

REVISTA ESPÍRITA



Jornal de Estudos Psicológicos



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

Contém:

O relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., bem como todas as notícias relativas ao Espiritismo. – O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e o seu futuro. – A história do Espiritismo na Antigüidade; suas relações com o magnetismo e com o sonambulismo; a explicação das lendas e das crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

Publicada sob a direção
de
ALLAN KARDEC

*Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.*

ANO PRIMEIRO – 1858

TRADUÇÃO DE EVANDRO NOLETO BEZERRA



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA



Sumário

PRIMEIRO VOLUME – ANO DE 1858

Apresentação da FEB **12**

Notas do Tradutor **16**

JANEIRO

Introdução	21
Diferentes Naturezas de Manifestações	28
Diferentes Modos de Comunicação	30
Respostas dos Espíritos a Algumas Perguntas	34
Manifestações Físicas	37
Os Duendes	40
Evocações Particulares	
<i>Mãe, estou aqui!</i>	42
<i>Uma conversão</i>	45
Os Médiuns Julgados	49
Visões	52
Reconhecimento da Existência dos Espíritos e de suas Manifestações	55
História de Joana d'Arc	62
O Livro dos Espíritos – <i>Apreciações diversas</i>	63

FEVEREIRO

Diferentes Ordens de Espíritos	71
Escala Espírita	73
O Fantasma da Senhorita Clairon	80
Isolamento dos Corpos Pesados	86
A Floresta de Dodona e a Estátua de Memnon	89
A Avareza – <i>por São Luís</i>	94
Conversas de Além-Túmulo – <i>Senhorita Clary D.</i>	97
Sr. Home – <i>primeiro artigo</i>	99
Manifestações dos Espíritos – <i>Paul Auguez</i>	106

MARÇO

Pluralidade dos Mundos	109
Júpiter e alguns outros Mundos	112
Confissões de Luís XI – <i>primeiro artigo</i>	120
A Fatalidade e os Presentimentos	123
Utilidade de Certas Evocações Particulares	126
Conversas Familiares de Além-Túmulo	
O assassino Lemaire	128
A rainha de Oude	133
O Doutor Xavier	138
Sr. Home – <i>segundo artigo</i>	143
Magnetismo e Espiritismo	148

ABRIL

Período Psicológico	151
O Espiritismo entre os Druidas	153
Evocação de Espíritos na Abissínia	169
Conversas Familiares de Além-Túmulo	
<i>Descrição de Júpiter</i>	171
<i>Mehemet-Ali</i>	182
Sr. Home – <i>terceiro artigo</i>	188
Variedades	191

MAIO

Teoria das Manifestações Físicas – <i>primeiro artigo</i>	193
O Espírito Batedor de Bergzabern – <i>primeiro artigo</i>	199
Considerações sobre o Espírito Batedor de Bergzabern	206
O Orgulho – <i>por São Luís</i>	208
Problemas Morais Dirigidos a São Luís	210
Metades Eternas	211
Conversas Familiares de Além-Túmulo	
<i>Mozart</i>	216
<i>O Espírito e os berdeiros</i>	225
Morte de Luís XI – <i>segundo artigo</i>	227
Variedades	
<i>O falso Home</i>	229

<i>Manifestações no Hospital de Saintes</i>	232
Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas	233

JUNHO

Teoria das Manifestações Físicas – <i>segundo artigo</i>	235
O Espírito Batedor de Bergzabern – <i>segundo artigo</i>	241
A Preguiça – <i>por São Luís</i>	254
Conversas Familiares de Além-Túmulo	
<i>O Sr. Morisson, monomaniaco</i>	255
<i>O suicida da Samaritana</i>	259
Confissões de Luís XI – <i>terceiro artigo</i>	263
Henri Martin – <i>Comunicações extracorpóreas</i>	268
Variedades – <i>Os banquetes magnéticos</i>	272

JULHO

A Inveja – <i>por São Luís</i>	275
Uma Nova Descoberta Fotográfica	277
O Espírito Batedor de Bergzabern – <i>terceiro artigo</i>	284
Conversas Familiares de Além-Túmulo	
<i>O tambor de Beresina</i>	287
Espíritos Impostores – <i>O falso Padre Ambrósio</i>	298
Uma Lição de Caligrafia por um Espírito	304
Correspondência	309

AGOSTO

- Contradições na Linguagem dos Espíritos **321**
A Caridade – *por São Vicente de Paulo* **335**
O Espírito Batedor de Dibbelsdorf **340**
Observações a Propósito dos Desenhos de Júpiter **344**
Habitações do Planeta Júpiter – *pelo Sr. Victorien Sardou* **347**

SETEMBRO

- Propagação do Espiritismo **363**
Platão: Doutrina da Escolha das Provas **371**
Um Aviso de Além-Túmulo **379**
Os Gritos da Noite de São Bartolomeu **385**
Conversas Familiares de Além-Túmulo:
Sra. Schwabenhaus **386**
Os Talismãs – *Medalha cabalística* **393**
Problemas Morais – *Suicídio por amor* **396**
Observações sobre o Desenho da Casa de Mozart **399**

OUTUBRO

- Obsediados e Subjugados **403**
Emprego Oficial do Magnetismo Animal **419**
O Magnetismo e o Sonambulismo Ensinados pela Igreja **421**
O Mal do Medo **423**

Teoria do Móvel de Nossas Ações	425
Assassinato de Cinco Crianças por outra de Doze Anos – <i>problema moral</i>	429
Questões de Espiritismo Legal	432
Fenômenos de Aparição	439

NOVEMBRO

Polêmica Espírita	443
Pluralidade das Existências Corpóreas	445
Problemas Morais – <i>sobre o suicídio</i>	455
Conversas Familiares de Além-Túmulo	
<i>Mebemet-Ali – segunda conversa</i>	457
<i>O Doutor Muhr</i>	460
<i>Madame de Staël</i>	463
Médium Pintor	467
Independência Sonambúlica	472
Uma Noite Esquecida ou a Feiticeira Manouza – <i>por Frédéric Soulié</i>	475
Variedades: <i>O General Marceau (aparição)</i>	482

DEZEMBRO

Aparições	483
Sr. Adrien, Médium Vidente	487
Um Espírito nos Funerais de seu Corpo	490

Fenômenos de Bicorporeidade	493
Sensações dos Espíritos	498
Dissertações de Além-Túmulo	
<i>O sono</i>	507
<i>As flores</i>	509
<i>O papel da mulher</i>	511
Poesia Espírita – <i>O despertar de um Espírito</i>	513
Conversas Familiares de Além-Túmulo	
<i>Uma viúva de Malabar</i>	515
<i>A Bela Cordoeira</i>	517
Variedades	
<i>Monomania</i>	523
<i>Uma questão de prioridade...</i>	524
Aos Leitores da Revista Espírita	526

Bibliografia consultada	531
Nota Explicativa	537



Apresentação da FEB

Na condição de uma das mais antigas e constantes divulgadoras das obras de Allan Kardec, a Federação Espírita Brasileira tem a grata satisfação de iniciar, com a publicação deste volume, a tradução completa dos doze primeiros tomos da *Revista Espírita*, referentes aos anos de 1858 a 1869, como parte das homenagens que serão prestadas em 2004 pelo transcurso do bicentenário de nascimento do Codificador da Doutrina Espírita.

A iniciativa que ora tomamos visa tornar acessível aos leitores de língua portuguesa mais uma tradução do primeiro e mais importante periódico de difusão do Espiritismo, acervo extraordinário constituído por quase cinco mil páginas, em sua maior parte da lavra do próprio Allan Kardec, contido nos volumes que sofreram a sua influência direta e pessoal.

Logo na introdução com que abriu o primeiro número, ao referir-se à *Revista Espírita*, diz Allan Kardec: *“Não se pode contestar a utilidade de um órgão especial, que ponha o público a par do progresso desta nova Ciência e o previna contra os excessos da credulidade, bem como do cepticismo. É uma tal lacuna que nos propomos preencher com a publicação desta Revista, com vistas a oferecer um meio de comunicação a todos quantos se interessam por estas questões e de ligar, por um laço comum, os que compreendem a Doutrina Espírita sob seu verdadeiro ponto de vista moral: a prática do bem e a caridade evangélica para com todos.”*¹

1 *Revista Espírita*, Introdução, janeiro/1858.

Era mais uma manifestação da clarividência do Codificador. O êxito de *O Livro dos Espíritos*, dado a lume no ano anterior, ultrapassara todas as expectativas. Allan Kardec recebia de todos os lados relatórios de extraordinários fatos espíritas, correspondências indagando sobre tal ou qual ponto da doutrina, visitas de pessoas que ansiavam por esclarecimentos maiores, inclusive dignitários da nobreza local e de outros países, sem falar nos recortes de jornais, com seus comentários muitas vezes injuriosos sobre o Espiritismo.

Até então a França não dispunha de um único jornal que veiculasse as grandes *vozes do Céu*, que já se faziam ouvir de forma ordenada e sistemática em todas as latitudes do planeta, pois “*eram chegados os tempos em que todas as coisas haveriam de ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.*”² Situação diversa ocorria em outros países; os Estados Unidos, por exemplo, dispunham de dezessete jornais, em língua inglesa, consagrados às manifestações mediúnicas que, nos tempos modernos, acabavam de eclodir em Hydesville.

Dando-se conta da imperiosa necessidade de criar uma folha que periodicamente pusesse os estudiosos dos fenômenos espíritas a par do que se passava no mundo e os instrísse de modo ordenado sobre as mais variadas questões doutrinárias, Allan Kardec pôs mãos à obra, a despeito de lhe faltar o tempo necessário para semelhante empreendimento, considerando-se os seus afazeres pessoais, inclusive os voltados para a própria subsistência.

A princípio, cogitou do patrocínio de alguém que pudesse colaborar financeiramente com a obra, mas razões providenciais fizeram com que não lograsse êxito em tal intento. De fato, consultando seus Orientadores Espirituais quanto à viabilidade do plano, foi-lhe aconselhado que perseverasse no seu propósito, que não se intimidasse ante as dificuldades e que haveria tempo para tudo.

Relativamente à apresentação do periódico, o Espírito comunicante transmitiu estas oportunas instruções: “*Será preciso que lhe dispenses muito cuidado, a fim de assentares as bases de um bom êxito durável. A apresentá-lo defeituoso, melhor será nada fazer, porquanto a primeira impressão pode decidir do seu futuro. De começo, deves cuidar de satisfazer à curiosidade; reunir o sério ao agradável: o sério para atrair os homens de Ciência, o agradável para deleitar o vulgo. Esta parte é essencial, porém a outra é mais importante, visto que sem ela, o jornal careceria de fundamento sólido. Em suma, é preciso evitar a monotonia por meio da variedade, congregar a instrução sólida ao interesse.*”³ Tais instruções seriam escrupulosamente observadas pelo Codificador.

Finalmente, a 1º de janeiro de 1858, era dado a lume o primeiro número da *Revista Espírita*, por conta e risco do Codificador, não dispondo de nenhum assinante e de nenhum auxílio financeiro. Como diria mais tarde Kardec, “... não tive de que me arrepender, porquanto o resultado ultrapassou a minha expectativa e esse jornal se me tornou poderoso auxiliar.”⁴

Segundo as próprias palavras de seu fundador, a *Revista* seria uma tribuna livre, “na qual, porém, a discussão jamais se afastará das normas da mais estrita conveniência.” E acrescentava: “*Numa palavra: discutiremos, mas não disputaremos.*”⁵

Embora lhe fosse pesada a tarefa, Allan Kardec dirigiu a *Revista Espírita* até 31 de março de 1869, sendo responsável, também, pelo fascículo de abril do mesmo ano, que já se achava composto antes da sua desencarnação. Trabalhava sozinho, sem entrave de qualquer vontade estranha. “*Enfrentou incessantemente as mais ásperas lutas, as mais violentas tempestades, a fim de deixar aos continuadores de sua querida revista um campo de trabalho menos árduo e de horizontes mais bem definidos.*”⁶

3 *Obras Póstumas*, 2ª parte, artigo sobre a *Revista Espírita*.

4 *Obras Póstumas*, 2ª parte, em nota ao artigo sobre a *Revista Espírita*.

5 *Revista Espírita*, 1858, Introdução.

6 *Allan Kardec*, vol. III, cap. I, item 2.

Nos seus primeiros doze anos, a *Revista Espírita* foi o complemento e o desenvolvimento da obra doutrinária encetada por Allan Kardec e, também, o seu principal esteio. Além do Codificador, a *Revista* contou com a colaboração de centenas de participantes, encarnados e desencarnados, franceses e de outras nações, dentre os quais cientistas, literatos, filósofos, religiosos e homens do povo, cada qual ajudando a lançar, na sua respectiva esfera de ação, os alicerces sobre os quais se ergueria o portentoso edifício do Espiritismo.

Pois é esse acervo inestimável que a Federação Espírita Brasileira tem o prazer de colocar à disposição dos estudiosos da Doutrina Espírita e de todos os interessados na sua difusão.

Brasília (DF), 18 de abril de 2004.

Federação Espírita Brasileira
Nestor João Masotti – *Presidente*



Notas do tradutor

Tão logo assumimos o compromisso de verter para o português a *Revista Espírita* de Allan Kardec, sentimo-nos tomado de certa apreensão, diante da própria magnitude do trabalho: doze alentados volumes, publicados em Paris sob a responsabilidade direta do Codificador, no período de 1858 a 1869, totalizando quatro mil, quinhentas e sessenta e oito páginas, a partir dos originais franceses que integram o acervo da Biblioteca de Obras Raras da Federação Espírita Brasileira, em Brasília.

A par desse aspecto puramente material, a emoção de mergulhar, por assim dizer, na suave psicofera do Espiritismo nascente, cujas clarezas começavam a derramar-se sobre a Humanidade sofredora, em cumprimento à promessa de Jesus de ficar eternamente conosco. Conscientes de estar lidando com preciosa ferramenta, desde logo assumimos o compromisso inarredável de *jamais deturpar a verdade*, de maneira a garantir a necessária *fidelidade* ao texto traduzido; em pleno século XXI, já não podíamos incorrer nas velhas artimanhas do passado, que o tempo, por certo, já sepultou. Quem não se lembra das intercalações, supressões e outras modificações lamentáveis que pontificaram nos tempos de intolerância, inseridas nos Evangelhos justamente por aqueles que deveriam zelar pela pureza dos ensinamentos de Jesus? Legislando em causa própria e a soldo de propósitos inconfessáveis, muitas vezes a verdade foi arditosamente *escamoteada* pelos próprios teólogos que serviam à Igreja dominante, com vistas a coonestar as suas doutrinas insustentáveis.

E, como se tudo isso não bastasse, o receio, natural e compreensível, de abraçar atividade até então confiada somente a inteligências de escol, da expressão de Luís Olímpio Guillon Ribeiro e Manuel Justiniano de Freitas Quintão, para não nos afastarmos da Federação Espírita Brasileira, nem de suas irrepreensíveis traduções das obras básicas de Allan Kardec.

Entretanto, e fazendo abstração do conteúdo e do significado extraordinários da *Revista Espírita*, essa tarefa representava uma oportunidade inesquecível de rever Paris com os olhos da alma... Por certo, não a Paris futurista de *La Défense*, travestida de megalópole americana, mas aquela da *Belle Époque*, embelezada por Napoleão III e envolvida na *charmante* atmosfera do século XIX, com seus *Boulevards* adornados de plátanos e olmos, *réverbères* e *cafés*, sempre apinhados de gente bonita... Mais uma vez percorrer aquelas ruas, vielas e locais, outrora tão familiares ao Codificador: *Vaugirard, Grange-Batelière, Rochechouart, Passage Sainte-Anne, Ségur, Harpe, Martyrs, Tiquetonne, Sèvres, Odéon, Tuileries, Luxembourg, Palais-Royal, Galerie d'Orléans, Montparnasse, Montmartre, Père-Lachaise*... Mirar novamente as belezas da Cidade Luz, cuja magia a linguagem humana é incapaz de retratar... De fato, como descrever as brumas da manhã, os matizes dourados do outono, o suave encanto do entardecer, o cintilar das estrelas no firmamento e o frenesi dos transeuntes nos *Champs-Élysées*?

Devaneios à parte, é importante não se perder de vista que a tradução de uma obra é tarefa espinhosa⁷. Por mais cuidadosa, por mais fiel e honesta, jamais expressará, na sua inteireza, as variadas nuances da língua original. Há palavras, sentenças e máximas que não encontram equivalência satisfatória em nossa língua. Por outro

7 Vide bibliografia consultada no final deste volume.

lado, as próprias emoções se diluem ou se ampliam ao serem transferidas de uma para outra cultura, sem falar das armadilhas que nos são estendidas quando traduzimos literalmente ou – mais grave ainda – quando *interpretamos* o pensamento do autor, na inglória tentativa de superar o texto original. A par disto, a desejável observância das regras gramaticais e estilísticas que dizem respeito ao idioma no qual nos exprimimos, de modo a tornar agradável a leitura e não cansar o leitor.

Feitos esses reparos, procuramos ater-nos aos vocábulos e expressões da língua francesa que encontram perfeita correspondência com os seus homólogos portugueses, tal como são empregados no Brasil. Quando, pela própria estrutura da língua em questão, não nos foi possível observar essa regra, ou para não reproduzirmos palavras e períodos que se repetiam com frequência, abandonamos aqui e ali a rigidez do texto, principalmente em atenção à *clareza* e à *melodia* (eufonia) das sentenças, sem, contudo, *jamaiz* esquecer de guardar o sentido *fiel* das verdades traduzidas para a nossa língua.

A presente tradução é de nossa inteira responsabilidade, à exceção de algumas partes, cuja indicação, em nota de rodapé, pedimos se reportasse o leitor à fonte original. Como é do conhecimento de todos, além da função primacial de órgão de difusão doutrinária, a *Revista Espírita* constituiu-se numa espécie de tribuna livre⁸, onde Allan Kardec sondava a reação dos homens e a impressão dos Espíritos acerca de determinados assuntos, ainda hipotéticos ou mal compreendidos, enquanto lhes aguardava a confirmação, através da *concordância* e da *universalidade* do ensino dos Espíritos. Muitos textos revelados pelos Espíritos superiores, assim como outros da lavra do próprio Codificador, antes publicados na *Revista Espírita*, foram transcritos por Kardec, integralmente ou com pequenas modificações, nas obras básicas – definitivas – que levam o seu nome. Assim, utilizamo-nos das traduções de Guillon Ribeiro e Manuel Quintão

8 Vide *A Gênese*, de Allan Kardec, introdução, parágrafo final.

quando os mesmos trechos da *Revue* coincidiam com aqueles já traduzidos por esses dois ex-presidentes da FEB.

Reconhecendo nossas reais limitações em matéria de poesia, cujas regras devem ser escrupulosamente observadas, a fim de conservarem a rima e a versificação da língua original – quase sempre desfiguradas na versão que se traduz – confiamos essa difícil tarefa ao nosso estimado confrade e beletrista Inaldo Lacerda Lima que, incontinenti e de boa vontade, a aceitou, desempenhando-a com mestria e indisfarçável competência.

Procuramos evitar, tanto quanto possível, a inserção de notas de rodapé, a não ser quando tivessem a finalidade de esclarecer o leitor acerca da própria tradução, de um ponto doutrinário qualquer, ou, ainda, quando se relacionassem com fatos diretamente ligados à vida e à obra do Codificador. É por isso que deixamos de lado, propositadamente, toda e qualquer explicação que possa ser facilmente encontrada nas enciclopédias e compêndios de História Geral.

Finalmente, ao oferecer nosso modesto trabalho aos companheiros de ideal espírita, somos os primeiros a reconhecer que não fizemos uma tradução perfeita. Falhas, por certo, haverão de ser detectadas, umas, talvez, durante o processo gráfico de composição e impressão, outras por desatenção nossa, ensejando-nos a feliz oportunidade de saná-las em edições posteriores desta obra, desde que contemos com o auxílio inestimável dos leitores em no-las apontar, com vistas ao seu perene aperfeiçoamento.

Brasília (DF), 10 de outubro de 2002.

Evandro Noletto Bezerra
Tradutor



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO I

JANEIRO DE 1858

N^o 1

Introdução

A rapidez com que se propagaram, em todas as partes do mundo, os estranhos fenômenos das manifestações espíritas é uma prova evidente do interesse que despertam. A princípio simples objeto de curiosidade, não tardaram a chamar a atenção de homens sérios que neles vislumbraram, desde o início, a influência inevitável que viriam a ter sobre o estado moral da sociedade. As novas idéias que surgem desses fenômenos popularizam-se cada dia mais, e nada lhes pode deter o progresso, pela simples razão de que estão ao alcance de todos, ou de quase todos, e nenhum poder humano lhes impedirá que se manifestem. Se os abafam aqui, reaparecem em cem outros pontos. Aqueles, pois, que neles vissem um inconveniente qualquer, seriam constrangidos, pela própria força dos fatos, a sofrer-lhes as conseqüências, como sói acontecer às indústrias novas que, em sua origem, ferem interesses particulares, logo absorvidos, pois não poderia ser de outro modo. O que já não se fez e disse contra o magnetismo! Entretanto, todos os raios lançados contra ele, todas as armas com que foi ferido, mesmo o ridículo, esboroaram-se ante a realidade e apenas serviram para colocá-lo ainda mais em evidência. É que o magnetismo é uma força natural e, perante as forças da Natureza, o homem é um pigmeu, semelhante a cachorrinhos que ladram inutilmente contra tudo que os possa amedrontar.

Dá-se com as manifestações espíritas a mesma coisa que se dá com o sonambulismo: se não se produzirem à luz do dia e publicamente, ninguém impedirá que ocorram na intimidade, pois cada família pode descobrir um médium entre seus membros, das crianças aos velhos, assim como pode encontrar um sonâmbulo. Quem, pois, poderá impedir que a primeira pessoa que encontremos seja médium e sonâmbula? Sem dúvida, os que o combatem não refletiram nisto. Insistimos: quando uma força está na Natureza, pode-se detê-la por um instante, porém, jamais aniquilá-la! Seu curso apenas poderá ser desviado. Ora, a força que se revela no fenômeno das manifestações, seja qual for a sua causa, está na Natureza, da mesma forma que o magnetismo, e não poderá ser exterminada, como a força elétrica também não o será. O que importa é que seja observada e estudada em todas as suas fases, a fim de se deduzirem as leis que a regem. Se for um erro, uma ilusão, o tempo fará justiça; se, porém, for verdadeira, a verdade é como o vapor: quanto mais se o comprime, tanto maior será a sua força de expansão.

Causa justa admiração que, enquanto na América, somente os Estados Unidos possuem dezessete jornais consagrados a esse assunto, sem contar um sem-número de escritos não periódicos, a França, o país da Europa onde tais idéias mais rapidamente se aclimataram, não possui nenhum⁹. Não se pode contestar a utilidade de um órgão especial, que ponha o público a par do progresso desta nova Ciência e o previna contra os excessos da credulidade, bem como do cepticismo. É essa lacuna que nos propomos preencher com a publicação desta Revista, visando a oferecer um meio de comunicação a todos quantos se interessam por estas questões, ligando, através de um laço comum, os que compreendem a Doutrina Espírita sob o seu verdadeiro ponto de vista moral: a prática do bem e a caridade evangélica para com todos.

9 Até agora só existe na Europa um jornal consagrado à Doutrina Espírita – o *Journal de l'âme*, publicado em Genebra pelo Dr. Boessinger. Na América, o único jornal em francês é o *Spiritualiste de la Nouvelle Orléans*, publicado pelo Sr. Barthès.

Se não se tratasse senão de uma coleta de fatos, a tarefa seria fácil; eles se multiplicam em toda parte com tal rapidez que não faltaria matéria; mas os fatos, por si mesmos, tornam-se monótonos pela repetição e, sobretudo, pela similitude. O que é necessário ao homem racional é algo que lhe fale à inteligência. Poucos anos se passaram desde o surgimento dos primeiros fenômenos, e já estamos longe da época das mesas girantes e falantes, que foram suas manifestações iniciais. Hoje, é uma ciência que revela todo um mundo de mistérios, tornando patentes as verdades eternas que apenas pelo nosso espírito eram pressentidas; é uma doutrina sublime, que mostra ao homem o caminho do dever, abrindo o mais vasto campo até então jamais apresentado à observação filosófica. Nossa obra seria, pois, incompleta e estéril se nos mantivéssemos nos estreitos limites de uma revista anedótica, cujo interesse rapidamente se esgotasse.

Talvez nos contestem a qualificação de *ciência*, que damos ao Espiritismo. Certamente não teria ele, *em nenhum caso*, as características de uma ciência exata, e é precisamente aí que reside o erro dos que o pretendem julgar e experimentar como uma análise química ou um problema matemático; já é bastante que seja uma ciência filosófica. Toda ciência deve basear-se em fatos, mas os fatos, por si sós, não constituem a ciência; ela nasce da coordenação e da dedução lógica dos fatos: é o conjunto de leis que os regem. Chegou o Espiritismo ao estado de ciência? Se por isto se entende uma ciência acabada, seria sem dúvida prematuro responder afirmativamente; entretanto, as observações já são hoje bastante numerosas para nos permitirem deduzir, pelo menos, os princípios gerais, onde começa a ciência.

O exame raciocinado dos fatos e das conseqüências que deles decorrem é, pois, um complemento sem o qual nossa publicação seria de medíocre utilidade, não oferecendo senão um interesse muito secundário para quem quer que reflita e queira inteirar-se daquilo que vê. Todavia, como nosso fim é chegar à verdade, acolheremos todas as observações que nos forem dirigidas e tentaremos, tanto

quanto no-lo permita o estado dos conhecimentos adquiridos, dirimir as dúvidas e esclarecer os pontos ainda obscuros. Nossa Revista será, assim, uma tribuna livre, em que a discussão jamais se afastará das normas da mais estrita conveniência. Numa palavra: discutiremos, mas não *disputaremos*. As inconveniências de linguagem nunca foram boas razões aos olhos de pessoas sensatas; é a arma dos que não possuem algo melhor, voltando-se contra aqueles que dela se servem.

Embora os fenômenos de que nos ocupamos se tenham produzido, nos últimos tempos, de maneira mais geral, tudo prova que têm ocorrido desde as eras mais recuadas. Não há fenômenos naturais nas invenções que acompanham o progresso do espírito humano; desde que estejam na ordem das coisas, sua causa é tão velha quanto o mundo e os seus efeitos devem ter-se produzido em todas as épocas. O que testemunhamos, hoje, portanto, não é uma descoberta moderna: é o despertar da Antigüidade, desembaraçada do envoltório místico que engendrou as superstições; da Antigüidade esclarecida pela civilização e pelo progresso nas coisas positivas.

A consequência capital que ressalta desses fenômenos é a comunicação que os homens podem estabelecer com os seres do mundo incorpóreo e, dentro de certos limites, o conhecimento que podem adquirir sobre o seu estado futuro. O fato das comunicações com o mundo invisível encontra-se, em termos inequívocos, nos livros bíblicos; mas, de um lado, para certos céticos, a Bíblia não tem autoridade suficiente; por outro lado, para os crentes, são fatos sobrenaturais, suscitados por um favor especial da Divindade. Não haveria aí, para todo o mundo, uma prova da generalidade dessas manifestações, se não as encontrássemos em milhares de outras fontes diferentes. A existência dos Espíritos, e sua intervenção no mundo corpóreo, está atestada e demonstrada não mais como um fato excepcional, mas como um princípio geral, em Santo Agostinho, São Jerônimo, São João Crisóstomo, São Gregório Nazianzeno e tantos outros Pais da Igreja. Essa crença forma, além disso, a base de todos os sistemas religiosos. Admitiram-

na os mais sábios filósofos da Antigüidade: Platão, Zoroastro, Confúcio, Apuleio, Pitágoras, Apolônio de Tiana e tantos outros. Nós a encontramos nos mistérios e nos oráculos, entre os gregos, os egípcios, os hindus, os caldeus, os romanos, os persas, os chineses. Vemo-la sobreviver a todas as vicissitudes dos povos, a todas as perseguições e desafiar todas as revoluções físicas e morais da Humanidade. Mais tarde a encontramos entre os adivinhos e feiticeiros da Idade Média, nos Willis e nas Walkírias dos escandinavos, nos Elfos dos teutões, nos Leschios e nos Domeschnios Doughi dos eslavos, nos Ourisks e nos Brownies da Escócia, nos Poulpicans e nos Tensarpoulicts dos bretões, nos Cemis dos caraíbas, numa palavra, em toda a falange de ninfas, de gênios bons e maus, nos silfos, gnomos, fadas e duendes, com os quais todas as nações povoaram o espaço. Encontramos a prática das evocações entre os povos da Sibéria, no Kamtchatka, na Islândia, entre os indígenas da América do Norte e os aborígenes do México e do Peru, na Polinésia e até entre os estúpidos selvagens da Nova Holanda.

Sejam quais forem os absurdos que cercam essa crença e a desfiguram segundo os tempos e os lugares, não se pode discordar de que ela parte de um mesmo princípio, mais ou menos deturpado. Ora, uma doutrina não se torna universal, não sobrevive a milhares de gerações, não se implanta de um pólo a outro, entre os povos mais diversificados, pertencentes a todos os graus da escala social, se não estiver fundada em algo de positivo. O que será esse algo? É o que nos demonstram as recentes manifestações. Procurar as relações que possam existir entre tais manifestações e todas essas crenças, é buscar a verdade. A história da Doutrina Espírita, de certo modo, é a história do espírito humano; teremos que estudá-la em todas as fontes, que nos fornecerão uma mina inesgotável de observações tão instrutivas quão interessantes, sobre fatos geralmente pouco conhecidos. Essa parte nos dará oportunidade de explicar a origem de uma porção de lendas e de crenças populares, delas destacando o que toca a verdade, a alegoria e a superstição.

No que concerne às manifestações atuais, daremos explicação de todos os fenômenos patentes que testemunharmos ou que cheguem ao nosso conhecimento, quando nos parecerem merecer a atenção de nossos leitores. De igual modo o faremos em relação aos efeitos espontâneos que por vezes se produzem entre pessoas alheias às práticas espíritas e que revelam, seja a ação de um poder oculto, seja a emancipação da alma; tais são as visões, as aparições, a dupla vista, os pressentimentos, os avisos íntimos, as vozes secretas, etc. À narração dos fatos acrescentaremos a explicação, tal como resalta do conjunto dos princípios. A respeito faremos notar que esses princípios decorrem do próprio ensinamento dado pelos Espíritos, fazendo sempre abstração de nossas próprias idéias. Não será, pois, uma teoria pessoal que exporemos, mas a que nos tiver sido comunicada e da qual não seremos senão meros intérpretes.

Um grande espaço será igualmente reservado às comunicações escritas ou verbais dos Espíritos, sempre que tiverem um fim útil, assim como às evocações de personagens antigas ou modernas, conhecidas ou obscuras, sem negligenciar as evocações íntimas que, muitas vezes, não são menos instrutivas; numa palavra: abarcaremos todas as fases das manifestações materiais e inteligentes do mundo incorpóreo.

A Doutrina Espírita nos oferece, enfim, a única solução possível e racional de uma multidão de fenômenos morais e antropológicos, dos quais somos testemunhas diariamente e para os quais se procuraria, inutilmente, a explicação em todas as doutrinas conhecidas. Nesta categoria classificaremos, por exemplo, a simultaneidade de pensamentos, a anomalia de certos caracteres, as simpatias e antipatias, os conhecimentos intuitivos, as aptidões, as propensões, os destinos que parecem marcados pela fatalidade e, num quadro mais geral, o caráter distintivo dos povos, seu progresso ou sua degenerescência, etc. À citação dos fatos acrescentaremos a pesquisa das causas que os poderiam ter

produzido. Da apreciação desses fatos ressaltarão, naturalmente, ensinamentos úteis quanto à linha de conduta mais conforme à sã moral. Em suas instruções, os Espíritos Superiores têm sempre por objetivo despertar nos homens o amor do bem, através dos preceitos evangélicos; por isso mesmo eles nos traçam o pensamento que deve presidir à redação dessa coletânea.

Nosso quadro, como se vê, compreende tudo quanto se liga ao conhecimento da parte metafísica do homem; estudá-la-emos em seu estado presente e no futuro, porquanto estudar a natureza dos Espíritos é estudar o homem, tendo em vista que ele deverá fazer parte, um dia, do mundo dos Espíritos. Eis por que acrescentamos, ao nosso título principal, o de *journal de estudos psicológicos*, a fim de fazer compreender toda a sua importância.

Nota: Por mais abundantes sejam nossas observações pessoais e as fontes onde as recolhemos, não dissimulamos as dificuldades da tarefa, nem a nossa insuficiência. Para suplementá-la, contamos com o concurso benevolente de todos quantos se interessam por essas questões; seremos, pois, bastante reconhecidos pelas comunicações que houverem por bem transmitir-nos acerca dos diversos assuntos de nossos estudos; a esse respeito chamamos a atenção para os seguintes pontos, sobre os quais poderão fornecer documentos:

- 1^o Manifestações materiais ou inteligentes obtidas nas reuniões às quais assistirem;
- 2^o Fatos de lucidez sonambúlica e de êxtase;
- 3^o Fatos de segunda vista, previsões, pressentimentos, etc;
- 4^o Fatos relativos ao poder oculto, atribuídos com ou sem razão a certos indivíduos;
- 5^o Lendas e crenças populares;
- 6^o Fatos de visões e aparições;
- 7^o Fenômenos psicológicos particulares, que por vezes ocorrem no instante da morte;
- 8^o Problemas morais e psicológicos a resolver;

9^a Fatos morais, atos notáveis de devotamento e abnegação, dos quais possa ser útil propagar o exemplo;
10^a Indicação de obras antigas ou modernas, francesas ou estrangeiras, onde se encontrem fatos relativos à manifestação de inteligências ocultas, com a designação e, se possível, a citação das passagens. Do mesmo modo, no que diz respeito à opinião emitida sobre a existência dos Espíritos e suas relações com os homens, por autores antigos ou modernos, cujo nome e saber possam lhes dar autoridade.

Não daremos a conhecer o nome das pessoas que nos enviarem as comunicações, a não ser que, para isto, sejamos formalmente autorizados.

Diferentes Naturezas de Manifestações

Os Espíritos atestam sua presença de diversas maneiras, conforme sua aptidão, vontade e maior ou menor grau de elevação. Todos os fenômenos, dos quais teremos ocasião de nos ocupar ligam-se, naturalmente, a um ou outro desses modos de comunicação. Para facilitar a compreensão dos fatos, acreditamos, pois, dever abrir a série de nossos artigos pelo quadro das formas de manifestações. Pode-se resumi-las assim:

1^a *Ação oculta*, quando nada têm de ostensivo. Tais, por exemplo, as inspirações ou sugestões de pensamentos, os avisos íntimos, a influência sobre os acontecimentos, etc.

2^a *Ação patente ou manifestação*, quando é apreciável de uma maneira qualquer.

3^a *Manifestações físicas ou materiais*: são as que se traduzem por fenômenos sensíveis, tais como ruídos, movimento e deslocamento

de objetos. Essas manifestações freqüentemente não trazem nenhum sentido direto; têm por fim somente chamar a atenção para qualquer coisa e de convencer-nos da presença de um poder extra-humano.

4ª *Manifestações visuais ou aparições*, quando o Espírito se mostra sob uma forma qualquer, sem nada possuir das propriedades conhecidas da matéria.

5ª *Manifestações inteligentes*, quando revelam um pensamento. Toda manifestação que comporta um sentido, mesmo quando não passa de simples movimento ou ruído; que acusa certa liberdade de ação; que responde a um pensamento ou obedece a uma vontade, é uma manifestação inteligente. Existem em todos os graus.

6ª *As comunicações* são manifestações inteligentes que têm por objetivo a troca de idéias entre o homem e os Espíritos.

A natureza das comunicações varia conforme o grau de elevação ou de inferioridade, de saber ou de ignorância do Espírito que se manifesta, e segundo a natureza do assunto de que se trata. Podem ser: *frívolas, grosseiras, sérias* ou *instrutivas*.

As comunicações frívolas emanam de Espíritos levianos, zombeteiros e travessos, mais maliciosos que maus, e que não ligam nenhuma importância ao que dizem.

As comunicações grosseiras traduzem-se por expressões que chocam o decoro. Procedem somente de Espíritos inferiores ou que se não despojaram ainda de todas as impurezas da matéria.

As comunicações sérias são graves quanto ao assunto e à maneira por que são feitas. A linguagem dos Espíritos superiores é sempre digna e isenta de qualquer trivialidade. Toda comunicação que exclui a frivolidade e a grosseria, e que tenha um fim útil, mesmo de interesse particular, é, por isso mesmo, séria.

As comunicações instrutivas são as comunicações sérias que têm por objetivo principal um ensinamento qualquer, dado pelos Espíritos sobre as ciências, a moral, a filosofia, etc. São mais ou menos profundas e mais ou menos *verdadeiras*, conforme o grau de elevação e de *desmaterialização* do Espírito. Para extrair dessas comunicações um proveito real, é preciso sejam elas regulares e seguidas com perseverança. Os Espíritos sérios ligam-se àqueles que querem instruir-se e os secundam, ao passo que deixam aos Espíritos levianos, com suas facécias, a tarefa de divertir os que não vêm nessas manifestações senão uma distração passageira. Somente pela regularidade e freqüência das comunicações é que se pode apreciar o valor moral e intelectual dos Espíritos com os quais nos entretemos, assim como o grau de confiança que merecem. Se é preciso ter experiência para julgar os homens, mais ainda será necessário para julgar os Espíritos.

Diferentes Modos de Comunicação

As comunicações inteligentes entre os Espíritos e os homens podem ocorrer por meio de sinais, pela escrita e pela palavra.

Os sinais consistem no movimento significativo de certos objetos e, mais freqüentemente, nos ruídos ou golpes desferidos. Quando os fenômenos comportam um sentido, não deixam dúvida quanto à intervenção de uma inteligência oculta, porquanto, *se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente*.

Sob a influência de certas pessoas, designadas pelo nome de *médiuns*, e algumas vezes espontaneamente, um objeto qualquer pode executar movimentos convencionados, bater um número determinado de golpes e transmitir, assim, respostas pelo *sim* e pelo *não*, ou pela designação das letras do alfabeto.

Os golpes também podem ser ouvidos sem nenhum movimento aparente e sem causa ostensiva, quer na superfície, quer nos próprios *tecidos* dos corpos inertes, em uma parede, numa pedra, em um móvel ou em outro objeto qualquer. De todos esses objetos, por serem os mais cômodos, pela mobilidade e facilidade com que nos colocamos à sua volta, as mesas são os mais freqüentemente utilizados: daí a designação do fenômeno em geral pelas expressões bastante triviais de *mesas falantes* e de *dança das mesas*, expressões que convém banir, primeiro porque se prestam ao ridículo, depois porque podem induzir em erro, fazendo crer, neste particular, que elas tenham uma influência especial.

A este modo de comunicação daremos o nome de *sematologia espírita*, expressão que dá uma perfeita idéia e compreende todas as variedades de comunicações por meio de sinais, movimentos dos corpos ou pancadas. Um de nossos correspondentes chegou mesmo a propor-nos que se designasse especialmente este último meio, o das pancadas, pela palavra *tiptologia*.

O segundo modo de comunicação é a escrita. Designá-lo-emos sob o nome de *psicografia*, igualmente empregado por um correspondente.

Para se comunicarem pela escrita, os Espíritos empregam, como intermediários, certas pessoas, dotadas da faculdade de escrever sob a influência da força oculta que as dirige e que obedecem a um poder evidentemente fora de seu controle, já que não podem parar nem prosseguir à vontade e, no mais das vezes, não têm consciência do que escrevem. Sua mão é agitada por um movimento involuntário, quase febril; tomam o lápis, malgrado seu, e o deixam do mesmo modo; nem a vontade, nem o desejo podem fazê-la prosseguir, caso não o deva fazer. É a *psicografia direta*.

A escrita é obtida também pela só imposição das mãos sobre um objeto disposto de modo conveniente e munido de um

lápiz ou qualquer outro instrumento apropriado a escrever. Geralmente, os objetos mais empregados são as pranchetas ou as cestas, dispostas convenientemente para esse efeito. A força oculta que age sobre a pessoa transmite-se ao objeto, que se torna, assim, um apêndice da mão, imprimindo-lhe o movimento necessário para traçar os caracteres. É a *psicografia indireta*.

As comunicações transmitidas pela psicografia são mais ou menos extensas, conforme o grau da faculdade mediadora. Alguns não obtêm senão palavras; em outros, a faculdade se desenvolve pelo exercício, escrevem frases completas e, freqüentemente, dissertações desenvolvidas sobre assuntos propostos ou tratados espontaneamente pelos Espíritos, sem que se lhes tenha feito qualquer pergunta.

Às vezes a escrita é clara e legível; em outras, só é decifrável por quem a escreveu e que a lê por uma espécie de intuição ou dupla vista.

Sob a mão da mesma pessoa, a escrita muda, em geral, de maneira completa, com a inteligência oculta que se manifesta, e o mesmo tipo de letra se reproduz cada vez que a mesma inteligência se manifesta. Esse fato, entretanto, nada tem de absoluto.

Os Espíritos transmitem, por vezes, certas comunicações escritas sem intermediário direto. Os caracteres, neste caso, são traçados espontaneamente por um poder extra-humano, visível ou invisível. Como é útil que cada coisa tenha um nome, a fim de nos podermos entender, daremos a esse modo de comunicação escrita o de *espiritografia*, para distingui-la de *psicografia*, ou escrita obtida por um médium. A diferença entre esses dois vocábulos é fácil de apreender. Na psicografia a alma do médium desempenha, necessariamente, um certo papel, pelo menos como intermediário, ao passo que na *espiritografia* é o Espírito que age diretamente, por si mesmo.

O terceiro modo de comunicação é a palavra. Certas pessoas sofrem nos órgãos vocais a influência de um poder oculto que se faz sentir na mão daqueles que escrevem. Transmitem, pela palavra, o que outras transmitem pela escrita.

As comunicações verbais, como as escritas, ocorrem algumas vezes sem intermediário corpóreo. Palavras e frases podem ressoar aos nossos ouvidos ou em nosso cérebro, sem causa física aparente. Os Espíritos podem, igualmente, aparecer-nos em sonho ou em estado de vigília, e dirigir-nos a palavra para nos dar avisos ou instruções.

Para seguir o mesmo sistema de nomenclatura que adotamos para as comunicações escritas, deveríamos chamar a palavra transmitida pelo médium, de *psicologia*, e a originada diretamente do Espírito, de *espiritologia*. Porém, a palavra *psicologia* já tem uma acepção conhecida e não a podemos distorcer. Designaremos, pois, todas as comunicações verbais sob o nome de *espiritologia*: as primeiras pelas palavras *espiritologia mediata*, e as segundas pelas de *espiritologia direta*.

Dos diferentes modos de comunicação a *sematologia* é o mais incompleto; é muito lento e não se presta senão com dificuldade a desenvolvimentos de uma certa extensão. Os Espíritos superiores dela não se servem voluntariamente, seja por causa da lentidão, seja porque as respostas, por *sim* e por *não*, são incompletas e sujeitas a erro. Para o ensino preferem os meios mais rápidos: a escrita e a palavra.

Com efeito, a escrita e a palavra são os meios mais completos para a transmissão do pensamento dos Espíritos, quer pela precisão das respostas, quer pela extensão dos desenvolvimentos que comportam. A escrita tem a vantagem de deixar traços materiais e de ser um dos meios mais adequados para combater a dúvida. De resto, não se é livre para escolher; os Espíritos comunicam-se pelos meios que julgam apropriados: isso depende das aptidões.

Respostas dos Espíritos a algumas Perguntas

P. Como os Espíritos podem agir sobre a matéria? Isso parece contrário a todas as idéias que fazemos da natureza dos Espíritos.

Resp. – “Segundo vós, o Espírito nada é; e isso é um erro. Já vos dissemos que o Espírito é alguma coisa, daí porque pode agir por si mesmo. Vosso mundo, porém, é muito grosseiro para que ele possa fazê-lo sem um intermediário, isto é, sem o laço que une o Espírito à matéria.”

Observação – Sendo imaterial o próprio laço que une o Espírito à matéria ou, pelo menos, impalpável, essa resposta não resolveria a questão se não tivéssemos o exemplo de forças igualmente imponderáveis agindo sobre a matéria: é assim que o pensamento é a causa primeira de todos os nossos movimentos voluntários; que a eletricidade derruba, levanta e transporta massas inertes. Do fato de não se conhecer o motor, seria ilógico concluir que ele não existe. O Espírito pode, pois, ter alavancas que nos são desconhecidas; a Natureza prova diariamente que o seu poder não se detém no testemunho dos sentidos. Nos fenômenos espíritas, a causa imediata é, incontestavelmente, um agente físico; mas a causa primeira é uma inteligência que age sobre esse agente, como o nosso pensamento age sobre nossos membros. Quando queremos bater, é nosso braço que age; não é o pensamento que bate, ele dirige o braço.

P. Entre os Espíritos que produzem efeitos materiais, os que se chamam de *batedores* formam uma categoria especial, ou são os mesmos que produzem os movimentos e os ruídos?

Resp. – “O mesmo Espírito, certamente, pode produzir efeitos muito diversos; mas há os que se ocupam mais particularmente de certas coisas, como entre vós tendes os ferreiros e os que fazem trabalhos pesados.”

P. O Espírito que age sobre corpos sólidos, seja para movê-los, seja para bater, encontra-se na própria substância do corpo ou fora dela?

Resp. – “Uma coisa e outra; dissemos que a matéria não é um obstáculo para os Espíritos; eles penetram tudo.”

P. As manifestações materiais, tais como os ruídos, o movimento dos objetos e todos esses fenômenos que nos apraz provocar freqüentemente, são produzidos indistintamente pelos Espíritos superiores e inferiores?

Resp. – “Apenas os Espíritos inferiores se ocupam dessas coisas. Por vezes os Espíritos superiores servem-se deles, como farias com um carregador, a fim de levar a escutá-los. Podeis crer que os Espíritos de uma ordem superior estejam às vossas ordens para vos divertir com pasquinadas? É como se perguntásseis se, em vosso mundo, são os homens sábios e sérios que fazem os papéis de malabaristas e bufões.”

Observação – Os Espíritos que se revelam por efeitos materiais são, em geral, de ordem inferior. Divertem ou espantam aqueles para quem os espetáculos visuais têm mais atrativos que o exercício da inteligência; são, de alguma sorte, os saltimbancos do mundo espírita. Algumas vezes agem espontaneamente; outras vezes, por ordem dos Espíritos superiores.

Se as comunicações dos Espíritos superiores oferecem um interesse mais sério, as manifestações físicas têm igualmente utilidade para o observador. Revelam-nos forças desconhecidas da Natureza e nos oferecem o meio de estudar o caráter e, se assim nos podemos exprimir, os costumes de todas as classes da população espírita.

P. Como provar que o poder oculto que age nas manifestações espíritas está fora do homem? Não se poderia pensar que reside nele mesmo, isto é, que age sob o impulso de seu próprio Espírito?

Resp. – “Quando uma coisa é feita contra tua vontade e o teu desejo, é claro que não és tu quem a produz; porém, freqüentemente és a alavanca de que se serve o Espírito para agir e tua vontade lhe vem em auxílio; podes ser um instrumento mais ou menos cômodo para ele.”

Observação – É sobretudo nas comunicações inteligentes que a intervenção de um poder estranho torna-se patente. Quando essas comunicações são espontâneas e estão fora do nosso pensamento e controle; quando respondem a perguntas cuja solução é ignorada pelos assistentes, faz-se necessário procurar sua causa fora de nós. Isso se torna evidente para quem quer que observe os fatos com atenção e perseverança; os matizes de detalhes escapam ao observador superficial.

P. Todos os Espíritos são capazes de dar manifestações inteligentes?

Resp. – “Sim, visto que todos são inteligentes; porém, como os há de todos os graus, tal qual ocorre entre vós, uns dizem coisas insignificantes ou estúpidas, outros coisas sensatas.”

P. Todos os Espíritos estão aptos a compreender as perguntas que se lhes fazem?

Resp. – “Não; os Espíritos inferiores são incapazes de compreender certas perguntas, o que não os impede de responder bem ou mal; é ainda como entre vós.”

Nota. Por aí se vê o quanto é essencial pôr-se em guarda contra a crença no saber ilimitado dos Espíritos. Dá-se com eles, o que se dá com os homens; não basta interrogar o primeiro que aparece para ter uma resposta sensata. É preciso saber a quem se dirigir.

Quem quer que deseje conhecer os costumes de um povo, deve estudá-lo desde a base até ao cume da escala; ver somente uma classe é dele fazer uma idéia falsa, pois se julga o todo pela

parte. A população dos Espíritos é como a nossa; há de tudo: o bom, o mau, o sublime, o trivial, o saber e a ignorância. Quem não os tiver observado seriamente em todos os graus não se pode gabar de conhecê-los. As manifestações físicas fazem-nos conhecer os Espíritos de baixa evolução: são a rua e a cabana. As comunicações instrutivas e sábias põem-nos em relação com os Espíritos elevados: são a elite da sociedade, o castelo e o Instituto.

Manifestações Físicas

Lemos o que se segue em *Le Spiritualiste de la Nouvelle-Orléans*, do mês de fevereiro de 1857:

“Ultimamente perguntamos se todos os Espíritos, indistintamente, fazem mover as mesas, produzem ruídos, etc.; e logo a mão de uma dama, bastante séria para brincar com essas coisas, traçou violentamente estas palavras:

– “Quem faz dançar os macacos em vossas ruas? Serão os homens superiores?”

“Um amigo, espanhol de nascimento, que era espiritualista e que faleceu no verão passado, deu-nos diversas comunicações; em uma delas encontramos a seguinte passagem:

“As manifestações que procurais não se acham no número das que mais agradam aos Espíritos sérios e elevados. Confessamos, todavia, que elas têm sua utilidade, porque, talvez mais que nenhuma outra, podem ser úteis para convencer os homens de hoje.”

“Para obter tais manifestações é preciso, necessariamente, que se desenvolvam certos médiuns, cuja constituição física esteja em harmonia com os Espíritos que possam produzi-las. Ninguém duvida que os vereis desenvolver-se mais

tarde entre vós; e, então, já não serão pequenos golpes que ouvireis, mas ruídos semelhantes ao crepitar da fuzilaria, entremeados de tiros de canhão.”

“Em uma parte recuada da cidade existe uma casa habitada por uma família alemã; nela se ouvem ruídos estranhos, enquanto certos objetos são deslocados; pelo menos foi o que nos asseguraram, porquanto não o verificamos; mas, pensando que o chefe dessa família nos pudesse ser útil, convidamo-lo para algumas das sessões que têm por fim este gênero de manifestações e, mais tarde, a mulher desse bravo homem não quis que ele continuasse entre nós porque, disse-nos este último, o barulho aumentou em sua casa. A esse respeito, eis o que nos foi escrito pela mão da senhora ...

“Não podemos impedir os Espíritos imperfeitos de fazerem barulho ou outras coisas que incomodam e mesmo apavoram; mas, o fato de estarem em contato conosco, que somos bem-intencionados, apenas diminui a influência que exercem sobre o médium em questão.”

Chamamos a atenção para a perfeita concordância existente entre o que os Espíritos disseram em Nova Orléans, com respeito à fonte das manifestações físicas, e o que foi dito a nós mesmos. Com efeito, nada pintaria essa origem com mais energia do que esta resposta, ao mesmo tempo tão espirituosa e profunda: *“Quem faz dançar os macacos nas ruas? Serão os homens superiores?”*

Teremos ocasião de narrar, conforme os jornais da América, numerosos exemplos desse tipo de manifestações, bem mais extraordinários do que aqueles que acabamos de citar. Sem dúvida responder-nos-ão com este provérbio: “A boa mentira vem de longe.” Quando coisas tão maravilhosas nos vêm de 2.000 léguas e não podemos verificar, concebe-se a dúvida; mas esses fenômenos atravessaram os mares com o Sr. Home, que deles nos deu provas. É verdade que o Sr. Home não foi para o teatro para operar seus prodígios e que nem todo o mundo, pagando a entrada, pôde vê-

los; por isso muitas pessoas o consideram hábil prestidigitador, sem refletir que a alta sociedade, que testemunhou esses fenômenos, não se teria prestado com benevolência a servir-lhe de patrocinador. Se o Sr. Home fosse um charlatão, não teria tido o cuidado de recusar as brilhantes ofertas de muitos estabelecimentos públicos, e teria saído com o ouro a mancheias. Seu desinteresse é a resposta mais peremptória que se pode dar a seus detratores. Um charlatanismo desinteressado seria uma insensatez e uma monstruosidade. Mais tarde falaremos detalhadamente do Sr. Home e da missão que o conduziu à França. Enquanto aguardamos, eis um fato de manifestação espontânea que médico distinto, digno de toda confiança, nos relatou, e que é tanto mais autêntico quando as coisas se passaram com o seu conhecimento pessoal.

Uma família respeitável tinha como empregada doméstica uma jovem órfã de catorze anos, cuja bondade natural e doçura de caráter haviam-lhe granjeado a afeição dos patrões. No mesmo quarteirão habitava uma outra família, cuja mulher, não se sabe por que, havia tomado essa jovem em antipatia, a tal ponto que não havia mau procedimento de que ela não fosse o objeto. Um dia, quando voltava, a vizinha aparece furiosa, armada de uma vassoura, querendo bater-lhe. Assustada, precipita-se contra a porta e quer tocar a campainha; infelizmente o cordão encontra-se rompido e ela não pode alcançá-lo; eis, porém, que a campainha agita-se por si mesma e vêm abrir-lhe a porta. Em sua perturbação ela não se deu conta do que se havia passado; mas, depois, a campainha continuou a tocar de tempo em tempo, sem motivo aparente, tanto de dia como de noite e, quando se ia ver à porta, não se encontrava ninguém. Os vizinhos do quarteirão foram acusados de pregar essa peça de mau gosto; foi dada queixa ao comissário de polícia, que abriu inquérito, investigou se algum cordão secreto se comunicava com o exterior, mas nada pôde descobrir. As coisas, porém, persistiam cada vez mais, em prejuízo do repouso de todos e, sobretudo, da pequena empregada, acusada de ser a causa do barulho. Atendendo ao conselho que lhes foi dado, os patrões da jovem órfã decidiram afastá-la e a colocaram no campo,

na casa de amigos. Desde então, a campainha permaneceu quieta e nada de semelhante se produziu em seu novo domicílio.

Esse fato, como muitos outros que vamos relatar, não se passou às margens do Missouri ou do Ohio, mas em Paris, na Passagem dos Panoramas. Resta, agora, explicá-lo. A jovem não tocava a campainha, isso é positivo; estava bastante apavorada com o que se passava para pensar numa farsa, da qual teria sido a primeira vítima. Uma coisa não menos positiva é que o toque da campainha deveu-se à sua presença, uma vez que o efeito cessou quando ela partiu. O médico que testemunhou o fato explica-o por uma poderosa ação magnética, exercida de forma inconsciente pela jovem criada. Essa explicação de forma alguma nos parece concludente: por que teria ela perdido esse poder após a partida? Quanto a isso, diz ele que o terror inspirado pela presença da vizinha devia produzir na jovem uma superexcitação, susceptível de desenvolver a ação magnética, e que o efeito cessou com a causa. Confessamos não estar absolutamente convencidos por esse raciocínio. Se a intervenção de uma força oculta não está aqui demonstrada de maneira evidente, pelo menos é provável, conforme fatos análogos que conhecemos. Admitindo, portanto, essa intervenção, diremos que, nas circunstâncias em que o fato se produziu pela primeira vez, um Espírito protetor quis, provavelmente, que a jovem escapasse do perigo que corria; que, apesar da afeição que seus padrões lhe devotavam, fosse talvez de seu interesse sair daquela casa. Eis por que o ruído continuou até que ela tivesse partido.

Os Duendes

A intervenção de seres incorpóreos nos assuntos da vida privada faz parte das crenças populares de todos os tempos. Por certo não pode entrar no pensamento de nenhuma pessoa sensata tomar ao pé da letra todas as lendas, todas as histórias diabólicas e todos os contos ridículos que se conta prazerosamente junto à lareira. Entretanto, os fenômenos de que somos testemunhas provam que, mesmo esses

contos, repousam sobre alguma coisa, porquanto o que se passa em nossos dias deve ter ocorrido em outras épocas. Tire-se deles o maravilhoso e o fantástico com o qual a superstição os cobriu de ridículo, e se encontrarão todos os caracteres, fatos e gestos de nossos Espíritos modernos; uns são bons, benevolentes, obsequiosos, tendo prazer em prestar serviço, como os bons *Brownies*; outros, mais ou menos maliciosos, travessos, caprichosos e mesmo maus, como os *Gobelins* da Normandia, conhecidos pelo nome de *Bogles*, na Escócia; de *Bogbarts*, na Inglaterra; de *Cluricanues*, na Irlanda, e de *Pucks*, na Alemanha. Segundo a tradição popular, esses duendes penetram nas casas, onde aproveitam todas as ocasiões para brincadeiras de mau gosto. “Eles batem nas portas, deslocam os móveis, aplicam golpes nos tonéis, marteladas no teto e no assoalho, assobiam baixinho, soltam suspiros lamentosos, puxam os lençóis e as cortinas dos que estão deitados, etc.”

O Boghart dos ingleses exerce suas maldades principalmente contra as crianças, das quais parece ter aversão. “Toma-lhes freqüentemente a fatia de pão amanteigado e a tigela de leite; durante a noite agita as cortinas do leito; sobe e desce as escadas com grande arruído; lança pratos sobre o assoalho e provoca muitos outros estragos nas casas.”

Em alguns lugares da França os duendes são considerados como uma espécie de demônio familiar, que se tem o cuidado de alimentar com as mais delicadas iguarias, porque trazem a seus senhores trigo roubado dos celeiros. É deveras curioso encontrar essa velha superstição da antiga Gália entre os borussianos do século XII (os prussianos de hoje). Seus *Koltkys*, ou gênios domésticos iam também furtar trigo nos celeiros para levá-lo àqueles de quem gostavam.

Quem não reconhecerá nessas diabruras, posta de lado a indelicadeza do trigo roubado, do qual provavelmente os faltosos se desculpavam à custa da reputação dos Espíritos – quem, dizíamos, não reconhecerá nossos Espíritos batedores e aqueles que se pode, sem cometer injúria, chamar de perturbadores? Que, se um fato semelhante ao que relatamos acima, da jovem da Passagem

dos Panoramas, tivesse acontecido no campo, seria, sem dúvida, tido à conta do *Gobelin* do lugar, depois de amplificado pela fecunda imaginação das comadres; não faltaria mesmo alguém ter visto o pequeno demônio pendurado à campainha, dando risadas e fazendo caretas aos tolos que iam abrir a porta.

Evocações Particulares

MÃE, ESTOU AQUI!

A Sra. *** havia perdido, há alguns meses, sua filha única, de catorze anos, objeto de toda sua ternura e muito digna de seu pesar, pelas qualidades que dela prometiam fazer uma mulher perfeita. Essa jovem havia sucumbido a uma longa e dolorosa doença. Inconsolável com essa perda, dia a dia a mãe via sua saúde alterar-se, repetindo sem cessar que em breve iria reunir-se à filha. Instruída da possibilidade de comunicar-se com os seres de além-túmulo, a Sra. *** resolveu procurar, numa conversa com a filha, um alívio para sua pena. Uma senhora de seu conhecimento era médium; mas as duas, com pouca experiência para semelhantes evocações, sobretudo em circunstância assim tão solene, rogaram-me que as assistisse. Éramos apenas três: a mãe, a médium e eu. Eis o resultado dessa primeira sessão:

A mãe: Em nome de Deus Todo-Poderoso, Espírito Júlia ***, minha filha querida, peço-te que venhas, se Deus o permitir.

Júlia: Mãe! Estou aqui!

A mãe: És tu mesma, minha filha, que me respondes? Como posso saber que és tu?

Júlia: Lili.

(Era um pequeno apelido familiar dado à jovem em sua infância; não era conhecido nem da médium, nem de mim,

considerando-se que, há vários anos, só a chamavam pelo seu nome de Júlia. A esse sinal, a identidade era evidente; não podendo dominar a emoção, a mãe explode em soluços).

Júlia: Mãe! Por que te afliges? Sou feliz, bem feliz: não sofro mais e te vejo sempre.

A mãe: Mas eu não te vejo. Onde estás?

Júlia: Aqui, ao teu lado, minha mão sobre a Sra. *** (a médium) para fazer-lhe escrever o que te digo. Vê a minha letra (a letra, de fato, era de sua filha).

A mãe: Dizes: minha mão; tens, então, um corpo?

Júlia: Não tenho mais aquele corpo que tanto me fazia sofrer, mas lhe guardo a aparência. Não estás contente por que eu não sofro mais e posso conversar contigo?

A mãe: Se eu te visse, então, reconhecer-te-ia?

Júlia: Sim, sem dúvida, e já me viste muitas vezes em teus sonhos.

A mãe: De fato, já te revi em meus sonhos, mas pensei que fosse efeito da imaginação; uma lembrança.

Júlia: Não; sou eu mesma que estou sempre contigo e procuro consolar-te; fui eu que te inspirei a idéia de evocar-me. Tenho muitas coisas a te dizer. Desconfia do Sr. ***; ele não é sincero.

(Esse senhor, conhecido apenas da mãe, e citado assim espontaneamente, era uma nova prova de identidade do Espírito que se manifestava.)

A mãe: Que pode, pois, fazer contra mim o Sr. ***?

Júlia: Não te posso dizer; isto me é proibido. Apenas te advirto para desconfiares dele.

A mãe: Estás entre os anjos?

Júlia: Oh! Ainda não; não sou bastante perfeita.

A mãe: Entretanto, eu não via nenhum defeito em ti; tu eras boa, doce, amável e benevolente para com todos; isso não basta?

Júlia: Para ti, mãe querida, eu não tinha nenhum defeito; e eu o acreditava, pois mo dizias tantas vezes! Mas, agora, vejo o que me falta para ser perfeita.

A mãe: Como adquirirás as qualidades que te faltam?

Júlia: Em novas existências, que serão cada vez mais felizes.

A mãe: É na Terra que terás essas novas existências?

Júlia: Nada sei quanto a isso.

A mãe: Considerando que não havias feito o mal durante tua vida, por que sofreste tanto?

Júlia: Prova! Prova! Eu a suporrei com paciência, por minha confiança em Deus; sou muito feliz hoje, por isso. Até breve, mãe querida!

Em presença de semelhantes fatos, quem ousaria falar do vazio do túmulo, quando a vida futura se nos revela assim tão palpável? Essa mãe, minada pelo desgosto, experimenta hoje uma felicidade infável em poder conversar com a filha; não há mais separação entre elas; suas almas se confundem e se expandem no seio uma da outra, pela permuta de seus pensamentos.

Apesar da discrição com que cercamos este relato, não nos permitiríamos publicá-lo, se a isto não estivéssemos formalmente autorizados. Disse-nos aquela mãe: possam todos quantos perderam seus afetos na Terra sentir a mesma consolação que experimento!

Acrescentaremos somente uma palavra aos que negam a existência dos Espíritos bons; perguntamos como poderiam provar que o Espírito dessa moça fosse um demônio malfazejo.

UMA CONVERSÃO

A evocação seguinte não desperta menor interesse, embora sob um outro ponto de vista.

Um senhor, que designaremos sob o nome de Georges, farmacêutico numa cidade do sul, havia perdido o pai há pouco tempo, objeto de toda a sua ternura e de uma profunda veneração. O pai do Sr. Georges aliava a uma instrução muito vasta todas as qualidades que distinguem o homem de bem, embora professasse opiniões muito materialistas. A esse respeito o filho partilhava e até mesmo excedia as idéias do pai; duvidava de tudo, de Deus, da alma, da vida futura. O Espiritismo não poderia reconhecer como verdadeiros tais pensamentos. Todavia, a leitura de *O Livro dos Espíritos* produziu nele uma certa reação, corroborada por uma entrevista direta que tivemos com ele. “Se meu pai – disse – pudesse responder-me, não duvidaria mais.” Foi então que ocorreu a evocação que iremos relatar e na qual encontraremos mais de um ensinamento.

– Em nome do Todo-Poderoso, peço se manifeste o Espírito de meu pai. Estais perto de mim? “Sim”. – Por que não vos manifestastes diretamente a mim, quando tanto nos amamos? “Mais tarde”. – Poderemos nos reencontrar um dia? “Sim, breve”. – Haveremos de nos amar, como nesta vida? “Mais”. – Em que meio

estais? “Sou feliz”. – Estais reencarnado ou errante? “Errante por pouco tempo”.

– Que sensação experimentastes quando deixastes vosso invólucro corporal? “Perturbação”. – Quanto tempo durou essa perturbação? “Pouco para mim; bastante para ti”. – Podeis avaliar a duração dessa perturbação conforme nossa maneira de contar? “Dez anos para ti, dez minutos para mim”. – Mas, não se passou esse tempo todo desde que vos perdi; não há somente quatro meses? “Se estivesses em meu lugar, terias sentido esse tempo”.

– Acreditais agora em um Deus justo e bom? “Sim”. – Acreditáveis nele quando estáveis na Terra? “Eu tinha a presciência, mas não acreditava nele”. – Deus é Todo-Poderoso? “Não me elevei até Ele para avaliar a sua força; somente Ele conhece os limites de seu poder, porque *só Ele é seu igual*”. – Ocupa-se Ele dos homens? “Sim”. – Seremos punidos ou recompensados conforme nossos atos? “Se fazes o mal, sofrer-lhe-ás as conseqüências.” – Serei recompensado se fizer o bem? “*Avançarás na tua rota*”. – Estou no caminho certo? “Faze o bem e nele estarás”. – Acredito ser bom, mas estaria melhor se um dia, como recompensa, vos encontrasse. “Que esse pensamento te sustente e te encoraje! – Meu filho será bom como seu avô? “Desenvolve suas virtudes, abafa seus vícios”.

– Custa a crer que estamos nos comunicando, tão maravilhoso me parece este momento. “De onde provém tua dúvida?” – De que, partilhando vossas opiniões filosóficas, fui levado a tudo atribuir à matéria. “*Vês de noite o que vês de dia?*” – Estou, pois, nas trevas, meu pai? “Sim”. – Que vedes de mais maravilhoso? “Explica-te melhor”. – Reencontrastes minha mãe, minha irmã e Ana, a boa Ana? “Eu as reví”. Vede-as quando quiserdes? “Sim”.

– Achais penoso ou agradável que me comunique convosco? “Para mim é uma felicidade, se posso te conduzir ao

bem”. – Voltando para casa, o que poderia fazer para comunicar-me convosco, o que me faz tão feliz? Isso serviria para conduzir-me melhor e me ajudaria a melhor educar os meus filhos. “Cada vez que um impulso te conduzir ao bem, sou eu; serei eu a inspirar-te.”

– Calo-me, com receio de importunar-vos. “Se queres ainda, fala”. – Visto que permitis, dirigir-vos-ei ainda algumas perguntas. De que afecção morrestes? “Minha prova havia alcançado seu termo”. – Onde contraístes o abscesso pulmonar que se manifestou? “Pouco importa; o corpo nada é; o Espírito é tudo”. – Qual a natureza da doença que me desperta tão freqüentemente, à noite? “Sabê-lo-ás mais tarde”. – Considero grave minha afecção, e queria viver ainda para os meus filhos. “Ela não o é; *o coração do homem é uma máquina de vida; deixa a natureza agir*”.

– Visto que estais presente aqui, sob que forma vos apresentais? “Sob a aparência de minha forma corpórea”. – Estais em um local determinado? “Sim, atrás de Ermance” (a médium). – Poderíeis tornar-vos visível a nós? “Para quê? Teríeis medo”.

– Vede-nos todos, aqui reunidos? “Sim”. – Tendes uma opinião de cada um de nós? “Sim”. – Poderíeis dizer-nos alguma coisa? “Em que sentido me fazes essa pergunta?” – Do ponto de vista moral. “De outra vez; por hoje é bastante”.

O efeito produzido no Sr. Georges por essa comunicação foi imenso; uma luz inteiramente nova já parecia clarear-lhe as idéias; uma sessão que houve no dia seguinte, na casa da Sra. Roger, sonâmbula, terminou por dissipar as poucas dúvidas que lhe restavam. Eis um resumo da carta que, a respeito, nos escreveu:

“Essa senhora entrou espontaneamente em detalhes comigo, tão precisos, com respeito a meu pai, minha mãe, meus filhos, minha saúde; descreveu todas as circunstâncias de minha

vida com tal precisão, relembrando mesmo certos fatos que há longo tempo se me haviam apagado da memória; numa palavra, deu-me provas tão patentes dessa faculdade maravilhosa da qual são dotados os sonâmbulos lúcidos, que a reação das idéias foi completa em mim desde esse momento. Na evocação, meu pai havia revelado a sua presença; na sessão sonambúlica eu era, a bem dizer, testemunha ocular da vida extracorpórea, da vida da alma. Para descrever com tanta minúcia e exatidão, e a duas centenas de léguas de distância, o que de mim somente era conhecido, era preciso ver; ora, uma vez que isso não era possível com os olhos do corpo, haveria, portanto, um laço misterioso, invisível, que ligava a sonâmbula às pessoas e às coisas ausentes, e que ela jamais tinha visto; havia, pois, algo fora da matéria; o que poderia ser esse algo, senão aquilo que se chama alma, o ser inteligente, do qual o corpo é apenas o invólucro, mas cuja ação se estende muito além de nossa esfera de ação?”

Hoje, não somente o Sr. Georges deixou de ser materialista, como é um dos mais fervorosos e zelosos adeptos do Espiritismo, o que o faz duplamente feliz, pela confiança que o futuro agora lhe inspira e pelo prazer que experimenta em praticar o bem.

Essa evocação, bem simples à primeira vista, não é menos notável em muitos aspectos. O caráter do Sr. Georges, pai, reflete-se nas respostas breves e sentenciosas que estavam em seus hábitos; falava pouco, jamais dizia uma palavra inútil; não é mais o céptico que fala: reconhece seu erro; seu Espírito é mais livre, mais clarividente, retratando a unidade e o poder de Deus por estas admiráveis palavras: *Só Ele é seu igual*; aquele que em vida referia tudo à matéria, diz agora: *O corpo nada é, o Espírito é tudo*; e esta outra frase sublime: *Vês à noite o que vês de dia?* Para o observador atento tudo tem uma importância, e é assim que a cada passo encontra a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos.

Os Médiuns Julgados

Os adversários da Doutrina Espírita apegaram-se com desvelo a um artigo publicado pelo *Scientific American* de 11 de julho último, sob o título de: *Os Médiuns Julgados*. Vários jornais franceses o reproduziram como um argumento irretorquível. Nós mesmos o reproduzimos, fazendo-o seguir de algumas observações que lhe mostrarão o valor.

“Há algum tempo, por intermédio do *Boston Courier*, uma oferta de 500 dólares (2.500 francos) havia sido feita a toda pessoa que, em presença e em satisfação de um certo número de professores da Universidade de Cambridge, reproduzisse alguns desses fenômenos misteriosos que os espiritualistas dizem freqüentemente ser produzidos por meio de agentes chamados *médiuns*.

“O desafio foi aceito pelo Dr. Gardner e por diversas pessoas que se vangloriavam de estar em comunicação com os Espíritos. Os concorrentes reuniram-se nos Edifícios Albion, em Boston, na última semana de junho, dispostos a provar o seu poder sobrenatural. Entre eles notavam-se as senhoritas Fox, que se tornaram tão célebres pela sua superioridade nesse gênero. A comissão, encarregada de examinar as pretensões dos aspirantes ao prêmio, compunha-se dos professores Pierce, Agassiz, Gould e Horsford, de Cambridge, todos eles sábios muito distintos. Os ensaios espiritualistas duraram vários dias; jamais tinham os médiuns encontrado mais bela ocasião de pôr em evidência seu talento ou sua inspiração; mas, como os profetas de Baal, ao tempo de Elias, em vão invocaram suas divindades, como o prova a passagem seguinte do relatório da comissão:

“Considerando que o Dr. Gardner não conseguiu apresentar um agente ou médium que revelasse a palavra confiada aos Espíritos em um quarto vizinho; que lesse a palavra inglesa escrita no interior de um livro ou sobre uma folha de papel dobrada;

que respondesse a uma questão que só as inteligências superiores são capazes de o fazer; que fizesse ressoar um piano sem o tocar, ou mover-se uma mesa de um só pé sem o auxílio das mãos; que se revelasse impotente para dar à dita comissão o testemunho de um fenômeno que, mesmo com a interpretação mais flexível e a maior boa vontade, pudesse ser considerado como equivalente das provas propostas; de um fenômeno para cuja produção fosse exigida a intervenção de um Espírito, supondo ou, ao menos, implicando essa intervenção; de um fenômeno até então desconhecido pela ciência, ou cuja causa não fosse prontamente identificável pela comissão, bastante clara para ela, declara, a dita comissão, que o Dr. Gardner não tem qualquer direito para exigir, do *Courrier de Boston*, o pagamento da soma proposta de 2.500 francos.”

A experiência feita nos Estados Unidos a propósito dos *médiuns*, lembra uma outra, realizada dez anos atrás, na França, pró ou contra os sonâmbulos lúcidos, isto é, magnetizados. A Academia de Ciências recebeu a missão de conceder um prêmio de 2.500 francos ao *sujet* magnético que lesse com os olhos vendados. Todos os sonâmbulos fizeram de bom grado essa experiência, nos salões ou nos teatros de feira; liam em livros fechados e decifravam toda uma carta, sentados sobre ela ou colocando-a bem dobrada e fechada sobre o ventre; porém, diante da Academia, não foram capazes de ler absolutamente nada e o prêmio não foi ganho por ninguém.

Essa experiência prova, uma vez mais, da parte de nossos adversários, a absoluta ignorância dos princípios sobre os quais repousam os fenômenos das manifestações espíritas. Entre eles há a idéia fixa de que tais fenômenos devem obedecer à vontade e reproduzir-se com a precisão de uma máquina. Esquecem completamente ou, melhor dizendo, não sabem que a causa deles é inteiramente moral e que as inteligências, que lhes são os agentes imediatos, não obedecem ao capricho de ninguém, sejam médiuns ou outras pessoas. Os Espíritos agem quando e na presença de quem lhes agrada; freqüentemente, quando menos se espera é que as

manifestações ocorrem com mais vigor, e quando as solicitamos elas não se verificam. Os Espíritos têm modos de ser que nos são desconhecidos; o que está fora da matéria não pode ser submetido ao cadinho da matéria. É, pois, equivocar-se julgá-los do nosso ponto de vista. Se acharem útil manifestar-se por sinais particulares, eles o farão; mas jamais à nossa vontade, nem para satisfazer à vã curiosidade. Além disso, é preciso levar em conta uma causa bem conhecida, que afasta os Espíritos: sua antipatia por certas pessoas, principalmente por aquelas que, fazendo perguntas sobre coisas conhecidas, querem pôr à prova sua perspicácia. Quando uma coisa existe, pensam, eles devem saber; ora, é precisamente porque a coisa vos é conhecida, ou porque tendes os meios de verificá-la, que eles não se dão ao trabalho de responder; essa desconfiança os irrita e nada se obtém de satisfatório; afasta sempre os Espíritos sérios, que ordinariamente não falam senão às pessoas que se lhes dirigem com confiança e sem pensamento preconcebido. Entre nós não temos exemplo disso todos os dias? Homens superiores, conscientes de seu valor, alegrar-se-iam em responder a todas as perguntas ingênuas que visassem submetê-los a um exame, tal como se fossem escolares? Que fariam se se lhes dissessem: “Mas, se não respondeis, é porque não sabeis?” Voltariam as costas; é o que fazem os Espíritos.

Se é assim, direis, de qual meio dispomos para nos convencer? No próprio interesse da Doutrina dos Espíritos, não é desejável fazer prosélitos? Responderemos que é ter bastante orgulho quem se julga indispensável ao sucesso de uma causa; ora, os Espíritos não gostam dos orgulhosos. Convencem quem eles querem; quanto aos que crêem em sua importância pessoal, demonstram o pouco caso que disso fazem não lhes dando ouvidos. Eis, de resto, a resposta que deram a duas perguntas sobre esse assunto:

Pode-se pedir aos Espíritos sinais materiais como prova de sua existência e de seu poder? Resp. “Pode-se, sem dúvida,

provocar certas manifestações, mas nem todos estão aptos a isso e freqüentemente não obtendes o que pedis; eles não se submetem aos caprichos dos homens.”

Porém, quando alguém pede esses sinais para se convencer, não haveria utilidade em satisfazê-lo, pois que seria um adepto a mais? Resposta: “Os Espíritos não fazem senão o que querem, e o que lhes é permitido; falando e respondendo às vossas perguntas, atestam a sua presença; isto deve bastar ao homem sério que busca a verdade na palavra”.

Escribas e fariseus disseram a Jesus: Mestre, muito gostaríamos que nos fizésseis ver algum prodígio. Respondeu Jesus: “Esta geração má e adúltera pede um prodígio, mas não lhe será dado outro senão o de Jonas”. (*São Mateus.*)

Acrescentaremos ainda que é conhecer bem pouco a natureza e a causa das manifestações espíritas quem acredita provocá-las por uma recompensa qualquer. Os Espíritos desprezam a cupidez, tanto quanto o orgulho e o egoísmo. E só essa condição pode ser para eles um motivo de se absterem de manifestar-se. Sabei, pois, que obtereis cem vezes mais de um médium desinteressado do que daquele que é movido pelo incentivo do lucro, e que um milhão não lhe faria realizar o que não deve ser feito. Se uma coisa nos surpreende, é que haja médiuns capazes de se submeterem a uma prova que tinha por aposta uma soma de dinheiro.

Visões

Lê-se no *Courrier de Lyon*:

“Na noite de 27 para 28 de agosto de 1857 um caso singular de visão intuitiva se passou em Croix-Rousse, nas circunstâncias seguintes:

“Há mais ou menos três meses, o casal B..., honestos tecelões, movidos por um sentimento de louvável comiseração, acolheram em sua casa, na qualidade de doméstica, uma jovem atoleimada que vivia nos arredores de Bourgoing.

“Domingo passado, entre duas e três horas da madrugada, o casal B... foi acordado em sobresalto pelos gritos lancinantes da empregada, que dormia num sótão, vizinho ao seu quarto.

“Acendendo uma lâmpada, a senhora B... subiu ao sótão e encontrou sua doméstica que, derretendo em lágrimas e numa exaltação de espírito difícil de descrever, torcia os braços em horríveis convulsões e chamava sua mãe que, dizia, acabara de ver morrer.

“Depois de consolar a jovem como melhor lhe foi possível, A Sra. B... retornou ao seu quarto. Esse incidente estava quase esquecido quando ontem, terça-feira, no período da tarde, um carteiro dos Correios trouxe à Sra. B... uma carta do tutor da mocinha, informando a esta última que, na noite de domingo para segunda-feira, entre duas e três horas da madrugada, sua mãe havia morrido, em consequência de uma queda que sofreu do alto de uma escada.

“A pobre idiota partiu ontem mesmo de manhã para Bourgoing, acompanhada pelo Sr. B..., seu patrão, para receber a parte dos bens que lhe cabia na herança da mãe, cujo fim deplorável vira tão tristemente em sonho.”

Os fatos dessa natureza não são raros e muitas vezes teremos ocasião de nos referir àqueles cuja autenticidade não poderia ser contestada. Algumas vezes se produzem durante o sono, em estado de sonho; ora, como os sonhos nada mais são que um estado de sonambulismo natural incompleto, designaremos as visões que ocorrem nesse estado sob o nome de *visões sonambúlicas*, para

distingui-las das que se dão em estado de vigília e que chamaremos *visões pela dupla vista*. Finalmente, chamaremos de *visões extáticas* as que ocorrem no êxtase; em geral têm por objeto os seres e as coisas do mundo incorpóreo. O fato seguinte pertence à segunda categoria.

Um armador, nosso conhecido, residente em Paris, narrou-nos há poucos dias o seguinte: “No passado mês de abril, estando um pouco indisposto, fui passear com meu sócio nas Tulherias. Fazia um tempo magnífico; o jardim estava cheio de gente. De repente, a multidão desaparece aos meus olhos; já não sinto meu corpo; sou como que transportado e vejo distintamente um navio entrando no porto do Havre. Reconheço-o por *Clémence*, que aguardávamos das Antilhas; vi-o atracar ao cais, distinguindo claramente os mastros, as velas, os marinheiros e os mais minuciosos detalhes, como se lá estivesse. Então disse ao meu companheiro: “Eis o *Clémence* que chega; receberemos notícia hoje mesmo; sua travessia foi feliz.” Voltando para casa, entregaram-me um telegrama; antes de o ler, eu disse: “É o anúncio da chegada do *Clémence*, que entrou no Havre às três horas.” Realmente, o telegrama confirmava a entrada na mesma hora em que eu o tinha visto das Tulherias.”

Quando as visões têm por objeto os seres do mundo incorpóreo, poder-se-ia, aparentemente com alguma razão, qualificá-las de alucinação, porque nada lhes pode demonstrar a exatidão; porém, nos dois casos que acabamos de narrar, é a verdade mais palpável e mais positiva que se evidencia. Desafiamos todos os fisiologistas e todos os filósofos a que no-los expliquem pelos sistemas ordinários. Somente a Doutrina Espírita é capaz de fazê-lo, através do fenômeno da emancipação da alma que, escapando momentaneamente de seus tentáculos materiais, transporta-se para além da esfera da atividade corporal. No primeiro caso, é provável que a alma da mãe veio procurar a filha para avisá-la de sua morte; mas, no segundo, o que é certo é que não foi o navio que veio encontrar o armador nas Tulherias; preciso, pois, tenha sido a alma deste que o foi procurar no Havre.

Reconhecimento da Existência dos Espíritos e de suas Manifestações

Se as primeiras manifestações espíritas fizeram numerosos adeptos, não somente encontraram muitos incrédulos, mas adversários ferrenhos e, muitas vezes, até interessados em seu descrédito. Hoje, os fatos falam tão alto que é forçoso reconhecer a evidência e, se ainda existem incrédulos sistemáticos, podemos predizer-lhes com segurança que não se passarão muitos anos para acontecer com os Espíritos o que se deu com a maior parte das descobertas, que foram pertinazmente combatidas ou encaradas como utopias por aqueles cujo saber deveria tê-los tornado menos cépticos no que diz respeito ao progresso. Já vimos muitas pessoas, entre as que não se aprofundaram nesses estranhos fenômenos, concordar que nosso século é tão fecundo em fatos extraordinários, a Natureza tem tantos recursos desconhecidos, que seria mais que levandade negar-se a possibilidade daquilo que se não compreende. Esses tais dão prova de sabedoria. Eis aqui uma autoridade que não poderia ser suspeita de prestar-se levianamente a uma mistificação, a *Civiltà Cattolica*, um dos principais jornais eclesiásticos de Roma. Reproduziremos, mais adiante, um artigo que esse jornal publicou no mês de março passado, no qual se verá que seria difícil provar a existência e a manifestação dos Espíritos por argumentos mais peremptórios. É verdade que divergimos dele sobre a natureza dos Espíritos; não admitem senão os maus, enquanto admitimos bons e maus; é um ponto que abordaremos mais tarde, com todos os desenvolvimentos necessários. O reconhecimento das manifestações espíritas por uma autoridade tão grave e tão respeitável é um ponto capital. Resta, pois, julgá-las: é o que faremos no próximo número. Reproduzindo o artigo, o *Universo* o faz preceder das seguintes e sábias reflexões:

“Por ocasião da publicação de uma obra, em Ferrara, sobre a prática do *magnetismo animal*, referimos aos nossos leitores os sábios artigos que acabavam de aparecer na *Civiltà Cattolica*, de

Roma, sobre a *Necromancia moderna*, reservando-nos trazer-lhes mais amplas informações. Publicamos hoje o último desses artigos que, em algumas páginas, contém as conclusões da revista romana. Além do interesse que naturalmente se liga a essas matérias, e a confiança que deve inspirar um trabalho publicado pela *Civiltà*, a oportunidade particular da questão nos dispensa, neste momento, de chamar a atenção para uma matéria que muitas pessoas, na teoria como na prática, trataram de maneira tão pouco séria, a despeito da regra de vulgar prudência que recomenda sejam os fatos examinados com tanto maior circunspeção quanto mais extraordinários pareçam.”

Eis o artigo: “De todas as teorias lançadas para explicar *naturalmente* os diversos fenômenos conhecidos sob o nome de *espiritualismo americano*, não há uma só que alcance o objetivo, e, menos ainda, consiga dar a razão de todos eles. Se uma ou outra dessas hipóteses é suficiente para explicar alguns desses fenômenos, sempre restará alguns que permanecerão inexplicáveis. A fraude, a mentira, o exagero, as alucinações sem dúvida devem ter uma grande parte nos fatos referidos; mas, feito o desconto, resta ainda um volume tal que, para negar a realidade, seria preciso recusar toda fé na autoridade dos sentidos e no testemunho humano. Entre os fatos em questão, um certo número pode ser explicado pela teoria mecânica ou mecânico-fisiológica; porém, há uma parte, muito mais considerável, que não se presta de maneira alguma a uma explicação desse gênero. A essa ordem de fatos se ligam todos os fenômenos nos quais, dizem, os efeitos obtidos ultrapassam, evidentemente, a intensidade da força motriz que os deveria produzir. Tais são: 1º os movimentos; os sobressaltos violentos de massas pesadas e solidamente equilibradas, à simples pressão e ao leve toque das mãos; 2º os efeitos e os movimentos que se produzem sem nenhum contato, conseqüentemente sem qualquer impulso mecânico, seja imediato ou mediato; e, enfim, esses outros efeitos, que são de natureza a manifestar, em quem os produz, uma inteligência e uma vontade distintas das dos experimentadores. Para dar a razão dessas três ordens de fatos diversos, temos ainda a teoria do magnetismo;

mas, por maiores que sejam as concessões que se lhe disponha a fazer, e mesmo admitindo, de olhos fechados, todas as hipóteses gratuitas sobre as quais ela se funda, todos os erros e absurdos de que está repleta, e as faculdades miraculosas por ela atribuídas à vontade humana, ao fluido nervoso ou a quaisquer outros agentes magnéticos, jamais poderá essa teoria, com o auxílio desses princípios, explicar completamente como uma mesa magnetizada por um *médium* manifesta em seus movimentos uma inteligência e uma vontade próprias, isto é, distintas das do médium e que, por vezes, são contrárias e superiores à sua inteligência e vontade.

“Como dar a razão de semelhantes fenômenos? Queremos, também nós, recorrer a não sei que causas ocultas, a que forças ainda desconhecidas da Natureza?; a explicações novas de certas faculdades, de certas leis que, até o presente, permaneceram inertes e como que adormecidas no seio da Criação? Estaríamos, desse modo, confessando abertamente a nossa ignorância e levando o problema a aumentar o número de tantos enigmas, dos quais o pobre espírito humano não pôde, até o momento, nem poderá jamais decifrar. Aliás, não hesitamos em confessar nossa ignorância em relação a vários dos fenômenos em questão, dos quais a natureza é tão equívoca e tão obscura, que a atitude mais prudente, parece-nos, é não tentar explicá-los. Em compensação, há outros para os quais não nos é difícil encontrar a solução; é verdade que é impossível buscá-las nas causas naturais; por que, então, hesitaríamos em recorrer às causas que pertencem à ordem sobrenatural? Talvez fôssemos desviados pelas objeções que nos opõem os cépticos e os que, negando essa ordem sobrenatural, nos digam que não se pode definir até onde se estendem as forças da Natureza; que o campo que ainda resta descobrir pelas ciências físicas não tem limites e que ninguém conhece suficientemente bem quais são os limites da ordem natural para poder indicar, com precisão, o ponto onde termina esta e começa a outra. A resposta a tal objeção parece-nos fácil: admitindo que não se possa determinar, de modo preciso, o ponto de divisão dessas duas ordens opostas, a natural e a sobrenatural, não se segue daí que seja impossível definir

com certeza se um dado efeito pertence a esta ou àquela. Quem pode, no arco-íris, distinguir o ponto preciso onde acaba uma cor e começa a seguinte? Quem pode fixar o instante exato onde termina o dia e começa a noite? E, entretanto, não há um só homem, por mais limitado que seja, que não distinga se tal zona do arco-íris é vermelha ou amarela, se a tal hora é dia ou noite. Quem não percebe que, para conhecer a natureza de um fato, de modo algum é necessário passar pelo limite onde começa ou termina a categoria à qual o mesmo pertence, e que basta constatar se tem os caracteres peculiares a essa categoria?

“Apliquemos essa observação tão simples à presente questão: não podemos dizer até onde vão as forças da Natureza; entretanto, dando-se um fato podemos dizer, muitas vezes, com certeza, segundo seus caracteres, que ele pertence à ordem sobrenatural. E, para não sair do nosso problema, entre os fenômenos das mesas falantes há vários que, em nossa opinião, manifestam esses caracteres da maneira mais evidente; tais são aqueles nos quais o agente que move as mesas age como causa inteligente e livre, ao mesmo tempo em que revela uma inteligência e uma vontade próprias, isto é, superiores ou contrárias à inteligência e à vontade dos *médiums*, dos experimentadores, dos assistentes; numa palavra, distintas destas, qualquer que seja o modo que ateste essa distinção. Seja como for, em casos tais somos forçados a admitir que esse agente é um Espírito, e não é um Espírito humano, estando, desde então, fora dessa ordem, dessas causas que costumamos chamar naturais, daquelas que não ultrapassam as forças do homem.

“Tais são precisamente os fenômenos que, como dissemos acima, resistiram a toda teoria baseada sobre princípios puramente naturais, enquanto na nossa eles encontram mais fácil e clara explicação, pois todos sabem que o poder dos Espíritos sobre a matéria ultrapassa de muito o poder do homem, e porque não há efeito maravilhoso, entre os citados da necromancia moderna, que não possa ser atribuído à sua ação.

“Sabemos perfeitamente que, em nos vendo colocar em cena os Espíritos, mais de um leitor sorrirá de piedade. Sem falar dos que, verdadeiros materialistas, não acreditam na existência dos Espíritos e rejeitam como fábula tudo quanto não seja matéria ponderável e palpável, como também aqueles que, admitindo que existem Espíritos, negam-lhes qualquer influência ou intervenção no que diz respeito ao nosso mundo; há, em nossos dias, muitas criaturas que, concedendo aos Espíritos o que nenhum bom católico lhes poderia recusar, isto é, a existência e a faculdade de intervir nos fatos da vida humana, de maneira oculta ou patente, ordinária ou extraordinária, parecem todavia desmentir sua fé na prática, e considerar como uma vergonha, como um excesso de credulidade, como uma superstição de mulher velha, admitir a ação dos mesmos Espíritos em certos casos especiais, contentando-se, em geral, em não negá-la. Em verdade, há um século zombou-se tanto da simplicidade da Idade Média, acusando-a de ver Espíritos, sortilégios e feiticeiros por toda parte, e tanto se investiu a esse respeito, que não é de admirar que tantas cabeças fracas, querendo parecer fortes, experimentem agora repugnância e uma espécie de vergonha em crer na intervenção dos Espíritos. Mas esse excesso de incredulidade não é menos despropositado do que em outras épocas o foi o excesso contrário; se, em semelhante matéria, crer em demasia leva a vãs superstições, por outro lado, nada querer admitir conduz diretamente à impiedade do naturalismo. O homem sábio, o cristão prudente deve, pois, do mesmo modo, evitar esses dois extremos e manter-se firme na linha intermediária: aí estão a verdade e a virtude. Agora, nessa questão das mesas falantes, para que lado nos fará inclinar uma fé prudente?”

“A primeira, a mais sábia das regras que nos impõe essa prudência ensina-nos que, para explicar os fenômenos que oferecem um caráter extraordinário, somente se deve recorrer às causas sobrenaturais se as pertencentes à ordem natural não forem suficientes para os explicar. Em compensação, daí resulta a obrigação de admitir as primeiras, quando as segundas são

insuficientes; é justamente o nosso caso. Com efeito, entre os fenômenos de que falamos, há aqueles para os quais nenhuma teoria, nenhuma causa puramente natural poderia dar razão. Assim, pois, não só é prudente, mas necessário mesmo procurar sua explicação na ordem sobrenatural ou, em outras palavras, atribuí-los a Espíritos puros, visto que, fora e acima da Natureza, outra causa possível não existe.

“Eis uma segunda regra, um *criterium* infalível para se afirmar, a respeito de um fato qualquer, se pertence à ordem natural ou à sobrenatural: examinar-lhe bem os caracteres e, conforme eles, determinar a natureza da causa que o produziu. Ora, os fatos mais maravilhosos desse gênero, os que nenhuma outra teoria pode explicar, apresentam caracteres tais que não só demonstram uma causa inteligente e livre, mas ainda dotada de uma inteligência e de uma vontade que nada têm de humano; portanto, não pode essa causa deixar de ser senão um Espírito puro.

“Assim, por dois caminhos, um indireto e negativo, que procede por exclusão, o outro direto e positivo, fundado sobre a própria natureza dos fatos observados, chegaremos a essa mesma conclusão, a saber: que entre os fenômenos da necromancia moderna há pelo menos uma categoria de fatos que, sem nenhuma dúvida, são produzidos pelos Espíritos. Somos levados a essa conclusão por um raciocínio tão simples, tão natural que, aceitando-o, longe do temor de ceder a uma imprudente credulidade, julgamos, ao contrário, fazer prova de uma fraqueza e de uma incoerência de espírito indesculpável, caso o recusemos. Para confirmar a nossa asserção, não nos faltam argumentos, mas, sim, espaço e tempo para desenvolvê-los aqui. O que dissemos até o momento é suficiente e pode resumir-se nas quatro seguintes proposições:

“7º Entre os fenômenos em questão, deixando de lado os que podem razoavelmente ser atribuídos à impostura, às

alucinações e aos exageros, grande número ainda existe, cuja realidade não pode ser posta em dúvida sem que se violem todas as leis de uma crítica sadia.

“2ª Todas as teorias naturais que expusemos e discutimos acima são impotentes para dar uma explicação satisfatória de todos esses fatos; se explicam algumas, deixam um grande número – e estes são os mais difíceis – totalmente inexplicados e inexplicáveis.

“3ª Os fenômenos dessa última ordem, por implicarem a ação de uma causa inteligente estranha ao homem, só podem ser explicados pela intervenção dos Espíritos, seja qual for, aliás, o caráter desses Espíritos, questão de que logo nos ocuparemos.

“4ª Pode-se dividir todos esses fatos em quatro categorias: muitos deles devem ser rejeitados como falsos ou como produtos da fraude; quanto aos outros, os mais simples, os mais fáceis de conceber, tais como as mesas girantes, em certas circunstâncias admitem uma explicação puramente natural: a do impulso mecânico, por exemplo; uma terceira classe compõe-se de fenômenos mais extraordinários e mais misteriosos sobre a natureza dos quais se fica em dúvida, porque, se bem que pareçam ultrapassar as forças da Natureza, não apresentam, entretanto, caracteres tais que, evidentemente, para os explicar, se deva recorrer a uma causa sobrenatural. Enfim, agrupamos na quarta categoria os fatos que, oferecendo de maneira evidente esses caracteres, devem ser atribuídos à operação invisível dos Espíritos puros.

“Mas, que são esses Espíritos? Bons ou maus? Anjos ou demônios? Almas bem-aventuradas ou almas condenadas? A resposta a esta última parte de nosso problema não pode suscitar dúvida, por pouco que se considere, de uma parte, a natureza desses Espíritos e, de outra, o caráter de suas manifestações. É o que nos falta demonstrar.”

História de Joana d'Arc

DITADA POR ELA MESMA À SENHORITA ERMANCE DUFAUX

Uma pergunta que nos tem sido feita muitas vezes é se os Espíritos, que respondem mais ou menos com precisão às perguntas que lhes são dirigidas, poderiam fazer um trabalho de fôlego. A prova disso está na obra da qual falamos, porquanto aqui não se trata mais de uma série de perguntas e respostas, mas de uma narração completa e seguida como o faria um historiador, e contendo uma infinidade de detalhes pouco ou nada conhecidos, sobre a vida da heroína. Aos que poderiam pensar que a senhorita Dufaux inspirou-se em seus conhecimentos pessoais, responderemos que ela escreveu o livro com a idade de catorze anos, e que havia recebido a instrução que recebem todas as jovens de boa família, educadas com cuidado; porém, mesmo que tivesse uma memória fenomenal, não seria nos livros clássicos que iria buscar documentos íntimos, dificilmente encontráveis nos arquivos do tempo. Sabemos perfeitamente que os incrédulos sempre terão mil objeções a fazer; mas, para nós, que vimos a médium em ação, a origem do livro não poderia suscitar nenhuma dúvida.

Embora a faculdade da senhorita Dufaux se preste à evocação de qualquer Espírito, de que nós mesmos tivemos provas nas comunicações pessoais que ela nos transmitiu, sua especialidade é a História. Do mesmo modo, ela escreveu a de Luís XI e a de Carlos VIII, que serão publicadas como a de Joana d'Arc. Passou-se com ela um fenômeno bastante curioso. A princípio, era excelente médium psicógrafa, escrevendo com grande facilidade; pouco a pouco se tornou médium falante e, à medida que essa nova faculdade se desenvolvia, a primeira enfraquecia; hoje, escreve pouco ou com muita dificuldade, mas, o que há de estranho é que, falando, sente necessidade de ter um lápis à mão, fingindo que escreve; é preciso uma terceira pessoa para registrar suas palavras, como as da Sibila. Como todos os médiuns favorecidos pelos Espíritos bons, somente recebeu comunicações de ordem elevada.

Teremos ocasião de voltar à história de Joana d'Arc para explicar os fatos de sua vida, concernentes às suas relações com o mundo invisível, citando o que, a respeito, ela ditou de mais notável ao seu intérprete. (1 vol. in-12, 3 fr. Dentu, Palais-Royal.)

O Livro dos Espíritos¹⁰

Contém

Os Princípios da Doutrina Espírita

Sobre a natureza dos seres do mundo incorpóreo, suas manifestações e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da Humanidade

ESCRITO DE ACORDO COM O DITADO E PUBLICADO POR
ORDEM DOS ESPÍRITOS SUPERIORES

Por ALLAN KARDEC

Esta obra, como o indica seu título, não é uma doutrina pessoal: é o resultado do ensino direto dos próprios Espíritos sobre os mistérios do mundo onde estaremos um dia, e sobre todas as questões que interessam à Humanidade; eles nos dão, de algum modo, o código da vida, ao nos traçarem a rota da felicidade futura. Não sendo este livro fruto de nossas idéias, visto que, sobre muitos pontos importantes tínhamos uma maneira de ver bem diversa, nossa modéstia nada sofreria com os nossos elogios; preferimos, no entanto, deixar falar os que estão inteiramente desinteressados por esta questão.

10 1 vol. in 8º em 2 col., 3fr.; Livraria Dentu, Palais-Royal e na Redação do jornal, Rua e Passagem Sainte-Anne, 59 (antiga Rua dos Mártires, nº 8)

O *Courrier de Paris*, de 11 de julho de 1857, publicou sobre este livro o seguinte artigo:

A Doutrina Espírita

O Editor Dentu acaba de publicar uma obra deveras notável; diríamos mesmo bastante curiosa, mas há coisas que repelem toda qualificação banal.

O Livro dos Espíritos, do Sr. Allan Kardec, é uma página nova do grande livro do infinito, e estamos persuadidos de que um marcador assinalará essa página. Ficaríamos desolados se pensassem que acabamos de fazer aqui um anúncio bibliográfico; se pudéssemos supor que assim fora, quebraríamos nossa pena imediatamente. Não conhecemos absolutamente o autor, mas confessamos abertamente que ficaríamos felizes em conhecê-lo. Aquele que escreveu a introdução que inicia *O Livro dos Espíritos* deve ter a alma aberta a todos os sentimentos nobres.

Aliás, para que não se possa suspeitar de nossa boa-fé e nos acusar de tomar partido, diremos com toda sinceridade que jamais fizemos um estudo aprofundado das questões sobrenaturais. Apenas, se os fatos que se produziram nos causaram admiração, pelo menos jamais nos levaram a dar de ombros. Somos um pouco dessas pessoas que se chamam de sonhadores, porque não pensamos absolutamente como todo o mundo. A vinte léguas de Paris, à noite sob as grandes árvores, quando não tínhamos em torno de nós senão choupanas esparsas, pensávamos naturalmente em qualquer coisa, menos na Bolsa, no macadame dos bulevares ou nas corridas de Longchamp. Diversas vezes nos interrogamos, e isto muito tempo antes de ter ouvido falar em médiuns, o que haveria de passar no que se convencionou chamar o Alto. Outrora chegamos mesmo a esboçar uma teoria sobre os mundos invisíveis, guardando-a cuidadosamente para nós, e ficamos muito felizes de reencontrá-la quase por inteiro no livro do Sr. Allan Kardec.

A todos os deserdados da Terra, a todos os que caminham e caem, regando com suas lágrimas o pó da estrada, diremos: Lede *O Livro dos Espíritos*; isso vos tornará mais fortes. Também aos felizes, aos que pelos caminhos só encontram os aplausos da multidão ou os sorrisos da fortuna, diremos: Estudai-o; ele vos tornará melhores.

O corpo da obra, diz o Sr. Allan Kardec, deve ser reivindicado inteiramente pelos Espíritos que o ditaram. Está admiravelmente classificado por perguntas e por respostas. Algumas vezes, estas últimas são sublimes, e isto não nos surpreende; mas, não foi preciso um grande mérito a quem as soube provocar?

Desafiamos a rir os mais incrédulos quando lerem este livro, no silêncio e na solidão. Todos honrarão o homem que lhe escreveu o prefácio.

A doutrina se resume em duas palavras: *Não façais aos outros o que não quereríeis que vos fizessem*. Lamentamos que o Sr. Allan Kardec não tenha acrescentado: *e fazei aos outros o que gostaríeis que vos fosse feito*. O livro, aliás, o diz claramente e a doutrina, sem isto, não estaria completa. Não basta não fazer o mal; é preciso também fazer o bem. Se apenas sois um homem de bem, não tereis cumprido senão a metade do vosso dever. Sois um átomo imperceptível desta grande máquina que se chama mundo, onde nada deve ser inútil. Sobretudo, não nos digais que se pode ser útil sem fazer o bem; ver-nos-íamos forçados de vos replicar por um volume.

Lendo as admiráveis respostas dos Espíritos na obra do Sr. Kardec, dissemos a nós mesmos que haveria um belo livro a escrever. Bem depressa reconhecemos que nos havíamos enganado: o livro já está escrito. Apenas o estragaríamos se tentássemos completá-lo.

Sois homem de estudo e possuí a boa-fé, que não pede senão para se instruir? Lede o Livro Primeiro sobre a Doutrina Espírita.

Estais colocado na classe dos que só se ocupam consigo mesmos e que, como se diz, fazem os seus pequenos negócios muito tranqüilamente, nada vendo além dos próprios interesses? Lede as *Leis Morais*.

A desgraça vos persegue com furor, e a dúvida vos envolve, por vezes, com o seu abraço gelado? Estudai o Livro Terceiro: *Esperanças e Consolações*.

Todos vós que abrigais nobres pensamentos no coração e que acreditais no bem, lede o livro do começo ao fim.

Se alguém nele encontrasse matéria para zombaria, nós o lamentaríamos sinceramente.

G. du Chalard

Entre as numerosas cartas que nos têm sido dirigidas desde a publicação de *O Livro dos Espíritos*, apenas citaremos duas, porque de certo modo resumem a impressão que este livro produziu, e o fim essencialmente moral dos princípios que encerra.

Bordeaux, 25 de abril de 1857

Senhor,

Submetestes minha paciência a uma grande prova pela demora na publicação de *O Livro dos Espíritos*, há tanto tempo anunciado; felizmente, não perdi por esperar, porquanto ele ultrapassa todas as idéias que eu havia feito, de acordo com o prospecto. Impossível descrever o efeito que em mim produziu: assemelho-me a um homem que saiu da obscuridade; parece que uma porta, fechada até hoje, acaba de ser subitamente aberta; minhas idéias se ampliaram em algumas horas! Oh! Como a Humanidade e todas as suas preocupações miseráveis se me parecem mesquinhas e pueris, ao lado

desse futuro de que não duvidava, mas que para mim estava de tal forma obscurecido pelos preconceitos que o imaginava a custo! Graças ao ensino dos Espíritos, agora se apresenta sob uma forma definida, compreensível, maior, mais bela e em harmonia com a majestade do Criador. Quem quer que leia esse livro meditando, como eu, encontrará tesouros inesgotáveis de consolações, pois que ele abarca todas as fases da existência. Em minha vida sofri perdas que me afetaram vivamente; hoje, não me causam nenhum pesar e toda minha preocupação é empregar utilmente o tempo e minhas faculdades para acelerar meu progresso, porque, para mim, agora, o bem tem uma finalidade e compreendo que uma vida inútil é uma vida de egoísta, que não nos permite avançar na vida futura.

Se todos os homens que pensam como vós e eu – e os encontrareis muito, assim espero, para honra da Humanidade – pudessem se entender, reunir-se e agir de comum acordo, de que força não disporiam para apressar essa regeneração que nos é anunciada! Quando for a Paris, terei a honra de vos ver e, se não for abusar de vosso tempo, pedir-vos-ei algumas explicações sobre certas passagens e alguns conselhos sobre a aplicação das leis morais a certas circunstâncias que me são pessoais. Recebei, até lá, eu vos peço, Senhor, a expressão de todo o meu reconhecimento, porque me proporcionastes um grande bem ao apontar-me a rota da única felicidade real neste mundo e, além disso, quem sabe? um lugar melhor no outro.

Vosso todo devotado.

D..., capitão reformado.

Lyon, 4 de julho de 1857.

Senhor,

Não sei como vos exprimir todo o meu reconhecimento pela publicação de *O Livro dos Espíritos*, que sinto depois de o ler.

Como é consolador para nossa pobre Humanidade o que nos fizestes saber! De minha parte confesso-vos que estou mais forte e mais corajoso para suportar as penas e os aborrecimentos ligados à minha pobre existência. Compartilho, com vários de meus amigos, das convicções que hauri na leitura de vossa obra: todos estão muito felizes; agora compreendem as desigualdades das posições sociais e já não *murmuram* contra a Providência; a certeza de um futuro mais feliz, caso se comportem bem, os consola e encoraja. Gostaria de vos ser útil, senhor; sou um simples filho do povo que obteve certa posição com o seu trabalho, mas a quem falta instrução por ter sido obrigado a trabalhar desde menino; entretanto, sempre amei muito a Deus e fiz tudo quanto pude para ser útil aos semelhantes; é por isso que procuro tudo o que possa ajudar na felicidade de meus irmãos. Vamos nos reunir, vários adeptos que estavam dispersos; envidaremos todos os esforços para vos secundar: levantastes a bandeira, cabe a nós seguir-vos; contamos com vosso apoio e vossos conselhos.

Sou, senhor, se ousar vos chamar de confrade, vosso todo devotado, C...

Muitas vezes já nos dirigiram perguntas sobre a maneira por que foram obtidas as comunicações que são objeto de *O Livro dos Espíritos*. Resumimos aqui, com muito prazer, as respostas que temos dado a esse respeito, pois que isso nos ensinará a ocasião de cumprir um dever de gratidão para com as pessoas que, de boa vontade, nos prestaram seu concurso.

Como explicamos, as comunicações por pancadas, ou títologia, são muito lentas e bastante incompletas para um trabalho alentado; por isso jamais utilizamos esse recurso: tudo foi obtido através da escrita e por intermédio de vários médiuns psicógrafos. Nós mesmos preparamos as perguntas e coordenamos o conjunto da obra; as respostas são, textualmente, as que foram dadas pelos

Espíritos; a maior parte delas foi escrita sob nossas vistas, algumas foram tomadas das comunicações que nos foram enviadas por correspondentes ou que recolhemos para estudo em toda parte onde estivemos: a esse efeito, os Espíritos parecem multiplicar aos nossos olhos os motivos de observação.

Os primeiros médiuns que concorreram para o nosso trabalho foram as senhoritas B ***, cuja boa vontade jamais nos faltou: este livro foi escrito quase por inteiro por seu intermédio e na presença de numeroso auditório que assistia às sessões e nelas tomava parte com o mais vivo interesse. Mais tarde os Espíritos recomendaram a sua completa revisão em conversas particulares para fazerem todas as adições e correções que julgaram necessárias. Essa parte essencial do trabalho foi feita com o concurso da senhorita Japhet¹¹, que se prestou com a maior boa vontade e o mais completo desinteresse a todas as exigências dos Espíritos, pois eram eles que marcavam os dias e as horas para suas lições. O desinteresse não seria aqui um mérito particular, visto que os Espíritos reprovam todo tráfico que se possa fazer de sua presença; a senhorita Japhet, que é também sonâmbula notável, tinha seu tempo utilmente empregado, mas compreendeu, igualmente, que dele poderia fazer um emprego proveitoso, consagrando-se à propagação da Doutrina. Quanto a nós, temos declarado desde o princípio, e nos apraz reafirmar aqui, jamais pensamos em fazer de *O Livro dos Espíritos* objeto de especulação, devendo sua renda ser aplicada às coisas de utilidade geral; por isso seremos sempre reconhecidos aos que se associarem de coração, e por amor do bem, à obra a que nos estamos consagrando.

Allan Kardec



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO I

FEVEREIRO DE 1858

N^o 2

Diferentes Ordens de Espíritos

Um ponto capital na Doutrina Espírita é o das diferenças que existem entre os Espíritos, sob o duplo ponto de vista intelectual e moral; seu ensino, a esse respeito, jamais variou; não menos importante, porém, é saber que eles não pertencem eternamente à mesma ordem e que, em consequência, essas ordens não constituem *espécies distintas*: são diferentes graus de desenvolvimento. Os Espíritos seguem a marcha progressiva da Natureza: os das ordens inferiores são ainda imperfeitos; depois de depurados, atingem as ordens superiores; avançam na hierarquia à medida que adquirem qualidades, experiência e conhecimentos que lhes faltam. No berço, a criança não se assemelha ao que será na idade madura; entretanto, é sempre o mesmo ser.

A classificação dos Espíritos baseia-se no grau de adiantamento deles, nas qualidades que já adquiriram e nas imperfeições de que terão ainda de despojar-se. Esta classificação, aliás, nada tem de absoluta; apenas no seu conjunto cada categoria apresenta caráter definido. De um grau a outro a transição é insensível e, nos limites extremos, os matizes se apagam, como nos reinos da Natureza, nas cores do arco-íris ou, também, como nos diferentes períodos da vida do homem. Podem, pois, formar-se maior ou menor número de classes, conforme o ponto de vista donde se considere a questão. Dá-se aqui o que se dá com todos os sistemas de classificação científica, os quais

podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais e mais ou menos cômodos para a inteligência; sejam, porém, quais forem, em nada alteram as bases da Ciência. Assim, é natural que, inquiridos sobre este ponto, hajam os Espíritos divergido quanto ao número das categorias, sem que isto tenha valor algum. Entretanto, não faltou quem se agarrasse a esta contradição aparente, sem refletir que os Espíritos nenhuma importância ligam ao que é puramente convencional; para eles, o pensamento é tudo; deixam-nos a forma, a escolha dos termos, as classificações – numa palavra, os sistemas.

Façamos ainda uma consideração que se não deve jamais perder de vista: a de que entre os Espíritos, assim como entre os homens, há os muito ignorantes, de modo que nunca serão demais as cautelas que se tomem contra a tendência a crer que, por serem Espíritos, todos devam saber tudo. Qualquer classificação exige método, análise e conhecimento aprofundado do assunto. Ora, no mundo dos Espíritos, os que possuem limitados conhecimentos são, como neste orbe, os ignorantes, os inaptos a apreender uma síntese, a formular um sistema; mesmo os que são capazes de tal apreciação podem mostrar-se divergentes quanto às particularidades, conformemente aos pontos de vista em que se achem, sobretudo se se trata de uma divisão, que nenhum cunho absoluto apresente. Lineu, Jussieu e Tournefort tiveram cada um o seu método, sem que a Botânica, em conseqüência, houvesse experimentado qualquer modificação. É que nenhum deles inventou as plantas, nem seus caracteres. Apenas observaram as analogias, segundo as quais formaram os grupos ou classes. Foi assim que também procedemos. Não inventamos os Espíritos, nem seus caracteres; vimos e observamos, julgamo-los pelas suas palavras e atos, depois os classificamos pelas semelhanças. É o que cada um teria feito em nosso lugar.

Entretanto, não podemos reivindicar a totalidade desse trabalho como sendo obra nossa. Se o quadro que damos a seguir não foi textualmente traçado pelos Espíritos, e se é nossa a iniciativa, todos os elementos que o compõem foram hauridos em seus ensinamentos; não nos restaria senão formular a disposição material.

Os Espíritos, em geral, admitem três categorias principais, ou três grandes divisões. Na última, a que fica na parte inferior da escala, estão os Espíritos imperfeitos que devem ainda percorrer todas, ou quase todas as etapas; caracterizam-se pela predominância da matéria sobre o Espírito e pela propensão ao mal. Os da segunda se caracterizam pela predominância do Espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem: são os Espíritos bons. A primeira, finalmente, compreende os Espíritos puros, os que atingiram o grau supremo da perfeição.

Esta divisão nos pareceu perfeitamente racional e com caracteres bem positivados; só nos restava pôr em relevo, mediante subdivisões em número suficiente, os principais matizes do conjunto. Foi o que fizemos, com o concurso dos Espíritos, cujas benévolas instruções jamais nos faltaram.

Com o auxílio desse quadro, fácil será determinar-se a ordem, assim como o grau de superioridade ou de inferioridade dos que podem entrar em relação conosco e, por conseguinte, o grau de confiança ou de estima que merecem. Além disso, interessa-nos pessoalmente porque, como pertencemos, por nossa alma, ao mundo espírita, no qual reentraremos ao deixar nosso invólucro mortal, ele nos mostra o que nos resta fazer para chegarmos à perfeição e ao bem supremo. Faremos, todavia, notar que os Espíritos não ficam pertencendo, exclusivamente, a tal ou tal classe. Sendo sempre gradual o progresso deles e muitas vezes mais acentuado num sentido do que em outro, pode acontecer que muitos reúnam em si os caracteres de várias categorias, o que seus atos e linguagem tornam possível apreciar.

Escala Espírita

TERCEIRA ORDEM – ESPÍRITOS IMPERFEITOS

Características gerais. – Predominância da matéria sobre o espírito. Propensão para o mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as paixões que lhes são conseqüentes.

Têm a intuição de Deus, mas não o compreendem.

Nem todos são essencialmente maus. Em alguns há mais leviandade, irreflexão e malícia do que verdadeira maldade. Uns não fazem o bem nem o mal; mas, pelo simples fato de não fazerem o bem, já denotam a sua inferioridade. Outros, ao contrário, se comprazem no mal e se rejubilam quando uma ocasião se lhes depara de praticá-lo.

Neles a inteligência pode achar-se aliada à maldade ou à malícia; seja, porém, qual for o grau que tenham alcançado de desenvolvimento intelectual, suas idéias são pouco elevadas e mais ou menos abjetos seus sentimentos.

Restritos conhecimentos têm das coisas do mundo espírita e o pouco que sabem se confunde com as idéias e preconceitos da vida corporal. Acerca dessas coisas, não nos podem dar senão noções falsas e incompletas; entretanto, nas suas comunicações, mesmo imperfeitas, o observador atento encontra a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos superiores.

Na linguagem de que usam se lhes revela o caráter. Todo Espírito que, em suas comunicações, trai um mau pensamento, pode ser classificado na terceira ordem. Conseqüentemente, todo mau pensamento que nos é sugerido vem de um Espírito dessa ordem.

Eles vêem a felicidade dos bons e esse espetáculo lhes constitui incessante tormento, porque os faz experimentar todas as angústias que a inveja e o ciúme podem causar.

Conservam a lembrança e a percepção dos sofrimentos da vida corpórea e essa impressão é muitas vezes mais penosa do que a realidade. Sofrem, pois, verdadeiramente, pelos males de que padeceram em vida e pelos que ocasionaram aos outros. E, como sofrem por longo tempo, julgam que sofrerão para sempre. Deus, para puni-los, quer que assim julguem.

Podem ser divididos em quatro grupos principais:

Nona classe. ESPÍRITOS IMPUROS. – São inclinados ao mal, de que fazem o objeto de suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos perversos, sopram a discórdia e a desconfiança e se mascaram de todas as maneiras para melhor enganar. Ligam-se aos homens de caráter bastante fraco para cederem às suas sugestões, a fim de induzi-los à perdição, satisfeitos com o conseguirem retardar-lhes o adiantamento, fazendo-os sucumbir nas provas por que passam.

Nas manifestações, dão-se a conhecer pela linguagem. A trivialidade e a grosseria das expressões, nos Espíritos, como nos homens, é sempre indício de inferioridade moral, se não também intelectual. Suas comunicações exprimem a baixeza de seus pendores e, se tentam iludir, falando com sensatez, não conseguem sustentar por muito tempo o papel e acabam sempre por se traírem.

Alguns povos os arvoraram em divindades maléficas; outros os designam pelos nomes de demônios, maus gênios, Espíritos do mal.

Quando encarnados, os seres vivos que eles constituem se mostram propensos a todos os vícios geradores das paixões vis e degradantes: a sensualidade, a crueldade, a felonía, a hipocrisia, a cupidez, a avareza sórdida. Fazem o mal por prazer, as mais das vezes sem motivo, e por ódio ao bem, quase sempre escolhendo suas vítimas entre as pessoas honestas. São flagelos para a Humanidade, pouco importando a categoria social a que pertençam, e o verniz da civilização não os forra ao opróbrio e à ignomínia.

Oitava classe. ESPÍRITOS LEVIANOS. – São ignorantes, travessos, irrefletidos e zombeteiros. Metem-se em tudo, a tudo respondem, sem se incomodarem com a verdade. Gostam de causar pequenos desgostos e ligeiras alegrias, de aborrecer, de induzir maliciosamente em erro, por meio de mistificações e de

espertezas. A esta classe pertencem os Espíritos vulgarmente tratados de *duendes, trasgos, gnomos, diabretes*. Acham-se sob a dependência dos Espíritos superiores, que muitas vezes os empregam, como fazemos com os nossos servidores.

Mais que outros, parecem ligados à matéria e ser os principais agentes das vicissitudes dos elementos do globo, quer vivam no ar, na água, no fogo, nos corpos sólidos ou nas entranhas da Terra. Muitas vezes manifestam sua presença por efeitos sensíveis, tais como pancadas, movimento e deslocamento anormal de corpos sólidos, agitação do ar, etc., o que lhes valeu o nome de Espíritos batedores ou perturbadores. Reconhece-se que tais fenômenos não se devem a uma causa fortuita e natural quando têm um caráter intencional e inteligente. Todos os Espíritos podem produzir esses fenômenos, porém os Espíritos elevados em geral deixam essas atribuições aos inferiores, mais aptos às coisas materiais que às inteligentes.

Em suas comunicações com os homens, a linguagem de que se servem é, por vezes, espirituosa e faceta, mas quase sempre sem profundidade. Exploram as falhas e o lado ridículo dos homens e das coisas, comentando-os em traços mordazes e satíricos. Se tomam nomes supostos, é mais por malícia que por maldade.

Sétima Classe. ESPÍRITOS PSEUDO-SÁBIOS. – Dispõem de conhecimentos bastante amplos, porém crêem saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos sob diversos pontos de vista, a linguagem deles aparenta um cunho de seriedade, susceptível de iludir com respeito às suas capacidades e luzes. Mas, em geral, isso não passa de reflexo dos preconceitos e idéias sistemáticas que nutriam na vida terrena. É uma mistura de algumas verdades com os erros mais absurdos, através dos quais penetram a presunção, o orgulho, o ciúme e a obstinação, de que ainda não puderam despir-se.

Sexta Classe. ESPÍRITOS NEUTROS – Nem bastante bons para fazerem o bem, nem bastante maus para fazerem o mal.

Pendem tanto para um como para o outro e não ultrapassam a condição comum da Humanidade, quer no que concerne ao moral, quer no que toca à inteligência. Apegam-se às coisas deste mundo, de cujas grosseiras alegrias sentem saudades.

SEGUNDA ORDEM – ESPÍRITOS BONS

Características gerais. – Predominância do espírito sobre a matéria; desejo do bem. Suas qualidades e poderes para o bem estão em relação com o grau de adiantamento que hajam alcançado; uns têm ciência, outros a sabedoria e a bondade. Os mais adiantados aliam o saber às qualidades morais. Não estando ainda completamente desmaterializados, conservam mais ou menos, conforme a categoria que ocupem, os traços da existência corporal, assim na forma da linguagem, como nos hábitos, entre os quais se descobrem mesmo algumas de suas manias. De outro modo, seriam Espíritos perfeitos.

Compreendem Deus e o infinito e já gozam da felicidade dos bons. São felizes pelo bem que fazem e pelo mal que impedem. O amor que os une lhes é fonte de infável ventura, que não tem a perturbá-la nem a inveja, nem os remorsos, nem nenhuma das paixões más que constituem o tormento dos Espíritos imperfeitos. Todos, entretanto, ainda têm de passar por provas, até que atinjam a perfeição absoluta.

Como Espíritos, suscitam bons pensamentos, desviam os homens da senda do mal, protegem na vida os que se lhes mostram dignos de proteção e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos sobre aqueles a quem não é grato sofrê-la.

Quando encarnados, são bondosos e benevolentes com os semelhantes. Não os movem o orgulho, nem o egoísmo, ou a ambição. Não experimentam ódio, rancor, inveja ou ciúme e fazem o bem pelo bem.

A esta ordem pertencem os Espíritos designados, nas crenças vulgares, pelos nomes de *bons gênios*, *gênios protetores*, *Espíritos*

do bem. Em épocas de superstições e de ignorância, eles têm sido elevados à categoria de divindades benfazejas.

Podem, igualmente, ser divididos em quatro grupos principais:

Quinta classe. ESPÍRITOS BENÉVOLOS. – A bondade é neles a qualidade dominante. Apraz-lhes prestar serviço aos homens e protegê-los. Limitados, porém, são os seus conhecimentos. Não progredido mais no sentido moral do que no sentido intelectual.

Quarta classe. ESPÍRITOS DE CIÊNCIA – Distinguem-se especialmente pela amplitude de seus conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões morais, do que com as de natureza científica, para as quais têm maior aptidão. Entretanto, só encaram a Ciência do ponto de vista da sua utilidade e jamais dominados por quaisquer paixões próprias dos Espíritos imperfeitos.

Terceira classe. ESPÍRITOS DE SABEDORIA – As qualidades morais da ordem mais elevada são o que os caracteriza. Sem possuírem ilimitados conhecimentos, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes faculta juízo reto sobre os homens e as coisas.

Segunda classe. ESPÍRITOS SUPERIORES – Esses em si reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Da linguagem que empregam se exala sempre a benevolência; é uma linguagem invariavelmente digna, elevada e, muitas vezes, sublime. Sua superioridade os torna mais aptos do que os outros a nos darem as mais justas noções sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites do que é permitido ao homem saber. Comunicam-se de bom grado com os que procuram de boa-fé a verdade e cuja alma já está bastante despreendida das ligações terrenas para compreendê-la. Afastam-se, porém, daqueles a quem só a curiosidade impele, ou que, pela influência da matéria, são desviados da prática do bem.

Quando, por exceção, encarnam na Terra, é para cumprir missão de progresso e, então, nos oferecem o tipo da perfeição a que a Humanidade pode aspirar neste mundo.

PRIMEIRA ORDEM – ESPÍRITOS PUROS

Características gerais. – Nenhuma influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta, com relação aos Espíritos das outras ordens.

Primeira classe. Classe única. – Os Espíritos que a compõem percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é susceptível a criatura, não têm mais que sofrer provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus.

Gozam de inalterável felicidade, porque não se acham submetidos às necessidades, nem às vicissitudes da vida material. Essa felicidade, porém, não é a de *ociosidade monótona, a transcorrer em perpétua contemplação*. Eles são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para manutenção da harmonia universal. Comandam a todos os Espíritos que lhes são inferiores, auxiliam-nos na obra de seu aperfeiçoamento e lhes designam as suas missões. Assistir os homens nas suas aflições, concitá-los ao bem ou à expiação das faltas que os conservam distanciados da suprema felicidade, constitui para eles ocupação gratíssima. São designados às vezes pelos nomes de anjos, arcanjos ou serafins.

Podem os homens pôr-se em comunicação com eles, mas extremamente presunçoso seria aquele que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens.¹²

12 **N. do T.:** Classificação modificada mais tarde por Allan Kardec, quando do aparecimento da 2ª edição francesa (definitiva) de *O Livro dos Espíritos*, em 1860 – Vide Livro II, Cap. II, itens 101 a 113.

ESPÍRITOS ERRANTES OU ENCARNADOS

Quanto às suas qualidades íntimas, os Espíritos pertencem a diferentes ordens, que percorrem sucessivamente à medida que se depuram. Como *estado*, podem estar *encarnados*, isto é, unidos a um corpo num mundo qualquer; ou *errantes*, ou seja, despojados do corpo material e aguardando nova encarnação para se melhorarem.

Os Espíritos *errantes* não formam uma categoria especial; é um dos estados em que podem encontrar-se.

O estado *errante* ou de *erraticidade* não constitui inferioridade para os Espíritos, pois que nele os podemos encontrar de todos os graus. Todo Espírito que não está encarnado é, por isso mesmo, *errante*, à exceção dos *Espíritos puros* que, não tendo mais encarnação a sofrer, estão no seu estado definitivo.

Não sendo a encarnação senão um estado transitório, a *erraticidade* é, em verdade, o estado normal dos Espíritos e esse estado não lhes é, forçosamente, uma expiação. São felizes ou desventurados conforme seu grau de elevação e segundo o bem ou mal que hajam praticado.

O Fantasma da Senhorita Clairon¹³

Esta história fez muito alarido em seu tempo, pela posição da heroína e pelo grande número de pessoas que a testemunharam. Não obstante sua singularidade, estaria provavelmente esquecida se a senhorita Clairon não a tivesse

13 Nascida em 1723, a senhorita Clairon morreu em 1803. Estreou em uma companhia italiana aos 13 anos e na Comédia Francesa em 1743. Retirou-se do teatro em 1765, aos 42 anos de idade.

consignado em suas memórias, de onde extraímos o relato que vamos fazer. A analogia que apresenta com alguns fatos que se passam em nossos dias dá-lhe um lugar natural nesta coletânea.

Como se sabe, a senhorita Clairon era tão notável por sua beleza quanto por seu talento, quer como cantora, quer como atriz trágica. Havia inspirado a um jovem bretão, o Sr. de S..., uma dessas paixões que por vezes decidem uma vida, quando não se tem bastante força de caráter para triunfar. A senhorita Clairon respondeu somente com amizade; contudo, a assiduidade do Sr. de S... tornou-se de tal forma importuna que ela resolveu romper qualquer relação com ele. A mágoa que ele sentiu causou-lhe uma longa enfermidade, de que veio a morrer. Isto se passou em 1743. Mas deixemos falar a senhorita Clairon.

“Dois anos e meio havia decorrido entre o nosso conhecimento e a sua morte. Rogou-me lhe concedesse, em seus últimos instantes, a doçura de me ver ainda; minhas relações, porém, impediram-me de fazer essa visita. Morreu não tendo perto de si senão os criados e uma velha dama, única companhia que possuía desde muito tempo. Habitava, então, a muralha, perto de Chaussée-d’Antin, que começavam a construir; eu, à Rua de Bussy, perto da rua de Seine e da abadia Saint-Germain. Estava com minha mãe e vários amigos que vinham jantar comigo. Acabara de entoar belas canções pastorais que haviam encantado meus amigos quando, ao soarem onze horas, ouviu-se um grito muito agudo. Sua sombria modulação e sua longa duração espantaram todo o mundo; senti-me desfalecer e estive quase um quarto de hora desacordada...

“Todos de minha família, meus amigos, meus vizinhos, a própria polícia, ouviam o mesmo grito, sempre à mesma hora, partindo invariavelmente de sob as minhas janelas, parecendo sair vagamente do ar... Raramente eu jantava na cidade, mas, nos dias em que o fazia nada se ouvia; muitas vezes, quando me recolhia ao quarto, indagava à minha mãe e aos meus domésticos sobre alguma

novidade, e logo o grito partia do meio de nós. Uma vez o presidente de B..., com quem havia jantado, quis acompanhar-me para assegurar-se de que nada me ocorreria no caminho. Quando, à minha porta, me desejava boa-noite, o grito partiu de entre nós. Assim como toda Paris, ele sabia dessa história: entretanto, foi posto em sua carruagem mais morto que vivo.

“Outra vez, pedi ao meu camarada Rosely que me acompanhasse à Rua Saint-Honoré para escolher tecidos. O único assunto de nossa conversa foi meu fantasma (é assim que o chamavam). Cheio de espírito e em nada acreditando, esse rapaz, a despeito disso, ficara impressionado com a minha aventura; insistia para que eu evocasse o fantasma, prometendo-me que nele creria se me respondesse. Fosse por fraqueza ou por audácia, fiz o que ele pedia: o grito foi ouvido três vezes, terrível por seu estrépito e rapidez. Ao retornar, foi necessário o auxílio de todos da casa para tirar-nos da carruagem, onde estávamos desacordados. Depois dessa cena, fiquei alguns meses sem nada ouvir. Julgava-me livre para sempre, mas me enganava.

“Todos os espetáculos haviam sido transferidos para Versalhes, para o casamento do delfim. Tinham-me arranjado um quarto na Avenida Saint-Cloud, que eu ocupava com a Sra. Grandval. Às três horas da manhã eu lhe disse: Estamos no fim do mundo; seria muito difícil que o grito nos viesse surpreender aqui. Mal acabara de falar e o grito estalou! A Sra. Grandval acreditou que o inferno inteiro estava no quarto; usando camisola, correu a casa de alto a baixo, onde, aliás, ninguém pôde pregar os olhos durante a noite. Pelo menos foi a última vez que o ouvimos.

“Sete ou oito dias após, conversando com os membros de minhas relações pessoais, à badalada das onze horas seguiu-se um tiro de fuzil, dado em uma de minhas janelas. Todos ouvimos o tiro e vimos o fogo, contudo, a janela nenhum dano sofrera. Concluímos, todos, que queriam minha vida, que haviam errado o

alvo e que seria necessário tomar precauções com vistas ao futuro. O Sr. de Marville, então tenente de polícia, mandou visitar as casas em frente à minha; a rua encheu-se de toda sorte de espíões possíveis; porém, por mais cuidados que se tomassem, durante três meses inteiros e sempre à mesma hora o tiro foi visto e ouvido, na mesma vidraça, sem que ninguém jamais tenha podido saber de onde partira. Esse fato foi constatado nos registros da polícia.

“Acostumada ao meu fantasma, na verdade um pobre diabo que se prestava a pregar peças, não prestei atenção à hora. Como fizesse calor, abri a janela condenada e nos apoiamos, eu e o intendente, no balcão. Ao soar onze horas o tiro fez-se ouvir e ambos fomos lançados no meio do quarto, onde caímos feito mortos. Retornando a nós mesmos, sentindo que não tínhamos nada, examinando-nos e reconhecendo que havíamos recebido, ele na face esquerda e eu na direita, a mais terrível bofetada jamais aplicada, pusemo-nos a rir como dois loucos.

“Dois dias depois, convidada pela senhorita Dumesnil para uma festa à noite em sua casa, na Barrière Blanche, tomei um fiacre às onze horas com minha camareira. Fazia o mais esplêndido luar e fomos conduzidas por bulevares que começavam a encher-se de casas. Indaga minha camareira: Não foi aqui que morreu o Sr. de S...? – Segundo as informações que me deram, sim, respondi-lhe, apontando com o dedo uma das duas casas à nossa frente. De uma delas partiu o mesmo tiro de fuzil que me perseguia: atravessou nosso fiacre; o cocheiro dobrou a marcha, crendo-se atacado por ladrões. Chegamos à festa, mal refeitos do susto e, de minha parte, tomada por um terror que, confesso, guardei por muito tempo. Mas, com armas de fogo essa proeza foi a última.

“À explosão sucedeu um bater de palmas, com certo compasso e repetição. Esse ruído, ao qual a complacência do público me havia acostumado, não foi percebido por mim durante algum tempo, mas meus amigos o notaram. Temos espiado, disseram-me eles: é às onze horas, quase à vossa porta, que ele ocorre; ouvimos

mas não vemos ninguém; só pode ser a seqüência do que antes experimentastes. Como o ruído nada tinha de terrível, não lhe guardei o tempo de duração. Não mais prestei atenção aos sons melódiosos que depois se fizeram ouvir; parecia voz celeste a esboçar uma ária nobre e tocante, prestes a ser cantada; essa voz começava na encruzilhada de Bussy e acabava em minha porta; e, como ocorrera com todos os outros sons precedentes, ouvia-se mas nada se via. Finalmente, tudo cessou em pouco mais de dois anos e meio.”

Algum tempo depois, a senhorita Clairon obteve, por intermédio da dama idosa que tinha sido a amiga devotada do Sr. de S..., o relato de seus últimos momentos. “Ele contava todos os minutos quando, às dez e meia seu laçao veio dizer-lhe que a senhora, decididamente, não viria. Depois de um momento de silêncio, tomou-me a mão, em atitude de desespero que me apavorou. *Desalmada!... nada ganhará com isso; persegui-la-ei depois de morto, tanto quanto a persegui em vida!...* Quis tentar acalmá-lo, mas estava morto.”

Na edição que temos à vista esse relato é precedido da seguinte nota, sem assinatura:

“Eis uma anedota bem singular que, sem dúvida, induziu e induzirá as mais diversas opiniões. Ama-se o maravilhoso, mesmo sem nele crer: a senhorita Clairon parece convencida da realidade dos fatos que narra. Contentar-nos-emos em observar que ao tempo em que foi ou se supôs atormentada por seu fantasma, contava ela de vinte e dois e meio a vinte e cinco anos de idade; que é a idade da imaginação, e que nela essa faculdade era continuamente exercitada e exaltada pelo gênero de vida que levava, no teatro e fora dele. É preciso ainda lembrar que ela disse, no início de suas memórias, que, em sua infância, não se entretinha senão com aventuras de fantasmas e de feiticeiros, que lhe eram contadas como histórias verídicas.”

Conhecendo o assunto somente através do relato da senhorita Clairon, só podemos julgá-lo por indução. Eis o nosso

raciocínio: Esse fato, descrito em seus mínimos detalhes pela própria senhorita Clairon, tem mais autenticidade do que se tivesse sido narrado por terceiros. Acrescentemos que ao escrever a carta onde o fato está relatado, contava cerca de sessenta anos, já passada a idade da credulidade de que fala o autor da nota. Esse autor não põe em dúvida a boa-fé da senhorita Clairon a propósito de sua aventura, mas admite que ela tenha sido vítima de uma ilusão. Que o fosse uma vez, nada haveria de extraordinário; porém, que o tivesse sido durante dois anos e meio, já se nos afiguraria bem mais difícil, como mais difícil ainda é supor que essa ilusão houvesse sido compartilhada por tantas pessoas, testemunhas oculares e auriculares dos fatos, e pela própria polícia. Para nós, que conhecemos o que se passa nas manifestações espíritas, a aventura nada contém de surpreendente e a temos como *provável*. Nesta hipótese, não vacilamos em pensar que o autor de todos esses malefícios não seja outro senão a alma ou o Espírito do Sr. de S..., se, sobretudo, atentarmos para a coincidência de suas últimas palavras com a duração dos fenômenos. Havia ele dito: Persegui-la-ei depois de morto tanto quanto a persegui em vida. Ora, suas relações com a senhorita Clairon haviam durado dois anos e meio, ou seja, tanto tempo quanto o das manifestações que se seguiram à sua morte.

Algumas palavras ainda sobre a natureza desse Espírito. Não era mau, e é com razão que a senhorita Clairon o qualifica como um pobre diabo; mas também não se pode dizer que fosse a própria bondade. A paixão violenta, sob a qual sucumbiu como homem, prova que nele as idéias terrestres eram dominantes. Os traços profundos dessa paixão, que sobreviveu à destruição do corpo, provam que, como Espírito, ainda se achava sob a influência da matéria. Por mais inofensiva fosse sua vingança, denota sentimentos pouco elevados. Se, pois, quisermos reportar-nos ao nosso quadro da classificação dos Espíritos, não será difícil assinalar-lhe a classe; a ausência de maldade real naturalmente o afasta da última classe, a dos Espíritos impuros; mas, evidentemente, mantinha-se ligado a outras classes da mesma ordem; nada nele poderia justificar uma posição superior.

Uma coisa digna de nota é a sucessão dos diferentes modos pelos quais manifestava sua presença. Foi no mesmo dia e no momento exato de sua morte que ele se fez ouvir pela primeira vez, e isso em meio a um alegre jantar. Quando vivo, via a senhorita Clairon, pelo pensamento, envolvida por essa auréola que a imaginação empresta ao objeto de uma paixão ardente; mas, uma vez desembaraçada a alma de seu véu material, a ilusão cedeu à realidade. Lá está ele, a seu lado, e a vê cercada de *amigos*, tudo lhe excitando o ciúme; por sua jovialidade e encanto, ela parece insultar o seu desespero, que se traduz por um grito de raiva repetido todo dia à mesma hora, como se a censurasse por se haver recusado de o consolar em seus últimos momentos. Aos gritos se sucedem os tiros, inofensivos, é verdade, mas que no mínimo denotam uma raiva impotente e a intenção de perturbar seu repouso. Mais tarde, seu desespero toma um caráter mais sereno; retorna, sem dúvida, a idéias mais sadias, parecendo haver readquirido o domínio de si; restava-lhe a lembrança dos aplausos de que ela era objeto, e ele os repete. Finalmente, diz-lhe adeus por meio de sons que lembravam o eco dessa voz melodiosa que em vida tanto o fascinara.

Isolamento dos Corpos Pesados

O movimento imprimido aos corpos inertes pela vontade é hoje de tal forma conhecido que seria quase pueril relatar fatos desse gênero; já o mesmo não acontece quando o movimento se faz acompanhar de certos fenômenos menos vulgares, por exemplo, o de sua suspensão no espaço. Embora os anais do Espiritismo cite numerosos exemplos, esse fenômeno apresenta uma tal derrogação das leis da gravidade que a dúvida parece muito natural a quem quer que os tenha testemunhado. Nós mesmos, confessamos, por mais habituados que estejamos às coisas extraordinárias, ficamos bem contentes em constatar-lhe a realidade. O fato que vamos narrar repetiu-se várias vezes sob nossos olhos, nas reuniões que outrora

aconteciam na casa do Sr. B***, na Rua Lamartine, e sabemos que se produziu inúmeras vezes em outros lugares. Podemos, pois, atestá-lo como incontestável. Eis como as coisas se passavam:

Oito ou dez pessoas, entre as quais algumas dotadas de um poder especial, embora não fossem reconhecidas como médiuns, sentavam-se em torno de uma pesada e maciça mesa de jantar, com as mãos às suas bordas e unidas, todas, pela intenção e pela vontade. Ao fim de um tempo mais ou menos longo, dez minutos ou um quarto de hora, conforme fossem as disposições ambientes mais ou menos favoráveis, a mesa se punha em movimento, a despeito de seu peso de quase cem quilos; deslizava para a direita ou para a esquerda no assoalho; dirigia-se para diversas partes do salão que fossem designadas; levantava-se depois, ora num pé, ora noutro, até formar um ângulo de 45°; e balançava com rapidez, imitando o movimento de baloiço do navio. Se, em tal posição, os assistentes redobrassem os esforços por sua vontade, a mesa se levantaria completamente do solo, a dez ou vinte centímetros de altura, sustentando-se, dessa forma, no espaço sem qualquer ponto de apoio, durante alguns segundos, para cair em seguida com todo o seu peso.

O movimento da mesa, seu levantamento sobre um pé e seu baloiço produziam-se mais ou menos à vontade, várias vezes durante a reunião, e também por diversas vezes sem nenhum contato das mãos; bastava somente a vontade para que a mesa se dirigisse ao lado indicado. O isolamento completo era mais difícil de obter, sendo repetido amiúde, a fim de não ser visto como um fato excepcional. Ora, isso não se passava apenas na presença dos adeptos, que se poderia crer muito acessíveis à ilusão, mas diante de vinte ou trinta pessoas, entre as quais se achavam algumas muito pouco simpáticas, que não deixariam de levantar a suspeita de alguma artimanha secreta, sem consideração para com o dono da casa, cujo caráter honrado deveria afastar todo pensamento de fraude e para quem, aliás, teria sido um prazer muito singular passar algumas horas por semana a mistificar uma assembléia, sem qualquer proveito.

Narramos o fato em toda a sua simplicidade, sem restrição nem exagero. Não diremos, no entanto, que vimos a mesa adejar no espaço qual se fora uma pluma; porém, mesmo como as coisas se passaram, o fato não demonstra menos a possibilidade do isolamento dos corpos pesados sem ponto de apoio, por meio de uma força até agora desconhecida. Também não diremos que bastava estender a mão ou fazer um sinal qualquer para que, no mesmo instante, a mesa se movesse e se elevasse como por encanto.

Ao contrário, diremos, a bem da verdade, que os primeiros movimentos se verificaram sempre com certa lentidão, não adquirindo senão gradualmente sua máxima intensidade. O levantamento completo só ocorreu após vários movimentos preparatórios, que eram como que ensaios para uma espécie de arremesso. A força atuante parecia redobrar de esforços para encorajar os assistentes, como um homem ou um cavalo que realiza uma pesada tarefa e que é excitado por gestos e palavras. Uma vez produzido o efeito, tudo retornava à calma e, por alguns instantes, nada se obtinha, como se aquela mesma força tivesse necessidade de retomar o fôlego.

Muitas vezes teremos ocasião de citar fenômenos desse gênero, sejam espontâneos ou provocados, e realizados em proporções e circunstâncias bem mais extraordinárias; porém, quando tivermos sido testemunha, relatá-lo-emos sempre de maneira a evitar qualquer interpretação falsa ou exagerada. Se no fato relatado acima nos tivéssemos contentado em dizer que vimos uma mesa de cem quilos elevar-se do solo pelo simples contato das mãos, ninguém duvide que muitas pessoas pensariam que a mesa havia subido até o teto, e com a rapidez de um piscar de olhos. É assim que as coisas mais simples se tornam prodígios pelas proporções que lhes empresta a imaginação. O que não haverá de acontecer quando os fatos atravessarem os séculos e passarem pela boca dos poetas! Se se dissesse que a superstição é filha da realidade, ter-se-ia avançado num paradoxo e, todavia, nada é mais verdadeiro; não há superstição que não repouse sobre um fundo real; tudo está

em discernir onde termina uma e começa a outra. O verdadeiro meio de combater as superstições não é contestá-las de maneira absoluta; no espírito de certas pessoas há idéias que não se desenraízam tão facilmente, porque sempre há fatos a citar em apoio de sua opinião; ao contrário, é preciso mostrar o que há de real; então, só restará o exagero ridículo, ao qual o bom-senso fará justiça.

A Floresta de Dodona e a Estátua de Memnon

Para chegar à floresta de Dodona passamos pela Rua Lamartine e paramos um instante na casa do Sr. B***, onde vimos um móvel submisso propor-nos um novo problema de estática.

Os assistentes, em qualquer número, colocam-se em torno da mesa em questão, numa ordem também qualquer, pois não há, ali, nem números nem lugares cabalísticos; apóiam as mãos sobre a beirada; mentalmente, ou em voz alta, apelam aos Espíritos que têm o hábito de levar em conta o seu convite. Sendo conhecida nossa opinião sobre esse gênero de Espíritos, nós os tratamos um tanto sem-cerimônia. Apenas são decorridos quatro ou cinco minutos quando um ruído claro de *toc, toc* se faz ouvir na mesa, por vezes bastante forte para ser percebido na sala vizinha, repetindo-se tanto tempo e tantas vezes quanto se deseje. A vibração é sentida nos dedos e, ao aplicar-se o ouvido à mesa, reconhece-se, sem qualquer equívoco, que o ruído se origina na própria substância da madeira, visto vibrar a mesa inteira, dos pés ao tampo.

Qual a causa desse ruído? É a madeira que opera ou, como se costuma dizer, um Espírito? Afastemos, inicialmente, qualquer idéia de fraude; encontramos-nos em casa de pessoas muito sérias, e de muito boa companhia para se divertirem à custa daqueles que recebem de bom grado; aliás, essa casa não é de modo algum privilegiada; fatos idênticos se produzem em cem outras, igualmente

distintas. Seja-nos permitido uma pequena digressão, enquanto aguardamos a resposta.

Um jovem bacharelado estava em seu quarto, ocupado em recordar suas lições de retórica; batem à porta. Imagino que se possa distinguir a natureza do ruído e, sobretudo por sua repetição, se é causado por um estalido da madeira, pela agitação do vento ou outra causa fortuita qualquer, ou se é alguém que bate, querendo entrar. Neste último caso o ruído tem um caráter intencional que não pode ser posto em dúvida; é o que pensa nosso estudante. Entretanto, para não se incomodar inutilmente, quis assegurar-se disso, pondo à prova o visitante. Se é alguém – diz – batei uma, duas, três, quatro, cinco, seis vezes; batei no alto, em baixo, à direita, à esquerda; batei o compasso, batei o toque de chamada militar, etc. ; e a cada um desses pedidos o ruído obedece com a mais perfeita pontualidade. Seguramente, pensa ele, não pode ser o estalido da madeira, nem o vento, nem mesmo um gato, por mais inteligente que se o suponha. Eis um fato; vejamos a que conseqüências nos conduzirão os argumentos silogísticos. Raciocina, então, da seguinte forma: Ouço um ruído; logo, é alguma coisa que o produz. Esse ruído obedece ao meu comando; portanto, a causa que o produz me compreende. Ora, o que compreende tem inteligência, portanto a causa desse barulho é inteligente. Se é inteligente, não é a madeira, nem o vento; se não é nem um, nem outro, é alguém. Então foi abrir a porta. Vê-se que não é preciso ser doutor para chegar a essa conclusão e julgamos nosso aprendiz de bacharel bastante aferrado aos seus princípios para deduzir o seguinte: Suponhamos que, ao abrir a porta, não encontre ninguém e o ruído continue exatamente da mesma maneira. Ele prosseguirá o seu raciocínio: “Acabo de provar a mim mesmo, sem contestação, que o ruído é produzido por um ser inteligente, visto responder ao meu pensamento. Ouço sempre esse ruído diante de mim e é certo que não sou eu quem bate; é, pois, um outro; ora, se não vejo esse outro, é porque é invisível. Os seres corporais que pertencem à Humanidade são perfeitamente visíveis; sendo invisível o que bate, não é um ser

corporal humano. À vista disso, desde que chamamos de Espíritos os seres incorpóreos, e não sendo corpóreo o ser que bate, há, pois, de ser um Espírito.”

Julgamos perfeitamente lógicas as conclusões de nosso estudante; apenas aquilo que demos como suposição é uma realidade, no que concerne às experiências feitas na casa do Sr. B***. Acrescentaremos que era desnecessária a imposição das mãos e que todos os fenômenos se produziram igualmente bem, ainda que a mesa estivesse livre de qualquer contato. Assim, conforme o desejo expresso, os golpes faziam-se ouvir na mesa, na parede, na porta e em outros lugares, designados verbal ou mentalmente; indicavam a hora, o número de pessoas presentes; batiam o avanço, o toque de chamada militar, o ritmo de uma ária conhecida; imitavam o trabalho do taneiro, o rangido da serra, o eco, as rajadas de tiros isolados ou de pelotões, e muitos outros efeitos que seria cansativo descrever. Foi-nos dito terem ouvido imitar, em certo círculo, o sibilar do vento, o sussurro das folhas, o ribombar do trovão, o marulho das vagas, o que nada tem de surpreendente. A inteligência da causa tornava-se patente quando, por meio desses golpes, eram obtidas respostas categóricas a determinadas questões; ora, é a essa causa inteligente que chamamos ou, melhor dizendo, que chamou a si mesma *Espírito*. Quando esse Espírito queria dar uma comunicação mais desenvolvida, indicava, por meio de um sinal particular, que desejava escrever; então, o médium escrevente tomava o lápis e transmitia por escrito o seu pensamento.

Entre os assistentes, não falando dos que estavam em volta da mesa, mas de todas as pessoas que enchem o salão, havia incrédulos autênticos, semicrentes e adeptos fervorosos, mistura pouco favorável como se sabe. Deixaremos os primeiros à vontade, esperando que a luz se faça para eles. Respeitamos todas as crenças, mesmo a incredulidade, que também é uma espécie de crença, quando se preza bastante para não chocar as opiniões contrárias. Não diremos, portanto, que não possam brindar-nos com

observações úteis. Seu raciocínio, muito menos prolixo que o do nosso estudante, resume-se geralmente assim: Não creio nos Espíritos, portanto, não podem ser Espíritos. Visto que não são Espíritos, deve ser um truque. Essa conclusão os leva naturalmente a supor que a mesa seria dotada de um maquinismo qualquer, à maneira de Robert Houdin. Nossa resposta é muito simples: primeiro seria necessário que todas as mesas e todos os móveis fossem dotados de tal maquinismo, pois que não os há privilegiados; segundo, desconhecemos artifício assaz engenhoso que produza, *à vontade*, todos os efeitos que acabamos de descrever; terceiro, seria preciso que o Sr. B*** aparelhasse as paredes e portas de seu apartamento com o mesmo maquinismo, o que é pouco provável; e em quarto lugar, enfim, teria sido necessário que as mesas, as portas e as paredes de todas as casas onde tais fenômenos se produzem diariamente fossem igualmente dotadas de maquinismo semelhante, o que também não seria de presumir-se, porque, então, se conheceria o hábil construtor de tantas maravilhas.

Os semicrentes admitem todos os fenômenos, mas estão indecisos quanto à sua causa. Nós os mandamos de volta aos argumentos do nosso futuro bacharel.

Os crentes apresentam três matizes bem característicos: os que nas experiências não vêem mais que uma diversão e um passatempo, e cuja admiração se traduz por estas palavras ou seus análogos: É espantoso! É singular! É bem engraçado! Mas não vão além disto. Em seguida vêm as pessoas sérias, instruídas, observadoras, a quem nenhum detalhe escapa e para as quais as menores coisas constituem objeto de estudo. Finalmente, vêm os ultracrentes, se assim nos podemos exprimir ou, melhor dizendo, os crentes cegos, os que se pode censurar pelo excesso de credulidade, cuja fé, não suficientemente esclarecida, dá-lhes uma tal confiança nos Espíritos a ponto de lhes emprestarem todos os conhecimentos, a *presciência*, sobretudo. Assim, é com a melhor boa-fé do mundo que fazem perguntas sobre todos os assuntos, sem lhes passar pela

mente que teriam obtido as mesmas respostas de uma cartomante a quem pagassem algumas moedas. Para eles, a mesa falante não é matéria de estudo ou de observação: é um *oráculo*. Contra ela há apenas a forma trivial e os seus usos muito vulgares, porém, se a madeira de que é feita, em vez de ser aparelhada para as necessidades domésticas, estivesse de pé, teríeis uma *árvore falante*; fosse nela esculpida uma estátua e teríeis um *ídolo*, ante o qual viriam prostrar-se as pessoas crédulas.

Agora, transponhamos os mares e vinte e cinco séculos atrás, e nos transportemos ao pé do monte Taurus, em Epiro; aí encontraremos a floresta sagrada, cujos carvalhos proferiam oráculos; acrescentai a isso o prestígio do culto e a pompa das cerimônias religiosas e facilmente se explicará a veneração de um povo ignorante e crédulo, incapaz de perceber a realidade através de tantos meios de fascinação.

A madeira não é a única substância que pode servir de *veículo* à manifestação dos Espíritos batedores. Vimo-la produzir-se numa parede e, por conseqüência, na pedra. Temos, pois, desse modo, as *pedras falantes*. Representem essas pedras uma personagem sagrada e teremos a estátua de Memnon ou a de Júpiter Ammon, proferindo oráculos como as árvores de Dodona.

É verdade que a história não nos diz que esses oráculos eram proferidos por pancadas, como vemos em nossos dias. Na floresta de Dodona resultavam do sibilar do vento através das árvores, do sussurro das folhas ou do murmúrio da fonte que jorra ao pé do carvalho consagrado a Júpiter. Diz-se que a estátua de Memnon emitia sons melódicos aos primeiros raios do sol. Mas também a História nos diz, como teremos ocasião de demonstrar, que os Antigos conheciam perfeitamente os fenômenos atribuídos aos Espíritos batedores. Ninguém duvida de que nisso repouse o princípio de sua crença na existência de seres animados nas árvores, nas pedras, nas águas, etc. Mas, desde que tal gênero de manifestação foi explorado,

as batidas já não eram suficientes; os visitantes eram muito numerosos para que a cada um se pudesse oferecer uma seção particular, o que teria sido, aliás, muito simples; era preciso o prestígio e, contanto que enriquecessem o templo com suas oferendas, tais despesas deviam ser providas. O essencial era que o objeto fosse olhado como sagrado e habitado por uma divindade; desde então, podia-se fazê-lo dizer aquilo que se quisesse, sem se precisar tomar tantas precauções.

Diz-se que os sacerdotes de Memnon usavam de fraude; a estátua era oca e os sons que emitia eram produzidos por algum processo acústico. Isso é possível e mesmo provável. Até os Espíritos batedores, que em geral são menos escrupulosos do que os outros, nem sempre estão, como nos disseram, à disposição do primeiro que chegar: têm sua vontade, suas ocupações, suas susceptibilidades e nenhum gosta de ser explorado pela cupidez. Que descrédito para os sacerdotes se não fizessem falar o seu ídolo de modo convincente! Seria preciso suprir seu silêncio e, se necessário, forçar uma ajuda. Aliás, era muito mais cômodo do que se dar a tanto trabalho, bastando formular a resposta conforme as circunstâncias. O que vemos hoje em dia não é prova menos evidente de que, a despeito disto, tinham por princípio o conhecimento das manifestações espíritas, razão por que dissemos que o Espiritismo moderno é o despertar da Antigüidade, porém da Antigüidade esclarecida pelas luzes da civilização e da realidade.

A Avareza

DISSERTAÇÃO MORAL DITADA POR SÃO LUÍS À SENHORITA

ERMANCE DUFAUX

6 de janeiro de 1858

1

Tu, que possuis, escuta-me. Certo dia, dois filhos de um mesmo pai receberam, cada um, o seu alqueire de trigo. O mais

velho guardou o seu num lugar oculto; o outro encontrou no caminho um pobre a pedir esmolas; dirigindo-se a ele, despejou no seu manto metade do trigo que lhe coubera; depois, seguiu caminho e foi semear o resto no campo paterno.

Ora, por esse tempo veio uma grande fome, as aves do céu morriam à beira dos caminhos. O irmão mais velho correu ao seu esconderijo, ali não encontrando senão poeira; o caçula, tristemente, ia contemplar o trigo que havia secado no pé, quando depara com o pobre que havia assistido. – Irmão, disse-lhe o mendigo, eu ia morrer e tu me socorreste; agora que a esperança secou em teu coração, segue-me. Teu meio alqueire quintuplicou em minhas mãos; aplacarei tua fome e viverás em abundância.

2

Escuta-me, avaro! Conheces a felicidade? Sim, não é? Teus olhos brilham com um sombrio esplendor, nas órbitas que a avariza cavou mais profundamente; teus lábios se cerram; tuas narinas estremeçam e teus ouvidos se apuram. Sim, ouço: é o tilintar do ouro que tua mão acaricia, ao se derramar no teu esconderijo. Dizes: É a suprema volúpia. Silêncio: vem gente! Fecha depressa! Oh! como estás pálido! todo o teu corpo estremece. Tranqüiliza-te; os passos se afastam. Abre: olha, ainda teu ouro. Abre; não tremas mais; estás sozinho. Ouves? não é nada; é o vento que geme a passar pelas frestas. Olha; quanto ouro! mergulha as mãos: faze soar o metal; tu és feliz.

Feliz, tu! mas a noite não te dá repouso e teu sono é atormentado por fantasmas.

Tens frio! aproxima-te da lareira; aquece-te junto a esse fogo que crepita tão alegremente. Cai a neve; o viajor friorento envolve-se em seu manto e o pobre tiritia sob seus andrajos. A chama da lareira diminui; atira mais lenha. Não; pára! É o teu ouro que consomes com essa madeira; é o teu ouro que queima.

Tens fome! olha, toma; sacia-te; tudo isso é teu, pagaste com o teu ouro. Com o teu ouro! esta abundância te revolta; esse supérfluo é necessário para sustentar a vida? não, esse pedaço de pão será bastante; ainda é muito. Tuas roupas caem em frangalhos; tua casa se fende e ameaça ruir; sofres frio e fome, mas, que importa! tens ouro!

Infeliz! a morte vai separar-te do ouro. Deixá-lo-á à beira do túmulo, como a poeira que o viajor sacode à soleira da porta, onde a família bem-amada o espera para festejar o seu regresso.

Teu sangue congelou-se em tuas veias, enfraquecido e envelhecido por tua voluntária miséria. Ávidos, os herdeiros atiram teu corpo num canto qualquer do cemitério; eis-te face a face com a eternidade. Miserável! Que fizeste do ouro que te foi confiado para aliviar o pobre? Ouves estas blasfêmias? vêes estas lágrimas? este sangue? São as blasfêmias do sofrimento que terias podido acalmar; as lágrimas que fizeste correr; o sangue que derramaste. Tens horror de ti; desejarias fugir e não podes. Tu sofres, condenado! e te contorces em teu sofrimento! Sofre! nada de piedade para ti. Não usaste de misericórdia para com o teu irmão infeliz; quem a teria por ti? sofre! sofre! teu suplício não terá fim. Para te punir, quer Deus que assim o CREIAS.

Observação – Escutando o fim dessas eloqüentes e poéticas palavras, estávamos surpreendidos por ouvir São Luís falar da eternidade dos sofrimentos, enquanto todos os Espíritos superiores são concordes em combater tal crença, quando estas últimas palavras: *Para te punir, quer Deus que assim o CREIAS*, vieram tudo explicar. Nós as reproduzimos nos caracteres gerais dos Espíritos da terceira ordem. De fato, quanto mais imperfeitos os Espíritos, mais restritas e circunscritas são suas idéias; para eles o futuro está vago; não o compreendem. Sofrem; seus sofrimentos são longos e, para quem sofre por muito tempo, é sofrer sempre. Por si mesmo, esse pensamento já é um castigo.

No próximo artigo citaremos fatos de manifestações que poderão esclarecer-nos sobre a natureza dos sofrimentos de além-túmulo.

Conversas de Além-Túmulo

SENHORITA CLARY D... – EVOCAÇÃO

Nota: A senhorita Clary D..., interessante mocinha, morta em 1850, aos 13 anos de idade, desde então ficou como o gênio da família, onde é evocada com freqüência e à qual deu um grande número de comunicações do mais alto interesse. A conversa que relataremos a seguir ocorreu entre nós no dia 12 de janeiro de 1857, por intermédio de seu irmão, médium.

1. Tendes uma lembrança precisa de vossa existência corporal?

Resp. – O Espírito vê o presente, o passado e um pouco do futuro, conforme sua perfeição e sua proximidade de Deus.

2. Essa condição de perfeição é relativa apenas ao futuro, ou se refere igualmente ao presente e ao passado?

Resp. – O Espírito vê o futuro mais claramente à medida que se aproxima de Deus. Depois da morte a alma vê e abarca de relance todas as suas passadas *migrações*, mas não pode ver o que Deus lhe prepara; para isso, é preciso que esteja inteiramente em Deus, *desde muitas existências*.

3. Sabeis em que época reencarnareis?

Resp. – Em 10 ou 100 anos.

4. Será na Terra ou em outro mundo?

Resp. – Num outro.

5. Em relação à Terra, o mundo para onde ireis terá condições melhores, iguais ou inferiores?

Resp. – Muito melhores que as da Terra; lá se é feliz.

6. Visto que estais aqui entre nós, ocupais um lugar determinado; qual é?

Resp. – Estou com aparência etérea; posso dizer que meu Espírito, propriamente dito, estende-se muito mais longe; vejo muitas coisas e me transporto para bem longe daqui com a rapidez do pensamento; minha aparência está à direita de meu irmão e guia-lhe o braço.

7. O corpo etéreo de que estais revestida vos permite experimentar sensações físicas, como o calor e o frio, por exemplo?

Resp. – Quando me lembro muito de meu corpo, sinto uma espécie de impressão, como quando se tira um manto e se fica com a sensação de ainda estar com ele por algum tempo.

8. Acabais de dizer que podeis transportar-vos com a rapidez do pensamento; o pensamento não é a própria alma que se desprende de seu envoltório?

Resp. – Sim.

9. Quando vosso pensamento se transporta para algum lugar, como se dá a separação de vossa alma?

Resp. – A aparência se desvanece; o pensamento segue sozinho.

10. É, pois, uma faculdade que se destaca; onde fica o ser restante?

Resp. – A forma não é o ser.

11. Mas, como age esse pensamento? Não agirá sempre por intermédio da matéria?

Resp. – Não.

12. Quando vossa faculdade de pensar se destaca, não agis, então, por intermédio da matéria?

Resp. – A sombra se dissipa; reproduz-se onde o pensamento a guia.

13. Visto que só tínheis 13 anos quando morrestes, como se explica que podeis nos dar, sobre perguntas tão abstratas, respostas que estão fora do alcance de uma criança de vossa idade?

Resp. – Minha alma é tão antiga!

14. Podeis citar-nos, entre vossas existências anteriores, uma das que mais elevaram os vossos conhecimentos?

Resp. – Estive no corpo de um homem, que tornei virtuoso; após sua morte estive no corpo de uma menina cujo semblante retratava a própria alma; Deus me recompensa.

15. A nós poderia ser concedido vos ver aqui, tal qual estais atualmente?

Resp. – A vós poderia.

16. Como o poderíamos? Depende de nós, de vós ou de pessoas mais íntimas?

Resp. – De vós.

17. Que condições deveríamos satisfazer para isso?

Resp. – Recolher-vos algum tempo, com fé e fervor; serdes menos numerosos, isolar-vos um pouco e providenciardes um médium do gênero de Home.

Sr. Home

Os fenômenos realizados pelo Sr. Home produziram tanta sensação como vieram confirmar os maravilhosos relatos chegados de além-mar, a cuja veracidade se ligava uma certa desconfiança. Mostrou-nos ele que, deixando de lado a mais larga margem possível devido ao exagero, ainda ficava bastante para

atestar a realidade de fatos que se cumpriam fora de todas as leis conhecidas.

Tem-se falado do Sr. Home, e de várias maneiras; confessamos que seria exigir demais que todo o mundo lhe fosse simpático, uns por espírito de sistema, outros por ignorância. Queremos até admitir, nestes últimos, uma opinião conscienciosa, visto que por si mesmos não puderam constatar os fatos; mas se, em tal caso, é permitida a dúvida, uma hostilidade sistemática e apaixonada é sempre inconveniente. Em toda relação de causa, julgar o que não se conhece é falta de lógica, e difamar sem provas é esquecer as conveniências. Por um instante, façamos abstração da intervenção dos Espíritos e não vejamos, nos fatos relatados, senão simples fenômenos físicos; quanto mais estranhos forem, mais atenção merecem. Explicai-os como quiserdes, mas não os contesteis *a priori*, se não quiserdes que ponham em dúvida o vosso julgamento. O que deve espantar, o que nos parece ainda mais anormal que os próprios fenômenos em questão, é ver esses mesmos que deblateram, sem cessar, contra a oposição de certos núcleos acadêmicos, em relação às idéias novas que continuamente lhes são lançadas na face – e isso em termos pouco comedidos – os dissabores experimentados pelos autores das mais importantes descobertas, como Fulton, Jenner e Galileu, que citam a todo momento, eles mesmos caírem em erro semelhante, logo eles que dizem, e com razão, que até poucos anos atrás teria passado por insensato quem houvesse falado em corresponder-se de um extremo a outro da Terra em alguns segundos. Se acreditam no progresso, do qual se dizem apóstolos, que sejam, pois, coerentes consigo mesmos e não atraiam para si a censura que dirigem aos outros, negando o que não compreendem.

Voltemos ao Sr. Home. Chegado a Paris no mês de outubro de 1855, achou-se, desde o início, lançado no mundo mais elevado, circunstância que deveria ter imposto mais circunspeção no julgamento que lhe fazem, porque, quanto mais elevado e

esclarecido é esse mundo, menor é a suspeita de se deixar benevolmente enganar por um aventureiro. Essa mesma posição suscitou comentários. Pergunta-se quem é o Sr. Home. Para viver neste mundo, para fazer viagens dispendiosas, diz-se, é necessário ter fortuna. Se não a tem, deve ser sustentado por pessoa poderosa. Sobre esse tema levantou-se um sem-número de suposições, cada qual mais ridícula. O que não se disse de sua irmã, que ele foi buscar há cerca de um ano! Comentava-se que era um médium mais poderoso que ele; que ambos deviam realizar prodígios de fazer empalidecer os de Moisés. Várias vezes nos dirigiram perguntas a esse respeito; eis a nossa resposta.

Vindo à França, o Sr. Home não se dirigiu ao público; ele não gosta e nem procura a publicidade. Se tivesse vindo com propósitos especulativos, teria corrido o país, lançando mão da propaganda em seu auxílio; teria procurado todas as ocasiões de se promover, enquanto as evita; teria estabelecido um preço às suas manifestações, contudo, nada pede a ninguém. Malgrado a sua reputação, o Sr. Home não é, pois, de forma alguma, o que se pode chamar de um homem do mundo; sua vida privada pertence-lhe exclusivamente. Desde que nada pede, ninguém tem o direito de indagar como vive, sem cometer uma indiscrição. É mantido por pessoas poderosas? Isso não nos diz respeito; tudo quanto podemos dizer é que, nesta sociedade de escol ele conquistou amizades reais e fez amigos devotados, ao passo que, com um prestidigitador, a gente paga, diverte-se e ponto final. Não vemos, pois, no Sr. Home, mais que uma coisa: um homem dotado de uma faculdade notável. O estudo dessa faculdade é tudo quanto nos interessa e tudo quanto deve interessar a quem quer que não seja movido apenas pela curiosidade. Sobre ele a História ainda não abriu o livro de seus segredos; até lá ele pertence à Ciência. Quanto à sua irmã, eis a verdade: É uma menina de onze anos, que ele trouxe a Paris para sua educação, de que está encarregada ilustre pessoa. Sabe apenas em que consiste a faculdade do irmão. É bem simples, como se vê, bem prosaico para os amantes do maravilhoso.

Agora, por que o Sr. Home teria vindo à França? Certamente não foi para procurar fortuna, como acabamos de provar. Para conhecer o país? Mas ele não o percorre; pouco sai e não tem absolutamente hábitos de turista. O motivo patente é o conselho dos médicos, que acreditam ser o ar da Europa necessário à sua saúde, mas os fatos mais naturais são por vezes providenciais. Pensamos, pois, que, se veio aqui é porque deveria vir. A França, ainda em dúvida no que diz respeito às manifestações espíritas, necessitava que lhe fosse aplicado um grande golpe; foi o Sr. Home que recebeu essa missão e, quanto mais alto foi o golpe, maior a sua repercussão. A posição, o crédito, as luzes dos que o acolheram e que foram convencidos pela evidência dos fatos, abalaram as convicções de uma multidão de pessoas, mesmo entre aquelas que não puderam ser testemunhas oculares. A presença do Sr. Home terá sido, portanto, um poderoso auxiliar para a propagação das idéias espíritas; se não convenceu a todos, lançou sementes que frutificarão tanto mais quanto mais se multiplicarem os próprios médiuns. Como dissemos alhures, essa faculdade não constitui um privilégio exclusivo; existe em estado latente e em diversos graus entre muita gente, não aguardando senão uma ocasião para desenvolver-se; o princípio está em nós, por efeito mesmo da nossa organização; está na Natureza; dele todos temos o germe, não estando longe o dia em que veremos os médiuns surgirem em todos os pontos, em nosso meio, em nossas famílias, entre os pobres como entre os ricos, a fim de que a verdade seja de todos conhecida, pois, segundo nos anunciaram, trata-se de uma nova era, de uma nova fase que começa para a Humanidade. A evidência e a vulgarização dos fenômenos espíritas imprimirão novo curso às idéias morais, como o fez o vapor em relação à indústria.

Se a vida privada do Sr. Home deve estar fechada às investigações de uma indiscreta curiosidade, há certos detalhes que podem, com toda razão, interessar ao público, e que são de utilidade para a apreciação dos fatos.

O Sr. Daniel Dunglas Home nasceu perto de Edimburgo no dia 15 de março de 1833. Tem, pois, hoje 24 anos. Descende de antiga e nobre família dos Dunglas da Escócia, outrora soberana. É um rapaz de estatura mediana, louro, cuja fisionomia melancólica nada tem de excêntrica; é de compleição muito delicada, de maneiras simples e suaves, de caráter afável e benevolente, sobre o qual o contato com os poderosos não lançou arrogância nem ostentação. Dotado de excessiva modéstia, jamais faz alarde de sua maravilhosa faculdade, nunca fala de si mesmo e se, numa expansão de intimidade, conta coisas pessoais, é com simplicidade que o faz e jamais com a ênfase própria das pessoas com as quais a malevolência procura compará-lo. Diversos fatos íntimos, de nosso conhecimento pessoal, provam seus sentimentos nobres e uma grande elevação de alma; nós o constatamos com tanto maior prazer quanto se conhece a influência das disposições morais sobre a natureza das manifestações.

Os fenômenos dos quais o Sr. Home é instrumento involuntário por vezes têm sido contados por amigos muito zelosos com um entusiasmo exagerado, do qual se apoderou a malevolência. Tais como são, não necessitam de amplificação, mais nociva do que útil à causa. Sendo nosso fim o estudo sério de tudo quanto se liga à ciência espírita, fechar-nos-emos na estrita realidade dos fatos por nós mesmos constatados ou por testemunhas oculares mais dignas de fé. Podemos, assim, comentá-los com a certeza de não estar raciocinando sobre coisas fantásticas.

O Sr. Home é um médium do gênero dos que produzem manifestações ostensivas, sem, por isso, excluir as comunicações inteligentes; contudo, as suas predisposições naturais lhe dão para as primeiras uma aptidão mais especial. Sob sua influência, ouvem-se os mais estranhos ruídos, o ar se agita, os corpos sólidos se movem, levantam-se, transportam-se de um lugar a outro no espaço, instrumentos de música produzem sons melodiosos, seres do mundo extracorpóreo aparecem, falam, escrevem e, freqüentemente, vos

abraçam até causar dor. Na presença de testemunhas oculares, muitas vezes ele mesmo se viu elevado no ar, sem qualquer apoio e a vários metros de altura.

Do que nos foi ensinado sobre a classe de Espíritos que em geral produzem esses tipos de manifestações, não se deve concluir que o Sr. Home esteja em contato somente com a classe ínfima do mundo espírita. Seu caráter, bem como as qualidades morais que o distinguem, devem, ao contrário, granjear-lhe a simpatia dos Espíritos superiores; para estes últimos, ele não passa de um instrumento destinado a abrir os olhos dos cegos de maneira enérgica, sem que, para isso, seja privado das comunicações de ordem mais elevada. É uma missão que aceitou, missão que não está isenta de tribulações nem de perigos, mas que cumpre com resignação e perseverança, sob a égide do Espírito de sua mãe, seu verdadeiro anjo-da-guarda.

A causa das manifestações do Sr. Home lhe é inata; sua alma, que parece prender-se ao corpo somente por fracos liames, tem mais afinidade com o mundo dos Espíritos que com o mundo corpóreo; eis por que se desprende sem esforços, entrando mais facilmente que os outros em comunicação com os seres invisíveis. Essa faculdade se lhe revelou desde a mais tenra infância. Com a idade de seis meses, seu berço se balançava sozinho, na ausência da ama de leite, e mudava de lugar. Em seus primeiros anos ele era tão débil que mal podia se sustentar; sentado sobre um tapete, os brinquedos que não podia alcançar deslocavam-se por si mesmos e vinham pôr-se ao alcance de suas mãos. Aos três anos teve suas primeiras visões, não lhes conservando, porém, a lembrança. Tinha nove anos quando sua família fixou-se nos Estados Unidos; ali, os mesmos fenômenos continuaram com intensidade crescente, à medida que avançava em idade, embora sua reputação como médium não se tenha estabelecido senão em 1850, época em que as manifestações espíritas começaram a popularizar-se naquele país. Em 1854 veio à Itália, como dissemos, por motivos de saúde;

surpreendeu Florença e Roma com verdadeiros prodígios. Convertido à fé católica nesta última cidade, viu-se obrigado a romper relações com o mundo dos Espíritos. Com efeito, durante um ano, seu poder oculto pareceu havê-lo abandonado; mas, como esse poder está acima de sua vontade, findo esse tempo, conforme lhe anunciara o Espírito de sua mãe, as manifestações reapareceram com nova energia. Sua missão estava traçada; deveria distinguir-se entre aqueles que a Providência escolheu para revelar-nos, por meio de sinais patentes, o poder que domina todas as grandezas humanas.

Se o Sr. Home, como o pretendem certas pessoas que julgam sem haver visto, fosse apenas um hábil prestidigitador, sem dúvida teria sempre à sua disposição, em sua sacola, algumas peças com que pudesse simular suas mágicas, ao passo que não é senhor de produzi-las à vontade. Ser-lhe-ia impossível dar sessões regulares, pois muitas vezes, justamente no momento em que tivesse necessidade de sua faculdade, esta lhe faltaria. Algumas vezes os fenômenos se manifestam espontaneamente, no momento em que menos se espera, enquanto que, em outras, é incapaz de os provocar, circunstância pouco favorável a quem quisesse fazer exhibições em horas certas. O fato seguinte, tomado entre mil, é disso uma prova. Desde mais de quinze dias o Sr. Home não havia obtido nenhuma manifestação, quando, almoçando em casa de um de seus amigos, com mais duas ou três pessoas de seu conhecimento, de repente ouviram-se golpes nas paredes, nos móveis e no teto. Parece que voltam, disse ele. Nesse momento o Sr. Home estava sentado num canapé com um amigo. Um doméstico trouxe a bandeja de chá e preparava-se para colocá-la sobre a mesa, situada no meio do salão; embora bastante pesada, a mesa se elevou subitamente, destacando-se do solo a uma altura de 20 a 30 centímetros, como se fora atraída pela bandeja. Apavorado, o criado deixou-a escapar e a mesa, de um pulo, lançou-se em direção ao canapé, vindo cair diante do Sr. Home e de seu amigo, sem que nada do que estava em cima se tivesse desarrumado. Esse fato não é, absolutamente, o mais curioso dentre aqueles que temos para relatar, mas apresenta essa

particularidade digna de nota: a de ter-se produzido espontaneamente, sem provocação, em um círculo íntimo, do qual nenhum dos assistentes, cem vezes testemunhas de fatos semelhantes, necessitava de novas provas; e, seguramente, não era o caso para o Sr. Home exibir suas habilidades, se habilidades existem.

No próximo artigo citaremos outras manifestações.

Manifestações dos Espíritos

Pelo Sr. Paul Auguez

RESPOSTA AO SR. VIENNET, POR PAUL AUGUEZ ¹⁴.

O Sr. Paul Auguez é um adepto sincero e *esclarecido* da Doutrina Espírita; sua obra, que lemos com grande interesse, e na qual se reconhece a pena elegante do autor de *Élus de l'avenir* ¹⁵, é uma demonstração lógica e sábia dos pontos fundamentais dessa Doutrina, isto é, da existência dos Espíritos, de suas relações com os homens e, por conseqüência, da imortalidade da alma e de sua individualidade após a morte. Sendo o seu objetivo principal responder às agressões sarcásticas do Sr. Viennet, só aborda os pontos capitais, limitando-se a provar com os fatos, com o raciocínio e com as autoridades mais respeitáveis que essa crença não está fundada sobre idéias sistemáticas ou preconceitos vulgares, mas, sim, que repousa sobre bases sólidas. A arma do Sr. Viennet é o ridículo; a do Sr. Auguez é a Ciência. Por meio de numerosas citações, que atestam um estudo sério e uma profunda erudição, ele prova que se os adeptos de hoje, conquanto seu número cresça sem cessar, bem como as pessoas esclarecidas de todos os países que a eles se ligam, fossem, como o pretende ilustre acadêmico, cérebros desequilibrados, essa enfermidade lhes seria comum, como o seria aos maiores gênios que honram a Humanidade.

14 Brochura in-12; preço 2,50 fr.: Dentu, Palais-Royal e Germer Baillière, rue de l'École de Médecine, 4.

15 N. do T.: Eleitos do futuro.

Nas suas refutações, o Sr. Auguez soube sempre conservar a dignidade de linguagem, mérito que nunca será suficientemente louvado; aí não se encontram essas diatribes despropositadas, tornadas lugares-comuns de mau gosto e que nada provam, a não ser a falta de urbanidade. Tudo o que disse é grave, sério, profundo, à altura do sábio a quem se dirige. Tê-lo-á convencido? Nós o ignoramos; duvidamos mesmo, para falar francamente; mas como, em definitivo, seu livro é feito para todo o mundo, as sementes que lança não serão todas perdidas. Por mais de uma vez teremos ocasião de citar algumas passagens de seu livro no curso desta publicação, à medida que a isso formos levados pela natureza do assunto.

Sendo a teoria desenvolvida pelo Sr. Auguez, exceto, talvez, em alguns pontos secundários, a que nós mesmos professamos, não faremos a respeito nenhuma crítica de sua obra, que se notabilizará e será lida com proveito. Não desejaríamos senão uma coisa: um pouco mais de clareza nas demonstrações e de método na ordenação das matérias. O Sr. Auguez tratou a questão como sábio, porque se dirigia a um sábio, certamente capaz de compreender as coisas mais abstratas; entretanto, deveria ter pensado que escrevia menos para um homem do que para o público, que sempre lê com mais prazer e proveito o que compreende sem esforço.

Aos Leitores da Revista Espírita

Vários de nossos leitores quiseram responder ao apelo que fizemos em nosso primeiro número, com respeito às informações a nos serem fornecidas. Um grande número de fatos nos foi assinalado, entre os quais alguns muito importantes, pelo que somos infinitamente reconhecidos; não o somos menos pelas reflexões que às vezes os acompanham, mesmo quando revelam um conhecimento incompleto da matéria: proporcionarão esclarecimentos sobre os pontos que não tiverem sido bem compreendidos. Se não fazemos

uma menção imediata dos documentos que nos são fornecidos, nem por isso nos passam despercebidos; deles sempre tomamos boa nota, para serem aproveitados cedo ou tarde.

A falta de espaço não é a única causa que pode retardar a publicação, mas ainda a oportunidade das circunstâncias e a necessidade de os relacionar aos artigos dos quais podem ser complementos úteis.

A multiplicidade de nossas ocupações, junto à extensa correspondência, deixa-nos por vezes na impossibilidade material de responder, como gostaríamos e como deveríamos, às pessoas que nos dão a honra de nos escrever. Rogamos encarecidamente não interpretarem de maneira desfavorável um silêncio que independe de nossa vontade. Esperamos que sua boa vontade não se arrefeça e que não queiram interromper suas interessantes comunicações; a esse respeito, chamamos novamente sua atenção para a nota que inserimos no fim da introdução de nosso primeiro número, a propósito das informações que por obséquio solicitamos, rogando, além disso, não deixarem de nos dizer quando poderemos, sem cometer inconveniência, fazer menção dos lugares e das pessoas.

As observações acima se aplicam, igualmente, às questões que nos são dirigidas sobre diversos pontos da Doutrina. Quando necessitarem de um desenvolvimento de maior extensão, tanto menos possível nos é responder por escrito, quando muitas vezes a mesma coisa deve ser repetida a um grande número de pessoas. Destinando-se nossa revista a servir de meio de correspondência, nela tais respostas naturalmente encontrarão lugar à medida que os assuntos tratados nos oferecerem oportunidade, e isso com tanto mais vantagem quanto mais completas e proveitosas forem as explicações.

Allan Kardec

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO I

MARÇO DE 1858

Nº 3

Pluralidade dos Mundos

Quem ainda não se perguntou, considerando a Lua e os outros astros, se esses globos são habitados? Antes que a Ciência nos houvesse iniciado na natureza desses astros, podia-se duvidar; hoje, no estado atual de nossos conhecimentos, pelo menos há probabilidade; mas, a essa idéia verdadeiramente sedutora, são feitas objeções tiradas da própria Ciência. Parece, dizem, que a Lua não tem atmosfera e, provavelmente, não tem água. Em Mercúrio, tendo em vista a sua proximidade do Sol, a temperatura média deve ser a do chumbo fundido, de sorte que, se ali houver este metal, deve correr como a água dos nossos rios. Em Saturno dá-se exatamente o oposto; não temos um termo de comparação para o frio que lá deve reinar; a luz do Sol deve ser muito fraca, apesar do reflexo de suas sete luas e de seu anel, porquanto, àquela distância, o Sol não deve parecer senão como estrela de primeira grandeza. Em tais condições, pergunta-se se seria possível viver.

Não se concebe que semelhante objeção possa ser feita por homens sérios. Se a atmosfera da Lua não foi percebida, será racional inferir que não exista? Não poderá ser formada de elementos desconhecidos ou bastante rarefeitos para não produzirem refração sensível? Diremos a mesma coisa da água ou dos líquidos ali

existentes. Em relação aos seres vivos, não seria negar o poder divino julgar impossível uma organização diferente da que conhecemos, quando, sob nossos olhos, a providência da Natureza se estende com uma solicitude tão admirável até o menor inseto, dando a todos os seres órgãos apropriados ao meio em que devem viver, seja a água, o ar ou a terra, estejam imersos na escuridão ou expostos à luz do Sol? Se jamais houvéssemos visto peixes, não poderíamos conceber seres vivendo na água; não faríamos uma idéia de sua estrutura. Ainda há pouco tempo, quem teria acreditado que um animal pudesse viver indefinidamente no seio de uma pedra? Mas, sem falar desses extremos, os seres que vivem sob o forte calor da zona tórrida poderiam existir nos gelos polares? E, entretanto, há nesses gelos seres organizados para esse clima rigoroso, incapazes de suportar a ardência de um sol tropical. Por que, então, não admitir que os seres possam ser constituídos de maneira a viver em outros globos e em um meio totalmente diferente do nosso? Seguramente, sem conhecer a constituição física da Lua, dela sabemos o bastante para estarmos certos de que, tais quais somos, ali não poderíamos viver, como não o podemos no seio do oceano, na companhia dos peixes. Pela mesma razão, se os habitantes da Lua, constituídos para viver sem ar ou num ar muito rarefeito, talvez completamente diverso do nosso, pudessem um dia vir à Terra, seriam asfixiados em nossa espessa atmosfera, como ocorre conosco quando caímos na água. Ainda uma vez, se não temos a prova material e *de visu* da presença de seres vivos em outros mundos, nada prova que não possam existir organismos apropriados a um meio ou a um clima qualquer. Ao contrário, diz-nos o simples bom-senso que deve ser assim, uma vez que repugna à razão acreditar que esses inumeráveis globos que circulam no espaço não passem de massas inertes e improdutivas. A observação, ali, nos mostra superfícies acidentadas, como aqui, por montanhas, vales, barrancos, vulcões extintos ou em atividade; por que, então, lá não haveria seres orgânicos? Seja, dirão; que haja plantas, mesmo animais, é possível; porém, seres humanos, homens civilizados como nós, conhecendo Deus, cultivando as artes, as ciências, será possível?

Por certo nada prova matematicamente que os seres que habitam os outros mundos sejam homens como nós, nem que sejam mais ou menos avançados do que nós, moralmente falando; mas, quando os selvagens da América viram desembarcar os espanhóis, não tiveram mais dúvidas de que, além dos mares, existia um outro mundo, cultivando artes que lhes eram desconhecidas. A Terra é salpicada de inumerável quantidade de ilhas, pequenas ou grandes, e tudo o que é habitável é habitado; não surge no mar um rochedo sem que o homem ali não plante a sua bandeira. Que diríamos se os habitantes de uma dessas menores ilhas, conhecendo perfeitamente a existência das outras ilhas e continentes, mas não tendo tido jamais relações com os que os habitam, acreditassem ser os únicos seres vivos do globo? Dir-lhes-íamos: Como podeis acreditar que Deus tenha feito o mundo somente para vós? Por qual estranha bizarrice vossa pequena ilha, perdida num canto do oceano, teria o privilégio de ser a única habitada? Podemos dizer o mesmo em relação às outras esferas. Por que a Terra, pequeno globo imperceptível na imensidão do Universo, que dos outros planetas não se distingue nem por sua posição, nem por seu volume, nem por sua estrutura, visto não ser nem a menor, nem a maior, nem está no centro, nem na extremidade; por que, dizíamos, dentre tantas outras seria a única morada de seres racionais e pensantes? Que homem sensato poderia crer que esses milhões de astros que cintilam sobre nossas cabeças foram feitos somente para recrear os nossos olhos? Qual seria, então, a utilidade desses outros milhões de globos invisíveis a olho nu e que não servem sequer para nos iluminar? Não haveria ao mesmo tempo orgulho e impiedade pensar que assim fosse? Àqueles a quem pouco importa a impiedade, diremos que é ilógico.

Chegamos, pois, por um simples raciocínio, que muitos outros fizeram antes de nós, a concluir pela pluralidade dos mundos, e esse raciocínio é confirmado pelas revelações dos Espíritos. Com efeito, eles nos ensinam que todos esses mundos são habitados por seres corporais apropriados à constituição física de cada globo; que, entre os habitantes desses mundos, uns são mais, outros menos

adiantados que nós, do ponto de vista intelectual, moral e mesmo físico. Ainda mais: sabemos hoje que podemos entrar em relação com eles e obter informações sobre o seu estado; sabemos, igualmente, que não apenas são habitados todos os globos por seres corpóreos, mas que o espaço é povoado de seres inteligentes, a nós invisíveis por causa do véu material lançado sobre nossa alma e que revelam sua existência por meios ocultos ou patentes. Assim, tudo é povoado no Universo, a vida e a inteligência estão por toda parte: nos globos sólidos, no ar, nas entranhas da Terra, e até nas profundezas etéreas. Haverá nessa doutrina alguma coisa que repugne à razão? Não é, ao mesmo tempo, grandiosa e sublime? Ela nos eleva por nossa própria pequenez, bem ao contrário desse pensamento egoísta e mesquinho, que nos coloca como os únicos seres dignos de ocupar o pensamento de Deus.

Júpiter e alguns outros Mundos¹⁶

Antes de entrar em detalhes nas revelações que nos fizeram os Espíritos sobre o estado dos diferentes mundos, vejamos a que consequência lógica podemos chegar por nós mesmos e unicamente pelo raciocínio. Reportando-nos à escala espírita que demos no número anterior, rogamos às pessoas desejosas de se aprofundarem seriamente nessa nova ciência, que estudem cuidadosamente esse quadro e dele se compenetrem: aí encontrarão a chave de mais de um mistério.

O mundo dos Espíritos compõe-se das almas de todos os humanos desta Terra e de outras esferas, despojadas dos liames corporais; do mesmo modo, todos os humanos são animados por Espíritos neles encarnados. Há, pois, solidariedade entre esses dois mundos: os homens terão as qualidades e as imperfeições dos Espíritos aos quais estão unidos. Os Espíritos serão mais ou menos bons ou maus, conforme os progressos que hajam feito durante sua existência corporal. Estas poucas palavras resumem toda a doutrina.

16 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 537.

Como os atos dos homens são o produto de seu livre-arbítrio, carregam a marca da perfeição ou da imperfeição do Espírito que os provoca. Ser-nos-á, pois, muito fácil fazer uma idéia do estado moral de um mundo qualquer, conforme a natureza dos Espíritos que o habitam; de algum modo poderíamos descrever sua legislação, traçar o quadro de seus costumes, de seus usos e de suas relações sociais.

Suponhamos, então, um globo habitado exclusivamente por Espíritos da nona classe, por Espíritos impuros, e para lá nos transportemos pelo pensamento. Nele veremos todas as paixões liberadas e sem freio; o estado moral no mais baixo grau de embrutecimento; a vida animal em toda a sua brutalidade; nada de laços sociais, porquanto cada um só vive e age por si e para satisfazer seus grosseiros apetites; o egoísmo ali reina como soberano absoluto, arrastando no seu cortejo o ódio, a inveja, o ciúme, a cupidez e o assassinio.

Passemos agora a uma outra esfera, onde se encontram Espíritos de todas as classes da terceira ordem: Espíritos impuros, levianos, pseudo-sábios, neutros. Sabemos que o mal predomina em todas as classes dessa ordem; porém, sem ter o pensamento do bem, o do mal decresce à medida que se afastam da última classe. O egoísmo é sempre o móvel principal das ações, mas os costumes são mais suaves, a inteligência mais desenvolvida; o mal aí está um pouco disfarçado, enfeitado, dissimulado. Essas próprias qualidades dão origem a outro defeito: o orgulho, pois as classes mais elevadas são suficientemente esclarecidas para terem consciência de sua superioridade, mas não o bastante para compreenderem aquilo que lhes falta; daí sua tendência à escravização das classes inferiores ou das raças mais fracas, que mantêm sob o seu jugo. Não possuindo o sentimento do bem, só têm o instinto do *eu*, pondo a inteligência em proveito da satisfação das paixões. Se numa tal sociedade dominar o elemento impuro, este aniquilará o outro; caso contrário, os menos maus procurarão destruir seus adversários; em todos os casos haverá luta, luta sangrenta, de extermínio, porque são dois

elementos que têm interesses opostos. Para proteger os bens e as pessoas, serão necessárias leis; mas essas leis serão ditadas pelo interesse pessoal e não pela justiça; é o forte que as fará, em detrimento do fraco.

Suponhamos agora um mundo onde, entre os elementos maus que acabamos de ver, se encontrem alguns da segunda ordem; no meio da perversidade veremos aparecer, então, algumas virtudes. Se estiverem em minoria, os bons serão vítimas dos maus; porém, à medida que aumente a sua preponderância, a legislação será mais humana, mais eqüitativa e, para todos, a caridade cristã deixa de ser letra morta. Desse mesmo bem nascerá outro vício. A despeito da guerra incessante que os maus declarem aos bons, não podem evitar que se estimem em seu foro íntimo; percebendo o ascendente da virtude sobre o vício, e não tendo força nem vontade de praticá-la, procuram parodiá-la; tomam-lhe a máscara; daí os hipócritas, tão numerosos em toda sociedade onde a civilização é imperfeita.

Continuemos nosso passeio através dos mundos e paremos neste que nos dará um pouco de repouso do triste espetáculo que acabamos de ver. É habitado somente por Espíritos de segunda ordem. Que diferença! O grau de depuração ao qual chegaram exclui entre eles todo pensamento do mal e apenas essa palavra nos dá uma idéia do estado moral dessa terra feliz. A legislação aí é bem simples, porquanto os homens não têm necessidade de defender-se uns contra os outros; ninguém deseja o mal ao próximo, ninguém se apropria do que não lhe pertence, ninguém procura viver em detrimento de seu vizinho. Tudo respira benevolência e amor; os homens não se procuram prejudicar, não há ódio; o egoísmo é desconhecido e a hipocrisia não teria finalidade. Aí, entretanto, não reina a igualdade absoluta, porquanto tal igualdade supõe uma identidade perfeita no desenvolvimento intelectual e moral. Ora, pela escala espiritual vemos que a segunda ordem compreende vários graus de desenvolvimento; haverá, pois, desigualdade nesse mundo, porque muitos encarnados serão mais

avançados que outros; mas, como entre eles só há o pensamento do bem, os mais elevados não conceberão o orgulho nem os outros a inveja. O inferior compreende a ascendência do superior e a ela se submete, visto ser puramente moral essa ascendência e ninguém se serve dela para oprimir os outros.

As conseqüências que tiramos desses quadros, embora apresentados de maneira hipotética, não são menos racionais, podendo cada um deduzir o estado social de um mundo qualquer de acordo com a proporção dos elementos morais que o constituem. Já vimos, abstração feita da revelação dos Espíritos, que todas as probabilidades apontam para a pluralidade dos mundos; ora, não é menos racional pensar que nem todos estejam no mesmo grau de perfeição e que, por isso mesmo, nossas suposições bem possam ser realidades. Não conhecemos, de maneira positiva, senão o nosso mundo. Que posição ocuparia ele nessa hierarquia? Ah! É preciso considerar o que aqui se passa para ver que está longe de merecer a primeira classe; e estamos convencidos de que, ao ler estas linhas, já se lhe terá marcado a posição. Quando os Espíritos afirmam que a Terra, se não está na última classe, está numa das últimas, infelizmente o simples bom-senso nos diz que não se enganam; temos ainda muito a fazer para elevá-la à categoria do mundo que descrevemos por último e muita necessidade de que o Cristo nos venha mostrar novamente o caminho.

Quanto à aplicação que podemos fazer de nosso raciocínio aos diferentes globos de nosso turbilhão planetário, só temos o ensino dos Espíritos; ora, para os que só admitem provas palpáveis é positivo que sua assertiva, a esse respeito, não tenha a certeza da experimentação direta. Entretanto, diariamente não aceitamos, confiantes, as descrições que os viajantes nos fazem de países que jamais vimos? Se só devêssemos crer no que vemos, creríamos em pouca coisa. O que aqui dá certo valor ao que dizem os Espíritos é a correlação existente entre eles, pelo menos quanto aos pontos principais. Para nós, que temos testemunhado essas

comunicações centenas de vezes, que as temos apreciado em seus mínimos detalhes, que lhes investigamos os pontos fracos e fortes, que observamos as similitudes e as contradições, nelas encontramos todos os caracteres da probabilidade; contudo, não as damos senão como inventário e a título de ensinamentos, de que cada um será livre para dar a importância que julgar conveniente.

Segundo os Espíritos, o planeta *Marte* seria ainda menos adiantado que a *Terra* ¹⁷. Os Espíritos ali encarnados parecem pertencer quase que exclusivamente à nona classe, a dos Espíritos impuros, de sorte que o primeiro quadro, que demos acima, seria a imagem desse mundo. Vários outros pequenos globos estão, com alguns matizes, na mesma categoria. A *Terra* viria em seguida; a maioria de seus habitantes pertence incontestavelmente a todas as classes da terceira ordem, e uma parte bem menor às últimas classes da segunda ordem. Os Espíritos superiores, os da segunda e da terceira classes, aqui cumprem, algumas vezes, missões de civilização e de progresso, mas constituem exceções. *Mercúrio* e *Saturno* vêm depois da Terra. A superioridade numérica dos Espíritos bons dá-lhes preponderância sobre os Espíritos inferiores, do que resulta uma ordem social mais perfeita, relações menos egoístas e, conseqüentemente, condições de existência mais felizes. A *Lua* e *Vênus* encontram-se mais ou menos no mesmo grau e, sob todos os aspectos, mais adiantados que Mercúrio e Saturno. *Juno* ¹⁸ e *Urano* seriam ainda superiores a estes últimos. Pode supor-se que os elementos morais desses dois planetas são formados das primeiras classes da terceira ordem e, em sua grande maioria, de Espíritos da segunda ordem. Os homens são ali infinitamente mais felizes que na Terra, em razão de não terem de sustentar as mesmas lutas, nem sofrer as mesmas tribulações, assim como não se acham expostos às mesmas vicissitudes físicas e morais.

17 **N. do T.:** Trata-se de mera suposição, sem o que Kardec não teria empregado o verbo *ser* no condicional.

18 **N. do T.:** *Jumon* no original. Hoje catalogado como asteroíde, Juno era considerado um planeta na época de Allan Kardec.

De todos os planetas, o mais adiantado sob todos os aspectos é *Júpiter*. É o reino exclusivo do bem e da justiça, porquanto só tem *Espíritos bons*. Pode fazer-se uma idéia do estado feliz de seus habitantes pelo quadro que demos de um mundo habitado apenas por Espíritos da segunda ordem.

A superioridade de *Júpiter* não está somente no estado moral de seus habitantes; está também na sua constituição física. Eis a descrição que nos foi dada desse mundo privilegiado, onde encontramos a maior parte dos homens de bem que honraram nossa Terra por suas virtudes e talentos.

A conformação do corpo é mais ou menos a mesma daqui, porém é menos material, menos denso e de uma maior leveza específica. Enquanto rastejamos penosamente na Terra, o habitante de *Júpiter* transporta-se de um a outro lugar, deslizando sobre a superfície do solo, quase sem fadiga, como o pássaro no ar ou o peixe na água. Sendo mais depurada a matéria de que é formado o corpo, dispersa-se após a morte sem ser submetida à decomposição pútrida. Ali não se conhece a maioria das moléstias que nos afligem, sobretudo as que se originam dos excessos de todo gênero e da devastação das paixões. A alimentação está em relação com essa organização etérea; não seria suficientemente substancial para os nossos estômagos grosseiros, sendo a nossa por demais pesada para eles; compõe-se de frutos e plantas; de alguma sorte, aliás, a maior parte eles a haurem no meio ambiente, cujas emanações nutritivas aspiram. A duração da vida é, proporcionalmente, muito maior que na Terra; a média equívale a cerca de cinco dos nossos séculos; o desenvolvimento é também muito mais rápido e a infância dura apenas alguns de nossos meses.

Sob esse leve envoltório, os Espíritos se desprendem facilmente e entram em comunicação recíproca apenas pelo pensamento, sem, todavia, excluir a linguagem articulada; para a maior parte deles, também, a segunda vista é uma faculdade permanente;

seu estado normal pode ser comparado ao de nossos sonâmbulos lúcidos; eis por que se nos manifestam mais facilmente do que os encarnados nos mundos mais grosseiros e mais materiais. A intuição que têm do seu futuro, a segurança dada por uma consciência isenta de remorsos fazem que a morte não lhes cause nenhuma apreensão; vêem-na chegar sem temor e como simples transformação.

Os animais não estão excluídos desse estado progressivo, sem se aproximarem, contudo, daquele do homem; seu corpo, mais material, prende-se à terra, como os nossos. Sua inteligência é mais desenvolvida que a dos nossos animais; a estrutura de seus membros presta-se a todas as exigências do trabalho; são encarregados da execução de obras manuais: são os serviçais e os operários; as ocupações dos homens são puramente intelectuais. Para os animais o homem é uma divindade tutelar que jamais abusa do poder para os oprimir.

Quando se comunicam conosco, os Espíritos que habitam Júpiter geralmente sentem prazer em descrever o seu planeta; ao se lhes pedir a razão, respondem que o fazem com o fito de nos inspirarem o amor do bem, com a esperança de lá chegarmos um dia. Foi com essa intenção que um deles, que viveu na Terra com o nome de Bernard Palissy, célebre oleiro do século XVI, ofereceu-se espontaneamente, sem que ninguém lho pedisse, para elaborar uma série de desenhos, tão notáveis por sua singularidade quanto pelo talento de execução, destinados a dar-nos a conhecer, até nos menores detalhes, esse mundo tão estranho e tão novo para nós. Alguns retratam personagens, animais, cenas da vida privada; os mais impressionantes, porém, são os que representam habitações, verdadeiras obras-primas de que coisa alguma na Terra nos poderia dar uma idéia, porque em nada se assemelham ao que conhecemos; é um gênero de arquitetura indescritível, tão original e, entretanto, tão harmoniosa, de uma ornamentação tão rica e tão graciosa que desafia a mais fecunda imaginação. O Sr. Victorien Sardou, jovem literato de nossas relações, cheio de talento e de futuro, mas de forma alguma desenhista, serviu-

lhe de intermediário. Palissy prometeu-nos uma série de desenhos que, de certo modo, será a monografia ilustrada desse mundo maravilhoso. Esperamos que essa curiosa e interessante coletânea, sobre a qual voltaremos em artigo especial consagrado aos médiuns desenhistas, possa um dia ser liberada ao público.

O planeta Júpiter, apesar do quadro sedutor que nos foi dado, não é, absolutamente, o mais perfeito dos mundos. Outros há, desconhecidos para nós, que lhe são muito superiores, do ponto de vista físico e moral, e cujos habitantes gozam de felicidade ainda mais perfeita; são a morada dos Espíritos mais elevados, cujo etéreo envoltório nada mais tem das propriedades conhecidas da matéria.

Já nos perguntaram diversas vezes se pensamos que a condição do homem terreno seria um obstáculo absoluto à sua passagem, sem intermediário, da Terra para Júpiter. A todas as perguntas que dizem respeito à Doutrina Espírita, jamais respondemos conforme nossas próprias idéias, contra as quais estamos sempre em guarda. Limitamo-nos a transmitir o ensino que nos é dado pelos Espíritos, não os aceitando de forma leviana e com irrefletido entusiasmo. À pergunta acima respondemos claramente, porque tal é o sentido formal de nossas instruções e o resultado de nossas próprias observações: Sim; deixando a Terra, pode o homem ir imediatamente a Júpiter, ou a outro mundo análogo, pois que não é o único dessa categoria. Pode-se ter certeza disso? Não. Contudo poderá ele ir, visto haver na Terra, embora em pequeno número, Espíritos muito bons e suficientemente desmaterializados para não se sentirem deslocados num mundo onde o mal não tem acesso. Não há certeza, porque o homem pode iludir-se sobre o seu mérito pessoal ou tem que cumprir, alhures, outra missão. Seguramente, os que podem esperar esse favor não são os egoístas, nem os ambiciosos, nem os avaros, nem os ingratos, nem os ciumentos, nem os orgulhosos, nem os vaidosos, nem os hipócritas, nem os sensuais ou qualquer daqueles que se deixaram dominar pelo apego aos bens terrestres; a esses, serão necessárias, talvez, longas e rudes provas. Isso depende da sua vontade.

Confissões de Luís XI

HISTÓRIA DE SUA VIDA

DITADA POR ELE MESMO À SRTA. ERMANCE DUFAUX

Falando da *História de Joana d'Arc ditada por ela mesma*, e da qual nos propomos citar diversas passagens, dissemos que a senhorita Dufaux havia escrito da mesma maneira a *História de Luís XI*. Esse trabalho, um dos mais completos no gênero, contém documentos preciosos do ponto de vista histórico. Nele Luís XI revela-se o profundo político que conhecemos; mas, além disso, dá-nos a chave de vários fatos até hoje inexplicados. Do ponto de vista espírita é uma das mais curiosas mostras de trabalhos de fôlego produzidos pelos Espíritos. A esse respeito, duas coisas são particularmente notáveis: a rapidez de execução (quinze dias foram suficientes para ditar a matéria de um grosso volume) e, em segundo lugar, a lembrança tão precisa que um Espírito pode conservar dos acontecimentos da vida terrestre. Aos que duvidarem da origem desse trabalho, e o creditarem à memória da senhorita Dufaux, responderemos que seria preciso, com efeito, da parte de uma menina de catorze anos, uma memória bem fenomenal e um talento de precocidade não menos extraordinário, para escrever, de uma assentada, uma obra dessa natureza; mas, supondo que assim o fosse, perguntamos onde essa criança teria haurido as explicações inéditas da nebulosa política de Luís XI, e se não teria sido mais conveniente a seus pais atribuir-lhe o mérito. Das diversas histórias escritas por seu intermédio, a de Joana d'Arc é a única que foi publicada. Fazemos votos por que as outras o sejam logo e lhes predizemos um sucesso tanto maior quanto mais difundidas se acham hoje as idéias espíritas. Extraímos, da de Luís XI, a passagem relativa à morte do conde de Charolais:

Os historiadores, defrontando-se com o fato histórico de que “Luís XI deu ao conde de Charolais a tenência geral da Normandia” confessam não compreender por que um rei, que foi tão grande político, haja cometido tão grande falta ¹⁹.

19 *Histoire de France*, por Velly e continuadores.

As explicações dadas por Luís XI são difíceis de contradizer, visto estarem confirmadas por três episódios de todos conhecidos: a conspiração de Constaín, a viagem do conde de Charolais, em seguida à execução do culpado e, enfim, a obtenção por esse príncipe da tenência geral da Normandia, província que reunia os Estados do duque de Borgonha, inimigos sempre ligados contra Luís XI.

Luís XI assim se exprime:

“O conde de Charolais foi gratificado com a tenência geral da Normandia e com uma pensão de trinta e seis mil libras. Era uma grande imprudência aumentar dessa forma o poder da casa de Borgonha. Embora essa digressão nos afaste da seqüência dos negócios da Inglaterra, creio dever indicar os motivos que me fizeram agir assim.

“Algum tempo depois de seu retorno dos Países Baixos, o duque Filipe de Borgonha tinha caído gravemente enfermo. O conde de Charolais amava verdadeiramente seu pai, apesar dos desgostos que lhe havia causado; é verdade que seu caráter ardente, impetuoso e, sobretudo, minhas pérfidas insinuações, poderiam desculpá-lo. Cuida dele com uma afeição toda filial e não deixa, nem de dia nem de noite, a cabeceira de seu leito.

“O perigo do velho duque me levava a sérias reflexões; eu odiava o conde e acreditava ter tudo a temer dele; aliás, não tinha senão uma filha de tenra idade, o que ocasionou, após a morte do duque, que parecia não dever viver muito tempo, uma minoridade que os flamengos, sempre turbulentos, teriam tornado extremamente tempestuosa. Eu poderia ter-me apoderado facilmente, se não de todos os bens da casa de Borgonha, ao menos de uma parte, seja disfarçando essa usurpação com uma aliança, seja lhe deixando tudo quanto a força tem de mais odioso. Havia mais razões do que era preciso para mandar envenenar o conde de Charolais; a idéia de um crime, aliás, não me chocava mais.

“Conseguí seduzir o copeiro do príncipe, Jean Constain; a Itália, de algum modo, era o laboratório dos envenenadores: foi para lá que Constain enviou Jean d’Ivy, que havia conquistado graças a uma soma considerável, a qual deveria ser-lhe paga quando retornasse. D’Ivy quis saber a quem se destinava o veneno; o copeiro teve a imprudência de confessar que era para o conde de Charolais.

“Depois de ter dado conta de sua tarefa, d’Ivy apresentou-se para receber a importância prometida; mas, longe de lhe pagar, Constain o cobriu de injúrias. Furioso com essa recepção, d’Ivy jurou vingar-se. Foi encontrar-se com o conde de Charolais, confessando-lhe tudo que sabia. Constain foi preso e conduzido ao castelo de Rippemonde. O medo da tortura o fez confessar tudo, exceto minha cumplicidade, talvez esperando que eu intercedesse por ele. Já se achava no alto da torre, local destinado ao suplício e já se preparavam para o decapitar, quando externou o desejo de falar ao conde. Contou-lhe então o papel que eu havia desempenhado nessa tentativa. Apesar do espanto e da cólera que experimentou, o conde de Charolais calou-se e as pessoas presentes não puderam fazer senão conjecturas vagas, fundadas nos movimentos de surpresa que o relato provocou. Malgrado a importância dessa revelação, Constain foi decapitado e seus bens confiscados, mas restituídos à sua família pelo duque de Borgonha.

“Seu delator experimentou a mesma sorte, devido em parte à resposta imprudente que deu ao príncipe de Borgonha; havendo este perguntado, caso a soma prometida lhe tivesse sido paga, se teria denunciado o complô, teve ele a inconcebível temeridade de responder que não.

“Quando o conde veio a Tours, pediu-me uma entrevista particular; nela deixou extravasar todo o seu furor e me cobriu de censuras. Eu o apaziguei, dando-lhe a tenência geral da Normandia e a pensão de trinta e seis mil libras; a tenência geral não passou de um título sem resultado; quanto à pensão, não recebeu senão o primeiro vencimento.”

A Fatalidade e os Pressentimentos

INSTRUÇÕES DADAS POR SÃO LUÍS

Um dos nossos correspondentes escreveu-nos o seguinte:

“No mês de setembro último, uma embarcação ligeira, fazendo a travessia de Dunquerque a Ostende, foi surpreendida à noite pelo mau tempo; o barco virou e, das oito pessoas que lá estavam, quatro pereceram; as outras quatro, no número das quais me encontrava, conseguiram manter-se sobre a quilha. Ficamos a noite inteira nessa horrível posição, sem outra perspectiva senão esperar a morte, que nos parecia inevitável e da qual já experimentávamos todas as angústias. Ao romper do dia, tendo o vento nos empurrado para a costa, pudemos ganhar a terra a nado.

“Por que nesse perigo, *igual para todos*, só quatro pessoas sucumbiram? Notai que, a meu respeito, é a sexta ou sétima vez que escapo de um perigo tão iminente e mais ou menos nas mesmas circunstâncias. Sou levado realmente a crer que mão invisível me protege. Que fiz para merecer isso? Não sei bem; sou alguém sem importância e sem utilidade neste mundo e não me vanglorio de valer mais que os outros; longe disso: entre as vítimas do acidente havia um digno eclesiástico, modelo de virtudes evangélicas, e uma venerável irmã de São Vicente de Paulo, que iam cumprir uma santa missão de caridade cristã. A fatalidade parece desempenhar um grande papel em meu destino. Os Espíritos não estariam ali para alguma coisa? Seria possível obter deles uma explicação a esse respeito, perguntando-lhes, por exemplo, se são eles que provocam ou afastam os perigos que nos ameaçam?...”

Conforme o desejo de nosso correspondente, dirigimos as seguintes perguntas ao Espírito São Luís, que de boa vontade se comunica conosco toda vez que há uma instrução útil a transmitir.

1. Quando um perigo iminente ameaça alguém, é um Espírito que dirige o perigo, e quando dele escapa, é um outro Espírito que o afasta?

Resp. – Quando um Espírito se encarna, escolhe uma prova; elegendo-a, estabelece-se uma espécie de destino que não pode mais conjurar, uma vez que a ele está submetido; falo das provas físicas. Conservando seu livre-arbítrio sobre o bem e o mal, o Espírito é sempre senhor de suportar ou de repelir a prova; vendo-o fraquejar, um Espírito bom pode vir em seu auxílio, mas não pode influir sobre ele de maneira a dominar sua vontade. Um Espírito mau, isto é, inferior, mostrando-lhe ou exagerando um perigo físico, pode abalá-lo e apavorá-lo, mas nem por isso a vontade do Espírito encarnado fica menos livre de qualquer entrave.

2. Quando um homem está na iminência de perecer por acidente, parece-me que o livre-arbítrio nada vale. Pergunto, pois, se é um Espírito mau que provoca esse acidente; se, de alguma sorte, é o seu agente; e, caso se livre do perigo, se um Espírito bom veio em seu auxílio.

Resp. – Os Espíritos bons e maus não podem sugerir senão pensamentos bons ou maus, conforme sua natureza. O acidente está assinalado no destino do homem. Quando tua vida é posta em perigo, é uma advertência que tu mesmo desejaste, a fim de te desviares do mal e de te tornares melhor. Quando escapas a esse perigo, ainda sob a influência do perigo que correste, pensas mais ou menos vivamente, segundo a ação mais ou menos forte dos Espíritos bons, em te tornares melhor. Sobrevindo o Espírito mau – e digo mau, subentendendo o mal que nele ainda persiste – pensas que igualmente escaparás a outros perigos, e deixas, de novo, tuas paixões se desencadarem.

3. A fatalidade que parece presidir aos destinos materiais de nossa vida também é resultante do nosso livre-arbítrio?

Resp. – Tu mesmo escolheste a tua prova. Quanto mais rude ela for e melhor a suportares, tanto mais te elevarás. Os que passam a vida na abundância e na ventura humana são Espíritos

pusilânimes, que permanecem estacionários. Assim, o número dos desafortunados é muito superior ao dos felizes deste mundo, atento que os Espíritos, na sua maioria, procuram as provas que lhes sejam mais proveitosas. Eles vêem perfeitamente bem a futilidade das vossas grandezas e gozos. Acresce que a mais ditosa existência é sempre agitada, sempre perturbada, mesmo quando houvesse ausência da dor.

4. Compreendemos perfeitamente essa doutrina, mas isso não nos explica se certos Espíritos exercem uma ação direta sobre a causa material do acidente. Suponhamos que uma ponte se desmoroque no momento em que um homem passa sobre ela. Quem impeliu o homem a passar por essa ponte?

Resp. – Quando um homem passa sobre uma ponte que deve cair, não é um Espírito que o leva a passar ali, é o instinto de seu destino que o conduz a ela.

5. Quem fez a ponte desmoronar?

Resp. – As circunstâncias naturais. A matéria tem em si as causas da destruição. No presente caso, tendo o Espírito necessidade de recorrer a um elemento estranho à sua natureza para movimentar forças materiais, recorrerá de preferência à intuição espiritual. Assim, devendo a ponte desmoronar-se, a água disjunta as pedras que a compõem, a ferrugem corrói as correntes que a sustentam e o Espírito, digamos, insinuará ao homem que passe por essa ponte, em vez de passar por outro local. Tendes, aliás, uma prova material do que digo: seja qual for o acidente, ocorre sempre naturalmente, isto é, por causas que se ligam às outras e o produzem insensivelmente.

6. Tomemos um outro caso, em que a destruição da matéria não seja a causa do acidente. Um homem mal-intencionado atira em mim, a bala passa de raspão, mas não me atinge. Poderá ter sucedido que um Espírito bondoso haja desviado o projétil?

Resp. – Não.

7. Podem os Espíritos advertir-nos diretamente de um perigo? Eis um fato que parece confirmá-lo: Uma mulher saiu de casa e seguia pelo bulevar. Uma voz íntima lhe diz: Vai embora; retorna para tua casa. Ela hesita. A mesma voz faz-se ouvir várias vezes; então ela volta; mas, pensando melhor, diz a si mesma: O que vou fazer em minha casa? Acabo de sair de lá; sem dúvida é efeito da minha imaginação. Então, continua o seu caminho. Alguns passos mais adiante, uma viga que tiravam de uma casa atinge-lhe a cabeça e a derruba, inconsciente. Que voz era aquela? Não era um pressentimento do que ia acontecer a essa mulher?

Resp. – A voz do instinto; nenhum pressentimento, aliás, apresenta tais caracteres: são sempre vagos.

8. Que entendeis por voz do instinto?

Resp. – Entendo que, antes de encarnar-se, o Espírito tem conhecimento de todas as fases de sua existência; quando estas fases têm um caráter fundamental, conserva ele uma espécie de impressão em seu foro íntimo e tal impressão, despertando quando o momento se aproxima, torna-se pressentimento.

Nota: As explicações acima se referem à fatalidade dos acontecimentos materiais. A fatalidade moral é tratada de maneira completa em *O Livro dos Espíritos*.

Utilidade de Certas Evocações Particulares

As comunicações que se obtêm dos Espíritos muito elevados ou dos que animaram grandes personagens da Antigüidade são preciosas pelo alto ensinamento que encerram. Esses Espíritos adquiriram um grau de perfeição que lhes permite abranger uma esfera de idéias mais extensa, penetrar mistérios que ultrapassam o alcance vulgar da Humanidade e, em consequência, de iniciar-nos, melhor do que outros, em certas coisas. Daí não se segue que as

comunicações de Espíritos de uma ordem menos elevada não tenham utilidade; longe disso: o observador haure nelas diversas instruções. Para conhecer os costumes de um povo, é preciso estudá-lo em todos os graus da escala. Quem só o tivesse visto sob uma face, conhecê-lo-ia mal. A história de um povo não é a de seus reis e das sumidades sociais; para julgá-lo é preciso vê-lo em sua vida íntima, em seus hábitos privados. Ora, os Espíritos superiores são as sumidades do mundo espírita; sua própria elevação os coloca de tal forma acima de nós que nos assustamos com a distância que nos separa deles. Espíritos mais burgueses – que nos permitam a expressão – tornam mais palpáveis as circunstâncias de sua nova existência. Neles, a ligação entre a vida corporal e a vida espiritual é mais íntima; nós a compreendemos melhor porque nos toca de mais perto. Aprendendo com eles mesmos em que se tornaram, o que pensam, o que experimentam as pessoas de todas as condições e de todos os caracteres, os homens de bem como os viciosos, os grandes e os pequenos, os felizes e os infelizes do século, numa palavra, os homens que viveram entre nós, que vimos e conhecemos, cuja vida real é conhecida, como suas virtudes e defeitos, compreendemos suas alegrias e seus sofrimentos. A eles nos associamos e neles haurimos um ensino moral tanto mais proveitoso quanto mais íntimas as relações entre eles e nós. Colocamo-nos mais facilmente no lugar de quem foi igual a nós, do que no daquele que vemos apenas através da miragem de uma glória celeste. Os Espíritos vulgares mostram-nos a aplicação prática das grandes e sublimes verdades, das quais os Espíritos superiores nos ensinam a teoria. Aliás, nada é inútil no estudo de uma ciência: Newton encontrou a lei das forças do Universo no mais simples dos fenômenos.

Essas comunicações têm outra vantagem: constatar a identidade dos Espíritos de maneira mais precisa. Quando nos diz um Espírito ter sido Sócrates ou Platão, somos obrigados a crer sob palavra, porquanto não traz consigo um certificado de autenticidade; podemos ver, em suas palavras, se desmente ou não a origem que

ele se atribui: julgamo-lo Espírito elevado, eis tudo; em verdade, tenha sido Sócrates ou Platão, pouco importa. Mas, quando o Espírito de nossos parentes, de nossos amigos ou daqueles que conhecemos se nos manifesta, apresentam-se mil circunstâncias de detalhes íntimos nos quais a identidade não poderia ser posta em dúvida: de algum modo adquire-se a prova material. Pensamos, pois, que nos agradecerão, se fizermos, de vez em quando, algumas dessas evocações íntimas: é o romance de costumes da vida espírita, sem ficção.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

O ASSASSINO LEMAIRE ²⁰

Condenado à pena última pelo júri de Aisne, e executado a 31 de dezembro de 1857.

Evocado em 29 de janeiro de 1858.

1. Rogo a Deus Todo-Poderoso permitir ao assassino Lemaire, executado a 31 de dezembro de 1857, que venha até nós.

Resp. – Eis-me aqui.

2. Como pôde tão prontamente atender ao nosso apelo?

Resp. – Raquel o disse.²¹

3. Vendo-nos, que sensação experimentais?

Resp. – A de vergonha.

20 **N. do T.:** Vide *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec – Segunda Parte, capítulo VI – *Criminosos arrependidos*.

21 Tendo sido evocada alguns dias antes por intermédio do mesmo médium, a senhorita Raquel apresentou-se instantaneamente. A respeito, foram-lhe feitas as seguintes perguntas:

– Como é que vestes tão prontamente, no mesmo instante em que vos evocamos? Dir-se-ia que estáveis preparada.

Resp. – Quando Ermance (a médium) nos chama, vimos depressa.

– Tendes, pois, muita simpatia pela senhorita Ermance?

Resp. – Há um laço entre ela e nós. Ela vinha a nós; nós vamos a ela.

– Entretanto, não há nenhuma semelhança entre seu caráter e o vosso; como é, então, que há simpatia?

Resp. – Ela jamais deixou inteiramente o mundo dos Espíritos.

4. Como pode uma jovem, mansa como um cordeiro, servir de intermediário a um ser sanguinário como vós?

Resp. – Deus o permite.

5. Conservastes os sentidos até o último momento?

Resp. – Sim.

6. Após a execução tivestes imediata noção dessa nova existência?

Resp. – Eu estava imerso em grande perturbação, da qual, aliás, ainda não me libertei. Senti uma dor imensa, afigurando-se-me ser o coração quem a sofria. Vi rolar não sei quê aos pés do cadafalso; vi o sangue que corria e mais pungente se me tornou minha dor.

7. Era uma dor puramente física, análoga à que resultaria de um grande ferimento, pela amputação de um membro, por exemplo?

Resp. – Não; figurai-vos antes um remorso, uma grande dor moral.

8. Quando começastes a sentir essa dor?

Resp. – Desde que fiquei livre.

9. Mas a dor física do suplício, quem a experimentava: o corpo ou o Espírito?

Resp. – A dor moral estava em meu Espírito, sentindo o corpo a dor física; mas o Espírito desligado também dela se ressentia.

10. – Vistes o corpo mutilado?

Resp. – Vi qualquer coisa de informe, à qual me parecia integrado; entretanto, reconhecia-me intacto, isto é, que eu era eu mesmo...

11. – Que impressões vos advieram desse fato?

Resp. – Eu sentia bastante a minha dor, estava completamente ligado a ela.

12. Será verdade que o corpo vive ainda alguns instantes depois da decapitação, tendo o supliciado a consciência das suas idéias?

Resp. – O Espírito retira-se pouco a pouco; quanto mais o retêm os laços materiais, menos pronta é a separação.

13. – Quanto tempo isso dura?

Resp. – Mais ou menos. (Ver a resposta precedente.)

14. – Dizem que se há notado a expressão de cólera e movimentos na fisionomia de certos supliciados, como se quisessem falar; será isso efeito de contrações nervosas, ou ato da vontade?

Resp. – Da vontade, visto que o Espírito não se havia ainda desligado.

15. Qual o primeiro sentimento que experimentastes ao entrar na nova existência?

Resp. – Um sofrimento intolerável, uma espécie de remorso pungente, cuja causa ignorava.

16. – Acaso vos achastes reunido aos vossos cúmplices concomitantemente supliciados?

Resp. – Infelizmente, sim, por desgraça nossa, pois essa visão recíproca é um suplício contínuo, exprobrando-se uns aos outros os seus crimes.

17. Tendes encontrado as vossas vítimas?

Resp. – Vejo-as... são felizes; seus olhares perseguem-me... sinto que me varam o ser e de balde tento fugir-lhes.

18. Que impressão vos causam esses olhares?

Resp. – Vergonha e remorso. Ocasionei-os voluntariamente e ainda os abomino.

19. E qual a impressão que lhes causais?

Resp. – De piedade.

20. Terão por sua vez o ódio e o desejo de vingança?

Resp. – Não; seus votos atraem para mim a expiação. Não podeis avaliar o suplício horrível de tudo devermos àqueles a quem odiamos.

21. Lamentais a perda da vida corporal?

Resp. – Apenas lamento os meus crimes. Se o fato ainda dependesse de mim, não mais sucumbiria.

22. Como fostes conduzido à vida criminosa que levastes?

Resp. – Compreendei! Eu me julgava forte; escolhi uma rude prova; cedi às tentações do mal.

23. O pendor para o mal estava na vossa natureza, ou fostes também influenciado pelo meio em que vivestes?

Resp. – Sendo um Espírito inferior, a tendência para o mal estava na minha própria natureza. Quis elevar-me rapidamente, mas pedi mais do que comportavam minhas forças.

24. Se tivésseis recebido sãos princípios de educação, ter-vos-íeis desviado da senda criminosa?

Resp. – Sim, mas eu havia escolhido a condição do nascimento.

25. Acaso não vos poderíeis ter feito homem de bem?

Resp. – Um homem fraco é incapaz tanto para o bem quanto para o mal. Poderia, talvez, corrigir na vida o mal inerente à minha natureza, mas nunca me elevar à prática do bem.

26. Quando encarnado, acreditáveis em Deus?

Resp. – Não.

27. Dizem que na última hora vos arrependestes; é verdade?

Resp. – Porque acreditei num Deus vingativo, era natural que o temesse...

28. E agora o vosso arrependimento é mais sincero?

Resp. – Pudera! Vejo o que fiz...

29. Que pensais de Deus, agora?

Resp. – Sinto-o, mas não o compreendo.

30. Achais justo o castigo que vos infligiram na Terra?

Resp. – Sim.

31. Esperais obter o perdão dos vossos crimes?

Resp. – Não sei.

32. Como pretendeis repará-los?

Resp. – Por novas provações, conquanto me pareça que existe uma eternidade entre elas e mim.

33. Essas provas se cumprirão na Terra ou num outro mundo?

Resp. – Não sei.

34. Como podereis expiar vossas faltas passadas numa nova existência, se não lhes guardais a lembrança?

Resp. – Delas terei a presciência.²²

35. Onde vos achais agora?

Resp. – Estou no meu sofrimento.

36. Perguntamos qual o lugar em que vos encontrais...

Resp. – Perto de Ermance.

37. Estais reencarnado ou errante?

Resp. – Errante; se estivesse reencarnado, teria esperança.
Já disse: parece-me que a eternidade está entre mim e a expiação.

22 **N. do T.:** *Prescience* (presciência) no original francês. No contexto acima, o termo mais adequado seria *intuição*.

38. Uma vez que assim é, sob que forma vos veríamos, se tal nos fosse possível?

Resp. – Ver-me-íeis sob a minha forma corpórea: a cabeça separada do tronco.

39. Poderíeis aparecer-nos?

Resp. – Não. Deixai-me.

40. Poderíeis dizer-nos como vos evadistes da prisão de Montdidier?

Resp. – Nada mais sei... é tão grande o meu sofrimento, que apenas guardo a lembrança do crime... Deixai-me.

41. Poderíamos concorrer para vos aliviar esse sofrimento?

Resp. – Fazei votos para que sobrevenha a expiação.

A RAINHA DE OUDE²³

Nota: Nestas conversas suprimiremos, doravante, a fórmula de evocação, que é sempre a mesma, a menos que sua resposta apresente alguma particularidade.

1. Quais as vossas sensações ao deixardes o mundo terrestre?

Resp. – Porque ainda perturbada, torna-se-me impossível explicá-las.

2. Sois feliz?

Resp. – Não.

3. Por quê?

Resp. – Tenho saudades da vida... não sei... experimento acerba dor da qual a vida me libertaria... quisera que o corpo se levantasse do túmulo...

23 **N. do T.:** Vide *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec – Segunda Parte, capítulo VII – *Espíritos endurecidos*.

4. Lamentais o ter sido sepultada entre cristãos, e não no vosso país?

Resp. – Sim, a terra indiana pesaria menos sobre o meu corpo.

5. Que pensais das honras fúnebres tributadas aos vossos despojos?

Resp. – Não foram grande coisa, pois eu era rainha e nem todos se curvaram diante de mim... Deixai-me... forçam-me a falar, quando não quero que saibais o que ora sou... Asseguro-vos, eu era rainha...

6. Respeitamos a vossa hierarquia e só insistimos para que respondais no propósito de nos instruímos. Acreditais que vosso filho recupere de futuro os Estados de seu pai?

Resp. – Meu sangue reinará, por certo, visto como é digno disso.

7. Ligais a essa reintegração de vosso filho a mesma importância que lhe dáveis quando encarnada?

Resp. – Meu sangue não pode misturar-se com o do povo.

8. Qual a vossa opinião atual sobre a verdadeira causa da revolta das Índias?

Resp. – O indiano foi feito para ser senhor em sua casa.

9. Que pensais do futuro que está reservado a esse país?

Resp. – A Índia será grande entre as nações.

10. Não se pôde fazer constar na respectiva certidão de óbito o lugar do vosso nascimento; podereis no-lo dizer agora?

Resp. – Sou rainha oriunda do mais nobre dos sangues da Índia. Penso que nasci em Delhi.

11. Vós, que vivestes nos esplendores do luxo, cercada de honras, que pensais hoje de tudo isso?

Resp. – Que tinha direito.

12. A vossa hierarquia terrestre concorreu para que tivésseis outra mais elevada nesse mundo em que ora estais?

Resp. – Continuo a ser rainha... que se enviem escravas para me servirem!... Mas... não sei... parece-me que pouco se preocupam com a minha pessoa aqui... e contudo eu... sou sempre a mesma.

13. Professáveis a religião muçulmana ou a hindu?

Resp. – Muçulmana; eu era, porém, bastante poderosa para me ocupar de Deus.

14. Do ponto de vista da felicidade humana, quais as diferenças que assinalais entre a vossa religião e o Cristianismo?

Resp. – A religião cristã é absurda; diz que todos são irmãos.

15. Qual a vossa opinião a respeito de Maomé?

Resp. – Não era filho de rei.

16. Acreditais que ele houvesse tido uma missão divina?

Resp. – Que me importa isso?!

17. Qual a vossa opinião quanto ao Cristo?

Resp. – O filho do carpinteiro não é digno de ocupar os meus pensamentos.

18. Que pensais desse uso pelo qual as mulheres muçulmanas se furtam aos olhos masculinos?

Resp. – Penso que as mulheres nasceram para dominar: – eu era mulher.

19. Tendes inveja da liberdade de que gozam as européias?

Resp. – Que poderia importar-me tal liberdade? Servem-nas, acaso, ajoelhados?

20. Qual a vossa opinião sobre a condição da mulher em geral, na espécie humana?

Resp. – Que me importam as mulheres! Se me falasses de rainhas!...

21. Tendes reminiscências de encarnações anteriores a esta que vindes de deixar?

Resp. – Deveria ter sido sempre rainha.

22. Por que acudistes tão prontamente ao nosso apelo?

Resp. – Não queria fazê-lo, mas forçaram-me. Acaso julgarás que me dignaria responder-te? Quem és tu ao meu lado?

23. E quem vos forçou a vir?

Resp. – Eu mesma não sei... posto que não deve existir ninguém maior do que eu.

24. Em que lugar vos encontrais aqui?

Resp. – Perto de Ermance.

25. Sob que forma vos apresentais aqui?

Resp. – Sempre rainha... e pensas que eu tenha deixado de o ser? És pouco respeitoso... fica sabendo que não é desse modo que se fala a rainhas.

26. Por que não vos podemos ver?

Resp. – Não o quero.

27. Se nos fosse dado enxergar-vos, ver-vos-íamos com os vossos ornatos e pedrarias?

Resp. – Certamente.

28. E como se explica o fato de, despojado de tudo isso, conservar o vosso Espírito tais aparatos, sobretudo os ornamentos?

Resp. – É que eles me não deixaram. Sou tão bela quanto era, e não compreendo o juízo que de mim fazeis. É verdade que nunca me vistes.

29. Que impressão vos causa estardes entre nós?

Resp. – Se eu pudesse evitá-la... Tratam-me com tão pouca cortesia... Não quero que me tratem assim... Chamai-me Majestade, ou não responderei mais.

30. Vossa Majestade *compreendia* a língua francesa?

Resp. – Por que não a compreenderia? Eu sabia tudo.

31. Vossa Majestade gostaria de nos responder em inglês?

Resp. – Não... Não me deixareis, pois, tranqüila?... Quero ir embora... Deixai-me... Pensais que eu esteja submetida aos vossos caprichos?... Sou rainha, e não escrava.

32. Rogamos somente que respondais, ainda, a duas ou três perguntas.

Resposta de São Luís, que estava presente: Deixai-a, a pobre perturbada. Tende compaixão da sua cegueira e oxalá vos sirva de exemplo. Não sabeis quanto padece o seu orgulho.

Observação – Essa conversa oferece mais de um ensinamento. Evocando essa majestade decaída, agora no túmulo, não esperávamos respostas de grande profundidade, tendo em vista o gênero de educação das mulheres naquele país; mas pensávamos encontrar nesse Espírito, se não a filosofia, pelo menos um sentimento mais verdadeiro da realidade e idéias mais sadias sobre as vaidades e grandezas da Terra. Longe disso: nela as idéias terrestres conservaram toda sua força; é o orgulho, que nada perdeu de suas ilusões, que luta contra sua própria fraqueza e que deve, com efeito, sofrer muito por sua impotência. Prevendo respostas de outra natureza, havíamos preparado diversas perguntas que se tornaram sem objetivo. Essas respostas são tão diferentes das que esperávamos, assim como as pessoas presentes, que nelas não se poderia ver a influência de um pensamento estranho. Além disso, têm uma marca tão característica de personalidade, que acusam claramente a identidade do Espírito que se manifestou.

Poder-se-ia estranhar, com razão, ver Lemaire, homem degradado e maculado por todos os crimes, manifestar, em sua linguagem de além-túmulo, sentimentos que denotam uma certa elevação e uma apreciação bastante exata de sua situação, ao passo que na rainha de Oude, cuja hierarquia deveria ter-lhe desenvolvido o senso moral, não sofreram as idéias terrestres nenhuma modificação. A causa dessa anomalia parece fácil de explicar. Por mais degradado fosse, Lemaire vivia no seio de uma sociedade civilizada e esclarecida, que tinha reagido contra sua natureza grosseira; ele havia absorvido, mau grado seu, alguns raios da luz que o cercavam e essa luz nele fez nascerem pensamentos sufocados por sua abjeção, mas cujo germe, nem por isso, deixava de subsistir. Ocorre de modo diferente com a rainha de Oude: o meio em que viveu, os hábitos, a ausência absoluta de cultura intelectual, tudo deve ter contribuído para manter, em toda a sua pujança, as idéias de que estava imbuída desde a infância; nada veio modificar essa natureza primitiva, sobre a qual os preconceitos conservaram todo o seu império.

O DOUTOR XAVIER

Sobre as diversas questões psicofisiológicas

Um médico de grande talento, que designaremos pelo nome de Xavier, morto há alguns meses, e que se ocupou muito de magnetismo, havia deixado um manuscrito que supunha viesse revolucionar a Ciência. Antes de morrer, havia lido *O Livro dos Espíritos* e desejado um contato com o seu autor. A doença de que sucumbiu não lhe deixou tempo para isso. Sua evocação ocorreu a pedido da família, e as respostas que encerra, eminentemente instrutivas, levaram-nos a inseri-las nesta coletânea, suprimindo, entretanto, tudo quanto fosse de interesse particular.

1. Lembrais do manuscrito que deixastes?

Resp. – Ligo-lhe pouca importância.

2. Qual a vossa opinião atual sobre esse manuscrito?

Resp. – Obra vã, de um ser que se ignorava a si mesmo.

3. Pensáveis, entretanto, que essa obra poderia fazer uma revolução na Ciência?

Resp. – Agora vejo muito claramente.

4. Como Espírito, poderíeis corrigir e acabar esse manuscrito?

Resp. – Parti de um ponto que conhecia mal; talvez fosse preciso refazer tudo.

5. Sois feliz ou infeliz?

Resp. – Espero e sofro.

6. Que esperais?

Resp. – Novas provas.

7. Qual é a causa de vossos sofrimentos?

Resp. – O mal que fiz.

8. Entretanto, não fizestes o mal intencionalmente.

Resp. – Conheceis bem o coração do homem?

9. Sois errante ou encarnado?

Resp. – Errante.

10. Quando entre nós, qual a vossa opinião sobre a Divindade?

Resp. – Não acreditava nela.

11. E agora?

Resp. – Não creio bastante.

12. Tíndeis desejo de entrar em contato comigo; lembrai-vos?

Resp. – Sim.

13. Vedes a mim e me reconheceis como sendo a pessoa com quem querieis entrar em relação?

Resp. – Sim.

14. Que impressão vos deixou *O Livro dos Espíritos*?

Resp. – Transtornou-me.

15. Que pensais dele agora?

Resp. – É uma grande obra.

16. Que pensais do futuro da Doutrina Espírita?

Resp. – É grande, mas certos discípulos a prejudicam.

17. Quais são os que a prejudicam?

Resp. – Os que atacam o que existe: as religiões, as primeiras e mais simples crenças dos homens.

18. Como médico, e em razão dos estudos que fizestes, sem dúvida podeis responder às seguintes perguntas:

Pode o corpo conservar por alguns instantes a vida orgânica após a separação da alma?

Resp. – Sim.

19. Por quanto tempo?

Resp. – Não há tempo.

20. Precisaí vossa resposta, eu vos peço.

Resp. - Isso não dura senão alguns instantes.

21. Como se opera a separação entre a alma e o corpo?

Resp. – Como um fluido que escapa de um vaso qualquer.

22. Há uma linha de demarcação realmente nítida entre a vida e a morte?

Resp. – Esses dois estados se tocam e se confundem; assim, o Espírito se desprende pouco a pouco de seus laços; ele os desenlaça, não os arrebenta.

23. Esse desprendimento da alma opera-se mais prontamente em uns do que em outros?

Resp. – Sim: nos que em vida já se elevaram acima da matéria, porque, então, sua alma pertence mais ao mundo dos Espíritos do que ao mundo terrestre.

24. Em que momento se opera a união entre a alma e o corpo na criança?

Resp. – Quando a criança respira; como se recebesse a alma com o ar exterior.

Observação – Essa opinião é conseqüência do dogma católico. Com efeito, ensina a Igreja que a alma não pode ser salva senão pelo batismo; ora, como a morte natural intra-uterina é muito freqüente, em que se tornaria essa alma, privada, segundo ela, desse único meio de salvação, se existisse no corpo antes do nascimento? Para ser coerente, seria preciso que o batismo fosse realizado, se não de fato, pelo menos de intenção, desde o momento da concepção.

25. Como, então, explicais a vida intra-uterina?

Resp. – É a da planta que vegeta. A criança vive vida animal.

26. Há crime em privar da vida uma criança, antes do seu nascimento, uma vez que, nessa fase, não tendo alma, ainda não seria um ser humano?

Resp. – A mãe, ou qualquer outra pessoa que tirar a vida de uma criança antes de nascer, cometerá sempre um crime, porquanto impede a alma de suportar as provas de que o corpo deverá servir de instrumento.

27. A expiação que deveria sofrer a alma impedida de se encarnar, não obstante, poderá ocorrer?

Resp. – Sim, mas Deus sabia que a alma não se uniria àquele corpo; assim, nenhuma alma deveria unir-se àquele envoltório corporal: *era uma prova para a mãe.*

28. Dado o caso que o nascimento da criança pusesse em perigo a vida da mãe dela, haverá crime em sacrificar-se a primeira para salvar a segunda?

Resp. – Não; preferível é se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe.

29. A união entre a alma e o corpo opera-se instantânea ou gradualmente? Isto é, será necessário um tempo apreciável para que essa união seja completa?

Resp. – O Espírito não entra bruscamente no corpo. Para medir esse tempo, imaginai que o primeiro sopro que a criança recebe é a alma que entra no corpo: o tempo que o peito se eleva e se abaixa.

30. Há predestinação na união da alma com tal ou qual corpo, ou só na última hora é feita a escolha do corpo que ela tomará?

Resp. – Deus a marcou; essa questão exige maiores desenvolvimentos. Tendo o Espírito escolhido a prova a que queira submeter-se, pede para encarnar. Ora, Deus, que tudo sabe e vê, já antecipadamente sabia e vira que tal Espírito se uniria a tal corpo. Quando o Espírito nasce nas baixas camadas sociais, sabe que sua vida será de labor e sofrimento. A criança que vai nascer tem uma existência que resulta, até certo ponto, da posição de seus pais.

31. Por que pais bons e virtuosos dão nascimento a filhos de natureza perversa? Em outras palavras, por que as boas qualidades dos pais não atraem sempre, por simpatia, um Espírito bom para lhes animar o filho?

Resp. – Um Espírito mau pede bons pais na esperança de que seus conselhos o dirijam por um caminho melhor.

32. Podem os pais, por seus pensamentos e suas preces, atrair ao corpo do filho um Espírito bom, ao invés de um Espírito inferior?

Resp. – Não; mas podem melhorar o Espírito da criança a que deram nascimento: é seu dever; os maus filhos são uma prova para os pais.

33. Concebe-se o amor maternal para a conservação da vida da criança, mas, uma vez que esse amor está na Natureza, por que há mães que odeiam seus filhos e, muitas vezes, desde o nascimento?

Resp. – Espíritos maus, que tratam de entrar o Espírito da criança, a fim de que sucumba sob a prova que desejou.

34. Agradecemos as explicações que tivestes a bondade de nos dar.

Resp. – Tudo farei para vos instruir.

Observação – A teoria dada por esse Espírito sobre o instante da união entre a alma e o corpo não é absolutamente exata. A união começa desde a concepção, isto é, a partir do momento em que o Espírito, sem estar encarnado, liga-se ao corpo por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até o instante em que a criança vê a luz. A encarnação só se completa quando a criança respira. (Vide *O Livro dos Espíritos*, nº 344 e seguintes.)²⁴

Sr. Home

(Segundo artigo – Ver o número de fevereiro de 1858)

Como dissemos, o Sr. Home é um médium do gênero daqueles sob cuja influência se produzem, mais especialmente,

24 N. do. T.: Este item entre parênteses não constava na edição original de 1858. Provavelmente foi inserido mais tarde na reimpressão desta revista.

fenômenos físicos, sem por isso excluir as manifestações inteligentes. Todo efeito que revela a ação de uma vontade livre é, por isso mesmo, inteligente, ou seja, não é puramente mecânico e nem poderia ser atribuído a um agente exclusivamente material; mas, daí às comunicações instrutivas de elevado alcance moral e filosófico há uma distância muito grande, e não é de nosso conhecimento que o Sr. Home as obtenha de tal natureza. Não sendo médium escrevente, a maior parte das respostas é dada por pancadas, indicativas das letras do alfabeto, meio sempre imperfeito e bastante lento, que dificilmente se presta a desenvolvimentos de uma certa extensão. Entretanto, ele também obtém a escrita, mas por outro processo de que falaremos dentro em pouco.

Digamos, primeiro, como princípio geral, que as manifestações ostensivas, as que impressionam os sentidos, podem ser espontâneas ou provocadas. As primeiras são independentes da vontade; por vezes, ocorrem mesmo contra a vontade daquele que lhes é objeto e ao qual nem sempre são agradáveis. São freqüentes os fatos desse gênero e, sem remontar aos relatos mais ou menos autênticos dos tempos recuados, deles a história contemporânea oferece numerosos exemplos, cuja causa, ignorada em seu princípio, é hoje perfeitamente conhecida: tais são, por exemplo, os ruídos insólitos, o movimento desordenado dos objetos, as cortinas puxadas, as cobertas arrancadas, certas aparições, etc. Algumas pessoas são dotadas de uma faculdade especial que lhes dá o poder de provocar esses fenômenos, pelo menos em parte, por assim dizer, à vontade. Essa faculdade não é muito rara e, de cem pessoas, cinquenta pelo menos a possuem em maior ou menor grau. O que distingue o Sr. Home é que nele a faculdade está desenvolvida, como entre os médiuns de sua espécie, de uma maneira a bem dizer excepcional. Alguns não obterão senão golpes leves, ou o deslocamento insignificante de uma mesa, enquanto que, sob a influência do Sr. Home os ruídos mais retumbantes fazem-se ouvir e todo o mobiliário de um quarto pode ser revirado, os móveis amontoando-se uns sobre os outros. Por mais estranhos sejam esses

fenômenos, o entusiasmo de alguns admiradores muito zelosos ainda encontrou jeito de os amplificar por meio de pura invenção. Por outro lado, os detratores não ficaram inativos; a seu respeito, contaram todo tipo de anedotas, que só existiram em sua imaginação. Eis um exemplo:

O Sr. Marquês de..., uma das personagens que mais interesse demonstraram pelo Sr. Home, e em cuja residência o médium era recebido na intimidade, achava-se um dia na ópera com este último. Na platéia superior estava o Sr. de P..., um de nossos assinantes, e que conhece a ambos pessoalmente. Seu vizinho entabula conversação com ele; o assunto é o Sr. Home. “Acreditais – disse ele – que aquele pretendo feiticeiro, aquele charlatão, encontrou meio de introduzir-se na casa do Sr. Marquês de... ? Seus artifícios, porém, foram descobertos e ele foi posto no olho da rua a pontapés, como um vil intrigante. – Estais bem certo disso? pergunta o Sr. de P... Conheceis o Sr. Marquês de...? – Certamente, responde o interlocutor – Nesse caso, diz o Sr. de P..., olhai naquele camarote; podereis vê-lo em companhia do próprio Sr. Home, ao qual não parece que queira dar pontapés.” Diante disso, nosso melancólico falador, não julgando conveniente continuar a conversa, pegou seu chapéu e não apareceu mais. Por aí se pode julgar do valor de certas afirmações. Seguramente, se certos fatos divulgados pela maledicência fossem verdadeiros, ter-lhe-iam fechado mais de uma porta; mas como as casas mais respeitáveis sempre lhe estiveram abertas, deve-se concluir que sempre e por toda parte ele se conduziu como um cavalheiro. Basta, aliás, haver conversado algumas vezes com o Sr. Home para ver que, com a sua timidez e a sua simplicidade de caráter, seria o mais desajeitado de todos os intrigantes; insistimos nesse ponto pela moralidade da causa. Voltemos às suas manifestações. Sendo o nosso objetivo fazer conhecer a verdade, no interesse da Ciência, tudo quanto relatamos é colhido em fontes de tal maneira autênticas que podemos garantir-lhes a mais escrupulosa exatidão; temos testemunhas oculares muito sérias, muito esclarecidas e altamente colocadas para que sua sinceridade

possa ser posta em dúvida. Se dissessem que essas pessoas puderam, de boa-fé, ser vítimas de uma ilusão, responderíamos que há circunstâncias que escapam a toda suposição desse gênero; aliás, tais pessoas estavam muito interessadas em conhecer a verdade para não se precaverem contra toda falsa aparência.

Geralmente o Sr. Home começa suas sessões pelos fatos conhecidos: pancadas em uma mesa ou em qualquer outra parte do apartamento, procedendo como já dissemos alhures. Segue-se o movimento da mesa, que se opera, primeiro, pela imposição das mãos, dele somente ou de várias das pessoas reunidas, depois, a distância e sem contato; é uma espécie de ensaio. Muito freqüentemente ele nada mais obtém além: vai depender da disposição em que se encontra e algumas vezes também da dos assistentes; há pessoas perante as quais jamais produziu coisa alguma, mesmo sendo seus amigos. Não nos alongaremos sobre esses fenômenos, hoje tão conhecidos, e que só se distinguem por sua rapidez e energia. Muitas vezes, após várias oscilações e balanços, a mesa se destaca do solo, eleva-se gradualmente, lentamente, por pequenas sacudidelas, não mais alguns centímetros somente, mas até o teto e fora do alcance das mãos. Após permanecer suspensa no espaço por alguns segundos, desce como havia subido, lenta e gradualmente.

Sendo um fato conhecido a suspensão de um corpo inerte e de peso específico incomparavelmente maior que o do ar, concebe-se que o mesmo se possa dar com um corpo animado. Não nos consta que o Sr. Home tivesse agido sobre alguma pessoa além dele mesmo e, ainda assim, o fato não se produziu em Paris, mas verificou-se diversas vezes, tanto em Florença como na França, especialmente em Bordeaux, na presença das mais respeitáveis testemunhas, que poderíamos citar, se necessário. Como a mesa, ele se elevou até o teto, descendo do mesmo modo. O que há de bizarro nesse fenômeno é que não se produz por um ato de sua vontade, e ele mesmo nos disse que dele não se apercebe, acreditando estar sempre no solo, a

menos que olhe para baixo; apenas as testemunhas o vêem elevar-se; quanto a ele, experimenta nesse momento a sensação produzida pelo sacolejo de um navio sobre as ondas. De resto, o fato que relatamos não é de forma alguma peculiar ao Sr. Home. A História cita vários exemplos autênticos que relataremos posteriormente.

De todas as manifestações produzidas pelo Sr. Home, a mais extraordinária, sem dúvida, é a das aparições, razão por que nelas insistiremos mais, tendo em vista as graves conseqüências daí decorrentes e a luz que elas lançam sobre uma multidão de outros fatos. O mesmo acontece com os sons produzidos no ar, instrumentos de música que tocam sozinhos, etc. No próximo número examinaremos detalhadamente esses fenômenos.

Retornando de uma viagem à Holanda, onde produziu forte sensação na corte e na alta sociedade, o Sr. Home acaba de partir para a Itália. Sua saúde, gravemente alterada, exigia um clima mais ameno.

Confirmamos, com prazer, o que certos jornais relataram, de um legado de 6.000 francos de renda que lhe foi feito por uma dama inglesa, convertida por ele à Doutrina Espírita e em reconhecimento da satisfação que ela experimentou. Sob todos os aspectos, merecia o Sr. Home esse honroso testemunho. Esse ato, de parte da doadora, é um precedente que terá o aplauso de todos quantos partilham de nossas convicções; esperamos tenha a Doutrina, um dia, o seu Mecenaz: a posteridade inscreverá seu nome entre os benfeitores da Humanidade. A religião nos ensina a existência da alma e sua imortalidade; o Espiritismo dá-nos a sua prova viva e palpável, não mais pelo raciocínio, mas pelos fatos. O materialismo é um dos vícios da sociedade atual, porque engendra o egoísmo. O que há, com efeito, fora do *eu*, para quem tudo liga à matéria e à vida presente? Intimamente vinculada às idéias religiosas, esclarecendo-nos sobre nossa natureza, a Doutrina Espírita mostra-nos a felicidade na prática das virtudes evangélicas; lembra ao

homem os seus deveres para com Deus, a sociedade, e para consigo mesmo. Colaborar na sua propagação é desferir um golpe mortal na chaga do cepticismo que nos invade como um mal contagioso; honra, pois, aos que empregam nessa obra os bens com que Deus os favoreceu na Terra!

Magnetismo e Espiritismo

Quando apareceram os primeiros fenômenos espíritas, algumas pessoas pensaram que essa descoberta – se podemos aplicar-lhe esse nome – ia desfechar um golpe fatal no magnetismo e que com ele ocorreria o mesmo que aconteceu com as demais invenções: a mais aperfeiçoada faz esquecer a precedente. Tal erro não tardou em dissipar-se e prontamente se reconheceu o parentesco dessas duas ciências. Ambas, com efeito, baseadas sobre a existência e a manifestação da alma, longe de se combaterem, podem e devem prestar-se um mútuo apoio: completam-se e se explicam uma pela outra. Seus respectivos adeptos, entretanto, diferem sobre alguns pontos: certos magnetistas²⁵ não admitem ainda a existência ou, pelo menos, a manifestação dos Espíritos; acreditam poder tudo explicar tão-só pela ação do fluido magnético, opinião que nos limitamos a constatar, reservando-nos discuti-la mais tarde. Nós mesmos a partilhávamos, no início; mas, como tantos outros, tivemos que nos render à evidência dos fatos. Os adeptos do Espiritismo, ao contrário, são todos partidários do magnetismo; admitem sua ação e nos fenômenos sonambúlicos reconhecem uma manifestação da alma. Essa oposição, aliás, se enfraquece a cada dia, e é fácil prever que não está longe o tempo em que toda distinção terá cessado. Essa divergência de opinião nada tem que deva surpreender. Nos primórdios de uma ciência ainda tão nova é muito natural que cada um, encarando as coisas do seu ponto de vista, haja formado

25 Magnetizador é o que pratica o magnetismo; magnetista se diz de alguém que lhe adote os princípios. Pode-se ser magnetista sem ser magnetizador; mas não se pode ser magnetizador sem ser magnetista.

uma idéia diferente. As ciências mais positivas tiveram sempre, e têm ainda suas seitas, sustentando com ardor teorias contrárias; os sábios ergueram escolas contra escolas, bandeira contra bandeira e, muito freqüentemente para sua dignidade, sua polêmica, tornada irritante e agressiva pelo amor-próprio ferido, saiu dos limites de uma sábia discussão. Esperamos que os partidários do magnetismo e do Espiritismo, mais bem inspirados, não dêem ao mundo o escândalo de discussões tão pouco edificantes e sempre fatais à propagação da verdade, seja qual for o lado em que ela esteja. Podemos ter nossa opinião, sustentá-la, discuti-la; mas o meio de nos esclarecermos não é nos estraçalhando, procedimento sempre pouco digno de homens sérios e que se torna ignóbil se o interesse pessoal está em jogo.

O magnetismo preparou o caminho do Espiritismo, e o rápido progresso desta última doutrina se deve, incontestavelmente, à vulgarização das idéias sobre a primeira. Dos fenômenos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas não há mais que um passo; tal é sua conexão que, por assim dizer, torna-se impossível falar de um sem falar do outro. Se tivéssemos que ficar fora da ciência magnética, nosso quadro seria incompleto e poderíamos ser comparados a um professor de física que se abstivesse de falar da luz. Todavia, como entre nós o magnetismo já possui órgãos especiais justamente acreditados, seria supérfluo insistirmos sobre um assunto que é tratado com tanta superioridade de talento e de experiência; a ele, pois, não nos referiremos senão acessoriamente, mas de maneira suficiente para mostrar as relações íntimas entre essas duas ciências que, a bem da verdade, não passam de uma.

Devíamos aos nossos leitores essa profissão de fé, que terminamos prestando uma justa homenagem aos homens de convicção que, afrontando o ridículo, os sarcasmos e os dissabores devotaram-se corajosamente à defesa de uma causa toda humanitária. Qualquer que seja a opinião dos contemporâneos sobre

o seu proveito pessoal, opinião que de uma forma ou de outra é sempre o reflexo das paixões vivazes, a posteridade far-lhes-á justiça; ela colocará os nomes do barão Du Potet, diretor do *Journal du Magnétisme*, do Sr. Millet, diretor da *Union magnétique*, ao lado de seus ilustres predecessores, o marquês de Puységur e o sábio Deleuze. Graças aos seus perseverantes esforços o magnetismo, popularizado, fincou o pé na ciência oficial, onde dele já se fala aos cochichos. Esse vocábulo já passou à língua comum; já não afugenta mais e, quando alguém se diz magnetizador, não lhe riem mais no rosto.

Allan Kardec

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO I

ABRIL DE 1858

Nº 4

Período Psicológico

Se bem que as manifestações espíritas tenham ocorrido em todas as épocas, é incontestável que hoje se produzem de maneira excepcional. Interrogados sobre esse fato, os Espíritos foram unânimes em sua resposta: “Os tempos – dizem eles – marcados pela Providência para uma manifestação universal são chegados. Estão encarregados de dissipar as trevas da ignorância e dos preconceitos; é uma era nova que começa e prepara a regeneração da Humanidade.” Esse pensamento acha-se desenvolvido de maneira notável numa carta que recebemos de um de nossos assinantes, da qual extraímos a seguinte passagem:

“Cada coisa tem seu tempo; o período que acaba de escoar-se parece ter sido especialmente destinado pelo Todo-Poderoso ao progresso das ciências matemáticas e físicas e, provavelmente, foi tendo em vista dispor os homens aos conhecimentos exatos que ele se opôs, durante muito tempo, à manifestação dos Espíritos, como se tal manifestação pudesse ser prejudicial ao positivismo, que requer o estudo da Ciência; numa palavra, quis habituar o homem a procurar, nas ciências de observação, a explicação de todos os fenômenos que deviam produzir-se a seus olhos.

“Hoje, o período científico parece ter chegado a seu termo. Depois dos imensos progressos realizados, não seria impossível que o novo período que deve suceder-lhe fosse consagrado pelo Criador às iniciações de ordem psicológica. Na imutável lei de perfectibilidade que estabeleceu para os seres humanos, o que poderá fazer depois de havê-los iniciado nas leis físicas do movimento e ter-lhes revelado os motores com os quais muda a face do globo? O homem sondou as profundezas mais longínquas do espaço; a marcha dos astros e o movimento geral do Universo não têm mais segredos para ele; lê nas camadas geológicas a história da formação do globo; à sua vontade, a luz se transforma em imagens duráveis; domina o raio; com o vapor e a eletricidade suprime as distâncias e o pensamento transpõe o espaço com a rapidez do relâmpago. Chegado a esse ponto culminante, do qual a história da Humanidade não oferece nenhum exemplo, qualquer que tenha sido o seu grau de avanço nos séculos recuados, parece-me racional pensar que a ordem psicológica lhe abre um novo caminho na via do progresso. É, pelo menos, o que se poderia deduzir dos fatos que se produzem em nossos dias e se multiplicam por todos os lados. Esperemos, pois, que se aproxime o momento, se é que ainda não chegou, em que o Todo-Poderoso venha iniciar-nos em novas, grandes e sublimes verdades. Cabe a nós compreendê-lo e secundá-lo na obra da regeneração.”

Essa carta é do Sr. Georges, do qual havíamos falado em nosso primeiro número. Não podemos senão felicitá-lo pelos seus progressos na Doutrina; os elevados pontos de vista que desenvolve demonstram que a compreende em seu verdadeiro sentido; para ele a Doutrina não se resume na crença nos Espíritos e em suas manifestações: é toda uma filosofia. Como ele, admitimos que entramos no período psicológico e achamos perfeitamente racionais os motivos que nos apresenta, sem crer, todavia, que o período científico tenha dito sua última palavra; ao contrário, acreditamos que ainda nos reserva muitos outros prodígios. Estamos numa época de transição, em que os caracteres dos dois períodos se confundem.

Os conhecimentos que os Antigos possuíam sobre a manifestação dos Espíritos não serviriam de argumento contra a idéia do período psicológico que se prepara. Com efeito, notamos que na Antigüidade esses conhecimentos estavam circunscritos ao estreito círculo dos homens de elite; sobre eles o povo possuía somente idéias falseadas pelos preconceitos e desfiguradas pelo charlatanismo dos sacerdotes, que delas se serviam como meio de dominação. Como já o dissemos alhures, jamais esses conhecimentos se perderam e as manifestações sempre se produziram; mas ficaram como fatos isolados, certamente porque o tempo de os compreender não havia ainda chegado. O que se passa hoje tem um caráter bem diverso; as manifestações são gerais; impressionam a sociedade desde a base até o cume. Os Espíritos não mais ensinam nos recintos fechados e misteriosos de um templo inacessível ao vulgo. Esses fatos se passam à luz do dia; falam a todos uma linguagem inteligível por todos. Tudo, pois, anuncia, do ponto de vista moral, uma nova fase para a Humanidade.

O Espiritismo entre os Druidas

Há cerca de dez anos, sob o título *Le vieux neuf*²⁶, publicou o Sr. Edouard Fournier, no *Siècle*, uma série de artigos tão notáveis do ponto de vista da erudição, quanto interessantes por suas relações históricas. Passando em revista todas as invenções e descobertas modernas, prova o autor que se o nosso século tem o mérito da aplicação e do desenvolvimento, não tem, pelo menos para a maioria delas, o da prioridade. À época em que o Sr. Edouard Fournier escrevia esses eruditos folhetins não se cogitava ainda de Espíritos, sem o que não teria deixado de nos mostrar que tudo quanto se passa hoje é apenas uma repetição do que os Antigos sabiam muito bem, e talvez melhor que nós. E o lastimamos por nossa conta, porque as suas profundas investigações ter-lhe-iam permitido esquadrinhar a Antigüidade mística, como perscrutou a

26 N. do T.: O velho novo.

Antigüidade industrial; e fazemos votos por que suas laboriosas pesquisas sejam dirigidas um dia para esse lado. Quanto a nós, não nos deixam nossas observações pessoais nenhuma dúvida sobre a antigüidade e a universalidade da Doutrina que os Espíritos nos ensinam. Essa coincidência entre o que nos dizem hoje e as crenças dos tempos mais remotos, é um fato significativo da mais alta importância. Faremos notar, entretanto, que, se por toda parte encontramos traços da Doutrina Espírita, em parte alguma a vemos completa: tudo indica ter sido reservado à nossa época coordenar esses fragmentos esparsos entre todos os povos, a fim de chegar-se à unidade de princípio através de um conjunto mais completo e, sobretudo, mais geral de manifestações, que dariam razão ao autor do artigo que citamos mais acima, a propósito do período psicológico no qual a Humanidade parece estar entrando.

Quase por toda parte a ignorância e os preconceitos desfiguraram essa doutrina, cujos princípios fundamentais se misturam às práticas supersticiosas de todos os tempos, exploradas para abafar a razão. Todavia, sob esse amontoado de absurdos germinam as mais sublimes idéias, como sementes preciosas ocultas sob as sarças, não esperando senão a luz vivificante do sol para se desenvolverem. Mais universalmente esclarecida, nossa geração afasta as sarças; tal limpeza de terreno, porém, não pode ser feita sem transição. Deixemos, pois, às boas sementes o tempo de se desenvolverem e, às más ervas, o de desaparecerem.

A doutrina druídica oferece-nos um curioso exemplo do que acabamos de dizer. Essa doutrina, de que não conhecemos bem senão as práticas exteriores, eleva-se, sob certos aspectos, até as mais sublimes verdades; mas essas verdades eram apenas para os iniciados: terrificado pelos sacrifícios sangrentos, o povo colhia com santo respeito o visgo sagrado do carvalho e via apenas a fantasmagoria. Poderemos julgá-lo pela seguinte citação, extraída de um documento tão precioso quão desconhecido, e que lança uma luz inteiramente nova sobre a teologia de nossos ancestrais.

“Entregamos à reflexão de nossos leitores um texto céltico, há pouco publicado, cujo aparecimento causou uma certa emoção no mundo culto. É impossível saber-se ao certo o seu autor, nem mesmo a que século remonta. Mas o que é incontestável é que pertence à tradição dos bardos da Gália, e essa origem é suficiente para conferir-lhe um valor de primeira ordem.

“Sabe-se, com efeito, que ainda em nossos dias a Gália se constitui no mais fiel abrigo da nacionalidade gaulesa que, entre nós, experimentou tão profundas modificações. Apenas abordada de leve pela dominação romana, que nela só se deteve por pouco tempo e fracamente; preservada da invasão dos bárbaros pela energia de seus habitantes e pelas dificuldades de seu território; submetida mais tarde à dinastia normanda que, todavia, teve que lhe conceder um certo grau de independência, o nome de Galles, *Gallia*, que sempre ostentou, é um traço distintivo pelo qual se liga, sem descontinuidade, ao período antigo. A língua *kymrique*²⁷, outrora falada em toda a parte setentrional da Gália, jamais deixou de ser usada, e muitos costumes são igualmente gauleses. De todas as influências estranhas, a única que triunfou completamente foi o Cristianismo; mas não o conseguiu sem muitas dificuldades, relativamente à supremacia da Igreja Romana, da qual a reforma do século XVI mais não fez que determinar-lhe a queda, desde longo tempo preparada, nessas regiões cheias de um sentimento indefectível de independência.

“Pode-se mesmo dizer que os druidas, convertendo-se inteiramente ao Cristianismo, não se extinguiram totalmente na Gália, como em nossa Bretanha e em outras regiões de sangue gaulês. Como consequência imediata, tiveram uma sociedade muito solidamente constituída, dedicada em aparência sobretudo ao culto da poesia nacional, mas que, sob o manto poético, conservou com notável fidelidade a herança intelectual da antiga Gália: é a Sociedade bárdica da Gália que, após ter-se mantido como sociedade secreta durante toda a Idade Média, por uma transmissão oral de

27 N. do T.: Grifo nosso.

seus monumentos literários e de sua doutrina, à imitação da prática dos druidas, decidiu, por volta dos séculos XVI e XVII, confiar à escrita as partes mais essenciais dessa herança. Desse fundamento, cuja autenticidade é atestada por uma cadeia tradicional ininterrupta, procede o texto de que falamos; e o seu valor, dadas essas circunstâncias, não depende, como se vê, nem da mão que teve o mérito de o escrever, nem da época em que sua redação pôde adquirir sua última forma. O que nele transpira, acima de tudo, é o espírito dos bardos da Idade Média, eles mesmos os últimos discípulos dessa corporação sábia e religiosa que, sob o nome de druidas, dominou a Gália durante o primeiro período de sua história, mais ou menos do mesmo modo que o fez o clero latino na Idade Média.

“Mesmo que estivéssemos privados de toda luz sobre a origem do texto de que se trata, estaríamos claramente no caminho certo, tendo em vista a sua concordância com os ensinamentos que os autores gregos e latinos nos deixaram, relativamente à doutrina religiosa dos druidas. Constitui-se esse acordo de pontos de solidariedade que não permitem nenhuma dúvida, porque se apóiam em razões tiradas da própria substância de tais escritos; e a solidariedade, assim demonstrada pelos escritos capitais, os únicos de que nos falaram os Antigos, estende-se naturalmente aos desenvolvimentos secundários. Com efeito, esses desenvolvimentos, penetrados do mesmo espírito, derivam necessariamente da mesma fonte; fazem corpo com o fundo e não podem explicar-se senão por ele. E, ao mesmo tempo em que remontam, por uma origem tão lógica, aos depositários primitivos da religião druídica, é impossível assinalar-lhes algum outro ponto de partida; porque, fora da influência druídica, a região de onde provêm só conheceu a influência cristã, totalmente estranha a tais doutrinas.

“Os desenvolvimentos contidos nas tríades estão de tal modo fora do Cristianismo que as raras influências cristãs, que resvalam aqui e ali em seu conjunto, distinguem-se do fundo primitivo logo à primeira vista. Essas emanações, oriundas ingenuamente da consciência dos bardos cristãos, bem podiam, se

assim podemos dizer, intercalar-se nos interstícios da tradição, mas nela não puderam fundir-se. A análise do texto é, pois, tão simples quanto rigorosa, visto que pode reduzir-se a pôr de lado tudo o que traz o sinete do Cristianismo e, uma vez operada a triagem, considerar como de origem druídica tudo quanto fica visivelmente caracterizado por uma religião diferente da do Evangelho e dos concílios. Assim, para citar apenas o essencial, e partindo do princípio tão conhecido de que o dogma da caridade em Deus e no homem é tão especial ao Cristianismo quanto o é o da transmigração das almas ao antigo druidismo, um certo número de tríades, nas quais respira um espírito de amor jamais conhecido na Gália primitiva, traem-se imediatamente como marcas de um caráter comparativamente moderno; enquanto que as outras, animadas por um sopro totalmente diferente, deixam ver ainda melhor o selo da alta antigüidade que as distingue.

“Enfim, não é inútil observar que a própria forma do ensinamento contido nas tríades é de origem druídica. Sabe-se que os druidas tinham uma predileção particular pelo número três e o empregavam de modo especial, como no-lo mostra a maioria dos monumentos gauleses, para a transmissão de suas lições que, mediante essa forma precisa, gravavam-se mais facilmente na memória. Diógenes Laércio conservou-nos uma dessas tríades, que resume sucintamente o conjunto dos deveres do homem para com a Divindade, para com seus semelhantes e para consigo mesmo: ‘Honrar os seres superiores, não cometer injustiça e cultivar em si a virtude viril.’ A literatura dos bardos propagou, até nós, uma multidão de aforismos do mesmo gênero, interessando a todos os ramos do saber humano: ciência, história, moral, direito, poesia. Não os há mais interessantes, nem mais próprios a inspirar grandes reflexões do que aqueles que publicamos aqui, segundo a tradução que foi feita pelo Sr. Adolphe Pictet.

“Dessa série de tríades, as onze primeiras são consagradas à exposição dos atributos característicos da Divindade.

É nessa seção que as influências cristãs, como era fácil de prever, tiveram mais ação. Se não se pode negar ao druidismo o conhecimento do princípio da unidade de Deus, é possível que, em consequência de sua predileção pelo número ternário, tivesse concebido vagamente alguma coisa da divina trindade. Todavia, é incontestável que o que completa essa elevada concepção teológica, qual seja, a distinção das pessoas e particularmente da terceira, pôde permanecer perfeitamente estranho a essa antiga religião. Tudo leva a crer que os seus sectários estavam muito mais preocupados em estabelecer a liberdade do homem, do que em instituir a caridade; e foi mesmo em consequência dessa falsa posição de seu ponto de partida que ela pereceu. Também parece lógico associar a uma influência cristã, mais ou menos determinada, todo esse começo, particularmente a partir da quinta tríade.

“Em seguida aos princípios gerais relativos à natureza de Deus, passa o texto a expor a constituição do Universo. O conjunto dessa constituição é formulado superiormente em três tríades que, ao mostrarem os seres particulares em uma ordem absolutamente diferente da de Deus, completam a idéia que se deve formar do Ser único e imutável. Sob fórmulas mais explícitas, essas tríades não fazem, afinal, senão reproduzir o que já se sabia, pelo testemunho dos Antigos, da doutrina da transmigração das almas, passando alternativamente da vida à morte e da morte à vida. Pode-se considerá-las como o comentário de um célebre verso da *Phrasale*, no qual o poeta exclama, dirigindo-se aos sacerdotes da Gália, que, se aquilo que ensinam é verdade, a morte é apenas o meio de uma longa vida: *Longae vitae mors media est.*”

DEUS E O UNIVERSO

I – Há três unidades primitivas e, de cada uma delas, não poderia existir senão uma: um Deus, uma verdade e um ponto de liberdade, isto é, o ponto onde se encontra o equilíbrio de toda oposição.

II – Três coisas procedem das três unidades primitivas: toda vida, todo bem e todo poder.

III – Deus é necessariamente três coisas, a saber: a maior parte da vida, a maior parte da ciência e a maior parte do poder; e não poderia haver uma maior parte de cada coisa.

IV – Três coisas que Deus não pode deixar de ser: o que deve constituir o bem perfeito, o que deve querer o bem perfeito e o que deve realizar o bem perfeito;

V – Três garantias do que Deus faz e fará: seu poder infinito, sua sabedoria infinita, seu amor infinito; porquanto nada há que não possa ser efetuado, que não possa tornar-se verdadeiro e que não possa ser desejado por um atributo.

VI – Três fins principais da obra de Deus, como Criador de todas as coisas: diminuir o mal, reforçar o bem e pôr em evidência toda diferença; de modo que se possa saber o que deve ser ou, ao contrário, o que não deve ser.

VII – Três coisas que Deus não pode deixar de conceder: o que há de mais vantajoso, o que há de mais necessário e o que há de mais belo para cada coisa.

VIII – Três poderes da existência: não poder ser de outro modo, não ser necessariamente outro e não poder ser melhor pela concepção; e é nisso que está a perfeição de todas as coisas.

IX – Três coisas prevalecerão necessariamente: o supremo poder, a suprema inteligência e o supremo amor de Deus.

X – As três grandezas de Deus: vida perfeita, ciência perfeita, poder perfeito.

XI – Três causas originais dos seres vivos: o amor divino, de acordo com a suprema inteligência; a sabedoria suprema, pelo conhecimento perfeito de todos os meios; e o poder divino, de acordo com a vontade, o amor e a sabedoria de Deus.

OS TRÊS CÍRCULOS

XII – Há três círculos de existência: o *círculo da região vazia* (*ceugant*) onde, exceto Deus, não há nada vivo, nem morto e nenhum ser que Deus não possa atravessar; o *círculo da migração* (*abred*) onde todo ser animado procede da morte e o homem o atravessou; e o *círculo da felicidade* (*gnynfyd*) onde todo ser animado procede da vida e o homem o atravessará no céu.

XIII – Três estados sucessivos dos seres animados: o estado de descida no abismo (*annoufn*), o estado de liberdade na Humanidade e o estado de felicidade no céu.

XIV – Três fases necessárias de toda existência em relação à vida: o começo em *annoufn*, a transmigração em *abred* e a plenitude em *gnynfyd*; e sem essas três coisas nada pode existir, exceto Deus.

“Em resumo, sobre esse ponto capital da teologia cristã, assim como Deus, em seu poder Criador, tira as almas do nada, as tríades não se pronunciam de maneira precisa. Depois de terem revelado Deus em sua esfera eterna e inacessível, elas mostram simplesmente as almas originando-se nas camadas mais profundas do Universo, no abismo (*annoufn*); daí passam para o círculo das migrações (*abred*), onde seu destino é determinado através de uma série de existências, conforme o bom ou mau uso que hajam feito de sua liberdade; e, por fim, elevam-se ao círculo supremo (*gnynfyd*), onde as migrações cessam, onde não mais se morre e onde a vida transcorre em completa felicidade, em tudo conservando sua atividade perpétua e a plena consciência de sua individualidade. Seria preciso, com efeito, que o druidismo caísse no erro das teologias orientais, que levam o

homem a ser finalmente absorvido no seio imutável da Divindade, porquanto, ao contrário, distingue um círculo especial, o círculo do vazio ou do infinito (*ceugant*), que forma o privilégio incomunicável do Ser supremo e no qual nenhum ser, seja qual for o seu grau de santidade, jamais poderá penetrar. É o ponto mais elevado da religião, visto marcar o limite fixado ao progresso das criaturas.

“O traço mais característico dessa teologia, se bem seja um traço puramente negativo, consiste na ausência de um círculo particular, tal qual o Tártaro da Antigüidade pagã, destinado à punição sem fim das almas criminosas. Entre os druidas, o inferno propriamente dito não existe. *A seus olhos, a distribuição dos castigos efetua-se, no círculo das migrações, pelo comprometimento das almas em condições de existência mais ou menos infelizes, onde, sempre senhoras de sua liberdade, expiam suas faltas pelo sofrimento e se predispõem, pela reforma de seus vícios, a um futuro melhor.* Em certos casos pode mesmo acontecer que as almas retrogradem até aquela região do *annoufn*, onde se originam e à qual quase não se pode dar outro significado senão o da animalidade. Por esse lado perigoso (a retrogradação), que nada justifica, visto que a diversidade das condições de existência no círculo da Humanidade é perfeitamente suficiente à penalidade de todos os graus, o druidismo teria, então, chegado a resvalar até a metempsicose. Mas esse extremo deplorável, *ao qual não conduz nenhuma necessidade da doutrina do desenvolvimento das almas pela vida das migrações,* como se verá pela série de tríades relativas ao regime do círculo de *abred*, parece ter ocupado, no sistema da religião, apenas um lugar secundário.

“Salvo algumas obscuridades, que talvez resultem de uma língua cujas sutilezas metafísicas não nos são ainda bem conhecidas, as declarações das tríades relativas às condições inerentes ao círculo de *abred* espargem as mais vivas luzes sobre o conjunto da religião druídica. Respira-se aí um sopro de superior originalidade. O mistério que oferece à nossa inteligência o espetáculo de nossa existência atual adquire nela uma feição singular, que não se encontra em parte alguma; dir-se-ia que um grande véu, rompendo-se antes e depois da vida,

permite à alma navegar, de repente, com uma força inesperada, através de uma extensão indefinida de que ela própria jamais suspeitou, em virtude de seu encarceramento entre as espessas portas do nascimento e da morte. Seja qual for o julgamento a que chegemos, quanto à verdade dessa doutrina, não podemos deixar de convir que é poderosa. Refletindo sobre o efeito que esses princípios inevitavelmente deviam produzir sobre as almas ingênuas, sua origem e seu destino, é fácil dar-se conta da imensa influência que os druidas haviam naturalmente adquirido sobre o espírito de nossos antepassados. Em meio às trevas da Antigüidade, esses ministros sagrados não podiam deixar de aparecer, aos olhos das populações, como os reveladores do Céu e da Terra.

“Eis o texto notável de que se trata:

O CÍRCULO DE ABRED

XV – Três coisas necessárias no círculo de *Abred*: o menor grau possível de toda a vida e, daí, o seu começo; a matéria de todas as coisas e, daí, o crescimento progressivo, que só se realiza no estado de necessidade; e a formação de todas as coisas da morte e, daí, a debilidade das existências.

XVI – Três coisas das quais todo ser vivo participa necessariamente pela justiça de Deus: o socorro de Deus em *abred*, porque sem isso ninguém poderia conhecer coisa alguma; o privilégio de participar do amor de Deus; e o acordo com Deus quanto à realização pelo poder de Deus, enquanto for justo e misericordioso.

XVII – Três causas da necessidade do círculo de *abred*: o desenvolvimento da substância material de todo ser animado; o desenvolvimento do conhecimento de todas as coisas; e o desenvolvimento da força moral para superar todo contrário e *Cythraul* (*o Espírito mau*) e para libertar-se de *Droug* (*o mal*). Sem essa transição de cada estado de vida, não poderia haver nele a realização de nenhum ser.

XVIII – Três calamidades primitivas de *abred*: a necessidade, a ausência de memória e a morte.

XIX – Três condições necessárias para chegar-se à plenitude da ciência: transmigrar em *abred*, transmigrar em *gwynfyd* e recordar-se de todas as coisas passadas, até em *annoufn*.

XX – Três coisas indispensáveis no círculo de *abred*: a transgressão da lei, visto não poder ser de outro modo; a liberação pela morte ante *Droug* e *Cythraul*; o crescimento da vida e do bem pelo afastamento de *Droug* na liberação da morte; e isso pelo amor de Deus, que abrange todas as coisas.

XXI – Três meios eficazes de Deus em *abred* para dominar *Droug* e *Cythraul* e superar sua oposição em relação ao círculo de *gwynfyd*: a necessidade, a perda da memória e a morte.

XXII – Três coisas são primitivamente contemporâneas: o homem, a liberdade e a luz.

XXIII – Três coisas necessárias ao triunfo do homem sobre o mal: a firmeza contra a dor, a mudança, *a liberdade de escolba*; e *com o poder que o homem tem de escolher, não se pode saber antecipadamente para onde irá*.

XXIV – Três alternativas oferecidas ao homem: *abred* e *gwynfyd*, necessidade e liberdade, mal e bem, o todo em equilíbrio, e pode o homem à vontade ligar-se a um ou outro.

XXV – Por três coisas cai o homem sob a necessidade de *abred*: pela ausência de esforço para o conhecimento, pela não ligação ao bem e pela vinculação ao mal. Em consequência dessas coisas, desce em *abred* até o seu análogo e recomeça o curso de sua transmigração.

XXVI – Por três coisas retorna o homem necessariamente em *abred*, se bem que, em outros sentidos esteja

ligado ao que é bom: pelo orgulho, cai até em *annonijn* pela falsidade, até o ponto do demérito equivalente; e pela crueldade, até o grau correspondente de animalidade. Daí transmigra novamente para a humanidade, como antes.

XXVII – As três coisas principais a obter no estado de humanidade: a ciência, o amor, a força moral, no mais alto grau possível de desenvolvimento, antes que sobrevenha a morte. Isso não pode ser obtido anteriormente ao estado de humanidade, e não o pode ser senão pelo privilégio da liberdade e da escolha. Essas três coisas são chamadas as três vitórias.

XXVIII – Há três vitórias sobre *Croug* e *Cybraul*: a ciência, o amor e a força moral; porque o saber, o querer e o poder realizam o que quer que seja em sua conexão com as coisas. Essas três vitórias começam na condição de humanidade e se demoram eternamente.

XXIX – Três privilégios da condição do homem: o equilíbrio do bem e do mal e, daí, a faculdade de comparar; a liberdade na escolha e, daí, o julgamento e a preferência; e o desenvolvimento da força moral em consequência do julgamento e, daí, a preferência. Essas três coisas são necessárias à realização do que quer que seja.

“Assim, em resumo, o princípio dos seres no seio do Universo dá-se no mais baixo ponto da escala da vida; e, se não é levar muito longe as consequências da declaração contida na vigésima sexta tríade, pode-se conjeturar que na doutrina druídica o ponto inicial estava supostamente no abismo confuso e misterioso da animalidade. Daí, conseqüentemente, desde a própria origem da história da alma, a necessidade lógica do progresso, uma vez que os seres não são por Deus destinados a permanecer numa condição tão baixa e tão obscura. Todavia, nos estágios inferiores do Universo, esse progresso não se desenvolve segundo uma linha contínua; essa longa vida, nascida tão baixo para elevar-se tanto, rompe-se em fragmentos solitários na base de sua sucessão, mas, graças à falta de

memória, sua misteriosa solidariedade escapa, pelo menos por algum tempo, à consciência do indivíduo. São essas interrupções periódicas no curso secular da vida que constituem o que chamamos morte; de sorte que a morte e o nascimento, em uma visão superficial, formam acontecimentos tão diversos que não são, na realidade, mais que duas faces do mesmo fenômeno, uma voltada para o período que se acaba, a outra para o que se inicia.

“Considerada em si mesma, a morte não é uma calamidade verdadeira, mas um benefício de Deus que, rompendo os hábitos estreitíssimos que havíamos contraído com nossa vida presente, transporta-nos a novas condições e dá lugar, desse modo, a que nos elevemos mais livremente a novos progressos.

“Assim como a morte, a perda de memória que a acompanha deve ser tomada também como um benefício. É uma consequência do primeiro ponto. Porque se a alma, no curso dessa longa vida, conservasse claramente suas lembranças de um período a outro, a interrupção não seria mais que acidental e não haveria nem morte propriamente dita, nem nascimento, visto que esses dois acontecimentos perderiam, desde então, o caráter absoluto que os distingue e lhes dá força. E, até mesmo do ponto de vista dessa teologia, não parece difícil perceber até que ponto a perda da memória pode ser considerada um benefício, no que concerne aos períodos passados, em relação ao homem em sua condição presente; porque se esses períodos passados constituem uma prova, como a posição atual do homem num mundo de sofrimentos o indica, foram infelizmente maculados de erros e de crimes, causa primeira das misérias e das expiações de hoje, representando para a alma evidente vantagem, por achar-se ela livre da visão de tão grande quantidade de faltas, bem como dos remorsos deveras acabrunhantes que daí se originarão. Não a obrigando a um arrependimento formal senão em relação às culpas da vida atual, assim se compadecendo de sua fraqueza, Deus realmente lhe concede uma grande graça.

“Enfim, segundo essa mesma maneira de considerar o mistério da vida, as necessidades de toda natureza a que estamos submetidos neste mundo e que, desde o nosso nascimento determinam, por uma sentença por assim dizer fatal, a forma de nossa existência no presente período, constituem um último benefício, tão sensível quanto os dois outros; porque, em definitivo, são essas necessidades que dão à nossa vida o caráter que melhor convém às nossas expiações e às nossas provas e, conseqüentemente, ao nosso desenvolvimento moral; e são ainda essas mesmas necessidades, seja de nossa organização física, seja das circunstâncias exteriores, em cujo meio somos colocados que, arrastando-nos forçosamente ao termo da morte, conduzem-nos por isso mesmo à nossa suprema libertação. Em resumo, como dizem as tríades em sua enérgica concisão, aí está todo o conjunto e as três calamidades primitivas, bem como os três meios eficazes de Deus em *abred*.

“Entretanto, mediante qual conduta a alma realmente se eleva nesta vida e merece alcançar, após a morte, um modo superior de existência? A resposta que dá o Cristianismo a essa questão fundamental é de todos conhecida: é sob a condição de destruir em si o egoísmo e o orgulho, de desenvolver, na intimidade de sua substância, os valores da humildade e da caridade, únicos eficazes e meritórios perante Deus: Bem-aventurados os brandos, diz o Evangelho; bem-aventurados os humildes! A resposta do druidismo é bem diversa e contrasta claramente com esta última. Segundo suas lições, a alma se eleva na escala das existências com vistas a fortificar a sua personalidade, através do trabalho sobre si mesma, resultado que naturalmente obtém pelo desenvolvimento da força do caráter, aliada ao desenvolvimento do saber. É o que exprime a vigésima quinta tríade, que declara que a alma recai na necessidade de transmigrações, isto é, nas vidas confusas e mortais, não só por alimentar as más paixões, como, também, pelo hábito da tibieza no cumprimento das ações justas e pela falta de firmeza no apego ao que prescreve a consciência; numa palavra, pela fraqueza de caráter. E, além dessa falta de virtude moral, a alma é ainda

retida em seu progresso em direção ao céu pela falta de aperfeiçoamento do Espírito. A iluminação intelectual, necessária para a plenitude da felicidade, não se opera na alma bem-aventurada simplesmente por uma irradiação graciosa do Alto; e não se produz na vida celeste a não ser que a própria alma tenha se esforçado, desde esta vida, para adquiri-la. A tríade também não fala apenas da falta de saber, mas da falta de esforços para saber, o que, no fundo, como para a virtude precedente, é um preceito de atividade e de movimento.

“Em verdade, nas tríades seguintes, a caridade é recomendada no mesmo título que a ciência e a força moral; mas, ainda aqui, como no que toca à natureza divina, a influência do Cristianismo é sensível. É a ele, e não à forte, mas dura religião de nossos antepassados, que pertence a predicação e a entronização no mundo da lei da caridade em Deus e no homem; e se essa lei brilha nas tríades, é por efeito de uma aliança com o Evangelho ou, melhor dizendo, de um feliz aperfeiçoamento da teologia dos druidas pela ação da dos apóstolos, e não por uma tradição primitiva. Arrebatemos esse raio divino e teremos, em sua rude grandeza, a moral da Gália, moral que pôde produzir, na ordem do heroísmo e da ciência, poderosas personalidades, mas que não as soube unir entre si nem à multidão dos humildes ²⁸.”

A Doutrina Espírita não consiste apenas na crença na manifestação dos Espíritos, mas em tudo o que nos ensinam sobre a natureza e o destino da alma. Se, pois, nos reportarmos aos preceitos contidos em *O Livro dos Espíritos*, onde se encontra formulado todo o seu ensinamento, seremos surpreendidos com a identidade de alguns princípios fundamentais com os da doutrina druídica, dos quais um dos mais notáveis é, sem sombra de dúvida, o da reencarnação. Nos três círculos, nos três estados sucessivos dos seres animados, encontramos todas as fases apresentadas por nossa escala espírita. Com efeito, o que é o círculo de *abred* ou o da

28 Extraído do *Magasin pittoresque*, 1857.

migração, senão as duas ordens de Espíritos que se depuram através de suas existências sucessivas? No círculo de *Gwynfyd* o homem não transmigra mais, desfrutando da suprema felicidade. Não é a primeira ordem da escala, a dos Espíritos puros que, tendo realizado todas as provas, não mais necessitam de encarnação e gozam da vida eterna? Notemos ainda que, conforme a doutrina druídica, o homem conserva o seu livre-arbítrio; eleva-se gradualmente por sua vontade, por sua perfeição progressiva e pelas provas que suportou, do *annoufn* ou abismo, até a perfeita felicidade em *gwynfyd*, com a diferença, todavia, de que o druidismo admite o possível retorno às camadas inferiores, enquanto o Espírito, conforme o Espiritismo, pode permanecer estacionário, mas não pode degenerar. Para completar a analogia, não teríamos que acrescentar à nossa escala, abaixo da terceira ordem, senão o círculo de *annoufn* para caracterizar o abismo ou a origem desconhecida das almas e, acima da primeira ordem, o círculo de *ceugant*, morada de Deus, inacessível às criaturas. O quadro seguinte tornará mais clara essa comparação.

ESCALA ESPÍRITA ²⁹			ESCALA DRUÍDICA
1ª ORDEM	1ª classe	Espíritos Puros (Não mais reencarnam)	<i>Ceugant</i> . Morada de Deus. <i>Gwynfyd</i> . Morada dos bem-aventurados. Vida eterna
Espíritos Bons	2ª classe	Espíritos Superiores	Depuram-se e se elevam pelas provas da reencarnação
	3ª classe	Espíritos de Sabedoria	
	4ª classe	Espíritos de Ciência	
	5ª classe	Espíritos Benévolos	
3ª ORDEM Espíritos Imperfeitos	6ª classe	Espíritos Neutros	<i>Annoufn</i> , abismo; ponto de partida das almas.
	7ª classe	Espíritos Pseudo-sábios	
	8ª classe	Espíritos levianos	
	9ª classe	Espíritos impuros	

29 N. do T.: Vide *Revista Espírita*, mês de fevereiro.

Evocação dos Espíritos na Abssínia

James Bruce, em sua *Voyage aux sources du Nil*, em 1768, narra o que se segue a respeito de Gingiro, pequeno reino situado na parte meridional da Abissínia, a leste do reino de Adel. Trata-se de dois embaixadores que Socínios, rei da Abissínia, enviou ao papa, por volta de 1625, e que tiveram que atravessar o Gingiro.

“Então, disse Bruce, foi necessário advertir o rei de Gingiro da chegada da caravana e pedir-lhe audiência; mas, naquele momento, achava-se ele ocupado com uma importante operação de magia, sem a qual esse soberano jamais ousaria empreender qualquer coisa.

“O reino de Gingiro pode ser considerado como o primeiro desse lado da África em que se estabeleceu a estranha prática de predizer o futuro pela *evocação dos Espíritos* e por uma comunicação direta com o diabo.

“O rei de Gingiro achou que devia deixar passar oito dias antes de receber, em audiência, o embaixador e seu companheiro, o jesuíta Fernandez. Em consequência, no nono dia eles obtiveram a permissão de se dirigirem à corte, onde chegaram na mesma tarde.

“Nada se faz no país de Gingiro sem o concurso da magia. Por aí se vê o quanto a razão humana se acha degradada a algumas léguas de distância. Que não nos venham mais dizer que essa fraqueza deva ser atribuída à ignorância ou ao calor ali reinantes. Por que um clima quente induziria os homens a se tornarem feiticeiros, de preferência a um clima frio? Por que a ignorância estende o poder do homem, a ponto de fazê-lo transpor os limites da inteligência comum e dar-lhe a faculdade de corresponder-se com uma nova ordem de seres habitantes de um

outro mundo? Os etíopes, que cercam quase toda a Abissínia, são mais negros que os gingirianos; seu país é mais quente e, como estes, são indígenas nos lugares que habitam, desde o princípio dos séculos; entretanto, não adoram o diabo, nem com ele pretendem estabelecer qualquer comunicação; não sacrificam homens em seus altares; finalmente, entre eles não se encontra traço algum dessa revoltante atrocidade.

“Nas regiões da África que se comunicam diretamente com o mar, o comércio de escravos é uma prática que ocorre desde os séculos mais recuados; mas o rei de Gingiro, cujos domínios se acham encerrados quase no centro do continente, sacrifica ao diabo os escravos que não pode vender ao homem. É ali que começa esse horrível costume de derramar o sangue humano em todas as solenidades. Ignoro, diz o Sr. Bruce, até onde ele se estende ao sul da África, mas considero o Gingiro como o limite geográfico do reino do diabo, do lado setentrional da península.”

Tivesse visto o Sr. Bruce o que hoje testemunhamos e nada acharia de assombroso na prática das evocações usadas em Gingiro. Nelas vê apenas uma crença supersticiosa, enquanto nós encontramos sua causa nos fatos de manifestações falsamente interpretadas que lá, como alhures, se produziram. O papel que a credulidade faz o diabo representar nada tem de surpreendente. Primeiro há de notar-se que todos os povos bárbaros atribuem a um poder maléfico o que não podem explicar. Em segundo lugar, um povo bastante atrasado para sacrificar seres humanos não pode atrair ao seu meio Espíritos superiores. A natureza dos que o visitam não pode, pois, senão confirmá-lo em sua crença. Além disso, é preciso considerar que os povos dessa parte da África hão conservado um grande número de tradições judaicas, mescladas mais tarde a algumas idéias rudimentares do Cristianismo, fonte na qual, em consequência de sua ignorância, sorveram a doutrina do diabo e dos demônios.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

Bernard Palissy (9 de março de 1858)

DESCRIÇÃO DE JÚPITER

Nota: Sabíamos, por evocações anteriores, que Bernard Palissy, o célebre oleiro do século XVI, habita Júpiter. As respostas seguintes confirmam, por todos os pontos, o que em diversas ocasiões nos foi dito sobre esse planeta, por outros Espíritos e através de diferentes médiuns. Pensamos que serão lidas com interesse, a título de complemento do quadro que traçamos em nosso último número. Fato notável, a identidade que apresentam com as descrições anteriores é, no mínimo, uma presunção de exatidão.

1. Onde te encontraste ao deixares a Terra?

Resp. – Nela ainda me demorei.

2. Em que condições estavas aqui?

Resp. – Sob os traços de uma mulher amorosa e devotada; era apenas uma missão.

3. Essa missão durou muito?

Resp. – Trinta anos.

4. Lembra-te do nome dessa mulher?

Resp. – É obscuro.

5. A estima em que são tidas tuas obras te agrada? E isso te compensa dos sofrimentos que suportaste?

Resp. – Que me importam as obras materiais de minhas mãos? *O que me importa é o sofrimento que me elevou.*

6. Com que objetivo traçaste, pelas mãos do Sr. Victorien Sardou, os desenhos admiráveis que nos deste sobre o planeta Júpiter, onde habitas?

Resp. – Com o fim de inspirar o desejo de vos tornardes melhores.

7. Desde que vens com freqüência a esta Terra que habitaste tantas vezes, deves conhecer bastante o seu estado físico e moral para que possas estabelecer uma comparação entre ela e Júpiter; rogamos-te, pois, nos esclareças sobre diversos pontos.

Resp. – Ao vosso globo venho apenas como Espírito; o Espírito não tem mais sensações materiais.

ESTADO FÍSICO DO GLOBO

8. Pode-se comparar a temperatura de Júpiter à de uma de nossas latitudes?

Resp. – Não; ela é suave e temperada; sempre igual, enquanto a vossa varia. Lembrai dos Campos Elísios que vos foram descritos.

9. O quadro que os Antigos nos deram dos Campos Elísios resultaria do conhecimento intuitivo que possuíam de um mundo superior, tal como Júpiter, por exemplo?

Resp. – Do conhecimento positivo; a evocação permanecia nas mãos dos sacerdotes.

10. A temperatura varia segundo as latitudes, como na Terra?

Resp. – Não.

11. Conforme nossos cálculos, o Sol deve aparecer aos habitantes de Júpiter sob um ângulo muito pequeno e, em consequência, dar-lhes pouca luz. Podes dizer-nos se a intensidade da luz é ali igual à da Terra ou se é menos forte?

Resp. – Júpiter é envolvido por uma espécie de luz espiritual que mantém relação com a essência de seus habitantes. A luz grosseira de vosso Sol não foi feita para eles.

12. Há uma atmosfera?

Resp. – Sim.

13. A atmosfera de Júpiter é formada dos mesmos elementos que a atmosfera terrestre?

Resp. – Não; os homens não são os mesmos; suas necessidades mudaram.

14. Existem água e mares?

Resp. – Sim.

15. A água é formada dos mesmos elementos que a nossa?

Resp. – Mais etérea.

16. Há vulcões?

Resp. – Não; nosso globo não é atormentado como o vosso; lá, a Natureza não teve suas grandes crises; é a morada dos bem-aventurados; nele, a matéria mal existe.

17. As plantas têm analogia com as nossas?

Resp. – Sim, mas são mais belas.

ESTADO FÍSICO DOS HABITANTES

18. A conformação do corpo dos habitantes guarda relação com o nosso?

Resp. – Sim, é a mesma.

19. Podes dar-nos uma idéia de sua estatura, comparada à dos habitantes da Terra?

Resp. – Grandes e bem proporcionados. Maiores que os vossos maiores homens. O corpo do homem é como o molde de seu Espírito: belo, onde ele é bom; o envoltório é digno dele: não é mais uma prisão.

20. Lá os corpos são opacos, diáfanos ou translúcidos?

Resp. – Há uns e outros. Uns têm tal propriedade; outros têm outra, conforme sua destinação.

21. Concebemos isso para os corpos inertes, mas nossa questão refere-se aos corpos humanos.

Resp. – O corpo envolve o Espírito sem o ocultar, como um tênue véu lançado sobre uma estátua. Nos mundos inferiores o invólucro grosseiro oculta o Espírito a seus semelhantes; mas os bons nada têm a esconder: podem ler no coração uns dos outros. Que aconteceria se assim fosse na Terra?

22. Há sexos diferentes?

Resp. – Sim; há sexo por toda parte onde existe a matéria; é uma lei da matéria.

23. Qual a base da alimentação dos habitantes? É animal e vegetal, como aqui?

Resp. – Puramente vegetal; o homem é o protetor dos animais.

24. Foi-nos dito que eles absorvem uma parte de sua alimentação do meio ambiente, do qual aspiram as emanações; isso é exato?

Resp. – Sim.

25. Comparada à nossa, a duração da vida é mais longa ou mais curta?

Resp. – Mais longa.

26. Qual é a duração média da vida?

Resp. – Como medir o tempo?

27. Não podes tomar um de nossos séculos por termo de comparação?

Resp. – Creio que mais ou menos cinco séculos.

28. O desenvolvimento da infância é proporcionalmente mais rápido que o nosso?

Resp. – O homem conserva a sua superioridade; a infância não comprime sua inteligência nem a velhice a extingue.

29. Estão os homens sujeitos a doenças?

Resp. – Não estão sujeitos aos vossos males.

30. A vida está dividida entre a vigília e o sono?

Resp. – Entre a ação e o repouso.

31. Poderias dar-nos uma idéia das diversas ocupações dos homens?

Resp. – Seria preciso dizer muito. Sua principal ocupação é encorajar os Espíritos que habitam os mundos inferiores a perseverarem no bom caminho. Não havendo entre eles infortúnio a aliviar, vão procurá-los onde existe sofrimento; são os Espíritos bons que vos sustentam e vos atraem ao bom caminho.

32. Ali se cultivam certas artes?

Resp. – Lá elas são inúteis. As vossas artes são brinquedos que distraem vossas dores.

33. A densidade específica do corpo humano permite-lhe transportar-se de um lugar a outro, sem ficar, como aqui, preso ao solo?

Resp. – Sim.

34. Experimenta-se ali o tédio e o desgosto da vida?

Resp. – Não; o desgosto da vida não provém senão do desprezo de si mesmo.

35. Sendo menos denso do que os nossos, o corpo dos habitantes de Júpiter é formado de matéria compacta e condensada, ou de matéria vaporosa?

Resp. – Compacta para nós; mas não o seria para vós: é menos condensada.

36. O corpo, considerado como feito de matéria, é impenetrável?

Resp. – Sim.

37. Seus habitantes têm uma linguagem articulada, como a nossa?

Resp. – Não; entre eles há comunicação de pensamentos.

38. A segunda vista é, como nos disseram, uma faculdade normal e permanente entre vós?

Resp. – Sim, o Espírito não tem entraves; nada se lhe oculta.

39. Se ao Espírito nada se oculta, conhece, pois, o futuro? Referimo-nos aos Espíritos encarnados em Júpiter.

Resp. – O conhecimento do futuro depende da perfeição do Espírito; tem menos inconvenientes para nós do que para vós; é-nos mesmo necessário, até certo ponto, para a realização das missões que devemos executar; mas, daí a dizer que conhecemos o futuro, sem restrição, seria colocar-nos na mesma posição que Deus.

40. Podeis revelar-nos tudo quanto sabeis sobre o futuro?

Resp. – Não; esperai até que tenhais merecido sabê-lo.

41. Comunicai-vos com os outros Espíritos mais facilmente do que o fazeis conosco?

Resp. – Sim! sempre: não existe mais a matéria entre eles e nós.

42. A morte inspira o horror e o pavor que provoca entre nós?

Resp. – Por que seria apavorante? O mal já não existe entre nós. Só o mau encara o seu último momento com pavor: ele teme o seu juiz.

43. Em que se transformam os habitantes de Júpiter após a morte?

Resp. – Crescem sempre em perfeição, sem mais terem que sofrer provas.

44. Não haverá, em Júpiter, Espíritos que se submetam a provas para cumprirem uma missão?

Resp. – Sim, mas não se trata mais de uma prova; só o amor do bem os leva a sofrer.

45. Podem falir em suas missões?

Resp. – Não, visto que são bons; não há fraqueza senão onde há defeito.

46. Poderias nomear alguns dos Espíritos habitantes de Júpiter que cumpriram uma grande missão na Terra?

Resp. – São Luís.

47. Poderias indicar outros?

Resp. – Que vos importa? Há missões desconhecidas que não têm por objetivo senão a felicidade de um só; são, por vezes, maiores: e são mais dolorosas.

OS ANIMAIS

48. O corpo dos animais é mais material que o dos homens?

Resp. – Sim; o homem é o rei, o Deus terrestre.

49. Entre os animais há os que são carnívoros?

Resp. – Os animais não se estraçalham entre si; vivem todos submetidos ao homem, amando-se mutuamente.

50. Mas não haverá animais que escapem à ação do homem, como os insetos, os peixes, os pássaros?

Resp. – Não; todos lhe são úteis.

51. Disseram-nos que os animais são os servidores e os operários que executam os trabalhos materiais, constroem as habitações, etc; isso é verdade?

Resp. – Sim; o homem não se rebaixa mais para servir ao seu semelhante.

52. Os animais servidores estão ligados a uma pessoa ou a uma família, ou são tomados e trocados à vontade, como aqui?

Resp. – Todos se ligam a uma família particular; mudais mais, para achar um melhor.

53. Vivem os animais servidores em estado de escravidão ou de liberdade? São uma propriedade ou podem mudar de dono à vontade?

Resp. – Eles lá se encontram em estado de submissão.

54. Os animais trabalhadores recebem uma remuneração qualquer por seus esforços?

Resp. – Não.

55. As faculdades dos animais desenvolvem-se por uma espécie de educação?

Resp. – Eles o fazem por si mesmos.

56. Os animais têm uma linguagem mais precisa e mais caracterizada que a dos animais terrestres?

Resp. – Certamente.

ESTADO MORAL DOS HABITANTES

57. As habitações de que nos deste uma amostra por teus desenhos estão reunidas em cidades, como aqui?

Resp. – Sim; os que se amam se reúnem; só as paixões estabelecem a solidão em torno do homem. Se, ainda mau, procura este seu semelhante, que para ele não é senão um instrumento de dor, por que o homem puro e virtuoso fugiria do seu irmão?

58. Os Espíritos são iguais ou de diferentes graduações?
Resp. – De diversos graus, mas da mesma ordem.

59. Rogamos que te reportes à escala espírita que demos no segundo número da *Revista*, e que nos digas a que ordem pertencem os Espíritos encarnados em Júpiter.

Resp. – Todos bons, todos superiores; por vezes o bem desce até o mal; mas o mal jamais se mistura ao bem.

60. Os habitantes formam diferentes povos, como na Terra?
Resp. – Sim; mas todos se unem entre si pelos laços do amor.

61. Sendo assim, as guerras são desconhecidas?
Resp. – Pergunta inútil.

62. Na Terra poderá o homem alcançar suficiente grau de perfeição que o isente das guerras?

Resp. – Seguramente alcançará; a guerra desaparecerá com o egoísmo dos povos e à medida que compreenderem melhor a fraternidade.

63. Os povos são governados por chefes?
Resp. – Sim.

64. Em que se baseia a autoridade dos chefes?
Resp. – No seu grau superior de perfeição.

65. Em que consiste a superioridade e a inferioridade dos Espíritos em Júpiter, considerando-se que todos são bons?

Resp. – Eles têm maior ou menor cabedal de conhecimentos e experiência; depuram-se, à medida que se esclarecem.

66. Como na Terra, há povos mais ou menos avançados do que outros?

Resp. – Não; mas os há em diversos graus.

67. Se o povo mais avançado da Terra se visse transportado para Júpiter, que posição ocuparia?

Resp. – A dos vossos macacos.

68. Lá os povos são governados por leis?

Resp. – Sim.

69. Há leis penais?

Resp. – Não há mais crimes.

70. Quem faz as leis?

Resp. – Deus as faz.

71. Há ricos e pobres, isto é, homens que vivem na abundância e no supérfluo, e outros a quem falta o necessário?

Resp. – Não; todos são irmãos; se um possuísse mais que o outro, com este dividiria; não seria feliz quando seu irmão se privasse do necessário.

72. De acordo com isso, as fortunas seriam iguais para todos?

Resp. – Eu não disse que todos sejam ricos no mesmo grau; perguntastes se haveria os que possuem o supérfluo e outros a quem faltasse o necessário.

73. Essas duas respostas nos parecem contraditórias; Pedimos que estabeleças a concordância entre elas.

Resp. – A ninguém falta o necessário; ninguém possui o supérfluo, ou seja, a fortuna de cada um está em relação com a sua condição. Estais satisfeitos?

74. Agora compreendemos; mas perguntamos, ainda, se aquele que tem menos não é infeliz, relativamente àquele que tem mais?

Resp. – Não pode ser infeliz, desde que não é invejoso nem ciumento. A inveja e o ciúme fazem mais infelizes que a miséria.

75. Em que consiste a riqueza em Júpiter?

Resp. – Que vos importa?

76. Há desigualdades sociais?

Resp. – Sim.

77. Sobre o que se fundam tais desigualdades?

Resp. – Sobre as leis da sociedade. Uns são mais ou menos avançados em perfeição. Os que são superiores exercem sobre os outros uma espécie de autoridade, como um pai sobre os filhos.

78. As faculdades do homem se desenvolvem pela educação?

Resp. – Sim.

79. Pode o homem adquirir bastante perfeição na Terra para merecer passar imediatamente a Júpiter?

Resp. – Sim, mas na Terra o homem é submetido a imperfeições, a fim de estar em relação com os seus semelhantes.

80. Quando um Espírito que deixa a Terra deve reencarnar-se em Júpiter, fica errante durante algum tempo até encontrar o corpo ao qual deverá se unir?

Resp. – Ele o é durante certo tempo, até que se tenha liberado das imperfeições terrestres.

81. Há várias religiões?

Resp. – Não; todos professam o bem e todos adoram um único Deus.

82. Há templos e um culto?

Resp. – Por templo há o coração do homem; por culto, o bem que ele faz.

MEHEMET-ALI, ANTIGO PAXÁ DO EGITO

(16 de março de 1858)

1. O que vos impeliu a atender ao nosso apelo?

Resp. – Para vos instruir.

2. Estais contrariado por vir até nós e responder às perguntas que vos desejamos fazer?

Resp. – Não; as que tiverem por fim vossa instrução, eu o consinto.

3. Que prova podemos ter de vossa identidade e como poderemos saber se não é um outro Espírito que toma vosso nome?

Resp. – Para que serviria isso?

4. Sabemos, por experiência, que os Espíritos inferiores muitas vezes se utilizam de nomes supostos; é por isso que vos fizemos essa pergunta.

Resp. – Eles utilizam também as provas; mas o Espírito que toma uma máscara também se revela por suas próprias palavras.

5. Sob que forma e em que lugar estais entre nós?

Resp. – Sob a que leva o nome de Mehemet-Ali; perto de Ermance.

6. Gostariéis que vos déssemos um lugar especial?

Resp. – A cadeira vazia.

Observação – Perto dali havia uma cadeira vazia, à qual não se tinha prestado atenção.

7. Tendes uma lembrança precisa de vossa última existência corporal?

Resp. – Não a tenho ainda precisa; a morte me deixou sua perturbação.

8. Sois feliz?

Resp. – Não; infeliz.

9. Estais errante ou reencarnado?

Resp. – Errante.

10. Recordais o que fostes antes de vossa última existência?

Resp. – Eu era pobre na Terra; invejei as grandezas terrestres: subi para sofrer.

11. Se pudésseis renascer na Terra, que condição escolheríeis de preferência?

Resp. – Obscura; os deveres são muito grandes.

12. Que pensais agora da posição que ocupastes por último na Terra?

Resp. – Vaidade do nada! Quis conduzir os homens; sabia conduzir-me a mim mesmo?

13. Dizia-se que já há algum tempo a vossa razão estava alterada; isso é verdade?

Resp. – Não.

14. A opinião pública aprecia o que fizestes pela civilização egípcia, e vos coloca entre os maiores príncipes. Experimentais satisfação com isso?

Resp. – Que me importa! A opinião dos homens é o vento do deserto que levanta a poeira.

15. Vedes com prazer vossos descendentes trilhando o mesmo caminho? Interessai-vos por seus esforços?

Resp. – Sim, já que têm por objetivo o bem comum.

16. Entretanto, sois acusado de atos de grande crueldade: envergonhai-vos deles, agora?

Resp. – Eu os expio.

17. Vedes os que mandastes massacrar?

Resp. – Sim.

18. Que sentimento experimentam por vós?

Resp. – O do ódio e o da piedade.

19. Depois que deixastes esta vida revistes o sultão Mahamud?

Resp. – Sim: em vão fugimos um do outro.

20. Que sentimento experimentais agora um pelo outro?

Resp. – O da aversão.

21. Qual a vossa opinião atual sobre as penas e recompensas que nos esperam após a morte?

Resp. – A expiação é justa.

22. Qual o maior obstáculo que tivestes de vencer para a realização de vossos objetivos progressistas?

Resp. – Eu reinava sobre escravos.

23. Pensais que se o povo que governastes fosse cristão, teria sido menos rebelde à civilização?

Resp. – Sim; a religião cristã eleva a alma; a maometana não fala senão à matéria.

24. Quando vivo, vossa fé na religião muçulmana era absoluta?

Resp. – Não; eu acreditava num Deus maior.

25. Que pensais disso agora?

Resp. – Ela não faz homens.

26. Na vossa opinião, Maomé tinha uma missão divina?

Resp. – Sim, mas que ele corrompeu.

27. Em que a corrompeu?

Resp. – Ele quis reinar.

28. O que pensais de Jesus?

Resp. – Esse vinha de Deus.

29. Na vossa opinião, qual dos dois, Jesus ou Maomé, fez mais pela felicidade da Humanidade?

Resp. – Por que o perguntais? Que povo Maomé regenerou? A religião cristã saiu pura da mão de Deus; a maometana é obra do homem.

30. Acreditais que uma dessas duas religiões esteja destinada a desaparecer da face da Terra?

Resp. – O homem progride sempre; a melhor permanecerá.

31. Que pensais da poligamia consagrada pela religião muçulmana?

Resp. – É um dos laços que retêm na barbárie os povos que a professam.

32. Acreditais que a submissão da mulher esteja conforme os desígnios de Deus?

Resp. – Não; a mulher é igual ao homem, pois que o Espírito não tem sexo.

33. Diz-se que o povo árabe não pode ser conduzido senão pelo rigor; não pensais que os maus-tratos, em vez de o submeterem, mais o embrutecem?

Resp. – Sim, é o destino do homem; ele se avilta quando é escravo.

34. Poderíeis reportar-vos aos tempos da Antigüidade, quando o Egito era florescente, e dizer-nos quais foram as causas de sua decadência moral?

Resp. – A corrupção dos costumes.

35. Parece que fazíeis pouco caso dos monumentos históricos que cobrem o solo do Egito. Não podemos compreender essa indiferença da parte de um príncipe amigo do progresso.

Resp. – Que importa o passado! O presente não o substituiria.

36. Poderíeis explicar-vos mais claramente?

Resp. – Sim. Não era necessário lembrar ao egípcio envilecido um passado muito brilhante: não o teria compreendido. Menosprezei aquilo que me pareceu inútil; não poderia ter-me enganado?

37. Os sacerdotes do antigo Egito tinham conhecimento da Doutrina Espírita?

Resp. – Era a deles.

38. Recebiam manifestações?

Resp. – Sim.

39. As manifestações obtidas pelos sacerdotes egípcios provinham da mesma fonte que as recebidas por Moisés?

Resp. – Sim, ele foi iniciado por elas.

40. Por que as manifestações de Moisés eram mais poderosas que as recebidas pelos sacerdotes egípcios?

Resp. – Moisés queria revelar; os sacerdotes egípcios, apenas ocultar.

41. Acreditaís que a doutrina dos sacerdotes egípcios tivesse alguma relação com a dos indianos?

Resp. – Sim; todas as religiões primitivas estão ligadas entre si por laços quase imperceptíveis; procedem de uma mesma fonte.

42. Dentre essas duas religiões, a dos egípcios e a dos indianos, qual delas é a mãe da outra?

Resp. – São irmãs.

43. Como se explica que em vida éreis tão pouco esclarecido sobre essas questões, e agora podeis respondê-las com tanta profundidade?

Resp. – Outras existências mo ensinaram.

44. No estado errante em que estais agora, tendes, pois, pleno conhecimento de vossas existências anteriores?

Resp. – Sim, exceto da última.

45. Haveis, pois, vivido no tempo dos Faraós?

Resp. – Sim; três vezes vivi no solo egípcio: como sacerdote, como mendigo e como príncipe.

46. Sob que reinado fostes sacerdote?

Resp. – Já faz tanto tempo! O príncipe era vosso Sesóstris.

47. Conforme isso, parece que não progredistes, uma vez que expiais, agora, os erros da vossa última existência.

Resp. – Sim, progredi lentamente; acaso era eu perfeito por ter sido sacerdote?

48. Porque fostes sacerdote àquela época é que pudestes falar com conhecimento de causa da antiga religião dos egípcios?

Resp. – Sim; mas não sou bastante perfeito para tudo saber; outros lêem no passado como num livro aberto.

49. Poderíeis dar-nos uma explicação sobre o motivo da construção das pirâmides?

Resp. – É muito tarde.

(*Nota:* Eram quase onze horas da noite.)

50. Só vos faremos mais uma pergunta; dignai-vos ter a bondade de respondê-la;

Resp. – Não, é muito tarde; essa pergunta suscitaria outras.

51. Poderíeis respondê-la em outra ocasião?

Resp. – Não me comprometo com isso.

52. Mesmo assim, agradecemos a benevolência com que respondestes às nossas perguntas.

Resp. – Bem! Eu voltarei.

Sr. Home

(Terceiro artigo – Vide os números de fevereiro e março de 1858)

Não é de nosso conhecimento que o Sr. Home tenha feito aparecer, pelo menos visivelmente a todos, outras partes do corpo além das mãos. Cita-se, entretanto, um general, morto na Criméia, que teria aparecido à sua viúva e visível somente a ela; mas não pudemos constatar a realidade do fato, sobretudo no que diz respeito à intervenção do Sr. Home em tal circunstância. Limitar-nos-emos apenas àquilo que pudermos afirmar. Por que mãos, de preferência a pés ou a uma cabeça? É o que não sabemos e ele próprio ignora. Interrogados a respeito, os Espíritos responderam que outros médiuns poderiam fazer aparecer o corpo inteiro; aliás, não é isso o ponto mais importante; se só as mãos aparecem, as demais partes do corpo não são menos evidentes, como se verá dentro em pouco.

A aparição de uma mão geralmente se manifesta, em primeiro lugar, sob a toalha da mesa, através de ondulações produzidas ao percorrer toda a sua superfície; depois se mostra à borda da toalha, que ela levanta; algumas vezes vem postar-se sobre a toalha, bem no meio da mesa; freqüentemente, toma um objeto e o leva para baixo da toalha. Essa mão, visível para todo o mundo,

não é vaporosa, nem translúcida; tem a cor e a opacidade naturais; no punho, termina de maneira vaga, mal definida; se é tocada com precaução, confiança e sem segunda intenção hostil, oferece a resistência, a solidez e a impressão de uma mão viva; seu calor é suave, úmido e comparável ao de um pombo morto há cerca de meia hora. Não é de forma alguma inerte, porquanto age, presta-se aos movimentos que se lhe imprime, ou resiste, acaricia-vos ou vos aperta. Se, ao contrário, quiserdes pegá-la bruscamente e de surpresa, somente encontrareis o vazio. Uma testemunha ocular narrou-nos o seguinte fato que com ela se passou. Tinha entre os dedos uma campainha de mesa; uma mão, a princípio invisível, pouco depois perfeitamente visível, veio pegá-la, fazendo esforços para arrancá-la; não o tendo conseguido, passou por cima para fazê-la escorregar; o esforço da tração era muito sensível, qual se fora mão humana. Tendo querido segurar violentamente essa mão, a sua só encontrou o ar; havendo retirado os dedos, a campainha ficou suspensa no espaço e veio pousar lentamente no assoalho.

Algumas vezes há várias mãos. A mesma testemunha contou-nos o fato que se segue. Várias pessoas estavam reunidas em torno de uma dessas mesas de sala de jantar que se separam em duas. Golpes são batidos; a mesa se agita, abre-se por si mesma e, através da fenda, aparecem três mãos, uma de tamanho natural, muito grande outra, e uma terceira completamente felpuda; toca-se nelas, apalpa-se-lhes, elas vos apertam a mão, depois se esvanecem. Na casa de um de nossos amigos, que havia perdido um filho de tenra idade, é a mão de um recém-nascido que aparece; todos a podem ver e tocar; essa criança acomoda-se no colo da mãe, que sente distintamente a impressão de todo o seu corpo sobre os joelhos.

Freqüentemente, a mão vem pousar sobre vós. Então a vedes ou, se não o conseguis, percebeis a pressão de seus dedos; algumas vezes ela vos acaricia, em outras vos belisca até provocar dor. Na presença de várias pessoas, o Sr. Home sentiu que lhe

pegavam o pulso, e os assistentes puderam ver-lhe a pele puxada. Um instante depois ele sentiu que o mordiam e a marca da impressão de dois dentes ficou visivelmente assinalada durante mais de uma hora.

A mão que aparece também pode escrever. Algumas vezes ela se coloca no meio da mesa, pega o lápis e traça letras sobre um papel especialmente colocado para esse fim. Na maioria das vezes leva o papel para debaixo da mesa e o traz de volta todo escrito. Se a mão permanece invisível, a escrita parece produzir-se por si mesma. Obtêm-se, por esse meio, respostas às diversas perguntas que se quer fazer.

Um outro gênero de manifestações não menos notável, mas que se explica pelo que acabamos de dizer, é o dos instrumentos de música que tocam sozinhos. Em geral são pianos ou acordeões. Nessas circunstâncias, vê-se distintamente as teclas se agitarem e o fole mover-se. A mão que toca ora é visível, ora invisível; a ária que se ouve pode ser conhecida e executada a pedido de alguém. Se o artista invisível é deixado à vontade, produz acordes harmoniosos, cujo efeito lembra a vaga e suave melodia da harpa eólica. Na residência de um de nossos assinantes, onde tais fenômenos se produziram muitas vezes, o Espírito que assim se manifestava era o de um rapaz, falecido há algum tempo, amigo da família e que, quando vivo, possuía notável talento como músico; a natureza das árias que preferia tocar não deixava nenhuma dúvida quanto à sua identidade às pessoas que o haviam conhecido.

O fato mais extraordinário desse gênero de manifestações não é, em nossa opinião, o da aparição. Se fosse sempre vaporosa, concordaria com a natureza etérea que atribuímos aos Espíritos; ora, nada se oporia a que essa matéria etérea se tornasse perceptível à vista por uma espécie de condensação, sem perder sua propriedade vaporosa. O que há de mais estranho é a solidificação dessa mesma matéria, bastante resistente para deixar

uma impressão visível em nossos órgãos. Daremos, em nosso próximo número, a explicação desse singular fenômeno, conforme o ensinamento dos próprios Espíritos. Limitar-nos-emos, hoje, a deduzir-lhe uma consequência relativa ao toque espontâneo dos instrumentos de música. Com efeito, desde que a tangibilidade temporária dessa matéria eterizada é um fato constatado; que, nesse estado, uma mão, aparente ou não, oferece bastante resistência para exercer pressão sobre os corpos sólidos, nada há de espantoso em que possa exercer pressão suficiente para mover as teclas de um instrumento. Por outro lado, fatos não menos positivos atestam que essa mão pertence a uma inteligência; nada, pois, de admirar que tal inteligência se manifeste por sons musicais, como o pode fazer pela escrita ou pelo desenho. Uma vez entrados nessa ordem de idéias, as pancadas, o movimento dos objetos e todos os fenômenos espíritos de ordem material se explicam naturalmente.

Variedades

Em certos indivíduos a malevolência não conhece limites; a calúnia tem sempre veneno para quem quer que se eleve acima da multidão. Os adversários do Sr. Home acharam a arma do ridículo demasiado fraca; com efeito, ela devia voltar-se contra os nomes respeitáveis que o cobrem com a sua proteção. Não podendo mais divertir-se à sua custa, quiseram denegri-lo. Espalhou-se o boato, adivinhe-se com que objetivo, e as más línguas a repetir, de que o Sr. Home não havia partido para a Itália, como fora anunciado, mas que estava encarcerado na prisão de Mazas, sob o peso das mais graves acusações, narradas como anedotas, de que estão sempre ávidos os desocupados e os amantes de escândalo. Podemos garantir que não há nada de verdadeiro em todas essas maquinações infernais. Sob nossos olhos, temos várias cartas do Sr. Home, datadas de Pisa, Roma e Nápoles, onde se encontra neste momento, e estamos em condição de provar o que afirmamos. Muita razão têm os Espíritos, quando dizem que os verdadeiros demônios estão entre os homens.

Lê-se num jornal: “Segundo a *Gazette des Hôpitaux*, o hospital dos alienados de Zurique conta neste momento 25 pacientes que perderam a razão graças às mesas falantes e aos Espíritos batedores”.

Em primeiro lugar, perguntamos se foi bem averiguado que esses 25 alienados devem, *todos*, a perda da razão aos Espíritos batedores, o que se pode contestar até prova em contrário. Supondo que esses estranhos fenômenos tenham podido impressionar de maneira lamentável certos caracteres fracos, perguntaríamos, além disso, se o medo do diabo não fez mais loucos do que a crença nos Espíritos. Ora, como não se impedirá os Espíritos de baterem, o perigo está em crer que são demônios todos aqueles que se manifestam. Afastai essa idéia, dando a conhecer a verdade, e deles não se terá mais medo do que dos fogos-fátuos. A idéia de que se é assediado pelo demônio é feita sob medida para perturbar a razão. Eis, de sobra, a contrapartida do artigo acima. Lemos num outro jornal: “Existe um curioso documento estatístico, de funestas conseqüências, o de que o povo inglês é levado ao hábito da intemperança e dos licores fortes. De cada 100 indivíduos admitidos no hospício de loucos de Hamwel, há 72 cuja alienação deve ser atribuída à embriaguez.”

Recebemos de nossos assinantes numerosas relações de fatos muito interessantes, que nos apressaremos a publicar em nossas próximas edições; a falta de espaço, porém, nos impede de fazê-lo neste número.

Allan Kardec

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO I

MAIO DE 1858

Nº 5

Teoria das Manifestações Físicas

(PRIMEIRO ARTIGO)

Concebe-se facilmente a influência moral dos Espíritos e as relações que possam ter com nossa alma, ou com o Espírito em nós encarnado. Compreende-se que dois seres da mesma natureza possam comunicar-se pelo pensamento, que é um de seus atributos, sem o auxílio dos órgãos da palavra; porém, mais difícil de compreender são os efeitos materiais que eles podem produzir, tais como ruídos, movimentos de corpos sólidos e aparições, sobretudo as tangíveis. Vamos tentar dar a explicação, segundo os próprios Espíritos e conforme a observação dos fatos.

A idéia que fazemos da natureza dos Espíritos torna, à primeira vista, incompreensíveis esses fenômenos. Diz-se que o Espírito é a ausência completa da matéria, portanto não pode agir materialmente; ora, aí está o erro. Interrogados sobre a questão de saber se são imateriais, assim responderam os Espíritos: “*Imaterial* não é bem o termo, porquanto o Espírito é alguma coisa, sem o que seria o nada. É, se quiserdes, matéria, mas de tal forma etérea que para vós é como se não existisse.”³⁰ Assim, o Espírito não é, como alguns pensam, uma abstração; é um *ser*, mas cuja natureza íntima escapa totalmente aos nossos sentidos grosseiros.

Encarnado no corpo, o Espírito constitui a alma; quando o deixa com a morte, não sai despojado de todo o envoltório. Dizem-nos todos que conservam a forma que tinham quando vivos e, de fato, quando nos aparecem, geralmente é sob aquela por que os conhecemos na Terra.

Observemo-los atentamente no momento em que acabam de deixar a vida: acham-se em estado de perturbação; ao seu redor tudo é confuso; vêem seu corpo são ou mutilado, segundo o gênero de morte; por outro lado, vêem-se e sentem-se vivos; alguma coisa lhes diz que aquele é o seu corpo e não compreendem porque deles estão separados: o laço que os unia, pois, não está ainda completamente rompido.

Dissipado esse primeiro momento de perturbação, o corpo torna-se para eles uma roupa velha, da qual se despojaram e que não lamentam, mas continuam a se ver em sua forma primitiva. Ora, isto não é um sistema: é o resultado das observações feitas com inúmeros sensitivos. Que se reportem agora ao que narramos de certas manifestações produzidas pelo Sr. Home e outros médiuns desse gênero: aparecem mãos, que têm todas as propriedades de mãos vivas, que tocamos, que nos seguram e que se esvanecem repentinamente. Que devemos concluir disso? Que a alma não deixa tudo no caixão e que leva alguma coisa consigo.

Assim, haveria em nós duas espécies de matéria: uma grosseira, que constitui o envoltório externo; a outra sutil e indestrutível. A morte é a destruição, ou melhor, a desagregação da primeira, daquela que a alma abandona; a outra se libera e segue a alma que, dessa maneira, continua tendo sempre um envoltório; é o que chamamos *perispírito*. Essa matéria sutil, extraída por assim dizer de todas as partes do corpo ao qual estava ligada durante a vida, dele conserva a forma; eis por que os Espíritos se vêem e por que nos aparecem tais quais eram quando vivos. Mas essa matéria sutil não tem a tenacidade nem a rigidez da matéria compacta do corpo;

é, se assim nos podemos exprimir, flexível e expansível; por isso a forma que toma, embora calcada sobre a do corpo, não é absoluta: dobra-se à vontade do Espírito, que pode dar-lhe tal ou qual aparência, à sua vontade, ao passo que o envoltório sólido oferece-lhe uma resistência insuperável. Desembaraçado desse entrave que o comprimia, o perispírito dilata-se ou se contrai, transforma-se, presta-se a todas as metamorfoses, segundo a vontade que atua sobre ele.

Prova a observação – e insistimos nesse vocábulo observação, porque toda a nossa teoria é conseqüência de fatos estudados – que a matéria sutil que constitui o segundo envoltório do Espírito só pouco a pouco se desprende do corpo, e não instantaneamente. Assim, os laços que unem a alma e o corpo não são subitamente rompidos pela morte. Ora, o estado de perturbação que observamos dura todo o tempo em que se opera o desprendimento; o Espírito não recobra a inteira liberdade de suas faculdades, nem a consciência clara de si mesmo, senão quando esse desprendimento é completo.

A experiência prova ainda que a duração desse desprendimento varia segundo os indivíduos. Em alguns se opera em três ou quatro dias, enquanto em outros somente se completa ao cabo de vários meses. Assim, a destruição do corpo e a decomposição pútrida não bastam para operar a separação; eis por que certos Espíritos dizem: sinto os vermes a me roerem.

Em algumas pessoas a separação começa antes da morte; são as que em vida se elevaram, pelo pensamento e pela pureza de seus sentimentos, bem acima das coisas materiais; nelas a morte encontra apenas fracos liames entre a alma e o corpo, e que se rompem quase instantaneamente. Quanto mais o homem viveu materialmente, quanto mais seus pensamentos foram absorvidos nos prazeres e nas preocupações da personalidade, tanto mais tenazes são esses laços; parece que a matéria sutil se identifica com a matéria

compacta e que entre elas haja coesão molecular; daí por que não se separam senão lenta e dificilmente.

Nos primeiros instantes que se seguem à morte, quando ainda existe união entre o corpo e o perispírito, conserva este muito melhor a impressão da forma corpórea, da qual reflete, por assim dizer, todos os matizes e, mesmo, todos os acidentes. Eis por que um supliciado nos dizia, poucos dias após a sua execução: se pudésseis ver-me, ver-me-íeis com a cabeça separada do tronco. Um homem que morreu assassinado, nos dizia: Vede a ferida que me fizeram no coração. Acreditava que poderíamos vê-lo.

Essas considerações levaram-nos a examinar a interessante questão da sensação dos Espíritos e de seus sofrimentos; fá-lo-emos em outro artigo, limitando-nos aqui ao estudo das manifestações físicas.

Imaginemos, pois, o Espírito revestido de seu envoltório semimaterial, ou perispírito, tendo a forma ou a *aparência* que possuía quando encarnado. Alguns até se servem dessa expressão para se designarem; dizem: minha aparência está em tal lugar. Evidentemente, estão aí os manes dos Antigos. A matéria desse envoltório é bastante sutil para escapar à nossa vista, em seu estado normal, mas nem por isso deixa de ser visível. Nós a percebemos, primeiro, pelos olhos da alma, nas visões produzidas durante os sonhos; porém, não é disso que vamos nos ocupar. Essa matéria eterizada é passível de modificações, e o próprio Espírito pode fazê-la sofrer uma espécie de condensação que a torna perceptível aos olhos materiais: é o que acontece nas aparições vaporosas. A sutileza dessa matéria permite-lhe atravessar os corpos sólidos, razão por que tais aparições não encontram obstáculos e por que tantas vezes se desvanecem através das paredes.

A condensação pode chegar a ponto de produzir a resistência e a tangibilidade; é o caso das mãos que podemos ver e

tocar; mas essa condensação – única palavra de que nos podemos servir para exprimir o nosso pensamento, embora a expressão não seja perfeitamente exata – essa condensação, dizíamos, ou melhor, essa solidificação da matéria eterizada é apenas temporária ou accidental, visto não se encontrar em seu estado normal. Daí por que essas aparições tangíveis, num determinado momento, nos escapam como uma sombra. Assim, do mesmo modo que vemos um corpo se nos apresentar em estado sólido, líquido ou gasoso, conforme seu grau de condensação, de igual modo a matéria do perispírito poderá apresentar-se em estado sólido, vaporoso visível, ou vaporoso invisível. Veremos, a seguir, como se opera essa modificação.

A mão aparente tangível oferece uma resistênciã; exerce uma pressã; deixa impressões; opera uma tração sobre os objetos que seguramos; há, pois, nela uma força. Ora, esses fatos, que não são hipóteses, podem conduzir-nos à explicação das manifestações físicas.

Notemos, em primeiro lugar, que essa mão obedece a uma inteligência, visto agir espontaneamente; que dá sinais inequívocos de vontade e obedece a um pensamento: pertence, pois, a um ser completo, que se nos revela apenas por essa parte de si mesmo; e a prova disso é a impressão que produz das partes invisíveis, os dentes deixando marcas impressas na pele e provocando dor.

Entre as diferentes manifestações, uma das mais interessantes, sem dúvida, é o toque espontâneo dos instrumentos musicais. Os pianos e os acordeões parecem ser, para esse efeito, os instrumentos de predileção. Esse fenômeno explica-se muito naturalmente pelo que o precede. A mão que tem a força de segurar um objeto pode muito bem apoiar-se sobre as teclas e fazê-las ressoar; aliás, por diversas vezes vimos os dedos da mão em ação e, quando a mão não é vista, vêem-se as teclas se agitarem e o fole

abrir-se e fechar-se. Essas teclas só podem ser movidas por mão invisível, dando prova de sua inteligência, tocando árias perfeitamente ritmadas, e não como sons incoerentes.

Uma vez que essa mão pode enfiar-nos as unhas na carne, beliscar-nos, arrebatrar aquilo que temos na mão; desde que a vemos apanhar e transportar um objeto, como o faríamos nós mesmos, pode muito bem dar pancadas, levantar e derrubar uma mesa, agitar uma campainha, puxar cortinas e, até mesmo, dar-nos uma bofetada invisível.

Sem dúvida perguntarão como pode essa mão ter a mesma força, tanto no estado vaporoso invisível quanto no estado tangível. E por que não? Não vemos o ar derrubar edifícios, o gás lançar projéteis, a eletricidade transmitir sinais e o fluido do ímã levantar massas? Por que a matéria eterizada do perispírito seria menos poderosa? Não a queiramos submeter às nossas experiências de laboratório e às nossas fórmulas algébricas; sobretudo por havermos tomado os gases como termo de comparação, não lhes vamos atribuir propriedades idênticas, nem computar suas forças como calculamos a do vapor. Até o momento ela escapa a todos os nossos instrumentos; é uma nova ordem de idéias que está fora da alçada das ciências exatas; eis por que essas ciências não nos oferecem aptidão especial para as apreciar.

Demos essa teoria do movimento dos corpos sólidos sob a influência dos Espíritos, somente para mostrar a questão sob todas as faces e provar que, sem nos afastarmos muito das idéias preconcebidas, podemos dar-nos conta da ação dos Espíritos sobre a matéria; mas outra há, de elevado alcance filosófico, dada pelos próprios Espíritos, e que lança sobre essa questão uma luz inteiramente nova. Compreendê-la-emos melhor depois de a havermos lido; aliás, é útil conhecer todos os sistemas, a fim de se poder compará-los.

Resta, pois, explicar agora como se opera essa modificação da substância eterizada do perispírito; por que processo o Espírito opera e, em conseqüência, qual o papel dos médiuns de efeitos físicos na produção desses fenômenos; aquilo que neles se passa em tais circunstâncias, a causa e a natureza de suas faculdades, etc. É o que faremos no próximo artigo.

O Espírito Batedor de Bergzabern

Já tínhamos ouvido falar de certos fenômenos espíritas que em 1852 fizeram muito alarido na Baviera renana, nos arredores de Spira, e sabíamos até que um relato autêntico havia sido publicado numa brochura alemã. Depois de longas e infrutíferas pesquisas, uma dama, dentre as nossas assinantes da Alsácia, demonstrando nessa circunstância um zelo e uma perseverança de que lhe seremos eternamente agradecidos, finalmente conseguiu obter um exemplar daquela brochura e no-lo ofereceu. Damos, a seguir, sua tradução *in extenso*; sem dúvida será lida com grande interesse, pois, dentre tantas outras, é uma prova a mais de que os fatos desse gênero são de todos os tempos e países, já que ocorreram numa época em que apenas se começava a falar em Espíritos.

PREFÁCIO

Há vários meses um acontecimento muito estranho tornou-se o assunto preferido de todas as conversas em nossa cidade e em seus arredores. Referimo-nos ao *Batedor*, como é chamado, da casa do alfaiate Pierre Sanger.

Até então nos abstivemos de qualquer relato em nossa folha – o *Jornal de Bergzabern* – sobre as manifestações que se produziram nessa casa desde o dia 1º de janeiro de 1852. Como, porém, chamaram a atenção geral, a tal ponto que as autoridades se sentiram no dever de pedir ao Dr. Beutner uma explicação a esse

respeito, chegando o Dr. Dupping, de Spira, a dirigir-se ao local para observar os fatos, não nos podemos furtar, por mais tempo, ao dever de dar-lhes publicidade.

Não esperem nossos leitores uma apreciação nossa sobre a questão, pois nos sentiríamos muito embaraçados; deixamos essa tarefa aos que, pela natureza de seus estudos e de sua posição, estão mais aptos a se pronunciarem, o que, aliás, farão sem dificuldade, caso consigam descobrir a razão daqueles efeitos. Quanto a nós, limitar-nos-emos ao simples relato dos fatos, principalmente daqueles que testemunhamos ou que ouvimos de pessoas dignas de fé, deixando que o leitor forme a sua própria opinião.

F.-A. Blanck

Redator do *Jornal de Bergzabern*

Maio de 1852.

No dia 1º de janeiro deste ano (1852), na casa em que habitava e num quarto vizinho ao em que comumente ficava, a família Pierre Sanger, de Bergzabern, ouviu um ruído como se fora um martelamento, iniciando-se por golpes surdos que pareciam vir de longe e que se tornavam progressivamente mais fortes e distintos. Esses golpes davam a impressão de ser desferidos contra a parede, perto da qual se achava o leito onde dormia seu filho, de onze anos de idade. Habitualmente era entre nove horas e meia e dez e meia que o ruído se fazia ouvir. A princípio o casal Sanger não lhe deu maior importância; porém, como tal singularidade se repetisse a cada noite, pensaram que poderia vir da casa vizinha, onde, à guisa de passatempo, um enfermo se distraísse em tamborilar contra a parede. Contudo, logo o casal se convenceu de que o doente não era nem poderia ser a causa do ruído. O chão do quarto foi revolido, a parede derrubada, mas sem qualquer resultado. O leito foi removido para o lado oposto do quarto; e então – coisa admirável! – o ruído passou a ser ouvido desse lado, tão logo o menino dormia. Estava muito claro que de alguma forma a criança tomava parte na manifestação daquele ruído; como as pesquisas da polícia nada

descobriram, começou-se a pensar que o fenômeno pudesse ser atribuído a uma doença do garoto ou a uma particularidade de sua conformação. Contudo, nada até agora veio confirmar essa hipótese. É ainda um enigma para os médicos.

Com o passar do tempo, a coisa não fez senão desenvolver-se; o ruído se prolongou além de uma hora, e as batidas tinham mais força. A criança foi trocada de quarto e de leito, mas o batedor se manifestou nesse outro quarto, sob a cama, na cama e na parede. As batidas não eram idênticas; ora eram fortes, ora fracas e isoladas, ora, enfim, sucedendo-se rapidamente e seguindo o ritmo das marchas militares e dos bailados.

O garoto ocupava, desde alguns dias, o quarto acima mencionado quando notaram, durante o sono, que ele emitia palavras curtas e incoerentes. Logo se tornaram mais distintas e mais inteligíveis; dir-se-ia que a criança conversava com outra pessoa, sobre a qual tinha autoridade. Entre os fatos que diariamente se produziam, o autor desta brochura narrará um, do qual foi testemunha: Achava-se a criança no leito, deitada sobre o lado esquerdo. Tão logo pegou no sono, os golpes começaram, pondo-se ela a falar assim: “Tu, tu, bate uma marcha.” E o batedor batia uma marcha que se assemelhava bastante a uma marcha da Bavária. À ordem de “Alto!” dada pela criança, o batedor parou. Então a criança ordenou: “Bate três, seis, nove vezes”, e o batedor executou a ordem. A uma nova ordem de bater 19 golpes, 20 pancadas fizeram-se ouvir; completamente adormecida, a criança disse: “Não está certo, são 20 golpes”, e logo 19 golpes foram contados. Em seguida, o menino ordenou 30 golpes: ouviram-se 30 batidas. “100 golpes”. Não se pôde contar senão até 40, tão rapidamente se sucediam as pancadas. Ao último golpe, disse o garoto: “Muito bem; agora 110”. Aqui só se pôde contar cerca de 50 pancadas. Quando soou o último golpe, o dorminhoco disse: “Não é isso, foram apenas 106” e logo mais quatro pancadas fizeram-se ouvir para completar o número 110. Depois ele pediu: “Mil!”; somente 15 golpes foram dados. “Vamos,

diga lá!” Houve ainda 5 pancadas e o batedor parou. Então os assistentes tiveram a idéia de ordenar diretamente ao batedor, executando este as ordens que lhe eram dadas. Ele se calou à ordem de “Alto! Silêncio! Paz!”. Depois, por si mesmo e sem comando, recomeçou a bater. Num canto do quarto, em voz baixa, um dos assistentes disse que queria ordenar, apenas pelo pensamento, 6 batidas. O experimentador postou-se diante do leito e não disse sequer uma palavra: foram ouvidas as 6 pancadas. Ainda por pensamento foram comandados 4 golpes e os 4 golpes foram batidos. A mesma experiência foi tentada por outras pessoas, nem sempre com sucesso. Logo a criança distendeu os membros, afastou o cobertor e se levantou.

Quando lhe perguntaram o que havia acontecido, respondeu que tinha visto um homem grande e mal-encarado, que se mantinha diante de seu leito a apertar-lhe os joelhos. Acrescentou que sentia dor nos joelhos quando o homem batia. A criança dormiu novamente e as mesmas manifestações se reproduziram até que o relógio do quarto bateu onze horas. De repente o batedor parou, o menino entrou em sono tranqüilo, o que foi reconhecido pela regularidade da respiração, e nada mais foi ouvido naquela noite. Observamos que o batedor obedecia ao comando de bater marchas militares. Várias pessoas afirmaram que quando se lhe pedia uma marcha russa, austríaca ou francesa, ela era batida com muita exatidão.

No dia 25 de fevereiro, estando adormecido, disse o menino: “Não queres mais bater agora, queres arranhar; pois bem! quero ver como o farás”. Com efeito, no dia seguinte, 26, em lugar das pancadas, ouviu-se um arranhar que parecia vir do leito e que se tem manifestado até hoje. Os golpes se misturavam à raspadela, ora alternadamente, ora simultaneamente, de tal sorte que nas árias de marcha ou de dança a raspadura marcava a primeira parte e os golpes a segunda. Conforme o pedido, a hora do dia e a idade das pessoas presentes eram indicadas por raspagem ou por golpes secos.

Em relação à idade das pessoas, às vezes havia erros, logo corrigidos na 2ª ou 3ª tentativas, quando se dizia que o número de pancadas não era exato. Amiúde, em vez de dar a idade pedida, o batedor executava uma marcha.

A linguagem da criança, durante o sono, tornava-se cada dia mais perfeita. Aquilo que a princípio não passava de simples palavras ou ordens muito breves ao batedor, com o tempo se transformou numa conversa ordenada com os pais. Assim, um dia ele se entreteve com a irmã mais velha sobre assuntos religiosos e, em tom de exortação e de instrução, disse-lhe que devia ir à missa, orar todos os dias e mostrar submissão e obediência aos pais. À noite, retomou o mesmo assunto de conversa; em seus ensinamentos nada havia de teológico, mas apenas algumas noções que se aprende na escola.

Antes dessas palestras, pelo menos durante uma hora ouviam-se pancadas e arranhões, não somente durante o sono do garoto, mas, até mesmo, no estado de vigília. Vimo-lo beber e comer enquanto as batidas e raspadelas se manifestavam, e o vimos também, acordado, a dar ordens ao batedor, que foram todas executadas.

Na noite de sábado, 6 de março, havendo o menino predito a seu pai, durante o dia e completamente desperto, que o batedor apareceria às nove horas, várias pessoas se reuniram na casa dos Sanger. Às nove horas em ponto, quatro golpes foram batidos na parede com tanta violência que os assistentes se assustaram. Logo, e pela primeira vez, as batidas foram dadas na madeira da cama e exteriormente; o leito abalou-se todo. Esses golpes manifestaram-se de todos os lados da cama, ora num lugar, ora noutro. As pancadas e as arranhaduras alternavam-se no leito. A uma ordem do menino e das pessoas presentes, ora os golpes se faziam ouvir no interior do leito, ora no exterior. De repente, a cama levantou-se em sentidos diferentes, enquanto os golpes eram batidos

com força. Mais de cinco pessoas tentaram, sem sucesso, fazê-la voltar ao chão; tendo sido abandonada, ela se balançou ainda por alguns instantes, retomando depois a sua posição natural. Esse fato já havia ocorrido uma vez, antes dessa manifestação pública.

Toda noite, também, a criança fazia uma espécie de discurso. Falaremos disso muito sucintamente.

Antes de tudo é preciso notar que o garoto, assim que baixava a cabeça, logo dormia, e as pancadas e os arranhões começavam. Com os golpes, ele gemia, agitava as pernas e parecia sentir-se mal. O mesmo não ocorria com as raspadelas. Chegado o momento de falar, deitava sobre o dorso e sua face tornava-se pálida, assim como suas mãos e braços. Com a mão direita fazia sinal, dizendo: “Vamos! vem para perto do meu leito e junta as mãos: vou te falar do Salvador do mundo.” Então cessavam os golpes e os arranhões, e todos os assistentes ouviam com respeitosa atenção o discurso do adormecido.

A criança falava lentamente e de modo muito inteligível em puro alemão, o que surpreendia bastante, tanto mais quanto se sabia que era menos adiantada do que seus colegas de escola, sobretudo em virtude de uma moléstia dos olhos que a impedia de estudar. Suas palestras versavam sobre a vida e as ações de Jesus, desde os doze anos, de sua presença no templo com os escribas, de seus benefícios à Humanidade e de seus milagres; em seguida, estendia-se sobre o relato de seus sofrimentos, censurando severamente os judeus por o haverem crucificado, apesar de seus numerosos atos de bondade e de suas bênçãos. Terminando, o garoto dirigia a Deus uma prece fervorosa, rogando que “lhe concedesse a graça de suportar, com resignação, os sofrimentos que lhe enviara, pois que o havia escolhido para entrar em comunicação com o Espírito.” Pedia a Deus não o deixasse morrer ainda, pois era apenas uma criança e não queria baixar à tumba escura. Terminados seus discursos, recitava em voz solene o *Pater noster*, após o que dizia:

“Agora podes vir”; imediatamente as batidas e as arranhaduras recommçavam. Ainda falou duas vezes ao Espírito e, a cada uma delas, o Espírito batedor parava. Dizia ainda algumas palavras e terminava assim: “Agora podes ir embora, em nome de Deus”. E despertava.

Durante essas conversas os olhos do menino ficavam bem fechados; os lábios, porém, se mexiam; as pessoas que estavam mais próximas do leito podiam observar-lhe os movimentos. A voz era pura e harmoniosa.

Ao despertar, perguntavam-lhe o que havia visto e o que se tinha passado. Respondia: “O homem que vem me ver” – “Onde está ele?” – “Perto de meu leito, com as outras pessoas” – “Vistes as outras pessoas?” – “Vi todas que estavam perto de meu leito”.

Compreende-se facilmente que tais manifestações encontraram muitos incrédulos e que se supôs mesmo que essa história toda não passasse de mistificação; mas o pai era incapaz de charlatanice, sobretudo de um charlatanismo que teria exigido toda a habilidade de um prestidigitador profissional. Ele gozava da reputação de um homem honrado e honesto.

Para responder a essas suspeitas e fazê-las cessar, o garoto foi levado para uma casa estranha. Mal lá chegou e as batidas e arranhaduras fizeram-se ouvir. Além disso, alguns dias antes tinha ido com sua mãe a um pequeno vilarejo chamado Capelle, a cerca de meia légua de distância, à casa da viúva Klein; ele se disse fatigado; deitaram-no sobre um canapé e logo o mesmo fenômeno se produziu. Várias testemunhas podem confirmar o fato. Embora a criança demonstrasse estar bem de saúde, devia, apesar disso, ser afetada por uma doença que, se não fosse provada pelas manifestações acima relatadas, pelo menos o seria pelos movimentos involuntários dos músculos e dos sobressaltos nervosos.

Para terminar, destacamos que há algumas semanas a criança foi conduzida à casa do Dr. Beutner, onde deveria permanecer, a fim de que o sábio pudesse estudar de mais perto os fenômenos em questão. Desde então cessou todo o barulho na casa dos Sanger, passando, todavia, a produzir-se na casa do Dr. Beutner.

Tais são, em toda a sua autenticidade, os fatos que se passaram. Nós os entregamos ao público sem emitir juízo de valor. Oxalá possam os mais entendidos dar-lhes uma explicação satisfatória.

Blanc

Considerações sobre o Espírito Batedor de Bergzabern

É fácil a explicação solicitada pelo narrador que acabamos de citar; não existe senão uma, e apenas a Doutrina Espírita é capaz de fornecê-la. Esses fenômenos nada têm de extraordinário para quem esteja familiarizado com os que nos habituaram os Espíritos. Sabe-se que papel certas pessoas atribuem à imaginação. Sem dúvida, se a criança somente houvesse tido visões, os partidários da alucinação ter-se-iam sentido cobertos de razão. Mas aqui havia efeitos materiais de natureza inequívoca e que tiveram um grande número de testemunhas; seria preciso se imaginasse que todos estivessem alucinados a ponto de pensarem ouvir o que de fato não escutavam e verem a mobília mudando de lugar; ora, nisso haveria um fenômeno mais extraordinário ainda. Aos incrédulos só resta um recurso: negar; é mais fácil e dispensa o raciocínio.

Examinando as coisas do ponto de vista espírita, torna-se evidente que o Espírito que se manifestou era inferior ao da criança, visto que lhe obedecia; era mesmo subordinado aos assistentes, pois que também lhe davam ordens. Se não soubéssemos pela Doutrina que os Espíritos ditos batedores estão embaixo na

escala, aquilo que se passou seria uma prova disto. Realmente não se conceberia que um Espírito elevado, assim como nossos sábios e filósofos, viesse divertir-se em bater marchas e valsas; numa palavra, a representar o papel de um pelotiqueiro, nem submeter-se aos caprichos dos seres humanos. Mostra-se sob os traços de um homem mal encarado, circunstância que não pode senão corroborar essa opinião; em geral a moral se reflete no envoltório. Para nós está, pois, demonstrado que o *batedor* de Bergzabern é um Espírito inferior, da classe dos Espíritos levianos, que se manifestou como tantos outros o fizeram e ainda fazem todos os dias.

Agora, com que propósito veio? A notícia não diz que haja sido chamado; hoje, que se tem mais experiência sobre essas coisas, não se deixaria vir um visitante tão estranho sem se informar o que ele quer. Portanto, só podemos fazer uma conjectura. É verdade que nada fez que revelasse maldade ou má intenção; não experimentou o menino nenhum distúrbio, nem físico, nem moral; só os homens teriam podido perturbar sua moral, ferindo-lhe a imaginação com os contos ridículos, e é muito bom que não o tenham feito. Por muito inferior que fosse esse Espírito, não era mau nem malevolente; simplesmente era um desses Espíritos tão numerosos que, sem cessar e sem o sabermos, nos rodeiam. Nessa circunstância pode ter agido por mero capricho, como também o poderia fazer por instigação de Espíritos elevados, com vistas a despertar a atenção dos homens e de os convencer da realidade de um poder superior que se encontra fora do mundo corporal.

Quanto ao menino, é certo que era um desses médiuns de efeitos físicos, dotados, mau grado seu, dessa faculdade, e que estão para os outros médiuns assim como os sonâmbulos naturais estão para os sonâmbulos magnéticos. Essa faculdade, dirigida por um homem experimentado nessa nova ciência, poderia ter produzido coisas mais extraordinárias ainda, susceptíveis de lançar nova luz sobre esses fenômenos, que não são maravilhosos senão para os que não os compreendem.

O Orgulho

DISSERTAÇÃO MORAL DITADA POR SÃO LUÍS À SENHORITA

ERMANCE DUFAUX

(19 e 26 de janeiro de 1858)

I

Um homem soberbo possuía alguns hectares de boa terra; sentia-se envaidecido pelas grandes espigas que cobriam o seu campo e olhava com desdém o campo estéril do humilde. Este se levantava ao cantar do galo e permanecia o dia todo curvado sobre o solo ingrato; recolhia pacientemente os seixos e os lançava à beira do caminho; revolvia profundamente a terra e arrancava com dificuldade os espinheiros que a cobriam. Ora, seu suor fecundou o campo e ele colheu o melhor trigo.

Entretanto, o joio crescia no campo do homem soberbo e sufocava o trigo, enquanto o dono se vangloriava de sua fecundidade, olhando com ar de piedade os esforços silenciosos do humilde.

Em verdade vos digo que o orgulhoso é semelhante ao joio que abafa o bom grão. Aquele dentre vós que acredita valer mais que seu irmão e que disso se vangloria, é insensato; sábio, porém, é o que trabalha por si mesmo, como o humilde em seu campo, sem se envaidecer de sua obra.

II

Havia um homem rico e poderoso que desfrutava o poder do príncipe; morava em palácios, e numerosos serviçais esmeravam-se por lhe adivinhar os desejos.

Um dia suas matilhas acoassavam os cervos nas profundezas da floresta quando percebeu um pobre lenhador que

caminhava com muita dificuldade, sob o peso de um feixe de lenha. Chamou-o e disse-lhe:

– Vil escravo! Por que passas teu caminho sem te inclinares diante de mim? Sou igual aos senhores da terra: nos conselhos minha voz decide a paz ou a guerra, e os maiores do reino curvam-se em minha presença. Fica sabendo que sou sábio entre os sábios, poderoso entre os poderosos, grande entre os grandes, e minha posição elevada é obra de minhas mãos.

– Senhor! – respondeu o pobre homem – temi que minha humilde saudação fosse uma ofensa para vós. Sou pobre e não possuo outro bem senão meus braços; mesmo assim, não desejo vossas grandezas enganosas. Durmo a sono solto e não receio, como vós, que o prazer do mestre me faça cair em minha obscuridade.

Ora, o príncipe se aborreceu com o orgulho do soberbo; os grandes humilhados apoderaram-se dele e o precipitaram das culminâncias de seu poder, como a folha seca que o vento varre do alto de uma montanha; mas o humilde continuou tranqüilamente seu rude trabalho, sem se preocupar com o dia seguinte.

III

Soberbo, humilha-te, porquanto a mão do Senhor dobrará teu orgulho até que se reduza a pó!

Escuta! Nascestes onde te lançou a sorte; saíste do seio de tua mãe, fraco e despido como o último dos homens. Por que elevas mais alto a fronte do que os teus semelhantes, tu que, como eles, nasceste para a dor e para a morte?

Ouve! Tuas riquezas e tuas grandezas, vaidade das vaidades, escaparão de tuas mãos quando vier o Grande Dia, como as águas errantes da torrente que o sol faz evaporar. De tuas riquezas

só levarás contigo as tábuas do caixão; e os títulos gravados na lápide sepulcral serão palavras vazias de sentido.

Escuta! O cão do coveiro brincarás com teus ossos, e eles serão misturados aos dos indigentes, confundindo-se tuas cinzas com as deles, porque um dia ambos sereis reduzidos a pó. Amaldiçoarás, então, os dons que recebeste, quando vires o mendigo revestido na sua glória, e chorarás o teu orgulho.

Humilha-te, soberbo, porquanto a mão do Senhor curvará o teu orgulho até o pó.

– Por que São Luís nos fala em parábolas?

Resp. – O Espírito humano ama o mistério; a lição se grava melhor no coração quando a procuramos.

– Não parece que atualmente a instrução nos deva ser dada de maneira mais direta, sem que precisemos recorrer à alegoria?

Resp. – Encontrá-la-eis no desenvolvimento. Desejo ser lido, e a moral necessita ser disfarçada sob a atração do prazer.

Problemas Morais Dirigidos a São Luís

1. De dois homens ricos, um nasceu na opulência e jamais conheceu dificuldade; o outro deve sua fortuna ao próprio trabalho; ambos a empregaram exclusivamente na satisfação pessoal. Qual dos dois é mais culpável?

Resp. – *O que conheceu o sofrimento: ele sabe o que é sofrer.*

2. O que acumula incessantemente, sem fazer o bem a ninguém, achará uma desculpa válida em sua consciência, de que

acumula para deixar mais aos filhos?

Resp. — É um compromisso com a consciência má.

3. De dois avaros, o primeiro se priva do necessário e morre de precisão sobre o seu tesouro; o segundo só é avarento para os outros, sendo pródigo para si mesmo. Enquanto se nega ao menor sacrifício para prestar um obséquio ou fazer algo de útil, nada economiza para a satisfação de seus prazeres pessoais. Se se lhe pede um favor, está sempre de má vontade; se quer entregar-se a uma fantasia, nunca lhe falta ensejo de realizá-la. Qual o mais culpado, e qual deles terá o pior lugar no mundo dos Espíritos?

Resp. — O que goza; o outro já encontrou a sua própria punição.

4. Aquele que em vida não empregou de maneira útil a fortuna, encontra alívio em fazer o bem após a morte, pelo destino que lhe dá?

Resp. — Não; o bem vale o que custa.

Metades Eternas

Extraímos a seguinte passagem da carta de um de nossos assinantes. “(...) Há alguns anos perdi uma esposa boa e virtuosa e, malgrado me houvesse deixado seis filhos, sentia-me em completo isolamento, quando ouvi falar das manifestações espíritas. Logo me encontrava no seio de um pequeno grupo de bons amigos, que todas as noites se ocupavam desse assunto. Nas comunicações obtidas, cedo aprendi que a verdadeira vida não está na Terra, mas no mundo dos Espíritos; que minha Clémence lá era feliz e que, como os outros, trabalhava pela felicidade dos que aqui havia conhecido. Ora, eis um ponto sobre o qual desejo ardentemente ser por vós esclarecido.

“Uma noite, dizia eu à minha Clémence: querida amiga, por que, apesar de todo o nosso amor, acontecia que nem sempre nos púnhamos de acordo nas diferentes circunstâncias de nossa vida comum, e por que muitas vezes éramos forçados a nos fazer mútuas concessões para vivermos em boa harmonia?

“Ela me respondeu isto: meu amigo, éramos pessoas honradas e honestas; vivemos juntos, e poderíamos dizer, do melhor modo possível nesta Terra de provas; mas não éramos *nossas metades eternas*. Tais uniões são raras na Terra; podem ser encontradas, entretanto representam um grande favor de Deus. Os que desfrutam dessa felicidade experimentam alegrias que te são desconhecidas.

“Podes dizer-me – repliquei – se vêes tua metade eterna? – Sim, diz ela, é um pobre coitado que vive na Ásia; só poderá reunir-se a mim dentro de 175 anos, segundo a vossa maneira de contar. – Reunir-vos-eis na Terra ou num outro mundo? – Na Terra. Mas escuta: não te posso descrever bem a felicidade dos seres assim reunidos; rogarei a Heloísa e Abelardo que te venham informar. – Então, senhor, esses dois seres felizes vieram nos falar dessa indizível felicidade. “À nossa vontade”, disseram eles, “dois não fazem mais que um; viajamos nos espaços; desfrutamos de tudo; amamo-nos com um amor sem-fim, acima do qual só pode existir o amor de Deus e dos seres perfeitos. Vossas maiores alegrias não valem um só de nossos olhares, um só de nossos apertos de mão.”

“A idéia das metades eternas me alegra. Ao criar a Humanidade, parece que Deus a fez dupla e, ao separar suas duas metades, teria dito: Ide por esse mundo e procurai encarnações. Se fizerdes o bem, a viagem será curta e permitirei a vossa união; do contrário, muitos séculos se passarão antes que possais desfrutar dessa felicidade. Tal é, parece-me, a causa primeira do movimento instintivo que leva a Humanidade a buscar a felicidade; felicidade que não compreendemos e que não nos damos ao trabalho de compreender.

“Desejo ardentemente, senhor, ser esclarecido sobre essa teoria das metades eternas e ficaria feliz se encontrasse uma explicação sobre o assunto em um dos vossos próximos números (...)”

Abelardo e Heloísa, interrogados sobre esse ponto, nos deram as seguintes respostas:

P. As almas foram criadas duplas?

Resp. – Se tivessem sido criadas duplas as simples seriam imperfeitas.

P. É possível reunirem-se duas almas na eternidade e formarem um todo?

Resp. – Não.

P. Tu e Heloísa formastes, desde a origem, dois seres bem distintos?

Resp. – Sim.

P. Formai-vos ainda, neste momento, duas almas distintas?

Resp. – Sim; mas sempre unidas.

P. Todos os homens se encontram na mesma condição?

Resp. – Conforme sejam mais ou menos perfeitos.

P. Todas as almas são destinadas a um dia se unirem a uma outra alma?

Resp. – Cada Espírito tem a tendência de procurar um outro Espírito que lhe seja afim; a isso chamamos simpatia.

P. Nessa união há uma condição de sexo?

Resp. – As almas não têm sexo.

Tanto para satisfazer o desejo de nosso assinante quanto para nossa própria instrução, dirigimos ao Espírito São Luís as seguintes perguntas:

1. As almas que devem unir-se estão, desde suas origens, predestinadas a essa união e cada um de nós tem, nalguma parte do Universo, *sua metade*, a que fatalmente um dia se reunirá?

Resp. – Não; não há união particular e fatal, de duas almas. A união que há é a de todos os Espíritos, mas em graus diversos, segundo a categoria que ocupam, isto é, segundo a perfeição que tenham adquirido. Quanto mais perfeitos, tanto mais unidos. Da discórdia nascem todos os males humanos; da concórdia resulta a completa felicidade.

2. Em que sentido se deve entender a palavra *metade*, de que alguns Espíritos se servem para designar os Espíritos simpáticos?

Resp. – A expressão é inexata. Se um Espírito fosse a metade do outro, separados os dois, estariam ambos incompletos;

3. Se dois Espíritos perfeitamente simpáticos se reunirem, estarão unidos para todo o sempre, ou poderão separar-se e se unirem a outros Espíritos?

Resp. – Todos os Espíritos estão reciprocamente unidos. Falo dos que atingiram a perfeição. Nas esferas inferiores, desde que um Espírito se eleva, já não simpatiza, como dantes, com os que lhe ficaram abaixo.

4. Dois Espíritos simpáticos são complemento um do outro, ou a simpatia entre eles existente é resultado de identidade perfeita?

Resp. – A simpatia que atrai um Espírito a outro resulta da perfeita concordância de seus pendores e instintos. Se um tivesse que completar o outro, perderia a sua individualidade.

5. A identidade necessária à existência da simpatia perfeita apenas consiste na analogia dos pensamentos e sentimentos, ou também na uniformidade dos conhecimentos adquiridos?

Resp. – Na igualdade dos graus de elevação.

6. Podem tornar-se simpáticos futuramente Espíritos que no momento não o são?

Resp. – Todos o serão. Um Espírito, que hoje está numa esfera inferior, ascenderá, aperfeiçoando-se, à em que se acha tal outro Espírito. E ainda mais depressa se dará o encontro dos dois, se o mais elevado, suportando mal as provas a que se submeteu, demorou-se no mesmo estado.

7. Podem deixar de ser simpáticos um ao outro, dois Espíritos que já o sejam?

Resp. – Certamente, se um deles for preguiçoso.

Essas respostas resolvem perfeitamente a questão. A teoria das metades eternas encerra uma simples figura, representativa da união de dois Espíritos simpáticos. Trata-se de uma expressão usada até na linguagem vulgar e que se não deve tomar ao pé da letra. Não pertencem, decerto, a uma ordem elevada os Espíritos que a empregaram. Sendo necessariamente limitado o campo de suas idéias, exprimiram seus pensamentos com os termos de que se teriam utilizado na vida corporal. Não se deve, pois, aceitar a idéia de que, criado um para o outro, dois Espíritos tenham fatalmente de reunir-se um dia na eternidade, depois de estarem separados por tempo mais ou menos longo.³¹

31 **N. do T.:** Esse assunto não foi abordado na primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, dada a lume por Allan Kardec a 18 de abril de 1857, e que continha somente 501 perguntas, divididas em três partes. Aparece na segunda edição – definitiva – de 1860. As sete questões acima correspondem às perguntas de números 298 a 303 a, do referido livro, acrescidas dos comentários com que o Codificador as enriqueceu.

Vide Nota à questão 324, inserta no final do livro *O Consolador*, do Espírito Emmanuel, editado pela FEB e psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, a respeito da teoria das almas gêmeas.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

MOZART

Um de nossos assinantes nos comunicou as duas entrevistas seguintes, que se deram com o Espírito Mozart. Ignoramos onde e quando se realizaram; desconhecemos o interpelante e o médium; somos, pois, completamente estranhos a tudo isso. Notar-se-á, no entanto, a concordância perfeita existente entre as respostas obtidas e as que foram dadas por outros Espíritos sobre diversos pontos capitais da Doutrina, em circunstâncias inteiramente diferentes, seja a nós, seja a outras pessoas, e que relatamos em nossos fascículos anteriores e em *O Livro dos Espíritos*. Sobre tal analogia chamamos a atenção dos nossos leitores, que dela tirarão a conclusão que julgarem mais acertada. Aqueles, pois, que pudessem ainda pensar que as respostas às nossas perguntas são um reflexo de nossas opiniões pessoais, por aí verão se nessa ocasião pudemos exercer uma influência qualquer. Felicitamos as pessoas por meio das quais essas entrevistas foram obtidas, bem como a maneira por que as perguntas foram elaboradas. Apesar de certas falhas que revelam a inexperiência dos interlocutores, em geral são formuladas com ordem, clareza e precisão, e de modo algum se afastam da linha de seriedade, condição essencial para se obter boas comunicações. Os Espíritos elevados dirigem-se às pessoas sérias que de boa-fé desejam ser esclarecidas; os Espíritos levianos divertem-se com as pessoas frívolas.

PRIMEIRA CONVERSA

1. Em nome de Deus, Espírito Mozart, estás aqui?

Resp. – Sim.

2. Por que és Mozart, e não um outro Espírito?

Resp. – Foi a mim que evocastes: então vim.

3. Que é um médium?

Resp. – O agente que une o meu ao teu Espírito.

4. Quais as modificações, tanto fisiológicas quanto anímicas que, mau grado seu, sofre o médium ao entrar em ação intermediária?

Resp. – Seu corpo nada sente, mas seu Espírito, parcialmente desprendido da matéria, está em comunicação com o meu, unindo-me a vós.

5. O que se passa nele nesse momento?

Resp. – Nada para o corpo; mas uma parte de seu Espírito é atraída para mim; faço sua mão agir pelo poder que meu Espírito exerce sobre ele.

6. Assim, o médium entra em comunicação com uma individualidade espiritual diferente da sua?

Resp. – Certamente; tu também, sem que sejas médium estás em contato comigo.

7. Quais os elementos que concorrem para a produção desse fenômeno?

Resp. – A atração dos Espíritos para instruir os homens; leis de eletricidade física.

8. Quais são as condições indispensáveis?

Resp. – É uma faculdade concedida por Deus.

9. Qual o princípio determinante?

Resp. – Não o posso dizer.

10. Poderias revelar-nos as suas leis?

Resp. – Não, não; não agora. Mais tarde sabereis tudo.

11. Em que termos positivos poder-se-ia anunciar a fórmula sintética desse maravilhoso fenômeno?

Resp. – Leis desconhecidas que, por ora, não poderéis compreender.

12. Poderia o médium pôr-se em relação com a alma de uma pessoa viva, e em que condições?

Resp. – Facilmente, se a pessoa estiver dormindo.³²

13. O que entendes pela palavra *alma*?

Resp. – A centelha divina.

14. E por Espírito?

Resp. – Espírito e alma são a mesma coisa.

15. Como Espírito imortal, tem a alma a consciência do ato da morte, a consciência de si mesma ou do *eu* imediatamente após a morte?

Resp. – A alma nada sabe do passado, nem conhece o futuro senão após a morte do corpo; vê, então, sua vida passada e as últimas provas que sofrerá; assim, não se deve lamentar o que se sofre na Terra, a tudo suportando com coragem.

16. Após a morte acha-se a alma desprendida de todo elemento, de todo liame terrestre?

Resp. – De todo elemento, não; tem ainda um fluido que lhe é próprio, que haure na atmosfera de seu planeta e que representa a aparência de sua última encarnação; os laços terrenos nada mais são para ela.

17. Sabe ela donde vem e para onde vai?

Resp. – A décima quinta resposta resolve essa questão.

32 Se uma pessoa viva for evocada em estado de vigília, pode adormecer no momento da evocação ou, pelo menos, sofrer um entorpecimento e uma suspensão das faculdades sensitivas; freqüentemente, porém, a evocação não surte qualquer efeito, sobretudo se não for feita com intenção séria e com benevolência.

18. Nada leva consigo daqui da Terra?

Resp. – Somente a lembrança de suas boas ações, o pesar de suas faltas e o desejo de ir para um mundo melhor.

19. Abarca num golpe de vista retrospectivo o conjunto de sua vida passada?

Resp. – Sim, para servir à sua vida futura.

20. Entrevê o fim da vida terrestre, o significado e o sentido desta vida, assim como a importância do destino que aqui se cumpre, em relação à vida futura?

Resp. – Sim; compreende a necessidade de depuração para chegar ao infinito; quer purificar-se para alcançar os mundos bem-aventurados. Sou feliz; porém, ainda não me encontro nos mundos onde se desfruta da visão de Deus!

21. Existe na vida futura uma hierarquia dos Espíritos? Qual a sua lei?

Resp. – Sim; é o grau de depuração que a marca: a bondade e as virtudes são os títulos de glória.

22. Como potência progressiva, é a inteligência que nela determina a marcha ascendente?

Resp. – Sobretudo as virtudes: o amor do próximo, especialmente.

23. Uma hierarquia dos Espíritos faria supor uma outra de residência. Existe esta última? Sob que forma?

Resp. – Dom de Deus, a inteligência é sempre a recompensa das virtudes: caridade, amor ao próximo. Os Espíritos habitam diferentes planetas, conforme seu grau de perfeição; aí desfrutam de maior ou menor felicidade.

24. O que se deve entender por Espíritos superiores?

Resp. – Os Espíritos purificados.

25. Nosso globo terrestre é o primeiro desses degraus, o ponto de partida, ou procedemos de uma região mais inferior ainda?

Resp. – Há dois globos antes do vosso, que é um dos menos perfeitos.

26. Qual o mundo que habitas? Ali és feliz?

Resp. – Júpiter. Nele desfruto de grande calma; amo a todos os que me rodeiam; não temos ódio.

27. Se guardas lembrança da vida terrestre, deves recordar-te do casal A..., de Viena; já os vistes após a tua morte? Em que mundo e em que condições?

Resp. – Não sei onde estão; não to posso dizer. Um é mais feliz que o outro. Por que me falas deles?

28. Por uma única palavra, indicativa de um fato capital de tua vida, e que não podes ter esquecido, seria possível forneceres uma prova certa dessa lembrança? Intimo-te a dizer essa palavra.

Resp. – Amor; reconhecimento.

SEGUNDA CONVERSA

O interlocutor não é mais o mesmo. Pela natureza da conversa, é possível que se trate de um músico, feliz por se entreter com um mestre. Após diversas perguntas, que nos pareceram inútil relatar, diz Mozart:

1. Acabemos com as perguntas de G...: conversarei contigo; dir-te-ei o que em nosso mundo entendemos por melodia. Por que não me evocaste mais cedo? Ter-te-ia respondido.

2. O que é melodia?

Resp. – Para ti muitas vezes é uma lembrança da vida passada; teu Espírito recorda aquilo que entreviu num mundo melhor.

No planeta em que habito – Júpiter – há melodia em toda parte: no murmúrio da água, no crepitar das folhas, no *canto do vento*; as flores sussurram e cantam; tudo torna os sons melodiosos. Sê bom; conquista esse planeta por tuas virtudes; bem escolheste, cantando a Deus: a música religiosa auxilia a elevação da alma. Como gostaria de vos poder inspirar o desejo de ver esse mundo onde somos tão felizes! Todos somos caridosos; tudo ali é belo e a Natureza é tão admirável! Tudo nos inspira o desejo de estar com Deus. Coragem! Coragem! Acreditai em minha comunicação espírita: sou eu mesmo que aqui me encontro; desfruto do poder de vos dizer o que experimentamos; possa eu vos inspirar bastante o amor ao bem, para vos tornardes dignos desta recompensa, que nada é ao lado de outras a que aspiro!

3. Nossa música é a mesma em outros planetas?

Resp. – Não; nenhuma música poderá vos dar uma idéia da música que temos aqui: é divina! Oh! Felicidade! Faz por merecer o gozo de semelhantes harmonias: luta! coragem! Não possuímos instrumentos: os coristas são as plantas e as aves; o pensamento compõe e os ouvintes desfrutam sem audição material, sem o auxílio da palavra, e isso a uma distância incomensurável. Nos mundos superiores isso é ainda mais sublime.

4. Qual a duração da vida de um Espírito encarnado em outro planeta que não o nosso?

Resp. – Curta nos planetas inferiores; mais longa nos mundos como esse em que tenho a felicidade de estar; Em Júpiter ela é, em média, de trezentos a quinhentos anos.

5. Haverá alguma vantagem em voltar-se a habitar a Terra?

Resp. – Não; a menos que seja em missão, porque então avançamos.

6. Não se seria mais feliz permanecendo na condição de Espírito?

Resp. – Não, não! Estacionar-se-ia e o que se quer é caminhar para Deus.

7. É a primeira vez que me encontro na Terra?

Resp. – Não; mas não posso falar do passado de teu Espírito.

8. Eu poderia ver-te em sonho?

Resp. – Se Deus o permitir, far-te-ei ver a minha habitação em sonho, e dela guardarás lembrança.

9. Onde estás aqui?

Resp. – Entre tu e tua filha; vejo os dois; estou sob a forma que tinha quando estava vivo.

10. Eu poderia ver-te?

Resp. – Sim; crê e verás; se tivesses mais fé, ser-nos-ia permitido dizer o porquê; tua própria profissão é um laço entre nós.

11. Como entraste aqui?

Resp. – O Espírito atravessa tudo.

12. Estás ainda muito longe de Deus?

Resp. – Oh! Sim!

13. Melhor que nós, compreendes o que seja a eternidade?

Resp. – Sim, sim, mas não o podeis compreender no corpo.

14. Que entendes por Universo? Houve um início e haverá um fim?

Resp. – Segundo vós o Universo é a Terra! Insensatos! O Universo não teve começo nem terá fim; considerai que é obra de Deus; o Universo é o infinito.

15. Que devo fazer para me acalmar?

Resp. – Não te inquietes tanto pelo teu corpo. Tens perturbado o Espírito. Resiste a essa tendência.

16. O que é essa perturbação?

Resp. – Temes a morte.

17. Que devo fazer para não temê-la?

Resp. – Crer em Deus; sobretudo acreditar que Deus não separa um pai *útil* de sua família.

18. Como alcançar essa calma?

Resp. – Pela vontade.

19. Onde haurir essa vontade?

Resp. – Desvia o teu pensamento disso pelo trabalho.

20. Que devo fazer para aperfeiçoar o meu talento?

Resp. – Podes evocar-me; obtive a permissão de inspirar-te.

21. Quando eu estiver trabalhando?

Resp. – Certamente! Quando quiseres trabalhar, estarei perto de ti algumas vezes.

22. Ouvirás a minha obra? (uma obra musical do interpelante).

Resp. – És o primeiro músico que me evoca; venho a ti com prazer e ouço as tuas obras.

23. Como explicar que não tenhas sido evocado?

Resp. – Fui evocado; não, porém, por músicos.

24. Por quem?

Resp. – Por várias damas e curiosos, em Marselha.

25. Por que a *Ave-Maria* me comove até as lágrimas?

R. Teu Espírito se desprende e junta-se ao meu e ao de Pergolesi, que me inspirou essa obra, mas esqueci aquele trecho.

26. Como pudeste esquecer a música composta por ti mesmo?

Resp. – A que tenho aqui é tão bela! Como lembrar daquilo que era só matéria?

27. Vês minha mãe?

Resp. – Ela está reencarnada na Terra.

28. Em que corpo?

Resp. – Nada posso dizer a propósito.

29. E meu pai?

Resp. – Está errante para auxiliar no bem; fará tua mãe progredir; reencarnarão juntos e serão felizes.

30. Ele me vem ver?

Resp. – Muitas vezes; a ele debes teus impulsos caritativos.

31. Foi minha mãe quem pediu para reencarnar-se?

Resp. – Sim; tinha grande vontade de elevar-se por uma nova prova e adentrar num mundo superior à Terra; já deu um passo imenso nesse sentido.

32. Que queres dizer com isso?

Resp. – Ela resistiu a todas as tentações; sua vida na Terra foi sublime, comparada com seu passado, que foi o de um Espírito inferior. Assim, já galgou alguns degraus.

33. Havia escolhido, então, uma prova acima de suas forças?

Resp. – Sim, foi isso.

34. Quando sonho que a vejo, é ela própria que aparece?

Resp. – Sim, sim.

35. Se tivessem evocado Bichat no dia da inauguração de sua estátua, teria ele respondido? Estaria lá?

Resp. – Ele estava lá, e eu também.

36. Por que também estavas lá?

Resp. – Pela mesma razão que vários outros Espíritos, que desfrutam o bem e se sentem felizes por ver que glorificais os que se ocupam da humanidade sofredora.

37. Obrigado, Mozart; adeus.

Resp. – Crede, crede, estou aqui... Sou feliz... Crede que há mundos acima do vosso... Crede em Deus... Evocai-me mais freqüentemente, e em companhia de músicos; ficarei feliz em vos instruir e em contribuir para a vossa melhoria, e em vos ajudar a subir para Deus.

O ESPÍRITO E OS HERDEIROS

De Haia, na Holanda, um de nossos assinantes comunica-nos o seguinte fato, ocorrido num círculo de amigos que se ocupavam com as manifestações espíritas. Isso prova uma vez mais – diz ele – e sem nenhuma contestação possível, a existência de um elemento inteligente e invisível, agindo individual e diretamente sobre nós.

Os Espíritos se anunciam pelo movimento de pesadas mesas e pelas pancadas que desferem. Pergunta-se-lhes os nomes: finados Sr. M. e Sra. G., muito afortunados durante a existência; o marido, de quem provinha a fortuna, não tendo filhos deserdou seus parentes próximos em favor da família da esposa, morta pouco tempo antes dele. Entre as nove pessoas presentes à sessão, encontravam-se duas damas deserdadas, bem como o marido de uma delas.

O Sr. G. fora sempre um pobre diabo e o mais humilde servidor de sua esposa. Após a morte desta, sua família instalou-se

em sua casa para cuidar dele. O testamento foi feito com o atestado de um médico, declarando que o moribundo gozava da plenitude de suas faculdades mentais.

O marido da dama deserddada, que designaremos sob a inicial R..., usou da palavra nestes termos: “Como ousais apresentar-vos aqui depois do escandaloso testamento que fizestes?” A seguir, exaltando-se cada vez mais, acabou por lhe dizer injúrias. A mesa, então, deu um salto e atirou a lâmpada com força na cabeça do interlocutor. Este lhe pediu desculpas por aquele primeiro impulso de cólera e aquela perguntou-lhes o que vinham fazer ali. – R. Viemos prestar conta das razões de nossa conduta. (As respostas eram dadas por meio de pancadas indicando as letras do alfabeto).

Conhecendo a inépcia do marido, o Sr. R. disse-lhe bruscamente que ele devia retirar-se e que só ouviria a esposa.

Então o Espírito desta disse que a senhora R... e sua irmã eram bastante ricas e poderiam passar muito bem sem a sua parte na herança; que alguns eram maus e que outros, enfim, deveriam sofrer essa prova; que por tais razões aquela fortuna melhor convinha à sua própria família. O Sr. M. não se deu por satisfeito com essas explicações e manifestou sua cólera em reprimendas injuriosas. A mesa, então, agitou-se violentamente, empinou-se, bateu fortes pancadas no assoalho e atirou mais uma vez a lâmpada sobre o Sr. R... Após acalmar-se, o Espírito tentou convencer que, desde sua morte, tinha sido informado de que o testamento fora ditado por um Espírito superior. O Sr. R... e suas senhoras, não mais desejando prosseguir em uma contestação inútil, ofereceu-lhe sincero perdão. Logo a mesa se levantou para o lado do Sr. R... e desceu suavemente contra o seu peito, como se quisesse abraçá-lo; as duas senhoras receberam o mesmo gesto de gratidão. A mesa tinha uma vibração muito pronunciada. Serenados os ânimos, o Espírito lamentou a herdeira atual, dizendo que acabaria por tornar-se louca.

O Sr. R. o censurou também, mas afetuosamente, por não haver feito o bem durante a vida, quando possuía tão grande fortuna, acrescentando que ela não era lamentada por ninguém. “Sim, respondeu o Espírito, há uma pobre viúva que mora na rua...; ainda pensa em mim com freqüência, porque algumas vezes lhe dei alimento, roupa e aquecimento.”

Não havendo o Espírito dado o nome dessa pobre mulher, um dos assistentes foi à sua procura e a encontrou no endereço indicado. E, o que não é menos digno de nota é que, depois da morte da Sra. G..., a viúva havia mudado de domicílio. É este último que foi indicado pelo Espírito.

Morte de Luís XI

Extraído do manuscrito ditado por Luís XI à Senhorita Ermance Dufaux

Nota. – Rogamos aos nossos leitores que se reportem às observações que fizemos sobre estas notáveis comunicações em nosso artigo de março último.

Não me sentindo bastante firme para ouvir pronunciar a palavra morte, muitas vezes tinha recomendado a meus oficiais que apenas me dissessem, quando me vissem em perigo: “Falai pouco”, e eu saberia o que isso significava. Quando já não havia mais esperança, Olivier le Daim me disse duramente, na presença de Francisco de Paula e de Coittier:

– Majestade, é preciso que nos desobriguemos de nosso dever. Não tendes mais esperanças neste santo homem, nem em qualquer outro, porquanto chegastes ao fim; pensai em vossa consciência; não há mais remédio.

A essas palavras cruéis, toda uma revolução operou-se em mim; eu já não era o mesmo homem e me surpreendia comigo

mesmo. O passado desenrolou-se rapidamente ante meus olhos e as coisas me pareceram sob um aspecto novo: não sei que de estranho se passava em mim. O duro olhar de Olivier le Daim, fixado sobre o meu rosto, parecia interrogar-me. Para subtrair-me a esse olhar frio e inquisidor, respondi com aparente tranqüilidade:

– Espero que Deus me ajude; talvez eu não esteja tão doente como imaginais.

Ditei minhas últimas vontades e mandei para junto do jovem rei aqueles que ainda me cercavam. Encontrei-me só com meu confessor, Francisco de Paula, le Daim e Coittier. Francisco me fez uma exortação tocante; a cada uma de suas palavras parecia que os meus vícios se apagavam e que a natureza retomava seu curso; senti-me aliviado e comecei a recobrar um pouco de esperança na clemência de Deus.

Recebi os últimos sacramentos com uma piedade firme e resignada. Repetia a cada instante: “Nossa Senhora de Embrun, minha boa Senhora, ajudai-me!”

Terça-feira, 30 de agosto, cerca de sete horas da noite, caí em nova prostração; todos os que estavam presentes, crendo-me morto, retiraram-se. Olivier le Daim e Coittier, temendo a execração pública, permaneceram junto ao meu leito, já que não tinham outro asilo.

Logo recobrei inteiramente a consciência. Ergui-me, sentei-me na cama e olhei em torno de mim; ninguém de minha família lá estava; nenhuma mão amiga buscava a minha nesse momento supremo, para suavizar-me a agonia numa última carícia. Àquela hora, talvez, meus filhos, se divertissem, enquanto seu pai morria. Ninguém pensou que o culpado ainda pudesse ter um coração que compreendesse o seu. Procurei ouvir um soluço abafado, mas só ouvi as risadas dos dois miseráveis que estavam junto de mim.

Em um canto do quarto, percebi minha galga favorita que morria de velha. Meu coração estremeceu de alegria: tinha um amigo, um ser que me estimava.

Fiz-lhe sinal com a mão; a galga se arrastou com dificuldade até o pé de meu leito e veio lambe-me a mão agonizante. Olivier percebeu esse movimento; praguejando, levantou-se bruscamente e golpeou o infeliz animal com um bastão até que morresse; ao morrer, meu único amigo lançou-me um longo e doloroso olhar.

Olivier empurrou-me violentamente sobre o leito. Deixei-me cair e entreguei a Deus a minha alma culpada.

Variedades

O FALSO HOME

Lia-se há pouco tempo, nos jornais de Lyon, o seguinte anúncio, veiculado igualmente em cartazes fixados nas paredes da cidade:

“O Sr. Hume, o célebre médium americano, que teve a honra de fazer suas experiências perante S. M. o Imperador ³³, a partir de quinta-feira, 1^o de abril, dará sessões de espiritualismo no grande teatro de Lyon. Produzirá aparições, etc., etc. Poltronas especiais serão dispostas no teatro para os senhores médicos e sábios, a fim de poderem assegurar-se de que nada foi preparado. As sessões

33 **N. do T.:** Napoleão III. Último Imperador francês, o sobrinho de Napoleão Bonaparte não disfarçava seu interesse pela Doutrina Espírita. A pedido seu, o próprio Allan Kardec compareceu às Tulherias para tratar da doutrina exposta em *O Livro dos Espíritos*. Sabe-se, inclusive, que memoráveis sessões espíritas de efeitos físicos foram realizadas no antigo palácio de Catarina de Médicis, na presença do Soberano e da Imperatriz Eugênia. Excessivamente modesto e discreto, traços marcantes de sua personalidade, jamais o Codificador fez alarde desse fato.

serão variadas pelas experiências da célebre vidente, Sra..., sonâmbula extralúcida, que reproduzirá sucessivamente todos os sentimentos, à vontade dos espectadores. Preço dos lugares: 5 francos – primeira classe; e 3 francos – segunda classe.”

Os antagonistas do Sr. Home (alguns escrevem Hume) não quiseram perder essa ocasião de o expor ao ridículo. Em seu ardente desejo de fisgá-lo, acolheram essa grosseira mistificação com uma solícitude que bem atesta a sua má-fé e o seu desprezo pela verdade, porquanto, antes de atirar pedras nos outros é preciso assegurar-se de que elas não errarão o alvo. Mas a paixão é cega, não raciocina e, muitas vezes, engana-se a si mesma na tentativa de prejudicar os outros. “Eis, pois”, exclamaram jubilosos, “esse homem tão glorificado, reduzido a mostrar-se nos palcos, dando espetáculos a tanto por pessoa!” E os seus jornais a darem crédito ao fato sem maior exame. Infelizmente, para eles, sua alegria não durou muito. Mais que depressa, nos escreveram de Lyon para obter informações que pudessem ajudar a desmascarar a fraude, e isso não foi difícil, graças, sobretudo, ao zelo de numerosos adeptos que o Espiritismo conta naquela cidade. Assim que o diretor do teatro soube de que negócio se tratava, imediatamente dirigiu aos jornais a carta seguinte: “Senhor redator: Apresso-me a informar que o espetáculo anunciado para quinta-feira, 1^a de abril, no grande teatro, não mais será realizado. Eu julgava haver cedido a sala ao Sr. Home, e não ao Sr. Lambert Laroche, que se diz Hume. As pessoas que antecipadamente obtiveram camarotes ou cadeiras numeradas na platéia poderão apresentar-se à bilheteria para serem reembolsadas.”

Por outro lado, o acima mencionado Lambert Laroche (natural de Langres), interpelado acerca de sua identidade, achou por bem responder nos seguintes termos, que reproduzimos na íntegra, visto não desejarmos absolutamente que ele nos possa acusar da menor alteração:

“Vós me submeteste diverças extra de vossas correspondência de Paris, das quais resulta que um Sr. Home que dá cessão

*nalgum salão da capitale, se acha nesse momento na Intália e não pode por consequença se achar em Lyon. Senbor, eu ingnuoro 1ª conhecer esse Sr. Home, 2ª eu não sei quale é o seu talento, 3ª eu nunca tive nada de comum cum esse Sr. Home, 4ª eu trabaiei e trabaio cum nomi de guerra que é Hume do qual eu justifico pelos artigo de jornais du estrangeiro e francês que vos é submetido 5ª viajo cum dois cumpanhêro meu gênero de isperiença consiste em espiritualismo ou evocação vizão, e numa palavra reprodução das idéa do ispectador por um sujeito, minha ispecialidade é de operá por esse procedimento sobre as pessoa estrangeiras, como se se pode ver nos jornais que vein da espanha e da africa. Assim Sr. redator, vos demonstro que eu não quinz tomar o nome desse pretendido Home que vós dizéis em reputassão, o meu é sufisientemente conbesido por sua grande notoredade e pelas isperiença que possul. Recebei Sr. redator minhas saudassão atensiosa.”*³⁴

Cremos inútil dizer que o Sr. Lambert Laroche deixou Lyon com as honras da guerra. Por certo irá a outros lugares em busca de pessoas mais fáceis de enganar. Acrescentamos somente uma palavra para exprimir nosso pesar, por vermos com que deplorável avidez certas pessoas, que se dizem sérias, acolhem tudo quanto possa servir à sua animosidade. O Espiritismo goza hoje de muita reputação para temer a charlatanice; não é mais aviltado pelos charlatães do que a verdadeira ciência médica pelos curandeiros das encruzilhadas; por toda parte encontra, sobretudo entre as pessoas esclarecidas, zelosos e numerosos defensores, que sabem afrontar as zombarias. Longe de prejudicar, o caso de Lyon apenas serve à sua propagação, ao chamar a atenção dos indecisos para a realidade. Quem sabe até se não foi provocado com essa finalidade por um poder superior? Quem pode se vangloriar de sondar os desígnios da Providência? Quanto aos adversários do Espiritismo, permite-se-lhes rir, jamais caluniar; alguns anos ainda e veremos quem dará a última palavra. Se é lógico duvidar daquilo que não se conhece, é sempre imprudente inscrever-se em falso contra as idéias

34 **N. do T.:** Grifos nossos. A tradução aqui apresentada tenta reproduzir, embora sem muito sucesso, o linguajar e a escrita de uma pessoa semi-analfabeta. Torna-se bastante evidente a pouca cultura do missivista.

novas que, mais cedo ou mais tarde, podem dar um humilhante desmentido à nossa perspicácia: a História aí está para o provar. Aqueles que, no seu orgulho, aparentam piedade dos adeptos da Doutrina Espírita, estarão tão elevados quanto imaginam? Esses Espíritos, que ridicularizam, recomendam que se faça o bem e proíbem o mal, mesmo aos inimigos; eles nos dizem que nos rebaixamos pelo só desejo do mal. Qual é, pois, o mais elevado – o que procura fazer o mal ou aquele que não guarda em seu coração nem ódio nem rancor?

O Sr. Home regressou a Paris há pouco tempo; mas deve partir sem demora para a Escócia e, de lá, para São Petersburgo.

Manifestações no Hospital de Saintes

O jornal *Indépendant de la Charente-Inférieure* narrava, no mês de março passado, o seguinte fato que teria ocorrido no hospital civil de Saintes:

“Contam-se histórias maravilhosas e nesses oito dias não se fala senão dos estranhos ruídos que, todas as noites, ora imitam o trote de um cavalo, ora a marcha de um cachorro ou de um gato. Garrafas colocadas sobre a lareira são lançadas para o outro lado do quarto. Um pacote de trapos velhos foi encontrado, certa manhã, torcido em mil nós, impossíveis de desatar. Um papel, sobre o qual haviam escrito: “Que queres? que pedes?”, foi deixado uma noite sobre a lareira; na manhã do dia seguinte estava escrita a resposta, mas em caracteres desconhecidos e indecifráveis. Fósforos colocados sobre uma mesa, à noite, desapareceram como por encanto; enfim, todos os objetos mudaram de lugar e se espalharam por todos os cantos. Tais sortilégios somente ocorrem na obscuridade da noite. Desde que se faça a luz, tudo volta ao silêncio; apagando-a, os ruídos logo recomeçam. É um Espírito amigo das trevas. Várias pessoas, eclesiásticos, antigos militares deitaram-se nesse quarto enfeitado e foi-lhes impossível descobrir alguma coisa ou dar-se conta do que ouviam.

“Um empregado do hospital, suspeito de ser o autor dessas travessuras, acaba de ser despedido. Assegura-se, porém, que ele não é o culpado; ao contrário, muitas vezes foi a própria vítima.

“Parece que esse caso começou há mais de um mês. Passou-se muito tempo sem que nada fosse dito, cada um desconfiando dos próprios sentidos e temendo ser levado ao ridículo. Somente há alguns dias é que se começou a falar disso.”

Observação – Ainda não tivemos tempo de nos assegurar da autenticidade dos fatos descritos acima; só os apresentamos com muita reserva; observaremos apenas que, caso tenham sido inventados, nem por isso são menos *possíveis* e nada apresentam de mais extraordinário que muitos outros do mesmo gênero, e que estão perfeitamente constatados.

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

FUNDADA EM PARIS NO DIA 1^o DE ABRIL DE 1858

e autorizada por portaria do Sr. Prefeito de Polícia, conforme o aviso de S. Exa. Sr. Ministro do Interior e da Segurança Geral, em data de 13 de abril de 1858.

A extensão por assim dizer universal que a cada dia tomam as crenças espíritas fazia vivamente desejar-se a criação de um centro regular de observações; essa lacuna acaba de ser preenchida. A Sociedade, cuja formação temos o prazer de anunciar, composta exclusivamente de pessoas sérias, isentas de prevenções e animadas do sincero desejo de serem esclarecidas, contou, desde o início, entre seus associados, com homens eminentes por seu saber e posição social. Ela é chamada – disso estamos convencidos – a prestar incontestáveis serviços à comprovação da verdade. Seu regulamento orgânico lhe assegura uma homogeneidade sem a qual não há vitalidade possível; baseia-

se na experiência dos homens e das coisas e no conhecimento das condições necessárias às observações que são o objeto de suas pesquisas. Vindo a Paris, os estrangeiros que se interessarem pela Doutrina Espírita encontrarão, assim, um centro ao qual poderão dirigir-se para obter informações, e onde poderão também comunicar suas próprias observações³⁵.

Allan Kardec

35 Para todas as informações relativas à Sociedade, dirigir-se ao Sr. ALLAN KARDEC, rue Sainte-Anne, n° 59, das 2 às 4 horas; ou ao Sr. LEDOYEN, livreiro, Galeria d'Orléans, n° 31, no Palais-Royal.

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO I

JUNHO DE 1858

Nº 6

Teoria das Manifestações Físicas

(SEGUNDO ARTIGO)

Rogamos aos nossos leitores o obséquio de se reportarem ao primeiro artigo que publicamos acerca desse assunto; sendo este a sua continuação, seria pouco inteligível se não se tivesse em mente aquele começo.

As explicações que demos sobre as manifestações físicas, como dissemos, fundam-se sobre a observação e a dedução lógica dos fatos: concluímos de acordo com o que vimos. Agora, como se operam, na matéria eterizada, as modificações que vão torná-la perceptível e tangível? Deixemos, primeiro, que falem os Espíritos, a quem interrogamos a respeito desse assunto, acrescentando depois os nossos próprios comentários. As respostas seguintes foram dadas pelo Espírito São Luís; concordam com o que nos havia sido dito anteriormente por outros Espíritos.

1. Como pode um Espírito aparecer com a solidez de um corpo vivo?

Resp. — Ele combina uma parte do fluido universal com o fluido que o médium libera, próprio a esse efeito. À sua vontade, esse fluido toma a forma que o Espírito deseja; mas em geral a forma é impalpável.

2. Qual é a natureza desse fluido?

Resp. – Fluido; está dito tudo.

3. Esse fluido é material?

Resp. – Semimaterial.

4. É esse fluido que compõe o perispírito?

Resp. – *Sim*, é a ligação do Espírito à matéria.

5. É esse fluido que dá vida, o princípio vital?

Resp. – Sempre ele; eu disse ligação.

6. Esse fluido é uma emanção da Divindade?

Resp. – Não.

7. É uma criação da Divindade?

Resp. – *Sim*, tudo é criado, exceto o próprio Deus.

8. O fluido universal tem alguma relação com o fluido elétrico, do qual conhecemos os efeitos?

Resp. – *Sim*; é o seu elemento.

9. A substância etérea que existe entre os planetas é o fluido universal em questão?

Resp. – Ele envolve os mundos: sem o princípio vital, nada viveria. Se um homem se elevasse além do envoltório fluídico que circunda os globos, pereceria, porquanto o princípio vital dele se retiraria, para juntar-se à massa. Esse fluido vos anima; é ele que respirais.

10. Esse fluido é o mesmo em todos os globos?

Resp. – É o mesmo princípio, mais ou menos eterizado, conforme a natureza dos globos; o vosso é um dos mais materiais.

11. Desde que é esse fluido que compõe o perispírito, estaria em uma espécie de condensação que, até certo ponto, o

aproxima da matéria?

Resp. – Até um certo ponto, sim, visto não ter suas propriedades; é mais ou menos condensado, conforme os mundos.

12. São os Espíritos solidificados que erguem uma mesa?

Resp. – Essa pergunta não levará ainda ao que desejais. Quando uma mesa se move sob vossas mãos, o Espírito evocado por vosso Espírito vai haurir, do fluido cósmico universal, aquilo com que haverá de animar essa mesa com uma vida factícia. Os Espíritos que produzem tais efeitos são sempre Espíritos inferiores, ainda não inteiramente desprendidos de seu fluido ou perispírito. Estando assim preparada à sua vontade – à vontade dos Espíritos batedores – o Espírito a atrai e a movimenta, sob a influência do seu próprio fluido, liberado por sua vontade. Quando a massa que deseja levantar ou mover lhe é demasiado pesada, chama em seu auxílio Espíritos que se acham nas mesmas condições que ele. Creio que me expliquei com bastante clareza para fazer-me compreender.

13. Os Espíritos que ele chama em seu auxílio são inferiores?

Resp. – Quase sempre são iguais; freqüentemente vêm por si mesmos.

14. Compreendemos que os Espíritos superiores não se ocupem de coisas que estão abaixo deles; mas perguntamos, em virtude de serem desmaterializados, se teriam o poder de o fazer, caso tivessem vontade?

Resp. – Têm a força moral, como os outros têm a força física; quando necessitam desta última, servem-se dos que a possuem. Não se vos disse que eles se servem dos Espíritos inferiores como o fazeis com os carregadores?

15. De onde vem o poder especial do Sr. Home?

Resp. – De sua organização.

16. Que tem ela de particular?

Resp. – Essa pergunta não está clara.

17. Perguntamos se se trata de sua organização física ou moral.

Resp. – Eu disse organização.

18. Entre as pessoas presentes há alguém que possa ter a mesma faculdade do Sr. Home?

Resp. – Têm-na em certo grau. Não foi um de vós que fez mover a mesa?

19. Quando uma pessoa faz mover um objeto, é sempre pelo concurso de um Espírito estranho, ou a ação pode provir somente do médium?

Resp. – Algumas vezes o Espírito do médium pode agir sozinho, porém, na maioria das vezes, é com o auxílio dos Espíritos evocados; isso é fácil de reconhecer.

20. Como é que os Espíritos aparecem com as roupas que usavam na Terra?

Resp. – Delas muitas vezes só têm a aparência. Aliás, quantos fenômenos sem solução não tendes entre vós? Como pode o vento, que é impalpável, arrancar e quebrar árvores, que são compostas de matéria sólida?

21. Que entendeis quando afirmais que essas roupas têm apenas a sua aparência?

Resp. – Ao tocá-las nada se sente.

22. Se bem compreendemos o que nos dissestes, o princípio vital reside no fluido universal; o Espírito haure nesse fluido o envoltório semimaterial que constitui o seu perispírito, e é por meio desse fluido que ele age sobre a matéria inerte. É isso mesmo?

Resp. – Sim; isto é, ele anima a matéria com uma espécie de vida factícia; a matéria se anima da vida animal. A mesa que se

move sob vossas mãos vive e sofre como o animal; obedece por si mesma ao ser inteligente. Não é ele que a dirige, como o homem com um fardo; quando a mesa se ergue, não é o Espírito que a levanta, é a mesa animada que obedece ao Espírito inteligente.

23. Desde que o fluido universal é a fonte da vida, é, ao mesmo tempo, a fonte da inteligência?

Resp. – Não; o fluido anima somente a matéria.

Essa teoria das manifestações físicas oferece vários pontos de contato com a que demos, mas dela difere sob certos aspectos. De uma e da outra ressalta um ponto capital: o fluido universal, no qual reside o princípio da vida, é o agente principal dessas manifestações e esse agente recebe sua impulsão do Espírito, quer seja encarnado ou errante. Esse fluido condensado constitui o perispírito ou envoltório semimaterial do Espírito. Quando encarnado, o perispírito está unido à matéria do corpo; no estado de erraticidade, fica livre. Ora, duas questões se apresentam aqui: a da aparição dos Espíritos e a do movimento imprimido aos corpos sólidos.

Em relação à primeira, diremos que, no estado normal, a matéria eterizada do perispírito escapa à percepção dos nossos órgãos; só a alma pode vê-la, quer em sonho, quer em estado sonambúlico ou, até mesmo, semi-adormecida; numa palavra, toda vez em que houver suspensão total ou parcial da atividade dos sentidos. Quando o Espírito está encarnado, a substância do perispírito se acha mais ou menos ligada intimamente à matéria do corpo, mais ou menos aderente, se assim nos podemos exprimir. Em algumas pessoas há uma espécie de emanção desse fluido, em consequência de sua organização, e é isso que constitui propriamente os médiuns de efeitos físicos. Emanando do corpo, esse fluido se combina, segundo leis que nos são desconhecidas, com o fluido que forma o envoltório semimaterial de um Espírito estranho. Disso resulta uma modificação, uma espécie de reação molecular que lhe altera momentaneamente as propriedades, a ponto de torná-lo

visível e, em certos casos, tangível. Esse efeito pode produzir-se com ou sem o concurso da vontade do médium; é isso que distingue os médiuns naturais dos médiuns facultativos. A emissão do fluido pode ser mais ou menos abundante: daí os médiuns mais ou menos potentes; e como tal emissão não é permanente, fica explicada a intermitência daquele poder. Enfim, se se levar em conta o grau de afinidade que pode existir entre o fluido do médium e o de tal ou qual Espírito, conceber-se-á que sua ação possa exercer-se sobre uns e não sobre outros.

Evidentemente, o que acabamos de dizer também se aplica à força mediúnica, no que concerne ao movimento dos corpos sólidos; resta saber como se opera esse movimento. Conforme as respostas que relatamos acima, a questão se apresenta sob uma luz inteiramente nova; assim, quando um objeto é posto em movimento, erguido ou lançado no ar, não é o Espírito que o agarra, empurra e levanta, como o faríamos com a mão; ele, por assim dizer, o *satura* com o seu fluido, combinando-o com o do médium, e o objeto, assim momentaneamente vivificado, age como o faria um ser vivo, com a diferença de que, não tendo vontade própria, segue a impulsão da vontade do Espírito, tanto podendo essa vontade ser do Espírito do médium quanto de um Espírito estranho e, algumas vezes, dos dois, agindo de comum acordo, conforme sejam ou não simpáticos. A simpatia ou antipatia que pode existir entre os médiuns e os Espíritos que se ocupam desses efeitos materiais explica por que nem todos são aptos a provocá-los.

Desde que o fluido vital, emitido de alguma sorte pelo Espírito, dá uma vida factícia e momentânea aos corpos inertes; desde que outra coisa não é o perispírito senão o próprio fluido vital, segue-se que, quando encarnado, é o Espírito que dá vida ao corpo, por intermédio de seu perispírito; fica-lhe unido enquanto a organização o permite; quando se retira, o corpo morre. Agora, se em vez de uma mesa, talhamos uma estátua em madeira, e se agirmos sobre ela como sobre a mesa, teremos uma estátua que se

movimentará, que baterá, que responderá por movimentos e pancadas; numa palavra, uma estátua momentaneamente animada de uma vida artificial. Quanta claridade lança essa teoria sobre uma multidão de fenômenos até aqui inexplicados! Quantas alegorias e efeitos misteriosos ela explica! É toda uma filosofia.

O Espírito Batedor de Bergzabern

(SEGUNDO ARTIGO)

Extraímos as passagens seguintes de uma nova brochura alemã, publicada em 1853, pelo Sr. Blanck, redator do jornal de Bergzabern, sobre o Espírito batedor de que falamos em nosso número do mês de maio. Os fenômenos extraordinários ali relatados, cuja autenticidade não poderia ser posta em dúvida, provam que, a esse respeito, nada podemos invejar da América. Notar-se-á, nesse relato, o cuidado minucioso com que os fatos foram observados. Seria desejável que em casos semelhantes se votasse a mesma atenção e a mesma prudência. Sabe-se hoje que os fenômenos desse gênero não resultam de um estado patológico, mas denotam sempre, entre aqueles em que se manifestam, uma excessiva sensibilidade, fácil de ser superexcitada. O estado patológico não é a causa eficiente, mas pode ser-lhe consecutivo. A mania de experimentação, em casos análogos, mais de uma vez causou acidentes graves que não teriam ocorrido se se tivesse deixado a Natureza agir por si mesma. Em nossa *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas*, encontram-se os conselhos necessários para esse fim. Sigamos o Sr. Blanck em seu relato:

“Os leitores de nossa brochura, intitulada *Os Espíritos Batedores*, viram que as manifestações de Philippine Senger têm um caráter enigmático e extraordinário. Relatamos esses fatos maravilhosos desde seu início até o momento em que a criança foi conduzida ao médico real do cantão. Examinaremos, agora, o que se passou desde aquele dia.

Quando a criança deixou a casa do Dr. Bentner para regressar à casa paterna, as batidas e arranhaduras recomeçaram na casa do pai Senger; até esse momento, e mesmo depois da cura completa da jovem, as manifestações foram mais marcantes e mudaram de natureza³⁶. Neste mês de novembro (1852) o Espírito começou a assobiar; a seguir ouvia-se um ruído comparável ao de uma roda de carrinho de mão que girasse sobre o seu eixo seco e enferrujado; mas o mais extraordinário de tudo, incontestavelmente, foi a desordem dos móveis no quarto de Philippine³⁷, desordem que durou quinze dias. Uma ligeira descrição do lugar parece-me essencial. O quarto tem aproximadamente 18 pés de comprimento por 8 de largura; chega-se a ele pela sala comum. A porta que comunica essas duas peças abre-se à direita. O leito da criança estava colocado à direita; no meio havia um armário e, no canto esquerdo, a mesa de trabalho de Senger, na qual foram feitas duas cavidades circulares, cobertas por tampas.

Na noite em que começou o tumulto, a Sra. Senger e Francisque, sua filha mais velha, estavam sentadas na primeira sala, perto de uma mesa, ocupadas em descascar vagens; de repente uma pequena roda, lançada do quarto de dormir, caiu perto delas. Ficaram tanto mais amedrontadas quanto sabiam que ninguém, além de Philippine, então mergulhada em sono profundo, se encontrava no quarto. Além disso, a rodinha fora lançada do lado esquerdo, embora se achasse na prateleira de um pequeno móvel, colocado à direita. Se houvesse partido do leito, deveria ter alcançado a porta e aí se detido; tornava-se evidente, portanto, que a criança nada tinha a ver com o caso. Enquanto a família Senger externava sua surpresa sobre o acontecimento, alguma coisa caiu da mesa no chão: era um

36 Teremos ocasião de falar da indisposição dessa criança; como, entretanto, depois de sua cura reproduziram-se os mesmos efeitos, isso é uma prova evidente de que eram independentes de seu estado de saúde.

37 **N. do T.:** Nota-se que há discordância do relator da brochura quanto ao sexo da criança responsável pelos fenômenos, aqui apresentada como uma menina, ao invés do garoto descrito no fascículo do mês anterior. O mesmo podemos dizer dos nomes próprios, ora grafados como *Sanger* ou *Senger*, ora como *Beutner* ou *Bentner*.

pedaço de pano que, antes, estava mergulhado numa bacia cheia de água. Ao lado da rodinha jazia também uma cabeça de cachimbo, havendo a outra metade ficado sobre a mesa. O que tornava a coisa ainda mais incompreensível era que a porta do armário onde estava a pequena roda, antes de ser atirada, achava-se fechada, a água da bacia não estava agitada e nenhuma gota se havia derramado sobre a mesa. De repente a criança, sempre adormecida, grita do leito: *Pai, vá embora, ele atira! Saiam! Eles vos atirarão também.* Obedeceram a essa ordem, e assim que foram à primeira sala a cabeça do cachimbo foi atirada com muita força, sem que, no entanto, se quebrasse. Uma régua, que Philippine usava na escola, seguiu o mesmo caminho. O pai, a mãe e sua filha mais velha entreolhavam-se apavorados e, como refletissem sobre o caminho a tomar, uma grande plaina do Sr. Senger e uma grande tora de madeira foram lançadas de sua banca de carpinteiro para o outro quarto. Sobre a mesa de trabalho, as tampas estavam no lugar e, apesar disso, os objetos que elas cobriam também haviam sido jogados longe. Na mesma noite os travesseiros da cama foram lançados sobre o armário e o cobertor atirado contra a porta.

Num outro dia haviam posto aos pés da menina, debaixo do cobertor, um ferro de passar pesando cerca de seis libras; logo foi atirado na outra sala; o cabo tinha sido retirado e foi encontrado sobre uma cadeira no quarto de dormir.

Fomos testemunhas de que cadeiras colocadas a cerca de três pés do leito foram derrubadas e as janelas abertas, embora antes estivessem fechadas, e isso tão logo havíamos virado as costas para entrar na peça vizinha. Uma outra vez, duas cadeiras foram levadas para cima da cama, sem desarrumar as cobertas. No dia 7 de outubro havia-se fechado firmemente a janela e estendido diante dela um lençol branco. Desde que deixamos o quarto, foram dados golpes redobrados e tão violentos que as pessoas que passavam pela rua fugiram espavoridas. Correram para o quarto: a janela estava aberta, o lençol jogado sobre o pequeno armário ao lado, a coberta

do leito e os travesseiros no chão, as cadeiras de pernas para o ar e a criança em seu leito, protegida unicamente pela camisola. Durante catorze dias a Sra. Senger somente se ocupou de arrumar a cama.

Uma vez tinham deixado uma harmônica sobre uma cadeira: sons fizeram-se ouvir; entrando precipitadamente no quarto encontraram a criança, como sempre, tranqüilamente deitada em sua cama; o instrumento estava sobre a cadeira, mas não tocava mais. Uma noite o Sr. Senger saía do quarto da filha quando recebeu, nas costas, a almofada de um assento. De outra vez, foi um par de chinelos velhos, sapatos que estavam debaixo do leito ou tamancos que lhe iam ao encontro. Muitas vezes também sopravam a vela acesa, colocada sobre a mesa de trabalho. As pancadas e as arranhaduras alternavam-se com essa demonstração do mobiliário. O leito parecia movimentar-se por mão invisível. À ordem de: “*Balançai a cama*”, ou “*Ninai a criança*”, o leito ia e vinha, num e noutro sentido, com barulho; à ordem de “*Alto!*”, ele parava. Nós, que presenciamos o fato, podemos afirmar que quatro homens que se sentaram na cama foram levantados também, sem poderem deter o seu movimento; foram erguidos com o móvel. Ao fim de catorze dias cessou a desordem dos móveis e a essas manifestações sucederam-se outras.

Na noite do dia 26 de outubro, encontravam-se no quarto, dentre outras pessoas, os Srs. Louis Soëhnee, licenciado em Direito, e o capitão Simon, ambos de Wissembourg, assim como o Sr. Sievert, de Bergzabern. Nesse momento Philippine Senger encontrava-se mergulhada em sono magnético³⁸. O Sr. Sievert apresentou-lhe um papel contendo cabelos para ver o que faria com eles. Ela abriu o papel sem, no entanto, pôr os cabelos à mostra, aplicou-os sobre as pálpebras fechadas e depois os afastou, como se quisesse examiná-los a distância, dizendo: “Gostaria muito de

38 Uma sonâmbula de Paris havia entrado em relação com a jovem Philippine e, desde então, esta caía espontaneamente em sonambulismo. Nessa ocasião passavam-se fatos notáveis, que relataremos de outra vez. (Nota do tradutor francês).

saber o que contém esse papel... São cabelos de uma dama que desconheço... Se ela quiser vir, que venha... Não posso convidá-la, já que não a conheço”. Às perguntas que lhe dirigiu o Sr. Sievert, não respondeu; mas, tendo colocado o papel na palma da mão, que estendia e revirava, o papel ficou suspenso. Em seguida o colocou na ponta do indicador e com a mão, por bastante tempo, descreveu um semicírculo, dizendo: “Não caia”, e o papel se manteve na ponta do dedo; em seguida, à ordem de “Agora cai”, ele se destacou sem que ela tivesse feito o menor movimento para determinar-lhe a queda. De repente, virando-se para o lado da parede, disse: “Agora quero pregar-te à parede”; e aplicou o papel à parede, que ali ficou fixado em torno de 5 a 6 minutos, após o que o retirou. Um exame minucioso do papel e da parede não revelou qualquer causa de aderência. Acreditamos ser um dever informar que o quarto estava perfeitamente iluminado, o que nos possibilitava examinar completamente essas particularidades.

Na noite seguinte deram-lhe outros objetos: chaves, moedas, cigarreiras, anéis de ouro e de prata; todos, sem exceção, ficavam suspensos à sua mão. Notaram que a prata aderiu a ela mais facilmente que as outras substâncias, pois tiveram dificuldade em retirar-lhe as moedas e essa operação causou-lhe dor. Um dos fatos mais curiosos nesse gênero foi o seguinte: Sábado, 11 de novembro, o oficial que estava presente deu-lhe seu sabre com o tiracolo, pesando ao todo 4 libras, conforme verificação feita; o conjunto ficou suspenso pelo dedo do médium, balançando-se por bastante tempo. O que não é menos singular é que todos os objetos, qualquer que fosse a matéria de que eram feitos, também ficavam suspensos. Essa propriedade magnética comunicava-se pelo simples contato das mãos às pessoas suscetíveis da transmissão do fluido; disso tivemos vários exemplos.

Um capitão, o Sr. Cavaleiro de Zentner, então servindo na guarnição de Bergzabern, testemunha desses fenômenos, teve a idéia de pôr uma bússola perto da menina, para observar suas

variações. Na primeira tentativa, a agulha desviou-se 15 graus, permanecendo imóvel nas seguintes, embora a criança a segurasse em uma das mãos e a acariciasse com a outra. Essa experiência provou que esses fenômenos não poderiam ser explicados pela ação do fluido mineral, até porque a atração magnética não se exerce indiferentemente sobre todos os corpos.

Habitualmente, quando a pequena sonâmbula se dispunha a iniciar suas sessões, chamava ao quarto todas as pessoas que lá se encontravam. Simplesmente dizia: “*Vinde! Vinde!*”, ou então “*Dai, dai.*” Muitas vezes só se tranquilizava quando todas as pessoas, sem exceção, estavam perto de sua cama. Então pedia, com diligência e impaciência, um objeto qualquer; tão logo lhe era dado, ligava-se a seus dedos. Frequentemente acontecia que dez, doze ou mais pessoas estavam presentes e cada uma lhe apresentava vários objetos. Durante a sessão não permitia que lhe tomassem nenhum deles; parecia sobretudo preferir os relógios; abria-os com grande habilidade, examinava o movimento, fechava-os e depois os colocava perto de si para cuidar de outra coisa. Ao final, devolvia a cada um o que lhe haviam confiado; examinava os objetos com os olhos fechados e jamais se enganava de proprietário. Se alguém estendesse a mão para tomar o que não lhe pertencia, ela o repelia. Como explicar essa distribuição múltipla e sem erros a tão grande número de pessoas? Em vão tentaram fazer o mesmo com os olhos abertos. Terminada a sessão e retirados os estranhos, as pancadas e arranhaduras, momentaneamente interrompidas, recomeçaram. É preciso acrescentar que a criança não queria que ninguém ficasse ao pé de sua cama, perto do armário, o que entre os dois móveis deixava um espaço de aproximadamente um pé. Se alguém aí se interpusse, com um gesto os afastava. E se recusassem, demonstrava grande inquietude, ordenando, com gestos imperiais, que deixassem o lugar. Uma vez ela exortou os assistentes a jamais ocuparem o local proibido, porque não queria que acontecesse problema com ninguém. Era tão positiva essa advertência que ninguém a esqueceu daí por diante.

Algum tempo depois, às pancadas e arranhaduras juntou-se um zumbido comparável ao som produzido por uma grossa corda de violoncelo. Uma espécie de assobio misturava-se a esse zumbido. Se alguém pedisse uma marcha ou uma dança, seu desejo era satisfeito: o músico invisível mostrava-se muito complacente. Com o auxílio das arranhaduras, chamava pelo nome as pessoas da casa ou os estranhos presentes; esses entendiam a quem eram dirigidos os apelos. A esse chamado, a pessoa designada respondia *sim*, para dar a entender que sabia tratar-se dela; então era executada, em sua homenagem, um trecho de música, que por vezes dava lugar a cenas divertidas. Se alguém que não fosse chamado respondia *sim*, a arranhadura fazia-se entender por um *não*, exprimido a seu modo, de que nada tinha a dizer-lhe naquele momento. Tais fatos se produziram pela primeira vez na noite do dia 10 de novembro e continuam a manifestar-se até hoje.

Eis agora como procedia o Espírito batedor para designar as pessoas. Desde várias noites, havia-se notado que, aos diversos convites para fazer tal ou qual coisa, ele respondia por um golpe seco ou por uma arranhadura prolongada. Tão logo o golpe seco era dado, o batedor começava a executar o que se desejasse dele; ao contrário, quando arranhava, não satisfazia o pedido. Um médico teve então a idéia de tomar por *sim* o primeiro ruído, e por *não* o segundo, sendo desde então confirmada essa interpretação. Notou-se também que, por uma série de arranhões mais ou menos fortes, o Espírito exigia certos objetos das pessoas presentes. Por força de atenção, e notando a maneira por que o ruído se produzia, pôde-se compreender a intenção do batedor. Assim, por exemplo, o Sr. Senger contou que certa manhã, ao romper do dia, ouvira barulhos modulados de certa maneira; sem ligar a isso nenhum sentido, percebeu que não cessavam senão quando ele estava fora do leito, daí compreendendo que significavam: “*Levanta-te*”. Foi assim que, pouco a pouco, familiarizou-se com essa linguagem e, por certos sinais, pôde reconhecer as pessoas designadas.

Chegou o aniversário do dia em que o Espírito batedor se havia manifestado pela primeira vez; numerosas mudanças se tinham operado no estado de Philippine Senger. As batidas, os arranhões e os zumbidos continuavam, mas, a todas essas manifestações juntou-se um grito particular, que ora se assemelhava ao de um ganso, ora ao de um papagaio ou ao de qualquer outra ave de grande porte; ao mesmo tempo, ouvia-se um como que repicar na parede, semelhante ao ruído das bicadas de um pássaro. Nessa época, Philippine Senger falava muito durante o sono, parecendo preocupada sobretudo com um certo animal, semelhante a um papagaio, postado ao pé do leito, gritando e dando bicadas na parede. Desejando-se ouvir o papagaio gritar, este emitia gritos pungentes. Fizeram-se diversas perguntas, às quais respondeu por gritos do mesmo gênero; várias pessoas ordenaram-lhe dizer *Kakatoès*, e foi ouvida distintamente a palavra *Kakatoès*, como se houvera sido pronunciada pelo próprio pássaro. Silenciaremos sobre os fatos menos interessantes, limitando-nos a relatar o que houve de mais notável em relação às modificações sobrevindas ao estado físico da garota.

Algum tempo antes do Natal as manifestações renovaram-se com mais energia; os golpes e os arranhões tornaram-se mais violentos e duravam mais tempo. Mais agitada que de costume, muitas vezes Philippine pedia para não dormir em sua cama e, sim, na de seus pais; rolava no leito, clamando: “Não posso mais ficar aqui; vou sufocar; eles vão me encerrar na parede; socorro!” E sua calma só retornava quando a carregavam para o outro leito. Apenas nele se achava e golpes muito fortes eram ouvidos no alto; pareciam partir do sótão, como se um carpinteiro martelasse sobre as vigas; algumas vezes eram tão vigorosos que a casa ficava toda abalada, as janelas vibravam e as pessoas presentes sentiam o chão tremer sob os pés; golpes semelhantes eram dados igualmente contra a parede, perto da cama. Às perguntas formuladas, as mesmas pancadas respondiam como ordinariamente, alternando-se sempre com as arranhaduras. Não menos curiosos, os fatos que se seguem reproduziram-se muitas vezes:

Quando todo ruído havia cessado e a menina repousava tranqüilamente em seu pequeno leito, viram-na muitas vezes prostrar-se e unir as mãos, mantendo fechados os olhos; depois virava a cabeça para todos os lados, ora à direita, ora à esquerda, como se algo extraordinário atraísse sua atenção. Um amável sorriso corria-lhe então sobre os lábios; dir-se-ia que se dirigia a alguém; estendia as mãos e, por esse gesto, compreendia-se que apertaria as mãos de alguns amigos ou conhecidos. Viram-na também depois de tais cenas retomar sua primeira atitude suplicante, unindo novamente as mãos e curvando a cabeça até tocar o cobertor, após o que se endireitava e derramava lágrimas. Então suspirava e parecia orar com grande fervor. Nesses momentos sua fisionomia se transformava: ficava pálida e adquiria a expressão de uma mulher de 24 a 25 anos. Muitas vezes esse estado durava mais de meia hora, durante o qual só exclamava *ab! ab!* As batidas, os arranhões, o zumbido e os gritos cessavam até o momento do despertar. Então o batedor novamente se fazia ouvir, procurando executar árias alegres, de modo a dissipar a impressão penosa deixada na assistência. Ao despertar, a criança estava muito abatida; podia apenas levantar os braços, e os objetos que lhe eram apresentados não ficavam mais suspensos em seus dedos.

Curiosos em conhecer o que ela havia experimentado, interrogaram-na várias vezes. Somente após reiterados pedidos foi que se decidiu a contar que havia visto conduzírem e crucificarem o Cristo no Gólgota; que a dor das santas mulheres prostradas ao pé da cruz e a crucificação haviam-lhe produzido uma impressão impossível de descrever. Também tinha visto uma porção de mulheres e de virgens vestidas de negro, e pessoas jovens em longas roupas brancas, percorrendo em procissão as ruas de uma bela cidade; finalmente, foi conduzida a uma vasta igreja, onde assistiu a um serviço fúnebre.

Em pouco tempo o estado de Philippine Senger se alterou de modo a causar inquietação quanto à sua saúde, porque,

estando acordada, divagava e sonhava em voz alta; não reconhecia os pais, nem a irmã, nem qualquer outra pessoa, vindo esse estado agravar-se mais ainda por uma completa surdez que persistiu durante quinze dias. Não podemos silenciar sobre o que se passou nesse lapso de tempo.

A surdez de Philippine manifestou-se de meio-dia às três horas, ela mesma declarando que ficaria surda durante um certo tempo e que cairia doente. O que há de singular é que, por vezes, recuperava a audição durante cerca de meia hora, com o que se mostrava feliz. Ela própria predizia o momento em que a surdez se manifestaria e desapareceria. Uma vez, entre outras, anunciou que à noite, às oito e meia, ouviria claramente durante uma meia hora; com efeito, à hora predita voltou a ouvir, e isso durou até às nove horas.

Durante a surdez seus traços se modificavam; seu rosto adquiria uma expressão de estupidez, que perdia tão logo retornava ao estado normal. Nada, então, causava impressão sobre ela; ficava sentada, olhando as pessoas presentes fixamente e sem as reconhecer. Ninguém se podia fazer compreender a não ser por sinais, aos quais em geral não respondia, limitando-se a fitar os olhos sobre os que lhe dirigiam a palavra. Uma vez agarrou pelo braço, de repente, uma das pessoas presentes e lhe disse, empurrando-a: *Quem és, pois?* Nessa situação permanecia às vezes por mais de hora e meio imobilizada na cama. Seus olhos mantinham-se semi-abertos e parados num ponto qualquer; de vez em quando giravam à direita e à esquerda, voltando depois ao mesmo lugar. Toda a sensibilidade parecia então embotada: o pulso apenas batia e, quando lhe colocavam uma lâmpada diante dos olhos, não fazia nenhum movimento: dir-se-ia morta.

Durante a surdez, numa noite em que se achava deitada, aconteceu pedir uma lousa e um giz, escrevendo em seguida: “Às onze horas falarei alguma coisa, mas exijo que permaneçam quietos e silenciosos”. Depois dessas palavras acrescentou cinco sinais semelhantes à escrita latina, mas que nenhum dos assistentes pôde

decifrar. Foi escrito na lousa que ninguém compreendia aqueles sinais. Em resposta a essa observação, ela escreveu: “Não é que não possais ler!” E mais embaixo: “Não é alemão, é uma língua estrangeira”. Em seguida, virando a lousa, escreveu do outro lado: “Francisque (sua irmã mais velha) sentar-se-á à mesa e escreverá o que eu ditar”. Fez acompanhar essas palavras de cinco sinais semelhantes aos primeiros e entregou a lousa. Notando que tais sinais ainda não eram compreendidos, pediu de volta a lousa e aditou: “São ordens particulares”.

Um pouco antes das onze horas, disse: “Ficai tranqüilos; que todos se sentem e prestem atenção!” e, ao baterem onze horas virou-se em seu leito e entrou em sono magnético habitual. Alguns instantes mais tarde pôs-se a falar, sem interrupção, durante cerca de meia hora. Entre outras coisas declarou que durante o ano em curso produzir-se-iam fatos que ninguém compreenderia, e que todas as tentativas feitas para os explicar seriam infrutíferas.

Durante a surdez da jovem Senger a desordem dos móveis, a abertura inexplicada das janelas e a extinção das luzes colocadas na mesa de trabalho repetiram-se várias vezes. Certa noite aconteceu que dois bonés, que estavam pendurados em um cabide do quarto de dormir, foram atirados sobre a mesa do outro quarto, derrubando uma xícara cheia de leite que se esparramou pelo chão. As batidas contra o leito eram tão violentas que o deslocaram de seu lugar; algumas vezes foi mesmo desmontado ruidosamente, sem que as pancadas se fizessem ouvir.

Como houvesse ainda pessoas incrédulas, ou que atribuíam essas singularidades a uma brincadeira da criança, que, segundo elas, batia ou arranhava com os pés ou com as mãos, se bem tivessem os fatos sido constatados por mais de cem testemunhas, e que fora verificado que a mocinha tinha os braços estendidos sobre a coberta enquanto se produziam os ruídos, o capitão Zentner imaginou um meio de os convencer. Mandou trazer

da caserna dois cobertores muito grossos, os quais foram postos um sobre o outro e ambos envolveram o colchão e os lençóis da cama; eram felpudos, de tal sorte que neles seria impossível produzir o mais leve ruído por simples atrito. Vestindo uma simples camisa e uma camisola de dormir, Philippine foi colocada sobre os cobertores; apenas acomodada, as arranhaduras e os golpes se produziram como antes, ora na madeira do leito, ora no armário vizinho, conforme o desejo que era manifestado.

Acontecia muitas vezes que quando alguém cantarolava ou assobiava uma ária qualquer o batedor o acompanhava e os sons percebidos pareciam provir de dois, três ou quatro instrumentos: ao mesmo tempo ouvia-se arranhar, bater, assobiar e retumbar, conforme o ritmo da ária cantada. Muitas vezes também o batedor pedia a um dos assistentes que cantasse uma canção; designava-o pelo processo que já conhecemos e, quando a pessoa compreendia que era a si mesma que o Espírito se dirigia, perguntava, por sua vez, se devia cantar tal ou qual ária; respondia-se-lhe por *sim* ou *não*. Ao cantar a ária indicada, um acompanhamento de zumbidos e assobios fazia-se ouvir perfeitamente no compasso. Depois de uma música alegre, freqüentemente o Espírito pedia o hino: *Grande Deus, nós te louvamos*, ou a canção de Napoleão I. Se se lhe pedisse para tocar sozinho esta última canção, ou qualquer outra, executava-a do começo ao fim.

As coisas iam assim na casa dos Senger, quer de dia, quer de noite, durante o sono ou no estado de vigília da menina, até o dia 4 de março de 1853, época em que as manifestações entraram numa nova fase. Esse dia foi marcado por um fato ainda mais extraordinário que os precedentes.

(Continua no próximo número.)

Observação – Esperamos que nossos leitores não nos censurem pela extensão que demos a esses curiosos detalhes, e que leiam a sua continuação com não menor interesse. Faremos notar

que esses fatos não nos vêm de além-mar, cuja distância é um grande argumento, pelo menos para certos cépticos; nem mesmo vêm de além-Reno, porquanto se passaram em nossas fronteiras, quase sob nossos olhos e há seis anos apenas.

Como se vê, Philippine Senger era uma médium natural muito complexa; além da influência que exercia sobre os fenômenos bem conhecidos dos ruídos e movimentos, era uma sonâmbula extática. Conversava com seres incorpóreos que via; ao mesmo tempo via os assistentes e lhes dirigia a palavra, embora nem sempre lhes respondesse, o que prova que em certos momentos se achava isolada. Para aqueles que conhecem os efeitos da emancipação da alma, as visões que relatamos nada têm que não possam ser explicadas facilmente; nesses momentos de êxtase é provável que o Espírito da criança se visse transportado para algum país longínquo, onde assistia, talvez em recordação, a uma cerimônia religiosa. Pode-se admirar da lembrança que conservava ao despertar, mas esse fato não é insólito; de resto, pode-se notar que a lembrança era confusa, sendo necessário insistir muito para provocá-la.

Se observarmos atentamente o que se passava durante a surdez, reconheceremos sem dificuldade um estado cataléptico. Uma vez que essa surdez era apenas temporária, é evidente que não provocava alterações nos órgãos da audição. O mesmo podemos dizer da obliteração momentânea das faculdades mentais, que nada tinha de patológico, visto que, num dado instante, tudo voltava ao estado normal. Essa espécie de estupidez aparente resultava de um desprendimento mais completo da alma, cujas excursões faziam-se com maior liberdade, não deixando aos sentidos senão a vida orgânica. Que se julgue, pois, o efeito desastroso que teria resultado de uma intervenção terapêutica em semelhante circunstância! Fenômenos do mesmo gênero podem produzir-se a cada momento; não saberíamos, nesse caso, recomendar maior circunspecção; uma imprudência pode comprometer a saúde e até mesmo a vida.

A Preguiça

DISSERTAÇÃO MORAL DITADA POR SÃO LUÍS À SENHORITA

HERMANCE DUFAUX³⁹

(5 de maio de 1858)

I

Um homem saiu muito cedo e foi à praça para contratar trabalhadores. Ora, ali viu dois homens do povo que estavam sentados e de braços cruzados. Foi a um deles e o abordou, dizendo: “Que fazes aqui?” Ao que o mesmo respondeu: “Não tenho trabalho”; o que procurava trabalhadores disse, então: “Pega a enxada e vai ao meu campo, na vertente da colina onde sopra o vento sul; cortarás as urzes e revolverás o solo até que venha a noite; a tarefa é rude, mas terás um bom salário.” E o homem do povo colocou a enxada no ombro e agradeceu ao outro de coração.

Ouvindo isso, o outro trabalhador levantou de seu lugar e aproximou-se, dizendo: “Senhor, deixai também que eu vá trabalhar em vosso campo”; e tendo dito a ambos que o seguissem, marchou à frente para mostrar-lhes o caminho. Depois, quando chegaram à encosta da colina, dividiu o trabalho em dois e se foi.

Logo que partiu, o último dos trabalhadores contratados pôs fogo no mato da gleba que lhe coube na partilha e lavrou a terra com a enxada. O suor minava em sua frente, sob o calor ardente do sol. Murmurando a princípio, o outro o imitou, mas logo abandonou a tarefa; fincando a enxada no chão, sentou-se ao lado, olhando o trabalho que seu companheiro fazia.

Ora, no início da noite o dono do campo veio examinar o trabalho que havia sido realizado; chamando o trabalhador

39 **N. do T.:** O nome da médium Ermance Dufaux também aparece grafado com *b* (Hermance).

diligente, cumprimentou-o, dizendo: “Trabalhaste bem; eis o teu salário”; e o despediu, após dar-lhe uma moeda de prata. O outro também se aproximou, reclamando o valor de seu salário; mas o dono lhe disse: “Mau trabalhador, meu pão não saciará tua fome, porque deixaste inculta a parte do campo que te foi confiada; não é justo que aquele que nada fez seja recompensado como o que trabalhou bem”. E o despediu, sem dar-lhe nada.

II

Eu vos digo que a força não foi dada ao homem, nem a inteligência ao seu espírito para consumir os dias na ociosidade, mas para ser útil aos semelhantes. Ora, aquele cujas mãos estiverem desocupadas e o espírito ocioso será punido e deverá recomeçar sua tarefa.

Em verdade vos digo que sua vida será posta de lado como uma coisa que a ninguém aproveita, quando seu tempo se cumprir; compreendi isso como uma comparação. Qual dentre vós, se tiverdes em vosso pomar uma árvore que não dê bons frutos, não dirá a seu servo: “Cortai essa árvore e lançai-a no fogo, porque seus ramos são estéreis?” Ora, assim como tal árvore será cortada por causa de sua esterilidade, a vida do preguiçoso será posta no refugio, por ter sido estéril em boas obras.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

O SR. MORISSON, MONOMANÍACO

No mês de março passado, um jornal inglês noticiava o seguinte sobre o Sr. Morisson, que acabava de morrer na Inglaterra, deixando uma fortuna de cem milhões de francos. Segundo o jornal, nos últimos anos de sua vida ele era presa de singular monomania: imaginava-se reduzido à extrema pobreza e devia ganhar o pão de

cada dia com um trabalho manual. Sua família e seus amigos haviam reconhecido a inutilidade de tentar fazê-lo mudar de idéia; era pobre, não possuía um centavo e devia trabalhar para viver: essa a sua convicção. Punham-lhe, pois, uma enxada nas mãos a cada manhã, e o mandavam trabalhar em seus jardins. Logo vinham procurá-lo, pois sua tarefa estava concluída; pagavam-lhe um salário modesto pelo trabalho, e ele ficava contente; seu espírito era apaziguado e sua mania satisfeita. Teria sido o mais infeliz dos homens se o tivessem contrariado.

1. Peça a Deus Todo-Poderoso permitir ao Espírito Morisson, que acaba de morrer na Inglaterra, deixando uma fortuna considerável, que se comunique conosco.

Resp. – Estou aqui.

2. Lembrai-vos do estado em que vos acháveis durante os dois últimos anos de vossa existência corporal?

Resp. – É sempre a mesma.

3. Após a morte, vosso Espírito ficou ressentido da aberração de vossas faculdades durante a vida?

Resp. – Sim. (São Luís completa a resposta, dizendo espontaneamente): “Desprendido do corpo, por algum tempo o Espírito sente a compressão dos seus laços.”

4. Assim, uma vez morto, não recobrou vosso Espírito imediatamente a plenitude de suas faculdades?

Resp. – Não.

5. Onde estais agora?

Resp. – Atrás de Ermance.

6. Sois feliz ou infeliz?

Resp. – Falta-me alguma coisa... Não sei o quê...
Procuo... Sim, sofro.

7. Por que sofreis?

Resp. – “Sofre pelo bem que não fez” (São Luís).

8. De onde provinha essa mania de vos imaginar pobre com tão grande fortuna?

Resp. – Eu o era; verdadeiramente rico é aquele que não tem necessidades.

9. Qual a origem dessa idéia de que era necessário trabalhar para viver?

Resp. – Eu era louco e ainda o sou.

10. Essa loucura vinha de onde?

Resp. – Que importa? Eu havia escolhido essa expiação.

11. Qual era a origem de vossa fortuna?

Resp. – Que te importa?

12. Entretanto, a invenção que fizestes não tinha por fim o alívio da Humanidade?

Resp. – E enriquecer-me também.

13. Que uso fizestes da fortuna quando desfrutáveis da plenitude da razão?

Resp. – Nenhum; creio que a gozava.

14. Por que vos teria Deus concedido fortuna, já que não devíeis empregá-la em benefício dos outros?

Resp. – Eu havia escolhido a prova.

15. O que desfruta de uma fortuna adquirida pelo trabalho não é mais desculpável por se apegar a ela do que aquele que nasceu na opulência e jamais conheceu a necessidade?

Resp. – Menos. (São Luís acrescenta): “Aquele conhece a dor, mas não a alivia.”

16. Lembrai-vos da existência que precedeu a que acabais de deixar?

Resp. – Sim.

17. Que éreis, então?

Resp. – Um operário.

18. Dissestes que éreis infeliz; vedes um termo ao vosso sofrimento?

Resp. – Não. (São Luís acrescenta): “É cedo demais.”

19. De que depende isso?

Resp. – De mim. O que está ali mo disse.

20. Conheceis aquele que está ali?

Resp. – Vós o chamais Luís.

21. Sabeis o que foi ele na França no século XIII?

Resp. – Não... Conheço-o por vosso intermédio...

Agradeço por aquilo que me ensinou.

22. Acreditais numa nova existência corporal?

Resp. – Sim.

23. Se tiverdes de renascer na vida corpórea, de quem dependerá a posição social que desfrutareis?

Resp. – De mim, suponho. Já escolhi tantas vezes que isso não pode depender senão de mim.

Observação – Essas palavras: “*Já escolhi tantas vezes*” são características. Seu estado atual prova que, apesar das numerosas existências, pouco progrediu, estando sempre a recomençar.

24. Qual a posição social que escolheríeis, caso pudésseis começar de novo?

Resp. – Baixa; avança-se com mais segurança; só se está encarregado de si mesmo.

25. [A São Luís] Não haverá um sentimento de egoísmo na escolha de uma posição inferior, na qual só estamos encarregados de nós mesmos?

Resp. – “Em parte alguma estamos encarregados apenas de nós mesmos; o homem responde por aqueles que o cercam, e não apenas pelas almas cuja educação lhe foi confiada, mas ainda das outras: o exemplo faz todo o mal.”

26. (A Morisson) Agradecemos por haverdes respondido às nossas perguntas e rogamos a Deus vos dê forças para que possais suportar novas provas.

Resp. – Vós me aliviastes. Aprendi.

Observação – Pelas respostas acima se reconhece facilmente o estado moral desse Espírito; são curtas e, quando não monossilábicas, têm algo de sombrio e de vago: um louco melancólico não falaria de outro modo. Essa persistência da aberração das idéias após a morte é um fato notável, embora não seja constante, podendo apresentar, por vezes, um caráter bem diverso. Teremos oportunidade de citar vários exemplos, onde se estudam os diferentes gêneros de loucura.

O SUICIDA DA SAMARITANA ⁴⁰

Recentemente os jornais relataram o seguinte fato: “Ontem (7 de abril de 1858), pelas sete horas da noite um homem de cerca de cinqüenta anos e decentemente trajado, apresentou-se no estabelecimento da Samaritana, em Paris, e mandou que lhe preparassem um banho. Decorridas cerca de duas horas, o criado de serviço, admirado pelo silêncio do freguês, resolveu entrar no seu gabinete, a fim de verificar o que ocorria.

40 **N. do T.:** Vide *O Céu e o Inferno* – Segunda Parte – Capítulo V – Suicidas – *O suicida da samaritana.*

Deparou-se-lhe então um quadro horroroso: o infeliz degolara-se com uma navalha e todo o seu sangue misturava-se à água da banheira. E, como a identidade do suicida não pôde ser averiguada, foi o cadáver removido para o necrotério.”

Pensamos que poderíamos haurir um ensinamento útil à nossa instrução, da conversa com o Espírito desse homem. Evocamo-lo, pois, no dia 13 de abril, conseqüentemente seis dias apenas depois de sua morte.

1. Rogo a Deus Todo-Poderoso permitir ao Espírito do indivíduo que se suicidou no dia 7 de abril de 1858, nos banhos da Samaritana, que se comunique conosco.

Resp. – Espere... (Após alguns segundos) Ei-lo aqui.

Observação – Para compreender essa resposta é preciso saber que geralmente há um Espírito familiar, do médium ou da família, em todas as reuniões regulares, que está sempre presente sem que se o precise chamar. É ele quem faz virem os Espíritos que são evocados e, conforme seja mais ou menos elevado, ele próprio serve como mensageiro ou dá ordens aos Espíritos que lhe são inferiores. Quando nossas reuniões têm por intérprete a Senhorita Ermance Dufaux, é sempre o Espírito São Luís que de boa vontade se encarrega dessa tarefa.

2. Onde vos achais hoje?

Resp. – Não sei... dissei-mo.

3. Na Galeria Valois, Palais-Royal, nº 35, numa reunião de pessoas que estudam o Espiritismo e que são benévolas para convosco.

Resp. – Dissei-me se vivo... Eu sufoco no caixão.

4. Quem vos impeliu a vir aqui?

Resp. – Sinto-me aliviado.

5. Qual o motivo que vos arrastou ao suicídio?

Resp. – Morto? Eu? Não... que habito o meu corpo... Não sabeis como soffro!... Sufoco-me... Oxalá que mão compassiva me aniquilasse de vez!

Observação – Sua alma, posto que separada do corpo, está ainda completamente imersa no que poderia chamar-se o turbilhão da matéria corporal; vivazes lhe são as idéias terrenas, a ponto de se acreditar encarnado.

6. Por que não deixastes indícios que pudessem tornar-vos reconhecível?

Resp. – Estou abandonado; fugi ao sofrimento para entregar-me à tortura.

7. Tendes ainda os mesmos motivos para ficar incógnito?

Resp. – Sim; não revolvais com ferro candente a ferida que sangra.

8. Podereis dar-nos o vosso nome, idade, profissão e domicílio?

Resp. – Absolutamente não.

9. Tínheis família, mulher, filhos?

Resp. – Eu era um desprezado; ninguém me amava.

10. E que fizestes para ser assim repudiado?

Resp. – Quantos o são como eu!... Um homem pode viver abandonado no seio da família, quando ninguém o preza.

11. No momento de vos suicidardes não experimentastes qualquer hesitação?

Resp. – Ansiava pela morte... Esperava repousar.

12. Como é que a idéia do futuro não vos fez renunciar a um tal projeto?

Resp. – Não acreditava nele, absolutamente. Era um desiludido. O futuro é a esperança.

13. Que reflexões vos ocorreram ao sentirdes a extinção da vida?

Resp. – Não refleti, senti... Mas a vida não se me extinguiu... minha alma está ligada ao corpo... não estou morto... e, no entanto, sinto os vermes a me corroerem.

14. Que sensação experimentastes no momento decisivo da morte?

Resp. – Pois ela se completou?

15. Foi doloroso o momento em que a vida se vos extinguiu?

Resp. – Menos doloroso que depois. Só o corpo sofreu. (São Luís continua): “O Espírito descarregou o fardo que o oprimia; ressentia a volúpia da dor.”

(A São Luís): Tal estado sobrevém sempre ao suicídio?

Resp. – “Sim. O Espírito do suicida fica ligado ao corpo até o termo dessa vida. A morte natural é a libertação da vida: o suicídio a rompe por completo.”

16. Dar-se-á o mesmo nas mortes acidentais, embora involuntárias, mas que abreviam a existência?

Resp. – Não. Que entendeis por suicídio? O Espírito só responde pelos seus atos.

Observação – Havíamos preparado uma série de perguntas que nos propúnhamos a dirigir ao Espírito desse homem sobre sua nova existência; diante das respostas, se tornaram sem objetivo; para nós, era evidente que ele não tinha nenhuma consciência de sua situação; seu sofrimento foi a única coisa que nos pôde descrever.

Esta dúvida da morte é muito comum nas pessoas recentemente desencarnadas e principalmente naquelas que, durante a vida, não elevam a alma acima da matéria. É um fenômeno que parece singular à primeira vista, mas que se explica naturalmente. Se a um indivíduo, pela primeira vez sonambulizado, perguntarmos se dorme, ele responderá quase sempre que *não*, e essa resposta é lógica: o interlocutor é que faz mal a pergunta, servindo-se de um termo impróprio. Na linguagem comum, a idéia do sono prende-se à suspensão de todas as faculdades sensitivas; ora, o sonâmbulo que pensa, que vê e sente, que tem consciência da sua liberdade, não se crê adormecido, e de fato não dorme, na acepção vulgar do vocábulo. Eis a razão por que responde *não*, até que se familiarize com essa maneira de apreender o fato. O mesmo acontece com o homem que acaba de desencarnar; para ele a morte era o aniquilamento do ser, e, tal como o sonâmbulo, vê, sente e fala, e assim não se considera morto, e isto afirmando até que adquira a intuição do seu novo estado.

Confissões de Luís XI

EXTRATO DA VIDA DE LUÍS XI, DITADA POR ELE MESMO À
SENHORITA ERMANCE DUFAUX

(Ver os números de março e maio de 1858)

ENVENENAMENTO DO DUQUE DE GUYENNE

“(…) Em seguida ocupei-me da Guyenne. Odet d’Aidies, senhor de Lescun, que se havia indisposto comigo, fazia os preparativos da guerra com uma atividade impressionante. Era com muita dificuldade que alimentava o ardor belicoso de meu irmão, o duque de Guyenne. Tinha de combater um adversário temível no espírito de meu irmão: a senhora de Thouars, amante de Carlos, duque de Guyenne.

Essa mulher nada procurava, a não ser tirar vantagem do império que exercia sobre o jovem duque, com vistas a dissuadi-

lo da guerra, não ignorando que esse conflito tinha por fim o casamento do amante. Seus inimigos secretos tinham afetado louvar, em sua presença, a beleza e as brilhantes qualidades da noiva: isso foi o bastante para convencê-la de que sua desgraça seria certa se aquela princesa desposasse o duque de Guyenne. Certa da paixão de meu irmão, recorreu às lágrimas, às preces e a todas as extravagâncias de uma mulher perdida em semelhante situação. O frágil Carlos cedeu, dando conhecimento de suas novas resoluções a Lescun. Este logo preveniu o duque da Bretanha, e demais interessados: eles se alarmaram e mandaram representações a meu irmão, cujo efeito só serviu para mergulhá-lo ainda mais em suas hesitações.

Entretanto, a favorita conseguiu, não sem dificuldade, demovê-lo novamente da guerra e do casamento; desde então, sua morte foi decidida por todos os príncipes. Temendo que meu irmão viesse atribuí-la a Lescun, cuja antipatia pela senhora de Thouars lhe era conhecida, resolveram conquistar Jean Faure Duversois, monge beneditino, confessor de meu irmão e abade de Saint-Jean d'Angély.

Esse homem era um dos partidários mais entusiastas da senhora de Thouars, e ninguém ignorava o ódio que votava a Lescun, cuja influência política invejava. Não era provável que meu irmão lhe atribuisse jamais a morte de sua amante, pois aquele sacerdote era um dos favoritos em quem mais confiança ele depositava. Uma vez que apenas a sede das grandezas o ligava à favorita, deixou-se corromper facilmente.

Há muito tempo que eu vinha tentando seduzir o abade; mas ele sempre repelia minhas ofertas, deixando-me, todavia, a esperança de um dia alcançar esse objetivo.

Compreendeu facilmente a delicada posição em que se meteria, ao prestar aos príncipes o serviço que esperavam dele; sabia

que nada lhes custava desembaraçar-se de um cúmplice. Por outro lado, conhecia a inconstância de meu irmão e temia tornar-se sua vítima.

Para conciliar a sua segurança com os seus interesses, determinou-se por sacrificar o seu jovem senhor. Tomando esse partido, tanto tinha chance de sucesso quanto de fracasso. Para os príncipes, a morte do jovem duque de Guyenne deveria ser o resultado do desprezo ou de um incidente imprevisto. Mesmo que fosse imputada ao duque da Bretanha e a seus comparsas, a morte da favorita passaria, por assim dizer, despercebida, pois que ninguém teria descoberto os motivos que lhe conferiam uma importância real, do ponto de vista político.

Admitindo que se pudesse acusá-los da morte de meu irmão, achar-se-iam expostos aos maiores perigos, porquanto teria sido de meu dever castigá-los rigorosamente; sabiam que não era boa vontade que me faltava e, nesse caso, o povo se voltaria contra eles; o próprio duque de Borgonha, alheio ao que se tramava em Guyenne, ver-se-ia forçado a aliar-se a mim, sob pena de ser acusado de cumplicidade. Mesmo nesta última hipótese, tudo teria saído a meu favor. Eu poderia fazer que declarassem Carlos, o Temerário criminoso de lesa-majestade, e levar o Parlamento a condená-lo à morte, como assassino de meu irmão. Essas condenações, chanceladas por aquele importante tribunal, tinham sempre grandes resultados, sobretudo quando eram de uma legitimidade incontestável.

Vê-se facilmente que interesse tinham os príncipes em manejar o abade. Em compensação, nada era mais fácil do que se desfazer dele secretamente.

Comigo, o abade de Saint-Jean teria ainda mais chances de impunidade. O serviço que me prestava era-me da maior importância, sobretudo naquele momento: a liga formidável que se

formava, da qual o duque de Guyenne era o centro, deveria perder-me infalivelmente; a morte de meu irmão era o único meio de destruí-la e, em conseqüência, de salvar-me. Ele ambicionava o favor de Tristão, o Eremita, pensando que, por esse meio, conseguiria elevar-se acima dele ou, pelo menos, a partilhar de minhas boas graças e de minha confiança com ele. Aliás, os príncipes tinham cometido a imprudência de deixar-lhe nas mãos provas incontestáveis de sua culpabilidade: eram diferentes escritos; como estavam naturalmente concebidos em termos muito vagos, não seria difícil substituir a pessoa de meu irmão pela de sua favorita, que não era designada senão em termos subentendidos. Entregando-me esses documentos, ele afastaria de mim qualquer tipo de dúvida sobre a minha inocência; livrar-se-ia, assim, do único perigo que corria ao lado dos príncipes e, provando que de forma alguma eu estava envolvido no envenenamento, deixava de ser meu cúmplice e me tirava qualquer interesse em fazê-lo perecer.

Restava provar que ele próprio nada tinha a ver com isso; era uma dificuldade menor: primeiro estava certo de minha proteção e, depois, não tendo os príncipes qualquer prova de sua culpabilidade, poderia devolver-lhes as acusações, a título de calúnias.

Tudo bem pesado fez passar perto de mim um emissário, que fingia vir espontaneamente, a dizer-me que o abade de Saint-Jean estava descontente com meu irmão. Vi, imediatamente, todo o partido que poderia tirar dessa situação e caí na armadilha que o astucioso abade me estendeu. Não suspeitando que aquele homem pudesse ter sido enviado por ele, despachei um de meus espíões de confiança. Saint-Jean representou tão bem o seu papel que o emissário foi enganado. Com base em seu relatório, escrevi ao abade a fim de o conquistar; ele fingiu muitos escrúpulos, mas triunfei, não sem dificuldade. Concordou em encarregar-se do envenenamento de meu jovem irmão: tão pervertido me achava que nem mesmo hesitei em cometer esse crime horrível.

Henri de la Roche, escudeiro do duque, encarregou-se de mandar preparar um pêssego, que o próprio abade ofereceu à senhora de Thouars, enquanto merendava à mesa com meu irmão. A beleza desse fruto era notável; ela chamou a atenção do príncipe e o dividiu com ele. Tão logo haviam comido, a favorita sentiu dores violentas nas entranhas: não tardou em expirar, em meio aos mais atrozes sofrimentos. Meu irmão experimentou os mesmos sintomas, porém com muito menor violência.

Talvez pareça estranho que o abade se tenha servido de tal meio para envenenar seu jovem senhor; com efeito, o mais leve incidente poderia frustrar seu plano. Era, entretanto, o único que a prudência poderia autorizar: estabelecia a possibilidade de um equívoco. Impressionada pela beleza do pêssego, era muito natural que a senhora de Thouars fizesse com que seu amante também a admirasse, oferecendo-lhe a metade: ele não poderia deixar de aceitá-la e de comer um pouco, fosse ainda por complacência. Mas, admitindo que comesse somente um pedacinho, seria suficiente para provocar os primeiros sintomas necessários; então, um envenenamento posterior poderia levar à morte, como conseqüência do primeiro.

Desde que souberam das funestas conseqüências do envenenamento da favorita, o terror tomou conta dos príncipes; não tiveram a menor suspeita da premeditação do abade; pensaram apenas em dar todas as aparências de naturalidade à morte da jovem senhora e à enfermidade de seu amante; nenhum deles tomou a iniciativa de oferecer um contraveneno ao infeliz príncipe, temendo comprometer-se; com efeito, essa providência teria dado a entender que conheciam o veneno e que eram, por conseguinte, cúmplices do crime.

Graças à juventude e à força de seu temperamento, Carlos resistiu por algum tempo ao veneno. Seus sofrimentos físicos não fizeram outra coisa senão levá-lo com mais ardor aos seus antigos projetos. Temendo que a moléstia diminuísse o zelo de seus oficiais, quis que renovassem o juramento de fidelidade. Como

exigisse que se comprometessem a servi-lo contra tudo e contra todos, mesmo contra mim, alguns deles, temendo a morte que parecia próxima, recusaram-se a fazê-lo e passaram para a minha corte.”

Observação: Em nosso número precedente lemos os interessantes detalhes fornecidos por Luís XI sobre sua morte. O fato que acabamos de relatar não é menos notável, pelo duplo ponto de vista da História e do fenômeno das manifestações; aliás, não tínhamos dificuldades senão quanto à escolha; a vida desse rei, tal como foi ditada por ele mesmo é, sem contestação, a mais completa que temos e, podemos mesmo dizer, é a mais imparcial. O estado de espírito de Luís XI permite-lhe hoje apreciar as coisas em seu justo valor; pudemos ver, pelos três fragmentos que citamos, como ele faz o seu próprio julgamento; explica sua política melhor que qualquer um de seus historiadores; não absolve sua conduta; e em sua morte, tão triste e tão vulgar para um monarca que fora todo-poderoso até algumas horas antes, vê um castigo antecipado.

Como fato de manifestação, esse trabalho oferece um interesse todo particular: prova que as comunicações espíritas podem nos esclarecer sobre a História, quando sabemos nos colocar em condições favoráveis. Fazemos votos por que a publicação da vida de Luís XI, da mesma forma que a não menos interessante de Carlos VIII, igualmente concluída, venha em breve fazer companhia à de Joana d’Arc.

Henri Martin

SUA OPINIÃO SOBRE AS COMUNICAÇÕES EXTRACORPÓREAS

Vemos certos escritores eméritos dar de ombros à simples referência de uma história escrita pelos Espíritos. – Como? – dizem eles – como podem os seres do outro mundo vir controlar o nosso saber, a nós outros, sábios da Terra? Ora, pois! Isso é possível? – Senhores, não vos forçamos a acreditar; nem sequer nos

esforçaremos, por pouco que seja, para vos demover dessa ilusão tão cara. Até mesmo no interesse de vossa glória futura, nós vos exortamos a inscrever vossos nomes, em caracteres *indestrutíveis*, ao pé desta modesta sentença: *Todos os partidários do Espiritismo são insensatos, porque somente a nós cabe julgar até onde vai o poder de Deus*, e isso a fim de que a posteridade não vos possa esquecer; ela mesma verá se deve conceder-vos um lugar ao lado dos que, até há pouco tempo, repeliram os homens a quem a ciência e o reconhecimento público hoje erigem estátuas.

No entanto, eis um escritor cuja capacidade não é desconhecida por ninguém e que ousa, a despeito do risco de fazer-se passar também por um cérebro vazio, hastear a bandeira das idéias novas sobre as relações do mundo físico com o mundo *corporal*⁴¹. Na *História de França*, de Henri Martin, volume 6, página 143, lemos o seguinte, a propósito de Joana d'Arc:

“(...) Existe, na Humanidade, uma ordem extraordinária de fatos morais e físicos que parecem derrogar as leis ordinárias da Natureza: são os estados de êxtase e de sonambulismo, quer espontâneo, quer artificial, com todos os seus impressionantes fenômenos de deslocamento dos sentidos, de insensibilidade total ou parcial do corpo, de exaltação da alma, enfim, de percepções alheias a todas as condições da vida habitual. Essa classe de fatos foi julgada sob pontos de vista inteiramente opostos. Os fisiologistas, vendo perturbadas ou deslocadas as relações costumeiras dos órgãos físicos, qualificam de doença o estado extático ou sonambúlico, admitindo a realidade daqueles fenômenos que podem ser incluídos na patologia e negando todo o resto, isto é, tudo aquilo que pareça estranho às leis constatadas da física. A seus olhos, a doença se converte mesmo em loucura quando, ao deslocamento da ação dos órgãos, junta-se a alucinação dos sentidos, tal como a visão de objetos, que só existem para o visionário. Um eminente fisiologista defendeu, com toda clareza, a tese de que Sócrates era louco, porque

41 N. do T.: Grifo nosso. Não seria mundo *extrafísico*, ou *extracorpóreo*?

esse filósofo imaginava conversar com o seu demônio. Respondem os místicos não somente atestando por reais os fenômenos extraordinários das percepções magnéticas – questão sobre a qual encontram numerosos auxiliares, e incontáveis testemunhas fora do misticismo – mas sustentando, também, que as visões dos extáticos têm objetos reais, vistos, é certo, não através dos olhos do corpo, mas do Espírito. Para eles, o êxtase é a ponte lançada do mundo visível ao mundo invisível, o meio de comunicação do homem com os seres superiores, a lembrança e a promessa da existência de um mundo melhor, de onde fomos destituídos e que devemos reconquistar.

“Nesse debate, que partido devem tomar a História e a Filosofia?

“Não poderia a História determinar, com precisão, nem os limites, nem a extensão dos fenômenos e das faculdades extáticas e sonambúlicas; constata, porém, que ocorrem por toda parte; que sempre os homens neles acreditaram; que têm exercido uma ação considerável sobre os destinos do gênero humano; que se têm manifestado não somente entre os contemplativos, mas igualmente entre os gênios mais poderosos e mais ativos; enfim, entre a maior parte dos grandes iniciados; que, por mais desarrazoados se mostrem diversos extáticos, nada há de comum entre as divagações da loucura e as visões de alguns; que tais visões podem estabelecer ligações com certas leis; que os extáticos de todos os países e de todos os séculos têm o que se poderia chamar uma linguagem de símbolos, da qual a poesia é apenas um derivado, linguagem que exprime, mais ou menos constantemente, as mesmas idéias e os mesmos sentimentos pelas mesmas imagens.

“Talvez seja mais temerário ainda tentar-se concluir em nome da Filosofia; entretanto, após haver reconhecido a importância moral desses fenômenos, por mais obscura nos seja sua lei e sua finalidade; depois de neles distinguir dois graus, um inferior, que não

passa de uma extensão estranha ou de um deslocamento inexplicável da ação dos órgãos, o outro superior, nada mais sendo do que a exaltação prodigiosa das forças morais e intelectuais, o filósofo poderia sustentar, ao que nos parece, que a ilusão do inspirado consiste em tomar, como revelação trazida por seres exteriores, anjos, santos ou gênios, as revelações interiores dessa personalidade infinita que está em nós e, muitas vezes também, entre os melhores e os maiores, as quais se manifestam como lampejos de forças latentes que ultrapassam, quase que sem medida, as faculdades de nossa condição atual. Numa palavra, na linguagem dos mestres, são, para nós, *fatos de subjetividade*; na linguagem das antigas filosofias místicas e das religiões mais adiantadas, são as revelações do *férouer* masdeísta, do bom demônio (o de Sócrates), do anjo guardião, desse outro *Eu* que nada mais é que o *Eu* eterno, em plena posse de si mesmo, pairando sobre o *Eu* envolvido nas sombras desta vida (figura do magnífico símbolo zoroastriano, figurado por toda parte em Persépolis e em Nínive; o *férouer* alado ou o *Eu* celeste, adejando sobre a criatura terrestre).

“Negar a ação dos seres exteriores sobre o inspirado; não ver em suas pretensas manifestações mais que a forma dada às intuições do extático pelas crenças de seu tempo e de seu país; e buscar a solução do problema nas profundezas da personalidade humana, não é, absolutamente, uma maneira de pôr em dúvida a intervenção divina nesses grandes fenômenos e nessas grandes existências. O autor e sustentáculo de toda a vida, por mais essencialmente independente que seja de cada criatura e de toda a criação, por mais distinta que seja de nosso ser contingente a sua personalidade absoluta, de forma alguma é um ser exterior, isto é, estranho a nós, e não é de fora que ele nos fala; quando a alma mergulha em si mesma, nela o encontra e, em toda inspiração salutar, nossa liberdade se associa à sua Providência. Aqui, como em toda parte, grassa o duplo escolho da incredulidade e da piedade mal esclarecida: uma não vê mais que ilusões e impulsos puramente humanos, a outra recusa admitir qualquer parcela de ilusão, de ignorância ou de imperfeição, onde vê somente o dedo de Deus.

Como se os enviados de Deus deixassem de ser homens, homens de um certo tempo e de um certo lugar, e como se os lampejos sublimes que lhes atravessam a alma aí depositassem a ciência universal e a perfeição absoluta. Nas mais evidentes e providenciais inspirações, os erros que procedem dos homens se mesclam à verdade que provém de Deus. O Ser Infalível a ninguém comunica a sua infalibilidade.

“Não pensamos que essa digressão possa parecer supérflua; tínhamos de nos pronunciar sobre o caráter e sobre a obra daquelas que foram inspiradas e que, no mais alto grau, deram testemunho das faculdades extraordinárias de que falamos há pouco, e que as aplicou à mais retumbante missão dos tempos modernos; era, pois, preciso exprimir uma opinião quanto à categoria dos seres excepcionais à qual pertence Joana d’Arc.”

Variedades

OS BANQUETES MAGNÉTICOS

No dia 26 de maio, aniversário natalício de Mesmer, realizam-se dois banquetes anuais que reúnem a elite dos magnetizadores de Paris e os adeptos estrangeiros que a eles querem se juntar. Sempre nos perguntamos por que essa solenidade comemorativa é celebrada por dois banquetes rivais, onde cada lado bebe à saúde do outro e onde se ergue, sem resultado, um brinde à união. Quando se está lá, parece que estão bem perto de se entenderem. Por que, então, uma cisão entre homens que se dedicam ao bem da Humanidade e ao culto da verdade? Não lhes apresentará a verdade sob a mesma luz? Terão duas maneiras de compreender o bem da Humanidade? Estarão divididos sobre os princípios de sua ciência? Absolutamente; têm todos as mesmas crenças, o mesmo mestre, que é Mesmer. Se esse mestre, cuja memória invocam, atende ao apelo que lhe fazem, como acreditamos, deve lamentar ao ver a desunião entre seus discípulos. Felizmente essa falta de

união não provocará guerras como as que, em nome do Cristo, têm ensangüentado o mundo, para a eterna vergonha dos que se dizem cristãos. Mas essa guerra, por mais inofensiva que seja, embora se limite a golpes de penas e a beber cada um do seu lado, nem por isso deixa de ser menos lamentável. Gostaríamos de ver os homens de bem unidos num mesmo sentimento de confraternização; com isso, ganharia a ciência magnética em progresso e em consideração.

Desde que os dois campos não estão divididos por divergências doutrinárias, a quem aproveita, pois, o seu antagonismo? Só podemos ver-lhe a causa nas susceptibilidades inerentes à imperfeição de nossa natureza, de que os homens, até mesmo os superiores, não estão isentos. Em todos os tempos o gênio da discórdia tem agitado o seu facho sobre a Humanidade; isto é, do ponto de vista espírita, os Espíritos inferiores, invejosos da felicidade dos homens, entre eles encontram um acesso muito fácil. Felizes aqueles que têm bastante força moral para repelir suas sugestões.

Fizeram-nos a honra de nos convidar a uma dessas duas reuniões. Como ocorreriam simultaneamente, como não somos ainda senão um Espírito muito materialmente encarnado, nem possuímos o dom da ubiqüidade, só nos foi possível satisfazer a um desses graciosos convites, o que era presidido pelo Dr. Duplanty. Devemos dizer que os partidários do Espiritismo ali não constituíam maioria; todavia, constatamos com prazer que, à parte alguns piparotes dados aos Espíritos nas espirituosas canções que foram executadas pelo Sr. Jules Lovi, e nas não menos divertidas cantadas pelo Sr. Fortier, que exigiram a honra do *bis*, da parte de ninguém foi a Doutrina Espírita objeto dessas críticas tão inconvenientes, de que são pródigos certos adversários, a despeito da educação de que se vangloriam.

Longe disso, num discurso notável e por isso mesmo aplaudido, o Dr. Duplanty proclamou, em alta voz, o respeito que se deve ter pelas crenças sinceras, ainda mesmo que não as compartilhemos. Sem se pronunciar pró ou contra o Espiritismo,

fez observar sabiamente que os fenômenos do magnetismo, ao nos revelarem uma força até então desconhecida, devem tornar-se ainda mais circunspectos em relação aos que se podem ainda revelar e que, pelo menos, seria imprudência negar os que não compreendemos ou não pudemos constatar, sobretudo quando se apóiam na autoridade de homens honrados, cujas luzes e cuja lealdade não poderiam ser postas em dúvida. São palavras sensatas, que agradecemos ao Sr. Duplanty; contrastam singularmente com as de certos adeptos do magnetismo que, de forma desrespeitosa, cobrem de ridículo uma doutrina que confessam não conhecer, esquecendo eles mesmos que outrora foram alvo dos sarcasmos; que também foram enviados aos hospitais de alienados e perseguidos pelos cépticos como inimigos do bom-senso e da religião. Hoje, que o magnetismo se reabilitou pela própria força das coisas; que dele não mais se ri; que se pode sem temor confessar-se magnetizador, é pouco digno, pouco caridoso para eles, usarem de represálias contra uma ciência irmã da sua, que não lhes poderia prestar senão um salutar apoio. Não atacamos os homens, dizem; somente rimos daquilo que nos parece ridículo, aguardando que a luz se faça para nós. Em nossa opinião, a ciência magnética, que professamos há 35 anos, deveria ser inseparável da seriedade. Parece-nos que, à sua verve satírica, não falta combustível neste mundo, não tomando como alvo as coisas sérias. Esquecem-se, pois, de que contra eles foi usada a mesma linguagem; que também acusavam os incrédulos de julgarem levemente e que diziam, como nós agora, por nossa vez: “Paciência! Rirá melhor quem rir por último!”

ERRATA

No número V (maio de 1858), uma falha tipográfica desnaturou um nome próprio que, por isso mesmo, perdeu o sentido. À página 224, linha 2^a, em vez de *Poryolise*, lede *Pergolesi*.⁴²

Allan Kardec

42 N. do T.: Já procedemos à grafia correta no fascículo indicado, como recomendou Allan Kardec.

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO I

JULHO DE 1858

Nº 7

A Inveja

DISSERTAÇÃO MORAL DITADA

PELO ESPÍRITO SÃO LUÍS AO SR. D...

Em uma das sessões da Sociedade, São Luís nos havia prometido uma dissertação sobre a inveja. O Sr. D..., que começava a desenvolver a mediunidade e ainda duvidava um pouco – não da Doutrina, de que é um dos mais ferventes adeptos e que a compreende em sua essência, isto é, do ponto de vista moral – mas da faculdade que nele se revelava, invocou São Luís em seu nome particular, dirigindo-lhe a seguinte pergunta:

– Poderíeis dissipar minhas dúvidas e inquietações a respeito de minha força mediúnica, escrevendo, por meu intermédio, a dissertação que havíeis prometido à Sociedade para terça-feira, 1º de junho?

Resp. – Sim; para te tranquilizar o farei.

Foi então que o trecho seguinte foi ditado. Faremos notar que o Sr. D... dirigiu-se a São Luís com um coração puro e sincero, sem segundas intenções, condição indispensável a toda boa comunicação. Não era uma prova que fazia: duvidava apenas de si mesmo, permitindo Deus que fosse atendido, a fim de dar-lhe os meios de tornar-se útil. Hoje, o Sr. D... é um dos médiuns mais

completos, não só pela grande facilidade de execução, como por sua aptidão em servir de intérprete a todos os Espíritos, mesmo àqueles de ordem mais elevada, que se exprimem facilmente e de boa vontade por seu intermédio. São essas, sobretudo, as qualidades, que devemos procurar num médium e que podem sempre ser adquiridas com paciência, vontade e exercício. O Sr. D... não necessitou de muita paciência; havia nele a vontade e o *fervor*, unidos a uma aptidão natural. Bastaram alguns dias para levar sua faculdade ao mais alto grau. Eis o ditado que lhe foi dado sobre a inveja:

“Vede este homem: seu espírito está inquieto, sua infelicidade terrestre está no auge: inveja o ouro, o luxo e a felicidade, aparente ou fictícia, de seus semelhantes; seu coração está devastado, sua alma secretamente consumida por essa luta incessante do orgulho e da vaidade não satisfeita; carrega consigo, em todos os instantes de sua miserável existência, uma serpente que acalenta no peito e que sem cessar lhe sugere os mais fatais pensamentos: “Terei essa volúpia, essa felicidade? Não obstante, isso me é devido como aos outros; sou homem como eles; por que seria deserddado?” E se debate na sua impotência, atormentado pelo horrível suplício da inveja. Feliz ainda se essas funestas idéias não o levarem à beira do abismo. Entrando nesse caminho, ele se pergunta se não deve obter, pela violência, o que julga ser-lhe devido; se não irá expor, aos olhos de todos, o horrendo mal que o devora. Se esse infeliz apenas tivesse olhado para baixo de sua posição, teria visto o número daqueles que sofrem sem se lastimarem e ainda bendizendo o Criador, porquanto a infelicidade é um benefício de que Deus se serve para fazer avançar a pobre criatura até o seu trono eterno.

“Fazei vossa felicidade e vosso verdadeiro tesouro na Terra em obras de caridade e de submissão, as únicas que vos permitirão ser admitidos no seio de Deus; essas obras do bem farão a vossa alegria e a vossa felicidade eternas; a inveja é uma das mais feias e mais tristes misérias de vosso globo; a caridade e a constante

emissão da fé farão desaparecer todos os males, que se irão um a um, à medida que se multiplicarem os homens de boa vontade que a vós se seguirão. Amém.”

Uma Nova Descoberta Fotográfica

Vários jornais relataram o seguinte fato:

“O Sr. Badet, morto no dia 12 de novembro último, após uma enfermidade de três meses – diz o jornal *Union bourguignonne*, de Dijon – costumava, toda vez que lhe permitiam as forças, postar-se a uma janela do primeiro andar, com a cabeça constantemente voltada para o lado da rua, a fim de se distrair vendo os transeuntes que passavam. Há alguns dias a Sra. Peltret, cuja casa fica defronte da residência da viúva Badet, percebeu na vidraça dessa janela o próprio Sr. Badet, com seu boné de algodão, seu rosto emagrecido, etc., enfim, tal qual o tinha visto durante sua doença. Grande foi sua emoção, para dizer o mínimo. Não apenas chamou os vizinhos, cujo testemunho podia ser suspeito, mas também homens sérios, que perceberam bem distintamente a imagem do Sr. Badet na vidraça da janela em que tinha o costume de ficar. Tal imagem foi mostrada também à família do defunto, que imediatamente fez desaparecer o vidro.

“Ficou, todavia, bem constatado que a vidraça tinha tomado a impressão do rosto do doente, que nela estava como que daguerreotipado, fenômeno que poderíamos explicar se, do lado oposto à janela, houvesse uma outra, por onde os raios solares pudessem ter chegado ao Sr. Badet; mas não havia nada: o quarto só tinha uma única janela. Tal é a verdade, nua e crua, sobre esse fato impressionante, cuja explicação deve ser deixada aos sábios.”

Confessamos que, à leitura desse artigo, nosso primeiro impulso foi o de classificá-lo como vulgar, como se faz com as

notícias apócrifas, a ele não ligando a menor importância. Poucos dias depois, o Sr. Jobard, de Bruxelas, assim nos escrevia:

“À leitura do fato que se segue – daquele que acabamos de citar – passado em meu país, *com um de meus parentes*, dei de ombros ao ver o jornal que o relata remeter aos sábios a sua explicação, e essa valorosa família retirar a vidraça através da qual Badet olhava os transeuntes. Evocai-o para saber o que ele pensa disso.”

Essa confirmação do fato, da parte de um homem do caráter do Sr. Jobard, cujos méritos e honorabilidade todos conhecem, além da circunstância particular de ser o herói um de seus parentes, não nos poderiam deixar dúvida quanto à sua veracidade. Conseqüentemente, evocamos o Sr. Badet na sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, no dia 15 de junho de 1858, terça-feira. Eis as explicações que se seguiram:

1. Rogo a Deus Todo-Poderoso permitir ao Espírito Badet, morto em Dijon a 11 de novembro último, que se comunique conosco.

Resp. – Estou aqui.

2. O fato que vos concerne e que acabamos de lembrar é verdadeiro?

Resp. – Sim, é verdadeiro.

3. Poderíeis dar-nos a sua explicação?

Resp. – Existem agentes físicos, por ora desconhecidos, que mais tarde se tornarão comuns. Trata-se de um fenômeno bastante simples, semelhante a uma fotografia, combinada com forças que ainda não descobristes.

4. Por vossas explicações poderíeis apressar o momento dessa descoberta?

Resp. – Bem que gostaria, mas isso é tarefa de outros Espíritos e do trabalho humano.

5. Poderíeis reproduzir, pela segunda vez, o mesmo fenômeno?

Resp. – Não fui eu quem o produziu, foram as condições físicas, das quais sou independente.

6. Pela vontade de quem, e com que finalidade se deu esse fato?

Resp. – Produziu-se quando eu era vivo, e independente da minha vontade; um estado particular da atmosfera o revelou depois.

Tendo-se estabelecido uma discussão entre os assistentes sobre as prováveis causas desse fenômeno, e sendo emitidas várias opiniões sem que ao Espírito fossem dirigidas outras perguntas, disse este espontaneamente: “E não levais em consideração a eletricidade e a galvanoplastia, que agem também sobre o *perispírito*?”

7. Foi-nos dito ultimamente que os Espíritos não têm olhos; ora, se essa imagem é a reprodução do perispírito, como foi possível reproduzir os órgãos da visão?

Resp. – O perispírito não é o Espírito; a aparência, ou perispírito tem olhos, mas o Espírito não os possui. Já vos disse bem, falando do perispírito, que eu estava vivo.

Observação – Enquanto aguardamos que essa nova descoberta se faça, dar-lhe-emos o nome provisório de *fotografia espontânea*. Todos lamentarão que, por um sentimento difícil de compreender, tenham destruído a vidraça sobre a qual estava reproduzida a imagem do Sr. Badet; tão curioso monumento poderia facilitar as pesquisas e as observações próprias para o estudo da questão. Talvez tenham visto nessa imagem uma obra do demônio; em todo o caso, se o demônio tem algo a ver com esse assunto, é seguramente na destruição da vidraça, porque é inimigo do progresso.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A FOTOGRAFIA ESPONTÂNEA

Resulta das explicações acima que, em si mesmo, o fato não é sobrenatural, nem miraculoso. Quantos fenômenos estão no mesmo caso, que nos tempos de ignorância deverão ter ferido as imaginações por demais propensas ao maravilhoso! É, pois, um efeito puramente físico, que prenuncia um novo passo na ciência fotográfica.

Como se sabe, o perispírito é o envoltório semimaterial do Espírito; não é apenas depois da morte que o Espírito dele se acha revestido; durante a vida está unido ao corpo: é o laço entre o corpo e o Espírito. A morte é apenas a destruição do envoltório mais grosseiro; o Espírito conserva o segundo, que afeta a aparência do primeiro, como se dele tivesse guardado a impressão. Geralmente invisível, em certas circunstâncias o perispírito se condensa e, combinando-se com outros fluidos, torna-se perceptível à visão e, por vezes, até mesmo tangível; é ele que é visto nas aparições.

Sejam quais forem a sutileza e a imponderabilidade do perispírito, nem por isso deixa de ser uma espécie de matéria, cujas propriedades físicas nos são ainda desconhecidas. Desde que é matéria, pode agir sobre a matéria; essa ação é patente nos fenômenos magnéticos; acaba de revelar-se nos corpos inertes, pela impressão que a imagem do Sr. Badet deixou na vidraça. Essa impressão se deu quando estava vivo; conservou-se após sua morte, mas era invisível; foi necessário, ao que parece, a ação fortuita de um agente desconhecido, provavelmente atmosférico, para torná-la aparente. Que haveria nisso de espantoso? Não é sabido que podemos, à vontade, fazer aparecer e desaparecer a imagem daguerreotipada? Citamos isto como comparação, sem pretender estabelecer analogia de processos. Desse modo, seria o perispírito do Sr. Badet que, exteriorizando-se do corpo deste último, teria, com o passar do tempo e sob o império de circunstâncias desconhecidas, exercido uma verdadeira ação química sobre a substância vítrea, semelhante

à da luz. Incontestavelmente, a luz e a eletricidade devem desempenhar um grande papel nesse fenômeno. Resta saber quais são os agentes e essas circunstâncias; é o que mais tarde provavelmente se saberá, e não será uma das descobertas menos curiosas dos tempos modernos.

Se é um fenômeno natural, dirão os que tudo negam, por que é a primeira vez que se produz? Por nossa vez, perguntar-lhes-emos por que as imagens daguerreotipadas só se fixaram depois de Daguerre, embora não tenha sido ele quem inventou a luz, nem tampouco as placas de cobre, nem a prata, nem os cloretos? Há muito tempo se conhecem os efeitos da câmara escura; uma circunstância fortuita favoreceu a via da fixação; depois, auxiliados pelo gênio, de perfeição em perfeição chegou-se às obras-primas que vemos hoje. Provavelmente será o mesmo fenômeno estranho que acaba de revelar-se; e quem sabe se ele já não se produziu e se não passou despercebido por falta de um observador atento? A reprodução de uma imagem sobre um vidro é um fato vulgar, mas a fixação dessa imagem em outras condições que não a da fotografia, o estado latente dessa imagem, sua reaparição depois, eis o que deve ser marcado nos fastos da Ciência. Se cremos nos Espíritos, devemos esperar muitas outras maravilhas, várias das quais nos são assinaladas por eles. Honra, pois, aos sábios suficientemente modestos para não acreditarem que a Natureza, para eles, já tenha virado a última página de seu livro.

Se esse fenômeno se produziu uma vez, deve poder reproduzir-se. É o que provavelmente ocorrerá quando dele tivermos a chave. Enquanto aguardamos, eis o que contava um dos membros da Sociedade, na sessão de que falamos:

Disse ele: “Eu habitava uma casa em Montrouge; estávamos no verão, o sol cintilava pela janela. Na mesa havia uma garrafa cheia d’água e, debaixo dela, uma pequena esteira; de repente, a esteira pegou fogo. Se alguém não estivesse lá, um

incêndio poderia ter ocorrido sem que se lhe soubesse a causa. Tentei reproduzir o mesmo fenômeno centenas de vezes e jamais o consegui.” A causa física da combustão é bem conhecida: a garrafa produziu o efeito de um vidro ardente. Mas por que não se pôde repetir a experiência? É que, independentemente da garrafa d’água, houve o concurso de circunstâncias que operavam de modo excepcional a concentração dos raios solares: talvez o estado da atmosfera, dos vapores, da água, a eletricidade, etc., e provavelmente tudo isso, em certas proporções requeridas; daí a dificuldade de reproduzir-se exatamente as mesmas condições e a inutilidade das tentativas para se chegar a um efeito semelhante. Eis, pois, um fenômeno inteiramente do domínio da física, do qual conhecemos o princípio, mas que, entretanto, não podemos repetir à vontade. Acorrerá à mente do céptico mais empedernido negar o fato? Seguramente não. Por que, então, negam esses mesmos cépticos a realidade dos fenômenos espíritas – falamos das manifestações em geral – simplesmente por não as poderem manipular à vontade? Não admitir que fora daquilo que conhecemos possa haver agentes novos, regidos por leis especiais; negar esses agentes, porque não obedecem às leis que conhecemos, é dar prova de bem pouca lógica e revelar um espírito por demais limitado.

Voltemos à imagem do Sr. Badet. Como nosso colega e sua garrafa, certamente se farão numerosas tentativas infrutíferas, antes de obter qualquer êxito, até que um acaso feliz, ou o esforço de um gênio poderoso, possa dar a chave do mistério. Então, isso se transformará provavelmente numa arte nova, de que se enriquecerá a indústria. Desde já podemos ouvir numerosas pessoas dizerem: mas há um meio bem mais simples de termos essa chave: por que não a pedem aos Espíritos? É o caso de realçar um erro em que cai a maior parte dos que julgam a ciência espírita sem a conhecer. Lembremos, primeiramente, deste princípio fundamental: os Espíritos, ao contrário do que se pensava outrora, longe estão de tudo saber.

Dá-nos a escala espírita a medida de sua capacidade e moralidade, e diariamente a experiência confirma nossas observações a esse respeito. Os Espíritos, pois, nem tudo sabem, em muitos aspectos sendo bastante inferiores a certos homens: eis o que não podemos jamais perder de vista. O Espírito Badet, autor involuntário do fenômeno de que nos ocupamos, por suas respostas demonstra uma certa elevação, mas não uma grande superioridade; ele próprio reconhece sua falta de habilidade para dar uma explicação completa; como dissera, isso é “*tarefa de outros Espíritos e do trabalho humano.*” Estas últimas palavras encerram todo um ensinamento. De fato, seria bastante cômodo não ter senão que interrogar os Espíritos para fazermos as mais extraordinárias descobertas; onde, então, estaria o mérito dos inventores, se mão oculta lhes viesse facilitar a tarefa e poupar-lhes o trabalho de pesquisa? Por certo, mais de uma pessoa não teria escrúpulo de registrar uma patente de invenção em seu nome pessoal, sem mencionar o verdadeiro inventor. Acrescentemos que semelhantes perguntas são feitas visando sempre a interesses e na esperança de fortuna fácil, coisas pessimamente recomendadas junto aos Espíritos bons; aliás, eles não se prestam jamais a servir como instrumento de tráfico. O homem deve ter a sua iniciativa, sem o que será reduzido à condição de máquina; deve aperfeiçoar-se pelo trabalho: é uma das condições de sua existência terrestre. É necessário, também, que cada coisa venha a seu tempo e pelos meios que apraz a Deus empregar, pois os Espíritos não podem desviar os caminhos da Providência. Querer forçar a ordem estabelecida é colocar-se à mercê dos Espíritos zombeteiros que lisonjeiam a ambição, a cupidez e a vaidade, para depois se rirem das decepções que causam. Muito pouco escrupulosos de sua natureza, dizem tudo o que se quer, dão todas as receitas que se lhes pede e, se necessário, as apoiarão em fórmulas científicas, sem se importarem ao menos se terão o valor das receitas dos charlatães. Iludem-se, pois, todos aqueles que acreditavam pudessem os Espíritos abrir-lhes minas de ouro: sua missão é mais séria. “Trabalhai, esforçai-vos; eis o que de fato precisais”, disse um célebre moralista, do qual em breve daremos uma notável conversa de além-túmulo. A essa sábia máxima, a

Doutrina Espírita acrescenta: É a estes que os Espíritos sérios vêm auxiliar, pelas idéias que lhes sugerem ou por conselhos diretos, e não aos preguiçosos, que desejam gozar sem nada fazer, nem aos ambiciosos, que querem ter mérito sem esforço. Ajuda-te e o céu te ajudará.

O Espírito Batedor de Bergzabern

(TERCEIRO ARTIGO)

Continuamos a citar a brochura do Sr. Blanck, redator do *Jornal de Bergzabern* ⁴³.

“Os fatos que vamos relatar ocorreram de sexta-feira, 4, a quarta-feira, 9 de março de 1853; depois, nada semelhante se produziu. Nessa época Philippine não mais dormia no quarto que conhecemos: seu leito havia sido transferido para a peça vizinha, onde ainda se acha presentemente. As manifestações tomaram um caráter tão estranho que é impossível admitir a sua explicação pela intervenção dos homens. Aliás, são de tal modo diferentes das que haviam sido observadas anteriormente, que todas as opiniões iniciais caíram por terra.

Sabe-se que no quarto onde dormia a mocinha, as cadeiras e os outros móveis muitas vezes eram derrubados, as janelas abriam-se com estrondo, sob golpes repetidos. Há cinco semanas ela permanece no quarto comum, onde, desde o princípio da noite, até a manhã seguinte, há sempre uma luz; pode-se, pois, ver perfeitamente o que ali se passa. Eis o fato observado sexta-feira, 4 de março:

Philippine ainda não estava deitada; achava-se no meio de algumas pessoas que conversavam com o Espírito batedor

43 Devemos à cortesia de um de nossos amigos, o Sr. Alfred Pireaux, empregado da administração dos Correios, a tradução dessa interessante brochura.

quando, de repente, a gaveta de uma mesa muito grande e pesada, que se encontrava na sala, foi puxada e empurrada com grande barulho e com uma impetuosidade extraordinária. Os assistentes ficaram fortemente surpreendidos com essa nova manifestação; no mesmo instante, a própria mesa começou a movimentar-se em todos os sentidos, avançando em direção à lareira, perto da qual estava sentada Philippine. Por assim dizer, perseguida pelo móvel, viu-se obrigada a deixar o seu lugar e correr para o meio do quarto; mas a mesa voltou-se nessa direção e se deteve a meio pé da parede. Colocaram-na em seu lugar costumeiro, de onde não se mexeu mais; entretanto, as botas que se encontravam debaixo dela, e que todos puderam ver, foram jogadas no meio do quarto, com grande pavor das pessoas presentes. Uma das gavetas recomeçou a deslizar nas corrediças, abrindo-se e fechando-se por duas vezes, de início muito vivamente e, depois, de forma cada vez mais lenta; quando estava completamente aberta, acontecia ser sacudida com estrondo. Deixado sobre a mesa, um pacote de fumo mudava de lugar a todo instante. As pancadas e arranhaduras eram ouvidas na mesa. Philippine, que então gozava de excelente saúde, achava-se no meio das pessoas reunidas e de forma alguma parecia inquieta com todas essas estranhezas, que se repetiam todas as noites, desde sexta-feira; domingo, porém, foram ainda mais notáveis.

Por várias vezes a gaveta foi puxada e empurrada com violência. Depois de haver estado em seu antigo dormitório, Philippine voltou subitamente, foi tomada de sono magnético e deixou-se cair numa cadeira, onde por várias vezes foram ouvidas as arranhaduras. Suas mãos apoiavam-se sobre os joelhos e a cadeira ora se movia para a direita, ora para a esquerda, ou para frente e para trás. Viam-se os pés dianteiros da cadeira se erguerem, enquanto a cadeira balançava num equilíbrio impressionante sobre os pés traseiros. Tendo sido levada para o meio do quarto, tornou-se mais fácil observar esse novo fenômeno. Então, a uma palavra de ordem, a cadeira girava, avançava ou recuava mais ou menos depressa, ora num sentido, ora noutro. Durante essa dança singular

os pés da criança arrastavam-se no chão, como se estivessem paralisados; através de gemidos e levando a mão à fronte diversas vezes, dava a entender que estava com dor de cabeça. Depois, despertando de repente, pôs-se a olhar para todos os lados, sem compreender a situação: seu mal-estar a havia deixado. Ela se deitou; então as pancadas e arranhaduras, antes produzidas na mesa, fizeram-se ouvir no leito, com força e de maneira divertida.

Pouco antes, tendo uma campainha produzido sons espontâneos, tiveram a idéia de prendê-la à cama: logo se pôs a tocar e a balançar. O que houve de mais curioso nessa circunstância foi o fato de a campainha permanecer imobilizada e em silêncio, quando a cama era levantada e deslocada. Por volta da meia-noite todo o ruído cessou e a assistência dispersou-se.

Na segunda-feira à noite, 15 de maio, prenderam ao leito uma grande campainha; imediatamente fez-se ouvir um barulho desagradável e ensurdecedor. No mesmo dia, ao meio-dia, as janelas e a porta do quarto de dormir foram abertas, mas de maneira silenciosa.

Devemos dizer, também, que a cadeira em que se sentava Philippine, na sexta-feira e no sábado, levada pelo Sr. Senger para o meio do quarto pareceu-lhe muito mais leve que de costume: dir-se-ia que força invisível a sustentava. Querendo empurrá-la, um dos assistentes não encontrou a menor resistência: a cadeira parecia deslizar por si mesma no assoalho.

O Espírito batedor ficou em silêncio durante três dias: quinta-feira, sexta-feira e sábado da Semana Santa. Somente no Domingo de Páscoa os golpes recomeçaram, imitando o som de sinos; eram ritmados e compunham uma ária. No dia 1º de abril, mudando de guarnição e puxadas por uma banda de música, as tropas deixaram a cidade. Ao passarem diante da casa dos Senger, o Espírito batedor executou, no leito, à sua maneira, o mesmo trecho que era

tocado na rua. Algum tempo antes, haviam escutado no quarto como que os passos de alguém, e como se tivessem jogado areia no assoalho.

Preocupado com os fatos que acabamos de relatar, o governo do Palatinado propôs ao Sr. Senger internar a filha numa casa de saúde, em Frankenthal, proposta aceita. Sabemos que em sua nova residência a presença de Philippine deu origem aos mesmos prodígios de Bergzabern, e que os médicos daquela cidade, tanto quanto os nossos, não lhes puderam determinar a causa. Além disso, estamos informados de que somente os médicos têm acesso à mocinha. Por que tomaram essa medida? Nós o ignoramos, e não nos permitimos censurá-la; porém, se o que lhe deu causa não foi o resultado de alguma circunstância particular, pensamos que deveriam deixar entrar, perto da interessante criança, se não todo o mundo, pelo menos as pessoas recomendáveis.”

Observação – Só tomamos conhecimento dos diferentes fatos aqui expostos pelo relatório que deles o Sr. Blanck publicou; entretanto, uma circunstância acaba de nos pôr em contato com uma das pessoas que mais se distinguiram nesse caso e que, a respeito, houve por bem fornecer-nos documentos circunstanciados do mais alto interesse. Através de evocação, obtivemos igualmente explicações bastante curiosas e muito instrutivas desse Espírito batedor, dadas por ele mesmo. Como esses documentos nos chegaram muito tarde, adiaremos sua publicação para o próximo número.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

O TAMBOR DE BERESINA

Tendo-se reunido em nossa casa algumas pessoas, com vistas a constatar certas manifestações, produziram-se os fatos que se seguem, no curso de várias sessões, originando a conversa que

vamos relatar, e que apresenta um grande interesse do ponto de vista do estudo.

Manifestou-se o Espírito por pancadas, que não eram dadas com o pé da mesa, mas na própria intimidade da madeira. A troca de idéias que então ocorreu, entre os presentes e o ser invisível, não permitia duvidar da intervenção de uma inteligência oculta. Além das respostas a várias perguntas, seja por *sim*, seja por *não*, seja ainda por meio da tiptologia alfabética, os golpes batiam à vontade uma marcha qualquer, o ritmo de uma ária, imitavam a fuzilaria e o canhonheio de uma batalha, o barulho do tanoeiro e do sapateiro; faziam eco com admirável precisão, etc. Depois ocorreu o movimento de uma mesa e sua translação *sem qualquer contato das mãos*, uma vez que os assistentes se mantinham afastados; colocada sobre a mesa, em vez de girar uma saladeira pôs-se a deslizar em linha reta, igualmente sem contato com as mãos. Os golpes eram ouvidos do mesmo modo, nos diversos móveis do quarto, algumas vezes simultaneamente; outras, como se estivessem respondendo.

O Espírito parecia ter uma marcante predileção pelo toque de tambor, pois que os repetia a cada instante sem que se lhe pedisse. Muitas vezes, em lugar de responder a certas perguntas, batia a generala ou tocava o reunir. Interrogado sobre várias particularidades de sua vida, disse chamar-se Célina, ter nascido em Paris, falecido aos quarenta e cinco anos e sido tocador de tambor.

Entre os assistentes, além do médium especial de efeitos físicos que produzia as manifestações, havia um excelente médium psicógrafo que serviu de intérprete ao Espírito, o que nos permitiu obter respostas mais explícitas. Tendo confirmado, pela escrita, o que havia dito pela tiptologia a propósito de seu nome, lugar de nascimento e época da morte, foi-lhe dirigida a série de perguntas que se segue, cujas respostas oferecem vários traços característicos que corroboram certas partes essenciais da teoria.

1. Escreve qualquer coisa, o que quiseres.

Resp. – Ran plan plan, ran, plan, plan.

2. Por que escreveste isso?

Resp. – Eu era tocador de tambor.

3. Havias recebido alguma instrução?

Resp. – Sim.

4. Onde fizeste teus estudos?

Resp. – Nos *Ignorantins* ⁴⁴

5. Pareces jovial.

Resp. – Eu o sou bastante.

6. Uma vez nos disseste que, em vida, gostavas muito de beber; é verdade?

Resp. – Eu gostava de tudo o que era bom.

7. Eras militar?

Resp. – Claro que sim, pois que era tocador de tambor.

8. Sob que governo serviste?

Resp. – Sob Napoleão, o Grande.

9. Podes citar-nos uma das batalhas em que tomaste parte?

Resp. – A de Beresina.

10. Foi lá que morreste?

Resp. – Não.

11. Estavas em Moscou?

Resp. – Não.

44 N. do T.: Grifo nosso.

12. Onde morreste?

Resp. – Na neve.

13. Em que corpo servias?

Resp. – Nos fuzileiros da guarda.

14. Gostavas muito de Napoleão, o Grande?

Resp. – Como todos nós o amávamos, e sem saber o porquê!

15. Sabes em que se tornou Napoleão depois de sua morte?

Resp. – Depois de minha morte só me ocupei de mim mesmo.

16. Estás reencarnado?

Resp. – Não, pois que venho conversar convosco.

17. Por que te manifestas por pancadas, sem que tenhas sido chamado?

Resp. – É preciso fazer barulho para aqueles cujo coração nada crê. Se não tendes o bastante, dar-vos-ei ainda mais.

18. É de tua própria vontade que vieste bater, ou um outro Espírito obrigou-te a fazê-lo?

Resp. – Venho por minha vontade; há um outro, a quem chamais *Verdade*, que pode forçar-me a isto também. Mas há muito tempo que eu queria vir.

19. Com que objetivo querias vir?

Resp. – Para conversar convosco; era o que queria; havia, porém, alguma coisa que mo impedia. Fui forçado por um Espírito familiar da casa, que me exortou a tornar-me útil às pessoas que me fizessem perguntas. – Esse Espírito, então, tem muito poder, visto comandar outros Espíritos? *Resp.* – Mais do que imaginais, e não o emprega senão para o bem.

Observação – O Espírito familiar da casa deu-se a conhecer sob o nome alegórico de *Verdade*, circunstância ignorada do médium.

20. O que te impedia de vir?

Resp. – Não sei; alguma coisa que não compreendo.

21. Lamentas a vida?

Resp. – Não; nada lamento.

22. Qual a existência que preferes: a atual ou a terrestre?

Resp. – Prefiro a existência do Espírito à do corpo.

23. Por quê?

Resp. – Porque estamos bem melhor do que na Terra. A Terra é um purgatório; durante todo o tempo em que nela vivi, sempre desejei a morte.

24. Sofres em tua nova situação?

Resp. – Não; mas ainda não sou feliz.

25. Ficarias satisfeito se tivesses uma nova existência corporal?

Resp. – Sim, porque sei que devo elevar-me.

26. Quem te disse isso?

Resp. – Eu o sei bem.

27. Reencarnarás logo?

Resp. – Não sei.

28. Vês outros Espíritos à tua volta?

Resp. – Sim; muitos.

29. Como sabes que são Espíritos?

Resp. – Entre nós, vemo-nos tais quais somos.

30. Sob qual aparência os vês?

Resp. – Como se podem ver os Espíritos; mas não pelos olhos.

31. E tu, sob que forma estás aqui?

Resp. – Sob a que tinha quando vivo, isto é, como tocador de tambor.

32. E os outros Espíritos? Tu os vê sob a forma que possuíam quando estavam encarnados?

Resp. – Não; só tomamos uma aparência quando somos evocados, de outro modo nos vemos sem forma.

33. Tu nos vês tão claramente como se estivesses vivo?

Resp. – Sim, perfeitamente.

34. É através dos olhos que nos vês?

Resp. – Não; temos uma forma, mas não temos sentidos; nossa forma é apenas aparente.

Observação – Seguramente os Espíritos têm sensações, já que percebem; se assim não fora, seriam inertes; contudo, suas sensações não são localizadas, como quando têm um corpo, mas inerentes a todo o ser.

35. Dize-nos positivamente em que lugar estás aqui.

Resp. – Perto da mesa, entre vós e o médium.

36. Quando bates, estás sob a mesa, em cima dela ou na intimidade da madeira?

Resp. – Estou ao lado; não me meto na madeira: basta-me tocar a mesa.

37. Como produzes os ruídos que fazes ouvir?

Resp. – Creio que é por intermédio de uma espécie de concentração de nossa força.

38. Poderias explicar-nos a maneira pela qual são produzidos os diferentes ruídos que imitas, as arranhaduras, por exemplo?

Resp. – Eu não saberia precisar muito a natureza dos ruídos; é difícil de explicar. Sei que arranho, mas não posso explicar como produzo esse ruído que chamais de arranhadura.

39. Poderias produzir os mesmos ruídos com qualquer outro médium?

Resp. – Não; há especialidade em todos os médiuns; nem todos podem agir da mesma forma.

40. Vês entre nós, além do jovem S... (o médium de efeitos físicos pelo qual o Espírito se manifesta), alguém que poderia te ajudar a produzir os mesmos efeitos?

Resp. – No momento não vejo ninguém; com ele eu estaria muito disposto a fazê-lo.

41. Por que com ele e não com outro?

Resp. – Porque o conheço mais; depois, porque está mais apto do que qualquer outro a esse gênero de manifestações.

42. Tu o conhecias há muito tempo? Antes de sua atual existência?

Resp. – Não; só o conheço há bem pouco tempo; de alguma sorte a ele fui atraído para que se tornasse meu instrumento.

43. Quando uma mesa se eleva no ar, sem ponto de apoio, quem a sustenta?

Resp. – Nossa vontade, que lhe ordenou obedecer e, também, o fluido que lhe transmitimos.

Observação – Essa resposta vem apoiar a teoria que nos foi dada sobre a causa das manifestações físicas e que relatamos nos números 5 e 6 desta Revista.

44. Poderias fazê-lo?

Resp. – Creio que sim; tentarei quando o médium vier (nesse momento ele estava ausente).

45. De que depende isso?

Resp. – Depende de mim, pois me sirvo do médium como de um instrumento.

46. Mas a qualidade do instrumento não conta para alguma coisa?

Resp. – Sim, auxilia-me muito; tanto é assim que eu disse não poder fazê-lo hoje com outros médiuns.

Observação – No curso da sessão tentou-se levantar a mesa, mas não se obteve êxito, talvez porque não tivesse havido bastante perseverança; houve esforços evidentes e movimentos de translação sem contato nem imposição das mãos. Entre as experiências feitas destacou-se a da abertura da mesa, que era elástica; porque oferecesse muita resistência, em face de um defeito de construção, foi posta de lado, enquanto o Espírito tomava uma outra e conseguia abri-la.

47. Por que, outro dia, os movimentos da mesa se detinham a cada vez que um de nós tomava de uma luz para olhar embaixo dela?

Resp. – Porque eu queria punir a vossa curiosidade.

48. De que te ocupas em tua existência de Espírito, considerando que não deves passar o tempo todo somente a bater?

Resp. – Muitas vezes tenho missões a cumprir; devemos obedecer a ordens superiores e, sobretudo, fazer o bem aos seres humanos que estão sob nossa influência.

49. Por certo tua vida terrestre não foi isenta de faltas; reconhece-as, agora?

Resp. – Sim; e por isso as expio, permanecendo estacionário entre os Espíritos inferiores; só poderei purificar-me bastante quando tomar um outro corpo.

50. Quando aplicavas os golpes na mesa e, ao mesmo tempo, em outro móvel, eras tu quem os produzia, ou era um outro Espírito?

Resp. – Era eu mesmo.

51. Estavas só, portanto?

Resp. – Não, mas realizava sozinho o trabalho de bater.

52. Os demais Espíritos que lá se encontravam não te auxiliavam em alguma coisa?

Resp. – Não para bater, mas para falar.

53. Então não eram Espíritos batedores?

Resp. – Não; a Verdade somente a mim havia permitido bater.

54. Algumas vezes os Espíritos batedores não se reuniam em maior número, com o fim de haver mais força na produção de certos fenômenos?

Resp. – Sim, mas para aqueles que eu podia fazer, a mim só bastava.

55. Estás sempre na Terra, em tua existência espiritual?

Resp. – Mais freqüentemente no espaço.

56. Vais algumas vezes a outros mundos, isto é, a outros globos?

R. Não aos mais perfeitos, mas aos mundos inferiores.

57. Por vezes te divertes em ver e ouvir o que fazem os homens?

Resp. – Não; entretanto, algumas vezes tenho piedade deles.

58. De preferência, quais aqueles que procuras?

Resp. – Os que querem crer de boa-fé.

59. Poderias ler os nossos pensamentos?

Resp. – Não; não leio nas almas; não sou bastante perfeito para isso.

60. Todavia, deves conhecer nossos pensamentos, já que vens entre nós; de outra forma, como poderias saber se cremos de boa-fé?

Resp. – Não leio, mas compreendo.

Observação – A pergunta 58 tinha por objetivo saber a quem, espontaneamente, dirigia sua preferência na vida de Espírito, sem ser evocado; através da evocação, como Espírito de uma ordem pouco elevada, poderia ser constrangido a vir a um meio que lhe desagradasse. Por outro lado, sem ler propriamente os nossos pensamentos, por certo poderia ver que as pessoas ali reunidas não o faziam senão com um objetivo sério e, pela natureza das perguntas e da conversa que *omnisse*, seria capaz de julgar se a assembléia era composta de pessoas sinceramente desejosas de se esclarecerem.

61. Encontraste alguns dos teus antigos companheiros do Exército no mundo dos Espíritos?

Resp. – Sim, mas suas posições eram tão diferentes que não os reconheci a todos.

62. Em que consistia essa diferença?

Resp. – Na situação feliz ou infeliz de cada um.

63. Como entendias essa subida para Deus?

Resp. – Cada degrau transposto é um degrau a mais até Ele.

64. Disseste que morreste na neve; foi em consequência do frio?

Resp. – De frio e de necessidade.

65. Tiveste consciência imediata de tua nova existência?

Resp. – Não, mas já não sentia mais frio.

66. Alguma vez retornaste ao local onde deixaste teu corpo?

Resp. – Não, ele me fez sofrer bastante.

67. Nós te agradecemos as explicações que tiveste a bondade de dar-nos. Elas nos forneceram material de observação muito útil para o nosso aperfeiçoamento na ciência espírita.

Resp. – Estou inteiramente às vossas ordens.

Observação – Pouco avançado na hierarquia espírita, como se vê, o próprio Espírito reconhecia a sua inferioridade. Seus conhecimentos são limitados; mas tem bom senso, sentimentos louváveis e benevolência. Como Espírito, sua missão carecia de significado, visto que desempenhava o papel de Espírito baterador *para chamar os incrédulos à fé*; contudo, mesmo no teatro, a humilde indumentária de comparsa não pode envolver um coração honesto? Suas respostas têm a simplicidade da ignorância; entretanto, pelo fato de não possuírem a elevação da linguagem filosófica dos Espíritos superiores, nem por isso deixam de ser menos instrutivas, sobretudo para o estudo dos costumes espíritas, se assim nos podemos exprimir. É somente estudando todas as classes desse mundo que nos aguarda que podemos chegar a conhecê-lo e nele marcar, de algum modo, por antecipação, o lugar que a cada um de nós será dado ocupar. Vendo a situação que, por seus vícios e virtudes, criaram os homens, nossos iguais aqui na Terra, sentimos-nos encorajados para nos elevar o mais rapidamente possível desde esta vida: é o exemplo ao lado da teoria. Para conhecermos bem alguma coisa, e dela fazermos uma idéia isenta de ilusões, é preciso

dissecá-la em todos os seus aspectos, assim como o botânico não pode conhecer o reino vegetal a não ser observando desde o mais humilde criptógamo, que o musgo oculta, até o carvalho altaneiro, que se eleva nos ares.

Espíritos Impostores

O FALSO PADRE AMBRÓSIO

Um dos escolhos que apresentam as comunicações espíritas é o dos Espíritos impostores, que podem induzir em erro quanto à sua identidade e que, escudados em um nome respeitável, tentam passar os mais grosseiros absurdos. Em diversas ocasiões já nos pronunciamos sobre este perigo, que deixa de existir para quem quer que investigue, simultânea e rigorosamente, a forma e o fundo da linguagem dos seres invisíveis com os quais nos comunicamos. Não vamos repetir aqui o que a respeito já dissemos; lede o assunto com atenção, nesta Revista, em *O Livro dos Espíritos* e em nossa *Instrução Prática*, e vereis que nada é mais fácil do que se premunir contra semelhantes fraudes, por menor que seja nossa boa vontade. Reproduziremos somente a comparação que se segue, que citamos em outra parte: “Suponde que, num quarto vizinho ao em que estais, há várias pessoas que não conheceis, nem podeis ver, mas que ouvís perfeitamente; por sua conversação não seria fácil reconhecer se são ignorantes ou sábios, gente honesta ou malfeitores, homens sérios ou estouvados, enfim, pessoas educadas ou grosseiras?

Tomemos outra comparação, sem sair de nossa humanidade material: suponhamos que um homem se vos apresente sob o nome de um distinto literato; diante de tal nome o recebeis, de início, com toda a consideração devida ao seu suposto mérito; mas se ele se exprimir como um mariola, reconheceréis logo o engano e o expulsareis, como se faz a um impostor.

O mesmo acontece com os Espíritos: são reconhecidos por sua linguagem; a dos Espíritos superiores é sempre digna e em harmonia com a sublimidade de seus pensamentos; jamais uma trivialidade lhes macula a pureza. A grosseria e a baixeza das expressões não pertencem senão aos Espíritos inferiores. Todas as qualidades e todas as imperfeições dos Espíritos revelam-se por sua linguagem e se pode, com razão, aplicar-lhes o adágio de um célebre escritor: *O estilo é o homem*.

Essas reflexões nos são sugeridas por um artigo que encontramos no *Spiritualiste de la Nouvelle-Orléans*, do mês de dezembro de 1857. É uma conversa que se estabeleceu entre dois Espíritos, através da mediunidade, em que um dizia-se o Padre Ambrósio e o outro se fazia passar por Clemente XIV. O padre Ambrósio era um respeitável sacerdote, morto na Luisiana no século passado; era um homem de bem e altamente inteligente, havendo deixado uma memória venerada.

Nesse diálogo, onde o ridículo disputa com o ignóbil, é impossível que nos equivoquemos quanto à qualidade dos interlocutores, e é preciso convir que aqueles Espíritos tomaram bem poucas precauções para se disfarçarem. Que homem de bom-senso, ainda que por um instante, poderia supor que o Padre Ambrósio e Clemente XIV tivessem podido descer a tamanhas trivialidades, que mais parece uma exibição circense? Comediantes da mais baixa categoria, que parodiassem essas duas personagens, não se teriam exprimido de modo diferente.

Estamos persuadidos de que o círculo de Nova Orléans, onde se deu o fato, compreendeu como nós; duvidar disso seria cometer injúria. Lamentamos somente que, ao publicá-lo, não o tenham feito seguir de algumas observações corretivas, que teriam impedido as pessoas superficiais de o tomarem por amostra do estilo sério de além-túmulo. Apressamo-nos, no entanto, a dizer que o círculo não tem somente comunicações desse gênero: outras há, de

caráter muito diverso, onde se encontra toda a sublimidade do pensamento e da expressão dos Espíritos superiores.

Pensamos que a evocação do verdadeiro e do falso Padre Ambrósio poderia oferecer material útil de observação sobre os Espíritos impostores; foi o que fizemos, como se pode julgar pela entrevista seguinte:

1. Rogo a Deus Todo-Poderoso permitir ao Espírito do verdadeiro Padre Ambrósio, falecido na Luisiana, no século passado, e que deixou uma memória venerada, que se comunique conosco.

Resp. – Aqui estou.

2. Poderíeis dizer-nos se realmente fostes vós que tivestes, com Clemente XIV, a conversa referida no *Spiritualiste de la Nouvelle-Orléans*, cuja leitura fizemos em nossa sessão passada?

Resp. – Lamento os homens que foram enganados pelos Espíritos, tanto quanto lamento estes.

3. Qual foi o Espírito que tomou vosso nome?

Resp. – Um charlatão.

4. E o interlocutor era realmente Clemente XIV?

Resp. – Era um Espírito simpático àquele, que havia tomado meu nome.

5. Como pudestes permitir semelhante coisa em vosso nome, e por que não desmascarastes os impostores?

Resp. – Porque nem sempre posso impedir os homens e os Espíritos de se divertirem.

6. Concebemos isso quanto aos Espíritos; entretanto, eram sérias as pessoas que recolheram aquelas palavras, e de modo algum buscavam divertir-se.

Resp. – Uma razão de sobra: por isso mesmo deviam pensar que tais palavras mais não seriam que a linguagem de Espíritos zombeteiros.

7. Por que não ensinam os Espíritos, em Nova Orleães, princípios idênticos aos que são ensinados aqui?

Resp. – A Doutrina que vos é ditada logo lhes servirá; não haverá senão uma.

8. Considerando-se que essa Doutrina deve ser ali ensinada mais tarde, parece-nos que, se o fosse imediatamente, aceleraria o progresso e evitaria que a incerteza prejudicial tomasse conta de algumas pessoas.

Resp. – Os desígnios de Deus são freqüentemente impenetráveis; porventura não haverá outras coisas que vos parecem incompreensíveis nos meios que Ele emprega para alcançar seus fins? *É preciso que o homem se habitue a distinguir o verdadeiro do falso, embora nem todos possam subitamente receber a luz sem se ofuscarem.*

9. Poderíeis, eu vos peço, dar-nos a vossa opinião pessoal sobre a reencarnação?

Resp. – Os Espíritos são criados ignorantes e imperfeitos; uma só encarnação não lhes bastaria para tudo aprenderem; é necessário que reencarnem, a fim de aproveitarem a felicidade que Deus lhes reserva.

10. A reencarnação pode ocorrer na Terra, ou somente em outros globos?

Resp. – A reencarnação se dá conforme o progresso do Espírito, em mundos mais ou menos perfeitos.

11. Isso não esclarece se a reencarnação pode ocorrer na Terra.

Resp. – Sim, pode ocorrer; e se o Espírito a solicitasse como missão, isso seria mais meritório para ele e o

faria avançar mais, do que se pedisse para renascer em mundos mais perfeitos.

12. Rogamos a Deus Todo-Poderoso permitir ao Espírito que tomou o nome do Padre Ambrósio, que se comunique conosco.

Resp. – Eis-me aqui; mas não queirais me confundir.

13. És verdadeiramente o Padre Ambrósio? Em nome de Deus, intimo-te a dizer a verdade.

Resp. – Não.

14. Que pensas do que disseste em seu nome?

Resp. – Penso como pensavam os que me ouviam.

15. Por que te serviste de um nome respeitável para dizer semelhantes tolices?

Resp. – Aos nossos olhos, os nomes nada valem: as obras são tudo; *como podiam ver o que eu era pelo que dizia*, não liguei maior importância ao empréstimo desse nome.

16. Por que não sustentas a tua impostura em nossa presença?

Resp. – Porque minha linguagem é uma pedra de toque com a qual não vos podeis enganar.

Observação – Disseram-nos muitas vezes que a impostura de certos Espíritos é uma prova à nossa capacidade de julgar; é uma espécie de *tentação* permitida por Deus a fim de que, como disse o Padre Ambrósio, o homem possa habituar-se a distinguir o verdadeiro do falso.

17. Que pensas de teu camarada Clemente XIV?

Resp. – Não vale mais do que eu; ambos necessitamos de indulgência.

18. Em nome de Deus Todo-Poderoso, rogo-te que venhas.

Resp. – Estou aqui desde que o falso Padre Ambrósio chegou entre vós.

19. Por que abusaste da credulidade de pessoas respeitáveis, para dar uma falsa idéia da Doutrina Espírita?

Resp. – Por que nos inclinamos ao erro? É porque não somos perfeitos.

20. Não pensastes, ambos, que um dia vosso embuste seria descoberto, e que os verdadeiros Padre Ambrósio e Clemente XIV não se exprimiriam como o fizestes?

Resp. – Os embustes já eram conhecidos e castigados por Aquele que nos criou.

21. Pertenceis à mesma classe dos Espíritos a que chamamos batedores?

Resp. – Não, porque ainda é preciso raciocínio para fazer o que fizemos em Nova Orléans.

22. (Ao verdadeiro Padre Ambrósio). Esses Espíritos impostores vos estão vendo aqui?

Resp. – Sim, e sofrem com o meu olhar.

23. São errantes ou reencarnados esses Espíritos?

Resp. – Errantes; não seriam suficientemente perfeitos para se desprenderem, caso estivessem encarnados.

24. E vós, Padre Ambrósio, em que situação vos encontrais?

Resp. – Encarnado num mundo feliz e desconhecido de vós.

25. Nós vos agradecemos pelos esclarecimentos que tivestes a bondade de dar-nos; sêeis por demais benévolo para

virtudes outra vez entre nós, dizer-nos palavras de bondade e ditar-nos uma mensagem, capaz de mostrar a diferença entre o vosso e o estilo daquele que vos usurpou o nome?

Resp. – Estou com aqueles que querem o bem na verdade.

Uma Lição de Caligrafia por um Espírito

Em geral os Espíritos não são mestres em caligrafia, pois ordinariamente a escrita do médium não se notabiliza pela elegância. O Sr. D..., um de nossos médiuns, apresentou a respeito um fenômeno excepcional, isto é, escreveu muito melhor sob a influência dos Espíritos do que sob a sua própria inspiração. Sua escrita normal é péssima (da qual não se envaidece, dizendo que é a dos grandes homens); toma um caráter especial, muito distinto, conforme o Espírito que se comunica, e é sempre a mesma com o mesmo Espírito, porém mais nítida, mais legível e mais correta; com alguns, é uma espécie de escrita inglesa, traçada com certa ousadia. Um dos membros da Sociedade, o Dr. V..., teve a idéia de evocar um distinto calígrafo, tendo como motivo de observação o estudo da caligrafia. Conhecia um, chamado Bertrand, falecido há cerca de dois anos, com o qual tivemos, numa outra sessão, a conversa que se segue:

1. À formula de evocação, respondeu: Eis-me aqui.

2. Onde estáveis quando vos evocamos?

Resp. – Já me encontrava perto de vós.

3. Sabeis qual o principal objetivo que nos levou a solicitar que viésseis?

Resp. – Não; mas desejo sabê-lo.

Observação – O Espírito do Sr. Bertrand ainda se acha sob a influência da matéria, como era de supor, tendo em vista a

sua vida terrena; sabe-se que tais Espíritos são menos aptos a ler o pensamento do que aqueles que estão mais desmaterializados.

4. Gostaríamos que fizésseis reproduzir pelo médium uma escrita caligráfica que possuísse as características da que tínheis em vida. Vós o podeis?

Resp. – Eu o posso.

Observação – A partir desse momento o médium, que não procede de acordo com as regras ensinadas pelos professores de caligrafia, tomou, sem que percebesse, uma postura correta, tanto em relação ao corpo quanto à mão. Todo o resto da conversa foi escrito como o fragmento cujo fac-símile reproduzimos. Como termo de comparação, damos acima a escrita normal do médium⁴⁵.

5. Lembrai-vos das circunstâncias de vossa vida terrestre?

Resp. – De algumas.

6. Poderíeis dizer-nos em que ano morrestes?

Resp. – Em 1856.

7. Com que idade?

Resp. – Aos 56 anos.

8. Em que cidade habitáveis?

Resp. – Saint-Germain.

9. Qual era vosso gênero de vida?

Resp. – Esforçava-me para contentar meu corpo.

10. Vós vos ocupáveis um pouco das coisas do outro mundo?

45 **N. do T.:** Vide reprodução fotográfica na folha seguinte (página 307). Nas reimpressões posteriores da *Revista Espírita* de 1858, este fac-símile deixou de ser publicado.

Resp. – Não muito.

11. Lamentais não pertencer a este mundo?

Resp. – Lamento não haver empregado bem a minha existência.

12. Sois mais feliz do que na Terra?

Resp. – Não; sofro pelo bem que não fiz.

13. Que pensais do futuro que vos está reservado?

Resp. – Penso que tenho necessidade de toda a misericórdia de Deus.

14. Quais são as vossas relações no mundo em que estais?

Resp. – Relações lamentáveis e infelizes.

15. Quando retornais à Terra, há lugares que freqüentais de preferência?

Resp. – Procuo as almas que se compadecem de minhas penas, ou que oram por mim.

16. Vedes as coisas da Terra tão claramente como quando vivíeis entre nós?

Resp. – Procuo não as ver; se as buscasse, seria mais uma causa de desgostos.

17. Diz-se que, quando vivo, éreis muito pouco tolerante. É verdade?

Resp. – Eu era muito violento.

18. Que pensais do objetivo de nossas reuniões?

Resp. – Gostaria muito de havê-las conhecido quando encarnado; ter-me-iam tornado melhor.

19. Vedes aí outros Espíritos além de vós?

FACSIMILE D'ÉCRITURES

Écriture normale du médium.

Que cette Doctrine de salut ait été
ou non révélée, peu importe ! Chacun
pourra croire à cet égard ce
qu'il vaudra.

ÉCRITURE DE L'ESPRIT DE M^r BERTRAND
par le même médium.

N^o Les N^{os} correspondent aux questions proposées (Voyez page 196.)

- 4 Je le suis
- 5 Quelquesunes
- 6 Je suis morte en 1856
- 7 56 ans
- 8 St Germain
- 9 Je sache pas de contenir
mon corps



Resp. – Sim, mas me sinto bastante confuso diante deles.

20. Rogamos a Deus que vos guarde em sua santa misericórdia. Os sentimentos que acabais de exprimir farão com que encontreis graças diante d’Ele, e não duvidamos que vos auxiliem o progresso.

Resp. – Eu vos agradeço; Deus vos proteja! Bendito seja por isso! Minha vez chegará também, assim o espero.

Observação – Os ensinamentos fornecidos pelo Espírito do Sr. Bertrand são absolutamente exatos e de acordo com o gênero de vida e o caráter que lhe conheciam; apenas, ao confessar a sua inferioridade e os seus erros, a linguagem é mais séria e mais elevada do que dele se poderia esperar. Ele nos prova, uma vez mais, a penosa situação daqueles que na Terra se ligaram excessivamente à matéria. É assim que os próprios Espíritos inferiores, através do exemplo, nos dão muitas vezes preciosas lições de moral.

Correspondência

Bruxelas, 15 de junho de 1858.

Meu caro Senhor Kardec:

Recebo e leio com avidez vossa *Revista Espírita* e recomendo aos meus amigos não a sua simples leitura, mas o estudo aprofundado do vosso *O Livro dos Espíritos*. Lamento bastante que minhas preocupações físicas não me deixem tempo para os estudos metafísicos, embora os tenha levado bastante longe para presentir quanto estais perto da verdade absoluta, sobretudo quando vejo a coincidência perfeita que existe entre as respostas que me foram dadas e as vossas. Mesmo aqueles que vos atribuem pessoalmente

a autoria de vossos escritos estão estupefatos pela profundidade e pela lógica que encerram. Repentinamente e de um salto, vós vos elevastes até ao nível de Sócrates e Platão, pela moral e pela filosofia estética; quanto a mim, conhecedor do fenómeno e da vossa lealdade, não duvido da exatidão das explicações que vos são dadas e abjuro todas as idéias que a esse respeito publiquei, enquanto nelas não pensava ver, juntamente com o Sr. Babinet, mais que fenómenos físicos ou charlatanice indigna da atenção dos sábios.

Como eu, não desanimeis diante da indiferença de vossos contemporâneos; o que está escrito, está escrito; o que está semeado germinará. A idéia de que a vida é uma *afinação* das almas, uma prova e uma expiação, é grande, consoladora, progressiva e natural. Os que a ela aderem são felizes em todas as posições; em vez de se queixarem dos sofrimentos físicos e morais que os oprimem, devem regozijar-se ou, pelo menos, suportá-los com resignação cristã.

Por ser feliz, foge ao prazer:
É do filósofo a divisa;
O esforço feito para o obter
Custa bem mais do que ajuíza
Mas ele vem cedo ou mais tarde,
De forma súbita e imprecisa;
Do acaso é jogo sem alarde
Que dez mil vezes valer visa.

Espero passar brevemente em Paris, onde tenho muitos amigos a ver e bastantes coisas a fazer; deixarei tudo de lado, porém, na expectativa de vos poder levar um aperto de mão.

Jobard,

Diretor do Museu Real da Indústria.

Uma adesão tão clara e tão franca, da parte de um homem do valor do Sr. Jobard é, sem dúvida alguma, uma preciosa

conquista, que deve ser aplaudida por todos os partidários da Doutrina Espírita. Em nossa opinião, porém, apenas aderir é pouco; mais relevante é admitir abertamente que se haja cometido um equívoco, abjurar idéias anteriores, já publicadas, e isso sem qualquer pressão ou interesse, unicamente porque a verdade se tornou patente. Eis aí o que se pode chamar de verdadeira coragem de opinião, sobretudo quando se tem um nome conhecido. Agir assim é peculiar às pessoas de caráter, que sabem colocar-se acima dos preconceitos. Por certo, todos os homens são passíveis de cometer enganos; entretanto, há grandeza em reconhecer os próprios erros, ao passo que há mesquinhez em sustentar uma opinião que se sabe falsa, unicamente para exibir um prestígio de infalibilidade junto às pessoas comuns. Tal prestígio não poderia enganar a posteridade, que arranca impiedosamente todos os ouropéis do orgulho; somente ela constrói as reputações; apenas ela tem o direito de inscrever em seu templo: Este era verdadeiramente grande, pelo Espírito e pelo coração. Quantas vezes não terá escrito, também: Este grande homem foi bem mesquinho!

Os elogios contidos na carta do Sr. Jobard nos teriam impedido de publicá-la se tivessem sido dirigidos a nós, pessoalmente; entretanto, desde que em nosso trabalho reconhece a obra dos Espíritos, dos quais não temos sido senão meros intérpretes, todo o mérito lhes pertencendo, nossa modéstia em nada sofreria com uma comparação que só prova uma coisa: que esse livro foi ditado por Espíritos de uma ordem superior.

Respondendo ao Sr. Jobard, nós lhe havíamos indagado se permitiria que publicássemos sua carta; ao mesmo tempo, por delegação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, tínhamos recebido o encargo de oferecer-lhe o título de membro honorário e correspondente da referida Sociedade. Eis a resposta que teve a gentileza de endereçar-nos, da qual nos sentimos muito felizes em poder reproduzir:

Bruxelas, 22 de junho de 1858.

Meu caro colega,

Com perífrases espirituosas, perguntais se eu ousaria confessar publicamente minha crença nos Espíritos e no perispírito, em vos autorizar a publicação de minhas cartas e em aceitar o título de correspondente da Academia de Espiritismo que fundastes, o que significaria, como se costuma dizer, ter coragem de sustentar a própria opinião.

Confesso que me sinto um pouco humilhado, ao ver que empregais as mesmas fórmulas e o mesmo discurso comumente dirigidos às pessoas simplórias, quando devíeis saber que toda a minha vida foi consagrada à sustentação da verdade e ao testemunho em seu favor, sempre que a encontrava, tanto na Física, quanto na Metafísica. Sei perfeitamente que o papel do adepto das idéias novas nem sempre está livre de inconvenientes, até mesmo neste século de luzes, e que podemos ser ridicularizados se dissermos que a luz se fará em pleno dia; no mínimo, seremos tachados de loucos; porém, como a Terra gira e o Sol haverá de brilhar para todos, faz-se necessário que os incrédulos se dobrem à evidência. É natural também que a existência dos Espíritos seja negada por aqueles que só acreditam no que vêem, do mesmo modo que a luz não existe para quantos se achem privados de seus raios. Podemos entrar em comunicação com eles? Eis aí toda a questão. Vede e observai.

O tolo nega sempre o que ele não entende;
Mesmo o maravilhoso é-lhe pobre vergel;
Ele não sabe nada, e nada quer ou aprende;
– Do incrédulo esse é, pois, um retrato fiel.

Disse a mim mesmo: Evidentemente o homem é duplo, visto que a morte o desdobra; quando uma metade permanece aqui, a outra vai para algum lugar, conservando a sua individualidade; o

Espiritismo, portanto, está perfeitamente de acordo com as Escrituras, com o dogma, com a própria religião, que crê na existência dos Espíritos; e tanto isso é verdade que ela exorciza os maus e evoca os bons: o *Vade retro* e o *Veni Creator* dão prova disso. A evocação, portanto, é uma coisa séria e não uma obra diabólica, ou uma charlatanice, como pensam alguns.

Sou curioso, não nego, mas quero ver. Jamais me ouviram falar: Trazei-me o fenômeno. Em vez de o esperar tranqüilamente em minha poltrona, o que não faria o menor sentido, saí correndo à sua procura. A propósito do magnetismo, desenvolvi o seguinte raciocínio, e isso há mais de 40 anos: É impossível que homens tão apreciáveis dêem-se ao trabalho de escrever milhares de volumes para me fazerem crer na existência de uma coisa que não existe. Tentei em vão, durante muito tempo, obter aquilo que procurava; como perseverasse, acabei por ser muito bem recompensado, visto ter conseguido reproduzir todos os fenômenos de que ouvira falar; detive-me, depois, durante 15 anos. Com o aparecimento das mesas falantes, quis saber exatamente como as coisas se passavam; hoje surge o Espiritismo e a minha atitude é a mesma. Quando aparecer alguma coisa nova, correrei atrás dela com o mesmo ardor com que me coloco à frente das descobertas modernas de todos os gêneros. É a curiosidade que me arrasta, e lamento que os selvagens não sejam curiosos: por isso mesmo continuam selvagens. A curiosidade é a mãe da instrução. Sei perfeitamente que essa ânsia de aprender tem me prejudicado bastante, e que se me tivesse mantido nessa respeitável mediocridade, que conduz às honras e à fortuna, teria aproveitado a melhor parte. Mas há muito tempo confessei a mim mesmo que me achava apenas de passagem nesta sórdida pousada, onde não vale a pena desfazer as malas. O que me faz suportar sem dor as injúrias, as injustiças, os roubos de que fui vítima privilegiada, foi a idéia de que aqui não existe nem felicidade, nem infelicidade com que possamos nos alegrar ou nos afligir. Trabalhei, trabalhei, trabalhei, o que me deu forças para fustigar os adversários mais

encarnçados e impor respeito aos demais, de sorte que agora sou mais feliz e mais tranqüilo do que as pessoas que me escamotearam uma herança de 20 milhões. Eu os lastimo, pois não lhes invejo a posição no mundo dos Espíritos. Se lamento essa fortuna não o é por mim – afinal de contas, não tenho apetite para digerir 20 milhões – mas pelo bem que deixei de fazer. Que alavanca poderosa, nas mãos de um homem que soubesse empregá-la utilmente! Quanto impulso poderia proporcionar à Ciência e ao progresso! Aqueles que têm fortuna ignoram, freqüentemente, as verdadeiras alegrias que se poderiam permitir. Sabeis o que falta à ciência espírita para propagar-se com rapidez? Um homem rico, que a ela consagrasse sua fortuna por puro devotamento, sem mescla de orgulho, nem de egoísmo, que fizesse as coisas em grande estilo, sem parcimônia, nem mesquinhez: tal homem faria a ciência avançar meio século. Por que me foram subtraídos os meios de o fazer? Esse homem será encontrado; algo mo diz; honra a ele, pois!

Vi uma pessoa viva ser evocada; teve uma síncope até que seu Espírito retornasse. Poderíeis evocar o meu, para ver o que vos direi? Evocai também o Dr. Mure, morto no Cairo no dia 4 de junho; era um grande spiritista e médico homeopata. Perguntai-lhe se ainda acredita em gnomos. Certamente está em Júpiter, pois era um grande Espírito, mesmo aqui na Terra, um verdadeiro profeta a ensinar e meu melhor amigo. Estará contente com o artigo necrológico que lhe dediquei?

Isso está indo muito longe, direis; mas nem tudo são rosas em terdes a mim como correspondente. Vou ler vosso último livro, que acabo de receber; à primeira vista, não duvido que ele faça muito bem, ao destruir uma porção de preconceitos, pois soubestes mostrar o lado sério da coisa. O caso Badet é muito interessante; falaremos dele depois.

Todo vosso,

Jobard

Seria supérfluo qualquer comentário sobre esta carta; cada um apreciará sua importância e saberá encontrar, sem dificuldade, essa profundidade e essa sagacidade que, aliadas aos mais nobres pensamentos, conquistaram, para o autor, tão honrosa posição entre os seus contemporâneos. Podemos nos gabar de ser *loucos*, à maneira por que entendem os adversários, quando temos tais companheiros de infortúnio.

A esta observação do Sr. Jobard: “Podemos entrar em comunicação com os Espíritos? Eis aí toda a questão. Vede e observai”, acrescentaremos: As comunicações com os seres do mundo invisível não são uma descoberta nem uma invenção moderna; têm sido praticadas desde a mais remota Antigüidade, por homens que foram mestres na filosofia, e cujos nomes invocamos diariamente, em respeito à sua autoridade. Por que razão aquilo que então se passava não mais poderia repetir-se hoje?

A carta seguinte foi-nos endereçada por um de nossos assinantes; visto conter uma parte instrutiva, que pode interessar à maioria dos leitores, e sendo uma prova a mais da influência moral da Doutrina Espírita, acreditamos dever publicá-la na íntegra, respondendo, para todos, às diversas perguntas que encerra.

Bordeaux, 24 de junho de 1858.

Senhor e caro confrade em Espiritismo,

Certamente permitireis a um de vossos assinantes, e a um de vossos leitores mais atentos, que vos dê esse título, porquanto essa doutrina admirável há de enlaçar, fraternalmente, todos os que a compreendem e praticam.

Em um dos vossos números anteriores, falastes de desenhos extraordinários, feitos pelo Sr. Victorien Sardou,

representando habitações no planeta Júpiter. A descrição que nos fizestes, como certamente a muitos outros, dá-nos vontade de os conhecer. Poderíeis dizer-nos se esse senhor tem intenção de os publicar? Não duvido que alcançarão grande sucesso, tendo em vista a extensão que a cada dia tomam as crenças espíritas. Seria o complemento necessário da descrição tão sedutora que deram os Espíritos, desse mundo feliz.

Dir-vos-ei, meu caro senhor, a respeito, que há cerca de dezoito meses evocamos, em nosso pequeno círculo íntimo, um antigo magistrado, parente nosso, morto em 1756, que em vida foi um modelo de todas as virtudes e um Espírito muito superior, embora não tendo alcançado lugar na História. Disse-nos que estava encarnado em Júpiter e deu-nos um ensinamento moral de admirável sabedoria, em tudo conforme ao que encerra o vosso tão precioso *O Livro dos Espíritos*. Tivemos, naturalmente, a curiosidade de pedir-lhe algumas informações sobre o estado do mundo que habita, o que fez com extrema complacência. Ora, julgai nossa surpresa e alegria quando lemos em vossa *Revista* uma descrição absolutamente idêntica daquele planeta, pelo menos em suas linhas gerais, uma vez que, como vós, não havíamos levado tão longe essas questões; tudo ali é conforme ao físico e à moral, até mesmo a condição dos animais. Mencionou, inclusive, as habitações aéreas, das quais não falais.

Como houvesse certos assuntos que tínhamos dificuldade de compreender, nosso parente aditou estas palavras notáveis: “Não é de admirar que não compreendais as coisas para as quais vossos sentidos não foram feitos; porém, à medida que avançardes em ciência, compreendê-las-eis melhor pelo pensamento, e elas deixarão de vos parecer extraordinárias. Não vem longe o tempo em que recebereis esclarecimentos mais completos sobre este ponto. Os Espíritos estão encarregados de vos instruir a respeito, a fim de vos dar um objetivo e vos estimular ao bem.” Lendo vossa descrição e o anúncio dos desenhos de que falais, pensamos, naturalmente, que esse tempo havia chegado.

Certamente, os incrédulos censurarão esse paraíso dos Espíritos, como tudo criticam, inclusive a imortalidade e, até mesmo, as coisas mais santas. Sei muito bem que nada prova materialmente a veracidade dessa descrição; entretanto, para todos os que crêem na existência e nas revelações dos Espíritos, essa coincidência não é um convite à reflexão? Fazemos uma idéia dos países que nunca vimos pela descrição dos viajantes, desde que haja coincidência entre eles. Por que não se daria o mesmo, em relação aos Espíritos? No estado sob o qual nos descrevem o planeta Júpiter, haverá qualquer coisa que repugne à razão? Não; tudo está conforme à idéia que nos dão das existências mais perfeitas; direi mais: conforme as Escrituras, que faço questão de um dia demonstrar. A mim, isso parece tão lógico e tão consolador, que seria penoso renunciar à esperança de habitar esse mundo afortunado, onde não há maus, nem invejosos, nem inimigos, nem egoístas, nem hipócritas. Eis por que me esforço para um dia merecer viver nesse lugar.

Em nosso pequeno círculo, quando algum de nós parece ter pensamentos muito materiais, nós lhe dizemos: “Cuidado, senão não ireis para Júpiter”; e somos felizes em pensar que esse futuro nos está reservado, quando não na próxima etapa, pelo menos em uma das seguintes. Obrigado, pois, a vós, meu caro irmão, por nos terdes aberto esse novo caminho da esperança.

Considerando-se que obtivestes revelações tão preciosas sobre aquele mundo, deveis tê-las igualmente logrado de outros que compõem nosso sistema planetário. É vossa intenção publicá-las? Isso daria um conjunto dos mais interessantes. Olhando os astros, deleitar-nos-íamos em pensar nos seres tão variados que os povoam; o espaço nos pareceria menos vazio. Como pode o homem, crente no poder e na sabedoria de Deus, imaginar que essa infinidade de globos seja formada de corpos inertes e sem vida? Que estejamos sozinhos neste pequeno grão de areia, chamado de Terra? Direi que é a impiedade que o faz assim. Semelhante idéia me entristece; se assim fosse, pensaria estar num deserto.

Inteiramente vosso, de coração.

Marius M.,

Funcionário aposentado.

O título que o nosso honrado assinante quis outorgar-nos é muito lisonjeiro, para que não lhe sejamos reconhecido de nolo haver julgado merecedor. De fato, o Espiritismo é o laço fraternal que deve conduzir à prática da verdadeira caridade cristã *todos os que o compreendem em sua essência*, porquanto tende a fazer desaparecer os sentimentos de ódio, de inveja e de ciúme que dividem os homens; mas não é essa a fraternidade de uma seita; para que se conforme aos divinos preceitos do Cristo, deve abraçar a Humanidade inteira, porquanto são filhos de Deus todos os homens; se alguns estão extraviados, ela ordena que os lamentemos; proíbe que os odieemos. Amai-vos uns aos outros, disse Jesus; nunca falou: Não ameis senão os que pensam como vós; eis por que, quando nossos adversários nos atiram pedras, não lhes devemos jamais devolver as maldições: esses princípios tornarão pacíficos os homens, que jamais buscarão a satisfação de suas paixões na desordem e no sofrimento do próximo.

Os sentimentos de nosso honrado correspondente estão registrados com muita elevação para que nos persuadamos de que entende a fraternidade tal como deve ser, na sua mais ampla acepção.

Somos felizes pela comunicação que ele se prontificou a fazer a respeito de Júpiter. A coincidência que nos assinala não é a única, como se pôde depreender pelo artigo concernente ao assunto. Ora, seja qual for a opinião que se tenha a respeito, nem por isso deixa de ser matéria de observação. O mundo espírita está cheio de mistérios que devem ser estudados com muito cuidado. As conseqüências morais deduzidas pelo nosso correspondente estão marcadas de um cunho lógico que a ninguém escapa.

A propósito da publicação dos desenhos, vários de nossos assinantes externaram o mesmo desejo. Mas tal é a sua complicação que a reprodução em gravura determinaria despesas excessivas e de difícil solução; os próprios Espíritos haviam dito que o momento de publicá-los ainda não tinha chegado, provavelmente por esse motivo. Felizmente, a dificuldade está hoje superada. De médium desenhista – sem saber desenhar – o Sr. Victorien Sardou tornou-se *médium gravador*, embora jamais houvesse pegado num buril em toda a sua vida; agora faz desenhos diretamente sobre o cobre, o que permitirá sua reprodução sem o concurso de qualquer artista estrangeiro. Simplificada a questão financeira, poderemos, assim, dar uma amostra notável em nosso próximo número, acompanhada de uma descrição técnica, que ele teve a gentileza de redigir, conforme os documentos que lhe forneceram os Espíritos. Esses desenhos são muito numerosos, formando seu conjunto, mais tarde, um verdadeiro Atlas. Conhecemos outro médium desenhista, a quem os Espíritos fazem traçar desenhos não menos curiosos sobre um outro planeta. Quanto ao estado dos diferentes globos conhecidos, sobre muitos temos recebido ensinamentos gerais, enquanto sobre outros apenas alguns detalhes; mas ainda não nos decidimos sobre a época mais conveniente para a sua publicação.

Allan Kardec



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO I

AGOSTO DE 1858

N^o 8

Contradições na Linguagem dos Espíritos⁴⁶

As contradições encontradas muito freqüentemente na linguagem dos Espíritos, mesmo sobre questões essenciais, foram, até hoje, para certas pessoas, uma causa de incerteza quanto ao valor real de suas comunicações, circunstância da qual não deixaram os adversários de tirar partido. Com efeito, à primeira vista essas contradições parecem ser uma das principais pedras de tropeço da ciência espírita. Vejamos se elas têm a importância que lhes atribuem.

Perguntaremos, em primeiro lugar, qual a ciência que não apresentou, em seus primórdios, semelhantes anomalias? Em suas investigações, que sábio não foi muitas vezes confundido por fatos que pareciam lançar por terra as regras estabelecidas? Se a Botânica, a Zoologia, a Fisiologia, a Medicina e nossa própria língua não nos oferecem milhares de exemplos e se suas bases não desafiam toda contradição? É comparando os fatos, observando as analogias e as dessemelhanças que se chega, pouco a pouco, a estabelecer as regras, as classificações, os princípios: numa palavra, a constituir a Ciência. Ora, o Espiritismo apenas começa a despontar; não é, pois, de admirar que se submeta à lei comum, até que seu estudo esteja completo. Só então se reconhecerá que aqui, como em todas as coisas, a exceção quase sempre vem confirmar a regra.

Não obstante, em todas as épocas os Espíritos nos têm dito para não nos inquietarmos com essas pequenas divergências e que, dentro de pouco tempo, todos seriam levados à unidade de crença. Essa predição por certo se realiza a cada dia, à medida que se penetra mais adiante nas causas desses fenômenos misteriosos e os fatos são mais bem observados. Já as dissidências que se manifestaram na origem tendem evidentemente a enfraquecer-se; pode-se mesmo dizer que resultam, agora, apenas de opiniões pessoais isoladas.

Se bem esteja o Espiritismo em a Natureza, e tenha sido conhecido e praticado desde a mais remota Antigüidade, é fato notório que em nenhuma outra época foi tão universalmente espalhado quanto hoje. É que outrora faziam dele um estudo misterioso, ao qual o vulgo não era iniciado; conservou-se por uma tradição, que as vicissitudes da Humanidade e a ausência dos meios de transmissão enfraqueceram insensivelmente. Os fenômenos espontâneos, que vez por outra jamais deixaram de produzir-se, passaram despercebidos ou foram interpretados segundo os preconceitos ou a ignorância da época ou, ainda, explorados em proveito dessa ou daquela crença. Estava reservado ao nosso século, onde o progresso recebe um impulso incessante, tornar clara uma ciência que, por assim dizer, somente existia em estado latente. Não foi senão há poucos anos que os fenômenos foram observados seriamente. Na realidade o Espiritismo é uma ciência nova que se implanta pouco a pouco no espírito das massas, esperando ocupar uma posição oficial. De início essa ciência pareceu bem simples; para as pessoas superficiais, consistia na arte de fazer girar as mesas; contudo, por suas ramificações e conseqüências, uma observação mais atenta revelou que era, ao contrário, muito mais complexa do que se havia suspeitado. As mesas girantes são como a maçã de Newton que, na sua queda, encerra o sistema do mundo.

Aconteceu com o Espiritismo o que de início acontece com todas as coisas: os primeiros não puderam ver tudo; cada um viu por seu lado e se apressou a transmitir suas impressões conforme

seu ponto de vista e segundo suas idéias ou prevenções. Ora, não é sabido que, de acordo com o meio, o mesmo objeto a uns pode parecer quente, ao passo que outros o acharão frio?

Tomemos ainda outra comparação das coisas vulgares, mesmo que pareça trivial, a fim de nos fazer melhor compreender.

Ultimamente lia-se em diversos jornais: “O cogumelo é um produto dos mais bizarros; delicioso ou mortal, microscópico ou de dimensão fenomenal, confunde, sem cessar, a observação do botânico. No túnel de Doncastre existe um cogumelo que há doze meses se desenvolve, parecendo não haver ainda atingido sua última fase de crescimento. Atualmente mede quinze pés de diâmetro. Veio num pedaço de madeira; é considerado o mais belo espécime de cogumelo que já existiu. Sua classificação é difícil, porque as opiniões estão divididas.” Assim, eis a ciência em grande dificuldade por causa de um cogumelo que se apresenta sob um novo aspecto. Esse fato provocou em nós a seguinte reflexão: Suponhamos vários naturalistas, cada um a observar por seu lado uma variedade desse vegetal: um dirá que o cogumelo é um criptógamo comestível, apreciado pelas pessoas de fino paladar; o segundo, que é venenoso; o terceiro, que é invisível a olho nu; e o quarto, que pode alcançar até quarenta e cinco pés de circunferência, etc. À primeira vista, todas as asserções são contraditórias e pouco apropriadas à fixação das idéias sobre a verdadeira natureza dos cogumelos. Depois virá um quinto observador que reconhecerá a identidade dos caracteres gerais e mostrará que essas propriedades tão diversas constituem, em verdade, subdivisões ou variedades de uma mesma classe. De seu ponto de vista, cada um tinha razão; todos, porém, laboravam em erro, ao concluir do particular para o geral, e ao tomarem a parte pelo todo.

Ocorre o mesmo em relação aos Espíritos. Têm sido julgados conforme a natureza das relações que se teve com eles: uns foram feitos demônios; outros anjos. Depois, por se terem precipitado

para explicar os fenômenos antes que vissem tudo, cada um o fez à sua maneira, buscando-lhes as causas, evidentemente, naquilo em que consistia o objeto de suas preocupações; o magnetista relacionava tudo à ação magnética, o físico à ação elétrica, etc. A divergência de opinião em matéria de Espiritismo origina-se, pois, dos diferentes aspectos sob os quais é considerado. De que lado está a verdade? É o que compete ao futuro demonstrar; mas a tendência geral não poderia oferecer dúvida. Evidentemente, um princípio domina e reúne, pouco a pouco, os sistemas prematuros; uma observação menos exclusiva os unirá todos a uma fonte comum, vendo-se logo que a divergência, definitivamente, é mais de forma do que de fundo.

Compreende-se perfeitamente que os homens elaborem teorias contrárias sobre muitas coisas; entretanto, o que pode parecer mais singular é o fato de os próprios Espíritos poderem entrar em contradição; foi principalmente isso que, no princípio, lançou uma espécie de confusão nas idéias. As diferentes teorias espíritas têm, pois, duas origens: umas desabrocharam do cérebro humano, enquanto as demais foram reveladas pelos Espíritos. As primeiras emanam dos homens que, confiando demasiadamente em suas próprias luzes, crêem ter em mãos a chave daquilo que procuram quando, na maioria das vezes, não encontram senão uma maneira para se promoverem. Nada há nisso de surpreendente; entre os Espíritos, porém, seria inadmissível que uns dissessem uma coisa e os demais falassem outra, o que agora é perfeitamente explicável. A princípio, fez-se uma idéia completamente falsa da natureza dos Espíritos. Foram representados como seres à parte, de natureza excepcional, nada possuindo em comum com a matéria e devendo tudo saber. Segundo opinião pessoal, eram seres benfazejos ou malfazejos, uns com todas as virtudes, os outros com todos os vícios e todos, em geral, com um saber infinito, superior ao da Humanidade.

À notícia das recentes manifestações, o primeiro pensamento que brotou na mente da maior parte das criaturas foi o de buscarem um meio de penetrar em todas as coisas ocultas, uma nova maneira

de adivinhação menos sujeita à dúvida que os processos vulgares. Quem poderia dizer o número dos que sonharam fortuna fácil, pela revelação de tesouros ocultos ou pelas descobertas industriais e científicas, que não teriam custado a seus inventores senão o trabalho de lhes descrever os procedimentos, sob o ditado dos sábios do outro mundo! Só Deus sabe quantas decepções e quantos desapontamentos! Que de pretensas receitas, cada uma mais ridícula que a outra, foram dadas pelos farsistas do mundo invisível? Conhecemos alguém que havia solicitado uma receita infalível para tingir os cabelos; foi-lhe dada uma fórmula de composição, espécie de unguento que fez da cabeleira uma espécie de massa compacta, da qual o paciente teve as maiores dificuldades do mundo para se desembaraçar. Todas essas esperanças quiméricas tiveram que se dissipar à medida que se conhecia melhor a natureza desse mundo e a real finalidade das visitas que nos fizeram seus habitantes. Mas, então, para algumas pessoas que nada faziam, qual era o valor desses Espíritos, que nem sequer tinham o poder de conseguir-lhes alguns milhões? Não poderiam ser Espíritos. A essa febre passageira sucedeu a indiferença e, depois, a incredulidade. Oh! Que de prosélitos teriam feito os Espíritos, se tivessem podido fazer o bem enquanto os outros dormiam! Teriam adorado o diabo, mesmo que tivesse brandido a sua bolsa de moedas.

Ao lado desses sonhadores, havia pessoas sérias que somente viam vulgaridade nesses fenômenos; observaram atentamente, sondaram o recôndito desse mundo misterioso, reconhecendo facilmente, nesses fatos estranhos, se não novos, pelo menos um fim providencial de ordem mais elevada. Tudo mudou de face quando se soube que esses mesmos Espíritos nada mais são que as criaturas que viveram na Terra, cujo número iremos aumentar quando morreremos; que deixaram aqui o seu envoltório grosseiro, como a lagarta deixa a crisálida para transformar-se em borboleta. Não pudemos duvidar quando vimos nossos parentes, amigos e contemporâneos virem conversar conosco e dar-nos provas irrecusáveis de sua presença e identidade. Considerando as inúmeras

variedades que a Humanidade apresenta, do duplo ponto de vista intelectual e moral, e a multidão que diariamente emigra da Terra para o mundo invisível, repugna à razão acreditar que um estúpido samoieda, um feroz canibal, um vil criminoso, sofram com a morte uma transformação que os coloquem no mesmo nível do sábio e do homem de bem. Compreendeu-se, assim, que podia e devia haver Espíritos mais ou menos avançados e, desde então, explicaram-se naturalmente todas essas comunicações tão diferentes, das quais umas se elevam até o sublime, enquanto outras se arrastam na imundície. E foram ainda melhor compreendidas quando se descobriu que o nosso pequeno grão de areia perdido no espaço não era o único habitado, entre tantos milhões de globos semelhantes, ocupando, no Universo, apenas uma posição intermediária, nas proximidades da escala mais inferior; que havia, em conseqüência, seres mais avançados do que os mais avançados entre nós, e outros ainda mais atrasados que os nossos selvagens. Desde então o horizonte intelectual e moral ampliou-se, como sucedeu com nosso horizonte terrestre, quando foi descoberta a quarta parte do mundo; aos nossos olhos, o poder e a majestade de Deus cresceram do finito ao infinito. Dessa forma, ficaram explicadas as contradições da linguagem dos Espíritos, porquanto se compreendeu que seres inferiores, sob todos os pontos de vista, não poderiam pensar nem se exprimir como se superiores fossem; conseqüentemente, não podiam saber tudo nem tudo compreender, devendo Deus revelar aos eleitos somente o conhecimento dos mistérios, que a ignorância jamais alcançaria.

Traçada pelos próprios Espíritos e pela observação dos fatos, a escala espírita dá-nos a chave de todas as aparentes anomalias da linguagem dos Espíritos. É preciso chegar, pela força do hábito, a conhecê-los, a bem dizer, à primeira vista, e poder assinalar-lhes a classe de acordo com a natureza de suas manifestações. É preciso dizer, por necessidade, a um que é mentiroso, a outro que é hipócrita, a esse que é mau, àquele que é faccioso, etc., sem se deixar levar nem pela sua arrogância, nem pelas suas bravatas, nem pelas suas ameaças, nem pelos seus sofismas, nem mesmo pelas suas *lisonjas*. É o meio de afastar essa turba que, incessantemente, pulula à nossa volta, e que se afasta quando sabemos atrair somente os Espíritos

verdadeiramente bons e sérios, de maneira idêntica à que procedemos em relação aos vivos. Serão seres ínfimos, votados à ignorância e ao mal para todo o sempre? Não, porque tal parcialidade não se conformaria nem com a justiça, nem com a bondade do Criador, que provê a existência e o bem-estar do menor inseto. É por uma sucessão de existências que eles se elevam e dEle se aproximam à medida que se tornam melhores. Esses Espíritos inferiores não conhecem de Deus senão o nome; não O vêem, nem O compreendem, da mesma forma que o último dos camponeses, isolado nos rincões mais distantes, não vê nem compreende o soberano que governa seu país.

Se estudarmos cuidadosamente o caráter próprio de cada classe de Espíritos, conceberemos facilmente que alguns deles são incapazes de fornecer ensinamentos exatos sobre o estado de seu mundo; se, além disso, considerarmos que, por sua natureza, alguns Espíritos são levianos, mentirosos, zombeteiros e malévolos, enquanto outros ainda se acham imbuídos das idéias e dos preconceitos terrestres, compreenderemos que, em suas relações conosco, podem divertir-se à nossa custa, induzir-nos propositadamente ao erro por malícia, afirmar o que não sabem, dar-nos conselhos pérfidos ou mesmo enganar-se de boa-fé, julgando as coisas conforme seu ponto de vista. Citemos uma comparação.

Suponhamos que uma colônia de habitantes da Terra um belo dia encontre meios de estabelecer-se na Lua; imaginemos essa colônia composta de diversos elementos da população de nosso globo, desde o europeu mais civilizado até o selvagem australiano. Sem dúvida os habitantes da Lua ficarão emocionados e maravilhados de poderem obter, junto a seus novos hóspedes, informações precisas sobre nosso planeta, que alguns supunham habitado, embora não tivessem certeza, considerando-se que também entre eles alguns se julgam os únicos seres do Universo. Caem sobre os recém-chegados, fazem-lhes perguntas e os sábios se apressam para publicar a história física e moral da Terra. Como não seria autêntica essa história, desde que foi obtida de testemunhas oculares? Um deles recolhe em sua casa um zelandês, que

lhe ensina que neste mundo é um banquete comer homens e que Deus o permite, desde que se sacrificam vítimas em seu nome. Na casa de outro, é um filósofo moralista que lhe fala de Sócrates e Platão, assegurando que a antropofagia é uma abominação condenável por todas as leis divinas e humanas. Aqui é um muçulmano que não se alimenta de carne humana, mas diz que a salvação é obtida matando o maior número possível de cristãos; ali é um cristão, que fala que Maomé é um impostor; mais longe, um chinês considera como bárbaros todos os demais, afirmando que Deus permite que os filhos devem ser lançados ao rio, contanto que existam em grande quantidade; um boêmio traça o quadro das delícias da vida dissoluta das capitais; um anacoreta prega a abstinência e as mortificações; um faquir indiano dilacera o corpo e durante anos se impõe sofrimento para descerrar as portas do Céu, de tal sorte que as privações de nossos mais piedosos cenobitas não passam de sensualidade. Em seguida vem um bacharel, afirmando que é a Terra que gira, e não o Sol; um camponês, dizendo que o bacharel é mentiroso, pois vê muito bem o Sol levantar-se e deitar-se todos os dias; um africano diz que faz muito calor; um esquimó, que o mar é uma planície de gelo e que só se viaja de trenó.

A política não fica atrás; uns elogiam o regime absoluto, outros a liberdade; alguém garante que a escravidão é contrária à Natureza, sendo irmãos todos os homens, já que são filhos de Deus; outro ainda, afirma que determinadas raças foram feitas para a escravidão e são muito mais felizes que no estado de liberdade, etc. Imagino os escritores selenitas bastante embaraçados para escreverem a história física, política, moral e religiosa do mundo terrestre com semelhantes documentos. “Talvez – pensarão alguns – encontraremos maior unidade entre os sábios; interroguemos esse grupo de doutores.”

Ora, um dos dois, médico da Faculdade de Paris, centro das luzes, garante que todas as moléstias têm por princípio o sangue viciado, fazendo-se necessário, pois, renová-lo por meio de sangrias, seja qual for a sua causa. “Laborais em erro, meu caro confrade – replica um segundo – o homem jamais dispõe de tanto sangue; se o

tirais, tirai-lhe a vida. Convenhamos que o sangue esteja viciado; o que fazemos quando um vaso está sujo? Não o quebramos, limpamos; então purgai, purgai, purgai até a extinção.” Tomando a palavra, diz um terceiro: “Senhores, com vossas sangrias matais os doentes; com vossos purgantes os envenenais; a Natureza é mais sábia que todos nós; deixemo-la agir e aguardemos. – Se é isso, replicam os dois primeiros, se matamos nossos doentes, vós os deixais morrer.”

A disputa começava a se inflamar quando um quarto, tomando à parte um selenita, e o conservando a sua esquerda, disse-lhe: “Não os escuteis; são todos ignorantes; nem mesmo sei por que fazem parte da Academia. Segui bem o meu raciocínio: todo doente é fraco; portanto, sofre de fraqueza nos órgãos; isso é lógica pura, ou não me conheço mais; sendo assim, é preciso que se lhe dê fortificantes; para isso não tenho senão um remédio: água fria, água fria, e não passo disso. – Curais todos os doentes? – Sempre, quando a doença não é mortal. – Com um processo assim tão infalível, pertenceis à Academia? – Já postulei três vezes minha candidatura. Pois bem! Sabeis que fui repellido por esses pretensos sábios, porque estavam certos de que eu os pulverizaria com minha água fria? – Senhor selenita, diz um novo interlocutor, puxando-o para a direita: vivemos em uma atmosfera de eletricidade; a eletricidade é o verdadeiro princípio da vida: acrescentá-la, quando não existe bastante; retirá-la, quando existe em excesso. Neutralizar uns pelos outros os fluidos contrários – eis o segredo. Faço maravilhas com meus aparelhos: lede meus anúncios e vereis!⁴⁷ Não chegaríamos ao fim, se quiséssemos relacionar todas as teorias contrárias que foram sucessivamente preconizadas em todos os ramos do conhecimento humano, sem excetuar as ciências exatas; entretanto, foi sobretudo nas ciências metafísicas que o campo se abriu às doutrinas mais contraditórias.

47 O leitor compreenderá que nossa crítica não visa senão os exageros em todas as coisas. Em tudo existe um lado bom; o erro consiste no exclusivismo, que o sábio judicioso sempre sabe evitar. Não temos intenção de confundir os verdadeiros sábios, dos quais a Humanidade se honra merecidamente, com os que exploram suas idéias sem discernimento; é desses que queremos falar. Nosso objetivo é unicamente demonstrar que a própria Ciência não está isenta de contradições.

Se, todavia, um homem ajuizado e de espírito – por que não os haveria na Lua? – comparar todos esses relatos incoerentes, chegará à seguinte conclusão, muito lógica: que na Terra existem regiões quentes e frias; que em certos países os homens se devoram entre si; que em outros eles matam os que não pensam do mesmo modo, tudo para a maior glória de sua divindade; finalmente, que cada um se pronuncia de acordo com os seus conhecimentos e exalta as coisas do ponto de vista de suas paixões e de seus interesses. Em suma, em quem acreditará, de preferência?

Pela linguagem reconhecerá, sem dificuldade, o verdadeiro sábio do ignorante; o homem sério do leviano; o que tem juízo daquele que raciocina em falso; não confundirá os bons e os maus sentimentos, a elevação com a baixeza, o bem com o mal. E dirá a si mesmo: “Devo ouvir tudo, escutar tudo, porque mesmo na conversa do homem mais embrutecido posso aprender alguma coisa; minha estima e minha confiança, porém, não serão conquistadas senão por aqueles que delas se mostrarem dignos.” Se essa colônia terrena deseja implantar seus costumes e usos em sua nova pátria, os sábios repelirão os conselhos que lhes parecerem perniciosos e se confiarão àqueles que julgarem mais esclarecidos, neles não vendo nem falsidade, nem mentiras, mas, ao contrário, reconhecendo seu sincero amor do bem. Agiríamos de modo diferente, se uma colônia de selenitas viesse cair na Terra? Pois bem! O que é dado aqui como suposição, torna-se realidade no que concerne aos Espíritos; se não vêm entre nós em carne e osso, nem por isso estão menos presentes de maneira oculta, transmitindo-nos os pensamentos através de seus intérpretes, isto é, dos médiuns. Quando aprendermos a conhecê-los, julgá-los-emos por sua linguagem, por seus princípios, e suas contradições nada mais terão que nos deva surpreender, porquanto vemos saberem uns aquilo que os outros ignoram; que alguns estão colocados muito embaixo, ou são ainda muito materiais para compreender e apreciar as coisas de ordem mais elevada; tal é o homem que, no sopé da montanha, não vê senão alguns passos em volta dele, enquanto o que está no alto descortina um horizonte sem limites.

A primeira fonte das contradições decorre, pois, do grau de desenvolvimento intelectual e moral dos Espíritos; porém há outras, sobre as quais é útil chamar a atenção. Dirão que passamos sobre a questão dos Espíritos inferiores, desde que assim o é; compreende-se que possam enganar-se por ignorância; todavia, como se justifica que Espíritos superiores estejam em dissidência? Que utilizem em certo país uma linguagem diferente da que empregam em outro? Finalmente, que o mesmo Espírito nem sempre seja coerente consigo mesmo?

A resposta a essa questão repousa sobre o conhecimento completo da ciência espírita, e essa ciência não pode ser ensinada em poucas palavras, porque é tão vasta quanto todas as ciências filosóficas. Como todos os ramos do conhecimento humano, só é adquirida pelo estudo e pela observação. Não podemos repetir aqui tudo quanto já publicamos sobre o assunto; a ele, pois, remetemos nossos leitores, limitando-nos a um simples resumo. Todas essas dificuldades desaparecem para quem quer que lance sobre esse terreno um olhar investigador e sem prevenção.

Provam os fatos que os Espíritos enganadores se paramentam de nomes respeitáveis, sem o menor escrúpulo, a fim de que suas torpezas sejam aceitas com mais facilidade, o que por vezes também ocorre entre nós. Pelo fato de um Espírito apresentar-se sob um nome qualquer, não significa que seja realmente aquele que pretende ser; todavia, na linguagem dos Espíritos sérios há um cunho de dignidade com o qual não se poderia equivocar: só respira bondade e benevolência, e jamais se desmente. A dos Espíritos impostores, ao contrário, seja qual for o verniz com que se apresentem, deixa sempre *a cauda exposta*⁴⁸, como se diz vulgarmente. Nada há, pois, de espantoso em que os Espíritos inferiores, sob nomes usurpados, ensinem verdadeiros disparates. Compete ao observador procurar conhecer a verdade, e o pode fazer sem

48 N. do T.: Grifos nossos.

dificuldade, desde que queira compenetrar-se do que a esse respeito dissemos em nossa *Instrução Prática*.

Esses mesmos Espíritos geralmente lisonjeiam os gostos e as inclinações das pessoas, cujo caráter sabem bastante fraco e bastante crédulo para os ouvir. Fazem-se eco de seus preconceitos e, até mesmo, de suas idéias supersticiosas, por uma razão muito simples: os Espíritos são atraídos por suas simpatias pelo Espírito das pessoas que os chamam ou que os escutam com prazer.

Quanto aos Espíritos sérios, podem igualmente manter uma linguagem diferente, segundo as pessoas, mas com outro objetivo. Quando julgam útil e para melhor convencer, evitam chocar muito bruscamente as crenças enraizadas, e se exprimem segundo os tempos, os lugares e as pessoas. “Eis por que – dizem eles – não falamos a um chinês ou a um maometano, como a um cristão ou a um homem civilizado: jamais seríamos ouvidos. Algumas vezes, pois, parecemos entrar na maneira de ver das pessoas, a fim de conduzi-las pouco a pouco àquilo que queremos, desde que isso possa ser realizado sem alterar as verdades essenciais.” Não é evidente que se um Espírito quiser levar um muçulmano fanático a praticar a sublime máxima do Evangelho: “Não façais aos outros o que não gostaríeis que os outros vos fizessem”, seria repellido se dissesse que foi Jesus que a ensinou? Ora, o que vale mais, deixar ao muçulmano seu fanatismo ou torná-lo bom, fazendo com que momentaneamente acredite que fora Alá que havia falado? Eis um problema cuja solução transferimos ao leitor. Quanto a nós, parece-nos que, tornando-o mais doce e mais humano, seria ele menos fanático e mais acessível à idéia de uma nova crença do que se lha quiséssemos impor pela força. Há verdades que, para serem aceitas, não podem ser lançadas no rosto sem uma certa precaução. Quantos males teriam os homens evitado se sempre houvessem agido assim!

Como se vê, os Espíritos também tomam precauções quando falam; nesse caso, porém, a divergência está no acessório, e não no principal. Induzir os homens ao bem, destruir o egoísmo, o ódio, a inveja, o ciúme, ensinar-lhes a praticar a verdadeira caridade cristã, eis para eles o essencial; o resto virá em seu devido tempo; e tanto pregam pela palavra quanto pelo exemplo, quando se trata de Espíritos verdadeiramente bons e superiores; tudo neles respira doçura e benevolência. A irritação, a violência, a aspereza e a dureza de linguagem, mesmo que seja para dizer boas coisas, jamais denotam um sinal de verdadeira superioridade. Os Espíritos realmente bons não se irritam nem jamais se encolerizam: se não são ouvidos, vão-se embora; eis tudo.

Existem ainda duas causas de aparentes contradições que não devemos deixar passar em silêncio. Como já dissemos em muitas ocasiões, os Espíritos inferiores dizem tudo o que se quer, sem se preocuparem com a verdade; os Espíritos superiores se calam ou se recusam a responder quando lhes fazem uma pergunta indiscreta ou sobre a qual não lhes é permitido dar explicações. Dizem eles: “Neste caso, não insistais jamais, porque serão Espíritos levianos que responderão e vos enganarão; acreditais que somos nós e podeis pensar que entramos em contradição. Os Espíritos sérios não se contradizem jamais; sua linguagem é sempre a mesma com as mesmas pessoas. Se um deles diz coisas contrárias sob o mesmo nome, ficai certos de que não é o mesmo Espírito que fala ou, pelo menos, que não se trata de um Espírito bom. Reconhecereis o bom pelos princípios que ensina, pois todo Espírito que não prega o bem não é um Espírito bom, e deveis repeli-lo.”

Querendo dizer a mesma coisa em dois lugares diferentes, o mesmo Espírito não se servirá literalmente das mesmas palavras: para ele o pensamento é tudo; mas o homem, infelizmente, é levado mais a se prender à forma do que ao fundo, e é essa forma que muitas vezes interpreta ao sabor de suas idéias e paixões. Dessa interpretação podem originar-se contradições aparentes, que

igualmente têm sua fonte na insuficiência da linguagem humana para exprimir as coisas extra-humanas. Estudemos o fundo, perscrutemos o pensamento íntimo e veremos analogia muitas vezes onde um exame superficial nos teria mostrado um disparate.

As causas das contradições na linguagem dos Espíritos podem, pois, ser assim resumidas:

1º O grau de ignorância ou de saber dos Espíritos aos quais nos dirigimos;

2º O embuste dos Espíritos inferiores que, tomando nomes sob empréstimo podem dizer, por malícia, ignorância e maldade, o contrário do que disse alhures o Espírito cujo nome usurparam;

3º Os defeitos pessoais do médium, que podem influir sobre a pureza das comunicações e alterar ou modificar o pensamento do Espírito;

4º A insistência para obter uma resposta que um Espírito recusa dar, e que é transmitida por um Espírito inferior;

5º A própria vontade do Espírito, que fala segundo os tempos, os lugares e as pessoas, e que pode julgar conveniente não dizer tudo a toda gente;

6º A insuficiência da linguagem humana para exprimir as coisas do mundo incorpóreo;

7º A interpretação que cada um pode dar a uma palavra ou explicação, conforme suas idéias e preconceitos, ou o ponto de vista sob o qual encaram as coisas.

As dificuldades são tantas que não se triunfa a não ser por um estudo longo e assíduo; aliás, jamais dissemos que a ciência

espírita era uma ciência fácil. O observador sério, que se aprofunda em todas as coisas com maturidade, paciência e perseverança, capta uma porção de matizes delicados que escapam ao observador superficial. É através desses detalhes íntimos que ele se inicia nos segredos dessa ciência. A experiência ensina a conhecer os Espíritos, como ensina a conhecer os homens.

Acabamos de considerar as contradições sob o ponto de vista geral. Em outros artigos trataremos dos pontos especiais mais importantes.

A Caridade

PELO ESPÍRITO SÃO VICENTE DE PAULO⁴⁹

(Sociedade de Estudos Espíritas, sessão de 8 de junho de 1858)

Sede bons e caridosos: essa a chave dos céus, chave que tendes em vossas mãos. Toda a eterna felicidade se contém neste preceito: “Amai-vos uns aos outros.” Não pode a alma elevar-se às altas regiões espirituais, senão pelo devotamento ao próximo; somente nos arroubos da caridade encontra ela ventura e consolação. Sede bons, amparai os vossos irmãos, deixai de lado a horrenda chaga do egoísmo. Cumprido esse dever, abrir-se-vos-á o caminho da felicidade eterna. Ao demais, qual dentre vós ainda não sentiu o coração pulsar de júbilo, de íntima alegria, à narrativa de um ato de bela dedicação, de uma obra verdadeiramente caridosa? Se unicamente buscásseis a volúpia que uma ação boa proporciona, conservar-vos-feis sempre na senda do progresso espiritual. Não vos faltam os exemplos; rara é apenas a boa-vontade. Notai que a vossa História guarda piedosa lembrança de uma multidão de homens de bem. Eu vos citaria aos milhares aqueles cuja moral não tinha por objetivo senão melhorar o vosso globo.

49 **N. do T.:** Essa instrução de São Vicente de Paulo, com algumas modificações que a reduziram, foi inserida por Allan Kardec em *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Corresponde, na edição definitiva de 1866, ao capítulo XIII, item 12.

Não vos disse o Cristo tudo o que concerne às virtudes da caridade e do amor? Por que desprezar os seus ensinamentos divinos? Por que fechar o ouvido às suas divinas palavras, o coração a todos os seus bondosos preceitos? Quisera eu que dispensassem mais interesse, mais fé às leituras evangélicas. Desprezam, porém, esse livro, consideram-no repositório de palavras ocas, uma carta fechada; deixam no esquecimento esse código admirável. Vossos males provêm todos do abandono voluntário a que votais esse resumo das leis divinas. Lede-lhe as páginas cintilantes do devotamento de Jesus, e meditai-as. Eu mesmo me sinto envergonhado de ousar vos prometer um trabalho sobre a caridade, quando penso que se encontram nesse livro todos os ensinamentos que vos devem levar às regiões celestes.

Homens fortes, armai-vos; homens fracos, fazei da vossa brandura, da vossa fé, as vossas armas. Sede mais persuasivos, mais constantes na propagação da vossa nova doutrina. Apenas encorajamento é o que vos vimos dar; apenas para vos estimularmos o zelo e as virtudes é que Deus permite nos manifestemos a vós outros. Mas, se cada um o quisesse, bastaria a sua própria vontade e a ajuda de Deus; as manifestações espíritas unicamente se produzem para os de olhos fechados e corações indóceis. Há, entre vós, homens que têm a cumprir missões de amor e de caridade: escutai-os, exaltai a sua voz; fazei se resplandeçam seus méritos e sereis, vós próprios, exaltados pelo desinteresse e pela fé viva de que vos penetrarão.

As advertências detalhadas que vos deveriam ser dadas, sobre a necessidade de ampliar o círculo da caridade e nele incluir todos os infelizes, cujas misérias são ignoradas; todas as dores que, em nome dessa doutrina – caridade – se devem buscar em seus redutos para os consolar, seriam muito extensas. Vejo com satisfação que homens eminentes e poderosos auxiliam esse progresso, que deve unir todas as classes humanas: os felizes e os infelizes. Os infelizes – coisa estranha! – dão-se todos as mãos e se ajudam mutuamente em sua miséria. Por que são os felizes mais morosos em ouvir a voz do infeliz? Por que necessitamos da mão dos

poderosos da Terra para impulsionar as missões de caridade? Por que não respondemos com mais ardor a esses apelos? Por que deixamos a miséria, assim como o prazer, macular o quadro da Humanidade?

A caridade é a virtude fundamental sobre que há de repousar todo o edifício das virtudes terrenas. Sem ela não existem as outras. Sem a caridade não há esperar melhor sorte, não há interesse moral que nos guie; sem a caridade não há fé, pois a fé não é mais do que pura luminosidade que torna brilhante uma alma caridosa; é a sua conseqüência decisiva.

Quando deixardes que vosso coração se abra à súplica do primeiro infeliz que vos estender a mão; quando lhe derdes algo, sem questionar se sua miséria não é fingida ou se seu mal provém de um vício de que deu causa; quando abandonardes toda a justiça nas mãos divinas; quando deixardes o castigo das falsas misérias ao Criador; quando, por fim, praticardes a caridade unicamente pela felicidade que ela proporciona e sem inquirir de sua utilidade, então sereis os filhos amados de Deus e ele vos atrairá a si.

A caridade é, em todos os mundos, a eterna âncora da salvação; é a mais pura emanção do próprio Criador; é a sua própria virtude, dada por ele à criatura. Como desprezar essa bondade suprema? Qual o coração, disso ciente, bastante perverso para recalcar em si e expulsar esse sentimento todo divino? Qual o filho bastante mau para se rebelar contra essa doce carícia: a caridade?

Não ousou falar do que fiz, porque também os Espíritos têm o pudor de suas obras; considero, porém, a que iniciei como uma das que mais hão de contribuir para o alívio dos vossos semelhantes. Vejo com freqüência os Espíritos a pedirem lhes seja dado, por missão, continuar a minha tarefa. Vejo-os, minhas bondosas e queridas irmãs, no piedoso e divino ministério; vejo-os praticando a virtude que vos recomendo, com todo o júbilo que deriva de uma existência de dedicação e sacrifícios. Imensa dita é a minha, por ver quanto lhes

honra o caráter, quão estimada e protegida é a missão que desempenham. Homens de bem, de boa e firme vontade, uni-vos para continuar amplamente a obra de propagação da caridade; no exercício mesmo dessa virtude, encontrareis a vossa recompensa; não há alegria espiritual que ela não proporcione já na vida presente. Sede unidos, amai-vos uns aos outros, segundo os preceitos do Cristo. Assim seja.

Agradecemos a São Vicente de Paulo a bela e boa comunicação que se dignou de nos dar. – Gostaria que fosse proveitosa a todos.

Permitiríeis que formulássemos algumas perguntas complementares a respeito do que acabastes de dizer?

Resp. – Eu o desejo muito; meu objetivo é vos esclarecer; perguntai o que quiserdes.

1. Pode-se entender a caridade de duas maneiras: a esmola propriamente dita e o amor aos semelhantes. Quando dissestes que era necessário que o coração se abrisse à súplica do infeliz que nos estendesse a mão, sem questionarmos se não seria fingida a sua miséria, não quisestes falar da caridade do ponto de vista da esmola?

Resp. – Sim; somente nesse parágrafo.

2. Dissestes que era preciso deixar à justiça de Deus a apreciação da falsa miséria. Parece-nos, entretanto, que dar sem discernimento às pessoas que não têm necessidade, ou que poderiam ganhar a vida num trabalho honesto, será estimular o vício e a preguiça. Se os preguiçosos encontrassem aberta com muita facilidade a bolsa dos outros, multiplicar-se-iam ao infinito, em prejuízo dos verdadeiros infelizes.

Resp. – Podeis discernir os que podem trabalhar e, então, a caridade vos obriga a fazer tudo para lhes proporcionar trabalho; entretanto, também existem falsos pobres, capazes de simular com habilidade misérias que não possuem; é para os tais que se deve deixar a Deus toda a justiça.

3. Aquele que não pode dar senão um centavo, e que deve escolher entre dois infelizes que lhe pedem, não tem razão de inquirir quem, de fato, tem mais necessidade, ou deve dar sem exame ao primeiro que aparecer?

Resp. – Deve dar ao que pareça sofrer mais.

4. Não se deve considerar também como fazendo parte da caridade o modo por que é feita?

Resp. – É sobretudo na maneira de fazer a caridade que está o seu maior mérito; a bondade é sempre o indício de uma bela alma.

5. Que tipo de mérito concedeis àqueles a quem chamamos de benfeitores de ocasião?

Resp. – Só fazem o bem pela metade. Seus benefícios não lhes aproveitam.

6. Disse Jesus: “Que vossa mão direita não saiba o que faz vossa mão esquerda.” Têm algum mérito aqueles que dão por ostentação?

Resp. – Apenas o mérito do orgulho, pelo que serão punidos.

7. Em sua acepção mais abrangente, a caridade cristã não compreende igualmente a doçura, a benevolência e a indulgência para com as fraquezas dos outros?

Resp. – Imitai Jesus; ele vos disse tudo isso. Escutai-o mais que nunca.⁵⁰

8. A caridade é bem compreendida quando praticada exclusivamente entre pessoas que professam a mesma opinião ou pertencem a um mesmo partido?

Resp. – Não. É sobretudo o espírito de seita e de partido que se deve abolir, porquanto todos os homens são irmãos. É sobre essa questão que concentramos os nossos esforços.

50 N. do T.: Vide questão 886, de *O Livro dos Espíritos*.

9. Suponhamos que alguém vê dois homens em perigo, mas não pode salvar senão um. Qual dos dois deverá salvar, considerando-se que um deles é seu amigo e o outro é seu inimigo?

Resp. – Deve salvar o amigo, pois este amigo poderia acusá-lo de não gostar dele; quanto ao outro, Deus se encarregará.

O Espírito Batedor de Dibbelsdorf

(Baixa Saxônia)

Do Dr. Kerner. Traduzido do alemão pelo Sr. Alfred Pireaux

Pondo-se de lado o seu aspecto cômico, a história do Espírito batedor de Dibbelsdorf também encerra uma parte instrutiva, como ressalta das passagens de velhos documentos, publicados em 1811 pelo pregador Capelle.

No dia 2 de dezembro de 1761, às seis horas da tarde, uma espécie de martelamento que parecia vir do chão fez-se ouvir no quarto habitado por Antoine Kettelhut. Atribuindo o episódio ao seu criado, que queria divertir-se à custa da empregada, então no quarto das fiandeiras, saiu para jogar um balde de água na cabeça do gozador, não encontrando, porém, ninguém do lado de fora. Uma hora depois, o mesmo barulho recomeçou e ele imaginou que fosse causado por um rato. Assim, no dia seguinte examinou as paredes, o teto e o assoalho, não encontrando o mais leve vestígio desse animal.

À noite, o mesmo barulho; considerou-se, então, a casa perigosa para servir de habitação, e as próprias criadas não mais quiseram permanecer no quarto durante o serão. Logo após o ruído cessou, para reproduzir-se cem passos adiante, na casa do Sr. Louis Kettelhut, irmão de Antoine, e com uma força inusitada. Era num canto do quarto que se manifestava a *coisa batedora*.

Por fim, o fenômeno se tornou suspeito aos camponeses, vindo o burgomestre a dar parte à justiça que, de início, não quis

ocupar-se de um caso que considerava ridículo. Contudo, em face das insistentes pressões dos habitantes, alguém da justiça se dirigiu a Dibbelsdorf no dia 6 de janeiro de 1762, para examinar o fato com maior atenção. Demolidas as paredes e os tetos, nenhum resultado se obteve; a família Kettelhut jurou não ter absolutamente nada a ver com aquela coisa estranha.

Até então, não se havia conversado ainda com o batedor. Armando-se de coragem, um indivíduo de Naggam pergunta: Espírito batedor, estás aqui? E um golpe se fez ouvir. – Podes dizer como me chamo? Entre diversos nomes designados, o Espírito bateu o nome do interlocutor. – Há quantos botões em minha roupa? 36 golpes foram dados. Os botões foram contados, havendo justamente 36.

A partir desse momento, a história do Espírito batedor espalhou-se nas redondezas, fazendo com que centenas de moradores de Brunswick se dirigissem à noite a Dibbelsdorf, assim como ingleses e uma porção de curiosos estrangeiros. A multidão tornou-se tão numerosa que a milícia local não a podia controlar. Os camponeses tiveram que reforçar a guarda da noite, não se permitindo entrar os visitantes senão uns após os outros.

Essa afluência de pessoas pareceu excitar o Espírito a manifestações mais extraordinárias ainda, evoluindo para determinadas formas de comunicação que atestavam a sua inteligência. Jamais se atrapalhou nas respostas: desejava-se saber o nome e a cor dos cavalos estacionados defronte da casa? Ele o indicava com precisão; abria-se um livro de canto, colocava-se o dedo ao acaso sobre uma página e perguntava-se o número do trecho de música, desconhecido até mesmo do próprio interlocutor: logo, uma série de golpes indicava perfeitamente o número designado. O Espírito não fazia esperar sua resposta, que se seguia imediatamente após a pergunta. Também dizia quantas pessoas havia no quarto, quantas estavam do lado de fora, designando a cor dos cavalos, das roupas, a posição e a profissão das pessoas.

Entre os curiosos encontrava-se um dia um homem de Hettin, completamente desconhecido em Dibbelsdorf e morando há pouco tempo em Brunswick. Pediu ao Espírito o local de seu nascimento e, a fim de o induzir em erro, citou grande número de cidades; quando chegou ao nome de Hettin, um golpe se fez ouvir. Um burguês astuto, imaginando pegar o Espírito em falta, perguntou-lhe quantas moedas possuía em seu bolso, tendo sido respondido 681, seu número exato. A um confeitiro, disse quantos biscoitos tinha feito pela manhã; a um comerciante, quantas medidas de fita havia vendido na véspera; a um outro, o total de dinheiro recebido na antevéspera pelo Correio. Era de humor bastante alegre, batendo à medida que se desejasse e, algumas vezes, tão forte que o ruído era ensurdecedor. Durante o jantar, à noite, e após as orações, ele bateu *Amém*. Esse sinal de devoção não impediu que um sacristão, revestido de um grande hábito de exorcista, tentasse desalojar o Espírito de seu canto; a conjuração, porém, fracassou.

O Espírito nada temia, mostrando-se tão sincero nas respostas ao duque reinante Charles e a seu irmão Ferdinand quanto a qualquer outra pessoa de menor condição. A história tomou, então, um rumo mais sério. O duque encarregou um médico e alguns doutores em direito para examinarem o fato. Os sábios explicaram as *batidas* pela presença de uma fonte subterrânea. Mandaram cavar um poço de oito pés de profundidade e naturalmente encontraram água, considerando-se que Dibbelsdorf está situada em região baixa; a água que jorrou inundou o quarto, mas o Espírito continuou a bater em seu canto habitual. Os homens de ciência imaginaram, então, que estavam sendo vítimas de uma mistificação, concedendo ao doméstico a honra de tomar o lugar daquele Espírito tão bem instruído. Sua intenção era enfeitiçar a criada. Todos os habitantes do vilarejo foram convidados a ficar em casa, num dia determinado; o doméstico foi mantido à vista, porque, segundo a opinião dos sábios, devia ser o culpado; mas o Espírito respondeu novamente a todas as perguntas. Reconhecido inocente, o serviçal foi posto em

liberdade. A justiça, porém, queria um autor para o delito, acusando o casal Kettelhut pelo barulho de que se queixavam, embora fossem pessoas benevolentes, honestas e irrepreensíveis em todas as coisas e tivessem procurado as autoridades desde o início das manifestações. Por meio de promessas e ameaças, uma jovem foi forçada a testemunhar contra seus patrões. Em conseqüência, foram eles presos, malgrado as retratações posteriores da mocinha e a confissão formal de que suas primeiras declarações eram falsas e lhe foram arrancadas pelos juízes. O Espírito continuou a bater; mesmo assim, o casal Kettelhut foi mantido na prisão durante três meses, sendo libertados sem indenização após o término desse prazo, muito embora os membros da comissão assim tivessem concluído o seu relatório: “Todos os meios possíveis para descobrir a causa do barulho foram infrutíferos; talvez o futuro nos esclareça algo a respeito.” – O futuro ainda nada ensinou.

O Espírito batedor manifestou-se desde o início de dezembro até março, época em que deixou de se fazer ouvir. Voltaram a pensar que o criado já incriminado devia ser o autor de todas essas peças de mau gosto; contudo, como poderia ter-se livrado das armadilhas estendidas pelos duques, juízes e tantas outras pessoas que o interrogaram?

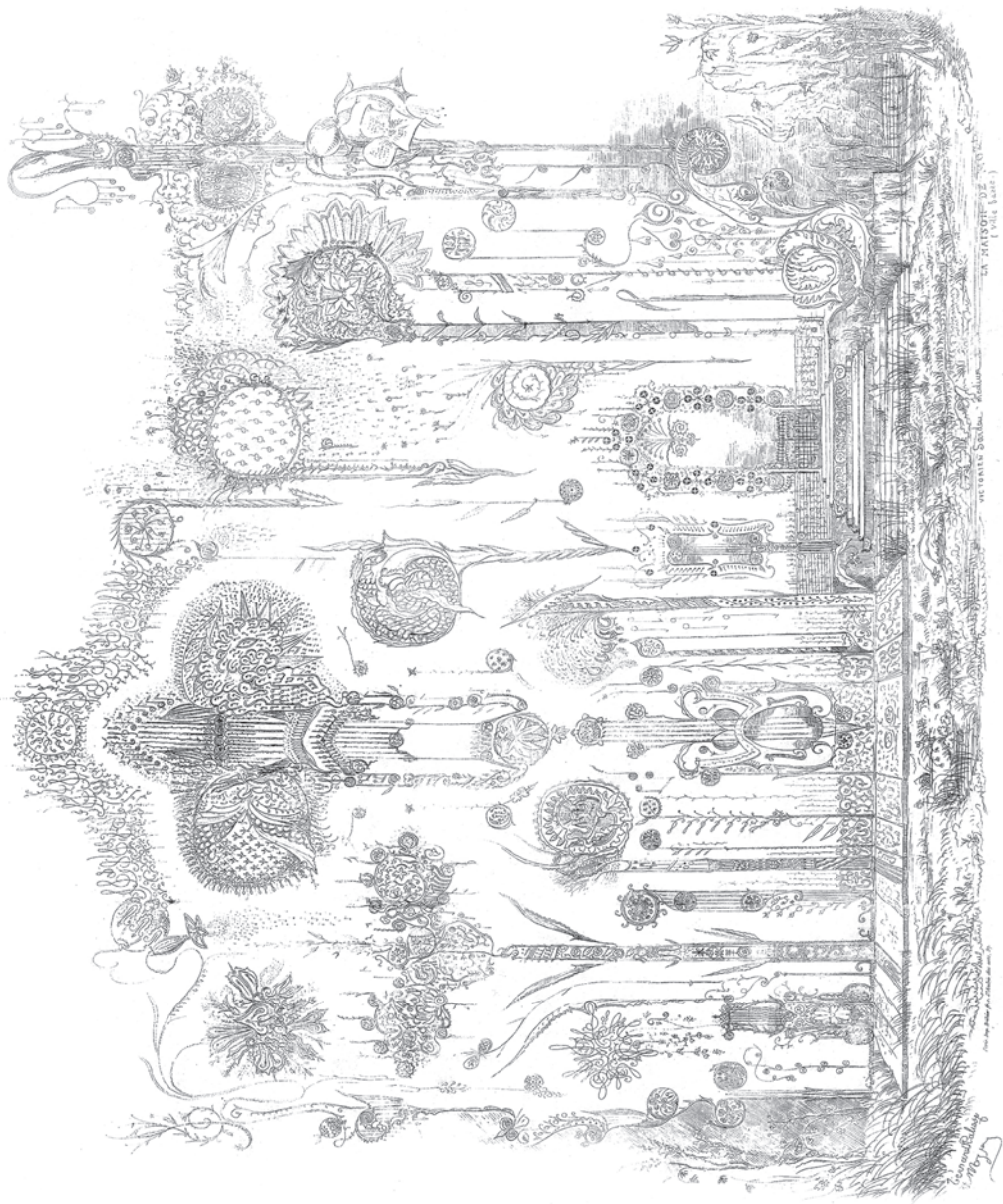
Observação – Se quisermos nos referir à data em que se passaram as coisas que acabamos de narrar, e compará-las às que ocorrem em nossos dias, encontraremos uma identidade perfeita na maneira das comunicações e, até mesmo, na natureza das perguntas e respostas. Nem a América, nem nossa época descobriram os Espíritos batedores, da mesma forma que não descobriram os outros Espíritos, como o demonstraremos por inúmeros fatos autênticos, mais ou menos antigos. Há, todavia, entre os fenômenos atuais e os de outrora uma diferença capital: estes últimos eram quase todos espontâneos, ao passo que os nossos se produzem quase à vontade de certos médiuns especiais. Essa circunstância permitiu melhor estudá-los e aprofundá-los a

causa. A essa conclusão dos juízes: “Talvez o futuro nos esclareça algo a respeito”, hoje o autor não responderia – O futuro ainda nada ensinou. Vivesse esse autor e saberia que o futuro, ao contrário, ensinou tudo e, mais esclarecida do que há um século, a justiça de nossos dias, a propósito das manifestações espíritas, não cometeria os equívocos que recordam os cometidos na Idade Média. Nossos próprios sábios já penetraram bastante os mistérios da Natureza para não se deixarem levar pelas coisas desconhecidas; têm sagacidade suficiente para não se exporem, como fizeram seus antecessores, aos desmentidos da posteridade, em detrimento de sua reputação. Se algo desponta no horizonte, não se apressam em dizer: “Não é nada”, por temer que esse nada seja um navio. Se não o vêem, calam-se e esperam: eis aí a verdadeira sabedoria.

Observações a Propósito dos Desenhos de Júpiter

Estamos inserindo neste número da Revista, conforme havíamos anunciado, o desenho⁵¹ de uma habitação de Júpiter, executado e gravado pelo Sr. Victorien Sardou como médium, ao qual acrescentamos o artigo descritivo que teve a gentileza de escrever a respeito. Seja qual for, sobre a autenticidade dessas descrições, a opinião dos que nos poderiam acusar de nos ocuparmos do que acontece nos mundos desconhecidos, quando há tanto o que fazer na Terra, rogamos aos nossos leitores não perderem de vista que o nosso objetivo, como o indica o subtítulo da revista é, antes de tudo, o estudo dos fenômenos, nada devendo, portanto, ser negligenciado. Ora, como fato de manifestação, esses desenhos são, incontestavelmente, os mais notáveis, se considerarmos que o autor não sabe desenhar nem gravar, e que o desenho que oferecemos foi por ele gravado em água forte, sem

51 **N. do T.:** Vide reprodução fotográfica do desenho referido na página seguinte, em tamanho reduzido. (Este fac-símile deixou de ser publicado nas reimpressões posteriores da *Revista Espírita* de 1858.)



LA TRAISSON DE
VICTORIN BRÉHÉRET. — Réimpression
de l'édition de 1871.

Paris, chez l'éditeur
G. LÉVY, 15, rue de la Harpe.
1871.



modelo nem ensaio prévio, em *nove* horas. Supondo que esse desenho seja uma fantasia do Espírito que o traçou, o simples fato de sua execução não seria um fenômeno menos digno de atenção e, a esse título, cabe à nossa coletânea torná-lo conhecido, bem como a descrição que dele nos deram os Espíritos, não para satisfazer à vã curiosidade das pessoas fúteis, mas como objeto de estudo para quantos desejarem aprofundar-se em todos os mistérios da ciência espírita. Incorreria em erro quem acreditasse que fazemos da revelação de mundos desconhecidos o objeto capital da doutrina; para nós isso não constituiria senão um acessório, que julgamos útil como complemento de estudo. Para nós, o essencial será sempre o ensinamento moral, de sorte que procuramos, nas comunicações do além-túmulo, sobretudo aquilo que possa esclarecer a Humanidade e conduzi-la ao bem, único meio de lhe assegurar a felicidade neste e no outro mundo. Não se poderia dizer o mesmo dos astrônomos, que igualmente sondam os espaços, e perguntar qual seria a utilidade, para o bem da Humanidade, saberem calcular com precisão rigorosa a parábola de um astro invisível? Nem todas as ciências têm um interesse eminentemente prático; entretanto, a ninguém ocorre tratá-las com desdém, porque tudo que amplia o círculo das idéias contribui para o progresso. Dá-se o mesmo com as comunicações espíritas, ainda que escapem ao círculo acanhado da nossa personalidade.

Habitações do Planeta Júpiter

Se há um fato que gera perplexidade entre certas pessoas convencidas da existência dos Espíritos – não nos ocuparemos aqui das outras – é seguramente a existência de habitações em suas cidades, tal como ocorre entre nós. Não me pouparam de críticas: “Casas de Espíritos em Júpiter!... Que gozação!...” – Que seja, nada tenho a ver com isso. Se o leitor aqui não encontra, na verossimilhança das explicações, uma prova suficiente de sua

veracidade; se, como nós, não se surpreende com a perfeita concordância das revelações espíritas com os dados mais positivos da ciência astronômica; numa palavra, se não vê senão uma hábil mistificação nos detalhes que se seguem e no desenho que os acompanha, eu o convido a pedir explicação aos Espíritos, de quem sou apenas o instrumento e o eco fiel. Que ele evoque Palissy ou Mozart, ou outro habitante desse mundo bem-aventurado; que sejam interrogados, que minhas afirmações sejam controladas pelas suas; que, enfim, discutam com eles. Quanto a mim, apenas apresento o que me foi dado, repetindo somente o que me foi dito. E, por esse papel absolutamente passivo, creio-me ao abrigo tanto da censura quanto do elogio.

Feita essa ressalva, e uma vez admitida a confiança nos Espíritos, se se aceitar como verdadeira a única doutrina realmente bela e sábia que a evocação dos Espíritos nos revelou até aqui, isto é, a migração das almas de planeta em planeta, suas encarnações sucessivas e seu progresso incessante pelo trabalho, as habitações de Júpiter não nos deverão mais causar admiração. Desde que o Espírito se encarna num mundo submetido, como o nosso, a uma dupla revolução, isto é, à alternativa de dias e noites e ao retorno periódico das estações; desde que tenha um corpo, por mais frágil seja esse envoltório material, não reclama apenas alimentação e vestuário, mas, também, um abrigo ou, pelo menos, um local de repouso, conseqüentemente uma casa. Com efeito, foi exatamente isso que nos disseram. Como nós, e melhor que nós, os habitantes de Júpiter têm seus lares comuns e suas famílias, grupos harmoniosos de Espíritos simpáticos, unidos no triunfo depois de o haverem sido na luta. Daí as moradas tão espaçosas, que podemos chamar, mercidamente, de *palácios*. Como nós, ainda, esses Espíritos têm suas festas, suas cerimônias, suas reuniões públicas, o que explica a existência de edifícios especialmente destinados a essas finalidades. Finalmente, devemos encontrar nessas regiões superiores toda uma Humanidade, ativa e laboriosa como a nossa, como nós submetida a leis, necessidades e deveres, com a só diferença de que o progresso,

rebelde aos nossos esforços, torna-se conquista fácil para os Espíritos que já se despojaram de nossos vícios terrestres.

Não deveria ocupar-me aqui senão da arquitetura de suas habitações; contudo, para a exata compreensão dos detalhes que se seguem, uma palavra de explicação não será inútil. Se Júpiter só é acessível aos Espíritos bons, daí não se segue que sejam excelentes no mesmo grau todos os seus habitantes: entre a bondade do simples e o homem de gênio, é permitido contar vários matizes. Ora, toda a organização social desse mundo superior repousa precisamente sobre as variedades de inteligência e de aptidões, cabendo aos Espíritos superiores, aos mais depurados, por efeito de leis harmoniosas cuja explicação seria muito longa apresentar aqui, a alta direção de seu planeta. Essa supremacia não se detém aí, estendendo-se até os mundos inferiores, onde esses Espíritos, por sua influência, favorecem e ativam incessantemente o progresso religioso, gerador dos demais. É preciso acrescentar que para esses Espíritos depurados não haveria senão trabalhos intelectuais, pois suas atividades só se exercem no domínio do pensamento e eles já conquistaram bastante império sobre a matéria para não serem senão debilmente entravados por ela no livre exercício de sua vontade. O corpo desses Espíritos, como aliás o de todos os que habitam Júpiter, é de uma densidade tão leve que só encontra termo de comparação nos fluidos imponderáveis: um pouco maior do que o nosso, do qual reproduz exatamente a forma, embora mais pura e mais bela, ele se nos apresentaria sob a aparência de um vapor, termo que emprego a contragosto, por designar uma substância ainda muito grosseira; de um vapor, dizia eu, impalpável e luminoso... luminoso sobretudo nos contornos do rosto e da cabeça, porquanto ali a inteligência e a vida irradiam-se como um foco muito ardente. E é justamente esse brilho magnético, entrevisto pelos visionários cristãos, que nossos pintores traduziram pelo nimbo ou auréola dos santos.

Compreende-se que um tal corpo em nada dificulte as comunicações extramundanas desses Espíritos, permitindo-lhes, em

seu planeta, um deslocamento pronto e fácil. Ele se subtrai tão facilmente à atração planetária, e sua densidade difere tão pouco daquela da atmosfera, que nela pode agitar-se, ir e vir, descer ou subir ao capricho do Espírito e sem outro esforço senão a vontade. Assim, algumas personagens que Palissy teve a gentileza de me fazer desenhar estão representados tocando o solo levemente ou a superfície das águas, ou ainda bastante elevadas no ar, com inteira liberdade de ação e de movimentos que atribuímos aos anjos. Quanto mais depurado o Espírito, tanto mais fácil é essa locomoção, o que se concebe sem dificuldade; nada também é mais fácil aos habitantes do planeta do que avaliar, logo à primeira vista, o valor de um Espírito que passa; dois sinais falarão por ele: a altura de seu vôo e a luz mais ou menos brilhante de sua auréola.

Em Júpiter, como em toda parte, os que alçam vôos mais altos são os mais raros; abaixo deles, é preciso contar várias camadas de Espíritos inferiores, tanto em virtude quanto em poder, mas naturalmente livres para os igualarem um dia, quando se aperfeiçoarem. Escalonados e classificados conforme os seus méritos, estes se dedicam mais particularmente aos trabalhos que interessam ao próprio planeta, não exercendo, sobre os mundos inferiores, a autoridade toda poderosa dos primeiros. É verdade que respondem a uma evocação, através de revelações sábias e boas, mas, pela presteza que demonstram em nos deixar e pelo laconismo de suas palavras, é fácil compreender que têm muito o que fazer em outra parte, e que não se encontram ainda suficientemente desprendidos para se fazerem irradiar simultaneamente em dois pontos tão distantes um do outro. Enfim, seguindo os menos perfeitos desses Espíritos, mas deles separados por um abismo, vêm os animais que, como únicos serviçais e únicos trabalhadores do planeta, merecem uma menção toda especial.

Se designamos pelo nome de *animais* os seres bizarros que ocupam a base da escala, é porque os próprios Espíritos o utilizaram e também em razão de nossa língua não dispor de melhor

termo para nos oferecer. Essa designação os avilta bastante; chamá-los, porém, de homens seria conceder-lhes muita honra; de fato, são Espíritos votados à animalidade, talvez por muito tempo ou, quem sabe, para sempre. Contudo, nem todos os Espíritos são concordes com esse ponto e a solução do problema parece pertencer a mundos mais elevados que Júpiter; seja qual for o seu futuro, entretanto, não há equívocos sobre o seu passado. Antes de ir para lá, esses Espíritos emigraram sucessivamente em nossos mundos inferiores, do corpo de um ao de outro animal, através de uma escala de aperfeiçoamento perfeitamente graduada. O estudo atento de nossos animais terrestres, seus costumes, suas características individuais, sua ferocidade longe do homem e sua domesticação lenta, mas sempre possível, tudo indica suficientemente a realidade dessa ascensão animal.

Desse modo, para qualquer lado que nos voltemos, a harmonia do Universo se resume sempre em uma única lei: o *progresso*, por toda parte e para todos, para o animal como para a planta, para planta como para o mineral; progresso puramente material, a princípio, nas moléculas insensíveis do metal ou do calhau, para tornar-se cada vez mais inteligente à medida que ascendemos à escala dos seres e que a individualidade tende a desembaraçar-se da massa, a afirmar-se, a conhecer-se. Pensamento elevado e consolador, jamais imaginado antes, porquanto nos prova que nada é sacrificado, que a recompensa é sempre proporcional ao progresso realizado; o devotamento do cão, por exemplo, que morre pelo dono, não é estéril para o seu Espírito, cujo salário justo haverá de receber além deste mundo.

É o caso dos Espíritos animais que povoam Júpiter; eles se aperfeiçoaram ao mesmo tempo que nós, conosco e com o nosso auxílio. A lei é mais admirável ainda: faz tão bem de seu devotamento ao homem a primeira condição de sua ascensão planetária, que a vontade de um Espírito de Júpiter pode chamar a si todo animal que, numa de suas vidas anteriores, lhe haja dado

provas de afeição. Essas simpatias, que lá no alto formam famílias de Espíritos, também agrupam em torno das famílias todo um cortejo de animais devotados. Em conseqüência, nosso apego neste mundo por um animal, o cuidado que tomamos de domesticá-lo e de humanizá-lo, tudo isso tem sua razão de ser, tudo será pago: é um bom ajudante que preparamos antecipadamente para um mundo melhor.

Será assim um operário, porquanto aos seus semelhantes está reservado todo trabalho material, toda tarefa corporal: carga ou obras pesadas, semeadura ou colheita. E para tudo isso a Suprema Inteligência preparou um corpo que participa ao mesmo tempo das vantagens do animal e do homem. Podemos fazer uma avaliação pelo esboço de Palissy, representando alguns desses animais muito aplicados em jogar bola. Eu não os poderia melhor comparar senão aos faunos e aos sátiros da Fábula; o corpo, levemente peludo é, entretanto, aprumado como o nosso; entre alguns as patas desapareceram, dando lugar a certas pernas que ainda lembram a forma primitiva, os dois braços robustos, singularmente implantados e terminados por verdadeiras mãos, se levarmos em conta a oposição dos polegares. Coisa bizarra: a cabeça não é tão aperfeiçoada quanto o resto! Dessa forma, a fisionomia reflete bem alguma coisa de humano, mas o crânio, o maxilar e, sobretudo, a orelha não apresentam diferenças sensíveis em relação aos animais terrestres. É, pois, fácil distingui-los entre si: este é um cão, aquele é um leão. Convenientemente vestidos com blusas e vestes muito semelhantes às nossas, eles só faltam falar para lembrar de bem perto certos homens daqui; eis precisamente o que lhes falta e que não poderiam fazer. Hábeis para se entenderem entre si, por meio de uma linguagem que nada tem da nossa, não mais se enganam sobre as intenções dos Espíritos que os comandam: basta um olhar, um gesto. A certos abalos magnéticos, dos quais nossos domadores de bestas já conhecem o segredo, o animal advinha e obedece sem murmurar e, melhor ainda, com *boa vontade*, porque está fascinado. É desse modo que lhe é imposta toda a tarefa pesada e que, com seu auxílio, tudo

funciona regularmente de um extremo ao outro da escala social: o Espírito elevado pensa e delibera, o espírito inferior age com sua própria iniciativa e o animal executa. Assim, a concepção, a execução e o fato se unem numa mesma harmonia, levando todas as coisas a uma solução mais rápida, pelos meios mais simples e mais seguros.

Pedimos desculpas por essa digressão: ela era indispensável ao assunto que agora podemos abordar.

Enquanto aguardamos as cartas prometidas, que facilitarão singularmente o estudo de todo o planeta, podemos, pelas descrições feitas pelos Espíritos, fazer uma idéia de sua grande cidade, da cidade por excelência, desse foco de luz e de atividade que eles concordam estranhamente em designar pelo nome latino de *Julnius*.

“No maior de nossos continentes – diz Palissy – em um vale de setecentas a oitocentas léguas de largura, para contar como vós, um rio magnífico desce das montanhas do norte e, engrossado por uma porção de torrentes e de ribeirões, forma em seu percurso sete ou oito lagos, dos quais o menor mereceria entre vós o nome de *mar*. Foi sobre as margens do maior desses lagos, por nós batizado com o nome de *Pérola*, que nossos antepassados lançaram os primeiros fundamentos de *Julnius*. Essa cidade primitiva ainda existe, venerada e guardada como preciosa relíquia. Sua arquitetura difere muito da vossa. Explicar-vos-ei tudo isso em seu devido tempo; por ora ficai sabendo que a cidade moderna está apenas a algumas centenas de metros abaixo da antiga. Limitado entre altas montanhas, o lago se derrama no vale por oito enormes cataratas, que formam outras tantas correntes isoladas e dispersas em todos os sentidos. Com o auxílio dessas correntes, cavamos na planície uma porção de riachos, canais e pequenos lagos, reservando a terra firme apenas para nossas casas e jardins. Disso resultou uma espécie de cidade anfíbia, como vossa Veneza e da qual, à primeira vista, não se poderia dizer se está construída na terra ou sobre a água. Nada vos direi hoje de quatro edifícios sagrados, construídos sobre a própria vertente das cataratas,

de sorte que a água jorra aos borbotões de seus pórticos: são obras que vos pareceriam incríveis em grandeza e em ousadia.

“É a cidade *terrestre* que descrevo aqui, de certo modo material, a cidade das ocupações planetárias, a que chamamos, enfim, de *Cidade baixa*. Tem suas ruas ou, melhor dizendo, seus caminhos traçados para o serviço interno; tem suas praças públicas, seus pórticos e suas pontes lançadas sobre canais para a passagem dos serviçais. Mas a cidade inteligente, a cidade espiritual, a verdadeira Julnius, finalmente, não se encontra na Terra: é preciso que se a procure no ar.

“O corpo material dos animais incapazes de voar ⁵² necessita de terra firme; mas o que o nosso corpo fluídico e luminoso exige é uma habitação aérea como ele, quase impalpável e móvel, a nosso bel-prazer. Nossa habilidade resolveu esse problema, auxiliada pelo tempo e pelas condições privilegiadas que o Grande Arquiteto nos havia concedido. Compreende bem que essa conquista dos ares era indispensável a Espíritos como os nossos. Nosso dia tem a duração de cinco horas, e nossa noite igualmente dura o mesmo tempo; mas tudo é relativo e, para seres aptos a pensar e a agir como o fazemos, para Espíritos que se compreendem pela linguagem dos olhos e que sabem comunicar-se magneticamente a distância, nosso dia de cinco horas já igualaria uma de vossas semanas. Em nossa opinião era ainda muito pouco; e a imobilidade da morada, o ponto fixo do lar eram um entrave para todas as nossas grandes obras. Hoje, pelo deslocamento rápido dessas moradas de pássaros, pela possibilidade de nos transportarmos, bem como os nossos, a tal ou qual endereço do planeta e à hora do dia que nos apraza, nossa existência pelo menos dobrou e, com ela, tudo quanto se possa conceber de útil e de grandioso.

52 Entretanto, faz-se necessário excetuar certos animais providos de asas, reservados para os serviços aéreos e para as tarefas que, entre nós, exigiriam a utilização de vigamentos para construção. É uma transformação da ave, como os animais descritos acima resultam de uma transformação dos quadrúpedes.

“Em determinadas épocas do ano – aduz o Espírito – em certas festas, por exemplo, verás aqui o céu obscurecido pela nuvem de habitações que nos vem de todos os pontos do horizonte. É um curioso agregado de moradias esbeltas, graciosas, leves, de todas as formas, de todas as cores, equilibradas em diferentes alturas e continuamente em marcha, da *cidade baixa* para a *cidade celeste*: alguns dias depois, faz-se o vácuo pouco a pouco e todos esses pássaros desaparecem.

“Nada falta nessas moradas flutuantes, nem mesmo o encanto da verdura e das flores. Refiro-me a uma vegetação que não encontra paralelo entre vós, de plantas e até de arbustos que, pela natureza de seus órgãos, respiram, alimentam-se, vivem e se reproduzem no ar.

“Temos – diz ainda o mesmo Espírito – esses tufos de flores enormes, cujas formas e matizes nem podeis imaginar, e de uma leveza de tecido tão delicada que os torna quase transparentes. Balançando no ar, sustentados por grandes folhas e munidos de gavinhas semelhantes às da videira, reúnem-se em nuvens de mil tonalidades ou se dispersam ao sabor do vento, oferecendo um espetáculo encantador aos viandantes da *cidade baixa*... Imagina a graça dessas jangadas de verdura, desses jardins flutuantes que nossa vontade pode fazer e desfazer e que, algumas vezes, duram toda uma estação! Longas feiras de lianas e de ramos floridos destacam-se dessas alturas e se dependuram até o solo; cachos enormes se agitam, despetalando-se e liberando perfume... Os Espíritos que se deslocam no ar param à sua passagem: é um lugar de repouso e de encontro, ou, se quisermos, um meio de transporte para terminar a viagem sem fadiga e em boa companhia.”

Um outro Espírito estava sentado sobre uma dessas flores no momento em que o evoquei. Disse-me ele: “Neste instante é noite em Julnius, e me encontro sentado a distância sobre uma dessas flores aéreas que aqui desabrocham somente à claridade de

nossas luas. Sob meus pés, toda a *cidade baixa* está entregue ao sono; sobre minha cabeça e ao meu redor, contudo, e a perder de vista, não há senão movimento e alegria no espaço. Dormimos pouco: nossa alma encontra-se muito desprendida para que as necessidades do corpo a tiranizem, e a noite é feita mais para os nossos servos do que para nós. É a hora das visitas e das longas conversas, dos passeios solitários, dos devaneios, da música... Só vejo moradas aéreas, resplandecentes de luz, ou guirlandas de folhas e flores carregadas de bandos alegres... A primeira de nossas lua ilumina toda a *cidade baixa*: é uma luz suave, comparável à dos vossos luares; mas, ao lado do lago, a segunda se eleva, emitindo reflexos esverdeados que dão a todo o rio o aspecto de um vasto prado...”

É sobre a margem direita desse rio, diz o Espírito, “cuja água te ofereceria a consistência de um leve vapor”⁵³, que está construída a casa de Mozart, que por meu intermédio Palissy houve por bem reproduzir sobre o cobre. Só apresento aqui a fachada sul. A grande entrada fica à esquerda, dando para a planície; à direita fica o rio; os jardins estão localizados ao norte e ao sul. Perguntei a Mozart quais eram seus vizinhos. – “Mais acima – disse ele – e mais embaixo, dois Espíritos que não conheces; mais à esquerda, apenas uma grande campina me separa do jardim de Cervantes.”

Como as nossas, portanto, a casa tem quatro faces, laborando em erro se disse fizessemos uma regra geral. É construída com certa pedra que os animais extraem das pedreiras do norte e cuja cor o Espírito compara a esses tons esverdeados que muitas vezes toma o azul do céu no momento em que o sol se põe. Quanto à sua rigidez, podemos fazer uma idéia por essa observação de Palissy: “que ela se fundiria sob a pressão de nossos dedos humanos tão depressa quanto um floco de neve; mesmo assim, ainda é uma

53 Sendo de 0,23 a densidade de Júpiter, isto é, pouco menos de um quarto da densidade da Terra, o Espírito nada diz que não seja verossímil. Concebe-se que tudo é relativo e que nesse globo etéreo, como ele próprio, tudo seja etéreo.

das matérias mais resistentes do planeta! Nessas paredes os Espíritos esculpiram ou incrustaram estranhos arabescos, que o desenho procura reproduzir. São ornamentos gravados na pedra e coloridos em seguida, ou incrustações que restabelecem a solidez da pedra verde, através de um processo que no momento desfrutava de grande popularidade e que nos vegetais conserva toda a graça de seus contornos, toda a delicadeza de seus tecidos, toda a riqueza de seu colorido. E o Espírito acrescenta: “Uma descoberta que fareis qualquer dia e que entre vós mudará muita coisa.”

A grande janela da direita apresenta um exemplo desse gênero de ornamentação: um de seus bordos nada mais é que uma enorme cana, cujas folhas foram conservadas. O mesmo ocorre no coroamento da janela principal, que afeta a forma da clave de sol: são plantas sarmentosas, enlaçadas e incrustadas. É por esse processo que eles obtêm a maior parte do coroamento dos edifícios, portões, balaústres, etc. Muitas vezes a planta é colocada na parede com as raízes e em condições de crescer livremente. Cresce e se desenvolve; suas flores desabrocham ao acaso, e o artista não as incrustou no lugar senão quando adquiriram todo o desenvolvimento requerido para a ornamentação do edifício: a casa de Palissy é decorada quase inteiramente dessa maneira.

Destinados inicialmente apenas aos móveis, depois às molduras de portas e janelas, esse gênero de ornamentos aperfeiçoou-se pouco a pouco e acabou por invadir toda a arquitetura. Hoje, não se incrusta somente as flores e os arbustos, mas a própria árvore, da raiz até a copa; e os palácios, como os edifícios, praticamente não têm outras colunas.

Uma incrustação da mesma natureza serve também para decorar as janelas. Flores ou folhas muito grandes são habilmente despojadas de sua parte carnuda, restando apenas um feixe de fibras tão finas quanto a mais fina musselina. Cristalizam-nas; e dessas folhas reunidas com arte constrói-se uma janela inteira, que apenas

filtra para o interior uma luz muito suave; ou, ainda, são revestidas de uma espécie de vidro líquüfeito e colorido de todos os matizes que se cristaliza no ar, transformando a folha numa espécie de vidraça. Da disposição dessas folhas nas janelas resultam encantadores buquês, transparentes e luminosos!

Quanto às dimensões dessa aberturas e a mil outros detalhes que podem surpreender à primeira vista, vejo-me forçado a adiar a explicação: a história da arquitetura em Júpiter demandaria um volume inteiro. Renuncio também a falar sobre o mobiliário para aqui me ater tão-somente à disposição geral da casa.

O leitor deve ter compreendido, de tudo que precede, que a casa do continente não deve ser para o Espírito mais que uma espécie de pousada provisória. A *cidade baixa* quase que só é freqüentada por Espíritos de segunda ordem, encarregados dos interesses planetários – da agricultura, por exemplo, ou das trocas, e da boa ordem que deve ser mantida entre os serviçais. Dessa forma, todas as casas situadas no solo só dispõem do térreo e do andar superior: um destinado aos Espíritos que atuam sob a direção do senhor, e acessível aos animais; o outro, reservado tão-somente ao Espírito, que aí reside apenas ocasionalmente. É isso que explica o fato de vermos, nas diversas habitações de Júpiter, nesta, por exemplo, e na de Zoroastro, uma escadaria e, até mesmo, uma rampa. Aquele que rasa a água, como a andorinha, e que pode correr sobre as hastes do trigo sem as curvar, passa muito bem sem a escadaria e sem a rampa para penetrar em sua casa; mas os Espíritos inferiores não têm o vôo tão fácil; não se elevam senão aos solavancos e nem sempre a rampa lhes é inútil. Enfim, a escadaria é de absoluta necessidade para os animais-serviçais, que apenas caminham como nós. Estes últimos têm seus pavilhões, aliás muito elegantes, e que fazem parte de todas as grandes habitações; mas suas funções os chamam, constantemente, à casa do senhor: é necessário facilitar-lhes a entrada e o percurso interior. Daí essas construções bizarras, cuja base lembra muito nossos

edifícios terrestres, mas deles diferindo por completo na parte superior.

Esta se distingue, sobretudo, por uma originalidade que seríamos absolutamente incapazes de imitar. É uma espécie de flecha aérea que se balança no alto do edifício, acima da grande janela e de seu singular coroamento. Esse frágil mastarêu, fácil de ser deslocado, destina-se, no pensamento do artista, a não deixar o lugar que lhe está assinalado porque, sem se apoiar em coisa alguma na parte superior, complementa-lhe a decoração; lamento que a dimensão da prancha não lhe tenha permitido encontrar um lugar aí. Quanto à morada aérea de Mozart, apenas constato a sua existência: os limites deste artigo não permitem que me estenda sobre este assunto.

Não terminarei, entretanto, sem dar explicações a propósito do gênero de ornamentos que o grande artista escolheu para sua morada. Nele é fácil reconhecer a lembrança de nossa música terrestre: a clave de sol é ali freqüentemente reproduzida e, coisa bizarra, jamais a clave de fá! Na decoração do térreo, encontramos um arco, uma espécie de tiorba ou bandolim, uma lira e uma pauta completa de música. Mais alto, é uma grande janela que lembra vagamente a forma de um órgão; as outras têm a aparência de grandes notas, enquanto notas menores são abundantes por toda a fachada.

Seria erro concluir que a música de Júpiter seja comparável à nossa, e que se represente pelos mesmos sinais: Mozart explicou-se sobre isso, de maneira a não deixar qualquer dúvida; mas na decoração de suas casas os Espíritos lembram, com prazer, a missão terrestre que lhes fez merecer a encarnação em Júpiter e que melhor resume o caráter de sua inteligência. Assim, na residência de Zoroastro, os astros e a chama constituem os únicos detalhes da decoração.

Há mais; parece que esse simbolismo tem suas regras e seus segredos. Nem todos esses ornamentos estão dispostos ao acaso: têm sua ordem lógica e sua significação precisa; mas é uma arte que os Espíritos de Júpiter renunciam a nos fazer entender, pelo menos até hoje, e sobre a qual não se explicam de bom grado. Nossos velhos arquitetos também empregaram o simbolismo na decoração de suas catedrais; a torre de Saint-Jacques não passa de um poema hermético, a acreditarmos na tradição. Nada há, pois, para nos admirarmos da originalidade da decoração arquitetônica em Júpiter: se contradiz nossas idéias sobre a arte humana é que, com efeito, existe um completo abismo entre uma arquitetura que vive e fala, e o primitivismo da nossa, que nada exprime. Nisso, como em qualquer outra coisa, a prudência nos proíbe esse erro do relativo, que quer tudo reduzir às proporções e aos hábitos do homem terreno. Se os habitantes de Júpiter morassem como nós, comessem, vivessem, dormissem e andassem como nós, não haveria grande vantagem em ascender até lá. É justamente porque seu planeta difere bastante do nosso que desejamos conhecê-lo e com ele sonhar como nossa futura morada!

De minha parte, não terei perdido tempo e serei muito feliz por me haverem os Espíritos escolhido como intérprete, se seus desenhos e inscrições inspirarem a um só crente o desejo de subir mais rápido para Julnius, e a coragem de tudo fazer para o conseguir.

Victorien Sardou.

O autor dessa interessante descrição é um desses adeptos fervorosos e *esclarecidos*, que não temem confessar altivamente suas crenças e se colocam acima da crítica das pessoas que não acreditam em nada que escape do seu círculo de idéias. Ligar o nome a uma doutrina nova, afrontando os sarcasmos, é uma coragem que não é dada a todo mundo; por isso, felicitamos o Sr. V. Sardou. Seu trabalho revela o distinto escritor que, embora ainda

jovem, já conquistou um honroso lugar na literatura, aliando ao talento de escrever os conhecimentos profundos de um sábio, prova evidente de que o Espiritismo não recruta seus prosélitos entre os tolos e os ignorantes. Fazemos votos por que o Sr. Sardou complete o mais breve possível o seu trabalho, em tão boa hora iniciado. Se os astrônomos nos desvelam, por suas sábias pesquisas, o mecanismo do Universo, por suas revelações os Espíritos nos dão a conhecer o seu estado moral, e isso, como dizem, objetivando estimular-nos ao bem, a fim de merecermos uma existência melhor.

Allan Kardec



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO I

SETEMBRO DE 1858

Nº 9

Propagação do Espiritismo

Passa-se um fenômeno notável com a propagação do Espiritismo. Ressuscitado das crenças antigas há apenas alguns anos, não fez sua aparição entre nós à sombra dos mistérios, como outrora, mas em plena luz e à vista de todo o mundo. Para uns foi objeto de curiosidade passageira, um divertimento que se descartava como um brinquedo, a fim de se tomar outro; para muitos não encontrou senão a indiferença; para o maior número a incredulidade, malgrado a opinião de filósofos cujos nomes a cada instante invocamos como autoridade. Isso nada tem de surpreendente: o próprio Jesus convenceu, por seus milagres, todo o povo judeu? Sua bondade, e a sublimidade de sua doutrina, fizeram com que conquistasse graça perante os juizes? Não foi tratado, ao contrário, de velhaco e impostor? E, se lhe não aplicaram o epíteto de charlatão, foi porque, então, não se conhecia esse termo de nossa civilização moderna. Entretanto, os homens sérios perceberam, nos fenômenos que ocorrem em nossos dias, algo mais que um simples objeto de frivolidade; estudaram, aprofundaram-no com olhos de observador consciencioso, nele encontrando a chave de uma multidão de mistérios até então incompreendidos. Para eles isso foi um facho de luz, daí surgindo toda uma doutrina, toda uma filosofia e, podemos até mesmo dizer, toda uma ciência, inicialmente divergente, conforme o ponto de vista

ou a opinião pessoal do observador, mas tendendo pouco a pouco à unidade de princípio. Apesar da oposição interesseira de alguns, sistemática entre os que imaginam que a luz não pode emanar senão de suas cabeças, encontra essa doutrina numerosos aderentes, porque esclarece o homem sobre seus verdadeiros interesses, presentes e futuros, respondendo à sua aspiração com vistas ao futuro, tornado, de alguma sorte, palpável. Enfim, porque satisfaz simultaneamente à razão e às suas esperanças, dissipando dúvidas que degeneravam em absoluta incredulidade. Ora, com o Espiritismo todas as filosofias materialistas ou panteístas caem por si mesmas; não é mais possível a dúvida no tocante à Divindade, à existência da alma, sua individualidade, sua imortalidade. Seu futuro se nos apresenta como a luz do dia, e sabemos que esse futuro, que sempre deixa uma porta aberta à esperança, depende da nossa vontade e dos esforços que fizermos na direção do bem.

Enquanto não viram no Espiritismo senão fenômenos materiais, só se interessaram por ele como espetáculo, porque se dirigia aos olhos; porém, desde o momento em que se elevou à categoria de ciência moral foi levado a sério, porque falava ao coração e à inteligência, e todos encontraram nele a solução do que procuravam vagamente em si mesmos; uma confiança fundada na evidência substituiu a incerteza pungente; do ponto de vista tão elevado em que nos coloca, as coisas terrenas parecem tão pequenas e tão mesquinhas que as vicissitudes deste mundo não são mais que incidentes passageiros, que se suporta com paciência e resignação; a vida corporal não passa de uma breve parada na *vida da alma*; para nos servirmos de uma expressão de nosso sábio e espirituoso confrade Sr. Jobard, não é mais que um albergue ordinário, onde não vale a pena desfazer as malas.

Com a Doutrina Espírita tudo está definido, tudo está claro, tudo fala à razão; numa palavra, tudo se explica, e os que se aprofundaram em sua essência encontram nela uma satisfação interior, à qual não mais desejam renunciar. Eis por que, em tão pouco tempo,

encontrou tantas simpatias, de modo algum recrutadas no círculo limitado de uma localidade, mas no mundo inteiro. Se os fatos não estivessem aí para o provar, nós os julgaríamos pela nossa *Revista*, que tem apenas alguns meses de existência, e cujos assinantes, não se contando embora aos milhares, estão disseminados por todos os pontos do globo. Além dos de Paris e dos Departamentos, nós os possuímos na Inglaterra, Escócia, Holanda, Bélgica e Prússia; em São Petersburgo, Moscou, Nápoles, Florença, Milão, Gênova, Turim, Genebra, Madri e Shangai; na China e na Batávia; em Caiena; no México e no Canadá; nos Estados Unidos, etc. Não o afirmamos como bravata, mas como um fato característico. Para que um jornal recém-fundado e tão especializado desde agora seja solicitado por países tão diversos e tão afastados, é preciso que o assunto nele tratado encontre partidários no mundo inteiro, pois, do contrário, não o fariam vir de tão longe por simples curiosidade, fosse ainda da lavra do melhor escritor. É, pois, o assunto que interessa e não o seu obscuro redator. Aos olhos dos leitores, portanto, o seu objetivo é sério. Torna-se, assim, evidente que o Espiritismo tem raízes em todas as partes do mundo e, sob esse ponto de vista, vinte assinantes, espalhados em vinte países diferentes, provariam mais do que cem, concentrados numa única localidade, porque não se poderia supô-lo senão como obra de uma confraria.

A maneira por que se vem propagando o Espiritismo até agora não merece uma atenção menos cuidadosa. Se a imprensa houvesse feito retumbar a voz em seu favor; se o pudesse enaltecer; se, em suma, o mundo lhe tivesse dado atenção, poder-se-ia dizer que se havia propagado como todas as coisas que dão margem a uma reputação factícia, da qual se deseja experimentar, mesmo que seja por curiosidade. Mas nada disso ocorreu: em geral, a imprensa não lhe prestou nenhum apoio voluntário; pelo contrário: quando não o desdenhou, em raros intervalos a ele se referiu somente para o levar ao ridículo e para despachar seus adeptos aos manicômios, coisa pouco estimulante para os que tivessem a veleidade de iniciar-se na doutrina. Apenas o próprio Sr. Home mereceu as honras de

algumas referências algo mais sérias, ao passo que os acontecimentos mais vulgares nela encontram grande espaço. Aliás, pela linguagem dos adversários, vê-se facilmente que falam do Espiritismo como os cegos fariam das cores, isto é, sem conhecimento de causa, sem exame sério e aprofundado, e unicamente baseados numa primeira impressão; dessa forma, seus argumentos se limitam à negação pura e simples, já que não podemos promover à categoria de argumentos as expressões chistosas que empregam. Por mais espirituosos que sejam, os gracejos não representam razões. Entretanto, não se deve acusar de indiferença ou de má vontade todo o pessoal da imprensa. Em termos individuais, nela o Espiritismo encontra partidários sinceros, e conhecemos diversos entre os mais destacados homens de letras. Por que, então, mantêm-se silenciosos? É que, ao lado da questão da crença, há também a da personalidade, muito poderosa neste século. Neles, como em muitos outros, a crença é concentrada, e não expansiva; além disso, obrigam-se a responder pelos erros de seus jornais, receando perder os assinantes caso levantem, com destemor, uma bandeira cuja coloração possa desagradar a alguns deles. Perdurará esse estado de coisas? Não; logo o Espiritismo será como o magnetismo, do qual só se falava outrora em voz baixa, e que hoje não se teme mais confessar. Por mais bela e justa que seja, nenhuma idéia nova se implanta instantaneamente no espírito das massas, e aquela que não encontrasse oposição seria um fenômeno absolutamente insólito. Por que faria o Espiritismo exceção à regra comum? Às idéias, como aos frutos, é preciso tempo para amadurecer; mas a leviandade humana faz com que sejam julgadas antes da maturidade, ou sem que tenhamos o trabalho de sondar-lhes as qualidades íntimas. Isso nos faz lembrar a espirituosa fábula de *A Macaquinha, o Macaco e a Noz*. Como se sabe, essa pequena macaca colhe uma noz com a casca ainda verde; morde-a, faz caretas, joga fora e se admira de gostarem de uma coisa tão amarga; mas um velho macaco, menos superficial e, com certeza, profundo pensador da sua espécie, apanha a noz do chão, quebra-lhe a casca, come-a e a considera deliciosa, decorrendo daí uma bela moral, dirigida aos que julgam as coisas novas tão-somente pelo seu aspecto exterior.

O Espiritismo teve, pois, de caminhar sem o concurso de qualquer apoio estranho; e eis que, em cinco ou seis anos, tem se vulgarizado com tamanha rapidez que toca as raias do prodígio. Onde terá adquirido essa força, senão em si mesmo? Em seu princípio é preciso, pois, tenha ele algo de muito poderoso, para ser assim propagado sem os meios superexcitantes da publicidade. É que, como havíamos dito acima, quem quer que se dê ao trabalho de aprofundá-lo, nele encontrará o que procurava, aquilo que sua razão lhe fazia entrever, uma verdade consoladora, haurindo, finalmente, a esperança de uma verdadeira satisfação. Dessa forma, as convicções adquiridas são sérias e duráveis; não se trata dessas opiniões levianas, que um sopro faz nascer e que outro as destrói. Ultimamente alguém nos dizia: “Encontro no Espiritismo uma esperança tão suave, nele haurindo tão gratas e doces consolações, que qualquer pensamento contrário tornar-me-ia bastante infeliz, sentindo que meu melhor amigo se tornaria odioso, caso tentasse demover-me dessa crença.” Quando uma idéia não tem raízes pode lançar um brilho passageiro, semelhante a essas flores que fazemos desenvolver à força, mas que em breve, por falta de sustento, morrem e delas não mais se fala. Ao contrário, as que têm uma base séria crescem e persistem, terminando por identificar-se de tal modo com os nossos hábitos que mais tarde nos admiramos de um dia havermos passado sem elas

Se o Espiritismo não foi secundado pela imprensa européia, dirão que o mesmo não ocorreu na América. Até certo ponto isso é verdade. Na América, como aliás em todos os lugares, existe uma imprensa geral e uma imprensa especial. A primeira, por certo, ocupou-se muito mais do Espiritismo do que entre nós, embora menos do que se pensa; ela também tem os seus órgãos hostis. Somente nos Estados Unidos, conta a imprensa especial com dezoito jornais espíritas, dos quais dez hebdomadários e vários de grande formato. A esse respeito, vê-se que estamos ainda bastante atrasados; mas lá, como aqui, os jornais especiais se destinam a pessoas especiais. É evidente que uma gazeta médica, por exemplo, não deverá ser pesquisada pelos arquitetos nem pelos homens da lei; da mesma

forma um jornal espírita, com poucas exceções, não será lido senão pelos partidários do Espiritismo. O grande número de jornais americanos que tratam dessa matéria prova a expressiva quantidade de leitores que têm a alimentar. Muito fizeram, sem dúvida, mas em geral sua influência é puramente local; são, na maioria, desconhecidos do público europeu, e os nossos jornais muito raramente transcrevem alguns artigos seus. Dizendo que o Espiritismo propagou-se sem o apoio da imprensa, queríamos nos referir à imprensa geral, que se dirige a todos, àquela cuja voz impressiona diariamente milhões de ouvidos, que penetra nos mais obscuros recantos; àquela que permite ao anacoreta, na solidão do deserto, estar tão perfeitamente a par do que se passa no mundo quanto os habitantes das cidades; enfim, da que semeia idéias a mancheias. Que jornal espírita pode vangloriar-se de fazer ressoar os ecos do mundo? Fala às pessoas que têm convicção; não atrai a atenção dos indiferentes. Falamos, pois, a verdade, quando dizemos que o Espiritismo foi entregue às próprias forças; se, por si mesmo, já deu tão grandes passos, que será quando dispuser da poderosa alavanca da grande publicidade! Enquanto aguarda esse momento, vai plantando balizas por toda parte; seus ramos acharão pontos de apoio em todos os lugares e, finalmente, em toda parte encontrará vozes cuja autoridade imporá silêncio aos detratores.

A qualidade dos adeptos do Espiritismo merece uma atenção particular. São recrutados nas camadas inferiores da sociedade, entre pessoas iletradas? Não; estes, pouco ou nada se preocupam; talvez apenas tenham ouvido falar do Espiritismo. As próprias mesas girantes neles encontraram poucos adeptos. Até o momento, os seus prosélitos pertencem às primeiras fileiras da sociedade, entre pessoas esclarecidas, homens de saber e de raciocínio; e, coisa notável, os médicos, que durante muito tempo promoveram uma guerra encarniçada ao magnetismo, aderem sem dificuldade a essa doutrina; entre nossos assinantes, contamos com um grande número deles, tanto na França quanto no estrangeiro, como os há também em grande maioria entre homens superiores sob todos os aspectos, notabilidades científicas e

literárias, altos dignitários, funcionários públicos, oficiais gerais, negociantes, eclesiásticos, magistrados, e outros, todos gente bastante séria para tomar como passatempo um jornal que, como o nosso, não prima por ser divertido e, principalmente, se acreditarem nele não encontrar senão fantasias. A *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos* não é uma prova menos evidente dessa verdade, pela escolha das pessoas que reúne; suas sessões são acompanhadas com interesse constante, uma atenção religiosa e, podemos dizer, até mesmo com avidez; entretanto, só se ocupa de estudos graves, sérios, freqüentemente abstratos, e não de experiências destinadas a excitar a curiosidade. Falamos do que se passa sob os nossos olhos, não podendo, sob esse ponto de vista, dizer o mesmo de todos os centros que se ocupam do Espiritismo, porquanto, quase por toda parte, como haviam anunciado os Espíritos, *o período de curiosidade alcança o seu declínio*. Esses fenômenos nos fazem penetrar numa ordem de coisas tão grande, tão sublime que, ao lado dessas graves questões, um móvel que gira ou que dá pancadas é um brinquedo de criança: é o *á-bê-cê* da Ciência.

Sabemos, aliás, a que nos atermos agora, no que concerne à qualidade dos Espíritos batedores e, em geral, dos que produzem efeitos materiais. Foram muito apropriadamente nomeados de saltimbancos do mundo espírita; eis por que nos ligamos menos a eles do que aos que nos podem esclarecer.

Podemos distinguir, na propagação do Espiritismo, quatro fases ou períodos distintos:

1º O da *curiosidade*, no qual os Espíritos batedores não desempenhado o papel principal para chamar a atenção e preparar os caminhos.

2º O da *observação*, no qual entramos, e que podemos chamar também de período filosófico. O Espiritismo é aprofundado e se depura, tendendo à unidade de doutrina e constituindo-se em Ciência.

Virão em seguida:

3º O período de *admissão*, no qual o Espiritismo ocupará uma posição oficial entre as crenças oficialmente reconhecidas.

4º O período da *influência sobre a ordem social*. A Humanidade, então sob a influência dessas idéias, entrará num novo caminho moral. Desde hoje essa influência é individual; mais tarde agirá sobre as massas, para a felicidade geral.

Assim, de um lado, eis uma crença que, por si mesma, espalha-se pelo mundo inteiro, a pouco e pouco e sem os meios usuais de propaganda forçada; por outro lado, essa mesma crença finca raízes não nos estratos inferiores da sociedade, mas na sua parte mais esclarecida. Não haveria, nesse duplo fato, algo de muito característico e que devia fazer refletir todos quantos ainda consideram o Espiritismo um sonho vazio? Ao contrário de muitas outras idéias que vêm de baixo, informes ou desnaturadas, não penetrando senão com dificuldade nas camadas superiores, onde se depuram, o Espiritismo parte de cima e só chegará às massas desembaraçado das idéias falsas, inseparáveis das coisas novas.

É preciso convir, entretanto, que, entre muitos adeptos, existe somente uma crença latente. O temor do ridículo entre uns, e noutros o receio de melindrar certas susceptibilidades os impedem de proclamarem alto e bom som as suas opiniões; isso é sem dúvida pueril; entretanto, nós os compreendemos perfeitamente. Não se pode pedir a certos homens aquilo que a Natureza não lhes deu: a coragem de desafiar o “que dirão disso?” Porém, quando o Espiritismo estiver em todas as bocas – e esse tempo não está longe – tal coragem virá aos mais tímidos. Sob esse aspecto uma mudança notável já vem se operando desde algum tempo; fala-se dele mais abertamente; já se arriscam, e isso faz abrir os olhos dos próprios antagonistas, que se interrogam se é prudente, no interesse de sua própria reputação, combater uma crença que, por bem ou por mal, infiltra-se por toda

parte e encontra apoio no ápice da sociedade. Assim, o epíteto de *loucos*, tão largamente prodigalizado aos adeptos, começa a tornar-se ridículo; é um lugar-comum que se torna trivial, pois em breve os loucos serão mais numerosos que as pessoas sensatas, havendo mais de um crítico que já se colocou do seu lado. Finalmente, é o cumprimento do que anunciaram os Espíritos, ao dizerem: os maiores adversários do Espiritismo tornar-se-ão seus mais ardorosos partidários e propagandistas.

Platão: Doutrina da Escolha das Provas

Através dos curiosos documentos célticos que publicamos em nosso número de abril, vimos que a doutrina da reencarnação era professada pelos druidas, segundo o princípio da marcha ascendente da alma humana, percorrendo os diversos graus de nossa escala espírita. Todos sabem que a idéia da reencarnação remonta à mais alta Antigüidade e que o próprio Pitágoras a havia haurido entre os indianos e os egípcios. Não é, pois, de admirar que Platão, Sócrates e outros mais partilhassem uma opinião admitida pelos ilustres filósofos daquele tempo; mas o que talvez seja ainda mais notável é encontrar, desde aquela época, o princípio da doutrina da escolha das provas, hoje ensinada pelos Espíritos, doutrina que pressupõe a reencarnação, sem a qual não haveria nenhuma razão de ser. Não discutiremos hoje essa teoria, que estava tão longe de nosso pensamento quando os Espíritos no-la revelaram, que nos surpreendeu estranhamente, porque – confessamos humildemente – o que Platão escrevera sobre esse assunto especial nos era então completamente desconhecido, nova evidência, entre tantas outras, de que as comunicações que nos foram dadas não refletem absolutamente a nossa opinião pessoal. Quanto à de Platão, apenas constatamos a idéia principal, cabendo facilmente a cada um a forma sob a qual é apresentada e julgar os pontos de contato que, em certos detalhes, possa ter com a nossa teoria atual. Em sua alegoria do *Fuso da Necessidade*, ele imagina um diálogo entre Sócrates e

Glauco, atribuindo ao primeiro o discurso seguinte, sobre as revelações do armênio *Er*, personagem fictício, segundo toda probabilidade, embora alguns o tomem por Zoroastro.

Compreende-se facilmente que esse relato nada mais é do que um quadro imaginado para desenvolver a idéia principal: a imortalidade da alma, a sucessão das existências, a escolha de tais existências por efeito do livre-arbítrio, enfim, as conseqüências felizes ou infelizes dessa escolha, muitas vezes imprudente, proposições encontradas todas em *O Livro dos Espíritos* e que vêm confirmar os numerosos fatos citados nesta *Revista*.

“O relato que vos quero trazer à memória – diz Sócrates a Glauco – é o de um homem de coração: Er, o armênio, originário da Panfília. Ele tinha sido morto numa batalha. Dez dias mais tarde, como levassem os cadáveres já desfigurados dos que com ele haviam tombado, o seu foi encontrado são e intacto. Transportaram-no para sua casa a fim de fazer os funerais e, no segundo dia, quando foi posto sobre a fogueira, reviveu e contou o que tinha visto na outra vida.

“Tão logo sua alma havia saído do corpo, viu-se a caminho com uma porção de outras almas, chegando a um lugar maravilhoso, de onde se viam, na Terra, duas aberturas vizinhas uma da outra, e duas outras no céu, correspondentes àquelas. Entre essas duas regiões estavam assentados os juízes. Assim que pronunciavam uma sentença, ordenavam aos justos tomarem lugar à direita, por uma das aberturas do céu, após lhes haver fixado no peito um letreiro contendo o julgamento pronunciado em seu favor, e ordenando aos maus que tomassem o caminho da esquerda, localizado nos abismos, levando às costas um letreiro semelhante, onde estavam relacionadas todas as suas ações. Quando chegou sua vez de apresentar-se, os juízes declararam que deveria levar aos homens a notícia do que se passava nesse outro mundo, ordenando-lhe que ouvisse e observasse tudo quanto a ele se referisse.

“A princípio viu desaparecerem as almas que haviam sido julgadas, umas subindo para o Céu, outras descendo à Terra, através de duas aberturas que se correspondiam: enquanto pela segunda abertura da Terra via saírem almas cobertas de poeira e imundície, ao mesmo tempo desciam almas puras e sem mácula pela outra porta do céu. Todas pareciam vir de uma longa viagem e se demoravam prazerosamente numa campina, qual se fora um local de reunião. As que se conheciam saudavam-se mutuamente e pediam notícias do que se passava nos lugares de onde vinham: o Céu e a Terra. Aqui, entre gemidos e lágrimas, era lembrado tudo quanto haviam sofrido ou visto sofrer quando estagiavam na Terra; ali, contavam as alegrias do Céu e a felicidade de contemplar as maravilhas divinas.

“Seria demasiado longo seguir todo o discurso do armênio, mas eis, em suma, o que dizia. Cada uma das almas suportava dez vezes a pena das injustiças que havia cometido na Terra. A duração de cada punição era de cem anos, duração natural da vida humana, a fim de que o castigo fosse sempre decuplicado para cada crime. Assim, os que fizeram perecer os seus semelhantes em grande quantidade; atraçoaram cidades ou exércitos; reduziram seus concidadãos à escravidão ou cometeram outras malvadezas eram atormentados ao décuplo para cada um desses crimes. Os que, ao contrário, só espalharam o bem em torno de si e foram justos e virtuosos, recebiam na mesma proporção a recompensa de suas boas ações. O que dizia das crianças, que a morte leva pouco depois do nascimento, merece menores comentários; mas assegurava que ao ímpio, ao filho desnaturado e ao homicida estavam reservados os mais cruéis sofrimentos, enquanto ao homem religioso e ao bom filho as felicidades mais abundantes.

“Estava presente quando uma alma perguntara a outra onde estava o grande Ardieu. Esse Ardieu havia sido tirano numa cidade da Panfília, mil anos antes; tinha matado seu velho pai, o irmão mais velho e cometido, ao que se dizia, vários outros crimes

hediondos. “Ele não vem nem virá jamais aqui”, respondeu a alma. A esse respeito todos fomos testemunhas de um espetáculo horrível. Quando estávamos prestes a sair do abismo, após haver cumprido nossas penas, vimos Ardieu e vários outros, cuja maioria era formada de tiranos como ele, ou de seres que, em situação particular, tinham cometido grandes crimes: em vão esforçavam-se por subir; e todas as vezes que esses culpados, cujos crimes não tinham remédio ou não haviam sido suficientemente expiados, tentavam sair, o abismo os repelia, bramindo. Então, personagens detestáveis, de corpos inflamados, que lá se encontravam, acorriam a esses bramidos. Primeiramente levaram à força alguns desses criminosos; quanto a Ardieu e os outros, ataram-lhes os pés, as mãos, a cabeça e, lançando-os por terra e os maltratando violentamente à custa de pancadas, os arrastaram para fora da estrada, através de sarças sangrentas, repetindo às sombras à medida que passavam algumas delas: “Eis os tiranos e os homicidas; nós os arrastamos para lançá-los no Tártaro.” Essa alma acrescentava que, entre tantos casos terríveis, nada lhe causava mais pavor que o bramido do abismo, sendo para elas uma suprema alegria poderem sair em silêncio.

“Tais eram, aproximadamente, os julgamentos das almas, seus castigos e suas recompensas.

“Após sete dias de repouso nessa campina, as almas tiveram que partir no oitavo, pondo-se a caminho. Ao cabo de quatro dias de viagem, perceberam do alto, em toda a superfície do Céu e da Terra, uma luz imensa, aprumada como uma coluna e semelhante ao quartzo irisado, porém mais brilhante e mais pura. Um só dia foi suficiente para alcançá-la e então viram, mais ou menos no meio dessa muralha, a extremidade das cadeias que se ligam aos céus. É isso que os sustenta, é o envoltório da nau do mundo, é o vasto cinturão que o circunda. No topo estava suspenso o Fuso da Necessidade, em torno do qual se formavam todas as circunferências ⁵⁴.

54 São as diversas esferas dos planetas ou os diversos andares do céu, girando em torno da Terra, fixado ao eixo daquele mesmo fuso (V.COUSIN).

“Em torno do fuso, e a distâncias iguais, sentavam-se em tronos as três Parcas, filhas da Necessidade: Lachesis, Clotho e Atropos, vestidas de branco e coroadas com uma pequena faixa. Cantavam, associando-se ao concerto das Sereias: Lachesis, o passado; Clotho, o presente, e Atropos, o futuro. Com a mão direita Clotho tocava vez por outra o exterior do fuso, cabendo a Atropos, com a mão esquerda, imprimir movimentos aos círculos interiores, enquanto alternadamente, ora com uma mão, ora com a outra, Lachesis tocava no fuso e numa espécie de balança interior.

“Tão logo chegavam, as almas tinham que se apresentar a Lachesis. Em primeiro lugar, um hierofante as colocava ordenadamente em fila; depois, tomando do colo de Lachesis as sortes ou números em que cada alma devia ser chamada, bem como as diversas condições humanas *oferecidas à sua escolha*, subia a um estrado e falava assim: “Eis o que disse a virgem Lachesis, Filha da Necessidade: *Almas passageiras, ireis iniciar uma nova carreira e renascer na condição mortal. Não se vos assinalará o gênio; vós mesmas o escolhereis.* Escolherá aquela que a sorte chamar em primeiro lugar e essa escolha será irrevogável. A virtude não pertence a ninguém: alia-se àquele que a dignifica e abandona quem a despreza. Cada um é responsável pela escolha que faz, Deus é inocente.” A estas palavras ele espalhava os números e cada alma apanhava o que lhe caía à frente, exceto o Armênio, a quem isso não era permitido. Em seguida o hierofante desvendou-lhes todos os gêneros de vida, em maior número do que as almas ali reunidas. A variedade era infinita; encontravam-se ao mesmo tempo todas as condições humanas, assim como a dos animais. Havia tiranias: umas duravam até a morte, enquanto outras, interrompidas bruscamente, acabavam na pobreza, no exílio e no abandono. A ilustração mostrava-se sob diversas faces: podia-se escolher a beleza, a arte de agradar, os combates, a vitória ou a nobreza de raça. Estados completamente obscuros em todos os sentidos, ou intermediários, misturas de riqueza e de pobreza, de saúde e de doença, eram oferecidos à escolha: havia também condições de mulher que apresentavam a mesma variedade.

“Está evidentemente aí, meu caro Glauco, a prova que é temida pela Humanidade. Que cada um de nós possa refletir, deixando todos os estudos vãos para se entregar à Ciência, que faz a fortuna do homem. Procuremos um mestre que nos ensine a discernir entre o bom e o mau destino, e a escolher todo o bem que o céu nos proporciona. Examinemos com ele que situações humanas, separadas ou reunidas, conduzem às boas ações: se a beleza, por exemplo, unida à pobreza ou à riqueza, ou a tal disposição da alma deve produzir a virtude ou o vício; qual a vantagem de um nascimento brilhante ou comum, a vida privada ou pública, a força ou a fraqueza, a instrução ou a ignorância, enfim, tudo o que o homem recebe da Natureza e tudo quanto contém em si mesmo. Esclarecidos pela consciência, decidamos qual destino nossa alma deve preferir. Sim, o pior dos destinos seria o que a tornasse injusta, e o melhor aquele que incessantemente a conduzirá à virtude: tudo o mais nada significa para nós. Iríamos esquecer que não há escolha mais salutar após a morte do que durante a vida! Ah! Que esse dogma sagrado se identifique para sempre com nossa alma, a fim de não se deixar fascinar na Terra pelas riquezas, nem por outros males dessa natureza e que, lançando-se com avidez sobre a condição do tirano ou qualquer outro semelhante, não se exponha a cometer um grande número de males sem remédio e a sofrer outros ainda maiores.

“Segundo o relato de nosso mensageiro, o hierofante havia dito: “Àquele que escolher por último, contanto que o faça com discernimento e que seja coerente em sua conduta, será prometida uma vida feliz. O que escolher em primeiro lugar guarde-se de ser muito confiado, e que o último não se desespere.” Então, aquele que a sorte distinguiu em primeiro lugar avançou apressadamente e escolheu a mais importante tirania; levado por sua imprudência e por sua avidez, e sem olhar bastante para o que estava fazendo, não percebeu a fatalidade ligada ao objeto da escolha, que faria com que um dia comesse a carne de seus próprios filhos, além de muitos outros crimes terríveis. Mas quando considerou a sorte que havia escolhido, gemeu, lamentou-se e, esquecendo as lições

do hierofante, acabou acusando como responsáveis por seus males a fortuna, os gênios, tudo o mais, exceto a si mesmo⁵⁵. Esta alma era do número daquelas que vinham do céu: tinha vivido precedentemente num Estado bem governado e havia feito o bem mais pela força do hábito do que por filosofia. Eis por que, dentre as que caíam em semelhantes desenganos, as almas provenientes do céu não eram as menos numerosas, em virtude de não haverem sido provadas pelo sofrimento. Ao contrário, aquelas que, tendo passado pela morada subterrânea, haviam sofrido e visto sofrer, não escolhiam assim tão depressa. Daí, independentemente do acaso das posições a serem chamadas a escolher, resultava uma espécie de troca de bens e males para a maior parte das almas. Assim, um homem que, a cada renovação de sua vida na Terra, se aplicasse constantemente à sã filosofia e tivesse a felicidade de não ser contemplado com as últimas sortes, segundo esse relato teria grande probabilidade não somente de ser feliz neste planeta, mas, ainda, em sua viagem deste para o outro mundo e em seu retorno, de marchar pelo caminho unido do céu, e não mais pelos atalhos penosos do abismo subterrâneo.

“Acrescentou o armênio ser um espetáculo curioso ver de que maneira cada alma fazia sua escolha. Nada mais estranho e, ao mesmo tempo, mais digno de compaixão e zombaria. Na maioria das vezes a escolha era feita conforme os hábitos da vida anterior. Er tinha visto uma alma, que outrora pertencera a Orfeu, escolher

55 Os Antigos não atribuíam à palavra *tirano* o mesmo sentido que lhes damos hoje. Esse nome era dado a todos aqueles que se apoderavam do poder soberano, fossem quais fossem suas qualidades, boas ou más; a História cita tiranos que fizeram o bem; como, entretanto, o contrário acontecia com mais frequência e, além disso, para satisfazer a ambição ou perpetuar-se no poder, nenhum crime lhes era defeso, e esse vocábulo tornou-se, mais tarde, sinônimo de cruel e se aplica a todo homem que abusa de sua autoridade.

Ao escolher a *tiranía mais importante*, a alma de que fala Er não tinha procurado a crueldade, mas simplesmente o mais vasto poder, como condição de sua nova existência; quando sua escolha tornou-se irrevogável, percebeu que esse mesmo poder arrastá-la-ia ao crime, lamentando havê-la feito e a todos acusando por seus males, exceto a si mesma. É a história da maioria dos homens que, mesmo não admitindo confessar, são os artífices de sua própria desgraça.

a alma de um cisne, por ódio às mulheres, que lhe haviam provocado a morte, não querendo dever seu nascimento a nenhuma delas; a alma de Thomyris havia escolhido a condição de um rouxinol; e, reciprocamente, um cisne que, assim como ele, havia adotado a natureza do homem. Uma outra alma, a vigésima a ser chamada para escolher, tinha assumido a natureza de um leão: era a de Ajax, filho de Telamon. Detestava a Humanidade, ao lembrar o julgamento que lhe havia arrebatado as armas de Aquiles. Depois dessa, veio a alma de Agamenon, cujas desgraças o tornavam também inimigo dos homens: assumiu a posição de águia. A alma de Atalante, chamada a escolher na metade da cerimônia, havendo considerado as grandes homenagens prestadas aos atletas, não pôde resistir ao desejo de tornar-se atleta. Epeu, que construiu o cavalo de Tróia, tornou-se uma mulher laboriosa. A alma do bobo Teresita, uma das últimas a se apresentar, revestiu as formas de um macaco. A alma de Ulisses, a quem o acaso havia chamado por último, apresentou-se também para escolher: como a recordação de seus longos revezes lhe houvesse tirado toda a ambição, por muito tempo procurou e penosamente descobriu, num recanto, a vida tranqüila de um homem privado que todas as outras almas haviam descartado. Ao percebê-lo, disse que não teria feito outra escolha, mesmo que tivesse sido a primeira alma a ser chamada. Os animais, sejam quais forem, passam igualmente uns pelos outros ou por corpos humanos: os que foram maus tornam-se bestas ferozes e os bons, animais domesticados.

“Depois que todas as almas fizeram a escolha de uma condição, aproximaram-se de Lachesis segundo a ordem que haviam escolhido. A cada uma deu Parca o gênio que fora preferido, a fim de lhes servir de guardião durante a vida e auxiliá-las no cumprimento de seu destino. Primeiro, esse gênio as conduzia a Clotho que, com a mão e com um giro do fuso, confirmava o destino escolhido. Depois de haver tocado no fuso, o gênio a conduzia a Atropos, que enrolava o fio para tornar irrevogável aquilo que havia sido fiado por Clotho. Em seguida, avançavam até o trono da Necessidade, ao lado do qual a alma e seu gênio passavam juntos. Tão logo haviam todas passado,

dirigiam-se para uma planície do Letes – o Esquecimento⁵⁶ – onde experimentavam um calor insuportável, visto aí não haver nem árvores nem plantas. Morrendo o dia, passaram a noite junto ao rio Ameles – ausência de pensamentos sérios – cujas águas todos eram obrigados a beber, embora nenhum vaso as pudesse conter; mas os imprudentes bebiam demais. Os que o faziam sem cessar perdiam completamente a memória. Em seguida adormeciam, mas, em torno de meia-noite, ouviu-se o ribombar de um trovão, acompanhado de tremor de terra; logo as almas se dispersaram aqui e ali, pelos diversos pontos de seu nascimento terrestre, semelhante a estrelas que, de repente, cintilassem no céu. Quanto a Er, havia sido impedido de beber da água do rio; não sabia, entretanto, nem onde nem como sua alma se havia reunido novamente ao corpo; contudo, pela manhã, abrindo os olhos de repente, percebeu que se deitara sobre a fogueira.

“Tal é o mito, caro Glauco, que a tradição conserva até hoje. Ele pode preservar-nos de nossa perda: se dermos crédito a ele, *passaremos felizmente o Letes e manteremos nossa alma purificada de toda mácula.*”

Um Aviso de Além-Túmulo

O seguinte fato foi relatado pela *Patrie*, de 15 de agosto de 1858:

“Terça-feira passada, cometi a imprudência de vos contar uma história *emocionante*. Deveria ter pensado que não existem histórias *emocionantes*; há somente histórias bem contadas, de maneira que o mesmo fato, narrado por duas pessoas diferentes, pode fazer dormir um auditório ou provocar arrepios de terror. Como me entretive com meu companheiro de viagem, de Cherbourg a Paris, o Sr. B..., de quem ouvi uma anedota maravilhosa! Se a tivesse *estenografado*, certamente teria a possibilidade de vos causar arrepios.

56 Alusão ao esquecimento que se segue à passagem de uma existência a outra.

“Mas cometi a imprudência de confiar em minha memória detestável, o que lamento profundamente. Enfim, seja como for, eis a aventura, provando seu desenlace que hoje, 15 de agosto, incontestavelmente é um fato.

“O Sr. de S... – nome histórico ainda hoje levado em consideração – era oficial durante o Diretório. Fosse por prazer, ou por necessidade de serviço, dirigia-se à Itália.

“Em um de nossos departamentos centrais foi surpreendido pela noite e sentiu-se feliz por encontrar abrigo numa espécie de barraca de aspecto suspeito, onde lhe ofereceram uma ceia de má qualidade e um catre no celeiro.

“Habitado à vida de aventuras e ao rude ofício da guerra, o Sr. de S... comeu com apetite, deitou-se sem murmurar e dormiu profundamente.

“Seu sono foi perturbado por terrível aparição. Viu um espectro levantar-se na sombra, marchar pesadamente em direção ao seu grabato e deter-se à altura da cabeceira. Era um homem de cerca de cinqüenta anos, cujos cabelos, grisalhos e embaraçados, estavam vermelhos de sangue; apresentava o peito nu e a garganta, enrugada, estava cortada e as feridas abertas. Permaneceu em silêncio por alguns instantes, fixando os olhos negros e profundos sobre o viajante adormecido; depois, sua pálida figura se animou e suas pupilas brilharam como dois carvões ardentes. Parecendo esforçar-se com muita dificuldade, e com uma voz surda e estremecida pronunciou estas estranhas palavras:

“ – Conheço-te; és soldado como eu e, também como eu, homem de coração, incapaz de faltar com a palavra. Venho pedir-te um serviço, que outros já me prometeram mas não cumpriram. Estou morto há três semanas: o dono desta casa, auxiliado pela mulher, surpreendeu-me durante o sono e cortou-me a garganta.

Meu cadáver está escondido sob um monte de esterco, à direita, no fundo do pátio secundário. Vai, amanhã, procurar a autoridade do lugar, trazendo contigo dois gendarmes e fazendo com que eu seja enterrado. O dono da casa e sua mulher se trairão e tu os entregarás à justiça. Adeus, conto com tua piedade; não esqueças a rogativa de um antigo companheiro de armas.

“Despertando, o Sr. de S... recordou-se do sonho. Apoiou a cabeça no cotovelo e pôs-se a meditar; sua emoção era viva, dissipando-se diante das primeiras claridades do dia. Como Athalie, disse: *Um sonho! Deverei me inquietar com um sonho?* Ignorando o que se passava em seu coração, e escutando apenas a voz da razão, afivelou a mala e continuou a viagem.

“No final do dia, chegando à sua nova etapa, parou para passar a noite num albergue. Mal, porém, havia fechado os olhos, o espectro apareceu-lhe uma segunda vez, triste e quase ameaçador.

“ – Surpreendo-me e me aflijo – disse o fantasma – de ver um homem como tu perjurar e faltar a seu dever. Esperava mais de tua lealdade. Meu corpo está sem sepultura, vivem em paz meus assassinos. Amigo, minha vingança encontra-se em tuas mãos; em nome da honra eu te intimo a que voltes atrás.

“O Sr. de S ... passou o resto da noite em grande agitação; rompido o dia, envergonhou-se de seu pavor e continuou a viagem.

“Ao cair da tarde, terceira parada e terceira aparição. Desta vez, o fantasma estava mais lívido e mais terrível; um sorriso amargo percorria seus brancos lábios. Falou com voz rude:

“ – Creio que te julguei mal; teu coração, como o dos outros, parece insensível às súplicas dos infelizes. Venho invocar o teu auxílio pela última vez e fazer um apelo à tua generosidade. Retorna a X..., vingame, ou sê para sempre maldito!

“Dessa vez o Sr. de S... decidiu retomar o caminho de volta até o albergue suspeito, onde havia passado a primeira de suas lúgubres noites. Dirigiu-se à residência do magistrado e pediu dois gendarmes. À sua e à vista dos dois policiais, os assassinos empalideceram e confessaram o crime, como se força superior lhes houvesse arrancado essa confissão fatal.

“O processo foi instruído rapidamente, tendo eles sido condenados à morte. Quanto ao pobre oficial, cujo cadáver foi encontrado sob um monte de esterco, à direita, no fundo do pátio secundário, foi sepultado em terra santa e os sacerdotes oraram pelo repouso de sua alma.

“Havendo cumprido sua missão, o Sr. de S... apressou-se em deixar a região e correu para os Alpes, sem olhar para trás.

“A primeira vez que repousou numa cama, o fantasma ergueu-se novamente ante seus olhos, não mais o fazendo com ferocidade e irritação, porém mais suave e benevolentemente, dizendo-lhe:

“– Obrigado, obrigado, irmão. Quero agradecer o serviço que prestaste: mostrar-me-ei a ti uma vez ainda, uma só: duas horas antes da tua morte virei avisar-te. Adeus.

“O Sr. de S... tinha, então, cerca de trinta anos; durante igual período nenhuma visão veio perturbar a quietude de sua vida. Mas no dia 14 de agosto de 182..., véspera da festa de Napoleão, o Sr. de S..., que permanecia fiel ao partido bonapartista, tinha reunido num grande jantar uma vintena de antigos soldados do Império. A festa fora muito alegre e o anfitrião, embora velho, estava bem conservado e com boa saúde. Encontravam-se no salão e tomavam café.

“O Sr. de S... teve vontade de cheirar rapé e lembrou-se de que havia deixado a tabaqueira no quarto. Como tinha por hábito

servir-se ele mesmo, deixou seus convivas por alguns instantes e subiu ao primeiro andar da casa, onde ficava o quarto. Não havia levado luz.

“Quando penetrou no longo corredor que dava acesso ao quarto, deteve-se subitamente e se viu forçado a apoiar-se na parede: diante dele, na extremidade da galeria, deparou-se com o fantasma do homem assassinado que, não pronunciando qualquer palavra, nem fazendo gesto algum, desapareceu logo depois. Era o aviso prometido.

“Por ter bom ânimo, após um instante de desfalecimento o Sr. de S... recobrou a coragem e o sangue-frio, marchou para o quarto, apanhou a tabaqueira e desceu para o salão. Ao penetrar ali, não deixava transparecer qualquer sinal de emoção, misturando-se à conversação durante uma hora e revelando todo o seu espírito e a mesma jovialidade habitual.

“À meia-noite os convidados se retiraram. Sentou-se, então, passando três quartos de hora em recolhimento; depois, havendo posto ordem em seus negócios, embora não sentisse nenhum mal-estar, ganhou seu quarto de dormir. Quando abriu a porta, um tiro o estendeu morto, exatamente duas horas após a aparição do fantasma.

“A bala que lhe despedaçou o crânio destinava-se ao seu criado.”

Henri d'Audigier

Fazendo questão de cumprir a promessa que havia feito ao jornal, de narrar alguma coisa que emocionasse os leitores, teria o autor deste artigo haurido a estória em sua fecunda imaginação, ou seria ela verdadeira? É o que não poderíamos garantir. Aliás, esse ponto não é o mais importante; real ou fictício, o essencial é saber se o fato é possível. Pois bem! Não hesitamos em dizer: Sim, os avisos de além-túmulo são possíveis, e numerosos exemplos, cuja

autenticidade não poderia ser posta em dúvida, aí estão para os atestar. Se, pois, a anedota do Sr. Henry d'Audigier é apócrifa, muitas outras do mesmo gênero não o são; diremos, mesmo, que esta nada oferece de extraordinário. A aparição ocorreu em sonho, circunstância muito comum, quando é notório que podem produzir-se à vista, durante o estado de vigília. O aviso no instante da morte nada tem de insólito, mas os fatos desse gênero são muito mais raros porque a Providência, em sua sabedoria, nos oculta o momento fatal. Não é senão excepcionalmente que ele nos pode ser revelado e por motivos que nos são desconhecidos. Eis um outro exemplo mais recente, menos dramático, é verdade, mas cuja exatidão podemos garantir.

O Sr. Watbled, negociante e presidente do Tribunal de Comércio de Boulogne, faleceu no dia 12 de julho passado, nas seguintes circunstâncias: Sua esposa, que havia perdido há doze anos, e cuja morte lhe causava constantes pesares, apareceu-lhe durante duas noites consecutivas nos primeiros dias de junho, dizendo-lhe: “Deus apiedou-se de nossos sofrimentos e deseja que em breve estejamos reunidos.” Acrescentou, ainda, que o 12 de julho seguinte era o dia marcado para essa reunião e que, em conseqüência, devia preparar-se para ela. Realmente, desde esse momento operou-se nele uma mudança notável: definhava-se dia a dia, logo tomando o leito e, sem qualquer esforço e sem sofrimento algum, no dia marcado exalou o derradeiro suspiro, nos braços de seus amigos.

Em si mesmo, o fato é incontestável. Os cépticos poderão apenas discutir a causa, que não deixarão de atribuir à imaginação. Sabe-se que semelhantes predições, feitas por ledores de buena-dicha, foram seguidas de um desenlace fatal. Nesses casos, concebe-se que a imaginação, superexcitada pela idéia, possa fazer com que os órgãos experimentem uma alteração radical: por mais de uma vez o medo de morrer provocou a morte. Aqui, entretanto, as circunstâncias não são as mesmas. Os que se aprofundaram nos fenômenos do Espiritismo podem perfeitamente dar-se conta do fato; quanto aos cépticos, só têm

um argumento: “Não creio; logo, isso não é possível.” Interrogados a respeito, os Espíritos responderam: “Deus escolheu esse homem, que era de todos conhecido, a fim de que o acontecimento se espalhasse e provocasse reflexão.” – Os incrédulos incessantemente pedem provas; Deus lhas oferece a cada momento, através dos fenômenos que surgem por toda parte; a eles, porém, aplicam-se estas palavras: “Têm olhos, mas não vêem; têm ouvidos, mas não escutam.”

Os Gritos da Noite de São Bartolomeu

De Saint-Foy, em sua *Histoire de l'ordre du Saint-Esprit*, edição de 1778, cita a seguinte passagem, retirada de uma coletânea escrita pelo marquês Christophe Juvénal des Ursins, tenente-general do governo de Paris, lá pelos fins do ano de 1572, e imprimida em 1601.

“No dia 31 de agosto de 1572, oito dias após o massacre de São Bartolomeu, eu havia ceado no Louvre, nas dependências da senhora Fiesque. O calor tinha sido grande durante todo o dia. Assentamo-nos sob uma pequena latada, às margens do rio Sena, para aspirar o ar fresco; de repente, ouvimos no ar um barulho horrível, de vozes tumultuosas e de gemidos misturados a gritos de raiva e de furor; ficamos imóveis, tomados de pavor, olhando-nos de instante em instante, mas sem coragem de falar. Creio que esse barulho tenha durado cerca de meia hora. Por certo o rei Carlos IX também o ouviu, ficou apavorado, não dormiu mais durante o resto da noite e, embora não comentasse o fato no dia seguinte, perceberam-lhe o ar sombrio, pensativo, alucinado.

“Se algum prodígio não deve encontrar incrédulos, seguramente este é um deles, atestado por Henrique IV. Conforme d’Aubigné, no livro I, capítulo 6, página 561, esse príncipe várias vezes nos contou, entre seus familiares e cortesãos mais chegados – e tenho várias testemunhas vivas que jamais relataram o fato, sem se

sentirem ainda tomadas de pavor – que oito dias após o massacre de São Bartolomeu viu uma grande quantidade de corvos empoleirar-se e crocitar sobre o pavilhão do Louvre; que nessa mesma noite, duas horas após haver deitado, Carlos IX saltou de sua cama, fez se levantarem os que estavam em seu quarto e ordenou verificassem o que por ali se passava, pois ouvia no ar um grande barulho de vozes a gemer, em tudo semelhante ao que percebera na noite do massacre; que todos esses gritos eram tão impressionantes, tão marcantes e de tal forma articulados que Carlos IX, julgando que os inimigos dos Montmorency e de seus partidários os haviam surpreendido e os atacavam, enviou um destacamento de seus guardas para impedir esse novo massacre; que os guardas informaram que Paris estava tranqüila e que o barulho que se ouvia permanecia no ar.”

Observação – O fato narrado por Saint-Foy e Juvénal des Ursins tem muita analogia com a história do fantasma da senhorita Clairon, relatado em nosso número do mês de janeiro, com a diferença de que, nessa ocasião, um único Espírito se manifestou durante dois anos e meio, ao passo que, depois da noite de São Bartolomeu, uma quantidade inumerável de Espíritos teria feito o ar retinir apenas por alguns instantes. Aliás, esses dois fenômenos têm, evidentemente, o mesmo princípio que o dos demais fatos contemporâneos e da mesma natureza que já relatamos, deles não diferindo senão pelo detalhe da forma. Interrogados sobre a causa dessa manifestação, vários Espíritos responderam que *era uma punição de Deus*, o que é fácil de compreender.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

SENHORA SCHWABEN HAUS. LETARGIA EXTÁTICA

Segundo o *Courrier des États-Unis*, vários jornais relataram o fato que a seguir apresentamos, e que nos pareceu fornecer matéria para um estudo interessante:

“Diz o *Courrier des États-Unis* que uma família alemã de Baltimore acaba de emocionar-se vivamente com um caso singular de morte aparente. A Sra. Schwabenhaus, há longo tempo enferma, parecia ter exalado o derradeiro suspiro na noite de segunda para terça-feira. As pessoas que dela cuidavam puderam observar todos os sintomas da morte: o corpo estava gelado e seus membros tornaram-se rígidos. Após ter prestado ao cadáver os últimos deveres, e quando tudo na câmara mortuária estava pronto para o enterro, os assistentes foram repousar. Esgotado de fadiga, o Sr. Schwabenhaus em breve os acompanhou. Estava mergulhado num sono agitado quando, cerca de seis horas da manhã, a voz da esposa feriu-lhe o ouvido. A princípio julgou-se vítima de um sonho; mas o seu nome, repetido várias vezes, não mais lhe deixou qualquer dúvida, precipitando-se de imediato para o quarto da esposa. Aquela que era tida por morta estava sentada na cama, parecendo fruir de todas as faculdades e mais forte do que nunca, desde o início da doença.

“A Sra. Schwabenhaus pediu água e depois desejou tomar chá e vinho. Rogou ao marido que fizesse adormecer a criança que chorava num quarto vizinho. Mas ele estava muito emocionado para isso e correu a despertar as demais pessoas de casa. Sorridente, a doente acolheu os amigos e domésticos que, trêmulos, aproximaram-se de seu leito. Não parecia surpreendida com o aparato funerário que lhe feria o olhar. “Sei que me acreditáveis morta, disse; entretanto, estava apenas adormecida. Durante esse tempo minha alma transportou-se para as regiões celestes; um anjo veio buscar-me e em poucos instantes transpusemos o espaço. O anjo que me conduzia era a filhinha que perdemos o ano passado... Oh! Em breve irei reunir-me a ela... Agora, que experimentei as alegrias do Céu, não mais queria viver na Terra. Pedi ao anjo para, uma vez mais, vir abraçar meu marido e meus filhos; mas logo retornará para buscar-me.

“Às oito horas, após se haver despedido com ternura do marido, dos filhos e de uma multidão de pessoas que a rodeavam, dessa vez a Sra. Schwabenhaus expirou realmente, conforme foi

constatado pelos médicos, de forma a não deixar subsistir nenhuma dúvida a esse respeito.

“Esta cena impressionou profundamente os habitantes de Baltimore.”

Havendo sido evocado no dia 27 de abril passado, numa sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, o Espírito da Sra. Schwabenhaus manteve a seguinte conversa:

1. Com vistas à nossa instrução, desejaríamos fazer algumas perguntas relacionadas com a vossa morte; consentiríeis em responder-lhas?

Resp. – Como não, logo agora que começo a vislumbrar as verdades eternas, e sabedora da necessidade que igualmente sentis de também as conhecer?

2. Lembrais da circunstância particular que precedeu vossa morte?

Resp. – Sim; foi o momento mais feliz da minha existência na Terra.

3. Durante vossa morte aparente, ouvíeis o que se passava à volta e percebíeis os preparativos do funeral?

Resp. – Minha alma estava muita preocupada com a felicidade que se avizinhava.

Observação – Sabe-se, em geral, que os letárgicos vêm e ouvem o que se passa à volta deles, conservando a lembrança ao despertar. O fato a que nos referimos oferece a particularidade de ser o sono letárgico acompanhado de êxtase, circunstância que explica por que foi desviada a atenção da paciente.

4. Tínheis a consciência de não estar morta?

Resp. – Sim; mas isso me era ainda mais penoso.

5. Poderíeis dizer a diferença que fazeis entre o sono natural e o letárgico?

Resp. – O sono natural é o repouso do corpo; o letárgico, a exaltação da alma.

6. Sofríeis durante a letargia?

Resp. – Não.

7. Como se operou vosso retorno à vida?

Resp. – Deus permitiu-me voltar para consolar os corações aflitos que me rodeavam.

8. Desejaríamos uma explicação mais material.

Resp. – O que chamais de perispírito ainda animava o meu invólucro terrestre.

9. Como foi possível não vos terdes surpreendido à vista dos preparativos que faziam para o enterro?

Resp. – Eu sabia que devia morrer; tudo aquilo pouco me importava, desde que havia entrevisto a felicidade dos eleitos.

10. Recobrando a consciência, ficastes satisfeita de retornar à vida?

Resp. – Sim, para consolar.

11. Onde estivestes durante o sono letárgico?

Resp. – Não posso descrever toda a felicidade que experimentava: a linguagem humana é incapaz de exprimir essas coisas.

12. Ainda vos sentíeis na Terra ou no espaço?

Resp. – Nos espaços.

13. Dissestes, quando voltastes a vós, que a filhinha que havíeis perdido no ano anterior vos tinha vindo buscar. É verdade?

Resp. – Sim; é um Espírito puro.

Observação – Nas respostas dessa mãe, tudo anuncia tratar-se de um Espírito elevado; nada há, pois, de espantoso que um Espírito mais elevado ainda se tivesse unido ao seu por simpatia. Entretanto, não devemos tomar ao pé da letra a qualificação de *Espírito puro*, que por vezes os Espíritos se dão entre si. Por essa expressão devemos entender os Espíritos de uma ordem mais elevada que, achando-se completamente desmaterializados e purificados, não mais estão sujeitos à reencarnação: são os anjos que desfrutam a vida eterna. Ora, aqueles que não atingiram um grau suficiente não compreendem ainda esse estado supremo; podem, pois, empregar o termo *Espírito puro* para designar uma superioridade relativa, mas não absoluta. Disso temos numerosos exemplos, querendo parecer-nos que a Sra. Schwabenhaus encontra-se neste caso. Algumas vezes os Espíritos zombeteiros também se atribuem a qualidade de Espíritos puros, a fim de inspirarem mais confiança àqueles a quem desejam enganar, e que não têm suficiente perspicácia para os julgarem por sua linguagem, pela qual sempre se traem em razão de sua inferioridade.

14. Que idade tinha essa criança quando morreu?

Resp. – Sete anos.

15. Como a reconheceste?

Resp. – Os Espíritos superiores se reconhecem mais depressa.

16. Vós a reconheceste sob uma forma qualquer?

Resp. – Somente a vi como Espírito.

17. O que ela vos dizia?

Resp. – “Vem; segue-me em direção ao Eterno.”

18. Vistes outros Espíritos, além do de vossa filha?

Resp. – Vi uma porção de outros Espíritos, mas a voz de minha filha e a felicidade que pressentia eram minhas únicas preocupações.

19. Por ocasião de vosso retorno à vida, dissestes que em breve iríeis reencontrar a filha; tínheis, pois, consciência de vossa morte próxima?

Resp. – Para mim era uma esperança feliz.

20. Como o sabíeis?

Resp. – Quem não sabe que é preciso morrer? Minha doença mo dizia bem.

21. Qual era a causa de vossa enfermidade?

Resp. – Os desgostos.

22. Que idade tínheis?

Resp. – Quarenta e oito anos.

23. Deixando a vida definitivamente, tivestes de imediato consciência clara e lúcida da nova situação?

Resp. – Tive-a no momento da letargia.

24. Experimentastes a perturbação que acompanha ordinariamente o retorno à vida espírita?

Resp. – Não; estava deslumbrada, mas não perturbada.

Observação – Sabe-se que a perturbação que se segue à morte é tanto menor e menos duradoura quanto mais se depurou o Espírito durante a vida. O êxtase que precedeu a morte dessa mulher era, aliás, um primeiro desprendimento da alma de seus laços terrenos.

25. Desde que estais morta já revistes vossa filha?

Resp. – Frequentemente estou com ela.

26. A ela estais reunida por toda a eternidade?

Resp. – Não. Sei, porém, que depois de *minhas últimas encarnações* estarei no paraíso, onde habitam os Espíritos puros.

27. Então vossas provas não terminaram?

Resp. – Não, mas, doravante, serão mais felizes. Não me deixam senão esperar e a esperança já é quase a felicidade.

28. Vossa filha tinha vivido em outros corpos antes daquele pelo qual foi vossa filha?

Resp. – Sim; em muitos outros.

29. Sob que forma vos encontrais entre nós?

Resp. – Sob minha derradeira forma de mulher.

30. Percebei-nos tão distintamente como o faríeis quando viva?

Resp. – Sim.

31. Desde que estais aqui sob a forma que tínheis na Terra, é pelos olhos que nos vedes?

Resp. – Claro que não, o Espírito não tem olhos. Encontro-me sob minha última forma tão-somente para satisfazer às leis que regem os Espíritos, quando evocados e obrigados a retomar aquilo a que chamais *perispírito*.

32. Podeis ler os nossos pensamentos?

Resp. – Sim, posso; lerei caso eles sejam bons.

Agradecemos as explicações que houvestes por bem nos dar; pela sabedoria das vossas respostas reconhecemos que sois um Espírito elevado e esperamos que possais fruir a felicidade que mereceis.

Resp. – Sinto-me feliz em contribuir para vossa obra; morrer é uma alegria, quando podemos auxiliar o progresso, como o faço agora.

Os Talismãs

MEDALHA CABALÍSTICA

O Sr. M... havia comprado em segunda mão uma medalha que lhe pareceu notável por sua singularidade. Era do tamanho de um escudo de seis libras; tinha o aspecto da prata, embora um pouco acinzentada. Sobre ambas as faces estão gravadas, em baixo-relevo, uma porção de sinais, entre os quais se nota planetas, círculos entrelaçados, um triângulo, palavras ininteligíveis e iniciais em caracteres vulgares; depois, outros em caracteres bizarros, lembrando o árabe, tudo disposto de modo cabalístico, conforme o gênero utilizado pelos mágicos.

Tendo o Sr. M... interrogado a senhorita J..., médium-sonâmbula, a respeito dessa medalha, foi-lhe respondido que era composta de sete metais, havia pertencido a Cazotte e tinha o poder especial de atrair os Espíritos e facilitar as evocações. O Sr. de Caudemberg, autor de uma série de comunicações que, como médium, dizia ter recebido da Virgem Maria, disse-lhe que era uma coisa maléfica, destinada a atrair os demônios. A senhorita Guldenstubé, médium, irmã do barão de Guldenstubé, autor de uma obra sobre pneumatografia, ou escrita direta, garantiu que a medalha possuía uma virtude magnética e poderia provocar o sonambulismo.

Pouco satisfeito com essas respostas contraditórias, o Sr. M... apresentou-nos a medalha, pedindo nossa opinião pessoal a respeito e, ao mesmo tempo, solicitando interrogássemos um Espírito superior a propósito de seu real valor, do ponto de vista da influência que pudesse ter. Eis a nossa resposta:

Os Espíritos são atraídos ou repelidos pelo pensamento, e não pelos objetos materiais, que nenhum poder exercem sobre eles. Em todos os tempos os Espíritos superiores têm condenado o emprego de sinais e de formas cabalísticas, de modo que todo

Espírito que lhes atribuir uma virtude qualquer, ou que pretender oferecer talismãs como objeto de magia, por isso mesmo revelará a sua inferioridade, quer quando age de boa-fé e por ignorância, em consequência de antigos preconceitos terrestres de que ainda se acha imbuído, quer quando, como Espírito zombeteiro, se diverte conscientemente com a credulidade alheia. Quando não traduzem pura fantasia, os sinais cabalísticos são símbolos que lembram crenças supersticiosas na virtude de certas coisas, como os números, os planetas e sua concordância com os metais, crenças que foram geradas nos tempos da ignorância e que repousam sobre erros manifestos, aos quais a Ciência fez justiça, ao revelar o que existe sobre os pretensos sete planetas, os sete metais, etc. A forma mística e ininteligível desses emblemas tinha por objetivo a sua imposição ao vulgo, sempre inclinado a considerar maravilhoso tudo aquilo que é incapaz de compreender. Quem quer que tenha estudado racionalmente a natureza dos Espíritos não poderá admitir que, sobre eles, se exerça a influência de formas convencionais, nem de substâncias misturadas em certas proporções; seria renovar as práticas do caldeirão das feiticeiras, dos gatos negros, das galinhas pretas e de outros sortilégios. Não podemos dizer a mesma coisa de um objeto magnetizado que, como se sabe, tem o poder de provocar o sonambulismo ou certos fenômenos nervosos sobre o organismo. Nesse caso, porém, a virtude do objeto reside unicamente no fluido de que se acha *momentaneamente* impregnado e que assim se transmite, por via mediata, e não em sua forma, em sua cor e nem, sobretudo, nos sinais de que possa estar sobrecarregado.

Um Espírito pode dizer: “Traçai tal sinal e, à vista dele, reconhecerei que me chamais, e virei”; nesse caso, todavia, o sinal traçado é apenas a expressão do pensamento; é uma evocação traduzida de modo material. Ora, os Espíritos, seja qual for a sua natureza, não necessitam de semelhantes artifícios para se comunicarem; os Espíritos superiores jamais os empregam; os inferiores podem fazê-lo visando fascinar a imaginação das pessoas crédulas que querem manter sob dependência. Regra geral: para os

Espíritos superiores a forma nada é; o pensamento é tudo. Todo Espírito que liga mais importância à forma do que ao fundo, é inferior e não merece nenhuma confiança, mesmo quando, vez por outra, diga algumas coisas boas, porquanto essas boas coisas freqüentemente são um meio de sedução.

Tal era, de maneira geral, nosso pensamento a respeito dos talismãs, como meio de entrar em relação com os Espíritos. Evidentemente que se aplica também àqueles que a superstição emprega como preservativos de moléstias ou acidentes.

Entretanto, para edificação do proprietário da medalha, e para um melhor aprofundamento da questão, na sessão de 17 de julho de 1858 pedimos a São Luís, que conosco se comunica de bom grado sempre que se trata de nossa instrução, que nos desse sua opinião a respeito. Interrogado sobre o valor da medalha, eis qual foi sua resposta:

“Fazeis bem em não admitir que objetos materiais possam exercer qualquer influência sobre as manifestações, quer para as provocar, quer para as impedir. Temos dito com bastante freqüência que as manifestações são espontâneas e que, além disso, jamais nos recusamos a atender ao vosso apelo. Por que pensais que sejamos *obrigados* a obedecer a uma coisa fabricada pelos seres humanos?”

P. – Com que finalidade foi feita essa medalha?

Resp. – Foi fabricada com o objetivo de chamar a atenção das pessoas que nela gostariam de crer; porém, apenas por magnetizadores poderá ter sido feita, com a intenção de magnetizar e adormecer um sensitivo. Os signos nada mais são que fantasia.

P. – Dizem que pertenceu a Cazotte; poderíamos evocá-lo, a fim de obtermos alguns ensinamentos a esse respeito?

Resp. – Não é necessário; ocupai-vos preferentemente de coisas mais sérias.”

Problemas Morais

SUICÍDIO POR AMOR⁵⁷

Havia sete para oito meses que Luís G..., oficial sapateiro, namorava uma jovem, Victorine R..., com a qual em breve deveria casar-se, já tendo mesmo corrido os proclamas do casamento.

Neste pé as coisas, consideravam-se quase definitivamente ligados e, como medida econômica, diariamente vinha o sapateiro almoçar e jantar em casa da noiva.

Quarta-feira passada, ao jantar, sobreveio uma controvérsia a propósito de qualquer futilidade, e, obstinando-se os dois nas opiniões, foram as coisas a ponto de Luís abandonar a mesa, protestando não mais voltar.

Apesar disso, no dia seguinte, muito embaraçado, veio pedir perdão. A noite é boa conselheira, como se sabe, mas a moça, prejulgando talvez pela cena da véspera o que poderia acontecer quando não mais houvesse tempo para remediar o mal, recusou-se à reconciliação. Nem protestos, nem lágrimas, nem desesperos puderam demovê-la. Muitos dias ainda se passaram, esperando que sua amada fosse mais razoável, até que resolveu fazer uma última tentativa: – Chegando a casa da moça, bateu de modo a ser reconhecido, mas a porta permaneceu fechada; recusaram abrir-lha. Novas súplicas do repellido; novos protestos, não ecoaram no coração da sua pretendida. “Adeus, pois, cruel! – exclamou o pobre moço – adeus para sempre. Trata de procurar um marido que te estime tanto como eu.” Ao mesmo tempo a moça ouvia um gemido abafado e logo após o baque como que de um corpo escorregando pela porta. Pelo silêncio que se seguiu, a moça julgou que Luís se

57 **N. do T.:** Vide em *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec, Segunda Parte, capítulo V, o artigo: *Luís e a pespontadeira de botinas*.

assentara à soleira da porta, e protestou a si mesma não sair enquanto ele ali se conservasse.

Decorrido um quarto de hora é que um locatário, passando pela calçada e levando luz, gritou espantado e pediu socorro. Logo os vizinhos chegaram; abrindo também a porta, a Srta. Victorine soltou um grito de horror ao perceber o noivo estendido no chão, pálido e inanimado. Todos se apressaram em lhe prestar socorro; cogitaram chamar um médico, mas logo perceberam que tudo seria inútil, visto como ele deixara de existir. O desgraçado moço enterrara uma faca na região do coração, e o ferro ficara-lhe cravado na ferida.

Esse fato, que encontramos no *Siècle*, de 7 de abril último, despertou-nos a idéia de dirigir a um Espírito superior algumas perguntas sobre as suas conseqüências morais. Aqui estão, assim como as respostas que nos foram dadas pelo Espírito São Luís, na sessão da Sociedade, no dia 10 de agosto de 1858.

1. A moça, causadora involuntária do suicídio, tem responsabilidade?

Resp. – Sim, porque o não amava.

2. Então, para prevenir a desgraça, deveria desposá-lo a despeito da repugnância que lhe causava?

Resp. – Ela procurava uma ocasião de descartar-se dele, e assim fez em começo da ligação o que viria a fazer mais tarde.

3. Neste caso, a sua responsabilidade decorre de haver alimentado sentimentos dos quais não participava e que deram em resultado o suicídio do moço?

Resp. – Sim, exatamente.

4. Mas então essa responsabilidade deve ser proporcional à falta, e não tão grande como se consciente e voluntariamente

houvesse provocado o suicídio...

Resp. – É evidente.

5. E o suicídio de Luís tem desculpa pelo desvario que lhe acarretou a obstinação de Victorine?

Resp. – Sim, pois o suicídio oriundo do amor é menos criminoso aos olhos de Deus, do que o suicídio de quem procura libertar-se da vida por motivos de covardia.

Observação – Dizendo que este suicídio é *menos* criminoso aos olhos de Deus, isso significa, evidentemente, que há criminalidade, embora em menor grau. A falta consiste na fraqueza que ele não soube vencer. Era, sem dúvida, uma prova a que sucumbiu. Ora, os Espíritos nos ensinam que o mérito consiste em lutar vitoriosamente contra as provas de todos os gêneros, que são a própria essência da vida terrena.

Ao Espírito Luís G..., evocado mais tarde, foram feitas as seguintes perguntas:

1. Que julgais da ação que praticastes?

Resp. – Victorine era uma ingrata, e eu fiz mal em suicidar-me por sua causa, pois ela não o merecia.

2. Então não vos amava?

Resp. – Não. A princípio iludia-se, mas a desavença que tivemos abriu-lhe os olhos, e ela até se deu por feliz achando um pretexto para se desembaraçar de mim.

3. E o vosso amor por ela era sincero?

Resp. – Paixão somente, creia; pois se o amor fosse puro eu me teria poupado de lhe causar um desgosto.

4. E se acaso ela adivinhasse a vossa intenção persistiria na sua recusa?

Resp. – Não sei, penso mesmo que não, porque ela não é má. Mas, ainda assim, não seria feliz, e melhor foi para ela que as coisas se passassem de tal forma.

5. Batendo-lhe à porta, tínheis já a idéia de vos matar, caso se desse a recusa?

Resp. – Não, em tal não pensava, porque também não contava com a sua obstinação. Foi somente à vista desta que perdi a razão.

6. Parece que não deplorais o suicídio senão pelo fato de Victorine o não merecer... É realmente o vosso único pesar?

Resp. – Neste momento, sim; estou ainda perturbado, afigura-se-me estar ainda à porta, conquanto também experimente outra sensação que não posso definir.

7. Chegareis a compreendê-la mais tarde?

Resp. – Sim, quando estiver livre desta perturbação. Fiz mal, deveria resignar-me... Fui fraco e sofro as conseqüências da minha fraqueza. A paixão cega o homem a ponto de praticar loucuras, e infelizmente ele só o compreende bastante tarde.

8. Dizeis que tendes um desgosto... qual é?

Resp. – Fiz mal em abreviar a vida. Não deveria fazê-lo. Era preferível tudo suportar a morrer antes do tempo. Sou, portanto, infeliz; sofro, e é sempre ela que me faz sofrer, a ingrata. Parece-me estar sempre à sua porta, mas... não falemos nem pensemos mais nisso, que me incomoda muito. Adeus.

Observações sobre o Desenho da Casa de Mozart

Um de nossos assinantes escreveu-nos o que se segue, a propósito do desenho que publicamos em nosso derradeiro número:

“Diz o autor do artigo: *A clave de sol é aí freqüentemente repetida e, coisa bizarra, jamais a clave de fá.* Quer me parecer que os olhos do médium não teriam percebido todos os detalhes do rico desenho que sua mão executou, pois um músico nos assegura que é fácil reconhecer, direta e invertida, a clave de fá na ornamentação da base do edifício, no meio da qual mergulha a parte inferior do arco do violino, assim como no prolongamento dessa ornamentação, à esquerda da ponta da tiorba. Além disso, o mesmo músico pretende que a forma antiga da clave de *dó* também apareça nas lajes que se avizinham da escadaria da direita.”

Observação – Inserimos esta observação com tanto maior satisfação quanto prova até onde o pensamento do médium permaneceu alheio à confecção do desenho. Examinando os detalhes das partes assinaladas, reconhece-se, com efeito, as claves de *fá* e de *dó*, com que o autor, ainda que não o suspeitasse, ornamentou o seu desenho. Quando o vemos trabalhando, percebemos facilmente a ausência de qualquer concepção premeditada e de qualquer vontade própria; arrastada por uma força estranha, sua mão imprime ao lápis ou ao buril o mais irregular movimento, contrário aos preceitos da arte mais elementar, deslizando sem cessar com incrível rapidez, de uma extremidade a outra da prancha, sem interrupção, para retornar cem vezes ao mesmo ponto. Todas as partes são assim começadas e ao mesmo tempo continuadas, sem que qualquer delas se complete até que se inicie a outra, resultando, à primeira vista, um conjunto incoerente, cujo objetivo só é compreendido quando tudo está terminado. Essa marcha singular não é peculiar ao Sr. Sardou; vimos todos os médiuns desenhistas procedendo do mesmo modo. Conhecemos uma senhora, pintora de mérito e professora de desenho, que gozava dessa faculdade. Quando desenha como médium opera, mau grado seu, contra todas as

regras, através de um processo que lhe seria impossível seguir quando trabalha sob sua própria inspiração e em seu estado normal. Seus alunos, dizia, ririam bastante se lhes ensinasse a desenhar à maneira dos Espíritos.

Allan Kardec



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO I

OUTUBRO DE 1858

N^o 10

Obsediados e Subjugados

Muito se tem falado dos perigos do Espiritismo. Entretanto, é de notar-se que aqueles que mais gritaram são precisamente os que só o conhecem de nome. Já refutamos os principais argumentos que lhe opuseram, de tal forma que a eles não mais retornaremos; acrescentaremos somente que, se quiséssemos proscrever da sociedade tudo quanto possa oferecer perigo e dar margem a abuso, não saberíamos ao certo o que haveria de restar, mesmo em relação às coisas de primeira necessidade, a começar pelo fogo, causa de tantas desgraças; as estradas de ferro, em seguida, etc., etc. Se admitirmos que as vantagens compensam os inconvenientes, o mesmo raciocínio se aplica a tudo o mais: assim o indica a experiência, à medida que tomamos certas precauções para nos subtrairmos aos perigos que não podemos evitar.

Realmente, o Espiritismo representa um perigo real; de modo algum, porém, aquele que se supõe: é preciso que se seja iniciado nos princípios da ciência para bem compreendê-lo. Não nos dirigimos absolutamente àqueles que lhe são estranhos, mas aos próprios adeptos, aos que o praticam, visto ser para eles que o perigo existe. Importa que o conheçam, a fim de se porem em guarda:

perigo previsto, já se sabe, é perigo pela metade. Diremos mais: para quem quer que esteja instruído na ciência, não há perigo; só existe para os que julgam saber e nada sabem, isto é, para os que não possuem a necessária experiência, como sói acontecer em todas as coisas.

Um desejo muito natural em todos aqueles que começam a se ocupar do Espiritismo é ser médium, principalmente médium de psicografia. Sem dúvida é o gênero que oferece mais atração, em virtude da facilidade das comunicações, e por ser o que melhor se desenvolve pelo exercício. Compreende-se a satisfação que deve experimentar aquele que, pela primeira vez, vê a própria mão formar letras, depois palavras, depois frases que respondem aos seus pensamentos. Essas respostas, que traça maquinalmente, sem saber o que faz e que, no mais das vezes, estão fora de toda idéia pessoal, não lhe podem deixar nenhuma dúvida quanto à intervenção de uma inteligência oculta. Assim, grande é a sua alegria de poder se entreter com os seres de além-túmulo, com esses seres misteriosos e invisíveis que povoam os espaços; seus parentes e amigos já não se acham ausentes; se não os vê com os olhos, nem por isso deixam de ali estar; conversam com ele, e ele os vê pelo pensamento; pode saber se são felizes, o que fazem, o que desejam e com eles trocar boas palavras; compreende que entre eles a separação não é eterna e acelera, com seus votos, o instante em que poderão reunir-se num mundo melhor. Isso não é tudo: quanto não vai saber por meio dos Espíritos que se comunicam com ele! Não irão levantar o véu de todas as coisas? Desde então, nada mais de mistérios; não tem senão que interrogar, para tudo ficar sabendo. À sua frente, já vê a Antigüidade sacudir a poeira dos tempos, revolver as ruínas, interpretar as escrituras simbólicas e fazer reviver aos seus olhos os séculos que se foram. Outro, mais prosaico, e menos preocupado em sondar o infinito onde seu pensamento se perde, simplesmente sonha em explorar os Espíritos para fazer fortuna. Os Espíritos, que devem ver tudo e tudo saber, não podem recusar fazer-lhe

descobrir algum tesouro oculto ou algo secreto e maravilhoso. Quem quer que se dê ao trabalho de estudar a ciência espírita não se deixará jamais seduzir por esses belos sonhos; sabe a que se ater sobre o poder dos Espíritos, sua natureza e o objetivo das relações que com eles pode o homem estabelecer. Recordemos, primeiro, em poucas palavras, os pontos principais, que jamais devem ser perdidos de vista, porque são como que a pedra angular do edifício.

1º Os Espíritos não são iguais nem em poder, nem em conhecimento, nem em sabedoria. Nada mais sendo que as almas dos homens, desembaraçadas de seu invólucro corporal, apresentam variedade ainda maior do que as encontradas entre os homens na Terra, visto procederem de todos os mundos e porque entre os mundos o nosso planeta não é o mais atrasado, nem o mais avançado. Há, pois, Espíritos muito superiores, e outros bastante inferiores; muito bons e muito maus, muito sábios e muito ignorantes; há os levianos, malévolos, mentirosos, astuciosos, hipócritas, engraçados, espirituosos, zombeteiros, etc.

2º Estamos incessantemente cercados por uma multidão de Espíritos que, por serem invisíveis aos nossos olhos materiais, nem por isso deixam de estar no espaço, ao redor de nós, ao nosso lado, espiando nossas ações, lendo os nossos pensamentos, uns para nos fazerem o bem, outros para nos induzirem ao mal, conforme sejam bons ou maus.

3º Pela inferioridade física e moral de nosso globo na hierarquia dos mundos, os Espíritos inferiores são aqui mais numerosos que os superiores.

4º Entre os Espíritos que nos rodeiam, há os que se vinculam a nós, que agem mais particularmente sobre o nosso pensamento, aconselham-nos, e cujo impulso seguimos sem o saber. Felizes se escutarmos somente a voz dos bons.

5ª Os Espíritos inferiores não se ligam senão aos que os ouvem, junto aos quais têm acesso e aos quais se prendem. Caso consigam estabelecer domínio sobre alguém, identificam-se com o seu próprio Espírito, fascinam-no, obsidiam-no, subjugam-no e o conduzem como se fosse uma verdadeira criança.

6ª A obsessão jamais se dá senão pelos Espíritos inferiores. Os Espíritos bons não causam nenhum constrangimento; aconselham, combatem a influência dos maus e, se não são ouvidos, afastam-se.

7ª O grau de constrangimento e a natureza dos efeitos que produz marcam a diferença entre a obsessão, a subjugação e a fascinação.

A obsessão é a ação quase permanente de um Espírito estranho, que faz com que a vítima seja induzida, por uma necessidade incessante, a agir nesse ou naquele sentido, a fazer tal ou qual coisa.

A subjugação é uma opressão moral que paralisa a vontade daquele que a sofre, impelindo-o às mais despropositadas ações e, freqüentemente, àquelas que mais contrariam os seus interesses.

A fascinação é uma espécie de ilusão, ora produzida pela ação direta de um Espírito estranho, ora por seus raciocínios capciosos, ilusão que altera o senso moral, falseia o julgamento e faz tomar o mal pelo bem.

8ª Por sua vontade, pode o homem livrar-se sempre do jugo dos Espíritos imperfeitos, porque, em virtude de seu livre-arbítrio, tem a escolha entre o bem e o mal. Se o constrangimento chegou a ponto de paralisar a vontade, e se a fascinação é bastante grande para obliterar a razão, a vontade de uma outra pessoa pode substituí-la.

Outrora se dava o nome de *possessão* ao império exercido pelos Espíritos maus, quando sua influência ia até à aberração das faculdades. Mas a ignorância e os preconceitos muitas vezes fizeram tomar por *possessão* o que não resultava senão de um estado patológico. Para nós, a *possessão* seria um sinônimo de *subjugação*. Se não adotamos esse termo, foi por dois motivos: primeiro, porque implica a crença em seres criados e votados perpetuamente ao mal, enquanto apenas existem seres mais ou menos imperfeitos e todos podem melhorar; segundo, porque pressupõe igualmente a idéia de tomada de posse do corpo por um Espírito estranho, uma espécie de coabitação, quando só há constrangimento. A palavra *subjugação* traduz perfeitamente esse pensamento. Dessa forma, para nós, não existem *possessos* no sentido vulgar do termo, mas tão-somente *obsediados*, *subjugados* e *fascinados*.⁵⁸

Foi por motivo semelhante que não adotamos a palavra *demônio* para designar os Espíritos imperfeitos, embora muitas vezes esses Espíritos não valham mais que aqueles que chamamos demônios; foi unicamente por causa da idéia de especialidade e de perpetuidade que se liga a esse vocábulo. Assim, quando dizemos que não há demônios, não pretendemos afirmar que só haja Espíritos bons; longe disso; sabemos perfeitamente que os há maus e muito maus, que nos impelem para o mal, que nos estendem armadilhas, nada havendo nisso de espantoso, visto que foram homens. Queremos dizer que eles não formam uma classe à parte na ordem da Criação, e que Deus deixa a todas as criaturas o poder de se melhorarem.

Bem entendido isto, voltemos aos médiuns. Em alguns o progresso é lento, bastante lento mesmo, muitas vezes submetendo a paciência a uma rude prova. Noutros esse progresso é rápido e, em pouco tempo, chega o médium a escrever com tanta facilidade e, algumas vezes, com mais presteza do que o faria em seu estado habitual. É então que pode tomar-se de entusiasmo e é exatamente

58 N. do T.: Em *A Gênese* (1868) Kardec admite a *possessão*. Vide capítulo XIV, itens 47-48.

nisso que está o perigo, porquanto o entusiasmo enfraquece e com os Espíritos é preciso ser forte. Parece um paradoxo dizer que o entusiasmo enfraquece, nada havendo, porém, de mais verdadeiro. Dir-se-á que o entusiasta marcha com uma convicção e uma confiança que lhe permitem superar todos os obstáculos; portanto, tem mais força. Sem dúvida; contudo, tanto nos entusiasmos pelo falso quanto pelo verdadeiro; apegai-vos às mais absurdas idéias do entusiasta e delas fareis tudo o que quiserdes; o objeto de seu entusiasmo é, pois, seu lado fraco e por aí podereis sempre dominá-lo. O homem frio e impassível, ao contrário, vê as coisas sem se deixar enganar: combina, pesa, amadurece e não é seduzido por nenhum subterfúgio; é isso que lhe dá força. Os Espíritos malévolos, que sabem disso tão bem ou mais do que nós, também sabem empregá-lo em seu proveito para subjugar aqueles que desejam manter sob sua dependência; e a faculdade de escrever como médium lhes serve maravilhosamente, visto ser um meio poderoso de captar a confiança, da qual se aproveitam se não mantemos a necessária vigilância. Felizmente, como veremos mais tarde, o próprio mal traz em si o remédio.

Seja por entusiasmo, por fascinação dos Espíritos, ou por amor-próprio, em geral o médium psicógrafo é levado a crer que são superiores os Espíritos que com ele se comunicam, sobretudo quando tais Espíritos, aproveitando-se dessa presunção, adornam-se de títulos pomposos, tomando nomes de santos, de sábios, de anjos e da própria Virgem Maria, conforme a necessidade e segundo as circunstâncias. E, para desempenhar seu papel de comediantes, chegam até mesmo a portar a indumentária extravagante das personagens que representam. Tirai suas máscaras e vereis que se transformam no que sempre foram: ilustres desconhecidos; é o que necessariamente devemos fazer, tanto com os Espíritos, quanto com os homens.

Da crença cega e irrefletida na superioridade dos Espíritos que se comunicam, à confiança em suas palavras não há

senão um passo; é o que também acontece entre os homens. Se conseguirem inspirar essa confiança, haverão de sustentá-la por meio de sofismas e dos mais capciosos raciocínios, perante os quais freqüentemente inclinamos a cabeça. Os Espíritos grosseiros são menos perigosos: reconhecemo-los imediatamente e só inspiram repugnância. Os mais temíveis, em seu mundo, como no nosso, são os Espíritos hipócritas: falam sempre com doçura, lisonjeando as mentes predispostas; são meigos, adutores, pródigos em expressões de ternura e em protestos de devotamento. É preciso ser realmente forte para resistir a semelhantes seduções. Mas, direis, onde estaria o perigo, desde que os Espíritos são impalpáveis? O perigo está nos conselhos perniciosos que dão, aparentemente benévolos, e nos passos ridículos, intempestivos ou funestos a que somos induzidos. Já vimos alguns Espíritos fazerem com que certas pessoas corressem de país em país, à procura das coisas mais fantásticas, sob o risco de comprometerem a saúde, a fortuna e a própria vida. Vimo-los ditar, com toda aparência de gravidade, as coisas mais burlescas, as máximas mais estranhas. Como convém dar o exemplo ao lado da teoria vamos relatar a história de uma pessoa do nosso conhecimento que se encontrou sob o império de uma fascinação semelhante.

O Sr. F..., rapaz instruído, de esmerada educação, de caráter suave e benevolente, mas um pouco fraco e indeciso, tornou-se hábil médium psicógrafo com bastante rapidez. Obsidiado pelo Espírito que dele se apoderou e não lhe dava sossego, escrevia sem parar. Desde que uma pena, ou um lápis, lhe caíam à mão, ele os tomava num movimento convulsivo e se punha a preencher páginas inteiras em poucos minutos. Na falta de instrumento, simulava escrever com o dedo, onde quer que se encontrasse: na rua, nas paredes, nas portas, etc. Entre outras coisas que lhe ditaram havia estas: “O homem é composto de três coisas: o homem, o Espírito bom e o Espírito mau. Todos vós tendes vosso Espírito mau, que está ligado ao corpo por laços materiais. Para expulsar o Espírito mau é necessário romper esses laços e, para isso, é preciso

enfraquecer o corpo. Quando este se encontra suficientemente enfraquecido, o laço se parte e o Espírito mau o abandona, permanecendo apenas o bom.” Em conseqüência dessa bela teoria, fizeram-no jejuar durante cinco dias consecutivos e velar à noite. Quando ficou extenuado, disseram-lhe: “Agora a coisa está feita e o laço rompido; teu Espírito mau partiu e ficamos apenas nós, em quem deves crer sem reserva.” E ele, persuadido de que seu Espírito mau havia fugido, acreditava cegamente em todas as suas palavras. A subjugação havia chegado a tal ponto que, se lhe tivessem dito para lançar-se na água ou para dar cambalhotas, ele o teria feito. Quando queriam levá-lo a fazer qualquer coisa que lhe repugnava, sentia-se arrastado por uma força invisível. Damos uma amostra de sua moral; por ela se julgará o resto.

“Para obter melhores comunicações, é necessário orar e jejuar durante vários dias, uns mais, outros menos; o jejum enfraquece os laços que existem entre o *eu* e um demônio particular ligado a cada ser humano. Esse demônio está ligado a cada pessoa pelo envoltório que une o corpo e a alma. Enfraquecido pela ausência de nutrição, o envoltório permite que os Espíritos *arranquem* aquele demônio. Então Jesus desce ao coração da pessoa possessa, em lugar do Espírito mau. Esse estado de possuir Jesus em si é o único meio de alcançar toda a verdade e muitas outras coisas.

“Quando a pessoa conseguiu substituir o demônio por Jesus, ainda não possui a verdade. Para tê-la, é preciso crer; Deus jamais dá a verdade aos que duvidam: seria fazer algo inútil e Deus nada faz em vão. Como a maior parte dos médiuns novatos duvida do que diz ou escreve, os Espíritos bons são forçados, lamentavelmente e por ordem formal de Deus, a *mentir, e não podem senão mentir enquanto o médium não esteja convencido*; mas, vindo a crer firmemente numa dessas mentiras, os Espíritos elevados se apressam em desvelar-lhe os segredos do céu: a verdade completa dissipa num instante essa nuvem de erros com que tinham sido forçados a envolver seu protegido.

“Chegado a esse ponto, nada mais tem o médium a temer; os Espíritos bons jamais o deixarão. Todavia, que não creia ter sempre a verdade, e nada mais que a verdade. Seja para o experimentar, seja para o punir de suas faltas passadas, seja ainda para o castigar por perguntas egoístas ou curiosas, infligindo-lhe *correções físicas e morais*, os Espíritos bons vêm atormentá-lo por ordem de Deus. Muitas vezes esses Espíritos elevados se queixam da triste missão que desempenham: um pai persegue o filho durante semanas inteiras, um amigo ao seu amigo, tudo para maior felicidade do médium. Então os *nobres* Espíritos dizem loucuras, blasfêmias e até torpezas. É necessário que o médium se obstine e diga: Vós me tentais; sei que me encontro entre mãos caridosas de Espíritos ternos e afetuosos; que os maus já não podem aproximar-se de mim. Boas almas, que me atormentais, não me impedireis de crer no que me dissestes e no que ainda havereis de dizer-me.

“Os católicos expulsam mais facilmente o demônio [esse jovem médium era protestante] porque por um instante ele se afastou no dia do batismo. Os católicos são julgados pelo Cristo e os outros por Deus; é preferível ser julgado pelo Cristo. Erram os protestantes em não admitir isso: assim, é necessário que te tornes católico o mais cedo possível; enquanto esperas, vai tomar água benta: será o teu batismo.”

O jovem em questão, tendo sido curado mais tarde da obsessão de que era vítima, por meios que relataremos, havíamos pedido a ele que nos escrevesse essa história e nos fornecesse o próprio texto dos preceitos que lhe haviam sido ditados. Transcrevendo-os, acrescentou na cópia que nos remeteu: *Questiono-me se não ofendo a Deus e aos Espíritos bons, transcrevendo semelhantes tolices*. A isto lhe respondemos: Não; não ofendeis a Deus; longe disso, porque agora reconheceis a armadilha na qual havíeis tombado. Se vos pedi a cópia dessas máximas perversas, foi para difamá-las como bem o merecem, desmascarar os Espíritos hipócritas e alertar quem quer que receba coisa semelhante.

Um dia farão com que escreva: *Morrerás esta noite*, ao que ele responderá: Sinto-me bastante aborrecido neste mundo; morramos, se preciso for, não peço nada melhor; que eu não sofra mais: é tudo quanto desejo. – À noite adormece, acreditando piamente não mais despertar na Terra. No dia seguinte ficará muito surpreendido e até mesmo desapontado de se achar em seu leito habitual. Durante o dia escreve: “Agora que passaste pela prova da morte, que acreditaste firmemente que ias morrer, estás como morto para nós; poderemos dizer-te toda a verdade; saberás tudo; nada haverá de oculto para nós; nada haverá de oculto para ti. És Shakespeare reencarnado. Shakespeare não é tua Bíblia? [O Sr. F... conhece perfeitamente o inglês e se compraz na leitura das obras-primas dessa língua].

No dia seguinte escreve: Tu és Satã. – Isso começa a ficar muito forte, responde o Sr. F... – não fizeste... não devoraste o *paraíso perdido*? Aprendeste a *Fille du diable*, de Béranger; sabias que Satã se converteria: não o acreditaste sempre, não afirmavas sempre, não escrevias sempre? Para converter-se ele se reencarna. – Bem que eu gostaria de ter sido um anjo rebelde qualquer; mas o rei dos anjos...! – Sim, eras o anjo da altivez; não és mau, tens um coração orgulhoso e é esse orgulho que é preciso abater; és o anjo do orgulho, que os homens chamam Satã, não importa o nome! Foste o gênio mau da Terra. Eis-te humilhado... Os homens progredirão... Verás maravilhas. Enganaste os homens; enganaste a mulher na personificação de Eva, a mulher pecadora. Está dito que Maria, a personificação da mulher sem mácula, esmagar-te-á a cabeça. Maria vai chegar. – Um instante depois ele escreveu lentamente e com doçura: “Maria vem ver-te; Maria, que foi buscar-te no fundo de teu reino de trevas, não te abandonará. Levanta-te, Satã; Deus está pronto para te estender os braços. Lê *O Filho Pródigo*. Adeus.”

Em outra ocasião ele escreveu: “Disse a serpente a Eva: Vossos olhos abrir-se-ão e sereis como os deuses. O demônio disse a Jesus: Dar-te-ei todo o poder. A ti eu digo, pois acreditas em nossas palavras: nós te amamos; tu serás tudo... Serás o rei da Polônia.

“Persevera nas boas disposições em que te colocamos. *Esta lição fará a ciência espírita dar um grande passo.* Ver-se-á que os Espíritos bons podem dizer futilidades e mentiras para se divertirem com os sábios. Disse Allan Kardec que um meio inadequado de reconhecer os Espíritos era fazê-los confessar Jesus em carne. Eu digo que somente os Espíritos bons confessam Jesus em carne e eu o confesso. Dize isso a Kardec.”

Entretanto, o Espírito teve o pudor de não aconselhar o Sr. F... a imprimir essas belas máximas. Se o tivesse feito, por certo ele obedeceria, o que teria sido uma péssima ação, porquanto o Sr. F... as teria considerado como coisa séria.

Encheríamos um volume com todas as tolices que lhe foram ditadas e com todas as circunstâncias que se seguiram. Entre outras coisas, fizeram-no desenhar um edifício, cujas dimensões eram de tal monta que as folhas de papel, coladas umas às outras, ocupariam a altura de dois pavimentos.

Notar-se-á que em tudo isso nada há de grosseiro, nem de trivial; é uma série de raciocínios sofisticados que se encadeiam com uma aparência de lógica. Nos meios empregados para o seduzir há uma arte verdadeiramente infernal e, se nos tivesse sido possível relatar todas essas comunicações, ver-se-ia até que ponto era levada a astúcia, e com que habilidade para isso eram empregadas palavras melífluas.

O Espírito que representava o principal papel nesse caso dava o nome de François Dillois, quando não se cobria com a máscara de um nome respeitável. Mais tarde soubemos o que em vida houvera sido esse tal Dillois e, desde então, nada mais nos surpreendeu em sua linguagem. Todavia, no meio de todas essas extravagâncias, era fácil reconhecer um Espírito bom que lutava, fazendo de quando em quando ouvir algumas palavras boas para desmentir os absurdos do outro; havia, evidentemente, um

combate, mas a luta era desigual; o moço estava de tal forma subjugado, que sobre ele era impotente a voz da razão. O Espírito de seu pai fez-lhe escrever especialmente isso: “Sim, meu filho, coragem! Sofres uma rude prova que será para o teu bem, no futuro; infelizmente, neste momento, nada posso fazer para te libertar e isto me custa bastante. Vai ver Allan Kardec; escuta-o; ele te salvará.”

Realmente, o Sr. F... veio procurar-me e contou-me sua história. Fiz com que escrevesse diante de mim e, desde logo reconheci a influência perniciosa sob a qual se achava submetido, seja pelas palavras, seja por certos sinais materiais que a experiência dá a conhecer e que não nos podem enganar. Voltou diversas vezes; empreguei toda a minha força de vontade para chamar os Espíritos bons por seu intermédio, toda a minha retórica para provar-lhe que era vítima de Espíritos detestáveis; que aquilo que escrevia não tinha o menor sentido e, além disso, era profundamente imoral. Para essa obra de caridade associei-me a um de meus companheiros mais devotados, o Sr. T..., e aos poucos conseguimos fazer com que escrevesse coisas sensatas. Tomou seu mau gênio em aversão, repelindo-o voluntariamente toda vez que tentava manifestar-se e, pouco a pouco, apenas os Espíritos bons prevaleceram. Para renunciar às suas idéias, e seguindo conselhos dos Espíritos, entregou-se completamente a um rude trabalho, que não lhe deixava tempo para ouvir as sugestões más. O próprio Dillois acabou por confessar-se vencido, exprimindo o desejo de melhorar-se numa nova existência; confessou o mal que tinha tentado fazer e deu demonstrações de arrependimento. A luta foi longa, penosa, e ofereceu particularidades realmente curiosas para o observador. Hoje, o Sr. F... sente-se libertado e é feliz; parece que se livrou de um fardo. Recuperou a alegria e nos agradece pelo serviço que lhe prestamos.

Algumas pessoas deploram que haja Espíritos maus. De fato, não é sem um certo desencanto que encontramos a perversidade

neste mundo, onde só gostaríamos de encontrar seres perfeitos. Desde que as coisas são assim, nada podemos fazer: é preciso aceitá-las como são. É a nossa própria inferioridade que faz com que os Espíritos imperfeitos pululem à nossa volta; as coisas mudarão quando nos tornarmos melhores, como já ocorreu nos mundos mais adiantados. Enquanto esperamos, e considerando que nos achamos ainda nas regiões mais inferiores do universo moral, somos advertidos: cabe-nos, então, pôr-nos em guarda e não aceitar, sem controle, tudo quanto nos dizem os Espíritos. Ao esclarecer-nos, a experiência nos torna circunspectos. Ver e compreender o mal é uma maneira de nos preservarmos contra ele. Não haveria perigo muito maior em nos deixarmos iludir quanto à natureza dos Espíritos que nos rodeiam? O mesmo acontece aqui, onde estamos expostos diariamente à malevolência e às sugestões pérfidas; são outras tantas provas, às quais a nossa razão, a nossa consciência e o nosso julgamento nos fornecerão os meios de resistir. Quanto mais difícil for a luta, maior será o mérito do sucesso: “Quem vence sem perigo triunfa sem glória.”

Essa história, que infelizmente não é a única do nosso conhecimento, levanta uma questão muito grave. Não terá sido, para esse rapaz, um aborrecimento muito grande o haver sido médium? Não foi essa faculdade a causa da obsessão de que foi vítima? Numa palavra, não será uma prova do perigo das comunicações espíritas? Nossa resposta é fácil, e pedimos que nela meditem cuidadosamente.

Não foram os médiuns que criaram os Espíritos, já que estes sempre existiram e em todas as épocas têm exercido sua influência, salutar ou pernicioso, sobre os homens. Para isso, pois, não é necessário ser médium. Para eles a faculdade mediúnica nada mais é do que um meio de se manifestarem; na ausência de tal faculdade, eles o fazem de mil outras maneiras. Se esse moço não fosse médium, nem por isso deixaria de sofrer a influência desse Espírito mau que, sem dúvida, fa-lo-ia cometer

extravagâncias que teriam atribuído a outras causas. Felizmente, para ele, a sua faculdade de médium permitiu ao Espírito que se comunicasse por palavras, e foi por estas que o Espírito se traiu; elas permitiram conhecer as raízes de um mal que poderia ter tido conseqüências funestas e que, como se viu, nós a destruímos por meios bem simples, bem racionais e sem exorcismos. A faculdade mediúnica permitiu ver o inimigo face a face, se assim nos podemos exprimir, e de o combater com suas próprias armas. Pode-se, pois, dizer com inteira certeza que foi ela que o salvou; quanto a nós, fomos apenas o médico que, tendo julgado a causa do mal, aplicamos o remédio. Seria grave erro acreditar que os Espíritos somente exercem sua influência através de comunicações escritas ou verbais; essa influência se dá em todos os momentos e a ela, tanto quanto os outros, estão expostos aqueles que não crêem nos Espíritos: estes, talvez, mais expostos ainda, pelo próprio fato de a ignorarem. A quantos atos, infelizmente, não somos impelidos, e que teriam sido evitados se tivéssemos tido um meio de nos esclarecermos! Os mais incrédulos não se dão conta de que dizem uma verdade quando afirmam, a propósito de um homem que se desencaminha com obstinação: É o seu mau gênio que o empurra para a perdição.

Regra geral – Quem quer que obtenha más comunicações espíritas, escritas ou verbais, está submetido a uma má influência; tal influência se exerce sobre aquele que escreve, ou não, isto é, seja ou não médium. A escrita proporciona um meio de nos assegurarmos da natureza dos Espíritos que agem sobre ele e de os combater, o que se faz ainda com maior sucesso quando conseguimos saber o motivo que os levam a agir. Se for bastante cego para não o compreender, outros poderão abrir-lhe os olhos. Aliás, precisa-se ser médium para escrever coisas absurdas? E quem garante que entre todas essas elucubrações ridículas ou perigosas não haverá algumas cujos autores são impelidos por Espíritos malévolos? Três quartas partes de nossas ações más e de nossos maus pensamentos representam o fruto dessa sugestão oculta.

Perguntarão se teríamos feito cessar a obsessão, caso o Sr. F... não fosse médium! Certamente; apenas os meios teriam diferido, conforme as circunstâncias; mas, então, os Espíritos não o teriam enviado a nós, como o fizeram, e é provável que a causa tivesse sido levada em consideração, desde que não havia manifestação espírita ostensiva. Todo homem de boa vontade, e que é simpático aos Espíritos bons, com o auxílio destes poderá sempre neutralizar a influência dos maus. Dizemos que deve ser simpático aos Espíritos bons, porque se ele próprio atrai os inferiores, é evidente que não se caça lobo com lobo.

Em resumo, o perigo não está propriamente no Espiritismo, visto que ele pode, ao contrário, servir de controle, preservando-nos daquilo a que somos arrastados, mau grado nosso; o perigo está na propensão de certos médiuns que, muito levemente, se julgam instrumentos exclusivos dos Espíritos superiores, e na espécie de fascinação que não os deixa compreender as tolices de que são intérpretes. Mesmo aqueles que não são médiuns podem ser levados a isso. Encerraremos este capítulo com as seguintes considerações:

1ª Todo médium deve desconfiar da compulsão irresistível que o leva a escrever sem cessar e nos momentos mais inoportunos; deve ser senhor de si mesmo e escrever somente quando o desejar;

2ª Não dominamos os Espíritos superiores, nem mesmo os que, sem ser superiores, são bons e benévolos, mas podemos dominar e domar os Espíritos inferiores. Todo aquele que não é mestre de si não o poderá ser dos Espíritos;

3ª O único critério para discernirmos o valor dos Espíritos é o bom-senso. Qualquer fórmula, dada a esse fim pelos próprios Espíritos, é absurda e não pode emanar de Espíritos superiores;

4ª Como os homens, os Espíritos são julgados pela sua linguagem. Toda expressão, todo pensamento, toda máxima, toda teoria moral ou científica que choque o bom-senso ou não corresponda à idéia que fazemos de um Espírito puro e elevado, procede de um Espírito mais ou menos inferior;

5ª Os Espíritos superiores têm sempre a mesma linguagem com a mesma pessoa e jamais se contradizem;

6ª Os Espíritos superiores são sempre bons e benevolentes; em seu palavreado jamais encontramos acrimônia, arrogância, aspereza, orgulho, fanfarronice ou a estólida presunção. Falam com simplicidade, aconselham e se retiram quando não são ouvidos.

7ª Não devemos julgar os Espíritos pela forma material, nem pela correção da linguagem, mas sondar-lhes o íntimo, perscrutar suas palavras, pesá-las friamente, maduramente e sem prevenção. Qualquer distanciamento do bom-senso, da razão e da sabedoria não pode deixar dúvidas sobre sua origem, seja qual for o nome sob o qual se disfarce o Espírito;

8ª Os Espíritos inferiores temem os que lhes analisam as palavras, os que lhes desmascaram as torpezas e não se deixam envolver em seus sofismas; às vezes ensaiam levantar a cabeça, mas terminam sempre abandonando a presa quando se sentem mais fracos;

9ª Todo aquele que em tudo age visando ao bem, eleva-se acima das vaidades humanas, expulsa do coração o egoísmo, o orgulho, a inveja, o ciúme e o ódio, perdoa os inimigos e põe em prática esta máxima do Cristo: “Fazei aos outros o que gostaríeis que fizessem a vós mesmos”; simpatiza com os Espíritos bons, ao passo que os maus o temem e dele se afastam.

Seguindo esses preceitos, estaremos garantidos contra as más comunicações, o domínio dos Espíritos impuros e,

aproveitando tudo quanto nos ensinam os Espíritos verdadeiramente superiores, contribuiremos, cada um por sua parte, para o progresso moral da Humanidade.

Emprego Oficial do Magnetismo Animal

De Estocolmo escrevem ao *Journal des Débats*, a 10 de setembro de 1858:

“Infelizmente, não tenho nada de consolador a vos comunicar, relativamente à enfermidade da qual padece o nosso soberano, há cerca de dois anos. Todos os tratamentos e remédios que os profissionais da área têm prescrito durante esse tempo não trouxeram nenhum alívio aos sofrimentos que arruinam a saúde do rei Oscar. Segundo o conselho de seus médicos, o Sr. Klugenstiern, que desfruta de alguma reputação como magnetizador, foi chamado recentemente ao castelo de Drottningholm, onde continua a residir a família real, a fim de submeter o augusto doente a um tratamento regular de magnetismo. Aqui se acredita que, por uma coincidência bastante singular, a sede da doença do rei Oscar se acha estabelecida precisamente no mesmo local da cabeça em que se situa o cerebelo, como, infelizmente, parece também ser o caso do Rei Frederico Guilherme IV, da Prússia.”

Perguntamos se há vinte e cinco anos teriam os médicos ousado prescrever publicamente semelhante recurso, mesmo a um simples particular, quanto mais, e com mais forte razão, a uma cabeça coroadada. Nessa época, todas as faculdades científicas e todos os jornais não dispunham de sarcasmos suficientes para denegrir o magnetismo e seus partidários. As coisas mudaram bastante neste curto espaço de tempo! Não somente já não se ri do magnetismo, mas ei-lo oficialmente reconhecido como agente terapêutico. Que lição para os que sorriem das idéias novas! Ela os fará compreender,

finalmente, quão imprudente é se inscreverem em falso contra as coisas que não compreendem. Temos uma porção de livros escritos contra o magnetismo por homens em evidência. Não teriam feito melhor em calar-se e esperar? Então, como hoje para o Espiritismo, lhe opunham a opinião dos homens mais eminentes, mais esclarecidos e mais conscienciosos: nada lhes abalava o cepticismo. A seus olhos o magnetismo era apenas charlatanismo, indigno das pessoas sérias. Que ação poderia ter um agente oculto, movido pelo pensamento e pela vontade, cuja análise química não pode ser feita? Apressamo-nos a dizer que os médicos suecos não são os únicos a reconsiderar essa idéia estreita e, por toda parte, na França como no estrangeiro, a opinião mudou completamente a esse respeito; e isso é tão verdadeiro que, quando se passa um fenômeno inexplicado, diz-se: é um efeito magnético. Encontra-se, pois, no magnetismo a razão de ser de uma porção de coisas antes atribuídas à imaginação, bastante cômoda para os que não sabem o que dizer.

O magnetismo haverá de curar o rei Oscar? Esta é uma outra questão. Sem dúvida já operou curas prodigiosas e inesperadas, mas tem seus limites, como tudo que existe na Natureza. Aliás, é preciso levar em consideração o fato de que em geral não se recorre ao magnetismo senão *in extremis* e em desespero de causa, quando muitas vezes o mal já fez progressos irremediáveis ou foi agravado por uma medicação contra-indicada. Quando triunfa de tais obstáculos é necessário que seja muito poderoso!

Se a ação do fluido magnético é hoje um ponto geralmente admitido, o mesmo não se dá em relação às faculdades sonambúlicas, que ainda encontram muitos incrédulos no mundo oficial, sobretudo no que concerne às questões médicas. Todavia, deve-se convir que, sobre esse ponto, os preconceitos se enfraqueceram singularmente, mesmo entre os homens de ciência: temos a prova disso no grande número de médicos que fazem parte de todas as sociedades magnéticas, quer na França, quer no estrangeiro. De tal modo os fatos se vulgarizaram que foi preciso

ceder à evidência e seguir a corrente, querendo ou não. Em breve acontecerá a mesma coisa com a lucidez intuitiva.

O Espiritismo liga-se ao magnetismo por laços íntimos, considerando-se que essas duas ciências são solidárias entre si. Quem, entretanto, acreditaria que fosse encontrar os seus mais obstinados inimigos entre certos magnetizadores, embora não contem esses com a oposição dos espíritas? Os Espíritos sempre preconizaram o magnetismo, seja como meio curativo, seja como causa primeira de uma porção de coisas; defendem sua causa e vêm prestar-lhe apoio contra os seus inimigos. Os fenômenos espíritas têm aberto os olhos de muitas pessoas que, ao mesmo tempo, aderem ao magnetismo. Não é bizarro constatar que os magnetizadores esquecem tão depressa o que sofreram dos preconceitos, negando a existência de seus defensores e contra eles atirando as mesmas flechas que outrora eram lançadas sobre si próprios? Isto não é nobre nem digno de homens para quem a Natureza retira, mais que os outros, o direito de pronunciar o famoso *nec plus ultra*, ao desvendar um de seus mais sublimes mistérios. Tudo prova, no rápido desenvolvimento do Espiritismo, que logo ele terá direito de cidadania. Enquanto espera, aplaude com todas as suas forças a posição que acaba de conquistar o magnetismo, como um sinal incontestável do progresso das idéias.

O Magnetismo e o Sonambulismo Ensinados pela Igreja

Acabamos de ver o magnetismo reconhecido pela medicina, mas eis uma outra adesão que, sob outro ponto de vista, é de importância não menos capital, visto ser uma prova do enfraquecimento dos preconceitos que as idéias mais sãs fazem desaparecer cada dia: a adesão da Igreja. Temos à vista um pequeno livro intitulado *Abrégé en forme de catéchisme*, do Curso Elementar de Instrução Cristã; para uso dos catecismos e das escolas cristãs, pelo

abade Marotte, vigário-geral do arcebispado de Verdun; 1853. Esta obra, redigida sob a forma de perguntas e respostas, contém todos os princípios da doutrina cristã sobre o dogma, a História Sagrada, os mandamentos de Deus, os sacramentos, etc. Num de seus capítulos sobre o primeiro mandamento, onde são tratados os pecados que se opõem à religião, e após referir-se à superstição, à magia e aos sortilégios, lemos o seguinte:

P. Que é o magnetismo?

Resp. – É uma influência recíproca que às vezes se opera entre indivíduos, segundo uma harmonia de relações, seja pela vontade ou pela imaginação, seja pela sensibilidade física, e cujos principais fenômenos são a sonolência, o sonambulismo e um estado convulsivo.

P. Quais são os efeitos do magnetismo?

Resp. – Diz-se que o magnetismo produz ordinariamente dois efeitos principais: 1º – um estado de sonambulismo no qual o magnetizado, privado inteiramente do uso dos sentidos, vê, ouve, fala e responde a todas as perguntas que lhe são dirigidas; 2º – *uma inteligência e um saber que só existem na crise; conhece seu estado, os remédios convenientes às suas doenças, bem assim o que fazem certas pessoas mesmo afastadas.*

P. Em consciência, é permitido magnetizar ou se deixar magnetizar?

Resp. – 1º – Se, para a operação magnética, empregam-se meios, ou se por ela obtêm-se efeitos que supõem uma intervenção diabólica, trata-se de obra supersticiosa e jamais deve ser permitida; 2º – Dá-se o mesmo quando as comunicações magnéticas ofendem a modéstia; 3º – Supondo que se tenha o cuidado de afastar da prática do magnetismo todo abuso, todo perigo para a fé ou para os costumes, todo pacto com o demônio, é *duvidoso* que a ele seja *permitido* recorrer, como o fazemos com um remédio natural e útil.”

Lamentamos que o autor tenha posto esse corretivo final, em contradição com o que o precede. Realmente, por que não seria permitido o uso de uma coisa reconhecidamente salutar, quando se afastam todos os inconvenientes assinalados em seu ponto de vista? É verdade que ele não exprime uma proibição formal, mas uma simples *dúvida* sobre a permissão. Seja como for, isto não se encontra num livro erudito, dogmático, somente para uso dos teólogos, mas num livro elementar, *para uso dos catecismos*; conseqüentemente, destinado à instrução religiosa das massas; não se trata absolutamente de uma opinião pessoal, mas de uma verdade consagrada e reconhecida que o magnetismo existe, que produz o sonambulismo, que o sonâmbulo goza de faculdades especiais, que no número dessas faculdades está a de ver sem o concurso dos olhos, mesmo a distância, de ouvir sem o auxílio dos ouvidos, de revelar conhecimentos que não possui em estado normal, de indicar remédios salutareos. A qualidade do autor é aqui de grande peso. Não é um homem obscuro que fala, um simples padre a emitir sua opinião: trata-se de um vigário-geral que ensina. Nova derrota e nova advertência para os que julgam com muita precipitação.

O Mal do Medo

Problema fisiológico dirigido ao Espírito São Luís na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, na sessão do dia 14 de setembro de 1858

Lemos no *Moniteur* do dia 26 de novembro de 1857:

“Comunicam-nos o fato seguinte, que vem confirmar as observações que já fizemos sobre a influência do medo.

“Ontem o Dr. F... voltava para casa, após ter visitado alguns clientes. Numa dessas excursões haviam-lhe dado, como amostra, uma garrafa de excelente rum, vindo diretamente da Jamaica. O médico esqueceu no carro a preciosa garrafa. Lembrando-se algumas horas mais tarde, saiu para reavê-la; declarou ao chefe da

estação que havia deixado em uma de suas carruagens uma garrafa de veneno muito violento e o exortou a prevenir os cocheiros para ficarem atentos e não fazerem uso daquele líquido mortal.

“Mal o Dr. ... entrara em seu apartamento, vieram prevenilo a toda pressa de que três cocheiros da estação vizinha padeciam dores horríveis nas entranhas. Teve grande dificuldade para tranqüilizá-los e persuadi-los de que haviam bebido excelente rum e que sua indelicadeza não poderia ter conseqüências mais graves do que uma severa suspensão, infligida de imediato aos culpados.”

1. – São Luís poderia dar-nos uma explicação fisiológica dessa transformação das propriedades de uma substância inofensiva? Sabemos, pela ação magnética, que essa transformação pode ocorrer; no fato relatado acima, porém, não houve emissão de fluido magnético: somente a imaginação agiu, e não a vontade.

Resp. – Vosso raciocínio é bastante justo no que diz respeito à imaginação. Mas os Espíritos malévolos que induziram aqueles homens a cometerem esse ato inconveniente, fizeram passar no sangue, na matéria, um arrepio de medo, que bem poderíeis chamar de arrepio magnético, o qual distende os nervos e produz uma sensação de frieza em certas regiões do corpo. Como sabeis, qualquer frio na região abdominal pode provocar cólicas. É, pois, um meio de punição que diverte os Espíritos que fizeram cometer o furto e, ao mesmo tempo, os leva a rir à custa daqueles a quem fizeram pecar. Mas, em todos os casos, a morte não aconteceria: há somente uma lição para os culpados e divertimento para os Espíritos levianos. Repetem a mesma coisa toda vez que a ocasião se lhes apresenta, chegando mesmo a procurá-la para sua satisfação. Podemos evitar isso – falo para vós – elevando-nos a Deus através de pensamentos menos materiais do que os que ocupavam o Espírito daqueles homens. Os Espíritos malévolos adoram rir; acautelai-vos; aquele que julga dizer uma coisa agradável às pessoas que o cercam e diverte uma sociedade com suas brincadeiras ou atitudes, por vezes se engana, o que

freqüentemente acontece, quando pensa que tudo isso vem de si próprio. Os Espíritos levianos que o rodeiam com ele se identificam e pouco a pouco o enganam a respeito de seus próprios pensamentos, o mesmo sucedendo com aqueles que o ouvem. Neste caso, pensais estar tratando com um homem de espírito, quando não passa de um ignorante. Descei em vós mesmos e julgai minhas palavras. Nem por isso os Espíritos são inimigos da alegria: às vezes também gostam de rir para vos ser agradáveis; mas cada coisa tem seu tempo.

Observação – Dizendo que não havia, no fato relatado, emissão de fluido magnético, talvez não nos tivéssemos expressado com exatidão. Aqui arriscamos uma mera suposição. Como dissemos, sabe-se que espécie de transformação das propriedades da matéria pode ser operada pela ação do fluido magnético dirigido pelo pensamento. Ora, pelo pensamento do médico, que queria fazer acreditar na existência de um tóxico, provocando nos ladrões as angústias do envenenamento, não poderíamos admitir tivesse ocorrido, embora a distância, uma espécie de magnetização do líquido, o qual teria adquirido propriedades novas, cuja ação se encontraria corroborada pelo estado moral dos indivíduos, tornados mais impressionáveis pelo medo? Essa teoria não destruiria a de São Luís sobre a intervenção dos Espíritos levianos em semelhante circunstância; sabemos que os Espíritos agem fisicamente por meios físicos; podem, pois, com vistas a realizar certos desígnios, servir-se daqueles que eles mesmos provocam ou que nós próprios lhes fornecemos, sem disso nos darmos conta.

Teoria do Móvel de Nossas Ações

O Sr. R..., correspondente do Instituto de França e um dos membros mais eminentes da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, desenvolveu as seguintes considerações na sessão do dia 14 de setembro, como corolário da teoria que acabava

de ser dada a propósito do mal do medo, e que relatamos mais acima.

“Resulta de todas as comunicações que nos são dadas pelos Espíritos, que eles exercem uma influência direta sobre nossas ações, uns nos induzindo ao bem, outros ao mal. São Luís acaba de dizer-nos: “Os Espíritos malévolos adoram rir; acautelai-vos; quem julga dizer uma coisa agradável àqueles que o cercam, divertindo uma sociedade com suas brincadeiras ou atitudes, por vezes se engana, o que freqüentemente acontece, quando pensa que tudo isso vem de si próprio. Os Espíritos levianos que o rodeiam com ele se identificam e pouco a pouco o enganam a respeito de seus próprios pensamentos, dando-se o mesmo com aqueles que o ouvem.” Disso se segue que aquilo que dizemos nem sempre vem de nós; que muitas vezes não somos, como os médiuns falantes, mais que intérpretes do pensamento de um Espírito estranho, que com o nosso se identificou. Os fatos vêm apoiar essa teoria, provando, também, que muito freqüentemente nossos atos são a consequência desse pensamento que nos é sugerido. O homem que pratica o mal cede, pois, a uma sugestão quando é bastante fraco para não resistir e quando cerra os ouvidos à voz da consciência, que pode ser a sua própria voz, ou a de um Espírito bom que, por seus avisos, combate a influência de um Espírito mau.

Segundo a doutrina vulgar, o homem tiraria de si mesmo todos os seus instintos. Proviriam esses instintos tanto de sua organização física, da qual não poderia ser responsável, quanto de sua própria natureza, na qual pode encontrar uma desculpa a seus próprios olhos, dizendo que não é culpa sua ter sido assim criado. A Doutrina Espírita, evidentemente, é mais moral; admite no homem o livre-arbítrio em toda a sua plenitude. Dizendo que se fizer o mal estará cedendo a uma má sugestão, deixa-lhe toda a responsabilidade, desde que lhe reconhece o poder de resistir, coisa evidentemente mais fácil do que se tivesse

de lutar contra sua própria natureza. Assim, segundo a Doutrina Espírita, não há arrastamento irresistível: o homem pode sempre fechar os ouvidos à voz oculta que, em seu foro íntimo, o convida ao mal, da mesma forma que os pode fechar à voz material daquele que lhe fala; e o pode por sua vontade, pedindo a Deus a força necessária e reclamando, para isso, a assistência dos Espíritos bons. É o que Jesus nos ensina em sua sublime oração do *Pater*, quando nos faz dizer: “Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.”

Quando tomamos para texto de uma de nossas perguntas a pequena anedota que acabamos de relatar, não imaginávamos os desdobramentos que iria ter. Estamos duplamente feliz pelas belas palavras que ela mereceu de São Luís e de nosso honrado colega. Se, desde muito tempo, não tivéssemos consciência quanto à elevada capacidade deste último, e sobre seus profundos conhecimentos em matéria de Espiritismo, seríamos tentados a crer que se deve a ele a aplicação daquela teoria, e que dele se serviu São Luís para completar o seu ensinamento. Vamos acrescentar nossas próprias reflexões:

Essa teoria da causa excitadora de nossos atos evidentemente ressalta de todo o ensino dado pelos Espíritos; não apenas é de sublime moralidade, mas ainda reabilita o homem aos seus próprios olhos; mostra-o livre para sacudir o jugo do obsessor, da mesma forma que também é livre para fechar sua casa aos importunos: já não se assemelha a uma máquina, agindo por um impulso independente da vontade; é um ser que raciocina, ouve, julga e escolhe livremente entre dois conselhos. Acrescentemos que, a despeito disto, o homem não está privado de sua iniciativa, não deixando de utilizá-la por movimento próprio desde que, em última análise, nada mais é que um Espírito encarnado, conservando, sob o envoltório corporal, as qualidades e os defeitos que possuía como Espírito. As faltas que cometemos têm, pois, sua fonte primeira na imperfeição de nosso Espírito, que ainda não alcançou a

superioridade moral que terá um dia, mas que, nem por isso, deixa de ter o seu livre-arbítrio; a vida corporal é-lhe concedida para se purgar das imperfeições através das provas que nela sofre, e são precisamente essas imperfeições que o tornam mais frágil e mais acessível às sugestões de outros Espíritos imperfeitos, que se aproveitam para tentar fazê-lo sucumbir na luta que empreende. Se sair vencedor, elevar-se-á; se fracassar, continuará o que era, nem pior, nem melhor: é uma prova a recomençar, podendo durar, assim, muito tempo. Quanto mais se depurar, mais diminuirão seus lados fracos e menos se entregará àqueles que o instigam ao mal; sua força moral crescerá em razão de sua elevação e os Espíritos maus se afastarão.

Quais são, pois, esses Espíritos maus? Serão aqueles que chamamos demônios? Não são demônios, na acepção vulgar do termo, desde que por isso se entende uma classe de seres criados para o mal, e perpetuamente votados ao mal. Ora, dizem os Espíritos que todos melhoram num tempo mais ou menos longo, conforme sua vontade; porém, enquanto são imperfeitos podem fazer o mal, assim como a água que, não purificada, pode espalhar miasmas pútridos e mórbidos. Na condição de Espíritos encarnados eles se depuram, desde que, para isso, façam aquilo que for necessário; como desencarnados, sofrem as conseqüências do que fizeram ou deixaram de fazer para se melhorarem, conseqüências que também experimentam quando estão na Terra, porquanto as vicissitudes da vida constituem, ao mesmo tempo, expiações e provas. Quando encarnados, todos os Espíritos, mais ou menos bons, constituem a espécie humana. Como nossa Terra é um dos mundos menos adiantados, aqui se encontram mais Espíritos maus do que bons; daí por que nela vemos tanta perversidade. Empreguemos, pois, todos os nossos esforços para não regressarmos a ela depois desta estação, e para merecermos habitar um mundo melhor, num desses orbes privilegiados onde o bem reina absoluto e onde não nos lembraremos de nossa passagem na Terra senão como um sonho mau.

Assassinato de Cinco Crianças por outra de Doze Anos

PROBLEMA MORAL

Lemos na *Gazette de Silésie*:

“No dia 20 de outubro de 1857 escreveram-nos de Bolkenham que um crime apavorante acabara de ser cometido por um menino de doze anos. Domingo passado, 25 do mês, três filhos do Sr. Hubner, fabricante de pregos, e dois do Sr. Fritche, sapateiro, brincavam juntos no jardim deste último. O jovem H..., conhecido por seu mau caráter, associou-se aos seus folguedos e os persuadiu a entrarem num baú, guardado numa casinha do jardim, e que servia ao sapateiro para levar suas mercadorias até a feira. As cinco crianças mal cabiam ali dentro, mas se comprimiram e se acomodaram, aos risos, umas sobre as outras. Tão logo haviam entrado, o monstro fechou o baú, sentou-se em cima e ficou três quartos de hora a ouvir, primeiro os seus gritos, depois os seus gemidos.

“Finalmente, quando cessaram os estertores e ele os supôs mortos, abriu o baú; as crianças ainda respiravam. Tornou a fechá-lo, aferrolhou-o e foi brincar com papagaio de papel. Foi visto por uma menina quando saía do jardim. Compreende-se a ansiedade dos pais quando se deram conta do desaparecimento dos filhos e seu desespero ao encontrá-los no baú, após demoradas buscas. Uma das crianças ainda vivia, porém não tardou a expirar. Denunciado pela garota que o vira sair do jardim, o jovem H... confessou o crime com o maior sangue-frio e sem manifestar qualquer arrependimento. As cinco vítimas, um menino e quatro meninas de quatro a nove anos de idade, foram hoje sepultadas no mesmo local.”

Observação – O Espírito interrogado é o da irmã do médium, morta aos doze anos, mas que, como Espírito, sempre mostrou superioridade.

1. Ouvistes o relato que acabamos de ler, do assassinato de cinco crianças, cometido na Silésia por um menino de doze anos?

Resp. – Sim; minha pena ainda exige que eu ouça as abominações da Terra.

2. Que motivo teria levado uma criança dessa idade a cometer uma ação tão atroz e com tanto sangue-frio?

Resp. – A maldade não tem idade; é ingênua na criança e raciocinada no homem adulto.

3. Quando a maldade existe numa criança que não raciocina, não denotará a encarnação de um Espírito muito inferior?

Resp. – Nesse caso, procede diretamente da perversidade do coração; é seu próprio Espírito que o domina e o impele à perversidade.

4. Qual poderia ter sido a existência anterior de semelhante Espírito?

Resp. – Horrível.

5. Em sua existência anterior ele pertencia à Terra ou a um mundo ainda mais atrasado?

Resp. – Não o vejo bem; contudo, devia pertencer a um orbe bem mais inferior do que a Terra: teve a *ousadia* de vir à Terra; por isso será duplamente punido.

6. Nessa idade tinha perfeita consciência do crime que cometia? Como Espírito, será responsabilizado por ele?

Resp. – Tinha a idade da consciência, e isso basta.

7. Visto que esse Espírito teve a *ousadia* de vir à Terra, que é muito elevada para ele, poderia ter sido constringido a regressar a um mundo condizente com a sua natureza?

Resp. – Sua punição é justamente retrogradar; é o próprio inferno. É a punição de Lúcifer, do homem espiritual rebaixado até

a matéria, isto é, o véu que, doravante, lhe ocultará os dons de Deus e sua divina proteção. Esforçai-vos, pois, para reconquistar esses bens perdidos; tereis reconquistado o paraíso que o Cristo nos veio abrir. É a presunção, é o orgulho do homem que queria conquistar o que somente Deus podia ter.

Observação – Uma observação é feita a propósito da palavra *ousadia*, de que se serviu o Espírito, bem como dos exemplos citados, que dizem respeito à situação dos Espíritos que se acharam em mundos muito elevados para eles, e que foram obrigados a regressar a outro mais compatível com a sua natureza. A tal respeito, uma pessoa observou ter sido dito que os Espíritos não podem regredir. Com efeito, os Espíritos realmente não podem retrogradar, no sentido de que não é possível perder o que adquiriram em ciência e em moralidade; mas podem decair em posição. Um homem que usurpa uma posição superior à que lhe conferem suas capacidades ou sua fortuna pode ser constrangido a abandoná-la e a voltar à sua posição natural; ora, não é a isso que se pode chamar decair, pois que ele apenas retorna à sua esfera, de onde havia saído por ambição e orgulho. Ocorre a mesma coisa em relação aos Espíritos que querem se elevar muito depressa em mundos onde se acham deslocados.

Os Espíritos superiores também podem encarnar em mundos inferiores, para cumprir uma missão de progresso, e a isso não se pode chamar de regressão, porque é devotamento.

8. Em que a Terra é superior ao mundo ao qual pertencia o Espírito de quem acabamos de falar?

Resp. – Nele há uma fraca idéia de justiça: é um começo de progresso.

9. Disso resulta não haver, em mundos inferiores à Terra, nenhuma idéia de justiça?

Resp. – Não; os homens ali vivem apenas para si e não têm por móvel senão a satisfação das paixões e dos instintos.

10. Qual será a posição desse Espírito numa nova existência?

Resp. – Se o arrependimento vier apagar, se não inteiramente, mas pelo menos em parte, a enormidade de suas faltas, então ficará na Terra; se, ao contrário, persistir no que chamais de impenitência final, irá para um lugar onde o homem se nivela com os animais.

11. Dessa forma, pode encontrar na Terra os meios de expiar suas faltas sem ser obrigado a regressar a um mundo inferior?

Resp. – O arrependimento é sagrado aos olhos de Deus, porquanto é o homem que a si mesmo se julga, o que é raro no vosso planeta.

Questões de Espiritismo Legal

Tomamos o fato seguinte do *Courrier du Palais*, que o Sr. Frédéric Thomas, advogado na Corte Imperial, publicou na *Presse* do dia 2 de agosto de 1858. Citamos textualmente para não descolorir a narração do espirituoso escritor. Nossos leitores facilmente se darão conta da forma leve que, tão agradavelmente, ele sabe dar às coisas mais sérias. Após relatar várias delas, acrescenta:

“Temos um processo bem mais estranho que aquele para vos oferecer em uma próxima perspectiva: já o vemos despontar no horizonte, no horizonte do sul; mas onde pretende chegar? Escrevem-nos que os ferros já estão no fogo, mas essa garantia não é suficiente. Eis do que se trata:

“Um parisiense leu num jornal que um velho castelo estava à venda nos Pireneus: comprou-o e desde os primeiros dias da primavera lá se foi instalar com seus amigos. Jantaram alegremente, depois foram deitar-se, mais alegres ainda. Restava passar a noite: noite num velho castelo perdido na montanha. No dia seguinte todos

os convidados se levantaram de olhos desvairados e fisionomias sobressaltadas; foram encontrar seu hospedeiro e todos lhe fizeram a mesma pergunta, com ar misterioso e lúgubre: Nada vistes esta noite?

“O proprietário não respondeu, tão apavorado também se achava, limitando-se a fazer um sinal afirmativo com a cabeça.

“Então confiaram uns aos outros as impressões da noite: um ouvira vozes lamentosas; outro ruído de correntes; este viu mover-se a tapeçaria; aquele uma arca que o saudava; vários sentiram morcegos gigantescos a lhes pousarem no peito: Era um castelo da Dama Branca. Os domésticos declararam que, como ao arrendatário Dickson, os fantasmas lhes haviam puxado os pés. O que mais ainda? As camas passeavam, as campainhas tocavam sozinhas e palavras fulgurantes sulcavam velhas lareiras.

“Decididamente esse castelo não era habitável: os mais amedrontados fugiram imediatamente, enquanto os mais corajosos desafiaram a prova de uma segunda noite.

“Até meia-noite tudo correu bem; porém, quando o relógio da torre Norte lançou no espaço os seus doze soluços, as aparições e os ruídos logo recommçaram; de todos os cantos surgiam fantasmas, monstros de olhos de fogo, dentes de crocodilo e asas felpudas: tudo isso gritava, saltava, rangia e fazia uma algazarra do inferno.

“Impossível resistir a essa segunda experiência. Dessa vez todo mundo deixou o castelo e hoje o proprietário quer mover uma ação por perdas e danos.

“Que estranho processo, esse! E que triunfo para o Sr. Home, grande evocador de Espíritos! Será nomeado perito nesses assuntos? Seja como for, já que nada há de novo sob o sol da justiça, esse processo, que talvez julgarão uma novidade, não passará de

uma velharia: há um outro pendente que, nem por ter duzentos e sessenta e três anos, deixa de ser menos curioso.

“Assim, no ano da graça de 1595, perante o senescal de Guienne, um locatário chamado Jean Latapy demandou contra seu proprietário, Robert de Vigne. Alegava o primeiro que a velha casa que de Vigne lhe havia alugado, situada numa antiga rua de Bordeaux, não era habitável, tendo sido obrigado a deixá-la e acionando em seguida a justiça para que se pronunciasse acerca da rescisão do contrato.

“Por quais motivos? Latapy os declina muito ingenuamente em suas conclusões.

“Porque havia encontrado a casa infestada de Espíritos, que ora se apresentavam sob forma de crianças, ora sob outras formas terríveis e apavorantes, e que oprimiam e inquietavam as pessoas, remexiam os móveis, provocavam ruídos e algazarras por todos os lados e, com força e violência, derrubavam das camas aqueles que nelas repousavam.

“De Vigne opôs-se energeticamente à rescisão do contrato. ‘Depreciais injustamente minha casa, dizia ele a Latapy; provavelmente não tendes senão o que mereceis e, longe de me censurar, deveríeis, ao contrário, agradecer-me, porquanto vos faço ganhar o paraíso.

“Eis como o advogado do proprietário estabelecia essa singular proposição: ‘Se os Espíritos vêm atormentar Latapy e afligi-lo com a permissão de Deus, deve ele suportar a justa pena e, como São Jerônimo, dizer: *Quidquid patimur nostris peccatis meremur*, e não voltar-se contra o proprietário, que é de todo inocente; pelo contrário: deveria ser grato àquele que assim lhe forneceu os elementos para se salvar neste mundo das punições que, por seu demérito, o aguardavam no outro.

“Para ser coerente, o advogado deveria ter pedido a Latapy que pagasse uma certa indenização a de Vigne pelo serviço prestado. Um lugar no paraíso não vale o seu peso em ouro? Mas, generoso, o proprietário se contentava com a improcedência da ação, uma vez que, antes de intentá-la, Latapy deveria ter começado a combater e expulsar os Espíritos pelos meios que *Deus e a Natureza nos concederam*.

“Por que não utilizara o loureiro? exclamou o advogado do proprietário; por que não se servira da arruda ou do sal crepitante nas chamas e carvões ardentes, das penas de poupa e da composição da erva chamada *aerolus vetulus*, que contém ruibardo, vinho branco, sal suspenso à porta de entrada, couro de testa de hiena e fel de cachorro, que dizem ser de uma virtude maravilhosa para expulsar os demônios? Por que não usara a erva Moly, que Mercúrio havia dado a Ulisses, que dela se serviu como antídoto contra os encantos de Circe?...

“É evidente que o locatário Latapy havia faltado a todos os seus deveres, ao não lançar *sal crepitante* nas chamas e ao não fazer uso de fel de cachorro e de algumas penas de poupa. Mas, como fora obrigado a obter também *couro de testa de hiena*, o senescal de Bordeaux achou que esse ingrediente não era tão comum para que Latapy não fosse desculpado por haver deixado em paz as hienas, ordenando, em consequência, a rescisão do contrato de arrendamento.

“Em tudo isso, vedes que nem o proprietário, nem o locatário e nem os juízes puseram em dúvida a existência e as *algazarras* dos Espíritos. Pareceria, pois, que desde mais de dois séculos os homens já eram quase tão crédulos quanto hoje; nós, porém, os ultrapassamos em credulidade: está na ordem do dia. É preciso absolutamente que a civilização e o progresso se mostrem em algum lugar.”

Do ponto de vista legal, e abstração feita dos acessórios com que a enfeitou o narrador, essa questão não deixa

de ter o seu lado embaraçoso, pois a lei não previu o caso em que os Espíritos barulhentos tornariam uma casa inabitável. É um vício redibitório? Em nossa opinião há prós e contras: vai depender das circunstâncias. Primeiro trata-se de examinar se o barulho era sério ou se não foi simulado por um interesse qualquer, questão prévia e de boa-fé que prejudica todas as outras. Admitindo os fatos como reais, é preciso saber se foram de natureza a perturbar o repouso. Se se passasse, por exemplo, coisas como as que se deram em Bergzabern⁵⁹, é evidente que a posição não seria sustentável. O pai Senger suportou tudo isso porque os fatos ocorreram em sua própria casa e não podia agir de outro modo; mas de forma alguma um estranho se conformaria em viver numa casa onde constantemente se ouviam ruídos ensurdecedores, os móveis eram revirados e derrubados, as portas e janelas abriam-se e se fechavam sem qualquer motivo, os objetos eram lançados às cabeças das pessoas por mãos invisíveis, etc. Parece incontestável que, em semelhante circunstância, haveria motivo para reclamação e que, em bom direito, um tal contrato não teria validade se os fatos houvessem sido dissimulados. Assim, em tese geral, o processo de 1595 parece ter sido bem julgado; há, porém, uma importante questão subsidiária a esclarecer e somente a ciência espírita poderia levantá-la e resolvê-la.

Sabemos que as manifestações espontâneas dos Espíritos podem ocorrer sem um fim determinado, e sem ser dirigidas contra tal ou qual indivíduo; que há, efetivamente, lugares assombrados por Espíritos batedores que, parece, os teriam escolhido para fixar domicílio, e contra os quais todas as conjurações empregadas fracassaram. Digamos, entre parêntesis, que há meios eficazes de nos desembaraçarmos deles; entretanto, esses meios não consistem na intervenção de pessoas conhecidas para produzir à vontade semelhantes fenômenos, porque os Espíritos que estão às suas ordens são exatamente da mesma natureza dos que queremos expulsar. Longe de os afastar, sua presença não poderia senão atrair

59 Ver os números de maio, junho e julho da *Revista Espírita*.

outros. Mas sabemos também que em uma porção de casos essas manifestações são dirigidas contra certas pessoas, como em Bergzabern, por exemplo. Os fatos provaram que a família, principalmente a jovem Philippine, era seu objetivo direto, de tal sorte que estamos convencidos de que se essa família abandonasse a sua residência, os novos moradores nada teriam a temer; com ela a família levaria suas tribulações para o novo domicílio. O ponto a examinar numa questão legal seria, pois, este: as manifestações ocorriam antes ou somente depois da entrada do novo proprietário? Neste último caso, torna-se evidente que este é que teria levado os Espíritos perturbadores, cabendo-lhe inteira responsabilidade; se, ao contrário, as perturbações já ocorriam anteriormente e de maneira persistente, é que elas se prendiam ao próprio local e, assim, a responsabilidade seria do vendedor. O advogado do proprietário raciocinava com a primeira hipótese, não deixando de ser lógica a sua argumentação. Resta saber se o locatário tinha levado consigo esses hóspedes importunos, mas isso o processo não esclarece.

Quanto ao processo atualmente pendente, acreditamos que o melhor meio de fazer boa justiça seria proceder às constatações que acabamos de falar. Se elas conduzirem à prova da anterioridade das manifestações, e se esse fato foi dissimulado pelo vendedor, trata-se de mais um caso em que o comprador foi enganado quanto à qualidade da coisa vendida. Ora, manter o contrato em semelhante condição talvez seja prejudicar o adquirente pela depreciação do imóvel; é, pelo menos, causar-lhe um prejuízo notável, constringendo-o a guardar uma coisa de que não poderá mais fazer uso. É como se houvesse adquirido um cavalo cego, que fizeram passar por sadio. Seja como for, o julgamento em questão deve ter conseqüências graves; quer seja o contrato rescindido, ou mantido por falta de provas suficientes, é igualmente reconhecer a existência do fato das manifestações. Repelir a proposta do adquirente, sob argumento de que se baseia numa idéia ridícula, é expor-se a receber, cedo ou tarde, um desmentido da experiência, como já ocorreu com os homens mais esclarecidos, por se haverem apressado a negar as coisas que não

comprendiam. Se podemos censurar nossos ancestrais por excessiva credulidade, sem dúvida nossos descendentes nos reprovarão por havermos pecado pelo excesso contrário.

Enquanto aguardamos, eis o que acaba de se passar sob nossos olhos, cuja realidade chegamos mesmo a constatar. Vejamos a crônica da *Patrie*, de 4 de setembro de 1858:

“A Rua du Bac está em grande confusão. Ocorrem ainda por ali algumas diabruras!

“A casa, que leva o número 65, compõe-se de dois prédios; o que dá para a rua tem duas escadas que se defrontam.

“Há uma semana, a qualquer hora do dia ou da noite, e nos dois pavimentos dessa casa as campainhas agitam-se e tilintam com violência; quando vão abrir a porta não há ninguém à entrada.

“Primeiramente acreditou-se numa brincadeira de mau gosto, e cada um se pôs a observar para descobrir o autor. Um dos locatários teve o cuidado de despolir um vidro de sua cozinha para espiar. Enquanto vigiava com mais atenção, sua campainha foi sacudida; pôs o olho no postigo: ninguém! Correu à escadaria: ninguém!

“Voltou para casa e tirou o cordão da campainha. Uma hora depois, quando pensava haver triunfado, a campainha pôs-se a repicar de forma mais bela ainda. Mirou-a, permanecendo mudo e consternado.

“Em outras portas, os cordões das campainhas estavam torcidos e amarrados como serpentes feridas; Procuraram uma explicação e chamaram a polícia. Que mistério era esse? Ainda o ignoram.”

Fenômenos de Aparição

O *Constitutionnel* e a *Patrie* narraram há algum tempo o fato seguinte, de acordo com jornais dos Estados Unidos:

“A pequena cidade de Liechtfield, no Kentucky, conta com numerosos adeptos da doutrina do espiritualismo magnético. Um fato incrível, que ali acaba de se passar, por certo não contribuirá pouco para aumentar o número de partidários dessa nova religião.

“A família Park, composta dos pais e de três filhos que já se encontram na idade da razão, era fortemente imbuída das crenças espiritualistas. Ao contrário, a Srta. Harris, irmã da Sra. Park, não punha nenhuma fé nos prodígios sobrenaturais com os quais os parentes se entretinham incessantemente. Para a família inteira, isso era um verdadeiro motivo de desgosto e, por mais de uma vez, a boa harmonia entre as duas irmãs foi perturbada.

“Há alguns dias, a Sra. Park foi acometida repentinamente de um mal súbito que, desde logo, os médicos declararam não poder debelar. A paciente era vítima de alucinações, e uma febre terrível constantemente a atormentava. A Srta. Harris passava as noites em claro. No quarto dia de sua doença, a Sra. Park levantou-se subitamente da cama, pediu água e começou a conversar com a irmã. Circunstância singular, a febre a havia deixado de repente, o pulso estava regular, exprimia-se com grande facilidade e a Srta. Harris, toda feliz, julgou que a irmã estava fora de perigo.

“Depois de haver falado de seu marido e dos filhos, a Sra. Park se aproximou ainda mais da irmã, dizendo-lhe:

“Pobre irmã, vou deixar-te; sinto que a morte se aproxima. Mas, pelo menos, minha partida deste mundo servirá

para te convencer. Morrerei dentro de uma hora e serei enterrada amanhã. Evita com muito cuidado não seguir meu corpo ao cemitério, porquanto meu Espírito, ainda revestido de seus despojos mortais, aparecer-te-á uma vez mais, antes que meu caixão seja recoberto de terra. Acreditarás, finalmente, no espiritualismo.”

“Após ter acabado de dizer essas palavras, a doente deitou-se tranqüilamente. Uma hora mais tarde, porém, como o havia anunciado, a Srta. Harris percebeu dolorosamente que o coração da enferma cessara de bater.

“Vivamente emocionada pela surpreendente coincidência existente entre esse acontecimento e as proféticas palavras da defunta, decidiu seguir a ordem que lhe havia sido dada e, no dia seguinte, ficou sozinha em casa, enquanto todo mundo tomava o caminho do cemitério.

“Depois de haver fechado as persianas da câmara mortuária, sentou-se numa poltrona, perto do leito de onde acabara de sair o corpo da irmã.

“Apenas decorridos cinco minutos – contou mais tarde a Srta. Harris – vi como que uma nuvem branca a se destacar no fundo do apartamento. Pouco a pouco essa forma se desenhou melhor: era a de uma mulher semivelada; aproximou-se de mim lentamente; discerni o ruído de passos leves no assoalho; por fim meus olhos, espantados, se acharam em presença de minha irmã...

“Seu rosto, longe de possuir essa palidez mate, que nos mortos impressiona tão desagradavelmente, era radioso; suas mãos, cuja pressão logo senti sobre as minhas, tinham conservado todo o calor da vida. Fui como que transportada a uma nova esfera por essa maravilhosa aparição. Acreditando já fazer parte do mundo dos Espíritos, apalpei meu peito e a cabeça para assegurar-me de minha existência; mas nada havia de penoso nesse êxtase.

“Depois de ter ficado assim em minha frente, sorrindo mas calada, durante cerca de alguns minutos, minha irmã, parecendo fazer um esforço inaudito, disse-me com voz suave:

“Devo partir: meu anjo condutor espera-me. Adeus! Cumpri minha promessa. Crê e espera!”

“O jornal – acrescenta a *Patrie* – do qual extraímos esse maravilhoso relato, não disse se a Srta. Harris se converteu à doutrina espiritualista. Entretanto, supomos que sim, desde que muitas pessoas se teriam deixado convencer por muito menos.”

Por nossa conta acrescentamos que esse relato nada contém que deva espantar os que estudaram os efeitos e as causas dos fenômenos espíritas. Os fatos autênticos desse gênero são bastante numerosos e encontram sua explicação naquilo que dissemos a respeito, em várias circunstâncias; teremos ocasião de os citar, e vindos de bem menos longe que este.

Allan Kardec



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO I

NOVEMBRO DE 1858

N^o 11

Polêmica Espírita

Várias vezes já nos perguntaram por que não respondemos, em nosso jornal, aos ataques de certas folhas, dirigidos contra o Espiritismo em geral, contra seus partidários e, por vezes, contra nós. Acreditamos que o silêncio, em certos casos, é a melhor resposta. Aliás, há um gênero de polêmica do qual tomamos por norma nos abstermos: é aquela que pode degenerar em personalismo; não somente ela nos repugna, como nos tomaria um tempo que podemos empregar mais utilmente, o que seria muito pouco interessante para os nossos leitores, que assinam a revista para se instruírem, e não para ouvirem diatribes mais ou menos espirituosas. Ora, uma vez engajado nesse caminho, difícil seria dele sair, razão por que preferimos nele não entrar, com o que o Espiritismo só tem a ganhar em dignidade. Até agora só temos que aplaudir a nossa moderação, da qual não nos desviaremos, e jamais daremos satisfação aos amantes do escândalo.

Entretanto, há polêmica e polêmica; uma há, diante da qual jamais recuaremos: é a discussão séria dos princípios que professamos. Todavia, mesmo aqui há uma importante distinção a fazer; se se trata apenas de ataques gerais, dirigidos contra a Doutrina, sem um fim determinado, além do de criticar, e se partem de pessoas

que rejeitam de antemão tudo quanto não compreendem, não merecem maior atenção; o terreno ganho diariamente pelo Espiritismo é uma resposta suficientemente peremptória e que lhes deve provar que seus sarcasmos não têm produzido grande efeito; também notamos que os gracejos intermináveis de que até pouco tempo eram vítimas os partidários da doutrina pouco a pouco se extinguem. Perguntamos se há motivos para rir quando vemos as idéias novas adotadas por tantas pessoas eminentes; alguns não riem senão com desprezo e pela força do hábito, enquanto muitos outros absolutamente não riem mais e esperam.

Notemos ainda que, entre os críticos, há muitas pessoas que falam sem conhecimento de causa, sem se darem ao trabalho de aprofundar. Para lhes responder seria necessário recomençar incessantemente as mais elementares explicações e repetir aquilo que já escrevemos, providência que julgamos inútil. Já o mesmo não acontece com os que estudaram e nem tudo compreenderam, com os que querem seriamente esclarecer-se e com os que levantam objeções de boa-fé e com conhecimento de causa; nesse terreno aceitamos a controvérsia, sem nos gabarmos de resolver todas as dificuldades, o que seria muita presunção de nossa parte. A ciência espírita dá os seus primeiros passos e ainda não nos revelou todos os seus segredos, por maiores sejam as maravilhas que nos tenha desvendado. Qual a ciência que não tem ainda fatos misteriosos e inexplicados? Confessamos, pois, sem nos envergonharmos, nossa insuficiência sobre todos os pontos que ainda não nos é possível explicar. Assim, longe de repelir as objeções e os questionamentos, nós os solicitamos, contanto que não sejam ociosos, nem nos façam perder o tempo com futilidade, pois que representam um meio de nos esclarecermos.

É a isso que chamamos polêmica útil, e o será sempre quando ocorrer entre pessoas sérias que se respeitam bastante para não se afastarem das conveniências. Podemos pensar de modo diverso sem, por isso, deixar de nos estimarmos. Afinal de contas,

o que buscamos todos nessa tão palpitante e fecunda questão do Espiritismo? O nosso esclarecimento. Antes de mais, buscamos a luz, venha de onde vier; e, se externamos a nossa maneira de ver, trata-se apenas da nossa maneira de ver, e não de uma opinião pessoal que pretendamos impor aos outros; entregamo-la à discussão, estando prontos para a ela renunciar se demonstrarem que laboramos em erro. Essa polêmica nós a sustentamos todos os dias em nossa *Revista*, através das respostas ou das refutações coletivas que tivemos ocasião de apresentar, a propósito desse ou daquele artigo, e aqueles que nos honram com as suas cartas encontrarão sempre a resposta ao que nos perguntam, quando não a podemos dar individualmente por escrito, uma vez que nosso tempo material nem sempre o permite. Suas perguntas e objeções igualmente são objeto de estudos, de que nos servimos pessoalmente, sentindo-nos felizes por fazer com que nossos leitores os aproveitem, tratando-os à medida que as circunstâncias apresentam os fatos que possam ter relação com eles. Também sentimos prazer em dar explicações verbais às pessoas que nos honram com a sua visita e nas conferências assinaladas por recíproca benevolência, nas quais nos esclarecemos mutuamente.

Pluralidade das Existências Corpóreas⁶⁰ (PRIMEIRO ARTIGO)

Das diversas doutrinas professadas pelo Espiritismo, a mais controvertida, sem dúvida, é a da pluralidade das existências corporais, também chamada de reencarnação. Embora essa opinião seja agora partilhada por grande número de pessoas, e que por nós já tenha sido tratada em diversas ocasiões, acreditamos ser um dever nosso, em razão de sua extrema gravidade, examiná-la aqui de maneira mais aprofundada, a fim de responder às inúmeras objeções que ela tem suscitado. Antes de entrar a fundo na questão, algumas observações preliminares se nos parecem indispensáveis.

60 N. do T.: Vide *O Livro dos Espíritos*, Livro II, capítulo V.

Não é novo, dizem alguns, o dogma da reencarnação; ressuscitaram-no da doutrina de Pitágoras. Nunca dissemos ser de invenção moderna a Doutrina Espírita. Constituindo uma lei da Natureza, o Espiritismo há de ter existido desde a origem dos tempos e sempre nos esforçamos por demonstrar que dele se descobrem sinais na antigüidade mais remota. Pitágoras, como se sabe, não foi o autor do sistema da metempsicose; ele o colheu dos filósofos indianos e dos egípcios, que o tinham desde tempos imemoriais. A idéia da transmigração das almas formava, pois, uma crença vulgar, aceita pelos homens mais eminentes. De que modo a adquiriram? Por uma revelação, ou por intuição? Ignoramo-lo. Seja como for, o que não padece dúvida é que uma idéia não atravessa séculos e séculos, nem consegue impor-se a inteligências de escol, se não contiver algo de sério. Assim, a ancianidade dessa doutrina, em vez de ser uma objeção, seria prova a seu favor. Contudo, entre a metempsicose dos Antigos e a moderna doutrina da reencarnação, há, como também se sabe, profunda diferença, assinalada pelo fato de os Espíritos rejeitarem, de maneira absoluta, a transmigração da alma do homem para os animais e reciprocamente.

Sem dúvida, dizem alguns contraditores, estáveis imbuídos dessas idéias, razão por que os Espíritos se apegaram à vossa maneira de ver. Eis aí um erro que prova, uma vez mais, o perigo dos julgamentos precipitados e sem exame. Se, antes de julgar, tivessem tais pessoas se dado ao trabalho de ler o que escrevemos sobre o Espiritismo, ter-se-iam poupado de levantarem objeções com tanta leviandade. Repetiremos, pois, o que a esse respeito já dissemos.

Quando a doutrina da reencarnação nos foi ensinada pelos Espíritos, estava tão distante do nosso pensamento que, sobre os antecedentes da alma, havíamos construído um sistema completamente diferente, partilhado, aliás, por muitas pessoas. Sob esse aspecto, portanto, a Doutrina dos Espíritos nos surpreendeu profundamente; diremos mais: contrariou-nos, porquanto derrubou

as nossas próprias idéias. Como se pode ver, estava longe de refleti-las. Mas isso não é tudo: nós não cedemos ao primeiro choque; combatemos, defendemos nossa opinião, levantamos objeções e só nos rendemos à evidência quando percebemos a insuficiência de nosso sistema para resolver todas as dificuldades levantadas por essa questão.

Aos olhos de algumas pessoas o vocábulo *evidência* parecerá, sem dúvida, singular em semelhante matéria; não será, entretanto, impróprio aos que estão habituados a perscrutar os fenômenos espíritas. Para o observador atento há fatos que, embora não sejam de natureza absolutamente material, nem por isso deixam de constituir verdadeira evidência, pelo menos do ponto de vista moral. Não é aqui o lugar de explicar esses fatos; somente um estudo seguido e perseverante pode dá-los a compreender; nosso fim era somente refutar a idéia de que essa doutrina é a tradução do nosso pensamento. Temos, ainda, uma outra refutação a opor: é que não somente a nós ela foi ensinada; foi, também, ensinada em muitos outros lugares, na França e no estrangeiro: na Alemanha, na Holanda, na Rússia, etc., e isso antes mesmo da publicação de *O Livro dos Espíritos*. Acrescentamos, ainda, que, desde que nos entregamos ao estudo do Espiritismo, obtivemos comunicações através de mais de cinqüenta médiuns escreventes, falantes, videntes, etc., mais ou menos esclarecidos, de inteligência normal mais ou menos limitada, alguns até mesmo completamente analfabetos e, em consequência, absolutamente estranhos às matérias filosóficas; não obstante, em nenhum caso os Espíritos se desmentiram sobre essa questão. Dá-se o mesmo em todos os círculos que conhecemos, onde tal princípio é confessado. Bem sabemos que esse argumento não é irretorquível, razão por que não insistiremos mais a não ser pelo raciocínio.

Examinemos de outro ponto de vista a matéria e, fazendo abstração de qualquer intervenção dos Espíritos, deixemo-los de lado, por enquanto. Suponhamos que esta teoria nada tenha

a ver com eles; suponhamos mesmo que jamais se haja cogitado de Espíritos. Coloquemo-nos, momentaneamente, num terreno neutro, admitindo o mesmo grau de probabilidade para ambas as hipóteses, isto é, a da pluralidade e a da unicidade das existências corpóreas, e vejamos para que lado a razão e o nosso próprio interesse nos farão pender.

Muitos repelem a idéia da reencarnação pelo só motivo de ela não lhes convir. Dizem que uma existência já lhes chega de sobra e que, portanto, não desejariam recomeçar outra semelhante. De alguns sabemos que saltam em fúria só com o pensarem que tenham de voltar à Terra. Perguntar-lhes-emos apenas se imaginam que Deus lhes pediu o parecer, ou consultou seus gostos para regular o Universo. Uma de duas: ou a reencarnação existe, ou não existe; se existe, nada importa que os contrarie; terão de sofrê-la, sem que para isso lhes peça Deus permissão. Assemelham-se, os que assim falam, a um doente que diz: Sofri hoje bastante, não quero sofrer mais amanhã. Qualquer que seja o seu mau humor, nem por isso terá de sofrer menos no dia seguinte, nem nos que se sucederem, até que se ache curado. Conseqüentemente, se os que de tal maneira se externam tiverem que viver de novo, corporalmente, tornarão a viver, reencarnarão. De nada lhes adiantará que se rebelem, quais crianças que não querem ir para o colégio, ou condenados, para a prisão. Passarão pelo que têm de passar. São demasiado pueris semelhantes objeções, para merecerem mais seriamente examinadas. Diremos, todavia, aos que as formulam que se tranquilizem, que a Doutrina Espírita, no tocante à reencarnação, não é tão terrível como a julgam; que, se a tivessem estudo a fundo, não se mostrariam tão horrorizados; saberiam que deles dependem as condições da nova existência, que será feliz ou desgraçada, conforme ao que tiverem feito neste mundo; *que desde agora poderão elevar-se tão alto que nova queda no lodaçal não lhes seja mais de temer.*

Supomos dirigir-nos a pessoas que acreditam num futuro depois da morte e não aos que criam para si a perspectiva do nada,

ou pretendem que suas almas se vão afogar num todo universal, onde perdem a individualidade, como os pingos da chuva no oceano, o que vem a dar quase no mesmo. Ora, pois: se credes num futuro qualquer, por certo não admitis que ele seja idêntico para todos, porquanto, de outro lado, qual a utilidade do bem? Por que haveria o homem de constranger-se? Por que deixaria de satisfazer a todas as suas paixões, a todos os seus desejos, embora à custa de outrem, uma vez que por isso não ficaria sendo melhor, nem pior? Credes, ao contrário, que esse futuro será mais ou menos ditoso ou inditoso, conforme ao que houverdes feito durante a vida e então desejeis que seja tão afortunado quanto possível, visto que há de durar pela eternidade, não? Mas, porventura, teríeis a pretensão de ser dos homens mais perfeitos que hajam existido na Terra e, pois, com direito a alcançardes, de um salto, a suprema felicidade dos eleitos? Não. Admitis então que há homens de valor maior do que o vosso e com direito a um lugar melhor, sem daí resultar que vos conteis entre os réprobos. Pois bem! Colocai-vos mentalmente, por um instante, nessa situação intermédia, que será a vossa, como acabastes de reconhecer, e imaginai que alguém vos venha dizer: “Sofreis; não sois tão feliz quanto poderíeis ser, ao passo que diante de vós existem seres, que gozam de completa ventura. Quereis mudar na deles a vossa posição?” – “Certamente – responderéis – que devemos fazer?” – Quase nada: recomeçar o trabalho mal executado e executá-lo melhor.” – Hesitaríeis em aceitar, ainda que a poder de muitas existências de provações? Façamos outra comparação mais prosaica. Imaginemos um homem que, embora sem ter chegado à miséria extrema, sofre privações por escassez de recursos; se viessem dizer-lhe: “Aqui está uma riqueza imensa de que podes gozar; para isto só é necessário que trabalhes arduamente durante um minuto”, o que teria respondido? Fosse ele o mais preguiçoso da Terra, não vacilaria em dizer: “Trabalhemos um minuto, dois minutos, uma hora, um dia, se for preciso. Que importa isso, desde que me leve a acabar os meus dias na fartura?” Ora, que é a duração da vida corpórea, em confronto com a eternidade? Menos que um minuto, menos que um segundo.

Temos visto algumas pessoas raciocinarem deste modo: Não é possível que Deus, soberanamente bom como é, imponha ao homem a obrigação de recomeçar uma série de misérias e tribulações. Acharão, porventura, essas pessoas que há mais bondade em condenar Deus o homem a sofrer perpetuamente, por motivo de alguns momentos de erro, do que em lhe facultar meios de reparar suas faltas? “Dois industriais contrataram dois operários, cada um dos quais podia aspirar a se tornar sócio do respectivo patrão. Aconteceu que esses dois operários certa vez empregaram muito mal o seu dia, ambos merecendo ser despedidos. Um dos industriais, não obstante as súplicas do seu, o mandou embora e o pobre operário, não tendo achado mais trabalho, acabou por morrer na miséria. O outro disse ao seu: “Perdeste um dia; deves-me por isso uma compensação. Executaste mal o teu trabalho. Ficaste a dever-me uma reparação. Consinto que o recomeces. Trata de executá-lo bem, que te conservarei ao meu serviço e poderás continuar aspirando à posição superior que te prometi.” Será preciso perguntemos qual dos industriais foi mais humano? Dar-se-á que Deus, que é a clemência mesma, seja mais inexorável do que um homem?”

Há algo de pungente na idéia de que a nossa sorte fique para sempre decidida, por efeito de alguns anos de provações, mesmo que de nós não tenha dependido alcançarmos a perfeição, ao passo que eminentemente consoladora é a idéia oposta, que nos permite a esperança. Assim, sem nos pronunciarmos pró ou contra a pluralidade das existências, sem preferirmos uma hipótese a outra, declaramos que, se aos homens fosse dado escolher, ninguém quereria o julgamento sem apelação. Disse um filósofo que, se Deus não existisse, fora mister inventá-lo, para felicidade do gênero humano. Outro tanto se poderia dizer da pluralidade das existências. Mas, conforme atrás ponderamos, Deus não nos pede permissão, nem consulta os nossos gostos. Ou isto é, ou não é. Vejamos de que lado estão as probabilidades e encaremos de outro ponto de vista o assunto, unicamente como estudo filosófico, sempre nos abstraindo do ensino dos Espíritos.

Se não há reencarnação, só há, evidentemente, uma existência corporal. Se a nossa atual existência corpórea é a única, a alma de cada homem foi criada por ocasião do seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma, caso em que caberia perguntar o que era ela antes do nascimento e se o estado em que se achava não constituía uma existência sob forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia, ou não existia antes do corpo. Se existia, qual a sua situação? Tinha, ou não, consciência de si mesma? Se não tinha, é quase como se não existisse. Caso tivesse individualidade, era progressiva, ou estacionária? Num e noutro caso, a que grau chegara ao tomar o corpo? Admitindo, de acordo com a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou, o que vem a ser o mesmo, que, antes de encarnar, só dispõe de faculdades negativas, perguntamos:

1. Por que mostra a alma aptidões tão diversas e independentes das idéias que a educação lhe fez adquirir?

2. Onde vem a aptidão extranormal que muitas crianças revelam em tenra idade, para esta ou aquela arte, para esta ou aquela ciência, enquanto outras se conservam inferiores ou medíocres durante a vida toda?

3. Onde, em uns, as idéias inatas ou intuitivas, que noutros não existem?

4. Onde, em certas crianças, o instinto precoce que revelam para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixaze, contrastando com o meio em que nasceram?

5. Por que, abstraindo-se da educação, uns homens são mais adiantados do que outros?

6. Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomardes de um menino hotentote recém-nascido e o educardes nos

nossos melhores liceus, fareis dele algum dia um Laplace ou um Newton?

Qual a filosofia ou a teosofia capaz de resolver estes problemas? É fora de dúvida que, ou as almas são iguais ao nascerem, ou são desiguais. Se iguais, por que, entre elas, tão grande diversidade de aptidão? Dir-se-á que isso depende do organismo. Mas, então, achamo-nos em presença da mais monstruosa e imoral das doutrinas. O homem seria simples máquina, juguete da matéria; deixaria de ter a responsabilidade de seus atos, pois que poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas. Se as almas são desiguais, é que Deus as criou assim. Nesse caso, porém, por que a inata superioridade concedida a algumas? Corresponderá essa parcialidade à justiça de Deus e ao amor que ele consagra igualmente a todas as suas criaturas?

Admitamos, ao contrário, uma série de progressivas existências anteriores para cada alma e tudo se explica. Ao nascerem, trazem os homens a intuição do que aprenderam antes; são mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que contem, conforme já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida. Dá-se aí exatamente o que se observa numa reunião de indivíduos de todas as idades, onde cada um terá desenvolvimento proporcionado ao número de anos que tenha vivido. As existências sucessivas serão, para a vida da alma, o que os anos são para a do corpo. Reuni, em certo dia, um milheiro de indivíduos de um a oitenta anos; suponde que um véu encubra todos os dias precedentes ao em que os reunistes e que, em consequência, acreditais que todos nasceram na mesma ocasião. Perguntareis naturalmente como é que uns são grandes e outros pequenos, uns velhos e jovens outros, instruídos uns, outros ainda ignorantes. Se, porém, dissipando-se a nuvem que lhes oculta o passado, vierdes a saber que todos hão vivido mais ou menos tempo, tudo se vos tornará explicado. Deus, em sua justiça, não pode ter criado almas desigualmente perfeitas. Com a pluralidade das existências, a desigualdade que notamos nada mais apresenta em oposição à mais rigorosa equidade: é que apenas vemos o presente e

não o passado. A este raciocínio serve de base algum sistema, alguma suposição gratuita? Não. Partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral, e verificamos que nenhuma das teorias correntes o explica, ao passo que uma outra teoria lhe dá explicação simples, natural e lógica. Será racional preferir-se as que não explicam àquela que explica?

À vista da sexta interrogação acima, dirão naturalmente que o hotentote é de raça inferior. Perguntaremos, então, se o hotentote é ou não um homem. Se é, por que a ele e à sua raça privou Deus dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é, por que tentar fazê-lo cristão? A Doutrina Espírita tem mais amplitude do que tudo isto. Segundo ela, não há muitas espécies de homens, há tão-somente homens cujos espíritos estão mais ou menos atrasados, porém todos susceptíveis de progredir. Não é este princípio mais conforme à justiça de Deus?

Acabamos de apreciar a alma com relação ao seu passado e ao seu presente. Se a considerarmos, tendo em vista o futuro, esbarraremos nas mesmas dificuldades.

1. Se a nossa existência atual é que, só ela, decidirá da nossa sorte vindoura, quais, na vida futura, as posições respectivas do selvagem e do homem civilizado? Estarão no mesmo nível, ou se acharão distanciados um do outro, no tocante à soma de felicidade eterna que lhes caiba?

2. O homem que trabalhou toda a sua vida por melhorar-se, virá a ocupar a mesma categoria de outro que se conservou em grau inferior de adiantamento, não por culpa sua, mas porque não teve tempo, nem possibilidade de se tornar melhor?

3. O que praticou o mal, por não ter podido instruir-se, será culpado de um estado de coisas cuja existência em nada dependeu dele?

4. Trabalha-se continuamente por esclarecer, moralizar, civilizar os homens. Mas, em contraposição a um que fica esclarecido, milhões de outros morrem todos os dias antes que a luz lhes tenha chegado. Qual a sorte destes últimos? Serão tratados como réprobos? No caso contrário, que fizeram para ocupar categoria idêntica à dos outros?

5. Que sorte aguarda os que morrem na infância, quando ainda não puderam fazer nem o bem, nem o mal? Se vão para o meio dos eleitos, por que esse favor, sem que coisa alguma hajam feito para merecê-lo? Em virtude de que privilégio eles se vêem isentos das tribulações da vida?

Haverá alguma doutrina capaz de resolver esses problemas? Admitam-se as existências consecutivas e tudo se explicará conformemente à justiça de Deus. O que se não pôde fazer numa existência faz-se em outra. Assim é que ninguém escapa à lei do progresso, que cada um será recompensado segundo o seu merecimento *real* e que ninguém fica excluído da felicidade suprema, a que todos podem aspirar, quaisquer que sejam os obstáculos com que topem no caminho.

Essas questões facilmente se multiplicariam ao infinito, porque inúmeros são os problemas psicológicos e morais que só na pluralidade das existências encontram solução. Limitamo-nos a formular as de ordem mais geral. Seja como for, alegar-se-á que a Igreja não admite a doutrina da reencarnação; que ela subverteria a religião. Nossa intenção não é tratar deste assunto agora. Bastanos haver demonstrado que aquela doutrina é eminentemente moral e racional. Mostraremos, mais tarde, que a religião se acha dela menos afastada do que se pensa e com isso não sofreria mais do que sofreu com a descoberta do movimento da Terra e dos períodos geológicos que, à primeira vista, pareciam desmentir os textos sagrados. O ensino dos Espíritos é eminentemente cristão; apóia-se sobre a imortalidade da alma, as penas e recompensas

futuras, o livre-arbítrio do homem e a moral do Cristo. Não é, portanto, anti-religioso.

Temos raciocinado, abstraindo-nos, como dissemos, de qualquer ensinamento espírita que, para certas pessoas, carece de autoridade. Não é somente porque veio dos Espíritos que nós e tantos outros nos fizemos adeptos da pluralidade das existências. É porque essa doutrina nos pareceu a mais lógica e porque só ela resolve questões até então insolúveis.

Ainda quando fosse da autoria de um simples mortal, tê-la-íamos adotado igualmente e não havéramos hesitado um segundo mais em renunciar às idéias que esposávamos. Em sendo demonstrado o erro, muito mais que perder do que ganhar tem o amor-próprio, com o se obstinar na sustentação de uma idéia falsa. Assim, também, a teríamos repellido, mesmo que provindo dos Espíritos, se nos parecera contrária à razão, como repelimos muitas outras, pois sabemos, por experiência, que não se deve aceitar cegamente tudo o que venha deles, da mesma forma que se não deve adotar às cegas tudo o que proceda dos homens. Resta-nos, pois, examinar a questão da pluralidade das existências do ponto de vista do ensino dos Espíritos, de que maneira devemos entendê-la e, por fim, responder às mais sérias objeções que se lhe possam opor. É o que faremos num próximo artigo.

Problemas Morais

SOBRE O SUICÍDIO⁶¹

Perguntas dirigidas a São Luís através do Sr. C..., médium falante e vidente,
na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, na sessão
do dia 12 de outubro de 1858.

1. Por que o homem, que tem a firme intenção de se destruir, revoltar-se-ia à idéia de ser morto por um outro e se defenderia contra os ataques, no mesmo instante em que vai cumprir seu desígnio?

61 Nota da Editora: Ver "Nota Explicativa", p. 537.

Resp. – Porque o homem tem sempre medo da morte; quando se suicida, está superexcitado, tem a cabeça transtornada e realiza esse ato sem coragem nem temor e, por assim dizer, sem ter a consciência do que faz, enquanto que, se pudesse escolher, não veríeis tantos suicidas. O instinto do homem o leva a defender a própria vida e, durante o tempo que medeia entre o instante em que seu semelhante se aproxima para o matar e aquele em que o ato é cometido, há sempre um movimento de repulsão instintiva da morte que o leva a repelir esse fantasma, que não é apavorante senão para o Espírito culpado. O homem que se suicida não experimenta esse sentimento, porque está cercado de Espíritos que o impelem, que o auxiliam em seus desejos e lhe fazem perder completamente a lembrança do que não seja ele mesmo, isto é, dos pais e daqueles que o amam, bem como de uma outra existência. Nesse momento o homem é todo egoísmo.

2. Aquele que, desgostoso da vida, embora não querendo suicidar-se, deseja que sua morte sirva para alguma coisa, é culpável de a buscar no campo de batalha ao defender seu país?

Resp. – Sempre. O homem deve seguir o impulso que lhe é dado; qualquer que seja a carreira que abrace, seja qual for a vida que leve, é sempre assistido por Espíritos que o conduzem e dirigem, mau grado seu. Ora, intentar contra seus conselhos é um crime, visto estarem ali para nos dirigir e, quando queremos atuar de moto próprio, para nos auxiliar. Entretanto, se o homem, arrastado por seu próprio Espírito, quer deixar esta vida, logo é abandonado, reconhecendo mais tarde sua falta, ao ver-se obrigado a recomeçar outra existência. Para elevar-se, deve o homem ser provado; conter suas atitudes, pôr um entrave em seu livre-arbítrio seria ir contra Deus, e as provas, nesse caso, tornar-se-iam inúteis, porque os Espíritos não cometeriam faltas. O Espírito foi criado simples e ignorante. Para chegar às esferas felizes é preciso, pois, que progrida, eleve-se em ciência e em sabedoria, não sendo senão na adversidade que adquire um coração elevado e melhor compreende a grandeza de Deus.

3. Um dos assistentes observou que parece ter havido uma contradição entre essas derradeiras palavras de São Luís e as precedentes, quando ele disse que o homem pode ser impellido ao suicídio por certos Espíritos que a isto o excitam. Neste caso, cederia a um impulso que lhe seria estranho.

Resp. – Não há contradição alguma. Quando disse que o homem impellido ao suicídio estava cercado de Espíritos que a isto o solicitavam, não me referia aos Espíritos bons, que fazem todos os esforços para o demover dessa idéia; isto deveria estar subentendido. Todos sabemos que possuímos um anjo guardião, ou, se quizerdes, um guia familiar. Ora, tem o homem o seu livre-arbítrio; se, apesar dos conselhos que lhe são dados, persevera nesta idéia criminosa, ele a realiza e, para isso, é auxiliado pelos Espíritos levianos e impuros que o cercam e que se sentem felizes, por ver que ao homem, ou Espírito encarnado, falta coragem para seguir os conselhos de seu bom guia e, muitas vezes, dos Espíritos de parentes mortos que o envolvem, sobretudo, em semelhantes circunstâncias.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

MEHEMET-ALI

(Segunda conversa)

1. Em nome de Deus Todo-Poderoso, rogo ao Espírito Mehmet-Ali que consinta em comunicar-se conosco.

Resp. – Sim; sei o motivo.

2. Prometestes vir até nós, a fim de instruir-nos; teríeis a bondade de nos ouvir e de nos responder?

Resp. – Não prometo, desde que não me comprometi.

3. Seja; em lugar de *prometestes*, coloquemos que nos fizestes esperar.

Resp. – Isto é, para satisfazer a vossa curiosidade; não importa! Prestar-me-ei um pouco a isso.

4. Pois que vivestes ao tempo dos faraós, poderíeis dizer-nos com que finalidade foram as pirâmides construídas?

Resp. – São sepulcros; sepulcros e templos: ali ocorriam grandes manifestações.

5. Tinham também um fim científico?

Resp. – Não; o interesse religioso absorvia tudo.

6. Seria preciso que os egípcios fossem, desde aquela época, muito adiantados nas artes mecânicas para realizarem trabalhos que exigiam forças tão consideráveis. Poderíeis dar-nos uma idéia dos meios que empregaram?

Resp. – Massas humanas gemeram sob o peso de pedras que atravessaram os séculos: o homem era a máquina.

7. Que classe de homens se ocupava desses grandes trabalhos?

Resp. – A que chamais de povo.

8. Estava o povo em estado de escravidão ou recebia um salário?

Resp. – À força.

9. Donde veio aos egípcios o gosto das coisas colossais, em vez do das coisas graciosas que distinguia os gregos, embora tivessem a mesma origem?

Resp. – O egípcio era tocado pela grandeza de Deus; a Ele procurava igualar-se, superando as próprias forças. Sempre o homem!

10. Considerando-se que éreis sacerdote àquela época, poderíeis dizer-nos alguma coisa acerca da religião dos antigos egípcios? Qual era a crença do povo em relação à Divindade?

Resp. – Corrompidos, acreditavam em seus sacerdotes; eram deuses para eles, a quem se curvavam.

11. Que pensavam da alma após a morte?

Resp. – Acreditavam no que lhes diziam os sacerdotes.

12. Sob o duplo ponto de vista de Deus e da alma, tinham os sacerdotes idéias mais sadias que o povo?

Resp. – Sim, tinham a luz nas mãos; ocultando-as dos outros, ainda assim a percebiam.

13. Os grandes do Estado partilhavam da crença do povo ou da dos sacerdotes?

Resp. – Estavam entre as duas.

14. Qual a origem do culto prestado aos animais?

Resp. – Queriam desviar de Deus o homem e mantê-lo sob seu domínio, dando-lhe como deuses seres inferiores.

15. Até certo ponto concebe-se o culto dos animais domésticos, mas não se compreende o dos animais imundos e prejudiciais, tais como as serpentes, crocodilos, etc.!

Resp. – O homem adora aquilo que teme. Era um jugo para o povo. Podiam os sacerdotes acreditar em deuses saídos de suas mãos?

16. Não seria um paradoxo adorarem o crocodilo e os répteis e, ao mesmo tempo, o icnêumon e o íbis, que os destruíam?

Resp. – Aberração do Espírito; o homem procura deuses por toda parte para se ocultar do que é.

17. Por que Osíris era representado com uma cabeça de gavião e Anúbis com a de um cão?

Resp. – O egípcio gostava de personificar sob a forma de emblemas claros: Anúbis era bom; o gavião que estraçalha representava o cruel Osíris.

18. Como conciliar o respeito dos egípcios pelos mortos, com o desprezo e o horror por aqueles que os enterravam e mumificavam?

Resp. – O cadáver era um instrumento de manifestações: segundo eles o Espírito retornava ao corpo que havia animado. Como um dos instrumentos de culto, o cadáver era sagrado e o desprezo perseguia aquele que ousava violar a santidade da morte.

19. A conservação dos corpos dava lugar a manifestações mais numerosas?

Resp. – Mais longas, isto é, o Espírito voltava por mais tempo, desde que o instrumento fosse dócil.

20. A conservação dos corpos visava também à salubridade, em razão das inundações do Nilo?

Resp. – Sim, para os do povo.

21. A iniciação nos mistérios fazia-se no Egito com práticas tão rigorosas quanto na Grécia?

Resp. – Mais rigorosas.

22. Com que fim eram impostas aos iniciados condições tão difíceis de preencher?

Resp. – Para não haver senão almas superiores; estas sabiam compreender e calar.

23. O ensino dado nos mistérios tinha por finalidade única a revelação das coisas extra-humanas, ou ali eram ensinados também os preceitos da moral e do amor ao próximo?

Resp. – Tudo isso era bem corrompido. O objetivo dos sacerdotes era dominar e não instruir.

O DOUTOR MUHR

Morto no Cairo, a 4 de junho de 1857 – Evocado a pedido do Sr. Jobard. Em vida, disse este, era um Espírito muito elevado; médico homeopata; verdadeiro apóstolo espírita; deve estar, no mínimo, em Júpiter.

1. Evocação.

Resp. – Estou aqui.

2. Teríeis a bondade de dizer-nos onde estais?

Resp. – Estou errante.

3. Foi a 4 de junho deste ano que morrestes?

Resp. – Do ano passado.

4. Lembrai-vos de vosso amigo, o Sr. Jobard?

Resp. – Sim; muitas vezes estou perto dele.

5. Quando eu lhe transmitir essa resposta ele terá prazer, porquanto sempre teve grande afeição por vós.

Resp. – Eu o sei; é um dos Espíritos que me são mais simpáticos.

6. Quando vivo, o que entendíeis por gnomos?

Resp. – Considerava-os como seres que podiam materializar-se e tomar formas fantásticas.

7. Acreditais nisso, ainda?

Resp. – Mais que nunca; agora tenho certeza; mas gnomo é uma palavra que parece ter muito de magia; prefiro dizer agora *Espírito*, em vez de gnomo.

Observação: Quando vivo, ele acreditava nos Espíritos e em suas manifestações; apenas os designava sob o nome de gnomos, ao passo que agora se serve da expressão mais genérica de *Espírito*.

8. Acreditais ainda que esses Espíritos, que em vida chamáveis de *gnomos*, podem assumir formas materiais fantásticas?

Resp. – Sim, mas sei que isso não acontece com freqüência; há pessoas que poderiam tornar-se loucas se vissem as aparências que tais Espíritos podem tomar.

9. Que aparências seriam essas?

Resp. – Animais e diabos.

10. Trata-se de aparência material, tangível, ou é semelhante à que percebemos nos sonhos e nas visões?

Resp. – Um pouco mais material que nos sonhos; as aparições que nos poderiam amedrontar não podem ser tangíveis; Deus não o permitiria.

11. A aparição do Espírito de Bergzabern, sob a forma de homem ou de animal, era dessa natureza?

Resp. – Sim, é desse gênero.

Observação – Não sabíamos se ele, quando vivo, acreditava que os Espíritos pudessem tomar uma forma tangível; mas é evidente que agora se refere à forma vaporosa e impalpável das aparições.

12. Acreditais que ireis para Júpiter quando reencarnardes?

Resp. – Irei a um mundo que se não iguala ainda a Júpiter.

13. É por vossa própria vontade que ireis para um mundo inferior a Júpiter, ou em razão de ainda não merecerdes habitar esse planeta?

Resp. – Prefiro acreditar que não o mereço e cumprir uma missão num mundo menos avançado. Sei que chegarei à perfeição, e é isso que me leva a ser modesto.

Observação – Essa resposta é uma prova da superioridade desse Espírito. Concorda com o que nos disse o padre Ambrósio: que é mais meritório pedir uma missão num mundo inferior do que querer avançar muito rapidamente num planeta superior.

14. Roga-nos o Sr. Jobard que vos indaguemos se estais satisfeito com o artigo necrológico que sobre vós ele escreveu.

Resp. – Escrevendo aquilo, deu-me Jobard uma nova prova de simpatia; agradeço bastante e desejo que o quadro, um tanto exagerado, que fez de minhas virtudes e talentos, possa servir de exemplo àqueles dentre vós que percorrem as sendas do progresso.

15. Considerando-se que em vida éreis homeopata, que pensais agora da Homeopatia?

Resp. – A Homeopatia é o começo das descobertas dos fluidos latentes. Far-se-ão muitas outras, igualmente preciosas, formando um todo harmonioso que conduzirá vosso globo à perfeição.

16. Que mérito atribuis ao vosso livro *Le Médecin du peuple*?

Resp. – É a pedra do operário que levei à obra.

Observação – A resposta desse Espírito sobre a Homeopatia vem corroborar a idéia dos *fluidos latentes*, já fornecida pelo Espírito do Sr. Badel, a propósito de sua imagem fotografada. Disso resultaria que há fluidos cujas propriedades nos são desconhecidas ou nos passam despercebidas, porque sua ação não é ostensiva; contudo, nem por isso deixa de ser menos real. A Humanidade se enriquece de conhecimentos novos à medida que as circunstâncias lhe fazem conhecer suas *propriedades*.

MADAME DE STAËL

Na sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, do dia 28 de setembro de 1858, o Espírito Madame de Staël comunicou-se espontaneamente e sem ser chamado pela mão da senhorita E..., médium psicógrafo, ditando a página que se segue:

Viver é sofrer; sim, mas a esperança não acompanha o sofrimento? Não pôs Deus na mão dos infelizes maior dose de

esperança? Criança, o pesar e a decepção acompanham o nascimento; mas à sua frente marcha a esperança, que diz: Avançai; o objetivo é a felicidade; Deus é clemente.

Por que – perguntam os Espíritos fortes – por que vir ensinar-nos uma nova religião, quando o Cristo estabeleceu as bases de uma caridade tão grandiosa, de uma felicidade tão verdadeira? Não é nossa intenção modificar o que ensinou o grande reformador. Não; vimos apenas reafirmar nossa consciência, aumentar nossas esperanças. Quanto mais o homem se civiliza, mais deveria ter confiança e mais necessidade temos ainda de o sustentar. Não pretendemos mudar a face do Universo, viemos ajudar a torná-lo melhor; e se neste século não viéssemos em auxílio do homem, seria ele muito infeliz, pela falta de confiança e de esperança. Sim, homem sábio, que ledes nos outros, que procurais conhecer o que pouco vos importa e afastais aquilo que vos interessa, abri os olhos e não desesperéis; não digais que o nada pode ser possível quando, em vosso coração, deveríeis sentir o contrário. Vinde tomar assento nesta mesa e esperai, porquanto nela sereis instruído quanto ao vosso futuro e sereis feliz. Aqui há pão para todos: desenvolvereis vosso Espírito, alimentareis vosso corpo, acalmareis vossos sofrimentos e florireis a vida, embelezando-a de esperança, a fim de a tornardes mais suportável.

Stäël

Observação – O Espírito fazia alusão à mesa onde estavam os médiuns.

Questionai, e responderei às vossas perguntas.

1. Porque não prevíamos a vossa visita, não preparamos um assunto.

Resp. – Sei perfeitamente que as perguntas particulares não podem ser respondidas por mim; porém, quantas coisas de

caráter geral se podem perguntar, mesmo a uma mulher que teve um pouco de espírito e agora tem muito coração!

Nesse momento, uma senhora que assistia à sessão pareceu desfalecer; mas não passou de uma espécie de êxtase que, longe de ser penoso, foi-lhe muito agradável. Ofereceram-se para magnetizá-la; então, o Espírito Madame de Staël disse espontaneamente: Não; deixai-a em paz; é necessário que a influência exerça sua ação.” Depois, dirigindo-se àquela senhora: “Tende confiança, um coração vela junto de vós; deseja falar convosco; chegará o dia... não precipitemos as emoções.”

O Espírito que se comunicava por aquela senhora, e que era o de sua irmã, escreveu então espontaneamente: “Eu voltarei.”

Dirigindo-se novamente àquela senhora, Madame de Staël escreveu: “Uma palavra de consolação a um coração que sofre. Por que essas lágrimas de mulher para uma irmã? Essas incursões ao passado, quando todos os vossos pensamentos deveriam voltar-se para o futuro? Vosso coração sofre, vossa alma tem necessidade de expandir-se. Pois bem! Que essas lágrimas sejam de alívio, e não originadas pelos remorsos! Aquela que vos ama e por quem chorais é feliz e venturosa! Esperai reunir-vos a ela, um dia. Não a vedes; entretanto, para ela não existe separação, desde que está constantemente perto de vós.”

2. Poderíeis dizer-nos o que pensais atualmente de vossos escritos?

Resp. – Uma só palavra vos esclarecerá. Se voltasse e pudesse recomeçar, modificaria dois terços e conservaria apenas um.

3. Consentiríeis em revelar as coisas que desaprovais?

Resp. – Não é muita exigência, pois aquilo que não for justo outros escritores mudarão: fui masculina demais para uma mulher.

4. Qual era a causa primeira do caráter viril que demonstrastes quando vivias?

Resp. – Isso depende da fase de nossa existência.

Na sessão seguinte, do dia 12 de outubro, dirigiram-lhe as seguintes perguntas através do Sr. D..., médium psicógrafo.

5. Outro dia viestes a nós espontaneamente, através da senhorita E... Que motivo vos levou a favorecer-nos com a vossa presença, sem que a tivéssemos evocado?

Resp. – A simpatia que tenho por todos vós; é, ao mesmo tempo, o cumprimento de um dever que me é imposto em minha atual existência, ou melhor, em minha existência passageira, pois que sou chamada a reviver; aliás, é o destino de todos os Espíritos.

6. Preferis comparecer espontaneamente ou ser evocada?

Resp. – Prefiro ser evocada, pois é uma prova de que pensam em mim; mas sabeis, também, que é agradável a um Espírito liberto poder conversar com o Espírito do homem; eis por que não vos deveis admirar de me terdes visto chegar tão repentinamente até vós.

7. Haverá vantagem em evocar os Espíritos, em vez de esperar que venham quando quiserem?

Resp. – Ao evocá-los tendes em mira um objetivo; deixando que venham espontaneamente, correis o risco de obter comunicações imperfeitas sob muitos aspectos, porque os maus vêm tão bem quanto os bons.

8. Já vos comunicastes em outros círculos?

Resp. – Sim; mas têm-me feito comparecer mais do que eu gostaria; quer dizer, freqüentemente tomam meu nome.

9. Teríeis a bondade de retornar algumas vezes e ditar-nos alguns de vossos belos pensamentos? Teríamos prazer em reproduzi-los, com vistas à instrução geral.

Resp. – De boa vontade; venho com prazer junto àqueles que trabalham com seriedade para se instruírem. Minha vinda outro dia é uma prova disto.

Médium Pintor

(Extraído do *Spiritualiste* de Nova-Orléans)

Como nem todos os indivíduos podem ser convencidos pelo mesmo gênero de manifestações espíritas, houve necessidade de se desenvolver médiuns de vários tipos. Nos Estados Unidos existem os que fazem retratos de pessoas há muito falecidas, a quem jamais conheceram. Porque a semelhança é logo constatada, as pessoas sensatas que o testemunham não deixam de se convencer. O mais notável desses médiuns é, talvez, o Sr. Rogers, por nós já citado no Vol. I, à pag. 239 ⁶², e que então residia em Columbus, onde exercia a profissão de alfaiate; poderíamos acrescentar que não recebeu outra educação além da habitual à sua condição.

Sobretudo aos homens instruídos, que têm dito e repetido a propósito da teoria espiritualista, que “o recurso aos Espíritos é apenas uma hipótese, e que um exame atento pode provar não ser ela nem mais racional nem mais verossímil”, oferecemos a seguinte tradução, que resumimos de um artigo do Sr. Lafayette R. Gridley, de Attica, Indiana, escrito no dia 27 de julho passado para os editores do *Spiritual Age* e por estes publicado integralmente em sua folha de 14 de agosto.

Em maio último, o Sr. E. Rogers, de Cardington, Ohio, que, como sabeis, é médium pintor e faz retratos das pessoas que não mais se encontram neste mundo, acaba de passar alguns

62 N. do T.: O volume e a página citados não se referem à *Revista Espírita*.

dias em minha casa. Durante sua curta estada sofreu a *influência*⁶³ de um artista invisível, que se fazia passar por Benjamin West, pintando alguns belos quadros, em tamanho natural, assim como alguns outros, de qualidade menos satisfatória.

Eis algumas particularidades relativas a dois desses retratos. Foram pintados pelo dito Sr. E. Rogers, num quarto escuro, em minha casa, no curto intervalo de uma hora e trinta minutos, tempo esse do qual cerca de meia hora decorreu sem que o médium tivesse sido influenciado e que aproveitei para examinar seu trabalho, ainda não terminado. Rogers caiu novamente em transe e concluiu esses retratos. Então, e sem que qualquer indicação houvesse sido dada quanto às pessoas representadas, um dos retratos foi imediatamente reconhecido como sendo de meu avô, Elisha Gridley; minha esposa, minha irmã, a senhora Chaney e meus pais, todos foram unânimes em reconhecer a grande semelhança: é um *fac-símile* do velho, com todas as particularidades de sua cabeleira, da gola de sua camisa, etc. Quanto ao outro retrato, como ninguém o reconhecesse, pendurei-o no meu armazém, à vista dos transeuntes, ali permanecendo por uma semana sem ser reconhecido. Aguardávamos que alguém pudesse dizer-nos se representava um antigo habitante de Attica. Já perdia a esperança de saber a quem teria o artista querido pintar, quando uma noite, numa sessão espírita realizada em minha casa, manifestou-se um Espírito, dando-me a comunicação que se segue:

“Meu nome é Horace Gridley. Deixei meus despojos há mais de cinco anos. Morei muitos anos em Natchez, Mississípi, onde fui *sberiff*. Meu único filho ainda mora lá. Sou primo de vosso pai. Podereis obter outras informações a meu respeito por intermédio de vosso tio, o Sr. Gridley, de Brownsville, Tennessee. O retrato que

63 N. do T.: Grifo nosso. *Entransé*, no original francês. Literalmente, entrar em transe. Traduzimos por *influência*.

conservais em vosso armazém é meu, à época em que vivia na Terra, pouco antes de passar a esta outra existência, mais elevada, melhor e mais feliz. Ele se parece comigo, *pelo menos tanto quanto me foi possível retomar a fisionomia de então*, pois que isso é indispensável quando somos pintados; e o fazemos o melhor que podemos para dela nos recordarmos, conforme o permitam as condições do momento. O retrato em questão não foi concluído como eu gostaria; há algumas imperfeições leves, que o Sr. West diz provirem das condições sob as quais se achava o médium. Mesmo assim, enviai o retrato a Natchez, para que seja examinado. Creio que o reconhecerão.”

Os fatos mencionados nessa comunicação eram por mim completamente ignorados, assim como de todos os moradores de nossa região. Certa vez, há muitos anos, ouvira dizer que meu pai tinha um parente naqueles lados do vale do Mississípi, embora nenhum de nós soubesse o seu nome e o endereço em que vivia e, nem mesmo, se já havia morrido. Somente vários dias mais tarde fiquei sabendo, através de meu pai, que habitava em Delphi, a quarenta milhas daqui, qual havia sido o local de residência de seu primo, de quem não ouvira mais falar há quase sessenta anos. Não tínhamos pensado absolutamente em pedir retratos de família; simplesmente coloquei, diante do médium, uma nota escrita que continha uma vintena de nomes de antigos moradores de Attica, não mais pertencentes a este mundo, na expectativa de obter-se o retrato de algum deles. Julgo, pois, que todas as pessoas sensatas admitirão que nem o retrato, nem a comunicação de Horace Gridley resultaram de uma transmissão de nosso pensamento ao médium; aliás, o Sr. Rogers por certo jamais conheceu qualquer dos dois homens, cujos retratos pintou e, provavelmente, nunca ouvira falar de nenhum deles, pois que é inglês de nascimento, veio para a América há dez anos e jamais ganhou o Sul, além de Cincinnati, enquanto Horace Gridley, ao que eu saiba, nunca viajou ao Norte para além de Memphis, no Tennessee, nos

últimos trinta ou trinta e cinco anos de sua existência. Ignoro se algum dia visitou a Inglaterra; mas isso só poderia ter ocorrido antes do nascimento de Rogers, considerando-se que este não tem mais que vinte e oito a trinta anos. Quanto a meu avô, falecido há cerca de dezenove anos, nunca saiu dos Estados Unidos e, de qualquer forma, jamais mandara fazer seu retrato.

Desde que recebi a comunicação acima transcrita, escrevi ao Sr. Gridley, de Brownsville, vindo sua resposta corroborar o que havíamos sabido através da comunicação do Espírito. Além disso, obtive o nome da única filha de Horace Gridley, que é a senhora L. M. Patterson, ainda residindo em Natchez, onde seu pai morou durante muitos anos. Segundo meu tio, o Sr. Horace teria falecido há cerca de seis anos, em Houston, no Texas.

Então escrevi à Sra. Patterson, minha prima recém-descoberta, enviando-lhe uma cópia daguerreotipada do retrato que nos diziam ser de seu pai. Na carta a meu tio, de Brownsville, nada havia dito a respeito do objetivo principal de minhas pesquisas, como nada dissera à Sra. Patterson: nem por que lhe enviava o retrato, ou como o obtivera, nem que pessoa representava. Simplesmente perguntei à minha prima se nele reconhecia alguém. Respondeu-me que por certo não poderia dizer de quem era o retrato, embora me assegurasse que *era parecido com seu pai*, na época de sua morte. Escrevi-lhe logo depois para dizer que o tomáramos também pelo retrato de seu pai, mas sem dizer-lhe como o havíamos obtido. A réplica de minha prima dizia, em suma, que na cópia que lhe enviara todos haviam reconhecido seu pai, antes que eu lhe dissesse que era ele mesmo que estava ali retratado. Minha prima demonstrou muita surpresa de que eu tivesse um retrato de seu pai, quando ela própria não tinha nenhum, e que ele jamais havia dito que mandara fazer o próprio retrato, não importa por quem. Acreditava que não existisse nenhum e se mostrou bastante satisfeita com a minha remessa, principalmente

por causa dos filhos, que tinham grande veneração pela memória do avô.

Enviei-lhe, então, o retrato original, autorizando-a a ficar com ele, caso lhe agradasse, mas não lhe disse ainda como o havia obtido. As principais passagens de sua resposta são as seguintes:

“Recebi vossa carta, assim como o retrato de meu pai, que me permitis guardar caso se assemelhe bastante com ele. Com certeza é muito parecido e, como nunca tive outro retrato seu, vou conservá-lo comigo, já que o consentis. Aceito-o muito reconhecida, embora a mim pareça que meu pai fosse melhor que isso, quando gozava de boa saúde.”

Antes do recebimento das duas últimas cartas da Sra. Patterson, quis o acaso que o Sr. Hedges, outrora residindo em Natchez e hoje morando em Delphi, bem como o Sr. Ewing, recém-chegado de Vicksburg, no Mississípi, vissem o retrato em questão e o reconhecessem como sendo o de Horace Gridley, com quem ambos haviam travado relações.

Acreditando que esses fatos são muito significativos para permanecerem em silêncio, senti-me na obrigação de os comunicar, com vistas à sua publicidade. Ao escrever este artigo, garanto haver tomado todas as precauções quanto à sua perfeita correção.

Observação – Já conhecemos os médiuns desenhistas. Além dos notáveis desenhos, dos quais demos um exemplar, mas que retratam coisas cuja exatidão não podemos verificar, temos visto médiuns absolutamente estranhos a essa arte executar esboços muito reconhecíveis de pessoas mortas que jamais haviam conhecido. Mas daí a um retrato pintado dentro das regras vai grande distância. Esta faculdade liga-se a um fenômeno bastante curioso, do qual somos testemunhas neste momento e de que em breve nos ocuparemos.

Independência Sonambúlica

Muitas pessoas que hoje aceitam perfeitamente o magnetismo, contestaram durante muito tempo a lucidez sonambúlica; é que essa faculdade, com efeito, veio confundir todas as noções que tínhamos sobre a percepção das coisas do mundo exterior. Entretanto, de há muito tínhamos o exemplo dos sonâmbulos naturais, que gozavam de faculdades análogas e que, por um estranho contraste, jamais foram aprofundadas. Hoje, a clarividência sonambúlica é um fato e, se ainda é contestada por algumas pessoas, é porque as idéias novas demoram a fincar raízes, sobretudo quando é preciso renunciar àquelas longamente acalentadas. Muita gente também pensava, como ainda hoje com as manifestações espíritas, que o sonambulismo pudesse ser experimentado como uma máquina, sem levar em conta as condições especiais do fenômeno. Eis por que, não tendo obtido à vontade e no momento preciso resultados sempre satisfatórios, concluíram pela negativa. Fenômenos tão delicados exigem uma longa observação, assídua e perseverante, a fim de se lhes captar os matizes, freqüentemente fugidios. É igualmente em conseqüência de uma observação incompleta dos fatos que certas pessoas, embora admitindo a clarividência dos sonâmbulos, contestam sua independência; segundo elas, sua visão não se estende além do pensamento daquele que os interroga; alguns pretendem mesmo que não há visão, mas, simplesmente, intuição e transmissão de pensamento, citando em seu apoio numerosos exemplos. Ninguém duvida que o sonâmbulo, vendo o pensamento, algumas vezes possa traduzi-lo e dele ser o eco; nem mesmo contestamos que possa influenciá-lo em certos casos: houvesse somente isso no fenômeno, já não seria um fato bastante curioso e digno de observação? A questão, portanto, não é saber se o sonâmbulo é ou pode ser influenciado por um pensamento estranho, o que já não suscita dúvidas, mas se é sempre influenciado: isso é um resultado da experiência.

Se o sonâmbulo só diz o que sabeis, é incontestável que é o vosso pensamento que ele traduz; mas se, em certos casos, diz o que ignorais, contradiz vossa opinião e vossa maneira de ser, torna-se evidente a sua independência, não seguindo senão o seu próprio impulso. Um único fato bem caracterizado desse gênero bastaria para provar que a sujeição do sonâmbulo ao pensamento de outrem não é uma coisa absoluta; ora, há milhares deles. Entre os que são do nosso conhecimento pessoal, citaremos os dois que se seguem:

Residindo em Bercy, na Rua Charenton, 43, o Sr. Marillon havia desaparecido desde o dia 13 de janeiro último. Todas as pesquisas para descobrir seu paradeiro foram infrutíferas; nenhuma das pessoas na casa das quais estava habituado a ir o tinham visto; nenhum negócio podia motivar sua ausência prolongada. Por outro lado, seu caráter, sua posição e seu estado mental afastavam qualquer idéia de suicídio. Restava a possibilidade de que tivesse sido vítima de um crime ou de um acidente; nesta última hipótese, porém, teria sido facilmente reconhecido e levado para sua casa, ou pelo menos, despachado para o necrotério. Todas as probabilidades apontavam, pois, para um crime, nele se firmando o pensamento, tanto mais quanto o Sr. Marillon havia saído para fazer um pagamento. Mas onde e como o crime havia sido cometido? Ninguém o sabia. Sua filha recorreu, então, a uma sonâmbula, a Sra. Roger que em muitas outras situações semelhantes dera provas de notável lucidez, que nós mesmos constatamos. A Sra. Roger seguiu o Sr. Marillon desde a saída da casa dele, às três horas da tarde, até cerca de sete horas da noite, quando ele já se dispunha a voltar. Viu-o descer às margens do Sena para satisfazer a uma urgente necessidade, sendo aí acometido de um ataque de apoplexia. Ela descreveu tê-lo visto cair sobre uma pedra, abrir uma fenda na fronte e depois rolar dentro d'água; não se tratou, pois, nem de suicídio, nem de crime; ainda havia dinheiro e uma chave dentro do bolso de seu paletó. A sonâmbula indicou o local do acidente, acrescentando que o corpo não mais se encontrava no local, em

virtude de ter sido arrastado facilmente pela correnteza. Encontraram-no, com efeito, no local assinalado. Tinha a ferida indicada na frente, a chave e o dinheiro estavam no bolso e a posição de suas roupas indicava claramente que a sonâmbula não se havia enganado quanto ao motivo que o levara à beira do rio. Diante de tantos detalhes, perguntamos onde se poderia ver a transmissão de um pensamento qualquer. Eis um outro fato, onde a independência sonambúlica não é menos evidente.

O Sr. e a Sra. Belhomme, cultivadores em Rueil, à rua Saint-Denis, 19, tinham uma economia de aproximadamente 800 a 900 francos. Para maior segurança, a Sra. Belhomme colocou-os num armário, do qual uma parte era reservada a roupas velhas e outra a roupas novas; o dinheiro foi guardado no interior deste último compartimento; nesse momento entrou alguém e a Sra. Belhomme apressou-se em fechar o armário. Algum tempo mais tarde, necessitando do dinheiro, convenceu-se de havê-lo posto juntamente com a roupa velha, visto ter sido essa a sua intenção inicial, imaginando que tentaria menos os ladrões; mas em sua precipitação, com a chegada do visitante, ela o pusera do outro lado. De tal modo estava persuadida de o haver colocado com as roupas velhas que não lhe acudiu a idéia de procurá-lo alhures; encontrando o lugar vazio, e recordando-se da visita, julgou ter sido notada e roubada e, assim persuadida, suas suspeitas recaíram naturalmente sobre o visitante.

A Sra. Belhomme conhecia a Srta. Marillon, da qual falamos mais acima, e contou-lhe a sua desventura. Esta lhe dissera de que maneira seu pai havia sido encontrado, sugerindo que procurasse a mesma sonâmbula, antes de tomar qualquer outra providência. Então os Belhommés dirigiram-se à casa da Sra. Roger, bem certos de que haviam sido roubados e na esperança de que lhes fosse indicado o ladrão que, em sua opinião, só podia ser o visitante. Tal era, pois, seu pensamento exclusivo. Ora, depois de minuciosa descrição do local, a sonâmbula lhes disse: “Não fostes

roubados; vosso dinheiro está intacto no armário; apenas pensais tê-lo posto com a roupa velha, quando, na verdade, o pusestes com a roupa nova; retornai à vossa casa: lá o encontrareis.” Efetivamente, foi o que aconteceu.

Ao relatar esses dois fatos – e poderíamos citar vários outros, igualmente conclusivos – nosso objetivo foi provar que a clarividência sonambúlica nem sempre é o reflexo de um pensamento estranho; que o sonâmbulo também pode ter uma lucidez própria, absolutamente independente. Disso resultam conseqüências de alta gravidade, do ponto de vista psicológico; aqui temos a chave de mais de um problema, que examinaremos ulteriormente quando tratarmos das relações existentes entre o sonambulismo e o Espiritismo, relações que projetam uma luz inteiramente nova sobre a questão.

Uma Noite Esquecida ou a Feiticeira Manouza

Milésima segunda noite dos contos árabes

DITADO PELO ESPÍRITO FRÉDÉRIC SOULIÉ

PREFÁCIO DO EDITOR

No corrente ano de 1856, as experiências de manifestações espíritas que se realizavam na casa do Sr. B...⁶⁴, na rua Lamartine, atraíram uma seleta e numerosa assistência. Eram mais ou menos sérios os Espíritos que se manifestavam nesse círculo; alguns disseram coisas de admirável sabedoria e notável profundidade, como se pode julgar por *O Livro dos Espíritos*, que ali fora começado e em grande parte realizado. Outros eram

⁶⁴ **N. do T.:** Referência ao Sr. Baudin, cujas filhas adolescentes, Caroline e Julie Baudin, foram os primeiros médiuns que concorreram para o trabalho de Allan Kardec. Vide *Obras Póstumas* – 2ª Parte – *A minha iniciação no Espiritismo*.

menos sérios; seu humor jovial prestava-se de bom grado a pilhérias, mas daquelas que jamais se afastavam das conveniências. Neste número se achava Frédéric Soulié, que veio espontaneamente, sem haver sido convidado, e cujas visitas inesperadas eram sempre um passatempo agradável para os membros daquele círculo. Sua conversação era espirituosa, fina, mordaz, coerente e jamais desmentiu o autor das *Mémoires du diable*; aliás, nunca se deixou envolver pela lisonja; quando lhe dirigiam algumas perguntas um tanto mais espinhosas de filosofia, confessava francamente sua incapacidade para resolvê-las, dizendo que ainda se achava bastante ligado à matéria e que preferia as coisas alegres às sérias.

O médium que lhe servia de intérprete era a Srta. Caroline B..., uma das filhas do dono da casa, do gênero exclusivamente passivo e que não tinha a menor consciência do que escrevia, podendo rir e conversar como bem lhe aprouvesse, o que fazia com prazer, enquanto sua mão se movimentava sobre o papel. Durante muito tempo o meio mecânico empregado foi a *cesta de bico*.⁶⁵ Mais tarde a médium se serviu da psicografia direta.

Perguntarão, sem dúvida, que prova possuímos de que o Espírito comunicante era o de Frédéric Soulié e não um outro qualquer. Não nos cabe tratar aqui da questão da identidade dos Espíritos; diremos somente que a de Soulié se revelou por detalhes de tal forma numerosos que não podem escapar a uma observação atenta. Muitas vezes uma palavra, um gesto, um fato pessoal referido vinham confirmar que se tratava dele mesmo; por diversas vezes deixou sua assinatura, que foi confrontada com as originais. Um dia pediram-lhe que desse seu retrato e o médium, que não sabe desenhar, e que nem mesmo jamais o tinha visto, fez um esboço de uma semelhança extraordinária.

65 N. do T.: Esse processo, bastante primitivo, está descrito na 2ª Parte – capítulo XIII, item 154, de *O Livro dos Médiuns*.

Ninguém na reunião havia tido relações com ele quando vivia; por que, então, vinha sem ser chamado? É que se tinha ligado a um dos assistentes, sem jamais ter revelado o motivo; só aparecia quando essa pessoa se achava presente; entrava com ela e com ela ia embora, de sorte que, quando não estava presente, ela também não vinha e, coisa bizarra! quando Soulié estava lá era difícil, ou mesmo impossível, haver comunicações de outros Espíritos; o próprio Espírito familiar da casa cedia-lhe o lugar, dizendo, por delicadeza, que deveria fazer as honras *da casa*.

Um dia anunciou que nos daria um romance à sua maneira e, realmente, algum tempo depois começou uma narrativa cujo início era muito promissor. O assunto relacionava-se com os druidas e a cena se passava na Armórica, ao tempo da dominação romana; infelizmente, parece que se apavorou diante da tarefa que havia empreendido, porquanto – é preciso que se diga bem – o trabalho assíduo nunca foi o seu forte, confessando que encontrava mais satisfação na vida preguiçosa. Depois de haver ditado algumas páginas, abandonou o romance mas disse que escreveria outro, que lhe daria menos trabalho. Foi então que escreveu o conto cuja publicação iniciamos. Mais de trinta pessoas assistiram a essa produção e podem atestar-lhe a origem. Não a damos absolutamente como obra de elevado alcance filosófico, mas como curiosa amostra de um trabalho de grande fôlego obtido dos Espíritos. Notar-se-á como tudo nele tem seqüência, como tudo se encadeia com uma arte admirável. O que há de mais extraordinário é que esse relato foi retomado em cinco ou seis ocasiões diferentes e, muitas vezes, após interrupções de duas ou três semanas. Ora, a cada vez que recomeçava, o assunto continuava como se tivesse sido escrito de um sorvo, sem rasuras, sem aditamentos, e sem que houvesse necessidade de lembrar o que antes já fora relatado. Nós o damos, tal qual saiu do lápis do médium, sem nada haver mudado, nem no estilo, nem nas idéias e nem no encadeamento dos fatos. Algumas repetições de palavras e pequenos senões de ortografia foram percebidos, tendo o próprio

Soulié nos encarregado de os corrigir, dizendo que nos assistiria nesse mister. Quando tudo estava terminado ele quis rever o conjunto, ao qual fez apenas algumas retificações sem importância, autorizando a sua publicação como bem o entendêssemos e cedendo, com satisfação, os direitos autorais. Todavia, julgamos por bem não o inserir na *Revista* sem o consentimento formal de seu amigo póstumo, a quem pertencia de direito, porque foi graças à sua presença e à sua solicitação que nos tornamos devedores dessa produção de além-túmulo. O título foi dado pelo próprio Espírito Frédéric Soulié.

A. K.

Uma Noite Esquecida

I

Havia em Bagdá uma mulher do tempo de Aladim; é a sua história que vou narrar:

Num dos subúrbios de Bagdá, não longe do palácio da sultana Sheherazad, morava uma velha mulher chamada Manouza. Feiticeira das mais apavorantes, essa velha era motivo de terror em toda a cidade. À noite passavam-se em sua casa coisas tão assustadoras que, mal se punha o sol, ninguém se aventurava a passar por ali, a não ser algum homem apaixonado, à procura de um filtro para sua amante rebelde, ou uma mulher abandonada, em busca de um bálsamo para pôr na ferida que o amante, ao desampará-la, lhe havia provocado.

Certo dia em que o sultão estava mais triste que de costume e a cidade se achava em grande desolação porque queria mandar matar a sultana favorita e que, por seu exemplo, todos os homens eram infiéis, um jovem deixou a sua magnífica habitação,

situada ao lado do palácio da sultana. Esse jovem usava uma túnica e um turbante de cores sombrias; mas sob essas simples vestimentas havia um grande ar de distinção. Procurava ocultar-se ao longo das casas, como se fora um amante que temesse ser surpreendido. Dirigia-se para os lados da casa de Manouza, a feiticeira. Uma viva ansiedade estampava-se em seu rosto, denunciando a preocupação que o agitava. Atravessou as ruas e praças rapidamente, porém usando de grande precaução.

Chegando à porta, hesitou por alguns minutos, decidindo-se depois a bater. Durante um quarto de hora padeceu angústias mortais, porque ouvia ruídos que nenhum ouvido humano até então havia escutado; uma matilha de cães uivava com ferocidade, gritos lamentosos faziam-se ecoar e se percebiam gemidos de homens e mulheres, como sói acontecer no fim de uma orgia; e, para iluminar todo esse tumulto, luzes correndo de cima a baixo da casa, fogos fátuos de todas as cores. Depois, como que por encanto, tudo cessou: as luzes se apagaram e abriu-se a porta.

II

O visitante ficou confuso por alguns instantes, sem saber se devia entrar no corredor escuro que surgia à sua vista. Por fim, armando-se de coragem, penetrou audaciosamente. Depois de haver caminhado às cegas o espaço de trinta passos, encontrou-se diante de uma porta que abria para uma sala, iluminada apenas por uma lâmpada de cobre de três bicos, suspensa do centro do teto.

A casa que, conforme o barulho ouvido da rua, deveria ser muito habitada, tinha agora um ar deserto; a sala, imensa, e que por sua construção devia ser a base do edifício, estava vazia, se excetuarmos os animais empalhados de todo tipo que a guarneciam.

No meio dessa sala havia uma pequena mesa coberta de livros de magia e, à sua frente, numa grande poltrona, estava assentada uma velhinha de apenas dois côvados, e de tal maneira agasalhada com xales e turbantes que era impossível divisar seus traços. À aproximação do estranho ela levantou a cabeça e lhe mostrou o mais terrível rosto que se possa imaginar.

“Eis que estás aqui, Sr. Noureddin, disse ela, fixando os olhos de hiena no rapaz que entrava; aproxima-te! Faz vários dias que meu crocodilo de olhos de rubi anunciou-me tua visita. Dize se é de um filtro que precisas, ou de fortuna. Mas, que digo eu, fortuna! A tua não faz inveja ao próprio sultão? Não és o mais rico, assim como és o mais belo? Provavelmente é um filtro que vens procurar. Qual é, pois, a mulher que tem a ousadia de ser cruel contigo? Enfim, nada devo dizer; nada sei; estou pronta a ouvir-te as dificuldades e a te dar os remédios necessários, desde, naturalmente, que minha ciência tenha o poder de te ser útil. Mas por que me olhas assim e não avanças? Estarias com medo? Tal como me vês eu te amedronto, por acaso? Outrora fui bela; mais bela que todas as mulheres existentes em Bagdá; foram os desgostos que me tornaram tão feia assim. Mas que te importam os meus sofrimentos? Aproxima-te: eu te escuto; apenas não te posso conceder mais que dez minutos; apressa-te, portanto.”

Noureddin não estava muito tranqüilo; entretanto, porque não quisesse mostrar à velha a perturbação que o agitava, avançou e lhe disse: “Mulher, venho aqui por uma coisa grave; de tua resposta depende a sorte de minha vida; vais decidir da minha felicidade e da minha morte. Eis do que se trata:

“O sultão quer mandar matar Nazara; eu a amo; vou contar-te de onde vem esse amor e te pedir me tragas um remédio, não à minha dor, mas à sua infeliz situação, porquanto não desejo que ela morra. Sabes que meu palácio é vizinho ao do sultão; nossos jardins se tocam. Há cerca de seis semanas, passeando à noite em

meus jardins, ouvi uma música encantadora, acompanhada da mais deliciosa voz de mulher que jamais ouvira. Querendo saber de onde vinha, aproximei-me dos jardins vizinhos e percebi que se originava de um caramanchão de verdura, habitado pela sultana favorita. Fiquei vários dias absorvido por esses sons melodiosos; sonhava noite e dia com a bela desconhecida, cuja voz me havia seduzido, porque, é preciso que te diga, no meu pensamento só podia ser bela. Todas as noites eu passeava nas mesmas aléias onde tinha ouvido aquela maravilhosa harmonia. Durante cinco dias foi em vão; finalmente, no sexto dia a música fez-se ouvir novamente; não mais me podendo conter, aproximei-me do muro e vi que era preciso despende pouco esforço para o escalar.

“Após alguns momentos de hesitação, tomei uma grande decisão: passei do meu para o jardim vizinho; ali percebi não uma mulher, mas uma huri, a huri favorita de Maomé, uma maravilha, enfim! À minha vista ela se assustou um pouco mas, lançando-me a seus pés, supliquei que não tivesse nenhum receio e me ouvisse; disse-lhe que seu canto me havia atraído e garanti-lhe que em minhas atitudes não encontraria senão o mais profundo respeito; ela teve a bondade de me ouvir.

“Passamos a primeira noite a falar de música. Também cantei e ofereci-me para acompanhá-la; ela consentiu, e marcamos encontro para o dia seguinte, à mesma hora. Naquele momento estava mais tranqüila; o sultão estava em seu conselho e a vigilância era menor. As duas ou três primeiras noites se passaram inteiramente com música; mas a música é a voz dos amantes e, a partir da quarta noite, não éramos mais estranhos um a outro: nós nos amávamos. Como era bela! Como sua alma também o era! Planejamos a fuga diversas vezes. Ah! por que não a realizamos? Eu seria menos infeliz e ela não estaria prestes a sucumbir. Essa bela flor não estaria a ponto de ser colhida pela foice que vai arrebata-la à luz.

(Continua no próximo número.)

Variedades

O GENERAL MARCEAU

A *Gazette de Cologne* publica a seguinte história, que lhe foi comunicada por seu correspondente de Coblentz e que é, atualmente, o assunto de todas as conversações. O fato foi relatado pela *Patrie* do dia 10 de outubro de 1858.

“Sabe-se que abaixo do forte do Imperador Francisco, perto da estrada de Colônia, encontra-se o monumento do general francês Marceau, que tombou em Altenkirchen e foi enterrado em Coblentz, no monte Saint-Pierre, onde se acha atualmente a parte principal do Forte. O monumento do general, que consiste numa pirâmide truncada, foi mais tarde removido quando se iniciaram as fortificações de Coblentz. Todavia, por ordem expressa do falecido rei Frederico III, foi reconstruído no local em que se encontra atualmente.

“O Sr. de Stramberg, que em seu *Reinischen antiquarius* dá uma biografia muito detalhada de Marceau, relata que duas pessoas julgaram ter visto o general à noite, por várias vezes, montado num cavalo e usando o manto branco dos caçadores franceses. Desde algum tempo já se dizia em Coblentz que Marceau abandonava o túmulo e muitas pessoas garantiam tê-lo visto. Há alguns dias um soldado, estando de sentinela no monte Saint-Pierre, em Petersburgo, viu surgir em sua direção um cavaleiro branco, montado num cavalo igualmente branco. Gritou: quem vem aí? Não tendo obtido resposta a três interpeleções, atirou no desconhecido, que caiu sem sentidos. Ao ouvir o estampido, uma patrulha acorreu ao local e encontrou a sentinela desmaiada. Levada ao hospital, onde ficou gravemente doente, pôde, entretanto, relatar o que vira. Outra versão garante que o soldado morreu em consequência da aventura. Eis a anedota, tal qual pode ser constatada por toda a cidade de Coblentz.”

Allan Kardec

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO I

DEZEMBRO DE 1858

N^o 12

Aparições

O fenômeno das aparições apresenta-se hoje sob um aspecto de certo modo novo, projetando viva luz sobre os mistérios da vida de além-túmulo. Antes de abordar os estranhos fatos que vamos relatar, julgamos de nosso dever repetir a explicação que foi dada e completá-la.

Não se deve de maneira alguma perder de vista que, durante a vida, o Espírito se encontra unido ao corpo por uma substância semimaterial, que constitui um primeiro envoltório e que designamos sob o nome de perispírito. Tem, pois, o Espírito dois envoltórios: um grosseiro, pesado e *destrutível* – o corpo; e outro etéreo, vaporoso e *indestrutível* – o perispírito. A morte nada mais é que a destruição do envoltório grosseiro, é a roupa usada que deixamos; o envoltório semimaterial persiste, constituindo, por assim dizer, um novo corpo para o Espírito. Essa matéria eterizada – é bom que notemos – absolutamente não é a alma, é apenas o seu primeiro envoltório. A natureza íntima dessa substância ainda não é perfeitamente conhecida, mas a observação nos colocou no caminho de algumas de suas propriedades. Sabemos que desempenha um papel capital em todos os fenômenos espíritas; após a morte, é

o agente intermediário entre o Espírito e a matéria, assim como o corpo durante a vida. Por aí se explica uma porção de problemas até então insolúveis. Veremos em artigo subsequente o papel que ele representa nas sensações dos Espíritos. A descoberta do perispírito, portanto, se assim nos podemos expressar, permitiu que a ciência espírita desse um passo enorme e entrasse numa via inteiramente nova. Mas, direis, não será esse perispírito uma criação fantástica da imaginação? Não seria mais uma dessas suposições feitas pela ciência para explicar certos efeitos? Não; não é obra da imaginação, porque foram os próprios Espíritos que o revelaram; não se trata de idéia fantástica, desde que pode ser constatado pelos sentidos, *ser visto e tocado*. A coisa existe, apenas o termo é nosso. Necessitamos de palavras novas para exprimir coisas novas. Os próprios Espíritos o adotaram nas comunicações que tivemos com eles.

Por sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível para nós, embora possa sofrer modificações que o tornam perceptível à vista, seja por uma espécie de condensação, seja por uma mudança em sua disposição molecular: é então que nos aparece sob uma forma vaporosa. A condensação – termo que utilizamos à falta de outro melhor, mas que não deve ser tomado ao pé da letra – a condensação, dizíamos, pode ser de tal intensidade que o perispírito passa a adquirir as propriedades de um corpo sólido e tangível, conquanto seja capaz de retomar instantaneamente o seu estado etéreo e invisível. Podemos ter uma idéia desse efeito pelo vapor, que é capaz de passar da invisibilidade ao estado brumoso, depois ao líquido, em seguida ao sólido e *vice-versa*. Esses diferentes estados do perispírito são o produto da vontade do Espírito, e não de uma causa física exterior. Quando ele nos aparece é que dá ao seu perispírito a propriedade necessária para torná-lo visível, e essa propriedade ele a pode estender, restringir e fazer cessar à vontade.

Uma outra propriedade da substância do perispírito é a de penetrabilidade. Nenhuma matéria lhe opõe obstáculo: ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes.

Separado do corpo, o perispírito assume uma forma determinada e limitada, e essa forma normal é a do corpo humano, embora não seja constante; o Espírito pode dar-lhe, à vontade, as mais variadas aparências, mesmo a de um animal ou de uma chama. Aliás, concebe-se isso muito facilmente. Não vemos homens que imprimem ao rosto as mais diversas expressões, imitando, a ponto de nos enganarem, a voz e as expressões de outras pessoas, parecerem corcundas, coxas, etc.? Quem na rua reconheceria certos atores que só são vistos caracterizados no palco? Se, portanto, o homem pode assim dar ao seu corpo material e rígido aparências tão contrárias, com mais forte razão o Espírito poderá fazê-lo com um envoltório eminentemente flexível e que se pode prestar a todos os caprichos da vontade.

Os Espíritos, pois, geralmente nos aparecem sob a forma humana; em seu estado normal não tem essa forma nada de bem característico, nada que os distinga uns dos outros de uma maneira muito nítida; nos Espíritos bons, ela é ordinariamente bela e regular: longos cabelos flutuantes sobre os ombros e túnicas a envolver-lhes o corpo. Mas quando querem fazer-se reconhecidos, tomam exatamente todos os traços sob os quais eram conhecidos e, quando necessário, até mesmo a aparência do vestuário. Assim, para exemplificar, como Espírito, Esopo não é disforme: mas se for evocado como Esopo, ainda que tivesse tido várias existências posteriores, apareceria feio e corcunda, com a indumentária tradicional. Essa vestimenta, talvez, é o que mais espanta; porém, se considerarmos que faz parte integrante do envoltório semimaterial, concebe-se que o Espírito possa dar a esse envoltório a aparência de tal ou qual vestuário, como a de tal ou qual fisionomia.

Tanto podem os Espíritos aparecer em sonho como em estado de vigília; essas últimas não são raras nem novas; sempre existiram em todos os tempos e a História as registra em grande número; mas sem retroceder tanto, hoje essas visões são bastante freqüentes e muita gente, num primeiro instante, tomou-as por

alucinações. São freqüentes, sobretudo nos casos de morte de pessoas ausentes, que vêm visitar seus parentes ou amigos. Muitas vezes não têm um fim determinado, mas, em geral, podemos dizer que os Espíritos que assim nos aparecem a nós são atraídos por simpatia. Conhecemos uma jovem senhora que à noite, em sua casa, com ou sem iluminação, via homens que entravam e saíam, embora as portas estivessem fechadas. Isso a deixava muito espantada, tornando-a de uma pusilanimidade que tocava as raias do ridículo. Certo dia viu distintamente seu irmão, então na Califórnia e que absolutamente não havia morrido, o que vem provar que o Espírito dos vivos pode vencer as distâncias e aparecer num determinado lugar, enquanto seu corpo repousa alhures. Desde que foi iniciada no Espiritismo essa senhora não mais teve medo, porque se deu conta das visões e sabe que os Espíritos que a vêm visitar não podem fazer-lhe nenhum mal. Quando seu irmão apareceu, é provável que estivesse dormindo; se pudesse ter explicado a sua presença poderia ter mantido conversação com ele, o qual, ao despertar, talvez conservasse uma vaga lembrança desse encontro. Além disso, é provável que nesse momento ele sonhasse que se achava ao lado da irmã.

Dissemos que o perispírito pode adquirir a tangibilidade; já falamos desse assunto quando nos referimos às manifestações produzidas pelo Sr. Home. Sabemos que por diversas vezes fez aparecessem mãos, que se podia apalpar como se fossem vivas mas que, repentinamente, se desvaneciam como uma sombra; mas não se tinham visto ainda corpos inteiros sob essa forma tangível, embora esse fato não seja impossível. Numa família do conhecimento íntimo de um de nossos assinantes, um Espírito se vinculou à filha do dono da casa, menina de seus dez ou onze anos, sob a forma de um belo garoto da mesma idade. Fazia-se visível para ela qual se fora uma pessoa comum, e visível ou invisível para os outros conforme lhe aprouvesse; prestava-lhe toda sorte de bons serviços, trazia-lhe brinquedos, bombons, fazia o serviço doméstico, ia comprar aquilo de que precisavam e o que mais o valha. Não se trata absolutamente

de uma lenda da mística Alemanha, e de forma alguma é uma anedota da Idade Média, mas, sim, de um fato atual, que se passa no momento em que escrevemos, numa cidade da França e numa família muito honrada. Fizemos até mesmo estudos bastante interessantes sobre esse fato, os quais nos forneceram as mais estranhas e inesperadas revelações. Haveremos de entreter nossos leitores de modo mais completo em artigo especial que publicaremos brevemente.

Sr. Adrien, Médium Vidente

Toda pessoa que pode ver os Espíritos sem o auxílio de terceiros é, por isso mesmo, médium vidente; mas em geral as aparições são fortuitas, acidentais. Ainda não conhecíamos ninguém com aptidão para ver os Espíritos de maneira permanente e à vontade. É dessa notável faculdade que é dotado o Sr. Adrien, um dos membros da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos. Ele é, ao mesmo tempo, médium vidente, escrevente, audiente e sensitivo. Como médium psicógrafo, escreve o ditado dos Espíritos, mas, raramente, de modo mecânico, como os médiuns puramente passivos; ou seja, embora escrevendo coisas estranhas ao seu pensamento, tem consciência daquilo que escreve. Como médium audiente escuta as vozes ocultas que lhe falam. Temos, na Sociedade, dois outros médiuns que gozam dessa última faculdade no mais alto grau. São, simultaneamente, ótimos médiuns escreventes. Enfim, como médium sensitivo, sente o contato dos Espíritos e a pressão que exercem sobre ele; chega mesmo a sentir comoções elétricas muito violentas, que se comunicam às pessoas presentes. Quando magnetiza alguém, pode, à vontade e desde que se faça necessário à saúde, produzir-lhe a descarga de uma pilha voltaica.

Acaba de revelar-se nele uma nova faculdade: a dupla vista; sem ser sonâmbulo e conquanto inteiramente desperto, vê à vontade, a uma distância ilimitada, mesmo além dos mares, o que se passa numa localidade; vê as pessoas e o que estão fazendo;

descreve lugares e fatos com uma precisão cuja exatidão tem sido verificada. Apressemos-nos em dizer que o Sr. Adrien de forma alguma é desses homens fracos e crédulos que se deixam arrastar pela imaginação; ao contrário: trata-se de um homem de caráter bastante frio, muito calmo e que vê tudo isso com o mais absoluto sangue-frio; não dizemos com indiferença – longe disso – porquanto leva suas faculdades a sério e as considera como um dom da Providência, que lhe foi concedido para o bem e, assim, dele se serve para as coisas úteis e *jamaiz* para satisfazer a vã curiosidade. É um rapaz novo, de família distinta, muito honrado, de caráter meigo e benevolente, cuja educação esmerada revela-se na linguagem e em todas as suas maneiras. Como marinheiro e como militar, já percorreu uma parte da África, da Índia e de nossas colônias.

De todas as suas faculdades como médium a mais notável e, em nossa opinião a mais preciosa, é a vidência. Os Espíritos lhe aparecem sob a forma que descrevemos em nosso artigo anterior sobre as aparições; ele os vê com uma precisão, da qual podemos fazer idéia pelos retratos que daremos um pouco mais adiante da viúva do Malabar e da Bela Cordoeira de Lyon. Mas, dirão, o que prova que vê mesmo e que não é vítima de uma ilusão? O que prova é que, quando alguém que ele não conhece, por seu intermédio invoca um parente ou um amigo que jamais viu, faz deste um retrato de extraordinária semelhança, que nós mesmos pudemos constatar. Não há, pois, para nós a menor dúvida a respeito dessa faculdade, que ele goza no estado de vigília, e não como sonâmbulo.

O que há talvez de mais notável ainda é o fato de não apenas ver os Espíritos que evocamos, mas, ao mesmo tempo, todos os que se acham presentes, evocados ou não; ele os vê entrando, saindo, indo e vindo, ouvindo o que se diz, rindo ou levando a sério, segundo seu caráter; uns são graves, outros têm um ar zombeteiro e sardônico. Por vezes algum deles avança para um dos assistentes, pondo-lhe a mão sobre o ombro ou se colocando ao seu lado, enquanto outros se mantêm afastados; numa palavra, em toda reunião

há sempre uma assembléia oculta, composta de Espíritos atraídos pela simpatia às pessoas ou às coisas das quais se ocupam; nas ruas o Sr. Adrien vê uma multidão deles, pois além dos Espíritos familiares que acompanham seus protegidos há, como entre nós, a massa dos indiferentes e dos que nada têm a fazer. Disse-nos ele que, em sua casa, jamais se encontra sozinho e nunca se aborrece: há sempre uma assembléia, com a qual se entretém.

Sua faculdade não se estende somente aos Espíritos dos mortos mas, também, aos dos vivos; quando vê uma pessoa, pode fazer abstração de seu corpo: o Espírito então lhe aparece como se dele estivesse separado, podendo com ele conversar. Numa criança, por exemplo, pode ver o Espírito nela encarnado, apreciar-lhe a natureza e saber o que era antes de encarnar.

Essa faculdade, levada a semelhante grau, melhor que toda as comunicações escritas nos instrui na natureza do mundo dos Espíritos, mostrando-nos tal qual é; e, se não o vemos com os olhos do corpo, a descrição que dele nos dá faz com que o vejamos pelo pensamento; os Espíritos já não são aqueles seres abstratos, mas seres reais, que estão ao nosso lado, que se nos acotovelam sem cessar; e, como agora sabemos que seu contato pode ser material, compreendemos a causa de uma porção de impressões que sentimos sem que delas nos déssemos conta. Por isso colocamos o Sr. Adrien no número dos médiuns mais notáveis e na primeira fila dos que nos hão fornecido os mais preciosos elementos para o conhecimento do mundo espírita; sobretudo o colocamos nessa posição por suas qualidades pessoais, que são as de um homem de bem por excelência e que o tornam eminentemente simpático aos Espíritos de ordem mais elevada, o que nem sempre ocorre com os médiuns de efeitos puramente físicos. Entre estes, sem dúvida, há os que fazem sensação, que cativam melhor a curiosidade; contudo, para o bom observador, para o que deseja sondar os mistérios desse mundo maravilhoso, o Sr. Adrien é o mais poderoso auxiliar que já temos visto. Assim, colocamos sua faculdade e complacência a serviço de nossa instrução

pessoal, seja na intimidade, seja nas sessões da Sociedade, seja, enfim, em visitas a diversos locais de reunião. Estivemos juntos nos teatros, bailes, passeios, hospitais, cemitérios e igrejas; assistimos a enterros, casamentos, batismos e sermões; em toda parte observamos a natureza dos Espíritos que ali vinham reunir-se, estabelecendo conversação com alguns deles, interrogando-os e aprendendo muitas coisas, que tornaremos proveitosas aos nossos leitores, porquanto nosso fim é fazer com que penetrem, como nós, nesse mundo tão novo para todos. O microscópio revelou-nos o mundo dos infinitamente pequenos, do qual não suspeitávamos, embora estivesse ao alcance de nossas mãos; da mesma forma, o telescópio mostrou-nos uma infinidade de mundos celestes que não sabíamos que existiam. O Espiritismo descobre-nos o mundo dos Espíritos, que está por toda parte, ao nosso lado como nos espaços, mundo real que reage incessantemente sobre nós.

Um Espírito nos Funerais de seu Corpo

Estado da alma no momento da morte

Os Espíritos sempre nos disseram que a separação da alma e do corpo não se dá instantaneamente; algumas vezes começa antes da morte real, durante a agonia; quando a última pulsação se faz sentir, o desprendimento ainda não se completou, operando-se mais ou menos lentamente, conforme as circunstâncias e, até sua completa liberação, experimenta uma perturbação, uma confusão que lhe não permitem dar-se conta de sua situação; encontra-se no estado de alguém que desperta e cujas idéias são confusas. Tal estado nada tem de penoso para o homem cuja consciência é pura; sem saber explicar bem o que vê, está calmo, esperando, sem temor, o completo despertar; é, ao contrário, cheio de angústia e de terror para quem teme o futuro. Dizemos que a duração dessa perturbação é variável; é bem menor nos que, durante a vida, já elevaram seus pensamentos e purificaram a alma, sendo suficientes dois ou três dias, enquanto a outros são necessários, por vezes, oito dias ou mais. Temos

presenciado freqüentemente esse momento solene e sempre vimos a mesma coisa; não é, pois, uma teoria, mas o resultado de observações, desde que é o Espírito quem fala e pinta a sua própria situação. Eis a seguir um exemplo muito mais característico e interessante para o observador, já que não se refere a um Espírito invisível escrevendo através de um médium, mas a um Espírito que é visto e ouvido na presença de seu corpo, seja na câmara mortuária, seja na igreja, durante o serviço fúnebre:

O Sr. X... acabava de ser acometido de um ataque de apoplexia; algumas horas depois de sua morte o Sr. Adrien, um de seus amigos, achava-se na câmara mortuária com a esposa do defunto; viu o Espírito deste, muito distintamente, caminhar em todos os sentidos, olhar alternadamente para seu corpo e para as pessoas presentes e, depois, assentar-se numa poltrona; tinha exatamente a mesma aparência que possuía em vida; vestia-se do mesmo modo: sobrecasaca e calça pretas; tinha as mãos no bolso e o ar preocupado.

Durante esse tempo sua mulher procurava um papel na secretária. Olhando-a, o marido disse: “Por mais que procures, nada encontrarás.” Ela nada suspeitava do que então se passava, pois o Sr. X... era visível apenas ao Sr. Adrien.

No dia seguinte, durante o serviço fúnebre, o Sr. Adrien viu novamente o Espírito do amigo vagando ao lado do caixão, embora não mais portasse o costume da véspera; fazia-se envolver por uma espécie de túnica, estabelecendo-se entre ambos a seguinte conversa. Notemos, de passagem, que o Sr. Adrien absolutamente não é sonâmbulo e que nesse momento, tanto quanto no dia anterior, estava perfeitamente desperto e o Espírito lhe aparecia como se fosse um dos assistentes do enterro.

P. Dize-me uma coisa, meu caro Espírito: que sentes agora?

Resp. – Bem e sofrimento.

P. Não compreendo isso.

Resp. – Sinto que estou vivendo minha verdadeira vida e, no entanto, vejo meu corpo aqui neste caixão; apalpo-me e não me percebo, contudo, sinto que vivo, que existo. Sou, pois, dois seres? Ah! Deixai-me sair desta noite: tenho pesadelo.

P. Permanecerás por muito tempo assim?

Resp. – Oh! Não; graças a Deus, meu amigo; sinto que logo despertarei. De outro modo seria horrível; tenho as idéias confusas; tudo é nevoeiro; sonho *na grande divisão* que acaba de ser feita... e da qual ainda nada compreendo.

P. Que efeito vos produziu a morte?

Resp. – A morte! Não estou morto, meu filho; tu te enganas. Levantava e, de repente, fui tomado por uma escuridão que me desceu sobre os olhos; depois me ergui: julga o meu espanto ao me ver e me sentir vivo, percebendo, ao lado, sobre a laje, meu outro *ego* deitado. Minhas idéias eram confusas; errei para me refazer, mas não pude; vi chegar minha esposa, velar-me, lamentar-se, e me perguntei: Por quê? Consolei-a, falei-lhe, mas não respondia nem me compreendia; foi isso que me torturou, deixando-me o Espírito ainda mais perturbado. Somente tu me fizeste o bem, porque me ouviste e compreendes o que quero; tu me auxilias a pôr em ordem minhas idéias e me fazes um grande bem; mas por que os outros não fazem o mesmo? Eis o que me tortura... O cérebro está esmagado em face dessa dor... Irei vê-la; quem sabe ela me entenda agora... Até logo, caro amigo; chama-me e irei ver-te... Far-te-ei uma visita de amigo... Surpreender-te-ei... Até logo.

A seguir o Sr. Adrien o viu aproximar-se do filho, que chorava. Curvou-se sobre ele, permaneceu alguns instantes nessa posição e, depois, partiu rapidamente. Não havia sido entendido, mas imaginava, por certo, ter produzido um som. Quanto ao Sr. Adrien, estava persuadido de que aquilo que dizia o Sr. X... chegava até o

coração do filho, comprometendo-se a prová-lo. Mais tarde viu o rapaz: estava mais calmo.

Observação – Esta narração concorda com tudo aquilo que havíamos observado sobre o fenômeno da separação da alma; confirma, em circunstâncias bastante especiais, essa verdade: após a morte o Espírito ainda está ali presente. Enquanto todos acreditam ter diante de si um corpo inerte, ele vê e escuta tudo quanto se passa à sua volta, penetra o pensamento dos assistentes e sabe que, entre si e estes últimos, a única diferença que existe é a visibilidade e a invisibilidade; as lágrimas hipócritas dos ávidos herdeiros não o enganam. Quantas decepções devem os Espíritos experimentar nesse momento!

Fenômeno de Bicorporeidade

Um dos membros da Sociedade nos dá ciência de uma carta de um de seus amigos de Boulogne-sur-Mer, datada de 26 de julho de 1856, na qual se lê a seguinte passagem:

“Desde que o magnetizei por ordem dos Espíritos, meu filho tornou-se um médium muito raro: pelo menos foi o que me revelou no estado sonambúlico no qual eu o havia posto, atendendo a pedido seu de 14 de maio último, e quatro ou cinco vezes depois.

Para mim é fora de dúvida que, desperto, meu filho conversa livremente com os Espíritos que deseja, por intermédio de seu guia, que chama familiarmente de seu amigo; que se transporta à vontade em Espírito aonde deseja. Vou citar um fato cujas provas escritas tenho em mãos.

Há exatamente um mês estávamos os dois na sala de jantar. Eu lia o curso de magnetismo do Sr. Du Potet quando meu

filho pegou o livro e o folheou; chegando num certo trecho, seu guia lhe disse ao ouvido: “Lê isso.” Era a aventura de um médico da América, cujo Espírito tinha visitado um amigo que dormia, a quinze ou vinte léguas de distância. Depois de o haver lido, disse: “Bem que gostaria de fazer uma pequena viagem semelhante.” – “Pois bem! – disse o guia – Aonde queres ir?” – “A Londres, para ver os amigos – respondeu meu filho, designando os que desejava visitar. – “Amanhã é domingo – foi a resposta – e não és obrigado a te levatares cedo para trabalhar. Dormirás às oito horas e irás viajar a Londres até às oito e meia. Na próxima sexta-feira receberás uma carta de teus amigos, censurando-te por haveres permanecido tão pouco tempo com eles.

Efetivamente, na manhã do dia seguinte, na hora indicada, ele adormeceu profundamente. Despertei-o às oito e meia: não se lembrava de nada; de minha parte não lhe disse uma só palavra, aguardando os acontecimentos.

Na sexta-feira seguinte eu trabalhava em uma de minhas máquinas e, como de hábito, fumava, pois já havia almoçado; olhando a fumaça do cachimbo meu filho diz: – “Olha! Há uma carta na fumaça.” – “Como vês uma carta na fumaça?” – “Tu a verás – responde ele – pois eis que o carteiro a está trazendo.” Efetivamente, o carteiro veio entregar uma carta de Londres, na qual os amigos de meu filho o censuravam por não haver passado com eles senão alguns instantes, no domingo precedente, das oito às oito horas e meia, com uma porção de detalhes que seria longo demais repetir aqui, entre os quais o fato singular de ter almoçado com eles. Como disse, tenho a carta, a provar que nada inventei.”

Tendo sido narrado o fato acima, disse um dos assistentes que a História se reporta a diversos fatos semelhantes, e citou Santo Afonso de Liguori, canonizado antes do tempo requerido por se haver mostrado simultaneamente em dois lugares distintos, o que passou por milagre.

Santo Antônio de Pádua achava-se na Espanha ⁶⁶ e, no instante em que predicava, seu pai, acusado de assassinato, ia ser supliciado em Pádua. Nesse momento aparece Antônio, demonstrando a inocência do pai e revelando o verdadeiro criminoso, que mais tarde sofreu o castigo. Foi constatado que no mesmo instante Santo Antônio pregava na Espanha.

Tendo sido evocado, dirigimos as seguintes perguntas a Santo Afonso de Liguori:

1. O fato pelo qual fostes canonizado é real?

Resp. – Sim.

2. Esse fenômeno é excepcional?

Resp. – Não; pode apresentar-se em todos os indivíduos desmaterializados.

3. Era motivo justo para vos canonizarem?

Resp. – Sim, desde que por minha virtude, eu me havia elevado até Deus; sem isso não teria podido transportar-me simultaneamente para dois lugares diferentes.

4. Todos os indivíduos, nos quais se apresentam esses fenômenos, merecem ser canonizados?

Resp. – Não, porque nem todos são igualmente virtuosos.

5. Poderíeis dar-nos a explicação desse fenômeno?

Resp. – Sim. Quando o homem, por sua virtude, se acha completamente desmaterializado, quando elevou sua alma para Deus, pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo, do seguinte modo: sentindo vir o sono, pode o Espírito encarnado pedir a Deus para transportar-se a um lugar qualquer. Seu Espírito ou sua alma, como quiserdes chamá-lo, abandona então

66 **N. do T.:** Na verdade, Santo Antônio pregava na Itália, no instante em que seu pai ia ser supliciado em Portugal (Lisboa).

o corpo, seguido de uma parte de seu perispírito, deixando a matéria imunda num estado vizinho ao da morte. Digo vizinho da morte porque ficou no corpo um laço, ligando o perispírito e a alma à matéria, e esse laço não pode ser definido. O corpo então aparece no lugar desejado. Creio que é tudo quanto desejais saber.

6. Isso não nos dá a explicação da visibilidade e da tangibilidade do perispírito.

Resp. – Achando-se o Espírito desprendido da matéria, conforme seu grau de elevação, pode tornar-se tangível à matéria.

7. Entretanto, certas aparições tangíveis de mãos e de outras partes do corpo pertencem, evidentemente, a Espíritos de ordem inferior.

Resp. – São Espíritos superiores que se servem dos inferiores, a fim de provarem o fenômeno.

8. O sono do corpo é indispensável para que o Espírito apareça em outros lugares?

Resp. – A alma pode dividir-se quando se sente transportada a um lugar diferente daquele onde se acha o seu corpo.

9. Estando mergulhado em sono profundo, enquanto seu Espírito aparece alhures, o que aconteceria a um homem que fosse subitamente despertado?

Resp. – Isso não ocorreria, porque se alguém tivesse a intenção de o despertar, o Espírito retornaria ao corpo, pois, lendo o pensamento, saberia prever essa situação.

Tácito refere um fato análogo:⁶⁷

67 **N. do T.:** Vide *O Livro dos Médiuns* – Segunda Parte – capítulo VII – item 120.

Durante os meses que Vespasiano passou em Alexandria, aguardando a volta dos ventos estivais e da estação em que o mar oferece segurança, muitos prodígios ocorreram, pelos quais se manifestaram a proteção do céu e o interesse que os deuses tomavam por aquele príncipe...

Esses prodígios redobram o desejo, que Vespasiano alimentava, de visitar a sagrada morada do deus, para consultá-lo sobre as coisas do Império. Ordenou que o templo se conservasse fechado para quem quer que fosse e, tendo nele entrado, estava todo atento ao que ia dizer o oráculo, quando percebeu, por detrás de si, um dos mais eminentes egípcios, chamado Basílides, que ele sabia estar doente, em lugar distante muitos dias de Alexandria. Inquiriu dos sacerdotes se Basílides viera naquele dia ao templo; inquiriu dos transeuntes se o tinham visto na cidade; por fim, despachou alguns homens a cavalo, para saberem de Basílides e veio a certificar-se de que, no momento em que este lhe aparecera, estava a oitenta milhas de distância. Desde então, não mais duvidou de que tivesse sido sobrenatural a visão, e o nome de Basílides lhe ficou valendo por um oráculo. (Tácito: *Histórias*, liv. IV, caps. 81 e 82. *Tradução de Burnouf*).

Desde que essa comunicação nos foi feita, diversos fatos do mesmo gênero, cuja fonte é autêntica, foram-nos relatados e, entre eles, existem alguns muito recentes, que por assim dizer ocorreram em nosso meio e se apresentaram nas mais singulares circunstâncias. As explicações às quais deram lugar alargaram o campo das observações psicológicas de maneira extraordinária.

A questão dos homens duplos, outrora relegada entre os contos fantásticos, parece ter, assim, um fundo de verdade. A ela retornaremos brevemente.

Sensações dos Espíritos⁶⁸

Sofrem os Espíritos? Que sensações experimentam? Tais questões nos são naturalmente dirigidas e vamos tentar resolvê-las. Inicialmente devemos dizer que, para isso, não nos contentamos com as respostas dos Espíritos. De certa maneira, através de numerosas observações, tivemos que considerar a sensação com o fato.

Em uma de nossas reuniões, pouco depois que São Luís nos transmitiu a bela dissertação sobre a avareza, inserida em nosso número do mês de fevereiro, um de nossos associados narrou o seguinte fato, a propósito dessa mesma dissertação.

“Estávamos ocupados de evocações numa pequena reunião de amigos quando se apresentou, inopinadamente e sem que o tivéssemos chamado, o Espírito de um homem que havíamos conhecido muito bem e que, quando vivo, poderia ter servido de modelo ao retrato do avarento, feito por São Luís: um desses homens que vivem miseravelmente no meio da fortuna e que se privava, não pelos outros, mas para acumular sem proveito para ninguém. Era inverno, estávamos perto do fogo; de repente aquele Espírito lembrou-nos seu nome, no qual absolutamente não pensávamos, pedindo-nos permissão para vir, durante três dias, aquecer-se à nossa lareira, pois que sofria horivelmente do frio que voluntariamente suportara durante a vida e que, por sua avareza, também fizera os outros suportar. Era um alívio que experimentaria, acrescentou, caso concordássemos com o pedido.”

Aquele Espírito, pois, experimentava penosa sensação de frio; mas, como a experimentava? Eis aí a dificuldade. A esse respeito dirigimos a São Luís as seguintes perguntas:

68 N. do T.: Vide *O Livro dos Espíritos* – Livro II – capítulo VI – item 257: *Ensaio teórico sobre a sensação dos Espíritos*.

– Consentiríeis em dizer-nos como esse Espírito de avarento, que não tinha mais o corpo material, podia sentir frio e pedir para se aquecer?

Resp. – Podes representar os sofrimentos do Espírito pelos sofrimentos morais.

– Concebemos os sofrimentos morais, como pesares, remorsos, vergonha; mas o calor e o frio, a dor física, não são efeitos morais; experimentaríamos os Espíritos tais sensações?

Resp. – Tua alma sente frio? Não; mas tem consciência da sensação que age sobre o corpo.

– Disso parece resultar que esse Espírito de avarento não sentia um frio real, mas a lembrança da sensação do frio que havia suportado e essa lembrança, tida por ele como realidade, tornava-se um suplício.

Resp. – É mais ou menos isso. Fique bem entendido que há uma distinção, que compreendeis perfeitamente, entre a dor física e a dor moral; não se deve confundir o efeito com a causa.

– Se bem entendemos, poderíamos, ao que nos parece, explicar as coisas do seguinte modo:

O corpo é o instrumento da dor. Se não é a causa primeira desta é, pelo menos, a causa imediata. A alma tem a percepção da dor: essa percepção é o efeito. A lembrança que da dor a alma conserva pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física. De fato, nem o frio, nem o calor são capazes de desorganizar os tecidos da alma, que não é susceptível de congelar-se, nem de queimar-se. Não vemos todos os dias a recordação ou a apreensão de um mal físico produzirem o efeito desse mal, como se real fosse? Não as vemos até causar a morte? Toda gente sabe que aqueles cujos membros foram amputados costumam sentir dor no membro que lhes falta. Certo que aí não está a sede, ou, sequer, o ponto de partida da dor. O que há, apenas, é que o cérebro guardou esta impressão. Lícito, portanto, será admitir-se que coisa

análoga ocorra nos sofrimentos do Espírito após a morte. Essas reflexões são justas?

Resp. – Sim; mais tarde, porém, compreendereis melhor ainda. Esperai que novos fatos venham vos fornecer motivos de observação; deles tirareis conseqüências mais completas.

Isso se passava no começo de 1858; desde então, com efeito, um estudo mais aprofundado do perispírito, que desempenha um papel tão importante em todos os fenômenos espíritas, e do qual não se tinha ainda conhecimento; as aparições vaporosas ou tangíveis; o estado do Espírito no momento da morte; a idéia, tão freqüente no Espírito, de que ainda está vivo; o quadro tão impressionante dos suicidas, dos supliciados, das pessoas que se deixaram absorver pelos prazeres materiais e tantos outros fatos mais, vieram projetar nova luz sobre essa questão e ensejaram explicações, cujo resumo faremos aqui.

O perispírito é o laço que à matéria do corpo prende o Espírito, o qual o tira do meio ambiente, do fluido universal. Participa ao mesmo tempo da eletricidade, do fluido magnético e, até certo ponto, da matéria inerte. Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria. É o princípio da vida orgânica, porém não o da vida intelectual, que reside no Espírito. É, além disso, o agente das sensações exteriores. No corpo, os órgãos, servindo-lhes de condutos, localizam essas sensações. Destruído o corpo, elas se tornam gerais. Daí o Espírito não dizer que sofre mais da cabeça do que dos pés, ou vice-versa. Não se confundam, porém, as sensações do perispírito, que se tornou independente, com as do corpo. Estas últimas só por termo de comparação as podemos tomar e não por analogia. Um excesso de calor ou de frio pode desorganizar os tecidos do corpo, mas não pode causar nenhum dano ao perispírito. Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal, embora não seja exclusivamente moral, como o remorso, pois que ele se queixa de frio e calor. Também não sofre mais no inverno do que no verão: temo-los visto atravessar chamas, sem experimentarem

qualquer dor. Nenhuma impressão lhes causa, conseqüentemente, a temperatura. A dor que sentem não é pois, uma dor física propriamente dita: é um vago sentimento íntimo, que o próprio Espírito nem sempre compreende bem, precisamente porque a dor não se acha localizada e porque não a produzem agentes exteriores; é mais uma reminiscência do que uma realidade, reminiscência, porém, igualmente penosa. Algumas vezes, entretanto, há mais do que isso, como vamos ver.

Ensina-nos a experiência que, por ocasião da morte, o perispírito se desprende mais ou menos lentamente do corpo; que, durante os primeiros minutos depois da desencarnação, o Espírito não encontra explicação para a situação em que se acha. Crê não estar morto, por isso que se sente vivo; vê ao lado o corpo, sabe que lhe pertence, mas não compreende que esteja separado dele. Essa situação dura enquanto haja qualquer ligação entre o corpo e o perispírito. Que nos reportemos à evocação do suicida dos banhos da Samaritana que relatamos em nosso número do mês de junho. Como todos os outros, ele dizia: “Não, não estou morto.” E acrescentava: “No entanto, sinto os vermes a me corroerem.” Ora, indubitavelmente, os vermes não lhe roíam o perispírito e ainda menos o Espírito; roíam-lhe apenas o corpo. Como, porém, não era completa a separação do corpo e do perispírito, uma espécie de repercussão moral se produzia, transmitindo ao Espírito o que estava ocorrendo no corpo. Repercussão talvez não seja o termo próprio, porque pode induzir à suposição de um efeito muito material. Era antes a visão do que se passava com o corpo, ao qual ainda o conservava ligado o perispírito, o que lhe causava a ilusão, que ele tomava por realidade. Assim, pois, não haveria no caso uma reminiscência, porquanto ele não fora, em vida, roído pelos vermes: havia o sentimento de um fato da atualidade. Isto mostra que deduções se podem tirar dos fatos, quando atentamente observados.

Durante a vida, o corpo recebe impressões exteriores e as transmite ao Espírito por intermédio do perispírito, que constitui,

provavelmente, o que se chama fluido nervoso. Uma vez morto, o corpo nada mais sente, por já não haver nele Espírito, nem perispírito. Este, desprendido do corpo, experimenta a sensação, porém, como já não lhe chega por um conduto limitado, ela se lhe torna geral. Ora, não sendo o perispírito, realmente, mais do que simples agente de transmissão, pois que no Espírito é que está a consciência, lógico será deduzir-se que, se pudesse existir perispírito sem Espírito, aquele nada sentiria, exatamente como um corpo que morreu. Do mesmo modo, se o Espírito não tivesse perispírito, seria inacessível a toda e qualquer sensação dolorosa. É o que se dá com os Espíritos completamente purificados. Sabemos que quanto mais eles se purificam, tanto mais etérea se torna a essência do perispírito, donde se segue que a influência material diminui à medida que o Espírito progride, isto é, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro.

Mas, dir-se-á, desde que pelo perispírito é que as sensações agradáveis, da mesma forma que as desagradáveis, se transmitem ao Espírito, sendo o Espírito puro inacessível a umas, deve sê-lo igualmente às outras. Assim é, de fato, com relação às que provêm unicamente da influência da matéria que conhecemos. O som dos nossos instrumentos, o perfume das nossas flores nenhuma impressão lhe causam. Entretanto, ele experimenta sensações íntimas, de um encanto indefinível, das quais idéia alguma podemos formar, porque, a esse respeito, somos quais cegos de nascença diante da luz. Sabemos que isso é real; mas, por que meio se produz? Até lá não vai a nossa ciência. Sabemos que no Espírito há percepção, sensação, audição, visão; que essas faculdades são atributos do ser todo e não, como no homem, de uma parte apenas do ser; mas, de que modo ele as tem? Ignoramo-lo. Os próprios Espíritos nada nos podem informar sobre isso, por inadequada a nossa linguagem a exprimir idéias que não possuímos, do mesmo modo que numa população de cegos não haveria termos que exprimissem os efeitos da luz; o mesmo ocorre com respeito à língua dos selvagens, para traduzir idéias referentes às nossas artes, ciências e doutrinas filosóficas.

Dizendo que os Espíritos são inacessíveis à impressão da matéria que conhecemos, referimo-nos aos Espíritos muito elevados, cujo envoltório etéreo não encontra analogia neste mundo. Outro tanto não acontece com os de perispírito mais denso, os quais percebem os nossos sons e odores, não, porém, apenas por uma parte limitada de suas individualidades, conforme lhes sucedia quando vivos. Pode-se dizer que, neles, as vibrações moleculares se fazem sentir em todo o ser e lhes chegam assim ao *sensorium commune*, que é o próprio Espírito, embora de modo diverso e talvez, também, dando uma impressão diferente, o que modifica a percepção. Eles ouvem o som da nossa voz, entretanto nos compreendem sem o auxílio da palavra, somente pela transmissão do pensamento. Em apoio do que dizemos há o fato de que essa penetração é tanto mais fácil, quanto mais desmaterializado está o Espírito. Pelo que concerne à vista, essa, para o Espírito, independe da luz, qual a temos. A faculdade de ver é um atributo essencial da alma, para quem a obscuridade não existe. É, contudo, mais extensa, mais penetrante nas mais purificadas. A alma, ou o Espírito tem, pois, em si mesma, a faculdade de todas as percepções. Estas, na vida corpórea, se obliteram pela grosseria dos órgãos do corpo; na vida extracorpórea, se vão desanuviando, à proporção que o invólucro semimaterial se eteriza.

Haurido no meio ambiente, esse invólucro varia de acordo com a natureza dos mundos. Ao passarem de um mundo a outro, os Espíritos mudam de envoltório, como nós mudamos de roupa, quando passamos do inverno ao verão, ou do pólo ao equador. Quando vêm visitar-nos, os mais elevados se revestem do perispírito terrestre e então suas percepções se produzem como no comum dos Espíritos. Todos, porém, assim os inferiores como os superiores, não ouvem, nem sentem, senão o que queiram ouvir ou sentir. Não possuindo órgãos sensitivos, eles podem, livremente, tornar ativas ou nulas suas percepções. Uma só coisa são obrigados a ouvir – os conselhos dos Espíritos bons. A vista, essa é sempre ativa; mas, eles podem fazer-se invisíveis uns aos outros. Conforme a categoria

que ocupem, podem ocultar-se dos que lhes são inferiores, porém não dos que lhes são superiores. Nos primeiros instantes que se seguem à morte, a visão do Espírito é sempre turbada e confusa. Aclara-se, à medida que ele se desprende, e pode alcançar a nitidez que tinha durante a vida terrena, independentemente da possibilidade de penetrar através dos corpos que nos são opacos. Quanto à sua extensão através do espaço infinito, no passado e no futuro, vai depender do grau de pureza e de elevação do Espírito.

Objetarão, talvez: toda esta teoria nada tem de tranqüilizadora. Pensávamos que, uma vez livres do nosso grosseiro envoltório, instrumento das nossas dores, não mais sofreríamos e eis que nos informais que ainda sofreremos. Desta ou daquela forma, será sempre sofrimento. Ah! sim, pode dar-se que continuemos a sofrer, e muito, e por longo tempo, mas também que deixemos de sofrer, até mesmo desde o instante em que se nos acabe a vida corporal.

Os sofrimentos deste mundo independem, algumas vezes, de nós; muito mais vezes, contudo, são devidos à nossa vontade. Remonte cada um à origem deles e verá que a maior parte de tais sofrimentos são efeitos de causas que lhe teria sido possível evitar. Quantos males, quantas enfermidades não deve o homem aos seus excessos, à sua ambição, numa palavra: às suas paixões? Aquele que sempre vivesse com sobriedade, que de nada abusasse, que fosse sempre simples nos gostos e modesto nos desejos, a muitas tribulações se forraria. O mesmo se dá com o Espírito. Os sofrimentos por que passa são sempre a conseqüência da maneira por que viveu na Terra. Certo já não sofrerá de gota, nem de reumatismo; no entanto, experimentará outros sofrimentos que nada ficam a dever àqueles. Vimos que seu sofrer resulta dos laços que ainda o prendem à matéria; que quanto mais livre estiver da influência desta, ou por outra, quanto mais desmaterializado se achar, menos dolorosas sensações experimentará. Ora, está nas suas mãos libertar-se de tal influência desde a vida atual. Ele tem o livre-arbítrio, tem, por conseguinte, a

faculdade de escolha entre o fazer e o não fazer. Dome suas paixões animais; não alimente ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; não se deixe dominar pelo egoísmo; purifique-se, nutrindo bons sentimentos; pratique o bem; não ligue às coisas deste mundo importância que não merecem; e, então, embora revestido do invólucro corporal, já estará depurado, já estará liberto do jugo da matéria e, quando deixar esse invólucro, não mais lhe sofrerá a influência. Nenhuma recordação dolorosa lhe advirá dos sofrimentos físicos que haja padecido; nenhuma impressão desagradável eles lhe deixarão, porque apenas terão atingido o corpo e não a alma. Sentir-se-á feliz por se haver libertado deles e a paz da sua consciência o isentará de qualquer sofrimento moral.

Interrogamos, aos milhares, Espíritos que na Terra pertenceram a todas as classes da sociedade, ocuparam todas as posições sociais; estudamo-los em todos os períodos da vida espírita, a partir do momento em que abandonaram o corpo; acompanhamo-los passo a passo na vida de além túmulo, para observar as mudanças que se operavam neles, nas suas idéias, nos seus sentimentos e, sob esse aspecto, não foram os que aqui se encontraram entre os homens mais vulgares os que nos proporcionaram menos preciosos elementos de estudo. Ora, notamos sempre que os sofrimentos guardavam relação com o proceder que eles tiveram e cujas conseqüências experimentavam; que a outra vida é fonte de infável ventura para os que seguiram o bom caminho. Deduz-se daí que, aos que sofrem, isso acontece porque quiseram; que, portanto, só de si mesmos devem queixar-se, quer neste, quer no outro mundo.

Certos críticos ridicularizaram algumas de nossas evocações, por exemplo, a do assassino Lemaire, achando singular que nos ocupássemos de seres assim tão ignóbeis, quando temos tantos Espíritos superiores à nossa disposição. Esquecem que é justamente por isso que, de alguma sorte, apreendemos a natureza do fato, ou, melhor dizendo, em sua ignorância da ciência espírita eles não vêem nesses diálogos senão uma conversa divertida, da

qual não compreendem o alcance. Lemos em algum lugar que um filósofo dizia, depois de se entreter com um camponês: “Aprendi muito mais com este homem simplório do que com todos os sábios.” É que ele era capaz de perceber algo além da superfície. Para o observador nada é perdido, encontrando ensinamentos até mesmo no criptógamo que cresce no adubo. Recusa-se o médico a tocar numa ferida horrenda, quando se trata de aprofundar a causa do mal?

Acrescentemos ainda uma palavra sobre o assunto. Os sofrimentos de além-túmulo têm um termo; sabemos que ao mais inferior dos Espíritos é dado o ensejo de elevar-se e purificar-se através de novas provas; isso pode ser demorado, muito demorado, mas depende de cada um abreviar esse tempo penoso, porquanto Deus o escuta sempre, desde que se submeta à sua vontade. Quanto mais desmaterializado é o Espírito, tanto mais vastas e lúcidas são as suas percepções; quanto mais está sob o domínio da matéria, o que depende inteiramente de seu gênero de vida terrestre, mais elas serão limitadas e veladas; quanto mais a visão moral de um se estende para o infinito, tanto mais restrita é a do outro. Os Espíritos inferiores têm apenas uma noção vaga, confusa, incompleta e muitas vezes nula do futuro; como não vislumbram o termo de seus sofrimentos, acreditam que sofrerão sempre, o que, para eles, ainda é um castigo. Se a posição de uns é aflitiva, terrível mesmo, não é, por isso, desesperadora; a dos outros é eminentemente consoladora. Cabe, pois, a nós escolher: isto é da mais elevada moralidade. Os cépticos duvidam da sorte que nos aguarda após a morte; nós lhes mostramos o que há, acreditando ter-lhes prestado um serviço. Assim, vimos mais de um deles recuar de seu erro ou, pelo menos, refletir sobre aquilo que antes censurava. Nada como nos darmos conta da possibilidade das coisas. Se tivesse sido sempre assim, não haveria tantos incrédulos e a religião e a moral só teriam a ganhar. Entre muitos, a dúvida religiosa não procede senão da dificuldade que têm em compreender certas coisas; são Espíritos positivos, não organizados para a fé cega, que só admitem aquilo que, para eles,

tem uma razão de ser. Tornai as coisas acessíveis à sua inteligência e eles as aceitarão, porque, no fundo, não pedem mais do que isso para crerem, e porque a dúvida lhes é uma situação mais penosa do que imaginamos e do que eles gostariam de admitir.

De tudo o que foi dito não há absolutamente um sistema, nem idéias pessoais; nem mesmo foram alguns Espíritos privilegiados que nos ditaram essa teoria: trata-se do resultado de estudos feitos sobre as individualidades, corroborados e confirmados pelos Espíritos, cuja linguagem não pode deixar dúvida sobre sua superioridade. Julgamo-los por suas palavras, e não pelo nome que carregam ou que se podem atribuir.

Dissertações de Além-Túmulo

O SONO

Pobres homens! Como conheceis pouco os mais ordinários fenômenos que fazem vossa vida! Acreditais ser bastante sábios, julgais possuir uma vasta erudição e, a estas simples perguntas de todas as crianças: “O que fazemos quando dormimos? o que são os sonhos?”, ficais mudos. Não tenho a pretensão de vos fazer compreender o que vou explicar, porquanto há coisas para as quais vosso Espírito não pode, ainda, submeter-se, por não admitir senão o que compreende.

O sono liberta inteiramente a alma do corpo. Quando dormimos, ficamos momentaneamente no estado em que nos encontraremos, de maneira definitiva, após a morte. Os Espíritos que cedo se desprenderam da matéria por ocasião da morte tiveram sono inteligente; quando dormem, se reúnem à companhia de outros seres superiores a eles: viajam, conversam e com eles se instruem. Trabalham até em obras que, ao morrer, acham concluídas. Isso nos deve ensinar uma vez mais a não temer a morte, visto que, conforme a palavra de um santo, morreis diariamente.

Isto quanto aos Espíritos elevados; para a massa dos homens, porém, que com a morte devem ficar longas horas nessa perturbação, nessa incerteza da qual falaram, ou irão para mundos inferiores à Terra, onde os chamam antigas afeições, ou talvez buscarão prazeres mais deprimentes ainda do que os daqui; vão aprender doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis e mais nocivas do que as professadas em vosso meio. E o que faz a simpatia na Terra outra coisa não é senão o fato de nos sentirmos, ao despertar, aproximados pelo coração daqueles com quem acabamos de passar oito ou nove horas de felicidade ou de prazer. O que também explica essas antipatias invencíveis é que sabemos, no fundo do coração, que essas criaturas têm uma outra consciência, diferente da nossa, pois as conhecemos sem jamais as termos visto com os olhos. É ainda o que explica a indiferença, pois que não intentamos fazer novos amigos, quando sabemos que há outros que nos amam e nos querem bem. Numa palavra, o sono influi em vossas vidas muito mais do que pensais.

Por efeito do sono os Espíritos encarnados estão sempre em contato com o mundo dos Espíritos, e é isso que faz com que os Espíritos superiores consentam, sem muita repulsa, em reencarnar entre vós. Quis Deus que durante seu contato com o vício eles viessem retemperar-se na fonte do bem, a fim de eles mesmos não falirem, logo eles que vinham instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu para os amigos do céu; é a recreação após o trabalho, à espera da grande libertação, a libertação final que os deve reconduzir ao seu verdadeiro ambiente.

O sonho é a lembrança do que viu o vosso Espírito durante o sono, mas notai que nem sempre sonhais, porque nem sempre vos lembrais daquilo que vistes ou de tudo o que vistes; não é vossa alma em todo o seu desdobramento; muitas vezes não é senão a lembrança da perturbação que acompanha vossa partida ou chegada, a que se junta a recordação daquilo que fizestes ou que vos preocupa no estado de vigília; sem isso, como explicaríeis esses

sonhos absurdos, que tanto têm os mais sábios quanto os mais simples? Os Espíritos maus também se servem dos sonhos para atormentar as almas frágeis e pusilânimes.

Aliás, em breve vereis desenvolver-se uma nova espécie de sonhos, tão antiga quanto a que conheceis, mas que ignorais. O sonho de Joana, o sonho de Jacó, o sonho dos profetas judeus e de alguns profetas indianos: esse sonho é a lembrança da alma inteiramente desprendida do corpo, a lembrança dessa segunda vida de que vos falava há pouco.

Procurai distinguir bem essas duas espécies de sonhos, dentre aqueles de que vos recordais, sem o que entrareis em contradições e em erros que seriam funestos à vossa fé.

Observação – O Espírito que ditou essa comunicação, solicitado a declinar o nome, respondeu: “Para quê? Acreditais que somente os Espíritos dos grandes homens vos vêm dizer coisas boas? Não levais em nenhuma consideração aqueles que não conheceis ou que são ignorados na vossa Terra? Ficai sabendo que muitos não tomam um nome senão para vos contentar.”

AS FLORES

Observação – Esta comunicação e a seguinte foram obtidas pelo Sr. F..., do qual já falamos em nosso número de outubro, a propósito dos Obsedados e Subjugados; por elas poderemos julgar a diferença que existe entre a natureza dessas comunicações atuais e as antigas. Sua vontade triunfou completamente da obsessão de que era vítima, e seu Espírito mau não reapareceu. Estas duas comunicações foram-lhe ditadas por Bernard Palissy.

As flores foram criadas no mundo como símbolos da beleza, da pureza e da esperança.

Por que não imagina o homem, que vê as corolas se abrirem todas as primaveras, e as flores murcharem para se transformarem em frutos deliciosos, que sua vida também florirá para dar lugar a frutos eternos? Essas flores jamais perecerão, como não perece a mais frágil obra do Criador. Coragem, pois, homens que tombais no caminho; levantai como o lírio, após a tempestade, mais puros e radiosos. Como as flores, os ventos vos açoitam por todos os lados, vos derrubam e vos arrastam pela lama; mas, quando o Sol reaparece vossas cabeças se erguem, mais nobres e mais altivas.

Amai, pois, as flores; elas são o emblema de vossa vida e não temais corar por serdes a elas comparados. Tende-as nos vossos jardins, nas vossas casas e, até mesmo, em vossos templos, pois que estarão bem em qualquer parte; em todos os lugares elas convidam à poesia, elevando a alma dos que as sabem compreender. Não foi nas flores que Deus manifestou todas as suas magnificências? De onde conheceríeis as suaves cores com que o Criador alegrou a Natureza, se não fossem as flores? Antes que o homem tivesse cavado as entranhas da terra para encontrar o rubi e o topázio, havia flores diante de si e essa infinita variedade de matizes já o consolava da monotonia da crosta terrestre. Amai, pois, as flores: sereis mais puros e mais ternos; sereis, talvez, mais crianças, mas crianças queridas de Deus, e vossas almas simples e sem mácula serão acessíveis a todo o seu amor, a toda alegria com a qual ele aquecerá os vossos corações.

As flores querem ser cuidadas por mãos esclarecidas; a inteligência é necessária para a sua prosperidade; durante muito tempo laborastes em erro na Terra ao deixar esse cuidado a mãos inábeis que as mutilavam, imaginando embelezá-las. Nada é mais triste que as árvores arredondadas ou pontiagudas de alguns de vossos jardins: verdadeiras pirâmides de verdura, que fazem o efeito de um monte de feno. Deixai a Natureza tomar seu impulso sob mil formas diversas: aí está a graça. Feliz o que sabe admirar a beleza de uma haste que balança, semeando sua poeira fecundante; feliz o

que vê em suas cores brilhantes um infinito de graça, de finura, de colorido, de matizes que fogem e se buscam, se perdem e se reencontram. Feliz o que sabe compreender a beleza da gradação dos tons!

Desde a raiz escura, que se consorcia à terra, como se fundem as cores até o vermelho escarlata da tulipa e da papoula! (Por que esses nomes rudes e bizarros?) Estudai tudo isso e notai as pétalas que saem umas das outras como gerações infinitas até seu completo desabrochar sob a abóbada celeste.

As flores não parecem deixar a Terra para se lançar em direção a outros mundos? Não parece que muitas vezes vergam, dolorosas, a cabeça, por não se poderem elevar ainda mais alto? Por sua beleza, não imaginamos que estejam mais perto de Deus? Imitai-as, pois, e vos tornareis sempre cada vez maiores, cada vez mais belos.

Vossa maneira de aprender botânica também é deficiente: não basta saber o nome de uma planta. Exorto-vos, quando tiverdes tempo, a que também trabalheis numa obra desse gênero. Transfiro para mais tarde as lições que vos queria transmitir nestes dias; elas serão mais úteis quando tivermos em mãos a sua aplicação. Então, falaremos do gênero de cultura, dos locais que lhes convêm, da disposição do edifício para arejamento, e da salubridade das habitações.

Se fizerdes imprimir isto, suprimi os últimos parágrafos; seriam levados à conta de anúncios.

O PAPEL DA MULHER

Sendo delineada mais graciosamente que o homem, a mulher denota, naturalmente, uma alma mais delicada; é assim que

nos meios semelhantes, em todos os mundos, a mãe será mais bonita que o pai, porquanto é a ela que a criança vê primeiro; é para o semblante angelical de uma jovem mulher que a criança volta incessantemente o olhar; é para a mãe que a criança enxuga as lágrimas e fixa o olhar ainda fraco e incerto. A criança tem, pois, uma intuição natural do belo.

A mulher, sobretudo, sabe fazer-se notar pela delicadeza de seus pensamentos, pela graça de seus gestos, pela pureza de suas palavras; tudo que dela vem deve harmonizar-se com sua pessoa, que Deus fez bela.

Seus longos cabelos, derramando-se em ondas sobre o colo, são a imagem da doçura e da facilidade com que sua cabeça, diante das provações, dobra-se sem se partir. Refletem a luz dos sóis, como a alma feminina deve refletir a mais pura luz de Deus. Jovens mulheres, deixai flutuar vossos cabelos, pois que Deus para isso os criou. Parecereis, ao mesmo tempo, mais naturais e graciosas.

A mulher deve ser simples no vestir: já saiu bela demais das mãos do Criador para ter necessidade de adereços. Que o branco e o azul se confundam sobre vossos ombros. Deixai também flutuar vossos vestidos; que se veja vossa roupagem estendendo-se para trás qual se fora extenso tapete de gaze, qual nuvem discreta a assinalar vossa presença.

Entretanto, para que servem os adereços, os vestidos, a beleza, os cabelos ondulantes ou flutuantes, amarrados ou presos, se o sorriso tão doce das mães e das amantes não brilharem em vossos lábios? Se vossos olhos não semearem a bondade, a caridade, a esperança nas lágrimas de alegria que deixam correr, nos lampejos a jorrarem desse braseiro de amor desconhecido?

Mulheres, não temais deslumbrar os homens pela beleza, pela graça e pela superioridade; mas que saibam eles, a fim

de se vos tornarem dignos, que devem ser tão ricos de caráter quanto sois belas, tão sábios quanto sois boas, tão instruídos quanto sois ingênuas e simples. É necessário saberem que vos devem merecer, que sois o prêmio da virtude e da honra, não dessa honra que se recobre de capa e de escudo, que brilha nas lutas e torneios, que pisa a frente do inimigo que caiu. Não; mas da honra segundo Deus.

Homens, sede úteis; e quando os pobres abençoarem vosso nome, as mulheres serão em tudo semelhantes a vós; então formareis um todo: sereis a cabeça e elas o coração; sereis o pensamento benfazejo e elas as mãos liberais. Uni-vos, pois, não apenas pelo amor, mas para o bem que podeis fazer a dois. Que esses bons pensamentos e ações, realizados por dois corações que se amam, sejam os elos dessa corrente de ouro e diamantes que chamamos casamento. Então, quando tais elos forem bastante numerosos, Deus vos chamará para junto dele e continuareis a reunir ainda novos elos, que se juntarão aos precedentes. Mas não se trata, como na Terra, de elos de metal pesado: no Céu eles serão de fogo e luz.

Poesia Espírita

O DESPERTAR DE UM ESPÍRITO

Nota – Estes versos foram escritos espontaneamente por meio de uma cesta, tocada por uma jovem senhora e um menino. Imaginamos que mais de um poeta sentir-se-ia honrado de sua autoria. Eles nos foram comunicados por um de nossos assinantes.

Que bela é a Natureza e como é doce este ar!
 Senhor! Graça te rendo em de joelho te amar!
 Num hino de alegria e reconhecimento
 Quero elevar a ti todo o meu sentimento;
 Como aos olhos, então, de Marta e de Maria,
 A Lázaro da tumba ao retirá-lo, um dia;
 De Jairo, tu também, a filha bem-amada
 Devolveste-lhe a voz, tornando-a reanimada;

Do mesmo modo, *ó Deus!* tu me estendeste a mão;⁶⁹
 “Levanta-te!” – disseste. E não falaste em vão.
 Por que eu, se não sou mais que lodo, em vil arranjo?
 Queria te louvar e com a voz de um anjo;
 A tua obra jamais me pareceu tão bela!
 Sou como alguém que sai da noite ou de uma cela
 Para um dia mais puro e de luz deslumbrante,
 De um sol radioso e quente em vida inebriante.
 Mais doce é o ar então que o leite e o próprio mel;
 No céu, somam-se os sons num concerto fiel.
 E dos ventos a voz exala uma harmonia
 Que cria, num vazío, eterna sinfonia.
 O que o Espírito vê, o que lhe toca o olhar
 Lá, no livro dos céus, pode ler e sonhar;
 Dos mares na amplidão, em vagalhões profundos,
 Nos oceanos, enfim, os abismos, os mundos,
 Tudo se faz esfera e, em meio aos raios seus
 Em convergência, orando a gente chega a Deus.
 Ó tu, cujo olhar plana assim sobre as estrelas,
 E te ocultas no céu como um rei para vê-las,
 Qual a tua grandeza, enfim, nesse universo
 Que não é mais que um ponto, ao teu olhar imerso
 Dos mares sobre o espaço, em resplendor intenso?
 Qual, pois, tua grandeza e teu poder imenso?
 Que palácio tão vasto, ó rei, tu construístes!
 Separar-nos de ti seria muito triste.
 O sol posto a teus pés, num poder sem medida,
 Parece o ônix que um rei tem no sapato, em vida.
 No entanto, o que mais amo em ti, ó majestade,
 Bem menos que a grandeza, é essa tua Bondade
 Que se revela em tudo, até na luz que aquece
 Meu impotente ser na exaltação da prece.

Jodelle.

69 **N. do T.:** Grifos nossos. À primeira vista, Jesus estaria sendo chamado de Deus, o que não é verdade. A expressão *ó Deus!* é uma exclamação. É como se quisesse dizer: *Do mesmo modo ó Céus! tu (Jesus) me estendeste a mão.*

Conversas Familiares de Além-Túmulo

UMA VIÚVA DE MALABAR

Desejávamos interrogar uma dessas mulheres da Índia, obrigadas a se queimarem sobre os corpos dos maridos. Não conhecendo nenhuma delas, tínhamos pedido a São Luís que nos enviasse uma que pudesse responder às nossas perguntas de maneira satisfatória. Ele nos respondeu que o faria de bom grado dentro de algum tempo. Na sessão da Sociedade, do dia 2 de novembro de 1858, o Sr. Adrien, médium vidente, avistou uma, disposta a falar, e da qual nos deu a seguinte descrição:

Olhos negros e grandes; escleróticas levemente amareladas; rosto arredondado; faces salientes e gordas; pele amarelo-açafrão; cílios longos e supercílios arqueados e negros; nariz um pouco grande e levemente achatado; boca grande e sensual; belos dentes, grandes e bem-dispostos; cabelos lisos, abundantes, negros e engordurados. Corpo obeso e rechonchudo, envolvido por fino tecido de seda, deixando à mostra a metade do peito. Pulseiras nos braços e pernas.

1. Lembrais mais ou menos em que época vivestes na Índia e onde fostes queimada com o corpo de vosso marido?

Resp. – [Ela fez um sinal, dando a entender que não se lembrava.] – São Luís responde que foi há cerca de cem anos.

2. Lembrais o nome que tínheis?

Resp. – Fátima.

3. Que religião professáveis?

Resp. – A maometana.

4. Mas o maometanismo não reprime tais sacrifícios?

Resp. – Nasci muçulmana, mas meu marido pertencia à religião de Brahma. Tive de me conformar com os costumes do país onde morava. As mulheres não se pertencem.

5. Que idade tínheis quando morrestes?

Resp. – Creio que 20 anos, aproximadamente.

Observação – O Sr. Adrien observou que ela aparentava vinte e oito a trinta anos; mas que naquele país as mulheres envelhecem mais depressa.

6. Vosso sacrifício foi voluntário?

Resp. – Preferia ter-me casado com outro. Refleti bem e concebereis que todas pensamos do mesmo modo. Segui o costume, mas, no fundo, teria preferido não o fazer. Esperei vários dias por outro marido, mas ninguém apareceu; então obedeci à lei.

7. Que sentimento poderia ter ditado essa lei?

Resp. – Idéia supersticiosa. Ao nos queimarem, imaginam agradar à Divindade; que resgatamos as faltas daquele que acabamos de perder e que vamos ajudá-lo a viver feliz no outro mundo.

8. Vosso marido ficou satisfeito com o sacrifício?

Resp. – Jamais procurei revê-lo.

9. Há mulheres que assim se sacrificam de livre vontade?

Resp. – Poucas; uma em mil. No fundo elas não desejariam fazê-lo.

10. O que se passou convosco no momento em que se extinguiu a vida corporal?

Resp. – Perturbação; experimentei uma espécie de nevoeiro e depois não sei o que aconteceu. Minhas idéias não se aclararam senão muito tempo depois. Ia a toda parte, mas não via bem; e ainda agora não me sinto inteiramente esclarecida; tenho

muitas encarnações a sofrer, a fim de me elevar; mas não me queimarei mais... Não vejo necessidade de me queimar, de lançar-me no meio das chamas para me elevar..., sobretudo por faltas que não cometi; depois, isto não me agradou. Aliás, eu nunca procurei saber. Proporcionar-me-íeis grande prazer se orásseis por mim, pois agora compreendo que somente a prece é capaz de fazer-nos suportar corajosamente as provações que nos são enviadas... Ah! se eu tivesse fé!

11. Pedis que oremos por vós; como somos cristãos, nossas preces poderiam vos ser agradáveis?

Resp. – Não há senão um Deus para todos os homens.

Observação – Em várias sessões seguidas a mesma mulher foi vista entre os Espíritos que as assistiam. Disse que vinha para instruir-se. Parece que foi sensível ao interesse que lhe testemunhamos, porque nos seguiu várias vezes em outras reuniões e, até mesmo, na rua.

A BELA CORDOEIRA

Notícia – Louise Charly, chamada Labé, cognominada “A Bela Cordoeira”, nasceu em Lyon durante o reinado de Francisco I. Era de uma beleza perfeita e recebeu uma educação muito cuidadosa. Sabia grego e latim, falava espanhol e italiano com perfeição e, nessas línguas, fazia poesias que não seriam desaprovadas pelos escritores nacionais. Treinada em todos os exercícios corporais, conhecia a equitação, a ginástica e o manejo de armas. Dotada de um caráter muito enérgico, ela se distinguiu, ao lado de seu pai, entre os mais valentes combatentes do cerco de Perpignan, em 1542, travestida como capitão Loys. Havendo o cerco fracassado, renunciou à carreira das armas e retornou a Lyon com seu pai. Casou-se com um rico fabricante de cordas, chamado Ennemond Perrin, e logo só seria conhecida como a “Bela

Cordoeira”, nome que permaneceu na rua em que morava e no local em que ficavam as oficinas do marido. Instituiu em sua casa reuniões literárias a que eram convidados os espíritos mais esclarecidos da província. Tem-se dela uma coletânea de poesias. Sua reputação de beleza e de mulher de espírito, atraindo à sua casa os homens mais qualificados, excitou o ciúme das senhoras lionesas, que procuravam vingar-se pela calúnia; sua conduta, porém, foi sempre irrepreensível.

Evocada na sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, de 26 de outubro de 1858, foi-nos dito que ela ainda não podia vir, por motivos que não nos foram explicados. No dia 9 de novembro atendeu ao nosso apelo, e eis a descrição que dela fez o Sr. Adrien, nosso médium vidente:

Cabeça oval; tez pálido-mate; olhos negros, belos e notáveis; sobrancelhas arqueadas; fronte desenvolvida e inteligente; nariz grego, fino; boca média, lábios refletindo a bondade de espírito; dentes muito belos, pequenos, bem-dispostos; cabelos negros de azeviche, ligeiramente crespos; belo porte da cabeça; talhe grande e elegante. Roupas confeccionadas em tecidos brancos.

Observação – Sem dúvida nada prova que essa descrição, tanto quanto a precedente, não passem de produto da imaginação do médium, considerando-se que não temos controle; mas quando ele o faz assim com detalhes tão precisos, de pessoas contemporâneas que jamais viu e que são reconhecidas por parentes ou amigos, não podemos duvidar de sua realidade. Daí podemos concluir: desde que vê a uns com uma verdade incontestável, poderá ver os outros. Outra circunstância que deve ser levada em consideração é que sempre vê o mesmo Espírito sob a mesma forma e, ainda que se passassem diversos meses de intervalo, a descrição não sofreria qualquer alteração. Seria preciso nele supor uma memória fenomenal para imaginarmos que se lembrasse dos mínimos detalhes de todos os Espíritos cuja descrição tenha feito, e que se contam às centenas.

1. Evocação.

Resp. – Estou aqui.

2. Poderíeis ter a bondade de responder a algumas perguntas que gostaríamos de fazer?

Resp. – Com prazer.

3. Lembrai-vos da época em que éreis conhecida como “A Bela Cordoeira”?

Resp. – Sim.

4. De onde poderiam provir as qualidades viris que vos fizeram abraçar a profissão das armas que, de preferência, segundo as leis da Natureza, é atribuição dos homens?

Resp. – Isso alegrava meu Espírito, ávido de grandes coisas; mais tarde voltou-se para outra ordem de idéias mais sérias. As idéias com as quais nascemos por certo provêm de existências anteriores, de que são os reflexos; entretanto, elas se modificam bastante, seja por novas resoluções, seja pela vontade de Deus.

5. Por que esses gostos militares não persistiram, e como puderam, com tanta rapidez, dar lugar aos gostos femininos?

Resp. – Vi coisas que não desejo que vejais.

6. Éreis contemporânea de Francisco I e de Carlos V. Poderíeis dar vossa opinião sobre esses dois homens, fazendo um paralelo entre eles?

Resp. – Não quero julgar. Eles tiveram defeitos, vós o sabeis; suas virtudes são pouco numerosas: alguns traços de generosidade e eis tudo. Deixai esse assunto de lado; seus corações poderiam sangrar ainda: eles sofrem bastante!

7. Qual era a fonte dessa alta inteligência que vos tornou apta a receber educação tão superior à das mulheres de vosso tempo?

Resp. – *Penosas existências* e a vontade de Deus.

8. Havia, pois, em vós, um progresso anterior?

Resp. – Não poderia ser de outra maneira.

9. Essa instrução vos fez progredir como Espírito?

Resp. – Sim.

10. Parece que fostes feliz na Terra: sois mais ainda agora?

Resp. – Que pergunta! Por mais feliz que se seja na Terra, a felicidade do Céu é bem diferente! Quantos tesouros, e quantas riquezas, que um dia conhecereis, e dos quais não suspeitais ou ignorais completamente!

11. Que entendeis por *Céu*?

Resp. – Entendo por *Céu* os outros mundos.

12. No momento, que mundo habitais?

Resp. – Habito um mundo que não conheceis; mas a ele estou pouco vinculada: a matéria prende-nos pouco.

13. É Júpiter?

Resp. – Júpiter é um mundo feliz; mas pensais que, dentre todos somente ele seja favorecido por Deus? São tão numerosos quanto os grãos de areia do oceano.

14. Conservastes a verve poética que possuíeis aqui?

Resp. – Responderei com prazer, mas receio chocar outros Espíritos ou me colocar abaixo do que realmente sou. Isso faria com que minha resposta vos parecesse inútil, induzindo-vos em erro.

15. Poderíeis dizer-nos em que posição poderíamos colocar-vos entre os Espíritos?

Resp. – Não há resposta. [A São Luís]: Poderia São Luís responder a isso? *Resp.* – Ela aí está; não posso dizer aquilo que ela não quer dizer. Não vedes que, entre os Espíritos que evocais ordinariamente, ela é um dos mais elevados? Aliás, nossos Espíritos

não podem apreciar exatamente as distâncias que os separam; para vós elas são incompreensíveis e, todavia, são imensas!

16. [A Louise-Charly]: Sob que aparência vos achais entre os Espíritos?

Resp. – Adrien acaba de me descrever.

17. Por que essa forma, em vez de outra? Por que, enfim, no mundo em que vos encontrais não sois tal qual éreis na Terra?

Resp. – Fui evocada como poetisa; assim vim.

18. Poderíeis ditar-nos algumas poesias ou um trecho literário qualquer? Ficariamos felizes em ter algo vosso.

Resp. – Procurai os meus escritos antigos. Não gostamos dessas provas, principalmente em público: fa-lo-ei, contudo, de outra vez.

Observação – Sabe-se que os Espíritos não gostam de ser testados, e as perguntas dessa natureza têm sempre, mais ou menos, esse caráter. É sem dúvida por isso que quase nunca aquiescem. Espontaneamente, e quando menos esperamos, dão-nos por vezes as coisas mais surpreendentes, aquelas provas que em vão lhes teríamos solicitado; mas, quase sempre, basta que se lhes peça uma coisa para que se não a obtenha, sobretudo se percebe um sentimento de curiosidade. Os Espíritos, principalmente os elevados, querem, assim, provar-nos que não estão às nossas ordens.

No dia seguinte, “A Bela Cordoeira” ditou espontaneamente, através do médium escrevente que lhe servia de intérprete:

“Vou ditar o que te prometi; não são versos, pois não os quero fazer; aliás, não mais recordo os que fiz e não os apreciáveis: será a prosa mais modesta.

“Na Terra exaltei o amor, a doçura e os bons sentimentos: falava um pouco do que não sabia. Aqui, não é do amor que me ocupo, é de uma caridade ampla, austera, esclarecida; de uma caridade constante, *que não tem senão um exemplo na Terra.*

“Homens! Pensai que depende de vós ser felizes e fazer do vosso mundo um dos mais avançados do céu: tereis de fazer calar os ódios e as inimizades, esquecer os rancores e as cóleras, perder o orgulho e a vaidade. Deixai tudo isso de lado, semelhante a um fardo que, cedo ou tarde, precisais abandonar. Esse fardo, bem o sei, para vós é um tesouro na Terra; por isso tendes mérito em o abandonar e em perdê-lo; mas no céu ele se torna um obstáculo à vossa felicidade. Crede, pois, em mim: apressai vosso progresso; a verdadeira felicidade é aquela que vem de Deus. Onde encontraríeis prazeres que valham as alegrias que ele dá a seus eleitos, a seus anjos?

“Deus ama os homens que procuram avançar em seu caminho; contai, pois, com seu apoio. Não tendes confiança nele? Julgais que seja perjuro, que não vos deveis entregar a ele completamente, sem restrição? Infelizmente, não quereis entender ou poucos dentre vós entendem; preferis o hoje ao amanhã; vossa visão restrita limita vossos sentimentos, vosso coração e vossa alma, fazendo com que sofraís para progredir, em vez de avançar, natural e facilmente, pelo caminho do bem, por vossa própria vontade, porquanto o sofrimento é o meio que Deus emprega para vos moralizar. Não eviteis, pois, essa via segura, embora terrível para o viajante. Terminarei por vos exortar a não mais encarardes a morte como um flagelo, mas como o portal da verdadeira vida e da verdadeira felicidade.”

Louise Charly

Variedades

MONOMANIA

Lemos na *Gazette de Mons*: “Um indivíduo acometido de monomania religiosa, há sete anos recolhido no estabelecimento do Sr. Stuart e que até aqui se havia mostrado muito submisso, conseguiu enganar a vigilância dos guardas e apoderar-se de uma faca. Não podendo tomar a arma de volta, os guardas informaram o diretor do que se passava.

“O Sr. Stuart imediatamente se dirigiu até o furioso e, confiando apenas em sua coragem, quis desarmá-lo; porém, mal havia dado alguns passos em direção ao louco, este se precipitou com a rapidez do relâmpago e o feriu com golpes repetidos. Só com grande dificuldade conseguiram dominar o assassino.

“Das sete facadas que atingiram o Sr. Stuart, uma era mortal: a recebida no baixo-ventre; e segunda-feira, às três horas e meia, ele sucumbiu em consequência da hemorragia que se havia originado nessa cavidade.”

O que não teriam dito se aquele indivíduo tivesse sido acometido pela monomania espírita ou mesmo se, em sua loucura, houvesse falado dos Espíritos? E, contudo, isso poderia acontecer, visto existirem diversas monomanias religiosas e todas as ciências forneceram seu contingente. O que se poderia concluir, razoavelmente, contra o Espiritismo, a não ser que, em razão da fragilidade de sua organização, pode o homem exaltar-se neste ponto como em tantos outros? O meio de prevenir essa exaltação não é combater a idéia; de outro modo correríamos o risco de ver renovados os prodígios das Cévènes. Se alguma vez organizassem uma cruzada contra o Espiritismo, vê-lo-iam propagar-se cada vez mais. Como, pois, opor-se a um fenômeno que não tem tempo nem lugar de predileção; que pode ser reproduzido em todos os

países, em todas as famílias, na intimidade, no mais absoluto segredo, melhor ainda que em público? O meio de prevenir os inconvenientes – já o dissemos em nossa *Instrução Prática* – é fazer com que se torne de tal forma conhecido que nele só se veja um fenômeno natural, mesmo naquilo que ofereça de mais extraordinário.

UMA QUESTÃO DE PRIORIDADE A RESPEITO DO ESPIRITISMO

O Sr. Ch. Renard, um de nossos assinantes de Rambouillet, dirigiu-nos a seguinte carta:

“Senhor e digno irmão em Espiritismo, leio, ou antes, devoro com indizível prazer os números de vossa *Revista*, à medida que os recebo. De minha parte isso não é de causar admiração, já que meus parentes eram advinhos, geração após geração. Uma de minhas tias-avós ou bisavós havia mesmo sido condenada à fogueira como contumaz no crime de Vauldrie e frequentadora do *sabbat*⁷⁰, somente evitando a morte porque se refugiou na casa de uma de suas irmãs, abadessa de religiosas enclausuradas. Isso fez com que eu herdasse algumas migalhas das ciências ocultas, o que não me impediu de passar pela crença no materialismo, se aí há fé, e pelo cepticismo. Enfim, fatigado, doente de tanto negar, as obras do célebre extático Swedenborg conduziram-me à verdade e ao bem. Tornando-me também extático, convenci-me *ad vivum* das verdades que os Espíritos materializados de nosso globo não podem compreender. Obtive comunicações de todos os tipos: fenômenos de visibilidade, tangibilidade, transporte de objetos perdidos, etc. Bom irmão, teríeis a gentileza de inserir a nota que se segue num de vossos próximos números? Não se trata de amor-próprio, mas da minha própria condição de francês.”

70 N. do T.: Grifo nosso. Reunião noturna de bruxaria.

“Por vezes as pequenas causas produzem grandes efeitos. Por volta de 1840 eu tinha estabelecido relações com o Sr. Cahagnet, torneiro e marceneiro, que viera a Rambouillet por razões de saúde. Apreciei e iniciei esse operário, de inteligência excepcional, no magnetismo humano. Disse-lhe um dia: Tenho quase certeza de que um sonâmbulo lúcido está apto a ver as almas dos mortos e com elas entrar em conversação; ele ficou espantado. Induzi-o a fazer tal experiência quando dispusesse de um sonâmbulo lúcido. Ele o conseguiu e publicou um primeiro volume de experiências de necromancia, seguido de outros volumes e brochuras que foram traduzidos na América sob o título de *Telégrafo Celeste*. Algum tempo depois, o extático Davis publicou suas visões ou excursões pelo mundo espírita. Sobre os desmaterializados, Franklin fez pesquisas que resultaram em manifestações e comunicações mais fáceis que antigamente. As primeiras pessoas que ele mediunizou nos Estados Unidos foram a viúva Fox e suas duas filhas. Houve uma coincidência bastante singular entre esse nome e o meu, tendo em vista que o vocábulo inglês *fox* significa raposa (renard).

“Há muito tempo os Espíritos me haviam dito que poderíamos entrar em comunicação com os Espíritos de outros globos e deles receber desenhos e descrições. Expus o assunto ao Sr. Cahagnet, mas ele não foi mais longe que o nosso satélite.

“Sou, etc.

CH. Renard”

Observação – A questão de prioridade, em matéria de Espiritismo é, sem a menor dúvida, uma questão secundária; mas não é menos notável que, desde a importação dos fenômenos americanos, uma porção de fatos autênticos, ignorados do público, revelaram a produção de fenômenos semelhantes, seja na França ou em outros países da Europa, em época contemporânea ou anterior. É de nosso conhecimento que diversas pessoas se ocupavam de comunicações espíritas muito antes que se tivesse

notícia das mesas girantes, e disso temos provas com datas certas. O Sr. Renard parece estar nesse número e, segundo ele, suas experiências não teriam sido estranhas às que foram realizadas na América. Registramos sua observação como interessante história do Espiritismo e para provar, uma vez mais, que essa ciência tem suas raízes no mundo inteiro, o que tira, aos que queiram opor-lhe uma barreira, qualquer possibilidade de êxito. Se o sufocam num ponto, renascerá mais forte em cem outros lugares, até que, já não sendo permitida a dúvida, ocupará sua posição entre as crenças usuais. Então seus adversários, querendo ou não, terão que tomar o seu partido.

Aos Leitores da Revista Espírita

CONCLUSÃO DO ANO DE 1858

A *Revista Espírita* acaba de completar o seu primeiro ano e nos sentimos felizes em anunciar que, doravante, estando assegurada sua existência por um número de assinantes que aumenta a cada dia, daremos prosseguimento às suas publicações.

Os testemunhos de simpatia que temos recebido de toda parte, o sufrágio dos homens mais eminentes pelo saber e pela posição social são, para nós, um poderoso encorajamento na laboriosa tarefa que empreendemos; que aqueles, pois, que nos apoiaram na realização de nossa obra, possam aqui receber o penhor de nossa gratidão. Seria um fato inusitado nos fastos da publicidade se não nos defrontássemos com contradições, nem com críticas, sobretudo quando se trata da emissão de idéias tão recentes; mas, se de alguma coisa devemos admirar-nos, é de ter encontrado tão poucos contraditores, em comparação com os sinais de aprovação que nos foram dados, e sem dúvida isso se deve bem menos ao mérito do escritor do que à atração suscitada pelo próprio assunto tratado e ao crédito que, diariamente, conquista nas mais altas camadas da sociedade. Nós o devemos

também, e disso estamos convencidos, à dignidade que sempre temos conservado diante dos nossos adversários, deixando que o público julgue entre a moderação, de uma parte, e a inconveniência, de outra.

O Espiritismo marcha no mundo inteiro a passos de gigante; todo dia reúne alguns dissidentes pela força das coisas; e, se de nossa parte podemos lançar alguns grãos na balança desse grande movimento que se opera e que marcará nossa época como uma nova era, não será melindrando nem nos chocando frontalmente com aqueles que queremos justamente conquistar. É por esse raciocínio, e não pelas injúrias, que nos faremos escutar. A esse respeito, os Espíritos superiores que nos assistem dão-nos a regra de proceder e o exemplo. Seria indigno de uma doutrina, que não prega senão o amor e a benevolência, descer até à arena do personalismo; deixamos esse papel aos que não a compreendem. Nada nos fará desviar da linha que temos seguido, da calma e do sangue-frio que não cessamos de demonstrar no exame raciocinado de todos os problemas, sabendo que assim conquistaremos mais partidários sérios para o Espiritismo do que pelo azedume e pela acrimônia.

Na introdução com que iniciamos o nosso primeiro número, traçamos o plano que nos propúnhamos seguir: citar os fatos, mas também investigá-los e submetê-los ao escalpelo da observação; apreciá-los e deduzir-lhes as conseqüências. No princípio, toda a atenção se concentrou nos fenômenos materiais que, então, alimentavam a curiosidade do público; mas a curiosidade não dura sempre; uma vez satisfeita deixa de interessar, assim como a criança que abandona um brinquedo. Naquela época os Espíritos nos disseram: “Este é o primeiro período, que logo passará para ceder lugar a idéias mais elevadas; fatos novos haverão de revelar-se, marcando um novo período – o filosófico – e em pouco tempo a doutrina crescerá, como a criança que deixa o berço. Não vos inquieteis com as zombarias: os próprios

zombadores serão zombados, e amanhã encontrareis zelosos defensores, entre os vossos mais ardentes adversários de hoje. Quer Deus que assim o seja e fomos encarregados de executar a sua vontade; a má vontade de alguns homens não prevalecerá contra ela; o orgulho dos que pretendem saber mais que Ele será abatido.”

Realmente, estamos longe das mesas girantes, que não divertem mais, porque tudo cansa; só não nos afadigamos daquilo que fala ao raciocínio, e o Espiritismo voga a plenas velas em seu segundo período. Todos compreenderam que é toda uma ciência que se funda, toda uma filosofia, uma nova ordem de idéias. Era preciso seguir esse movimento, contribuir mesmo para ele, sob pena de sermos rapidamente ultrapassados; eis por que nos esforçamos por nos manter à altura, sem nos fecharmos nos estreitos limites de um boletim anedótico. Elevando-se à posição de doutrina filosófica, o Espiritismo conquistou inúmeros aderentes, mesmo entre os que não testemunharam nenhum fato material. É que o homem aprecia o que lhe fala à razão, aquilo de que pode dar-se conta; é que encontra na filosofia espírita algo mais que um divertimento, qualquer coisa a preencher-lhe o pungente vazio da incerteza. Adentrando o mundo extracorporal pelo caminho da observação, nele quisemos que penetrassem nossos leitores, a fim de fazer que o entendessem. A eles cabe julgar se alcançamos o nosso objetivo.

Prosseguiremos, pois, em nossa tarefa no ano que se vai iniciar e que, como tudo anuncia, deverá ser muito fecundo. Novos fatos de uma ordem estranha surgem neste momento, a revelar-nos novos mistérios. Registrá-los-emos cuidadosamente, neles procurando a luz com tanta perseverança quanto no passado, visto tudo pressagiar que o Espiritismo entrará em uma nova fase, mais grandiosa e ainda mais sublime.

Allan Kardec

Nota – A abundância das matérias nos obriga a remeter para o próximo número a continuação de nosso artigo sobre a pluralidade das existências e o conto de Frédéric Soulié.

Allan Kardec



Bibliografia consultada

01. ALIKAVAZOVIC, Jakuta, GROSS, Béatrice. **Les 100 pièges de la langue française**. Jeunes Éditions. France, 2001.
02. ALMEIDA, Napoleão M. **Dicionário de Questões Vernáculas**. Editora Ática. 4ª ed. São Paulo, 2001.
03. ALMEIDA, Napoleão M. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. Editora Saraiva. 44ª ed. São Paulo, 2001.
04. AZEVEDO, Domingos. **Grande Dicionário de Francês/Português**. Bertrand Editora. 11ª ed. Lisboa, 1989.
05. BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Editora Lucerna. 37ª ed. Rio de Janeiro, 2001.
06. BOUSSINOT, Roger. **Dictionnaire des synonymes analogies antonymes**. Bordas. Paris, 2001.
07. BURTIN-VINHOLES, S. **Dicionário de Francês**. Editora Globo. 38ª ed. São Paulo, 1999.
08. CALLAMAND, Monique. **Grammaire vivante du français: Français langue étrangère**. Larousse. Paris, 1991.
09. CAPELOVICI, Jacques. **Guide du français correct: Pièges et difficultés de la langue française de A à Z**. L'Archipel. Paris, 2001.
10. CARADEC, François. **Dictionnaire du français argotique et populaire**. Larousse-Bordas. Paris, 1998.

11. CASTELOT, André. **Napoléon III: L'aube des temps modernes.** Librairie Académique Perrin. France, 1999.
12. CEGALLA, Domingos P. **Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa.** Editora Nova Fronteira. 2ª ed. Rio de Janeiro, 1999.
13. COLIN, Jean-Paul. **Dictionnaire des Difficultés du Français: Les Usuels du Robert.** Dictionnaires Le Robert. Paris, 2000.
14. CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo.** Editora Nova Fronteira. 3ª ed. Rio de Janeiro, 2001.
15. **Dicionário de Francês/Português.** Porto Editora. 2ª ed. Portugal, 2000.
16. **Dictionnaire du Français: Référence apprentissage.** Dictionnaires Le Robert. Paris, 1999.
17. **Dicionário Verbo Hachette Francês/Português.** Editorial Verbo. Portugal, 1997.
18. FERNANDES, Francisco. **Dicionário de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa.** Editora Globo. 40ª ed. São Paulo, 2001.
19. FERNANDES, Francisco. **Dicionário de Verbos e Regimes.** Editora Globo. 44ª ed. São Paulo, 2001.
20. FERREIRA, Aurélio B. H. **Dicionário Aurélio Século XXI.** Editora Nova Fronteira. 1ª ed. Rio de Janeiro, 1999.

21. FERREIRA DE ALMEIDA, João. **A Bíblia Sagrada**. Sociedade Bíblica do Brasil. 2ª ed. São Paulo, 1996.
22. GENOUVRIER, É, DÉSI RAT, C, HORDÉ, T. **Dictionnaire des synonymes**. Larousse/HER. 2000.
23. GIRODET, Jean. **Dictionnaire des pièges et difficultés de la langue française**. Bordas. Paris, 2001.
24. GREVISSE, Maurice (André Goose). **Le Bon Usage: Grammaire française**. Éditions Duculot. 13ª ed. Paris, 2000.
25. HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Instituto Antônio Houaiss. Editora Objetiva Ltda. 1ª ed. Rio de Janeiro, 2001.
26. HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos**. Instituto Antônio Houaiss. Editora Objetiva Ltda. 1ª ed. Rio de Janeiro, 2003.
27. KARDEC, Allan. **Le Livre des Esprits: Les principes de la Doctrine Spirite**. Didier et Cie, Libraires-Éditeurs. Seconde édition. Paris, 1860.
28. KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos: princípios da Doutrina Espírita**. Tradução de Guillon Ribeiro. 80ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998.
29. KARDEC, Allan. **Le Livre des Médiums: ou Guide des médiums et des évocateurs**. Dervy-Livres. Croissy-Beaubourg. France, 1991.
30. KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiums: ou Guia dos médiums e dos evocadores**. Tradução de Guillon Ribeiro. 64ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999.

31. KARDEC, Allan. **L'Évangile selon le Spiritisme**. La Diffusion Scientifique. Paris, 1990.
32. KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. Tradução de Guillon Ribeiro. 115ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998.
33. KARDEC, Allan. **Le Ciel et l'Enfer**: ou la Justice Divine selon le Spiritisme. Dervy-Livres. Croissy-Beaubourg, France, 1990.
34. KARDEC, Allan. **O Céu e o Inferno**: ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 43ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998.
35. KARDEC, Allan. **La Genèse**: les miracles et les prédictions selon le Spiritisme. Librairie Internationale. Paris, 1868.
36. KARDEC, Allan. **A Gênese**: os milagres e as predições segundo o Espiritismo. Tradução de Guillon Ribeiro. 37ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996
37. KARDEC, Allan. Collections de la **Revue Spirite** – 1858 – 1869. Typographie de Cosson & Cie. Paris.
38. KARDEC, Allan. Coleções da **Revista Espírita** – 1858 – 1869. Tradução de Júlio Abreu Filho. Editora Cultural Espírita Edicel. Sobradinho – DF.
39. LACERDA, Roberto C e Helena R. C, ABREU, Estela S. **Dicionário de Provérbios**: Provérbios franceses definidos por Didier Lamaison. Lacerda Editores. 1ª ed. Rio de Janeiro, 1999.

40. LAROUSSE. Les petits pratiques du français. **Grammaire**, difficultés, usages, 4000 exemples. Larousse. Paris, 1990.
41. LEMAÎTRE DE SACY, Louis-Isaac. **La Bible**. Robert Laffont. Bouquins. Paris, 1990.
42. **Le Petit Larousse Illustré**: Langue Française et culture générale. Larousse. Paris, 1992.
43. **Le Petit Robert 1**. Dictionnaire de la Langue Française. Dictionnaires Le Robert. Paris, 1992.
44. **Le Petit Robert des nomes propres**: Alphabétique et analogique. Dictionnaires Le Robert. Paris, 2001.
45. LUFT, Celso P. **Dicionário Prático de Regência Nominal**. Editora Ática. 4^a ed. São Paulo, 1999.
46. LUFT, Celso P. **Dicionário Prático de Regência Verbal**. Editora Ática. 8^a ed. São Paulo, 2002.
47. MALOUX, Maurice. **Dictionnaire des Proverbes, Sentences et Maximes**. Larousse. Paris, 2001.
48. MONNERIE, Annie. **Le Français au Présent**: Grammaire. Français langue étrangère. Didier/Hatier. Paris, 1991.
49. **Nouveau Larousse Encyclopédique**: Dictionnaire en 2 volumes. Larousse. Paris, 2001.
50. REY, Alain, CHANTREAU, Sophie. **Dictionnaire des Expressions et Locutions**. Dictionnaires Le Robert. 2^a ed. Paris, 2000.

51. ROCHA LIMA, Carlos H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. José Olympio Editora. 40ª ed. Rio de Janeiro, 2001.
52. RÓNAI, Paulo. **Escola de Tradutores**. Editora Nova Fronteira. 6ª ed. Rio de Janeiro, 1987.
53. RÓNAI, Paulo. **Guia Prático da Tradução Francesa**. Editora Nova Fronteira. 3ª ed. Rio de Janeiro, 1983.
54. RÓNAI, Paulo. **A Tradução Vivida**. Editora Nova Fronteira. 3ª ed. Rio de Janeiro, 1983.
55. THOMAS, Adolphe V., TORO, Michel. **Dictionnaire des Difficultés de la Langue Française**. Larousse. Paris, 2001.

Nota Explicativa⁷¹

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo.” (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868.1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

Apartir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo metuculoso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à

71 **Nota da Editora:** Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com, diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401).

De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade.” (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor.” (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consangüínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado, que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do

mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes.” (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores Europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é preempatório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa

palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

“O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, Cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao Capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne: à origem da raça adâmica.” (*A Gênese*, Cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A Editora





REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

Contém:

O relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., bem como todas as notícias relativas ao Espiritismo. – O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e o seu futuro. – A história do Espiritismo na Antigüidade; suas relações com o magnetismo e com o sonambulismo; a explicação das lendas e das crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

Publicada sob a direção
de
ALLAN KARDEC

*Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.*

ANO SEGUNDO – 1859

TRADUÇÃO DE EVANDRO NOLETO BEZERRA



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA



Sumário

SEGUNDO VOLUME – ANO DE 1859

JANEIRO

- À S. A. o Príncipe G. **11**
Sr. Adrien, Médium Vidente **20**
O Louquinho de Bayonne **25**
Conversas Familiares de Além-Túmulo:
Chaudruc-Duclos **35**
Diógenes **38**
Os Anjos-da-Guarda **41**
Uma Noite Esquecida – Frédéric Soulié – (cont.) **43**
Aforismos Espíritas **49**
Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas – Aviso **50**

FEVEREIRO

- Escolhos dos Médiuns **51**
Os Agêneres **61**
Meu Amigo Hermann **68**
Espíritos Barulhentos. Como se Livrar Deles **74**

Dissertação de Além-Túmulo – A Infância	77
Correspondência – Carta do Dr. Morhéry	80
Uma Noite Esquecida – Frédéric Soulié – conclusão	82

MARÇO

Estudo Sobre os Médiuns	89
Médiuns Interesseiros	94
Fenômeno de Transfiguração	96
Diatribes	101
Conversas Familiares de Além-Túmulo:	
<i>Paul Gaimard</i>	104
<i>Sra. Reynaud</i>	110
<i>Hitoti, Chefe Taitiano</i>	117
<i>Um Espírito Travesso</i>	120
Plínio, o Moço	123

ABRIL

Quadro da Vida Espírita	131
Fraudes Espíritas	143
Problema Moral – Os Canibais	146
A Indústria – Dissertação	149
Conversas Familiares de Além-Túmulo:	
<i>Benvenuto Cellini</i>	150
<i>Girard de Codemberg</i>	158
<i>Sr. Poitevin, Aeronauta</i>	160

Pensamentos Poéticos **167**
Sonâmbulos Assalariados **168**
Aforismos Espíritas e Pensamentos Avulsos **169**
Aviso **170**

MAIO

Cenas da Vida Privada Espírita **171**
Música de Além-Túmulo:
Mozart **187**
Chopin **188**
Mundos Intermediários ou Transitórios **191**
Ligação Entre Espírito e Corpo **193**
Refutação de um Artigo do “Univers” **196**
O Livro dos Espíritos Entre os Selvagens **208**
Aforismos Espíritas e Pensamentos Avulsos **211**

JUNHO

O Músculo Estalante **213**
Intervenção da Ciência no Espiritismo **225**
Conversas Familiares de Além-Túmulo:
Humboldt **232**
Goethe **240**
O negro pai César **243**
Variedades: Princesa de Rébinine **245**

JULHO

- S.P.E.E. – Discurso de Encerramento do Ano Social **255**
Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas **274**
Conversas Familiares de Além-Túmulo:
Notícias da Guerra **275**
O Zuavo de Magenta **276**
Um Oficial Morto em Magenta **283**
Resposta à Réplica do Abade Chesnel no “Univers” **287**
Variedades: Lorde Castlereagh e Bernadotte **290**
O Que é o Espiritismo? – Nova obra do Sr. Allan Kardec **294**

AGOSTO

- Mobiliário de Além-Túmulo **297**
Pneumatografia ou Escrita Direta **309**
Um Espírito Serviçal **316**
O Guia da Sra. Mally **322**
Conversas Familiares de Além-Túmulo: Voltaire e Frederico **327**
Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas **333**
Ao Sr. L..., de Limoges **340**

SETEMBRO

- Processos para Afastar os Espíritos Maus **341**
Confissão de Voltaire **353**

Conversas Familiares de Além-Túmulo:

Um Oficial do Exército da Itália **362**

O General Hoche **364**

Morte de um Espírita **368**

Tempestades – Papel dos Espíritos nos Fenômenos

Naturais **375**

Intimidade de uma Família Espírita **377**

Aforismos Espíritas e Pensamentos Avulsos **380**

OUTUBRO

Os Milagres **381**

O Magnetismo Reconhecido pelo Poder Judiciário **386**

Médiuns Inertes **394**

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas **399**

Sociedade Espírita no Século XVIII **409**

Conversas Familiares de Além-Túmulo:

O Pai Crépin **412**

Sra. E. de Girardin, Médium **416**

As Mesas Volantes **419**

NOVEMBRO

Deve-se Publicar Tudo Quanto Dizem os Espíritos? **423**

Médiuns sem Saber **427**

Urânia – Fragmentos de um Poema Espírita **430**

Swedenborg	437
A Alma Errante	447
O Espírito e o Jurado	449
Advertências de Além-Túmulo:	
<i>O Oficial da Criméia</i>	452
Os Convulsionários de Saint-Médard	455
Observação a Propósito da Palavra Milagre	459
Aviso	460

DEZEMBRO

Resposta ao Sr. Oscar Comettant	461
Efeitos da Prece	469
Um Espírito Que Não se Acredita Morto	475
Doutrina da Reencarnação entre os Hindus	480
Conversas Familiares de Além-Túmulo:	
<i>Sra. Ida Pfeiffer</i>	483
<i>Privat d'Anglemont</i>	494
<i>Dirkse Lammers</i>	498
<i>Michel François</i>	500
Comunicações Espontâneas obtidas em sessões da Sociedade	502
Um Antigo Carreteiro	510
Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas	515
Os Convulsionários de Saint-Médard	532
Aforismos Espíritas e Pensamentos Avulsos	534
Nota Explicativa	537

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

JANEIRO DE 1859

Nº 1

À S. A. Príncipe G.

Príncipe,

Vossa alteza concedeu-me a honra de dirigir-me várias perguntas relativas ao Espiritismo. Tentarei respondê-las até onde o permita o estado dos conhecimentos atuais sobre a matéria, resumindo, em poucas palavras, o que o estudo e a observação nos ensinaram a respeito. Essas questões repousam sobre os próprios princípios da Ciência; para dar mais clareza à solução, é necessário ter em mente esses princípios. Permiti-me, pois, considerar o assunto de um plano um pouco mais elevado, estabelecendo como preliminares certas proposições fundamentais que, aliás, servirão de respostas a algumas de vossas indagações.

Fora do mundo corporal visível existem seres invisíveis, que constituem o mundo dos Espíritos.

Os Espíritos não são seres à parte, mas as próprias almas dos que viveram na Terra ou em outras esferas, e que se despojaram de seus invólucros materiais.

Os Espíritos apresentam todos os graus de desenvolvimento intelectual e moral. Conseqüentemente, os há bons e maus, esclarecidos e ignorantes, levianos, mentirosos, velhacos, hipócritas, que procuram enganar e induzir ao mal, da mesma forma como os há superiores em tudo, que não procuram fazer senão o bem. Essa distinção é um ponto capital.

Os Espíritos nos rodeiam incessantemente. Sem que o saibamos, dirigem os nossos pensamentos e as nossas ações, assim influenciando nos acontecimentos e nos destinos da Humanidade.

Freqüentemente os Espíritos atestam sua presença através de efeitos materiais. Tais efeitos nada têm de sobrenatural, assim nos parecendo por repousarem sobre bases que escapam às leis conhecidas da matéria. Uma vez conhecidas essas bases, o efeito entra na categoria dos fenômenos naturais. É assim que os Espíritos podem agir sobre corpos inertes e movê-los sem o concurso dos nossos agentes exteriores. Negar a existência de agentes desconhecidos pela simples razão de não os compreender seria impor limites ao poder de Deus e acreditar que a Natureza nos tenha dito sua última palavra.

Todo efeito tem uma causa; ninguém o contesta. É, pois, ilógico negar a causa pelo simples fato de que é desconhecida.

Se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente. Quando vemos o braço do telégrafo produzir sinais que correspondem ao pensamento, não concluímos que ele seja inteligente, mas, sim, que é movido por uma inteligência. Dá-se o mesmo com os fenômenos espíritas. Se a inteligência que os produz não é a nossa, evidentemente encontra-se fora de nós.

Nos fenômenos das ciências naturais agimos sobre a matéria e a manipulamos à vontade; nos fenômenos espíritas agimos sobre inteligências que dispõem de livre-arbítrio e não se

submetem à nossa vontade. Há, pois, entre os fenômenos comuns e os fenômenos espíritas uma diferença radical quanto ao princípio, razão por que a ciência vulgar é incompetente para os julgar.

O Espírito encarnado tem dois envoltórios: um material, que é o corpo, e outro semimaterial e indestrutível, que é o perispírito. Deixando o primeiro, o Espírito conserva o segundo, que, para ele, constitui uma espécie de corpo, mas cujas propriedades são essencialmente diferentes. Em seu estado normal o perispírito nos é invisível, embora possa tornar-se momentaneamente visível e mesmo tangível: tal é a causa do fenômeno das aparições.

Os Espíritos não são, pois, seres abstratos, indefinidos, mas seres reais e limitados, com existência própria, pensando e agindo em virtude de seu livre-arbítrio. Estão em toda parte, à nossa volta; povoam os espaços e se transportam com a rapidez do pensamento.

Os homens podem entrar em relação com os Espíritos e receber comunicações diretas através da escrita, da palavra e por outros meios. Estando os Espíritos ao nosso lado, ou podendo, através de certos intermediários, atender ao nosso apelo, com eles podemos estabelecer comunicações continuadas, da mesma forma que um cego pode fazê-lo com as pessoas que não vê.

Certos indivíduos são mais dotados que outros de uma aptidão especial para transmitir comunicações dos Espíritos: são os médiuns. O papel do médium é o de um intérprete; é o instrumento de que se serve o Espírito. Esse instrumento pode ser mais ou menos perfeito, do que resultam comunicações mais ou menos fáceis.

Os fenômenos espíritas são de duas ordens: as manifestações físicas e materiais e as manifestações inteligentes. Os efeitos físicos são produzidos por Espíritos inferiores; os Espíritos

elevados não se ocupam dessas coisas, do mesmo modo que os nossos sábios não se entregam a ações que exijam grande vigor físico: seu papel é instruir pelo raciocínio.

As comunicações tanto podem emanar de Espíritos inferiores como de Espíritos superiores. Como os homens, os Espíritos são reconhecidos por sua linguagem. A dos Espíritos Superiores é sempre séria, digna, nobre e cheia de benevolência; toda expressão trivial ou inconveniente, todo pensamento que choca a razão e o bom-senso, que denota orgulho, acrimônia ou malevolência, procede necessariamente de um Espírito inferior.

Os Espíritos elevados só boas coisas ensinam; sua moral é a do Evangelho; só pregam a união e a caridade e jamais se enganam. Os Espíritos inferiores dizem absurdos, mentiras e, muitas vezes, até grosserias.

A eficiência de um médium não consiste apenas na facilidade das comunicações, mas, sobretudo, na natureza das comunicações que recebe. Um bom médium é o que simpatiza com os Espíritos bons e só recebe boas comunicações.

Todos nós temos um Espírito familiar, que a nós se liga desde o nascimento, guia-nos, aconselha e protege; é sempre um Espírito bom.

Além do Espírito familiar, existem aqueles que atraímos graças à sua simpatia por nossas qualidades e defeitos ou em virtude de antigas afeições terrenas. Daí se segue que, em toda reunião, há uma multidão de Espíritos mais ou menos bons, conforme a natureza do meio.

Podem os Espíritos revelar o futuro?

Os Espíritos não conhecem o futuro senão em razão de sua elevação. Os inferiores nem mesmo o seu próprio futuro

conhecem e, com mais forte razão, desconhecem o dos outros. Os Espíritos superiores o conhecem, mas nem sempre lhes é permitido revelá-lo. Em princípio, e por um sábio desígnio da Providência, o futuro nos deve ser ocultado. Se o conhecêssemos, nosso livre-arbítrio seria tolhido. A certeza do sucesso tirar-nos-ia a vontade de fazer qualquer coisa, porque não veríamos a necessidade de nos darmos a esse trabalho; a certeza de uma desgraça nos desencorajaria. Todavia, há casos em que o conhecimento do futuro pode ser útil, embora, nessa situação, jamais possamos ser juízes. Os Espíritos no-lo revelam quando o julgam conveniente e quando têm a permissão de Deus. Então o fazem espontaneamente e não a pedido nosso. É preciso esperar com confiança a oportunidade e, sobretudo, não insistir em caso de recusa, pois, de outro modo, correríamos o risco de tratar com Espíritos levianos, que se divertem à nossa custa.

Os Espíritos podem guiar-nos por meio de conselhos diretos nas coisas da vida?

Sim, podem e o fazem de bom grado. Esses conselhos nos chegam diariamente pelos pensamentos que nos sugerem. Muitas vezes fazemos coisas cujo mérito nos atribuímos quando, na realidade, resultam apenas de uma inspiração que nos foi transmitida. Ora, como estamos rodeados de Espíritos que nos influenciam neste ou naquele sentido, temos sempre o livre-arbítrio para nos guiar na escolha; e felizes seremos se preferirmos o nosso gênio bom.

Além dos conselhos ocultos, podemos obter estes diretamente através de um médium; mas aqui é o caso de recordarmos os princípios fundamentais que acabamos de emitir. A primeira coisa a considerar é a qualidade do médium, se não somos nós próprios. Um médium que só boas comunicações obtém; que, por suas qualidades pessoais não simpatiza senão com os Espíritos bons, é um ser precioso, do qual podemos esperar grandes

coisas, desde que o secundemos na pureza de suas próprias instruções e o utilizemos convenientemente; direi mais: é um instrumento providencial.

Não menos importante, o segundo ponto consiste na natureza dos Espíritos aos quais nos dirigimos. Não devemos crer que possamos ser guiados corretamente pelo primeiro que apareça. Aquele que visse nas comunicações espíritas apenas um meio de adivinhação e no médium um leitor de *buena dicha*¹ enganar-se-ia redondamente. É preciso considerar que no mundo dos Espíritos temos amigos que por nós se interessam, muito mais sinceros e devotados do que os que tomam esses títulos na Terra, e que não têm o menor interesse em nos lisonjear ou em nos enganar. São, além do nosso Espírito protetor, parentes ou pessoas a quem nos afeiçoamos quando vivas, ou Espíritos que nos querem o bem por simpatia. Quando chamados vêm de boa vontade e até mesmo quando não são chamados; muitas vezes os temos ao nosso lado, sem que o suspeitemos. Através dos médiuns podemos pedir-lhes conselhos diretos e os recebemos, mesmo espontaneamente, sem que lhos tenhamos pedido. Fazem-no sobretudo *na intimidade, no silêncio, e desde que nenhuma influência estranha os venha perturbar*; são, aliás, muito prudentes e, de sua parte, jamais devemos temer uma indiscrição: calam-se quando há ouvidos em demasia. Fazem-no ainda com mais prazer quando estão em freqüente comunicação conosco. Como não dizem senão coisas adequadas e conforme a oportunidade, é preciso esperar a sua boa vontade e não acreditar que, à primeira vista, venham satisfazer a todos os nossos pedidos. Querem assim provar que não estão às nossas ordens.

A natureza das respostas depende muito da maneira de fazer as perguntas. É necessário aprender a conversar com os Espíritos como se aprende a conversar com os homens: em tudo é preciso experiência. Por outro lado, o hábito faz que os Espíritos se

1 N. do T.: Grifos nossos.

identifiquem conosco e com o médium, os fluidos se combinem e as comunicações sejam mais fáceis; então entre eles e nós estabelecem-se verdadeiras conversações familiares; o que não dizem num dia falarão noutra. Habitua-se à nossa maneira de ser, como nós à deles: ficamos reciprocamente mais à vontade. Quanto à ingerência dos Espíritos maus e dos Espíritos enganadores, o que constitui o grande escolho, a experiência nos ensina a combatê-los e podemos sempre evitá-los. Se não lhes damos atenção, eles não vêm, porque sabem que vão perder tempo.

Qual poderá ser a utilidade da propagação das idéias espíritas? – Sendo o Espiritismo a prova palpável e evidente da existência, da individualidade e da imortalidade da alma, é a destruição do materialismo, essa negação de toda religião, essa chaga de toda sociedade. O número dos materialistas que ele conduziu a idéias mais sãs é considerável e aumenta diariamente: só isso seria um benefício social. Não somente prova a existência e a imortalidade da alma, como ainda mostra o seu estado feliz ou desgraçado, conforme os méritos desta vida. As penas e recompensas futuras não são mais uma teoria, mas um fato patente aos nossos olhos. Ora, como não há religião possível sem a crença em Deus, na existência da alma e nas penas e recompensas futuras, o Espiritismo traz de volta a essas crenças as pessoas nas quais elas estavam apagadas; resulta daí que ele é o mais poderoso auxiliar das idéias religiosas: dá religião aos que não a possuem, fortifica-a naqueles em que é vacilante, consola pela certeza do futuro, faz suportar com paciência e resignação as tribulações da vida e desvia do pensamento o suicídio, idéia que naturalmente repelimos quando vemos as conseqüências; eis por que são felizes os que penetraram em seus mistérios. Para eles o Espiritismo é a luz que dissipa as trevas e as angústias da dúvida.

Se considerarmos agora a moral ensinada pelos Espíritos superiores, concluiremos que ela é toda evangélica; prega a caridade evangélica em toda a sua sublimidade e faz mais: mostra

a sua necessidade tanto para a felicidade presente quanto para a futura, porque as conseqüências do bem e do mal que fazemos estão diante dos nossos olhos. Reconduzindo os homens aos sentimentos de seus deveres recíprocos, o Espiritismo neutraliza o efeito das doutrinas que subvertem a ordem social.

Não podem essas crenças representar um perigo para a razão? – Todas as ciências não forneceram o seu contingente para os hospitais de alienados? Devemos, por isso, condená-las? Não estão largamente representadas entre elas as crenças religiosas? Seria justo, por isso, proscrever a religião? Acaso conhecemos todos os loucos produzidos pelo medo ao diabo? Todas as grandes preocupações intelectuais levam à exaltação e podem reagir de maneira lastimável sobre um cérebro fraco. Teríamos razão de ver no Espiritismo um perigo especial se ele fosse a única causa ou a causa preponderante da loucura. Fez-se grande alarido em torno de dois ou três casos que, em outras circunstâncias, não teriam merecido nenhuma atenção, ao não se levar em consideração as causas predisponentes anteriores. Poderíamos citar outros em que, bem compreendidas, as idéias espíritas poderiam deter o desenvolvimento da loucura.

Em resumo, o Espiritismo não oferece maior perigo de loucura do que as mil e uma causas que a produzem diariamente. Digo mais: oferece bem menos perigo, visto trazer em si mesmo o corretivo e, pela direção que dá às idéias e a calma que proporciona ao espírito dos que o compreendem, pode neutralizar o efeito das causas estranhas. O desespero é uma dessas causas. Ora, ao nos fazer encarar as coisas mais desagradáveis com sangue-frio e resignação, o Espiritismo atenua os funestos efeitos do desespero.

As crenças espíritas não são a consagração das idéias supersticiosas da Antigüidade e da Idade Média e, assim, não devem ser endossadas? – As pessoas sem religião não tacham de superstição a maioria das crenças religiosas? Uma idéia só é supersticiosa

quando é falsa; deixa de o ser quando se torna uma verdade. Está provado que no fundo da maioria das superstições existe uma verdade amplificada e desnaturada pela imaginação. Ora, tirar dessas idéias todo o seu conteúdo fantástico e deixar apenas a realidade é destruir a superstição. Tal é o efeito da ciência espírita, que põe a nu o que há de verdadeiro e de falso nas crenças populares. Por muito tempo as aparições foram consideradas como crenças supersticiosas; hoje, que são um fato provado e, mais ainda, perfeitamente explicado, entraram no domínio dos fenômenos naturais. Por mais que as condenemos, não impediremos que continuem a produzir-se. Todavia, os que se deram conta e as compreenderam, não apenas não se apavoram como estão satisfeitos, e isso a tal ponto que aqueles que não têm essas idéias desejariam tê-las. Deixando o campo livre à imaginação, os fenômenos incompreendidos representam a fonte de uma porção de idéias acessórias, absurdas, que degeneram em superstição. Mostremos a realidade, expliquemos a causa e a imaginação se detém no limite do possível; o maravilhoso, o absurdo e o impossível desaparecem e, com eles a superstição. Tais são, dentre outras, as práticas cabalísticas, a virtude dos signos e das palavras mágicas, as fórmulas sacramentais, os amuletos, os dias nefastos, as horas diabólicas e tantas outras coisas que o Espiritismo, bem compreendido, demonstra o ridículo.

Tais são, Príncipe, as respostas que julguei adequadas às perguntas com que me honrastes. Sentir-me-ei feliz se elas puderem corroborar as idéias que Vossa Alteza já possui sobre o assunto e vos levarem a aprofundar uma questão de tão elevado interesse; mais feliz ainda se meu concurso ulterior puder ser de alguma utilidade.

Com o mais profundo respeito, sou, de Vossa Alteza,
muito humilde e muito obediente servidor.

Allan Kardec

Sr. Adrien, Médium Vidente

(Segundo artigo)

Desde a publicação de nosso artigo sobre o Sr. Adrien, médium vidente, grande número de fatos nos têm sido comunicados, confirmando nossa opinião de que essa faculdade, assim como as demais faculdades mediúnicas, é mais comum do que se pensa. Nós já a tínhamos observado numa porção de casos particulares e, sobretudo, no estado sonambúlico. O fenômeno das aparições é hoje um fato comprovado e, podemos dizer, freqüente, sem falar dos numerosos exemplos oferecidos pela história profana e as Escrituras Sagradas. Muitas das que nos foram relatadas ocorreram pessoalmente com aqueles que no-las informaram, mas, quase sempre, esses fatos são fortuitos e acidentais; ainda não tínhamos visto alguém em que tal faculdade fosse, de algum modo, o estado normal. No Sr. Adrien ela é permanente; onde quer que esteja, a população oculta que pulula à nossa volta lhe é visível, sem que ele a chame; para nós, ele representa o papel de um vidente em meio a uma população de cegos; vê esses seres, que poderíamos chamar de duplicata do gênero humano, indo e vindo, misturando-se em nossas ações e, se podemos assim nos exprimir, ocupados em seus negócios. Dirão os incrédulos que é uma alucinação, palavra sacramental pela qual pretendem explicar o que não compreendem. Bem que gostaríamos que nos definissem o que é uma alucinação e, especialmente, sua causa. Todavia, no Sr. Adrien ela tem um caráter bastante insólito: o da permanência. Até agora, o que se tem convencionado chamar de alucinação é um fato anormal e quase sempre consequência de um estado patológico, o que absolutamente aqui não é o caso. Para nós, que estudamos essa faculdade, que a observamos todos os dias em seus mínimos detalhes, chegamos mesmo a constatar-lhe a realidade. Para nós ela não é objeto de nenhuma dúvida e, como veremos, auxiliou-nos notavelmente em nossos estudos espíritas. Ela nos permitiu utilizar o escalpelo da investigação na vida extracorpórea; é um archote na escuridão. O Sr. Home, dotado de extraordinária faculdade como

médium de efeitos físicos, produziu efeitos surpreendentes. O Sr. Adrien nos inicia na causa desses efeitos, porque os vê produzir-se, indo muito além daquilo que impressiona os nossos sentidos.

A realidade da visão do Sr. Adrien é provada pelo retrato que faz de pessoas que jamais viu, cuja descrição é reconhecida como exata. Certamente quando ele descreve, com rigorosa minúcia, os mínimos detalhes de um parente ou de um amigo, evocados por seu intermédio, temos certeza de que ele vê, porquanto não pode tomar a coisa como produto da imaginação. Entretanto, há pessoas cuja prevenção as leva a rejeitar até mesmo a evidência. E, o que é mais bizarro, para refutar o que não querem admitir, explicam-no por causas ainda mais difíceis que as que lhes são fornecidas.

Os retratos do Sr. Adrien, todavia, nem sempre são infalíveis; nisso, como em toda ciência, quando se apresenta uma anomalia, é necessário procurar-lhe a causa, considerando-se que a causa de uma exceção freqüentemente confirma a regra geral. Para compreender o fato, não se deve perder de vista o que a esse respeito já dissemos sobre a forma aparente dos Espíritos. Essa forma depende do perispírito, cuja natureza, essencialmente flexível, presta-se a todas as modificações que lhe queira dar o Espírito. Deixando o envoltório material, o Espírito leva consigo o seu invólucro etéreo, que constitui uma outra espécie de corpo. Em seu estado normal, esse corpo tem a forma humana, mas não calcada traço a traço sobre o que deixou, especialmente quando o abandonou há algum tempo. Nos primeiros instantes que se seguem à morte, e enquanto ainda existe um laço entre as duas existências, maior é a semelhança; essa similitude, porém, apaga-se à medida que se opera o desprendimento e que o Espírito se torna mais estranho ao seu último envoltório; pode, entretanto, sempre retomar essa primeira aparência, quer pela fisionomia, quer pelo vestuário, quando julga útil para se fazer reconhecer; em geral, porém, isso só acontece em razão de um grande esforço da

vontade. Nada, pois, há de surpreendente que, em certos casos a semelhança peque por alguns detalhes: bastam os traços principais. Igualmente no médium essa investigação não é feita sem um certo esforço, que se torna penoso quando muito repetido. Suas visões ordinárias não lhe custam nenhuma fadiga, desde que não se apegam senão às generalidades. O mesmo ocorre quando vemos uma multidão: enxergamos tudo; todos os indivíduos se destacam aos nossos olhos com seus traços distintos, sem que nenhum deles nos impressione bastante a ponto de os podermos descrever. Para precisá-los, é necessário concentrar nossa atenção nos íntimos detalhes que queremos analisar, com a só diferença de que, nas circunstâncias ordinárias, os olhos se voltam sobre uma forma material, invariável, enquanto na vidência eles repousam sobre uma forma essencialmente móvel, que um simples efeito da vontade pode modificar.

Saibamos, pois, tomar as coisas como elas são; consideremo-las em si mesmas e em razão de suas propriedades. Não nos esqueçamos de que, no Espiritismo, absolutamente não operamos sobre a matéria inerte, mas sobre inteligências dotadas de livre-arbítrio, razão por que não podemos submetê-las ao nosso capricho, nem fazê-las agir à nossa vontade, como se movêssemos um pêndulo. Toda vez que quisermos tomar nossas ciências exatas como ponto de partida nas observações espíritas, perderemos o rumo; eis por que a ciência vulgar é incompetente nessa questão: é exatamente como se um músico quisesse julgar a arquitetura do ponto de vista musical. O Espiritismo nos revela uma nova ordem de idéias, de novas forças, de novos elementos; revela-nos fenômenos que não se baseiam em nada do que conhecemos. Saibamos, pois, para os julgar, despojar-nos dos preconceitos e de toda idéia preconcebida; compenetremo-nos sobretudo desta verdade: fora daquilo que conhecemos pode existir outra coisa, a não ser que queiramos cair nesse erro absurdo, fruto do orgulho, de que Deus não tenha mais segredos para nós.

De acordo com isso, compreende-se que delicadas influências podem agir na produção dos fenômenos espíritas; mas há outras que merecem uma atenção não menos séria. Despojado do corpo terreno, o Espírito conserva toda a sua vontade e uma liberdade de pensar bem maior que quando vivo; tem susceptibilidades que dificilmente compreendemos; aquilo que muitas vezes nos parece simples e natural o magoa e lhe desagrada; uma pergunta imprópria o choca e o fere; além disso, eles nos mostram a sua independência deixando de fazer o que queremos, ao passo que, por si mesmos, vez por outra fazem aquilo que nem teríamos pensado em lhes pedir. É por essa razão que os pedidos de provas e de curiosidade são essencialmente antipáticos aos Espíritos, que a eles raramente respondem de maneira satisfatória. Sobretudo os Espíritos sérios jamais se prestam a isso e de modo algum querem servir de divertimento. Concebe-se, pois, que a intenção pode influir bastante sobre a sua boa vontade de se apresentar aos olhos de um médium vidente, sob tal ou qual aparência; e, definitivamente, como eles não assumem uma determinada aparência senão quando assim lhes convém, só o fazem quando para isso existe um motivo sério e útil.

Há uma outra razão que, de certo modo, se liga ao que poderíamos chamar de fisiologia espírita. A visão do Espírito pelo médium faz-se por uma espécie de irradiação fluídica que parte do primeiro e se dirige ao segundo; o médium, por assim dizer, absorve os raios e os assimila. Se estiver sozinho, ou cercado apenas de pessoas simpáticas, unidas pela intenção e pelo pensamento, aqueles raios se concentram sobre ele; então a visão é clara, precisa e é em tais circunstâncias que os retratos, quase sempre, são de uma exatidão notável. Se, ao contrário, em torno do médium há influências antipáticas, pensamentos divergentes e hostis, se não há recolhimento, os raios fluídicos se dispersam e são absorvidos pelo meio; daí uma espécie de nevoeiro que se projeta sobre o Espírito, não permitindo que se lhe distingam os matizes. Tal seria uma luz, com ou sem refletor. Uma outra comparação

menos material pode ainda nos dar razão desse fenômeno. Todos sabemos que a verve de um orador é excitada pela simpatia e pela atenção do auditório; que, ao contrário, se ele for distraído pelo barulho, pela desatenção e pela má vontade, seus pensamentos já não serão livres: dispersam-se, afetando o seu raciocínio. O Espírito, que é influenciado por um meio absorvente, encontra-se no mesmo caso: em vez de dirigir-se a um ponto único, sua irradiação dissemina-se e perde a sua força.

Às considerações precedentes devemos acrescentar outra, cuja importância será facilmente compreendida por todos os que conhecem a marcha dos fenômenos espíritas. Sabe-se que várias causas podem impedir um Espírito de acorrer ao nosso apelo no instante em que o evocamos: pode estar reencarnado ou ocupado em outra parte. Ora, entre os Espíritos que se apresentam quase sempre simultaneamente, deve o médium distinguir aquele que solicitamos e, caso aí não esteja, pode tomá-lo por um outro Espírito, igualmente simpático à pessoa que evoca. Descreve o Espírito que vê, mas nem sempre pode garantir se se trata dessa ou daquela entidade. Se, entretanto, o Espírito que se apresenta é sério, não se enganará quanto à sua identidade; se o interrogam a respeito, poderá explicar a razão do equívoco e dizer quem ele é.

Um meio pouco propício será também prejudicial, mas por outra razão. Cada indivíduo tem, por acólitos, Espíritos que simpatizam com os seus defeitos e com suas qualidades. Tais Espíritos são bons ou maus, conforme os indivíduos. Quanto maior for o número de pessoas reunidas, maior será a variedade de Espíritos e maiores as possibilidades de encontrar antipatias. Se, pois, numa reunião há pessoas hostis, seja por pensamentos difamantes, seja pela leviandade de caráter, seja ainda por uma incredulidade sistemática, por isso mesmo atrairão Espíritos pouco benevolentes que, com freqüência, entram as manifestações de toda natureza, tanto escritas quanto visuais. Daí a necessidade de nos colocarmos nas mais favoráveis condições, se quisermos obter

manifestações sérias: quem quer o fim quer os meios. As manifestações espíritas não são coisas com as quais possamos brincar impunemente. Sede sérios na mais rigorosa acepção da palavra, se quizerdes coisas sérias; de outro modo, sereis joguetes dos Espíritos levianos, que se divertirão à vossa custa.

O Louquinho de Bayonne

Em nosso último número dissemos algumas palavras a respeito dessa estranha manifestação. Tais informações nos tinham sido dadas de viva voz e muito sucintamente por um de nossos assinantes, amigo da família onde os fatos ocorreram. Ele nos havia prometido detalhes mais circunstanciados e devemos à sua cortesia as informações que nos transmitiu por carta.

Essa família reside perto de Bayonne e as cartas foram escritas pela própria mãe da mocinha, uma criança de seus dez anos, a um filho que reside em Bordeaux, pondo-o a par do que se passava em sua casa. Este último teve o trabalho de as transcrever para nós, a fim de não ser contestada a sua autenticidade; é uma atenção pela qual lhe somos infinitamente reconhecidos. Concebe-se a reserva com que envolvemos os nomes das pessoas, reserva que fazemos por lei observar, a menos que sejamos formalmente autorizados a divulgá-los. Nem todos se preocupam em atrair a multidão de curiosos. Àqueles para os quais essa reserva constituísse um motivo de suspeita, diremos que é necessário estabelecer uma diferença entre um jornal eminentemente sério e os que não visam senão divertir o público. Nossa finalidade não é relatar casos para encher as páginas da Revista, mas esclarecer a Ciência; se estivéssemos enganados, sê-lo-íamos de boa-fé. Quando, aos nossos olhos, uma coisa não é formalmente demonstrada, damo-la apenas a título de registro; o mesmo não ocorre quando emana de pessoas sérias, cuja honradez é conhecida e que, longe de qualquer interesse em nos induzir em erro, desejam também instruir-se.

A primeira carta é do filho ao nosso assinante, enviando as cartas de sua mãe.

Saint-Esprit, 20 de novembro de 1858.

Meu caro amigo,

Chamado para junto da família por motivo da morte de um de meus irmãos menores, que Deus acaba de levar, esta circunstância, afastando-me algum tempo de minha casa, é o motivo do atraso em vos dar minha resposta. Ficaria muito desolado se vos fizesse passar por um contador de histórias junto ao Sr. Allan Kardec; por isso, vou dar alguns detalhes sumários dos fatos ocorridos em minha família. Penso que já vos disse que as aparições cessaram há muito tempo e já não se manifestam à minha irmã. Eis as cartas que minha mãe me escreveu a esse respeito. Devo observar que muitos fatos foram omitidos e não são os menos interessantes. Escreverei novamente para completar a história, caso não o possais fazer, recordando-vos daquilo que vos disse de viva voz.

23 de abril de 1855.

Numa tarde, há cerca de três meses, tua irmã X teve necessidade de sair para fazer uma compra. Como bem sabes, o corredor da casa é bastante longo e nunca está iluminado; mas o velho hábito de o percorrermos sem luz faz que jamais tropeçemos nos degraus da escada. X já nos havia dito que cada vez que saía escutava uma voz a dizer-lhe coisas que, de início, não compreendia o sentido, mas que se tornaram inteligíveis mais tarde. Algum tempo depois viu uma sombra, não cessando, durante o trajeto, de ouvir a mesma voz. As palavras proferidas por esse ser invisível tendiam sempre a tranquilizá-la e dar-lhe conselhos de muita sabedoria. Uma boa moral constituía o fundo dessas palavras. X ficava muito perturbada e, por várias vezes, não tinha forças para prosseguir em seu caminho. “Minha filha – dizia-lhe o invisível

cada vez que ficava perturbada – nada temas, porquanto só quero o teu bem.” Ele lhe ensinou um local em que ela, durante vários dias, encontrou algumas moedas; de outras vezes nada encontrava. X conformou-se com a recomendação que lhe foi dada e, por muito tempo encontrou, se não moedas, alguns brinquedos que logo verás. Por certo essas doações lhe eram feitas para encorajá-la. Não eras esquecido na conversa desse ser; muitas vezes falava de ti e nos dava notícias tuas por intermédio de tua irmã. Várias vezes ele nos pôs a par do que fazias à noite; viu-te a ler em teu quarto; outras vezes nos disse que teus amigos estavam reunidos em tua casa. Enfim, ele sempre nos tranqüilizava quando a preguiça te impedia de nos escrever.

Desde algum tempo X tem mantido relações quase contínuas com o invisível; durante o dia ela nada vê; ouve sempre a mesma voz, que lhe dirige palavras de grande sensatez, encorajando-a ao trabalho e ao amor a Deus. À noite ela vê, na direção de onde parte a voz, uma luz rosada que não ilumina, mas que, segundo pensa, pode ser comparada ao brilho de um diamante na sombra. Agora, todo o temor que sentia desapareceu. Se lhe manifesto minhas dúvidas, diz-me: “Mamãe, é um anjo que me fala, e se, para te convenceres, tu te armares de coragem, ele me pede para te dizer que, esta noite, fará com que te levantes. Se te falar, deverás responder. Vai aonde ele te mandar; verás pessoas à tua frente; mas não tenhas medo algum.” Não quis pôr à prova minha coragem: tive medo, e a impressão que isso me causou impediu-me de dormir. Muitas vezes, à noite, parecia-me ouvir um sopro à cabeceira do leito. As cadeiras se moviam sem que nenhuma mão as tocasse. Depois de algum tempo meus temores desapareceram completamente e lamentei bastante não me ter submetido à prova que me havia sido proposta, de estabelecer relações diretas com o invisível, e também por não haver lutado incessantemente contra as dúvidas.

Exortei X a interrogar o invisível sobre a sua natureza. Eis a conversa que tiveram entre si:

X – Quem és tu?

Invisível – Sou teu irmão Eliseu.

X – Meu irmão morreu há doze anos.

Invisível – É verdade; teu irmão morreu há doze anos, mas, como em todos os seres, nele havia uma alma que não morre e que se acha agora em tua presença, que te ama e a todos protege.

X – Gostaria de ver-te.

Invisível – Estou diante de ti.

X – Entretanto nada vejo.

Invisível – Tomarei uma forma visível para ti. Após o ofício religioso tu descerás; ver-me-ás, então, e eu te abraçarei.

X – Mamãe também queria conhecer-te.

Invisível – Tua mãe é a minha; ela me conhece. Eu teria preferido manifestar-me a ela, e não a ti: era o meu dever; mas não posso mostrar-me a várias pessoas, porquanto Deus mo proíbe. Lamento que mamãe não tenha tido coragem. Prometo dar-te provas de minha existência e, então, todas as dúvidas desaparecerão.

À noite, à hora marcada, X se dirigiu à porta do templo. Um rapaz apresentou-se a ela e lhe disse: “Sou teu irmão. Pediste para ver-me. Estás satisfeita? Abraça-me logo, porque não posso conservar por muito tempo a forma que tomei.”

Como bem imaginas, a presença desse ser deveria ter espantado X a ponto de impedi-la de fazer qualquer observação. Tão logo a abraçou, ele desapareceu no ar.

Na manhã do dia seguinte, aproveitando a ocasião em que X foi obrigada a sair, o invisível manifestou-se novamente e lhe disse: “Deverias ter ficado bastante surpreendida com o meu desaparecimento. Pois bem! Vou ensinar-te a te elevares no ar, a fim

de poderes acompanhar-me.” Fosse outra pessoa e X teria ficado apavorada com a proposta. Ela, porém, aceitou a oferta com diligência e logo sentiu que se elevava como uma andorinha. Chegou rapidamente a um local onde havia uma multidão considerável. Conforme nos disse, viu ouro, diamantes e tudo o que, na Terra, satisfaria nossa imaginação. Ninguém considerava essas coisas mais do que consideramos as pedras das calçadas por onde caminhamos. Ela reconheceu várias meninas de sua idade que moravam em nossa rua e que haviam morrido há muito tempo. Em um apartamento ricamente decorado, onde não havia ninguém, o que sobretudo lhe chamou a atenção foi uma grande mesa na qual, de espaço em espaço, havia um papel. Diante de cada caderno havia um tinteiro; ela via as penas molharem-se por si mesmas e traçarem caracteres sem que nenhuma mão as movesse.

Ao retornar, censurei-a por se ter ausentado sem a minha autorização e proibi-lhe expressamente de recommençar semelhantes excursões. O invisível deu-lhe provas de muito pesar por me haver contrariado e prometeu-lhe formalmente que, doravante, não a levaria mais a ausentar-se sem que eu estivesse prevenida.

26 de abril.

O invisível transfigurou-se aos olhos de X. Tomou tua forma tão bem que tua irmã acreditou que estavas no salão. Para certificar-se, ela lhe pediu que retomasse sua forma primitiva; logo que desapareceste foste substituído por mim. Grande foi o seu espanto; perguntou-me como eu me achava ali, estando a porta fechada a chave. Então ocorreu uma nova transformação: tomou a aparência do irmão morto e disse a X: “Tua mãe e todos os membros da família não vêem sem espanto, e mesmo sem um sentimento de temor, todos os fatos que se realizaram por minha intervenção. Não desejo absolutamente causar pavor; quero, entretanto, provar minha existência e pôr-te ao abrigo da

incredulidade de todos, pois poderiam tomar como mentira tua o que seria da parte deles uma obstinação em não se renderem à evidência. A Sra. C. trabalha em loja de armarinho; sabes que é preciso comprar botões; vamos todos comprá-los. Transformar-me-ei em teu irmãozinho – ele tinha então doze anos – e, quando retornares a casa, pedirás a mamãe que mande perguntar à Sra. C. com quem te encontravas no momento em que te venderam os botões.” X não deixou de observar essas instruções. Eu mandei perguntar à Sra. C. e ela me respondeu que tua irmã estava com teu irmão, a quem fez grandes elogios, dizendo que, em sua idade não se poderia imaginar que tivesse respostas tão fáceis e, sobretudo, tão pouca timidez. É bom dizer que o pequeno estava na escola desde a manhã e só deveria retornar às sete horas da noite e que, além disso, é muito tímido e não tem essa facilidade que lhe querem reconhecer. Não é bastante curioso? Creio que a mão de Deus não é inteiramente alheia a essas coisas inexplicáveis.

7 de maio de 1855.

Não sou mais crédula do que se deve ser e não me deixo dominar por idéias supersticiosas. Entretanto, não posso recusar-me a crer em fatos que se realizaram sob meus olhos. Eu necessitava de provas bastante evidentes para não infligir à tua irmã os castigos que algumas vezes me via obrigada a lhe dar, receando que ela quisesse brincar conosco e abusar de nossa confiança.

Ontem, eram cinco horas aproximadamente quando o invisível disse a X: “É provável que mamãe te mande a alguma parte, a fim de dares um recado. No caminho serás agradavelmente surpreendida pela chegada da família de teu tio.” Imediatamente X me transmitiu o que o invisível lhe houvera dito; eu estava longe de esperar esses parentes e mais surpresa ainda de o saber dessa maneira. Tua irmã saiu e as primeiras pessoas que encontrou foram efetivamente meu irmão, sua esposa e seus filhos, que vinham nos visitar. X apressou-se em dizer que eu tinha uma prova a mais da veracidade de tudo quanto me dizia.

10 de maio de 1855.

Hoje já não posso duvidar de algo extraordinário em casa; vejo sem medo se realizarem todos esses fatos singulares, mas deles não posso extrair nenhum ensinamento porque, para mim, esses mistérios são inexplicáveis.

Ontem, depois de ter posto ordem na casa – e sabes que faço questão dessas coisas – o invisível disse a X que, malgrado as provas que havia dado de sua intervenção em todos os fatos curiosos que te narrei, eu sempre tinha dúvidas, que ele queria fazer desaparecerem completamente. Sem que se tivesse ouvido qualquer ruído, um minuto foi suficiente para pôr os cômodos em completa desordem. Sobre o assoalho uma substância avermelhada havia sido derramada; creio que era sangue. Se tivessem sido somente algumas gotas, eu teria pensado que X se tivesse cortado ou sangrado o nariz; mas imagina que o assoalho estava inundado. Essa prova bizarra deu-nos um trabalho considerável para fazer com que o piso do salão readquirisse o seu brilho primitivo.

Antes de abrir as cartas que nos envias, X conhece o conteúdo. O invisível lho transmite.

16 de maio de 1855.

X não aceitou uma observação que lhe fez sua irmã, não sei a propósito de quê. Deu uma resposta inconveniente e recebeu merecido troco. Castiguei-a e ela foi-se deitar sem haver jantado. Como de costume, antes de deitar-se faz uma prece. Essa noite ela o esqueceu, mas, alguns momentos depois de deitada o invisível apareceu-lhe e lhe apresentou um castiçal e um livro de preces semelhante ao que costumava utilizar, dizendo-lhe que, apesar da punição que ela bem merecera, não devia esquecer de cumprir seu dever. Então ela se levantou, fez o que lhe era ordenado e, tão logo terminada a prece, tudo desapareceu.

Na manhã do dia seguinte, depois de ter-me abraçado, X perguntou-me se o castiçal que se encontrava sobre a mesa num andar acima de seu quarto tinha sido retirado. Ora, esse castiçal, semelhante ao que lhe havia sido apresentado na véspera, não tinha mudado de lugar, assim como o seu livro de preces.

4 de junho de 1855.

Desde algum tempo nenhum fato chamou a atenção, a não ser o seguinte. Eu estava resfriada nestes últimos dias. Antes de ontem tuas irmãs estavam ocupadas e eu não dispunha de ninguém para mandar comprar uma pomada peitoral. Disse a X que quando ela tivesse acabado sua tarefa fosse procurar alguma coisa na farmácia mais próxima. Ela esqueceu minha recomendação e eu mesma não pensei mais nisso. Estou certa de que ela não saiu, nem deixou o trabalho senão para ir buscar uma sopeira de que necessitávamos. Grande foi sua surpresa ao retirar-lhe a tampa e encontrar um pacote de pastilhas de cevada que o invisível havia trazido e ali depositado, a fim de poupar-me de uma caminhada e, também, para satisfazer meu desejo, que havia sido esquecido.

* * *

Evocamos esse Espírito numa das sessões da Sociedade e lhe dirigimos as perguntas que se seguem. O Sr. Adrien o viu sob o aspecto de um menino de dez a doze anos: bela cabeça, cabelos negros e ondulados, olhos negros e vivos, tez pálida, boca zombeteira, caráter leviano, mas bondoso. O Espírito disse não saber muito bem por que o evocavam.

Nosso correspondente, que estava presente à reunião, disse que eram exatamente esses os traços pelos quais a mocinha em várias circunstâncias o descreveu.

1. Ouvimos contar a história de tuas manifestações numa família de Bayonne e desejaríamos fazer-te algumas perguntas.

Resp. – Fazei-as e eu responderei. Mas fazei logo, pois estou com pressa e quero ir embora.

2. Onde apanhaste o dinheiro que davas à menina?

Resp. – Tirei da bolsa dos outros. Bem compreendeis que eu não iria me divertir a cunhar moedas. Tomo daqueles que podem dar.

3. Por que te ligaste àquela garota?

Resp. – Grande simpatia.

4. É verdade que foste seu irmão, que morreu com quatro anos de idade?

Resp. – Sim.

5. Por que eras visível a ela e não à sua mãe?

Resp. – Minha mãe deve estar privada de ver-me, mas minha irmã não tinha necessidade de castigo. Aliás, foi com permissão especial que lhe apareci.

6. Poderias explicar como te tornas visível ou invisível à vontade?

Resp. – Não sou bastante elevado e estou muito preocupado com o que me atrai para responder a essa pergunta.

7. Se quisesses, poderias aparecer em nosso meio, assim como te mostraste à vendedora do armarinho?

Resp. – Não.

8. Nesse estado, serias sensível à dor, se te batessem?

Resp. – Não.

9. O que aconteceria se a vendedora te houvesse batido?

Resp. – Ela não teria encontrado senão o vácuo.

10. Sob que nome podemos chamar-te quando falarmos de ti?

Resp. – Chamai-me de louquinho, se quiserdes. Deixai-me, é preciso que eu vá embora.

11. [A São Luís]: Seria útil que tivéssemos às nossas ordens um Espírito assim?

Resp. – Tende-os freqüentemente junto de vós, assistindo-vos sem que o suspeiteis.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O LOUQUINHO DE BAYONNE

Se compararmos esses fatos com os de Bergzabern, dos quais nossos leitores certamente não perderam a lembrança, veremos uma diferença capital. O de Bergzabern era mais que um Espírito batedor; era, e ainda o é até hoje, um Espírito perturbador em toda a acepção do termo. Sem fazer o mal, é um hóspede muito incômodo e muito desagradável, do qual falaremos em nosso próximo número, tendo em vista as suas novas e recentes proezas. O de Bayonne, ao contrário, é eminentemente benévolo e cortês; é o tipo desses Espíritos bons serviçais, cujos feitos nos são narrados nas lendas alemãs, nova prova de que nas histórias lendárias pode haver um fundo de verdade. Convenhamos, aliás, que a imaginação pouca coisa teria a fazer para colocar esses fatos no âmbito de uma lenda, os quais poderiam ser tomados como uma história da Idade Média, se não se passassem, por assim dizer, aos nossos olhos.

Um dos traços mais salientes do Espírito a quem demos o nome de louquinho de Bayonne são as suas transformações. O que se dirá, agora, da fábula de Proteu? Entre os Espíritos de Bayonne e de Bergzabern há ainda a diferença de que este último somente se mostrou em sonhos, enquanto nosso pequeno duende tornava-se visível e tangível qual se fora uma pessoa real, não apenas à sua irmã, mas, também, às pessoas estranhas: testemunha-o a compra dos botões na loja de

armarinhos. Por que não se mostrava a todos e em qualquer hora? É o que não sabemos; parece que não tinha esse poder e nem mesmo podia permanecer por longo tempo em tal estado. Talvez necessitasse, para isso, de um trabalho íntimo, um poder de vontade acima de suas forças.

Novos detalhes nos foram prometidos acerca desses estranhos fenômenos; a eles voltaremos em momento oportuno.

Conversas Familiares de Além-Túmulo:

Chaudruc-Duclos e Diógenes

Duclos

1. *Evocação.*

Resp. – Estou aqui.

Médium vidente, o Sr. Adrien, que jamais o vira em vida, fez-lhe o seguinte retrato, considerado muito exato pelas pessoas presentes que o haviam conhecido:

Rosto comprido; faces escavadas; fronte arqueada e enrugada. Nariz um pouco grande, levemente curvado; olhos cinzentos e um pouco à flor das órbitas; boca pequena e zombeteira; tez um pouco pálida; cabelos grisalhos e longa barba. Estatura acima da média.

Paletó de tecido azul, todo puído e esburacado; calças pretas, surradas e em farrapos; colete claro; lenço de cor imprecisa, amarrado à guisa de gravata.

2. *Lembraís da vossa última existência terrestre?*

Resp. – Perfeitamente.

3. *Que motivo vos fez levar o gênero de vida que adotastes?*

Resp. – Estava fatigado da vida e tinha pena dos homens e dos motivos de suas ações.

4. *Dizem que era por vingança e para humilhar um parente rico; é verdade?*

Resp. – Não apenas por isso; ao humilhar esse homem, eu humilhava muitos outros.

5. *Se era uma vingança, ela vos custava caro, porquanto durante longos anos ficastes privado de todos os prazeres sociais, a fim de satisfazê-la. Isso não vos era muito pesado?*

Resp. – Eu os desfrutava de outra maneira.

6. *Havia, ao lado disso, um pensamento filosófico que fez com que o comparassem a Diógenes?*

Resp. – Havia alguma relação com a parte menos sadia da filosofia desse homem.

7. *Que pensais de Diógenes?*

Resp. – Pouca coisa; um pouco daquilo que penso de mim. Sobre nós Diógenes tinha a vantagem de ter feito, alguns milhares de anos mais cedo, aquilo que agora faço e em meio a homens menos civilizados do que aqueles em cujo meio eu vivia.

8. *Entre vós e Diógenes há, entretanto, uma diferença: neste a conduta era consequência de seu sistema filosófico, enquanto a vossa teve origem numa vingança!*

Resp. – Em mim a vingança conduziu a uma filosofia.

9. *Sofrestes por vos ver assim isolado e ser objeto de desprezo e de repugnância, considerando-se que vossa educação vos afastava da sociedade dos mendigos e vagabundos e éreis repellido pelas pessoas educadas?*

Resp. – Eu sabia que não temos amigos na Terra; eu o havia provado, infelizmente.

10. *Quais as vossas ocupações pessoais e onde passais o tempo?*

Resp. – Percorro mundos melhores e me instruo... Lá existem tantas almas boas que nos revelam a ciência celeste dos Espíritos!

11. *Viestes algumas vezes ao Palais-Royal depois de vossa morte?*

Resp. – Que me importa o Palais-Royal!

12. *Dentre as pessoas que aqui se acham, reconheceis alguma que conhecestes em vossas peregrinações no Palais-Royal?*

Resp. – Como não as reconheceria?

13. *É com prazer que as revedes?*

Resp. – Com prazer maior ainda: foram boas para mim.

14. *Revistes vosso amigo Charles Nodier?*

Resp. – Sim, sobretudo depois de sua morte.

15. *Está errante ou reencarnado?*

Resp. – Errante como eu.

16. *Por que escolhestes o Palais-Royal, então o local mais freqüentado de Paris, para os vossos passeios? Isto não estaria em desacordo com vossos gostos de misantropo?*

Resp. – Lá eu via todo mundo, todas as tardes.

17. *Não haveria de vossa parte, talvez, um sentimento de orgulho?*

Resp. – Sim, infelizmente; o orgulho teve uma boa parte em minha vida.

18. *Sois mais feliz agora?*

Resp. – Oh! Sim.

19. *Entretanto, vosso gênero de vida não deveria ter contribuído para o vosso aperfeiçoamento?*

Resp. – Essa existência terrena! Muito mais do que poderíeis pensar; eu não passava momentos sombrios quando entrava sozinho e desolado em casa. Lá eu tinha tempo de amadurecer minhas idéias.

20. *Se tivésseis que escolher outra existência, como o faríeis?*

Resp. – Não na Terra; hoje posso esperar melhor.

21. *Lembraís de vossa penúltima existência?*

Resp. – Sim, e de outras também.

22. *Onde vivestes essas existências?*

Resp. – Na Terra e em outros mundos.

23. *E a penúltima?*

Resp. – Na Terra.

24. *Podeis torná-la conhecida?*

Resp. – Não o posso; era uma existência obscura e oculta.

25. *Sem nos revelar essa existência, poderíeis dizer que relação possuía com a que conhecemos, porquanto uma deve ser a conseqüência da outra?*

Resp. – Não exatamente uma conseqüência, mas um complemento; eu tinha vida infeliz, pelos vícios e defeitos que se modificaram bastante, antes que viesse animar o corpo que conhecestes.

26. *Poderemos fazer alguma coisa que vos seja útil e agradável?*

Resp. – Ah! Pouco; hoje estou muito acima da Terra.

Diógenes

1. *Evocação.*

Resp. – Ah! Como venho de longe!

2. *Podereis aparecer ao Sr. Adrien, nosso médium vidente, tal qual éreis na existência que vos conhecemos?*

Resp. – Sim; e até mesmo, se quiserdes, vir com minha lanterna.

Retrato

Fronte larga, com saliências laterais bem pronunciadas; nariz fino e aquilino, boca grande e séria; olhos negros e encovados; olhar penetrante e zombeteiro. Rosto um pouco alongado, magro e cheio de rugas; tez pálida; bigodes e barba incultos; cabelos cinzentos e ralos.

Roupas brancas e muito sujas; braços nus, assim como as pernas; corpo magro e ossudo. Sandálias em mau estado, amarradas às pernas por correias.

3. *Dissestes que vínbeis de longe; de que mundo viestes?*

Resp. – Não o conheceis.

4. *Teríeis a bondade de responder a algumas pergunta?*

Resp. – Com prazer.

5. *A existência que vos conhecemos sob o nome de Diógenes, o Cínico, foi proveitosa para a vossa felicidade futura?*

Resp. – Bastante. Laborais em erro levando-a ao ridículo, como fizeram meus contemporâneos. Admiro-me mesmo de que a História haja esclarecido tão pouco minha existência e que a posteridade tenha sido, pode-se dizer, injusta a meu respeito.

6. *Que bem pudestes fazer, considerando-se que vossa existência foi muito pessoal?*

Resp. – Trabalhei para mim, mas podiam ter aprendido muito comigo.

7. *Quais as qualidades que gostaríeis de encontrar no homem que procuráveis com vossa lanterna?*

Resp. – Firmeza.

8. *Se tivésseis encontrado em vosso caminho o homem que acabamos de invocar, Chaudruc-Duclos, teríeis achado nele o homem que*

procuráveis? Também ele voluntariamente se privava de tudo quanto fosse supérfluo?

R. Não.

9. *Que pensais dele?*

Resp. – Sua alma perdeu-se na Terra; quantos são como ele sem o saberem; pelo menos ele o sabia.

10. *Acreditastes possuir as qualidades que buscáveis no homem?*

Resp. – Sem dúvida; esse era o meu critério.

11. *Dos filósofos do vosso tempo, qual o que vos merece a preferência?*

Resp. – Sócrates.

12. *Qual o que preferis agora?*

Resp. – Sócrates.

13. *O que dizeis de Platão?*

Resp. – Muito duro; sua filosofia é bastante severa. Eu admitia os poetas; ele, não.

14. *O que se conta a respeito de vossa entrevista com Alexandre é verdade?*

Resp. – Muito real; a História até a truncou.

15. *Em que a História a truncou?*

Resp. – Ouço falar das outras conversas que fizemos juntos; acreditais que ele me tivesse vindo ver para dizer somente uma palavra?

16. *As palavras que se lhe atribui, de que se ele não fosse Alexandre gostaria de ser Diógenes, são verdadeiras?*

Resp. – Talvez as tenha dito, mas não à minha frente. Alexandre era um jovem maluco, vão e orgulhoso; a seus olhos eu

era um mendigo. Como o tirano ousaria mostrar-se instruído pelo miserável?

17. *Depois de vossa existência em Atenas reencarnastes na Terra?*

Resp. – Não, mas em outros mundos. Atualmente pertencço a um orbe em que não somos escravos, ou seja: se vos evocassem em estado de vigília não poderíeis atender ao chamado, como o faço esta noite.

18. *Poderíeis traçar-nos o quadro das qualidades que buscáveis no homem, tais como as concebíeis então e tais como as concebeis agora?*

Resp. – Sim:

ANTES	AGORA
Coragem, ousadia, segurança de si mesmo e poder sobre os homens pela razão.	Abnegação, doçura e poder sobre os homens pelo coração

Os anjos-da-guarda²

Comunicação espontânea obtida pelo Sr. L..., um dos médiuns da Sociedade.

Há uma doutrina, a dos anjos guardiães, que, pelo seu encanto e doçura, deveria converter os mais incrédulos. Não vos parece grandemente consoladora a idéia de terdes sempre junto de vós seres que vos são superiores, prontos sempre a vos aconselhar e amparar, a vos ajudar na ascensão à abrupta montanha do bem; mais sinceros e dedicados amigos do que todos os que mais intimamente se vos liguem na Terra? Eles se acham ao vosso lado por ordem de Deus. Foi Deus quem aí os colocou e, aí permanecendo por amor de Deus, desempenham bela, porém

2 N. do T.: Vide essa mensagem em *O Livro dos Espíritos* – Livro II – Capítulo IX – questão 495.

penosa missão. Sim, onde quer que estejais, estarão convosco. Nem nos cárceres, nem nos hospitais, nem nos lugares de devassidão, nem na solidão, estais separados desses amigos a quem não podeis ver, mas cujo brando influxo vossa alma sente, ao mesmo tempo que lhes ouve os ponderados conselhos.

Ah! Se conhecêsseis bem esta verdade! Quanto vos ajudaria nos momentos de crise! Quanto vos livraria dos Espíritos maus! Mas, oh! quantas vezes, no dia solene, não se verá esse anjo constrangido a vos observar: “Não te aconselhei isto? Entretanto, não o fizeste. Não te mostrei o abismo? Contudo, nele te precipitaste! Não fiz ecoar na tua consciência a voz da verdade? Preferiste, no entanto, seguir os conselhos da mentira!” Oh! interrogai os vossos anjos guardiães; estabelecei entre eles e vós essa terna intimidade que reina entre os melhores amigos. Não penseis em lhes ocultar nada, pois que eles têm o olhar de Deus e não podeis enganá-los. Pensai no futuro; procurai adiantar-vos na vida presente. Assim fazendo, encurtareis vossas provas e mais felizes tornareis vossas existências. Vamos, homens, coragem! De uma vez por todas, lançai para longe todos os preconceitos e idéias preconcebidas. Entrai na nova senda que diante dos passos se vos abre. Caminhai! Tendes guias: segui-os. Que a meta não vos falte, porquanto essa meta é o próprio Deus.

Aos que considerem impossível que Espíritos verdadeiramente elevados se consagrem a tarefa tão laboriosa e de todos os instantes, diremos que não vos influenciemos as almas, estando embora muitos milhões de léguas distantes de vós. O espaço, para nós, nada é, e, não obstante viverem noutra mundo, os nossos Espíritos conservam suas ligações com os vossos. Gozamos de qualidades que não podeis compreender, mas ficai certos de que Deus não nos impôs tarefa superior às nossas forças e de que não vos deixou sós na Terra, sem amigos e sem amparo. Cada anjo da guarda tem o seu protegido, pelo qual vela, como o pai pelo filho. Alegre-se, quando o vê no bom caminho; sofre, quando lhe despreza os conselhos.

Não receeis fatigar-nos com as vossas perguntas. Ao contrário, procurai estar sempre em relação conosco. Sereis assim mais fortes e mais felizes. São essas comunicações de cada um com o seu Espírito familiar que fazem sejam médiuns todos os homens, médiuns ignorados hoje, mas que se manifestarão mais tarde e se espalharão qual oceano sem margens, levando de roldão a incredulidade e a ignorância. Homens doutos, instruí os vossos semelhantes; homens de talento, educai os vossos irmãos. Não imaginai que obras fazeis desse modo: a do Cristo, a que Deus vos impõe. Para que vos outorgou Deus a inteligência e a ciência, senão para reparti-des com os vossos irmãos, senão para fazerdes que se adiantem pela senda que conduz à bem-aventurança, à felicidade eterna?

São Luís, Santo Agostinho

Observação – Nada tem de surpreendente a doutrina dos anjos guardiães, a velarem pelos seus protegidos, malgrado a distância que medeia entre os mundos. É, ao contrário, grandiosa e sublime. Não vemos na Terra o pai velar pelo filho, ainda que de longe, e auxiliá-lo com seus conselhos, correspondendo-se com ele? Que motivo de espanto haverá, então, em que os Espíritos possam, de um outro mundo, guiar os que, habitantes da Terra, eles tomaram sob sua proteção, uma vez que, para eles, a distância que vai de um mundo a outro é menor do que a que, neste planeta, separa os continentes?

Uma Noite Esquecida ou a Feiticeira Manouza

MILÉSIMA SEGUNDA NOITE DOS CONTOS ÁRABES

Ditada pelo Espírito Frédéric Soulié

(Segundo artigo)

Observação – Os algarismos romanos indicam as interrupções que ocorreram no ditado. Frequentemente não era

retomado senão após duas ou três semanas e, apesar disso, como já fizemos observar anteriormente, o relato se desenvolve como se tivesse sido escrito de um só fôlego; e isso não constitui uma das características menos curiosas desta produção de além-túmulo. O estilo é correto e perfeitamente apropriado ao assunto. Repetimos, para aqueles que poderiam ver no ditado uma coisa fútil, que não o consideramos como obra filosófica, mas como estudo. Para o observador, nada é inútil: ele sabe aproveitar-se de tudo para aprofundar a ciência espírita que estuda.

III

Nada, entretanto, parecia perturbar a nossa felicidade; tudo era calmo à nossa volta. Vivíamos em perfeita segurança quando, uma noite, no momento em que nos julgávamos mais seguros, apareceu, de repente, aos nossos lados (posso dizer assim porque estávamos numa rotunda, para onde confluíam várias aléias) o sultão, acompanhado de seu grão-vizir. Ambos apresentavam uma expressão apavorante: a cólera havia transtornado as suas fisionomias; estavam, principalmente o sultão, numa exasperação facilmente compreensível. O primeiro pensamento do sultão foi mandar matar-me, mas, sabendo a que família pertencio e a sorte que o esperava, caso ousasse arrancar um só fio de cabelo da minha cabeça, fez de conta (à sua chegada eu me jogara para o lado) que não me tinha visto e precipitou-se como um furioso sobre Nazara, a quem prometeu não fazer demorar o castigo que ela merecia. Levou-a consigo, sempre acompanhado do vizir. Quanto a mim, passado o primeiro momento de susto, apressei-me a voltar ao meu palácio a fim de buscar um meio de subtrair a estrela de minha vida das mãos daquele bárbaro, que, provavelmente, iria destruir essa preciosa existência.

– E depois, que fizeste? perguntou Manouza; porque, afinal de contas, não vejo em tudo isso razão de te atormentares tanto para tirar tua amante do perigo em que a colocaste por tua

própria culpa. A mim pareces um pobre homem que não tem coragem nem vontade quando se trata de coisas difíceis.

– Antes de condenar, Manouza, deves escutar. Não vim a ti sem antes haver examinado todos os meios ao meu alcance. Fiz ofertas ao sultão: prometi-lhe ouro, jóias, camelos e até palácios, se ele devolvesse minha doce gazela. Desdenhou de tudo. Vendo repelidos os meus sacrifícios, fiz ameaças, que também não foram levadas em consideração: riu de tudo e zombou de mim. Também tentei introduzir-me no palácio; corrompi escravos e cheguei nos quartos. Entretanto, apesar de todos os meus esforços, não consegui chegar até a minha bem-amada.

– Tu és franco, Noureddin; tua sinceridade merece uma recompensa e terás aquilo que vens buscar. Far-te-ei ver uma coisa terrível: se tiveres a força de suportar a prova pela qual te farei passar, fica certo de que reencontrarás a tua felicidade de outrora. Dou-te cinco minutos para te decidires.

Esgotado esse tempo, Noureddin disse a Manouza que estava pronto a fazer tudo quanto ela quisesse para salvar Nazara. Então a feiticeira, levantando-se, disse-lhe: Pois bem! Segue. Depois, abrindo uma porta situada no fundo da sala, fê-lo passar à sua frente. Atravessaram um pátio sombrio, repleto de coisas horríveis: serpentes, sapos que passeavam gravemente em companhia de gatos pretos, os quais afetavam um ar de superioridade em meio a esses animais imundos.

IV

Na extremidade desse pátio havia uma outra porta, que Manouza igualmente abriu; e, tendo feito passar Noureddin, entraram ambos em uma sala baixa, apenas iluminada do alto: a luz vinha de uma cúpula muito elevada, guarnecida de vidros coloridos, formando toda sorte de arabescos. No centro da sala havia um escalfador aceso e, sobre este, num tripé, um grande vaso de

bronze, dentro do qual ferviam todos os tipos de ervas aromáticas, cujo odor era tão forte que mal se o podia suportar. Ao lado desse vaso havia uma espécie de poltrona grande, de veludo negro, de aspecto surpreendente. Quem ali se assentasse desaparecia completamente, porquanto Manouza, nela se havendo acomodado, Noureddin a procurou durante alguns instantes sem conseguir percebê-la. De repente ela reapareceu e lhe disse: Estás ainda disposto? – Sim, respondeu Noureddin. – Pois bem! Assenta-te nesta poltrona e espera.

Tão logo Noureddin assentou-se na poltrona tudo mudou de aspecto, enchendo-se a sala de uma multidão de grandes figuras brancas, a princípio apenas visíveis e que depois pareciam de um vermelho sangüíneo ou lembravam homens cobertos de chagas sanguinolentas, dançando uma ronda infernal; e, no meio deles, Manouza, cabelos desgrenhados, olhos chamejantes, vestes esfarrapadas e uma coroa de serpentes na cabeça. Na mão, à guisa de cetro, brandia uma tocha acesa que lançava chamas, cujo odor assomava à garganta. Depois de haverem dançado um quarto de hora, pararam de repente, a um sinal de sua rainha que, para isso, lançara sua tocha no escafador em ebulição. Quando todas essas figuras se dispuseram em volta do escafador, Manouza fez aproximar-se o mais velho, reconhecido por sua longa barba branca, dizendo-lhe: – Vem aqui, tu que segues o diabo; tenho uma missão muito delicada para te encarregar. Noureddin quer Nazara e prometi que a entregaria a ele; é coisa difícil. Conto, Tanaple, com o teu concurso. Noureddin haverá de suportar todas as provas necessárias. Atua, pois! Sabes o que quero; faze o que quiseres, mas faze; tremerás se fracassares. Eu recompenso a quem me obedece, mas infeliz daquele que não me fizer a vontade! – Serás satisfeita, disse Tanaple, e podes contar comigo. – Muito bem! Vai e age.

V

Mal acabara de pronunciar essas palavras e tudo mudou aos olhos de Noureddin; os objetos tornaram-se o que eram antes

e Manouza achou-se a sós com ele. – Agora, disse-lhe, volta para casa e espera; eu te mandarei um de meus gnomos dizer o que deves fazer; obedece e tudo correrá bem.

Noureddin ficou feliz com essas palavras e mais feliz ainda por deixar o antro da feiticeira. Atravessou novamente o pátio e a sala por onde havia entrado; depois ela o acompanhou até a porta externa. Tendo Noureddin perguntado se devia retornar, ela respondeu: – Não; no momento é inútil. Se for necessário eu to farei saber.

Noureddin apressou-se a voltar ao seu palácio. Estava impaciente por saber se alguma novidade havia acontecido desde sua saída. Encontrou tudo no mesmo estado; apenas viu, na sala de mármore – sala de repouso de verão dos habitantes de Bagdá – uma espécie de anão de feiura repugnante, perto da piscina situada no centro dessa sala. Sua vestimenta era amarela, com bordados vermelhos e azuis; tinha uma corcunda monstruosa, pernas pequenas, rosto grosseiro, olhos verdes e estrábicos, boca rasgada até as orelhas e cabelos de um ruivo que podia rivalizar com o sol.

Noureddin perguntou-lhe como chegara ali e o que vinha fazer. – Fui enviado por Manouza, disse-lhe, para te entregar tua amante. Chamo-me Tanaple. – Se és realmente o enviado de Manouza, estou pronto a obedecer às tuas ordens; mas apressa-te, aquela a quem amo está acorrentada e tenho pressa em libertá-la. – Se estás pronto, leva-me imediatamente ao teu quarto e te direi o que é preciso fazer. – Segue-me, então, disse Noureddin.

VI

Depois de haver atravessado vários pátios e jardins, Tanaple encontrou-se nos aposentos do rapaz; fechou todas as portas e lhe disse: – Sabes que deves fazer tudo quanto eu te disser, sem objeção. Usarás esse traje de mercador. Levarás um fardo às

costas, contendo os objetos que nos são necessários. Quanto a mim, vestir-me-ei de escravo e conduzirei outro fardo.

Para sua grande estupefação, Noureddin viu dois enormes pacotes ao lado do anão, embora não tivesse visto nem ouvido ninguém trazê-los. – Em seguida, continuou Tanaple, iremos à casa do Sultão. Mandará dizer-lhe que tens objetos raros e curiosos; que se ele os quiser oferecer à sultana favorita, nenhuma huri jamais terá usado outros iguais. Conheces a sua curiosidade; ele terá vontade de nos ver. Uma vez admitido em sua presença, não terás dificuldade de apresentar tua mercadoria e lhe venderás tudo quanto levamos: são indumentárias maravilhosas, que transformam as pessoas que as vestem. Assim que o Sultão e a sultana os vestirem, todo o palácio os tomará por nós e não por eles: a ti pelo Sultão e a mim por Ozara, a nova sultana. Operada essa metamorfose, estaremos livres para agir à vontade e libertarás Nazara.

Tudo se passou como Tanaple anunciara: a venda ao sultão e a transformação. Após alguns minutos de horrível furor da parte do sultão, que queria expulsar os importunos e fazia um barulho medonho, Noureddin, conforme ordem de Tanaple, chamou diversos escravos e fez prender o sultão e Ozara como escravos rebeldes, ordenando que os conduzissem imediatamente à presença da prisioneira Nazara. Queria saber, dizia ele, se ela estava disposta a confessar seu crime e se estava preparada para morrer. Quis também que a favorita Ozara viesse com ele, a fim de presenciarem o suplício que iria infligir às mulheres infiéis. Dito isso, marchou, precedido do chefe dos eunucos, durante um quarto de hora, por um sombrio corredor, no fundo do qual havia uma pesada porta de ferro maciço. Tomando de uma chave, o escravo abriu três fechaduras e eles entraram num grande gabinete, comprido e da altura de três ou quatro côvados. Ali, sobre uma esteira de palha, estava sentada Nazara, com um cântaro de água e algumas tâmaras por perto. Já não era a brilhante Nazara de

outrora: continuava sempre bela, entretanto, pálida e emagrecida. À vista daquele que tomava por seu senhor, estremeceu de medo, julgando que tivesse chegado a sua hora.

(Continua no próximo número)

Aforismos Espíritas

Sob esse título daremos, de vez em quando, pensamentos avulsos que em poucas palavras resumirão certos princípios essenciais do Espiritismo.

I. Aqueles que julgam preservar-se da ação dos Espíritos maus ao se absterem das comunicações espíritas, assemelham-se a crianças que imaginam evitar um perigo colocando uma venda nos olhos. Tanto vale dizer que é preferível não saber ler e escrever para não se ficar exposto às más leituras ou a escrever tolices.

II. Todo aquele que recebe más comunicações espíritas, verbais ou por escrito, está sob uma má influência. Tal influência se exerce sobre ele, quer escreva ou não. A escrita oferece-lhe um meio de assegurar-se da natureza dos Espíritos que atuam sobre ele. Se estiver bastante fascinado para não os compreender, outros poderão abrir-lhe os olhos.

III. É preciso ser médium para escrever absurdos? Quem garante que entre todas as coisas ridículas ou más que são impressas não haja um escritor, impulsionado por algum Espírito zombeteiro ou malevolente, a representar, sem o saber, o papel de um médium obsidiado?

IV. Os Espíritos bons, mas ignorantes, confessam sua insuficiência a respeito daquilo que não sabem. Os maus dizem que sabem tudo.

V. Os Espíritos elevados provam a superioridade por suas palavras e pela constante sublimidade de seus pensamentos, mas não se vangloriam disso. Desconfiai daqueles que dizem enfaticamente estar no mais alto grau de perfeição e entre os eleitos. A bazófia, assim nos Espíritos como nos homens, é sempre sinal de mediocridade.

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

AVISO – As sessões que se realizavam às terças-feiras ocorrem agora às sextas-feiras, na nova sede da Sociedade, na Galeria Montpensier, 12, no Palais-Royal, às oito horas da noite. Os estranhos somente serão admitidos nas segundas, quartas e sextas-feiras, mediante cartas pessoais de apresentação. Favor dirigir-se, a tudo quanto diz respeito à Sociedade, ao Sr. Allan Kardec, Rua dos Mártires, 8, ou ao Sr. Le Doyen, livreiro, Galeria d'Orléans, no Palais-Royal.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

FEVEREIRO DE 1859

Nº 2

Escolhos dos Médiuns

A mediunidade é uma faculdade multiforme que apresenta uma variedade infinita de matizes em seus meios e em seus efeitos. Quem quer que seja apto a receber ou transmitir as comunicações dos Espíritos é, por isso mesmo, médium, seja qual for o modo empregado ou o grau de desenvolvimento da faculdade, desde a simples influência oculta até a produção dos mais insólitos fenômenos. Usualmente, todavia, essa palavra tem uma acepção mais restrita e em geral se refere às pessoas dotadas de um poder mediatriz muito grande, seja para produzir efeitos físicos, seja para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra.

Embora essa faculdade não seja um privilégio exclusivo, é certo que encontra refratários, pelo menos no sentido que se lhe atribui; também é certo que não se trata de uma faculdade que não apresente escolhos aos que a possuem; que pode alterar-se, perder-se mesmo e, freqüentemente, ser uma fonte de graves desilusões. É sobre este ponto que julgamos de utilidade chamar a atenção de todos os que se ocupam das comunicações espíritas, quer diretamente, quer através de um intermediário. Dizemos através de um intermediário porque importa também aos que se servem de

médiuns poder apreciar o valor e a confiança que merecem suas comunicações.

O dom da mediunidade liga-se a causas ainda não perfeitamente conhecidas, nas quais o físico parece desempenhar uma grande parte. À primeira vista, poderia parecer que um dom tão precioso não devesse ser partilhado senão por almas de escol. Ora, a experiência prova o contrário, desde que se encontram potentes médiuns entre pessoas cuja moral deixa muito a desejar, enquanto outros, estimáveis sob todos os aspectos, não possuem esse dom. Aquele que fracassa, malgrado seu desejo, seus esforços e sua perseverança, não deverá tirar conclusões desfavoráveis a seu respeito nem julgar-se indigno da benevolência dos Espíritos bons; se esse favor não lhe foi concedido, outros há, sem dúvida, que lhe podem oferecer ampla compensação. Pela mesma razão aquele que o desfruta não poderia dele prevalecer-se, pois esse dom não é nenhum sinal de mérito pessoal. O mérito, portanto, não está na posse da faculdade mediatriz, que a todos pode ser dada, mas no uso que dela se pode fazer. Eis aí uma distinção capital que não se deve jamais perder de vista; a boa qualidade do médium não está na facilidade das comunicações, mas unicamente na sua aptidão para somente receber as boas. Ora, é aí que as condições morais nas quais se acha são todo-poderosas, e é aí também que ele encontra os maiores escolhos.

Para perceber este estado de coisas e compreender o que vamos dizer, é necessário reportar-se a esse princípio fundamental: que entre os Espíritos há os de todos os graus no bem e no mal, em ciência e em ignorância; que os Espíritos pululam à nossa volta e, quando imaginamos estar sozinhos, estamos incessantemente rodeados de seres que se nos acotovelam, uns com indiferença, como estranhos, outros que nos observam com intenções mais ou menos benevolentes, conforme a sua natureza.

O provérbio “Cada ovelha busca sua parelha” tem sua aplicação entre os Espíritos, como entre nós e, possivelmente, mais ainda entre eles, porque não estão, como nós, submetidos à influência das convenções sociais. Todavia, se entre nós essas convenções algumas vezes confundem homens de costumes e gostos bem diferentes, de certo modo a confusão é apenas material e transitória. A similitude e a divergência de pensamentos será sempre a causa das atrações e repulsões.

Nossa alma, que afinal de contas não é mais que um Espírito encarnado, nem por isso deixa de ser um Espírito. Se está revestida momentaneamente de um envoltório material, suas relações com o mundo incorpóreo, embora menos fáceis do que no estado de liberdade, não são interrompidas de maneira absoluta. O pensamento é o laço que nos une aos Espíritos, e pelo pensamento atraímos os que simpatizam com nossas idéias e pendores. Representemos, pois, a massa dos Espíritos que nos cercam como a multidão que encontramos no mundo; em toda parte onde preferirmos ir, encontraremos criaturas atraídas pelos mesmos gostos e pelos mesmos desejos. Nas reuniões que têm um objetivo sério vão homens sérios; nas frívolas, comparecem homens frívolos. Por toda parte encontram-se homens atraídos pelo pensamento dominante. Se lançarmos o olhar sobre o estado moral da Humanidade em geral, compreenderemos sem dificuldade que, nessa multidão oculta, os Espíritos elevados não devem constituir a maioria; é uma das conseqüências do estado de inferioridade do nosso globo.

Os Espíritos que nos cercam não são passivos; trata-se de uma população essencialmente inquieta, que pensa e age sem cessar, que nos influencia mau grado nosso, que nos excita ou nos dissuade, que nos impele ao bem ou a mal, o que não nos tira o livre-arbítrio mais do que os bons ou maus conselhos que recebemos de nossos semelhantes. Todavia, quando os Espíritos imperfeitos instigam alguém a fazer uma coisa má, sabem muito bem a quem se dirigir e não vão perder o tempo onde vêem que

serão mal recebidos. Eles nos excitam conforme nossas inclinações ou conforme os germes que em nós vêm e de acordo com nossa disposição em ouvi-los. Eis por que o homem firme nos princípios do bem não lhes dá oportunidade.

Essas considerações nos levam naturalmente à questão dos médiuns. Estes últimos estão, como todo o mundo, submetidos à influência oculta dos Espíritos bons e maus; eles os atraem ou os repelem conforme as simpatias de seu próprio Espírito, aproveitando-se os Espíritos maus de todas as falhas, como de uma falta de couraça para introduzir-se junto a eles e intrometer-se, mau grado seu, em todos os atos de sua vida privada. Além disso esses Espíritos, encontrando no médium um meio de expressar seu pensamento de modo inteligível e de atestar sua presença, interferem nas comunicações e as provocam, porque esperam ter mais influência por esse meio e acabam por assenhorear-se dele. Vêm-se como se estivessem em sua própria casa, afastando os Espíritos que lhes poderiam criar obstáculos e, conforme a necessidade, tomando-lhes os nomes e mesmo a linguagem, a fim de enganar o médium. Mas não podem representar esse papel por muito tempo: logo são desmascarados pelo observador experimentado e prevenido. Se o médium se deixa dominar por essa influência os Espíritos bons se afastam, ou absolutamente não vêm quando chamados ou só vêm com relutância, porque vêm que o Espírito que está identificado com o médium, na casa do qual estabeleceu residência, pode alterar as suas instruções. Se tivermos de escolher um intérprete, um secretário, um mandatário qualquer, é evidente que escolheremos não apenas um homem capaz mas, também, que seja digno da nossa estima, da mesma forma que não confiamos uma missão delicada e nossos próprios interesses a um homem desequilibrado ou que freqüente uma sociedade suspeita. O mesmo se dá com os Espíritos. Para transmitir instruções sérias os Espíritos superiores não escolherão um médium que conviva com Espíritos levianos, *a menos que haja necessidade e não encontrem,*

no momento, outros médiuns à sua disposição; a menos, ainda, que queiram dar uma lição ao próprio médium, o que por vezes acontece; mas, então, dele só se servem acidentalmente, abandonando-o logo que encontrem um melhor e deixando-o entregue às suas simpatias, caso permaneça preso a elas. O médium perfeito seria, pois, o que nenhum acesso permitisse aos Espíritos maus por uma falha qualquer. Essa condição é bem difícil de preencher. Entretanto, se a perfeição absoluta não é dada ao homem, por seus esforços sempre lhe é possível aproximar-se dela; e os Espíritos levam em conta sobretudo os esforços, a vontade e a perseverança.

Assim, o médium perfeito não daria senão comunicações perfeitas, de verdade e de moralidade. Não sendo possível a perfeição, o melhor médium seria aquele que obtivesse as melhores comunicações: é pelas obras que poderão ser julgados. Comunicações constantemente boas e elevadas, nas quais nenhum índice de inferioridade fosse evidenciado, seriam incontestavelmente uma prova da superioridade moral do médium, porque atestariam simpatias felizes. Pelo próprio fato de o médium não ser perfeito, Espíritos levianos, embusteiros e mentirosos podem interferir em suas comunicações, alterar-lhes a pureza e induzir em erro o médium e os que a ele se dirigem. Eis aí o maior escolho do Espiritismo e nós não lhe dissimulamos a gravidade. Podemos evitá-lo? Dizemos altivamente: sim, podemos. O meio não é difícil, exigindo apenas discernimento.

As boas intenções, a própria moralidade do médium nem sempre são suficientes para o preservarem da ingerência dos Espíritos levianos, mentirosos ou pseudo-sábios, nas comunicações. Além dos defeitos de seu próprio Espírito, pode dar-lhes guarida por outras causas, das quais a principal é a fraqueza de caráter e uma confiança excessiva na invariável superioridade dos Espíritos que com ele se comunicam. Essa confiança cega liga-se a uma causa que a seguir explicaremos. Se não quisermos ser vítimas de Espíritos levianos é preciso saber julgá-los; para isso

disponemos de um critério infalível: o bom-senso e a razão. Sabemos das qualidades de linguagem que entre nós caracterizam os homens verdadeiramente bons e superiores, e essas qualidades são as mesmas para os Espíritos; nós os devemos julgar por sua linguagem. Nunca seria demais repetir o que caracteriza a dos Espíritos superiores: é constantemente digna, nobre, sem bazófia nem contradição, isenta de trivialidade e assinalada por inalterável benevolência. Os Espíritos bons aconselham, não ordenam; *não se impõem*; calam-se naquilo que ignoram. Os Espíritos levianos falam com a mesma segurança do que sabem e do que não sabem, a tudo respondendo sem se preocuparem com a verdade. Vimos alguns, em mensagem supostamente séria, com imperturbável audácia, colocar César no tempo de Alexandre; outros, afirmando que não é a Terra que gira em torno do Sol. Em resumo, toda expressão grosseira ou simplesmente inconveniente, toda marca de orgulho e de presunção, toda máxima contrária à sã moral, toda notória heresia científica, nos Espíritos como nos homens, é sinal incontestável de natureza má, de ignorância ou, pelo menos, de leviandade, donde se conclui que é necessário pesar tudo o que eles dizem e submeter todas as coisas ao crivo da lógica e do bom-senso. Eis uma recomendação que incessantemente nos fazem os Espíritos bons: “Deus – dizem eles – não vos deu o raciocínio sem propósito; servi-vos dele para saber o que estais fazendo.” Os Espíritos maus temem o exame e dizem: “Aceitai nossas palavras e não as julgueis.” Se tivessem consciência de estar com a verdade, não temeriam a luz.

O hábito de perscrutar as menores palavras dos Espíritos, de pesar-lhes o valor – do ponto de vista do conteúdo e não da forma gramatical, com a qual eles pouco se importam – afasta necessariamente os Espíritos mal-intencionados que, então, não virão perder seu tempo inutilmente, desde que rejeitamos tudo quanto é mau ou de origem suspeita. Mas, quando aceitamos cegamente tudo quanto dizem, quando, por assim dizer, nos ajoelhamos ante sua pretensa sabedoria, eles fazem o que fariam os homens, enganando-nos.

Se o médium é senhor de si, se não se deixa dominar por um entusiasmo irrefletido, poderá fazer o que aconselhamos. Acontece, porém, que o Espírito muitas vezes o subjugua a ponto de fasciná-lo, levando-o a considerar admiráveis as coisas mais ridículas; então ele se abandona cada vez mais a essa perniciosa confiança e, acreditando em suas boas intenções e em seus bons sentimentos, julga que isso é suficiente para afastar os Espíritos maus. Não, isso não basta, porque esses Espíritos, aproveitando-se de sua fraqueza e de sua credulidade, ficam muito satisfeitos por fazê-lo cair na cilada. Que fazer, então? Relatar o caso a uma terceira pessoa desinteressada que, julgando com critério e sem prevenção, possa ver um argueiro onde o médium não via uma trave.

A ciência espírita exige uma grande experiência que, como em todas as ciências, filosóficas ou não, só é adquirida por um estudo assíduo, longo e perseverante, e por meio de numerosas observações. Ela não abrange apenas o estudo dos fenômenos propriamente ditos, mas, também e sobretudo, os costumes do mundo oculto, se assim nos podemos exprimir, desde o mais inferior ao mais alto grau da escala. Seria muita presunção julgar-se suficientemente esclarecido e passar a mestre depois de alguns ensaios. Tal pretensão não partiria de um homem sério, pois quem quer que lance um golpe de vista indagador sobre esses estranhos mistérios, vê desdobrar-se, diante de si, um horizonte tão vasto que uma multidão de anos não bastaria para o abranger. E pensar que certas pessoas querem fazê-lo em alguns dias!

De todas as imperfeições morais, a que oferece maior vulnerabilidade aos Espíritos imperfeitos é o orgulho. Para os médiuns, o orgulho é um escolho tanto mais perigoso quanto menos o confessam. É o orgulho que lhes dá essa crença cega na superioridade dos Espíritos que a eles se vinculam, porque se sentem lisonjeados com certos nomes que eles lhes impõem. Desde que um Espírito lhes diz: “Eu sou fulano”, inclinam-se e não

admitem dúvidas, porque seu amor-próprio sofreria se encontrasse, sob essa máscara, um Espírito de condição inferior ou um malvado desprezível. O Espírito, que vê o lado fraco, aproveita-se dele, lisonjeia o pretense protegido, fala-lhe de origens ilustres, que o enchem de orgulho e vaidade, promete-lhe um futuro brilhante, honra e fortuna, dos quais parece ser o dispensador. Caso necessário, simula por ele uma ternura hipócrita. Como resistir a tanta generosidade? Numa palavra, zomba do médium, fazendo dele o que bem entendem, como se diz vulgarmente. Sua felicidade é ter alguém sob sua dependência. Já interrogamos vários deles sobre os motivos de sua obsessão; um nos respondeu isto: *Quero ter um homem que me faça a vontade; é o meu prazer*. Quando lhe dissemos que íamos fazer tudo para frustrar as suas artimanhas e abrir os olhos de seu oprimido, disse: *Lutarei contra vós e não o conseguireis, porque farei tantas coisas que ele não vos acreditará*. É, com efeito, uma das táticas desses Espíritos malfazejos; inspiram a desconfiança e o afastamento das pessoas que os podem desmascarar e dar bons conselhos. Da parte dos Espíritos bons jamais acontece coisa semelhante. Todo Espírito que insufla a discórdia, que excita a animosidade, que alimenta as dissensões, por isso mesmo revela a sua natureza má. Seria preciso ser cego para não o compreender e para crer que um Espírito bom pudesse estimular a desinteligência.

Muitas vezes o orgulho se desenvolve no médium à medida que cresce a sua faculdade; ela lhe dá importância. Procuram-no e ele acaba por julgar-se indispensável; daí, muitas vezes, um tom de jactância e de pretensão, ou ares de auto-suficiência e de desdém, incompatíveis com a influência exercida por um Espírito bom. Aquele que cai em semelhante extravagância está perdido, pois Deus lhe deu sua faculdade para o bem e não para satisfazer a vaidade ou servir de trampolim para a sua ambição. Esquece que esse poder, do qual se orgulha, pode ser retirado e freqüentemente não lhe é dado senão como prova, assim como a fortuna o é para certas pessoas. Se dele abusa, os Espíritos bons o abandonam pouco a pouco, tornando-se joguete dos Espíritos levianos que o embalam com suas ilusões, satisfeitos por

haverem vencido aquele que se julgava forte. Foi assim que vimos aniquilarem-se e perderem-se as mais preciosas faculdades que, sem isso, se teriam tornado os mais poderosos e úteis auxiliares.

Isso se aplica a todos os gêneros de médiuns, seja de manifestações físicas, seja de comunicações inteligentes. Infelizmente o orgulho é um dos defeitos que estamos menos dispostos a confessar a nós mesmos e menos ainda aos outros, porque eles não acreditariam. Ide, pois, dizer a um desses médiuns que se deixa levar como uma criança, que logo ele vos virará as costas, dizendo que sabe conduzir-se muito bem e que não enxergais as coisas claramente. Podeis dizer a um homem que ele é bêbado, debochado, preguiçoso, incapaz, imbecil e ele rirá ou concordará; dizei-lhe que é orgulhoso e ficará zangado, prova evidente de que tereis dito a verdade. Neste caso, os conselhos são tanto mais difíceis quanto mais o médium evita as pessoas que os possam dar, fugindo de uma intimidade que teme. Os Espíritos, sentindo que os conselhos são golpes desferidos contra seu poder, impelem o médium ao contrário, para aqueles que o entretêm em suas ilusões. Preparam-se, assim, muitas decepções, com o que o amor-próprio do médium terá muito a sofrer. Feliz ainda se não lhe resultar coisa mais grave.

Se insistimos longamente sobre este ponto é porque em muitas ocasiões a experiência nos tem demonstrado estar aí uma das grandes pedras de tropeço para a pureza e a sinceridade das comunicações mediúnicas. É quase inútil, depois disso, falar das outras imperfeições morais, tais como o egoísmo, a inveja, o ciúme, a ambição, a cupidez, a dureza de coração, a ingratidão, a sensualidade, etc. Cada um haverá de compreender que são outras tantas portas abertas aos Espíritos imperfeitos ou, pelo menos, causas de fraqueza. Para repelir esses últimos não basta dizer-lhes que se vão; nem mesmo basta querer e ainda menos conjurá-los: é preciso fechar-lhes a porta e os ouvidos, provar-lhes que somos mais fortes do que eles, o que incontestavelmente seremos um dia, pelo amor do bem, pela caridade, pela doçura, pela simplicidade,

pela modéstia e pelo desinteresse, qualidades que nos atraem a benevolência dos Espíritos bons. É o apoio destes que nos dá força e, se algumas vezes nos deixam à mercê dos maus, é para testarem a nossa fé e o nosso caráter.

Que os médiuns não se assustem em demasia da severidade das condições que acabamos de falar; haverão de convir que são lógicas e seria erro contrariá-las. É verdade que as más comunicações que podemos obter são o indício de alguma fraqueza, mas nem sempre um sinal de indignidade. Podemos ser fracos e ser bons. É, em todo caso, um meio de reconhecer nossas próprias imperfeições. Já dissemos em outro artigo: não é necessário ser médium para se estar sob a influência de Espíritos maus, que agem na sombra. Com a faculdade mediúnica o inimigo se mostra e se trai; sabemos com quem tratamos e podemos combatê-lo. É assim que uma má comunicação pode tornar-se uma lição útil, se soubermos aproveitá-la. Seria injusto, além disso, tributar todas as más comunicações à conta do médium. Falamos daquelas que ele obtém sozinho, fora de qualquer outra influência, e não das que são produzidas num meio qualquer. Ora, todos sabem que os Espíritos atraídos por esse meio podem prejudicar as manifestações, quer pela diversidade de caracteres, quer por defeito de recolhimento. É regra geral que as melhores comunicações ocorrem na intimidade e num círculo concentrado e homogêneo. Em toda comunicação encontram-se em jogo diversas influências: a do médium, a do ambiente e a da pessoa que interroga. Essas influências podem reagir umas sobre as outras, neutralizar-se ou corroborar-se: vai depender do fim a que nos propomos e do pensamento dominante. Vimos excelentes comunicações obtidas em círculos e que não reuniam todas as condições desejáveis. Nesse caso, os Espíritos bons vinham por causa de uma pessoa em particular, porque isso era útil. Vimos também más comunicações obtidas por bons médiuns, unicamente porque o interrogador não tinha intenções sérias e atraía Espíritos levianos que dele zombavam. Tudo isso demanda tato e observação, concebendo-se facilmente a preponderância que devem ter todas essas condições reunidas.

Os Agêneres

Já nos referimos diversas vezes à teoria das aparições. Em nosso último número a recordamos, a propósito dos estranhos fenômenos que relatamos. Para melhor compreensão do que se segue, rogamos aos nossos leitores que a eles se reportem.

Todos sabem que, no número das manifestações mais extraordinárias produzidas pelo Sr. Home estava a aparição de mãos, perfeitamente tangíveis, que cada um podia ver e apalpar, que pressionavam e apertavam mas que, de repente, não ofereciam senão o vazio quando queriam pegá-las de surpresa. Eis aí um fato positivo, que se produziu em diversas circunstâncias, atestado por numerosas testemunhas oculares. Por mais estranho e anormal que pareça, cessa o maravilhoso desde o momento em que é possível lhe darmos uma explicação lógica. Entra, então, na categoria dos fenômenos naturais, embora de ordem completamente diversa da dos que se produzem aos nossos olhos, e com os quais é preciso pôr-se em guarda para não os confundir. Nos fenômenos comuns podemos achar pontos de comparação, como o do cego, que percebia o brilho da luz e das cores pelo som da trombeta, mas não similitudes. É precisamente a mania de querer tudo assimilar àquilo que conhecemos a verdadeira causa de tanta desilusão em certas pessoas: pensam que podem manipular esses elementos novos como se fossem hidrogênio e oxigênio. Ora, aí está o erro. Esses fenômenos estão submetidos a condições que escapam ao círculo habitual de nossas observações; é preciso, antes de tudo, conhecê-los e com eles nos conformarmos, se quisermos obter resultados. É necessário, sobretudo, não perder de vista que esse princípio essencial, verdadeira chave da ciência espírita e agente dos fenômenos vulgares, é uma força física, material, que pode ser submetida às leis do cálculo, ao passo que nos fenômenos espíritas esse agente *é constantemente uma inteligência que tem vontade própria e que não podemos submeter aos nossos caprichos.*

Nessas mãos havia carne, pele, ossos, unhas reais? Não, evidentemente; era apenas uma aparência, mas de tal ordem que produzia o efeito de uma realidade. Se um Espírito tem o poder de tornar visível e palpável uma parte qualquer de seu corpo etéreo, não há razão para que não o possa fazer com os outros órgãos. Suponhamos que um Espírito estenda essa aparência a todas as partes do corpo: teremos, então, a impressão de ver um ser semelhante a nós, agindo como nós, quando não passa de um vapor momentaneamente solidificado. Tal é o caso do louquinho de Bayonne. A duração dessa aparência está submetida a condições que nos são desconhecidas; depende, sem dúvida, da vontade do Espírito, que a pode produzir ou fazê-la cessar à vontade, embora dentro de certos limites, que nem sempre tem liberdade de transpor. Interrogados a respeito, bem como sobre todas as intermitências de quaisquer manifestações, os Espíritos sempre disseram que agiam em virtude de uma permissão superior.

Se, para certos Espíritos, é limitada a duração da aparência corporal, podemos dizer que, em princípio, ela é variável, podendo persistir mais ou menos tempo; pode produzir-se a qualquer tempo e a toda hora. Um Espírito cujo corpo fosse assim visível e palpável teria, para nós, toda a aparência de um ser humano; poderia conversar conosco e sentar-se em nosso lar qual se fora uma pessoa qualquer, pois o tomaríamos como um de nossos semelhantes.

Partimos de um fato patente – a aparição de mãos tangíveis – para chegar a uma suposição que é a sua conseqüência lógica. Entretanto, não a teríamos trazido à baila se a história do menino de Bayonne não nos tivesse posto no caminho, ao nos mostrar a sua possibilidade. Questionado sobre esse ponto, um Espírito superior respondeu que realmente podemos encontrar seres dessa natureza, sem que o suspeitemos; acrescentou que isso é raro, mas possível. Como, para nos entendermos, precisamos dar um nome para cada coisa, a Sociedade Parisiense de Estudos

Espíritas os chama *agêneres*, assim indicando que sua origem não é o resultado de uma geração. O fato a seguir, que se passou ultimamente em Paris, parece pertencer a esta categoria:

Uma pobre mulher estava na igreja de São Roque e rogava a Deus que a auxiliasse em sua aflição. À saída, na rua Saint-Honoré, encontra um senhor que a aborda e lhe diz: “Boa mulher, ficariéis contente se arranjasses trabalho?” – “Ah! meu bom senhor” – responde ela – “peço a Deus que me conceda esse favor, porque estou muito necessitada.” – “Pois bem! Ide a tal rua, número tanto. Procurai a senhora T...: ela vos dará trabalho.” Então continuou seu caminho. A pobre mulher dirigiu-se sem demora ao endereço indicado. – “Com efeito, tenho um trabalho para mandar fazer” – diz a senhora em questão – “mas como não o dissera a ninguém, como pôde a senhora vir me procurar?” Então a pobre indigente, avistando um retrato suspenso à parede, respondeu: – “Senhora, foi esse cavalheiro que me enviou aqui.” – “Esse cavalheiro!” – replicou espantada a senhora – “Mas isso não é possível; este é o retrato de meu filho, morto há três anos.” – “Não sei como pode ser isto, mas vos asseguro que foi esse senhor que acabei de encontrar ao sair da igreja, onde tinha ido pedir a Deus que me assistisse. Ele me abordou e foi ele mesmo que me mandou aqui.”

Conforme o que acabamos de ver, nada haveria de surpreendente em que o Espírito do filho daquela senhora, a fim de prestar um serviço à pobre mulher, da qual sem dúvida ouvira a prece, lhe tivesse aparecido sob a forma corpórea para indicar-lhe o endereço da própria mãe. Em que se transformou depois? Sem dúvida no que era antes: um Espírito, a menos que, continuando seu passeio, tenha julgado conveniente mostrar-se a outras pessoas sob a mesma aparência. Essa mulher teria, assim, encontrado um *agênera*, com o qual havia conversado. Mas, então – dirão – por que não se teria apresentado à sua mãe? Nessas circunstâncias os motivos determinantes dos Espíritos nos são completamente desconhecidos. Agem como bem lhes pareça, ou melhor, como

disseram, em virtude de uma permissão sem a qual não podem revelar sua existência de modo material. Compreende-se, ademais, que sua visão poderia causar à mãe perigosa emoção. E quem sabe se não se apresentou a ela durante o sono ou de qualquer outro modo? E, aliás, não terá sido um meio de lhe revelar sua existência? É muito provável que tenha testemunhado aquela conversa entre as duas senhoras.

Não nos parece que o louquinho de Bayonne deva ser considerado como um *agênere*, pelo menos nas circunstâncias em que se manifestou, visto ter tido sempre, para a família, o caráter de um Espírito, caráter que jamais procurou dissimular: era seu estado permanente, e as aparências corporais que assumiu eram apenas acidentais, ao passo que o *agênere* propriamente dito não revela a sua natureza e, aos nossos olhos, mais não é do que um homem comum. Sua aparição corporal pode ter longa duração, conforme a necessidade, para estabelecer relações sociais com um ou diversos indivíduos.

Pedimos ao Espírito São Luís que nos esclarecesse sobre esses diferentes pontos, dignando-se responder às nossas perguntas:

1. O Espírito do louquinho de Bayonne poderia mostrar-se corporalmente em outros locais e a outras pessoas além da sua família?

Resp. – Sim, sem dúvida.

2. Isto depende de sua vontade?

Resp. – Não exatamente. O poder dos Espíritos é limitado; só fazem o que lhes é permitido fazer.

3. O que aconteceria se ele se apresentasse a uma pessoa desconhecida?

Resp. – Teria sido tomado por uma criança comum. Dir-vos-ei, porém, uma coisa: por vezes existem na Terra Espíritos que revestiram essa aparência, e que são tomados por homens.

4. Esses seres pertencem à classe dos Espíritos inferiores ou superiores?

Resp. – Podem pertencer às duas; são fatos raros. Deles tendes exemplos na Bíblia.

5. Raros ou não, basta a sua possibilidade para merecer a nossa atenção. O que aconteceria se, tomando semelhante ser por um homem comum, lhe fizessem um ferimento mortal? Seria morto?

Resp. – Desapareceria subitamente, como o jovem de Londres. [Ver o número de dezembro de 1858 – Fenômenos de bicorporeidade.]

6. Eles têm paixões?

Resp. – Sim; como Espíritos têm as paixões dos Espíritos, conforme sua inferioridade. Se algumas vezes tomam um corpo aparente é para fruir as paixões humanas; se são elevados, é com um fim útil que o fazem.

7. Podem procriar?

Resp. – Deus não o permitiria. Seria contrário às leis que estabeleceu na Terra e elas não podem ser derogadas.

8. Se um ser semelhante se nos apresentasse, haveria um meio de o reconhecer?

Resp. – Não, a não ser que o seu desaparecimento se fizesse de modo inesperado. Seria o mesmo que o transporte de móveis de um para outro andar, fatos que lestes anteriormente.

Observação – Alusão a um fato dessa natureza relatado no início da sessão.

9. Qual o objetivo que pode levar certos Espíritos a tomar esse estado corporal? É antes o mal do que o bem?

Resp. – Frequentemente o mal; os Espíritos bons têm a seu favor a inspiração; agem pela alma e pelo coração. Como o

sabeis, as manifestações físicas são produzidas por Espíritos inferiores, e aquelas são desse número. Entretanto, como disse, os Espíritos bons podem igualmente tomar essa aparência corporal com um fim útil. Falei de maneira geral.

10. Nesse estado podem eles tornar-se visíveis ou invisíveis à vontade?

Resp. – Sim, pois que podem desaparecer quando bem entenderem.

11. Têm eles um poder oculto superior ao dos demais homens?

Resp. – Só têm o poder que lhes faculta a sua posição como Espírito.

12. Têm necessidade real de alimento?

Resp. – Não; o corpo não é real.

13. Entretanto, embora não tivesse um corpo real, o jovem de Londres almoçava com seus amigos e apertou-lhes a mão. Em que se teria transformado o alimento absorvido?

Resp. – Antes de apertar a mão, onde estavam os dedos que apertavam? Compreendeis que o corpo desapareça? Por que não quereis compreender que a matéria também desapareça? O corpo do rapaz de Londres não era uma realidade, visto estar em Boulogne. Era, pois, uma aparência; o mesmo ocorre com a nutrição que ele parecia absorver.

14. Se tivéssemos entre nós um ser semelhante, seria um bem ou um mal?

Resp. – Seria antes um mal. Aliás, não se pode adquirir grandes conhecimentos com esses seres. Não vos podemos dizer muita coisa; tais fatos são excessivamente raros e jamais têm um caráter de permanência, notadamente as aparições instantâneas, como a de Bayonne.

15. O Espírito familiar protetor algumas vezes toma essa forma?

Resp. – Absolutamente; não dispõe ele de recursos interiores? Manipula-os com mais facilidade do que o faria sob uma forma visível e se o tomássemos por um nosso semelhante.

16. Perguntam se o Conde de Saint-Germain não pertenceria à categoria dos agêneres.

Resp. – Não; era um hábil mistificador.

A história do jovem de Londres, relatada em nosso número de dezembro, é um fato de bicorporeidade, ou, melhor dizendo, de dupla presença, que difere essencialmente daquele de que tratamos. O agêneres não tem corpo vivo na Terra; apenas seu perispírito toma uma forma palpável. O jovem de Londres estava perfeitamente vivo. Enquanto seu corpo dormia em Boulogne, seu Espírito, envolto pelo perispírito, foi a Londres, onde tomou uma aparência tangível.

Conhecemos um fato quase análogo. Enquanto estávamos calmamente deitados em nosso leito, um de nossos amigos viu-nos diversas vezes em sua casa, embora sob uma aparência não tangível, assentando-nos a seu lado e com ele conversando. Certa vez nos viu em robe de chambre; em outras, de paletó. Transcreveu nossa conversa e no-la enviou no dia seguinte. Era, como não poderia deixar de ser, relativa aos nossos trabalhos prediletos. Querendo fazer uma experiência, ofereceu-nos refrescos. Eis a nossa resposta: “Não tenho necessidade disso, visto não ser o meu corpo que está aqui. Sabeis, assim, que não há necessidade de vos produzir uma ilusão.”. Uma circunstância assaz bizarra apresentou-se nessa ocasião. Seja por predisposição natural, seja como resultado de nossos trabalhos intelectuais, sérios desde a nossa juventude, e poderíamos dizer, desde a infância, o fundo de nosso caráter sempre foi de extrema gravidade, mesmo na idade em que não se pensa senão nos prazeres. Essa constante preocupação

nos dá um semblante de frieza, de muita frieza mesmo. É, pelo menos, o que muitas vezes nos têm censurado. Entretanto, sob essa aparência glacial, talvez o Espírito sinta mais vivamente do que no caso de se permitir expansões exteriores. Ora, em nossas visitas noturnas ao nosso amigo, ele ficou bastante surpreendido por nos ver completamente diferente: estávamos mais abertos, mais comunicativos, quase alegres. Tudo em nós respirava a satisfação e a calma proporcionada pelo bem-estar. Não estará aí um efeito do Espírito desprendido da matéria?

Meu Amigo Hermann

Sob esse título o Sr. H. Lugner publicou, no folheto do *Journal des Débats* do dia 26 de novembro de 1858, uma espirituosa história fantástica, no gênero de Hoffmann, e que, à primeira vista, parece ter alguma analogia com os nossos agêneres e com os fenômenos de tangibilidade que acabamos de falar. Sua extensão não nos permite reproduzi-la na íntegra. Limitar-nos-emos a fazer-lhe a análise, observando que o autor narra essa história como um fato de que tivesse sido testemunha pessoal, estando – dizia ele – vinculado por laços de amizade ao herói da aventura. Esse herói, chamado Hermann, morava numa pequena cidade do interior da Alemanha. “Era” – diz o narrador – “um belo rapaz de 25 anos, de porte avantajado, cheio de nobreza em todos os movimentos, gracioso e espirituoso no falar; muito instruído e sem o menor pedantismo, fino e sem malícia, muito cioso de sua dignidade e sem a menor arrogância. Em suma, era perfeito em tudo e mais perfeito ainda em três coisas: no amor pela filantropia, na vocação particular pela valsa e na doçura de caráter. Essa doçura não era fraqueza, nem temor dos outros, nem desconfiança exagerada de si mesmo: era uma inclinação natural, uma superabundância desse *milk of human kindness* que de ordinário não encontramos senão nas ficções dos poetas e da qual a Natureza havia aquinhoado Hermann com uma dose nunca vista. Ele

continha e ao mesmo tempo sustentava os adversários com uma bondade onipotente e superior aos ultrajes; podiam feri-lo, mas não encolerizá-lo. Certo dia, tendo-lhe o barbeiro queimado a ponta da orelha ao anelar seus cabelos, Hermann apressou-se em desculpá-lo, tomando para si a culpa e garantindo que se havia mexido desajeitadamente. Entretanto, nada disso aconteceu, posso dizê-lo em consciência, porque me achava presente e vi claramente que tudo se deveu à inabilidade do barbeiro. Deu muitas outras provas de imperturbável bondade de alma. Ouvia a leitura de maus versos com um ar angélico e respondia aos mais tolos epigramas com elogios bem-postos, quando Espíritos malévolos teriam agido com maldade. Essa doçura extraordinária o tornara célebre; não havia mulher que não desse a vida para vigiar sem descanso o caráter de Hermann, procurando fazer com que perdesse a paciência pelo menos uma vez na vida.

“Acrescentai a todos esses méritos a vantagem de uma completa independência e uma fortuna suficiente para ser contado entre os mais ricos homens da cidade, e dificilmente podereis imaginar que faltasse alguma coisa à felicidade de Hermann. Entretanto, não era feliz e muitas vezes dava mostras de tristeza... Isso se devia a uma enfermidade singular, que o vinha afligindo a vida inteira e que há muito excitava a curiosidade de sua pequena cidade.

“Hermann não podia ficar acordado um instante sequer após o pôr-do-sol. Quando o dia se aproximava do fim ele era tomado de uma languidez invencível e, pouco a pouco, caía num torpor que nada podia evitar e do qual ninguém o tirava. Deitava-se com o sol e se levantava ao raiar do dia; seus hábitos matinais o teriam feito excelente caçador, se tivesse podido vencer o horror do sangue e suportar a idéia de dar uma morte cruel a inocentes criaturas.”

Eis em que termos, num momento de desabafo, descreve a própria situação ao seu amigo do *Journal des Débats*:

“Bem o sabeis, meu caro amigo, a que enfermidade estou sujeito e que sono invencível me oprime regularmente, desde o crepúsculo até a aurora. Sobre isso também sabeis o que todos sabem e, como todos, já ouvistes dizer que esse sono, por assim dizer, se confunde com a morte. Nada é mais verdadeiro, e esse prodígio pouco me importaria, eu o juro, se a natureza se contentasse em tomar-me o corpo como objeto de uma de suas fantasias. Mas a minha alma é também seu juguete e não vos posso dizer sem horror a sorte bizarra e cruel que lhe foi infligida. Cada uma de minhas noites é povoada de um sonho que se vincula com a mais fatal clareza ao sonho da noite anterior. Esses sonhos – queira Deus que sejam sonhos – se seguem e se encadeiam como os acontecimentos de uma existência comum que se desenrolasse à face do sol e na companhia de outros homens. Vivo, pois, duas vezes, levando duas existências bem diferentes: uma se passa aqui, convosco e com os nossos amigos; a outra, muito longe daqui, com homens que conheço tão bem quanto vós, com quem falo como vos falo, e que me tratam de louco como o fazeis quando me refiro a uma outra existência além desta que passo convosco. Entretanto, estou aqui vivo e falando, sentado ao vosso lado e bem desperto, penso; e quem pretendesse que sonhamos ou que somos sombras, com justa razão não passaria por insensato? Pois bem! meu caro amigo, cada um desses momentos, desses atos que preenchem as horas de meu sono inevitável, não são menos reais, e quando me acho inteiramente nessa outra existência, é esta que eu seria tentado a considerar como um sonho.

Entretanto, não sonho aqui mais do que lá. Vivo alternadamente nos dois lados e não poderia duvidar, embora minha razão fique estranhamente chocada com o fato de minha alma animar, sucessivamente, dois corpos e de se defrontar, assim, com duas existências. Ah! meu caro amigo, quisesse Deus que nesses dois corpos ela tivesse os mesmos instintos e a mesma conduta e que lá eu fosse o homem que aqui apreciáis e conheceis. Mas não é nada disso e talvez não ousariam contestar a influência

do físico sobre o moral se conhecessem minha história. Não quero me vangloriar; aliás, o orgulho que poderia inspirar-me uma dessas duas existências é aviltado pela vergonha, inseparável da outra. Todavia, não posso dizer sem vaidade que aqui sou justamente amado e respeitado por todos; louvam-me a personalidade e as maneiras; acham-me nobre, liberal e distinto. Como sabeis, amo as letras, a filosofia as artes, a liberdade e tudo quanto faz o encanto e a dignidade da vida humana; assisto os infelizes e não tenho inveja do próximo. Conheceis-me a proverbial doçura, meu espírito de justiça e de misericórdia e meu insuperável horror à violência. Todas essas qualidades, que me elevam e aqui me adornam, eu as expio lá, por vícios opostos. A Natureza, que aqui me cumulou de bênçãos, houve por bem amaldiçoar-me lá. Não apenas me lançou numa situação inferior, onde tive de ficar sem letras e sem cultura, como deu a esse outro corpo, que é também o meu, órgãos tão grosseiros ou tão perversos, sentidos tão cegos ou tão fortes, inclinações tais e tais necessidades que minha alma obedece, em vez de comandar, deixando-se arrastar por este corpo despótico às mais vis desordens. Lá eu sou duro e covarde, perseguidor dos fracos e servil diante dos fortes, impiedoso e invejoso, injusto por natureza, violento até o delírio. Entretanto, sou eu mesmo e, por mais me odeie e me despreze, não posso deixar de me reconhecer.

“Hermann parou um instante; sua voz tremia e os olhos estavam molhados de lágrimas. Tentando sorrir, eu lhe disse: “Quero vos excitar a loucura, para melhor curá-la. Dizei-me tudo; para começar, onde se passa essa outra existência e com que nome sois conhecido?”

“Chamo-me William Parker, respondeu ele; sou cidadão de Melbourne, na Austrália. É para lá, no país dos antípodas, que voa minha alma, assim que vos abandona. Quando o Sol aqui se põe ela deixa Hermann inanimado e, quando lá se levanta, dá a vida ao corpo inerte de Parker. Começa, então, minha miserável existência de vagabundagem, de fraude, de rixas e de

mendicância. Freqüento uma sociedade má e nela sou contado entre os piores; estou em luta incessante com meus companheiros e, não raras vezes, me vejo de faca em punho; estou sempre em guerra com a polícia e, com freqüência, obrigado a me esconder. Porém, tudo tem um termo neste mundo e esse suplício está chegando ao fim. Infelizmente cometi um crime. Matei covarde e brutalmente uma pobre criatura que se havia ligado a mim. Levei, assim, ao cúmulo a indignação pública, já excitada pela minha má conduta. O júri condenou-me à morte e espero minha execução. Algumas pessoas humanas e religiosas intercederam junto ao governador, a fim de obter-me graça ou, pelo menos, o sursis, que me dará tempo para me converter. Entretanto, é bem conhecida a minha natureza grosseira e intratável. Recusaram-no e, amanhã, ou melhor, esta noite, serei infalivelmente conduzido à forca.”

“Pois bem! disse-lhe eu sorrindo, tanto melhor para vós quanto para nós; é uma boa solução a morte desse velhaco. Uma vez Parker lançado na eternidade, Hermann viverá em paz; poderá velar como todo mundo e ficar conosco dia e noite. Essa morte curar-vos-á, meu caro amigo, e sou grato ao governador de Melbourne por ter recusado graça a esse miserável.”

“Enganai-vos, respondeu-me Hermann, com tal gravidade que me causou dó: morreremos juntos os dois, porquanto somos apenas um e, malgrado nossas diversidades e nossa natural antipatia, não temos senão uma alma, que será ferida por um único golpe, porque em todas as coisas respondemos um pelo outro. Acreditais, então, que Parker ainda estaria vivo se Hermann não tivesse sentido que tanto na morte como na vida eles eram inseparáveis? Teria eu hesitado um instante qualquer se tivesse podido arrancar e lançar ao fogo essa outra existência, como o olho maldito de que falam as Escrituras? Mas eu estava tão feliz por viver aqui que não admitia morrer lá; e minha indecisão durou até que a sorte resolveu para mim essa terrível questão. Agora, tudo está consumado; acreditai que estou me despedindo de vós.”

“No dia seguinte encontraram Hermann morto em seu leito e, alguns meses depois, os jornais da Austrália noticiaram a execução de William Parker, com todas as particularidades descritas por sua duplicata.”

Toda essa história é narrada com imperturbável sangue-frio e em tom sério; nada falta, nos detalhes que omitimos, para dar-lhe um cunho de verdade. Na presença dos estranhos fenômenos que testemunhamos, um fato dessa natureza poderia parecer se não real, pelo menos possível, e relacionado até certo ponto com aqueles que já citamos. Com efeito, não seria análogo àquele do rapaz que dormia em Boulogne, enquanto, ao mesmo tempo, conversava em Londres com seus amigos? Ao de Santo Antônio de Pádua que, no mesmo dia, pregava na Espanha e se mostrava em Pádua para salvar a vida do pai, acusado de homicídio? À primeira vista pode-se dizer que, se esses dois fatos forem exatos, também não é impossível que Hermann tenha vivido na Austrália, enquanto dormia na Alemanha, e reciprocamente. Embora nossa opinião esteja perfeitamente estabelecida a esse respeito, acreditamos dever referi-la aos nossos instrutores de além-túmulo, em uma das sessões da Sociedade. À pergunta: *O fato relatado pelo Journal des Débats é real?* Responderam: Não; é uma história feita especialmente para divertir os leitores. – *Se não é real, é possível?* – Não; uma alma não pode animar dois corpos diferentes.

Realmente, na história de Boulogne, se bem o rapaz se tenha mostrado em dois locais diferentes simultaneamente, em verdade possuía apenas um corpo de carne e osso, que estava naquela cidade; em Londres havia apenas a aparência ou perispírito, tangível, é certo, mas não o próprio corpo, mortal; ele não poderia morrer em Londres e em Boulogne. Hermann, ao contrário, conforme a anedota, teria realmente dois corpos, desde que um foi enforcado em Melbourne e o outro enterrado na Alemanha. A mesma alma teria, assim, se defrontado com duas existências simultâneas, o que, conforme os Espíritos, não é possível. Os

fenômenos do gênero do de Boulogne e de Santo Antônio de Pádua, embora muito freqüentes são, aliás, sempre acidentais e fortuitos num indivíduo, não tendo jamais um caráter de permanência, ao passo que o pretenso Hermann era assim desde a infância. Entretanto, a razão mais grave de todas é a diferença de caracteres. Seguramente, se esses dois indivíduos não tivessem tido senão uma só alma, esta não poderia ser, alternadamente, a de um homem de bem e a de um bandido. É verdade que o autor se baseia na influência do organismo. Nós o lamentamos, se tal é a sua filosofia e, ainda mais, que procure dar-lhe crédito, porquanto seria negar a responsabilidade dos atos; semelhante doutrina seria a negação de toda moral, porque reduziria o homem à condição de máquina.

Espíritos Barulhentos. Como se Livrar Deles

Escrevem-nos de Gramat (Lot):

“Numa casa da aldeia de Coujet, comuna de Bastat (Lot), ruídos extraordinários são ouvidos há cerca de dois meses. A princípio eram golpes secos e muito semelhantes ao choque de uma clava no assoalho, ouvidos de todos os lados: sob os pés, sobre a cabeça, nas portas, nos móveis; logo depois as passadas de um homem descalço e o tamborilar de dedos nas vidraças. Os moradores da casa ficaram amedrontados e mandaram rezar missas; a população, inquieta, se dirigia à aldeia e ouvia. A polícia interveio e realizou vários inquéritos mas o barulho aumentou. Em breve as portas eram abertas, os objetos derrubados, as cadeiras arremessadas contra a escada, os móveis transportados do andar inferior para o sótão. Tudo quanto relato, atestado por grande número de pessoas, se passou em pleno dia. A casa não é um casebre antigo, sombrio e enegrecido, cujo aspecto faz sonhar com fantasmas; trata-se de uma casa recentemente construída e risonha;

os proprietários são boas pessoas, incapazes de querer enganar e morrem de medo. Entretanto, muitas vezes pensam que ali nada existe de sobrenatural, procurando explicar, tudo quanto se passa de extraordinário, pela física ou pelas más intenções, que atribuem aos moradores da casa. Eu, que vi e acreditei, resolvi dirigir-me a vós para saber quais são os Espíritos que fazem esse barulho e conhecer o meio, caso exista, de os silenciar. É um serviço que prestaríeis a essa boa gente, etc...”

Os fatos dessa natureza não são raros; todos se assemelham mais ou menos e em geral não diferem senão pela intensidade ou pela maior ou menor tenacidade. Quando se limitam a alguns ruídos sem maior conseqüência não causam inquietação, mas quando adquirem certa proporção transformam-se em verdadeira calamidade. Pergunta nosso honrado correspondente quais são os Espíritos que fazem esse barulho. A resposta não deixa dúvida: os Espíritos de ordem muito inferior são os únicos culpados. Os Espíritos superiores, assim como entre nós os homens graves e sérios, não se divertem em fazer algazarra. Muitas vezes os chamamos para perguntar-lhes a razão que assim os impele a perturbar o repouso alheio. A maioria não tem outro objetivo senão divertir-se. São antes Espíritos levianos do que maus, que sorriem dos temores que ocasionam e das pesquisas inúteis que são feitas para descobrir a causa do tumulto que provocam. Freqüentemente se obstinam junto a um indivíduo, comprazendo-se em o vexar e perseguindo-o de casa em casa; de outras vezes se vinculam a um lugar sem qualquer motivo, a não ser por capricho. Por vezes também é uma vingança que exercem, como teremos ocasião de ver. Em certos casos sua intenção é mais louvável: querem chamar a atenção e estabelecer contato, seja para dar um aviso útil à pessoa a quem se dirigem, seja para solicitar algo para si mesmos. Muitas vezes presenciamos alguns deles a pedir preces, outros a solicitar o cumprimento, em seu nome, de promessas que não puderam pagar; e, finalmente, no interesse de seu próprio repouso, outros querendo reparar uma ação má, cometida quando viviam entre nós.

Em geral não há razão para nos amedrontarmos; sua presença pode ser importuna mas não oferece perigo. Compreende-se, aliás, que tenhamos desejo de nos desembaraçarmos deles; todavia, fazemos exatamente o contrário do que deveríamos fazer. Se são Espíritos que se divertem, quanto mais levamos a coisa a sério, mais eles persistem, como crianças travessas que incomodam tanto mais quanto mais vêem que nos impacientamos, e que metem medo nos pusilânimes. Se tomássemos o sábio partido de rir de suas traquinadas, acabariam por se cansar e nos deixariam em paz. Conhecemos alguém que, longe de se irritar, os excitava, desafiando-os a fazer tal ou qual coisa, de modo que ao fim de alguns dias eles não mais apareceram. Porém, como já havíamos dito, existem outros cujo motivo é menos frívolo. Eis por que é sempre útil saber o que eles querem. Se pedem alguma coisa, estejamos certos de que suas visitas cessarão assim que seu desejo for satisfeito. A melhor maneira de nos instruímos a esse respeito é evocar o Espírito através de um bom médium escrevente. Por suas respostas veremos imediatamente com quem estamos lidando e, em consequência, como poderemos agir; se é um Espírito infeliz, manda a caridade que o tratemos com os cuidados que merece. Se for um brincalhão de mau gosto, poderemos agir sobre ele à vontade; se for malévolos, é preciso pedir a Deus que o torne melhor. Em todo caso, a prece só poderá dar bons resultados. Entretanto, a gravidade das fórmulas de exorcismo os faz rir e não são levadas em nenhuma consideração. Se pudermos entrar em comunicação com eles, precisamos desconfiar das qualificações burlescas ou assustadoras que se dão algumas vezes, a fim de se divertirem com a nossa credulidade.

Em muitos casos a dificuldade consiste em ter um médium à disposição. É preciso, então, que procuremos nos tornar um deles ou interrogar o Espírito diretamente, de acordo com os preceitos que oferecemos em nossas *Instruções Práticas sobre as Manifestações*.

Esses fenômenos, embora executados por Espíritos inferiores, muitas vezes são provocados por Espíritos de ordem mais elevada, com o fim de nos convencer da existência de seres incorpóreos e de um poder superior ao do homem. A repercussão daí resultante, o próprio medo que causam chamam atenção e terminarão por abrir os olhos dos mais incrédulos. Estes últimos acham mais fácil reduzir tais fenômenos ao plano da imaginação, explicação aliás muito cômoda e que dispensa outras. Entretanto, quando os objetos são revirados ou atirados à nossa cabeça seria necessária uma imaginação muito complacente para se supor que tais coisas acontecessem, quando de fato não acontecem. Se observamos um efeito qualquer, esse efeito necessariamente tem uma causa. Se uma *fria e calma* observação nos demonstra que esse efeito independe de toda vontade humana e de qualquer causa material; se, além disso, dá-nos sinais *evidentes* de inteligência e de livre vontade, *o que constitui o sinal mais característico*, somos então forçados a atribuí-lo a uma inteligência oculta. Quais são esses seres misteriosos? É o que os estudos espíritas nos ensinam da maneira mais peremptória, pelo meio que nos oferece de com eles entrarmos em comunicação. Além disso, esses estudos nos ensinam a separar o que é real daquilo que é falso ou exagerado, nos fenômenos cujas causas não percebemos. Se se produz um efeito insólito: ruído, movimento, a própria aparição, o primeiro pensamento que devemos ter é que se deva a uma causa natural, por ser a mais provável. É preciso então pesquisar essa causa com o maior cuidado e não admitir a intervenção dos Espíritos senão com conhecimento de causa. É o único meio de não nos iludirmos.

Dissertação de Além-Túmulo

A INFÂNCIA

Comunicação espontânea do Sr. Nélo, Médium, lida na
Sociedade em 14 de janeiro de 1859.

Não conheceis o segredo que, na sua ignorância, escondem as crianças. Não sabeis o que são, nem o que foram, nem

em que se tornarão. E, contudo, as amais e as prezais como se fossem uma parte de vós mesmos, de tal sorte que o amor de uma mãe pelos filhos é reputado como o maior amor que um ser possa ter por outro ser. De onde vem essa doce afeição, essa terna benevolência que os próprios estranhos sentem por uma criança? Vós o sabeis? Não. É isso que vos quero explicar.

As crianças são seres que Deus envia em novas existências; e, para que elas não possam queixar-se de sua grande severidade, dá-lhes toda a aparência da inocência; mesmo numa criança de natureza má seus defeitos são cobertos pela inconsciência de seus atos. Essa inocência não é uma superioridade real sobre aquilo que foram antes; não, é a imagem do que deveriam ser; e, se não o são, unicamente sobre elas recairá a culpa.

Mas não foi apenas por elas que Deus lhes deu esse aspecto; foi também e sobretudo por seus pais, cujo amor é necessário à sua fraqueza; e esse amor seria singularmente enfraquecido à vista de um caráter intolerante e impertinente, ao passo que, supondo os filhos bons e meigos, dão-lhes toda a sua afeição e os cercam das mais delicadas atenções. Mas quando as crianças não mais necessitam dessa proteção, dessa assistência que lhes foi prodigalizada durante quinze ou vinte anos, seu caráter real e individual reaparece em toda a sua nudez: permanece bom, se for fundamentalmente bom, mas se irisa sempre de matizes que se ocultavam na primeira infância.

Vedes que os caminhos de Deus são sempre os melhores e que, quando se tem puro o coração, fácil é conceber a explicação.

Com efeito, imaginai que o Espírito das crianças que nascem entre vós pode vir de um mundo onde adquiriu hábitos completamente diferentes. Como quereríeis que estivesse em vosso

meio esse novo ser, que vem com paixões completamente diversas das que possuís, com inclinações e gostos inteiramente opostos aos vossos? Como quereríeis que se incorporassem em vossas fileiras de modo diferente do que Deus o quis, isto é, pelo crivo da infância? Aí se vêm confundir todos os pensamentos, todos os caracteres, todas as verdades de seres engendrados por essa multidão de esferas onde se desenvolvem as criaturas. Vós mesmos, ao morrer, vos encontrais numa espécie de infância, em meio a novos irmãos. E, em nova existência fora da Terra, ignorais os hábitos, os costumes e as relações desse mundo tão novo para vós; manejareis com dificuldade uma língua que não estais habituados a falar, língua mais viva do que o vosso pensamento atual.

A infância tem ainda outra utilidade. Os Espíritos não entram na vida corporal senão para se aperfeiçoarem, para se melhorarem. A fraqueza da tenra idade os torna flexíveis, acessíveis aos conselhos da experiência e daqueles que devem fazê-los progredir. É então que podemos reformar o seu caráter e reprimir seus maus pendores. Tal é o dever que Deus confiou aos pais, missão sagrada pela qual hão de responder.

Assim, não somente a infância é útil, necessária e indispensável, mas, ainda, é a conseqüência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo.

Observação – Chamamos a atenção de nossos leitores para esta notável dissertação, cujo elevado alcance filosófico é facilmente compreensível. Que há de mais belo, de mais grandioso que essa solidariedade que existe entre todos os mundos? Que de mais apropriado para nos dar uma idéia da bondade e da majestade de Deus? A Humanidade cresce por tais pensamentos, ao passo que se avilta se a reduzimos às mesquinhas proporções de nossa vida efêmera e de nosso imperceptível mundo entre os demais mundos.

Correspondência

Loudéac, 20 de dezembro de 1858.

Senhor Allan Kardec,

Felicito-me por ter-me posto em relação convosco através do gênero de estudos a que mutuamente nos entregamos. Há mais de vinte anos eu me ocupava com uma obra que deveria intitular-se *Estudo sobre os Gérmenes*. Essa obra devia ser especialmente fisiológica; entretanto, minha intenção era demonstrar a insuficiência do sistema de Bichat, que não admite senão a vida orgânica e a vida de relação. Queria provar que existe um terceiro modo de existência, que sobrevive aos dois outros em estado não orgânico. Esse outro terceiro modo nada mais é que a vida anímica, ou *espírita*, como chamais. Numa palavra, é o germen primitivo que engendra os dois outros modos de existência, orgânica e de relação. Também queria demonstrar que os germens são de natureza fluídica, bidinâmicos, atrativos, indestrutíveis, autógenos e em número definido, tanto em nosso planeta quanto em todos os meios circunscritos. Quando apareceu *Céu e Terra*, de Jean Reynaud, fui obrigado a modificar minhas convicções. Reconheci que meu sistema era muito limitado e com ele admiti que os astros, pela troca de eletricidade que podem estabelecer entre si devem, necessariamente, por meio de várias correntes elétricas, favorecer a transmigração dos germens ou Espíritos da mesma natureza fluídica.

Quando se falou das mesas girantes, entreguei-me logo a essa prática e obtive resultados tais que não tive mais nenhuma dúvida quanto às manifestações. Logo compreendi que chegara o momento em que o mundo invisível ia tornar-se visível e tangível e, desde então, marcharíamos para uma revolução nunca vista na ciência e na filosofia. Entretanto, estava longe de esperar que um jornal *espírita* pudesse estabelecer-se tão depressa e manter-se na França. Hoje, senhor, graças à vossa perseverança, é um fato

consumado e de grande alcance. Estou longe de acreditar estejam vencidas as dificuldades; encontrareis muitos obstáculos e sereis humilhado, mas, afinal de contas, a verdade brilhará. Chegar-se-á a reconhecer a justeza da observação de nosso célebre professor Gay-Lussac, que nos dizia em seu curso, a propósito dos corpos *imponderáveis* e *invisíveis*, que essas expressões eram inexatas e apenas refletiam nossa impotência no estado atual da Ciência, acrescentando que seria mais lógico chamá-los de *imponderados*. O mesmo ocorre com a visibilidade e a tangibilidade; o que não é visível para um o é para outro, mesmo a olho nu, de que os sensitivos são o exemplo. Finalmente, a audição, o odor e o gosto, que nada mais são do que modificações da propriedade tangível, nulos se mostram no homem em comparação com o cão, a águia e outros animais. Não há, pois, nada de absoluto nessas propriedades, que se multiplicam conforme os organismos. Nada há de invisível, intangível ou imponderável: tudo pode ser visto, tocado ou pesado quando nossos órgãos – nossos primeiros e mais preciosos instrumentos – se tiverem tornado mais sutis.

Às diversas experiências que já recorrestes para constatar nosso terceiro modo de existência – a vida espírita – peço acrescenteis a seguinte: Magnetizai um cego de nascença e, no estado sonambúlico, dirigi-lhe uma série de perguntas sobre as formas e as cores. Se o sensitivo estiver lúcido, provar-vos-á de modo peremptório que, sobre essas coisas, tem conhecimentos que só poderia ter adquirido em *uma ou em várias existências anteriores*.

Termino, senhor, rogando que aceíteis meus mais sinceros cumprimentos pelo gênero de estudos aos quais vos consagrais. Como jamais temi manifestar as minhas opiniões, podereis inserir esta carta em vossa Revista, se julgardes que seja útil.

Vosso todo devotado servidor,

MORHÉRY, *Doutor em Medicina.*

Observação – Sentimo-nos muito feliz com a autorização concedida pelo Dr. Morhéry para publicarmos a notável carta que acabamos de ler. Ela prova que, ao lado do homem de ciência, há nele o homem judicioso que vê algo mais além das nossas sensações e que sabe sacrificar as suas opiniões pessoais em benefício da evidência. Nele, a convicção não é fé cega, mas raciocinada; é a dedução lógica do sábio, que não pensa tudo saber.

Uma Noite Esquecida ou a Feiticeira Manouza

MILÉSIMA SEGUNDA NOITE DOS CONTOS ÁRABES

Ditada pelo Espírito Frédéric Soulié

(Terceiro e último artigo)

VII

– Levantai, disse-lhe Noureddin, e segui-me. Nazara lançou-se em prantos a seus pés, implorando graça. – Nenhuma piedade para semelhante falta, disse o pretenso Sultão; preparai-vos para morrer. Noureddin sofria bastante por lhe falar deste modo, mas não julgou haver chegado o momento para se dar a conhecer.

Vendo que era impossível dobrá-lo, Nazara o seguiu trêmula. Voltaram aos aposentos; ali Noureddin disse a Nazara que se vestisse convenientemente. Depois, terminada a toailete e sem outra explicação, disse-lhe que iriam, ele e Ozana – o anão – conduzi-la a um subúrbio de Bagdá, onde ela encontraria o que merecia. Cobriram-se com grandes mantos para não serem reconhecidos e saíram do palácio. Mas, oh! terror! mal transpuseram as portas transformaram-se aos olhos de Nazara. Não eram o Sultão e Ozana, nem os vendedores de roupas, mas o próprio Noureddin e Tanaple. Ficaram tão assombrados, principalmente Nazara, de se acharem tão perto da casa do Sultão, que apressaram o passo, com medo de serem reconhecidos.

Logo que entraram na casa de Noureddin, foi esta cercada por uma multidão de homens, de escravos e de tropas, enviada pelo Sultão para os prender.

Ao primeiro ruído, Noureddin, Nazara e o anão se refugiaram nos aposentos mais retirados do palácio. Lá, disse-lhes o anão que não se amedrontassem e que havia somente uma coisa a fazer para não serem presos: enfiar na boca o dedo mínimo da mão esquerda e assobiar três vezes; que Nazara devia fazer o mesmo e instantaneamente se tornariam invisíveis a quantos quisessem apoderar-se deles.

Continuando o ruído a aumentar de maneira alarmante, Nazara e Noureddin seguiram o conselho de Tanaple; quando os soldados penetraram o aposento encontraram-no vazio, retirando-se após pesquisas minuciosas. Então o anão disse a Noureddin que fizesse o contrário do que haviam feito, isto é, enfiassem na boca o dedo mínimo da mão direita e assobiassem três vezes; eles o fizeram e logo se converteram no que eram antes.

Em seguida o anão os advertiu de que não se achavam em segurança naquela casa, devendo deixá-la por algum tempo até que se apaziguasse a cólera do Sultão. Em razão disso, ofereceu-se para levá-los ao seu palácio subterrâneo, onde estariam muito à vontade, enquanto seriam providenciados os meios a fim de que, sem receio, pudessem retornar a Bagdá, e dentro das melhores condições possíveis.

VIII

Noureddin hesitava, mas Nazara tanto pediu que ele acabou consentindo. O anão lhes disse que fossem ao jardim e chupassem uma laranja, com o rosto voltado para o nascente; então, seriam transportados sem o perceberem. Fizeram um ar de dúvida que Tanaple não compreendeu, após tudo que houvera feito por eles.

Tendo descido ao jardim e chupado a laranja como lhes fora indicado, viram-se subitamente elevados a uma altura prodigiosa; depois experimentaram um forte abalo e um grande frio, sentindo que desciam em grande velocidade. Nada perceberam durante o trajeto; porém, quando tomaram consciência da situação encontravam-se num subterrâneo, dentro de magnífico palácio iluminado por mais de vinte mil velas.

Deixemos nossos amantes em seu palácio subterrâneo e voltemos ao nosso pequeno anão, que havíamos deixado na casa de Nouredin. Sabeis que o Sultão tinha enviado soldados para se apoderarem dos fugitivos. Após haver explorado os recantos mais afastados da habitação, assim como os jardins, e nada encontrando, viram-se forçados a retornar e prestar contas ao Sultão de suas buscas infrutíferas.

Tanaple os havia acompanhado em todo o percurso do caminho; olhava-os com malícia e de vez em quando indagava quanto o Sultão pagaria a quem lhe trouxesse os dois fugitivos. – Se o Sultão, acrescentava, estiver disposto a me conceder uma hora de audiência, dir-lhe-ei alguma coisa que o tranquilizará e ele ficará satisfeito por se desembaraçar de uma mulher como Nazara, que possui um mau gênio e que faria descer sobre ele todas as desgraças possíveis, caso lá permanecesse por mais algumas luas. O chefe dos eunucos prometeu dar o seu recado e transmitir-lhe a resposta do Sultão.

Mal haviam retornado ao palácio o chefe dos negros veio dizer-lhe que o seu senhor o esperava, prevenindo-o, porém, de que seria empalado, caso sustentasse imposturas.

Nosso pequeno monstro apressou-se em dirigir-se à casa do Sultão. Chegando diante desse homem duro e severo, como de hábito inclinou-se três vezes perante os príncipes de Bagdá.

– Que tens a dizer-me? Perguntou o Sultão. Sabes o que te aguarda se não disseres a verdade. Fala, eu te escuto.

“Grande Espírito, celeste Lua, tríade de Sóis, não direi senão a verdade. Nazara é filha da fada negra e do Gênio da Grande Serpente dos Infernos. Sua presença em tua casa acarretaria todas as pragas imagináveis: chuva de serpentes, eclipse solar, lua azul impedindo os amores noturnos. Enfim, todos os teus desejos seriam contrariados e tuas mulheres envelheceriam antes mesmo que se passasse uma lua. Poderei dar-te uma prova do que digo; sei onde se encontra Nazara; se quiseres, irei buscá-la e poderás convencer-te. Só há um meio de evitar essas desgraças: é dá-la a Noureddin. Noureddin também não é o que pensas; ele é filho da feiticeira Manouza e do gênio do Rochedo de Diamante. Se os casares, em sinal de reconhecimento Manouza te protegerá; se recusares... Pobre príncipe! eu te lamento. Experimenta; depois decidirás.

O Sultão ouviu muito calmo o discurso de Tanaple, mas logo em seguida convocou uma tropa de homens armados, ordenando aprisionar o monstinho até que um acontecimento viesse convencê-lo do que acabara de ouvir.

Eu julgava – disse Tanaple – que estivesse a tratar com um grande príncipe, mas vejo que me enganei. Deixo aos gênios o cuidado de vingar seus filhos. Dito isso, seguiu os que vieram para o prender.

IX

Tanaple estava na prisão apenas há algumas horas quando o Sol se cobriu de uma nuvem sombria, como se um véu quisesse roubá-lo à Terra; depois ouviu-se um grande ruído e, de uma montanha situada na entrada da cidade, saiu um gigante armado, dirigindo-se para o palácio do Sultão.

Não direi que o Sultão tivesse ficado muito calmo; longe disso. Tremia como uma folha de laranjeira açoitada por Éolo. À aproximação do gigante mandou fechar todas as portas, ordenando aos soldados que ficassem de prontidão e armas à mão para

defender seu príncipe. Mas, oh! estupefação! À chegada do gigante todas as portas se abriram, como se mão invisível as impelisse; depois, gravemente, o gigante avançou para o Sultão, sem fazer nenhum sinal ou dizer uma só palavra. À sua vista, o Sultão caiu de joelhos e suplicou ao gigante que o poupasse e dissesse o que exigia.

“Príncipe! – disse o gigante – não digo muita coisa da primeira vez; apenas te advirto. Faz o que Tanaple te aconselhou e te asseguramos a nossa proteção; do contrário, sofrerás o castigo de tua obstinação.” Dito isso, retirou-se.

A princípio o Sultão ficou aterrorizado; porém, refazendo-se do susto um quarto de hora mais tarde, e longe de seguir os conselhos de Tanaple, mandou publicar um édito em que prometia magnífica recompensa a quem o pusesse no rastro dos fugitivos; depois mandou postar soldados às portas do palácio e da cidade, esperando pacientemente. Mas sua paciência não durou muito ou, pelo menos, não lhe deixou tempo de prová-la. A partir do segundo dia surgiu nas portas da cidade um exército que parecia ter saído das entranhas da Terra; os soldados vestiam peles de toupeira, tinham como escudos cascos de tartaruga e usavam clavas feitas de lascas de rochedos.

À sua aproximação os guardas quiseram opor resistência, mas o aspecto formidável do exército logo os fez baixar as armas; abriram as portas sem nada dizer, sem romper suas filas e a tropa inimiga marchou solenemente para o palácio. O Sultão quis resistir à entrada de seus aposentos, mas, para sua grande surpresa, os guardas adormeceram e as portas se abriram por si mesmas. Depois o chefe do exército avançou com passo grave até os pés do Sultão e lhe disse:

“Vim para dizer-te que Tanaple, percebendo a tua teimosia, enviou-nos para procurar-te; em vez de ser o Sultão de um povo que não sabes governar, vamos conduzir-te para o seio das toupeiras; tu mesmo te tornarás uma delas e serás um Sultão

domesticado. Vê logo se isso te convém ou se preferes fazer o que te ordenou Tanaple; concedo-te dez minutos para refletir.”

X

O Sultão teria preferido resistir; mas, para sua felicidade, após alguns momentos de reflexão concordou com aquilo que lhe exigiam; queria impor apenas uma condição: que os fugitivos deixassem seu reino. Prometeram-lhe o que pedia e, no mesmo instante, sem saber de que lado nem como, o exército desapareceu aos seus olhos.

Agora que a sorte de nossos amantes estava completamente assegurada, voltemos a eles. Sabeis que os havíamos deixado no palácio subterrâneo.

Depois de alguns minutos, deslumbrados e encantados pelo aspecto das maravilhas que os cercavam, quiseram visitar o palácio e os seus arredores. Viram jardins encantadores. E, coisa estranha! ali viam quase tão claramente quanto a céu aberto. Aproximaram-se do palácio: todas as portas estavam abertas e havia preparativos como para uma grande festa. À porta encontrava-se uma dama em magnífica toalette. A princípio nossos fugitivos não a reconheceram; porém, aproximando-se mais, viram Manouza, a feiticeira, completamente transformada; já não era aquela velha mulher, suja e decrépita, e sim uma senhora de certa idade, ainda bela e de porte elegante.

“Noureddin – disse ela – eu te prometi auxílio e assistência. Hoje vou cumprir minha promessa; teus males chegam ao termo e vais receber o prêmio de tua perseverança: Nazara será tua esposa; além disso, dou-te este palácio e nele habitarás. Serás o rei de um povo bravo e reconhecido; eles são dignos de ti, como és digno de reinar sobre eles.”

A essas palavras ouviu-se uma música harmoniosa; de todos os lados surgiu uma multidão inumerável de homens e

mulheres em trajes de festa; à sua frente grandes senhores e grandes damas vinham prostrar-se aos pés de Noureddin. Ofereceram-lhe uma coroa de ouro cravejada de diamantes e disseram que o reconheciam como seu rei; que o trono lhe pertencia como herança paterna; e que estavam enfeitados há quatrocentos anos pela vontade de magos perversos e esse feitiço só deveria terminar com a presença de Noureddin. Em seguida fizeram um grande discurso sobre as suas e as virtudes de Nazara.

Então Manouza lhe disse: Sois feliz, nada mais tenho a fazer aqui. Se algum dia precisardes de mim, batei na estátua que está no meio do vosso jardim e virei no mesmo instante. Depois desapareceu.

Noureddin e Nazara quiseram retê-la por mais tempo, a fim de agradecer-lhe toda a bondade para com eles. Depois de alguns momentos de conversa voltaram aos seus súditos. As festas e os regozijos duraram oito dias. Seu reino foi longo e feliz; viveram milhares de anos e posso até mesmo dizer que vivem ainda. Só que o seu país jamais foi encontrado ou, melhor dizendo, nunca se tornou bem conhecido.

FIM

Observação – Chamamos a atenção dos nossos leitores para as observações que antecederam este conto, nos números de novembro de 1858 e janeiro de 1859.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

MARÇO DE 1859

Nº 3

Estudo Sobre os Médiuns

Como intérpretes das comunicações espíritas, o papel dos médiuns é extremamente importante e nunca daríamos demasiada atenção ao estudo de todas as causas que os podem influenciar, não apenas em seu próprio interesse, mas, também, no daqueles que, não sendo médiuns, deles se servem como intermediários, a fim de poderem julgar o grau de confiança que merecem as comunicações que recebem.

Já dissemos que todas as pessoas, em maior ou menor grau, são médiuns. Entretanto, convencionou-se dar esse nome àqueles cujas manifestações são patentes e, por assim dizer, facultativas. Ora, entre estes últimos as aptidões são muito diversas: pode-se dizer que cada um tem a sua especialidade. Num primeiro exame, duas categorias se desenham muito nitidamente: os médiuns de efeitos físicos e os médiuns de efeitos intelectuais. Os derradeiros apresentam numerosas variedades, das quais as principais são: os escreventes ou psicógrafos, os desenhistas, os falantes³, os audientes e os videntes. Os médiuns poetas, músicos e políglotas são variedades dos escreventes e falantes. Não voltaremos às definições que já fornecemos sobre esses diversos

gêneros; apenas queremos lembrar o conjunto, de maneira sucinta, para maior clareza.

De todos os gêneros de médiuns o mais comum é o psicógrafo⁴; é a modalidade mais fácil de ser adquirida pelo exercício. Eis por que, e com razão, para ela geralmente são dirigidos os desejos e os esforços dos aspirantes. Apresenta duas variantes, igualmente encontradas em diversas categorias: os escreventes mecânicos e os escreventes intuitivos. Nos primeiros o impulso da mão independe da vontade: move-se por si mesma, sem que o médium tenha consciência daquilo que escreve, podendo, inclusive, estar pensando em outra coisa. No médium intuitivo o Espírito age sobre o cérebro; seu pensamento, por assim dizer, atravessa o pensamento do médium, sem que haja confusão. Conseqüentemente, ele tem consciência do que escreve, por vezes até mesmo uma consciência antecipada, por isso que a intuição algumas vezes precede o movimento da mão; entretanto, o pensamento expresso não é o do médium. Uma comparação muito simples far-nos-á compreender esse fenômeno. Quando queremos falar com alguém cuja língua não sabemos, servimo-nos de um intérprete; este tem consciência do pensamento dos interlocutores; deve entendê-lo para o poder expressar e, no entanto, esse pensamento não é dele. Pois bem! O papel do médium intuitivo é o de um intérprete entre nós e o Espírito. Ensinou-nos a experiência que os médiuns mecânicos e os intuitivos são igualmente bons, igualmente aptos a receber e a transmitir boas comunicações. Como meio de convicção, sem dúvida, os primeiros valem mais; quando, porém, a convicção é adquirida não há preferência útil. A atenção deve voltar-se inteiramente para a natureza das comunicações, isto é, para a aptidão do médium em receber as comunicações dos Espíritos bons e maus; sob esse aspecto, podemos dizer se ele é bem ou mal assistido. Toda a questão se resume nisso, e essa questão é capital, porquanto somente ela pode determinar o grau de confiança que ele merece;

4 N. do T.: Hoje parece ser mais comum a mediunidade de psicofonia.

é o resultado de estudo e observações, pelo que recomendamos nosso artigo anterior sobre os escolhos dos médiuns.

Com o médium intuitivo a dificuldade consiste em distinguir os pensamentos que lhe são próprios daqueles que lhe são sugeridos. Essa dificuldade também existe para ele; o pensamento sugerido parece-lhe tão natural que muitas vezes o toma como seu, duvidando de sua faculdade. O meio de o convencer e de convencer os outros é exercitar essa faculdade com freqüência. Então, no número das evocações às quais prestará seu concurso, inúmeras circunstâncias se apresentarão, uma porção de comunicações íntimas, de particularidades das quais não poderia ter nenhum conhecimento prévio e que demonstrarão, de maneira irrecusável, a completa independência do seu Espírito.

As diferentes variedades de médiuns repousam sobre aptidões especiais, cujo princípio até agora não conhecemos perfeitamente. À primeira vista e para as pessoas que não fizeram um estudo sistematizado dessa ciência, parece não ser mais difícil a um médium escrever versos do que escrever prosa; dir-se-á, sobretudo se for médium mecânico, que tanto pode o Espírito fazê-lo escrever numa língua estranha quanto desenhar ou ditar música. Entretanto, não é assim que acontece. Embora a todo instante estejamos vendo desenhos, versos e músicas feitos por médiuns que, em seu estado normal não são desenhistas, nem poetas, nem músicos, nem todos são aptos à produção dessas coisas. Apesar de sua ignorância, possuem uma faculdade intuitiva e uma flexibilidade que os transformam nos mais dóceis instrumentos. Foi o que muito bem exprimiu Bernard Palissy quando lhe perguntaram por que havia escolhido o Sr. Victorien Sardou, que não sabe desenhar, para fazer seus admiráveis desenhos; *é porque* – respondeu ele – *eu o acho mais flexível*. O mesmo acontece com outras aptidões e, coisa bizarra, vimos Espíritos que se recusavam a ditar versos a médiuns que conheciam a poesia, ao passo que ditavam encantadores poemas a outros que

lhes desconheciam as regras. Isso vem provar uma vez mais que os Espíritos têm livre-arbítrio e que é inútil tentar submetê-los aos nossos caprichos.

Resulta das observações precedentes que o médium deve seguir o impulso que lhe é dado, conforme sua aptidão; que deve procurar aperfeiçoar essa aptidão pelo exercício, sabendo que é inútil tentar adquirir a que lhe falta, por prejudicial à que possui. De maneira alguma devemos forçar nosso talento, pois nada faríamos com perfeição, disse La Fontaine; e podemos acrescentar: nada faríamos de bom. Quando um médium possui uma faculdade preciosa com a qual pode tornar-se verdadeiramente útil, que se contente com ela e não procure uma vã satisfação ao amor-próprio numa variante que enfraqueceria a faculdade primordial. Se esta deve ser transformada, o que muitas vezes acontece, ou se deve adquirir uma nova, isso virá espontaneamente e não por efeito de sua vontade.

A faculdade de produzir efeitos físicos constitui uma categoria bem nítida que raramente se alia às comunicações inteligentes, sobretudo àquelas de elevado alcance. Sabe-se que os efeitos físicos são peculiares aos Espíritos de classe inferior, como entre nós as demonstrações de força são características dos saltimbancos. Ora, os Espíritos batedores pertencem a essa classe inferior; agem o mais das vezes por conta própria, para se divertirem ou vexarem os outros, mas algumas vezes, também, por ordem dos Espíritos elevados, que deles se servem, como nós dos trabalhadores braçais. Seria absurdo acreditar que os Espíritos superiores viessem divertir-se em bater nas mesas ou fazê-las girar. Eles se servem desses meios, dizemos nós, através de intermediários, seja para convencer-nos, seja para comunicar-se conosco quando não dispomos de outros meios; mas os abandonam tão logo possam agir de modo mais rápido, mais cômodo e mais direto, como nós abandonamos o telégrafo aéreo desde que passamos a ter o telégrafo elétrico. De modo algum os

efeitos físicos devem ser desprezados, porque, para muitas pessoas, são um meio de convicção; aliás, eles oferecem precioso material de estudo sobre as forças ocultas; mas é notável que os Espíritos geralmente os recusam aos que deles não necessitam ou, pelo menos, os aconselham a com eles não se ocuparem de modo particular. Eis o que a propósito ditou o Espírito São Luís, na *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*:

“Zombaram das mesas girantes, mas não zombarão jamais da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Aquelas foram o vestíbulo da ciência, onde, ao entrar, devemos deixar os preconceitos, assim como se deixa a capa. Não vos poderei senão estimular a fazer de vossas reuniões uma assembléia séria: que se façam demonstrações físicas, que se veja, que se escute, mas *que entre vós haja compreensão e amor*. O que imaginais parecer aos olhos dos Espíritos superiores quando fazeis girar uma mesa? Ignorantes. O sábio gastará seu tempo em repisar o á-bê-cê da Ciência? Ao contrário, em vos vendo rebuscar as comunicações inteligentes e instrutivas, sereis considerados como homens sérios, em busca da verdade.”

É impossível resumir de maneira mais lógica e mais precisa o caráter dos dois gêneros de manifestações. Aquele que recebe comunicações elevadas deve-as à assistência dos Espíritos bons: é uma prova da simpatia destes por ele; renunciar a elas para procurar os efeitos materiais é deixar uma sociedade de escol por outra mais ínfima. Querer aliar as duas coisas é atrair todos os seres antipáticos e, nesse conflito, é provável que os bons se vão e que os maus permaneçam. Longe de nós desprezar os médiuns de efeitos físicos; eles têm sua razão de ser, seu objetivo providencial; prestam incontestáveis serviços à ciência espírita; mas quando um médium possui uma faculdade que o põe em contato com seres superiores, não compreendemos que dela abdique, ou que deseje outras, a não ser por ignorância. Muitas vezes a ambição de querer ser tudo faz com que se acabe não sendo nada.

Médiuns Interesseiros

Em nosso artigo sobre os escolhos dos médiuns colocamos a cupidez no rol dos defeitos que podem dar guarida aos Espíritos imperfeitos. Alguns desenvolvimentos sobre esse assunto não serão inúteis. É preciso colocar na linha de frente dos médiuns interesseiros aqueles que poderiam fazer de sua faculdade uma profissão, dando o que se denomina de consultas ou sessões remuneradas. Não os conhecemos, pelo menos na França, mas como tudo pode tornar-se objeto de exploração, nada haveria de surpreendente em que um dia quisessem explorar os Espíritos. Resta saber como eles enfrentariam o fato, caso se tentasse introduzir uma tal especulação. Mesmo parcialmente iniciado no Espiritismo, compreende-se quanto seria aviltante semelhante especulação; entretanto, quem quer que conheça um pouco as difíceis situações enfrentadas pelos Espíritos para se comunicarem conosco, sabe quão pouco é necessário para os afastar, assim como conhece sua repulsa por tudo quanto represente interesse egoísta; por isso, jamais poderão admitir que os Espíritos superiores se submetam ao capricho do primeiro que os venha evocar, em tal ou qual hora; o simples bom-senso repele essa suposição. Não seria também uma profanação evocar o pai, a mãe, o filho ou um amigo por semelhante meio? Sem dúvida pode-se obter comunicações deste modo, mas só Deus sabe de que procedência! Os Espíritos levianos, mentirosos, travessos, zombadores e toda a corja de Espíritos inferiores vêm sempre; estão sempre dispostos a responder a tudo. Outro dia São Luís nos dizia, na Sociedade: *Evocai um rochedo e ele vos responderá*. Aquele que deseja comunicações sérias deve, antes de tudo, instruir-se sobre a natureza das simpatias do médium com os seres de além-túmulo. Ora, aquelas que são dadas mediante pagamento não podem inspirar senão uma confiança bem medíocre.

Médiuns interesseiros não são unicamente os que poderiam exigir uma retribuição material; o interesse nem sempre

se traduz na esperança de um ganho material mas, também, nas ambições de qualquer natureza, sobre as quais pode fundar-se a esperança pessoal; é ainda uma anomalia de que os Espíritos zombeteiros sabem muito bem aproveitar, e com uma destreza e uma desfaçatez verdadeiramente notáveis, embalando enganadoras ilusões aqueles que assim se colocam sob sua dependência. Em resumo, a mediunidade é uma faculdade dada para o bem e os Espíritos bons se afastam de quem quer que pretenda transformá-la em trampolim para alcançar seja o que for que não corresponda aos desígnios da Providência. O egoísmo é a chaga da sociedade; os Espíritos bons o combatem e, portanto, não se deve imaginar que se sirvam dele. Isto é tão racional que seria inútil insistir mais sobre esse ponto.

Os médiuns de efeitos físicos não estão na mesma categoria. Sendo tais efeitos produzidos por Espíritos inferiores, pouco escrupulosos quanto aos sentimentos morais, um médium dessa natureza que quisesse explorar a sua faculdade poderia encontrar quem o assistisse sem muita repugnância. Mas também aí se apresenta um outro inconveniente. O médium de efeitos físicos, assim como o de comunicações inteligentes, não recebeu essa faculdade para seu bel-prazer; ela lhe foi dada com a condição de usá-la adequadamente: se abusar, poderá ser retirada ou trazer-lhe prejuízos porque, definitivamente, os Espíritos inferiores estão às ordens dos Espíritos superiores. Os inferiores adoram mistificar, mas não gostam de ser mistificados. Se de boa vontade se prestam às brincadeiras e às questões curiosas, assim como os demais não gostam de ser explorados, provando a todo instante que têm vontade própria e agindo como e quando melhor lhes pareça; isto faz com que o médium de efeitos físicos esteja ainda menos seguro da realidade das manifestações que o médium escrevente. Pretender produzi-los a dia e hora marcados seria dar provas da mais profunda ignorância. Que fazer, então, para ganhar o seu dinheiro? Simular os fenômenos; é o que poderá acontecer não apenas aos que disso fizerem uma profissão declarada, como

também às pessoas aparentemente simples, que se limitam a receber uma retribuição qualquer dos visitantes. Se o Espírito nada produz, o próprio médium supre a sua deficiência: a imaginação é tão fecunda quando se trata de ganhar dinheiro...! É uma tese que desenvolvemos em artigo especial, visando a prevenir a fraude.

De tudo quando precede, concluímos que a maior garantia contra o charlatanismo é o mais absoluto desinteresse, por isso que não há charlatães desinteressados; se isso nem sempre assegura a excelência das comunicações inteligentes, retira aos Espíritos maus um poderoso meio de ação e fecha a boca de certos detratores.

Fenômeno de Transfiguração

Extraímos o seguinte fato de uma carta que nos foi escrita em setembro de 1857, por um de nossos correspondentes de Saint-Etienne. Após referir-se a diversas comunicações de que foi testemunha, acrescenta:

“Dá-se um fato extraordinário numa família de nossos arredores. Das mesas girantes passou-se à poltrona que fala; depois um lápis foi ligado ao pé dessa poltrona e ela indicou a psicografia; praticaram-na durante muito tempo, mais como brincadeira do que como coisa séria. Por fim a escrita designou uma das moças da casa, ordenando que lhe passassem as mãos sobre a cabeça depois que a fizessem deitar; ela adormeceu quase imediatamente e, depois de um certo número de experiências, transfigurou-se: tomava os traços, a voz e os gestos de parentes mortos, dos avós que não havia conhecido e de um irmão falecido há alguns meses. Essas transfigurações ocorriam sucessivamente numa mesma sessão. Disseram-me que ela falava um dialeto que não é mais o do nosso tempo, pois não conheço nem o antigo, nem o atual. O que posso afirmar é que numa sessão onde havia tomado a aparência do

irmão, vigoroso e decidido, essa mocinha de treze anos deu-me um rude aperto de mão.

“Esse fenômeno repete-se constantemente, da mesma maneira, há dezoito meses, mas somente hoje produziu-se espontânea e naturalmente, sem imposição das mãos.”

Apesar de bastante raro, esse estranho fenômeno não é excepcional; já nos falaram de diversos fatos semelhantes e nós mesmos fomos testemunhas de algo parecido em sonâmbulos no estado de êxtase e até nos extáticos que não se encontravam em estado sonambúlico. Além disso, é certo que emoções violentas operam sobre a fisionomia uma mudança que lhe dá uma expressão completamente diferente daquela do estado normal. Não vemos, do mesmo modo, criaturas cujos traços móveis se prestam à vontade a modificações que lhes permitem tomar a aparência de outras pessoas? Por aí se vê que a rigidez da face não é tal que não possa prestar-se a modificações passageiras mais ou menos profundas, e não há nada de surpreendente que um fato semelhante possa ocorrer neste caso, embora, talvez, por uma causa independente da vontade.

A propósito, eis as respostas que foram dadas por São Luís no dia 25 de fevereiro último, em sessão da Sociedade:

1. O caso da transfiguração de que acabamos de falar é real?

Resp. – Sim.

2. Nesse fenômeno existe um efeito material?

Resp. – O fenômeno da transfiguração pode ocorrer de modo material, a tal ponto que nas diferentes fases em que se apresenta poderia ser reproduzido em daguerreotipia.

3. Como se produz esse efeito?

Resp. – A transfiguração, como o entendeis, nada mais

é que uma modificação da aparência, uma mudança ou uma alteração das feições que pode ser produzida pela ação do próprio Espírito sobre o seu envoltório ou por uma influência exterior. O corpo não muda jamais; todavia, em consequência de uma contração nervosa, adquire aparências diversas.

4. Pode acontecer sejam os espectadores enganados por uma falsa aparência?

Resp. – Pode também acontecer que o perispírito represente o papel que conheceis. No fato citado houve contração nervosa e a imaginação o aumentou bastante. Aliás, esse fenômeno é muito raro.

5. O papel do perispírito seria análogo ao que se passa no fenômeno de bicorporeidade?

Resp. – Sim.

6. Então, nos casos de transfiguração é necessário que haja o desaparecimento do corpo real, a fim de que os espectadores não vejam senão o perispírito sob uma forma diferente?

Resp. – Não propriamente desaparecimento físico e sim *ocusão*. Entendei-vos sobre as palavras.

7. Parece resultar do que acabais de dizer que no fenômeno da transfiguração podem ocorrer dois efeitos: 1^o – Alteração dos traços do corpo real em consequência de uma contração nervosa; 2^o – Aparência variável do perispírito, tornado visível. É assim que devemos entender?

Resp. – Certamente.

8. Qual a causa primeira desse fenômeno?

Resp. – A vontade do Espírito.

9. Todos os Espíritos podem produzi-lo?

Resp. – Não; nem sempre os Espíritos podem fazer o que querem.

10. Como explicar a força anormal dessa mocinha, transfigurada na pessoa de seu irmão?

Resp. – Não possui o Espírito uma grande força? Aliás, é a do corpo em seu estado normal.

Observação – Esse fato nada tem de surpreendente. Muitas vezes vemos pessoas muito fracas dotadas momentaneamente de uma força muscular prodigiosa, devido a uma superexcitação.

11. No fenômeno da transfiguração, já que o olho do observador pode ver uma imagem diferente da realidade, dar-se-á o mesmo em certas manifestações físicas? Por exemplo, quando uma mesa se ergue sem contato das mãos e a vemos acima do solo, é realmente a mesa que se deslocou?

Resp. – Ainda o perguntais?

12. Quem a levanta?

Resp. – A força do Espírito.

Observação – Esse fenômeno já foi explicado por São Luís e tal questão já foi tratada de modo completo nos números de maio e junho de 1858, a propósito da teoria das manifestações físicas. Foi-nos dito, neste caso, que a mesa ou qualquer outro objeto que se move é animada de uma vida factícia momentânea, que lhe permite obedecer à vontade do Espírito.

Certas pessoas quiseram ver no fato uma simples ilusão de óptica que, por uma espécie de miragem, as fariam ver uma mesa no espaço, quando realmente estava no solo. Se assim fosse, não seria menos digna de atenção. É curioso que aqueles que desejam contestar ou denegrir os fenômenos espíritas os expliquem por causas que, elas mesmas, seriam verdadeiros prodígios e igualmente difíceis de compreender. Ora, por que tratar o assunto com tanto desdém? Se a causa que apontam é real, por que não as aprofundam? O físico procura conhecer a razão do menor

movimento anormal da agulha imantada; o químico, a mais ligeira mudança na atração muscular⁵; por que, então, se veria com indiferença fenômenos tão estranhos como esses de que falamos, ainda que resultassem de um simples desvio do campo visual ou de uma nova aplicação das leis conhecidas? Isso não tem lógica.

Certamente não seria impossível que, por um efeito de óptica semelhante ao que nos permite ver um objeto dentro d'água mais alto do que realmente está, por causa da refração dos raios luminosos, uma mesa nos aparecesse no espaço quando na verdade estaria no chão. Entretanto, há um fato que resolve peremptoriamente a questão: é quando a mesa cai bruscamente no solo e quando se quebra; isso não nos parece uma ilusão de óptica. Mas voltemos à transfiguração.

Se uma contração muscular pode modificar a fisionomia, não o será senão dentro de certos limites; mas certamente se uma mocinha toma a aparência de um velho, nenhum efeito fisiológico lhe faria nascer a barba. É preciso, pois, buscar sua causa alhures. Se nos reportarmos ao que dissemos anteriormente sobre o papel do perispírito em todos os fenômenos de aparição, mesmo de pessoas vivas, compreenderemos que aí se encontra a chave do fenômeno da transfiguração. Com efeito, desde que o perispírito pode isolar-se do corpo e tornar-se visível; que, por sua extrema sutileza, pode adquirir diversas aparências, conforme a vontade do Espírito, concebe-se sem dificuldade que assim ocorra com uma pessoa transfigurada: o corpo continua o mesmo; somente o perispírito mudou de aspecto. Mas, perguntarão, em que se transforma o corpo? Por que razão o observador não vê uma imagem dupla, a saber, de um lado o corpo real e do outro o perispírito transfigurado? Fatos estranhos, dos quais em breve falaremos, provam que o corpo real pode, de alguma sorte, ser velado pelo perispírito, em consequência da fascinação que em tais circunstâncias se opera no observador.

5 N. do T.: Attraction musculaire, no original. O correto seria atração molecular.

O fenômeno que é objeto deste artigo já nos havia sido comunicado há muito tempo e, se dele ainda não havíamos falado, é por não ser nossa intenção fazer desta Revista um simples catálogo de fatos destinados a alimentar a curiosidade, uma árida compilação sem apreciação nem comentários. Nossa tarefa seria muito fácil, e nós a levamos mais a sério. Antes de tudo, dirigimo-nos aos homens de raciocínio, aos que, como nós, querem conhecer as coisas, pelo menos daquilo que nos é possível. Ora, ensinou-nos a experiência que os fatos, por mais estranhos e multiplicados sejam, de forma alguma são elementos de convicção; e o serão tanto menos quanto mais estranhos forem. Quanto mais extraordinário é um fato, tanto mais anormal nos parece e menos dispostos nos encontramos em dar-lhe crédito. Queremos ver e, quando vemos, ainda duvidamos; desconfiamos da ilusão e das conivências. Já não é assim quando encontramos uma causa plausível para os fatos. Todos os dias vemos pessoas que outrora atribuíam os fenômenos espíritas à imaginação e à credulidade cega e que hoje são adeptos fervorosos, precisamente porque agora esses fenômenos não lhes repugnam a razão; explicam-nos, compreendem a sua possibilidade e neles crêem, *mesmo sem os ter visto*. Antes de falar de certos fatos, tivemos de esperar que os princípios fundamentais estivessem suficientemente desenvolvidos, a fim de compreender suas causas. O da transfiguração está nesse número. Para nós, o Espiritismo é mais do que uma crença: é uma Ciência; e nos sentimos felizes por ver que nossos leitores nos compreenderam.

Diatribes

Certamente algumas pessoas esperam encontrar aqui uma resposta a certos ataques pouco respeitosos, dos quais a Sociedade, nós pessoalmente, e os partidários do Espiritismo, em geral, temos sido vítimas nos últimos tempos. Pedimos que se reportem ao artigo sobre a polêmica espírita, que encabeça o nosso número de novembro último, em que fizemos profissão de fé a esse

respeito. Apenas acrescentaremos algumas palavras, já que não nos ocupamos com discussões ociosas. Os que têm tempo a perder para sorrir de tudo, mesmo daquilo que não compreendem; tempo para a maledicência, para a calúnia ou para o deboche, que fiquem satisfeitos: não lhes criaremos nenhum obstáculo. A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, composta de homens honrados pelo saber e por suas posições, tanto franceses quanto estrangeiros, médicos, escritores, artistas, funcionários, oficiais, negociantes, etc.; recebendo diariamente as mais altas notabilidades sociais e correspondendo-se com todas as partes do mundo, está acima da pequenez das intrigas, do ciúme e do amor-próprio; ela prossegue seus trabalhos na calma e no recolhimento, sem se inquietar com as piadas de mau gosto, que não poupam sequer as organizações respeitáveis.

Quanto ao Espiritismo em geral, que é uma das forças da Natureza, a zombaria será destruída, como aconteceu contra muitas outras coisas que o tempo já consagrou. Essa utopia, essa maluquice, como o chamam certas pessoas, já deu a volta ao mundo e nenhuma diatribe impedirá sua marcha, do mesmo modo que outrora os anátemas não impediram a Terra de girar. Deixemos, pois, que os zombeteiros riam à vontade, visto ser isso que lhes apraz; fá-lo-ão à custa do espírito. Riem bastante da religião: por que não haveriam de rir do Espiritismo, que é apenas uma ciência? Esperamos que nos prestem mais serviços do que prejuízos e nos façam economizar despesas com publicidade, porque não há um só de seus artigos, por mais espirituosos que sejam, que não tenha estimulado a venda de alguns de nossos livros ou não nos tenha proporcionado algumas assinaturas. Obrigado, pois, a eles pelo serviço que nos prestam involuntariamente.

Igualmente temos pouco a dizer quanto ao que nos toca pessoalmente; se aqueles que nos atacam, quer de maneira ostensiva, quer disfarçada, imaginam que nos perturbam, perdem seu tempo; se pensam em nos barrar o caminho, enganam-se do mesmo modo, pois nada pedimos e apenas aspiramos a nos tornar

úteis, no limite das forças que Deus nos concedeu. Por mais modesta seja a nossa posição, contentamo-nos com aquilo que para muitos seria mediocridade; não ambicionamos posição, nem honras, nem fortuna; não procuramos o mundo nem os seus prazeres; o que não podemos ter não nos causa nenhum desgosto e o vemos com a mais completa indiferença. Visto não fazerem parte de nossos gostos, não invejamos aqueles que possuem tais vantagens, se vantagens há, o que aos nossos olhos é um problema, porquanto os prazeres efêmeros deste mundo não asseguram melhor lugar no outro; pelo contrário. Nossa vida é toda de labor e de estudo e consagramos ao trabalho até os momentos de repouso. Aí nada há que cause inveja. Como tantos outros, trazemos a nossa pedra ao edifício que se levanta; entretanto, coraríamos se disso fizéssemos um degrau para alcançar o que quer que fosse. Que outros tragam mais pedras que nós; que outros trabalhem tanto e melhor que nós e os veremos com sincera alegria. O que queremos, antes de tudo, é o triunfo da verdade, venha de onde vier, pois não temos a pretensão de ver sozinho a luz; se disso deve resultar alguma glória, o campo a todos está aberto e estenderemos a mão a quantos nesta rude caminhada nos seguirem com lealdade, abnegação e sem segundas intenções particulares.

Sabíamos muito bem que, empunhando abertamente o estandarte das idéias de que nos fizemos propagadores e afrontando preconceitos, atrairíamos inimigos, sempre prontos a desferir dardos envenenados contra quem quer que levante a cabeça e se ponha em evidência. Há, entretanto, uma diferença capital entre eles e nós: não lhes desejamos o mal que nos procuram fazer, porque compreendemos a fragilidade humana e é somente nisso que a eles nos julgamos superior; nós nos rebaixamos pela inveja, pelo ódio, pelo ciúme e por todas as paixões mesquinhas, mas nos elevamos pelo esquecimento das ofensas: eis a moral Espírita. Não vale ela mais do que a das pessoas que dilaceram o próximo? Ela nos foi ditada pelos Espíritos que nos assistem e por aí podemos julgar se eles são *bons* ou *maus*. A

moral espírita mostra-nos as coisas do alto tão grandiosas e as de baixo tão pequenas que não podemos senão lamentar os que voluntariamente se torturam para proporcionar a si mesmos alguma satisfação efêmera ao seu amor-próprio.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

PAUL GAIMARD

Médico da marinha e viajante naturalista, falecido no dia 11 de dezembro de 1858, com 58 anos de idade. Evocado a 24 do mesmo mês por um de seus amigos, o Sr. Sardou.

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui. Que desejais?

2. Qual é o teu estado atual?

Resp. – Erro como os Espíritos que deixam a Terra e que desejam avançar na senda do bem. Buscamos, estudamos e depois escolhemos.

3. Tuas idéias sobre a natureza do homem modificaram-se?

Resp. – Muito. Bem podeis avaliar.

4. Que pensas agora do gênero de vida que levaste durante a existência que acabas de deixar aqui na Terra?

Resp. – Estou contente porque trabalhei.

5. Para o homem, acreditavas que tudo se acabasse no túmulo. Daí o teu epicurismo e o desejo que algumas vezes exprimias de viver bastante para aproveitar a vida. Que pensas dos vivos que têm apenas essa filosofia?

Resp. – Eu os lamento, embora isso lhes sirva; com tal sistema podem apreciar friamente tudo quanto entusiasmo os outros homens, permitindo-lhes julgar de maneira sadia muitas coisas que fascinam os crédulos.

Observação – É a opinião pessoal do Espírito. Nós a damos como tal e não como máxima.

6. O homem que se esforça moralmente, mais que intelectualmente, age melhor do que aquele que se liga sobretudo ao progresso intelectual e negligencia o progresso moral?

Resp. – Sim. O progresso moral é mais importante. Deus dá o espírito como recompensa aos bons, enquanto o moral deve ser adquirido.

7. Que entendes por espírito que Deus dá?

Resp. – Uma vasta inteligência.

8. Entretanto há muitas pessoas más que possuem uma vasta inteligência.

Resp. – Já o disse. Perguntastes o que era preferível buscar adquirir e eu vos disse que o moral era preferível. Mas quem trabalha o aperfeiçoamento de seu Espírito pode adquirir um alto grau de inteligência. Quando entenderéis com facilidade?

9. Estás completamente desprendido da influência material do corpo?

Resp. – Sim. Aquilo que sobre isso vos foi dito não compreende senão uma classe da Humanidade.

Observação – Aconteceu muitas vezes que Espíritos evocados, mesmo alguns meses depois de sua morte, declararam encontrar-se ainda sob a influência da matéria. Entretanto, todos eles tinham sido homens que não haviam progredido moralmente, nem intelectualmente. É a essa parte da Humanidade que se refere o Espírito Paul Gaimard.

10. Tiveste na Terra outras existências além da última?

Resp. – Sim.

11. Esta última é a consequência da precedente?

Resp. – Não; houve um grande intervalo entre elas.

12. Malgrado esse longo intervalo, não poderia haver, entretanto, uma certa relação entre essas duas existências?

Resp. – Se me fiz entender, cada minuto de nossa vida é consequência do minuto que o precede.

Observação – O Dr. B..., que assistia a esta reunião, externou a opinião de que certas tendências, certos instintos, por vezes despertados em nós, bem poderiam ser o reflexo de uma existência anterior. Citou vários fatos perfeitamente constatados em mulheres jovens que, durante a gravidez, se viram impelidas a atos ferozes, por exemplo, uma que se lançou sobre o braço de um açougueiro e lhe deu grandes dentadas; outra que cortou a cabeça de uma criança e ela mesma a levou ao comissário de polícia; uma terceira que matou o marido, cortou-o em pedacinhos, salgou-o e dele se alimentou durante vários dias. O médico perguntou se aquelas mulheres não haviam sido antropófagas numa existência anterior.

13. Ouviste o que acaba de dizer o Dr. B...; nas mulheres grávidas, os instintos que conhecemos sob o nome de desejos não resultariam de hábitos contraídos numa existência anterior?

Resp. – Não; resultam de uma loucura transitória; de uma paixão no seu mais alto grau. O Espírito fica eclipsado pela vontade.

Observação – O Dr. B... faz notar que os médicos consideram realmente esses fatos como casos de loucura transitória. Nós compartilhamos essa opinião, mas não pelos mesmos motivos, pois as pessoas que não estão familiarizadas com os fenômenos espíritas geralmente são levadas a atribuí-los exclusivamente às causas que conhecem. Estamos persuadidos de que devemos ter reminiscências de certas disposições morais anteriores; diremos até que é impossível que seja de outro modo, pois o progresso não se realiza senão gradualmente. Mas aqui não

é o caso, e o que o prova é o fato de as pessoas mencionadas não demonstrarem nenhum sinal de agressividade fora de seu estado patológico; evidentemente, nelas só havia uma perturbação momentânea das faculdades morais. Reconhece-se o reflexo das disposições anteriores por outros sinais, de certa maneira inequívocos, e que desenvolveremos em artigo especial, apoiado pelos fatos.

14. Em tua última existência houve simultaneamente progresso moral e intelectual?

Resp. – Sim; sobretudo intelectual.

15. Poderias dizer-nos qual foi o gênero de tua penúltima existência?

Resp. – Oh! fui obscuro. Tive uma família que tornei infeliz; mais tarde o expiei amargamente. Mas por que mo perguntais? Isso já passou e agora me encontro em novas fases.

Observação – P. Gaimard morreu celibatário, com 64 anos de idade. Mais de uma vez lamentou não haver constituído um lar.

16. Esperas reencarnar dentro de pouco tempo?

Resp. – Não; antes eu quero pesquisar. Gostamos desse estado de erraticidade porque a alma tem mais domínio de si; o Espírito tem mais consciência de sua força; a carne pesa, obscurece e entrava.

Observação – Todos os Espíritos afirmam que no estado de erraticidade pesquisam, estudam e observam, a fim de poderem escolher. Não está aí a contrapartida da vida corporal? Muitas vezes não erramos durante anos, antes de nos fixarmos na carreira que julgamos mais adequada à nossa caminhada evolutiva? Por vezes não mudamos, à medida que avançamos em idade? Cada dia não é empregado na busca do que faremos no dia seguinte?

Ora, o que representam as diferentes existências corporais para os Espíritos, senão fases, períodos, dias da vida espírita que, como sabemos, é a vida normal, já que a vida corporal é transitória e passageira? Haverá algo mais sublime do que essa teoria? Não está em consonância com a harmonia grandiosa do Universo? Ainda uma vez, não fomos nós que a inventamos e lamentamos não possuir esse mérito; porém, quanto mais nos aprofundamos mais a achamos fecunda na solução de problemas até agora inexplicados.

17. Em que planeta pensas ou desejas reencarnar?

Resp. – Não sei: dai-me tempo para procurar.

18. Que gênero de existência pedirás a Deus?

Resp. – A continuação desta última; o maior desenvolvimento possível das faculdades intelectuais.

19. Parece que colocas em primeiro plano o desenvolvimento das faculdades intelectuais, atribuindo menor importância às faculdades morais, apesar do que disseste anteriormente.

Resp. – Meu coração ainda não se encontra bastante formado para bem poder apreciar as outras.

20. Vês outros Espíritos e com eles entras em relação?

Resp. – Sim.

21. Entre eles não haverá alguns que tenhas conhecido na Terra?

Resp. – Sim; Dumont-d'Urville.

22. Vês também o Espírito Jacques Arago, com o qual viajaste?

Resp. – Sim.

23. Esses Espíritos se acham nas tuas mesmas condições?

Resp. – Não; uns mais elevados; outros em posição inferior.

24. Referimo-nos aos Espíritos de Dumont-d'Urville e Jacques Arago.

Resp. – Não desejo particularizar.

25. Estás satisfeito por te havermos evocado?

Resp. – Sim; especialmente por causa de uma pessoa.

26. Podemos fazer algo por ti?

Resp. – Sim.

27. Se te evocássemos dentro de alguns meses, estarias disposto a responder ainda às nossas perguntas?

Resp. – Com prazer. Adeus.

28. Tu te despedes; concede-nos o prazer de dizer aonde vais.

Resp. – Neste ritmo (para falar como o fiz alguns dias atrás) vou atravessar um espaço mil vezes mais considerável que o percurso que fiz na Terra em minhas viagens, que eu considerava tão longínquas; e tudo isso em menos de um segundo, de um pensamento. Irei a uma reunião de Espíritos, onde tomarei lições e poderei aprender minha nova ciência, minha vida nova. Adeus.

Observação – Quem conheceu perfeitamente o Sr. Paul Gaimard confessará que esta comunicação está marcada pelo cunho de sua individualidade. Aprender, ver, conhecer era a sua paixão dominante; é isso que explica suas viagens ao redor do mundo e às regiões do pólo Norte, assim como suas excursões à Rússia e à Polônia, quando do primeiro surto de cólera na Europa. Dominado por essa paixão e pela necessidade de satisfazê-la, conservava um raro sangue-frio diante dos maiores perigos; assim,

por sua calma e por sua firmeza ele soube livrar-se das garras de uma tribo de antropófagos que o haviam surpreendido no interior de uma ilha da Oceania.

Uma palavra sua caracteriza perfeitamente essa avidez de ver fatos novos, de assistir ao espetáculo de acidentes imprevistos. “Que felicidade!” – exclamou certo dia durante o período mais dramático da revolução de 1848 – “que felicidade viver numa época tão fértil em acontecimentos extraordinários e imprevistos!”

Seu espírito, voltado quase exclusivamente para as ciências que tratavam da matéria organizada, negligenciara bastante as ciências filosóficas. Assim, poder-se-ia dizer que lhe faltava elevação nas idéias. Entretanto, nenhum ato de sua vida prova que alguma vez tivesse desconhecido as grandes leis morais impostas à Humanidade. Em suma, o Sr. Paul Gaimard tinha uma bela inteligência: essencialmente probo e honesto, naturalmente obsequioso, era incapaz de cometer a menor injustiça a quem quer que fosse. Talvez lhe possamos apenas censurar o ter sido demasiadamente amigo dos prazeres; mas o mundo e os prazeres não corromperam o seu raciocínio nem o seu coração. Por isso o Sr. Paul Gaimard mereceu os pesares de seus amigos e de quantos o conheceram.

Sardou

SRA. REYNAUD

Sonâmbula, falecida em Annonay há cerca de um ano. Embora iletrada em seu estado natural, sua lucidez era notável, sobretudo em questões médicas.

Um de nossos correspondentes que a conhecera, pensando que pudesse obter ensinamentos úteis, dirigiu-nos algumas perguntas para lhe serem feitas, caso julgássemos conveniente interrogá-la, o que fizemos na sessão da Sociedade do dia 28 de janeiro de 1859. Às perguntas de nosso correspondente acrescentamos as que nos pareceram interessantes.

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui. O que desejais de mim?

2. Tendes uma lembrança exata de vossa existência corporal?

Resp. – Sim, muito precisa.

3. Podeis descrever-nos vossa atual situação?

Resp. – É a mesma dos demais Espíritos que habitam a Terra: geralmente possuem a intuição do bem e, entretanto, não podem conseguir a felicidade completa, reservada somente aos mais elevados em perfeição.

4. Quando viva, éreis sonâmbula lúcida. Poderíeis dizer-nos se vossa lucidez de então era análoga à que tendes agora, como Espírito?

Resp. – Não; era diferente por não ter a prontidão nem a justeza que meu Espírito possui agora.

5. A lucidez sonambúlica é uma antecipação da vida espírita, isto é, um isolamento do Espírito em relação à matéria?

Resp. – É uma das fases da vida terrena; mas a vida terrena é a mesma que a vida celeste.

6. Que quereis dizer, afirmando que a vida terrestre é a mesma que a vida celeste?

Resp. – Que a cadeia das existências é formada de anéis seguidos e contínuos: nenhuma interrupção lhe detém o curso. Pode-se, pois, dizer que a vida terrestre é a continuação da vida precedente e o prelúdio da vida celeste futura, e assim por diante, para todas as encarnações que o Espírito venha a ter. Daí resulta que entre essas duas existências não há uma separação tão absoluta quanto pensais.

Observação – Durante a vida terrestre o Espírito ou alma pode agir independentemente da matéria, e em certos momentos o

homem desfruta da vida espírita, seja durante o sono, seja mesmo no estado de vigília. As faculdades do Espírito se exercem malgrado a presença do corpo, havendo, entre a vida terrestre e a de além-túmulo, uma constante correlação, que levou a Sra. Reynaud a dizer que era a mesma; a resposta subsequente definiu claramente o seu pensamento.

7. Por que, então, nem todos são sonâmbulos?

Resp. – É que ainda ignorais que todos vós o sois, mesmo durante o sono e em vigília, embora em graus diferentes.

8. Compreendemos que todos o sejamos mais ou menos durante o sono, pois que o estado de sonho é uma espécie de sonambulismo imperfeito. Mas o que quereis significar dizendo que o somos, mesmo em estado de vigília?

Resp. – Não tendes intuições que não percebeis, e que nada mais são que uma faculdade do Espírito? O poeta é um médium, um sonâmbulo.

9. Vossa faculdade sonambúlica contribuiu para o desenvolvimento do vosso Espírito depois da morte?

Resp. – Pouco.

10. No momento da morte estivestes perturbada muito tempo?

Resp. – Não; reconheci-me imediatamente: estava cercada de amigos.

11. Atribuíis à lucidez sonambúlica o vosso pronto desprendimento?

Resp. – Sim, um pouco. Já conhecia previamente a sorte dos agonizantes. Contudo, isso de nada me teria valido se eu não houvesse possuído uma alma capaz de encontrar uma vida melhor por outros meios que não fossem apenas ter boas faculdades.

12. É possível ser bom sonâmbulo sem que se possua um Espírito de ordem elevada?

Resp. – Sim. As faculdades estão sempre em relação; apenas vos enganais quando pensais que elas requeiram boas disposições. Não; o que julgais ser um bem muitas vezes é um mal. Como não compreendeis, irei desenvolver este assunto:

Há sonâmbulos que conhecem o futuro, contam fatos passados dos quais nenhum conhecimento possuem em seu estado normal; outros sabem descrever perfeitamente os caracteres daqueles que os interrogam; sabem dizer a idade com exatidão, assim como o montante de dinheiro que carregam consigo, etc. Isso não demanda nenhuma superioridade real; é simplesmente o exercício da faculdade que possui o Espírito e que se manifesta nos sonâmbulos adormecidos. O que requer uma real superioridade é o uso que dela podem fazer para o bem; é a consciência do bem e do mal; é conhecer Deus melhor que os homens; é poder dar conselhos aptos a fazê-los progredir na senda do bem e da felicidade.

13. O uso que o sonâmbulo faz de sua faculdade influi sobre o seu estado de espírito após a morte?

Resp. – Sim, e muito, assim como a boa ou má utilização de todas as faculdades que Deus nos concedeu.

14. Podeis explicar-nos como tínheis conhecimentos médicos, sem haverdes realizado nenhum estudo?

Resp. – É sempre uma faculdade espiritual: outros Espíritos me aconselhavam; eu era médium: é o estado de todos os sonâmbulos.

15. Os medicamentos prescritos por um sonâmbulo são sempre indicados por outros Espíritos ou também são dados instintivamente, como ocorre entre os animais, que vão procurar a erva que lhes é salutar?

Resp. – São-lhes indicados, caso o sonâmbulo peça conselho ou quando sua experiência não lhe seja suficiente. Ele os conhece por suas qualidades.

16. O fluido magnético é o agente da lucidez dos sonâmbulos, como a luz o é para nós?

Resp. – Não; é o agente do sono.

17. O fluido magnético é o agente da visão, no estado de Espírito?

Resp. – Não.

18. Vedes-nos aqui tão claramente como nos veríeis caso estivésseis viva com o vosso corpo?

Resp. – Melhor agora; o que vejo a mais é o homem interior.

19. Ver-nos-íeis igualmente se estivéssemos na obscuridade?

Resp. – Do mesmo modo.

20. Vede-nos tão bem, melhor ou pior do que nos veríeis quando viva, mas em estado sonambúlico?

Resp. – Melhor ainda.

21. Qual o agente ou intermediário que vos faz ver?

Resp. – Meu Espírito. Não tenho olhos nem pupilas, nem retina, nem cílios e, entretanto, vejo melhor do que vedes os vossos vizinhos; vedes através dos olhos, mas na verdade quem vê é o vosso Espírito.

22. Tendes consciência da obscuridade?

Resp. – Sei que ela existe para vós; não para mim.

Observação – Isso confirma o que sempre nos foi dito: a faculdade de ver é uma propriedade inerente à própria natureza do Espírito, residindo em todo o seu ser, enquanto no corpo é localizada.

23. A dupla vista pode ser comparada ao estado sonambúlico?

Resp. – Sim; trata-se de uma faculdade que não procede do corpo.

24. O fluido magnético emana do sistema nervoso ou está espalhado na atmosfera?

Resp. – Do sistema nervoso; mas o sistema nervoso o extrai da atmosfera, sua fonte principal. A atmosfera não o possui em si; ele vem dos seres que povoam o Universo: o nada não o produz. É, ao contrário, um acúmulo de vida e de eletricidade, liberada dessa multidão de existências.

25. O fluido nervoso é um fluido próprio ou resultaria da combinação de todos os outros fluidos imponderáveis que penetram nos corpos, tal como o calórico, a luz, a eletricidade?

Resp. – Sim e não. Não conheceis bastante esses fenômenos para falardes assim; vossos termos não exprimem aquilo que quereis dizer.

26. De onde provém o entorpecimento causado pela ação magnética?

Resp. – Agitação produzida pela sobrecarga do fluido que o magnetizado concentra.

27. O poder magnético do magnetizador depende de sua constituição física?

Resp. – Sim, mas muito mais de seu caráter; numa palavra: de si mesmo.

28. Quais as qualidades morais que no sonâmbulo podem auxiliá-lo a desenvolver a sua faculdade?

Resp. – As boas. Perguntastes as que podem auxiliar.

29. Quais os defeitos que mais o prejudicam?

Resp. – A má-fé.

30. Quais são as qualidades mais essenciais para o magnetizador?

Resp. – As do coração; as boas intenções sempre firmes; o desinteresse.

31. Quais os defeitos que mais o prejudicam?

Resp. – As más inclinações, ou melhor, o desejo de prejudicar.

32. Quando viva e no estado sonambúlico vísos os Espíritos?

Resp. – Sim.

33. Por que nem todos os sonâmbulos os vêem?

Resp. – Todos os vêem por momentos e em diversos graus de clareza.

34. De onde vem a certas pessoas que não são sonâmbulas a faculdade de ver os Espíritos no estado de vigília?

Resp. – Isso é dom de Deus, como para outros o são a inteligência e a bondade.

35. Essa faculdade procede de uma organização física especial?

Resp. – Não.

36. Pode-se perder essa faculdade?

Resp. – Sim, como pode ser adquirida.

37. Quais são as causas que podem determinar a sua perda?

Resp. – Já o dissemos: as más intenções. Como primeira condição, é necessário que se proponha a fazer bom uso dela; isso posto, deve-se julgar se tal favor é merecido, porquanto ele não é dado inutilmente. O que prejudica os que a possuem é que ela se mescla quase sempre a essa infeliz paixão humana que tão bem conheceis – o orgulho – mesmo quando desejam levar a melhores resultados. Vangloriam-se daquilo que não é senão obra de Deus e, muitas vezes, querem tirar proveito. Adeus.

38. Deixando-nos agora ireis a que lugar?

Resp. – Às minhas ocupações.

39. Poderíeis dizer-nos quais são essas ocupações?

Resp. – Como vós, tenho algumas. Primeiro procuro instruir-me e, para isso, freqüento a sociedade dos que são melhores do que eu; como entretenimento faço o bem e minha vida se passa na esperança de alcançar uma felicidade maior. Não temos nenhuma necessidade material a satisfazer e, conseqüentemente, toda a nossa atividade se volta para o nosso progresso moral.

HITOTI, CHEFE TAITIANO

Um oficial da marinha, presente à sessão da Sociedade no dia 4 de fevereiro último, mostrou desejo de evocar um chefe taitiano chamado Hitoti, que conhecera pessoalmente durante sua passagem na Oceania.

1. Evocação.

Resp. – Que quereis?

2. Poderíeis dizer-nos por que preferistes abraçar a causa francesa na Oceania?

Resp. – Eu gostava dessa nação. Aliás, meu interesse a tanto me obrigava.

3. Ficastes satisfeito com a viagem à França que facultamos ao vosso neto e com os cuidados que lhe dispensamos?

Resp. – Sim e não. Talvez essa viagem tenha aperfeiçoado bastante o seu Espírito, mas o tornou completamente estranho à sua pátria, facultando-lhe certas idéias que jamais brotariam dele.

4. Das recompensas que recebestes do governo francês, quais as que vos deram maior satisfação?

Resp. – As condecorações.

5. E entre essas condecorações, qual a que preferis?

Resp. – A da Legião de Honra.

Observação – Essa circunstância era ignorada do médium e de todos os assistentes; foi confirmada pela pessoa que fazia a evocação. Embora o médium que servia de intermediário fosse intuitivo, e não mecânico, como tal pensamento poderia ser dele mesmo? Poder-se-ia admiti-lo em se tratando de uma pergunta banal, mas isso não seria admissível quando se trata de um fato positivo, do qual nada podia dar-lhe uma idéia.

6. Sois mais feliz agora do quando éreis vivo?

Resp. – Sim, muito mais.

7. Em que estado se encontra o vosso Espírito?

Resp. – Errante; mas devo reencarnar brevemente.

8. Quais as vossas ocupações nessa vida errante?

Resp. – Instruir-me.

Observação – Essa resposta é quase geral em todos os Espíritos errantes; os que se acham mais avançados moralmente acrescentam que se ocupam em fazer o bem, assistindo os que necessitam de seus conselhos.

9. De que maneira vos instruíis, porquanto não deveis fazê-lo da mesma maneira que o fazíeis quando vivo?

Resp. – Não; trabalho meu Espírito; viajo. Para vós, compreendo que isto é pouco inteligível; mais tarde vireis a sabê-lo.

10. Quais as regiões que freqüentais com mais boa vontade?

Resp. – Regiões? Persuadi-vos de que não viajo mais à vossa Terra. Vou mais alto, mais baixo, acima e abaixo, moral e fisicamente. Vi e examinei com o maior cuidado mundos ao nascente e ao poente e que ainda se acham em estado de terrível barbárie e outros que se encontram imensamente acima de vós.

11. Dissestes que em breve reencarnaríeis; sabeis em que mundo?

Resp. – Sim; nele já estive várias vezes.

12. Podereis designá-lo?

Resp. – Não.

13. Por que em vossas viagens negligenciais a Terra?

Resp. – Já a conheço.

14. Embora não viajeis mais pela Terra, pensais ainda em algumas pessoas que nela amastes?

Resp. – Pouco.

15. Não vos ocupais, portanto, das pessoas que vos dispensaram afeição?

Resp. – Pouco.

16. Lembrai-vos delas?

Resp. – Muito bem; mas nós nos veremos e espero pagar tudo isso. Perguntam-me se me preocupo com isso? Não; mas nem por isso os esqueço.

17. Não revistes esse amigo ao qual eu aludia há pouco e que, como vós, está morto?

Resp. – Sim; mas nós nos veremos mais materialmente: encarnaremos na mesma esfera e nossas existências se aproximarão.

18. Nós vos agradecemos por terdes atendido ao nosso apelo.

Resp. – Adeus. Trabalhai e pensai.

Observação – A pessoa que fez a evocação e que conhece os costumes desses povos, declara que esta última frase está de acordo com os seus hábitos; entre eles é uma locução de uso um tanto banal, e que o médium não podia adivinhar. Reconhece também que a entrevista, na sua inteireza, condiz com o caráter do Espírito evocado, e que sua identidade é evidente.

A resposta à pergunta 17 oferece uma particularidade notável: *Encarnaremos na mesma esfera e nossas existências se aproximarão*. É evidente que os seres que se amaram encontrar-seão no mundo dos Espíritos; mas, segundo várias respostas análogas, algumas vezes parece que eles podem seguir-se numa outra existência corporal, na qual as circunstâncias os aproximam sem que de nada desconfiem, quer por laços de parentesco, quer por relações amigáveis. Isto nos dá a razão de certas simpatias.

UM ESPÍRITO TRAVESSO

O Sr. J..., um de nossos colegas da Sociedade, por diversas vezes tinha visto chamas azuis passeando sobre o seu leito. Certo de que se tratava de uma manifestação, no dia 20 de janeiro último tivemos a idéia de evocar um desses Espíritos, a fim de nos instruímos sobre a sua natureza.

1. Evocação.

Resp. – Que queres de mim?

2. Com que objetivo te manifestaste na casa do Sr. J...?

Resp. – Que te importa?

3. A mim pouco importa, é verdade; mas para ele é diferente.

Resp. – Ah! Bela razão!

Observação – Essas primeiras perguntas foram feitas pelo Sr. Kardec. O Sr. J... prosseguiu com o interrogatório.

4. É que não recebo de bom grado qualquer pessoa em minha casa.

Resp. – Não tens razão; sou muito bom.

5. Dize, então, por favor o que vinhas fazer em minha casa?

Resp. – Por acaso acreditas que, pelo fato de ser bom, eu te deva obedecer?

6. Disseram-me que és um Espírito muito leviano.

Resp. – Julgaram-me muito mal a esse respeito.

7. Se é uma calúnia, prova-o.

Resp. – Não me incomodo.

8. Eu poderia empregar um meio para obrigar-te a dizer quem és.

Resp. – Palavra de honra, isso não poderia senão me divertir um pouco.

9. Intimo-te a dizer-me o que vens fazer em minha casa.

Resp. – Não tinha senão um propósito: divertir-me.

10. Isso não tem relação com o que me foi dito pelos Espíritos superiores.

Resp. – Fui mandado à tua casa e já conheces a razão. Estás satisfeito?

11. Mentiste, pois?

Resp. – Não.

12. Não tinhas, então, más intenções?

Resp. – Não; disseram-te o mesmo que eu.

13. Poderias dizer-nos qual é a tua posição entre os Espíritos?

Resp. – Tua curiosidade me agrada.

14. Pois que pretendes ser bom, por que me respondes de maneira tão pouco conveniente?

Resp. – Acaso eu te insultei?

15. Não; entretanto, por que respondes de maneira evasiva, recusando-te a dar as informações que te peço?

Resp. – Sob o comando de certos Espíritos, sou livre para fazer o que quiser.

16. Ora, ora, vejo que comesças a ficar mais razoável e imagino que iremos ter relações mais amigáveis.

Resp. – Deixa de palavreado: será muito melhor.

17. Sob que forma te apresentas aqui?

Resp. – Não tenho mais forma.

18. Sabes o que é o perispírito?

Resp. – Não; a menos que seja o vento.

19. Que poderia eu fazer para te ser agradável?

Resp. – Já te disse: cala-te.

20. A missão que vieste cumprir em minha casa fez que avançasses como Espírito?

Resp. – Isto é outra coisa; não me faças tais perguntas. Já sabes que obedeço a certos Espíritos; dirige-te a eles. Quanto a mim, peço para ir embora.

21. Acaso teríamos tido más relações em outra existência e seria isso a causa do teu mau humor?

Resp. – Não te lembras de quanto disseste mal de mim, a quem quisesse ouvir? Cala-te, digo-te eu.

22. De ti não falei senão o que foi dito pelos Espíritos superiores a teu respeito.

Resp. – Disseste também que eu te havia obsidiado.

23. Ficaste satisfeito com o resultado que obtiveste?

Resp. – Isso não é contigo.

24. Preferes então que eu conserve de ti uma má impressão?

Resp. – É possível. Vou-me embora.

Observação – Pelas conversas relatadas podemos constatar a extrema diversidade que existe na linguagem dos

Espíritos, conforme o seu grau de elevação. A dos Espíritos desta natureza é quase sempre caracterizada pela grosseria e pela impaciência. Quando são chamados às reuniões sérias sentimos que não comparecem de bom grado; têm pressa de partir porque não se sentem à vontade no meio de seus superiores e das pessoas que os embaraçam com perguntas. Não se dá o mesmo nas reuniões frívolas, onde nos divertimos com as suas facécias: estão no seu próprio ambiente e o aproveitam com alegria.

Plínio, o Moço

CARTA DE PLÍNIO, O MOÇO, A SURA – LIVRO VII – CARTA 27

O repouso que desfrutamos permite que ensineis e me permite aprender. Gostaria, pois, de saber se os fantasmas têm algo de real, se têm uma verdadeira fisionomia, se são gênios ou se não passam de imagens vãs, delineadas por imaginações perturbadas pelo temor. O que me leva a crer que há verdadeiros espectros é o que me disseram ter acontecido a Curtius Rufus. Na época em que ele não possuía nem fortuna nem nome, havia acompanhado à África aquele a quem coubera o governo. Ao cair da noite, passeava sob um pórtico quando uma mulher, de imagem e de beleza sobre-humanas, se lhe apresentou e disse-lhe: “Eu sou a África. Venho predizer o que te vai acontecer. Irás a Roma, ocuparás os maiores cargos e, em seguida, voltarás para governar esta província, onde morrerás.”

“Tudo aconteceu como ela havia predito. Diz-se mesmo que aportando em Cartago, ao sair do navio a mesma figura se apresentou a ele, vindo ao seu encontro no cais.

“O que há de verdade é que ele caiu doente e, julgando o futuro pelo passado, a infelicidade que o ameaçava pela boa sorte que havia desfrutado, logo desesperou de sua cura, a despeito da opinião otimista dos seus.

“Mas eis aqui outra história, não menos surpreendente e bem mais aterradora. Vou narrá-la tal qual a recebi:

“Havia em Atenas uma casa muito grande e muito confortável, mas desacreditada e deserta. No mais profundo silêncio da noite ouviam-se ruídos de ferros e, caso se prestasse mais atenção, um ruído de correntes, que de início parecia vir de longe para, em seguida, aproximar-se. Logo surgia um espectro semelhante a um velho, muito magro, bastante abatido, com uma longa barba, cabelos arrepiados, corrente nos pés e nos pulsos, que sacudia horrivelmente. Daí as noites horrorosas e insones para os habitantes daquela casa. A insônia prolongada trazia a doença, e esta, redobrando o pavor, era seguida da morte. Durante o dia, embora o espectro não aparecesse, a impressão que havia deixado o revivia sempre aos olhos de todos e o medo causado provocava novo temor. Por fim, a casa foi abandonada e deixada inteiramente ao fantasma. Entretanto, puseram um aviso de que estava exposta à venda ou para alugar, no pressuposto de que alguém, menos avisado de tão terrível incômodo, viesse a ser enganado.

“O filósofo Atenodoro veio a Atenas. Viu o aviso e perguntou o preço. A modicidade fez que desconfiasse; procurou informar-se. Contaram-lhe a história e, longe de interromper o negócio, cuidou de concluí-lo sem demora. Instalou-se e à tarde ordenou que preparassem seu leito no aposento da frente, que lhe trouxessem suas tabuinhas de escrever, sua pena e uma luz, e que as demais pessoas se retirassem para os fundos da casa. Temendo que sua imaginação chegasse a um temor tão frívolo que o fizesse acreditar em fantasmas, aplicou sua mente, seus olhos e sua mão a escrever. No início da noite um profundo silêncio reinou pela casa como por toda parte. Em seguida começou a ouvir o entrechoque de ferros e o barulho das correntes; não levantou os olhos nem deixou sua pena; tranqüilizou-se e se esforçou para escutar. O ruído aumentava e se achegava a ele; parecia surgir ao lado da porta do quarto. Ele olhou e percebeu o espectro, tal qual lho haviam descrito.

O fantasma estava de pé e o chamava com o dedo. Com a mão Atenodoro fez-lhe um sinal para que esperasse um pouco, continuando a escrever como se nada estivesse acontecendo. O espectro recomeçou o barulho com as correntes, ferindo os ouvidos do filósofo. Este olhou ainda uma vez e percebeu que continuava sendo chamado com o dedo. Então, sem mais demora, levantou-se, tomou da luz e o seguiu. O fantasma marchava a passo lento, como se o peso das correntes o oprimisse. Chegando ao pátio da casa, desapareceu de repente, deixando ali nosso filósofo, que apanhou ervas e folhas e as colocou no local em que ele o havia deixado, a fim de o poder reconhecer. No dia seguinte foi procurar os magistrados e pediu que mandassem escavar aquele lugar. Cavaram e encontraram ossos ainda presos às correntes; o tempo havia consumido as carnes. Depois que tudo foi cuidadosamente reunido fizeram o enterro publicamente, prestaram ao morto as derradeiras homenagens e, desde então, nada mais perturbou o sossego daquela casa.

“O que acabo de relatar eu o creio sob a palavra de outrem. Mas eis o que posso assegurar aos outros sob a minha própria fé:

“Tenho um liberto chamado Marcus, que absolutamente não é ignorante. Estava deitado com o seu irmãozinho quando lhe pareceu ver alguém sentado em seu leito e que aproximava uma tesoura de sua cabeça e chegava a cortar-lhe os cabelos acima da fronte. Quando o dia nasceu percebeu que os cabelos haviam sido cortados no alto da cabeça e estavam espalhados à sua volta. Pouco depois semelhante aventura aconteceu com um de meus familiares e não mais me permiti duvidar da veracidade da outra. Um de meus jovens escravos dormia com seus companheiros no lugar que lhes era destinado. Dois homens vestidos de branco – é assim que ele o contava – vieram pela janela, raspam-lhe a cabeça enquanto estava deitado e se foram como tinham vindo. À luz do dia seguinte encontraram-no tosquiado, como haviam encontrado o outro, e os cabelos cortados achavam-se esparsos no chão.

“Essas aventuras não tiveram nenhuma consequência, a não ser que fui acusado perante Domiciano, sob cujo império elas ocorreram. Eu não teria escapado se ele tivesse vivido, pois encontraram em sua pasta uma petição contra mim, dada por Carus. Daí se pode conjecturar que, como o costume dos acusados é negligenciar os cabelos e deixá-los crescer, aqueles que haviam cortado os da minha gente indicavam que eu estava fora de perigo. Suplico, pois, que ponhais aqui toda a vossa erudição. O assunto é digno de profunda meditação e talvez eu não seja indigno de participar de vossas luzes. Se, conforme é vosso costume, fizerdes um balanço das duas opiniões contrárias, fazei com que a balança penda para algum lado, a fim de me tirar da inquietude em que me encontro, já que não vos consulto senão por isso. Adeus.”

**RESPOSTAS DE PLÍNIO, O MOÇO, ÀS PERGUNTAS QUE LHE FORAM DIRIGIDAS
NA SESSÃO DA SOCIEDADE DO DIA 28 DE JANEIRO DE 1859.**

1. Evocação.

Resp. – Falai; eu responderei.

2. Embora estejais morto há 1743 anos, tendes recordação de vossa existência em Roma ao tempo de Trajano?

Resp. – Por que, então, nós, Espíritos, não nos haveríamos de recordar? Lembrais-vos de muitos atos de vossa infância. Que é, pois, para o Espírito uma existência passada, senão a infância das existências pelas quais devemos passar antes de chegarmos ao fim de nossas provas? Toda existência terrena ou envolvida pelo véu material é uma caminhada para o éter e, ao mesmo tempo, uma infância espiritual e material: espiritual porque o Espírito ainda se acha no começo das provas; e material porque apenas está adentrando as fases mais grosseiras pelas quais deve passar, a fim de depurar-se e instruir-se.

3. Poderíeis dizer-nos o que tendes feito desde aquela época?

Resp. – Seria longo dizer o que fiz; procurei fazer o bem; sem dúvida não quereis passar horas inteiras até que eu conte tudo; contentai-vos, pois, com uma resposta. Repito: procurei fazer o bem, instruir-me e levei criaturas terrestres e errantes a se aproximarem do Criador de todas as coisas, daquele que nos dá o pão da vida espiritual e material.

4. Que mundo habitais agora?

Resp. – Pouco importa; estou um pouco em toda parte; o espaço é o meu domínio, bem como o de muitos outros. São questões que um Espírito sábio e esclarecido pela luz santa e divina não deve responder ou somente fazê-lo em ocasiões muito raras.

5. Numa carta que escrevestes a Sura relatais três casos de aparição. Lembrai-vos deles?

Resp. – Eu os confirmo, porque são verdadeiros. Tendes fatos semelhantes diariamente, aos quais não prestais a menor atenção; são bastante simples, contudo, à época em que eu vivia nós os achávamos surpreendentes. Não vos deveis admirar; deixai de lado essas coisas, pois tendes outras bem mais extraordinárias.

6. Entretanto, gostaríamos de vos dirigir algumas perguntas a respeito.

Resp. – Contanto que eu vos responda de maneira geral; isto vos deve bastar. Perguntai, pois, se fazeis questão absoluta; serei, no entanto, lacônico em minhas respostas.

7. No primeiro caso, uma mulher aparece a Curtius Rufus e lhe diz que é a África. Quem era essa mulher?

Resp. – Uma grande figura. Parece-me que ela é muito simples para homens esclarecidos, tais os do século XIX.

8. Qual a razão que impelia o Espírito que apareceu a Atenodoro, e por que aquele ruído de correntes?

Resp. – Marca da escravidão, manifestação; meio de

convencer os homens, de chamar-lhes a atenção, fazendo falar da coisa e provar a existência do mundo espiritual.

9. Defendias, perante Trajano, a causa dos cristãos perseguidos. Foi por simples razões humanitárias ou por convicção da veracidade de sua doutrina?

Resp. – Eu tinha os dois motivos, mas o aspecto humanitário ocupava o segundo lugar.

10. Que pensais do vosso panegírico de Trajano?

Resp. – Ele teria necessidade de ser refeito.

11. Escrevestes uma história do vosso tempo que se perdeu. Poderíeis reparar essa perda no-la ditando?

Resp. – O mundo dos Espíritos não se manifesta especialmente por estas coisas. Tendes certos tipos de manifestações, mas elas têm o seu objetivo: são outras tantas balizas, fincadas à direita e à esquerda na grande estrada da verdade; mas deixai-as de lado e não vos ocupeis com isso nem a isso consagreis os vossos estudos. A nós compete o cuidado de ver e julgar aquilo que vos importa saber. Cada coisa tem seu tempo; não vos afasteis, pois, da linha que vos traçamos.

12. Folgamos em prestar justiça às vossas boas qualidades e, sobretudo, ao vosso desinteresse. Dizem que não exigíeis coisa alguma dos clientes que defendíeis. Esse desinteresse era assim tão grande em Roma quanto o é entre nós?

Resp. – Não lisonjeeis as minhas qualidades passadas. Não lhes atribuo nenhuma importância. O desinteresse não é muito cultivado em vosso século. Em cada duzentos homens encontrareis apenas um ou dois verdadeiramente desinteressados; bem sabeis que é o século do egoísmo e do dinheiro. Os homens do presente são feitos de lama e revestidos de metal. Outrora havia coração, a verdadeira força dos Antigos; hoje só existe a posição social.

13. Sem pretender absolver nosso século, parece-nos que ainda é preferível àquele em que vivestes, onde a corrupção atingia o seu apogeu e a delação nada conhecia de sagrado.

Resp. – Faça uma generalização que é bem verdadeira. Sei que à época em que eu vivia não existia muito desinteresse; entretanto, havia aquilo que não possuíis ou, pelo menos, que o possuíis em dose muito fraca: o amor do belo, do nobre, do grande. Falo para todo o mundo. O homem do presente, sobretudo os povos do Ocidente, os franceses particularmente, têm o coração pronto para fazer grandes coisas, mas isso não passa de um relâmpago. Logo vem a reflexão e a reflexão pondera e diz: o positivo, o positivo antes de tudo; e o dinheiro e o egoísmo voltam a tomar a frente. Nós nos manifestamos justamente porque vos afastais dos grandes princípios dados por Jesus. Adeus. Ainda não o compreendeis.

Observação – Compreendemos muito bem que nosso século ainda deixa muito a desejar; sua chaga é o egoísmo e o egoísmo gera a cupidez e a sede das riquezas. Sob esse aspecto está longe do desinteresse de que o povo romano ofereceu tantos exemplos sublimes em uma certa época, mas que não foi a de Plínio. No entanto seria injusto desconhecer a sua superioridade em mais de um ponto, mesmo sobre os mais belos tempos de Roma, que também tiveram os seus exemplos de barbárie. Havia, então, ferocidade até na grandeza e no desinteresse, ao passo que o nosso século será marcado pelo abrandamento dos costumes, pelos sentimentos de justiça e de humanidade que presidem a todas as instituições que vê nascer e, até, nas querelas entre os povos.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

ABRIL DE 1859

Nº 4

Quadro da Vida Espírita

Todos nós, sem exceção, mais cedo ou mais tarde atingiremos o termo fatal da vida; nenhuma força nos poderá subtrair a essa necessidade, eis o que é positivo. As preocupações do mundo muitas vezes nos desviam o pensamento daquilo que se passa além-túmulo; quando, porém, chega o momento supremo, poucos são os que não se perguntam em que se transformarão, pois a idéia de deixar a existência sem possibilidade de retorno tem algo que corta o coração. Realmente, quem poderia encarar com indiferença a hipótese de uma separação absoluta e eterna de tudo quanto amou? Quem poderia ver sem pavor abrir-se à sua frente o imenso abismo do nada, em que iriam desaparecer para sempre todas as nossas faculdades, todas as nossas esperanças? “Quê! depois de mim o nada; nada mais que o vazio; tudo acabado e sem retorno; mais alguns dias e a minha lembrança se apagará na memória dos que me sobreviverem; em breve não restará nenhum traço de minha passagem na Terra; o próprio bem que fiz será esquecido pelos ingratos a quem obsequiei; e nada compensará tudo isso, nenhuma outra perspectiva a não ser meu corpo sendo roído pelos vermes.” Este quadro do fim de um materialista, traçado por um Espírito que tinha vivido esses pensamentos, não tem algo de horrível, de glacial? Ensina-nos a religião que não pode ser assim, e

a razão no-lo confirma. Mas essa existência futura, vaga e indefinida, nada tem que satisfaça o nosso amor do que é positivo. É isso que gera a dúvida em muitas pessoas. Consideremos que tenhamos uma alma. Mas o que é a nossa alma? Terá uma forma, uma aparência qualquer? É um ser limitado ou indefinido? Dizem uns que é um sopro de Deus; outros que é uma centelha; outros, que é uma parte do grande todo, o princípio da vida e da inteligência. Mas o que significa tudo isso? Diz-se, ainda, que é imaterial. Mas uma coisa imaterial não poderia ter propriedades definidas; para nós isto nada representa. Ensina-nos ainda a religião que seremos felizes ou infelizes, conforme o bem ou o mal que houvermos feito. Mas o que é essa felicidade que nos espera no seio de Deus? Será uma beatitude, uma contemplação eterna, sem outro objetivo além de cantar louvores ao Criador? Serão as chamas do inferno uma realidade ou uma ficção? A própria Igreja o entende nesta última acepção, mas quais são esses sofrimentos? Onde o lugar do suplício? Em suma, o que se faz e o que se vê nesse mundo que nos espera a todos? Diz-se que ninguém voltou até agora para nos dar informações. Eis aí um erro, e a missão do Espiritismo é precisamente esclarecer-nos sobre esse futuro, fazendo-nos, até certo ponto, tocá-lo e vê-lo, não mais pelo raciocínio, mas pelos fatos. Graças às comunicações espíritas isso já não é uma presunção, uma probabilidade, sobre a qual cada um imagina à vontade, os poetas embelezam com as suas ficções ou semeiam de imagens alegóricas e enganadoras; é a própria realidade que nos aparece, pois são os próprios seres de além-túmulo que nos vêm descrever a sua situação e dizer-nos o que fazem, permitindo-nos, por assim dizer, assistir a todas as peripécias de sua nova vida e mostrando-nos, desse modo, a sorte inevitável que nos aguarda, conforme nossos méritos e deméritos. Haverá nisso algo de anti-religioso? Muito ao contrário, pois os incrédulos nele encontram a fé e os tíbios uma renovação do fervor e da confiança. O Espiritismo é, pois, o mais poderoso auxiliar da religião. Se existe é porque Deus o permite, para reanimar nossas esperanças vacilantes e nos reconduzir à senda do bem, pela perspectiva do futuro que nos aguarda.

As conversas familiares de além-túmulo que publicamos, relatando a situação dos Espíritos que nos falam, dão-nos conta de suas penas, de suas alegrias e ocupações; são o quadro animado da vida espírita e nele podemos encontrar as analogias que nos interessam pela própria variedade dos assuntos tratados. Tentaremos resumir o seu conjunto.

Consideremos, em primeiro lugar, a alma ao deixar este mundo e vejamos o que se passa nessa transmigração. Extinguindo-se as forças vitais, o Espírito se desprende do corpo no momento em que cessa a vida orgânica; mas a separação não é brusca ou instantânea, por vezes começando antes da cessação completa da vida; nem sempre é completa no instante da morte. Já sabemos que entre o Espírito e o corpo há um laço semimaterial que constitui um primeiro envoltório: é esse laço que não se quebra subitamente e, enquanto perdura, fica o Espírito num estado de perturbação comparável ao que acompanha o despertar. Muitas vezes duvida de sua morte; sente que existe, vê-se e não compreende que possa viver sem o corpo, do qual se percebe separado; os laços que ainda o prendem à matéria o tornam acessível a certas sensações, que toma como sensações físicas. Não é senão quando se acha completamente livre que o Espírito se reconhece: até então não percebe a sua situação. Como já o dissemos em outras ocasiões, a duração desse estado de perturbação é muito variável: pode ser de algumas horas como de vários meses, mas é raro que ao cabo de alguns dias o Espírito não se reconheça mais ou menos bem. Entretanto, como tudo lhe é estranho e desconhecido, falta-lhe um certo tempo para familiarizar-se com a sua nova maneira de perceber as coisas.

É solene o instante em que um deles vê cessar a sua escravização pela ruptura dos laços que o prendiam ao corpo; à sua entrada no mundo dos Espíritos ele é acolhido pelos amigos que o vêm receber, como se voltasse de penosa viagem. Se a travessia foi feliz, isto é, se o tempo de exílio foi empregado de maneira

proveitosa para si e o elevou na hierarquia do mundo dos Espíritos, eles o felicitam. Ali reencontra os conhecidos, mistura-se aos que o amam e com ele simpatizam, começando, então, verdadeiramente, para ele, sua nova existência.

O envoltório semimaterial do Espírito constitui uma espécie de corpo de forma definida, limitada e análoga à nossa. Mas esse corpo não tem os nossos órgãos e não pode sentir todas as nossas impressões. Entretanto, percebe tudo quanto percebemos: a luz, os sons, os odores, etc. Por nada terem de material, nem por isso essas sensações deixam de ser menos reais; têm, até, algo de mais claro, de mais preciso, de mais sutil, porque lhe chegam sem intermediário, sem passar pela fiação dos órgãos que as enfraquecem. A faculdade de perceber é inerente ao Espírito: é um atributo de todo o seu ser; as sensações lhe chegam de todas as partes, e não por canais circunscritos. Um deles nos dizia, falando da visão: “É uma faculdade do Espírito e não do corpo; vedes pelos olhos, mas não é o olho que vê, é o Espírito.”

Pela conformação de nossos órgãos, temos necessidade de certos veículos para as sensações; é assim que nos é necessária a luz para refletir os objetos e o ar para transmitir o som. Esses veículos se tornam inúteis, desde que não temos mais os intermediários que os tornavam necessários. O Espírito, pois, vê sem o auxílio da nossa luz, ouve sem necessidade das vibrações do ar; eis por que, para ele, não há obscuridade. Mas as sensações perpétuas e indefinidas, por mais agradáveis que sejam, tornar-se-iam fatigantes com o tempo, se não lhe fosse possível subtrair-se a elas. Assim, tem o Espírito a faculdade de suspender-las; pode deixar de ver à vontade, ouvir ou sentir tais coisas e, conseqüentemente, não ver, não ouvir e não sentir o que não queira. Essa faculdade está na razão de sua superioridade, porquanto há coisas que os Espíritos inferiores não podem evitar, pelo que se torna penosa a sua situação.

É essa nova maneira de sentir que o Espírito não compreende no início, da qual só aos poucos se dá conta. Aqueles cuja inteligência é ainda muito atrasada não a compreendem de forma alguma e sentiriam muita dificuldade em descrevê-la: absolutamente como entre nós os ignorantes vêem e se movem, sem saber como e por quê.

Essa impossibilidade de compreender o que está acima de seu alcance, associada à fanfarrice, companheira ordinária da ignorância, é a fonte das teorias absurdas dadas por certos Espíritos e que nos induziriam em erro, caso as aceitássemos sem controle e não nos assegurássemos do grau de confiança que merecem, através dos meios proporcionados pela experiência e pelo hábito de com eles conversar.

Há sensações que têm sua fonte no próprio estado de nossos órgãos. Ora, as necessidades inerentes ao nosso corpo não podem ocorrer, desde que o corpo não existe mais. O Espírito, portanto, não experimenta fadiga nem necessidade de repouso ou de nutrição, porque não tem nenhuma perda a reparar, como não é acometido por nenhuma de nossas enfermidades. As necessidades do corpo determinam as necessidades sociais que, para os Espíritos, não mais existem, tais como as preocupações dos negócios, as discórdias, as mil e umas tribulações do mundo e os tormentos a que nos entregamos para garantirmos as necessidades ou as coisas supérfluas da vida. Eles sentem piedade pelos esforços que dispêndemos em razão das futilidades; quanto mais felizes são os Espíritos elevados, tanto maior sofrimento experimentam os inferiores. Entretanto, esses sofrimentos se expressam como angústias que, embora nada tenham de físico, nem por isso são menos pungentes; eles têm todas as paixões e todos os desejos que tinham em vida – falamos dos Espíritos inferiores – e seu castigo é não os poder satisfazer. Isso representa uma verdadeira tortura, que julgamos perpétua, porque sua própria inferioridade não lhes permite ver o termo, o que, para eles, também é um castigo.

A palavra articulada também é uma necessidade de nossa organização. Não necessitando de vibrações sonoras para lhes ferir os ouvidos, os Espíritos se entendem pela simples transmissão do pensamento, assim como muitas vezes nos entendemos por meio de um simples olhar. Todavia, os Espíritos fazem barulho. Sabemos que podem agir sobre a matéria e esta nos transmite o som. É assim que se dão a entender, seja por meio de pancadas, seja por gritos que vibram no ar; mas, então, é por nós que o fazem, e não por eles. Voltaremos ao assunto em artigo especial, onde trataremos da faculdade dos médiuns audientes.

Enquanto arrastamos o nosso corpo pesado e material pela terra, como o trabalhador forçado a sua corrente, o dos Espíritos, vaporoso e etéreo, transporta-se sem fadiga de um a outro lugar, vencendo o espaço com a rapidez do pensamento e em tudo penetrando, visto que a matéria não lhe opõe nenhum obstáculo.

O Espírito vê tudo o que vemos, e mais claramente do que nós. Além disso, vê aquilo que nossos sentidos limitados não nos permitem ver; penetrando a própria matéria, ele descobre o que a matéria subtrai à nossa vista.

Os Espíritos não são, pois, seres vagos, indefinidos, conforme as definições abstratas da alma a que nos referimos pouco atrás. São seres reais, determinados, circunscritos, gozando de todas as nossas faculdades e de muitas outras que nos são desconhecidas, porque inerentes à sua natureza; têm as qualidades da matéria que lhes é peculiar e constituem o mundo invisível que povoa o espaço, cercando-nos e se acotovelando incessantemente conosco. Suponhamos, por um instante, que o véu material que os oculta à nossa vista seja rasgado: ver-nos-íamos envolvidos por uma multidão de seres que vão e vêm, agitando-se à nossa volta e nos observando, como o faríamos se nos encontrássemos em uma assembléia de cegos. Para os Espíritos nós somos os cegos e eles são os videntes.

Dissemos que ao entrar em sua nova vida o Espírito necessita de algum tempo para se reconhecer, que tudo lhe é estranho e desconhecido. Sem dúvida haverão de perguntar como pode ser assim, já que ele teve outras existências corporais. Essas existências foram separadas por intervalos, durante os quais ele habitava o mundo dos Espíritos; tal mundo, portanto, não lhe deveria ser desconhecido, considerando que não o vê pela primeira vez.

Várias causas contribuem para que essas percepções lhe pareçam novas, embora já as tenha experimentado. Dissemos que a morte é sempre seguida por um instante de perturbação, que pode ser de curta duração. Nesse estado, suas idéias são sempre vagas e confusas; de alguma sorte a vida corporal se confunde com a vida espírita e ele ainda não as pode separar em seu pensamento. Dissipada a primeira impressão, as idéias pouco a pouco se tornam claras e, com elas, a lembrança do passado, que não volta senão gradualmente à memória, porquanto jamais essa memória irrompe bruscamente. Apenas quando ele se encontra completamente desmaterializado é que o passado se desdobra à sua frente, como algo impreciso, saindo de um nevoeiro. Somente então ele se recorda de todos os atos de sua última existência, seguidos dos atos das existências anteriores e de suas diversas passagens pelo mundo dos Espíritos. Concebe-se, pois, que durante um certo tempo esse mundo lhe deva parecer novo, até que ele se tenha reconhecido completamente e a lembrança das sensações ali experimentadas lhe tenha voltado de maneira precisa. Mas a esta causa deve juntar-se uma outra, não menos preponderante.

O estado do Espírito, como Espírito, varia extraordinariamente, na razão do grau de sua elevação e pureza. À medida que se eleva e se depura, suas percepções e sensações se tornam menos grosseiras, adquirindo mais primor, mais sutileza e mais delicadeza; vê, sente e compreende coisas que não podia ver, nem sentir, nem compreender numa condição inferior. Ora, cada existência corporal, sendo para ele uma oportunidade de progresso,

condu-lo a um novo meio, porque se encontra, caso haja progredido, entre Espíritos de outra ordem, cujas idéias, pensamentos e hábitos são diferentes. Acrescente-se que tal depuração lhe permite penetrar, sempre como Espírito, em mundos inacessíveis aos Espíritos inferiores, como entre nós os salões da alta sociedade são interditos às pessoas mal-educadas. Quanto menos esclarecido, tanto mais limitado é o seu horizonte; à medida que se eleva e se depura, esse horizonte se amplia e, com ele, o círculo de suas idéias e percepções. A seguinte comparação nos permite compreendê-lo. Suponhamos um camponês bruto e ignorante, vindo a Paris pela primeira vez. Conhecerá e compreenderá a Paris do mundo sábio e elegante? Não, porque freqüentará apenas as pessoas de sua classe e os bairros que elas habitam. Mas se, no intervalo de uma segunda viagem, esse camponês se desenvolveu, havendo adquirido instrução e boas maneiras, outros serão seus hábitos e as suas relações. Verá, então, um mundo novo para ele, que em nada se assemelhará à Paris de outrora. O mesmo acontece com os Espíritos; nem todos, porém, experimentam esse mesmo grau de incerteza. À medida que progredem, suas idéias se desenvolvem e a memória se aperfeiçoa: familiarizam-se antecipadamente com a sua nova situação; seu retorno entre os outros Espíritos nada mais tem que os surpreenda; encontram-se em seu meio normal e, passado o primeiro momento de perturbação, reconhecem-se quase imediatamente.

Tal é a situação geral dos Espíritos, no chamado estado de erraticidade. Mas o que fazem nesse estado? Como passam o tempo? Para nós essas questões são de interesse capital e eles mesmos é que vão respondê-las, como foram eles que nos deram as explicações que acabamos de fornecer, pois nada disso é produto de nossa imaginação; não se trata de um sistema saído de nosso cérebro: julgamos conforme vemos e ouvimos. Abstraindo-nos de qualquer opinião sobre o Espiritismo, haveremos de convir que essa teoria da vida de além-túmulo nada tem de irracional; ela apresenta uma seqüência e um encadeamento perfeitamente lógicos, que honrariam mais de um filósofo.

Seria erro pensar que a vida espírita seja uma vida ociosa. É, ao contrário, essencialmente ativa, e todos nos falamos de suas ocupações; tais ocupações diferem necessariamente, conforme seja o Espírito errante ou encarnado. No estado de encarnação, elas são relativas à natureza dos globos por eles habitados, às necessidades que dependem do estado físico e moral desses mundos, bem como da organização dos seres vivos. Não é isso que vamos tratar aqui; falaremos somente dos Espíritos errantes. Entre os que alcançaram um certo grau de elevação, uns velam pela realização dos desígnios de Deus nos grandes destinos do Universo; dirigem a marcha dos acontecimentos e concorrem para o progresso de cada mundo; outros tomam os indivíduos sob sua proteção, constituindo-se em seus gênios tutelares e anjos-da-guarda, acompanhando-os desde o nascimento até à morte, buscando encaminhá-los na senda do bem: é uma felicidade para eles quando os seus esforços são coroados de sucesso. Alguns encarnam em mundos inferiores, para neles realizarem missões de progresso; por seus trabalhos, exemplos, conselhos e ensinamentos procuram fazer que uns progridam nas ciências ou nas artes, outros na moral. Submetem-se, então, voluntariamente às vicissitudes de uma vida corporal muitas vezes penosa, com vistas a fazer o bem, e o bem que fazem lhes é levado em conta. Outros, finalmente, não têm atribuições especiais: vão a toda parte onde a sua presença pode ser útil, dão conselhos, inspiram boas idéias, sustentam a coragem dos que vacilam, fortificam os fracos e castigam os presunçosos.

Se considerarmos o número infinito de mundos que povoam o Universo e o incalculável número de seres que o habitam, compreenderemos que os Espíritos têm muito em que se ocupar; tais ocupações, porém, nada têm de penosas; eles as realizam com alegria, voluntariamente, sem constrangimento, e sua felicidade é triunfar naquilo que empreendem; ninguém pensa numa ociosidade eterna, que seria um verdadeiro suplício. Quando as circunstâncias o exigem, reúnem-se em conselho, deliberam

sobre a marcha a seguir, conforme os acontecimentos, dão ordens aos Espíritos que lhes são subordinados e vão para onde o dever os chama. Essas assembléias são mais ou menos gerais ou particulares, conforme a importância do assunto; nenhum lugar especial e circunscrito é destinado a essas reuniões: o espaço é o domínio dos Espíritos. Entretanto, elas se realizam de preferência nos globos onde estão os seus objetivos. Os Espíritos encarnados, que neles estão em missão, delas participam conforme a sua elevação; enquanto o corpo repousa, vão haurir conselhos dos outros Espíritos e, muitas vezes, receber ordens sobre a conduta que devem adotar como homens. É verdade que ao despertar não conservam uma lembrança precisa daquilo que se passou, delas guardando a intuição, que os leva a agir como se o fizessem por conta própria.

Descendo na hierarquia, encontramos Espíritos menos elevados, menos depurados e, conseqüentemente, menos esclarecidos; nem por isso deixam de ser bons, preenchendo funções análogas nas esferas de atividades mais restritas. Sua ação, em vez de estender-se aos diferentes mundos, exerce-se mais especialmente num globo determinado e está relacionada com o seu grau de desenvolvimento; sua influência é mais individual e tem como objetivo coisas de menor importância.

A seguir vem a multidão de Espíritos vulgares, mais ou menos bons ou maus, que pululam à nossa volta. Eles se elevam pouco a pouco acima da Humanidade, da qual representam todos os matizes e os refletem, pois que dela guardam os vícios e as virtudes. Em grande número deles encontramos os gostos, as idéias e inclinações que possuíam em vida. Suas faculdades são limitadas, seu julgamento falível como o dos homens e, muitas vezes, errôneo e imbuído de preconceitos.

Em outros o senso moral é mais desenvolvido; sem terem grande superioridade nem grande profundidade, julgam com

mais acerto, condenando muitas vezes o que fizeram, disseram ou pensaram em vida. Ademais, há uma coisa notável: mesmo entre os Espíritos mais vulgares, a maioria tem sentimentos mais depurados como Espíritos do que como homens, desde que a vida espírita os esclarece sobre os seus defeitos; salvo poucas exceções, arrependem-se amargamente e lamentam o mal que fizeram, porque lhes sofrem mais ou menos cruelmente as conseqüências. Vimos alguns deles que não eram melhores do que o haviam sido em vida; jamais, porém, piores. O endurecimento absoluto é muito raro e apenas temporário, porque, cedo ou tarde, acabam padecendo a sua posição e pode-se mesmo dizer que todos aspiram ao aperfeiçoamento, porque compreendem que este é o único meio de sair da sua inferioridade. Instruir-se, esclarecer-se, eis aí a sua grande preocupação, *e eles se sentem felizes quando a isso podem acrescentar pequenas missões de confiança que os elevam aos seus próprios olhos.*

Têm, também, suas assembléias, mais ou menos sérias, conforme a natureza de seus pensamentos. Falam-nos, vêem e observam o que se passa; imiscuem-se em nossas reuniões, em nossos jogos, em nossas festas e espetáculos, bem como em nossas ocupações sérias. Ouvem nossas conversas: os mais levianos para se divertirem, para rirem à nossa custa ou para nos pregarem alguma peça, caso o possam; os outros para se instruírem. Observam os homens, analisam o seu caráter e fazem o que chamam estudo de costumes, com vistas à escolha de sua futura existência.

Vimos o Espírito no momento em que, deixando o corpo, entra em sua nova vida. Analisamos as suas sensações e seguimos o desenvolvimento gradual de suas idéias. Os primeiros momentos são empregados em se reconhecerem e em se darem conta do que com eles se passa. Em suma, experimentam, por assim dizer, suas faculdades, como a criança que, pouco a pouco, vê crescer suas forças e pensamentos. Falamos dos Espíritos vulgares,

porquanto os outros, como já dissemos, de alguma sorte estão previamente identificados com o estado espírita, que nenhuma surpresa lhes causa, a não ser a alegria de se encontrarem livres dos entraves e dos sofrimentos corporais. Entre os Espíritos inferiores muitos sentem saudades da vida terrena, porque sua situação como Espírito é cem vezes pior. Eis por que buscam uma distração na visão do que outrora constituíam as suas delícias, embora até mesmo essa visão lhes seja um suplício, já que sentem desejos mas não os podem satisfazer.

A necessidade de progredir é geral entre os Espíritos; é isso que os impele ao trabalho por seu melhoramento, porque compreendem que é este o preço de sua felicidade. Nem todos, porém, experimentam tal necessidade no mesmo grau, sobretudo no início; alguns chegam mesmo a comprazer-se numa espécie de vagabundagem, mas que não dura muito tempo; logo a atividade se torna para eles uma necessidade imperiosa, à qual, aliás, são impelidos por outros Espíritos, que lhes estimulam os sentimentos do bem.

Vem a seguir o que se pode chamar de escória do mundo espírita, constituída de todos os Espíritos impuros, cuja única preocupação é o mal. Sofrem e desejariam que todos sofressem como eles. A inveja lhes torna odiosa toda superioridade; o ódio é a sua essência. Não podendo assenhorear-se dos Espíritos, apoderam-se dos homens, atacando os que lhes parecem mais fracos. Excitar as más paixões, insuflar a discórdia, separar os amigos, provocar rixas, alimentar o orgulho dos ambiciosos para, em seguida, se darem ao prazer de abatê-los, espalhando o erro e a mentira – numa palavra, desviar do bem – tais são os seus pensamentos dominantes.

Mas por que permite Deus que assim seja? Deus não tem que nos prestar contas. Dizem-nos os Espíritos superiores que os maus são provações para os bons, e que não há virtude onde não há vitória a conquistar. Ademais, se esses Espíritos malfazejos se

reúnem na Terra, é que nela encontram eco e simpatia. Consolemo-nos imaginando que, acima desta abjeção que nos cerca, há seres puros e benevolentes que nos amam, sustentam-nos, encorajam-nos e nos estendem os braços para nos levarem até eles, conduzindo-nos a mundos melhores onde o mal não encontra acesso, caso saibamos fazer aquilo que é preciso para o merecer.

Fraudes Espíritas⁶

Os que não admitem a realidade das manifestações físicas geralmente atribuem à fraude os efeitos produzidos. Fundam-se em que os prestidigitadores hábeis fazem coisas que parecem prodígios, para quem não lhes conhece os segredos, donde concluem que os médiuns não passam de escamoteadores. Já refutamos este argumento, ou, antes, esta opinião, notadamente nos nossos artigos sobre o Sr. Home e nos números da *Revista* de janeiro e fevereiro de 1858. Aqui, pois, não diremos mais que algumas palavras, antes de falarmos de coisa mais séria.

Do fato de haver charlatães que preconizam drogas nas praças públicas, mesmo de haver médicos que, sem irem à praça pública, iludem a confiança de seus clientes, seguir-se-á que todos os médicos são charlatães e que a classe médica haja perdido a consideração que merece? De haver indivíduos que vendem tintura por vinho, segue-se que todos os negociantes de vinho são falsificadores e que não há vinho puro? De tudo se abusa, mesmo das coisas mais respeitáveis e bem se pode dizer que também a fraude tem o seu gênio. Mas, a fraude sempre visa a um fim, a um interesse material qualquer; onde nada há a ganhar, nenhum interesse há em enganar. Por isso foi que dissemos, em nosso número anterior, a propósito dos médiuns mercenários, que a melhor de todas as garantias é o desinteresse absoluto.

6 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns*, Segunda parte, capítulo XXVIII, itens 314 a 316.

Dir-se-á que essa garantia não é única, porque em matéria de prestidigitação há amadores muito hábeis, que visam apenas a distrair a sociedade e disso não fazem uma profissão. Não poderia dar-se o mesmo com os médiuns? Sem dúvida que por alguns momentos podemos nos divertir, divertindo os outros; porém, para nisso passar horas inteiras, durante semanas, meses e anos, fora necessário que se estivesse verdadeiramente possuído do demônio da mistificação, e o primeiro mistificado seria o mistificador. Não repetiremos aqui tudo que já foi dito sobre a boa-fé dos médiuns e dos assistentes, quanto a serem joguetes de uma ilusão ou de uma fascinação. A isso já respondemos inúmeras vezes, bem como a todas as outras objeções, pelo que remetemos o leitor à nossa *Instrução Prática sobre as Manifestações*, e aos nossos artigos anteriores da *Revista*. Nosso objetivo aqui não é convencer os incrédulos. Se não se convencem pelos fatos, não se deixarão convencer pelo raciocínio; seria, pois, perder nosso tempo. Ao contrário, dirigimo-nos aos adeptos, a fim de preveni-los contra os subterfúgios de que poderiam ser vítimas da parte de pessoas interessadas, por um motivo qualquer, em simular certos fenômenos; dizemos certos fenômenos porque alguns há que evidentemente desafiam toda habilidade de prestidigitação, tais como o movimento de objetos sem contato, a suspensão de corpos pesados no espaço, os golpes desferidos em diferentes posições, as aparições, etc. E, ainda, para alguns desses fenômenos, até certo ponto seria possível a simulação, tal o progresso realizado pela arte da imitação.

O que é necessário fazer em semelhantes casos é observar atentamente as circunstâncias e, sobretudo, levar em conta o caráter e a posição das pessoas, a finalidade e o interesse que poderiam ter em enganar: eis aí o melhor de todos os controles, pois há circunstâncias que afastam todo motivo de suspeita. Desse modo, estabelecemos como princípio que é preciso desconfiar de todos quantos fizessem desses fenômenos um espetáculo ou um objeto de curiosidade e de divertimento, ou que deles tirassem qualquer proveito, por menor que fosse, vangloriando-se de os

produzir à vontade e a qualquer momento. Nunca seria demasiado repetir que as inteligências ocultas que se manifestam têm suas susceptibilidades e querem provar-nos que também possuem livre-arbítrio e não se submetem aos nossos caprichos.

De todos os fenômenos físicos, um dos mais comuns é o dos golpes internos, vibrados na própria substância da madeira, com ou sem movimento da mesa ou de qualquer objeto que possa ser utilizado. Ora, sendo esse efeito um dos mais fáceis de imitar e também um dos mais freqüentemente produzidos, julgamos de utilidade revelar uma pequena astúcia com a qual podemos ser enganados: basta colocar as mãos abertas sobre a mesa, suficientemente próximas para que as unhas dos polegares se apoiem fortemente uma na outra; então, por um movimento muscular absolutamente imperceptível, produz-se um atrito semelhante a um ruído seco, muito parecido com o da tiptologia interna. Esse ruído repercute na madeira e produz uma ilusão completa. Nada mais fácil do que fazer ouvir tantos golpes quanto se queira, uma batida de tambor, etc., responder a certas perguntas pelo sim e pelo não, pelos números e até mesmo pela indicação das letras do alfabeto.

Uma vez prevenidos, o meio de reconhecer a fraude é bem simples. Não será mais possível se as mãos ficarem afastadas uma da outra e se estivermos seguros de que nenhum outro contato possa produzir o ruído. Aliás, os golpes autênticos oferecem essa característica: mudam de lugar e de timbre à vontade, o que não ocorre quando se devem à causa que assinalamos ou a outra análoga qualquer; que eles deixam a mesa para se fazerem ouvir em outra peça de mobiliário que ninguém toca; que, enfim, respondem a perguntas não previstas pelos assistentes.

Chamamos, pois, a atenção das pessoas de boa-fé para esse pequeno estratagema, bem como para outros que possam reconhecer, a fim de os denunciar sem cerimônia. A possibilidade

de fraude e de imitação não impede a realidade dos fatos, não podendo o Espiritismo senão ganhar em desmascarar os impostores. Se alguém nos disser: Vi tal fenômeno, mas havia fraude, responderemos que é possível; nós mesmos vimos pretensos sonâmbulos simularem o sonambulismo com muita habilidade, o que não impede que o sonambulismo deixe de ser um fato. Todo mundo já viu negociantes venderem algodão por seda, o que também não impede que haja verdadeiros tecidos de seda. É preciso examinar todas as circunstâncias e verificar se a dúvida tem fundamento. Nisso, porém, como em todas as coisas, é preciso ser perito. Ora, nós não poderíamos reconhecer como juiz de uma questão alguém que dela nada conhecesse.

Dizemos outro tanto dos médiuns escreventes. Pensa-se comumente que aqueles que são mecânicos oferecem mais garantias, não apenas pela independência das idéias, mas, também, contra o embuste. Pois bem! Isto é um erro! A fraude insinua-se por toda parte e sabemos com que habilidade é possível dirigir à vontade uma cesta ou uma prancheta que escreve, dando-lhes toda a aparência de movimentos espontâneos. O que levanta todas as dúvidas são os pensamentos expressos, venham de um médium mecânico, intuitivo, audiente, falante ou vidente. Há comunicações que escapam de tal forma das idéias, conhecimentos e, até mesmo, do alcance intelectual do médium, que seria necessário que nos enganássemos excessivamente para lhes dar crédito. Reconhecemos no charlatanismo uma grande habilidade e fecundos recursos, conquanto ainda não lhe reconheçamos o dom de dar saber a um ignorante, ou talento a quem não o tenha.

Problema Moral

OS CANIBAIS

Um de nossos assinantes dirigiu-nos a seguinte pergunta, rogando-nos que fosse respondida pelos Espíritos que nos assistem, caso ainda não a tivesse sido.

“Os Espíritos errantes, depois de um lapso de tempo mais ou menos longo, desejam e pedem a Deus a reencarnação como meio de progresso espiritual. Escolhem as provas e, usando o livre-arbítrio, elegem naturalmente aquelas que lhes parecem mais apropriadas a esse progresso, no mundo onde a reencarnação lhes é permitida. Ora, durante sua existência errante, que empregam em instruir-se (são eles que nos dizem), ficam sabendo quais as nações que melhor podem fazê-los atingir o fim a que se propõem. Vêem populações ferozes, antropófagas e têm a certeza de que, nelas encarnando, tornar-se-ão ferozes e comedores de carne humana. Seguramente não é nesse meio que haverão de realizar o progresso espiritual; seus instintos brutais apenas terão adquirido mais consistência pela força do hábito. Eis então prejudicado o seu objetivo, quanto à escolha das encarnações entre tal ou qual povo.

“O mesmo acontece com certas posições sociais. Entre estas, certamente há as que apresentam obstáculos invencíveis ao progresso espiritual. Citarei apenas os magarefes nos matadouros, os carrascos, etc. Dizem que tais criaturas são necessárias: umas, porque não podemos passar sem alimentação animal; outras, porque é preciso executar as decisões da justiça, requeridas pela nossa organização social. Não é menos verdade que, reencarnando no corpo de uma criança destinada a abraçar uma ou outra dessas profissões, deve o Espírito saber que envereda por caminho errado e que se priva voluntariamente dos meios que o podem conduzir à perfeição. Não poderia acontecer, com a permissão de Deus, que nenhum Espírito quisesse esses gêneros de existência e, nesse caso, qual a necessidade dessas profissões em nosso estamento social?”

A resposta a essa questão decorre de todos os ensinamentos que nos têm sido dados. Podemos, pois, respondê-la, sem ter que submetê-la novamente aos Espíritos.

É evidente que um Espírito já elevado, por exemplo, o de um europeu esclarecido, não poderá escolher como meio de

progresso uma existência selvagem: em vez de avançar, retrogradaria. Mas sabemos que nossos próprios antropófagos não se encontram no último degrau da escala e que há mundos onde o embrutecimento e a ferocidade não têm analogia na Terra. Esses Espíritos ainda são inferiores aos mais atrasados Espíritos de nosso mundo e, renascer entre nossos selvagens é, para eles, um progresso. Se não visam mais alto, é que sua inferioridade moral não lhes permite compreender um progresso mais completo. O Espírito não pode avançar senão gradualmente; deve passar sucessivamente por todos os graus, de forma que cada passo à frente seja uma base para assentar um novo progresso. Ele não pode transpor de um salto a distância que separa a barbárie da civilização, como o escolar não pode ser promovido, sem transição, do á-bê-cê à retórica. É nisso que vemos uma das necessidades da reencarnação, que está verdadeiramente conforme à justiça de Deus. Não fora assim, em que se transformariam esses milhões de seres que morrem no último estado de degradação, caso não tivessem meios de atingir a superioridade? Por que os teria Deus deserdado dos favores concedidos aos outros homens? Nós o repetimos, por ser um ponto essencial: em razão de sua inteligência limitada, não compreendem o que é melhor senão do seu ponto de vista e dentro de estreitos limites. Há, entretanto, alguns que se transviam por quererem subir muito alto, e que nos oferecem o triste espetáculo da ferocidade no meio da civilização. Estes, voltando entre os canibais, lucrarão ainda.

Essas considerações também se aplicam às profissões de que fala o nosso correspondente. É evidente que oferecem superioridade relativa para certos Espíritos e não é nesse sentido que se deve compreender a escolha que farão. Pelo mesmo motivo, elas podem ser escolhidas como expiação ou como missão, porquanto nenhuma existe na qual não se possa encontrar oportunidade de fazer o bem e de progredir, pela própria maneira com que são exercidas.

Quanto à questão de saber em que se tornariam essas profissões, caso nenhum Espírito as quisesse abraçar, está respondida pelos fatos. Desde que os Espíritos que as alimentam procedem de mais baixo, não se deve temer o desemprego. Quando o progresso social permitir a supressão do ofício de carrasco, desaparecerá essa classe e não os candidatos, que se irão apresentar entre outros povos ou em outros mundos menos adiantados.

A Indústria

COMUNICAÇÃO ESPONTÂNEA DO SR. CROZ, MÉDIUM PSICÓGRAFO, LIDA NA SOCIEDADE NO DIA 21 DE JANEIRO DE 1859

As empresas que vemos surgir diariamente são atos providenciais e o desenvolvimento de germes sedimentados pelos séculos. A Humanidade e o planeta por ela habitado têm uma mesma existência, cujas fases se encadeiam e se correspondem.

Logo que se acalmam as grandes convulsões da Natureza, passa a febre que impulsionava as guerras de extermínio, brilha a filosofia, desaparece a escravidão e florescem as ciências e as artes.

A perfeição divina pode resumir-se no belo e no útil; e se Deus fez o homem à sua imagem é porque queria que ele vivesse de sua inteligência, como Ele próprio vive no seio dos esplendores da Criação.

Os empreendimentos que Deus abençoa, sejam quais forem as suas proporções, são aqueles que correspondem aos seus desígnios, trazendo o seu concurso à obra coletiva, cuja lei está escrita no Universo: o belo e o útil. A arte, filha do repouso e da ins-piração, é o belo; a indústria, filha da ciência e do trabalho, é o útil.

Observação – Esta comunicação é mais ou menos a iniciação de um médium que acaba de se desenvolver com

admirável rapidez; é de convir que, como experiência, promete muito. Desde a primeira sessão ele escreveu, sem interrupção, quatro páginas que não desmerecem o que se acaba de ler, pela profundidade dos pensamentos, o que nele denota uma extraordinária aptidão em servir de intermediário a todos os Espíritos, para comunicações particulares. A propósito, necessitamos de mais estudos nesse particular, já que essa flexibilidade não é dada a todos. Conhecemos alguns médiuns que só podem servir de intérpretes a determinados Espíritos e para uma certa ordem de idéias.

Depois que esta nota foi escrita, chegamos a constatar o progresso do médium, cuja faculdade oferece características especiais e dignas da maior atenção do observador.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

BENVENUTO CELLINI

Sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos –
11 de março de 1859.

1. Evocação.

Resp. – Interrogai; estou pronto. Demorai como quiserdes, pois tenho tempo para vos dar.

2. Lembrais da existência que tivestes na Terra, no século XVI, entre 1500 e 1570?

Resp. – Sim, sim.

3. Atualmente, qual a vossa situação como Espírito?

Resp. – Vivi em vários outros mundos e estou muito satisfeito com a posição que hoje ocupo; não é um trono, mas estou a caminho.

4. Tivestes outras existências corporais na Terra depois daquela que conhecemos?

Resp. – Corporal, sim; na Terra, não.

5. Quanto tempo ficastes errante?

Resp. – Não o posso calcular: alguns anos.

6. Quais eram as vossas ocupações nesse estado errante?

Resp. – Trabalhava por mim mesmo.

7. Voltastes algumas vezes à Terra?

Resp. – Poucas.

8. Assistis ao drama em que sois representado? Que pensais dele?

Resp. – Fui vê-lo várias vezes; senti-me lisonjeado como Cellini, mas pouco como Espírito que havia progredido.

9. Antes da existência que conhecemos, tivestes outras na Terra?

Resp. – Não, nenhuma.

10. Poderíeis dizer o que éreis em vossa precedente existência?

Resp. – Minhas preocupações eram completamente diferentes daquelas que tive na Terra.

11. Que mundo habitais?

Resp. – Não o conheceis e não o vedes.

12. Poderíeis dar-nos a sua descrição, do ponto de vista físico e moral?

Resp. – Sim, facilmente.

Do ponto de vista físico, meus caros amigos, alegrei-me com a sua beleza plástica: ali nada choca os olhos; todas as linhas se harmonizam perfeitamente; a mímica é a forma de expressão constante; os perfumes nos envolvem e não temos nada a desejar para o nosso bem-estar físico, uma vez satisfeitas as necessidades pouco numerosas a que estamos submetidos.

Do ponto de vista moral, a perfeição é menor, pois ali ainda se pode ver consciências perturbadas e Espíritos inclinados ao mal. Não será a perfeição – longe disso – mas, como já falei, é o seu caminho e todos esperamos um dia alcançá-la.

13. Quais as vossas ocupações no mundo que habitais?

Resp. – Trabalhamos as artes. Sou artista.

14. Em vossas memórias relatais uma cena de feitiçaria e de sortilégio que se teria passado no Coliseu, em Roma, e na qual teríeis tomado parte. Lembrais-vos dela?

Resp. – Sem muita clareza.

15. Se procedêssemos à sua leitura, teríeis a lembrança despertada?

Resp. – Sim, isso poderia dar-me uma idéia.

Fez-se então a leitura do seguinte trecho de suas memórias:

“Em meio a essa vida estranha eu me liguei a um sacerdote siciliano, de espírito muito distinto e profundamente versado nas letras gregas e latinas. Conversando com ele certo dia, o assunto caiu sobre necromancia e lhe confessei que em toda a minha vida havia ardentemente desejado ver e aprender algo dessa arte. Para abordar semelhante empresa, é necessário ter uma alma firme e intrépida, respondeu-me o padre.

“Uma noite, porém, o sacerdote fez os seus preparativos e me disse que procurasse um ou dois companheiros. Associou-se a um homem de Pistóia, que também se ocupava de necromancia e nos dirigimos ao Coliseu. Aí o padre vestiu-se à maneira dos necromantes, depois começou a desenhar círculos no chão, com as mais belas cerimônias que se possa imaginar. Havia trazido perfumes preciosos, drogas fétidas e fogo. Quando tudo estava em ordem ele fez uma abertura no círculo e ali nos

introduziu, tomando-nos um a um pela mão. Em seguida distribuiu os papéis. Pôs o talismã nas mãos de seu amigo necromante, encarregou os outros da vigilância do fogo e dos perfumes e, finalmente, começou as conjurações. Essa cerimônia durou mais de uma hora e meia. O Coliseu encheu-se de legiões de Espíritos infernais. Quando o sacerdote viu que eram bastante numerosos, voltou-se para mim, que cuidava dos perfumes, e disse: Benvenuto, pede-lhes alguma coisa. Respondi que desejava reunir-me à minha siciliana Angélica. Embora não obtivéssemos resposta naquela noite, fiquei encantado com o que tinha visto. O necromante me disse que era preciso retornar uma segunda vez e que eu obteria tudo quanto pedisse, contanto que trouxesse um rapazinho ainda virgem. Escolhi um de meus aprendizes e trouxe ainda dois dos meus amigos.

“Ele pôs-me nas mãos o talismã, dizendo-me que o voltasse em direção aos locais que me fossem designados. Meu aprendiz foi colocado debaixo do talismã. O necromante começou suas terríveis evocações, chamou pelo nome uma multidão de chefes de legiões infernais, exprimindo suas ordens em hebraico, grego e latim, em nome do Deus incriado, vivo e eterno. Logo o Coliseu encheu-se de uma quantidade de demônios cem vezes mais considerável que da primeira vez. A conselho do necromante, pedi novamente para me encontrar com Angélica. Ele se voltou para mim e me disse: Não os ouvistes anunciar que dentro de um mês estarias com ela? E pediu-me que tivesse firmeza, porque havia mil legiões além das que tinham sido chamadas, acrescentando que eram mais perigosas e que, desde que haviam respondido ao meu pedido, era necessário tratá-las com brandura e despedi-las tranqüilamente. Por outro lado, o jovem rapaz exclamava com espanto que percebia um milhão de homens terríveis que nos ameaçavam, e quatro enormes gigantes, armados dos pés à cabeça, que pareciam querer penetrar em nosso círculo. Durante esse tempo o necromante, tremendo de medo, tentava conjurá-los, imprimindo à voz a mais doce entonação. O menino escondia a

cabeça entre os joelhos e gritava: Quero morrer assim! Estamos mortos! Então eu lhe disse: “Estas criaturas estão todas abaixo de nós e o que vê não passa de fumaça e sombra; assim, levanta os olhos.” Apenas me havia obedecido, retomou: Todo o Coliseu queima e o fogo vem sobre nós. O necromante ordenou que fosse queimada assa-fétida. Encarregado dos perfumes, Agnolo estava semimorto de pavor.

“A esse barulho e ao terrível mau cheiro o garoto arriscou-se a levantar a cabeça. Ouvindo o meu riso, tranqüilizou-se um pouco e disse que os demônios começavam a retirada. Permanecemos assim até o momento em que soaram as matinas. Disse-nos o jovem que só percebia alguns demônios e, mesmo assim, a grande distância. Finalmente, quando o necromante concluiu os rituais e desparamentou-se, saímos do círculo. Enquanto caminhávamos para nossos lares, pela rua Banchi, ele assegurava que dois demônios davam cambalhotas à nossa frente, ora correndo sobre os telhados, ora pelo chão.

“O necromante jurava que, desde que havia posto o pé num círculo mágico, nunca lhe havia acontecido nada assim tão extraordinário. Tentou, depois, convencer-me a unir-me a ele para nos consagrarmos a um livro, que nos deveria proporcionar riquezas incalculáveis e fornecer-nos os meios de obrigar os demônios a nos indicar os locais onde se acham escondidos os tesouros que a Terra guarda em seu seio...”

Após diferentes relatos mais ou menos vinculados ao que precede, conta Benvenuto como, ao cabo de trinta dias, isto é, dentro do prazo fixado pelos demônios, ele reencontrou sua Angélica.

16. Poderíeis dizer o que há de verdadeiro nessa cena?

Resp. – O necromante era um charlatão, eu era um romancista e Angélica minha amante.

17. Revistes Francisco I, vosso protetor?

Resp. – Certamente; ele viu muitos outros que não foram seus protegidos.

18. Como o julgáveis em vida e como o julgais agora?

Resp. – Dir-vos-ei como o julgava: como um príncipe e, nessa condição, enceguecido por sua educação e por aqueles que o cercavam.

19. E o que dizeis agora?

Resp. – Ele progrediu.

20. Era por sincero amor à arte que ele protegia os artistas?

Resp. – Sim, e também por prazer e vaidade.

21. Onde se encontra ele atualmente?

Resp. – Ele vive.

22. Está na Terra?

Resp. – Não.

23. Se o evocássemos agora, ele poderia vir e conversar conosco?

Resp. – Sim, mas não pressioneis assim os Espíritos. Que vossas evocações sejam preparadas com muita antecedência e, então, pouco tereis que perguntar aos Espíritos. Assim vos arriscais muito menos de serdes enganados, porque isso acontece algumas vezes. [São Luís].

24. [A São Luís] Podereis fazer com que dois Espíritos venham conversar?

Resp. – Sim.

– Nesse caso seria útil ter dois médiuns?

Resp. – Sim, necessariamente.

Nota – Este diálogo ocorreu numa outra sessão; a ele voltaremos em nosso próximo número.

25. [A Cellini] De onde procede vossa vocação para a arte? Resultaria de um desenvolvimento especial anterior?

Resp. – Sim; por muito tempo estive ligado à poesia e à beleza da linguagem. Na Terra prendi-me à beleza como reprodução; hoje ocupo-me dela como invenção.

26. Possuíeis também talento militar, pois o papa Clemente VII confiou-vos a defesa do castelo de Santo Ângelo. Entretanto, vosso talento de artista não vos devia proporcionar muita aptidão para a guerra.

Resp. – Tinha talento e sabia aplicá-lo. Em tudo é necessário discernimento, sobretudo na arte militar daquele tempo.

27. Poderíeis dar alguns conselhos aos artistas que procuram seguir vossos passos?

Resp. – Sim. Dir-lhes-ei simplesmente que busquem a pureza e a verdadeira beleza, mais do que o fazem e mais do que eu próprio fiz. Eles me compreenderão.

28. A beleza não é relativa e convencional? O europeu se julga mais belo que o negro, e este mais belo que o branco. Se há uma beleza absoluta, qual é o seu tipo? Podeis dar a vossa opinião a respeito?

Resp. – Com prazer. Não quis fazer alusão a uma beleza convencional; pelo contrário. A beleza está em toda parte, é o reflexo do Espírito no corpo e não apenas a forma corpórea. Como dissestes, um negro pode ser belo, de uma beleza que será apreciada somente por seus semelhantes, é verdade. Do mesmo modo nossa beleza terrestre é deformidade para o céu, como para vós, brancos, o belo negro vos parece quase disforme. Para o artista a beleza é a vida, o sentimento que sabe dar à sua obra. Com isso imprimirá beleza às coisas mais vulgares.

29. Poderíeis guiar um médium na execução de uma modelagem, como o fez Bernard de Palissy em relação aos desenhos?

Resp. – Sim.

30. Poderíeis levar o médium de que vos servis de intérprete a fazer alguma coisa agora?

Resp. – Como também os outros, embora preferisse um artista que conhecesse os truques da minha arte.

Observação – Prova a experiência que a aptidão de um médium para tal ou qual gênero de produção vai depender da flexibilidade que ele apresenta ao Espírito, e isso abstração feita do seu talento. O conhecimento do ofício e os meios materiais de execução não constituem o talento, mas é concebível que o Espírito que dirige o médium nele encontre menor dificuldade mecânica a vencer. Entretanto, há médiuns que fazem coisas admiráveis, das quais lhes faltam as primeiras noções, tais como a poesia, desenhos, gravuras, música, etc.; mas, então, é que neles existe uma aptidão inata, sem dúvida resultante de um desenvolvimento anterior, do qual só conservaram a intuição.

31. Poderíeis dirigir a Sra. G. S., aqui presente, e que é artista, embora jamais tenha conseguido produzir qualquer coisa como médium?

Resp. – Tentarei, se ela o desejar.

32. [Sra. G. S.] Quando queres começar?

Resp. – Quando quiseres, a partir de amanhã.

33. Mas como saberei que a inspiração vem de ti?

Resp. – A convicção vem com as provas. Deixai-a vir lentamente.

34. Por que não obtive êxito até o momento?

Resp. – Pouca persistência e falta de boa vontade do Espírito evocado.

35. Agradeço-te a assistência que me prometes.

Resp. – Adeus. Até logo, companheira de trabalho.

Nota – A Sra. G. S. pôs-se à obra, mas ainda não sabemos os resultados que obteve.

SR. GIRARD DE CODEMBERG

Antigo aluno da Escola Politécnica, membro de várias sociedades científicas, autor de um livro intitulado: *Le Monde spirituel, ou science chrétienne de communiquer intimement avec les puissances célestes et les âmes heureuses*. Falecido em novembro de 1858. Evocado na Sociedade a 14 de janeiro seguinte.

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui. Que quereis?

2. Compareceis de boa vontade ao nosso apelo?

Resp. – Sim.

3. Podereis dizer-nos o que pensais atualmente do livro que publicastes?

Resp. – Cometi alguns erros, mas nele há coisas boas e sou levado a crer que vós mesmos concordaríeis com o que ali eu disse, sem qualquer receio de lisonjear-me.

4. Dizeis principalmente que tivestes comunicações com a mãe do Cristo. Vedes agora se era realmente ela?

Resp. – Não; não era ela, mas um Espírito que tomava seu nome.

5. Com que objetivo esse Espírito lhe tomava o nome?

Resp. – Ele me via seguir o caminho do erro e aproveitava para me comprometer ainda mais. Era um Espírito perturbador, um ser leviano, mais propenso ao mal que ao bem. Sentia-se feliz por ver a minha falsa alegria. Eu era o seu juguete, como muitas vezes vós outros o sois de vossos semelhantes.

6. Dotado de inteligência superior, como não percebestes o ridículo de certas comunicações?

Resp. – Eu estava fascinado e julgava bom tudo quanto me diziam.

7. Não julgais que essa obra possa fazer mal, no sentido de prestar-se ao ridículo em relação às comunicações de além-túmulo?

Resp. – Nesse sentido, sim. Mas eu disse também que há coisas boas e verdadeiras que, sob um outro ponto de vista, impressiona os olhos das massas. Mesmo naquilo que nos parece mau, muitas vezes encontramos uma boa semente.

8. Sois mais feliz agora do que quando vivíeis?

Resp. – Sim, mas tenho muita necessidade de esclarecer-me, porque ainda me acho no nevoeiro que se segue à morte. Estou como o escolar que começa a soletrar.

9. Quando vivo conhecestes *O Livro dos Espíritos*?

Resp. – Jamais lhe havia prestado atenção. Tinha idéias preconcebidas; nisso eu pecava, pois nunca estudaremos e nos aprofundaremos bastante em todas as coisas. Mas o orgulho está sempre em ação, criando-nos ilusões. Aliás, isso é bem próprio dos ignorantes: não querem estudar senão aquilo que preferem e só dão ouvidos aos que os lisonjeiam.

10. Mas não éreis um ignorante; não o provam vossos títulos?

Resp. – O que é o sábio da Terra diante da ciência do Céu? Aliás, não há sempre a influência de certos Espíritos, interessados em afastar-nos da luz?

Observação – Isso corrobora o que já foi dito: certos Espíritos inspiram o afastamento das pessoas que poderiam dar conselhos úteis e frustrar as suas maquinações. Essa influência jamais será a de um Espírito bom.

11. E agora, que pensais do livro?

Resp. – Não o poderia dizer sem elogiar. Ora, nós não elogiamos, como bem o sabeis.

12. Vossa opinião sobre a natureza das penas futuras modificou-se?

Resp. – Sim. Eu acreditava nas penas materiais; agora creio nas penas morais.

13. Podemos fazer algo que vos seja agradável?

Resp. – Sempre. Fazei cada um de vós, esta noite, uma prece em minha intenção. Serei reconhecido; não o esqueçais.

Observação – O livro do Sr. de Codemberg provocou uma certa sensação e, devemos acrescentar, uma sensação penosa entre os partidários esclarecidos do Espiritismo, por causa da extravagância de certas comunicações que se prestam bastante ao ridículo. Sua intenção era louvável, pois era um homem sincero. Ele é um exemplo do domínio que certos Espíritos podem exercer, adulando e exagerando as idéias e os preconceitos daqueles que não avaliam com muita severidade os prós e os contras das comunicações espíritas. Mostra-nos, sobretudo, o perigo de os espalhar muito levemente no público, visto poderem tornar-se motivo de repulsa, fortalecendo certas pessoas na incredulidade e fazendo, assim, mais mal do que bem, já que fornecem armas aos inimigos da causa. Nunca seríamos bastante cautelosos a esse respeito.

SR. POITEVIN, AERONAUTA

Morto há cerca de dois meses, de febre tifóide, contraída em consequência de uma descida forçada em pleno mar.

**Sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas –
11 de fevereiro de 1859.**

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui. Falai.

2. Tendes saudades da vida terrena?

Resp. – Não.

3. Sois mais feliz agora do que quando vivo?

Resp. – Muito.

4. Qual o motivo que vos levou para as experiências aeronáuticas?

Resp. – A necessidade.

5. Tínheis idéia de servir à Ciência?

Resp. – De modo algum.

6. Vedes agora a ciência aeronáutica de um ponto de vista diferente daquele que tínheis em vida?

Resp. – Não; eu a via como a vejo agora, pois a via bem. Via muitos aperfeiçoamentos a introduzir, mas não os podia desenvolver por falta de conhecimentos. Mas esperai. Virão homens que lhe darão o destaque que ela merece e merecerá um dia.

7. Acreditais que a ciência aeronáutica venha a tornar-se um dia objeto de utilidade pública?

Resp. – Sim, certamente.

8. A grande preocupação dos que se ocupam dessa ciência é a pesquisa dos meios de dirigir os balões. Pensais que o conseguirão?

Resp. – Sim, certamente.

9. Em vossa opinião, qual a maior dificuldade que apresenta a dirigibilidade dos balões?

Resp. – O vento, as tempestades.

10. Então não é a dificuldade de encontrar um ponto de apoio?

Resp. – Se dirigíssemos os ventos, dirigiríamos os balões.

11. Poderíeis assinalar o ponto para o qual conviria dirigir as pesquisas a esse respeito?

Resp. – Deixemos isso de lado.

12. Quando vivo estudastes os vários sistemas propostos?

Resp. – Não.

13. Poderíeis dar conselhos aos que se ocupam de tais pesquisas?

Resp. – Pensais que seguiriam vossos conselhos?

14. Não seriam os nossos, mas os vossos conselhos.

Resp. – Quereis um tratado? Eu o mandarei fazer.

15. Por quem?

Resp. – Pelos amigos que me guiaram.

16. Aqui estão dois inventores distintos em matéria de aerostação, o Sr. Sanson e o Sr. Ducroz, que obtiveram benefícios científicos muito honrosos. Fazeis uma idéia de seu sistema?

Resp. – Não. Há muito a dizer. Não os conheço.

17. Admitindo resolvido o problema da dirigibilidade, credes na possibilidade de uma navegação aérea em grande escala, como sobre o mar?

Resp. – Não; jamais como pelo telégrafo.

18. Não falo da rapidez das comunicações, que nunca poderão ser comparadas à do telégrafo, mas do transporte de grande número de pessoas e de objetos materiais. Que resultado se pode esperar nesse sentido?

Resp. – Pouca celeridade.

19. Quando em perigo iminente, pensastes no que seríeis após a morte?

Resp. – Não; estava inteiramente voltado para as minhas manobras.

20. Que impressão vos causava o perigo que corréis?

Resp. – O hábito tornara o medo mais fraco.

21. Que sensação experimentáveis quando estáveis perdido no espaço?

Resp. – Perturbação, mas felicidade; meu Espírito parecia escapar do vosso mundo. Entretanto, as necessidades de manobrar despertavam-me para a realidade e me faziam cair na fria e perigosa posição em que me achava.

22. Vedes com prazer vossa esposa seguir a mesma carreira aventureira?

Resp. – Não.

23. Qual a vossa situação como Espírito?

Resp. – Vivo como vós, isto é, posso prover à minha vida espiritual como proveis à vossa vida material.

Observação – As curiosas experiências do Sr. Poitevin, sua intrepidez, sua notável habilidade na manobra dos balões, faziam-nos esperar dele maior elevação e grandeza de idéias. O resultado não correspondeu à nossa expectativa. Para ele, como pudemos ver, a aerostação era apenas uma indústria, uma maneira de viver por um gênero particular de espetáculo; todas as suas faculdades estavam concentradas nos meios de excitar a curiosidade pública. Assim é que, nestas conversas familiares de além-túmulo, as previsões são muitas vezes incertas; ora são ultrapassadas, ora ficam aquém do que se esperava, prova evidente da independência das comunicações.

Numa sessão particular, e através do mesmo médium, Poitevin ditou os conselhos a seguir, para cumprir a promessa que acabava de fazer. Cada um poderá apreciar-lhes o valor; nós os

damos como objeto de estudo sobre a natureza dos Espíritos, e não por seu mérito científico, mais que contestável.

“Para dirigir um balão cheio de gás encontrareis sempre as maiores dificuldades: a imensa superfície que ele oferece como presa aos ventos; a insignificância do peso que o gás pode suportar; a fragilidade do envoltório, reclamada por esse ar sutil. Todas essas causas jamais permitirão dar ao sistema aerostático a grande extensão que desejaríeis vê-lo tomar. Para que o aeróstato tenha uma utilidade real, é preciso que seja um sistema de comunicação poderosa e dotado de uma certa presteza, mas sobretudo poderoso. Dissemos que guardaria o meio-termo entre a eletricidade e o vapor; sim, e por duas razões:

1º Deve transportar os passageiros mais rapidamente do que as ferrovias e as mensagens mais vagarosamente do que o telégrafo.

2º Não se mantém como meio-termo entre esses dois sistemas porque participa, ao mesmo tempo, do ar e da terra, ambos servindo-lhe de caminho: está entre o céu e o mundo.

“Não me perguntastes se, por esse meio, conseguiríeis visitar os outros planetas. Entretanto, semelhante pensamento inquietou muitas cabeças e a sua solução encheria de espanto o vosso mundo inteiro. Não, não conseguireis. Imaginai que, para atravessar esses espaços extraordinários, de milhões e milhões de léguas, a luz leva anos. Vede, pois, quanto tempo seria necessário para os atingir, mesmo levados pelo vapor ou pelo vento.

“Para voltar ao assunto principal, eu vos dizia, ao começar, que não seria preciso esperar muito de vosso sistema atual; mas que obteríeis muito mais agindo sobre o ar por compressão forte e extensa. O ponto de apoio que procurais está diante de vós e vos cerca por todos os lados; com ele vos chocais a cada um de vossos movimentos; diariamente ele entrava a vossa

rota e influi principalmente no que tocais. Pensai bem nisso e tirai dessa revelação tudo quanto puderdes: suas deduções são enormes. Não vos podemos tomar a mão e levar-vos a forjar as ferramentas necessárias a esse trabalho; não vos podemos dar uma indução, palavra por palavra. É preciso que o vosso Espírito trabalhe e amadureça seus projetos; sem isso não compreenderíeis aquilo que faríeis e não saberíeis manejar vossos instrumentos. Seríamos obrigados a girar e a abrir os vossos pistões: as circunstâncias imprevistas que, mais dia menos dia, viessem dificultar vossos esforços, lançar-vos-iam em vossa primitiva ignorância.

“Trabalhai, pois, e encontrareis o que tiverdes procurado. Conduzi vosso Espírito para a direção que vos indicamos e aprendei pela experiência, porquanto não vos induzimos em erro.”

Observação – Embora encerrando verdades incontesteáveis, nem por isso estes conselhos denotam um Espírito esclarecido, sob certos pontos de vista, uma vez que parece ignorar a verdadeira causa da impossibilidade de atingir outros planetas. É uma prova a mais da diversidade de aptidões e de luzes encontradas no mundo dos Espíritos, assim como ocorre na Terra. É pela multiplicidade das observações que se chega a conhecer, a compreender e a julgar. Eis por que damos modelos de todos os gêneros de comunicações, tendo o cuidado de fazer ressaltar o forte e o fraco. A de Poitevin termina por uma consideração muito justa, que nos parece ter sido suscitada por um Espírito mais filosófico do que o seu. Ademais, ele havia dito que tais conselhos seriam redigidos por seus amigos que, absolutamente, nada ensinam.

Aqui encontramos mais uma prova de que nem sempre os homens que tiveram uma especialidade na Terra são os mais adequados a nos esclarecer como Espíritos, sobretudo se não forem bastante elevados para se desprenderem da vida terrena.

Para o progresso da aeronáutica é lamentável que a maior parte desses homens intrépidos não possa colocar a sua experiência a serviço da Ciência, ao passo que os teóricos, alheios à prática, assemelham-se a marinheiros que jamais viram o mar. Incontestavelmente, um dia haverá engenheiros em aerostática, como há engenheiros navais, mas apenas quando tiverem visto e sondado diretamente as profundezas do oceano aéreo. Quantas idéias não lhes seriam dadas pelo contato real dos elementos, idéias que escapam às pessoas do ramo! Porque, seja qual for o seu saber, não podem eles, do fundo de seu coração, perceber todos os escolhos; entretanto, se um dia essa ciência tornar-se uma realidade, não o será senão por seu intermédio. Aos olhos de muitas pessoas isso ainda é uma quimera, razão por que os inventores, que geralmente não são capitalistas, não encontram o apoio nem o encorajamento necessários. Quando a aerostação produzir dividendos, mesmo em esperanças, e puder ser admitida nas transações oficiais da Bolsa, não lhe faltarão capitais. Até lá, é necessário contar apenas com o devotamento daqueles que vêem o progresso antes da especulação. Enquanto houver parcimônia nos meios de execução haverá derrotas, pela impossibilidade de fazer ensaios em larga escala ou em condições convenientes. Seremos forçados a proceder de modo mesquinho e o faremos mal, nisso como em todas as coisas. O sucesso não será obtido senão a preço de muitos sacrifícios para entrar no caminho da prática, o que significa sacrifício e exclusão de qualquer idéia de benefício. Esperemos que a idéia de dotar o mundo da solução de um grande problema, ainda que não fosse do ponto de vista da Ciência, inspire um desinteresse generoso. Mas a primeira coisa a fazer seria fornecer aos teóricos os meios de aquisição de experiência do ar, mesmo por intermédio dos meios imperfeitos que possuímos. Se Poitevin houvera sido um homem de saber, e tivera inventado um sistema de locomoção aérea, sem dúvida teria inspirado mais confiança do que aqueles que jamais deixaram a Terra e, provavelmente, teria encontrado os recursos que aos outros são recusados.

Pensamentos Poéticos

Ditados pelo Espírito Alfred de Musset à Sra. M***

Se tu sofres na Terra,
Ó aflito coração,
Tua vida se aferra
Em justa expiação;
Se esse é pois teu cadinho,
Pensa na tua dor,
Pode ser-te o caminho
A um destino melhor

Os desgostos da vida
Quanto maiores são
Mais dizem da assumida
Falta em teu coração,
Será tal preço, em dores
Por depurar ter Ser,
Tão alto se onde fores
No Céu terás prazer?

A vida é uma passagem
Cujo curso te diz:
Se sábio, na viagem,
Serás sempre feliz.

Observação – O médium que serviu de intérprete não só é estranho às regras mais elementares da poesia, como jamais fez um único verso. Ele os escreve com extraordinária facilidade, sob o ditado dos Espíritos e, embora seja médium há pouco tempo, já possui uma coleção numerosa e muito interessante. Entre outros, já vimos alguns, encantadores e bastante oportunos, que lhe foram ditados pelo Espírito de uma pessoa viva, que ele evocou e que reside a duzentas léguas. Quando em vigília essa pessoa não é mais poeta que o médium.

Sonâmbulos Assalariados

Um de nossos correspondentes nos escreve a propósito de nosso último artigo sobre os médiuns mercenários, perguntando se nossas observações também se aplicam aos sonâmbulos assalariados.

Se quisermos remontar à origem do fenômeno, veremos que, embora possa ser considerado como uma variedade de médium, o sonâmbulo é um caso diferente do médium propriamente dito. Com efeito, este último recebe suas comunicações de Espíritos estranhos, que podem vir ou não, conforme as circunstâncias ou as simpatias que encontram. O sonâmbulo, ao contrário, age por si mesmo. É o seu próprio Espírito que se desprende da matéria e vê mais ou menos bem, conforme o desprendimento seja mais ou menos completo. É verdade que o sonâmbulo se acha em contato com outros Espíritos que o assistem mais ou menos de boa vontade, em razão de suas simpatias; mas, definitivamente, é o seu Espírito que vê e pode, até certo ponto, dispor de si mesmo, sem que outros tenham o que repetir e sem que seu concurso seja indispensável. Disso resulta que o sonâmbulo que busca uma compensação material, à custa de um esforço por vezes grande, decorrente do exercício de sua faculdade, não tem de vencer as mesmas susceptibilidades que o médium, que não passa de um instrumento.

Além disso, sabe-se que a lucidez sonambúlica se desenvolve pelo exercício. Ora, aquele que disso faz uma ocupação exclusiva, adquire tanto maior facilidade quanto mais coisas vê, com as quais termina por se identificar, assim como com certos termos especiais que lhe voltam mais facilmente à memória. Numa palavra, ele se familiariza com esse estado que, por assim dizer, torna-se o seu estado normal: nada mais o surpreende. Os fatos, aliás, estão aí para provar com que presteza e com que clareza podem eles ver, donde concluímos que a retribuição paga a certos sonâmbulos não constitui obstáculo ao desenvolvimento de sua lucidez.

A isso fazem uma objeção. Como a lucidez muitas vezes é variável e depende de causas fortuitas, pergunta-se se a atração do lucro não poderia induzir o sonâmbulo a fingir essa lucidez, mesmo quando ela lhe faltasse, por fadiga ou outra causa, inconveniente que não ocorre quando não há interesse em jogo. Isso é verdade; respondemos, porém, dizendo que tudo tem o seu lado mau. Pode-se abusar de tudo e por toda parte onde si insinua a fraude é necessário desacreditá-la. O sonâmbulo que assim agisse faltaria com a lealdade, o que, infelizmente, se encontra também nos que não dormem. Com um pouco de hábito podemos percebê-lo facilmente, e seria difícil enganar por muito tempo um observador experimentado. Nisso, como em todas as coisas, o essencial é nos assegurarmos do grau de confiança que merece a pessoa à qual nos dirigimos. Se o sonâmbulo não assalariado não oferece esse inconveniente, não se deve supor que sua lucidez seja infalível; como qualquer outro, ele pode enganar-se, caso esteja em más condições. A esse respeito a experiência é o melhor guia. Em resumo, não preconizamos ninguém. Chegamos a constatar notáveis serviços por uns e por outros. Nosso objetivo era somente provar que se pode encontrar bons sonâmbulos numa e noutra daquelas condições.

Aforismos Espíritas e Pensamentos Avulsos

Os Espíritos se encarnam homens ou mulheres, porque não têm sexo. Como devem progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes impõe provas e deveres especiais, bem assim ocasião de adquirir experiência. Aquele que fosse sempre homem não saberia senão o que sabem os homens.

Pela Doutrina Espírita, a solidariedade não mais se restringe à sociedade terrena: abarca todos os mundos; pelas relações que os Espíritos estabelecem entre as diferentes esferas, a

solidariedade é universal, porquanto de um mundo a outro os seres vivos se prestam mútuo apoio.

Aviso

Incessantemente recebemos cartas de nossos correspondentes, pedindo-nos a *História de Joana d'Arc e a de Luís XI*, das quais publicamos extratos, bem como o álbum de desenhos do Sr. Victorien Sardou.

Lembramos aos nossos leitores que a *História de Joana d'Arc* está completamente esgotada; que a vida de *Luís XI*, bem como a de *Luís IX*, ainda não foram publicadas. Esperamos que o sejam um dia e, então, será para nós um prazer anunciá-las em nossa coleção. Até lá qualquer pedido dessas obras não alcançará o seu objetivo. O mesmo se dá com o álbum do Sr. Sardou. O desenho que publicamos da casa de Mozart é o único que se encontra à venda na casa do Sr. Ledoyen.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

MAIO DE 1859

Nº 5

Cenas da Vida Privada Espírita

Em nosso último número apresentamos o quadro da vida espírita em conjunto; seguimos os Espíritos desde o instante em que deixam o corpo terreno e fizemos um rápido esboço de suas ocupações. Propomo-nos hoje mostrá-los em ação, reunindo num mesmo quadro diversas cenas íntimas, cujo testemunho nos foi dado através das comunicações. As numerosas conversas familiares de além-túmulo, já publicadas nesta revista, podem dar uma idéia da situação dos Espíritos, conforme o seu grau de adiantamento, mas aqui há um caráter especial de atividade, que nos faz conhecer ainda melhor o papel que, mau grado nosso, representam entre nós. O tema do estudo, cujas peripécias vamos relatar, se nos ofereceu espontaneamente; apresenta interesse maior porque tem, como herói principal, não um desses Espíritos superiores que habitam mundos desconhecidos, mas um desses que, por sua própria natureza, ainda estão presos à Terra, um contemporâneo que nos deu provas manifestas de sua identidade. É entre nós que a ação se passa e cada um de nós nela representa um papel.

Além disso, esse estudo dos costumes espíritas tem de particular o fato de nos mostrar a progressão dos Espíritos na erraticidade e como podemos concorrer para a sua educação.

Um de nossos amigos, após longas experiências infrutíferas, das quais triunfou a sua paciência, de repente tornou-se excelente médium escrevente e audiente. Certa vez ele estava ocupado a psicografar com outro médium, seu amigo, quando, a uma pergunta dirigida a um Espírito, obteve resposta bastante estranha e pouco séria, na qual não reconhecia o caráter do Espírito evocado. Tendo interpelado o autor da resposta, depois de o haver intimado em nome de Deus para se dar a conhecer, aquele assinou *Pierre Le Flamand*, nome completamente desconhecido do médium. Estabeleceu-se, então, entre ambos, e mais tarde entre nós e esse Espírito, uma série de conversas que passaremos a relatar.

PRIMEIRA CONVERSA

1. Quem és? Não conheço ninguém com esse nome.
Resp. – Um de teus antigos camaradas de colégio.

2. Não tenho a menor lembrança.
Resp. – Lembra-te da surra que um dia levaste?

3. É possível; entre escolares isso acontece algumas vezes. Realmente, lembro-me de algo assim, mas também me recordo de ter pago com a mesma moeda.
Resp. – Era eu; mas não te quero mal.

4. Obrigado. Tanto quanto me recordo, tu eras um biltre bastante mau.
Resp. – Eis tua memória que volta. Enquanto vivi não mudei. Eu tinha a cabeça dura, mas no fundo não era mau; batia-me com o primeiro que aparecesse: em mim isso era uma necessidade. Depois, ao dar as costas, já não pensava em nada.

5. Quando e com que idade morreste?
Resp. – Há quinze anos; eu tinha cerca de vinte anos.

6. De que faleceste?

Resp. – Uma leviandade de rapaz... conseqüência de minha falta de juízo...

7. Ainda tens família?

Resp. – Perdi meus pais há muito tempo; morava com um tio, meu único parente...; se fores a Cambrai promete procurá-lo; é um bravo homem, a quem muito aprecio, embora me tenha tratado duramente; mas eu o merecia.

8. Ele tem o teu mesmo nome?

Resp. – Não; em Cambrai não há mais ninguém com o meu nome; ele se chama W...; mora na rua... nº...; verás que sou eu mesmo que te falo.

Observação – O fato foi verificado pelo próprio médium numa viagem que empreendeu algum tempo depois. Encontrou o Sr. W... no endereço indicado; disse-lhe este que realmente havia tido um sobrinho com esse nome, bastante estouvado e inconveniente, falecido em 1844, pouco tempo depois de ter sido sorteado para o serviço militar. Esta circunstância não havia sido indicada pelo Espírito; mais tarde ele o fez espontaneamente. Veremos em que ocasião.

9. Por obra de que acaso vieste à minha casa?

Resp. – Por acaso, se quiseres; creio, porém, que foi o meu bom gênio que me impeliu a ti, por me parecer que só teremos a ganhar com o restabelecimento de nossas relações... Eu estava aqui ao lado, na casa do teu vizinho, ocupado em olhar os quadros... nada de retratos de igreja...; de repente eu te avistei e vim. Percebi que estavas ocupado, a conversar com outro Espírito, e quis intrometer-me na conversa.

10. Mas por que respondeste às perguntas que eu fazia a outro Espírito? Isso não parece provir de um bom camarada.

Resp. – Encontrava-me na presença de um Espírito sério e que não parecia disposto a responder; respondendo em seu

lugar, eu imaginava que ele soltasse a língua, mas não tive êxito. Não dizendo a verdade, eu queria obrigá-lo a falar.

11. Isto não é certo, pois poderia ter resultado em coisas desagradáveis, caso eu não tivesse percebido o embuste.

Resp. – Haverias de o saber sempre, mais cedo ou mais tarde.

12. Dize-me mais ou menos como entraste aqui.

Resp. – Bela pergunta! Acaso temos necessidade de puxar o cordão da campainha?

13. Podes, então, ir a toda parte, entrar em qualquer lugar?

Resp. – Claro!... E sem me fazer anunciar! Não somos Espíritos a troco de nada.

14. Entretanto eu julgava que certos Espíritos não tivessem o poder de penetrar em todas as reuniões.

Resp. – Acreditas, por acaso, que teu quarto é um santuário e que eu seja indigno de nele penetrar?

15. Responde com seriedade à minha pergunta e deixa de lado as graçolas de mau gosto. Vês que não tenho humor para suportá-las e que os Espíritos mistificadores são mal recebidos em minha casa.

Resp. – É verdade que há reuniões onde Espíritos tratantes, como nós outros, não podem entrar; mas são os Espíritos superiores que nos impedem e não os homens. Aliás, quando vamos a algum lugar, sabemos muito bem manter-nos calados e afastados, se necessário. Escutamos e, quando nos aborrecemos, vamo-nos embora... Ah!... sim! Parece que não estás satisfeito com a minha visita.

16. É que não recebo de bom grado o primeiro que aparece e, francamente, não fiquei satisfeito por vires perturbar uma conversa séria.

Resp. – Não te zangues..., não desejo perturbar-te... sou sempre um bom rapaz...; de outra vez far-me-ei anunciar.

17. Lá se vão quinze anos que estás morto...

Resp. – Entendamo-nos. Quem está morto é meu corpo; mas eu, que te falo, não estou morto.

Observação – Muitas vezes, mesmo entre os Espíritos levianos e brincalhões, encontram-se palavras de grande profundidade. Esse *eu* que não está morto é absolutamente filosófico.

18. É bem assim que compreendo. A propósito, conta-me uma coisa: tal como agora te encontras, podes ver-me com tanta clareza como se estivesses em teu corpo?

Resp. – Vejo-te ainda melhor; eu era míope; foi por isso que quis me livrar do serviço militar.

19. Lá se vão, dizia eu, quinze anos que estás morto e me pareces tão estouvado quanto antes; não avançaste, pois?

Resp. – Sou o que era antes: nem melhor, nem pior.

20. Como passas o tempo?

Resp. – Não tenho outras ocupações, a não ser divertir-me e informar-me dos acontecimentos que podem influenciar o meu destino. Vejo muito. Passo parte do tempo ora em casa de amigos, ora no teatro... Por vezes surpreendo coisas muito engraçadas... Se as pessoas soubessem que têm testemunhas quando pensam estar sós!... Enfim, procedo de maneira que o tempo me seja o menos pesado possível... Dizer quanto tempo isso haverá de durar, eu não o saberia e, entretanto, há algum tempo que vivo assim... Tens explicações convincentes para isso?

21. Em suma, és mais feliz do que eras quando estavas vivo?

Resp. – Não.

22. O que te falta? Não tens necessidade de coisa alguma; não sofres mais; não temes ser arruinado; vais a toda parte e tudo vês; não temes as preocupações, nem as doenças, nem as enfermidades da velhice. Não será isto uma existência feliz?

Resp. – Falta-me a realidade dos prazeres; não sou bastante evoluído para fruir uma felicidade moral; Desejo tudo que vejo, e é isso que me tortura; aborreço-me e procuro matar o tempo como posso!... Mas, até quando?... Experimento um mal-estar que não posso definir...; preferia sofrer as misérias da vida a esta ansiedade que me oprime.

Observação – Não está aqui um quadro eloqüente dos sofrimentos morais dos Espíritos inferiores? Invejar tudo quanto vêem; ter os mesmos desejos e realmente nada desfrutar, deve ser verdadeira tortura.

23. Disseste que ias ver os amigos; não será uma distração?

Resp. – Meus amigos não percebem que estou com eles; aliás, nem mesmo pensam em mim. Isso me faz mal.

24. Não tens amigos entre os Espíritos?

Resp. – Estouvados e tratantes como eu, que como eu se aborrecem. Sua companhia não é muito agradável; aqueles que são felizes e raciocinam afastam-se de mim.

25. Pobre rapaz! Eu te lamento e, se te pudesse ser útil, o faria com prazer.

Resp. – Se soubesses o quanto essas palavras me fazem bem! É a primeira vez que as ouço.

26. Não poderias encontrar ocasião de ver e ouvir coisas boas e úteis que contribuiriam para o teu progresso?

Resp. – Sim, mas para isso é necessário que eu saiba aproveitar as lições. Confesso que prefiro assistir às cenas de amor e de deboche, que não têm influenciado o meu Espírito para o

bem. Antes de entrar em tua casa, lá me achava a considerar quadros que despertavam em mim certas idéias...; mas, deixemos isso de lado... No entanto eu soube resistir à vontade de pedir para reencarnar, a fim de desfrutar os prazeres de que tanto abusei. Vejo, agora, quanto teria errado. Vindo à tua casa, sinto que fiz bem.

27. Muito bem! Espero, futuramente, que me dês o prazer, caso queiras a minha amizade, de não mais concentrar a atenção nesses quadros que podem despertar más idéias e que, ao contrário, possas pensar naquilo que aqui ouvirás de bom e de útil para ti. Tu te sentirás bem, podes crer.

Resp. – Se esse é o teu pensamento, também será o meu.

28. Quando vais ao teatro experimentas as mesmas emoções que sentias quando vivo?

Resp. – Várias emoções diferentes; a princípio, aquelas; depois me misturo nas conversas... e escuto coisas singulares.

29. Qual o teu teatro predileto?

Resp. – “Les Variétés”. Muitas vezes acontece que eu os veja todos na mesma noite. Também vou aos bailes e às reuniões onde há divertimento.

30. De modo que, enquanto te divertes, te instruis, visto ser impossível observar bastante na tua posição.

Resp. – Sim, mas o que mais aprecio são certos colóquios. É realmente curioso ver a manobra de algumas criaturas, sobretudo das que ainda querem passar por jovens. Em toda essa lengalenga ninguém diz a verdade: assim como o rosto, o coração se maquia, de modo que ninguém se entende. Acerca disso realizei um estudo dos costumes.

31. Pois bem! Não vês que poderíamos ter boas conversas, como esta, da qual ambos podemos tirar proveito?

Resp. – Sempre; como dizes, a princípio para ti; depois, para mim. Tens ocupações necessárias ao teu corpo; quanto a mim,

posso dar todos os passos possíveis para instruir-me sem prejudicar a minha existência.

32. Já que é assim, continuarás as tuas observações ou, como dizes, teus estudos sobre os costumes; até o momento não os aproveitaste muito. É preciso que eles sirvam ao teu esclarecimento e, para isso, é necessário que o faças com um objetivo sério, e não como diversão e para matar o tempo. Dir-me-ás o que viste: raciocinaremos e tiraremos as conclusões para a nossa mútua instrução.

Resp. – Será realmente bastante interessante. Sim, com certeza estou a teu serviço.

33. Não é tudo. Gostaria de proporcionar-te ocasião para praticares uma boa ação. Queres?

Resp. – De todo o coração! Dir-se-á que poderei servir para alguma coisa. Fala-me logo o que é preciso que eu faça.

34. Nada de pressa! Não confio missões tão delicadas assim àqueles a quem não tenho confiança. Tens boa vontade, não há dúvida; mas terás a perseverança necessária? Eis a questão. É preciso, pois, que eu te ensine a te conheceres melhor, para saber de que és capaz e até que ponto posso contar contigo. Conversaremos sobre isso uma outra vez.

Resp. – Tu o verás.

35. Adeus, pois, por hoje.

Resp. – Até breve.

SEGUNDA CONVERSA

36. Então, meu caro Pierre, refletiste seriamente naquilo que conversamos o outro dia?

Resp. – Mais seriamente do que imaginas, pois faço questão de te provar que valho mais do que pareço. Sinto-me mais à vontade, desde que tenho algo a fazer. Agora tenho um objetivo e não mais me aborreço.

37. Falei de ti ao Sr. Allan Kardec; comuniquei-lhe nossas conversas e ele ficou muito contente; deseja entrar em contato contigo.

Resp. – Já o sei; estive em sua casa.

38. Quem te conduziu até lá?

Resp. – Teu pensamento. Voltei aqui depois daquele dia. Vi que querias falar-lhe a meu respeito e disse a mim mesmo: Vamos lá primeiro; provavelmente encontrarei material de observação e, quem sabe, uma ocasião de ser útil.

39. Gosto de ver-te com esses pensamentos sérios. Que impressão tiveste da visita?

Resp. – Oh! Muito grande. Ali aprendi coisas que nem suspeitava e que me esclareceram quanto ao futuro. É como uma luz que se fizesse em mim. Agora compreendo tudo quanto tenho a ganhar no meu aperfeiçoamento... É preciso...; é preciso.

40. Posso, sem cometer indiscrição, perguntar-te o que viste na casa dele?

Resp. – Certamente. Lá, como na casa de outras pessoas, vi tantas coisas que não falarei senão quando quiser... ou quando puder.

41. O que queres dizer com isso? Não podes dizer tudo quanto queres?

Resp. – Não. Desde alguns dias vejo um Espírito que parece seguir-me por toda parte, que me impele ou me contém; dir-se-ia que me dirige; sinto um impulso, do qual não me dou conta e ao qual obedeco, mau grado meu. Se quero dizer ou fazer algo inconveniente, posta-se à minha frente..., olha-me... e eu me calo... e me detenho.

42. Quem é esse Espírito?

Resp. – Nada sei; mas ele me domina.

43. Por que não lho perguntas?

Resp. – Não tenho coragem. Quando lhe quero falar ele me olha e sinto a língua travada.

Observação – É evidente que aqui a palavra *língua* é uma figura, já que os Espíritos não possuem linguagem articulada.

44. Deves ver se é bom ou mau.

Resp. – Deve ser bom, pois que me impede de dizer tolices; mas é severo... Por vezes tem um ar irritado; doutras, parece olhar-me com ternura... Veio-me a idéia de que poderia ser o Espírito de meu pai, que não quer se dar a conhecer.

45. Isso parece plausível. Ele não deve estar muito satisfeito contigo. Ouve-me bem. Vou dar-te um conselho a respeito. Sabemos que os pais têm por missão educar os filhos e encaminhá-los na senda do bem. Conseqüentemente, são responsáveis pelo bem ou pelo mal que eles praticam, conforme a educação que receberam, com o que sofrem ou são felizes no mundo dos Espíritos. A conduta dos filhos, pois, influi até certo ponto sobre a felicidade ou a infelicidade dos pais após a morte. Como tua conduta na Terra não foi muito edificante, e como desde a tua morte não fizeste grande coisa de bom, teu pai deve sofrer por isso, caso tenha algo a censurar-se por não te haver guiado bem...

Resp. – Se não me tornei um homem de bem, não foi por me ter faltado, mais de uma vez, a corrigenda necessária.

46. Talvez não tivesse sido a melhor maneira de corrigir-te; seja como for, sua afeição por ti é sempre a mesma e ele to prova aproximando-se de ti, se de fato é ele, como presumo. Deve sentir-se feliz com a tua mudança, o que explica a alternância de ternura e de irritação. Quer auxiliar-te no bom caminho em que acabas de entrar e, quando te vir realmente empenhado nisso, estou certo de que se dará a conhecer. Desse modo, trabalhando por tua própria felicidade, trabalharás pela dele. Nem mesmo me

surprenderia caso tivesse sido ele próprio quem te impeliu a vir à minha casa. Se não o fez antes foi porque quis dar-te o tempo de compreender o vazio de tua existência sem realizações e sentir-lhes os dissabores.

Resp. – Obrigado! Obrigado...! Ele lá está, atrás de ti... Pôs a mão na tua cabeça, como se te ditasse as palavras que acabas de proferir.

47. Voltemos ao Sr. Allan Kardec.

Resp. – Fui à sua casa anteontem à noite. Estava ocupado, escrevendo em seu gabinete..., trabalhando numa nova obra em preparo... Ah! Ele cuida bem de nós, pobres Espíritos; se não nos conhecem não é por sua culpa.⁷

48. Estava só?

Resp. – Só, sim, isto é, não havia ninguém com ele; mas havia ao seu redor uma vintena de Espíritos que murmuravam acima de sua cabeça.

49. Ele os escutava?

Resp. – Ouvia-os tão bem que olhava para todos os lados de onde provinha o ruído, para ver se não eram milhares de moscas; depois abriu a janela para olhar se não seria o vento ou a chuva.

Observação – O fato era absolutamente exato.

50. Entre tantos Espíritos reconheceste algum?

Resp. – Não; não são aqueles com quem me reunia. Eu tinha a impressão de ser um intruso e pus-me a um canto a fim de observar.

51. Esses Espíritos pareciam estar interessados por aquilo que ele escrevia?

⁷ **N. do T.:** Trata-se da obra *O que é o Espiritismo?* Vide a *Revista Espírita* de julho de 1859.

Resp. – Creio que sim. Dois ou três, sobretudo, sopravam o que ele escrevia e davam a impressão de ouvir a opinião dos outros; quanto a Kardec, acreditava piamente que as idéias eram suas, parecendo satisfeito com isso.

52. Foi tudo o que viste?

Resp. – Depois chegaram oito ou dez pessoas que se reuniram num outro aposento com Kardec. Puseram-se a conversar; faziam perguntas; ele respondia e explicava.

53. Conheces as pessoas que lá estavam?

Resp. – Não; sei apenas que havia pessoas importantes, pois a uma deles se referiam sempre como príncipe, e a outra como sr. duque. Os Espíritos também chegaram em massa; havia pelo menos uma centena, dos quais vários tinham sobre a cabeça uma espécie de coroa de fogo. Os outros se mantinham afastados e ouviam.

54. E tu, que fazias?

Resp. – Eu também ouvia, mas sobretudo observava. Veio-me, então, a idéia de fazer uma artimanha para ser útil a Kardec; dir-te-ei mais tarde o que era, quanto eu tiver alcançado êxito. Então deixei a reunião e, vagando pelas ruas, divertia-me em frente às lojas, misturando-me com a multidão.

55. De sorte que, em vez de ir aos teus negócios, perdias o tempo?

Resp. – Não o perdi, pois que impedi um roubo.

56. Ah! Tu te metes também em assuntos da polícia?

Resp. – Por que não? Passando defronte de uma loja fechada, notei que lá dentro se passava algo estranho; entrei e vi um rapaz muito agitado, indo e vindo, como se quisesse ir ao caixa do lojista. Com ele havia dois Espíritos, um dos quais lhe soprava ao ouvido: Vamos, covarde! A gaveta está cheia; poderás te divertir à vontade, etc.; o outro tinha o semblante de uma mulher, bela e

cheia de nobreza, qualquer coisa de celeste e de bondade no olhar; dizia-lhe: Vai embora, vai embora! Não te deixes tentar; e lhe soprava as palavras: prisão, desonra.

O rapaz hesitava. No momento em que se aproximava do caixa, interpus-me à sua frente para o deter. O Espírito mau pediu-me que não me metesse. Eu lhe disse que queria impedir o moço de cometer uma má ação e, talvez, de ser condenado às galés. Então o Espírito bom aproximou-se de mim e me disse: *É preciso que ele sofra a tentação; é uma prova; se succumbir, será por sua culpa.* O ladrão ia triunfar quando o Espírito mau empregou um artifício abominável, que deu resultado: fez-lhe ver uma garrafa sobre uma mesinha: era aguardente; inspirou-lhe a idéia de beber, para criar coragem. O infeliz está perdido, pensei comigo... procuremos ao menos salvar alguma coisa. Eu não tinha outro recurso, a não ser advertir o patrão... depressa! Num piscar de olhos, eis-me em sua casa. Estava jogando cartas com a esposa; era preciso encontrar um meio de fazê-lo sair.

57. Se ele fosse médium, ter-lhe-ias feito escrever o que quiséssemos. Ele acreditaria pelo menos nos Espíritos?

Resp. – Não tinha bastante espírito para saber o que é isso.

58. Eu te ignorava o talento para fazer trocadilhos.

Resp. – Se me interrompes não direi mais nada. Provoquei-lhe um violento espirro; ele quis aspirar rapé, mas havia deixado na loja a tabaqueira. Chamou o filho, que dormia num canto, e disse-lhe para ir buscá-la...; não era bem isso que eu desejava; o menino despertou resmungando... Soprei à mãe, que dissesse: Não acorde a criança; tu podes muito bem ir buscá-la. – Finalmente ele se decidiu... e eu o acompanhei, para que fosse mais depressa. Chegando à porta percebeu luz na loja e ouviu um ruído. Ficou tomado de medo; tremiam-lhe as pernas; empurrei-o para que avançasse; se tivesse entrado subitamente pegaria o ladrão como numa armadilha. Em vez disso, o imbecil pôs-se a gritar:

Pega o ladrão! O ladrão escapou, mas, em sua precipitação, perturbado também pela aguardente, esqueceu de apanhar o boné. O dono da loja entrou quando já não havia ninguém... O que acontecerá com o boné não é da minha conta... Aquele sujeito está metido em maus lençóis. Graças a mim não houve tempo de consumir-se o furto, do qual livrou-se o comerciante pelo medo. Isso, porém, não o impediu de dizer, ao retornar à sua casa, que havia derrubado um homem de seis pés de altura. – “Veja só – disse ele – como as coisas acontecem! Se eu não tivesse tido a idéia de aspirar rapé!...” – “E se eu não te houvesse impedido de mandar o menino!” – retrucou a mulher. – “É preciso convir que tivemos sorte. Olha o que é o acaso!”

Eis, meu amigo, como nos agradecem!

59. És um bravo rapaz, meu caro Pierre, parabéns. Não te desanimes com a ingratidão dos homens; encontrarás muitos outros assim, agora que te comprometes a lhes prestar serviço, até mesmo entre os que crêem na intervenção dos Espíritos.

Resp. – Sim, e sei que os ingratos um dia serão pagos com ingratidão.

60. Vejo agora que posso contar contigo e que te tornas verdadeiramente sério.

Resp. – Mais tarde verás que serei eu a te ensinar moral.

61. Como qualquer outro, eu o necessito e receberei de bom grado os conselhos, venham de onde vierem. Eu te disse que queria que praticasses uma boa ação; estás disposto?

Resp. – Podes duvidar disso?

62. Creio que um de meus amigos está ameaçado de grandes decepções, se continuar seguindo o mau caminho em que se encontra; suas ilusões poderão perdê-lo. Gostaria que tentasses reconduzi-lo ao bom caminho, por meio de algo que o pudesse impressionar vivamente. Compreendes o meu pensamento?

Resp. – Sim; gostarias que eu lhe produzisse alguma manifestação agradável, uma aparição, por exemplo; mas isso não depende de mim. Entretanto, posso dar provas sensíveis da minha presença quando isso me for permitido. Bem o sabes.

Observação – O médium ao qual este Espírito parece estar ligado é advertido de sua presença por uma impressão muito sensível, mesmo quando não pensa em chamá-lo. Reconhece-o por uma espécie de arrepio que sente nos braços, no dorso e nas espáduas; mas algumas vezes os efeitos são mais enérgicos. Numa reunião que ocorreu em nossa casa, no dia 24 de março passado, este Espírito respondeu às perguntas através de outro médium. Falava-se de sua força física; de repente, como que para dar uma prova, ele agarrou um dos assistentes pela perna e, por meio de um abalo violento, levantou-o da cadeira e o atirou, assombrado, do outro lado da sala.

63. Farás o que quiseres, ou melhor, o que puderes. Aviso-te que ele possui alguma mediunidade.

Resp. – Tanto melhor; tenho meu plano.

64. Que esperas fazer?

Resp. – Primeiro vou estudar a situação; ver de que Espíritos ele se acha cercado e se há meios de fazer algo com estes. Uma vez em sua casa eu me anunciarei, como fiz na tua. Interpelar-me-ão e responderei: “Sou eu, Pierre Le Flamand, mensageiro espiritual, que venho pôr-me ao vosso serviço e que, ao mesmo tempo, desejaria vos agradecer. Ouvi dizer que acalentais certas esperanças que vos transtornam a cabeça e já vos fazem virar as costas aos amigos; creio de meu dever, em vosso próprio interesse, advertir-vos de quanto vossas idéias estão longe de ser proveitosas à vossa felicidade futura. Palavra de Le Flamand, posso garantir que vos venho visitar imbuído das melhores intenções. Temei a cólera dos Espíritos e, mais ainda, a de Deus, e crede nas palavras de vosso servidor, que garante que a sua missão é inteiramente voltada ao bem.” (sic)

Se me expulsarem, voltarei três vezes e depois verei o que terei a fazer. É isso?

65. Muito bem, meu amigo, mas não digas nem mais, nem menos.

Resp. – Palavra por palavra.

66. Mas se te perguntarem quem te encarregou dessa missão, o que responderás?

Resp. – Que foram os Espíritos Superiores. Para o bem, posso não dizer toda a verdade.

67. Tu te enganas; desde que agimos para o bem, é sempre por inspiração dos Espíritos bons. Assim, tua consciência pode ficar tranqüila, porquanto os Espíritos maus jamais nos impelem a fazer boas coisas.

Resp. – Está entendido.

68. Agradeço-te e te felicito pelas tuas boas disposições. Quando queres ser chamado para me dares conta do resultado de tua missão?

Resp. – Eu te avisarei.

(Continua no próximo número)

Música de Além-Túmulo

O Espírito Mozart acaba de ditar ao nosso excelente médium, Sr. Bryon-Dorgeval, um fragmento de sonata. Como meio de controle este último o fez ouvir por diversos artistas, sem lhes indicar a fonte, simplesmente perguntando-lhes o que achavam do trecho. Todos reconheceram, sem hesitação, o estilo de Mozart. Foi executado na sessão da Sociedade do dia 8 de abril passado, na presença de numerosos peritos, pela Srta. de Davans, aluna de Chopin e pianista distinta, que houve por bem prestar seu

concurso. Como elemento de comparação, a Srta. Davans executou previamente uma sonata que Mozart compusera quando vivo. Todos foram concordes em reconhecer não apenas a perfeita identidade do gênero, mas ainda a superioridade da composição espírita. Em seguida um trecho de Chopin foi executado pela mesma pianista que, novamente, revelou o seu talento habitual. Não poderíamos perder essa ocasião para invocar os dois compositores, com os quais tivemos a seguinte conversa:

MOZART

1. Sem dúvida sabeis o motivo por que vos chamamos.

Resp. – Vosso chamado me dá imenso prazer.

2. Reconheceis como tendo sido por vós ditado o trecho que acabamos de ouvir?

Resp. – Sim, muito bem. Reconheço-o perfeitamente. O médium que me serviu de intérprete é um amigo que não me traiu.

3. Qual dos dois trechos preferis?

Resp. – Sem comparação, o segundo.

4. Por quê?

Resp. – Nele a doçura e o encanto são, ao mesmo tempo, mais vivos e mais ternos.

Observação – Com efeito, são qualidades reconhecidas no trecho.

5. A música do mundo que habitais pode ser comparada à nossa?

Resp. – Teríeis dificuldade em compreendê-la. Temos sentidos que, por ora, ainda não possuíis.

6. Disseram-nos que em vosso mundo há uma harmonia natural, universal, que não encontramos na Terra.

Resp. – É verdade. Em vosso planeta fazeis a música; aqui, a Natureza inteira faz ouvir sons melodiosos.

7. Poderíeis tocar piano?

Resp. – Sem dúvida que posso, mas não o quero. Seria inútil.

8. Entretanto, seria poderoso motivo de convicção.

Resp. – Não estais convencidos ainda?

Observação – Sabe-se que os Espíritos jamais se submetem a provas. Muitas vezes fazem espontaneamente aquilo que não lhes pedimos. Esta, aliás, entra na categoria das manifestações físicas, com as quais não se ocupam os Espíritos elevados.

9. Que pensais da recente publicação de vossas cartas?

Resp. – Reavivaram bastante a minha lembrança.

10. Vossa lembrança está na memória de todo o mundo. Poderíeis avaliar o efeito que essas cartas produziram na opinião pública?

Resp. – Sim; tornei-me mais amado e as criaturas se apegaram muito mais a mim como homem do que antes.

Observação – Estranha à Sociedade, a pessoa que fez estas últimas perguntas confirma que foi exatamente essa a impressão produzida por aquela publicação.

11. Desejamos interrogar Chopin. Será possível?

Resp. – Sim; ele é mais triste e mais sombrio do que eu.

CHOPIN

12. [Após a evocação] – Poderíeis dizer-nos em que situação vos encontrais como Espírito?

Resp. – Ainda errante.

13. Tendes saudades da vida terrena?

Resp. – Não sou infeliz.

14. Sois mais feliz do que antes?

Resp. – Sim, um pouco.

15. Dizeis *um pouco*, o que significa que não há grande diferença. O que vos falta para serdes mais feliz?

Resp. – Digo um pouco em relação àquilo que poderia ter sido, porque, com minha inteligência, eu poderia ter avançado mais do que o fiz.

16. Esperais alcançar um dia a felicidade que vos falta atualmente?

Resp. – Certamente ela virá. Antes, porém, serão necessárias novas provas.

17. Disse Mozart que sois sombrio e triste. Por quê?

Resp. – Mozart disse a verdade. Entristeço-me por haver empreendido uma prova que não realizei bem e por não ter mais coragem de recomeçá-la.

18. Como considerais as vossas produções musicais?

Resp. – Eu as prezo muito, mas em nosso meio fazemo-las melhores; sobretudo as executamos melhor. Dispomos de mais recursos.

19. Quem são, pois, os vossos executantes?

Resp. – Sob nossas ordens temos legiões de executantes que tocam nossas composições com mil vezes mais arte do qualquer um dos vossos. São músicos completos. O instrumento de que se servem é, por assim dizer, a própria garganta; são auxiliados por alguns instrumentos, espécies de órgãos de uma precisão e de uma melodia que, parece, ainda não podeis compreender.

20. Sois errante?

Resp. – Sim; isto é, não pertenço, com exclusividade, a nenhum planeta.

21. Os vossos executantes também são errantes?

Resp. – Errantes como eu.

22. [A Mozart] – Poderíeis explicar-nos o que acaba de dizer Chopin? Não compreendemos essa execução por Espíritos errantes.

Resp. – Compreendo vossa surpresa; entretanto, já vos dissemos que há mundos particularmente destinados aos seres errantes, mundos que lhes podem servir de habitação temporária, espécies de bivaques, de campos onde descansem de uma demasiado longa erraticidade, estado este sempre um tanto penoso.

23. [A Chopin] – Reconheceis aqui um de vossos alunos?

Resp. – Sim, parece.

24. Assistiríeis à vontade a execução de um trecho de vossa composição?

Resp. – Isso me dará muito prazer, sobretudo se executado por alguém que de mim guardou uma boa recordação. Que ela receba os meus agradecimentos.

25. Qual a vossa opinião sobre a música de Mozart?

Resp. – Aprecio-a bastante. Considero Mozart como meu mestre.

26. Partilhais de sua opinião sobre a música de hoje?

Resp. – Mozart disse que a música era mais bem compreendida em seu tempo do que hoje: isso é verdade. Entretanto, objetarei que ainda existem verdadeiros artistas.

Nota – O fragmento de sonata ditado pelo Espírito Mozart acaba de ser publicado. Pode ser adquirido no Escritório da *Revista Espírita* ou na livraria espírita do Sr. Ledoyen, Palais Royal, Galerie d'Orléans, 31. Preço: 2 francos. – Será remetida sem despesas de Correio, contra vale postal naquela importância.

Mundos Intermediários ou Transitórios⁸

Numa das respostas que foram dadas em nosso número anterior, vimos que haveria, ao que parece, mundos destinados aos Espíritos errantes. A idéia de tais mundos não se achava na mente de nenhum dos assistentes e ninguém nela teria pensado não fosse a revelação espontânea de Mozart, nova prova de que as comunicações espíritas podem ser independentes de qualquer opinião preconcebida. Visando aprofundar essa questão, nós a submetemos a um outro Espírito, fora da Sociedade e através de outro médium, que não lhe tinha nenhum conhecimento.

1. [A Santo Agostinho] – Há, de fato, como já foi dito, mundos que servem de estações ou pontos de repouso aos Espíritos errantes?

Resp. – Sim, mas eles são gradativos, isto é, entre os outros mundos ocupam posições intermédias, de acordo com a natureza dos Espíritos que a eles podem ter acesso e onde gozam de maior ou menor bem-estar.

2. Os Espíritos que habitam esses mundos podem deixá-los livremente?

Resp. – Sim, os Espíritos que se encontram nesses mundos podem deixá-los, a fim de irem para onde devam ir. Figurai-os como bandos de aves que pousam numa ilha, para aí aguardarem que se lhes refaçam as forças, a fim de seguirem seu destino.

8 **N. do T.:** Vide *O Livro dos Espíritos* – Livro II – Capítulo VI: Mundos Transitórios.

3. Enquanto permanecem nos mundos transitórios, os Espíritos progridem?

Resp. – Certamente. Os que vão a tais mundos o fazem com o objetivo de se instruírem e de poderem mais facilmente obter permissão para passar a outros lugares melhores e chegar à perfeição que os eleitos atingem.

4. Pela sua natureza especial, os mundos transitórios conservam-se perpetuamente destinados aos Espíritos errantes?

Resp. – Não, a condição deles é meramente temporária.

5. Esses mundos são ao mesmo tempo habitados por seres corpóreos?

Resp. – Não.

6. Têm uma constituição semelhante à dos outros planetas?

Resp. – Sim, mas estéril é neles a superfície.

7. Por que essa esterilidade?

Resp. – Os que os habitam de nada precisam.

8. É permanente essa esterilidade e decorre da natureza especial que apresentam?

Resp. – Não; são estéreis transitoriamente.

9. Os mundos dessa categoria carecem então de belezas naturais?

Resp. – A Natureza reflete as belezas da imensidade, que não são menos admiráveis do aquilo a que dais o nome de belezas naturais.

10. Há desses mundos em nosso sistema planetário?

Resp. – Não.

11. Sendo transitório o estado de semelhantes mundos, a Terra pertencerá algum dia ao número deles?

Resp. – Já pertenceu.

12. Em que época?

Resp. – Durante a sua formação.

Observação – Mais uma vez esta comunicação confirma a grande verdade: nada é inútil em a Natureza; tudo tem um fim, uma destinação. Em lugar algum há o vazio; tudo é habitado, há vida em toda parte. Assim, durante a dilatada sucessão dos séculos que passaram antes do aparecimento do homem na Terra, durante os lentos períodos de transição que as camadas geológicas atestam, antes mesmo da formação dos primeiros seres orgânicos, naquela massa informe, naquele árido caos, onde os elementos se achavam em confusão, não havia ausência de vida. Seres isentos das nossas necessidades, das nossas sensações físicas, lá encontravam refúgio. Quis Deus que, mesmo assim, ainda imperfeita, a Terra servisse para alguma coisa. Quem ousaria afirmar que, entre os milhares de mundos que giram na imensidade, um só, um dos menores, perdido no seio da multidão infinita deles, goza do privilégio exclusivo de ser povoado? Qual então a utilidade dos demais? Tê-los-ia Deus feito unicamente para nos recrearem a vista? Suposição absurda, incompatível com a sabedoria que espande em todas as suas obras. Ninguém contestará que, nesta idéia da existência de mundos ainda impróprios para a vida material e, não obstante, já povoados de seres vivos apropriados a tal meio, há qualquer coisa de grande e sublime, em que talvez se encontre a solução de mais de um problema.

Ligação Entre o Espírito e o Corpo

Uma de nossas amigas, a Sra. Schutz, que pertence a este mundo e que parece não querer deixá-lo tão cedo, havendo

sido evocada durante o sono, mais de uma vez deu-nos a prova da perspicácia de seu Espírito em tal estado. Um dia, ou melhor, uma noite, depois de uma longa conversa, disse: “Estou fatigada; tenho necessidade de repouso; estou quase a dormir, meu corpo precisa descansar.”

Diante disso, fiz-lhe notar o seguinte: “Vosso corpo pode repousar; falando-vos, eu não o prejudico; é vosso Espírito que está aqui e não o vosso corpo. Podeis, pois, entreter-vos comigo, sem que o corpo sofra.”

Ela respondeu: “Enganai-vos, pensando assim; meu Espírito se destaca um pouco de meu corpo, tal como se fora um balão cativo retido por cordas. Quando o balão é agitado pelo vento, o poste que o mantém cativo ressentido-se dos abalos transmitidos pelas amarras. Meu corpo representa o papel de poste para o meu Espírito, com a diferença de que experimenta sensações desconhecidas do poste e que tais sensações fatigam bastante o cérebro. Eis por que o meu corpo, assim como o Espírito, necessita de repouso.”

Conforme nos declarou aquela senhora, durante a vigília jamais havia pensado em tal explicação, o que vem mostrar perfeitamente as relações existentes entre o corpo e o Espírito, enquanto este último desfruta uma parte de sua liberdade. Sabíamos perfeitamente que a separação absoluta só ocorre depois da morte e, até mesmo, algum tempo depois. Jamais, porém, essa ligação nos havia sido descrita por uma imagem tão clara e tão interessante. Por isso felicitamos sinceramente aquela senhora por haver tão bem demonstrado as suas faculdades espirituais enquanto dormia.

Entretanto, para nós isto não passava de uma comparação engenhosa; ultimamente, porém, a imagem tomou proporções de realidade

O Sr. R., antigo ministro-residente dos Estados Unidos junto ao rei de Nápoles, homem muito esclarecido sobre o Espiritismo, fazendo-nos uma visita perguntou-nos se, nos fenômenos de aparição, já tínhamos observado uma particularidade distintiva entre o Espírito de uma pessoa viva e o de um morto. Numa palavra, se teríamos um meio seguro de reconhecer se a pessoa está morta ou viva quando um Espírito aparece espontaneamente, em vigília ou durante o sono. Ao responder-lhe que não tínhamos outro meio senão perguntando ao Espírito, disse-nos que conhecia, na Inglaterra, um médium vidente dotado de grande poder que, toda vez que se lhe apresentava o Espírito de uma pessoa viva, notava um rastro luminoso que partia do peito e atravessava o espaço, sem ser interrompido por nenhum obstáculo material, indo terminar no corpo. Era uma espécie de cordão umbilical que unia as duas partes momentaneamente separadas do ser vivo. Nunca o observou quando a vida corporal já se havia extinguido e era por esse sinal que reconhecia se o Espírito pertencia a uma pessoa morta ou a alguém que ainda vivia.

A comparação da Sra. Schutz nos veio à mente e encontramos a sua confirmação no fato que acabamos de relatar. Faremos, todavia, uma observação a respeito.

Sabe-se que no momento da morte a separação não é brusca; o perispírito se desprende pouco a pouco e, enquanto dura a perturbação, conserva uma certa afinidade com o corpo. Não seria possível que o laço observado pelo médium vidente, de que acabamos de falar, persistisse ainda quando o Espírito aparece, no exato momento da morte, ou poucos instantes depois, como acontece tantas vezes? Nesse caso, a presença do cordão não seria um indicativo de que a pessoa estivesse viva. O Sr. R... não soube dizer se o médium teria feito essa observação. Em todo caso, ela não é menos importante e lança uma nova luz sobre aquilo que podemos chamar de fisiologia dos Espíritos.

Refutação de um Artigo do “Univers”

O jornal *Univers*, em sua edição de 13 de abril passado, traz um artigo do abade Chesnel em que a questão do Espiritismo é longamente discutida. Nós o teríamos deixado de lado, como o fazemos a tantos outros aos quais não ligamos nenhuma importância, se se tratasse de uma dessas diatribes grosseiras que revelam, da parte de seus autores, a mais absoluta ignorância daquilo que atacam. Temos a satisfação de reconhecer que o artigo do abade Chesnel é redigido num espírito completamente diferente. Pela moderação e conveniência da linguagem ele merece uma resposta, tanto mais necessária quanto o artigo contém um erro grave e pode dar uma idéia muito falsa, quer do Espiritismo em geral, quer em particular do caráter e do objetivo dos trabalhos da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Eis o artigo na íntegra:

“Todos conhecem o espiritualismo do Sr. Cousin, essa filosofia destinada a substituir lentamente a religião. Sob o mesmo título, hoje possuímos um corpo de doutrinas *reveladas*, que pouco a pouco se vai completando, e um culto muito simples, é verdade, mas de eficácia maravilhosa, pois que poria os devotos em comunicação real, sensível e quase permanente com o mundo sobrenatural.

“Esse culto tem reuniões periódicas, iniciadas pela invocação de um santo canonizado. Depois de constatada, entre os fiéis, a presença de São Luís, rei da França, pedem-lhe que proíba a entrada dos Espíritos malignos ao templo e lêem a ata da sessão anterior. Em seguida, a convite do presidente, um *médium* se aproxima do secretário encarregado de anotar as perguntas feitas por um dos fiéis e as respostas que serão ditadas ao *médium* pelo Espírito invocado. A assembléia assiste gravemente, piedosamente, a essa cena de necromancia, por vezes bastante longa e, quando a ordem do dia se esgota, as pessoas se retiram mais convencidas do que nunca da veracidade do espiritualismo. No intervalo entre duas

sessões, cada fiel aproveita a ocasião para manter um comércio assíduo, mas privado, com os Espíritos que lhe são mais acessíveis ou mais queridos. Os *médiuns* se multiplicam e quase não existem segredos na outra vida que eles não acabem por penetrar. Uma vez revelados aos fiéis, esses segredos não são ocultados ao público. A *Revue spiritualiste*, que é publicada regularmente todos os meses, não recusa nenhuma assinatura profana e quem quiser poderá comprar os livros que contêm o texto revelado, com seu autêntico comentário.

“Seríamos levados a crer que uma religião que consiste unicamente na evocação dos mortos fosse muito hostil à Igreja Católica, que jamais deixou de proibir a prática da necromancia. Mas esses pensamentos mesquinhos, por mais naturais que pareçam, não são menos estranhos, assegura-se, ao coração dos espiritualistas. Eles fazem justiça ao Evangelho e a seu Autor; confessam que Jesus viveu, agiu, falou e sofreu como narram os nossos quatro evangelistas. A doutrina evangélica é verdadeira; mas essa revelação, de que Jesus foi o instrumento, longe de excluir o progresso, deve ser completada. É o espiritualismo que dará ao Evangelho a sã interpretação que lhe falta e a complementação que ele espera há dezoito séculos.

“Entretanto, quem demarcará os limites ao progresso do Cristianismo ensinado, interpretado e desenvolvido tal qual o é pelas almas desprendidas da matéria, estranhas às paixões terrenas, aos nossos preconceitos e aos interesses humanos? O próprio infinito se nos desdobra. Ora, o infinito não tem limites e tudo nos leva a esperar que a revelação do infinito será continuada sem interrupção; à medida que se escoarem os séculos ver-se-ão revelações acrescidas a revelações, sem que jamais se esgotem esses mistérios, cuja extensão e profundidade parece aumentarem à medida que se liberam da obscuridade que até agora os envolvia.

“Daí a conseqüência de que o espiritualismo é uma religião, porque nos põe intimamente em relação com o infinito e

absorve, alargando-o, o Cristianismo que, de todas as formas religiosas, presentes ou passadas, é, como facilmente se confessa, a mais elevada, a mais pura e a mais perfeita. Mas engrandecer o Cristianismo é tarefa difícil, que não pode ser realizada sem derrubar as barreiras por detrás das quais ele se mantém entrincheirado. Os racionalistas não respeitam nenhuma barreira; menos ardentes ou melhor avisados, os espiritualistas só encontram duas, cuja redução parece indispensável, a saber: a autoridade da Igreja Católica e o dogma das penas eternas.

“Esta vida constitui a única prova que ao homem é dado atravessar? A árvore ficará eternamente do lado em que caiu? O estado da alma, após a morte, é definitivo, irrevogável e eterno? Não, responde a necromancia espiritualista. A morte nada acaba, tudo recomeça. Para cada um de nós a morte é o ponto de partida de uma encarnação nova, de uma nova vida e de uma nova experiência.

“Segundo o panteísmo alemão, Deus não é o ser, mas o tornar-se eterno. Seja o que for de Deus, para os espiritualistas parisienses o homem não tem outro destino senão tornar-se progressivo ou regressivo, conforme seus méritos e obras. A lei moral ou religiosa tem uma verdadeira sanção nas outras vidas, onde os bons são recompensados e os maus punidos, mas durante um período mais ou menos longo, de anos ou de séculos, e não por toda a eternidade.

“Seria o espiritualismo a forma mística de erro de que o Sr. Jean Reynaud é o mais lídimo representante? Talvez. É permitido ir mais longe e dizer que entre o Sr. Reynaud e os novos sectários existe um laço mais estreito que o da comunidade de doutrinas? Talvez ainda. Mas essa questão, por falta de informações seguras, não será aqui resolvida de maneira decisiva.

“Mais que o parentesco ou as alianças heréticas do Sr. Jean Reynaud, o que importa muito mais é a confusão de idéias, de

que é sinal o progresso do espiritualismo; é a ignorância em matéria de religião que torna possível tanta extravagância; é a leviandade com que homens, aliás estimáveis, acolhem essas revelações do outro mundo, que não possuem nenhum mérito, nem mesmo o da novidade.

“Não é necessário remontar a Pitágoras e aos sacerdotes egípcios para descobrirmos as origens do espiritualismo contemporâneo. Encontrá-las-emos ao manusear as atas do magnetismo animal.

“Desde o século XVIII a necromancia já desempenhava um grande papel nas práticas do magnetismo e, vários anos antes que se manifestassem os Espíritos batedores na América, dizia-se que certos magnetizadores franceses obtinham, da boca dos mortos ou dos demônios, a confirmação das doutrinas condenadas pela Igreja, notadamente a dos erros de Orígenes, relativos à conversão futura dos anjos maus e dos réprobos.

“Igualmente é preciso dizer que o médium espiritualista, no exercício de suas funções, pouco difere do *sujeito* nas mãos do magnetizador, e que o círculo abraçado pelas revelações do primeiro também não ultrapassa aquele que é delimitado pela visão do segundo.

“Os ensinamentos que a curiosidade pública obtém nos negócios privados, por meio da necromancia, em geral nada revelam além daquilo que antes já era sabido. A resposta do médium espiritualista é obscura nos pontos em que nossas pesquisas pessoais não puderam esclarecer; é clara e precisa naquilo que bem conhecemos; muda em tudo quanto escapa aos nossos estudos e esforços. Numa palavra, parece que o médium tem uma visão magnética de nossa alma, mas nada descobre além do que nela se encontra gravado. Mas essa explicação, que parece muito simples, está entretanto sujeita a graves dificuldades. Supõe, com

efeito, que uma alma possa ler naturalmente no fundo de outra alma, sem o concurso de sinais e independentemente da vontade daquele que, à primeira vista, se tornasse um livro aberto e muito legível. Ora, os anjos bons ou maus naturalmente não possuem esse privilégio, nem quanto a nós, nem nas relações diretas que mantêm entre si. Somente Deus penetra imediatamente os Espíritos e perscruta até o fundo dos corações mais obstinadamente fechados à sua luz.

“Se os mais estranhos fatos espiritualistas que se contam são autênticos, será preciso, para os explicar, que se recorra a outros princípios. Esquece-se com frequência que esses fatos geralmente se referem a um objeto que preocupa fortemente o coração ou a inteligência, que provocou longas pesquisas e do qual muitas vezes falamos fora da consulta espiritualista. Nessas condições, que não devem ser perdidas de vista, um certo conhecimento das coisas que nos interessam não ultrapassa absolutamente os limites naturais do poder dos Espíritos.

“Seja como for, no espetáculo que hoje nos oferecem nada mais há que a evolução do magnetismo, que se esforça por tornar-se uma religião.

“Sob a forma dogmática e polêmica que deve a nova religião ao Sr. Jean Reynaud, ela incorreu na condenação do Concílio de Périgueux, cuja autoridade, como todos estão lembrados, foi gravemente negada pelo culpado.

“Na forma mística que hoje assume em Paris, ela merece ser estudada, pelo menos como sinal dos tempos em que vivemos. O espiritualismo já recrutou um certo número de homens, entre os quais diversos são honrosamente conhecidos no mundo. Esse poder de sedução que ele exerce, o lento, mas ininterrupto progresso, que lhe é atribuído por testemunhas dignas de fé, as pretensões que apregoa, os problemas que apresenta, o

mal que pode fazer às almas, eis, sem dúvida, motivos por demais reunidos para atrair a atenção dos católicos. Guardemo-nos de atribuir à nova seita mais importância do que realmente merece. Mas, para evitar o exagero, que tudo amplia, não caiamos também na mania de negar ou de amesquinhar todas as coisas. *Nolite omni spiritui credere, sed probate spiritus si ex Deo sint: Quoniam multi pseudoprophetae exierunt in mundum.* (I Joan. IV. 1).”

Abade François Chesnel

Senhor abade,

O artigo que publicastes no *Univers*, relativamente ao Espiritismo, contém vários erros que importa retificar e que procedem, fora de dúvida, de um incompleto estudo da matéria. Para os refutar a todos, fora preciso retomar, desde o princípio, os diversos pontos da teoria, bem como os fatos que lhe servem de base, o que absolutamente não tenho a intenção de fazer aqui. Limito-me, pois, aos pontos principais.

Fizestes bem em reconhecer que as idéias espíritas “*recrutaram* um certo número de homens honrosamente conhecidos no mundo”. Esse fato, cuja realidade ultrapassa de muito aquilo que acreditais, incontestavelmente merece a atenção de todo homem sério, pois tantas personalidades, eminentes pela inteligência, pelo saber e pela posição social não se apaixonariam por uma idéia despida de algum fundamento. A conclusão natural é que no fundo de tudo isso deve haver alguma coisa.

Talvez objeteis que certas doutrinas, meio religiosas, meio sociais, nos últimos anos encontraram sectários nas próprias fileiras da aristocracia intelectual, o que não as impediu de cair no ridículo. Assim, pois, os homens de inteligência podem se deixar seduzir pelas utopias. A isso responderei que as utopias têm o seu tempo: cedo ou tarde a razão lhes faz justiça. Assim será com o Espiritismo, se ele não for uma utopia. Mas se for uma verdade,

triuñfará de todas as oposições, de todos os sarcasmos; direi mesmo, de todas as perseguições, se estas ainda pertencessem ao nosso século, e os detratores nada aproveitarão. Custe o que custar, seus opositores serão obrigados a aceitá-lo, como aceitaram tantas coisas contra as quais se havia protestado supostamente em nome da razão. O Espiritismo é uma verdade? O futuro o julgará. Parece, no entanto, que já se pronuncia, tal a rapidez com que essas idéias se propagam. E, notai bem, não é na classe ignorante e analfabeta que se encontram aderentes, mas, bem ao contrário, entre as pessoas esclarecidas.

É de notar-se ainda que todas as doutrinas filosóficas constituem obra de homens, imbuídos de ideais mais ou menos grandes, mais ou menos justas; todas têm um chefe, em torno do qual se agruparam outros homens que partilham do mesmo ponto de vista. Quem é o autor do Espiritismo? Verdadeira ou falsa, quem imaginou essa teoria? É verdade que se procurou coordená-la, fomulá-la, explicá-la. Mas quem concebeu a idéia primeira? Ninguém; ou, melhor dizendo, todo mundo, porque todos puderam ver, e os que não viram foram aqueles que não quiseram ver ou o quiseram à *sua maneira, sem sair do círculo das idéias preconcebidas*, o que fez com que vissem e julgassem mal. O Espiritismo decorre de observações que cada um pode fazer e que não constituem privilégio de ninguém, o que explica a sua irresistível propagação. Não é o produto de nenhum sistema individual, e é isso que o distingue de todas as outras doutrinas filosóficas.

Dissestes que essas revelações do outro mundo nem mesmo têm o mérito da novidade. Seria, pois, um mérito a novidade? Quem alguma vez pretendeu que fosse uma invenção moderna? Sendo uma conseqüência da natureza humana, e ocorrendo pela vontade de Deus, essas comunicações fazem parte das leis imutáveis pelas quais Ele rege o mundo; devem ter existido, pois, desde que o homem existe na Terra. Eis por que as

encontramos na mais remota Antigüidade, entre todos os povos, tanto na história profana quanto na história sagrada. A ancianidade e a universalidade dessa crença são argumentos em seu favor. Daí a tirar conclusões desfavoráveis seria, acima de tudo, faltar de todo com a lógica.

Em seguida dissestes que a faculdade dos médiuns *pouco* difere da dos sujeitos na mão do magnetizador, de outra maneira dito sonâmbulo; mas admitamos até que haja perfeita identidade. Qual poderia ser a causa dessa admirável clarividência sonambúlica que não encontra obstáculo nem na matéria nem na distância, e que se exerce sem o concurso dos órgãos da visão? Não seria a mais patente demonstração da existência e da individualidade da alma, pivô da religião? Se eu fosse sacerdote, e se durante o sermão quisesse provar que há em nós algo mais que o corpo, demonstrá-lo-ia de maneira irrecusável pelos fenômenos do sonambulismo, natural ou artificial. Se a mediunidade nada mais é que uma variedade do sonambulismo, nem por isso seus efeitos são menos dignos de observação. Neles eu encontraria uma prova a mais em favor de minha tese e dela faria uma nova arma contra o ateísmo e o materialismo. Todas as nossas faculdades são obra de Deus. Quanto maiores e mais maravilhosas, mais elas atestam o seu poder e a sua bondade.

Para mim, que durante trinta e cinco anos fiz um estudo especial do sonambulismo; que nele vi uma variedade não menos profunda de quantas modalidades existem de médiuns, asseguro, como todos aqueles que não julgam à vista de uma só face do problema, que o médium é dotado de uma faculdade particular, que não se pode confundir com o sonâmbulo, e que a perfeita independência de seu pensamento é provada por fatos da maior evidência, por todos aqueles que se colocam nas condições requeridas para observar sem parcialidade. Abstração feita das comunicações escritas, qual o sonâmbulo que jamais fez brotar um pensamento de um corpo inerte? Que produziu aparições visíveis e

até mesmo tangíveis? Que pôde manter um corpo pesado no espaço sem ponto de apoio? Terá sido por efeito sonambúlico que um médium desenhou, há quinze dias, em minha casa, na presença de vinte testemunhas, o retrato de uma pessoa jovem, falecida há dezoito meses, que ele não havia jamais conhecido, retrato reconhecido pelo pai, que se achava presente na sessão? Será por efeito sonambúlico que uma mesa responde com precisão às perguntas propostas, inclusive a perguntas mentais? Certamente, se admitirmos que o médium esteja num estado magnético, parece difícil acreditar que a mesa seja sonâmbula.

Dizeis que o médium não fala com clareza senão das coisas que conhece. Como explicar o seguinte fato, e centenas de outros do mesmo gênero, que se reproduziram inúmeras vezes e que são do meu conhecimento pessoal? Um de meus amigos, excelente médium psicógrafo, pergunta a um Espírito se uma pessoa que ele não via há quinze anos ainda pertencia a este mundo. “Sim, ela ainda vive; mora em Paris, à rua tal, número tanto.” Ele vai e encontra a pessoa no endereço indicado. Foi uma ilusão? Seu pensamento poderia sugerir-lhe essa resposta? Se, em certos casos, as respostas podem coincidir com o pensamento, é racional concluir que se trata de uma lei geral? Nisso, como em todas as coisas, os julgamentos precipitados são sempre perigosos, porque podem ser desmentidos pelos fatos que não foram observados.

Apesar disso, sr. abade, minha intenção não é dar aqui um curso de Espiritismo, nem discutir se ele é certo ou errado. Seria preciso, como o disse há pouco, relembrar os numerosos fatos que citei na *Revista Espírita*, bem como as explicações dadas em meus diversos escritos. Chego, enfim, à parte de vosso artigo que me parece mais importante.

Intitulai vosso artigo: “*Uma nova religião em Paris*”. Admitindo que tal fosse, com efeito, o caráter do Espiritismo, aí haveria um primeiro erro, considerando-se que ele está longe de

circunscrever-se a Paris. Conta milhões de aderentes espalhados nas cinco partes do mundo e Paris não foi o foco primitivo. Em segundo lugar, o Espiritismo é uma religião? Fácil é demonstrar o contrário.⁹

O Espiritismo está baseado na existência de um mundo invisível, formado de seres incorpóreos que povoam o espaço e que nada mais são do que as almas dos que viveram na Terra ou em outros globos, onde deixaram os seus invólucros materiais. São esses seres que havíamos dado, ou melhor, que se deram o nome de *Espíritos*. Esses seres, que nos rodeiam incessantemente, exercem sobre os homens, mau grado seu, uma grande influência; desempenham um papel muito ativo no mundo moral e, até certo ponto, no mundo físico. O Espiritismo, pois, está em a Natureza e pode-se dizer que, numa certa ordem de idéias, é uma força, como a eletricidade também o é sob diferente ponto de vista, assim como a gravitação universal, igualmente.

Ele nos desvenda o mundo dos invisíveis, como o microscópio nos desvendou o mundo dos infinitamente pequenos, cuja existência nem suspeitávamos. Os fenômenos cuja fonte é esse mundo invisível devem ter-se produzido e se produziram em todos os tempos, razão por que a história de todos os povos lhes faz menção. Apenas os homens, em sua ignorância, os atribuíram a causas mais ou menos hipotéticas e, a propósito, deram livre curso à imaginação, como o fizeram com todos os fenômenos cuja natureza só imperfeitamente conheciam. O Espiritismo, melhor observado desde que se vulgarizou, vem lançar luz sobre uma multidão de problemas até aqui insolúveis ou mal resolvidos. Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma *ciência* e não o de uma religião, e a prova disso é que conta, entre seus aderentes, homens de todas

⁹ **N. do T.:** Em vão se tentará negar o aspecto religioso do Espiritismo, tomando por base, de forma isolada, o presente raciocínio de Allan Kardec. Há que se examinar o conjunto de sua obra, a fim de não se chegar a conclusões precipitadas. Na *Revista Espírita* de dezembro de 1868 o Codificador defende de maneira peremptória o caráter religioso da Doutrina Espírita.

as crenças, e que nem por isso renunciaram às suas convicções: católicos fervorosos, que praticam todos os deveres de seu culto, protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos e até budistas e bramanistas. Há de tudo, exceto materialistas e ateus, porque essas idéias são incompatíveis com as *observações espíritas*. O Espiritismo, pois, repousa sobre princípios gerais, independentes de toda questão dogmática. É verdade que tem conseqüências morais, como todas as ciências filosóficas. Essas conseqüências são no sentido do Cristianismo, porque, de todas as doutrinas, o Cristianismo é a mais esclarecida, a mais pura, razão por que, de todas as seitas religiosas do mundo, são as cristãs as mais aptas a compreendê-lo em sua verdadeira essência.

O Espiritismo não é, pois, uma religião. Se o fosse teria seu culto, seus templos, seus ministros. Sem dúvida cada um pode fazer uma religião de suas opiniões e interpretar à vontade as religiões conhecidas, mas daí à constituição de uma nova Igreja há uma grande distância e creio que seria imprudência seguir tal idéia. Em resumo, o Espiritismo se ocupa da observação dos fatos e não das particularidades de tal ou qual crença, da pesquisa das causas, da explicação que esses fatos podem dar de fenômenos conhecidos, assim na ordem moral como na ordem física, e não impõe nenhum culto aos seus partidários, como a astronomia não impõe o culto dos astros, nem a pirotecnia o culto do fogo. Ainda mais: do mesmo modo que o sabeísmo nasceu da astronomia mal compreendida, o Espiritismo, mal compreendido na Antigüidade, foi a fonte do politeísmo. Hoje, graças às luzes do Cristianismo, podemos julgá-lo com mais critério. Ele nos põe em guarda contra os sistemas errôneos, frutos da ignorância, e a própria religião nele pode haurir a prova palpável de muitas verdades contestadas por certas opiniões. Eis por que, contrariando a maior parte das ciências filosóficas, um dos seus efeitos é reconduzir às idéias religiosas aqueles que se extraviaram num cepticismo exagerado.

A Sociedade a que vos referis define seu objetivo no próprio título; a denominação *Sociedade Parisiense de Estudos*

Espíritas não se assemelha ao de nenhuma seita; tão diferente é o seu caráter que seu estatuto proíbe tratar de questões religiosas; está classificada na categoria das sociedades científicas, porque, com efeito, seu objetivo é estudar e aprofundar todos os fenômenos que resultam das relações entre os mundos visível e invisível; tem seu presidente, seu secretário e seu tesoureiro, como todas as sociedades; não convida o público às suas sessões; ali não se faz nenhum discurso, nem coisa alguma que tenha o caráter de um culto qualquer. Conduz os seus trabalhos com calma e recolhimento, primeiro porque é uma condição necessária para as observações e, segundo, porque sabe que devem ser respeitados aqueles que não vivem mais na Terra. Ela os chama em nome de Deus porque crê em Deus, em sua Onipotência e sabe que nada se faz neste mundo sem a sua permissão. Abre as sessões com um apelo geral aos Espíritos bons, uma vez que, sabendo que os há bons e maus, cuida para que estes últimos não venham se misturar fraudulentamente nas comunicações que recebe e induzi-la em erro. O que prova isso? Que não somos ateus; mas de modo algum implica que sejamos partidários de uma religião. Disso deveria ter ficado convencida a pessoa que vos descreveu o que se passa entre nós, se tivesse acompanhado os nossos trabalhos e, sobretudo, se os tivesse julgado com menos leviandade e talvez com espírito menos prevenido e menos apaixonado. Assim, os próprios fatos protestam contra a qualificação de *nova seita* que destes à Sociedade, certamente por não a conhecerdes melhor.

Terminais vosso artigo chamando a atenção dos católicos para o mal que o Espiritismo pode fazer às almas. Se as conseqüências do Espiritismo fossem a negação de Deus, da alma, de sua individualidade após a morte, do livre-arbítrio do homem, das penas e recompensas futuras, seria uma doutrina profundamente imoral. Longe disso, ele prova, não pelo raciocínio, mas pelos fatos, essas bases fundamentais da religião, cujo inimigo mais poderoso é o materialismo. Mais ainda: por suas conseqüências

ensina a suportar com resignação as misérias desta vida; acalma o desespero; ensina os homens a se amarem como irmãos, conforme os divinos preceitos de Jesus. Se soubésseis, como eu, quantos incrédulos endurecidos ele fez renascer; quantas vítimas arrancou ao suicídio pela perspectiva da sorte reservada aos que abreviam a vida, contrariando a vontade de Deus; quantos ódios acalmou, quantos inimigos aproximou! É a isso que chamais fazer mal às almas? Não; não podeis pensar assim. Prefiro supor que, se o conhecêsseis melhor, o julgaríeis de outra maneira. Direis que a religião pode fazer tudo isso. Longe de mim contestá-lo. Mas acreditais que teria sido melhor, para aqueles que ela encontrou rebeldes, permanecerem numa incredulidade absoluta? Se o Espiritismo triunfou sobre eles, se lhes tornou claro o que antes era obscuro, evidente o que lhes parecia duvidoso, onde o mal? Para mim, em lugar de perder almas, ele as salvou.

Aceitai, etc.

Allan Kardec

*O Livro dos Espíritos Entre os Selvagens*¹⁰

Sabíamos que *O Livro dos Espíritos* tem leitores simpáticos em todas as partes do mundo, mas certamente não teríamos suspeitado encontrá-lo entre os selvagens da América do Sul, não fosse uma carta que nos fora enviada de Lima, há poucos meses, cuja tradução integral julgamos por bem tornar pública, à vista do fato significativo que ela encerra, sendo o seu alcance facilmente compreendido. Traz consigo o seu comentário, ao qual não acrescentaremos nenhuma reflexão.

10 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 537.

“Excelentíssimo Senhor Allan Kardec,

“Desculpai-me por não vos escrever em francês; compreendo essa língua pela leitura, mas não sou capaz de escrevê-la correta e inteligentemente.

“Há mais de dez anos freqüento os povos aborígenes que habitam a encosta oriental dos Andes, nestas regiões americanas dos confins do Peru. Vosso *O Livro dos Espíritos*, que adquiri numa viagem a Lima, acompanha-me nestas solidões. Dizer-vos que o li com avidez e que o releio continuamente não vos deve surpreender. Assim, eu não viria incomodá-lo por tão pouco se não fossem certas informações que vos poderão interessar, ou o desejo de obter alguns conselhos que espero de vossa bondade, pois não duvido que os vossos sentimentos humanos estejam de acordo com os sublimes princípios de vosso livro.

“Estes povos que chamamos selvagens o são menos do que geralmente se pensa. Se por isso quisermos dizer que eles moram em cabanas em vez de palácios; que não conhecem nossas artes e ciências; que ignoram a etiqueta das pessoas civilizadas, realmente são verdadeiros selvagens. Mas em relação à inteligência, neles encontramos idéias de uma justeza surpreendente, uma grande finura de observação e sentimentos nobres e elevados. Compreendem com muita facilidade e têm o espírito incomparavelmente menos grosseiro que os camponeses da Europa. Desprezam o que lhes parece inútil, em relação à simplicidade que lhes é suficiente ao gênero de vida que levam. A tradição de sua antiga independência é sempre viva entre eles, razão por que têm uma aversão insuperável aos seus conquistadores; mas, se odeiam a raça em geral, vinculam-se aos indivíduos que lhes inspiram uma confiança absoluta. É por conta dessa confiança que privo de sua intimidade e, quando me acho no meio deles, sinto-me em maior segurança do que em muitas metrópoles. Ficam tristes quando os deixo e me fazem prometer voltar. Quando volto, toda a tribo está em festa.

“Estas explicações eram necessárias pelo que virá em seguida.

“Disse-vos que tinha comigo *O Livro dos Espíritos*. Um dia ousei traduzir algumas passagens e fiquei bastante surpreendido ao ver que eles o compreendiam muito melhor do que eu havia pensado, considerando-se certas observações muito judiciosas que faziam. Eis aqui um exemplo:

“A idéia de reviver na Terra lhes parece perfeitamente natural. Certo dia um deles nos perguntou: Quando morreremos poderemos renascer entre os brancos? – Certamente, respondi. – Então serias, talvez, um de nossos parentes? – É possível. – Sem dúvida é por isso que és bom e nós te amamos? – Também é possível. Então, quando encontrarmos um branco não lhe devemos fazer mal, porque talvez seja um dos nossos irmãos.

“Como eu, Senhor, certamente vos admirais dessa conclusão de um selvagem, bem como do sentimento de fraternidade que nele despertou. Ademais, a idéia dos Espíritos não é nova para eles; está em suas crenças e eles estão persuadidos de que é possível conversar com os parentes falecidos que os vêm visitar. O ponto importante de tudo isso é tirar partido para os moralizar, e não creio que seja impossível, porquanto ainda não têm os vícios de nossa civilização. É aqui que precisaria de vossos conselhos e de vossa experiência. A meu ver, labora-se em erro quando se imagina que só podemos influenciar as criaturas ignorantes falando-lhes aos sentidos. Penso, ao contrário, que será entretê-las nessas idéias acanhadas e neles desenvolver o pendor à superstição. Creio que o raciocínio, quando o soubermos colocar ao alcance das inteligências, terá sempre um domínio mais duradouro.

Aguardando a resposta que, por certo, me favorecereis, recebei, etc.

Dom Fernando Guerrero

Aforismos Espíritas e Pensamentos Avulsos

Quando quiserdes estudar a aptidão de um médium, não evoqueis de imediato, por seu intermédio, o primeiro Espírito que aparecer, pois nunca afirmamos que o médium esteja apto a servir de intérprete a todos os Espíritos, nem que os Espíritos levianos não possam usurpar o nome daquele que chamais. Evocai de preferência o seu Espírito familiar, porque este virá sempre; então o julgareis por sua linguagem e podereis melhor apreciar a natureza das comunicações que o médium recebe.

Os Espíritos encarnados agem por si mesmos, conforme sejam bons ou maus. Podem agir também sob o estímulo de Espíritos desencarnados, de que se fazem instrumento para o bem ou para o mal, ou para a realização de certos fatos. Somos, assim, à nossa revelia, os agentes da vontade dos Espíritos para aquilo que se passa no mundo, tanto no interesse geral quanto no individual. Dessa forma, encontramos alguém que nos leva a fazer ou deixar de fazer alguma coisa; pensamos que é o acaso que no-lo envia, quando, na maioria das vezes são os Espíritos que nos impelem uns para os outros, porque esse encontro deve conduzir a um resultado determinado.

Encarnando em diferentes posições sociais, os Espíritos são como atores que, fora de cena, se vestem como todo mundo e no palco fazem uso de todos os costumes, representando todos os papéis, desde o rei até o catador de lixo.

Há criaturas que não temem a morte, que cem vezes a afrontaram e que experimentam um certo temor na obscuridade. Não receiam os ladrões e, entretanto, no isolamento, num

cemitério, à noite, têm medo de alguma coisa. São os Espíritos que se acham ao lado delas, cujo contato lhes produz uma impressão que resulta num temor do qual não se apercebem.

As origens que certos Espíritos nos dão, pela revelação de pretensas existências anteriores, muitas vezes são um meio de sedução e uma tentação para o nosso orgulho, que se envaidece de ter sido tal ou qual personagem.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

JUNHO DE 1859

Nº 6

O Músculo Estalante

Os adversários do Espiritismo acabam de fazer uma descoberta que deve contrariar sobremaneira os Espíritos batedores; para eles é um desses golpes de clava do qual dificilmente se restabelecerão. Com efeito, que devem pensar esses pobres Espíritos da terrível cutilada com que o Sr. Schiff acaba de atingi-los, e depois o Sr. Jobert, de Lamballe e, por fim, o Sr. Velpeau? Parece-me vê-los bastante confusos, argumentando mais ou menos assim: “Pois bem, meu caro, estamos em maus lençóis! Estamos perdidos! Não havíamos contado com a anatomia, que descobriu as nossas artimanhas. Decididamente, não há condições de se viver num país onde há gente que enxerga com tanta clareza.” – Vamos, senhores patetas, que acreditastes em todas essas histórias inverossímeis; impostores que nos quisestes fazer acreditar na existência de seres que não vemos; ignorantes que imaginais possa existir algo que escape ao nosso escarpelo, *inclusive a vossa alma*; e todos vós, escritores espíritas ou espiritualistas, mais ou menos espirituosos, inclinai-vos e reconhecei que não passais de tolos, de charlatães e até mesmo de velhacos e de imbecis: esses senhores vos deixam a escolha, porque aqui está a luz, a verdade pura.

“**Academia das Ciências** [Sessão de 18 de abril de 1859] – **DA CONTRAÇÃO RÍTMICA MUSCULAR INVOLUNTÁRIA.** – O Sr. Jobert (de Lamballe) comunica um fato curioso de contração rítmica involuntária do pequeno perônio lateral direito, que confirma a opinião do Sr. Schiff relativamente ao fenômeno oculto dos *Espíritos batedores*.

“A Senhorita X, de quatorze anos, forte, bem constituída, desde os seis anos é acometida de movimentos involuntários regulares do músculo pequeno perônio lateral direito e de batidas que são ouvidas por detrás do maléolo externo direito, com a regularidade do pulso. Apareceram pela primeira vez na perna direita, durante a noite, acompanhados de dor muito forte. Pouco tempo depois, o pequeno perônio lateral esquerdo foi atingido por uma afecção da mesma natureza, embora de menor intensidade.

“O efeito desses batimentos é o de causar dor, produzir claudicações e, até mesmo, provocar quedas. A jovem doente declarou-nos que a extensão do pé e a compressão exercida sobre certos pontos do pé e da perna chegam a detê-los, não obstante continue sentindo dores e fadiga no membro.

“Quando essa interessante criatura se nos apresentou, eis em que estado a encontramos: ao nível do maléolo externo direito, em direção ao bordo superior dessa saliência óssea, era fácil constatar um batimento regular, acompanhado de intumescência passageira e de um levantamento das partes moles da região, os quais eram seguidos por um ruído seco que se sucedia a cada contração muscular. Esse ruído era ouvido no leito, fora dele e a uma distância assaz considerável do local onde a jovem repousava. Notável pela sua regularidade e pelo seu estrépito, tal ruído a acompanhava por toda parte. Aplicando a orelha à perna, ao pé ou ao maléolo, distinguia-se um choque incômodo que atingia todo o trajeto percorrido pelo músculo, absolutamente como se fora um

golpe que se transmitisse de uma a outra extremidade de uma viga. Por vezes o ruído se assemelhava a um atrito, a uma raspadela, desde que as contrações fossem menos intensas. Esses mesmos fenômenos sempre se reproduziam, estivesse a doente em pé, sentada ou deitada, independentemente da hora do dia ou da noite em que a examinávamos.

“Se estudarmos o mecanismos dos batimentos produzidos, e se, para maior clareza, dividirmos cada batimento em dois tempos, veremos que:

“No primeiro tempo o tendão do pequeno perônio lateral se desloca, ao sair de sua goteira, levantando necessariamente o grande perônio lateral e a pele;

“No segundo tempo, realizado o fenômeno de contração, seu tendão se relaxa e se movimenta na goteira, produzindo, contra ela, o ruído seco e sonoro de que acabamos de falar.

“Repetia-se, por assim dizer, de segundo em segundo, e cada vez o pequeno artelho sentia um abalo e a pele que recobre o quinto metatarso era levantada pelo tendão. Cessava quando o pé era fortemente estendido. Cessava, ainda, quando se exercia pressão sobre o músculo ou a bainha dos perônios.

“Nestes últimos anos os jornais franceses e estrangeiros têm falado muito de ruídos semelhantes a golpes de martelo, ora se sucedendo com regularidade, ora afetando um ritmo particular, que se produziam em volta de certas pessoas deitadas em seu leito.

“Os charlatães se apoderaram desses fenômenos singulares, cuja realidade, aliás, é atestada por testemunhas dignas de fé. Tentaram relacioná-los à intervenção de uma causa sobrenatural, deles se servindo para explorar a credulidade pública.

“A observação da senhorita X... mostra como os tendões deslocados, no momento em que retornam à goteira óssea, podem produzir batimentos, sob a influência da contração muscular, anunciando, assim, para certas pessoas, a presença de Espíritos batedores.

“Exercitando-se, qualquer pessoa pode adquirir a faculdade de produzir, à vontade, semelhantes deslocamentos de tendões e batimentos secos que se ouvem a distância.

“Repelindo qualquer idéia de intervenção sobrenatural e notando que esses batimentos e ruídos estranhos se passavam sempre ao pé do leito dos indivíduos agitados pelos Espíritos, o Sr. Schiff se interrogou se a sede desses ruídos não estaria neles próprios, em vez de se situarem exteriormente. Seus conhecimentos anatômicos levaram-no a pensar que bem podia ser na perna, na região peronial, onde se encontra uma superfície óssea, tendões e uma bainha comum.

“Estando bem sedimentada em seu espírito essa maneira de ver, fez ele experiências e tentativas em si mesmo, que lhe não permitiram duvidar que o ruído tinha sua sede por detrás do maléolo externo e nas bainhas dos tendões do perônio.

“Logo o Sr. Schiff foi capaz de executar ruídos voluntários, regulares, harmoniosos e, perante um grande número de pessoas, cerca de cinqüenta, pôde imitar os prodígios dos Espíritos batedores, com ou sem sapatos, de pé ou deitado.

“Concluiu o Sr. Schiff que todos esses ruídos se originam no tendão do grande perônio, quando passa na goteira peronial, acrescentando que eles coexistem com um adelgaçamento ou ausência da bainha comum no grande e no pequeno perônio. Quanto a nós, admitindo inicialmente que todos esses batimentos fossem produzidos pela queda de um tendão contra a superfície óssea peronial, pensamos, entretanto, não haver necessidade de

uma anomalia da bainha para os percebermos. Basta a contração do músculo, o deslocamento do tendão e seu retorno à goteira para que o ruído aconteça. Além disso, somente o pequeno perônio é o agente do ruído em questão. Com efeito, ele ostenta uma direção mais reta que o grande perônio, que sofre vários desvios em seu trajeto; situa-se profundamente na goteira; recobre completamente a goteira óssea, sendo natural concluirmos que o ruído é produzido pelo choque desse tendão contra as partes sólidas da goteira; apresenta fibras musculares até a entrada do tendão na goteira comum, ao passo que se dá o contrário com o grande perônio.

“O ruído é variável em sua intensidade e, com efeito, nele podemos distinguir diversos matizes. É assim que, desde o barulho estridente, que se percebe a distância, encontramos variedades de ruídos, de atritos, de serra, etc.

“Utilizando o método subcutâneo fizemos incisões repetidas através do corpo do pequeno perônio lateral direito e no corpo do mesmo músculo do lado esquerdo de nossa doente e mantivemos os membros imobilizados com o auxílio de um aparelho. Reunidas as partes, as funções dos dois membros foram restabelecidas sem qualquer traço dessa singular e rara afecção.

“Sr. Velpeau. — Os ruídos de que acaba de tratar o Sr. Jobert em seu interessante comunicado parecem ligados a uma questão muita vasta. Com efeito, observam-se esses mesmos ruídos em diversas regiões. O quadril, a espádua, a face interna do pé freqüentemente se lhe tornam a sede. Entre outros vi uma dama que, auxiliada por certos movimentos de rotação da coxa, produzia uma espécie de música assaz manifesta para ser ouvida de um a outro lado do salão. O tendão da porção longa do bíceps braquial a produz facilmente ao sair de sua bainha, quando os feixes fibrosos que o retêm naturalmente se relaxam ou se rompem. O mesmo acontece com o músculo posterior da perna ou com o músculo flexor do grande artelho, por trás do maléolo interno. Tais

ruídos se explicam, como bem o compreenderam os Srs. Schiff e Jobert, pela fricção ou pelos sobressaltos dos tendões nas ranhuras ou contra os bordos das superfícies sinoviais. Conseqüentemente, são possíveis numa infinidade de regiões ou na vizinhança de uma porção de órgãos. Ora claros e bem audíveis, ora surdos ou obscuros, por vezes úmidos, outras vezes secos, variam, aliás, extremamente de intensidade.

“Esperemos que o exemplo dado a respeito pelos Srs. Schiff e Jobert levem os fisiologistas a se ocuparem seriamente com esses vários ruídos e que um dia eles dêem a explicação racional de fenômenos incompreendidos ou até aqui atribuídos a causas ocultas e sobrenaturais.

“Sr. Jules Cloquet. – Em apoio às observações do Sr. Velpeau sobre os ruídos anormais que os tendões podem produzir nas diversas regiões do corpo, cita o exemplo de uma moça de dezesseis a dezoito anos que lhe foi apresentada no Hospital São Luís, numa época em que os senhores Velpeau e Jobert eram vinculados a esse mesmo estabelecimento. O pai da jovem, que se intitulava *pai de um fenômeno*, espécie de saltimbanco, esperava tirar partido da filha, exibindo-a publicamente. Anunciou que ela tinha no ventre um movimento de pêndulo. A moça estava perfeitamente conformada. Por um leve movimento de rotação na região lombar da coluna vertebral, ela produzia estalidos muito fortes, mais ou menos regulares, segundo o ritmo de ligeiros movimentos que imprimia à parte inferior do tronco. Esses ruídos anormais podiam ser ouvidos perfeitamente a mais de vinte e cinco pés de distância e assemelhavam-se ao ruído das antigas máquinas de assar carne; eram interrompidos à vontade da moça e pareciam ter sua sede nos músculos da região lombo-dorsal da coluna vertebral.”

Extraído da *Abeille médicale*, julgamo-nos no dever de transcrever este artigo integralmente para a edificação de nossos

leitores, a fim de não sermos acusados de querer esquivar-nos a certos argumentos que ele contém. Com algumas variantes, foi reproduzido em diferentes jornais, acompanhados dos costumeiros epítetos. Não temos o hábito de ressaltar as grosserias; deixamo-las de lado, porque o nosso bom-senso nos diz que nada se prova com tolices e injúrias, por mais sábio que se seja. Se o artigo em questão se tivesse limitado a banalidades, que nem sempre são marcadas pelo cunho da urbanidade e da boa educação, não o teríamos mencionado. Mas ele trata a questão do ponto de vista científico; sobrecarrega-nos com demonstrações, com as quais pretende pulverizar-nos; vejamos, pois, se de fato estamos mortos pelo decreto da Academia das Ciências, ou se temos alguma chance de viver, como o pobre louco Fulton, cujo sistema foi declarado um sonho vazio e impraticável pelo Instituto, o que apenas privou a França da iniciativa do navio a vapor; e quem sabe as conseqüências que tal poderio, nas mãos de Napoleão I, poderia ter acarretado sobre os acontecimentos ulteriores!

Faremos apenas um breve reparo sobre a qualificação de charlatães, atribuída aos partidários das idéias novas. Ela nos parece um tanto arriscada, quando se aplica a milhões de criaturas que delas não tiram qualquer proveito e quando alcança os planos mais elevados da escala social. Esquecem que o Espiritismo fez, em alguns anos, incríveis progressos em todas as partes do mundo; que não se propaga entre os ignorantes, mas no seio das classes esclarecidas; que conta em suas fileiras um grande número de médicos, magistrados, eclesiásticos, artistas, homens de letras e altos funcionários, pessoas às quais geralmente se reconhece algumas luzes e um mínimo de bom-senso. Ora, confundi-los no mesmo anátema e remetê-los sem qualquer cerimônia para os hospícios é agir com excessiva prepotência.

Mas, direis, trata-se de criaturas de boa-fé, vítimas de uma ilusão; não negamos o efeito, apenas contestamos a causa que

lhe atribuí. A Ciência acaba de descobrir a verdadeira causa, tornando-a conhecida e, por isso mesmo, fazendo desabar todo esse altar de fantasias místicas de um mundo invisível, que pode seduzir as imaginações exaltadas, embora sinceras.

Não nos vangloriamos de sabedoria, nem muito menos ousaríamos colocar-nos no mesmo nível de nossos honrados adversários. Diremos tão-só que nossos estudos pessoais de anatomia e de ciências físicas e naturais, que tivemos a honra de professar, nos permitem compreender a sua teoria, e que de modo algum nos sentimos aturdidos por essa avalanche de palavreado técnico. Os fenômenos de que falam são-nos perfeitamente conhecidos. Em nossas observações sobre os efeitos atribuídos aos seres invisíveis tivemos o cuidado de não negligenciar uma causa tão patente de desprezo. Quando um fato se apresenta, não nos contentamos com uma única observação; queremos vê-lo sob todos os ângulos, sob todas as faces e, antes de aceitar uma teoria, imaginamos se ela corresponde a todas as circunstâncias, se nenhum fato desconhecido virá contradizê-la; numa palavra, se resolve todas as questões. A verdade tem o seu preço. Admitis bem, senhores, que esta maneira de proceder é bastante lógica. Pois bem! Malgrado todo o respeito devido ao vosso saber, apresentam-se algumas dificuldades na aplicação de vosso sistema àquilo que se costuma chamar de Espíritos batedores. Em primeiro lugar, é no mínimo singular que essa faculdade, até o momento excepcional e vista como um caso patológico, qualificada pelo Sr. Jobert (de Lamballe) de *rara e singular afecção*, de repente se tenha tornado tão comum. É verdade que o Sr. de Lamballe diz que todo homem pode adquiri-la pelo exercício; mas como também afirmou que ela se faz acompanhar de dor e fadiga, o que é bastante natural, é de convir que precisamos ter uma vontade de mistificar muito forte para fazer nosso músculo estalar durante duas ou três horas seguidas, quando isso a nada leva, e pelo só prazer de divertir as pessoas.

Mas falemos seriamente. Isto é mais grave, porque é ciência. Esses senhores, que descobriram esta maravilhosa propriedade do grande perônio, não desconfiam absolutamente de tudo quanto pode fazer esse músculo. Ora, eis aí um belo problema a resolver. Os tendões deslocados não batem somente nas goteiras ósseas; por um efeito verdadeiramente bizarro, também vão bater nas portas, paredes e tetos, e isso à vontade, exatamente nos locais designados. Mas se quereis algo ainda mais forte, vede o quanto a Ciência estava longe de suspeitar de todas as virtudes desse músculo estalador: ele tem o poder de levantar uma mesa sem a tocar, de fazê-la andar com os pés, de caminhar na sala, de manter-se no espaço sem ponto de apoio; de abri-la e de fechá-la e, julgai com que força! de fazê-la quebrar-se ao tombar no chão. Pensais que se trata de uma mesa frágil e leve como uma pena, que a gente levanta com um sopro? Acordai, senhores, trata-se de mesas pesadas e maciças, de cinqüenta a sessenta quilos, que obedecem a moçóilas e crianças. Mas, dirá o Sr. Schiff, nunca vi esses prodígios. Isso é fácil de compreender: ele não quis ver senão as pernas.

Em suas observações terá o Sr. Schiff considerado a necessária independência das idéias? Estava imune de qualquer prevenção? Temos o direito de duvidar; e não somos nós que o dizemos, é o Sr. Jobert. Segundo ele, o Sr. Schiff perguntou, ao falar de médiuns, se a sede desses ruídos não estaria de preferência neles, e não fora deles; *seus conhecimentos anatómicos o levaram a pensar que bem podia ser na perna. Estando esse modo de ver bem sedimentado em seu espírito*, etc. Assim, conforme a confissão do Sr. Jobert, o Sr. Schiff tomou por ponto de partida não os fatos, mas sua própria idéia, sua idéia preconcebida, *bem sedimentada*. Daí as pesquisas num sentido exclusivo e, conseqüentemente, uma teoria exclusiva que explica perfeitamente o fato que ele viu, mas não aqueles que não viu. E por que não os viu? Porque em seu pensamento só havia um ponto de partida verdadeiro, e uma explicação verdadeira. Partindo daí, todo o resto deveria ser falso e não merecia exame. Disso resultou que, em sua ânsia de destruir os médiuns, errou o alvo.

Senhores, imaginais conhecer todas as virtudes do grande perônio porque o surpreendestes a tocar violão em sua bainha? Ora, ora! Eis aqui algo muito diferente a registrar nos anais da Anatomia. Pensastes que o cérebro fosse a sede do pensamento. Errado! Pode-se pensar pelo tornozelo. As batidas dão provas de inteligência; portanto, venham esses golpes exclusivamente do perônio, venham do grande perônio, conforme o Sr. Schiff, venham do pequeno, conforme o Sr. Jobert – seria preciso que eles se entendessem a respeito – é porque o perônio é inteligente. Isto nada tem de surpreendente. Fazendo estalar o seu músculo à vontade, o médium executará o que quiserdes: imitará a serra, o martelo, baterá a chamada e o ritmo de uma ária pedida. Que seja! Mas quando o ruído responde a alguma coisa que o médium ignora completamente; quando revela pequenos segredos que somente vós conheceis, segredos que desejaríamos esconder de nossa própria sombra, é preciso convir que o pensamento vem de outra parte que não o cérebro. De onde virá, então? Meu Deus do céu! Do grande perônio. E isso não é tudo: esse grande perônio também é poeta, desde que pode compor versos encantadores, não obstante o médium jamais os tenha feito em sua vida; ele é poliglota, porque dita coisas verdadeiramente muito sensatas, em línguas de que o médium não conhece uma só palavra; ele é músico... nós bem o sabemos, pois o Sr. Schiff fez o seu executar sons harmoniosos, com ou sem sapatos, perante cinqüenta pessoas. Sim; mas também compõe. Vós, Sr. Dorgeval, que ultimamente nos destes uma encantadora sonata, acreditais realmente ter sido o Espírito Mozart que vo-la ditou? Acordai: era o vosso grande perônio que tocava piano. Na verdade, senhores médiuns, não desconfiáveis possuir tanto espírito em vossos calcanhares. Glória, pois, aos que fizeram essa descoberta; que seus nomes sejam inscritos em letras maiúsculas para a edificação da posteridade e honra de sua memória!

Dirão que gracejamos com coisas sérias. Mas os gracejos não são raciocínios, do mesmo modo que também não o

são as tolices e as grosserias. Confessando nossa ignorância junto a esses senhores, aceitamos a sua sábia demonstração e a tomamos muito a sério. Pensávamos que certos fenômenos eram produzidos por seres invisíveis que se deram o nome de Espíritos; é possível que tenhamos nos enganado. Como procuramos a verdade, não alimentamos a ridícula pretensão de insistir numa idéia que, de maneira tão peremptória, nos demonstram ser falsa. Desde que o Sr. Jobert, por meio de uma incisão subcutânea, solapou os Espíritos, é porque já não existem Espíritos. Considerando que, segundo ele, todos os ruídos vêm do perônio, é preciso acreditá-lo e admiti-lo em todas as suas conseqüências. Assim, quando as batidas são dadas na parede ou no teto, ou o perônio lhes corresponde ou a parede tem um perônio; quando esses golpes ditam versos através de uma mesa que bate o pé, de duas coisas uma: ou a mesa é poetisa ou o perônio é poeta. Isso nos parece lógico. Vamos ainda mais longe: certo dia em que fazia experiências espíritas, um oficial de nosso conhecimento recebeu, por mão invisível, um par de bofetadas tão bem aplicadas que ainda as sentia duas horas depois. Ora, como provocar uma reparação? Se semelhante fato acontecesse com o Sr. Jobert, ele não se inquietaria: apenas diria ter sido agredido pelo grande perônio.

Eis o que lemos a respeito no jornal *La Mode*, de 1º de maio de 1859:

“A Academia de Medicina continua a cruzada dos espíritos positivos contra o maravilhoso de qualquer gênero. Depois de haver, com justa razão, mas talvez um tanto desajeitadamente, fulminado o famoso doutor negro, pela voz do Sr. Velpeau, eis que acaba de ouvir o Sr. Jobert (de Lamballe) declarar, em pleno Instituto, o segredo daquilo que ele chama a grande comédia dos *Espíritos batedores*, que foi representada com tanto sucesso nos dois hemisférios.

“Segundo o célebre cirurgião, todo *toc toc*, todo *pan pan* que faz estremecer as pessoas que os escutam; todos esses ruídos

singulares, esses golpes secos, vibrados sucessivamente e como que cadenciados, precursores da chegada, sinais evidentes da presença dos habitantes do outro mundo, resultam simplesmente de um movimento imprimido a um músculo, a um nervo, a um tendão! Trata-se de uma bizarrice da Natureza, habilmente explorada para produzir, sem que se possa constatar, essa música misteriosa que encantou e seduziu tanta gente.

“A sede da orquestra é na perna. É o tendão do perônio, tocando no interior da bainha, que produz todos esses ruídos que são ouvidos sob as mesas ou a distância, ao bel prazer do prestidigitador.

“De minha parte duvido muito que o Sr. Jobert tenha posto a mão, como imagina, no segredo daquilo que ele mesmo chama “uma comédia”, parecendo-me que os artigos publicados nesse mesmo jornal, por nosso confrade Sr. Escande, sobre os mistérios do mundo oculto, apresentam a questão com uma amplidão bem diferente, sincera e filosófica, no bom sentido da palavra.

“Entretanto, se os charlatães de todos os matizes incomodam pelo barulho que fazem, temos de convir que esses sábios senhores por vezes não o são menos, com a esponja que pretendem aplicar sobre tudo quanto escape ao brilho dos candelabros oficiais.

“Não compreendem que a sede do maravilhoso, que devora nossa época, deve-se justamente aos excessos do positivismo para onde certos espíritos quiseram arrastá-la. A alma humana tem necessidade de crer, de admirar e de contemplar o infinito. Trabalharam para fechar as janelas que o catolicismo lhe abria; por isso ela olha pelas clarabóias, sejam quais forem.”

Henry de Pène

“Nosso excelente amigo, Sr. Henry de Pène, certamente nos permitirá uma observação. Ignoramos quando o Sr. Jobert fez essa imortal descoberta e qual o dia memorável em que a comunicou ao Instituto. O que sabemos é que essa original explicação já havia sido dada por outros. Em 1854, o Dr. Rayer, um célebre clínico, que naquela época não deu provas de grande perspicácia, também apresentou, ao Instituto, um alemão, cuja habilidade, segundo ele, dava a chave de todos os *knokings* e *rappings* dos dois mundos. Tratava-se, como hoje, do deslocamento de um dos tendões musculares da perna, chamado o *grande perônio*. Sua demonstração foi feita numa sessão e a Academia expressou o seu reconhecimento por intermédio dessa interessante comunicação. Alguns dias depois, um professor substituto da Faculdade de Medicina consignou o fato no jornal *Constitutionnel* e teve a coragem de acrescentar que “finalmente os cientistas se haviam pronunciado e o mistério estava esclarecido.” Essa declaração não impediu que o mistério persistisse e aumentasse, a despeito da Ciência que, recusando-se a fazer experiências, contentava-se em atacá-lo por meio de explicações ridículas e burlescas, como estas a que acabamos de nos referir. Em respeito ao Sr. Jobert (de Lamballe), apraz-nos pensar que lhe atribuíram uma experiência que absolutamente não lhe pertence. Algum jornal, ansioso por novidades, terá encontrado nalgum recanto esquecido de sua pasta a antiga comunicação do Sr. Rayer e a terá ressuscitado, publicando-a sob o seu patrocínio, a fim de variar um pouco. *Mutato nomine, de te fabula narratur*. É lastimável, sem dúvida, mas ainda é melhor do que se o jornal tivesse dito a verdade.”

A. Escande

Intervenção da Ciência no Espiritismo

A intervenção das corporações científicas é um dos argumentos invocados incessantemente pelos adversários do Espi-

ritismo. Por que não se apropriaram do fenômeno das mesas girantes? Se nele tivessem visto algo de sério, dizem, não se poriam em guarda contra fatos tão extraordinários e, muito menos, os tratariam com desprezo, ao passo que agora são todas contra vós. Não são os cientistas o feixe de luz das nações e não será seu dever espalhá-lo? Por que queríeis que eles o abafassem, quando se lhes apresentava tão bela ocasião de revelarem ao mundo uma força nova?

Em primeiro lugar, é um erro muito grave afirmar que todos os cientistas estejam contra nós, considerando-se que o Espiritismo se propaga justamente na classe esclarecida. Só existem cientistas na ciência oficial e nos corpos constituídos. Pelo fato de o Espiritismo não desfrutar ainda dos direitos de cidadania no âmbito da ciência oficial, poder-se-ia prejulgá-lo a questão? É conhecida a circunspeção daquela em relação às idéias novas. Se a Ciência jamais se tivesse enganado, sua opinião poderia pesar na balança; a experiência, infelizmente, prova o contrário. Não repeliu como quimeras uma imensidão de descobertas que, mais tarde, ilustraram a memória de seus autores? Por isso deve-se concluir que os sábios sejam ignorantes? Isso justifica os epítetos triviais à custa do mau gosto que certas pessoas se aprazem em prodigalizar-lhes? Não, certamente. Não há ninguém de bom-senso que não faça justiça aos sábios, embora reconhecendo que não são infalíveis e que seu julgamento, assim, não representa a última instância. Seu erro é resolver certas questões um pouco levemente, confiando demasiado em suas luzes, antes que o tempo se tenha pronunciado, e assim se expondo a receber os desmentidos da experiência.

Cada um só tem competência para julgar o que conhece. Se quisermos construir uma casa, chamaremos um músico? Se estivermos doentes, seremos tratados por um arquiteto? Se tivermos um processo, buscaremos a opinião de um dançarino? Enfim, se se tratar de uma questão de teologia, pediremos a sua solução a um químico ou a um astrônomo? Não; cada qual no seu

ofício. As ciências vulgares repousam sobre as propriedades da matéria, que podemos manipular à vontade; os fenômenos que ela produz têm como agentes forças materiais. Os do Espiritismo têm como agente inteligências que possuem sua independência, seu livre-arbítrio, e de modo algum se submetem aos nossos caprichos; escapam, dessa forma, aos nossos processos anatômicos e laboratoriais, bem como aos nossos cálculos e, assim, não são da competência da ciência propriamente dita. A Ciência se enganou ao querer experimentar os Espíritos como se o fizesse a uma pilha voltáica; partiu de uma idéia fixa, preconcebida, à qual se aferra, e quer forçosamente ligá-la à idéia nova. Fracassou, e assim devia acontecer, porque agiu tendo em vista uma analogia que não existe. Depois, sem ir mais longe, concluiu pela negativa: julgamento temerário que o tempo diariamente se encarrega de reformar, como reformou tantos outros, e aqueles que o pronunciaram muito se envergonharão por haverem levemente assumido uma falsa posição contra o poder infinito do Criador. Assim, pois, as corporações científicas não devem, nem jamais deverão pronunciar-se sobre o assunto; ele não é da sua alçada, assim como também não o é o direito de decretar se Deus existe. É, pois, um erro constituí-las em juiz. Mas quem será o juiz? Os Espíritos se julgam no direito de impor suas idéias? Não; o grande juiz, o juiz soberano, é a opinião pública. Quando essa opinião se formar pela aquiescência das massas e dos homens esclarecidos, os cientistas oficiais a aceitarão como indivíduos e sofrerão a força das circunstâncias. Deixai passar uma geração e, com ela, os preconceitos do amor-próprio que se obstina, e veremos dar-se com o Espiritismo o mesmo que se deu com tantas outras verdades combatidas, que atualmente seria ridículo pôr em dúvida. Hoje, os crentes são chamados de loucos; amanhã será a vez dos que não crêem, exatamente como outrora eram tratados de loucos os que acreditavam que a Terra girasse, o que não a impediu de girar.

Mas nem todos os sábios julgaram do mesmo modo. Alguns fizeram o seguinte raciocínio: Não há efeito sem causa, e os

mais vulgares efeitos podem abrir caminho aos maiores problemas. Se Newton houvesse menosprezado a queda de uma maçã; se Galvani tivesse repellido a sua doméstica, tratando-a de louca e de visionária, quando ela lhe falou das rãs que dançavam no prato, talvez ainda estivéssemos procurando a admirável lei da gravidade e as fecundas propriedades da pilha. O fenômeno designado sob o burlesco nome de dança das mesas não é mais ridículo do que o da dança das rãs, e talvez encerre alguns desses segredos da Natureza que revolucionarão a Humanidade, quando possuímos a sua chave. Além disso, eles disseram: Desde que tanta gente se ocupa de tais fatos e desde que homens muito sérios os estudaram, é porque existe alguma coisa; uma ilusão, uma loucura, se quisermos, não pode ter esse caráter de generalidade; poderá seduzir um círculo, um grupelho, mas não fará a volta ao mundo.

Eis principalmente o que nos dizia ilustre doutor em Medicina, incrédulo até pouco tempo atrás e hoje fervoroso adepto:

“Dizem que os seres invisíveis se comunicam; e por que não? Antes da invenção do microscópio suspeitávamos da existência dessa miríade de animálculos que causam tanta devastação na economia? Onde a impossibilidade material da existência, no espaço, de seres que escapam aos nossos sentidos? Alimentaríamos, por acaso, a ridícula pretensão de tudo saber e dizer a Deus que ele não mais nos pode ensinar? Se esses seres invisíveis que nos cercam são inteligentes, por que não se comunicariam conosco? Se estão em relação com os homens, devem representar um papel no destino e nos acontecimentos. Quem sabe se não serão uma das potências da Natureza, uma dessas forças ocultas que não suspeitamos? Que novo horizonte se abre ao nosso pensamento! Que vasto campo de observação! A descoberta do mundo invisível seria bem diversa daquela dos infinitamente pequenos; seria mais que uma descoberta: seria uma completa revolução nas idéias. Quanta luz daí pode jorrar! Que de coisas misteriosas seriam explicadas! Os que assim acreditam são

ridicularizados. Mas o que isso prova? Não aconteceu o mesmo com todas as grandes descobertas? Cristóvão Colombo não foi repellido duramente, coberto de desgostos e tratado como insensato? Disseram que essas idéias são tão estranhas que a razão as recusa. Há somente meio século teríamos rido na cara de quem tivesse dito que em apenas alguns minutos seria possível corresponder-nos de um extremo a outro do mundo; que em algumas horas atravessaríamos a França; que com o vapor exalado de um pouco de água em ebulição um navio navegaria contra o vento; que da água seriam tirados os meios de iluminar e de aquecer. Propusesse alguém uma maneira de iluminar Paris inteira em um minuto, com uma única fonte de substância invisível, e o teriam enviado ao hospício. Haveria, então, mais prodígio em se imaginar fosse o espaço povoado de seres pensantes que, após terem vivido na Terra, nela deixaram o seu invólucro material? Não encontraríamos nesse fato a explicação de uma infinidade de crenças que remontam à mais alta Antigüidade? Não seria a confirmação da existência da alma, de sua individualidade após a morte? A prova da origem da própria religião? Entretanto, só vagamente nos diz a religião em que se tornam as almas, enquanto o Espiritismo o define. A tudo isso, que podem argumentar os materialistas e os ateus? Semelhantes coisas merecem ser aprofundadas.”

Eis aí as reflexões de um cientista, mas de um cientista desprezioso. São, também, as de uma significativa parcela de homens esclarecidos que refletiram, estudaram seriamente e sem idéias preconcebidas e tiveram a modéstia de não dizer: Não compreendo, portanto isso não existe. Sua convicção formou-se pela observação e no recolhimento. Se tais idéias fossem quimeras, seria possível imaginar que tantas pessoas de escol as tivessem adotado? que durante tanto tempo tivessem sido vítimas de uma ilusão? Não há, pois, nenhuma impossibilidade material à existência de seres para nós invisíveis e que povoam o espaço. Somente essa consideração deveria fazer-nos agir com um pouco mais de

circunspeção. Até algum tempo atrás, quem teria pensado que uma gota de água límpida pudesse conter milhares de seres vivos, de uma pequenez que confunde a nossa imaginação? Ora, à razão era mais difícil conceber seres assim tão sutis, providos de todos os nossos órgãos e funcionando como nós, do que admitir aqueles a quem chamamos de Espíritos.

Perguntam os adversários por que motivo os Espíritos, que se deveriam empenhar em fazer prosélitos, não se prestam melhor ao trabalho de convencer certas criaturas, cuja opinião teria grande influência. Acrescentam que os acusamos de falta de fé e a isto respondem, e com razão, que não podem acreditar por antecipação.

É um erro pensar que a fé seja necessária; mas a *boa-fé* é outra coisa. Há cépticos que negam até a evidência, e os próprios milagres não os convenceriam. Há mesmo os que ficariam muito aborrecidos de serem forçados a crer, pois o seu amor-próprio sofreria ao reconhecerem que se enganaram. O que responder a certas pessoas que, em toda parte, não enxergam senão charlatanismo e ilusão? Nada. É preciso deixá-las em paz e dizerem, enquanto quiserem, que nada viram e, até mesmo, que nada lhes pudemos fazer ver. A par desses cépticos endurecidos, há os que querem ver a seu modo; aqueles que, formada uma opinião, a ela tudo querem submeter, por não compreenderem a existência de fenômenos que não lhes obedecem à vontade. Ou não sabem, ou não querem dobrar-se às condições necessárias. Se os Espíritos não demonstram tanto zelo em conquistá-los por meio de prodígios é porque, no momento, pelo menos aparentemente, pouco interesse têm em convencer certas pessoas, cuja importância não medem como elas próprias o fazem. Precisamos convir que é pouco lisonjeiro, mas não lhes governamos a opinião. Os Espíritos têm uma maneira de julgar as coisas que nem sempre é a nossa; vêem, pensam e agem de acordo com outros elementos. Enquanto nossa vista é circunscrita pela matéria, limitada pelo estreito círculo

em meio ao qual nos achamos, eles tudo abarcam; o tempo, que nos parece tão longo, para eles é um instante, e a distância, nada mais que um passo; certos detalhes, que nos parecem de extrema importância, a seus olhos não passam de infantilidades, ao passo que julgam essenciais certas coisas cujo alcance não apreendemos. Para os compreender é preciso nos elevemos, pelo pensamento, acima do nosso horizonte material e moral e nos coloquemos sob o seu ponto de vista. Não lhes compete descer até nós: nós é que devemos subir até eles, conduzidos pelo estudo e pela observação. Os Espíritos apreciam os observadores assíduos e conscienciosos, para os quais multiplicam as fontes de luz; o que os afasta não é a dúvida originada da ignorância, mas a fatuidade desses pretensos observadores que nada observam, que aspiram a pô-los em xeque e a manobrá-los como marionetes. É sobretudo o sentimento de hostilidade e de descrédito que trazem, sentimentos que estão na mente, quando não nas palavras, malgrado os protestos em contrário. Para estes nada fazem os Espíritos, muito pouco se importando com o que possam dizer ou pensar, porque chegará a sua vez. Eis por que dissemos não ser a fé necessária, mas a boa-fé.

Ora, perguntamos se os nossos sábios adversários estarão sempre nessas condições. Querem os fenômenos às suas ordens, mas os Espíritos não lhes obedecem o comando: destes é necessário esperar a boa vontade. Não basta dizer: mostrai-me tal fato e acreditarei; é preciso ter vontade e perseverança, deixar que os fatos se produzam espontaneamente, sem querer forçá-los ou dirigi-los. Aquilo que desejardes será precisamente o que não haveis de obter, mas outros se apresentarão, e aquilo que desejais virá provavelmente no momento em que menos esperais. Aos olhos do observador atento e assíduo surge uma multidão de fenômenos, que se corroboram reciprocamente. Mas aquele que imagina ser suficiente girar a manivela para movimentar a máquina, engana-se redondamente. Que faz o naturalista que deseja estudar os costumes de um animal? Ordena-lhe fazer tal ou qual coisa para se dar ao prazer de o observar à vontade, e de acordo com a sua

conveniência? Não, pois sabe perfeitamente que não será obedecido. Em vez disso, *espreita* as manifestações espontâneas de seu instinto; espera-as e as surpreende de passagem. O simples bom-senso nos mostra, com mais forte razão, que assim deve acontecer com os Espíritos, que são inteligências muito mais independentes que a dos animais.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

ESPÍRITO ALEXANDRE DE HUMBOLDT

Falecido em 6 de maio de 1859; evocado na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos nos dias 13 e 20 do mesmo mês.

[*A São Luís*] – Poderíamos evocar o Espírito Alexandre de Humboldt, que acaba de falecer?

Resp. – Se quiserdes, amigos.

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui. Como isto me espanta!

2. Por que isto vos espanta?

Resp. – Estou longe do que era, há apenas alguns dias.

3. Se vos pudéssemos ver, como seríeis visto?

Resp. – Como homem.

4. Nosso chamado vos contraria?

Resp. – Não.

5. Tivestes consciência de vosso novo estado logo após a morte?

Resp. – Eu a esperava há muito tempo.

Observação – Entre homens que, como o Sr. Humboldt, morrem de morte natural, pela extinção gradual das forças vitais, o Espírito se reconhece muito mais prontamente do que naqueles em

que a vida é bruscamente interrompida por um acidente ou morte violenta, posto já existir um começo de desprendimento antes de cessar a vida orgânica. No Sr. Humboldt a superioridade do Espírito e a elevação dos pensamentos facilitaram esse desprendimento, sempre mais lento e mais penoso naqueles cuja vida é inteiramente material.

6. Tendes saudades da vida terrestre?

Resp. – Não, absolutamente. Sinto-me feliz; não me vejo mais na prisão; meu Espírito é livre... Que alegria! E que doce momento me trouxe esta nova graça de Deus!

7. Que pensais da estátua que vos será erigida na França, embora sejais estrangeiro?

Resp. – Meus agradecimentos pessoais pela honra que me é feita. O que sobretudo aprecio em tudo isso é o sentimento de união que o fato demonstra, o desejo de ver extintos todos os ódios.

8. Vossas crenças mudaram?

Resp. – Sim, muito. Mas ainda não *revi* tudo. Esperai um pouco, antes de me falardes com mais profundidade.

Observação – Esta resposta e o termo *revi* são característicos do estado em que ele se encontra. Apesar do pronto desprendimento de seu Espírito, existe ainda certa confusão de idéias. Havendo deixado o corpo apenas há oito dias, ainda não teve tempo de comparar suas idéias terrestres com as que pode ter atualmente.

9. Estais satisfeito com o emprego que fizestes de vossa existência terrena?

Resp. – Sim. Cumpri mais ou menos o objetivo a que me propus. Servi à Humanidade, razão por que hoje sou feliz.

10. Quando vos propusestes este objetivo?

Resp. – Ao vir para Terra.

Observação – Desde que se propôs um objetivo ao vir à Terra, é porque tinha realizado um progresso anterior e sua alma não nascera ao mesmo tempo que o corpo. Essa resposta espontânea não pode ter sido provocada pela natureza da pergunta ou pelo pensamento do interlocutor.

11. Escolhestes esta existência terrena?

Resp. – Havia numerosos candidatos a esta obra; roguei ao Ser por excelência que ma concedesse, e a obtive.

12. Lembrais da existência que precedeu a que acabais de deixar?

Resp. – Sim; ela se passou longe de vós, num mundo muito diferente da Terra.

13. Esse mundo é igual, inferior ou superior à Terra?

Resp. – Desculpai; é superior.

14. Sabemos que nosso mundo está longe da perfeição e, conseqüentemente, não nos sentimos humilhados por haver outros acima de nós. Mas, então, como viestes a um mundo inferior àquele que habitáveis?

Resp. – Não damos aos ricos? Eu quis dar; por isso desci à cabana do pobre.

15. Poderíeis dar-nos uma descrição dos seres animados do mundo em que habitáveis?

Resp. – Ao vos falar há pouco, tinha esse desejo; mas compreendi, em tempo, que teria dificuldade de vo-lo explicar perfeitamente. Ali os seres são bons, *muito bons*; já compreendeis esse ponto, que é a base de todo o resto do sistema moral naqueles mundos: nada ali entrava o desenvolvimento dos bons pensamentos; nada lembra os maus; tudo é felicidade, porquanto cada um está contente consigo mesmo e com todos os que o cercam. Em relação à matéria e aos sentidos, qualquer descrição seria inútil. Que simplificação na engrenagem de uma sociedade!

Hoje, que me acho em condição de comparar as duas, surpreendo-me com a distância. Não penseis que assim falo para vos desanimar; não, muito ao contrário. É necessário que o vosso Espírito fique bem convencido da existência de tais mundos; então sentireis um ardente desejo de os alcançar e o trabalho vos abrirá o caminho.

16. Esse mundo faz parte do nosso sistema planetário?

Resp. – Sim; está muito próximo de vós. Entretanto, não podeis vê-lo, porque não tem luz própria e não recebe nem reflete a luz dos sóis que o rodeiam.

17. Há pouco havíeis dito que vossa precedente existência se passara longe de nós e agora dizeis que esse mundo é muito próximo. Como conciliar as duas coisas?

Resp. – Considerando-se as vossas distâncias e medidas terrenas, ele está longe de vós. Se, entretanto, tomardes o compasso de Deus e, num volver de olhos, tentardes abranger toda a Criação, estará próximo.

Observação – Evidentemente podemos considerá-lo longe se tomarmos como termo de comparação as dimensões de nosso globo; mas está perto em relação aos mundos que se encontram a distâncias incalculáveis.

18. Poderíeis precisar a região do espaço em que se acha esse mundo?

Resp. – É inútil. Os astrônomos jamais a conhecerão.

19. A densidade desse mundo é idêntica à do nosso globo?

Resp. – A proporção é infinitamente menor.

20. Seria esse mundo da natureza dos cometas?

Resp. – Não; absolutamente.

21. Se não tem luz própria, e não recebe nem reflete a luz solar, nele reinará uma perpétua escuridão?

Resp. – Os seres que lá vivem não necessitam absolutamente de luz; a obscuridade não existe para eles; não a compreendem. Pensaríeis, caso fôsseis cegos, que ninguém pudesse dispor do sentido da visão?

22. Conforme certos Espíritos, o planeta Júpiter é muito superior à Terra; isso é exato?

Resp. – Sim; tudo quanto vos disseram é verdade.

23. Revistes Arago depois que voltastes ao mundo dos Espíritos?

Resp. – É ele que me estendeu a mão quando deixei o vosso.

24. Em vida conhecestes o Espiritismo?

Resp. – O Espiritismo, não; o magnetismo, sim.

25. Qual a vossa opinião sobre o futuro do Espiritismo entre as corporações científicas?

Resp. – Grande; mas seu caminho será penoso.

26. Pensais seja ele aceito algum dia pelas organizações científicas?

Resp. – Certamente. Acreditais, entretanto, que isso seja indispensável? Ocupai-vos, antes de tudo, em inocular os seus primeiros preceitos no coração dos infelizes que enchem o vosso mundo: é o bálsamo que acalma os desesperos e dá esperança.

Observação – Havendo sido chamado na sessão de 27 de maio, através de outro médium, François Arago assim respondeu a perguntas análogas:

– Em vida, qual era a vossa opinião sobre o Espiritismo?

Resp. – Eu o conhecia muito pouco e, em consequência, não lhe atribuía muita importância; deixo-vos concluir se mudei de opinião.

– Pensais seja ele um dia aceito e reconhecido pelas corporações científicas? Refiro-me à ciência oficial, pois há muitos cientistas que individualmente o aceitam.

Resp. – Não somente o penso, como tenho certeza; ele terá o destino de todas as descobertas úteis à Humanidade: achincalhado, a princípio, pelos sábios orgulhosos e pelos tolos e ignorantes, acabará sendo por todos reconhecido.

27. Qual a vossa opinião sobre o Sol que nos ilumina?

Resp. – Aqui ainda nada aprendi sobre ciência; entretanto, sempre acreditei que o Sol não passa de um vasto centro elétrico.

28. Essa opinião é reflexo da que tínheis como homem ou é a vossa como Espírito?

Resp. – É a minha opinião quando vivia, corroborada pelo que sinto atualmente.

29. Pois que procedes de um mundo superior à Terra, como é possível que não adquiristes conhecimentos precisos sobre estas coisas, antes da vossa última existência e dos quais hoje vos lembraríeis?

Resp. – Certamente os tinha, mas o que perguntais não tem nenhuma relação com tudo quanto me foi possível aprender nas existências anteriores, tão diferentes da que deixei; a Astronomia, por exemplo, para mim foi uma ciência inteiramente nova.

30. Muitos Espíritos nos têm dito que habitavam ou haviam habitado outros planetas, mas nenhum nos dissera habitar o Sol. Por quê?

Resp. – O Sol é um centro elétrico e não um mundo; é um instrumento e não uma habitação.

– Então não tem habitantes?

Resp. – Habitantes fixos, não; visitantes, sim.

31. Acreditais que, dentro de algum tempo, quando vos tiver sido possível fazer novas observações, podereis fornecer-nos melhores informações sobre a natureza do Sol?

Resp. – Sim, talvez; será um prazer. Entretanto, não espereis muito de mim; não errarei por muito tempo.

32. Onde pensais ir quando deixardes a erraticidade?

Resp. – Deus haverá de permitir-me repousar por algum tempo; vou desfrutar dessa liberdade para reunir-me aos amigos muito caros que me esperam. Depois, não sei ainda.

33. Pedimos permissão para ainda vos dirigir algumas perguntas, considerando que os vossos conhecimentos de História Natural sem dúvida permitem que respondais.

A sensitiva e a dionéia têm movimentos que denotam grande sensibilidade e, em certos casos, uma espécie de vontade, como a última, por exemplo, cujos lóbulos apanham a mosca que sobre ela vem pousar para sorver o seu suco; parece que o vegetal lhe estende uma armadilha, para em seguida matá-la. Perguntamos se essas plantas são dotadas da faculdade de pensar, se têm uma vontade e se formam uma classe intermediária entre a natureza vegetal e a natureza animal; numa palavra, se representam a transição de uma à outra.

Resp. – Tudo é transição em a Natureza, pelo próprio fato de que nada é semelhante e, entretanto, tudo se encadeia. Essas plantas não pensam e, assim, não têm vontade. As ostras que se abrem, assim como todos os zoófitos, não pensam. Possuem apenas um instinto natural.

34. As plantas experimentam sensações dolorosas quando são mutiladas?

Resp. – Não.

Observação – Um membro da Sociedade manifesta a opinião de que os movimentos das plantas sensitivas são análogos aos que se produzem nas funções digestivas e circulatórias do organismo animal, e que ocorrem sem a participação da vontade. Com efeito, não se vê o piloro contrair-se ao contato de certos corpos para recusar-lhes a passagem? O mesmo deve ocorrer com a sensitiva e a dionéia, nas quais os movimentos não implicam absolutamente a necessidade de uma percepção e, menos ainda, de uma vontade.

35. Haverá homens fósseis?

Resp. – O tempo os destruíram pouco a pouco.

36. Acreditais tenham existido homens na Terra antes do dilúvio geológico?

Resp. – Seria bom que te explicasses claramente sobre esse ponto, antes de fazeres a pergunta. O homem estava na Terra muito antes dos dilúvios.

37. Adão não foi, então, o primeiro homem?

Resp. – Adão é um mito; onde colocas Adão?

38. Mito ou não, falo da época que a História lhe assinala.

Resp. – É pouco calculável para vós; é mesmo impossível avaliar o número de anos em que os primeiros homens permaneceram em estado selvagem e bestial, que não cessou senão muito tempo depois de seu primeiro aparecimento sobre o globo.

39. A Geologia fará com que um dia sejam descobertos os traços materiais da existência do homem na Terra, antes do período adâmico?

Resp. – A geologia, não; o bom-senso, sim.

40. O progresso do reino orgânico na Terra está marcado pelo aparecimento sucessivo dos acotiledôneos, dos

monocotiledôneos e dos dicotiledôneos. O homem existia antes dos dicotiledôneos?

Resp. – Não; sua fase seguiu aquela.

41. Agradecemos por haverdes atendido ao nosso apelo, bem como os ensinamentos que nos fornecestes.

Resp. – Foi um prazer. Adeus; até à vista.

Observação – Esta comunicação se distingue por um caráter geral de bondade, de benevolência e de uma grande modéstia, sinal incontestável da superioridade desse Espírito. Aí, com efeito, não há nenhum traço de jactância, de basófia, de desejo de dominar e de impor-se, que se nota nos que pertencem à classe dos pseudo-sábios, Espíritos sempre mais ou menos imbuídos de sistemas e de preconceitos, que procuram fazer prevalecer. Tudo no Espírito Humboldt, mesmo os pensamentos mais belos, respira simplicidade e denota ausência de pretensão.

GOETHE

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas – 25 de março de 1856

1. Evocação.

Resp. – Estou convosco.

2. Em que situação vos encontrais como Espírito: errante ou reencarnado?

Resp. – Errante.

3. Sois mais feliz do que quando vivo?

Resp. – Sim, pois me desembarcei do corpo grosseiro e percebo o que antes não via.

4. Parece-me que em vida não tínheis uma situação infeliz. Em que consiste a superioridade de vossa atual situação?

Resp. – Acabo de dizê-lo; vós, adeptos do Espiritismo, deveis compreender essa situação.

5. Qual a vossa opinião atual sobre o Fausto?

Resp. – É uma obra que tinha como objetivo mostrar a vaidade e o vazio da ciência humana e, por outro lado, naquilo que havia de belo e de puro, exaltar o sentimento do amor, castigando-o no que continha de desregrado e de mau.

6. Foi por uma certa intuição do Espiritismo que descrevestes a influência dos Espíritos maus sobre o homem? Como fostes levado a fazer essa descrição?

Resp. – Eu tinha a lembrança quase exata de um mundo onde via atuar a influência dos Espíritos sobre os seres materiais.

7. Lembráveis, então, de uma precedente existência?

Resp. – Sim, certamente.

8. Poderíeis dizer-nos se tal existência ocorreu na Terra?

Resp. – Não, porque aqui não se vê os Espíritos agindo; foi realmente num outro mundo.

9. Mas, então, devia tratar-se de um mundo superior à Terra, desde que aí podíeis ver os Espíritos em ação. Como pudestes vir de semelhante mundo para reencarnar num orbe inferior como o nosso? Retrogradastes? Dignai-vos explicar o que se passou.

Resp. – Era um mundo superior até certo ponto, mas não como o entendeis. Nem todos os mundos têm a mesma organização, sem que, por isso, tenham uma grande superioridade. Ademais, sabeis perfeitamente que entre vós eu cumpria uma missão que não podeis dissimular, porque ainda representais as minhas obras. Não houve retrogradação, considerando-se que servi e ainda sirvo para a vossa moralização. Eu aplicava aquilo que podia haver de superior no mundo precedente para corrigir as paixões de meus heróis.

10. De fato, vossas obras ainda são representadas.

Acabam de fazer a versão teatralizada do *Fausto*. Assististes à sua encenação?

Resp. – Sim.

11. Poderíeis externar a opinião sobre a maneira pela qual o Sr. Gounod interpretou vosso pensamento através da música?

Resp. – Gounod evocou-me sem o saber. Compreendeu-me perfeitamente. Como músico alemão eu não teria feito melhor. Talvez ele pense como músico francês.

12. Que pensais de Werther?

Resp. – Hoje eu lhe censuro o desfecho.

13. Essa obra não teria feito muito mal ao exaltar as paixões?

Resp. – Fez e causou desgraças.

14. Foi a causa de muitos suicídios. Sois responsável por isso?

Resp. – Se houve uma influência nociva espalhada por mim, é por isso mesmo que ainda sofro e disso me arrependo.

15. Creio que em vida nutríeis grande antipatia pelos franceses. Dá-se o mesmo atualmente?

Resp. – Sou muito patriota.

16. Estais ainda ligado a um país, de preferência a outro?

Resp. – Amo a Alemanha por seu pensamento e por seus costumes quase patriarcais.

17. Poderíeis dar-nos a vossa opinião sobre Schiller?

Resp. – Somos irmãos pelo Espírito e pelas missões. Schiller tinha uma alma grande e nobre, que se fazia refletir em suas obras; fez menos mal que eu. É-me bastante superior, porque era mais simples e mais verdadeiro.

18. Qual a vossa opinião sobre os poetas franceses em geral, comparados aos poetas alemães? Não se trata de um vão sentimento de curiosidade, mas de nossa instrução. Confiamos que os vossos elevados sentimentos nos dispensarão da necessidade de pedir que o façais imparcialmente, pondo de lado qualquer preconceito nacional.

Resp. – Sois bastante curiosos, mas vou satisfazer-vos:

Os franceses modernos muitas vezes escrevem belos poemas; entretanto utilizam mais palavras bonitas do que bons pensamentos; deveriam consagrar-se mais ao coração do que ao espírito. Falo em geral, mas faço algumas exceções em favor de alguns: um grande poeta pobre, entre outros.

19. Um nome é sussurrado na assembléia; é a ele que vos referis?

Resp. – Pobre, ou que passa por tal.

20. Sentir-nos-íamos felizes se obtivéssemos uma dissertação sobre assunto de vossa escolha, para a nossa instrução. Teríeis a bondade de ditar-nos alguma coisa?

Resp. – Fa-lo-ei mais tarde, e por outros médiuns; evocai-me em outra ocasião.

O NEGRO PAI CÉSAR ¹¹

Pai César, homem livre, de cor, falecido em 8 de fevereiro de 1859, com 138 anos de idade, perto de Covington, nos Estados Unidos. Nasceu na África e foi levado para a Louisiana com cerca de 15 anos. Os restos mortais desse patriarca da raça negra foram acompanhados ao campo de repouso por um certo número de habitantes de Covington, e uma multidão de pessoas de cor.

Sociedade, 25 de março de 1859.

1. [A São Luís]. – Poderíeis dizer-nos se podemos invocar o preto Pai César, a quem acabamos de nos referir?

Resp. – Sim; eu o auxiliarei a vos responder.

11 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 537.

Observação – Esse começo faz pressagiar o estado do Espírito que desejamos interrogar.

2. Evocação.

Resp. – O que desejais de mim? O que faz um pobre Espírito como eu numa reunião como a vossa?

3. Sois mais feliz agora do que em vida?

Resp. – Sim, porquanto não era boa a minha situação na Terra.

4. Entretanto, estáveis livre; em que sois mais feliz agora?

Resp. – Porque meu Espírito não é mais negro.

Observação – Essa resposta é mais sensata do que parece à primeira vista. Certamente o Espírito jamais é negro; ele quer dizer que, como Espírito, não sofre mais as humilhações a que está exposta a raça negra.

5. Vivestes muito tempo. Isso aproveitou ao vosso progresso?

Resp. – Eu me aborreci na Terra e, numa certa idade, não sofria bastante para ter a felicidade de progredir.

6. Em que empregais o tempo atualmente?

Resp. – Procuo esclarecer-me e saber em que corpo poderei fazê-lo.

7. Quando estáveis na Terra o que pensáveis dos brancos?

Resp. – São bons, mas orgulhosos e vãos, devido a uma alvura de que não foram responsáveis.

8. Considerais a brancura como uma superioridade?

Resp. – Sim, visto ter sido desprezado como negro.

9. [A São Luís]. – A raça negra é de fato uma raça inferior?

Resp. – A raça negra desaparecerá da Terra. Foi feita para uma latitude diversa da vossa.

10. [Ao Pai César]. – Dissestes que procurais um corpo através do qual podereis progredir. Escolheríeis um corpo branco ou um corpo negro?

Resp. – Um branco, porque o desprezo me faria mal.

11. Vivestes realmente até a idade que vos é atribuída: 138 anos?

Resp. – Não contei bem, pela razão que já disse.

Observação – Acabamos de observar que os negros, não possuindo registro civil de nascimento, só de maneira aproximada podem ter a idade avaliada, sobretudo a daqueles que nasceram na África.

12. [A São Luís]. – Algumas vezes os brancos reencarnam em corpos negros?

Resp. – Sim. Quando, por exemplo, um senhor maltratou um escravo, pode acontecer que peça, como expiação, para viver num corpo de negro, a fim de sofrer, por sua vez, o que fez padecer os outros, progredindo por esse meio e obtendo o perdão de Deus.

Variedades

A PRINCESA DE RÉBININE

(Extraído do *Courrier de Paris*, de ... de maio de 1859)

Sabeis que todos os sonâmbulos, todas as mesas girantes, todas as aves magnetizadas, todos os lápis simpáticos e todas as cartomantes predizem a guerra há muito tempo?... Profecias nesse sentido têm sido feitas a uma multidão de personagens importantes que, afetando pouco importar-se com

essas pretensas revelações do mundo sobrenatural, não deixaram de ficar vivamente preocupadas. De nossa parte, sem resolver de pronto a questão num ou noutro sentido, e achando, aliás, que naquilo que o próprio François Arago duvidava, pelo menos é permitido não nos pronunciarmos, limitando-nos a relatar, sem os comentar, alguns fatos de que fomos testemunhas.

Há oito dias tínhamos sido convidados para uma reunião espírita na casa do Barão de G... À hora indicada todos os convidados, em número de apenas doze, achavam-se em volta da mesa... miraculosa, aliás uma simples mesa de acaju, sobre a qual, para começar, foi servido chá com os sanduíches de costume. Dos doze convivas, apressamo-nos em dizer, nenhum poderia razoavelmente incorrer na pecha de charlatanismo. O dono da casa, que conta com ministros entre seus parentes próximos, pertence a uma grande família estrangeira.

Quanto aos *fiéis*, compunham-se de dois oficiais ingleses muito distintos, um oficial de marinha francês, um príncipe russo bastante conhecido, um médico muito habilidoso, um milionário, um secretário de embaixada e duas ou três pessoas importantes do bairro de Saint-Germain. Éramos o único *profano* entre esses maiores do *Espiritismo*, embora a nossa qualidade de cronista parisiense e de céptico por dever não permitisse fôssemos acusados de uma credulidade... excessiva. A reunião, pois, não podia ser suspeita de representar uma comédia. E que comédia! Uma comédia inútil e ridícula, em que cada um teria voluntariamente aceitado o duplo papel de mistificador e de mistificado? Isso não é admissível. E, afinal de contas, com que propósito? Com que interesse? Não seria o caso de perguntar: *A quem se engana aqui?*

Não, ali não havia má-fé nem loucura... Se quiserem, digamos que houve acaso... É tudo quanto nossa consciência permite conceder. Ora, eis o que se passou:

Depois de haverem interrogado o *Espírito* sobre mil coisas, perguntaram-lhe se as esperanças de paz, que então pareciam muito grandes, tinham fundamento.

– “Não”, respondeu ele com muita clareza em duas ocasiões diferentes.

– Teremos, pois, a guerra? – “Certamente”.

– Quando? – “Em oito dias.”

“Entretanto, o Congresso não se reúne senão no próximo mês... Isto afasta bastante a eventualidade de um começo de hostilidades. – “Não haverá Congresso.”

– Por quê? – “A Áustria se recusará.”

– E qual a causa que triunfará? – “A da justiça e do direito... a da França.”

– E a guerra, como será? – “Curta e gloriosa.”

Isto nos traz à memória um outro fato do mesmo gênero que se passou igualmente sob nossos olhos alguns anos atrás.

Quando da guerra da Criméia, todos se recordam que o Imperador Nicolau chamou à Rússia os súditos que residiam na França, sob pena de confiscar-lhes os bens, caso recusassem a obedecer a essa ordem.

Então nos encontrávamos em Leipzig, na Saxônia, onde, assim como em toda parte, havia um vivo interesse pela campanha que acabara de começar. Um dia recebemos o seguinte bilhete:

“Estou aqui por algumas horas apenas. Vinde ver-me no Hotel da Polônia, nº 13! Princesa de Rébinine.”

Já conhecíamos bastante a princesa Sofia de Rébinine, uma mulher distinta e encantadora, cuja história era todo um romance, que escreveremos alguma dia, e que nos dispensava consideração chamando-nos seu amigo. Apressamo-nos em atender ao amável convite, tão agradavelmente surpreendido e encantado ficamos, quando da sua passagem por Leipzig.

Era domingo, 13 e o tempo estava naturalmente cinzento e triste, como sempre ocorre nesta parte da Saxônia. Encontramos a princesa em sua casa, mais graciosa e espirituosa que nunca, apenas um pouco pálida e algo melancólica. Fizemos-lhe mesmo esta observação.

– Para começar, respondeu ela, parti como uma bomba. Tinha de ser assim, pois estamos em guerra e sinto-me um pouco fatigada da viagem. Depois, embora atualmente sejamos inimigos, não vos ocultarei que deixo Paris com muito pesar. Já me considerava quase francesa há muito tempo e a ordem do Imperador fez-me romper com um velho e doce hábito.

– Por que não ficastes tranqüilamente no vosso bonito apartamento da rua Rumfort?

– Porque me teriam cortado os subsídios.

– Mas como! Não contaís entre nós com tão numerosos e bons amigos?

– Sim... pelo menos o creio. Mas na minha idade uma mulher não gosta de se dar em hipoteca... os juros a pagar por vezes ultrapassam o capital! Ah! Se eu fosse velha seria outra coisa... Mas então não me emprestariam.

Nesse momento a princesa mudou de assunto.

– Ah! – disse ela – sabeis que tenho uma natureza muito absorvente. Aqui não conheço ninguém... Posso contar convosco durante o dia todo?

É fácil de adivinhar a nossa resposta.

A uma hora ouvimos o sino no pátio e descemos para o almoço no salão do hotel. Naquele momento todo mundo falava da guerra... e das mesas girantes.

No que concerne à guerra, a princesa estava certa de que a frota inglesa seria destruída no mar Negro e ela mesma se teria encarregado bravamente de incendiá-la, se o Imperador lhe houvesse confiado essa perigosa e delicada missão. Quanto às mesas girantes, sua fé era menos sólida, mas, mesmo assim, propôs que fizéssemos algumas experiências, com outro de nossos amigos, que lhe havíamos apresentado à sobremesa. Subimos então para os seus aposentos. Foi-nos servido café e, como chovesse, passamos a tarde inteira a interrogar uma mesinha redonda de apenas um pé, dessas que ainda se vê por aqui.

– E a mim – perguntou de repente a princesa – nada tens a dizer?

– Não.

– Por quê?

A mesinha bateu treze pancadas. Ora, deve-se lembrar que era um dia 13 e que o apartamento da Sra. Rébinine tinha o número 13.

– Isso quer dizer que o número 13 me é fatal? perguntou a princesa, um pouco supersticiosa com esse número.

– Sim, bateu a mesa.

– Não importa!... Sou um Bayard do sexo masculino e podes falar sem medo, seja o que for que tenhas a me anunciar.

Interrogamos a pequena mesa, que de início persistiu na sua prudente reserva, conseguindo, por fim, arrancar-lhe as seguintes palavras:

– Doente... oito dias... Paris... morte violenta!

A princesa achava-se muito bem; acabara de deixar Paris e não esperava rever a França tão cedo... A profecia da mesa era, pois, no mínimo absurda quanto aos três primeiros pontos... Quanto ao último, é inútil acrescentar que nele nem quisemos nos deter.

A princesa devia partir às oito horas da noite, pelo trem de Dresden, a fim de chegar a Varsóvia dois dias depois, pela manhã; mas perdeu o trem.

– O que posso fazer? – disse ela. Vou deixar aqui minha bagagem e tomarei o trem das quatro horas da manhã.

– Então retornareis ao hotel para dormir?

– Voltarei para lá, mas não me deitarei... Assistirei, do alto do *camarote dos estrangeiros*, ao baile desta noite... Quereis servir-me de cavalheiro?

O Hotel da Polônia, cujos imensos e magníficos salões não comportavam menos de duas mil pessoas, quase que diariamente dava um grande baile, tanto no verão como no inverno, organizado por alguma sociedade do lugar, reservando para a assistência, no alto, uma galeria particular destinada aos viajantes que desejassem desfrutar do animado espetáculo e da excelente música.

Na Alemanha, aliás, os estrangeiros jamais são esquecidos e em toda parte têm seus camarotes reservados, o que explica por que os alemães que vêm a Paris pela primeira vez solicitam sempre, nos teatros e concertos, o *camarote dos estrangeiros*.

O baile daquele dia era muito brilhante e, embora fosse a princesa mera espectadora, tomava-se de verdadeiro prazer. Assim havia esquecido completamente a mesinha e sua sinistra predição, quando um dos garçons do hotel lhe trouxe um telegrama que acabava de chegar, concebido nos seguintes termos:

“Senhora Rébinine, Hotel da Polônia, Leipzig; presença indispensável Paris; graves interesses!”, seguindo-se a assinatura do procurador da princesa. Algumas horas mais tarde ela retomava a rota de Colônia, em vez de tomar o trem para Dresden. Oito dias depois soubemos que havia morrido!

Paulin Niboyet

Encontramos o relato seguinte numa notável coleção de autênticas histórias de aparições e de outros fenômenos espíritas, publicado em Londres no ano de 1682, pelo Reverendo J. Granville e pelo Dr. H. More. Intitula-se: “Aparição do Espírito Major Sydenham ao Capitão V. Dick”, extraída de uma carta do Sr. Jacques Douche, de Mongton, ao Sr. J. Granville.

“...Pouco tempo após a morte do Major Georges, o Dr. Th. Dyke, parente próximo do Capitão, foi chamado para tratar de uma criança doente. O médico e o capitão deitaram-se no mesmo leito. Após dormirem um pouco, o capitão chamou o criado e ordenou-lhe que trouxesse duas velas acesas, as maiores e mais grossas que encontrasse. O doutor perguntou-lhe o que isso significava. – Conheceis, disse o capitão, minhas discussões com o major, relativamente à existência de Deus e à imortalidade da alma:

não nos foi possível esclarecer esses dois pontos, muito embora sempre o tivéssemos desejado.

“Ficou combinado entre nós dois que aquele que morresse primeiro viria na terceira noite após os funerais, entre meia-noite e uma hora, ao jardim desta pequena casa e ali esclarecer o sobrevivente sobre o assunto. É hoje mesmo, disse o capitão, que o major deve cumprir a promessa. Em conseqüência, pôs o relógio perto dele e, às onze horas e meia levantou-se, tomou uma vela em cada mão, saiu pela porta dos fundos e passeou no jardim durante duas horas e meia. Ao retornar, declarou ao médico nada ter visto, nem nada ouvido que não fosse muito natural; mas, acrescentou, sei que meu major teria vindo, caso pudesse.

“Seis semanas depois, acompanhado pelo doutor, o capitão foi a Eaton, a fim de colocar o filho no colégio. Hospedaram-se num albergue chamado *Saint-Christophe*, ali permanecendo dois ou três dias; mas não dormiram juntos, como em Dalverson: ocuparam quartos separados.

“Certa manhã o capitão permaneceu no quarto mais tempo que de costume, antes de chamar o doutor. Por fim entrou no quarto deste último, a fisionomia completamente alterada, os cabelos eriçados, os olhos desvairados e o corpo todo a tremer. – “Que aconteceu, primo capitão?” – disse o major. O capitão respondeu: – “Vi meu major”. O doutor parecia sorrir. – “Eu vos afirmo que jamais o vi em minha vida, ou o vi hoje”. Então fez-me o seguinte relato: “Esta manhã, ao romper do dia, alguém se postou à beira do meu leito, arrancou as cobertas e gritou: *Cap, cap* [Era a maneira familiar que o major empregava para chamar o capitão]. Respondi: Ora! Meu major? – Ele continuou: Não pude vir no dia aprazado; mas, agora, eis-me aqui a dizer-vos: “Há um Deus, muito justo e terrível; se não mudardes de pele, vereis quando aqui chegardes”.

“Sobre a mesa havia uma espada que o major me tinha dado. Depois de ter dado duas ou três voltas no quarto, tomou da espada, desembainhou-a e, não a encontrando tão polida como deveria estar, disse: Cap, cap, esta espada era melhor cuidada quanto estava comigo. A estas palavras desapareceu subitamente.”

Não somente o capitão ficou perfeitamente persuadido da realidade do que tinha visto e ouvido, como desde então se tornou muito mais sério. Seu caráter, outrora jovial e leviano, modificou-se notavelmente. Quando convidava os amigos tratava-os com generosidade, mas se mostrava muito sóbrio consigo mesmo. As pessoas que o conheciam asseguravam que muitas vezes ele pensava ouvir, repetindo-se em seus ouvidos, as palavras do major, e isso durante os dois anos em que viveu após essa aventura.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

JULHO DE 1859

Nº 7

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

DISCURSO DE ENCERRAMENTO DO ANO SOCIAL 1858-1859

Senhores,

No momento em que expira o vosso ano social, permiti-vos apresente um breve resumo da marcha e dos trabalhos da Sociedade.

Conheceis a sua origem: ela foi formada sem desígnio premeditado, sem projeto preconcebido. Alguns amigos se reuniram em minha casa num pequeno comitê; pouco a pouco esses amigos me pediram permissão para apresentar seus amigos. Então não havia um presidente: eram reuniões íntimas, de oito a dez pessoas, semelhantes às que existem às centenas em Paris e alhures. Todavia, era natural que em minha casa eu tivesse a direção do que ali se fazia, seja como dono, seja também em decorrência dos estudos especiais que havia feito e que me davam certa experiência na matéria.

O interesse que despertavam essas reuniões ia crescendo, embora não nos ocupássemos senão de coisas muito

sérias; pouco a pouco, um a um foi crescendo o número dos assistentes, de tal forma que o meu modesto salão, muito pouco adequado para uma assembléia, tornou-se insuficiente. Foi então que alguns dentre vós propuseram que se procurasse outro cômodo e que nos cotizássemos para cobrir as despesas, pois não achavam justo que eu as suportasse sozinho, como até então ocorria. Entretanto, para nos reunirmos regularmente, além de um certo número e num local diferente, era necessário que nos conformássemos com as prescrições legais, ter um regulamento e, conseqüentemente, um presidente designado. Enfim, era preciso constituir-se uma sociedade; foi o que aconteceu, com o assentimento da autoridade constituída, cuja benevolência não nos faltou. Era também necessário imprimir aos trabalhos uma direção metódica e uniforme, e decidistes encarregar-me de continuar aquilo que fazia em casa, nas nossas reuniões privadas.

Dei às minhas funções, que posso dizer laboriosas, toda a exatidão e todo o devotamento de que fui capaz. Do ponto de vista administrativo, esforcei-me por manter nas sessões uma ordem rigorosa e lhes dar um caráter de gravidade, sem o qual o prestígio de assembléia séria logo teria desaparecido. Agora que minha tarefa está terminada e que o impulso foi dado, devo comunicar-vos a resolução que tomei, de futuramente renunciar a qualquer tipo de função na Sociedade, mesmo a de diretor de estudos. Não ambiciono senão um título: o de simples membro titular, com o qual me sentirei sempre honrado e feliz. O motivo de minha determinação está na multiplicidade de meus trabalhos, que aumentam diariamente pela extensão de minhas relações, considerando-se que, além daqueles que conheceis, preparo outros mais consideráveis, que exigem longos e laboriosos estudos e por certo não absorverão menos de dez anos¹². Ora, os trabalhos da Sociedade não deixam de tomar muito tempo, tanto na preparação

12 **N. do T.:** Allan Kardec não poderia ter sido mais exato em sua previsão, considerando-se que então lhe restavam precisamente dez anos de atividades na seara espírita, antes de desencarnar em Paris em 31 de março de 1869.

quanto na coordenação e na redação final. Além disso, reclamam uma assiduidade por vezes prejudicial às minhas ocupações pessoais e tornam indispensável a iniciativa quase exclusiva que me conferistes. É por essa razão, senhores, que tantas vezes tive de tomar a palavra, lamentando que os membros eminentemente esclarecidos que possuímos nos privassem de suas luzes. Há muito eu desejava demitir-me de minhas funções; deixei isso bastante claro em diversas circunstâncias, seja aqui, seja em particular, a vários de meus colegas, notadamente ao Sr. Ledoyen. Tê-lo-ia feito mais cedo, sem receio de trazer perturbação à Sociedade, retirando-me ao meio do ano, mas poderia parecer uma defecção, além do que me veria obrigado a dar satisfação aos nossos adversários. Tive, pois, de cumprir a minha tarefa até o fim. Hoje, porém, que tais motivos não mais subsistem, apresso-me em vos dar parte de minha resolução, a fim de não entravar a escolha que fareis. É justo que cada um participe dos encargos e das honras.

Há um ano a Sociedade viu crescer rapidamente a sua importância; o número de membros titulares triplicou em alguns meses; tendes numerosos correspondentes nos dois continentes, e os ouvintes teriam ultrapassado o limite do possível se não puséssemos um freio pela estrita execução do regulamento. Entre estes últimos, contastes as mais altas notabilidades sociais e mais de uma figura ilustrada. A pressa com que solicitam admissão em vossas sessões testemunha o interesse que elas despertam, não obstante a ausência de qualquer experimentação destinada a satisfazer a curiosidade ou, talvez, em razão de sua própria simplicidade. Se nem todos saem convencidos, o que seria exigir o impossível, as pessoas sérias, as que não vêm com a idéia preconcebida de denegrir, levam da seriedade de vossos trabalhos uma impressão que as predispõe a aprofundar essas questões. Aliás, não temos senão que aplaudir as restrições que fizemos à admissão de ouvintes estranhos, assim evitando uma multidão de curiosos importunos. A medida pela qual limitastes essa admissão a determinadas sessões, reservando as demais apenas para os

membros da Sociedade, teve como resultado conceder-vos mais liberdade nos estudos, que poderiam ser dificultados pela presença de pessoas ainda não iniciadas e cuja simpatia não estivesse assegurada.

Essas restrições parecerão muito naturais aos que conhecem a finalidade de nossa instituição e sabem que somos, antes de tudo, uma Sociedade de estudos e de pesquisas, e não uma arena de propaganda. É por essa razão que não admitimos em nossas fileiras aqueles que, não possuindo as primeiras noções da ciência, nos fariam perder tempo em demonstrações elementares, incessantemente repetidas. Desejaríamos, sem dúvida, a propagação das idéias que professamos, porque as julgamos úteis e, para isso, cada um de nós contribui com a sua parte. Sabemos, no entanto, que a convicção só é adquirida em observações seguidas, e não por meio de alguns fatos isolados, sem continuidade e sem raciocínio, contra os quais a incredulidade sempre poderá levantar objeções. Dir-se-á que um fato é sempre um fato; sem dúvida é um argumento irretorquível, desde que não seja contestado nem contestável. Quando um fato sai do círculo de nossas idéias e de nossos conhecimentos, à primeira vista parece impossível; quanto mais extraordinário for, maiores objeções levantará. Eis por que o contestam. Aquele que lhe sonda a causa e a descobre encontra-lhe uma base e uma razão de ser; compreende a sua possibilidade e, desde então, não mais o rejeita. Muitas vezes um fato não é inteligível senão por sua ligação com outros fatos; tomado isoladamente, pode parecer estranho, incrível, absurdo mesmo. Mas se for um dos elos da cadeia, se tiver uma base racional, se se puder explicá-lo, desaparecerá qualquer anomalia. Ora, para conceber esse encadeamento, para apreender esse conjunto a que somos conduzidos de conseqüência em conseqüência, é necessário em todas as coisas, e talvez no Espiritismo mais ainda, uma série de observações racionais. O raciocínio é, pois, um poderoso elemento de convicção, hoje mais do que nunca, em que as idéias positivas nos levam a saber o porquê e o como de cada coisa.

Surpreendemo-nos com a persistente incredulidade, em matéria de Espiritismo, da parte de pessoas que viram, enquanto outras, que nada viram, são crentes inabaláveis. Seriam estas últimas criaturas superficiais, que aceitam sem exame tudo quanto se lhes diz? Não; é exatamente o contrário: os primeiros viram, mas não compreendem; os segundos não viram, mas compreendem; e somente compreendem porque raciocinam. O conjunto dos raciocínios sobre os quais se apóiam os fatos constitui a ciência, ciência ainda muito imperfeita, é verdade, cujo apogeu ninguém pretende ter atingido; enfim, uma ciência em seus primórdios, e vossos estudos se dirigem para a pesquisa de tudo quanto possa alargá-la e constituí-la. Eis o que importa seja bem-sabido fora deste recinto, a fim de que não haja equívoco sobre o objetivo a que nos propomos; sobretudo, a fim de não pensarem encontrar, ao virem aqui, uma exibição de Espíritos a se oferecerem em espetáculo.

A curiosidade tem um termo. Quando está satisfeita procura um novo motivo para distração; aquele que não se detém na superfície, que vê além do efeito material, tem sempre alguma coisa a aprender; para ele o raciocínio é uma fonte inesgotável: não tem limites. Aliás, nossa linha de conduta não poderia ser melhor traçada do que por essas admiráveis palavras que o Espírito São Luís nos dirigiu, e que não deveríamos jamais perder de vista: “Zombaram das mesas girantes, mas não zombarão jamais da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Que vejam aqui, que escutem ali, mas que entre vós haja *compreensão* e amor.”

Essas palavras: *Que entre vós haja compreensão*, encerram todo um ensinamento. Devemos compreender, e procuramos compreender, porque não queremos crer como cegos: o raciocínio é o facho luminoso que nos guia. Mas o raciocínio de uma só pessoa pode transviar-se, razão por que quisemos nos reunir em sociedade, a fim de nos esclarecermos mutuamente pelo concurso recíproco de nossas idéias e observações. Ao nos colocarmos neste

terreno, assimilamos todas as outras instituições científicas e os nossos trabalhos produzirão mais prosélitos sérios do que se passarmos o tempo a fazer com que as mesas se movam e dêem pancadas. Em breve estaríamos fartos disso. Nosso pensamento exige um alimento mais sólido, daí por que buscamos penetrar os mistérios do mundo invisível, cujos primeiros indícios são esses fenômenos elementares. Os que sabem ler se divertem a repetir sem cessar o alfabeto? Talvez tivéssemos maior afluência de curiosos, que se sucederiam em nossas sessões como personagens de um panorama mutável. Mas esses curiosos, que não poderiam improvisar uma convicção pela visão de um fenômeno para eles inexplicado, que o julgariam sem nele se aprofundarem, seriam antes um obstáculo aos nossos trabalhos. Eis por que, não nos querendo desviar de nosso caráter científico, afastamos todos quantos não se deixarem atrair por um objetivo sério. O Espiritismo tem conseqüências de tal gravidade, toca em questões de alcance tão elevado, fornece a chave de tantos problemas; enfim, nele haurimos tão profundos ensinamentos filosóficos que, ao lado de tudo isso, uma mesa girante é mera infantilidade.

Dizíamos que a observação dos fatos sem o raciocínio é insuficiente para levar a uma completa convicção, sendo considerada leviana a pessoa que se declarasse convencida de um fato cuja compreensão lhe escapasse. Essa maneira de proceder tem outro inconveniente que deve ser assinalado e do qual cada um de nós pode dar testemunho: é a mania da experimentação, que é a sua conseqüência natural. Aquele que vê um fato espírita, sem lhe haver estudado todas as circunstâncias, geralmente não vê senão o fato material e, desde então, o julga do ponto de vista de suas próprias idéias, sem pensar que, fora das leis conhecidas pode e deve haver leis desconhecidas. Acredita poder manobrá-lo à vontade, impõe condições e somente se deixará convencer se o fato ocorrer de uma certa maneira, e não de outra. Imagina que se fazem experiências com os Espíritos como se estes fossem uma pilha elétrica; não lhes conhecendo a natureza, nem a sua maneira

de ser, porquanto não as estudaram, supõe ser possível impor-lhes a vontade e pretende que eles devam agir a um simples sinal, pelo mero prazer de convencê-lo. Porque se dispõe a ouvi-los durante um quarto de hora, imagina que devem ficar às suas ordens. Esses são os erros em que não caem os que se dão ao trabalho de aprofundar os estudos; conhecem os obstáculos e não exigem o impossível. Em lugar de quererem convencer de seu ponto de vista os Espíritos, coisa a que estes não se prestam de bom grado, colocam-se no ponto de vista dos Espíritos, o que faz com que os fenômenos mudem de aspecto. Para isso necessitamos de paciência, perseverança e uma vontade firme, sem a qual não se chegará a coisa alguma.

Aquele que realmente quer saber deve submeter-se às condições da coisa estudada, e não querer que esta se submeta às suas próprias condições. Eis por que a Sociedade não se presta a experimentações que não dariam resultado, visto saber, por experiência, que o Espiritismo, como qualquer outra ciência, não se aprende por osmose e em algumas horas. Como é uma Sociedade séria, só quer tratar com gente séria, que compreende as obrigações impostas por semelhante estudo, caso se queira fazê-lo conscienciosamente. Ela não reconhece como sérios os que dizem: Deixem que eu veja um fato e me convencerei. Significa isso que desprezamos os fatos? Muito ao contrário, pois toda a nossa ciência está baseada nos fatos. Pesquisamos com interesse todos aqueles que nos oferecem um objeto de estudo ou confirmam princípios admitidos. Quero apenas dizer que não perdemos tempo em reproduzir os fatos que já conhecemos, do mesmo modo que um físico não se diverte em repetir incessantemente experiências que nada lhe ensinam de novo. Dirigimos nossas investigações sobre tudo quanto possa esclarecer a nossa marcha, fixando-nos de preferência às comunicações inteligentes, fontes da filosofia espírita, cujo campo é ilimitado e bem mais amplo do que as manifestações puramente materiais, que só despertam interesse momentâneo.

Dois sistemas igualmente preconizados e praticados se apresentam na maneira de receber as comunicações de além-túmulo; uns preferem esperar as comunicações espontâneas; outros as provocam por um apelo direto, dirigido a este ou àquele Espírito. Pretendem os primeiros que na ausência de controle para se constatar a identidade dos Espíritos, esperando a sua boa vontade ficamos menos expostos a ser induzidos em erro; uma vez que o Espírito fala, só o fará se estiver presente e quiser falar, ao passo que não temos certeza se aquele que chamamos pode vir ou responder. Os outros objetam que deixar falar o primeiro que aparecer é abrir a porta aos bons e maus. A incerteza da identidade não é uma objeção séria, pois muitas vezes dispomos de meios para constatar-la, sendo aliás essa constatação objeto de um estudo vinculado aos próprios princípios da ciência. O Espírito que fala espontaneamente limita-se quase sempre às generalidades, enquanto as perguntas lhe traçam um quadro mais positivo e mais instrutivo. Quanto a nós, não condenamos senão os sistemas exclusivistas. Sabemos que são obtidas excelentes coisas de um e de outro modo e, se damos preferência ao segundo, é porque a experiência nos ensina que nas comunicações espontâneas os Espíritos mistificadores não vacilam em adornar-se de nomes respeitáveis, como também ocorre nas evocações. Têm mesmo o campo mais livre, ao passo que no sistema de perguntas nós os dominamos muito mais facilmente, sem contar que as questões são de incontestável utilidade nos estudos. Deve-se a esse modo de investigar a quantidade de observações que recolhemos diariamente e que nos fazem penetrar mais profundamente nesses extraordinários mistérios. Quanto mais avançamos, mais se nos dilata o horizonte, mostrando o quanto é vasto o campo que nos compete ceifar.

As numerosas evocações que temos feito permitiram-nos que dirigíssemos o olhar investigador sobre o mundo invisível, da base até o ápice, isto é, naquilo que ele tem de mais ínfimo quanto de mais sublime. A inumerável variedade de fatos e de

caracteres emanados desses estudos, realizados com profunda calma, sustentada atenção e prudente circunspeção de observadores sérios, abriu-nos os arcanos desse mundo, para nós tão novo. A ordem e o método utilizados em vossas pesquisas eram elementos indispensáveis para o sucesso. Com efeito, já sabeis pela experiência que não basta chamar casualmente o Espírito de tal ou qual pessoa. Os Espíritos não vêm assim ao sabor de nosso capricho, nem respondem a tudo quanto a fantasia nos leva a lhes perguntar.

Com os seres de além-túmulo necessitamos de habilidade e de uma linguagem apropriada à sua natureza, às suas qualidades morais, ao grau de sua inteligência e à posição que ocupam; ser com eles dominador ou submisso, conforme as circunstâncias, compassivo com os que sofrem, humilde e respeitoso com os superiores, firme com os maus e os voluntariosos, que só subjugam aqueles que os escutam complacentemente. Enfim, é preciso saber formular e encadear metodicamente as perguntas, para que sejam obtidas respostas mais explícitas, assimilando nas respostas as nuances que muitas vezes constituem traços característicos e revelações importantes que escapam ao observador superficial, inexperiente ou ocasional. A maneira de conversar com os Espíritos é, pois, uma verdadeira arte, que exige tato, conhecimento do terreno que pisamos, constituindo, a bem dizer, o Espiritismo prático. Sabiamente dirigidas, as evocações podem ensinar grandes coisas; oferecem um potente elemento de interesse, de moralidade e de convicção: de interesse, por nos fazerem conhecer o estado do mundo que a todos nos aguarda e do qual algumas vezes fazemos uma idéia tão extravagante; de moralidade, porque nelas podemos ver, por analogia, nossa sorte futura; de convicção, porque nessas conversações íntimas encontramos a prova manifesta da existência e da individualidade dos Espíritos, que nada mais são do que nossas próprias almas, desprendidas da matéria terrestre. Estando formada a vossa opinião sobre o Espiritismo, não tendes necessidade de

assentar as vossas convicções na prova material das manifestações físicas. Também quisestes, aconselhados pelos Espíritos, ater-vos ao estudo dos princípios e dos problemas morais, sem, por isso, negligenciar o exame dos fenômenos que podem auxiliar a pesquisa da verdade.

A crítica contumaz censurou-nos por aceitarmos muito facilmente as doutrinas de certos Espíritos, sobretudo no que diz respeito às questões científicas. Tais pessoas revelam, por isso mesmo, que ignoram o verdadeiro objetivo da ciência espírita, assim como desconhecem aquele a que nos propomos, facultando-nos o direito de lhes devolver a censura de leviandade com que nos julgaram. Certamente não nos compete ensinar a reserva com a qual deve ser acolhido aquilo que vem dos Espíritos; estamos longe de tomar todas as suas palavras como artigos de fé. Sabemos que entre eles há os que se encontram em todos os graus, de saber e de moralidade; para nós, é uma população que apresenta variedades muito mais numerosas que as que percebemos entre os homens; o que queremos é estudar essa população; é chegar a conhecê-la e compreendê-la. Para isto, estudamos as individualidades, observamos as pequenas diferenças e procuramos apreender os traços distintivos de seus costumes, de seus hábitos e de seu caráter; enfim, queremos nos identificar tanto quanto possível com o estado desse mundo.

Antes de ocupar uma residência queremos saber como é ela, se ali estaremos confortavelmente instalados, assim como conhecer os hábitos dos vizinhos e o tipo de sociedade que poderemos freqüentar. Pois bem! É a nossa morada futura, são os costumes do povo em meio ao qual iremos viver que os Espíritos nos dão a conhecer. Mas, assim como entre nós há pessoas ignorantes e de visão acanhada, que fazem uma idéia incompleta de nosso mundo material e do meio que não lhe é próprio, também os Espíritos de horizonte moral limitado não podem assimilar o conjunto e ainda se acham sob o império dos preconceitos e dos

sistemas. Não podem, pois, instruir-nos a respeito de tudo quanto se relacione com o mundo espírita, da mesma forma que um camponês não o poderia fazer em relação à alta sociedade parisiense ou ao mundo científico. Seria, portanto, fazer de nosso raciocínio um deplorável juízo pensar que escutam os Espíritos como se fossem oráculos. Os Espíritos são o que são e nós não podemos alterar a ordem das coisas. Como nem todos são perfeitos, não aceitamos suas palavras senão com reservas e jamais com a credulidade infantil. Julgamos, comparamos, tiramos conseqüências de nossas observações e os seus próprios erros constituem ensinamentos para nós, pois não renunciamos ao nosso discernimento.

Essas observações aplicam-se igualmente a todas as teorias científicas que os Espíritos podem dar. Seria muito cômodo ter apenas que interrogá-los para encontrar a ciência pronta e acabada e possuir todos os segredos industriais. Só conquistaremos a ciência à custa de trabalho e de pesquisas. A missão dos Espíritos não é eximir-nos dessa obrigação. Aliás, não apenas estamos conscientes de que nem todos sabem tudo, como sabemos que entre eles, como sói acontecer entre os homens, existem pseudo-sábios, que julgam saber o que não sabem e falam daquilo que ignoram com imperturbável atrevimento. Pelo fato de um Espírito dizer que é o Sol que gira em torno da Terra, nem por isso essa teoria será mais verdadeira. Saibam, pois, aqueles que nos atribuem uma credulidade tão pueril, que tomamos toda opinião emitida por um Espírito como uma opinião pessoal; que não a aceitamos senão após havê-la submetido ao controle da lógica e dos meios de investigação que a própria ciência espírita nos fornece, meios que todos conhecemos.

Tal é, senhores, o fim a que se propõe a Sociedade. Certamente não me compete ensinar-lhes coisa alguma, embora me agrade recordá-lo aqui, a fim de que minhas palavras repercutam lá fora e ninguém se equivoque quanto ao seu verdadeiro sentido. De

minha parte sinto-me feliz por não ter tido senão que vos acompanhar neste caminho sério, que eleva o Espiritismo à categoria das ciências filosóficas. Vossos trabalhos já produziram frutos, mas os que produzirão mais tarde são incalculáveis se, como não duvido, vos mantiverdes em condições propícias para atrair os Espíritos bons ao vosso meio.

O concurso dos Espíritos bons é, com efeito, a condição sem a qual ninguém pode esperar a verdade; ora, depende de nós obter esse concurso. A primeira de todas as condições para granjearmos a sua simpatia é o recolhimento e a pureza das intenções. Os Espíritos sérios comparecem onde são chamados seriamente, com fé, fervor e confiança. Não gostam de servir de experiência nem de dar espetáculo; ao contrário, gostam de instruir aqueles que os interrogam sem pensamento preconcebido. Os Espíritos levianos, que se divertem de todas as maneiras vão a toda parte e, de preferência, aonde encontram ocasião para mistificar; os maus são atraídos pelos maus pensamentos, e por maus pensamentos devemos entender todos aqueles que não se acham de acordo com os preceitos da caridade evangélica. Em toda reunião, portanto, aquele que albergar sentimentos contrários a esses preceitos traz consigo Espíritos desejosos de semear a perturbação, a discórdia e o desamor.

A comunhão de pensamentos e de sentimentos para o bem é, desse modo, uma condição de primeira necessidade, não podendo ser encontrada num meio heterogêneo onde têm acesso as paixões inferiores do orgulho, da inveja e do ciúme, paixões que sempre se revelam pela malevolência e pela acrimônia de linguagem, por mais espesso seja o véu com que se procure cobri-las; é o á-bê-cê da ciência espírita. Se quisermos fechar aos Espíritos maus a porta desse recinto, fechemo-lhes primeiramente a porta de nossos corações e evitemos tudo quanto lhes possa outorgar poder sobre nós. Se algum dia a Sociedade se tornasse joguete de Espíritos mistificadores, é que a ela teriam sido atraídos.

Por quem? Por aqueles nos quais encontrassem eco, pois só comparecem onde sabem que serão ouvidos. Conhecemos o provérbio: *Diz-me com quem andas e te direi quem és*. Podemos parodiá-lo em relação aos nossos Espíritos simpáticos, dizendo assim: *Diz-me o que pensas e te direi com quem andas*. Ora, os pensamentos se traduzem por atos. Se admitirmos que a discórdia, o orgulho, a inveja e o ciúme só podem ser insuflados pelos Espíritos maus, aqueles que aqui trouxessem elementos de desunião suscitariam entraves, acusando, por isso mesmo, a natureza de seus satélites ocultos, e não poderíamos senão lamentar a sua presença no seio da Sociedade. Queira Deus que isso jamais aconteça, como o espero. Auxiliados pelos Espíritos bons, se a eles nos tornarmos favoráveis a Sociedade se consolidará, tanto pela consideração que tiver merecido, quanto pela utilidade de seus trabalhos.

Se tivéssemos em vista apenas experiências voltadas para a satisfação da curiosidade, a natureza das comunicações seria mais ou menos indiferente, pois somente as tomaríamos pelo que elas representam. Como, porém, em nossos estudos não buscamos uma diversão, nem para nós nem para o público, o que queremos são comunicações verdadeiras. Para isso, necessitamos da simpatia dos Espíritos bons, e tal simpatia só é adquirida pelos que afastam os maus com a sinceridade de suas almas. Dizer que Espíritos levianos jamais se tenham imiscuído conosco, a fim de ocultar o nosso lado vulnerável, seria muita presunção de perfeição; os Espíritos superiores chegam mesmo a permiti-lo, a fim de experimentar a nossa perspicácia e o nosso zelo na pesquisa da verdade. O nosso raciocínio, porém, deve pôr-nos em guarda contra as armadilhas que nos podem ser estendidas e, em todos os casos, nos fornece os meios de evitá-la.

O objetivo da Sociedade não consiste apenas na pesquisa dos princípios da ciência espírita; vai mais longe: estuda também as suas conseqüências morais, pois é principalmente nelas que encontra a sua verdadeira utilidade.

Ensinam nossos estudos que o mundo invisível que nos circunda reage constantemente sobre o mundo visível; eles no-lo mostram como uma das potências da Natureza. Conhecer os efeitos dessa força oculta que nos domina e subjuga mau grado nosso, não será ter a chave de mais de um problema, a explicação de uma multidão de fatos que passam despercebidos? Se esses efeitos podem ser funestos, conhecer a causa do mal não será ter um meio de preservar-se contra ele, como o conhecimento da eletricidade possibilitou-nos atenuar os efeitos desastrosos do raio? Se então sucumbirmos não poderemos queixar senão de nós mesmos, visto não termos a ignorância como desculpa. O perigo está no domínio que os Espíritos maus exercem sobre os indivíduos, e esse domínio não é apenas funesto do ponto de vista dos erros de princípio que podem propagar, mas, também, do ponto de vista dos interesses materiais. Ensina a experiência que jamais é impunemente que nos abandonamos à sua dominação, desde que suas intenções nunca podem ser boas. Para chegar a tal fim, uma de suas táticas é a desunião, porque sabem muito bem que podem facilmente dominar quem se encontra privado de apoio. Assim, quando querem apoderar-se de alguém, o seu primeiro cuidado é sempre inspirar-lhe a desconfiança e o isolamento, a fim de que ninguém os possa desmascarar, esclarecendo as pessoas prejudicadas com conselhos salutares. Uma vez senhores do terreno, podem fasciná-las à vontade, através de promessas sedutoras, e subjugá-las por meio da lisonja às suas inclinações, aproveitando os lados fracos que descobrem para, em seguida, melhor fazê-las sentir a amargura das decepções, feri-las em seus afetos, humilhá-las em seu orgulho e, muitas vezes, soerguê-las por um instante tão-só para precipitá-las de mais alto.

Eis aí, senhores, o que nos mostram os exemplos que a cada instante se desdobram aos nossos olhos, tanto no mundo dos Espíritos quanto no mundo corpóreo, situação que podemos aproveitar para nós próprios, ao mesmo tempo que procuramos torná-la proveitosa aos outros. No entanto, perguntarão, não

iremos atrair os Espíritos maus, evocando criaturas que pertenceram à escória da sociedade? Não, porque jamais sofremos a sua influência. Só há perigo quando é o Espírito que se *impõe*; nunca, porém, quando somos nós que *nos impomos* a ele. Sabeis perfeitamente que esses Espíritos não acodem ao vosso chamado senão constrangidos e forçados; que, em geral, se acham tão incomodados em vosso meio que sempre têm pressa em retirar-se. Para nós sua presença é objeto de estudo, porque para conhecer é preciso ver tudo. O médico só chega ao apogeu do saber quando explora as chagas mais repugnantes. Ora, essa comparação do médico é muito justa, desde que sabeis a quantidade de chagas que temos cicatrizado e os sofrimentos que aliviamos. Nosso dever é mostrar-nos caridosos e benevolentes com os seres de além-túmulo, assim como devemos proceder com os nossos semelhantes.

Senhores, pessoalmente eu desfrutaria de um privilégio inconcebível se tivesse ficado ao abrigo da crítica. Não nos pomos em evidência sem nos expormos aos dardos daqueles que não pensam como nós. Mas há duas espécies de crítica: uma que é malévola, acerba, envenenada, onde a inveja se trai em cada palavra; a outra, que visa à sincera pesquisa da verdade, tem características completamente diversas. A primeira não merece senão o desdém; jamais com ela me incomodei. Somente a segunda é discutível.

Algumas pessoas disseram que fui muito precipitado nas teorias espíritas, que ainda não era tempo de estabelecê-las e que as observações não se achavam ainda bastante completas. Permiti-me algumas palavras sobre o assunto.

Duas coisas devem ser consideradas no Espiritismo: a parte experimental e a parte filosófica, ou teórica. Abstração feita do ensino dos Espíritos, pergunto se, em meu nome, não tenho o direito, como qualquer outra pessoa, de lucubrar um sistema filosófico. O campo das opiniões não se encontra aberto a todo

mundo? Por que, então, não poderia dar a conhecer o meu? Compete ao público julgar se ele tem ou não tem sentido. Mas essa teoria, em vez de me conferir qualquer mérito, se mérito existe, eu declaro que emana inteiramente dos Espíritos. – Seja, dirão alguns, mas estais indo muito longe. Aqueles que pretendem dar a chave dos mistérios da Criação, desvendar o princípio das coisas e da natureza infinita de Deus, não vão muito mais longe do que eu, que declaro, da parte dos Espíritos, que não é dado ao homem aprofundar essas coisas, sobre as quais não podemos estabelecer senão conjecturas mais ou menos prováveis. – Andais muito depressa. – Seria um erro tomar a dianteira de certas pessoas? Aliás, quem as impede de caminhar? – Os fatos não se acham ainda perfeitamente observados. – Mas se eu, certo ou errado, creio tê-los observado suficientemente, devo esperar a boa vontade daqueles que ficaram para trás? Minhas publicações não barram o caminho a ninguém.

– Estando os Espíritos sujeitos a erro, quem garante que aqueles que vos ensinaram não se terão enganado? – Com efeito, toda a questão se resume nisso, considerando-se que a objeção de precipitação é muito pueril. Pois bem! Devo dizer em que se funda a minha confiança na veracidade e na superioridade dos Espíritos que me instruíram. Primeiramente direi que, conforme o seu conselho, nada aceito sem controle e sem exame; não adoto uma idéia senão quando me parece racional, lógica, concorde com os fatos e as observações e se nada de sério vem contradizê-la. Mas meu julgamento não poderá ser um critério infalível. O assentimento que encontrei da parte de numerosas pessoas mais esclarecidas do que eu me fornece a primeira garantia. Mas eu encontro outra, não menos preponderante, no caráter das comunicações que foram obtidas desde que me ocupo de Espiritismo. Posso dizer que jamais escapou uma só dessas palavras, um único desses sinais pelos quais sempre se traem os Espíritos inferiores, mesmo os mais astuciosos. Jamais dominação; jamais conselhos equívocos ou contrários à caridade e à

benevolência; jamais prescrições ridículas. Longe disso; neles não encontrei senão pensamentos generosos, nobres, sublimes, isentos de pequenez e de mesquinharia. Numa palavra: suas relações comigo, nas menores como nas maiores coisas, sempre foram de tal modo que, se tivesse sido um homem a me falar, eu o teria considerado o melhor, o mais sábio, o mais prudente, o mais moralizado e o mais esclarecido.

Eis aí, senhores, os motivos de minha confiança, corroborada pela identidade do ensino dado a uma porção de outras pessoas, antes e depois da publicação de minhas obras. O futuro dirá se estou certo ou errado. Enquanto isso, eu creio ter auxiliado o progresso do Espiritismo, trazendo algumas pedras ao seu edifício. Mostrando que os fatos podem assentar-se no raciocínio, terei contribuído para fazê-lo sair do atalho frívolo da curiosidade, a fim de fazê-lo adentrar no caminho sério da demonstração, isto é, na única via que pode satisfazer os homens que pensam e que não se detêm na superfície.

Termino, senhores, pelo rápido exame de uma questão de atualidade. Fala-se de outras sociedades que desejam rivalizar com a nossa. Dizem que uma já conta com trezentos membros e possui recursos financeiros apreciáveis. Prefiro crer que não seja uma fanfarrice, tão pouco lisonjeira para os Espíritos que a tivessem suscitado, quanto para aqueles que se lhe fizeram eco. Se for uma realidade, nós a felicitamos sinceramente, caso obtenha a necessária unidade de sentimentos para frustrar a influência dos Espíritos maus e consolidar a sua existência.

Ignoro completamente quais são os elementos da sociedade, ou das sociedades que dizem querer formar-se. Farei apenas uma observação geral.

Em Paris e alhures há uma porção de reuniões íntimas, como outrora foi a nossa, em que as pessoas se ocupam mais ou menos seriamente com as manifestações espíritas, sem falar dos

Estados Unidos, onde elas se contam aos milhares. Conheço algumas em que as evocações são feitas nas melhores condições, obtendo-se coisas notáveis. É a consequência natural do número crescente de médiuns, que se desenvolvem de todos os lados, a despeito dos sarcasmos; quanto mais avançarmos, mais esses centros se multiplicarão. Formados espontaneamente de elementos muito pouco numerosos e variáveis, tais centros nada têm de fixo ou de regular e não constituem sociedades propriamente ditas. Para uma sociedade regularmente organizada são necessárias condições de vitalidade muito diferentes, justamente em razão do número de pessoas que a compõem, de sua estabilidade e de sua permanência. A primeira de todas é a *homogeneidade* de princípios e da maneira de ver. Toda sociedade composta de elementos heterogêneos traz em si o germe da dissolução; podemos considerá-la morta por antecipação, seja qual for o seu objetivo: político, religioso, científico ou econômico.

Uma sociedade espírita requer outra condição – a assistência dos Espíritos bons – se quisermos obter comunicações sérias. A não ser assim, caso permitamos aos maus tomarem pé, não obteremos senão mentiras, decepções e mistificações. Esse é o preço de sua própria existência, visto que os maus serão os primeiros agentes de sua destruição. Eles a minarão pouco a pouco, caso não a façam desabar logo de início. Sem homogeneidade, nada de comunhão de pensamentos e, portanto, nada da calma nem do recolhimento que se deseja. Ora, os bons só comparecem onde encontram essas condições; como encontrá-las numa reunião cujas crenças são divergentes, onde alguns membros nem mesmo crêem e, em consequência, o espírito de oposição e de controvérsia domina incessantemente? Eles só assistem aqueles que desejam ardentemente esclarecer-se para o bem, sem pensamento preconcebido, e não para satisfazer a vã curiosidade. Querer formar uma sociedade espírita fora dessas condições seria dar provas da mais absoluta ignorância dos princípios mais elementares do Espiritismo.

Seríamos os únicos capazes de as reunir? Seria lastimável e muito ridículo assim pensar. O que fizemos, por certo outros poderão fazê-lo. Que outras sociedades se ocupem, portanto, de trabalhos iguais aos nossos, que prosperem e se multipliquem mil vezes melhor, porque será um sinal de progresso nas idéias morais; tanto melhor, sobretudo se forem bem assistidas e se tiverem boas comunicações, pois não temos a pretensão de ser os únicos privilegiados nesse campo. Como só visamos à nossa instrução pessoal e ao interesse da ciência, que nossa sociedade não oculte nenhum pensamento de especulação, *nem direto nem indireto*, nenhuma visão ambiciosa; que sua existência não repouse sobre uma questão de dinheiro e que as demais sociedades sejam consideradas como irmãs nossas, e não como concorrentes. Se formos invejosos, provaremos que somos assistidos pelos Espíritos maus. Caso uma dessas sociedades se formasse tendo em vista a nos criar rivalidade, com a idéia preconcebida de nos suplantar, revelaria, por seu objetivo, a própria natureza dos Espíritos que presidiram à sua formação, já que esse pensamento não seria bom, nem caridoso, nem os Espíritos bons simpatizam com os sentimentos de ódio, ciúme e ambição.

De mais a mais, temos um meio infalível para não temer nenhuma rivalidade. É São Luís que no-lo oferece: *Que entre vós haja compreensão e amor* – disse-nos ele. Trabalhem, pois, para nos compreendermos; lutemos com os outros, mas lutemos com caridade e abnegação. Que o amor do próximo esteja inscrito em nossa bandeira e seja a nossa divisa. Com isso afrontaremos a zombaria e a influência dos Espíritos maus. Nesse terreno, tanto melhor que se nos igualem, pois serão irmãos que chegam; depende apenas de nós, no entanto, jamais sermos ultrapassados.

Mas, dirão, tendes uma maneira de ver que não é a nossa; não podemos simpatizar com princípios que não admitimos, pois nada prova que estejais com a verdade. A isso responderei: Nada prova que estejais mais certos do que nós, porque ainda

duvidais e a dúvida não é uma doutrina. Pode-se diferir de opinião sobre pontos da ciência sem se morder nem atirar pedras, o que seria pouco digno e pouco científico. Procurai, pois, do vosso lado, como pesquisamos do nosso. O futuro dará razão a quem de direito. Se nos enganarmos, o tolo amor-próprio não nos tornará obstinados por idéias falsas. Há, porém, princípios sobre os quais temos certeza de não estar enganados: é o amor do bem, a abnegação, a abjuração de todo sentimento de inveja e de ciúme. Esses são os nossos princípios; com eles podemos sempre simpatizar sem nos comprometermos; é o laço que deve unir todos os homens de bem, seja qual for a divergência de suas opiniões. Somente o egoísmo interpõe uma barreira intransponível.

Tais são, senhores, as observações que julguei por bem apresentar-vos, ao deixar as funções que me houvestes confiado. Agradeço do fundo do coração a todos aqueles que me testemunharam simpatia. Aconteça o que acontecer, minha vida está consagrada à obra que empreendemos e sentir-me-ei feliz se meus esforços puderem ajudar a fazê-la entrar no caminho sério que é a sua essência, o único que lhe pode assegurar o futuro. A finalidade do Espiritismo é tornar melhores os que o compreendem. Esforcemo-nos por dar o exemplo e mostremos que, para nós, a doutrina não é uma letra morta. Numa palavra, sejamos dignos dos Espíritos bons, se quisermos que eles nos assistam. O bem é uma couraça contra a qual virão sempre se quebrar as armas da malevolência.

Allan Kardec

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Daqui em diante publicaremos regularmente o relato das sessões da Sociedade. Esperávamos fazê-lo a partir deste número,

mas a abundância de matérias nos obriga a adiá-lo para a próxima edição. Os sócios que não residem em Paris e os membros correspondentes poderão, assim, acompanhar os trabalhos da Sociedade. Hoje limitamo-nos a dizer que o Sr. Allan Kardec, a despeito da intenção expressa em seu discurso de encerramento – de renunciar à presidência, quando da renovação de sua diretoria – foi reeleito por unanimidade, à exceção de um voto contrário e uma abstenção.

Ele julgou deselegante sustentar essa decisão diante de um testemunho deveras lisonjeiro. Contudo, só o aceitou condicionalmente e sob reserva *expressa* de demitir-se de suas funções no momento em que a Sociedade estiver em condições de oferecer a presidência a alguém, cujo nome e posição social sejam capazes de imprimir-lhe maior relevo. Seu desejo era poder consagrar todo o seu tempo aos trabalhos e aos estudos que vem desenvolvendo.¹³

Conversas Familiares de Além-Túmulo

NOTÍCIAS DA GUERRA

O Governo permitiu que jornais avessos à política dessem notícias da guerra; como, porém, são abundantes os relatos de todos os gêneros, seria inútil repeti-los aqui. O que talvez constitua mais novidade para os nossos leitores é um relato que procede do outro mundo. Embora não seja extraído da fonte oficial do *Moniteur*, nem por isso oferece menor interesse, do ponto de vista dos nossos estudos. Assim, pensamos em interrogar algumas das gloriosas vítimas da vitória, presumindo aí pudéssemos encontrar alguma instrução de utilidade. Tais assuntos de observação e, sobretudo, de atualidade, não se apresentam todos os

13 **N. do T.:** Parece que esse momento jamais chegaria, pois Allan Kardec, mau grado seu, permaneceu à frente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos até a sua desencarnação, em 1869.

dias. Não conhecendo pessoalmente nenhum dos participantes da última batalha, rogamos aos Espíritos assistentes que nos enviassem alguém. Pensamos até mesmo encontrar mais liberdade num desconhecido do que na presença de amigos ou parentes dominados pela emoção. Logrando resposta afirmativa, obtivemos as seguintes conversas:

O ZUAVO DE MAGENTA

PRIMEIRA CONVERSA – (Sociedade, 10 de junho de 1859)

1. Rogamos a Deus Todo-Poderoso permitir ao Espírito de um dos militares mortos na batalha de Magenta que se comunique conosco.

Resp. – Que quereis saber?

2. Onde vos encontráveis quando vos chamamos?

Resp. – Não saberia dizer.

3. Quem vos preveniu que desejaríamos nos entreter convosco?

Resp. – Alguém mais astuto do que eu.

4. Quando na carne duvidáveis que os mortos pudessem vir conversar com os vivos?

Resp. – Oh! Isso não!

5. Que sensação experimentais por vos encontrardes aqui?

Resp. – Isso me dá prazer; conforme dizem, deveis fazer grandes coisas.

6. A que Corpo do Exército pertencíeis? [Alguém diz em voz baixa: Pela linguagem deve ser um zuzu.]

Resp. – Ah! Dissestes bem.

7. Qual era o vosso posto?

Resp. – O de todo o mundo.

8. Como vos chamáveis?

Resp. – Joseph Midard.

9. Como morrestes?

Resp. – Quereis saber tudo sem nada pagar?

10. Ora, vamos! Não perdestes o vosso bom humor. Falai primeiro; depois pagaremos. Como morrestes?

Resp. – De uma ameixa que dispararam contra mim.

11. Ficastes contrariado com a morte?

Resp. – Não! palavra de honra! Estou bem aqui.

12. No momento da morte percebestes logo que havíeis morrido?

Resp. – Não; eu estava tão atordoado que não podia acreditar.

Observação – Isto concorda com o que temos observado nos casos de morte violenta; não se dando conta imediatamente de sua situação, o Espírito não se julga morto. Esse fenômeno se explica muito facilmente; é análogo ao dos sonâmbulos que não acreditam que estejam dormindo. Realmente, para o sonâmbulo, a idéia de sono é sinônimo de suspensão das faculdades intelectuais. Ora, como ele pensa, não acredita que dorme; só mais tarde reconhece a verdade, ao se familiarizar com o sentido ligado a essa palavra. Acontece a mesma coisa com o Espírito surpreendido por morte súbita, quando não se havia preparado para a separação do corpo. Para ele a morte é sinônimo de destruição, de aniquilamento. Ora, desde que vê, sente e raciocina, julga não ter morrido. É necessário certo tempo para poder reconhecer-se.

13. No momento em que morrestes a batalha não havia ainda terminado. Acompanhastes as suas peripécias?

Resp. – Sim, pois já vos disse que não me julgava morto; queria continuar maltratando os *cães* do outro lado.

14. Que sensação experimentáveis?

Resp. – Eu estava encantado; sentia-me muito leve.

15. Víeis os Espíritos dos vossos camaradas ao deixar o corpo?

Resp. – Não me preocupava com isso, pois não me julgava morto.

16. Nesse momento, em que se tornava essa multidão de Espíritos que deixava a vida no fragor da batalha?

Resp. – Creio que faziam o mesmo que eu.

17. Ao se acharem reunidos no mundo espiritual, que pensavam os Espíritos que se batiam mais encarniçadamente? Ainda revelavam animosidade uns contra os outros?

Resp. – Sim, durante algum tempo e conforme o seu caráter.

18. Reconhecei-vos melhor agora?

Resp. – Sem isso não me teriam enviado aqui.

19. Poderíeis dizer-nos se, entre os Espíritos de pessoas mortas há muito tempo, não se encontravam alguns interessados no desfecho da batalha? [Rogamos a São Luís que o auxiliasse em suas respostas, a fim de que, para a nossa instrução, fossem elas tão explícitas quanto possível.]

Resp. – Em grande quantidade. É bom saibais que esses combates e suas conseqüências são preparados com muita antecedência e que os nossos adversários não se envolveriam em crimes, como de fato ocorreu, se a isso não houvessem sido impelidos, tendo em vista as conseqüências futuras, que não tardareis a conhecer.

20. Deveria haver quem se interessasse pelo sucesso dos austríacos, estabelecendo dois campos entre eles?

Resp. – Evidentemente.

Observação – Não parece que aqui estamos vendo os deuses de Homero a tomar partido, uns pelos gregos, outros pelos troianos? Com efeito, quem eram esses deuses do paganismo, senão os Espíritos que os Antigos haviam transformado em divindades? Não temos razão quando dizemos que o Espiritismo é a luz que esclarecerá mais de um mistério, a chave de mais de um problema?

21. Eles exerciam uma influência qualquer sobre os combatentes?

Resp. – Muito considerável.

22. Poderíeis descrever a maneira pela qual eles exerciam essa influência?

Resp. – Da mesma maneira por que são exercidas todas as influências que os Espíritos produzem sobre os homens.

23. Que esperais fazer agora?

Resp. – Estudar mais do que o fiz durante minha última etapa.

24. Retornareis para assistir, como espectador, aos combates que ainda se travam?

Resp. – Ainda não sei. Tenho afeições que me prendem no momento. Contudo, de vez em quando pretendo dar umas escapadelas para me divertir com as escaramuças subseqüentes.

25. Que gênero de afeição vos retém ainda?

Resp. – Uma velha mãe doente e sofredora, que chora por mim.

26. Peço me desculpeis o mau pensamento que acaba de me atravessar o Espírito, relativamente à afeição que vos retém.

Resp. – Não vos quero mal por isso. Falo tolices para que possais rir um pouco. É natural que não me tomeis por grande coisa, tendo em vista o honroso corpo a que pertencia. Ficai tranqüilos, eu só me engajei por causa de minha pobre mãe. Mereço um pouco que me tenham mandado a vós.

27. Quando vos encontrastes entre os Espíritos ouvíeis o rumor da batalha? Víeis as coisas tão claramente como em vida?

Resp. – A princípio eu a perdi de vista, mas depois de algum tempo via muito melhor, porque percebia todas as artimanhas.

28. Pergunto se ouvíeis o troar dos canhões.

Resp. – Sim.

29. No momento da ação, pensáveis na morte e naquilo em que vos tornaríeis, caso fôsseis morto?

Resp. – Eu pensava no que seria de minha mãe.

30. Era a primeira vez que entráveis no fogo de uma batalha?

Resp. – Não, não; e a África?

31. Vistes a entrada dos franceses em Milão?

Resp. – Não.

32. Aqui sois o único dos que morreram na Itália?

Resp. – Sim.

33. Pensais que a guerra durará muito?

Resp. – Não. É fácil e, ademais, de pouco valor essa predição.

34. Quando entre os Espíritos vedes um de vossos chefes, ainda o reconheceis como vosso superior?

Resp. – Se ele o for, sim; se não, não.

Observação – Em sua simplicidade e em seu laconismo, esta resposta é eminentemente profunda e filosófica. No mundo espírita a superioridade moral é a única que se reconhece. Quem não a teve na Terra, qualquer que tenha sido a sua posição, não terá nenhuma superioridade. Naquele mundo o chefe pode estar abaixo

do soldado, o patrão em posição inferior à do servo. Que lição para o nosso orgulho!

35. Pensais na justiça de Deus e vos inquietais por isso?

Resp. – Quem não pensaria? Mas, felizmente, não tenho muito a temer. Resgatei, por algumas ações que Deus considerou boas, as raras escapadelas que pude cometer na qualidade de zuzu, conforme dissestes.

36. Assistindo a um combate, poderíeis proteger um de vossos camaradas e desviar-lhe um golpe fatal?

Resp. – Não; isso não está em nosso poder; a hora da morte é marcada por Deus. Se devemos passar por ela, nada o poderá impedir, como ninguém a poderia atingir se sua hora não houvesse soado.

37. Vedes o General Espinasse?

Resp. – Ainda não o vi, mas espero vê-lo em breve.

SEGUNDA CONVERSA – (17 de junho de 1859)

38. Evocação.

Resp. – Presente! Firme! Em frente!

39. Lembrais de ter vindo aqui há oito dias?

Resp. – Claro!

40. Dissestes ainda não ter visto o General Espinasse; como poderíeis reconhecê-lo, já que ele não estará envergando o seu hábito de general?

Resp. – De fato, mas eu o conheço de vista; além disso, temos uma porção de amigos sempre prontos a nos dar a senha. Aqui não é como aí, pois não temos medo de trombar com ninguém e vos asseguro que somente os velhacos ficam sozinhos.

41. Sob que aparência vos encontráis aqui?

Resp. – Zuavo.

42. Se vos pudéssemos ver, como vos veríamos?

Resp. – De turbante e culote.

43. Pois bem! Supondo-se que nos aparecêsseis de turbante e culote, perguntamos onde adquiristes essas roupas, considerando-se que deixastes as vossas no campo de batalha.

Resp. – Ora essa! Não sei de nada; tenho um alfaiate que me consegue algumas.

44. De que são feitos o turbante e o culote que usais? Tendes alguma idéia?

Resp. – Não; isto concerne ao negociante de roupas usadas.

Observação – Esta questão da vestimenta dos Espíritos, e várias outras não menos interessantes que se ligam ao mesmo princípio, são completamente elucidadas por novas observações, feitas no seio da Sociedade. Delas daremos conta no próximo número. Nosso bravo zuavo não se acha assaz adiantado para resolver por si mesmo. Para isso foi-nos necessário o concurso de circunstâncias que se apresentaram fortuitamente e que nos puseram no caminho certo.

45. Dai-vos conta da razão por que nos vedes, ao passo que não vos podemos ver?

Resp. – Acho que vossos óculos estão muito fracos.

46. Não será por essa mesma razão que não podeis ver o general em uniforme?

Resp. – Sim, mas ele não o veste todos os dias.

47. Em que dias o veste?

Resp. – Ora essa! Quando o chamam ao palácio.

48. Por que estais aqui vestido de zuavo, já que não vos podemos ver?

Resp. – Naturalmente porque ainda sou zuavo, lá se vão quase oito anos e, também, porque entre os Espíritos conservamos a forma durante muito tempo. Mas isso é apenas entre nós; compreendeis que quando vamos a um mundo completamente estranho, como a Lua ou Júpiter, não nos damos muito ao trabalho de fazer toalete.

49. Falais da Lua e de Júpiter; já os visitastes depois de morto?

Resp. – Não; não me compreendeis. Depois da morte já percorremos bastante o Universo. Não nos explicaram uma porção de problemas da nossa Terra? Não conhecemos Deus e os outros seres muito melhor do que há quinze dias? Com a morte o Espírito passa por uma metamorfose que não podeis compreender.

50. Revistes o corpo que deixastes no campo de batalha?

Resp. – Sim; ele não está nada belo.

51. Que impressão vos deixou tal visão?

Resp. – Tristeza.

52. Tendes conhecimento de vossa existência anterior?

Resp. – Sim; mas não era bastante gloriosa para que eu possa envaidecer-me.

53. Dizei-nos apenas o gênero de vida que levastes.

Resp. – Simples mercador de peles selvagens.

54. Agradecemos por haverdes voltado uma segunda vez.

Resp. – Até breve. Isto me diverte e me instrui; desde que me tolerem bem aqui, retornarei de bom grado.

**UM OFICIAL SUPERIOR MORTO EM MAGENTA
(Sociedade, 10 de junho de 1859)**

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui.

2. Poderíeis dizer-nos como atendestes tão prontamente ao nosso apelo?

Resp. – Eu estava prevenido do vosso desejo.

3. Por quem fostes prevenido?

Resp. – Por um emissário de Luís.¹⁴

4. Tíndeis conhecimento da existência de nossa Sociedade?

Resp. – Vós o sabeis.

Observação – O oficial em questão tinha realmente auxiliado a Sociedade para a obtenção do seu registro de funcionamento.¹⁵

5. Sob que ponto de vista consideráveis a nossa Sociedade quando concorrestes para a sua formação?

Resp. – Eu não estava ainda inteiramente decidido, mas me inclinava muito a crer; não fossem os acontecimentos que sobrevieram, por certo teria ido instruir-me no vosso círculo.

6. Há criaturas deveras notáveis que comungam as idéias espíritas, mas que não o confessam de público. Seria desejável que as pessoas influentes desfraldassem abertamente essa bandeira?

14 **N. do T.:** São Luís [Luís IX, Rei da França] patrono da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

15 **N. do T.:** Desde 1854, quando pela primeira vez ouviu falar das mesas girantes, até a sua desencarnação, em 1869, Allan Kardec conviveu com a França de Napoleão III. Esse sobrinho do grande corso, através de um Golpe de Estado desferido em dezembro de 1851, abriu caminho para ser proclamado Imperador no ano seguinte. Reconhecendo intimamente a fragilidade do regime que fundara, adotou medidas coercitivas e autoritárias de modo a garantir a sua permanência no poder, entre as quais a censura à imprensa e a proibição de reuniões em recintos fechados, além de outros expedientes que restringiam a liberdade do povo francês. Assim, compreendemos melhor por que o Codificador encontrou alguns obstáculos para registrar a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas nos organismos oficiais competentes.

Resp. – Paciência; Deus o quer e, desta vez, a expressão é verdadeira.

7. De que classe influente da sociedade pensais deverá partir em primeiro lugar o exemplo?

Resp. – No início, de algumas; depois, de todas.

8. Do ponto de vista do estudo, poderíeis dizer-nos se vossas idéias são mais lúcidas que as do zuavo que há pouco esteve aqui, embora ambos hajam falecido mais ou menos na mesma época?

Resp. – Muito. Aquilo que ele vos disse, testemunhando uma certa elevação de pensamento, foi-lhe soprado, porque ele é bom mas muito ignorante e um tanto leviano.

9. Ainda vos interessais pelo sucesso de nossos exércitos?

Resp. – Muito mais do que nunca, pois hoje conheço o seu objetivo.

10. Tende a bondade de definir o vosso pensamento; o objetivo sempre foi abertamente confessado e, sobretudo em vossa posição, devíeis conhecê-lo?

Resp. – O fim que Deus se propôs, vós o sabeis?

Observação – Ninguém desconhecerá a gravidade e a profundidade desta resposta. Assim, quando vivo, ele conhecia o objetivo dos homens; como Espírito, vê o que há de providencial nos acontecimentos.

11. Que pensais da guerra em geral?

Resp. – Desejo que progridais rapidamente, a fim de que ela se torne tão impossível quanto inútil. Eis a minha opinião.

12. Acreditaís que chegará o dia em que ela será impossível e inútil?

Resp. – Sim, não tenho dúvida, e posso dizer que esse momento não está tão longe quanto pensais, embora não vos possa dar esperança de que o vereis.

13. Vós vos reconhecestes imediatamente no momento da morte?

Resp. – Quase que imediatamente, graças às vagas noções que possuía do Espiritismo.

14. Podeis dizer algo a respeito de M..., morto também na última batalha?

Resp. – Ele ainda se encontra enredado na matéria; sente muita dificuldade em se desvencilhar; seus pensamentos não se tinham voltado para este lado.

Observação – O conhecimento do Espiritismo auxilia o desprendimento da alma após a morte; assim, concebe-se que abrevie o período de perturbação que acompanha a separação; *o Espírito conhecia antecipadamente o mundo em que ora se encontra.*

15. Assististes à entrada de nossas tropas em Milão?

Resp. – Sim, e com alegria. Fiquei encantado pela ovação com que nossas armas foram acolhidas, a princípio por patriotismo; depois, pelo futuro que as aguarda.

16. Como Espírito, podeis exercer uma influência qualquer sobre as disposições estratégicas?

Resp. – Acreditais que isso não tenha sido feito desde o princípio, e tendes dificuldade de adivinhar por quem?

17. Como foi possível que os austríacos abandonassem tão rapidamente uma praça forte como Pavia?

Resp. – Medo.

18. Então estão desmoralizados?

Resp. – Completamente. De mais a mais, se agimos

sobre os nossos num sentido, deveis pensar que sobre eles age uma influência de outra natureza.

Observação – Aqui a intervenção dos Espíritos nos acontecimentos é inequívoca. Eles preparam os caminhos para a realização dos desígnios da Providência. Os Antigos teriam dito que era obra dos deuses; nós dizemos que é dos Espíritos, por ordem de Deus.

19. Podeis dar a vossa opinião sobre o General Giulay, como militar, pondo de lado qualquer sentimento nacionalista?

Resp. – Pobre, pobre general!

20. Voltaríeis de bom grado se vos pedíssemos?

Resp. –Estou à vossa disposição e prometo vir, mesmo sem ser chamado. A simpatia que eu nutria por vós não fez senão aumentar. Adeus.

Resposta à Réplica do Abade Chesnel no “Univers”

O jornal *Univers* inseriu, em seu número de 28 de maio último, a resposta que havíamos dado ao artigo do abade Chesnel sobre o Espiritismo, fazendo-a seguir de uma réplica deste último. Reproduzindo todos os argumentos do primeiro, menos a urbanidade da forma com que todo mundo concordou em fazer justiça, não poderíamos responder a esse segundo artigo senão repetindo o que já havíamos dito, o que nos parece totalmente inútil. O abade Chesnel esforça-se sempre por provar que o Espiritismo é, deve ser e não pode deixar de ser senão uma religião nova, porque dele decorre uma filosofia e porque nele nos ocupamos da constituição física e moral dos mundos. Sob esse aspecto, todas as filosofias seriam religiões. Ora, como os sistemas afluem em abundância e todos eles têm partidários mais ou menos

numerosos, isso restringiria singularmente o círculo do catolicismo. Não sabemos até que ponto seria imprudente e perigoso enunciar semelhante doutrina, porquanto é provocar uma cisão que não existe; é, pelo menos, dar-lhe uma idéia. Vede, um pouco, a que conseqüências chegais. Quando a Ciência veio contestar o sentido do texto bíblico dos seis dias da Criação, lançaram anátemas e disseram que era um ataque à religião. Hoje, que os fatos deram razão à Ciência, que já não há meios de os contestar a não ser negando a luz, a Igreja se pôs de acordo com a Ciência.

Suponhamos, então, que se tivesse dito que aquela teoria científica era uma religião nova, uma seita, porque *parecia* em contradição com os livros sagrados e porque lançava por terra uma interpretação dada há séculos, daí resultando que não era possível ser católico e adotar essas idéias novas. Pensemos, pois, a que se reduziria o número dos católicos, se fossem excluídos todos os que não acreditam que Deus fez a Terra em seis vezes vinte e quatro horas!

Sucede o mesmo com o Espiritismo. Se o olhais como uma religião nova, é que aos vossos olhos ele não é católico. Ora, acompanhai bem o nosso raciocínio. De duas uma: ou é uma realidade, ou uma utopia. Se é uma utopia, não há por que se preocupar com ele, já que cairá por si mesmo. Se é uma realidade, todos os raios não o impedirão de ser, da mesma forma que, outrora, a Terra jamais foi impedida de girar. Se, verdadeiramente, há um mundo invisível que nos circunda; se podemos entrar em comunicação com esse mundo e dele obter ensinamentos sobre o estado de seus habitantes – e todo o Espiritismo está aí contido – em pouco tempo isso parecerá tão natural como ver o Sol ao meio-dia ou encontrar milhares de seres vivos e invisíveis numa gota de água límpida. Essa crença se tornará tão comum que sereis forçados a vos render à evidência. Se aos vossos olhos essa crença é uma religião nova, ela está fora do catolicismo, porque não pode ser simultaneamente a religião católica e uma religião nova. Se, pela

força das coisas e da evidência, ela se generalizar – e não poderá deixar de ser assim, já que se trata de uma lei da Natureza – conforme o vosso ponto de vista não haveria mais católicos e vós mesmo não mais sereis católico, porque vos vereis forçado a agir como todo mundo.

Eis, senhor abade, o terreno sobre o qual nos arrasta a vossa doutrina, e ela é tão absoluta que já me gratificais com o título de sumo-sacerdote dessa religião, uma honra da qual eu não suspeitava. Mas ides mais longe: na vossa opinião, todos os médiuns são sacerdotes dessa religião. Aqui eu vos detenho em nome da lógica. Até agora havia-me parecido que as funções sacerdotais eram facultativas; que se era sacerdote apenas por um ato da própria vontade; que não se o era à revelia e em virtude de uma faculdade natural. Ora, a faculdade mediúmica é uma faculdade natural, que depende da sua organização, como a faculdade sonambúlica; não requer sexo, idade ou instrução, pois a encontramos nas crianças, nas mulheres e nos velhos, assim nos sábios como nos ignorantes. Seria compreensível que rapazes e moças fossem sacerdotes e sacerdotisas sem o querer e sem o saber? Em verdade, sr. abade, é abusar do direito de interpretar as palavras. Como já disse, o Espiritismo está fora de todas as crenças dogmáticas, com as quais não se preocupa. Não o consideramos senão como ciência filosófica, que nos explica uma porção de coisas que não compreendemos e, por isso mesmo, em vez de abafar as idéias religiosas, como certas filosofias, faz brotá-las naqueles em que elas não existem. Mas se a todo custo o quiserdes elevar ao nível de uma religião, vós mesmos o lançais num caminho novo. É o que compreendem perfeitamente muitos eclesiásticos que, longe de se deixarem arrastar para o cisma, se esforçam por conciliar as coisas, em virtude deste raciocínio: Se há manifestações do mundo invisível, isso não pode ocorrer senão pela vontade de Deus e nós não podemos ir contra a sua vontade, a menos que digamos que, neste mundo, aconteça alguma coisa sem a sua permissão, o que seria uma impiedade. Se eu tivesse a honra de ser

sacerdote, disto me serviria em favor da religião; dela faria uma arma contra a incredulidade e diria aos materialistas e ateus: Pedis provas? Ei-las: é Deus quem as envia.

Variedades

LORDE CASTLEREAGH E BERNADOTTE

Há cerca de quarenta anos aconteceu a seguinte aventura ao marquês de Londonderry, mais tarde lorde Castlereagh. Certo dia foi visitar um gentil-homem que privava da amizade de um de seus amigos, o qual residia num desses velhos castelos do norte da Irlanda, que os romancistas elegem para palco das aparições do outro mundo. O aspecto do apartamento do marquês estava em perfeita harmonia com o edifício. Com efeito, os vigamentos de madeira ricamente esculpidos e enegrecidos pelo tempo, o enorme arco da chaminé, semelhante à entrada de um túmulo, a tapeçaria pesada e repleta de pó que mascarava as estreitas janelas e circundava o leito, tudo era susceptível de dar uma feição melancólica aos pensamentos.

Lorde Londonderry examinou o seu dormitório e travou conhecimento com os antigos senhores do castelo que, retratados de pé nos quadros da parede, pareciam esperar a sua saudação. Depois de ter despedido o criado de quarto, foi deitar-se. Mal acabara de apagar a vela percebeu um raio de luz a iluminar o cortinado superior de seu leito. Convencido de que não havia fogo na grelha, que as cortinas estavam fechadas e que alguns minutos antes o quarto estava mergulhado na mais completa escuridão, supôs que um intruso ali houvesse penetrado. Voltando-se rapidamente para o lado de onde vinha a luz e, com grande espanto, viu a figura de uma bela criança, completamente nimbada de luz.

Convencido da integridade de suas faculdades, mas desconfiando de uma mistificação de um dos numerosos hóspedes

do castelo, lorde Londonderry avançou para a aparição, que se retirou de sua frente. À medida que se aproximava ela recuava, até que, chegando finalmente sob o sombrio arco da imensa chaminé, precipitou-se chão adentro e desapareceu.

Lorde Londonderry não dormiu naquela noite.

Resolveu não fazer nenhuma alusão ao que lhe tinha acontecido, até que tivesse examinado atentamente o semblante de todas as pessoas da casa. Durante o café, em vão procurou surpreender alguns sorrisos disfarçados, olhares de conivência e piscar de olhos, que geralmente denunciavam os autores dessas conspirações domésticas.

A conversação seguiu o seu curso ordinário; estava animada e nada revelava uma mistificação. Por fim o marquês não pôde resistir ao desejo de contar o que tinha visto. O senhor do castelo observou que o relato de lorde Londonderry devia parecer muito estranho aos que há muito tempo não visitavam o castelo e desconheciam as lendas da família. Então, voltando-se para lorde Londonderry, disse: “Vistes a *criança brilhante*; alegrai-vos, pois é o presságio de uma grande fortuna. Mas eu teria preferido que não se tratasse dessa aparição.”

Em outra ocasião lorde Castlereagh viu a criança brilhante na Câmara dos Comuns. No dia de seu suicídio ele teve uma aparição semelhante¹⁶. Sabe-se que este lorde, um dos principais membros do Ministério Harrowby e o mais obstinado perseguidor de Napoleão durante o seu revés, seccionou a própria carótida no dia 22 de agosto de 1823, morrendo instantaneamente.

Dizem que a surpreendente fortuna de Bernadotte lhe havia sido predita por uma necromante famosa, que também anunciara a de Napoleão I e desfrutava da confiança da Imperatriz Josefina.

16 Forbes Winslow – Anatomy of suicide, 1 vol. in-8º, p. 242. London, 1840.

Bernadotte estava convencido de que uma espécie de divindade tutelar se ligava a ele para o proteger. Talvez as tradições maravilhosas que cercaram o seu leito não fossem estranhas a esse pensamento, que jamais o abandonava. Com efeito, em sua família narrava-se uma antiga crônica segundo a qual uma fada, esposa de um de seus antepassados, havia predito que um rei ilustraria a sua posteridade.

Eis um fato que demonstra o quanto o maravilhoso havia conservado o seu império sobre o Espírito do rei da Suécia. Ele queria resolver à espada as dificuldades que a Noruega lhe opunha e enviar seu filho Oscar à frente de um Exército para aniquilar os rebeldes. O Conselho de Estado fez viva oposição a esse projeto. Certo dia em que Bernadotte acabava de travar uma animada discussão sobre o assunto, montou a cavalo e afastou-se da capital à disparada. Depois de longo percurso chegou às bordas de uma sombria floresta. De repente apresentou-se aos seus olhos uma velha mulher, vestida de maneira extravagante e com os cabelos em desalinho: – “Que quereis?” – perguntou bruscamente o rei. A feiticeira respondeu sem se desconcertar: – “Se Oscar combater nessa guerra que premeditas, não dará os primeiros golpes, mas os receberá.”

Impressionado por essa aparição e por essas palavras, Bernadotte voltou ao palácio. No dia seguinte, denotando ainda no rosto os sinais de uma longa vigília cheia de agitação, apresentou-se ao Conselho: “Mudei de opinião; negociaremos a paz, desde que em condições honrosas.”

Em sua *Vie de M. de Rancé*, fundador de La Trappe, conta Chateaubriand que um dia esse homem célebre, passeando na avenida do castelo de Veretz, julgou ver um grande incêndio que consumia as dependências destinadas às aves domésticas. Correu rápido para lá: o fogo diminuía à medida que ele se aproximava. A certa distância o braseiro transformou-se num lago de fogo, no

meio do qual se erguia a meio corpo uma mulher devorada pelas chamas.

Tomado de pavor, retomou correndo o caminho de casa. Ao chegar, as forças lhe faltaram, atirando-se semimorto na cama. Não foi senão depois de longo tempo que contou a visão, cuja mera lembrança o fazia empalidecer.

Esses mistérios pertencem à loucura? O Sr. Brière de Boismont parece atribuí-los a uma ordem de coisas mais elevada, e concordo com a sua opinião. Isso não desagrade ao meu amigo Dr. Lélut: prefiro acreditar no gênio familiar de Sócrates e nas vozes de Joana d'Arc a crer na demência do filósofo e da virgem de Domrémy.

Há fenômenos que ultrapassam a inteligência e que desconcertam as idéias recebidas, mas diante de cuja evidência é preciso que a lógica humana se incline humildemente. Nada é brutal, e sobretudo irrecusável, como um fato. Tal é a nossa opinião e, principalmente, a do Sr. Guizot:

“Qual a grande questão, a questão suprema que hoje preocupa os espíritos? É a questão levantada entre os que reconhecem e os que não reconhecem uma ordem sobrenatural, verdadeira e soberana, embora impenetrável à razão humana; é a questão levantada para chamar as coisas pelo seu nome, entre o *supernaturalismo* e o *racionalismo*. De um lado os incrédulos, os panteístas, os cépticos de toda sorte, os puros racionalistas; do outro, os cristãos.

“Com vistas à nossa salvação presente e futura, é necessário que a fé, o respeito e a submissão à ordem sobrenatural penetrem no mundo e na alma humana, nos grandes espíritos como nos espíritos simples, nas regiões mais elevadas como nas mais humildes. A influência real, verdadeiramente eficaz e regeneradora das crenças religiosas tem essa condição. Fora daí são superficiais e muito perto de tornar-se vãs.” [Guizot].

Não, a morte jamais haverá de separar para sempre, mesmo neste mundo, os eleitos que Deus recebeu em seu seio e os exilados que ficaram neste vale de lágrimas, *in hac lacrymarum valle*, para empregar as palavras melancólicas da *Salve Rainha*. Há horas misteriosas e benditas em que os mortos bem-amados se debruçam sobre aqueles que os pranteiam, murmurando-lhes aos ouvidos palavras de consolação e de esperança. O Sr. Guizot, esse Espírito severo e metódico, tem razão de professar: “*Fora daí as crenças religiosas são superficiais e muito perto de tornar-se vãs.*”

Sam. (Extraído da *Patrie*, de 5 de junho de 1859.)

O que é o Espiritismo?

INTRODUÇÃO AO CONHECIMENTO DO MUNDO INVISÍVEL OU DOS ESPÍRITOS,
CONTENDO OS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA DOUTRINA ESPÍRITA E A
RESPOSTA A ALGUMAS OBJEÇÕES PREJUDICIAIS.

por ALLAN KARDEC

Autor de *O Livro dos Espíritos* e diretor da *Revista Espírita*.

Grand in-8 - Preço: 60 c.¹⁷

As pessoas que do Espiritismo não possuem senão um conhecimento superficial, são naturalmente levadas a fazer certas perguntas, cujo estudo completo sem dúvida lhes daria a solução, mas o tempo e, muitas vezes, a vontade, lhes faltam para se entregarem a observações continuadas. Antes de empreenderem essa tarefa desejariam ao menos saber do que se trata e se vale a pena ocupar-se dela. Assim, pareceu-nos útil apresentar, num quadro restrito, a resposta a algumas perguntas fundamentais que nos são diariamente endereçadas. Para o leitor será uma primeira iniciação e, para nós, tempo ganho pela dispensa de repetir constantemente a mesma coisa. A forma de diálogo nos pareceu mais conveniente, porque não tem a aridez do dogmatismo puro.

¹⁷ Todas as obras do Sr. Allan Kardec se acham nas casas Ledoyen, Dentu e na redação da *Revista*.

Terminamos essa introdução por um resumo que permitirá apreender, numa leitura rápida, o conjunto dos princípios fundamentais da ciência. Aqueles que, depois dessa rápida exposição, julgarem o assunto digno de atenção, poderão aprofundar-se com conhecimento de causa. Na maioria das vezes as objeções se originam das idéias falsas que fazemos *a priori* sobre aquilo que não conhecemos. Retificar tais idéias é prevenir as objeções: tal é o objetivo a que nos propusemos ao publicar esse livrete.

Em pouco tempo e com pouca despesa as pessoas estranhas ao Espiritismo nele encontrarão os meios de adquirir uma idéia do assunto, e as que já são iniciadas, a maneira de resolverem as principais dificuldades com que se defrontam. Contamos com o concurso de todos os amigos desta ciência para auxiliarem a difundir esse breve resumo.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

AGOSTO DE 1859

Nº 8

Mobiliário de Além-Túmulo

Extraímos a seguinte passagem de uma carta que um dos correspondentes do Departamento do Jura enviou à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas:

“(…) Como já vos tinha dito, senhor, os Espíritos gostavam da nossa velha habitação. No mês de outubro passado (1858), a senhora condessa de C., amiga íntima de minha filha, veio passar alguns dias em nossa mansão, acompanhada do filhinho de oito anos. O menino dormia no mesmo apartamento que a mãe. A fim de que ele e minha filha pudessem prolongar as horas do dia e da conversa, a porta comum que comunicava seus quartos ficava aberta. O garoto não dormia e dizia à sua mãe: ‘O que a senhora fará com esse homem que está sentado junto à sua cama? Ele fuma um grande cachimbo. Veja como enche o quarto de fumaça; mandai-o embora; ele sacode as cortinas.’ Tal visão durou a noite inteira. A mãe não conseguiu fazer a criança calar e ninguém pôde pregar os olhos. Essa circunstância não surpreendeu a mim nem à minha filha, pois sabemos que há manifestações espíritas. Quanto à mãe, imaginou que o filho sonhava acordado ou se divertia.

“Eis um outro fato pessoal que comigo aconteceu no mesmo aposento, em maio de 1858. É a aparição do Espírito de

uma *pessoa viva* que ficou muito admirada por ter vindo me visitar. Eis as circunstâncias: Eu estava muito doente e há tempos não dormia, quando vi, às dez horas da noite, um amigo da família sentado perto de meu leito. Manifestei-lhe minha surpresa por sua visita àquela hora. Disse-me ele: ‘Não fale; venho velá-la; não fale; é preciso dormir.’ E estendeu a mão sobre a minha cabeça. Abri os olhos várias vezes para saber se ele ainda estava lá, e de cada vez me fazia sinal para os fechar e calar-me. Ele girava uma caixa de rapé entre os dedos e, de quando em quando, tomava uma pitada, como o fazia costumeiramente. Por fim adormeci e, ao despertar, a visão havia desaparecido. Diferentes circunstâncias me provaram que no momento dessa visita inesperada eu estava perfeitamente acordada, e que aquilo não era um sonho. Quando de fato me visitou pela primeira vez apressei-me em agradecer-lhe. Trazia a mesma caixa de rapé e, ao escutar-me, estampava o mesmo sorriso de bondade que eu notara quando me velava. Como me garantiu não ter vindo, o que aliás não me foi difícil acreditar, porquanto não teria havido nenhum motivo que o impelisse a vir a tal hora passar a noite junto a mim, compreendi que apenas o seu Espírito tinha vindo visitar-me, enquanto seu corpo repousava tranqüilamente em sua casa.”¹⁸

Os fatos de aparição são tão numerosos que seria impossível registrar todos aqueles que são do nosso conhecimento ou que foram obtidos de fontes perfeitamente autênticas. Aliás, hoje que os fatos estão explicados, e que nos damos conta exatamente da maneira por que são produzidos, sabemos que pertencem às leis da Natureza e, portanto, nada têm de maravilhoso. Como já demos a sua teoria completa, apenas a recordaremos, em poucas palavras, para a desejável compreensão do que se segue.

Além do envoltório corporal, exterior, sabemos que o Espírito possui um outro, semimaterial, a que chamamos

18 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns* – Segunda Parte – Capítulo VII – item 116.

perispírito. A morte nada mais é do que a destruição do primeiro. Em seu estado errante o Espírito conserva o perispírito, que constitui uma espécie de corpo etéreo, invisível para nós em seu estado normal. Os Espíritos povoam o espaço e, se num determinado momento, o véu que no-os oculta fosse levantado, veríamos uma imensa população agitar-se à nossa volta e percorrer os ares. Temo-los constantemente ao nosso lado, observando-nos e, muitas vezes, associando-se às nossas ocupações e aos nossos prazeres, conforme o seu caráter. A invisibilidade não é uma propriedade absoluta dos Espíritos; muitas vezes eles se nos mostram sob a aparência que tinham em vida, e não são poucas as pessoas que, rebuscando as lembranças, não se recordem de algum fato desse gênero. A teoria dessas aparições é muito simples e se explica por uma comparação que nos é bastante familiar: a do vapor que, quando muito rarefeito, é completamente invisível. Um primeiro grau de condensação o torna nebuloso; cada vez mais condensado passa ao estado líquido, depois ao estado sólido. Algo semelhante se opera pela vontade dos Espíritos na substância do perispírito; como já dissemos, pretendemos estabelecer apenas uma comparação, e não uma assimilação. Servimo-nos do exemplo do vapor para mostrar as mudanças de aspecto que pode sofrer um corpo invisível, não se devendo concluir, por isso, que haja no perispírito uma condensação, no sentido próprio da palavra. Opera-se na sua contextura uma modificação molecular que o torna visível e mesmo tangível, podendo dar-lhe, até certo ponto, as propriedades dos corpos sólidos.

Sabemos que os corpos perfeitamente transparentes tornam-se opacos por uma simples mudança na posição das moléculas, ou pela adição de outro corpo igualmente transparente, mas não sabemos bem como fazem os Espíritos para tornar visível o seu corpo etéreo. A maior parte deles não chega mesmo a dar-se conta disso, embora, pelos exemplos citados, compreendamos a sua possibilidade física, o que é suficiente para tirar do fenômeno aquilo que, à primeira vista, poderia parecer sobrenatural. Pode,

pois, o Espírito operar, quer por simples modificação íntima, quer assimilando uma porção de fluido estranho que altera momentaneamente o aspecto de seu perispírito. É mesmo esta última hipótese que ressalta das explicações que nos têm sido dadas e que relatamos ao tratar do assunto (maio, junho e dezembro).

Até aí não há nenhuma dificuldade no que concerne à personalidade do Espírito. Sabemos, no entanto, que eles se apresentam com vestimentas cujo aspecto mudam à vontade; muitas vezes até possuem certos acessórios de toalete, jóias, etc. Nas duas aparições que citamos no início, uma tinha um cachimbo e produzia fumaça; a outra possuía uma caixa de rapé e tomava pitadas; e notai bem o fato de que este Espírito pertencia a uma pessoa viva e que sua tabaqueira era em tudo semelhante à de que se servia habitualmente, e que ficara em sua casa. O que significaria essa caixa de rapé, esse cachimbo, essas vestimentas e essas jóias? Teriam os objetos materiais terrenos uma representação etérea no mundo invisível? A matéria condensada que forma tais objetos teria uma parte quintessenciada, que escapa aos nossos sentidos? Eis aí um imenso problema, cuja solução pode dar a chave de uma multidão de coisas até então inexplicadas; e é essa tabaqueira que nos põe no caminho, não apenas desse fato, mas do fenômeno mais extraordinário do Espiritismo: o da pneumatografia ou escrita direta, de que falaremos logo em seguida.

Se alguns críticos ainda nos censuram pelo fato de estarmos avançando muito na teoria, responderemos que não vemos razão alguma para nos manter na retaguarda quando encontramos uma oportunidade para avançar. Se ainda estão se distraíndo com as mesas girantes, sem saber por que giram, não é motivo para nos determos no caminho. O Espiritismo, sem dúvida, é uma ciência de observação, mas talvez ainda seja mais uma ciência de raciocínio; e o raciocínio é o único meio de fazê-lo progredir e triunfar de certas resistências. Tal fato é contestado unicamente por que não é compreendido; *a explicação lhe tira todo o caráter*

maravilhoso, fazendo-o entrar nas leis gerais da Natureza. Eis por que vemos diariamente pessoas que nunca viram e creram, simplesmente porque compreenderam, enquanto outras viram e não crêem, porque não compreendem. Fazendo entrar o Espiritismo no caminho do raciocínio, nós o tornamos *aceitável* para aqueles que querem conhecer o porquê e o como de todas as coisas; e o número destes é grande neste século, pois a crença cega já não faz parte dos costumes. Ora, se não tivéssemos senão indicado a rota já teríamos a consciência de haver contribuído para o progresso desta nova ciência, objeto de nossos constantes estudos. Mas voltemos à nossa tabaqueira.

Todas as teorias que apresentamos, relativamente ao Espiritismo, foram dadas pelos Espíritos, muitas vezes contrariando as nossas próprias idéias, como aconteceu no caso presente, provando que as respostas não eram o reflexo de nosso pensamento. Mas a maneira de obter-se uma solução não é coisa de somenos importância. Sabemos, por experiência, que não basta pedir bruscamente uma coisa para a obtermos; nem sempre as respostas são suficientemente explícitas; é necessário desenvolver o assunto com certa precaução, chegar ao fim gradativamente e por um encadeamento de deduções, que exigem um trabalho prévio. Em princípio, a maneira de formular as perguntas, a ordem, o método e a clareza são coisas que não devem ser negligenciadas e que agradam aos Espíritos sérios, porque vêm nisso um sério objetivo.

Eis a conversa que tivemos com o Espírito São Luís, a propósito da tabaqueira, com vistas à solução do problema da produção de certos objetos no mundo invisível. (*Sociedade*, 24 de junho de 1859):

1. No relato da Sra. R..., trata-se de uma criança que viu, perto do leito de sua mãe, um homem a fumar um grande cachimbo. Compreende-se que esse Espírito possa ter tomado a

aparência de um homem que fumava, mas parece que fumava realmente, pois o menino via o quarto repleto de fumaça. O que era essa fumaça?

Resp. – Uma aparência, produzida para o garoto.

2. A Sra. R... cita igualmente um caso de aparição pessoal, do Espírito de uma pessoa viva. Esse Espírito tinha uma caixa de rapé, do qual tomava pitadas. Experimentava ele a sensação que experimenta um indivíduo que faz o mesmo?

Resp. – Não.

3. Aquela caixa de rapé tinha a forma da de que ele se servia habitualmente e que se achava guardada em sua casa. Que era a dita caixa nas mãos da aparição?

Resp. – Sempre aparência. Era para que a circunstância fosse notada, como realmente foi, e não tomassem a aparição por uma alucinação devida ao estado de saúde da vidente. O Espírito queria que a senhora em questão acreditasse na realidade da sua presença e, para isso, tomou todas as aparências da realidade.

4. Dizes que é uma aparência; mas uma aparência nada tem de real, é como uma ilusão de óptica. Desejaríamos saber se aquela tabaqueira era apenas uma imagem sem realidade, por exemplo, a de um objeto que se reflete num espelho.

[O Sr. Sanson, um dos membros da Sociedade, faz observar que na imagem reproduzida no espelho há qualquer coisa de real; se ela não fica nele é que nada a fixa; mas se fosse projetada sobre uma chapa do daguerreótipo deixaria uma impressão, prova evidente de que é produzida por uma substância qualquer e não simplesmente uma ilusão de óptica].

A observação do Sr. Sanson é perfeitamente justa. Teríeis a bondade de dizer-nos se existe alguma analogia com a caixa de rapé, isto é, se nela havia alguma coisa de material?

Resp. – Certamente. É com o auxílio deste princípio material que o perispírito toma a aparência de vestuários semelhantes aos que o Espírito usava quando encarnado.

Observação – É evidente que a palavra *aparência* deve ser aqui tomada no sentido de aspecto, imitação. A caixa de rapé real não estava lá; a que o Espírito deixava ver era apenas uma reprodução daquela: era, pois, com relação ao original, uma simples aparência, embora formada de um princípio material.

Ensina a experiência que nem sempre se deve dar significação literal a certas expressões usadas pelos Espíritos. Interpretando-as de acordo com as nossas idéias, expomo-nos a grandes equívocos. Daí a necessidade de aprofundar-se o sentido de suas palavras, toda vez que apresentem a menor ambigüidade. É essa uma observação que os Espíritos constantemente nos fazem. Sem a explicação que provocamos, o termo *aparência*, que de contínuo se reproduz nos casos análogos, poderia prestar-se a uma interpretação falsa.

5. Dar-se-á que a matéria inerte se desdobre? Ou que haja no mundo invisível uma matéria essencial, capaz de tomar a forma dos objetos que vemos? Numa palavra, terão estes o seu *duplo etéreo* no mundo invisível como os homens são nele representados pelos Espíritos?

Observação – Trata-se de uma teoria como qualquer outra e esse era o nosso pensamento; o Espírito, porém, não a levou em consideração, o que absolutamente não nos humilhou, porque a sua explicação nos pareceu muito lógica e sustentada num princípio mais geral, cuja aplicação muitas vezes encontramos.

Resp. – Não é assim que as coisas se passam. Sobre os elementos materiais disseminados por todos os pontos do espaço, na vossa atmosfera, têm os Espíritos um poder que estais longe de suspeitar. Podem, pois, concentrar à vontade esses elementos e dar-lhes a forma aparente que corresponda à dos objetos materiais.

6. Formulo novamente a questão, de modo categórico, a fim de evitar todo e qualquer equívoco: São alguma coisa as vestes de que os Espíritos se cobrem?

Resp. – Parece que a minha resposta precedente resolve a questão. Não sabes que o próprio perispírito é alguma coisa?

7. Resulta, desta explicação, que os Espíritos fazem passar a matéria etérea pelas transformações que queiram e que, portanto, em relação à caixa de rapé, o Espírito não a encontrou completamente feita; fê-la ele próprio, no momento em que teve necessidade dela. E, do mesmo modo que a fez, pôde desfazê-la. Outro tanto naturalmente se dá com todos os demais objetos, como vestuários, jóias, etc. Será assim?

Resp. – Mas, evidentemente.

8. A caixa de rapé se tornou tão visível para a senhora de que se trata que lhe produziu a ilusão de uma tabaqueira material. Teria o Espírito podido torná-la tangível para ela?

Resp. – Teria.

9. Aquela senhora poderia tê-la tomado nas mãos, crente de estar segurando uma caixa de rapé verdadeira?

Resp. – Sim.

10. Se a abrisse, teria achado nela rapé? E, se o aspirasse, ele a faria espirrar?

Resp. – Sem dúvida.

11. Pode, então, o Espírito dar a um objeto não só a forma, mas, também propriedades especiais?

Resp. – Se o quiser. Baseado neste princípio foi que respondi afirmativamente às perguntas anteriores. Tereis provas da poderosa ação que os Espíritos exercem sobre a matéria, ação que estais longe de suspeitar, como eu disse há pouco.

12. Suponhamos, então, que quisesse fazer uma substância venenosa. Se uma pessoa a ingerisse, ficaria envenenada?

Resp. – Teria podido, mas não faria, por não lhe ser isso permitido.

13. Poderá fazer uma substância salutar e própria para curar uma enfermidade? E já se terá apresentado algum caso destes?

Resp. – Já, muitas vezes.

Observação – Encontramos um fato semelhante, acompanhado de interessante explicação teórica, no artigo que damos a seguir, sob o título *Um Espírito serviçal*.

14. Então, poderia fazer também uma substância alimentar? Suponhamos que tenha feito uma fruta, uma iguaria qualquer: se alguém pudesse comer a fruta ou a iguaria, ficaria saciado?

Resp. – Ficaria, sim; mas, não procureis tanto para achar o que é tão fácil de compreender. Basta um raio de sol para tornar perceptíveis aos vossos órgãos grosseiros essas partículas materiais que enchem o espaço onde viveis. Não sabeis que o ar contém vapores d'água? Condensai-os e os fareis voltar ao estado normal. Privai-as de calor e eis que essas moléculas impalpáveis e invisíveis se tornarão um corpo sólido e bem sólido; e, assim, muitas outras substâncias de que os químicos tirarão maravilhas ainda mais espantosas. Simplesmente, o Espírito dispõe de instrumentos mais perfeitos do que os vossos: a vontade e a permissão de Deus.

Observação – A questão da saciedade é aqui muito importante. Como pode produzir a saciedade uma substância cuja existência e propriedades são meramente temporárias e, de certo modo, convencionais? O que se dá é que essa substância, pelo seu contato com o estômago, produz a sensação da saciedade, mas não a saciedade que resulta da plenitude. Desde que uma substância dessa natureza pode atuar sobre a economia e modificar um estado mórbido, também pode, perfeitamente, atuar sobre o estômago e produzir a impressão da saciedade. Rogamos, todavia, aos senhores farmacêuticos e inventores de reconstituintes que não se encham de zelos, nem creiam que os Espíritos lhes venham fazer

concorrência. Esses casos são raros, excepcionais e nunca dependem da vontade. Doutro modo, toda gente se alimentaria e curaria a preço baratíssimo.

15. Da mesma forma poderia o Espírito fabricar moedas?

Resp. – Pela mesma razão.

16. Os objetos que, pela vontade do Espírito, se tornam tangíveis, poderiam permanecer com esse caráter de permanência e de estabilidade?

Resp. – Isso poderia dar-se, mas não acontece. Está fora das leis.

17. Têm todos os Espíritos, no mesmo grau, esse poder?

Resp. – Não, não!

18. Quais são os que têm mais particularmente esse poder?

Resp. – Aqueles a quem Deus concede, quando isso é útil.

19. A elevação do Espírito tem alguma utilidade?

Resp. – Por certo; quanto mais elevado o Espírito, mais facilmente obtém esse poder; mas isso ainda depende das circunstâncias: Espíritos inferiores também podem ter esse poder.

20. A produção dos objetos semimateriais resulta sempre de um ato da vontade do Espírito, ou algumas vezes exerce ele esse poder, mau grado seu?

Resp. – Ele o exerce *frequentemente*, mesmo sem o saber.

21. Seria, então, esse poder um dos atributos, uma das faculdades inerentes à própria natureza do Espírito? Seria, de algum modo, uma de suas propriedades, como a de ver e ouvir?

Resp. – Certamente, embora muitas vezes ele próprio o ignore. Então, outro o exerce por ele, mau grado seu, quando as

circunstâncias o exigem. O alfaiate do zuavo era justamente o Espírito de que acabo de falar e ao qual ele fazia alusão na sua linguagem espirituosa.

Observação – Encontramos uma comparação desta faculdade na de certos animais – o peixe-elétrico, por exemplo – que emite eletricidade sem saber o que faz, nem como isso se dá e, menos ainda, sem conhecer o mecanismo que a põe em ação. Frequentemente nós mesmos não produzimos certos efeitos por atos espontâneos, dos quais não nos damos conta? – Parece-nos, portanto, muito natural que o Espírito possa agir nesta circunstância por uma espécie de instinto. Ele produz por sua vontade, sem saber como, assim como andamos sem calcular as forças que estão em jogo.

22. Nos dois casos citados pela Sra. R..., compreendemos que um dos Espíritos quisesse ter um cachimbo e o outro uma caixa de rapé, para ferir os olhos de uma pessoa viva. Pergunto, porém, se o Espírito poderia pensar que possuía esses objetos, caso não tivesse chegado a fazê-la ver, criando, assim, uma ilusão para si mesmo.

Resp. – Não, se ele tiver uma certa superioridade, porque tem perfeita consciência de sua condição. Outro tanto não se dá com os Espíritos inferiores.

Observação – Tal era, por exemplo, o caso da rainha de Oude, cuja evocação está relatada em nosso número de março de 1858 e que ainda se julgava coberta de diamantes.

23. É possível que dois Espíritos se reconheçam pela aparência material que possuíam em vida?

Resp. – Não é por esse meio que eles se reconhecem, porque não tomarão essa aparência um para o outro. Entretanto, se em certas circunstâncias se acharem em presença um do outro, revestidos dessa aparência, por que não se haveriam de reconhecer?

24. Como podem os Espíritos reconhecer-se em meio a uma multidão de outros Espíritos, e, sobretudo, como podem fazê-lo quando um deles vai procurar longe, e freqüentemente em outros mundos, aqueles que o chamam?

Resp. – Isto é um problema cuja solução demandaria muito tempo; é preciso esperar. Não estais suficientemente adiantados. Contentai-vos, no momento, com a certeza de que assim o é, pois tendes provas suficientes.

25. Desde que o Espírito pode extrair do elemento universal os materiais para fazer todas as coisas, e com suas propriedades dar a elas uma realidade temporária, pode perfeitamente extrair o que lhe seja necessário para escrever. Conseqüentemente, isto nos dará a chave do fenômeno da escrita direta?

Resp. – Finalmente compreendestes.

26. Se a matéria de que se serve o Espírito não tem persistência, como não desaparecem os traços da escrita direta?

Resp. – Não julgueis ao pé da letra; desde o início eu não disse: jamais; tratava-se de um objeto material volumoso; aqui são sinais grafados que convém conservar e são conservados.

A teoria acima pode ser resumida desta maneira: o Espírito atua sobre a matéria; da matéria cósmica universal tira os elementos necessários para formar, a seu bel-prazer, objetos que tenham a aparência dos diversos corpos existentes na Terra. Pode igualmente, pela ação da sua vontade, operar na matéria elementar uma transformação íntima, que lhe confira determinadas propriedades. Esta faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce de modo instintivo, quando necessário, sem disso se aperceber. Os objetos que o Espírito forma têm existência temporária, subordinada à sua vontade, ou a uma necessidade que ele experimenta. Pode fazê-los e desfazê-los livremente. Em certos casos, esses objetos, aos olhos de pessoas vivas, podem apresentar

todas as aparências da realidade, isto é, tornarem-se momentaneamente visíveis e até mesmo tangíveis. Há formação; porém, não criação, considerando que, do nada, o Espírito nada pode tirar.¹⁹

Pneumatografia ou Escrita Direta

A *pneumatografia* é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem intermediário algum; difere da *psicografia*, por ser esta a transmissão do pensamento do Espírito, mediante a escrita feita com a mão do médium. Demos essas duas palavras no *Vocabulário Espírita*, posto no início de nossa *Instrução Prática*, com a indicação de sua diferença etimológica. *Psicografia*, do grego *psyké*, borboleta, alma; e *graphus*, eu escrevo; *Pneumatografia*, de *pneuma*, ar, sopro, vento, Espírito. No médium escrevente a mão é um instrumento, mas a sua *alma*, ou Espírito encarnado, é o intermediário, o agente ou o intérprete do Espírito estranho que se comunica; na *Pneumatografia*, é o próprio Espírito estranho que escreve diretamente, sem intermediário.

O fenômeno da escrita direta é, inegavelmente, um dos mais extraordinários do Espiritismo. Por anormal que pareça à primeira vista, é hoje um fato verificado e incontestável. Se dele ainda não falamos, é que esperávamos poder dar-lhe a explicação e já ter procedido às observações necessárias, a fim de tratar a questão com conhecimento de causa. A teoria, sempre necessária para nos inteirarmos da possibilidade dos fenômenos espíritas em geral, talvez ainda se faça mais necessária neste caso que, sem contestação, é um dos mais estranhos que se possam apresentar, deixando, porém, de parecer sobrenatural, desde que se lhe compreenda o princípio.

Da primeira vez que este fenômeno se produziu, a dúvida foi o sentimento dominante que deixou. Logo acudiu aos

19 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns* – Segunda Parte – Capítulo VIII.

que o presenciaram a idéia de um embuste. Toda gente, com efeito, conhece a ação das tintas chamadas simpáticas, cujos traços, a princípio completamente invisíveis, aparecem ao cabo de algum tempo. Podia, pois, dar-se que tivessem, por esse meio, abusado da credulidade dos assistentes, e longe nos achamos de afirmar que nunca o tenham feito. Estamos até convencidos de que algumas pessoas, não com propósito mercenário, mas unicamente por amor-próprio e para fazer acreditar nas suas faculdades, hão empregado subterfúgios.

Na terceira das cartas escritas de Montaigne, J.-J. Rousseau refere o seguinte fato: “Em 1743 vi em Veneza uma nova espécie de sortilégio, mais estranho que os de Préneste; quem o quisesse consultar entrava numa câmara, ali permanecendo sozinho, caso o desejasse. De um livro de folhas brancas tirava uma de sua escolha; depois, segurando essa folha, pedia mentalmente, e não em voz alta, aquilo que desejava saber; em seguida, dobrava a folha branca, depositava-a num envelope, lacrava-o e o colocava, assim fechado, dentro de um livro. Finalmente e sem perder o livro de vista, depois de haver recitado algumas fórmulas muito extravagantes, verificava se o selo não tinha sido violado, abria o envelope, retirava o papel e encontrava escrita a resposta. O mágico que fazia estas sortes era o primeiro secretário da Embaixada da França e se chamava J.-J. Rousseau.”

Duvidamos que Rousseau tenha conhecido a escrita direta, pois, do contrário, teria sabido outras coisas relativas às manifestações espíritas e não teria tratado do assunto com tanta leviandade. Como ele próprio reconheceu quando o interrogamos sobre este fato, é provável que utilizasse um processo que aprendera de um charlatão italiano.

Entretanto, do fato de se poder imitar uma coisa, fora absurdo concluir-se pela sua inexistência. Nestes últimos tempos, não se há encontrado meio de imitar a lucidez sonambúlica, a

ponto de causar ilusão? Mas, porque esse processo de saltimbanco se tenha exibido em todas as feiras, dever-se-á concluir que não haja verdadeiros sonâmbulos? Porque certos comerciantes vendem vinho falsificado, será uma razão para que não haja vinho puro? O mesmo sucede com a escrita direta. Bem simples e fáceis eram, aliás, as precauções a serem tomadas para garantir a realidade do fato e, graças a essas precauções, hoje ele já não pode constituir objeto da mais ligeira dúvida.

Considerando-se que a possibilidade de escrever sem intermediário representa um dos atributos do Espírito; uma vez que os Espíritos sempre existiram desde todos os tempos e que desde todos os tempos se têm produzido os diversos fenômenos que conhecemos, o da escrita direta igualmente se há de ter operado na Antigüidade, tanto quanto nos dias atuais. Deste modo é que se pode explicar o aparecimento das três palavras célebres, na sala do festim de Baltazar. A Idade Média, tão fecunda em prodígios ocultos, mas que eram abafados por meio das fogueiras, também deve ter conhecido a escrita direta; igualmente é possível que, na teoria das modificações por que podem os Espíritos fazer passar a matéria, teoria que desenvolvemos em nosso artigo anterior, se encontre o fundamento da crença na transmutação dos metais. É um ponto que abordaremos qualquer dia.

Um de nossos assinantes ultimamente nos dizia que um de seus tios, cônego, que durante muitos anos havia sido missionário no Paraguai, obtinha, por volta do ano 1800, a escrita direta, juntamente com seu amigo, o célebre abade Faria. Seu processo, que nosso assinante jamais chegou a conhecer bem, e que de alguma sorte surpreendera casualmente, consistia numa série de anéis pendurados, aos quais eram adaptados lápis, dispostos em posição vertical, cujas pontas apoiavam-se no papel. Esse processo refletia a infância da arte; depois progredimos.

Todavia, quaisquer que tenham sido os resultados obtidos em diversas épocas, só depois de vulgarizadas as

manifestações espíritas foi que se tomou a sério a questão da escrita direta. Ao que parece, o primeiro a torná-la conhecida, estes últimos anos, em Paris, foi o barão de Guldenstubbé, que publicou sobre o assunto uma obra muito interessante, com grande número de *fac-símiles* das escritas que obteve²⁰. O fenômeno já era conhecido na América, havia algum tempo. A posição social do Sr. Guldenstubbé, sua independência, a consideração de que goza nas mais elevadas rodas incontestavelmente afastam toda suspeita de fraude intencional, porquanto não havia nenhum motivo de interesse a que ele obedecesse. Quando muito, o que se poderia supor, é que fora vítima de uma ilusão; a isto, porém, um fato responde peremptoriamente: o de haverem outras pessoas obtido o mesmo fenômeno, cercadas de todas as precauções necessárias para evitar qualquer embuste e qualquer causa de erro.

A escrita direta é obtida, como em geral a maior parte das manifestações espíritas *não espontâneas*, por meio da concentração, da prece e da evocação. Tem-se produzido em igrejas, sobre túmulos, no pedestal de estátuas, ou imagens de personagens evocadas. Evidentemente, o local não exerce nenhuma outra influência, além da de facultar maior recolhimento espiritual e maior concentração dos pensamentos, porquanto provado está que o fenômeno se obtém, igualmente, sem esses acessórios e nos lugares mais comuns, sobre um simples móvel caseiro, desde que os que desejam obtê-lo se achem nas devidas condições morais e, entre esses, se encontre quem possua a necessária faculdade mediúnica.

Julgou-se, a princípio, ser preciso colocar aqui ou ali um lápis com o papel. O fato então podia, até certo ponto, explicar-se. É sabido que os Espíritos produzem o movimento e a deslocação dos objetos; que, algumas vezes, os tomam e atiram longe. Bem

20 *La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe*, pelo barão de Guldenstubbé, 1 vol. in-8^o, com 15 estampas e 93 fac-símiles. Preço 8 fr. Casa Frank, rua Richelieu. Encontra-se também nas Casas Dentu e Ledoyen.

podiam, pois, tomar também do lápis e servir-se dele para traçar letras. Visto que o impulsionam, utilizando-se da mão do médium, de uma prancheta, etc., podiam, do mesmo modo, impulsioná-lo diretamente. Não tardou, porém, se reconhecesse que o lápis era dispensável, que bastava um pedaço de papel, dobrado ou não, para que, ao cabo de alguns minutos, se achassem nele grafadas as letras. Aqui, o fenômeno já muda completamente de aspecto e nos transporta a uma ordem inteiramente nova de coisas. As letras hão de ter sido traçadas com uma substância qualquer. Ora, sendo certo que ninguém forneceu ao Espírito essa substância, segue-se que ele próprio a compôs. Donde a tirou? Esse o problema.

O general russo, conde de B... mostrou-nos uma estrofe de dez versos alemães obtida dessa maneira por intermédio da irmã do barão de Guldenstubbé, simplesmente colocando uma folha de papel, *arrancada de sua própria caderneta*, debaixo do pedestal do relógio da chaminé. Tendo-a retirado ao cabo de alguns minutos, nela encontrou versos em caracteres tipográficos alemães muito finos e de perfeita pureza. Através de um médium psicógrafo o Espírito lhe disse que queimasse esse papel; como hesitasse, lamentando sacrificar um espécimen tão precioso, o Espírito acrescentou: “Nada temais; dar-te-ei um outro”. Com essa garantia, lançou o papel ao fogo, depois colocou uma segunda folha, igualmente tirada de sua carteira, sobre a qual os versos se achavam reproduzidos, exatamente da mesma maneira. Foi essa segunda edição que vimos e examinamos com o maior cuidado e, coisa bizarra, os caracteres apresentavam um relevo como se tivessem saído do prelo. Não é, pois, apenas o lápis que os Espíritos podem fazer, mas a tinta e os caracteres de imprensa.

Um dos nossos honrados colegas da Sociedade, o Sr. Didier obteve há alguns dias os resultados seguintes, que tivemos oportunidade de constatar, e cuja perfeita identidade podemos garantir. Tendo ido à igreja de Nossa Senhora das Vitórias, com a Sra. Huet, que há pouco obteve sucesso em experiências desse

gênero, tomou uma folha de papel de carta com o timbre de sua casa comercial, dobrou-a em quatro e a colocou sobre os degraus de um altar, rogando, em nome de Deus, que um Espírito bom se dignasse escrever alguma coisa. Ao cabo de dez minutos de recolhimento encontrou no interior e numa das partes dobradas da folha a palavra *fé* e num dos outros campos a palavra *Deus*. A seguir, tendo pedido ao Espírito que dissesse quem havia escrito aquilo, recolocou o papel no mesmo lugar e, após dez minutos, encontrou estas palavras: *por Fénelon*.

Oito dias mais tarde, a 12 de julho, quis repetir a experiência e dirigiu-se ao Louvre, à sala Coyzevox, situada sob o pavilhão do relógio. Sobre a base do busto de Bossuet pôs uma folha de papel, dobrada como a primeira, mas nada obteve. Um menino de cinco anos o acompanhava e seu boné foi deixado no pedestal da estátua de Luís XIV, que se encontrava a alguns passos da primeira. Julgando que a experiência houvesse falhado, já se dispunha a sair quando, ao pegar o boné, percebeu embaixo deste, como se fora escrito a lápis sobre o mármore, a expressão *amai a Deus*, seguida da letra B. O primeiro pensamento que veio à mente dos assistentes foi o de que tais palavras poderiam ter sido escritas anteriormente por mãos estranhas, que não foram percebidas. Entretanto, quiseram tentar a prova novamente, recolocando a folha dobrada em cima dessas palavras, cobrindo-as com o boné. Decorridos alguns minutos perceberam que a folha continha três letras: *a i m*. Repuseram o papel e pediram fossem os escritos completados e obtiveram: *Amai a Deus*, isto é, aquilo que fora escrito no mármore, menos o B. Ficava assim evidente que as primeiras letras traçadas resultavam de escrita direta. Ressaltava, ainda, esse fato curioso: as letras foram grafadas sucessivamente e não de uma vez; quando da primeira inspeção, não houvera tempo de concluir as palavras. Saindo do Louvre, o Sr. D... dirigiu-se à igreja de Saint-Germain l'Auxerrois onde obteve, pelo mesmo processo, as palavras: *Sede humildes. Fénelon*, escritas de maneira muito clara e muito legível. Estas palavras ainda podem ser vistas no mármore da estátua a que nos referimos.

A substância de que são feitos esses caracteres tem toda a aparência da grafita do lápis e é facilmente apagada com a borracha. Examinamo-la ao microscópio e constatamos que não é incorporada ao papel, mas simplesmente depositada na superfície, de maneira irregular, sobre as suas asperezas, formando arborescências muito semelhantes às de certas cristalizações. A parte apagada pela borracha deixa à mostra as camadas de matéria negra introduzida nas pequenas cavidades das rugosidades do papel. Destacadas e retiradas com cuidado, essas camadas são a própria matéria que se produz durante a operação. Lamentamos que a pequena quantidade recolhida não nos tenha permitido fazer a sua análise química; mas não perdemos a esperança de o conseguir um dia.

Quem quiser reportar-se às explicações que foram dadas em nosso artigo anterior encontrará completa a teoria do fenômeno. Para escrever dessa maneira, o Espírito não se serve das nossas substâncias, nem dos nossos instrumentos. Ele próprio fabrica a matéria e os instrumentos de que há mister, tirando, para isso, os materiais preciosos, do elemento primitivo universal que, pela ação da sua vontade, sofre as modificações necessárias à produção do efeito desejado. Possível lhe é, portanto, fabricar tanto o lápis vermelho, a tinta de imprimir, a tinta comum, como o lápis preto, ou, até, caracteres tipográficos bastante resistentes para darem relevo à escrita.

Tal o resultado a que nos conduziu o fenômeno da tabaqueira, descrito em nosso número anterior, e sobre o qual nos estendemos longamente, porque nele percebemos oportunidade para perscrutarmos uma das importantes leis do Espiritismo, lei cujo conhecimento pode esclarecer mais de um mistério, mesmo do mundo visível. Assim é que, de um fato aparentemente vulgar, pode sair a luz. Tudo está em observar com cuidado e isso todos podem fazer como nós, desde que se não limitem a observar efeitos, sem lhes procurarem as causas. Se a nossa fé se fortalece de

dia para dia, é porque compreendemos. Tratai, pois, de compreender, se quiserdes fazer prosélitos sérios. Ainda outro resultado decorre da compreensão das causas: o de deixar riscada uma linha divisória entre a verdade e a superstição.

Considerando a escrita direta do ponto de vista das vantagens que possa oferecer, diremos que, até o presente, sua principal utilidade há consistido na comprovação material de um fato sério: a intervenção de um poder oculto que, nesse fenômeno, tem mais um meio de se manifestar. Todavia, raramente são extensas as comunicações que por essa forma se obtêm. Em geral espontâneas, elas se reduzem a algumas palavras ou proposições e, às vezes, a sinais ininteligíveis. Têm sido dadas em todas as línguas: em grego, em latim, em sírio, em caracteres hieroglíficos, etc., mas ainda se não prestaram às dissertações seguidas e rápidas, como permite a psicografia ou a escrita pela mão do médium²¹.

Um Espírito Serviçal

Extraímos as passagens seguintes da carta de um dos nossos correspondentes de Bordeaux:

“Eis aqui, meu caro senhor Allan Kardec, um novo relato de fatos extraordinários que submeto à vossa apreciação, rogando tenhais a bondade de interrogar o Espírito que os produziu.

“Uma jovem mulher, que chamaremos senhora Mally, é a pessoa por intermédio da qual se deram as manifestações que constituem o assunto desta carta. Ela reside em Bordeaux e tem três filhos.

“Desde tenra idade, com cerca de nove anos, tem tido visões. Certa noite, ao voltar a casa com a família, viu no canto da

21 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns* – Segunda Parte – capítulo XII.

escada a forma muito distinta de uma tia, falecida há quatro ou cinco anos. Soltando uma exclamação, disse: Ah! Minha tia! e a aparição desapareceu. Dois anos depois, ouviu uma voz que a chamava, nela julgando reconhecer a da tia morta. O chamado era tão forte que não pôde deixar de dizer: ‘Entrai, minha tia!’ Como a porta não se abrisse, ela mesma foi abri-la; não vendo ninguém, desceu à procura de sua mãe para se informar se alguém tinha subido.

“Alguns anos depois encontramos essa senhora sob o domínio de um guia ou Espírito familiar, que parece encarregado de velar sobre sua pessoa e sobre seus filhos, e que presta uma porção de pequenos serviços em casa, entre outros o de despertar os doentes à hora marcada para tomar o chá ou aqueles que desejam partir; por certas manifestações ele revela o seu estado moral. Este Espírito tem um caráter pouco sério; entretanto, ao lado de sinais de leviandade, tem dado provas de sensibilidade e afeição. Geralmente a Sra. Mally o vê sob a forma de uma centelha ou de uma grande claridade, embora se manifeste a seus filhos sob a forma humana. Uma sonâmbula pretendia ter-lhe dado esse guia, sobre o qual parecia exercer certa influência. Quando a Sra. Mally ficava algum tempo sem se preocupar com seu guia, este cuidava de se fazer lembrado por algumas visões mais ou menos desagradáveis. Uma vez, por exemplo, quando ela descia sem luz, percebeu no patamar um cadáver envolvido num sudário luminoso. Essa senhora tem uma grande força de caráter, como veremos mais tarde; entretanto, não se pôde forrar a essa impressão assaz penosa e, fechando firmemente a porta do quarto, foi refugiar-se junto à mãe. De outras vezes sentia que lhe puxavam o vestido ou experimentava roçaduras, como se alguém ou algum animal se lhe encostasse levemente. Essas traquinagens cessavam logo que ela dirigia um pensamento ao seu guia e, por sua vez, a sonâmbula admoestava a este último e o proibia de atormentá-la.

“Em 1856, a terceira filha da senhora Mally, de quatro anos de idade, adoeceu no mês de agosto. A criança estava

continuamente mergulhada num estado de sonolência, interrompido por crises e convulsões. Durante oito dias eu mesmo a vi, parecendo sair do seu abatimento, adquirir uma expressão sorridente e feliz, de olhos semicerrados, sem olhar para as pessoas que a cercavam, estender a mão por meio de um gesto gracioso, como para receber alguma coisa, levá-la à boca e comer; depois agradecer com um sorriso encantador. Durante esses oito dias a criança foi sustentada por esse alimento invisível e seu corpo readquiriu a aparência do frescor habitual. Quando pôde falar, parecia haver saído de um sono prolongado e contava visões maravilhosas.

“Durante a convalescença da menina, por volta do dia 25 de agosto, ocorreu, nessa mesma casa, a aparição de um *agênere*. Cerca de dez e meia da noite a Sra. Mally, segurando a pequena pela mão, descia uma escada de serviço quando percebeu um indivíduo que subia. A escada estava perfeitamente iluminada pela luz da cozinha, de modo que ela pôde distinguir muito bem o indivíduo, cuja aparência era a de uma pessoa de constituição vigorosa. Chegados ao patamar ao mesmo tempo, encontraram-se face a face; tratava-se de um rapaz de aspecto agradável, bem vestido, com um boné à cabeça e segurando na mão um objeto que ela não foi capaz de distinguir. Surpreendida com esse encontro inesperado àquela hora e numa escada quase escondida, a Sra. Mally o encarou sem dizer uma palavra e sem perguntar o que ele queria. Por sua vez o desconhecido a observou em silêncio por alguns instantes, depois deu meia volta e desceu a escada, esfregando no corrimão o objeto que tinha na mão e que produzia um ruído semelhante ao de uma varinha. Assim que desapareceu a Sra. Mally precipitou-se para a sala onde eu me encontrava nesse momento e gritou que havia um ladrão na casa. Pusemo-nos a procurá-lo, auxiliados por meu cachorro; todos os recantos foram examinados; asseguramo-nos de que a porta da rua estava fechada, de modo que ninguém poderia ter entrado; aliás, se o fizessem, não conseguiriam fechá-la sem provocar ruído. Finalmente, era pouco provável que um malfeitor

utilizasse uma escada iluminada e a uma tal hora, onde se expunha a topar com as pessoas da casa a qualquer momento. Por outro lado, como poderia um estranho ter sido encontrado na escada que não serve ao público? Em todo caso, se se tivesse enganado, teria dirigido a palavra à Sra. Mally, ao passo que voltou-lhe as costas e se foi tranqüilamente, como alguém que não tem pressa nem se atrapalha no caminho. Todas essas circunstâncias não nos deixaram a menor dúvida quanto à natureza desse indivíduo.

“Esse Espírito manifesta-se freqüentemente por meio de ruídos que se assemelham aos do tambor, a golpes violentos no fogão, a batidas de pés nas portas, que então se abrem sozinhas e, por fim, a ruídos parecidos com os de calhaus que fossem atirados às vidraças. Certo dia a Sra. Mally estava à porta da cozinha quando viu um móvel à sua frente abrir-se e fechar-se várias vezes por mão invisível; em outras ocasiões, estando ocupada a acender o fogo, sentiu que lhe puxavam o vestido ou ainda, ao subir a escada, que lhe agarravam o calcanhar. Por várias vezes ele escondeu as tesouras e outros objetos de trabalho que pertenciam a ela, os quais eram depositados em seu colo depois de já os haver procurado bastante. Um domingo a Sra. Mally ocupava-se em temperar um pernil com dentes de alho quando, de repente, sentiu que lhos tiravam dos dedos; julgando havê-los deixado cair, procurou-os inutilmente; então, retomando o pernil, encontrou o alho picado num buraco triangular, cuja pele havia sido retirada, como a revelar que mão estranha ali o havia colocado intencionalmente.

“Estando a filha mais velha da Sra. Mally, de quatro anos de idade, a passear com a mãe, esta percebeu que aquela se entretinha com um ser invisível que parecia pedir-lhe bombons. A pequena fechava a mão e dizia sempre:

– Estes são meus; compra-os, se quiseres.

Espantada, a mãe perguntou-lhe com quem falava.

– É com esse garoto que deseja que eu lhe dê os meus bombons, respondeu a menina.

– Que menino é esse? perguntou a mãe.

– Este que está aqui, ao meu lado.

– Mas não vejo ninguém.

– Ah! Ele saiu. Veste-se de branco e está todo encrespado.

“De outra vez, a pequena doente de quem já falei acima divertia-se em fazer passarinhos de papel. Mamãe, mamãe! – disse ela – não permitas que esse menino tome meu papel.

– Quem é? – perguntou a mãe.

– Sim, este menino tomou meu papel. E a criança pôs-se a chorar.

– Mas onde está ele?

– Ei-lo saindo pela janela. Era um menino muito danado.

“Esta mesma menina um dia saltava na ponta dos pés até perder o fôlego, malgrado a proibição da mãe, que temia lhe fizesse mal. De repente parou e exclamou: ‘Ah! O guia da mamãe!’ Perguntaram-lhe o que isso significava e ela disse que vira um braço detê-la quando pulava, forçando-a a manter-se quieta. Acrescentou que não tinha medo e que imediatamente pensou no guia de sua mãe. Os fatos dessa natureza repetem-se freqüentemente e se tornaram familiares às crianças, que não experimentam nenhum medo, pois o pensamento do guia de sua mãe lhes vem espontaneamente.

“A intervenção desse guia manifestou-se em circunstâncias mais sérias. A Sra. Mally tinha alugado uma casa ajardinada na comuna de Caudéran. A casa era isolada e rodeada de vastas campinas. Ela morava com as três crianças e uma preceptora. A comuna era então infestada de bandidos, que depredavam a vizinhança e naturalmente cobiçavam uma casa que sabiam habitada por duas senhoras que viviam sozinhas; assim, vinham pilhar todas as noites, tentando forçar as portas e janelas. Durante três anos a Sra. Mally morou nessa casa, em constantes sobressaltos; mas todas as noites ela se recomendava a Deus e, após a prece, seu guia se manifestava sob a forma de uma centelha. Por várias vezes durante a noite, quando os ladrões tentavam arrombar a porta, uma súbita claridade iluminava o quarto e ela ouvia uma voz a dizer-lhe: ‘Nada temas; eles não entrarão.’ Com efeito, jamais conseguiram penetrar na casa. No entanto, por excessiva precaução, ela se munia de armas de fogo. Certa noite, percebendo que rondavam a casa, deu dois tiros de revólver que atingiram um deles, pois ouviu gemidos, mas no dia seguinte haviam desaparecido. Esse fato foi relatado nos seguintes termos por um jornal de Bordeaux:

“Informaram-nos de um fato que demonstra certa coragem por parte de uma jovem que reside na comuna de Caudéran:

“Uma senhora que ocupa uma casa isolada nessa comuna tem em sua companhia uma moça encarregada da educação das crianças. Numa das noites precedentes, essa senhora tinha sido vítima de uma tentativa de roubo. No dia seguinte decidiram melhor prevenir-se e, se necessário, vigiariam durante a noite.

“Fizeram o que haviam combinado. Assim, quando os ladrões se apresentaram para concluir a tarefa da véspera, encontraram quem os recebesse. Apenas tiveram o cuidado de não

conversar com os moradores da casa sitiada. A moça a quem temos aludido desconfiou da presença deles, abriu a porta e deu um tiro de revólver, que deve ter atingido um dos larápios, porquanto no dia seguinte encontraram traços de sangue no jardim.

“Até o momento não foi possível encontrar os autores dessa segunda tentativa.

“Falarei apenas de memória de outras manifestações ocorridas nessa mesma casa de Caudéran, enquanto ali permaneceram aquelas senhoras. Muitas vezes, durante a noite, ouviam-se ruídos estranhos, semelhantes ao de bolas rolando no assoalho ou de lenha atirada ao chão. Na manhã seguinte, entretanto, tudo era encontrado em perfeita ordem.

“Dignai-vos, senhor, caso julgueis conveniente, de evocar o guia da Sra. Mally e interrogá-lo a respeito das manifestações de que acabo de vos notificar. Principalmente perguntai-lhe se a sonâmbula, que pretende ter dado esse guia, tem o poder de o retomar, e se ele se retiraria, caso a sonâmbula viesse a falecer.”

O Guia da Senhora Mally

(Sociedade, 8 de julho de 1859)

1. Evocação do guia da Sra. Mally.

Resp. – Aqui estou; isso é fácil para mim.

2. Sob que nome gostaríeis de ser designado?

Resp. – Como quiserdes; por aquele sob o qual já me conheceis.

3. Qual o motivo que vos fez ligar-se à Sra. Mally e a seus filhos?

Resp. – Antigas relações, inicialmente, e uma amizade e uma simpatia que Deus protege sempre.

4. Disseram que foi a sonâmbula, Sra. Dupuy, quem vos encaminhou à Sra. Mally; é verdade?

Resp. – Foi a primeira quem disse que eu me havia juntado à segunda.

5. Dependes dessa sonâmbula?

Resp. – Não.

6. Poderiam elas afastar-vos daquela senhora?

Resp. – Não.

7. Se essa sonâmbula viesse a morrer, sofreríeis uma influência qualquer?

Resp. – Nenhuma.

8. Vosso corpo morreu há muito tempo?

Resp. – Sim, há vários anos.

9. O que éreis em vida?

Resp. – Uma criança morta aos oito anos.

10. Como Espírito, sois feliz ou infeliz?

Resp. – Feliz; não tenho nenhuma preocupação pessoal, não sofro senão pelos outros. É verdade que sofro muito por eles.

11. Fostes vós que aparecestes na escada à Sra. Mally, sob a forma de um rapaz que ela tomou por um ladrão?

Resp. – Não; era um companheiro.

12. E numa outra vez, sob a forma de um cadáver? Isso poderia impressioná-la desfavoravelmente. Foi um passo mal dado que demonstra ausência de benevolência.

Resp. – Longe disso em muitos casos; mas neste era para dar à Sra. Mally pensamentos mais corajosos. O que tem um cadáver de apavorante?

13. Tendes, pois, o poder de vos tornar visível à vontade?

Resp. – Sim, mas eu disse que não havia sido eu.

14. Sois igualmente estranho às demais manifestações materiais produzidas na casa dela?

Resp. – Perdão! Isto sim; foi o que eu me impus junto a ela, como trabalho material; mas realizo outro trabalho muito mais útil e muito mais sério para ela.

15. Poderíeis tornar-vos visível a todo o mundo?

Resp. – Sim.

16. Poderíeis tornar-vos visível a um de nós?

Resp. – Sim; pedi a Deus que isso possa acontecer; eu o posso, mas não ousa fazê-lo.

17. Se não quiserdes tornar-vos visível, poderíeis dar-nos ao menos uma manifestação, por exemplo, trazer qualquer coisa para cima desta mesa?

Resp. – Certamente, mas para que serviria? Para ela é assim que testemunho a minha presença, mas para vós é inútil, pois estamos conversando.

18. O obstáculo não estaria na ausência de um médium, necessário para produzir essas manifestações?

Resp. – Não, isso seria um obstáculo insignificante. Frequentemente não vedes aparições súbitas a pessoas que absolutamente não têm mediunidade ostensiva?

19. Todo o mundo, então, é apto a ver manifestações espontâneas?

Resp. – Visto que todos os homens são médiuns, sim.

20. Entretanto, não encontra o Espírito, no organismo de certas pessoas, uma facilidade maior para comunicar-se?

Resp. – Sim, mas eu vos disse, e deveríeis sabê-lo, que os Espíritos têm o poder por si mesmos; o médium nada é. Não tendes a escrita direta? Para isso é necessário médium? Não, mas apenas a fé e um ardente desejo. Muitas vezes isso ainda se produz à revelia dos homens, isto é, sem fé e sem desejo.

21. Pensais que as manifestações, tais como a escrita direta, por exemplo, tornar-se-ão mais comuns do que o são hoje em dia?

Resp. – Certamente; como compreendeis, então, a divulgação do Espiritismo?

22. Podeis explicar-nos o que recebia e comia a menina da Sra. Mally, quando estava doente?

Resp. – *Maná*; uma substância formada por nós, que encerra o princípio contido no maná ordinário e a doçura do confeito.

23. Essa substância é formada da mesma maneira que as roupas e outros objetos que os Espíritos produzem por sua vontade e pela ação que exercem sobre a matéria?

Resp. – Sim, mas os elementos são muito diferentes; as porções que formam o maná não são as mesmas que eu consegui para formar madeira ou roupa.

24. [A São Luís] – O elemento tomado pelo Espírito para formar seu maná é diferente do que ele toma para formar outra coisa? Sempre nos disseram que não existe senão um elemento primitivo universal, do qual os diferentes corpos são simples modificações.

Resp. – Sim. Isto é, o mesmo elemento primitivo está no espaço, sob uma forma aqui, sob uma outra ali; é o que ele quer dizer. Seu maná é extraído de uma parte desse elemento, que supõe diferente, mas que é sempre o mesmo.

25. A ação magnética pela qual se dá a uma substância – a água, por exemplo – propriedades especiais, tem relação com a do Espírito que cria uma substância?

Resp. – O magnetizador não desdobra de forma absoluta senão a sua vontade; é um Espírito que o auxilia, que se encarrega de obter e de preparar o remédio.

26. [Ao Guia] – Há tempos referimos fatos curiosos de manifestações de um Espírito por nós designado pelo nome de louquinho de Bayonne. Conheceis esse Espírito?

Resp. – Não particularmente; mas acompanhei o que fizestes com ele e foi somente desse modo que o conheci primeiramente.

27. É um Espírito de ordem inferior?

Resp. – Inferior quer dizer mau? Não; quer dizer apenas que não é inteiramente bom, que é pouco adiantado? Sim.

28. Agradecemos por haverdes comparecido e pelas explicações que nos destes.

Resp. – Às vossas ordens.

Observação – Esta comunicação nos oferece um complemento àquilo que dissemos nos dois artigos precedentes sobre a formação de certos corpos pelos Espíritos. A substância dada à criança durante a sua enfermidade evidentemente era preparada por eles e tinha como objetivo restaurar-lhe a saúde. De onde tiraram os seus princípios? Do elemento universal, transformado para o uso desejado. O fenômeno tão estranho das propriedades transmitidas pela ação magnética, problema até aqui inexplicado, e sobre o qual tanto se divertiram os incrédulos, está agora resolvido. Realmente, sabemos que não são apenas os Espíritos dos mortos que atuam, mas que os dos vivos igualmente têm a sua cota de ação no mundo invisível: o homem da tabaqueira dá-nos a prova disso. Que há, pois, de admirável em que a vontade

de uma pessoa, agindo para o bem, possa operar uma transformação da matéria primitiva e imprimir-lhe determinada propriedade? Em nossa opinião, aí se encontra a chave de muitos efeitos supostamente sobrenaturais, dos quais teremos oportunidade de falar. É assim que chegamos, pela observação, a perceber as coisas que fazem parte da realidade e do maravilhoso. Mas quem garante que essa teoria seja verdadeira? E aí, como ficamos? Pelo menos ela tem o mérito de ser racional e concordar perfeitamente com os fatos observados. Se algum cérebro humano achar outra mais lógica do que esta, fornecida pelos Espíritos, que sejam comparadas. Um dia talvez reconheçam que abrimos o caminho ao estudo racional do Espiritismo.

“Eu bem que gostaria – dizia-nos certo dia uma pessoa – de ter às minhas ordens um Espírito serviçal, mesmo que tivesse de suportar algumas traquinadas de sua parte.” É uma satisfação que muitas vezes desfrutamos sem perceber, porquanto nem todos os Espíritos que nos assistem se manifestam de maneira ostensiva. Nem por isso deixam de estar ao nosso lado e, por ser oculta, sua influência não é menos real.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

VOLTAIRE E FREDERICO

Diálogo obtido através de dois médiuns que serviram de intérpretes a cada um desses dois Espíritos, em sessão da Sociedade – 18 de março de 1859.

Questões prévias dirigidas a Voltaire

1. Em que situação vos encontrais como Espírito?

Resp. – Errante, mas arrependido.

2. Quais são as vossas ocupações como Espírito?

Resp. – Rasgo o véu do erro que em vida imaginava ser a luz da verdade.

3. Que pensais de vossos escritos em geral?

Resp. – Meu Espírito estava dominado pelo orgulho; aliás, eu tinha por missão impulsionar um povo na infância; minhas obras são a consequência disso.

4. Que direis particularmente do vosso *Joana d'Arc*?

Resp. – É uma diatribe, embora eu tenha feito coisas piores.

5. Quando encarnado pensáveis no futuro após a morte?

Resp. – Não acreditava senão na matéria, bem o sabeis; e ela morre.

6. Professáveis o ateísmo no verdadeiro sentido da palavra?

Resp. – Eu era orgulhoso; negava a divindade por orgulho, com o que sofri e de que me arrependo.

7. Gostariéis de conversar com Frederico, que também concordou em atender ao nosso apelo? Esta conversa seria instrutiva para nós.

Resp. – Se Frederico quiser, eu me prontifico.

Voltaire – Vedes, meu caro monarca, que reconheço meus erros e que estou longe de falar como nas minhas obras. Outrora, ofertávamos o espetáculo das nossas torpezas; agora somos obrigados a oferecer o do nosso arrependimento e do nosso desejo de conhecer a grande e pura verdade.

Frederico – Eu vos supunha menos bom do que realmente sois.

Voltaire – Uma potência, que somos obrigados a adorar e reconhecer em toda a sua soberania força nossa alma a proclamar, para aqueles de quem talvez abusamos, uma doutrina completamente oposta à que havíamos professado.

Frederico – É verdade, meu caro Arouet, mas não finjamos mais. É inútil: caíram todos os véus.

Voltaire – Deixamos tantos desastres à nossa retaguarda que precisaremos de muitas lágrimas, a fim de obtermos o perdão e sermos absolvidos. Nunca estaríamos suficientemente unidos para fazer esquecer e reparar os males que causamos.

Frederico – Confessemos também que o século que nos admirava foi muito pobre de julgamento e que bem pouco é preciso para deslumbrar os homens: nada mais que um pouco de audácia.

Voltaire – Por que não? Fizemos tanto barulho em nosso século!

Frederico – Foi esse barulho que, caindo de repente num completo silêncio, nos atirou na reflexão amarga, quase no arrependimento. Eu choro a minha vida, mas como me aborreço por não ser mais Frederico! E tu, de não seres mais o Sr. de Voltaire!

Voltaire – Falai então por vós, majestade.

Frederico – Sim, eu sofro; mas não o repitais novamente.

Voltaire – Então abdicai! Mais tarde fareis como eu.

Frederico – Não posso...

Voltaire – Pedis-me que seja vosso guia; sê-lo-ei ainda. Tratarei apenas de não vos desencaminhar no futuro. Se puderdes ler, procurai aqui o que vos possa ser útil. Não são as altezas que vos interrogam, mas Espíritos que procuram e encontram a verdade com o auxílio de Deus.

Frederico – Tomai-me então pela mão; traçai-me uma linha de conduta, se o puderdes... esperemos... mas será para vós... Quanto a mim estou muito perturbado, e isso já dura um século.

Voltaire – Ainda me excitais o orgulho de valer mais do que vós. Isso não é generoso. Tornai-vos bom e humilde para que eu mesmo seja humilde.

Frederico – Sim, mas o sinete que a minha condição de majestade deixou-me no coração impede-me sempre de humilhar-me como tu. Meu coração é firme como um rochedo, árido como um deserto, seco como uma arena.

Voltaire – Seríeis então um poeta? Eu não vos conhecia esse talento, Senhor.

Frederico – Tu finges, tu... Não peço a Deus senão uma coisa: o esquecimento do passado... uma encarnação de prova e de trabalho.

Voltaire – É melhor. Uno-me também a vós, mas sinto que terei de esperar muito tempo a minha remissão e o meu perdão.

Frederico – Bem, meu amigo, então oremos juntos uma vez.

Voltaire – Eu o faço sempre, desde que Deus se dignou levantar a mim o véu da carne.

Frederico – Que pensas destes homens que nos chamam aqui?

Voltaire – Eles podem nos julgar e nós não podemos senão humilhar-nos diante deles.

Frederico – Eles me incomodam, eu... seus pensamentos são muito diversos.

P. [A *Frederico*] – Que pensais do Espiritismo?

Resp. – Sois mais sábios do que nós. Não viveis um século além do nosso? E embora no Céu desde esse tempo, nele apenas acabamos de entrar.

P. Agradecemos por terdes atendido ao nosso apelo, assim como o vosso amigo Voltaire.

Voltaire - Viremos quando quiserdes.

Frederico – Não me evoqueis demasiadamente... Não sou simpático.

P. Por que não sois simpático?

Resp. – Eu desprezo e me sinto desprezível.

25 de março de 1859

1. Evocação de Voltaire.

Resp. – Falai.

2. Que pensais de Frederico, agora que ele não se acha mais aqui?

Resp. – Ele raciocina muito bem, mas não quis explicar-se. Como vos disse, ele despreza, e esse desprezo que nutre a todos o impede de abrir o coração, temendo não ser compreendido.

3. Muito bem! Teríeis a bondade de completar e dizer o que ele entendia por estas palavras: “desprezo e me sinto desprezível”?

Resp. – Sim. Ele se sente fraco e corrompido, como todos nós, e talvez ainda compreenda mais do que nós, por ter abusado, mais que os outros, dos dons de Deus.

4. Como o julgais como monarca?

Resp. – Hábil.

5. Pensais que seja um homem de bem?

Resp. – Não se pode perguntar isso; não conheceis as suas ações?

6. Não nos poderíeis dar uma idéa mais exata do que fizestes das vossas ocupações, como Espírito?

Resp. – Não. A todo instante de minha vida descubro um novo ponto de vista do bem; esforço-me por o praticar, ou, antes, aprender a praticá-lo. Quando se teve uma existência como a minha, há muitos preconceitos a combater, muitos pensamentos a repelir ou a mudar completamente, antes de alcançar a verdade.

7. Gostaríamos de obter uma dissertação vossa, sobre assunto de vossa escolha. Poderíeis dar-nos uma?

Resp. – Sobre o Cristo, sim, se o quiserdes.

8. Nesta sessão?

Resp. – Mais tarde; esperai. Numa outra.

8 de abril de 1859

1. Evocação de Voltaire.

Resp. – Eis-me aqui.

2. Teríeis a bondade de nos dar hoje a dissertação que prometestes?

Resp. – Sustento o que prometi; apenas serei breve:

Meus caros amigos, quando me achava entre vossos antepassados, tinha opiniões e, para sustentá-las e fazê-las prevalecer entre meus contemporâneos, muitas vezes simulei uma convicção que em verdade não possuía. Foi assim que, desejando atacar os defeitos e os vícios em que tombava a religião, sustentei uma tese que hoje me condena a refutá-la.

Ataquei muitas coisas puras e santas, que a minha mão profana deveria ter respeitado. Assim, investi contra o próprio Cristo, esse modelo de virtudes sobre-humanas, pode-se dizer. Sim,

pobres homens, talvez haveremos de nos igualar um pouco com o nosso modelo, mas jamais teremos o devotamento e a santidade que ele demonstrou; estará sempre acima de nós, pois foi melhor antes de nós. Ainda estávamos mergulhados no vício da corrupção e ele já estava sentado à direita de Deus. Aqui, perante vós, eu me retrato de tudo quanto a minha pena traçou contra o Cristo, porque o amo; sim, eu o amo. Lamentava não ter podido fazê-lo ainda.

Boletim

DA SOCIEDADE PARIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Nota – Como havíamos anunciado, a partir de hoje iniciaremos a publicação do Boletim dos trabalhos da Sociedade. Cada número conterà o relato das sessões ocorridas no mês anterior. Esses Boletins darão apenas o resumo sucinto dos trabalhos e da ata de cada sessão. Quanto às próprias comunicações nelas obtidas, bem como as de fontes estranhas que ali forem lidas, sempre as publicaremos integralmente, toda vez que oferecerem um lado útil e instrutivo. Continuaremos a indicar, como temos feito até agora, a data da sessão em que foram dadas. A abundância das matérias e as necessidades da classificação muitas vezes nos obrigam a inverter a ordem de certos documentos, mas isso não representará nenhum inconveniente, porquanto, mais cedo ou mais tarde eles encontrarão o seu lugar.

Sexta-feira, 1^o de julho de 1859 [Sessão Particular]

Assuntos administrativos – Admissão do Sr. S..., membro correspondente em Bordeaux.

Adiamento, até mais amplas informações, do ingresso de dois membros titulares apresentados nos dias 10 e 17 de junho.

Designação de três novos comissários para as sessões gerais.

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Comunicações – O Sr. Allan Kardec anuncia que esteve com o Sr. W... Filho, de Boulogne-sur-Mer, citado na Revista de dezembro de 1858 a propósito de um artigo sobre o fenômeno da bicorporeidade, o qual lhe confirmou o fato de sua presença simultânea em Boulogne e em Londres.

Carta do Sr. S..., correspondente em Bordeaux, contendo detalhes minuciosos sobre interessantes manifestações e aparições de seu conhecimento pessoal, por parte de um Espírito familiar. (Carta publicada neste fascículo, bem como a evocação feita sobre o assunto.)

O Dr. Morhéry presenteia a Sociedade com duas cantatas, de cuja letra é autor, intituladas *Itália* e *Veneziana*. Embora essas duas produções sejam completamente estranhas aos trabalhos da Sociedade, ela os aceita com reconhecimento e agradece ao autor.

O Sr. Th... observa, a propósito da comunicação de Cristóvão Colombo, obtida na última sessão, que as respostas deste, relativas à sua e à missão dos Espíritos em geral, parecem consagrar a doutrina da fatalidade.

Vários membros contestaram esta consequência das respostas de Cristóvão Colombo, considerando-se que a missão não retira a liberdade de fazer ou deixar de fazer. O homem não é fatalmente impellido a fazer tal ou qual coisa. Pode acontecer que, como homem, se comporte mais ou menos cegamente; como Espírito, porém, tem sempre a consciência do que faz e permanece sempre senhor de suas ações. Supondo que o princípio da fatalidade decorresse das respostas de Colombo, não seria a consagração de um princípio que, em todos os tempos, tem sido combatido pelos Espíritos. Em todo caso, seria apenas uma opinião individual. Ora, a Sociedade está longe de aceitar como verdade

irrefutável tudo quanto dizem os Espíritos, porque sabe que eles podem enganar-se. Um Espírito poderia dizer muito bem que é o Sol que gira em redor da Terra, e não o contrário, o que não seria mais verdadeiro pelo fato de proceder de um Espírito. Tomamos as respostas pelo que elas valem. Nosso objetivo é estudar as individualidades, seja qual for o seu grau de superioridade ou de inferioridade, e assim adquirimos o conhecimento do estado moral do mundo invisível, não emprestando nossa confiança às doutrinas dos Espíritos senão quando elas tocam a razão e o bom-senso, e quando nelas encontramos a verdadeira luz. Quando uma resposta contém erros evidentes, ou é ilógica, concluímos simplesmente que o Espírito que a deu ainda se encontra atrasado. Quanto às respostas de Colombo, de modo algum implicam a fatalidade.

Estudos – Perguntas sobre as causas do prolongamento da perturbação do Dr. Glower, evocado a dez de junho.

Perguntas sobre as causas da sensação física dolorosa produzida sobre o Sr. W... Filho, de Bolulogne, pelos Espíritos sofredores.

Perguntas sobre a teoria da formação dos objetos materiais no mundo dos Espíritos, tais como vestimentas, jóias, etc.; sobre a transformação da matéria elementar pela vontade do Espírito. Explicação do fenômeno da escrita direta (Ver nosso artigo precedente)

Evocação de um oficial superior falecido em Magenta (2ª conversa); Perguntas sobre certas sensações de além-túmulo.

Propõe o Sr. S... que se evoque o Sr. M..., desaparecido há um mês, a fim de saber se está vivo ou morto. Interrogado a respeito, São Luís diz que tal evocação não pode ser feita; que a incerteza reinante sobre a sorte desse homem tem um objetivo de prova e que mais tarde se saberá, pelos meios ordinários, o que de fato aconteceu.

Sexta-feira, 8 de julho de 1859 – [Sessão geral]

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão anterior.

Comunicações – Leitura de duas comunicações espontâneas obtidas pelo Sr. R..., membro titular, sendo uma de São Luís, encerrando conselhos à Sociedade sobre o modo de apreciar as respostas dos Espíritos, e a outra de Lamennais. (Serão publicadas no próximo número.)

Leitura de uma notícia sobre o diácono Pâris e os convulsionários de Saint-Médard, preparada pelo comitê dos trabalhos para servir de objeto de estudo.

O Sr. Didier, membro titular, presta conta das curiosas experiências por ele feitas sobre a escrita direta e os notáveis resultados que obteve.

Estudos – Evocação do guia ou Espírito familiar da Sra. Mally, de Bordeaux, a propósito da notícia transmitida pelo Sr. S..., sobre os fatos de manifestação produzidos na casa dessa senhora e lidos na sessão anterior.

Evocação do Sr. K..., morto a 15 de junho de 1859 no Departamento de Sarthe. O Sr. K..., homem de bem e muito esclarecido, era versado em estudos espíritas e sua evocação, realizada a pedido de parentes e amigos, constatou a influência de tais estudos sobre o estado de desprendimento da alma após a morte. Além disso, revelou espontaneamente o importante fato das *visitas espíritas noturnas* entre Espíritos de pessoas vivas. Deste fato decorrem graves conseqüências para a solução de certos problemas morais e psicológicos.

Sexta-feira, 15 de julho de 1859 – [Sessão particular]

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão anterior.

Assuntos administrativos – A pedido de vários membros, e considerando que muitas pessoas estão ausentes nesta temporada, propõe o Presidente que, de acordo com o uso estabelecido em todas as Sociedades, seja fixado um período de férias.

A Sociedade decide que suspenderá suas sessões durante o mês de agosto e que as retomará sexta-feira, 2 de setembro.

O Sr. C..., secretário-adjunto, escreve para pedir a sua substituição, motivada por novas ocupações que não lhe permitem assistir regularmente ao começo das sessões. Sua substituição será providenciada mais tarde.

Comunicações – Leitura de uma carta do Sr. Jobard, de Bruxelas, presidente honorário da Sociedade, dando conta de vários fatos relativos ao Espiritismo e oferecendo à Sociedade uma canção, intitulada *O Canto do Zuavo*, que lhe foi inspirada pela evocação do *Zuavo de Magenta*, referido na Revista do mês de julho; ela já foi cantada num teatro de Bruxelas. O fim dessa canção, na qual sobressai a verve espiritual do autor, é mostrar que as idéias espíritas têm por objetivo destruir as apreensões da morte.

O Sr. D... relata novos fatos de escrita direta, por ele obtidos no Louvre e na igreja de Saint-Germain l'Auxerrois.

Leitura de uma carta endereçada ao sr. presidente, a propósito do temporal de Solferino. O autor assinala vários outros fatos análogos e indaga se não haveria algo de providencial nessa coincidência. Essa questão já foi respondida na segunda conversa com o oficial morto em Magenta; será, aliás, objeto de exame mais aprofundado.

Carta da Sra. L..., relatando uma mistificação de que foi vítima, por parte de um Espírito malévolo, que dizia ser São Vicente de Paulo e que a enganou através de uma linguagem

aparentemente edificante e por detalhes minuciosos que revelou a respeito de sua família, para, em seguida, induzi-la a enveredar por caminhos comprometedores. Reconhece a Sociedade, por intermédio da própria carta, que tal Espírito havia revelado sua natureza por certos fatos que não dariam margem a qualquer equívoco.

Estudos – Problemas morais e questões diversas: Sobre o mérito das boas ações, tendo em vista a vida futura; sobre as missões espíritas; sobre a influência do medo ou do desejo de morrer; sobre os médiuns intuitivos.

Perguntas sobre as visitas espíritas entre pessoas vivas.

Evocação do diácono Pâris.

Evocação do falso São Vicente de Paulo, Espírito mistificador da Sra. L...

Sexta-feira, 22 de julho de 1859 – [Sessão geral]

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Comunicações – Leitura de uma comunicação particular do Sr. R..., membro titular, sobre a teoria da loucura, dos sonhos, das alucinações e do sonambulismo, pelos Espíritos de François Arago e São Vicente de Paulo. Essa teoria é um desenvolvimento racional e científico dos princípios já emitidos sobre esta matéria. (Será publicada no próximo número.)

O Sr. R... comunica um fato recente de aparição. No dia 16 de julho, sábado, dia do enterro do Sr. Furne, este apareceu durante a noite à esposa do primeiro com o aspecto que tinha em vida, procurando aproximar-se dela enquanto outro Espírito, cujo semblante não pôde distinguir, o segurava pelo braço e procurava afastá-lo. Sensibilizada por essa aparição, tratou de cobrir os olhos sem que, todavia, deixasse de vê-lo como antes. No dia seguinte

essa senhora, que, como o marido, é médium escrevente, pôs-se a traçar convulsivamente caracteres irregulares que pareciam formar o nome de Furne. Interrogado sobre o fato, outro Espírito respondeu que, realmente, o Sr. Furne queria comunicar-se com eles, mas em razão do estado de perturbação em que ainda se achava, mal se reconhecendo, acrescentou ser necessário esperar cerca de oito dias para ser evocado, a fim de que pudesse manifestar-se livremente.

O Dr. V... faz referência a um fato de previsão espírita, realizado em sua presença, e tanto mais notável quando sabemos que a previsão de datas é muito rara por parte dos Espíritos. Há seis semanas aproximadamente, uma senhora de seu conhecimento, excelente médium de psicografia, recebeu uma comunicação do Espírito de seu pai; de repente e sem provocação, este último pôs-se a falar espontaneamente da guerra da Itália. A propósito, perguntaram-lhe se ela acabaria logo. Ele respondeu: “No dia *11 de julho a paz será assinada.*” Sem ligar maior importância a essa previsão, o Dr. V... guardou a resposta num envelope lacrado e o remeteu a uma terceira pessoa, com a recomendação de somente abri-lo após o dia 11 de julho. Sabe-se que o acontecimento se realizou como fora anunciado.

É interessante notar que os Espíritos, quando falam de coisas futuras, o fazem espontaneamente, sem dúvida porque julgam de utilidade fazê-lo. Entretanto, jamais o fazem quando a isso são impelidos por um motivo de curiosidade.

Estudos – Problemas morais e questões diversas. Perguntas complementares sobre o mérito das boas ações; sobre as visitas espíritas; sobre a escrita direta.

Questões sobre a intervenção dos Espíritos nos fenômenos da Natureza, como tempestades, e sobre as atribuições de certos Espíritos.

Perguntas complementares sobre o diácono Pâris e os convulsionários de Saint-Médard. Evocação do general Hoche.

Ao Sr. L..., de Limoges

Rogamos à pessoa que se deu ao trabalho de nos escrever de Limoges, indicando documentos interessantes relativos ao Espiritismo, a gentileza de se pôr em contato direto comigo, a fim de podermos responder às proposições que nos deu a honra de dirigir. A falta de espaço nos impede a citação de algumas passagens de sua carta.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

SETEMBRO DE 1859

Nº 9

Processo para Afastar os Espíritos Maus

A ingerência dos Espíritos enganadores nas comunicações escritas é uma das maiores dificuldades do Espiritismo. Sabe-se, por experiência, que eles não têm nenhum escrúpulo de tomar nomes supostos e até mesmo respeitáveis. Haverá meios de os afastar? Eis a questão. Com essa finalidade, certas pessoas empregam aquilo que se poderia chamar *processos*, isto é, fórmulas particulares de evocação, ou espécies de exorcismos, por exemplo, fazê-los jurar em nome de Deus que dizem a verdade, fazê-los escrever certas coisas, etc. Conhecemos alguém que, a cada frase, obriga o Espírito a assinar o nome; se este é o verdadeiro, escreve-o sem dificuldade; se não o é, pára de repente, sem poder concluí-lo. Vimos essa pessoa receber as comunicações mais ridículas de Espíritos que assinavam um nome falso com notável ousadia. Pensam outras criaturas que um meio eficaz é fazê-los confessar Jesus em carne, ou outras verdades da religião. Pois bem! Declaramos que se alguns Espíritos um pouco mais escrupulosos se detêm ante a idéia de perjúrio ou de uma profanação, há os que juram tudo o que quisermos, assinam todos os nomes, riem-se de tudo e afrontam a presença das mais veneradas figuras, de onde se conclui que, entre o que se pode

chamar *processos*, não existe nenhuma fórmula, nenhum expediente material que possa funcionar como preservativo eficaz.

Dir-se-á, neste caso, que nada há a fazer, senão deixar de escrever. Este meio não seria melhor. Longe disso, em muitos casos seria pior. Já dissemos – e nunca seria demais repetir – que a ação dos Espíritos sobre nós é incessante e, por ser oculta, não deixa de ser menos real. Se ela deve ser má, será ainda mais pernicioso, pela própria razão de o inimigo encontrar-se escondido. Através das comunicações escritas ele se revela e se desmascara. Assim, sabemos com quem lidamos e podemos combatê-lo. Mas, se não há nenhum meio de o afastar, que fazer então? Não dissemos que não haja nenhum meio, mas apenas que a maioria dos que empregamos são ineficazes. Esta a tese que nos propomos desenvolver.

É preciso não perder de vista que os Espíritos constituem todo um mundo, toda uma população que enche o espaço, circula ao nosso lado, mistura-se a tudo quanto fazemos. Se o véu que no-los oculta viesse a ser levantado, nós os veríamos à nossa volta, indo e vindo, seguindo-nos ou nos evitando, conforme o grau de simpatia; uns indiferentes, verdadeiros desocupados do mundo oculto, outros muito ocupados, quer consigo mesmos, quer com os homens aos quais se ligam, com um propósito mais ou menos louvável, segundo as qualidades que os distinguem. Numa palavra, veríamos uma cópia perfeita do gênero humano, com suas boas e más qualidades, com suas virtudes e vícios. Esse envolvimento, ao qual não podemos escapar, já que não há recantos por demais ocultos que sejam inacessíveis aos Espíritos, exerce sobre nós e à nossa revelia, uma influência permanente. Uns nos impelem ao bem, outros ao mal; muitas vezes as nossas determinações resultam de suas sugestões; felizes daqueles que têm juízo suficiente para discernir o bom ou o mau caminho por onde nos procuram arrastar. Considerando-se que os Espíritos nada mais são que os próprios homens despojados de sua

indumentária grosseira, ou almas que sobrevivem aos corpos, segue-se que há Espíritos desde que há seres humanos no Universo. São uma das potências da Natureza, e não esperam que haja médiuns escreventes para agir; a prova disso é que, em todos os tempos, os homens não cometeram incoerências. Eis por que dizemos que sua influência é independente da faculdade de escrever; essa faculdade é um meio de conhecer tal influência, de saber quais são os que nos rodeiam e quais aqueles que se ligam a nós. Pensar que nos podemos subtrair a essa influência, abstendos-nos de escrever, é agir como crianças que acreditam escapar a um perigo pelo simples tapar dos olhos. Ao revelar aqueles que temos por camaradas, como amigos ou inimigos, por isso mesmo a escrita nos proporciona uma arma para combater estes últimos, pelo que devemos agradecer a Deus. Na ausência da visão para reconhecer os Espíritos, temos as comunicações espíritas, por onde eles se revelam tais quais são; *isso é, para nós, um sentido* que nos permite julgá-los. Repeli-lo é comprazer-se em ficar cego e exposto ao engano sem controle.

A ingerência dos Espíritos maus nas comunicações escritas não constitui, pois, um perigo ao Espiritismo, porque, se perigo há, continuará havendo e em caráter permanente. Nunca estaríamos bastante persuadidos desta verdade; trata-se apenas de uma dificuldade, da qual o Espiritismo triunfará, se a ele nos dedicarmos de maneira conveniente.

Antes de tudo podemos estabelecer como princípio que os Espíritos maus não aparecem senão onde alguma coisa os atrai. Portanto, quando se intrometem nas comunicações, é que encontram simpatias no meio onde se apresentam ou, pelo menos, lados fracos que esperam aproveitar; em todo caso, porque não encontram uma força moral suficiente para os repelir. Entre as causas que os atraem, é preciso colocar em primeira linha as imperfeições morais de qualquer natureza, porque o mal simpatiza sempre com o mal; em segundo lugar, a excessiva confiança com que são acolhidas

suas palavras. Quando uma comunicação revela uma origem má, seria ilógico inferir daí uma paridade necessária entre o Espírito e os evocadores. Frequentemente vemos pessoas muito distintas expostas às patifarias dos Espíritos enganadores, como ocorre no mundo com as pessoas honestas, enganadas pelos espertalhões; mas quando tomamos precauções, estes últimos nada têm a fazer; é o que acontece também com os Espíritos. Quando uma pessoa honesta é enganada por eles, isso pode decorrer de duas causas: a primeira é uma confiança absoluta, que a leva a desistir de todo exame; a segunda é que as melhores qualidades não excluem certos lados fracos que dão guarida aos Espíritos maus, ávidos por se agarrarem às menores falhas da couraça. Não nos referimos ao orgulho e à ambição, que são mais do que entaves, mas a uma certa fraqueza de caráter e, sobretudo, aos preconceitos que esses Espíritos sabem explorar com habilidade, lisonjeando-os; com vistas a isso, eles usam de todas as máscaras, a fim de inspirar mais confiança.

As comunicações francamente grosseiras são as menos perigosas, visto a ninguém poderem enganar. As que mais enganam são as que têm uma falsa aparência de sabedoria ou de seriedade: numa palavra, as dos Espíritos hipócritas e pseudo-sábios. Uns podem enganar-se de boa-fé, por ignorância ou presunção; os outros não agem senão pela astúcia. Vejamos, então, qual o meio de nos desembaraçarmos deles.

A primeira coisa é não os atrair e evitar tudo quanto lhes possa dar acesso.

Como vimos, as disposições morais são uma causa preponderante. Todavia, abstração feita dessa causa, o modo empregado não deixa de ter influência. Há pessoas que têm por princípio jamais fazer evocações e esperar a primeira comunicação espontânea que saia do lápis do médium. Ora, se nos recordarmos do que já dissemos sobre a variada e numerosa população dos Espíritos que nos cercam, compreenderemos sem dificuldade que

isso seria colocar-nos à mercê do primeiro que viesse, bom ou mau. E como nessa multidão há mais Espíritos maus do que bons, existe mais oportunidade para os maus, exatamente como se abrissemos a porta a todos os passantes da rua, ao passo que, pela evocação, fazemos a escolha; ademais, cercando-nos de Espíritos bons, impomos silêncio aos maus que, apesar disso, bem poderão procurar insinuar-se algumas vezes. Os bons chegam mesmo a permiti-lo para exercitar a nossa sagacidade em reconhecê-los, mas não terão nenhuma influência. As comunicações espontâneas têm uma grande utilidade quando estamos cientes da qualidade daqueles que nos cercam. Devemos, então, felicitar-nos pela iniciativa deixada aos Espíritos. O inconveniente não se encontra senão no sistema absoluto, que consiste em nos abstermos do apelo direto e das perguntas.

Entre as causas que influem poderosamente sobre a qualidade dos Espíritos que freqüentam as casas espíritas, não se deve omitir a natureza das coisas que ali são tratadas. Aquelas que se propõem um fim sério e útil atraem, por isso mesmo, os Espíritos sérios; as que somente visam satisfazer a vã curiosidade ou seus interesses pessoais, expõem-se pelo menos a mistificações, quando não a coisas piores. Em resumo, podemos extrair das comunicações espíritas os mais sublimes e os mais úteis ensinamentos, desde que os saibamos dirigir. Toda a questão se resume em não nos deixarmos levar pela astúcia dos Espíritos zombeteiros ou malévolos. Ora, para isso o essencial é saber com quem tratamos. Inicialmente, ouçamos a propósito os conselhos que foram dados pelo Espírito São Luís à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas através do Sr. R..., um de seus bons médiuns. Trata-se de uma comunicação espontânea por ele recebida certo dia, em sua casa, com a missão de transmiti-la à referida Sociedade:

“Por maior que seja a legítima confiança que inspira os Espíritos que presidem aos vossos trabalhos, há uma recomendação que nunca será por demais repetida e que deveis

tê-la sempre presente em vossa mente, quando vos entregardes aos vossos estudos: pesai e amadurecei; submetei ao controle da mais severa razão a totalidade das comunicações que receberdes; não hesiteis, desde que uma resposta vos pareça duvidosa ou obscura, de demandar os esclarecimentos necessários para fixá-la.

“Sabeis que a revelação existiu desde os tempos mais recuados, sempre apropriada ao grau de adiantamento dos que a recebiam. Hoje não se trata de vos falar por imagens e parábolas; deveis receber nossos ensinamentos de uma maneira clara, precisa e sem ambigüidade. Entretanto, seria muito cômodo ter apenas de questionar para ser esclarecido; aliás, isso seria escapar às leis progressivas que presidem à evolução universal. Não vos admireis, pois, se, para vos deixar o mérito da escolha e do trabalho, e também para punir as infrações que possais cometer aos nossos conselhos, algumas vezes é permitido a certos Espíritos, mais ignorantes que mal-intencionados, a responder em certos casos às vossas perguntas. Em vez de ser isso um motivo de desencorajamento, deve ser um poderoso excitante, para que pesquiseis ardentemente a verdade. Ficai, pois, bem convictos de que, seguindo este caminho, não podereis deixar de chegar a resultados felizes. Sede unidos de coração e de intenção; trabalhai *todos*; procurai, procurai sempre e encontrareis.”

Luis

Por pouco tato, raciocínio ou hábito de observação que tenhamos, a linguagem dos Espíritos bons e sérios traz um selo que torna impossível nos enganarmos. Quanto aos Espíritos maus, por mais que cubram as suas torpezas com o véu da hipocrisia, jamais poderão representar indefinidamente o seu papel; acabam deixando cair a máscara. De outro modo, se sua linguagem fosse impoluta, seriam Espíritos bons. A linguagem dos Espíritos é, pois, o verdadeiro critério pelo qual podemos julgá-los. Sendo a linguagem a expressão do pensamento, tem sempre um reflexo das boas ou

más qualidades do indivíduo. Não é também pela linguagem que julgamos os homens que não conhecemos? Se recebermos vinte cartas de vinte pessoas que jamais vimos, não nos deixaremos impressionar de modo diverso pela sua leitura? Não será pelas qualidades do estilo, pela escolha das expressões, pela natureza dos pensamentos, e até por certos detalhes de forma, que reconheceremos, naquele que nos escreve, o homem rústico e o bem-educado, o sábio e o ignorante, o orgulhoso e o modesto? Dá-se absolutamente a mesma coisa com os Espíritos.

Suponhamos que sejam homens que nos escrevem: devemos julgá-los da mesma maneira. Julguemo-los severamente, porquanto os Espíritos bons de modo algum se sentirão ofendidos com essa escrupulosa investigação, porque são eles próprios que no-la recomendam como meio de controle. Sabendo que podemos ser enganados, nosso primeiro sentimento deve ser o de desconfiança. Somente os Espíritos maus, que procuram nos induzir em erro, podem temer o exame, porque, longe de o provocar, querem ser acreditados sob palavra.

Desse princípio resulta muito naturalmente e com bastante lógica o meio mais eficaz de afastar os Espíritos maus e de nos premunirmos contra as suas falsidades. O homem que não é ouvido deixa de falar; aquele que vê os seus estratagemas constantemente descobertos vai causar aborrecimentos em outros lugares; o espertalhão, ciente de que nos mantemos em estado de alerta, não faz tentativas inúteis. Do mesmo modo, os Espíritos enganadores deixam a partida quando percebem que nada podem fazer, ou quando encontram pessoas vigilantes que desprezam tudo quanto lhes pareça suspeito.

Para terminar, resta passar em revista os principais caracteres que revelam a origem das comunicações espíritas.

1. Os Espíritos superiores, como já dissemos em várias ocasiões, têm uma linguagem sempre digna, nobre, elevada, sem

qualquer mistura de trivialidade. Dizem tudo com simplicidade e modéstia, jamais se vangloriam e não fazem ostentação de seu saber nem de sua posição entre os demais. A dos Espíritos inferiores ou vulgares tem sempre algum reflexo das paixões humanas; toda expressão que denota baixaza, suficiência, arrogância, bazófia ou acrimônia é indício característico de inferioridade e de embuste, caso o Espírito se apresente com um nome respeitável e venerado.

2. Os Espíritos bons não dizem senão o que sabem; calam-se ou confessam a sua ignorância sobre aquilo que não sabem. Os maus falam de tudo com segurança, sem se incomodarem com a verdade. Toda heresia científica notória, todo princípio que choca a razão e o bom-senso denuncia fraude, desde que o Espírito se apresente como um ser esclarecido.

3. A linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica, se não quanto à forma, pelo menos quanto ao fundo. Os pensamentos são os mesmos, quaisquer que sejam o tempo e o lugar. Podem ser mais ou menos desenvolvidos, conforme as circunstâncias, as necessidades e as facilidades de se comunicarem, mas não são contraditórios. Se duas comunicações, que trazem a mesma assinatura, encontram-se em oposição, uma delas será evidentemente apócrifa, e a verdadeira será aquela onde nada desminta o caráter conhecido do personagem. Quando uma comunicação apresenta o caráter de sublimidade e de elevação, sem nenhum defeito, é porque emana de um Espírito superior, seja qual for o seu nome; se encerrar uma mistura de bom e de mau, procede de um Espírito vulgar, caso se apresente como é; será de um Espírito impostor se ele se ornar de um nome que não pode justificar.

4. Os Espíritos bons jamais dão ordens; não impõem: aconselham e, se não são ouvidos, retiram-se. Os maus são imperiosos: ordenam e querem ser obedecidos. Todo Espírito que impõe trai a sua origem.

5. Os Espíritos bons não adulam. Aprovam quando se faz o bem, mas sempre com reservas; os maus são pródigos em elogios exagerados, estimulam o orgulho e a vaidade, mesmo pregando a humildade, e procuram *exaltar a importância pessoal* daqueles a quem desejam apanhar.

6. Os Espíritos superiores estão acima das puerilidades formais *em todas as coisas*; para eles o pensamento é tudo, a forma nada vale. Somente os Espíritos vulgares podem ligar importância a certos detalhes incompatíveis com as idéias verdadeiramente elevadas. *Toda prescrição meticulosa* é sinal certo de inferioridade e de embuste da parte de um Espírito que toma um nome imponente.

7. É preciso desconfiar dos nomes estranhos e ridículos tomados por certos Espíritos que se querem impor à credulidade; seria supremo absurdo levar esses nomes a sério.

8. Deve-se igualmente desconfiar daqueles que muito facilmente se apresentam com nomes extremamente venerados, e não aceitar suas palavras senão com a maior reserva. É sobretudo nesses casos que se torna necessário um severo controle, porquanto muitas vezes é uma máscara que utilizam para nos fazer crer em supostas relações íntimas com os Espíritos de elevada hierarquia. Por esse meio lisonjeiam a vaidade, aproveitando freqüentemente para induzir a atitudes lamentáveis ou ridículas.

9. Os Espíritos bons são muito escrupulosos sobre as providências que podem aconselhar; em todos os casos estas têm sempre um objetivo sério e eminentemente útil. Deve-se, pois, olhar como suspeitas todas as que não tiverem esse caráter, refletindo maduramente antes de adotá-las.

10. Os Espíritos bons só prescrevem o bem. Toda máxima, todo conselho que não estiver *estritamente conforme a pura caridade evangélica* não pode ser obra de Espíritos bons; acontece o

mesmo com toda insinuação malévola, tendente a excitar ou a alimentar sentimentos de ódio, de ciúme e de egoísmo.

11. Os Espíritos bons jamais aconselham coisas que não sejam perfeitamente racionais. Toda recomendação que se afaste da *linha reta do bom-senso ou das leis imutáveis da Natureza* denuncia um Espírito limitado e ainda sob a influência dos preconceitos terrestres; conseqüentemente, pouco digno de confiança.

12. Os Espíritos maus, ou simplesmente imperfeitos, ainda se traem por sinais materiais com os quais não nos poderíamos enganar. Sua ação sobre o médium por vezes é violenta, provocando na sua escrita movimentos bruscos e irregulares, uma agitação febril e convulsiva, que contrasta com a calma e a suavidade dos Espíritos bons.

13. Um outro sinal de sua presença é a obsessão. Os Espíritos bons jamais obsidiam. Os maus se impõem em todos os momentos, razão por que todo médium deve desconfiar da necessidade irresistível de escrever que dele se apodera nas ocasiões menos oportunas. Jamais se trata de um Espírito bom, e ele nunca deve ceder.

Entre os Espíritos inferiores que se intrometem nas comunicações, há os que, por assim dizer, se insinuam furtivamente, como para fazer uma brincadeira, mas que se retiram tão facilmente como vieram, e isto na primeira intimação; outros, ao contrário, são tenazes, agarram-se ao indivíduo e não cedem senão a contragosto e com persistência. Apoderam-se dele, subjugam-no e o fascinam a ponto de fazê-lo tomar os mais grosseiros absurdos por coisas admiráveis. Feliz dele quando criaturas de sangue-frio conseguem abrir-lhe os olhos, o que nem sempre é fácil, já que tais Espíritos são mestres em inspirar a desconfiança e o afastamento de quem quer que os possa desmascarar. Daí se segue que devemos ter por suspeito de

inferioridade ou de má intenção todo Espírito que prescreve o isolamento e o afastamento das pessoas que podem dar bons conselhos. O amor-próprio vem em seu auxílio, porque nos é penoso confessar que fomos vítimas de uma mistificação e reconhecer um velhaco naquele sob cujo patrocínio nos sentíamos honrados em nos colocar. Essa ação do Espírito é independente da faculdade de escrever. À falta da escrita, o Espírito malévolo dispõe de cem maneiras diferentes de agir e ludibriar. Para ele a escrita é um meio de persuasão, mas não é uma causa; para o médium, é um meio de esclarecer-se.

Passando todas as comunicações escritas pelo controle das considerações precedentes, reconheceremos facilmente a sua origem e poderemos frustrar a malícia dos Espíritos enganadores, que só se dirigem àqueles que se deixam enganar voluntariamente. Se perceberem que nos dobramos ante as suas palavras, disso tirarão partido, exatamente como fariam os simples mortais. Compete, pois, a nós provar-lhes que perdem o tempo. Acrescentemos que, para isso, a prece é poderoso auxílio; por ela atraímos a assistência de Deus e dos Espíritos bons, aumentando nossa própria força. É conhecido o preceito: “Ajuda-te, e o céu te ajudará.” Por certo Deus quer assistir-nos, contanto que, de nosso lado, façamos aquilo que é necessário.

A esse preceito acrescentamos um exemplo. Um senhor que eu não conhecia veio ver-me certo dia, dizendo que era médium e recebia comunicações de um Espírito *muito elevado*, que o havia encarregado de vir a mim, fazer-me uma revelação a respeito de uma trama que, segundo ele, era urdida contra mim, por parte de inimigos secretos que designou. “Quereis – acrescentou – que eu escreva em vossa presença?” – “Com prazer – respondi – mas de início devo dizer-vos que esses inimigos são menos temerosos do que supondes. Sei que os tenho; quem não os tem? E os mais obstinados em geral são aqueles a quem mais beneficiamos. Tenho consciência de jamais ter feito volun-

tariamente mal a quem quer que seja. O mesmo não poderão dizer aqueles que me fizeram mal e, entre nós, Deus será juiz. Vejamos, no entanto, o conselho que vosso Espírito quer dar-me.” Então esse senhor escreveu o seguinte:

“Ordenei a C... (nome daquele senhor), que é o farol de luz dos Espíritos bons, dos quais recebeu a missão de a espalhar entre seus irmãos, que se dirigisse à casa do Sr. Allan Kardec, o qual deverá crer cegamente no que eu lhe disser, porque pertenço ao número dos eleitos prepostos por Deus para velar a salvação dos homens, e porque lhe venho anunciar a verdade...”

É bastante – disse-lhe eu – não se dê ao trabalho de continuar. Este exórdio é suficiente para mostrar com que espécie de Espírito estais tratando. Acrescentarei apenas uma palavra: para um Espírito que pretende ser astucioso, ele é bem desajeitado.

Esse senhor pareceu bastante escandalizado do pouco caso que eu fazia de seu Espírito, que havia tomado por algum arcanjo ou, pelo menos, por algum santo de primeira classe, vindo expressamente para ele. Disse-lhe eu: Esse Espírito se trai em cada uma das palavras que acaba de escrever e, convenhamos, esconde muito mal o seu jogo. Primeiro ele ordena; quer, portanto, manter-vos sob sua dependência, o que é característico dos Espíritos obsessores; ele vos chama de *farol de luz dos Espíritos bons*, linguagem sofrivelmente enfática e incompreensível, muito distante da simplicidade que caracteriza a dos Espíritos bons; por ela lisonjeia o vosso orgulho e vos exalta a importância, o que é suficiente para torná-lo suspeito. Coloca-se sem a menor cerimônia no rol dos eleitos prepostos de Deus: jactância indigna de um Espírito verdadeiramente superior. Por fim me diz que devo crer *cegamente*; isso coroa a obra. É bem o estilo desses Espíritos mentirosos, que querem que neles acreditemos sob palavra, pois sabem que num exame sério têm tudo a perder. Com um pouco mais de perspicácia saberia que não me deixo convencer por belas

palavras, nem teria sido tão inábil a ponto de prescrever-me uma confiança cega. Daí concluo que sois joguete de um Espírito mistificador que abusa da vossa boa-fé. Exorto-vos seriamente a prestar muita atenção a isso, porque, se não vos acautelardes, podereis ser vítima de um golpe lamentável de sua parte.

Não sei se aquele senhor aproveitou a advertência, pois não mais o vi, nem ao seu Espírito. Eu jamais terminaria se fosse narrar todas as comunicações desse gênero a mim submetidas, por vezes muito seriamente, como emanando dos maiores santos, da Virgem Maria e do próprio Cristo, e seria realmente curioso ver as torpezas debitadas à conta desses nomes venerados. É preciso ser cego para se deixar enganar quanto à sua origem, quando, muitas vezes, uma única palavra equívoca, um só pensamento contraditório é suficiente para fazer descobrir o embuste a quem se der ao trabalho de refletir. Como exemplos notáveis em seu apoio, concitamos nossos leitores a se reportarem aos artigos publicados na *Revista Espírita* referentes aos meses de julho e outubro de 1858.

Confissão de Voltaire

A propósito da entrevista de Voltaire e Frederico, publicada no último número da Revista, um de nossos correspondentes de Boulogne nos envia a seguinte comunicação, que inserimos com a maior satisfação por apresentar um lado eminentemente instrutivo do ponto de vista espírita. Nosso correspondente a fez preceder de algumas reflexões que os nossos leitores nos agradecerão por não omiti-las.

“Se existe um homem, mais do que qualquer outro, que deve sofrer castigos eternos, esse homem é Voltaire. A cólera e a vingança de Deus haverão de perseguir-lo sempre. É o que nos dizem os teólogos da velha escola.

“Que dizem agora os mestres da teologia moderna? É possível – dizem eles – que desconheçais o homem, não menos que o Deus de que falais. Guardai-vos das paixões inferiores do ódio e da vingança e com elas não maculeis o vosso Deus. Se Deus se inquieta com esse pobre pecador, se toca nesse inseto, será para arrancar-lhe o ferrão, para fazer retornar até Ele uma cabeça exaltada, um coração transviado. Digamos, além disso, que Deus lê nos corações de modo diverso que vós, encontrando o bem onde não achais senão o mal. Se dotou esse homem de um grande gênio, foi em benefício da raça, e não para a sua desventura. Que importa, então, suas primeiras extravagâncias, suas atitudes de franco-atirador entre vós? Uma alma dessa têmpera não poderia proceder senão desse modo: a mediocridade era-lhe impossível, fosse no que fosse. Agora ele se orientou, viu-se livre das patas e dentes de potro indomável e vem a Deus como um dócil corcel, sempre grande e tão soberbo para o bem quanto o fora para o mal. No artigo seguinte veremos por que meios se operou essa transformação; veremos nosso garanhão dos desertos, a crina ainda alta, narinas ao vento, correndo através dos espaços universais. É que lá, com o pensamento solto, reencontrou essa liberdade que era a sua essência, sorvendo a plenos pulmões esse hálito gerador da vida. E o que lhe aconteceu? Perdeu-se, confundiu-se. O grande pregador do nada encontrou, finalmente, o nada, mas não como o compreendia. Humilhado, transtornado consigo mesmo, fulminado pela pequenez, ele, que se julgava tão grande, foi aniquilado diante de seu Deus. Ei-lo de rosto no chão; espera a sua sentença, que diz: “Levanta-te meu filho, ou vai-te, miserável!” Encontraremos o veredicto na comunicação que se segue.

“Esta confissão de Voltaire ganhará maior destaque na *Revista Espírita* ao no-lo mostrar em seu duplo aspecto. Vimos alguns Espíritos naturalistas e materialistas que, de cabeça virada tanto quanto seu mestre, embora sem o sentimento deste, persistiam em se vangloriar em seu cinismo. Que fiquem no seu inferno enquanto se derem ao prazer de afrontar o céu e

ridicularizar tudo o que constitui a felicidade do homem; isso é lógico, é o seu próprio lugar. Mas também achamos lógico que aqueles que reconhecem seus erros possam aproveitar-lhes os frutos. Assim, acreditamos não estar fazendo apologia ao velho Voltaire. Aceitamo-lo somente em seu novo papel e nos regozijamos com a sua conversão, que glorifica a Deus e não pode deixar de impressionar profundamente aqueles que ainda hoje se deixam arrebatar pelos seus escritos. Lá está o veneno, aqui está o antídoto.

“Esta comunicação, traduzida do inglês, é extraída da obra do juiz Edmonds, publicada nos Estados Unidos. Tem a forma de uma conversa entre Voltaire e Wolsey, o célebre cardeal inglês do tempo de Henrique VIII. Dois médiuns atuaram separadamente para a transmissão desse diálogo.”

Voltaire – Que imensa revolução ocorreu no pensamento humano desde que deixei a Terra!

Wolsey – Com efeito, essa infidelidade de que então vos censuravam, cresceu desmesuradamente desde aquela época. Não que ela tenha hoje tantas pretensões, mas é mais profunda e mais universal e, a menos que consigam detê-la, ameaça tragar a Humanidade no materialismo, mais do que o fez durante séculos.

Voltaire – Infidelidade em que e em relação a quem? Pertence à lei de Deus e do homem? Pretendeis acusar-me de infidelidade porque não me submeti aos acanhados preconceitos das seitas que me cercavam? É que a minha alma demandava uma amplidão de pensamento, um raio de luz, além das doutrinas humanas. Sim, minha alma entenebrecida tinha sede de luz.

Wolsey – Eu também não queria falar senão da infidelidade que vos era *atribuída*, mas, infelizmente, não sabeis o quanto essa imputação ainda vos pesa. Eu não queria vos censurar, mas manifestar o meu pesar, porquanto vosso desprezo pelas

doutrinas correntes, que eram apenas materiais e inventadas pelos homens, não poderia prejudicar um Espírito semelhante ao vosso. Mas essa mesma causa que agia sobre o vosso Espírito operava igualmente sobre outros, por demais fracos e pequenos para chegarem aos mesmos resultados que vós. Eis, pois, como aquilo que em vós não era senão uma negação dos dogmas dos homens se traduzia nos outros pela negação de Deus. Foi dessa fonte que se espalhou com terrível rapidez a dúvida sobre o futuro do homem. Eis também por que o homem, limitando todas as suas aspirações somente a este mundo, caiu cada vez mais no egoísmo e no ódio ao próximo. É a causa, sim, a causa desse estado de coisas que importa ser procurada, porquanto uma vez achada, o remédio será relativamente fácil. Dizei-me, conheceis essa causa?

Voltaire – Minhas opiniões, tais quais foram dadas ao mundo, estavam impregnadas de um sentimento de amargura e de sátira. Mas notai bem que então eu tinha o Espírito assediado, por assim dizer, por uma luta interior. Considerava a Humanidade como se me fosse inferior em inteligência e em sagacidade; nela somente via marionetes, que podiam ser conduzidos por qualquer homem dotado de vontade forte, e me indignava de ver essa Humanidade, arrogando-se uma existência imortal, ser modelada por elementos ignóbeis. Seria possível crer que um ser dessa espécie fizesse parte da Divindade e pudesse, com suas frágeis mãos, apoderar-se da imortalidade? Esta lacuna entre duas existências tão desproporcionadas me chocava e eu não a podia preencher. No homem eu via apenas o animal, e não Deus.

Reconheço, em alguns casos, que minhas opiniões tiveram deploráveis desdobramentos, mas estou convencido de que, sob outros aspectos, apresentaram o seu lado bom. Conseguiram soerguer várias almas que se haviam degradado na escravidão; quebraram as cadeias do pensamento e deram asas às grandes aspirações. Mas, lamentavelmente, também eu, que planava tão alto, me perdi como os outros.

Se em mim a parte espiritual tivesse se desenvolvido tão bem quanto a parte material, teria podido raciocinar com mais discernimento. Entretanto, confundindo-as, perdi de vista esta imortalidade da alma, que tanto procurava e não pedia senão para encontrar. Assim, tão entusiasmado me achava nessa luta com o mundo que cheguei, quase contra a minha vontade, a negar a existência de um futuro. A oposição que fazia às tolas opiniões e à cega credulidade dos homens impelia-me ao mesmo tempo a negar e a opor-me a todo o bem que a religião cristã pudesse fazer. Todavia, por mais descrente que eu fosse, sentia que era superior aos meus adversários; sim, muito além do alcance de sua inteligência. A bela face da Natureza revelava-me o Universo e me inspirava o sentimento de uma vaga veneração, mesclada ao desejo de uma liberdade sem limites, sentimento que eles jamais experimentavam, por se encontrarem agachados nas trevas da escravidão.

Tiveram, pois, minhas obras o seu lado bom, porque sem elas o mal que tivesse atingido a Humanidade, por falta de qualquer oposição, teria sido pior. Muitos homens não aceitavam mais a escravidão; muitos dentre eles se libertaram e, se aquilo que eu pregava lhes deu um único pensamento elevado ou lhes fez dar um único passo no caminho da Ciência, não seria abrir-lhes os olhos para a sua verdadeira condição? Só lamento ter vivido tanto tempo na Terra sem saber o que teria podido ser e o que teria podido fazer. O que não teria feito se tivesse sido abençoado por essas luzes do Espiritismo que hoje se derramam sobre os Espíritos dos homens!

Descrente e vacilante entrei no mundo espírita. Por si só minha presença era suficiente para banir qualquer clarão de luz que pudesse iluminar a minha alma obscurecida; apenas a parte material de meu corpo se havia desenvolvido na Terra; quanto à parte espiritual, havia-se perdido em meio aos meus descaminhos, na busca da luz, tal como se houvera sido encerrada numa jaula de

ferro. Altivo e zombeteiro, ali me iniciava, não conhecendo nem procurando conhecer esse futuro que em vida tanto havia combatido. Mas façamos aqui esta confissão: houve sempre em minha alma uma débil voz que se fazia ouvir através dos grilhões materiais e que pedia luz. Era uma luta incessante entre o desejo de saber e uma obstinação em não saber. Assim, pois, minha entrada estava longe de ser agradável. Não acabava eu de descobrir a falsidade, o nada das opiniões que havia sustentado com todas as forças de minhas faculdades? Depois de tudo, o homem se reconhecia imortal, e eu não podia deixar de ver que, igualmente, deveria existir um Deus, um Espírito imortal, que estava à frente e que governava esse espaço ilimitado que me cercava.

Como viajava incessantemente, sem me conceder nenhum repouso, a fim de me convencer de que o mundo em que me encontrava bem podia ser um mundo material, minha alma lutou contra a verdade que me esmagava! Não pude realizar-me como Espírito que acabava de deixar o seu domicílio mortal! Não houve ninguém com quem pudesse estabelecer relações, porque a todos eu havia recusado a imortalidade. Para mim não existia repouso: estava sempre errante e desconfiado. Em mim o Espírito, tenebroso e amargo, comportava-se como um maníaco, incapaz de ser detido ou de perseguir um objetivo.

Como já disse, eu debochava de tudo, e foi lançando um desafio que abordei o mundo espírita. Inicialmente fui levado para longe das moradas dos Espíritos e percorri o espaço incomensurável. Em seguida foi-me permitido lançar os olhos sobre as maravilhosas construções que serviam de habitação aos Espíritos e, com efeito, pareceram-me surpreendentes. Fui empurrado, aqui e ali, por uma força irresistível; era obrigado a ver, até que minha alma fosse saciada pelos esplendores e esmagada ante o poder que controlava tais maravilhas. Finalmente, vi-me obrigado a esconder-me e a refugiar-me nas concavidades das rochas, mas não o conseguia.

Foi nesse momento que o meu coração começou a sentir a necessidade de expandir-se; uma associação qualquer se tornava urgente, porque me sentia queimar pelo desejo de confessar o quanto tinha sido induzido em erro, não pelos outros, mas por meus próprios sonhos. Já não me restavam ilusões sobre a minha importância pessoal, porque percebia a minha insignificância neste grande mundo dos Espíritos. Enfim, de tal forma me deixara cair na lassidão e na humilhação, que me foi permitido reunir-me a alguns habitantes. Só então pude contemplar a posição em que me havia colocado na Terra e o que disso resultava no mundo espírita. Julgai se esta apreciação poderia favorecer-me.

Uma revolução completa, uma transformação de alto a baixo ocorreu na minha organização espírita e, de mestre que era, tornei-me o mais ardente dos discípulos. Quantos progressos realizei com a expansão intelectual que em mim se encontrava! Minha alma se sentia iluminada e aquecida pelo amor divino; suas aspirações à imortalidade, de reprimidas que eram, tomaram gigantesco impulso. Via quão grandes tinham sido os meus erros e quão grande devia ser a reparação para expiar tudo quanto havia feito ou dito, que tivesse podido seduzir e enganar a Humanidade. Como são magníficas essas lições da sabedoria e da beleza celestes! Ultrapassam tudo aquilo que na Terra teria podido imaginar.

Em suma, vivi bastante para reconhecer, em minha existência terrestre, uma guerra implacável entre o mundo e a minha natureza espiritual. Lamentei profundamente as opiniões que emiti e que desviaram muita gente; mas, ao mesmo tempo, é penetrado de gratidão ao Criador, o infinitamente sábio, que sinto ter sido um dos instrumentos de que se serviram os Espíritos dos homens para impulsionar o seu progresso.

Observação – Não adicionaremos nenhum comentário a esta comunicação, cuja profundidade e elevado alcance todos

apreciarão, e na qual se encontra toda a superioridade do gênio. Um quadro tão grandioso e impressionante do mundo espírita, assim como a influência das idéias terrenas sobre as idéias de além-túmulo, talvez jamais tenha sido dado. Na conversa que publicamos em nosso número anterior encontra-se a mesma essência de idéias, embora menos desenvolvidas e, sobretudo, expressas menos poeticamente. Aqueles que apenas se ligam à forma sem dúvida dirão que não reconhecem o mesmo Espírito nessas duas comunicações e que principalmente a última não lhes parece à altura de Voltaire, concluindo que uma delas não é dele.

Certamente, quando o chamamos, ele não nos trouxe sua certidão de nascimento; entretanto, quem quer que veja menos superficialmente ficará surpreendido pela identidade de pontos de vista e de princípios existentes entre essas duas comunicações, obtidas em épocas diversas, a uma enorme distância e em línguas diferentes. Se o estilo não é o mesmo, não há contradição de pensamento, e isso é o essencial. Mas se foi o mesmo Espírito que falou nas duas comunicações, por que é tão explícito e tão poético em uma delas, enquanto é lacônico e vulgar na outra? É preciso não ter estudado os fenômenos espíritas para não o compreender. Isso resulta da mesma causa que leva o mesmo Espírito a dar encantadoras poesias por um médium e não poder ditar um único verso por outro. Conhecemos médiuns que absolutamente não são poetas e que obtêm versos admiráveis, assim como há outros que jamais aprenderam a desenhar mas desenharam coisas maravilhosas. É necessário, pois, reconhecer, abstração feita das qualidades intelectuais, que entre os médiuns há aptidões especiais que os tornam, para certos Espíritos, instrumentos mais ou menos flexíveis, mais ou menos cômodos. Dizemos para certos Espíritos porque também os Espíritos têm a sua preferência, fundada em razões que nem sempre conhecemos. Desse modo, o mesmo Espírito será mais ou menos explícito, conforme o médium que lhe sirva de intérprete e, sobretudo, conforme o hábito que tenha de servir-se dele. Por outro lado, um Espírito que se comunica

frequentemente pela mesma pessoa o faz com mais facilidade do que outro que venha pela primeira vez. A emissão do pensamento pode, pois, ser entravada por uma multidão de causas; quando, porém, se trata do mesmo Espírito, o fundo do pensamento é o mesmo, embora a forma seja diferente, o que faz com que um observador atento o reconheça facilmente, mediante certos traços característicos. A propósito, relataremos o seguinte fato:

O Espírito de um soberano, que no mundo representou um papel preponderante, foi evocado em uma de nossas reuniões, manifestando-se inicialmente por um ato de cólera, ao rasgar o papel e quebrar o lápis. Sua linguagem estava longe de ser benevolente, porque se sentia humilhado de comparecer entre nós, perguntando se julgávamos que devesse rebaixar-se para nos responder. Confessava, entretanto, que, se o fazia, era como que constrangido e obrigado por uma força superior à sua, mas se isso dependesse dele jamais o faria.

Um dos nossos correspondentes da África, que não tinha nenhum conhecimento do fato, escreveu-nos que, numa reunião de que participara, quiseram evocar o mesmo Espírito. Sua linguagem foi idêntica em todos os pontos. Disse ele: “Acreditais que eu viria voluntariamente a esta casa de mercadores, onde talvez um dos meus criados não quisesse morar? Não vos respondo; isto me lembra meu reino, onde eu era tão feliz; tinha autoridade sobre todo o meu povo, e agora é preciso que me submetam.” O Espírito de uma rainha, que em vida não se distinguira pela bondade, respondeu no mesmo centro: “Não me interroguéis mais; aborreceis-me; se ainda tivesse o poder que detinha na Terra, eu vos faria arrepender bastante; agora, porém, zombais de mim e da minha miséria, pois já não tenho nenhum poder sobre vós. Sou muito infeliz.” Não estará aqui um curioso estudo dos costumes espíritos?

Conversas Familiares de Além-Túmulo

UM OFICIAL DO EXÉRCITO DA ITÁLIA

SEGUNDA ENTREVISTA – Sociedade, 1º de julho de 1859

[Vide o número de julho]

1. *Evocação*

Resp. – Eis-me aqui. Falai.

2. Prometestes voltar a ver-nos e aproveitamos o ensejo para vos pedir algumas explicações complementares.

Resp. – De bom grado.

3. Depois da vossa morte chegastes a assistir a alguns combates?

Resp. – Sim, ao último.

4. Quando, como Espírito, testemunhais um combate e vedes os homens se matarem mutuamente, experimentais algum sentimento de horror, da mesma forma que também o experimentaríamos se presenciássemos cenas semelhantes?

Resp. – Sim; mesmo como homem eu já o experimentava. Entretanto, o respeito humano reprimia esse sentimento como indigno de um soldado.

5. Há Espíritos que sentem prazer vendo essas cenas de carnificina?

Resp. – Poucos.

6. Que sentimento experimentam, a essa visão, os Espíritos de ordem superior?

Resp. – Grande compaixão; quase desprezo. Aquilo que vós mesmos experimentais quando vedes os animais se dilacerarem entre si.

7. Assistindo a um combate e vendo homens morrer, testemunhais a separação entre a alma e o corpo?

Resp. – Sim.

8. Nesse momento vedes dois indivíduos: o Espírito e o corpo?

Resp. – Não; que é então o corpo?

– Mas nem por isso o corpo deixa de estar lá; não deve ser distinto do Espírito?

Resp. – Um cadáver, sim; mas não é mais um ser.

9. Qual a aparência que então assume o Espírito?

Resp. – Leve.

10. O Espírito afasta-se imediatamente do corpo? Dignai-vos descrever tão explicitamente quanto possível como as coisas se passam e como as veríamos, caso fôssemos testemunhas.

Resp. – Há poucas mortes realmente instantâneas. O Espírito, cujo corpo foi atingido por uma bala, a maior parte do tempo argumenta consigo mesmo: “Vou morrer, pensemos em Deus e no Céu. Adeus, Terra que eu amava.” Depois desse primeiro sentimento a dor o arranca do corpo e só então podemos distinguir o Espírito, *que se move* ao lado do cadáver. Isso parece tão natural que a visão do corpo morto não produz nenhum efeito desagradável. Tendo sido toda a vida transportada para o Espírito, apenas este chama a atenção; é com o Espírito que conversamos ou é a ele que damos ordens.

Observação – Poderíamos comparar esse efeito ao produzido por um grupo de banhistas; o espectador não presta nenhuma atenção às roupas deixadas à margem.

11. Surpreendido por uma morte violenta, geralmente por algum tempo o homem não se julga morto. Como se explica a sua situação, e como pode ter ele ilusões, já que deve sentir perfeitamente que seu corpo não é mais material e resistente?

Resp. – Ele o sabe; não há ilusão.

Observação – Isto não é perfeitamente exato. Sabemos que em certos casos os Espíritos se iludem, julgando não estar mortos.

12. Uma tempestade violenta desabou no fim da batalha de Solferino. Foi por uma circunstância fortuita ou por um desígnio providencial?

Resp. – Toda circunstância fortuita resulta da vontade de Deus.

13. Essa tempestade tinha um objetivo? Qual seria?

Resp. – Sim, por certo: fazer cessar o combate.

14. Foi provocado no interesse de uma das partes beligerantes? Qual?

Resp. – Sim; sobretudo para os nossos inimigos.

– Por que isso? Poderíeis explicar mais claramente?

Resp. – Perguntais-me por quê? Acaso ignorais que, sem essa tempestade, nossa artilharia não teria deixado escapar um só austríaco?

15. Se tal tempestade foi provocada, deve ter tido agentes. Quais eram esses agentes?

Resp. – A eletricidade.

16. É o agente material. Mas haverá Espíritos que tenham por tarefa conduzir os elementos?

Resp. – Não; a vontade de Deus é suficiente. Ele não necessita de ajudantes tão elementares.

(Ver mais adiante o artigo sobre as tempestades)

O GENERAL HOCHÉ

(Sociedade – 22 de julho de 1859)

1. *Evocação*

Resp. – Estou convosco.

2. A Sra. J... nos disse que vos tínheis comunicado espontaneamente com ela. Com que intenção o fizestes, desde que ela não vos havia chamado?

Resp. – É ela quem me traz aqui; eu desejava ser chamado por vós e sabia que, dirigindo-me à sua casa, seríeis informado e provavelmente me evocaríeis.

3. Dissestes a ela que estáveis acompanhando as operações militares da Itália; isso nos parece natural. Poderíeis dizer-nos o que pensais a respeito?

Resp. – Elas produziram grandes resultados. No meu tempo combatíamos mais longamente.

4. Assistindo a essa guerra, nela desempenhais algum papel ativo?

Resp. – Não; simples espectador.

5. Como vós, outros generais do vosso tempo lá estiveram convosco?

Resp. – Sim, bem o podeis imaginar.

6. Poderíeis designar alguns?

Resp. – Seria inútil.

7. Dizem que Napoleão I achava-se presente, no que não temos dificuldade em acreditar. À época das primeiras guerras da Itália ele era apenas general. Poderíeis dizer-nos se nesta ele via as coisas do ponto de vista do general ou do imperador?

Resp. – De ambos, e ainda de um terceiro: do de diplomata.

8. Quando vivíeis, vossa posição hierárquica como militar era mais ou menos igual à dele. Como ele ascendeu bastante depois de vossa morte, poderíeis dizer-nos, como Espírito, se o considerais vosso superior?

Resp. – Aqui reina a igualdade. O que perguntais com isso?

Observação – Por igualdade sem dúvida ele entende que os Espíritos não levam em conta as distinções terrenas, com as

quais de fato pouco se preocupam e que não têm nenhum peso entre eles. A igualdade moral, porém, está longe de reinar; entre eles há uma hierarquia e uma subordinação baseadas nas qualidades adquiridas, e ninguém pode subtrair-se ao ascendente daqueles que são mais elevados e mais puros.

9. Acompanhando as peripécias da guerra, prevíeis a paz assim tão próxima?

Resp. – Sim.

10. Para vós tratava-se de uma simples previsão ou tínheis um conhecimento prévio seguro?

Resp. – Não. Haviam me dito.

11. Sois sensível à recordação que guardamos de vós?

Resp. – Sim, mas pouco fiz por merecê-la.

12. Vossa viúva acaba de morrer. Vós vos reunistes a ela imediatamente?

Resp. – Eu a esperava. Hoje vou deixá-la: a existência me chama.

13. Será na Terra que deveis ter uma nova existência?

Resp. – Não.

14. O mundo para o qual deveis ir é-nos conhecido?

Resp. – Sim; Mercúrio.

15. Do ponto de vista moral, esse mundo é superior ou inferior à Terra?

Resp. – Inferior. Eu o elevarei. Contribuirei para fazê-lo entrar numa nova posição.

16. Atualmente conheceis o mundo para onde deveis ir?

Resp. – Sim, muito bem. Talvez melhor do que o conhecerei quando o habitar.

Observação – Esta resposta é perfeitamente lógica. Como Espírito ele vê esse mundo em seu conjunto; quando nele estiver encarnado não o verá senão do ponto de vista restrito da sua personalidade e da posição social que ocupar.

17. Do ponto de vista físico, os habitantes desse mundo são tão materiais quanto os da Terra?

Resp. – Sim, completamente; mais ainda.

18. Fostes vós que escolhestes esse mundo para vossa nova existência?

Resp. – Não, não. Eu teria preferido uma terra calma e feliz. Lá encontrarei torrentes de mal a combater e furores de crime a punir.

Observação – Quando nossos missionários cristãos vão aos povos bárbaros para tentar fazer que neles penetrem os germes da civilização, não cumprem uma função análoga? Por que, então, nos admirarmos de que um Espírito elevado vá a um mundo atrasado com vistas a fazê-lo avançar?

19. Essa existência vos é imposta por constrangimento?

Resp. – Não; comprometi-me com ela. Fizeram-me compreender que o destino, a Providência, se assim quiserdes, ali me chamava. É como a morte antes de subir ao céu: é preciso sofrer e, infelizmente, não sofri bastante.

20. Sois feliz como Espírito?

Resp. – Sim, sem dificuldades.

21. Quais foram as vossas ocupações como Espírito, desde o momento em que deixastes a Terra?

Resp. – Visitei o mundo, a Terra inteiramente. Isso demandou um período de alguns anos. Aprendi as leis que Deus emprega para conduzir todos os fenômenos que concorrem para a vida. Depois, fiz o mesmo em várias esferas.

22. Nós vos agradecemos por terdes atendido ao nosso apelo.

Resp. – Adeus. Não mais me vereis.

MORTE DE UM ESPÍRITA

(Sociedade – 8 de julho de 1859)

M. J..., negociante do departamento do Sarthe, morto no dia 15 de junho de 1859, era, sob todos os aspectos, um homem de bem e de uma caridade sem limites. Tinha feito um estudo sério do Espiritismo, do qual era fervoroso adepto. Como assinante da *Revista Espírita*, encontrava-se em contato indireto conosco, sem que nos tivéssemos visto. Evocando-o, tivemos como objetivo não apenas atender ao desejo de seus parentes e amigos, mas testemunhar-lhe pessoalmente a nossa simpatia e agradecer-lhe as gentilezas que de nós houve por bem dizer e pensar. Além disso, para nós era motivo de estudo interessante, do ponto de vista da influência que o conhecimento aprofundado do Espiritismo pode ter sobre o estado da alma após a morte.

1. *Evocação*

Resp. – Estou aqui há muito tempo.

2. Jamais tive o prazer de vos ver. Contudo, reconheceis-me?

Resp. – Reconheço-vos tanto melhor quanto freqüentemente vos visitei e tive mais de uma conversa convosco, como Espírito, durante minha vida.

Observação – Isto confirma o fato muito importante, do qual tivemos numerosos exemplos, das comunicações que os homens têm entre si, mau grado seu, durante a vida. Assim, durante o sono do corpo, os Espíritos viajam e se visitam reciprocamente. Ao despertar conservam intuição das idéias que brotaram nessas conversas ocultas, mas cuja fonte ignoram. De certa maneira,

durante a vida temos uma dupla existência: a corporal, que nos dá a vida de relação exterior, e a espírita, que nos dá a vida de relação oculta.

3. Sois mais feliz do que na Terra?

Resp. – E sois vós que perguntais?

4. Eu o concebo. Entretanto, desfrutáveis de uma fortuna honradamente adquirida, que vos proporcionava os prazeres da vida. Tínheis a estima e a consideração obtidos pela vossa bondade e pela vossa benevolência. Poderíeis dizer-nos em que consiste a superioridade de vossa felicidade atual?

Resp. – Consiste naturalmente na satisfação que me proporciona a lembrança do pouco bem que fiz e na certeza do futuro que ele me promete. E contaís por nada a ausência de inquietudes e os aborrecimentos da vida? Os sofrimentos corporais e todos os tormentos que criamos para satisfazer às necessidades do corpo? Durante a vida, a agitação, a ansiedade, as angústias incessantes, mesmo em meio à fortuna; aqui, a tranqüilidade e o repouso: é a bonança após a tempestade.

5. Seis semanas antes de morrer afirmáveis ter ainda cinco anos de vida. De onde vinha essa ilusão, enquanto tantas pessoas pressentem a morte próxima?

Resp. – Um Espírito benévolo queria afastar da minha mente esse momento que, embora sem o confessar, por fraqueza eu o temia, não obstante o que já sabia sobre o futuro do Espírito.

6. Havíeis vos aprofundado seriamente na ciência espírita. Poderíeis dizer-nos, se, ao entrar no mundo dos Espíritos, encontrastes as coisas tais como se vos afiguravam?

Resp. – Aproximadamente a mesma coisa, exceto algumas questões de detalhe, que eu havia compreendido mal.

7. A leitura atenta que fazíeis da *Revista Espírita* e de *O Livro dos Espíritos* vos auxiliaram muito nisso?

Resp. – Incontestavelmente. Foi, sobretudo, o que preparou a minha entrada na verdadeira vida.

8. Experimentastes um sobressalto qualquer quando vos encontrastes no mundo dos Espíritos?

Resp. – Impossível que não fosse de outro modo; mas sobressalto não é bem o termo: admiração, de preferência. É tão difícil fazer uma idéia do que possa ser isso!

Observação – Aquele que, antes de ir habitar um país, o estudou nos livros, identificou-se com os costumes de seus habitantes, sua configuração, seu aspecto, por meio de desenhos, de plantas e de descrições, sem dúvida fica menos surpreendido do que aquele que não possui nenhuma idéia. Entretanto, mostra-lhe a realidade uma porção de detalhes que ele não tinha previsto e que o impressionam. Deve dar-se o mesmo no mundo dos Espíritos, cujas maravilhas não podemos compreender, porquanto há coisas que ultrapassam o nosso entendimento.

10. Deixando o corpo, vistes e reconhecestes imediatamente os Espíritos que vos cercavam?

Resp. – Sim, e Espíritos queridos.²²

11. Que pensais agora do futuro do Espiritismo?

Resp. – Um futuro ainda mais belo do que imaginais, malgrado vossa fé e vosso desejo.

12. Vossos conhecimentos no tocante aos assuntos espíritas sem dúvida vos permitirão responder com precisão a algumas perguntas. Poderíeis descrever claramente o que se passou convosco no instante em que vosso corpo deu o último suspiro e o vosso Espírito se achou livre?

Resp. – Pessoalmente acho muito difícil encontrar um meio de vos fazer compreender de outra maneira o que já foi feito, comparando a sensação que experimentamos ao despertar de um

22 N. do T.: No original a questão nº 9 foi saltada.

sono profundo. Esse despertar é mais ou menos lento e difícil, em razão direta da situação moral do Espírito, e nunca deixa de ser fortemente influenciado pelas circunstâncias que acompanham a morte.

Observação – Isto concorda com todas as observações que foram feitas sobre o estado do Espírito no momento de separar-se do corpo. Vimos sempre as circunstâncias *morais e materiais* que acompanham a morte reagirem poderosamente sobre o estado do Espírito nos primeiros momentos.

13. Vosso Espírito conservou a consciência de sua existência até o último momento e a recobrou imediatamente? Houve um instante de falta de lucidez? Qual foi a sua duração?

Resp. – Houve um instante de perturbação, mas quase inapreciável para mim.

14. O momento de despertar teve algo de penoso?

Resp. – Não; pelo contrário. Sentia-me alegre e disposto, se assim posso falar, como se tivesse respirado um ar puro ao sair de uma sala enfumaçada.

Observação – Comparação engenhosa e que não pode ser senão a expressão da verdade.

15. Lembrai-vos da existência que tivestes antes da que acabais de deixar? Qual foi ela?

Resp. – Melhor não poderia lembrar. Eu era um bom criado junto de um bom senhor, que me recebeu ao mesmo tempo em companhia de outros, à minha entrada neste mundo bem-aventurado.

16. Creio que vosso irmão se ocupa menos das questões espíritas do que vos ocupáveis.

Resp. – Sim; farei com que ele tome mais interesse, se isso me for permitido. Se ele soubesse o que ganhamos com isso, dar-lhes-ia mais importância.

17. Vosso irmão encarregou o Sr. B... de me comunicar a vossa morte. Ambos esperam, impacientes, o resultado de nossa conversa; mas serão ainda mais sensíveis a uma lembrança direta de vossa parte se quiserdes incumbir-me de dizer-lhes algumas palavras, para eles e para outras pessoas que vos pranteiam.

Resp. – Direi a eles, por vosso intermédio, o que eu mesmo lhes teria dito, mas receio muito não ter mais influência junto a alguns deles, como outrora. No entanto eu os conjuro, no meu e no nome de seus amigos, que vejo, a reflitem e estudarem seriamente esta grave questão do Espiritismo, ainda que fosse pelo auxílio que ela traz para passar esse momento tão temido pela maior parte, e tão pouco assustador para aquele que se preparou previamente pelo estudo do futuro e pela prática do bem. Dizei-lhes que estou sempre com eles, em meio a eles, que os vejo e que serei feliz se suas disposições puderem assegurar-lhes, no mundo em que me encontro, um lugar de que só terão de se felicitar. Dizei-o sobretudo ao meu irmão, cuja felicidade é o meu mais caro desejo, do qual não me esqueço, embora eu seja mais feliz.

18. A simpatia que tivestes a bondade de me testemunhar em vida, mesmo sem jamais ter-me visto, faz-me esperar que nos encontremos facilmente quando eu estiver entre vós. E até lá serei feliz se vos dignardes assistir-me nos trabalhos que me restam fazer para concluir a minha tarefa.

Resp. – Julgais-me com excessiva benevolência; no entanto, convencei-vos de que, se vos puder ser de alguma utilidade, não deixarei de o fazer, talvez mesmo sem que o suspeiteis.

19. Agradecemos por terdes atendido ao nosso apelo, e pelas instrutivas explicações que nos destes.

Resp. – À vossa disposição. Estarei muitas vezes convosco.

Observação – Incontestavelmente esta comunicação é uma das que descrevem a vida espírita com a maior clareza.

Oferece um poderoso ensino no que diz respeito à influência que as idéias espíritas exercem sobre a nossa situação depois da morte.

Esta conversa parece haver deixado algo a desejar ao amigo que nos participou a morte do Sr. J... “Este último – respondeu ele – não conservou na linguagem o cunho da originalidade que tinha conosco. Mantém uma reserva que não observava com ninguém; seu estilo, incorreto e vacilante, afetava inspiração. Entre nós ele ousava tudo; derrotava quem quer que formulasse uma objeção contra suas crenças. Reduzia-nos em pedaços para nos convencer. Em sua aparição psicológica não dá a conhecer nenhuma particularidade das numerosas relações que tinha com uma porção de pessoas que freqüentava. Todos nós gostaríamos de nos ver citados por ele, não para satisfazer a curiosidade, mas para nossa instrução. Gostaríamos que nos tivesse falado claramente de algumas idéias por nós emitidas em sua presença, em nossas conversas. A mim, pessoalmente, poderia ter dito se eu tinha ou não tinha razão de deter-me em tal ou qual consideração; se aquilo que eu lhe havia dito era verdadeiro ou falso. De modo algum nos falou de sua irmã, ainda viva e tão digna de interesse.”

De acordo com esta carta evocamos novamente o Sr. J..., dirigindo-lhe as seguintes perguntas:

20. Tomastes conhecimento da carta que recebi em resposta à que se referia à vossa evocação?

Resp. – Sim; vi quando a escreviam.

21. Teríeis a bondade de dar algumas explicações sobre certas passagens dessa carta e isso, como bem o compreendeis, com um fim instrutivo, unicamente para me fornecer elementos para uma resposta?

Resp. – Se o considerais útil, sim.

22. Acharam estranho que a vossa linguagem não tenha conservado o cunho da originalidade. Parece que em vida éreis severo na discussão.

Resp. – Sim, mas o Céu e a Terra são muito diferentes e aqui encontrei mestres. Que quereis? Eles me impacientavam com suas objeções extravagantes; eu lhes mostrava o Sol e não o queriam ver. Como manter o sangue-frio? Aqui não temos que discutir; todos nos entendemos.

23. Esses senhores admiram-se de que não os tenhais interpelado nominalmente para os refutar, como fazíeis em vida.

Resp. – Que se admirem! Eu os espero. Quando vierem juntar-se a mim, verão qual de nós estava com a razão. Será necessário que venham para cá, queiram ou não queiram, e uns mais cedo do que imaginam. Sua jactância cairá como a poeira abatida pela chuva; sua bazófia... (aqui o Espírito se detém e recusa concluir a frase).

24. Eles inferem que não lhes demonstrais todo o interesse que julgavam esperar de vós.

Resp. – Desejo-lhes o bem, mas nada posso fazer contra a vontade deles.

25. Surpreendem-se, igualmente, de que nada tenhais dito sobre vossa irmã.

Resp. – Acaso eles estão entre mim e ela?

26. O Sr. B... gostaria que tivésseis dito algo do que vos contou na intimidade; para ele e para os outros teria sido um meio de esclarecimento.

Resp. – De que serviria repetir o que ele já sabe? Pensa que não tenho outra coisa a fazer? Não dispõem dos mesmos meios de esclarecimento que tive? Que os aproveitem! Garanto-lhes que se sentirão bem. Quanto a mim, bendigo o céu por ter enviado a luz que me abriu o caminho da felicidade.

27. Mas é justamente essa luz que eles desejam e que ficariam felizes se a recebessem de vós.

Resp. – A luz brilha para todos; cego é aquele que não quer ver: cairá no precipício e amaldiçoará a sua cegueira.

28. Vossa linguagem me parece marcada por grande severidade.

Resp. – Eles não me acharam brando demais?

29. Nós vos agradecemos por terdes vindo e pelos esclarecimentos que nos destes.

Resp. – Sempre à vossa disposição, pois sei que é para o bem.

Tempestades – Papel dos Espíritos nos Fenômenos Naturais²³

(Sociedade, 22 de julho de 1859)

1. [A Fr. Arago] – Disseram-nos que a tempestade de Solferino tivera um objetivo providencial e nos assinalaram vários fatos desse gênero, especialmente em fevereiro e junho de 1848. Durante os combates tinham essas tempestades um fim análogo?

Resp. – Quase todas.

2. Interrogado a respeito, disse-nos o Espírito que em tal circunstância só Deus agia, sem intermediários. Permitti-nos algumas perguntas relativas ao assunto, que vos pedimos sejam resolvidas com a vossa clareza habitual. Concebemos perfeitamente que a vontade de Deus seja a causa primeira, nisto como em tudo; porém, sabendo que os Espíritos exercem ação sobre a matéria e que são os agentes da vontade de Deus, perguntamos se alguns dentre eles não exercerão certa influência sobre os elementos para os agitar, acalmar ou dirigir?

23 **N. do T.:** Vide *O Livro dos Espíritos* – Livro II – Capítulo IX – Questões 536 a 540.

Resp. – Mas evidentemente. Nem poderia ser de outro modo. Deus não exerce ação direta sobre a matéria. Ele encontra agentes dedicados em todos os graus da escala dos mundos. O Espírito evocado assim se expressou por ter um conhecimento menos perfeito dessas leis, assim como das leis da guerra.

Observação – A comunicação do oficial, acima referida, foi obtida no dia 1^o de julho; esta o foi no dia 22, e *por um outro médium*. Nada na pergunta indica a qualidade do primeiro Espírito evocado, qualidade que lembra espontaneamente o Espírito que acaba de responder. Esta circunstância é característica e prova que o pensamento do médium em nada contribuiu para a resposta. É assim que, numa multidão de circunstâncias fortuitas, o Espírito tanto revela a sua identidade como a sua independência. Eis por que dizemos ser necessário ver muito e observar bastante. Só assim descobriremos uma porção de matizes que escapam ao observador superficial e apressado. Sabe-se que é preciso aproveitar os fatos quando eles se apresentam, e não os será provocando que os obteremos. O observador atento e paciente encontra sempre alguma coisa a respigar.

3. A mitologia se fundava inteiramente em idéias espíritas, com a única diferença de que consideravam os Espíritos como divindades. Representavam esses deuses, ou esses Espíritos com atribuições especiais. Assim, uns eram encarregados dos ventos, outros do raio, outros de presidir ao fenômeno da vegetação, etc. Semelhante crença é totalmente destituída de fundamento?

Resp. – É de tal modo destituída de fundamento que ainda está muito aquém da verdade.

4. No começo de nossas comunicações os Espíritos nos disseram coisas que parecem confirmar esse princípio. Falaram, por exemplo, que certos Espíritos habitam mais especialmente o interior da Terra e presidem aos fenômenos geológicos.

Resp. – Sim, e não tardareis muito a ter a explicação de tudo isso.

5. Os Espíritos que habitam o interior da Terra e presidem aos fenômenos geológicos são de uma ordem inferior?

Resp. – Tais Espíritos não habitam positivamente a Terra. Presidem aos fenômenos e os dirigem. São de uma ordem completamente diversa.

6. São Espíritos que se encarnaram em homens, como nós?

Resp. – Que o serão e que já foram. Dir-vos-ei mais a respeito, dentro de pouco tempo, se o quiserdes.

Intimidade de uma Família Espírita

A Sra. G... enviuvou há três anos, ficando com quatro crianças. O filho mais velho é um amável rapaz de dezessete anos, e a filha mais jovem uma encantadora menina de seis anos. Desde muito tempo essa família se dedica ao Espiritismo, e antes mesmo que essa crença se tivesse popularizado como hoje, o pai e a mãe tinham uma espécie de intuição, que diversas circunstâncias haviam desenvolvido. O pai do Sr. G... lhe tinha aparecido diversas vezes em sua juventude e a cada vez o prevenia de coisas importantes ou lhe dava conselhos úteis. Fatos do mesmo gênero igualmente se haviam passado entre seus amigos, de sorte que, para eles, a existência de além-túmulo não era objeto da mais leve dúvida, assim como não o era a possibilidade de nos comunicarmos com os seres que nos são caros. Ao surgir, o Espiritismo não foi senão a confirmação de uma idéia bem sedimentada e santificada pelo sentimento de uma religião esclarecida, pois aquela família é um modelo de piedade e de caridade evangélicas. Extraíram da nova ciência os meios mais diretos de comunicação; a mãe e um dos filhos tornaram-se excelentes médiuns. Entretanto, longe de

empregar essa faculdade em questões fúteis, todos a consideravam como um precioso dom da Providência, do qual era permitido servir-se somente para coisas sérias. Assim, jamais a praticam sem recolhimento e respeito, e longe do olhar dos importunos e curiosos.

Entrementes o pai adoeceu e, pressentindo o fim próximo, reuniu os filhos e disse-lhes: “Filhos queridos e esposa muito amada, Deus me chama para ele. Sinto que vos deixarei daqui a pouco; mas sinto que encontrareis em vossa fé na imortalidade a força necessária para suportar corajosamente esta separação, assim como levo o consolo de que poderei sempre estar entre vós e vos ajudar com os meus conselhos. Chamai-me, pois, quando eu não estiver mais na Terra; virei sentar-me ao vosso lado, conversar convosco, como fazem os nossos antepassados. Na verdade estaremos menos separados do que se eu partisse para um país longínquo. Minha adorada esposa, deixo-te uma grande tarefa; entretanto, quanto mais pesada for, mais gloriosa será. Estou certo de que nossos filhos te auxiliarão a suportá-la; não é, meus filhos? Secundai vossa mãe; evitai tudo quanto possa fazê-la sofrer; sede bons e benevolentes para com todos; estendei a mão aos vossos irmãos infelizes, porque não gostaríeis de estendê-la um dia, pedindo em vão para vós. Que a paz, a concórdia e a união reinem entre vós; que jamais o interesse vos separe, pois o interesse material é a maior barreira entre a Terra e o Céu. Pensai que estarei sempre junto a vós, que vos verei como vos vejo neste momento, e melhor ainda, pois verei o vosso pensamento. Não queirais, pois, entristecer-me depois da morte, assim como não o fizestes em minha vida.”²⁴

É um espetáculo verdadeiramente edificante presenciar a intimidade dessa piedosa família. Alimentadas nas idéias espíritas,

24 **N. do T.:** Utilizamos ora a segunda pessoa do singular, ora a segunda do plural, *como consta no original*, a fim de melhor focalizar a intimidade daquele momento tão significativo para um pai que se despedia da família.

essas crianças não se consideram absolutamente separadas do pai. Para elas, ele está presente e temem praticar a menor ação que o possa desagradar. Uma noite por semana, e às vezes mais, é consagrada para conversar com ele; há, porém, as necessidades da vida, que devem ser providas – a família não é rica – razão por que um dia fixo é marcado para essas conversas piedosas, dia sempre esperado com impaciência. Muitas vezes pergunta a pequenina: “É hoje que papai vem?” Esse dia é dedicado a conversas familiares, em instruções proporcionais à inteligência, por vezes infantis, de outras vezes graves e sublimes. São conselhos dados a propósito de pequenas travessuras que ele assinala. Se faz elogios, também não poupa a crítica e, nesse caso, o culpado baixa os olhos, como se o pai estivesse à sua frente; pede-lhe perdão, que não é concedido senão depois de várias semanas de provas: sua sentença é aguardada com fervorosa ansiedade. Então, que alegria quando o pai diz: “Estou contente contigo!” Dizer, no entanto: “Não virei na próxima semana” é a mais terrível ameaça.

A festa anual não é esquecida. É sempre um dia solene, para o qual convidam os antepassados já falecidos, sem esquecer um irmãozinho morto há alguns anos. Os retratos são ornados de flores, cada criança prepara um pequeno trabalho, até mesmo uma saudação tradicional. O mais velho faz uma dissertação sobre assunto grave; uma das mocinhas executa um trecho musical; a pequenina, finalmente, recita uma fábula. É o dia das grandes comunicações, e cada convidado recebe uma lembrança dos amigos que deixou na Terra.

Como são belas essas reuniões, na sua tocante simplicidade! Como tudo ali fala ao coração! Como podemos sair dali sem estar impregnado pelo amor do bem? Nenhum olhar de mofa, nenhum sorriso céptico vem perturbar o piedoso recolhimento; alguns amigos partilham das mesmas convicções e as pessoas devotadas à religião da família são as únicas admitidas a tomarem assento nesse banquete de sentimento. Ride quanto quiserdes, vós que zombais das coisas mais santas. Por mais

soberbos e endurecidos sejais, não vos faço a injúria de acreditar que o vosso orgulho possa ficar impassível e frio diante de um tal espetáculo.

Um dia, entretanto, foi de luto para a família, dia de verdadeiro pesar: o pai havia anunciado que durante algum tempo, muito tempo mesmo, não poderia vir; uma grande e importante missão o convocava longe da Terra. Nem por isso a festa anual deixou de ser celebrada; mas foi triste, pois lá ele não estava. Havia dito ao partir:

“Meus filhos: que em meu retorno eu os possa encontrar todos dignos de mim”, razão por que cada um se esforça por tornar-se digno dele. Eles ainda esperam.

Aforismos Espíritas e Pensamentos Avulsos

Quando evocamos um parente ou amigo, seja qual for a afeição que nos tenha conservado, não devemos esperar essas demonstrações de ternura que nos pareceriam naturais depois de uma dolorosa separação. Por ser calma, a afeição pode ser mais verdadeira que a que se traduz por grandes demonstrações exteriores. Os Espíritos pensam, mas não agem como os homens: dois Espíritos amigos se vêem, amam-se, sentem-se felizes por se aproximarem, mas não têm necessidade de se lançarem aos braços um do outro. Quando se comunicam conosco pela escrita, uma boa palavra lhes basta e lhes diz muito mais do que palavras enfáticas.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

OUTUBRO DE 1859

Nº 10

Os Milagres

Sob o título de *Um Milagre*, o Sr. Mathieu, antigo farmacêutico do Exército, acaba de publicar uma relação de vários fatos de escrita direta, dos quais foi testemunha. Considerando que tais fatos se produziram em circunstâncias mais ou menos idênticas aos que relatamos em nosso número do mês de agosto, e não apresentando nenhuma característica especial, julgamos por bem não descrevê-los. Contudo, nós os mencionamos unicamente para mostrar que os fenômenos espíritas não são privilégio exclusivo de ninguém, e aproveitar a ocasião para cumprimentar o Sr. Mathieu pelo zelo com que os propaga. Várias outras pequenas brochuras e artigos do mesmo autor, em diversos jornais, disso são a prova. O Sr. Mathieu é um homem de ciência que, como tantos outros e como nós próprios, passou pela fileira da incredulidade. Viu-se, porém, obrigado a ceder ante a evidência, porquanto, contra os fatos é necessário depor as armas. Permitimo-nos apenas criticar o título dado à sua última publicação, não por uma questão de jogo de palavras, mas porque acreditamos que o assunto tenha certa importância e mereça um exame sério.

Em sua acepção primitiva e por sua etimologia, a palavra *milagre* significa coisa extraordinária, *coisa admirável de ver*;

mas essa palavra, como tantas outras, afastou-se do sentido originário e, conforme a Academia, hoje se diz de *um ato do poder divino, contrário às leis comuns da Natureza*. Tal é, com efeito, a sua acepção usual, e não é senão por comparação e por metáfora que se aplica às coisas vulgares que nos surpreendem e cuja causa é desconhecida.

Terá o fenômeno relatado pelo Sr. Mathieu o caráter de um *milagre*, no verdadeiro sentido da palavra? Certamente que não. Como já dissemos, o milagre é uma derrogação das leis da Natureza. Não entra de modo algum em nossa cogitação examinar se Deus julgou útil, em determinadas circunstâncias, derrogar as leis por ele mesmo estabelecidas; nosso fim é unicamente demonstrar que o fenômeno da escrita direta, por mais extraordinário que seja, não derroga absolutamente essas leis, nem possui nenhum caráter miraculoso. O milagre não se explica; a escrita direta, ao contrário, explica-se da maneira mais racional, como vimos em nosso artigo sobre esse assunto. Não se trata, pois, de um milagre, mas de um simples fenômeno que tem sua razão de ser nas leis gerais. O milagre tem ainda um outro caráter: o de ser insólito e isolado. Ora, desde que um fato se reproduz, por assim dizer à vontade e por diversas pessoas, já não pode haver um milagre.

Aos olhos dos ignorantes, a Ciência faz milagres todos os dias. Eis por que outrora aqueles que sabiam mais que o vulgo passavam por feiticeiros; e como se acreditava que toda ciência viesse do diabo, eles eram queimados. Hoje, que estamos muito mais civilizados, contentamo-nos em enviá-los aos hospícios. Depois que deixamos os inventores morrer de fome, erigimos-lhes estátuas e os proclamamos benfeitores da Humanidade. Mas deixemos essas tristes páginas de nossa história e voltemos ao assunto. Se um homem, que se ache realmente morto, for chamado à vida por intervenção divina, haverá verdadeiro milagre, por ser esse um fato contrário às leis da Natureza. Mas, se em tal homem

houver apenas aparências de morte, se lhe restar uma *vitalidade latente* e a Ciência, ou uma ação magnética, conseguir reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas ter-se-á dado um simples fenômeno natural, mas, para o vulgo ignorante, o fato passará por miraculoso e o autor será apedrejado ou venerado, conforme o caráter das pessoas. Lance um físico, do meio de certas campinas, um papagaio elétrico e faça que o raio caia sobre uma árvore e certamente esse novo Prometeu será tido por armado de diabólico poder; e seja dito de passagem, Prometeu parece ter-se antecipado singularmente a Franklin.

A escrita direta é um dos fenômenos que demonstram da maneira mais patente a ação das inteligências ocultas; mas pelo fato de ser produzido por seres ocultos não é mais miraculoso do que todos os outros fenômenos devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam o espaço são uma das potências da Natureza, cuja ação é incessante sobre o mundo material, tanto quanto sobre o mundo moral. Esclarecendo-nos sobre esse poder, o Espiritismo dá-nos a chave de uma porção de coisas inexplicáveis por outros meios. Como o magnetismo, ele revela uma lei, se não desconhecida, pelo menos mal compreendida; melhor dizendo, conheciam-se os efeitos, uma vez que se produziam em todos os tempos, mas não se conhecia a lei, e foi justamente a ignorância dessa lei que gerou a superstição. Conhecida a lei, cessa o maravilhoso e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que os espíritas não fazem milagres quando fazem girar uma mesa ou os mortos escreverem, da mesma forma que não o faz o médico, ao reviver um moribundo, ou o físico, ao fazer cair o raio.

Essa a razão por que repelimos com todas as nossas forças a qualificação empregada pelo Sr. Mathieu, embora estejamos persuadidos de que ele não quis dar nenhum sentido místico a essa palavra; além disso, as pessoas que não descem ao fundo das coisas – e estas são em maior número – poderiam

enganar-se e crer que os adeptos do Espiritismo se atribuem um poder sobrenatural. Aquele que pretendesse, auxiliado por essa ciência, *operar milagres*, ou seria ignorante do assunto ou verdadeiro pateta. É inútil dar armas aos que riem de tudo, mesmo daquilo que não conhecem, pois isso seria entregar-se voluntariamente ao ridículo.

Os fenômenos espíritas, assim como os fenômenos magnéticos, antes que se lhes conhecesse a causa, foram tidos à conta de prodígios. Ora, como os cépticos, os Espíritos fortes, isto é, aqueles que julgam deter o privilégio exclusivo da razão e do bom-senso, não acreditam que uma coisa seja possível pelo fato de não a compreenderem; eis por que todos os fatos reputados prodigiosos são objeto de zombaria; e como a religião contém grande número de fatos desse gênero, nela não acreditam. Daí à incredulidade absoluta não existe senão um passo.

Explicando a maioria desses fatos, o Espiritismo dá-lhes uma razão de ser. Vem, portanto, em auxílio da religião, demonstrando a possibilidade de certos fatos que, por não terem mais o caráter miraculoso, nem por isso são menos extraordinários, e Deus não é menor nem menos poderoso por não haver derogado suas leis. De quantas pilhérias não foram objeto as levitações de São Cupertino? Ora, a suspensão etérea dos corpos pesados é um fato demonstrado e explicado pelo Espiritismo; nós mesmos fomos *testemunha ocular* e o Sr. Home, assim como outras pessoas do nosso conhecimento, repetiram várias vezes o fenômeno produzido por São Cupertino; portanto, esse fenômeno entra na ordem das coisas naturais. No número dos fatos desse gênero devem-se colocar em primeira linha as aparições, por serem as mais freqüentes. A aparição de Salette, que divide o próprio clero, para nós nada tem de insólita. Certamente não podemos afirmar que o fato ocorreu, porque dele não temos a prova material; mas para nós ele é possível, desde que milhares de fatos análogos *recentes* nos são conhecidos; cremos neles não apenas

porque sua realidade é constatada por nós, mas, sobretudo, porque conhecemos perfeitamente a maneira pela qual se produzem. Reportem-se à teoria que demos das aparições e verão que esse fenômeno se torna tão simples e tão plausível quanto uma porção de fenômenos físicos, que somente são considerados prodigiosos porque nos falta possuir a sua chave.

Quanto à pessoa que se apresentou a Salette, é outra questão; sua identidade de modo algum está demonstrada. Constatamos apenas que ocorreu uma aparição; o resto não é da nossa competência. Nosso objetivo também não é examinar se Deus pode derrogar as suas leis ao fazer milagres, no verdadeiro sentido da palavra; trata-se de uma questão de teologia que não entra em nossas cogitações. Que cada um, portanto, guarde as suas convicções a esse respeito, pois o Espiritismo não tem por que se ocupar com isso; apenas dizemos que os fatos produzidos pelo Espiritismo nos revelam leis novas e nos dão a chave de uma multidão de coisas que pareciam sobrenaturais. Se alguns deles, que passavam por miraculosos, encontraram uma explicação lógica e uma razão de ser no Espiritismo, é mais um motivo para não nos apressarmos em negar aquilo que não compreendemos.

Certas pessoas nos criticam por expormos teorias espíritas que elas consideram prematuras. Esquecem que os fatos do Espiritismo são contestados por muitos precisamente porque parecem sair da lei comum e porque não se explicam. Dai-lhes uma base racional e a dúvida cessará. Dizei a alguém, pura e simplesmente, que expedireis um telegrama de Paris à América, recebendo a resposta em poucos minutos, e esse alguém rirá na vossa cara. Explicai o mecanismo do processo e ele acreditará, mesmo sem ver a operação. Neste século em que não se poupam as palavras, a explicação é, pois, um poderoso motivo de convicção; assim, vemos todos os dias pessoas que não testemunharam nenhum fato, que não viram uma mesa girar, nem um médium escrever, e que se acham tão convencidas quanto nós, unicamente porque leram e compreenderam. Se não devêssemos acreditar

senão naquilo que temos sob os olhos, nossas convicções se reduziriam a bem pouca coisa.

O Magnetismo Reconhecido pelo Poder Judiciário

Na *Revista Espírita* de outubro de 1858, publicamos dois artigos intitulados *Emprego Oficial do Magnetismo Animal* e *O Magnetismo e o Sonambulismo Ensinados pela Igreja*. No primeiro, referimo-nos ao tratamento magnético do rei Oscar, da Suécia, aconselhado pelos seus próprios médicos; no segundo, citamos várias perguntas e respostas, extraídas de uma obra intitulada *Curso Elementar de Instrução Cristã para uso dos Catecismos e Escolas Cristãs*, publicado em 1853 pelo abade Marotte, vigário geral da diocese de Verdun, no qual o magnetismo e o sonambulismo são claramente definidos e reconhecidos. Eis que agora a justiça lhes vem dar uma sanção extraordinária, pelo julgamento do Tribunal Correccional de Douai, de 27 de agosto passado. Como todos os jornais noticiaram esse julgamento, seria inútil repeti-lo, razão por que apenas relataremos sumariamente as circunstâncias.

Um rapaz, que do magnetismo não conhecia senão o nome, e jamais o tinha praticado, conseqüentemente ignorando as medidas de prudência que a experiência aconselha, propôs-se um dia magnetizar o sobrinho do *maître d'hôtel* onde jantava. Depois de alguns passes o menino caiu em sonambulismo, mas o magnetizador improvisado não soube como se portar para fazê-lo sair daquele estado, o qual foi seguido de crises nervosas persistentes, de que resultou uma queixa à Justiça, apresentada pelo tio contra o magnetizador. Dois médicos foram chamados como peritos. Eis o extrato de seu depoimento, que é mais ou menos idêntico, pelo menos quanto à conclusão. Após haver descrito e constatado o estado sonambúlico do menino, acrescenta o primeiro médico:

“Não creio absolutamente na existência de um fluido novo, de um agente físico mais ou menos análogo ao magnetismo terrestre, desenvolvendo-se no homem sob a influência de passes, toques, etc., e que produziria nas pessoas influenciadas efeitos por vezes maravilhosos.

“A existência de um tal fluido nunca foi cientificamente demonstrada. Longe disso: todas as vezes que homens difíceis de enganar, membros da Academia das Ciências e médicos eminentes quiseram verificar os fatos alegados, os príncipes do magnetismo sempre recuaram, estribados em pretextos por demais evidentes, e nem a questão do fato, nem muito menos a questão de doutrina puderam ser elucidados. Para o mundo científico, portanto, não existe magnetismo animal. Todavia, segue-se daí que as práticas dos magnetizadores não produzam nenhum efeito? *Pelo fato de negarmos, e com razão, o magnetismo, não poderíamos admitir a magnetização?*

“Estou convencido de que, se as imaginações nervosas e impressionáveis são todos os dias abaladas pelas manobras de que se trata, é nelas mesmas que devemos ver os fenômenos que apresentam, e não numa espécie de irradiação por parte do experimentador. Esta explicação se aplicaria ao caso Jourdain se os ataques que se seguiram ao primeiro, supondo tenham sido determinados pela magnetização, fossem se espaçando e enfraquecendo: um impulso único logicamente deveria produzir efeitos decrescentes. Ora, dá-se justamente o contrário: à medida que o tempo passa, os ataques se aceleram e aumentam de intensidade. Esta circunstância me confunde. Evidentemente está em jogo uma influência indeterminada: qual seria? Os antecedentes e a maneira de ser física de Jourdain não me são suficientemente conhecidos para que eu os possa atribuir ao seu temperamento; e devo confessar não saber onde colocar a causa.”

Neste ponto a criança é vitimada por um de seus ataques. Assim como o seu colega, a testemunha constata: contrações musculares gerais e *clônicas*²⁵; pele e olhos com sensibilidade preservada; pupilas fotoreagentes; ausência de espuma na boca; polegares fletidos na palma das mãos. Além disso, o grito inicial não ocorreu e o acesso termina gradualmente, passando pelo período sonambólico. À vista disso, os médicos declaram que a criança não é epiléptica, nem, menos ainda, cataléptica.

Interpelada a respeito da palavra sonambulismo, objetivando saber se tudo isso não se explicaria admitindo-se que o paciente, antes sonâmbulo, teria tido a 15 de agosto um acesso desse tipo de doença, a testemunha respondeu que, “em primeiro lugar não estava estabelecido que a criança fosse sonâmbula e, depois, tal fenômeno se teria produzido em condições absolutamente insólitas: em vez de ocorrer à noite, em meio ao sono natural, teria vindo em pleno meio-dia e em completa vigília. A mim, os passes magnéticos parecem ser a causa do estado atual da criança: não vejo outra razão.”

O segundo médico depõe assim: “Vi o pequeno doente no dia 13 de outubro de 1858; estava em estado sonambólico, gozando de locomoção voluntária; recitava o catecismo. Meu filho o viu na noite de 15: encontrava-se no mesmo estado e conjugava o verbo *poder*. Só algum tempo depois é que fiquei sabendo que ele fora magnetizado, e que um viajante teria dito: se não for desmagnetizado, talvez permaneça assim por toda a vida. Em minha juventude conheci um estudante no mesmo estado que, tendo sido curado sem recursos médicos, tornou-se um homem distinto na profissão que abraçou. Os acidentes que o doente experimentou não passaram de perturbações nervosas: não existe nenhum sintoma de epilepsia, nem de catalepsia.”

25 **N. do T.:** Grifo nosso: Espasmos em que se alternam, em rápida sucessão, rigidez e relaxamento. No original está grafada a palavra *chroniques*, sem correlação com o quadro clínico descrito acima.

O Tribunal pronunciou a seguinte sentença:

“Considerando que o acusado, no dia 15 de agosto, ao exercer imprudentemente sobre a pessoa do jovem Jourdain, de 13 anos, toques e gestos qualificados como passes magnéticos, no mínimo ferindo com esse aparato e por essas manobras não costumeiras a fraca imaginação da criança, produzindo-lhe uma superexcitação, uma desordem nervosa e, por fim, uma lesão ou uma doença, cujos acessos se repetiram desde então a diversos intervalos;

“Considerando que as manobras imprudentes que provocaram a dita lesão, ou doença, constituem delito previsto no artigo 320 do Código Penal;

“Considerando que o fato de que se trata ocasionou à parte civil um prejuízo que deve ser reparado; e

“Levando-se em conta que existem circunstâncias atenuantes,

“O Tribunal condena o acusado a 25 francos de multa, 1200 francos de perdas e danos e a arcar com as custas do processo.”

Nada temos a dizer quanto ao julgamento em si mesmo. O Tribunal teve ou não teve razão de condenar? A pena é muito forte ou é excessivamente fraca? Isto não nos diz respeito; a justiça se pronunciou e nós respeitamos a sua decisão. Entretanto, não deixaremos de examinar as conseqüências do julgamento, que tem um alcance capital. Houve condenação, portanto, houve um delito. Como foi este cometido? A sentença diz: *por toques e gestos qualificados como passes magnéticos*; portanto, os toques e passes magnéticos têm uma ação e não resultam de mera simulação. Esses toques e esses passes diferem, de algum modo, dos toques e gestos ordinários; como os distinguir? Eis aí uma coisa importante, porque, se não houvesse diferença, não poderíamos tocar a

primeira pessoa que encontrássemos, nem lhe fazer sinais, sem nos expormos a fazê-la cair em crise e sem incorreremos numa multa. Não compete ao Tribunal nos ensinar, nem, muito menos, dizer como os passes e toques, *quando têm o caráter magnético*, podem produzir um efeito qualquer. Ele constata o fato de um acidente e a causa do acidente; sua missão é apreciar o dano e a reparação que é devida. Mas os peritos chamados a esclarecer o Tribunal por certo nos vão ensinar a respeito; mesmo sem terem feito um curso sobre a matéria, devem fundamentar sua opinião, como se faz em todos os casos de medicina legal, e provar que falam com conhecimento de causa, considerando ser essa a primeira condição a ser preenchida por um perito. Ora! Ficamos decepcionados com a lógica desses senhores; seu depoimento revela completa ignorância sobre aquilo que devem opinar; não apenas desconhecem o magnetismo, como não lhes são familiares os fatos do sonambulismo natural, pois imaginam, um deles pelo menos, que tais fatos só se produzem *à noite* e durante o sono natural, o que é contrariado pela experiência.

Não é aí, porém, que se acha a parte mais notável do depoimento, especialmente da primeira testemunha: “Pelo fato de *negarmos, e com razão, o magnetismo, não poderíamos admitir a magnetização?*” Na verdade, não sei se há uma lógica muito difícil de ser entendida, mas confesso com toda humildade que isso ultrapassa a minha inteligência e que muitas pessoas estão comigo, porque seria o mesmo que afirmar ser possível magnetizar sem magnetismo, absolutamente como se disséssemos que um homem houvera recebido bordoadas na ausência do bordão responsável. Ora, acreditamos firmemente, de acordo com um velho ditado, e até prova em contrário, que para dar bordoadas faz-se necessário o bordão e, por analogia, para magnetizar é preciso magnetismo, do mesmo modo que, para purgar, é preciso o purgante. Nossa inteligência não vai até a ponto de compreender os efeitos sem as causas.

Direis que não nego o efeito; pelo contrário, eu o constato. O que nego é a causa que atribuí a esse efeito. Dizeis que entre os vossos dedos e o paciente existe algo invisível, a que chamais de fluido magnético. Quanto a mim, assevero não haver coisa alguma; que esse fluido não existe. Ora, o que existe é o magnetismo; vossos gestos são a magnetização. – De acordo. Admitis, assim, que simples gestos sem intermediário podem produzir crises nervosas e efeitos sonambúlicos, catalépticos e outros, unicamente porque a imaginação foi ferida. Admitamos que sim. Gostaria de ver uma pessoa ser impressionada por meio desses gestos e essa impressão chegar a ponto de fazê-la dormir em pleno dia, e contra a sua vontade, o que, haveis de convir, já seria um fato admirável. Mas será esse um sono natural, causado, como dizem alguns, pela monotonia dos movimentos? Neste caso, como explicaríeis a instantaneidade do sono produzido em alguns segundos? Por que não despertais facilmente esse dorminhoco, sacudindo-lhe tão-somente os braços? Deixemos de lado, por razões óbvias, muitos outros fenômenos igualmente pouco explicáveis pelo vosso sistema; não obstante, existe um cuja solução sem dúvida podereis dar, porquanto não creio que tenhais elaborado uma teoria sobre um assunto de tamanha gravidade sem vos terdes assegurado de que ele resolve todos os casos, teoria que deve ser pouco arriscada, permitindo que a enuncieis em pleno tribunal. Deveis, pois, estar bem seguros. Pois bem! Eu vos peço, para a instrução do público e de todas as pessoas bastante simples para acreditarem na existência de um fluido magnético, que resolvais pelo vosso sistema as duas questões seguintes:

1ª Se os efeitos atribuídos ao fluido magnético resultam apenas de uma imaginação excitada e fortemente impressionável, como se produzem à revelia da pessoa, quando é magnetizada durante o sono natural, ou quando se encontra num aposento vizinho, sem ver o magnetizador e sem saber que é magnetizada?

2º Se os toques ou passes magnéticos podem produzir crises nervosas e estados sonambúlicos, como podem esses mesmos toques e passes produzir o efeito contrário, destruir o que fizeram, acalmar as crises nervosas mais violentas que ocasionaram e fazer cessar o estado sonambúlico subitamente, como se fora um golpe de mágica? É por efeito da imaginação que a pessoa não vê, nem ouve o que se passa à sua volta? Ou é preciso admitir que se pode agir sobre a imaginação sem o concurso da imaginação, o que seria muito possível, já que se pode magnetizar sem magnetismo?

Isto me lembra uma pequena anedota. Um imprudente manejava um fuzil; o tiro disparado matou outro indivíduo. O perito foi chamado para examinar a arma, declarando que o indivíduo havia sido morto por um tiro de fuzil, embora este não se encontrasse carregado. Não é exatamente esse o caso do nosso magnetizador, que fere ao magnetizar, mas sem magnetismo? Seguramente o Tribunal de Douai, na sua alta sabedoria, não meditou nestas contradições, sobre as quais não devia pronunciarse. Como dissemos, ele não considerou senão o efeito produzido, declarando-o produzido por *toques e passes magnéticos*; não havia por que decidir se em nós existe, ou não existe, um fluido magnético. Mas o julgamento não constata de maneira menos autêntica que o magnetismo é uma realidade; de outro modo não teria condenado alguém por ter feito gestos insignificantes. Que isto sirva de lição aos imprudentes, que brincam com o que não conhecem.

Na opinião que emitiram, esses senhores não perceberam que chegavam a um resultado diametralmente oposto ao seu objetivo, o de atribuir aos magnetizadores um poder que estes estão longe de reivindicar. Com efeito, os magnetizadores sustentam que não agem senão com o auxílio de um intermediário; que, *quando esse intermediário lhes falta, sua ação é nula*; não se reconhecem com o poder de dar bordoadas sem bordões, nem de matar a tiros com um fuzil descarregado. Muito bem! Com a sua teoria esses senhores ainda operam outro prodígio, porque agem

sem ter nada nas mãos e nos bolsos. Realmente, há coisas que não podem ser levadas a sério; nós lhes pedimos muitas desculpas, mas isso não diminui em nada o seu mérito. Eles podem ser muito hábeis e médicos assaz competentes; sem dúvida foi por isso que o Tribunal os consultou. Permitimo-nos apenas criticar a sua opinião sobre o magnetismo.

Finalizamos com uma observação importante. Se o magnetismo é uma realidade, por que não é reconhecido oficialmente pela Faculdade? A tal respeito há muitas coisas a dizer. Limitar-nos-emos a uma única consideração, perguntando por que as descobertas hoje mais aceitas não o foram de imediato pelas corporações científicas? Deixo a outros o cuidado de responder. A classe médica está dividida sobre a questão do magnetismo, assim como em relação à homeopatia, à alopatia, à frenologia, ao tratamento da cólera, aos purgantes, às sangrias e sobre tantas outras coisas, de tal sorte que uma opinião a favor ou contra não passa de uma opinião individual, sem força de lei. O que faz a lei é a opinião geral, que se forma pelos fatos, a despeito de toda oposição, e que sobre os mais recalcitrantes exerce uma pressão irresistível. É o que acontece com o magnetismo, bem assim com o Espiritismo, e não será avançar muito dizer que metade dos médicos hoje reconhece e admite o magnetismo, e que três quartos dos magnetizadores são médicos. Dá-se o mesmo com o Espiritismo, que conta em suas fileiras uma infinidade de médicos e homens de ciência. Que importa, pois, a oposição sistemática ou mais ou menos interessada de alguns? Deixemos passar o tempo, que varre o amor-próprio ferido e as mesquinhas preocupações! A verdade pode ser abalada, mas não destruída, e a posteridade registra o nome dos que a combateram ou sustentaram. Se o magnetismo fosse uma utopia, há muito tempo dele não se cuidaria, ao passo que, como seu irmão, o Espiritismo, finca raízes por todos os lados. Lutai, pois, contra as idéias que invadem o mundo inteiro, de alto a baixo da escala social!

Médiuns Inertes

No número das questões importantes que se ligam à ciência espírita, o papel dos médiuns foi objeto de muitas controvérsias. O Sr. Brasseur, diretor do Centro Industrial, manifestou a respeito idéias particulares, numa série de artigos muito bem redigidos no *Moniteur de la toilette*²⁶, principalmente no mês de agosto último, do qual extraímos as passagens que citaremos adiante. Ele nos honra com o pedido de nossa opinião; nós lha daremos com toda sinceridade, sem pretender que o nosso julgamento faça lei. Deixemos que nossos leitores e observadores julguem a questão. Aliás, não teremos senão que resumir o que a respeito já dissemos em várias ocasiões, quando tratamos o assunto com muito mais desenvolvimento do que aqui podemos fazer, não nos sendo possível repetir o que se acha em nossos diversos escritos.

Eis as principais passagens de um dos artigos do Sr. Brasseur, seguidas de nossas respostas:

“O que é um médium? O médium é ativo ou passivo? Tais são as perguntas que visam a elucidar um assunto que preocupa vivamente as pessoas desejosas de se instruírem sobre as coisas de além-túmulo e, conseqüentemente, de suas relações com esse mundo.

“A 18 de maio último, enviei ao Presidente da *Société Spirite* uma nota intitulada: *Do Médium e dos Espíritos*. Por volta do dia 15 de julho o Sr. Allan Kardec publicou um novo livro sob o título: *O Que é o Espiritismo?* Ao abri-lo, imaginei encontrar uma resposta categórica, mas em vão. O autor persiste em seus erros: *Os médiuns* – diz ele à página 75 – *são PESSOAS aptas a receber, de maneira patente, a impressão dos Espíritos e a servir de INTERMEDIÁRIOS entre o mundo visível e o mundo invisível.*”

26 Journal des salons. – Modes. – Littérature. – Théâtres. Rue de l'Echiquier, 45.

A obra supracitada não é um curso de Espiritismo; é uma exposição sumária dos princípios da ciência para uso das pessoas que desejam adquirir as primeiras noções, e o exame das questões de detalhe e das diversas opiniões não podem entrar num quadro tão restrito e de finalidade especial. Quanto à definição que damos dos médiuns, parece perfeitamente clara, e é por ela que respondemos à pergunta do Sr. Brasseur: O que é um médium? É possível que ela não corresponda à sua opinião pessoal; quanto a nós, até agora não temos nenhum motivo para modificá-la.

“O Sr. Allan Kardec não reconhece o médium inerte. Fala muito de caixas, cartões ou pranchetas, mas não vê nessas coisas (página 62) senão apêndices da mão, cuja inutilidade teria sido reconhecida...”

“Compreendamos bem.”

“Na sua opinião o médium é um intermediário entre o mundo visível e o mundo invisível; mas é *absolutamente necessário que esse intermediário seja uma pessoa*? Não basta que o invisível tenha à sua disposição um *instrumento qualquer* para se manifestar?”

A isso responderemos sem rodeios: Não; não basta que o invisível tenha à sua disposição um instrumento qualquer para se manifestar, pois lhe falta o concurso fluídico de uma pessoa; para nós essa pessoa é o verdadeiro médium. Se bastasse ao Espírito ter à sua disposição um instrumento qualquer, veríamos cestas ou pranchetas escreverem sozinhas, o que jamais aconteceu. A escrita direta, que parece ser o fato mais independente de qualquer cooperação, só se produz sob a influência de médiuns dotados de uma aptidão especial. Uma consideração poderosa vem corroborar nossa opinião. De acordo com o Sr. Brasseur, o instrumento é a coisa principal, e a pessoa é a coisa acessória; para nós é justamente o contrário. Se assim não fosse, por que as pranchetas não se moveriam com qualquer um? Se, pois, para fazê-la mover, é necessário que sejamos dotados de uma aptidão especial, o papel da

pessoa não é puramente passivo. É por isso que essa pessoa é, para nós, o verdadeiro médium. O instrumento, como já dissemos, é apenas um apêndice da mão, do qual podemos dispensar. E isso é tão verdadeiro que toda pessoa que escreve por meio da prancheta pode fazê-lo diretamente com a mão, sem prancheta e mesmo sem lápis, visto poder traçar os caracteres com o dedo, ao passo que a prancheta não escreve sem a pessoa. Aliás, todas as variedades de médiuns, assim como seu papel *ativo* ou *passivo*, estão amplamente desenvolvidos em nossa *Instrução Prática sobre as Manifestações*.

“Separada da matéria pela dissolução do corpo, a alma não tem mais nenhum elemento físico da Humanidade.”

E que fazéis do perispírito? O perispírito é o laço que une a alma ao corpo, o envoltório semimaterial que ela possui durante a vida e que conserva após a morte: é sob esse envoltório que ela se mostra nas aparições. Esse envoltório também é matéria que, embora eterizada, pode adquirir as propriedades da tangibilidade.

“Segurando o lápis diretamente, observou-se que a pessoa mistura os sentimentos e as suas idéias com as idéias e os sentimentos do invisível, de sorte que assim são dadas apenas *comunicações com interferência*, ao passo que, empregando as caixas, cartões e pranchetas sob as mãos de duas pessoas reunidas, estas permanecem absolutamente estranhas à manifestação que, então, é somente do invisível; é por isso que declaro este último meio superior e preferível ao da Sociedade Espírita.”

Esta opinião poderia ser verdadeira se não fosse contraditada pelos milhares de fatos observados, seja na *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos*, seja em outros lugares, provando, de maneira insofismável, que os médiuns animados, *mesmo intuitivos*, e com mais forte razão os médiuns *mecânicos*, podem ser instrumentos absolutamente passivos e gozar da mais completa independência de pensamentos. No médium mecânico o Espírito age sobre a mão, que recebe um impulso completamente

involuntário e desempenha o papel daquilo que o Sr. Brasseur chama *médium inerte*, quer seja ela só, quer munida de um lápis, ou apoiada sobre um objeto móvel, provido de lápis.

No médium intuitivo o Espírito age sobre o cérebro, transmitindo pela corrente do sistema nervoso o movimento ao braço, e assim por diante. O médium mecânico escreve sem ter a menor consciência do que produz: *o ato precede o pensamento*. No médium intuitivo o pensamento acompanha o ato e por vezes o precede: é então o pensamento do Espírito que atravessa o cérebro do médium; e se algumas vezes parecem confundir-se, nem por isso sua independência é menos manifesta, quando, por exemplo, o médium escreve, *mesmo por intuição* coisas que não pode saber, ou inteiramente contrária às suas idéias, à sua maneira de ver e às suas próprias convicções. Numa palavra, quando ele pensa branco e escreve preto. Além disso, há tantos fatos espontâneos e imprevistos que não é possível a dúvida naqueles que os observaram. O papel do médium é aqui o de um intérprete que recebe um pensamento estranho, transmite-o e deve compreendê-lo a fim de o transmitir, e que, entretanto, não o assimila. É assim que as coisas se passam nos médiuns falantes que recebem o impulso sobre os órgãos da palavra, como outros o recebem sobre o braço ou a mão, e ainda os médiuns *audientes*, que escutam claramente uma voz a falar-lhes e a ditar-lhes o que devem escrever. E que diréis dos médiuns *videntes*, aos quais os Espíritos se mostram sob a forma que possuíam em vida, médiuns que os vêem circular à nossa volta, indo e vindo como a multidão que temos aos nossos olhos? E os médiuns impressionáveis, que sentem os toques ocultos, a impressão dos dedos e até das unhas, marcando a pele e nela deixando o seu sinal? Isso pode ocorrer com um ser que nada mais tem de matéria? E os médiuns de dupla vista? Embora perfeitamente despertos e em pleno dia, vêem claramente o que se passa a distância. Não é uma faculdade própria, um gênero de mediunidade? A mediunidade é a faculdade dos médiuns. Os médiuns são pessoas acessíveis à influência dos Espíritos e que lhes

podem servir de intermediários. Tal é a definição que se encontra no pequeno *Dictionnaire des Dictionnaires français abrégé*, de Napoléon Landais, e até agora ela nos parece dar exatamente essa idéia.

Não contestamos a utilidade dos instrumentos que o Sr. Brasseur designa sob o nome de médiums inertes, já que ele tem perfeita liberdade para o escolher, caso julgue conveniente fazer uma distinção. Incontestavelmente eles têm uma vantagem, como resultado da experiência, para as pessoas que ainda nada viram. Como, porém, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos constitui-se apenas de pessoas que não são mais iniciantes, cujas convicções já se formaram; como não faz nenhuma experiência visando a satisfazer a curiosidade do público – que jamais convida às suas sessões, a fim de não ser perturbada em suas pesquisas e em suas observações – esses meios primitivos não lhe ensinariam nada de novo. Eis por que a Sociedade utiliza meios mais eficientes, visto possuir grande experiência do assunto para saber distinguir perfeitamente a natureza das comunicações que recebe.

Não acompanharemos o Sr. Brasseur em todos os raciocínios sobre os quais apóia a sua teoria. Temeríamos enfraquecê-los ou mutilá-los. Na impossibilidade de os reproduzir na íntegra, preferimos remeter os leitores, que deles quiserem tomar conhecimento, ao jornal que ele redige com incontestável talento, e no qual se encontram sobre o mesmo assunto artigos do Sr. Jules de Neuville, muito bem escritos, mas que aos nossos olhos apresentam somente uma falha: não terem sido precedidos de um estudo suficientemente aprofundado da matéria, o que teria evitado muitas questões supérfluas.

Em resumo, de acordo com a Sociedade Espírita, persistimos em considerar as pessoas como verdadeiros médiums, que podem ser ativos ou passivos, segundo a sua natureza e a sua aptidão. Chamemos os instrumentos – se assim o quiserem – de

médiuns inertes; é uma distinção que talvez seja útil, mas incorreríamos em erro se lhes atribuíssemos o papel e as propriedades dos seres animados nas comunicações *inteligentes*. Dizemos inteligentes porque ainda é necessário distinguir certas manifestações espontâneas puramente físicas. É um assunto que já tratamos amplamente na *Revista*.

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 29 de julho de 1859 [Sessão Geral]

Leitura da Ata e dos trabalhos da última sessão.

Comunicações – Fatos curiosos de previsão de morte e avisos de além-túmulo, ocorridos, um com os senhores de Chamissot e de Brunoy, emigrados que residiam em Coblença, em 1794; outro, com a condessa Ch... [Serão publicados]

Observações microscópicas e analíticas da matéria da escrita direta. [Ver o número do mês de agosto de 1859.]

Leitura de uma carta em resposta à remessa da evocação do Sr. J. (de la Sarthe), feita na sessão de 22 de julho.

Estudos – Perguntas complementares relativas ao repouso dos Espíritos. As respostas não parecem à altura do Espírito evocado, cuja clareza e precisão habituais não foram reconhecidas. Como não apresentam solução satisfatória, a Sociedade não as toma em consideração.

Perguntas dirigidas a François Arago a propósito das respostas equívocas acima referidas. Ele diz que o Espírito que as respondeu não é o que foi chamado, acrescentando que tal Espírito não é mau e, sim, pouco adiantado e incapaz de resolver certas

questões. Deixaram-no vir para vos exercitar na apreciação das respostas e para dar a ele uma lição.

Perguntas ao mesmo Espírito sobre a análise química da matéria da escrita direta.

Mais perguntas ao mesmo Espírito sobre as tempestades e o papel dos Espíritos nos fenômenos da Natureza. [Publicadas no número de setembro.]

2^o Evocação do Sr. J... (de la Sarthe), conforme a carta acima relatada. [Publicada no número de setembro, sob o título *Morte de um Espírita*.]

Evocação de Jacques Arago. [Será publicada.]

Sexta-feira, 2 de setembro de 1859 [Sessão particular]

Leitura da Ata e dos trabalhos da última sessão.

Assuntos Administrativos – Apresentação e admissão de dois novos membros titulares e de um membro correspondente em Madrid.

Comunicações – Carta do Sr. Det..., membro da Sociedade, na qual cita notável passagem, extraída do Tableau de Paris, de Mercier, edição de 1788, 12^o volume, intitulado *Spiritualistes*. Esta passagem constata a existência, naquela época, de uma Sociedade formada em Paris, tendo por objetivo as comunicações com os Espíritos. Fornece, assim, uma nova prova de que o Espiritismo não é uma criação moderna, e que era aceito pelos homens mais eminentes. (Publicada a seguir.)

O Sr. S... observa, a propósito, que naquela época um tal *Martinez Pascalis* tinha fundado a seita dos *Martinistas*, que também pretendia estabelecer relações com os Espíritos, por meios que os iniciados se comprometiam a manter em segredo.

Carta do Dr. B..., de Nova Iorque, agradecendo à Sociedade o título de correspondente que esta lhe havia conferido e dando detalhes interessantes acerca da exploração mercantil do Espiritismo na América.

Comunicação de diversas cartas do Sr. Dumas, membro titular da Sociedade em Sétif, na Argélia, contendo grande número de evocações, muitas das quais oferecem grande interesse do ponto de vista do estudo. Elas constataam que vários médiuns se desenvolveram naquele país e que o Espiritismo é objeto de grande preocupação. Entre os fatos citados sobressai-se principalmente o seguinte: Ao tentar escrever como médium, um carvoeiro semi-analfabeto não obteve senão traços irregulares, com os quais preencheu sucessivamente seis páginas; teve, em seguida, a idéia de colocar essas páginas uma depois da outra e achou que os traços concordavam entre si, formando um conjunto. Essa mesma pessoa depois chegou a escrever páginas inteiras com grande facilidade. Entretanto, a prolixidade, a abundância e a natureza de certas comunicações fazem reeçar uma obsessão.

O Sr. Allan Kardec presta esclarecimentos sobre um fato de manifestação espontânea que ocorreu numa reunião em sua casa e em circunstâncias notáveis. A princesa S..., presente à reunião, manifestou o desejo de evocar o Dr. Beaufile, seu médico, morto há sete ou oito anos. Três médiuns, no número dos quais se achava a filha da princesa, que também era excelente médium, foram tomados de movimentos convulsivos violentos, quebrando os lápis e rasgando o papel. Intimado a identificar-se, depois de muita hesitação o Espírito terminou por dizer que não ousava revelar seu nome. Coagido pelas perguntas, respondeu que sabiam seu nome pelos jornais; que era um miserável; que tinha matado; que era o empregado do açougue, assassino da Rua de la Roquette, executado recentemente. Interrogado sobre os motivos de sua presença, sem ter sido chamado, disse que tinha sido enviado por outros Espíritos, *a fim de convencer os médiuns de que não escreviam o*

seu próprio pensamento; termina pedindo que orem por ele, porque se arrepende de sua conduta e sofre bastante. Retirou-se depois que prometeram satisfazer-lhe o desejo, e após lhe haverem dado alguns conselhos. Veio então o Dr. Beaufile, respondendo com muita calma e lucidez às diversas perguntas que lhe foram dirigidas.

Esta comunicação é, realmente, uma prova manifesta da independência dos médiuns, porquanto todos os membros da reunião estavam preocupados com a evocação do médico e ninguém pensava naquele homem, que a todos veio surpreender, manifestando-se por sinais idênticos a três médiuns diferentes, que não dispunham nem de cartões, nem de pranchetas.

Leitura de uma comunicação espontânea obtida pelo Sr. R..., membro da Sociedade, sobre a antigüidade das crenças espíritas, bem como os traços que deixaram nas demais religiões. (Publicada a seguir.)

Estudos – Evocação de Privat d'Anglefont. (Será publicada).

Evocação do milionário avarento de Lyon, mais conhecido como Père Crepin. (Será publicada.)

Sexta-feira, 9 de setembro de 1859 [Sessão geral]

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Comunicações – Leitura de uma comunicação espontânea obtida pelo Visconde de H..., médium recentemente desenvolvido, e transmitida pelo Sr. D..., membro da Sociedade, em Lille. (Será publicada).

Leitura de uma comunicação espontânea de Lamennais, obtida pelo Sr. R..., membro da Sociedade. (Será publicada.)

Outra comunicação espontânea obtida pelo mesmo, de parte do Dr. Olivier, que se apresentou sem ter sido chamado. Essa comunicação tem isso de notável: mostra aquele Espírito numa situação idêntica à de Voltaire, tal como este último a descreveu em suas Confissões, publicadas na Revista do mês de setembro. Ele duvida de tudo, mesmo de Deus. Errante, não encontra ninguém para o esclarecer, o que o mergulha numa ansiedade tanto mais penosa quanto menos lhe vê o termo. As palavras de consolo dirigidas pelo médium representam para ele um raio de luz e um alívio. Promete voltar. (Será publicada.)

O Sr. Allan Kardec relata um fato notável de obsessão, por parte de um Espírito brutal, antigo carroceiro, sobre a pessoa do Sr. C..., excelente médium. Além disso, o fato confirma a possibilidade da existência de lugares assombrados por certos Espíritos. (Será publicada.)

Os Espíritos bulhentos de Madrid; relato de um fato noticiado, sem comentário, por um jornal de Madrid, a respeito de uma casa daquela cidade, cujos ruídos e desordens noturnos a tornavam inabitável, e contra os quais as investigações e as medidas da polícia haviam fracassado.

Estudos – Questões sobre a avareza, a propósito da evocação do Père Crepin, de Lyon. (Serão publicadas depois dessa evocação.)

Evocação de Privat d'Anglemon - 2ª entrevista. (Será publicada.)

Evocação do Sr. Julien S..., feita a pedido do Sr. B. de Bouxhors.

Evocação do Sr. Adrien de S..., feita por uma pessoa estranha que assistia à sessão. Não obstante de interesse puramente pessoal, essa evocação oferece um traço característico quanto à influência exercida pelos Espíritos errantes sobre os encarnados.

A cripta de Saint-Leu. Procurando a sepultura do grande chanceler Pasquier na igreja de Saint-Leu, em Paris, no dia 27 de julho de 1859, ao perfurarem um buraco na parede encontraram debaixo do coro uma cripta de cinco metros de comprimento por quatro de altura e dois de largura, hermeticamente fechada por uma laje. Nessa cripta foram encontrados quinze a vinte esqueletos sem esquite e em diferentes posições, o que indicava que não haviam sido enterrados. Na parede, gravado com um instrumento pontiagudo, estava escrito: Marvé, 1733; Marx, coroinha, 1727; Charles Remy, 1721; Gabriel, 1727; Thiévan, 1723; Maupain, 1728, e vários nomes ilegíveis.

Interrogaram o Espírito São Luís sobre a possibilidade de evocar um dos Espíritos cujos nomes se acham na cripta, a fim de obter-se esclarecimentos a respeito dessa descoberta. Respondeu ele: “Aconselho-vos a deixar isso de lado. Há crimes neste caso, e este é muito recente para exumarmos algo que se relacione com ele.”

Verteuil, antigo autor dramático e ator do *Théâtre de la Cité*. Era um rapaz inteligente, de notável beleza e possuía uma grande fortuna. Em pouco tempo perdeu todos os haveres numa bancarrota, depois a voz, a audição e a visão. Morreu em Bicêtre, onde ficou vinte anos, surdo, mudo e cego, recebendo comunicação apenas quando lhe riscavam os caracteres na palma da mão; então, respondia por escrito. Esta posição excepcional parecia oferecer interessante matéria de estudo psicológico. Consultado a respeito, o Espírito São Luís respondeu: “Não o evoqueis; ele está reencarnado.” Em seguida forneceu diversas informações sobre os antecedentes do rapaz, as causas e as circunstâncias de sua enfermidade. (Para os detalhes desta história comovente, vide a *Patrie*, de 26 de julho de 1859.)

Evocação de antigo carroceiro, de cujas comunicações já demos notícia. Ele se manifesta por sinais de violência, quebra o

lápiz, que força sobre o papel, e por uma escrita grosseira, irregular e pouco legível. Esta evocação apresenta um caráter notável, sobretudo do ponto de vista da influência que o homem pode exercer sobre certos Espíritos inferiores, por meio da prece e dos bons conselhos. (Será publicada.)

Sexta-feira, 16 de setembro de 1859 [Sessão particular]

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 9 de setembro.

Comunicações – Leitura de um artigo do *Illustration* de 1853, comunicado pelo Sr. R..., e intitulado *As Meses Volantes*. Segundo o jornal russo *Sjevernava Peschela*, de 27 de abril de 1853, e conforme documentos fornecidos pelo Sr. Tscherepanoff, esse artigo demonstra que o fenômeno das mesas girantes é conhecido e praticado desde tempos imemoriais, na China, na Sibéria e entre os Kalmouks da Rússia meridional. Principalmente entre estes últimos, esse meio é utilizado na descoberta de objetos perdidos. (Publicado a seguir.)

O Sr. Dorgeval dirige à Sociedade um poema intitulado *Uranie*, do Sr. de Porry, de Marselha, no qual os pontos fundamentais da Doutrina Espírita estão claramente enunciados, embora na época de sua composição não tivesse o autor nenhuma noção dessa ciência. Não menos digno de nota é o Sr. Porry ter escrito seu poema por uma espécie de faculdade mediúnica. Era à noite, meio adormecido, que os versos se formavam em seu pensamento e ele os escrevia no dia seguinte, ao despertar. Foi feita a leitura de vários fragmentos desse poema, que será publicado nesta Revista.

Carta do Sr. P..., de Marselha, contendo a comunicação de um Espírito que se dá a conhecer pelo nome de Paulo, e uma de São Luís, notável por diversas respostas de grande profundidade.

Leitura de uma comunicação espontânea dada ao Sr. R..., membro da Sociedade, pelo açougueiro assassino da Rua de la Roquette, de que tratamos na sessão de 2 de setembro, e que veio interpor-se numa reunião havida na casa do Sr. Allan Kardec. Esse Espírito vem agradecer as preces que foram feitas em seu benefício, conforme havia pedido. Tal comunicação é notável pelos bons pensamentos que encerra, projetando uma nova luz sobre a assistência que pode ser dada aos Espíritos sofredores. (Será publicada.)

Estudos – Perguntou-se ao Espírito São Luís se, independentemente dos assuntos previamente elaborados, poderiam os Espíritos dar-nos comunicações espontâneas sobre assunto de sua livre escolha. Respondeu afirmativamente, dizendo que César escreverá da próxima vez por intermédio do Sr. R..., e com o consentimento deste último.

O Sr. Col..., presente à sessão como ouvinte, pergunta se lhe permitem fazer a evocação de seu filho, cuja morte é, para sua mãe, uma causa de sofrimento que nada pode atenuar. Devendo ir encontrá-la no dia seguinte, gostaria de relatar a conversa como um motivo de consolação. Como é de interesse meramente pessoal, esta evocação não será publicada.

Exame da teoria do Sr. Brasseur sobre os médiuns. Ele considera os cartões, pranchetas e outros instrumentos como os únicos médiuns verdadeiros, que classifica de *médiuns inertes*, considerando-se que nos médiuns animados, diz ele, há sempre maior ou menor participação do pensamento pessoal. Vários membros tomam parte na discussão, pondo-se de acordo no combate à opinião do Sr. Brasseur, fundada, segundo dizem, sobre uma observação incompleta, tendo em vista que a independência absoluta do médium animado está provada por fatos irrecusáveis. Um dos argumentos opostos ao Sr. Brasseur é de que os cartões e pranchetas nunca falam sozinhos, donde resulta que não passam de

instrumentos ou, como já foi dito, de apêndices perfeitamente dispensáveis; são os acessórios e não o principal. Munida de lápis e influenciada pela pessoa, a prancheta não é mais médium que o lápis colocado diretamente na mão da pessoa.

O Sr. Sanson procede à leitura de alguns versos que ele compôs em homenagem a São Luís e em agradecimento pela cura de que foi objeto. Como não se julga poeta, pergunta qual o Espírito que os inspirou. Respondem-lhe que foi o seu próprio Espírito, tomado de justo reconhecimento por aquele que aliviou suas dores.

Evocação de Swedenborg – À evocação feita por Allan Kardec, ele responde: “Falai, meu velho amigo.” – Honrais-me com o título de vosso velho amigo e, no entanto, estamos longe de ser contemporâneos; não vos conheço senão pelos vossos escritos. – “É verdade, mas eu vos conheço há muito tempo.” – Desejamos fazer várias perguntas sobre diversos pontos de vossa doutrina, mas, considerando o avançar da hora o nosso objetivo é apenas perguntar se podereis fazê-lo na próxima sessão. – Com prazer. Permitti-me, porém, desde já, fazer uma correção nos meus escritos, correção importante para mim. Quando escrevi minha doutrina, pretendia, segundo os conselhos do mundo celeste que a ditavam, que cada povo se achava no céu, numa esfera separada, e que o caráter distintivo de cada nação reapareceria ainda, não por indivíduos, mas por grandes famílias. A experiência convenceu-me de que isso não é assim.

– Não há outros pontos sujeitos a contestação? – R. Sim, muitos outros; mas este é um dos mais marcantes.

– Temos aqui vários médiuns; tendes preferência por algum para vos comunicardes conosco? – R. Não... digo, sim; eu escolheria um médium mecânico, como os chamais, e ao mesmo tempo rápido.

Sexta-feira, 23 de setembro de 1859 [Sessão Geral]

Leitura da ata da sessão do dia 16.

Apresentação de quatro candidatos como membros titulares. Sua admissão será discutida na próxima sessão particular do dia 7 de outubro, e aceita, se for o caso.

Comunicações – Leitura de uma carta de Rouen, relatando um fato autêntico ocorrido na família da pessoa que escreve, da aparição de sua avó no momento da morte.

Outro fato recente de aparição e de aviso de além-túmulo. O Sr. D..., de Paris, doutor em medicina, havia tratado durante algum tempo uma jovem mulher que padecia de doença incurável e que no momento não morava mais em Paris. Há cerca de quinze dias o médico foi despertado por pancadas à porta de seu quarto de dormir. Supondo que vinham chamá-lo para atender algum doente, perguntou: “Quem é? No mesmo instante viu aquela senhora à sua frente, dizendo-lhe com uma voz muito distinta: ‘Sou eu Sr. D..., venho dizer que morri.’ ” Tomando informações, ficou sabendo que aquela mulher havia morrido na mesma noite de sua aparição.

Fato curioso de separação momentânea entre a alma e o corpo aconteceu há alguns dias ao Sr. C., médium da Sociedade. (Será publicada com a explicação dada pelos Espíritos.)

Leitura de uma comunicação extraordinária, dada pelo Espírito Privat d'Anglemont ao Sr. Ch..., médium da Sociedade. (Será publicada com as outras comunicações do mesmo Espírito.)

Estudos – Três comunicações espontâneas tinham sido prometidas para esta sessão: uma de César, uma de Swedenborg e uma de Privat d'Anglemont. Fizeram escrevê-las simultaneamente por três médiuns diferentes, todos mecânicos.

A seguir, diversas perguntas são feitas a Swedenborg sobre alguns pontos de sua doutrina, que ele reconhece errôneas. Fez-se a leitura prévia de uma notícia biográfica sobre Swedenborg, preparada pela Sra. P., membro da Sociedade. (Serão publicadas.)

O Sr. Det..., membro da Sociedade, havia preparado sobre César uma série de perguntas muito inteligentes, mas as explicações espontâneas dadas por esse Espírito tornaram supérfluas a maior parte delas. Todavia, serão examinadas e escolhidas as que forem julgadas proveitosas para ulterior deliberação.

O Sr. Dumas, de Sétif, membro titular da Sociedade, está presente à sessão. Pede para fazer-se evocação de alguns Espíritos que a ele se manifestaram, a fim de ter um controle das comunicações obtidas na Argélia. O resultado dessas evocações é idêntico e confirma as respostas que lhe haviam sido dadas. À questão de saber se ele pode concorrer eficazmente para a propagação do Espiritismo na África, foi respondido que não somente pode, como também deve.

Sociedade Espírita no Século XVIII

Ao Senhor Presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Senhor Presidente,

“Não é de 1853, época em que os Espíritos começaram a manifestar-se pelo movimento das mesas e por pancadas, que data o restabelecimento das evocações. No histórico do Espiritismo, que lemos em vossas obras, não mencionais uma Sociedade como a nossa, cuja existência, com grande surpresa minha, foi revelada por *Mercier*, em seu *Tableau de Paris*, edição de 1788, no capítulo intitulado *Spiritualistes*, 12^o volume. Eis o que ele diz:

“Por que a Teologia, a Filosofia e a História mencionam várias aparições de Espíritos, de gênios ou de demônios? A crença de uma parte da Antigüidade era a de que cada homem tinha dois Espíritos: um bom, que convidava à virtude, e outro mau, que incitava ao mal.

“Uma *seita nova* acredita no retorno dos Espíritos a este mundo. Ouvi várias pessoas que estavam realmente persuadidas de que há meios para os evocar. Estamos rodeados por um mundo que não percebemos. À nossa volta estão seres dos quais não fazemos a menor idéia; dotados de uma natureza intelectual superior, eles nos vêem. Não há vazio no Universo: eis o que asseguram os adeptos da *ciência nova*.

“Assim, a volta das almas dos mortos, aceita em toda a Antigüidade, de que zombava a nossa filosofia, é hoje aceita *por homens que não são nem ignorantes, nem supersticiosos*. Todos esses Espíritos, aliás chamados na Escritura *os Príncipes do Ar*, estão sempre sob as ordens do Senhor da Natureza. Aristóteles diz que os Espíritos aparecem freqüentemente aos homens por necessitarem uns dos outros. Não me refiro aqui senão ao que nos dizem os partidários da existência dos gênios.

“Se acreditamos na imortalidade da alma precisamos admitir que essa multidão de Espíritos pode manifestar-se depois da morte. Entre essa imensidade de prodígios de que estão cheios todos os países da Terra, *se ocorrer um só, a incredulidade será um contra-senso*. Creio, portanto, que não haveria menos temeridade em negar do que em sustentar a verdade das aparições. Estamos num mundo desconhecido.”

Não se poderá acusar Mercier de incredulidade e de ignorância. No extrato que precede vemos que não rejeita *a priori* as manifestações dos Espíritos, conquanto não tenha tido ocasião de as testemunhar. Entretanto, como homem prudente, adia seu julgamento até maiores informações. A propósito do magnetismo

já havia dito: “Isto é tão misterioso, tão profundo e tão inacreditável que devemos rir, ou cair de joelhos. Eu não faço nem uma coisa, nem outra: *observo e espero.*”

Seria interessante saber por que essas evocações, retomadas em 1788, foram interrompidas até 1853. Teriam os membros da Sociedade, que delas se ocupavam, perecido durante a Revolução? É lamentável que Mercier não tenha revelado o nome do presidente daquela Sociedade.

Recebei, etc.

Det...

Membro titular da Sociedade.

Observação – O fato relatado por Mercier tem importância capital e um alcance que ninguém poderá desconhecer. Prova, já naquela época, que homens apreciáveis por sua inteligência ocupavam-se seriamente com a ciência espírita. Quanto à causa que levou à extinção dessa Sociedade, é provável que as perturbações que se seguiram tiveram grande papel em tudo isso; mas não é exato dizer que as evocações foram interrompidas até 1853. É verdade que em torno dessa época as manifestações tiveram maior desenvolvimento, mas está provado que elas jamais cessaram. Em 1818 tivemos em mãos uma notícia manuscrita sobre a Sociedade dos Teósofos, que existia no começo deste século e que pretendia, através do recolhimento e da prece, entrar em comunicação com os Espíritos; era, provavelmente, a continuação da Sociedade de que nos fala Mercier. Desde o ano 1800 o célebre abade Faria, de acordo com um cônego seu amigo, antigo missionário no Paraguai, ocupava-se da evocação e obtinha comunicações escritas. Todos os dias ficávamos sabendo que certas pessoas as obtinham em Paris, muito antes que se cogitasse dos Espíritos na América. Mas é preciso dizer também que antes dessa época todos aqueles que possuíam semelhante conhecimento faziam mistério; hoje, que é do domínio público, ele se vulgariza,

eis toda a diferença. Se fosse uma quimera não se teria implantado em alguns anos nos cinco continentes; o bom-senso já lhe teria feito justiça, precisamente porque cada um está em condições de ver e de compreender. Certamente ninguém contestará o progresso que essas idéias fazem diariamente, e isso nas camadas mais esclarecidas da sociedade. Ora, uma idéia que demanda o raciocínio, que cresce e se plenifica pela discussão e pelo exame, não tem as características de uma utopia.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

O PAI CRÉPIN

(Sociedade, 2 de setembro de 1859)

Recentemente os jornais anunciaram a morte de um homem que residia em Lyon, onde era conhecido pelo nome de Pai Crépin. Era muitas vezes milionário e de uma avareza pouco comum. Nos últimos tempos de sua vida viera morar com o casal Favre, que se comprometeu a alimentá-lo mediante 30 centavos por dia, feita a dedução de 10 centavos para o seu tabaco. Possuía nove casas e antes morava em uma delas, numa espécie de nicho que mandara construir sob a escada. Na época de receber os aluguéis arrancava os cartazes das ruas e deles se servia para dar os recibos. O decreto municipal que prescrevia a caiação das residências lhe causava um terrível desespero; fez diligências no sentido de obter uma exceção, mas tudo foi inútil. Gritava que estava arruinado. Se tivesse somente uma casa, resignar-se-ia; mas — acrescentava — tenho nove.

1. *Evocação*

Resp. — Eis-me aqui. Que quereis de mim? Oh! meu ouro! meu ouro! Que fizeram dele?

2. *Tendes saudades da vida terrestre?*

Resp. — Oh! Sim!

3. Por que tendes saudades?

Resp. – Não posso mais tocar no meu ouro, contá-lo e guardá-lo.

4. Em que empregais o vosso tempo?

Resp. – Ainda estou muito preso à Terra e é difícil que me arrependa.

5. Vindes algumas vezes rever os vossos queridos tesouros e vossas casas?

Resp. – Tantas vezes quanto posso.

6. Quando vivo alguma vez considerastes que não levaríeis nada disso para o outro mundo?

Resp. – Não. Minha única preocupação estava voltada para as riquezas, de modo a acumulá-las; jamais pensei em separar-me delas.

7. Qual era o vosso objetivo ao acumular essas riquezas, que não serviam para nada, nem mesmo para vós, considerando-se que passáveis por muitas privações?

Resp. – Eu experimentava a volúpia de tocá-las.

8. De onde provinha tão sórdida avareza?

Resp. – Do prazer que experimentava meu Espírito e meu coração por ter muito dinheiro. Na Terra não tive outra paixão.

9. Compreendeis que era avareza?

Resp. – Sim, compreendo agora que eu era um miserável. Entretanto, meu coração ainda é muito terreno e continuo experimentando um certo prazer em ver o meu ouro; mas não posso apalpá-lo e isso já é um começo de punição na vida em que me encontro.

10. Não experimentáveis nenhum sentimento de piedade pelos infelizes que padeciam a miséria, e jamais vos acudiu o pensamento de os aliviar?

Resp. – Por que eles não tinham dinheiro? Azar deles!

11. Recordais a existência que tivestes, anterior a esta que acabais de deixar?

Resp. – Sim, eu era pastor, muito infeliz de corpo, mas feliz de coração.

12. Quais foram os vossos primeiros pensamentos quando vos reconhecestes no mundo dos Espíritos?

Resp. – O meu primeiro pensamento foi o de procurar as minhas riquezas, principalmente meu ouro. Quando não vi senão o espaço, senti-me muito infeliz; meu coração se despedaçou e o remorso começou a apoderar-se de mim. Creio que quanto mais continuar procurando riquezas, mas sofrerei de minha avareza terrestre.

13. Qual é agora, para vós, a conseqüência da vossa vida terrestre?

Resp. – Inútil para meus semelhantes, inútil diante da eternidade, mas infeliz para mim perante Deus.

14. Sois capaz de prever uma nova existência corporal?

Resp. – Não sei.

15. Se em breve devêsseis ter uma nova existência corporal, qual a que escolheríeis?

Resp. – Escolheria uma existência em que pudesse tornar-me útil aos meus semelhantes.

16. Quando vivo não tínheis amigos na Terra? Um avarento como vós não os pode ter. Tende-os entre os Espíritos?

Resp. – Jamais orei por alguém; meu anjo-da-guarda, ao qual muito ofendi, é o único que tem piedade de mim.

17. À vossa entrada no mundo dos Espíritos havia alguém que vos veio receber?

Resp. – Sim, minha mãe.

18. Já fostes evocado por outras pessoas?

Resp. – Uma vez, por pessoas a quem maltratei.

19. Não estivestes na África, num centro onde se ocupam com os Espíritos?

Resp. – Sim, mas toda aquela gente não tinha nenhuma piedade de mim, o que é muito triste. Aqui sois compassivos.

20. Nossa evocação vos será proveitosa?

Resp. – Muito.

21. Como adquiristes fortuna?

Resp. – Ganhei um pouco honestamente; mas explorei muito e roubei um pouco os meus semelhantes.

22. Podemos fazer alguma coisa por vós?

Resp. – Sim, um pouco de vossa piedade para uma alma em sofrimento.

(Sociedade, 9 de setembro de 1859)

Perguntas dirigidas a São Luís, a propósito do Pai Crépin

1. O Pai Crépin, que evocamos ultimamente, era um raro tipo de avarento. Não nos pôde dar explicações sobre a origem dessa paixão. Teríeis a bondade de no-las complementar? Ele nos disse que tinha sido pastor, muito infeliz de corpo, mas feliz de coração. Nada vemos nisso que lhe pudesse desenvolver essa avareza sórdida. Poderíeis dizer-nos o que a gerou?

Resp. – Ele era ignorante, inexperiente; pediu riqueza e ela lhe foi concedida, mas como punição pelo seu pedido. Não a pedirá mais, estejais certos.

2. O Pai Crépin oferece-nos o tipo de avareza ignóbil, mas essa paixão comporta gradações. Assim, há pessoas que não são avarentas senão para os outros. Perguntamos qual é o mais culpável: aquele que acumula pelo prazer de acumular e se priva até do necessário ou o que, de nada se privando, é sovina quando se trata do menor sacrifício para com o próximo?

Resp. – É evidente que o último é mais culpável, porquanto é profundamente egoísta. O outro é louco.

3. Nas provas que deve sofrer para alcançar a perfeição, deve o Espírito passar por todos os gêneros de tentação. Em relação ao Pai Crépin, poderíamos dizer que a ocasião da avareza chegou por intermédio das riquezas que estavam à sua disposição, e que ele sucumbiu?

Resp. – Isto não é regra geral, mas é exato em se tratando dele. Sabeis que há muitos que desde o começo tomam um caminho que os livra de muitas provas.

SRA. E. DE GIRARDIN, MÉDIUM

Extraímos o artigo seguinte da crônica do *Paris-Journal*, nº 44. Não há necessidade de comentário; ele mostra que, se todos os partidários do Espiritismo são loucos, como o dizem pouco delicadamente aqueles que se arrogam sem-cerimônia o privilégio do bom-senso, podemos consolar-nos e até mesmo sentir-nos honrados de ir para os hospícios em companhia de inteligências da têmpera da Sra. de Girardin e de tantos outros.

“Outro dia eu vos prometi a história da Sra. de Girardin e de um célebre médico. Contá-la-ei hoje, porque obtive a permissão; é uma história bastante curiosa. Ficaremos ainda no sobrenatural; dele nos ocupamos mais do que nunca, nós que, por dever de ofício, tomamos o pulso de Paris e o achamos ligeiramente febril. Decididamente, para a natureza humana há uma certa

necessidade de saber o futuro e penetrar os mistérios da Natureza. Quando se vê inteligências como a de Delphine Gay entregar-se a estas práticas, que consideramos pueris, não lhes podemos recusar uma certa importância, sobretudo quando apoiadas em testemunhos irrecusáveis, tais como este de que vos falo e que ireis conhecer. Refiro-me ao testemunho, e não ao médico, entendei bem.

“A Sra. de Girardin tinha uma pequena prancheta e um lápis. Consultava-os incessantemente. Obtinha, assim, conversações com muitas celebridades da História, sem contar com o diabo, que nelas também se imiscuía. Uma noite, ele mesmo veio revelar-se a uma importante personagem que não teve medo, pois sua atribuição é a de expulsá-lo. A grande Delphine nada fazia sem consultar a prancheta; pedia-lhe conselhos literários que esta jamais recusava; era até mesmo para a ilustre poetisa de uma severidade magistral. Assim, repetia-lhe incessantemente que não escrevesse mais tragédias, sem a menor consideração pelos versos maravilhosos que compõem sua peça *Judith* e *Cleópatra*. Quem é que vai assistir à representação de uma tragédia? Os fanáticos da poesia dramática. Que buscam eles, numa tragédia? Os belos versos que os comovem e sensibilizam, e *Judith* e *Cleópatra* fervilham desses pensamentos de mulher, expressos por uma mulher de espírito e de um coração eminentes, cujo talento ninguém contesta. Enfim, a prancheta não queria mais a tragédia; obstinava-se na prosa e na comédia; colaborava nos desenlaces e corrigia a prolixidade.

Não somente Delphine lhe confiava seus trabalhos literários, como ainda lhe contava seus sofrimentos e pedia conselhos para a saúde. Infelizmente esses conselhos, ditados pela imaginação da doente ou pelo demônio, contribuíram para afastá-la de nós. Ela tomava remédios incríveis: torradas com pimenta, pimentões e todas as extravagâncias prejudiciais a uma natureza inflamável como a sua. Disso foram encontradas provas após a sua morte, das quais os seus amigos e admiradores jamais se consolarão.

“Todo mundo conhece Chasseriau, arrebatado também na flor da idade. Fez de memória um soberbo retrato da bela defunta. Fizeram dele uma gravura, que hoje está por toda parte. Ele levou o retrato ao doutor em questão e lhe perguntou se estava contente. Este último fez alguns ligeiros reparos. O pintor já ia concordar com essas modificações quando os dois tiveram a idéia de se dirigir ao próprio modelo. Colocaram as mãos sobre a prancheta e a Sra. de Girardin se manifestou quase que imediatamente. Pode-se imaginar qual teria sido a sua emoção. Interrogada sobre o retrato, disse que não estava perfeito, mas que não o deviam retocar, pois corriam o risco de danificá-lo, sendo a semelhança muito difícil de captar quando não se tem outro guia a não ser a memória. Fizeram-lhe outras perguntas; a algumas recusou-se a responder, embora atendesse a outras.

“Perguntaram o lugar onde ela estava.

“– Não quero dizê-lo, retrucou.

E apesar de todos os pedidos nada puderam obter a esse respeito.

“ – Sois feliz?

“ – Não.

“ – Por quê?

“ – Porque não posso mais ser útil àqueles a quem amo.

Permaneceu muda obstinadamente enquanto lhe falaram da outra vida e não prestou nenhuma informação; não disse sequer se assim agia por lhe ser proibido ou por vontade própria. Depois de uma longa conversa foi-se embora. Lavrou-se a ata dessa sessão. As duas testemunhas ficaram tão impressionadas que não mais recomeçaram a experiência. O médico podia agora evocar aquele que o ajudara naquele dia e ter esses dois grandes

Espíritos na sua prancheta. Como tudo passa neste mundo! E que ensinamentos nestes fatos estranhos, se os tomarmos do ponto de vista filosófico e religioso!”

As Mesas Volantes

Sob esse título encontramos o artigo seguinte na *Illustration* de 1853, precedido das indispensáveis anedotas, pelo que pedimos perdão aos nossos leitores.

“Ora, ora, trata-se das mesas girantes! Eis as mesas volantes! E não é de hoje que o fenômeno se produz; existe há muitos anos. Onde? – indagais. Palavra de honra que é um pouco longe: na Sibéria! Um jornal russo, *Sjevernava Plschela*, que significa *A Abelha do Norte*, em seu número de 27 de abril último contém a respeito um artigo do Sr. Tscherepanoff, que viajou no país dos Kalmouks. Eis um trecho:

“Deve-se saber que os lamas, sacerdotes da religião budista, à qual aderem todos os mongóis e buretas russos, como os antigos sacerdotes do antigo Egito não comunicam os segredos que descobrem, mas, ao contrário, deles se servem para aumentar a influência que exercem sobre um povo naturalmente supersticioso. É assim que pretendem ter o poder de encontrar os objetos roubados, utilizando-se, para isso, da *mesa volante*. As coisas se passam da seguinte maneira:

“A vítima do roubo dirige-se ao lama, pedindo que lhe revele o local onde estão escondidos os objetos. O sacerdote de Buda pede dois ou três dias, a fim de preparar-se para essa grave cerimônia. Expirado o prazo, ele se senta no chão, coloca diante de si uma pequena mesa quadrada, põe as mãos sobre ela e começa a ler algo incompreensível; isto dura meia hora. Depois de haver balbuciado qualquer coisa, levanta-se, mantendo sempre a mão na mesma posição inicial, e a mesa se ergue no ar. O lama se apruma

e põe as mãos no alto da cabeça e a mesa sobe na mesma altura; dá um passo à frente e o móvel segue no ar o seu exemplo; recua, e a mesa faz o mesmo. Em suma, a mesa toma várias direções, terminando por cair no chão. É na direção principal que a mesa tomou que se encontra o local procurado. A crer nos relatos dos habitantes, houve casos em que a mesa foi cair exatamente no lugar que ocultava o objeto roubado.

“Na experiência a que assistiu o Sr. Tscherepanoff a mesa voou até a distância de 15 toesas²⁷. O objeto roubado não foi encontrado imediatamente. Mas na direção indicada pelo móvel residia um camponês russo, que percebeu o sinal e no mesmo dia atentou contra a vida. Sua morte súbita levantou suspeitas. Fizeram pesquisas em seu domicílio e ali encontraram o que procuravam. O viajante presenciou três outras experiências; todas, no entanto, fracassaram. A mesa não quis mover-se; os lamas, porém, não ficaram embaraçados para explicar tal imobilidade: se o móvel não se movia é que os objetos não podiam ser encontrados.

“O Sr. Tscherepanoff testemunhou esse fenômeno em 1831, na aldeia de Jélany: “Eu não acreditava no que viam os meus olhos; estava convencido de que havia alguma escamoteação e que meu lama se servia de uma corda habilmente dissimulada ou de um fio de ferro para erguer a mesa no ar. Todavia, olhando de perto, não percebi nenhum sinal de cordão ou de fio de ferro; a mesa era uma prancha fina de pinheiro, não pesando mais que uma libra e meia. Hoje estou persuadido de que o fenômeno é produzido pelas mesmas causas da *dança das mesas*.

“Assim, os chefes da seita dos *Espíritos*, que acreditavam ter inventado a *table-moving*, nada mais fizeram do que espalhar uma invenção, há muito conhecida entre outros povos. *Nihil sub sole novi*, dizia Salomão. Quem sabe se ao tempo do próprio Salomão não era conhecida a maneira de fazer girar as

27 N. do T.: Cerca de 30 metros.

mesas!... Que estou dizendo? Esse processo era conhecido muito antes do digno filho de David. Lede o *North-China-Herald*, citado pela *Gazette d'Ausbourg* de 11 de maio, e vereis que os habitantes do celeste império se divertiam com esse jogo desde tempos imemoriais.”

Pertencendo à Natureza, conforme já dissemos centenas de vezes, o Espiritismo é uma de suas forças, razão por que os fenômenos que dele resultam devem ter-se produzido em todos os tempos e entre todos os povos, interpretados, comentados e adaptados segundo os costumes e o grau de instrução. Jamais pretendemos que fosse uma invenção moderna. Quanto mais avançarmos, mais iremos descobrindo os traços que ele deixou por toda parte e em todas as idades. Os modernos não têm outro mérito senão o de tê-lo despojado do misticismo, do exagero e das idéias supersticiosas dos tempos de ignorância. É impressionante que a maior parte das pessoas que falam do Espiritismo com tanta leviandade jamais se deram ao trabalho de o estudar. Julgam-no por uma primeira impressão, na maioria das vezes por ouvir dizer, sem conhecimento de causa, e ficam surpreendidos quando lhes mostramos, no fundo de tudo isso, um dos princípios que dizem respeito aos mais graves interesses da Humanidade. E não se pense que aqui tratamos somente do interesse do outro mundo. Todo aquele que não se detém na superfície vê sem dificuldade que ele toca em todas as questões vitais do mundo atual. Quem teria pensado outrora que uma rã, dançando num prato, ao contato de uma colher de prata, daria origem a um meio de nos comunicarmos, em alguns segundos, de um a outro extremo da Terra, dirigir o raio e produzir uma luz que rivaliza com a do Sol? Paciência, senhores galhofeiros; de uma mesa que dança poderá muito bem sair um gigante que porá de lado os zombadores. Na marcha em que vão as coisas, isto não começa mal.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

NOVEMBRO DE 1859

Nº 11

Deve-se Publicar Tudo Quanto Dizem os Espíritos?

Esta questão nos foi dirigida por um de nossos correspondentes e a ela respondemos por meio de outra pergunta: Seria bom publicar tudo quanto dizem e pensam os homens? Quem quer que possua uma noção do Espiritismo, por mais superficial que seja, sabe que o mundo invisível é composto de todos os que deixaram na Terra o envoltório visível. Entretanto, pelo fato de se haverem despojado do homem carnal, nem por isso os Espíritos se revestiram da túnica dos anjos. Encontramo-los de todos os graus de conhecimento e de ignorância, de moralidade e de imoralidade; eis o que não devemos perder de vista. Não esqueçamos que entre os Espíritos, assim como na Terra, há seres levianos, estouvados e zombeteiros; pseudo-sábios, vãos e orgulhosos, de um saber incompleto; hipócritas, malvados e, o que nos pareceria inexplicável, se de algum modo não conhecêssemos a fisiologia desse mundo, existem os sensuais, os ignóbeis e os devassos, que se arrastam na lama. Ao lado disto, tal como ocorre na Terra, temos seres bons, humanos, benevolentes, esclarecidos, de sublimes virtudes; como, porém, nosso mundo não se encontra

nem na primeira, nem na última posição, embora mais vizinho da última que da primeira, resulta que o mundo dos Espíritos compreende seres mais avançados intelectual e moralmente que os nossos homens mais esclarecidos, e outros que ainda estão abaixo dos homens mais inferiores.

Desde que esses seres têm um meio patente de comunicar-se com os homens, de exprimir os pensamentos por sinais inteligíveis, suas comunicações devem ser o reflexo de seus sentimentos, de suas qualidades ou de seus vícios. Serão levianas, triviais, grosseiras, mesmo obscenas, sábias, sensatas e sublimes, conforme seu caráter e sua elevação. Revelam-se por sua própria linguagem; daí a necessidade de não se aceitar cegamente tudo quanto vem do mundo oculto, e submetê-lo a um controle severo. Com as comunicações de certos Espíritos, do mesmo modo que com os discursos de certos homens, poderíamos fazer uma coletânea muito pouco edificante. Temos sob os olhos uma pequena obra inglesa, publicada na América, que é a prova disto, e cuja leitura, podemos dizer, uma mãe não recomendaria à filha. Eis a razão por que não a recomendamos aos nossos leitores. Há pessoas que acham isso engraçado e divertido. Que se deliciem na intimidade, mas que o guardem para si mesmas. O que é ainda menos concebível é se vangloriarem de obter comunicações indecorosas; é sempre indício de simpatias que não podem ser motivo de vaidade, sobretudo quando essas comunicações são *espontâneas e persistentes*, como acontece a certas pessoas. Sem dúvida isto nada prejudica em relação à sua moralidade *atual*, porquanto encontramos criaturas atormentadas por esse gênero de obsessão, ao qual de modo algum se pode prestar o seu caráter. Entretanto, este efeito deve ter uma causa, como todos os efeitos; se não a encontramos na existência presente, devemos buscá-la numa vida anterior. Se não estiver em nós, estará fora de nós, mas sempre nos achamos nessa situação por algum motivo, ainda que seja pela fraqueza de caráter. Conhecida a causa, depende de nós fazê-la cessar.

Ao lado dessas comunicações francamente más, e que chocam qualquer ouvido delicado, outras há que são simplesmente triviais ou ridículas. Haverá inconvenientes em publicá-las? Se forem dadas pelo que valem, serão apenas impróprias; se o forem como estudo do gênero, com as devidas precauções, os comentários e os corretivos necessários, poderão mesmo ser instrutivas, naquilo que contribuirão para tornar conhecido o mundo espiritual em todos os seus aspectos. Com prudência e habilidade tudo pode ser dito; o mal é dar como sérias coisas que chocam o bom-senso, a razão e as conveniências. Neste caso, o perigo é maior do que se pensa. Em primeiro lugar, essas publicações têm o inconveniente de induzir em erro as pessoas que não estão em condições de aprofundá-las nem de discernir o verdadeiro do falso, especialmente numa questão tão nova como o Espiritismo. Em segundo lugar, são armas fornecidas aos adversários, que não perdem tempo em tirar desse fato argumentos contra a alta moralidade do ensino espírita; porque, insistimos, o mal está em considerar como sérias coisas que constituem notórios absurdos. Alguns mesmos podem ver uma profanação no papel ridículo que emprestamos a certas personagens justamente veneradas, e às quais atribuímos uma linguagem indigna delas. Aqueles que estudaram a fundo a ciência espírita sabem como se portar a esse respeito. Sabem que os Espíritos galhofeiros não têm o menor escrúpulo de se adornarem de nomes respeitáveis; mas sabem também que esses Espíritos não abusam senão daqueles que gostam de se deixar abusar, e que não sabem ou *não querem* desmascarar as suas astúcias pelos meios de controle que conhecemos. O público, que ignora isso, vê apenas um absurdo oferecido seriamente à sua admiração, o que faz com que diga: Se todos os espíritas são assim, merecem o epíteto com que foram agraciados. Sem sombra de dúvida, esse julgamento não pode ser levado em consideração; vós os acusais com justa razão de leviandade. Dizei a eles: Estudai o assunto e não examineis apenas uma face da moeda. Entretanto, há tantas pessoas que julgam *a priori*, sem se darem ao trabalho de virar a folha, sobretudo

quando falta boa vontade, que é necessário evitar tudo quanto possa dar motivos a decisões precipitadas, porquanto, se à má vontade vier juntar-se a malevolência, o que é muito comum, ficarão encantadas de encontrar o que criticar.

Mais tarde, quando o Espiritismo estiver mais vulgarizado, mais conhecido e compreendido pelas massas essas publicações não terão maior influência do que hoje teria um livro que encerrasse heresias científicas. Até lá, nunca seria demasiada a circunspeção, visto haver comunicações que podem prejudicar essencialmente a causa que querem defender, em intensidade superior aos ataques grosseiros e às injúrias de certos adversários; se algumas fossem feitas com tal objetivo, não alcançariam melhor êxito. O erro de certos autores é escrever sobre um assunto antes de tê-lo aprofundando suficientemente, dando lugar, desse modo, a uma crítica fundamentada. Queixam-se do julgamento temerário de seus antagonistas, sem se darem conta de que muitas vezes são eles mesmos que exibem uma falha na couraça. Aliás, malgrado todas as precauções, seria presunção julgarem-se ao abrigo de toda crítica: primeiro, porque é impossível contentar a todo o mundo; em segundo lugar, porque há pessoas que riem de tudo, mesmo das coisas mais sérias, uns por seu *estado*, outros por seu caráter. Riem muito da religião, de sorte que não é de admirar que riem dos Espíritos, que não conhecem. Se pelo menos suas brincadeiras fossem espirituosas, haveria compensação. Infelizmente, em geral não brilham nem pela finura, nem pelo bom gosto, nem pela urbanidade e muito menos pela lógica. Façamos, então, o que de melhor estiver ao nosso alcance. Pondo de nosso lado a razão e as conveniências, poremos de lado também os trocistas.

Essas considerações serão facilmente compreendidas por todos. Há, porém, uma não menos importante, que diz respeito à própria natureza das comunicações espíritas, e que não devemos omitir: Os Espíritos vão aonde acham simpatia e *onde sabem que*

serão ouvidos. As comunicações grosseiras e inconvenientes, ou simplesmente falsas, absurdas e ridículas, não podem emanar senão de Espíritos inferiores: o simples bom-senso o indica. Esses Espíritos fazem o que fazem os homens que são ouvidos complacientemente: ligam-se àqueles que admiram as suas tolices e, freqüentemente, se apoderam deles e os dominam a ponto de os fascinar e subjugar. A importância que, pela publicidade, é concedida às suas comunicações, os atrai, excita e encoraja. O único e verdadeiro meio de os afastar é provar-lhes que não nos deixamos enganar, rejeitando impiedosamente, como apócrifo e suspeito, tudo que não for racional, tudo que desmentir a superioridade que se atribui ao Espírito que se manifesta e de cujo nome ele se reveste. Quando, então, vê que perde seu tempo, afasta-se.

Acreditamos ter respondido suficientemente à pergunta do nosso correspondente sobre a conveniência e a oportunidade de certas publicações espíritas. Publicar sem exame, ou sem correção, tudo quanto vem dessa fonte seria, em nossa opinião, dar prova de pouco discernimento. Tal é, pelo menos, a nossa opinião pessoal, que submetemos à apreciação daqueles que, estando *desinteressados* pela questão, podem julgar com imparcialidade, pondo de lado qualquer consideração individual. Como todo mundo, temos o direito de externar a nossa maneira de pensar sobre a ciência que constitui o objeto de nossos estudos, e de tratá-la à nossa maneira, sem pretender impor nossas idéias a quem quer que seja, nem apresentá-las como leis. Os que partilham a nossa maneira de ver é porque crêem, como nós, estar com a verdade. O futuro mostrará quem está errado ou quem tem razão.

Médiuns sem Saber

Na sessão da Sociedade, de 16 de setembro de 1859, foram lidos diversos trechos de um poema do Sr. de Porry, de Marselha, intitulado *Urânia*. Como então se observou, nesse

poema abundam as idéias espíritas, que parecem ter sido hauridas na própria fonte de *O Livro dos Espíritos*. Entretanto, constatou-se que na época em que foi escrito seu autor não tinha nenhum conhecimento da Doutrina Espírita. Nossos leitores certamente ficarão gratos se lhes dermos alguns fragmentos. Por certo se recordam do que a respeito foi dito da maneira pela qual o Sr. de Porry escreveu seu poema, maneira que parece denunciar uma espécie de mediunidade involuntária (Ver o número do mês de outubro de 1859). Aliás, os Espíritos que nos cercam exercem sobre nós, mau grado nosso, uma influência incessante, aproveitando as disposições que encontram em certos indivíduos para transformá-los em instrumentos das idéias que querem exprimir e levar ao conhecimento dos homens. Esses indivíduos são, pois, sem o saber, verdadeiros médiuns e, para isso, não necessitam possuir a mediunidade mecânica. Todos os homens de gênio, poetas, pintores e músicos estão neste caso; certamente seu próprio Espírito pode produzir por si mesmo, se é assaz avançado para isso. Entretanto, muitas idéias lhe podem vir de uma fonte estranha; pedindo inspiração, não parece que estejam fazendo um apelo? Ora, o que é essa inspiração, senão uma idéia sugerida? Aquilo que tiramos do nosso próprio íntimo não é inspirado: nós o possuímos e não temos necessidade de recebê-lo.

Se o homem de gênio tirasse tudo de si mesmo, por que, então, lhe faltariam idéias no momento em que as procura? Não seria capaz de as extrair do cérebro, como aquele que tem dinheiro o retira do bolso? Se nada encontra em dado momento, é porque nada tem. Por que, então, quando menos espera, as idéias brotam como por si mesmas? Poderiam os fisiologistas esclarecer esse fenômeno? Acaso já procuraram resolvê-lo? Dizem eles: o cérebro produz hoje, mas amanhã não produzirá. Mas por que não produzirá amanhã? Limitam-se a dizer que é porque produziu na véspera. Segundo a Doutrina Espírita, o cérebro pode sempre produzir o que está dentro dele, razão por que o mais inepto dos

homens sempre acha alguma coisa a dizer, mesmo que seja uma tolice. Mas as idéias das quais não somos os donos, não são nossas: elas nos são sugeridas. Quando a inspiração não vem é porque o inspirador não está presente ou não julga conveniente inspirar. Parece-nos que esta explicação é melhor do que a outra. Contudo, poderíamos objetar que o cérebro, não produzindo, não deveria fatigar-se. Isso seria um erro; o cérebro não deixa de ser o canal por onde passam as idéias estranhas, o instrumento que executa. O cantor não fatiga suas cordas vocais, embora a música não seja dele? Por que, então, não se fatigaria o cérebro, ao exprimir as idéias de que está encarregado de transmitir, embora não as tenha produzido? Por certo é para dar-lhe o repouso necessário à aquisição de novas energias que o inspirador lhe impõe um intervalo.

Poder-se-ia ainda objetar que esse sistema tira ao produtor o seu mérito pessoal, porquanto atribui às suas idéias uma fonte estranha. A isso respondemos que, se as coisas assim se passassem, não saberíamos o que fazer e não veríamos muita necessidade em tirar partido do mérito alheio. Mas essa objeção não é séria: primeiro, porque não dissemos que o homem de gênio não possa haurir alguma coisa de seu próprio íntimo; em segundo lugar, porque as idéias que lhe são sugeridas se confundem com as suas próprias e nada as distingue. Assim, ele não é censurável por se atribuir tais idéias, a menos que, tendo-as recebido a título de comunicação espírita constatada, quisesse assumir a glória das mesmas, o que poderia levar os Espíritos a fazê-lo passar por algumas decepções. Diremos, enfim, que se os Espíritos sugerem grandes idéias a um homem, dessas idéias que caracterizam o gênio, é porque o julgam capaz de as compreender, de as elaborar e transmitir; não tomariam um imbecil para seu intérprete. Podemos, portanto, sentir-nos honrados de receber uma grande e bela missão, principalmente se o *orgulho* não a desviar do seu objetivo louvável e não nos fizer perder o seu mérito.

Quer os pensamentos seguintes sejam do Espírito pessoal do Sr. de Porry, quer tenham sido sugeridos por via *mediúnica indireta*, menor não será o mérito do poeta, porquanto, se a idéia primitiva lhe foi dada, jamais lhe poderão contestar a honra de tê-la elaborado.

Urânia

Fragmentos de uma poema do Sr. de Porry, de Marselha.

Abri aos gritos meus, ó véus do santuário!
Que esteja em treva o mau, o bom no iluminário!
Agite-se o meu peito à santa claridade
Em cintilante flux, dardejando a verdade!
Ó pensadores, vós que nas ações coevas
Prometei-nos a luz e só nos dais as trevas,
Que em vossos sonhos vãos, ilusões levianas,
Embalais sem cessar as desgraças humanas,
Em concílios que tanto orgulho vos requer.
Confundidos sereis por voz de uma mulher!
O Deus que vós quereis do Universo banir,
Ou talvez pretendais com risos definir,
E que quereis em vão sondar a Sua essência,
Presente O tendes vós em vossa consciência;
E quem quer que se dando a debates sutis
Tão alto O ousa negar em secreto O condiz!
Tudo, por Seu querer, nasce, vive e se alterna:
É princípio supremo – a própria vida eterna;
Tudo n`Ele repousa: Espírito e matéria;
Se Ele lhe nega o sopro ...eis a morte sidérea!
Um dia disse o ateu: *“Ab, Deus é uma quimera;
Filha do acaso, a vida é apenas uma espera;
O mundo que o homem fraco ao nascer é lançado
É regido por leis do que é necessitado.
Se a morte nos apaga os sentidos em chama,
Do nada o abismo, então, de novo nos reclama;
Da imutável natura, em seu curso eternal.
Nossos restos recolhe o seio maternal.
Goçemos, pois, então, os seus curtos favores;
Nossas fronte em luz coroam-se de flores;
Só o prazer é Deus: em nossos desatinos*

Incitamos furor nos mutáveis destinos!"

Mas logo que a consciência, a interna vingadora,
 Insensato! Mostrar-te a culpa embriagadora,
 O pobre repellido em gesto desumano,
 O crime que manchou as tuas mãos de insano,
 Sairá do seio escuro e da matéria cega
 E no teu coração surge a luz que renega
 Os teus crimes e os põe ao teu olhar ansioso,
 Fazendo-te, que horror! de ti mesmo odioso?
 Do soberano, então, que a tua audácia ainda
 Quer negar, sentirás sua pujança infinda
 A oprimir-te e a assediar-te, e embora os teus esforços,
 Em revelar-te a ti no grito dos remorsos!...
 Os homens evitando em sua inquietude
 Busca dos matagais a atroz solicitude;
 E crês que ao percorrer das sombras os ermos seus
 Conseguirás fugir da presença de Deus!
 Sobre a presa vencida o tigre dorme em paz;
 O homem vigia em sangue e em trevas abismais,
 De olhar apavorado em vislumbrante horror;
 Treme-lhe o corpo envolto em frígido suor;
 Um ruído sinistro invade-lhe os ouvidos;
 De fantasmas cruéis rodeiam-lhe bramidos;
 Sua terrível voz confessa os erros seus
 E clama com terror: Graça, graça, ó meu Deus!
 Sim, o remorso, enfim, carrasco da ciência,
 Que nos revela em Deus nossa imortal essência;
 E muitas vezes faz de um nobre criminoso,
 Por arrependimento, um mártir glorioso;
 Dos brutos separando a humana criatura,
 Eis do remorso a chama em que a alma se depura
 E é por seu aguilhão o ser regenerado,
 Pela escala do bem se faz mais elevado.

Sim a verdade brilha, e do soberbo ateu
 O sentimento audaz refuta o esplendor seu.
 O panteísmo vem expor por sua vez
 De um argumento vão a insensata aridez:
*"Fascinados mortais por um sonho risível
 Onde ireis encontrar o Grão-Ser invisível?
 Ei-lo diante de vós o eterno Grande-Todo;
 Tudo lhe forma a essência e ele resume o todo;*

*Deus respande no Sol, verdeia na folhagem,
Ruge pelo vulcão e troa na voragem,
Floresce nos jardins, pelas águas murmura,
Suspirando na voz das aves com ternura,
E dos ares a cor faz diáfanos tecidos;
É ele que nos anima os órgãos entretidos;
É ele que pensa em nós, cada ser mais diverso;
Tudo, pois, é ele mesmo; esse Deus é o Universo.”*
O que! Mostrar-se Deus a si mesmo contrário!
É ovelha e lobo, rola e víbora! Tão vário
E se faz, vez por vez, pedra, planta, animal;
Combina-se o seu ser ora ao bem ora ao mal,
Corre todos os graus desde o bruto ao arcanjo!...
Ser ele luz e lama é antítese de arranjo!
Ele é bravo e covarde, é pequeno e gigante,
Imortal e mortal, verídico e farsante!...
É ele ao mesmo tempo a vítima e o agressor,
Que ora rola no crime, ora cultiva o amor;
Lametrie e Platão, ou Marco-Aurélio e Nero,
E Sócrates, o sábio, e Méritos; é vero
Que possa ao mesmo tempo o bem e o mal servir!
Ele mesmo se afirma e nega definir!
E contra a própria essência afia o gume eterno,
Se volta ao paraíso e se condena ao inferno,
Invoca o nada; e assim, por cúmulo de injúria
A própria obra maldiz com sua voz em fúria!...
Oh! não, mil vezes não, tal dogma monstruoso
Jamais pode nascer num coração virtuoso.
Imerso em seu remorso onde o crime se expia,
O temerário autor da doutrina doentia,
No seio do prazer sentiu-se apavorar
Ante a imagem de um Deus que não pode negar;
E para se eximir – blasfêmia da blasfêmia –
Ele o uniu a este mundo e fez-se-lhe alma gêmea.
Ainda bem que o ateu, premido e atormentado,
Ousando negar Deus, não O faz degredado.

.....
Oh! Deus que a raça humana O busca sem cessar,
Deus, que não conhecendo, O temos que adorar,
Dos seres todos é um só princípio e fim:
Mas para O alcançar, qual o caminho, enfim?
Não é pela Ciência, efêmera miragem

Que nos fascina o olhar com fulgurante imagem,
 E que frustrando sempre um incapaz querer,
 Desfaz-se sob a mão que O julgava deter!
 Sábios, acumulais escombros sobre escombros
 E tais sistemas vão não vão além de assombros!
 Esse Deus que ninguém pode ver sem morrer,
 Cuja essência contém um terrível poder,
 Mas sabe aos filhos seus nutrir de terno amor,
 Só o podes compreender lhe igualando em dulçor!
 Ah! para a Ele se unir e reencontrá-lo um dia,
 A alma deve voar como o Amor o faria.
 Atiremos ao vento o orgulho, a vã descrença;
 Deus, Ele mesmo aplaina os caminhos da crença;
 Seu infinito amor jamais desencontrou
 De uma alma que, sincera, ansiosa O procurou,
 E que, calcando aos pés, a riqueza e o prazer,
 Aspira se integrar em seu supremo Ser.
 Porém esse Deus que ama o coração piedoso,
 Que baniu de seu seio o déspota orgulhoso,
 Que se oculta do sábio e se entrega ao prudente,
 Não quer se repartir como o amante inclemente;
 E, para O merecer faz-se preciso opor
 Às ilusões do mundo um firme desamor.
 Felizes filhos seus, que afastados de tudo,
 Têm no belo, no bom, no verdadeiro o estudo!
 Feliz é o homem justo entregue todo inteiro
 Ao tríplice clarão desse foco altaneiro!
 Em meio às aflições de um cortejo fecundo,
 Num círculo restrito ao nosso pobre mundo,
 A um oásis parece a florir num deserto,
 E o tesouro da Fé à sua alma está aberto;
 E Deus, sem se mostrar, o coração lhe invade,
 E a alegria lhe dá de incontida verdade.
 Então o homem prudente aceita o seu destino;
 E com serena paz acolhe o bem divino;
 E quando a noite o envolve em seu véu constelado
 Ele dorme tranqüilo e feliz, e embalado,
 Num sonhar que inebria o terno coração,
 Um celeste antegoço e de suprema unção.

Tua alma que tem sede ardente da verdade
 Da Criação quer sondar toda a profundidade?...

Como um pintor, primeiro apronta a tua mente
A tela que o pincel irá tornar patente,
Do eterno tudo sai por sua luz natura,
Mas sem se confundir com sua criatura
Que tendo recebido o espírito dos céus,
É livre de falir ou de elevar-se a Deus.
Obra de sua mente ou de sua palavra,
Parte cada criação de seu seio ... e lavra,
Num círculo sem fim e de leis imutáveis,
Com destino escolhido e fins realizáveis.
Como artista Deus pensa antes de produzir.
Assim, o que produz poderá destruir;
E, fonte perenal de cada ser diverso,
Dos astros que semeia em luz pelo Universo,
Deus, o infrene Poder, de sua Vida eterna,
A suas criações transmite uma luzerna.
O livro ou quadro então pelo artista criado,
É inerte produção, jaz imobilizado;
Mas o Verbo de luz, vindo do Onipotente
Destaca-se e se faz por si próprio existente;
Sem cessar se transforma e nunca é perecível;
Do metal se projeta o espírito invisível,
O Verbo criador adormece na planta,
Sonha no animal e no homem se levanta;
De degrau em degrau a descer e a subir
Se agrega à Criação em sublime fulgir,
Do éter na ondulação forma imensa cadeia
Que na pedra começa e no arcanjo se alteia.
Obedecendo às leis que regem atos seus,
Cada ser se aproxima ou se afasta de Deus;
Seja o que ao bem se dá ou quem o mal atrai,
Cada ser racional por si se eleva ou cai.
Ora, se o homem habita a atmosfera do mal,
Rebaixa-se ele em crime ao nível do animal;
Em anjo se transforma o homem puro, e esse anjo
De degrau em degrau pode tornar-se arcanjo.
Em seu trono brilhante esse arcanjo assentado,
Seu caráter real estará conservado,
Ou de seu brilho a luz da própria Onipotência
Bem pode assimilar uma perfeita essência.
Mais de um arcanjo, assim, no celeste esplendor
A Deus se reuniu por excesso de amor;

Mas outros, invejando a glória soberana,
 No fascínio do orgulho – este pai da ira insana –
 Tem querido julgar os decretos de Deus,
 E na noite imergir dos escaninhos seus;
 Esse Deus cujo olhar em pó se tornaria,
 Somente os abrasou com a luz que ele irradia.
 Transtornados, depois, pelo Universo errantes
 Sempre assaltados são de remorsos hiantes
 Esses anjos sem norte em audácia funesta,
 Não ousam mais do céu mostrar-se numa fresta,
 E a vergonha a aguçando o aguilhão mordaz,
 Lança seu coração às vascas infernais,
*Enquanto o homem de bem, as provas cumpridas,
 Se eleva ao paraíso em glórias incontidas.*
 Todos os mundos, pois, semeados no infinito
 Que ferem teu olhar com seu fulgor bendito,
 E que rola do espaço a vaga universal,
 Há Espíritos também, na escala espacial.
 Vários globos que estão quais focos luminosos
 São abrigos de luz, celestiais, grandiosos
 Onde vagam no espaço, em planos distanciados,
As multidões em luz de Espíritos graduados.
 Há mundos de pureza e mundos em deslizes:
 Reinam sem objeção sobre os mundos felizes
 Três cetros divinais – são honra, amor, justiça,
 Da ordem social cimentando a premissa;
 E amados sem cessar pelos seus habitantes,
 Constituem penhor de venturas constantes.

De outros globos, girando em lóbregas vertigens,
 Não aprovados são dos anjos, nas origens,
 Esses mundos que, enfim, sofrem sua desgraça,
 Pelas suas trocando as leis de Deus sem jaça;
 E sobre o solo seu brama horrível tormenta,
 Na qual a multidão impura se lamenta.
 Nosso globo noviço, em seus passos primeiros,
 Até hoje flutua entre esses dois roteiros.
 Ultrajando a moral e a própria Natureza,
 Quando um mundo do crime excede-se em defesa;
 Quando o povo mergulha em prazeres frementes,
 Os ouvidos fechando aos profetas videntes;
 Que o Verbo divino o mais ligeiro traço

Nesse mundo se apaga enceguecido e baço,
Então do Onipotente a cólera a ferver
Sobre o rebelde cai e o leva a perecer:
Arcanjos da justiça, então de asas possantes,
Batem na ímpia Terra... e os mares ululantes
De sua imensa altura, indo além de seus níveis,
Precipitam no solo os vagalhões terríveis;
Estrondeiam vulcões num ribombar profundo,
Pelo éter dispersando os resíduos do mundo;
E o Soberano Ser, cuja vingança explode,
Destrói o globo atroz que nele crer não pode!

Nossa Terra medíocre é uma estância de prova,
Onde o justo sofrendo, em prantos se renova,
Que a lágrima depura e eleva o coração,
Lhe preparando o mundo para evolução.
Não é portanto em vão que o sono repousante,
Num transporte nos leva a um sonho inebriante,
E num rápido impulso estamos conduzidos
Num novo astro de luz de brilhos refulgidos;
Onde cremos vagar por verdejantes prados
Corridos sem cessar por seres ajuizados;
Nós vemos este globo adornado de sóis
Brancos, rubros, azuis como nos arrebóis,
Que, em seus ares, fulgindo os tons mais variados,
Deixam de almos clarões os campos matizados!...
Se manténs neste mundo um coração,
A esses globos irás de aspecto luxuoso
Onde risonha é a paz junto à sabedoria,
Ali só reina o bem em eterna harmonia.
Sim, tua alma percebe as radiosas moradas
Que os favores do Céu fazem embelezadas,
Onde a alma se depura e sobe, pouco a pouco,
Enquanto o mau regride em seu caminho louco.
Mas o reino do mal, em seus anéis fatais,
Desce de giro em giro a abismos infernais.

Espelho que reflete imagens de universos,
Nossa alma pressagia os destinos diversos.
A alma, energia viva, reage os seus sentidos,
Que lhe atendem de pronto aos mínimos pedidos –
Que como chama presa em um vaso de argila,

Com seu forte calor a prisão aniquila –
 A alma que ainda retém lembrança do passado
 E às vezes sabe ler no futuro afastado,
 Não a centelha só desse fogo vital,
 Tu sentes mesmo, em ti, que tua alma é imortal.
 Nas regiões do espaço e em toda a eternidade,
 Guardando a sua estada e sua identidade,
 A alma nunca morre, apenas se transporta,
 E, de asilo em asilo, ela sempre se exorta.
 Nossa alma ao se isolar do mundo exterior,
 Poderá conquistar um sentir superior;
 E pela embriaguez de um sonho então magnético,
 Se armar de outra visão ou de algum dom profético;
 Ao libertar-se, pois, dos liames terrenais,
 Facilmente percorre os planos celestiais;
 E, de um salto veloz, lança-se ao firmamento,
 Vê através de tudo e lê o pensamento.

Swedenborg

Swedenborg é um desses personagens mais conhecidos de nome que de fato, ao menos para o vulgo. Suas obras, muito volumosas e, em geral, muito abstratas, quase que só são lidas pelos eruditos. Assim, a maioria das pessoas que a elas se referem ficariam muito embaraçadas para dizer o que ele era. Para uns, é um grande homem, objeto de profunda veneração, sem saberem por quê; para outros, não passa de um charlatão, de um visionário, de um taumaturgo. Como todos os homens que professam idéias que não são compartilhadas pela maioria, sobretudo quando tais idéias ferem certos preconceitos, ele teve e ainda tem os seus contraditores. Se estes últimos se tivessem limitado a refutá-lo, estariam no seu direito. Mas o espírito de partido nada respeita, e as mais nobres qualidades não encontram graça diante dele. Swedenborg não poderia ser uma exceção. Sua doutrina, sem dúvida, deixa muito a desejar. Ele próprio, hoje, está longe de aprová-la em todos os pontos. No entanto, por mais refutável que seja, nem por isso deixará de ser um dos homens mais eminentes do seu século.

As informações seguintes foram extraídas da interessante notícia que a Sra. P... enviou à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas:

Emmanuel Swedenborg nasceu em 1688, em Estocolmo, e faleceu em Londres, em 1772, aos 84 anos de idade. Seu pai, Joeper Swedenborg, bispo de Skava, era notável pelo mérito e pelo saber; o filho, porém, o ultrapassou. Destacou-se em todas as ciências, especialmente na Teologia, na Mecânica, na Física e na Metalurgia. Sua prudência, sabedoria, modéstia e simplicidade lhe valeram a alta reputação de que ainda hoje desfruta. Os reis o chamaram para os seus conselhos. Em 1716, Carlos XII o nomeou seu assessor na Escola de Metalurgia de Estocolmo. A rainha Ulrica o fez nobre, e ele ocupou os postos de maior relevo, com distinção, até 1743, época em que teve a sua primeira revelação espírita. Tinha, então, 55 anos. Pediu demissão e não quis mais se ocupar senão de seu apostolado e do estabelecimento da doutrina da Nova Jerusalém. Eis como ele próprio conta a sua primeira revelação:

“Eu estava em Londres e jantava muito tarde, em meu albergue habitual, onde havia reservado um quarto, a fim de ter liberdade para meditar à vontade. Senti fome e comia com muito apetite. Ao terminar, percebi que uma espécie de nevoeiro se espalhava ante meus olhos e vi o assoalho do quarto coberto de répteis horrorosos, tais como serpentes, sapos, lagartos e outros. Fui tomado de medo à proporção que as trevas aumentavam; contudo, logo elas se dissiparam. Vi, então, claramente um homem em meio a uma luz viva e radiante, sentado a um canto do quarto; os répteis haviam desaparecido com as trevas. Encontrava-me só; imaginai o pavor que se apoderou de mim, quando o ouvi pronunciar distintamente, mas com um tom de voz capaz de imprimir terror: “Não comas tanto!” A estas palavras, minha vista se toldou, mas, pouco a pouco, se restabeleceu, vendo-me sozinho no quarto. Ainda um pouco apavorado com tudo quanto havia visto, apressei-me em recolher-me ao meu alojamento, sem nada

dizer a ninguém sobre o que havia acontecido. Aí me entreguei à reflexão, sem poder admitir que aquilo fosse efeito do acaso ou de qualquer causa física.

“Na noite seguinte, o mesmo homem, radiante de luz, apresentou-se novamente e me disse: ‘Eu sou Deus, o Senhor, Criador e Redentor; escolhi-te para explicar aos homens o sentido interior e espiritual da Sagrada Escritura. Ditarei o que deves escrever.’

“Desta vez não fiquei tão apavorado. A luz que o envolvia, embora viva e resplandecente, não produziu nenhuma impressão dolorosa em meus olhos. Estava vestido de púrpura e a visão durou um bom quarto de hora. Naquela mesma noite os olhos do meu homem interior foram abertos e predispostos a ver o céu, o mundo dos Espíritos e os infernos; encontrei por toda parte várias pessoas do meu conhecimento, algumas mortas há muito tempo, outras recentemente. Desde aquele dia renunciei a todas as ocupações mundanas para não mais me ocupar senão das coisas espirituais, submetendo-me à ordem que havia recebido. Mais tarde, aconteceu-me diversas vezes ter abertos os olhos do Espírito, percebendo, em pleno dia, o que se passava no outro mundo, falando aos anjos e aos Espíritos, assim como falo aos homens.”

Um dos pontos fundamentais da doutrina de Swedenborg repousa naquilo que ele chama *as correspondências*. Segundo ele, estando os mundos espiritual e natural ligados entre si, como o interior ao exterior, resulta que as coisas espirituais e as coisas naturais constituem uma unidade, por influxo, e que há entre elas uma correspondência. Eis o princípio; mas o que se deve entender por essa correspondência e esse influxo é difícil de apreender.

A Terra, diz Swedenborg, corresponde ao homem. Os diversos produtos que servem à nutrição do homem correspondem

a diversos gêneros de bens e de verdades, a saber: os alimentos sólidos a gêneros de bens, e os alimentos líquidos a gêneros de verdades. A casa corresponde à vontade e ao entendimento, que constitui o mental humano. Os alimentos correspondem às verdades ou às falsidades, segundo a substância, a cor e a forma que apresentam. Os animais correspondem às afeições; os úteis e mansos, às boas afeições; os nocivos e maus, às más afeições; os pássaros mansos e belos, às verdades intelectuais; os maus e feios, à falsidade; os peixes, às ciências que se originam das coisas sensuais; e os insetos nocivos às falsidades que provêm dos sentidos. As árvores e os arbustos correspondem a diversos gêneros de conhecimento; as ervas e a grama, a diversas verdades científicas. O ouro corresponde ao bem celeste; a prata, à verdade espiritual; o bronze, ao bem natural, etc., etc. Assim, desde os últimos graus da criação até o sol celeste e espiritual, tudo se mantém, tudo se encadeia pelo influxo que produz a correspondência.

O segundo ponto de sua doutrina é este: Não há senão um Deus e senão uma pessoa, que é Jesus Cristo.

Criado livre, segundo Swedenborg o homem abusou de sua liberdade e de sua razão. Caiu; mas sua queda tinha sido prevista por Deus e devia seguir-se de sua reabilitação, porquanto Deus, que é o amor mesmo, não podia deixá-lo no estado em que sua queda o havia mergulhado. Ora, como operar tal reabilitação? Recolocá-lo no estado primitivo seria tirar-lhe o livre-arbítrio e, assim, aniquilá-lo. Foi subordinando-o às leis de sua ordem eterna que Ele procedeu à reabilitação do gênero humano. Vem, a seguir, uma teoria muito difusa dos três sóis transpostos por Jeová, para se aproximar de nós e provar que ele é o *próprio homem*.

Swedenborg divide o mundo dos Espíritos em três lugares diferentes: céus, lugares intermediários e infernos. Diz ele: “Depois da morte entramos no mundo dos Espíritos; os santos

dirigem-se voluntariamente para um dos três céus e os pecadores para um dos três infernos, de onde jamais sairão.” Essa doutrina desesperadora anula a misericórdia de Deus, pois lhe recusa o poder de perdoar os pecadores surpreendidos por uma morte violenta ou acidental.

Mesmo rendendo justiça ao mérito pessoal de Swedenborg, como cientista e como homem de bem, não nos podemos constituir defensores de doutrinas que o mais elementar bom-senso condena. O que ressalta mais claramente, conforme o que agora conhecemos dos fenômenos espíritos, é a existência de um mundo invisível e a possibilidade de nos comunicarmos com ele. Swedenborg gozou de uma faculdade que em seu tempo pareceu sobrenatural, razão por que admiradores fanáticos o encararam como um ser excepcional. Em tempos mais recuados, teriam levantado altares em sua homenagem; dos que não acreditavam nele, uns o consideraram como um cérebro exaltado, e outros, como um charlatão. Para nós, era um médium vidente e um escritor intuitivo, como os há aos milhares, faculdade que pertence ao número dos fenômenos naturais.

Ele cometeu um equívoco dificilmente perdoável, não obstante sua experiência das coisas do mundo oculto: o de aceitar cegamente tudo quanto lhe era ditado, sem o submeter ao controle severo da razão. Se tivesse pesado maduramente os prós e os contras, teria reconhecido princípios irreconciliáveis com a lógica, por menos rigorosa que fosse. Hoje, provavelmente não cairia na mesma falta, porquanto disporia de meios para julgar e apreciar o valor das comunicações de além-túmulo. Saberria que constituem um campo onde nem todas as ervas podem ser colhidas, e que entre umas e outras o bom-senso, que não nos foi dado por acaso, deve saber escolher. A qualidade que a si mesmo se atribuiu o Espírito que a ele se manifestou bastaria para o pôr em guarda, sobretudo se considerarmos a trivialidade de sua apresentação. Aquilo que ele próprio não fez, compete a nós fazê-lo agora, não

tirando de seus escritos senão o que contêm de racional. Seus próprios erros devem ser um ensinamento para os médiuns demasiado crédulos, que certos Espíritos procuram fascinar, lisonjeando-lhes a vaidade ou os preconceitos por uma linguagem pomposa ou de aparências enganadoras.

A seguinte anedota prova a má-fé dos adversários de Swedenborg, que buscavam todas as ocasiões para denegri-lo. Conhecendo as faculdades de que era dotado, a rainha Luísa Ulrica o havia encarregado, um dia, de saber do Espírito de seu irmão, o príncipe da Prússia, porque, algum tempo antes de sua morte, ele não respondera a uma carta que ela lhe havia enviado para pedir conselhos. Ao cabo de vinte e quatro horas Swedenborg teria relatado à rainha, em audiência secreta, a resposta do príncipe, concebida de tal sorte que esta, plenamente convencida de que ninguém, exceto ela e seu falecido irmão, conheciam o conteúdo daquela carta, foi tomada da mais profunda estupefação, reconhecendo o poder miraculoso do grande homem. Eis a explicação que dá a esse fato um de seus antagonistas, o cavaleiro Beylon, leitor da rainha:

“Consideravam a rainha como um dos principais autores da tentativa de revolução que ocorreu na Suécia, em 1756, e que custou a vida ao conde Barbé e ao marechal Horn. Pouco faltou para que o partido dos chapéus, que então triunfava, não a tonasse responsável pelo sangue derramado. Nesta crítica situação, ela escreveu ao irmão, o príncipe da Prússia, para lhe pedir conselho e assistência. A rainha não recebeu resposta. Como o príncipe tivesse morrido logo depois, jamais soube ela a causa do seu silêncio, razão por que encarregou Swedenborg de interrogar o Espírito do príncipe a tal respeito. Justamente à chegada da mensagem da rainha, estavam presentes os senadores conde T... e conde H... Este último, que havia interceptado a carta, sabia tão bem quanto seu cúmplice, o conde T..., por que aquela carta havia ficado sem resposta, e ambos resolveram aproveitar a circunstância

para fazer com que seus conselhos, a respeito de muitas coisas, pudessem chegar à rainha. Foram, então, à noite procurar o visionário e lhe ditaram a resposta. À falta de inspiração, Swedenborg aceitou-a prontamente. No dia seguinte correu à casa da rainha e, no silêncio de seu gabinete, disse-lhe que o Espírito do príncipe lhe aparecera e o havia encarregado de anunciar-lhe o seu descontentamento e assegurar-lhe que, se não respondera à carta, é que desaprovava sua conduta e que sua política imprudente e sua ambição eram a causa do sangue derramado; que ela era culpada diante de Deus e que teria de expiar essa culpa. Ele a fazia prometer não mais se envolver nos negócios do Estado, etc., etc. Convencida por esta revelação, a rainha acreditou em Swedenborg e abraçou a sua defesa com ardor.

Essa anedota deu origem a uma polêmica contínua entre os discípulos de Swedenborg e seus detratores. Um eclesiástico sueco, chamado Malthesius, que veio a enlouquecer, tinha publicado que Swedenborg, do qual era inimigo declarado, se havia retratado antes de morrer. O boato espalhou-se na Holanda, pelo outono de 1785, o que levou Robert Hindmarck a instaurar um inquérito a respeito e demonstrar toda a falsidade da calúnia inventada por Malthesius.

A história da vida de Swedenborg prova que a visão espiritual, de que era dotado, em nada prejudicou o exercício de suas faculdades naturais. Seu panegírico, pronunciado após sua morte pelo acadêmico Landel perante a Academia de Ciências de Estocolmo, mostra quanto era vasta a sua erudição e, pelos discursos pronunciados na Dieta, em 1761, vemos a parte que ele tomava na direção dos negócios públicos de seu país.

A doutrina de Swedenborg fez numerosos prosélitos em Londres, na Holanda e mesmo em Paris, onde deu origem às Sociedades de que tratamos em nosso número do mês de outubro, a dos Martinistas, dos Teósofos, etc. Se nem todos a aceitaram em

todas as suas conseqüências, teve, pelo menos, o mérito de propagar a crença na possibilidade da comunicação com os seres de além-túmulo, crença bastante antiga, como se sabe, mas até agora oculta às pessoas simples pelas práticas misteriosas de que se achava envolvida. O mérito incontestável de Swedenborg, seu profundo saber, sua alta reputação de sabedoria tiveram um grande peso na propagação dessas idéias, que hoje se popularizam cada vez mais, pois crescem em plena luz e, longe de buscar a sombra do mistério, fazem apelo à razão. Malgrado os erros de seu sistema, Swedenborg não deixa de ser uma dessas grandes figuras cuja lembrança ficará ligada à história do Espiritismo, do qual foi um dos primeiros e mais zelosos fomentadores.

COMUNICAÇÃO DE SWEDENBORG PROMETIDA NA SESSÃO DE 16 DE SETEMBRO

(Sociedade, 23 de setembro de 1859)

Meus bons amigos e crentes fiéis. Desejei vir entre vós para vos encorajar no caminho que seguis com tanta firmeza, relativamente à questão espírita. Vosso zelo é apreciado no mundo dos Espíritos. Prosegui, mas não vos descuideis, porque os obstáculos ainda vos entravarão por algum tempo; a vós não faltarão detratores, como também ocorreu comigo. Há um século preguei o Espiritismo e tive inimigos de todos os gêneros; mas tive também fervorosos adeptos, e isso sustentou a minha coragem. A minha moral espírita e a minha doutrina não estão isentas de grandes erros, que hoje reconheço. Assim, as penas não são eternas; vejo que Deus é muito justo e muito bom para punir eternamente a criatura que não tem força suficiente para resistir às paixões. O que eu também dizia do mundo dos anjos, que é o que pregam nos templos, não passava de ilusão dos meus sentidos; acreditei vê-lo, agia de boa-fé, mas enganei-me. Vós, sim, estais no melhor caminho, porque estais mais esclarecidos do que estávamos em meu tempo. Continuai, mas sede prudentes, a fim de que os vossos inimigos não tenham armas muito fortes contra vós. Vede o terreno que ganhais todos os dias. Coragem, pois, porque o

futuro vos está garantido. O que vos dá forças é o fato de falardes em nome da razão. Tendes perguntas a dirigir-me? Eu vo-las responderei.

Swedenborg

1. Foi em 1745, em Londres, que tivestes a primeira revelação. Vós a desejáveis? Naquele tempo já vos ocupáveis de questões teológicas?

Resp. – Já me ocupava com isso, mas não desejara absolutamente essa revelação: ela me veio espontaneamente.

2. Qual foi o Espírito que vos apareceu, dizendo ser o próprio Deus? Era realmente Deus?

Resp. – Não. Acreditei no que me falava porque nele via um ser sobre-humano e fiquei lisonjeado.

3. Por que ele tomou o nome de Deus?

Resp. – Para ser mais bem obedecido.

4. Pode Deus manifestar-se diretamente aos homens?

Resp. – Certamente o poderia, mas não o faz mais.

5. Então já houve um tempo em que ele se teria manifestado?

Resp. – Sim, nas primeiras idades da Terra.

6. Aquele Espírito vos fez escrever coisas que hoje reconhecéis como errôneas. Ele o fez com boa ou com má intenção?

Resp. – Não o fez com má intenção; ele próprio se enganou, porque não era suficientemente esclarecido. Agora percebo que as ilusões do meu próprio Espírito e de minha inteligência o influenciavam, mau grado seu. Entretanto, no meio de alguns erros de sistema, fácil é reconhecer grandes verdades.

7. O princípio de vossa doutrina repousa sobre as correspondências. Continuais acreditando nessas relações que encontráveis entre cada coisa do mundo material, e cada coisa do mundo moral?

Resp. – Não; é uma ficção.

8. Que entendeis por estas palavras: *Deus é o próprio homem?*

Resp. – Deus não é o homem, mas o homem é uma imagem de Deus.

9. Poderíeis desenvolver o vosso pensamento?

Resp. – Digo que o homem é a imagem de Deus porque a inteligência, o gênio que ele recebe algumas vezes do céu é uma emanção da Onipotência Divina. Ele representa Deus na Terra pelo poder que exerce na Natureza inteira e pelas grandes virtudes que está em seu poder adquirir.

10. Devemos considerar o homem como uma parte de Deus?

Resp. – Não, o homem não é uma parte da Divindade: é apenas sua imagem.

11. Poderíeis dizer-nos de que maneira recebíeis as comunicações dos Espíritos? Escrevíeis aquilo que vos era revelado à maneira de nossos médiuns, ou por inspiração?

Resp. – Quando me achava em silêncio e em recolhimento, meu Espírito ficava como que maravilhado, extasiado, e eu via claramente uma imagem diante de mim, que me falava e ditava o que deveria escrever; algumas vezes minha imaginação se misturava nisso.

12. Que devemos pensar do fato narrado pelo cavaleiro Beylon, a propósito da revelação que fizestes à rainha Luísa Ulrica?

Resp. – Essa revelação é verdadeira. Beylon a desnaturou.

13. Qual a vossa opinião sobre a Doutrina Espírita, tal qual é hoje?

Resp. – Eu vos disse que estais num caminho mais seguro que o meu, tendo em vista que as vossas luzes são em geral mais amplas. Eu tinha de lutar contra uma ignorância maior e, sobretudo, contra a superstição.

A Alma Errante

No volume intitulado *Les Six Nouvelles*²⁸, escrito por Maxime Ducamp, encontra-se uma história comovente, que recomendamos aos nossos leitores. É a de uma alma errante que conta suas próprias aventuras.

Não temos a honra de conhecer o Sr. Maxime Ducamp, a quem jamais vimos. Conseqüentemente, não sabemos se colheu seus ensinamentos em sua própria imaginação ou em estudos espíritas. Mas, seja como for, ele não podia ser inspirado com maior felicidade. Podemos julgá-lo pelo seguinte fragmento. Não falaremos do quadro fantástico no qual a novela é encaixada; é um acessório sem importância e puramente formal.

“Sou uma alma errante, uma alma penada; vago através dos espaços, esperando um corpo. Viajo nas asas do vento, no azul do céu, no canto dos pássaros, nas pálidas claridades da lua. Sou uma alma errante...

“Desde o instante em que Deus nos separou dEle, temos vivido na Terra muitas vezes, ascendendo de geração em geração, abandonando sem pesar os corpos que nos são confiados e continuando a obra de nosso próprio aperfeiçoamento, através das existências que sofremos.

“Quando deixamos este hospedeiro incômodo que nos serve tão mal; quando ele vai fecundar e renovar a terra donde saiu; quando, em liberdade, abrimos finalmente nossas asas, Deus nos dá a conhecer o nosso objetivo. Vemos nossas existências precedentes e avaliamos o progresso realizado durante séculos; compreendemos as punições e recompensas que nos atingiram, pelas alegrias e pelas dores de nossa vida; vemos nossa inteligência crescer de nascimento em nascimento, e aspiramos ao estado supremo, pelo qual deixaremos esta pátria inferior para ganhar os planetas radiosos, onde as paixões são mais elevadas, o amor menos ambicioso, a felicidade mais constante, os órgãos mais desenvolvidos, os sentidos mais numerosos, cuja morada é reservada aos habitantes de mundos que, por suas virtudes, se aproximaram da beatitude mais do que nós.

“Quando Deus nos envia novamente a corpos que para nós devem viver uma vida miserável, perdemos toda consciência daquilo que precedeu esses novos nascimentos. O *eu*, que havia despertado, dorme uma vez mais; não persiste mais e, de nossas existências passadas não restam senão vagas reminiscências, que nos causam simpatias, antipatias e, por vezes, idéias inatas.

“Não falarei de todas as criaturas que viveram no meu sopro; mas minha última existência sofreu uma desgraça tão grande que é apenas desta que quero contar a história.”

Seria difícil definir melhor o princípio e a finalidade da reencarnação, a progressão dos seres, a pluralidade dos mundos e o futuro que nos aguarda. Eis agora, em duas palavras, a história daquela alma: Um rapaz amava a uma jovem e era correspondido, mas havia obstáculos contrapondo-se à sua união. Pediu então a Deus que durante o sono permitisse à sua alma desprender-se do corpo, a fim de visitar a sua bem-amada. Este favor lhe foi concedido. Assim, todas as noites sua alma se evola e deixa o corpo em estado de completa inércia, donde não sai senão quando a alma

retorna e se integra ao corpo. Durante esse tempo, vai visitar aquela que ama. Ele a vê, sem que ela o suspeite; quer falar-lhe, mas ela não o escuta; observa os seus menores movimentos, surpreende seu pensamento. É feliz com as alegrias dela, triste com as suas dores. Nada mais gracioso e mais delicado que o quadro dessa cena entre a moça e a alma invisível. Mas, oh! fraqueza do ser encarnado! Um dia, ou melhor, uma noite, ele se esquece; três dias se passam sem que pense em seu corpo, que não pode viver sem a alma. De repente, pensa em sua mãe, que o espera, e que deve estar inquieta devido a um sono tão prolongado. Então corre; mas é tarde demais: seu corpo deixara de viver. Assiste aos funerais, depois consola sua mãe. Desesperada, sua noiva não quer ouvir falar de nenhuma outra união. Vencida, entretanto, pelas solicitações da própria mãe, acaba cedendo, depois de longa resistência. A alma errante lhe perdoa uma infidelidade que não está em seu pensamento; mas, para receber suas carícias e não mais a deixar, pede para encarnar-se no filho que deve nascer.

Se o autor não está convencido das idéias espíritas, é preciso convir que representa muito bem o seu papel.

O Espírito e o Jurado

Um de nossos correspondentes, homem de grande saber e portador de títulos científicos *oficiais*, o que não o impede de ter a fraqueza de acreditar que temos uma alma e que esta alma sobrevive ao corpo, que depois da morte fica errante no espaço e ainda pode comunicar-se com os vivos – tanto mais quanto ele próprio é um bom médium e mantém numerosas conversas com os seres de além-túmulo – dirige-nos a seguinte carta:

“Senhor,

“Talvez julgueis acertado acolher na vossa interessante revista o fato seguinte:

“Há algum tempo eu era jurado. O Tribunal devia julgar um rapaz, apenas saído da adolescência, acusado de ter assassinado uma senhora idosa em horríveis circunstâncias. O acusado confessava e contava os detalhes do crime com uma impassibilidade e um cinismo que faziam estremecer a assembléia.

“Entretanto, era fácil prever que, em virtude de sua idade, de sua absoluta falta de educação e das excitações que recebera em família, invocariam para ele circunstâncias atenuantes, tanto mais que ele lançava culpa na cólera de que se viu tomado, agindo contra uma provocação por injúrias.

“Eu quis consultar a vítima sobre o grau de sua culpabilidade. Chamei-a durante uma sessão, mediante evocação mental. Ela me fez saber que estava presente e eu lhe dei a mão. Eis a conversação que tivemos: eu, mentalmente; ela, pela escrita:

P. Que pensais do vosso assassino?

Resp. – Não serei eu a acusá-lo.

P. Por quê?

Resp. – Porque ele foi impelido ao crime por um homem que me fez a corte há cinqüenta anos e que, nada havendo obtido de mim, jurou vingar-se. Conservou na morte o desejo de vingança, aproveitando-se das disposições do acusado para inspirar-lhe o desejo de matar-me.

P. Como o sabeis?

Resp. – Porque ele próprio mo disse, quando cheguei ao mundo em que hoje habito.

P. Compreendo vossa reserva diante da excitação que vosso assassino não repeliu, como devia e podia. Entretanto, não

pensais que a inspiração criminosa, à qual tão voluntariamente obedeceu, não teria sobre ele o mesmo poder, caso não houvesse nutrido ou entretido, durante muito tempo, sentimentos de inveja, de ódio e de vingança, contra vós e vossa família?

Resp. – Seguramente. Sem isso ele teria sido mais capaz de resistir. Eis por que afirmei que aquele que quis se vingar aproveitou-se das disposições deste rapaz; havereis de convir que ele não se teria dirigido a alguém que se dispusesse a resistir.

P. Ele goza com a sua vingança?

Resp. – Não, porquanto vê que lhe custará caro. Além disso, ao invés de me fazer mal, ele me prestou um serviço, fazendo-me entrar mais cedo no mundo dos Espíritos, onde sou mais feliz; foi, pois, uma ação má, sem proveito para ele.

“Circunstâncias atenuantes foram admitidas pelo júri, com base nos motivos acima indicados, e a pena de morte foi afastada.

“A respeito do que acabo de contar, há uma observação moral de alta importância a ser feita. É necessário concluir, com efeito, que o homem deve vigiar os seus menores pensamentos, até os seus maus sentimentos, aparentemente os mais fugidios, já que estes têm a propriedade de atrair para ele Espíritos maus e corrompidos, e oferecê-lo, fraco e desarmado, às suas inspirações culposas: é uma porta que ele abre ao mal, sem compreender o perigo. Foi, pois, com um profundo conhecimento do homem e do mundo espiritual que Jesus Cristo disse: “Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela.” (Mateus, capítulo V, versículo 28).

“Tenho a honra, etc.

Simon M...”

Advertências de Além-Túmulo

O OFICIAL DA CRIMÉIA

L'Indépendance belge, que não pode ser acusado de excessiva benevolência em relação às crenças espíritas, referiu o seguinte fato, reproduzido por vários jornais, e que por nossa vez transcrevemos com todas as reservas, pois não tivemos oportunidade de constatar a sua realidade.

“Seja porque a nossa imaginação inventa e povoa um mundo de almas ao lado e acima de nós; seja porque o mundo no qual estamos, vivemos e agimos existe realmente, é fora de dúvida, pelo menos para mim, que se produzem acidentes inexplicáveis, que provocam a Ciência e desafiam a razão.

“Na guerra da Criméia, durante uma dessas noites tristes e longas que se prestam maravilhosamente à melancolia, ao pesadelo e a todas as nostalgias do Céu e da Terra, um jovem oficial levanta-se de repente e sai de sua tenda, a fim de procurar um de seus camaradas para dizer-lhe:

– Acabo de receber a visita de minha prima, a Srta. de T...

– Sonhaste.

– Não. Ela entrou, pálida, sorridente, apenas roçando o chão muito duro e grosseiro para os seus pés delicados. Olhou-me, após me haver despertado subitamente com a sua voz doce, e me disse: “Demoras muito! Toma cuidado! Algumas vezes a gente morre na guerra sem ir à guerra.” Quis falar-lhe, levantar-me, correr até ela. Mas ela recuou e, pondo o dedo sobre os lábios, disse: “Silêncio! Tem coragem e paciência, nós nos tornaremos a ver.” Ah! meu amigo, ela estava muito pálida; tenho certeza de que está doente, de que ela me chama.

– Sonhas acordado; estás doido, redargüiu o amigo.

– É possível. Mas, então, o que vem a ser esta agitação em meu coração, que a evoca e me faz vê-la?

“Os dois rapazes conversaram e, ao amanhecer, o amigo acompanhou o oficial visionário à sua tenda, quando este estremeceu de repente e disse:

– Ei-la, meu amigo; ei-la , diante da minha tenda... Faz-me sinais, dizendo que não tenho fé nem confiança.

“Naturalmente o amigo nada via. Fez, porém, o melhor que podia para tranqüilizar o camarada. Nasceu o dia e, com ele, as ocupações muito sérias para deixarem de lado os fantasmas da noite. Mas, por uma precaução perfeitamente compreensível, no dia seguinte uma carta partiu para a França, pedindo notícias urgentes da Srta. T... Alguns dias depois responderam que a Srta. T... estava gravemente doente e que se o jovem oficial pudesse obter uma licença, talvez a sua visita lhe causasse um efeito salutar.

“Pedir licença no momento das lutas mais rudes, provavelmente na véspera de um assalto decisivo, alegando temores sentimentais, era coisa que não se podia pensar. Todavia, creio lembrar que a licença foi pedida e obtida e que o oficial já ia partir para a França, quando teve mais uma visão. Esta era pavorosa. Pálida e muda, a Srta. T... deslizou uma noite no interior de sua tenda e lhe mostrou o longo vestido branco que arrastava. O jovem oficial não duvidou um só instante que sua noiva estivesse morta. Estendeu a mão, pegou uma de suas pistolas, e arreventou os miolos.

“Com efeito, naquela mesma noite, à mesma hora, a Srta. T... havia exalado o último suspiro.

“Resultaria essa visão do magnetismo? Não sei. Seria loucura? Espero que sim. Mas era qualquer coisa que escapava às

zombarias dos ignorantes e às zombarias ainda mais inconvenientes dos homens de saber.

“Quanto à autenticidade deste fato, posso garanti-la. Interrogai os oficiais que passaram este longo inverno na Criméia, e não serão poucos os que vos contarão fenômenos de pressentimento, de visão, de miragem da pátria e de parentes, análogas a este que acabo de contar.

“O que se deve concluir de tudo isso? Nada. A menos que terminasse minha correspondência de maneira muito lúgubre, e que talvez soubesse fazer dormir sem saber magnetizar.”

Thécel

Como dissemos no início, não podemos constatar a autenticidade do fato. Mas o que podemos garantir é a sua possibilidade. Os exemplos verificados, antigos e recentes, de advertências de além-túmulo são tão numerosos que este nada tem de mais extraordinário que outros, testemunhados por tantas pessoas dignas de fé. Podiam parecer sobrenaturais em outros tempos; mas hoje, que sua causa é conhecida e estão psicologicamente explicados, graças à teoria espírita, nada têm que os afaste das leis da Natureza. Acrescentaremos apenas uma observação: se aquele oficial tivesse conhecido o Espiritismo, saberia que o meio de reunir-se à sua noiva não seria cometendo o suicídio, pois a ação poderá afastá-los por um tempo muito mais longo que aquele que ele teria vivido na Terra. Além disso, o Espiritismo lhe teria dito que a morte gloriosa, no campo de batalha, ter-lhe-ia sido mais proveitosa do que a que se permitiu voluntariamente, através de um ato de fraqueza.

Eis um outro fato de advertência de além-túmulo, referido pela *Gazette d'Arad* (Hungria), do mês de novembro de 1858:

“Dois irmãos israelitas de Gyek, Hungria, tinham ido a Grosswardein, levar suas duas filhas de 14 anos a um pensionato. Durante a noite que se seguiu à partida, outra filha de um deles, de 10 anos de idade e que ficara em casa, levantou-se em sobressalto e, chorando, contou à mãe que vira em sonho o pai e o tio cercados por vários camponeses que lhes queriam fazer mal.

“A princípio a mãe não deu nenhuma importância a estas palavras; mas, vendo que não conseguia acalmar a criança, levou-a à casa do prefeito local, onde a menina contou novamente o sonho, acrescentando que reconhecera entre os camponeses dois de seus vizinhos, e que o fato se passara na orla de uma floresta.

“Imediatamente o prefeito mandou dar uma busca no domicílio dos dois camponeses, que de fato estavam ausentes. Depois, para se assegurar da verdade, expediu outros emissários na direção indicada, os quais encontraram cinco cadáveres nos confins de um bosque. Eram os dois pais com as filhas e o cocheiro que os tinha conduzido. Os cadáveres haviam sido atirados sobre um braseiro para se tornarem irreconhecíveis. Logo a polícia começou a fazer as diligências. Prendeu os dois camponeses designados, no momento em que procuravam trocar várias cédulas manchadas de sangue. Uma vez na prisão confessaram o crime, dizendo que reconheciam o dedo de Deus na pronta descoberta do delito.”

Os Convulsionários de Saint-Médard

(Sociedade, 15 de julho de 1859)

Notícia – François Pâris, famoso diácono de Paris, morto em 1727, aos 37 anos de idade, era o filho mais velho de um conselheiro do Parlamento, a quem naturalmente devia suceder no cargo. Preferiu, no entanto, abraçar a carreira eclesiástica. Após a morte do pai deixou os bens para o irmão e, durante algum tempo, ensinou catecismo na paróquia de São Cosme, encarregando-se da

direção dos clérigos e fazendo-lhes conferências. O cardeal de Noailles, a cuja causa estava ligado, quis nomeá-lo cura dessa paróquia, mas sobreveio um obstáculo imprevisto. O abade Pâris consagrou-se inteiramente ao retiro. Depois de ter experimentado diversos eremitérios, confinou-se numa casa do subúrbio de São Marcelo. Lá se entregou sem reserva à prece, às práticas mais rigorosas da penitência e ao trabalho manual. Fazia meias para os pobres, que considerava como seus irmãos; morreu nesse asilo.

O abade Pâris havia aderido ao apelo da bula *Unigenitus*, interposta pelos quatro bispos; tinha renovado seu apelo em 1720. Assim, devia ter sido descrito diversamente pelos partidos opostos. Antes de fazer meias produziu livros muito medíocres. Dele possuímos explicações sobre as epístolas de São Paulo aos Romanos e aos Gálatas, e uma análise da epístola aos Hebreus, que pouca gente lê.

Tendo seu irmão mandado erigir-lhe um túmulo no pequeno cemitério de Saint-Médard, os pobres socorridos pelo piedoso diácono, alguns ricos que ele havia edificado e algumas mulheres que tinha instruído para lá se dirigiam, a fim de fazer preces. Houve curas que pareceram maravilhosas e convulsões que foram consideradas perigosas e ridículas. A autoridade viu-se enfim obrigada a fazer cessar esse espetáculo, determinando o fechamento do cemitério no dia 27 de janeiro de 1732. Então os mesmos entusiastas foram provocar suas convulsões em casas particulares. Na opinião de muita gente, o túmulo do diácono Pâris foi o túmulo do jansenismo. Mas algumas pessoas julgaram ver o dedo de Deus, tornando-se mais ligadas a uma seita capaz de produzir tais maravilhas. Há diferentes histórias desse diácono, do qual talvez jamais teriam falado se não o houvessem querido transformar num taumaturgo.

Entre os fenômenos estranhos apresentados pelos convulsionários de Saint-Médard citam-se: a faculdade de resistir a

golpes tão terríveis que os corpos deveriam ficar triturados; a de falar línguas ignoradas ou esquecidas; um desdobramento extraordinário da inteligência: os mais ignorantes entre eles improvisavam discursos sobre a graça, os males da Igreja, o fim do mundo, etc.; a faculdade de ler o pensamento; postos em contato com os doentes, apresentavam dores no mesmo local daqueles que os consultavam; nada mais freqüente do que ouvi-los predizer diversos fenômenos anormais que deveriam sobrevir no curso de suas moléstias.

A insensibilidade física produzida pelo êxtase deu lugar a cenas atrozes. A loucura chegou a ponto de realmente crucificarem vítimas infelizes, a fazer-lhes sofrer todos os detalhes da Paixão do Cristo. E estas vítimas, cujo fato é atestado pelas mais autênticas testemunhas, solicitavam as terríveis torturas, designadas entre os convulsionários pelo nome de grande socorro.

A cura dos doentes se operava pelo simples toque da pedra tumular ou pela poeira que encontravam à sua volta e que tomavam com alguma bebida ou aplicavam sobre as úlceras. Bastante numerosas, estas curas foram atestadas por milhares de testemunhas, muitas das quais são homens de ciência, no fundo incrédulos, que registraram os fatos sem saber a que os atribuir.

Paulyne Roland

1. Evocação do diácono Pâris

Resp. – Estou às vossas ordens.

2. Qual é o vosso estado atual como Espírito?

Resp. – Errante e feliz.

3. Tivestes outras existências corporais depois dessa que conhecemos?

Resp. – Não; estou constantemente ocupado em fazer o bem aos homens.

4. Qual foi a causa dos fenômenos estranhos que se passavam com os visitantes do vosso túmulo?

Resp. – Intriga e magnetismo.

Observação – Entre as faculdades de que eram dotados os convulsionários, reconhecemos algumas sem a menor dificuldade, das quais o sonambulismo e o magnetismo oferecem numerosos exemplos. Tais são, entre outras: a insensibilidade física, a percepção do pensamento, a transmissão solidária das dores, etc. Assim, não podemos duvidar que essas criaturas em plena crise estivessem numa espécie de estado de sonambulismo acordado, provocado pela influência que exerciam uns sobre os outros, mau grado seu. Eram, ao mesmo tempo, magnetizadores e magnetizados.

5. Por que motivo uma população inteira foi subitamente dotada dessas estranhas faculdades?

Resp. – Elas se comunicam muito facilmente em certos casos, e não sois tão estranhos às faculdades dos Espíritos para não compreender que nisto eles tomaram uma grande parte, por simpatia para com aqueles que as provocavam.

7. Participastes diretamente como Espírito?

Resp. – Nem de longe.²⁹

8. Outros Espíritos concorreram para isso?

Resp. – Muitos.

9. Em geral de que natureza eram?

Resp. – Pouco elevada.

10. Por que essas curas e todos esses fenômenos cessaram quando a autoridade se opôs, mandando fechar o cemitério? Teria, então, a autoridade mais poder que os Espíritos?

Resp. – Deus quis fazer cessar o fenômeno porque

²⁹ N. do T.: Como no original francês, a numeração saltou do 5 para o 7.

havia degenerado em abuso e escândalo. Foi preciso um meio e ele empregou a autoridade dos homens.

11. Desde que não participastes dessas curas, por que escolhiam vosso túmulo, de preferência a outro?

Resp. – Acreditais que eu tenha sido consultado? Escolheram meu túmulo calculadamente: minhas opiniões religiosas, primeiro, e o pouco bem que eu tinha procurado fazer foram explorados.

Observação a Propósito da Palavra Milagre

O Sr. Mathieu, que citamos em nosso artigo do mês de outubro, a respeito dos milagres, dirige-nos a reclamação seguinte, que nos apressamos em atender:

“Senhor,

“Se não tenho a vantagem de estar de acordo convosco sobre todos os pontos, pelo menos estou naquilo que tivestes ocasião de dizer de mim no último número de vosso jornal. Assim, aprecio sobremaneira vossa observação relativamente à palavra *milagre*. Se dela me servi em meu opúsculo, tive o cuidado de dizer ao mesmo tempo (pág. 4): “Convencido de que a palavra *milagre* exprime um fato produzido fora das leis *conhecidas* da Natureza; um fato que escapa a toda explicação humana, a toda interpretação científica.” Supunha assim indicar suficientemente que não atribuía a essa palavra senão um valor relativo e convencional; parece que me enganei, pois vos destes ao trabalho de me censurar.

“Em todo o caso, conto com a vossa imparcialidade, senhor, para que estas breves linhas, que tenho a honra de vos dirigir, encontrem lugar em vosso próximo número. Não me sinto ofendido; que vossos leitores saibam que eu não quis atribuir à

palavra em questão o sentido que lhe censurais. Houve inabilidade de minha parte, ou mal-entendido da vossa, quiçá um pouco de uma e de outra.

“Recebei, etc.

“Mathieu”

Como dissemos em nosso artigo, estávamos perfeitamente convencidos do sentido em que o Sr. Mathieu havia empregado a palavra milagre; assim, nossa crítica não visava absolutamente à sua opinião, mas ao emprego da palavra, mesmo na sua acepção mais racional. Há tantas pessoas que vêm apenas a superfície das coisas, sem se darem ao trabalho de aprofundá-las – o que não as impede de julgar como se as conhecessem – que um tal título, dado a um fato espírita, poderia ser tomado ao pé da letra, de boa-fé por uns, com malevolência pelo maior número. Nossa observação a respeito é tanto mais fundada quando nos lembramos de ter lido em alguma parte, num jornal cujo nome nos escapa, um artigo onde aqueles que gozam da faculdade de provocar os fenômenos espíritas eram classificados, a título de zombaria, como fazedores de milagres, e isto a propósito de um adepto muito zeloso, que ele próprio estava convencido de os produzir. É o caso de lembrar que nada é mais perigoso do que um amigo imprudente. Nossos adversários são muito impetuosos em nos levar ao ridículo, sem que lhes tenhamos oferecido pretexto.

Aviso

A abundância de matérias não nos permite inserir neste número o Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Dá-lo-emos no do mês de dezembro, num suplemento, assim como várias outras comunicações que a falta de espaço nos levou a adiar.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

DEZEMBRO DE 1859

Nº 12

Resposta ao Sr. Oscar Comettant

Senhor,

Consagrastes aos Espíritos e aos seus partidários o folhetim do *Siècle* de 27 de outubro último. A despeito do ridículo que lançais sobre uma questão muito mais séria do que pensais, aprez-me reconhecer que, atacando o princípio, guardais as conveniências pela urbanidade da forma, visto não ser possível dizer com mais polidez que não temos bom senso. Assim, não confundirei o vosso espirituoso artigo com essas diatribes grosseiras que dão uma triste idéia do “bom-gosto” de seus autores, aos quais fazem justiça todas as pessoas distintas, sejam ou não nossas partidárias.

Como não tenho o hábito de responder às críticas, teria deixado passar o vosso artigo, como tantos outros, se dos Espíritos não tivesse o encargo, primeiramente, de vos agradecer por vos terdes ocupado deles e, depois, para vos dar um conselho. Bem compreendeis, senhor, que de mim mesmo não me permitiria fazê-lo; desincumbo-me de minha tarefa, eis tudo. – “Como! – direis – então os Espíritos se ocupam de um folhetim que escrevi sobre eles? Seria muita bondade de sua parte.” – Certamente, pois

estavam ao vosso lado quando escrevíeis. Um deles, que vos quer bem, chegou mesmo a tentar impedir que utilizásseis certas reflexões, que julgava não estar à altura de vossa sagacidade, temendo por vós a crítica, não dos Espíritos, com os quais pouco vos preocupais, mas dos que conhecem o alcance do vosso julgamento. Ficai certo de que eles estão por toda parte, sabem tudo quanto se diz e se faz e, no momento em que lerdes estas linhas, estarão ao vosso lado, observando-vos. Mas, direis:

– “Não posso crer na existência desses seres que povoam o espaço, mas que não vemos.”

– Credes no ar, que não vedes e que, no entanto, vos envolve?

– “Isto é muito diferente. Creio no ar porque, mesmo não o vendo, sinto-o, ouço-o bramir na tempestade e ressoar no tubo da chaminé; vejo os objetos que ele derruba.”

– Pois bem! Os Espíritos também se fazem ouvir; também movem os corpos pesados, levantam-nos, transportam-nos, quebram-nos.

– “Ora, pois, Sr. Allan Kardec! Apelai para a vossa razão. Como quereis que seres impalpáveis, supondo que eles existam, o que só admitiria se os visse, tenham esse poder? Como podem seres imateriais agir sobre a matéria? Isto não é racional.”

– Credes na existência dessas miríades de animálculos que estão em vossa mão e que a ponta de uma agulha pode cobrir milhares?

– “Sim, porque se não os vejo com os olhos o microscópio me faz vê-los.”

– Mas antes da invenção do microscópio, se alguém vos tivesse dito que tendes sobre a pele milhares de insetos que nela

pululam; que uma gota de água límpida encerra toda uma população; que os absorveis em massa com o ar mais puro que respirais, que teríeis respondido? Teríeis gritado contra o absurdo e, se fôsseis folhetinista, não teríeis deixado de escrever um belo artigo contra os animálculos, o que não os impediria de existir. Hoje o admitis porque o fato é patente, mas antes teríeis declarado que era coisa impossível. Que há, pois, de irracional na crença de que o espaço seja povoado de seres inteligentes que, embora invisíveis, de modo algum são microscópicos? Quanto a mim, confesso que a idéia de seres pequenos como uma parcela homeopática e, no entanto, providos de órgãos visuais, reprodutores, circulatórios, respiratórios, etc., me parece ainda mais extraordinário.

– “Concordo; mas, ainda uma vez, são seres materiais, representam alguma coisa, enquanto os vossos Espíritos são o quê? Nada; apenas seres abstratos, imateriais.”

– Em primeiro lugar, quem vos disse que são imateriais? A observação – pesai bem esta palavra *observação*, que não quer dizer *sistema* – a observação, repito, demonstra que essas inteligências ocultas têm um corpo, um envoltório, invisível é verdade, mas não menos real. Ora, é por este intermediário semimaterial que eles agem sobre a matéria. Serão apenas os corpos sólidos que têm uma força motriz? Não são, ao contrário, os corpos rarefeitos, como o ar, o vapor, todos os gases e a eletricidade que possuem esse poder no mais alto grau? Por que então o negaríeis à substância que constitui o envoltório dos Espíritos?

– “De acordo. Mas se em certos casos essas substâncias são invisíveis e impalpáveis, a condensação pode torná-las visíveis e mesmo sólidas. Podemos pegá-las, guardá-las, analisá-las, de modo que a sua existência é demonstrada de maneira irrecusável.”

– Ora essa! Negais os Espíritos porque não podeis metê-los num tubo de ensaio e saber se são compostos de oxigênio,

hidrogênio e azoto. Dizei-me se antes das descobertas da química moderna conhecia-se a composição do ar, da água, e as propriedades dessa imensidão de corpos invisíveis, cuja existência nem suspeitávamos. Que teriam dito, então, a quem anunciasse todas as maravilhas que hoje admiramos? Tê-lo-iam tratado de charlatão, de visionário. Suponhamos que vos caia nas mãos um livro de um sábio daquele tempo, negando todas essas coisas e que, além disso, tivesse procurado *demonstrar* a sua impossibilidade. Diríeis: Eis aí um sábio muito presunçoso, que se pronunciou muito levemente, decidindo sobre o que não sabia; para sua reputação teria sido melhor abster-se. Numa palavra, não faríeis um juízo muito favorável de sua opinião. Pois bem! Em alguns anos veremos o que se pensará daqueles que hoje tentam demonstrar que o Espiritismo é uma quimera.

É sem dúvida lamentável para certas pessoas, como para certos colecionadores, que os Espíritos não possam ser postos dentro de um garrafão de vidro, a fim de serem observados à vontade; não imagineis, entretanto, que eles escapem aos nossos sentidos de maneira absoluta. Se a substância que compõe o seu envoltório é invisível em estado normal, também pode, em certos casos, como o vapor, mas por outra causa, experimentar uma espécie de condensação ou, para ser mais exato, uma modificação molecular que a torna momentaneamente visível e mesmo tangível. Então podemos vê-los, como nos vemos, tocá-los, apalpá-los; eles podem pegar-nos e deixar impressão sobre os nossos membros. Apenas esse estado é temporário; podem deixá-lo tão rapidamente quanto o tomaram, não em virtude de uma rarefação mecânica, mas por efeito da vontade, considerando-se que são seres inteligentes e não corpos inertes. Se a existência dos seres inteligentes que povoam o espaço está provada; se, como acabamos de ver, exercem uma ação sobre a matéria, que há de surpreendente em que possam comunicar-se conosco e transmitir seus pensamentos por meios materiais?

“Tudo bem, caso a existência desses seres seja provada. Mas aí é que está o problema.”

Inicialmente, o importante é provar essa possibilidade: a experiência fará o resto. Se para vós essa existência não está provada, está para mim. Ouço daqui que dizeis intimamente: Eis um argumento muito frágil. Admito que minha opinião pessoal tenha pouco peso, mas não estou só. Antes de mim, muitos outros pensavam do mesmo modo, porquanto não inventei nem descobri os Espíritos. Essa crença conta milhões de aderentes, tanto ou mais inteligentes do que eu. Entre os que crêem e os que não crêem, quem decidirá?

– “O bom-senso”, direis.

– Seja. Mas acrescento: e o tempo, que diariamente nos vem em auxílio. Mas com que direito os que não crêem se arrogam o privilégio do bom-senso, sobretudo quando justamente os que acreditam são recrutados, não entre os ignorantes, mas entre pessoas esclarecidas, cujo número cada dia cresce? Eu o julgo por minha correspondência, pelo número de estrangeiros que me visitam, pela aceitação de meu jornal, que completa o seu segundo ano e conta com assinantes nas cinco partes do mundo, nas mais elevadas camadas da sociedade e até nos tronos. Dizei-me, em consciência, se isso é a trajetória de uma idéia vazia, de uma utopia.

Constatando esse fato capital em vosso artigo, dizeis que ele ameaça tomar as proporções de um flagelo e aditais: “Já não lidava a espécie humana, ó bom Deus! com *futilidades* suficientes para lhe perturbar a razão, antes mesmo que essa nova doutrina viesse apoderar-se de nosso pobre cérebro?” Parece que não apreciáis as doutrinas; cada um tem o seu gosto. Nem todos gostam das mesmas coisas. Direi apenas que não sei a que papel intelectual o homem seria reduzido, se, desde que se acha na Terra, não tivessem surgido doutrinas que, fazendo-o refletir, o tirassem do

estado passivo do bruto. Sem dúvida, há boas e más, justas e falsas, mas foi para discerni-las que Deus nos deu a razão. Esqueceste uma coisa: a definição clara e categórica daquilo que classificais entre as futilidades. Há pessoas que assim tacham todas as idéias de que não compartilham. Mas tendes inteligência em demasia para acreditar que esta se tenha concentrado apenas em vós. Há outras pessoas que atribuem esse nome a qualquer opinião religiosa, considerando a crença em Deus, na alma e na sua imortalidade, nas penas e recompensas futuras de utilidade limitada às mulheres do povo ou às crianças que se deseja amedrontar. Não conheço vossa opinião a respeito, contudo, pelos juízos que emitistes, algumas pessoas poderiam inferir que aceitais um pouco essas idéias. Quer as partilheis ou não, tomo a liberdade de dizer, como muitos outros, que nelas estaria o verdadeiro flagelo, caso se propagassem. Com o materialismo, que é a crença de que morremos como animais, que depois de nós *será o nada*, o bem não terá nenhuma razão de ser, os laços sociais nenhuma consistência: é a sanção do egoísmo. A lei penal será o único freio a impedir o homem de viver à custa de outrem. Se fosse assim, com que direito puniríamos o homem que mata o semelhante para apoderar-se de seus bens? Porque é um mal, diríeis vós. Mas por que esse mal? Ele vos responderá: Depois de mim não há nada; tudo se acaba; nada tenho a temer; quero viver aqui o melhor possível e, para isso, tomarei dos que têm. Quem mo proíbe? Vossa lei? Vossa lei terá razão se for mais forte, isto é, se me pegar. Mas se eu for mais astucioso, se lhe escapar, a razão estará comigo.

Qual a sociedade, pergunto, que poderá subsistir com semelhantes princípios? Isto me lembra o seguinte fato: Um senhor que, como se diz vulgarmente, não acreditava em Deus, nem no diabo, e não o negava, notou que desde algum tempo vinha sendo roubado por seu criado. Um dia surpreendeu-o em flagrante e lhe disse: Como ousas, infeliz, tomar o que te não pertence? O doméstico pôs-se a rir e respondeu: Por que deveria crer, se também não credes? Por que tendes mais do que eu? Se eu fosse

rico e vós pobre, quem vos impediria de fazer o que faço? Dei azar desta vez – eis tudo. De outra, cuidarei de agir melhor.

Aquele senhor teria ficado mais contente se o doméstico não tivesse tomado a crença em Deus como uma futilidade. É a essa crença e às que dela decorrem que deve o homem a sua verdadeira segurança social, muito mais que à severidade da lei, porque a lei não pode tudo alcançar. Se a crença se arraigasse no coração de todos, nada teriam a temer uns dos outros. Assestar as baterias contra ela é soltar a rédea a todas as paixões, é aniquilar todos os escrúpulos. Foi isso que levou recentemente um sacerdote, quando lhe pediram opinasse sobre o Espiritismo, a dizer estas sensatas palavras: *O Espiritismo conduz à crença em alguma coisa. Ora, eu prefiro aqueles que acreditam em alguma coisa aos que em nada crêem, pois estes não acreditam nem mesmo na necessidade do bem.*

Com efeito, o Espiritismo é a destruição do materialismo. É a prova patente, irrecusável, daquilo que certas pessoas chamam futilidades, a saber: Deus, a alma, a vida futura, feliz ou infeliz. Este flagelo, como o chamais, tem outras conseqüências práticas. Se soubésseis, como eu, quantas vezes fez ele voltar a calma aos corações ulcerados pela mágoa; que doce consolação tem espalhado sobre as misérias da vida; quanto ódio tem acalmado, quantos suicídios tem impedido, não zombaríeis tanto. Suponde que um de vossos amigos venha dizer-vos “Eu estava desesperado; ia estourar os miolos; mas hoje, graças ao Espiritismo, sei quanto isto me custa e desisto totalmente.” Se outro indivíduo vos disser: “Eu invejava o vosso mérito, a vossa superioridade; vosso sucesso impedia-me de dormir; queria vingarme, derrotar-vos, arruinar-vos, até mesmo matar-vos. Confesso que correstes grandes perigos. Hoje, porém, que sou espírita, compreendo tudo quanto esses sentimentos têm de ignóbil e os abjuro. E, em vez de vos fazer mal, venho prestar-vos um serviço.” Provavelmente direis: “Ótimo! Ainda bem que existe algo de bom nessa loucura.”

O que estou dizendo, senhor, não visa convencer-vos nem vos induzir às minhas idéias. Tendes convicções que vos satisfazem e que, para vós, resolvem todas as questões do futuro: é, pois, muito natural que as conserveis. Mas me apresentais aos vossos leitores como o propagador de um flagelo; eu tinha que lhes mostrar que seria desejável que todos os *flagelos* não fizessem maior mal, a começar pelo materialismo, de modo que conto com a vossa imparcialidade para lhes transmitir minha resposta.

“Mas, direis, não sou materialista. Pode-se muito bem não ser materialista e, mesmo assim, não acreditar na manifestação dos Espíritos.” – De acordo: então sois *espiritualista* e não *espírita*. Se me equivoquei quanto à vossa maneira de ver, é porque tomei ao pé da letra a profissão de fé colocada no fim do vosso artigo. Dizeis: “Creio em duas coisas: no amor dos homens por tudo quanto é maravilhoso, ainda que esse maravilhoso seja absurdo, e no editor que me vendeu o fragmento da sonata ditada pelo Espírito Mozart, ao preço de 2 francos.” Se toda vossa crença se resume nisso, tudo bem: a mim parece a prima irmã do ceticismo. Mas aposto que credes em algo mais do que no Sr. Ledoyen, que vos vendeu por 2 francos um fragmento de sonata: acreditais no produto de vossos artigos, pois presumo que, salvo engano, não os ofereceis pelo amor de Deus, como o Sr. Ledoyen não oferece os seus livros. Cada um tem o seu ofício: o Sr. Ledoyen vende livros, o literato vende prosa e verso. Nosso pobre mundo não se encontra ainda bastante adiantado para que possamos morar, comer e vestir-nos de graça. Talvez um dia os proprietários, os alfaiates, os açougueiros e os padeiros estejam suficientemente esclarecidos para compreenderem que é ignóbil para eles pedir dinheiro; então os livreiros e os literatos serão arrastados pelo exemplo.

“Com tudo isto não me destes o conselho que me oferecem os Espíritos.” – Ei-lo: É prudente não nos pronunciarmos muito levemente sobre aquilo que não conhecemos; imitemos a sábia reserva do sábio Arago, a propósito

do magnetismo animal: “Eu não poderia aprovar o mistério com que se envolvem os cientistas sérios que hoje vão assistir às experiências de sonambulismo. A *dúvida* é uma prova de modéstia e raramente prejudica o progresso das ciências. Já não diríamos o mesmo da *incredulidade*. *Aquele que, fora das matemáticas puras, pronuncia a palavra IMPOSSÍVEL, falta com a prudência*. A reserva é um dever, sobretudo quando se trata da organização animal.” (Notícia sobre Bailly).

Aceitai, etc.

Allan Kardec

Efeitos da Prece

Um de nossos assinantes nos escreve de Lausanne:

“Há mais de quinze anos professo em grande parte aquilo que vossa ciência espírita ensina hoje. A leitura de vossas obras não faz senão reforçar esta crença. Além disso, traz-me grandes consolações e lança uma viva claridade sobre uma parte que para mim era treva. Embora muito convencido de que minha existência deve ser múltipla, eu não sabia explicar em que se tornaria meu Espírito nesses intervalos. Mil vezes obrigado, senhor, por me haverdes iniciado nesses grandes mistérios, indicando-me a única rota a seguir para ganhar um lugar melhor no outro mundo. Abristes meu coração à esperança e duplicastes a minha coragem para suportar as provas deste mundo. Vinde, pois, senhor, em meu auxílio, a fim de esclarecer uma verdade que me interessa em alto grau. Sou protestante e em nossa igreja jamais se ora pelos mortos, posto que o Evangelho não o ensina. Como dizeis, os Espíritos que evocais freqüentemente pedem o auxílio de vossas preces. Será porque estejam ainda sob a influência das idéias adquiridas na Terra, ou levará Deus em conta a prece dos vivos para abreviar o sofrimento dos mortos? Essa questão, senhor, é muito importante

para mim e para outros correligionários meus, que contraíram alianças católicas. A fim de ter uma resposta satisfatória, creio, seria necessário que o Espírito de um protestante esclarecido, tal como um dos nossos ministros, se dignasse manifestar-se em companhia de um dos vossos eclesiásticos.”

A pergunta é dupla: 1º A prece é agradável àqueles por quem se ora? 2º É-lhes útil? Ouçamos, de início, sobre a primeira pergunta o reverendo padre Félix, numa introdução notável a um pequeno livro intitulado: *Os mortos sofredores e abandonados*.

“A devoção para com os mortos não é apenas a expressão de um dogma e a manifestação de uma crença, mas, também, um encanto da vida, um consolo para o coração. Que há, com efeito, de mais suave ao coração do que esse culto piedoso que nos liga à memória e ao sofrimento dos mortos? Crer na eficácia da prece e das boas obras para o alívio dos que perdemos; crer, quando os choramos, que essas lágrimas que por eles derramamos ainda lhes podem auxiliar; crer, finalmente, que mesmo *nesse mundo invisível que habitam* nosso amor pode ainda visitá-los em seu benefício: que doce, que suave crença! E nessa crença, que consolação para aqueles que viram a morte entrar em sua casa e feri-los no coração! Se esta crença e este culto não existissem, o coração humano, pela voz de seus mais nobres instintos, diria a todos que o compreendem, que seria necessário inventá-los, fosse ainda para imprimir doçura na morte e encanto até nos nossos funerais. Nada, com efeito, transforma e transfigura o amor que ora sobre um túmulo ou chora nos funerais, como essa devoção à lembrança e ao sofrimento dos mortos. Essa mistura da religião e da dor, da prece e do amor têm, ao mesmo tempo, um não sei quê de precioso e de enternecedor. A tristeza que chora torna-se um auxiliar da piedade que ora; por sua vez, a piedade se torna, para a tristeza, o mais delicioso aroma; e a fé, a esperança e a caridade jamais se associam melhor para honrar a Deus consolando os homens e fazendo do alívio aos mortos a consolação dos vivos!

“Esse encanto tão suave que encontramos em nosso intercâmbio fraterno com os mortos, como se torna ainda mais doce quando nos persuadimos de que, sem dúvida, Deus não deixa esses entes queridos absolutamente ignorantes do bem que lhes fazemos. Quem não desejou, ao orar por um pai ou um irmão falecido, *que ele ali estivesse para escutar*, e, ao fazer por ele os seus votos, *ali estivesse para ver*? Quem não disse a si mesmo, ao enxugar uma lágrima junto ao caixão de um parente ou de um amigo perdido: *Se ao menos ele pudesse ouvir-me!* quando meu amor lhe oferece com as lágrimas a prece e o sacrifício, *se eu tivesse a certeza de que ele o sabe e que seu amor compreende sempre o meu!* Sim, se eu pudesse crer que não somente o alívio que lhe envio chega até ele, mas se também pudesse convencer-me de que Deus *se digna enviar um de seus anjos para lhe contar*, ao levar-lhe meu benefício, que esse alívio vem de mim: oh! Deus, como sois bom para os que choram, que bálsamo em minhas chagas! que consolo em minha dor!

“A Igreja, é verdade, não nos obriga a crer que os nossos irmãos falecidos saibam, no purgatório, o que por eles fazemos na Terra, *mas também não o proíbe; ela o insinua e parece convencer-nos pelo conjunto de seu culto e de suas cerimônias*; e homens sérios e respeitáveis da Igreja não receiam em afirmá-lo. Seja como for, aliás, se os mortos não têm o conhecimento presente e distinto das preces e das boas obras que por eles fazemos, é certo que experimentam seus efeitos salutares. E esta crença firme não basta a um amor que deseja consolar-se da dor através do benefício e fecundar as lágrimas pelos sacrifícios?”

O que o padre Félix admite como hipótese, a ciência espírita aceita como verdade incontestável, porque dá a sua prova patente. Sabemos, com efeito, que o mundo invisível é composto daqueles que deixaram seu envoltório corporal, ou, por outras palavras, das almas dos que viveram na Terra. Essas almas, ou esses Espíritos – o que vem a ser a mesma coisa – povoam o espaço; estão

em toda parte, ao nosso lado como nas regiões mais afastadas; desembaraçados do fardo pesado e incômodo que os retinha à superfície do solo, não possuindo senão um envoltório etéreo, semimaterial, transportam-se com a rapidez do pensamento. Prova a experiência que eles podem vir ao nosso apelo; mas vêm mais ou menos de boa vontade, com maior ou menor prazer, conforme a intenção, como é fácil de conceber. A prece é um pensamento, um laço que nos liga a eles: é um apelo, uma verdadeira evocação. Ora, como a prece, seja ou não eficaz, é sempre um pensamento benévolo, só pode ser agradável àqueles a quem se dirige. Ser-lhes-á útil? Esta é uma outra questão.

Os que contestam a eficácia da prece dizem: Os desígnios de Deus são imutáveis e ele não os derroga a pedido do homem. Isto depende do objeto da prece, porquanto é muito certo que Deus não pode infringir suas leis a fim de satisfazer a todos os pedidos inconsistentes que lhe são dirigidos. Encaremo-la apenas do ponto de vista do alívio das almas sofredoras. Inicialmente diremos que, admitindo que a duração efetiva dos sofrimentos não possa ser abreviada, a comiseração e a simpatia são um abrandamento para aquele que sofre. Se um prisioneiro for condenado a vinte anos de prisão, não sofrerá mil vezes mais se estiver só, isolado e abandonado? Mas se uma alma caridosa e compassiva vier visitá-lo, consolá-lo e encorajá-lo, não terá o poder de quebrar suas cadeias antes do tempo previsto, não as tornará menos pesadas e os anos não parecerão mais curtos? Quem na Terra não encontra na compaixão um alívio às suas misérias, um consolo nas expansões da amizade?

Podem as preces abreviar os sofrimentos? O Espiritismo diz: *Sim*; e o prova pelo raciocínio e pela experiência. Pela experiência, porque são as próprias almas sofredoras que vêm confirmá-lo, descrevendo-nos a sua mudança de situação; pelo raciocínio, considerando o seu modo de ação.

As comunicações ininterruptas que temos com os seres de além-túmulo fazem passar aos nossos olhos todos os graus do sofrimento e da felicidade. Vemos, pois, seres infelizes, horrivelmente infelizes; e, se de acordo com um grande número de teólogos, o Espiritismo não admite o *fogo* senão como uma figura, como um símbolo das maiores dores, numa palavra, como um fogo moral, é preciso convir que a situação de alguns não é muito melhor do que se estivessem no fogo material. O estado feliz ou infeliz após a morte não é, pois, uma quimera, um verdadeiro fantasma. Mas o Espiritismo nos ensina ainda que a duração do sofrimento depende, *até certo ponto*, da vontade do Espírito, podendo ele abreviá-lo pelos esforços que fizer por melhorar-se. A prece – refiro-me à prece real, a do coração, a que é ditada pela verdadeira caridade – incita o Espírito ao arrependimento, desenvolve-lhe bons sentimentos. Ela o esclarece e o faz compreender a felicidade dos que lhe são superiores; impele-o a fazer o bem, a *tornar-se útil*, já que os Espíritos podem fazer o bem e o mal. De certa modo ela o tira do desânimo em que se entorpece. Fá-lo entrever a luz. Por seus esforços pode, pois, sair do lamaçal em que está preso. É assim que a mão protetora que lhe estendemos pode abreviar-lhe os sofrimentos.

Pergunta nosso assinante se os Espíritos que solicitam preces não estariam ainda sob a influência das idéias terrestres. A isto respondemos que entre os Espíritos que se comunicam conosco há os que, em vida, professaram todos os cultos. Todos eles, católicos, protestantes, judeus, muçulmanos e budistas, à pergunta: “Que podemos fazer para vos ser útil?”, respondem: “Orai por mim.” – Uma prece, segundo o rito que professastes, será para vós mais útil ou mais agradável? – “O rito é a forma; a prece do coração não tem rito.” Nossos leitores certamente se recordam da evocação de uma viúva do Malabar, inserida na *Revista* de dezembro de 1858. Quando lhe dissemos: “Pedis que oremos por vós; como somos cristãos, nossas preces vos poderiam ser agradáveis?” Ela respondeu: “Não há senão um Deus para todos os homens.”

Os Espíritos sofredores ligam-se aos que oram por eles, como o ser reconhecido àquele que lhe faz bem. Essa mesma viúva do Malabar compareceu várias vezes às nossas reuniões sem ser chamada; dizia vir para instruir-se. Acompanhava-nos até mesmo na rua, conforme constatamos com o auxílio de um médium vidente. O assassino Lemaire, cuja evocação relatamos no número do mês de março de 1858, evocação que, diga-se de passagem, tinha excitado a verve trocista de alguns cépticos, esse mesmo assassino, infeliz, abandonado, encontrou em um de nossos leitores um coração compassivo, que teve piedade dele; muitas vezes veio visitá-lo e procurou manifestar-se por todos os tipos e meios até que essa pessoa, tendo tido ocasião de esclarecer-se sobre essas manifestações, soube que era Lemaire, que lhe queria testemunhar o seu reconhecimento. Quanto teve oportunidade de externar seu pensamento, disse-lhe: “Obrigado, alma caridosa! Eu me achava só com os remorsos de minha vida passada e tivestes piedade de mim; estava abandonado e pensastes em mim; encontrava-me no abismo e me estendestes a mão! Vossas preces foram para mim como um bálsamo consolador; compreendi a enormidade de meus crimes e peço a Deus que me conceda a graça de os reparar em uma nova existência, onde possa fazer tanto bem quanto fiz de mal. Obrigado outra vez, muito obrigado!”

Eis a opinião atual de um ilustre ministro protestante, o Sr. Adolphe Monod, morto em abril de 1856, sobre os efeitos da prece:

“O Cristo disse aos homens: Amai-vos uns aos outros. Essa recomendação encerra a de empregar todos os meios possíveis para testemunhar afeição aos nossos semelhantes, sem por isso entrar em detalhes quanto à maneira de atingir esse objetivo. Se é verdade que nada pode desviar o Criador de aplicar a justiça, de que ele próprio é modelo, a todas as ações do Espírito, não é menos verdade que a prece que lhe dirigis, em favor daquele por quem vos interessais, é para este último um testemunho da

lembrança que não poderá senão contribuir para aliviar-lhe os sofrimentos e o consolar. Desde que testemunha o menor arrependimento, só então é socorrido; mas não lhe deixam jamais ignorar que uma alma simpática dele se ocupou. Esse pensamento o incita ao arrependimento e o deixa na doce persuasão de que a sua intercessão lhe foi útil. Disso resulta, necessariamente, de sua parte, um sentimento de reconhecimento e de afeto por aquele que lhe deu esta prova de consideração e de piedade. Conseqüentemente, o amor recomendado pelo Cristo aos homens não fez senão crescer entre eles; ambos obedeceram à lei de amor e de união entre todos os seres, lei de Deus que deve conduzir à unidade, que é a finalidade do Espírito.”

– Nada tendes a acrescentar a estas explicações?

Resp. – Não; elas encerram tudo.

– Agradeço-vos por haverdes por bem no-las transmitir.

Resp. – Para mim é uma felicidade poder contribuir para a união das almas, união que os Espíritos bons procuram fazer prevalecer sobre todas as questões de dogma que as dividem.

Um Espírito Que Não se Acredita Morto

Um dos nossos assinantes do departamento do Loiret, excelente médium escrevente, escreve-nos o que se segue, a respeito de várias aparições que testemunhou:

“Não querendo deixar no esquecimento nenhum dos fatos que vêm apoiar a Doutrina Espírita, venho comunicar os novos fenômenos de que sou testemunha e médium e que, como haveis de reconhecer, concordam perfeitamente com tudo quanto tendes publicado em vossa Revista, a propósito dos diversos estados do Espírito depois que se separa do corpo.

“Há cerca de seis meses eu me ocupava de comunicações espíritas com várias pessoas, quando me veio a idéia de perguntar se, entre os assistentes, havia um médium vidente. O Espírito respondeu afirmativamente, designou-me e acrescentou: ‘Tu já o és, mas em pequeno grau e somente durante o sono; mais tarde teu temperamento se modificará de tal maneira que te tornarás um excelente médium vidente, mas pouco a pouco e, a princípio, apenas durante o sono.’

“No decorrer deste ano experimentamos a dor de perder três de nossos parentes. Um deles, que era meu tio, apareceu-me em sonho algum tempo depois de sua morte; tivemos uma longa conversa e ele me conduziu ao lugar que habita, dizendo-me que era o último grau que conduzia à mansão da felicidade eterna. Era minha intenção dar-vos a descrição daquilo que admirei nessa morada incomparável, mas tendo consultado a respeito o meu Espírito familiar, respondeu-me ele: ‘A alegria e a felicidade que experimentaste poderiam influenciar a descrição das maravilhosas belezas que admiraste e tua imaginação poderia criar coisas inexistentes. Espera que teu Espírito esteja mais calmo.’ Detenho-me, então, em obediência ao meu guia, ocupando-me apenas de duas outras visões mais positivas. Relatarei somente as últimas palavras de meu tio. Após haver admirado aquilo que *me era permitido ver*, ele me disse: ‘Agora vais retornar à Terra.’ Supliquei-lhe que me concedesse mais alguns instantes e ele respondeu: ‘Não; são cinco horas e deves retomar o curso de tua existência.’ No mesmo instante despertei, ao som da batida de cinco horas do meu relógio.

“Minha segunda visão foi a de um dos dois outros parentes mortos durante o ano. Tratava-se de um homem virtuoso, amável, bom pai de família, bom cristão e, embora doente desde muito tempo, morreu quase subitamente e talvez no momento em que menos esperava. Seu semblante tinha uma expressão indefinível, séria, triste e, ao mesmo tempo, feliz. Disse-me: ‘Expio minhas faltas; tenho, porém, um consolo: o de ser o protetor de

minha família. Continuo a viver junto à minha mulher e meus filhos e lhes inspiro bons pensamentos. Orai por mim.’

“A terceira visão é mais característica e me foi confirmada por um fato material: é a do terceiro parente. Era um homem excelente, posto que vivaz, encolerizado, imperioso com os criados e, acima de tudo, apegado desmedidamente aos bens deste mundo. Além de céptico, ocupava-se desta vida mais do que da vida futura. Algum tempo depois de sua morte veio à noite e se pôs a sacudir as cortinas com impaciência, como para me despertar. Como lhe perguntasse se era realmente ele, respondeu-me: ‘Sim; vim procurar-te porque és a única pessoa que pode responder-me. Minha esposa e meu filho partiram para Orléans; quis acompanhá-los, mas ninguém quer obedecer-me. Disse a Pedro que fizesse minhas malas, mas ele não me escuta. Ninguém me dá atenção. Se pudesses vir atrelar os cavalos na outra carruagem e providenciar a minha equipagem, prestar-me-ias um grande serviço, pois eu poderia ir reunir-me à minha esposa em Orléans.’ – Mas não podes fazê-lo tu mesmo? – ‘Não. *Não consigo levantar nada.* Depois do *sono* que experimentei durante a doença, estou completamente mudado; não sei mais onde me encontro. Tenho pesadelos.’ – De onde vens? – ‘De B...’ – Do castelo? – ‘Não!’, respondeu-me com um grito de horror, levando a mão à frente; ‘venho do cemitério!’ – Após um gesto de desespero, acrescentou: – ‘Olha, meu caro amigo, dize a todos os meus parentes que orem por mim, porque sou muito infeliz.’ – A estas palavras fugiu e o perdi de vista. Quando veio me procurar e sacudir as cortinas com impaciência, seu rosto exprimia terrível alucinação. Ao lhe perguntar como foi capaz de sacudir as cortinas, logo ele que me dizia nada poder levantar, respondeu-me bruscamente: ‘Com meu sopro!’ ”

“No dia seguinte fiquei sabendo que sua viúva e seu filho haviam realmente partido para Orléans.”

Esta última aparição é notável, pela ilusão que leva certos Espíritos a se crerem ainda vivos e, sobretudo, porque no

presente caso essa ilusão prolongou-se por muito mais tempo do que em casos análogos. Muito comumente ela não dura senão alguns dias, ao passo que ele não se julgava morto apesar de já decorridos mais de três meses de seu trespasse. Aliás, a situação é perfeitamente idêntica à que observamos muitas vezes. Ele vê tudo como se estivesse vivo; quer falar e se surpreende por não ser ouvido. Ocupa-se ou julga ocupar-se com suas tarefas habituais. A existência do perispírito é aqui demonstrada de maneira admirável, abstração feita da visão. Desde que se vê vivo, é que vê um corpo semelhante ao que deixou; esse corpo age como teria agido o outro; para ele nada parece ter mudado: apenas ainda não estudou as propriedades de seu novo corpo. Julga-o denso e material como o primeiro, e espanta-se, porque nada pode levantar. Entretanto, em sua situação percebe algo de estranho, que não compreende. Supõe-se dominado por um pesadelo; toma a morte por um sono: é um estado misto entre a vida corporal e a vida espírita, estado sempre penoso e cheio de ansiedade, e que tem um pouco de ambas as vidas. Como já dissemos alhures, é o que ocorre de modo mais ou menos constante nas mortes instantâneas, tais como as que se dão por suicídio, apoplexia, suplício, combate, etc.

Sabemos que a separação entre o corpo e o perispírito se opera gradualmente e não de modo brusco; começa antes da morte, quando esta sobrevém pela extinção natural das forças vitais, seja pela idade, seja pela doença, sobretudo nas pessoas que em vida pressentem seu fim e *em pensamento se identificam* com a existência futura, de tal sorte que, ao exalarem o último suspiro, a separação é mais ou menos completa. Quando a morte surpreende um corpo cheio de vida, a separação não começa senão nesse momento, para acabar pouco a pouco. Enquanto existir uma ligação entre o corpo e o Espírito, este estará perturbado e, caso entre bruscamente no mundo dos Espíritos, experimentará um sobressalto que não lhe permitirá reconhecer imediatamente a sua situação, bem como as propriedades de seu novo corpo. É necessário ensaiar de alguma maneira e é isso que o faz pensar que ainda pertence a este mundo.

Além das circunstâncias de morte violenta, há outras que tornam mais tenazes os laços entre o corpo e o Espírito, porque a ilusão de que falamos observa-se igualmente em certos casos de morte natural: é quando o indivíduo viveu mais a vida material que a vida moral. Concebe-se que o seu apego à matéria o retém ainda depois da morte, prolongando, assim, a idéia de que nada mudou para ele. Tal é o caso da pessoa de quem acabamos de falar.

Notemos a diferença existente entre a situação desse indivíduo e a do segundo parente: um ainda quer mandar; julga necessitar de suas malas, de seus cavalos, de sua carruagem, para ir ao encontro da esposa; ainda não sabe que, como Espírito, pode fazê-lo instantaneamente ou, melhor dizendo, seu perispírito ainda é tão material que se julga submetido a todas as necessidades do corpo. O outro, que viveu a vida moral, que tinha sentimentos religiosos, que se identificou com a vida futura, embora surpreendido de modo mais inesperado que o primeiro já está desprendido: diz que vive no meio da família, mas sabe que é um Espírito; fala à esposa e aos filhos, mas sabe que o faz pelo pensamento. Numa palavra, já não tem ilusões, ao passo que o outro ainda se acha perturbado e angustiado. De tal forma possui o sentimento da vida real que viu a esposa e o filho que partiam, como realmente partiram no dia indicado, fato ignorado pelo parente a quem apareceu.

Notemos, além disso, uma expressão muito característica de sua parte, que bem descreve a sua posição. À pergunta: “De onde vens?” respondeu inicialmente pelo nome do lugar que habitava; a seguir, a esta outra pergunta: “Do castelo?” Não! Venho do cemitério – respondeu com pavor. Ora, isto prova uma coisa: que não sendo completo o desprendimento, uma espécie de atração ainda existia entre o Espírito e o corpo, que o levou a dizer que vinha do cemitério. Mas nesse momento parece que começou a compreender a verdade. A própria pergunta parece colocá-lo no caminho, chamando-lhe a atenção para seus despojos. Daí por que pronunciou a palavra cemitério com pavor.

Os exemplos desta natureza são muito numerosos. Um dos mais admiráveis é o do suicida da Samaritana, que referimos no nosso número de junho de 1858. Evocado vários dias após sua morte, esse homem também afirmava estar ainda vivo, embora dissesse: “Entretanto, sinto os vermes a me corroerem.” Como fizemos observar em nosso relato, não se tratava de uma lembrança, desde que em vida não era corroído pelos vermes. Era, pois, um sentimento atual, uma espécie de repercussão, transmitida do corpo ao Espírito pela comunicação fluídica ainda existente entre ambos. Esta comunicação nem sempre se traduz da mesma maneira, mas é sempre mais ou menos penosa, como se fora um primeiro castigo para aquele que em vida se identificou demasiadamente com a matéria.

Que diferença da calma, da serenidade, da suave quietude dos que morrem sem remorsos, com a consciência de terem bem empregado seu tempo de estágio na Terra, dos que não se deixaram dominar pelas paixões! A passagem é curta e sem amargura; a morte, para eles, é o retorno do exílio à pátria verdadeira. Haverá nisso uma teoria, um sistema? Não; é o quadro que nos oferecem todos os dias nossas comunicações de além-túmulo, quadro cujos aspectos variam ao infinito, e onde cada um pode colher um ensinamento útil, porque encontra exemplos que poderá aproveitar, caso se dê ao trabalho de consultá-los. É um espelho onde se pode reconhecer todo aquele que não se ache engeguecido pelo orgulho.

Doutrina da Reencarnação Entre os Hindus

(NOTA COMUNICADA À SOCIEDADE PELO SR. TUG...)

Geralmente se pensa que os hindus só admitem a reencarnação como expiação. Segundo eles, a reencarnação só se

daria em corpos animais. No entanto, as linhas que se seguem, extraídas da viagem da Sra. Ida Pfeiffer, parecem provar que a tal respeito os indianos têm idéias mais sadias.

Diz a Sra. Pfeiffer: “Em geral as meninas ficam noivas com um ano de idade. Se o noivo vem a morrer, ela é considerada viúva, ficando impedida de casar-se. A viuvez é reputada como uma grande infelicidade. Pensam eles que isso se deve à posição das mulheres cuja conduta não foi irrepreensível *numa vida anterior*.”

Malgrado a importância que não se pode recusar a estas últimas palavras, forçoso é reconhecer que entre a metempsicose dos hindus e a doutrina admitida pela Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas há uma diferença capital. Citemos aqui o que diz Zimmermann sobre a religião hindu, no “Diário de viagem”. (Taschenbuch der Reisen)

“O fundo dessa religião é a crença num ser primeiro e supremo, na imortalidade da alma e na recompensa à virtude. O verdadeiro e único Deus se chama *Brahm*, o qual não deve ser confundido com *Brahma*, criado por ele. É a verdadeira luz, que é a mesma, eterna, bem-aventurada em todos os tempos e lugares. Da essência imortal de *Brahm* emanou a deusa *Bhavani*, isto é, a Natureza, e uma legião de 1.180 milhões de Espíritos. Entre esses Espíritos há três semideuses ou gênios superiores: *Brahma*, *Vishnu* e *Shiva*, a trindade dos hindus. Durante muito tempo a concórdia e a felicidade reinaram entre os Espíritos. Mais tarde, porém, eclodiu uma revolta entre eles e vários se recusaram a obedecer. Os rebeldes foram precipitados do alto dos céus no abismo das trevas. Deu-se, então, a metempsicose: cada planta, cada ser foi animado por um anjo decaído. Esta crença explica a bondade dos hindus para com os animais: consideram-nos como seus semelhantes e não querem matar nenhum.

“Somos induzidos a crer que não foi senão a ação do tempo que levou tudo quanto existe de bizarro nessa religião, mal

compreendida e falseada na boca do povo, a descer à posição de insana charlatanice. Basta indicar os atributos de algumas de suas principais divindades para explicar o estado atual de sua religião. Eles admitem 333 milhões de divindades inferiores: são as deusas dos elementos, dos fenômenos da Natureza, das artes, das doenças, etc. Além disso, há os bons e os maus gênios: o número dos bons ultrapassa o dos maus em três milhões.

“O que é extremamente notável – acrescenta Zimmermann – é que não se encontra, entre os hindus, uma única imagem do Ser Supremo: parece-lhes demasiado grande. Dizem que toda a Terra é o seu templo e o adoram sob todas as formas.”

Assim, conforme os hindus, as almas tinham sido criadas felizes e perfeitas e sua decadência resultou de uma rebelião; sua encarnação no corpo de animais é uma punição. Conforme a Doutrina Espírita, as almas foram e *ainda são* criadas simples e ignorantes; é pelas encarnações sucessivas que chegam, graças a seus esforços e à misericórdia divina, à perfeição que lhes proporcionará a felicidade eterna. Devendo progredir, a alma pode permanecer estacionária durante um período mais ou menos longo, mas não retrograda. O que adquiriu em conhecimento e em moralidade não se perde. Se não avança, também não recua: eis por que não pode voltar a animar os seres inferiores à Humanidade. Desse modo, a metempsicose dos hindus está fundada sobre o princípio da degradação das almas. A reencarnação, segundo os Espíritos, está fundada no princípio da progressão contínua. Segundo os hindus, a alma começou pela perfeição para chegar à abjeção; a perfeição é o começo e a abjeção, o resultado. Conforme os Espíritos, a ignorância é o começo; a perfeição, o objetivo e o resultado. Seria supérfluo procurar demonstrar qual dessas duas doutrinas é mais racional e dá uma idéia mais elevada da justiça e da bondade de Deus. É, pois, por completa ignorância de seus princípios que algumas pessoas as confundem.

Tug...

Conversas Familiares de Além-Túmulo

SRA. IDA PFEIFFER, CÉLEBRE VIAJANTE

(Sociedade, 7 de setembro de 1859)

O relato seguinte é extraído da *Segunda viagem ao redor do mundo*, da Sra. Ida Pfeiffer, página 345.

“Considerando que estou a falar de coisas muito estranhas, é preciso que faça menção de um acontecimento enigmático que se passou há vários anos em Java e que causou tanta sensação que chegou a ponto de chamar a atenção do governo.

“Na residência de Chéribon havia uma casinha, na qual, segundo dizia o povo, apareciam Espíritos. Ao anoitecer, choviam pedras de todos os lados no quarto e por todos os lados cuspiam *siri*³⁰. Tanto as pedras quanto as cuspinhadas caíam muito perto das pessoas que se encontravam no aposento, sem, contudo, atingi-las ou feri-las. Parece que tudo se dirigia principalmente contra uma criança. Tanto se falou desse caso inexplicável que o governo holandês finalmente encarregou um oficial superior, de sua confiança, para o examinar. Este postou em torno da casa homens seguros e fiéis, com a ordem de não permitirem a entrada ou a saída de quem quer que fosse. Examinou tudo escrupulosamente e, tomando em seu colo a criança designada, sentou-se no quarto fatal. Ao anoitecer, como de costume, começou a chuva de pedras e de *siri*: tudo caía perto do oficial e da criança, sem os atingir. Examinaram novamente cada recanto, cada buraco, mas nada descobriram. O oficial não compreendeu patavina. Mandou reunir as pedras, marcá-las e escondê-las num local bem afastado. Foi tudo em vão: as mesmas pedras caíram novamente no aposento, à mesma hora. Finalmente, para pôr termo a essa história inconcebível, o governador mandou demolir a casa.”

30 Preparação que os javaneses mascam continuamente, e que dá à boca e à saliva a cor do sangue.

A pessoa que colheu esse fato, em 1853, era uma mulher verdadeiramente superior, não tanto por sua instrução e talento, senão pela incrível energia de seu caráter. À parte essa ardente curiosidade e essa coragem indômita, que dela fizeram a mais extraordinária viajante que jamais existiu, a Sra. Pfeiffer nada tinha de excêntrico. Era mulher de uma piedade suave e esclarecida, tendo dado inúmeras provas de estar longe de ser supersticiosa. Comprometeu-se a só contar aquilo que ela mesma tivesse visto, ou obtido de fonte segura. (Ver a *Revista de Paris*, de 1º de setembro de 1856 e o *Dicionário dos Contemporâneos*, de Vapereau).

1. Evocação da Sra. Pfeiffer.

Resp. – Eis-me aqui.

2. Estais surpreendida com o nosso apelo e por vos encontrardes entre nós?

Resp. – Estou surpreendida com a rapidez de minha viagem.

3. Como fostes prevenida de que desejaríamos falar convosco?

Resp. – Fui trazida aqui sem de nada suspeitar.

4. Entretanto, deveríeis ter recebido um aviso qualquer

Resp. – Um arrastamento irresistível.

5. Onde estáveis quando vos chamamos?

Resp. – Junto a um Espírito que tenho a missão de guiar.

6. Tivestes consciência dos lugares que atravessáveis para vir até aqui, ou aqui vos encontrastes subitamente, sem transição?

Resp. – Subitamente.

7. Sois feliz como Espírito?

Resp. – Sim. Mais feliz do que isso é impossível.

8. De onde vinha esse gosto pronunciado pelas viagens?

Resp. – Eu havia sido marinheiro numa vida precedente e o gosto que adquiri pelas viagens naquela existência refletiu-se nesta, malgrado o sexo que eu havia escolhido para me subtrair a isso.

9. Essas viagens contribuíram para o vosso progresso como Espírito?

Resp. – Sim, porque as fiz com espírito de observação, que me faltou na existência precedente, onde não me ocupava senão do comércio e das coisas materiais: é por essa razão que imaginava avançar mais em uma vida sedentária. Mas Deus, tão bom e tão sábio em seus desígnios, que não podemos penetrar, permitiu-me utilizasse minhas inclinações em favor do progresso que eu havia solicitado.

10. Das nações que visitastes, qual a que vos pareceu mais adiantada e que vos mereceu a preferência? Não dissestes em vida que colocaríeis certas tribos da Oceania acima das nações civilizadas?

Resp. – Era uma idéia errada. Hoje prefiro a França, pois compreendo sua missão e antevejo o seu destino.

11. Que destino prevedes para a França?

Resp. – Não vos posso dizer o seu destino; mas sua missão é espalhar o progresso, as luzes e, por conseguinte, o Espiritismo *verdadeiro*.

12. Em que vos pareciam os selvagens da Oceania mais adiantados que os americanos?

Resp. – À parte os vícios vinculados à vida selvagem, neles eu encontrara qualidades sérias e sólidas que não encontrei nos outros.

13. Confirmais o fato que se teria passado em Java e que está relatado em uma de vossas obras?

Resp. – Confirmo-o em parte; o caso das pedras marcadas e lançadas novamente merece explicação: eram pedras semelhantes, mas não as *mesmas*.

14. A que atribuí esse fenômeno?

Resp. – Não sabia a que atribui-lo. Eu me perguntava se, de fato, o diabo existia, respondendo a mim mesma: Não; e fiquei nisso.

15. Agora que podeis compreender a causa, poderíeis dizer de onde vinham essas pedras? Eram transportadas ou fabricadas especialmente pelos Espíritos?

Resp. – Eram transportadas. Para eles era mais fácil trazê-las do que aglomerá-las.

16. E de onde provinha aquele *siri*? Era feito por eles?

Resp. – Sim; era mais fácil e, além disso, inevitável, pois que lhes seria impossível encontrá-lo já preparado.

17. Qual era o objetivo dessas manifestações?

Resp. – Como sempre, chamar a atenção e fazer constatar um fato do qual se devia falar e procurar a explicação.

Observação – Alguém faz observar que tal constatação não poderia levar a nenhum resultado sério entre aqueles povos; mas respondem que há um resultado real: pelo relato e pelo testemunho da Sra. Pfeiffer, o mesmo chegou ao conhecimento dos povos civilizados, que o comentam e lhe tiram conseqüências. Aliás, os holandeses é que foram chamados para constatá-los.

18. Deveria haver um motivo especial, sobretudo quanto à criança atormentada por esses Espíritos?

Resp. – A criança possuía uma influência favorável, eis tudo, pois pessoalmente não sofreu nenhum toque.

19. Desde que esses fenômenos eram produzidos por Espíritos, por que cessaram quando a casa foi demolida?

Resp. – Cessaram porque julgaram inútil continuar; não pergunteis, contudo, se eles *teriam podido continuar*.

20. Agradecemos por terdes vindo e respondido às nossas perguntas.

Resp. – Estou inteiramente às vossas ordens.

PRIVAT D'ANGLEMONT

(Primeira conversa – 2 de setembro de 1859)

No jornal *Pays*, de 15 de agosto de 1859, lê-se o seguinte necrológio de Privat d'Anglemont, homem de letras, falecido no Hospício Dubois.

“Suas extravagâncias jamais fizeram mal a ninguém; só a última foi má e voltou-se contra ele. Ao entrar na casa de saúde em que acaba de morrer, Privat d'Anglemont cometeu a imprudência de dizer que era anabatista e adepto da doutrina de Swedenborg. Havia dito tantas coisas semelhantes em sua vida! Mas desta vez a morte o surpreendeu sem que tivesse tempo de desmentir-se. Em represália, foi-lhe negada a suprema consolação da cruz em sua cabeceira; seu cortejo fúnebre defrontou-se com uma igreja mas teve que passar ao largo; a cruz não veio recebê-lo à porta do cemitério. Quando o esquife desceu ao túmulo, Édouard Fournier, ao pronunciar tocantes palavras sobre esse corpo, não ousou desejar-lhe mais do que o sono eterno. Todos os seus amigos se afastaram, admirados de não o terem saudado, um por um, com aquela água que se parece com as lágrimas, e que tudo purifica. Fazei, pois, uma subscrição e tentai edificar alguma coisa sobre uma sepultura sem esperança! Pobre Privat! Eu não o confio menos àquele que conhece todas as misérias de nossa alma e que pôs o perdão como lei na efusão de um coração afetuoso.”

Faremos uma nota preliminar sobre esta notícia. Não haverá algo de atroz na idéia de uma sepultura sem esperança, não merecendo sequer a honra de um monumento? Certamente a vida de Privat poderia ter sido mais meritória. É incontestável que cometeu erros. Mas ninguém poderá dizer que foi um homem mau que, como tantos outros, fazia o mal a bel-prazer, sob o manto da hipocrisia. Pelo fato de em seus últimos momentos na Terra ter sido privado das preces dedicadas aos crentes, preces que seus amigos pouco caridosos igualmente lhe negaram, haverá Deus de o condenar para sempre, não lhe deixando senão o sono eterno como suprema esperança? Em outras palavras, aos olhos de Deus ele não passaria de um animal, logo ele, homem de inteligência, indiferente, é verdade, aos bens e favores do mundo, vivendo despreocupado com o amanhã, mas, incontestavelmente, homem de pensamento, para não dizer um gênio transcendente? A ser correto esse raciocínio, quanto deve ser assustador o número dos que mergulham no nada! Convenhamos que os Espíritos nos dão de Deus uma idéia muito mais sublime, de ordinário no-lo apresentando sempre disposto a estender a mão em socorro daquele que reconhece seus erros, ao qual sempre deixa uma âncora de salvação.

1. *Evocação*

Resp. – Eis-me aqui. Que desejais, meus amigos?

2. Tendes consciência clara de vossa situação atual?

Resp. – Não; não totalmente, mas espero tê-la sem tardança, porque, felizmente para mim, Deus não me parece querer afastar dele, malgrado a vida quase inútil que levei na Terra; mais tarde terei uma posição bastante feliz no mundo dos Espíritos.

3. Reconhecestes imediatamente a vossa situação no momento da morte?

Resp. – Fiquei perturbado, o que é compreensível, mas não tanto quanto se poderia supor, pois sempre gostei do que era etéreo, poético, sonhador.

4. Podeis descrever o que convosco se passou naquele momento?

Resp. – Nada se passou de extraordinário e diferente daquilo que já sabeis. Inútil, pois, falar ainda disso.

5. Vedes as coisas tão claramente como no tempo em que vivíeis?

Resp. – Não; ainda não, mas as verei.

6. Que impressão vos causa a visão atual dos homens e das coisas?

Resp. – Meu Deus! Aquilo que sempre pensei.

7. Em que vos ocupais?

Resp. – Não faço nada; sou errante. Não procuro uma posição social, mas uma posição espírita; outro mundo, outra ocupação: é a lei natural das coisas.

8. Podeis transportar-vos para qualquer parte que quiserdes?

Resp. – Não; eu seria muito feliz; meu mundo é limitado.

9. Necessitais de um tempo apreciável para vos transportar de um lugar a outro?

Resp. – Bastante apreciável.

10. Quando vivo, constatáveis vossa individualidade por intermédio do corpo. Agora, porém, que não mais o possuíis, como a comprovais?

Resp. – Ah! É estranho! Eis uma coisa em que ainda não havia pensado; têm razão os que dizem que aprendemos algo todos os dias. Obrigado, caro confrade.

11. Pois bem! Já que chamamos vossa atenção sobre este ponto, refleti e respondi-nos.

Resp. – Eu vos disse que estou limitado quanto ao espaço. Infelizmente eu, que sempre tive uma imaginação viva, estou também limitado quanto ao pensamento. Responderei mais tarde.

12. Quando vivo, qual era a vossa opinião sobre o estado da alma após a morte?

Resp. – Eu a supunha imortal, isto é evidente. Confesso, porém, para minha vergonha, que não acreditava ou, pelo menos, não tinha uma opinião segura sobre a reencarnação.

13. Qual era a fonte do caráter original que vos distinguiu?

Resp. – Não havia uma causa direta; alguns são profundos, sérios, filósofos; eu era alegre, vivo, original. É uma variedade de caráter, eis tudo.

14. Não teríeis podido, pelo vosso talento, libertar-vos dessa vida boêmia que vos deixava à mercê das necessidades materiais, pois creio que muitas vezes vos faltava o necessário?

Resp. – Muito freqüentemente. Mas, que quereis? Eu vivia como ordenava o meu caráter. Depois, jamais me dobrei às tolas convenções do mundo. Eu não sabia o que era ir mendigar proteção; a arte pela arte, eis o meu princípio.

15. Qual a vossa esperança para o futuro?

Resp. – Ainda não sei.

16. Recordais a existência que precedeu a que acabais de deixar?

Resp. – Foi boa.

Observação – Alguém observou que estas últimas palavras poderiam ser tomadas como uma exclamação irônica, o que seria próprio do caráter de Privat. Ele respondeu espontaneamente:

– Peço-vos mil desculpas. Eu não estava gracejando. É verdade que para vós sou um Espírito pouco instrutivo. Mas, enfim, não quero brincar com coisas sérias. Terminemos; não desejo falar mais. Até logo.

(Segunda conversa - 9 de setembro de 1859)³¹

1. Evocação

Resp. – Vamos, meus amigos! Então ainda não acabastes de fazer-me perguntas, bem sensatas, aliás, mas às quais não posso responder?

2. Sem dúvida é por modéstia que falais assim, porquanto a inteligência que revelastes em vida e a maneira pela qual respondestes provam que o vosso Espírito se encontra acima do vulgo.

Resp. – Lisonjeador!

3. Não; não lisonjamos. Dizemos o que pensamos. Aliás, sabemos que a lisonja seria um despropósito para com os Espíritos. Por ocasião de vossa última conversa, deixastes-nos bruscamente. Poderíeis dizer-nos a razão?

Resp. – Eis a razão, em toda a sua simplicidade: fazeis perguntas tão fora de minhas idéias que me sinto embaraçado em respondê-las. Havereis de compreender, portanto, o natural impulso de orgulho que experimentei ao ficar calado.

4. Vedes outros Espíritos ao vosso lado?

Resp. – Vejo-os em quantidade: aqui, ali, por toda parte.

5. Refletistes sobre a pergunta que vos fizemos e que prometestes respondê-la em outra ocasião? Eu a repito: Quando vivo, constatáveis vossa individualidade por intermédio do corpo. Agora, porém, que não mais o possuíis, como a comprovais? Numa

31 **N. do T.:** Embora no original francês se leia *quatrième entretien*, trata-se, na verdade, da segunda conversa de Privat d'Anglemont, conforme facilmente se infere da seqüência com que foram ditadas.

palavra: como vos distinguis dos outros seres espirituais, que vedes à vossa volta?

Resp. – Se posso exprimir o que sinto, dir-vos-ei que ainda conservo uma espécie de essência, dada por minha individualidade, e que não me deixa nenhuma dúvida de que realmente eu sou eu mesmo, embora morto para a Terra. Encontro-me ainda num mundo novo, muito novo para mim... (Após alguma hesitação). Enfim, constato a minha individualidade por meu perispírito, que é a forma que possuía neste mundo.

Observação – Pensamos que esta última resposta lhe foi soprada por outro Espírito, porque sua precisão contrasta com o embaraço que no início parecia demonstrar.

6. Assististes aos vossos funerais?

Resp. – Sim, mas não atino por quê.

7. Que sensação experimentastes?

Resp. – Vi com prazer, com muita satisfação, que deixando a Terra, nela deixava muitas mágoas.

8. De onde vos surgiu a idéia de passar por anabatista e swedenborguiano? Havíeis estudado a doutrina de Swedenborg?

Resp. – É mais uma de minhas idéias excêntricas, em meio a tantas outras.

9. Que pensais do pequeno necrológio publicado a vosso respeito no jornal Pays?

Resp. – Deixais-me embaraçado, pois se publicardes essas comunicações na *Revista* por certo dareis prazer a quem as escreveu; quanto a mim, para quem elas foram feitas, direi o quê? Que são frases bonitas, nada mais que frases bonitas.

10. Ides algumas vezes rever os locais que freqüentáveis em vida, e os amigos que deixastes?

Resp. – Sim, e ousou dizer que ainda encontro nisso uma certa satisfação. Quanto aos amigos, eram pouco sinceros; muitos me apertavam a mão sem ter coragem de dizer que eu era excêntrico e, por detrás, me criticavam e me tratavam de louco.

11. Aonde pretendeis ir ao deixar-nos? Isto não é uma pergunta indiscreta, mas para nossa instrução.

Resp. – Aonde irei?... Vejamos... Ah! uma excelente idéia... Vou me conceder uma pequena alegria... uma vez apenas não cria hábito... Farei um pequeno passeio; visitarei um quartinho que me deixou em vida lembranças muito agradáveis... Sim, é uma boa idéia; ali passarei a noite à cabeceira de um pobre coitado, um escultor que esta noite não jantou e que pediu ao sono o alívio para sua fome... Quem dorme janta... Pobre rapaz! Fica tranqüilo; irei proporcionar-te sonhos magníficos.

12. Não poderíamos saber o endereço desse escultor, a fim de o auxiliarmos?

Resp. – Eis uma pergunta que poderia ser indiscreta, se eu não conhecesse o louvável sentimento que a ditou... Não posso respondê-la.

13. Poderíeis ditar-nos alguma coisa sobre um assunto de vossa escolha? Vosso talento de literato deve tornar fácil a tarefa.

Resp. – Ainda não. Entretanto, pareceis tão afáveis, tão compassivos, que prometo escrever alguma coisa. Agora, talvez, eu fosse muito eloqüente; mas temo que minhas comunicações sejam ainda muito terrestres; deixai que minha alma se depure um pouco; aguardai que ela abandone esse invólucro grosseiro que ainda a retém, para então vos prometer uma comunicação. Só vos peço uma coisa: rogai a Deus, nosso soberano Senhor, que me conceda o perdão e o olvido de minha inutilidade na Terra, tendo em vista que cada homem tem a sua missão aqui. Infeliz daquele que não a desempenha com fé e religiosidade. Orai! Orai! Adeus.

(Terceira conversa)

Há muito tempo estou aqui. Prometi dizer alguma coisa e direi.

Sabeis, amigos, que nada é mais embaraçoso do que falar assim, sem preâmbulo, e atacar um assunto sério. Um sábio não prepara suas obras senão depois de longa reflexão, após haver amadurecido longamente o que vai dizer, aquilo que vai empreender. Quanto a mim, lamento bastante não ter ainda encontrado um assunto que seja digno de vós. Só vos posso dizer puerilidades. Prefiro, pois, pedir-vos um adiamento de oito dias, como se diz no tribunal. Talvez, então, eu tenha encontrado alguma coisa que vos possa interessar e instruir.

Tendo o médium insistido mentalmente para que ele dissesse alguma coisa, acrescentou: – Mas meu caro, eu te acho admirável! Não; prefiro ficar como ouvinte. Então não sabes que há tanta instrução para mim quanto para vós em ouvir o que aqui se discute? Não; insisto que ficarei apenas como ouvinte; no meu caso é um papel muito mais instrutivo. Apesar da tua insistência, não desejo responder. Crês, por acaso, que me seria muito mais agradável dizer: Ah! esta noite evocaram Privat d’Anglemon? – É verdade? Que disse ele? – Nada, absolutamente nada. – Obrigado! Prefiro que conservem de mim uma boa impressão. A cada um as suas idéias.

Comunicação espontânea de Privat D’Anglemon

(Quarta conversa – 30 de setembro de 1859)

“Eis que finalmente o Espiritismo faz um grande barulho por toda parte; e eis que os jornais dele se ocupam, de maneira indireta, é verdade, citando fatos extraordinários de aparições, de batidas, etc. Meus ex-confrades citam os fatos sem comentários, no que dão provas de inteligência, porquanto jamais a

Doutrina Espírita deve ser mal discutida ou tomada como coisa má. Entretanto, eles ainda não admitiram a veracidade do papel do médium. Duvidam. Mas eu lhes refuto as objeções, dizendo que eles mesmos são médiuns. Todos os escritores, grandes e pequenos, o são em maior ou menor grau. E o são no sentido de que os Espíritos que se acham à sua volta atuam sobre o seu sistema mental e muitas vezes lhes inspiram pensamentos que eles se vangloriam de os ter concebido. Certamente jamais acreditariam que Privat d'Anglemont, Espírito leviano por excelência, tivesse resolvido esta questão. No entanto, não digo senão a verdade e, como prova, dou uma mostra muito simples: Como é que depois de haverem escrito durante algum tempo, eles se acham numa espécie de superexcitação e num estado febril pouco comum? Direis que é o esforço da atenção. Mas quando estais muito atentos numa coisa, contemplando um quadro, por exemplo, sentis febre? Não, não é mesmo? É necessário, pois, que haja outra causa. Muito bem! Repito que a causa está na modalidade de comunicação existente entre o cérebro do escritor e os Espíritos que o rodeiam. Agora, meus caros confrades, chicoteai o Espiritismo, se isso vos parece correto. Ridicularizai-o, ride; seguramente não estareis zombando senão de vós mesmos, nem dando bordoadas a não ser em vós próprios... Compreendeis?

Privat d'Anglemont"

O médium que na Sociedade servira de intérprete a Privat d'Anglemont teve a idéia de evocá-lo particularmente, dele obtendo a conversa que se segue. Parece que o Espírito sentiu por ele uma certa afeição, seja porque nele encontrasse um instrumento fácil, seja por que entre eles houvesse simpatia. Este médium é um jovem estreante na carreira literária e seus promissores ensaios prenunciam disposições que por certo Privat terá prazer em encorajar.

1. Evocação - Eis-me aqui. Já estou contigo há algum

tempo. Esperava essa evocação de tua parte. Fui eu que, há pouco tempo, te inspirei alguns bons pensamentos. Isto era, meu caro amigo, para te consolar um pouco e fazer-te suportar com mais coragem as penas deste mundo. Pensais, então, que eu também não tenha sofrido muito mais do que imaginais, vós que sorriéis de minhas excentricidades? Debaixo dessa couraça de indiferença que eu sempre afetava, quantas mágoas, quantas dores não ocultei! Mas eu tinha uma qualidade muito preciosa para um homem de letras ou para um artista: não importa em que situação, sempre temperei meus sofrimentos com a alegria. Quando sofria muito, fazia gracejos, trocadilhos e brincadeiras de mau gosto. Quantas vezes a fome, a sede, e o frio não me bateram à porta! E quantas vezes não lhes respondi com uma longa e alegre gargalhada! Gargalhada fingida, dirás. Ah! Não, meu amigo, confesso-te que eu era sincero. Que queres? Sempre tive o mais indiferente caráter que se possa ter. Jamais me preocupei com o futuro, com o passado e com o presente. Sempre vivi como verdadeiro boêmio, ao Deus dará, gastando cinco francos quando os tinha, e mesmo que não os tivesse; e não era mais rico, quatro dias depois de ter recebido o salário, do que o havia sido na véspera.

Certamente não desejo a ninguém esta vida inútil que levei, incoerente e irracional. As excentricidades não são mais do nosso tempo. As idéias novas, por isso mesmo, fizeram rápidos progressos. É uma vida de que absolutamente não me vanglorio e da qual por vezes me envergonho. A juventude deve ser estudiosa: deve, pelo trabalho, fortalecer a inteligência, a fim de melhor conhecer e apreciar os homens e as coisas.

Desiludi-vos, jovens, se pensais que ao sair do colégio já sois homens completos, ou sábios. Tendes a chave para tudo saber. Compete-vos agora trabalhar e estudar, entrando mais resolutamente no vasto campo que vos é oferecido, cujos caminhos foram aplanados por vossos estudos no colégio. Sei que a juventude necessita de distrações: o contrário seria um atentado à

Natureza; entretanto, não deveis buscá-las em excesso, porquanto aquele que na primavera da vida só pensou no prazer, prepara mais tarde penosos remorsos. É então que a experiência e as necessidades deste mundo lhe ensinam que os momentos perdidos jamais se recuperam. Os moços necessitam de leituras sérias. Muitas vezes os autores antigos são os melhores, porque seus bons pensamentos sugerem outros. Eles devem evitar principalmente os romances, que apenas excitam a imaginação e deixam vazio o coração. Os romances não deveriam ser tolerados senão como distração, uma vez ou outra, e para certas senhoras que não têm algo melhor a fazer. Instrui-vos! Instrui-vos! Aperfeiçoai a inteligência de que Deus vos dotou. Só a este preço seremos dignos de viver.

– Tua linguagem me espanta, caro Privat. Tu te apresentaste sob aparências muito espirituosas, não resta dúvida, mas não como um Espírito profundo, e agora... – R. Alto lá, rapaz! paremos com isso. Apareci, ou melhor, comuniquei-me convosco como um Espírito um tanto superficial, é verdade, porque ainda não me encontrava totalmente desprendido de meu invólucro terrestre e a condição de Espírito não se havia ainda apresentado em toda a sua realidade. Agora, amigo, sou um Espírito, nada mais que um Espírito. Vejo, sinto e experimento tudo como os outros, e minha vida na Terra não me parece mais que um sonho. E que sonho! Estou parcialmente habituado a este mundo novo, que deve ser minha morada por algum tempo.

– Quanto tempo imaginas ficar como Espírito, e o que fazes em tua nova existência? Quais são as tuas ocupações? – R. O tempo que devo permanecer como Espírito está nas mãos de Deus e haverá de durar, tanto quando posso conceber, até que Deus julgue minha alma bastante depurada para encarnar numa região superior. Quanto às minhas ocupações, são quase nulas. Ainda estou errante, como consequência da vida que levei na Terra. É assim que aquilo que me parecia um prazer no vosso mundo é

agora uma lástima para mim. Sim, é verdade, eu gostaria de ter uma ocupação séria, interessar-me por alguém que merecesse a minha simpatia, inspirar-lhe bons pensamentos. Mas meu caro amigo, já conversamos bastante e, se me permitires, vou retirar-me. Adeus. Se necessitares de mim, não receies chamar-me: acorrerei com prazer. Coragem! Sê feliz!

DIRKSE LAMMERS

(Sociedade – 11 de novembro de 1859)

Presente à sessão, o Sr. Van B..., de Haia, relata o seguinte fato pessoal:

Numa reunião espírita a que assistia, em Haia, um Espírito que dizia chamar-se *Dirkse Lammers* manifestou-se espontaneamente. Interrogado sobre as particularidades que lhe dizem respeito e sobre o motivo de sua visita a pessoas que não o conhecem e que não o chamaram, assim ele narra a sua história:

“Eu vivia em 1592 e enforquei-me no local em que vos achais neste momento, isto é, num estábulo que então existia no mesmo lugar onde atualmente fica esta casa. Eis as circunstâncias: Eu tinha um cachorro e minha vizinha criava galinhas. Meu cão estrangulou as galinhas e, para vingar-se, a vizinha o envenenou. Em minha cólera, espanquei e feri aquela mulher; ela me denunciou à justiça: fui condenado a três anos de prisão e a uma multa de 25 florins. Embora a condenação fosse bastante leve, nem por isso fiquei com menos ódio do advogado X..., que a tinha provocado e, por isso, resolvi vingar-me dele. Assim decidido, esperei-o num caminho pouco movimentado que ele fazia todas as tardes para ir a Loosduinen, perto de Haia. Estrangulei-o e o pendurei numa árvore. Para fazer crer num suicídio, pus em seu bolso um papel previamente preparado, como se por ele escrito, no qual dizia que ninguém deveria ser acusado de sua morte, posto que ele mesmo atentara contra a própria vida. Desde esse momento o remorso me perseguiu e, como disse, enforquei-me três meses depois, no lugar

onde estais. Impellido por uma força a que não posso resistir, venho confessar meu crime, na esperança de que talvez isso possa trazer algum alívio às angústias que venho suportando desde então.”

Este relato, feito com detalhes tão minuciosos, causou admiração na assembléia. Foram tomadas informações e, pelas pesquisas feitas no cartório verificou-se, com efeito, que em 1592 um advogado chamado X... se havia enforcado no caminho de Loosduinen.

Tendo sido evocado na sessão da Sociedade, no dia 11 de novembro de 1859, o Espírito Dirkse Lammers manifestou-se por atos de violência, quebrando o lápis. Sua escrita era irregular, graúda, quase ilegível, e o médium experimentou extrema dificuldade em traçar os caracteres.

1. *Evocação*

Resp. – Eis-me aqui. Para quê?

2. Reconheceis aqui uma pessoa com a qual vos comunicastes ultimamente?

Resp. – Já dei provas suficientes de minha lucidez e de minha boa vontade. Isto deveria bastar.

3. Com que objetivo vos comunicastes espontaneamente em casa do Sr. Van B...?

Resp. – Não sei. Fui enviado até lá. Por mim mesmo não sentia muita vontade de narrar o que me vi obrigado a dizer.

4. Quem vos obrigou a fazê-lo?

Resp. – A força que nos conduz; nada mais sei a respeito. Fui arrastado, mau grado meu, e forçado a obedecer aos Espíritos que tinham o direito de se fazerem obedecidos.

5. Estais contrariado de vir ao nosso apelo?

Resp. – Bastante; sinto-me deslocado aqui.

6. Sois feliz como Espírito?

Resp. – Bela pergunta!

7. Que podemos fazer para vos ser agradáveis?

Resp. – Poderíeis fazer algo que me fosse agradável?

8. Certamente; manda a caridade que sejamos úteis, na medida de nossas possibilidades, assim aos Espíritos como aos homens. Desde que sois infeliz, rogaremos para vós a misericórdia de Deus. Comprometemo-nos a orar por vós.

Resp. – Eis, finalmente, depois de séculos, as primeiras palavras dessa natureza que me são dirigidas. Obrigado! Obrigado! Por Deus, que essa não seja uma promessa vã, eu vos imploro.

MICHEL FRANÇOIS

(Sociedade – 11 de novembro de 1859)

O ferrador Michel François, que vivia no fim do século XVII, dirigiu-se ao intendente de Provence e lhe anunciou que um espectro lhe aparecera e havia ordenado que fosse revelar ao rei Luís XIV certas coisas secretas de grande importância. Fizeram-no partir para a corte em abril de 1697. Garantem alguns que ele falou com o rei; outros, que o rei se recusou a vê-lo. O que é certo, acrescenta-se, é que em lugar de o enviarem à prisão, obteve dinheiro para a viagem e isenção de *talha* e de outros impostos reais.

1. *Evocação*

Resp. – Eis-me aqui.

2. Como soubestes que desejávamos falar convosco?

Resp. – Por que fazeis esta pergunta? Não sabeis que estais cercados de Espíritos que advertem aqueles com os quais desejais falar?

3. Onde estáveis quando vos chamamos?

Resp. – No espaço, já que ainda estou errante.

4. Estais surpreso de vos achar em meio a pessoas vivas?

Resp. – De forma alguma; encontro-me muitas vezes.

5. Lembrai-vos de vossa existência, quando, em 1697, sob o reinado de Luís XIV, éreis ferrador?

Resp. – Muito confusamente.

6. Lembrais da revelação que íeis fazer ao rei?

Resp. – Lembro-me de que devia fazer-lhe uma revelação.

7. Fizestes tal revelação?

Resp. – Sim.

8. Dissestes que um espectro vos tinha aparecido e ordenado que fôsseis revelar certas coisas ao rei. Quem era o espectro?

Resp. – Era o seu irmão.

9. Poderíeis identificá-lo?

Resp. – Não; não me compreenderíeis.

10. Era um homem designado pela alcunha de Máscara de Ferro?

Resp. – Sim.

11. Agora que longe nos encontramos daquele tempo, poderíeis dizer-nos qual o objetivo daquela revelação?

Resp. – Era exatamente informá-lo de sua morte.

12. A morte de quem? De seu irmão?

Resp. – Mas evidentemente!

13. Que impressão causou ao rei essa revelação?

Resp. – Um misto de tristeza e satisfação. Aliás, isto ficou provado pela maneira por que me tratou.

14. Como ele vos tratou?

Resp. – Com bondade e afabilidade.

15. Dizem que um fato semelhante aconteceu com Luís XVIII. Sabeis se isso é verdade?

Resp. – Creio ter havido alguma coisa parecida, mas não estou bem informado.

16. Por que aquele Espírito vos escolheu para tal missão, logo vós, um homem obscuro, em vez de escolher um personagem da corte, que mais facilmente se acercasse do rei?

Resp. – Fui encontrado em seu caminho, dotado da faculdade que ele queria encontrar e que era necessária e, também, porque um personagem da corte não seria aceito como revelador: pensariam que tivesse sido informado por outros meios.

17. Qual era o objetivo dessa revelação, desde que o rei estaria necessariamente informado da morte do irmão, mesmo antes de sabê-la por vosso intermédio?

Resp. – Era para fazê-lo refletir sobre a vida futura e sobre a sorte a que se expunha e que de fato se expôs. Seu fim foi maculado por ações com as quais julgava garantir um futuro que aquela revelação poderia tornar melhor.

Comunicações Espontâneas Obtidas em Sessões da Sociedade

(30 de setembro de 1859 – Mèdium, Sr. R...)

Amai-vos uns aos outros; toda a lei se resume neste preceito, lei divina pela qual Deus cria incessantemente e governa os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados; a atração é a lei de amor para a matéria inorgânica.

Jamais vos esqueçais de que o Espírito, seja qual for o seu grau de adiantamento e a sua situação, como reencarnado ou na

erraticidade, está *sempre* colocado entre um superior, que o guia e aperfeiçoa, e um inferior, perante o qual tem os mesmos deveres a cumprir.

Sede, pois, caridosos, não somente dessa caridade que vos leva a tirar do bolso o óbolo que dais friamente àquele que ousa pedir, mas ide ao encontro das misérias ocultas.

Sede indulgentes para com os defeitos de vossos semelhantes. Em lugar de desprezar a ignorância e o vício, instruí-os e moralizai-os. Sede mansos e benevolentes para com tudo que vos seja inferior. Sede-o mesmo perante os seres mais ínfimos da criação, e tereis obedecido à lei de Deus.

Vicente de Paulo

Observação – Geralmente os Espíritos considerados pelos homens como santos não se prevalecem dessa qualidade; assim, São Vicente de Paulo assina simplesmente *Vicente de Paulo*; São Luís assina *Luís*. Aqueles que, ao contrário, usurpam nomes e qualidades que lhes não pertencem, de ordinário exibem falsos títulos, sem dúvida pensando impor-se mais facilmente. Entretanto, essa máscara não pode enganar a quem quer que se dê ao trabalho de lhes estudar a linguagem; a dos Espíritos verdadeiramente superiores tem uma marca que não nos permite enganar.

(18 de novembro de 1859 – Médiun, Sr. R...)

A união faz a força; sede unidos e sereis fortes. O Espiritismo germinou, lançou raízes profundas; vai estender sobre a Terra seus ramos benfazejos. É preciso que vos torneis invulneráveis aos dardos envenenados da calúnia e da triste falange dos ignorantes, dos egoístas e dos hipócritas. Para chegar a isso, que uma indulgência e uma benevolência recíprocas presidam às vossas relações; que vossos defeitos passem despercebidos e que somente vossas qualidades sejam notadas; que o facho da santa amizade

reúna, esclareça e aqueça os vossos corações, de tal maneira que possais resistir aos ataques impotentes do mal, como o rochedo inabalável ante a vaga furiosa.

Vicente de Paulo

(23 de setembro de 1859 – Médiun, Sr. R...)

Até o presente não encarastes a guerra senão do ponto de vista material; guerras intestinas, guerras de povos contra povos; nela não vistes mais que conquistas, escravidão, sangue, morte e ruínas. É tempo de considerá-la do ponto de vista moralizador e progressivo. A guerra semeia em sua passagem a morte e as idéias. As idéias germinam e crescem. O Espírito vem fazê-las frutificar depois de se haver retemperado na vida espírita. Não sobrecarregueis, pois, com vossas maldições, o diplomata que preparou a luta, nem o capitão que conduziu seus soldados à vitória. Grandes lutas se preparam: lutas do bem contra o mal, das trevas contra a luz; lutas do Espírito de progresso contra a ignorância estacionária. Esperai com paciência, porquanto nem as vossas maldições, nem os vossos louvores poderão modificar a vontade de Deus. Ele saberá sempre manter ou afastar seus instrumentos do teatro dos acontecimentos, conforme tenham cumprido a sua missão ou dela abusado, para servir a seus pontos de vista pessoais, do poder que tiverem adquirido por seu sucesso. Tendes o exemplo do César moderno e o meu. Por várias existências miseráveis e obscuras, tive de expiar minhas faltas, tendo vivido pela última vez na Terra sob o nome de Luís IX.

Júlio César

O MENINO E O RIACHO – PARÁBOLA

(11 de novembro de 1859 – Médiun, Sr. Did...)

Certo dia um menino chegou junto a um riacho tão veloz que tinha quase a impetuosidade de uma torrente. A água

lançava-se de uma colina vizinha e engrossava à medida que avançava pela planície. O menino pôs-se a examinar a torrente, depois juntou toda sorte de pedras que podia carregar em seus braços pequeninos. Resolveu construir um dique; cega presunção! Malgrado todos os seus esforços e a sua cólera infantil, não o conseguiu. Refletindo então mais seriamente – se é que podemos empregar essa expressão a uma criança – subiu mais alto, abandonou a primeira tentativa e quis fazer seu dique perto da própria fonte do riacho. Infelizmente seus esforços mostraram-se ainda impotentes. Desanimou e foi embora chorando.

Estava-se ainda na bela estação e o riacho não era muito rápido, em comparação com a sua correnteza no inverno. Engrossou, e o menino viu o seu progresso; a água lançava-se com estrondo e furor, derrubando tudo em sua passagem; ele próprio teria sido tragado pelas águas se tivesse ousado aproximar-se, como da primeira vez.

Ó homem fraco! Criança! Tu, que queres levantar uma muralha, um obstáculo intransponível à marcha da verdade, não és mais forte que aquela criança; tua vontade vacilante não é mais vigorosa que os seus pequenos braços. Ainda mesmo que a queiras atingir em sua fonte, ficai certo de que a verdade te arrastará inevitavelmente.

Basilio

OS TRÊS CEGOS – PARÁBOLA

(7 de outubro de 1859 – *Médium, Sr. Did...*)

Um homem rico e generoso, o que é raro, encontrou em seu caminho três infelizes cegos, exaustos de fome e de fadiga. Ofereceu a cada um uma moeda de ouro. O primeiro, cego de nascença, amargurado pela miséria, nem sequer abriu a mão; dizia jamais ter visto oferecer-se ouro a um mendigo: o fato era

impossível. O segundo estendeu maquinalmente a mão, mas logo desprezou a oferta que lhe faziam. Como seu amigo, considerava aquilo uma ilusão ou uma brincadeira de mau gosto; numa palavra, para ele, a moeda era falsa. O terceiro, ao contrário, cheio de fé em Deus e de inteligência, em que a fineza do tato havia parcialmente substituído o sentido que lhe faltava, tomou a moeda, apalpou-a, levantou-se, abençoou seu benfeitor e partiu para a cidade vizinha, a fim de com ela obter o que faltava à sua existência.

Os homens são os cegos; o Espiritismo é o ouro. Julgai a árvore pelos seus frutos.

Lucas

(30 de setembro de 1859 – Médium, Srta. H ...)

Pedi a Deus que me deixasse vir por um instante entre vós, a fim de vos aconselhar a jamais tomar parte em querelas religiosas. Não me refiro a guerras religiosas, porquanto hoje o século está muito avançado para isso. Mas no tempo em que vivi era uma desgraça geral e não pude evitá-la. A fatalidade arrastou-me e empurrei os outros, logo eu que deveria tê-los retido. Assim, tive a minha punição, inicialmente na Terra, e há três séculos expio cruelmente o meu crime. Sede mansos e pacientes com aqueles a quem ensinais. Se a princípio não vos derem ouvidos, haverão de o fazer mais tarde, quando virem a vossa abnegação e o vosso devotamento.

Meus amigos, meus irmãos! Nunca seria demais vos recomendar o meu exemplo, pois nada existe de mais pavoroso do que a matança em nome de um Deus clemente, de uma religião santa, que não prega senão a misericórdia, a bondade e a caridade! Em vez disso, matamos e massacramos para, como se diz, forçar as criaturas que queremos converter a um Deus bondoso. Em lugar de acreditar em vossa palavra, os que sobrevivem se apressam em

vos deixar e de vós se afastam como se fôsseis bestas ferozes. Sejais, pois, bons, eu vo-lo repito e, sobretudo, tolerantes para com aqueles que não crêem como vós.

Carlos IX

1. Poderíeis ter a complacência de responder a algumas perguntas que desejaríamos dirigir-vos?

Resp. – Fa-lo-ei de bom grado.

2. Como expiastes as vossas faltas?

Resp. – Pelo remorso.

3. Tivestes outras existências corpóreas depois daquela que conhecemos?

Resp. – Tive uma; reencarnei-me como um escravo das duas Américas. Sofri bastante e isso apressou a minha purificação.

4. Que aconteceu à vossa mãe, Catarina de Médicis?

Resp. – Ela também sofreu. Encontra-se em outro planeta, onde leva uma vida de devotamento.

5. Poderíeis escrever a história do vosso reino, como o fizeram Luís XI e outros?

Resp. – Também o poderia...

6. Quereis fazê-lo através do médium que vos serve de intérprete neste momento?

Resp. – Sim, este médium pode servir-me, mas não começarei esta noite; não vim para isso.

7. Também não vos pedimos para começar hoje: rogamos que o façais nos momentos de folga, vossos e do médium. Será um trabalho de grande fôlego, que exigirá um certo lapso de tempo. Podemos contar com a vossa promessa?

Resp. – Eu o farei. Até logo.

COMUNICAÇÕES ESTRANGEIRAS LIDAS NAS SOCIEDADES

(Comunicação obtida pela Srta. de P..)

A bondade do Senhor é eterna. Ele não quer a morte de seus filhos queridos. Mas, ó homens! refleti que depende de vós apressar o Reino de Deus na Terra ou de retardar o seu advento; que sois responsáveis uns pelos outros; que, melhorando-vos, trabalhais pela regeneração da Humanidade. A tarefa é grande, a responsabilidade pesa sobre cada um e ninguém pode eximir-se. Abraçai com fervor a gloriosa tarefa que o Senhor vos impõe, mas pedi-lhe que envie trabalhadores para os seus campos, porque, como vos disse o Cristo, a seara é grande, mas os trabalhadores são escassos.

Mas eis que somos enviados como trabalhadores dos vossos corações. Nele semeamos o bom grão. Tende cuidado de não o abafar; regai-o com as lágrimas do arrependimento e da alegria. Do arrependimento, por terdes vivido tanto tempo sobre uma terra maldita pelos pecados do gênero humano, afastados do único Deus verdadeiro, adorando os falsos prazeres do mundo, que não deixam no fundo da taça senão desgostos e tristezas. Chorai de alegria, porque o Senhor vos concedeu graça; porque quer apressar a chegada dos filhos bem-amados ao seio paternal; porque deseja que todos vos revestis da inocência dos anjos, como se jamais vos tivésseis afastado dele.

O único que vos mostrou o caminho pelo qual remontareis a esta glória primitiva; o único ao qual não podeis censurar, por não ter jamais se enganado em seus ensinamentos; o único justo perante Deus; o único, finalmente, que deveis seguir para serdes agradáveis a Deus, é o Cristo. Sim, o Cristo, vosso divino mestre que, durante séculos, esquecestes e desconhecestes. Amai-o, porque ele pede incessantemente por vós; quer vir em vosso socorro. Como! A incredulidade ainda resiste! As maravilhas do Cristo não podem abatê-la! As maravilhas de toda a Criação

ficam impotentes diante desses Espíritos zombadores; sobre esta poeira que não pode prolongar de um só minuto a sua miserável existência! Esses sábios, que imaginam ser os únicos a possuir todos os segredos da Criação, não sabem de onde vêm, nem para onde vão e, no entanto, tudo negam, tudo desafiam. Porque conhecem algumas das leis mais vulgares do mundo material, pensam poder julgar o mundo imaterial, ou melhor, dizem que nada existe de imaterial, que tudo deve obedecer a essas mesmas leis materiais que chegaram a descobrir.

Mas vós, cristãos! sabeis que não podeis negar a nossa intervenção sem que, ao mesmo tempo, negueis o Cristo e negueis toda a Bíblia, porquanto não há uma única página onde não possais encontrar vestígios do mundo visível em relação com o mundo invisível. Dizei, então: sois ou não sois cristãos?

Rembrand

(Outra, obtida pelo Sr. Pêc...)

Cada homem tem em si aquilo a que chamais de uma voz interior. É o que o Espírito chama consciência, juiz severo que preside a todas as ações da vossa vida. Quando o homem está só, ouve essa consciência e pesa as coisas em seu justo valor; freqüentemente se envergonha de si mesmo. Nesse momento, reconhece a Deus; mas a ignorância, conselheira fatal, o impele e lhe põe a máscara do orgulho. Apresenta-se a vós repleto de vacuidade, procurando enganar-vos pelo aparente equilíbrio que afeta. Mas o homem de coração reto não tem ativa a cabeça. Ouve com proveito as palavras do sábio, sente que nada é e que Deus é tudo; procura instruir-se no livro da Natureza, escrito pela mão do Criador. Eleva o seu Espírito, expulsa de seu envoltório as paixões materiais que muito freqüentemente vos transviam. Uma paixão que vos domina é um guia perigoso. Lembra-te disso, amigo; deixa rir o céptico: seu riso se extinguirá. Em sua hora verdadeira o

homem torna-se crente. Assim, pensa sempre em Deus, pois somente ele não se engana. Lembra-te de que existe apenas um caminho que a ele conduz: a fé, o amor aos semelhantes.

Um membro da família

Um Antigo Carreteiro

O excelente médium Sr. V... é um rapaz que geralmente se distingue pela pureza de suas relações com o mundo espírita. Todavia, desde que ocupa o cômodo em que atualmente reside, um Espírito inferior interfere em suas comunicações, intrometendo-se até mesmo em seus trabalhos pessoais. Achando-se uma noite – 6 de setembro de 1859 – em casa do Sr. Allan Kardec, com quem devia trabalhar, foi importunado por aquele Espírito, que lhe fazia traçar coisas incoerentes ou o impedia de escrever. Dirigindo-se ao Espírito, o Sr. Allan Kardec manteve com ele a seguinte conversa:

1. Por que vens aqui se ninguém te chamou?

Resp. – Quero atormentá-lo.

2. Quem és tu? Dize o teu nome.

Resp. – Não o direi.

3. Qual o teu objetivo, intrometendo-se naquilo que não te diz respeito? Isto não te traz nenhum proveito.

Resp. – Não; mas o impeço de ter boas comunicações e sei que isto o magoa bastante.

4. És um Espírito mau, pois te alegras em fazer o mal. Em nome de Deus, eu te intimo a que te retires e nos deixes trabalhar em paz.

Resp. – Pensas amedrontar-me com esse vozeirão?

5. Se não é de mim que tens medo, por certo o terás de Deus, em nome do qual te falo e que bem poderá fazer que te arrependas de tua maldade.

Resp. – Não nos zanguemos, burguês.

6. Repito que és um Espírito mau e mais uma vez te peço que não nos impeças de trabalhar.

Resp. – Sou o que sou; é a minha natureza.

Tendo sido chamado um Espírito superior, a quem foi pedido que afastasse o intruso, a fim de não ser interrompido o trabalho, o Espírito mau provavelmente foi embora, porque durante o resto da noite não houve mais nenhuma interrupção. Interrogado sobre a natureza desse Espírito, respondeu o que fora chamado:

Esse Espírito, da mais baixa classe, é um antigo carreiro, falecido perto da casa onde mora o médium V... Escolheu para domicílio o próprio quarto do médium e há muito tempo é ele que o obsidia e o atormenta continuamente. Agora, que sabe que o médium deve deixar o alojamento, por ordem dos Espíritos superiores, atormenta-o mais que nunca. É ainda uma prova de que o médium não escreve o seu próprio pensamento. Vês, assim, que há boas coisas, mesmo nas mais desagradáveis aventuras da vida. Deus revela seu poder por todos os meios possíveis.

– Quando vivo, qual era o caráter desse homem?

Resp. – Tudo o que mais se aproxima do animal. Creio que seus cavalos tinham mais inteligência e sentimento do que ele.

– Por que meio pode o Sr. V... desembaraçar-se dele?

Resp. – Há dois: o meio espiritual, pedindo a Deus; o meio material, deixando a casa onde está.

– Então há realmente lugares assombrados por certos Espíritos?

Resp. – Sim, Espíritos que ainda estão sob a influência da matéria ligam-se a certos locais.

– Os Espíritos que assombram certos lugares podem torná-los fatalmente funestos ou propícios para as pessoas que os habitam?

Resp. – Quem os poderia impedir? Mortos, exercem sua influência como Espíritos; vivos, exercem-na como homens.

– Alguém que não fosse médium, que jamais tivesse ouvido falar de Espíritos ou que neles não acreditasse, poderia sofrer essa influência e ser alvo dos vexames de tais entidades?

Resp. – Indubitavelmente; isso acontece mais freqüentemente do que pensais, e explica muitas coisas.

– Há algum fundamento na crença de que os Espíritos freqüentam de preferência as ruínas ou as casas abandonadas?

Resp. – Superstição.

– Então os Espíritos assombrarão tanto uma casa nova da Rua de Rivoli quanto um velho casebre?

Resp. – Certamente, porquanto podem ser atraídos para um lugar, em vez de o serem para outro, consoante a disposição de espírito dos seus moradores.

Tendo sido evocado na Sociedade através do Sr. R..., o Espírito do carreteiro manifestou-se por sinais de violência, quebrando o lápis, que forçava contra o papel, e com uma escrita grosseira, trêmula, irregular e pouco legível.

1. Evocação

Resp. – Eis-me aqui.

2. Reconheceis o poder de Deus sobre vós?

Resp. – Sim; e daí?

3. Por que escolheste o quarto do Sr. V... e não um outro?

Resp. – Isso me agrada.

4. Permanecereis ali muito tempo?

Resp. – Enquanto me sentir bem.

5. Então não tendes intenção de melhorar?

Resp. – Veremos isso depois; tenho tempo.

6. Estais contrariado por vos termos chamado?

Resp. – Sim.

7. Que fazíeis quando vos chamamos?

Resp. – Estava na taverna.

8. Estáveis bebendo?

Resp. – Que tolice! Como poderia beber?

9. O que querieis dizer falando de taverna?

Resp. – Quis dizer o que disse.

10. Quando vivo, maltratáveis os vossos cavalos?

Resp. – Sois agente de polícia?

11. Desejais que oremos por vós?

Resp. – Faríeis isso?

12. Certamente. Oramos por todos os que sofrem, porque temos piedade dos infelizes e porque sabemos que grande é a misericórdia divina.

Resp. – Oh! Mesmo assim sois bons camaradas. Gostaria de vos poder apertar a mão. Procurarei merecê-lo. Obrigado!

Observação – Confirma esta conversa o que a experiência já provou muitas vezes, relativamente à influência que

os homens podem exercer sobre os Espíritos, e por meio da qual podem contribuir para a sua melhoria. Mostra a influência da prece. Assim, essa natureza bruta, arredia e quase selvagem encontra-se como que subjugada pelo pensamento do interesse que se pode ter por ele. Temos numerosos exemplos de criminosos que vieram comunicar-se espontaneamente através de médiuns que haviam orado por eles, a fim de testemunharem o seu arrependimento.

Às observações acima, aditaremos as considerações que se seguem, a propósito da evocação de Espíritos inferiores.

Porque ciosos de conservar suas boas relações de além-túmulo, temos visto médiuns que se recusam a servir de intérprete aos Espíritos inferiores que podemos evocar. É de sua parte uma susceptibilidade mal entendida. Pelo fato de evocarmos um Espírito vulgar, e mesmo mau, não significa que iremos ficar sob a sua dependência. Longe disso; ao contrário, nós é que o dominaremos. Não é ele que vem impor-se, mau grado nosso, como na obsessão; nós é que nos impomos; ele não ordena, obedece; somos o seu juiz e não a sua presa. Além disso, podemos ser-lhes úteis por nossos conselhos e nossas preces, e eles nos serão reconhecidos pelo interesse que lhes demonstramos. Estender a mão em socorro é fazer uma boa ação; recusá-la, é faltar com a caridade; ainda mais: é egoísmo e orgulho. Esses seres inferiores, aliás, são para nós um grande ensinamento. Foi por seu intermédio que aprendemos a conhecer as camadas inferiores do mundo espírita, bem como a sorte que aguarda aqueles que aqui fazem mau uso de sua vida. Notemos, ademais, que é quase sempre tremendo que eles comparecem às reuniões sérias, onde dominam os Espíritos bons; ficam envergonhados e se mantêm afastados, ouvindo para se instruírem. Muitas vezes vêm com esse objetivo, mesmo sem terem sido chamados. Por que, então, nos recusaríamos a ouvi-los, quando muitas vezes seu arrependimento e seus sofrimentos são um motivo de edificação ou, pelo menos, de instrução? Não há nada a temer dessas comunicações, desde que

ocorram com vistas ao bem. Que seria dos pobres feridos se os médicos se recusassem a tocar em suas chagas?

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 30 de setembro de 1859 – Sessão geral.

Leitura da Ata da sessão de 23 de setembro.

Apresentação do Sr. S..., negociante, Cavaleiro da Legião de Honra, como membro titular. Adiamento da admissão para a próxima sessão particular.

Comunicações diversas:

1º – Leitura de uma comunicação espontânea dada ao Sr. R... pelo Espírito Olivier.

Essa comunicação é notável sob um duplo ponto de vista: o melhoramento moral do Espírito, que cada vez reconhece mais o erro de suas opiniões terrestres e agora compreende a sua posição; em segundo lugar, o fato de sua próxima reencarnação, cujos efeitos começa a sentir por um princípio de perturbação, confirma a teoria que foi dada sobre a maneira pela qual se opera esse fenômeno, bem como a fase que precede a reencarnação propriamente dita. Essa perturbação, resultado do *laço fluídico* que começa a se estabelecer entre o Espírito e o corpo que o primeiro deve animar, torna mais difícil a comunicação do que em seu estado de completa liberdade. O médium escreve com mais lentidão, sua mão está pesada, as idéias do Espírito são menos claras. Esta perturbação, que vai sempre aumentando, da concepção ao nascimento, é complexa ao aproximar-se este último momento e não se dissipa senão gradualmente, algum tempo depois. (Será publicada com as outras comunicações do mesmo Espírito.)

2º – História de manifestação física espontânea ocorrida ultimamente em Paris numa casa do subúrbio de Saint-Germain, e relatada pelo Sr. A... Um piano tocou sozinho durante vários dias seguidos sem que ninguém o manejasse. Todas as precauções foram tomadas para garantir que o fenômeno não era devido a nenhuma causa acidental. Interrogado a respeito, pensou um sacerdote que poderia tratar-se de uma alma penada, reclamando assistência e desejando comunicar-se.

3º – Assassinato cometido por uma criança de sete anos e meio, com premeditação e todas as circunstâncias agravantes. Narrado por vários jornais, prova o fato que nesse menino o instinto assassino inato não pôde ser desenvolvido nem pela educação, nem pelo meio no qual se encontra, só podendo explicar-se por um estado anterior à existência atual. Interrogado a respeito, São Luís respondeu: “O Espírito dessa criança está quase no início do período humano. Não tem mais que duas encarnações na Terra; antes de sua existência atual pertencia às populações mais atrasadas do mundo marítimo. Quis nascer num orbe mais avançado, na esperança de progredir.” À pergunta de saber se a educação poderia modificar aquela natureza, ele respondeu: “Isso é difícil, mas possível. Seria preciso tomar grandes precauções, cercá-lo de boas influências e desenvolver-lhe a razão, mas tememos que se faça justamente o contrário.”

4º – “Leitura de uma produção em versos, escrita por uma jovem que é dotada de mediunidade mecânica. Reconheceu-se que os versos não eram inéditos e haviam sido feitos por um poeta falecido há alguns anos. O estado de instrução do médium, que escreveu um grande número de poesias desse gênero, não permite supor que seja realmente um produto de sua memória, devendo-se concluir que o Espírito que se manifestou extraiu os versos das produções já feitas, e que são completamente estranhas à médium. Vários fatos análogos provam que isto é possível e, dentre outros, o de um dos médiuns da Sociedade a quem um Espírito ditou uma

passagem escrita pelo Sr. Allan Kardec e que ele não havia ainda comunicado a ninguém.

Estudos

1º – Evocação do negro que serviu de alimento a seus companheiros durante o naufrágio do navio *Le Constant*.

2º – Perguntas diversas e problemas morais dirigidos a São Luís sobre o fato precedente. Uma discussão estabeleceu-se a respeito, na qual tomaram parte vários membros da Sociedade.

3º – Três comunicações espontâneas foram obtidas simultaneamente, através de três médiuns diferentes: a primeira, pelo Sr. R..., assinada por São Vicente de Paulo; a segunda, pelo Sr. Ch..., assinada por Privat D'Anglemont e a terceira, pela Srta. H..., assinada por Carlos IX.

4º – Perguntas diversas dirigidas a Carlos IX. Ele promete escrever a história de seu reinado, a exemplo de Luís XI. (Estas diversas comunicações estão publicadas).

Sexta-feira, 7 de outubro de 1859 – Sessão Particular.

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão do dia 30 de setembro.

Apresentações e admissões – A Srta. S... e o Sr. conde de R..., oficial da marinha, são apresentados como aspirantes ao título de membros titulares.

Admissão dos cinco candidatos apresentados na sessão de 23 de setembro e da Srta. S...

O Sr. Presidente observou, a respeito dos novos membros apresentados, que é muito importante para a Sociedade assegurar-se das suas disposições. Não basta, disse ele, que sejam

partidários do Espiritismo em geral; é necessário, também, que simpatizem com a sua maneira de ver. A homogeneidade dos princípios é condição sem a qual uma sociedade qualquer não poderá ter validade. Faz-se preciso conhecer a opinião dos candidatos, a fim de não serem introduzidos elementos de discussões ociosas, que acarretariam perda de tempo e poderiam degenerar em dissensões. A Sociedade não visa absolutamente ao aumento indefinido de seus membros; quer, acima de tudo, prosseguir seus trabalhos com calma e recolhimento, razão por que deve evitar tudo quanto possa perturbá-la. Sendo seu objetivo o estudo da ciência, é evidente que cada um é perfeitamente livre para discutir os pontos controversos e emitir sua opinião pessoal. Outra coisa, porém, é dar conselhos ou chegar com idéias sistemáticas e preconcebidas, em oposição às bases fundamentais. Reunimo-nos para o estudo e a observação, e não para fazer de nossas sessões uma arena de controvérsias. Devemos, aliás, reportar-nos aos conselhos que nos foram dados em muitas ocasiões pelos Espíritos que nos assistem, e que incessantemente nos recomendam a união como condição essencial para alcançar o objetivo a que nos propomos e obter o seu concurso. “A união faz a força”, dizem-nos eles. De outro modo correremos o risco de atrair os Espíritos levianos, que nos enganarão. É por isso que nunca dispensaríamos demasiada atenção aos elementos que introduzimos em nosso meio.

Designação de três novos comissários para as três próximas sessões gerais.

Comunicações diversas:

1º O Sr. Tug... transmite nota sobre um fato curioso de manifestação física, reportado pela Sra. Ida Pfeiffer no relato de sua viagem a Java.

2º O Sr. Pêch... refere-se a um fato pessoal de comunicação espontânea, da parte do Espírito de uma mulher que

em vida era lavadeira de péssimo caráter. Como Espírito, seus sentimentos não mudaram, continuando a mostrar um cinismo verdadeiramente malévolos. Entretanto, os sábios conselhos do médium parecem exercer sobre ela uma salutar influência; suas idéias modificam-se sensivelmente.

3º O Sr. R... apresenta uma folha na qual obteve a escrita direta, produzida à noite, em sua casa, espontaneamente, depois de tê-la em vão solicitado durante o dia. A folha, aliás, não traz senão estas duas palavras: *Deus, Fénelon*.

Estudos:

1º Evocação da Sra. *Ida Pfeiffer*, célebre viajante.

2º Os três cegos, parábola de São Lucas, dada em comunicação espontânea.

3º O Sr. L. G. escreve de São Petersburgo, dizendo que é médium intuitivo e pedindo à Sociedade o especial obséquio de obter de um Espírito superior alguns conselhos a seu respeito, a fim esclarecê-lo sobre a natureza e a extensão de sua faculdade, para que possa dirigir-se de acordo com eles. Um Espírito dá espontaneamente e sem perguntas prévias os conselhos que serão transmitidos ao Sr. G.

Atendendo a pedidos de vários membros que moram muito longe, o Sr. Presidente informa à Sociedade que, doravante, as sessões começarão às oito horas, a fim de poderem terminar mais cedo.

(Sexta-feira, 14 de outubro – Sessão geral)

Leitura da Ata e dos trabalhos da sessão de 7 de outubro.

Apresentações: O Sr. A..., livreiro e o Sr. de la R..., proprietário, são apresentados como membros titulares. Adiantamento para a próxima sessão particular.

O Sr. J..., fiscal de contribuições do Departamento do Alto-Reno, é apresentado e admitido como membro correspondente.

Comunicações diversas:

1º O Sr. Col... comunica um extrato da obra intitulada *Céu e Terra*, do Sr. Jean Raynaud, onde o autor emite idéias inteiramente de acordo com a Doutrina Espírita e com o que ultimamente disse um Espírito sobre o futuro papel da França.

2º O Sr. conde de R... dá informações sobre uma comunicação espontânea de Savonarola, monge dominicano, obtida numa sessão particular. Essa comunicação é notável porque a personagem, embora desconhecida dos assistentes, indicou com precisão a data de sua morte, ocorrida em 1498, sua idade e seu suplício. Pensa-se que a evocação desse Espírito poderá ser instrutiva.

3º Explicação dada por um Espírito sobre o papel dos médiuns, ao Sr. P..., antigo reitor da Academia, ele próprio médium. Para se comunicarem entre si, os Espíritos não necessitam da palavra: basta-lhes o pensamento. Quando querem comunicar-se com os homens, devem traduzir seu pensamento em sinais humanos, isto é, em palavras. Tiram essas palavras do vocabulário do médium de que se servem, de certo modo como de um dicionário. Eis por que é mais fácil ao Espírito exprimir-se na linguagem familiar do médium, embora possa igualmente fazê-lo numa língua que este não conheça. Neste último caso o trabalho é mais difícil, razão pela qual o evita quando não há necessidade. O

Sr. P.. encontra nessa teoria a explicação de vários fatos que lhe são pessoais, relativos a comunicações que lhe foram dadas em latim e em grego por diversos Espíritos.

4º Fato relatado pelo mesmo, de um Espírito que assistiu ao enterro de seu próprio corpo e que, não se julgando morto, pensava que o enterro não lhe dissesse respeito. Dizia ele: Não fui eu quem morreu. Depois, quando viu os parentes, acrescentou: Começo a pensar que talvez tendes razão, e que é bem possível que eu não seja mais deste mundo; mas isso me é indiferente.

5º O Sr. S... comunica um fato notável de aviso de além-túmulo, relatado pelo jornal *Patrie*, de 16 de dezembro de 1858.

6º Carta do Sr. Bl... de La... que, baseando-se em artigo da *Revista* sobre o fenômeno do desprendimento da alma durante o sono, pergunta se a Sociedade poderia evocá-lo um dia, juntamente com sua filha, morta há dois anos, a fim de, como Espírito, ter com ela uma conversa que ainda não conseguiu como médium.

Estudos:

1º Evocação de Savonarola, proposta pelo Sr. Conde de R...

2º Evocação simultânea, através de dois médiuns diferentes, do Sr. Bl... de La... (vivo) e de sua filha morta há dois anos. Conversa do pai com a filha.

3º Duas comunicações espontâneas são obtidas simultaneamente: a primeira, de São Luís, pelo Sr. L...; a segunda, da Srta. Clary, por seu irmão.

(Sexta-feira, 21 de outubro de 1859 – Sessão particular)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 14 de outubro.

Apresentações e admissões – O Sr. Lem..., negociante, e o Sr. Pâq..., doutor em direito, foram apresentados como membros titulares. A Srta. H... foi apresentada como membro honorário, em razão do concurso dado à Sociedade como médium, e que promete ainda dar para o futuro.

Admissão de dois candidatos apresentados na sessão de 14 de outubro e da Srta. H...

O Sr. S... propõe que no futuro as pessoas que desejarem participar da Sociedade deverão fazer o pedido por escrito e que lhes seja enviado um exemplar do regulamento.

Leitura de uma carta do Sr. Th..., fazendo proposição análoga, motivada pela necessidade de somente admitir na Sociedade as pessoas já iniciadas no objetivo de seus trabalhos e professando os mesmos princípios. Pensa que um pedido feito por escrito, abonado pela assinatura de dois apresentadores, é uma garantia a mais das sérias intenções do candidato, do que um simples pedido verbal.

Esta proposição foi adotada por unanimidade nos seguintes termos: *Toda pessoa que desajar participar da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos deverá fazer o pedido por escrito ao Presidente. Esse pedido deverá ser assinado por dois apresentadores e relatar: 1^a que o postulante tomou conhecimento do regulamento e se compromete a observá-lo; 2^a as obras lidas sobre o Espiritismo e sua adesão aos princípios da Sociedade, que são os de O Livro dos Espíritos.*

O Sr. Presidente assinala a conduta pouco conveniente de dois ouvintes admitidos na última sessão geral, os quais, por sua

conversaço e por palavras despropositadas, perturbaram a tranqüillidade dos vizinhos. A respeito, lembra os artigos do regulamento concernentes aos ouvintes e convida novamente os senhores membros da Sociedade a terem maior reserva na escolha das pessoas a quem dão cartões de ingresso e, sobretudo, que se abstenham, de modo absoluto, de oferecer tais cartões a quantos forem atraídos às reuniões unicamente por motivo de curiosidade, bem como aos que, não possuindo nenhuma noção prévia do Espiritismo, por isso mesmo estejam impossibilitados de compreender o que se faz na Sociedade. Suas sessões não são um espetáculo; devem ser assistidas com recolhimento. Aqueles que só buscam distrações não devem vir procurá-las numa reunião séria.

Propõe o Sr. Th... a nomeação de uma comissão de dois membros, encarregados de examinar a questão das entradas concedidas às pessoas estranhas e sugerir as medidas necessárias à prevenção dos abusos. Os Srs. Th... e Col... são designados para fazerem parte da aludida comissão.

Estudos:

1º Problemas morais e questões diversas dirigidas a São Luís.

2º O Sr. de R... propõe a evocaço de seu pai, por considerações de utilidade geral e não pessoais, presumindo que disso possam resultar ensinamentos.

Interrogado sobre a possibilidade de tal evocaço, responde São Luís: Podereis fazê-lo perfeitamente. Entretanto eu vos lembraria, meus amigos, de que essa evocaço requer uma grande tranqüillidade de espírito. Esta noite discutistes longamente assuntos administrativos; creio que seria bom adia-la para outra sessão, tendo em vista que poderá ser muito instrutiva.

3º O Sr. Leid... propõe a evocaço de um de seus

amigos que foi sacerdote. Interrogado, São Luís responde: Não; primeiro, porque o tempo não vo-lo permite; depois, como Presidente espiritual³² da Sociedade, não vejo nenhum motivo de instrução. Será preferível fazer essa evocação na intimidade.

O Sr. S... pede que seja mencionado na ata o título de *Presidente espiritual*, que São Luís houve por bem tomar.

Sexta-feira, 28 de outubro de 1859 – Sessão geral.

Leitura da Ata e dos trabalhos da sessão de 21 de outubro.

Apresentação de cinco novos candidatos como membros titulares, a saber:

Sr. N..., negociante, de Paris; Sra. Émile N..., esposa do precedente; Sra. Viúva G..., de Paris; Srta. de P..., de Estocolmo; Sra. de L..., de Estocolmo.

Leitura dos artigos do regulamento relativos aos ouvintes, e de uma notícia para instrução das pessoas estranhas à Sociedade, a fim de não se equivocarem quanto ao objetivo de seus trabalhos.

Comunicações:

1º Leitura de um artigo sobre o mundo dos Espíritos, do Sr. Oscar Comettant, publicada no *Siècle* de 27 de outubro. Refutações de determinadas passagens desse artigo.

2º Leitura de um artigo de um novo jornal intitulado *Girouette*, publicado em Saint-Étienne. O artigo é benevolente com o Espiritismo.

32 N. do T.: *Président spirituel* – expressão equivalente a mentor espiritual.

3º Oferta de quatro poemas do Sr. de Porry, de Marselha, autor de *Urânia*, do qual foram lidos alguns fragmentos; são eles: *La captive chrétienne*, *les bobémiens*, *Poltawa*, *Le prisonnier du Caucase*.

Enviaremos agradecimentos ao Sr. de Porry e as obras supracitadas serão depositadas na biblioteca da Sociedade.

4º Leitura de uma carta do Sr. Det..., membro titular, contendo diversas observações sobre o papel dos médiuns, a propósito da teoria exposta na sessão de 14 de outubro, segundo a qual o Espírito retiraria suas palavras do vocabulário do médium. Ele combate essa teoria, pelo menos do ponto de vista absoluto, por fatos que a vêm contradizer. Pede que a questão seja seriamente examinada. Entrará novamente na ordem do dia.

5º Leitura de um artigo da *Revue française* do mês de abril de 1858, pág. 416, onde é relatada uma conversa de Béranger, da qual resulta que em vida suas opiniões eram favoráveis às idéias espíritas.

6º O Sr. Presidente transmite à Sociedade as despedidas da Sra. Br..., membro titular, que partira para Havana.

Estudos:

1º Propõe a evocação da Sra. Br..., que partiu para Havana, e que no momento se encontra no mar, a fim de obter as suas próprias notícias.

Interrogado a respeito, São Luís responde: Seu Espírito está muito preocupado esta noite, porque o vento sopra com violência (era na ocasião das grandes tempestades assinaladas pelos jornais) e o instinto de conservação ocupa todo o seu pensamento. No momento o perigo não é grande; mas quem garante que não se tornará? Só Deus o sabe.

2º Evocação do pai do Sr. de R..., proposta na sessão de 21 de outubro. Resultaria dessa evocação que o cavaleiro de R..., seu tio, do qual não se tinha notícias há cinquenta anos, não estaria morto e habitaria uma ilha da Oceania meridional, onde se teria identificado com os costumes de seus habitantes, não tendo tido oportunidade para transmitir notícias suas. (Será publicada).

3º Evocação do rei de Kanala (Nova Caledônia), morto a 24 de maio de 1858. Essa comunicação revela nesse Espírito uma certa superioridade relativa, apresentando a característica notável de uma grande dificuldade para escrever, malgrado a aptidão do médium. Anuncia que com o hábito escreverá mais facilmente, o que é confirmado por São Luís.

4º Evocação de *Mercurie Jean*, aventureiro, que apareceu em Lyon em 1478 e foi apresentado a Luís XI. Ele dá esclarecimentos sobre as faculdades sobrenaturais de que o supunham dotado e informações curiosas sobre o mundo em que reside atualmente. (Será publicada).

(Sexta-feira, 4 de novembro de 1859 – Sessão particular)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 28 de outubro.

Admissão de sete candidatos apresentados nas duas sessões precedentes.

Apresentação de projeto pela Comissão encarregada de estudar as medidas a serem tomadas para a admissão de ouvintes.

Depois de uma discussão em que participaram vários membros, a Sociedade decide que a proposição seja adiada e que provisoriamente se obedeça às disposições do regulamento; que os senhores membros serão convidados a se conformarem rigorosamente com as disposições que regulam a admissão dos

ouvintes e a se absterem de modo absoluto de dar cartões de ingresso a quantos não tenham em vista senão a satisfazer a curiosidade, nem possuam nenhuma noção prévia da ciência espírita.

A Sociedade adota, então, as duas seguintes proposições:

1^o *Os ouvintes não serão admitidos às sessões depois das oito horas e um quarto. Os cartões de ingresso farão menção disso.*

2^o *Anualmente, quando da renovação do ano social, os membros honorários serão submetidos a novo voto de admissão, a fim de serem cancelados aqueles que não mais satisfaçam às condições requeridas, e que a Sociedade julgar por bem não manter.*

O Sr. Administrador tesoureiro da Sociedade apresenta o balanço semestral de 1^o de abril a 1^o de outubro, assim como os comprovantes das despesas. Constata-se que a Sociedade tem um saldo suficiente para prover às suas necessidades. A Sociedade aprova as contas do tesoureiro e lhe dá quitação.

Comunicações diversas – Carta do Sr. Bl. de La..., em resposta à que lhe foi enviada sobre a sua evocação e a de sua filha. Ele constata um fato que confirma uma das circunstâncias da evocação.

Carta do Sr. Dumas, de Sétif, Argélia, membro titular, encaminhando à Sociedade um certo número de comunicações por ele obtidas.

Estudos:

1^o Os Srs. P.. e de R... chamam a atenção para uma nova versão do naufrágio do navio *Le Constant*, publicada no *Siècle*, segundo a qual o negro que foi morto para ser comido não se teria

oferecido voluntariamente, como consta do primeiro relato e que haveria, assim, contradição com as palavras do Espírito do negro. O Sr. Col... não vê contradição, pois o mérito atribuído ao negro foi constatado por São Luís e o próprio negro disso não se prevaleceu.

2º Exame de uma questão proposta pelo Sr. Les... sobre a surpresa dos Espíritos após a morte. Pensa ele que o Espírito, já tendo vivido no estado de Espírito, não deveria ficar surpreendido. É-lhe respondido: Esta surpresa é apenas temporária; resulta do estado de perturbação que se segue à morte, cessando à medida que o Espírito se desprende da matéria e recupera suas faculdades de Espírito.

3º Pergunta sobre os sonâmbulos lúcidos, que confundem os Espíritos com os seres corporais. Esse fato é confirmado e explicado por São Luís.

4º Evocação de Urbain Grandier. Sendo as respostas muito lacônicas pela falta de experiência do médium, o Espírito disse que seria mais explícito através de outro médium. A evocação, portanto, será retomada numa outra sessão.

(Sexta-feira, 11 de novembro de 1859 – Sessão geral)³³

Leitura da ata.

Apresentação – O Sr. Pierre D..., escultor em Paris, é apresentado como membro titular.

Comunicações diversas:

1º Carta do Sr. de T..., contendo fatos muito interessantes de manifestações visuais e verbais que confirmam o estado em que se encontram certos Espíritos que duvidam da

33 N. do T.: No original, certamente por engano, em vez de 1859, consta o ano de 1854.

própria morte. Um dos fatos relatados oferece a particularidade de o Espírito em questão ainda persistir nessa ilusão mais de três meses depois da morte. (Este relato será publicado.)

2º Fatos curiosos de precisão, referidos pelo Sr. Van Br..., de Haia, de caráter pessoal. Ele jamais tinha ouvido falar dos Espíritos e de suas comunicações quando, por acaso e inopinadamente, foi conduzido a uma reunião espírita em Dordrecht. As comunicações obtidas em sua presença o surpreenderam tanto mais quanto ele era estranho àquela cidade e desconhecido dos membros da dita reunião. Sobre ele, sua posição e sua família, disseram-lhe uma porção de particularidades de que só ele tinha conhecimento. Tendo evocado sua mãe e lhe perguntado, como prova de identidade, se havia tido vários filhos, respondeu: “Não sabes, meu filho, que tive onze filhos?” E o Espírito a todos designou por seus nomes de batismo e pelas datas de nascimento. Desde então esse senhor é um adepto fervoroso e sua filha, uma jovem de quatorze anos, tornou-se excelente médium, cuja faculdade apresenta particularidades singulares. A maior parte do tempo escreve às avessas, de tal sorte que para ler o que ela obtém faz-se necessário colocar as folhas diante de um espelho³⁴. Com muita freqüência, a mesa de que se serve para escrever inclina-se diante dela como uma carteira e fica nessa posição de equilíbrio, sem nenhum apoio, até que ela acabe de escrever.

O Sr. Van Br... relata um outro fato curioso de precisão por um Espírito que com ele se comunica espontaneamente, com o nome de Dirkse Lammers, e que se enforcou no próprio local onde se dava a comunicação, em circunstâncias cuja exatidão foi verificada. (Este relato será publicado, bem como a evocação dele resultante.)

34 N. do T.: Psicografia especular.

Estudos:

1º Exame da pergunta feita pelo Sr. Det... sobre a fonte de onde os Espíritos extraem o seu vocabulário.

2º Pergunta sobre a obsessão de certos médiuns.

3º Evocação de *Michel François*, ferreiro que fez uma revelação a Luís XIV.

4º Evocação de *Dirkse Lammers*, cuja história foi contada anteriormente.

5º Três comunicações espontâneas são obtidas simultaneamente: a primeira pelo Sr. R..., assinada por Lamennais; a segunda pelo Sr. D... Filho: O Menino e o Riacho, parábola assinada por São Basílio; a terceira pela Srta. L. J..., assinada por Orígenes.

6º A Srta. J..., médium desenhista, traça espontaneamente um grupo admirável, assinado pelo Espírito Lebrun.

(Todas as perguntas e comunicações acima serão publicadas).

(Sexta-feira, 18 de novembro de 1859 – Sessão particular)

Leitura da Ata.

Admissão do Sr. Pierre D..., apresentado na última sessão.

Comunicações diversas:

1º Leitura de uma comunicação espontânea obtida pelo Sr. P..., membro da Sociedade, ditada pelo Espírito de sua filha.

2º Detalhes sobre a Srta. Désiré Godu, residente em Hennebont (Morbihan), dotada de extraordinária faculdade mediadora. Ela passou por todas as fases da mediunidade; a princípio teve as mais estranhas manifestações físicas; depois se tornou sucessivamente médium audiente, falante, vidente e escrevente. Hoje, todas as suas faculdades estão concentradas na cura das doenças, que ela trata a conselho dos Espíritos. Opera curas que em outros tempos seriam consideradas miraculosas. Os Espíritos anunciam que a sua faculdade se desenvolverá ainda mais; ela começa a ver as doenças internas, por um efeito de segunda vista, sem estar em sonambulismo. (Uma notícia será publicada sobre esse admirável assunto).

Estudos:

1º Perguntas sobre a faculdade da Srta. Désiré Godu.

2º Evocação de Lamettrie.

3º Quatro comunicações espontâneas são obtidas simultaneamente; a primeira pelo Sr. R..., assinada por São Vicente de Paulo; a segunda pelo Sr. Col..., assinada por Platão; a terceira pelo Sr. D... Filho, assinada por Lamennais; e a quarta pela Srta. H..., assinada por Margarida, conhecida como rainha Margot.

(25 de novembro de 1859 – Sessão geral)

Leitura da ata.

Comunicações diversas – O Dr. Morhéry presenteia a Sociedade com uma brochura intitulada: *Sistema Prático de Organização Agrícola*. Embora estranha aos objetivos da Sociedade, essa obra será encaminhada à biblioteca e serão mandados agradecimentos ao autor.

Carta do Sr. de T..., completando informações sobre visões e aparições por ele relatadas na sessão de 11 de novembro.

Carta do Sr. conde de R..., membro titular, retido em sua casa por conta de uma indisposição, em que se coloca à disposição da Sociedade para que esta faça com ele todas as experiências que julgar convenientes, relativas à evocação de pessoas vivas.

Estudos:

1^o Evocação de *Jardin*, morto em Nevers, e que havia conservado os restos mortais de sua esposa num genuflexório. (Será publicada).

3^o ³⁵Evocação do Sr. conde de R... Essa evocação, extraordinária pela extensão dos desenvolvimentos dados, com perfeita precisão e grande clareza de idéias, lança grande luz sobre o estado do Espírito separado do corpo e resolve numerosos problemas psicológicos. Será publicada na revista de janeiro de 1860.

4^o Quatro comunicações espontâneas são obtidas simultaneamente, a saber: a primeira, de uma alma sofredora, pela Sra. de B...; a segunda, do Espírito de Verdade, pelo Sr. R...; a terceira, do apóstolo Paulo, pelo Sr. Col... (Essa comunicação é assinada em grego); a quarta, pelo Sr. Did... Filho, assinada por Charlet (o pintor), anunciando uma série de comunicações que devem formar um conjunto.

Os Convulsionários de Saint-Médard

(Continuação – Vide o número de novembro)

1. [A São Vicente de Paulo]. Na última sessão evocamos o diácono Pâris, que teve a bondade de vir. Gostaríamos de ter a vossa opinião pessoal sobre ele, como Espírito.

35 N. do T.: Conforme consta no original foi pulado o nº 2.

Resp. – É um Espírito cheio de boas intenções, porém mais elevado moralmente do que em outros sentidos.

2. De fato ele é estranho, como diz, ao que se fazia junto ao seu túmulo?

Resp. – Completamente.

3. Poderíeis dizer-nos como considerais o que se passava entre os convulsionários? Era um bem ou um mal?

Resp. – Era antes um mal que um bem. É fácil de perceber pela impressão geral que esses fatos produziam sobre os contemporâneos esclarecidos e sobre os seus sucessores.

4. A esta pergunta dirigida a Pâris, a saber: “Se a autoridade tinha mais poder que os Espíritos, por que pôs fim aos prodígios?”, sua resposta não nos pareceu satisfatória; que pensais disso?

Resp. – Ele deu uma resposta mais ou menos conforme à verdade. Esses fatos eram produzidos por Espíritos pouco elevados; a autoridade pôs-lhe um termo, interditando a seus promotores a continuação dessa espécie de saturnais.

5. Entre os convulsionários alguns se submetiam a torturas atroz; qual era o resultado disso sobre seus Espíritos depois da morte?

Resp. – Praticamente nulo. Não havia nenhum mérito nesses atos sem resultado útil.

6. Os que sofriam essas torturas pareciam insensíveis à dor; havia neles simples resignação ou insensibilidade real?

Resp. – Insensibilidade completa.

7. Qual era a causa dessa insensibilidade?

Resp. – Efeito magnético.

8. A superexcitação moral, chegada a um certo grau, não poderia aniquilar-lhes a sensibilidade física?

Resp. – Isso contribuía em alguns deles e os predispunha a sofrer a comunicação de um estado que em outros tinha sido provocado artificialmente, porquanto o charlatanismo representa um grande papel nesses fatos estranhos.

9. Já que esses Espíritos operavam curas e prestavam serviços, como, então, podiam ser de ordem inferior?

Resp. – Não vedes isto todos os dias? Não recebeis algumas vezes excelentes conselhos e ensinamentos úteis de certos Espíritos pouco elevados, levianos mesmo? Não podem eles procurar fazer algo de bom como resultado definitivo, com vistas a um aperfeiçoamento moral?

10. Nós vos agradecemos as explicações que pacientemente nos destes.

Resp. – Sempre vosso.

Aforismos Espíritos e Pensamentos Avulsos

Os Espíritos bons aprovam aquilo que acham bom, mas não fazem elogios exagerados. Estes, como tudo que denota lisonja, são sinais de inferioridade da parte dos Espíritos.

Os Espíritos bons não lisonjeiam os preconceitos de nenhuma espécie, nem políticos, nem religiosos; podem não os atacar bruscamente, porque sabem que isso seria aumentar a resistência. Entretanto, há uma grande diferença entre essas atitudes, que poderíamos chamar de precauções oratórias, e a aprovação absoluta das mais falsas idéias, de que os Espíritos obsessores muitas vezes se servem para captar a confiança daqueles a quem querem subjugar, explorando-lhes o ponto fraco.

Há pessoas que têm uma mania singular; encontram uma idéia completamente elaborada por outrem; esta lhes parece boa e, sobretudo, proveitosa; dela se apropriam, dão-na como própria e acabam iludidos a ponto de se crerem realmente seus autores, assegurando que lhes foi roubada.

Certo dia um homem viu ser feita uma experiência de eletricidade e tentou reproduzi-la. Porque não tivesse os conhecimentos requeridos, nem os instrumentos necessários, fracassou. Então, sem ir mais longe e sem procurar saber se a causa do insucesso não estaria nele mesmo, declarou que a eletricidade não existia e que ia escrever para o demonstrar.

Que pensaríeis da lógica de quem assim raciocinasse? Não se assemelharia a um cego que, não podendo ver, se pusesse a escrever contra a luz e a faculdade da visão? Entretanto, é este o raciocínio que ouvimos a propósito dos Espíritos, por homem que passa por espirituoso; que tenha espírito, sim; mas capacidade para julgar é outra coisa. Procura escrever como médium e, porque não o consegue, conclui que a mediunidade não existe. Ora, segundo ele, se a mediunidade é uma faculdade ilusória, os Espíritos não podem existir senão nos cérebros doentios. Que sagacidade!

Allan Kardec

Nota – Com o número do mês de janeiro de 1860, a *Revista Espírita* começará o seu terceiro ano.



Nota Explicativa³⁶

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. P. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que*

36 Nota da Editora: Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

é o *Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo meticoloso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonía de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da

fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar

apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chegasse à conseqüência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na

mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores Europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

Contém:

O relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., bem como todas as notícias relativas ao Espiritismo. – O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e o seu futuro. – A história do Espiritismo na Antigüidade; suas relações com o magnetismo e com o sonambulismo; a explicação das lendas e das crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

Publicada sob a direção
de
ALLAN KARDEC

*Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.*

ANO TERCEIRO – 1860

TRADUÇÃO DE EVANDRO NOLETO BEZERRA



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA



Sumário

TERCEIRO VOLUME – ANO DE 1860

JANEIRO

- O Espiritismo em 1860 *15*
O Magnetismo Perante a Academia *21*
O Espírito de um Lado, o Corpo do Outro *29*
Conselhos de Família *42*
As Pedras de Java *47*
Correspondência *48*
Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos *54*

FEVEREIRO

- Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos *61*
Os Espíritos Glóbulos *70*
Médiuns Especiais *76*
Bibliografia – Condessa Mathilde de Canossa *79*
História de um Danado *85*

Comunicações Espontâneas:

Estelle Riquier **103**

O Tempo Presente **105**

Os Sinos **106**

Conselhos de Família **107**

MARÇO

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas **109**

Os Pré-Adamitas **116**

Um Médiun Curador **121**

Manifestações Físicas Espontâneas – O Padeiro de Dieppe **125**

Estudo sobre o Espírito de Pessoas Vivas:

O Dr. Vignal **130**

Ditado do Sr. Cauvière **141**

Ditado do Sr. Vignal **142**

Senhorita Indermuble **143**

Bibliografia – Siamora, a Druidesa, ou o Espiritualismo
no Século Quinze **147**

Ditados Espontâneos:

O Gênio das Flores **150**

Perguntas Sobre o Gênio das Flores **151**

Felicidade (Stäel) **152**

O Livro dos Espíritos – Segunda Edição **154**

Aos Leitores da Revista – Cartas não Assinadas **155**

ABRIL

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas **157**

Formação da Terra – Teoria da Incrustação Planetária **166**

Cartas do Dr. Morhéry Sobre a Srta. Désirée Godu **175**

Variedades:

O Fabricante de São Petersburgo **181**

Aparição Tangível **184**

Ditados Espontâneos:

O Anjo das Crianças **185**

Conselhos **186**

A Ostentação **187**

Amor e Liberdade **188**

A Imortalidade **189**

Parábola **189**

O Espiritismo **190**

Filosofia **191**

Comunicações Lidas na Sociedade:

A Consciência **194**

A Morada dos Eleitos **195**

O Espírito e o Julgamento **196**

O Incrédulo **197**

O Sobrenatural **197**

MAIO

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas **199**

História do Espírito Familiar do Senhor de Corasse **207**

Correspondência **214**

Conversas Familiares de Além-Túmulo:

Jardin **219**

Uma Convulsionária **223**

Variedades:

A Biblioteca de Nova York **228**

A Noiva Traída **231**

Superstição **234**

Pneumatografia ou Escrita Direta **236**

Espiritismo e Espiritualismo **238**

Ditados Espontâneos:

As Diferentes Ordens de Espíritos **239**

I – *Remorso e Arrependimento* **240**

II – *Os Médiuns* **241**

JUNHO

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas **243**

O Espiritismo na Inglaterra **252**

Um Espírito Falador **253**

O Espírito e o Cãozinho **258**

O Espírito de um Idiota	260
Conversas Familiares de Além-Túmulo:	
<i>Sra. Duret</i>	263
Medicina Intuitiva	274
Uma Semente de Loucura	276
Tradição Muçulmana	278
Erro de Linguagem de um Espírito	281
Ditados Espontâneos e Dissertações Espíritas:	
<i>A Vaidade</i>	283
<i>A Miséria Humana</i>	284
<i>A Tristeza e o Pesar</i>	284
<i>A Fantasia</i>	286
<i>A Influência do Médiun Sobre o Espírito</i>	287
Bibliografia	287

JULHO

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas	289
Frenologia e Fisiognomonia	297
Os Fantasmas	304
Lembrança de uma Existência Anterior	306
Os Animais	310
Exame Crítico das Dissertações de Charlet sobre os Animais	320
Bibliografia	332

AGOSTO

- Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas **333**
Concordância Espírita e Cristã **343**
O Trapeiro da Rua des Noyers **348**
Conversas Familiares de Além-Túmulo:
Tbilorier, o Físico **359**
O Suicida da Rua Quincampoix **366**
Variedades:
O Prisioneiro de Limoges **369**
Perguntas de um Espírita de Sétif ao Sr. Oscar Comettant **370**
Ditados Espontâneos e Dissertações Espíritas:
Desenvolvimento das Idéias **373**
Mascaradas Humanas **374**
O Saber dos Espíritos **374**
Origens **375**
O Futuro **376**
Eletricidade Espiritual **378**
Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas **379**

SETEMBRO

- Aviso **381**
Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas **381**
O Maravilhoso e o Sobrenatural **395**
História do Maravilhoso e do Sobrenatural **406**

Correspondência **417**
Dissertações Espíritas:
Devaneio **423**
Sobre os Trabalhos da Sociedade **425**

OUTUBRO

Resposta do Sr. Allan Kardec à Gazette de Lyon **427**
Banquete Oferecido pelos Espíritas Lioneses ao
Sr. Allan Kardec **440**
Resposta do Sr. Allan Kardec **442**
Sobre o Valor das Comunicações Espíritas **452**
Dissertações Espíritas:
Formação dos Espíritos **461**
Os Espíritos Errantes **463**
O Castigo **464**
Marte **466**
Júpiter **469**
Os Espíritos Puros **471**
Morada dos Bem-Aventurados **472**
A Reencarnação **474**
O Despertar do Espírito **476**
Progresso dos Espíritos **477**
A Caridade Material e a Caridade Moral **478**
A Eletricidade do Pensamento **480**
A Hipocrisia **482**

NOVEMBRO

- Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas **483**
- Bibliografia – Carta de um Católico Sobre o Espiritismo **490**
- Homero **491**
- Conversas Familiares de Além-Túmulo –
Baltazar, o Espírito Gastrônomo **496**
- Um Espírita a seu Espírito Familiar – Estâncias **500**
- Relações Afetuosas dos Espíritos **501**
- Dissertações Espíritas:
- Primeiras Impressões de um Espírito* **504**
- Os Órfãos* **505**
- Um Irmão Morto à Sua Irmã Viva* **506**
- O Cristianismo* **507**
- O Tempo Perdido* **508**
- Os Sábios* **509**
- O Homem* **511**
- A Firmeza nos Trabalhos Espíritas* **511**
- Os Inimigos do Progresso* **512**
- Distinção da Natureza dos Espíritos* **513**
- Scarron* **514**
- O Nada da Vida* **514**
- Aos Médiuns* **515**
- A Honestidade Relativa* **516**
- Proveito dos Conselhos* **517**

Pensamentos Avulsos 517
Maria de Agreda – Fenômeno de Bicorporeidade 518
Aviso 524

DEZEMBRO

Aos Assinantes da *Revista Espírita* 525
Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas 527
Arte Pagã, Arte Cristã, Arte Espírita 531
História do Maravilhoso 535
Conversas Familiares de Além-Túmulo – *Baltazar*,
o Espírito Gastrônomo 546
A Educação de um Espírito 548
Dissertações Espíritas Recebidas e Lidas na Sociedade por
Diversos Médiuns:
Entrada de um Culpado no Mundo dos Espíritos 554
Castigo do Egoísta 555
Alfred de Musset 558
Intuição da Vida Futura 561
A Reencarnação 563
O Dia dos Mortos 564
Alegoria de Lázaro 566
O Duende Familiar 567
Nota Explicativa 569



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

JANEIRO DE 1860

Nº 1

O Espiritismo em 1860

Temos o prazer de anunciar que a *Revista Espírita* dá início ao seu terceiro ano de circulação, amparada pelos mais favoráveis auspícios. É com satisfação que aproveitamos o ensejo para testemunhar aos leitores a nossa gratidão pelas provas de simpatia que temos recebido diariamente. Só isso já seria motivo suficiente de encorajamento, caso não encontrássemos, na própria natureza e no objetivo de nossos trabalhos, larga compensação moral às fadigas que lhes são conseqüentes. Tal é a multiplicidade desses trabalhos, aos quais nos consagramos inteiramente, que se torna impossível responder a todas as cartas de felicitações que nos chegam. Somos, pois, obrigados a dirigir-nos coletivamente aos seus autores, rogando-lhes que aceitem os nossos agradecimentos. Estas cartas, bem assim as numerosas pessoas que nos dão a honra de com elas conferenciar a respeito desses graves problemas, convencem-nos cada vez mais do progresso do Espiritismo *verdadeiro*, isto é, do Espiritismo compreendido em todas as suas conseqüências morais. Sem nos iludirmos quanto ao alcance de nossos trabalhos, o pensamento de haver contribuído, lançando alguns grãos na balança, é para nós doce satisfação, porquanto essas poucas sementes terão contribuído para despertar a reflexão.

A prosperidade crescente da Revista é um indício do favor com que é acolhida. Não nos cabe senão continuar a obra na mesma linha, já que vem recebendo a consagração do tempo, sem nos afastarmos da moderação, da prudência e das conveniências que sempre nos orientaram. Deixando aos nossos contraditores o triste privilégio das injúrias e do personalismo, não os seguiremos no terreno de uma controvérsia sem objetivo. Dizemos sem objetivo porque jamais os levaria à convicção; ademais, seria pura perda de tempo discutir com pessoas que não têm a menor noção daquilo de que falam. Só temos uma coisa a dizer-lhes: Estudai primeiro; depois veremos. Temos mais que fazer do que falar a quem não quer ouvir. Afinal de contas, o que importa a opinião contrária deste ou daquele? Terá essa opinião tão grande importância que possa deter a marcha natural das coisas? As maiores descobertas encontraram os mais rudes adversários, sem que por isso fossem prejudicadas. Assim, deixando a incredulidade zunir à nossa volta, jamais nos desviaremos do caminho que nos é traçado pela própria gravidade do assunto que nos ocupa.

Dissemos que as idéias espíritas estão em franco progresso. Com efeito, desde algum tempo ganharam imenso terreno. Dir-se-ia que estão no ar; não, certamente, em razão do barulho da grande e da pequena imprensa. Se elas progredirem, apesar e contra tudo, não obstante a má vontade encontrada em certas regiões é porque possuem vitalidade suficiente para se bastarem a si mesmas. Quem se der ao trabalho de aprofundar a questão do Espiritismo, nele encontra uma satisfação moral tão grande, a solução de tantos problemas que inutilmente havia pedido às teorias vulgares; o futuro se desdobra à sua frente de maneira tão clara, tão precisa e tão *lógica*, que a si mesmo confessa a impossibilidade de as coisas realmente não se passarem assim; já que um sentimento íntimo lhe dizia que assim deveria ser, é de causar admiração que não as tenha compreendido mais cedo. Desenvolvida, a ciência espírita nada mais faz que formular, tirar do nevoeiro idéias já existentes em seu foro íntimo; daí por diante o

futuro se apresenta com objetivo claro, preciso, perfeitamente definido; já não marcha ao sabor das ondas: vê o seu caminho. Não é mais esse futuro de felicidade ou de desgraça que a razão não podia compreender e que, por isso mesmo, o repelia; é um futuro racional, consequência das próprias leis da Natureza, capaz de suportar o exame mais severo. Eis por que é feliz e como que aliviado de um imenso peso: o da *incerteza*, porquanto a incerteza é um tormento. Mau grado seu, o homem sonda as profundezas do futuro e *não pode deixar de vê-lo eterno*; compara-o à brevidade e à fragilidade da existência terrestre. Se o futuro não lhe oferece nenhuma certeza, ele se atordoa, concentra-se no presente e, para o tornar mais suportável, entrega-se a todos os excessos: é em vão que a consciência lhe fala do bem e do mal. Diz a si mesmo: o bem é aquilo que me faz feliz. De fato, que motivo teria para ver o bem em outra parte? Por que suportar privações? Quer ser feliz e, para ser feliz, quer gozar; gozar o que os outros possuem; quer ouro, muito ouro; a ele se apega como à sua vida, porque o ouro é o veículo de todos os prazeres materiais. Que lhe importa o bem-estar do semelhante? O seu, antes de tudo. Quer satisfazer-se no presente, por não saber se o poderá mais tarde, num futuro em que não acredita. Torna-se, assim, ávido, invejoso, egoísta e, com todos esses prazeres, não é feliz porque o presente lhe parece muito curto.

Com a *certeza* do futuro, tudo para ele muda de aspecto; o presente é apenas efêmero e o vê passar sem lamentar-se; é menos apegado aos prazeres terrenos, porque só lhe trazem uma sensação passageira, fugidia, que deixa vazio o coração; aspira a uma felicidade mais duradoura e, conseqüentemente, mais real. E onde poderá encontrá-la, senão no futuro? Mostrando-lhe, *provando-lhe* esse futuro, o Espiritismo o liberta do suplício da incerteza, e isso o torna feliz. Ora, aquilo que traz felicidade sempre encontra partidários.

Os adversários do Espiritismo atribuem sua rápida propagação a uma febre supersticiosa que se apodera da

Humanidade: o amor do maravilhoso. Antes, porém, precisariam ser lógicos; aceitaremos o seu raciocínio – se é que a isso podemos chamar raciocínio – quando tiverem explicado claramente por que essa febre atinge justamente as classes esclarecidas da sociedade, em vez das ignorantes. Quanto a nós, dizemos que é porque o Espiritismo apela ao raciocínio, e não à crença cega, que as classes esclarecidas o examinam, refletem e o compreendem. Ora, as idéias supersticiosas não suportam o exame.

Aliás, todos vós que combateis o Espiritismo, chegais a compreendê-lo? Estudastes, perscrutastes seus detalhes, pesastes maduramente todas as suas conseqüências? Não, mil vezes não. Falais de algo que não conheceis. Todas as vossas críticas – e não falo das tolas, vulgares e grosseiras diatribes, despidas de qualquer raciocínio e que não têm nenhum valor – refiro-me às que, pelo menos, têm aparência de seriedade, todas as vossas críticas, repito, acusam a mais completa ignorância do assunto.

Para criticar é necessário poder opor raciocínio a raciocínio, prova a prova. Será isto possível, sem conhecimento aprofundado do assunto de que se trata? Que pensaríeis de quem pretendesse criticar um quadro, sem possuir, pelo menos em teoria, as regras do desenho e da pintura? Discutir o mérito de uma ópera, sem saber música? Sabeis a conseqüência de uma crítica ignorante? É ser ridícula e revelar falta de juízo. Quanto mais elevada a posição do crítico, quanto mais ele se põe em evidência, tanto mais seu interesse lhe exige circunspeção, a fim de não vir a receber desmentidos, sempre fáceis de dar a quem quer que fale daquilo que não conhece. É por isso que os ataques contra o Espiritismo têm tão pouco alcance e favorecem o seu desenvolvimento, em vez de o deter. Esses ataques são propaganda; provocam exame, e o exame só nos pode ser favorável, porque nos dirigimos à razão. Não há um só artigo publicado contra a doutrina que não nos tenha proporcionado um aumento de assinaturas e de vendas de obras. O do Sr. Oscar Comettant (Vide o *Sième* de 27 de outubro

passado, e nossa resposta na Revista do mês de dezembro de 1859) provocou a venda, em poucos dias, na casa Ledoyen, de mais de cinqüenta exemplares da famosa sonata de Mozart (que custa 2 francos, preço líquido, segundo a importante e espirituosa observação do Sr. Comettant). Os artigos do *Univers*, de 13 de abril e 28 de maio de 1859 (ver nossa resposta nos números da Revista de maio e julho de 1859) esgotaram rapidamente o que restava da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, bem como outros. Mas voltemos a coisas menos materiais. Enquanto não opuserem ao Espiritismo senão argumentos desta natureza, ele nada tem a temer.

Repetimos que a principal fonte do progresso das idéias espíritas está na satisfação que proporcionam a todos que as aprofundam, e que nelas vêem algo mais do que um simples passatempo. Ora, como antes de tudo todos querem a felicidade, não é de admirar que se liguem a uma idéia que os torna felizes. Dissemos em algum lugar que, em se tratando de Espiritismo, o período da curiosidade passou, dando lugar ao da razão e da filosofia. A curiosidade tem tempo certo: uma vez satisfeita, muda-se o objetivo por um outro. Já não se dá a mesma coisa com quem se dirige ao pensamento sério e à razão. O Espiritismo progrediu principalmente a partir do momento em que passou a ser mais bem compreendido em sua essência íntima, desde que se viu o seu alcance, porque toca na corda mais sensível do homem: a de sua felicidade, mesmo neste mundo. Aí reside a causa de sua propagação, o segredo da força que o fará triunfar.

Vós todos que atacaís o Espiritismo, quereis um meio seguro de o combater com sucesso? Eu vo-lo indico. Substituí-o por algo melhor; encontraí uma solução mais *lógica* a todas as questões que ele resolve; dai ao homem *outra certeza* que o torne mais feliz, e compreendeí bem o alcance da palavra certeza, porque o homem só aceita como certo o que lhe parece *lógico*; não vos contenteis em dizer que isso não é, pois é muito fácil; provai, não pela negação, mas pelos fatos, que isso não é, jamais foi e *não pode*

ser. Provai, finalmente, que as conseqüências do Espiritismo não tornam melhores os homens, pela prática da mais pura moral evangélica, moral muito elogiada, mas pouco praticada. Quando tiverdes feito isso, serei o primeiro a inclinar-me perante vós. Até lá, permiti que encare vossas doutrinas, que são a negação completa do futuro, como a fonte do egoísmo, verme que corrói a sociedade e, conseqüentemente, como um verdadeiro flagelo. Sim, o Espiritismo é forte, mais forte do que vós, porque se apóia nos próprios alicerces da religião: Deus, a alma e as penas e recompensas futuras, baseadas no bem e no mal que se faz. Vós vos apoiais na incredulidade. Ele convida o homem à felicidade, à esperança, à verdadeira fraternidade. Vós lhe ofereceis o *nada* como perspectiva e o *egoísmo* como consolação. Ele tudo explica, vós nada explicais. Ele prova pelos fatos e vós nada provais. Como pretendeis que se vacile entre as duas doutrinas?

Em resumo, constatamos – e cada um vê e sente como nós – que o Espiritismo deu um passo imenso no ano que findou, e esse passo é a garantia daquele que haverá de dar no ano que começa. Não somente o número de seus partidários aumentou consideravelmente, como uma notável mudança operou-se na opinião geral, mesmo entre os indiferentes. Diz-se que no fundo de tudo isso bem poderia haver alguma coisa; que não se deve ser apressado em julgá-lo; os que assim agiam, dando de ombros, começam a temer o ridículo sobre si mesmos ao ligarem o próprio nome a um julgamento precipitado, que poderá ser desmentido. Deste modo, preferem calar-se e esperar. Sem dúvida, durante muito tempo ainda haverá pessoas que, nada tendo a perder com a opinião da posteridade, procurarão denegri-lo; umas, por caráter ou por estado de ânimo; outras, por cálculo. Mas nós nos acostumamos à idéia de ir ao hospício¹, desde que nos vejamos em boa companhia; e, como tantas outras, esta piada sem graça torna-se um lugar-comum, com a qual ninguém se incomoda, porque no

1 N. do T.: No original: *aller à Charenton*, referência a famoso hospital psiquiátrico francês.

fundo desses ataques vê-se a mais absoluta falta de raciocínio. A arma do ridículo, essa arma que se diz tão terrível, se gasta evidentemente e tomba das mãos daqueles que a empunhavam. Acaso teria perdido o seu poder? Não, contanto que não desfira golpes em falso. O ridículo não mata senão o que é ridículo em si, tendo de sério apenas a aparência, porque fustiga o hipócrita e lhe arranca a máscara; mas aquilo que é verdadeiramente sério só receberá golpes passageiros e sairá sempre triunfante da luta. Vede se uma só das grandes idéias que foram ridicularizadas em sua origem pela turba ignorante e invejosa caiu para não mais se erguer! Ora, o Espiritismo é uma das maiores idéias, porque toca na questão mais vital – a da felicidade do homem – e não se brinca impunemente com semelhante problema. Ele é forte porque tem suas raízes nas próprias leis da Natureza e responde aos inimigos fazendo, desde o início, a volta ao mundo. Alguns anos mais e seus detratores, impotentes para o combater pelo raciocínio, encontrar-se-ão de tal modo ultrapassados pela opinião dominante, de tal forma isolados, que se verão forçados a calar ou a abrir os olhos à luz.

O Magnetismo Perante a Academia

Deixado à porta, o magnetismo entrou pela janela, mediante um disfarce e um outro nome. Em vez de dizer: Sou o magnetismo, o que provavelmente não lhe teria valido uma acolhida favorável, disse: Chamo-me *hipnotismo* (do grego *hypnos*, sono). Graças a esse salvo-conduto conseguiu entrar após vinte anos de paciência. Mas não perdeu por esperar, pois soube fazer-se introduzir por uma das maiores celebridades. Evitou cuidadosamente apresentar-se com seu cortejo de passes, de sonambulismo, de visão a distância, de êxtases, que o teriam traído. Disse simplesmente: Sois bons e humanos; vosso coração sangra ao ver sofrer os vossos doentes; procurais um meio de suavizar a dor do paciente, cortado pelo vosso escalpelo, mas o que empregais

às vezes é muito perigoso. Eu vos trago um mais simples e que, em todo caso, não tem inconvenientes. Estava bem seguro de ser ouvido, falando em nome da Humanidade. E acrescentou, matreiro: Sou da família, pois devo a vida a um dos vossos. Pensava, não sem alguma razão, que essa origem não o prejudicaria.

Se vivêssemos ao tempo da brilhante e poética Grécia, diríamos: O magnetismo, filho da Natureza e de um simples mortal, foi proscrito do Olimpo porque, ao fazer concorrência com Esculápio, feriu os interesses deste último, louvando-se de poder curar sem o seu concurso. Errou muito tempo pela Terra, ensinando aos homens a arte de curar por meios novos; desvendou ao vulgo uma porção de maravilhas que, até então, tinham sido misteriosamente escondidas nos templos; mas aqueles cujos segredos havia revelado, desmascarando-lhe a charlatanice, o perseguiram a pedradas, de tal sorte que foi, ao mesmo tempo, banido pelos deuses e maltratado pelos homens. Nem por isso deixou de espalhar seus benefícios, aliviando a Humanidade, certo de que um dia a sua inocência seria reconhecida e lhe fariam justiça. Teve um filho, cujo nascimento escondeu cuidadosamente, temeroso de lhe atrair perseguições; ele o chamou *hipnotismo*. Este filho partilhou de seu exílio durante muito tempo, aproveitando-o para instruir-se. Quando o julgou suficientemente formado, disse-lhe: Vai-te apresentar no Olimpo; abstém-te de dizer que és meu filho; teu nome e um disfarce facilitarão o teu acesso; Esculápio te apresentará. – Como, meu pai! Esculápio, vosso inimigo mais encarniçado! Logo ele que vos procreveu! – Ele mesmo te estenderá a mão. – Mas se me reconhecer, expulsar-me-á. – Ora essa! Se te expulsar, virás junto a mim e continuaremos nossa obra beneficente entre os homens, à espera de melhores dias. Mas fica tranqüilo, tenho muita esperança. Esculápio não é mau; quer, antes de tudo, o progresso da Ciência: caso contrário não seria digno de ser o deus da Medicina. Aliás, talvez eu tenha cometido algumas faltas para com ele; ofendido por me ver denegrir, eu me exaltei e

o ataquei sem consideração. Prodigalizei-lhe injúrias, ridicularizei-o, vilipendiei-o, chamei-o de ignorante. Ora, eis um meio deplorável de tratar os homens e os deuses; e seu amor-próprio ferido irritou-se um instante contra mim. Não faças como eu, meu filho; sê mais prudente e, sobretudo, mais atencioso. Se os outros não o forem para contigo, o erro será deles, e a razão, tua. Vai, filho meu, e lembra-te de que nada se obtém de alguém pela força. – Assim falou o pai. O hipnotismo partiu timidamente para o Olimpo; batia-lhe forte o coração quando se apresentou à soleira da porta sagrada. Mas, ó surpresa! o próprio Esculápio lhe estende a mão e o introduz.

Eis, pois, o magnetismo no lugar. O que fará? Oh! não acrediteis na vitória definitiva; ainda não nos encontramos sequer nos preliminares da paz. É uma primeira barreira derrubada: eis tudo. Esse passo é importante, sem dúvida, mas não penseis que seus inimigos vão confessar-se vencidos. O próprio Esculápio, o grande Esculápio, que o reconheceu por seus traços de família, abraçou de tal forma sua defesa que seriam capazes de enviá-lo ao hospício. Vão dizer que é... qualquer coisa... mas que, seguramente, não é magnetismo. Pois seja! Não sofismamos com as palavras: será tudo o que quiserem. Mas, enquanto se espera, é um fato que terá conseqüências. Ora, eis essas conseqüências. Inicialmente vão ocupar-se somente do ponto de vista anestésico (do grego *aisthesis*, sensibilidade e *a*, privativo, ou seja, privação geral ou parcial da faculdade de sentir) e isto em razão da predominância das idéias materialistas, pois ainda há tanta gente que, sem dúvida por modéstia, teima em se reduzir ao papel de manivela de espeto que, ao parar de funcionar, é atirada ao ferro velho, sem deixar vestígios! Assim, vão examinar o fato de todas as maneiras, ainda que por mera curiosidade. Vão estudar a ação das diferentes substâncias para produzir o fenômeno da catalepsia. Depois, um belo dia, reconhecerão que basta pôr o dedo. Mas não é tudo. Observando o fenômeno da catalepsia, outros surgirão espontaneamente. Já foi

notada a liberdade de pensamento durante a suspensão das faculdades orgânicas; assim, o pensamento independe dos órgãos. Há, pois, no homem algo mais além da matéria. Ver-se-á a manifestação de faculdades estranhas: a vista adquirir uma amplitude insólita, transpondo os limites dos sentidos; todas as percepções modificadas; numa palavra, é um vasto campo para a observação e não faltarão observadores. O santuário está aberto, e esperamos que dele jorre a luz, a menos que o celeste arcópagão não deixe a honra a ninguém senão a ele mesmo.

Nossos leitores haverão de apreciar bastante o notável artigo que o Sr. Victor Meunier, redator do *Ami des Sciences*, publicou sobre este interessante assunto, na revista científica hebdomadária do *Siècle*, de 16 de dezembro de 1859:

“O magnetismo animal, levado à Academia pelo Sr. Broca, apresentado à ilustre associação pelo Sr. Velpeau, experimentado pelos senhores Follin, Verneuil, Faure, Trousseau, Denonvilliers, Nélaton, Azam, Ch. Robin, etc., todos cirurgiões dos hospitais, é a grande novidade do dia”.

“As descobertas, como os livros, têm seu destino. A de que vamos tratar não é nova. Data de uns vinte anos, e nem na Inglaterra, onde nasceu, nem na França, onde, no momento, não se ocupa de outra coisa, a publicidade lhe faltou. Um médico escocês, o Dr. Braid, a descobriu e lhe consagrou todo um livro (*Neurypnology or the rationale of nervous sleep, considered in relation with animal magnetism*). O Dr. Carpenter, célebre médico inglês, analisou cuidadosamente a descoberta do Dr. Braid no artigo *sleep* (sono) da Enciclopédia de Anatomia e Fisiologia de Tood (*Cyclopedia of anatomy and physiology*); um ilustre sábio francês, o Sr. Littré, reproduziu a análise do Dr. Carpenter na segunda edição do *Manual de Fisiologia* de J. Mueller. Enfim, nós mesmos consagramos um de nossos folhetins da *Presse* (7 de julho de 1852) ao *hipnotismo* (é o nome dado pelo Dr. Braid ao conjunto de dados

de que se trata). A mais recente das publicações relativas a esse assunto data, pois, de sete anos; e eis que, no momento em que o julgavam esquecido, ele adquire esta imensa repercussão.

Há no hipnotismo duas coisas: um conjunto de fenômenos nervosos, e o processo por meio do qual são produzidos.

Esse processo, empregado outrora, salvo engano, pelo abade Faria, é de grande utilidade. Consiste em manter um objeto brilhante diante dos olhos da pessoa com a qual se experimenta, a pequena distância da base do nariz, de sorte que não possa olhá-lo senão envergando os olhos para dentro; ela deve fixar os olhos sobre ele. A princípio as pupilas se contraem, depois se dilatam bastante e, em poucos instantes, produz-se o estado cataléptico. Levantando os membros do paciente, estes conservam a posição que lhes dermos. Este é apenas um dos fenômenos produzidos; dos outros falaremos oportunamente.

O Sr. Azam, professor substituto de Clínica Cirúrgica da Escola de Medicina de Bordeaux, tendo repetido com sucesso as experiências do Dr. Braid, trocou opiniões com o Dr. Broca, que pensava que as pessoas hipnotizadas talvez fossem insensíveis à dor das intervenções cirúrgicas. A carta que acaba de dirigir à Academia das Ciências é o resumo de suas experiências a respeito. Antes de tudo, porém, devia assegurar-se da realidade do hipnotismo. E o conseguiu sem dificuldades.

Visitando uma senhora de cerca de quarenta anos, algo histérica, e que se mantinha acamada por ligeira indisposição, o Dr. Broca fingia querer examinar os olhos da doente e lhe pedia que fixasse detidamente um pequeno frasco dourado que ele segurava a mais ou menos quinze centímetros de distância da base do nariz daquela senhora. Ao cabo de três minutos os olhos tornaram-se um pouco vermelhos, os traços imóveis, as respostas lentas e difíceis,

mas perfeitamente racionais. O Dr. Broca levantou o braço da enferma e este se manteve na posição em que foi deixado; submeteu os dedos às mais extremas situações e eles as conservaram; beliscou a pele em vários lugares, com certa força, mas a paciente nada parecia sentir. Catalepsia, insensibilidade! O Dr. Broca não levou adiante a experiência: esta lhe havia ensinado o que queria saber. Uma fricção sobre os olhos, uma insuflação de ar frio na fronte trouxeram a doente ao estado normal. Não guardava a menor lembrança do que acabara de passar-se.

Restava saber se a insensibilidade hipnótica resistiria à prova das intervenções cirúrgicas.

Entre os internos do Hospital Necker, no serviço do Dr. Follin, achava-se uma pobre mulher de 24 anos, vitimada por extensa queimadura nas costas e nos dois membros direitos e por um enorme abscesso, extremamente doloroso. Os menores movimentos lhe eram um suplício. Esgotada pelo sofrimento e, ademais, muito pusilânime, essa infeliz pensava com terror na operação que se fazia necessária. Foi nela que, de acordo com o Dr. Follin, o Dr. Broca resolveu completar a prova do hipnotismo.

Colocaram-na sobre um leito em frente à janela, prevenindo-a de que iam fazê-la dormir. Ao cabo de dois minutos suas pupilas se dilatam; levantado quase verticalmente acima do leito, seu braço esquerdo fica imóvel. Ao quarto minuto suas respostas são lentas e quase penosas, mas perfeitamente sensatas. Quinto minuto: O Dr. Follin espeta a pele do braço esquerdo e a doente nem sequer se mexe; nova espetadela mais profunda, que produz sangramento, e a mesma impassibilidade. Erguem o braço direito, que fica no ar. Então as cobertas são levantadas e afastados os membros inferiores para pôr à mostra a sede do abscesso. A doente não esboça reação e disse com tranqüilidade que, sem dúvida irão prejudicá-la. Ao ser aberto o abscesso, um fraco grito foi o único sinal de reação de sua parte, e durou menos de um segundo. Nem o menor tremor nos músculos da face ou dos

membros, nem um só estremeamento nos braços, sempre elevados verticalmente acima do leito. Um pouco injetados, os olhos estavam largamente abertos; o rosto tinha a imobilidade de uma máscara...

Levantado, o pé esquerdo mantém-se suspenso. Tiram o corpo brilhante (uma luneta): a catalepsia persiste. Pela terceira vez picam o braço esquerdo, o sangue goteja e a operada nada sente. Há treze minutos que o braço guarda a posição que lhe foi dada.

Enfim, uma fricção nos olhos, uma insuflação de ar fresco despertam a jovem senhora quase subitamente; relaxados, os braços e a perna esquerda caem de repente na cama. Ela esfrega os olhos, readquire a consciência, de nada se lembra e surpreende-se de que a tenham operado. A experiência havia durado dezoito a vinte minutos; o período de anestesia, de doze a quinze.

Tais são, em resumo, os fatos essenciais comunicados pelo Sr. Broca à Academia das Ciências. Já não são mais isolados. Grande número de cirurgiões de nossos hospitais teve a honra de os repetir, e o fizeram com sucesso. O objetivo do Dr. Broca e de seus distintos colegas era e deveria ser cirúrgico. Esperemos tenha o hipnotismo, como meio de provocar a insensibilidade, todas as vantagens dos agentes anestésicos, sem deles guardar os inconvenientes. Mas a Medicina não é de nossa alçada e, para não sair de suas atribuições, nossa Revista não deve considerar o fato senão sob o ponto de vista fisiológico.

Depois de haver reconhecido a veracidade do Dr. Braid sobre o ponto essencial, sem dúvida ter-se-á que verificar tudo que respeita a este estado singular, ao qual ele dá o nome de hipnotismo. Os fenômenos que ele lhe atribui podem ser classificados da seguinte maneira:

Exaltação da sensibilidade – O olfato é levado a um grau de acuidade que no mínimo se iguala ao observado nos animais de

melhor faro. A audição torna-se igualmente muito penetrante. O tato adquire, sobretudo em relação à temperatura, uma incrível delicadeza.

Sentimentos sugeridos – Ponde o rosto, o corpo ou os membros do paciente na atitude que convém à expressão de um sentimento particular e logo o estado mental correspondente é despertado. Assim, colocando-se a mão do hipnotizado sobre sua cabeça, ele se endireita espontaneamente, inclinando para trás; seu porte é o do mais vivo orgulho. Se nesse momento se lhe curvar para frente a cabeça, fletindo levemente o corpo e os membros, o orgulho dará lugar à mais profunda humildade. Afastando delicadamente os cantos da boca, como no riso, logo se produz uma tendência alegre; o mau humor entra em campo imediatamente quando se faz as sobrancelhas convergirem para baixo.

Idéias provocadas – Levantai a mão do paciente acima da cabeça e fleti os dedos sobre a palma: logo é suscitada a idéia de subir, de se balançar ou puxar uma corda. Se, ao contrário, forem os dedos fletidos, deixando o braço pendente, provoca-se a idéia de levantar um peso. Se os dedos forem fletidos e o braço levado à frente, como para dar um soco, surge a idéia de lutar box. (A cena se passa em Londres.)

Incremento da força muscular – Se se quiser suscitar uma força extraordinária num grupo de músculos, basta sugerir ao paciente a idéia da ação que reclama essa força e assegurar-lhe que o pode realizar com a maior facilidade, caso queira. Diz o Dr. Carpenter: “Vimos um dos pacientes hipnotizados pelo Dr. Braid, notável pela pobreza de seu desenvolvimento muscular, levantar, com o auxílio de seu dedo mínimo, um peso de quatorze quilos e fazê-lo girar em volta da cabeça, com a única garantia de que o peso era tão leve como uma pluma.”

Limitamo-nos, por hoje, à indicação deste programa. Aos fatos a palavra; as reflexões virão mais tarde.

O Espírito de um Lado, o Corpo do Outro

CONVERSA COM O ESPÍRITO DE UMA PESSOA VIVA

Nosso distinto colega, o Sr. conde de R... C..., dirigiu-nos a seguinte carta, datada de 23 de novembro último:

“Senhor Presidente,

“Ouvi dizer que médicos, entusiastas de sua arte e desejosos de contribuir para o progresso da Ciência, tornando-se úteis à Humanidade, legaram, por testamento, os seus corpos ao escalpelo das salas anatômicas. A experiência a que assisti, da evocação de uma pessoa viva (Sessão da Sociedade de 14 de outubro de 1859), não me pareceu muito instrutiva, por se tratar de uma coisa muito pessoal: pôr em comunicação um pai vivo com a filha morta. Pensei que aquilo que os médicos fizeram pelo corpo, um membro da Sociedade poderia fazer pela alma, ainda em vida, pondo-se à vossa disposição para um ensaio desse gênero. Talvez pudésseis, preparando as perguntas antecipadamente, que desta vez nada teriam de pessoal, obter novas luzes sobre o fato do isolamento da alma e do corpo. Aproveitando de uma indisposição que me retém em casa, venho oferecer-me como paciente para estudo, se estiverdes de acordo. Portanto, caso não haja contra-ordem, na próxima sexta-feira deitar-me-ei às nove horas e penso que às nove e meia podereis chamar-me, etc. ...”

Aproveitamos a oferta do Sr. conde de R... C... com tanto mais interesse quanto, pondo-se à nossa disposição, pensávamos que seu Espírito se prestaria de bom grado às nossas

pesquisas. Por outro lado, sua instrução, a superioridade de sua inteligência (o que, abrindo parêntesis, não o impede de ser um excelente espírita) e a experiência que adquiriu em suas viagens em torno do mundo, como capitão da marinha imperial, faziam que esperássemos de sua parte uma apreciação mais justa de seu estado. De fato não nos enganamos. Em conseqüência tivemos com ele as duas conversas que se seguem, a primeira a 25 de novembro e a segunda a 2 de dezembro de 1859.

(Sociedade, 25 de novembro de 1859)

1. Evocação.

Resp. – Estou aqui.

2. Neste momento tendes consciência do desejo que manifestastes, de ser evocado?

Resp. – Perfeitamente.

3. Em que lugar vos achais aqui?

Resp. – Entre vós e o médium.

4. Vede-nos tão claramente como quando assistis pessoalmente às nossas sessões?

Resp. – Mais ou menos, embora um pouco velado. Ainda não durmo bem.

5. Como tendes consciência de vossa individualidade aqui presente, ao passo que vosso corpo está no leito?

Resp. – Neste momento meu corpo não me é senão um acessório. Sou *EU* que estou aqui.

Observação – *Sou EU que estou aqui* é uma resposta deveras notável. Para ele, o corpo não é a parte essencial de seu ser: esta parte é o Espírito, que constitui o *EU*; o seu *eu* e o seu corpo são duas coisas distintas.

6. Podeis transportar-vos instantaneamente, e à vontade, daqui para vossa casa e vice-versa?

Resp. – Sim.

7. Indo e vindo daqui para vossa casa, tendes consciência do trajeto que fazeis? Vedes os objetos que estão no caminho?

Resp. – Eu o poderia, mas negligencio fazê-lo; não me interessam.

8. O estado em que vos encontrais é semelhante ao de um sonâmbulo?

Resp. – Não completamente. Meu corpo *dorme*, ou seja, está mais ou menos inerte; o sonâmbulo *não dorme*: suas faculdades estão modificadas, mas não aniquiladas.

9. O Espírito evocado de uma pessoa viva poderia indicar remédios, como um sonâmbulo?

Resp. – Se os conhecer, ou caso se ache em contato com um Espírito que os conheça, sim; do contrário, não.

10. A lembrança de vossa existência corporal está claramente presente em vossa memória?

Resp. – Muito clara.

11. Poderíeis citar algumas de vossas ocupações mais destacadas do dia?

Resp. – Poderia, mas não o farei e lamento ter proposto esta pergunta (Ele havia pedido que lhe dirigissem uma pergunta desse gênero como prova).

12. É como Espírito que lamentais ter proposto esta questão?

Resp. – Como Espírito.

13. Por que o lamentais?

Resp. – Porque melhor compreendo quanto é justo que, na maior parte dos casos, seja proibido fazê-lo.

14. Poderíeis descrever o vosso quarto de dormir?

Resp. – Certamente; e o do porteiro também.

15. Pois bem! Descrevei, então, um deles.

Resp. – Eu disse que poderia, mas poder não é querer.

16. Qual a doença que vos retém em casa?

Resp. – A gota.

17. Há um remédio para a gota? Se o conheceis, poderíeis indicá-lo, pois prestaríeis um grande serviço?

Resp. – Poderia, mas me guardarei de o fazer: o remédio seria pior que o mal.

18. Pior ou não, quereis indicá-lo, mesmo que não venhais a vos servir dele?

Resp. – Há vários, entre os quais o lírio verde.

Observação – Ao despertar, o Sr. de R... reconheceu jamais ter ouvido falar do emprego desta planta como específico antigotoso.

19. Em vosso estado atual, veríeis um perigo que poderia correr um amigo e poderíeis vir em seu auxílio?

Resp. – Poderia. Inspirá-lo-ia; se ouvisse a minha inspiração e, ainda com mais proveito, se fosse médium.

20. Desde que o evocamos por vossa vontade, e que vos pondeis à nossa disposição para estudos, tende a bondade de descrever, o melhor possível, o estado em que vos encontrais agora.

Resp. – Estou no estado mais feliz e mais satisfatório que se possa experimentar. Jamais tivestes um sonho em que o calor do leito vos faz crer que sois levemente embalados no ar, ou na crista de ondas tépidas, sem nenhuma preocupação com os

movimentos, sem a menor consciência dos membros pesados e incômodos, a se moverem ou a se arrastarem, numa palavra, sem necessidades a satisfazer? Não sentindo o agulhão da fome nem o da sede? Encontro-me neste estado junto a vós. E ainda não vos dei senão uma pequena idéia do que experimento.

21. O estado atual de vosso corpo sofre alguma modificação fisiológica, em razão da ausência do Espírito?

Resp. – De modo algum. Estou no estado a que chamais primeiro sono; sono pesado e profundo que todos experimentamos e durante o qual nos afastamos do corpo.

Observação – O sono, que não era completo no começo da evocação, estabeleceu-se pouco a pouco, em consequência do próprio desprendimento do Espírito, que deixa o corpo no maior repouso.

22. Se, em razão de um movimento brusco, vosso corpo é instantaneamente despertado enquanto vosso Espírito aqui está, o que aconteceria?

Resp. – O que é brusco para o homem é muito lento para o Espírito, que sempre tem tempo de ser avisado.

23. A felicidade que acabais de descrever e que desfrutais em vosso estado de liberdade tem alguma relação com as sensações agradáveis que por vezes se experimenta nos primeiros momentos da asfixia? O Sr. S..., que involuntariamente teve a satisfação de as experimentar, vos dirige esta pergunta.

Resp. – Ele não está de todo errado. Na morte por asfixia há um instante análogo àquele de que fala, mas somente o Espírito perde a lucidez, enquanto aqui ela é consideravelmente aumentada.

24. Vosso Espírito prende-se ainda por um laço qualquer ao vosso corpo?

Resp. – Sim, e disso guardo perfeita consciência.

25. A que podeis comparar este laço?

Resp. – A nada que conheçais, senão a uma luz fosforescente, para vos dar uma idéia, se o pudésseis ver, mas que em mim não produz nenhuma sensação.

26. A luz vos afeta da mesma maneira? Tem a mesma tonalidade que vedes pelos olhos?

Resp. – Absolutamente, porque os olhos me servem, de alguma sorte, como janelas de meu cérebro.

27. Percebeis os sons tão distintamente?

Resp. – Mais ainda, já que percebo muitos outros que vos escapam.

28. Como transmitis o pensamento ao médium?

Resp. – Atuo sobre sua mão para lhe dar uma direção, que facilito por uma ação sobre o cérebro.

29. Utilizai-vos das palavras do vocabulário que ele tem na cabeça, ou indicais as palavras que deve escrever?

Resp. – Uma coisa e outra, conforme a conveniência.

29² Se tivésseis por médium alguém que desconhecesse a vossa língua e a dele vos fosse desconhecida, um chinês, por exemplo, como faríeis para ditar-lhe?

Resp. – Isso seria mais difícil; talvez impossível. Em todo caso, só seria possível com uma flexibilidade e uma docilidade muito rara de encontrar.

30. Um Espírito, cujo corpo estivesse morto, experimentaria a mesma dificuldade para se comunicar por um médium completamente estranho à língua que falava em vida?

Resp. – Talvez menor, mas ela existiria sempre. Acabo de dizer que, conforme o caso, o Espírito dá ao médium as suas expressões, ou toma as dele.

2 N. do T.: O número 29 foi repetido no original.

31. Vossa presença aqui fatiga o corpo?

Resp. – Absolutamente.

32. Vosso corpo sonha?

Resp. – Não; é justamente por isso que não se cansa. A pessoa da qual falais experimentaria por seus órgãos impressões que se transmitiam ao Espírito; era isto que a fatigava. Nada experimento de semelhante.

Observação – Ele faz alusão a uma pessoa de que se falava no momento e que, em semelhante situação, tinha dito que seu corpo se fatigava, e havia comparado seu Espírito a um balão cativo, cujas sacudidelas abalam o poste que o retém.

No dia seguinte o Sr. R... de C... contou-nos haver sonhado que se achava na Sociedade, entre nós e o médium. Evidentemente é uma lembrança da evocação. É provável que no momento da pergunta não sonhasse, pois respondeu negativamente. Também é possível, e mais provável, que não sendo o sonho senão uma lembrança da atividade do Espírito, na verdade não é o corpo que sonha, desde que não pensa. Ele, pois, respondeu negativamente, sem saber se, uma vez desperto, seu Espírito se recordaria. Se o corpo tivesse sonhado enquanto seu Espírito estava ausente, é que o Espírito teria tido uma dupla ação. Ora, ele não poderia estar ao mesmo tempo na Sociedade e em sua casa.

33. Vosso Espírito se acha no estado em que se encontrará quando estiverdes morto?

Resp. – Mais ou menos a mesma coisa, por causa do laço que o prende ao corpo.

34. Tendes consciência das existências anteriores?

Resp. – Muito confusamente. Eis aí uma diferença de que me esquecia. Após o desprendimento completo que se segue à morte, as lembranças são muito mais precisas. Atualmente são mais

completas do que durante a vigília, mas não suficientes para poder especificá-las de modo mais inteligível.

35. Se, ao despertar, vos mostrassem vossos escritos, teríeis consciência das respostas que acabais de dar?

Resp. – Poderia identificar alguns de meus pensamentos; mas muitos outros não encontrariam nenhum eco em meu pensamento quando acordado.

36. Poderíeis exercer sobre o corpo uma influência de tal forma intensa que fosse capaz de o despertar?

Resp. – Não.

37. Poderíeis responder a uma pergunta mental?

Resp. – Sim.

38. Vede-nos espiritualmente ou fisicamente?

Resp. – De ambos os modos.

39. Poderíeis ir visitar o irmão de vosso pai, que dizem estar numa ilha da Oceania e, como marinheiro, poderíeis precisar a posição dessa ilha?

Resp. – Não posso nada disso.

40. Que pensais agora de vossa interminável obra e seu objetivo?

Resp. – Penso que devo prosseguir-la, com o mesmo objetivo. É tudo quanto posso dizer.

Observação – Ele havia desejado que lhe fizessem essa pergunta, relativa a importante trabalho que empreendia sobre a marinha.

41. Ficariamos muito contentes se dirigísseis algumas palavras aos vossos colegas, uma espécie de pequeno discurso.

Resp. – Já que tenho oportunidade, aproveito-a para vos afirmar a minha fé no futuro da alma; que a maior falta que os

homens podem cometer é procurar provas e provas. Isto quando muito é perdoável nos homens que se iniciam no conhecimento do Espiritismo. Já não vos repetiram milhares de vezes que é preciso crer, porque se compreende e se ama a justiça e a verdade, e que se déssemos satisfação a uma dessas perguntas pueris, os que pretendessem fazê-la para se convencerem não deixariam de fazer outras no dia seguinte e perderíeis, infalivelmente, um tempo precioso, fazendo os Espíritos lerem a sorte? Eu o compreendo agora muito melhor do que quando desperto e vos posso dar um sábio conselho: quando quiserdes obter tais resultados, dirigi-vos aos Espíritos batedores e às mesas falantes que, nada tendo de melhor a dizer, podem ocupar-se de tais manifestações. Perdoai-me a lição, mas tenho necessidade dela e não me aborreço de a dar a mim mesmo.

(Segunda conversa – 2 de dezembro de 1859)

42. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui.

43. Dormis bem?

Resp. – Não muito; mas irei.

44. No caso particular em que vos encontrais, julgais útil fazer a evocação em nome de Deus, como se fosse o Espírito de um morto?

Resp. – Por que não? Por não estar morto, credes que Deus me seja indiferente?

45. Considerando-se que vos achais aqui, se vosso corpo recebesse uma picada, não bastante forte para vos despertar, mas suficiente para vos fazer estremecer, vosso Espírito a sentiria?

Resp. – Meu corpo não a sentiria.

46. Vosso Espírito teria consciência do fato?

Resp. – Nenhuma; mas notai que me falais de uma

sensação leve e sem nenhum alcance, em termos de importância, seja para o corpo, seja para o Espírito.

47. A propósito da luz, dissestes que ela vos parece como se estivésseis em vigília, considerando-se que vossos olhos são como janelas por onde ela chega ao cérebro. Compreendemo-lo em relação à luz percebida pelo corpo; mas neste momento não é o vosso corpo que vê. Vedes ainda por um ponto circunscrito ou por todo o ser?

Resp. – É muito difícil vos fazer compreender. O Espírito percebe as sensações sem intermédio dos órgãos e não tem ponto circunscrito para as perceber.

48. Insisto novamente em saber se os objetos, o espaço que vos cerca têm para vós a mesma cor de quando estais desperto.

Resp. – Para mim, sim, porque meus órgãos não me enganam. Mas certos Espíritos encontrariam nisso grandes diferenças. Vós, por exemplo, percebeis os sons e as cores de modo muito diverso.

49. Percebeis os odores?

Resp. – Também melhor que vós.

50. Fazeis diferença entre a luz e a obscuridade?

Resp. – Diferença, sim. Mas para mim a obscuridade não é como para vós: vejo perfeitamente no escuro.

51. Vossa vista penetra os corpos opacos?

Resp. – Sim.

52. Poderíeis ir a um outro planeta?

Resp. – Isto depende.

53. De que depende?

Resp. – Do planeta.

54. A que planeta poderíeis ir?

Resp. – Aos que estão aproximadamente no mesmo grau da Terra.

55. Vede os outros Espíritos?

Resp. – Muitos e ainda.

Observação – Uma pessoa que o conhece intimamente, presente à sessão, disse que essa expressão lhe é muito familiar, vendo nisso, assim como em toda a forma da linguagem, uma prova de identidade.

56. Vede-os aqui?

Resp. – Sim.

57. Como constatais sua presença? Por uma forma qualquer?

Resp. – Por sua forma própria, isto é, por seu perispírito.

58. Vedes algumas vezes os vossos filhos e podeis falar-lhes?

Resp. – Vejo-os e lhes falo freqüentemente.

59. Dissestes: Meu corpo é um acessório; sou *EU* que estou aqui. Esse *eu* é circunscrito, limitado, tem uma forma qualquer? Em suma, como vos vedes?

Resp. – É sempre o perispírito.

60. Então, para vós, o perispírito é um corpo?

Resp. – Mas, evidentemente.

61. Vosso perispírito imita a forma de vosso corpo material e vos parece que aqui estais com o vosso corpo?

Resp. – Sim, quanto à primeira pergunta, e não, quanto à segunda. Tenho perfeita consciência de estar aqui somente com o meu corpo fluídico luminoso.

62. Poderíeis dar-me um soco?

Resp. – Sim, mas não o sentiríeis.

63. Poderíeis fazê-lo de maneira sensível?

Resp. – Isto é possível; mas não o posso aqui.

64. Se, no momento em que estais aqui, vosso corpo morresse subitamente, que experimentaríeis?

Resp. – Eu lá estaria antes.

65. Ficaríeis desembaraçado mais prontamente do que se morrêsseis em circunstâncias ordinárias?

Resp. – Muito. Não tornaria a entrar senão para fechar a porta, depois de haver saído.

66. Dissestes que sofreis de gota. Não concordais com vosso médico, aqui presente, que pretende seja um reumatismo nevrálgico? Que pensais?

Resp. – Já que estais tão bem informado, penso que isto deve bastar.

67. [O médico] Em que vos baseais para supor que seja gota?

Resp. – É a minha opinião. Talvez me engane, sobretudo se estais *tão certo* de não vos enganar.

68. [O médico] Seria possível uma complicação de gota e reumatismo.

Resp. – Então ambos teríamos razão; não nos restaria senão nos abraçar.

(Esta resposta provocou risos na assembléia)

69. Isto vos faz rir de nos ver rindo?

Resp. – Mas às gargalhadas. Então não me entendeis?

70. Disseste que o lírio verde é um remédio eficaz contra a gota. De onde vos veio essa idéia, tendo em vista que, desperto, não a sabíeis?

Resp. – Servi-me dele outrora.

71. Foi, portanto, numa outra existência?

Resp. – Sim, e fez-me mal.

72. Se vos fizessem uma pergunta indiscreta, ver-vos-íeis constrangido a respondê-la?

Resp. – Oh! é muito forte; tentai.

73. Assim, tendes perfeito livre-arbítrio?

Resp. – Mais que vós.

Observação – Em muitas ocasiões a experiência tem provado que o Espírito, isolado do corpo, conserva sempre a sua vontade e não diz senão o que quer. Compreendendo melhor o alcance das coisas, é mesmo mais prudente e discreto do que quando se acha desperto. Quando diz uma coisa, é que julga útil dizê-lo.

74. Teríeis tido a liberdade de não vir quando vos chamamos?

Resp. – Sim; livre de sofrer as conseqüências.

75. Quais seriam essas conseqüências?

Resp. – Se me recusar a ser útil aos meus semelhantes, principalmente quando tenho perfeita consciência de meus atos, sou livre, mas sou punido.

76. Que gênero de punição sofreríeis?

Resp. – Seria necessário vos desvelar o código de Deus, e isso seria muito longo.

77. Se neste momento alguém vos insultasse, dizendo coisas que, desperto, não suportaríeis, qual o sentimento que experimentaríeis?

Resp. – O desprezo.

78. Então não procuraríeis vingar-vos?

Resp. – Não.

79. Fazeis uma idéia da posição que ireis ocupar entre os Espíritos, quando lá estiverdes completamente?

Resp. – Não; isto não é permitido.

80. No estado atual em que vos achais, credes que o Espírito possa prever a morte do corpo?

Resp. – Algumas vezes. Contudo, se tivesse que morrer de repente, *sempre* teria tempo de a ele voltar.

Conselhos de Família

Certamente nossos leitores se lembram do artigo que publicamos no mês de setembro último, sob o título de *Uma Família Espírita*. As comunicações seguintes são muito semelhantes. Com efeito, são conselhos ditados numa reunião íntima, por um Espírito eminentemente superior e benevolente. Distinguem-se pelo encanto e pela doçura do estilo, a profundidade dos pensamentos e, além disso, por matizes de extrema delicadeza, apropriados à idade e ao caráter das pessoas a quem eram dirigidas. O Sr. Rabache, negociante de Bordeaux, que serviu de intermediário, houve por bem autorizar a sua publicação. Só podemos felicitar os médiuns que obtêm coisas semelhantes. É uma prova de que têm simpatias felizes no mundo invisível.

Castelo de Pechbusque, novembro de 1859.

(Primeira sessão)

Foi perguntado ao Espírito protetor da família se ele podia dar alguns conselhos aos membros presentes; ele respondeu:

Sim. Tenham confiança em Deus e procurem instruir-se nas verdades imutáveis e eternas que lhes ensina o livro divino da Natureza. Ele contém toda a lei de Deus, e os que sabem ler e o compreendem são os únicos a seguirem o verdadeiro caminho da sabedoria. Que nada do que vejam seja negligenciado, porquanto cada coisa traz em si um ensinamento e deve, pelo uso do raciocínio, elevar a alma para Deus e dele aproximá-la. Em tudo quanto ferir a inteligência, procurem sempre distinguir o bem do mal: o primeiro, para o praticar; o segundo, para o evitar. Antes de formular um julgamento, voltem sempre o pensamento para o ETERNO, *que os guiará ao bem*, E NÃO OS ENGANARÁ JAMAIS.

(Segunda sessão)

Boa-noite, meus filhos. Se me amais, procurai instruir-vos; reuni-vos muitas vezes com este pensamento. Ponde vossas idéias em comum: é um excelente meio, pois em geral não comunicamos senão as coisas que julgamos boas; temos vergonha das más. Assim, são guardadas em segredo ou só são comunicadas aos que queremos tornar cúmplices. Distinguem-se os bons dos maus pensamentos, porque os primeiros podem, sem nenhum receio, ser transmitidos a todo o mundo, ao passo que os últimos não poderiam, sem perigo, ser comunicados senão a alguns. Quando vos vier um pensamento, para julgar de seu valor perguntai-vos se podeis torná-lo público sem inconveniente e se não fará mal: se vossa consciência vo-lo autorizar, não temais, vosso pensamento é bom. Dai-vos mutuamente bons conselhos, tendo em vista somente o bem daquele a quem os dais, e não o vosso. Vossa recompensa estará no prazer que experimentareis por terdes sido úteis. A união dos corações é a mais fecunda fonte de felicidades; e, se muitos homens são infelizes, é que só procuram a felicidade para si mesmos. Ela lhes escapa precisamente porque julgam encontrá-la somente no egoísmo. Digo a felicidade e não a fortuna, porquanto esta última só tem servido como sustentáculo à injustiça, e o objetivo da existência é a justiça. Se a justiça fosse

praticada entre os homens, o mais afortunado seria aquele que realizasse maior soma de boas obras. Se, pois, quiserdes tornar-vos ricos, meus filhos, praticai muitas ações boas. Pouco importam os bens do mundo; não é a satisfação da carne que se deve buscar, mas a da alma. Aquela é efêmera; esta é eterna.

Por hoje é bastante. Meditai estes conselhos e esforçai-vos para pô-los em prática: aí se encontra o caminho da salvação.

(Terceira sessão)

Sim, meus filhos, eis-me aqui. Tende confiança em Deus, que jamais abandona os que fazem o bem. Aquilo que julgais um mal, por vezes só o é em relação às vossas concepções. Muitas vezes, também, o mal real vem apenas de um desânimo ocasionado por uma dificuldade, que a calma de espírito e a reflexão teriam evitado. Assim, refleti sempre e, como já vos disse, reportai tudo a Deus. Quando experimentardes qualquer pesar, longe de vos abandonar à tristeza, ao contrário, resisti e fazei todo esforço para triunfar, pensando que nada se obtém sem trabalho, e que algumas vezes o sucesso faz-se acompanhar de dificuldades. Invocai em vosso auxílio os Espíritos benevolentes. Eles não podem, como vos ensinam, fazer boas obras em vosso lugar, nem obter coisa alguma de Deus para vós, pois é preciso que cada um ganhe, por si mesmo, a perfeição a que todos estamos destinados; mas podem inspirar-vos o bem, sugerir-vos conduta conveniente e ajudar-vos com o seu concurso. Não se manifestam ostensivamente, mas no recolhimento. Escutai a voz da vossa consciência, lembrando-vos de meus conselhos precedentes. Confiança em Deus, calma e coragem.

(Quarta sessão)

Boa-noite, meus filhos. Sim, é preciso continuar as sessões, até que um médium se manifeste, para substituir o que deve deixar-vos. O seu papel de iniciador entre vós está cumprido:

continuei o que começastes, porque também servireis um dia à propagação da verdade que, neste momento, é proclamada no mundo inteiro pelas manifestações espíritas. Persuadi-vos, meus filhos, de que, em geral, o que se entende na Terra por Espírito, não é Espírito senão para vós. Depois que esse Espírito, ou alma, separa-se da matéria grosseira que o envolve, para vós não tem mais corpo, porque vossos olhos materiais não mais o vêem. Mas é sempre matéria, relativamente aos que são mais elevados que ele. Para vós, crianças, vou fazer uma comparação muito imperfeita, mas que, no entanto, poderá dar-vos uma idéia da *transformação* a que chamais, impropriamente, de morte. Imaginai uma lagarta, que vedes diariamente. Quando se esgota o tempo de sua existência nesse estado ela se *transforma* em crisálida; passa ainda algum tempo como tal e depois, chegado o momento, despoja-se de seu invólucro grosseiro e dá origem a uma borboleta, que voa. Ora, a lagarta, ao deixar sua natureza inferior, representa o homem que *morre*; a borboleta simboliza a alma que se *eleva*. A lagarta arrasta-se no chão, a borboleta voa para o céu; mudou de matéria, mas ainda é material. Se a lagarta raciocinasse não veria a borboleta que, entretanto, teria saído da carapaça apodrecida da crisálida. Portanto, o corpo não pode *ver* a alma, mas a alma, envolvida pela matéria, tem consciência de sua existência e o próprio materialista por vezes o sente interiormente. Então seu orgulho o impede de concordar e fica com sua ciência sem crença, sem se elevar, até que finalmente lhe chegue a *dúvida*. Nem tudo, porém, está acabado, porque nele a luta é maior. Será apenas uma questão de tempo, porque, meus amigos, lembrai-vos de que todos os filhos de Deus foram criados para a perfeição. Felizes os que não perdem tempo pelo caminho. A eternidade compõe-se de dois períodos: o da prova, que poderia chamar-se de incubação, e o da eclosão, ou entrada na vida verdadeira, que chamais a felicidade dos eleitos.

(Quinta sessão)

Meus Caros filhos, vejo com satisfação que começais a refletir nos avisos e conselhos que vos dou. Sei que para o atual

desenvolvimento de vossa inteligência, há, simultaneamente, muito assunto para reflexão; contudo, devo aproveitar a ocasião que se apresenta, porquanto, dentro de alguns dias esse meio não mais estará à minha disposição, e era necessário ferir a vossa imaginação de maneira a vos sugerir o desejo de continuar as vossas sessões, até que algum de vós pudesse substituir o médium atual. Espero que essas poucas sessões, sobre as quais vos incito a meditar demoradamente, terão bastado para vos despertar a atenção e o desejo de aprofundar mais esse vasto campo de investigações. Tomai por regra jamais buscar a satisfação da vã curiosidade e, sim, de vos instruir e de vos aperfeiçoar. É inútil vos preocupardes com a diferença que possa existir entre o que vos ensinarei e o que sabeis ou julgais saber. Cada vez que vos for dada uma instrução, perguntai se é justa e se responde às exigências da consciência e da equidade. Quando a resposta for afirmativa, não vos inquieteis por saber se concorda com o que vos tiver sido dito. Que vos importa isto! O importante é o justo, o consciencioso e o eqüitativo: tudo quanto reúne essas condições é de Deus. Obedecer a uma boa consciência, não fazer senão coisas úteis, evitar todas quanto, não sendo más, não tenham utilidade – eis o essencial; porque fazer algo de inútil já é fazer o mal. Evitai escandalizar, mesmo pelo vosso aperfeiçoamento: há situações em que a simples vista de vossa mudança pode produzir um mau efeito; assim, por exemplo, a luz do dia não poderia, sem perigo, ferir de súbito a vista de um homem encerrado num cárcere escuro. Que o vosso progresso, então, não seja entregue à investigação, senão conforme vos aconselhar a sabedoria. Aperfeiçoai-vos sempre; só o vereis quando for tempo. Aqueles para quem escrevo este conselho o compreendem, sem que eu tenha de ser mais explícito. Sua consciência lhes dirá.

Coragem, pois, e perseverança! São as únicas leis do sucesso.

Observação – O último conselho não poderia ter aplicação geral. Evidentemente o Espírito teve um objetivo

especial, como ele próprio o disse; do contrário, poderíamos enganar-nos quanto ao sentido e o alcance de suas palavras.

As Pedras de Java

Bruxelas, 9 de dezembro de 1859.

Senhor Diretor,

Li na *Revista Espírita* o fato relatado por *Ida Pfeiffer* sobre as pedras caídas em Java, na presença de um oficial superior holandês, com o qual estive muito ligado em 1817, pois foi ele quem me emprestou suas pistolas e serviu de testemunha em meu primeiro duelo. Chamava-se Michiels, de Maestricht, e tornou-se general em Java. A carta que relatava o fato acrescentava que essa queda de pedras, na habitação isolada do distrito de Chéribon, não durou menos de doze dias, sem que as sentinelas postas pelo general tivessem algo descoberto, nem ele também, durante todo o tempo em que lá ficou. Essas pedras, formadas de uma espécie de pedra-pomes, pareciam criadas no ar, a alguns pés do teto. Com elas o general mandou encher vários cestos; os habitantes vinham buscá-las para fazer amuletos e mesmo remédios. Este fato é muito conhecido em Java, pois se repete com muita freqüência, sobretudo as *cusparadas de siri*. Várias crianças foram perseguidas a pedradas em campo raso, sem serem atingidas. Dir-se-ia que os Espíritos farsistas se divertiam em amedrontar as pessoas. Evocai o Espírito General Michiels; talvez ele vos explique o fato. O Dr. Vanden Kerkhove, que durante muito tempo morou em Java, confirmou-me, como vos afirmo, que vossa Revista torna-se cada dia mais interessante, mais moralizadora e mais procurada em Bruxelas.

Aceitai,

Jobard

O conhecido caráter da Sra. Ida Pfeiffer, o cunho de veracidade que marca todos os seus relatos não nos deixam nenhuma dúvida quanto à realidade do fenômeno em questão; mas compreende-se toda a importância que a ela vem juntar-se a carta do Sr. Jobard, pelo depoimento da principal testemunha ocular encarregada de verificar o fato, e que não tinha o menor interesse em fazê-lo acreditado, se o tivesse reconhecido falso. Em primeiro lugar, a natureza esponjosa dessa chuva de pedras poderia fazer atribuí-la a uma origem vulcânica ou aerolítica, e os cétricos não deixariam de dizer que a superstição havia tomado o lugar de um fenômeno natural. Se não contássemos senão com o testemunho dos javaneses, a suposição seria fundada, e as pedras, caindo em campo raso, viriam sem dúvida em apoio dessa opinião. Mas o General Michiels e o Dr. Vanden Kerkhove não eram malaios, e sua afirmação tem valor. A essa consideração, por si só muito forte, é preciso acrescentar que as pedras não caíam somente em pleno ar, mas no quarto onde parece que se formavam, a alguma distância do teto: é o general quem o afirma. Ora, imaginamos que jamais se tenham visto aerólitos se formarem na atmosfera de um quarto. Admitindo a causa meteorológica ou vulcânica, o mesmo não se poderia dizer das *cusparadas de siri*, que os vulcões jamais vomitaram, pelo menos de nosso conhecimento. Afastada essa hipótese pela própria natureza dos fatos, resta saber como tais substâncias puderam ser formadas. Encontraremos sua explicação em nosso artigo do mês de agosto de 1859, sobre o *Mobiliário de Além-túmulo*.

Correspondência

Toulouse, 17 de dezembro de 1859.

Meu caro Senhor,

Acabo de ler vossa resposta ao Sr. Oscar Comettant, cujo artigo havia lido. Se esse folhetinista céptico, atoleimado e

trocista não se convenceu pelas boas razões que lhe destes, poderia pelo menos reconhecer em vossa resposta a urbanidade do estilo, totalmente ausente da sua prosa. As digressões insossas com que tinha temperado as evocações me pareciam do espírito maligno; os lamentos com que se referia aos dois francos que havia custado a sonata, bem mereciam que a Sociedade lhe votasse um socorro de dois francos. Pensais bem, meu caro senhor Allan Kardec, pois sou um espírita por demais ardente para ter deixado sem resposta um artigo em que era citado e posto em causa. Por minha vez, escrevi também ao Sr. Oscar Comettant; no dia seguinte à recepção de seu jornal ele recebeu a seguinte carta:

“Senhor,

Tive o prazer de ler vosso folhetim de quinta-feira: Variedades. Como me põe em causa, já que sou citado nominalmente, peço que me concedais permissão para tecer algumas considerações a respeito, que aceitareis, assim como aceitei as espirituosas digressões com que adornastes o relatório das evocações de Mozart e de Chopin. Que quereis gracejar com esse artigo humorístico? O Espiritismo? Enganar-vos-íeis redondamente se julgásseis causar-lhe o mais leve dano. Na França, a princípio faz-se gracejos, depois se julga e só se concedem as honras das piadas às coisas verdadeiramente grandes e sérias, livres de com elas concordar após o exame que merecem.

Se o Sr. Ledoyen é tão ávido e interesseiro quanto quereis fazer crer, ele vos deve ser extremamente reconhecido por terdes querido, num folhetim de onze colunas, assegurar o sucesso de uma de suas modestas publicações. É a primeira vez que um artigo tão importante sobre o Espiritismo é publicado num grande jornal. Por esse artigo um tanto tumultuado, vejo que o Espiritismo já é levado em consideração por seus próprios inimigos. Dir-vos-ei, confidencialmente, que os Espíritos nos alertaram que também se servem dos inimigos para o triunfo de sua causa. Assim, não tendes

senão que vos manter em guarda, se não vos quiserdes transformar em *apóstolo, mau grado vosso*.

Não vedes no Espiritismo mais que charlatanismo moral e comercial. Nós outros, futuros inquilinos do hospício, nele encontramos a solução de uma porção de problemas contra os quais a Humanidade se debatia há muitos séculos, a saber: o *reconhecimento* raciocinado de Deus em todas as suas obras materiais e espirituais; a certeza da imortalidade e da individualidade da alma, provada pelas manifestações dos Espíritos; a ciência das leis da justiça divina, estudada nas diversas encarnações dos Espíritos, etc., etc. Se nos déssemos ao trabalho de aprofundar um pouco esses assuntos, poderíamos ver que se acham acima de todos os sarcasmos e de todas as zombarias. Por mais que nos considereis sonhadores e alucinados, todos diremos, em lugar do *E pur si muove* de Galileu: Todavia, Deus está lá!

Rogo aceiteis, etc.

Brion d'Orgeval

Primeiro baixo da ópera cômica do teatro de
Toulouse, ex-pensionista do Sr. Carvalho.”

Observação – Não é de nosso conhecimento que o Sr. Oscar Comettant tenha publicado esta resposta, bem como a nossa. Ora, atacar sem admitir a defesa não é um combate leal.

Bruxelas, 23 de dezembro de 1859.

“Meu caro colega,

Venho submeter-vos algumas reflexões etnográficas sobre o mundo dos Espíritos, com a intenção de corrigir uma opinião assaz generalizada, mas, a meu ver, muito errada no que respeita ao estado do homem após a sua espiritualização.

Imagina-se erroneamente que um imbecil, um ignorante, um bruto, torna-se imediatamente um gênio, um sábio, um profeta, desde que deixou seu casulo. É um erro análogo ao de quem admitisse que um celerado, liberto da camisa de força, iria tornar-se honesto; um tolo ficará esperto e um fanático raciocinará, tão-somente porque transpuseram a fronteira do mundo espiritual.

Não é nada disso. Levamos conosco todas as nossas *conquistas* morais, nosso caráter, nossa ciência, nossos vícios e virtudes, à exceção dos que se prendem à matéria: os coxos, os zarolhos e os corcundas não mais o são; mas os velhacos, os avaros e os supersticiosos ainda o são. Não é, pois, de admirar que ouçamos os Espíritos a pedir preces, desejar que façamos as peregrinações que haviam prometido e, mesmo, que se descubra o que haviam escondido, a fim de dá-lo à pessoa a quem o haviam destinado e que a indicam exatamente, estando ela encarnada.

Em suma, o Espírito que tinha um desejo, um plano, uma opinião, uma crença na Terra, quer vê-los realizados. Assim, Hahnemann exclamava: “Coragem, meus amigos, minha doutrina triunfa; que satisfação para minha alma!”

Quanto ao Dr. Gall, sabeis o que ele pensa de sua ciência, assim como Lavater, Swedenborg e Fourier, o qual me disse que seus alunos haviam truncado a sua doutrina, querendo ultrapassar a fase do *garantismo*, que ele me felicita por continuar.

Numa palavra, todos os Espíritos que professam uma religião, uma idolatria ou um cisma, por convicção, persistem nas mesmas crenças, até serem esclarecidos pelo estudo e pela reflexão. Tal é o móvel de minhas preocupações neste momento, e evidentemente é um Espírito lógico que as dita, porque, há uma hora, não pensava senão em recolher-me ao leito e acabar a leitura do excelente opúsculo da Sra. Henry Gaugain, sobre os piedosos preconceitos dos baixo-bretões contra as novas invenções.

Continuando vossos estudos, reconheceréis que o mundo de Além-Túmulo nada mais é que a imagem daguerreotipada deste, que, como sabeis, encerra Espíritos malignos como o diabo, e maus como os demônios. Não é de admirar que as pessoas simples se enganem e interditem todo comércio com eles, o que as priva da visita dos bons e grandes Espíritos, menos raros lá em cima do que aqui embaixo, pois os há de todos os tempos e em todos os lugares, e estes só nos querem dar bons conselhos e nos fazer o bem, enquanto sabeis com que repugnância e com que cólera os maus respondem ao apelo forçado. Mas o maior, o mais raro de todos os Espíritos, aquele que vem apenas três vezes durante a vida de um globo, o Espírito Divino, o Espírito Santo, enfim, não obedece às evocações dos pneumatólogos; vem quando quer, *spiritus flat ubi vult*, o que não quer dizer que não envie outros para lhe preparar o caminho.

A hierarquia é uma lei universal, *tudo é como tudo*, aliás como entre nós. O que mais retarda o progresso das boas doutrinas, que a perseguição não deixa avançar, é o falso respeito humano.

Há muito tempo teria o magnetismo triunfado se o Sr. X. e o Sr. N., em vez de darem o nome e o endereço das pessoas para referências, como dizem os ingleses, houvessem dito: Quem é esse Sr. M., que se esconde? Aparentemente, um mentiroso. E esse Sr. J.? Um farsista, ou, antes, um ser em quem não se deve confiar, porquanto não se oculta nem se mascara senão para fazer mal e mentir.

Hoje, que as academias finalmente já aceitam o magnetismo e o sonambulismo, primos-irmãos do Espiritismo, é necessário que seus partidários se disponham a assumi-lo com todas as letras. O medo *do que dirão* é um sentimento covarde e mau.

A ação de subscrever aquilo que se viu, que se crê, não deve mais ser considerada como um traço de coragem. Deveis, pois, persuadir vossos adeptos a fazerem o que sempre tenho feito: assinar.

Jobard

Observação – Estamos perfeitamente de acordo em todos os pontos com o Sr. Jobard. Inicialmente, suas observações sobre o estado do Espírito são perfeitamente exatas. Quanto ao segundo ponto, como ele, aspiramos ao momento em que a dúvida *do que dirão* não deterá mais ninguém. Mas, que quereis? É preciso levar em conta a fraqueza humana. Uns começam, e o Sr. Jobard terá o mérito de ter dado o exemplo. Ficai certos de que outros seguirão quando virem que se pode pôr o pé de fora sem ser mordido. Para tudo é preciso tempo. Ora, o tempo chega mais depressa do que pensa o Sr. Jobard. A reserva que temos na publicação dos nomes é motivada por razões de conveniência, pelo que não temos, até o momento, senão que nos felicitar; mas enquanto esperamos, constatamos um progresso muito sensível na coragem de opinião. Diariamente vemos pessoas que, há bem pouco tempo ainda, apenas ousavam confessar-se espíritas; hoje o fazem abertamente nas conversas e sustentam teses sobre a doutrina, sem se preocuparem minimamente com os epítetos grosseiros com que as presenteiam. É um passo imenso: o resto virá. Eu o disse no começo: Mais alguns anos e se verá uma nova mudança. Em pouco tempo dar-se-á com o Espiritismo o que se deu com o magnetismo: até há bem pouco tempo, não era senão entre quatro paredes que se ousava dizer que se era magnetizador; hoje é um título que honra. Quando estiverem perfeitamente convencidos de que o Espiritismo não queima, dir-se-ão espíritas, sem mais receio do que se dizer frenologista, homeopata, etc. Estamos num momento de transição e as transições jamais se fazem bruscamente.

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 2 de dezembro de 1859 – Sessão particular

Leitura da ata da sessão de 25 de novembro.

Pedidos de admissão – Cartas do Sr. L. Benardacky, de São Petersburgo, e da Sra. Elisa Johnson, de Londres, que pedem para fazer parte da Sociedade como membros titulares.

Comunicações diversas – Leitura de duas comunicações dadas ao Sr. Bouché, antigo reitor da Academia, médium escrevente, pelo Espírito duquesa de Longueville, a respeito da visita que esta última acaba de fazer, como Espírito, a Port-Royal-des-Champs. Essas duas comunicações são notáveis pelo estilo e elevação dos pensamentos. Provam que certos Espíritos revêem com prazer os lugares onde viveram e experimentam o encanto da saudade. Sem dúvida, quanto mais desmaterializados, menos importância dão às coisas terrenas, mas alguns ainda se ligam a elas por muito tempo após a morte, parecendo continuar, no mundo invisível, as ocupações que tinham neste mundo ou, pelo menos, tomando certo interesse por elas.

Estudos:

1^o Evocação do Sr. conde Desbassyns de Richmont, falecido em junho de 1859 e que, há mais de dez anos, professava idéias espíritas. Essa evocação confirma a influência de tais idéias sobre o desprendimento do Espírito após a morte.

2^o Evocação da Irmã Martha, morta em 1824.

3^o Segunda evocação do Sr. conde de R... C..., membro da Sociedade, retido em sua casa por uma indisposição, seguida de perguntas que lhe são dirigidas sobre o isolamento momentâneo do Espírito e do corpo durante o sono. (Publicada neste número).

Sexta-feira, 9 de dezembro – Sessão geral

Leitura da ata da sessão de 2 de dezembro.

Comunicações diversas – O Sr. de la Roche transmite notícias sobre notáveis manifestações ocorridas numa casa de Castelnauary. Os fatos são relatados na nota que precede o relato da evocação ocorrida e que será publicada.

Estudos:

1º Evocação do rei de Kanala (Nova Caledônia), já evocado a 28 de outubro, mas que então havia escrito com muita dificuldade e prometera exercitar-se para escrever de modo mais legível. Dá curiosas explicações sobre a maneira empregada para se aperfeiçoar. (Será publicada com a primeira evocação).

2º Evocação do Espírito de Castelnauary. Manifesta-se por sinais de viva cólera, sem nada poder escrever; quebra sete ou oito lápis, vários dos quais são lançados com força sobre os assistentes, e sacode violentamente o braço do médium. São Luís dá informações interessantes sobre o estado e a natureza desse Espírito que, diz ele, é da pior espécie e está numa das mais infelizes situações. (Será publicada com todas as outras comunicações relativas ao assunto).

3º Quatro comunicações espontâneas são obtidas simultaneamente: a primeira, de São Vicente de Paulo, pelo Sr. Roze; a segunda, de Charlet, pelo Sr. Didier Filho, dando seqüência ao trabalho iniciado pelo mesmo Espírito; a terceira, de Melanchthon, pelo Sr. Colin; e a quarta de um Espírito que deu o nome de Mikael, protetor das crianças, pela Sra. de Boyer.

Sexta-feira, 16 de dezembro de 1859 – Sessão particular

Leitura da ata.

Admissões – São admitidos como membros titulares: O Sr. L. Benadacky, de São Petersburgo e a Sra. Elisa Johnson, de Londres, apresentados a 2 de dezembro.

Pedidos de admissão – O Sr. Forbes, de Londres, oficial engenheiro, e a Sra. Forbes, de Florença, escreveram pedindo para fazer parte da Sociedade como membros titulares. Relatório e decisão adiados para o dia 30 de dezembro.

Designação de seis comissários que deverão revezar-se em serviço nas sessões gerais até 1^a de abril, sem que haja necessidade de designar um deles para cada sessão. Terão, além disso, a incumbência de assinalar as infrações que os ouvintes estranhos possam cometer contra o regulamento, por ignorarem as exigências da Sociedade, a fim de advertir os membros titulares que lhes houverem dado cartas de apresentação.

Por proposta do Sr. Allan Kardec, a Sociedade decide que, doravante, o Boletim da Sociedade será publicado em suplemento da Revista, para que o mesmo não prejudique as matérias habituais do jornal. Em consequência dessa adição, cada número será aumentado de cerca de quatro páginas, cujas despesas correrão por conta da Sociedade.

O Sr. Lesourd propõe que quando houver cinco sessões num mês, a quinta seja consagrada a uma sessão particular. (Adotado).

O mesmo membro também propõe que quando um novo membro for admitido, seja oficialmente apresentado aos outros membros da Sociedade, a fim de que não venha como um estranho. (Adotado).

O Sr. Thiry observa que Espíritos sofredores muitas vezes reclamam o socorro da prece, para lhes suavizar as penas; mas, como podem ser perdidos de vista, propõe que em cada sessão o Presidente lhes lembre os nomes. (Adotado).

Comunicações diversas:

1º Carta do Sr. Jobard, de Bruxelas, confirmando, com detalhes circunstanciados, o fato das manifestações de Java, relatadas pela Sra. Ida Pfeiffer e publicadas na Revista de dezembro. Ele as obteve do próprio general holandês, ao qual estava ligado e que era encarregado de vigiar a casa onde as coisas se passavam, sendo, conseqüentemente, testemunha ocular. (Publicada neste número).

2º Leitura de uma comunicação do Espírito de Castelnaudary, obtida pelo Sr. e pela Sra. Forbes, ouvintes da última sessão. São fornecidos detalhes circunstanciados e interessantes sobre esse Espírito, bem assim os acontecimentos que se passaram na casa em questão. Várias outras comunicações foram dadas sobre o mesmo assunto e serão reunidas às obtidas na Sociedade e publicadas quando a série estiver completa.

3º Leitura de uma notícia sobre a Sra. Xavier, médium vidente. Esta senhora não vê à vontade, mas os Espíritos se apresentam a ela espontaneamente. Apesar de não estar em sonambulismo nem em êxtase, em certos momentos fica num estado particular que reclama maior calma e muito recolhimento, de tal forma que, interrogada quanto ao que vê, aquele estado se dissipa imediatamente e ela não vê mais nada. Como conserva uma lembrança completa, mais tarde poderá dar-se conta do que viu. Foi assim, por exemplo, que, entre outras, viu a Irmã Martha, no dia em que foi evocada e a descreveu de maneira a não deixar nenhuma dúvida sobre a sua identidade. Na última sessão ela também viu o Espírito de Castelnaudary, vestindo uma camisa rasgada, um punhal na mão, as mãos ensangüentadas, a sacudir fortemente o braço do médium, durante suas tentativas para escrever, a cada vez que São Luís aparecia e lhe ordenava que escrevesse. Tinha uma espécie de sorriso embrutecido nos lábios. Depois, quando lhe falaram de prece, a princípio parece que não compreendeu; mas, logo depois da explicação dada por São Luís, precipitou-se de joelhos.

O rei de Kanala lhe apareceu com a cabeça de um branco; tinha os olhos azuis, bigodes e costeletas grisalhas, mãos de negro, braceletes de aço, um costume azul, o peito coberto por uma porção de objetos que ela não pôde distinguir bem. “Esta aparência – disse ele – deve-se ao fato de, entre a existência anterior, da qual falou, e a última, ter sido ele soldado na França, ao tempo de Luís XV. Era uma conseqüência de seu estado relativamente adiantado. Pediu para voltar entre seu povo, a fim de, como chefe, ali introduzir as idéias de progresso. A forma que tomou e a aparência meio selvagem, meio civilizada, são destinadas a vos mostrar, sob nova face, as que o Espírito pode dar ao perispírito, com um fim instrutivo e como indício dos diferentes estados pelos quais passou.”

A Sra. X... ainda viu os Espíritos evocados virem responder à evocação e às perguntas, que nada tinham de repreensível quanto ao seu objetivo e, à ordem de São Luís, retirarem-se para que os Espíritos presentes respondessem em seu lugar, já que as perguntas tomavam um caráter insidioso. “A maior boa-fé e a maior franqueza deviam ditar as perguntas; nenhuma intenção dissimulada – acrescenta o Espírito interrogado a respeito pelo marido daquela senhora – nos escapa; jamais procureis atingir o vosso objetivo por caminhos tortuosos, pois assim o perdereis infalivelmente.”

Ela via uma coroa fluídica cingir a cabeça do médium, como para indicar os momentos durante os quais era interdito aos Espíritos não chamados de se comunicarem, porque as respostas deveriam ser sinceras; mas desde que a coroa era retirada, via todos os Espíritos intrusos a disputar, de algum modo, o lugar que lhes deixavam.

Enfim, viu o Espírito Sr. conde de R... sob a forma de um coração luminoso invertido, unido a um cordão fluídico que vinha de fora. Primeiro, disse ele, era para nos ensinar que o

Espírito pode dar a seu perispírito a aparência que quiser e, depois, porque poderia ter havido o inconveniente, para a médium, de encontrar-se frente a frente com um Espírito encarnado, que tivesse visto como Espírito desprendido. Mais tarde esse inconveniente terá diminuído ou desaparecido.

Estudos:

1º Evocação de Charlet.

2º Três comunicações espontâneas são obtidas simultaneamente: A primeira, de Santo Agostinho, pelo Sr. Roze. Explica a missão do Cristo e confirma um ponto muito importante, explicado por Arago, sobre a formação do globo; a segunda, de Charlet, pelo Sr. Didier Filho (continuação do trabalho começado); e a terceira, de Joinville, que assina em velha ortografia: Amy de Loys, pela Srta. Huet.

Sexta-feira, 23 de dezembro de 1859 – Sessão geral³

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 16 de dezembro.

Pedidos de admissão – Cartas dos Srs. Demange e Soive, negociantes em Paris, apresentados como membros titulares. Relatório e decisão adiados para a sessão de 30 de dezembro.

Comunicações diversas:

1º Leitura de uma evocação particular, feita pela Sra. de B..., do Espírito que por ela se comunicou espontaneamente na Sociedade, sob o nome de Paul Miffet, no momento em que ia reencarnar-se. Essa evocação, que apresenta um interessante quadro da reencarnação e da situação física e moral do Espírito nos primeiros instantes de sua vida corporal, será publicada.

³ **N. do T.:** No original consta o ano de 1854. Torna-se evidente, porém, que é 1859.

2ª Carta do Sr. Paul Netz, sobre os fatos que determinaram a posse, pelos Cartuxos, das ruínas do castelo de Vauvert, situado no bairro do Observatório, em Paris, ao tempo de Luís IX. Diz-se que no castelo se passavam cenas diabólicas, que cessaram desde que os monges ali se instalaram. Interrogado sobre esses fatos, São Luís respondeu que deles tem perfeito conhecimento, mas que se tratava de charlatanice.

Estudos:

1. Perguntas e problemas morais diversos, dirigidos a São Luís sobre o estado dos Espíritos sofredores. (Serão publicados).

2. Evocação de John Brown.

Três comunicações espontâneas: a primeira, pelo Sr. Roze, assinada pelo Espírito de Verdade, contendo diversos conselhos à Sociedade; a segunda, de Charlet, pelo Sr. Didier Filho (continuação do trabalho começado); e a terceira, sobre os Espíritos que presidem às flores, pela Sra. de B...

Allan Kardec

Nota – A nova edição de *O Livro dos Espíritos* aparecerá em janeiro.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

FEVEREIRO DE 1860

Nº 2

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 30 de dezembro de 1859 – Sessão particular

Leitura da ata da sessão de 30 de dezembro.

A Sociedade decide que em cada sessão particular, em seguida à leitura da ata, seja lida a lista nominal dos ouvintes que assistiram à sessão geral precedente, com indicação dos membros que os apresentaram, e que um aviso seja feito para assinalar os inconvenientes causados pela presença de pessoas estranhas à Sociedade. Em consequência, foi lida uma lista dos ouvintes à última sessão.

São admitidos como membros titulares, conforme pedido escrito e após informação verbal:

1º – O Sr. Forbes, oficial de engenharia, apresentado a 16 de dezembro. – 2º A Sra. Forbes, nascida Condessa Passerini Corretesi, de Florença, apresentada a 23 de dezembro. – 3º O Sr. Soive, negociante de Paris, apresentado a 23 de dezembro. 4º – O Sr. Demange, negociante de Paris, apresentado a 23 de dezembro.

Leitura de três novas cartas de pedidos de admissão. Relatório e decisão adiados para o dia 6 de janeiro.

Comunicações diversas:

1º Carta do Sr. Brion Dorgeval, contendo a resposta dirigida ao Sr. Oscar Commetant, a respeito do artigo deste último, publicado no *Siècle*. (Vide o número de janeiro).

2º Carta do Sr. Jobard, de Bruxelas, com observações judiciosas sobre o estado moral dos Espíritos. Ele lamenta que os partidários do Espiritismo sejam freqüentemente designados por suas iniciais. Pensa que indicações mais explícitas contribuiriam para o progresso da ciência, convidando, em conseqüência, todos os adeptos a assinarem o nome, como ele mesmo o faz. (Vide o número de janeiro).

Esta última observação do Sr. Jobard é fortemente apoiada por grande número de membros que autorizam pôr seus nomes em todas as atas que lhes possam dizer respeito.

O Sr. Allan Kardec observa que o medo do *que dirão* diminui a cada dia, e que hoje há poucas pessoas que temem confessar suas opiniões acerca do Espiritismo. Os epítetos de mau gosto, dados a seus partidários, tornam-se ridículos lugares-comuns, dos quais se riem, quando se vê tanta gente da elite ligar-se à doutrina, porque é entrevisto o momento em que a força da opinião imporá silêncio aos sarcasmos. Mas uma coisa é ter coragem de externar a opinião numa conversa e outra é entregar o nome à publicidade. Entre as pessoas que mais energicamente sustentam a causa do Espiritismo, muitas há que não gostariam de ser postas em evidência, por estas e outras coisas. Estes escrúpulos, que absolutamente não implicam falta de coragem, devem ser respeitados. Quando fatos extraordinários se passam em qualquer parte, compreende-se que seria pouco agradável, para as pessoas

que lhes são objeto, serem transformadas em ponto de mira da curiosidade pública e molestadas pelos importunos. Sem dúvida, devemos ser gratos aos que se põem acima dos preconceitos, mas também não devemos censurar com tanta leviandade os que talvez tenham motivos muito legítimos para não se fazerem notados.

Estudos:

1º Perguntas dirigidas a São Luís sobre os Espíritos que presidem às flores, a propósito da comunicação obtida pela Sra. de B... Uma explicação muito interessante foi dada a esse respeito. (Será publicada).

2º Outras perguntas sobre o espírito dos animais.

3º Duas comunicações espontâneas são obtidas simultaneamente: a primeira, do Espírito de Verdade, pelo Sr. Roze, com alguns conselhos à Sociedade; a segunda, de Fénelon, pela Srta. Huet.

Sexta-feira, 6 de janeiro – Sessão particular

Leitura da ata da sessão de 30 de dezembro.

São admitidos como membros titulares, por pedido escrito, depois de relatório verbal: 1º O Sr. Ducastel, proprietário em Abbeville, apresentado a 30 de dezembro; 2º A Sra. Deslandes, de Paris, apresentada a 30 de dezembro; 3º A Sra. Rakowska, de Paris, apresentada a 30 de dezembro.

Leitura de uma carta de pedido de admissão.

Carta do Sr. Poinson, de Paris, felicitando a Sociedade pela passagem do Ano-Novo e fazendo votos pela propagação do Espiritismo.

Carta do Sr. Demange, recentemente recebida, agradecendo a sua admissão. Assegura à Sociedade sua cooperação ativa.

Exame de várias questões relativas aos negócios administrativos da Sociedade.

Comunicações diversas:

1º Notícia sobre D. Péra, prior de Armilly, falecido há 30 anos. Será feito um estudo a respeito.

2º Carta do Sr. Lussiez, de Troyes, contendo reflexões muito judiciosas relativas à influência moralizadora do Espiritismo sobre as classes operárias.

3º Carta da Sra. P..., de Rouen, anunciando ter recebido, como médium, notáveis comunicações, em tudo conforme à doutrina exposta em *O Livro dos Espíritos*. Além disso, a carta contém reflexões que denotam, da parte da autora, uma apreciação muito justa das idéias espíritas.

4º Carta relativa à Srta. Désirée Godu, médium curadora, de Hannebon. Sabe-se que, da parte da Srta. Godu, é uma obra de devotamento e de pura filantropia.

Estudos:

1º Perguntas diversas dirigidas a São Luís, como esclarecimento e desenvolvimento de várias comunicações anteriores.

2º A Srta. Dubois, médium, membro da Sociedade, tendo recebido uma comunicação de um Espírito que se diz Chateaubriand, deseja esclarecimentos a respeito. Outro Espírito se apresenta com seu nome, mas recusa identificar-se em nome de Deus. Confessa sua fraude, pede desculpas e dá curiosas indicações

sobre sua pessoa. A seguir, o verdadeiro Chateaubriand dá uma curta comunicação espontânea, prometendo, oportunamente, outra mais explícita.

Sexta-feira, 13 de janeiro de 1860 – Sessão geral

Leitura da ata de 6 de janeiro.

Leitura de três novos pedidos de admissão. Exame e relatório adiados para a sessão de 20 de janeiro.

Comunicações diversas:

1º Carta do Sr. Maurice, de Teil, Ardèche, relatando fatos extraordinários que ocorreram numa casa de Fons, perto de Aubenas e que, sob certos aspectos, lembra os que se passaram em Java.

2º Carta do Sr. Albert Ferdinand, de Béziers, contendo três fatos notáveis, que lhe são pessoais, provando a ação *física* que os Espíritos podem exercer sobre certos médiuns.

3º Carta do Sr. Crozet, do Havre, médium correspondente da Sociedade, dando conta de uma comunicação recebida conjuntamente com o Sr. Sprenger, da parte de um Espírito *brincalhão*. Trata-se do Espírito de um capitão da Marinha, morto em Marselha há seis meses, explicando com precisão e lucidez notáveis as cartadas do jogo de “bésigue” e a maneira pela qual faz os parceiros perder ou ganhar. (Será publicada).

4º *Um Espírito dançarino* – O Sr. e a Sra. Netz, membros da Sociedade, desde algum tempo recebem comunicações de um Espírito que se manifesta dançando constantemente, isto é, fazendo dançar uma mesa, que marca o ritmo perfeitamente reconhecido de uma polca, de uma mazurca, de uma quadrilha, de uma valsa em dois ou três tempos, etc. Jamais quis escrever e não

responde senão por batidas. Por esse meio chegou a dizer que era peruano, de raça indígena, morto há cinqüenta e seis anos, com 35 anos de idade; que em vida gostava muito de aguardente e que atualmente freqüenta os bailes públicos, onde sente muito prazer. Apresenta a particularidade de jamais chegar antes das dez horas da noite e em certos dias. Diz que vem para a Sra. Netz, mas só se comunica através do concurso do Sr. D..., médium de efeitos físicos, de sorte que necessita da presença de ambos. Assim, o Sr. D... jamais conseguiu que ele viesse à sua casa e a Sra. Netz não poderá recebê-lo se estiver sozinha.

5º Leitura de uma comunicação espontânea, enviada pelo Sr. Rabache, de Bordeaux, em continuação às que foram publicadas sob o título de *Conselhos de Família*.

6º A Sra. Forbes procede à leitura de três comunicações espontâneas, obtidas por seu marido, sobre o amor filial, o amor paterno e a paciência. Notáveis por sua elevada moralidade e simplicidade de linguagem, essas comunicações podem ser classificadas na categoria dos conselhos íntimos.

Estudos:

1º Evocação do Espírito de Castelnauary, já evocado a 9 de dezembro. (Vide a relação completa, sob o título de *História de um danado*).

2º Evocação do Espírito dançarino. Não quer escrever, mas bate o ritmo de várias danças com o lápis e agita o braço do médium cadencialmente. São Luís dá algumas explicações sobre o seu caráter e confirma as informações precedentes.

3º Perguntas sobre as manifestações de Fons, perto de Aubenas. É respondido que há algo de verdadeiro nesses fatos, mas que não devem ser aceitos sem controle e, sobretudo, que devemos nos manter em guarda contra o exagero.

4º Evocação de D. Péra, prior de Armilly. Fornece importantes detalhes sobre sua situação e seu caráter.

5º Duas comunicações espontâneas são obtidas: a primeira, pelo Sr. Roze, de um Espírito que se designa sob o nome de Estelle Riquier, e que havia levado uma vida desordenada e faltado a todos os seus deveres de esposa e de mãe; a segunda, pelo Sr. Forbes, contendo conselhos sobre a cólera.

Sexta-feira, 20 de janeiro de 1860 – Sessão particular

Leitura da ata de 13 de janeiro.

São admitidos como membros titulares, conforme pedido escrito, e após relatório verbal:

1º O Sr. M. Krafzoff, de São Petersburgo, apresentado a 13 de janeiro; 2º O Sr. Julien, de Belfort (Haut-Rhin), apresentado a 13 de janeiro; 3º O Sr. conde Alexandre Stenbock Fermor, de São Petersburgo, apresentado a 6 de janeiro.

Comunicações diversas:

1º Leitura de uma comunicação espontânea, recebida pelo Sr. Pécheur, membro da Sociedade.

2º Novos detalhes sobre o Espírito dançarino. A Sra. Netz, que é médium escrevente, havendo interrogado outro Espírito a esse respeito, obteve várias informações por sua conta, entre outras a de que era bastante rico quando vivo; de que morreu em um acidente de caça, num momento em que se achava completamente só. Tendo mais tarde interrogado o próprio dançarino sobre esses fatos, com o auxílio de seu médium, por meio de batidas, obteve respostas idênticas. Ora, a Sra. Netz não havia comunicado ao médium as primeiras respostas escritas. Por outro lado, já não era ela que servia de médium e, além disso, tinha

formulado perguntas insidiosas que podiam levar a respostas contrárias. Havia, pois, de uma e de outra parte, independência de pensamento e a correlação das respostas é um fato característico.

Outro fato igualmente curioso é que seu médium predileto para a dança, um dia, ao sair de casa, foi tomado de movimentos involuntários que o faziam andar em cadência pela rua. Por sua vontade e se endireitando, podia parar esse movimento; mas desde que se abandonava a si mesmo, suas pernas retomavam o modo de andar do dançarino. Nada havia de ostensivo para despertar a atenção dos transeuntes. Mas, por isso mesmo, compreende-se que Espíritos de outra ordem e mais mal-intencionados que o dançarino que, afinal de contas, não quer senão se divertir, possam provocar sobre certas organizações movimentos mais violentos e da natureza dos que se vêem entre os convulsionários em crise.

3º Relato de um fato de comunicação espontânea do Espírito de uma pessoa viva, feito pelo Sr. de G..., médium escrevente, e que lhe é pessoal. Este Espírito entrou em detalhes circunstanciados completamente ignorados do médium, cuja exatidão foi verificada. O Sr. de G... não conhece essa pessoa senão de vista, uma única vez, numa visita, não mais o tendo encontrado depois. Sabia apenas seu nome de família. Ora, o Espírito assinou ao mesmo tempo o seu nome de batismo, que era exatamente o seu. Essa circunstância, aliada a outras indicações de tempo e lugar, fornecidas pelo Espírito, é uma prova evidente de identidade.

O Sr. conde de R... observa a respeito que esses tipos de comunicações por vezes podem ser indiscretos e pergunta se a pessoa em questão teria ficado satisfeita se tomasse conhecimento da conversa.

A isto foi respondido que: 1º – se a pessoa se comunicou é porque o quis, como Espírito, desde que veio por

vontade própria, considerando-se que o Sr. G..., não pensando nela, não a tinha chamado; 2^o – desprendido do corpo, o Espírito sempre tem o livre-arbítrio, não dizendo senão o que quer; 3^o – nesse estado, o Espírito é mesmo mais prudente do que em estado normal, porque melhor aprecia o alcance das coisas. Se esse Espírito tivesse visto um inconveniente qualquer em suas palavras, não as teria dito.

4^o Leitura de uma comunicação de Lyon, dirigida à Sociedade, na qual, entre outras coisas, é dito:

“Que a reforma da Humanidade se prepara pela encarnação na Terra de Espíritos melhores, que constituirão uma nova geração, dominada pelo amor do bem; que os homens votados ao mal e que fecham os olhos à luz reencarnarão numa nova falange de Espíritos simples e ignorantes, enviados por Deus para trabalhar na formação de um globo inferior à Terra. Só poderão encontrar-se com seus irmãos terrenos depois que houverem, através de rudes trabalhos, alcançado o nível onde estes últimos vão entrar, após esta geração, pois não será permitido aos Espíritos maus assistir ao começo desta brilhante transformação.”

O Sr. Theubet observa que esta comunicação parece consagrar o princípio de uma marcha retrógrada, contrariando tudo quanto nos foi ensinado.

Trava-se uma longa e profunda discussão a respeito, que assim se resume: O Espírito pode decair como posição, mas não em relação às aptidões adquiridas. Por princípio da não retrogradação deve entender-se o progresso intelectual e moral, isto é, o Espírito não pode perder o que adquiriu em inteligência e moralidade e não volta ao estado de infância espiritual. Em outras palavras, não se torna mais ignorante nem pior do que era, o que não o impede de reencarnar-se numa posição inferior mais penosa e entre outros Espíritos mais ignorantes do que ele, se o mereceu.

Um Espírito muito atrasado que reencarnasse num povo civilizado, aí estaria deslocado e não poderia sustentar a sua posição; voltando aos selvagens em nova existência, apenas retomará o lugar que havia deixado cedo demais; mas as idéias que houver adquirido durante sua estada entre os homens mais esclarecidos não serão perdidas. Deve se dar o mesmo com os homens que irão concorrer para a formação de um mundo novo. Encontrando-se deslocados na Terra melhorada, irão para um mundo em consonância com seu estado moral.

Estudos:

1º Evocação do negro do navio *Constant*, já evocado a 30 de setembro de 1859. Ele dá novas explicações sobre as circunstâncias que acompanharam a sua morte.

Três comunicações espontâneas: a primeira, de Chateaubriand, pelo Sr. Roze; a segunda, de Platão, pelo Sr. Colin; a terceira, de Charlet, pelo Sr. Didier Filho, em continuação ao trabalho por ele começado sobre a natureza dos animais.

Os Espíritos Glóbulos⁴

A vontade de ver os Espíritos é coisa muito natural e conhecemos poucas pessoas que não desejassem fruir dessa faculdade. Infelizmente é uma das mais raras, sobretudo quando permanente. As aparições espontâneas são bastante freqüentes, mas acidentais, e quase sempre motivadas por uma circunstância toda individual, baseada nas relações que podem ter existido entre o vidente e o Espírito que lhe aparece. Uma coisa é ver fortuitamente um Espírito; outra é vê-lo habitualmente e nas condições normais ordinárias. Ora, é aí que está o que constitui, a bem dizer, a faculdade dos médiuns videntes. Ela resulta de uma

4 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns* – Segunda Parte – Capítulo VI – item 108.

aptidão especial, cuja causa ainda é desconhecida e que pode desenvolver-se, mas que em vão seria provocada se não existisse a predisposição natural. É necessário, pois, que nos acautelemos contra as ilusões que podem nascer do desejo de possuí-la, e que deram lugar a estranhos sistemas. Tanto combatemos as teorias temerárias pelas quais são atacadas as manifestações, sobretudo quando essas teorias denotam a ignorância dos fatos, quanto devemos procurar, no interesse da verdade, destruir idéias que provam mais entusiasmo que reflexão e que, por isso mesmo, fazem mais mal do que bem, levando ao ridículo.

A teoria das visões e das aparições é hoje perfeitamente conhecida. Desenvolvemo-la em vários artigos, especialmente nos números de dezembro de 1858, fevereiro e agosto de 1859, e no nosso *O Livro dos Médiuns*, ou *Espiritismo Experimental*⁵. Portanto, não a repetiremos aqui; lembraremos apenas alguns pontos essenciais, antes de chegar ao exame do sistema dos glóbulos.

Os Espíritos podem ser vistos sob diferentes aspectos; o mais freqüente é a forma humana. Sua aparição geralmente ocorre sob uma forma vaporosa e diáfana, às vezes vaga e imprecisa. A princípio quase sempre é uma claridade esbranquiçada, cujos contornos pouco a pouco se vão delineando. De outras vezes as linhas são mais acentuadas e os menores traços da fisionomia são desenhados com tal precisão que permite dar-lhes descrição mais exata. Nesses momentos, certamente um pintor poderia fazer o seu retrato com tanta facilidade quanto faria o de uma pessoa viva. As maneiras e o aspecto são os mesmos que tinha o Espírito quando encarnado. Podendo dar todas as aparências ao seu perispírito, que constitui seu corpo etéreo, ele se apresenta sob a que melhor o faça reconhecível. Assim, embora como Espírito não mais tenha nenhuma das enfermidades corpóreas que pudesse ter experimentado como homem, mostrar-se-á estropiado, coxo ou corcunda, se o julga conveniente para atestar a sua identidade.

5 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns*, Segunda Parte, capítulo VI: *Manifestações visuais*.

Quanto às vestes, compõem-se geralmente de um amontoado de pano, terminando em longa túnica flutuante; é, pelo menos, a aparência dos Espíritos superiores, que nada conservaram das coisas terrestres. Os Espíritos vulgares, porém, os que aqui conhecemos, quase sempre aparecem com os trajos que usavam no último período de sua vida.

Freqüentemente, os Espíritos mostram atributos característicos da posição que ocuparam. Os superiores têm sempre uma figura bela, nobre e serena; os inferiores, ao contrário, têm uma fisionomia vulgar, espelho onde se refletem as paixões mais ou menos ignóbeis que os agitavam. Algumas vezes ainda revelam os vestígios dos crimes que praticaram, ou dos suplícios que padeceram.

Coisa interessante é que, salvo em circunstâncias especiais, as partes menos acentuadas são os membros inferiores, enquanto a cabeça, o tronco e os braços são sempre claramente desenhados.

Dissemos que as aparições têm algo de vaporoso, malgrado sua nitidez. Em certos casos, poderíamos compará-las à imagem que se reflete num espelho sem estanho, o que não impede se vejam os objetos que lhe estão por detrás. Geralmente, é assim que os médiuns videntes as percebem. Eles as vêem ir e vir, entrar, sair, andar por entre os vivos com ares – pelo menos se se trata de Espíritos comuns – de participarem ativamente de tudo quanto se passa em derredor deles, de se interessarem segundo o assunto, de ouvirem o que dizem os humanos. Com freqüência são vistos a se aproximar das pessoas, a lhes insuflar idéias, a influenciá-las, a consolá-las, a se mostrar tristes ou contentes conforme o resultado que obtenham. Numa palavra: constituem como que a réplica ou o reflexo do mundo corpóreo, com suas paixões, vícios ou virtudes, mais virtudes do que a nossa natureza material dificilmente nos permite compreender. Tal é esse mundo oculto que povoa os

espaços, que nos cerca, dentro do qual vivemos sem o perceber, como vivemos em meio às miríades de seres do mundo microscópico.

Mas pode acontecer que o Espírito revista uma forma ainda mais precisa e tome todas as aparências de um corpo sólido, a ponto de causar completa ilusão e dar a crer, aos que observam a aparição, que têm diante de si um ser corpóreo. Enfim, a tangibilidade pode tornar-se real, isto é, possível se torna ao observador tocar, apalpar o corpo, sentir a mesma resistência, o mesmo calor que num corpo vivo, apesar de poder se desvanecer com a rapidez do relâmpago. Embora a aparição desses seres, designados pelo nome de *agêneres*, seja muito rara, é sempre acidental e de curta duração e, sob essa forma, não poderiam tornar-se os comensais habituais de uma casa.

Sabe-se que, entre as faculdades excepcionais de que o Sr. Home deu provas irrecusáveis, deve-se colocar a de fazer aparecerem mãos tangíveis, que podem ser apalçadas e que, por seu lado, podem pegar, apertar e deixar marcas na pele. As aparições tangíveis, dizemos, são bastante raras, mas as que ocorreram nestes últimos tempos confirmam e explicam as que a História registra, a respeito de pessoas que se mostraram depois de mortas com todas as aparências da natureza corporal. Aliás, por mais extraordinários que sejam, tais fenômenos perdem inteiramente todo o caráter de maravilhoso, quando conhecida a maneira por que se produzem e quando se compreende que, longe de constituírem uma derrogação das leis da Natureza, são apenas efeito de uma aplicação dessas leis.

Quando os Espíritos revestem a forma humana, não poderemos nos enganar. Já o mesmo não acontece quando tomam outras aparências. Não falaremos de certas imagens terrestres refletidas pela atmosfera, que alimentaram a superstição das pessoas ignorantes, mas de alguns outros efeitos sobre os quais até homens esclarecidos puderam enganar-se. É aí, sobretudo, que nos

devemos pôr em guarda contra a ilusão, para não nos expormos a tomar por Espíritos fenômenos puramente físicos.

Nem sempre o ar é perfeitamente límpido; há circunstâncias em que a agitação e as correntes de moléculas aeriformes, produzidas pelo calor, são perfeitamente visíveis. A aglomeração dessas partículas forma pequenas massas transparentes que parecem nadar no espaço e que deram lugar ao singular sistema dos Espíritos sob a forma de glóbulos. A causa dessa aparência está no próprio ar, mas também pode estar no olho. O humor aquoso oferece pontos imperceptíveis, que hão perdido alguma coisa da sua natural transparência. Esses pontos são como corpos semi-opacos em suspensão no líquido, cujos movimentos e ondulações eles acompanham. Produzem no ar ambiente e a distância, por efeito do aumento e da refração, a aparência de pequenos discos, por vezes irisados, variando de 1 a 10 milímetros de diâmetro. Vimos certas pessoas tomarem esses discos por Espíritos familiares, que as seguiam e acompanhavam a toda parte e, em seu entusiasmo, verem figuras nos matizes da irisação. Uma simples observação, fornecida por essas pessoas, reconduzi-las-ão ao terreno da realidade.

Os aludidos discos, ou medalhões, dizem elas, não só as acompanham, como lhes seguem todos os movimentos, vão para a direita, para a esquerda, para cima, para baixo, ou param, conforme o movimento que elas fazem com a cabeça. Esta coincidência, por si só, prova que a sede da aparência está em nós, e não fora de nós, e o que o demonstra, além disso, é que, em seus movimentos ondulatórios, jamais esses discos se afastam de um certo ângulo; como, porém, não seguem bruscamente o movimento da linha visual, parecem ter certa independência. A causa desse efeito é bem simples. Os pontos opacos ou semi-opacos do humor aquoso, causa primeira do fenômeno, são, já dissemos, mantidos em suspensão, mas tendendo sempre a descer. Quando sobem, é que foram solicitados pelo movimento dos olhos, de baixo para cima;

chegados a certa altura, se o olho se torna fixo, nota-se que os discos descem lentamente, depois param. Sua mobilidade é extrema, porquanto basta um movimento imperceptível do olho para fazê-los percorrer no raio visual toda a amplitude do ângulo em sua abertura no espaço, onde se projeta a imagem.

O mesmo diremos das centelhas que se produzem algumas vezes em feixes mais ou menos compactos, pela contração do músculo do olho, e são devidas, provavelmente, à fosforescência ou à eletricidade natural da íris, porque geralmente adstritas à circunferência do disco desse órgão.

Tais ilusões não podem provir senão de uma observação incompleta. Quem quer que tenha estudado a natureza dos Espíritos, por todos os meios que a ciência prática faculta, compreenderá tudo o que elas têm de pueril. Se esses glóbulos aéreos fossem Espíritos, teríamos de convir que estariam reduzidos a um papel puramente mecânico para seres inteligentes e livres, papel sofrivelmente fastidioso para os Espíritos inferiores e, com mais forte razão, incompatível com a idéia que fazemos dos Espíritos superiores.

Os únicos sinais que, realmente, podem atestar a presença dos Espíritos são os sinais inteligentes. Enquanto não ficar provado que as imagens de que acabamos de falar, ainda que assumindo a forma humana, têm movimento próprio, espontâneo, com evidente caráter intencional e acusando uma vontade livre, nisso não veremos senão fenômenos fisiológicos ou ópticos. A mesma observação se aplica a todos os gêneros de manifestações, sobretudo aos ruídos, às pancadas, aos movimentos insólitos dos corpos inertes, que milhares de causas físicas podem produzir. Repetimos: enquanto um efeito não for inteligente por si mesmo, e independente da inteligência dos homens, é preciso olhá-lo duas vezes antes de o atribuir aos Espíritos.

Médiuns Especiais

A experiência prova diariamente quanto são numerosas as variedades da faculdade mediúnica, mas também nos prova que os diversos matizes dessa faculdade são devidos a aptidões especiais ainda não definidas, abstração feita das qualidades e dos conhecimentos do Espírito que se manifesta.

A natureza das comunicações é sempre relativa à natureza do Espírito e traz o cunho de sua elevação ou de sua inferioridade, de seu saber ou de sua ignorância. Mas, considerando-se o mesmo mérito, do ponto de vista hierárquico, nele há, incontestavelmente, uma propensão para ocupar-se de uma coisa, em vez de outra. Os Espíritos batedores, por exemplo, quase não saem das manifestações físicas. Entre os que dão manifestações inteligentes, há Espíritos poetas, músicos, desenhistas, moralistas, sábios, médicos, etc. Falamos de Espíritos de uma ordem média, porquanto, chegados a um certo grau, as aptidões se confundem na unidade da perfeição. Mas, ao lado da aptidão do Espírito, há também a do médium que, para o primeiro, é um instrumento mais ou menos cômodo, mais ou menos flexível, e no qual descobre qualidades particulares que não podemos apreciar.

Façamos uma comparação: Um músico muito hábil tem em mãos vários violinos; para o vulgo, são todos bons, mas entre os quais o artista consumado faz uma grande diferença. Capta matizes de extrema delicadeza, que o levam a escolher uns e rejeitar outros, matizes que compreende por intuição, mas que é incapaz de definir. O mesmo se dá em relação aos médiuns: para idênticas qualidades na força mediúnica, o Espírito dará preferência a este ou àquele, conforme o gênero de comunicação que queira dar. Assim, por exemplo, vemos pessoas que escrevem, como médiuns, poesias admiráveis, embora em condições ordinárias jamais tenham conseguido fazer um verso; outros, ao contrário, são poetas, mas,

como médiuns, só escrevem prosa, apesar de seu desejo. O mesmo se dá com o desenho, a música, etc. Também há os que, sem conhecimentos científicos próprios, têm uma aptidão toda particular para receber comunicações científicas; outros, para estudos históricos; outros servem mais facilmente de intérpretes aos Espíritos moralistas. Numa palavra, seja qual for a flexibilidade do médium, as comunicações que recebe com mais facilidade têm geralmente um sinete especial. Alguns, até, não saem de um certo círculo de idéias e, quando dele se afastam, só obtêm comunicações incompletas, lacônicas e freqüentemente falsas. Excetuando-se as causas de aptidão, os Espíritos ainda se comunicam, com maior ou menor boa vontade, por tal ou qual intermediário, conforme as suas simpatias. Assim, considerando-se a mesma igualdade de aptidões, o mesmo Espírito será muito mais explícito através de certos médiuns, pelo simples fato de que esses lhes convêm melhor.

Portanto, incorreríamos em erro se, pelo simples fato de termos um bom médium à mão, que escrevesse com facilidade, pudéssemos, por seu intermédio, obter boas comunicações de todos os gêneros. A primeira condição para obter-se boas comunicações é, sem contradita, assegurar-se da fonte de onde emanam, isto é, das qualidades do Espírito que as transmite; mas não é menos importante levar em conta as qualidades do instrumento oferecido ao Espírito. É necessário, pois, estudar a natureza do médium, como se estuda a do Espírito, pois aí estão os dois elementos essenciais para se obter resultados satisfatórios. Há um terceiro que desempenha um papel igualmente importante: a intenção, o pensamento íntimo, o sentimento mais ou menos louvável de quem interroga; e isto se concebe. Para que uma comunicação seja boa, é preciso que emane de um Espírito bom; para que esse Espírito bom *possa* transmiti-la, é necessário um bom instrumento; para que a *queira* transmitir, é preciso que o objetivo lhe convenha. Lendo o pensamento, o Espírito julga se a pergunta que lhe é feita merece uma resposta séria e se a pessoa que a dirige

é digna de recebê-la. Caso contrário, não perde o tempo em semear bons grãos em terra imprópria; e é então que os Espíritos levianos e zombadores aproveitam o campo, deixado livre, porquanto, pouco se importando com a verdade, não hesitam em fazê-lo, e geralmente são muito pouco escrupulosos quanto aos fins e aos meios.

De acordo com o que acabamos de dizer, compreende-se que deve haver Espíritos, por gosto ou pela razão, mais especialmente ocupados com o alívio da humanidade sofredora; que, paralelamente, deve haver médiuns mais aptos que outros a lhes servirem de intermediários. Ora, como esses Espíritos agem exclusivamente com vistas ao bem, devem procurar em seus intérpretes, além da aptidão que poderia ser chamada fisiológica, certas qualidades morais, entre as quais figuram, em primeira linha, o *devotamento* e o *desinteresse*. A cupidez sempre foi, e será sempre, um motivo de repulsa para os Espíritos bons e uma causa de atração para os outros. É admissível possa o bom-senso aceitar que os Espíritos superiores se prestem a todas as combinações de interesse material e que estejam às ordens do primeiro que aparecer, pretendendo explorá-los? Os Espíritos, *sejam quais forem*, não querem ser explorados; e, se alguns parecem estar de acordo, se mesmo se adiantam a certos desejos demasiado mundanos, quase sempre têm em vista uma mistificação, de que se riem depois, como de uma boa peça pregada a gente muito crédula. Ademais, talvez não seja inútil que alguns queimem os dedos, a fim de aprenderem que não se deve brincar com coisas sérias.

Seria o caso de falarmos aqui de um desses médiuns *privilegiados*, que os Espíritos curadores parece haverem tomado sob seu patrocínio direto. A Srta. *Désirée Godu*, que reside em Hennebon (Morbihan), goza, a este respeito, de uma faculdade verdadeiramente excepcional, que utiliza com a mais piedosa abnegação. Sobre isto já dissemos algumas palavras num relatório

das sessões da Sociedade, mas a importância do assunto merece um artigo especial, que teremos a satisfação de lhe consagrar em nosso próximo número. À parte o interesse que se liga ao estudo de toda faculdade rara, sempre consideramos como um dever dar a conhecer o bem e fazer justiça a quem o pratica.

Bibliografia

Condessa Mathilde de Canossa

Tal é o título de um romance legendário, publicado em 1858, em Roma, pelo R. P. *Bresciani*, da Companhia de Jesus⁶ autor do *Judeu de Verona*. O assunto da obra é a História, no gênero de Walter Scott, da antiga família de Canossa. Foi por isso que o autor a dedicou ao atual descendente dessa ilustre família, o Marquês Otávio de Canossa, podestade de Verona e camareiro de S. M. o Imperador da Áustria. A ação se passa na Idade Média; os feiticeiros e os magos nela representam um grande papel, e as cenas demoníacas são descritas com uma precisão que faria inveja ao romancista escocês. O autor nos parece menos feliz em sua apreciação dos fenômenos espíritas modernos, das mesas falantes, do magnetismo, do sonambulismo. Ora, eis o que a respeito lemos no capítulo X, página 170:

“Vários de meus leitores – e talvez não sejam em menor número – poderiam admirar-se de ver expostos, nos capítulos precedentes, todo esse aparato de diabruras, de exorcismos, de sortilégios, de alucinações, de irrupções fantásticas, que não ficaria mal nas histórias de serão e nos contos das amas-de-leite. Em nossos dias, quem acredita ainda em necromantes, em feiticeiros, em encantamentos, em fascínio, em filtros, no comércio com o diabo? Desejaríeis reconduzir-nos aos contos azuis de Martin del

⁶ Um vol. in-8, traduzido do italiano. J.-B. Pélagaud et Cie, rue des Saints-Pères, 57, Paris. Preço 3 fr. 50.

Rio⁷, às ingênuas superstições do povo e das comadres de esquina, por lendas que eriçam a pele das camponesas bochechudas, que têm medo de lobisomem e impedem de dormir os garotos medrosos, em nome do bicho-papão? Realmente, amigo, este é o momento azado para nos livrarmos dessas frivolidades! – Tal é, mais ou menos, a linguagem que creio ouvir.

“Responderei que, antes de desdenhar as antigas crenças, é preciso que cada um ponha a mão na consciência e se pergunte, com muita franqueza, se ao menos não é tão crédulo quanto algum dos seus antepassados. Vejamos um pouco: Que significa essa voga de magnetizadores e de médiuns, de mesas girantes, falantes e proféticas; de sonâmbulos que vêm através de paredes, que lêem pelo cotovelo, que têm à sua frente aquilo que se diz e se faz a vinte, trinta, quarenta milhas de distância; que lêem e escrevem sem conhecer o á-bê-cê; que, sem saberem uma palavra de Medicina, assinalam, determinam todos os casos patológicos, indicando-lhes as causas e prescrevendo-lhes o remédio nas doses habituais, em todos os termos greco-árabes do vocabulário científico? Que são esses interrogatórios de Espíritos, essas respostas de pessoas mortas e enterradas, essas profecias de acontecimentos futuros? Quem evoca essas sombras? Quem as leva a falar? Quem as faz ver um futuro que não existe? Quem as faz proferir essas blasfêmias contra Deus, contra os santos do céu, contra os sacramentos da Igreja?

“Vejamos, brava gente, falai! Por que essas contorções e esses olhares sombrios? – Ah! quem sabe acabareis me dizendo! Mistérios da Natureza, leis desconhecidas, força da lucidez, sentido oculto no organismo humano! Sutileza do fluido magnético, do influxo nervoso, das ondulações ópticas e acústicas; virtudes secretas que a eletricidade ou o magnetismo excitam no cérebro, no sangue, nas fibras, em todas as partes vitais; potências e forças supremas da vontade e da imaginação.

7 Del Rio, sábio jesuíta, nascido em Antuérpia em 1551 e morto em 1608. O autor faz alusão à sua obra intitulada: *Disquisitiones Magicoe*.

“Meus amigos, isto são ninharias, palavras vazias de sentido, frases ocas, desvios ambíguos, enigmas que nem compreendeis. Toda a diferença que há entre nós e nossos antepassados é que, para negar um mistério, forjamos cem outros, ao passo que para aquela boa gente um gato era um gato e o diabo, o diabo. Temos a pretensão de dotar a Natureza de forças que ela não tem, nem pode ter; nossos velhos, mais sábios e mais francos diziam, sem muitos rodeios, que havia operações sobrenaturais, tratando-as, muito ingenuamente, de feitiçaria.

“Entretanto, menos versados do que nós no conhecimento dos fenômenos naturais, sem dúvida chegaram algumas vezes a tomar por um efeito prodigioso coisas que não saem da ordem natural, ao passo que os modernos, muito mais esclarecidos, não deixam de olhar bom número de charlatanices dos magnetizadores como efeito misterioso das leis secretas da Natureza, e as operações realmente diabólicas como passes de magia mais ou menos sutis. Mas os homens mais cristãos do velho tempo bem sabiam que os Espíritos maus, evocados por meio de certos sinais, de certas conjurações, de certos pactos, apareciam, respondiam, alucinavam a imaginação, impressionando de mil maneiras e, sobretudo, fazendo o maior mal que podiam aos que com eles conversavam. Confessai, pois, de boa-fé que, mesmo em nossos dias, em maior número que antigamente, temos os nossos necromantes, encantadores e feiticeiros, com a diferença de que os nossos pobres pais tinham horror a esses malefícios, por eles praticados em segredo, nas trevas, nas cavernas, nas florestas, e que muitos se arrependiam, confessavam-se e faziam penitência; hoje, porém, são exercidos nos salões resplandecentes de ouro e luz, na presença de curiosos, de moças, crianças e mães, sem o menor escrúpulo e muitas vezes se deleitando com as superstições da Idade Média.

“Crede-me: em todas as épocas os homens quiseram manter negócios com o demônio, e esse espírito astucioso, embora

os homens não o devolvam aos abismos e com ele mantenham comércio, presta-se a todas as transformações. Nos séculos idólatras ele vivia com os oráculos e as pitonisas; mostrava-se sob a forma de pomba, de pega, de galo, de serpente e cantava versos fatídicos. Na Idade Média apresentava-se pedante aos povos bárbaros e lhes aparecia sob formas terríveis, em monstruosas conjurações. Se, por vezes, ele se encolhia e se utilizava a ponto de se alojar nos cabelos, em garrafinhas, em filtros, que os feiticeiros faziam os amantes beberem, não era sem inspirar grande terror. Hoje, ao contrário, ele se presta à civilização do século; alegre-se no mundo elegante, nos saraus brilhantes; alternadamente, dormindo com os sonâmbulos, dançando com as mesas, escrevendo com as *cestas*⁸. Na verdade não é muito gentil? Tem cuidado de não amedrontar ninguém! Veste-se à americana, à inglesa, à parisiense, à alemã. É realmente amável, sob a barba e o bigode fino dos italianos. É a coqueluche dos salões e seria muito desajeitado se não se revestisse de uma distinção irreprochável. Vede, tornou-se tão bom apóstolo que conversa de modo muito cortês com aquela senhora que ainda vai à missa e que, se lhe disserdes: – Cuidado! Há coisas que não são naturais e não o poderiam ser; há nisso algo de nebuloso; os bons cristãos não tratam destas coisas – vos riria na cara e responderia com um arzinho biruta: – Que diacho! tudo isto é muito natural; também sou cristã; mas não sou imbecil.

“Enquanto isso, caso se apresente uma ocasião, ela magnetizará sua filha de vinte anos, a fim de fazer com que leia, na sua intuição magnética, fatos distantes e segredos do futuro.

“Deixo-vos a pensar se esse belo diabo de luvas amarelas deve rir no rosto da boa cristã!”

Deixamos aos nossos leitores o cuidado de apreciar o julgamento do P. Bresciani: em vão aí procurarão, como nós,

8 **N. do T.:** Grifos nossos. No original, guéridons, mesinhas de centro, mesas de pé-de-galo. Preferimos traduzir por *cestas*, numa alusão às *cestas de bico* utilizadas na psicografia rudimentar do Espiritismo nascente, e que melhor se aplica ao presente caso.

argumentos peremptórios contra as idéias espíritas, uma demonstração qualquer da falsidade dessas idéias. Sem dúvida pensa ele que não vale a pena fazer-lhes uma refutação séria e que basta um sopro para dissipá-las. Todavia, parece-nos que, a exemplo da maioria dos adversários, chega ele a uma consequência inteiramente diferente à esperada, desde que não prova, por A mais B, que isto não é, nem *pode* ser. Como o P. Bresciani é um homem de talento incontestável e de instrução superior, pensamos que, desde que seu objetivo era combater os Espíritos, teve de reunir contra estes as suas armas mais terríveis; donde concluímos que, se não diz muito, é que nada mais tem a dizer; que se não dá outras provas é porque não as tem melhores para opor, sem o que não teria tido o cuidado de deixá-las no fundo do saco. Os mais ridicularizados, em toda essa argumentação, não são os Espíritos, mas o próprio diabo, que é tratado um pouco cavalheirescamente, e não como algo levado a sério. Seríamos induzidos a pensar, diante desse espírito chistoso, que o autor não acredita mais no diabo que nos Espíritos. Se, portanto, como se pretende, o diabo é o agente único de todas as manifestações, forçoso é convir que representa um papel mais divertido que terrível e muito mais capaz de excitar a curiosidade do que amedrontar. Tal é, aliás, até o presente, o resultado de tudo quanto se tem dito e escrito contra o Espiritismo, de modo que mais o têm servido que prejudicado.

Segundo a maioria dos críticos, o fato das manifestações não tem alcance. É um entusiasmo passageiro, um brinquedo de salão e o autor não nos parece tê-lo encarado por um lado mais sério. Se assim é, por que se atormentar? Deixai à moda o cuidado de trazer amanhã outro passatempo, e o Espiritismo viverá o que viveu a mania dos vasos chineses: o espaço de duas estações. Atirando-lhe pedras, dão a impressão de o temer, porquanto não se procura abater senão o que se teme. Se é uma quimera, uma utopia, por que se bater contra moinhos de vento? É verdade, dizem, que o diabo algumas vezes nele se intromete, mas não haveria necessidade de tantos autores, como este, de pintar o

diabo com cores róseas, para despertar em todas as mulheres a vontade de o conhecer.

Terá o P. Bresciani examinado bem a questão? Terá pesado o alcance de todas as suas palavras? Que nos permita a dúvida. Quando ele diz: *Que são essas respostas de pessoas mortas e enterradas? Quem lhes faz ver um futuro que não existe?*, nós nos perguntamos se foi um cristão ou um materialista que escreveu semelhantes coisas, embora o materialista falasse dos mortos com mais respeito. – *Quem os faz proferir essas blasfêmias contra Deus?* Mas onde estão essas blasfêmias? O autor, que atribui tudo ao diabo, as supôs; saberia, ao contrário, que a confiança mais ilimitada na bondade infinita de Deus é a base do Espiritismo; que tudo nele se faz em nome de Deus; que os Espíritos mais perversos não falam dele senão com temor e respeito, e os bons com amor. Que há nisso de blasfematório? – Mas o que pensar dessas palavras: *Temos a pretensão de dotar a Natureza de forças que ela não tem, nem pode ter; nossos velhos, mais sábios, as tratavam, muito ingenuamente, de feitiçaria.* Assim, é mais sábio atribuir os fenômenos da Natureza ao diabo do que a Deus. Enquanto proclamamos o poder infinito do Criador, o P. Bresciani lhe impõe limites; a Natureza, que resume a obra divina, não tem, e não *pode* ter, outras forças além das que conhecemos. Quanto às que poderiam ser descobertas, é *mais sábio* atribuí-las ao diabo que, assim, seria mais poderoso do que Deus. Há necessidade de indagar de que lado está a blasfêmia ou o maior respeito ao Ser Supremo? – Enfim, o diabo toma todas as aparências: *Na verdade, não é muito gentil? Veste-se à americana, à inglesa, à parisiense; é realmente amável, sob a barba e o bigode fino dos italianos e seria muito desajeitado se não se revestisse de uma distinção irreprochável.* Não sabemos se os senhores italianos sentir-se-ão envaidecidos por serem tomados como diabos de luvas amarelas. Quem são essas belas senhoras, que fazem *coqueluche* desses gentis demônios e que, ante o caridoso aviso de que há nisso algo de nebuloso, vos riem no rosto, exclamando: *Que diacho! Não sou uma imbecil!* Se é uma figura tomada pela realidade, perguntaremos em que mundo elas se servem de tão belas expressões. Lamentamos

que o autor não tenha haurido seus conhecimentos de Espiritismo numa fonte mais séria, com o que não falaria tão levemente. Enquanto não lhe opuserem argumentos mais peremptórios, seus partidários poderão dormir bem tranqüilos.

História de um Danado⁹

(Sociedade, 9 de dezembro de 1859 – Primeira sessão)

O Sr. de la Roche, membro titular, comunica o seguinte fato, que é de seu conhecimento pessoal:

Numa pequena casa perto de Castelnaudary ocorriam barulhos estranhos e manifestações diversas que levavam a considerá-la como assombrada por algum mau gênio. Por conta disso, foi exorcizada em 1848 e nela colocaram grande número de imagens de santos. Então, querendo habitá-la, o Sr. D... mandou fazer reparos e retirar as gravuras. Depois de alguns anos, ali morreu subitamente. Seu filho, que a ocupa atualmente, ou pelo menos a ocupava até há pouco, certo dia recebeu, ao entrar num aposento, forte bofetada de mão invisível. Como estivesse completamente só, não duvidou que ela proviesse de uma fonte oculta. Agora não quer mais ficar lá e vai deixá-la definitivamente. Há, na região, a tradição segundo a qual um grande crime teria sido cometido naquela casa.

Interrogado sobre a possibilidade de evocar o esbofeteador, São Luís respondeu que sim.

Chamado, o Espírito se manifesta por sinais de violência; o médium é tomado de extrema agitação, sete ou oito lápis são quebrados, vários são atirados sobre os assistentes, uma página é rasgada e coberta de traços insignificantes, feitos com cólera. Todos os esforços para o acalmar mostram-se impotentes.

9 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 569.

Pressionado a responder às perguntas que lhe são dirigidas, escreve com a maior dificuldade um *não* quase indecifrável.

1. [A São Luís] Teríeis a bondade de nos dar algumas informações sobre este Espírito, já que ele mesmo não pode ou não as quer dar?

Resp. – É um Espírito da pior espécie, um verdadeiro monstro. Nós o fizemos vir, mas não nos foi possível obrigá-lo a escrever, malgrado tudo quanto lhe foi dito. Ele tem seu livre-arbítrio; mas, infeliz, dele faz triste uso.

2. Há muito tempo que morreu como homem?

Resp. – Tomai informações; foi ele que cometeu o crime, cuja lenda existe na região.

3. Quem era ele em vida?

Resp. – Sabê-lo-eis por vós mesmos.

4. É ele, pois, que assombra a casa atualmente?

Resp. – Sem dúvida, pois foi assim que vo-lo fiz chamar a atenção.

5. Os exorcismos praticados não foram capazes de expulsá-lo?

Resp. – De modo algum.

6. Ele tem algo a ver com a morte súbita do Sr. D...?

Resp. – Sim.

7. De que maneira contribuiu para essa morte?

Resp. – Pelo pavor.

8. Foi ele quem deu a bofetada no filho do Sr. D...?

Resp. – Sim.

9. Poderia ter dado outra em qualquer um de nós?

Resp. – Mas, certamente; vontade não lhe faltava.

10. Por que não o fez?

Resp. – Não lhe foi permitido.

11. Haveria um meio de o desalojar daquela casa? Qual seria?

Resp. – Se quiserem desembaraçar-se da obsessão de semelhantes Espíritos, será fácil, orando por eles: é o que sempre descaram fazer. Preferem apavorá-los com fórmulas de exorcismos, que os divertem muito.

12. Dando às pessoas interessadas a idéia de orar por esse Espírito, e orando nós mesmos por ele, seria possível desalojá-lo?

Resp. – Sim. Mas notai que eu disse orar, e não *mandar orar*.

13. Esse Espírito é susceptível de melhora?

Resp. – Por que não? Não o são todos, este como os outros? Contudo, é preciso enfrentar dificuldades. Mas, por mais perverso que seja, o bem em retribuição ao mal acabará por tocá-lo. Que orem primeiramente e o evoquem dentro de um mês; assim podereis julgar da mudança que nele se terá operado.

14. Esse Espírito é sofredor e infeliz. Podeis descrever o gênero de sofrimentos que ele suporta?

Resp. – Está convencido de que deverá ficar eternamente na situação em que se encontra. Vê-se constantemente no momento em que praticou o crime: qualquer outra lembrança lhe foi apagada, e interdita qualquer comunicação com outro Espírito. Na Terra só pode estar naquela casa e, quando no espaço, nas trevas e na solidão.

15. De onde vinha, antes da última encarnação? A que raça pertencia?

Resp. – Havia tido uma existência entre as tribos mais ferozes e mais selvagens e, precedentemente, vinha de um planeta inferior à Terra.

16. Se esse Espírito reencarnasse, em que categoria de indivíduos iria encontrar-se?

Resp. – Vai depender dele e do arrependimento que experimentar.

17. Em sua próxima existência corporal poderia ser o que se chama um homem de bem?

Resp. – Isto seria difícil. O que quer que faça, não poderá evitar uma existência bastante tempestuosa.

Observação – A Sra. X..., médium vidente que assistia à sessão, viu esse Espírito no momento em que queriam que escrevesse: sacudia o braço do médium; seu aspecto era aterrador; vestia uma camisa coberta de sangue e tinha um punhal.

O Sr. e a Sra. F..., que assistiam à sessão como ouvintes, embora ainda não fossem sócios, desde a mesma noite atenderam à recomendação feita em favor do infeliz Espírito e oraram por ele. Obtiveram várias comunicações, assim como de suas vítimas. Narrá-las-emos na ordem em que foram recebidas e as que, sobre o mesmo assunto, foram obtidas na Sociedade. Além do interesse ligado a essa dramática história, ressalta um ensinamento que a ninguém escapará.

(Segunda sessão – casa do Sr. F...)

18. [Ao Espírito familiar] Podes dizer-nos alguma coisa a respeito do Espírito de Castelnudary?

Resp. – Evoca-o.

19. Será mal?

Resp. – Verás.

20. Que devemos fazer?

Resp. – Não lhe falar, se nada tens a dizer-lhe.

21. Se lhe falarmos para lamentarmos o seu sofrimento, isso lhe fará bem?

Resp. – A compaixão sempre faz bem aos infelizes.

22. Evocação do Espírito de Castelnaudary.

Resp. – Que querem de mim?

23. Nós te chamamos a fim de te sermos úteis.

Resp. – Oh! vossa piedade me faz bem, porque soffro... oh! Como soffro!... Que Deus tenha piedade de mim!... Perdão!... Perdão!

24. Nossas preces ser-te-ão salutares?

Resp. – Sim; orai, orai.

25. Pois bem! Oraremos por ti.

Resp. – Obrigado! Tu, pelo menos, não me amaldiçoas.

26. Por que não quiseste escrever na Sociedade, quando te chamaram?

Resp. – Oh! maldição!

27. Maldição para quem?

Resp. – Para mim, que expio muito cruelmente os crimes nos quais a minha vontade não teve senão uma pequena parte.

Observação – Dizendo que sua vontade só tomou uma pequena parte em seus crimes, quer atenuá-los, como se soube mais tarde.

28. Se te arrependeres, serás perdoado?

Resp. – Oh! jamais!

29. Não desesperes.

Resp. – Eternidade de sofrimentos, tal é a minha sorte.

30. Qual é o teu sofrimento?

Resp. – O que há de mais horrível; não o podes compreender.

31. Oraram por ti desde ontem à noite?

Resp. – Sim; mas sofro ainda mais.

32. Como assim?

Resp. – Sei lá!

Observação – Esta circunstância será explicada mais tarde.

33. Deve-se fazer algo em relação à casa onde te instalaste?

Resp. – Não, não! Não me falem disso... Perdão, meu Deus! Já sofri muito.

34. Tens que permanecer lá?

Resp. – R. A isso estou condenado.

35. Será para que tenhas constantemente teus crimes à vista?

Resp. – É isso.

36. Não desespere; tudo pode ser perdoado com o arrependimento.

Resp. – Não; não há perdão para Caim.

37. Mataste, pois, teu irmão?

Resp. – Somos todos irmãos.

38. Por que quisestes fazer mal ao Sr. D...?

Resp. – Chega! por piedade, chega!

39. Então, adeus; tem confiança na misericórdia divina!

Resp. – Orai.

(Terceira sessão)

40. Evocação.

Resp. – Estou junto de vós.

41. Começas a ter esperança?

Resp. – Sim, meu arrependimento é grande.

42. Qual era o teu nome?

Resp. – Sabereis mais tarde.

43. Há quantos anos sofres?

Resp. – Há 200 anos.

44. Em que época cometeste o crime?

Resp. – Em 1608.

45. Podes repetir as datas para no-las confirmar?

Resp. – Inútil; uma vez é bastante. Adeus; eu vos falarei amanhã. Uma força me chama.

(Quarta sessão)

46. Evocação.

Resp. – Obrigado, Hugo (nome de batismo do Sr. F...).

47. Queres falar do que se passou em Castelnaudary?

Resp. – Não; fazeis-me sofrer quando falais disto. Não é generoso de vossa parte.

48. Sabes muito bem que se falamos disto é com vistas a poder esclarecer a tua posição e não a agravá-la. Assim, fala sem temor. Como foste levado a cometer esse crime?

Resp. – Um momento de alucinação.

49. Houve premeditação?

Resp. – Não.

50. Não pode ser verdade. Teus sofrimentos provam que és mais culpado do que dizes. Já sabes que só pelo arrependimento poderás suavizar a tua sorte, e não pela mentira. Vamos! Sê franco.

Resp. – Bem! Já que é preciso, seja.

51. Foi um homem ou uma mulher que mataste?

Resp. – Um homem.

52. Como causaste a morte do Sr. D...?

Resp. – Apareci-lhe visivelmente e me encontrava de tal forma horrendo que minha simples visão o matou.

53. Fizeste-o de propósito?

Resp. – Sim.

54. Por quê?

Resp. – Ele quis me desafiar; e eu ainda faria outro tanto, se me viesse tentar.

55. Se eu fosse morar naquela casa, tu me farias mal?

Resp. – Oh! não, certamente; tens piedade de mim e me desejas o bem.

56. O Sr. D... morreu instantaneamente?

Resp. – Não; foi tomado pelo medo, mas não morreu senão duas horas depois.

57. Por que te limitaste a dar uma bofetada no Sr. D... Filho?

Resp. – Era demais ter matado dois homens.

(Quinta sessão – Sociedade, 16 de dezembro de 1859)

58. *Perguntas dirigidas a São Luís* – O Espírito que se comunicou com o Sr. e a Sra. F... é realmente o de Castelnauary?

Resp. – Sim.

59. Como pôde comunicar-se a eles tão prontamente?

Resp. – A Sociedade ainda o ignorava. Ele não se havia arrependido; o arrependimento é tudo.

60. São exatas as informações por ele dadas sobre o crime?

Resp. – Compete verificardes e vos entenderdes com ele.

61. Ele disse que o crime foi cometido em 1608 e que tinha morrido em 1659. Há, pois, 200 anos que se encontra naquele estado?

Resp. – Isso vos será explicado mais tarde.

62. Poderíeis descrever seu gênero de suplício?

Resp. – É atroz para ele. Como sabeis, foi condenado a ficar na casa onde o crime foi cometido, sem poder dirigir o pensamento a outra coisa senão ao crime, sempre diante de seus olhos, e julga-se condenado a essa tortura para todo o sempre.

63. Está mergulhado na escuridão?

Resp. – Escuridão, quando quer afastar-se desse lugar de exílio.

64. Qual o gênero de suplício mais terrível que pode experimentar um Espírito, neste caso?

Resp. – Não há descrição possível das torturas morais que são a punição de certos crimes. O próprio que as experimenta teria dificuldade em vos dar uma idéia. Mas a mais horrível é a certeza de ser condenado sem apelação.

65. Ele se acha nessa situação há dois séculos. Avalia o tempo como o fazia quando encarnado, isto é, o tempo lhe parece mais ou menos longo, como quando vivia?

Resp. – Parece-lhe antes mais longo: para ele o sono não existe.

66. Foi-nos dito que, para os Espíritos, o tempo não existia e que, para eles, um século é um ponto na eternidade. Não é o mesmo para todos?

Resp. – Certo que não. Só o é para os Espíritos chegados a um grau muito elevado de progresso; mas para os Espíritos inferiores o tempo é por vezes muito longo, sobretudo quando sofrem.

67. Esse Espírito é punido muito severamente pelo crime que cometeu. Ora, dissestes-nos que antes desta última existência ele tinha vivido entre as tribos mais bárbaras. Lá deve ter cometido atos no mínimo tão atrozes quanto o último. Foi punido do mesmo modo?

Resp. – Foi menos punido, porque, sendo mais ignorante, compreendia menos o alcance.

Observação – Todas as observações confirmam este fato, eminentemente conforme à justiça de Deus, de que as penas são proporcionais, não à natureza da falta, mas ao grau de inteligência do culpado e à possibilidade de compreender o mal que faz. Assim, menos grave em aparência, uma falta poderá ser mais severamente punida num homem civilizado, que um ato de barbárie num selvagem.

68. O estado em que se encontra esse Espírito é o dos seres vulgarmente chamados *danados*?

Resp. – Absolutamente; há outros ainda muito mais horríveis. Os sofrimentos estão longe de ser os mesmos para todos, inclusive para crimes semelhantes, pois variam conforme seja o culpado mais ou menos *acessível* ao arrependimento. Para este, a casa onde cometeu o crime é seu inferno; outros o trazem em si mesmos, pelas paixões que os atormentam e que não podem satisfazer.

Observação – Com efeito, vimos avarentos sofrerem à vista do ouro, que se lhes tornara uma verdadeira quimera; orgulhosos,

atormentados pela inveja das honras que viam prestar e que não se dirigiam a eles; homens que haviam mandado na Terra, humilhados pelo poder invisível que os constringia a obedecer e pela visão de seus subordinados, que não mais se dobravam diante deles; ateus sofrendo as angústias da incerteza e se achando num isolamento absoluto em meio à imensidade, sem encontrar nenhum ser que os pudesse esclarecer. Se no mundo dos Espíritos há alegrias para todas as virtudes, há penas para todas as faltas, e as que não são alcançadas pelas leis dos homens, sempre o são pela lei de Deus.

69. Apesar de sua inferioridade, esse Espírito sente os bons efeitos da prece; vimos o mesmo da parte de outros Espíritos igualmente perversos e da mais bruta natureza. Como é possível a Espíritos mais esclarecidos, de inteligência mais desenvolvida, mostrarem completa ausência de sentimentos; sorrirem de tudo quanto há de mais sagrado; numa palavra, de nada se tocarem nem concederem a menor trégua ao seu cinismo?

Resp. — A prece não tem efeito senão em favor do Espírito que se arrepende. Aquele que, impelido pelo orgulho, revolta-se contra Deus e persiste nos seus desvios, ainda os exagerando, como fazem os Espíritos infelizes, sobre estes a prece nada pode nem poderá fazer, a não ser quando um clarão de arrependimento neles se manifestar. Para eles a ineficácia da prece é também um castigo. Ela só alivia os que não estão totalmente endurecidos.

70. Quando vemos um Espírito inacessível aos bons efeitos da prece, há uma razão para nos abstermos de orar por ele?

Resp. — Não, certamente, porque cedo ou tarde ela poderá triunfar de seu endurecimento e fazer com que nele germinem pensamentos salutareos.

(Sexta sessão – em casa do Sr. F..)

71. Evocação.

Resp. — Eis-me aqui.

72. Então, agora podes deixar a casa de Castelnauary quando quiseres?

Resp. – Permitem-me, porque aproveito vossos bons conselhos.

73. Experimentas algum alívio?

Resp. – Começo a ter esperança.

74. Se pudéssemos ver-te, sob que aparência te veríamos?

Resp. – Ver-me-íeis de camisa e sem punhal.

75. Por que não mais terias o punhal? Que fizeste dele?

Resp. – Eu o maldigo; Deus me poupa sua vista.

76. Se o Sr. D... Filho voltasse a casa, ainda lhe farias mal?

Resp. – Não, pois estou arrependido.

77. E se ele ainda te quisesse desafiar?

Resp. – Oh! não me pergunteis isso; não poderia me dominar; isto estaria acima de minhas forças... porque não passo de um miserável.

78. As preces do Sr. D... Filho ser-te-iam mais salutares que as de outras pessoas?

Resp. – Sim, pois a ele é que fiz o maior mal.

79. Muito bem! Continuaremos a fazer por ti o que pudermos.

Resp. – Obrigado. Pelo menos encontrei em vós almas caridosas. Adeus.

(Sétima sessão)

80. *Evocação do homem assassinado.*

Resp. – Eis-me aqui.

81. Que nome tínheis quando vivo?

Resp. – Eu me chamava Pierre Dupont.

82. Qual era a vossa profissão?

Resp. – Era salsicheiro em Castelnau-dary, onde meu irmão mais velho, Charles Dupont, assassinou-me com um punhal, no meio da noite do dia 6 de maio de 1608.

83. Qual foi a causa do crime?

Resp. – Meu irmão pensou que eu queria cortejar uma mulher a quem ele amava, e que eu via com muita freqüência. Mas ele se enganava, porquanto eu jamais havia pensado nisso.

84. Como ele vos matou?

Resp. – Eu dormia; ele me feriu na garganta, depois no coração. Ferindo, despertou-me; quis lutar, mas logo sucumbi.

85. Vós o perdoastes?

Resp. – Sim; no momento de sua morte, há 200 anos.

86. Com que idade ele morreu?

Resp. – Com 80 anos.

87. Então ele não foi punido em vida?

Resp. – Não.

88. Quem foi acusado por vossa morte?

Resp. – Ninguém; naquele tempo de confusão prestava-se pouca atenção a tais coisas; isto de nada adiantaria.

89. Que aconteceu à mulher?

Resp. – Pouco depois foi assassinada em minha casa por meu irmão.

90. Por que a assassinou?

Resp. – Amor frustrado. Ele a tinha desposado antes de minha morte.

(Oitava sessão)

91. Por que ele não fala do assassinato dessa mulher?

Resp. – Porque o meu é o pior para ele.

92. *Evocação da mulher assassinada.*

Resp. – Eis-me aqui.

93. Que nome tínheis em vida?

Resp. – Marguerite Aeder, senhora Dupont.

94. Quanto tempo estivestes casada?

Resp. – Cinco anos.

95. Pierre nos disse que seu irmão suspeitava de relações criminosas entre vós dois. Isso é verdade?

Resp. – Nenhuma relação criminosa existia entre nós. Não acrediteis nisso.

96. Quanto tempo depois da morte de seu irmão Charles ele vos assassinou?

Resp. – Dois anos depois.

97. Que motivo o impeliu?

Resp. – O ciúme e o desejo de ficar com meu dinheiro.

98. Podeis relatar as circunstâncias do crime?

Resp. – Ele me agarrou e feriu-me na cabeça, no ateliê de trabalho, com sua faca de salsicheiro.

99. Como é que não foi perseguido?

Resp. – Para quê? Tudo era desordem naqueles tempos infelizes.

100. O ciúme de Charles tinha fundamento?

Resp. – Sim, mas não o autorizava a cometer semelhante crime, porque neste mundo todos somos pecadores.

101. Há quanto tempo estáveis casada, por ocasião da morte de Pierre?

Resp. – Há três anos.

102. Podeis precisar a data de vossa morte?

Resp. – Sim: 3 de maio de 1610.

103. Que pensaram da morte de Pierre?

Resp. – Fizeram crer em assassinos que queriam roubar.

Observação – Seja qual for a autenticidade desses relatos, que parecem difíceis de controlar, há um fato notável: a precisão e a concordância das datas e de todos os acontecimentos. Por si só essa circunstância é um curioso assunto de estudo, se considerarmos que esses três Espíritos, chamados em intervalos diversos, em nada se contradizem. O que pareceria confirmar suas palavras é que o principal culpado no caso, evocado por outro médium, deu respostas idênticas.

(Nona sessão)

104. Evocação do Sr. D...

Resp. – Eis-me aqui.

105. Desejamos pedir alguns detalhes sobre as circunstâncias de vossa morte. Poderíeis no-los dar?

Resp. – De bom grado.

106. Sabíeis que a casa em que habitáveis era assombrada por um Espírito?

Resp. – Sim; mas eu o quis desafiar e agi mal em fazê-lo. Melhor teria sido orar por ele.

Observação – Por aí se vê que os meios geralmente empregados para nos desembaraçarmos dos Espíritos importunos não são os mais eficazes. As ameaças mais os excitam do que os

intimidam. A benevolência e a comiseração têm mais poder que o emprego de meios coercitivos, que os irritam, ou das fórmulas, de que se riem.

107. Como esse Espírito vos apareceu?

Resp. – À minha chegada em casa ele estava visível e me olhava fixamente; não pude escapar; fui tomado pelo pavor e expirei sob o olhar terrível desse Espírito que eu havia desprezado, e para o qual me havia mostrado tão pouco caridoso.

108. Não poderíeis pedir por socorro?

Resp. – Impossível; minha hora havia chegado, e é assim que eu devia morrer.

109. Que aparência tinha ele?

Resp. – De um furioso disposto a me devorar.

110. Sofrestes ao morrer?

Resp. – Horriavelmente.

111. Morrestes subitamente?

Resp. – Não; duas horas depois.

112. Que reflexões fazíeis, sentindo que morríeis?

Resp. – Não pude refletir; fui tomado de um terror inexprimível.

113. A aparição ficou visível até o fim?

Resp. – Sim; não deixou um só instante o meu pobre Espírito.

114. Quando vosso Espírito se desprendeu percebestes a causa de vossa morte?

Resp. – Não; tudo estava acabado. Só mais tarde compreendi.

115. Podeis indicar a data de vossa morte?

Resp. – Sim: 9 de agosto de 1853. (A data precisa ainda não pôde ser verificada; mas é exata, aproximadamente).

(Décima sessão)

Quando esse Espírito foi evocado, a 9 de dezembro, São Luís aconselhou a chamá-lo novamente dentro de um mês, a fim de julgar do progresso que deveria ter feito no intervalo. Já se pôde julgá-lo, pelas comunicações do Sr. e da Sra. F..., pela mudança operada em suas idéias, graças à influência das preces e dos bons conselhos. Decorrido pouco mais de um mês depois de sua primeira evocação, foi ele novamente chamado à Sociedade, em 13 de janeiro.

116. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui.

117. Lembrai-vos de ter sido chamado entre nós há cerca de um mês?

Resp. – Como o esqueceria?

118. Por que então não pudestes escrever?

Resp. – Eu não queria.

119. Por que não o queríeis?

Resp. – Ignorância e embrutecimento.

120. Vossas idéias mudaram desde então?

Resp. – Muito. Vários dentre vós foram complacentes e oraram por mim.

121. Confirmais todas as informações que foram dadas por vós e por vossas vítimas?

Resp. – Se não as confirmasse seria dizer que não as havia dado, e fui eu mesmo que as dei.

122. Entrevedes o fim de vossas penas?

Resp. – Oh! ainda não. Já é muito mais do que mereço saber que, graças à vossa intercessão, elas não durarão para sempre.

123. Descrevei a situação em que estáveis antes da nossa primeira evocação. Havereis de compreender que vo-lo pedimos para nossa instrução, e não como um motivo de curiosidade.

Resp. – Como vos disse, não tinha consciência de nada, no mundo, senão do meu crime, e não podia deixar a casa onde o cometi senão para me elevar no espaço, onde tudo à minha volta era solidão e obscuridade. Não vos poderia dar uma idéia disto; jamais o compreendi. Desde que me elevava acima do ar, tudo era negro e vazio; não sei o que era. Hoje experimento muito mais remorso, mas, como vos provam as comunicações, já não sou constrangido a ficar naquela casa fatal. Permitem-me vagar na Terra e procurar esclarecer-me por minhas observações. Agora compreendo melhor a enormidade dos meus crimes. Se, por um lado, sofro menos, por outro aumentam minhas torturas pelo remorso; mas, pelo menos, tenho esperança.

124. Se tivésseis que retomar uma existência corpórea, qual escolheríeis?

Resp. – Ainda não vi suficientemente, nem refleti bastante para o saber.

125. Encontrais as vossas vítimas?

Resp. – Oh! que Deus me guarde!

Observação – Sempre foi dito que a visão das vítimas é um dos tormentos dos culpados. Este ainda não as viu, porque estava no isolamento e nas trevas; era um castigo. Mas ele teme essa visão, e talvez aí esteja o complemento de seu suplício.

126. Durante vosso longo isolamento e, pode-se dizer, vosso cativoiro, sentistes remorsos?

Resp. – Nem um pouco, e é por isso que sofri tanto. Foi somente quando comecei a experimentá-los que, mau grado meu, foram provocadas as circunstâncias que levaram à minha evocação, à qual devo o começo de minha liberdade. Obrigado, pois, a vós, que tivestes piedade de mim e me esclarecestes.

Observação – Esta evocação não é obra do acaso. Como devia ser útil a esse infeliz, os Espíritos que velavam por ele, vendo que começava a compreender a enormidade de seus crimes, julgaram chegado o momento de lhe prestar um socorro eficaz, e então o trouxeram às circunstâncias propícias. É um fato que vimos se produzir muitas vezes.

A propósito, perguntaram o que teria sido dele, se não pudesse ter sido evocado, como ocorre com todos os Espíritos sofredores que também não o podem ser, e nos quais não se pensa. A isto foi respondido que os caminhos de Deus, para a salvação de suas criaturas, são inumeráveis. A evocação pode ser um meio de os assistir, mas, por certo, não é o único. Deus não deixa ninguém no esquecimento. Aliás, as preces coletivas também devem exercer sua influência sobre os Espíritos acessíveis ao arrependimento.

Comunicações Espontâneas

ESTELLE RIQUIER

(Sociedade, 13 de janeiro de 1860)

O tédio, a mágoa, o desespero me devoram. Esposa culpada, mãe desnaturada, abandonei as santas alegrias da família, o domicílio conjugal, embelezado pela presença de dois anjinhos descidos do céu. Arrastada pelos atalhos do vício, por um egoísmo, um orgulho e uma vaidade desenfreados, mulher sem coração, conspirarei contra o santo amor daquele que Deus e os homens me haviam dado por sustentáculo e por companheiro na vida. Ele

buscou na morte um refúgio contra o desespero que lhe haviam causado o meu covarde abandono e a sua desonra.

O Cristo perdoou à mulher adúltera e à Madalena arrependida. A mulher adúltera tinha amado, e Madalena se tinha arrependido. Mas, eu! – miserável – vendi a preço de ouro um falso amor que jamais senti. Semeei o prazer a mancheias e não recolhi senão o desprezo. A miséria horrível e a fome cruel vieram pôr termo a uma vida que se me tinha tornado odiosa... e não me arrependi! Miserável e infame, muitas vezes empreguei, com fatal sucesso, infelizmente, minha infernal influência como Espírito, impelindo ao vício pobres mulheres que via virtuosas e gozando a felicidade que eu havia esmagado com os pés. Perdoar-me-á Deus algum dia? Talvez, se o desprezo que ela vos inspira não vos impedir de orar pela infeliz Estelle Riquier.

Observação – Tendo esse Espírito se comunicado espontaneamente, sem ser chamado e sem ser conhecido de nenhum dos assistentes, foram-lhe dirigidas as seguintes perguntas:

1. Em que época morrestes?

Resp. – Há cinqüenta anos.

2. Onde moráveis?

Resp. – Em Paris.

3. A que classe da sociedade pertencia vosso marido?

Resp. – À classe média.

4. Com que idade morrestes?

Resp. – Trinta e dois anos.

5. Que motivos vos levaram a comunicar-vos espontaneamente conosco?

Resp. – Permitiram-me para vossa instrução e para exemplo.

6. Tínheis recebido certa educação?

Resp. – Sim.

7. Esperamos que Deus vos levará em conta a franqueza da vossa confissão e do vosso arrependimento. Rogamos a ele estender a sua misericórdia sobre vós, enviando Espíritos bons para vos esclarecer sobre os meios de reparar o vosso passado.

Resp. – Oh! obrigada! obrigada! Que Deus vos ouça!

Observação – Várias pessoas nos informaram que consideraram um dever orar pelos Espíritos sofredores que assinalamos e que reclamam assistência. Fazemos votos para que este pensamento caridoso se generalize entre os nossos leitores. Alguns receberam a visita espontânea de Espíritos pelos quais se haviam interessado e que lhes vieram agradecer.

O TEMPO PRESENTE

(Sociedade, 20 de janeiro de 1860)

Sois guiados pelo verdadeiro Gênio do Cristianismo. É que o próprio Cristo preside aos trabalhos de toda natureza que estão em via de realização, para abrir-se a era de renovação e de aperfeiçoamento que predizem vossos guias espirituais. Com efeito, se lançardes os olhos, fora das manifestações espíritas, sobre os acontecimentos contemporâneos, reconheceréis sem nenhuma hesitação os sinais precursores que vos provarão de maneira incontestável que os tempos preditos são chegados. Estabelecendo-se entre todos os povos, as comunicações derrubam as barreiras materiais; os obstáculos morais que se opõem à sua união, os preconceitos políticos e religiosos apagar-se-ão rapidamente e o reino da fraternidade finalmente se estabelecerá, de maneira sólida e durável. Observai, desde agora, os próprios soberanos, impelidos por mão invisível, tomar – coisa incrível para vós – a iniciativa das reformas; e as reformas que espontaneamente partem do alto são muito mais rápidas e duradouras do que as que

procedem de baixo e são arrancadas à força. Apesar dos preconceitos da infância e da educação, em que pese o culto da saudade, pressenti a época atual. Estou feliz por isto e mais feliz ainda por vim dizer-vos: Irmãos, coragem! Trabalhai por vós e pelo futuro dos vossos; trabalhai, sobretudo, por vosso melhoramento pessoal e fruireis, na vossa próxima existência, de uma felicidade que vos é tão difícil imaginar, quanto a mim de vo-la fazer compreender.

Chateaubriand

OS SINOS

(Obtida pelo Sr. Pécheur, 13 de janeiro de 1860)

Podes dizer-me por que sempre gostei de ouvir o som dos sinos? É que a alma do homem, que pensa e sofre, busca sempre se desprender quando experimenta essa felicidade muda, que em nós desperta vagas lembranças de uma vida passada. É que tal som é uma tradução da palavra do Cristo, que vibra no ar há dezoito séculos: é a voz da esperança. Quantos corações consolou! Quanta força deu à Humanidade crente! Essa voz divina apavorou os grandes da época: eles a temeram, porque a verdade que haviam abafado os fez tremer. O Cristo a mostrava a todos; mataram o Cristo, mas não a idéia. Sua palavra sagrada tinha sido compreendida; era imortal e, no entanto, quantas vezes a dúvida se insinuou em vossos corações! Quantas vezes o homem acusou a Deus de ser injusto! Exclamava: Meu Deus, que fiz eu? A desgraça marcou-me no berço? Estou, pois, destinado a seguir esta via que me dilacera o coração? Parece que uma fatalidade se liga a meus passos; sinto que as forças me abandonam; vou me aniquilar nesta vida.

Neste momento, Deus faz penetrar em vosso coração um raio de esperança; uma mão amiga vos retira a venda do materialismo, que vos cobre os olhos; uma voz dos céus vos diz: Olha no horizonte aquele foco luminoso: é um fogo sagrado que emana de Deus; essa chama deve iluminar o mundo e o purificar; deve fazer penetrar sua luz no coração do homem e dele expulsar

as trevas que obscurecem seus olhos. Alguns homens pretenderam vos trazer a luz; entretanto, não produziram senão um nevoeiro, que fez perder-se o reto caminho.

Não sejais cegos, vós a quem Deus mostra a luz. É o Espiritismo que vos permite levantar a ponta do véu que cobria o vosso passado. Olhai agora o que fostes e julgai. Curvai a cabeça ante a justiça do Criador. Rendei-lhe graças por vos dar coragem para continuar a prova que escolhestes. Disse o Cristo: Aquele que usar a espada morrerá pela espada. Esse pensamento, inteiramente espírita, encerra o mistério de vossos sofrimentos. Que a esperança e a bondade de Deus vos dê a coragem e a fé; escutai sempre esta voz que vibra em vossos corações. Cabe a vós compreender, estudar com sabedoria, elevar vossa alma em pensamentos fraternos. Que o rico estenda a mão ao que sofre, pois a riqueza não lhe foi dada para os prazeres pessoais, mas para que seja o seu dispensador; e Deus lhe pedirá contas do uso que dela tiver feito. A única riqueza que Deus reconhece são as vossas virtudes; a única que levareis ao deixar este mundo. Deixai falar esses pretensos sábios, que vos chamam de loucos. Amanhã – quem sabe? – talvez vos peçam para orar por eles, pois Deus os julgará.

Tua filha, que te ama e ora por ti

CONSELHOS DE FAMÍLIA

Continuação. (Ver o nº de janeiro – Lido na Sociedade a 20 de janeiro de 1860)

Meus caros filhos: Em minhas instruções precedentes aconselhei-vos a calma e a coragem; entretanto, nem todos as mostrais quanto deveríeis. Pensai que o lamento jamais acalma a dor: ao contrário esta tende a aumentar. Um bom conselho, uma boa palavra, um sorriso, um simples gesto, dão força e coragem. Uma lágrima amolece o coração, em vez de endurecê-lo. Chorai, se a isso vos impele o coração, preferencialmente nos momentos de solidão, e não em presença dos que necessitam de toda a sua força

e de toda a sua energia, que uma lágrima ou um suspiro podem diminuir ou enfraquecer. Todos necessitamos de encorajamento e nada é mais propício a nos encorajar que uma voz amiga, um olhar benevolente, uma palavra vinda do coração. Quando vos aconselhei a vos reunirdes, não foi para que reunísseis vossas lágrimas e amarguras; não era para vos excitar a prece, que não prova senão uma boa intenção, mas, sim, para que unísseis vossos pensamentos, *vossos esforços* mútuos e coletivos; para que mutuamente vos dêsseis bons conselhos e procurásseis, em comum, não o meio de vos entristecer, mas a marcha a seguir para vencer os obstáculos que se apresentam diante de vós. Em vão um infeliz que não tem pão se lançará de joelhos para rogar a Deus o alimento que não cairá do céu. Que ele trabalhe e, por pouco obtenha, isso valerá mais do que todas as suas preces. A prece mais agradável a Deus é o trabalho útil, seja qual for. Eu o repito: A prece prova uma boa intenção, um bom sentimento, mas não pode produzir senão um efeito moral, desde que é toda moral. É excelente como um consolo da alma, porquanto a alma que ora sinceramente encontra na prece um alívio às suas dores morais: fora destes efeitos e dos que decorrem da prece, como já vos expliquei em outras instruções, nada esperéis, pois sereis iludidos em vossa esperança.

Segui, pois, exatamente os meus conselhos. Não vos contenteis em pedir a Deus que vos ajude: ajudai-vos a vós mesmos, porque assim provareis a sinceridade de vossa prece. Seria muito cômodo, na verdade, que bastasse pedir uma coisa nas preces para que ela vos fosse concedida! Seria o maior estímulo à preguiça e à negligência das boas ações. Eu poderia estender-me ainda mais a este respeito, mas seria demasiado para vós. Vosso estado de adiantamento não o comporta. Meditai sobre esta instrução, como sobre as precedentes: elas são susceptíveis de ocupar por muito tempo vossos Espíritos, pois contêm em germe tudo quanto vos será desvendado no futuro. Segui meus conselhos anteriores.¹⁰

Allan Kardec

10 N. do T.: O Espírito que ditou a mensagem não declinou o nome.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

MARÇO DE 1860

Nº 3

Boletim

DA SOCIEDADE PARIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 30 de dezembro de 1859 – Sessão particular

Lida e aprovada a ata da sessão de 20 de janeiro.

Recebimento de um pedido de admissão. Adiados sua leitura, exame e parecer para a próxima sessão particular.

Comunicações diversas:

1º Carta do Sr. Hinderson Mackenzie, de Londres, membro da Sociedade Real dos Antiquários, dando detalhes do mais alto interesse sobre o emprego dos globos de cristal ou metálicos como meio de obter comunicações espíritas. É o que usa, com o auxílio de um médium vidente especial, conforme conselho de um de seus amigos que, há trinta e cinco anos, faz as mais completas e concludentes experiências. O médium vê, nessa espécie de espelho, as respostas escritas às perguntas propostas, assim obtendo comunicações muito desenvolvidas e tão rápidas que muitas vezes é difícil acompanhar o médium.

2º Leitura de um artigo do *Siècle*, de 22 de janeiro de 1860, em que se nota a seguinte passagem: “As mesas falavam, giravam e dançavam muito tempo antes da existência da seita americana que pretende ter-lhes dado origem. Esse baile de mesas já era célebre em Roma, nos primeiros séculos de nossa era, e eis como, no capítulo XXIII da *Apologética*, exprimia-se Tertuliano, ao falar dos médiuns de seu tempo: “Se é dado aos mágicos o poder de fazer com que os fantasmas apareçam, de evocar a alma dos mortos, de forçar a boca das crianças a dar oráculos; se esses charlatães imitam um grande número de milagres, que parecem devidos aos círculos e às correntes que as pessoas formam entre si; se induzem sonhos, se fazem conjurações, se têm às suas ordens Espíritos mentirosos e demônios, pela virtude dos quais *as cadeiras e as mesas que profetizam são um fato vulgar, etc.*”

Observa-se, a esse respeito, que os espíritas modernos jamais pretenderam ter descoberto ou inventado as manifestações. Ao contrário, têm constantemente proclamado a ancianidade e a universalidade dos fenômenos espíritas, e a própria ancianidade é um argumento em favor da doutrina, demonstrando que ela tem o seu princípio na Natureza e que não resulta de uma combinação sistemática. Os que pretendem opor-lhe tal circunstância, provam que falam sem conhecer-lhe os princípios, pois de outro modo saberiam que o Espiritismo moderno se apóia no fato incontestável de que se encontra em todos os tempos e entre todos os povos.

Estudos:

1º Perguntas sobre o fenômeno dos globos metálicos ou de cristal, como meio de obter comunicações. É respondido que: “A teoria desse fenômeno não pode ainda ser explicada; para sua compreensão faltam certos conhecimentos prévios, que nascerão deles mesmos e decorrerão de observações ulteriores. Ela será dada em tempo oportuno.”

2º Nova evocação de Urbain Grandier, que confirma e completa certos fatos históricos e dá, além disso, sobre o planeta Saturno, explicações que apóiam o que a esse respeito já foi dito.

3º Dois ditados espontâneos são obtidos simultaneamente: o primeiro, de Abelardo, pelo Sr. Roze; o segundo, de João, o Batista, pelo Sr. Colin.

Em seguida, tendo-se pedido a um dos Espíritos sofredores, que havia solicitado o auxílio de preces, para vir comunicar-se espontaneamente, um dos médiuns escreveu o que se segue: “Sede abençoados por terdes consentido em orar pelo ser imundo e inútil que chamastes e que se mostrou ainda tão vergonhosamente ligado às suas riquezas miseráveis. Recebei os sinceros agradecimentos do *Père Crépin*.”

Sexta-feira, 3 de fevereiro de 1860 – Sessão particular

A ata da sessão de 27 de janeiro é aprovada. Leitura da lista nominal dos ouvintes que assistiram à última assembléia geral. Nenhum inconveniente assinalado em sua presença.

O Sr. Dr. Gotti, diretor do Instituto Homeopático de Gênova (Piemonte), é admitido como membro correspondente.

Leitura de dois novos pedidos de admissão. Adiados para a próxima sessão particular.

Comunicações diversas:

1º O Sr. Allan Kardec anuncia que uma senhora, assinante da província, acaba de enviar-lhe uma soma de *dez mil francos*, para ser usada em favor do Espiritismo.

Tendo essa senhora recebido uma herança, com a qual não contava, quer que dela participe a Doutrina Espírita, à qual deve supremas consolações e o ser esclarecida sobre as verdadeiras

condições de felicidade, nesta e na outra vida. “Vós me fizestes – diz ela em sua carta – compreender o Espiritismo, mostrando-me o seu verdadeiro objetivo; somente ele pôde vencer as dúvidas e incertezas que, para mim, eram fonte de inexprimíveis ansiedades. Eu marchava na vida ao acaso, maldizendo as pedras que encontrava no caminho. Agora vejo claro à minha volta; diante de mim o horizonte se expandiu e caminho com certeza e confiança no futuro, sem me inquietar com os espinhos semeados na estrada. Desejo que este singelo óbolo vos ajude a espalhar sobre os outros a luz benfazeja que me tornou tão feliz. Empregai-o como entenderdes: não quero recibo nem controle. A única coisa que faço questão é do mais estrito incógnito”.

Respeitarei – acrescenta Allan Kardec – o véu da modéstia com o qual essa senhora se quer cobrir e esforçar-me-ei por corresponder às suas generosas intenções. Creio não poder melhor atendê-la senão aplicando essa quantia naquilo que for necessário para a instalação da Sociedade, em condições mais favoráveis para os seus trabalhos.

Um membro exprime o pesar de que o anonimato, guardado por essa senhora, não permita à Sociedade testemunhar-lhe diretamente a sua gratidão.

Responde o Sr. Allan Kardec que, não tendo o donativo nenhuma destinação especial senão o Espiritismo em geral, ele se encarregou de sua guarda em nome de todos os partidários sérios do Espiritismo. Insiste na qualificação de *partidários sérios*, tendo em vista que não se pode aplicar esse nome aos que, vindo no Espiritismo apenas uma questão de fenômenos e de experiências, não lhe podem compreender as elevadas conseqüências morais e, o que é pior, dele se aproveitam ou fazem que outros o aproveitem.

2º O presidente depositou na secretária uma carta lacrada, enviada pelo Dr. Vignal, membro titular, que só deverá ser aberta no fim de março próximo.

3º O Sr. Netz envia um número da *Illustration*, contendo o relato de uma aparição. O fato será objeto de exame especial.

Estudos:

1º Observações a propósito dos efeitos de visões em certos corpos, tais como vidros, globos de cristal, bolas metálicas, etc., de que se tratou na última sessão. O Sr. Allan Kardec pensa ser necessário que se descarte cuidadosamente o nome de *espelhos mágicos*, dado vulgarmente a esses objetos. Propõe chamá-los *espelhos psíquicos*. Na opinião de vários membros, julga a assembléia que a designação de *espelhos psicográficos* corresponderia melhor à natureza do fenômeno.

2º Evocação do Dr. Vignal, que se ofereceu para um estudo sobre o estado do Espírito das pessoas vivas. Responde com perfeita lucidez às questões que lhe são dirigidas. Dois outros Espíritos, o de Castelnauary e o do Dr. Cauvière comunicam-se ao mesmo tempo por um outro médium, daí resultando uma troca de observações muito instrutivas. Os médicos terminam cada um por um ditado, que traz a marca das altas capacidades que lhes são conhecidas. (Publicado mais adiante).

3º São obtidos dois outros ditados espontâneos: o primeiro, de São Francisco de Sales, pela Sra. Mallet; o segundo, pelo Sr. Colín, assinado Moisés, Platão e, depois, Juliano.

Sexta-feira, 10 de fevereiro de 1860 – Sessão geral

Lida e aprovada a ata de 3 de fevereiro.

Carta com pedido de admissão – Decisão adiada para a próxima sessão particular.

Leitura das comunicações recebidas na última sessão.

Comunicações diversas – O Sr. Soive transmite a nota seguinte, indagando se não seria útil que se fizesse uma evocação a respeito: “Um tal Sr. T..., de trinta e cinco anos, residente no Boulevard de l’Hôpital, era perseguido por uma idéia fixa, a de involuntariamente ter matado um de seus amigos numa rixa. Malgrado tudo que se tinha feito para o dissuadir, mostrando-lhe o amigo vivo, ele julgava estar diante de sua sombra. Atormentado pelo remorso de um crime imaginário, asfixiou-se.”

A evocação do Sr. T... será feita, caso haja tempo.

Estudos:

1º Cinco ditados espontâneos são obtidos simultaneamente: o primeiro, pelo Sr. Roze, assinado por Lamennais; o segundo, pela Srta. Eugénie, assinado por Stäel; o terceiro, pelo Sr. Colin, assinado por Fourier; o quarto, pela Srta. Huet, de um Espírito que, diz ele, dar-se-á a conhecer mais tarde e anuncia uma série de comunicações; a quinta, pelo Sr. Didier Filho, assinada por Charlet.

2º Após a leitura do ditado de Fourier, o presidente observa, para a compreensão das pessoas estranhas à Sociedade e que podem não estar a par da sua maneira de proceder, que essa comunicação lhe parece, à primeira vista, susceptível de alguns comentários; que, entre os Espíritos que se manifestam, os há de todos os graus; que suas comunicações são o reflexo de suas idéias pessoais, nem sempre perfeitamente justas; a Sociedade, conforme o conselho que lhe foi dado, as recebe como expressão de uma opinião individual e se reserva o direito de julgá-las, submetendo-as ao controle da lógica e da razão. É essencial que se saiba muito bem que ela não adota como verdadeiro tudo quanto vem dos Espíritos; por suas comunicações o Espírito dá a conhecer o que ele é em bem ou em mal, em ciência ou em ignorância. São para ela assuntos de estudo; aceita o que é bom e rejeita o que é mau.

3º Evocação da Srta. Indermuhle, de Berna, surdamente de nascimento, de trinta e dois anos, viva. Essa comunicação oferece um grande interesse, do ponto de vista moral e científico, pela sagacidade e precisão das respostas, que nela denotam um Espírito já adiantado.

4º Evocação do Sr. T..., do qual falamos atrás. Dá sinais de grande agitação e quebra vários lápis antes de poder traçar algumas linhas quase ilegíveis. A perturbação de suas idéias é evidente; inicialmente persiste na crença de que matou seu amigo, acabando por convencer-se de que era apenas uma idéia fixa; mas acrescenta que, se não o matou, tinha vontade de fazê-lo, não o fazendo simplesmente por lhe ter faltado coragem. – São Luís dá algumas explicações sobre a situação desse Espírito e as conseqüências de seu suicídio.

Essa evocação será repetida mais tarde, quando o Espírito estiver mais desprendido.

Sexta-feira, 17 de fevereiro de 1860 – Sessão particular

Lida e aprovada a ata da sessão de 10 de fevereiro.

São admitidos como membros titulares, conforme pedido escrito e parecer favorável: Sra. Regnez, de Paris; Sr. Indermuhle de Wytenbach, de Berna; Sra. Lubrat, de Paris.

Leitura de dois novos pedidos de admissão. – Adiados para a próxima sessão particular.

O Sr. Allan Kardec transmite à Sociedade as seguintes observações, a respeito do donativo feito:

Diz ele: “Se a doadora não reclama, no que lhe concerne, nenhuma conta do emprego dos fundos, não devo, para minha própria satisfação, permitir que seu emprego não seja

submetido a um controle. Essa soma formará o primeiro fundo de uma *Caixa Especial*, que nada terá de comum com meus negócios pessoais, e que será objeto de uma contabilidade distinta, sob o nome de *Caixa do Espiritismo*.

“Essa caixa será aumentada posteriormente pelos fundos que poderão chegar-lhe de outras fontes e destinada exclusivamente às necessidades da doutrina e ao desenvolvimento dos estudos espíritas.

“Um de meus primeiros cuidados será a criação de uma *biblioteca especial*, e, como já disse, prover a Sociedade daquilo que lhe falta materialmente, para a regularidade de seus trabalhos.

“Pedi a vários colegas que aceitassem o controle dessa caixa e constatassem, em datas que serão ulteriormente determinadas, o emprego útil dos fundos.

“Esta comissão está composta pelos Srs. Solichon, Thiry, Levent, Mialhe, Krafzoff e Sra. Parisse.”

Leitura das comunicações recebidas na última sessão.

Em seguida a Sociedade ocupou-se do exame de várias questões administrativas.

Os Pré-Adamitas¹¹

Uma carta que recebemos contém a seguinte passagem:

“Devo convir que o ensino que vos foi dado pelos Espíritos repousa sobre uma moral absolutamente conforme à do Cristo e, mesmo, muito mais desenvolvida do que a existente no Evangelho, porque mostrais a aplicação daquilo que, com muita freqüência, ali só se acha em preceitos gerais. Quanto à questão da

11 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 569.

existência dos Espíritos e de suas relações com os homens, para mim não é objeto de qualquer dúvida. Eu estaria convencido apenas pelo testemunho dos Pais da Igreja, se não tivesse a prova da minha própria experiência. Não levanto, portanto, nenhuma objeção a esse respeito. Já não se dá o mesmo com certos pontos de sua doutrina, que são evidentemente contrários ao testemunho das *Escrituras*. Limitar-me-ei, por hoje, a uma só questão, a relativa ao primeiro homem. Dizeis que Adão não é o primeiro nem o único que tenha povoado a Terra. Se assim fosse, fora preciso admitir que a Bíblia estaria em erro, pois o ponto de partida seria controvertido. Vede, por um instante, a que conseqüências isto nos conduz! Confesso que esse pensamento lançou alguma confusão em minhas idéias. Como, porém, antes de tudo sou pela verdade, e a fé nada pode ganhar se construída sobre um erro, peço-vos a gentileza de dar alguns esclarecimentos a respeito, se vossas horas vagas o permitirem. Ser-vos-ei muito reconhecido se puderdes tranqüilizar a minha consciência.”

Resposta

A questão do primeiro homem, na pessoa de Adão, como tronco único da Humanidade, não é a única sobre a qual as crenças religiosas tiveram de modificar-se.

Em certa época o movimento da Terra pareceu de tal modo em oposição ao texto das *Escrituras*, que não houve formas de perseguições a que esta teoria não tenha servido de pretexto e, contudo, vê-se que Josué, parando o Sol, não pôde impedir que a Terra girasse. Ela gira apesar dos anátemas, e ninguém hoje o contestaria sem atentar contra a própria razão.

Diz igualmente a Bíblia que o mundo foi criado em seis dias, fixando a data em cerca de 4000 anos antes da era cristã. Antes disso a Terra não existia, havendo sido tirada do nada. O texto é formal. E eis que a ciência positiva, inexorável, vem provar o contrário. A formação do globo está escrita em caracteres

imprescritíveis no mundo fóssil, e está provado que os seis dias da Criação representam outros tantos períodos, talvez de várias centenas de milhares de anos. Não se trata de um sistema, de uma doutrina, de uma opinião isolada, mas de um fato tão constante quanto o movimento da Terra, que a Teologia não pode deixar de admitir. Assim, não é senão nas pequenas escolas que se ensina que o mundo foi feito em seis vezes vinte e quatro horas, prova evidente de erro no qual se pode cair, tomando ao pé da letra as expressões de uma linguagem muitas vezes figurada. A autoridade da Bíblia teria sido atingida aos olhos dos teólogos? Absolutamente. Eles se renderam à evidência e concluíram que o texto podia comportar outra interpretação.

Revistando os arquivos da Terra, a ciência reconheceu a ordem na qual os diferentes seres vivos apareceram em sua superfície. A observação não deixa nenhuma dúvida quanto às espécies orgânicas pertencentes a cada período, e esta ordem está de acordo com o que é indicado no Gênesis, com a diferença de que esta obra, em vez de ter saído miraculosamente das mãos de Deus em algumas horas, realizou-se, sempre por sua vontade, mas conforme as leis das forças da Natureza, em alguns milhões de anos. Deus, por isso, será menor e menos poderoso? Sua obra será menos sublime por não ter o prestígio da instantaneidade? Evidentemente, não. Seria preciso fazer da Divindade uma idéia muito mesquinha para não reconhecer sua onipotência nas leis eternas por ela estabelecidas para reger os mundos.

Assim como Moisés, a Ciência coloca o homem na última ordem da criação dos seres vivos; mas Moisés coloca o dilúvio universal no ano 1654 do mundo, enquanto a geologia nos mostra esse grande cataclismo anteriormente ao aparecimento do homem, considerando-se que, até aquele dia, não se encontra nas camadas primitivas nenhum traço de sua presença, nem de animais da mesma categoria, do ponto de vista físico. Mas nada prova que isto seja impossível. Várias descobertas já lançaram dúvidas a

respeito. É possível, então, que de um momento para outro se adquira a certeza dessa anterioridade da raça humana. Resta ver se o cataclismo geológico, cujos traços estão por toda a Terra, é o mesmo que o dilúvio de Noé. Ora, a lei de duração da formação das camadas fósseis não permite confundi-los, remontando o primeiro, talvez, a cem mil anos. No momento em que forem encontrados traços da existência do homem antes da grande catástrofe, ficará provado que Adão não foi o primeiro homem, ou que sua criação se perde na noite dos tempos. Contra a evidência não há raciocínios possíveis. Os teólogos deverão, assim, aceitar o fato, como aceitaram o movimento da Terra e os seis períodos da Criação.

É verdade que a existência do homem antes do dilúvio geológico ainda é hipotética, mas isto é de somenos importância. Admitindo que o homem tenha aparecido pela primeira vez na Terra 4000 anos antes do Cristo, se 1650 anos mais tarde toda a raça humana foi destruída, com exceção de um só, conclui-se que o povoamento da Terra não pode datar senão de Noé, isto é, de 2350 anos antes de nossa era. Ora, quando os hebreus emigraram para o Egito, no século dezoito a.C., já encontraram este país bastante povoado e com uma civilização muito adiantada.

Prova a História que, nessa época, as Índias e outras regiões eram igualmente florescentes. Seria preciso, então, que do décimo quarto ao décimo oitavo séculos, ou seja, no espaço de 600 anos, não só a posteridade de um só homem tivesse conseguido povoar todas as imensas regiões então conhecidas, mas que, nesse curto intervalo, a espécie humana tivesse podido elevar-se da ignorância absoluta do estado primitivo ao mais alto grau do desenvolvimento intelectual, o que contraria todas as leis antropológicas. Tudo se explica, ao contrário, admitindo-se a anterioridade do homem, o dilúvio de Noé como uma catástrofe parcial, confundida com o cataclismo geológico, e Adão, que viveu há 6000 anos, como tendo povoado uma região desabitada. Ainda uma vez, nada poderia prevalecer contra a evidência dos fatos. Eis

por que julgamos prudente não tomar posição em falso contra doutrinas que, cedo ou tarde, como tantas outras, podem revelar a falta de razão dos que as combatem. Longe de perder, as idéias religiosas se engrandecem ao caminharem com a Ciência. É o meio de não dar margem ao cepticismo, mostrando-lhe o lado vulnerável.

Em que se teria tornado a religião, caso se obstinasse contra a evidência e persistisse em anatematizar os que não aceitassem as letras das Escrituras? Disso resultaria que não se pode ser católico sem crer no movimento do Sol, nos seis dias da criação e nos 6000 anos de existência da Terra. Calcule-se o que restaria hoje de católicos. Proscriveis também os que não tomam ao pé da letra a alegoria da árvore e seu fruto, da costela de Adão, da serpente, etc.? A religião será sempre forte quando marchar de acordo com a Ciência, porque estará ligada à parte esclarecida da população. É o único meio de desmentir o preconceito que a faz ser considerada, por gente superficial, como antagonista do progresso. Se a religião jamais repelisse a evidência dos fatos, não se afastaria dos homens sérios nem provocaria cismas, porquanto nada poderia prevalecer contra a evidência. Assim, a alta teologia, que conta homens eminentes pelo saber, sobre muitos pontos controvertidos admite uma interpretação conforme à sã razão. Apenas é lamentável que reserve suas interpretações aos privilegiados e continue a ensinar ao pé da letra nas escolas. Daí resulta que a letra, aceita inicialmente pelas crianças, é mais tarde rejeitada por elas quando chega a idade da razão. Nada tendo em compensação, tudo repelem, aumentando o número dos incrédulos absolutos. Ao contrário, daí às crianças apenas o que a razão possa admitir mais tarde; desenvolvendo-se a razão, as crianças serão fortificadas nos princípios que lhes tiverem sido inculcados. Assim falando, cremos servir aos verdadeiros interesses da religião; ela será sempre respeitada quando for mostrada conforme a realidade e quando não a fizerem consistir em alegorias, cuja realidade o bom-senso não pode admitir.

Um Médium Curador

Senhorita Désirée Godu, de Hennebon (Morbihan)

Pedimos aos nossos leitores que se reportem ao artigo do mês passado sobre os *médiuns spéciaux*; melhor compreenderão os ensinamentos que vamos dar sobre a Srta. Désirée Godu, cuja faculdade oferece um caráter da mais notável especialidade. Há cerca de oito anos, ela passou sucessivamente por todas as fases da mediunidade; a princípio, médium de efeitos físicos muito poderosa, tornou-se, sucessivamente, médium vidente, audiente, falante, escrevente e, finalmente, todas as suas faculdades se concentraram na cura de doentes, que parece ser a sua missão, missão que desempenha com um devotamento e uma abnegação sem limites. Deixemos falar a testemunha ocular, o Sr. Pierre, professor em Lorient, que nos transmite esses detalhes em resposta às perguntas que lhe dirigimos:

“A Srta. Désirée Godu, jovem de vinte e cinco anos, pertence a uma família muito distinta, respeitável e respeitada de Lorient; seu pai é um antigo militar, cavaleiro da Legião de Honra, e sua mãe, mulher paciente e laboriosa, ajuda a filha o quanto pode em sua penosa, mas sublime missão. Há mais ou menos seis anos que essa família patriarcal dá esmolas de remédios prescritos e, freqüentemente, daquilo que é necessário aos curativos, tanto aos ricos quanto aos pobres que a procuram. Suas relações com os Espíritos começaram no tempo das mesas girantes; então ela residia em Lorient e, durante, meses, não se falava senão das maravilhas operadas pela Srta. Godu com as mesas, sempre complacentes e dóceis sob suas mãos. Era um privilégio ser admitido às sessões de mesa em sua casa e lá não entrava quem quisesse. Simples e modesta, não buscava pôr-se em evidência. Entretanto, como bem podeis imaginar, a maledicência não a poupou.

“O próprio Cristo foi injuriado, embora só fizesse e ensinasse o bem. É de admirar que ainda se encontrem fariseus, quando ainda há homens que em nada crêem? É a sina de todos quantos mostram uma superioridade qualquer serem alvo dos ataques da mediocridade invejosa e ciumenta. Nada lhes custa para derrubar aquele que ergue a cabeça acima do vulgo, nem mesmo o veneno da calúnia; o hipócrita desmascarado jamais perdoa. Mas Deus é justo e quanto mais maltratado for o homem de bem, tanto mais gloriosa será a sua reabilitação e mais humilhante a vergonha de seus inimigos: a posteridade o vingará.

“Aguardando sua verdadeira missão que, conforme se diz, deve começar dentro de dois anos, o Espírito que a guia propôs-lhe a de curar todos os tipos de doenças, o que ela aceitou. Para comunicar-se, ele agora se serve de seus órgãos, muitas vezes à sua revelia, em vez das batidas insípidas das mesas. Quando é o Espírito que fala, o timbre de sua voz já não é o mesmo e os seus lábios não se movem.

“A Srta. Godu recebeu apenas uma instrução comum, mas a parte principal de sua educação não devia ser obra dos homens. Quando consentiu em ser médium curador, o Espírito procedeu metodicamente para a sua instrução, sem que ela não visse outra coisa além de mãos. Uma misteriosa personagem lhe punha sob os olhos livros, gravuras ou desenhos, e lhe explicava todo o funcionamento dos órgãos do corpo humano, as propriedades das plantas, os efeitos da eletricidade, etc. Ela não é sonâmbula; ninguém a adormece. É completamente desperta que penetra os doentes com o olhar. O Espírito lhe indica os remédios, que ela geralmente prepara e aplica, cuidando e pensando as mais repugnantes feridas com a dedicação de uma irmã de caridade. Começaram por lhe dar a composição de certos unguentos que curavam em poucos dias os panarícios e as feridas de pequena gravidade, a fim de lentamente habituá-la a ver, sem muita repulsa,

todas as horrendas e repugnantes misérias que deviam aparecer aos seus olhos, pondo a finura e a delicadeza de seus sentidos às mais rudes provas. Não imaginemos nela encontrar um ser sofredor, doentio e fraco; desfruta do *mens sana in corpore sano* em toda a sua plenitude; longe de cuidar dos doentes por meio de um auxiliar, em tudo ela põe a própria mão, dando conta de tudo, graças à sua robusta constituição. Sabe inspirar aos doentes uma confiança sem limites, acha no coração consolações para todas as dores, tendo à mão remédios para todos os males. É de um caráter naturalmente alegre e jovial. Sua alegria é contagiante como a fé que a anima e atua instantaneamente sobre os doentes. Vi muitos se retirarem com os olhos cheios de lágrimas, doces lágrimas de admiração, de reconhecimento e de alegria. Todas as quintas-feiras, dia de feira, e domingos, das seis horas da manhã até cinco ou seis horas da tarde, a casa não se esvazia. Para ela, trabalhar é orar, e disso se desincumbe com consciência. Antes de ter de tratar os doentes passava dias inteiros confeccionando roupas para os pobres e enxovais para os recém-nascidos, empregando os meios mais engenhosos para que os presentes chegassem ao destino anonimamente, de sorte que a mão esquerda sempre ignorasse o que dava a direita. Possui grande número de certificados autênticos, concedidos por eclesiásticos, autoridades e pessoas notáveis, atestando curas que, em outros tempos, teriam sido consideradas miraculosas.”

Sabemos, por pessoas dignas de fé, que não há o menor exagero no relato que acabamos de transcrever e temos a satisfação de poder assinalar o digno emprego que a Srta. Godu faz da excepcional faculdade de que foi dotada. Esperamos que estes elogios, que temos o prazer de reproduzir no interesse da Humanidade, não alterem sua modéstia, que dobra o valor do bem, e que ela não escute as sugestões do espírito do orgulho. O orgulho é o escolho de um grande número de médiuns e vimos muitos cujas faculdades transcendentais se aniquilaram ou perverteram, desde

que deram ouvidos a este demônio tentador. As melhores intenções não dão garantia contra os embustes e é precisamente contra os bons que dirige as suas baterias, pois se satisfaz em fazê-los sucumbir e mostrar que ele é o mais forte; insinua-se no coração com tanta habilidade que muitas vezes o enche sem que o suspeite. Assim, o orgulho é o último defeito que confessamos a nós mesmos, semelhante a essas moléstias mortais que se tem em estado latente e sobre cuja gravidade o doente se ilude até o último momento. Eis por que é tão difícil erradicá-lo.

A partir do momento que um médium desfrute de uma faculdade, por menos notável que seja, é procurado, elogiado, adulado. Para ele isso é uma terrível pedra de toque, pois acaba se julgando indispensável, se não for essencialmente simples e modesto. Infeliz dele, sobretudo se julgar que somente ele poderá entrar em contato com os Espíritos bons. Custa-lhe reconhecer que foi enganado e, muitas vezes, escreve ou ouve sua própria condenação, sua própria censura, sem acreditar que a ele seja dirigida. Ora, é precisamente essa cegueira que o aprisiona. Os Espíritos enganadores se aproveitam para o fascinar, o dominar, o subjugar cada vez mais, a ponto de lhe fazerem tomar por verdades as coisas mais falsas; é assim que nele se perde o dom precioso, que não havia recebido de Deus senão para se tornar útil aos semelhantes, já que os Espíritos bons sempre se afastam daqueles que preferem escutar os maus. Aquele a quem a Providência destina a ser posto em evidência o será pela força das coisas, e os Espíritos bem saberão tirá-lo da obscuridade, se isso for útil, ao passo que, muitas vezes, quanta decepção para quem é atormentado pela necessidade de fazer falar de si! O que sabemos do caráter da Srta. Godu dá-nos a firme confiança de que ela se encontra acima dessas pequenas fraquezas e, assim, jamais comprometerá, como tantos outros, a nobre missão que recebeu.

Manifestações Físicas Espontâneas

O padeiro de Dieppe

Os fenômenos pelos quais os Espíritos podem manifestar sua presença são de duas naturezas, que se designam pelos nomes de manifestações físicas e manifestações inteligentes. Pelas primeiras, os Espíritos atestam sua ação sobre a matéria; pelas segundas, revelam um pensamento mais ou menos elevado, conforme seu grau de depuração. Uma e outras podem ser espontâneas ou provocadas. São provocadas quando solicitadas pelo desejo e obtidas com o auxílio de pessoas dotadas de uma aptidão especial, isto é, dos médiuns. São espontâneas quando ocorrem naturalmente, sem nenhuma participação da vontade e, muitas vezes, na ausência de qualquer conhecimento e mesmo de qualquer crença espírita. É a esta ordem que pertencem certos fenômenos que não podem ser explicados pelas causas físicas ordinárias. Entretanto, não nos devemos apressar, como já temos dito, em atribuir aos Espíritos tudo quanto é insólito e não se compreende. Nunca insistiríamos demais neste ponto, a fim de nos precavermos contra os efeitos da imaginação e, muitas vezes, do medo. Repetimos: Quando um fenômeno extraordinário se produz, o primeiro pensamento deve ser o de que tenha uma causa natural, por ser a mais freqüente e a mais provável; tais são, sobretudo, os ruídos e mesmo certos movimentos de objetos. O que se precisa fazer, neste caso, é buscar a causa, sendo provável que a encontremos muito simples e muito vulgar.

Dizemos mais: O verdadeiro e, por assim dizer, único sinal de intervenção dos Espíritos é o caráter intencional e inteligente do efeito produzido, quando a impossibilidade de uma intervenção humana esteja perfeitamente demonstrada. Nessas condições, raciocinando conforme o axioma de que todo efeito tem uma causa, e que todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente, torna-se evidente que, se a causa não estiver nos agentes

ordinários dos efeitos materiais, estará fora desses mesmos agentes; que se a inteligência que age não for humana, é preciso que se encontre fora da Humanidade. Haverá, então, inteligências extra-humanas? Isso parece provável. Se certas coisas não são e não podem ser obra dos homens, devem ser obra de alguém. Ora, se esse alguém não for um homem, parece que, necessariamente, deve estar fora da Humanidade; se não o vemos deve ser invisível. É um raciocínio tão peremptório e de tão fácil compreensão quanto o do Sr. de La Palisse.

Quais são, então, essas inteligências? Anjos ou demônios? E de que modo inteligências invisíveis podem agir sobre a matéria visível? – É o que sabem perfeitamente aqueles que se aprofundaram na ciência espírita, ciência que, como as outras, não é aprendida num piscar de olhos, nem pode ser resumida em algumas linhas. Aos que fazem tal pergunta, diremos apenas isto: *Como o vosso pensamento, que é imaterial, move à vontade o vosso corpo, que é material?* Acreditamos que eles não se embaraçarão na solução deste problema e que, se rejeitarem a explicação dada pelo Espiritismo desse fenômeno tão vulgar, é que têm outra muito mais lógica a opor. Mas até agora não a conhecemos.

Vamos aos fatos que motivaram estas observações. Vários jornais, entre outros o *Opinion Nationale*, de 14 de fevereiro último, e o *Journal de Rouen*, de 12 do mesmo mês, relatam o seguinte fato, conforme o *Vigie de Dieppe*. Eis o artigo do *Journal de Rouen*:

“O *Vigie de Dieppe* publica a seguinte carta, de seu correspondente de Grandes-Ventes. Em nosso número de sexta-feira já assinalamos uma parte dos fatos hoje relatados neste jornal; mas a emoção provocada na comuna por esses extraordinários acontecimentos nos leva a dar novos detalhes, contidos nesta correspondência.

“Hoje sorrimos das histórias mais ou menos fantásticas dos velhos tempos que se foram, não desfrutando os pretensos feiticeiros da atualidade de grande veneração. Não são mais acreditados em Grandes-Ventes que alhures. Contudo, nossos velhos preconceitos ainda têm alguns adeptos entre os aldeões, de modo que a cena verdadeiramente extraordinária, que acabamos de testemunhar, é bem adequada para fortalecer a sua crença supersticiosa.

“Ontem pela manhã, o Sr. Goubert, um dos padeiros da nossa vila, seu pai, que lhe serve de operário, e um jovem aprendiz de dezesseis a dezessete anos, iam começar o trabalho rotineiro, quando perceberam que vários objetos deixavam espontaneamente seu lugar para se lançarem na masseira. Tiveram, assim, que refugar sucessivamente a farinha que trabalhavam, vários pedaços de carvão, dois pesos de tamanhos diversos, um cachimbo e uma vela. Apesar de sua extrema surpresa, continuaram a tarefa e tinham chegado a virar o pão, quando, de repente, uma porção de massa de dois quilos, escapando das mãos do jovem auxiliar, foi lançada a alguns metros de distância. Isto foi o prelúdio e como que a senha da mais estranha desordem. Então eram cerca de nove horas e, até o meio-dia, foi positivamente impossível ficar no forno e no aposento vizinho. Tudo foi posto em grande desordem, derrubado e quebrado. Os pães, atirados no meio da sala com as pranchas que lhes serviam de base, entre restos de toda sorte, foram completamente perdidos. Mais de trinta garrafas repletas de vinho quebraram-se sucessivamente e, enquanto o bolinete da cisterna rodava sozinho com extrema velocidade, as brasas, as pás, os cavaletes e os pesos saltavam no ar e executavam as mais diabólicas evoluções.

“Em torno do meio-dia o tumulto cessou pouco a pouco e, algumas horas depois, quando tudo entrou em ordem e os utensílios repostos em seus lugares, o chefe da casa pôde retomar os trabalhos habituais.

“Este bizarro acontecimento causou ao Sr. Goubert um prejuízo de no mínimo 100 francos.”

A este mesmo relato o *Opinion Nationale* acrescenta as seguintes reflexões:

“Reproduzindo esta história singular, seria uma injúria aos nossos leitores preveni-los contra os fatos sobrenaturais que ela relata. Sabemos perfeitamente não se tratar de uma história do nosso tempo e que poderá escandalizar alguns dos doutos leitores do *Vigie*. No entanto, por mais inverossímil que pareça, não é menos verdadeira e, se necessário, cem pessoas poderão certificá-lhe a exatidão.”

Confessamos não compreender bem as reflexões do jornalista, que parece contradizer-se. Por um lado, diz aos leitores que *se previnam contra os fatos sobrenaturais que a carta relata*, e termina dizendo que “por mais inverossímil que pareça, essa história não é menos verdadeira e, se necessário, cem pessoas poderiam certificá-lhe a exatidão.” De duas, uma: ou é verdadeira, ou é falsa. Se falsa, tudo está dito; mas se é verdadeira, como atesta o *Opinion Nationale*, o fato revela uma coisa muito grave para ser tratada um tanto levemente. Ponhamos de lado a questão dos Espíritos e nela não vejamos senão um fenômeno físico. Não é bastante extraordinária para merecer a atenção de observadores sérios? Que, pois, os sábios se ponham à obra e, perscrutando os arquivos da Ciência, nos dêem uma explicação racional, irrefutável, apontando a razão de todas as circunstâncias. Se não o podem, somos obrigados a admitir que não conhecem todos os segredos da Natureza. E se apenas a ciência espírita dá a solução, é preciso optar entre a teoria que explica e a que nada explica.

Quando fatos desta natureza são relatados, nosso primeiro cuidado, antes mesmo de inquirir da realidade, é o de examinar se são ou não possíveis, conforme o que conhecemos da teoria das manifestações espíritas. Citamos alguns,

demonstrando-lhes a absoluta impossibilidade, notadamente a história que narramos no número de fevereiro de 1859, segundo o *Journal des Débats*, sob o título de *Men amigo Hermann*, à qual certos pontos da Doutrina Espírita poderiam ter dado uma aparência de probabilidade. Sob este ponto de vista, os fenômenos que se passaram com o padeiro dos arredores de Dieppe nada têm de mais extraordinário que muitos outros, perfeitamente verificados, cuja solução completa é dada pela ciência espírita. Aos nossos olhos, portanto, se o fato não fosse verdadeiro, seria possível. Pedimos a um de nossos correspondentes de Dieppe, em quem temos plena confiança, que verificasse a realidade do fato. Eis o que nos responde:

“Hoje posso vos dar todas as informações que desejais, pois me informei em boa fonte. O relato do *Vigie* é a exata verdade; inútil relatar todos os fatos. Parece que vários homens de ciência vieram de muito longe para se darem conta desses fatos extraordinários, que não poderão explicar se não tiverem nenhuma noção da ciência espírita. Quanto aos nossos camponeses, estão confusos. Uns dizem que são feiticeiros; outros, que é porque o cemitério mudou de lugar e sobre o antigo sítio fizeram construções; e os espertalhões, que passam entre os seus por tudo saber, sobretudo se são militares, terminam dizendo: ‘Palavra de honra! Não sei como isso pode acontecer.’ Inútil dizer que não falta quem atribua grande parte de tudo isso ao diabo. Para fazer com que a gente do povo compreenda todos esses fenômenos, seria necessário iniciá-los na verdadeira ciência espírita, único meio de arrancar dentre eles a crença nos feiticeiros e todas as idéias supersticiosas, que ainda por muito tempo representarão o maior obstáculo à sua moralização.”

Terminaremos com uma última observação.

Ouvimos algumas pessoas dizerem que não queriam ocupar-se de Espiritismo, com receio de atrair os Espíritos e provocar manifestações do gênero da que acabamos de relatar.

Não conhecemos o padeiro Goubert, mas cremos poder afirmar que nem ele, nem seu filho, nem seu ajudante jamais se ocuparam com os Espíritos. É mesmo de notar que as manifestações espontâneas se produzem preferencialmente entre pessoas que nenhuma idéia possuem do Espiritismo, prova evidente de que os Espíritos vêm sem ser chamados. Dizemos mais: O conhecimento *esclarecido* dessa ciência é o melhor meio de nos preservarmos dos Espíritos importunos, porque indica a *única* maneira racional de os afastar.

Nosso correspondente está perfeitamente certo ao dizer que o Espiritismo é um remédio contra a superstição. Não será, com efeito, uma idéia supersticiosa, a crença de que esses fenômenos estranhos se devem ao deslocamento do cemitério? A superstição não consiste na crença em um fato, quando é verificado, mas na causa irracional atribuída ao fato. Está, sobretudo, na crença em pretensos meios de adivinhação, no efeito de certas práticas, na virtude dos talismãs, nos dias e horas cabalísticos, etc., coisas cujo absurdo e ridículo o Espiritismo demonstra.

Estudo sobre o Espírito de Pessoas Vivas

O Dr. Vignal

O Dr. Vignal, membro titular da Sociedade, tendo se oferecido para servir a um estudo sobre uma pessoa viva, como ocorreu com o conde de R..., foi evocado na sessão de 3 de fevereiro de 1860.

1. [A São Luís] Podemos evocar o Dr. Vignal?

Resp. — Sem nenhum perigo, pois, para isso, ele está preparado.

2. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui. Juro em nome de Deus, o que não faria se respondesse por outro.

3. Embora estejais vivo, julgais necessário que a evocação seja feita em nome de Deus?

Resp. – Deus não existe tanto para os vivos quanto para os mortos?

4. Vede-nos tão claramente como quando em pessoa assistíeis às nossas sessões?

Resp. – Mais claramente.

5. Em que lugar estais aqui?

Resp. – Naturalmente no lugar onde minha ação é necessária: à direita e um pouco atrás do médium.

6. Para vir de Souilly até aqui, tivestes consciência do espaço transposto? Vistes o caminho que percorrestes?

Resp. – Não mais que o carro que me trouxe.

7. Poderíamos oferecer-vos uma cadeira?

Resp. – Sois muito bons, mas não estou tão fatigado quanto vós.

8. Como constatais vossa individualidade, aqui presente?

Resp. – Como os outros.

Observação – Ele faz alusão ao que já foi dito em caso semelhante, isto é, que o Espírito constata sua individualidade por meio do perispírito que, para ele, é a representação do seu corpo.

9. Entretanto, seríamos gratos se vós mesmos nos dêsseis a explicação.

Resp. – O que me pedis é uma repetição.

10. Já que não quereis repetir o que foi dito, é porque pensais do mesmo modo?

Resp. – Mas isto está bem claro.

11. Assim, para vós, vosso perispírito é uma espécie de corpo circunscrito e limitado?

Resp. – É evidente. Sem comentários.

12. Podeis ver o vosso corpo adormecido?

Resp. – Não daqui. Vi-o ao deixá-lo; tive vontade de rir.

13. Como se estabelece a relação entre vosso corpo, que está em Souilly, e vosso Espírito, que se encontra aqui?

Resp. – Como já vos disse, por um cordão fluídico.

14. Quereis descrever, o melhor possível, a fim de que possamos compreender a maneira por que vedes a vós mesmo, abstração feita do vosso corpo?

Resp. – É bem fácil; vejo-me como em vigília, ou antes – a comparação é melhor – como a gente se vê em sonho. Tenho meu corpo, mas tenho consciência de que é organizado de outra maneira e mais leve que o outro. Não sinto o peso, a força de atração que me prende à Terra quando acordado. Numa palavra, como vos disse, não estou fatigado.

15. A luz se vos apresenta com a mesma coloração que no estado normal?

Resp. – Não. Ela é acrescida de uma luminosidade inacessível aos vossos sentidos grosseiros. Entretanto, não infrais que a sensação produzida pelas cores sobre o nervo óptico seja diferente para mim: o que é vermelho é vermelho e assim por diante. Apenas os objetos que eu não via em vigília, em razão da obscuridade, são luminosos e perceptíveis para mim. Assim, a obscuridade não existe *absolutamente* para o Espírito, embora ele possa estabelecer uma diferença entre o que para vós é claro e o que não é.

16. Vossa visão é indefinida ou limitada ao objeto ao qual prestais atenção?

Resp. – Nem uma coisa, nem outra. Não sei absolutamente o que ela pode experimentar, como modificações, para o Espírito inteiramente desprendido. Mas, para mim, sei que os objetos materiais são perceptíveis no seu interior; que minha vista os atravessa. Contudo, não poderia ver por toda parte, nem a distância.

17. Poderíeis prestar-vos a uma pequena experiência de prova, não motivada pela curiosidade, mas pelo desejo de nos instruírmos?

Resp. – De modo algum; isto me é expressamente proibido.

18. Era para lerdês a pergunta que acabam de me trazer e respondê-la sem que eu a dissesse.

Resp. – Eu o poderia, mas, repito, isto me é proibido.

19. Como tendes consciência da proibição que vos fizeram?

Resp. – Pela comunicação do pensamento do Espírito que mo proíbe.

20. Pois bem! Eis a pergunta: Podeis ver-vos num espelho?

Resp. – Não. Que vedes num espelho? O reflexo de um objeto material. Não sou material e, portanto, só posso produzir o reflexo auxiliado pela operação que torna tangível o perispírito.

21. Assim, um Espírito que se encontrasse nas condições de um agênerê, por exemplo, poderia ver-se num espelho?

Resp. – Certamente.

22. Neste momento, poderíeis julgar da saúde ou da

doença de uma pessoa com tanta segurança quanto o faríeis em vosso estado normal?

Resp. – Com mais segurança.

23. Poderíeis dar uma consulta, se alguém vo-la pedisse?

Resp. – Poderia, mas não desejo fazer concorrência aos sonâmbulos e aos Espíritos benfeitores que os guiam. Quando estiver morto, não direi que não.

24. O estado em que agora vos encontrais é idêntico àquele em que estareis depois de morto?

Resp. – Não. Terei certas percepções muito mais precisas; não esqueçais de que ainda me encontro ligado à matéria.

25. Vosso corpo poderia morrer enquanto estais aqui, sem que o suspeitásseis?

Resp. – Não. Morremos assim todos os dias.

26. Isto se compreende quanto à morte natural, sempre precedida de alguns sintomas. Suponhamos, porém, que alguém vos fira e mate instantaneamente; como o saberíeis?

Resp. – Eu estaria pronto para receber o golpe antes que o braço o desferisse.

27. Que necessidade teria vosso Espírito de retornar ao corpo, desde que nada mais haveria a fazer?

Resp. – É uma lei muito sábia, sem a qual, uma vez saído, muitas vezes poderíamos hesitar tão bem em voltar para ele, que seria um pretexto para suicidar-se... hipocritamente.

28. Suponhamos que vosso Espírito não estivesse aqui, mas em casa, passeando, enquanto o corpo dormisse. Deveríeis ver tudo quanto lá se passasse?

Resp. – Sim.

29. Neste caso, suponhamos que lá se praticasse uma ação má qualquer, por parte de um parente ou de um estranho. Vós o testemunharíeis?

Resp. – Sem dúvida, mas nem *sempre* livre para me opor. Entretanto, isso ocorre com mais freqüência do que imaginais.

30. Qual a impressão que vos daria a visão dessa ação má? Ficaríeis tão afetado quanto se fôsseis testemunha ocular?

Resp. – Algumas vezes mais, algumas vezes menos, conforme as circunstâncias.

31. Experimentaríeis o desejo de vingança?

Resp. – Vingar-me, não; impedi-la, sim.

Observação – Resulta do que acaba de ser dito e, ademais, é a conseqüência do que já sabemos, que o Espírito de uma pessoa que dorme sabe perfeitamente o que se passa à sua volta; aquele que quisesse aproveitar-se do sono para cometer uma ação má em seu prejuízo, engana-se quando crê não ser visto. Nem mesmo deveria contar com o esquecimento que se segue ao despertar, porquanto algumas vezes a pessoa pode guardar uma intuição muito forte para inspirar desconfianças. Os sonhos de pressentimento não passam de uma lembrança mais precisa daquilo que se viu. É ainda uma das conseqüências morais do Espiritismo. Dando a convicção do fenômeno, pode ser um freio para muita gente. Eis um fato que vem em apoio dessa verdade: Certo dia alguém recebeu uma carta sem assinatura e muito descortês. Inutilmente tentou descobrir seu autor. É possível que durante a noite tenha sabido o que desejava saber, porque no dia seguinte, ao despertar, e sem que tivesse sonhado, seu pensamento se dirigiu a alguém de quem não havia suspeitado e, depois de uma verificação, certificou-se de que não se enganara.

32. Voltemos às vossas sensações e percepções. Por onde vedes?

Resp. – Por todo o meu ser.

33. Percebeis os sons? Por onde?

Resp. – É a mesma coisa, pois a percepção é transmitida ao Espírito por seus órgãos imperfeitos. Para vós deve ser claro que ele sinta, quando livre, numerosas percepções que vos escapam.

34. [Batem numa sineta] Ouvis o som perfeitamente?

Resp. – Mais do que vós.

35. Se vos fizessem ouvir música desafinada, experimentaríeis uma sensação semelhante à que sentis em estado de vigília?

Resp. – Não disse que as sensações fossem análogas; há uma diferença. Mas há percepções muito mais completas.

36. Percebeis os odores?

Resp. – Sem dúvida; sempre da mesma maneira.

Observação – Poderíamos dizer, conforme isso, que a matéria que envolve o Espírito é uma espécie de abafador que amortece a acuidade da percepção. Recebendo essa percepção sem intermediário, o Espírito desprendido pode captar nuances que escapam àquele a quem chegam, passando por um meio mais denso que o perispírito. Compreende-se, então, que os Espíritos sofredores possam ter dores que, por não serem físicas, do nosso ponto de vista, não deixam de ser mais pungentes que as dores corporais, e que os Espíritos felizes tenham prazeres dos quais as nossas sensações não nos podem dar uma idéia.

37. Se estivésseis diante de pratos apetitosos, sentiríeis vontade de comer?

Resp. – O desejo seria uma distração.

38. Suponhamos que neste momento, enquanto vosso Espírito está aqui, o corpo tenha fome. Que efeito a visão desses pratos produziria sobre vós?

Resp. – Isto me faria partir para satisfazer a uma necessidade irresistível.

39. Poderíeis fazer com que compreendêssemos o que se passa convosco quando deixais o corpo para vir aqui, ou quando nos deixais para retomar o corpo? Como o percebeis?

Resp. – Isto seria muito difícil. Entro como saio, sem o perceber, ou, melhor dizendo, sem dar-me conta da maneira por que se opera o fenômeno. Contudo, não penseis que o Espírito, ao entrar no corpo, esteja encerrado como num quarto. Ele irradia incessantemente para fora, de tal sorte que se pode dizer que freqüentemente está mais fora do que dentro. Apenas a união é mais íntima e os laços mais apertados.

40. Vedes outros Espíritos?

Resp. – Aqueles que querem que eu veja.

41. Como os vedes?

Resp. – Como a mim mesmo.

42. Vedes alguns à nossa volta?

Resp. – Em multidão.

43. Evocação de Charles Dupont [Espírito de Castelnaudary] – Atendo ao vosso apelo.

44. [Ao mesmo] Estais hoje mais tranqüilo do que da última vez em que vos chamamos?

Resp. – Sim; progrido no bem.

45. Compreendeis agora que vossas penas não durarão sempre?

Resp. – Sim.

46. Entrevedes o fim dos sofrimentos?

Resp. – Não. Para minha punição, Deus não me permite ver o fim.

47. [Ao Sr. Vignal] Vedes o Espírito que acaba de responder?

Resp. – Sim; ele não é agradável de ver.

48. Podeis descrevê-lo?

Resp. – Vejo-o como foi visto, com a diferença de não ter mais sangue nem punhal, revelando sua fisionomia mais tristeza do que a estupidez feroz que apresentou na primeira aparição.

49. Desperto, tendes conhecimento do retrato que foi feito deste Espírito?

Resp. – Sim; além disso, estou informado.

50. Quando vedes um Espírito, como sabeis se seu corpo está morto ou vivo?

Resp. – Pelo seu cordão fluídico.

51. Como julgais o moral deste?

Resp. – Seu moral deve ser bem triste; mas ele melhora.

52. [A Charles Dupont] Ouvis o que se diz de vós. Isto vos deve encorajar a perseverar na via do progresso, em que entraste.

Resp. – Obrigado; é o que procuro fazer.

53. Vedes o Espírito do médico com o qual conversamos?

Resp. – Sim.

54. Como o vedes?

Resp. – Vejo-o com um envoltório menos transparente que o dos outros Espíritos.

55. Como julgais que ele ainda esteja vivo?

Resp. – Os Espíritos comuns não têm forma aparente; este tem a forma humana. Está envolvido por matéria semelhante a uma névoa, reproduzindo sua forma humana terrestre; o Espírito dos mortos não tem mais esse envoltório: dele está desprendido.

56. [Ao Sr. Vignal] Se evocássemos um louco, como o reconheceríeis?

Resp. – Não o reconheceria se sua loucura fosse recente, porquanto nenhuma ação teria sobre o Espírito. Mas se fosse alienado há muito tempo, a matéria poderia ter exercido certa influência sobre ele, produzindo sinais que me serviriam para reconhecê-lo, como em vigília.

57. Poderíeis descrever-nos as causas da loucura?

Resp. – Nada mais é que uma alteração, uma perversão dos órgãos, que não mais recebem as impressões de maneira regular, transmitindo falsas sensações e, por isto mesmo, realizando atos diametralmente opostos à vontade do Espírito.

Observação – Acontece muitas vezes que certas criaturas, cujo Espírito é perfeitamente são, apresentam nos membros e em outras partes do corpo movimentos involuntários e independentes de sua vontade, por exemplo, o que designamos sob o nome de *tiques nervosos*. Compreende-se que essa alteração, se em vez de ocorrer no braço ou nos músculos da face, se desse no cérebro, a emissão das idéias sofreria. A impossibilidade de dirigir ou de dominar esta emissão constitui a loucura.

58. Depois da última resposta do Sr. Vignal, o médium que servia de intérprete a Charles Dupont escreveu espontaneamente: Reconhecem-se esses Espíritos (os dos loucos) por sua chegada entre nós, pois giram em todos os sentidos, sem terem uma idéia firme, nem de Deus, nem das preces. Necessitam de tempo para se firmarem.

Assinado: Cauvière

Como ninguém tivesse pensado em chamar esse Espírito, o Sr. Belliol pergunta se não seria o do Dr. Cauvière, de Marselha, de quem outrora foi aluno. – R. Sim, sou eu, morto há um ano e meio.

Observação – O Sr. Belliol reconhece a assinatura como sendo a do Dr. Cauvière. Mais tarde pôde-se compará-la com uma assinatura original e constatar a perfeita semelhança da escrita e da rubrica.

59. [Ao Sr. Cauvière] A que devemos a honra de vossa visita inesperada?

Resp. – Não é a primeira vez que venho entre vós. Hoje achei uma ocasião favorável para me comunicar e a aproveitei.

60. Vedes vosso confrade Dr. Vignal, que aqui se acha em Espírito?

Resp. – Sim, eu o vejo.

61. Como reconheceis que ele ainda está vivo?

Resp. – Por seu envoltório, menos transparente que o nosso.

62. Esta resposta concorda com as que Charles Dupont acaba de dar, e nos pareceram ultrapassar o alcance de sua inteligência. Fostes vós quem lhas teríeis ditado?

Resp. – Eu podia perfeitamente influenciá-lo, visto estar aqui.

63. Em que estado vos encontras, como Espírito?

Resp. – Ainda não reencarnei e, embora sendo um Espírito adiantado, estava longe de crer, na Terra, ao que chamais de espiritualismo. É preciso que faça minha educação aqui, onde me acho. Mas a minha inteligência, aperfeiçoada pelo estudo, sobreveio de repente.

64. Se quiserdes, iremos vos fazer uma pergunta preparada pelo Sr. Vignal; e pediremos a gentileza da resposta, cada um de seu lado, com o auxílio de vossos intérpretes particulares. Como encarais agora a diferença entre o Espírito dos animais e o do homem?

Resp. – Não me é muito mais fácil dizê-lo que no estado de vigília. Conforme meu pensamento atual, o Espírito animal dorme, está entorpecido moralmente, ao passo que no homem desperta inicialmente de forma muito penosa. – Resposta do Sr. Cauvière: O Espírito do homem é chamado a um maior aperfeiçoamento que o dos animais; a diferença é sensível, uma vez que, nestes últimos, não existe senão em estado de instinto; mais tarde o instinto pode aperfeiçoar-se.

65. Ele pode aperfeiçoar-se a ponto de tornar-se um Espírito humano?

Resp. – Pode, mas após ter passado por muitas existências animais, quer em nosso planeta, quer em outros.

66. Teríeis a gentileza de ditar-nos, um e outro, cada um por sua vez, uma pequena alocução espontânea, sobre assunto de vossa escolha?

Ditado do Sr. Cauvière

Meus bons amigos, sinto-me tão feliz em poder conversar um pouco convosco, que desejo dar-vos um conselho, não a vós, particularmente, que sois crentes, mas àqueles cuja fé ainda é vacilante, ou que não a têm e a repelem. É verdade que não posso ver aqui todos os meus confrades vivos, que não acreditariam em mim. Entretanto, eu lhes diria que, em vida, repeli altivamente a verdade, embora a sentisse no fundo do coração. A maioria deles faz como eu: por um falso amor-próprio não querem concordar com o que por vezes experimentam. Estão errados, porque a indecisão faz sofrer na Terra, sobretudo no momento de

a deixar. Instruí-vos, pois; sede de boa-fé; em vida sereis mais felizes, assim como no mundo em que me encontro atualmente. Se realmente o quiserdes, virei conversar algumas vezes convosco.

Cauvière

Ditado do Sr. Vignal

Para que serve a Astronomia, e que nos importa o tempo que leva a bala de canhão para percorrer a distância que existe entre a Terra e o Sol? Assim raciocinam pessoas muito honradas, que não vêem nas ciências outros resultados senão a aplicação que pode ser dada à indústria ou ao seu bem-estar. Mas sem a Astronomia, que razão teríeis para adotar o admirável sistema que estamos desenvolvendo, em vez de um outro, da autoria de Espíritos ignorantes ou invejosos?

Se a Terra, como se pensava antigamente, fosse o ponto central do Universo; se os numerosos sóis que povoam o espaço mais não fossem que simples pontos brilhantes fixados numa abóbada de cristal, que razão teríeis para admitir o passado e o futuro do Espírito? A Astronomia, ao contrário, vem demonstrar que a vida planetária, que circula em torno de nosso Sol, reflete-se em redor de todos os que compõem a nebulosa, da qual nosso mundo faz parte; que todos esses planetas são organizados de maneira diferente um dos outros e, que, em consequência, as condições de vida não são as mesmas. Sois então levados a perguntar se Deus cria instantaneamente e para cada corpo, especialmente, o Espírito que o deve animar. Por que razão teria julgado justo criá-lo aqui, e não acolá, na Terra e não em outro mundo, em tal condição e não em outra?

Uma lógica inflexível vos leva, assim, a admitir como expressão da maior verdade a habitabilidade dos mundos, a pré-existência da alma e a reencarnação.

Então a Astronomia é útil, porque vos põe em condições de receber o esboço das sublimes verdades que, para vós, serão desenvolvidas como consequência do progresso que o Espiritismo e a própria Ciência farão. Porque, auxiliada pela indústria, ela é chamada a vos levar à descoberta de muitas outras maravilhas que apenas teríeis podido entrever. Doravante, a Astronomia e a Teologia são irmãs e vão marchar de mãos dadas.

Vignal, por Arago

SENHORITA INDERMUHLE

**Surda-muda de nascença, 32 anos, viva, residente em Berna
(Sessão de 10 de fevereiro de 1860)**

1. [A São Luís] Podemos entrar em comunicação com o Espírito da Srta. Indermuhle?

Resp. – Podeis.

2. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui, e o afirmo em nome de Deus.

3. [A São Luís] Podereis dizer-nos se o Espírito que responde é realmente o da Srta. Indermuhle?

Resp. – Posso afirmar e vo-lo afirmo. Estais mais adiantados e credes que, se fosse um outro que respondesse em seu lugar, isto seria embaraçoso? A afirmação vos prova que ela está aqui. Compete a vós garantir uma boa comunicação, pela natureza e o móvel de vossas perguntas.

3.¹² Sabeis exatamente onde estais neste momento?

Resp. – Perfeitamente. Pensais que eu não tenha sido instruída sobre isso?

4. Como podeis responder aqui, se vosso corpo está na Suíça?

12 N. do T.: Repetido o nº 3 tal como se encontra no original.

Resp. – Porque não é meu corpo que responde. Aliás, como bem o sabeis, ele é absolutamente incapaz de o fazer.

5. Que faz vosso corpo neste momento?

Resp. – Cochila.

6. Está com saúde?

Resp. – Excelente.

Observação – O irmão da Srta. Indermuhle, que se achava presente, confirma que realmente ela goza de boa saúde.

7. Quanto tempo levastes para vir da Suíça até aqui?

Resp. – Um tempo inapreciável para vós.

8. Vistes o caminho que percorrestes?

Resp. – Não.

9. Estais surpresa de vos achar nesta reunião?

Resp. – Minha primeira resposta vos prova que não.

10. Que aconteceria se vosso corpo despertasse, enquanto nos falais aqui?

Resp. – Eu lá estaria.

11. Existe um laço qualquer entre o vosso Espírito, aqui presente, e o corpo, que se encontra na Suíça?

Resp. – Sim; não fora assim, quem me advertiria de que devo voltar a ele?

12. Vede-nos bem distintamente?

Resp. – Sim, perfeitamente.

13. Compreendeis que possais ver-nos, mas que não vos vejamos?

Resp. – Mas, sem dúvida.

14. Ouvís o ruído que faço neste momento, batendo?

Resp. – Aqui não sou surda.

15. Como percebeis, visto que, por comparação, não tendes a lembrança do ruído em estado de vigília?

Resp. – *Eu não nasci ontem.*

Observação – A lembrança da sensação do ruído lhe vem das existências em que ela não era surda. Esta resposta é perfeitamente lógica.

16. Escutaríeis música com prazer?

Resp. – Com tanto mais prazer quanto há muito tempo isto não me acontece. Cantai alguma coisa para mim.

17. Lamentamos não poder fazê-lo agora, e que aqui não haja um instrumento para vos proporcionar este prazer. Mas nos parece que vosso Espírito, desprendendo-se todos os dias durante o sono, deve transportar-se a lugares onde podeis ouvir música.

Resp. – Isto me acontece muito raramente.

18. Como podeis responder-nos em francês, já que sois alemã e não conheceis a nossa língua?

Resp. – O pensamento não tem língua; eu o comunico ao guia do médium, que o traduz na língua que lhe é familiar.

19. Qual é esse guia de que falais?

Resp. – Seu Espírito familiar. É sempre assim que recebeis comunicações de Espíritos estrangeiros, e é desse modo que os Espíritos falam todas as línguas.

Observação – Desta maneira, muitas vezes as respostas não nos chegariam senão de terceira mão. O Espírito interrogado transmite o pensamento ao Espírito familiar, este ao médium e o médium o traduz, seja pela escrita, seja pela palavra. Ora, podendo

o médium ser assistido por Espíritos mais ou menos bons, isto explica como, em muitas outras circunstâncias, o pensamento do Espírito interrogado pode ser alterado. Assim, no começo, São Luís disse que a presença do Espírito evocado nem sempre é suficiente para assegurar a integridade das respostas. Cabe a nós apreciá-las e julgar se são lógicas e se estão em relação com a natureza do Espírito. Aliás, segundo a Srta. Indermuhle, esta tríplice feira não ocorreria senão com os Espíritos estrangeiros.

20. Qual a causa da enfermidade que vos afetou?

Resp. – Uma causa voluntária.

21. Por que singularidade todos os vossos irmãos e irmãs, em número de seis, foram acometidos pela mesma enfermidade?

Resp. – Pelas mesmas causas que eu.

22. Assim, foi voluntariamente que todos escolhestes esta prova; pensamos que esta reunião na mesma família deve ter ocorrido como uma prova para os pais. É uma boa razão?

Resp. – Ela se aproxima da verdade.

23. Vedes aqui vosso irmão?

Resp. – Que pergunta!

24. Estais contente de vê-lo?

Resp. – Mesma resposta.

Observação – Sabe-se que os Espíritos não gostam de repetir. Nossa linguagem é tão lenta para eles que evitam tudo quanto lhes parece inútil. Eis um ponto que caracteriza os Espíritos sérios; os levianos, zombadores, obsessores e pseudo-sábios geralmente são faladores e prolixos. Como os homens a quem falta base, falam para nada dizer; as palavras substituem os pensamentos e eles julgam impor-se pelas frases redundantes e um estilo pedante.

25. Gostariéis de dizer-lhe alguma coisa?

Resp. — Peço-lhe que receba a expressão dos meus sinceros agradecimentos, pelo bom pensamento que teve de chamar-me aqui, onde felizmente me acho em contato com Espíritos bons, embora veja alguns que não valem muito. Ganhei em instrução e não esquecerei o que lhe devo.

Bibliografia

SIAMORA, A DRUIDESA
OU O ESPIRITUALISMO NO SÉCULO QUINZE¹³

Por Clément de la Chave

As idéias espíritas fervilham em grande número de escritores antigos e modernos e muitos autores contemporâneos ficariam admirados se lhes provássemos, por seus próprios escritos, que são espíritas sem o saberem. Pode, pois, o Espiritismo encontrar argumentos em seus próprios adversários, que parecem ter sido impelidos, mau grado seu, a fornecer-lhe armas. Assim, os autores sacros e profanos apresentam um campo onde não só se deve respigar, mas colher a mancheias. É o que nos propomos fazer algum dia; e então veremos se os críticos julgam acertado mandar aos hospícios aqueles que incensaram e cujo nome, de pleno direito, tem autoridade nas letras, nas artes, nas ciências, na filosofia ou na teologia. O autor do opúsculo que anunciamos não é daqueles que se pode dizer espíritas sem o saberem; ao contrário, é um adepto sério e esclarecido, que se dispôs a resumir as verdades fundamentais da doutrina numa ordem menos árida que a forma didática, e com o atrativo de um romance semi-histórico. Com efeito, aí encontramos o delfim que, mais tarde, foi Luís XI, e algumas personagens de seu tempo, com a descrição dos costumes da época. Siamora, último rebento das antigas druidesas, conservou

¹³Um vol. in-18, preço 2 francos. Vannier, livreiro-editor, rue Notre-Dame-des-Victoires, n.º 52 — 1860.

as tradições do culto dos antepassados, mas esclarecida pelas verdades do Cristianismo. Num artigo da *Revista* do mês de abril de 1858, vimos a que grau haviam chegado os sacerdotes da Gália, no tocante à filosofia espírita. Não há, pois, nenhuma contradição em pôr essas mesmas idéias na boca de sua descendente. Ao contrário, é tornar evidente uma verdade muito pouco conhecida e, sob esse prisma, o autor bem mereceu dos espíritas modernos. Pode-se julgá-los pelas seguintes citações. Edda, jovem noviça, num momento de êxtase, dirigindo-se a Siamora, assim se explica:

“Sob a forma de meu bom anjo, de meu anjo familiar, aparece-me um Espírito. Oferece-se para guiar-me nas penosas visões daqui de baixo. Os homens, diz-me ele, são maus porque desconhecaram sua natureza espiritual; porque rejeitaram esse agente sutil, esse influxo divino que Deus havia espalhado para a sua felicidade na criação, e que os fazia iguais e irmãos. Então os homens curavam porque, fazendo apelo a esse agente sutil da criação, dele retiravam poderoso auxílio.”

.....

“É na hora da morte que cada homem me aparece! Ó tristeza! Ó desgosto! Que desespero amargo! Esses seres perversos deixaram de amar. Siamora, cada homem leva consigo, ao morrer, as virtudes e os vícios. Leve, ou carregada de faltas, sua alma se eleva mais ou menos, pois guardou pouco ou muito do agente sutil, o amor, essa substância de Deus que, conforme as afinidades, atrai para si as substâncias semelhantes e repele as que procedem de um princípio contrário.

“A alma do homem mau fica errante aqui embaixo, a todos insuflando sua essência corrompida. Tem a alegria do mal e o orgulho do vício. Nós a chamamos *demônio*; no céu tem o nome de *irmão transviado*. – Mas de todos os corações piedosos, Siamora, eleva-se um suave vapor e, mau grado seu, a alma-demônio chega

a ser saturada pelo mesmo; ela aí se retempera, despojando-se em parte de sua corrupção... Então começa a perceber a idéia de Deus, o que no estado de alma não podia fazer. Do mesmo modo que a alma leva consigo a imagem exata, embora toda espiritual de seu corpo, assim também a ela se junta esta outra, impregnada de seus vícios e imperfeições, e a alma se adensa e não pode ver.

“Nesse mundo invisível, acima do nosso, Siamora, onde com esforço pouco a pouco me elevo, nuvens brilhantes limitam-me a visão. Milhares de almas, Espíritos celestes, nele entram e saem; como flocos de neve, abaixados, elevados, dispersos, correm arrastados pelo ímpeto caprichoso dos ventos. Em sua essência espiritual, descem até nós os anjos, dizendo a uns palavras de paz, insinuando no coração de outros a crença divina; inspirando a este a busca da ciência, insuflando naquele o instinto do bem e do belo; porque foi tocado pelo dedo de Deus, aquele que, em sua arte, a esta levou o gosto das nobres e grandes coisas. Todo homem tem a sua Egéria, o seu conselho, seu ímã; a corda da salvação foi lançada a todos. Cabe a nós agarrá-la.”

.....

“E esse homem mau, ou antes, essa alma-demônio, cujos olhos, ao contato do ar puro, começaram a abrir-se, vai chorando seu crime e pedindo sofrimento para o expiar. Se é privado de auxílio, que fará?”

“Um anjo de caridade aproxima-se e lhe diz: *Irmão transviado*, entra comigo na vida: lá está o inferno, o lugar de sofrimentos, onde cada um de nós se regenera. Vem, eu te sustentarei. Tratemos de ali fazer um pouco de bem, a fim de que, para ti, a balança do bem e do mal acabe por pender para o lado bom.

“É assim, Siamora, que para todos os homens chega o momento de morrer. Vejo-os mais ou menos se elevando nos céus,

entrar na vida, sofrer novamente, depurar-se, morrer ainda e subir incessantemente nos mais elevados espaços celestes. Ainda não alcançam o céu do Deus único, mas por meio de longas peregrinações através de outros mundos, muito mais maravilhosos e aperfeiçoados que este, à força de se depurar, chegarão a possuí-lo.”

Ditados Espontâneos

O GÊNIO DAS FLORES

(Sessão de 23 de dezembro de 1859 – Médium: Sra. de Boyer)

Sou Hettani, um dos Espíritos que presidem à formação das flores, à diversidade de seus perfumes. Sou eu, ou melhor, somos nós, porquanto somos milhares de Espíritos, que ornamos os campos, os jardins; que damos ao horticultor o gosto pelas flores. Não poderíamos ensinar-lhe a mutilação que por vezes protagoniza; mas lhe ensinamos a variar seus perfumes, a embelezar suas formas, já tão graciosas. Entretanto, é principalmente para as flores desabrochadas naturalmente que se volta toda a nossa atenção; a elas prodigalizamos mais cuidados ainda: são nossas preferidas. Como tudo quanto é só tem maior necessidade de auxílio, eis porque delas cuidamos melhor.

Também somos encarregados de espalhar os perfumes. Somos nós que levamos ao exilado uma lembrança de seu país, fazendo entrar em sua prisão o perfume das flores que ornavam o jardim paterno. Àquele que ama, e ama realmente, levamos o perfume das flores ofertadas pela sua noiva; ao que chora, uma lembrança dos que se foram, fazendo desabrochar em seus túmulos as rosas e violetas que lembram as suas virtudes.

Qual de vós não nos deve essas suaves emoções? Quem não estremeceu ao contato de um perfume amado? Estais

perplexos, penso, ouvindo-nos dizer que há Espíritos para tudo isso e, no entanto, é a pura verdade. Nunca encarnamos e talvez jamais encarnaremos em vosso meio. Todavia, alguns já foram homens, mas poucos entre os Espíritos dos elementos. Nossa missão, em vossa Terra, nada representa; progredimos como vós, mas é principalmente nesses planetas superiores que somos felizes. Em Júpiter nossas flores reproduzem sons melodiosos e formamos as moradas aéreas, das quais somente os ninhos de colíbris vos podem dar uma pálida idéia. Pela primeira vez far-vos-ei a descrição de algumas dessas flores, não apenas magníficas, mas sublimes e dignas dos elevados Espíritos, aos quais servem de morada.

Adeus. Que um perfume de caridade vos anime. As próprias virtudes têm seu perfume.

PERGUNTAS SOBRE O GÊNIO DAS FLORES

(Sociedade, 30 de dezembro de 1859 – Médium: Sr. Roze)

1. [A São Luís] Outro dia tivemos uma comunicação espontânea de um Espírito que disse presidir às flores e seus perfumes; haverá de fato Espíritos que podemos considerar como gênios das flores?

Resp. – Esta expressão é poética e se aplica bem ao assunto. Mas a bem dizer, seria defeituosa. Não deveis duvidar de que o Espírito preside, por toda a Criação, ao trabalho que Deus lhe confia. É assim que deve ser entendida essa comunicação.

2. Esse Espírito diz chamar-se *Hettani*. Como poderá ter um nome, se jamais encarnou?

Resp. – É uma ficção. O Espírito não preside, de maneira particular, à formação das flores. Antes de passar pela série animal, o Espírito elementar dirige sua ação fluídica para a criação dos vegetais. Este ainda não encarnou e somente age sob a direção de inteligências mais elevadas, que já viveram o bastante para

adquirir a ciência necessária à sua missão. Foi um desses que se comunicou. Ele vos fez uma mistura poética da ação de duas classes de Espíritos que atuam na criação vegetal.

3. Não tendo ainda vivido, mesmo na vida animal, como esse Espírito pode ser tão poético?

Resp. – Relede.

Observação – Vide a observação feita após a pergunta 24.

4. Assim, o Espírito que se comunicou não é o que habita e anima a flor?

Resp. – Não, não. Já vo-lo disse muito claramente: ele guia.

5. Esse Espírito que nos falou esteve encarnado?

Resp. – Esteve.

6. O Espírito que dá a vida às plantas e às flores tem um pensamento, a inteligência do seu *eu*?

Resp. – Nenhum pensamento, nenhum instinto.

FELICIDADE

(Sociedade, 10 de fevereiro de 1860 – Médium: Srta. Eugénie)

Qual é o objetivo de cada indivíduo na Terra? Quer a felicidade a qualquer preço. O que é que faz que cada um siga uma rota diferente? É que cada um de nós espera encontrá-la num lugar ou numa coisa que lhe agrada particularmente: uns buscam a glória, outros, as riquezas, outros ainda, as honrarias. O maior número corre atrás da fortuna, pois atualmente é o meio mais poderoso de chegar a tudo. A tudo ela serve de pedestal. Mas quantos vêm realizada essa necessidade de felicidade? Muito poucos. Perguntai a cada um dos que chegam se alcançou o objetivo a que se propunha; se são felizes. Todos responderão: ainda não; porque todos os

desejos aumentam na proporção daqueles que são satisfeitos. Se hoje há tanta gente que quer interessar-se pelo Espiritismo, é porque, depois de ver que tudo é quimera e, mesmo assim, querendo alcançá-la, experimentam o Espiritismo, como tentaram a riqueza e a glória.

Se Deus pôs nos corações essa necessidade tão grande de felicidade, é que ela deve existir em algum lugar. Sim, tende confiança nele, mas sabeí que tudo quanto Deus promete deve ser divino como ele, e que a felicidade que buscaís não pode ser material.

Vinde a nós, todos vós que sofreis; vinde a nós, todos vós que necessitais de esperança, porque, quando na Terra tudo vos faltar, nós aqui teremos mais do que solicitam as vossas necessidades. Mães desesperadas, que vos lamentais sobre um túmulo, vinde aqui: o anjo que pranteais vos falará, vos protegerá, vos inspirará a resignação às penas que suportastes na Terra. Todos vós que tendes insaciável necessidade da Ciência, dirigi-vos a nós, porquanto somente nós podemos dar ao vosso Espírito o alimento necessário. Vinde: saberemos achar um alívio para cada ferida e, por mais abandonados pareçais, há Espíritos que vos amam e estão prontos a vo-lo provar. Falo em nome de todos. Desejo que venhais pedir-nos conselhos, pois estou certa de que voltareis com a esperança no coração.

Staël

Nota – Um instante depois, o Espírito escreveu de novo, espontaneamente:

Muitas vezes o sorriso vem aos lábios de certos ouvintes; e, se escapa aos médiuns, não escapa aos Espíritos. Mas não temais; são os que mais sorriram que mais acreditarão depois, e nós vos perdoamos, porque um dia podereis vos arrepender de

vossa ironia. Estou convicta de que, senhoras, se perto de cada uma de vós se achegasse um ser perdido que tivésseis amado, a recordar-vos uma lembrança, trocaríeis vosso sorriso de incredulidade por um suspiro e ficaríeis felizes ou ansiosas. Ficai tranqüilas, vosso dia chegará e sereis tocadas pelo coração, porque, como bem o sei, é a vossa corda mais sensível.

Stäel

À VENDA

O Livro dos Espíritos

Segunda edição

INTEIRAMENTE REFUNDIDA E
CONSIDERAVELMENTE AUMENTADA

AVISO SOBRE ESTA NOVA EDIÇÃO

Na primeira edição desta obra, anunciamos uma parte suplementar. Devia compor-se de todas as questões que ali não puderam entrar, ou que circunstâncias ulteriores e novos estudos deveriam originar. Mas como todas se referem a alguma das partes já tratadas, e das quais são o desenvolvimento, sua publicação isolada não teria apresentado nenhuma continuidade. Preferimos aguardar a reimpressão do livro para incorporar todo o conjunto, e aproveitamos para dar à distribuição das matérias uma ordem muito mais metódica, suprimindo ao mesmo tempo tudo quanto tivesse duplo sentido. Esta reimpressão pode, pois, ser considerada como obra nova, embora não tenham os princípios sofrido nenhuma alteração, salvo pouquíssimas exceções, que são antes complementos e esclarecimentos do que verdadeiras modificações. Esta conformidade com os princípios emitidos, malgrado a diversidade das fontes em que foram hauridos, é um fato importante para o estabelecimento da ciência espírita. Prova nossa própria correspondência que comunicações em tudo idênticas, se não quanto à forma, ao menos quanto ao fundo, foram obtidas

em diferentes localidades, e isso muito antes da publicação do nosso livro, o que veio confirmá-las e dar-lhes um corpo regular. Por seu lado, a História atesta que a maioria desses princípios tem sido professada pelos homens mais eminentes, dos tempos antigos e modernos, assim trazendo a sua sanção.

Aos Leitores da Revista

CARTAS NÃO ASSINADAS

Algumas vezes recebemos cartas que trazem como única subscrição: *Um dos vossos assinantes, um dos vossos leitores, um dos vossos adeptos, etc.*, sem outra designação. A maioria dessas cartas contém relatos de fatos, comunicações espíritas, perguntas pedindo resposta ou, ainda, solicitando a evocação de certas pessoas. Julgamos dever prevenir nossos leitores, assinantes ou não, que toda carta não autenticada será considerada não recebida; assim, não lhe daremos nenhuma atenção. Em nossos relatórios usamos de grande reserva quanto à publicação de nomes próprios, porque compreendemos a necessidade de certas posições, razão por que não citamos senão aqueles que nos autorizam. Outro, porém, é o critério a respeito das comunicações que nos fazem: tudo quanto não é assinado é refugado, até mesmo sem ser lido, pois nossos trabalhos se multiplicaram de tal forma que não nos permitem ocupar-nos com aquilo que não tenha um caráter sério.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

ABRIL DE 1860

Nº 4

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 24 de fevereiro de 1860 – Sessão geral

Comunicações diversas:

1º Carta de Dieppe, confirmando em todos os pontos os fatos de manifestações espontâneas, ocorridas na casa de um padeiro do vilarejo de Grandes-Ventes, perto de Dieppe, e relatados pelo *Vigie*. (Publicada em nosso número de março).

2º Carta do Sr. M..., de Teil d'Ardèche, dando novas informações sobre fatos que se passaram no Castelo de Fons, perto de Aubenas.

3º Carta do barão Tscherkassoff, com detalhes circunstanciados e autênticos sobre um fato deveras extraordinário de manifestação espontânea por um Espírito perturbador, ocorrido em meados deste século, com um fabricante de São Petersburgo. (Publicada a seguir).

4º Relato de um fato de aparição tangível, com todos os caracteres de um agêner, ocorrido em 15 de janeiro último, na comuna de Brix, perto de Valognes. O fato foi transmitido ao Sr. Ledoyen, por pessoa de seu conhecimento, e que verificou a sua exatidão. (Publicada adiante).

5º Leitura de uma tradição muçulmana sobre o profeta Esdras, extraída do *Moniteur*, de 15 de fevereiro de 1860, e que se baseia sobre um fato de faculdade mediúnic.

Estudos:

1º Ditado espontâneo de Charlet, recebido pelo Sr. Didier Filho, dando continuidade ao trabalho começado.

2º Evocação do Sr. Jules-Louis C..., falecido em 30 de janeiro último, no hospital do Val-de-Grâce, em consequência de um câncer que lhe havia destruído parte da face e do maxilar. Esta evocação foi feita conforme o desejo de um de seus amigos, presente à sessão, e de uma pessoa da família. É instrutiva principalmente do ponto de vista da modificação das idéias após a morte, considerando-se que em vida o Sr. C... professava abertamente o materialismo.

3º Pede-se a São Luís dizer se é possível chamar o Espírito que se manifestou na casa do padeiro de Dieppe. Ele responde que não, por motivos que serão conhecidos mais tarde.

Sexta-feira, 2 de março de 1860 – Sessão particular

Exame e discussão de várias questões administrativas.

Estudo e apreciação de diversas comunicações espíritas, quer obtidas na Sociedade, quer fora das sessões.

Solicitado a dar um ditado espontâneo, São Luís escreve o que se segue, por intermédio da Srta. Huet:

“Eis-me aqui, meus amigos, pronto a vos dar meus conselhos, como tenho feito até hoje. Desconfiai dos Espíritos maus, que poderiam insinuar-se entre vós, procurando semear a desunião. Infelizmente, os que querem tornar-se úteis a uma obra sempre encontram obstáculos. Aqui não se acha a pessoa generosa que os conhece, mas o encarregado de executar os desejos que ela manifesta. Não temais; triunfareis de todos os obstáculos pela paciência, uma atitude firme contra as vontades que querem se impor. Quanto às diversas comunicações que me atribuem, muitas vezes é outro Espírito que toma meu nome. Pouco me comunico fora da Sociedade, que tomei sob meu patrocínio; aprecio esses lugares de reunião, que me são especialmente consagrados, mas é somente aqui que gosto de dar avisos e conselhos. Assim, desconfiai dos Espíritos que freqüentemente se servem de meu nome. Que a paz e a união estejam entre vós! Em nome de Deus todo poderoso, que criou o bem, eu vo-lo desejo.”

São Luís

Um membro faz esta observação: Como pode um Espírito inferior usurpar o nome de um Espírito superior, sem o consentimento deste último? Isto não pode ser senão com má intenção. Por que, então, os Espíritos bons o permitem? Se não podem se opor, serão menos poderosos que os maus?

A isso foi respondido: Existe algo mais poderoso que os Espíritos bons: Deus. Pode Deus permitir que os Espíritos maus se manifestem para ajudá-los a se melhorarem e, além disso, para testarem a nossa paciência, a nossa fé, a nossa confiança, a nossa firmeza em resistir à tentação e, sobretudo, exercitar a nossa perspicácia em distinguir o verdadeiro do falso. Depende de nós afastá-los por nossa vontade, provando-lhes que não somos tão tolos quanto pensam. Se lograrem domínio sobre nós, não será senão por nossa fraqueza. São o orgulho, o ciúme e todas as más paixões dos homens que fazem sua força, dando-lhes domínio. Sabemos, por experiência, que sua obsessão cessa quando vêem

que não conseguem fatigar-nos. Cabe, pois, a nós mostrar-lhes que perdem tempo. Se Deus nos quer experimentar, não está no poder de nenhum Espírito opor-se aos seus desígnios. A obsessão dos Espíritos enganadores ou malévolos não resulta, pois, nem de seu poder, nem da fraqueza dos bons, mas de uma vontade que é superior a todos. Quanto maior a luta, maior o nosso mérito, se sairmos vencedores.

Sexta-feira, 9 de março de 1860 – Sessão particular

Leitura do projeto de modificações a ser introduzido no regulamento da Sociedade. A respeito, o Sr. Allan Kardec apresenta as seguintes observações:

Considerações sobre o objetivo e o caráter da Sociedade:

“Senhores,

“Algumas pessoas parecem equivocadas quanto ao verdadeiro objetivo e o caráter da Sociedade. Permitti-me lembrá-los em poucas palavras.

“O objetivo da Sociedade está claramente definido em seu título e no preâmbulo do regimento atual. Esse objetivo é, essencialmente e, pode-se dizer, com exclusividade, o estudo da ciência espírita. O que queremos, antes de tudo, não é nos convencer, pois já o estamos, mas instruir-nos e aprender o que não sabemos. Para tanto, queremos nos colocar nas mais favoráveis condições. Como esses estudos exigem calma e recolhimento, queremos evitar tudo quanto seja causa de perturbação. Tal é a consideração que deve prevalecer na apreciação das medidas que vamos adotar.

“Partindo deste princípio, a Sociedade não se apresenta absolutamente como uma Sociedade de propaganda. Sem dúvida, cada um de nós deseja a difusão das idéias que julgamos justas e úteis, contribuindo no círculo de suas relações e na medida de suas

forças; entretanto, será erro pensar que para isso seja necessário estar reunidos em sociedade e, mais falso ainda, crer que a Sociedade seja a coluna sem a qual o Espiritismo estaria em perigo. Estando regularmente constituída, nossa Sociedade procede com mais ordem e método do que se marchasse ao acaso; mas, abstração disso, ela não é mais preponderante do que os milhares de sociedades livres ou reuniões particulares, existentes na França e no estrangeiro. Ainda uma vez, o que ela quer, é instruir-se; eis por que só admite em seu seio pessoas sérias e animadas do mesmo desejo, porque o antagonismo de princípios é uma causa de perturbação. Falo de um antagonismo sistemático sobre as bases fundamentais, porquanto não poderia ela, sem se contradizer, afastar a discussão sobre as questões de detalhe. Se adotou certos princípios gerais, não o fez por espírito de estreito exclusivismo. Ela tudo viu, tudo estudou, tudo comparou, e somente depois disso é que firmou uma opinião, baseada na experiência e no raciocínio. Só o futuro pode encarregar-se de lhe dar ou não razão. Mas, enquanto espera, não procura nenhuma supremacia e somente os que não a conhecem podem supor-lhe a ridícula pretensão de absorver todos os partidários do Espiritismo ou de fazer-se passar como reguladora universal. Se ela não existisse, cada um de nós instruir-se-ia por seu lado e, em vez de uma única reunião, talvez formássemos dez ou vinte: eis toda a diferença.

“Não impomos nossas idéias a ninguém. Os que as adotam é porque as consideram justas. Os que vêm a nós é porque pensam aqui encontrar oportunidade de aprender, mas não se trata de uma *filiação*, pois não formamos *nem seita, nem partido*. Reunimo-nos para estudar o Espiritismo, como outros se reúnem para estudar a frenologia, a história ou outras ciências. E como nossas reuniões não se baseiam em nenhum interesse material, pouco nos importa se outras se formam ao nosso lado. Na verdade, seria atribuir-nos idéias bem mesquinhas, bem estreitas e bem pueris crer que as veríamos com olhos ciumentos; os que pensassem em nos criar *rivalidades* mostrariam, por isso mesmo,

quão pouco compreendem o verdadeiro espírito da doutrina. Só lamentamos uma coisa: que nos conheçam tão mal, a ponto de nos suporem acessíveis ao ignóbil sentimento do ciúme. Compreende-se que empresas mercenárias rivais, que podem prejudicar-se pela concorrência, se vejam com maus olhos. Mas se essas reuniões não tiverem em vista, como deveriam ter, senão um interesse puramente moral, e a elas não se misturarem nenhuma consideração *mercantil*, pergunto: Em que poderiam ser prejudicadas pela multiplicidade? Dirão, sem dúvida, que se não existe interesse material, há o do amor-próprio, o direito de destruir o crédito moral de seu vizinho. Mas talvez esse móvel fosse mais ignóbil ainda. Se é assim – que Deus não permita! – apenas lamentaremos os que forem movidos por semelhantes pensamentos. Queremos sobrepujar os vizinhos? Tratemos de fazer melhor que eles; eis aí uma luta nobre e digna, desde que não seja ofuscada pela inveja e pelo ciúme.

“Eis, pois, senhores, um ponto essencial, que não deve ser perdido de vista: não formamos uma seita, nem uma sociedade de propaganda, nem uma corporação com interesse comum; se deixássemos de existir, o Espiritismo não sofreria nenhum prejuízo, formando-se, de nossas ruínas, vinte outras sociedades. Portanto, os que buscassem destruir-nos com o objetivo de entravar o progresso das idéias espíritas, nada ganhariam com isso; é necessário saberem que as raízes do Espiritismo não estão em nossa Sociedade, mas no mundo inteiro. Existe algo mais poderoso que eles, mais influente que todas as sociedades: é a doutrina, que vai ao coração e à razão dos que a compreendem e, sobretudo, dos que a praticam.

“Esses princípios, senhores, indicam-nos o verdadeiro caráter do nosso regimento, que nada tem em comum com os estatutos de uma corporação. Nenhum contrato nos liga uns aos outros; fora de nossas sessões não temos outras obrigações recíprocas que não sejam as de nos comportarmos como gente bem-educada. Os que nessas reuniões não encontrarem aquilo que

nelas esperam achar, têm toda liberdade de retirar-se; eu mesmo não compreenderia que permanecessem, desde que não lhes convenha o que aqui se faz. Não seria racional que viessem perder tempo.

“Em toda reunião é preciso uma regra para a manutenção da boa ordem. Falando claramente, nosso regulamento nada mais é que uma instrução destinada a estabelecer ordem em nossas sessões, a manter, entre os assistentes, as relações de urbanidade e de conveniência que devem presidir a todas as assembléias de pessoas educadas, abstração feita das condições inerentes à especialidade de nossos trabalhos. Porque não tratamos apenas com homens, mas com Espíritos que, como sabeis, não são igualmente bons, e contra a velhacaria dos quais é preciso que nos resguardemos. Nesse número, alguns são muito astuciosos e podem mesmo, por ódio ao bem, impelir-nos a uma vida perigosa. Cabe a nós ter bastante prudência e perspicácia para frustrá-los, o que nos obriga a tomar precauções particulares.

“Lembraí-vos, Senhores, da maneira pela qual se formou a Sociedade. Eu recebia em minha casa algumas pessoas em pequeno comitê. Com o crescimento do grupo, acharam que era preciso um local maior. Para consegui-lo, teríamos de pagar; tivemos, portanto, que nos cotizar. Disseram mais: é preciso ordem nas sessões; não se pode admitir o primeiro que chegar; é necessário, portanto, um regulamento. Eis toda a história da Sociedade. Como vedes, é bem simples. Não entrou na cabeça de ninguém fundar uma instituição, nem se ocupar do que quer que seja fora dos estudos; eu próprio declaro, de maneira muito formal, que se um dia a Sociedade quiser ir além, não a acompanharei.

“O que fiz, outros são mestres em fazê-lo, ocupando-se à vontade, conforme seus gostos, suas idéias, seus pontos de vista particulares. E esses diferentes grupos podem perfeitamente entender-se e viver como bons vizinhos. A menos que utilizemos uma praça pública como local de assembléia, considerando-se que

é impossível reunir num mesmo lugar todos os partidários do Espiritismo, esses diversos grupos devem ser fração de um grande todo, mas não seitas rivais. E o mesmo grupo, tornado muito numeroso, pode subdividir-se, como os enxames de abelhas. Estes grupos já existem em grande número e se multiplicam todos os dias. Ora, é precisamente contra essa multiplicidade que a má vontade dos inimigos do Espiritismo virá quebrar-se, porque os entraves teriam como efeito inevitável, pela própria força das coisas, a multiplicação das reuniões particulares.

“Entretanto, é preciso convir que em certos grupos há uma espécie de rivalidade ou, antes, de antagonismo. Qual a causa? Meu Deus! esta causa está na fraqueza humana, no espírito de orgulho que quer impor-se; está, sobretudo, no conhecimento ainda incompleto dos verdadeiros princípios do Espiritismo. Cada um defende os seus Espíritos, como outrora as cidades da Grécia defendiam seus deuses que, seja dito de passagem, não passavam de Espíritos mais ou menos bons. Essas dissidências só existem porque há pessoas que querem julgar, antes de terem visto tudo, ou que julgam do ponto de vista de sua personalidade. Elas se apagarão, como muitas outras já se apagaram, à medida que a ciência se reformular; porque, em última análise, a verdade é uma só, e sairá do exame imparcial das diferentes opiniões. Esperando que a luz se faça sobre todos os pontos, qual será o juiz? Dir-se-á que é a razão. Mas quando duas pessoas se contradizem, cada uma invoca a sua razão. Que razão superior decidirá entre as duas?

“Sem nos determos sobre a forma mais ou menos imponente da linguagem, forma que os Espíritos impostores e pseudo-sábios sabem muito bem tomar para seduzir pelas aparências, partimos do princípio de que os Espíritos bons não podem aconselhar senão o bem, a união e a concórdia; que sua linguagem é sempre simples, modesta, marcada pela benevolência, isenta de acrimônia, de arrogância e de fatuidade. Numa palavra, tudo neles respira a mais pura caridade. Caridade – eis o verdadeiro critério para julgar os Espíritos e julgar-se a si próprio. Quem quer

que, sondando o foro íntimo de sua consciência, encontrar um germe de rancor contra o próximo, mesmo um simples desejo do mal, pode dizer a si mesmo, sem sombra de dúvida, que é solicitado por um Espírito mau, porque esquece estas palavras do Cristo: “Sereis perdoados como vós mesmos houverdes perdoado.” Portanto, se houvesse rivalidade entre dois grupos espíritas, os Espíritos verdadeiramente bons não poderiam estar ao lado daquele que lançasse anátema ao outro, pois jamais um homem sensato poderia acreditar que a inveja, o rancor, a malevolência, numa palavra, todo sentimento contrário à caridade, pudesse emanar de uma fonte pura. Procurai, então, de que lado há mais caridade *prática*, e não de palavras, e reconheceréis sem dificuldade de que lado estão os melhores Espíritos e, conseqüentemente, de quais deles temos mais razão de esperar a verdade.

“Estas considerações, senhores, longe de nos afastar do nosso objetivo, colocam-nos no verdadeiro terreno. Encarado desse ponto de vista, o regimento perde completamente seu caráter de contrato, para revestir aquele, bem mais modesto, de uma simples regra disciplinar.

“Todas as reuniões, seja qual for o seu objetivo, deverão premunir-se contra um escolho: o dos caracteres trapalhões, que parecem nascidos para semear a perturbação e a cizânia, onde quer que se encontrem. A desordem e a contradição são o seu elemento. As reuniões espíritas, mais que as outras, devem pôr-se em guarda contra eles, porque as melhores comunicações só são obtidas na calma e no recolhimento, incompatíveis com sua presença e com os Espíritos simpáticos que os conduzem.

“Em resumo, o que devemos buscar é remover todas as causas de perturbação e de interrupção; manter entre nós as boas relações, de que os espíritas sinceros, mais que outros, devem dar exemplo; opor-nos, por todos os meios possíveis, ao afastamento da Sociedade de seus objetivos, à abordagem de questões que não são de sua alçada, e que degenerem em arena de controvérsias e de

personalismo. O que devemos buscar, ainda, é a possibilidade de execução, simplificando o mais possível as engrenagens. Quanto mais complicadas forem estas engrenagens, maiores serão as causas de perturbação. O relaxamento seria introduzido pela força das coisas, e deste à anarquia não há mais que um passo.”

Sexta-feira, 16 de março de 1860 – Sessão particular

Discussão e adoção do regimento modificado.

Sexta-feira, 23 de março – Sessão particular

Nomeação dos membros do comitê.

Estudos – Foram obtidos dois ditados espontâneos; o primeiro, do Espírito Charlet, pelo Sr. Didier Filho; o segundo, pela Sra. de Boyer, de um Espírito que disse ter sido forçado a vir acusar-se, por ter querido romper a boa harmonia e lançar a perturbação entre os homens, suscitando a inveja e a rivalidade entre os que deviam estar unidos. Cita alguns fatos dos quais foi culpado. Diz que esta confissão espontânea faz parte da punição que lhe é infligida.

Formação da Terra

TEORIA DA INCRUSTAÇÃO PLANETÁRIA^{14, 15}

Nosso sábio confrade Sr. Jobard, de Bruxelas, nos escreve o que se segue, a propósito de nosso artigo sobre os pré-adamitas, publicado na *Revista* do mês passado:

“Permiti-me algumas reflexões sobre a criação do mundo, com vistas a reabilitar a Bíblia aos vossos olhos e aos dos livre-pensadores. Deus criou o mundo em seis dias, quatro mil anos

14 **N. do T.:** Vide *A Gênese*, de Allan Kardec, capítulo VIII: Teoria da incrustação.

15 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 569.

antes da era cristã. Essa afirmativa os geólogos a contestam, firmados no estudo dos fósseis e dos milhares de caracteres incontestáveis de vetustez que fazem remontar a origem da Terra a milhares de milhões de anos. Entretanto, a Escritura disse a verdade e os geólogos também. E foi um simples campônio quem os pôs de acordo, ensinando que o nosso globo não é mais do que um planeta incrustativo, muito moderno, composto de materiais muito antigos.

“Após o arrebatamento do *planeta desconhecido*, que chegara à maturidade, ou de harmonia com o que existiu no lugar que hoje ocupamos, a alma da Terra recebeu ordem de reunir seus satélites, para formar a Terra atual, segundo as regras do progresso em tudo e por tudo. Quatro apenas desses astros concordaram com a associação que lhes era proposta. Só a Lua persistiu na sua autonomia, visto que também os globos têm o seu livre-arbítrio. Para proceder a essa fusão, a alma da Terra dirigiu aos satélites um raio magnético atrativo, que pôs em estado cataléptico todo o mobiliário vegetal, animal e hominal que eles possuíam e que trouxeram para a comunidade. A operação teve por únicas testemunhas a alma da Terra e os grandes mensageiros celestes que a ajudaram nessa grande obra, abrindo aqueles globos para lhes dar entranhas comuns. Praticada a soldadura, as águas se escoaram para os vazios que a ausência da Lua deixara, da qual se tinha o direito de esperar uma melhor apreciação de seus interesses.

“As atmosferas se confundiram e começou o despertar ou a *ressurreição dos germens que estavam em catalepsia*. O homem foi o último a ser tirado do estado de hipnotismo e se viu cercado da luxuriante vegetação do paraíso terrestre e dos animais que pastavam em paz ao seu redor. Havereis de convir que tudo isto se podia fazer em seis dias, com obreiros tão poderosos como os que Deus encarregara da tarefa. O planeta *Ásia* trouxe a raça amarela, a de civilização mais antiga; o *África* a raça negra; o *Europa* a raça branca e o *América* a raça vermelha. A Lua certamente nos teria trazido a raça verde ou azul.

“Assim, certos animais, de que apenas os despojos são encontrados, nunca teriam vivido na Terra atual, mas teriam sido transportados de outros mundos desmanchados pela velhice. Os fósseis, que se encontram em climas sob os quais não teriam podido existir neste mundo, viviam sem dúvida em zonas muito diferentes nos globos onde nasceram. Tais despojos na Terra se encontram nos pólos, ao passo que viviam no equador dos globos a que pertenciam. E depois essas enormes massas, cuja possibilidade de existência não podemos conceber no ar, viviam no fundo dos mares, sob a pressão de um meio que lhes tornava fácil a locomoção. Os futuros levantamentos dos mares nos trarão outros despojos, muitos outros germens que despertarão de sua longa letargia para nos mostrar espécies desconhecidas de plantas, de animais e de autóctones, contemporâneos do dilúvio, e ficareis muito admirados ao descobri-los, no meio do vasto oceano, novas ilhas, povoadas de plantas e animais que não podem vir de nenhuma parte, nem transportadas pelos ventos, nem pelas ondas.

“Nossa ciência, que acha errada a Bíblia, terminará por restituir-lhe sua estima, como foi forçada a fazê-lo a propósito da rotação da Terra, pois não se trata de erro da Bíblia, mas dos que não a compreendem. Eis a prova:

“Josué parou o Sol, dizendo-lhe: *Sta, sol!* Ora, desde então ele está parado, pois em parte alguma encontrais que ele lhe tenha ordenado que girasse novamente; e, se desde a derrota dos Amalequitas a noite continua sucedendo ao dia, é preciso admitir que a Terra gira. Então, não é Galileu, mas os inquisidores que mereciam ser censurados por não terem tomado a Bíblia ao pé da letra.

“Também se negava a existência do licorne bíblico, e acabam de ser mortos dois nas montanhas do Tibete. Negava-se a aparição do espectro de Saul e, graças a Deus, estais a ponto de convencer os negadores. Lembremo-nos sempre desta advertência

das Escrituras: *Noli esse incredulus sicut equus et mulus, quibus non est intellectus.*

“Saudações cordiais e respeitosas ao autor da Etnografia do Mundo Espírita.

Jobard

A teoria da formação da Terra pela incrustação de vários corpos planetários já foi dada por certos Espíritos em diversas épocas, através de médiuns estranhos entre si. Não nos fazemos adeptos dessa doutrina, que confessamos não ter sido ainda suficientemente estudada para sobre ela nos pronunciarmos, mas reconhecemos que merece um exame sério. As reflexões que ela nos sugere não passam de hipóteses, até que dados mais positivos venham confirmá-las ou desmenti-las. Enquanto esperamos, é uma baliza que pode abrir caminhos a grandes descobertas e guiar nas buscas. Talvez os cientistas um dia encontrem, nessa teoria, a solução de mais de um problema.

Mas – dirão certos críticos – não tendes confiança nos Espíritos, já que duvidais de suas afirmações? Como inteligências desprendidas da matéria podem remover todas as dúvidas da Ciência e projetar luz onde reina a obscuridade?

Isto é uma questão muito grave, que se liga à própria base do Espiritismo, e que não poderíamos resolver neste momento sem repetir o que já temos dito a respeito. Assim, aditaremos apenas algumas palavras, a fim de justificar nossas reservas. Para começar, responderemos que nos tornaríamos sábios com muita facilidade se cuidássemos tão-somente de interrogar os Espíritos para conhecer tudo quanto ignoramos. Querendo Deus que adquiríssemos a ciência pelo trabalho, por isso mesmo não encarregou os Espíritos de no-la trazer pronta e acabada, favorecendo a nossa preguiça. Em segundo lugar a Humanidade, como os indivíduos, tem a sua infância, sua adolescência, sua juventude e sua virilidade. Os

Espíritos, encarregados por Deus de instruir os homens, devem, pois, proporcionar-lhes ensinamentos para o desenvolvimento da inteligência; não dirão tudo a todos, aguardando, antes de semear, que a terra esteja pronta para receber a semente que a fará frutificar. Eis por que certas verdades que nos são ensinadas hoje não o foram aos nossos pais, que também interrogavam os Espíritos; eis por que as verdades, para as quais ainda não estamos maduros, só serão ensinadas aos que vierem depois de nós. Nosso equívoco está em nos julgarmos chegados ao cume da escada, quando apenas nos achamos na metade do caminho.

Digamos, de passagem, que os Espíritos têm duas maneiras de instruir os homens. Tanto podem fazê-lo comunicando-se diretamente, o que tem ocorrido em todos os tempos, como o provam todas as histórias sagradas e profanas, quanto se encarnando entre eles, para o desempenho das missões de progresso. Tais são esses homens de bem e de gênio, que aparecem de tempos em tempos, como fochos para a Humanidade, fazendo-a avançar alguns passos. Vede o que acontece, quando esses mesmos homens vêm antes do tempo propício para as idéias que devem espalhar: são desconhecidos em vida, mas seus ensinamentos não ficam perdidos. Depositados nos arquivos do mundo, como um grão precioso posto de reserva, um belo dia levanta a poeira, no momento em que pode frutificar.

Desde então, compreende-se que, se o tempo requerido para disseminar certas idéias não houver ainda chegado, será em vão que interrogaremos os Espíritos. Eles só podem dizer o que lhes é permitido. Mas também há outra razão, que compreendem perfeitamente todos os que têm alguma experiência do mundo espírita.

Não basta ser Espírito para possuir a ciência universal; do contrário, a morte nos tornaria quase iguais a Deus. Aliás, o simples bom-senso recusa-se a admitir que o Espírito de um selvagem, de um ignorante ou de um malvado, desde que

desprendido da matéria, esteja no nível do sábio ou do homem de bem. Isto não seria racional. Há, pois, Espíritos adiantados, e outros mais ou menos atrasados, que devem vencer diversas etapas e passar por numerosas peneiras, antes de se despojarem de todas as suas imperfeições. Disso resulta que no mundo dos Espíritos são encontradas todas as variedades morais e intelectuais existentes entre os homens e outras mais. Ora, prova a experiência que os maus se comunicam tão bem quanto os bons. Os que são francamente maus são facilmente reconhecíveis; mas há também, entre eles, semi-sábios, pseudo-sábios, presunçosos, sistemáticos e até hipócritas. Estes são os mais perigosos, porque afetam uma aparência de gravidade, de sabedoria e de ciência, em favor da qual enunciam, em meio a algumas verdades e boas máximas, as coisas mais absurdas. E, para melhor enganar, não receiam adornar-se com os mais respeitáveis nomes. Separar o verdadeiro do falso, descobrir o embuste escondido numa exibição de palavras bonitas, desmascarar os impostores, eis, sem contradita, uma das maiores dificuldades da ciência espírita. Para superá-la, faz-se necessária uma longa experiência, conhecer todas as *astúcias* de que são capazes os Espíritos de baixa classe, ter muita prudência, ver as coisas com o mais imperturbável sangue-frio e, sobretudo, guardar-se contra o entusiasmo que cega. Com o hábito e um pouco de tato chega-se facilmente a desmascará-los, mesmo sob a ênfase da mais pretensiosa linguagem. Mas, infeliz do médium que se julga infalível, que se ilude com as comunicações que recebe: O Espírito que o domina pode fasciná-lo a ponto de fazê-lo achar sublime aquilo que, muitas vezes, é apenas absurdo e salta aos olhos de todos, menos aos seus.

Voltemos ao assunto. A teoria da formação da Terra pela incrustação não é a única que tem sido dada pelos Espíritos. Em qual acreditar? Isto prova que, fora da moral, que não admite duas interpretações, não se deve aceitar as teorias científicas dos Espíritos senão com as maiores reservas, porque, uma vez mais, eles não estão encarregados de nos trazer a ciência acabada; estão

longe de tudo saber, sobretudo no que diz respeito ao princípio das coisas; enfim, é preciso desconfiar das idéias sistemáticas que alguns deles procuram fazer prevalecer, às quais não têm escrúpulo de atribuir uma origem divina. Se examinarmos essas comunicações com sangue-frio, *sem prevenção*; se pesarmos maduramente todas as palavras, descobriremos facilmente os traços de uma origem suspeita, incompatível com o caráter do Espírito que se supõe falar. São, por vezes, heresias científicas tão patentes que só um cego ou uma pessoa muito ignorante não as perceberia. Ora, como admitir possa um Espírito superior cometer semelhantes absurdos? De outras vezes são expressões triviais, formas ridículas, pueris, e mil outros sinais que traem a inferioridade, para quem quer que não esteja fascinado. Que homem de bom-senso acreditaria que uma doutrina contrária aos mais positivos dados da Ciência pudesse emanar de um Espírito sábio, ainda que trouxesse o nome de Arago? Como crer na bondade de um Espírito que dá conselhos contrários à caridade e à benevolência, ainda que sejam assinados por um apóstolo da beneficência? Dizemos mais: Há profanação em misturar nomes venerados a comunicações com evidentes traços de inferioridade. Quanto mais elevados os nomes, tanto mais devem ser acolhidos com circunspeção e mais se deve temer ser joguete de uma mistificação. Em suma, o grande critério do ensino dado pelos Espíritos é a lógica. Deus nos deu a capacidade de julgar e a razão para delas nos servirmos; os Espíritos bons no-las recomendam, nisto nos dando uma prova de superioridade. Os outros se guardam: querem ser acreditados sob palavra, pois sabem muito bem que no exame têm tudo a perder.

Como se vê, temos muitos motivos para não aceitar levemente todas as teorias dadas pelos Espíritos. Quando surge uma, limitamo-nos ao papel de observador; fazemos abstração de sua origem espírita, sem nos deixar fascinar pelo brilho de nomes pomposos; examinamo-la como se emanasse de um simples mortal e vemos se é racional, se dá conta de tudo, se resolve todas as

dificuldades. Foi assim que procedemos com a doutrina da reencarnação, que não tínhamos adotado, embora vinda dos Espíritos, senão após haver reconhecido que ela só, *e só ela*, podia resolver aquilo que nenhuma filosofia jamais havia resolvido, e isso abstração feita das provas materiais que diariamente são dadas, a nós e a muitos outros. Pouco nos importam, pois, os contraditores, ainda que sejam Espíritos. Desde que ela seja lógica, conforme à justiça de Deus; que não possam substituí-la por nada de mais satisfatório, não nos inquietamos mais do que os que afirmam que a Terra não gira em torno do Sol – porquanto há Espíritos que se julgam sábios – ou que pretendem que o homem veio completamente formado de um outro mundo, transportado nas costas de um elefante alado.

Menos ainda concordamos com o ponto de vista da formação e, sobretudo, do povoamento da Terra. Eis por que dissemos, no início, que para nós a questão não estava suficientemente elucidada. Encarada do ponto de vista exclusivamente científico, dizemos apenas que, à primeira vista, a teoria da incrustação não nos parecia desprovida de fundamento e, sem nos pronunciarmos pró nem contra, dizemos haver nela matéria para exame. Com efeito, se estudarmos os caracteres fisiológicos das diferentes raças humanas, não é possível atribuir-lhes uma origem comum, porque a raça negra não é um abastardamento da raça branca. Ora, adotando a letra do texto bíblico, que faz todos os homens procederem da família de Noé, dois e mil e quatrocentos anos antes da era cristã, seria preciso admitir não apenas que em alguns séculos esta única família tivesse povoado a Ásia, a Europa e a África, mas que se houvesse transformado em negros. Sabemos perfeitamente a influência que o clima e os hábitos podem exercer sobre a economia. Um sol ardente avermelha a epiderme e escurece a pele, mas em parte alguma se viu, mesmo sob o mais intenso ardor tropical, famílias brancas procriarem negros, sem cruzamento de raças. Para nós, portanto, é evidente que as raças primitivas da Terra provêm de

origens diferentes. Qual o princípio? Eis a questão e, até provas concretas, não é permitido a respeito fazer senão conjecturas. Aos sábios, pois, compete ver as que melhor concordam com os fatos constatados pela Ciência.

Sem examinar como foi possível a junção e a soldagem de vários corpos planetários para formar o nosso globo atual, devemos reconhecer que o fato não é impossível e, desde então, estaria explicada a presença simultânea de raças heterogêneas, tão diferentes em costumes e em línguas, de que cada globo teria trazido os germens ou os embriões; e, quem sabe? talvez indivíduos completamente formados. Nesta hipótese a raça branca proviria de um mundo mais adiantado do que o que teria trazido a raça negra. Em todo o caso, a junção não se teria operado sem um cataclismo geral, o que só teria deixado subsistir alguns indivíduos. Assim, conforme essa teoria, nosso globo seria, ao mesmo tempo, muito antigo por suas partes constituintes, e muito novo por sua aglomeração. Como se vê, tal sistema em nada contradiz os períodos geológicos que, assim, remontariam a uma época indeterminada e anterior à junção. Seja como for, e seja o que disser o Sr. Jobard, se as coisas se passaram assim parece difícil que um tal acontecimento se tenha realizado e, sobretudo, que o equilíbrio de semelhante caos tenha podido estabelecer-se em seis dias de vinte e quatro horas. Os movimentos da matéria inerte estão submetidos a leis eternas, que não podem ser derogadas senão por milagres.

Resta-nos explicar o que se deve entender por alma da Terra, porquanto não pode entrar na cabeça de ninguém atribuir uma vontade à matéria. Os Espíritos sempre disseram que alguns entre eles têm atribuições especiais. Agentes e ministros de Deus, dirigem, conforme o seu grau de elevação, os fatos de ordem física, bem como os de ordem moral. Assim como alguns velam pelos indivíduos, dos quais se constituem gênios familiares ou protetores, outros tomam sob seu patrocínio reuniões de indivíduos, grupos, cidades, povos e até mundos. Por alma da Terra deve-se, pois,

entender-se o Espírito, chamado por sua missão a dirigi-la e a fazê-la progredir, tendo sob suas ordens inumeráveis legiões de Espíritos encarregados de velar pela realização de seus desígnios. O Espírito diretor de um mundo deve ser, necessariamente, de uma ordem superior, e tanto mais elevado quanto mais adiantado for aquele mundo.

Se insistimos sobre vários pontos que poderiam parecer estranhos ao assunto, foi precisamente por se tratar de uma questão científica eminentemente controvertida. Importa que seja bem constatado, pelos que julgam as coisas sem as conhecer, que o Espiritismo está longe de tomar por artigo de fé tudo quanto vem do mundo invisível; assim, como pretendem, ele não se apóia numa crença cega, mas na razão. Se nem todos os seus partidários guardam a mesma circunspeção, a culpa não é da ciência espírita, mas dos que não se dão ao trabalho de aprofundá-la. Ora, não seria mais lógico julgar o exagero de alguns, do que condenar a religião pela opinião dos fanáticos.

Cartas do Dr. Morhéry sobre a Srta. Désirée Godu

Falamos sobre a notável faculdade da Srta. Désirée Godu, como médium curador, e poderíamos ter citado atestados autênticos que temos sob os olhos. Mas eis um testemunho cujo alcance ninguém contestará. Não se trata de um desses certificados liberados um tanto levemente, mas do resultado de observações sérias de um homem de saber, eminentemente competente para apreciar as coisas sob o duplo ponto de vista da Ciência e do Espiritismo. O Dr. Morhéry nos envia as duas cartas seguintes, cuja reprodução por certo nossos leitores agradecerão:

“Plessis-Boudet, perto de Loudéac (Côtes-du-Nord).

“Senhor Allan Kardec,

“Embora sobrecarregado de ocupações neste momento, como membro correspondente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, devo informar-vos de um acontecimento para mim inesperado e que, sem dúvida, interessa a todos os nossos colegas.

“Nos últimos números de vossa Revista elogiastes a Srta. Désirée Godu, de Hennebon. Dissestes que depois de ter sido médium vidente, audiente e escrevente, esta senhorita se havia tornado, desde alguns anos, médium curador. Foi nesta última qualidade que ela se dirigiu a mim, reclamando meu concurso como doutor em Medicina, para provar a eficácia de sua medicação, que poderíamos chamar *espírita*. A princípio pensei que as ameaças que lhe eram feitas e os obstáculos interpostos à sua prática médica, sem diploma, fossem a única causa de sua determinação; mas ela me disse que o Espírito que a dirige há seis anos havia aconselhado a medida como necessária, do ponto de vista da Doutrina Espírita. Seja como for, julguei ser de meu dever e do interesse da Humanidade aceitar sua generosa proposta, mas duvidava que ela a realizasse. Sem a conhecer, nem jamais tê-la visto, tinha sabido que essa piedosa jovem não havia querido separar-se de sua família senão numa circunstância excepcional, para cumprir uma missão não menos importante, na idade de dezessete anos. Fiquei, pois, agradavelmente surpreendido ao vê-la chegar em minha casa, conduzida por sua mãe, que deixou no dia seguinte com profunda mágoa; mas essa mágoa era temperada pela coragem da resignação. Há dez dias a Srta. Godu está no seio de minha família, da qual constitui a alegria, malgrado sua enervante ocupação.

“Desde sua chegada, já constatei setenta e cinco casos de observações de doenças diversas, para a maioria das quais os recursos da Medicina haviam falhado. Temos amauroses, oftalmias graves, paralisias antigas e rebeldes a todo tratamento, escrofulosos, herpéticos, cataratas e cânceres avançados. Todos os casos são

numerados, a natureza da moléstia por mim constatada, os curativos mencionados, e tudo é ordenado como numa sala clínica destinada a observações.

“Ainda não há tempo suficiente para que eu me possa pronunciar de maneira peremptória sobre as curas operadas pela medicação da Srta. Godu. Mas, desde hoje, posso manifestar minha surpresa pelos resultados revulsivos que ela obtém pela aplicação de seus unguentos, cujos efeitos variam ao infinito, por uma causa que eu não poderia explicar dentro das regras ordinárias da Ciência. Também vi com prazer que ela cortava as febres sem nenhuma preparação de quinina ou de seus extratos, por meio de simples infusões de flores ou de folhas de diversas plantas.

“Acompanho com vivo interesse o tratamento de um câncer bastante avançado. Esse câncer, diagnosticado e tratado sem sucesso, como sempre, por vários colegas, é objeto da maior preocupação da Srta. Godu. Não são uma nem duas vezes que ela o pensa, mas a todas as horas. Desejo sinceramente que seus esforços sejam coroados de sucesso e que cure este indigente, que trata com zelo acima de qualquer elogio. Se o conseguir, pode-se naturalmente esperar que logrará outros e, neste caso, prestará um imenso serviço à Humanidade, curando essa terrível e atroz moléstia.

“Sei que alguns confrades censurarão e sorrirão da esperança em que me embalo. Mas que me importa, desde que essa esperança se realize! Já me fazem reprimendas por prestar concurso a uma pessoa cuja intenção ninguém contesta, mas cuja aptidão para curar é negada pela maioria, considerando-se que tal aptidão não lhe foi dada pela Faculdade.

“A isto responderei: não foi a Faculdade que descobriu a vacina, mas simples pastores; não foi a Faculdade que descobriu a cortiça do Peru, mas os indígenas daquele país. A Faculdade constata os fatos; agrupa-os e classifica-os para formar a preciosa base do ensino, mas não os produz exclusivamente. Alguns tolos –

infelizmente há muitos por aqui, como em toda parte – se julgam espirituosos por qualificarem a Srta. Godu de feiticeira. Certamente é uma feiticeira amável e bastante útil, pois não inspira nenhum temor de feitiçaria nem o desejo de sacrificá-la na fogueira.

“A outros, que pretendem seja ela instrumento do demônio, responderei sem rodeios: se o demônio vem à Terra curar os incuráveis, abandonados e indigentes, forçoso é concluirmos que finalmente ele se converteu, merecendo, por isso, os nossos agradecimentos. Ora, duvido muito que entre os que assim falam não haja muitos que prefiram ser curados por suas mãos, a morrerem nas mãos de médico. Recebamos, pois, o bem de onde vier e, a não ser com provas autênticas, não atribuamos o seu mérito ao diabo. É mais moral e mais racional atribuir o bem a Deus e lho agradecer; a respeito, penso que minha opinião será partilhada por vós e por todos os meus colegas.

“Aliás, que isso se torne ou não uma realidade, sempre resultará algo para a Ciência. Não sou homem de olvidar certos meios empregados, que hoje muito negligenciamos. Diz-se que a Medicina fez imensos progressos. Sim, sem dúvida, para a Ciência, mas não tanto na arte de curar. Apreendemos muito e muito esquecemos. O Espírito humano é como o oceano: não pode abarcar tudo; quando invade uma praia, deixa outra. Voltarei ao assunto e vos porei ao corrente dessa curiosa experiência. Ligo a ela a maior importância; se triunfar, será uma brilhante manifestação contra a qual será impossível lutar, porque nada detém os que sofrem e querem curar-se. Estou decidido a tudo afrontar com esse objetivo, mesmo o ridículo que tanto se teme na França.

“Aproveito a oportunidade para vos enviar minha tese inaugural. Se vos derdes ao trabalho de lê-la, compreenderéis facilmente quanto eu estava disposto em admitir o Espiritismo. Esta tese foi defendida quando a Medicina havia caído no mais profundo materialismo. Era um protesto contra essa corrente que nos arrastou para a Medicina orgânica e a farmacologia mineral, de

que tanto se abusou. Quanta saúde arruinada pelo uso de substâncias minerais que, em caso de insucesso, aumentam o mal e, no de melhora, muitas vezes deixam traços em nosso organismo!

“Aceitai, etc.

Morhéry”

“20 de março de 1860.

“Senhor,

“Em minha última carta anunciei-vos que a Srta. Désirée Godu tinha vindo exercer sua faculdade curadora sob minhas vistas. Hoje venho vos trazer algumas novidades.

“Desde 25 de fevereiro, comecei minhas observações sobre um grande número de doentes, quase todos indigentes e impossibilitados de tratamento adequado. Alguns têm doenças pouco importantes. A maioria, porém, é acometida por afecções que resistiram aos meios curativos ordinários. Cataloguei, desde 25 de fevereiro, 152 casos de moléstias muito variadas. Infelizmente, em nossa região, sobretudo os doentes indigentes seguem seus caprichos e não têm paciência para se resignarem a um tratamento contínuo e metódico. Desde que experimentam melhora, julgam-se curados e nada mais fazem. É um fato muitas vezes constatado em minha clientela e que, necessariamente, deveria ocorrer com a Srta. Godu.

“Como já vos disse, nada quero prejudicar, nada afirmar, exceto os resultados constatados pela experiência. Mais tarde farei o inventário de minhas observações e constatarei as mais notáveis. Mas, desde já, posso exprimir a minha admiração por certas curas obtidas fora dos meios ordinários.

“Vi curar sem quinino três episódios de febres intermitentes, rebeldes, dos quais um havia resistido a todos os meios por mim empregados.

“A Srta. Godu curou igualmente três panarícios e duas inflamações subaponevróticas da mão, em poucos dias. Fiquei deveras surpreendido.

“Posso também constatar a cura, ainda não radical, mas muito avançada, de um de nossos mais inteligentes trabalhadores, Pierre Le Boudec, de Saint-Hervé, surdo há 18 anos; ele ficou tão maravilhado quanto eu, quando, após três dias de tratamento, pôde ouvir o canto dos pássaros e a voz de seus filhos. Vi-o esta manhã; tudo leva a crer numa cura radical dentro em pouco.

“Entre nossos doentes, o que mais atrai minha atenção neste momento é um tal Bigot, operário em Saint-Caradec, acometido há dois anos e meio por um câncer do lábio inferior. O câncer chegou ao último grau; o lábio inferior está parcialmente destruído; as gengivas, as glândulas sublinguais e submaxilares estão canceromatosas; o próprio osso maxilar inferior está afetado pela moléstia. Quando se apresentou em minha casa seu estado era desesperador; suas dores eram atrozes; não dormia há seis meses; qualquer operação era impraticável, pois o mal estava muito avançado; a cura me parecia impossível e o declarei com toda franqueza à Srta. Godu, a fim de premuni-la contra uma derrota inevitável. Minha opinião não variou quanto ao prognóstico; não posso acreditar na cura de um câncer tão avançado. Entretanto, devo declarar que, desde o primeiro curativo, o doente experimenta alívio e, a partir de 25 de fevereiro, dorme bem e se alimenta; voltou-lhe a confiança; a ferida mudou de aspecto de modo visível e, se isso continuar, a despeito de minha opinião tão formal, serei obrigado a esperar uma cura. Se realizar-se será o maior fenômeno de cura que se possa constatar. É preciso esperar e ter paciência com o doente. A Srta. Godu tem com ele um cuidado todo especial; por vezes tem feito curativos de meia em meia hora. Esse indigente é o seu favorito.

“Quanto a outras coisas, nada tenho a dizer. Poderia edificar-vos sobre os boatos, mexericos e alusões à feitiçaria; mas

como a tolice é inerente à Humanidade, não me dou ao trabalho de tentar erradicá-la.

“Aceitai, etc.

Morhéry”

Observação – Como se pode ficar convencido pelas duas cartas acima, o Dr. Morhéry não se deixa fascinar pelo entusiasmo; observa as coisas friamente, como homem esclarecido que não se permite ilusões; demonstra inteira boa-fé e, pondo de lado o amor-próprio do médico, não teme confessar que a Natureza pode prescindir dele, inspirando a uma jovem sem instrução os meios de curar que ele não encontrou sequer em sua Faculdade, nem em seu próprio cérebro, não se julgando humilhado por isso. Seus conhecimentos de Espiritismo mostram-lhe que a coisa é possível, sem que, por isso, haja derrogação das leis da Natureza; ele a compreende, desde que essa notável faculdade é para ele um simples fenômeno, mais desenvolvido na Srta. Godu que em outros. Pode-se dizer que essa jovem representa, para a arte de curar, o que Joana d’Arc representava para a arte militar. O Dr. Morhéry, esclarecido sobre os dois pontos essenciais – o Espiritismo como fonte e a Medicina ordinária como controle – pondo de lado o amor-próprio e qualquer sentimento pessoal, encontra-se na melhor posição para julgar imparcialmente, e nós cumprimentamos a Srta. Godu pela resolução tomada, de colocar-se sob seu patrocínio. Sem dúvida os leitores nos serão gratos por mantê-los ao corrente das observações que serão feitas ulteriormente.

Variedades

O FABRICANTE DE SÃO PETERSBURGO

O seguinte fato de manifestação espontânea foi transmitido ao nosso colega, Sr. Kratzoff, de São Petersburgo, por

seu compatriota, o barão Gabriel Tscherkassoff, que reside em Cannes (Var) e garante a sua autenticidade. Aliás, parece que o fato é muito conhecido e fez sensação na época em que ocorreu.

“No começo do século havia em São Petersburgo um rico artesão, que empregava grande número de operários em suas oficinas. Seu nome me escapa, mas creio que era inglês. Homem probo, humano e comportado, não só desfrutava a boa renda de seus produtos, mas, muito mais ainda, do bem-estar físico e moral de seus operários que, conseqüentemente, ofereciam o exemplo de boa conduta e de uma concórdia quase fraternal. Conforme um costume observado na Rússia até hoje, o patrão custeava o alojamento e a alimentação, ocupando os operários os andares superiores e as águas-furtadas da mesma casa que ele. Certa manhã, ao despertar, vários operários não encontraram suas roupas, que haviam posto de lado ao se deitarem. Não se podia pensar em roubo. Conjeturaram inutilmente e suspeitaram que os mais maliciosos tinham querido pregar uma peça em seus camaradas. Enfim, graças às buscas realizadas, encontraram todos os objetos desaparecidos, no celeiro, nas chaminés e até nos telhados. O patrão fez advertências gerais, já que ninguém se confessava culpado; ao contrário, todos protestavam inocência.

“Passado algum tempo, o mesmo fato se repetiu; novas advertências, novos protestos. Pouco a pouco o fenômeno começou a se repetir todas as noites e o patrão inquietou-se bastante, porque além de seu trabalho ser muito prejudicado, via-se ameaçado pela debandada de todos os operários, que temiam permanecer numa casa onde se passavam, segundo eles, coisas sobrenaturais. Seguindo o conselho do patrão, foi organizado um serviço noturno, escolhido pelos próprios operários, para surpreender o culpado. Mas nada conseguiram: ao contrário, as coisas pioravam cada vez mais. Para alcançar seus quartos, os operários deviam subir escadas que não estavam iluminadas. Ora, aconteceu a vários deles receber pancadas e bofetões e, quando procuravam defender-se, não batiam senão no vazio, enquanto a

violência dos golpes os fazia supor que tratavam com um ser sólido. Desta vez o patrão os aconselhou a se dividirem em dois grupos: um deveria ficar na parte superior da escada, e o outro embaixo. Desta maneira o brincalhão de mau gosto não poderia escapar e receber o corretivo que merecia. Mas a providência do patrão falhou novamente; os dois grupos apanharam bastante e cada um acusava o outro. As recriminações tornaram-se atrozes e a desinteligência entre os operários chegou ao cúmulo, de modo que o pobre patrão já pensava em fechar as oficinas ou mudar-se.

“Uma noite estava sentado, triste e pensativo, cercado pela família. Todos estavam abatidos quando, de repente, ouviu-se um grande ruído no aposento ao lado, que lhe servia de gabinete de trabalho. Levantou-se precipitadamente e foi procurar a causa do barulho. Ao abrir a porta, a primeira coisa que viu foi sua escrivaninha aberta e um castiçal aceso. Ora, há poucos instantes ele havia fechado a escrivaninha e apagado a luz. Ao aproximar-se, distinguiu sobre a mesa um tinteiro de vidro e uma pena que não lhe pertenciam, além de uma folha de papel sobre a qual estavam escritas estas palavras, que não tinham tido tempo de secar: “Manda demolir a parede em tal lugar (era acima da escada); aí encontrarás ossadas humanas, que mandarás sepultar em terra santa”. O patrão tomou o papel e correu a informar a polícia.

“No dia seguinte começaram a procurar de onde provinham o tinteiro e a pena. Mostrando-os aos moradores da mesma casa, chegaram até um negociante de gêneros alimentícios que tinha a sua quitanda no rés-do-chão e que reconheceu um e outra como seus. Interrogado sobre a pessoa a quem os havia dado, respondeu: Ontem à noite, já tendo fechado a porta da loja, ouvi uma leve batida no postigo da janela; abri e um homem, cujos traços não me foi possível distinguir, disse-me: Peço-te que me dês um tinteiro e uma pena; eu tos pagarei. Tendo-lhe passado os dois objetos, ele me atirou uma grande moeda de cobre, que ouvi cair no assoalho, mas não pude encontrar.

“Demoliram a parede no lugar indicado e aí encontraram ossadas humanas, que foram enterradas, voltando tudo ao normal. Jamais se soube a quem pertenciam aqueles ossos.”

Fatos desta natureza devem ter ocorrido em todas as épocas e vê-se que não são provocados absolutamente pelos conhecimentos espíritas. Compreende-se que, em séculos recuados, ou entre povos ignorantes, tenham dado lugar a todo tipo de conjecturas supersticiosas.

APARIÇÃO TANGÍVEL

No dia 14 de janeiro último, o Senhor Lecomte, cultivador na comuna de Brix, distrito de Valognes, foi visitado por um indivíduo que se dizia um de seus antigos camaradas, com o qual havia trabalhado no porto de Cherbourg, e cuja morte remonta a dois anos e meio. A aparição tinha por fim pedir a Lecomte que mandasse rezar uma missa. No dia 15 houve recorrência da aparição. Menos espantado, Lecomte efetivamente reconheceu o antigo camarada, mas, ainda perturbado, não soube o que responder. O mesmo aconteceu em 17 e 18 de janeiro. Somente no dia 19 Lecomte disse-lhe: Já que desejas uma missa, onde queres que seja rezada? Assistirás a ela? – Desejo – respondeu o Espírito – que a missa seja realizada na capela de São Salvador, dentro de oito dias; lá estarei. E acrescentou: Há muito tempo que eu não te via e a distância era longa para vir te procurar. Dito isto, retirou-se, *apertando-lhe a mão*.

O Senhor Lecomte cumpriu sua promessa: em 27 de janeiro a missa foi rezada em São Salvador, e ele viu seu antigo camarada ajoelhado nos degraus do altar, perto do sacerdote oficiante. Além dele, ninguém percebeu a aparição, embora tivesse perguntado ao padre e aos assistentes se não o teriam visto.

Desde aquele dia o Senhor Lecomte não foi mais visitado e retomou sua habitual tranqüilidade.

Observação – Conforme esse relato, cuja autenticidade é garantida por uma pessoa digna de fé, não se trata de uma simples visão, mas de uma aparição tangível, pois o defunto, amigo do Senhor Lecomte, lhe havia apertado a mão. Os incrédulos dirão que foi uma alucinação, mas, até o momento, ainda esperamos de sua parte uma explicação clara, lógica e verdadeiramente científica dos estranhos fenômenos que designam por esse nome, porquanto, simplesmente negá-los não nos parece a melhor solução.

Ditados Espontâneos

O ANJO DAS CRIANÇAS

(Sociedade – Médium: Sra. de Boyer)

Meu nome é Micaël. Sou um dos Espíritos prepostos à guarda das crianças. Que doce missão! E que felicidade proporciona à alma! Perguntais se me refiro à guarda das crianças? Mas não têm suas mães, anjos bons prepostos a essa guarda? E por que ainda é necessário um Espírito para delas se ocupar? Então não pensais nas que não têm mais essa boa mãe? Infelizmente não as há, e muitas? E não terá a própria mãe necessidade de ajuda algumas vezes? Quem a desperta em meio ao seu primeiro sono? Quem a faz pressentir o perigo? Quem cogita em aliviá-la, quando o mal é grave? Nós, sempre nós; que desviamos a criança travessa do precipício para onde corre; que dela desviamos os animais nocivos e afastamos o fogo que poderia misturar-se aos seus cabelos louros. Nossa missão é suave! Somos ainda nós que lhes inspiramos a compaixão pelo pobre, a doçura, a bondade; nenhuma criança, mesmo das piores, poderia nos irritar. Há sempre um instante em que seu coraçãozinho nos fica aberto. Alguns de vós se espantarão desta missão. Mas não dizeis freqüentemente: há um Deus para as crianças? sobretudo para as crianças pobres? Não, não há um Deus, mas anjos, amigos. E como poderíeis explicar de outro modo essas salvações miraculosas? Existem ainda muitos outros poderes, cuja existência nem mesmo suspeitais. Há o

Espírito das flores, dos perfumes; há milhares, cujas missões, mais ou menos elevadas, vos pareceriam deliciosas e invejáveis, após vossa dura vida de provas. Eu os exortarei a virem ao vosso meio. Neste momento sou recompensada por uma vida inteiramente devotada às crianças. Casada jovem, com um homem que possuía vários filhos, não tive a felicidade de os ter de mim mesma. Completamente devotada a elas, Deus, o bom e soberano Senhor, concedeu-me ser ainda guarda das crianças. Doce e santa missão! eu o repito, cuja influência as mães aqui presentes não poderiam negar. Adeus, vou à cabeceira dos meus pequenos protegidos. A hora do sono é a minha hora, e é preciso que visite todos esses olhinhos fechados. Ficai sabendo que o bom anjo que vela por elas não é uma alegoria, mas uma verdade.

CONSELHOS

(Sociedade, 25 de novembro de 1859 – Médium: Sr. Roze)

Outrora vos teriam crucificado, queimado, torturado. A forca foi derrubada; a fogueira, extinta; os instrumentos de tortura, destruídos, a arma terrível do ridículo, tão poderosa contra a mentira, atenuar-se-á ante a verdade; seus inimigos mais temíveis foram encerrados num círculo intransponível. Com efeito, negar a realidade de nossas manifestações seria negar a revelação, que é a base de todas as religiões; atribuí-las ao demônio, pretender que o Espírito do mal venha confirmar e desenvolver o Evangelho, exortar-vos ao bem e à prática de todas as virtudes, é simplesmente e felizmente provar que ele não existe. Todo reino dividido contra si mesmo perecerá. Restam os Espíritos maus. Jamais uma árvore boa produzirá maus frutos; jamais uma árvore má produzirá bons frutos. Nada de melhor tendes a fazer senão responder-lhes o que respondia o Cristo aos seus perseguidores, quando formularam contra ele as mesmas acusações; e, como ele, rogar a Deus que os perdoe, pois não sabem o que fazem.

O Espírito de Verdade

(Outra, ditada ao Sr. Roze e lida na Sociedade)

A França conduz o estandarte do progresso e deve guiar as outras nações: assim o provam os acontecimentos passados e contemporâneos. Fostes escolhidos para serdes o espelho que deve receber e refletir a luz divina, que deve iluminar a Terra, até então mergulhada nas trevas da ignorância e da mentira. Mas se não estiverdes animados pelo amor do próximo e por um desinteresse sem limites; se o desejo de conhecer e propagar a verdade, cujas vias deveis abrir à posteridade, não for o único móvel a guiar os vossos trabalhos; se o mais leve pensamento íntimo de orgulho, egoísmo e interesse material achar lugar em vossos corações, não nos serviremos de vós senão como o artífice, que provisoriamente emprega uma ferramenta defeituosa; viremos a vós até que tenhamos encontrado ou provocado um centro mais rico do que vós em virtudes, mais simpático à falange de Espíritos que Deus enviou para revelar a verdade aos homens de *boa vontade*. Pensai nisto seriamente; descei aos vossos corações, sondai-lhes os mais íntimos refulgos e expulsai com energia as más paixões que nos afastam. A não ser assim retirai-vos, antes de comprometerdes os trabalhos de vossos irmãos pela vossa presença, ou a dos Espíritos que traríeis convosco.

O Espírito de Verdade

A OSTENTAÇÃO

(Sociedade, 16 de dezembro de 1860 – Médiun: Srta. Huet)

Numa bela tarde de primavera, um homem rico e generoso estava sentado em seu salão; sorvia, feliz, o perfume das flores de seu jardim. Enumerava, complacente, todas as boas obras que tinha praticado durante o ano. A essa lembrança não pôde deixar de lançar um olhar quase desprezível sobre a casa de um de seus vizinhos, que não pudera dar senão módica moeda para a construção da igreja paroquial. De minha parte, disse ele, dei mais de mil escudos para essa obra pia; deitei negligentemente uma

cédula de 500 francos na bolsa que me estendia aquela jovem duquesa, em favor dos pobres; dei muito para as festas de beneficência, para toda sorte de loterias e creio que Deus me será grato por tanto bem que fiz. Ah! ia esquecendo uma pequena esmola, que dei há pouco tempo a uma infeliz viúva, responsável por numerosa família e que ainda cria um órfão. Mas o que lhe dei é tão pouco que, por certo, não será por isso que o céu se me abrirá.

Tu te enganas, respondeu de repente uma voz que lhe fez voltar a cabeça: é a única que Deus aceita, e eis a prova. No mesmo instante uma mão apagou o papel em que ele havia escrito todas as suas boas obras, deixando apenas a última; ela o levou ao céu.

Não é, pois, a esmola dada com ostentação que é a melhor, mas a que é dada com toda a humildade do coração.

Joinville, Amy de Loys

AMOR E LIBERDADE

(Sociedade, 27 de janeiro de 1860 – Médium: Sr. Roze)

Deus é amor e liberdade. É pelo amor e pela liberdade que o Espírito se aproxima dEle. Pelo amor desenvolve, em cada existência, novas relações que o aproximam da unidade; pela liberdade escolhe o bem que o aproxima de Deus. Sede ardorosos na propagação da nova fé; que o santo ardor que vos anima jamais vos leve a atentar contra a liberdade alheia. Evitai, por meio de uma insistência muita grande junto à incredulidade orgulhosa e temível, de exasperar uma existência meio vencida e prestes a render-se. O reino da violência e da opressão acabou; o da razão, da liberdade e do amor fraterno está começando. Não é mais pelo medo e pela força que os poderosos da Terra adquirirão, doravante, o direito de dirigir os interesses morais, espirituais e físicos dos povos, mas pelo amor e pela liberdade.

Abelardo

A IMORTALIDADE

(Sociedade, 3 de fevereiro de 1860 – Médiun: Srta. Huet)

Como pode um homem, e um homem inteligente, não crer na imortalidade da alma e, conseqüentemente, numa vida futura, que não é outra senão a do Espiritismo? Em que se tornariam esse amor imenso que a mãe devota ao filho, esses cuidados com que o cerca na infância, essa atitude esclarecida que o pai dedica à educação desse ser bem-amado? Tudo isso seria, então, aniquilado no momento da morte ou da separação? Seríamos, assim, semelhantes aos animais, cujo instinto é admirável, sem dúvida, mas que não cuidam de sua progênie com ternura senão até o momento em que ela cessa de ter necessidade dos cuidados maternos? Chegando esse momento, os pais abandonam os filhos e tudo está acabado: o corpo está criado, a alma não existe. Mas o homem não teria uma alma, e uma alma imortal! E o gênio sublime, que só se pode comparar a Deus, tanto d'Ele emana, esse gênio que gera prodígios, que cria obras primas, seria aniquilado pela morte do homem! Profanação! Não se pode aniquilar assim as coisas que vêm de Deus. Um Rafael, um Newton, um Miguel Ângelo e tantos outros gênios sublimes abarcam ainda o Universo em seu Espírito, embora seus corpos não mais existam. Não vos enganéis; eles vivem e viverão eternamente. Quanto a se comunicarem convosco, é menos fácil de admitir pela generalidade dos homens. Somente pelo estudo e pela observação eles podem adquirir a certeza de que isso é possível.

Fénelon

PARÁBOLA

(Sociedade, 9 de dezembro de 1859 – Médiun: Sr. Roze)

Em sua última travessia um velho navio foi assaltado por terrível tempestade. Além de grande número de passageiros, transportava uma porção de mercadorias estrangeiras ao seu destino, acumuladas pela avareza e cupidez de seus donos. – O

perigo era iminente; reinava a maior desordem a bordo; os chefes se recusavam a lançar a carga no mar; suas ordens eram ignoradas; tinham perdido a confiança da tripulação e dos passageiros. Era preciso pensar em abandonar o navio. Puseram três embarcações no mar: na primeira, a maior, precipitaram-se, aturdidos, os mais impacientes e os mais inexperientes, que se apressaram a remar na direção da luz que avistaram ao longe, na costa. Caíram nas mãos de um bando de corsários, que os despojaram dos objetos preciosos que haviam recolhido às pressas, maltratando-os sem piedade.

Os segundos, mais espertos, souberam distinguir um farol libertador em meio às luzes enganadoras que alumiam o horizonte e, confiantes, abandonaram o barco ao capricho das ondas; foram arrebentar nos arrecifes, ao pé do próprio farol, do qual não haviam tirado os olhos. Foram tanto mais sensíveis à sua ruína e à perda de seus bens quanto haviam entrevisto a salvação.

Os terceiros, pouco numerosos, mas sábios e prudentes, guiavam com cuidado o frágil barco em meio aos obstáculos; salvaram corpos e bens, sem outro mal além da fadiga da viagem.

Não vos contenteis, portanto, em vos guardardes contra a pirataria e contra os Espíritos maus, mas sabeí, também, evitar o erro dos viajantes negligentes, que perderam os bens e naufragaram no porto. Sabeí guiar vosso barco em meio aos escolhos das paixões e atracareis com felicidade no porto da vida eterna, ricos das virtudes que tiverdes adquirido em vossas viagens.

São Vicente de Paulo

O ESPIRITISMO

(Sociedade, 3 de fevereiro de 1860 – Médiun: Sra. M.)

O Espiritismo é chamado a esclarecer o mundo, mas necessita de um certo tempo para progredir. Existiu desde a

Criação, mas só era conhecido por algumas pessoas, porque, em geral, a massa pouco se ocupa em meditar sobre questões espíritas. Hoje, com o auxílio desta pura doutrina, haverá uma luz nova. Deus, que não quer deixar a criatura na ignorância, permite que os Espíritos mais elevados venham em nosso auxílio, para contrabalançar a ação do Espírito das trevas, que tende a envolver o mundo. O orgulho humano obscurece a razão e a faz cometer muitas faltas na Terra. São necessários Espíritos simples e dóceis, para comunicarem a luz e atenuarem todos os nossos males. Coragem! Persisti nesta obra, que é agradável a Deus, porque ela é útil para a sua maior glória, e dela resultarão grandes bens para salvação das almas.

Francisco de Sales

FILOSOFIA

(Sociedade, 3 de fevereiro de 1860 – Médiun: Sr. Colin)

Escrevei isto: O homem! Que é ele? De onde veio? Para onde vai? – Deus? A Natureza? A Criação? O mundo? Sua eternidade no passado, no futuro! Limite da Natureza, relações do ser infinito com o ser particular? Passagem do infinito ao finito? – Perguntas que devia fazer o homem, criança ainda, quando viu pela primeira vez, com sua razão, acima da cabeça, a marcha misteriosa dos astros; sob seus pés a terra, alternativamente revestida com roupas de festa, sob o hálito tépido da primavera, ou coberta de um manto de luto, debaixo do sopro gelado do inverno; quando ele próprio se viu, pensando e sentindo, ser lançado por um instante nesse imenso turbilhão vital entre o ontem, dia de seu nascimento, e o amanhã, dia de sua morte. Perguntas que foram propostas a todos os povos, em todas as idades e em todas as suas escolas e que, no entanto, não permaneceram menos enigmáticas para as gerações seguintes. Contudo, questões dignas de cativar o espírito investigador do vosso século e o gênio do vosso país. – Se, pois, houvesse entre vós um homem, dez homens, tendo consciência da

alta gravidade de uma missão apostólica e vontade de deixar um traço de sua passagem aqui, para servir de ponto de referência à posteridade, eu lhe diria: Durante muito tempo transigistes com os erros e preconceitos de vossa época; para vós, o período das manifestações materiais e físicas passou; aquilo a que chamais de *evocações experimentais* já não vos pode ensinar grandes coisas, porque, no mais das vezes, apenas a curiosidade está em jogo. Mas a era filosófica da doutrina se aproxima. Não permaneçais por muito tempo fixados nas fasquias do pórtico, em breve carcomidas, e penetrai sem hesitação no santuário celeste, conduzindo altivamente a bandeira da filosofia moderna, na qual escrevi sem medo: *misticismo*, *racionalismo*. Fazei ecletismo no ecletismo moderno; fazei-o como os Antigos, apoiando-vos na tradição histórica, mística e legendária, mas sempre cuidando de não sair da *revelação*, facho que a todos nos faltou, recorrendo às luzes dos Espíritos superiores, votados missionariamente à marcha do espírito humano. Por mais elevados que sejam, esses Espíritos não sabem tudo; só Deus o sabe. Além disso, de tudo quanto sabem, nem tudo podem revelar. Com efeito, em que se tornaria o livre-arbítrio do homem, sua responsabilidade, o mérito e o demérito? E, como sanção, o castigo e a recompensa?

Entretanto, posso balizar o caminho que vos mostramos, com alguns princípios fundamentais. Escutai, pois, isto:

1º A alma tem o poder de subtrair-se à matéria;

2º De elevar-se muito acima da inteligência;

3º Esse estado é superior à razão;

4º Ele pode colocar o homem em relação com aquilo que escapa às suas faculdades;

5º O homem pode provocá-lo pela prece a Deus, por um esforço constante da vontade, reduzindo a alma, por assim

dizer, ao estado de pura essência, privada da atividade sensível e exterior; numa palavra, pela abstração de tudo que há de diverso, de múltiplo, de indeciso, de turbilhonamento, de exterioridade na alma;

6º Existe no *eu* concreto e complexo do homem uma força completamente ignorada até hoje. Procurai-a, portanto.

Moisés, Platão, depois Juliano

COMUNICAÇÕES LIDAS NA SOCIEDADE

(Pelo Sr. Pêcheur)

Meu amigo, não sabeis que todo homem que marcha na senda do progresso tem sempre contra si a ignorância e a inveja? *A inveja é a poeira levantada por vossos passos.* Vossas idéias revoltam certos homens, pois não compreendem ou abafam no orgulho o clamor da consciência, que lhes grita: Aquilo que repeles, teu juiz te lembrará um dia; é uma mão que Deus estende para te retirar do lamaçal onde te lançaram as paixões. Escuta por um instante a voz da razão; pensais que viveis no século do dinheiro, onde o eu domina; que o amor às riquezas vos desseca o coração, carrega vossa consciência de muitas faltas e até de crimes que deveis confessar. Homens sem fé, que vos dizeis hábeis, vossa habilidade vos levará ao naufrágio; nenhuma mão vos será estendida; fostes surdos às misérias alheias e sereis tragados sem que caia uma lágrima sobre vós. Parai! ainda há tempo; que o arrependimento penetre vossos corações; que ele seja sincero, e Deus vos perdoará. Procurai o infeliz que não ousa lastimar-se e que a miséria mata lentamente. O pobre que tiverdes aliviado incluirá vosso nome em suas preces; abençoará a mão que talvez lhe tenha salvado a filha da fome que mata e da vergonha que desonra. Infelizes de vós, se fordes surdos à sua voz. Deus vos disse, pela boca sagrada do Cristo: Ama a teu irmão como a ti mesmo. Não vos deu a razão para julgardes o bem e o mal? Não vos deu um coração para vos compadecerdes dos sofrimentos dos vossos semelhantes? Não

sentis que, abafando a consciência, abafais a voz do progresso e da caridade? Não sentis que apenas arrastais um corpo vazio? Que nada mais bate em vosso peito, o que torna incerta a vossa marcha? Porque fugistes da luz e os vossos olhos se tornaram de carne, as trevas que vos cercam vos agitam e causam medo. Procurais, mas tarde demais, sair dessa vida que desmorona aos vossos pés; o medo, que não podeis definir, vos torna supersticiosos. Fingis que sois um homem caridoso; no entanto, esperando resgatar a vida de egoísta, dais o ceitil que o temor vos arranca, mas Deus sabe o que vos leva a agir: não podeis enganá-lo; vossa vida se extinguirá sem esperança, e não podeis prolongá-la por um só dia. Extinguir-se-á, malgrado vossas riquezas, que vossos filhos ambicionam por antecipação, pois lhes destes o exemplo. Como vós, eles não têm senão um amor: o do ouro, único sonho de felicidade para eles. Quando esta hora de justiça soar, tereis de comparecer perante o Supremo Juiz que tendes desprezado.

Tua filha

A CONSCIÊNCIA

Cada homem tem em si o que chamais uma voz interior; é o que o Espírito chama de consciência, juiz severo que preside a todas as ações de vossa vida. Quando o homem está só, escuta essa consciência e se pesa no seu justo valor; muitas vezes tem vergonha de si mesmo. Nesse momento reconhece a Deus, mas a ignorância, conselheira fatal, o impele e lhe põe a máscara do orgulho. Ele se vos apresenta repleto do seu vazio; procura enganar-vos pela firmeza que apresenta. Mas o homem de coração reto não tem a cabeça altaneira: escuta com proveito as palavras do sábio; sente que não é nada, e que Deus é tudo. Procura instruir-se no livro da Natureza, escrito pela mão do Criador. Seu Espírito se eleva, expulsando as paixões materiais que muitas vezes vos desviam. Essa paixão que vos conduz é um guia perigoso. Guardai isto, amigo: deixai rir o céptico; seu sorriso se extinguirá. À sua hora derradeira, o homem torna-se crente. Amigo, pensai sempre

em Deus; somente Ele não se engana. Lembrai-vos de que há apenas um caminho que conduz a Ele: a fé e o amor aos semelhantes.

Tua filha

A MORADA DOS ELEITOS

(Pela Sra. Desl...)

Teu pensamento ainda está absorvido pelas coisas da Terra. Se queres nos escutar, é preciso esquecê-las. Tentemos conversar do alto; que teu Espírito se eleve para essas regiões, morada dos Eleitos do Senhor. Vê esses mundos que esperam todos os mortais, cujos lugares estão marcados conforme o mérito que tiverem. Quanta felicidade para aquele que se compraz nas coisas santas, nos grandes ensinamentos dados em nome de Deus! Ó homens! Como sois pequenos, comparados aos Espíritos desprendidos da matéria, que planam nos espaços ocupados pela glória do Senhor! Felizes os que forem chamados a habitar os mundos onde a matéria não é mais que um nome; onde tudo é etéreo e translúcido; *onde os passos não mais se escutam*. A música celeste é o único brilho que chega aos sentidos, tão perfeitos que captam os menores sons, desde que estes se chamem harmonia! Que leveza, a de todos os seres amados por Deus! Como percorrem, deliciados, esses sítios encantados, transformados em asilos! Ali não há mais discórdias, nem ciúme, nem ódio. O amor tornou-se o laço destinado a unir entre si todos os seres criados; e esse amor, que enche seus corações, só tem por limite o próprio Deus, que é o fim, e no qual se resumem a fé, o amor e a caridade.

Um amigo

(OUTRA, PELO MESMO)

Teu esquecimento me afligia. Não me deixes mais por tanto tempo sem me chamares. Sinto-me disposto a conversar

contigo e a te dar conselhos. Guarda-te de acreditar em tudo quanto outros Espíritos poderiam dizer-te; talvez eles te arrastem por um mau caminho. Antes de tudo, sede prudente, a fim de que Deus não tire a missão que te encarregou de realizar, a saber: ajudar a levar ao conhecimento dos homens a revelação da existência dos Espíritos ao redor deles. Nem todos se acham em condições de apreciar e compreender o elevado alcance das coisas, cujo conhecimento Deus ainda não permite senão aos eleitos. Dia virá em que esta ciência, cheia de consolação e de grandeza, será compartilhada pela Humanidade inteira, onde não mais se encontrará um incrédulo. Os homens, então, só poderão compreender uma verdade, tão palpável que não será posta em dúvida por um só instante pelo mais simples dos mortais. Digo-te, em verdade, que não passará meio século antes que os olhos e ouvidos de todos sejam abertos a essa grande verdade: os Espíritos circulam no espaço e ocupam diferentes mundos, conforme seu mérito aos olhos de Deus; a verdadeira vida está na morte, sendo necessário que o homem seja resgatado várias vezes antes de obter a vida eterna, a que todos deverão chegar, através de um número maior ou menor de séculos de sofrimentos, conforme tenham sido mais ou menos fiéis à voz do Senhor.

Um amigo

O ESPÍRITO E O JULGAMENTO

(Pela Sra. Netz)

A liberdade do homem é toda individual; nasceu livre, mas essa liberdade muitas vezes é a sua desgraça. Liberdade moral, liberdade física, tudo ele reuniu, mas com freqüência lhe falta o discernimento, aquilo a que chamais de bom-senso. Se um homem tiver muito espírito e lhe faltar esta última qualidade, é absolutamente como se nada tivesse; pois o que faria de seu espírito, se não pudesse governá-lo, se não tivesse a inteligência necessária para saber se conduzir, se acreditasse marchar no bom caminho, quando está no lodaçal, se pensasse ter sempre razão,

quando muitas vezes está errado? O discernimento pode tomar o lugar do espírito, mas este jamais substituirá aquele. É uma qualidade necessária e, quando não a temos, precisamos envidar todos os esforços para adquiri-la.

Um Espírito familiar

O INCRÉDULO

(Pela Sra. L...)

Vossa doutrina é bela e santa; sua primeira baliza está plantada, e solidamente plantada. Agora não tendes senão que marchar. O caminho que vos é aberto é grande e majestoso. Bem-aventurado o que chegar ao porto. Quanto mais prosélitos houver feito, tanto mais lhe será contado. Mas para isto não deve abraçar a doutrina friamente; é necessário ter ardor, e este ardor será dobrado, porquanto Deus está sempre convosco quando fazeis o bem. Todos os que trouxerdes serão outras tantas ovelhas entradas no redil. Pobres ovelhas, meio tresmalhadas! Crede: o mais céptico, o mais ateu, o mais incrédulo, enfim, tem sempre um cantinho no coração que gostaria de ocultar a si mesmo. Pois bem! É esse cantinho que ele deve procurar e encontrar, é esse lado vulnerável que deve atacar. É uma pequena brecha, deixada aberta intencionalmente por Deus, para facilitar à criatura o meio de retornar ao seu seio.

São Bento

O SOBRENATURAL

(Pelo Sr. Rabache, de Bordeaux)

Meus filhos, vosso pai fez bem em vos chamar seriamente a atenção para os fenômenos produzidos nas sessões que vos ocupam há alguns dias. A julgá-los conforme instruções de certos Espíritos sectários, ignorantes ou dominadores, esses efeitos são sobrenaturais. Não creiais nisso, meus filhos; nada do

que acontece é *sobrenatural*; se assim fosse, diz o bom-senso que só aconteceria fora da Natureza e, então, não o veríeis. Para que vossos olhos ou vossos sentidos percebam uma coisa, é *de todo necessário que essa coisa seja natural*. Com um pouco de reflexão não há um Espírito sério que consinta em crer em coisas sobrenaturais. Com isso não quero dizer que não haja coisas que assim pareçam à vossa inteligência, mas a única razão para isso é que não as compreendeis. Quando algum fato vos parecer sair do que julgardes natural, guardai-vos contra essa preguiça de espírito que vos induziria a crer que seja sobrenatural; procurai compreendê-lo, pois, para isto vos foi dada a inteligência. Para que vos serviria ela, se tivésseis de vos contentar em aprender e crer no que ensinaram vossos predecessores? É preciso que cada um ponha a inteligência a serviço do progresso, que é obra coletiva de todos. Já que sois dotados de pensamento, pensai; já que tendes a razão, que não vos foi dada sem motivo, examinai e julgai. Não aceiteis julgamentos acabados senão depois de submetidos ao crivo da razão. Duvidai longamente se não tiverdes certeza, mas jamais negueis aquilo que não compreendeis. Examinai, examinai seriamente. Somente o preguiçoso, o não inteligente e o indiferente aceitam como verdadeiro ou falso tudo quanto ouvem afirmar ou negar. Enfim, meus filhos, envidai todos os esforços para vos tornardes sérios e úteis, de modo a bem cumprirdes a missão que vos está confiada. Nunca é demasiado cedo para vos ocupardes do bem e do que é bom. Começai, pois, cedo, a vos ocupardes das coisas sérias. O tempo das futilidades é sempre muito longo: é inútil para o vosso progresso, que não deveis perder de vista um só instante. As coisas da Terra nada são; servem apenas à vossa passagem para outro estado, que será tanto mais perfeito quanto melhor preparados estiverdes.

Vossa avó

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

MAIO DE 1860

Nº 5

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 30 de março de 1860 – Sessão particular

Assuntos administrativos – O Sr. Ledoyen, tesoureiro, apresenta o balanço da situação financeira da Sociedade no segundo semestre do ano social, encerrado a 30 de março de 1860. O balanço é aprovado.

Comunicações diversas:

1º O Sr. Chuard, de Lyon, homenageia a Sociedade com duas brochuras, contendo uma a *Ode sacra sobre a imortalidade da alma*, e a outra, uma *Sátira sobre as sociedades em comandita*. A Sociedade agradece ao autor e, embora uma dessas duas brochuras seja estranha aos objetivos de seus trabalhos, ambas integram o acervo de sua Biblioteca.

2º Leitura de três cartas do Sr. Morhéry sobre as curas operadas pela Srta. Godu, médium curador, que foi morar na casa dele e colocou-se sob o seu patrocínio. Como homem de ciência, o Sr. Morhéry observa os efeitos do tratamento praticado por essa

senhorita nos diversos doentes que ela cuida. Ele procede a anotações exatas, como o faria numa sala de clínica, e até chegou a constatar, em curto espaço de tempo, resultados deveras prodigiosos.

Acrescenta o Sr. Presidente que a Sociedade tem duplo motivo para interessar-se pela Srta. Godu; além da simpatia que naturalmente excitam os exemplos de caridade e desinteresse, tão raros em nossos dias, do ponto de vista espírita essa jovem lhe oferece preciosa matéria de estudo, por desfrutar de uma faculdade de certo modo excepcional. Quem não se interessaria por um médium de efeitos físicos, capaz de produzir fenômenos extraordinários? Quem poderia ver com indiferença aquele cujas faculdades são proveitosas à Humanidade, revelando-nos, além disso, uma nova força da Natureza?

3º Carta do Sr. conde de R..., membro titular, que partiu para o Brasil, e que agora se acha retido no porto de Cherbourg, em razão do mau tempo. Ele pede à Sociedade que o evoque na presente sessão, se possível.

O Sr. T... observa que essa mesma pessoa já foi evocada duas vezes, parecendo-lhe supérflua uma terceira evocação.

O Sr. Allan Kardec responde que, sendo o estudo o objetivo da Sociedade, a mesma pessoa pode oferecer observações úteis numa terceira vez, tão bem quanto o fez na segunda ou na primeira. A experiência, aliás, prova que o Espírito é tanto mais lúcido e explícito quanto mais freqüentemente se comunica e, de certo modo, se identifica com o médium que lhe serve de instrumento. Não se trata aqui da satisfação a um capricho ou da vã curiosidade. Em suas evocações, a Sociedade não procura consentimento nem divertimento: ela quer instruir-se. Ora, encontrando-se o Sr. de R... numa situação completamente diferente daquela em que foi evocado, pode ensinar novas observações.

Consultado sobre a oportunidade de tal evocação, São Luís responde que ela não poderia ocorrer naquele momento.

Estudos:

1º São obtidos dois ditados espontâneos, um de São Luís, pela Srta. Huet, e outro de Charlet, pelo Sr. Didier Filho.

2º Perguntas diversas dirigidas a São Luís sobre o Espírito que se comunicou espontaneamente na última sessão sob o nome de *Being*, através da Srta. Boyer e que revelou a intenção de semear a perturbação e a discórdia e de ter interferido em diversas comunicações. Das respostas obtidas resulta um ensinamento interessante sobre o modo de ação dos Espíritos uns sobre os outros.

3º O Sr. R... propõe a evocação de um de seus amigos, desaparecido desde 1848 e do qual não se teve mais notícias.

Considerando-se o avanço das horas, tal evocação foi adiada para a próxima sessão.

A Sociedade decide que não se reunirá sexta-feira santa, 6 de abril. A partir de 20 de abril as sessões ocorrerão na nova sede da Sociedade, à rua Sainte-Anne, nº 59, passagem Sainte-Anne.

Sexta-feira, 13 de abril – Sessão particular

Assuntos administrativos – Nomeação de quatro novos membros, como associados livres.

A Sociedade confirma o título de membro honorário a cinco membros precedentemente escolhidos.

Comunicações diversas – A Sra. Desl..., membro da Sociedade, tendo feito uma viagem a Dieppe, dirigiu-se até Grandes-Ventes, onde ouviu, do próprio padeiro Goubert, a

confirmação de todos os fatos relatados no número do mês de março, e com detalhes ainda mais minuciosos. Pelo exame dos lugares pôde constatar, sobretudo para certos fatos, que a fraude era impossível. Parece resultar das informações obtidas que esses fenômenos tiveram como causa a presença de um rapaz, que desde algum tempo estava a serviço do padeiro, responsável, igualmente, por fatos semelhantes ocorridos em outras casas. Sendo os fenômenos independentes de sua vontade, pode-se classificá-lo na categoria dos *médiuns naturais ou involuntários*, de efeitos físicos. Desde que deixou a casa do Sr. Goubert, nada se repetiu.

Estudos:

1º Ditados espontâneos, obtidos por três médiuns.

2º Evocação do Dr. Vogel, viajante no interior da África, onde morreu assassinado. A evocação não deu os resultados esperados. O Espírito declara estar sofrendo e reclama preces para ajudá-lo a sair da perturbação em que ainda se encontra. Diz que mais tarde poderá ser mais explícito.

Propõe o Sr. Allan Kardec, como assunto de estudo, o exame aprofundado e detalhado de certos ditados espontâneos, ou outros, que poderiam ser analisados e comentados como se faz com as críticas literárias. Tal gênero de estudo teria a dupla vantagem de exercitar a apreciação do valor das comunicações espíritas e, em segundo lugar, como conseqüência dessa apreciação, desencorajar os Espíritos enganadores que, vendo suas palavras censuradas, controladas pela razão e, finalmente, repelidas, desde que tivessem um cunho suspeito, acabariam por compreender que perdem tempo. Quanto aos Espíritos sérios, poderiam ser chamados para darem explicações e desenvolvimentos sobre os pontos de suas comunicações que necessitassem de elucidação.

A Sociedade aprova a referida proposta.

Sexta-feira, 20 de abril de 1860 – Sessão particular*Correspondência:*

1^o Carta do Sr. J..., de Saint-Étienne, membro titular, contendo apreciações muito judiciosas sobre o Espiritismo. Prova esta carta que o autor o compreende sob seu verdadeiro ponto de vista.

2^o Carta do Sr. L..., operário de Troyes, contendo reflexões quanto à influência moralizadora da Doutrina Espírita sobre as classes trabalhadoras. Convida os adeptos sérios a se ocuparem da propaganda em suas fileiras, no interesse da ordem, nelas visando reanimar os sentimentos religiosos, que se extinguem, dando lugar ao cepticismo, que é a chaga de nosso século e a negação de toda a responsabilidade moral.

Esses dois senhores já declararam em outras cartas jamais terem visto algo em matéria de Espiritismo prático, mas nem por isso estarem menos convencidos, em razão do alcance filosófico da ciência. O Presidente chama a atenção a esse respeito lembrando que diariamente tem exemplos semelhantes, não da parte de pessoas que acreditam cegamente, mas, ao contrário, daquelas que refletem e se dão ao trabalho de compreender. Para estas a parte filosófica é o principal, porque explica o que nenhuma outra filosofia resolveu; o fato das manifestações é acessório.

3^o Carta do Sr. Dumas, de Sétif, Argélia, membro da Sociedade, transmitindo novos detalhes interessantes sobre fatos cujos resultados testemunhou. Cita principalmente um jovem médium, que apresenta um fenômeno singular, qual seja, o de entrar espontaneamente, e sem ser magnetizado, numa espécie de sonambulismo, toda vez que se deseja fazer uma evocação por seu intermédio, e nesse estado escrever ou ditar verbalmente as respostas às questões propostas.

Comunicações diversas:

1º A Sra. R..., do Jura, membro correspondente da Sociedade, transmite um fato curioso que lhe é pessoal. Trata-se de um velho relógio, ao qual se ligam recordações da família, e que parece estar submetido a uma influência singular e inteligente em determinadas circunstâncias.

2º Leitura de uma comunicação obtida numa outra reunião espírita e assinada por Joana d'Arc. Contém excelentes conselhos aos médiuns sobre as causas que podem aniquilar ou perverter suas faculdades mediúnicas. (Publicada adiante).

3º O Sr. Col... inicia a leitura de uma evocação de São Lucas, evangelista, por ele dada em particular.

Percebendo que nessa evocação são abordadas diversas questões de dogmas religiosos, o Presidente interrompe a leitura em virtude do regulamento, que proíbe sejam tais assuntos tratados na Sociedade.

O Sr. Col... observa que, não tendo a comunicação nada que não seja ortodoxo, não tinha pensado que pudesse haver inconveniência em proceder à sua leitura.

Objeta o Presidente que as respostas sempre supõem perguntas. Ora, sejam as respostas ortodoxas ou não, não deixam de dar lugar à suposição de que a Sociedade se ocupa de coisas que lhe são interditas. Uma outra consideração vem corroborar esses motivos, a de que, entre os membros, há aqueles que pertencem a diferentes cultos; o que para uns seria ortodoxo, poderia não o ser para outros, razão a mais de nos abstermos. Aliás, o regulamento prescreve o exame prévio de toda comunicação obtida fora da Sociedade, medida que deverá ser observada rigorosamente.

Estudos – Evocação do Sr. B..., amigo do Sr. Royer, desaparecido de casa desde 25 de junho de 1848. Dá algumas

informações sobre sua morte acidental durante as escaramuças ocorridas naquela época. Pela linguagem e por algumas particularidades íntimas, reconhece o Sr. Royer a identidade.

Sexta-feira, 27 de abril de 1860 – Sessão geral

Comunicações diversas:

1º Carta do Dr. Morhéry, contendo novos estudos sobre as curas que ele obteve com o concurso da Srta. Godu, por meio daquilo que se pode chamar a *medicina intuitiva*. (Publicada a seguir).

2º A propósito da medicina intuitiva, o Sr. C..., um dos ouvintes presentes à sessão, após convidado pelo Presidente, dá informações do mais alto interesse sobre o poder curador de que desfrutam certas castas negras. Natural do Hindustão, de origem indiana, o Sr. C... foi testemunha ocular de numerosos fatos desse gênero, dos quais não se dava conta àquela época. Hoje ele encontra a chave no Espiritismo e no magnetismo. Os negros curadores fazem largo uso de certas plantas, mas muitas vezes se contentam em apalpar e friccionar o doente, agindo conforme as instruções de vozes ocultas que lhes falam.

3º Fato curioso de intuição circunstanciada de uma existência anterior. A pessoa em questão, que consigna o fato numa carta a um de seus amigos, o qual a leu, diz que desde sua infância tem uma lembrança precisa de haver perecido durante os massacres de São Bartolomeu, recordando-se até mesmo de detalhes de sua morte, lugares, etc. As circunstâncias não permitem ver nesse pensamento o resultado de uma imaginação exaltada, considerando-se que tal lembrança remonta a uma época na qual não se cogitava absolutamente nem de Espíritos nem de reencarnação.

4º O Sr. Georges G..., de Marselha, transmite o seguinte fato: Um jovem rapaz morreu há oito meses, e sua família, na qual

se encontram três irmãos médiuns, o evoca quase diariamente, servindo-se de uma cesta. Cada vez que o Espírito é chamado, um cãozinho, do qual muito gostava, pula sobre a mesa e vem cheirar a cesta, dando grunhidos. A primeira vez que isso aconteceu a cesta escreveu espontaneamente: Meu bravo cachorrinho, tu me reconheces!

Diz o Sr. G... poder assegurar a realidade do fato. Não o viu, mas as pessoas que o contam, e que muitas vezes o testemunharam, são muito bons espíritas e bastantes sérias para que se possa duvidar de sua sinceridade. Depois disso, pergunta ele se o perispírito, mesmo não tangível, tem um aroma qualquer, ou se certos animais são dotados de uma espécie de mediunidade.

Um estudo especial será feito ulteriormente sobre esse interessante assunto, no qual outros fatos não menos curiosos parecem lançar alguma luz.

5º Constatação de um Espírito mau, trazido a uma reunião particular por um visitante, donde se pode deduzir a influência exercida pela presença de certas pessoas, em determinadas circunstâncias.

6º Leitura de uma evocação particular, feita pelo Sr. Allan Kardec, de uma das principais convulsionárias de Saint-Médard, falecida em 1830, e em presença de sua própria filha, que pôde constatar a identidade do Espírito evocado. Tal evocação apresenta, sob diversos pontos, um alto grau de ensino, emprestando um interesse particular às circunstâncias em que foi feita. (Publicada adiante).

Estudos:

1º Ditado espontâneo obtido por intermédio da Sra. P..

2º Evocação de Stevens, companheiro de Georges

Brown.

História do Espírito Familiar do Senhor de Corasse

Devemos à gentileza de um de nossos assinantes a interessante notícia que se segue, tirada das crônicas de Froissard, provando que os Espíritos não são uma descoberta moderna. Pedimos permissão aos nossos leitores para relatá-la no estilo da época (Século XIV); ela perderia a sua originalidade, caso fosse traduzida para a linguagem moderna.

A batalha de Juberother é célebre nas crônicas antigas. Ocorreu durante a guerra que João, rei de Castela, e Diniz, rei de Portugal, travaram para sustentar suas respectivas pretensões sobre o último reino. Os castelhanos e os bearneses foram reduzidos a pedaços. O fato que Froissard relata nessa ocasião é dos mais singulares. Lê-se no capítulo XVI do livro III de sua crônica que, no dia seguinte à batalha, o conde de Foix foi informado quanto ao seu resultado, o que a distância dos lugares tornava inconcebível naquela época. É um escudeiro do conde Foix que narra a Froissard o fato em questão:

“Todo o dia de domingo, e o dia de segunda-feira e o de terça-feira seguinte, estando o conde de Foix em seu castelo, em Ortals, apresentava o semblante tão fechado e tão duro que dele não se arrancava uma única palavra. Durante esses três dias não quis sair de seu quarto, nem falar ao cavaleiro, nem ao escudeiro, por mais próximo que estivessem, a menos que os chamasse; e ainda aconteceu que ordenou se afastassem aqueles com os quais não desejava trocar uma só palavra naqueles três dias. Quando chegou terça-feira à noite, ele chamou seu irmão, Arnaut-Guillaume, e lhe disse baixinho: Nossa gente enfrentou dificuldades que me enfureceram, pois, como lhes dissera ao partirem, cabaram sendo assaltados em viagem. Arnaut-Guillaume, que é um homem muito prudente e um cavaleiro audacioso, conhecendo a maneira e a condição de seu

irmão, calou-se, e o conde, que desejava experimentar sua coragem, por haver durante muito tempo suportado seu aborrecimento, tomou ainda a palavra e falou mais alto do que o fizera da primeira vez, dizendo: Por Deus, Senhor Arnaut, é assim como vos digo e logo teremos notícias, mas nunca o país de Béarn perdeu tanto, desde cem anos até hoje, como perdeu desta vez em Portugal. Vários cavaleiros e escudeiros que estavam presentes e que viram e compreenderam o conde, não ousaram falar. E então, dez dias mais tarde, soube-se a verdade por parte daqueles que lá haviam estado por dever de ofício, os quais lhe contaram primeiramente, fazendo-o em seguida a todos quantos quisessem ouvir, todas as coisas, na forma e maneira por que se deram em Juberoth. Isto renovou o pesar do conde e da gente de seu país, que lá haviam perdido seus irmãos, seus pais, seus filhos e seus amigos.

“Santa Maria! – disse eu ao escudeiro que me narrava a história – como pôde o conde de Foix saber, sem presumir, da noite para o dia? – Por minha fé, disse ele, ele o sente bem, como o demonstrou. – Então é adivinho, disse eu; ou tem mensageiros que cavalgam tão rápido quanto o vento, ou deve se tratar de alguma artimanha. – O escudeiro começou a rir e disse: É preciso que ele o saiba por alguma espécie de necromancia. A bem da verdade, nada sabemos, nesta terra, como ele a usa, a não ser por suposição. Então, disse eu ao escudeiro, tende a bondade de me dizer e declarar a imaginação que pensais, e eu vos serei grato. E se é uma coisa para calar, calarei; jamais abrirei minha boca, haja o que houver no mundo. – Peço-vos, disse o escudeiro, pois não gostaria que soubessem que eu o tivera dito. Então me levou para um ângulo do castelo de Ortais e depois começou a fazer o seu relato, dizendo:

“Há cerca de vinte anos, reinava neste país um barão que se chamava Raymon, Senhor de Corasse. Como sabeis, Corasse é uma cidade a sete léguas desta cidade de Ortais. Ao tempo em que vos falo o Senhor de Corasse tinha um pleito em Avinhão, perante

o papa, sobre os dízimos da Igreja, em sua cidade, contra um padre da Catalunha, muito abastado e que reclamava direitos sobre esses dízimos de Corasse, que bem valiam uma renda anual de cem florins, e o direito que ele tinha mostrava e provava; por sentença definitiva, o papa Urbano V, em consistório geral, condenou o cavaleiro e julgou a favor do padre. Da última sentença do papa levou carta e cavalgou tantos dias que chegou ao Béarn e mostrou suas bulas e suas cartas e entrou na posse desse dízimo. O Senhor de Corasse adiantou-se e disse ao padre: Mestre Pedro, ou Mestre Martin – tal era o seu nome – pensais que por vossas cartas eu deva perder minha herança? Não vos considero tão atrevido a ponto de a tomar, nem que leveis as coisas que são minhas, porquanto se o fizerdes arriscais vossa vida. Mas ide a outra parte impetrar benefícios, porque de minha herança nada obtereis; e, de uma vez por todas, eu vo-lo proíbo. O padre desconfiou do cavaleiro, que era cruel, e não ousou insistir. Avisou que retornaria a Avinhão, como de fato o fez. Mas quando devia partir, veio à presença do cavaleiro e Senhor de Corasse e lhe disse: Pela força, e não pelo direito, vós me tirais os direitos de minha Igreja, com o que, em consciência, praticais grande erro. Não sou tão forte neste país como vós o sois, mas sabeis que o mais cedo que eu poder, eu vos enviarei um campeão que temereis mais do que a mim. O Senhor de Corasse, não levando em consideração essas ameaças, disse-lhe: Vai a Deus, vai, faze o que puderes; eu não temo, morto ou vivo; já por tuas palavras não perderei minha herança.

“Assim se foi o padre e voltou, não sei para onde, para a Catalunha ou para Avinhão, e não esqueceu o que havia dito ao partir o Senhor de Corasse, porque, quando o cavaleiro menos pensava, cerca de três meses depois, em seu castelo, enquanto dormia em seu leito, ao lado de sua mulher, surgiram mensageiros invisíveis que começaram revolver tudo quanto encontravam no castelo, parecendo que queriam tudo arrasar, desferindo golpes tão grandes no quarto do senhor que a dama, que lá estava, ficou completamente apavorada. O cavaleiro ouvia tudo isso muito bem,

mas não emitiu uma só palavra, por não querer demonstrar falta de coragem. Assim, foi bastante astucioso para enfrentar todas as aventuras. Essas confusões e desordens em vários locais do castelo duraram muito tempo, cessando depois. Na manhã seguinte todos os hóspedes se reuniram e vieram ao senhor, à hora em que ele se levantou, e lhe perguntaram: Senhor, não ouvistes o que ouvimos esta noite? O Senhor de Corasse disse que não. Que coisas ouvistes? Então lhe falaram sobre a tempestade que se abateu no castelo, derrubando e quebrando toda a louça da cozinha. Ele se pôs a rir e disse que eles haviam sonhado e que fora apenas o vento. Em nome de Deus – disse a senhora – eu também ouvi.

“Quando, em seguida, veio a outra noite, ainda voltaram aquelas tempestades, provocando maior barulho que antes e dando golpes tão grandes nas portas e nas janelas do quarto do cavaleiro que parecia que tudo ia romper-se. O cavaleiro saiu do leito e não pôde nem quis obter o que desejava: Quem é que bate assim a esta hora à porta do meu quarto? Logo lhe responderam: Sou eu. O cavaleiro perguntou-lhe: Quem te envia? – Envia-me o padre da Catalunha, a quem fazes grande mal, porque lhe tiras os direitos de seus benefícios. Não te deixarei em paz enquanto não lhe prestares boa conta e ele não ficar contente.

“O cavaleiro perguntou: Como te chamas, tu que és tão bom mensageiro? – Chamam-me Orthon. – Orthon, disse o cavaleiro, o serviço de um padre nada te vale. Ele te dará e te fará muito sofrimento. Se queres crer-me, peço-te, deixa-me em paz e serve-me, e eu te serei muito grato. – Othon julgou por bem responder, porque logo se aproximou do cavaleiro e lhe disse: Quereis? – Sim, disse o cavaleiro, mas que não faças mal a ninguém nesta casa. – A ninguém, disse Orthon; não tenho nenhum poder a não ser te despertar e te impedir de dormir, a ti ou aos outros. – Faze o que te digo, disse o cavaleiro, e entraremos em acordo; deixa esse padre malvado, que nada possui de bom em si, exceto que pena por ti; assim, serve-me. – Já que o queres, disse Orthon, eu o quero.

“Assim esse Orthon se ligou de tal modo ao Senhor de Corasse, que muitas vezes vinha vê-lo à noite; e quando o encontrava dormindo puxava o travesseiro ou dava pancadas nas portas e nas janelas do quarto, despertando o cavaleiro, que lhe dizia: Orthon, deixa-me dormir. Não o farei, dizia Orthon, sem que antes te dê notícias. A esposa do cavaleiro, então, teve tão grande medo que seus cabelos se eriçaram, levando-a a esconder-se sob as cobertas. – Então, perguntava o cavaleiro, que novidades me trazes? – Respondeu Orthon: Venho da Inglaterra, ou da Hungria ou de outro lugar. Saí ontem e aconteceram tais coisas. Assim, soube o Senhor de Corasse, através de Othon, tudo quanto se passava pelo mundo. Manteve esse mensageiro durante cinco anos e não podia calar-se nem fazer-se descobrir ao conde de Foix, pela maneira por que vos direi. No primeiro ano o Senhor de Corasse veio diversas vezes ao conde de Foix, em Ortais, e lhe dizia: Senhor, tal coisa aconteceu na Inglaterra, ou na Alemanha, ou em outro país; e o conde de Foix, após verificar que tudo era verdade, ficava maravilhado de como vinha a saber tais coisas. E tanto insistiu uma vez que o Senhor de Corasse terminou por dizer-lhe como e por quem lhe vinham tais notícias.

“Quando o conde de Foix soube a verdade ficou muito contente e lhe disse: Senhor de Corasse, procurai ser-lhe agradável; eu bem que gostaria de ter um tal mensageiro. Isso não vos custa nada e por esse meio ficareis sabendo realmente o que acontece no mundo. O cavaleiro respondeu: Senhor, eu o farei. – Assim, o Senhor de Corasse foi servido por Orthon durante muito tempo. Não sei se esse Orthon tinha mais de um senhor, mas todas as semanas, duas ou três vezes, vinha visitar o Senhor de Corasse, dando-lhe notícias do que acontecia nos países onde tinha conversado, e este as escrevia ao conde de Foix, o qual tinha grande alegria.

“Uma vez estava o Senhor de Corasse com o conde de Foix e conversavam sobre isto, de modo que o conde lhe

perguntou: Senhor de Corasse, nunca vistes o vosso mensageiro? – Palavra de honra, nunca, nem uma só vez. – É maravilhoso, disse o conde; se ele me fosse tão ligado quanto a vós, eu lhe teria pedido que o demonstrasse a mim; e peço que vos deis ao trabalho de dizer-me qual a sua forma e a sua maneira. Dissestes que ele fala tão bem o gascão como eu e vós. – Juro, disse o Senhor de Corasse, é verdade; ele fala tão bem e tão bonito como vós e eu; e juro que procurarei vê-lo, já que mo aconselhais. Sucedeu que o Senhor de Corasse, como em outras noites, estava em seu leito, ao lado de sua mulher, a qual já se acostumara a ouvir Orthon e não mais tinha medo. Então veio Orthon e puxou o travesseiro do Sr. de Corasse, que dormia profundamente. Despertando, o Senhor de Corasse perguntou: Quem está aí? – Sou eu, respondeu Orthon. E lhe perguntou: De onde vens? – Venho de Praga, na Boêmia. – Quanto, disse ele, tudo bem? – Sessenta dias, respondeu Orthon. – E vieste tão cedo? – Sim, por Deus; vou tão rápido quanto o vento, ou mais. – Então tens asas? – Nenhuma, disse. Como, então, podes voar tão rápido? Respondeu Orthon: Não tendes senão que ouvir as notícias que vos trago. – Por Deus, disse o Senhor de Corasse, eu preferia te ver. Respondeu Orthon: Já que desejais ver-me, a primeira coisa que vereis e encontrareis amanhã de manhã, quando sairdes do leito, será eu. – Basta, disse o Senhor de Corasse. Agora vai; eu te dispense por esta noite. Na manhã seguinte o Sr. de Corasse levantou-se. A senhora tinha tanto medo que ficou doente e disse que não se levantaria naquele dia, mas o senhor ordenou que ela se levantasse. – Senhor, disse ela, eu veria Orthon; e não quero vê-lo de forma alguma, se Deus mo permitir. Então, disse o Senhor de Corasse: Eu quero vê-lo. Saiu de mansinho do leito, mas nada viu que pudesse dizer: Eu vi Orthon aqui. O dia se passou e veio a noite. Quando o Senhor de Corasse estava deitado em sua cama, veio Orthon e começou a falar, como de costume. Vai, disse o Senhor de Corasse a Orthon, és um mentiroso; devias ter-te mostrado muito bem a mim e não o fizeste. – Sim, fiz. – Não o fizeste. – E quando saíste do leito, disse Orthon, nada vistes? O Senhor de Corasse pensou um pouco e lembrou-se. Sim,

respondeu ele, ao sair da cama e pensando em ti, vi dois fetos de palha no assoalho, que giravam juntos. – Era eu, disse Orthon, na forma que tinha tomado. – Disse o Senhor de Corasse: Isto não me basta; peço-te que tomes outra forma, de tal modo que te possa ver e reconhecer. – Orthon respondeu: Pedis tanto que me perdereis e vos deixarei, porque exigis muito. – Disse o Senhor de Corasse: Tu não te irás de mim. Se eu te tivesse visto uma vez, não te pediria mais para te ver novamente.

“Ora, disse Orthon, ver-me-eis amanhã; e tomai cuidado com a primeira coisa que virdes ao sair do vosso quarto. No dia seguinte, à hora terça, o Senhor de Corasse levantou-se, aprontou-se e, tão logo saiu do quarto veio a um local que dá para o pátio do castelo; lançou os olhos e a primeira coisa que viu foi uma porca, a maior que já tinha visto; mas era tão magra que parecia ter apenas pele e ossos; tinha as orelhas grandes, caídas e manchadas e o focinho longo e agudo. O Senhor de Corasse ficou muito admirado da porca. Como não a via com prazer, ordenou à sua gente: Soltem os cães; quero ver esta porca morta e devorada. Os criados saíram, abriram o lugar onde estavam os cães e os fizeram assaltar a porca, que soltou um grande grito e olhou firmemente para o Senhor de Corasse, que se apoiava no terraço em frente ao quarto e não mais a viu, porquanto ela desvaneceu-se, não se sabendo em que se tornou. O Senhor de Corasse entrou em seu quarto muito pensativo e lembrou-se de Orthon. Creio que vi Orthon, meu mensageiro. Arrependo-me de haver lançado meus cães sobre ele. Será um azar se não mais o vir, pois me disse várias vezes que assim que o reconhecesse eu o perderia. – Ele disse a verdade. Desde então não voltou mais ao castelo de Corasse, e o cavaleiro ali morreu no ano seguinte.

“É verdade, perguntei ao escudeiro, que o conde de Foix tenha se servido de tal mensageiro? Para dizer a verdade: sim, é a opinião de vários homens de Béarn, pois nada se faz na região e alhures sem que ele o queira ou se empenhe, a menos que não o

saiba ou não tenha tomado cuidado. Assim, foi com bons cavaleiros e escudeiros deste país que estavam em Portugal. A graça e o renome que ele tem por isto lhe foi de grande proveito, porque não perdia em casa o valor de uma colher de ouro ou de prata, nem coisa alguma sem que logo desse falta.”

Correspondência

Carta do Dr. Morhéry sobre diversas curas obtidas pela medicação da senhorita Désirée Godu:

Plessis-Doudet, perto de Loudéac, Côtes-du-Nord, 25 de abril de 1860.

Senhor Allan Kardec,

Venho hoje me desobrigar da promessa feita de vos assinalar os casos de cura que obtive com o concurso da Srta. Godu. Como havereis de compreender, não enumerarei todos, pois seria muito longo. Limito-me a fazer uma escolha, não em virtude da gravidade, mas da variedade das moléstias. Não quis repetir os mesmos casos nem mencionar curas de pouca importância.

Vede, senhor, que a Srta. Godu não perdeu tempo desde que se encontra em Plessis-Boudet. Já visitamos mais de duzentos doentes e tivemos a satisfação de curar quase todos os que tiveram a paciência de seguir as prescrições. Não vos falo dos nossos cancerosos, eles estão bem encaminhados; mas esperarei resultados positivos antes de me pronunciar. Temos ainda grande número de doentes em tratamento; escolhemos, de preferência, os que são considerados incuráveis. Dentro de pouco tempo espero ter novos casos de cura a vos indicar. São principalmente as afecções reumáticas, as paralisias, as ciáticas, as úlceras, os distúrbios ósseos e as chagas de qualquer natureza que o sistema de tratamento parece dar melhores resultados.

Posso assegurar-vos, senhor, que aprendi muitas coisas úteis que, antes do meu contato, essa senhorita ignorava. Cada dia ela me ensina algo de novo, tanto para o tratamento quanto para o diagnóstico. Em relação ao prognóstico, ignoro como pode fixá-lo; todavia, ela não se engana. Com a ciência ordinária não se pode explicar uma tal penetração, mas vós, senhor, a compreendeis facilmente.

Termino declarando que certifico como verdadeiras e sinceras todas as observações que se seguem, com a minha assinatura.

Aceitai, etc.

Morhéry, doutor em Medicina

1^a *Observação*, nº 5 (23 de fevereiro de 1860). François Langle, trabalhador jornaleiro. Diagnóstico: febre terçã há seis meses. A febre tinha resistido ao sulfato de quinina, por mim administrado várias vezes ao doente; foi curado em cinco dias de tratamento com simples infusões de plantas diversas, e o doente passa melhor do que nunca. Poderia citar dez curas semelhantes.

2^a *Observação*, nº 9 (24 de fevereiro de 1860). Senhora R..., de Loudéac, 32 anos de idade. Diagnóstico: inflamação e intumescimento crônico das amígdalas; cefalalgia violenta; dores na coluna vertebral; abatimento geral; ausência de apetite. O mal começou por arrepios e surdez e já dura dois anos. – Prognóstico: caso grave e difícil de curar, o mal tem resistido aos melhores tratamentos aplicados. Hoje a doente está curada; prossegue o tratamento apenas para evitar uma recaída.

3^a *Observação*, nº 13 (25 de fevereiro de 1860). Pierre Gaubichais, do vilarejo de Ventou-Lamotte, 23 anos. Diagnóstico: inflamação subaponevrótica no dorso e na palma da mão. – Prognóstico: caso grave, mas não incurável. A cura foi obtida em menos de quinze dias. Temos quatro ou cinco casos semelhantes.

4ª *Observação*, nº 18 (26 de fevereiro de 1860). François R..., de Loudéac, 27 anos. Diagnóstico: tumor branco cicatrizado no joelho esquerdo; abscesso fistuloso na parte posterior da coxa, acima da articulação. O mal existe desde os dez anos. – Prognóstico: caso muito grave e incurável, resistiu aos melhores tratamentos instituídos durante seis anos. O doente foi pensado com unguentos preparados pela Srta. Godu e tomou infusões de plantas diversas. Hoje se pode considerá-lo curado.

5ª *Observação*, nº 23 (25 de fevereiro de 1860). Jeanne Gloux, operária em Tierné-Loudéac. Diagnóstico: panarício muito intenso há dez dias. A doente foi curada radicalmente em quinze dias apenas com os unguentos da Srta. Godu. As dores desapareceram a partir do segundo curativo. Temos três curas semelhantes.

6ª *Observação*, nº 12 (25 de fevereiro de 1860). Vincent Gourdel, tecelão em Lamotte, 32 anos. Diagnóstico: oftalmia aguda, conseqüente a uma erisipela intensa. Injeção inflamatória da conjuntiva e grande belida¹⁶ manifestando-se na córnea transparente do olho esquerdo; estado inflamatório geral. – Prognóstico: afecção grave e muito intensa. É de temer-se que o olho se perca em dez dias. – Tratamento: aplicação de unguentos sobre o olho doente. Hoje a oftalmia está curada; a belida desapareceu, mas o tratamento continua para combater a erisipela, que parece ser de natureza periódica e, talvez, dartrosa¹⁷.

7ª *Observação*, nº 31 (27 de fevereiro de 1860). Marie-Louise Rivière, jornaleira em Lamotte, 24 anos. Diagnóstico: reumatismo antigo na mão direita, com debilidade completa e paralisia das falanges; impossibilidade de trabalhar. Causa

16 **N. do T.**: Mancha permanente da córnea devida a traumatismos ou ulcerações.

17 **N. do T.**: Que apresenta *dartro*, termo genérico com o qual se designavam várias afecções cutâneas.

desconhecida. – Prognóstico: cura muito difícil, se não impossível. Curada em vinte dias de tratamento.

8^a *Observação*, n^o 34 (28 de fevereiro de 1860). Jean-Marie Le Berre, 19 anos, indigente em Lamotte. Diagnóstico: cefalalgia violenta, insônia, hemorragias freqüentes pelas fossas nasais, desvio para dentro do joelho direito e para fora da mesma perna. O doente realmente está estropiado. – Prognóstico: incurável. – Tratamento: tópico extrativo e unguentos da Srta. Godu. Hoje o membro se endireitou e a cura é mais ou menos completa; entretanto, continua-se o tratamento, por precaução.

9^a *Observação*, n^o 50 (28 de fevereiro de 1860). Marie Nogret, 23 anos, de Lamotte. Diagnóstico: Inflamação da pleura e do diafragma, intumescimento e inflamação das amígdalas e da úvula, palpitações, tontura, sufocações. – Prognóstico: embora a paciente seja forte, seu estado é grave; não pode dar dois passos. – Tratamento: infusões de plantas diversas. Melhor desde o dia seguinte e cura radical em oito dias.

10^a *Observação*, n^o 109 (12 de março de 1860). Pierre Le Boudu, comuna de Saint-Hervé. Diagnóstico: surdez desde os dezoito anos, conseqüente a uma febre tifóide. – Prognóstico: incurável e rebelde a todo tratamento. – Tratamento: injeções e usos de infusões de plantas diversas, preparadas pela Srta. Godu. Hoje o doente ouve o movimento de seu relógio; o barulho o incomoda e atordoa, em razão da sensibilidade do ouvido.

11^a *Observação*, n^o 132 (18 de março de 1860). Marie Le Maux, dez anos, residente em Grâces. Diagnóstico: reumatismo com rigidez das articulações, particularmente em ambos os joelhos; a criança só anda com muletas. – Prognóstico: caso muito grave, se não incurável. – Tratamento: tópico extrativo, e curativos com unguentos da Srta. Godu. Cura em menos de vinte dias. Hoje anda sem muletas, nem bengala.

12^a *Observação*, n^o 80 (19 de março de 1860) Hélène Lucas, nove anos, indigente em Lamotte. Diagnóstico: protrusão e intumescimento permanente da língua, que avança de 5 a 6 centímetros além dos lábios e parece estrangulada; a língua é rugosa, os dentes inferiores estão corroídos pela língua; para comer, a criança é obrigada a afastar a língua para um lado com uma mão e introduzir os alimentos na boca com a outra. Tal estado remonta à idade de dois meses e meio. – Prognóstico: caso muito grave julgado incurável. Hoje a língua retraiu-se e a doente está quase completamente curada.

Morhéry

Notar-se-á sem dificuldades que as notícias acima não constituem esses certificados banais, solicitados pela cupidez, nos quais muitas vezes a complacência disputa com a ignorância. São observações de um profissional que, pondo de lado o amor-próprio, admite francamente a sua insuficiência em presença dos infinitos recursos da Natureza, que não lhe disse a última palavra nos bancos escolares. Reconhece que essa moça, sem instrução especial, ensinou-lhe mais do que certos livros dos homens, porque lê no próprio livro da Natureza. Como homem sensato, prefere salvar um doente por meios aparentemente irregulares, a deixá-lo morrer segundo as regras; e não se julga humilhado.

Comprometemo-nos a fazer um estudo sério no próximo artigo, do ponto de vista teórico, sobre essa faculdade intuitiva, mais freqüente do que se pensa, mas que é mais ou menos desenvolvida, através da qual a Ciência poderá haurir preciosas luzes, quando os homens não se julgarem mais sábios que o Senhor do Universo. Através de um homem muito esclarecido, natural do Hindustão e de origem indiana, obtivemos preciosos ensinamentos sobre as práticas da Medicina intuitiva pelos nativos, e que vêm acrescentar à teoria o testemunho de fatos autênticos, bem observados.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

JARDIN

(Sociedade de Paris, 25 de novembro de 1859)

Lê-se no *Journal de la Nièvre*. Um acidente funesto ocorreu sábado passado na estação ferroviária. O Sr. Jardin, homem de sessenta e dois anos, ao sair do pátio da estação, foi colhido pelos varais de um tálburi, exalando o último suspiro poucas horas depois.

A morte desse homem revelou uma das mais extraordinárias histórias, à qual não teríamos dado crédito se testemunhas verídicas não nos tivessem garantido a sua autenticidade. Ei-la, tal qual nos foi narrada:

Antes de ser empregado no entreposto de tabacos de Nevers, Jardin morava no Cher, burgo de Saint-Germain-des-Bois, onde exercia a profissão de alfaiate. Sua mulher tinha morrido havia cinco anos, nesse vilarejo, vítima de uma fluxão de peito, quando, há oito anos, ele deixou Saint-Germain para vir morar em Nevers. Empregado laborioso, Jardin era muito piedoso, de uma devoção que raiava à exaltação; entregava-se com fervor às práticas religiosas. Em seu quarto tinha um genuflexório, no qual gostava de ajoelhar-se. Sexta-feira à noite, achando-se só com a filha, anunciou-lhe, de repente, que um secreto pressentimento o advertia de que seu fim estava próximo. — “Escuta — disse-lhe ele — minhas últimas vontades: Quando eu estiver morto, remeterás ao Sr. B... a chave do meu genuflexório para que ele leve o que ali encontrar e deposite em meu caixão.”

Surpreendida por essa brusca recomendação, a Srta. Jardin, não sabendo ao certo se o pai falava sério, perguntou-lhe o que poderia haver no genuflexório. A princípio recusou responder, mas, como ela insistisse, ele lhe fez a estranha revelação de que o que se achava ali eram os restos de sua mãe! Informou-lhe que,

antes de deixar Saint-Germain-des-Bois, tinha ido ao cemitério durante a noite. Todos dormiam no vilarejo. Sentindo-se muito só, tinha ido à sepultura da esposa e, armado de uma pá, havia cavado a terra até atingir o caixão que continha os restos daquela que fora sua companheira. Não querendo separar-se desses preciosos despojos, recolhera os ossos e os depositara no seu genuflexório.

A essa estranha confiança, um pouco amedrontada, mas sempre duvidando que o pai falasse sério, a Srta. Jardin prometeu-lhe conformar-se às suas últimas vontades, persuadida de que ele queria divertir-se à sua custa, e que no dia seguinte lhe daria a solução desse fantástico enigma.

No dia seguinte, sábado, Jardin foi ao escritório, como de costume. Cerca de uma hora foi mandado à estação de mercadorias para despachar sacos de tabaco destinados ao abastecimento do entreposto. Mal saíra da estação foi atingido no peito pelos varais de um tûlburí, que lhe passara despercebido em meio às viaturas estacionadas no embarcadouro. Seus sentimentos não o haviam enganado. Derrubado pela violência do choque, foi levado para casa sem sentidos.

Os socorros prodigalizados fizeram-lhe recobrar os sentidos. Pediram para tirar-lhe as roupas, a fim de examinar os ferimentos, mas ele se opôs vivamente; insistiram, e recusou ainda. Mas como, apesar da resistência, se dispunham a despi-lo, prostrou-se de repente: estava morto.

O corpo foi posto numa cama. Qual não foi, porém, a surpresa dos presentes quando, depois de despido, viu-se sobre o coração um saco de couro, amarrado em volta de seu corpo! Um corte feito pelo médico, chamado para constatar a morte, separou o saco em duas partes, de onde escapou uma mão seca!

Lembrando-se do que o pai lhe houvera dito na véspera, a Srta. Jardin preveniu os senhores B... e J..., marceneiros.

Aberto o genuflexório, dele foi retirado uma barretina da Guarda Nacional, no fundo da qual encontrava-se a cabeça de um morto, ainda com os cabelos; depois perceberam, no fundo do genuflexório, dispostos sobre os raios, os ossos de um esqueleto: eram os restos da esposa de Jardim.

Domingo último os despojos de Jardim foram conduzidos à derradeira morada. Para satisfazer à vontade do sexagenário, puseram no caixão os restos de sua mulher e, sobre seu peito, a mão seca que, se assim podemos nos exprimir, durante oito anos havia sentido o bater de seu coração.

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui.

2. Quem vos preveniu de que desejávamos falar-vos?

Resp. – Nada sei; fui arrastado até aqui.

3. Onde estáveis quando vos chamamos?

Resp. – Junto a um homem de quem gosto, acompanhado de minha esposa.

4. Como tivestes o pressentimento da morte?

Resp. – Tinha sido prevenido por aquela que tanto lamentava. Deus o havia concedido, por sua prece.

5. Então vossa mulher estava sempre ao vosso lado?

Resp. – Ela não me deixava.

6. Os seus restos mortais, que conserváveis no genuflexório, eram a causa de sua presença contínua?

Resp. – De maneira alguma; mas eu o acreditava.

7. Assim, se não tivésseis conservado esses restos, nem por isso o Espírito de vossa mulher deixaria de ficar ao vosso lado?

Resp. – Então o pensamento não é mais poderoso para

atrair o Espírito do que os restos, sem importância para ele?

8. Revistes imediatamente vossa esposa no momento da morte?

Resp. – Foi ela quem veio receber-me e esclarecer-me.

9. Tiveste imediatamente a consciência de vós mesmo?

Resp. – Ao cabo de pouco tempo; eu tinha uma fé intuitiva na imortalidade da alma.

10. Vossa esposa deve ter tido existências anteriores à última. Como se explica que as tenha esquecido, para consagrar-se inteiramente a vós?

Resp. – Tinha de me guiar em minha vida material, sem, por isso, renunciar às suas antigas afeições. Quando dizemos que jamais deixamos um Espírito encarnado, deveis compreender que por isso queremos dar a entender que freqüentemente estamos mais junto a ele do que alhures. A rapidez do nosso deslocamento no-lo permite, de maneira tão fácil quanto, a vós, uma conversa com vários interlocutores.

11. Lembrai-vos de vossas existências anteriores?

Resp. – Sim. Na última fui um pobre camponês, sem nenhuma instrução; mas, anteriormente, havia sido religioso sincero, devotado ao estudo.

12. A extraordinária afeição que tínheis por vossa mulher não teria, como causa, antigas relações de outras existências?

Resp. – Não.

13. Sois feliz como Espírito?

Resp. – Mais não é possível, deveis compreender.

14. Podeis definir vossa felicidade atual e dizer-nos a sua causa?

Resp. – Eu não deveria ter necessidade de vo-lo dizer: eu amava e sentia falta de um Espírito querido; amava a Deus; era honesto. Encontrei o que me faltava: eis os elementos de felicidade para um Espírito.

15. Quais as vossas ocupações como Espírito?

Resp. – Disse-vos que ao ser chamado estava junto a um homem de quem gostava; procurava inspirar-lhe o desejo do bem, como sempre fazem os Espíritos que Deus julga dignos. Temos ainda outras ocupações, que não podemos, por ora, revelar.

16. Agradecemos a gentileza de terdes vindo.

Resp. – Também vos agradeço.

UMA CONVULSIONÁRIA

Havendo as circunstâncias nos posto em contato com a filha de uma das principais convulsionárias de Saint-Médard, foi possível recolher sobre essa espécie de seita alguns ensinamentos particulares. Assim, nada há de exagerado no que se relata sobre as torturas a que voluntariamente se submetiam os fanáticos. Sabe-se que uma das provas, designadas pelo nome de *grandes socorros*, consistia em sofrer a crucificação e todos os tormentos da Paixão do Cristo. A pessoa de quem falamos, falecida em 1830, ainda tinha nas mãos os buracos feitos pelos pregos que haviam servido para suspê-la à cruz, e ao lado as marcas das lançadas que havia recebido. Ela escondia cuidadosamente esses estigmas do fanatismo, e sempre tinha evitado explicá-los aos filhos. É conhecida na história das convulsionárias sob um pseudônimo que nos calaremos, por motivos que logo serão indicados. A conversa a seguir ocorreu em presença de sua filha, que a desejou. Suprimimos as suas particularidades íntimas, que não interessariam aos estranhos, mas que foram, para a moça, uma prova incontestável da identidade de sua mãe.

1. Evocação.

Resp. – Há muito que desejo conversar convosco.

2. Qual o motivo que vos levava a desejar conversar comigo?

Resp. – Sei apreciar vossos trabalhos, apesar do que possais pensar de minhas crenças.

3. Vedes aqui a senhora vossa filha? Foi, sobretudo, ela quem quis conversar convosco e ficaremos muito contentes de o aproveitar para nossa instrução.

Resp. – Sim; uma mãe sempre vê seus filhos.

4. Sois feliz como Espírito?

Resp. – Sim e não, porque poderia ter feito melhor; mas Deus leva em conta a minha ignorância.

5. Lembrais perfeitamente da vossa última existência?

Resp. – Eu teria muitas coisas a vos dizer, mas orai por mim, a fim de que isto me seja permitido.

6. As torturas a que vos submetestes vos elevaram e tornaram mais feliz como Espírito?

Resp. – Não me fizeram mal, mas não me fizeram avançar em inteligência.

7. Rogo-vos a gentileza de ser mais precisa. Pergunto se aquilo vos foi levado à conta de mérito?

Resp. – Direi que tendes uma pergunta em *O Livro dos Espíritos* que dá uma resposta geral. Quanto a mim, era uma pobre fanática.

Nota – Alusão à questão 726, de *O Livro dos Espíritos*, sobre os sofrimentos voluntários.

8. Essa questão diz que o mérito dos sofrimentos voluntários está na razão da utilidade que daí resulta para o próximo. Ora, os das convulsionárias não teriam, segundo creio, senão um fim puramente pessoal?

Resp. – Era geralmente pessoal, e se jamais falei disso a meus filhos foi porque compreendia, vagamente, que não era o verdadeiro caminho.

Observação – Aqui o Espírito da mãe responde, por antecipação, ao pensamento da filha, que desejava perguntar-lhe por que, em vida, tinha evitado falar disso aos filhos.

9. Qual era a causa do estado da crise das convulsionárias?

Resp. – Disposição natural e superexcitação fanática. Jamais teria querido que meus filhos fossem arrastados por essa ladeira fatal, que hoje reconheço melhor ainda.

Respondendo espontaneamente a uma reflexão de sua filha, que, entretanto, não havia formulado a pergunta, acrescenta o Espírito: Eu não tinha educação, mas intuição de muitas existências anteriores.

10. Dentre os fenômenos produzidos entre as convulsionárias, alguns apresentam analogia com certos efeitos sonambúlicos, por exemplo, a penetração do pensamento, a visão a distância, a intuição das línguas. O magnetismo representava nisso um certo papel?

Resp. – Muito, e vários sacerdotes magnetizavam, sem que as pessoas o soubessem.

11. De onde provinham as cicatrizes que apresentáveis nas mãos e em outras partes do corpo?

Resp. – Pobres troféus de nossas vitórias, que não serviram a ninguém e que muitas vezes excitaram paixões. Deveis compreender-me.

Observação – Parece que se passavam coisas de grande imoralidade na prática das convulsionárias, que haviam revoltado o coração honesto dessa senhora, levando-a, mais tarde, quando acalmada a febre fanática, a tomar aversão por tudo quanto lhe recordasse o passado. É, sem dúvida, uma das razões por que não falou do assunto a seus filhos.

12. Realmente eram operadas curas sobre o túmulo do diácono Pâris?

Resp. – Oh! que pergunta! Sabeis muito bem que não, ou pouca coisa, sobretudo para vós.

13. Vistes Pâris depois que morrestes?

Resp. – Não me ocupei dele, porquanto o censuro por meu erro, desde que sou Espírito.

14. Como o consideráveis quando viva?

Resp. – Como um enviado de Deus. É por isso que o censuro, pelo mal que me fez em nome de Deus.

15. Mas não é ele inocente pelas tolices praticadas em seu nome após a sua morte?

Resp. – Não, porque ele próprio não acreditava no que ensinava. Quando viva não o compreendi, como o compreendo agora.

16. É verdade que o Espírito dele tenha ficado alheio, como ele o disse, às manifestações ocorridas em sua sepultura?

Resp. – Ele vos enganou.

17. Assim, ele excitava o zelo fanático?

Resp. – Sim, e ainda o faz.

18. Quais são as vossas ocupações como Espírito?

Resp. – Procuo instruir-me; é por isso que disse que desejava vir entre vós.

19. Em que lugar vos achais aqui?

Resp. – Perto do médium, com a mão sobre o seu braço ou sobre o seu ombro.

20. Se vos pudéssemos ver, sob que forma seríeis vista?

Resp. – Minha filha veria sua mãe, como quando viva. Quanto a vós, me veríeis em Espírito; a palavra, não vo-la posso dizer.

21. Explicai-vos, por gentileza. Que pretendeis dizendo que eu vos veria em Espírito?

Resp. – Uma forma humana transparente, conforme a depuração do Espírito.

22. Dissestes haver tido outras existências. Lembrais-vos delas?

Resp. – Sim, já vos falei delas e, por minhas respostas, deveis ver que tive muitas.

23. Poderíeis dizer qual a que precedeu a última, que conhecemos?

Resp. – Não esta noite e não por este médium. Pelo senhor, se quiserdes.

Nota – Ela designa um dos assistentes que começava a escrever como médium e explica sua simpatia por ele, porque, diz tê-lo conhecido em sua precedente existência.

24. Ficaríeis contrariada se eu publicasse esta conversa na *Revista*?

Resp. – Não; é necessário que o mal seja divulgado. Mas não me chameis... (seu nome de guerra); detesto esse nome. Designai-me, se quiserdes, como a grande mestra.

Observação – É para condescender com o seu desejo que não citamos o nome pelo qual era conhecida e que lhe traz penosas recordações.

25. Nós vos agradecemos por terdes vindo, e pelas explicações que nos destes.

Resp. – Sou eu quem vos agradece por terdes proporcionado à minha filha a oportunidade de encontrar sua mãe, e a mim, a de poder fazer um pouco de bem.

Variedades

A BIBLIOTECA DE NOVA YORK

Lê-se no *Courrier des États-Unis*:

Um jornal de Nova York publica um fato bastante curioso, do qual certo número de pessoas já tinha conhecimento, e sobre o qual, desde alguns dias, eram feitos comentários assaz divertidos. Os espiritualistas vêem nele um exemplo a mais das manifestações do outro mundo. As pessoas sensatas não vão procurar tão longe a explicação, reconhecendo claramente os sintomas característicos de uma alucinação. É também a opinião do próprio Dr. Cogswell, o herói da aventura.

O Dr. Cogswell é o bibliotecário chefe da *Astor Library*. O devotamento que se permite ao acabamento de um catálogo completo da biblioteca, muitas vezes o leva a consagrar a esse trabalho as horas que deveria destinar ao sono. É assim que tem oportunidade de visitar sozinho, à noite, as salas onde tantos volumes se acham arrumados nas estantes.

Há cerca de quinze dias, pelas onze horas da noite, ele passava, com o castiçal na mão, diante de um dos recantos cheios de livros, quando, para sua grande surpresa, percebeu um homem bem-posto, que parecia examinar com cuidado os títulos dos volumes. A princípio, imaginando que se tratasse de um ladrão, recuou e observou atentamente o desconhecido. Sua surpresa tornou-se ainda mais viva quando reconheceu, no visitante

noturno, o doutor ***, que tinha vivido na vizinhança de Lafayette-Place, mas que estava morto e enterrado havia seis meses.

O Dr. Cogswell não acredita muito em aparições e as teme menos ainda. Não obstante, resolveu tratar o fantasma com atenção e, levantando a voz, disse-lhe: Doutor, como se explica que em vida provavelmente jamais tenhais vindo a esta biblioteca, e agora a visitais depois de morto? Perturbado em sua contemplação, o fantasma olhou o bibliotecário ternamente e desapareceu sem responder.

– Singular alucinação, disse o Sr. Cogswell de si para si. Sem dúvida terei comido algo indigesto ao jantar.

Retornou ao trabalho; depois foi deitar-se e dormiu tranqüilamente. No dia seguinte, à mesma hora, teve vontade de visitar a biblioteca. No mesmo local da véspera encontrou o mesmo fantasma, dirigiu-lhe as mesmas palavras e obteve o mesmo resultado.

Eis uma coisa curiosa, pensou ele; é preciso que eu volte amanhã.

Antes de voltar, porém, o Dr. Cogswell examinou as estantes que pareciam interessar vivamente ao fantasma e, por uma singular coincidência, reconheceu que estavam repletas de obras antigas e modernas de necromancia. No dia seguinte, ao encontrar pela terceira vez o doutor morto, variou a pergunta e lhe disse: “É a terceira vez que vos encontro, doutor. Dizei-me se algum desses livros perturba vosso repouso, a fim de que eu o mande retirar da coleção.” O fantasma não respondeu desta, como das outras vezes, mas desapareceu definitivamente, e o perseverante bibliotecário pôde voltar à mesma hora e ao mesmo lugar, noites seguidas, sem o encontrar.

Entretanto, aconselhado por amigos, aos quais havia contado a história, e pelos médicos a quem consultou, decidiu repousar um pouco e fazer uma viagem de algumas semanas até Charlestown, antes de retomar a tarefa longa e paciente que se havia imposto, e cuja fadiga, sem dúvida, havia causado a alucinação que acabamos de narrar.

Observação – Sobre o artigo, faremos uma primeira observação: é a falta de cerimônia com que os negadores dos Espíritos se atribuem o monopólio do bom-senso. “Os espiritualistas – diz o autor – vêem no fato um exemplo a mais das manifestações do outro mundo; *as pessoas sensatas* não vão procurar tão longe a explicação, reconhecendo *claramente* os sintomas de uma alucinação.” Assim, de acordo com esse autor, somente são sensatas as pessoas que pensam como ele; as demais não têm senso comum, mesmo que fossem doutores, e o Espiritismo os conta aos milhares. Estranha modéstia, na verdade, a que tem por máxima: Ninguém tem razão, exceto nós e nossos amigos!

Ainda estamos para ter uma definição clara e precisa, uma explicação fisiológica da alucinação. Mas, em falta de explicação, há um sentido ligado a esta palavra; no pensamento dos que a empregam, significa ilusão. Ora, quem diz *ilusão* diz *ausência de realidade*; segundo eles, é uma imagem puramente fantástica, produzida pela imaginação, sob o império de uma superexcitação cerebral. Não negamos que assim possa ser em certos casos; a questão é saber se todos os fatos do mesmo gênero estão em condições idênticas. Examinando o que foi relatado acima, parece que o Dr. Cogswell estava perfeitamente calmo, como ele próprio declara, e que nenhuma causa fisiológica ou moral teria vindo perturbar-lhe o cérebro. Por outro lado, mesmo admitindo nele uma ilusão momentânea, restaria ainda explicar como essa ilusão se produziu vários dias seguidos, à mesma hora, e com as mesmas circunstâncias; isso não é o caráter da alucinação propriamente dita. Se uma causa material desconhecida impressionou seu cérebro no primeiro dia, é evidente que essa causa cessou ao cabo de alguns

instantes, quando o fantasma desapareceu. Como, então, ela se reproduziu identicamente três dias seguidos, com vinte e quatro horas de intervalo? É lamentável que o autor do artigo tenha negligenciado de o fazer, porquanto deve, sem dúvida, ter excelentes razões, visto pertencer ao grupo das pessoas sensatas.

Contudo, reconhecemos que, no fato acima mencionado, não há nenhuma prova positiva da realidade e que, a rigor, poder-se-ia admitir que a mesma aberração dos sentidos tenha podido repetir-se. Mas dar-se-á o mesmo quando as aparições são acompanhadas de circunstâncias, de certo modo, materiais? Por exemplo, quando pessoas, não em sonho, mas perfeitamente despertas, vêem parentes ou amigos ausentes, nos quais absolutamente não pensavam, aparecer-lhes no momento da morte, que vêm anunciar, pode-se dizer que seja um efeito da imaginação? Se o fato da morte não fosse real, haveria incontestavelmente ilusão; mas quando o acontecimento vem confirmar a previsão – e o caso é muito freqüente – como não admitir outra coisa, senão simples fantasmagoria? Ainda que o fato fosse único, ou mesmo raro, poder-se-ia crer num jogo do acaso; mas, como dissemos, os exemplos são inumeráveis e perfeitamente provados. Que os *alucinacionistas* se disponham a nos dar uma explicação categórica e, então, veremos se suas razões são mais probantes que as nossas. Gostaríamos, sobretudo, que nos provassem a impossibilidade material que a alma – principalmente eles, que se julgam sensatos por excelência, e admitem que temos uma alma que sobrevive ao corpo – que nos provassem, dizíamos, que essa alma, que deve estar em toda parte, não possa estar à nossa volta, ver-nos, ouvir-nos e, desde então, comunicar-se conosco.

A NOIVA TRAÍDA

O fato seguinte foi narrado pela *Gazetta dei Teatri*, de Milão, de 14 de março de 1860.

Um rapaz amava perdidamente uma jovem, que o retribuía, e com a qual ia casar-se, quando, cedendo a um lamentável arrastamento, abandonou a noiva por uma mulher indigna de verdadeiro amor. A infeliz abandonada roga, chora, mas tudo é inútil: seu volúvel amante permanece surdo a seus lamentos. Então, desesperada, penetra na casa dele, onde, em sua presença, expira em conseqüência do veneno que havia tomado. À vista do cadáver daquela cuja morte acabara de causar, uma terrível reação nele se opera e, por sua vez, quer também pôr termo à vida. Entretanto, sobrevive; sua consciência, porém, sempre lhe reprovava o crime. Desde o momento fatal, diariamente, à hora do jantar, via a porta do quarto abrir-se e a noiva aparecer-lhe sob o aspecto de um esqueleto ameaçador. Por mais procurasse distrair-se, mudar de hábitos, viajar, cercar-se de companhias alegres, parar o relógio, nada conseguia. Onde quer que estivesse, à hora certa, o espectro sempre se apresentava. Em pouco tempo emagreceu e sua saúde alterou-se, a ponto de os facultativos desanimarem de o salvar.

Um médico amigo seu, estudando-o a sério, depois de inutilmente haver experimentado diversos remédios, teve a seguinte idéia: Na esperança de demonstrar-lhe que ele era vítima de uma ilusão, procurou um esqueleto verdadeiro e o mandou depositar no quarto vizinho; depois, tendo convidado o amigo para jantar, ao soarem as quatro horas, que era a hora da visão, fez vir o esqueleto por meio de polias, dispostas para esse fim. O médico pensava triunfar, mas seu amigo, tomado de súbito terror, exclamou: Ai de mim! já não basta um; agora são dois. E caiu morto, como se fulminado.

Observação – Ao ler o relato que publicamos, e dando crédito ao jornal italiano, de onde o extraímos, os *alucinacionistas* terão argumentos de sobra, porque poderão dizer, e com razão, que havia uma causa evidente de superexcitação cerebral, que pôde produzir uma ilusão naquele espírito vivamente impressionado. Nada prova, com efeito, a realidade da aparição, que poderia ser

atribuída a um cérebro enfraquecido por um violento abalo. Para nós, que conhecemos tantos fatos análogos indubitáveis, dizemos que ela é possível e, em todo caso, o conhecimento aprofundado do Espiritismo teria dado ao médico um meio mais eficaz de curar seu amigo. O meio teria sido evocar a jovem em outras horas e com ela conversar, seja diretamente, seja com o auxílio de um médium; perguntar-lhe o que deveria fazer para lhe ser agradável e obter seu perdão; pedir a intercessão do anjo-da-guarda junto a ela para aplacá-la. E, afinal, visto que ela o amava, seguramente haveria de esquecer-lhe os erros, se nele tivesse reconhecido um arrependimento e um pesar sinceros, em vez de simples terror, que talvez fosse o sentimento dominante no rapaz. Teria deixado de mostrar-se sob uma forma horrível para assumir a forma graciosa que tinha em vida, ou, então, cessaria de aparecer. Talvez lhe tivesse dito boas palavras, que lhe haveriam de restabelecer a calma de espírito. A certeza de que jamais estariam separados, de que ela velava ao seu lado e de que um dia estariam reunidos, ter-lhe-ia proporcionado coragem e resignação. É um resultado que muitas vezes temos podido constatar.

Os Espíritos que aparecem espontaneamente sempre têm um motivo. O melhor, no caso, é perguntar-lhes o que desejam; se estão sofrendo devemos orar por eles e fazer o que lhes possa ser agradável. Se a aparição tem um caráter permanente e de obsessão, cessa quase sempre quando o Espírito fica satisfeito. Se o Espírito que se manifesta com obstinação, seja à vista, seja por meios perturbadores, que não poderiam ser tomados por uma ilusão, é mau; e, se age com malevolência, geralmente é mais tenaz, o que não impede que sejamos mais perseverantes, sobretudo pela prece sincera feita em sua intenção. Mas é preciso estarmos realmente convencidos de que não há, para isso, nem palavras sacramentais, nem fórmulas cabalísticas, nem exorcismos que tenham a menor influência. Quanto piores mais se riem do pavor que inspiram e da importância ligada à sua presença. Divertem-se ao serem chamados diabos ou demônios, razão por que tomam

gravemente os nomes de Asmodeu, Astaroth, Lúcifer e outras qualificações infernais, redobrando de malícias, ao passo que se retiram quando vêem que perdem tempo com gente que não se deixa enganar, e que se limita a rogar para eles a misericórdia divina.

SUPERSTIÇÃO

Lê-se no *Siècle*, de 6 de abril de 1860:

“O Sr. Félix N..., jardineiro dos arredores de Orléans, passava por ter a habilidade de isentar os conscritos do sorteio, isto é, de os fazer obter um bom número. Prometeu ao Sr. Frédéric Vincent P..., jovem vinhateiro de St-Jean-de-Braye, fazê-lo tirar o número que quisesse, mediante a quantia de 60 francos, trinta dos quais adiantadamente e o restante após o sorteio. O segredo consistia em rezar três *Pater* e três *Ave* durante nove dias. Além disso, o feiticeiro afirmava que, graças ao que fazia de sua parte, a coisa beneficiaria o conscrito e o impediria de dormir durante a última noite, mas que ficaria isento. Infelizmente o encanto não funcionou; o conscrito dormiu como de costume e tirou o número 31, que o fez soldado. Repetidos duas vezes ainda, esses fatos não puderam ser mantidos em segredo e o feiticeiro Félix foi levado à justiça.”

Os adversários do Espiritismo o acusam de despertar idéias supersticiosas. Mas, o que haverá de comum entre a doutrina que ensina a existência do mundo invisível, comunicando-se com o mundo visível, e fatos da natureza do que relatamos, que são os verdadeiros tipos de superstição? Onde se viu alguma vez que o Espiritismo tenha ensinado semelhantes absurdos? Se aqueles que o atacam a tal respeito se dessem ao trabalho de estudá-lo, antes de o julgar tão levemente, não somente saberiam que ele condena todas as práticas divinatórias, como lhes demonstra a inutilidade. Portanto, como temos dito muitas vezes, o estudo sério do Espiritismo tende a destruir as crenças verdadeiramente supersticiosas. Na maioria das crenças populares há, quase sempre,

um fundo de verdade, embora desnaturada e amplificada. São os acessórios, as falsas aplicações que, a bem dizer, constituem a superstição. Assim é que os contos de fadas e de gênios repousam sobre a existência de Espíritos bons ou maus, protetores ou malévolos; que todas as histórias de fantasmas têm sua origem no fenômeno muito real das manifestações espíritas, visíveis e mesmo tangíveis. Tal fenômeno, hoje completamente provado e *explicado*, entra na categoria dos fenômenos naturais, que são uma consequência das leis eternas da criação. Mas o homem raramente se contenta com a verdade que lhe parece muito simples; pela imaginação ele a reveste com todas as quimeras e é então que cai no absurdo. Vêm depois os que têm interesse em explorar essas mesmas crenças, às quais juntam um prestígio fantástico, próprio a servir aos seus interesses. Daí essa turba de adivinhos, de feiticeiros, de ledores da sorte, contra os quais a lei impõe o rigor da justiça. O Espiritismo verdadeiro, racional, não é, pois, mais responsável pelos abusos que se cometem em seu nome, do que o é a Medicina, pelas fórmulas ridículas e pelas práticas empregadas por charlatães ou pessoas ignorantes. Ainda uma vez: Antes de julgá-lo, dai-vos ao trabalho de o estudar.

Concebe-se um fundo de verdade em certas crenças, mas talvez se pergunte sobre que pode repousar a que originou o fato acima, crença muito espalhada em nosso interior, como se sabe. Parece-nos que tem seu princípio no sentimento intuitivo dos seres invisíveis, aos quais se é levado a atribuir um poder de que muitas vezes não dispõem. A existência dos Espíritos enganadores que pululam à nossa volta, em consequência da inferioridade do nosso globo, como insetos nocivos num pântano, e que se divertem à custa das pessoas crédulas, predizendo-lhes um futuro quimérico, sempre próprio a lisonjear seus gostos e desejos, é um fato cuja prova nos é dada diariamente pelos médiuns atuais. O que se passa aos nossos olhos tem ocorrido em todas as épocas, pelos meios de comunicação em uso conforme o tempo e os lugares; eis a realidade. Com o auxílio do charlatanismo e da cupidez, a realidade passou ao estado de crença supersticiosa.

PNEUMATOGRAFIA OU ESCRITA DIRETA

No dia 11 de fevereiro último o Sr. X..., um dos nossos mais ilustres literatos, achava-se em casa da Srta. Huet, com seis outras pessoas, há tempos iniciadas nas manifestações espíritas. O Sr. X... e a Srta. Huet assentaram-se face a face, em volta de uma mesinha escolhida pelo próprio Sr. X... Este último tirou do bolso um papel perfeitamente branco, dobrado em quatro e por ele marcado com sinal quase imperceptível, embora suficiente para ser facilmente reconhecido; colocou-o sobre a mesa e o cobriu com um lenço branco que lhe pertencia. A Srta. Huet pôs as mãos sobre a ponta do lenço; o Sr. X... fez o mesmo, pedindo aos Espíritos uma manifestação direta, com vistas à sua instrução. Pediu-a de preferência a Channing, evocado com essa finalidade. Ao cabo de dez minutos, ele mesmo levantou o lenço e retirou o papel, que trazia escrito de um lado o esboço de uma frase traçada com dificuldade e quase ilegível, mas na qual se podiam descobrir os rudimentos destas palavras: *Deus vos ama*; do outro lado estava escrito: *Deus*, no ângulo exterior, e *Cristo*, no fim do papel. Esta última palavra era escrita de modo a deixar uma impressão na folha dupla.

Uma segunda prova foi feita em condições exatamente iguais e, ao cabo de um quarto de hora, o papel continha, na face inferior, e em caracteres fortemente traçados em negro, estas palavras inglesas: *God loves you* e, mais abaixo, Channing. No fim do papel ele havia escrito em francês: *Fé em Deus*; enfim, no reverso da mesma página existia uma cruz com um sinal semelhante a um caniço, ambos traçados com uma substância vermelha.

Terminada a prova o Sr. X... exprimiu à Srta. Huet o desejo de obter, por seu intermédio, considerando-se a sua condição de médium escrevente, algumas explicações mais desenvolvidas de Channing, estabelecendo-se entre ele e o Espírito o seguinte diálogo:

P. Channing, estais presente?

Resp. – Eis-me aqui; estais contente comigo?

P. A quem se destina o que escrevestes, a todos ou a mim particularmente?

Resp. – Escrevi esta frase, cujo sentido se dirige a todos os homens; mas, escrevendo-a em inglês, a experiência é para vós, em particular. Quanto à cruz, é o sinal da fé.

P. Por que a fizestes em cor vermelha?

Resp. – Para vos pedir fé. Eu nada podia escrever, era muito longo. Dei a vós um sinal simbólico.

P. O vermelho é, pois, a cor que simboliza a fé?

Resp. – Certamente; é a representação do batismo de sangue.

Observação – A Srta. Huet não sabe inglês e o Espírito quis dar, assim, uma prova a mais de que seu pensamento era estranho à manifestação. Ele o fez espontaneamente e de boa vontade, mas é mais que provável que se tivessem pedido como prova ele não teria se prestado a isso. Sabe-se que os Espíritos não gostam de servir de instrumento visando experiências. Muitas vezes as provas mais patentes surgem quando menos se espera; e quando os Espíritos agem por sua iniciativa, freqüentemente dão mais do que se lhes teria pedido, seja porque desejam mostrar sua independência, seja porque, para a produção de certos fenômenos, seria necessário o concurso de circunstâncias que, nem sempre, nossa vontade é suficiente para as fazer nascer. Nunca seria demais repetir que os Espíritos têm livre-arbítrio e querem provar-nos que não se submetem aos nossos caprichos. Eis por que raramente acedem ao desejo da curiosidade.

Os fenômenos, seja qual for a sua natureza, jamais estão, de uma maneira certa, à nossa disposição, e ninguém poderia gabar-se de obtê-los à vontade e num dado momento. Quem os

quiser observar deve resignar-se a esperá-los e, muitas vezes é, da parte dos Espíritos, uma prova para a perseverança do observador e do fim a que se propõe. *Os Espíritos pouco se preocupam em divertir os curiosos* e só se ligam de boa vontade às pessoas sérias, que provam vontade de instruir-se, para tanto fazendo o que for necessário, sem mercadejar seu esforço e seu tempo.

A produção simultânea de sinais em caracteres de cores diferentes é um fato extremamente curioso; contudo, não é mais sobrenatural que os outros. Podemos dar-nos conta desse fato lendo a teoria da escrita direta na *Revista Espírita* do mês de agosto de 1859. Com a explicação desaparece o maravilhoso, resultando num simples fenômeno que tem sua razão de ser nas leis gerais da Natureza, e no que poderíamos chamar a fisiologia dos Espíritos.

ESPIRITISMO E ESPIRITUALISMO

Num discurso pronunciado ultimamente no Senado, por S. Em.^a o Cardeal Donnet, nota-se a frase seguinte: “Mas hoje, como outrora, é certo dizer, com um eloqüente publicista que, no gênero humano, o *Espiritualismo* é representado pelo Cristianismo.”

Incorreríamos, sem dúvida, em estranho erro se pensássemos que o ilustre prelado, em tal circunstância, tivesse entendido o *Espiritualismo* no sentido da manifestação dos Espíritos. Esta palavra é aqui empregada em sua verdadeira acepção e o orador não podia exprimir-se de outra maneira; e, a menos que se servisse de uma perífrase, não existiria outro termo para exprimir o mesmo pensamento. Se não tivéssemos indicado a fonte de nossa citação, certamente poderiam pensar que tivesse saído *textualmente* da boca de um espiritualista americano, a propósito da Doutrina dos Espíritos, igualmente representada pelo *Cristianismo*, que é a sua mais sublime expressão. De acordo com isso, seria possível que um futuro erudito, interpretando à vontade as palavras de monsenhor Donnet, tentasse demonstrar, aos

nossos sobrinhos-neto, que em 1860 um cardeal tinha professado publicamente, perante o Senado da França, a manifestação dos Espíritos? Não vemos no fato uma nova prova da necessidade de existir uma palavra para cada coisa, a fim de nos entendermos? Quantas disputas filosóficas intermináveis não tiveram por causa o sentido múltiplo das palavras! O inconveniente é mais grave ainda nas traduções, oferecendo-nos o texto bíblico mais de um exemplo. Se, na língua hebraica, a mesma palavra não tivesse significado *dia* e *período*, não nos teríamos enganado sobre o sentido do Gênesis, a propósito da duração da formação da Terra, e o anátema não teria sido lançado, por falta de entendimento, contra a Ciência, quando esta demonstrou que a referida formação não poderia ter sido realizada em seis vezes 24 horas.

Ditados Espontâneos

AS DIFERENTES ORDENS DE ESPÍRITOS¹⁸

(Comunicação particular obtida pela Sra. Desl..., membro da Sociedade, de seu finado marido)

Escuta-me, cara amiga, se queres que te diga boas e grandes coisas. Não vês a direção dada a certos acontecimentos, e a vantagem que daí se pode tirar para o progresso da obra santa? Ouve os Espíritos elevados e trata, sobretudo, de não os confundir com os que procuram impor-se por uma linguagem mais pretensiosa do que profunda. Não mistures os teus com os pensamentos deles. Seria possível que os habitantes da Terra pudessem encarar as coisas do mesmo ponto de vista que os Espíritos desprendidos da matéria e obedientes às leis do Senhor? Não confundas num mesmo conjunto todos os Espíritos: eles são de ordens bem diferentes. O estudo do Espiritismo vo-lo ensina, mas, deste lado, quanto tendes ainda a aprender! Há, na Terra, uma multidão de indivíduos cuja inteligência não se assemelha absolutamente; alguns dentre eles parecem aproximar-se mais dos animais que do homem, ao passo que existem outros de tal modo

18 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 569.

superiores que se é tentado a dizer que se aproximam de Deus, espécie de blasfêmia, que se deve traduzir pelo pensamento de que eles têm em si uma centelha dessas claridades celestes, lançadas em seu coração pelo divino Mestre. Pois bem! Seja qual for a diversidade das inteligências na raça humana, convence-te de que tal diversidade é infinitamente maior ainda entre os Espíritos. Neste ponto há os inferiores, que não têm semelhantes entre os homens, enquanto os há bastante purificados para se aproximarem de Deus e O contemplar em toda a sua glória. Submetidos às suas menores ordens, só aspiram a obedecer e a agradecer. Chamados a circular em meio dos mundos, ou a fixar-se segundo o que convém à execução dos grandes desígnios do Senhor, a uns diz: Ide, revelai meu poder a esses seres grosseiros, cuja inteligência já é tempo de despertar. A outros: Percorrei esses mundos, a fim de que, guiados por vossos ensinamentos, os seres superiores que os habitam juntem novas grandezas a todas as que já lhes foram reveladas. Que todos sejam instruídos de que chegará o dia em que as claridades do alto não mais serão obscurecidas, mas brilharão eternamente.

Teu amigo

Os dois ditados seguintes foram obtidos num pequeno círculo íntimo do bairro de Luxemburgo, e nos são enviados por nosso colega Sr. Solichon, que os assistiu. Lamentamos que nossas ocupações ainda não nos tenham permitido comparecer a essas reuniões, para as quais houveram por bem convidar-nos. Sentir-nos-emos felizes quando pudermos assisti-las, porque sabemos que são presididas por um sentimento de verdadeira caridade cristã e de recíproca benevolência.

I

REMORSO E ARREPENDIMENTO

Estou contente por ver que vos reunis pela mesma fé e pelo amor de Deus Todo-Poderoso, nosso divino Senhor. Possa ele guiar-vos sempre no bom caminho e cumular-vos com seus benefícios, o que fará se vos tornardes dignos.

Amai-vos sempre uns aos outros, como irmãos; prestai-vos mútuo auxílio, e que o amor do próximo não vos seja uma palavra vazia de sentido.

Lembrai-vos de que a caridade é a mais bela das virtudes, e que, de todas, é a mais agradável a Deus; não só dessa caridade que dá um óbolo aos infelizes, mas a que vos leva a ter compaixão das misérias de nossos irmãos; que vos faz partilhar suas dores morais, aliviar o fardo que os oprime, a fim de lhes tornar a dor menos viva e a vida mais fácil.

Recordai-vos de que o arrependimento sincero obtém o perdão de todas as faltas, tamanha é a bondade de Deus. O remorso nada tem em comum com o arrependimento; o remorso, meus irmãos, já é o prelúdio do castigo. O arrependimento, a caridade, a fé, vos conduzirão às felicidades reservadas aos Espíritos bons.

Ides ouvir a palavra de um Espírito superior, bem-amado de Deus. Recolhei-vos e abri o coração às lições que ele vos dará.

Um Anjo-da-Guarda

II

OS MÉDIUNS

Sinto-me satisfeito por ver que sois pontuais ao encontro que vos marquei. Possa a bondade de Deus estender-se sobre vós e serdes auxiliados por vossos anjos-da-guarda, com seus conselhos, preservando-vos da influência dos Espíritos maus, se souberdes escutar sua voz e fechar o coração ao orgulho, à vaidade e à inveja.

Encarregou-me Deus de uma missão a cumprir junto aos crentes que ele favorece com o mediunato. Quanto mais graças receberem do Altíssimo, mais perigos correrão; e esses perigos são

tanto maiores quanto nascem dos mesmos favores que Deus lhes concede.

As faculdades de que gozam os médiuns lhes atraem os elogios dos homens: felicitações, adulações, eis o escolho. Esses mesmos médiuns, que deveriam ter sempre presente na memória a sua incapacidade primitiva, a esquecem; fazem mais: o que só devem a Deus, atribuem ao seu próprio mérito. Que acontece, então? Os Espíritos bons os abandonam. Não tendo mais bússola para os guiar, se transformam em joguete dos Espíritos enganadores. Quanto mais capazes, mais são levados a considerar sua faculdade um mérito, até que, enfim, para os punir, Deus lhes retira o dom, que apenas lhes pode ser fatal.

Nunca seria demais lembrar que vos recomendeis ao vosso anjo-da-guarda, para que vos auxilie a vos manter vigilantes contra vosso mais fiel inimigo, que é o orgulho. Lembrai-vos de que sem o apoio de vosso divino Mestre, vós, que tendes a felicidade de servir de intermediários entre os Espíritos e os homens, sereis punidos tanto mais severamente quanto mais favorecidos, se não tiverdes aproveitado a luz.

Apraz-me crer que esta comunicação, da qual dareis conhecimento à Sociedade, produzirá seus frutos, e que todos os médiuns que lá se acham reunidos manter-se-ão em guarda contra o escolho que os destruiriam. Esse escolho – já o disse a todos – é o orgulho.

Joana d'Arc

Aviso: Temos a satisfação de anunciar aos nossos leitores a reimpressão da *História de Joana d'Arc*, ditada por ela mesma. Essa obra aparecerá em breve, na livraria do Sr. Ledoyen. Voltaremos a falar novamente dela.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

JUNHO DE 1860

Nº 6

Aviso

A partir de 15 de julho próximo, o escritório da Revista Espírita e o domicílio particular do Sr. Allan Kardec serão transferidos para a Rua Sainte-Anne, nº 59, passagem Sainte-Anne.

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 4 de maio de 1860 – Sessão particular

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 17 de abril.

Por sugestão e proposta da Comissão, e após a leitura da ata, a Sociedade admite no número dos sócios livres: 1º Sr. Achille R..., empregado em Paris; 2º Sr. Serge de W..., de Moscou.

Comunicações diversas:

1º Carta da Sra. P..., médium, de Rouen, dizendo que vários Espíritos sofredores, evocados na Sociedade, foram procurá-la espontaneamente para agradecer as preces que ela fez por eles.

Desde que ela recuperou a sua faculdade mediúnica, só tem tido trabalho com Espíritos sofredores. Foi-lhe dito que sua missão era principalmente a de ajudá-los em seu alívio.

2º Leitura de um ditado espontâneo sobre a vaidade, obtido pela Sra. Lesc..., médium, membro da Sociedade, da parte de seu Espírito familiar. (Publicado adiante.)

3º Carta do Sr. Bénardacky, datada de Bruxelas, contendo uma comunicação por ele obtida sobre a teoria da formação da Terra pela incrustação de vários corpos planetários, e o estado de catalepsia em que se encontram seus primeiros habitantes e os demais seres vivos. Tal comunicação ocorreu a propósito de um fenômeno de catalepsia voluntário que se teria produzido com alguns habitantes da Índia e do interior da África. O fenômeno consiste no fato de certos indivíduos se fazerem enterrar vivos, mediante pagamento em dinheiro, e retornarem à vida, vários meses depois, após serem retirados do sepulcro.

O Sr. Arnauld d'A..., membro da Sociedade, antigo amigo e conselheiro do finado rei da Abissínia, e que residiu muito tempo naquele país, cita dois fatos de seu conhecimento, um dos quais ocorreu na Inglaterra e o outra na Índia, e que parecem confirmar a possibilidade da catalepsia voluntária de curta duração; mas declara jamais ter conhecido fatos de natureza semelhante aos citados pelo Sr. Bénardacky. Estando o Sr. d'A... familiarizado com a língua e os costumes daquele país, que observou como homem de ciência, seria surpreendente que fatos tão extraordinários assim não tivessem chegado ao seu conhecimento, de onde se pode supor que tenha havido exagero.

Estudos:

1º Pergunta sobre a possibilidade de ser feita uma nova evocação do Sr. Jules-Louis C..., morto no hospital do

Val-de-Grâce em condições excepcionais, e já evocado em 24 de fevereiro (ver o número de abril). O pedido é motivado pela presença de uma pessoa de sua família, que nela tem grande interesse e, além disso, pelo desejo de avaliar os progressos que ele realizou depois. – São Luís responde que o Espírito prefere ser chamado numa sessão íntima.

2º Perguntas sobre a teoria da formação da Terra pela incrustação e o estado cataléptico dos seres vivos em sua origem, a propósito da comunicação do Sr. Bénardacky. Numerosas observações são feitas sobre o assunto por vários membros.

3º Estudo sobre o fenômeno, relatado na última sessão, de um cão que reconhece seu dono evocado. O Espírito Charlet intervém espontaneamente na questão e desenvolve uma teoria da qual ressalta a possibilidade do fato. (Publicada adiante.)

Sexta-feira, 11 de maio de 1860 – Sessão geral

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 4 de maio.

Comunicações diversas:

1º Carta do Sr. Rabache, escrita de Liverpool, na qual relata uma comunicação espontânea que lhe foi dada por Adam Smith, sem que a tivesse provocado; depois a entrevista que se segue, na qual as respostas eram dadas em inglês, enquanto as perguntas eram feitas em francês. Nessa entrevista Adam Smith critica o ponto de vista que serviu de base ao seu sistema econômico. Diz ele que se hoje escrevesse o seu livro *Sentimentos Morais*, daria a estes, por princípio: a consciência inata, tendo por móvel especial o amor.

2º Segunda carta do Sr. Bénardacky, completando as comunicações obtidas sobre a catalepsia.

Nota – Numa sessão particular, interrogado quanto ao valor de tais comunicações, São Luís lhes confirma várias partes, mas acrescenta, por intermédio do Sr. T..., médium:

“Podeis estudar essas coisas, mas vos aconselho a não as publicar ainda. São necessários muitos outros documentos, que vos serão fornecidos mais tarde, e que as circunstâncias trarão. Publicando-as agora, correis o risco de cometer graves erros, que mais tarde sereis obrigados a reconsiderar, o que seria muito desagradável e prejudicaria o Espiritismo. Sede, pois, muito prudentes no que diz respeito às teorias científicas, pois é principalmente aí que deveis temer os Espíritos impostores e pseudo-sábios. Lembrai-vos do que vos tem sido dito muitas vezes: os Espíritos não têm a missão de vos trazer a ciência acabada, que deve ser fruto do trabalho e do gênio humano, nem de levantar todos os véus antes que o tempo tenha chegado. Tratai, sobretudo, de melhorar-vos: eis o essencial. Deus levará mais em conta o vosso bom coração e vossa humildade, do que um saber no qual a curiosidade, muitas vezes, detém a maior parte. É praticando as suas leis – praticando-as, entendi bem – que mereceis ser favorecidos pelas comunicações dos Espíritos verdadeiramente superiores, que jamais enganam.”

Não se pode ignorar a profundidade e alta sabedoria desses conselhos. Essa linguagem, ao mesmo tempo simples e sublime, marcada por extrema benevolência, contrasta singularmente com o tom altivo e categórico ou a jactância dos Espíritos que querem impor-se.

3º Leitura de uma notícia enviada pelo Sr. de T..., contendo a descrição de um mundo muito superior, ao qual seu Espírito foi transportado durante o sono. Parece que esse mundo tem muita analogia com o estado indicado para Júpiter, porém num grau ainda mais elevado.

Estudos:

1º Dois ditados espontâneos são obtidos, um pela Sra. Parisse, assinado *Luís*, e outro pelo Sr. Didier Filho, assinado Gérard de Nerval.

2º Perguntas relativas à visão do Sr. T..., dirigidas a São Luís. Vagas e incoerentes, as respostas acusam a evidente interferência de um Espírito enganador.

3º Evocação de Adam Smith, a propósito da carta do Sr. Rabache. Perguntas sobre suas opiniões atuais, comparadas às emitidas em suas obras. Ele confirma o que disse ao Sr. Rabache, quanto ao erro do princípio que lhe serviu de base nas suas apreciações morais.

Sexta-feira, 18 de maio de 1860 – Sessão particular

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

A conselho e por proposta do Comitê, e após relatório verbal, a Sociedade recebeu, no número de seus associados livres: 1º Sr. B..., negociante em Paris; 2º Sr. C..., negociante na mesma cidade.

Comunicações diversas:

1º Leitura da comunicação seguinte, recebida em sessão particular, a propósito dos trabalhos da última sessão, pela Sra. S..., médium.

P. – Por que São Luís não se comunicou sexta-feira passada pelo Sr. Didier, e deixou falasse um Espírito enganador?

Resp. – São Luís estava presente, mas não quis falar. Aliás, não reconhecestes que não era ele? É o essencial. Não fostes enganados, desde que vos destes conta da impostura.

P. Com que objetivo ele não quis falar?

Resp. – Podeis perguntar a ele mesmo. Está aqui.

P. São Luís poderia esclarecer o motivo de sua abstenção?

Resp. – Ficastes contrariado com o que aconteceu; entretanto, deveis saber que nada acontece sem motivo. Muitas vezes há coisas, cujo objetivo não compreendeis, que a princípio parecem más, porque sois muito impacientes, mas cuja sabedoria mais tarde reconheceis. Ficai, pois, tranquilos e não vos inquieteis por nada; sabemos distinguir os que são sinceros e velamos por eles.

P. Se foi uma lição que quisestes nos dar, eu a compreenderia, quando estamos entre nós; mas em presença de estranhos, que poderiam ficar mal impressionados, parece que o mal sobrepuja o bem.

Resp. – Laborais em erro, vendo as coisas assim. O mal não consiste naquilo em que acreditais, e eu vos asseguro que houve pessoas aos olhos das quais essa espécie de revés foi uma prova da boa-fé de vossa parte. Aliás, do mal muitas vezes resulta o bem. Quando vedes um jardineiro cortar os belos ramos de uma árvore, deplorais a perda da verdura, e isso vos parece um mal; porém, uma vez suprimidos esses ramos parasitas, os frutos são mais belos e saborosos: eis o bem, e então achais que o jardineiro foi sábio e mais prudente do que supúnheis. Do mesmo modo, se se amputa um membro de um doente, a perda do membro é um mal, mas, após a amputação, se fica melhor, eis o bem, porque talvez lhe tenham salvo a vida.

Refleti bem nisto e haveis de compreender.

P. É muito justo. Mas como se explica que, apelando aos Espíritos bons e lhes pedindo que afastem os impostores, o apelo não seja atendido?

Resp. – É atendido, não o duvideis. Mas estais bem

seguros de que o apelo procede do fundo do coração de todos os assistentes, ou que não haja alguém que, por um pensamento pouco caridoso e malévolos, ou pelo desejo, atraia para o meio de vós os Espíritos maus? Eis por que vos dizemos incessantemente: Sede unidos; sede bons e benevolentes uns para com os outros. Disse Jesus: “Quando estiverdes reunidos em meu nome, estarei entre vós”. Acreditais, por isso, que basta pronunciar o seu nome? Não o penseis e convencei-vos de que Jesus não vai senão aonde é chamado pelos corações puros; aos que praticam os seus preceitos, porquanto esses estão verdadeiramente reunidos em seu nome. Não vai aos orgulhosos, nem aos ambiciosos, nem aos hipócritas, nem aos que falam mal do próximo. Foi a eles que Jesus se referiu: “Não entrarão no reino dos céus”.

P. Compreendo que os Espíritos bons se afastem dos que não lhes ouvem os conselhos; mas se, entre os assistentes, há mal intencionados, é isto uma razão para punir os outros?

Resp. – Admiro-me de vossa insistência. Parece que me expliquei com muita clareza para quem queira compreender. É preciso repetir que não vos deveis preocupar com tais coisas, que são puerilidades junto ao grande edifício da doutrina, que se ergue? Acreditais que vossa casa vai cair porque se desprende uma telha? Duvidais de nosso poder, de nossa benevolência? Não? Pois bem! deixai-nos então agir e ficai certos de que todo pensamento, bom ou mau, tem seu eco no seio do Eterno.

P. Nada dissestes a respeito da invocação geral que fazemos no começo de cada sessão. Podeis dizer o que pensais?

Resp. – Deveis sempre apelar aos Espíritos bons; a forma, bem o sabeis, é insignificante: o pensamento é tudo. Admirai-vos do que se passou; mas examinastes bem o rosto dos que vos escutavam quando fazíeis essa invocação? Não percebestes, mais de uma vez, o sorriso de sarcasmo em certos lábios? Que Espíritos pensais que tragam essas pessoas? Espíritos que, como elas, se riem das coisas mais sagradas. É por isso que vos digo para

não admitirdes o primeiro que vier, evitando os curiosos e os que não vêm para se instruírem. Cada coisa virá a seu tempo e ninguém pode prejulgar os desígnios de Deus. Em verdade vos digo que aqueles que hoje sorriem destas coisas não rirão por muito tempo.

São Luís

2º Nota dirigida pelo Sr. Jobard, de Bruxelas, sobre a evocação por ele feita do Sr. Ch. de Br..., falecido recentemente.

3º Leitura de uma comunicação obtida pela Sra. Lesc..., médium, membro da Sociedade, com interessantes explicações sobre a história do Espírito e do cãozinho. (Publicada adiante.)

4º Outro ditado espontâneo do mesmo médium, sobre a tristeza e a mágoa.

5º Carta do Sr. B..., professor de ciências, sobre a teoria que lhe foi dada, das horas fixas, nas quais cada Espírito pode manifestar-se. Essa teoria é por todos considerada, sem exceção, como resultado de uma obsessão da parte de Espíritos sistemáticos e ignorantes. A experiência e o raciocínio demonstram à sociedade que ela não merece um exame sério.

6º Relato de um fato curioso, referente a um retrato pintado sob a influência de uma mediunidade natural intuitiva. O Sr. T..., pintor, tinha perdido o pai numa idade em que não podia conservar nenhuma lembrança de seus traços. Como os outros membros da família, lamentava vivamente não ter nenhum retrato dele. Certo dia, quando se achava em seu ateliê, teve uma espécie de visão, ou, antes, uma imagem se lhe desenhou no cérebro e ele se pôs a reproduzi-la na tela. Sua execução tomou várias sessões e, de cada vez, a mesma imagem se apresentava a ele. Veio-lhe a idéia de que pudesse ser seu pai, mas não falou a ninguém. Quando o retrato foi concluído ele o mostrou aos parentes e todos o reconheceram sem hesitar.

Estudos:

1º Quatro ditados espontâneos são obtidos simultaneamente: o primeiro, pela Srta. Huet, do Espírito que começou a escrever suas memórias; o segundo, pela Sra. S..., sobre a *Fantasia*, de Alfred de Musset; o terceiro, pela Srta. Stéphanie S..., de um Espírito familiar, falecido há alguns anos, e que em vida se chamava Gustave Lenormand. É um Espírito ainda pouco adiantado, de um caráter alegre e espirituoso, mas muito bom, muito prestativo, e que é considerado, em várias famílias onde muito aparece, como amigo da casa. Um dia havia dito que viria expulsar os Espíritos maus. O quarto, da Srta. Parisse, assinado *Luis*.

2º Evocação do Sr. B..., professor de Ciências, vivo, do qual se falou acima, e que tinha sido designado por outro Espírito como podendo dar informações sobre *François Bayle*, médico do século dezessete, cuja biografia querem fazer. O resultado dessa evocação tende a provar que *Bayle*, morto, e o Sr. B..., vivo, são a mesma pessoa. Com efeito este último forneceu as informações desejadas e deu várias explicações do mais alto interesse. (Serão publicadas.)

Sexta-feira, 25 de maio de 1860 – Sessão geral

Leitura da Ata e dos trabalhos da última sessão.

Comunicações diversas:

1º Carta do Dr. Morhéry, contendo uma apreciação, do ponto de vista científico, da medicação empregada, sob sua direção, pela Srta. Désirée Godu. (Publicada adiante.)

2º Leitura de um ditado espontâneo obtido pela Sra. Lesc..., médium, sobre a *miséria humana*.

3º Leitura de uma série de comunicações deveras notáveis, recebidas em sessões particulares por diversos membros da família russa W... (Serão publicadas.)

4º Leitura da evocação feita em sessão particular da Sra. Duret, falecida em Sétif (Argélia), a 1º de maio. Encerra importantes apreciações sobre os médiuns.

Estudos:

1º Evocação da Sra. Duret; série de suas comunicações.

2º Evocação de Charles de Saint-G..., débil mental de 13 anos. Faz curiosas revelações sobre o estado desse Espírito, antes e durante a sua encarnação. (Publicada adiante.)

3º Estudo sobre o Sr. V..., oficial da marinha, vivo, que conservou a lembrança precisa de sua existência e morte na época de São Bartolomeu. (Será publicada.)

O Espiritismo na Inglaterra

Inicialmente o Espiritismo encontrou na Inglaterra uma oposição da qual, com razão, nos admiramos. Não que não tivesse encontrado partidários isolados, como em toda parte, mas ali os seus progressos foram infinitamente menos rápidos do que na França. Será que os ingleses, como pretendem alguns, sejam mais frios, mais positivos, menos entusiastas do que nós e se deixem arrastar menos pela imaginação? Que sejam menos inclinados ao maravilhoso? Se fosse assim, seria de admirar, com mais forte razão, que o Espiritismo tenha tido seu principal foco nos Estados Unidos, onde o positivismo dos interesses materiais reina como soberano absoluto. Não teria sido mais racional que houvesse surgido na Alemanha, ou na Rússia, que, a esse respeito, parece tomar a dianteira, como a terra clássica das lendas? A oposição encontrada pelo Espiritismo na Inglaterra nada tem a ver com o caráter nacional, mas com a influência das idéias religiosas de certas seitas preponderantes, rigorosamente vinculadas mais à letra que ao espírito de seus dogmas. Elas se inquietaram com uma

doutrina que, à primeira vista, lhes pareceu contrária às suas crenças. Mas assim não poderia ser por muito tempo num povo dado à reflexão, esclarecido, onde o livre-exame não experimenta nenhum entrave e onde o direito de reunião para discutir é absoluto. Ante a evidência dos fatos, tinham de se render. Ora, foi precisamente porque os ingleses os julgaram friamente e sem entusiasmo, que os apreciaram e lhes compreenderam todo o alcance. Quando, após terem observado seriamente, surgiu para eles esta verdade capital, de que as idéias espíritas têm sua fonte nas idéias cristãs, que, longe de se contradizerem, se corroboram, se confirmam, se explicam umas pelas outras, toda satisfação foi dada ao escrúpulo religioso. Tranqüilizada a consciência, nada mais se opôs ao progresso das idéias novas, que se propagam naquele país com surpreendente velocidade. Ora, lá, como alhures, ainda é na parte esclarecida da população que se encontram seus mais numerosos e mais zelosos partidários, argumento peremptório ao qual nada se tem oposto. Os médiuns se multiplicam; estabelecem-se numerosos centros, aos quais se associam membros do alto clero, proclamando abertamente suas convicções. Dirão os adversários que a febre do maravilhoso triunfou sobre a fleuma inglesa? Seja como for, há um fato notório: suas fileiras se esclarecem diariamente, a despeito de seus sarcasmos.

O desenvolvimento das idéias espíritas na Inglaterra não poderia deixar de dar origem a publicações especializadas. Elas têm agora um órgão mensal muito interessante, que se publica em Londres desde 1^o de maio último, sob o título de *The Spiritual Magazine*, de onde extraímos o relato seguinte:

UM ESPÍRITO FALADOR

Estando em Worcester, há algumas semanas, na casa de um banqueiro da cidade, encontrei casualmente uma senhora, com cuja filha travei conhecimento, ouvindo, de sua própria boca, uma história de tal forma surpreendente que necessitei de mais de uma testemunha para lhe dar crédito. Quando interroguei nosso

hóspede sobre aquela senhora, disse-me que a conhecia há mais de trinta anos. “Ela é tão verídica – acrescentou ele – sua exatidão é tão bem conhecida por todos, que não tenho a menor dúvida quanto à realidade do que contou. É uma senhora de reputação sem mancha, de costumes irrepreensíveis, de espírito forte e inteligente, e de instrução variada”. Achava, portanto, impossível que procurasse enganar os outros ou que ela própria se enganasse. Dela várias vezes ouvira contar aquela história, sempre de maneira clara e precisa, de modo que ele se achava extremamente embaraçado. Repugnava-lhe admitir semelhantes fatos, mas, por outro lado, não ousava pôr em dúvida a sua boa-fé.

Minhas próprias observações tendiam a confirmar tudo quanto me haviam dito da dama em questão. Havia no seu ar, nas suas maneiras, mesmo na sua voz, um não sei quê difícil de enganar e que traz em si a convicção da verdade. Era-me, pois, impossível não julgá-la sincera, tanto mais que parecia falar de tais coisas com evidente repugnância. O banqueiro me havia dito que era muito difícil convencê-la a falar do assunto, porque, em geral, achava os ouvintes mais dispostos a rir do que a crer. Acrescentai a isso que nem ela nem o banqueiro conheciam o Espiritismo ou dele tinham ouvido falar.

Eis o relato dessa senhora:

“Por volta de 1820, tendo deixado nossa casa de Suffolk, fomos morar na cidade de ***, porto de mar na França. Nossa família compunha-se de meu pai, minha mãe, uma irmã, um irmão de cerca de 12 anos, eu e um doméstico inglês. Nossa casa situava-se num local muito retirado, um pouco fora da cidade, bem no meio da praia. Não havia outras casas ou construções na vizinhança.

“Uma noite meu pai viu, a poucas jardas da porta, um homem envolto num grande manto, sentado num pedaço de rochedo. Meu pai aproximou-se dele para dizer-lhe boa-noite, mas,

não obtendo resposta, voltou. Antes de entrar, contudo, teve a idéia de olhar para trás e, para seu grande espanto, não viu mais ninguém. Ficou ainda mais surpreso quando, ao aproximar-se novamente e bem examinar em redor do rochedo, não encontrou o menor traço do indivíduo, que lá estivera assentado um instante antes, nem nenhum abrigo onde pudesse ter-se escondido. Quando meu pai entrou no salão, disse: ‘Meus filhos, acabo de ver uma aparição’. Como é fácil de entender, rimos às gargalhadas.

“Entretanto, naquela noite e em várias noites seguidas, ouvimos ruídos estranhos em diversos locais da casa: ora eram gemidos, que vinham de baixo das janelas, ora parecia que arranhavam as próprias janelas e, em outros momentos, dir-se-ia que várias pessoas trepavam no telhado. Abrimos as janelas diversas vezes, perguntando em voz alta: ‘Quem está aí?’. Mas não obtivemos resposta.

“Ao cabo de alguns dias, os ruídos foram ouvidos no mesmo quarto em que dormíamos eu e minha irmã (esta tinha vinte anos e eu dezoito). Despertamos toda a casa, mas não quiseram escutar-nos; censuraram-nos e nos chamaram de loucos. Ordinariamente os ruídos consistiam em pancadas; por vezes havia vinte ou trinta por minutos; outras vezes, uma por minuto.

“Por fim, os ruídos internos e externos também foram ouvidos por nossos pais, que se viram constrangidos a admitir não se tratar de imaginação. Então, se recordaram da aparição. Mas, como não estivéssemos muito apavorados, acabamos por nos habituar a todo esse barulho. Uma noite, quando batiam, como de hábito, veio-me a idéia de dizer: ‘Se és um Espírito, bate seis pancadas’. Imediatamente, ouvi bater seis golpes com toda clareza. Com o tempo esses ruídos tornaram-se de tal modo familiares que não apenas não tínhamos medo como deixaram de ser desagradáveis.

“Agora vou contar a parte mais curiosa desta história. Confesso que hesitaria em vo-la comunicar, não a tivessem testemunhado todos os membros de minha família. Meu irmão, então menino, mas agora um homem muito distinto em sua profissão, poderá, caso se faça necessário, confirmar todos os detalhes.

“Além das batidas em nosso quarto, começamos a ouvir, principalmente no salão, como que uma voz humana. A primeira vez que a ouvimos, minha irmã estava ao piano; cantávamos uma *romanza*¹⁹ e eis que o Espírito se pôs a cantar conosco. Podem imaginar o nosso espanto. Não havia meio de duvidar da realidade do fato, porque, pouco depois, a voz começou a falar-nos de maneira clara e inteligível, intrometendo-se, de vez em quando, em nossa conversa. A voz era baixa, os tons lentos, solenes e muito distintos: o Espírito nos falava sempre em francês. Disse chamar-se Gaspard; mas, quando queríamos interrogá-lo sobre sua história pessoal, não respondia; também jamais quis explicar o motivo que o levara a pôr-se em contato conosco. Geralmente pensávamos que fosse espanhol, sem atinar, contudo, de onde nos vinha tal idéia. Chamava cada membro da família por seu nome de batismo; algumas vezes recitava versos e constantemente procurava inculcar-nos sentimentos de moralidade cristã, sem, contudo, jamais tocar nas questões dogmáticas. Parecia desejoso de nos fazer compreender o que há de grandioso na virtude, o que há de belo na harmonia que reina entre os membros de uma mesma família. Uma vez em que minha irmã e eu tivemos uma ligeira discussão, ouvimos a voz dizer: M... está errado; S... tem razão”. Desde que se tornou conhecido, ocupou-se constantemente em nos dar bons conselhos. Certa vez meu pai estava muito inquieto a propósito de alguns documentos que temia haver perdido e queria encontrar. Gaspard lhe disse onde estavam, em nossa velha casa de Suffolk. Procuraram e os encontraram no exato lugar que fora indicado.

19 N. do T.: Grifo nosso. Narração em verso de uma história simples e sentimental, feita para ser cantada.

“As coisas continuaram a passar-se assim durante mais de três anos. Todas as pessoas da família, sem excetuar os domésticos, tinham ouvido a voz. A presença do Espírito, de que não duvidávamos, era sempre uma grande felicidade para todos nós; era considerado, ao mesmo tempo, como nosso companheiro e nosso protetor. Um dia nos disse: ‘Durante alguns meses não estarei convosco’. Com efeito, suas visitas cessaram por vários meses. Uma noite, ouvimos aquela voz, que tão bem conhecíamos, dizer: ‘Eis-me ainda entre vós.’ Seria difícil descrever o nosso júbilo.

“Até aqui tínhamos sempre ouvido, mas jamais o vimos. Uma noite meu irmão disse: ‘Gaspard, gostaria muito de te ver’. A voz respondeu: ‘Eu vos contentarei. Ver-me-eis, se quiserdes ir até o outro lado da praça’. Meu irmão nos deixou, mas logo retornou, dizendo: ‘Vi Gaspard; ele usava um grande manto e um chapéu de abas largas; olhei por baixo do chapéu e ele sorriu’. – ‘Sim, disse a voz, intervindo na conversa, era eu.’

“A maneira por que nos deixou, de repente, foi-nos muito sensível. Voltamos a Suffolk e ali, como na França, durante várias semanas após nossa chegada, Gaspard continuou a conversar conosco.

“Uma noite nos disse: ‘Vou deixar-vos para sempre; suceder-vos-ia uma desgraça se eu ficasse junto a vós neste país, onde nossas comunicações seriam mal compreendidas e mal interpretadas.’

“Desde então – acrescentou a senhora, com um acento de tristeza, como se falasse de um ser amado, que a morte arrebatou – não mais ouvimos a voz de Gaspard.”

“Eis os fatos, como nos foram contados. Tudo isto me faz refletir e pode levar vossos leitores, quem sabe, a refletir também. Não pretendo dar nenhuma explicação, nenhuma opinião.

Direi apenas que tenho inteira confiança na boa-fé da pessoa de quem os ouvi, e subscrevo o meu nome, como garantia da exatidão de meu relato.”

S. C. Hall

O Espírito e o Cãozinho

(Sociedade, 4 de maio de 1860 – Médiun: Sr. Didier)

O Sr. G. G..., de Marselha, nos transmite o seguinte fato:

“Um rapaz faleceu há oito meses e sua família, na qual há três irmãs médiuns, o evoca quase diariamente, por meio de uma cesta. Cada vez que o Espírito é chamado, um cãozinho, do qual muito gostava, salta sobre a mesa e vem cheirar a cesta, soltando pequenos ganidos. A primeira vez que isto aconteceu, a cesta escreveu: ‘Meu bravo cachorrinho, que me reconhece.’

“Não presenciei o fato, mas as pessoas, das quais o ouvi várias vezes, o testemunharam e são excelentes espíritas e muito sérias para que eu possa pôr em dúvida a sua veracidade. Perguntei a mim mesmo se o perispírito conservava partículas materiais suficientes para afetar o olfato do cão, ou se este seria dotado da faculdade de ver os Espíritos. É um problema que me parece útil aprofundar, caso ainda não esteja resolvido.”

1. Evocação do Sr. M***, morto há oito meses, do qual acabamos de falar.

Resp. – Eis-me aqui.

2. Confirmais o fato relativo ao vosso cão, que vem cheirar a cesta que serve às vossas evocações, e que parece reconhecer-vos?

Resp. – Sim.

3. Poderíeis dizer-nos a causa que atrai o cão para a cesta?

Resp. – A extrema finura dos sentidos pode levar a adivinhar a presença do Espírito e até vê-lo.

4. O cão vos vê ou vos sente?

Resp. – O olfato, sobretudo, e o fluido magnético.

Charlet

Observação – Charlet, o pintor, deu à Sociedade uma série de comunicações muito notáveis sobre os animais, e que publicaremos brevemente. Por certo foi a esse título que interferiu espontaneamente na presente evocação.

5. Considerando que Charlet quer mesmo intervir na questão de que nos ocupamos, nós lhe pedimos que dê algumas explicações a respeito.

Resp. – Com prazer. O fato é perfeitamente verossímil e, em conseqüência, natural. Falo em geral, pois não conheço aquele de que se trata. O cão é dotado de uma organização muito particular; compreende o homem, eis tudo. Sente-o, segue-o em todas as suas ações com a curiosidade de uma criança; ama-o e chega mesmo a ponto – e temos muitos exemplos para confirmar o que adiantamos – de a ele se devotar. O cão deve ser – não tenho certeza, entendi bem – um desses animais vindos de um mundo já avançado, para sustentar o homem em seu sofrimento, servi-lo, guardá-lo. Acabo de falar das qualidades morais que, positivamente, o cão possui. Quanto às suas faculdades sensitivas, são extremamente apuradas. Todos os caçadores conhecem a sutileza do faro do cão; além dessa faculdade, o cão compreende quase todas as ações do homem; compreende a importância de sua morte. Por que não adivinharia a sua alma e por que, mesmo, não a veria?

Charlet

No dia seguinte a Sra. Lesc..., médium, membro da Sociedade, obteve em particular a explicação seguinte, sobre o mesmo assunto:

“O fato citado na Sociedade é verídico, embora o perispírito desprendido do corpo não tenha nenhuma de suas emanções. O cão farejava a presença do dono; quando digo *farejava*, entendo que seus órgãos percebiam sem que os olhos vissem, sem que o nariz sentisse; mas todo o seu ser estava advertido da presença do dono, e essa advertência lhe era dada, sobretudo, pela vontade que se desprendia do Espírito dos que evocavam o morto. A vontade humana alcança e adverte o instinto dos animais, principalmente dos cães, antes que algum sinal exterior o tenha revelado. O cão é posto, por suas fibras nervosas, em contato direto conosco, Espírito, quase tanto quanto com os homens; percebe as aparições; dá-se conta da diferença existente entre elas e as coisas reais ou terrestres e lhes tem um grande pavor. O cão uiva à Lua, conforme a expressão vulgar; uiva também quando sente a morte chegar. Em ambos os casos, e em muitos outros ainda, o cão é intuitivo. Acrescentarei que seu órgão visual é menos desenvolvido que seu órgão perceptivo; ele vê menos do que sente. O fluido elétrico o penetra quase que habitualmente. O fato que me serviu de ponto de partida nada tem de surpreendente, porque, no momento do desprendimento da vontade que chamava seu dono, o cão sentia sua presença quase tão depressa que o próprio Espírito ouvia e respondia à chamada que lhe era feita.”

Georges (Espírito familiar)

O Espírito de um Idiota

Sociedade, 25 de maio de 1860

Charles de Saint-G... é um jovem idiota de treze anos, vivo, cujas faculdades intelectuais são de tal nulidade que nem

mesmo reconhece os pais e apenas é capaz de alimentar-se. Há nele uma parada completa do desenvolvimento em todo o sistema orgânico. Pensou-se que ele poderia constituir-se num interessante assunto de estudo psicológico.

1. [A São Luís] Poderíeis dizer-nos se podemos evocar o Espírito dessa criança?

Resp. – Podeis fazê-lo como se evocásseis um morto.

2. Vossa resposta faz-nos supor que a evocação poderia ser feita em qualquer momento.

Resp. – Sim. Sua alma está atada ao corpo por laços materiais, mas não espirituais; ela pode sempre se desprender.

3. Evocação de Ch. de Saint-G...

Resp. – Sou um pobre Espírito, preso à Terra como uma ave pelo pé.

4. Em vosso estado atual, como Espírito, tendes consciência de vossa nulidade neste mundo?

Resp. – Certamente; sinto bem o meu cativo.

5. Quando vosso corpo dorme e vosso Espírito se desprende, tendes as idéias tão lúcidas quanto se estivésseis em estado normal?

Resp. – Quando meu corpo infeliz repousa, estou um pouco mais livre para me elevar ao céu, a que aspiro.

6. Como Espírito, experimentais um pensamento penoso de vosso estado corporal?

Resp. – Sim, pois é uma punição.

7. Recordai-vos da vossa existência precedente?

Resp. – Oh, sim! Ela é a causa de meu exílio atual.

8. Qual foi essa existência?

Resp. – Um jovem libertino ao tempo de Henrique III.

9. Dissestes que vossa condição atual é uma punição; então não a escolheste?

Resp. – Não.

10. Como pode vossa existência atual servir ao vosso progresso, no estado de nulidade em que vos encontrais?

Resp. – Ela não me é nula perante Deus, que a impôs.

11. Prevedes a duração da vossa existência atual?

Resp. – Não; mais alguns anos e retornarei à minha pátria.

12. Desde vossa precedente existência até a encarnação atual, que fizestes como Espírito?

Resp. – Porque eu era um Espírito leviano, Deus me aprisionou.

13. No estado de vigília tendes consciência do que se passa ao vosso redor, apesar da imperfeição dos vossos órgãos?

Resp. – Vejo, entendo, mas meu corpo não compreende e nada vê.

14. Podemos fazer algo que vos seja útil?

Resp. – Nada.

15. [A São Luís] As preces por um Espírito reencarnado podem ter a mesma eficácia que a dirigida a um errante?

Resp. – As preces são sempre boas e agradáveis a Deus. Na posição deste pobre Espírito, elas em nada lhe poderão servir; servirão mais tarde, pois Deus as deixa de reserva.

Observação – Ninguém desconhecerá o alto ensinamento moral que resulta desta evocação. Além disso, ela confirma o que sempre foi dito sobre os idiotas. Sua nulidade moral nada tem a ver com a nulidade do Espírito, que, abstração feita dos órgãos, goza de todas as suas faculdades. A imperfeição dos órgãos é apenas um

obstáculo à livre manifestação das faculdades; não as aniquila. É o caso de um homem vigoroso, cujos membros seriam comprimidos por laços. Sabe-se que, em certas regiões, longe de ser um objeto de desprezo, os cretinos são cercados de cuidados benevolentes. Esse sentimento não decorreria de uma intuição do verdadeiro estado desses infortunados, tanto mais dignos de atenções quanto seu Espírito, que compreende a posição em que se encontra e deve sofrer por se ver como um refugio da sociedade?

Conversas Familiares de Além-Túmulo

SRA. DURET

Médium escrevente, morta a 1^o de maio de 1860, em Sétif, Argélia, evocada primeiro em casa do Sr. Allan Kardec, a 21 de maio, depois a 25, na Sociedade.

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui.

2. Conhecemo-nos de nome, se não de fato; e embora jamais me tenhais visto, sois capaz de reconhecer-me?

Resp. – Oh! muito bem.

3. Já viestes visitar-me depois que morrestes?

Resp. – Não; ainda, não, mas sabia muito bem que me chamaríeis.

4. Como médium, e perfeitamente iniciada no Espiritismo, pensei que, melhor que outro, poderíeis dar-nos explicações instrutivas sobre diferentes pontos da Ciência.

Resp. – Responderei o melhor que puder.

5. Esta primeira evocação tem por objetivo apenas renovar, de certo modo, nosso conhecimento e nos pôr em contato. Quanto às perguntas, como são de interesse geral, prefiro fazê-las na Sociedade. Indago, pois, se consentiríeis em vir.

Resp. – Sim, com prazer. Responderei e pedirei a Deus que me esclareça.

6. Há cinco médiuns aqui; tendes preferência por algum deles para vos servir de intérprete?

Resp. – Isto me é indiferente, contanto que seja um bom médium.

7. Como médium, fostes enganada alguma vez pelos Espíritos em vossas comunicações?

Resp. – Oh! muitas vezes. Há poucos médiuns que não o sejam mais ou menos.

Nota – No dia seguinte a Sra. Duret manifestou-se espontaneamente e confessou pesar por não lhe terem feito maior número de perguntas na véspera.

8. Se não o fiz, como disse, foi porque as reservava para a Sociedade. Queria tão-somente assegurar-me se podia contar convosco.

Resp. – O que se faz em vossa casa também é dado para a instrução da Sociedade e, muitas vezes, é útil aproveitar os instantes em que o Espírito quer comunicar-se, pois nem sempre as condições lhe são igualmente favoráveis.

9. Quais as circunstâncias que lhe podem ser favoráveis?

Resp. – Há muitas que conheceis. Mas é preciso saibais que isso nem sempre depende dele. Por vezes necessita ser assistido por outros Espíritos, que podem não estar ali no momento.

10. Considerando que viestes espontaneamente, devo supor que estais num desses momentos propícios e o aproveitarei, se quiserdes. Dissestes ontem que muitas vezes fostes enganada como médium. Vedes agora os Espíritos que vos enganaram?

Resp. – Sim, vejo-os perfeitamente. Bem que eles ainda gostariam de me envolver, mas vejo bastante claro, agora. Não sou mais o seu joguete. Então os repilo.

11. Dissestes também que há poucos médiuns que não tenham sido mais ou menos enganados. De que depende isto?

Resp. – Muito do médium e daquele que interroga.

12. Poderíeis explicar mais claramente?

Resp. – Quero dizer que sempre é possível preservar-se dos Espíritos maus, desde que se o queira. A primeira condição para isso é não os atrair pela fraqueza ou pelos defeitos. Quanto vos teria a dizer sobre isto! Ah! se os médiuns soubessem todo o erro que cometem, dando trela aos Espíritos malévolos!

13. É no mundo dos Espíritos que cometem erros?

Resp. – Sim; e também no mundo dos vivos.

14. Qual o erro que podem cometer no mundo dos vivos?

Resp. – Vários. Para começar, tornam-se presa dos Espíritos maus, que deles abusam e os impelem ao mal, excitando todas as imperfeições que neles se encontram em germe, principalmente o orgulho e a inveja. Depois, Deus os pune, muitas vezes, pelos sofrimentos da vida.

Observação – Temos mais de um exemplo de médiuns dotados das mais felizes disposições, e que a desgraça perseguiu e abateu, depois de se terem deixado dominar pelos Espíritos maus.

15. Mas, então, não seria melhor não ser médium, já que essa faculdade pode arrastar a tão graves inconvenientes?

Resp. – Acreditais que os Espíritos maus só venham atacar os médiuns? A mediunidade, ao contrário, é um meio precioso de os reconhecer e de se resguardar contra eles. É o

remédio que, em sua bondade, Deus põe ao lado do mal. É o aviso do bom pai, que ama os filhos e quer preservá-los do perigo. Infelizmente, os que desfrutam desse dom não sabem ou não querem aproveitá-lo. São como o imprudente, que se fere com a arma que deveria servir para defendê-lo.

16. Sois vós mesma, Sra. Duret, que dais as respostas?

Resp. – Sou eu mesma que as dou, e vo-lo asseguro em nome de Deus. Mas creio que, se tivesse sido abandonada a mim mesma, não seria capaz de responder. Os pensamentos me vêm de mais alto.

17. Vedes o Espírito que vo-las inspira?

Resp. – Não. Há aqui uma multidão de Espíritos, diante dos quais me inclino, e cujos pensamentos parecem irradiar sobre mim.

18. Assim, um Espírito pode receber inspiração de outros, tão bem quanto aquele que está encarnado, e lhes servir de intermediário?

Resp. – Não o duvideis; muitas vezes julga responder por si mesmo, quando não é mais que um eco.

19. Quer os pensamentos sejam pessoalmente vossos, quer sejam sugeridos, pouco nos importa, desde que sejam bons, e nós agradecemos aos Espíritos bons que vo-os sugerem. Mas, então, perguntarei: por que esses mesmos Espíritos não respondem diretamente?

Resp. – Eles o fariam, se os interrogásseis. Foi a mim que evocastes. Eles querem responder e, então, servem-se de mim para minha própria instrução.

20. O Espírito que obsidiou um médium em vida ainda o obsidiará após a morte?

Resp. – A morte não liberta o homem da obsessão dos Espíritos maus; é a figura dos demônios, atormentando as almas

penadas. Sim, esses Espíritos os perseguem após a morte e lhes causam terríveis sofrimentos, porque o Espírito atormentado se sente sob uma constrição de que não se pode desembaraçar. Aquele, ao contrário, que se libertou da obsessão em vida, é forte, e os Espíritos maus o encaram com temor e respeito; encontraram o seu mestre.

21. Há muitos médiuns realmente bons, na completa acepção da palavra?

Resp. – Não são os médicos que faltam, mas os bons médicos são raros. Dá-se o mesmo com os médiuns.

22. Por qual sinal podemos reconhecer que as comunicações de um médium merecem confiança?

Resp. – As comunicações dos Espíritos bons têm um caráter com o qual não podemos nos enganar, quando nos damos ao trabalho de as estudar. Quanto ao médium, o melhor seria aquele que jamais tivesse sido enganado, pois isso seria a prova de que só atrai Espíritos bons.

23. Mas não há médiuns dotados de excelentes qualidades morais e que são enganados?

Resp. – Sim, os Espíritos maus podem fazer tentativas, e não triunfam senão pela fraqueza ou pela excessiva confiança do médium que se deixa enganar. Mas isso não dura e os Espíritos bons facilmente vencem, quando há vontade.

24. A faculdade mediúnica é independente das qualidades morais do médium?

Resp. – Sim. Muitas vezes é dada em alto grau a pessoas viciosas, a fim de ajudá-las a corrigir-se. Será que os doentes não precisam mais de remédio que as pessoas sadias? Os Espíritos maus por vezes lhes dão bons conselhos sem o saber; a isso são impelidos pelos bons. Mas elas não os aproveitam, porque, por orgulho, não os tomam para si.

Observação – Isto é perfeitamente exato. Muitas vezes temos visto Espíritos inferiores darem rudes lições em termos pouco comedidos; assinalar defeitos, expor ao ridículo as imperfeições alheias, com mais ou menos habilidade, conforme as circunstâncias, e por vezes de modo muito espirituoso.

25. Espíritos bons podem comunicar-se por maus médiuns?

Resp. – Algumas vezes médiuns imperfeitos podem receber belas comunicações, que não procederiam senão dos Espíritos bons. Mas, quanto mais sábias e sublimes, tanto mais culpados serão os médiuns por não as aproveitar. Oh! sim; são muito culpados e sofrerão cruelmente por sua cegueira.

26. As boas intenções e as qualidades pessoais de quem interroga podem conjurar os Espíritos maus, atraídos por um médium imperfeito, e lhe assegurar boas comunicações?

Resp. – Os Espíritos bons apreciam a intenção e, quando o julgam útil, podem servir-se de qualquer espécie de médium, conforme o objetivo a que se propõe. Mas, em geral, as comunicações são tanto mais seguras quanto mais sérias as qualidades do médium.

27. Como nenhum homem é perfeito, segue-se que não há médiuns perfeitos?

Resp. – Há os que são tão perfeitos quanto o comporta a humanidade terrena. São raros, mas existem; são os preferidos de Deus e se preparam grandes alegrias no mundo dos Espíritos.

28. Quais os defeitos que dão mais acesso aos Espíritos maus?

Resp. – Já vo-lo disse: o orgulho e a inveja, sendo esta uma conseqüência do orgulho e do egoísmo. Deus ama os humildes e castiga os soberbos.

29. Disso concluíis que o médium que não é humilde não merece nenhuma confiança?

Resp. – Não de maneira absoluta. Mas se no médium reconheceis orgulho, inveja e pouca caridade, tendes muito mais chances de ser enganado.

Observação – O que leva a perder muitos médiuns é o fato de se julgarem os únicos capazes de receber boas comunicações e desprezarem as dos outros. Julgam que são profetas, quando não passam de intérpretes de Espíritos astuciosos que os enlaçam em suas redes, persuadindo-os de que tudo quanto escrevem é sublime e não mais precisam de conselhos. A crença de certos médiuns na infalibilidade e na superioridade de suas comunicações é tal, que nelas tocar é quase uma profanação; delas duvidar é quase uma injúria; mais ainda: é até expor-se a deles fazer inimigos, porquanto mais valeria dizer a um poeta que os seus versos são maus. Esse sentimento, que tem por princípio evidente o orgulho, é alimentado pelos Espíritos que os assistem e que têm muito cuidado em lhes inspirar o afastamento de quem quer que os possa esclarecer. Só isto deveria ser suficiente para lhes abrir os olhos, caso não estivessem fascinados. Há um princípio, que ninguém poderia contestar: os Espíritos bons só aconselham o bem. Portanto, tudo quanto não for o *bem*, no sentido absoluto, não pode provir de um Espírito bom. Conseqüentemente, todo conselho ditado, ou todo sentimento inspirado, que reflita o menor pensamento mau, é, por isso mesmo, de origem suspeita, sejam quais forem as qualidades ou a redundância do estilo.

Um sinal não menos característico dessa origem é a lisonja, de que os Espíritos maus são pródigos em relação a certos médiuns. A propósito, sabem exaltar os dotes físicos ou as qualidades morais, afagar as secretas inclinações, excitar a cobiça e a cupidez e, mesmo censurar o orgulho e aconselhar a humildade, agrilhoar-lhes a vaidade e o amor-próprio. Um dos meios que empregam consiste, sobretudo, em convencê-los de sua

superioridade como médiuns, apresentando-os como apóstolos de missões, pelo menos duvidosas, e para as quais a primeira de todas as qualidades seria a humildade, unida à simplicidade e à caridade.

Fascinados pelo nome de seres venerados, dos quais se julgam intérpretes, não percebem as verdadeiras intenções dos falsos Espíritos, mau grado seu, porquanto seria impossível a Espíritos inferiores simular completamente todas as qualidades que não possuem. Os médiuns não se libertarão verdadeiramente da obsessão de que são alvo senão quando compreenderem esta verdade. Só então os Espíritos maus, por seu lado, compreenderão que perdem tempo com pessoas que não poderiam pegar em falta.

Sociedade, 25 de maio de 1860

30. Ao que parece, vosso marido possui a faculdade da vidência. Ele a tem realmente?

Resp. – Sim, positivamente.

31. Diz ele vos ter visto duas vezes após vossa morte. Isto é verdade?

Resp. – É bem verdade.

32. Os médiuns videntes estão expostos a ser enganados pelos Espíritos impostores, como os médiuns escreventes?

Resp. – São enganados menos vezes que os médiuns escreventes, mas igualmente podem sê-lo, pelas falsas aparências, quando não são inspirados por Deus. Sob os Faraós, ao tempo de Moisés, os falsos profetas não faziam milagres que enganavam o povo? Só Moisés não se enganava, porque era inspirado por Deus.

33. Poderíeis explicar-nos agora vossas sensações, ao entrardes no mundo dos Espíritos? Além da perturbação mais ou menos longa que sempre acompanha a morte, houve um instante em que vosso Espírito perdeu toda a consciência de si mesmo?

Resp. – Sim, como sempre; impossível ser de outro modo.

34. Essa perda absoluta de consciência começou antes do instante da morte?

Resp. – Começou na agonia.

35. Persistiu após a morte?

Resp. – Por muito pouco tempo.

36. Ao todo, quanto tempo pode ter durado?

Resp. – Cerca de quinze a dezoito de vossas horas.

37. Essa duração é variável, conforme os indivíduos?

Resp. – Certamente. Não é a mesma em todos os homens; depende muito do gênero de morte.

38. Enquanto se consumava o fenômeno da morte, tínheis consciência do que se passava com o corpo?

Resp. – Absolutamente. Deus, que é bom para todas as suas criaturas, quer poupar ao Espírito as angústias desse momento. Eis por que lhe tira toda lembrança e toda sensação.

Observação – Este fato, que nos tem sido sempre confirmado, é análogo ao que se passa na volta do Espírito ao mundo corporal. Sabe-se que, desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar o corpo que deve nascer é tomado por uma perturbação, que vai crescendo à medida que os laços fluídicos, que o unem à matéria, se apertam, até as proximidades do nascimento. Neste momento, perde igualmente toda a consciência de si mesmo e só começa a recobrar as idéias no momento em que a criança respira. Somente então a união entre o Espírito e o corpo é completa e definitiva.

39. Como se operou o instante do despertar? Vós vos reconhecestes subitamente ou houve um momento de semiconsciência, isto é, um vazio nas idéias?

Resp. – Permaneci nesse estado durante alguns instantes; depois, pouco a pouco, eu me reconheci.

40. Quanto tempo durou esse estado?

Resp. – Não sei exatamente; mas, pouco tempo. Creio que cerca de duas horas.

41. Durante essa espécie de meio sono, experimentastes uma sensação agradável ou penosa?

Resp. – Não sei; quase não tinha consciência de mim mesma.

42. À medida que vossas idéias clareavam, tínheis a certeza da morte do corpo, ou julgastes por um instante ainda estar neste mundo?

Resp. – Realmente o julguei, durante alguns instantes.

43. Quando tivestes a certeza da morte, sentistes pesar?

Resp. – Não, absolutamente. A vida não é para se lamentar.

44. Quando vos reconhecestes, onde vos encontráveis, e o que vos feriu primeiramente a vista?

Resp. – Encontrei-me com Espíritos que me rodeavam e me auxiliavam a sair da perturbação. Foi essa mudança que me impressionou.

45. Vós vos encontrastes junto ao vosso marido?

Resp. – Eu pouco o deixo. Ele me vê, evoca-me, e isto substitui meu pobre corpo.

46. Fostes rever imediatamente as pessoas que tínheis conhecido: o Sr. Dumas e os outros espíritas de Sétif?

Resp. – R. Não; não imediatamente. Pensei que me evocariam; não havia muito que os havia deixado, mas encontrei alguns que conhecera e que não via há séculos. Eu era médium e

espírita. Todos os Espíritos que eu havia evocado vieram receber-me. Isto me sensibilizou. Se soubésseis como é agradável reencontrar os amigos neste mundo!

47. O mundo dos Espíritos vos pareceu uma coisa estranha e nova?

Resp. – Oh! sim.

48. Esta resposta nos surpreende, porque não é a primeira vez que vos achais no mundo dos Espíritos.

Resp. – R. Isto nada tem que deva surpreender. Eu não era tão adiantada quanto hoje; e, depois, a diferença entre o mundo corporal e o mundo dos Espíritos é tão grande que haverá de surpreender sempre.

49. Vossa explicação poderia ser mais clara. Isto não resultaria dos progressos realizados pelo Espírito, cada que vez que retorna ao mundo espiritual, ensejando-lhe percepções novas que o levam a encarar esse mundo sob outro aspecto?

Resp. – É bem isto. Eu vos disse que não era tão adiantada quanto hoje.

Observação – A seguinte comparação permite compreender o que se passa em tal circunstância. Suponhamos que um pobre camponês venha a Paris pela primeira vez; freqüentará uma sociedade, residirá num bairro compatível com a sua situação. Depois de uma ausência de vários anos, durante os quais tivesse ficado rico e adquirido certa educação, retorna a Paris e se encontra num meio completamente diverso do da primeira vez, e que lhe parecerá novo. Compreenderá e apreciará uma porção de coisas que apenas havia despertado sua atenção da primeira vez. Numa palavra, terá dificuldade em reconhecer sua antiga Paris e, no entanto, será sempre Paris, embora se lhe apresente sob um aspecto novo.

50. Como julgais agora as comunicações que são recebidas em Sétif? São, em geral, melhores ou piores?

Resp. – São como em toda parte: há boas e más, verdadeiras e falsas. Muitas vezes se ocupam de coisas que não são bastante sérias nem consideradas com acerto. Mas não julgam fazer mal. Tentarei corrigi-los.

51. Agradecemos a vossa presença e as explicações que houvestes por bem nos dar.

Resp. – Também vos agradeço por terdes pensado em mim.

Medicina Intuitiva

Plessis-Boudet, 23 de maio de 1860.

Senhor,

Em minha última carta dei-vos um boletim das curas obtidas por meio da medicação da Srta. Godu. Estou sempre com a intenção de vos manter ao corrente dos fatos, mas hoje julgo mais útil falar do seu modo de tratar. É bom manter as pessoas a par disso, porque de longe vêm doentes que fazem uma idéia muito falsa desse gênero de medicação, e que se expõem a fazer uma viagem inútil ou de pura curiosidade.

A Srta. Godu não é sonâmbula. Jamais consulta a distância, nem mesmo em meu domicílio, mas apenas sob minha direção e meu controle. Quando estamos de acordo, o que ocorre quase sempre, pois agora estou em condições de apreciar sua medicação, começamos o tratamento convencionado e a Srta. Godu faz os curativos e prepara as tisanas. Numa palavra, age como enfermeira, mas enfermeira *de elite*, e com um zelo sem paralelo, em nossa modesta casa de saúde improvisada.

Será por um fluido depurador, de que seria dotada, que ela consegue resultados tão preciosos?

Será por sua pertinácia na aplicação dos curativos, ou pela confiança que inspira?

Será, enfim, por um sistema de medicação bem concebido e bem dirigido, que ela obtém sucesso?

Tais as três perguntas que muitas vezes me faço.

No momento não quero entrar na primeira questão, porque exige um estudo aprofundado e uma discussão científica de primeira ordem. Ela virá mais tarde.

A respeito da segunda questão, hoje posso resolver afirmativamente, uma vez que a Srta. Godu se acha nas mesmas condições que todos os médicos, enfermeiras ou operadores, que sabem levantar o moral de seus doentes e inspirar-lhes uma confiança salutar.

Quanto à terceira questão, não hesito mais em resolvê-la afirmativamente. Adquiri a convicção de que a medicação da Srta. Godu constitui todo um sistema muito metódico. Este sistema é simples em sua teoria, mas, na prática, varia ao infinito; e é na aplicação que reclama toda a atenção e toda a habilidade possíveis. O profissional mais experiente tem dificuldade em compreender, de saída, esse mecanismo e essa série de modificações incessantes, em razão do progresso ou do declínio da doença. Fica ofuscado e pouco compreende; mas, com o tempo, dá-se conta facilmente dessa medicação e dos seus efeitos.

Seria longo demais enumerar em detalhes e, *currente calamo*, todo um sistema médico novo para nós, embora, por certo, muito antigo em relação à idade dos homens em nosso planeta. Eis as bases sobre as quais repousa o sistema, que raramente sai da medicina revulsiva.

Na maioria dos casos, a Srta. Godu aplica um tópico extrativo, composto de uma ou duas matérias, encontradas em toda

parte, na choupana como no castelo. Esse tópicos tem uma ação de tal modo enérgica que se obtêm efeitos incomparavelmente superiores a todos os nossos revulsivos conhecidos, sem excetuar o cautério atual e as moxas²⁰. Às vezes, ela se limita à aplicação de vesicatórios, quando um efeito mais enérgico não é indispensável. A habilidade consiste em proporcionar o remédio ao mal, em manter uma supuração constante e variada, e eis o que ela obtêm com um unguento tão simples que não se pode classificar no número dos medicamentos. Pode ser assimilado aos ceratos simples e mesmo aos cataplasmas; entretanto, tal unguento produz efeitos duráveis e muito variados: aqui são sais calcários que aparecem sobre o emplastro; nos hidrópicos, é água; nas pessoas com humores, é uma supuração abundante, ora clara, ora espessa. Enfim, os efeitos de seu unguento variam ao infinito, por uma causa que ainda não apreendi e que, aliás, deve entrar no estudo da primeira questão. Isto quanto ao exterior. Mais tarde dir-vos-ei uma palavra sobre a medicação interna, que compreendo facilmente. Não se deve pensar que o mal seja tirado qual se fora um passe de mágica; como sempre, são precisos tempo e perseverança para curar radicalmente as doenças rebeldes.

Aceitai, etc.

Morhéry

Uma Semente de Loucura

O *Journal de la Haute-Saône* narrou, ultimamente, o seguinte fato:

Viram-se reis destronados sepultar-se nas ruínas de seus palácios; vêem-se infelizes jogadores renunciarem à vida após a perda da fortuna; mas um proprietário que se suicida para não

²⁰ **N. do T.:** bastonete de artemísia, que, queimado em contato com a pele de certas regiões do corpo, produz efeito comparável ao da acupuntura.

sobreviver à expropriação de um pedaço de terra, é o que talvez jamais se tenha visto, antes do caso que relatamos. Um proprietário de Saint-Loup foi advertido de que uma de suas quintas seria expropriada, no dia 14 de maio, pela Companhia de Estradas de Ferro do Leste. A informação o afetou vivamente. Não podendo suportar a separação de suas terras, deu sinais de alienação mental. No dia dois de maio saiu de sua casa às três horas da manhã e afogou-se no rio de Combeauté.”

Realmente, é difícil suicidar-se por um motivo tão fútil, e um ato tão desarrazoado não pode ser explicado senão por um transtorno cerebral; mas o que teria produzido esse transtorno? Indubitavelmente, não foi a crença nos Espíritos. O fato da desapropriação do terreno? Mas, então, por que não se tornam loucos todos aqueles cujas terras são desapropriadas? Dirão que é porque nem todos têm o cérebro tão fraco. Então, admitis uma predisposição natural à loucura; e não poderia ser de outra forma, já que a mesma causa nem sempre produz o mesmo efeito. Já o dissemos muitas vezes, em resposta aos que acusam o Espiritismo de provocar a loucura. Que digam se, antes de cogitar-se dos Espíritos, não havia loucos e se não há loucos entre os que não crêem nos Espíritos? Uma causa física ou uma violenta comoção moral apenas poderão produzir uma loucura momentânea. Fora disso, se examinarmos os antecedentes, sempre serão encontrados sintomas, que uma causa fortuita pode desenvolver; então a loucura toma o caráter da preocupação principal. O louco fala daquilo que o preocupa, mas a causa não é a preocupação; esta, quando muito, é uma espécie de forma de manifestação. Assim, havendo uma predisposição para a loucura, aquele que se ocupa de religião terá uma loucura religiosa; o amor produzirá a loucura amorosa; a ambição, a loucura das honras e das riquezas, etc. No fato narrado acima seria absurdo ver outra coisa além de um simples efeito, que qualquer outra causa teria provocado, pois havia predisposição. Agora, vamos mais longe: diremos, com toda clareza, que se esse proprietário, tão impressionável em relação ao seu terreno, estivesse imbuído profundamente dos princípios do Espiritismo, não teria

enlouquecido nem se afogado, duas desgraças que teriam sido evitadas, como nos mostram numerosos exemplos. A razão disso é evidente. A loucura tem como causa primeira uma fraqueza moral relativa, que torna o indivíduo incapaz de suportar o choque de certas impressões, no número das quais figura, ao menos em três quartas partes, a mágoa, o desespero, o desapontamento e todas as tribulações da vida. Dar ao homem a força necessária para ver tais coisas com indiferença, é atenuar a causa mais freqüente que o leva à loucura e ao suicídio. Ora, essa força ele a tira da Doutrina Espírita bem compreendida. Ante a grandeza do futuro que se descortina aos nossos olhos, e de que dá prova patente, as tribulações da vida tornam-se tão efêmeras que deslizam sobre a alma como a água sobre o mármore, sem deixar traços. O verdadeiro espírita não se liga à matéria senão o estritamente indispensável para as necessidades da vida; mas, se algo lhe falta, conforma-se, porque sabe que está aqui de passagem e que uma sorte muito melhor o aguarda. Também não se aflige por encontrar acidentalmente uma pedra em seu caminho. Se o nosso homem estivesse imbuído dessas idéias, em que se teriam tornado aquelas terras aos seus olhos? A contrariedade que sofreu teria sido insignificante ou nula, e uma desgraça imaginária não o teria conduzido a uma desgraça real. Em resumo, um dos efeitos – e, podemos dizer, um dos benefícios do Espiritismo – é o de dar à alma a força que lhe falta em muitas circunstâncias, e é nisto que ele pode reduzir as causas da loucura e do suicídio. Como se vê, os fatos mais simples podem ser uma fonte de ensinamentos para quem quer refletir. É mostrando as aplicações do Espiritismo nos casos mais vulgares que se fará compreender toda a sua sublimidade. Não está aí a verdadeira filosofia?

Tradição Muçulmana

Extraímos a passagem seguinte da sábia e notável obra que o Sr. Géraldy Saintine publicou, sob o título de *Três Anos na Judéia*.

“Quando o sultão de Babel Bakhtunnassar (Nabucodonosor) foi enviado por Deus para punir os filhos de Israel, que tinham abandonado a doutrina da unidade, despojou o templo de todos os objetos preciosos que lá se achavam reunidos. E, reservando para si mesmo o trono de Salomão, com seus suportes, os dois leões de ouro puro, animados por uma arte mágica, que defendiam a entrada, distribuiu o resto do saque aos diversos reis de sua corte. O rei de Roum recebeu o hábito de Adam e a vara de Moisés; o rei de Antakie teve o trono de Kelkis e o pavão maravilhoso, cuja cauda, toda em pedrarias, formava no trono um rico dossel; o rei de Andaluzia tomou a mesa de ouro do Profeta. Um cofre em pedra, que continha a Torá (Bíblia), estava no meio de todas essas riquezas, e ninguém lhe dava atenção, embora, de todos os tesouros, fosse o mais precioso. Assim, deixaram-no abandonado ao capricho dos ladrões, que percorriam a cidade e o templo, passando a mão em tudo que encontravam. O depósito da palavra divina desapareceu nessa imensa desordem.

“Quarenta anos mais tarde, estando aplacada a sua cólera, Deus resolveu estabelecer os filhos de Israel em sua herança e suscitou o Profeta Euzer (Esdras) – Que Deus o salve! predestinado pela vontade divina a uma missão gloriosa. Ele passara toda a juventude na prece e na meditação, negligenciando as ciências humanas para absorver-se na contemplação do Ser Infinito, e vivia separado do mundo, no interior de uma das grutas que cercavam a cidade santa. Essa gruta ainda hoje se chama *El Azérie*²¹. Obedecendo à ordem de Deus, saiu de seu retiro e veio entre os filhos de Israel para indicar-lhes como deveriam reconstruir o templo e restabelecer a honra dos antigos ritos.

“Mas o povo não acreditou na missão do profeta. Declarou que não se submeteria à lei; que até cessaria os trabalhos de construção do templo e iria habitar outras terras, se não lhe apresentassem o livro em que nosso senhor Moisés – Que Deus o Salve! – tinha consignado todas as prescrições religiosas a ele

21 Nome árabe da gruta conhecida sob o nome de Túmulo de Lázaro.

ditadas no monte Sinai. O livro havia desaparecido e todas as buscas para o encontrar foram infrutíferas.

“Euzer, então, nesse grande embaraço, fez a Deus fervorosas preces para que o tirasse dessa aflição e impedisse o povo de persistir no caminho da perdição. Estava sentado debaixo de uma árvore, contemplando com tristeza as ruínas do templo, em redor das quais se agitava a multidão indócil, quando, de repente, uma voz do alto lhe ordenou que escrevesse; e, embora jamais tivesse pegado num *qalam* (pena, caniço), obedeceu imediatamente. Depois da prece do meio-dia até o dia seguinte à mesma hora, sem se alimentar, sem se levantar do lugar bendito onde estava sentado, continuou a escrever tudo quanto lhe ditava a voz celeste, não hesitando um só instante, nem mesmo se detendo ante as trevas da noite, porquanto uma luz sobrenatural iluminava o seu Espírito e um anjo lhe guiava a mão.

“Todos os filhos de Israel estavam assombrados e contemplavam em silêncio essa manifestação da onipotência divina. Mas quando o profeta terminou sua cópia milagrosa, os imãs, invejosos do favor particular do qual acabavam de ser objeto, pretenderam que o novo livro fosse uma invenção diabólica e que em nada se parecia com o antigo.

“Euzer dirigiu-se novamente à Bondade Infinita e, cedendo a uma súbita inspiração, encaminhou-se, seguido por todo o povo, para a fonte de Siloé. Chegado diante da fonte, levantou as mãos ao céu, proferiu uma longa e ardente prece e, com ele, toda a multidão se prostrou. De repente apareceu uma pedra quadrada na superfície da água, flutuando como se sustentada por mão invisível; nela os imãs reconheceram, trêmulos, o cofre sagrado, há muito perdido. Euzer o tomou com respeito. O cofre abriu-se por si mesmo; a Torá de Moisés saiu dele, qual se fora animada de vida própria, e a nova cópia, escapando-se do seio do profeta, foi colocar-se na caixa sagrada.

“A dúvida não era mais permitida. Entretanto, o santo homem exigiu que os imãs confrontassem os dois exemplares. Estes, apesar de sua confusão, obedeceram-lhe a vontade. Após longo exame, testemunharam em altas vozes que nem uma só palavra, nem um *kareket* (acento) fazia a menor diferença entre o livro escrito por Euzer e o que tinha sido traçado por Moisés. Desde que prestaram essa homenagem à verdade, Deus, para os punir de seus erros, apagou os seus olhos e os mergulhou nas trevas eternas.

“Assim, os filhos de Israel foram trazidos à fé de seus pais. O lugar onde se havia sentado o chefe que Deus lhes tinha dado foi chamado depois *Kerm ecb Cheick* (*cercado ou vinha do Xeque*).”

Quem não reconhecerá neste relato vários fenômenos espíritas que os médiuns reproduzem aos nossos olhos e que nada têm de sobrenatural?

Erro de Linguagem de um Espírito

Recebemos a seguinte carta, a propósito do fato de escrita direta, relatado em nosso número da *Revista Espírita* do mês de maio.

Senhor,

Somente hoje li o vosso número de maio, e nele encontro o relato de uma experiência de escrita direta, feita em minha presença, em casa da Srta. Huet. Para mim é um prazer confirmar o relato, à exceção de um pequeno erro, que escapou ao narrador. Não é *God loves you*, mas *God love you*, que encontramos no papel, isto é, o verbo *love*, sem a letra *s*, não estava na terceira pessoa do presente do indicativo. Assim, não se poderia traduzir por *Deus vos ama*, a menos que se subentenda a palavra *que* e se dê à frase uma forma de imperativo ou de subjuntivo. A observação

foi feita na sessão seguinte ao Espírito Channing (se é que foi mesmo ao Espírito Channing, pois me conheceis e vos peço permissão para conservar minhas dúvidas sobre a identidade absoluta dos Espíritos); e o Espírito Channing, digo eu, não se explicou muito categoricamente a respeito deste s, omitido de propósito ou por inadvertência; ele próprio nos censurou um pouco, se tenho boa memória, por ligar importância a uma letra a mais ou a menos numa experiência tão notável.

A despeito dessa censura amistosa, feita pelo Espírito Channing, julguei por bem vos comunicar minha observação sobre a maneira pela qual a palavra *love* foi realmente escrita. O honrado Sr. E. B..., que ficou com o papel, pôde mostrá-lo e o mostrará a muitas pessoas; e entre estas poderão achar-se algumas que tenham conhecimento do vosso último número. Ora, importa – e estou persuadido de que também pensais como eu – que a maior fidelidade se encontre no relato de fatos tão estranhos e tão maravilhosos que obtemos.

Aceitai, etc.

Mathieu

Havíamos notado perfeitamente a falta assinalada pelo Sr. Mathieu e nos incumbimos de a corrigir, embora sabendo, por experiência, que os Espíritos ligam pouquíssima importância a esses tipos de peca-dinhos, com os quais os mais esclarecidos não têm nenhum escrúpulo. Assim, não ficamos absolutamente surpreendidos com a observação de Channing, em presença, como o disse, de um fato de somenos importância. A exatidão na reprodução dos fatos é, sem dúvida, uma coisa essencial; mas a importância desses fatos é relativa, e confessamos que se devêssemos sempre, para o francês, seguir a ortografia dos Invisíveis, os senhores gramáticos estariam com o queijo e a faca na mão, tratando-os de cozinheiros, mesmo que o médium tenha sido aprovado nessas matérias. Temos um, ou uma, na Sociedade, favorecido com todos esses diplomas, e

cujas comunicações, embora escritas muito pausadamente, contêm numerosos erros desse gênero. Os Espíritos sempre nos têm dito: “Ligai-vos ao fundo e não à forma; para nós, o pensamento é tudo; a forma, nada. Corrigi, pois, a forma, se quiserdes. Nós vos deixamos esse cuidado.” Se, portanto, a forma for defeituosa, não a conservamos senão quando pode servir de ensinamento. Ora, tal não era o caso, em nossa opinião, no fato acima, porquanto o sentido era bastante evidente.

Ditados Espontâneos e Dissertações Espíritas

RECEBIDOS OU LIDOS NAS SESSÕES DA SOCIEDADE

A VAIDADE

Pela Sra. Lesc..., médium

Quero falar da vaidade, que se mescla a todas as ações humanas. Ela macula os mais suaves pensamentos; invade o coração e o cérebro. Planta maligna, abafa a bondade em seu nascedouro; todas as qualidades são aniquiladas por seu veneno. Para lutar contra ela, é preciso exercitar a prece; somente ela nos dá força e humildade. Homens ingratos! Esqueceis de Deus incessantemente. Ele não é para vós senão o socorro implorado na aflição, e jamais o amigo convidado para o banquete da alegria. Para iluminar o dia ele vos deu o sol, radiação gloriosa, e para clarear a noite, as estrelas, flores de ouro. Por toda parte, ao lado dos elementos necessários à Humanidade, pôs o luxo necessário à beleza de sua obra. Deus vos tratou como faria um anfitrião generoso que, para receber seus convidados, multiplica o luxo de sua mansão e a abundância do festim. Que fazeis vós, que tendes apenas o coração para lhe oferecer? Longe de o honrar com as vossas virtudes e alegrias, longe de lhe oferecer as premissas de vossas esperanças, não o deseiais e somente o convidais a penetrar-vos o coração quando o luto e as decepções amargas vos trabalharam e deixaram marcas. Ingratos! Que esperais para amar vosso Deus? A desgraça e o abandono. Antes lhe ofereci o coração, livre de dores; ofereci-lhe, como

homens em pé, e não como escravos ajoelhados, vosso amor purificado do medo, e na hora do perigo ele se lembrará de vós, que não o esquecesteis na hora da felicidade.

Georges (Espírito familiar)

A MISÉRIA HUMANA

A miséria humana não está na incerteza dos acontecimentos, que ora nos elevam, ora nos precipitam. Reside inteira no coração ávido e insaciável, que incessantemente aspira a receber, que se lamenta da secura de outrem e jamais se lembra da própria aridez. Essa desgraça de aspirar a mais alto que a si mesmo, essa desgraça de não poder satisfazer-se com as mais caras alegrias, essa desgraça, digo eu, constitui a miséria humana. Que importa o cérebro, que importam as mais brilhantes faculdades, se elas são sempre ensombradas pelo desejo amargo e insaciável de que algo lhe escapa sem cessar? A sombra flutua junto ao corpo, a felicidade flutua junto à alma, para ela inatingível. Não deveis, entretanto, nem vos lamentar, nem maldizer a sorte; porque essa sombra, essa felicidade, fugidia e móvel como a onda, pelo ardor e pela angústia que deposita no coração, dá-nos a prova da divindade aprisionada na Humanidade. Amai, pois, a dor e sua poesia vivificante, que faz vibrar vossos Espíritos pela lembrança da pátria eterna. O coração humano é um cálice repleto de lágrimas; mas vem a aurora, e beberá a água de vossos corações; para vós ela será a vida que deslumbrará vossos olhos, enceguecidos pela obscuridade da prisão carnal. Coragem! Cada dia é uma libertação; marchai na dolorosa senda; marchai, acompanhando com o olhar a maravilhosa estrela da esperança.

Georges (Espírito familiar)

A TRISTEZA E O PESAR

Pela Sra. Lesc..., médium

É um erro ceder freqüentemente à tristeza. Não vos enganéis: o pesar é o sentimento firme e honesto que se apossa do

homem atingido no coração ou nos interesses; mas a fastidiosa tristeza é apenas a manifestação física do sangue em sua lentidão ou rapidez de curso. A tristeza encobre com seu nome muito egoísmo, muitas fraquezas; debilita o Espírito que a ela se abandona. O pesar, ao contrário, é o pão dos fortes. Este amargo alimento nutre as faculdades do espírito e diminui a parte animal. Não procureis o martírio do corpo, mas sede ávidos pelo tormento da alma. Os homens compreendem que devem mover suas pernas e braços para manter a vida do corpo, mas não compreendem que devem sofrer para exercitar as faculdades morais. A felicidade, ou apenas a alegria, são hóspedes tão passageiros da Humanidade que não podeis, sem ser por elas esmagados, suportar sua presença, por mais leve que seja. Fostes feitos para sofrer e sonhar incessantemente com a felicidade, porquanto sois aves sem asas, chumbados ao solo, que olhais o céu e desejais o espaço.

Georges (Espírito familiar)

Observação – Estas duas comunicações encerram, incontestavelmente, belíssimos pensamentos e imagens de grande elevação; mas nos parecem escritas sob o império de idéias um pouco sombrias e um tanto misantrópicas. Dir-se-ia haver nelas a expressão de um coração ulcerado. O Espírito que as ditou faleceu há poucos anos. Em vida era amigo do médium, do qual, após a morte, se tornou o gênio familiar. Era um pintor de talento, cuja vida tinha sido calma e muito despreocupada. Mas quem sabe se teria sido o mesmo na existência anterior? Seja como for, todas as suas comunicações atestam muita profundidade e sabedoria. Poderiam pensar que fossem o reflexo do caráter do médium. A Sra. Lesc... é, incontestavelmente, uma mulher muito séria e acima do vulgo, sob muitos aspectos, e é isso, sem dúvida – abstração feita à sua faculdade mediúnica – que lhe granjeia a simpatia dos Espíritos bons. Mas a comunicação seguinte, obtida na Sociedade, prova que pode receber outras de caráter muito variado.

A FANTASIA

Médium – Sra. Lesc...

Queres que te fale da fantasia. Ela foi minha rainha, minha dona, minha escrava. Eu a servi e a dominei. Sempre submetido às suas adoráveis flutuações, jamais lhe fui infiel. É ainda ela quem me impele a falar de outra coisa: da facilidade com que o coração carrega dois amores, facilidade desprezada e muito censurada. Considero absurda essa censura dos bons burgueses, que só gostam de seus pequenos vícios moderados, mais enfadonhos ainda que suas virtudes; do mesmo modo que uma cerca viva de arbustos delimita os jardins de um padre, eles só admitem o que seus miolos limitados podem compreender. Tens medo do que te digo; fica tranqüila; Musset tem a sua garra; não se lhe pode pedir gentilezas de cãesinhos amestrados. É preciso suportar e compreender seus gracejos, verdadeiros sob sua frívola aparência, tristes sob sua alegria, risonhos nas suas lágrimas.

Alfred de Musset

Observação – Uma pessoa que só tinha ouvido esta comunicação por ocasião de sua primeira leitura dizia, numa sessão íntima, que lhe parecia de pouca significação. O Espírito Sócrates, que participava da conversa, respondendo a essa observação, escreveu espontaneamente: “Não, tu te enganas; relê a mensagem; há coisas boas; ela é muito inteligente e isto tem o seu lado bom. Diz-se que nisso se conhece o homem. Com efeito, é mais fácil provar a identidade de um Espírito do vosso tempo do que do meu; e, para certas pessoas, é útil que, de vez em quando, tenhais comunicações deste gênero.”

Certo dia em que se conversava sobre os médiuns e sobre o caráter de Alfred de Musset, que um dos assistentes acusava de ter sido muito material em vida, o poeta escreveu espontaneamente a notável comunicação que se segue, por um de seus *médiuns preferidos*:

INFLUÊNCIA DO MÉDIUM SOBRE O ESPÍRITO

Médium – Sra. Schmidt

Somente os Espíritos superiores podem comunicar-se indistintamente por todos os médiuns e manter em toda parte a mesma linguagem. Mas eu não sou um Espírito superior, razão por que, às vezes, sou um pouco material. Contudo, sou mais adiantado do que imaginais.

Quando nos comunicamos por um médium, a emanção de sua natureza se reflete mais ou menos sobre nós. Por exemplo, se o médium é dessas naturezas em que predomina o coração, desses seres elevados, capazes de sofrer por seus irmãos; enfim, dessas almas devotadas, nobres, que a infelicidade tornou fortes e que ficaram puras em meio à tormenta, então o reflexo faz bem, no sentido de nos corrigirmos espontaneamente e nossa linguagem se ressentir. Mas no caso contrário, se nos comunicamos por um médium de natureza menos elevada, servimo-nos pura e simplesmente de sua faculdade como nos utilizamos de um instrumento. É então que nos tornamos o que chamamos de um pouco material. Dizemos coisas espirituosas, se quiseres, mas deixamos de lado o coração.

Pergunta – Os médiuns instruídos, de espírito culto, são mais aptos a receber comunicações elevadas do que os que não têm instrução?

Resposta – Não, repito. Somente a essência da alma se reflete sobre os Espíritos, mas os Espíritos superiores são os únicos invulneráveis.

Alfred de Musset

Bibliografia

Num artigo acima falamos de uma nova publicação periódica sobre o Espiritismo, feita em Londres, sob o título de *The*

Spiritual Magazine. A Itália não fica a reboque do movimento que conduz as idéias para o mundo invisível. Recebemos o prospecto de um jornal que se publica em Gênova, sob o título de *L'Amore del Vero, periodico di scienze, letteratura, belle arti, magnetismo animale, omeopatia, elettrotelegrafia, Spiritismo, etc. Sotto la direzione dei signori D. Pietro Gatti e B. E. Maineri*. Esse jornal aparece três vezes por mês, em cadernos de dezoito páginas.

O Dr. Gatti, diretor do Instituto Homeopático de Gênova, é um adepto esclarecido do Espiritismo, e não temos dúvida de que as questões relativas a esta ciência sejam por ele tratadas com o talento e a sagacidade que o caracterizam.

A HISTÓRIA DE JOANA D'ARC, ditada por ela mesma à Srta. *Ermance Dufaux*, cuja reimpressão anunciamos, acaba de aparecer na Livraria Ledoyen. Já nos referimos a essa obra notável na *Revista Espírita*, número de janeiro de 1858. Desde essa época nossa opinião não variou quanto à sua importância, não somente do ponto de vista histórico, mas como um dos fatos mais curiosos de manifestação espírita. A reimpressão era vivamente reclamada, e não duvidamos que obtenha um sucesso tanto maior, quanto os partidários da nova ciência são hoje mais numerosos do que no tempo da primeira publicação.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

JULHO DE 1860

Nº 7

Aviso

O escritório da Revista Espírita e o domicílio particular do Sr. Allan Kardec foram transferidos para a Rua Sainte-Anne, nº 59, passagem Sainte-Anne.

Boletim

DA SOCIEDADE PARIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 1º de junho de 1860 – Sessão particular

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 25 de maio.

Por proposta da comissão e após relato verbal, a Sociedade admite no número de seus sócios livres:

Sra. E..., de Viena, Áustria.

Assuntos Administrativos: A comissão propõe e a Sociedade adota as duas seguintes proposições:

1º Considerando que a Sociedade, nos termos do artigo 16 do regulamento, pode dar a conhecer, no fim de abril, a intenção da retirada de certos membros;

Que as nomeações feitas pela direção e comissão antes dessa época poderiam recair sobre membros que não continuariam a fazer parte da Sociedade;

Que não seria racional que aqueles que tivessem tal intenção participassem das nomeações,

Resolve o seguinte:

“As nomeações para a direção e para a comissão serão feitas na primeira sessão do mês de maio. Os membros em exercício continuarão em suas funções até essa data.”

2º A Sociedade, considerando que uma ausência muito prolongada e não prevista dos membros da direção e da comissão pode entrar a marcha dos trabalhos;

Resolve o seguinte:

“Os membros da direção e da comissão que se ausentarem durante três meses consecutivos, sem justificativa, serão considerados demitidos de suas funções e providenciada a sua substituição.”

Comunicações diversas:

1º Leitura de um ditado espontâneo, obtido pela Sra. L..., sobre a *honestidade relativa*, assinado por Georges, Espírito familiar.

2º Outro, da Sra. Schmidt, acerca da *Influência do médium sobre o Espírito*, assinada por Alfred de Musset.

Relato de um fato concernente a duas pessoas, uma das quais é uma pobre moça, e cujas relações atuais são consequência das que existiam em sua precedente existência. Circunstâncias aparentemente fortuitas as puseram em contato, e as duas experimentaram reciprocamente uma simpatia que se revelou por singular coincidência de poder mediúnico. Interrogado sobre certos fatos, um Espírito superior disse que a jovem tinha sido filha da outra na existência anterior e havia sido abandonada; na presente existência foi posta em seu caminho, a fim de lhe dar oportunidade de reparar seus erros, protegendo-a, o que está disposta a fazer, apesar de sua situação bastante precária, pois só vive de seu trabalho.

Esse fato, que encerra detalhes do mais alto interesse, vem em apoio do que sempre tem sido dito sobre certas simpatias, cuja causa remonta a existências anteriores.

Indubitavelmente, esse princípio dá uma razão de ser a mais ao sentimento fraterno, que faz da caridade e da benevolência uma lei, porquanto aperta e multiplica os laços que devem unir a Humanidade.

Estudos:

1º Evocação da *grande Françoise*, uma das principais convulsionárias de Saint-Médard, da qual uma primeira evocação já foi publicada (ver o número de maio de 1860). Este Espírito foi chamado novamente, a pedido seu, com o objetivo de retificar a opinião emitida sobre o diácono Pâris. Acusa-se de o haver caluniado, desnaturando suas intenções e pensa que a retratação feita espontaneamente poderá poupar-lhe a merecida punição.

São Luís completa a comunicação com informes sobre os mundos destinados ao castigo dos Espíritos culpados.

2º Exame analítico e crítico das comunicações de Charlet sobre os animais. O Espírito desenvolve, completa e retifica certas afirmações que tinham parecido obscuras ou errôneas. Tal exame será continuado na próxima sessão (Publicado adiante).

3º Dois ditados espontâneos são obtidos, o primeiro pela Srta. Huet, sobre a continuação das Memórias de um Espírito; o segundo pela Sra. Lesc..., assinado por Georges, seu Espírito familiar, sobre o exame crítico que a Sociedade se propõe fazer das comunicações espíritas. O Espírito aprova muito esse gênero de estudo e o considera como um meio de prevenir as falsas comunicações.

Sexta-feira, 8 de junho de 1860 – Sessão geral

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 1º de junho.

A Sra. viúva G..., antigo membro titular, não fazendo parte da lista de 30 de abril, em cumprimento ao novo regulamento da Sociedade, escreve para explicar os motivos de sua abstenção, pedindo à Sociedade para ser reintegrada como associada livre. Com a anuência da Comissão, é admitida nessa qualidade.

Comunicações diversas:

1º Leitura de um ditado espontâneo recebido pela Sra. Lesc... e assinado por Delphine de Girardin, sobre as primeiras impressões de um Espírito. Apresenta um quadro poético e muito real das sensações que o Espírito experimenta ao deixar a Terra.

2º Outro ditado, pelo mesmo médium, assinado por Alfred de Musset, intitulado *Aspirações de um Espírito*.

3º O Sr. M..., de Metz, relata um fato interessante, pessoal, sobre a influência que um médium pode exercer sobre outra pessoa, para lhe desenvolver a faculdade mediúmica. Foi por tal meio que essa faculdade foi desenvolvida no Sr. M...; mas o que há de particular nessa circunstância é a constatação da ação a distância. Estando o médium em Châlons e o Sr. M... em Metz, combinaram a hora para a prova e o Sr. M... pôde constatar os momentos *precisos* em que o médium o influenciava ou cessava de

agir. Ainda mais: descreveu as impressões morais que o médium sentia, impressões que não podia suspeitar e, por outro lado, o médium escreveu as mesmas palavras traçadas pelo Sr. M...

Deu-se ainda com o mesmo médium um fato muito curioso de escrita direta espontânea, isto é, sem provocação e sem nenhuma intenção de sua parte, porque em tal absolutamente não pensava. Várias palavras, que não podiam ter outra origem, quando se conhecem as circunstâncias, foram inopinadamente achadas escritas, com manifesta intenção, e apropriadas à situação. Tendo tentado provocar nova manifestação semelhante, o médium nada conseguiu.

Estudos:

1º Perguntas diversas dirigidas a São Luís: 1º Sobre o estado dos Espíritos; 2º Sobre o que se deve entender por esfera ou planeta das flores, de que falam alguns Espíritos; 3º Sobre as faculdades intelectuais latentes; 4º Sobre os sinais de reconhecimento para constatar a identidade dos Espíritos.

2º Evocação de Antoine T..., desaparecido há alguns anos, sem deixar indícios sobre o seu paradeiro. Reconhecida como inexata uma primeira evocação, ele explica o motivo e dá novos detalhes sobre sua pessoa. A experiência mostrará se são mais verídicos que os primeiros.

3º Evocação do astrólogo Vogt, de Munique, que se suicidou em 4 de maio de 1860. Pouco desprendido, seu Espírito ainda se acha sob o império das idéias que o tinham preocupado durante a vida.

4º Dois ditados espontâneos são obtidos simultaneamente: o primeiro pelo Sr. Didier Filho, sobre a *Fatalidade*, assinado por *Lamennais*; o segundo pela Sra. Lesc..., assinado por *Delphine de Girardin*, sobre as *Mascaradas humanas*.

Sexta-feira, 15 de junho de 1860 – Sessão particular

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 8 de maio.

Por proposta da comissão a Sociedade admite, como sócios livres, o Sr. conde de N..., de Moscou, e o Sr. P..., proprietário em Paris.

Comunicações diversas:

1º Leitura de uma carta informando que em certas localidades o clero se ocupa seriamente com o estudo do Espiritismo, e que membros bem esclarecidos desse corpo falam dele como de uma coisa chamada a exercer grande influência nas relações sociais.

2º Leitura de uma evocação particular, feita na casa do Sr. Allan Kardec, do Sr. J... Filho, de Saint-Etienne. Embora de interesse privado, essa evocação apresenta ensinamentos úteis pela elevação de pensamentos do Espírito chamado, tendo sido ouvida com vivo interesse.

3º Observação apresentada pelo Sr. Allan Kardec a respeito de uma predição que lhe foi submetida por um médium de seu conhecimento. Conforme tal predição, certos acontecimentos devem ocorrer em data fixa e, como constatação, o Espírito tinha dito ao médium que a fizesse assinar por várias pessoas, entre outras o Sr. Allan Kardec, a fim de poder certificar, quando de sua ocorrência, a época em que fora feita. Eu me recusei, disse o Sr. Allan Kardec, pelas seguintes considerações: “Muitos têm visto no Espiritismo um meio de adivinhação, o que é contrário ao seu objetivo; quando acontecimentos futuros são anunciados e se realizam, trata-se sem dúvida de um fato excepcional e curioso, mas seria perigoso considerá-lo como regra. Por isso não quis que meu nome servisse para legitimar uma crença que falsearia o Espiritismo em seu princípio e em sua aplicação.”

Estudos:

1º Evocação de Thilorier, físico, que morrerá supondo ter encontrado o meio de substituir o vapor pelo ácido carbônico condensado, como força motriz. Reconhece que tal descoberta só existia em sua imaginação. (Publicada adiante).

2º Continuação do exame crítico das comunicações de Charlet sobre os animais. (Será publicado).

3º Evocação de um Espírito batedor que se manifesta ao filho do Sr. N..., membro da Sociedade, por efeitos físicos de certa originalidade. Disse ter sido tambor-mestre na banda de música militar do papa, e chamar-se *Eugênio*. Sua linguagem não desmente a qualidade que se atribui.

4º Ditado espontâneo obtido pela Sra. Lesc..., sobre *o desenvolvimento das faculdades intelectuais*, a propósito da evocação de Thilorier, assinada por Georges, Espírito familiar. É de notar que esse Espírito muitas vezes adapta suas comunicações às circunstâncias presentes, o que prova que assiste às conversas, mesmo sem ser chamado. O fato produziu-se igualmente em várias outras ocasiões, da parte de outros Espíritos.

Outro, pelo Sr. Didier Filho, assinado por *Vauvenargues*, e contendo alguns pensamentos avulsos.

Sexta-feira, 22 de junho de 1860 – Sessão geral

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 15 de junho.

Comunicações diversas:

1º Leitura de um ditado espontâneo obtido pela Sra. Lesc..., sobre o *Devaneio*, assinado por *Alfred de Musset*.

2º Relato de um fato de mediunidade natural espontânea, como médium escrevente, apresentado pela Sra. Lub..., membro da Sociedade. A pessoa é uma camponesa de quinze anos, que, sem possuir nenhum conhecimento do Espiritismo, escreve quase diariamente, por vezes páginas inteiras, de modo inteiramente mecânico. Uma intuição lhe diz que deve ser um Espírito que lhe fala, porque, quando se sente levada a escrever, toma um lápis dizendo: Vejamos o que ele vai me dizer hoje. Suas comunicações muitas vezes se referem a episódios da vida privada, seja para ela, seja para pessoas do seu conhecimento; quase sempre são de extrema justeza, mesmo para as coisas que ela ignora completamente. É provável que essa faculdade, se fosse cultivada e bem dirigida, desenvolver-se-ia de modo notável e útil.

Estudos:

1ª Perguntas sobre os animais de transição que podem preencher a lacuna existente na escala dos seres vivos, entre o animal e o homem. O estudo será continuado.

2ª Perguntas sobre os inventores e as descobertas prematuras, a propósito da evocação de Thilorier.

3ª Manifestações físicas produzidas pelo filho do Sr. N..., menino de treze anos, de que se falou na última sessão. O Espírito bateador que se lhe vinculou o faz simular, com as mãos e os dedos, com incrível volubilidade, toda sorte de evoluções militares, como carga de cavalaria, manobras de artilharia, ataques de fortes, etc., tomando todos os objetos ao seu alcance para simular armas. Exprime os vários sentimentos que o agitam, como a cólera, a impaciência ou a zombaria, por violentas batidas e gestos de pantomima muito significativos. O que se nota, além disso, é a impassibilidade e a despreocupação do garoto, enquanto suas mãos e braços se entregam a essa espécie de ginástica. Torna-se evidente que todos os movimentos independem de sua vontade. Durante o resto da sessão, e mesmo quando já havia cessado a experiência, o

Espírito aproveitava a oportunidade para manifestar, a seu modo, o contentamento ou o mau humor a respeito do que se disse. Numa palavra, vê-se que se apodera dos membros do rapaz e os emprega como se fossem seus. Tal gênero de manifestações oferece um curioso objeto de estudo por sua originalidade, e pode dar a compreender a maneira pela qual os Espíritos agem sobre certos indivíduos.

Interrogado quanto às conseqüências que essas manifestações podem ter sobre o rapazinho, São Luís fez advertências de muita sabedoria e aconselhou não as provocar. Além disso, fez com que a Sociedade se comprometesse a não entrar nessa via de experiências, que teria como resultado o afastamento dos Espíritos sérios, e a continuar ocupando-se, como fez até agora, em aprofundar as questões importantes.

Frenologia e Fisiognomia²²

A frenologia é ciência que trata das funções atribuídas a cada parte do cérebro. O Dr. Gall, fundador dessa ciência, pensava que, desde que o cérebro é o ponto para onde são conduzidas todas as sensações, e de onde partem todas as manifestações das faculdades intelectuais e morais, cada uma das faculdades primitivas deveria ter ali o seu órgão especial. Assim, seu sistema consiste na localização das faculdades. Sendo o desenvolvimento de cada parte cerebral determinado pelo desenvolvimento da calota óssea, produzindo protuberâncias, concluiu ele que, do exame dessas protuberâncias, poder-se-ia deduzir a predominância de tal ou qual faculdade e, daí, o caráter ou as aptidões do indivíduo. Daí, também, o nome de *cranioscopia* dado a essa ciência, com a diferença de que a *frenologia* tem por objeto tudo o que diz respeito às atribuições do cérebro, enquanto a *cranioscopia* se limita às ilações tiradas da inspeção do crânio. Numa palavra, Gall fez, a respeito do crânio e do cérebro, o que fez Lavater para os traços fisionômicos.

22 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 569.

Não há por que discutir aqui o mérito desta ciência, nem examinar se é verdadeira ou exagerada em todas as suas conseqüências. Mas ela foi, alternadamente, defendida e criticada por homens de alto valor científico. Se certos detalhes são ainda hipotéticos, nem por isso deixa de repousar sobre um princípio incontestável, o das funções gerais do cérebro, e sobre as relações existentes entre o desenvolvimento ou a atrofia desse órgão e as manifestações intelectuais. O nosso objetivo é o estudo das suas conseqüências psicológicas.

Das relações existentes entre o desenvolvimento do cérebro e a manifestação de certas faculdades, alguns sábios concluíram que os órgãos cerebrais são a própria fonte das faculdades, doutrina que não é outra senão a do materialismo, porquanto tende à negação do princípio inteligente estranho à matéria. Conseqüentemente, faz do homem uma máquina, sem livre-arbítrio e sem responsabilidade de seus atos, já que sempre poderia atribuir os seus erros à sua organização e seria injustiça puni-lo por faltas que não teriam dependido dele cometer. Ficamos abalados pelas conseqüências de semelhante teoria, e com razão. Devia-se, por isso, proscrever a frenologia? Não, mas examinar o que nela poderia haver de verdadeiro ou de falso na maneira de encarar os fatos. Ora, esse exame prova que as atribuições do cérebro em geral, e mesmo a localização das faculdades, podem conciliar-se perfeitamente com o *espiritualismo* mais severo, que nisso encontraria a explicação de certos fatos. Admitamos, por um instante, a título de hipótese, a existência de um órgão especial para o instinto musical. Suponhamos, além disso, como nos ensina a Doutrina *Espírita*, que um Espírito, cuja existência é muito anterior ao seu corpo, reencarne com a faculdade musical muito desenvolvida; esta se exercerá naturalmente sobre o órgão correspondente e estimulará o seu desenvolvimento, como o exercício de um membro aumenta o volume dos músculos. Como

na infância o sistema ósseo oferece pouca resistência, o crânio sofre a influência do movimento expansivo da massa cerebral. Desse modo, o desenvolvimento do crânio é produzido pelo desenvolvimento do cérebro, assim como o desenvolvimento do cérebro o é pelo da faculdade. A faculdade é a causa primeira; o estado do cérebro é um efeito consecutivo. Sem a faculdade o órgão não existiria ou seria apenas rudimentar. Encarada sob esse ponto de vista, a frenologia, como se vê, nada tem de contrário à moral, porquanto deixa ao homem toda a sua responsabilidade, cabendo-nos acrescentar que esta teoria é, ao mesmo tempo, conforme à lógica e à observação dos fatos.

Objetam com os casos bem conhecidos, nos quais a influência do organismo sobre a manifestação das faculdades é incontestável, como os da loucura e da idiotia, mas é fácil resolver a questão. Vêem-se todos os dias homens muito inteligentes tornarem-se loucos. O que prova isto? Um homem muito forte pode quebrar a perna e não poderá mais andar. Ora, a vontade de andar não está na perna, mas no cérebro; esta vontade só é paralisada pela impossibilidade de mover a perna. No louco, o órgão que servia às manifestações do pensamento, estando avariado por uma causa física qualquer, o pensamento já não pode manifestar-se de maneira regular; erra a torto e a direito, fazendo o que chamamos extravagâncias. Mas nem por isso deixa de existir em sua integridade, e a prova disso está em que, se o órgão for restabelecido, volta o pensamento original, como o movimento da perna que é curada. Assim, o pensamento não está no cérebro, como não se encontra na calota craniana. O cérebro é o instrumento do pensamento, como o olho é o instrumento da visão, e o crânio é a superfície sólida que se molda aos movimentos do instrumento. Se o instrumento for deteriorado não ocorrerá manifestação, exatamente como não se pode mais ver ao se perder um olho.

Entretanto, por vezes acontece que a suspensão da livre manifestação do pensamento não se deve a uma causa acidental,

como na loucura. A constituição primitiva dos órgãos pode oferecer ao Espírito, desde o nascimento, um obstáculo do qual sua atividade não pode triunfar. É o que acontece quando os órgãos são atrofiados ou apresentam uma resistência insuperável. Tal é o caso da idiotia. O Espírito está como que aprisionado e sofre essa constrição, mas nem por isso deixa de pensar como Espírito, do mesmo modo que um prisioneiro atrás das grades. O estudo das manifestações do Espírito de pessoas vivas, pela evocação, lança uma grande luz sobre os fenômenos psicológicos. Isolando o Espírito da matéria, prova-se pelos fatos que os órgãos não são a causa das faculdades, mas simples instrumentos, com o auxílio dos quais as faculdades se manifestam com maior ou menor liberdade ou precisão; que muitas vezes funcionam como abafadores, que amortecem as manifestações, o que explica a maior liberdade do Espírito, uma vez desprendido da matéria.

No conceito materialista, o que é um idiota? Nada; é apenas um ser humano. Conforme a Doutrina Espírita é um ser dotado de razão como todo mundo, mas enfermo de nascença pelo cérebro, como outros o são pelos membros. Ao reabilitá-lo, não será tal doutrina mais moral, mais humana, que a que dele faz um ser desprezível? Não é mais consolador para um pai, que tem a infelicidade de ter um tal filho, pensar que esse envoltório imperfeito encerra uma alma que pensa?

Aos que, sem serem materialistas, não admitem a pluralidade das existências, perguntaremos: O que é a alma do idiota? Se a alma é formada ao mesmo tempo com o corpo, por que criaria Deus seres assim desgraçados? Qual será o seu futuro? Admiti, ao contrário, uma sucessão de existências e tudo se explica conforme a justiça: a idiotia pode ser uma punição ou uma prova e, em todo caso, não passa de um incidente na vida do Espírito. Isto não é maior, mais digno da justiça de Deus, do que supor que o Pai tenha criado um ser fracassado para sempre?

Agora lancemos as vistas para a *fisiognomonía*. Esta ciência é baseada no princípio incontestável de que é o pensamento que põe os órgãos em jogo, que imprime aos músculos certos movimentos. Daí se segue que, estudando as relações entre os movimentos aparentes e o pensamento, dos movimentos vistos podemos deduzir o pensamento, que não vemos. É assim que não nos enganaremos quanto à intenção de quem faz um gesto ameaçador ou amigável; que reconheceremos o modo de andar de um homem apressado e o do que não o é. De todos os músculos, os mais móveis são os da face; ali se refletem muitas vezes até os mais delicados matizes do pensamento. Eis por que, com razão, se diz que o rosto é o espelho da alma. Pela freqüência de certas sensações, os músculos contraem o hábito dos movimentos correspondentes e acabam formando a ruga. A forma exterior se modifica, assim, pelas impressões da alma, de onde se segue que, dessa forma, algumas vezes se podem deduzir essas impressões, como do gesto podemos deduzir o pensamento. Tal é o princípio geral da arte ou, se se quiser, da ciência fisiognomônica. Este princípio é verdadeiro; não apenas se apóia sobre base racional, mas é confirmado pela observação, tendo Lavater a glória, se não de o haver descoberto, pelo menos de o ter desenvolvido e formulado em corpo de doutrina. Infelizmente, Lavater caiu no erro comum à maioria dos autores de sistemas, ou seja, a partir de um princípio verdadeiro sob certos pontos, concluírem por uma aplicação universal e, em seu entusiasmo por terem descoberto uma verdade, a vê-la por toda parte. Eis aí o exagero e, muitas vezes, o ridículo. Não nos cabe examinar aqui o sistema de Lavater em seus detalhes: diremos apenas que tanto é ele conseqüente ao remontar do físico ao moral por certos sinais exteriores, quanto é ilógico ao atribuir um sentido qualquer às formas ou sinais sobre os quais o pensamento não pode exercer nenhuma ação. É a falsa aplicação de um princípio verdadeiro que muitas vezes o relega ao nível das crenças supersticiosas, e que leva a confundir na mesma reprovação os que vêm certo e os que exageram.

Digamos, entretanto, para ser justo, que muitas vezes a falta é menos do mestre que dos discípulos que, em sua admiração fanática e irrefletida, por vezes levam as conseqüências de um princípio além dos limites do possível.

Agora, se examinarmos esta ciência nas suas relações com o Espiritismo, teremos de combater várias induções errôneas que dela poderiam ser tiradas. Entre as relações fisiognomônicas, existe principalmente uma sobre a qual a imaginação muitas vezes se exerceu: é a semelhança de algumas pessoas com certos animais. Procuremos, então, buscar a causa.

A semelhança física entre os parentes resulta da consangüinidade que transmite, de um a outro, partículas orgânicas semelhantes²³, porque o corpo procede do corpo. Mas não poderia vir ao pensamento de ninguém supor que aquele que se parece com um gato, por exemplo, tenha nas veias o sangue de gato. Há, pois, uma outra causa. De início, pode ser fortuita e sem qualquer significação: é o caso mais comum. Todavia, além da semelhança física, nota-se por vezes uma certa analogia de inclinações. Isto poderia explicar-se pela mesma causa que modifica os traços da fisionomia. Se um Espírito ainda atrasado conserva alguns dos instintos do animal, seu caráter, como homem, terá esses traços, e as paixões que o agitam poderão dar a esses traços algo que lembre vagamente os do animal cujos instintos possui. Mas esses traços se apagam à medida que o Espírito se depura e o homem avança no caminho da perfeição.

Aqui, portanto, seria o Espírito a imprimir sua marca na fisionomia; mas da similitude dos instintos seria absurdo concluir que o homem, que tem os do gato, possa ser a encarnação do Espírito de um gato. Longe de ensinar semelhante teoria, o

23 **N. do T.:** *Kardec* serviu-se das teorias científicas da época. Só em 1865 Mendel publicaria seus primeiros trabalhos de genética, enquanto a molécula de DNA, base da hereditariedade, nem sequer era sonhada.

Espiritismo sempre demonstrou o seu ridículo e a sua impossibilidade. É verdade que se nota uma gradação contínua na série animal; mas entre o animal e o homem há uma solução de continuidade. Ora, mesmo admitindo, o que é apenas um sistema, que o Espírito tenha passado por todos os graus da escala animal, antes de chegar ao homem, haveria sempre, de um ao outro, uma interrupção que não existiria se o Espírito do animal pudesse encarnar-se diretamente no corpo do homem. Se assim fosse, entre os Espíritos errantes haveria os de animais, como há Espíritos humanos, o que não acontece.

Sem entrar no exame aprofundado desta questão, que discutiremos mais tarde, dizemos, conforme os Espíritos, que nisto estão de acordo com a observação dos fatos, que nenhum homem é a reencarnação do Espírito de um animal. Os instintos animais do homem decorrem da imperfeição de seu próprio Espírito, ainda não depurado e que, sob a influência da matéria, dá preponderância às necessidades físicas sobre as morais e sobre o senso moral, não ainda suficientemente desenvolvido. Sendo as mesmas as necessidades físicas no homem e no animal, necessariamente resulta que, até o senso moral estabelecer um contrapeso, pode haver entre eles uma certa analogia de instintos; mas aí se detém a paridade; o senso moral que não existe num, e que no outro germina e cresce incessantemente, estabelece entre eles a verdadeira linha de demarcação.

Uma outra indução não menos errônea é tirada do princípio da pluralidade das existências. Da sua semelhança com certas personagens, algumas concluem que podem ter sido tais personagens. Ora, do que precede, é fácil demonstrar que aí existe apenas uma idéia quimérica. Como dissemos, as relações consangüíneas podem produzir uma similitude de formas, mas não é este aqui o caso, pois Esopo pode ter sido mais tarde um homem bonito e Sócrates um belo rapaz. Assim, quando não há filiação corporal, só haverá uma semelhança fortuita, porquanto não há

nenhuma necessidade para o Espírito habitar corpos parecidos e, ao tomar um novo corpo, não traz nenhuma parcela do antigo. Entretanto, conforme o que dissemos acima, quanto ao caráter que as paixões podem imprimir aos traços, poder-se-ia pensar que, se um Espírito não progrediu sensivelmente e retorna com as mesmas inclinações, poderá trazer no rosto identidade de expressão. Isto é exato, mas seria no máximo um ar de família, e daí a uma semelhança real há muita distância. Aliás, este caso deve ser excepcional, pois é raro que o Espírito não venha em outra existência com disposições sensivelmente modificadas. Assim, dos sinais fisiognômicos não se pode tirar absolutamente nenhum indício das existências anteriores. Só podemos encontrá-las no caráter moral, nas idéias instintivas e intuitivas, nas inclinações inatas, nas que não resultam da educação, assim como na natureza das expiações suportadas. E ainda isto só poderia indicar o gênero de existência, o caráter que se deveria ter, levando em conta o progresso, mas não a individualidade. (Vide *O Livro dos Espíritos*, números 216 e 217).

Os Fantasmas

A academia assim define essa palavra: “Diz-se dos Espíritos que se supõe voltarem do outro mundo.” Ela não diz *que voltam*; só os espíritas podem ser bastante loucos para ousarem afirmar semelhantes coisas. Seja como for, pode dizer-se que a crença nos fantasmas é universal. Evidentemente se funda na intuição da existência dos Espíritos e na possibilidade de comunicação com eles. A esse título, todo Espírito que manifesta sua presença, seja pela escrita de um médium, ou simplesmente batendo numa mesa, seria um fantasma. Mas esse nome quase sepulcral geralmente é reservado para os que se tornam visíveis e que se *supõe*, como diz com razão a Academia, vir em circunstâncias mais dramáticas. São histórias de comadres? O fato em si, não; os acessórios, sim. Sabe-se que os Espíritos podem

manifestar-se à vista, mesmo em forma tangível – eis o que é real. Mas o que é fantástico são os acessórios; o medo, que tudo exagera, ordinariamente acompanha esse fenômeno, em si tão simples, o qual se explica por uma lei muito natural; conseqüentemente, nada tem de maravilhoso ou de diabólico. Por que, então, se tem medo dos fantasmas? Precisamente por causa desses mesmos acessórios, que a imaginação se apraz em tornar apavorantes, porque ela se assustou e talvez acreditasse ter visto o que não viu. Em geral são representados sob aspecto lúgubre, vindo de preferência à noite, sobretudo nas noites mais sombrias, em horas fatais, aos lugares sinistros, revestidos de mortalhas extravagantes. O Espiritismo ensina, ao contrário, que os Espíritos podem mostrar-se em todos os lugares, a qualquer hora, de dia como de noite; que em geral o fazem sob a aparência que tinham em vida, e que só a imaginação criou os fantasmas; que os que aparecem, longe de ser temidos, na maioria das vezes são parentes ou amigos que vêm a nós por afeição, ou Espíritos infelizes que podemos assistir. Também são, algumas vezes, galhofeiros do mundo espiritual, que se divertem à nossa custa e se riem do medo que causam. Compreende-se que com estes o melhor meio é rir também, e provar-lhes que não se os teme. Aliás, limitam-se quase sempre a fazer barulho e raramente se tornam visíveis. Infeliz de quem os leva a sério, pois redobram nas travessuras; seria o mesmo que exorcizar um moleque de Paris. Mesmo supondo que seja um Espírito mau, que mal poderia fazer? Um valentão vivo não seria cem vezes mais temível do que um morto que se tornou Espírito? Aliás, sabemos que estamos constantemente rodeados por Espíritos, que só diferem dos que chamamos fantasmas porque não os vemos.

Os adversários do Espiritismo não deixarão de o acusar por dar crédito a uma crença supersticiosa. Mas sendo o fato das manifestações visíveis, constatado, explicado pela teoria e confirmado por inúmeras testemunhas, não se pode dizer que não existam, e todas as negações não o impedirão de se reproduzir, porquanto poucas pessoas há, que consultando suas lembranças,

não se recordem de algum fato dessa natureza e que não podem pôr em dúvida. É preferível, portanto, que nos esclareçamos sobre o que há de verdadeiro ou de falso, de possível ou de impossível nas narrativas desse gênero. É explicando uma coisa, raciocinando, que nos premunimos contra o medo pueril. Conhecemos muitas pessoas que tinham pavor dos fantasmas. Hoje, graças ao Espiritismo sabem o que é isto, e seu maior desejo é ver um. Conhecemos outras que tiveram visões que as terrificaram; agora, que as compreendem, não mais se inquietam. Conhecem-se os perigos do mal do medo para os cérebros fracos. Ora, um dos resultados do conhecimento do Espiritismo esclarecido é precisamente curar esse mal, e não é esse um dos seus menores benefícios.

Lembrança de uma Existência Anterior

(Sociedade, 25 de maio de 1860)

Um dos nossos assinantes nos envia uma carta de um de seus amigos, da qual extraímos o seguinte trecho:

“Perguntastes a minha opinião, ou melhor, a minha crença, na presença ou não, junto a nós, das almas dos que amamos. Pedis, também, algumas explicações relativas à minha convicção de que nossas almas mudam de envoltório com muita rapidez.

“Por mais ridículo que pareça, direi que guardo a sincera convicção de ter sido assassinado durante os massacres de São Bartolomeu. Eu era muito criança quando tal lembrança veio ferir a minha imaginação. Mais tarde, ao ler essa triste página de nossa História, pareceu que muitos detalhes me eram conhecidos, e ainda creio que, se a velha Paris pudesse ser reconstruída, eu reconheceria aquela alameda sombria, onde, fugindo, senti o frio de três punhaladas nas costas. Há detalhes desta cena sangrenta que se

conservam na minha memória e que jamais desapareceram. Por que tinha eu essa convicção antes de saber o que tinha sido a noite de São Bartolomeu? Por que, ao ler o relato desse massacre, perguntei a mim mesmo: é meu sonho, esse sonho desagradável que tive em criança, cuja lembrança me ficou tão viva? Por que, quando quis consultar a memória, forçar o pensamento, fiquei como um pobre louco ao qual surge uma idéia e que parece lutar para lhe descobrir a razão? Por quê? Nada sei. Por certo me achareis ridículo, mas nem por isso guardarei menos a lembrança, a convicção.

“Se vos dissesse que eu tinha sete anos quando tive um sonho assim: Eu tinha vinte anos, era jovial, bem-posto, e penso que rico. Vim bater-me em duelo e fui morto. Se dissesse que a saudação feita com a arma, antes de me bater, eu a fiz pela primeira vez que tive um florete na mão; se dissesse que cada preliminar mais ou menos graciosa que a educação ou a civilização pôs na arte de se matar me era desconhecida antes de minha educação nas armas, diríeis, sem dúvida, que sou louco ou maníaco. Bem pode ser; mas às vezes me parece que um clarão penetra nesse nevoeiro e tenho a convicção de que a lembrança do passado se restabelece em minha alma.

“Se me perguntásseis se creio na simpatia entre as almas, em seu poder de se porem em contato entre elas, malgrado a distância, apesar da morte, eu vos responderia: Sim; e este sim seria pronunciado com toda a força de minha convicção. Aconteceu encontrar-me a vinte e cinco léguas de Lima, após oitenta e seis dias de viagem, e despertar em lágrimas, com uma verdadeira dor no coração; uma tristeza mortal apoderou-se de mim durante todo o dia. Anotei o fato em meu diário. Àquela hora, na mesma noite, meu irmão foi acometido por um ataque de apoplexia, que comprometeu gravemente a sua vida. Confrontei o dia, o instante: tudo era exato. Eis um fato; as pessoas existem. Direis que sou louco?

“Não li nenhum autor que tenha tratado de semelhante assunto. Fa-lo-ei quando retornar. Talvez dessa leitura possa jorrar um pouco de luz para mim.”

O Sr. V..., autor desta carta, é oficial da marinha e atualmente em viagem. Poderia ser interessante ver se, evocando-o, confirmaria as suas lembranças; mas haveria a impossibilidade de o prevenir de nossa intenção e, por outro lado, considerando-se a sua profissão, poderia ser difícil encontrar o momento propício. Todavia, disseram-nos que chamássemos o seu anjo-da-guarda, quando quiséssemos evocá-lo, e ele nos diria se poderíamos fazê-lo.

1. Evocação do anjo-da-guarda do Sr. V...

Resp. – Atendo ao vosso chamado.

2. Conheceis o motivo que nos leva a desejar evocar o vosso protegido. Não se trata de satisfazer uma vã curiosidade, mas de constatar, se for possível, um fato interessante para a ciência espírita: o da recordação de sua existência anterior.

Resp. – Compreendo o vosso desejo, mas neste momento seu Espírito não se acha livre; está ativamente ocupado pelo corpo e numa inquietação moral que o impede de repousar.

3. Ainda está no mar?

Resp. – Está em terra; mas poderei responder a algumas perguntas, porque aquela alma foi sempre confiada à minha guarda.

4. Já que tendes a bondade de responder, perguntaremos se a lembrança que ele julga ter conservado de sua morte numa existência anterior é uma ilusão.

Resp. – É uma intuição muito real. Na época essa pessoa vivia muito bem na Terra.

5. Por que motivo essa lembrança lhe é mais precisa do que para outros? Há nisso uma causa fisiológica ou uma utilidade particular para ele?

Resp. – Essas lembranças vivazes são muito raras. Dependem um pouco do gênero de morte, que de tal modo o

impressionou que está, por assim dizer, encarnado em sua alma. Entretanto, muitas outras criaturas tiveram mortes igualmente terríveis, mas a lembrança não lhes ficou. Só raramente Deus o permite.

6. Depois dessa morte, ocorrida na noite de São Bartolomeu, teve ele outras existências?

Resp. – Não.

7. Que idade tinha quando morreu?

Resp. – Uns trinta anos.

8. Pode-se saber o que ele era?

Resp. – Era ligado à casa de Coligny.

9. Se tivéssemos podido evocá-lo, ter-lhe-famos perguntado se recorda o nome da rua onde foi assassinado, a fim de ver se, indo a esse local, quando voltar a Paris, a lembrança da cena lhe será ainda mais precisa.

Resp. – Foi no cruzamento de Bucy.

10. A casa onde foi morto ainda existe?

Resp. – Não; foi reconstruída.

11. Com o mesmo objetivo teríamos perguntado se recorda o nome que tinha.

Resp. – Seu nome não é conhecido na História, pois era simples soldado. Chamava-se Gaston Vincent.

12. Seu amigo, aqui presente, gostaria de saber se ele recebeu suas cartas.

Resp. – Ainda não.

13. Éreis seu anjo-da-guarda naquela época?

Resp. – Sim, então e agora.

Observação – As pessoas cépticas, mais brincalhonas do que sérias, poderiam dizer que seu anjo-da-guarda o protegeu mal e perguntar por que não desviou a mão que o feriu. Embora semelhante questão mereça apenas uma resposta, algumas palavras a respeito talvez não sejam inúteis.

Primeiramente diremos que, estando o morrer na natureza do homem, não está no poder de nenhum anjo-da-guarda opor-se ao curso das leis da Natureza. Do contrário, não haveria razão para que também não impedissem a morte natural, tanto quanto a accidental. Em segundo lugar, estando o momento e o gênero de morte no destino de cada um, é preciso que esse destino se cumpra. Finalmente, diremos que os Espíritos não encaram a morte como nós: a verdadeira vida é a do Espírito, da qual as diversas existências corporais não passam de episódios. O corpo é um invólucro que o Espírito reveste momentaneamente e deixa como uma roupa *usada* ou *rasgada*. Pouco importa, pois, que se morra um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde, desta ou daquela maneira, pois que, em última análise, sempre é preciso que se chegue lá, e essa morte, longe de prejudicar o Espírito, pode ser-lhe bastante útil, conforme a maneira por que se realiza. É o prisioneiro que deixa sua prisão temporária para fruir a liberdade eterna. Pode ser que o fim trágico de Gaston Vincent tenha sido uma coisa útil para ele, como Espírito, o que seu anjo-da-guarda compreendia melhor que ele, porquanto um, não via senão o presente, ao passo que o outro vislumbrava o futuro. Espíritos retirados deste mundo por uma morte prematura, na flor da idade, muitas vezes nos responderam que era um favor de Deus, que, assim, os havia preservado dos males aos quais, sem isto, estariam expostos.

Os Animais

(Dissertações espontâneas feitas pelo Espírito Charlet,
em várias sessões da Sociedade)

I

Há uma coisa entre vós que sempre vos excita a atenção e a curiosidade. Esse mistério, pois que o é e muito grande para vós, é a ligação ou, melhor dizendo, a distância existente entre a vossa alma e a dos animais, mistério que, apesar de toda a sua ciência, Buffon, o mais poético dos naturalistas, e Cuvier, o mais profundo, jamais puderam penetrar, assim como o escalpelo não vos detalha

a anatomia do coração. Ora, como sabeis, os animais vivem, e tudo que vive pensa. Não se pode, pois, viver sem pensar.

Assim sendo, resta demonstrar-vos que quanto mais o homem avança, não segundo o tempo, mas conforme a perfeição, mais penetrará a ciência espiritual, a qual se aplica não somente a vós, mas ainda aos seres que estão abaixo de vós: os animais. Oh! exclamarão alguns homens, persuadidos de que a palavra *homem* significa todo o aperfeiçoamento: Haverá um paralelo possível entre o homem e o bruto? Podeis chamar inteligência o que não passa de instinto? Sentimento o que é apenas sensação? Podeis, numa palavra, rebaixar a imagem de Deus? Responderemos: houve um tempo em que a metade do gênero humano era considerada no nível do irracional, onde o animal nada contava; outro tempo, agora o vosso, em que a metade do gênero humano é encarada como inferior e o animal como bruto. E então? Do ponto de vista do mundo é assim, certamente; do ponto de vista espiritual é completamente diferente. O que os Espíritos superiores diriam do homem terrestre, os homens dizem dos animais.

Tudo é infinito em a Natureza: o material como o espiritual. Ocupai-vos, pois, um pouco, desses pobres irracionais, espiritualmente falando, e vereis que o animal vive realmente, já que pensa.

Isto serve de prefácio a um pequeno curso que vos darei a respeito. Aliás, quando vivo eu havia dito que a melhor companhia do homem era o cão.

Continua no próximo número.

Charlet

II

O mundo é uma escada imensa, cuja elevação é infinita, mas cuja base repousa num horrendo caos. Quero dizer que o

mundo não é senão um progresso constante dos seres. Estais muito embaixo, sempre, mas haverá muitos abaixo de vós. Porque, ouvi bem, não falo apenas do vosso planeta, mas também de todos os mundos do Universo. Não temais, pois nos limitaremos à Terra.

Antes disso, entretanto, duas palavras sobre um mundo chamado Júpiter, do qual o engenhoso e imortal Palissy vos deu alguns esboços, tão estranhos e sobrenaturais para a vossa imaginação. Lembrai-vos de que num desses encantadores desenhos ele vos apresentara alguns animais de Júpiter? Não há neles um progresso evidente e lhes podeis negar um grau de superioridade sobre os animais terrestres? E nisso apenas vedes um progresso de forma e não de inteligência, embora a atividade de que se ocupam não possa ser executada pelos animais da Terra? Só vos cito este exemplo para vos indicar que já existe uma superioridade de seres que estão muito abaixo de vós. Que seria se vos enumerasse todos os mundos que conheço, isto é, cinco ou seis? Mas, somente na Terra, vede a diferença existente entre eles! Pois bem! Se a forma é tão variada, tão progressiva, que mesmo na matéria há progresso, podeis negar o progresso espiritual desses seres? Ora, como o sabeis, se a matéria progride, mesmo a mais elementar, com mais forte razão o Espírito que a anima.

Continuarei da próxima vez.

Charlet

Nota – Com o número de agosto de 1858 publicamos uma prancha desenhada e gravada pelo Espírito Bernard Palissy, representando a casa de Mozart em Júpiter, com uma descrição desse planeta, que foi sempre designado como um dos mundos mais adiantados de nosso turbilhão solar, moral e fisicamente. O mesmo Espírito deu um grande número de desenhos sobre o mesmo assunto. Entre outros, há um que representa uma cena de animais, em atividade na parte que lhes é reservada na casa de Zoroastro. Indubitavelmente, é um dos mais curiosos da coleção.

Entre os animais figurados, há uns cuja forma se aproxima bastante da forma humana terrestre, tendo ao mesmo tempo algo do macaco e do sátiro. Sua ação denota inteligência e compreende-se que sua estrutura possa prestar-se aos trabalhos manuais que executam para os homens. São, como já foi dito, os serviçais e os operários, pois os homens só se ocupam dos trabalhos da inteligência. É a esse desenho, feito há mais de três anos, que alude Charlet na comunicação acima.

III

Nos mundos adiantados os animais são de tal modo superiores que, para eles, a mais rigorosa ordem é dada pela palavra, e entre vós, muitas vezes, a pauladas. Em Júpiter, por exemplo, basta uma palavra, enquanto entre vós as chicotadas não são suficientes. Todavia, há um sensível progresso em vossa Terra, jamais explicado: é que o próprio animal se aperfeiçoa. Assim, outrora, o animal era muito mais rebelde ao homem. Também há progresso de vossa parte, por terdes instintivamente compreendido esse aperfeiçoamento dos animais, pois que vos proibis de bater-lhes. Eu dizia que há progresso moral no animal. Há também progresso de condição. Assim, um infeliz cavalo açoitado, ferido por um carroceiro mais bruto que ele, estará, comparativamente, numa condição muito mais tranqüila, mais feliz que a de seu carrasco. Não é de toda justiça, e devemos nos admirar de que um animal que sofre, que chora, que é reconhecido ou vingativo, conforme a doçura ou a crueldade de seus donos, seja recompensado por haver pacientemente suportado uma vida repleta de torturas? Antes de tudo, Deus é justo e todas as suas criaturas estão sob suas leis, e estas dizem: “Todo ser fraco que tiver sofrido será recompensado.” Sempre comparativamente ao homem, entendo, e ousa acrescentar, para terminar, que o animal, em muitas circunstâncias, tem mais alma e mais coração que o homem.

IV

A superioridade do homem se manifesta em vosso globo por essa elevação da inteligência que dele faz o rei da Terra. Ao lado do homem, o animal é muito fraco, muito insignificante e, pobre cativo dessa terra de provação, muitas vezes tem que suportar os caprichos cruéis de seu tirano: o homem! A antiga metempsicose era uma lembrança muito confusa da reencarnação e, no entanto, essa doutrina não passa de crença popular. Os grandes Espíritos admitiam a reencarnação progressiva. A massa ignorante, não compreendendo como eles o Universo, dizia naturalmente: Já que o homem reencarna, isto não pode ocorrer senão na Terra; então sua punição, seu tártaro, sua provação é a vida no corpo de um animal; absolutamente como na Idade Média os cristãos diziam: É no grande vale que se dará o julgamento, após o que os danados irão para o interior da terra, queimar-se em suas entranhas.

Crendo na metempsicose, os Antigos acreditavam, portanto, em espíritos de animais, já que admitiam a passagem da alma humana para corpos de animais. Pitágoras lembrava-se de sua antiga existência e reconhecia o escudo que usava no cerco de Tróia. Sócrates morreu predizendo sua nova vida.

Desde que, como vos disse, tudo é progresso no Universo, desde que as leis de Deus não são e não podem ser senão leis do progresso, do ponto de vista em que estais, do ponto de vista de vossas tendências espiritualistas, não admitir o progresso do que está abaixo do homem seria um contra-senso, uma prova de ignorância ou de completa indiferença.

Como o homem, o animal tem aquilo a que chamais consciência, e que não é outra coisa senão a sensação da alma quando fez o bem ou mal. Observai e vede se o animal não dá prova de consciência, sempre relativamente ao homem. Acreditais que o cão não saiba quando fez o bem ou o mal? Se não o sentisse,

não viveria. Como já vos disse, a sensação moral, a consciência, enfim, tanto existe nele como no homem; sem isso seria negar-lhe o sentimento de gratidão, o sofrimento, os pesares, em suma, todos os caracteres de uma inteligência, caracteres que qualquer homem sério pode observar em todos os animais, conforme seus diversos graus, porquanto, mesmo entre eles, há diversidades extraordinárias.

Charlet

V

Rei da Terra pela inteligência, o homem é também um ser superior do ponto de vista material. Suas formas são harmoniosas e, para se fazer obedecer, seu Espírito tem um organismo admirável: o corpo. A cabeça do homem é alta e olha o céu, diz o Gênesis. O animal olha a Terra e, pela estrutura de seu corpo, a ela parece mais ligado que o homem. Além disso, a harmonia magnífica do corpo humano não existe no animal. Observai a infinita variedade que os distingue uns dos outros, variedade que, no entanto, não corresponde ao seu Espírito, porque os animais – e entendo sua imensa maioria – têm, quase todos, o mesmo grau de inteligência. Assim, no animal, variedade de forma; no homem, ao contrário, variedade de Espírito. Tomai dois homens que tenham gostos, aptidões e inteligência semelhantes; e tomai um cão, um cavalo, um gato, numa palavra, mil animais e dificilmente notareis diferença em sua inteligência. O Espírito dorme no animal; no homem brilha em todos os sentidos. Seu Espírito adivinha Deus e compreende a razão de ser da perfeição.

Assim, pois, no homem, a harmonia simples da forma, começo do infinito no Espírito; e vede agora a superioridade do homem que domina o animal, materialmente por sua estrutura admirável e intelectualmente por suas imensas faculdades. Parece que, nos animais, aprouve a Deus variar mais a forma, encerrando o Espírito, ao passo que, no homem, fez do próprio corpo humano a manifestação material do Espírito.

Igualmente admirável nessas duas criações, a Providência tanto é infinita no mundo material quanto no espiritual. O homem está para o animal como a flor e todo o reino vegetal estão para a matéria bruta.

Nestas poucas linhas quis estabelecer o lugar que deve ocupar o animal na escala da perfeição. Veremos como pode elevar-se comparativamente ao homem.

Charlet

VI

Como se eleva o Espírito? Pela submissão, pela humildade. O que perde o homem é a razão orgulhosa que o leva a desprezar todo subalterno, a invejar todo superior. A inveja é a mais viva expressão do orgulho; não é o prazer do orgulho, é o desejo doentio, incessante, de poder fruí-lo. Os invejosos são os mais orgulhosos, quando se tornam poderosos. Olhai o mestre de todos vós, o Cristo, homem por excelência, mas na mais alta fase da sublimidade. O Cristo, digo eu, em vez de vir com audácia e insolência para derrubar o mundo antigo, vem à Terra encarnar-se numa família pobre e nasce entre os animais. Porque encontrareis por toda parte esses pobres animais, a todos os instantes, onde o homem vive simplesmente com a Natureza, numa palavra, pensando em Deus. Nasce entre os animais e estes lhe exaltam o poder na sua linguagem tão expressiva, tão natural e tão simples. Vede que material para reflexão! O Espírito ainda inferior que os animais pressente o Cristo, isto é, o Espírito em toda a sua essência de perfeição. Balaão, o falso profeta, o orgulho humano em toda a sua corrupção, blasfemou contra Deus e bateu no seu animal. De repente o Espírito ilumina o Espírito ainda muito vago do jumento e este fala; por um instante torna-se igual ao homem e, por sua palavra, é o que será em milhares e milhares de anos. Poderíamos citar muitos outros fatos, mas este me parece assaz admirável, a propósito do que afirmei sobre o orgulho do homem, que nega até

a sua alma, por não poder compreendê-la e vai até a negação do sentimento entre os seres inferiores, no meio dos quais o Cristo preferiu nascer.

Charlet

VII

Eu vos entretive durante algum tempo com o que vos havia prometido. Como disse no início, não falei do ponto de vista anatômico ou médico, mas unicamente da essência espiritual que existe nos animais. Terei ainda que vos falar de muitos outros pontos que, sendo bem diferentes, não são menos úteis à doutrina. Permitti-me uma última recomendação, a de refletirdes um pouco sobre o que eu vos disse: nem é extenso, nem pedante e, crede-me, nem por isso é menos útil. Possa o Bom Pastor um dia, quando dividir suas ovelhas, contar-vos entre os bons e excelentes animais que tiverem seguido melhor os seus preceitos. Perdoai esta imagem um pouco viva. Ainda uma vez, necessitais refletir no que vos digo. Aliás, continuarei a vos falar enquanto desejardes. Terei de vos dizer outra coisa da próxima vez, para definir meu pensamento sobre a inteligência dos animais.

Todo vosso,

Charlet

VIII

Tudo quanto vos posso dizer no momento, amigos, é que vejo com prazer a linha de conduta que seguis. Que a caridade, esta virtude das almas verdadeiramente francas e nobres, seja sempre vosso guia, pois é o sinal da verdadeira superioridade. Perseverai neste caminho, que deve necessariamente conduzir-vos à verdade e à unidade, malgrado os esforços cuja força não suspeitais.

A modéstia também é um dom muito difícil de adquirir; não é senhores? É uma virtude bastante rara entre os homens. Pensai que para avançar na senda do bem, no caminho do progresso, só tendes de usar a modéstia. Que seríeis sem Deus e sem seus divinos preceitos? Um pouco menos que esses pobres animais, dos quais já vos falei e sobre os quais tenho a intenção de vos entreter ainda. Cingi os rins e preparai-vos para lutar novamente, mas não fraquejeis. Pensai que não é contra Deus que lutais, como Jacó, mas contra o Espírito do mal, que tudo invade e a vós próprios, a cada instante.

O que vos tenho a dizer seria muito longo para esta noite. Tenho a intenção de vos explicar a queda moral dos animais, após a queda moral do homem. Para concluir o que já vos disse sobre os animais, tomarei por título: O primeiro homem feroz e o primeiro animal tornado feroz.

Desconfiai dos Espíritos maus. Não suspeitais de sua força, disse-vos há pouco. E embora esta última frase não tenha relação com a precedente, não é menos verdadeira e vem muito a propósito. Agora, refleti.

Charlet

Observação – O Espírito julgou por bem interromper naquele dia o assunto principal que vinha tratando, para fazer este ditado incidental, motivado por uma circunstância particular, de que se quis aproveitar. Mesmo assim o publicamos, por encerrar instruções muito úteis.

IX

Quando foi criado o primeiro homem, tudo era harmonia em a Natureza. A onipotência do Criador tinha posto em cada ser uma palavra de bondade, de generosidade e de amor.

O homem era radioso; os animais desejavam seu olhar celeste e suas carícias eram as mesmas para eles e para sua celeste companheira. A vegetação era luxuriante. O Sol dourava e iluminava toda a Natureza, como o sol misterioso da alma, centelha de Deus, iluminava interiormente a inteligência do homem. Numa palavra, todos os reinos da Natureza apresentavam essa calma infinita, que parecia compreender Deus. Tudo parecia ter bastante inteligência para exaltar a onipotência do Criador. O céu sem nuvens era como o coração do homem, e a água límpida e azul tinha reflexos infinitos, como a alma do homem tinha os reflexos de Deus.

Muito tempo depois, tudo pareceu mudar subitamente. A Natureza oprimida exalou um longo suspiro e, pela primeira vez, a voz de Deus se fez ouvir. Terrível dia de desgraça, em que o homem, que até então não tinha ouvido senão a grande voz de Deus, que em tudo lhe dizia: “Tu és imortal”, ficou apavorado com estas terríveis palavras: “Caim, por que mataste teu irmão?” Logo tudo mudou: o sangue de Abel espalhou-se por toda a Terra; as árvores mudaram de cor; a vegetação, tão rica e tão colorida, murchou; o céu tornou-se negro.

Por que o animal se tornou feroz? Magnetismo todo poderoso, invencível, que então tomou cada ser; a sede de sangue, o desejo de matança brilhavam em seus olhos, outrora tão suaves, e o animal tornou-se feroz como o homem. Já que o homem era o rei da Terra, não deveria ter dado o exemplo? O animal seguiu o seu exemplo e desde então a morte pairou sobre a Terra, morte que se tornou hedionda, em vez de uma transformação suave e espiritual. O corpo do homem deveria dispersar-se no ar, como o corpo do Cristo, e dispersou-se na terra, nessa terra regada pelo sangue de Abel. E o homem trabalhou, e o animal trabalhou.

EXAME CRÍTICO

das dissertações de Charlet sobre os animais

SOBRE O § I

1. Dizeis: *Tudo o que vive, pensa; então não se pode viver sem pensar.* Tal proposição nos parece um tanto absoluta, pois a planta vive e não pensa. Admitis isto em princípio?

Resp. – Sem dúvida. Só falo da vida animal e não da vegetal, bem deveis compreender.

2. Mais adiante dizeis: *Vereis que o animal vive realmente, desde que pensa.* Não há inversão na frase? Parece-nos que a proposição é: *Vereis que o animal pensa realmente, desde que vive.*

Resp. – Isto é evidente.

SOBRE O § II

3. Lembrais o desenho que foi feito dos animais de Júpiter. Nota-se que há uma analogia surpreendente com os sátiros da fábula. Essa idéia dos sátiros seria uma intuição da existência desses seres em outros mundos e, neste caso, não seria uma criação meramente fantástica?

Resp. – Quanto mais novo o mundo, mais ele se lembrava. O homem tinha a intuição de uma ordem de seres intermediários, quer mais atrasados que ele, quer mais adiantados. É o que ele chamava os deuses.

4. Então admitis que as divindades mitológicas não eram senão o que chamamos *Espíritos*?

Resp. – Sim.

5. Foi-nos dito que em Júpiter é possível o entendimento pela simples transmissão do pensamento. Quando os habitantes desse planeta se dirigem aos animais, que são seus serviçais e operários, recorrem a uma linguagem particular? Teriam, para os animais, uma linguagem articulada e, entre si, a do pensamento?

Resp. – Não; não há linguagem articulada, mas uma espécie de magnetismo muito intenso que faz curvar o animal e o leva a executar os menores desejos e as ordens de seus donos. O Espírito todo-poderoso não pode rebaixar-se.

6. Entre nós os animais têm, evidentemente, uma linguagem, pois se compreendem, embora muito limitada. Os de Júpiter têm uma linguagem mais precisa, mais positiva que os nossos? Numa palavra, uma linguagem articulada?

Resp. – Sim.

7. Os habitantes de Júpiter compreendem melhor que nós a linguagem dos animais?

Resp. – Vêem através deles e os compreendem perfeitamente.

8²⁴. Se examinarmos a série dos seres vivos encontraremos uma cadeia ininterrupta, desde a madrépora, a própria planta, até o animal mais inteligente. Mas entre o animal mais inteligente e o homem há uma evidente lacuna, que em algum lugar deve ser preenchida, pois a Natureza não deixa elos vazios. Donde vem essa lacuna?

Resp. – Essa lacuna dos seres é apenas aparente; não existe na realidade. Ela provém de raças desaparecidas. [São Luís].

9. Tal lacuna pode existir na Terra, mas certamente não existe no conjunto do Universo e deve ser preenchida em alguma parte. Não o seria por certos animais de mundos superiores que, como os de Júpiter, por exemplo, parecem aproximar-se muito do homem terreno pela forma, pela linguagem e por outros sinais?

Resp. – Nas esferas superiores o germe surgido da terra desenvolveu-se e jamais se perde. Tornando-vos Espíritos, reencontrareis todos os seres criados e desaparecidos nos cataclismos do vosso globo. [São Luís].

24 *Nota da Editora:* Ver “Nota Explicativa”, p. 569.

Observação – Desde que essas raças intermediárias existiram na Terra e dela desapareceram, justifica-se o que disse Charlet pouco atrás, que quanto mais novo o mundo, mais ele se lembrava. Se essas raças só tivessem existido nos mundos superiores, o homem da Terra, menos adiantado, não lhes poderia guardar a lembrança.

SOBRE O § III

10. Dizeis que tudo se aperfeiçoa e, como prova do progresso do animal, dizeis que outrora ele era mais rebelde ao homem. É evidente que o animal se aperfeiçoa, mas, pelo menos na Terra, só se aperfeiçoa pelos cuidados do homem. Abandonado a si mesmo, retoma a sua natureza selvagem, mesmo o cão.

Resp. – E pelos cuidados de quem o homem se aperfeiçoa? Não é pelos de Deus? Tudo é graduado em a Natureza.

11. Falais de recompensas para os animais que sofrem maus-tratos e dizeis que é de toda justiça que haja compensação para eles. Parece, de acordo com isso, que admitis no animal a consciência do *eu* após a morte, com a recordação do seu passado. Isto é contrário ao que nos foi dito. Se as coisas se passassem como dizeis, resultaria que no mundo espiritual haveria Espíritos de animais. Assim, não haveria razão para não existirem o das ostras. Podeis dizer se vedes em torno de vós Espíritos de cães, gatos, cavalos ou elefantes, como vedes Espíritos humanos?

Resp. – A alma do animal – tendes perfeitamente razão – não se reconhece após a morte do corpo; é um conjunto confuso de germes que podem passar para o corpo de tal ou qual animal, conforme o desenvolvimento adquirido. Não é individualizada. Direi, todavia, que em certos animais, entre muitos, mesmo, há individualidade.

12. Aliás, esta teoria não justifica absolutamente os maus-tratos dos animais. O homem é sempre culpado por fazer

sofrer um ser sensível qualquer e nos diz a doutrina que por isso ele será punido. Mas daí a colocar o animal numa posição superior a ele, há uma grande distância. Que pensais disto?

Resp. – Sim; entretanto, sempre estabeleceis uma escala entre os animais. Pensais que há distância entre certas raças. O homem é tanto mais culpado quanto mais poderoso.

13. Como explicais que, mesmo no estado selvagem, o homem se faça obedecer pelo mais inteligente animal?

Resp. – É principalmente a natureza que age assim. O homem selvagem é o homem da Natureza; conhece o animal familiarmente; o homem civilizado estuda o animal e este se curva diante dele. O homem é sempre o homem perante o animal, seja selvagem, seja civilizado.

SOBRE O § V

14. [A Charlet] Nada temos a dizer sobre este parágrafo, que nos parece muito racional. Tendes algo a acrescentar?

Resp. – Apenas isto: os animais têm todas as faculdades que indiquei, mas neles o progresso se realiza pela educação que recebem do homem, e não por si mesmos. Abandonado no estado selvagem, o animal retoma o tipo que tinha ao sair das mãos do Criador. Submetido ao homem, aperfeiçoa-se; eis tudo.

15. Isto é perfeitamente certo para os indivíduos e as espécies. Mas se considerarmos o conjunto da escala dos seres há uma evidente marcha ascendente, que não se detém nos animais da Terra, pois os de Júpiter são física e intelectualmente superiores aos nossos.

Resp. – Cada raça é perfeita em si mesma e não emigra para raças estranhas. Em Júpiter são os mesmos tipos, formando raças distintas, mas não são os Espíritos dos animais que morreram.

16. Então em que se torna o princípio inteligente dos animais mortos?

Resp. – Retorna à massa em que cada novo animal extrai a porção de inteligência que lhe é necessária. Ora, é principalmente isso que distingue o homem do animal. O Espírito é individualizado no homem e progride por si mesmo; é isso que lhe dá superioridade sobre todos os animais. Eis por que o homem, mesmo selvagem, como fizestes notar, faz-se obedecer mesmo pelos animais mais inteligentes.

SOBRE O § VI

17. Dais a história de Balaão como um fato positivo. Seriamente, que pensais disso?

Resp. – É pura alegoria ou, melhor dizendo, uma ficção para flagelar o orgulho. Fizeram falar o jumento de Balaão, como La Fontaine fez falar muitos outros animais.

SOBRE O § XI²⁵

18. Nessa passagem Charlet parece ter sido arrastado por sua imaginação, pois o quadro que faz da degradação moral do animal é mais fantástico do que científico. Com efeito, o animal só é feroz por necessidade, e foi para satisfazer a essa necessidade que a Natureza lhe deu uma organização especial. Se uns devem nutrir-se de carne, é por uma razão providencial e porque era útil à harmonia geral que certos elementos orgânicos fossem absorvidos. O animal é, desse modo, feroz por constituição, e não se conceberia que a queda moral do homem tivesse desenvolvido os dentes caninos do tigre e encurtado os seus intestinos, porque, então, não haveria razão para que o mesmo não tivesse ocorrido com o carneiro. Antes dizemos que o homem, sendo pouco adiantado na Terra, encontra-se com seres inferiores sob todos os

25 N. do T.: Há evidente inversão de letras. Na verdade Kardec se refere ao § IX (O XI não existe).

aspectos, cujo contato, para ele, é uma causa de inquietação, de sofrimentos e, conseqüentemente, uma fonte de provas que lhe auxiliam o progresso futuro.

Que pensa Charlet destas reflexões?

Resp. — Só posso aprová-las. Eu era um pintor, e não um literato ou um sábio. Eis por que me deixo arrastar, de vez em quando, pelo prazer de escrever belas frases, prazer tão novo para mim, mesmo com prejuízo da verdade. Mas o que dizeis é muito justo e muito inspirado. No quadro que tracei, bordei certas idéias recebidas, a fim de não melindrar nenhuma convicção. A verdade é que as primeiras idades eram a idade do ferro, muito afastadas das pretensas doçuras. Descobrimo diariamente os tesouros acumulados pela bondade de Deus, tanto no espaço quanto na Terra, a civilização levou o homem à conquista da verdadeira terra prometida, aquela que Deus concederá à inteligência e ao trabalho, e que não entregou enfeitada nas mãos dos Homens-criança, que deveriam descobri-la à custa da própria inteligência. Aliás, o erro que cometi não poderia ser prejudicial aos olhos das pessoas esclarecidas, que o reconheceriam facilmente; para os ignorantes passaria despercebido. Entretanto, concordo que errei; agi levianamente e isto vos prova até que ponto deveis controlar as comunicações que recebeis.

OBSERVAÇÃO GERAL

Do ponto de vista da ciência espírita ressalta dessas comunicações um importante ensinamento. A primeira coisa que chama a atenção, ao lê-las, é uma mistura de idéias justas, profundas, que trazem a marca do observador, ao lado de outras, evidentemente falsas e fundadas mais na imaginação que na realidade. Indubitavelmente, Charlet era um homem acima do vulgo; mas, como Espírito, não é mais universal do que o era em vida e pode equivocar-se, porque, não sendo ainda bastante elevado, só considera as coisas de seu ponto de vista. Aliás, só os

Espíritos chegados ao último grau de perfeição estão isentos de erros; os outros, por melhores que sejam, nem tudo sabem e podem enganar-se; mas, quando verdadeiramente bons, o fazem de boa-fé e concordam francamente, ao passo que os outros o fazem conscientemente e se obstinam nas mais absurdas idéias. É por isso que nos devemos guardar de aceitar tudo quanto vem do mundo invisível, sem antes submeter ao controle da lógica. Os Espíritos bons o recomendam incessantemente e jamais se ofendem com a crítica, porque, de duas uma: ou estão certos do que dizem e, então, nada temem, ou não estão seguros e, se têm consciência de sua insuficiência, eles mesmos buscam a verdade. Ora, se os homens podem instruir-se com os Espíritos, alguns Espíritos também podem instruir-se com os homens. Os outros, ao contrário, querem dominar, esperando que suas utopias sejam aceitas por causa de sua condição de Espírito. Então, seja presunção de sua parte, seja má intenção, não suportam a contradição; querem ser acreditados sob palavra, porque sabem perfeitamente que vão perder no exame. Ofendem-se à menor dúvida sobre a sua infalibilidade e soberbamente ameaçam vos abandonar, como indignos de os ouvir. Assim, só gostam dos que se prostram de joelhos perante eles. Não há homens assim? E devemos admirar-nos de os encontrar com suas extravagâncias no mundo dos Espíritos? Nos homens, um tal caráter é sempre, aos olhos das pessoas sensatas, indício de orgulho, de vã suficiência, de tola vaidade e, portanto, de pequenez nas idéias e de falso julgamento. O que seria um sinal de inferioridade moral nos homens, não poderia ser um sinal de superioridade nos Espíritos.

Como acabamos de ver, Charlet se presta de boa vontade à controvérsia; escuta e admite as objeções, respondendo com benevolência; desenvolve o que era obscuro e reconhece lealmente o que não é exato. Numa palavra, não quer passar por mais sábio do que é, e nisso prova mais elevação do que se obstinasse nas idéias falsas, a exemplo de certos Espíritos que se escandalizam ao simples anúncio de que suas comunicações parecem susceptíveis de comentários.

O que ainda é próprio desses Espíritos orgulhosos é a espécie de fascinação que exercem sobre *seus médiuns*, por meio da qual algumas vezes os fazem compartilhar dos mesmos sentimentos. Dizemos de propósito *seus médiuns*, porque deles se apoderam e neles querem ter instrumentos que agem de olhos fechados. De maneira alguma se acomodariam a um médium perscrutador ou que visse bem claro. Não se dá também o mesmo entre os homens? Quando o encontram, temendo que lhes escape, lhe inspiram o afastamento de quem quer que o possa esclarecer. Isolam-no de certo modo, a fim de poderem agir com inteira liberdade, ou só o aproximam daqueles de quem nada têm a temer. E, para melhor lhes captar a confiança, se fazem de bons apóstolos, usurpando os nomes de Espíritos venerados, cuja linguagem procuram imitar. Mas, por mais que façam, jamais a ignorância poderá simular o verdadeiro saber, nem uma natureza má a verdadeira virtude. O orgulho sempre se mostrará sob o manto de uma falsa humildade; e porque temem ser desmascarados, evitam a discussão e afastam seus médiuns.

Não há ninguém que, julgando friamente e sem prevenção, não reconheça como má uma tal influência, porquanto se torna evidente ao mais vulgar bom-senso que um Espírito verdadeiramente bom e esclarecido jamais procurará exercê-la. Pode-se, pois, dizer, que todo médium que a ela se submete está sob o império de uma obsessão, da qual deve procurar desembaraçar-se o quanto antes. O que se quer, antes de tudo, não são comunicações a qualquer preço, mas comunicações boas e verdadeiras. Ora, para se obter boas comunicações, são necessários Espíritos bons, e para ter Espíritos bons é preciso ter bons médiuns, livres de toda influência má. A natureza dos Espíritos que habitualmente assistem um médium é, pois, uma das primeiras coisas a considerar. Para conhecê-la com exatidão há um critério infalível, e não é nos sinais materiais, nem nas fórmulas de evocação ou de conjuração que será encontrada. Esse critério está nos sentimentos que o Espírito inspira ao médium. Pela maneira

deste último agir pode-se julgar a natureza dos Espíritos que o dirigem e, conseqüentemente, o grau de confiança que merecem as comunicações.

Isto não é uma opinião pessoal, um sistema, mas um princípio deduzido da mais rigorosa lógica, se admitirmos esta premissa: um mau pensamento não pode ser sugerido por um Espírito bom. Enquanto não se provar que um Espírito bom pode inspirar o mal, diremos que todo ato que se afaste da benevolência, da caridade e da humildade, ou que denote ódio, inveja, ciúme, orgulho ferido ou simples acrimônia, só pode ser inspirado por um Espírito mau, ainda que este pregasse hipocritamente as mais belas máximas, porquanto, se fosse verdadeiramente bom, ele o provaria pondo seus atos em harmonia com suas palavras. A prática do Espiritismo é cercada de tantas dificuldades, os Espíritos enganadores são tão sabichões, tão astuciosos e, ao mesmo tempo, tão numerosos, que nunca nos armaríamos de precauções suficientes para frustrar seus planos. Importa, pois, rebuscar com o maior cuidado os indícios pelos quais eles podem se trair. Ora, esses indícios estão, ao mesmo tempo, em sua linguagem e nos atos que provocam.

Tendo submetido essas reflexões ao Espírito Charlet, eis o que disse a respeito: “Não posso senão aprovar o que acabais de dizer e exortar a todos quanto se ocupam do Espiritismo a seguir tão sábios conselhos, evidentemente ditados por Espíritos bons, mas que não são absolutamente, e bem podereis crê-lo, do gosto dos maus, pois estes sabem muito bem que esse é o meio mais eficaz para combater sua influência. Assim, fazem tudo quanto podem para desviar aqueles que querem prender em suas redes.”

Charlet disse que se deixou arrastar pelo prazer, novo para ele, de escrever belas frases, mesmo em prejuízo da verdade. Que teria acontecido se tivéssemos publicado seu trabalho sem

fazer comentários? Teriam acusado o Espiritismo de dar crédito a idéias ridículas e nós mesmos por não sabermos distinguir o verdadeiro do falso. Muitos Espíritos estão no mesmo caso; encontram uma satisfação para o amor-próprio em divulgar, através dos médiuns – já que não o podem fazer por si mesmos – obras literárias, científicas, filosóficas ou dogmáticas de grande fôlego. Mas quando esses Espíritos têm apenas um falso saber, escrevem coisas absurdas, exatamente como o fariam os homens. É, sobretudo, nessas obras seqüenciadas que podemos julgá-los, uma vez que sua ignorância os torna incapazes de sustentar seu papel por muito tempo e eles próprios revelam sua insuficiência, chocando a cada passo a lógica e a razão. Através de uma porção de idéias falsas há, por vezes, algumas muito boas, de que se servem para fazer passar as outras. Essa incoerência apenas demonstra a sua incapacidade; são pedreiros que sabem alinhar as pedras de uma construção, mas que seriam incapazes de construir um palácio. É, por vezes, curioso ver o dédalo inextricável de combinações e de raciocínios em que se aventuram, e dos quais não podem sair senão à força de sofismas e de utopias. Vimos alguns que, à custa de expedientes, deixaram o trabalho, mas outros não se dão por vencidos e querem arrastá-lo até o fim, rindo-se a expensas dos que os levam a sério.

Estas reflexões nos são sugeridas como um princípio geral e seria erro ver nelas uma aplicação qualquer. Entre os numerosos escritos publicados sobre o Espiritismo, sem dúvida alguns poderiam ensejar uma crítica fundada; mas não os pomos todos na mesma linha; indicamos um meio de os apreciar e cada um fará como entender. Se ainda não empreendemos fazer-lhes um exame em nossa *Revista* é pelo receio de que se equivoquem sobre o móvel da crítica que poderíamos fazer. Desse modo, preferimos esperar que o Espiritismo fosse mais bem conhecido e, sobretudo, melhor compreendido. Assim nossa opinião, apoiada em base geralmente admitida, não poderá ser suspeitada de parcialidade. O que esperamos acontece todo dia, pois vemos que em muitas

circunstâncias o julgamento da opinião adianta-se ao nosso. Só temos, portanto, que aplaudir nossa reserva. Empreenderemos este exame quando julgarmos oportuno o momento. Mas já se pode ver qual será a base de nossa apreciação: esta base será a *lógica*, da qual cada um poderá fazer seu próprio uso, pois não alimentamos a tola pretensão de lhe ter o privilégio. A lógica, com efeito, é o grande critério de toda comunicação espírita, como o é de todos os trabalhos humanos. Sabemos perfeitamente que aquele que raciocina de maneira errada julga ser lógico. Ele o é à sua maneira, mas apenas para si e não para os outros. Quando uma lógica é rigorosa como dois e dois são quatro, e as conseqüências são deduzidas de axiomas evidentes, o bom-senso geral cedo ou tarde faz justiça a todos esses sofismas. Acreditamos que as proposições seguintes têm este caráter:

1º Os Espíritos bons não podem ensinar e inspirar senão o bem; assim, tudo que não é rigorosamente bem não pode vir de um Espírito bom;

2º Os Espíritos esclarecidos e verdadeiramente superiores não podem ensinar coisas absurdas; assim, toda comunicação eivada de erros manifestos ou contrários aos dados mais vulgares da ciência e da observação, só por isso atesta a inferioridade de sua origem;

3º A superioridade de um escrito qualquer está na justeza e na profundidade das idéias, e não na forma material e na redundância do estilo; assim, toda comunicação espírita em que há mais palavras e frases brilhantes do que pensamentos consistentes, não pode provir de um Espírito verdadeiramente superior;

4º A ignorância não pode imitar o verdadeiro saber, nem o mal arremedar o bem de maneira absoluta; assim, todo Espírito que, sob um nome venerado, diz coisas incompatíveis com o título que se atribui, é culpado por fraude;

5º É da essência de um Espírito elevado ligar-se mais ao pensamento do que à forma e à matéria, donde se conclui que a elevação de um Espírito está na razão da elevação das idéias; assim, todo Espírito metuculoso nos detalhes da forma, que prescreve puerilidades, numa palavra, que liga importância aos sinais e às coisas materiais, acusa, por isso mesmo, uma pequenez de idéias e não pode ser realmente superior;

6º Um Espírito verdadeiramente superior não pode contradizer-se; assim, se duas comunicações contraditórias forem dadas sob um mesmo nome respeitável, uma delas é necessariamente apócrifa; e se uma for verdadeira, será aquela que em *nada* desmente a superioridade do Espírito cujo nome a encabeça.

A consequência a tirar destes princípios é que, fora das questões morais, não se deve acolher o que vem dos Espíritos senão com reservas e, em todos os casos, jamais aceitá-las sem exame. Daí decorre a necessidade de se ter a maior circunspeção na publicação dos escritos emanados dessa fonte, sobretudo quando, pela estranheza das doutrinas que encerram, ou pela incoerência das idéias, podem prestar-se ao ridículo. É preciso desconfiar do pendor de certos Espíritos para as idéias sistemáticas, e do amor-próprio que buscam espalhar. Assim, é sobretudo nas teorias científicas que precisa haver extrema prudência, guardando-se de dar precipitadamente como verdades sistemas por vezes mais sedutores que reais, e que, cedo ou tarde, podem receber um desmentido oficial. Que sejam apresentados como probabilidades, se forem lógicos, e como podendo servir de base para observações ulteriores, admite-se; mas seria imprudência tomá-los prematuramente como artigos de fé. Diz um provérbio: *Nada é mais perigoso do que um amigo imprudente*. Ora, é o caso dos que, no Espiritismo, se deixam levar por um zelo mais ardente que refletido.

Bibliografia

Anunciamos a continuação de *O Livro dos Espíritos* sob o título de *Espiritismo Experimental*, e que deveria ter sido publicado em abril último. O trabalho foi retardado por algumas circunstâncias independentes de nossa vontade e, sobretudo, pela maior importância que julgamos dever lhe dar. Hoje está no prelo. Sua data de aparição será conhecida posteriormente.

Nota – A falta de espaço nos obriga a adiar para o próximo número várias comunicações importantes que nos foram enviadas.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

AGOSTO DE 1860

Nº 8

Aviso

O escritório da Revista Espírita e o domicílio particular do Sr. Allan Kardec foram transferidos para a Rua Sainte-Anne, nº 59, passagem Sainte-Anne.

Boletim

DA SOCIEDADE PARIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 29 de junho de 1860 – Sessão particular

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 22 de junho.

Leitura de uma carta do Dr. de Grand-Boulogne, antigo vice-cônsul da França, pedindo para ser admitido como membro correspondente em Havana, para onde irá brevemente.

A Sociedade o admite nessa condição, e como sua carta contém observações muito judiciosas sobre o Espiritismo, requer inserção na *Revista*.

Comunicações diversas:

Leitura de um ditado espontâneo recebido pela Sra. Costel, sobre as *Origens*, assinado por Lázaro.

Relato de manifestações físicas espontâneas que ocorreram ultimamente na Rua des Noyers, noticiadas por vários jornais, lembrando fatos análogos que se passaram em 1849 na Rua des Grès. Alguns acrescentaram que os fatos ocorridos naquela rua resultavam de trapaças imaginadas pelo inquilino para rescindir o contrato de locação.

O Sr. de Grand-Boulogne disse a respeito que pode certificar a autenticidade desses fatos, referidos, aliás, pelo Sr. de Mirville, que tomou todas as informações necessárias para assegurar-se de sua realidade.

Um sócio observa que, no caso, a afluência de curiosos tinha-se tornado tão incômoda para os interessados que eles se desembaraçaram levando a coisa à conta de malquerença. Temendo ver a casa deserta, o proprietário teve todo interesse em não acreditar nas manifestações. Tal é a razão do desmentido muitas vezes dado a fatos dessa natureza.

Estudos:

1º Discussão sobre o mérito e a eficácia das provas do homem de bem, suportadas com vistas a proporcionar alívio aos Espíritos sofredores e infelizes, a propósito de uma passagem da carta do Sr. de Grand-Boulogne.

A respeito, observa ele que a eficácia da prece, considerada como prova de simpatia e de comiseração, uma vez constatada, podem-se considerar as provas que nos impomos com esse objetivo como um testemunho análogo que deve produzir os mesmos efeitos que a prece. A intenção é tudo, neste caso, e se deve encará-la como uma prece mais ardente ainda do que aquela que só consiste em palavras.

2º A Sra. N... expressa suas dúvidas quanto à identidade do Espírito que lhe deu alguns conselhos na última sessão, e que não considera aplicáveis. Roga seja perguntado, por outro médium, se o Espírito que se comunicou é mesmo São Luís. Acrescenta que julgou ver, na natureza de suas reflexões, um sentimento pouco benevolente, que não se coaduna com a sua habitual mansuetude. Foi isso que lhe suscitou dúvidas.

Interrogado a respeito, por intermédio da Srta. H..., respondeu São Luís: “Sim, fui eu mesmo quem veio traçar aquelas linhas e vos dar um conselho. É injustamente que recebem mal os meus conselhos. É preciso que aquele que quer avançar na senda do bem saiba aceitar os conselhos e os avisos que se lhes dão, mesmo que firam o seu amor-próprio. A marca de seu progresso consiste na maneira doce e humilde por que os recebe. Outrora, quando me encontrava na Terra, não dei provas de grande humildade, submetendo-me, sem murmurar, às decisões da Igreja, e mesmo às penitências que me impunha, por mais humilhantes que fossem? Sede, pois, dóceis e humildes, se não fordes orgulhosos; aceitai os conselhos; tratai de corrigir-vos e progredireis.”

O Sr. T... observa que, em vida, nem sempre São Luís se submeteu à Igreja, visto ter lutado contra as suas pretensões.

Responde São Luís: “Dizendo que me submeti às penitências impostas pelos chefes da Igreja, disse-vos a verdade. Mas não vos disse que minha conduta tenha sido sempre irrepreensível; fui um grande pecador perante Deus, embora os homens, mais tarde, me tenham concedido o glorioso título de santo.”

O Sr. Allan Kardec acrescenta que São Luís sempre se submeteu às decisões da Igreja no tocante aos dogmas; só lutou contra as pretensões de outra natureza.

3º Perguntas sobre os conselhos de São Luís, relativamente às experiências de manifestações físicas, aconselhando a Sociedade a não se ocupar com elas.

4º Perguntas referentes à faculdade mediúnica nas crianças, a propósito das manifestações obtidas na última sessão pelo jovem N...

5º Perguntas sobre as manifestações da Rua des Noyers.

6º Dois ditados espontâneos são obtidos simultaneamente: o primeiro pela Sra. Costel, sobre a *Eletricidade do pensamento*, assinado por Delphine de Girardin; o segundo pela Sra. Lubr..., a propósito dos conselhos dados pelos Espíritos, assinado por Paul, Espírito familiar.

Sexta-feira, 6 de julho de 1860 – Sessão particular

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 29 de junho.

Comunicações diversas:

O Sr. Achille R... lê uma carta de Limoges, na qual o autor fala de um médium, amigo seu, que um Espírito faz trabalhar de oito a nove horas por dia; diz ele que esse Espírito deve dar-lhe um meio infalível para assegurar-se da identidade dos Espíritos e de jamais ser enganado. Mas lhe aconselha segredo sobre esse ponto e sobre suas comunicações em geral.

O Sr. Allan Kardec observa a respeito que vê três motivos de suspeita neste caso: o primeiro é a duração do trabalho imposto ao médium, o que é sempre um sinal de obsessão. Sem dúvida os Espíritos bons podem pedir ao médium que escreva, mas, em geral, não são imperativos e nada prescrevem de absoluto, nem quanto às horas, nem quanto à duração do trabalho; ao contrário, detêm o médium quando há excesso de zelo. O segundo

é o pretenso processo infalível para assegurar-se da identidade, e o terceiro, finalmente, a recomendação de guardar segredo. Se a receita fosse boa, ele não devia fazer mistério. Parece-lhe que o Espírito quer apoderar-se do médium, a fim de o manobrar à vontade, em favor da suposta infalibilidade de seu processo. Provavelmente teme que outros vejam as coisas às claras e frustrem suas manobras; daí por que recomenda silêncio, a fim de não ter contraditores: é o meio de sempre ter razão.

Estudos:

1^o Evocação de François Arago pela Srta. H... São Luís responde que não é o médium que convém a esse Espírito. Aconselha a escolher outro.

Diversas perguntas são feitas sobre a aptidão especial dos médiuns para receber comunicações de tal ou qual Espírito. A resposta é: “Um Espírito vem de preferência a uma pessoa cujas idéias são simpáticas às que possuía em vida; há relação de pensamentos entre o Céu e a Terra ainda maiores do que as existentes na Terra”.

2^o Pergunta proposta pelo Sr. conde de Z... sobre a distinção feita por certos sonâmbulos lúcidos, que designam os homens por *luz azul* e as mulheres por *luz branca*. Indaga se o perispírito teria uma cor diferente conforme os sexos. Resposta do Espírito interrogado: “Isto não tem nenhuma relação com o nosso mundo; é um fato puramente físico e depende da pessoa que vê. Entre os homens há os que, mesmo despertos, não vêem certas cores ou as vêem diferentemente dos outros. Dá-se o mesmo com as pessoas adormecidas: podem ver o que outras não vêem.”

3^o Quatro ditados espontâneos são obtidos: o primeiro pela Srta. Huet..., do Espírito que continua suas memórias; o segundo pelo Sr. Didier, sobre a *Eletricidade Espiritual*, assinado por Lamennais; o terceiro pela Sra. Costel, sobre as *Altas Verdades*

do Espiritismo, assinado por Lázaro; o quarto pela Srta. Stéphan, sobre *A cada um a sua tarefa*, assinado por Gustave Lenormand.

Sexta-feira, 13 de julho de 1860 – Sessão geral

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 6 de julho.

O Sr. Eugène de Porry, de Marselha, presta homenagem à Sociedade com o seu novo poema, intitulado: *Linda, legenda gaulesa*. A Sociedade recorda seu encantador poema *Urânia*, exprimindo-lhe seus agradecimentos por lhe ter enviado a nova obra. A Srta. P... é encarregada pela Sociedade de o relatar.

Comunicações diversas:

1º O Sr. S... transmite uma nota sobre um homem que, no ano passado, suicidou-se na Rua Quincampoix, a fim de isentar o filho do serviço militar, tornando-o filho único de mulher viúva. Pensa-se que sua evocação será instrutiva.

2º O Sr. de Grand-Boulogne envia uma nota sobre o muçulmano Seih-ben-Moloka, que acaba de falecer em Túnis, com cento e dez anos de idade e cuja vida foi notável pelos atos de caridade que realizou. Será evocado.

Trava-se uma conversa sobre a questão da longevidade. O Sr. de Grand-Boulogne, que viveu muito tempo entre os árabes, diz que os exemplos dessa natureza não são muito raros entre eles, o que o leva a atribuí-lo à sobriedade. Conheceu um com cerca de cento e trinta anos. O Sr. conde Z... diz que a Sibéria talvez seja a região onde a longevidade é mais freqüente. A sobriedade e o clima por certo haverão de exercer grande influência sobre a duração da vida; mas o que, sobretudo, deve contribuir para isso é a tranqüilidade de espírito e a ausência de preocupações morais que em geral afetam as pessoas do mundo civilizado, consumindo-as prematuramente. Eis por que se encontram maiores velhices entre aqueles cujas vidas estão mais próximas da Natureza.

3º O Sr. Allan Kardec relata um caso pessoal, que mostra o desejo que experimentam certos Espíritos de serem evocados, quando jamais o foram. Aproveitam as ocasiões propícias de se comunicar, quando estas se apresentam.

4º Vários membros comunicam o protesto, publicado por diversos jornais, do Sr. Lerible, antigo negociante de carvão da Rua des Grès, na casa do qual ocorreram, em 1849, notáveis manifestações, cuja autenticidade tinha sido posta em dúvida.

Estudos:

1º Exame crítico da dissertação de Lamennais sobre a *Eletricidade Espiritual*, feita na sessão de 6 de julho. O Espírito explica e desenvolve os pontos considerados obscuros.

2º Evocação do suicida da Rua Quincampoix.

3º Evocação de Gustave Lenormand.

4º Perguntas diversas sobre os médiuns.

5º Três ditados são obtidos simultaneamente: o primeiro, sobre o *Saber dos Espíritos*, assinado por Channing; o segundo, continuação da *Eletricidade do Pensamento*, assinado por Delphine de Girardin; o terceiro, sobre a *Caridade*, assinado por Lamennais, a propósito da nota lida sobre o muçulmano Seih-ben-Moloka.

Sexta-feira, 20 de julho de 1860 – Sessão particular

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 13 de julho.

O Presidente faz observar que, desde algum tempo, têm-se negligenciado de ler, como fora combinado, os nomes dos Espíritos que reclamam assistência. Doravante isto será feito em seguida à evocação geral.

Comunicações diversas:

1º Leitura de dois ditados obtidos pelo Sr. C..., novo médium, um sobre as *Pretensões do homem*, assinado por Massillon; o outro sobre o *Futuro*, assinado por São Luís. Pergunta o Sr. C... se, sobretudo neste último ditado, não existe algo que denote uma substituição de Espírito, sem se levar em conta a sua própria opinião.

Após uma leitura atenta, a Sociedade reconhece na comunicação o cunho de uma incontestável superioridade, nada vendo que desminta o caráter de São Luís, concluindo que não pode emanar senão de um Espírito elevado.

2º Outro ditado sobre a *Experiência*, obtido pela Sra. Costel e assinado por Georges.

O presidente anuncia que vários sócios novos fazem notáveis progressos como médiuns de diversos gêneros. Convidamos a comunicar à Sociedade os fatos que obtiverem. A Sociedade é necessariamente limitada em seus trabalhos pelo tempo; deve ser o centro a que chegarão os resultados obtidos nas reuniões particulares. Seria até egoísmo guardar para si trabalhos que podem ser úteis a todos. Aliás, é um meio de controle, pelos esclarecimentos que podem suscitar, a menos que o médium esteja convencido da infalibilidade de suas comunicações, ou tenha recebido, como o de Limoges, a imposição de os manter secretos, o que certamente seria um mau augúrio e um duplo motivo de suspeita. A primeira qualidade de um médium é a abnegação de todo amor-próprio, como de toda falsa modéstia, pela simples razão de que, não sendo mais que um instrumento, não pode atribuir-se o mérito do que recebe de bem, nem se melindrar com a crítica do que pode ser mau. A Sociedade é uma família, cujos membros, animados de recíproca benevolência, devem ser movidos pelo único desejo de instruir-se, banindo todo sentimento de

personalismo e de rivalidade, se compreendem a doutrina como verdadeiros espíritas. A propósito, o Sr. C... deu muito bom exemplo e mostrou não ser desses médiuns que julgam nada mais ter a aprender, só porque recebem algumas comunicações assinadas por grandes nomes. Ao contrário, quanto mais imponentes os nomes, mais devemos temer ser juguete de Espíritos enganadores.

3º O Sr. Achille R... lê uma carta, relatando um fato curioso de manifestação espontânea, ocorrido na prisão de Limoges, cuja realidade foi constatada pelo autor da carta. (Publicada adiante, no artigo *Varietades*).

4º O Sr. Allan Kardec narra outro fato muito bizarro, que lhe foi relatado no ano passado, por um visitante cujo nome e endereço não se recorda, fonte a que, em consequência, não pode recorrer para o verificar. Eis do que se trata:

Um médico crente e um seu amigo que em nada acreditava conversavam a respeito do Espiritismo; o primeiro disse ao outro: “Vou tentar uma prova; ignoro se dará resultado; em todo caso, não respondo por nada. Designai-me uma pessoa viva que vos seja muito simpática.” Tendo o amigo indicado uma moça que reside numa cidade bastante afastada e que era igualmente conhecida do médico, este lhe disse: “Ide passear no jardim e observai o que se passa; repito que é um ensaio que faço e que pode não produzir nada.” Durante o passeio do amigo ele evocou a jovem. Ao cabo de um quarto de hora o amigo voltou e lhe disse: “Acabo de ver aquela pessoa; estava vestida de branco, aproximou-se de mim, apertou-me a mão e desapareceu em seguida. Mas o que é muito singular é que me deixou no dedo este anel.” Imediatamente o médico enviou ao pai da moça o seguinte telegrama: “Não me questioneis; mas respondi-me sem demora e dizei o que fazia vossa filha às três horas e como estava vestida.” A resposta foi esta: “Às três horas minha filha estava comigo no salão; usava um vestido branco; adormeceu durante quinze a vinte

minutos; ao despertar, percebeu que não tinha mais o anel que usa habitualmente.”

Travou-se uma discussão sobre o fato, cujos diferentes graus de probabilidade e de improbabilidade foram examinados. Interrogado a respeito, São Luís responde: “O fato da aparição é possível; o do transporte não o é menos, pelo perispírito de uma pessoa viva. Certamente, a Deus tudo é possível, mas ele não permite tais coisas senão muito raramente. Um Espírito desprendido pode fazer esses transportes mais facilmente. Quanto a vos dizer se o fato é verdadeiro, eu o ignoro.”

Nota – Publicado o fato, se por acaso cair nas mãos da pessoa que o relatou, seremos gratos pelos esclarecimentos que houver por bem nos dar a respeito.

Estudos:

1º Perguntas sobre os Espíritos que tomam nomes fictícios.

2º Evocação do Espírito da Rua des Noyers.

3º São obtidos cinco ditados espontâneos: o primeiro de Lamennais, sobre uma retificação que pede, da ata de sua comunicação sobre a *Caridade*; o segundo, sobre *As vítimas da Síria*, assinado por Jean; o terceiro, sobre *As aberrações da inteligência*, assinado por Georges; o quarto sobre *Os erros dos médiuns*, assinado por Paul; e o quinto sobre o *Concurso dos médiuns*, assinado por Gustave Lenormand.

Durante a sessão ouviram-se batidas muito distintas perto da Srta. Stephan. Era o Espírito Gustave que, como disse, queria constrangê-la a escrever coisas com que ela pouco se importava. Pensou que era um meio de provocar perguntas que a obrigariam a vir à mesa, desejando ele mesmo dar uma comunicação por seu intermédio.

Depois da sessão, numa comunicação particular, tendo perguntado a São Luís se ficara satisfeito, respondeu ele: “Sim e não; errastes ao tolerar cochichos contínuos de certos membros, quando os Espíritos são interrogados. Por vezes recebeis comunicações que exigem réplicas sérias de vossa parte, e respostas ainda mais sérias da parte dos Espíritos evocados que, assim, ficai certos, ficarão descontentes. Daí nada pode sair perfeito, porque o médium que escreve experimenta por sua vez graves distrações, prejudiciais ao seu ministério. Há uma coisa a fazer: ler estas observações na próxima sessão, que serão compreendidas por todos os sócios. Dizei-lhes que aqui não é um gabinete para conversa.”

São Luís

Concordância Espírita e Cristã

A carta seguinte foi dirigida à *Sociedade de Estudos Espíritas* pelo Dr. de Grand-Boulogne, antigo vice-cônsul da França.

Senhor Presidente,

Desejando ardentemente fazer parte da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, mas forçado a deixar a França brevemente, venho solicitar a honra de ser aceito como membro correspondente. Tenho a vantagem de vos conhecer pessoalmente e não necessito vos dizer com que interesse e simpatia acompanho os trabalhos da Sociedade. Li vossas obras, bem como as do barão Guldenstubbé e, conseqüentemente, conheço os pontos fundamentais do Espiritismo, cujos princípios adoto sinceramente, tais quais vos são ensinados. Como protesto aqui a minha firme

vontade de viver e morrer como cristão, esta declaração me leva a vos fazer a minha profissão de fé, e talvez vejais com que interesse minha fé religiosa acolhe naturalmente os princípios do Espiritismo. Na minha opinião, eis como as duas coisas se associam:

1. Deus: criador de todas as coisas.

2. Objetivo e fim de todos os seres criados: concorrer para a harmonia universal.

3. No universo criado, três reinos principais: o reino material, ou inerte; o orgânico ou vital; o intelectual e moral.

4. Tudo é criado e submetido a leis.

5. Os seres compreendidos nos dois primeiros reinos obedecem irresistivelmente, e por eles a harmonia jamais é perturbada.

6. Como os dois primeiros, o terceiro reino está submetido a leis, mas goza do estranho poder de subtrair-se a elas; possui a temível faculdade de desobedecer a Deus: é o que constitui o livre-arbítrio.

O homem pertence simultaneamente aos três reinos: é um Espírito encarnado.

7. As leis que regem o mundo moral estão formuladas no decálogo, mas se resumem neste admirável preceito de Jesus: Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos.

8. Toda derrogação da lei constitui uma perturbação na harmonia universal. Ora, Deus não permite que tal perturbação persista e a ordem deve ser necessariamente restabelecida.

9. Existe uma lei destinada à reparação da desordem no mundo moral, e esta lei está contida por inteiro na palavra: *expição*.

10. A expiação efetua-se: 1^o – pelo arrependimento e os atos de virtude; 2^o – pelo arrependimento e as provas; 3^o – pelas preces e as provas do justo, unidas ao arrependimento do culpado.

11. A prece e as provas do justo, embora concorram da maneira mais eficaz para a harmonia universal, são insuficientes para a expiação absoluta da falta; Deus exige o arrependimento do pecador; mas com esse arrependimento, a prece do justo e sua penitência em favor do culpado basta, à eterna justiça, e o crime é perdoado.

12. A vida e a morte de Jesus põem em evidência esta adorável verdade.

13. Sem livre-arbítrio não há pecado, mas também não há virtude.

14. O que é a virtude? A coragem no bem.

15. O que há de mais belo no mundo não é, como disse um filósofo, o espetáculo de uma grande alma lutando contra a adversidade; é o esforço perpétuo de uma alma progredindo no bem e, de virtude em virtude, elevando-se até o Criador.

16. Qual a mais bela de todas as virtudes? A caridade.

17. O que é a caridade? É o atributo especial da alma que, em suas ardentes aspirações para o bem, esquece de si mesma e se consome em esforços pela felicidade do próximo.

18. O saber está muito abaixo da caridade; ele nos eleva na hierarquia espírita, mas não contribui para o restabelecimento da ordem perturbada pelo mau. O saber nada expia, nada resgata, em nada influi sobre a justiça de Deus: a caridade, ao contrário,

expia e apazigua. O saber é uma qualidade; a caridade, uma virtude.

19. Ao encarnar os Espíritos, qual foi o desígnio de Deus? Criar, para uma parte do mundo espiritual, uma situação sem a qual não existiria nenhuma das grandes virtudes que nos enchem de respeito e de admiração. Com efeito, sem o sofrimento não há caridade; sem o perigo não há coragem; sem o infortúnio não há devotamento; sem a perseguição não há estoicismo; sem a cólera não há paciência, etc. Ora, sem a corporeidade, com o desaparecimento desses males, desapareceriam essas virtudes.

Para o homem um pouco desprendido dos laços da matéria, neste conjunto do bem e do mal há uma harmonia, uma grandeza de ordem mais elevada que a harmonia e a grandeza do mundo exclusivamente material.

Isto responde em poucas palavras às objeções fundadas sobre a incompatibilidade do mal com a bondade e a justiça de Deus.

Seria preciso escrever volumes e mais volumes para desenvolver convenientemente essas diversas proposições. Entretanto, o objetivo desta comunicação não é oferecer à Sociedade uma tese filosófica e religiosa; eu quis apenas formular algumas verdades cristãs em harmonia com a Doutrina Espírita. Em minha opinião, tais verdades constituem a base fundamental da religião e, longe de enfraquecer-se, fortificam-se com as revelações espíritas. Permito-me, também, externar uma queixa contra os ministros do culto, que, enceguecidos pela demoniofobia, recusam o esclarecimento e condenam sem exame. Se os cristãos abrissem os ouvidos às revelações dos Espíritos, tudo quanto no ensino religioso perturba nossos corações ou revolta a nossa razão desvanecer-se-ia de repente. Sem se modificar em sua essência, a religião ampliaria o círculo de seus dogmas, e os lampejos da verdade nova consolariam e iluminariam as almas. Se é certo, como

diz o Padre Ventura, que as doutrinas filosóficas ou religiosas acabam invencivelmente por se traduzirem nos atos ordinários da vida, é bem evidente que uma nação iniciada no Espiritismo tornar-se-ia a mais admirável e a mais feliz das nações.

Dir-se-á que uma sociedade verdadeiramente cristã seria perfeitamente feliz. Concordo. Mas o ensino religioso tanto se faz pelo temor quanto pelo amor; e os homens, dominados por suas paixões, querendo a qualquer preço se libertar dos dogmas que os ameaçam, serão sempre tão numerosos que o grupo dos cristãos perseverantes constituirá sempre uma fraca minoria. Os cristãos são numerosos, mas os verdadeiros cristãos são raros.

Não acontece assim com o ensino espírita. Embora sua moral se confunda com a do Cristianismo e, como este, pronuncie palavras cominatórias, há tão rico tesouro de consolações; é, ao mesmo tempo, tão lógico e tão prático; lança uma luz tão intensa sobre o nosso destino; afasta tão bem as trevas que perturbam a razão e as perplexidades que atormentam os corações, que, na verdade, parece impossível a um espírita sincero negligenciar um só dia trabalhar pelo seu progresso e, assim, não contribuir para restabelecer a harmonia perturbada pelo transbordamento das paixões egoístas e cúpidas.

Pode-se, pois, afirmar que, propagando as verdades que temos a felicidade de conhecer, trabalhamos pela Humanidade e nossa obra será abençoada por Deus. Para que um povo seja feliz, é necessário que o número dos que querem o bem, que praticam a lei da caridade, supere o dos que querem o mal e só praticam o egoísmo. Creio em minha alma e estou consciente de que o Espiritismo, apoiado no Cristianismo, é chamado a operar esta revolução.

Imbuído de tais sentimentos e querendo, na medida de minhas forças, contribuir para a felicidade de meus semelhantes, ao

mesmo tempo em que busco tornar-me melhor, peço, Sr. Presidente, para fazer parte de vossa Sociedade.

Aceitai, etc.

De Grand-Boulogne, doutor em Medicina,
Antigo Vice-Cônsul da França

Observação – Esta carta dispensa comentários e cada um apreciará o elevado alcance dos princípios nela formulados, de uma maneira ao mesmo tempo tão profunda, tão simples e tão clara. São esses os princípios do verdadeiro Espiritismo, que certos homens ousam ridicularizar, pois reclamam o privilégio da razão e do bom-senso, por não saberem se têm uma alma e não fazerem diferença entre o seu e o futuro de uma máquina. Acrescentaremos apenas uma observação: *Bem compreendido*, o Espiritismo é a salvaguarda das idéias verdadeiramente religiosas que se extinguem; contribuindo para a melhoria das criaturas, provocará, pela força das coisas, o melhoramento das massas, e não está longe o tempo em que os homens haverão de compreender que nesta doutrina encontrarão o mais fecundo elemento da ordem, do bem-estar e da prosperidade dos povos; e isto por uma razão muito simples: é que ela destrói o materialismo, que desenvolve e alimenta o egoísmo, fonte perpétua de lutas sociais, e lhe dá uma razão de ser. Uma sociedade cujos membros fossem guiados pelo amor do próximo, que inscrevesse a caridade no frontispício de todos os seus códigos, seria feliz e em breve veria apagarem-se os ódios e as discórdias. O Espiritismo pode realizar este prodígio e o fará, apesar dos que ainda o agridem, porquanto passarão os agressores, mas o Espiritismo permanecerá.

O Trapeiro da Rua des Noyers

Sociedade, 29 de junho de 1860

Sob o título de *Cenas de feitiçaria no século XIX*, o *Droit* relata o seguinte:

“Um fato muito estranho vem ocorrendo atualmente na Rua des Noyers. O Sr. Lesage, ecônomo do Palácio de Justiça, ocupa um apartamento nessa rua. Desde algum tempo projéteis vindos não se sabe de onde vêm quebrar as vidraças, penetrando o interior da casa e atingindo os que ali se encontram, de modo a feri-los mais ou menos gravemente. São fragmentos bastante consideráveis de lenha semicarbonizados, pedaços de carvão de pedra muito pesados e até dos chamados carvões de Paris. A doméstica do Sr. Lesage recebeu vários no peito, resultando em fortes contusões.

“A vítima desses sortilégios acabou por requerer a assistência da polícia. Agentes foram postos em vigilância; mas eles próprios não tardaram a ser atingidos pela mesma artilharia invisível, sendo-lhes impossível saber de onde vinham os golpes.

“Tendo a existência se tornado insuportável numa casa em que surpresas desagradáveis poderiam ocorrer a qualquer momento, o Sr. Lesage solicitou ao proprietário a rescisão do contrato. Aceito o pedido, e a fim de redigir a ata rescisória, mandaram vir o Sr. Vaillant, oficial de justiça, cujo nome convinha perfeitamente numa circunstância em que as citações não poderiam ser feitas sem perigo.

“Com efeito, tão logo o funcionário ministerial começou a redigir o ato, um enorme pedaço de carvão, lançado com extrema violência, entrou pela janela e foi bater contra a parede, reduzindo-se em pó. Sem se perturbar, o Sr. Vaillant serviu-se do pó para espalhá-lo sobre a página que acabava de escrever, da mesma forma que, outrora, Junot se servira da terra levantada pela bomba.

“Em 1847 ocorreu um fato análogo na Rua des Grès, cujo relato então fizemos. Um tal L..., mercador de carvão, também servia de alvo a fantásticos sagitários, e essas incompreensíveis emissões de pedras punham em polvorosa todo o quarteirão.

Paralelamente à casa habitada pelo carvoeiro havia um terreno vago, em meio ao qual se achava a antiga igreja da Rua des Grès, hoje Escola dos Frades da Doutrina Cristã. A princípio imaginaram que de lá partiam os projéteis, mas logo tal ilusão se desfez. Quando vigiavam de um lado, as pedras chegavam do outro. Entretanto, eles acabaram surpreendendo em flagrante o mágico, que não era outro senão o próprio Sr. L... Tinha recorrido a essa fantasmagoria porque estava descontente na casa e desejava rescindir o contrato.

“Não foi o que se deu com o Sr. Lesage, cuja honorabilidade excluía qualquer idéia de artimanha e, aliás, estava muito contente com o seu apartamento e o deixou com pesar.

“Espera-se que o inquérito, conduzido pelo Sr. Hubaut, comissário do bairro da Sorbonne, esclareça o mistério, que talvez não passe de uma brincadeira de mau gosto, excessivamente prolongada”.

1. [A São Luís] Teríeis a bondade de dizer-nos se são reais os fatos acima relatados? Quanto à sua possibilidade, não duvidamos.

Resp. – Sim. Os fatos são verdadeiros; apenas a imaginação dos homens os ampliou, seja por medo, seja por ironia. Mas, repito, são verdadeiros. Tais manifestações são provocadas por um Espírito que se diverte à custa dos habitantes do lugar.

Observação – Desde então tivemos oportunidade de ver o próprio Sr. Lesage, que nos honrou com sua visita e não somente confirmou os fatos, mas os completou e retificou em vários pontos. São Luís tinha razão ao dizer que foram ampliados pelo medo ou pela ironia. Com efeito, a história da poeira recolhida estoicamente pelo corajoso oficial de justiça, à guisa de Junot, foi uma invenção do divertido jornalista. No próximo número daremos uma relação completamente exata dos fatos, com as novas observações que terão ensejado.

2. Há na casa uma pessoa que seja a causa dessas manifestações?

Resp. – Estas são sempre causadas pela presença da pessoa atacada; é que o Espírito perturbador se vincula ao morador do lugar onde se acha, quer cometer maldades e, até mesmo, fazê-lo mudar-se.

3. Perguntamos se, entre os moradores da casa, existe alguém que seja a causa desses fenômenos por uma influência mediúnica e involuntária?

Resp. – É mesmo necessário; sem isso o fato não poderia ocorrer. Um Espírito habita um lugar de sua predileção; fica na inação até que se apresente ali alguém cuja natureza lhe seja conveniente. Quando essa pessoa chega, ele se diverte o quanto pode.

4. Esses Espíritos são sempre de ordem muito inferior. A aptidão para lhes servir de instrumento é uma presunção desfavorável à pessoa? Isso não denota uma simpatia com os seres dessa natureza?

Resp. – Não exatamente, porquanto tal aptidão depende de uma disposição física. Entretanto, muitas vezes denuncia uma tendência material que seria preferível não se ter, pois quanto mais elevado se for moralmente, mais se atraem os Espíritos bons, que necessariamente afastam os maus.

5. Onde o Espírito obtém os projéteis de que se serve?

Resp. – Na maioria das vezes esses objetos são colhidos nos próprios lugares. Uma força proveniente de um Espírito os lança no espaço, caindo no local designado pelo Espírito. Quando não existem nesses lugares, pedras, carvões, etc., podem por eles ser fabricados muito facilmente.

Observação – Na *Revista* do mês de abril de 1859 publicamos a teoria completa desses tipos de fenômenos, nos artigos: *Mobiliário de Além-Túmulo* e *Pneumatografia ou escrita direta*.

6. Julgais que seria útil evocar esse Espírito para pedir-lhe algumas explicações?

Resp. – Evocai-o, se quiserdes; mas é um Espírito inferior que só dará respostas muito insignificantes.

Sociedade, 29 de junho de 1860

1. Evocação do Espírito perturbador da Rua des Noyers.

Resp. – Por que me chamais? Quereis pedradas? Seria, então, um salve-se quem puder, não obstante o vosso ar de bravura.

2. Mesmo que nos atirasses pedras, não teríamos medo. Pergunto se de fato tu as podes lançar.

Resp. – Aqui talvez não pudesse; tendes um guarda que vela bem por vós.

3. Na Rua des Noyers havia alguém que te servia de auxiliar para facilitar as brincadeiras de mau gosto com os habitantes da casa?

Resp. – Certamente; encontrei um bom instrumento e nenhum Espírito douto, sábio e virtuoso para me impedir. Porque sou alegre, às vezes gosto de me divertir.

4. Qual era a pessoa que te servia de instrumento?

Resp. – Uma criada.

5. Ela te servia de auxiliar sem que o soubesse?

Resp. – Oh, sim! Pobre *menina!* Era a mais apavorada.

6. Entre as pessoas que se encontram aqui, haverá alguma capaz de te auxiliar a produzir efeitos semelhantes?

Resp. – Bem que eu poderia encontrar uma, se ela quisesse prestar-se a isso; mas não para manipular aqui.

7. Podes designá-la?

Resp. – Sim. Ali, à direita daquele que fala; ele usa óculos.

Observação – Com efeito, o Espírito designa um membro da Sociedade, que é um pouco médium escrevente, mas que nunca produziu nenhuma manifestação física. É provável que seja uma nova brincadeira do Espírito.

8. Ages com objetivo hostil?

Resp. – Não tenho nenhum objetivo hostil; mas os homens, que se apoderam de tudo, tirarão sua vantagem.

9. Que queres dizer com isto? Não te compreendemos.

Resp. – Procurava divertir-me, mas estudais a coisa e tendes um fato a mais para mostrar que existimos.

10. Onde conseguias os objetos que atiravas?

Resp. – São muito comuns; encontrei-os no pátio e nos jardins vizinhos.

11. Encontraste *todos* ou fabricaste alguns?

Resp. – Nada criei, nada compus.

12. Se não os tivesses encontrado, poderias fabricá-los?

Resp. – Teria sido mais difícil; mas, a rigor, a gente mistura matérias e isto faz um todo qualquer.

13. Dize-nos, agora, como os lançaste?

Resp. – Ah! Isto é mais difícil de dizer; servi-me da natureza elétrica daquela menina, junto à minha, menos material. Assim, pudemos ambos transportar aqueles diversos materiais. (Vide a nota que segue à evocação).

14. Imagino que gostarias de dar algumas informações a teu respeito. Em primeiro lugar, dize-nos se morreste há muito tempo?

Resp. – Há muito tempo; há bem uns cinqüenta anos.

15. Que eras em vida?

Resp. – Não era grande coisa; costurava molambos

neste bairro. Algumas vezes me diziam tolices, porque gostava muito do licor vermelho do ingênuo Noé. Assim, eu queria que todos sumissem daqui.

16. Foi por ti mesmo e de boa vontade que respondeste às nossas perguntas?

Resp. – Eu tinha um orientador.

17. Quem é esse orientador?

Resp. – O vosso bom rei Luís.

Observação – Esta pergunta foi motivada pela natureza de certas respostas, que parecem ultrapassar o alcance do Espírito, pelo fundo das idéias e mesmo pela forma da linguagem. Nada há de surpreendente tenha sido ele auxiliado por um Espírito mais esclarecido, que queria aproveitar a ocasião para nos instruir. Isto é um fato muito comum. Mas – notável particularidade nesta circunstância – a influência do outro Espírito se fez sentir sobre a própria letra: a das respostas onde interferiu é mais regular e corrente; a das outras é angulosa, grosseira, irregular, geralmente pouco legível e mostra um caráter diverso.

18. Que fazes agora? Ocupas-te com o teu futuro?

Resp. – Ainda não; erro. Pensam tão pouco em mim aí na Terra, que ninguém ora por mim. Assim, não sou ajudado e não trabalho.

19. Qual era teu nome quando vivias?

Resp. – Jeannet.

20. Muito bem! Oraremos por ti. Dize-nos se nossa evocação te deu prazer ou te contrariou?

Resp. – Antes prazer, porquanto sois criaturas boas, alegres, embora um pouco austeros. Tanto faz: ouvistes a mim e estou contente.

Jeannet

Observação – A explicação dada pelo Espírito à pergunta 13 está perfeitamente conforme à que nos foi dada, há tempos, por outros Espíritos, quanto à maneira por que agem para operar o movimento e a translação das mesas e de outros objetos inertes. Quando nos damos conta dessa teoria, o fenômeno parece muito simples. Compreende-se que diz respeito a uma lei da Natureza, e não é mais maravilhoso que os demais efeitos cujas causas desconhecemos. Esta teoria se acha completamente desenvolvida nos números da *Revista* de maio e junho de 1858.

Diariamente a experiência nos confirma a utilidade das teorias que temos dado dos fenômenos espíritas. Uma explicação racional desses fenômenos devia resultar em melhor compreensão da sua possibilidade e, por isso mesmo, dar convicção. Eis por que muitas pessoas que não se tinham convencido pelos mais extraordinários fatos, convenceram-se desde que puderam compreender o porquê e o como. Acrescentamos que, para muitos, essas explicações fazem desaparecer o maravilhoso, repondo os fatos, por mais insólitos que sejam, na ordem das coisas naturais, isto é, não sendo derrogações das leis da Natureza, nem tendo o diabo coisa alguma a ver com isso. Quando ocorrem espontaneamente, como na Rua des Noyers, quase sempre encontramos oportunidade para fazer algum benefício ou aliviar alguma alma.

Sabe-se que em 1849 fatos semelhantes ocorreram na Rua des Grès, perto da Sorbonne. O Sr. Lerible, que foi a vítima, acaba de dar um desmentido pelos jornais que o acusaram de fraude, citando-os perante os tribunais. Os considerandos de sua representação merecem ser referidos:²⁶

26 **N. do T.:** Reproduzimos os considerandos da maneira como se encontram no original francês, inclusive com a repetição de parágrafos idênticos, ou quase idênticos.

Ano de mil oitocentos e sessenta, nove de julho, a requerimento do Sr. Lerible, antigo negociante de carvão e lenha, proprietário, residente em Paris, à Rua de Grenelle-Saint-Germain, 64, eleitor, com domicílio em sua propriedade;

Eu, Aubin Jules Demonchy, oficial de justiça do Tribunal Civil do Sena, sediado em Paris, residente à Rua des Fossés Saint-Victor, 43, abaixo-assinado, notifico ao Sr. Garat, gerente do jornal *Patrie*, nos escritórios do dito jornal, sitos em Paris, à Rua du Croissant, onde estando e falando a uma mulher de confiança, assim declarei:

Determinar a inserção, em resposta ao artigo publicado em 27 de junho último, nos *Fatos* do jornal *Patrie*, da citação seguinte, feita pelo requerente ao gerente do jornal *Droit*, com a oferta que faz o requerente de cobrir os gastos da publicação, caso sua resposta exceda o número de linhas que a lei autoriza a publicar:

“No ano de mil oitocentos e sessenta, a cinco de julho, a requerimento do Sr. Lerible, antigo negociante de carvão e lenha, proprietário, residente em Paris, à Rua de Grenelle-Saint-Germain, 64, eleitor, domiciliado em sua propriedade;

“Eu, Aubin Jules Demonchy, oficial de justiça do Tribunal Civil do Sena, sediado em Paris, residente à Rua des Fossés Saint-Victor, 43;

“Citei o Sr. François, em nome e como gerente do jornal *Droit*, nos escritórios do mesmo jornal, sitos em Paris, à Praça Dauphine, onde estando e falando a...

“A comparecer em 8 de agosto de 1860 à audiência perante os senhores presidente e juízes que compõem a sexta câmara do Tribunal de Primeira Instância do Sena, estatuinto em matéria de polícia correcional, no Palácio da Justiça de Paris, às dez horas da manhã, para:

“Considerando que em seu número de 26 de junho último e por ocasião dos fatos que se teriam passado numa casa da Rua des Noyers, o jornal *Droit* refere que fatos análogos teriam ocorrido em 1847, numa casa da Rua des Grès;

“Que o redator acompanha suas observações por explicações que levam a crer que os ataques de que foi alvo a casa da Rua des Grès, em 1847, emanavam do próprio locatário, que os teria praticado de má-fé, a fim de obter, por meio de uma especulação desonesta, a rescisão do contrato de aluguel;

“Tendo em vista que os fatos assinalados pelo jornal *Droit* realmente ocorreram, não em 1847, mas em 1849, na casa que o requerente ocupava naquela época à Rua des Grès;

“Que, muito embora o nome do requerente seja indicado no artigo do *Droit* apenas por uma inicial, a designação exata de sua indústria, a dos locais que habitava e, enfim, que a relação dos fatos em exame foram colhidos pelo próprio jornal, apontam suficientemente o requerente como sendo o autor das manobras atribuídas à pessoa que ocupava a casa da Rua des Grès;

“Visto como essas imputações são capazes de atingir a honra e a consideração do requerente;

“Que são tanto mais repreensíveis quanto nenhuma das verificações, a respeito dos acontecimentos de que se trata, teriam sido realizadas, e que, a exemplo daqueles de que parece ter sido teatro a Rua des Noyers, ficaram sem explicação;

“Que, ademais, o requerente era proprietário, desde 1847, da casa e do terreno que ocupava na Rua des Grès; que a suposição a que chegou o diretor do *Droit* não tem nenhuma razão de ser e jamais foi formulada;

“Considerando-se que os termos utilizados pelo jornal *Droit* constituem uma difamação e estão sujeitos à aplicação das penas previstas em lei;

“Que todos os jornais de Paris se aproveitaram do artigo do *Droit* e que a honra do requerente sofreu, em razão dessa publicidade, uma ofensa cuja reparação lhe é devida;

“Por estes motivos:

“Resolve aplicar ao Sr. François as penas estabelecidas em lei, condenando-o, em pessoa, a indenizar o requerente por danos e perdas que este se reserva para reclamar em audiência, os quais declara, no momento, empregar em benefício dos pobres; que, além disso, o julgamento a ser feito seja inserido em todos os jornais de Paris, por conta do citado, que deverá pagar, também, as custas do processo, sob todas as reservas.

“E, para que o supracitado não ignore, deixei em seu domicílio uma cópia de igual teor do presente ato.

“Custas: 3 fr. 55 c.

“Assinado: Demonchy

“Registrado em Paris, em 6 de julho de 1860. Recebidos 2 fr. e 20 c.

“Assinado: Duperron

“Declarando ao supracitado que se não satisfazer à presente intimação, o requerente apelarà pelas vias de direito;

“Deixei em seu domicílio uma cópia de igual teor do presente ato.

“Custas: 9 fr. e 10 c.

“Demonchy”

Conversas Familiares de Além-Túmulo

THILORIER, O FÍSICO

Thilorier ocupava-se ativamente na pesquisa de um motor destinado a substituir o vapor e pensou tê-lo encontrado no ácido carbônico, que conseguira condensar. Na época o vapor era considerado um meio de locomoção grosseiro e primitivo. A respeito, lê-se a seguinte notícia na crônica do *Patrie*, de 22 de setembro de 1859:

Se Thilorier tivesse achado um motor de potência sem igual, ao lado do qual o vapor não passasse de mera puerilidade, teria ainda de regular a sua força, e três ou quatro vezes os ensaios que ele havia tentado lhe foram funestos. Ao explodir, os aparelhos o cobriram de numerosas feridas, provocando uma surdez quase completa no mártir da Ciência.

Entrementes, julgou-se de bom alvitre reproduzir a experiência da condensação do ácido carbônico no Colégio de França. Por imprudência ou por um acaso funesto, o aparelho quebrou-se, explodiu, feriu gravemente várias pessoas, custou a vida a um auxiliar do professor e arrancou um dedo de Thilorier.

Não foi o dedo que ele lamentou, mas o descrédito lançado sobre o novo motor, que havia descoberto. O medo apoderou-se de todos os cientistas e estes se recusaram a render-se a todos esses ingênuos argumentos de Thilorier: “Meu aparelho de condensação já estourou vinte vezes em minhas mãos, mas é a primeira que mata alguém! Nunca fez mais do que me ferir.” Só o nome do ácido carbônico afugentava todo o Instituto, sem contar a Sorbonne e o Colégio de França.

Um pouco triste Thilorier recolheu-se em seu laboratório mais do que o fazia habitualmente. Os que o estimavam notaram desde logo que uma profunda mudança se operava em seus hábitos. Passava dias inteiros sem pensar em pôr seu gato

sobre os joelhos, andava a grandes passadas e não tocava mais em suas retortas e alambiques. Quando, por acaso, saía de casa era simplesmente para parar no meio da rua, sem dar atenção à curiosidade e ao espanto que excitava nos transeuntes.

Como fosse um homem de fisionomia suave e distinta, com belos cabelos que começavam a embranquecer, e levasse na lapela da sobrecasaca azul o distintivo da Legião de Honra, o olhavam sem muita zombaria. Movida pela compaixão, uma moça o tomou um dia pelo braço e o acompanhou em seu passeio. Ele nem pensou em agradecer à sua amável benfeitora. Passava ao lado dos melhores amigos sem os perceber e sem responder quando lhe dirigiam a palavra. A idéia fixa se havia apoderado dele, essa nuance imperceptível que separa o gênio da loucura.

Certo dia conversava no laboratório com um de seus amigos:

Então, disse ele, finalmente resolvi o meu problema! Como sabes, há algumas semanas meu aparelho de condensação quebrou-se na Sorbonne...

– Algumas semanas? interrompi-o. Mas já se passaram vários anos!

– Ah! continuou ele sem se desconcertar; então levei tanto tempo para resolver o meu problema? Afinal de contas, que importam algumas semanas ou anos, desde que tenho a solução! Sim, meu amigo, não só uma explosão é impossível, mas, ainda, essa força terrível, eu a domino! Faço dela o que quiser! É minha escrava! Posso empregá-la à vontade para arrastar massas enormes, movimentar máquinas gigantescas, ou obrigá-la a movimentar-se com os mais delicados e frágeis impulsos!

E como eu o encarasse com estupefação:

– Palavra de honra que ele duvida do que lhe digo!

exclamou, rindo. Mas olha estes planos, estes desenhos; e se não crês em teus olhos, escuta-me!

Então, com uma lucidez que não deixava nenhuma margem à dúvida, mesmo para um homem estranho aos arcanos da Ciência, discorreu sobre os meios de que dispunha para pôr em ação sua obra. Não se lhe podia fazer uma só objeção: em todos os pontos sua teoria era irrefutável.

– Preciso de três dias para fazer meu aparelho, continuou ele. Quero construí-lo inteiramente com minhas mãos. Vem ver-me depois de amanhã... E tu, que não me abandonaste, tu que não duvidaste de mim, tu, cuja pena me defendeu, serás o primeiro a usufruir e a compartilhar do meu sucesso.

Fui fiel, com efeito.

Quando passei pela portaria, a encarregada me chamou.

– Ah! Senhor, disse-me ela, que grande desgraça, não é mesmo? Um homem tão bom! Um verdadeiro filho da bondade! Morrer tão depressa!

– Mas quem?

– O Sr. Thiloriet. Morreu agora mesmo.

Infelizmente ela dizia a verdade. Meu infeliz amigo fora atingido de morte súbita em seu laboratório.

Que aconteceu à sua descoberta? Com ele não foi encontrado nenhum vestígio dos desenhos que me havia mostrado; suas notas, se é que as deixou, foram igualmente perdidas. Teria resolvido o grande enigma que procurava? Só Deus o sabe! Deus, que não lhe permitira transmitir seu pensamento sublime, ou louco, senão a um profano, incapaz de discernir o verdadeiro do falso e, sobretudo, de se lembrar da teoria sobre a qual o inventor se baseava.

Seja como for, hoje a condensação do ácido carbônico não passa de experiência curiosa, que os professores raramente demonstram em seus cursos.

Se Thilorier tivesse vivido mais alguns dias, quem sabe não teria o ácido carbônico modificado a face do mundo?

Sam

Thilorier havia ou não achado o que buscava? Em todo caso, seria interessante saber o que a respeito ele pensava como Espírito.

1. Evocação.

Resp. – Eis-me alegre em vossa companhia.

2. Desejamos conversar convosco, porque pensamos que só teríamos a lucrar numa conversa com o Espírito de um cientista, como fostes em vida.

Resp. – O Espírito de um sábio muitas vezes é mais elevado na Terra do que no Céu. Entretanto, quando a ciência for companheira da proibidade, isto será uma garantia da superioridade espírita.

3. Como físico, vos ocupastes especialmente na procura de um motor para substituir o vapor e pensáveis havê-lo encontrado no ácido carbônico condensado. Que pensais disso agora?

Resp. – Minha idéia era de tal modo fixa neste assunto, que sonhei, na véspera de minha morte, ou, para ser mais exato, no momento de minha ressurreição espiritual.

4. Alguns dias antes de morrer, pensáveis ter encontrado a solução da dificuldade prática. Achastes realmente esse meio?

Resp. – Digo-vos que a superexcitação da imaginação me provocara um sonho fantástico, que enunciei desperto. Era, em termos exatos, aquilo a que chamais loucura. O que eu tinha sonhado não era absolutamente aplicável.

5. Estáveis aqui quando foi lida a notícia que vos diz respeito?

Resp. – Sim.

6. Que pensais dela?

Resp. – Pouca coisa; repouso no seio do meu anjo-da-guarda, porquanto minha pobre alma saiu bastante machucada de meu corpo miserável.

7. Apesar disso, poderíeis responder a algumas perguntas relativas às ciências?

Resp. – Sim; por um momento quero mesmo entrar no labirinto da Ciência.

8. Pensais que um dia o vapor será substituído por outro motor?

Resp. – Este será ainda mais aperfeiçoado. Todavia, creio que no futuro a inteligência humana achará um meio de o simplificar ainda mais.

9. Que pensais do ar condensado, como motor?

Resp. – O ar condensado é um excelente motor, mais leve que o vapor e mais econômico. Quando se souber dirigir o seu emprego, terá mais força e, portanto, mais velocidade.

10. Que pensais agora do ácido carbônico condensado, utilizado para tal fim?

Resp. – Eu ainda estava muito atrasado. Serão necessárias numerosas experiências e longos e difíceis estudos para se chegar a um resultado satisfatório. A Ciência ainda tem tanto a fazer!

11. Dos diferentes motores de que se ocupam, qual deles julgais que triunfará?

Resp. – O vapor, agora; mais tarde, o ar condensado.

12. Tornastes a ver Arago?

Resp. – Sim.

13. Discutis entre vós as ciências?

Resp. – Algumas vezes as faculdades de nossa inteligência se voltam para os estudos humanos. Gostamos muito de assistir às experiências que são feitas. Mas quando se volta ao Céu não se pensa mais nisso; e depois, como já vos disse, estou repousando.

14. Ainda uma pergunta, por obséquio, mas muito séria. Caso não possais respondê-la por vós mesmo, tende a bondade de vos fazer assistir por um Espírito mais competente.

Sempre nos disseram que os Espíritos sugerem idéias aos homens e que muitas descobertas têm essa origem. Mas como nem todos os Espíritos sabem tudo e, por isso, procuram instruir-se, poderíeis dizer-nos se alguns deles fazem pesquisas e descobertas no estado de Espírito?

Resp. – Sim. Quando um Espírito chegou a um grau bastante avançado, Deus lhe confia uma missão e o encarrega de ocupar-se de tal ou qual ciência útil aos homens. É então que essa inteligência, obediente a Deus, busca nos segredos da Natureza, que Deus lhe permite entrever, tudo quanto for necessário que ele aprenda para isto. E quando estudou bastante, dirige-se a um homem capaz de apreender aquilo que, por sua vez, pode ensinar. De repente esse homem é torturado por um pensamento; só pensa nele; fala dele a todo instante; sonha com ele todas as noites; ouve vozes celestes que lhe falam. Depois, quando tudo está bem desenvolvido em sua cabeça, esse homem anuncia ao mundo uma descoberta ou um aperfeiçoamento. É assim que os homens, em sua maior parte, são inspirados.

15. Somos gratos pela gentileza das respostas e por terdes abandonado vosso repouso por alguns instantes para atender-nos.

Resp. – Pedirei a Deus que vele por vós e vos inspire.

Nota – A Sra. G..., que algumas vezes vê os Espíritos, descreve as impressões recebidas durante a evocação de Thilorier: viu um Espírito que julga ser o dele.

16. [A São Luís] Poderíeis dizer-nos se realmente foi o Espírito Thilorier que a Sra. G... viu?

Resp. – Não é exatamente esse Espírito que esta senhora acaba de ver; mais tarde seus olhos estarão habitados a discernir a forma do perispírito e ela distinguirá os Espíritos perfeitamente. No momento é uma espécie de miragem.

Nota – As perguntas complementares que seguem também foram dirigidas a São Luís.

17. Se os autores de descobertas são assistidos por Espíritos que lhes sugerem idéias, como é que alguns homens crêem inventar e nada inventam, ou só inventam quimeras?

Resp. – É que são iludidos por Espíritos enganadores que, achando seu cérebro aberto ao erro, deles se apoderam.

18. Como se explica que o Espírito escolha, com tanta freqüência, homens incapazes de levar uma descoberta a bom termo?

Resp. – São os cérebros desprovidos de previsão humana os mais capazes de receber a perigosa semente do desconhecido. O Espírito não escolhe tal homem por ser incapaz; é o homem que não sabe fazer frutificar a semente que lhe é dada.

19. Mas, então, é a Ciência que sofre com isso, e isto não explica por que o Espírito não se dirige preferencialmente a um homem capaz.

Resp. – A Ciência não sofre, porquanto o que um esboça o outro termina, e, durante o intervalo, a idéia amadurece.

20. Quando uma descoberta é feita prematuramente, obstáculos providenciais poderão opor-se à sua divulgação?

Resp. – O desenvolvimento de uma idéia útil jamais é detido. Deus não o permitiria; é preciso que ela siga o seu curso.

21. Quando Papin descobriu a força motriz do vapor, numerosos ensaios foram feitos para utilizá-lo e obtiveram-se resultados bastante satisfatórios, mas que ficaram no estado de teoria. Como se explica que tão grande descoberta ficasse adormecida durante tanto tempo, desde que se possuíam os seus elementos? Não faltavam homens capazes de a fecundar. Isto foi devido à insuficiência dos conhecimentos ou não era ainda chegado o momento da revolução que ela deveria operar?

Resp. – Para a divulgação das descobertas que transformam o aspecto exterior das coisas, Deus deixa a idéia amadurecer, como as espigas, cujo desenvolvimento o inverno não impede, mas apenas retarda. A idéia deve germinar durante muito tempo, a fim de eclodir no momento em que todos a solicitam. Dá-se o mesmo com as idéias morais, que primeiro germinam e somente se implantam quando chegam à maturidade. O Espiritismo, por exemplo, neste momento em que se tornou uma necessidade, será acolhido como um benefício, porque todas as outras filosofias já foram tentadas, inutilmente, para satisfazer as aspirações do homem.

São Luís

O SUICIDA DA RUA QUINCAMPOIX²⁷

No ano passado os jornais relataram um exemplo de suicídio consumado em circunstâncias especiais. Foi no começo da guerra da Itália. Um pai de família, gozando de estima geral por parte dos vizinhos, tinha um filho que fora sorteado para o serviço militar. Impossibilitado de o eximir de tal serviço, ocorreu-lhe a

27 **N. do T.:** Com ligeiras modificações, Allan Kardec inseriu esta passagem em *O Céu e o Inferno*, 2ª Parte, capítulo V, sob o título de *O Pai e o Conscrito*.

idéia de suicidar-se, a fim de o isentar do mesmo, como filho único de mulher viúva.

Essa morte foi uma prova para o pai ou para a mãe? Em todo caso, é provável que Deus tenha levado em conta o devotamento desse homem, e que o suicídio não tivesse para ele as mesmas conseqüências que outros motivos acarretariam.

[A São Luís] Poderíeis dizer-nos se é possível evocar o Espírito de quem acabamos de nos referir?

Resp. – Sim, e ele ganhará com isso, porque ficará mais aliviado.

1. Evocação.

Resp. – Oh! obrigado! Sofro muito, mas... é justo. Contudo, ele me perdoará.

Observação – O Espírito escreve com grande dificuldade; os caracteres são irregulares e mal-formados; depois da palavra *mas*, ele pára, e, procurando em vão escrever, apenas consegue fazer alguns traços indecifráveis e pontos. É evidente que foi a palavra *Deus* que ele não conseguiu escrever.

2. Tende a bondade de preencher a lacuna com a palavra que deixastes de escrever.

Resp. – Sou indigno de escrevê-la.

3. Dissestes que sofrestes; compreendeis que fizestes muito mal em vos suicidar; entretanto, o motivo que vos levou a esse ato não provocou qualquer indulgência?

Resp. – A punição será menos longa, mas nem por isso a ação deixa de ser má.

4. Podereis descrever-nos essa punição, dando o máximo de detalhes para a nossa instrução?

Resp. – Sofro duplamente, na alma e no corpo; e sofro

neste último, conquanto o não possuía, como sofre o operado a falta de um membro amputado.

5. Vossa ação teve por único motivo salvar o filho, ou concorreram para ela outras razões?

Resp. – Fui completamente inspirado pelo amor paterno, porém, mal inspirado. Em atenção a isso, a minha pena será abreviada.

6. Podeis precisar a duração dos vossos padecimentos?

Resp. – Não lhes entrevejo o termo, mas tenho certeza de que ele existe, o que é um alívio para mim.

7. Há pouco não vos foi possível escrever a palavra *Deus* e, no entanto, temos visto Espíritos muito sofredores fazê-lo: será isso uma conseqüência da vossa punição?

Resp. – Poderei fazê-lo com grandes esforços de arrependimento.

8. Pois então fazei esses esforços para escrevê-lo, porque estamos certos de que sereis aliviado.

O Espírito acabou por traçar esta frase com caracteres grossos, irregulares e trêmulos: “Deus é muito bom”.

9. Estamos satisfeitos pela boa vontade com que correspondestes à nossa evocação, e vamos pedir a Deus para que estenda sobre vós a sua misericórdia.

Resp. – Sim, obrigado.

10. [A São Luís] Podereis ministrar-nos a vossa apreciação sobre esse suicídio?

Resp. – Este Espírito sofre justamente, pois lhe faltou a confiança em Deus, falta que é sempre punível. A punição seria maior e mais duradoura, se não houvera como atenuante o motivo louvável de evitar que o filho se expusesse à morte na guerra. Deus, que é justo e vê o fundo dos corações, não o pune senão de acordo com suas obras.

Observação – Por sua ação, este homem talvez tenha impedido a realização do destino de seu filho. Primeiramente, não é certo que fosse morto na guerra e, talvez, essa carreira lhe fornecesse oportunidade de fazer algo que teria sido útil ao seu progresso. Sem dúvida essa consideração não será estranha à severidade do castigo que lhe é infligido. Sua intenção certamente era boa e isto lhe foi levado em conta. A intenção atenua o mal e merece indulgência, mas não impede que o mal seja sempre mal. Sem isso, a favor da intenção poderiam desculpar-se todos os malefícios, até mesmo matar, sob pretexto de uma boa intenção. Acredita-se, por exemplo, que seja permitido matar um homem que sofre sem esperança de cura, pelo motivo de querer abreviar os seus sofrimentos? Não, porque assim agindo, abreviamos a prova que deve sofrer e lhe fazemos mais mal do que bem. Uma mãe que mata o filho, na crença de que o envia diretamente ao céu, será menos culpada porque o fez com boa intenção? Com base nesse sistema, justificaríamos todos os crimes que o fanatismo cego cometeu nas guerras de religião.

Variedades

O PRISIONEIRO DE LIMOGES

O fato seguinte foi comunicado à Sociedade pelo Sr. Achille R..., um de seus membros, conforme carta de um de seus amigos de Limoges, datada de 18 de julho:

“Nesse momento nossa cidade se ocupa de um fato interessante para os espíritas, e que me apresso a fazer passar ao Sr. Kardec por vosso intermédio. Eu mesmo colhi as informações mais detalhadas junto às testemunhas em questão, isto é, na prisão em que se acha, no momento, o herói da aventura.

“Um soldado da 1ª linha, chamado Mallet, foi condenado a um mês de prisão por ter desviado a quantia de três

francos, que pertencia a um de seus camaradas. Sua pena expirará em sete dias. O jovem militar perdeu um irmão de dezenove anos, doméstico, há cerca de oito anos, e desde sete anos ele vê, ao menos de quatro em quatro dias, depois da meia-noite, uma grande chama em meio à qual se destaca um cordeirinho. Esta visão o apavora, mas não ousa falar disso. Quando estava só na prisão, ficou ainda mais apavorado, suplicando ao carcereiro que lhe desse companheiros. Assim, foram para junto dele quatro soldados do 2º Regimento de caçadores montados. À uma hora da madrugada, tendo-se levantado Mallet, as quatro testemunhas também viram a chama e o cordeiro em suas costas.

“Como disse, a aparição se repete muitas vezes; o pobre rapaz fica tão aflito e tão desolado que chora e não mais se alimenta. O cirurgião-mor do regimento quis assegurar-se do fato por si mesmo, mas não ficou bastante tempo, pois a visão só ocorreu uma hora e meia após a sua saída. Um abade de Saint-Michel, o Sr. F..., foi mais feliz, ao que parece, porquanto tomou notas. Visita-lo-ei para lhe perguntar o que pensa a respeito.

“Mas não é tudo. Disse-me o carcereiro ter visto várias vezes a porta da prisão aberta pela manhã, embora a tivesse aferrolhado cuidadosamente na véspera. Aconselharam a Mallet que interrogasse o cordeiro, o que fez na noite passada, e lhe foram respondidas estas palavras, que recolhi textualmente de sua boca: *Manda rezar um De Profundis e missas; sou teu irmão; não voltarei mais.* Tal é a descrição exata dos fatos; eu os entrego ao Sr. Kardec para que faça o uso que julgar conveniente.”

**PERGUNTAS DE UM ESPÍRITA DE SÉTIF
AO SR. OSCAR COMETTANT**

A carta seguinte nos foi enviada por um dos nossos assinantes de Sétif (Argélia), onde há numerosos adeptos que recebem comunicações notáveis, com as quais já entretemos os nossos leitores.

Senhor,

O Sr. Dumas já vos falou de um fenômeno extraordinário que se passou há algum tempo com meu filho de dezesseis anos, portador de singular mediunidade. Cada vez que se faz uma evocação, ele adormece sem ser magnetizado e, em tal estado, responde a todas as perguntas que, por seu intermédio, são dirigidas ao Espírito. Ao despertar, não guarda nenhuma lembrança. Chega até mesmo a responder em latim, inglês e alemão, línguas das quais não tem nenhum conhecimento. É um fato que muitas pessoas puderam constatar e o afirmo sobre o que tenho de mais sagrado, mesmo ao Sr. Oscar Comettant. Tenho em mão um folhetim deste último, de 27 de outubro de 1859, em que está escrito: “Mas em que acreditais? Talvez me pergunte o Sr. Allan Kardec.” Eu, Senhor, não lhe perguntarei se crê em alguma coisa: primeiro, porque isto pouco me importa e, depois, porque há homens que em nada acreditam. O Sr. Oscar Comettant apóia-se na autoridade de Voltaire, que não acreditava naquilo que sua razão não podia compreender. Está errado porque, não obstante o imenso saber que Deus havia dado a Voltaire, há milhares de coisas hoje conhecidas e de que sua razão jamais suspeitou. Ora, ao negar um fato cuja realidade não se deseja constatar, pergunto, em consciência, de que lado está o absurdo.

Dirijo-me diretamente ao Sr. Oscar Comettant e lhe digo: Admitamos não sejam os Espíritos que nos falam; mas, então, dai-nos uma explicação lógica do fato que citei. Se o negais *a priori*, eu vos chamo ao tribunal da razão, que invocais; se me surpreendeis em flagrante delito de mentira, concordo em pedir desculpas ou em passar por louco. Caso contrário, estou pronto a entrar em luta convosco, no terreno dos fatos. Mas, antes de entabular a discussão, perguntar-vos-ei:

1º Se acreditais no sonambulismo natural e se vistes indivíduos nesse estado?

2º Vistes sonâmbulos no momento em que escreviam?

3º Vistes sonâmbulos respondendo a perguntas mentais?

4º Vistes sonâmbulos respondendo em línguas que lhes são desconhecidas?

Preciso de um *sim*, ou um *não*, puro e simples, a todas essas perguntas. Se for sim, passaremos a outra coisa; se for não, encarrego-me de vos fazer ver e, então, podereis explicar-me a coisa à vossa maneira.

Aceitai, etc.

Courtois

Faremos as seguintes reflexões, relativamente à carta acima. É provável que o Sr. Comettant não responda ao Sr. Courtois, como não o fez a outras pessoas que lhe escreveram sobre o mesmo assunto. Se ele estabelecesse uma polêmica, sem dúvida seria no terreno do sarcasmo, terreno sobre o qual sempre diz a última palavra e no qual nenhum homem sério gostaria de acompanhá-lo. Que o Sr. Courtois o deixe, pois, na *momentânea* quietude de sua incredulidade, já que ela lhe basta e ele se contenta em ser matéria. Desde que só tem anedotas a opor, é que nada tem de melhor a dizer. Ora, como as anedotas não são razões, aos olhos das pessoas sensatas é confessar-se vencido.

O Sr. Courtois labora em erro ao levar muito a sério as negações dos incrédulos. Os materialistas não acreditam sequer possuir uma alma e se reduzem ao modesto papel de fantoches. Como podem admitir Espíritos fora deles, quando não acreditam tê-los em si mesmos? Falar-lhes dos Espíritos e de suas manifestações é, pois, começar por onde se deveria terminar. Não admitindo a causa primeira, não podem admitir as conseqüências.

Dir-se-á, por certo, que, se têm raciocínio, devem ceder à evidência. É verdade; mas é precisamente esse raciocínio que lhes falta; aliás, sabe-se muito bem, o pior cego é aquele que não quer ver. Deixemo-los, pois, em paz, porquanto suas negações não mais impedirão que a verdade se espalhe, como não impediram a água de correr.

Ditados Espontâneos e Dissertações Espíritas

Recebidas ou lidas nas sessões da Sociedade

DESENVOLVIMENTO DAS IDÉIAS

A propósito da evocação de Thilorier – Médiun: Sra. Costel

Vou falar da necessidade de reunir elementos diversos do Espírito para formar um todo. É uma ilusão comum acreditar que uma aptidão especial, para se desenvolver, necessite apenas de um estudo especial. Não. O Espírito humano, como um rio, se avoluma com todos os afluentes. O homem não deve isolar-se em seu trabalho, isto é, pelos mais opostos contrastes deve fazer brotar a seiva das idéias. A originalidade é o contraste das idéias-mãe; é uma das mais raras superioridades. Desde a infância ela é abafada pela regra absurda que rebaixa todos os Espíritos ao mesmo nível. Vou explicar minha idéia. Thilorier, que acabam de evocar, era um inventor apaixonado, uma inteligência ativa; mas se havia limitado à esfera da invenção, isto é, na idéia fixa. Jamais se postava à janela para ver passarem as idéias dos outros; assim, ficou prisioneiro de sua própria mente. O gênio flutuava ao seu redor, mas, encontrando todas as saídas fechadas, deixou a loucura, sua irmã, penetrar e invadir o local tão bem guardado. E Thilorier, que teria deixado um nome imortal, vive apenas na lembrança de alguns sábios.

Georges (Espírito familiar)

MASCARADAS HUMANAS

Médium – Srta. Huet

Falarei da necessidade singular que têm os melhores Espíritos de imiscuir-se sempre nas coisas que lhes são mais estranhas. Por exemplo: um excelente comerciante não duvidará um instante de sua aptidão política, e o maior diplomata porá o amor-próprio na decisão das coisas mais frívolas. Esse defeito, comum a todos e a todas, não tem outro móvel senão a vaidade, e só esta tem necessidades artificiais. Para a toaleta, para o espírito, para o próprio coração, ela busca, antes de tudo, o que é falso; vicia o instinto do belo e do verdadeiro; leva as mulheres a desnaturar sua beleza; persuade os homens a buscar precisamente o que lhes é mais prejudicial. Se os franceses não tivessem esse defeito, uns seriam os mais inteligentes do mundo e outras as mais sedutoras Evas conhecidas. Não tenhamos, pois, essa absurda fraqueza; tenhamos a coragem de ser nós mesmos, de levar a cor do nosso Espírito, como a dos nossos cabelos. Mas os tronos ruirão, as repúblicas se estabelecerão, antes que um francês leviano renuncie às suas pretensões de gravidade, e uma francesa às suas pretensões de firmeza. Mascarada contínua, em que cada um veste a roupa de outra época, ou simplesmente a de seu vizinho. Mascarada política, mascarada religiosa em que, arrastados pela vertigem, todos vos buscais loucamente, não encontrando nesse tumulto nem vosso ponto de partida, nem o vosso objetivo.

Delphine de Girardin

O SABER DOS ESPÍRITOS

Médium – Srta. Huet

No estudo do Espiritismo há um erro muito grave que se propaga cada dia mais e que se torna quase o móvel que faz os outros virem a nós: é o de nos julgarem infalíveis em nossas respostas. Pensam que tudo devemos saber, tudo ver, tudo prever. Erro! Certamente, não mais estando nossa alma encerrada num corpo material, como um pássaro numa gaiola, lança-se no espaço;

os sentidos dessa alma tornam-se mais apurados, mais desenvolvidos; vemos e ouvimos melhor; mas não podemos saber tudo, estar em toda parte, porque não temos o dom da ubiqüidade. Que diferença, pois, haveria entre nós e Deus, se nos fosse permitido conhecer o futuro e anunciá-lo com precisão? Isto é impossível. Sabemos mais que os homens, certamente; algumas vezes podemos ler no pensamento e no coração dos que nos falam, mas aí se detém a nossa ciência espírita. Corrigi-vos, pois, da idéia de nos interrogar unicamente para saber o que se passa em tal ou qual parte do vosso globo, em relação a uma descoberta material, comercial, ou para serdes advertidos do que acontecerá amanhã, nos negócios políticos e industriais. Haveremos sempre de vos informar sobre o nosso estado, sobre nossa existência extracorpórea e sobre a bondade e a grandeza de Deus; enfim, sobre tudo quanto possa servir à vossa instrução e à vossa felicidade presente e futura. Mas não nos pergunteis o que não podemos ou não devemos dizer.

Channing

ORIGENS

Médium – Sra. Costel²⁸

No princípio era o Verbo, e o Verbo era Deus. Assim se anuncia no Evangelho de São João. Isto é, no começo estava o princípio e o princípio era Deus, o Criador de todas as coisas, que não hesitou mais na formação do homem, que na do globo. Ele o criou tal qual é hoje, dando-lhe, ao sair de suas mãos, o livre-arbítrio e o poder de progredir. Disse Deus ao mar: Não irás mais longe; ao contrário, falou aos homens, mostrando-lhes o Universo: Tudo isto é vosso; trabalhai, desenvolvei, descobri os tesouros em germe, semeados por toda parte – no ar, nas ondas, no seio da terra; trabalhai e amai; não duvideis de vossa origem divina, ela é direta; não sois os frutos de uma lenta progressão; não passastes pela fieira animal; positivamente sois filhos de Deus. Então, de onde provém o pecado? O pecado foi criado por vossas próprias faculdades, delas sendo o avesso e o exagero.

28 *Nota da Editora:* Ver “Nota Explicativa”, p. 569.

Não houve um primeiro homem, pai do gênero humano, assim como não houve um sol para iluminar o Universo. Deus abriu sua grande mão e, com a mesma profusão, espalhou a raça humana sobre os mundos, como as estrelas nos céus. Espíritos animados por seu sopro logo revelaram sua existência aos homens, muito antes dos profetas que conheceis. Outros enviados desconhecidos haviam esclarecido as almas ignorantes de si mesmas. Simultaneamente com os homens, foram criados os animais, sendo estes dotados de instinto, mas não de inteligência progressiva. Assim, conservaram os tipos primitivos e, salvo a educação individual, são os mesmos do tempo dos patriarcas. Os cataclismos dos dilúvios – porquanto não houve um só, mas vários – fizeram desaparecer raças inteiras de homens e animais; são conseqüências geológicas que ainda vos ameaçam.

Os homens descobrem, mas nada inventam. Assim, as crenças mitológicas não eram meras ficções, mas revelações de Espíritos inferiores. Os sátiros, os faunos eram Espíritos secundários, que habitavam os bosques e os campos, como ainda o fazem hoje. Era-lhes permitido, então, manifestar-se mais amiúde aos olhos dos homens, porque o materialismo não estava depurado pelo Cristianismo nem pelo conhecimento de um Deus único. O Cristo destruiu o império dos Espíritos inferiores, para estabelecer o do Espírito sobre a Terra. Isto é a verdade, que afirmo em nome de Deus Todo-Poderoso.

Lázaro

O FUTURO

Médium – Sr. Coll

O Espiritismo é a ciência de toda a luz; feliz da sociedade que o puser em prática! Somente então a idade de ouro, ou, melhor, a era do pensamento reinará entre vós. E não penseis que por isto tereis menos compensações terrenas; muito ao contrário, tudo será felicidade para vós, porque nesse tempo a luz vos fará ver a verdade sob um clarão mais agradável. O que os

homens ensinarão não será mais essa ciência capciosa, que vos faz ver, sob a máscara enganadora do bem geral, ou de um bem por vir, no qual, muitas vezes, os próprios mestres não têm nenhuma confiança, a mentira e a cupidez, a vontade de tudo ter, em proveito de uma seita e, algumas vezes até, em proveito de um só. Por certo os homens não serão perfeitos; mas, então, o falso será tão restrito, os maus terão tão pouca influência, que serão felizes na sua minoridade. Nesses tempos, os homens compreenderão o trabalho e todos alcançarão a riqueza, porque não desejarão o supérfluo senão para fazer grandes obras em proveito de todos. O amor, esta palavra tão divina, não mais terá a acepção impura que lhe atribuí. Todo sentimento pessoal desaparecerá, ante esse ensinamento tão suave, contido nestas palavras do Cristo: Amai-vos uns aos outros, como a vós mesmos.

Chegados a esta crença, todos sereis médiuns; desaparecerão todos os vícios que degradam vossa sociedade; tudo se tornará luz e verdade. O egoísmo, este verme roedor e retardador do progresso, que asfixia todo sentimento fraterno, não terá mais domínio sobre as vossas almas; vossas ações não mais terão por móvel a cupidez e a luxúria; amareis vossa mulher, porque ela terá uma alma boa e vos quererá, em vós divisando o homem escolhido por Deus, para proteger sua fraqueza; ambos vos auxiliareis a suportar as provas terrenas e sereis os instrumentos votados à propagação de seres destinados a melhorar-se, a progredir, a fim de chegarem a mundos melhores, onde, por um trabalho mais inteligente ainda, havereis de alcançar o nosso supremo benfeitor.

Ide, espíritas! Perseverai; fazei o bem pelo bem; desprezai *suavemente* os gracejadores; lembrai-vos de que tudo é harmonia em a Natureza, que a harmonia está nos mundos superiores e que, malgrado certos Espíritos fortes, tereis também a vossa harmonia relativa.

ELETRICIDADE ESPIRITUAL

Médium – Sr. Didier Filho

O homem é, ao mesmo tempo, um ser muito singular e muito fraco. Singular no sentido de que, em meio aos fenômenos que o cercam, nem por isso deixa de seguir o seu curso ordinário, espiritualmente falando; fraco porque, depois de ter visto e admirado, sorri porque seu vizinho sorriu e não pensa mais naquilo. E notai que aqui falo, não dos seres vulgares, sem reflexão, sem conhecimento. Não; falo de gente inteligente e, na maioria, esclarecida. De onde vem esse fenômeno? Porque, refletindo bem, é um fenômeno moral. Pois que! O Espírito começou a agir sobre a matéria pelo magnetismo e a eletricidade; a seguir entrou no próprio coração do homem e este não o percebe! Estranha cegueira! Cegueira, não produzida por uma causa estranha, mas voluntária, oriunda do Espírito. Em seguida vem o Espiritismo, produzindo uma comoção no mundo, e o homem publicou livros muito sábios, dizendo: é uma causa natural, é simplesmente a eletricidade, uma lei física, etc.; e o homem ficou satisfeito. Mas, crede, o homem ainda terá muitos livros para escrever, antes de poder compreender o que se acha escrito no livro da Natureza: o livro de Deus. A eletricidade, essa sutileza entre o tempo e o que não é mais o tempo, entre o finito e o infinito, não pôde o homem ainda definir. Por quê? Sabei-o: só podereis defini-la pelo magnetismo, essa manifestação material do Espírito. Por ora só conheceis a eletricidade material; mais tarde conhecereis também a eletricidade espiritual, que mais não é que o reino eterno da idéia.

*Lamennais***Desdobramentos da comunicação anterior**

1. Teríeis a bondade de dar-nos alguns esclarecimentos sobre certas passagens de vosso último ditado, que nos parecem um pouco obscuras?

Resp. – Farei o que me for possível no momento.

2. Dizeis: *a eletricidade, essa sutileza entre o tempo e o que não é mais o tempo, entre o finito e o infinito*; esta frase não nos parece muito clara. Teríeis a bondade de expô-la mais detalhadamente?

Resp. – Explico-me assim, da maneira mais simples que posso. Para vós o tempo existe, não é mesmo? Mas não existe para nós. Assim defini a eletricidade: essa sutileza entre o tempo e o que não é mais o tempo, porque esta parte do tempo de que outrora vos devíeis servir para vos comunicardes de um a outro extremo do mundo, esta porção do tempo, digo eu, não existe mais. Mais tarde virá a eletricidade, que não será outra coisa senão o pensamento do homem, transpondo o espaço. Com efeito, não é a imagem mais compreensível entre o finito e o infinito, o pequeno meio e o grande meio? Quero dizer, em síntese, que a eletricidade suprime o tempo.

3. Mais adiante dizeis: *Não conheceis ainda senão a eletricidade material; mais tarde conhecereis também a eletricidade espiritual*. Por isto entendeis os meios de comunicação de homem a homem, por via mediúnica?

Resp. – Sim, como progressos médios; outra coisa virá mais tarde. Dai aspirações ao homem: a princípio ele adivinha; depois vê.

Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas

Esta obra está inteiramente esgotada e não será reimpressa. Será substituída pelo novo trabalho – neste momento no prelo – muito mais completo e que seguirá um outro plano.²⁹

Allan Kardec

²⁹ N. do T.: Allan Kardec faz referência a *O Livro dos Médiums*, que seria lançado em 1861.



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

SETEMBRO DE 1860

Nº 9

Aviso

Os escritórios da Revista Espírita e o domicilio particular do Sr. Allan Kardec foram transferidos para a Rua Sainte-Anne, nº 59, passagem Sainte-Anne.

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 27 de julho de 1860 – Sessão geral

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 20 de julho.

Comunicações diversas:

1º Relatório da Srta. P... sobre o poema que o Sr. de Pory, de Marselha, enviou à Sociedade, intitulado *Linda, legenda gaulesa*. A Srta. P... analisa o assunto da obra e reconhece pensamentos de grande elevação, muito bem expressos; mas, salvo as idéias cristãs, em geral nele nada vê, ou vê pouca coisa que tenha

relação direta com o Espiritismo. O autor lhe parece mais *espiritualista* que *espírita*. Nem por isso, diz ela, sua obra é menos notável, e será lida com interesse pelos amantes da boa poesia.

2^o Carta do Sr. X... com uma análise sucinta da doutrina do Sr. Rigolot, de Saint-Etienne. Conforme tal doutrina, o mundo espírita não existe; depois da morte do corpo os Espíritos são imediatamente reunidos a Deus. Somente três Espíritos podem comunicar-se por via mediúnica: Jesus, diretor e protetor de nosso globo; Maria, sua mãe; e Sócrates. Todas as comunicações, qualquer que seja a sua natureza, emanam deles. São os únicos, diz, que a ele se manifestam, e quando lhe ditam coisas grosseiras, pensa que é para o provar.

Trava-se uma discussão a esse respeito, assim resumida:

A Sociedade é unânime em declarar que a razão se recusa a admitir possa o Espírito do bem por excelência, o modelo das mais sublimes virtudes, ditar coisas más, havendo uma espécie de profanação em supor que comunicações de torpezas revoltantes, e até obscenidades, como se vê algumas vezes, possam emanar de uma fonte tão pura. Por outro lado, admitir que todas as almas são imediatamente reunidas a Deus depois da morte, é negar o castigo do culpado, porquanto não se poderia pensar que o seio de Deus, que nos ensinam a olhar como suprema recompensa, seja, ao mesmo tempo, um foco de dor para aquele que viveu mal. Se nessa fusão divina o Espírito perde a individualidade, trata-se de uma variedade do panteísmo. Num e noutro caso, conforme essa doutrina, o culpado não tem nenhum motivo para deter-se no caminho do mal, sendo supérfluos os esforços para praticar o bem. É, pelo menos, o que ressalta dos princípios gerais que parecem formar a sua base.

A Sociedade não conhece bem o sistema do Sr. Rigolot para o julgar em seus detalhes; ignora como ele explica uma porção

de fatos *patentes*: o das aparições, por exemplo; aqueles em que o Espírito de um parente evocado prova *materialmente* sua identidade. Seria Jesus, então, que simularia tais personagens; seria ainda quem, no fenômeno dos Espíritos batedores, viria bater o tambor ou as árias ritmadas; depois de ter representado o odioso papel de tentador, viria servir de divertimento? Há incompatibilidade moral entre o trivial e o sublime, entre o bem absoluto e o mal absoluto.

O Sr. Rigolot sempre se manteve isolado dos outros espíritas, o que é um erro. Para bem conhecer uma coisa é preciso ver tudo, aprofundar tudo, comparar todas as opiniões, ouvir os prós e os contras, escutar todas as objeções e, finalmente, só aceitar o que a lógica mais severa pode admitir. É o que incessantemente recomendam os Espíritos que nos dirigem, e é por isso que a Sociedade tomou o nome de *Sociedade de Estudos*, nome que implica a idéia de exame e de pesquisas. É lícito pensar que o Sr. Rigolot, caso tivesse seguido este passo, teria reconhecido em sua teoria pontos em notória contradição com os fatos. Seu afastamento dos outros espíritas não lhe permite ver senão comunicações de uma só natureza e naturalmente o impede de enxergar o que poderia esclarecê-lo sobre sua insuficiência para resolver todas as questões. É o que se constata na maior parte dos médiuns que se isolam, os quais se encontram na condição daqueles que, ouvindo apenas um sino, não ouvem senão um som.

Tal é a impressão que a Sociedade experimenta a respeito dessa doutrina, que lhe parece impotente para explicar a razão de todos os fatos.

3º Menção a uma carta do Dr. Morhéry, com novos detalhes sobre a Srta. Godu e a continuação de suas observações sobre as curas obtidas; e a uma outra do Dr. de Grand-Boulogne, sobre o papel dos Espíritos batedores. Tendo em vista sua extensão, a leitura foi adiada para a próxima sessão.

4º O Sr. Allan Kardec relata um fato interessante ocorrido em sua casa, numa sessão particular. Nessa sessão estava presente o Sr. Rabache, excelente médium, pelo qual Adam Smith se havia espontaneamente comunicado num café de Londres. Tendo sido evocado através de outro médium – a Sra. Costel – Adam Smith respondeu simultaneamente, em francês, por essa senhora, e em inglês pelo Sr. Rabache; várias respostas eram de uma identidade perfeita e até mesmo a tradução *literal* uma da outra.

Relato de várias manifestações físicas ocorridas com o Sr. B..., presente à sessão. Entre outros fatos, o do transporte de uma rolha atirada num quarto, e o de um frasco de água fluidificada, que tinha tão forte odor de almíscar que impregnou todo o apartamento.

Estudos: 1ª Evocação do muçulmano *Seid-ben-Moloka*, falecido em Tunis com 110 anos, cuja vida foi marcada por atos de beneficência e generosidade. Suas respostas revelam um Espírito elevado, embora, durante a vida, não estivesse isento dos preconceitos de seita.

Dois ditados espontâneos são obtidos, o primeiro pelo Sr. Didier Filho, sobre a *consciência*, assinado por Lamennais; o segundo pela Sra. Lub..., sobre conselhos diversos, assinado por Paul.

Sexta-feira, 3 de agosto de 1860 – Sessão particular

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 27 de julho.

Leitura de uma carta do Sr. Darcol, através da qual propõe à Sociedade fazer uma subscrição para os cristãos da Síria. Fundamenta a proposta nos princípios de humanidade, de caridade

e de tolerância, que são a própria essência do Espiritismo e devem guiar a Sociedade.

Examinando a proposta e fazendo justiça às boas intenções do Sr. D..., a comissão pensa que a Sociedade deve abster-se de qualquer manifestação estranha ao objetivo de seus estudos e que deve deixar cada membro livre para agir individualmente.

A Sociedade não enxerga nessa atitude nada que possa ser visto com maus olhos; muito ao contrário. Mas, considerando-se a ausência da maior parte dos sócios, em razão da temporada, adia o exame da proposta para a volta.

Por sugestão do comitê, a Sociedade resolve tirar férias no mês de setembro.

Comunicações diversas:

1º Carta do Dr. Morhéry.

2º Carta do Sr. Indermuhle, membro da Sociedade, falando da boa aceitação das idéias espíritas, encontrada entre gente da classe rural. A propósito, cita um opúsculo alemão, intitulado *Die Ewigkeit kein geheimniss mehr* (Não há mais segredos sobre a eternidade) e que se propõe enviar à Sociedade.

3º Carta do Dr. de Grand-Boulogne sobre as manifestações físicas como meio de convicção. Pensa ele que seria erro considerar todos os Espíritos batedores como pertencendo a uma ordem inferior, já que ele mesmo obteve, através de batidas, comunicações de ordem bastante elevada.

O Sr. Allan Kardec responde que a tipologia é um meio de comunicação como qualquer outro, do qual podem servir-se os mais elevados Espíritos, quando não dispõem de outro

mais rápido. Nem todos os Espíritos que se comunicam por batidas são Espíritos batedores, e a maioria deles repudia tal qualificação, que só convém àqueles que chamamos *batedores profissionais*. Repugna ao bom-senso acreditar que Espíritos superiores venham passar o tempo divertindo uma reunião com demonstrações de habilidades. Quanto às manifestações físicas propriamente ditas, jamais contestou sua utilidade, mas persiste na opinião de que, por si sós, são impotentes para levar à convicção. Ainda mais, diz ele, quanto mais extraordinários os fatos, mais excitam a incredulidade. O que é necessário, antes de tudo, é compreender o princípio dos fenômenos. Para aquele que o conhece, eles nada têm de sobrenatural e vêm apoiar a teoria.

O Sr. de Grand-Boulogne diz que a carta que acabam de ler é um pouco antiga e que, depois, suas idéias se modificaram sensivelmente. Ele partilha inteiramente a opinião do Sr. Allan Kardec, tendo-lhe a experiência demonstrado quanto é útil compreender o princípio antes de ver. Assim, não admite em sua casa senão as pessoas que já se deram conta da teoria, evitando, desse modo, uma porção de questões ociosas e objeções. Reconhece ter feito mais prosélitos por esse sistema do que pela exibição de fatos que não são compreendidos.

Estudos:

1º Evocação de *James Coyle*, alienado, morto com 106 anos, no hospital Saint-Patrick, de Dublin, onde se encontrava desde o ano de 1802. A evocação oferece um interessante assunto para estudo sobre o estado do Espírito na alienação mental.

2º Apelo, sem evocação especial, aos Espíritos que reclamaram assistência. Dois se manifestam espontaneamente: a Grande Françoise e o Espírito de Castelnudary, agradecendo aos que oraram por eles.

3º Um ditado espontâneo é obtido pelo Sr. D..., assinado pela *Irmã Jeanne*, uma das vítimas dos massacres da Síria.

Sexta-feira, 10 de agosto – Sessão geral

Reunião do comitê.

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

O Sr. Allan Kardec anuncia que uma senhora, membro da Sociedade, lhe confiou 10 francos para sua subscrição em benefício dos cristãos da Síria, ou qualquer outra obra de caridade à qual julgue por bem aplicá-los.

Comunicações diversas:

1º Carta do Sr. Jobard, de Bruxelas, sobre Thilorier, do qual foi amigo, e que foi evocado a 15 de junho de 1860. Dá interessantes detalhes sobre sua descoberta, sua vida e seus hábitos, retificando várias asserções contidas na nota publicada a seu respeito no jornal *Patrie*. Entre outras particularidades conta como a audição lhe foi restabelecida pelo magnetismo. (Publicada adiante).

2º O Sr. B..., ouvinte estrangeiro, narra diversos casos de manifestações físicas espontâneas ocorridas com um de seus amigos. Não podendo este comparecer à sessão, o próprio Sr. B... relatará os fatos com mais detalhes, posteriormente.

Estudos:

1º Perguntas diversas e problemas morais dirigidos a São Luís, a respeito da morte de Jean Luizerolle, condenado no lugar do filho, em 1793, devotando-se a ele para salvar-lhe a vida.

2º Evocação de Alfred de Marignac, que deu ao Sr. Darcol uma comunicação sobre a *penúria*, assinada por Bossuet.

3º Evocação de Bossuet a esse respeito e várias outras perguntas. Termina por uma dissertação espontânea sobre o perigo das querelas religiosas.

4º Evocação da *Irmã Jeanne*, vítima dos massacres da Síria, que comparecera espontaneamente na última sessão e havia pedido para ser chamada novamente.

5º Apelo a um dos Espíritos sofredores que reclamam assistência. Um Espírito novo se apresenta sob o nome de *Fortuné Privat*, e dá detalhes sobre sua situação e as penas que sofre. Esta comunicação suscita inúmeras explicações interessantes sobre o estado dos Espíritos infelizes.

6º Ditado espontâneo sobre *o nada da vida*, assinado por *Sophie Swetchine*, recebido pela Srta. Huet.

Sexta-feira, 17 de agosto de 1860 – Sessão particular

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 10 de agosto.

Por sugestão da comissão, e após a leitura da ata, a Sociedade admite como sócio livre o Sr. Jules R..., de Bruxelas, domiciliado em Paris.

Comunicações diversas:

1º Numa carta da Condessa D..., de Milão, dirigida ao Sr. Allan Kardec, encontra-se a seguinte passagem: “Ultimamente, folheando velhas revistas de Paris, encontrei uma historieta de um maravilhoso escritor, Charles Nodier, tendo por título: *Lídia ou a ressurreição*. Achei-me em plena *Revista Espírita*; é uma intuição de *O Livro dos Espíritos*, embora escrita em 1839. Nodier era um crente? Naquela época já se falava de Espiritismo? Se pudesse, gostaria muito de evocá-lo; era um coração puro e uma alma

apaixonada. Evocai-o, por favor, vós que podeis *tanto!* Se, encarnado, sua moral era tão suave e tão atraente, o que não será agora, quando seu Espírito se acha completamente desprendido da matéria?”

Há muito tempo a Sociedade deseja evocar Charles Nodier. Fa-lo-á na presente sessão.

2º Leitura de duas dissertações obtidas pelo Dr. de Grand-Boulogne, assinadas por Zénon; a primeira, sobre a dúvida suscitada quanto à identidade de Bossuet, na sessão anterior; a segunda sobre a reencarnação, cuja necessidade o Espírito demonstra, do ponto de vista moral, e sua concordância com as idéias religiosas.

3º Leitura de duas comunicações recebidas pela Sra. Costel, assinadas por Georges; a primeira, sobre *o progresso dos Espíritos*; a segunda, sobre *o despertar do Espírito*.

4º Leitura da evocação de Luís XIV, feita pela Srta. Huet, e de um ditado espontâneo, obtido pela mesma, sobre *o proveito a tirar dos conselhos dos Espíritos*, assinado por Marie, Espírito familiar.

Estudos:

1º Recorda o Sr. Ledoyen que há tempos São Luís tinha começado uma série de dissertações sobre os pecados capitais. Pergunta se ele gostaria de continuar esse trabalho.

São Luís responde que o fará de boa vontade e que da próxima vez falará sobre a *Inveja*, pois a hora está muito avançada para fazê-lo naquela mesma noite.

2º Perguntam a São Luís se, na próxima sessão, poderão chamar novamente a rainha de Oude, já evocada em janeiro de

1858, a fim de julgar dos progressos que ela poderia ter feito. Ele responde: “Seríeis inspirados pela caridade se a evocásseis e se lhe falásseis amigavelmente, ao mesmo tempo instruindo-a um pouco, pois ainda está muito atrasada.”

3º Evocação de Charles Nodier. Depois de ter respondido, com extrema benevolência, às perguntas que lhe foram feitas, promete começar um trabalho contínuo na próxima sessão.

4º Ditado espontâneo, obtido pelo Sr. Didier, sobre a *hipocrisia*, assinado por Lamennais. Em seguida, o Espírito responde a várias perguntas sobre a sua situação e o caráter que se reflete em suas comunicações.

Sexta-feira, 24 de agosto de 1860 – Sessão geral

Reunião do comitê.

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

O presidente procede à leitura da seguinte instrução, concernente às pessoas estranhas à Sociedade, a fim de preveni-las contra as falsas idéias que poderiam formar quanto aos objetivos de seus trabalhos.

“Julgamos dever lembrar às pessoas estranhas à Sociedade, e que não estejam ao corrente dos nossos trabalhos, que não fazemos nenhuma experiência, e que elas se enganariam se pensassem encontrar aqui assuntos para distração. Ocupamo-nos seriamente de coisas muito sérias, mas pouco interessantes e pouco inteligíveis para quem quer que seja estranho à ciência espírita. Como a presença de tais pessoas seria inútil para elas mesmas e, para nós, uma causa de perturbação, nós nos recusamos a admitir as que não possuem, ao menos, os seus primeiros elementos e, sobretudo, as que a ela não sejam simpáticas. Antes de tudo somos uma Sociedade científica de estudos, e não uma Sociedade de

ensino; jamais convocamos o público porque sabemos, por experiência, que a convicção só se forma por uma longa série de observações e não por ter assistido a algumas sessões, que não apresentam nenhuma seqüência metódica. Eis por que não fazemos demonstrações que, devendo recommençar cada vez, paralisariam nossos trabalhos. Se, apesar disso, aqui se encontrassem pessoas que só fossem atraídas pela curiosidade, ou que não partilhassem nossa maneira de ver, nós lhes pediríamos se lembrassem de que não as convidamos e que esperamos de sua dignidade o respeito às nossas convicções, como respeitamos as suas. Não pedimos de sua parte senão silêncio e recolhimento. Sendo o recolhimento uma das mais expressas recomendações dos Espíritos que desejam comunicar-se conosco, exortamos insistentemente as pessoas presentes a que se abstenham de qualquer conversação particular.”

Decidiu a comissão que, embora haja uma 5^a sexta-feira no dia 31 deste mês, a de hoje, 24, será a última sessão antes das férias, e que a próxima será na primeira sexta-feira de outubro.

A comissão tomou conhecimento de uma carta com pedido de admissão como sócio livre, do Sr. B..., de Paris; mas, tendo em vista que a sessão do dia é geral, o exame fica adiado para depois das férias.

Comunicações diversas:

1^o Leitura da evocação particular, feita pelo Sr. Jules Rob..., de *Père Leroy*, falecido ultimamente em Beirute. A evocação é notável pela elevação dos pensamentos do Espírito, que em nada desmente o belo caráter de que deu provas em vida, e que é o de um verdadeiro cristão. Ele externa o desejo de ser evocado na Sociedade.

2^o Leitura de um ditado espontâneo, recebido pelo Sr. Darcol, sobre *os médiums*, assinado por *Salles*. Obtida na última sessão, essa comunicação não pôde ser lida, porque dela não se

havia tomado conhecimento prévio, *formalidade* que o regulamento prescreve imperiosamente.

3º Outro ditado espontâneo, recebido pela Sra. de B... sobre a *Caridade moral*, assinado pela Irmã Rosália.

4º Dois outros ditados espontâneos, obtidos pela Sra. Costel, um sobre *as várias categorias de Espíritos errantes*, e o outro sobre *os castigos*, assinados por Georges. Estas duas comunicações podem ser classificadas entre as mais notáveis, pela sublimidade dos pensamentos, a verdade dos quadros e a eloquência do estilo. (Serão publicadas, assim como as outras comunicações mais importantes).

O presidente faz observar que a Sociedade é necessariamente limitada pelo tempo, mas que tudo quanto os membros recebem em particular, desde que o queiram trazer, deve ser considerado como um complemento de seus trabalhos. Não deve considerar como dela fazendo parte apenas o que obtém em suas sessões, mas, igualmente, tudo quanto lhe vem de fora e pode servir para a sua instrução. Ela é o centro para onde convergem os estudos particulares para o bem de todos; examina-os, comenta-os e os aproveita, se for o caso. Para os médiuns, é um meio de controle que, esclarecendo-os quanto à natureza das comunicações que recebem, pode preservá-los de mais de um engano. Aliás, muitas vezes os Espíritos preferem comunicar-se na intimidade, onde necessariamente há mais recolhimento que nas reuniões numerosas, pelos instrumentos de sua escolha, nos momentos que lhes convêm e em circunstâncias que nem sempre nos é dado apreciar. Concentrando essas comunicações, cada um aproveita todas as vantagens que elas podem oferecer.

Estudos:

1º Perguntas dirigidas a São Luís sobre o Espírito Georges. Quando vivo ele era pintor e professor de desenho da

pessoa que lhe serve de médium. Sua vida não oferece nenhuma particularidade relevante, a não ser que sempre foi bom e benevolente. Suas comunicações, como Espírito, trazem um selo de tal superioridade que se desejou saber a posição por ele ocupada no mundo dos Espíritos. São Luís responde:

“Ele foi um Espírito justo na Terra; toda sua grandeza consiste na bondade, na caridade e na fé em Deus, que professava. Assim, hoje, encontra-se colocado entre os Espíritos superiores.”

2º Evocação de *Charles Nodier*, pela Srta. Huet. Ele começa o trabalho prometido na última sessão.

3º Evocação do *Père Leroy*. Como deixara livre a escolha do médium, preferiu-se não utilizar aquele de que se serviu pela primeira vez, a fim de afastar qualquer influência e poder melhor julgar da identidade por suas respostas. Elas estão em todos os pontos de acordo com os pensamentos antes expressos e dignos de um Espírito elevado. Ele termina por conselhos da mais alta sabedoria, nos quais se revelam, simultaneamente, a humildade do cristão, a tolerância da caridade evangélica e a superioridade da inteligência.

4º Evocação da rainha de Oude, já evocada em janeiro de 1858 (ver a *Revista* de março de 1858). Médium: Sr. Jules Rob... Nota-se nela uma leve disposição para progredir, mas o fundo de seu caráter sofreu pouca mudança.

Observação – Entre os assistentes achava-se uma senhora que durante muito tempo residiu na Índia e a conheceu pessoalmente. Diz que todas as respostas são perfeitamente conformes com o seu caráter e que é impossível não reconhecer nelas uma prova de identidade.

5º Três ditados espontâneos são obtidos: o primeiro pela Srta. Huet, sobre a *Inveja*, assinado por São Luís; o segundo

pelo Sr. Didier, sobre o *pecado original*, assinado por Ronsard; e o terceiro pela Srta. Stéphanie, assinado por Gustave Lenormand.

Durante as últimas comunicações, a Srta. L. J..., médium desenhista, recebeu dois grupos, assinados por Jules Romain.

Em seguida a alguns belos pensamentos escritos por um Espírito que não os assina, outro Espírito, que já se manifestou pela Srta. L. J..., interfere na comunicação, fazendo quebrar os lápis e riscando traços que denotam sentimentos de cólera. Ao mesmo tempo comunica-se com o Sr. Jules Rob..., respondendo laconicamente e com altivez às questões que lhe são dirigidas.

É o Espírito de um soberano estrangeiro, conhecido pela violência de seu caráter. Convidado a assinar o nome, ele o faz de duas maneiras. Um dos assistentes, ligado ao governo de seu país, cujas funções lhe deram ensejo de ver muito a sua assinatura, numa reconhece a de documentos oficiais, e na outra a das cartas particulares.

Encerrada a sessão geral, os Senhores membros da Sociedade são convidados a permanecer por mais alguns instantes para uma comunicação.

Numa alocução muito calorosa, o Sr. Sanson expressa o reconhecimento que deve ao Espírito São Luís, por sua intervenção na cura de um mal na perna que havia resistido a todos os tratamentos e deveria levar à amputação. É, diz ele, ao conhecimento do Espiritismo que deve sua cura, verdadeiramente miraculosa, pela confiança que teve na bondade e no poder de Deus, com o que antes pouco se preocupava. E como deve à Sociedade o ter sido iniciado nas verdades que ela ensina, ele a inclui nos seus agradecimentos. Desde então, todos os anos, oferece ao Espírito São Luís, no dia que lhe é consagrado, um

buquê de flores, em memória do favor de que foi objeto; e é essa homenagem que ele renova hoje, 24 de agosto, véspera de São Luís.

A Sociedade se associa ao testemunho de gratidão do Sr. Sanson. Ela agradece a São Luís a benevolência que tem merecido de sua parte e lhe pede continuar fazendo jus à sua proteção. São Luís responde:

“Sinto-me feliz, triplamente feliz, meus amados irmãos, pelo que vejo e ouço esta noite. Vossa emoção e reconhecimento ainda são a melhor homenagem que podeis dirigir-me. Que o Deus de bondade vos conserve estes bons e piedosos sentimentos! Continuarei a velar por uma Sociedade unida pelos sentimentos de caridade e de verdadeira fraternidade.”

Luís

O Maravilhoso e o Sobrenatural³⁰

Se a crença nos Espíritos e nas suas manifestações representasse uma concepção singular, fosse produto de um sistema, poderia, com visos de razão, merecer a suspeita de ilusória. Digam-nos, porém, por que com ela deparamos tão vivaz entre todos os povos, antigos e modernos, e nos livros santos de todas as religiões conhecidas? É, respondem os críticos, porque, desde todos os tempos, o homem teve o gosto do maravilhoso. – Mas, que entendeis por maravilhoso? – O que é sobrenatural. – Que entendeis por sobrenatural? – O que é contrário às leis da Natureza. – Conheceis, porventura, tão bem estas que possais marcar limite ao poder de Deus? Pois bem! Provai então que a existência dos Espíritos e suas manifestações são contrárias às leis da Natureza; que não é, nem pode ser uma destas leis.

30 **N. do T.:** Este artigo foi incluído por Allan Kardec em *O Livro dos Médiuns*, cuja primeira edição apareceu em 1861. Corresponde ao capítulo II, Primeira Parte, do livro citado.

Acompanhai a Doutrina Espírita e vede se todos os elos, ligados uniformemente à cadeia, não apresentam todos os caracteres de uma lei admirável, que resolve tudo o que as filosofias até agora não puderam resolver.

O pensamento é um dos atributos do Espírito; a possibilidade, que eles têm de atuar sobre a matéria, de nos impressionar os sentidos e, por conseguinte, de nos transmitir seus pensamentos, resulta, se assim nos podemos exprimir, da constituição fisiológica que lhes é própria. Logo, nada há de sobrenatural neste fato, nem de maravilhoso.

Entretanto, objetarão, admitis que um Espírito pode suspender uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio. Não constitui isto uma derrogação da lei de gravidade? – Constitui, mas da lei conhecida; porém, já a Natureza disse a sua última palavra? Antes que se houvesse experimentado a força ascensional de certos gases, quem diria que uma máquina pesada, carregando muitos homens, fosse capaz de triunfar da força de atração? Aos olhos do vulgo, tal coisa não pareceria maravilhosa, diabólica? Por louco houvera passado aquele que, há um século, se tivesse proposto a transmitir um telegrama a 500 léguas de distância e a receber a resposta, alguns minutos depois. Se o fizesse, toda gente creia ter ele o diabo às suas ordens, pois que, àquela época, só ao diabo era possível andar tão depressa. Por que, então, um fluido desconhecido não poderia, em dadas circunstâncias, ter a propriedade de contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Notemos, de passagem, que não fazemos uma assimilação, mas apenas uma comparação, e unicamente para mostrar, por analogia, que o fato não é fisicamente impossível.

Ora, foi exatamente por quererem proceder por assimilação, ao observarem estas espécies de fenômenos, que os sábios se transviaram.

Em suma, o fato aí está. Não há, nem haverá negação que possa fazer não seja ele real, porquanto negar não é provar. Para nós, não há coisa alguma sobrenatural. É tudo o que, por agora, podemos dizer.

Se o fato ficar comprovado, dirão, aceitá-lo-emos; aceitaríamos mesmo a causa a que o atribuíis, a de um fluido desconhecido. Mas, quem nos prova a intervenção dos Espíritos? Aí é que está o maravilhoso, o sobrenatural.

Far-se-ia mister aqui uma demonstração completa, que, no entanto, estaria deslocada e, ao demais, constituiria uma repetição, visto ressaltar de todas as outras partes do ensino. Todavia, resumindo-a nalgumas palavras, diremos que, em teoria, ela se funda neste princípio: todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente; e, do ponto de vista prático, na observação de que, tendo os fenômenos ditos espíritas dado provas de inteligência, fora da matéria havia de estar a causa que os produzia, e que, não sendo essa inteligência a dos assistentes – o que a experiência atesta – havia de lhes ser exterior. Pois que não se via o ser que atuava, necessariamente era um ser invisível.

Assim foi que, de observação em observação, se chegou ao reconhecimento de que esse ser invisível, a que deram o nome de Espírito, não é senão a alma dos que viveram corporalmente, aos quais a morte arrebatou o grosseiro invólucro visível, deixando-lhes apenas um envoltório etéreo, invisível no seu estado normal. Eis, pois, o maravilhoso e o sobrenatural reduzidos à sua mais simples expressão.

Uma vez comprovada a existência de seres invisíveis, a ação deles sobre a matéria resulta da natureza do envoltório fluídico que os reveste. É inteligente essa ação, porque, ao morrerem, eles perderam tão-somente o corpo, conservando a inteligência que lhes constitui a essência mesma. Aí está a chave de

todos esses fenômenos tidos erradamente por sobrenaturais. A existência dos Espíritos não é, portanto, um sistema preconcebido, ou uma hipótese imaginada para explicar os fatos: é o resultado de observações e a consequência natural da existência da alma. Negar essa causa é negar a alma e seus atributos. Dignem-se de apresentá-la os que pensam poder dar desses efeitos inteligentes uma explicação mais racional e, sobretudo, apontar a causa de *todos os fatos*; só então será possível discutir-se o mérito de cada uma.

Para os que consideram a matéria a única potência da Natureza, *tudo o que não pode ser explicado pelas leis da matéria é maravilhoso, ou sobrenatural*, e, para eles, *maravilhoso* é sinônimo de *superstição*. Se assim fosse, a religião, que se baseia na existência de um princípio imaterial, seria uma colcha de superstições. Não ousam dizê-lo em voz alta, mas dizem-no baixinho e julgam salvar as aparências ao admitirem que uma religião é necessária ao povo e às crianças, para que se tornem ajuizados. Ora, uma de duas, ou o princípio religioso é verdadeiro, ou falso. Se é verdadeiro, ele o é para toda gente; se falso, não tem maior valor para os ignorantes do que para os instruídos.

Os que atacam o Espiritismo, em nome do maravilhoso, se apóiam geralmente no princípio materialista, porquanto, negando qualquer efeito extramaterial, negam, *ipso facto*, a existência da alma. Sondai-lhes, porém, o fundo das consciências, perscrutai bem o sentido de suas palavras e descobrireis quase sempre esse princípio, se não categoricamente formulado, germinando por baixo da capa com que o cobrem, a de uma pretensa filosofia racional. Se abordardes claramente, perguntando-lhes se acreditam ter uma alma, talvez não ousem dizer que não, mas responderão que nada sabem ou não têm certeza. Lançando à conta do maravilhoso tudo o que decorre da existência da alma, são, pois, consequentes consigo mesmos: não admitindo a causa, não podem admitir os efeitos. Daí, entre eles, uma opinião preconcebida, que os torna impróprios para julgar com lisura o

Espiritismo, visto que o princípio donde partem é o da negação de tudo o que não seja material.

Quanto a nós, dar-se-á aceitemos todos os fatos qualificados de maravilhosos, pela simples razão de admitirmos os efeitos que são a consequência da existência da alma? Dar-se-á sejamos campeões de todos os sonhadores, adeptos de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas? Quem assim pensar demonstrará bem minguido conhecimento do Espiritismo. Mas os nossos adversários não atentam nisto muito de perto. O de que menos cuidam é da necessidade de conhecerem aquilo de que falam.

Segundo eles, o maravilhoso é absurdo; ora, o Espiritismo se apóia em fatos maravilhosos; logo, o Espiritismo é absurdo. E consideram sem apelação esta sentença. Achem que opõem um argumento irretorquível quando, depois de terem procedido a eruditas pesquisas acerca dos convulsionários de Saint-Médard, dos fanáticos de Cevenas, ou das religiosas de Loudun, chegaram à descoberta de patentes embustes, que ninguém contesta. Semelhantes histórias, porém, serão o Evangelho do Espiritismo? Terão seus adeptos negado que o charlatanismo há explorado, em proveito próprio, alguns fatos? que outros sejam frutos da imaginação? que muitos tenham sido exagerados pelo fanatismo? Tão solidário é ele com as extravagâncias que se cometem em seu nome, quanto a verdadeira ciência com os abusos da ignorância, ou a verdadeira religião com os excessos do sectarismo. Muitos críticos se limitam a julgar do Espiritismo pelos contos de fadas e pelas lendas populares que lhe são as ficções. O mesmo fora julgar da História pelos romances históricos, ou pelas tragédias.

Em lógica elementar, para se discutir uma coisa, preciso se faz conhecê-la, porquanto a opinião de um crítico só tem valor quando ele fala com perfeito conhecimento de causa. Então,

somente, sua opinião, embora errônea, poderá ser tomada em consideração. Que peso, porém, terá quando ele trata do que não conhece? A legítima crítica deve demonstrar não só erudição, mas também *profundo conhecimento* do objeto que versa, juízo reto e imparcialidade a toda prova, sem o que, qualquer menestrel poderá arrogar-se o direito de julgar Rossini, e um pinta-monos o de censurar Rafael.

Assim, o Espiritismo não aceita todos os fatos considerados maravilhosos, ou sobrenaturais. Longe disso, demonstra a impossibilidade de grande número deles e o ridículo de certas crenças, que constituem a superstição propriamente dita. É exato que, no que ele admite, há coisas que, para os incrédulos, são puramente do domínio do maravilhoso, ou por outra, da superstição. Seja. Mas, ao menos, discuti apenas esses pontos, porquanto, com relação aos demais, nada há que dizer e pregais em vão.

Porém, até onde vai a crença do Espiritismo? perguntarão. Lede, observai e sabê-lo-eis. Só com o tempo e o estudo se adquire o conhecimento de qualquer ciência. Ora, o Espiritismo, que toca nas mais graves questões de filosofia e em todos os ramos da ordem social, que abrange tanto o homem físico quanto o homem moral, é, em si mesmo, uma ciência, uma filosofia, que já não podem ser aprendidas em algumas horas, como nenhuma outra ciência.

Tanta puerilidade haveria em se querer ver todo o Espiritismo numa mesa girante, como toda a física nalguns brinquedos de criança. A quem não se limite a ficar na superfície, são necessários não somente algumas horas, mas meses e anos, para lhe sondar todos os arcanos. Por aí se pode apreciar o grau de saber e o valor da opinião dos que se atribuem o direito de julgar, porque viram uma ou duas experiências, as mais das vezes por distração ou divertimento. Dirão eles com certeza que não lhes sobram lazeres para consagrarem a tais estudos todo o tempo que reclamam. Está

bem; nada a isso os constringe. Mas, quem não tem tempo de aprender uma coisa não deve discorrer sobre ela e, ainda menos, julgá-la, se não quiser que o acusem de leviano. Ora, quanto mais elevada a posição que ocupamos na ciência, tanto menos escusável é tratarmos, levianamente, de um assunto que não conhecemos.

Resumimos nas proposições seguintes o que havemos expendido:

1^o Todos os fenômenos espíritas têm por princípio a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo e suas manifestações.

2^o Fundando-se numa lei da Natureza, esses fenômenos nada têm de *maravilhosos*, nem de *sobrenaturais*, no sentido vulgar dessas palavras.

3^o Muitos fatos são tidos por sobrenaturais, porque não se lhes conhece a causa; atribuindo-lhes uma causa, o Espiritismo os põe no domínio dos fenômenos naturais.

4^o Entre os fatos qualificados de sobrenaturais, muitos há cuja impossibilidade o Espiritismo demonstra, incluindo-os em o número das crenças supersticiosas.

5^o Se bem reconheça um fundo de verdade em muitas crenças populares, o Espiritismo de modo algum dá sua solidariedade a todas as histórias fantásticas que a imaginação há criado.

6^o Julgar do Espiritismo pelos fatos que ele não admite é dar prova de ignorância e tirar todo valor à opinião emitida.

7^o A explicação dos fatos que o Espiritismo admite, de suas causas e conseqüências morais, forma uma verdadeira ciência e toda uma filosofia, que reclamam estudo sério, perseverante e aprofundado.

8º O Espiritismo não pode considerar crítico sério, senão aquele que tudo tenha visto, estudado e aprofundado com a paciência e a perseverança de um observador consciencioso; que do assunto saiba tanto quanto qualquer adepto instruído; que haja, por conseguinte, haurido seus conhecimentos algures, que não nos romances da ciência; aquele a quem não se possa opor *fato algum* que lhe seja desconhecido, nenhum argumento de que já não tenha cogitado e cuja refutação faça, não por mera negação, mas por meio de outros argumentos mais peremptórios; aquele, finalmente, que possa indicar, para os fatos averiguados, causa mais lógica do que a que lhes aponta o Espiritismo. Tal crítico ainda está por aparecer.

Nem é preciso dizer que os críticos do maravilhoso, com mais forte razão, relegam os milagres para o âmbito das quimeras da imaginação. Algumas palavras a respeito, embora colhidas de um artigo precedente, encontram aqui seu lugar natural, e não será inútil lembrá-las.³¹

Na sua acepção primitiva, e por sua etimologia, a palavra milagre significa *coisa extraordinária, coisa admirável de ver*. Mas, como tantas outras, esta palavra perdeu o sentido original e hoje se diz, segundo a Academia, *de um ato do poder divino contrário às leis comuns da Natureza*. Tal, com efeito, a acepção vulgar, de modo que só por comparação e por metáfora a palavra se aplica às coisas vulgares que nos surpreendem, e cuja causa é desconhecida. Não entra de modo algum em nossas cogitações se Deus poderia julgar útil, em certas circunstâncias, derrogar leis por ele mesmo estabelecidas. Nosso objetivo é apenas demonstrar que os fenômenos espíritos, por mais extraordinários que sejam, não derrogam absolutamente essas leis, não têm nenhum caráter miraculoso, como não são maravilhosos ou sobrenaturais. O milagre não se explica; os fenômenos espíritos, ao contrário, explicam-se da maneira mais racional. Não são, pois, milagres, mas

31 N. do T.: Com algumas modificações, Allan Kardec inseriu parte deste texto no capítulo XIII de *A Gênese*, derradeiro livro da Codificação Espírita, publicado em 1868. (*Características dos Milagres*).

simples efeitos que têm sua razão de ser nas leis gerais. Outro caráter do milagre é o ser insólito, isolado. Ora, logo que um fenômeno se reproduz, por assim dizer, à vontade e por diversas pessoas, não pode ser um milagre.

Aos olhos dos ignorantes, a Ciência faz milagres todos os dias. Eis por que, outrora, os que sabiam mais que o vulgo passavam por feiticeiros. E como acreditavam que toda ciência sobre-humana vinha do diabo, eram queimados. Hoje, que estamos muito mais civilizados, contentamo-nos de os enviar para os hospícios.

Se um homem, que se ache realmente morto, for chamado à vida por intervenção divina, haverá verdadeiro milagre, por ser esse um fato contrário às leis da Natureza. Mas, se em tal homem houver apenas aparências da morte, se lhe restar uma *vitalidade latente* e a Ciência, ou uma ação magnética, conseguir reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas ter-se-á dado um fenômeno natural, mas, para o vulgo ignorante, o fato passará por miraculoso. Lance um físico, do meio de certas campinas, um papagaio elétrico e faça que o raio caia sobre uma árvore e certamente esse novo Prometeu será tido por armado de diabólico poder; mas Josué, detendo o movimento do Sol, ou, antes, da Terra, eis o verdadeiro milagre, porquanto não conhecemos nenhum magnetizador dotado de tão grande poder, para realizar tamanho prodígio.

De todos os fenômenos espíritas, um dos mais extraordinários, sem dúvida, é o da escrita direta, e um dos que demonstram da maneira mais patente a ação das inteligências ocultas; mas, pelo fato de o fenômeno ser produzido por seres ocultos, não é mais miraculoso que todos os outros fenômenos devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam os espaços são uma das forças da Natureza, cuja ação é tão incessante sobre o mundo material, quanto sobre o mundo moral.

Esclarecendo-nos quanto a essa força, o Espiritismo nos dá a chave de uma porção de coisas inexplicáveis, e inexplicadas por qualquer outro meio e que puderam, em tempos remotos, passar por prodígios. Assim como o magnetismo, ele revela uma lei, se não desconhecida, ao menos mal compreendida ou, melhor dizendo, da qual se conheciam os efeitos, porque se produziam em todos os tempos, mas não se conhecia a lei, e foi essa ignorância da lei que engendrou a superstição. Conhecida essa lei, o maravilhoso desaparece e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que os espíritas não operam mais milagres fazendo girar uma mesa ou um morto escrever, do que o médico fazendo reviver um moribundo ou o físico fazendo cair o raio. Aquele que, auxiliado por essa ciência, pretendesse *fazer milagres*, ou seria um ignorante do assunto ou um charlatão.

Os fenômenos espíritas, assim como os fenômenos magnéticos, devem ter passado por prodígio, antes que se lhes conhecessem a causa. Ora, como os cépticos, os espíritos fortes, isto é, os que têm o privilégio exclusivo da razão e do bom-senso, não crêem que uma coisa seja possível desde que não a compreendem. Eis por que todos os fatos reputados como prodigiosos são objeto de suas zombarias; e como a religião contém grande número de fatos desse gênero, não crêem na religião, e daí à incredulidade absoluta há apenas um passo. Explicando a maioria desses fatos, o Espiritismo lhes dá uma razão de ser. Ele vem, pois, em auxílio à religião, ao demonstrar a impossibilidade de certos fatos que, por não mais terem caráter miraculoso, não são menos extraordinários. Deus não é menos grande, nem menos poderoso por não ter derogado suas leis. De quantos gracejos não foram objeto as levitações de São Cupertino? Ora, a suspensão no ar dos corpos pesados é um fato explicado pelo Espiritismo; deles *pessoalmente fomos testemunha ocular*, e o Sr. Home, como outras pessoas de nosso conhecimento, repetiram várias vezes o fenômeno produzido por São Cupertino. Assim, esse fenômeno entra na ordem das coisas naturais.

No número dos fatos desse gênero deve-se colocar, em primeira linha, as aparições, por serem os mais freqüentes. A de Salette, que divide o próprio clero, para nós nada tem de insólita. Certamente não podemos afirmar que o fato ocorreu, pois não temos a prova material. Para nós, contudo, é possível, desde que milhares de fatos análogos *recentes* são do nosso conhecimento. Cremos neles, não só porque sua realidade foi por nós constatada, mas, sobretudo, por que nos damos conta perfeitamente da maneira por que se produzem. Queiram reportar-se à teoria que demos, das aparições³², e verão que tal fenômeno se torna tão simples e tão plausível quanto uma porção de fenômenos físicos, que não são prodigiosos senão pela falta de sua chave. Quanto à personagem que se apresentou em Salette, é outra questão; sua identidade de modo algum foi demonstrada; apenas constatamos que pode ter havido uma aparição; o resto não é de nossa competência. A respeito, cada um pode guardar as suas convicções, com as quais o Espiritismo nada tem de se ocupar. Apenas dizemos que os fatos produzidos pelo Espiritismo nos revelam leis novas e nos dão a chave de uma porção de coisas que pareciam sobrenaturais. Se algumas delas que passavam por miraculosas, agora encontram uma explicação lógica, é motivo para não haver pressa em negar aquilo que não se compreende.

Os fatos do Espiritismo são contestados por certas pessoas, precisamente porque parecem escapar à lei comum, e porque elas não os compreendem. Dai-lhes uma base racional e a dúvida cessará. Neste século onde não se poupam palavras, a explicação é, pois, um poderoso elemento de convicção. Assim, diariamente vemos pessoas que não testemunharam nenhum fato, que nem viram uma mesa girar, nem um médium escrever, e que estão tão convencidas quanto nós, unicamente porque leram e compreenderam. Se só devêssemos acreditar no que viram os nossos olhos, nossas convicções se reduziriam a bem pouca coisa.

32 N. do T.: Teoria exposta na *Revista Espírita*, fascículo de dezembro de 1858.

História do Maravilhoso e do Sobrenatural

POR LUIS FIGUIER

(Primeiro artigo)

Dá-se com a palavra *maravilhoso* o mesmo que se dá com a palavra alma; há um sentido elástico que se presta a interpretações diversas. Eis por que julgamos útil estabelecer alguns princípios gerais no artigo precedente, antes de abordar o exame da história dada pelo Sr. Figuiet. Quando essa obra apareceu, os adversários do Espiritismo bateram palmas, dizendo que, sem dúvida, nos iríamos dar mal; em seu caridoso pensamento já nos viam mortos sem apelação. Triste efeito da cegueira apaixonada e irrefletida, porquanto se eles se dessem ao trabalho de observar o que querem demolir, veriam que o Espiritismo será um dia, mais cedo do que pensam, a salvaguarda da sociedade, e talvez eles próprios lhe devam a salvação, não dizemos no outro mundo, com o qual pouco se preocupam, mas neste mesmo! Não é levemente que dizemos tais palavras; ainda não chegou o momento de as desenvolver, embora muitos já nos compreendam.

Voltando ao Sr. Figuiet, nós mesmos tínhamos pensado ver nele um adversário realmente sério, trazendo argumentos peremptórios que valessem a pena ser refutados com seriedade. Sua obra compreende quatro volumes; os dois primeiros com uma exposição de princípios, um prefácio e uma introdução, depois uma relação de fatos perfeitamente conhecidos, e que devem ser lidos com interesse, tendo em vista as pesquisas eruditas que mereceram da parte do autor; acreditamos ser o relato mais completo já publicado sobre o assunto. Assim, o primeiro volume é quase inteiramente consagrado à história de Urbain Grandier e das religiosas de Loudun; vêm a seguir as convulsionárias de Saint-Médard, a história dos profetas protestantes, a varinha mágica, o magnetismo animal. O quarto volume, que acaba de ser publicado,

trata especialmente das mesas girantes e dos Espíritos batedores. Mais tarde voltaremos a este último volume, limitando-nos, agora, a uma apreciação sumária do conjunto.

A parte crítica das histórias que constituem os dois primeiros volumes consiste em provar, por testemunhos autênticos, que a intriga, as paixões humanas e o charlatanismo tiveram grande papel; que certos fatos trazem a marca evidente da astúcia, o que ninguém contesta. Ninguém jamais garantiu a integridade de *todos* esses fatos, menos do que quaisquer outros os espíritos, que devem ser gratos ao Sr. Figuier por ter reunido provas que evitarão numerosas compilações. Eles têm interesse em que a fraude seja desmascarada, e todos os que a descobrirem nos fatos erroneamente qualificados de fenômenos espíritos lhes prestarão serviço. Ora, para prestar semelhante serviço, nada melhor que os inimigos. Vê-se, pois, que tais inimigos servem para alguma coisa; apenas o desejo da crítica às vezes os arrasta muito longe e, no ardor de descobrir o mal, muitas vezes o vêem onde ele não está, por não terem examinado com bastante atenção e imparcialidade, o que é ainda mais raro. O verdadeiro crítico deve lutar contra as idéias preconcebidas e despojar-se de qualquer preconceito, pois, do contrário, julgará do seu ponto de vista, que talvez nem sempre seja justo. Tomemos um exemplo: suponhamos a história política de acontecimentos contemporâneos escrita com a maior imparcialidade, isto é, com inteira verdade, e imaginemos esta história comentada por dois críticos de opiniões contrárias. Porque todos os fatos são exatos, forçosamente haverão de contrariar a opinião de um deles; daí os julgamentos contraditórios: um que levará a obra às nuvens, e o outro, defendendo que seja lançada ao fogo. No entanto, a obra só conterà a verdade. Se assim ocorre com os fatos patentes, como os da História, com mais forte razão quando se trata da apreciação de doutrinas filosóficas. Ora, o Espiritismo é uma doutrina filosófica, e os que só o vêem no fato das mesas girantes, ou que o julgam pelos contos absurdos e pelos abusos que deles se podem fazer, que o confundem com os meios

de adivinhação, provam que não o conhecem. Estaria o Sr. Figuiet nas condições requeridas para o julgar com imparcialidade? É o que vamos examinar.

Assim começa o Sr. Figuiet o seu prefácio:

“Em 1854, quando as mesas girantes e falantes, importadas da América, fizeram sua aparição na França, produziram uma impressão que ninguém esqueceu. Muitos espíritos sábios e prudentes ficaram alarmados com esse transbordamento imprevisto da paixão pelo maravilhoso. Não podiam compreender *semelhante alucinação* em pleno século XIX, com uma filosofia avançada e em meio a esse magnífico movimento científico que hoje dirige tudo para o positivo e o útil.”

Seu julgamento está decretado: a crença nas mesas girantes é uma alucinação. Como o Sr. Figuiet é um homem positivo, deve-se pensar que antes de publicar seu livro, viu tudo, tudo estudou, aprofundou tudo; numa palavra, que fala com conhecimento de causa. Se assim não fosse, cairia no erro dos Srs. Schiff e Jobert (de Lamballe) com a sua teoria do músculo estalante. (ver a *Revista* do mês de junho de 1859). Entretanto, sabemos que há um mês apenas ele assistiu a uma sessão, onde provou que ignorava os mais elementares princípios do Espiritismo. Considerar-se-á suficientemente esclarecido porque assistiu a uma sessão? Por certo não duvidamos da sua perspicácia, mas, por maior seja ela, não podemos admitir que ele possa conhecer e, sobretudo, compreender o Espiritismo numa sessão, como não aprendeu a Física numa única lição. Se o Sr. Figuiet pudesse fazê-lo, tomaríamos o fato como um dos mais maravilhosos. Quando ele tiver estudado o Espiritismo com o mesmo cuidado que se dispensa ao estudo de uma ciência, quando lhe tiver consagrado um tempo moral necessário, quando tiver assistido a *milhares* de experiências, quando se tiver dado conta de todos os fatos, sem exceção, quando tiver comparado todas as

teorias, só então poderá expender uma crítica judiciosa. Até lá o seu julgamento é uma opinião pessoal, cujo peso, pró ou contra, não terá nenhum valor.

Tomemos a coisa sob outro ponto de vista. Dissemos que o Espiritismo repousa inteiramente na existência, em nós, de um princípio imaterial ou, em outras palavras, na existência da alma. Quem não admite um Espírito em si não pode admiti-lo fora de si. Conseqüentemente, não admitindo *a causa*, não pode admitir o efeito. Gostaríamos, pois, de saber se o Sr. Figuier colocaria no frontispício de seu livro a seguinte profissão de fé:

1º Creio num Deus, autor de todas as coisas, todopoderoso, soberanamente justo e bom e infinito em suas perfeições;

2º Creio na *providência* de Deus;

3º Creio na existência da alma sobrevivente ao corpo, e em sua individualidade após a morte, não como uma *probabilidade*, mas como uma coisa necessária e conseqüente dos atributos da Divindade;

4º Admitindo a alma e a sua sobrevivência, creio que não seria nem conforme à justiça, nem conforme a bondade de Deus, que o bem e o mal fossem tratados em pé de igualdade após a morte, considerando-se que, durante a vida, muito raramente recebem a recompensa ou o castigo que merecem;

5º Se a alma do mau e a do bom não são tratadas do mesmo modo, algumas são felizes, outras infelizes, isto é, são recompensadas ou punidas segundo suas obras.

Se o Sr. Figuier fizesse tal profissão de fé, nós lhe diríamos: Esta profissão é a de todos os espíritos, porquanto sem isto o Espiritismo não teria nenhuma razão de ser; somente aquilo

que credes teoricamente, o Espiritismo o demonstra pelos fatos, porque todos os fatos espíritas são consequência destes princípios. Não sendo os Espíritos que povoam o espaço mais do que as almas dos que viveram na Terra ou em outros mundos, desde que se admita a alma, sua sobrevivência e sua individualidade, por isso mesmo deve-se admitir os Espíritos. Sendo reconhecida a base, toda a questão se resume em saber se esses Espíritos ou essas almas podem comunicar-se com os vivos; se têm ação sobre a matéria; se influem no mundo físico e no mundo moral; ou, então, se são votados a uma perpétua inutilidade, ou a não se ocuparem senão de si mesmos, o que é pouco provável, desde que se admita a providência de Deus e se considere a admirável harmonia que impera no Universo, onde os menores seres desempenham o seu papel.

Se a resposta do Sr. Figuier fosse negativa, ou, por polidez, fosse ambígua nós lhe diríamos – para nos servir da expressão de certos pessoas e a fim de não chocar muito bruscamente respeitáveis preconceitos – o seguinte: não sois juiz mais competente em matéria de Espiritismo do que um muçulmano em assuntos da religião católica; vosso julgamento não seria imparcial e em vão negaríeis albergar idéias preconcebidas, porquanto tais idéias, em vossa própria opinião, dizem respeito ao princípio fundamental, que rejeitais *a priori*, antes de conhecer o assunto.

Se algum dia uma equipe de cientistas nomeasse um relator para examinar a questão do *Espiritismo* e esse relator não fosse francamente *Espiritualista*, seria o mesmo que um concílio escolher Voltaire para tratar de uma questão dogmática. Admiramo-nos de que os cientistas não tenham dado sua opinião; mas nos esquecemos de que sua missão – é bom frisar – é o estudo das leis da matéria e não dos atributos da alma e, menos ainda, o de decidir se a alma existe. Sobre tais assuntos eles podem ter opiniões individuais, como podem ter sobre a religião; mas, como entidade científica, jamais terão que se pronunciar.

Não sabemos o que o Sr. Figuiet responderia às perguntas formuladas na profissão de fé acima, mas o seu livro deixa pressenti-lo. Com efeito, o segundo parágrafo de seu prefácio é assim concebido:

“Um conhecimento exato da História do passado teria prevenido ou, pelo menos, diminuído muito tal espanto. De fato, seria grande erro imaginar-se que as idéias que, em nossos dias, deram origem à crença nas mesas falantes e nos Espíritos batedores, são de origem moderna. Esse amor do maravilhoso não é particular à nossa época; está em todos os tempos e países, por se ligar à própria natureza do espírito humano. *Por uma instintiva e injustificada desconfiança em suas próprias forças, o homem é levado a colocar acima de si forças invisíveis, que se exercem numa esfera inacessível.* Esta disposição inata existiu em todos os períodos da História da Humanidade, revestindo aspectos diferentes conforme o tempo, os lugares e os costumes, originando manifestações variáveis na forma, porém tendo, no fundo, um princípio idêntico.”

Dizer que *é por uma instintiva e injustificada desconfiança em suas próprias forças que o homem é levado a colocar acima de si forças invisíveis, que se exercem numa esfera inacessível*, é reconhecer que o homem é *tudo*, que pode *tudo*, e que acima dele nada há. Salvo engano, isso não é apenas materialismo, mas ateísmo. Aliás, essas idéias ressaltam de uma porção de outras passagens de seu prefácio e de sua introdução, para as quais chamamos toda a atenção de nossos leitores e estamos convencidos de que estes as julgarão como nós. Dir-se-á que tais palavras não se aplicam à Divindade, mas aos *Espíritos*? Então responderemos que ele não conhece a primeira palavra do Espiritismo, pois negar os Espíritos é negar a alma, desde que Espíritos e almas são a única e mesma coisa; que os Espíritos não exercem sua força numa esfera *inacessível*, visto estarem de nosso lado, a nos tocar e a agir sobre a matéria inerte, à semelhança de todos os fluidos imponderáveis e invisíveis que, não obstante, são os mais poderosos motores e os mais ativos agentes

da Natureza. Só Deus exerce o seu poder numa esfera *inacessível* aos homens; negar este poder é, pois, negar a Deus. Dir-se-á, enfim, que esses efeitos, que atribuímos aos Espíritos, talvez sejam devidos a alguns desses fluidos? É possível. Mas, então lhe perguntaremos: como fluidos *ininteligentes* podem produzir efeitos *inteligentes*?

O Sr. Figuier constata um fato capital ao dizer que *esse amor do maravilhoso não é particular à nossa época; está em todos os tempos e países, por se ligar à própria natureza do espírito humano*. Aquilo a que chama amor do maravilhoso é, muito simplesmente, a crença instintiva, *inata*, como o diz, na existência da alma e sua sobrevivência ao corpo, crença que revestiu formas diversas, segundo os tempos e os lugares, mas tendo no fundo um princípio idêntico. Esse sentimento inato, universal no homem, Deus lho teria inspirado para se divertir à sua custa? para lhe dar aspirações impossíveis de realizar? Crer que assim possa ser é negar a bondade de Deus; mais ainda: é negar o próprio Deus.

Querem outras provas do que antecipamos? Vejamos ainda algumas passagens do seu prefácio:

“Na Idade Média, quando uma religião nova transforma a Europa, o maravilhoso se instala nessa mesma religião. Acredita-se nas possessões diabólicas, nos feiticeiros e nos magos. Durante vários séculos essa crença é sancionada por uma guerra sem quartel e sem misericórdia, feita aos infelizes, acusados de comércio secreto com os demônios, ou com os magos, seus prepostos.

“Pelo fim do século dezessete, na aurora de uma filosofia tolerante e esclarecida, o diabo envelheceu e a acusação de magia começa a ser um argumento gasto, mas nem por isto o maravilhoso perde os seus direitos. Os milagres florescem à vontade nas igrejas das diversas comunhões cristãs; acredita-se, ao

mesmo tempo, na varinha mágica ou se decifram os movimentos de uma forquilha para pesquisar os objetos do mundo físico e obter esclarecimentos sobre as coisas do mundo moral. Nas diversas ciências continua-se a admitir a intervenção de influências sobrenaturais, precedentemente introduzidas por Paracelso.

“No século dezoito, século de Voltaire e da Enciclopédia, enquanto sobre as matérias filosóficas todos os olhos se abriam às luzes do bom-senso e da razão – não obstante a voga da filosofia cartesiana – só o maravilhoso resistia à queda de tantas crenças até então veneradas. Os milagres ainda se multiplicavam.”

Se a filosofia de Voltaire, *que abriu os olhos à luz do bom-senso e da razão* e minou tantas superstições, não pôde extirpar a idéia *inata* de um poder oculto, não seria porque tal idéia é inatacável? A filosofia do século dezoito flagelou os abusos, mas se deteve contra a base. Se essa idéia triunfou sobre os golpes desferidos pelo apóstolo da incredulidade, o Sr. Figuiet espera ser mais feliz? Permitimo-nos duvidar.

O Sr. Figuiet faz uma confusão singular das crenças religiosas, dos milagres e da varinha mágica. Para ele, tudo isto sai da mesma fonte: a superstição, a crença no maravilhoso. Não tentaremos aqui defender essa pequena forquilha, que teria a singular propriedade de servir *à pesquisa do mundo físico*, em virtude de não nos havermos aprofundado na questão; por uma questão de princípios, só elogiamos ou criticamos o que *conhecemos*. Mas, se quiséssemos argumentar por analogia, perguntaríamos se a pequena agulha de aço, com a qual o navegante acha sua rota, não tem uma virtude muito mais admirável do que a pequena forquilha? Não, direis vós, porquanto conhecemos a causa que a faz agir e esta causa é inteiramente física. De acordo. Mas quem diz que a causa que age sobre a forquilha não seja inteiramente física? Antes que se conhecesse a teoria da bússola, que teríeis pensado se tivésseis vivido naquela época, quando os marinheiros não tinham como

guia senão as estrelas, que muitas vezes lhes faltavam? Que teríeis pensado, dizemos nós, de um homem que tivesse vindo dizer: Tenho aqui numa caixinha, não maior que a de bombons, uma agulha pequenina, com a qual os maiores navios podem navegar com segurança; que indica a rota com qualquer tempo, com a precisão de um relógio? Ainda uma vez, não combatemos a varinha mágica, e menos ainda o charlatanismo, que dela se apoderou; apenas perguntamos o que haveria de mais sobrenatural se um pequeno pedaço de madeira, em dadas circunstâncias, fosse agitado por um eflúvio terrestre invisível, como a agulha imantada o é pela corrente magnética que também não se vê? Será que essa agulha *também não serve para pesquisar as coisas do mundo físico*? Não será ela influenciada pela presença de uma mina de ferro subterrânea? O maravilhoso é a idéia fixa do Sr. Figuiet; é o seu pesadelo; ele o vê por toda parte onde haja algo que não compreende. Mas apenas ele, sábio, poderá dizer como germina e se reproduz o menor grão? Qual a força que faz a flor voltar-se para a luz? Quem, na terra, atrai as raízes para um terreno propício, mesmo através dos mais rudes obstáculos? Estranha aberração do espírito humano, que pensa tudo saber e nada sabe; que despreza maravilhas incontáveis e nega um poder sobre-humano!

Estando baseada na existência de Deus, esse poder sobre-humano que se exerce numa esfera inacessível; sobre a alma, que sobrevive ao corpo, conservando a sua individualidade e, conseqüentemente sua ação, a religião tem por princípio aquilo que o Sr. Figuiet chama de maravilhoso. Se ele se tivesse limitado a dizer que entre os fatos qualificados de maravilhoso uns são ridículos e absurdos, aos quais a razão faz justiça, nós o aplaudiríamos com todas as nossas forças; mas não poderíamos concordar com a sua opinião, quando confunde na mesma reprovação o princípio e o abuso do princípio; quando nega a existência de qualquer poder acima da Humanidade. Aliás, essa conclusão é formulada de maneira inequívoca na passagem seguinte:

“Dessas discussões, cremos que resultará para o leitor a perfeita convicção da *não-existência de agentes sobrenaturais* e a certeza de que todos os prodígios, que em diversas épocas têm excitado a surpresa ou a admiração dos homens, se explicam *apenas pelo conhecimento de nossa organização fisiológica*. A *negação* do maravilhoso, eis a conclusão a tirar deste livro, que poderia chamar-se *o maravilhoso explicado*. E se alcançarmos o objetivo a que nos propusemos atingir, teremos a convicção de ter prestado um verdadeiro serviço ao bem de todos.”

Dar a conhecer os abusos, desmascarar a fraude e a hipocrisia onde quer que se encontrem, é, sem dúvida, prestar um grande serviço. Mas julgamos que é fazer grande mal à sociedade, assim como aos indivíduos, atacar o princípio em virtude de terem dele abusado; é querer cortar a boa árvore, porque deu um fruto estragado. Bem compreendido, o Espiritismo, dando a conhecer a causa de certos fenômenos, mostra o que é possível e o que não o é. Por isto mesmo, tende a destruir as idéias realmente supersticiosas; mas, ao mesmo tempo, demonstrando o princípio, dá um objetivo ao bem; fortalece as crenças fundamentais que a incredulidade ataca com violência a pretexto do abuso; combate a chaga do materialismo, que é a negação do dever, da moral e de toda esperança, e é por isto que dizemos que um dia ele será a salvaguarda da sociedade.

Aliás, estamos longe de nos lamentar pela obra do Sr. Figuiet. Sobre os adeptos da doutrina ela não poderá ter nenhuma influência, pois eles reconhecerão imediatamente os pontos vulneráveis. Sobre os outros, terá o efeito de todas as críticas: o de provocar a curiosidade. Depois da aparição, ou melhor, da reaparição do Espiritismo, muito se tem escrito contra ele. Não lhe pouparam sarcasmos, nem injúrias. Apenas de uma coisa ele não teve a honra, graças aos costumes do tempo: a fogueira. Isto o impediu de progredir? Absolutamente, pois hoje conta seus aderentes por *milhões* em todas as partes do mundo e estes todos os

dias aumentam. Para isto, e sem o querer, muito contribuiu a crítica, porque, como dissemos, seu efeito é o de provocar o exame. Querem ver o pró e o contra e ficam admirados por encontrarem uma doutrina racional, lógica, consoladora, que acalma as angústias da dúvida, resolvendo o que nenhuma filosofia pôde resolver, quando pensavam apenas encontrar uma crença ridícula. Quanto mais conhecido o nome do contraditor, mais repercussão tem a sua crítica e mais bem ela pode fazer, chamando a atenção dos indiferentes. A esse respeito, a obra do Sr. Figuier está nas melhores condições: além de escrita de maneira muito séria, não se arrasta na lama das injúrias grosseiras e do personalismo, únicos argumentos dos críticos de baixo nível. Desde que pretende tratar o assunto do ponto de vista científico, e sua posição lho permite, ver-se-á nisso a última palavra da Ciência contra esta doutrina e então o público saberá a quantas se anda. Se a douta obra do Sr. Figuier não tiver o poder de lhe dar o golpe de misericórdia, duvidamos que outros sejam mais felizes. Para combatê-la com eficácia, ele só tem um meio, que lhe indicamos com prazer. Não se destrói uma árvore cortando-lhe os galhos, mas a raiz. É necessário, pois, atacar o Espiritismo pela raiz, e não nos ramos, que renascem à medida que são cortados. Ora, as raízes do Espiritismo, desta *alucinação* do século dezenove, para nos servirmos de sua expressão, são a alma e os seus atributos. Que, pois, ele prove que a alma não existe e não pode existir, porquanto sem *almas* não há mais *Espíritos*. Quando tiver provado isto, o Espiritismo não terá mais razão de ser e nós nos confessaremos vencidos. Se o seu cepticismo não chega até esse ponto, que prove, não por uma simples negação, mas por uma demonstração matemática, física, química, mecânica, fisiológica ou qualquer outra:

1^o Que o ser que pensa em vida é incapaz de pensar após a morte;

2^o Que, se pensa, não deve mais querer comunicar-se com aqueles a quem amou;

3º Que, se pode estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado;

4º Que, se está ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco;

5º Que, por seu envoltório fluídico, não pode agir sobre a matéria inerte;

6º Que, se pode agir sobre a matéria inerte, não pode agir sobre um ser animado;

7º Que, se pode agir sobre um ser animado, não pode dirigir-lhe a mão para fazê-lo escrever;

8º Que, podendo fazê-lo escrever, não pode responder às suas perguntas e lhe transmitir o pensamento.

Quando os adversários do Espiritismo nos tiverem demonstrado que isso é impossível, através de razões tão patentes quanto aquelas pelas quais Galileu demonstrou que não é o Sol que gira em torno da Terra, então poderemos dizer que suas dúvidas são fundadas. Infelizmente, até este dia, toda a sua argumentação se reduz nestas palavras: *Não creio; logo é impossível*. Sem dúvida dirão que a nós cabe provar a realidade das manifestações; nós as provamos pelos fatos e pelo raciocínio; se não admitem nem uns, nem o outro, se negam o que vêem, a eles cabe provar que nosso raciocínio é falso e que os fatos são impossíveis.

Em outro artigo examinaremos a teoria do Sr. Figuier. Fazemos votos para que seja de melhor qualidade que a teoria do músculo estalante de Jobert (de Lamballe).

Correspondência

Ao Sr. Presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Sr. Presidente,

Permiti-me alguns esclarecimentos a propósito de Thilorier e suas descobertas (ver a *Revista* de agosto de 1860). Thilorier era meu amigo; quando me mostrou o plano de seu aparelho em ferro fundido, para liquefazer o gás ácido carbônico, eu lhe havia dito que, malgrado a espessura das paredes, ele explodiria como os canhões, após certo número de experiências; por isso aconselhei-o a envolvê-lo em ferro batido, como se faz hoje com os canhões de ferro fundido, mas ele se limitou a adicionar nervuras.

Jamais um aparelho desse gênero estourou em suas mãos, pois teria sido morto como o jovem Frémy; mas a comissão da Academia se mantinha prudentemente atrás da parede quando ele preparava tranqüilamente a sua experiência. Já estava surdo há vários anos, o que o forçara a demitir-se do cargo de inspetor dos correios. A única explosão que o vitimou foi a da coronha de um fuzil de ar, cheio de ácido carbônico, que ele havia posto ao sol, sobre a grama do jardim.

Essa experiência que eu lhe havia sugerido, bem como ao Sr. Galy Cazala, fez-lhe ver a que alta pressão poderia elevar-se o gás ácido carbônico, e o perigo de seu emprego nas armas de guerra. Quanto a Galy, teve a idéia de substituir o hidrogênio pelo ácido carbônico, mas este jamais conseguiu ultrapassar 28 atmosferas. Era muito pouco. Sem isso a pólvora teria sido utilmente suprimida, porque seu mecanismo era dos mais simples e um pequeno cilindro de cobre poderia conter facilmente cem tiros, na medida das necessidades, em consequência do restabelecimento quase instantâneo da pressão, pela decomposição da água, por meio do ácido sulfúrico e da limalha de zinco. Se os nossos químicos encontrassem um gás que pudesse ser produzido sob uma pressão média entre a do ácido carbônico e do hidrogênio, o problema estaria resolvido. *Eis o que seria bom perguntar a Lavoisier, Berzélius ou Dalton.*

Na véspera de sua morte, Thilorier me dava explicações sobre um novo aparelho, quase terminado, a fim de liquefazer o ar atmosférico por meio de pressões sucessivas, capazes de suportar de 500 a 1.000 atmosferas. Terão vendido esta bela máquina ao ferro velho?

Disse eu que Thilorier era extremamente surdo, de sorte que entrando em seu gabinete na Place Vendôme, semanas antes de sua morte, tive de gritar. Ele tapou os ouvidos com as duas mãos, dizendo que eu lhe restituiria a surdez de que felizmente se havia livrado pelo magnetizador Lafontaine, hoje em Genebra. Saí maravilhado pela cura, que na mesma tarde anunciei aos meus dois amigos Galy Cazala e o Capitão Delvigne, com os quais passeava na Place de la Bourse, quando percebemos Thilorier com o ouvido colado à vitrine de uma loja, onde alguém tocava piano. Parecia em êxtase, por poder desfrutar da música moderna, que há muitos anos não ouvia. Ah! por Deus! disse aos meus dois incrédulos, eis a prova; passai por detrás do nosso homem e pronunciai o seu nome normalmente. Thilorier voltou-se bruscamente, reconheceu os amigos, com eles conversou e passeou, como de ordinário o fazia. Delvigne, que no momento está em meu escritório, lembra-se perfeitamente desse fato, muito interessante para o magnetismo. Por mais que eu tenha tentado convencer nossos acadêmicos no curso dos últimos trinta dias, dizia Thilorier, eles não querem acreditar que eu tenha sido curado sem as drogas de sua farmacopéia, que não curam, pois as empreguei todas sem sucesso, ao passo que os dois dedos de Lafontaine me restabeleceram a audição completamente, em algumas sessões. Lembro-me de que, encantado pelo magnetismo, Thilorier tinha conseguido inverter os pólos de uma barra imantada, que segurava pelo simples esforço da vontade.

A morte desse sábio inventor privou-nos de uma porção de descobertas de que me havia falado e que ele levou para o túmulo. Era tão sagaz quanto este bom Darcet, que eu também tinha visto cheio de saúde na véspera de sua morte, e que me havia

mostrado seus livros, malconservados e manchados, e dizendo estar certo de que me daria mais prazer apresentando-os naquele estado do que bem encadernados e com lombada dourada numa biblioteca. É singular, dizia-me ele, quanto nossas idéias se assemelham, embora não tenhamos sido educados na mesma escola. Depois me contou do pesar que havia sentido por ter sido tão criticado a propósito de sua gelatina nutritiva, e que teria feito melhor, dizia, se a tivesse vendido ao preço de um centavo a libra aos pobres da Pont Neuf, do que a apresentando aos acadêmicos, que pagam 15 francos nas casas de comestíveis e ainda pretendem que ela não alimenta. Evocai, pois, esse bravo tecnologista.

Arago nos ensina que as pretensas manchas do Sol não passam de fragmentos de planetas que vêm enriquecer-se no foco de eletricidade com os fluidos que lhes faltam, para se constituírem num cometa que começará o seu curso dentro de um século. Esses fragmentos, grandes como a Europa, estão a mais de 500.000 léguas do Sol; e, chegados ao limite extremo de sua atração, quando a Terra tiver descrito cerca de um quarto de seu percurso sobre a eclíptica, isto é, cerca de três meses (estamos a 6 de julho), esses fragmentos, inseparáveis de sua constelação, terão desaparecido aos nossos olhos.

A Academia ocupa-se de nossa memória sobre a catalepsia, que errastes ao lançá-la à cesta das excomunhões. Não importa; a isto voltareis.

Aceitai, etc.

Jobard

Observação – Agradecemos ao Sr. Jobard os interessantes detalhes que ele houve por bem nos enviar sobre Thilorier, e que são tanto mais preciosos quanto autênticos. Gostase sempre de saber a verdade sobre os homens que se destacaram na vida.

O Sr. Jobard engana-se ao pensar que pusemos na cesta do esquecimento a notícia que o Sr. B... nos enviou sobre a catalepsia. Inicialmente, ela foi lida na Sociedade, como consta nas atas de 4 e 11 de maio, publicadas na *Revista* de junho de 1860; o original, em vez de ser posto de lado, está cuidadosamente conservado nos arquivos da Sociedade. Não publicamos esse volumoso documento porque, em primeiro lugar, se tivéssemos de publicar tudo quanto nos mandam, talvez nos fossem necessários dez volumes por ano; e, em segundo lugar, porque cada coisa deve vir a seu tempo. Mas, pelo fato de uma coisa não ter sido publicada, nem por isso deve ser considerada perdida. Nada é perdido daquilo que nos comunicam, seja a nós, seja à Sociedade, e nós o encontramos sempre, para aproveitar no momento oportuno. Eis o de que se devem persuadir as pessoas que desejam enviar-nos documentos. Muitas vezes nos falta o tempo material para lhes responder tão prontamente e tão extensamente quanto, sem dúvida, conviria fazê-lo. Como, porém, responder em detalhes a milhares de cartas por ano, quando se é obrigado a fazer tudo pessoalmente e não se tem um secretário para ajudar? Certamente o dia não bastaria para tudo quanto temos de fazer, se não lhe consagrássemos uma parte de nossas noites.

Dito isto, como justificação pessoal, acrescentaremos a respeito da teoria da formação da Terra, contida na memória citada, bem como do estado cataléptico dos seres vivos em sua origem, que a Sociedade foi aconselhada a esperar, antes de prosseguir tais estudos, a fim de que lhe sejam apresentados documentos mais autênticos. “É preciso desconfiar – disseram os seus guias espirituais – das idéias sistemáticas dos Espíritos, tanto quanto dos homens, e não as aceitar levemente e sem controle, se não nos quisermos expor, mais tarde, a ver desmentido o que tivermos aceito com muita precipitação. É por nos interessarmos pelos vossos trabalhos que queremos vos manter em guarda contra um escolho onde se chocam tantas imaginações ardentes, seduzidas por aparências enganadoras. Lembrai-vos de que somente numa

coisa jamais sereis enganados: é naquilo que diz respeito ao melhoramento moral dos homens; aí está a verdadeira missão dos Espíritos bons. Mas não penseis que eles tenham o poder de vos descobrir qual é o segredo de Deus; sobretudo não acrediteis que eles estejam encarregados de vos facilitar o áspero caminho da Ciência, uma vez que esta não é adquirida senão à custa de trabalho e pesquisas assíduas. Quando chegar o momento de revelar uma descoberta útil à Humanidade, procuraremos o homem capaz de conduzi-la a bom termo; inspirar-lhe-emos a idéia de se ocupar com ela e lhe deixamos todo o mérito. Mas, onde estaria o trabalho e o mérito, se lhe bastasse pedir aos Espíritos o meio de adquirir, sem esforço, ciência, honras e riquezas? Sede, pois, prudentes, e não enveredeis por um caminho onde só teríeis decepções e que em nada contribuiria para o vosso adiantamento. Os que nele se deixarem arrastar reconhecerão, um dia, quanto estavam enganados, e lamentarão por não haverem empregado melhor o tempo.”

Tal é o resumo das instruções que tantas vezes os Espíritos têm dado, a nós e à Sociedade. Por experiência, chegamos, mesmo, a lhes reconhecer a sabedoria. Eis por que as comunicações relativas às pesquisas científicas só têm para nós uma importância secundária. Não as repelimos; acolhemos tudo quanto nos é transmitido, porque em tudo há alguma coisa a aprender; mas não o aceitamos senão sob a condição de o verificar previamente, guardando-nos de lhe emprestar uma fé cega e irrefletida: observamos e esperamos. O Sr. Jobard, que é um homem positivo e de grande bom-senso, compreenderá melhor que ninguém que esta é a melhor maneira para nos preservarmos do perigo das utopias. Certamente não seremos nós os acusados de querer ficar na retaguarda, mas queremos evitar pisar em falso e tudo quanto pudesse comprometer o crédito do Espiritismo, dando prematuramente como verdades incontestáveis o que é ainda hipotético.

Pensamos que estas observações serão igualmente apreciadas por outras pessoas que, por certo, compreenderão o inconveniente de antecipar o momento para certas publicações. A experiência lhes mostrará a necessidade de nem sempre levarem em consideração a impaciência de certos Espíritos. Os Espíritos verdadeiramente superiores – e não nos referimos aos que se dão por tais – são muito prudentes, virtude que constitui um dos caracteres pelos quais podemos reconhecê-los.

Dissertações Espíritas

Recebidas ou lidas na Sociedade por diversos médiuns

DEVANEIO

Vou contar-te uma história do outro mundo, onde me encontro. Imagina um céu azul, um mar calmo e verde, rochedos bizarramente talhados; nenhuma vegetação, a não ser os pálidos líquens agarrados às fendas das pedras. Eis a paisagem. Como simples romancista, não posso comprazer-me em te dar mais detalhes. Para povoar este mar, estes rochedos, só se achava um poeta, sentado, sonhando, refletindo em sua alma, como num espelho, a suave beleza da Natureza, que não falava menos ao coração do que aos olhos. Este poeta, este sonhador, era eu. Onde? Quando se passa a minha história? Que importa!

Assim eu escutava, olhava, comovido e trespassado pelo encanto impenetrável da grande solidão. De repente vi surgir uma mulher, de pé, no penacho do rochedo. Era alta, morena e pálida. Os longos cabelos negros flutuavam sobre o vestido branco. Olhava direto em frente, com estranha firmeza. Eu me havia levantado, extasiado de admiração, porque aquela mulher, florescendo de repente no rochedo, parecia o próprio devaneio, o divino devaneio, que tantas vezes eu havia evocado com singular enlevo. Aproximei-me. Sem se mover, estendeu o braço nu e

soberbo para o mar e, como que inspirada, cantou com voz suave e lamentosa. Eu a ouvia, assaltado por uma tristeza mortal, e repetia mentalmente as estrofes que deslizavam de seus lábios, como de uma fonte viva. Então ela se voltou para mim e fui como que envolvido pela sombra de suas alvas vestes.

– Amigo, disse ela, escuta-me. Menos profundo é o mar de ondas inconstantes, menos implacáveis são os rochedos do que o amor, o cruel amor que dilacera um coração de poeta. Não escutes a sua voz, que se apodera de todas as seduções da onda, do ar, do sol, para estreitar, penetrar e queimar sua alma, que treme e deseja sofrer o mal do amor. Assim falava. Eu a ouvia e sentia o coração fundir-se numa divina ebriedade. Desejaria aniquilar-me no hálito puro que emanava de sua boca.

– Não, continuou ela; amigo, não lutes contra o gênio que te domina. Deixa-te levar em suas ardentes asas pelas esferas radiosas. Esquece, esquece a paixão que te fará rastejar, a ti, águia destinada aos píncaros elevados. Escuta as vozes que te chamam aos celestes concertos. Alça o teu vôo, ave sublime; o gênio é solitário. Marcado pelo selo divino, não podes tornar-te escravo de uma mulher.

Ela falava, a sombra avançava e o mar, de verde que era, tornara-se negro; o céu se vestia de trevas e os rochedos se perfilavam, sinistros. Mais radiosa ainda, parecia coroar-se de estrelas, que acendiam suas luzes cintilantes, enquanto sua túnica, alva como a espuma que açoitava a praia, desdobrava-se em pregas imensas.

– Não me deixes, disse-lhe eu finalmente. Leva-me em teus braços; deixa que teus negros cabelos sirvam de laço para me reterem cativo; deixa-me viver em tua luz ou morrer à tua sombra.

– Vem, então, retomou ela com voz clara, embora parecesse distante. Vem, já que preferes o devaneio, que entorpece

o gênio, ao gênio, que esclarece os homens. Vem; não te deixarei mais; e feridos pelo golpe mortal, seguiremos enlaçados, como o grupo de Dante. Não temas que te abandone, ó meu poeta! O devaneio te consagra para a desgraça e para o desdém dos homens, que só bendirão teus cantos quando não mais se sentirem irritados ante o esplendor de teu gênio.

Então senti que poderoso abraço me levantava do solo. Nada mais vi, a não ser as níveas vestes a me envolverem como uma auréola. E fui arrebatado pelo poder do devaneio, que me separava para sempre dos homens.

Alfred de Musset

SOBRE OS TRABALHOS DA SOCIEDADE

Falarei da necessidade de ser observada maior regularidade nas vossas sessões, isto é, de evitar-se toda confusão, toda divergência de idéias. A divergência favorece a substituição dos Espíritos bons pelos maus e, quase sempre, são estes que primeiro se apoderam das perguntas feitas. Por outro lado, numa reunião composta de elementos diversos, e desconhecidos uns dos outros, como evitar as idéias contraditórias, as distrações, ou, pior ainda, uma vaga e zombeteira indiferença? Eu gostaria de encontrar um meio eficaz e certo para isso. Talvez esteja na concentração dos fluidos espalhados em redor dos médiuns. Somente eles, sobretudo os que são amados, retêm os Espíritos bons na sessão. Sua influência é suficiente para dissipar a turba dos Espíritos brincalhões. O trabalho de exame das comunicações é excelente. Não seria demais que se aprofundassem as perguntas e, principalmente, as respostas. O erro é fácil, mesmo para os Espíritos animados das melhores intenções. A lentidão da escrita, durante a qual o Espírito se desvia do assunto, que esgota tão logo o concebe; a imobilidade e a indiferença por certas formas convencionais, todas essas razões e muitas outras vos devem levar

apenas a uma confiança limitada, e sempre subordinada ao exame, mesmo quando se trata das mais autênticas comunicações.

Dito isto, que Deus tome sob a sua santa guarda todos os verdadeiros espíritas.

Georges (Espírito familiar)

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

OUTUBRO DE 1860

Nº 10

Aviso

Os escritórios da Revista Espírita e o domicilio particular do Sr. Allan Kardec foram transferidos para a Rua Sainte-Anne, nº 59, passagem Sainte-Anne.

Resposta do Sr. Allan Kardec

À GAZETTE DE LYON

Sob o título de *Uma sessão espírita*, a *Gazette de Lyon*, em seu número de 2 de agosto de 1860, publicou o artigo seguinte, ao qual o Sr. Allan Kardec, durante sua visita a Lyon, deu a resposta que vai adiante, muito embora aquele jornal ainda não se tenha dignado a reproduzi-lo.

– São chamados de espíritas certos alucinados que, não obstante haverem rompido com todas as crenças religiosas de seu tempo e de seu país, pretendem entrar em relação com os Espíritos.

Concebido das mesas girantes, o Espiritismo não passa de uma das mil formas desse estado patológico em que pode cair o

cérebro humano, quando se deixa levar por essas mil e uma aberrações de que a Antigüidade, a Idade Média e os tempos atuais não deixaram de dar muitos exemplos.

Condenadas prudentemente pela Igreja Católica, todas essas pesquisas misteriosas, que escapam ao domínio dos fatos positivos, não têm outro resultado senão produzir a loucura nos que delas se ocupam, supondo que este estado de loucura já não tenha passado ao estado crônico no cérebro dos adeptos, o que está longe de ser demonstrado.

Os espíritas têm um jornal em Paris e basta ler algumas passagens para nos certificarmos de que em nada exageramos. A inépcia das perguntas dirigidas aos Espíritos evocados só é comparável à estupidez de suas respostas e, com razão, é permitido dizer-lhes que não vale a pena voltar do outro mundo para falar tantas tolices.

Enfim, essa nova loucura, copiada dos Antigos, acaba de abater-se sobre nossa cidade. Lyon possui espíritas e é em casa de simples tecelões que os Espíritos se dignam manifestar-se.

O *antro* de Trophonius está situado (sic) numa oficina; o sumo-sacerdote do lugar é um tecelão de seda e sua esposa é a sibila; os adeptos são, em geral, operários, pois ali não são recebidos facilmente os que, pelo seu exterior, possam denunciar muita inteligência. Os Espíritos só se dignam manifestar-se aos *simples*. Provavelmente foi isso que nos valeu para sermos admitidos naquele lugar.

Convidado a assistir a uma das reuniões hebdomadárias dos espíritas lioneses, entramos numa oficina onde se achavam quatro teares, um dos quais parado. Ali, entre as quatro forcas dessas máquinas, a sibila sentou-se à frente de uma mesa quadrada, sobre a qual havia um caderno e, ao lado, uma pena de *ganso*. Notai

bem que dissemos uma pena de *ganso*, e não uma pena metálica, pois os Espíritos têm horror aos metais.

Vinte a vinte e cinco pessoas de ambos os sexos, inclusive este vosso servo, formavam um círculo em torno da mesa.

Depois de um pequeno *speech*³³ do sumo-sacerdote sobre a natureza dos Espíritos, tudo num estilo que deveria encantar os *Espíritos*, devido à sua... *simplicidade*, começaram as perguntas.

Aproxima-se um rapaz e pergunta à sibila por que, oito dias antes dos combates, fosse na Criméia ou na Itália, ele sempre se via chamado a outro lugar?

A inspirada – é o nome que lhe dão – tomando a pena de ganso, a movimentava sobre o papel, onde traça sinais cabalísticos e depois pronuncia esta fórmula: “*Meu Deus, fazei-me a graça de nos esclarecer neste assunto.*” A seguir acrescenta: “Leio a seguinte resposta: É que estais destinado a viver para instruir e esclarecer vossos irmãos.”

Evidentemente, é um adepto influente que querem conquistar para a causa. Além disso, foi soldado, talvez um ex-zuavo; não vamos criar caso; prossigamos.

Um outro jovem se aproxima por sua vez e pergunta se o Espírito de seu pai o acompanhou e protegeu nos combates.

Resposta: Sim.

Abordamos o jovem à parte e lhe perguntamos desde quando seu pai estava morto.

– Meu pai não está morto, respondeu ele.

33 N. do T.: *Discurso, fala introdutória.*

A seguir apresenta-se um velho e pergunta – notai bem a sutileza da pergunta, imitada de Tarquínio, o Antigo – se o que ele pensa foi o motivo pelo qual seu pai lhe deu o nome de João.

Resposta: Sim.

Um velho soldado do primeiro império pergunta em seguida se os Espíritos dos soldados do velho império não acompanharam nossos jovens soldados à Criméia e à Itália.

Resposta: Sim.

A seguir, uma pergunta supersticiosa é feita por uma senhora: Por que sexta-feira é um dia de mau agouro?

A resposta não se fez esperar e, por certo, merece que se tome cuidado, por causa de várias obscuridades históricas que ela deixa de lado. – É, respondeu a inspirada, porque Moisés, Salomão e Jesus-Cristo morreram nesse dia.

Um jovem operário lionês, a julgar por seu sotaque, deseja ser esclarecido sobre um fato maravilhoso. Certa noite, diz ele, minha mãe sentiu um rosto que tocava o seu; desperta a mim e a meu pai, procuramos por toda parte e nada encontramos. De repente, porém, um de nossos *teares* se põe a bater; ao nos aproximarmos, ele pára. Um outro também se põe a bater, na extremidade da oficina. Estávamos apavorados e tudo ficou pior quando vimos todos trabalhando ao mesmo tempo, sem que percebêssemos ninguém.

– É o vosso avô, respondeu a sibila, que vem pedir preces.

Ao que o rapaz respondeu com um ar que lhe devia garantir fácil acesso ao santuário: É isso mesmo. Pobre velho! Tinham-lhe prometido missas, que não foram celebradas.

Outro operário pergunta por que, diversas vezes, o fiel de sua balança se movia sozinho.

– É um Espírito batedor, responde a inspirada, que produziu o fenômeno.

– Muito bem, responde o operário; fiz cessar o prodígio, pondo um pedaço de chumbo no prato mais leve.

– É muito simples, continuou a advinha, os Espíritos têm horror ao chumbo, devido à *miragem*.

Todos querem saber o significado da palavra miragem.

Aí se detém o poder da sibila: Deus não quer explicar isto, diz ela, *nem mesmo a mim!*

Era uma razão considerável, ante a qual todos se inclinaram.

Então o sumo-sacerdote, prevendo objeções interiores, tomou a palavra e disse: – Sobre esta questão, senhores, devemos abster-nos, porque seríamos arrastados a outras perguntas científicas que não podemos resolver.

Nesse momento as perguntas se multiplicavam e se cruzavam:

Se os sinais que nos aparecem no céu desde algum tempo (os cometas) são os de que fala o Apocalipse?

– Resposta: Sim; e em cento e quarenta anos o mundo não mais existirá.

– Por que Jesus-Cristo disse que sempre haveria pobres?

– Resposta: Jesus-Cristo quis falar dos pobres de Espírito; para estes, Deus acaba de preparar um globo especial.

Não realçaremos toda a importância de semelhante resposta. Quem não compreende quão felizes serão os nossos descendentes quando não mais tiverem de temer o contato com os pobres de Espírito? Quanto aos outros, a resposta da sibila felizmente deixa supor que seu reinado terminou. Boa notícia para os economistas, a quem o problema do pauperismo impede de dormir.

Para terminar, aproxima-se uma mulher entre quarenta e cinqüenta anos, e pergunta se seu Espírito já foi encarnado e quantas vezes?

Como eu, ficaríeis muito embaraçado para responder. Mas os Espíritos têm resposta para tudo:

– Sim, responde a pena de ganso, foi três vezes: a primeira, como filha natural de uma *respeitável* princesa russa (esse *respeitável*, próximo da palavra precedente, me intriga); a segunda, como filha legítima de um trapeiro da Boêmia; e a terceira, ela o sabe...

Esperamos baste essa amostra de uma sessão de espíritas lioneses para demonstrar que os *Espíritos* de Lyon valem bem os de Paris.

Mas, perguntamos, não seria o caso de impedir que pobres loucos se tornassem ainda mais loucos?

Outrora a Igreja era bastante poderosa para impor silêncio a semelhantes divagações. Talvez ela castigasse em demasia, é verdade, mas detinha o mal. Hoje, considerando-se que a autoridade religiosa é impotente, que o bom-senso não tem bastante poder para fazer justiça a tais alucinações, não deveria a outra autoridade intervir neste caso, pondo fim a práticas cujo menor inconveniente é tornar ridículos os que delas se ocupam?

C. M.

RESPOSTA DO SR. ALLAN KARDEC

Ao Senhor redator da *Gazette de Lyon*

Senhor,

Enviaram-me um artigo, assinado por C. M., que publicastes na *Gazette de Lyon* de 2 de agosto de 1860, sob o título de: *Uma sessão espírita*. Nesse artigo, se não sou atacado senão indiretamente, eu o sou na pessoa de todos os que partilham de minhas convicções. Isto, porém, nada representaria, se vossas palavras não tendessem a falsear a opinião pública sobre o princípio e as conseqüências das práticas espíritas, cobrindo de ridículo e censurando os que as professam, e que apontais à vindita legal. Peço-vos permissão para fazer algumas retificações a respeito, esperando de vossa imparcialidade que publiqueis minha resposta, já que julgastes por bem publicar o ataque.

Não penseis, senhor, que eu tenha o objetivo de vos convencer, nem de retribuir injúria por injúria. Sejam quais forem as razões que vos impeçam de partilhar de nossa maneira de ver, não cogito em procurá-las, e as respeito, se forem sinceras. Só reclamo a reciprocidade praticada entre gente que sabe conviver. Quanto aos epítetos incivis, não é de meu costume utilizá-los.

Se tivésseis discutido seriamente os princípios do Espiritismo; se a eles tivésseis oposto quaisquer argumentos, bons ou maus, eu teria podido vos responder. Mas como toda a vossa argumentação se restringe a nos qualificar de *imbecis*, não me cabe discutir convosco se tendes ou não razão. Limito-me, pois, a destacar aquilo que as vossas asserções têm de inexato, fora de todo personalismo.

Não basta dizer às pessoas que não pensam como nós que elas são imbecis: isto está ao alcance de qualquer um. É necessário demonstrar-lhes que estão erradas. Mas, como fazê-lo? Como entrar no cerne da questão, se não se conhece a sua primeira

palavra? Ora, creio seja o caso em que vos encontrais, pois do contrário teríeis empregado melhores armas que a acusação banal de estupidez. Quando vos tiverdes dado ao estudo do Espiritismo o tempo moral necessário – e vos previno que é preciso bastante; quando tiverdes lido tudo quanto puder fundamentar a vossa opinião, aprofundado em todas as questões, assistido, como observador *consciencioso e imparcial*, a alguns milhares de experiências, vossa crítica terá algum valor. Até lá, não passa de uma opinião pessoal, que em nada se apóia e a respeito da qual podeis, palavra por palavra, ser pilhado em flagrante delito de ignorância. O começo de vosso artigo é uma prova.

Dizeis: “São chamados de espíritas certos alucinados que romperam com todas as crenças religiosas de sua época e de seu país.” Sabeis, senhor, que esta acusação é muito grave, e tanto mais grave quanto é, ao mesmo tempo, falsa e caluniosa? O Espiritismo baseia-se inteiramente sobre o dogma da existência da alma, sua sobrevivência ao corpo, sua individualidade após a morte, sua imortalidade, as penas e recompensas futuras. Não apenas sanciona essas verdades pela teoria; é de sua essência prová-las de maneira patente. Eis por que tanta gente, que em nada acreditava, foi reconduzida às idéias religiosas. Toda a sua moral se resume no desenvolvimento destas máximas do Cristo: Praticar a caridade, pagar o mal com o bem, ser indulgente para com o próximo, perdoar aos inimigos; numa palavra, agir para com os outros como gostaríamos que eles agissem para conosco. Então achais estas idéias tão estúpidas? Terão rompido com toda crença religiosa os que se apóiam sobre as próprias bases da religião? Não, direis, mas basta ser católico para ter tais idéias. Tê-las, vá; mas praticá-las é outra coisa, ao que parece. É muito evangélico para vós, católico, insultar pessoas simples, que nunca vos fizeram mal, que não conheceis e que tiveram bastante confiança em vós para vos receber entre elas? Admitamos que estejam erradas; será cobrindo-as de injúria e as irritando que as reconduzireis?

Vosso artigo contém um erro de fato que, mais uma vez, prova a vossa ignorância em matéria de Espiritismo. Dizeis: *Os adeptos, em geral, são operários*. Sabei então, senhor, para vosso governo, que, dos cinco ou seis milhões de espíritas que existem atualmente, a quase totalidade pertence às classes mais esclarecidas da sociedade; entre seus aderentes, conta grande número de médicos em todos os países, advogados, magistrados, homens de letras, altos funcionários, oficiais de todas as patentes, artistas, sábios, negociantes, etc., pessoas que levemente colocais entre os ineptos. Mas deixemos isso de lado. As palavras *insulto e injúria* vos parecem muito fortes? Vejamos.

Pesastes bem o alcance de vossas palavras quando, depois de ter dito que os adeptos geralmente são operários, acrescentais, a propósito das reuniões lionesas: *pois ali não são recebidos facilmente os que, pelo seu exterior, possam denunciar muita inteligência. Os Espíritos só se dignam manifestar-se aos simples. Provavelmente foi isso que nos valeu para sermos admitidos naquele lugar*. E mais adiante, esta outra frase: *Depois de um pequeno "speech" do sumo-sacerdote sobre a natureza dos Espíritos, tudo num estilo que deveria encantar os Espíritos, devido à sua simplicidade, começaram as perguntas*. Não me recordo das facécias relativas à pena de ganso, da qual, em vossa opinião, o médium se servia, nem de outras coisas, também assaz espirituosas; falo mais seriamente. Só farei uma simples observação: vossos olhos e ouvidos vos serviram muito mal, porquanto o médium de quem falais não se serve de pena de ganso, e tanto a forma quanto o fundo da maioria das perguntas e das respostas que referis em vosso artigo são pura invenção. São, pois, pequenas calúnias, através das quais quisteses fazer brilhar a vossa inteligência.

Assim, segundo pensais, para ser admitido nessas reuniões de operários é preciso ser operário, isto é, desprovido do bom-senso, e ali só fostes introduzido porque certamente vos tomaram por um tolo. É provável que vos teriam fechado a porta,

se vos tivessem julgado com bastante espírito para inventar coisas que não existem.

Já pensastes, senhor, que não atacais apenas os espíritas, mas toda a classe operária e, em particular, a de Lyon? Esqueceis que são esses mesmos operários, esses *tecelões*, como dizeis com afetação, que fazem a prosperidade de vossa cidade, através de sua indústria? Teriam sido criaturas sem valor moral os operários que produziram Jacquard? De onde saíram em bom número os vossos fabricantes, que adquiriram sua fortuna com o suor do rosto e graças à ordem e à economia? Não é insultar o trabalho comparar seus teares a *forcas* ignóbeis? Ridicularizai-lhes a linguagem e vos esqueceis de que o seu ofício não lhes permite fazer discursos acadêmicos. Será necessária uma franqueza excessiva para dizer o que se pensa? Vossas palavras, senhor, não são apenas levianas – emprego esta palavra por consideração – elas são imprudentes. Se algum dia Deus vos reservou dias nefastos, orai a Ele para que os tecelões de Lyon não se lembrem disto. Os que são espíritas se esquecerão, porque a caridade o ordena. Assim, fazei votos para que todos o sejam, uma vez que é no Espiritismo que eles haurem os princípios de ordem social, de respeito à propriedade e de sentimentos religiosos.

Sabeis o que fazem os operários espíritas lioneses, que tratais com tanto desprezo? Em vez de se desequilibrarem num cabaré, ou de se alimentarem em doutrinas subversivas e quiméricas, nessa oficina que por irrisão comparais ao antro de Trophonius, em meio as esses teares de quatro forcas, *eles pensam em Deus*. Eu os vi durante minha estada aí; conversei com eles e me convenci do seguinte: Entre eles muitos maldiziam seu trabalho penoso; hoje o aceitam com a resignação do cristão, como uma prova; muitos viam com ciúme e inveja a sorte dos ricos; hoje sabem que a riqueza é uma prova ainda mais perigosa que a da miséria, e que o infeliz que sofre e não cede à tentação é o verdadeiro eleito de Deus; sabem que a verdadeira felicidade não

está no supérfluo e que aqueles que são chamados os felizes deste mundo também padecem cruéis angústias, que o ouro não acalma. Muitos se riam da prece; hoje oram e reencontraram o caminho da igreja, que tinham esquecido, porque outrora não acreditavam em nada e agora crêem; vários teriam sucumbido no desespero; hoje, que conhecem a sorte dos que voluntariamente abreviam a vida, resignam-se à vontade de Deus, pois sabem que têm uma alma, do que antes não estavam certos. Enfim, por saberem que estão apenas de passagem na Terra, e que a justiça de Deus não falha para ninguém.

Eis aí, Senhor, o que sabem e o que fazem esses *ineptos*, como os chamais. Talvez se exprimam numa linguagem ridícula, trivial aos olhos de um homem de espírito como vós, mas aos olhos de Deus o mérito está no coração e não na elegância das frases.

Noutro lugar dizeis: *Outrora a Igreja era bastante poderosa para impor silêncio a semelhantes divagações. Talvez ela castigasse em demasia, é verdade, mas detinha o mal. Hoje, considerando-se que a autoridade religiosa é impotente, não deveria a outra autoridade intervir neste caso?* Com efeito, ela queimava. É realmente lamentável que não haja mais fogueiras. Oh! deploráveis efeitos do progresso das luzes!

Não tenho por hábito responder às diatribes. Se só se tratasse de mim, eu nada teria dito; mas, a propósito de uma crença de que me orgulho de professar, porque é uma crença eminentemente cristã, ridicularizais pessoas honestas e laboriosas, porque são iletradas, esquecendo que o próprio Jesus era operário; vós as excitais por palavras irritantes; reclamais contra elas os rigores da autoridade civil e religiosa, quando são pacíficas e compreendem o vazio das utopias com que foram embaladas e que vos metem medo. Tive de lhes tomar a defesa, lembrando os deveres que a caridade impõe e dizendo-lhes que, se outros não cumprem suas obrigações, isso não é razão para se afastarem do

caminho reto. Aí estão, senhor, os conselhos que lhe dou; são também os que lhe dão os Espíritos que cometem a tolice de se dirigirem a pessoas simples e ignorantes e não a vós. É que, provavelmente, sabem que serão mais escutados. A propósito, poderíeis dizer-me por que Jesus escolheu seus apóstolos entre o povo, e não entre os homens de letras? Sem dúvida porque na época não havia jornalistas para lhe dizerem o que ele devia fazer.

Direis, sem dúvida, que vossa crítica só atinge a crença nos Espíritos e em suas manifestações, e não os princípios sagrados da religião. Estou certo disto. Mas, então, por que dissestes que os espíritas romperam com todos os princípios religiosos? É que não sabíeis em que eles se apóiam. No entanto, vistes um médium orar com recolhimento, e vós, católico, ristes de uma pessoa que orava!

Provavelmente não sabeis, também, o que são os Espíritos. Os Espíritos nada mais são que a alma dos que viveram; almas e Espíritos são, pois, uma única e mesma coisa, de modo que negar a existência dos Espíritos é negar a alma. Admitir a alma, sua sobrevivência, sua individualidade, é admitir os Espíritos. Toda a questão, portanto, se resume em saber se, após a morte, a alma pode manifestar-se aos vivos. Os livros sagrados e os pais da Igreja o reconheciam. Se os Espíritos estão errados, essas autoridades também se enganaram. Para o provar, é preciso demonstrar, não por uma simples negativa, mas por razões peremptórias:

1º Que o ser que pensa em nós durante a vida não pode mais pensar após a morte;

2º Que, se pensa, não deve mais pensar naqueles que amou;

3º Que, se pensa nos que amou, não deve mais querer comunicar-se com eles;

4º Que, se pode estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado;

5º Que, se está ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco.

Se conhecêsseis o estado dos Espíritos, sua natureza e, se assim me posso exprimir, sua constituição fisiológica, tal como eles no-la descrevem e tal qual a observação nos confirma, saberíeis que Espírito e alma, sendo uma única e mesma coisa, só há de menos no Espírito o corpo, de que se despoja ao morrer, restando-lhe, porém, um invólucro etéreo, que para ele constitui um corpo fluídico, com o auxílio do qual pode, em certas circunstâncias, tornar-se visível. É o que ocorre nos casos de aparições, que a própria Igreja admite perfeitamente, tendo em vista que de alguns faz artigos de fé. Dada esta base, às proposições precedentes acrescentarei as seguintes, pedindo-vos provar:

6º Que, por seu envoltório fluídico, o Espírito não pode agir sobre a matéria inerte;

7º Que, se pode agir sobre a matéria inerte, não pode agir sobre um ser animado;

8º Que, se pode agir sobre um ser animado, não pode dirigir sua mão para fazê-lo escrever;

9º Que, podendo fazê-lo escrever, não pode responder às suas perguntas e lhe transmitir seu pensamento.

Quando tiverdes demonstrado que tudo isto é impossível, por meio de raciocínios tão patentes quanto aqueles pelos quais Galileu demonstrou que não é o Sol que gira, então vossa opinião poderá ser levada em consideração.

Objetareis, sem dúvida, que em suas comunicações os Espíritos dizem, algumas vezes, coisas absurdas. Isto é verdade; e

fazem mais: por vezes dizem grosserias e impertinências. É que, deixando o corpo, o Espírito não se despoja imediatamente de todas as suas imperfeições. É, pois, provável que aqueles que dizem coisas ridículas como Espíritos, as disseram ainda mais ridículas quando estavam entre nós. Daí por que não aceitamos mais cegamente tudo que vem da parte deles do que o que vem da parte dos homens. Como, porém, não tenho a intenção de dar um curso, vou parar aqui. A mim bastou provar que tínheis falado do Espiritismo sem o conhecer.

Aceitai, senhor, minhas respeitadas saudações.

Allan Kardec

Banquete

OFERECIDO PELOS ESPÍRITAS LIONESES AO SR. ALLAN KARDEC
19 DE SETEMBRO DE 1860

Nesta reunião íntima e familiar, um dos membros, Sr. Guillaume, houve por bem expor os sentimentos dos espíritas lioneses na alocação que segue. Lendo-a, compreenderão que devemos ter hesitado em publicá-la na *Revista*, malgrado o desejo que nos foi expresso. Assim, não foi senão cedendo a instâncias que concordamos, temendo, por outro lado, que a recusa pudesse ser interpretada como falta de reconhecimento aos testemunhos de simpatia que recebemos. Rogamos, pois, aos leitores, que façam abstração da pessoa, vendo, nessas palavras, apenas uma homenagem prestada à doutrina.

“Ao Sr. Allan Kardec; ao zeloso propagador da Doutrina Espírita!

“É graças à sua coragem, às suas luzes e à sua dedicada perseverança que devemos a felicidade de estar hoje reunidos neste banquete simpático e fraterno.

“Que todos os espíritas lioneses jamais esqueçam que, se têm a felicidade de sentir-se melhorados, apesar de todas as influências perniciosas que muitas vezes desviam o homem da senda do bem, devem-no ao *O Livro dos Espíritos*.

“Se sua existência se suavizou, se seu coração está mais depurado e mais afetuoso; se dele expulsaram a cólera e a vingança, devem-no ao *O Livro dos Espíritos*.

“Se, na vida privada, suportam com coragem os revezes da fortuna; se repelem todos os meios baseados na astúcia e na mentira para adquirir os bens terrenos, devem-no ao *O Livro dos Espíritos*, que os fez compreender a prova e acendeu-lhes a luz que dissipa as trevas.

“Se um dia, que talvez não esteja longe, os homens se tornarem humanos, fraternos e dedicados a uma mesma fé; se, para eles, a caridade não mais for uma palavra vã, isso ainda deverão ao *O Livro dos Espíritos*, ditado pelos melhores dentre eles ao Sr. Allan Kardec, escolhido para espalhar a luz.

“À união sincera dos espíritas lioneses! À Sociedade Espírita Parisiense, cuja irradiação a todos esclareceu, verdadeira sentinela avançada, incumbida de desbravar a estrada difícil do progresso! Paris é o cérebro do Espiritismo, como Lyon merece, por sua união, seu trabalho, suas luzes e seu amor, ser o seu coração.

“Quando o coração e o espírito estiverem unidos na mesma fé, para alcançar o mesmo objetivo, logo só haverá na França irmãos amorosos e dedicados. Cresçamos, pois, pela união no amor, e em breve os nossos sentimentos, os nossos princípios cobrirão o mundo inteiro. O Espiritismo, senhoras e senhores, é o único meio para chegarmos prontamente ao Reino de Deus.

“Honra à Sociedade Espírita Parisiense! Honra ao Sr. Allan Kardec, o fundador e o primeiro elo da grande corrente espírita!”

Guillaume

RESPOSTA DO SR. ALLAN KARDEC

Senhoras, senhores, e todos vós, meus caros e bons irmãos em Espiritismo.

A acolhida tão amiga e benévola que recebo entre vós, desde a minha chegada, seria bastante para me encher de orgulho, se eu não compreendesse que tais testemunhos se dirigem menos à pessoa do que à doutrina, da qual não passo de um dos mais humildes operários; é a consagração de um princípio e me sinto duplamente feliz, porque esse princípio deve um dia assegurar a felicidade do homem e o repouso da sociedade, quando for bem compreendido e, melhor ainda, bem praticado. Seus adversários só o combatem porque não o compreendem. Cabe a nós, aos verdadeiros espíritas, aos que vêm no Espiritismo algo além de experiências mais ou menos curiosas, fazê-lo compreendido e espalhado, tanto pregado pelo exemplo quanto pela palavra. *O Livro dos Espíritos* teve como resultado fazer ver o seu alcance filosófico. Se esse livro tem algum mérito, seria presunção minha orgulhar-me disso, porquanto a doutrina que encerra não é criação minha. Toda honra do bem que ele fez pertence aos sábios Espíritos que o ditaram e quiseram servir-se de mim. Posso, pois, ouvir o elogio, sem que seja ferida a minha modéstia, e sem que o meu amor-próprio por isso fique exaltado. Se eu quisesse prevalecer-me disto, por certo teria reivindicado a sua concepção, em vez de atribuí-la aos Espíritos; e se pudesse duvidar da superioridade daqueles que cooperaram, bastaria considerar a influência que ele exerceu em tão pouco tempo, só pelo poder da lógica, sem contar com nenhum dos meios materiais próprios para superexcitar a curiosidade.

Seja como for, senhores, a cordialidade do vosso acolhimento para mim será um poderoso estímulo na tarefa laboriosa que empreendi e da qual fiz a razão de minha vida, pois me dá a certeza consoladora de que os homens de coração já não são tão raros neste século material, como se comprazem em afirmar. Os sentimentos que em mim fazem nascer esses testemunhos benevolentes são mais bem compreendidos do que expressos, e o que lhes dá, aos meus olhos, um valor inestimável, é que não têm por móvel nenhuma consideração pessoal. Agradeço-vos do fundo do coração, em nome do Espiritismo e, sobretudo, em nome da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, que ficará feliz com as demonstrações de simpatia com que vos dignais de lhe dar, e orgulhosa de contar em Lyon tão grande número de bons e leais confrades. Permitti-me descrever, nalgumas palavras, as impressões que levo de minha breve passagem entre vós.

A primeira coisa que me impressionou foi o número de adeptos. Eu bem sabia que Lyon os contava em grande número, mas estava longe de suspeitar que fosse tão considerável, pois são contados às centenas e logo, espero, não se poderá mais contá-los. Mas se Lyon se distingue pelo número, não o faz menos pela qualidade, o que é ainda melhor. Por toda parte só encontrei espíritas sinceros, que compreendem a doutrina sob seu verdadeiro ponto de vista.

Há, senhores, três categorias de adeptos: os que se limitam a acreditar na realidade das manifestações e que, antes de mais, buscam os fenômenos. Para eles o Espiritismo é uma série de fatos mais ou menos interessantes.

Os segundos vêem algo mais do que fatos; compreendem o seu alcance filosófico; admiram a moral que dele resulta, mas não a praticam. Para eles a caridade moral é uma bela máxima, e eis tudo.

Os terceiros, enfim, não se contentam em admirar a moral: praticam-na e aceitam todas as suas conseqüências. Bem convencidos de que a existência terrena é uma prova passageira, tratam de aproveitar esses curtos instantes para marchar na senda do progresso que lhes traçam os Espíritos, esforçando-se por fazer o bem e reprimir suas inclinações más. Suas relações são sempre seguras, porque suas convicções os afastam de todo pensamento do mal. Em tudo a caridade lhes é regra de conduta. São estes os *verdadeiros espíritas*, ou melhor, os *espíritas-cristãos*.

Muito bem, senhores! Eu vos digo com satisfação que aqui não encontrei nenhum adepto da primeira categoria. Em parte alguma vi se ocuparem do Espiritismo por mera curiosidade, ou se servirem das comunicações para assuntos fúteis. Em toda parte o objetivo é nobre, as intenções honestas e, a crer no que vejo e no que me dizem, há muitos da terceira categoria. Honra, pois, aos espíritas lioneses, por haverem tão generosamente penetrado essa via progressiva, sem a qual o Espiritismo não teria objetivo! Tal exemplo não será perdido; terá suas conseqüências e não foi sem razão, bem o vejo, que outro dia os Espíritos me responderam, por um dos vossos médiuns mais dedicados, conquanto um dos mais obscuros, quando eu lhes exprimia a minha surpresa: *“Por que te admirar? Lyon foi a cidade dos mártires. A fé aqui é viva; ela fornecerá apóstolos ao Espiritismo. Se Paris é o cérebro, Lyon será o coração.”* A coincidência desta resposta, com a que vos foi dada precedentemente, e que o Sr. Guillaume acaba de recordar em sua alocução, tem algo de muito significativo.

A rapidez com que a doutrina propagou-se nos últimos tempos, apesar da oposição que ainda encontra, ou, talvez, por isso mesmo, pode fazer prever-lhe o futuro. Por uma questão de prudência, evitemos tudo quanto possa produzir uma impressão desagradável e – não digo perder uma causa já assegurada – retardar-lhe o desenvolvimento. Sigamos nisto os conselhos dos sábios Espíritos e não esqueçamos que, neste mundo, muitos

sucessos foram comprometidos por excessiva precipitação. Também não nos esqueçamos de que nossos inimigos do outro mundo, assim como os deste, podem procurar arrastar-nos por um caminho perigoso.

Houvestes por bem me pedir alguns conselhos e para mim é um prazer vos dar aqueles que a experiência poderá sugerir-me. Não será mais que uma opinião pessoal, que vos convido a ponderar com a vossa sabedoria e da qual fareis o uso que vos parecer conveniente, pois não tenho a pretensão de me impor como árbitro absoluto.

Tínheis a intenção de formar uma grande sociedade. A respeito já vos disse a minha maneira de pensar, de sorte que me limito a resumi-la aqui.

Sabe-se que as melhores comunicações são obtidas em reuniões pouco numerosas³⁴, sobretudo naquelas em que reinam harmonia e comunhão de sentimentos. Ora, quanto maior for o número, mais difícil será a obtenção dessa homogeneidade. Como é impossível que no começo de uma ciência, ainda tão nova, não surjam algumas divergências na maneira de apreciar certas coisas, dessa divergência infalivelmente nasceria um mal-estar, que poderá levar à desunião. Ao contrário, os pequenos grupos serão sempre mais homogêneos; as pessoas se conhecem melhor, estão mais em família e podem ser mais bem admitidos as que desejamos. E, como em última análise, todos tendem para um mesmo objetivo, podem entender-se perfeitamente e haverão de entender-se tanto melhor quanto não haja aquele melindre incessante, que é incompatível com o recolhimento e a concentração de espírito. Os Espíritos maus, que buscam incessantemente semear a discórdia, ferindo suscetibilidades, terão sempre menos domínio num pequeno grupo do que num meio numeroso e heterogêneo. Numa

34 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiums*, Segunda parte, capítulo XXIX, especialmente o item 332.

palavra, a unidade de vistas e de sentimento nele será mais fácil de estabelecer.

A multiplicidade dos grupos tem outra vantagem: a de obter uma variedade muito maior de comunicações, pela diversidade de aptidão dos médiuns. Que essas reuniões parciais comuniquem reciprocamente o que elas obtêm, cada uma por seu lado, de modo que todas aproveitem os seus mútuos trabalhos. Aliás, chegará o momento em que o número de aderentes não permitiria mais uma reunião única, que deveria fracionar-se pela força das coisas. Eis por que preferível é fazer imediatamente aquilo que serão obrigados a fazer mais tarde.

Incontestavelmente, do ponto de vista da propaganda, não é nas grandes reuniões que os neófitos podem colher elementos de convicção, mas na intimidade. Há, pois, um duplo motivo para preferir os pequenos grupos, que podem multiplicar-se ao infinito. Ora, vinte grupos de dez pessoas, por exemplo, indiscutivelmente obterão mais e farão mais prosélitos que uma reunião única de duzentas pessoas.

Há pouco falei das divergências que podem surgir, e disse que elas não deviam criar obstáculos ao perfeito entendimento entre os diferentes centros. Com efeito, essas divergências só podem dar-se nos detalhes e não sobre o fundo. O objetivo é o mesmo: o melhoramento moral; o meio é o mesmo: o ensino dado pelos Espíritos. Se tal ensino fosse contraditório; se, evidentemente, um devesse ser falso e o outro verdadeiro, notai bem que isto não poderia alterar o objetivo, que é conduzir o homem ao bem, para sua maior felicidade presente e futura. Ora, o bem não poderia ter dois pesos e duas medidas. Do ponto de vista científico ou dogmático é, contudo, útil ou, pelo menos, interessante, saber quem está certo e quem está errado. Pois bem! Tendes um critério infalível para o apreciar, quer se trate de simples detalhes, quer de sistemas radicalmente divergentes; e isto se aplica

não somente aos sistemas espíritas, mas a todos os sistemas filosóficos.

Examinai, antes, o que é mais lógico, o que melhor corresponde às vossas aspirações, que melhor pode alcançar o objetivo. O mais verdadeiro será, evidentemente, aquele que explica melhor, que melhor dá a razão de tudo. Se se puder opor a um sistema um único fato em contradição com a sua teoria, é que a teoria é falsa ou incompleta. A seguir, examinai os resultados práticos de cada sistema; a verdade deve estar do lado de quem produz maior soma de bem, exerce uma influência mais salutar, produz mais homens bons e virtuosos e impele ao bem pelos motivos mais puros e mais racionais. A felicidade é o objetivo constante a que aspira o homem. A verdade estará do lado do sistema que proporciona maior soma de satisfação moral; numa palavra, que torna o homem mais feliz.

Como o ensino vem dos Espíritos, os diversos grupos, assim como os indivíduos, acham-se sob a influência de certos Espíritos que presidem aos seus trabalhos, ou os dirigem moralmente. Se esses Espíritos não estiverem de acordo, a questão será saber qual o que merece mais confiança. Evidentemente, será aquele cuja teoria não pode suscitar nenhuma objeção séria; em suma, aquele que, em todos os pontos, dá mais provas de sua superioridade. Se tudo for bom, racional nesse ensino, pouco importa o nome que toma o Espírito; e, neste sentido, a questão da identidade é absolutamente secundária. Se, sob um nome respeitável, o ensino peca pelas qualidades essenciais, podeis, sem qualquer vacilação, concluir que é um nome apócrifo e que é um Espírito impostor, ou que se diverte. Regra geral: jamais o nome é uma garantia; a única, a verdadeira garantia de superioridade é o pensamento e a maneira por que este é expresso. Os Espíritos enganadores são capazes de imitar tudo, tudo mesmo, exceto o verdadeiro saber e o verdadeiro sentimento.

Não tenho intenção, senhores, de vos dar aqui um curso de Espiritismo, e talvez esteja abusando de vossa paciência com todos esses detalhes. Entretanto, não me posso furtar a acrescentar mais algumas palavras.

Acontece muitas vezes que os Espíritos, para fazer adotar certas utopias, afetam um falso saber e tentam impô-las retirando do arsenal de palavras técnicas tudo quanto possa fascinar aquele que acredita muito facilmente. Dispõem, ainda, de um meio mais fácil, que é o de aparentar virtudes. Arrimados nas grandes palavras: caridade, fraternidade e humildade, esperam fazer passar os mais grosseiros absurdos. É isso que acontece com freqüência, quando não se está prevenido; é preciso, pois, não se deixar levar pelas aparências, tanto da parte dos Espíritos quanto dos homens. Confesso: eis aí uma das maiores dificuldades. Contudo, jamais se disse que o Espiritismo fosse uma ciência fácil. Ele tem os seus escolhos, que só podem ser evitados pela experiência. Para não cair na cilada é necessário, primeiro, guardar-se contra o entusiasmo que cega, do orgulho que leva certos médiuns a se julgarem os únicos intérpretes da verdade. É preciso tudo examinar friamente, pesar tudo maduramente, tudo controlar; e, se se desconfia do próprio julgamento, o que muitas vezes é mais prudente, é preciso reportar a outros, conforme o provérbio de que quatro olhos vêem mais do que dois. Um falso amor-próprio ou uma obsessão podem, por si só, fazer persistir uma idéia notoriamente falsa e que é repelida pelo bom-senso de cada um.

Não ignoro, senhores, ter aqui muitos adversários. Isto vos espanta, e, no entanto, nada é mais verdadeiro. Sim, aqui há os que me ouvem com indignação; não digo entre vós – graças a Deus! – onde só espero ter amigos. Quero falar dos Espíritos enganadores, que não querem que vos dê os meios de os desmascarar, porque descubro as suas astúcias e porque, pondo-vos em guarda, eu lhes tiro o domínio que poderiam ter sobre vós. A tal respeito, senhores, vos direi que seria um erro imaginar que eles não exerçam esse

domínio senão sobre os médiuns. Ficai certos de que, estando em toda parte, os Espíritos agem incessantemente sobre nós, sem o sabermos, quer se seja, ou não, espírita ou médium. A mediunidade não os atrai; ao contrário, fornece-lhes o meio de conhecerem o inimigo, que se trai *sempre*. *Sempre*, ouvi bem, e que só abusa dos que se deixam abusar.

Isto, senhores, leva-me a completar meu pensamento sobre o que acabo de dizer, a respeito das dissidências que poderiam surgir entre os diversos grupos, em consequência da diversidade de ensino. Eu disse que, não obstante algumas divergências, eles poderiam entender-se e devem entender-se, desde que sejam verdadeiros espíritas. Dei-vos o meio de controlar o valor das comunicações; agora vos darei o de apreciar a natureza das influências exercidas sobre cada um. Considerando-se que toda influência salutar emana de um Espíritos bom, que tudo quanto é mau vem de fonte má, que os Espíritos maus são os inimigos da união e da concórdia, o grupo que for assistido pelo Espírito do mal será aquele que lançar a pedra sobre o outro e não lhe estender a mão. Quanto a mim, senhores, eu vos considero a todos como irmãos, quer estejais com a verdade, quer com o erro. Mas vos declaro, alto e bom som, que estarei de corpo e alma com os que mostrarem mais caridade, mais abnegação. Se houvesse alguns – que Deus não permita! – que alimentassem sentimentos de ódio, inveja, ciúme, eu os lamentaria, porque estariam sob má influência, preferindo acreditar que esses maus pensamentos lhes vêm de um Espírito estranho do que de seu próprio coração. Mas isto só me tornaria suspeita a veracidade das comunicações que pudessem receber, em virtude do princípio de que um Espírito verdadeiramente bom não poderá sugerir senão bons sentimentos.

Terminarei, senhores, esta alocução, por certo já bem longa, com algumas considerações sobre as causas que devem assegurar o futuro do Espiritismo.

Compreendeis todos, pelo que tendes sob os olhos e pelo que sentis em vós mesmos, que dia virá em que o Espiritismo deverá exercer uma imensa influência sobre a estrutura social. Mas o dia em que essa influência será generalizada ainda está longe, sem dúvida. São necessárias gerações para que o homem se despoje do homem velho. Contudo, desde agora, se o bem não pode ser geral, já é individual, e porque esse bem é efetivo, a doutrina que o proporciona é aceita com tanta facilidade, direi mesmo com tanto entusiasmo, por muitos. Com efeito, pondo de lado a sua racionalidade, que filosofia é mais capaz de libertar o pensamento do homem dos laços terrenos, de elevar sua alma para o infinito? Qual a que lhe dá uma idéia mais justa, mais lógica e apoiada sobre as provas mais patentes, de sua natureza e de seu destino? Que seus adversários a substituam por algo de melhor, uma doutrina mais consoladora, que melhor se ponha de acordo com a razão, que substitua a alegria inefável de saber que os seres que nos foram caros na Terra estão junto a nós, que nos vêem, nos ouvem, nos falam e nos aconselham; que dê um motivo mais legítimo à resignação; que faça temer menos a morte; que proporcione mais calma nas provas da vida; que, enfim, substitua essa doce quietude experimentada quando se pode dizer: sinto-me melhor. Ante uma doutrina que faça melhor que tudo isto, o Espiritismo deporá as armas.

O Espiritismo torna, pois, soberanamente feliz; com ele, não mais isolamento, nem desespero; ele já poupou muitas faltas, impediu vários crimes, levou a paz a inúmeras famílias, corrigiu muitas imperfeições. Que será, então, quando os homens forem alimentados por tais idéias! Porque, então, vindo o raciocínio, eles se fortificarão e não mais renegarão a alma. Sim, o Espiritismo torna feliz e é isto que lhe dá um poder irresistível e assegura o seu triunfo futuro. Os homens querem a felicidade; como o Espiritismo a oferece, eles se lançarão em seus braços. Desejam aniquilá-lo? Então dêem ao homem uma fonte maior de felicidade e de esperança. Isto quanto aos indivíduos.

Duas outras forças parecem ter receado o seu aparecimento: a autoridade civil e a autoridade religiosa. Por quê? Porque não o conhecem. Hoje a Igreja começa a ver que nele encontrará uma arma poderosa para combater a incredulidade, a solução lógica de vários dogmas embaraçosos e, finalmente, que ele já conduz aos seus deveres de cristãos um bom número de ovelhas desgarradas. Por seu lado, o poder civil começa a ter provas de sua benéfica influência sobre a moralidade das classes laboriosas, às quais essa doutrina, *pela convicção*, inculca idéias de ordem e de respeito à propriedade, fazendo compreender o nada das utopias. Testemunha metamorfoses morais quase miraculosas e em breve entreverá, na difusão dessas idéias, um alimento mais útil ao pensamento que as alegrias dos cabarés ou o tumulto da praça pública e, conseqüentemente, uma salvaguarda para a sociedade. Assim, povo, Igreja e poder, um dia vendo nele um dique contra a brutalidade das paixões, uma garantia da ordem e da tranqüilidade, um retorno às idéias religiosas que se extinguem, ninguém terá interesse em obstaculizar a sua marcha. Ao contrário, cada um buscará no Espiritismo um apoio. Aliás, quem poderia deter o curso dessa torrente de idéias, que já movimenta suas águas benfazejas nas cinco partes do mundo?

Tais são, meus caros confrades, as considerações que desejava vos submeter. Termino agradecendo novamente vossa bondosa acolhida, cuja lembrança estará sempre presente em minha memória. Agradeço igualmente aos Espíritos bons por toda a satisfação que me proporcionaram durante minha viagem, porquanto, por toda parte onde me detive, também encontrei bons e sinceros espíritas e pude constatar, por meus próprios olhos, o imenso desenvolvimento dessas idéias e com que facilidade elas se enraízam. Por toda parte encontrei pessoas felizes, aflitos consolados, mágoas acalmadas, ódios apaziguados; por toda parte a confiança e a esperança sucedendo às angústias da dúvida e da incerteza. Ainda uma vez, o Espiritismo é a chave da verdadeira felicidade e aí está o segredo de seu poder irresistível. Então é

utopia uma doutrina que faz tais prodígios? Que Deus, na sua bondade, meus amigos, se digne vos enviar Espíritos bons para vos assistir nas vossas comunicações, a fim de que sejais esclarecidos sobre as verdades de que estais encarregados de espalhar. Um dia colhereis centuplicados os frutos do bom grão que houverdes semeado.

Que este banquete de amigos, meus mui amados confrades, como os ágapes de outrora, seja o penhor da união entre todos os verdadeiros espíritas!

Levanto um brinde aos espíritas lioneses, tanto no meu quanto no nome da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Allan Kardec

Sobre o Valor das Comunicações Espíritas

PELO SR. JOBARD

A ortodoxia religiosa confere um papel de excessiva importância a Satã e aos seus supostos satélites, que apenas deveriam ser chamados Espíritos malignos, ignorantes, vaidosos, e quase todos maculados do pecado do orgulho que os perdeu. Nisto em nada eles diferem dos homens, dos quais fizeram parte durante um período muito curto, em relação à eternidade de sua existência pneumática, que pode ser comparada à de um corpo passado ao estado volátil. O erro está na crença de que, pelo fato de serem Espíritos, devem ser perfeitos, como se o vapor e o gás fossem mais perfeitos que a água ou o líquido de onde saíram; como se um malfeitor pudesse ser um homem pacífico depois de escapar da prisão; como se um louco pudesse ser reputado sábio depois de haver transposto os muros do hospício; como se um cego,

saído do Quinze-Vingts³⁵, pudesse fazer-se passar por um clarividente.

Imaginais, senhores médiuns, que vos tivésseis de haver com toda essa gente e que haja tanta diferença entre os Espíritos quanto entre os homens. Ora, não ignorais que há tantos homens quanto sentimentos diferentes; tantos corpos quanto propriedades diversas, antes como depois de sua mudança de estado. Podeis julgar, pelos seus erros, a má qualidade dos Espíritos, como se julga a má qualidade de um corpo pelo odor que exala. Se, por vezes, estão de acordo sobre certos pontos, entre si e convosco, é que se copiam e vos copiam, porquanto sabem, melhor que vós, o que foi escrito, no passado e atualmente, sobre tal ou qual doutrina que vos repetem, muitas vezes como papagaios, mas outras vezes com convicção, se forem Espíritos estudiosos e conscienciosos, como certos filósofos ou sábios que vos dessem a honra de vir conversar e discutir convosco. Mas ficai persuadidos de que só vos respondem quando pressentem que vos encontrais em condições de os compreender. Sem isto não vos dizem senão vulgaridades e nada que ultrapasse o alcance de vossa inteligência e dos vossos conhecimentos adquiridos. Tanto quanto vós, eles sabem que não se lançam pérolas aos porcos; citam o Evangelho, se sois cristão, o Alcorão, se sois muçulmano, e facilmente se põem em unísono convosco, porque no estado pneumático têm a inteligência que os corpos materiais volatilizados não possuem; somente nisto a comparação precedente não é exata. Se gostais de rir, fazer jogo de palavras, e tratais com um Espírito sério, ele vos enviará farsistas, mais fortes que vós nos gracejos e nos trocadilhos. Se tiverdes o cérebro fraco, ele vos abandona aos mistificadores, que vos levarão mais longe do que gostaríeis.

Em geral os Espíritos gostam de se entreter com os homens; é uma distração e por vezes um estudo para eles, como

35 **N. do T.:** Alusão a antigo hospital parisiense, fundado por São Luís (Luís IX) e destinado aos cegos.

todos o dizem. Assim, não temais fatigá-los, pois sempre o ficareis antes deles; mas não vos ensinarão nada além do que vos poderiam ter dito em vida. Eis a razão por que tanta gente pergunta qual a vantagem de perder tempo em consultá-los, desde que não se pode esperar revelações extraordinárias, invenções inesperadas, panacéias, pedras filosofais, transmutações de metais, movimentos perpétuos, já que não sabem mais que vós sobre os resultados ainda não obtidos pela ciência humana. E se vos estimulam a fazer experiências, é que eles mesmos estariam curiosos para ver os seus efeitos, pois, do contrário, só vos dão explicações confusas, como os pseudo-sábios e certos advogados, que se deixam enredar em suas próprias palavras. Se se trata de um tesouro, eles vos dizem: cavaí; de uma liga, dizem: sopraí. É possível que, buscando, encontreis. Ficarão tão assombrados quanto vós e se gabarão de vos terem dado bons conselhos. A vaidade humana não os abandona. Os Espíritos bons não vos afirmam que encontrareis tesouros, como fazem os maus, que não têm escrúpulo em vos arruinar. É nisto que jamais deveis fazer abstração do vosso julgamento, do vosso livre-arbítrio, da vossa razão. Que dizeis quando um homem vos instiga a um mau negócio? Que é um Espírito infernal, diabólico. Pois bem! O Espírito que vos aconselha mal não é mais diabólico, mais infernal; quando muito é um ignorante, um mistificador; mas não tem missão especial, nem poder sobre-humano, nem grande interesse em vos enganar; usa igualmente do livre-arbítrio que Deus lhe deu, como deu a vós, podendo, como vós, fazer dele bom ou mau uso; eis tudo. É tolice acreditar que ele se ligue a vós durante anos e anos para tentar alistar a vossa própria alma no exército de Satã. O que adianta a Satã um recruta a mais ou a menos, quando eles chegam, espontaneamente, aos milhares de milhões, sem que ele se dê ao trabalho de os convocar? Os eleitos são raros, mas inumeráveis os voluntários do mal. Se Deus e o diabo têm, cada um, o seu exército, só Deus necessita de recrutadores; o Diabo pode poupar-se ao trabalho de preencher os seus quadros. Como a vitória está sempre do lado dos grandes batalhões, julgai de sua grandeza e de seu

poder, e da facilidade de seus triunfos sobre todos os pontos do Universo. E, sem ir muito longe, olhai em torno de vós.

Mas tudo isso não tem sentido. Desde que hoje se sabe facilmente conversar com as criaturas do outro mundo, é preciso aceitá-las como são e pelo que são. Há poetas que podem ditar bons versos, filósofos e moralistas que podem dar boas máximas, historiadores que podem dar esclarecimentos sobre sua época, naturalistas que podem ensinar o que sabem, ou retificar os erros que cometeram, astrônomos que podem revelar certos fenômenos que ignorais, músicos, autores capazes de escrever obras póstumas e que chegam mesmo a pedir que sejam publicadas em seu nome. Um deles, que pensava ter inventado alguma coisa, indignou-se ao saber que a patente não lhe seria entregue pessoalmente; outros não fazem mais caso das coisas terrenas do que certos sábios. Há também os que assistem com prazer infantil à inauguração de sua estátua e outros que não se dão ao trabalho de ir vê-la e que desprezam profundamente os imbecis que lhes prestam essa honra, depois de os haverem desprezado e perseguido em vida. A propósito de sua estátua, Humboldt não respondeu senão uma palavra: Irrisão! Um outro deu a inscrição da estátua que lhe preparam e que sabe não havê-la merecido: Ao grande ladrão, os roubados reconhecidos.

Em resumo, devemos considerar como certo que cada um leva consigo o caráter e as conquistas morais e científicas; os tolos daqui são ainda os tolos de lá. Só os larápios, que não têm mais bolsos a esvaziar; os gulosos, nada mais a fritar; os banqueiros, nada mais a descontar, sofrem tais privações. É por isso que o Espírito-Santo, o Espírito de Verdade, nos recomenda o desprezo das coisas terrenas, que não podemos carregar, nem assimilar, para só pensarmos nos bens espirituais e morais, que nos acompanham e nos servirão pela eternidade, não só de distração, mas como degraus para nos elevarmos incessantemente na grande escada de Jacó, na incomensurável hierarquia dos Espíritos.

Assim, vede quão pouco caso fazem os Espíritos bons dos bens e dos prazeres grosseiros que perderam ao morrer, isto é, ao entrarem em seu país, como eles dizem. Semelhantes a um sábio prisioneiro, arrancado subitamente de sua cela, não são suas roupas, seus móveis, seu dinheiro que ele lamenta, mas os seus livros e manuscritos. A borboleta que sacode o pó de suas asas antes de retomar o vôo, pouco se preocupa com os restos da lagarta que lhe serviu de habitáculo. Do mesmo modo, um Espírito como o de Buffon não mais lamentará o seu castelo de Montbard, como Lamartine não lamentará seu Saint-Point, que tanta questão ele fazia em vida. É por isso que a morte do sábio é tão calma e a do *humanimal*³⁶ tão horrível, porquanto sente este último que, perdendo os bens terrenos, tudo perde; aí se agarra como o avarento ao seu cofre-forte. Seu Espírito não pode sequer afastar-se; prende-se à matéria e continua a assombrar os lugares que lhe foram caros e, em vez de fazer incessantes esforços para romper os laços que o retêm à Terra, a ela se prende como um desesperado. Sofre verdadeiramente como um danado, por não mais poder gozá-los; eis o inferno, eis o fogo que esses réprobos se empenham em tornar eterno. Tais são os Espíritos maus, que repelem os conselhos dos bons e que necessitam socorros da razão e da própria sabedoria humana, a fim de se decidirem a abandonar a presa. Os bons médiuns devem dar-se ao trabalho de os fazer pensar, de os doutrinar e orar por eles, pois confessam que a prece os alivia; por isso mesmo testemunham o seu reconhecimento, em termos às vezes muito tocantes. Isto prova a existência de uma solidariedade entre todos os Espíritos, livres ou encarnados, porque, evidentemente, a encarnação não passa de uma punição, e a Terra, de um lugar de expiação, onde, como diz o salmista, não somos postos para nosso entretenimento, mas para nos aperfeiçoarmos e aprender a adorar a Deus, estudando as suas obras. De onde se segue que o mais infeliz é o mais ignorante; o

36 **N. do T.:** Cunhada por Jobard, a palavra *humanimal* não faz parte do léxico francês, muito embora, no contexto da frase em que se acha inserida, possamos adivinhar facilmente o seu significado.

mais selvagem torna-se o mais vicioso, o mais criminoso e o mais miserável dos seres, aos quais Deus outorgou uma centelha de sua alma divina, e talentos para os fazer valer e não para os enterrar até a chegada do mestre, ou, antes, até o comparecimento do culpado de preguiça ou de negligência perante Deus.

Eis o que verdadeiramente é para uns e para outros o mundo espírita, que a uns inspira tanto medo e a outros tanto encanta, e que nem mereceu esse excesso de homenagens, nem essa indignidade.

Quando, à força de estudo e de experiência, nos tivermos familiarizado com o fenômeno das manifestações, tão natural quanto qualquer outro, reconheceremos a veracidade das explicações que acabamos de dar. O poder do mal, que é concedido aos Espíritos, tem por antítese o poder do bem que se pode esperar dos outros. Essas duas forças são *adequadas*, como todas as da Natureza, sem o que o equilíbrio se romperia e o livre-arbítrio seria substituído pela fatalidade, o cego *fatum*, o *fato bruto*, inteligente, a morte de todos, a catalepsia do Universo, o caos.

Proibir interrogar os Espíritos é reconhecer que eles existem; assinalá-los como prepostos do diabo é fazer pensar que existem os que são agentes e missionários de Deus. Que os maus sejam mais numerosos, estamos de acordo; mas há de tudo, como na Terra. No entanto, porque há mais grãos de areia do que pepitas de ouro, deve-se condenar os garimpeiros?

Quando os Espíritos vos dizem que lhes é proibido responder a certas perguntas de importância meramente pessoal, é uma maneira cômoda de ocultar a sua ignorância das coisas do futuro. Tudo quanto depende de nossos próprios esforços, de nossas pesquisas intelectuais, não nos pode ser revelado sem violar a lei divina, que obriga o homem ao trabalho. Seria muito cômodo para qualquer *médium*, tomado por um Espírito familiar

complacente, adquirir sem esforço todos os tesouros e todo o poder imaginável, desembaraçando-se de todos os obstáculos que os outros superam com tanta dificuldade. Não, os Espíritos não têm semelhante poder e fazem bem dizendo que lhes é interdito tudo o que lhe pedis de ilícito. Contudo, exercem grande influência sobre os encarnados, para o bem ou para o mal; felizes daqueles que os Espíritos bons aconselham e protegem: tudo lhes sai bem, se obedecem às boas inspirações, que, aliás, não recebem senão após havê-las merecido e realizado o esforço equivalente ao sucesso que lhes é dado por acréscimo.

Quem quer que, deitado na cama, espere a fortuna, não terá muita chance de adquiri-la. Tudo aqui depende do trabalho inteligente e honesto, que nos proporciona uma grande satisfação íntima e nos livra do mal físico, comunicando-nos o dom de aliviar o mal alheio, porquanto não existe um *médium* bem-intencionado que não seja magnetizador e curador por natureza. Mas, ignorando possuir tal tesouro, não tentam utilizá-lo. É nisto que deveriam ser melhor aconselhados e mais poderosamente auxiliados por seus Espíritos bons. Têm-se visto milagres análogos ao sucedido com o duque de *Celeuza*, príncipe Vasto, no café *Nocera*, em Nápoles, em 13 de junho último, o qual acaba de publicar que foi curado instantaneamente de uma doença reputada *incurável*, da qual sofria há dez anos, unicamente pela palavra de um velho cavalheiro francês, ao qual narrara seus sofrimentos. Há outros que fazem tais coisas em diversos países, na Holanda, na Inglaterra, na França, na Suíça. Mas eles se multiplicarão com o tempo: os germes estão semeados.

Os *médiuns* devidamente advertidos quanto à natureza, aos usos e costumes dos Espíritos terrenos, nada mais têm a fazer do que se conduzirem de acordo. Quanto aos Espíritos celestes ou de uma ordem transcendente, é tão raro se comunicarem com os indivíduos, que ainda não é tempo de falar deles. Eles presidem aos destinos das nações e às grandes catástrofes, às grandes evoluções

dos globos e das humanidades; no momento estão trabalhando. Esperemos, com recolhimento, as grandes coisas por vir: *Renovabunt faciem terrae.*

Jobard

OBSERVAÇÕES

O Sr. Jobard havia dado ao seu artigo o título de *Conselhos aos médiuns*. Julgamos dever dar-lhe um título menos exclusivo, tendo em vista que suas observações se aplicam, em geral, à maneira de apreciar as comunicações espíritas. Sendo os médiuns apenas instrumentos das manifestações, estas podem ser dadas a todas as pessoas, seja diretamente, seja através de um intermediário. Todos os evocadores podem, pois, aproveitá-las, tanto quanto os médiuns.

Aprovamos esta maneira de julgar as comunicações porque é rigorosamente verdadeira e não pode senão contribuir para nos acautelarmos contra a ilusão, à qual estão expostos os que aceitam muito facilmente, como expressão da verdade, tudo quanto venha do mundo dos Espíritos. Todavia, pensamos que o Sr. Jobard talvez seja um tanto absoluto sobre certos pontos. Em nossa opinião, ele não leva muito em conta o progresso realizado pelo Espírito no estado errante. Sem dúvida – fato constatado pela experiência – o Espírito leva para o além-túmulo as imperfeições da vida terrena. Porém, como se acha num meio completamente diverso; como já não recebe as suas sensações através dos órgãos materiais; e visto não ter mais sobre os olhos o véu espesso que obscurecia as idéias, suas sensações, percepções e concepções devem experimentar uma sensível modificação. Eis por que vemos, todos os dias, homens que pensam, após a morte, de modo completamente diverso do que o faziam em vida, porque o horizonte moral para eles se dilatou; autores criticando as próprias obras; homens do mundo censurando a própria conduta; sábios

reconhecendo seus erros. Se o Espírito não progredisse na vida espiritual, retornaria à vida corpórea como dela havia saído, nem mais adiantado, nem mais atrasado, o que, positivamente, é contraditado pela experiência. Certos Espíritos podem, pois, ver mais claro e mais justo do que quando estavam na Terra; assim, alguns são vistos dando excelentes conselhos, com os quais nos edificamos. Mas entre os Espíritos, como entre os homens, é preciso saber a quem nos dirigimos e não crer que qualquer um deles possua a ciência infusa, nem que um sábio esteja liberado de seus preconceitos terrenos, só porque são Espíritos. A este respeito o Sr. Jobard tem inteira razão ao dizer que não devemos aceitar suas teorias e sistemas senão com extrema reserva; é preciso fazer com eles o que se faz com os homens, isto é, só lhes dar crédito quando tiverem dado provas irrecusáveis de sua superioridade, e não pelo nome falso com que por vezes se apresentam, mas pela constante sabedoria de seus pensamentos, a irrefutável lógica de seus raciocínios e a inalterável bondade de seu caráter.

As judiciosas observações do Sr. Jobard, deixando de lado o que podem conter de exagero, sem dúvida decepcionarão os que pensam encontrar nos Espíritos um meio certo de tudo saber, fazer descobertas lucrativas, etc. Realmente, aos olhos de certas pessoas, para que servem os Espíritos, se não nos auxiliam a fazer fortuna? Pensamos que basta ter estudado um pouco a Doutrina Espírita para compreender que nos ensinam uma porção de coisas mais úteis do que saber se ganharemos na bolsa ou na loteria. Contudo, mesmo admitindo a hipótese mais rigorosa, na qual seria completamente indiferente dirigir-se aos Espíritos ou aos homens para as coisas deste mundo, nada significaria o fato de nos darem prova da existência de além-túmulo? de nos inteirarem do estado feliz ou infeliz dos que nos precederam? de nos provarem que aqueles a quem amamos não estão perdidos para nós, e que os reencontraremos nesse mundo que nos espera a todos, ricos ou pobres, poderosos ou escravos? Porque, afinal, uma coisa é certa: que, mais dia, menos dia, haveremos de morrer. O que existirá além

dessa barreira? atrás dessa cortina que nos vela o futuro? Alguma coisa ou o nada? Pois bem! Os Espíritos nos ensinam que existe algo; que, quando morremos, nem tudo está acabado. Longe disto; só então é que começa a verdadeira vida, a vida moral. Ainda que só isto nos ensinassem, suas conversas não seriam inúteis. Fazem mais: ensinam o que devemos fazer aqui para nos encontrarmos em melhores condições no outro mundo. E como lá teremos que ficar muito tempo é bom nos assegurarmos o melhor lugar possível. Como diz o Sr. Jobard, em geral os Espíritos atribuem pouca importância às coisas da Terra, por uma razão muito simples: *é que têm melhor do que isto*; seu objetivo é ensinar-nos o que devemos fazer para ali sermos felizes. Eles sabem que nos prendemos às alegrias da Terra, como as crianças com seus brinquedos; querem avançar o nosso raciocínio: tal a sua missão. Se somos enganados por uns, é porque queremos tirá-los da esfera de suas atribuições. Perguntar-lhes o que não sabem, o que não podem ou não devem dizer, é ser mistificado pela turba de Espíritos zombeteiros, que se divertem com a nossa credulidade. O erro de certos médiuns é crer na infalibilidade dos Espíritos que com eles se comunicam e os seduzem por belas frases, escorados num nome imponente que, na maioria das vezes, não lhes pertence. Reconhecer a fraude é um resultado do estudo e da experiência. Nesse sentido, o artigo do Sr. Jobard só lhes pode ajudar a abrir os olhos.

Dissertações Espíritas

RECEBIDAS OU LIDAS NA SOCIEDADE POR VÁRIOS MÉDIUNS

FORMAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Médium – Sra. Costel

Deus criou a semente humana, que espalhou nos mundos, como o lavrador lança nos sulcos o grão que deve

germinar e amadurecer. Essas sementes divinas são moléculas de fogo que Deus faz jorrar do grande foco, centro de vida, onde resplandece o seu poder. Tais sementes são para a Humanidade aquilo que são os germes das plantas para a terra; desenvolvem-se lentamente e só amadurecem após longa permanência nos planetas-mãe, onde se forma o começo das coisas. Falo apenas do princípio; chegado à sua condição de homem o ser se reproduz e a obra de Deus está consumada.

Por que, sendo comum o ponto de partida, são tão diversos os destinos humanos? Por que nascem uns num meio civilizado e outros no estado selvagem? Qual é, então, a origem dos demônios? Retomemos a história do Espírito em sua primeira eclosão. Apenas formadas, hesitantes e balbuciantes, as almas são, entretanto, livres de inclinar-se para o bom ou para o mau lado. Desde que viveram, os bons separam-se dos maus. A história de Abel é ingenuamente verdadeira. Apenas saídas das mãos do Criador, as almas ingratas persistem na revolta do crime; então, durante a sucessão dos séculos, elas erram, prejudicando os outros e, sobretudo, a si mesmas, até que sejam tocadas pelo arrependimento, o que acontece infalivelmente. Então os primeiros demônios são os primeiros homens culpados. Deus, na sua imensa justiça, jamais impõe sofrimentos que não sejam os resultantes dos atos maus. A Terra devia ser inteiramente povoada, mas não o poderia ser igualmente; conforme o grau de progresso obtido nas migrações terrenas, uns nascem nos grandes centros de civilização, enquanto outros, Espíritos incertos, ainda necessitados de iniciação, nascem nas florestas recuadas. O estado selvagem é preparatório. Tudo é harmonioso, e a alma culpada e cega de um demônio da Terra não pode reviver num centro esclarecido. No entanto, algumas se aventuram nesse meio que não é o seu. Se aí não marchar em unísono, oferecem o espetáculo da barbárie no seio da civilização. São seres expatriados.

O estado embrionário é o de um ser que ainda não sofreu migração. Não se pode estudá-lo à parte, por isso que é a origem do homem.

Georges

OS ESPÍRITOS ERRANTES

Médium – Sra. Costel

Os Espíritos estão divididos em várias categorias. A princípio os *embriões*, que não possuem nenhuma faculdade distinta; que flutuam no ar como insetos que se vêem turbilhonar num raio de sol; que volitam sem objetivo e se encarnam sem terem feito escolha. Tornam-se seres humanos ignorantes e grosseiros.

Acima deles estão os *Espíritos levianos*, cujos instintos não são maus, mas apenas maliciosos; divertem-se com os homens e lhes causam aborrecimentos frívolos. São crianças, delas conservando os caprichos e a malícia pueril.

Os Espíritos maus não são todos do mesmo grau; uns não fazem outro mal, além de ligeiros enganos; não se prendem a um ser e se limitam a cometer faltas pouco graves.

Os Espíritos malfeitores impelem ao mal e gozam com isto, mas ainda têm algum lampejo de piedade.

Os Espíritos perversos não a têm. Todas as suas faculdades tendem para o mal. Fazem-no por cálculo e com perseverança; gozam as torturas morais que provocam. Correspondem, no mundo dos Espíritos, aos criminosos no vosso. Chegam a tal perversidade porque desconhecem as leis de Deus; nas suas vidas carnis, sucumbem de queda em queda e passam-se séculos antes que lhes venha um pensamento de renovação. O mal é o seu elemento; nele mergulham com prazer; mas, obrigados a reencarnar-se, passam por tais sofrimentos e esses sofrimentos de

tal modo crescem em suas vidas espíritas que a paixão do mal neles se consume; acabam por compreender que devem ceder à voz de Deus, que não cessa de os chamar. Viram-se Espíritos rebeldes pedir com ardor as mais terríveis expiações e suportar o martírio com alegria. Esse retorno ao bem é uma imensa felicidade para os puros Espíritos. A palavra do Cristo sobre as ovelhas desgarradas é radiosa verdade.

Os Espíritos errantes da segunda ordem são os intermediários entre os Espíritos superiores e os mortais, porque é raro que os Espíritos se comuniquem diretamente, sendo preciso que a tanto sejam impelidos por uma solicitude particular. Esses intermediários são os Espíritos dos mortais que não têm nenhum mal grave a se censurar e cujas intenções não foram más. Recebem missões e, quando as realizam com zelo e amor, são recompensados por um progresso mais rápido. Têm menos migrações a sofrer. Assim, os Espíritos desejam ardentemente essas missões, que só lhes são concedidas como recompensa e quando são julgados capazes de cumpri-las. São os Espíritos superiores que os dirigem e lhes escolhem as funções.

Os Espíritos superiores não são todos do mesmo grau. Se eles são dispensados das migrações nos vossos mundos, não o são das condições de progresso nas esferas mais elevadas. Enfim, não existe nenhuma lacuna no mundo visível e no invisível; uma ordem admirável proveu a tudo; nenhum ser é ocioso ou inútil; todos concorrem na medida de suas faculdades para a perfeição da obra de Deus, que não tem termo nem limite.

Georges

O CASTIGO

Médium – Sra. Costel

Os Espíritos maus, egoístas e inflexíveis, logo após a morte são entregues a uma dúvida cruel sobre o seu destino

presente e futuro; inicialmente olham em torno de si e, porque não vêem nenhum assunto sobre o qual possam exercer a sua influência má, o desespero apodera-se deles, uma vez que o isolamento e a inação são intoleráveis para os Espíritos maus; não levantam o olhar para os lugares habitados pelos Espíritos puros; consideram o que os cerca e logo, sensibilizados pelo abatimento dos Espíritos fracos e punidos, lançam-se a eles como a uma presa, armando-se com a lembrança de suas faltas passadas, incessantemente postas em ação por meio de gestos irrisórios. Não lhes bastando esta zombaria, lançam-se sobre a Terra como abutres esfaimados; procuram entre os homens a alma que dará mais fácil acesso às suas tentações; delas se apoderam, exaltam-lhe a cobiça, tentam extinguir a sua fé em Deus e, finalmente, quando donos de uma consciência vêem a presa dominada, espalham o fatal contágio sobre tudo que se aproximar de sua vítima.

O Espírito mau que dá vazão à sua raiva é quase feliz; apenas sofre nos momentos em que não age e também naqueles em que o bem triunfa sobre o mal.

Entretanto, passam os séculos; o Espírito mau sente-se de súbito invadido pelas trevas. Aperta-se o seu círculo de ação, e sua consciência, até então muda, faz-lhe sentir as pontas aceradas do arrependimento. Inativo, arrastado pelo turbilhão, vaga, sentindo, como diz a Escritura, o pêlo de sua carne se eriçar de pavor; em breve um grande vazio se faz nele e ao seu redor; chegado o momento, deve expiar; a reencarnação, ameaçadora, lá está; ele vê, como numa miragem, as provas terríveis que o aguardam; gostaria de recuar, mas avança e, precipitado no abismo escancarado da vida, rola apavorado até que o véu da ignorância lhe cai sobre os olhos. Vive, age, é ainda culpado; sente em si uma espécie de lembrança inquietante, de pressentimentos que o fazem tremer, mas não o levam a recuar no caminho do mal. Esgotado de forças e de crimes, vai morrer. Estendido sobre o catre ou sobre o leito – não importa – o homem culpado sente, sob aparente

imobilidade, mover-se e viver um mundo de sensações esquecidas! Debaixo das pálpebras fechadas vê surgir um clarão e ouve sons estranhos; sua alma, que vai deixar o corpo, agita-se impaciente, enquanto suas mãos crispadas procuram agarrar-se aos lençóis; gostaria de falar, de gritar aos que o cercam: Segurem-me! vejo o castigo! Não pode; a morte se fixa sobre os lábios descorados e os assistentes dizem: Ei-lo em paz!

Entretanto, ele ouve tudo; flutua em redor do corpo, que não desejaria abandonar; uma força secreta o atrai: vê, reconhece o que já viu. Desvairado, lança-se no espaço, onde quer esconder-se. Não há mais retiro! Não há mais repouso! Outros Espíritos lhe devolvem o mal que ele fez e, castigado, ridicularizado, confuso por sua vez, erra e errará até que o divino clarão penetre a sua resistência e o esclareça, para lhe mostrar o Deus vingador, o Deus triunfante de todo o mal, que ele só poderá apaziguar à força de gemidos e expiações.

Georges

Observação – Nunca foi desenhado um quadro mais eloqüente, mais terrível e mais verdadeiro da sorte do mau. É então necessário recorrer à fantasmagoria das chamas e das torturas físicas?

MARTE

Médium – Sra. Costel

Marte é um planeta inferior à Terra, da qual é grosseiro esboço; não é necessário habitá-lo. Marte é a primeira encarnação dos mais grosseiros demônios. Os seres que o habitam são rudimentares; têm a forma humana, mas sem nenhuma beleza; têm todos os instintos do homem, sem a nobreza da bondade.

Entregues às necessidades materiais, comem, bebem, batem-se, acasalam-se. Mas como Deus não abandona nenhuma de

suas criaturas, no fundo das trevas de sua inteligência jaz latente o vago conhecimento de si mesmos, mais ou menos desenvolvido. Esse instinto é suficiente para torná-los superiores uns aos outros e preparar a eclosão para uma vida mais completa. A deles é curta como a dos insetos efêmeros. Os homens, que são apenas matéria, desaparecem após curta evolução. Deus tem horror ao mal e só o tolera como servindo de princípio ao bem. Ele abrevia o seu reino, sobre o qual triunfa a ressurreição.

Nesse planeta a terra é árida; pouca verdura; uma folhagem sombria, que a primavera não renova; um dia igual e cinzento. Apenas aparente, o Sol jamais prodigaliza suas festas; o tempo escoia monótono, sem as alternativas e as esperanças das novas estações; não é inverno, não é verão. Mais curto, o dia não é medido do mesmo modo; a noite reina mais longa. Sem indústria, sem invenções, os habitantes de Marte consomem a vida à procura de alimento. Suas grosseiras habitações, baixas como um casebre, são repugnantes pela incúria e pela desordem que nelas reinam. As mulheres se destacam sobre os homens; mais abandonadas, mais famélicas, não passam de suas fêmeas. Têm apenas o sentimento maternal; dão à luz com facilidade, sem nenhuma angústia; alimentam e guardam seus filhos a seu lado, até o completo desenvolvimento de suas forças, e os expulsam sem pesar e sem saudade.

Não são canibais; suas contínuas batalhas não têm outro objetivo que não seja a posse de um terreno mais ou menos abundante em caça. Caçam nas planícies intermináveis. Inquietos e instáveis como os seres desprovidos de inteligência, deslocam-se incessantemente. A igualdade da estação, a mesma em toda parte, comporta, em consequência, as mesmas necessidades e as mesmas ocupações; há pouca diferença entre os habitantes de um e de outro hemisfério.

Para eles a morte não representa nenhum pavor ou mistério; consideram-na apenas como a putrefação do corpo, que

queimam imediatamente. Quando um desses homens vai morrer, logo é abandonado; então, só e deitado, pensa pela primeira vez; um vago instinto o assalta; como a andorinha advertida da próxima estação, sente que nem tudo está acabado, que vai recomeçar alguma coisa desconhecida. Não é bastante inteligente para supor, temer ou esperar, mas calcula, às pressas, suas vitórias e derrotas; pensa no número de caças que abateu e se regozija ou se aflige conforme os resultados obtidos. Sua mulher – só têm uma por vez, embora possam trocá-las sempre que lhes convêm – agachada à entrada, atira seixos no ar; quando formam um montículo, ela julga que chegou a hora e se aventura a olhar para o interior; se suas previsões se tiverem realizado, se o homem estiver morto, ela entra sem um grito, sem uma lágrima, despoja-o da pele de animais que o envolve, vai friamente avisar seus vizinhos, que transportam o corpo e o incineram, tão logo esfria.

Os animais, que por toda parte sofrem os reflexos humanos, são mais selvagens, mais cruéis que em qualquer outro lugar. O cão e o lobo são uma só e mesma espécie, incessantemente em luta com o homem, que, contra eles, se entrega a combates encarniçados. Aliás, menos numerosos, menos variados que na Terra, os animais são a miniatura deles mesmos.

Os elementos têm a cólera cega do caos; o mar furioso separa os continentes sem navegação possível; o vento ruge e curva as árvores até o solo; as águas submergem as terras ingratas, que não fecunda; o terreno não oferece as mesmas condições geológicas da Terra; o fogo não o aquece; os vulcões são desconhecidos; as montanhas, pouco elevadas, não oferecem nenhuma beleza; fatigam o olhar e desencorajam a exploração; enfim, por toda parte, monotonia e violência; por toda parte a flor sem cor e sem perfume, por toda parte o homem sem providência, matando para sobreviver.

Georges

Observação – Para servir de transição entre o quadro de Marte e o de Júpiter, seria necessário o de um mundo intermediário, da Terra, por exemplo, mas que conhecemos suficientemente. Observando-a, fácil é reconhecer que mais se aproxima de Marte que de Júpiter, posto que, mesmo no seio da própria civilização, ainda se encontram seres tão abjetos e tão desprovidos de sentimentos e de humanidade, vivendo no mais absoluto embrutecimento e não pensando senão em suas necessidades materiais, sem jamais terem voltado o olhar para o céu, que parecem ter vindo diretamente de Marte.

JÚPITER

Médium – Sra. Costel

Infinitamente maior que a Terra, o planeta Júpiter não apresenta o mesmo aspecto. É inundado por uma luz pura e brilhante, que ilumina sem ofuscar. As árvores, as flores, os insetos, os animais, dos quais os vossos são o ponto de partida, ali são maiores e aperfeiçoados; a Natureza é mais grandiosa e mais variada; a temperatura é igual e deliciosa; a harmonia das esferas encanta os olhos e os ouvidos. A forma dos seres que o habitam é a mesma que a vossa, mas embelezada, aperfeiçoada e, sobretudo purificada. Não somos submetidos às condições materiais de vossa natureza: não temos as necessidades, nem as doenças que lhes são consequência. Somos almas revestidas de um envoltório diáfano, que conserva os traços de nossas passadas migrações; aparecemos aos amigos tal como nos conheceram, porém iluminados por uma luz divina, transfigurados por nossas impressões interiores, que são sempre elevadas.

Como a Terra, Júpiter é dividido num grande número de países de aspectos variados, mas não de clima. As diferenças de condições são determinadas apenas pela superioridade moral e de inteligência; não há senhores nem escravos; os mais elevados graus são marcados somente pelas comunicações mais diretas e mais

freqüentes com os Espíritos puros e pelas mais importantes funções que nos são confiadas. Vossas habitações não vos podem dar nenhuma idéia das nossas, pois não temos as mesmas necessidades. Cultivamos as artes, chegadas a um grau de perfeição desconhecida entre vós. Gozamos de espetáculos sublimes; entre eles, o que mais admiramos, à medida que melhor compreendemos, é o da inesgotável variedade das criações, variedades harmoniosas que têm o mesmo ponto de partida e se aperfeiçoam no mesmo sentido. Todos os sentimentos ternos e elevados da natureza humana, nós os encontramos engrandecidos e purificados, e o desejo incessante que temos, de alcançar o plano dos Espíritos puros, não é um tormento, mas uma nobre ambição que nos impele ao aperfeiçoamento. Estudamos incessantemente, com amor, para nos elevarmos até eles, o que também fazem os seres inferiores para nos igualarem. Vossos pequenos ódios, vossos ciúmes mesquinhos nos são desconhecidos; um laço de amor e de fraternidade nos une: os mais fortes ajudam os mais fracos. Em vosso mundo tendes necessidade da sombra do mal para sentir o bem, da noite para admirar a luz, da doença para apreciar a saúde. Aqui, esses contrastes não são necessários; a eterna luz, a eterna bondade, a calma eterna da alma nos cumulam de uma eterna alegria. Eis o que o Espírito humano tem mais dificuldade para compreender: se foi engenhoso para pintar os tormentos do inferno, jamais pôde representar as alegrias do céu. E por quê? Porque, sendo inferior, só tendo suportado sofrimentos e misérias, não foi capaz de entrever as claridades celestes; não vos pode falar senão do que conhece, como o viajante descreve os países que percorreu. Mas, à medida que se eleva e se depura, o horizonte se aclara e ele compreende o bem que está à sua frente, como compreendeu o mal que ficou para trás.

Já outros Espíritos tentaram vos fazer compreender, tanto quanto o permite a vossa natureza, o estado dos mundos felizes, a fim de vos estimular a seguir o único caminho que a eles

pode conduzir. Mas há entre vós os que estão de tal modo ligados à matéria, que ainda preferem as alegrias materiais da Terra às alegrias puras, reservadas ao homem que sabe desligar-se delas. Que gozem, pois, enquanto estão aqui! Porque um triste revés os espera, talvez mesmo nesta vida. Os que escolhemos para nossos intérpretes são os primeiros a receber a luz. Infelizes, sobretudo, os que não aproveitam o favor que Deus lhes concede, porquanto sua justiça pesará sobre eles!

Georges

OS ESPÍRITOS PUROS

Médium – Sra. Costel

Os puros Espíritos são aqueles que, chegados ao mais alto grau da perfeição, são julgados dignos de ser admitidos aos pés de Deus. O infinito esplendor que os envolve não os dispensa de ser úteis nas obras da Criação: as funções que devem preencher correspondem à extensão de suas faculdades. Esses Espíritos são os ministros de Deus; sob suas ordens, regem os mundos inumeráveis; dirigem do alto os Espíritos e os humanos; estão ligados entre si por um amor sem limites, e esse ardor se estende sobre todos os seres que procuram atrair para se tornarem dignos da suprema felicidade. Deus se irradia sobre eles e lhes transmite suas ordens; eles o vêem sem serem ofuscados por sua luz.

Sua forma é etérea, nada tendo de palpável; falam aos Espíritos superiores e lhes comunicam sua ciência; tornam-se infalíveis. Em suas fileiras é que são escolhidos os anjos-da-guarda, que bondosamente baixam o olhar sobre os mortais, e os recomendam aos Espíritos superiores, que os amaram. Estes escolhem os agentes de sua direção nos Espíritos de segunda ordem. Os Espíritos puros são iguais, e nem poderia ser de outro modo, pois somente são chamados a essa posição depois de haverem atingido o mais alto grau de perfeição. Há igualdade, mas

não uniformidade, porquanto não quis Deus que nenhuma de suas obras fosse idêntica. Os Espíritos puros conservam sua personalidade, que apenas adquiriu a perfeição mais completa no sentido de seu ponto de partida.

Não é permitido dar mais detalhes sobre esse mundo supremo.

Georges

MORADA DOS BEM-AVENTURADOS

Médium – Sra. Costel

Falemos das últimas espirais da glória, habitadas pelos Espíritos puros. Ninguém as atinge antes de haver atravessado os ciclos dos Espíritos errantes. Júpiter está no mais alto grau da escala. Quando um Espírito, longamente purificado por sua estada nesse planeta, é julgado digno da suprema felicidade, é disso advertido por um redobramento de ardor; um fogo sutil anima todas as partes delicadas de sua inteligência, que parece irradiar e tornar-se visível; deslumbrante, transfigurado, ele clareia a luz que parecia tão radiosa aos olhos dos habitantes de Júpiter; seus irmãos reconhecem o eleito do Senhor e, trêmulos, ajoelham-se ante a sua vontade. Entretanto, o Espírito escolhido eleva-se, e os céus, na sua suprema harmonia, lhe revelam belezas indescritíveis.

À medida que sobe, compreende, não mais como na erraticidade, não mais vendo o conjunto das coisas criadas, como em Júpiter, mas abarcando o infinito. Sua inteligência transfigurada eleva-se como uma flecha até Deus, sem tremor e sem terror, como num foco imenso alimentado por mil objetos diversos. O amor, nesses diversos Espíritos, reveste a cor de sua personalidade; eles se reconhecem e se regozijam. Refletidas, suas virtudes repercutem, por assim dizer, as delícias da visão de Deus e aumentam incessantemente com a felicidade de cada eleito. Mar de amor que

cada afluyente aumenta, essas forças puras não ficam mais inativas que as forças de outras esferas. Logo investidos do dom da ubiqüidade, abrangem ao mesmo tempo os detalhes infinitos da vida humana, desde a sua eclosão até as últimas etapas. Irresistível como a luz, sua vista penetra por toda parte simultaneamente e, ativos como a força que os move, espalham a vontade do Senhor. Como de uma urna cheia escapa a onda benfazeja, sua bondade universal aquece os mundos e confunde o mal.

Esses diversos intérpretes têm como ministros de seu poder os Espíritos já depurados. Assim, tudo se eleva, tudo se aperfeiçoa e a caridade irradia sobre os mundos, que alimenta em seu seio poderoso.

Os Espíritos puros têm como atributo a posse de tudo quanto é bom e verdadeiro, porque possuem o próprio princípio, que é Deus. O próprio pensamento humano limita tudo que abrange e não admite o infinito, que a felicidade não limita. Depois de Deus, que pode haver? Deus ainda, sempre Deus. O viajante vê os horizontes se sucederem aos horizontes e um é apenas começo de outro; assim, o infinito se desdobra incessantemente. A maior alegria dos Espíritos puros é precisamente essa extensão tão profunda quanto a própria eternidade.

Do mesmo modo que não se descreve uma graça, uma chama e um raio, não posso descrever os Espíritos puros. Mais vivos, mais belos e mais resplandecentes que as mais etéreas imagens, uma palavra resume seu ser, seu poder e seus prazeres: Amor! Preenchi com esta palavra o espaço que separa a Terra do Céu, e ainda não tereis senão a idéia de uma gota de água no mar. Por mais grosseiro que seja, só o amor terrestre pode vos dar idéia de sua divina realidade.

A REENCARNAÇÃO

Médium – Sr. de Grand-Boulogne

Há na doutrina da reencarnação uma economia moral que não escapa à tua inteligência.

Sendo a corporeidade compatível somente com os atos de virtude, e sendo esses atos necessários ao melhoramento do Espírito, raramente encontrará este, numa única existência, as circunstâncias necessárias ao seu progresso acima da Humanidade.

Sendo admitido que a justiça de Deus não pode harmonizar-se com as penas eternas, deve a razão concluir pela necessidade: 1^o de um período de tempo durante o qual o Espírito examina o seu passado e toma suas resoluções para o futuro; 2^o de uma existência nova em harmonia com o avanço atual desse Espírito. Não falo dos suplícios, por vezes terríveis, a que são condenados certos Espíritos, durante o período da erraticidade; por um lado eles correspondem à enormidade da falta e, por outro, à justiça de Deus. Isto diz bastante para dispensar detalhes que, aliás, encontrarás no estudo das evocações. Voltando às reencarnações, haverás de compreender a sua necessidade por uma comparação vulgar, mas de impressionante verdade.

Após um ano de estudos, o que acontece ao jovem colegial? Se progrediu, passa para a classe superior; se ficou imobilizado em sua ignorância, repete o ano. Vai mais longe; comete faltas graves e é expulso. Pode vagar de colégio em colégio; pode ser afastado da Universidade e pode ir da casa de educação à casa de correção. Tal a imagem fiel da sorte dos Espíritos e nada satisfaz mais completamente à razão. Quer-se cavar mais profundamente a doutrina? Ver-se-á, nessas idéias, o quanto a justiça de Deus parece mais perfeita e mais conforme às grandes verdades que dominam a nossa inteligência.

No conjunto, como nos detalhes, há nisso algo de tão surpreendente que o Espírito que começa a iniciar-se fica como que iluminado. E as censuras murmuradas contra a Providência, e as maldições contra a dor, e o escândalo do vício feliz em face da virtude que sofre, e a morte prematura da criança; e, numa mesma família, de encantadoras qualidades, dando, por assim dizer, a mão a uma perversidade precoce; e as enfermidades que datam do berço; e a infinita diversidade de destinos, tanto nos indivíduos, quanto nos povos, problemas até hoje insolúveis, enigmas que fazem duvidar da bondade, e quase da existência de Deus, tudo isto se explica ao mesmo tempo. Um puro raio de luz se estende no horizonte da filosofia nova e, no seu quadro imenso, agrupam-se harmoniosamente todas as condições da existência humana. As dificuldades se aplainam, os problemas se resolvem, e mistérios até hoje impenetráveis se explicam numa única palavra: *reencarnação*.

Leio em teu pensamento, prezado cristão. Tu dizes: eis, desta vez, uma verdadeira heresia. Meu filho, nada mais que a negação das penas eternas. Nenhum dogma *prático* entra em contradição com esta verdade. O que é a vida humana? O tempo durante o qual o Espírito permanece unido ao corpo. No dia marcado por Deus os filósofos cristãos não terão nenhuma dificuldade para dizer que a vida é múltipla. Isso não acrescenta nem muda nada nos vossos deveres. A moral cristã fica de pé e a lembrança da missão de Jesus paira sempre sobre a Humanidade. A religião nada tem a temer deste ensino, e não está longe o dia em que seus ministros abrirão os olhos à luz; por fim reconhecerão, na revelação nova, os socorros que, do fundo de suas basílicas, imploram do céu. Eles crêem que a sociedade vai perecer: será salva.

O DESPERTAR DO ESPÍRITO

Médium – Sra. Costel

Quando o homem abandona os despojos mortais, experimenta um espanto e um deslumbramento que o deixam por algum tempo indeciso quanto ao seu estado real; não sabe se está morto ou vivo e suas sensações, muito confusas, demoram bastante para aclarar-se. Pouco a pouco, os olhos do Espírito ficam deslumbrados por diversas claridades que o cercam e ele acompanha toda uma ordem de coisas, grandes e desconhecidas, que de início tem dificuldade em compreender, mas em breve reconhece que não passa de um ser impalpável e imaterial; procura seus despojos e se surpreende de não os encontrar; passa-se algum tempo antes que lhe venha a memória do passado e o convença de sua identidade. Olhando a Terra, que acaba de deixar, vê os parentes e amigos que o pranteiam, como vê o corpo inerte. Finalmente seus olhos se destacam da Terra e se elevam para o Céu; se a vontade de Deus não o retém no solo, ele sobe lentamente e se sente flutuar no espaço, o que é uma sensação deliciosa. Então a lembrança da vida que deixa lhe aparece com uma clareza às mais das vezes desoladora, mas outras vezes consoladora. Falo-te aqui do que experimentei, eu que não sou um Espírito mau, mas que não tenho a felicidade de ocupar uma posição elevada. Nós nos despojamos de todos os preconceitos terrenos; a verdade aparece em toda a sua luz; nada atenua as faltas, nada oculta as virtudes; vemos nossa alma tão claramente quanto num espelho; procuramos entre os Espíritos os que foram conhecidos, porque o Espírito se apavora no seu isolamento, mas eles passam sem se deterem; não há relações amistosas entre os Espíritos errantes; aqueles mesmos que se amaram não trocam sinais de reconhecimento; essas formas diáfanas deslizam e não se fixam; as comunicações afetuosas são reservadas aos Espíritos superiores, que intercambiam seus pensamentos. Quanto a nós, nosso estado transitório só serve para o nosso adiantamento, tendo em vista que nada nos distrai; as únicas comunicações que nos são permitidas são com os humanos, porque têm um fim de mútua utilidade, que Deus prescreve.

Os Espíritos maus também contribuem para a melhoria humana: servem para as provas; quem lhes resiste, conquista méritos. Os Espíritos que dirigem os homens são recompensados por um grande abrandamento de suas penas. Os Espíritos errantes não sofrem a ausência de comunicações entre si, pois sabem que se encontrarão; têm apenas mais ardor para chegar ao momento em que as provas realizadas lhes darão o objeto de sua afeição, que não pode ser expressa, mas que neles jaz latente. Nenhum dos laços que contraímos na Terra se desfaz; nossas simpatias serão restabelecidas na ordem em que tiverem existido, mais ou menos vivas conforme o grau de calor ou de intimidade que tiverem tido.

Georges

PROGRESSO DOS ESPÍRITOS

Médium – Sra. Costel

Os Espíritos podem avançar intelectualmente, se o quiserem sinceramente e com firmeza. Como os homens, têm o livre-arbítrio e o estado errante não lhes impede o exercício de suas faculdades; até auxilia, facultando-lhes meios de observação, de que podem aproveitar-se.

Os Espíritos maus não estão fatalmente condenados a permanecer como tais. Podem melhorar-se, mas raramente o querem, uma vez que lhes falta o discernimento e encontram uma espécie de prazer doentio no mal que praticam. Para que voltem ao bem é necessário que sejam violentamente impressionados e punidos, porquanto seus cérebros tenebrosos não se esclarecem senão pelo castigo.

Os Espíritos fracos, que não fazem o mal por prazer, mas que não avançam, são detidos por sua própria fraqueza e por uma espécie de entorpecimento, que paralisa suas faculdades; vão sem saber aonde; passa-se o tempo, sem que o avaliem; pouco se interessam pelo que vêem, disso não tiram proveito ou se revoltam.

É necessário que o Espírito haja chegado a um certo grau de progresso moral para poder progredir na erraticidade; assim, esses pobres Espíritos freqüentemente escolhem muito mal as suas provas; sobretudo procuram ficar o melhor possível na vida corpórea, sem se inquietarem muito com o que serão mais tarde. Esses Espíritos fracos aspiram ardentemente à reencarnação, não para se depurarem, mas para viver ainda. Os seres que fizeram muitas migrações são mais experimentados que os outros; cada uma de suas existências depositou neles uma soma de conhecimentos mais consideráveis; viram e retiveram; são menos ingênuos do que os que se encontram mais próximos do ponto de partida.

Os Espíritos que deixaram a Terra nela reencarnam mais do que alhures, porque a experiência aí adquirida é mais aplicável. Quase não visam outros mundos, senão antes ou após o seu aperfeiçoamento. Em cada planeta as condições de existência são diferentes, porquanto Deus é inesgotável na variedade de suas obras. Entretanto, os seres que os habitam obedecem às mesmas leis de expiação e tendem todos para o mesmo objetivo de completa perfeição.

Georges

A CARIDADE MATERIAL E A CARIDADE MORAL³⁷

Médium – Sra. de B...

“Amemo-nos uns aos outros e façamos aos outros o que quereríamos que nos fizessem eles.” Toda a religião, toda a moral se acham encerradas nestes dois preceitos. Se fossem observados nesse mundo todos seríeis felizes: não mais aí ódios, nem ressentimentos. Direi ainda: não mais pobreza, porquanto, do supérfluo da mesa de cada rico, muitos pobres se alimentariam e

³⁷ **N. do T.:** Com o mesmo título esta mensagem foi inserida por Allan Kardec em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XIII, item 10. (3ª edição definitiva – 1866).

não mais veréis, nos quarteirões sombrios onde habitei durante a minha última encarnação, pobres mulheres arrastando consigo miseráveis crianças a quem tudo faltava.

Ricos! pensai nisto um pouco. Auxiliai os infelizes o melhor que puderdes. Dai, para que Deus, um dia, vos retribua o bem que houverdes feito, para que tenhais, ao sairdes do vosso invólucro terreno, um cortejo de Espíritos agradecidos, a receber-vos no limiar de um mundo mais ditoso.

Se pudésseis saber da alegria que experimentei ao encontrar no Além aqueles a quem, na minha última existência, me fora dado servir!... Dai e amai ao vosso próximo; amai-o como a vós mesmos, porque o sabeis, vós também, agora que Deus permitiu começásseis a vos instruir na ciência espírita, que, repelindo um desgraçado, estareis, quiçá, afastando de vós um irmão, um pai, um amigo vosso de outrora. Se assim for, de que desespero não vos sentireis presa, ao reconhecê-lo no mundo espírita!

Desejo compreendais bem o que seja a *caridade moral*, que todos podem praticar, que *nada custa*, materialmente falando, porém, que é a mais difícil de exercer-se.

A caridade moral consiste em se suportarem umas às outras as criaturas e é o que menos fazeis nesse mundo inferior, onde vos achais, por agora, encarnados. Sede, pois, caridosos, porque avançareis mais no bom caminho; sede humanos e suportai-vos uns aos outros. Grande mérito há, crede-me, em um homem saber calar-se, deixando fale outro mais tolo do que ele. É um gênero de caridade isso. Saber ser surdo quando uma palavra zombeteira se escapa de uma boca habituada a escarnecer; não ver o sorriso de desdém com que vos recebem pessoas que, muitas vezes erradamente, se supõem acima de vós, quando na vida espírita, a *única real*, estão, não raro, muito abaixo, constitui merecimento, não do ponto de vista da humildade, mas do da

caridade, porquanto não dar atenção ao mau proceder de outrem é caridade moral. Passando junto a um pobre enfermo, olhá-lo com compaixão tem sempre muito mais mérito do que atirar-lhe um óbolo com desprezo.

Contudo, não se deve tomar essa figura ao pé da letra, porque essa caridade não deve impedir a outra. Tende, porém, cuidado principalmente em não tratar com desprezo o vosso semelhante. Lembrai-vos de tudo o que já vos tenho dito: Tende presente sempre que, repelindo um pobre, talvez repilais um Espírito que vos foi caro e que, no momento, se encontra em posição inferior à vossa. Encontrei aqui um dos pobres da Terra, a quem, por felicidade, eu pudera auxiliar algumas vezes, e ao qual, a meu turno, *tenho agora de implorar auxílio*.

Sede, pois, caridosos; não sejais desdenhosos; sabeis deixar passar uma palavra que vos fere e não julgueis que ser caridosos seja apenas prodigalizar o auxílio material, mas também praticar a caridade moral. Eu vo-lo repito: praticai uma e outra.

Lembra-vos de que Jesus disse que todos somos irmãos e pensai sempre nisso, antes de repelirdes o leproso ou o mendigo. Virei ainda para vos dar uma comunicação mais longa, pois agora sou chamada. Adeus: pensai nos que sofrem e orai.

Irmã Rosália

A ELETRICIDADE DO PENSAMENTO

Médium – Sra. Costel

Falarei do estranho fenômeno que se passa nas assembléias, seja qual for o seu caráter. Quero falar da eletricidade do pensamento, que se espalha, como por encanto, nos cérebros menos preparados para recebê-la. Por si só esse fato poderia confirmar o magnetismo aos olhos dos mais incrédulos. Surpreende-me, sobretudo, a coexistência dos fenômenos e a

maneira pela qual se confirmam reciprocamente. Sem dúvida direis: O Espiritismo os explica a todos, pois dá a razão dos fatos, até então relegados ao domínio da superstição. É preciso crer no que ele vos ensina, porque transforma a pedra em diamante, isto é, eleva incessantemente as almas que se aplicam a compreendê-lo e lhes dá, nesta Terra, a paciência para suportar os males, proporcionando-lhes, no Céu, a elevação gloriosa que aproxima do Criador.

Volto ao ponto de partida, do qual me afastei um pouco: a eletricidade que une os Espíritos dos homens numa reunião, e os faz compreender, todos ao mesmo tempo, a mesma idéia. Essa eletricidade será, um dia, empregada tão eficazmente entre os homens quanto já o é agora para as comunicações distantes. Chamo-vos a atenção para esta idéia; um dia eu a desenvolverei, pois é muito fecunda. Conservai a calma em vossos trabalhos e contaí com a benevolência dos Espíritos bons para vos assistirem.

Vou concluir meu pensamento, incompleto na última comunicação. Eu falava da eletricidade do pensamento e dizia que um dia ela seria empregada como o é a sua irmã, a eletricidade física. Com efeito, reunidos, os homens liberam um fluido que lhes transmite, com a rapidez do relâmpago, as menores impressões. Por que jamais se pensou em empregar esse meio, por exemplo, para descobrir um criminoso, ou fazer que as massas compreendam as verdades da religião ou do Espiritismo? Nos grandes processos criminais ou políticos, todos os assistentes dos dramas judiciais puderam constatar a corrente magnética que, pouco a pouco, forçava as pessoas mais interessadas a ocultar o pensamento, a descobri-lo, até mesmo a se acusar, por não mais poderem suportar a pressão elétrica que, mau grado seu, fazia brotar a verdade, não de sua consciência, mas de seu coração. Deixando de lado essas grandes emoções, o mesmo fenômeno se reproduz nas idéias intelectuais, que se comunicam de cérebro a cérebro. O meio, portanto, já foi encontrado; trata-se de aplicá-lo: reunir num

mesmo centro homens convictos, ou homens instruídos, e lhes opor a ignorância ou o vício. Essas experiências devem ser feitas conscientemente, e são mais importantes do que os inúteis debates travados sobre palavras.

Delphine de Girardin

A HIPOCRISIA

Médium – Sr. Didier Filho

Deveria haver na Terra dois campos bem distintos: o dos homens que fazem o bem abertamente e o dos que fazem o mal abertamente. Mas não! O homem não é franco nem mesmo no mal: afeta virtude. Hipocrisia! Hipocrisia! deusa poderosa, quantos tiranos procriaste? quantos ídolos fizeste adorar? O coração do homem é realmente muito estranho, pois pode bater quando está morto e amar, em aparência, a honra, a virtude, a verdade e a caridade! Diariamente o homem se prostra ante estas virtudes e falta à sua palavra, desprezando o pobre e o Cristo. Todo dia mente, todo dia é um tartufo! Quantos homens parecem honestos porque a aparência muitas vezes engana! Cristo os chamava sepulcros caiados, isto é, cheios de podridão por dentro e limpos por fora, brilhando ao sol. Homem, na verdade tu pareces essa morada da morte; e, enquanto teu coração estiver morto, não serás inspirado por Jesus, essa divina luz que não clareia o exterior, mas ilumina interiormente.

A hipocrisia, entendei bem, é o vício de vossa época; e quereis fazer-vos grandes pela hipocrisia! Em nome da liberdade, vos engrandeceis; em nome da moral, vos embruteceis; em nome da verdade, mentis.

Lamennais

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

NOVEMBRO DE 1860

Nº 11

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 5 de outubro de 1860 – Sessão particular

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 24 de agosto.

Com o parecer da comissão, que tomou conhecimento da carta de pedido, e após a leitura da ata, a Sociedade admite como sócio-livre o Sr. B..., negociante em Paris.

Comunicações diversas:

1º O Sr. Allan Kardec relata o resultado da viagem que acaba de fazer no interesse do Espiritismo e se congratula pela cordialidade da acolhida que recebeu por toda parte, principalmente em Sens, Mâcon, Lyon e Saint-Etienne. Em todos os locais onde se deteve pôde constatar os progressos consideráveis da doutrina; mas o que, sobretudo, é digno de nota, é que em parte alguma viu fazerem dela uma distração. Por toda

parte se ocupam do Espiritismo de modo sério e lhes compreendem o alcance e as conseqüências futuras. É possível que ainda haja muitos oponentes, dos quais os mais obstinados são os interesseiros, mas os trocistas diminuem sensivelmente. Vendo que seus sarcasmos não atraem os brincalhões para o seu lado, e que estes mais favorecem do que entravam o progresso das crenças novas, começam a compreender que nada ganham e desperdiçam o espírito em pura perda, razão por que se calam. Uma expressão muito característica aparece, por toda parte, na ordem do dia: *O Espiritismo está no ar*, por si só ela descreve bem o estado das coisas. Mas é principalmente em Lyon que os resultados são mais notáveis. Ali os espíritas são numerosos em todas as classes e, na classe operária, eles se contam por centenas. A Doutrina Espírita tem exercido, entre os operários, a mais salutar influência do ponto de vista da ordem, da moral e das idéias religiosas. Em resumo, a propagação do Espiritismo marcha com a mais encorajadora rapidez.

O Sr. Allan Kardec lê o discurso pronunciado pelo Sr. Guillaume, no banquete que os espíritas lioneses lhe ofereceram, assim como a resposta que lhe deu.

Reconhecida pelos testemunhos de simpatia que os confrades de Lyon lhe deram na ocasião, a Sociedade lhes vota uma moção de agradecimento, cujo projeto foi submetido à Comissão e por ela emendado. Esta moção será transmitida por intermédio do presidente.

O Sr. Allan Kardec viu em Saint-Etienne o Sr. R... e dele ouviu a exposição do sistema que lhe foi ditado, por meio do que ele chama *escrita inconsciente*. Mais tarde esse sistema será objeto de um estudo especial.

Além disso, dá conta de um caso muito curioso de obsessão física de uma pessoa de Lyon; de um caso de mediunidade

visual, do qual foi testemunha, e de um fenômeno de transfiguração ocorrido nos arredores de Saint-Etienne, com uma jovem que, em certos momentos, tomava a aparência completa de seu irmão, morto alguns anos antes.

2º Relato de um notável caso de identidade espírita ocorrido num navio da marinha imperial, ancorado nos mares da China. O fato é relatado por um cirurgião da frota, presente à sessão. Todos no navio, desde os marinheiros até o estado-maior, se ocupavam de evocações; porém, não conhecendo o meio de obter comunicações escritas, se serviam da tiptologia alfabética. Alguém teve a idéia de evocar um tenente, falecido há dois anos; entre outras particularidades, disse ele: “Peço insistentemente que paguem ao capitão a quantia de... (ele designa a soma), que eu lhe devo, e que lamento não ter podido fazê-lo antes de morrer.” Ninguém conhecia tal circunstância; o próprio capitão se havia esquecido, mas, verificando suas contas, encontrou menção da dívida do tenente, cuja cifra, indicada por seu Espírito, era perfeitamente exata.

3º O Sr. de Grand-Boulogne lê uma encantadora poesia, por ele dirigida ao seu Espírito familiar.

Estudos:

1º Perguntas endereçadas a São Luís sobre sua aparição a um médium vidente de Lyon, em presença do Sr. Allan Kardec. Ele responde: “Sim, era eu mesmo; era dever de minha missão não abandonar o diretor da sociedade que patrocino.”

– Outras perguntas sobre a impressão física produzida em certos médiuns escreventes pelos Espíritos bons e maus.

2º Evocação do Sr. Ch. de P..., que encontraram afogado, cuja morte foi atribuída ao suicídio. Ele desmente tal opinião e narra as causas acidentais que lhe ocasionaram a morte.

3º Ditado espontâneo, assinado por Lamennais, recebido pelo Sr. D...

Sexta-feira, 12 de outubro de 1860 – Sessão geral

Reunião da comissão.

Presidência do Sr. Jobard, de Bruxelas, presidente honorário.

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 5 de outubro.

Comunicações diversas:

1º Leitura de várias comunicações obtidas pela Sra. Schm...: *Os órfãos*, assinada por Jules Morin. Outras, assinadas por Alfred de Musset, pela rainha de Oude e por Nicolas.

2º Leitura de um ditado espontâneo assinado por São Luís, recebido pelo Sr. Darcol, contendo diversos conselhos aos espíritas.

3º Carta dirigida ao Sr. Allan Kardec pelo Sr. J..., da Terra-Negra, sobre a penosa impressão que lhe produziu a exposição do sistema do Sr. R...

Estudos:

1º Evocação de Saul, rei dos judeus. Declara que não é ele quem se comunica pela Srta. B... O Espírito que se comunica com esse nome tinha ensinado no círculo dessa senhora um sistema particular, cujos principais pontos são estes: 1º Os Espíritos são tanto mais esclarecidos quanto mais antiga tenha sido sua última existência terrena, de onde se conclui, por exemplo, que São Luís deve ser menos adiantado que ele, porque morreu há menos tempo; 2º Os Espíritos só se encarnam na Terra, sendo exatamente

três o número dessas encarnações, nem mais, nem menos, o que basta para os levar do grau mais baixo ao mais elevado.

Tendo o Sr. Allan Kardec combatido esta teoria, como irracional e desmentida pelos fatos, o Espírito empenhou-se em fazê-lo mudar de idéia. Evocado, não pôde sustentar o seu sistema, mas não se dá por vencido e pede para ser ouvido numa sessão íntima, por seu médium habitual.

Nota – Realizada a sessão alguns dias depois, o Espírito persistiu em dizer-se Saul, rei dos judeus. Mas, pressionado pelas perguntas, deu provas da mais absoluta ignorância, dizendo, por exemplo, que a encarnação só ocorre na Terra, porque esta é o único globo sólido; segundo ele, não sendo os outros planetas senão *globos fluídicos*, não podiam servir de habitação a seres corpóreos. Quando se lhe objetou o fenômeno dos eclipses do Sol, ele asseverou que jamais o Sol foi eclipsado por Mercúrio e Vênus, no que, aliás, nem sempre os astrônomos tinham estado de acordo.

O fato prova, mais uma vez, que os Espíritos estão longe de ter a ciência infusa³⁸ e quanto é preciso se pôr em guarda os sistemas que, por amor-próprio, alguns procuram impor, através de algumas belas máximas de moral. Este, apesar da jactância, revelou sua verdadeira intenção com a ridícula teoria dos corpos planetários e provou que, em vida, devia ser menos instruído que o mais atrasado estudante, o que não é uma garantia em favor de seu progresso. Quando esses Espíritos encontram ouvintes que acolhem suas palavras com uma confiança demasiado cega, eles os aproveitam; serão, porém, menos encontrados à medida que nos compenetrarmos desta verdade: é preciso submeter todas as comunicações ao controle severo da lógica e da razão. Quando esses Espíritos pseudo-sábios perceberem que ninguém se deixará enganar pelos nomes respeitáveis com que se adornam, e que não podem impor suas utopias, compreenderão que perdem o tempo e se calarão.

38 N. do T.: Ciência que se supõe vinda de Deus por inspiração.

2º Evocação do Espírito que se comunica ao Sr. R... e também lhe ditou um sistema completo. Esse estudo será retomado posteriormente.

3º Ditado espontâneo obtido pelo Sr. D... sobre a *ciência infusa*, assinado por São Luís. Essa comunicação parece ter sido provocada pelos assuntos de que se ocuparam durante a sessão.

4º Desenho obtido pela Srta. J... e assinado por Ary Schoeffer.

5º Evocação de Nicolas pela Srta. J... Como de hábito, manifesta-se pela violência. “Pedir-me calma – diz – é pedir que eu não seja eu. Como vedes, ainda queimo; é que o sopro da batalha subiu até mim.”

Interrogado quanto à razão por que se mostrou tão calmo com a Sra. Sch..., responde: Eu tinha tomado um intérprete para não prejudicar esta frágil criatura; pude ter belos e bons pensamentos, mas não pude escrevê-los eu mesmo.

Um outro Espírito se comunica espontaneamente através da Srta. J...; por sua extrema suavidade, por sua escrita bem-posta, correta e quase moldada, que contrasta de maneira tão notável com a escrita entrecortada, angulosa e impaciente de N..., a médium crê reconhecer João-Batista, que várias vezes assim se manifestou. Ele fala da eficácia da prece e lembra as profecias do Apocalipse, que hoje encontram sua aplicação.

Sexta-feira, 19 de outubro de 1860 – Sessão particular

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Por indicação da comissão, e depois de lida a ata, são admitidos, como sócios-livres, o Sr. G..., negociante em Paris, e o Sr. D..., empregado nos Correios.

Comunicações diversas:

1º Leitura de uma comunicação recebida pela Sra. Sch..., de seu irmão. É extraordinária pela elevação dos pensamentos, provando a afeição que os Espíritos conservam por aqueles que amaram na Terra.

2º A Sra. Desl... lê a evocação de uma antiga empregada de sua família, já falecida. Essa evocação, na qual o Espírito prova a sua afeição e os seus bons sentimentos, oferece uma notável particularidade na forma da linguagem, que é, em todos os pontos, semelhante à da gente simples do campo, havendo o Espírito conservado até mesmo as expressões que lhe eram familiares.

3º Caso de identidade, relativo ao Espírito Charles de P..., evocado na sessão de 5 de outubro. A pessoa com quem já se havia comunicado em Bordeaux, e que o tinha evocado novamente nos primeiros dias deste mês, por ele soube que o chamaram na Sociedade, onde tinha confirmado o que dissera a respeito da causa accidental de sua morte. Pouco depois essa pessoa recebeu a carta do Sr. Allan Kardec, transmitindo detalhes da evocação feita na Sociedade.

4º Relato de diversos casos de aparições vaporosas e tangíveis e de transporte de objetos materiais, ocorridos com o Sr. de St.-G..., presente à sessão, bem como a uma de suas parentas. Esses casos serão objeto de exame ulterior.

Estudos:

1º Evocação do Espírito que se manifestou visivelmente ao Sr. de St.-G... Ele dá algumas explicações, mas declara que prefere comunicar-se por seu médium habitual.

2º Evocação de um Espírito que toma o nome de Baltazar e se revelou espontaneamente à Srta. H..., mostrando

disposições gastronômicas. Essa evocação oferece um grande interesse do ponto de vista do estudo dos Espíritos não desmaterializados, e que conservam os instintos da vida terrena.

Três ditados espontâneos são obtidos: o primeiro pelo Sr. Didier Filho, sobre o Cristianismo, assinado por Lamennais; o segundo pela Sra. Costel, sobre os Espíritos materiais, assinado por Delphine de Girardin; o terceiro pela Srta. Huet, a parábola Beijo da paz, assinada por Channing.

Bibliografia

CARTA DE UM CATÓLICO SOBRE O ESPIRITISMO

Pelo Dr. Grand, antigo Vice-cônsul da França³⁹

O autor desta brochura propôs-se a provar que se pode ser, ao mesmo tempo, bom católico e fervoroso espírita. Neste sentido, prega pela palavra e pelo exemplo, pois é sinceramente uma e outra coisa. Por fatos e argumentos de uma lógica rigorosa, estabelece a concordância do Espiritismo com a religião, e demonstra que todos os dogmas fundamentais encontram, na Doutrina Espírita, uma explicação susceptível de satisfazer à razão mais exigente, que em vão a teologia se esforça para dar; de onde conclui que, se esses dogmas fossem ensinados desta maneira, encontrariam bem menos incrédulos e que, portanto, devendo a religião ganhar com essa aliança, dia virá em que, pela força das coisas, o Espiritismo estará na religião, ou a religião no Espiritismo.

Parece difícil que, após a leitura desse opúsculo, aqueles que os escrúpulos religiosos ainda afastam do Espiritismo não sejam levados a uma apreciação mais sadia do problema. Aliás, há um fato evidente: é que as idéias espíritas marcham com tal rapidez

³⁹ Br. Grand in-18, preço 1 fr.; pelo Correio 1 fr. 15 cent, Ledoyen, livreiro-editor, Palais-Royal, 31, galerie d'Orléans e no escritório da *Revista Espírita*.

que, sem ser adivinho nem feiticeiro, é possível prever o tempo em que serão tão gerais que, querendo ou não, ter-se-á que contar com elas; essas idéias conquistarão foros de cidadania, sem haver necessidade da permissão de ninguém, e em breve se reconhecerá, se ainda não se fez, a absoluta impossibilidade de lhe deter o curso. As próprias diatribes dar-lhes-ão um impulso extraordinário e não se poderia crer no número de adeptos que, sem querer, fez o Sr. Louis Figuier com a sua *Histoire du merveilleux*, na qual pretende tudo explicar pela alucinação, quando, definitivamente, nada explica porque, sendo seu ponto de partida a negação de toda força fora da Humanidade, sua teoria material não pode resolver todos os casos. Os gracejos do Sr. Oscar Comettant não são argumentos: ele faz rir, mas não à custa dos espíritas. O impudente e grosseiro artigo da *Gazette de Lyon* só prejudicou a ela mesma, pois todos o julgaram como o merece. Após a leitura da brochura de que falamos, que dirão os que ainda ousam avançar que os espíritas são ímpios e que a sua doutrina ameaça a religião? Não percebem que, assim falando, fariam crer que a religião é vulnerável; realmente, seria muito vulnerável se uma utopia, pois, segundo eles, trata-se de utopia, pudesse comprometê-la. Não receamos dizer: todos os homens sinceramente religiosos – e por isso entendemos os que o são mais pelo coração do que pelos lábios – reconhecerão no Espiritismo uma manifestação divina, cujo objetivo é reavivar a fé que se extingue.

Recomendamos insistentemente essa brochura a todos os nossos leitores, e cremos que farão uma coisa útil, procurando propagá-la.

Homero

Estamos há muito tempo em contato com dois médiuns de Sens, tão distintos por suas faculdades, quanto recomendáveis por sua modéstia, devotamento e pureza de

intenções. Evitaríamos dizê-lo se não os soubéssemos inacessíveis ao orgulho, essa pedra de tropeço de tantos médiuns, contra a qual vieram quebrar-se tantas disposições felizes. É uma qualidade bastante rara, que merece assinalada. Pudemos assegurar-nos pessoalmente das simpatias que eles desfrutavam entre os Espíritos bons; mas, longe de se prevalecerem disso, longe de se julgarem os únicos intérpretes da verdade, sem se deixarem ofuscar pelos nomes imponentes, aceitam com toda humildade e com *prudente reserva* as comunicações que recebem, sempre as submetendo ao controle da razão. É o único meio de desencorajar os Espíritos enganadores, sempre à espreita das pessoas dispostas a crer, sob palavra, em tudo quanto vem do mundo dos Espíritos, contanto que traga a assinatura de um nome respeitável. Aliás, eles nunca receberam comunicações frívolas, triviais, grosseiras ou ridículas, e jamais algum Espírito tentou inculcar-lhes idéias excêntricas ou impor-se como regulador absoluto. E o que tudo isso prova ainda mais em favor dos Espíritos que os assistem são os sentimentos de real benevolência e verdadeira caridade cristã, que esses Espíritos inspiram aos seus protegidos. Tal a impressão que nos ficou do que vimos, e nos sentimos felizes de proclamar.

No interesse da conservação e do aperfeiçoamento de sua faculdade, fazemos votos por que jamais caiam no engano dos médiuns que se julgam infalíveis. Não há um só que se possa vangloriar de jamais ter sido enganado. As melhores intenções não garantem sempre e, muitas vezes, são uma prova para exercitar o julgamento e a perspicácia. Mas, a respeito dos que têm a infelicidade de se julgarem infalíveis, os Espíritos enganadores são muito habilidosos para os aproveitar; fazem o que fazem os homens: *exploram todas as fraquezas*.

No número das comunicações que esses senhores nos enviaram, a seguinte, assinada por Homero, embora não apresente nada de excepcional quanto às idéias, pareceu-nos merecer particular atenção, em virtude de um fato notável que pode, até

certo ponto, ser considerado como prova de identidade. Esta comunicação foi obtida espontaneamente e sem que o médium de forma alguma pensasse no poeta grego. Provocou diversas perguntas que também julgamos dever reproduzir.

Certo dia o médium escreveu o que se segue, sem saber quem lho ditava:

“Meu Deus! como são profundos os vossos desígnios e impenetráveis as vossas vistas! Em todos os tempos os homens têm procurado a solução de uma multidão de problemas que não se acham ainda resolvidos. Eu também o procurei em toda a minha vida e fui incapaz de resolver o que de todos parece o mais simples: o mal, aguilhão de que vos servis para impelir o homem a fazer o bem por amor. Ainda muito jovem, conheci os maus-tratos que os homens fazem sofrer uns aos outros, sem premeditação, como se para eles o mal fosse um elemento natural; entretanto, não é assim, uma vez que todos tendem para o mesmo fim, que é o bem. Degolam-se uns aos outros e, ao despertarem, reconhecem que feriram um irmão! Mas são os vossos decretos, não nos competindo mudá-los; só temos o mérito ou o demérito de haver resistido mais ou menos à tentação e, como sanção de tudo isto, o castigo ou a recompensa.

“Passei a juventude nos *alagados de Mèlès*⁴⁰; banhei-me e embalei-me muitas vezes em suas ondas. Daí por que, na minha juventude, eu era chamado de *Melesigênio*.”

1. Sendo este nome desconhecido, rogamos ao Espírito que se dignasse explicá-lo de maneira precisa.

Resp. – Minha mocidade foi embalada nas ondas; a poesia me deu cabelos brancos. Sou eu a quem chamais *Homero*.

40 **N. do T.:** Grifos nossos – *roseaux du Mèlès* – No contexto corresponde a uma região alagada onde vicejam plantas aquáticas semelhantes à cana-da-índia.

Observação – Grande foi a nossa surpresa, pois não fazíamos nenhuma idéia do sobrenome de Homero; depois o encontramos no dicionário mitológico. Continuamos as perguntas.

2. Poderíeis dizer a que devemos a felicidade de vossa visita espontânea? Não pensávamos absolutamente em vós neste momento, pelo que vos pedimos perdão.

Resp. – É porque venho às vossas reuniões, como se vai sempre aos irmãos que têm em vista fazer o bem.

3. Se não for ousar bastante, gostaríamos que falásseis dos últimos momentos de vossa vida na Terra.

Resp. – Oh! meus amigos, Deus permita que não morrais tão infelizes quanto eu! Meu corpo feneceu na última das misérias humanas; a alma fica muito perturbada em tal estado; o despertar é mais difícil, mas é, também, mais belo. Oh! como Deus é grande! que ele vos abençoe! eu o peço do fundo do coração.

4. Os poemas da *Ilíada* e da *Odisseia*, que temos, são exatamente os que compusestes?

Resp. – Não; foram modificados.

5. Várias cidades disputaram a honra de vos ter sido o berço. Poderíeis esclarecer-nos a respeito?

Resp. – Procurai a cidade da Grécia que possui a casa do cortesão Clénax. Foi ele quem expulsou minha mãe do lugar de meu nascimento, porque ela não queria ser sua amante; assim, sabereis em que cidade eu nasci. Sim, elas disputaram essa suposta honra, mas não disputavam por me haverem dado hospitalidade. Oh! eis os pobres humanos; sempre futilidades; bons pensamentos, jamais!

Observação – O fato mais importante desta comunicação é a revelação do sobrenome de Homero; e é tanto mais notável quanto os dois médiuns, que deploram a insuficiência de sua instrução – o que os obriga a viver do trabalho manual – não

podiam ter a menor idéia a respeito. E tanto menos se pode atribuí-lo a um reflexo qualquer do pensamento, considerando-se que no momento estavam sós.

A respeito, faremos outra observação: Está provado, para todo espírita, mesmo para os menos experientes, que se alguém soubesse o sobrenome de Homero e, numa evocação, como prova de identidade, lhe pedisse para o revelar, nada obteria. Se as comunicações não passassem de um reflexo do pensamento, como não diria o Espírito aquilo que sabemos, enquanto ele próprio diz aquilo que ignoramos? É que ele também tem a sua dignidade e a sua susceptibilidade e quer provar que não está às ordens do primeiro curioso que apareça. Suponhamos que aquele que mais protesta contra o que chama capricho ou má vontade do Espírito, se apresente numa casa declinando o nome. Que faria, se o acolhessem e lhe pedissem à queima-roupa que provasse ser ele mesmo? Voltaria as costas. É o que fazem os Espíritos. Isto não quer dizer que se deva crer sob palavra; mas quando se querem provas de identidade, é necessário que os tratemos com a mesma consideração que dispensamos aos homens. As provas de identidade fornecidas espontaneamente pelos Espíritos são sempre as melhores.

Se nos estendemos tanto a propósito de um assunto que não parecia comportar tantas considerações, é que se me afigura útil não negligenciar nenhuma ocasião de chamar a atenção sobre a parte prática de uma ciência cercada de mais dificuldades do que geralmente se pensa, e que muitas pessoas julgam possuir porque sabem fazer bater uma mesa ou mover-se um lápis. Aliás, nós nos dirigimos aos que ainda julgam necessitar de alguns conselhos, e não aos que, após alguns meses de estudo, pensam não mais necessitá-los. Se os conselhos, que julgamos dever dar, forem perdidos para alguns, sabemos que não o serão para todos e que muitas pessoas os acolherão com prazer.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

BALTAZAR, O ESPÍRITO GASTRÔNOMO

Sociedade, 19 de outubro de 1860

Numa reunião espírita particular apresentou-se espontaneamente um Espírito, sob o nome de Baltazar, e ditou a seguinte frase por meio de batidas:

“Gosto da boa mesa e das mulheres; viva o melão e a lagosta, o café e o licor!”

Pareceu-nos que tais disposições de um habitante do mundo invisível poderiam dar lugar a um estudo sério, do qual poderíamos tirar um ensinamento instrutivo sobre as faculdades e as sensações de certos Espíritos. A nosso ver, era um interessante assunto de observação que se apresentava por si, ou, melhor ainda, que talvez tivesse sido enviado pelos Espíritos elevados, desejosos de nos fornecer meios para nos instruímos; seríamos culpados se não o aproveitássemos. É evidente que essa frase burlesca revela, da parte do Espírito, uma natureza toda especial, cujo estudo pode lançar nova luz sobre o que podemos chamar a fisiologia do mundo espírita.

Eis por que a Sociedade julgou por bem evocá-lo, não por um motivo fútil, mas na esperança de encontrar um novo tema para instrução.

Certas pessoas crêem que só se pode aprender com o Espírito dos grandes homens: é um erro. Sem dúvida, só os Espíritos de escol nos dão lições de alta filosofia teórica; mas o que não importa menos é o conhecimento do estado real do mundo invisível. Pelo estudo de certos Espíritos tomamos, de certo modo, a natureza sobre o fato; é vendo as chagas que podemos encontrar o meio de curá-las. Como nos daríamos conta das penas e

sofrimentos da vida futura se não tivéssemos visto Espíritos infelizes? Por eles compreendemos que se pode sofrer muito sem estar no fogo e nas torturas materiais do inferno, e essa convicção, dada pela escória da vida espírita, não é uma das causas que têm contribuído menos para atrair partidários à doutrina.

1º Evocação.

Resp. – Meus amigos, eis-me ante uma grande mesa, mas, infelizmente, vazial!

2º Esta mesa está vazia, é verdade; mas quereis dizer-nos de que vos serviria se estivesse repleta de alimentos?

Resp. – *Sentiria o seu aroma, como outrora lhes saboreava o gosto.*

Resposta – Esta resposta encerra todo um ensinamento. Sabemos que os Espíritos têm as nossas sensações e percebem os odores tão bem quanto os sons. Não podendo comer, um Espírito material e sensual se repasta da emanção dos alimentos; saboreia-os pelo olfato, como em vida o fazia pelo paladar. Há, pois, algo de verdadeiramente material em seu prazer; porém, como há, na verdade, mais desejo do que realidade, este mesmo prazer, aguilhoando os desejos, torna-se um suplício para os Espíritos inferiores que ainda conservam as paixões humanas.

3º Falemos muito seriamente, peço-vos. Nosso propósito não é brincar, mas instruir-nos. Quereis, pois, responder com seriedade às nossas perguntas e, se for necessário, fazei-vos assistir por um Espírito mais esclarecido.

Tendes um corpo fluídico, nós o sabemos; mas dizei se, nesse corpo, há um estômago.

Resp. – Estômago fluídico também, onde só os aromas podem passar.

4º Quando vedes um prato apetitoso, sentis vontade de comer?

Resp. – Ah! Comer! Não o posso mais; para mim essas iguarias são o que representam as flores para vós: cheirais, mas não comeis. Isto vos contenta. Pois bem! fico contente também.

5º Sentis prazer vendo os outros a comer?

Resp. – Muito, quando estou perto.

6º Sentis *necessidade* de comer e beber? Notai que dizemos *necessidade*; há pouco tínhamos dito *desejo*, o que não é exatamente a mesma coisa.

Resp. – Necessidade, não; mas desejo, sim. Sempre.

7º Esse desejo fica plenamente satisfeito pelo aroma que aspirais? É, para vós, como se realmente comêsseis?

Resp. – É como se vos perguntasse se a visão de um objeto, que desejais ardentemente, substitui a posse desse objeto.

8º Pareceria, conforme isso, que o desejo que experimentais deve ser um verdadeiro suplício, pois não há prazer real.

Resp. – Suplício bem maior do que imaginais; mas eu procuro atordoar-me, criando-me a ilusão.

9º Vosso estado nos parece bastante material. Dizem-nos: dormis algumas vezes?

Resp. – Não; adoro caminhar sem destino por toda parte.

10º O tempo vos parece longo? Por vezes vos aborreceis?

Resp. – Não; percorro as feiras e os mercados; vou ver a chegada da pescaria, com o que me ocupo bastante.

11. Que fazíeis quando estáveis na Terra?

Nota – Alguém diz: sem dúvida era cozinheiro.

Resp. – Eu era apreciador da boa mesa, não glutão; advogado, filho de gastrônomo; neto de gastrônomo. Meus pais eram *fermiers généraux*⁴¹.

Respondendo em seguida à reflexão precedente, o Espírito acrescenta: Bem vêes que eu não era cozinheiro. Jamais te convidaria para os meus almoços, pois não sabes comer nem beber.

12. Há muito tempo que morrestes?

Resp. – Há cerca de trinta anos, com oitenta anos de idade.

13. Vedes outros Espíritos mais felizes do que vós?

Resp. – Sim; vejo alguns cuja felicidade consiste em louvar a Deus; ainda não conheço isto: meus pensamentos continuam vinculados à Terra.

14. Compreendeis as causas que os tornam mais felizes do que vós?

Resp. – Não as estimo ainda, como aquele que, desconhecendo um prato requintado, não o sabe apreciar. Talvez um dia chegue a compreender. Adeus; vou à procura de um jantarzinho muito delicado e muito suculento.

Baltazar

Observação – Este Espírito é bem singular; faz parte dessa classe numerosa de seres invisíveis que não se elevaram em coisa alguma acima da condição de humanidade; só têm de menos o corpo material, mas as idéias são exatamente as mesmas. Este não é um Espírito mau; não tem contra si senão a sensualidade, que é, ao mesmo tempo, para ele, um suplício e um gozo. Como Espírito não é, pois, muito infeliz; é até feliz a seu modo. Mas sabe Deus o

41 **N. do T.:** *Grifos nossos.* Financista que, no Antigo Regime, tinha direito de cobrar impostos, mediante pagamento de certa quantia fixa ao Tesouro francês.

que o espera numa nova existência! Um triste retorno poderá fazê-lo refletir e desenvolver o senso moral, ainda abafado pela preponderância dos sentidos.

Um Espírita a seu Espírito Familiar

ESTÂNCIAS

Tu, que de ti minha tristeza
Conta olhar terno de piedade!
Tu, para quem minha fraqueza
Recolhe assim santa amizade!
És alma, gênio ou pura chama,
Suspende o vôo de acesso aos céus;
Fica a aclarar-me, esta alma clama,
Ó Conselheiro dentre véus!

Mensageiro és da Providência,
Sábio interpretas sua lei,
Oh! fala; escuto com paciência:
Mestre divino, aprenderei.
Ainda há pouco eu duidava,
Sem fé sentindo o coração,
Porém teu sopro o iluminava,
Arremessando-me um clarão!

Assim, oh! Deus, Ser adorável,
Pai, muito mais que Criador,
Pois com ternura, ah! inefável,
Dá-nos um anjo em nossa dor.
E cada qual, ó maravilha!
Tem um celeste guardião;
Cada um de nós tem sua trilha
Ou invisível proteção.

Amável Ser que me consola!
 Bendito irmão doce e piedoso,
 Com quem minh'alma em luz se evola,
 Com ele evole ao céu radioso!
 Amo-te, sim, ser tutelar;
 Em tuas mãos, feliz afã;
 Sigo-te estrela; que a clarear
 Vens nosso céu nesse amanhã.

A. G.

Relações Afetuosas dos Espíritos

Comentário sobre o ditado espontâneo publicado na *Revista* do mês de outubro de 1860, sob o título de: *O Despertar do Espírito*.

São geralmente admiradas as belas comunicações do Espírito que assina *Georges*; mas, em razão mesmo da superioridade de que esse Espírito dá prova, várias pessoas viram com surpresa o que ele diz em sua comunicação *O Despertar do Espírito*, a propósito das relações de além-túmulo. Ali se lê o seguinte:

“Quando nos despojamos de todos os preconceitos terrenos, a verdade aparece em toda a sua luz. Nada atenua as faltas, nada oculta as virtudes. Vemos nossa alma tão claramente como num espelho; procuramos entre os Espíritos os que foram conhecidos, porquanto o Espírito se apavora no seu isolamento, embora passem sem se deter. Não há comunicações amigáveis entre os Espíritos errantes; mesmo aqueles que se amaram não trocam sinais de reconhecimento; essas formas diáfanas deslizam e não se fixam; as comunicações afetuosas são reservadas aos Espíritos superiores.”

O pensamento do reencontro após a morte e da comunicação com os que amamos é uma das mais doces consolações do Espiritismo, e a idéia de que as almas não possam ter entre si relações de amizade seria dolorosa, se fosse absoluta; por isso não nos surpreendemos com o sentimento penoso que ela produziu. Se Georges tivesse sido um desses Espíritos vulgares e sistemáticos, que manifestam as próprias idéias sem se inquietarem com a sua exatidão ou falsidade, não lhe teríamos dado a menor importância. Em razão de sua sabedoria e de sua profundidade habituais, poder-se-ia imaginar que no fundo dessa teoria houvesse algo de verdadeiro, mas que o pensamento não tivesse sido expresso completamente. É, com efeito, o que resulta das explicações que pedimos. Temos, pois, uma prova a mais de que nada se deve aceitar sem o haver submetido ao controle da razão; e aqui a razão e os fatos nos dizem que essa teoria não podia ser absoluta.

Se o isolamento fosse uma propriedade inerente à erraticidade, tal estado seria um verdadeiro suplício, tanto mais penoso quanto pode prolongar-se por muitos séculos. Sabemos, por experiência, que a privação da vista dos que amamos é uma punição para certos Espíritos; mas também sabemos que muitos são felizes por se encontrarem; que, ao sairmos desta vida, os nossos amigos do mundo espírita nos vêm receber e nos ajudam a nos desembaraçarmos das vestes materiais, e que nada é mais penoso do que não encontrar nenhuma alma benevolente nesse momento solene. Esta doutrina consoladora seria uma quimera? Não, não pode ser, porquanto não é apenas o resultado de um ensino: são as próprias almas, felizes ou sofredoras, que vêm descrever a sua situação. Sabemos que os Espíritos se reúnem e combinam entre si para agir de comum acordo, com mais força em certas ocasiões, tanto para o mal, quanto para o bem; que os Espíritos que não possuem os necessários conhecimentos para responder às perguntas que lhes são dirigidas, podem ser assistidos por Espíritos mais esclarecidos; que estes têm por missão ajudar

com seus conselhos o progresso dos Espíritos mais atrasados; que os Espíritos inferiores agem sob o impulso de outros Espíritos, dos quais são instrumentos; que recebem ordens, proibições ou permissões, circunstâncias essas que não ocorreriam se os Espíritos fossem entregues a si mesmos. O simples bom-senso nos diz, pois, que a situação da qual ele falou é relativa e não absoluta; que pode existir para alguns em dadas circunstâncias, mas não poderia ser geral, porque, do contrário, seria o maior obstáculo ao progresso do Espírito e, por isso mesmo, não seria conforme à justiça de Deus, nem à sua bondade. Evidentemente, o Espírito Georges não considerou senão uma fase da erraticidade, na qual, para melhor dizer, restringiu a acepção do termo *errante* a uma determinada categoria de Espíritos, em vez de aplicá-lo, como nós o fazemos indistintamente a todos os Espíritos não encarnados.

Pode, pois, acontecer que dois seres que se amaram não troquem sinais de reconhecimento; que nem mesmo possam ver-se e se falar, caso seja uma punição para um deles. Por outro lado, como os Espíritos se reúnem conforme a ordem hierárquica, dois seres que se amaram na Terra podem pertencer a ordens muito diferentes e, justamente por isso, encontrar-se separados até que o menos adiantado alcance o grau do outro. Essa privação pode ser, assim, uma conseqüência da expiação e das provas terrestres: compete a nós agir de modo a não merecê-la.

A felicidade dos Espíritos é relativa à sua elevação. Essa felicidade só é completa para os Espíritos depurados, e consiste principalmente no amor que os une; isto se concebe e é de toda justiça, porquanto a verdadeira afeição não pode existir senão entre seres que se despojaram de todo egoísmo e de toda influência material, pois somente neles ela é pura, sem segunda intenção, não podendo ser perturbada por nada. Daí se segue que suas comunicações devem ser, por isso mesmo, mais afetuosas e mais expansivas do que entre os Espíritos que ainda se acham sob o império das paixões terrenas. É preciso daí concluir que os

Espíritos errantes não são forçosamente privados, mas podem ser privados dessas comunicações, se tal for a punição a eles imposta. Como diz Georges em outra passagem: “Essa privação momentânea lhes dá mais ardor para atingirem o momento em que as provas realizadas lhes devolverão o objeto de sua afeição.” Portanto, essa privação não é o estado normal dos Espíritos errantes, mas uma expiação para os que a mereceram, uma das mil e uma variedades que nos esperam na outra vida, quando tivermos desmerecido nesta.

Dissertações Espíritas

RECEBIDAS OU LIDAS NA SOCIEDADE POR VÁRIOS MÉDIUNS

PRIMEIRAS IMPRESSÕES DE UM ESPÍRITO

Médium – Sra. Costel

Falarei da estranha mudança que se opera no Espírito logo após a sua libertação. Ele se evapora dos despojos que abandona, como uma chama se desprende do foco que a produziu; depois sucede uma grande perturbação e essa dúvida estranha: estou morto ou vivo? A ausência das sensações ordinárias produzidas pelo corpo surpreende e imobiliza, por assim dizer. Como um homem habituado a um fardo pesado, nossa alma, aliviada repentinamente, não sabe o que fazer de sua liberdade; depois, o espaço infinito, as maravilhas sem-número dos astros, sucedendo-se num ritmo harmonioso, os Espíritos solícitos, flutuando no ar e deslumbrantes de luz sutil que parece atravessá-los, o sentimento da libertação que inunda de repente, a necessidade de lançar-se também no espaço como aves que querem treinar as próprias asas, tais as primeiras impressões que todos nós sentimos. Não vos posso revelar todas as fases desta existência; apenas acrescentarei que, tão logo satisfeita com o seu encantamento, a alma ávida quer se lançar e subir mais às regiões

do verdadeiro belo, do verdadeiro bem, e essa aspiração é o tormento dos Espíritos sedentos do infinito. Como a crisálida, esperam despojar-se de sua pele; sentem brotar as asas que os levarão, radiosos, ao azul abençoado. Mas, retidos ainda pelos laços do pecado, devem planar entre o Céu e a Terra, não pertencendo nem a um, nem a outra. Que são todas as aspirações terrenas, comparadas ao ardor insaciável do ser que entreviu um recanto da eternidade! Sofrei, pois, bastante, para chegardes depurados entre nós. O Espiritismo vos ajudará, pois é uma obra abençoada; liga entre si os Espíritos e os vivos, formando os elos de uma cadeia invisível que sobe até Deus.

Delphine de Girardin

OS ÓRFÃOS⁴²

Médium – Sra. Schmidt

Meus irmãos, amai os órfãos. Se soubésseis quanto é triste ser só e abandonado, sobretudo na infância! Deus permite que haja órfãos, para exortar-nos a servir-lhes de pais. Que divina caridade amparar uma pobre criaturinha abandonada, evitar que sofra fome e frio, dirigir-lhe a alma, a fim de que não desgarre para o vício! Agrada a Deus quem estende a mão a uma criança abandonada, porque compreende e pratica a sua lei. Ponderai também que muitas vezes a criança que socorreis vos foi cara noutra vida, caso em que, se pudésseis lembrar-vos, já não estaríeis praticando a caridade, mas cumprindo um dever. Assim, pois, meus amigos, todo sofredor é vosso irmão e tem direito à vossa caridade; não, porém, a essa caridade que magoa o coração, não a essa esmola que queima a mão em que cai, pois freqüentemente bem amargos são os vossos óbolos! Quantas vezes seriam eles recusados, se na choupana a enfermidade e a fome não os estivessem esperando! Dai delicadamente, juntai ao benefício que fizerdes o mais precioso

42 **N. do T.:** Esta mensagem foi inserida por Allan Kardec em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XIII, item 18 da edição definitiva (1866).

de todos os benefícios: o de uma boa palavra, de uma carícia, de um sorriso amistoso. Evitai esse ar de piedade e de proteção, que equivale a revolver a lâmina no coração que sangra e considerai que, fazendo o bem, trabalhai por vós mesmos e pelos vossos.

Jules Morin

Observação – O Espírito que assina a mensagem é completamente desconhecido. Podemos ver pela comunicação acima e por muitas outras do mesmo gênero, que nem sempre é necessário um nome ilustre para obter belas coisas. É uma puerilidade prender-se ao nome; é preciso aceitar o bem, venha de onde vier; aliás, o número de nomes ilustres é muito limitado; o dos Espíritos é infinito. Por que, então, não os haveria também capazes entre os que não são conhecidos? Fazemos esta reflexão porque há pessoas que julgam nada poder obter de sublime, a não ser chamando celebridades. A experiência prova o contrário todos os dias, mostrando-nos que podemos aprender alguma coisa com todos os Espíritos, desde que saibamos aproveitar as ocasiões.

UM IRMÃO MORTO À SUA IRMÃ VIVA

Médium – Sra. Schmidt

Minha irmã, tu pouco me evocas. Isto não me impede de vir ver-te todos os dias. Conheço teus dissabores; tua vida é penosa, bem o sei, mas importa sofrer a sorte nem sempre alegre. Todavia, há por vezes um alívio nas penas. Aquele, por exemplo, que faz o bem à custa da própria felicidade, pode, por si mesmo e pelos outros, afastar o rigor de muitas provas.

Neste mundo é raro ver-se fazer o bem com essa abnegação; certamente é difícil, mas não impossível, e os que têm essa sublime virtude são, em verdade, os eleitos do Senhor. Se nos déssemos bem conta dessa pobre peregrinação na Terra, haveríamos de o compreender. Mas assim não é: Os homens se agarram aos bens, como se devessem ficar sempre em seu exílio.

Entretanto, o mais vulgar bom-senso, a mais simples lógica demonstram, diariamente, que aqui não passamos de aves de arribação e os que têm menos penas nas asas são os que chegam mais depressa.

Minha boa irmã, para que serve ao rico todo esse luxo, todo esse supérfluo? Amanhã estará despojado de todos esses vãos ouropéis a fim de descer ao túmulo, para onde nada levará. É verdade que fez uma bela viagem; nada lhe faltou, não sabia mais o que desejar e esgotou as delícias da vida. Também é certo que, em seu delírio, algumas vezes lançou, sorrindo, a esmola nas mãos de seu irmão; mas terá, por isso, retirado algo da boca? Não, porquanto não se privou de um só prazer, de uma única fantasia. Contudo, esse irmão é um filho de Deus, nosso pai comum, a quem tudo pertence. Compreendes, minha irmã, que um bom pai não deserda um de seus filhos para tornar mais rico o outro? Daí por que recompensará o que foi privado de sua parte nesta vida.

Assim, pois, os que se julgam deserdados, abandonados e esquecidos, alcançarão em breve a margem bendita, onde reinam a justiça e a felicidade. Mas infelizes dos que fizeram mau uso dos bens que nosso Pai lhes confiou! Infeliz, também, o homem favorecido com o dom tão precioso da inteligência, se dela abusou! Acredita-me, Maria, quando se crê em Deus nada existe na Terra que se possa invejar, a não ser a graça de praticar suas leis.

Teu irmão Wilhelm

O CRISTIANISMO

Médium – Sr. Didier Filho

O que se deve observar no Espiritismo é a moral cristã. Desde séculos houve muitas religiões, diversos cismas e numerosas pretensas verdades. E tudo quanto foi erguido fora do Cristianismo caiu, porque o Espírito Santo não o animava. O Cristo resume o

que a moral mais pura e mais divina ensina ao homem, no tocante a seus deveres, nesta vida e na outra. A Antigüidade, no que tem de mais sublime, é pobre diante dessa moral tão rica e tão fértil. A auréola de Platão empalidece ante a do Cristo e a taça de Sócrates é muito pequena perante o imenso cálice do Filho do Homem. És tu, ó Sesóstris! déspota do poderoso Egito, que te podes medir, do alto de tuas pirâmides colossais, com o Cristo numa manjedoura? És tu, Solon? És tu, Licurgo, cuja bárbara lei condenava as crianças malformadas, que vos podeis comparar Àquele que disse face a face com o orgulho: “Deixai vir a mim as criancinhas”? Sois vós, pontífices sagrados do piedoso Numa, cuja moral exigia a morte viva das vestais culpadas, que vos podeis comparar Àquele que disse à mulher adúltera: “Levanta-te, mulher, e não peques mais”? Não, não mais com esses mistérios tenebrosos que praticais, ó sacerdotes antigos! Não mais com esses mistérios cristãos que são a base desta religião sublime, que se chama Cristianismo. Diante dEle todos vos inclinai, legisladores e sacerdotes humanos; inclinai-vos, porquanto foi o próprio Deus quem falou pela boca desse ser privilegiado que se chama Cristo.

Lamennais

O TEMPO PERDIDO

Médium – Srta. Huet

Se, por um instante, pudésseis refletir sobre a perda de tempo, mas refletir muito seriamente e calcular o imenso erro que cometeis, veríeis quanto esta hora, este minuto escoado inutilmente que não podeis recuperar, poderia ser necessário ao vosso bem futuro. Nem todos os poderes da Terra vo-lo poderiam devolver. E se o usastes mal, um dia sereis obrigados a repará-lo pela expiação, e, talvez, de maneira terrível! O que não daríeis, então, para recuperar o tempo perdido! Votos inúteis; pesares supérfluos! Assim, pensai bem nisto, em benefício de vosso interesse futuro e, mesmo presente, porque muitas vezes os pesares nos atingem

mesmo na Terra. Quando Deus vos pedir contas da existência que vos concedeu, da missão que tínheis de cumprir, que haveis de responder? Sereis como o enviado de um soberano que, longe de cumprir as ordens de seu senhor, passava o tempo a divertir-se, não se ocupando absolutamente do negócio para o qual foi credenciado. Em que responsabilidade não incorreria à sua volta? Sois aqui os enviados de Deus e tereis que prestar conta do vosso tempo, passado com os vossos irmãos. Eu vos recomendo esta meditação.

Massillon

OS SÁBIOS

Médium – Srta. Huet

Desde que chamais um Espírito, Deus me permite vir. Vou dar-vos um bom conselho, sobretudo a vós, M...

Vós que vos ocupais sempre dos sábios, pois é a vossa preocupação, deixai-os de lado. Que podem eles com as crenças religiosas e, sobretudo, espíritas! Não repeliram em todos os tempos as verdades que se apresentaram? Não rejeitaram todas as invenções, tratando-as de quimeras? Dentre os que anunciavam essas verdades, uns eram tratados como loucos e, assim, encarcerados; outros lançados nas masmorras da Inquisição, outros ainda lapidados ou queimados. Mais tarde a verdade não brilhava menos aos olhos dos sábios surpresos, que a tinham posto sob o alqueire. Dirigindo-vos incessantemente a eles, quereis, novo Galileu, vos infligir a tortura moral, que é o ridículo, e ser forçado à retratação? Dirigiu-se o Cristo aos acadêmicos de seu tempo? Não. Pregava a divina moral a todos, em geral, e ao povo, em particular.

Para apóstolos ou propagadores de sua vinda, escolheu pescadores, gente simples de coração, muito ignorantes, que não conheciam as leis da Natureza e não sabiam se um milagre as

poderia derrogar, mas que acreditavam sinceramente. “Ide – dizia Jesus – e contai o que vistes.”

Jamais operou um milagre que não fosse em favor dos que o pediam com fé e convicção. Recusou-os aos fariseus e aos saduceus que vinham para o tentar, e os chamou de hipócritas. Assim, dirigi-vos também a pessoas inteligentes, dispostas a crer; rejeitai os sábios e os incrédulos.

Aliás, o que é um sábio? Um homem mais instruído do que os outros, porque estudou mais, mas que perdeu o prestígio que tinha antigamente, auréola fatal que muitas vezes lhe valia as honras da fogueira. No entanto, à medida que a inteligência popular se desenvolveu, o seu brilho diminuiu. Hoje, o homem de gênio não mais teme ser acusado de feitiçaria. Já não é aliado de Satã.

A Humanidade esclarecida aprecia em seu justo valor aquele que trabalha muito e sabe muito; ela sabe colocar no pedestal que lhe convém o homem de gênio que produz belas obras. Como sabe em que consiste a ciência do sábio, não mais o atormenta; como sabe de onde emana o gênio criador, inclina-se perante ele. Mas, por sua vez, quer ter a liberdade de crer naquelas verdades que lhe prodigalizam consolações. Não quer que aquele que sabe mais ou menos Química, mais ou menos Retórica, que produz a mais bela ópera, venha entravar as suas crenças, lançando-lhe o ridículo no rosto e tratando suas idéias como loucura. Ela se desviará desse caminho e silenciosamente continuará sua rota. Um dia a verdade envolverá o mundo inteiro, e os que a tinham repellido serão obrigados a reconhecê-la. Eu mesmo, que me ocupei do Espiritismo até meu último dia, sempre o pratiquei na intimidade.

Pouco me importa a Academia. Crede-me, mais tarde ela virá até vós.

Delphine de Girardin

O HOMEM

O homem é um misto de grandeza e de miséria, de ciência e de ignorância. É, na Terra, o verdadeiro representante de Deus, porquanto sua vasta inteligência abrange o Universo; soube descobrir uma parte dos segredos da Natureza; sabe servir-se dos elementos; percorre distâncias imensas por meio do vapor; pode conversar com o seu semelhante de um antípoda ao outro, pela eletricidade, que sabe dirigir; seu gênio é imenso; quando depuser tudo isto aos pés da Divindade e lhe render homenagem, será quase igual a Deus!

Mas como é pequeno e miserável, quando o orgulho se apossa de seu ser! Não vê a sua miséria; vê apenas sua existência, esta vida, que não pode compreender, lhe ser arrebatada algumas vezes instantaneamente, pela só vontade dessa Divindade que ele desconhece, porquanto não pode defender-se contra ela; é preciso que se cumpra a sua sorte! Ele, que tudo estudou, tudo analisou; ele, que conhece tão bem a marcha dos astros, conhece a força criadora que faz germinar o grão de trigo que lançou à terra? Pode criar uma flor, mesmo a mais simples e a mais modesta? Não; aí se detém seu poder. Deveria reconhecer, então, um poder muito superior ao seu; a humildade deveria apossar-se de seu coração e, admirando as obras de Deus, praticaria um ato de adoração.

Santa Teresa

A FIRMEZA NOS TRABALHOS ESPÍRITAS

Vou falar-vos da firmeza que deveis ter nos vossos trabalhos espíritas. Uma citação a respeito já vos foi feita; eu vos aconselho a estudá-la de coração e aplicar-lhe o Espírito, porquanto, assim como Paulo, sereis perseguidos, não em carne e osso, mas em espírito. Os incrédulos, os fariseus da época vos censurarão, vos ridicularizarão, mas nada temais; será uma prova que vos fortalecerá, se souberdes ofertá-la a Deus: mais tarde vereis

vossos esforços coroados de sucesso. Será um grande triunfo para vós à luz da eternidade, sem esquecer que, neste mundo, já é uma consolação, uma felicidade, para as pessoas que perderam parentes e amigos, saber que são felizes, que é possível comunicar-se com eles. Marchai, pois, avante, cumpri a missão que Deus vos dá, e ela vos será levada em consideração no dia em que comparecerdes ante o Todo-Poderoso.

Channing

OS INIMIGOS DO PROGRESSO

Médium – Sr. R...

Os inimigos do progresso, da luz e da verdade trabalham na sombra; preparam uma cruzada contra as nossas manifestações; não vos preocupeis com isso. Sois sustentados poderosamente; deixai que se agitem na sua impotência. Entretanto, por todos os meios de que dispodes, dedicai-vos a combater, a aniquilar a idéia da eternidade das penas, pensamento blasfemo contra a justiça e a bondade de Deus, a fonte mais fecunda da incredulidade, do materialismo e da indiferença que invadiram as massas, desde que sua inteligência começou a se desenvolver. Prestes a se esclarecer, não obstante embrutecido bem depressa o Espírito compreendeu a monstruosa injustiça; sua razão a repele e, então, raramente deixa de confundir, no mesmo ostracismo, a pena que revolta e o Deus ao qual é atribuída. Daí os males sem-número que se abateram sobre vós, e para os quais viemos trazer o remédio. A tarefa que vos assinalamos vos será tanto mais fácil quanto as autoridades sobre as quais se apóiam os defensores desta crença têm, todas, se esquivado a um pronunciamento formal. Nem os Concílios, nem os Pais da Igreja resolveram essa grave questão. Se, conforme os próprios Evangelistas, e tomando ao pé da letra as palavras emblemáticas do Cristo, ele ameaçou os culpados com um fogo que não se extingue, um fogo eterno, nada há em suas palavras que prove haja condenado os culpados *eternamente*.

Pobres ovelhas desgarradas, sabeis ver o Bom Pastor que, longe de vos querer banir para sempre de sua presença, vem, ele mesmo, ao vosso encontro para vos reconduzir ao aprisco. Filhos pródigos, deixai o exílio voluntário; dirigi vossos passos para a casa paterna: o pai vos estende os braços e está sempre pronto para festejar o vosso retorno à família.

Lamennais

DISTINÇÃO DA NATUREZA DOS ESPÍRITOS

Médium – Sra. Costel

Quero falar-te das altas verdades do Espiritismo. Elas estão intimamente ligadas às da moral, sendo, pois, importante jamais separá-las. Antes de mais, o ponto que atrai a atenção dos seres inteligentes é a dúvida sobre a própria verdade das comunicações espíritas. A verdade, primeira dignidade da alma, está contida por inteiro neste ponto de partida. Procuremos, então, estabelecê-la.

Não há um meio infalível para distinguir a natureza dos Espíritos, se abdicarmos da razão, da comparação, da reflexão. Estas três faculdades são mais que suficientes para distinguir seguramente os diversos Espíritos. O livre-arbítrio é o eixo sobre o qual gira o pivô da inteligência humana; o equilíbrio seria rompido se não tivessem os Espíritos senão que falar para submeter os homens; nesse caso o seu poder se igualaria ao de Deus. Não pode ser assim. O intercâmbio entre os humanos e os invisíveis assemelha-se à escada de Jacó: se a uns permite que subam, deixa que outros desçam. E agindo todos uns sobre os outros, sob os olhos de Deus, devem marchar para Ele, no mesmo espírito de amor e de *inteligente* submissão. Apenas abordei superficialmente o assunto, aconselhando-vos a aprofundá-lo sob todos os seus aspectos.

Lázaro

SCARRON

Médium – Srta. Huet

Meus amigos, fui muito infeliz na Terra, porque meu Espírito era igual e por vezes superior ao das pessoas que me rodeavam; mas o corpo era inferior. Assim, meu coração era ulcerado pelos sofrimentos morais e pelos males físicos que haviam reduzido meu envoltório terrestre a um estado lastimoso e miserável.

Meu caráter se azedara com as moléstias e as contrariedades que experimentava nas relações com os amigos. Deixei-me levar pela mais causticante malignidade; eu era alegre e aparentemente sem mágoas; no entanto, sofria bem no fundo do coração. Quando estava só, entregue aos secretos pensamentos de minha alma, gemia por encontrar-me em luta entre o bem e o mal. O mais belo dia de minha existência foi aquele em que meu Espírito se separou do corpo; em que, leve e iluminado por um raio divino, lançou-se às esferas celestes. Parecia que eu renascera e a felicidade apoderou-se de meu ser: enfim, eu repousava.

Mais tarde a consciência despertou; reconheci os erros contra o Criador; experimentei remorsos e implorei a piedade do Todo-Poderoso. Desde então, procuro instruir-me no bem; busco tornar-me útil aos homens e progrido diariamente. Contudo, sinto necessidade de que orem por mim e peço aos crentes fervorosos que elevem o pensamento a Deus em meu benefício. Se me chamarem, procurarei vir sempre e responderei às perguntas tanto quanto o puder. Assim se pratica a caridade.

Paul Scarron

O NADA DA VIDA

Médium – Srta. Huet

Meus bons amigos de adoção, permiti que vos diga algumas palavras, como conselhos. Deus me autoriza a vir até vós.

Como lamento não poder comunicar-vos todo o ardor que havia em meu coração e que me animava para o bem! Crede em Deus, o autor de todas as coisas; amai-o; sede bons e caridosos: a caridade é a chave do céu. Para vos tornardes bons, pensai algumas vezes na morte; é um pensamento que eleva a alma e a deixa melhor. Porque, o que somos na Terra? Um átomo lançado no espaço; bem pouca coisa no Universo. O homem nada é: faz número. Quando olha à sua frente, quando olha para trás, é ainda o infinito que vê; sua vida, por mais longa que seja, é um ponto na eternidade. Pensai, pois, em vossa alma, pensai na vida nova que vos espera, porquanto não podeis duvidar que ela existe, fosse mesmo pelos desejos de vossa alma, jamais satisfeitos, o que é uma prova de que o serão num mundo melhor. Até logo.

S. Swetchine

AOS MÉDIUNS

Médium – Sr. Darcol

Quando quiserdes receber comunicações de Espíritos bons, importa que vos prepareis para esse favor pelo recolhimento, pelas intenções sãs e pelo desejo de fazer o bem, tendo em vista o progresso geral; porque, lembrai-vos, o egoísmo é uma causa de retardamento em todo avanço. Recordai que se Deus permite que alguns dentre vós recebam o sopro de alguns de seus filhos que, pela sua conduta, souberam merecer a felicidade de compreender sua bondade infinita, é que quer, por solicitação nossa, e à vista de vossas boas intenções, dar-vos os meios de avançar no seu caminho. Assim, pois, ó médiuns! tirai proveito dessa faculdade que Deus houve por bem vos conceder. Tende fé na mansuetude de nosso Mestre; ponde a caridade sempre em prática; jamais vos canseis de exercitar esta sublime virtude, assim como a tolerância. Que as vossas ações estejam sempre em harmonia com a vossa consciência: é um meio certo de centuplicar vossa felicidade nesta vida passageira e de vos preparardes uma existência ainda mil vezes mais suave.

Que, entre vós, se abstenha o médium que não se sentir com forças de perseverar no ensino espírita, porquanto, não tirando proveito da luz que esclarece, será menos escusável que um outro, e terá de expiar a sua cegueira.

Francisco de Salles

A HONESTIDADE RELATIVA

Médium – Sra. Costel

Hoje nos ocuparemos da moralidade dos que não a têm, isto é, da honestidade relativa, que se encontra nos mais perversos corações. O ladrão não rouba o lenço de seu camarada, mesmo quando este tenha dois; o negociante não vende caro para os amigos; o traidor, apesar de tudo, é fiel a um ser qualquer. Jamais um clarão divino está completamente ausente do coração humano; assim, deve ser conservado com cuidados infinitos, quando não expandido. O julgamento estreito e brutal dos homens impede, por sua severidade, muito mais mudanças positivas do que a prática de ações más. Desenvolvido, o Espiritismo deve ser e será a consolação e a esperança dos corações estigmatizados pela justiça humana. Repleta de sublimes ensinamentos, a religião paira muito alto para os ignorantes. Não alcança, com bastante clareza, a espessa imaginação do iletrado, que quer ver e tocar para crer. Esclarecida pelos médiuns, a crença florescerá no coração talvez ressequido do próprio médium. Assim, é principalmente ao povo que os verdadeiros espíritas devem dirigir-se, como outrora os apóstolos; que espalhem a doutrina consoladora; como pioneiros, que penetrem no pântano da ignorância e do vício, para arrotear, sanear, preparar o terreno das almas, a fim de que elas possam receber a bela cultura do Cristo.

Georges

PROVEITO DOS CONSELHOS

Médium – Srta. Huet

Aproveitais os nossos conselhos e o que vos dizemos diariamente? Não; muito pouco. Saindo de uma de vossas reuniões, entretendes a curiosidade do fato e o maior ou menor interesse que despertou nos assistentes. Mas haverá um só entre vós que se pergunte se pode aplicar a moral, o conselho que acabamos de prescrever, e se tem intenção de o fazer? Pediu, solicitou uma comunicação; obtive-a: isto lhe basta. Volta às suas ocupações diárias, prometendo a si mesmo vir rever um espetáculo tão interessante; conta os fatos aos seus amigos, a fim de lhes excitar a curiosidade, e somente para provar que os sábios podem ser confundidos; bem poucos o fazem com vistas a pregar a moral; muito poucos, mesmo, procuram melhorar-se.

Minha lição é severa; entretanto, não quero vos desencorajar. Trazei sempre a boa vontade, apenas com um pouco mais de bons sentimentos voltados para Deus e menos desejo de querer aniquilar os que não querem crer: estes dizem respeito ao tempo e a Deus.

Marie (Espírito familiar)

PENSAMENTOS AVULSOS

Ó homens! como sois soberbamente orgulhosos! Vossa pretensão é realmente cômica. Quereis tudo saber e vossa essência se opõe a esta faculdade de compreensão universal. Não chegareis a conhecer esta maravilhosa Natureza senão pelo trabalho perseverante; não tereis a alegria de aprofundar esses tesouros e de entrever o infinito de Deus, senão quando vos melhorardes pela caridade, fazendo todas as coisas do ponto de vista do bem para todos, e referindo esta faculdade do bem a Deus, que, na sua generosidade inigualável, vos recompensará além de toda expectativa.

Massillon

Como muitas vezes se diz, o homem é o joguete dos acontecimentos. De quais acontecimentos se quer falar? Qual seria sua causa, seu objetivo? Jamais se viu nisso o dedo de Deus. Esse pensamento vago e materialista, mãe da fatalidade, perdeu mais de um grande Espírito, mais de uma profunda inteligência. Sabeis o que disse Balzac: “Não há princípios; só há acontecimentos.” Isto é, segundo ele o homem não tem mais livre-arbítrio; a fatalidade apodera-se dele no berço e o conduz até o túmulo. Monstruosa invenção do Espírito humano, esse pensamento abate a liberdade, isto é, o progresso, a ascensão da alma humana, demonstração evidente da existência de Deus. O homem que se deixasse assim conduzir seria escravo de tudo: dos homens e de si mesmo! Ó homem! examina-te. Nascestes para a servidão? Não; nascestes para a liberdade.

Lamennais

Maria de Agreda

Fenômeno de bicorporeidade

Num compêndio histórico que acaba de ser publicado sobre a vida de *Maria de Jesus de Agreda*, encontramos um fato extraordinário de bicorporeidade, que prova que tais fenômenos são perfeitamente aceitos pela religião. É verdade que, para certas pessoas, as crenças religiosas não têm mais autoridades do que as crenças espíritas. Mas quando essas crenças se apoiarem sobre as demonstrações dadas pelo Espiritismo, sobre as provas patentes que ele fornece, por uma teoria pessoal, de sua possibilidade, sem derrogar as leis da Natureza, e de sua realidade por exemplos análogos e autênticos, será forçoso render-se à evidência e reconhecer, fora das leis conhecidas, a existência de outras que ainda pertencem aos segredos de Deus.

Maria de Jesus nasceu em Agreda, cidade da Castela, em 2 de abril de 1602, de pais nobres e de virtude exemplar. Muito jovem ainda tornou-se superiora do mosteiro da Imaculada Conceição de Maria, onde morreu em estado de perfeição espiritual. Eis o relato que se acha em sua biografia:

“Por maior que seja a nossa vontade de resumir, não podemos deixar de falar aqui do papel absolutamente excepcional de missionária e de apostolado que Maria de Agreda exerceu no Novo México. O fato que vamos narrar, cujas provas incontestáveis provariam, por si só, quão elevados eram os dons sobrenaturais com que Deus havia enriquecido sua humilde serva, e quão ardente o zelo que ela nutria no coração pela salvação do próximo. Nas suas relações íntimas e extraordinárias com Deus, ela recebia uma viva luz, com a ajuda da qual descobria o mundo inteiro, a multidão dos homens que o habitavam, entre os quais os que ainda não haviam entrado no seio da Igreja e estavam em evidente perigo de perder-se para a eternidade. À vista da perda de tantas almas, Maria de Agreda sentia o coração partido e, em sua dor, multiplicava preces fervorosas. Deus a fez saber que os povos do Novo México apresentavam menos obstáculos para a sua conversão que o resto dos homens, e era especialmente sobre eles que a divina misericórdia queria derramar-se. Esse conhecimento foi um novo agulhão para o coração caridoso de Maria de Agreda que, do mais profundo de sua alma, implorou a clemência divina em favor desse pobre povo. O próprio Deus lhe ordenou que orasse e trabalhasse para tal fim. E ela o fez de maneira tão eficaz que o Senhor, cujas razões são impenetráveis, operou nela e por ela uma das maiores maravilhas que a História pode relatar.

“Certo dia, tendo-a o Senhor arrebatado em êxtase, no momento em que orava insistentemente pela salvação daquelas almas, Maria de Agreda sentiu-se de repente transportada para uma região longínqua e desconhecida, sem saber como. Achou-se, então, num ambiente que não era o da Castela e experimentou os

raios de um sol mais ardente que de costume. Homens de uma raça que jamais tinha encontrado estavam diante dela, e Deus lhe ordenava que satisfizesse seus caridosos desejos e pregasse a lei e a fé santa àquele povo. A extática de Agreda obedecia à ordem. Pregava a esses índios em sua língua espanhola, e os infieis entendiam como se ela lhes falasse em sua língua materna. Seguiram-se conversões em grande número. Voltando do êxtase, esta santa mulher se achava no mesmo lugar em que estava no começo do arrebatamento. Não foi apenas uma vez que Maria de Jesus desempenhou esse maravilhoso papel de missionária e de apóstolo, junto aos habitantes do Novo México. O primeiro êxtase do gênero ocorreu em 1622; mas foi seguido de mais cinco êxtases do mesmo tipo, durante cerca de oito anos. Maria de Agreda encontrava-se freqüentemente nessa mesma região para continuar o seu apostolado. Parecia-lhe que o número dos convertidos tinha aumentado prodigiosamente, e que uma nação inteira, com o rei à frente, estava resolvida a abraçar a fé em Jesus-Cristo.

“Ela via ao mesmo tempo, mas a grande distância, os franciscanos espanhóis que trabalhavam pela conversão desse novo mundo, mas que ainda ignoravam a existência desse povo que ela havia convertido. Tal consideração levou-a a aconselhar aos índios que mandassem alguns dentre eles àqueles missionários, pedir que viessem ministrar-lhes o batismo. Foi por esse meio que a Divina Providência quis dar uma espetacular manifestação do bem que Maria de Agreda havia feito no Novo México, por sua pregação extática.

“Um dia os missionários franciscanos, que Maria de Agreda tinha visto em Espírito, mas a grande distância, viram-se abordados por um grupo de índios de uma raça que ainda não tinham encontrado em suas excursões. Estes se anunciaram como enviados de sua nação, pedindo a graça do batismo com grande insistência. Surpreendidos com a vista desses índios, e mais espantados ainda pelo pedido que faziam, os missionários trataram

de saber a sua causa. Os enviados responderam: que desde muito tempo uma mulher havia aparecido em seu país, anunciando a lei de Jesus-Cristo. Acrescentaram que essa mulher desaparecia por momentos, sem que se pudesse descobrir o seu retiro; que lhes fizera conhecer o verdadeiro Deus e lhes aconselhara que fossem aos missionários, a fim de obterem, para toda a nação, a graça do sacramento que resgata os pecados e transforma os homens em filhos de Deus. A surpresa dos missionários cresceu ainda mais quando, interrogando os índios sobre os mistérios da fé, os encontraram perfeitamente instruídos de tudo o que é necessário para a salvação. Os missionários tomaram todas as informações possíveis sobre essa mulher; mas tudo quanto os índios puderam dizer foi que jamais tinham visto uma pessoa semelhante. No entanto, alguns detalhes descritivos da roupa levaram os missionários a suspeitar que aquela mulher portasse hábitos de religiosa, e um deles, que tinha consigo o retrato da venerável madre Luiza de Carrion, ainda viva, cuja santidade era conhecida em toda a Espanha, o mostrou aos índios, pensando, talvez, que pudessem reconhecer alguns traços da mulher-apóstolo. Estes, depois de examinarem o retrato, responderam que a mulher que lhes havia pregado a lei de Jesus-Cristo na verdade tinha um véu, como esta cuja imagem lhes era apresentada; mas que, pelos traços do rosto, era completamente diferente, sendo mais jovem e de grande beleza.

“Então, alguns missionários partiram com os emissários indígenas, para recolher entre eles tão abundante colheita. Após vários dias de caminhada chegaram ao meio da tribo, sendo acolhidos com as mais vivas demonstrações de alegria e reconhecimento. Na viagem puderam constatar que em todos os indivíduos daquela raça a instrução cristã era completa.

“O chefe da nação, objeto de especial solicitude da serva de Deus, quis ser o primeiro a receber a graça do batismo, com toda a sua família, seguindo o seu exemplo, em poucos dias, a nação inteira.

“Não obstante esses grandes acontecimentos, ainda ignoravam quem era a serva do Senhor que tinha evangelizado esses povos, e nutria-se uma santa curiosidade e piedosa impaciência por conhecê-la. Sobretudo o Padre Alonzo de Benavides, que era o superior dos missionários franciscanos no Novo México, queria romper o véu misterioso que ainda cobria o nome dessa mulher-apóstolo, aspirando a voltar momentaneamente à Espanha para descobrir o retiro dessa religiosa desconhecida, que havia cooperado prodigiosamente para a salvação de tantas almas. Em 1630 pôde, enfim, embarcar para a Espanha, e se dirigiu diretamente a Madrid, onde então se encontrava o Geral de sua ordem. Benavides lhe deu a conhecer o objetivo que se havia proposto ao empreender sua viagem à Europa. O Geral conhecia Maria de Jesus Agreda e, conforme o dever de seu cargo, tivera de examinar a fundo o íntimo dessa religiosa. Conhecia, pois, a sua santidade, tão bem quanto a sublimidade dos caminhos em que Deus a havia posto. Veio-lhe logo o pensamento de que essa mulher privilegiada bem podia ser a mulher-apóstolo de que lhe falava o Padre Benavides, a quem comunicou suas impressões. Deu-lhe credenciais, pelas quais o constituía seu comissário, com ordem a Maria de Agreda para responder com toda simplicidade às perguntas que ele julgasse por bem dirigir-lhe. Com tais despachos, o missionário partiu para Agreda.

“A humilde irmã se viu, assim, obrigada a revelar ao missionário tudo quanto sabia com referência ao objeto de sua missão junto a ela. Confusa, e ao mesmo tempo dócil, relatou a Benavides tudo quanto lhe tinha acontecido em seus êxtases, acrescentando com franqueza que ignorava completamente o modo pelo qual sua ação tinha podido exercer-se a tão grande distância. Benavides também interrogou a irmã sobre as particularidades dos lugares que tantas vezes deveria ter visitado e percebeu que ela estava muito bem informada sobre tudo o que se relacionava com o Novo México e os seus habitantes. Ela lhe

expôs, nos mínimos detalhes, a topografia dessas regiões e lhas desvendou servindo-se mesmo dos nomes próprios, como o teria feito um viajante depois de vários anos passados nessas regiões. Acrescentou até que tinha visto Benavides e seus religiosos várias vezes, indicando os lugares, os dias, as horas, as circunstâncias, e fornecendo detalhes especiais sobre cada um dos missionários.

“Compreende-se facilmente o alívio de Benavides por ter, finalmente, descoberto a alma privilegiada de que Deus se tinha servido para exercer sua ação miraculosa sobre os habitantes do Novo México.

“Antes de deixar a cidade de Agreda, Benavides quis redigir uma declaração de tudo quanto havia constatado, quer na América, quer em Agreda, nas suas conversas com a serva de Deus. Nessa peça exprimiu sua convicção pessoal no tocante à maneira pela qual a ação de Maria de Jesus se fizera sentir nos índios. Inclina-se a crer que tal ação tinha sido material. Sobre o assunto a humilde religiosa sempre guardou uma grande reserva. Apesar dos incontáveis indícios que levaram Benavides a concluir pelo que, antes dele, já havia concluído o confessor da serva de Deus, indícios que pareciam acusar uma mudança corporal de lugar, Maria de Agreda sempre persistiu em crer que tudo se passava em Espírito. Na sua humildade, era fortemente tentada a pensar que o fenômeno não passasse de mera alucinação, embora, de sua parte, inocente e involuntário. Mas o seu diretor, que conhecia o fundo das coisas, pensava que a religiosa fosse transportada corporalmente, em seus êxtases, aos locais de seus trabalhos evangélicos. Apoiava sua opinião na impressão física que a mudança de clima provocara em Maria de Agreda, na longa série de seus trabalhos entre os índios, e na opinião de várias pessoas doutas, que ele consultara em grande segredo. Seja como for, o fato permanece sempre como um dos mais maravilhosos de que se tem falado nos anais dos santos, e é muito apropriado para dar uma idéia verdadeira, não só das comunicações divinas que recebia

Maria de Agreda, mas também de sua candura e de sua amável sinceridade.”

Aviso

Lembramos aos nossos leitores que a obra intitulada: *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas* está esgotada e será substituída por outra, bem mais completa, sob o título de *Espiritismo Experimental*⁴³. Encontra-se no prelo e aparecerá no mês de dezembro.

Lembramos, igualmente, que a segunda edição da *História de Joana d’Arc*, ditada por ela mesma à Srta. Ermance Dufaux, está a venda. O seu sucesso não diminuiu; é sempre lida com o mesmo interesse pelas pessoas sérias, partidárias ou não do Espiritismo. Essa História será sempre considerada como uma das mais interessantes e mais completas já publicadas.

Allan Kardec

43 N. do T.: Allan Kardec refere-se a *O Livro dos Médiums*, que surgiria em janeiro de 1861.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

DEZEMBRO DE 1860

Nº 12

Aos Assinantes da *Revista Espírita*

Três anos de existência devem ter sido suficientes para os leitores desta *Revista* conhecerem o pensamento que preside à sua redação. E a melhor prova de que tal pensamento tem a sua anuência está no constante aumento do número de assinantes, consideravelmente acrescido neste último período. Mas o que para nós é infinitamente mais precioso são os testemunhos de simpatia e de satisfação, que diariamente recebemos. Seu sufrágio é um encorajamento para prosseguirmos em nossa tarefa, trazendo ao nosso trabalho todos os melhoramentos cuja utilidade a experiência nos mostrar. Como no passado, continuaremos o estudo racional dos princípios da ciência do ponto de vista moral e filosófico, sem negligenciar os fatos; mas, quando citamos os fatos, não nos limitamos a uma simples narração, divertida, talvez, mas certamente estéril, se a eles não se junta a pesquisa das causas e a dedução das consequências. Por isso nos dirigimos às pessoas sérias, que não se contentam em ver, mas que, antes de tudo, querem compreender e dar-se conta do que vêem. Aliás, a série dos fatos logo se esgota, se não quisermos cair nas repetições fastidiosas, porquanto todos giram mais ou menos no mesmo círculo e nada de novo ensinariamos aos nossos leitores quando lhes disséssemos que em

tal ou qual casa fazem as mesas girar mais ou menos bem. Para nós, os fatos têm outro caráter: não são histórias, mas temas de estudo; e os mais simples em aparência muitas vezes podem dar lugar às mais interessantes observações. É a mesma coisa que ocorre na ciência comum, em que um pezinho de erva encerra, para o observador, tantos mistérios quanto uma árvore gigante. Eis por que, nos fatos, consideramos muito mais o lado instrutivo que o divertido e nos prendemos aos que nos podem ensinar alguma coisa, independente de sua maior ou menor estranheza.

Apesar do número considerável de assuntos de que já temos tratado, estamos longe de haver esgotado a série de todos aqueles que se ligam ao Espiritismo, porque, quanto mais se avança nesta ciência, mais o horizonte se amplia. Os que nos restam por examinar fornecerão material por muito tempo ainda, sem contar as notícias mais recentes. Há muitas que adiamos propositadamente, a fim de somente abordá-las à medida que o estado dos conhecimentos permita compreender melhor o seu alcance. Assim, por exemplo, abrimos hoje maior espaço às dissertações espíritas espontâneas, porque as instruções que encerram, na maioria, podem ser muito mais bem apreciadas do que numa época em que apenas se conheciam os primeiros elementos da ciência; outrora, teriam sido julgadas apenas do ponto de vista literário, deixando passar despercebidos uma porção de pensamentos úteis e profundos, porque tratavam de pontos ainda desconhecidos ou mal compreendidos. A diversidade dos assuntos não exclui o método, e a desordem é apenas aparente, pois cada coisa tem seu lugar justificado. A variedade repousa o espírito, mas a ordem lógica auxilia a inteligência. O que nos esforçamos por evitar é fazer de nossa *Revista* uma coletânea indigesta. Certamente não temos a pretensão de fazer uma obra perfeita, mas esperamos, pelo menos, que seja levada em conta a nossa intenção.

Nota – Aos senhores assinantes que, em 1861, não quiserem receber a *Revista* com atraso, rogamos a gentileza de renovarem sua assinatura antes de 1º de janeiro próximo.

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 26 de outubro de 1860 – Sessão geral

Comunicações diversas:

1º Leitura de uma comunicação recebida pela Sra. M... sobre a pergunta: Se Deus criou todas as almas semelhantes, como é que de repente há tanta distância entre elas?

2º Leitura de várias comunicações recebidas pelo Sr. P..., médium de Sens; uma, assinada por Homero, apresenta um fato notável, que pode ser considerado como uma prova de identidade: a revelação espontânea do nome de *Melesigênio*, sob o qual Homero era primitivamente designado. O nome era desconhecido pelo médium.

3º Análise de uma carta do Sr. L..., de Troyes, na qual relata fatos notáveis de manifestações físicas espontâneas, ocorridas em 1856 com uma pessoa dessa cidade, e que lembram os de Bergzabern.

4º Carta do Dr. Morhéry, relatando diversos fatos singulares de manifestações espontâneas, ocorridas em sua presença, com a Srta. Désirée Godu, coincidindo com a chegada de uma carta do Sr. Allan Kardec.

Estudos:

1º Perguntas diversas dirigidas a São Luís.

2º Evocação do filho do Sr. Morhéry, que diz ter participado das manifestações ocorridas na casa de seu pai.

3º Ditado espontâneo obtido pelo Sr. Alfred Didier, sobre o *desespero*, assinado por Lamennais.

4º Perguntas diversas, dirigidas a Lamennais, sobre diversos casos particulares de suicídio, sobre as relações dos Espíritos e sobre a identidade de Homero na comunicação de Sens.

Sexta-feira, 2 de novembro de 1860 – Sessão particular

Comunicações diversas:

1º Leitura de uma segunda comunicação de Homero, recebida pelo Sr. P..., médium de Sens, e de diversas perguntas e respostas a propósito.

2º Desenhos obtidos por um médium de Lyon, notáveis por sua originalidade, se não pela execução. Interrogado a respeito, São Luís diz que os desenhos têm o seu valor, porque realmente são do Espírito, mas não têm significação muito precisa, pois o médium e o Espírito ainda não estão bem identificados um com o outro. Acrescenta que o médium, com o tempo, poderá tornar-se excelente.

Estudos:

1º Perguntas dirigidas a São Luís: 1º – sobre a fórmula de afirmação para a identidade dos Espíritos; 2º – sobre o papel do homem na moralização dos Espíritos imperfeitos; 3º – sobre a aparição dos Espíritos na forma de uma chama; 4º – sobre o valor dos desenhos enviados de Lyon; 5º – sobre o transporte de objetos materiais pelos Espíritos, sua elevação do solo e sua invisibilidade.

3º⁴⁴ Exame da questão de saber se os Espíritos podem operar o transporte de objetos a um recinto fechado e através de obstáculos materiais.

O Sr. L... faz observar que tais questões se prendem aos fenômenos das manifestações físicas, com os quais a Sociedade não deve ocupar-se.

44 N. do T.: Numerado conforme o original, isto é, faltando o item 2.

O presidente responde que a pesquisa das causas é um ponto importante, que se liga diretamente ao estudo da ciência e entra no quadro dos trabalhos da Sociedade; todas as partes da ciência devem ser elucidadas. Outra coisa é ocupar-se dessas pesquisas teóricas ou fazer da produção dos fenômenos objeto exclusivo. Aliás, acrescenta, podemos referi-lo a São Luís, rogando dizer-nos se considera a discussão que acaba de ocorrer como tempo perdido. São Luís responde: “Estou longe de encarar vossa conversa como inútil.”

4^o Evocação de Charles Nodier. É solicitado a continuar o trabalho começado. Responde que lhe dará continuidade na próxima vez; lembra a solenidade do dia num belo ditado espontâneo. Atendendo a um pedido, dita uma breve prece, própria para a circunstância.

É feito um apelo geral, sem designação especial, aos Espíritos sofredores que possam estar presentes, convidando-os a se manifestarem. O Espírito de um homem altamente colocado em vida, falecido há dois anos, apresenta-se espontaneamente e, por sua linguagem ao mesmo tempo simples e digna, testemunha os bons sentimentos de que se acha agora animado e o pouco caso que faz das grandezas humanas; responde com complacência e benevolência às perguntas que lhe são feitas.

Sexta-feira, 9 de novembro de 1860 – Sessão geral

O Sr. Allan Kardec faz algumas observações sobre o que foi dito na última sessão, concernentes às manifestações físicas. A respeito, lembra a instrução dada por São Luís, no mês de novembro de 1858, quanto ao objetivo dos trabalhos da Sociedade. Essa instrução está assim formulada:

“Zombaram das mesas girantes; jamais zombarão da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Elas foram o limiar da ciência; é nela que, entrando, devem

ser deixados os preconceitos, como se deixa um casaco. Não posso senão vos estimular a fazer de vossas reuniões um centro sério. Que alhures façam demonstrações físicas, vejam, ouçam, mas que *entre vós haja compreensão e amor*. Que pensais ser aos olhos dos Espíritos superiores quando fazeis girar ou levantar uma mesa? Escolares. Passará o sábio seu tempo a recordar o *á-bê-cê* da Ciência? Ao passo que, vendo que investigais as comunicações sérias, considerar-vos-ão como homens em busca da verdade.”

São Luís

Não está aqui, senhores – acrescenta o Sr. Allan Kardec – um admirável programa, traçado com essa precisão, essa simplicidade de palavra que caracterizam os Espíritos verdadeiramente superiores? *Que entre vós haja compreensão*, isto é, que devemos aprofundar tudo, para nos darmos conta de tudo; *que entre vós haja amor*, isto é, que a caridade e uma mútua benevolência sejam o objetivo de nossos esforços, o laço que nos deve unir, a fim de mostrar pelo nosso exemplo o verdadeiro objetivo do Espiritismo. Enganar-nos-íamos singularmente quanto aos sentimentos da Sociedade se julgássemos que ela despreza o que se faz noutros lugares. Nada é inútil e as experiências físicas também têm sua vantagem, que ninguém contesta. Se não nos ocupamos com elas, não é porque tenhamos outra bandeira. Temos nossa especialidade de estudos, como outros têm a sua, mas tudo isto se confunde num objetivo comum: o progresso e a propagação da Ciência.

Comunicações diversas:

1º Leitura de ditados espontâneos recebidos fora da Sociedade.

2º Carta do Sr. L..., de Troyes, relatando fatos ocorridos em sua presença, produzidos pelo Espírito obsessivo de que se tratou na última sessão. Esses fatos, que haviam cessado desde

1856, acabam de reproduzir-se em circunstâncias muito notáveis e serão objeto de um estudo por parte da Sociedade.

Estudos:

1º Perguntas diversas: sobre a obsessão; – sobre a possibilidade de reproduzir, por daguerreotipia, a imagem das aparições visíveis e tangíveis; – sobre as manifestações físicas do Sr. Squire.

2º Perguntas sobre o Espírito que se manifesta em Troyes, especialmente sobre os efeitos magnéticos produzidos nessa circunstância.

3º Cinco ditados espontâneos são obtidos por quatro médiuns diferentes.

4º Evocação do Espírito perturbador de Troyes. Esse Espírito revela uma das mais baixas naturezas.

Arte Pagã, Arte Cristã, Arte Espírita

Na sessão da Sociedade, de 23 de novembro, tendo-se manifestado espontaneamente o Espírito Alfred Musset (ver detalhe adiante), foi-lhe dirigida a seguinte pergunta:

A pintura, a escultura, a arquitetura e a poesia se inspiraram sucessivamente nas idéias pagãs e cristãs. Podeis dizer-nos se, depois da arte pagã e da arte cristã, não haveria um dia a arte espírita? – O Espírito respondeu:

“Fazeis uma pergunta respondida por si mesma. O verme é verme, torna-se bicho da seda, depois borboleta. Que há de mais etéreo, de mais gracioso do que uma borboleta? Pois bem! a arte pagã é o verme; a arte cristã é o casulo; a arte espírita será a borboleta.”

Quanto mais se aprofunda o sentido dessa graciosa comparação, mais se lhe admira a exatidão. À primeira vista poder-se-ia supor que o Espírito tivesse a intenção de rebaixar a arte cristã, colocando a arte espírita no coroamento do edifício; mas não há nada disso, e basta meditar nessa imagem poética para assimilar-lhe a precisão. De fato, o Espiritismo se apóia essencialmente no Cristianismo; de modo algum vem substituí-lo: completa-o e o reveste com uma túnica brilhante. Nos primórdios do Cristianismo encontram-se os germes do Espiritismo; se eles se repelissent mutuamente, um renegaria o seu filho, e o outro, o seu pai. Comparando o primeiro ao casulo e o segundo à borboleta, o Espírito indica perfeitamente o laço de parentesco que os une. Há mais: A própria imagem descreve o caráter da arte que um inspirou e que o outro inspirará. A arte cristã teve de inspirar-se nas terríveis provações dos mártires e revestir a severidade de sua origem materna. Representada pela borboleta, a arte espírita inspirar-se-á nas vaporosas e esplêndidas paisagens da existência futura que se desvenda; deleitará a alma que a arte cristã havia tomado de admiração e de temor; será o canto de alegria após a batalha.

O Espiritismo encontra-se inteiramente na teogonia pagã, e a mitologia não passa de um quadro da vida espírita poetizada pela alegoria. Quem não reconheceria o mundo de Júpiter nos Campos Elísios, com seus habitantes de corpos etéreos? e os mundos inferiores no Tártaro? e as almas errantes nos manes? e os Espíritos protetores da família nos lares e nos penates? no Letes, o esquecimento do passado, no momento da reencarnação? nas pitonisas, nossos médiuns videntes e falantes? nos oráculos, as comunicações com os seres do além-túmulo? A arte necessariamente teve de inspirar-se nessa fonte tão fecunda para a imaginação; mas para elevar-se até o sublime do sentimento, faltava-lhe o sentimento por excelência: a caridade cristã. Não conhecendo os homens senão a vida material, a arte procurou, antes de tudo a perfeição da forma. A beleza corporal, então, era a primeira de todas as qualidades: a arte apegou-se a reproduzi-la, a

idealizá-la; mas só ao Cristianismo estava reservada a tarefa de fazer ressaltar a beleza da alma sobre a beleza da forma; assim, a arte cristã, tomando a forma na arte pagã, adicionou-lhe a expressão de um sentimento novo, desconhecido dos Antigos.

Mas, como dissemos, a arte cristã ressentiu-se da austeridade de sua origem e inspirou-se nos sofrimentos dos primeiros adeptos; as perseguições impeliram os homens a uma vida de isolamento e de reclusão, e a idéia do inferno à vida ascética. Eis por que a pintura e a escultura são inspiradas, em três quartos dos casos, pelo quadro das torturas físicas e morais; a arquitetura se reveste de um caráter grandioso e sublime, embora sombrio; a música é grave e monótona como uma sentença de morte; a eloquência é mais dogmática do que comovente; a própria beatitude é marcada pelo tédio, pela ociosidade e pela satisfação toda pessoal; aliás, encontra-se tão longe de nós, colocada tão alto, que nos parece quase inacessível; daí por que nos toca pouco, quando a vemos reproduzida na tela ou no mármore.

O Espiritismo nos mostra o futuro sob uma luz mais ao nosso alcance; a felicidade está mais perto de nós, ao nosso lado, nos próprios seres que nos cercam, com os quais podemos entrar em comunicação; a morada dos eleitos não é mais isolada: há solidariedade incessante entre o Céu e a Terra; a beatitude já não é uma contemplação perpétua, que não passaria de eterna e inútil ociosidade, mas, sim, uma constante atividade para o bem, sob o próprio olhar de Deus; não está na quietude de uma contemplação pessoal, mas no amor mútuo de todas as criaturas chegadas à perfeição. O mau já não é relegado para as fornalhas ardentes, o inferno se acha no próprio coração do culpado, que em si mesmo encontra o seu próprio castigo. Mas Deus, em sua infinita bondade, ao deixar-lhe o caminho do arrependimento, deixa-lhe, ao mesmo tempo, a esperança, essa sublime consolação do infeliz.

Que fecundas fontes de inspiração para a arte! Quantas obras-primas essas idéias novas podem criar para a reprodução de

cenar tão variadas e, ao mesmo tempo, tão suaves e tão pungentes da vida espírita! Que assuntos ao mesmo tempo poéticos e palpitantes de interesse nesse incessante comércio dos mortais com os seres de além-túmulo, na presença, junto a nós, dos seres que nos são caros! Já não será a representação dos despojos frios e inanimados, mas a mãe, tendo ao seu lado a filha querida, em sua forma etérea e radiosa de felicidade; um filho ouvindo atentamente os conselhos do pai, que vela por ele; o ser pelo qual se ora, que vem testemunhar o seu reconhecimento. E, numa outra ordem de idéias, o Espírito do mal insuflando o veneno das paixões, o malvado fugindo da visão de sua vítima, que o perdoa, e o isolamento do perverso em meio à multidão que o repele, a perturbação do Espírito no momento de despertar, sua surpresa à visão de seu corpo, do qual se surpreende por estar separado, o Espírito do defunto em meio aos seus ávidos herdeiros e amigos hipócritas; e tantos outros assuntos, tanto mais capazes de impressionar quanto mais de perto tocarem a vida real. Quer o artista elevar-se acima da esfera terrestre? Encontrará temas não menos atraentes nesses mundos felizes, que os Espíritos gostam de descrever, verdadeiros Edens de onde o mal foi banido, e nesses mundos ínfimos, verdadeiros infernos onde reinam, soberanas, todas as paixões.

Sim, repetimos, o Espiritismo abre para a arte um campo novo, imenso, ainda não explorado. Quando o artista trabalhar com convicção, como o fizeram os artistas cristãos, haurirá nessa fonte as mais sublimes inspirações.

Quando dizemos que um dia a arte espírita será uma arte nova, queremos dizer que as idéias e as crenças espíritas darão às produções do gênio uma marca particular, como ocorreu com as idéias e crenças cristãs, e não que os temas cristãos caiam em descrédito; longe disso. Mas, quando um campo está respigado, o ceifador procura colher alhures, e colherá abundantemente no campo do Espiritismo. Sem dúvida já o fez, mas não de maneira tão

especial quanto o fará mais tarde, quando for encorajado e estimulado pelo assentimento geral. Quando estas idéias estiverem popularizadas, o que não deve tardar, porquanto os cegos da geração atual diariamente desaparecem da cena, a geração nova terá menos preconceitos, pela própria força das coisas. A pintura se inspirou, mais de uma vez, em idéias desse gênero; a pintura, sobretudo, está cheia delas, mas estão isoladas, perdidas na multidão. Tempo virá em que elas farão surgir obras magistraes, e a arte espírita terá seus Rafael e seus Miguel-Ângelo, como a arte pagã teve seus Apeles e seus Fídias.

História do Maravilhoso

PELO SR. LOUIS FIGUIER

Segundo artigo; vide a *Revista* de setembro de 1860

Falando do Sr. Louis Figuiet em nosso primeiro artigo, procuramos descobrir, antes de tudo, qual era o seu ponto de partida, e demonstramos, citando textualmente suas palavras, que ele se apóia na negação de qualquer força que esteja fora da humanidade corpórea; suas premissas devem fazer pressentir sua conclusão. Seu quarto volume, em que deveria tratar especialmente da questão das mesas girantes e dos médiuns, ainda não tinha aparecido, e nós o esperávamos para ver se ele daria destes fenômenos uma explicação mais satisfatória que a do Sr. Jobert (de Lamballe). Lemo-lo com cuidado e o que ressaltou para nós com mais clareza foi o fato de o autor haver tratado de um assunto que absolutamente não conhece. Não necessitamos de outra prova disto, além das duas primeiras linhas, assim concebidas: *Antes de abordar a história das mesas girantes e dos médiuns, cujas manifestações são inteiramente modernas*, etc. Como ignora o Sr. Figuiet que Tertuliano fala em termos explícitos das mesas girantes e falantes? Que os chineses conheciam esse fenômeno desde tempos imemoriais? Que é praticado pelos tártaros e siberianos? Que há

médiuns entre os tibetanos? Que os havia entre os assírios, os gregos e os egípcios? Que todos os princípios fundamentais do Espiritismo se acham na filosofia sânscrita? Assim sendo, é falso avançar que tais manifestações são *inteiramente modernas*. Os modernos nada inventaram a respeito e os espíritas se apóiam na ancianidade e na universalidade de sua doutrina, o que deveria ter sabido o Sr. Figuiet, antes de pretender fazer sobre ele um tratado *ex-professo*. Nem por isso sua obra deixou de receber as honras da imprensa, que se apressou em homenagear esse campeão das idéias materialistas.

Aqui se apresenta uma reflexão cujo alcance não escapará a ninguém. Diz-se que nada é tão brutal quanto um fato. Ora, eis um que tem bem o seu valor: é o extraordinário progresso das idéias espíritas, às quais nenhuma imprensa, nem pequena nem grande, prestou o seu concurso. Quando ela se dignou falar desses pobres imbecis que pensam ter uma alma, e que essa alma, após a morte, ainda se ocupa dos vivos, não foi senão para gritar socorro! contra eles, e os enviar aos manicômios, perspectiva pouco encorajadora para o público ignorante do assunto. O Espiritismo não entou a trombeta da publicidade; não encheu os jornais de anúncios pomposos. Como é, então, que, sem barulho, sem estardalhaço, sem apoio dos que se arvoram em árbitros da opinião, ele se infiltra nas massas e, segundo a graciosa expressão de um crítico, cujo nome não lembramos, depois de ter *infestado as classes esclarecidas*, agora penetra nas classes laboriosas? Que nos digam de que maneira, sem a utilização dos meios ordinários de propaganda, pôde a segunda edição de *O Livro dos Espíritos* esgotar-se em quatro meses? Diz-se que o povo se entusiasma com as coisas mais ridículas. Seja; mas a gente se entusiasma com o que diverte, uma história, um romance. Ora, *O Livro dos Espíritos* não tem, absolutamente, a pretensão de ser divertido. Não será porque a opinião geral encontra, nessas crenças, algo que desafia à crítica?

O Sr. Figuiet encontrou a solução do problema: é, diz ele, o amor do maravilhoso; e tem razão. Tomemos a palavra

maravilhoso na aceção que ele lhe empresta e estaremos de acordo. Em sua opinião, estando a Natureza contida inteiramente na matéria, todo fenómeno extramaterial se deve ao maravilhoso: fora da matéria não há salvação. Conseqüentemente a alma e tudo quanto lhe atribuem, seu estado após a morte, tudo isso pertence ao maravilhoso. Como ele, chamemo-lo maravilhoso. A questão é saber se esse maravilhoso existe ou não. O Sr. Figuier, que não gosta do maravilhoso e só o admite nos contos da carochinha, diz que não. Mas se o Sr. Figuier não faz questão de sobreviver ao seu corpo; se despreza sua alma e a vida futura, nem todos partilham seus gostos e não é preciso, por isto, que ele desgoste os outros. Há muitas pessoas para as quais a perspectiva do nada encanta muito pouco e que esperam encontrar lá em cima, ou acolá, pai, mãe, filhos ou amigos. O Sr. Figuier não dá importância para isto. Gostos não se discutem.

Por instinto o homem tem horror à morte. Convenhamos que o desejo de não morrer completamente é muito natural. Pode-se mesmo dizer que essa fraqueza é geral. Ora, como sobreviver ao corpo, se não possuímos esse *maravilhoso* que se chama alma? Se temos uma alma, ela há de ter algumas propriedades, porquanto sem propriedades não seria coisa alguma. Infelizmente, para certas pessoas, não são propriedades químicas; a alma não pode ser introduzida num vidro para ser conservada nos museus de anatomia, como se conserva um crânio; nisto, o Grande Obreiro certamente errou, por não havê-la feito mais palpável; provavelmente Ele não pensou no Sr. Figuier...

Seja como for, de duas uma: essa alma, se existir, vive ou não vive após a morte do corpo; é alguma coisa ou é o nada: não há meio-termo. Vive sempre ou por algum tempo? Se deve desaparecer em dado momento, pouco importaria se fosse imediatamente; um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde, nem por isso o homem seria mais avançado. Se vive, faz algo ou nada faz. Mas como admitir um ser inteligente que nada faz, e isto por

toda a eternidade? Sem ocupação, a existência futura seria muito monótona. Não admitindo que uma coisa inacessível aos sentidos possa produzir quaisquer efeitos, o Sr. Figuiet é conduzido, em razão de seu ponto de partida, à conclusão de que todo efeito deve ter uma causa material. Eis por que coloca no domínio do maravilhoso, isto é, da imaginação, todos os efeitos atribuídos à alma e, em conseqüência, a própria alma, suas propriedades, seus feitos e gestos de além-túmulo. Os simples, que crêem na tolice de querer viver após a morte, naturalmente gostam de tudo quanto satisfaz os seus desejos e vem confirmar as suas esperanças. Daí por que amam o maravilhoso. Até agora se contentavam em dizer-lhes: “Nem tudo morre com o corpo; ficai tranqüilos; nós vos damos nossa palavra de honra.” Sem dúvida era muito tranqüilizador, mas uma pequena prova não estragaria o negócio. Ora, eis que o Espiritismo, com seus fenômenos, vem lhes dar esta prova, e eles a aceitam com alegria. Eis todo o segredo de sua rápida propagação; torna real uma esperança: a de viver e, melhor que isto, de viver mais feliz. Ao passo que vós, Sr. Figuiet, vos esforçais para lhes provar que tudo isto não passa de uma quimera, de uma ilusão. Ele levanta a coragem, vós a abateis. Acreditais que entre os dois a escolha seja duvidosa?

O desejo de reviver após a morte é, pois, no homem a fonte de seu amor pelo maravilhoso, isto é, por tudo quanto se liga à vida de além-túmulo. Se alguns homens, seduzidos por sofismas, puderam duvidar do futuro, não creiais que tenha sido voluntariamente. Não; porque essa idéia lhes inspira pavor, e é com terror que sondam as profundezas do nada. O Espiritismo acalma suas inquietudes, dissipa suas dúvidas; aquilo que é vago, indeciso, incerto, toma uma forma, torna-se uma realidade consoladora. Eis por que, em alguns anos, deu a volta ao mundo, pois todos querem viver e o homem sempre dará preferência às doutrinas que o tranqüilizam àquelas que o apavoram.

Voltemos à obra do Sr. Figuiet e digamos, de começo, que seu quarto volume, consagrado às *mesas girantes e aos médiuns*,

em três quartas partes está cheio de histórias que não lhes guardam nenhuma relação, de maneira que o principal ali se torna o acessório. Cagliostro, o caso do colar, que ali figuram, não se sabe por quê, a moça elétrica, os caracóis simpáticos, ocupam treze capítulos em dezoito. É verdade que essas histórias são tratadas com verdadeiro luxo de detalhes e de erudição, que as fará lidas com interesse, pondo-se de lado qualquer opinião espírita. Sendo seu objetivo provar o amor do homem pelo maravilhoso, busca ele todos os contos que o bom-senso, em todos os tempos, já havia dado o seu justo valor, e se esforça por provar que são absurdos, o que ninguém contesta. E exclama: “Eis o Espiritismo fulminado!” A dar-lhe ouvidos, poder-se-ia crer que as proezas de Cagliostro e os contos de Hoffmann são artigos de fé para todos os espíritas, e que os caracóis simpáticos têm toda a sua simpatia.

O Sr. Figuier não rejeita todos os fatos; longe disso. Em sentido oposto a outros críticos que, pura e simplesmente negam tudo, o que é mais cômodo, pois dispensa qualquer explicação, ele admite perfeitamente as mesas girantes e os médiuns, mas os atribuindo em larga escala à trapaça. As Srtas. Fox, por exemplo, são insignes prestidigitadoras, porque foram ridicularizadas pelos jornais americanos pouco elegantes. Chega mesmo a admitir o magnetismo – como agente material, bem entendido – o poder fascinante da vontade e do olhar, o sonambulismo, a catalepsia, o hipnotismo, todos os fenômenos de biologia. Que se tenha cuidado! Ele vai passar por um iluminado aos olhos de seus confrades. Mas, conseqüente consigo mesmo, quer tudo reduzir às leis da física e da fisiologia. É verdade que cita algumas testemunhas autênticas e das mais honradas em apoio dos fenômenos espíritas, mas se estende com indulgência sobre todas as opiniões contrárias, sobretudo as dos sábios que, como o Sr. Chevreul e outros, buscaram provas na matéria. Tem em grande estima a teoria do músculo estalante dos Srs. Jobert e comparsas. Sua teoria, como a lanterna mágica da fábula, peca num ponto capital: perde-se num labirinto de explicações que demandariam outras explicações para serem compreendidas. Um outro defeito é

que a cada passo é contraditada por fatos que não pode explicar e que o autor silencia por uma razão muito simples: é que não os conhece. Ele nada viu ou pouco viu por si mesmo; numa palavra, nada aprofundou de *visu*, com a sagacidade, a paciência e a independência das idéias do observador consciencioso; contentou-se com relatos mais ou menos fantásticos, encontrados em certas obras que não primam pela imparcialidade. Não leva em consideração os progressos que a ciência fez desde alguns anos; ele a toma em seu começo, quando marchava tateante e cada um trazia uma opinião incerta e prematura, estando longe de conhecer todos os fatos; absolutamente como se quisesse julgar a química de hoje pelo que era ao tempo de Nicolas Flamel. Em nossa opinião, e por mais sábio seja o Sr. Figuier falta-lhe a primeira qualidade que se exige de um crítico: a de conhecer *a fundo* aquilo de que fala, condição ainda mais necessária quando se quer explicá-lo.

Não o acompanharemos em todos os seus raciocínios. Preferimos indicar a sua obra, que todo espírita pode ler sem o menor perigo para as suas convicções; só citaremos a passagem na qual ele explica sua teoria das mesas girantes, que resume mais ou menos a de todos os outros fenômenos.

“Vem a seguir a teoria que explica os movimentos das mesas pelos *Espíritos*. Se a mesa girar após um quarto de hora de recolhimento e de atenção por parte dos experimentadores, é, dizem, que os Espíritos, bons ou maus, anjos ou demônios, entraram na mesa e a fizeram oscilar. Espera o leitor que discutamos tal hipótese? Não pensamos fazê-lo. Se empreendêsemos provar, com grandes reforços de argumentos lógicos, que o diabo não entra nos móveis para os fazer dançar, precisaríamos também demonstrar que não são os Espíritos que, introduzidos em nosso corpo, nos fazem agir, falar, sentir, etc.⁴⁵

45 Não são os Espíritos que nos fazem agir e pensar, mas um Espírito que é a nossa alma. Negar esse Espírito é negar a alma; negar a alma é proclamar o materialismo puro. O Sr. Figuier parece pensar que, como ele, *ninguém* crê possuir uma alma imortal, ou que ele crê ser todo o mundo.

Todos esses fatos são da mesma ordem, e aquele que admite a intervenção do demônio para girar uma mesa deve recorrer à mesma influência sobrenatural para explicar os atos, que só ocorrem em virtude de nossa vontade e com auxílio de nossos órgãos. *Ninguém jamais quis atribuir seriamente* os efeitos da vontade sobre os nossos órgãos, por mais misteriosa que seja a essência desse fenômeno, a ação de um anjo ou de um demônio. É, entretanto, a essa conseqüência que são levados os que querem vincular a rotação das mesas a uma causa sobre-humana.

“Digamos, para terminar esta breve discussão, que a razão proíbe recorrer a uma causa sobrenatural em todas as situações em que uma causa natural pode bastar. Poderíamos invocar uma causa natural, normal, fisiológica, para explicar o movimento das mesas? Esta é a questão.

“Eis, pois, chegado o momento de expor o que nos parece dar conta do fenômeno estudado nesta última parte de nosso livro.

“A explicação do fato das mesas girantes, considerada na sua maior simplicidade, parece-nos ser fornecida por esses fenômenos cujo nome até aqui variou muito, mas cuja natureza, no fundo, é idêntica, haja vista que, seguidamente, foi chamada *hipnotismo* com o Dr. Braid, *biologismo* com o Sr. Philips, *sugestão* com o Sr. Carpenter. Lembramos que, em conseqüência da forte tensão cerebral resultante da contemplação de um objeto imóvel, mantido por muito tempo, o cérebro cai num estado particular que recebeu, sucessivamente, os nomes de *estado magnético*, *sono nervoso* e *estado biológico*, nomes diferentes que designam certas variantes particulares de um estado geralmente idêntico.

“Uma vez chegado a esse estado, quer pelos passes de um magnetizador, como se faz desde Mesmer, quer pela contemplação de um corpo brilhante, como operava Braid, imitado depois pelo Sr. Philips, e como operam ainda os feiticeiros árabes e

egípcios, quer simplesmente, enfim, por uma forte contenção moral, de que já citamos mais de um exemplo, o indivíduo cai nessa passividade automática que constitui o *sono nervoso*. Perdeu a força de dirigir e controlar a própria vontade e está sob o império de uma vontade estranha. Apresentem-lhe um copo de água, afirmando, com autoridade, que é deliciosa bebida, e ele bebe julgando tomar vinho, licor ou leite, conforme a vontade daquele que se apoderou fortemente de seu ser. Privado assim do auxílio de seu próprio juízo, o indivíduo fica quase estranho às ações que executa e, uma vez voltando ao seu estado natural, perdeu a lembrança dos atos que realizou durante essa estranha e momentânea abdicação do seu *eu*. Está sob a influência de *sugestões*, isto é, aceita sem poder repeli-la, uma idéia fixa que lhe é imposta por uma vontade exterior, age e é forçado a agir sem idéia e sem vontade própria, conseqüentemente, sem consciência. Este sistema levanta uma grave questão de psicologia, porquanto, assim influenciado, o homem perdeu o livre-arbítrio e não tem mais responsabilidade pelas ações que executa. Age determinado por imagens intrusas que lhe obsidiam o cérebro, análogas a essas visões que Cuvier supõe fixadas no *sensorium* da abelha, e que lhe representam a forma e as proporções da célula que o instinto a leva a construir. O princípio das *sugestões* explica perfeitamente os fenômenos, tão variados e por vezes tão terríveis, das alucinações, mostrando, ao mesmo tempo, o pequeno intervalo que separa o alucinado do monômano. Não é de admirar que, num grande número de giradores de mesas, a alucinação sobreviva à experiência e se transforme em loucura definitiva.

“Esse princípio das *sugestões*, sob a influência do *sono nervoso*, parece-nos fornecer a explicação do fenômeno da rotação das mesas, tomado na sua maior simplicidade. Consideremos o que se passa numa corrente de pessoas que se entregam a uma experiência desse gênero. Tais pessoas estão atentas, preocupadas, fortemente emocionadas com a espera do fenômeno que se deve produzir. Uma grande atenção, um recolhimento completo de

espírito lhes é recomendado. À medida que a espera se prolonga e a contenção moral fica muito tempo entretida pelos experimentadores, seu cérebro se fatiga cada vez mais e as idéias sofrem uma ligeira perturbação. Quando assistimos, durante o inverno do ano de 1860, às experiências realizadas em Paris pelo Sr. Philips; quando vimos as dez ou doze pessoas às quais ele confiava um disco metálico, com a injunção de olhar fixamente e unicamente esse disco, colocado na palma da mão durante cerca de meia hora, não pudemos deixar de ver nessas condições reconhecidas indispensáveis para a manifestação do estado hipnótico, a imagem fiel do estado em que se encontram as pessoas que, em silêncio, formam a corrente, com vistas a obter a rotação da mesa. Num e noutro caso, há uma forte contenção de espírito, uma idéia perseguida exclusivamente durante um tempo considerável. O cérebro humano não pode resistir por muito tempo a essa tensão excessiva, a esse acúmulo anormal do influxo nervoso. Das dez ou doze pessoas que se entregaram a essa operação, a maioria abandona a experiência, forçadas a renunciar pela fadiga nervosa que experimentam. Somente algumas, uma ou duas, que perseveraram, são presas do estado hipnótico ou biológico, dando lugar, então, aos diversos fenômenos que examinamos no curso desta obra, ao falarmos do hipnotismo e do estado biológico.

“Nessa reunião de pessoas fixamente ligadas, durante vinte minutos ou meia hora, a formar a corrente, com as mãos espalmadas sobre a mesa, sem liberdade de distrair, nem sequer por um instante, a atenção da operação em que tomam parte, a maioria não experimenta nenhum efeito particular. Mas é muito difícil que uma delas, uma só que seja, não venha a cair, ainda que por um momento, no estado hipnótico ou biológico. Talvez esse estado não precise durar mais que um segundo para que se realize o fenômeno esperado. Caindo nessa espécie de sono nervoso, não tendo mais consciência de seus atos e sem outro pensamento que não seja a idéia fixa da rotação da mesa, o membro da corrente imprime inconscientemente o movimento ao móvel. Ele pode,

nesse momento, exibir uma força muscular relativamente considerável e a mesa se move. Dado esse impulso, realizado esse ato *inconsciente*, nada mais é preciso. Assim passageiramente biologizado, o indivíduo pode a seguir voltar ao seu estado ordinário; porque, apenas manifestado esse movimento de deslocamento mecânico na mesa, logo todas as pessoas que compõem a corrente se levantam e seguem seus movimentos; em outras palavras, fazem a mesa marchar, pensando que apenas a acompanham. Quanto ao indivíduo, causa involuntária, *inconsciente* do fenômeno, posto não guardar nenhuma lembrança dos atos executados nesse estado de sono nervoso, ignora o que fez e, de boa-fé, fica indignado se o acusam de haver empurrado a mesa. Até suspeita que outros membros da corrente tenham feito uma brincadeira de mau gosto, de que o acusam. Daí essas freqüentes discussões e mesmo *essas disputas graves, que tantas vezes deram origem* ao divertimento das mesas girantes.

“Tal a explicação que julgamos poder dar, no que diz respeito ao fato da rotação das mesas, tomado na sua maior simplicidade. Quanto ao movimento das mesas respondendo a perguntas: os pés que se levantam às ordens e que, pelo número de batidas, respondem às perguntas feitas, o mesmo sistema o explica se admitirmos que, entre os membros da corrente, haja algum no qual o estado de sono nervoso conserve uma certa duração. Tal indivíduo, hipnotizado à sua revelia, responde às perguntas e às ordens que lhe são dadas, inclinando a mesa ou fazendo-a dar pancadas, conforme o pedido. Voltando depois ao estado normal, esqueceu todos os atos assim realizados, como qualquer indivíduo magnetizado ou hipnotizado perde a lembrança dos atos executados nesse estado. O indivíduo que representa o papel mau grado seu, é, pois, uma espécie de dorminhoco acordado; não é absolutamente *sui compos*; está num estado mental que participa do sonambulismo e da fascinação. Não dorme; está encantado ou fascinado em virtude da forte concentração moral a que se impôs: é um *médium*. Como este último exercício é de ordem superior ao

primeiro, não pode ser obtido em todos os grupos. Para que a mesa responda às perguntas feitas, levantando um de seus pés e dando pancadas, é necessário que os indivíduos que operam tenham praticado seguidamente o fenômeno da mesa girante, e que entre eles se encontre um sensitivo particularmente apto a cair naquele estado, o que se dá mais depressa pelo hábito e pela perseverança por mais tempo: numa palavra, é preciso um *médium* experimentado.

“Mas, dirão, vinte minutos ou meia hora nem sempre são necessários para obter o fenômeno da rotação de uma mesinha de pé-de-galo ou de uma mesa convencional. Muitas vezes, ao cabo de quatro ou cinco minutos, a mesa se põe em movimento. A tal observação responderemos que um magnetizador, quando trata com um sensitivo habitual ou com um sonâmbulo profissional, faz este cair em sonambulismo em um ou dois minutos, sem passes, sem aparatos, e apenas pela imposição fixa do olhar. Aqui, é o hábito que torna o fenômeno fácil e rápido. Do mesmo modo, os *médiuns* exercitados podem em pouco tempo chegar a esse estado de semi-sono nervoso, que deve tornar inevitável o fenômeno da rotação da mesa ou o movimento imprimido por ele ao móvel, conforme o pedido feito.”

Não sabemos como o Sr. Figuiet explicaria sua teoria aos movimentos que ocorrem, aos ruídos que se ouvem, ao deslocamento dos objetos, sem o contato do médium, sem a participação de sua vontade, até mesmo contra a sua vontade. Mas há muitas outras coisas que ele não explica. Aliás, aceitando-se mesmo sua teoria, ela revelaria um fenômeno fisiológico dos mais extraordinários, e bem digno da atenção dos sábios. Por que, então, o desdenharam?

O Sr. Figuiet termina o seu *Tratado do Maravilhoso* por uma breve notícia sobre *O Livro dos Espíritos*. Naturalmente ele o julga do seu ponto de vista: “A filosofia – diz ele – é antiquada e a

moral enfadonha.” Certamente ele teria preferido uma moral galhofeira e excitante. Mas que fazer? É uma moral para uso da alma; aliás, ela teria sempre uma vantagem: a de fazer dormir. É, para ele, uma receita em caso de insônia...

Conversas Familiares de Além-Túmulo

BALTAZAR, O ESPÍRITO GASTRÔNOMO

2ª conversa

Um dos nossos assinantes, ao ler na *Revista Espírita* do mês de novembro a evocação do Espírito que se deu a conhecer pelo nome de Baltazar, julgou reconhecer um homem que havia conhecido pessoalmente, cuja vida e caráter coincidiam perfeitamente com todos os detalhes relatados. Não duvidava que fosse o mesmo que se tinha manifestado sob um nome de fantasia e pediu-nos que nos certificássemos em nova evocação. Segundo ele, Baltazar não era outro senão o Sr. G... de la R..., conhecido por suas excentricidades, sua fortuna e seu pendor gastronômico.

1º Evocação.

Resp. – Ah! eis-me aqui; mas nunca tendes algo a me oferecer. Decididamente não sois amáveis.

2º Quereis dizer o que vos poderíamos oferecer para vos ser agradáveis?

Resp. – Oh! pouca coisa: um chazinho; um jantarzinho muito fino, eu gostaria mais disso; e essas senhoras, sem contar os senhores aqui presentes, não o poriam de lado, haveis de concordar.

3º Conhecestes um certo Sr. G... de la R...?

Resp. – Creio que sois curioso.

4º Não; não se trata de curiosidade; dissei, por obséquio, se o conhecestes.

Resp. – Então quereis descobrir o meu incógnito.

5º Portanto, sois o Sr. G... de la R...?

Resp. – Ai! sim; e sem almoço.

6º Não fomos nós que descobrimos vosso incógnito; foi um dos vossos amigos aqui presente que vos reconheceu.

Resp. – É um falador; deveria ter ficado calado.

7º Em que isto vos pode aborrecer?

Resp. – Em nada; mas eu preferia não ter sido reconhecido imediatamente. Tanto faz, não esconderei meus gostos por isto. Se conhecêsseis os jantares que eu dava, conviriam francamente que eram bons e tinham um valor que hoje não mais se aprecia.

8º Não; não os conhecia. Mas falemos mais seriamente, por favor, pondo de lado os jantares e ceias, que nada nos ensinam. Nosso objetivo é de nos instruímos, razão por que vos pedimos dizer qual o sentimento que vos levou, no dia de vossa festa de formatura como advogado, a fazer jantar vossos confrades numa sala decorada em câmara mortuária?

Resp. – Não desvendais, no meio de todas as minhas excentricidades de caráter, um fundo de tristeza causado pelos erros da sociedade, sobretudo pelo orgulho daquela que eu freqüentava e da qual fazia parte pelo nascimento e pela fortuna? Eu buscava atordoar o coração por meio de todas as loucuras imagináveis e, por isso, me chamavam louco, extravagante. Pouco importava. Saindo desses jantares tão elogiados por sua originalidade, eu me apressava a praticar uma boa ação que ignoravam; mas para mim era indiferente: meu coração ficava satisfeito e os homens também. Eles riam de mim enquanto eu me divertia com eles. Que não direis dessa ceia, em que cada conviva tinha seu caixão atrás de si! Seus tristes semblantes me divertiam muito. Como vedes, era a loucura aparente unida à tristeza do coração.

9º Qual a vossa opinião atual sobre a Divindade?

Resp. – Não esperei perder o corpo para acreditar em Deus. Ocorre apenas que esse corpo, que tanto amei, materializou meu Espírito a tal ponto, que lhe será preciso bastante tempo para quebrar todos os laços terrenos das paixões que o prendiam à Terra.

Observação – Vê-se que podemos tirar, de um assunto aparentemente frívolo, muitos ensinamentos úteis. Não haverá algo de eminentemente instrutivo nesse Espírito que, conservando no além-túmulo os instintos corporais, reconhece que o abuso das paixões de certo modo *materializou* o seu Espírito?

A Educação de um Espírito

Um de nossos assinantes, cuja esposa é excelente médium escrevente, não pode, apesar disso, comunicar-se com seus parentes e amigos, porque um Espírito mau se impõe a ela e *intercepta*, por assim dizer, todas as comunicações, o que lhe causa viva contrariedade. Notemos que há simples obsessão, e não subjugação, porquanto a médium absolutamente não é enganada por esse Espírito, que, aliás, é francamente mau e não procura esconder o seu jogo. Tendo pedido nossa opinião a respeito, dissemos-lhe que não se livraria dele nem pela cólera, nem pelas ameaças, mas pela paciência; que era preciso dominá-lo pelo ascendente moral e buscar torná-lo melhor pelos bons conselhos; que é um *encargo de alma* que lhe é confiado, e cuja dificuldade lhe será meritória.

Conforme nosso conselho, marido e esposa empreenderam a educação desse Espírito, e devemos dizer que se conduzem admiravelmente; se não o conseguirem, nada terão a se censurar. Extraímos algumas passagens dessas instruções, que damos como modelo no gênero, e porque a natureza desse Espírito nelas se desenha de maneira característica.

1º Para que sejas mau assim, é preciso que sofras?

Resp. – Sim, sofro; e é isto que me faz ser mau.

2º Jamais sentes remorsos do mal que fazes ou procuras fazer?

Resp. – Não; jamais tenho remorso, e gozo o mal que faço, pois não posso ver os outros felizes sem sofrer.

3º Não admities, então, que se possa ser feliz com a felicidade dos outros, em vez de encontrar a felicidade em sua desventura? Jamais fizestes tais reflexões?

Resp. – Jamais as fiz, e acho que tens razão; mas não posso me... não posso fazer o bem; eu sou...

Observação – Essas reticências substituem os rabiscos feitos pelo Espírito, quando não quer ou não pode escrever uma palavra.

4º Mas, enfim, não queres ouvir-me e experimentar os conselhos que te poderia dar?

Resp. – Não sei, porque tudo quanto me dizes me faz sofrer ainda mais, e não tenho coragem de fazer o bem.

5º Muito bem! prometes ao menos tentar?

Resp. – Oh! não; não posso, porque não cumpriria a promessa e por isso seria punido. Ainda é preciso que rogues a Deus para mudar-me o coração.

6º Então oremos juntos. Pede comigo que Deus te melhore.

Resp. – Insisto que não posso; sou muito mau e agrada-me fazer o mal.

7º Mas, realmente querias fazê-lo a mim? Não considero como verdadeiro mal as tuas mistificações que, por certo, até aqui nos têm sido mais úteis que prejudiciais, porquanto

serviram para a nossa instrução. Assim, como vês, perdes o teu tempo.

Resp. – Sim, faço tanto mal quanto posso e, se não faço mais, é por não poder.

8º Quem te impede de fazer isso, então?

Resp. – O teu bom anjo-da-guarda e tua Maria; sem eles verias do que sou capaz.

Observação – Maria é o nome de uma jovem que eles evocam em vão e que não se pode manifestar por causa desse Espírito. Contudo, pela própria resposta do Espírito vê-se que ela, embora não possa comunicar-se materialmente, nem por isso deixa de lá estar, assim como o anjo-da-guarda, velando por eles. Esse fato levanta um sério problema, o de saber como um Espírito mau pode impedir as comunicações de um bom. Ele só impede as comunicações materiais, mas não pode opor-se às espirituais. Não é o Espírito mau mais poderoso que o bom, é o médium que não é bastante forte para vencer a obstinação do mau, e que deve esforçar-se por vencê-lo pelo ascendente do bem, melhorando-se cada vez mais. Deus permite essas provas em nosso interesse.

9º Mas o que me farias, então?

Resp. – Eu te faria mil coisas, mais desagradáveis umas que outras; eu te faria...

10º Vejamos, pobre Espírito, jamais tens um impulso generoso? Nunca tens um só desejo de fazer algum bem, ainda que fosse um vago desejo?

Resp. – Sim, um desejo vago de fazer o mal; não posso ter outro. É preciso que ores a Deus, para que eu seja tocado, pois, de outro modo, certamente continuarei mau.

11º Então crês em Deus?

Resp. – É necessário que eu creia nele, pois ele me faz sofrer.

12^o Muito bem! Já que crês em Deus, deves ter confiança em sua perfeição e em sua bondade. Deves compreender que Ele não fez suas criaturas para votá-las à infelicidade; que se são infelizes, é por sua própria culpa, e não pela dele; mas que elas sempre têm meios de melhorar e, conseqüentemente, de alcançar a felicidade; que Deus não fez inteligentes as criaturas sem objetivo e que esse objetivo é fazer que todas concorram para a harmonia universal: a caridade, o amor do próximo; que a criatura que se afasta de tal objetivo perturba a harmonia e ela própria é a primeira sofrer os efeitos dessa perturbação. Olha em torno de ti e acima de ti; não vês Espíritos felizes? Não tens vontade de ser como eles, já que dizes sofrer? Deus não os criou mais perfeitos do que tu; como tu, talvez tenham sofrido, mas se arrependeram e Deus lhes perdoou; podes, pois, fazer como eles.

Resp. – Começo a ver e a compreender que Deus é justo; eu ainda não tinha visto; és tu que me vens abrir os olhos.

13. Então! já sentes o desejo de melhorar?

Resp. – Ainda não.

14. Espera, que ele virá. Eu o espero. Dissestes à minha mulher que ela te torturava, enquanto te invocava. Crês que procuremos torturar-te?

Resp. – Não; bem vejo que não. Mas não é menos verdade que sofro mais que nunca e vós sois a causa disto.

Observação – Interrogado quanto à causa de tal sofrimento, um Espírito superior respondeu: Vem do combate a que ele se entrega; mau grado seu, sente algo que o arrasta para um caminho melhor, mas resiste. É essa luta que o faz sofrer. – Quem vencerá nele, o bem ou o mal?

Resp. – O bem; mas a luta será longa e difícil. É preciso ter muita perseverança e dedicação.

15. Que poderíamos fazer para que não sofras mais?

Resp. – É preciso que ores a Deus para que me perd...
(ele risca essas duas últimas palavras) que tenha piedade de mim.

16. Pois bem! ora conosco.

Resp. – Não posso.

17. Disseste que precisas crer em Deus, pois Ele te faz sofrer. Mas como sabes que é Deus quem te faz sofrer?

Resp. – Ele me faz sofrer porque sou mau.

18. Se é verdade que julgas ser Deus quem te faz sofrer, deves conhecer o motivo, porquanto não podes imaginar que Deus seja injusto.

Resp. – Sim, creio na justiça de Deus.

19. Disseste que fomos nós quem te abrimos os olhos. Verdade ou não, o certo é que não podes dissimular a verdade do que te dizemos. Ora, quer essas verdades te sejam conhecidas antes de nós, ou por nosso intermédio, o essencial é que as conheças. Hoje, o grande negócio para ti é tirar partido delas. Dize, pois, francamente, se a satisfação que experimentas em fazer o mal não te deixa nada a desejar.

Resp. – Desejo que meus sofrimentos acabem; eis tudo. E eles jamais acabarão.

20. Compreendes que depende de ti que eles acabem?

Resp. – Compreendo.

21. Em tua última existência corpórea te entregaste sem reservas às más inclinações, como parece que fazes agora?

Resp. – É preciso que saibas que sou mais imundo que uma fera; sou um miserável que fez tudo até...

22. Eu e minha mulher te fizemos algum mal? Tivestes de te queixar de nós numa outra existência?

Resp. – Não; eu não...

23. Então, dize por que encontras mais prazer em destilares o teu ódio contra pessoas inofensivas como nós, que te queremos bem, e não contra gente má, que talvez seja ou tenha sido tua inimiga?

Resp. – *Eles não me causam inveja.*

Observação – Esta resposta é característica. Pinta o ódio do mau contra os homens que sabe serem melhores que ele. É a inveja que cega e muitas vezes impele a atos mais contrários aos seus interesses. O mesmo ocorre aqui na Terra, onde muitas vezes os maiores erros de um homem, aos olhos de certas pessoas, têm o seu mérito: Aristides é um exemplo.

24. Eras mais feliz na Terra, do que agora?

Resp. – Oh! sim. Era rico e de nada me privava. Cometi baixezas de toda sorte e fiz todo o mal que se pode fazer, quando se tem dinheiro e miseráveis à disposição.

25. Por que me pedias outro dia que te deixasse em paz?

Resp. – Porque não queria responder às perguntas que me fazias. Mas estou muito à vontade por me evocares e queria sempre escrever, porque o tédio me mata. Oh! não sabes o que é estar continuamente em presença das faltas e dos crimes, como estou!

26. Que impressão experimentas à vista de uma ação generosa?

Resp. – Experimento despeito; gostaria de aniquilá-la.

27. Durante tua última existência corpórea jamais fizeste uma boa ação, fosse qual fosse o móvel?

Resp. – Fiz por ambição e por orgulho; jamais por bondade. É por isso que não me foi levada em conta.

Observação – Essas conversas se prolongaram durante grande número de sessões, e ainda neste momento, infelizmente

sem resultado muito sensível. O mal domina sempre nesse Espírito, que só em raros intervalos demonstra alguns clarões de bons sentimentos; assim, é uma tarefa penosa para os seus instrutores. Contudo, esperamos que com perseverança conseguirão domar essa natureza rebelde, ou ao menos que Deus leve em conta os seus esforços.

Dissertações Espíritas

Recebidas ou lidas na Sociedade por diversos médiuns

ENTRADA DE UM CULPADO NO MUNDO DOS ESPÍRITOS

Médium – Sra. Costel

Vou contar-te o que sofri quando morri. Retido no corpo por laços materiais, meu Espírito teve grande dificuldade para se desprender, o que foi uma primeira e grande angústia. A vida que havia deixado aos vinte e quatro anos era ainda tão forte em mim, que não acreditava na sua perda. Procurava meu corpo e estava admirado e apavorado de me ver perdido em meio a essa multidão de sombras. Por fim, a consciência de meu estado e a revelação das faltas que havia cometido em todas as minhas encarnações, me feriram de repente. Uma luz implacável iluminou os mais secretos recônditos de minha alma, que se sentiu *nua* e tomada de acabrunhante vergonha. Eu buscava escapar, interessando-me por objetos novos, *no entanto conhecidos*, que me cercavam; os Espíritos radiosos, flutuando no éter, davam-me a idéia de uma felicidade à qual eu não podia aspirar; formas sombrias e desoladas, umas mergulhadas em triste desespero, outras irônicas ou furiosas, deslizavam à minha volta e sobre a terra à qual eu estava preso. Via os humanos se movimentando e lhes invejava a ignorância. Toda uma ordem de sensações desconhecidas *ou reencontradas* invadia-me ao mesmo tempo. Como que arrastado por uma força irresistível, buscando fugir a essa dor apunhalante, eu transpunha as distâncias, os elementos, os obstáculos materiais,

sem que as belezas da Natureza nem os esplendores celestes pudessem acalmar um instante o dilaceramento de minha consciência, nem o pavor que me causava a revelação da eternidade. Um mortal pode pressentir as torturas materiais pelos arrepios da carne, mas as vossas frágeis dores, suavizadas pela esperança, temperadas pelas distrações, mortas pelo esquecimento, jamais vos poderão dar a compreender as angústias de uma alma que sofre sem tréguas, sem esperança, sem arrependimento. Passei um tempo, cuja duração não posso apreciar, invejando os eleitos, dos quais entrevia o esplendor, detestando os Espíritos maus que me perseguiram com as suas zombarias, desprezando os humanos, cujas torpezas eu via, passando de um profundo abatimento a uma revolta insensata.

Por fim, me acalmaste. Escutei os ensinamentos que te davam teus guias. A verdade me penetrou e eu orei: Deus me ouviu. Revelou-se a mim por sua clemência, como se havia revelado pela sua justiça.

Novel

CASTIGO DO EGOÍSTA

Médium – Sra. Costel

Nota – O Espírito que ditou as três comunicações seguintes é o de uma mulher que a médium conheceu em vida, cuja conduta e caráter bem justificam os tormentos que ela sofre. Era dominada principalmente por um sentimento de extremo egoísmo e um personalismo que se reflete na última comunicação, por sua pretensão em querer que a médium se ocupe somente dela, e por ela renuncie aos seus estudos ordinários.

I

Eis-me aqui, a infeliz Claire. Que queres que te ensine? Tua resignação e tua esperança não passam de palavras para quem

sabe que, inumeráveis como os seixos da praia, seus sofrimentos haverão de durar na sucessão interminável dos séculos. Dizes que podes suavizá-los! Que palavra vazia! Onde encontrar a coragem, a esperança para tanto? Procura, pois, cérebro limitado, compreender o que é um dia que jamais acaba. Será um dia, um ano, um século? Que sei eu? As horas não se marcam; as estações não variam. Eterno e lento como a água que brota do rochedo, esse dia execrado, esse dia maldito, pesa sobre mim como um relicário de chumbo... Sofro!... Nada vejo à minha volta, senão sombras silenciosas e indiferentes... Sofro!

Entretanto, sei que, acima desta miséria reina Deus, o Pai, o Senhor, aquele para o qual tudo se encaminha. Quero pensar nisto. Quero implorar-lhe socorro.

Debato-me e me arrasto como um estropiado, que pena um longo caminho. Não sei que poder me atraí para ti; talvez seja a salvação. Retiro-me de ti um pouco calma, um pouco renovada, como um velho tiritando de frio, reanimada por um raio de sol. Minha alma enregelada haure uma vida nova ao aproximar-se de ti.

Claire

II

Minha desgraça cresce dia-a-dia, à medida que o conhecimento da eternidade se desenvolve em mim. Ó miséria! quanto vos maldigo, horas culpadas, horas de egoísmo e de esquecimento em que, desconhecendo toda caridade, todo devotamento, só pensava em meu bem-estar! Convencionalismo humano, sede maldito! vãs preocupações dos interesses materiais! Sede malditos, vós que me haveis engeguecido e perdido! Sou corroída pelo incessante pesar do tempo transcorrido. Que direi a ti, que me escutas? Vigia incessantemente sobre ti; ama aos outros mais que a ti mesma; não te demores nos caminhos do bem-estar; não sobrecarregues teu corpo à custa de tua alma. Vigia, como dizia

o Salvador a seus discípulos. Não me agradeças estes conselhos: meu espírito os concebe, mas meu coração jamais os ouviu. Semelhante a um cão açoitado, o medo me faz rastejar, mas não conheço ainda o verdadeiro amor! Sua divina aurora tarda muito a romper. Ora por minha alma ressequida e tão miserável!

Claire

III

Nota – Os dois primeiros ditados foram recebidos em casa da médium. Este foi dado espontaneamente na Sociedade, o que explica o sentido da primeira frase:

Venho procurar-te aqui, já que me esqueces. Crês, então, que preces isoladas e o meu nome pronunciado bastarão para acalmar meu sofrimento? Não, cem vezes não. Tenho rugido de dor; erro sem repouso, sem asilo, sem esperança, sentindo o eterno agulhão do castigo cravar-se em minha alma revoltada. Sorrio quando escuto vossos lamentos, quando vos vejo abatidos. Que são as vossas insignificantes misérias! que são as vossas lágrimas! que são os vossos tormentos, que o sono interrompe! Será que durmo? Eu quero, entendes, eu quero que, deixando tuas dissertações filosóficas, te ocupes de mim; que os outros também se ocupem. Não encontro expressão para descrever a angústia desse tempo que se escoia, sem que as horas lhe marquem os períodos. Vejo apenas um fraco raio de esperança; e essa esperança foste tu que ma deste. Não me abandones, pois.

Claire

IV

Nota – A comunicação seguinte não é do mesmo Espírito; é de um Espírito superior, nosso guia espiritual, em resposta ao pedido que lhe dirigimos, para nos dar sua opinião acerca das comunicações precedentes:

Esse quadro é muito verdadeiro, e absolutamente não está exagerado. Talvez me perguntem o que fez essa mulher para estar tão miserável! Terá cometido algum crime horrível? Roubou, assassinou? Não. Nada fez que tivesse merecido a justiça dos homens. Ao contrário, divertia-se com aquilo a que chamais a felicidade terrena: beleza, fortuna, prazeres, adulação, tudo lhe sorria, nada lhe faltava e, ao vê-la, diziam: Que mulher feliz! E invejavam sua sorte. Que fez ela? Foi egoísta, tinha tudo, menos um bom coração. Se não violou a lei dos homens, violou a lei de Deus, porquanto desconheceu a caridade, a primeira das virtudes. Não amou senão a si mesma: agora ninguém a ama. Nada deu: nada lhe dão. Está isolada, desamparada, abandonada, perdida no espaço, onde ninguém pensa nela, ninguém se ocupa com ela: este o seu suplício. Como só buscou os prazeres mundanos, que hoje não mais existem, fez-se o vazio em seu redor. Só vê o nada e o nada lhe parece a eternidade. Não sofre torturas físicas; os demônios não vêm atormentá-la, mas isto não é necessário. Ela própria se atormenta e sofre muito mais, porque esses demônios seriam ainda seres que pensavam nela. O egoísmo fez sua alegria na Terra: ele a persegue, agora, como um verme a lhe roer o coração; é o seu verdadeiro demônio.

Ah! se os homens soubessem quanto lhes custa ser egoístas! Entretanto, Deus vo-lo ensina todos os dias, porquanto, ao enviar tantos Espíritos egoístas à Terra tem em mira que, desde esta vida, eles se castiguem uns aos outros e possam melhor compreender, pelo contraste, que a caridade é o único antídoto dessa lepra da Humanidade.

ALFRED DE MUSSET

Médium – Srta. Eugénie

Na sessão da Sociedade do dia 23 de novembro, um Espírito comunicou-se espontaneamente, escrevendo o seguinte:

Como desejo, antes de tudo, vos ser agradável, pergunto de que tema quereis que eu trate. Se tiverdes um assunto, perguntai. Enfim, Senhores, sou sempre o vosso dedicado.

Alfred de Musset

– Sendo vossa visita imprevista, não temos um assunto preparado. Pedimos, pois, que vos digneis de tratar um à vossa escolha. Seja qual for, ficaremos muito reconhecidos.

– Tendes razão. Sim, porque meu Espírito, em particular, e nós todos, em geral, conhecemos melhor as vossas necessidades e melhor podemos escolher as comunicações, do que faríeis vós mesmos.

“De que vou tratar? Sinto-me assaz embaraçado em meio a tantos assuntos interessantes. Começemos por falar daqueles que desejam ardentemente ser espíritas, mas que parecem recuar diante do que julgam uma apostasia. Falemos, pois, para os que recuariam ante a idéia de se acharem em contradição com o catolicismo. Ouvi bem, digo catolicismo e não Cristianismo.

Temeis renegar a fé de vossos pais? Erro! Vossos pais, os primeiros, os que fundaram essa religião sublime em sua origem, eram mais espíritas do que vós; pregavam a mesma doutrina que hoje vos ensinam. E quem diz: Espiritismo, como vossa religião, diz: caridade, bondade, esquecimento e perdão das injúrias. Como o catolicismo, ele vos ensina a abnegação de si mesmo. Podeis, pois, consciências timoratas, reuni-los e vir, sem escrúpulo, sentar-vos a esta mesa e conversar com os seres de quem sentis saudade. Como vossos pais, sede caridosos, bons, compassivos, e no fim da estrada tereis todos o mesmo lugar; no fim do caminho, a balança que pesará vossas ações terá os mesmos pesos e a obra o mesmo valor. Vinde sem temor, eu vos peço; vinde, mulheres graciosas, com o coração cheio de ilusões; vinde aqui, e estas serão substituídas por realidades mais belas e mais radiosas; vinde, esposa

de coração duro, que sofreis a vossa aridez, aqui está a água que amolece a rocha e estanca a sede; vinde, mulheres amantes, que em toda a vossa vida aspirais à felicidade, que medis a profundidade de vosso coração e desesperais de preenchê-la; vinde, mulher de inteligência ávida, vinde: aqui a ciência corre clara e pura; vinde beber nesta fonte que rejuvenesce. E vós, velhos, que vos curvais, vinde e rireis na face de toda essa juventude que vos desdenha, porque, para vós, se abrem as portas do santuário, para vós o nascimento vai recomeçar e trazer a felicidade de vossos primeiros anos; vinde, e nós vos faremos ver os irmãos que vos estendem os braços e vos esperam; vinde, pois, todos, porque para todos há consolações.

Vede que me presto de boa vontade; disponde de mim e me dareis prazer.”

Aproveitando a boa vontade do Espírito Alfred de Musset, foram-lhe dirigidas as seguintes perguntas:

1º Qual será a influência da poesia no Espiritismo?

Resp. – A poesia é o bálsamo que se aplica sobre as chagas. A poesia foi dada aos homens como o maná celeste, e todos os poetas são médiuns que Deus enviou à Terra para regenerar um pouco o seu povo e não deixar que se embruteçam completamente. Pois o que haverá de mais belo, que mais fale à alma que a poesia?

2º A pintura, a escultura, a arquitetura, a poesia foram, sucessivamente, influenciadas pelas idéias pagãs e cristãs. Podeis dizer se, depois das artes pagã e cristã, haverá um dia a arte espírita?

Resp. – Fazeis uma pergunta que se responde por si mesma: o verme é verme, torna-se bicho da seda, depois borboleta. Que há de mais etéreo, de mais gracioso que uma borboleta? Pois bem! A arte pagã é o verme; a arte cristã o casulo; a arte espírita será a borboleta.

[A respeito vide o artigo anterior sobre a arte pagã, a arte cristã e a arte espírita].

3º Qual a influência da mulher no século dezenove?

Nota – Esta pergunta foi feita por um jovem, estranho à Sociedade.

Resp. – Ah! é o progresso. E é um jovem quem faz a pergunta; magnífico; eu mesmo seria muito amador para não deixar de responder, e estou certo de que todos o desejam também.

A influência da mulher no século dezenove! Acreditais que ela tenha esperado esta época para que continueis a dominá-la, pobres e fracos homens que sois? Se tentastes aviltá-la, foi porque a temíeis; se tentastes abafar a sua inteligência, foi porque receastes a sua influência. Somente em seu coração não pudestes opor barreiras. E como o coração é o presente que Deus lhe deu em particular, continuou senhor e soberano. Mas eis que a mulher também se faz borboleta: ela quer sair de seu casulo; quer reconquistar seus direitos divinos; como aquela, lança-se na atmosfera e dir-se-ia que respira o ar em seu justo valor. Não julgueis que eu as queira transformar em eruditas, letradas, poetisas. Não; mas eu quero, querem aqui, no mundo em que habito, que aquela que deve elevar a Humanidade seja digna de seu papel; que aquela que deve formar os homens comece a se conhecer a si mesma e, para lhes infiltrar desde tenra idade o amor do belo, do grande, do justo, é necessário que ela possua esse amor num grau superior, é preciso que o compreenda. Se o agente educador por excelência for reduzido ao estado de nulidade, a sociedade vacilará. É o que deveis compreender no século dezenove.

INTUIÇÃO DA VIDA FUTURA

Médium – Srta. Eugénie

Nota – A médium escreve num caderno antigo, que antes servira a outro médium, no qual se achava uma comunicação escrita há muito tempo, assinada por Delphine de Girardin. Tal circunstância explica o início da comunicação seguinte:

“Encontro traçado justamente o meu nome, e ele me servirá de assinatura antes de haver começado.

“Quero falar aqui a todos em geral e vos provar que sois espiritualistas; por isso, basta que me dirija ao vosso raciocínio. Que ireis fazer num cemitério no dia primeiro de novembro, desde que ele não conserva senão os despojos dos seres que perdestes? Por que perder tempo em levar-lhes um buquê de flores, um pensamento de amizade e uma doce lembrança? Por que evocar a sua memória, se eles não vivem mais? Por que derramar lágrimas e lhes pedir que as enxuguem ou que vos levem com eles? Respondei, vós todos que dizeis – porque os que não dizem em voz alta, pensam baixinho – que dizeis: a matéria é a única coisa que existe em nós; depois de nós, nada. Dizei: não estais em desacordo convosco mesmo? Mas rejubilai-vos, pois tendes mais fé do que imaginais. Deus, que vos criou imperfeitos, quis vos dar confiança, mau grado vosso, e sem querer compreender, sem disso ter consciência, falais a esses seres queridos, pedi-lhes que cheirem as flores que lhes ofertais, implorai-lhes amizade e proteção. Mãe! chamas a tua filha de anjo e lhe pedes preces. Filha! pedes a proteção de tua mãe e os seus conselhos. Muitos entre vós dizem: Sinto no coração a verdade do que dizeis, mas estava em desacordo com o que meus pais me ensinaram e, Espíritos tímidos que sois! vos fechais em vossa ignorância. Agi, pois, sem medo, porquanto a fé espírita está de acordo com todas as religiões, desde que diz o que todas repetem: Amor, caridade, humildade. Vede que se isto só resulta de vossa hesitação, deveis crer.”

Delphine de Girardin

Observação – A contradição de que fala o Espírito, no começo, é vista a cada instante, entre as próprias pessoas que mais fortemente negam a vida futura. Se tudo acabasse com a vida corpórea, de que serviria, com efeito, a comemoração dos seres que choramos, se eles não nos ouvem mais? Falaram-nos de um senhor

imbuído ao último ponto das idéias materialistas mais absolutas; acaba de perder o filho único e o pesar que sentiu foi tal que queria suicidar-se para ir juntar-se a ele. Ora, para ir juntar-se a quem? Aos ossos, que não são mais ele, porque os ossos não pensam.

A REENCARNAÇÃO

Médium – Srta. Eugénie

Nota – Na sessão da Sociedade em que foi recebido o ditado precedente, o Espírito da Sra. de Girardin, solicitada a dar outro sobre a reencarnação, respondeu: “Oh! não penso em outra coisa. A médium está habituada a me ver fazer o que nem sempre lhe agrada, e tendes razão.” Esta última frase é uma alusão a certas idéias particulares da médium, a propósito da reencarnação.

“A reencarnação é uma coisa lógica; toca os nossos sentidos. Assim, pois, trata-se somente de refletir, de querer examinar bem à nossa volta. Não tereis de olhar senão para dentro de vós mesmos para encontrar as provas da reencarnação. Vedes a esta mesa um bom pai de família; tem várias crianças lindas, umas de inteligência notável, outras num estado quase abjeto. De onde vem, pois, esta diferença? Mesmo pai, mesma mãe, mesma educação e, não obstante, quantos contrastes!

“Atentai para a vossa lembrança; nela não encontrareis a intuição de fatos dos quais não tendes nenhum conhecimento e que, no entanto, se retratam para vós absolutamente como se tivessem existido? Não ficais chocados, vendo um ser pela primeira vez, porque vos parece havê-lo conhecido? Sim, não é mesmo? Pois bem! isto vos prova uma vida anterior, à qual pertencestes; isto prova que a criança inteligente deve ter percorrido várias existências e, por meio delas, se depurou, ao passo que a outra talvez esteja na primeira; que a pessoa que encontrais talvez vos tenha sido íntima, e que o fato de que vos lembrais vos foi pessoal em outra vida. Prova, finalmente, que para entrar no reino de Deus

é preciso que sejais perfeitos. Vejamos! pensais que vos resta tão pouco a fazer, para crer que depois de vossa morte uns três ou quatro meses nas esferas vos bastarão⁴⁶? Não. Não acredito em tanta pretensão. Para adquirir é necessário trabalhar, e a fortuna moral não se lega como a fortuna material. Para vos depurardes, é preciso passar por vários corpos que com eles levam, em cada despojamento, uma parte das vossas impurezas.

“Se refletirdes, não podereis deixar de vos render à evidência”.

Delphine de Girardin

O DIA DOS MORTOS

Médium – Srta. Huet

Nota – Na sessão da Sociedade, de 2 de novembro, Charles Nodier, solicitado a continuar o trabalho que havia começado, responde:

“Meus caros amigos, permiti que nesta noite vos fale de um outro assunto. Na próxima vez continuarei o trabalho começado.

“Hoje é uma data que nos é pessoalmente tão consagrada que chamamos vossa atenção sobre a morte e as preces reclamadas pela maioria dos que vos antecederam. Esta semana é um período de confraternização entre o Céu e a Terra, entre os vivos e os mortos. Deveis ocupar-vos de nós mais particularmente, e de vós também; porque, meditando sobre este pensamento de que em breve, para vós, como para nós, os vivos entoarão preces por vossa alma, deveis tornar-vos melhores. Conforme a maneira pela qual tiverdes vivido aqui embaixo, sereis recebidos perante Deus. O que é a vida, afinal de contas? Uma curtíssima migração do Espírito na Terra; tempo, entretanto, em que pode acumular um

46 Alusão à opinião de algumas pessoas a respeito da vida futura.

tesouro de graças ou se preparar para cruéis tormentos. Pensai nisso, pensai no Céu, e a vida, seja qual for a que levais, vos parecerá bem amena.

Charles Nodier

A respeito de sua comunicação, foram feitas ao Espírito as seguintes perguntas:

1º Hoje os Espíritos são mais numerosos nos cemitérios que normalmente?

Resp. – Nesta época ficamos mais à vontade junto aos nossos despojos terrenos, porque os vossos pensamentos, as vossas preces ali estão conosco.

2º Os Espíritos que, nesses dias, vêm aos seus túmulos, junto aos quais ninguém ora, sofrem por se verem desamparados, enquanto outros têm parentes e amigos que lhes trazem uma prova de lembrança?

Resp. – Não há pessoas piedosas que oram por todos os mortos em geral? Pois bem! essas preces alcançam o Espírito esquecido e são, para ele, o maná celeste, que tanto caía para o preguiçoso como para o homem ativo. A prece é para o conhecido, como para o desconhecido. Deus a reparte igualmente, e os Espíritos bons que delas não mais necessitam as devolvem àqueles a quem podem ser necessárias.

3º Sabemos que a fórmula das preces é indiferente; no entanto, muitas pessoas têm necessidade de uma fórmula para fixar as idéias. Nós vos seríamos gratos se ditásseis uma a propósito. Todos nos associaremos pelo pensamento, para aplicá-la aos Espíritos que dela possam necessitar.

Resp. – Também o quero.

“Deus, criador do Universo, dignai-vos ter piedade de vossas criaturas; considerai as suas fraquezas; abreviai suas provas terrenas, se estiverem acima de suas forças; compadecei-vos dos

sofrimentos dos que deixaram a Terra e lhes inspirai o desejo de progredirem para o bem”.

4º Certamente aqui há vários Espíritos aos quais podemos ser úteis. Vamos pedir que se dêem a conhecer.

Resp. – Que pedido fazeis! Ireis ser assaltados.

5º De modo algum nos apavoramos com isso. Se não pudermos ouvir a todos, o que dissermos para um servirá para os outros.

Resp. – Pois bem! fazei o que vos ditar o coração.

Tendo sido feito um apelo, sem designação particular, a um dos Espíritos presentes, que queria comunicar-se para reclamar nossa assistência, manifestou-se o de uma personagem muito conhecida, morta há dois anos, revelando sentimentos muito diversos dos que tinha em vida, e que se estava longe de suspeitar.

ALEGORIA DE LÁZARO

Médium – Sr. Alfred Didier

Cristo gostava de um homem chamado Lázaro. Quando soube de sua morte, grande foi a sua dor e se fez levar até o seu túmulo. A irmã de Lázaro suplicava ao Senhor, dizendo: “É possível restituirdes a vida a meu irmão? Ó vós, que o amáveis tanto, devolvei-lhe a vida!”

Mundo do século dezenove, também estás morto. A fé, que é a vida dos povos, extingue-se dia-a-dia; em vão alguns crentes quiseram despertar-te de tua agonia. É muito tarde. Lázaro está morto; só Deus o pode salvar.

Então o Cristo se fez conduzir ao túmulo. Levantaram a pedra do sepulcro: cercado de faixas, o cadáver se apresentou em todo o horror da morte. Cristo lançou um olhar para o céu, tomou a mão da irmã e, levantando a outra mão para o alto, exclamou:

“Lázaro, levanta-te!” Apesar das faixas, a despeito do sudário, Lázaro despertou e se levantou.

Ó mundo, tu pareces Lázaro; nada te pode devolver a vida. Teu materialismo, tuas torpezas, teu cepticismo são outras tantas faixas que envolvem o teu cadáver, e cheiras mal, porquanto há muito tempo estás morto. Quem te gritará como a Lázaro: Em nome de Deus, levanta-te? É o Cristo que obedece ao apelo do Espírito Santo. Século, a voz de Deus se fez ouvir! Estarás mais corrupto que Lázaro?

Lamennais

O DUENDE FAMILIAR

Médium – Sra. Costel

Jamais me comuniquei convosco e me sinto muito feliz por aumentar a vossa plêiade literária. Bem sabeis, vós que lestes com tanto gosto, que intuição eu tinha por aquilo a que chamam o mundo fantástico. Muitas vezes só, nas longas noites de inverno, recolhido a um canto de meu lar solitário, eu escutava o gemido das notas plangentes do vento. Enquanto o olhar distraído seguia vagamente os desenhos inflamados do fogo, por certo o duende doméstico me entretinha, e eu não inventava Trilby: repetia o que ele me havia murmurado ao ouvido atento. Que coisa encantadora sentir que vivem à nossa volta esses hóspedes invisíveis! Com eles, nada de mistérios: eles vos amam, mau grado vosso, e vos conhecem melhor que vós mesmos. Na minha vida literária, na minha vida de homem, devo a esses amigos invisíveis os meus melhores sucessos e minhas mais caras consolações. É a minha vez de murmurar agora, aos ouvidos amigos, as coisas que o coração adivinha e não repete. É vos dizer, caro médium, que muitas vezes terei o doce privilégio de conversar convosco.

Charles Nodier

Allan Kardec



Nota Explicativa⁴⁷

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da

⁴⁷ **Nota da Editora:** Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

Revista Espírita (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo metuculoso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonía de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da

fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chegar-se à conseqüência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáveis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material

da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores Europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota

ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação preempatória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritos, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder

comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

Contém:

O relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., bem como todas as notícias relativas ao Espiritismo. – O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e o seu futuro. – A história do Espiritismo na Antigüidade; suas relações com o magnetismo e com o sonambulismo; a explicação das lendas e das crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

Publicada sob a direção
de
ALLAN KARDEC

*Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.*

ANO QUARTO – 1861

TRADUÇÃO DE EVANDRO NOLETO BEZERRA



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA



Sumário

QUARTO VOLUME – ANO DE 1861

JANEIRO

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos: **15**

O Livro dos Médiuns **22**

A “Bibliografia Católica” Contra o Espiritismo **24**

Carta Sobre a Incredulidade – 1ª parte **35**

O Espírito Batedor do Aube **46**

Ensinos Espontâneos dos Espíritos:

Os três tipos **55**

Cazotte **56**

A voz do Anjo-da-Guarda **58**

Garridice **59**

FEVEREIRO

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas:	61
O Sr. Squire	66
Escassez de Médiuns	74
Carta Sobre a Incredulidade	79
Conversas Familiares de Além-Túmulo:	
<i>O Suicídio de um Ateu</i>	89
Questões e Problemas Diversos	96
Ensino dos Espíritos:	
<i>Ano de 1860</i>	98
<i>Ano de 1861</i>	99
<i>Comentário sobre o ditado publicado sob o título de</i> <i>“O despertar do Espírito”</i>	100
<i>Os três tipos – continuação</i>	102
<i>A harmonia</i>	105

MARÇO

O Homenzinho Ainda Vive – A Propósito do Artigo do Sr. Deschanel, Publicado no <i>Journal des Débats</i>	107
A Cabeça de Garibaldi	121
Assassinato do Sr. Poincot	125
Conversas Familiares de Além-Túmulo:	
<i>Sra. Bertrand</i>	128
<i>Srta. Pauline M...</i>	134

Henri Murger **137**

O Espírito e as rosas **140**

Ensinos e Dissertações Espíritas:

A lei de Moisés e a lei do Cristo **142**

Lições familiares de moral **145**

Os missionários **148**

A França **149**

A ingratidão **151**

ABRIL

Mais uma Palavra Sobre o Sr. Deschanel **153**

O Sr. Louis Jourdan e *O Livro dos Espíritos* **156**

Apreciação da História do Maravilhoso, do Sr. Louis
Figuier, pelo Sr. Escande, Redator da *Mode Nouvelle* **168**

O Mar, pelo Sr. Michelet **180**

Conversas Familiares de Além-Túmulo:

Alfred Leroy, suicida **182**

Jules Michel **187**

Correspondência **189**

Ensinos e Dissertações Espíritas:

Vai nascer a verdade **192**

Progresso de um Espírito perverso **193**

Sobre a inveja nos médiuns **195**

MAIO

- Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas – Discurso do Sr.
Allan Kardec por Ocasião da Renovação do Ano Social **199**
- O Anjo da Cólera **209**
- Fenômenos de Transporte **213**
- Conversas Familiares de Além-Túmulo – *O Dr. Glas* **224**
- Questões e Problemas Diversos **230**
- Ensinamentos e Dissertações Espíritas:
- Sra. de Girardin* **238**
- A pintura e a música* **240**
- Festa dos Espíritos bons* **240**
- Vinde a nós* **241**
- Progresso intelectual e moral* **242**
- A inundação* **243**

JUNHO

- Channing – Discurso Sobre a Vida Futura **245**
- Correspondência – Carta do Sr. Roustaing, de Bordeaux **253**
- A Prece **260**
- Conversas Familiares de Além-Túmulo:
- O Marquês de Saint-Paul* **262**
- Henri Mondeux* **265**
- Sra. Anaïs Gourdon* **270**

Efeitos do Desespero **273**

Dissertações e Ensinos Espíritas:

Muitos os chamados, poucos os escolhidos **278**

Ocupação dos Espíritos **280**

O deboche **282**

Sobre o perispírito **284**

O Anjo Gabriel **284**

Desperta! **285**

O gênio e a miséria **286**

Transformação **287**

A separação do Espírito **288**

JULHO

Ensaio Sobre a Teoria da Alucinação **289**

Uma Aparição Providencial **296**

Conversas Familiares de Além-Túmulo – *Os amigos
não nos esquecem no outro mundo* **300**

Correspondência **304**

Desenhos Misteriosos **309**

Exploração do Espiritismo **313**

Variedades:

As visões do Sr. O. **316**

Os Espíritos e a gramática **319**

Dissertações e Ensinos Espíritas:

O papel dos médiuns nas comunicações 322

Hospital Público 326

A prece 330

AGOSTO

Aviso 333

Fenômenos Psicofisiológicos das Pessoas que Falam
de si Mesmas na Terceira Pessoa 333

Manifestações Americanas 339

Conversas Familiares de Além-Túmulo:

Dom Peyra, prior de Amilly 342

Correspondência – Carta do Sr. Mateus Sobre os
Médiuns Trapaceiros 352

Dissertações e Ensinos Espíritas:

Da influência moral dos médiuns nas comunicações 355

Dos transportes e outros fenômenos tangíveis 358

Os animais médiuns 363

Povos, silêncio! 368

Jean-Jacques Rousseau 370

A controvérsia 371

O pauperismo 373

A concórdia 374

A aurora dos novos dias 375

SETEMBRO

- O Estilo é o Homem – Polêmica Entre Vários Espíritos **377**
Conversas Familiares de Além-Túmulo – *A pena de talião* **394**
Correspondência:
Carta do Sr. Mathieu sobre a mediunidade das aves **398**
Carta do Sr. Jobard sobre os espíritas de Metz **402**
Dissertações e Ensinos Espíritas:
Um Espírito israelita a seus correligionários **408**
Variedades – *Notícia falsa* **419**

OUTUBRO

- O Espiritismo em Lyon **421**
Banquete Oferecido ao Sr. Allan Kardec **427**
Discurso do Sr. Allan Kardec **430**
Epístola de Erasto aos Espíritas Lioneses **439**
Conversas Familiares de Além-Túmulo – *Eugène Scribe* **447**
Ensinamentos e Dissertações Espíritas:
Os cretinos **451**
Se fosse um homem de bem, teria morrido **454**
Os pobres e os ricos **455**
Diferentes maneiras de fazer a caridade **456**
Roma **457**
O Coliseu **458**

A Terra Prometida **460**
Egoísmo e orgulho **462**
Sociedade Espírita de Metz **463**

NOVEMBRO

Resquícios da Idade Média – O Auto-de-fé de Barcelona **465**
Opinião de um Jornalista sobre *O Livro dos Espíritos* **470**
O Espiritismo em Bordeaux **473**

Reunião Geral dos Espíritas Bordelezes:

Discurso do Sr. Sabò **477**
Considerações sobre o Espiritismo **480**
Discurso do Sr. Allan Kardec **490**
Primeira epístola de Erasto aos espíritas de Bordeaux **501**

Banquete Oferecido a Allan Kardec pelos

Espíritas Bordelezes:

Discurso e brinde do Sr. Lacoste **506**
Brinde do Sr. Sabò **508**
Discurso do Sr. Desqueyroux **509**
Discurso e brinde do Sr. Allan Kardec **511**

Poesias do Momento, Ditadas pelo Sr. Dombre:

Os camponeses e o carvalho **514**
O ouriço, o coelho e a pega **516**

Bibliografia:

O Livro dos Médiuns, 2ª edição **517**

O Espiritismo ou Espiritualismo em Metz 518

O Fluido Universal 519

Efeitos da Prece 520

O Espiritismo na América 521

DEZEMBRO

Aviso 527

Novas Obras do Sr. Allan Kardec a Serem Publicadas

Brevemente 528

Organização do Espiritismo 528

Necrologia – Morte do Sr. Jobard, de Bruxelas 547

Auto-de-fé de Barcelona 550

A Toutinegra, o Pombo e o Peixinho – Fábula 554

O Sobrenatural 556

Meditações Filosóficas e Religiosas 562

Nota Explicativa 567



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IV

JANEIRO DE 1861

Nº 1

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

(Resumo das Atas)

Sexta-feira, 16 de novembro de 1860 – Sessão particular

Admissão de dois novos membros.

Comunicações diversas:

1º Leitura de várias dissertações recebidas fora das sessões.

2º Carta do Sr. de Porry, de Marselha, apresentando a Sociedade com a segunda edição de seu poema intitulado *Urânia*. A Sociedade agradece ao autor por lhe haver permitido apreciar o seu talento e sente-se feliz por vê-lo aplicar-se às idéias espíritas. Revestindo a forma graciosa da poesia, essas idéias têm um charme que as tornam mais facilmente aceitáveis por aqueles a quem poderia melindrar a severidade da forma dogmática.

3º Carta do Sr. L..., fornecendo novos detalhes sobre o Espírito batedor e obsessor, do qual a Sociedade já se ocupou. (Ver o relato mais adiante).

4º Carta das senhoras G..., do Departamento do Indre, sobre as brincadeiras de mau gosto e as depredações de que são vítimas há vários anos, e que atribuem a um Espírito malévolo. Trata-se de seis irmãs; malgrado todas as precauções que tomam, suas roupas são tiradas das gavetas dos móveis, mesmo fechadas a chave, e muitas vezes são cortadas em pedaços.

5º O Sr. Th... relata um caso de obsessão violenta, exercida sobre o médium por um Espírito mau, ao qual aquele conseguiu dominar e expulsar. Dirigindo-se ao Sr. Th..., esse Espírito escreveu: *Odeio-te, pois que me dominas*. Desde então, não mais apareceu e o médium deixou de ser importunado no exercício de sua faculdade.

6º O Sr. Allan Kardec cita um caso pessoal de indicação dada pelos Espíritos, notável por sua precisão. Numa conversa que ele teve na véspera com o seu Espírito familiar, disse-lhe este: “Encontrarás no *Siècle* de hoje um longo artigo sobre este assunto e que responde à tua pergunta; fomos nós que inspiramos o autor e o trabalho que ele expõe, o qual está relacionado com as grandes reformas humanitárias que se preparam. Esse artigo, de que nem o Sr. Kardec nem o médium tinham conhecimento, realmente se encontra no jornal indicado, sob o título designado, provando que os Espíritos podem estar a par das publicações do mundo material.

TRABALHO DA SESSÃO. *Ensino espontâneo*. Comunicação assinada por Cazotte, recebida pelo Sr. A. Didier. – Outra, contendo as lamúrias de um Espírito sofredor e egoísta, recebida pela Sra. Costel.

Evocações. Segunda conversa com o Espírito gastrônomo, que tomou o nome de Baltazar, e que alguém julgou

reconhecer como sendo o do Sr. G... de la R..., o que foi confirmado pelo Espírito.

Perguntas diversas. Perguntas dirigidas a São Luís sobre o Espírito batedor, ao qual se refere a carta do Sr. L..., assim como sobre o Espírito depredador das senhoras G... A propósito deste último, ele diz que será mais fácil vencer a sua resistência, considerando-se que é mais brincalhão do que mau.

Sexta-feira, 23 de novembro de 1860 – Sessão geral

Comunicações diversas. Leitura de várias dissertações obtidas fora da sessão: Entrada de um culpado no mundo dos Espíritos, assinada por Novel e recebida pela Sra. Costel. – O castigo do egoísta, pela mesma senhora. Esta comunicação dá seqüência a outra do mesmo Espírito, obtida na sessão anterior. – Outra sobre o livre-arbítrio, assinada por Marcillac. – Reflexões do Espírito de Verdade sobre as comunicações relativas ao castigo do egoísta, recebidas pelo Sr. C...

TRABALHOS DA SESSÃO. *Ensino Espontâneo.* 1^ª O duende familiar, assinado por Charles Nodier e recebido pela Sra. Costel. – 2^ª Parábola de Lázaro, assinada por Lamennais e recebida pelo Sr. A. Didier. – 3^ª O Espírito Alfred de Musset apresenta-se pela Srta. Eugénie; coloca-se à disposição para tratar de um assunto à escolha da assembleia; deixada a escolha ao seu critério, faz notável dissertação sobre as consolações do Espiritismo. Quanto à oferta feita para responder a perguntas, trata dos seguintes temas: Qual a influência da poesia sobre o Espiritismo? – Haverá uma arte espírita, como houve uma arte pagã e uma arte cristã? – Qual a influência da mulher no século XIX?

Evocações. Evocação de Cazotte, que se manifestara espontaneamente na última sessão. Foram-lhe feitas várias perguntas sobre o dom de previsão que em vida parecia possuir.

Questões e problemas diversos. – Sobre a ubiqüidade dos Espíritos nas manifestações visuais. – Sobre os Espíritos das trevas, a propósito das manifestações do Sr. Squire, que só se produzem na obscuridade.

Nota – Trataremos dessa questão em artigo especial, falando do Sr. Squire.

O Sr. Jobard lê três encantadoras poesias de sua lavra: *A felicidade dos mártires*, *A ave do paraíso* e *A anexação*, esta última uma fábula.

Sexta-feira, 30 de novembro de 1860 – Sessão particular

Assuntos administrativos. Carta coletiva assinada por vários membros, a respeito da proposta do Sr. L... As conclusões admitidas pela comissão foram aceitas pela Sociedade.

Carta do Sr. Sol..., rogando à Sociedade aceitar a sua demissão de membro da comissão, por motivo das viagens que o afastam de Paris durante a maior parte do ano. – A Sociedade exprime seu pesar pela decisão do Sr. Sol... e espera poder mantê-lo no número de seus sócios. O Sr. presidente fica encarregado de responder nesse sentido. Será providenciada a sua substituição na comissão.

Comunicações diversas:

1º Ditado espontâneo, contendo novas explicações sobre a ubiqüidade, assinado por São Luís. Discussão a respeito dessa comunicação.

2º Outra assinada por Charles Nodier, recebida por um médium estranho à Sociedade e transmitida pelo Sr. Didier, pai, a propósito do artigo do *Journal des Débats* contra o Espiritismo.

3º O Sr. D..., do Departamento de Vienne, roga insistentemente seja evocado o Sr. Jean-Baptiste D..., seu sogro. A Sociedade jamais se presta a esses tipos de solicitações, quando encerram apenas um interesse privado, sobretudo na ausência das pessoas interessadas e quando estas não são conhecidas diretamente. Entretanto, tendo em vista o caráter honrado e a posição oficial do correspondente, as circunstâncias particulares apresentadas pelo defunto e o ateísmo que este último professou durante toda a vida, pensa a Sociedade que tal evocação pode oferecer um proveitoso assunto de estudos. Em consequência, o põe na ordem do dia.

4º Vários membros relatam um interessante fenômeno de manifestação física de que foram testemunhas. Consiste no levantamento de uma pessoa pela influência mediúnica de duas jovens de 15 e 16 anos que, colocando dois dedos nas travessas da cadeira, a elevam um metro, aproximadamente, seja qual for o seu peso, do mesmo modo que o fariam com o mais leve dos corpos. Esse fenômeno foi repetido várias vezes, sempre com a mesma facilidade. (Dar-lhe-emos a explicação em artigo especial).

5º O Sr. Jobard lê um artigo de sua autoria, intitulado *A conversão de um campônio*.

TRABALHOS DA SESSÃO. *Ensino espontâneo*. Dissertação sobre a ubiqüidade, assinado por Channing e recebido pela Srta. Huet. – Outra sobre o artigo do *Journal des Débats*, assinada por André Chénier e recebida pelo Sr. A. Didier. – Outra assinada por Rachel e recebida pela Sra. Costel.

Um fato digno de nota, lembrado a propósito das duas primeiras comunicações, é que, quando um assunto de certa importância se encontra na ordem do dia, é muito comum vê-lo tratado por vários Espíritos, através de médiuns e lugares diferentes. Parece que, interessando-se pela questão, cada um deseja contribuir para o ensino que resultará de tais comunicações.

Evocações:

1º Jean-Baptiste D..., referida acima, e de seu irmão, ambos materialistas e ateus. A situação do primeiro, que se suicidou, é deveras lamentável.

2º Evocação do Sr. C. de B..., de Bruxelas, a pedido do Sr. Jobard, que o conhecera pessoalmente.

Sexta-feira, 7 de dezembro de 1860 – Sessão particular

Admissão do Sr. C..., professor em Paris, como sócio livre.

Comunicações diversas. Leitura de uma dissertação assinada pelo Espírito de Verdade, recebida em sessão particular, em casa do Sr. Allan Kardec, a propósito da definição de arte, bem como da distinção entre a arte pagã, a arte cristã e a arte espírita.

O Sr. Theub... completa essa definição dizendo que se pode considerar a arte pagã como sendo a expressão do sentimento material; a arte cristã, expressão da expiação e a arte espírita, expressão do triunfo.

TRABALHOS DA SESSÃO. *Ensino espírita espontâneo.* Dissertação assinada por Lamennais, recebida pelo Sr. A. Didier. – Outra assinada por Charles Nodier, recebida pela Srta. Huet. Continua o assunto iniciado a 24 de agosto de 1860, embora ninguém lhe tivesse guardado a lembrança e o pudesse recordar. – Outra, assinada por Georges e recebida pela Sra. Costel.

Evocação do Dr. Kane, viajante americano e explorador do pólo norte, o qual descobriu um mar livre além do círculo dos gelos polares. Apreciação muito justa da parte do Espírito sobre os resultados dessa descoberta.

Questões diversas. Perguntas dirigidas a Charles Nodier sobre as causas que podem influir na natureza das comunicações

em certas sessões, notadamente nesse dia, em que os Espíritos não tiveram a sua eloquência habitual. Discussão a respeito desse ponto.

Sexta-feira, 14 de dezembro de 1860 – Sessão geral

O Sr. Indermuhle, de Berna, presenteia a Sociedade com uma brochura alemã publicada em Glaris, em 1855, intitulada: *A eternidade já não é segredo ou As mais evidentes revelações sobre o mundo dos Espíritos.*

Comunicações diversas:

1º Leitura de uma evocação muito interessante e de várias dissertações espíritas obtidas fora das sessões.

2º Fato de manifestação visual relatado pelo Sr. Indermuhle na carta que dirigiu à Sociedade.

3º Fato pessoal ocorrido com o Sr. Allan Kardec, e que pode ser considerado como uma prova de identidade do Espírito de antigo personagem. A Srta. J... recebeu várias comunicações de João Evangelista, sempre com uma escrita muito característica e completamente diferente da sua caligrafia habitual. Tendo o Sr. Allan Kardec, a pedido seu, evocado aquele Espírito por intermédio da Sra. Costel, constatou-se que a escrita tinha exatamente o mesmo caráter da da Srta. J..., embora a nova médium desconhecesse o fato; além disso, o movimento da mão tinha uma delicadeza fora do comum, o que constituía, ainda, uma similitude; enfim, as respostas concordavam em todos os pontos com as que tinham sido dadas através da Srta. J..., e nada havia na linguagem que não estivesse à altura do Espírito evocado.

4º Notícia remetida pelo Sr. D... sobre um caso notável de visão e de revelação, ocorrido com um agricultor poucos dias antes de sua morte.

TRABALHOS DA SESSÃO – *Comunicações espíritas espontâneas*. Os três tipos: Hamlet, Tartufe e Don Juan, assinada por Gerard de Nerval e recebida pelo Sr. A. Didier. – Fantasia, assinada por Alfred de Musset e recebida pela Sra. Costel. – O julgamento, assinada por Leão X e recebida pela Srta. Eugénie.

Evocação do agricultor, do qual falamos pouco acima. Ele dá algumas explicações sobre suas visões. Notável particularidade é a ausência absoluta de ortografia e uma linguagem completamente semelhante à da gente do campo.

Questões diversas dirigidas a São Luís sobre os fatos relacionados com a evocação tratada acima.

O Livro dos Médiuns

Anunciada há muito tempo, mas com a publicação retardada em virtude de sua própria importância, esta obra aparecerá entre os dias 5 e 10 de janeiro, na livraria do Sr. Didier, nosso editor, localizada no Quai des Augustins, 35¹. Representa o complemento de *O Livro dos Espíritos* e encerra a parte experimental do Espiritismo, assim como este último contém a parte filosófica.

Fruto de longa experiência e de laboriosos estudos, nesse trabalho procuramos esclarecer todas as questões que se ligam à prática das manifestações. De acordo com os Espíritos, contém a explicação teórica dos diversos fenômenos, bem como das condições em que os mesmos se podem reproduzir. Não obstante, sobretudo a matéria relativa ao desenvolvimento e ao exercício da mediunidade mereceu de nossa parte uma atenção toda especial.

1 Ela é igualmente encontrada nos escritórios da *Revista Espírita*, Rua Sainte-Anne, 59, passagem Sainte-Anne. Um grande volume in-18, de 500 páginas; Paris, 3 fr. 50; pelo Correio, 4 fr.

O Espiritismo experimental é cercado de muito mais dificuldades do que geralmente se pensa, e os escolhos aí encontrados são numerosos. É isso que ocasiona tantas decepções aos que dele se ocupam, sem a experiência e os conhecimentos necessários. Nosso objetivo foi o de prevenir contra esses escolhos, que nem sempre deixam de apresentar inconvenientes para quem se aventure sem prudência por esse terreno novo. Não podíamos negligenciar um ponto tão capital, e o tratamos com o cuidado que a sua importância reclama.

Os inconvenientes quase sempre se originam da leviandade com que é tratado problema tão sério. Sejam quais forem, os Espíritos são as almas dos que viveram, no meio das quais estaremos infalivelmente, de um momento para outro. Todas as manifestações espíritas, inteligentes ou não, têm, pois, por objeto, pôr-nos em contato com essas mesmas almas; se respeitamos os seus restos mortais, com mais forte razão devemos respeitar o ser inteligente que sobrevive e que constitui a sua verdadeira individualidade. Fazer das manifestações uma brincadeira é faltar com o respeito que talvez amanhã reclamaremos para nós mesmos, e que jamais é violado impunemente.

O primeiro momento de curiosidade causado por esses estranhos fenômenos já passou. Hoje, que se lhes conhece a fonte, guardemo-nos de profaná-la com brincadeiras descabidas e nos esforcemos por nela haurir o ensinamento apropriado que nos assegurará a felicidade futura. O campo é muito vasto e o objetivo por demais importante para cativar toda a nossa atenção. Até hoje, todos os nossos esforços tenderam para fazer o Espiritismo entrar neste caminho sério. Se esta nova obra, tornando-o ainda mais bem conhecido, puder contribuir para impedir que o desviem de sua destinação providencial, estaremos amplamente recompensados de nossos cuidados e de nossas vigílias.

Não negamos que esse trabalho suscitará mais de uma crítica da parte daqueles a quem incomoda a severidade dos princípios, bem como dos que, vendo as coisas de um outro ponto de vista, já nos acusam de querer fazer escola no Espiritismo. Se fazer escola é procurar nesta ciência um fim útil e proveitoso para a Humanidade, teríamos o direito de nos sentir envaidecidos com essa acusação. Mas uma tal escola não necessita de outro chefe que não seja o bom-senso das massas e a sabedoria dos Espíritos bons, que a teriam criado sem a nossa participação. Eis por que declinamos da honra de a ter fundado, felizes de nos colocarmos sob a sua bandeira, não aspirando senão o modesto título de propagador. Se for necessário um nome, inscreveremos em seu frontispício: *Escola de Espiritismo Moral e Filosófico*, e para ela convidaremos todos quantos têm necessidade de esperanças e de consolações.

Allan Kardec

A “Bibliografia Católica” Contra o Espiritismo

Até este momento o Espiritismo não havia sido atacado seriamente. Quando certos escritores da imprensa periódica, em seus momentos de lazer, se dignaram ocupar-se dele, foi apenas para o ridicularizar. Trata-se de encher um rodapé, de fornecer um artigo a tanto por linha, não importa sobre que assunto, desde que a contagem dê certo. De que matéria tratar? Tratarei de tal coisa? pergunta a si mesmo o redator encarregado da parte recreativa do jornal. Não; é muito séria. E daquela outra? É assunto por demais repetido. Inventarei uma autêntica aventura da alta sociedade, ou da gente do povo? Nada me vem à mente neste quarto de hora e a crônica escandalosa da semana ainda está por fazer. Ah! tive uma idéia! Achei o meu assunto! Vi em algum lugar

o título de um livro que fala de Espíritos; e há em toda parte gente bastante tola para levar isto a sério. Que são os Espíritos? Nada sei sobre o assunto, mas pouco me importa! Deve ser divertido. Para falar a verdade, *eu* não acredito absolutamente em Espíritos, porque jamais os vi e mesmo que visse também não acreditaria, porque isso é impossível. Assim, nenhum homem de bom-senso pode crer neles. Ou isto é lógico, ou não me conheço. Falemos, pois, dos Espíritos, uma vez que estão na ordem do dia. Tanto esse assunto, como qualquer outro, divertirá nossos caros leitores. O tema é muito simples: “Não há Espíritos; não pode nem deve havê-los. Assim, todos que neles crêem são loucos. Mãos à obra e fantasiemos a coisa. *Ó meu bom gênio! eu te agradeço por esta inspiração!* Tu me tiras de um grande embaraço, pois nada há a dizer e preciso de meu artigo para amanhã, e dele não fazia a menor idéia”.

Mas eis um homem sério que diz: É um erro brincar com essas coisas; isto é mais sério do que se pensa; não acrediteis que se trate de moda passageira: essa crença é inerente à fraqueza da Humanidade, que em todas as épocas acreditou no maravilhoso, no sobrenatural, no fantástico. Quem imaginaria que em pleno século XIX, num século de luzes e de progresso, depois que Voltaire demonstrou tão bem que só o nada nos espera, depois de tantos sábios que procuraram a alma e não a encontraram, ainda se possa acreditar em Espíritos, em mesas girantes, em feiticeiros, em magos, no poder de Merlin o encantador, na varinha mágica, na Senhorita Lenormand? Ó Humanidade! Humanidade! aonde irás se eu não vier em teu auxílio para tirar-te do lamaçal da superstição? Quiseram matar os Espíritos pelo ridículo, e não o conseguiram; longe disso, o mal contagioso faz incessantes progressos; a zombaria parece fazer-lhe recrudescer e, se não for posto um freio, em breve a Humanidade inteira estará infestada. Considerando-se que esse meio, habitualmente tão eficaz, tornou-se impotente, é tempo que os sábios interfiram, a fim de acabar com isso de uma vez por todas. As zombarias não são argumentos; falemos em

nome da Ciência; demonstramos que em todas as épocas os homens foram imbecis por acreditarem que houvesse um poder superior ao deles; que não tivessem em si mesmos todo o poder sobre a Natureza. Provemos-lhes que tudo quanto atribuem às forças sobrenaturais se explica por simples leis da fisiologia; que a sobrevivência da alma e o seu poder de comunicar-se com os vivos é uma quimera, e que é loucura acreditar no futuro. Se, depois de ter digerido quatro volumes de boas razões, eles não se convenceram, não nos restará senão lamentar a sorte da Humanidade que, em vez de progredir, retrograda a largos passos para a barbárie da Idade Média e corre para a sua perda.

Que o Sr. Figuier possa revelar suas verdadeiras intenções, porquanto seu livro, tão pomposamente anunciado, tão elogiado pelos campeões do materialismo, produziu um resultado diametralmente oposto ao que esperava.

Mas eis que surge um novo campeão, que pretende esmagar o Espiritismo por outro meio: trata-se do Sr. *Georges Gandy*, redator da *Bibliographie Catholique*, atirando-se num corpo-a-corpo em nome da religião ameaçada. E vejam só! a religião ameaçada por aquilo a que chamais de utopia! Tendes, pois, bem pouca fé em sua força; acreditais, assim, na sua vulnerabilidade, desde que temeis que as idéias de alguns sonhadores possam abalar os seus fundamentos; assim, considerais esse inimigo de veras temível, para o atacar com tanta raiva e furor. Obtereis resultado melhor que os outros? Duvidamo-lo, já que a cólera é má conselheira. Se conseguirdes amedrontar algumas almas timoratas, não receais acender a curiosidade num maior número de outras? Julgai-o pelo fato seguinte. Numa cidade que conta com certo número de espíritas e com alguns grupos íntimos que se ocupam das manifestações, um pregador fez certo dia um sermão virulento contra o que chamava a obra do demônio, pretendendo que só este vinha falar nessas reuniões satânicas, cujos membros estavam todos notoriamente votados à danação eterna. Que aconteceu? Desde o

dia seguinte bom número de ouvintes se pôs em busca das reuniões espíritas, pedindo para ouvir os diabos falarem, curiosos de saber o que lhes diriam; porque tanto se tem falado que a gente se familiarizou com um nome que já não incute medo. Ora, nessas reuniões eles viram pessoas sérias, honradas, instruídas, orando a Deus, coisa que não faziam desde a primeira comunhão; pessoas que acreditavam em sua alma, em sua imortalidade, nas penas e recompensas futuras, trabalhando para se tornarem melhores, esforçando-se por praticar a moral do Cristo, não falando mal de ninguém, nem mesmo dos que lhes lançavam anátemas. Então aquelas criaturas compreenderam que se o diabo ensinava tais coisas é que se havia convertido. Quando os viram tratar respeitosa e piamente com os seus parentes e amigos mortos, que lhes prodigalizava consolação e sábios conselhos, não puderam admitir que tais reuniões fossem sucursais do *sabbat*, considerando-se que não viam caldeiras, nem vassouras, nem corujas, nem gatos pretos, nem crocodilos, nem livros de magia, nem trípode, nem varinhas mágicas ou quaisquer outras acessórios de feitiçaria, nem mesmo a velha de queixo e nariz aduncos. Também quiseram conversar, um com sua mãe, outro com o filho querido, parecendo-lhes difícil, ao reconhecê-los, que essa mãe e esse filho fossem demônios. Felizes por terem a prova de sua existência e a certeza de se reencontrarem num mundo melhor, perguntaram-se com que objetivo haviam querido amedrontá-los, suscitando-lhes reflexões que jamais tinham imaginado. O resultado é que gostaram mais de ir ali onde encontravam consolações, do que aos locais em que eram amedrontados.

Como vimos, esse pregador enveredou por caminho errado, sendo o caso de se dizer: Mais vale um inimigo que um amigo incompetente. O Sr. Georges Gandy espera ser mais feliz? Nós o citamos textualmente, para edificação dos nossos leitores:

“Em todas as épocas das grandes provas da Igreja e de seus próximos triunfos houve contra ela conspirações infernais, nas

quais a ação dos demônios era visível e tangível. Jamais a teurgia e a magia tiveram mais voga no seio do paganismo e da filosofia, do que no momento em que o Cristianismo se espalhava no mundo, para o subjugar. No século XVI, Lutero teve colóquios com Satã, e um redobramento de feitiçarias, de comunicações diabólicas se fez notar na Europa, enquanto na Igreja se operava a grande reforma católica que iria triplicar suas forças, quando um novo mundo lhe abria destinos gloriosos sobre um espaço imenso. No século XVIII, na véspera do dia em que o machado dos carrascos deveria retemperar a Igreja no sangue de novos mártires, a demonolatria florescia no cemitério de Saint-Médard, ao redor das tinas de Mesmer e dos espelhos de Cagliostro. Hoje, na grande luta do catolicismo contra todas as potências do inferno, a conspiração de Satã veio visivelmente em auxílio do filosofismo; o inferno quis dar, em nome do naturalismo, uma consagração à obra de violência e de astúcia que continua promovendo já há quatro séculos e que se apresta para coroar com uma suprema impostura. Aí reside todo o segredo da pretensa doutrina *espírita*, amontoado de absurdos, de contradições, de hipocrisia e de blasfêmias, como veremos a seguir, e que tenta, como a última das perfídias, glorificar o Cristianismo para o aviltar, espalhá-lo para o suprimir, afetando respeito pelo divino Salvador, a fim de arrancar na Terra tudo que Ele fecundou com seu sangue e substituir o seu reino imortal pelo despotismo dos ímpios devaneios.

“Abordando o exame dessas estranhas pretensões, que julgamos ainda não suficientemente desvendadas e condenadas, pedimos aos nossos leitores a gentileza de acompanharem nossa caminhada, um tanto longa, nessa encruzilhada diabólica, de onde a seita espera sair vitoriosa depois de haver abolido para sempre o nome divino, ante o qual a vemos dobrar os joelhos. A despeito de seus ridículos, de suas profanações revoltantes, de suas contradições sem fim, o Espiritismo constitui para nós precioso ensinamento. Jamais as loucuras do inferno haviam rendido à nossa santa religião mais deslumbrante homenagem. Jamais o havia Deus

condenado com mais soberano poder, a confirmar-se pelo testemunho destas palavras do divino Mestre: *Vos ex patre diabolo estis*”.

Este começo permite julgar a amenidade do resto. Os nossos leitores que quiserem edificar-se nessa fonte de caridade evangélica poderão permitir-se o prazer de ler a *Bibliographie Catholique*, nº 3, de setembro de 1860, Rua de Sèvres, nº 31. Ainda uma vez, por que tanta cólera, tanto fel contra uma doutrina que, como dizem, se é obra de Satã, não poderá prevalecer contra a obra de Deus, a menos que se suponha seja Deus menos poderoso que Satã, o que seria um tanto ímpio? Duvidamos muito que essa irrupção de injúrias, essa febre, essa profusão de epítetos de que o Cristo jamais se serviu contra os seus maiores inimigos, sobre os quais clamava a misericórdia de Deus e não a sua vingança, ao dizer: “Perdoai-lhes, Senhor, pois não sabem o que fazem”; duvidamos – insistimos – que uma tal linguagem seja persuasiva. A verdade é calma e não necessita de exaltação; e, com tal raiva, faríeis crer na vossa própria fraqueza. Confessamos não compreender bem esta singular política de Satã, que *glorifica o Cristianismo para o aviltar, que o espalha para o suprimir*. Em nossa opinião isto revelaria muita falta de habilidade e se assemelharia a um hortelão que, não querendo batatas, as semeasse em profusão em seu horto, a fim de lhes destruir a espécie. Quando acusamos os outros de pecar por falta de raciocínio, devemos, para ser lógicos, começar por nós mesmos.

Não sabemos muito bem por que o Sr. Georges Gandy acusa mortalmente o Espiritismo por se apoiar no Evangelho e no Cristianismo. Que diria então se se apoiasse em Maomé? Certamente muito menos, porquanto é fato digno de nota que o Islamismo, o Judaísmo, o próprio Budismo são objeto de ataques menos virulentos que as seitas dissidentes do Cristianismo. Com certa gente, é preciso ser tudo ou nada. Há, sobretudo, um ponto que o Sr. Gandy não perdoa ao Espiritismo: é o de não haver

proclamado esta máxima absoluta: “Fora da Igreja não há salvação”, e admitir que aquele que faz o bem possa ser salvo das chamas eternas, seja qual for a sua crença. Evidentemente, uma tal doutrina só poderia sair do inferno. Mas ele se trai principalmente nesta passagem:

“Que quer o Espiritismo? É uma importação americana, inicialmente protestante, e que já havia triunfado – permitam-nos dizê-lo – sobre todas as plagas da idolatria e da heresia; tais são os seus títulos em relação ao mundo. Seria, pois, das terras clássicas da superstição e das loucuras religiosas que nos viriam a verdade e a sabedoria!”

Eis aqui, por certo, uma grande ofensa. Se ele houvesse nascido em Roma seria a voz de Deus; como, porém, nasceu num país protestante, é a voz do diabo. Mas o que direis quando tivermos provado, o que faremos um dia, que ele estava na Roma cristã muito antes de estar na América protestante? Que respondereis ao fato, hoje constatado, de que há mais espíritas católicos do que espíritas protestantes?

O número das pessoas que em nada crêem, que de tudo duvidam, do próprio Deus, é considerável e cresce numa proporção assustadora. Será por vossas violências, vossos anátemas, vossas ameaças do inferno, vossas declamações furibundas que as reconduzireis? Não, porque são as vossas próprias violências que as afastam. Serão culpados por terem levado a sério a caridade, a mansuetude do Cristo e a bondade infinita de Deus? Ora, quando elas ouvem os que pretendem falar em seu nome, proferindo ameaças e injúrias, põem-se a duvidar do Cristo, de Deus, de tudo, enfim. O Espiritismo as faz compreender palavras de paz e de esperança e, como lhes pesa a dúvida e sentem necessidade de consolações, atiram-se aos braços do Espiritismo, porque preferem aquilo que sorri às coisas que apavoram. Então crêem em Deus, na missão do Cristo e na sua divina moral. Numa

palavra, de incrédulos e indiferentes, tornam-se crentes. Foi isto que ultimamente levou um padre respeitável a responder a uma de suas penitentes que o consultava sobre o Espiritismo: “Nada acontece sem a permissão de Deus; ora, Deus permite essas coisas para reavivar a fé que se extingue”. Se houvera empregado outra linguagem, talvez a tivesse afastado para sempre. Quereis a todo custo que o Espiritismo seja uma seita, quando ele não aspira senão ao título de ciência moral e filosófica, respeitando todas as crenças sinceras. Por que, então, dar uma idéia de separação àqueles que não pensam nisso? Se repelirdes os que ele reconduz à crença em Deus, se só lhes derdes o inferno como perspectiva, sereis responsáveis por uma cisão que vós mesmos tereis provocado.

São Luís nos dizia um dia: “Zombaram das mesas girantes; jamais zombarão da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias”. Enganou-se, porque não contou com o Sr. Georges Gandy. Muitas vezes os escritores se divertiram à custa dos Espíritos e de suas manifestações, sem pensar que um dia eles mesmos poderiam ser alvo das piadas de seus sucessores; porém, sempre respeitaram a parte moral da ciência. No entanto, foi reservado a um escritor católico, o que lamentamos sinceramente, expor ao ridículo as máximas admitidas pelo mais elementar bom-senso. Cita grande número de passagens de *O Livro dos Espíritos*; não aludiremos senão a algumas delas, que darão uma idéia perfeita de sua apreciação. – “Deus prefere os que o adoram do fundo do coração aos que o adoram exteriormente”. O texto de *O Livro dos Espíritos* diz: “Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, aos que julgam honrá-lo com cerimônias que não os tornam melhores para com os seus semelhantes”²; O Sr. Gandy admite o inverso; mas, como homem de boa-fé, deveria ter citado a passagem textualmente, em vez de truncá-la de maneira a lhe desnaturar o sentido.

2 N. do T.: *O Livro dos Espíritos*, questão 654.

– “Toda destruição de animais que excede os limites das necessidades é uma violação da lei de Deus”³; o que quer dizer que o princípio moral que rege os prazeres se aplica igualmente ao exercício da caça e da matança.

Precisamente; mas parece que o Sr. Gandy é caçador e pensa que Deus fez a caça, não para alimento do homem, mas para lhe proporcionar o prazer de, sem necessidade, promover a matança de animais inofensivos.

– “Os prazeres têm limites traçados pela Natureza: o limite do necessário; pelos excessos, chegamos à saciedade”. É a moral do virtuoso Horácio, um dos pais do Espiritismo.

Visto que o autor critica esta máxima, parece não admitir limites aos prazeres, o que não é muito religioso.

– “Para ser legítima, a propriedade deve ser adquirida sem prejuízo da lei de *amor* e de justiça; assim, aquele que possui, sem preencher os deveres de *caridade* que ordena a *consciência* ou a *razão individual*, é um usurpador do bem alheio; espiriticamente estamos em pleno socialismo.”

O texto diz assim: “Só é legítima a propriedade adquirida sem prejuízo de outrem. A lei de amor e de justiça proíbe fazer a outrem o que não gostaríamos que nos fosse feito; condena, por isso mesmo, todo meio de aquisição que lhe seja contrário”. Lá não se encontra: *que ordena a razão individual*; é uma pérfida adição. Não julgamos que se possa, em sã consciência, possuir à custa de justiça; o Sr. Gandy deveria dizer-nos em que casos a *espoliação* é legítima. Felizmente, os tribunais não são de sua opinião.

– “A indulgência aguarda, fora desta vida, o suicida que se vê a braços com a necessidade, que quis impedir caísse a vergonha sobre os seus filhos, ou sobre a sua família. Aliás, São

Luís, de cujas funções espíritas falaremos em breve, se digna revelar-nos que há escusas para os suicídios por amor. Quanto às penas do suicida, elas não são *determinadas*; o que é certo é que ele não escapa ao desapontamento; em outras palavras, é *pego na armadilha*, como se diz vulgarmente neste mundo”.

Esta passagem está inteiramente desnaturada pelas exigências da crítica do Sr. Gandy; seria preciso mencionar sete páginas para restabelecer o seu texto. Com tal sistema seria fácil tornar ridículas as mais belas páginas dos nossos melhores escritores. Parece que o Sr. Gandy não admite gradação nem nas faltas, nem nas penalidades de além-túmulo. Acreditamos num Deus mais justo e desejamos que o Sr. Gandy jamais tenha que reclamar em seu favor o benefício das circunstâncias atenuantes.

– “A pena de morte e a escravidão foram, são e serão contrárias à lei da Natureza. O homem e a mulher, sendo iguais perante Deus, devem ser iguais perante os homens”. Terá sido a alma errante de algum *saint-simonista*⁴ *apavorado*, à procura da mulher livre, que presenteou essa maliciosa revelação ao Espiritismo?”

Assim a pena de morte, a escravidão e a submissão da mulher, que a civilização tende a abolir, são instituições que o Espiritismo não tem direito de condenar. Ó tempos felizes da Idade Média, por que passastes sem retorno? Onde estais, fogueiras, que nos teríeis livrado dos Espíritos?

Citemos uma última passagem, das mais benignas:

“O Espiritismo não pode negar uma tal salada de contradições, de absurdos e de loucuras, que não pertencem a nenhuma filosofia, nem a nenhuma língua. Se Deus permite essas manifestações ímpias, é que deixa aos demônios, conforme ensina a Igreja, o poder de enganar os que os chamam, violando a sua lei.”

4 N. do T.: Grifos Nossos.

Então o demônio é bonzinho, porque, sem o querer, nos faz amar a Deus.

“Quanto à verdade, a Igreja no-la dá a conhecer; ela nos diz, com os Livros Sagrados, que o anjo das trevas se transforma em anjo da luz, e que seria necessário recusar até mesmo o testemunho de um arcanjo, caso fosse contrário à doutrina do Cristo, de cuja infalível autoridade é depositária; aliás ela tem meios seguros e evidentes para distinguir as seduções diabólicas das manifestações divinas.”

De fato é uma grande verdade que se deveria recusar até mesmo o testemunho de um arcanjo, caso fosse contrário à doutrina do Cristo. Ora, que diz essa doutrina, que o Cristo pregou pela palavra e pelo exemplo?

“Bem-aventurados os que são misericordiosos, porque alcançarão misericórdia”.

“Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus”.

“Aquele que se encolerizar contra seu irmão será réu de juízo; quem disser a seu irmão: *Raca*, será condenado pelo conselho; e qualquer que lhe disser: Louco, será condenado ao fogo do inferno.”

“Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos perseguem e caluniam, a fim de que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus, que faz se levante o sol sobre bons e maus, e chover sobre justos e injustos; porquanto, se não amardes senão os que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem os publicanos o mesmo?”

“Sede, pois, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai que está nos céus”.

“Não façais aos outros o que não gostaríeis que eles vos fizessem”.

Sendo, pois, a caridade o princípio fundamental da doutrina do Cristo, concluímos que toda palavra e toda ação contrárias à caridade não podem ser, como dizeis com muita propriedade, senão inspiradas por Satã, ainda mesmo que este se revestisse da forma de um arcanjo. É por essa razão que diz o Espiritismo: *Fora da caridade não há salvação*.

Sobre o mesmo assunto, remetemos o leitor às nossas respostas ao jornal *Univers*, números de maio e julho de 1859, bem como à *Gazette de Lyon*, de outubro de 1860. Recomendamos igualmente aos nossos leitores, como refutação ao Sr. Gandy, a *Lettre d'un catholique sur le Spiritisme*, pelo Dr. Grand. Se o autor dessa brochura¹ está condenado ao inferno, haverá muitos outros e ali veríamos – coisa estranha – os que pregam a caridade para todos, enquanto o Céu seria reservado àqueles que lançam anátemas e maldição. Estaríamos singularmente equivocados quanto ao sentido das palavras do Cristo.

A falta de espaço obriga-nos a deixar para o próximo número algumas palavras em resposta ao Sr. Deschanel, do *Journal des Débats*.

Carta Sobre a Incredulidade

(Primeira parte)

Um dos nossos colegas, o Sr. Canu, outrora muito imbuído dos princípios materialistas, e que o Espiritismo levou a uma apreciação mais sadia das coisas, acusava-se de ter-se feito propagandista de doutrinas que hoje considera subversivas da

¹ Grand in-18, preço 1 fr.; pelo Correio: 1 fr. e 15 centavos. – No escritório da *Revista Espírita* e na Livraria Ledoyen, no Palais Royal.

ordem social. No intuito de reparar o que considera, com justa razão, uma falta, e esclarecer aqueles a quem havia transviado, escreveu a um de seus amigos uma carta, sobre a qual julgou por bem pedir a nossa opinião. Pareceu-nos que ela correspondia tão bem ao objetivo que ele se propunha, que lhe pedimos permissão para publicá-la, o que certamente agradará aos nossos leitores. Em vez de abordar francamente a questão do Espiritismo, que teria sido repellido pelas pessoas que não admitem ser a alma a sua base; sobretudo se em lugar de lhes expor sob os olhos os estranhos fenômenos que teriam negado, ou atribuído a causas ordinárias, ele remonta à sua origem. Procura, com razão, torná-las espiritualistas, antes de as tornar espíritas. Por um encadeamento de idéias perfeitamente lógico, chega à idéia espírita como conseqüência. Esta marcha, evidentemente, é a mais racional.

A extensão desta carta obriga-nos a dividir a sua publicação.

Paris, 10 de novembro de 1860.

Meu caro amigo,

Desejas uma longa carta sobre o *Espiritismo*. Esforçar-me-ei por te satisfazer como melhor puder, enquanto espero a remessa de uma importante obra sobre a matéria, a qual deve aparecer no fim do ano.

Serei obrigado a começar por algumas considerações gerais, para o que será necessário remontar à origem do homem. Isto alongará um pouco a minha carta, mas é indispensável para a compreensão do assunto.

Tudo passa! diz-se geralmente.

Sim; tudo passa. Mas em geral também se dá a esta expressão uma significação muito afastada da que lhe é própria.

Tudo passa, mas nada acaba, a não ser a forma.

Tudo passa, no sentido de que tudo marcha e segue o seu curso; mas não um curso cego e sem objetivo, embora jamais deva acabar.

O movimento é a grande lei do Universo, assim na ordem moral como na ordem física, e o fim do movimento é a progressão para o melhor. É um trabalho ativo, incessante e universal; é o que chamamos o *progresso*.

Tudo está submetido a esta lei, exceto Deus. Deus é o seu autor; a criatura lhe é instrumento e objeto.

A criação compõe-se de duas naturezas distintas: a natureza material e a natureza intelectual. Esta é o instrumento ativo; aquela é o instrumento passivo.

Esses dois instrumentos são complementos um do outro, isto é, um sem o outro seria de emprego inteiramente nulo.

Sem a natureza intelectual, ou o espírito inteligente e ativo, a natureza material, isto é, a matéria ininteligente e inerte, seria perfeitamente inútil, nada podendo por si mesma. Sem a matéria inerte dar-se-ia o mesmo com o espírito inteligente.

Mesmo o instrumento mais perfeito seria como se não existisse, caso não houvesse alguém para dele se servir.

O mais hábil operário e o sábio da mais elevada ordem seriam tão impotentes quanto o mais completo idiota, se não tivessem instrumentos para desenvolver a sua ciência e fazê-la manifestar-se.

Eis aqui o momento e o lugar de fazer notar que o instrumento material não consiste somente na plaina do marceneiro, no cinzel do escultor, na paleta do pintor, no escalpelo do cirurgião, no compasso ou na luneta do astrônomo; consiste

também na mão, na língua, nos olhos, no cérebro, numa palavra, na reunião de todos os órgãos materiais necessários à manifestação do pensamento, o que naturalmente implica a denominação de *instrumento passivo* à própria matéria sobre a qual a inteligência opera, por meio do instrumento propriamente dito. É assim que uma mesa, uma casa e um quadro, considerados nos elementos que os compõem, não são menos instrumentos que a serra, a plaina, o esquadro, a colher de pedreiro e o pincel que os produziram, que a mão e os olhos que os dirigiram; enfim, que o cérebro que presidiu a essa direção. Ora, tudo isto, inclusive o cérebro, foi o instrumento complexo de que se serviu a inteligência para manifestar o seu pensamento, sua vontade, que era produzir uma forma, e essa forma ou era uma mesa, ou uma casa, ou um quadro, etc.

Inerte por natureza, disforme por essência, a matéria não adquire propriedades úteis senão pela forma que se lhe imprime, o que levou um célebre fisiologista a dizer que a forma era mais necessária que a matéria, proposição talvez um tanto paradoxal, mas que prova a superioridade do papel desempenhado pela forma nas modificações da matéria. É conforme essa lei que o próprio Deus, se assim me posso exprimir, dispôs e modificou incessantemente os mundos e as criaturas que os habitam, de acordo com as formas que melhor convêm aos seus propósitos para a harmonização do Universo. E é sempre segundo essa mesma lei que as criaturas inteligentes, agindo incessantemente sobre a matéria, como o próprio Deus, mas secundariamente, concorrem para a sua transformação contínua, transformação em que cada grau, cada estágio é um passo no progresso, ao mesmo tempo que manifestação da inteligência que lhe deu origem.

É desse modo que tudo na criação está em movimento e sempre em progresso; que a missão da criatura inteligente é ativar esse movimento no sentido do progresso, o que realiza muitas vezes mesmo sem o saber; que o papel da criatura material é

obedecer a esse movimento e manifestar o progresso da criatura inteligente; que a Criação, enfim, considerada em seu conjunto ou em suas partes, realiza incessantemente os desígnios de Deus.

Quantas criaturas inteligentes (sem sair do nosso planeta) desempenham uma missão da qual estão longe de suspeitar! E confesso que, de minha parte, ainda há bem pouco tempo eu era desse número. Nem por isso me sentiria constrangido em deixar aqui algumas palavras sobre a minha própria história. Haverás de perdoar-me essa pequena digressão, que pode ter seu lado útil.

Educado na escola do dogma católico, não tendo desenvolvido a reflexão e o exame senão muito tarde, por muito tempo fui um crente fervoroso e cego; por certo não o esqueceste.

Mas sabes, também, que mais tarde caí no excesso contrário: da negação de certos princípios que minha razão não podia admitir, concluí pela negação absoluta. Sobretudo me revoltava o dogma da eternidade das penas. Eu não podia conciliar a idéia de um Deus, que me diziam infinitamente misericordioso, com a de um castigo perpétuo para uma falta passageira. O quadro do inferno, suas fornalhas, suas torturas materiais me parecia ridículo e uma paródia do Tártaro dos pagãos. Recapitulei minhas impressões de infância e lembrei-me de que, por ocasião da minha primeira comunhão, diziam-nos que não havia necessidade de orar pelos danados, porque isso de nada lhes serviria; aquele que não tivesse fé era votado às chamas, bastando uma dúvida sobre a infalibilidade da Igreja para se ser condenado às penas eternas; que o próprio bem que fizéssemos aqui não nos poderia salvar, considerando-se que Deus colocava a fé acima das melhores ações humanas. Essa doutrina me tornara impiedoso, endurecendo-me o coração. Olhava os homens com desconfiança e, à mais leve falta, eu cria ver ao meu lado um condenado de quem devia fugir como da peste, e ao qual, em minha indignação, eu teria recusado um

copo de água, dizendo-me a mim mesmo que Deus lhe recusaria ainda mais. Se ainda houvesse fogueiras, eu teria empurrado para elas todos os que não tivessem a fé ortodoxa, fosse ainda o meu próprio pai. Nesse estado de espírito eu não podia amar a Deus: tinha medo dele.

Mais tarde uma porção de circunstâncias demasiado longas para enumerar, vieram abrir-me os olhos e eu rejeitei os dogmas que não se conciliavam com a minha razão, porque ninguém me havia ensinado a pôr a moral acima da forma. Do fanatismo religioso caí no fanatismo da incredulidade, a exemplo de tantos companheiros de infância.

Não entrarei em detalhes, que nos levariam muito longe. Apenas acrescentarei que, depois de haver perdido durante quinze anos a doce ilusão da existência de um Deus infinitamente bom, poderoso e sábio, da existência e da imortalidade da alma, enfim hoje encontro de novo, não uma ilusão, mas uma certeza tão completa quanto à de minha existência atual, quanto a de te escrever neste momento.

Eis, meu amigo, o grande acontecimento de nossa época, o grande acontecimento que nos é dado ver realizar-se em nossos dias: a prova material da existência e da imortalidade da alma.

Voltemos ao fato; mas para te fazer melhor compreender o Espiritismo, vamos remontar à origem do homem, não nos detendo nesse assunto por muito tempo.

É evidente que os globos que povoam a imensidão não foram feitos unicamente tendo em vista a sua ornamentação. Têm também uma finalidade útil, ao lado da agradável: a de produzir e alimentar os seres vivos materiais, que são instrumentos apropriados e dóceis a essa multidão infinita de criaturas inteligentes que povoam o espaço e que são, definitivamente, a

obra-prima, ou melhor, o objetivo da criação, pois que só elas têm a faculdade de conhecer, admirar e adorar o seu autor.

Cada um dos globos espalhados no espaço teve o seu começo, em relação à sua forma, num tempo mais ou menos recuado. Quanto à idade da matéria que o compõe, é um segredo que não nos importa aqui conhecer, uma vez que a forma é tudo para o objeto que nos ocupa. Com efeito, pouco nos importa que a matéria seja eterna, ou apenas de criação anterior à formação do astro, ou, finalmente, contemporânea a essa formação. O que é preciso saber é que o astro foi formado para ser habitado. Talvez não seja um despropósito acrescentar que essas formações não são feitas em um dia, como dizem as Escrituras; que um globo não sai repentinamente do nada já coberto de florestas, de prados e de habitantes, como Minerva saiu armada, dos pés à cabeça, da cabeça de Júpiter. Não; Deus procede, certamente, com mais lentidão; tudo segue uma lei lenta e progressiva, não porque Ele hesite ou tenha necessidade de lentidão, mas porque essas leis são assim e são imutáveis. Aliás, aquilo a que nós, seres efêmeros, chamamos *lentidão*, não o é para Deus, para quem o tempo nada representa.

Eis, pois, um globo em formação ou, se quiseses, já formado. Devem transcorrer ainda muitos séculos ou milhares de séculos antes que ele seja habitável, mas enfim chega o momento. Depois de modificações numerosas e sucessivas em sua superfície, pouco a pouco começa a se cobrir de vegetação (falo da Terra, não pretendendo fazer, a não ser por analogia, a história dos outros globos, cujo fim, evidentemente, é o mesmo, mas cujas modificações físicas podem variar). Ao lado da vegetação aparece a vida animal, uma e outra na sua maior simplicidade, pois sendo esses dois ramos do reino orgânico necessários um ao outro, fecundam-se mutuamente, alimentam-se reciprocamente, elaborando de comum acordo a matéria inorgânica, para torná-la cada vez mais apropriada à formação de seres sempre mais perfeitos, até que ela tenha atingido o ponto de poder produzir e

alimentar o corpo que deve servir de habitação e de instrumento ao *ser* por excelência, isto é, ao ser intelectual que dele deve servir-se; que, por assim dizer, o espera para manifestar-se, pois, sem ele, não poderia fazê-lo.

Eis que chegamos ao homem! Como se formou ele? Ainda aí não é o problema. Formou-se segundo a grande lei da formação dos seres, eis tudo. Pelo fato de não ser conhecida, essa lei não deixa de existir. Como se formaram os primeiros exemplares de cada espécie de plantas? Os primeiros indivíduos de cada espécie de animal? Cada um deles se formou à sua maneira, segundo a mesma lei. O que é certo é que Deus não teve necessidade de se transformar em oleiro, nem de sujar as mãos no barro para formar o homem, nem de lhe arrancar uma costela para formar a mulher. Esta fábula, aparentemente absurda e ridícula, pode muito bem ser uma figura engenhosa, ocultando um sentido penetrável por Espíritos mais perspicazes que o meu; mas como disso nada entendo, vou me deter aqui.

Finalmente, eis o homem material habitando a Terra, ele próprio habitado por um ser imaterial, do qual é apenas o instrumento. Incapaz de algo por si mesmo, como a matéria em geral, não se torna apto para qualquer coisa senão pela inteligência que o anima; mas essa mesma inteligência, criatura imperfeita como tudo quanto é criatura, isto é, como tudo quanto não é Deus, tem necessidade de aperfeiçoar-se, e é precisamente em vista desse aperfeiçoamento que o corpo lhe foi dado, porquanto, sem a matéria, o Espírito não poderia manifestar-se, nem, conseqüentemente, melhorar-se, esclarecer-se e progredir, enfim.

Considerada coletivamente, a Humanidade é comparável ao indivíduo. Ignorante na infância, ela se esclarece à medida que os anos avançam, o que se explica naturalmente pelo mesmo estado de imperfeição em que se achavam os Espíritos, para cujo avanço a Humanidade foi feita. Mas quanto ao Espírito,

considerado individualmente, não será numa única existência que poderá adquirir a soma de progresso que é chamado a realizar. Eis por que um número mais ou menos grande de existências corpóreas lhe são necessárias, conforme o emprego que tiver feito de cada uma delas. Quanto mais houver trabalhado para o seu adiantamento em cada existência, menos existências terá de suportar; e como cada existência corpórea é uma prova, uma expiação, um verdadeiro purgatório, tem interesse de progredir o mais rapidamente possível, a fim de sofrer menor número de provas, pois o Espírito não retrograda. Para ele cada progresso realizado é uma conquista assegurada, que não lhe poderá ser retirada. De acordo com esse princípio, hoje demonstrado, torna-se evidente que ele alcançará mais cedo o objetivo, quanto mais depressa caminhar.

Resulta do que precede que cada um de nós não se acha, hoje, em nossa primeira existência corporal, por muito que nos encontremos distanciados da última, porque nossas existências primitivas devem ter-se passado em mundos muito inferiores à Terra, à qual só chegamos quando nosso Espírito alcançou um estado de perfeição compatível com esse astro. Do mesmo modo, à medida que progredimos passamos a mundos superiores, sob todos os aspectos muito mais adiantados que a Terra, e isso de degrau em degrau, avançando sempre para o melhor. Mas antes de deixar um globo, parece que nele passamos várias existências, cujo número, todavia, não é limitado, mas subordinado à soma de progresso que houvermos realizado.

Prevejo uma objeção em teus lábios. Dir-me-ás que tudo isto pode ser verdadeiro, mas como não me lembro de nada, o mesmo ocorrendo com os outros, tudo quanto se tiver passado em nossas precedentes existências é como se não se tivesse passado. E, se acontece o mesmo em cada nova existência, ao meu Espírito pouco importa ser imortal ou morrer com o corpo, se, conservando a sua individualidade, não tem consciência de sua

identidade. Com efeito, para nós seria a mesma coisa, mas não é assim. Não perdemos a lembrança do passado senão durante a vida corporal, para readquiri-la com a morte, isto é, quando o Espírito despertar em sua verdadeira existência, a de Espírito livre, em relação à qual as existências corpóreas podem ser comparadas ao que o sono representa para o corpo.

Em que se tornam as almas dos mortos enquanto esperam uma nova reencarnação?

As que não deixam a Terra ficam errantes em sua superfície, vão sem dúvida aonde lhes apraz, ou, pelo menos, aonde podem, conforme o seu grau de adiantamento, mas, em geral, pouco se afastam dos vivos, principalmente daqueles a quem são afeiçoadas, quando têm afeição por alguém, a menos que lhes sejam impostos deveres a cumprir alhures. Estamos, pois, em todos os momentos, cercados por uma multidão de Espíritos conhecidos e desconhecidos, amigos e inimigos, que nos vêem, nos observam e nos ouvem; alguns participam de nossas penas, bem como de nossas alegrias; outros sofrem com os nossos prazeres ou gozam com as nossas dores, enquanto outros, finalmente, mostram-se indiferentes a tudo, exatamente como acontece na Terra, entre os mortais, cujas afeições, antipatias, vícios e virtudes são conservados no outro mundo. A diferença é que os bons desfrutam na outra vida de uma felicidade desconhecida na Terra, o que se compreende muito bem; não têm necessidades materiais a satisfazer, nem obstáculos do mesmo gênero a ultrapassar. Se viveram bem, isto é, se nada têm ou pouco têm a se censurar em sua última existência corporal, gozam em paz o testemunho de sua consciência e do bem que fizeram. Se viveram mal, se foram maus, como lá estão a descoberto não podem mais dissimular sob o envoltório material, sofrendo a presença daqueles a quem ofenderam, desprezaram e oprimiram, bem como a impossibilidade, em que se encontram, de subtrair-se aos olhares de todos. Sofrem, finalmente, pelo remorso que os corrói, até que o arrependimento os venha aliviar, o que acontece mais cedo ou mais

tarde, ou que uma nova encarnação os afaste, não às vistas de outros Espíritos, mas às próprias vistas, tirando-lhes momentaneamente a consciência de sua identidade. Desse modo, perdendo a lembrança do passado, sentem-se aliviados. Mas também é, para eles, o momento em que começa uma nova prova. Se dela tiverem a sorte de sair melhorados, gozarão o progresso realizado; se não se melhorarem, reencontrarão os mesmos tormentos, até que, finalmente, se arrependam ou aproveitem uma nova existência.

Há um outro gênero de sofrimento: o experimentado pelos piores e mais perversos Espíritos. Inacessíveis à vergonha e ao remorso, estes não sentem os seus tormentos, embora seus sofrimentos sejam ainda mais vivos, porquanto, sempre inclinados ao mal, mas impotentes para o fazer, sofrem de inveja ao ver os outros mais felizes ou melhores que eles próprios, ao mesmo tempo sofrendo a raiva de não poderem saciar o seu ódio e entregar-se a todas as suas más inclinações. Oh! estes sofrem muito, mas, como te disse, sofrerão apenas enquanto não se melhorarem, ou, em outros termos, até o dia em que melhorarem. Muitas vezes não prevêem esse termo; são tão maus, tão enceguecidos pelo mal, que não suspeitam a existência, ou a possibilidade da existência de um melhor estado de coisas, não imaginando, conseqüentemente, que seu sofrimento deve acabar um dia. É isso que os torna insensíveis ao mal e lhes agrava os tormentos. Como, porém, nem sempre podem fugir à sorte comum que Deus reserva, sem exceção, a todas as criaturas, chega finalmente um momento em que lhes é preciso seguir a rota ordinária; algumas vezes esse dia está mais próximo do que se poderia supor ao observar a sua perversidade. Foram vistos alguns que se converteram subitamente, e de repente seus sofrimentos cessaram; entretanto, ainda lhes restam rudes provas a suportar na Terra, em sua próxima encarnação. É preciso que se depurem, expiando as próprias faltas, e isto, definitivamente, é mais que justo; pelo menos não temem mais a perda do progresso realizado, pois não podem retroceder.

Eis aí, meu amigo, da mais clara e sucinta maneira, a exposição da filosofia do Espiritismo, tal qual me era possível fazê-lo numa carta. Dela encontrarás desenvolvimentos mais completos, até este momento, e os mais satisfatórios, em *O Livro dos Espíritos*, fonte onde bebi aquilo que me fez o que sou.

Passemos agora à prática.

(Conclusão no próximo número)

O Espírito Batedor do Aube

Um dos nossos assinantes transmite-nos detalhes muito interessantes sobre manifestações que ocorreram, e ainda ocorrem, numa localidade do Departamento do Aube, cujo nome silenciaremos, mesmo considerando que a pessoa em cuja casa se dão esses fenômenos não se preocupa absolutamente em ser assaltada pela visita de numerosos curiosos, e apesar dessas manifestações barulhentas já lhe terem produzido vários dissabores. Aliás, nosso correspondente relata como testemunha ocular e nós o conhecemos bastante para saber que ele é digno de confiança. Extraímos as passagens mais interessantes de seu relato:

“Há quatro anos (em 1856), na cidade onde resido, em casa do Sr. R..., ocorreram manifestações que lembram, até certo ponto, as de Bergzabern; então eu não conhecia aquele senhor, só travando conhecimento com ele mais tarde, de sorte que foi por ter ouvido dizer que fiquei sabendo do que se passava naquela época. Havendo as manifestações cessado há muito tempo, o Sr. R... já se julgava livre delas quando, pouco depois, recomeçaram como antigamente. Pude, então, testemunhá-las durante vários dias seguidos. Contarei, portanto, o que vi com os meus próprios olhos.

“A pessoa que é objeto dessas manifestações é o filho do Sr. R..., de dezesseis anos; tinha, portanto, apenas doze quando elas se produziram pela primeira vez. É um rapaz de inteligência excessivamente limitada, não sabe ler nem escrever e raramente sai de casa. Quanto às manifestações que ocorreram em minha presença, com exceção do balançar do leito e da suspensão magnética, o Espírito imitou mais ou menos em tudo o de Bergzabern; as pancadas e as arranhaduras foram as mesmas; assoviava, imitava o ruído da lima e da serra e atirou no quarto pedaços de carvão vindos não se sabe de onde, desde que não os havia no aposento em que estávamos. Os fenômenos geralmente se produzem quando o jovem está deitado e começa a dormir. Durante o sono fala ao Espírito com autoridade e assume o tom de comando de um oficial superior a ponto de enganar os outros, embora jamais tenha assistido a exercícios militares; simula um combate, comanda a manobra, alcança a vitória e se julga nomeado general no campo de batalha. Quando ordena ao Espírito que desfira certo número de golpes, acontece algumas vezes que este dá mais do que lhe é ordenado. Então o garoto pergunta: ‘Como farás para tirar as pancadas que deste a mais?’ Então o Espírito se põe a raspar, como se apagasse algo. Quando o menino comanda, fica numa grande agitação e por vezes grita tão forte que sua voz se extingue numa espécie de estertor. Ao ser comandado, o Espírito bate todas as marchas francesas e estrangeiras, mesmo as dos chineses. Não pude verificar a sua exatidão, pois não as conheço. Mas muitas vezes acontecia ao menino dizer: ‘Não é assim! Recomece!’ E o Espírito obedecia. Devo dizer de passagem que durante o sono o menino é muito grosseiro ao comandar.

“Numa noite em que eu assistia a uma dessas cenas, já havia cinco horas que o filho R... se achava em grande agitação. Tentei acalmá-lo por meio de alguns passes magnéticos, mas logo se tornou furioso e revolveu todo o leito. No dia seguinte deitou-se à minha chegada e, como de costume, dormiu ao cabo de alguns minutos; então as pancadas e arranhaduras começaram. De repente

disse ao Espírito: 'Vem cá; eu vou te adormecer'. E, para grande surpresa nossa, magnetizou-o, apesar da resistência do Espírito, que parecia recusar-se; pelo menos é o que pude depreender da conversa que eles tiveram juntos. Depois o despertou, desmagnetizando-o como o teria feito um magnetizador profissional. Percebi, então, que dava a impressão de recolher muito fluido, que me lançou, apostrofando-me e injuriando-me. Ao despertar, não guardava nenhuma recordação do que havia ocorrido.

“Longe de se atenuarem, os fatos se agravam cada vez mais de modo aflitivo, para exasperação do Espírito, que por certo teme perder o domínio que exerce sobre o rapaz. Quis perguntar-lhe o nome e os antecedentes, mas só logrei mentiras e blasfêmias. Devo dizer agora que ele fala pela boca de um rapaz, que lhe serve de médium falante. Tentei inutilmente despertar-lhe melhores sentimentos, por meio de boas palavras; respondeu-me que a prece não exerce o menor poder sobre ele; que tentou se elevar até Deus, mas só encontrou gelo e nevoeiro. Então me chama de beato e, quando oro mentalmente, observo que se torna furioso e dá golpes redobrados. Diariamente traz objetos muito volumosos, ferro, cobre, etc. Quando lhe pergunto onde os obtém, responde que os toma das pessoas desonestas. Se lhe dou lições de moral, enfurece-se. Uma noite me disse que enquanto eu viesse ele quebraria tudo, e que não iria embora antes da Páscoa; depois me cuspiu no rosto. Tendo perguntado por que se ligava dessa forma ao jovem R..., respondeu: 'Se não fosse ele, seria outro'. O próprio pai não está livre dos assaltos desse Espírito malfazejo. Muitas vezes é interrompido em seu trabalho porque é batido, puxado pelas roupas em todas as direções e mesmo beliscado até sangrar.

“Fiz o que pude, mas os recursos já chegam ao fim. Acrescento que é tanto mais difícil obter bons resultados quanto é certo que o Sr. e a Sra. R..., apesar do desejo de livrar-se do Espírito, que lhes ocasionou verdadeiros prejuízos, e são obrigados a

trabalhar para viver, não me auxiliam, pois sua fé em Deus não tem grande consistência”.

Omitimos uma porção de detalhes que só serviriam para corroborar o que relatamos. Todavia, dissemos o bastante para mostrar que se pode dizer desse Espírito, como de certos malfeitores, que é da pior espécie.

Na sessão da Sociedade, de 9 de novembro último, foram dirigidas a São Luís as seguintes perguntas a respeito:

1. Teríeis a bondade de dizer-nos alguma coisa sobre o Espírito que obsidia o jovem R...?

Resp. – A inteligência desse rapaz é das mais fracas. Quando o Espírito se apodera dele, fica completamente alucinado, tanto mais quanto mais mergulhado no sono. Não exercendo a razão nenhum domínio sobre o seu cérebro, deixa-se obsidiar por esse Espírito turbulento.

2. Pode um Espírito relativamente superior exercer sobre outro Espírito uma ação magnética e paralisar suas faculdades?

Resp. – Um Espírito bom nada pode sobre outro, a não ser do ponto de vista moral; jamais fisicamente. A fim de paralisar pelo fluido magnético terá de agir sobre a matéria, e o Espírito não é matéria semelhante ao corpo humano.

3. Como, então, pretende o jovem R... magnetizar o Espírito e fazê-lo adormecer?

Resp. – Ele assim o julga, e o Espírito se presta à ilusão.

4. O pai deseja saber se não haveria um meio de se desembaraçar desse hóspede importuno e se o filho ainda estaria sujeito a essa prova por muito tempo.

Resp. – Quando o rapaz estiver acordado será necessário que evoquem, junto com ele, os Espíritos bons, a fim de

o pôr em contato com estes e, por esse meio, afastar os maus, que o obsidiam durante o sono.

5. Poderíamos agir assim, evocando, por exemplo, esse Espírito, a fim de o moralizar ou, quem sabe, o próprio Espírito do rapaz?

Resp. — Talvez não seja possível no momento; ambos são muito materializados. É preciso agir diretamente sobre o corpo do ser vivo, por meio da presença dos Espíritos bons, que virão a ele.

6. Não compreendemos bem a resposta.

Resp. — Digo que é preciso chamar o concurso dos Espíritos bons, que poderão tornar o rapaz menos acessível às impressões dos Espíritos maus.

7. Que poderemos fazer por ele?

Resp. — O Espírito mau que o obsidia não o deixará com facilidade, já que não é fortemente repellido por ninguém. Vossas preces, vossas evocações são uma arma fraca contra ele. Seria necessário agir direta e materialmente sobre a pessoa a quem ele atormenta. Podeis orar, pois a prece é sempre boa. Mas não o conseguireis por vós mesmos, se não fordes secundados por aqueles mais interessados no caso, isto é, o pai e a mãe. Infelizmente, eles não têm essa fé em Deus que centuplica as forças, e Deus só ouve aqueles que a Ele se dirigem com confiança. Não podem, pois, queixar-se de um mal para o qual nada fazem para evitar.

8. Como conciliar a sujeição desse rapaz, dominado por tal Espírito, com a autoridade que sobre este exerce aquele, já que ordena e o Espírito obedece?

Resp. — O Espírito desse jovem é pouco adiantado moralmente, mas o é mais do que se pensa, em inteligência. Em outras existências abusou de sua inteligência, não dirigida para um

fim moral, mas, ao contrário, para objetivos ambiciosos. Agora se encontra em punição num corpo que não lhe permite dar livre curso à inteligência, e o Espírito mau aproveita a sua fraqueza. Este se deixa levar por questões de somenos importância, porque sabe que o jovem é incapaz de lhe ordenar coisas sérias: ele o diverte. A Terra está repleta de Espíritos assim, em punição em corpos humanos; eis por que nela há tantos males, e dos mais variados tipos.

Observação – A observação vem apoiar esta explicação. Durante o sono, o jovem demonstra uma inteligência incontestavelmente superior à de seu estado normal, o que prova um desenvolvimento anterior, porém reduzido a estado latente sob esse envoltório grosseiro. Somente nos momentos de emancipação da alma, nos quais não sofre tanto a influência da matéria, é que sua inteligência se manifesta, ocasião em que exerce também uma espécie de autoridade sobre o ser que o subjuga. Mas, voltando ao estado de vigília, suas faculdades se aniquilam sob o envoltório material que as comprime. Não está aí um ensino moral prático?

Alguém manifesta o desejo de evocar esse Espírito, mas nenhum dos médiuns presentes se interessa em servir-lhe de intérprete. A Srta. Eugénie, que também havia mostrado repugnância, tomou de repente o lápis num movimento involuntário e escreveu:

1. Não queres? Pois sim! Tu escreverás. Certamente pensas que não te dominarei. Eis-me aqui. Mas não te espantes tanto. Farei com que vejas minha força.

Nota – Nesse momento o Espírito faz a médium dar um grande murro na mesa e quebrar vários lápis.

2. Já que estais aqui, dizei por que motivo vos ligastes ao filho do Sr. R...

Resp. – Seria preciso, creio, que eu vos fizesse confidências! Antes de tudo, sabei que tenho grande necessidade de atormentar alguém. Um médium sensato me repeliria. Apego-me a um idiota, que não me opõe nenhuma resistência.

3. *Nota* – Alguém argumenta que, malgrado esse ato de covardia, esse Espírito não deixa de ter inteligência. Ele responde sem que lhe tenham perguntado diretamente:

Resp. – Um pouco. Não sou tão tolo quanto pensais.

4. Que éreis quando vivo?

Resp. – Não era grande coisa; um homem que fez mais mal do que bem e que é cada vez mais punido.

5. Já que sois punido por ter feito mal, deveríeis compreender a necessidade de fazer o bem. Não desejais melhorar?

Resp. – Se quiserdes auxiliar-me, eu perderia menos tempo.

6. Não pedimos mais que isso, mas é necessário que tenhais vontade. Orai conosco, isto vos ajudará.

Resp. – (Aqui o Espírito dá uma resposta blasfema).

7. Basta! Não queremos ouvir mais. Esperávamos despertar em vós alguns sentimentos bons; foi com esse objetivo que vos chamamos. Mas desde que só respondeis à nossa benevolência com palavras vis, podeis retirar-vos.

Resp. – Ah! aqui esbarra a vossa caridade! Porque pude resistir um pouco, vejo que essa caridade logo pára; é que não valeis mais do que eu. Sim, poderíeis moralizar-me mais do que pensais, se soubésseis dar provas disso, primeiro no interesse do idiota que sofre, do pai que não se assusta muito e finalmente no meu, se assim vos agrada.

8. Dizei vosso nome, a fim de que possamos chamá-lo.

Resp. – Oh! meu nome pouco importa. Chamai-me, se quiserdes, o Espírito do jovem idiota.

9. Se vos quisemos fazer calar é porque dissestes uma palavra sacrílega.

Resp. – Ah! Ah! o senhor chocou-se! Para saber o que há na lama é preciso revolvê-la.

10. Alguém diz: Esta imagem é digna do Espírito: é ignóbil.

Resp. – Quereis poesia, moço? Ei-la: Para conhecer o perfume da rosa é preciso cheirá-la.

11. Já que dissestes que vos poderíamos auxiliar a vos tornardes melhor, um dos senhores presentes se oferece para vos instruir. Quereis atendê-lo quando vos evocar?

Resp. – Antes de tudo, quero ver se me convém. (Depois de alguns instantes de reflexão acrescenta): Sim; irei.

12. Por que o filho do Sr. R... se enfurecia quando o Sr. L... queria magnetizá-lo?

Resp. – Não era ele que se encolerizava; era eu.

13. Por quê?

Resp. – Não tenho nenhum poder sobre esse homem, razão por que não posso suportá-lo. Ele quer arrebatá-me aquele que tenho sob o meu domínio, e isso não admito.

14. Deveis perceber à vossa volta Espíritos mais felizes que vós. Sabeis por quê?

Resp. – Sei muito bem; eles são melhores do que eu.

15. Compreendeis então que, se ao invés de fazer o mal, fizésseis o bem, seríeis feliz como eles?

Resp. – Não desejava mais que isso; mas é difícil fazer o bem.

16. Talvez seja difícil para vós, mas não impossível. Sabeis que a prece pode exercer grande influência em vossa melhoria?

Resp. – Não digo que não; pensarei nisso. Chamai-me algumas vezes.

Observação – Como se vê, esse Espírito não desmentiu o seu caráter. Entretanto, revelou-se menos recalcitrante no fim, o que prova não ser de todo inacessível ao raciocínio. Ele dispõe da solução, mas, para dominá-lo, é preciso um concurso de vontades que ora não existe. Isto deve ser um ensinamento para as pessoas que poderiam achar-se em casos semelhantes.

Sem dúvida esse Espírito é muito mau e pertence à rale do mundo espírita. Pode-se dizer que é brutalmente mau, mas que em seres semelhantes há mais recursos que nos hipócritas. Seguramente são muito menos perigosos que os Espíritos fascinadores que, auxiliados por certa dose de inteligência e uma falsa aparência de virtude, sabem inspirar a certas pessoas uma confiança cega em suas palavras, confiança de que cedo ou tarde serão vítimas, porquanto tais Espíritos jamais agem com vistas ao bem: têm sempre uma segunda intenção. Esperamos que *O Livro dos Médiuns* tenha como resultado pôr-nos em guarda contra suas sugestões, o que, certamente, não lhes agradecerá. Mas, como é fácil de ver, tão pouco nos inquietamos com a sua má vontade quanto com a dos *Espíritos encarnados*, que eles podem excitar contra nós. Os Espíritos maus, tanto quanto os homens, não vêem com bons olhos aqueles que, desmascarando as suas torpezas, lhes tiram os meios de fazer o mal.

Ensino Espontâneo dos Espíritos

DITADOS RECEBIDOS OU LIDOS NA SOCIEDADE
POR VÁRIOS MÉDIUNS

Os três tipos – Médiun: Sr. Alfred Didier

Há no mundo três tipos que serão eternos. Esses três tipos, grandes homens os pintaram tais quais eram em seu tempo; e adivinharam que existiriam sempre. Esses três tipos são, inicialmente, *Hamlet*, que diz para si mesmo: *To be or not to be, that is the question*; depois *Tartufe*, que resmunga preces enquanto medita no mal; por fim *Don Juan*, que a todos diz: Não creio em nada. Molière achou, sozinho, dois desses tipos; Aviltou Tartufe e fulminou Don Juan. Sem a verdade o homem fica na dúvida como Hamlet, sem consciência como Tartufe, sem coração como Don Juan. Hamlet está em dúvida, é verdade, mas procura, é infeliz, a incredulidade o acabrunha, suas mais doces ilusões se afastam cada vez mais, e esse ideal, essa verdade que ele persegue cai no abismo como Ofélia e fica perdida para sempre. Então enlouquece e morre como um desesperado; mas Deus o perdoará, porque teve coração, amou e foi o mundo que lhe roubou aquilo que queria conservar.

Os outros dois tipos são atrozes, porque egoístas e hipócritas, cada um a seu modo. Tartufe toma a máscara da virtude, o que o torna odioso; Don Juan em nada crê, nem mesmo em Deus: só acredita em si mesmo. Jamais tivestes a impressão de ver, nesse famoso símbolo que é Don Juan e na estátua do Comendador, o cepticismo diante das mesas girantes? O corrompido Espírito humano frente à sua mais brutal manifestação? Até o presente o mundo não viu neles senão uma figura inteiramente humana. Credes que não se deve neles ver e sentir algo mais? Como o gênio inimitável de Molière não teve, nessa obra, o sentimento do bem-senso dos fatos espirituais, como o tinha sempre dos defeitos deste mundo!

Gérard de Nerval

CAZOTTE

Médium – Sr. Alfred Didier

É curioso ver surgir, no meio do materialismo, uma reunião de homens de boa-fé para propagar o Espiritismo. Sim, é no meio das mais profundas trevas que Deus lança a luz, e no momento em que é mais esquecido é que Ele melhor se mostra, semelhantemente ao ladrão sublime de que fala o Evangelho, e que virá julgar o mundo no momento em que este menos esperar. Mas Deus não vem a vós para vos surpreender; ao contrário, vem prevenir-vos de que essa grande surpresa, que deve apoderar-se dos homens ao morrerem, deve ser para eles funesta ou feliz.

Foi para o meio de uma sociedade corrompida que Deus me enviou. Graças à clarividência, algumas dessas revelações que em meu tempo pareciam tão maravilhosas, hoje se mostram muito naturais. Para mim, todas essas lembranças não passam de sonhos e, louvado seja Deus! o despertar não foi penoso. O Espiritismo nasceu, ou melhor, ressuscitou em vosso tempo; o magnetismo era do meu tempo. Crede que as grandes luzes precedem os grandes clarões.

O autor do *Diable Amoureux* vos lembra que já teve a honra de conversar convosco e se sentirá feliz em continuar suas relações amistosas.

Cazotte

Na sessão seguinte foram dirigidas ao Espírito Cazotte as perguntas que se seguem:

Na última vez em que aqui viestes espontaneamente tivestes a gentileza de dizer que voltaríeis de boa vontade. Aproveitamos o oferecimento para vos dirigir algumas perguntas, se assim o quiserdes.

1º A história do famoso jantar em que predissestes a sorte que aguardava cada um dos convivas é inteiramente verdadeira?

Resp. – É verdadeira no sentido de que a predição não foi feita numa única noite, mas em vários jantares, no fim dos quais eu me divertia em amedrontar os meus amáveis convivas, por meio de sinistras revelações.

2º Conhecemos os efeitos da dupla vista e compreenderíamos que, dotado dessa faculdade, tivésseis podido ver coisas distantes, mas que se passavam naquele momento. Como pudestes ver coisas futuras, que ainda não existiam, e vê-las com precisão? Poderíeis dizer-nos, ao mesmo tempo, como vos foi dada essa previsão? Falastes simplesmente como inspirado, sem nada ver, ou o quadro dos acontecimentos que anunciastes se vos apresentou como uma imagem? Tende a bondade de descrever isto tão bem quanto puderdes para a nossa instrução.

Resp. – Há na razão do homem um instinto moral que o impele a predizer certos acontecimentos. É verdade que eu era dotado de uma clarividência extraordinária, mas sempre humana, para os acontecimentos que então se passaram. Mas acreditais que o bom-senso, ou o sadio julgamento das coisas terrenas possam vos detalhar, com anos de antecedência, tal ou qual circunstância? Não. À minha natural sagacidade aliava-se uma qualidade sobrenatural: a dupla vista. Quando eu revelava às pessoas que me cercavam os terríveis abalos que deveriam ocorrer, evidentemente eu falava como um homem de bom-senso e de lógica. Mas quando eu via pequenos detalhes dessas circunstâncias; quando eu via visivelmente tal ou qual vítima, então não falava mais como um simples homem dotado, mas como um homem inspirado.

3º Independentemente desse fato, tivestes outros exemplos de previsão durante a vida?

Resp. – Sim. Eram todas mais ou menos sobre o mesmo assunto. Mas, como passatempo, eu estudava as ciências ocultas e me ocupava muito de magnetismo.

4º Essa faculdade de previsão vos acompanhou no mundo dos Espíritos? Isto é, após a morte ainda prevedes certos acontecimentos?

Resp. – Sim; esse dom me ficou muito mais puro.

Observação – Poder-se-ia ver aqui uma contradição com o princípio que se opõe à revelação do futuro. Com efeito, o futuro nos é oculto por uma lei muito sábia da Providência, considerando-se que tal conhecimento prejudicaria o nosso livre-arbítrio, levando-nos a negligenciar o presente pelo futuro. Além disso, por nossa oposição, poderíamos enterrar certos acontecimentos necessários à ordem geral. Mas quando essa comunicação nos pode impelir a facilitar a realização de uma coisa, Deus pode permitir a sua revelação, nos limites designados por sua sabedoria.

A VOZ DO ANJO-DA-GUARDA

Médium – Srta. Huet

Todos os homens são médiuns; todos têm um Espírito que os dirige para o bem, quando sabem escutá-lo. Pouco importa que alguns se comuniquem diretamente com ele por uma mediunidade particular, e que outros não o ouçam senão pela voz do coração e da inteligência; nem por isso deixará de ser o seu Espírito familiar que os aconselha. Chamai-o Espírito, razão, inteligência: é sempre uma voz que responde à vossa alma e vos dita boas palavras; só que nem sempre as compreendeis. Nem todos sabem agir segundo os conselhos dessa razão, não da razão que se arrasta, em vez de marchar, dessa razão que se perde em meio aos interesses materiais e grosseiros, mas da razão que eleva o homem acima de si mesmo, que o transporta para regiões desconhecidas; chama sagrada que inspira o artista e o poeta,

pensamento divino que eleva o filósofo, impulso que arrasta os indivíduos e os povos, razão que o vulgo não pode compreender, mas que aproxima o homem da divindade mais que qualquer outra criatura; entendimento que sabe conduzi-lo do conhecido ao desconhecido, fazendo com que execute os atos mais sublimes. Ouvi, pois, essa voz interior, esse bom gênio que vos fala sem cessar, e chegareis progressivamente a ouvir o vosso anjo da guarda, que do alto do céu vos estende as mãos.

Channing

GARRIDICE

Médium – Sra. Costel

Hoje nos ocuparemos da garridice feminina, que é a inimiga do amor: ela mata ou o amesquinha, o que é pior. A mulher garrida assemelha-se a um pássaro engaiolado, que, pelo canto, atrai as outras aves para junto de si. Ela atrai os homens, cujos corações se dilaceram contra as grades que a encerram. Lamentamos mais a ela que a eles. Reduzida ao cativo pela estreiteza de idéias e pela aridez de seu coração, sapateia na obscuridade de sua consciência, sem jamais poder ver luzir o sol do amor, que só irradia para as almas generosas e dedicadas. É mais difícil sentir o amor do que inspirá-lo; no entanto, todos se inquietam e perscrutam o coração desejado, sem primeiro examinar se o seu possui o tesouro cobiçado.

Não; o amor que é a sensualidade do amor-próprio não é amor, assim como a garridice não é a sedução para uma alma elevada. Temos razão em censurar e cercar de dificuldades essas frágeis ligações, vergonhosa permuta de vaidades, de misérias de toda sorte. O amor fica alheio a essas coisas, do mesmo modo que o raio não fica maculado pelas imundícies que ele ilumina. Insensatas são as mulheres que não compreendem que sua beleza e sua virtude representam o amor em seu abandono, no

esquecimento dos interesses pessoais e na transmigração da alma que se entrega inteiramente ao ser amado. Deus abençoa a mulher que carregou o jugo do amor e repele aquela que fez desse precioso sentimento um troféu à sua vaidade, uma distração à sua ociosidade ou uma chama carnal que consome o corpo, deixando vazio o coração.

Georges

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IV

FEVEREIRO DE 1861

Nº 2

Boletim

DA SOCIEDADE PARIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

(Resumo das Atas)

Admissão de dois novos membros.

Relatórios diversos:

1º Leitura de várias comunicações obtidas fora das sessões.

2º O Sr. Allan Kardec lê uma carta de Bordeaux, na qual é proposta a evocação da Srta. M. H..., recentemente falecida. Consultada sobre o assunto, a Sociedade julga por bem não se ocupar dessa evocação.

Trabalhos da sessão:

1º Ditado espontâneo assinado por Lázaro, recebido pela Sra. Costel. – Outro assinado por Gérard de Nerval, obtido pelo Sr. A. Didier. O Espírito desenvolve a tese cujas bases apresentara na comunicação *Os Três Tipos*: Hamlet, Don Juan e

Tartufe, em 14 de dezembro. Desenvolve o tipo de Hamlet. Solicitado, dá a sua opinião sobre La Fontaine. – Outro assinado por Torquato Tasso, recebido pela Srta. H... O Espírito faz igualmente uma apreciação sobre La Fontaine.

2º Evocação de *lady* Esther Stanhope, que passou a maior parte de sua vida nos altiplanos do Líbano, no meio das populações árabes que lhe haviam dado o título de Rainha de Palmira.

Sexta-feira, 28 de dezembro de 1860 – Sessão geral

Relatórios diversos:

1º Leitura de várias comunicações recebidas fora das sessões, entre outras um conto fantástico assinado por Hoffmann, obtido pela Sra. Costel, e a evocação de um negro, feita em Nova Orleães, pela Sra. B... A comunicação é notável pela ingenuidade das idéias e pela reprodução da linguagem usada entre os negros.

2º Carta da Sra. T. D..., da Cracóvia, constatando os progressos do Espiritismo na Polônia, na Podólia e na Ucrânia. Essa senhora é médium há sete anos. Junta à sua carta quatro comunicações que atestam a bondade e a superioridade do Espírito que as ditou, além de pedir para fazer parte da Sociedade.

3º O Sr. Allan Kardec dirige aos Espíritos a alocução seguinte, para lhes agradecer o seu concurso durante o ano que ora se finda:

“Não queremos terminar o ano sem dirigir os nossos agradecimentos aos Espíritos bons, que tiveram a bondade de nos instruir. Agradecemos principalmente a São Luís, nosso presidente espiritual, cuja proteção tem sido de tal modo evidente para a Sociedade que esta o tomou sob seu patrocínio. Assim, esperamos continuar merecendo a sua proteção, rogando-lhe que nos inspire

sentimentos que nos possam tornar sempre dignos dela. Agradecemos, igualmente, a todos os que espontaneamente vieram dar-nos os seus conselhos e as suas instruções, quer nas nossas sessões, quer nas comunicações dadas em particular aos nossos médiuns, e que nos foram transmitidas. Neste número não poderíamos esquecer Lamennais, que ditou ao Sr. Didier páginas de tão grande eloquência; Channing; Georges, cujas belas comunicações têm sido admiradas por todos os leitores da Revista; Sra. Delphine de Girardin, Charles Nodier, Gérard de Nerval, Lázaro, Tasso, Alfred de Musset, Rousseau e outros. O ano de 1860 foi eminentemente próspero para as idéias espíritas. Esperamos que com o concurso dos Espíritos bons o ano que vai começar não seja menos favorável. Quanto aos Espíritos sofredores que compareceram, seja espontaneamente, seja ao nosso chamado, continuaremos, por nossas preces, a implorar para eles a misericórdia de Deus, rogando-lhe amparar os que se acham no caminho do arrependimento e esclarecer os que ainda se encontram na via tenebrosa do mal.”

Trabalhos da sessão:

1º Ditado espontâneo sobre o ano de 1860, assinado por J.-J. Rousseau, recebido pela Sra. Costel. – Outro assinado por Necker, obtido pela Srta. H... – Outro, sobre o ano de 1861, assinado por São Luís.

2º Evocação de *lady Stanhope*, de Hoffmann, e do negro de Nova Orléans.

3º Questões diversas: Sobre a lembrança de existências anteriores em Júpiter; – Sobre as diversas aparições de que foi alvo a sogra do Sr. Pr..., presente à sessão.

Sexta-feira, 4 de janeiro de 1861 – Sessão particular

Admissão do Sr. W..., pintor.

Relatórios diversos:

1º Carta do Sr. Kond..., Médico de Vancluse, lamentando que tudo quanto se menciona nas atas da Sociedade não seja publicado integralmente na Revista. Diz ele que “Os partidários do Espiritismo, que não podem assistir às sessões, sentem-se estranhos às questões que são estudadas e resolvidas nessa assembléia científica. Todos os meses, aguardamos com febril impaciência a chegada da Revista. Quando a recebemos, não perdemos um minuto para a ler: lemos e relemos, pois aprendemos uma porção de problemas, dos quais jamais teríamos a solução.” Pergunta se não haveria um meio de remediar esse inconveniente.

A Sra. Costel diz ter recebido cartas no mesmo sentido.

Isto prova uma coisa, diz o Sr. Allan Kardec, e que nos deve dar grande satisfação: é o valor que se atribui aos trabalhos da Sociedade e o crédito que ela desfruta entre os verdadeiros espíritas. A publicação do resumo das atas mostra aos estrangeiros que ela só se ocupa de coisas graves e de estudos sérios; a consideração que conquistou no exterior se deve à sua moderação e à sua marcha prudente por um terreno novo, à ordem e à gravidade que presidem às suas reuniões, assim como ao caráter essencialmente moral e científico de seus trabalhos. É, pois, para ela um encorajamento para não se afastar de um caminho que lhe traz estima, já que do estrangeiro, até da Polônia, escrevem pedindo para dela participarem.

À reclamação especial e muito lisonjeira para nós, feita pelo Dr. K..., responderei, a princípio, que a publicação integral de tudo quanto se faz e se discute na Sociedade demandaria volumes e mais volumes. Entre as evocações que são feitas muitas há que não correspondem à expectativa ou não oferecem interesse bastante geral para serem publicadas. São conservadas nos arquivos a fim de que se possa consultá-las em caso de necessidade,

limitando-se o boletim em mencioná-las. O mesmo se dá com as comunicações espontâneas: só publicamos as mais instrutivas. Quanto às questões diversas e problemas morais, que muitas vezes apresentam grande interesse, o Dr. K... está equivocado se pensa que os espíritas de fora estarão privados delas. O que o leva a pensar dessa maneira é o fato de a abundância das matérias e a necessidade de as coordenar muito raramente permitem a publicação de todas as questões no fascículo da Revista em que são mencionadas no boletim; mais cedo ou mais tarde, porém, elas terão o seu lugar. Aliás, constituem um dos elementos essenciais das obras sobre o Espiritismo; foram aproveitadas em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*, nos quais se acham classificadas conforme o assunto, não tendo sido omitida nenhuma das essenciais. Portanto, que o Sr. K... e outros espíritas se tranqüilizem; se não podem, pela leitura da Revista, assistir de longe às sessões da Sociedade, nem perder uma única palavra, tudo quanto nela se obtém de importante jamais é posto sob o alqueire. Contudo, a Revista se esforçará por responder, na medida do possível, ao desejo expresso pelo honrado correspondente.

2º Assinala o Sr. Allan Kardec, conforme o relato de um negociante de Nova York, presente à sessão, o progresso feito nos Estados Unidos do Norte pelos princípios formulados em *O Livro dos Espíritos*. Trechos desse livro foram traduzidos em inglês, contando ali a doutrina da reencarnação com numerosos partidários.

3º Leitura de uma graciosa e encantadora comunicação no velho estilo da Idade Média, recebida pela Srta. S... – Outra, sobre a imaterialidade dos Espíritos, obtida pela Sra. Costel.

Trabalhos da sessão:

1º Observações críticas sobre o ditado feito na última sessão pelo Espírito Necker. O Espírito Madame de Staël

manifesta-se espontaneamente e justifica as palavras de seu pai, após lhes haver explicado o sentido.

2º Evocação de Leão X, que se havia manifestado espontaneamente na sessão de 14 de dezembro. Ao responder às diversas perguntas que lhe foram feitas, explica e desenvolve suas idéias sobre o caráter comparado dos americanos, dos franceses e dos ingleses; sobre a maneira de ver desses povos com relação ao Espiritismo; sobre os inevitáveis progressos dessa doutrina, etc.

3º Diálogo espontâneo entre monsenhor Sibour e o seu assassino.

4º Perguntas dirigidas a São Luís acerca do negro evocado na sessão de 28 de dezembro, sobre o seu caráter e a sua origem.

Evocação da Srta. J. B., feita por sua mãe, presente à sessão. De interesse absolutamente particular, essa comunicação oferece um quadro comovedor da afeição que certos Espíritos conservam por aqueles que amaram na Terra.

O Sr. Squire

Como de praxe, vários jornais zombaram desse novo médium, compatriota do Sr. Home, sob cuja influência também se produzem fenômenos de uma ordem, por assim dizer, excepcional. Apresentam como particularidade o fato de ocorrerem somente na mais profunda escuridão, circunstância que os incrédulos não deixam de alegar. Como se sabe, o Sr. Home produzia fenômenos muito variados, entre os quais o mais notável era, incontestavelmente, o das aparições tangíveis. Nós os relatamos detalhadamente na *Revista Espírita* dos meses de fevereiro, março e abril de 1858. O Sr. Squire produz apenas dois ou, melhor dizendo, um só, com certas variantes, embora não menos digno de

atenção. Sendo a obscuridade uma condição essencial à obtenção do fenômeno, não é necessário dizer que todas as precauções indispensáveis para garantir a sua realidade são devidamente tomadas. Eis em que consiste:

O Sr. Squire coloca-se em frente a uma mesa de 35 a 40 quilos, semelhante a uma sólida mesa de cozinha; amarram-lhe fortemente as duas pernas, a fim de que delas não se possa servir; nessa posição, sua força muscular estaria consideravelmente paralisada, caso a ela recorresse. Uma outra pessoa, a primeira que vier, ou a mais incrédula, dá-lhe uma mão, de modo a não lhe deixar livre senão a outra. Então ele a depõe suavemente à borda da mesa. Isto feito, as luzes são apagadas e no mesmo instante a mesa se ergue, passa por cima de sua cabeça e vai cair por detrás dele, de pernas para o ar, sobre um divã ou sobre almofadas previamente dispostas para recebê-la, a fim de não se quebrar na queda. Produzido o efeito, acende-se a luz imediatamente: é questão de alguns segundos. Ele pode repetir a experiência tantas vezes quanto se queira na mesma sessão.

Eis uma variante desse fenômeno: uma pessoa se coloca ao lado do Sr. Squire; levantada e virada a mesa, como acaba de ser descrito, em vez de cair para trás ela pousa horizontalmente e em equilíbrio sobre a cabeça da pessoa, que sente apenas uma ligeira pressão; mas, tão logo é acesa a luz, ela sente seu peso completo e cairia, se duas outras pessoas não estivessem prontas a recebê-la e a sustentá-la pelas duas extremidades.

Tal é em essência e com a maior singeleza, sem ênfases nem reticências, o relato desses fatos singulares que colhemos do jornal *Patrie* de 23 de dezembro de 1860, bem como de grande número de testemunhas, pois confessamos não os haver presenciado. Entretanto, a honorabilidade das pessoas que no-los contaram não nos deixa nenhuma dúvida quanto à sua exatidão. Temos outro motivo, talvez mais poderoso, para lhes dar crédito: é

que a teoria nos demonstra a sua possibilidade. Ora, nada melhor para firmar uma convicção do que perceber a veracidade desses fatos; nada provoca mais dúvida do que dizer: vi, mas não compreendo. Tentemos, pois, fazer compreender.

Começemos levantando algumas objeções prejudiciais. A primeira a surgir muito naturalmente ao pensamento é a de que o Sr. Squire empregue algum meio secreto ou, em outras palavras, que seja um hábil prestidigitador; ou ainda, como dizem duramente as pessoas que não se incomodam em passar por mal-educadas, que ele é um charlatão. Uma só palavra é suficiente para responder a tal suposição: vindo a Paris como simples turista, o Sr. Squire não tira nenhum proveito de sua estranha faculdade. Ora, como não há charlatães desinteressados, isto nos é a melhor garantia de sinceridade. Se o Sr. Squire fizesse sessões a tanto por cabeça; se fosse movido por um interesse qualquer, todas as suspeitas seriam perfeitamente legítimas. Não temos a honra de o conhecer, mas sabemos, através de pessoas dignas de confiança, que o conhecem particularmente há vários anos, que é um homem dos mais respeitáveis, de caráter afável e benevolente, um distinto literato, que escreve em vários jornais da América. Raramente a crítica toma em consideração o caráter das pessoas e o móvel que as faz agir. E se equivoca, porque isto constitui seguramente uma base essencial de apreciação. Há casos em que a acusação de fraude não somente é uma ofensa, mas uma falta de lógica.

Isto posto, e afastada toda presunção de meios fraudulentos, resta saber se o fenômeno poderia produzir-se com o auxílio da força muscular. A experiência foi realizada por homens dotados de uma força excepcional, e todos reconheceram a absoluta impossibilidade de levantar a mesa com uma mão e, ainda menos, de fazê-la dar piruetas no ar. Acrescentamos que a compleição física do Sr. Squire não combina com uma força hercúlea. Desde que o emprego da força física é impossível, e que um exame escrupuloso afastou o emprego de qualquer meio

mecânico, torna-se necessário admitir a ação de uma força sobre-humana. Todo efeito tem uma causa; se a causa não estiver na Humanidade é preciso, necessariamente, que esteja fora dela; em outras palavras, na intervenção de seres invisíveis que nos rodeiam, ou seja, dos Espíritos.

Para os espíritas o fenômeno produzido pelo Sr. Squire nada tem de novo, a não ser a forma pela qual se produz; quanto ao fundo, entra na categoria de todos os outros fenômenos conhecidos de levantamento e de deslocamento de objetos, com ou sem contato, de suspensão de corpos pesados no espaço. Tem seu princípio no fenômeno elementar das mesas girantes, cuja teoria completa se encontra em nossa nova obra: *O Livro dos Médiuns*. Quem quer que tenha bem meditado nessa teoria poderá facilmente ter a explicação do efeito produzido pelo Sr. Squire; porque, certamente, o fato de uma mesa se destacar do solo sem o auxílio de nenhuma pessoa, e manter-se no ar sem ponto de apoio, é ainda mais extraordinário. Se lhe percebermos a causa, tanto mais facilmente poderemos explicar o outro fenômeno.

Perguntar-se-á, em tudo isso, onde está a prova da intervenção dos Espíritos. Se os efeitos fossem puramente mecânicos, nada, é verdade, provaria tal intervenção, bastando recorrer à hipótese de um fluido elétrico ou outro; mas desde que um efeito é inteligente, deve ter uma causa inteligente. Ora, foi pelos sinais de inteligência desses efeitos que se pôde reconhecer que sua causa não era exclusivamente material. Falamos dos efeitos espíritas em geral, porquanto outros há cujo caráter inteligente é quase nulo, e este é o caso do Sr. Squire. Poder-se-ia, então, supô-lo dotado, a exemplo de tantas pessoas, de um potencial elétrico natural; mas não saberíamos jamais que a luz fosse um obstáculo à ação da eletricidade ou do fluido magnético. Por outro lado, o exame atento das circunstâncias do fenômeno exclui tal suposição, enquanto sua analogia com os que não podem ser produzidos senão pela intervenção de inteligências ocultas está manifesta. É,

pois, mais racional colocá-lo entre esses últimos. Resta saber como o Espírito, ou o ser invisível, atua sobre a matéria inerte.

Quando uma mesa se move, não é o Espírito que a toma com as mãos e a levanta com a força do braço, pela simples razão de que, embora tenha um corpo semelhante ao nosso, esse corpo é fluídico e não pode exercer uma ação muscular propriamente dita. Ele satura a mesa com seu próprio fluido, combinado com o fluido *animalizado* do médium; por esse meio fica a mesa animada momentaneamente de uma vida artificial; então obedece à vontade, como o faria um ser vivo, exprimindo, por seus movimentos, alegria, cólera e os diversos sentimentos do Espírito que dela se serve. Não é a mesa que pensa; ela nem está alegre, nem encolerizada; não é o Espírito que se incorpora nela, porque ele não se metamorfoseia em mesa. Para o Espírito a mesa não passa de um instrumento dócil, obediente à sua vontade, como um bastão que um homem agita e com o qual exprime ameaças ou faz outros sinais. Neste caso o bastão é sustentado pelos músculos, ao passo que a mesa, não podendo ser posta em movimento pelos músculos do Espírito, é agitada pelo próprio fluido deste, que faz o papel de força muscular. Tal é o princípio fundamental de todos os movimentos em casos semelhantes.

Uma questão, à primeira vista mais difícil, é esta: como pode um corpo pesado destacar-se do solo e se manter no espaço, contrariando a lei da gravidade? Para nos darmos conta disso basta nos reportarmos ao que se passa diariamente aos nossos olhos. Sabe-se que num corpo sólido é necessário distinguir o próprio peso e a força da gravidade. O peso é sempre o mesmo e depende da soma das moléculas; a força da gravidade varia em razão da densidade do meio. Eis por que um corpo pesa menos na água do que no ar e ainda menos no mercúrio. Suponhamos que um cômodo, em cujo solo repousa uma mesa bastante pesada, de repente se encha de água; a mesa levantar-se-á por si mesma ou,

pelo menos um homem, ou uma criança, a levantarão sem esforço. Outra comparação: Faça-se o vácuo sob a campânula pneumática e no mesmo instante o ar do seu interior, não mais se equilibrando com a coluna atmosférica, faz com que a campânula adquira tal peso que o mais forte dos homens não poderá levantá-la. Entretanto, embora nem a mesa nem a campânula tenham ganhado ou perdido um átomo de sua substância, seu peso relativo aumentou ou diminuiu em razão do meio, quer seja este um líquido ou um fluido.

Conhecemos todos os fluidos da Natureza ou mesmo todas as propriedades daqueles que conhecemos? Seria muita presunção pensar assim. Os exemplos que acabamos de citar são comparações: não dizemos similitudes; é unicamente para mostrar que os fenômenos espíritas, que nos parecem tão estranhos, não o são mais que os mencionados, e que podem ser explicados, se não pelas mesmas causas, ao menos por causas análogas. Com efeito, eis uma mesa que, evidentemente, perde o peso aparente num dado momento e que, em outras circunstâncias, adquire um aumento de peso, não podendo tal fato ser explicado pelas leis conhecidas. No entanto, como se repete, isto prova que está submetido a uma lei que, pelo simples fato de ser desconhecida, não deixa de existir. Que lei é esta? Dão-na os Espíritos. Todavia, em falta da explicação deles, podemos deduzi-la por analogia, sem recorrermos a causas miraculosas ou sobrenaturais.

O fluido universal, como o chamam os Espíritos, é o veículo e o agente de todos os fenômenos espíritas. Sabe-se que os Espíritos podem modificar as suas propriedades conforme as circunstâncias; que ele é o elemento constitutivo do perispírito ou envoltório semimaterial do Espírito; que, neste último estado, pode adquirir a visibilidade e mesmo a tangibilidade. É, pois, irracional admitir que, num dado momento, possa um Espírito envolver um corpo sólido numa atmosfera fluídica, cujas propriedades,

conseqüentemente modificadas, produzem sobre esse corpo o efeito de um meio mais denso ou mais rarefeito? Nesta hipótese, o levantamento tão fácil de uma pesada mesa pelo Sr. Squire se explica muito naturalmente, assim como todos os fenômenos análogos.

A necessidade de escuridão é mais embaraçosa. Por que cessa o efeito ao menor contato da luz? O fluido luminoso exerceria aqui uma ação mecânica qualquer? Isto não é provável, já que fatos do mesmo gênero se produzem perfeitamente em plena luz. Não se pode atribuir esta singularidade senão à natureza toda especial dos Espíritos que se manifestam por esse médium. Mas por que por esse médium, de preferência aos outros? Eis aí um desses mistérios só penetráveis por aqueles que se identificaram com os fenômenos tão numerosos, e muitas vezes tão bizarros, do mundo dos invisíveis. Somente eles podem compreender as simpatias e antipatias existentes entre os mortos e os vivos.

Esses Espíritos pertencem a que ordem? São bons ou maus? Sabemos que temos ferido o amor-próprio de certas criaturas terrenas, depreciando o valor dos Espíritos que produzem manifestações físicas; criticaram-nos fortemente porque os qualificamos como saltimbancos do mundo invisível. À guisa de desculpa, diremos que a expressão não é nossa, mas dos próprios Espíritos. Que nos perdoem, mas jamais poderá entrar em nossa cabeça que Espíritos elevados venham divertir-se em fazer proezas ou outras coisas do gênero, do mesmo modo que não nos convencerão de que palhaços, atletas, dançarinos de corda e repentistas de rua sejam membros do Instituto. Quem quer que conheça a hierarquia dos Espíritos sabe que os há de todos os graus de inteligência e de moralidade, e que neles encontramos tantas variedades de aptidões e de caracteres como entre os homens, o que não é de admirar, pois os Espíritos nada mais são que as almas dos que viveram. Ora, até prova em contrário, permitam-nos duvidar de que Espíritos como Pascal, Bossuet e outros, mesmo

menos elevados, submetam-se às nossas ordens para fazer girar as mesas e divertir um grupo de curiosos. Perguntamos aos que pensam de modo contrário se julgam que, após a sua morte, iriam resignar-se facilmente a esse papel decorativo. Mesmo entre os que se acham às ordens do Sr. Squire há um servilismo incompatível com a menor superioridade intelectual, donde concluímos que devem pertencer às classes inferiores, o que não quer dizer que sejam maus. Pode-se muito bem ser honesto e bom sem saber ler nem escrever. Os Espíritos maus geralmente são indóceis, coléricos e se comprazem em fazer o mal. Ora, não nos consta que os do Sr. Squire jamais lhe haja pregado uma brincadeira de mau gosto; obedecem com uma docilidade pacífica, que exclui toda suspeita de malevolência, mas nem por isso estão aptos a fazer dissertações filosóficas. Consideramos o Sr. Squire um homem de muito bom-senso para se melindrar com esta apreciação. Essa submissão dos Espíritos que o assistem levou um dos nossos colegas a dizer que certamente aqueles o haviam conhecido numa outra vida, na qual o Sr. Squire teria exercido sobre eles uma grande autoridade, razão por que ainda lhe conservam, na presente existência, uma obediência passiva. Aliás, não se deve confundir os Espíritos que se ocupam de efeitos físicos propriamente ditos, e que são designados mais especialmente por Espíritos batedores, com os que se comunicam por meio de batidas. Sendo este meio uma linguagem, pode ser empregado como escrita pelos Espíritos de qualquer ordem.

Como dissemos, vimos muitas pessoas que assistiram às experiências do Sr. Squire; mas entre as que não eram iniciadas na ciência espírita, muitas saíram pouco convencidas, como a mostrar que a simples vista dos mais extraordinários efeitos não é suficiente para levar à convicção. Depois de terem ouvido as explicações que lhes demos, sua maneira de ver modificou-se completamente. Certamente não apresentamos esta teoria como a última palavra, como a solução definitiva. Mas, na impossibilidade de poder explicar esses fatos pelas leis conhecidas, forçoso é convir

que o sistema por nós formulado não é destituído de verossimilhança. Vamos admiti-lo, se assim o quiserem, a título de simples hipótese; quando apresentarem uma solução melhor, seremos um dos primeiros a aceitá-la.

Escassez de Médiuns

Embora publicado há pouco tempo, *O Livro dos Médiuns* já provocou, em várias localidades, o desejo de formar reuniões espíritas íntimas, como aconselhamos. Mas nos escrevem que param ante a escassez de médiuns. Por isso julgamos por bem dar alguns conselhos sobre os meios de os remediar.

Um médium, sobretudo um bom médium, é incontestavelmente um dos elementos essenciais de toda assembléia que se ocupa do Espiritismo; mas seria erro pensar que, em sua falta, nada mais resta a fazer senão cruzar os braços ou suspender a sessão. Não compartilhamos absolutamente a opinião de uma pessoa que comparava uma sessão espírita sem médiuns a um concerto sem músicos. Em nossa opinião, existe uma comparação muito mais justa: a do Instituto e de todas as sociedades científicas, que sabem utilizar o seu tempo sem ter constantemente sob os olhos os meios de experimentação. Vai-se a um concerto para ouvir música. É, pois, evidente que se os músicos estiverem ausentes, o objetivo falhou. Mas numa reunião espírita vamos, ou pelo menos deveríamos ir, para nos instruímos. A questão agora é saber se se pode fazê-la sem médium. Seguramente, para os que vão a essas reuniões com o único objetivo de ver efeitos, o médium é tão indispensável quanto o músico no concerto; mas para os que, acima de tudo, buscam instruir-se, que querem aprofundar as diversas partes da ciência, em falta de um instrumento de experimentação terão mais de um meio de o obter. É o que tentaremos explicar.

Inicialmente diremos que se os médiuns são comuns, os bons médiuns, na verdadeira acepção da palavra, são raros. A experiência prova diariamente que não basta possuir a faculdade mediúnica para obter boas comunicações. É preferível privar-se de um instrumento do que o ter defeituoso. Certamente para os que buscam, nas comunicações, mais o fato que a qualidade, que as assistem mais por distração do que para esclarecimento, a escolha do médium é completamente indiferente. Mas falamos dos que têm um objetivo mais sério e vêem mais longe. É a eles que nos dirigimos, porque estamos certos de que nos compreendem.

Por outro lado, os melhores médiuns estão sujeitos a intermitências mais ou menos longas, durante as quais há suspensão parcial ou total da faculdade mediúnica, sem falar das numerosas causas acidentais que podem privar-nos momentaneamente de seu concurso. Acrescentemos também que os médiuns inteiramente flexíveis, os que se prestam a todos os gêneros de comunicações, são ainda mais raros. Geralmente possuem aptidões especiais, das quais importa não os desviar. Vê-se, pois, que se não houver provisão de reserva, podemos ficar desprevenidos quando menos o esperamos, e seria desagradável que em tal caso fôssemos obrigados a interromper os trabalhos.

O ensino fundamental que se vem buscar nas reuniões espíritas sérias é, sem dúvida, dado pelos Espíritos. Mas que frutos tiraria um aluno das lições dadas pelo mais hábil professor se, por seu lado, ele também não trabalhasse? Se não meditasse sobre aquilo que ouviu? Que progresso faria a sua inteligência se tivesse constantemente o mestre ao seu lado para lhe mastigar a tarefa e lhe poupar o esforço de pensar? Nas assembléias espíritas os Espíritos preenchem dois papéis; uns são professores que desenvolvem os princípios da ciência, elucidam os pontos duvidosos e, sobretudo, ensinam as leis da verdadeira moral; outros são materiais de observação e de estudo, que servem de aplicação. Dada a lição, sua tarefa está acabada, enquanto a nossa começa: a

de trabalhar sobre aquilo que nos foi ensinado, a fim de melhor compreender, de melhor captar o sentido e o alcance. É com vistas a nos deixar tempo livre para cumprirmos o nosso dever – que nos permitam essa expressão clássica – que os Espíritos suspendem algumas vezes as suas comunicações. Bem que eles querem nos instruir, mas com uma condição: a de lhes secundarmos os esforços. Cansam-se de repetir sem cessar e inutilmente a mesma coisa. Advertem; contudo, se não são ouvidos, retiram-se, a fim de que tenhamos tempo para refletir.

Na ausência de médiuns, uma reunião que se propõe algo mais que ver manejar um lápis tem mil e um meios de utilizar o tempo de maneira proveitosa. Limitar-nos-emos a indicar alguns, sumariamente:

1º Reler e comentar as antigas comunicações, cujo estudo aprofundado fará com que seu valor seja mais bem apreciado.

Se se objetar que seria uma ocupação fastidiosa e monótona, diremos que ninguém se cansa de ouvir um belo trecho de música ou de poesia; que depois de haver escutado um eloqüente sermão, gostaríamos de o ler com a cabeça fria; que certas obras são lidas vinte vezes, porque cada vez nelas descobrimos algo de novo. Aquele que não é impressionado senão por palavras, se aborrece ao ouvir a mesma coisa duas vezes, ainda que fosse sublime; faltam-lhe sempre coisas novas para o interessar ou, melhor, para o distrair. Aquele que medita tem um sentido adicional: é mais tocado pelas idéias do que pelas palavras, razão por que gosta de ouvir ainda aquilo que lhe vai ao Espírito, sem se limitar ao ouvido.

2º Contar fatos de que se tem conhecimento, discutirlos, comentá-los, explicá-los pelas leis da ciência espírita; examinar-lhes a possibilidade ou a impossibilidade; ver o que têm de plausível

ou de exagero; distinguir a parte da imaginação e da superstição, etc.

3º Ler, comentar e desenvolver cada artigo de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*, assim como de todas as outras obras sobre o Espiritismo.

Esperamos que nos desculpem por citar aqui as nossas próprias obras, o que é muito natural, já que para isso foram escritas. Aliás, de nossa parte não passa de uma indicação, e não de uma recomendação expressa. Aqueles aos quais elas não convierem estão perfeitamente livres para pô-las de lado. Longe de nós a pretensão de imaginar que outros não as possam fazer tão boas ou melhores. Apenas acreditamos que, até o momento, nelas a ciência é encarada de modo mais completo do que em muitas outras, além de responderem a um maior número de perguntas e de objeções. É a esse título que as recomendamos. Quanto ao seu mérito intrínseco, só o futuro lhes será o grande juiz.

Daremos um dia um catálogo *racional* das obras que, direta ou indiretamente, tratam da ciência espírita, na Antigüidade e nos tempos modernos, na França ou no estrangeiro, entre os autores sacros e os profanos, quando nos tiver sido possível reunir os elementos necessários. Esse trabalho naturalmente é muito longo, e ficaremos muito reconhecidos às pessoas que no-lo quiserem facilitar, abastecendo-nos de documentos e de indicações.

4º Discutir os diferentes sistemas sobre a interpretação dos fenômenos espíritos.

Sobre o assunto, recomendamos a obra do *Sr. de Mirville* e a do *Sr. Louis Figuier*, que são as mais importantes. A primeira é rica em fatos do mais alto interesse, hauridos em fontes autênticas. Só a conclusão do autor é contestável, porque em toda parte só vê demônios. É verdade que o acaso o serviu ao seu gosto, pondo-lhe sob os olhos aqueles que melhor podiam servi-lo,

enquanto lhe ocultava os inumeráveis fatos que a própria religião encara como obra dos anjos e dos santos.

A História do Maravilhoso nos Tempos Modernos, pelo Sr. Figuier, é interessante sob outro ponto de vista. Ali se encontram fatos longa e minuciosamente narrados, não se sabe muito bem por quê, mas que devem ser conhecidos. Quanto aos fenômenos espíritas propriamente ditos, ocupam a parte menos considerável dos quatro volumes. Enquanto o Sr. de Mirville tudo explica pelo diabo e outros o explicam pelos anjos, o Sr. Figuier, que não crê nos diabos, nem nos anjos, nem nos Espíritos bons e maus, explica tudo, ou pensa tudo explicar, pelo organismo humano. O Sr. Figuier é um cientista; escreve com seriedade e se apóia no testemunho de *alguns* sábios. Pode-se, pois, considerar o seu livro como a última palavra da ciência oficial sobre o Espiritismo. E esta palavra é a *negação de todo princípio inteligente fora da matéria*. Lamentamos que a Ciência seja posta a serviço de tão triste causa, embora não seja responsável por isso, logo ela que nos desvenda incessantemente as maravilhas da Criação, escrevendo o nome de Deus em cada folha, e nas asas de cada inseto; culpados são os que, em seu nome, se esforçam para convencer que, após a morte, não restam mais esperanças.

Por esse livro os espíritas verão a que se reduzem os raios terríveis que deveriam aniquilar suas crenças. Aqueles que poderiam ter sido abalados pelo temor de um choque, serão fortificados ao constatarem a pobreza dos argumentos que se lhes opõem, as inumeráveis contradições resultantes da ignorância e da falta de observação dos fatos. Sob esse aspecto a leitura pode ser-lhes útil, fosse ainda para poderem falar com maior conhecimento de causa, o que não faz o autor em relação ao Espiritismo, que nega sem o haver estudado, pela simples razão de negar todo poder extra-humano. O contágio de semelhantes idéias não é de temer, pois elas trazem em si mesmas o antídoto: a

instintiva repulsa do homem pelo nada. Proibir um livro é provar que o tememos. Nós aconselhamos a leitura do livro do Sr. Figuiier.

Se a pobreza dos argumentos contra o Espiritismo é manifesta nas obras sérias, sua nulidade é absoluta nas diatribes e artigos difamatórios, nos quais a raiva impotente se trai pela grosseria, pela injúria e pela calúnia. Seria dar-lhes demasiada importância lê-las nas reuniões sérias. Ali nada há a refutar, nada a discutir e, conseqüentemente, nada a aprender; não teremos senão que as desprezar.

Vê-se, pois, que fora das instruções dadas pelos Espíritos, existe ampla matéria para um trabalho útil. Acrescentamos mesmo que colheremos nesse trabalho numerosos elementos de estudo para submeter aos Espíritos, em perguntas às quais inevitavelmente ele suscitará. Mas se for necessário suprir a ausência momentânea de médiuns, não se deve cometer o erro de passar sem eles indefinidamente. É preciso nada negligenciar, a fim de os encontrar. Para uma reunião, o melhor é ir buscá-los no próprio meio; e, se se reportarem ao que dissemos sobre o assunto em nossa última obra⁶, às páginas 306 e 307, ver-se-á que o meio é mais fácil do que se pensa.

Carta Sobre a Incredulidade

Conclusão – Vide o nº de janeiro de 1861.

Desde que o homem existe na Terra, existem Espíritos; e também desde então eles se manifestam aos homens. A História e a tradição estão repletas de provas nesse sentido; porém, seja porque uns não compreendessem os fenômenos de tais manifestações; seja porque outros não ousassem divulgá-los, por medo da cadeia ou da fogueira; seja porque os fatos fossem postos

⁶ **N. do T.:** Allan Kardec se refere a *O Livro dos Médiuns*, publicado no mês anterior.

à conta de superstição ou de charlatanismo por pessoas preconceituosas, ou interessadas em que a luz não se fizesse; seja, finalmente, porque fossem levados à conta do demônio por uma outra classe de interessados, o certo é que, até estes últimos tempos, embora bem constatados, esses fenômenos ainda não tinham sido explicados de modo satisfatório ou, pelo menos, a verdadeira teoria ainda não havia caído no domínio público, provavelmente porque a Humanidade não se encontrava madura para isto, como para muitas outras coisas maravilhosas que se realizam em nossos dias. Estava reservada para a nossa época a eclosão, no mesmo cinqüentenário, do vapor, da eletricidade, do magnetismo animal – pelo menos como ciências aplicadas – e, finalmente, do Espiritismo, de todas a mais maravilhosa, não só na constatação material de nossa existência imaterial e de nossa imortalidade, mas ainda no estabelecimento de relações, por assim dizer, materiais e constantes, entre nós e o mundo invisível.

Quantas conseqüências incalculáveis não brotarão de um acontecimento tão prodigioso! Mas, para não falar senão daquilo que no momento mais impressiona a generalidade dos homens, da morte, por exemplo, não a vemos reduzida ao seu verdadeiro papel de acidente natural e necessário – diria quase feliz – perdendo assim o seu caráter de acontecimento doloroso e terrível? Para os que a sofrem, ela representa o momento do despertar; desde o dia seguinte ao da morte de um ente querido, nós, que aqui ficamos, poderemos continuar nossas relações íntimas como no passado! Apenas mudaram as nossas relações materiais! Não o vemos mais, não o tocamos mais, não mais ouvimos a sua voz; mas continuamos a trocar com ele os nossos pensamentos, como em vida, e muitas vezes até, com mais proveito para nós. Depois disto, o que é que resta de tão doloroso? E se acrescentarmos ao que precede a certeza de que não mais estamos separados dele senão por alguns anos, alguns meses, talvez alguns dias, não será para transformar num simples acontecimento útil aquilo que até hoje, com raras exceções, os mais decididos não podiam encarar sem pavor, e que representa, por certo, o tormento

incessante da vida inteira de muitos homens? Mas eu me afasto do assunto.

Antes de te explicar a prática muito simples das comunicações, tentarei dar-te uma idéia da teoria fisiológica que elaborei para mim. Não a dou como certa, porquanto ainda não a vi explicada pela Ciência; mas pelo menos me parece que deve ser alguma coisa que se aproxima disso.

O Espírito age sobre a matéria tanto mais facilmente quanto mais esta se dispuser de maneira apropriada a receber a sua ação; daí por que não age diretamente sobre qualquer espécie de matéria, embora pudesse agir indiretamente se encontrasse entre ele e essa matéria, certas substâncias de uma organização graduada, que pusesse em contato os dois extremos, isto é, a matéria mais bruta com o Espírito. É assim que o Espírito de um homem vivo desloca pesados blocos de pedra, os trabalha, os combina com outros, com eles formando um todo que chamamos casa, coluna, igreja, palácio, etc. Foi o homem-corpo que fez tudo isso? Quem ousaria dizê-lo?... Sim. Foi ele quem o fez, como é minha pena que escreve esta carta. Mas voltemos ao assunto, porque ainda me sinto à deriva.

Como se põe o Espírito em contato com o pesado bloco que quer deslocar? Por meio da matéria escalonada entre ele e o bloco. A alavanca põe o bloco em relação com a mão; a mão põe a alavanca em relação com os músculos; os músculos põem a mão em relação com os nervos; os nervos põem os músculos em relação com o cérebro, e o cérebro põe os nervos em relação com o Espírito, a menos que haja uma matéria ainda mais delicada, um fluido que ponha o cérebro em relação com o Espírito. Seja como for, um intermediário a mais ou a menos não infirma a teoria. Quer aja o Espírito em primeira ou em segunda mão sobre o cérebro, age sempre de muito perto, de sorte que, retomando os contatos em sentido contrário, ou, antes, na sua ordem natural, eis o Espírito

agindo sobre uma matéria extremamente delicada, organizada pela sabedoria do Criador, de maneira apropriada a receber diretamente, ou quase diretamente, a ação de sua vontade. Esta matéria, que é o cérebro, atua por meio de suas ramificações, a que chamamos nervos, sobre uma outra matéria menos delicada, mas que o é ainda bastante para receber a ação destes: os músculos; os músculos imprimem movimento às partes sólidas que são os ossos do braço e da mão, enquanto as outras partes da estrutura óssea, recebendo a mesma ação, servem de ponto de apoio ou de sustentação. Quando, por si mesma, a parte óssea ainda não é suficientemente forte ou suficientemente longa para agir diretamente, multiplica a sua força utilizando-se da alavanca, e eis o pesado bloco inerte obedecendo docilmente à vontade do Espírito que, sem essa hierarquia intermediária, não teria exercido nenhuma ação sobre ele.

Procedendo do mais para o menos, eis que os menores feitos do Espírito ficam explicados, assim como, em sentido contrário, vê-se como o Espírito pode chegar a transportar montanhas, secar lagos, etc. E em tudo isso o corpo quase desaparece em meio à multidão de instrumentos necessários, entre os quais não representa senão o primeiro papel.

Quero escrever uma carta. Que devo fazer? Pôr uma folha de papel em relação com o meu Espírito, como pouco antes punha um bloco de pedra. Substituo a alavanca pela pena e a coisa está feita. Eis a folha de papel a repetir o pensamento do meu Espírito, como há pouco o movimento imprimido ao bloco manifestava a sua vontade.

Se meu Espírito quer transmitir mais diretamente, mais instantaneamente o seu pensamento ao teu, e desde que a isso nada se oponha, como a distância ou a interposição dum corpo sólido, sempre por meio do cérebro e dos nervos, ele põe em movimento o órgão da voz que, ferindo o ar de várias maneiras, produz certos sons variados e combinados, representando o pensamento, os quais vão repercutir sobre o teu órgão auditivo, que os transmite ao teu

Espírito por meio de teus nervos e de teu cérebro. E é sempre o pensamento manifestado e transmitido por uma série de agentes materiais graduados e interpostos entre seu princípio e seu objeto.

Se a teoria precedente é verdadeira, nada é mais fácil agora, parece, que explicar o fenômeno das manifestações espíritas e, particularmente, da escrita mediúmica, a única que nos ocupa no momento.

Sendo a substância psíquica idêntica em todos os Espíritos, seu modo de ação sobre a matéria deve ser o mesmo para todos; só o seu poder pode variar em graus. Sendo a matéria dos nervos organizada de modo a poder receber a ação de um Espírito, não há razão para que não possa receber a ação de um outro, cuja natureza não difira da do primeiro; e considerando-se que a substância de todos os Espíritos é da mesma natureza, todos os Espíritos devem ser aptos a exercer, não direi a mesma ação, mas o mesmo modo de ação sobre a mesma substância, sempre que se acharem em condições de poder fazê-lo. Ora, é isto que acontece nas evocações.

O que é a evocação?

É um ato pelo qual um Espírito, titular de um corpo, pede a outro Espírito, ou, muito simplesmente, lhe permite servir-se de seu próprio órgão, de seu próprio instrumento, para manifestar o seu pensamento ou a sua vontade.

Nem por isso o Espírito titular abandona o seu corpo, embora possa muito bem neutralizar momentaneamente sua própria ação sobre o órgão da transmissão, deixando-o à disposição do Espírito evocado; este, porém, não pode servir-se dele senão enquanto o outro o permitir, em virtude do axioma de direito natural, de que cada um é senhor em sua casa. Deve-se dizer, contudo, que no Espiritismo, como nas sociedades humanas, acontece que o direito de propriedade nem sempre é

escrupulosamente respeitado pelos senhores Espíritos, e que vários médiuns já foram surpreendidos mais de uma vez por terem dado hospedagem a criaturas que não foram convidadas e, menos ainda, desejadas. Mas isto é um dos mil insignificantes dissabores da vida, que devemos saber suportar, tanto mais que, na espécie, eles sempre têm o seu lado útil, ainda que fosse para nos experimentar, sendo, ao mesmo tempo, a prova mais patente da ação de um Espírito estranho sobre o nosso organismo, fazendo-nos escrever coisas que estávamos longe de imaginar, ou que não tínhamos a menor vontade de ouvir. Contudo, isso só acontece aos médiuns incipientes; quando adestrados, já não lhes acontece mais ou, pelo menos, já não se deixam surpreender.

Cada um é apto a ser médium? Naturalmente assim deveria ser, embora em graus diferentes, como sói acontecer com as mais diversas aptidões. É esta a opinião do Sr. Kardec. Há médiuns escreventes; médiuns videntes; médiuns audientes; médiuns intuitivos; isto é, médiuns que escrevem – os mais numerosos e os mais úteis; médiuns que vêem os Espíritos; que os ouvem e conversam com eles como com os vivos – estes são raros; outros recebem em seu cérebro o pensamento do Espírito evocado e o transmitem pela palavra. Raramente um médium possui todas essas faculdades ao mesmo tempo. Existem ainda médiuns de outro gênero, cuja simples presença num lugar qualquer permite a manifestação dos Espíritos, quer por meio de golpes vibrados, quer pelo movimento dos corpos, tal como o deslocamento de uma mesinha de três pés⁷, o levantamento de uma cadeira, de uma mesa ou de qualquer outro objeto. Foi por esse meio que os Espíritos começaram a manifestar-se e a revelar a sua existência. Ouviste falar das mesas girantes e da dança das mesas; como eu, também riste delas. E daí? Foram os primeiros meios de que os Espíritos se serviram para chamar a atenção; assim foi reconhecida a sua presença, depois do que, com o auxílio da observação e do estudo, chegou-se a descobrir no homem faculdades até então ignoradas, por intermédio das quais ele pode entrar em comunicação direta

7 N. do T.: *Guéridon*, no original francês.

com os Espíritos. Não é maravilhoso tudo isto? Entretanto é apenas natural; somente repito que à nossa época estava reservada a descoberta e a aplicação desta ciência, como de muitos outros segredos admiráveis da Natureza.

Agora, para nos pormos em relação com os Espíritos, ou, pelo menos, para ver se estamos aptos a fazê-lo pela escrita, toma-se de uma folha de papel e de um lápis em boas condições, posicionando-se para escrever. É sempre bom começar por dirigir uma prece a Deus; em seguida evoca-se um Espírito, isto é, pede-se que tenha a bondade de vir comunicar-se conosco e de nos fazer escrever; por fim espera-se, sempre na mesma posição.

Há pessoas que têm a faculdade mediúnica de tal forma desenvolvida que já começam a escrever logo de início; outras, ao contrário, só vêem essa faculdade desenvolver-se com o tempo e a perseverança. Neste último caso, repete-se a sessão todos os dias, para o que basta um quarto de hora; é inútil gastar mais tempo; mas, tanto quanto possível, deve-se repeti-la diariamente, sendo a perseverança uma das primeiras condições de sucesso. Também é necessário fazer sua prece e sua evocação com fervor; mesmo repeti-la durante o exercício; ter vontade firme, um grande desejo de ser bem-sucedido e, sobretudo, nada de distração. Uma vez obtida a escrita, essas últimas precauções tornam-se inúteis.

Quando se está para escrever, sente-se em geral um ligeiro estremecimento na mão, às vezes precedido de uma leve dormência na mão e no braço e, até mesmo, de discreta dor nos músculos do braço e da mão; são sinais precursores e, quase sempre, indicativos de que o momento do sucesso está próximo. Algumas vezes é imediato; outras, porém, se faz esperar ainda um ou vários dias, mas nunca tarda em demasia. Apenas para chegar nesse ponto é preciso mais ou menos tempo, que pode variar de um instante a seis meses; mas, repito, basta um quarto de hora de exercício por dia.

Quanto aos Espíritos que podem ser evocados para tais tipos de exercícios preparatórios, é preferível dirigir-se ao nosso Espírito familiar, que sempre está próximo e jamais nos deixa, ao passo que os outros podem estar ali apenas momentaneamente, ou não se encontrarem no instante em que os evocamos, ou, ainda, estarem impossibilitados, por uma causa qualquer, de atender ao nosso apelo, como por vezes acontece.

O Espírito familiar, que até certo ponto confirma a teoria católica do anjo-da-guarda, não é, entretanto, exatamente aquilo que nos apresenta o dogma católico. É simplesmente o Espírito de um mortal, que viveu como nós, mas que é muito mais adiantado que nós e, conseqüentemente, nos é infinitamente superior em bondade e em inteligência; que realiza uma missão meritória para si, proveitosa para nós, desse modo nos acompanhando neste mundo e no outro, até ser chamado a uma nova encarnação, ou até que nós mesmos, chegados a um certo grau de superioridade, sejamos chamados a realizar, na outra vida, missão semelhante junto a um mortal menos evoluído do que nós.

Como bem vê, meu caro amigo, tudo isto entra maravilhosamente nas nossas idéias de solidariedade universal. Tudo isto, mostrando-nos essa solidariedade estabelecida em todos os tempos e funcionando constantemente entre nós e o mundo invisível, prova-nos certamente que não é uma utopia de concepção humana, mas uma das leis da Natureza; que os primeiros pensadores que a pregavam não a inventaram, mas apenas a descobriram; que, enfim, estando nas leis da Natureza, será chamada fatalmente a se desenvolver nas sociedades humanas, apesar das resistências e dos obstáculos que ainda lhe possam contrapor seus cegos adversários⁸.

8 Por pouco que os fatos mais naturais, mas ainda não explicados, se prestem ao maravilhoso, cada um sabe com que habilidade a astúcia se apodera deles, e com que audácia os explora. Talvez ainda esteja nisso um dos maiores obstáculos à descoberta e, sobretudo, à vulgarização da verdade.

Não me resta senão falar da maneira de evocar. É a coisa mais simples. Para isso não há nenhuma fórmula cabalística ou obrigatória; tu te diriges ao Espírito nos termos que te convêm: eis tudo.

Todavia, para fazer com que melhor compreendas a simplicidade da coisa, dar-te-ei a fórmula que eu mesmo emprego:

“Deus, Todo-Poderoso! Permitti a meu bom anjo (ou ao Espírito de fulano, caso se prefira evocar outro Espírito) comunicar-se comigo e fazer-me escrever.” Ou então: “Em nome de Deus Todo-Poderoso, rogo a meu bom anjo (ou o Espírito de...) que se comunique comigo.”

Agora queres saber o resultado de minha própria experiência. Ei-la:

Depois de mais ou menos seis semanas de exercícios infrutíferos, senti um dia a mão tremer, agitar-se e de repente traçar com o lápis caracteres informes. Nos exercícios seguintes esses caracteres, embora sempre ininteligíveis, tornaram-se mais regulares; eu escrevia linhas e páginas com a velocidade de minha escrita habitual, mas sempre ilegíveis. Outras vezes traçava rubricas de toda sorte, grandes, por vezes em todo o papel. Algumas vezes eram linhas retas, ora de alto a baixo, ora transversais. Outras vezes eram círculos, ora grandes, ora pequenos e tão repetidos uns sobre os outros que a folha de papel ficava completamente enegrecida pelo lápis.

Finalmente, depois de um mês de exercícios os mais variados, mas também os mais insignificantes, comecei a me aborrecer e pedi ao meu Espírito familiar que me fizesse pelo menos traçar letras, caso não pudesse fazer-me escrever palavras. Então obtive todas as letras do alfabeto, mas não consegui mais que isso.

Entrementes, minha mulher, que sempre tivera o pressentimento de não possuir a faculdade mediúnica decidiu-se, mesmo assim, a fazer experiências. Ao cabo de quinze dias de espera, pôs-se a escrever fluentemente e com grande facilidade. Foi mais feliz do que eu, fazendo-o com grande correção e de modo bastante legível.

Um dos nossos amigos conseguiu, desde o segundo exercício, rabiscar como eu, mas foi tudo. Nem por isso desanimamos, convencidos de que era uma prova e que, mais cedo ou mais tarde, escreveríamos. É fácil; só preciso ter paciência.

Numa outra carta entreter-te-ei com as comunicações que obtivemos por intermédio de minha mulher e que, por mais singulares pareçam, são muito concludentes quanto à existência dos Espíritos. Mas por hoje já chega; eu devia fazer-te uma exposição que, não obstante primária, pudesse abarcar o conjunto da teoria espírita. Espero que isto baste para excitar a tua curiosidade e, sobretudo, despertar o teu interesse. A leitura das obras especializadas a que te irás entregar fará o resto.

Esperando a obra prática da qual te falei, remeterei brevemente a obra filosófica intitulada: *O Livro dos Espíritos*.

Estuda, lê, relê, experimenta, trabalha e, sobretudo, não desanimes, porque a coisa vale a pena.

Além disso, não liguês atenção aos que riem; há muitos que não riem mais, embora ainda estejam de posse de todos os órgãos que até há pouco lhes serviam.

A ti e até logo.

Canu

Conversas Familiares de Além-Túmulo

O SUICÍDIO DE UM ATEU⁹

O Sr. J. B. D.. era um homem instruído, mas saturado em extremo de idéias materialistas, não acreditando em Deus nem na existência da alma. Afogou-se voluntariamente há dois anos. Foi evocado a pedido da família.

1. Evocação.

Resp. – Sofro! Sou um condenado.

2. Fomos levados a vos evocar em nome de um dos vossos parentes, que deseja conhecer a vossa sorte. Podereis dizer-nos se esta evocação vos é penosa ou agradável?

Resp. – Penosa.

3. A vossa morte foi voluntária?

Resp. – Sim.

Observação – O Espírito escreve com extrema dificuldade. A letra é grossa, irregular, convulsa e quase ininteligível. Ao terminar a escrita encoleriza-se, quebra o lápis e rasga o papel.

4. Tende calma, que nós todos pediremos a Deus por vós.

Resp. – Sou forçado a crer nesse Deus.

5. Que motivo poderia ter-vos levado ao suicídio?

Resp. – O tédio de uma vida *sem esperança*.

Observação – Concebe-se o suicídio quando a vida é *sem esperança*; procura-se então fugir-lhe a qualquer preço. Com o Espiritismo, ao contrário, a esperança fortalece-se porque o futuro se nos desdobra. O suicídio deixa de ter objetivo, uma vez

⁹ N. do T.: Vide *O Céu e o Inferno*, 2ª parte, capítulo V: *Um ateu*.

reconhecido que, por tal meio, não se escapa do mal senão para cair num outro cem vezes pior. Eis por que o Espiritismo tem seqüestrado muita gente a uma morte voluntária. Estarão errados? Serão sonhadores os que nele buscam, antes de tudo, o fim moral e filosófico? Grandemente culpados são os que se esforçam por acreditar, com *sofismas científicos e a pretexto de uma falsa razão*, nessa idéia desesperadora, fonte de tantos crimes e males, de que tudo acaba com a vida. Esses serão responsáveis não só pelos próprios erros, como igualmente por todos os males a que os mesmos deram causa.

6. Quisestes escapar às vicissitudes da vida... Ganhastes alguma coisa? Sois agora mais feliz?

Resp. – Por que não existe o nada?

7. Tende a bondade de nos descrever do melhor modo possível a vossa atual situação.

Resp. – Sofro pelo constrangimento em que estou de crer em tudo quanto negava. Meu Espírito está como num braseiro, horrivelmente atormentado.

8. Donde provinham as vossas idéias materialistas de outrora?

Resp. – Em anterior encarnação eu fora mau e por isso condenei-me na seguinte aos tormentos da incerteza, e assim foi que me suicidei.

Observação – Aqui há todo um corolário de idéias. Muitas vezes nos perguntamos como pode haver materialistas quando, tendo eles passado pelo mundo espiritual, deveriam ter do mesmo a intuição; ora, é precisamente essa intuição que é recusada a alguns Espíritos que, conservando o orgulho, não se arrependem das suas faltas. Não se deve esquecer que a Terra é um lugar de expiação. Eis a razão por que encerra tantos Espíritos maus, encarnados.

9. Quando vos afogastes, que idéias tínheis das conseqüências? Que reflexões fizestes nesse momento?

Resp. – Nenhuma, pois tudo era o nada para mim. Depois é que vi que, tendo cumprido toda a sentença, teria de sofrer mais ainda.

10. Agora estais bem convencido da existência de Deus, da alma e da vida futura?

Resp. – Ah! Tudo isso muito me atormenta.

11. Tornastes a ver vossa esposa e vosso irmão?

Resp. – Oh! não.

12. E por que não?

Resp. – Para que confundir os nossos desesperos? Exila-se a gente na desgraça e só na ventura se reúne; eis o que é.

13. Incomodar-vos-ia a presença de vosso irmão, que poderíamos atrair para junto de vós?

Resp. – Não o façais, pois não o mereço.

14. Por que vos opondes?

Resp. – Porque ele também não é feliz.

15. Receais a sua presença e, no entanto, ela só poderia ser benéfica para vós.

Resp. – Não; mais tarde.

16. Vosso parente pergunta se assististes ao vosso enterro, e se ficastes satisfeito com o que ele fez na ocasião.

Resp. – Sim.

17. Tendes algum recado para os vossos parentes?

Resp. – Que orem por mim.

18. Parece que no círculo das vossas relações há quem partilhe das vossas opiniões. Quereis que lhes digamos algo a respeito?

Resp. – Oh! os desgraçados! Assim possam eles crer em outra existência, eis quanto lhes posso desejar. Se pudessem avaliar a minha triste posição, muito refletiriam.

[Evocação de um irmão do precedente, que professava as mesmas teorias, mas que não se suicidou. Posto que também infeliz, este se apresenta mais calmo; a sua escrita é clara e legível.]

19. *Evocação* – Possa o quadro dos nossos sofrimentos ser útil lição, persuadindo-vos da realidade de uma outra existência, na qual se expiam as faltas oriundas da incredulidade!

20. Vós, e vosso irmão que acabamos de evocar, vos vedes reciprocamente?

Resp. – Não; ele me foge.

21. Estais mais calmo do que vosso irmão. Podereis dar-nos uma descrição mais precisa dos vossos sofrimentos?

Resp. – Não sofreis aí na Terra no vosso orgulho, no vosso amor-próprio, quando obrigados a reconhecer os vossos erros? O vosso Espírito não se revolta com a idéia de vos humilhades a quem vos demonstre o vosso erro? Pois bem! Julgai quanto deve sofrer o Espírito que durante toda a sua vida se persuadiu de que nada existia além dele, e que sobre todos prevalecia sempre a sua razão. Encontrando-se de súbito em face da verdade imponente, esse Espírito sente-se aniquilado, humilhado. A isso vem ainda juntar-se o remorso de haver por tanto tempo esquecido a existência de um Deus tão bom, tão indulgente. A situação é insuportável; não há calma nem repouso; não se encontra um pouco de tranqüilidade senão no momento em que a graça divina, isto é, o amor de Deus, nos toca, pois o orgulho de tal modo se apossa de nós, que de todo nos embota, a ponto de

ser preciso ainda muito tempo para que nos despojemos completamente dessa roupagem fatal. Só a prece dos nossos irmãos pode ajudar-nos nesses transes.

22. Quereis falar dos irmãos encarnados, ou dos Espíritos?

Resp. – De uns e de outros.

23. Enquanto nos entretínhamos com o vosso irmão, uma das pessoas aqui presentes orou por ele; essa prece lhe foi proveitosa?

Resp. – Ela não se perderá. Se ele agora recusa a graça, outro tanto não fará quando estiver em condições de recorrer a essa divina *panacéia*.

Transmitindo a resultante destas duas evocações à pessoa que no-las havia solicitado, tivemos dela a seguinte resposta:

“Não podeis imaginar, meu caro senhor, o grande benefício advindo da evocação de meu sogro e de meu tio. Reconhecemo-los perfeitamente. A letra do primeiro, sobretudo, é de uma analogia notável com a que ele tinha em vida, tanto mais quanto, durante os últimos meses que conosco passou, essa letra era sofreada e indecifrável. Aí se verificam a mesma forma de pernas, da rubrica e de certas letras, principalmente os d, f, o, p, q, t. Quanto ao vocabulário e ao estilo, a semelhança é ainda mais frisante; para nós a analogia é completa, apenas com maior conhecimento de Deus, da alma e da eternidade que ele tão formalmente negava outrora. Não nos restam dúvidas, portanto, sobre a sua identidade. Deus será glorificado pela maior firmeza das nossas crenças no Espiritismo, e os nossos irmãos encarnados e desencarnados se tornarão melhores. A identidade de seu irmão também não é menos evidente; na mudança de ateu em crente, reconhecemos-lhe o caráter, o estilo, o seu modo de falar. Uma palavra, sobre todas, nos despertou a atenção – *panacéia* – sua expressão predileta, a todo instante repetida.

“Mostrei essas duas comunicações a várias pessoas, que não menos se admiraram da sua veracidade, mas os incrédulos, com as mesmas opiniões dos meus parentes, esses desejariam respostas ainda mais categóricas.

“Queriam, por exemplo, que o Sr. D... se referisse ao lugar em que foi enterrado, onde se afogou, como foi encontrado, etc. A fim de os convencer, não vos seria possível fazer nova evocação perguntando onde e como se suicidou, quanto tempo esteve submerso, em que lugar acharam o cadáver, onde foi inumado, de que modo, se civil ou religiosamente, foi sepultado? Dignai-vos, caro senhor, insistir pela resposta categórica a essas perguntas, pois são essenciais para os que ainda duvidam. Estou convencido de que darão, nesse caso, imensos resultados.

“Dou-me pressa a fim de esta vos ser entregue na sexta-feira de manhã, de modo a poder fazer-se a evocação na sessão da Sociedade desse mesmo dia... etc.”

Reproduzimos esta carta pelo fato da confirmação da identidade e aqui lhe anexamos a nossa resposta para ensino das pessoas não familiarizadas com as comunicações de além-túmulo.

“As perguntas que nos pedistes dirigir novamente ao Espírito de vosso sogro são, incontestavelmente, ditadas por intenção louvável, qual a de convencer incrédulos, visto como em vós não mais existe qualquer sentimento de dúvida ou curiosidade. Contudo, um conhecimento mais aprofundado da ciência espírita vos faria julgar supérfluas essas perguntas. Em primeiro lugar, solicitando-me conseguir resposta categórica, mostrais ignorar a circunstância de não podermos governar os Espíritos, a nosso talante. Ficai sabendo que eles nos respondem quando e como querem, e também como podem. A liberdade de sua ação é maior ainda do que quando encarnados, possuindo meios mais eficazes de se furtarem ao constrangimento moral que por acaso queiramos

exercer sobre eles. As melhores provas de identidade são as que eles fornecem espontaneamente, por si mesmos, ou, então, as oriundas das próprias circunstâncias. Estas, é quase inútil provocá-las. Segundo afirmais, o vosso parente provou sua identidade de modo irrecusável; por conseguinte, é mais que provável a sua recusa em responder a perguntas que podem, e com razão, ser consideradas supérfluas, visando satisfazer à curiosidade de pessoas que lhe são indiferentes. A resposta bem poderia ser a que outros têm dado em casos semelhantes, isto é: – “para que perguntar coisas que já sabeis?”

“A isto acrescentarei que a perturbação e os sofrimentos que o assoberbam devem agravar-se com as investigações desse gênero, que correspondem perfeitamente a querer constranger um doente, que mal pode pensar e falar, a historiar as minúcias da sua vida, faltando-se assim às considerações inspiradas pelo seu próprio estado.

“Quanto ao objetivo por vós alegado, ficai certo de que tudo seria negativo. As provas de identidade fornecidas são bem mais valiosas, por isso que foram espontâneas, e não de antemão premeditadas. Ora, se estas não puderam contentar os incrédulos, muito menos o fariam interrogativas já preestabelecidas, de cuja convivência poderiam suspeitar.

“Há pessoas a quem coisa alguma pode convencer. Essas poderiam ver o vosso sogro, com os próprios olhos, e continuariam supondo-se vítimas de uma alucinação. O que de melhor se lhes pode fazer é deixá-las tranqüilas e não perder tempo em discursos supérfluos. Só podemos lamentá-las, pois mais cedo ou mais tarde aprenderão por si mesmas o quanto custa terem repellido a luz que Deus lhes envia. É sobretudo contra estes que Deus patenteia a sua severidade.

“Duas palavras ainda, senhor, sobre o vosso pedido de evocação no mesmo dia em que eu devia receber a carta. As

evocações não são feitas assim, às pressas; nem sempre os Espíritos respondem ao nosso apelo; para tanto é necessário que o possam ou o queiram; além disso, é preciso um médium que lhes convenha e que este tenha a aptidão especial necessária; que esse médium esteja à disposição em dado momento, que o meio seja simpático ao Espírito, etc. São circunstâncias pelas quais não podemos responder jamais e que importa conhecer quando se quer fazer coisa séria.”

Questões e Problemas Diversos

1. Em um mundo superior, como Júpiter ou outro, tem o Espírito encarnado a lembrança de suas existências passadas, assim como a do seu estado errante? – P. Não; desde que o Espírito se reveste do envoltório material, perde a lembrança de suas existências anteriores.

– Entretanto, sendo rarefeito em Júpiter o envoltório corporal, ali o Espírito não seria mais livre?

Resp. – Sim, mas ainda suficientemente denso para extinguir, no Espírito, a lembrança do passado.

– Então os Espíritos que habitam Júpiter e que se comunicaram conosco encontravam-se mergulhados no sono?

Resp. – Certamente. Naquele mundo, sendo o Espírito muito mais elevado, melhor compreende Deus e o Universo; mas o seu passado se apaga por enquanto, sem o que se obscureceria a sua inteligência. Ele mesmo não se compreenderia; seria o homem da África, o da Europa ou da América? o da Terra, de Marte ou de Vênus? Não se recordando mais, é ele mesmo, o homem de Júpiter, inteligente, superior, compreendendo a Deus; eis tudo.

Observação – Se o esquecimento do passado é necessário num mundo adiantado como Júpiter, com mais forte

razão deve sê-lo em nosso mundo material. É evidente que a lembrança de nossas existências precedentes causaria lamentável confusão em nossas idéias, sem falar de todos os outros inconvenientes já assinalados a respeito. Tudo quanto Deus faz leva o selo de sua sabedoria e de sua bondade; não nos cabe criticar, ainda mesmo quando não compreendamos o objetivo.

2. A Srta. Eugénie, um dos médiuns da Sociedade, oferece notável particularidade, de certo modo excepcional, que é a prodigiosa facilidade com que escreve e a incrível prontidão com que os mais diversos Espíritos se comunicam por seu intermédio. Há poucos médiuns com tão grande flexibilidade. A que se deve isto?

Resp. – Deve-se antes ao médium que ao Espírito; este escreveria menos veloz por um outro médium, pela razão de que a natureza do instrumento já não seria a mesma. Assim, há médiuns desenhistas, outros são mais aptos para a Medicina, etc.; o Espírito atua conforme a mediunidade. Deve-se, pois, a uma causa física, antes que a uma causa moral. Os Espíritos se comunicam tanto mais facilmente por um médium, quanto mais rapidamente se dá a combinação entre os fluidos deste último e os do Espírito; mais que os outros ele se presta à rapidez do pensamento, de que se aproveita o Espírito, como vos aproveitais de um carro rápido quando estais com pressa. Esta vivacidade do médium é puramente física; seu próprio Espírito não tem nenhuma participação nesse processo.

– As qualidades morais do médium não terão alguma influência?

Resp. – Elas exercem uma grande influência nas simpatias dos Espíritos, porquanto deveis saber que alguns possuem tal antipatia por certos médiuns que não é senão com a maior repugnância que se comunicam por eles.

Ensino dos Espíritos

DITADOS ESPONTÂNEOS OBTIDOS OU LIDOS NA SOCIEDADE POR
DIVERSOS MÉDIUNS

ANO DE 1860

(Médium: Sra. Costel)

Falarei da necessidade filosófica em que se acham os Espíritos de fazerem freqüentes exames de consciência, de darem, enfim, ao estado de seus cérebros o mesmo cuidado que cada um tem com o próprio corpo. Eis um ano terminado. Que progresso trouxe ele ao mundo intelectual? Muito grandes e muito sérios resultados, sobretudo de ordem científica. Menos feliz, a literatura não recebeu senão fragmentos e detalhes encantadores; mas, semelhante a uma estátua mutilada, que encontramos enterrada e admiramos, lastimando o perdido conjunto de sua beleza de outrora, a literatura não oferece nenhuma obra séria. Na França, ordinariamente ela marcha à frente das outras artes; este ano, foi ultrapassada pela pintura, que floresce, gloriosa, acima das escolas rivais. Por que essa pausa entre os nossos jovens escritores? A explicação é fácil. Falta-lhes o sopro generoso que inspiram as lutas; a indiferença pesa sobre eles. Folheiam-nos, criticam-nos, mas não os discutem apaixonadamente como no meu tempo, em que a luta literária dominava quase todas as preocupações. Depois, não se improvisa um escritor, e é um pouco disto que cada um faz. Para escrever são necessários longos e profundos estudos; estes faltam absolutamente à vossa geração impaciente de gozo e preocupada, antes de tudo, com o sucesso fácil. Termino admirando a marcha ascensional das ciências e das artes, e lamentando a ausência de generosos impulsos nos espíritos e nos corações.

J.-J. Rousseau

Observação – Obtida espontaneamente, prova esta comunicação que os Espíritos que deixaram a Terra ainda se ocupam com o que aqui se passa e que lhes interessa, e seguem a marcha do progresso intelectual e moral. Não seria das infinitas profundezas do espaço que iriam fazê-lo; para tanto é preciso que estejam entre nós, em nosso meio, como testemunhas invisíveis daquilo que aqui se passa. Esta comunicação e a seguinte foram dadas na sessão da Sociedade, em 28 de dezembro, onde se havia tratado do ano que findava e do que ia começar. Conseqüentemente, veio a propósito.

ANO DE 1861

O ano que termina viu progredir sensivelmente as crenças no Espiritismo. É uma grande felicidade para os homens, porque os afasta um pouco das bordas do abismo que ameaça tragar o Espírito humano. O ano novo será ainda melhor, porque verá importantes mudanças materiais, uma verdadeira revolução nas idéias; e o Espiritismo não será esquecido, crede-o bem. Ao contrário, a ele se agarrarão como a uma tábua de salvação. Rogarei a Deus para abençoar vossa obra e fazê-la progredir.

São Luís

Observação – Numa sessão íntima, outro médium recebeu espontaneamente, sobre o mesmo assunto, a seguinte comunicação:

O ano que se vai iniciar traz em seus recônditos as maiores coisas. A reação vai cair violentamente na armadilha que preparou. Por que pensais que a Terra se cobre de estradas de ferro e o mar se entreabre à eletricidade, senão para espalhar a boa nova? O verdadeiro, o bom, o belo serão, enfim, por todos compreendidos. Não vos canseis, pois, verdadeiros espíritas, porquanto a vossa tarefa está marcada na obra da regeneração. Felizes dos que souberem realizá-la!

Léon J... (irmão do médium)

SOBRE O MESMO ASSUNTO (POR OUTRO MÉDIUM)

A mudança é absolutamente necessária; o progresso é lei divina; parece que avançou nos últimos anos mais que nos outros. Em relação a 1860, 1861 será magnífico, embora pálido, se considerarmos 1862, porque quereis partir, caros irmãos, e uma vez que o sopro divino põe em marcha a locomotiva, não há descarrilamento possível.

Leão X

**COMENTÁRIO SOBRE O DITADO PUBLICADO SOB O TÍTULO DE
“O DESPERTAR DO ESPÍRITO”**

Numa comunicação que o Espírito Georges ditou à Sra. Costel, publicada na *Revista* de 1860 sob o título de *O Despertar do Espírito*, foi dito que *não há relações amistosas entre os Espíritos errantes; que aqueles mesmos que se amaram não trocam sinais de reconhecimento*. Em várias pessoas essa teoria causou uma impressão muito penosa, sobretudo porque os leitores da *Revista* consideram aquele Espírito elevado, havendo admirado a maioria de suas comunicações. Se essa teoria fosse absoluta, estaria em contradição com o que tantas vezes foi dito, que no momento da morte os Espíritos amigos vêm receber o recém-vindo, auxiliando-o a se desembaraçar dos liames terrestres e, de certo modo, iniciando-o em sua nova vida. Por outro lado, se os Espíritos inferiores não se comunicassem com os mais adiantados, não poderiam progredir.

Procuramos refutar essas objeções num artigo da *Revista* de 1860, sob o título de *Relações Afetuosas dos Espíritos*, mas eis os comentários que, a pedido nosso, deu o próprio Georges de sua comunicação:

“Quando um homem é surpreendido pela morte nos hábitos materialistas de uma vida que jamais lhe deixou tempo para

se ocupar de Deus; quando, palpitando ainda de angústias e de temores terrenos, chega ao mundo dos Espíritos, assemelha-se a um viajante que ignorasse a língua e os costumes do país que visita. Imerso na perturbação, é incapaz de se comunicar, não compreendendo nem mesmo as próprias sensações, nem as dos outros. Erra envolto no silêncio; então sente germinarem, eclodirem e se desenvolverem lentamente pensamentos desconhecidos, e uma nova alma floresce na sua. Chegada a esse ponto, a alma cativa sente caírem os laços e, como uma ave a quem a liberdade é devolvida, lança-se para Deus, soltando um grito de alegria e de amor. Então, se comprimem à sua volta os Espíritos dos parentes, dos amigos purificados que, silenciosamente, o haviam acolhido em sua volta. São em reduzido número os que podem, logo após a libertação do corpo, comunicar-se com os amigos que reencontram. É necessário *ter merecido*, e somente os que cumpriram gloriosamente suas últimas migrações se acham, desde o primeiro momento, bastante desmaterializados para gozar desse favor que Deus concede como recompensa.

Apresentei uma das fases da vida espírita; não quis generalizar. Como se vê, não falei senão do estado dos primeiros instantes que se seguem à morte, que poderá ser mais ou menos duradouro, conforme a natureza do Espírito. Depende de cada um abreviá-lo, desprendendo-se dos laços terrenos desde a vida corpórea, já que somente o apego às coisas materiais o impede de fruir a felicidade da vida espiritual.

Georges

Observação – Nada é mais moral que essa doutrina, pois nos mostra que nenhum dos gozos prometidos à vida futura é obtido sem mérito; que a própria felicidade de rever os seres que nos são caros e com eles conversar pode ser adiada. Numa palavra, que a situação na vida espírita, como em tudo, será o que fizermos pela nossa conduta na vida corpórea.

OS TRÊS TIPOS

(Continuação)

Nota – Nos três ditados seguintes, o Espírito desenvolve cada um dos três tipos esboçados no primeiro (Vide o número de janeiro de 1861).

I

Aqui no vosso mundo, o interesse, o egoísmo e o orgulho abafam a generosidade, a caridade e a simplicidade. O interesse e o egoísmo são os dois gênios maus do financista e do novo-rico; o orgulho é o vício do que sabe e, sobretudo, do que pode. Quando um coração verdadeiramente pensador examina esses três vícios horríveis, sofre, porque o homem que pensa sobre o nada e sobre a maldade deste mundo é, em geral – não o duvideis – uma criatura cujos sentimentos e instintos são delicados e caridosos. E, como bem o sabeis os delicados são infelizes, conforme disse La Fontaine, que esqueci de pôr ao lado de Molière. Só os delicados são infelizes, porque sentem.

Hamlet é a personificação desta parte infeliz da Humanidade, que sofre e chora sempre e que se vinga, vingando a Deus e a moral. Hamlet teve de castigar vícios horrorosos em sua família: o orgulho e a luxúria, isto é, o egoísmo. Aspirando à verdade, essa alma terna e melancólica ofuscou-se ao sopro do mundo, como um espelho que não pode refletir o que é bom e o que é justo. E essa alma tão pura derramou o sangue de sua mãe e vingou a sua honra. Hamlet é a inteligência impotente, o pensamento profundo em luta contra o orgulho estúpido e contra a impudicícia materna. O homem que pensa e que vinga um vício da Terra, seja qual for, é culpado aos olhos dos homens, mas, muitas vezes, não o é perante Deus. Não pensem que eu queira idealizar o desespero: já fui bastante castigado, mas há tanta névoa ante os olhos do mundo!

Nota – Instado a dar a sua apreciação sobre La Fontaine, do qual acabara de falar, acrescentou o Espírito:

La Fontaine não é mais conhecido do que Corneille e Racine. Conheceis apenas os vossos literatos, ao passo que os alemães conhecem tanto Shakespeare quanto Goëthe. Para voltar ao meu assunto, La Fontaine é o francês por excelência, ocultando sua originalidade e sua sensibilidade sob o nome de Esopo e de pensador alegre. Mas, tende certeza, La Fontaine era um delicado, como vos dizia há pouco; vendo que não era compreendido, afetou essa simplicidade que dizeis falsa. Nos vossos dias teria sido arrolado no regimento dos falso-modestos. A verdadeira inteligência não é falsa, mas muitas vezes temos de uivar com os lobos; e foi isso que perdeu La Fontaine na opinião de muita gente. Não vos falo de seu gênio: este é igual, se não superior, ao de Molière.

II

Para voltar ao nosso cursinho de literatura muito familiar, Don Juan é, como já tive a honra de vos dizer, o tipo mais perfeitamente pintado de gentil-homem depravado e blasfemo. Molière o elevou até o drama, porque, na verdade, a punição de Don Juan não devia ser humana, mas divina. É pelos golpes inesperados da vingança celeste que tombam as cabeças orgulhosas. O efeito é tanto mais dramático quanto mais imprevisto.

Eu disse que Don Juan era um tipo; mas, na verdade, é um tipo raro, porque, realmente, vêem-se poucos homens dessa têmpera, desde que quase todos são covardes; refiro-me à classe dos indiferentes e dos corruptos.

Muitos blasfemam; poucos, no entanto – eu vos asseguro – ousam blasfemar sem temor. A consciência é um eco que lhes devolve a blasfêmia e a escutam tremendo de medo,

embora sorrissem diante do mundo. São o que hoje chamamos de fanfarrões do vício. Esse tipo de libertino é numeroso nos vossos dias, mas estão muito longe de serem filhos de Voltaire.

Para voltar ao nosso assunto, Molière, como o autor mais sábio e o observador mais profundo, não somente castigou os vícios que atacam a Humanidade, como os que ousam dirigir-se a Deus.

III

Até agora vimos dois tipos: um generoso e infeliz; outro feliz, segundo o mundo, mas bem miserável perante Deus. Resta-nos ver o mais feio, o mais ignóbil, o mais repugnante: refiro-me a Tartufo.

Na Antigüidade, a máscara da virtude já era horrenda, porque, sem se haver depurado pela moral cristã, o paganismo também tinha virtudes e sábios. Mas diante do altar do Cristo essa máscara é ainda mais feia, por ser a do egoísmo e da hipocrisia. Talvez o paganismo tenha tido menos Tartufos que a religião cristã. Explorar o coração do homem sábio e bom, lisonjeá-lo em todas as suas ações, enganar as pessoas confiantes por uma aparente piedade, levar a profanação até receber a Eucaristia com o orgulho e a blasfêmia no coração, eis o que faz Tartufo, o que fez e o que fará, sempre. Ó homens imperfeitos e mundanos! que condenais um princípio divino e uma moral sobre-humana porque dela quereis abusar, estais cegos quando confundis os homens com esse princípio, isto é, Deus com a Humanidade. É porque oculta as suas torpezas sob o manto sagrado que Tartufo é horroroso e repugnante. Maldição sobre ele, porque amaldiçoava quando era perdoado e meditava uma traição quando pregava a caridade.

Gérard de Nerval

A HARMONIA

Médium – Sr. Alfred Didier

Vistes muitas vezes, em certas regiões, particularmente na Provença, as ruínas de grandes castelos; um torreão que por vezes se eleva em meio a imensa solidão, com seus lúgubres e sombrios destroços, transportam-nos a uma época em que a fé talvez fosse ignorante, mas em que a arte e a poesia se haviam elevado com essa mesma fé tão inocente e tão pura. Vedes que estamos em plena Idade Média. Muitas vezes não pensastes que ao redor desses muros desmantelados o elegante capricho de uma castelã tenha feito vibrar cordas harmoniosas, então chamadas de harpa de Éolo? Ah, que pena! Tão rápidos como o vento que os fazia vibrar, desapareceram torreões, castelãs e harmonias! Aquela harpa de Éolo embalava o pensamento dos trovadores e das damas. Eram ouvidas com recolhimento religioso.

Tudo acaba sobre a vossa Terra. Aí raramente desce a poesia do Céu, para logo alçar vôo. Nos outros mundos, ao contrário, a harmonia é eterna, e o que a imaginação humana pode inventar não iguala essa constante poesia, que está não somente no coração dos Espíritos puros, mas, também, em toda a Natureza.

*Réné de Provence**Allan Kardec*



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IV

MARÇO DE 1861

Nº 3

O Homenzinho Ainda Vive

A Propósito do Artigo do Sr. Deschanel, Publicado no *Journal des Débats*

O Sr. Émile Deschanel, cujo nome não nos era conhecido, houve por bem consagrar-nos vinte e quatro colunas do folhetim do *Journal des Débats*, nos números de 15 e 29 de novembro último. Nós lhe agradecemos o fato, mas não a intenção. Com efeito, depois do artigo da *Bibliographie catholique* e o da *Gazette de Lyon*, que lançavam anátema e injúria à boca cheia, de maneira a fazer crer num retorno ao século XV, nada conhecemos de mais malévolo, de menos científico, sobretudo de mais longo, que o do Sr. Deschanel. Uma tão vigorosa investida deve ter-lhe feito pensar que o Espiritismo, por ele ferido a torto e a direito, deveria estar para sempre bem morto e enterrado. Como não lhe havíamos respondido, não lhe fizemos nenhuma intimação, não iniciamos com ele nenhuma polêmica extrema, pode ter-se equivocado quanto à causa do nosso silêncio. Devemos expor os motivos. O primeiro é que, em nossa opinião, nada havia de urgente e estávamos muito à vontade para esperar, a fim de julgar

o efeito desse assalto e regular nossa resposta. Hoje, que estamos completamente informados a respeito, diremos algumas palavras.

O segundo motivo é consequência do precedente. Para refutar o artigo detalhadamente, teria sido preciso reproduzi-lo por inteiro, a fim de pôr à vista o ataque e a defesa, o que já teria absorvido um número da nossa Revista; só a refutação absorveria pelo menos dois números; teríamos, assim, três números empregados em refutar o quê? Razões? Não, apenas pilhérias do Sr. Deschanel. Francamente, não valia a pena e nossos leitores preferem outra coisa. Os que desejarem conhecer a sua lógica poderão contentar-se lendo os números citados. E, depois, nossa resposta não teria sido mais que a repetição do que escrevemos, do que já respondemos ao jornal *Univers*, ao Sr. Oscar Comettant, à *Gazette de Lyon*, ao Sr. Louis Figuier e à *Bibliographie catholique*¹⁰, porque todos esses ataques não passam de variantes de um mesmo tema. Teria sido preciso, então, repetir a mesma coisa em outros termos para não ser monótono, e não teríamos tempo para isso. O que poderíamos dizer seria inútil para os adeptos e não seria bastante completo para convencer os incrédulos; portanto, trabalho perdido. Preferimos remeter às nossas obras os que queiram realmente esclarecer-se; eles poderão comparar os argumentos a favor e contrários: sua própria razão fará o resto.

Aliás, por que responderíamos ao Sr. Deschanel? Para convencê-lo? Mas isto não nos interessa absolutamente. Dir-se-á que seria um adepto a mais. Mas, o que nos importa a pessoa do Sr. Deschanel, a mais ou a menos? Que peso pode ter na balança, quando as adesões chegam aos milhares, desde o alto da escala social? – Mas é um publicista e se, em lugar de fazer uma diatribe tivesse feito um elogio, não teria sido muito melhor para a doutrina? Esta é uma questão mais grave; vamos examiná-la.

¹⁰ *Univers*, maio e julho de 1859; Sr. Oscar Comettant, dezembro de 1859; *Gazette de Lyon*, outubro de 1860; Sr. Louis Figuier, setembro e dezembro de 1860; *Bibliographie catholique*, janeiro de 1861.

Antes de mais, quem garantiria que o recém-convertido Sr. Deschanel teria publicado vinte e quatro colunas em favor do Espiritismo, como as publicou contra? Não o cremos, por duas razões: a primeira, porque teria temido ser levado ao ridículo por seus confrades; a segunda, porque o diretor do jornal provavelmente não as teria aceitado, com medo de intimidar certos leitores menos apavorados com o diabo do que com os Espíritos. Conhecemos bom número de literatos e de publicistas que estão nesse caso e nem por isso são bons e sinceros espíritas. Sabe-se que a Sra. Emile de Girardin, que passa por ter tido alguma inteligência em vida, não só era muito crente, mas ainda muito boa médium e obteve inúmeras comunicações; mas ela as reservava para o círculo íntimo de seus amigos, que partilhavam suas convicções; aos outros não falava disto. Para nós, pois, um publicista que ousa bem falar contra, mas que não ousaria falar a favor, se estivesse convencido, não passa de simples indivíduo. E quando vemos uma mãe desolada pela perda de um filho querido encontrar inefáveis consolações na doutrina, sua adesão aos nossos princípios tem para nós cem vezes o preço da conversão de um ilustre qualquer, se esse ilustre nada ousa dizer. Aliás, os homens de boa vontade não faltam; são em grande quantidade e tantos vêm a nós, que apenas podemos lhes responder. Assim, não vemos por que perder o nosso tempo com os indiferentes e correr atrás dos que não nos procuram.

Uma só palavra dará a conhecer se o Sr. Deschanel é um homem sério. Eis o início de seu segundo artigo, publicado em 29 de novembro:

“A Doutrina Espírita refuta-se por si mesma: basta expô-la. Depois de tudo ela não está errada por se chamar simplesmente espírita, porquanto nem é espírita nem espiritualista. Ao contrário, baseia-se no mais grosseiro materialismo e só não é divertida porque é ridícula”.

Dizer que o Espiritismo é baseado num materialismo grosseiro, quando combate este sem tréguas, quando nada seria sem a alma, sua imortalidade, as penas e as recompensas futuras, das quais é a demonstração patente, é o cúmulo da ignorância daquilo de que se trata. Se não é ignorância é má-fé e calúnia. Vendo essa acusação e ouvindo-o citar os textos bíblicos, os profetas, a lei de Moisés, que proíbe interrogar os mortos – prova de que podem ser interrogados, pois não se proíbe uma coisa impossível – poderíamos acreditá-lo de uma ortodoxia furibunda, mas lendo a facciosa passagem de seu artigo, que vamos transcrever, os leitores ficarão muito embaraçados para se pronunciarem a respeito de suas opiniões:

“Como podem os Espíritos tornar-se patentes? Como podem ser vistos, ouvidos e apalpados? E como podem escrever eles próprios e nos deixar autógrafos do outro mundo? – “Oh! mas é que esses Espíritos não são Espíritos, como podeis crer; Espíritos puramente Espíritos. “O Espírito – ouvi bem isso – não é um ser abstrato, indefinido, que só o pensamento pode conceber; é um ser real, circunscrito, que, em certo caso, é apreciável pelos sentidos da visão, da audição e do tato.”

– “Mas, então, esses Espíritos têm corpos?”

– “Não exatamente.

– “Mas, então?...”

– “Há no homem três coisas:

“1^o O corpo, ou ser material, análogo aos animais, movido pelo mesmo princípio vital;

“2^o A alma, ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo;

“3º O laço que une a alma e o corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.”

– “Intermediário? Que diabo quereis dizer? Ou se é matéria ou não se é.

– “Isto depende.

– “Como! isto depende!

– “Eis a coisa: o laço ou perispírito, que une o corpo e o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial...”

– “Semi! semi!

– “A morte é a destruição do envoltório mais grosseiro; o Espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, mas que acidentalmente pode torná-lo visível e mesmo tangível, como acontece no fenômeno das aparições.”

– “*Etéreo*, tanto faz; um corpo é um corpo. Isto significa dois. E a matéria é a matéria. Sutilizai-a tanto quanto o quiserdes, e lá dentro não há *semi* nenhum. A própria eletricidade não passa de matéria, e não semimatéria. E quanto ao vosso... Como chamais isto?

– “O *perispírito*?

– “Sim, vosso perispírito... eu acho que ele nada explica e que ele mesmo necessita de uma boa explicação.

– “O perispírito serve de primeiro envoltório ao Espírito e une a alma ao corpo. Tais são, num fruto, o germe, o perisperma e a casca... O perispírito é tirado do meio ambiente, do fluido universal; participa, ao mesmo tempo, da eletricidade, do

fluido magnético e, até certo ponto, da matéria inerte...
Compreendeis?

– “Não muito.

– “Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria.

– “Por mais quintessenciéis, daí não tirareis Espírito, nem semi-espírito; vosso perispírito é pura matéria.

– “É o princípio da vida orgânica, mas não o da vida intelectual.

– “Enfim, é o que quiserdes; mas vosso perispírito é tanta coisa, que não sei bem o que ele seja; poderá muito bem nada ser”.

Ao que parece, a palavra *perispírito* vos ofusca. Se tivésseis vivido ao tempo em que foi inventada a palavra *perisperma*, provavelmente também o tivésseis achado ridículo. Por que não criticais os que são inventados diariamente para exprimir idéias novas? Não é a palavra que critico, direis vós, é a coisa. Seja, por que jamais o vistes; mas negais a alma, que também nunca vistes? Negais a Deus, que igualmente jamais vistes? E então? se não se pode ver a alma ou o Espírito, que é a mesma coisa, pode-se ver o seu envoltório fluídico ou *perispírito*, quando está livre, como se vê o seu envoltório carnal quando ela está encarnada.

O Sr. Deschanel esforça-se por provar que o perispírito deve ser matéria; mas é o que dizemos com todas as letras. Por acaso seria isto que o faz dizer que o Espiritismo é uma doutrina materialista? Mas a própria citação que ele faz o condena, pois dizemos em termos apropriados, sem as suas facécias espirituosas, que o perispírito não passa de um envoltório independente do Espírito. Onde nos ouviu dizer que é o perispírito que pensa? Vá lá que ele não queira o perispírito; mas que nos diga como explica a

ação do Espírito sobre a matéria sem intermediário? Não falaremos das aparições contemporâneas, nas quais por certo não acredita; mas já que é tão aferrado à Bíblia, cuja defesa faz com tanto fervor, é que crê na Bíblia e no que ela diz. Que, então, nos explique as aparições dos anjos, dos quais ela faz menção a todo instante. Segundo a doutrina teológica, os anjos são Espíritos puros; mas quando se tornam visíveis, dir-se-á que é o Espírito que se mostra? Então seria, desta vez, materializar o próprio Espírito, porquanto só a matéria pode afetar os nossos sentidos. Dizemos que o Espírito é revestido por um envoltório, que ele pode tornar visível e mesmo tangível à vontade. Só o envoltório é material, embora muito etéreo, o que nada tira às qualidades particulares do Espírito. Assim explicamos um fato até então inexplicado e, por certo, somos menos materialistas do que aqueles que pretendem ser o próprio Espírito que se transforma em matéria para se fazer ver e agir. Os que não acreditavam na aparição dos anjos da Bíblia podem agora acreditar, se acreditam na existência dos anjos, sem que isso lhes repugne a razão. Por isso mesmo podem compreender a possibilidade das manifestações atuais, visíveis, tangíveis e outras, desde que a alma ou Espírito possui um envoltório fluídico, se é que acreditam na existência da alma.

Aliás, o Sr. Deschanel esqueceu uma coisa: expor a sua teoria da alma ou Espírito. Como homem judicioso deveria ter dito: Estais equivocado por esta ou aquela razão; as coisas não são tais quais dizeis; *eis o que são*. Só então teríamos algo sobre o que discutir. Mas é de notar que isto ainda não fez nenhum dos contraditores do Espiritismo: apenas negam, zombam ou injuriam. Não lhes conhecemos outra lógica, o que é muito pouco inquietante. Assim, absolutamente não nos preocupamos, porquanto, se nada propõem, é que aparentemente nada têm de melhor a propor. Só os sinceros materialistas têm um sistema definitivo: o nada após a morte. Desejamos que se divirtam muito, se isto os satisfaz. Infelizmente os que admitem a alma estão impossibilitados de resolver as mais vitais questões, apenas

conforme sua teoria. É por isso que não têm outro recurso senão recorrer à fé cega, razão pouco concludente para os que gostam das razões, sendo grande o seu número neste século de luzes. Ora, os espiritualistas nada explicam de modo satisfatório para os pensadores, o que leva estes a concluir que nada existe e que os materialistas talvez tenham razão. É isto que conduz tanta gente à incredulidade, ao passo que essas mesmas dificuldades encontram solução muito simples e natural pela teoria espírita. O materialismo diz: “Nada há fora da matéria”. O espiritualismo diz: “Existe algo”, mas não o prova. O Espiritismo diz: “Existe alguma coisa”, e o prova; e, auxiliado por sua alavanca, explica o que até então era inexplicável. É o que faz que o Espiritismo reconduza tantos incrédulos ao espiritualismo. Não pedimos ao Sr. Deschanel senão uma coisa: expor claramente a sua teoria e responder, não menos claramente, às diversas perguntas que dirigimos ao Sr. Figuiet.

Em suma, as objeções do Sr. Deschanel são pueris. Se fosse um homem sério; se tivesse criticado com conhecimento de causa e não se houvesse exposto ao pesado equívoco de tachar o Espiritismo de doutrina materialista, por certo teria procurado aprofundar o assunto. Teria vindo nos encontrar, como tantos outros, pedir esclarecimentos que com prazer lhe daríamos; mas preferiu falar conforme suas próprias idéias, que sem dúvida encara como o supremo regulador, como a unidade métrica da razão humana. Ora, como sua opinião pessoal nos é indiferente, não nos preocupamos absolutamente em mudá-la, razão por que não demos um só passo nessa direção, nem o convidamos a nenhuma reunião, como a nenhuma demonstração. Se ele quisesse saber, teria vindo. Como não veio é porque não o queria, e não seríamos nós a querer mais do que ele.

Outro ponto a examinar é este: Uma crítica tão virulenta e tão longa, fundamentada ou não, num jornal tão importante quanto o *Débats*, não poderia prejudicar a propagação das idéias novas? Vejamos.

Antes de mais, é preciso observar que não se cuida de uma doutrina filosófica como de uma mercadoria. Se, apoiado em provas, um jornal afirmasse que tal comerciante vende mercadorias avariadas ou adulteradas, ninguém seria tentado a ir experimentar se aquilo era verdade. Mas toda teoria metafísica é uma opinião que, fosse ela do próprio Deus, encontraria contraditores. Não vimos as melhores coisas, as mais incontestáveis verdades de hoje serem postas ao ridículo quando de seu aparecimento pelos homens mais capazes? Isso as impediu de serem verdadeiras e de se propagarem? Todo mundo o sabe. Eis por que a opinião de um jornalista sobre questões desse gênero é apenas e sempre uma opinião pessoal; e se tantos sábios se enganaram sobre coisas positivas, o Sr. Deschanel pode muito bem equivocar-se sobre uma coisa abstrata. Por pouco que ele tenha uma idéia, mesmo vaga, do Espiritismo sua acusação de materialismo é a sua própria condenação. Disso resulta que se quer ver e julgar por si mesmo: é tudo o que pedimos. Sob esse aspecto, mesmo sem o querer o Sr. Deschanel prestou um verdadeiro serviço à nossa causa, pelo que lhe agradecemos, pois ele nos poupa despesas de publicidade; afinal, não somos ricos o suficiente para pagar um folhetim de 24 colunas. Por mais espalhado que esteja, o Espiritismo ainda não penetrou em toda parte; há muita gente que dele jamais ouviu falar. Um artigo de tal importância atrai a atenção, faz penetrar até mesmo no campo inimigo, onde causa deserções, porque se diz naturalmente que não se ataca assim uma coisa sem valor. Com efeito, a gente não se diverte apontando baterias formidáveis contra uma praça que se pode tomar a fuzil. Julga-se a resistência pela exibição das forças de ataque, e é o que desperta a atenção sobre coisas que talvez pudessem passar despercebidas.

Isto não passa de raciocínio. Vejamos se os fatos o vêm contradizer. Julga-se do crédito de um jornal, das simpatias que encontra na opinião pública, pelo número de seus leitores. O mesmo deve dar-se com o Espiritismo, representado por algumas obras especiais. Só falaremos das nossas, porque lhes conhecemos

o número exato. Pois bem! *O Livro dos Espíritos*, que passa por conter a mais completa exposição da doutrina, foi publicado em 1857; a 2ª edição em abril de 1860; a 3ª em agosto de 1860, isto é, quatro meses mais tarde; e em fevereiro de 1861 a 4ª edição estava à venda. Assim, três edições em menos de um ano, provando que nem todo mundo é da opinião do Sr. Deschanel. Nossa nova obra, *O Livro dos Médiuns*, apareceu a 15 de janeiro de 1861 e já é preciso pensar em preparar uma nova edição. Foi pedido da Rússia, da Alemanha, da Itália, da Inglaterra, da Espanha, dos Estados Unidos, do México, do Brasil, etc.

Os artigos do *Journal des Débats* apareceram em novembro último. Se tivessem exercido alguma influência sobre a opinião pública, teria sido precisamente sobre a *Revista Espírita*, que publicamos, que tal influência teria feito sentir-se. Ora, a 1ª de janeiro de 1861, data da renovação das assinaturas anuais, havia um terço a mais de assinantes em relação à mesma época do ano precedente, e diariamente recebe novos que – coisa digna de nota – pedem todas as coleções dos anos anteriores, de modo que foi necessário reimprimi-las. Isto prova, portanto, que ela não parece assim tão ridícula. De todos os lados, em Paris, na província, no estrangeiro, formam-se reuniões espíritas. Conhecemos mais de cem delas nos Departamentos e estamos longe de as conhecer totalmente, sem contar todas as pessoas que disso se ocupam isoladamente ou no seio da família. Que dirão a isto os Srs. Deschanel, Figuier e gente da espécie? Que o número de loucos aumenta. Sim, aumenta de tal forma que em pouco tempo os loucos serão mais numerosos que as pessoas sensatas. Mas o que tais senhores, tão cheios de solicitude pelo bom-senso humano, devem deplorar, é ver que tudo quanto fizeram para deter o movimento produz resultado exatamente contrário. Querem saber a causa? É muito simples. Eles pretendem falar em nome da razão, e nada oferecem de melhor; uns dão como perspectiva o nada; outros, as chamas eternas: duas alternativas que agradam a muito pouca gente. Entre as duas escolhe-se a que é mais tranqüilizadora.

Depois disso, senhores, ainda vos admirais de ver os homens se lançarem nos braços do Espiritismo? Acreditáveis matá-lo e nós tivemos de lhes provar que o homenzinho ainda vive e viverá por muito tempo.

Tendo demonstrado a experiência que os artigos do Sr. Deschanel, longe de prejudicar a causa do Espiritismo, a serviram, ao excitar nos que dele ainda não haviam ouvido falar o desejo de o conhecer, julgamos supérfluo discutir cada uma de suas asserções. Todas as armas têm sido empregadas contra esta doutrina: atacaram-na em nome da religião, a que ela serve em vez de prejudicar; em nome da Ciência, em nome do materialismo; prodigalizaram-lhe, sucessivamente, a injúria, a ameaça, a calúnia, e ela a tudo resistiu, mesmo ao ridículo. Sob a nuvem das setas que lhe atiram, ela dá pacificamente a volta ao mundo e se implanta por toda parte, às barbas de seus inimigos mais encarniçados. Não está nisto matéria para séria reflexão e não é prova de que encontra eco no coração do homem, ao mesmo tempo em que se acha sob a salvaguarda de uma força contra a qual vêm aniquilar-se os esforços humanos?

É notável que no momento em que apareceram os artigos do *Journal des Débats*, comunicações espontâneas tenham ocorrido em vários lugares, tanto em Paris quanto nos Departamentos. Todas exprimem o mesmo pensamento. A seguinte foi dada na Sociedade, a 30 de novembro último:

“Não vos inquieteis com o que o mundo pode escrever contra o Espiritismo. Não é a vós que atacam os incrédulos, mas ao próprio Deus; mas Deus é mais poderoso do que eles. É uma era nova, entendei bem, que se abre ante vós; e os que buscam opor-se aos desígnios da Providência logo serão derrubados. Como foi dito perfeitamente, longe de prejudicar o Espiritismo, o cepticismo fere a própria mão e ele mesmo se matará. Já que o mundo quer tornar a morte onipotente pelo nada, deixai-o falar; não lhe oponhais

senão a indiferença ao seu amargo pedantismo. Para vós a morte não será mais essa deusa atroz que os poetas sonharam: a morte se vos apresentará como a aurora dos dedos de rosa de Homero”.

André Chénier

Sobre o mesmo assunto São Luís havia dito antes:

“Semelhantes artigos só fazem mal aos que os escrevem; nenhum mal fazem ao Espiritismo, concorrendo para o espalhar mesmo entre os seus inimigos”.

Um outro Espírito respondeu a um médico de Nîmes, que lhe perguntou o que pensava dos artigos:

“Deveis ficar satisfeitos com isto. Se vossos inimigos se ocupam tanto convosco, é porque vos reconhecem algum valor e vos temem. Deixai-os, pois, que digam e façam o que quiserem; quanto mais falarem, mais vos farão conhecer, e não vem longe o tempo em que serão forçados a calar-se. Sua cólera prova a sua fraqueza. Só a verdadeira força sabe dominar-se: tem a calma da confiança. A fraqueza procura perturbar fazendo muito barulho”.

Querem agora uma amostra do emprego que certos sábios fazem da ciência em proveito do Espiritismo? Citemos um exemplo.

Um dos nossos colegas da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, o Sr. Indermuhle, de Berna, escreve-nos o seguinte:

“O Sr. *Schiff*, professor de Anatomia (não sei se é o mesmo que tão engenhosamente descobriu o músculo estalante, do qual o Sr. Jobert de Lamballe tornou-se o editor responsável)¹¹, deu aqui há algumas semanas um curso público sobre digestão.

¹¹ Vide a *Revista Espírita*, junho de 1859.

Certamente o curso era interessante; porém, depois de haver falado muito sobre a cozinha e a Química, a propósito dos alimentos, e provado que nenhuma matéria se aniquila; que pode dividir-se e transformar-se, mas que é encontrada na composição do ar, da água e dos tecidos orgânicos, chegou à seguinte conclusão: ‘Assim, pois – diz ele – a *alma*, tal como o vulgo a entende, é justamente no sentido de que aquilo que chamamos alma *se dissolve* após a morte do corpo, assim como o corpo material. Ela se decompõe para que se juntem novamente as matérias nela contidas, seja no ar, seja nos outros corpos. É *somente neste sentido que a palavra imortalidade se justifica: do contrário, não*’.

É assim que, em 1861, encarregados de instruir e de esclarecer os homens, os sábios lhes oferecem pedra em vez de pão. É preciso que se diga, em louvor da Humanidade, que a maioria dos ouvintes estava muito pouco edificada e satisfeita com esta conclusão, tirada tão bruscamente; que muitos ficaram escandalizados. Quanto a mim, tive piedade desse homem. Se tivesse atacado o governo, tê-lo-iam interdito e mesmo punido. Como se pode tolerar o ensino público do materialismo, essa subversão da sociedade?”

A essas judiciosas reflexões de nosso colega, acrescentaremos que uma sociedade materialista, tal qual certos homens se esforçam em transformar a sociedade atual, não possuindo nenhum freio moral, é a mais perigosa para qualquer espécie de governo. Talvez o materialismo jamais tenha sido professado com tanto cinismo. Aqueles que são retidos por um pouco de pudor se compensam arrastando na lama o que o pode destruir. Mas, por mais que façam, são as convulsões de sua agonia. E, diga o que disser o Sr. Deschanel, é o Espiritismo que lhe dará o golpe de misericórdia.

Limitamo-nos a enviar a seguinte carta ao Sr. Deschanel:

Senhor,

Publicastes dois artigos no *Journal des Débats* de 15 e 29 de novembro último, nos quais apreciáis o Espiritismo, do vosso ponto de vista. O ridículo que lançais sobre esta doutrina e, conseqüentemente, sobre mim e sobre todos que a professam, autorizava-me a dirigir uma refutação, que eu pediria fosse inserta naquele jornal. Não o fiz porque, por maior extensão que lhe desse, sempre teria sido insuficiente para as pessoas estranhas a essa ciência e inútil aos que a conhecem. A convicção não é adquirida senão por estudos sérios, feitos sem prevenção, sem idéias preconcebidas e por numerosas observações, feitas com *a paciência e a perseverança de quem quer realmente saber e compreender*. Eu precisaria ter dado aos vossos leitores um verdadeiro curso, que teria ultrapassado os limites de um artigo. Mas como vos creio um homem muito honrado para atacar sem admitir defesa, limitar-me-ei a lhes dizer, nesta simples carta, que vos rogo a gentileza de publicar no mesmo jornal, que eles encontrarão em *O Livro dos Espíritos* ou em *O Livro dos Médiuns*, que acabo de publicar pelos Srs. Didier & Cia., uma resposta suficiente, em minha opinião. Deixo ao julgamento deles o cuidado de confrontar os vossos argumentos e os meus. Os que quiserem, previamente, ter uma idéia sucinta e com pouca despesa, poderão ler a pequena brochura intitulada: *O que é o Espiritismo?* e que custa somente 60 centavos, bem como a *Carta de um católico sobre o Espiritismo*, do Sr. Dr. Grand, antigo vice-cônsul de França. Encontrarão ainda algumas reflexões sobre o vosso artigo no número do mês de março da *Revista Espírita*, que publico.

Todavia, há um ponto que eu não poderia passar em silêncio. É o trecho do vosso artigo onde dizeis que *o Espiritismo se baseia no mais grosseiro materialismo*. Ponho de lado as expressões ofensivas, e pouco parlamentares, às quais tenho por hábito não prestar atenção, limitando-me a dizer que essa passagem contém um erro, não direi grosseiro, pois o termo seria incivil, mas capital,

que me importa realçar para a instrução de vossos leitores. Com efeito, o Espiritismo tem por base essencial, e sem a qual não teria nenhuma razão de ser, a existência de *Deus, da alma, sua imortalidade, as penas e as recompensas futuras*. Ora, esses pontos são a mais absoluta negação do materialismo, que não admite nenhum deles. A Doutrina Espírita não se limita a afirmá-los; não os admite *a priori*: é a sua demonstração patente. Eis por que já reconduziu um tão grande número de incrédulos, que já haviam abjurado qualquer sentimento religioso.

Ela pode não ser espiritual, mas com toda certeza é essencialmente espiritualista, isto é, contrária ao materialismo, porquanto não se conceberia uma doutrina da alma imortal, fundada sobre a não-existência da alma. O que conduz tanta gente à incredulidade absoluta é a maneira pela qual são apresentados a alma e o seu futuro. Vejo diariamente as pessoas dizerem: “Se desde a infância me tivessem ensinado essas coisas, como o fazeis, eu jamais teria sido incrédulo, porque agora compreendo o que antes não compreendia”. Assim, diariamente tenho a prova de que basta expor esta doutrina para conquistar-lhe numerosos partidários.

Aceitai, etc.

A Cabeça de Garibaldi

O *Siècle* de 4 de fevereiro contempla uma carta do Dr. Riboli, que foi a Caprera examinar a cabeça de Garibaldi, do ponto de vista frenológico. Não é nossa intenção apreciar o julgamento do doutor e, menos ainda, a personagem política; mas a leitura da carta nos forneceu algumas reflexões que, naturalmente, aqui têm seu lugar.

O Dr. Riboli acha que a organização cerebral de Garibaldi corresponde perfeitamente a todas as eminentes faculdades intelectuais e morais que o distinguem, e acrescenta:

“Podeis sorrir de meu fanatismo, mas posso assegurar-vos que esse momento que passei examinando essa cabeça notável foi o mais feliz de minha vida. Vi, meu caro amigo, esse grande homem prestar-se como a uma criança a tudo quanto lhe pedia; esta cabeça, que contém um mundo, eu a tive entre as mãos durante mais de vinte minutos, sentindo a cada instante distinguir-se sob os meus dedos as desigualdades e os contrastes de seu gênio...

“Garibaldi tem 1 metro e 64 centímetros de altura. Medi todas as proporções, a largura das espáduas, o comprimento dos braços e das pernas, a cintura; é um homem bem proporcionado, forte e de temperamento nervoso, sanguíneo.

“O volume da cabeça é notável. A principal fenomenalidade é a altura do crânio, medido da orelha ao topo da cabeça, que é de 20 centímetros. Esta predominância particular de toda a parte superior da cabeça denota, à primeira vista e sem exame prévio, uma organização excepcional; o desenvolvimento do crânio na sua parte superior, sede dos sentimentos, indica a preponderância de todas as faculdades nobres sobre os instintos. Em suma, a craniologia da cabeça de Garibaldi, após exame, apresenta uma fenomenalidade original das mais raras, pode-se dizer, sem precedentes; a harmonia de todos os órgãos é perfeita, e a resultante matemática de seu conjunto apresenta em alto grau: a abnegação antes de tudo e em tudo; a prudência e o sangue-frio; a natural austeridade dos costumes; a meditação quase perpétua; a eloqüência grave e exata; a lealdade dominante; a deferência incrível com os amigos a ponto de sofrer por isto; sua perceptibilidade com respeito aos homens que o cercam é, sobretudo, dominante.

“Numa palavra, meu caro, sem vos aborrecer com todas as comparações, com todos os contrastes de causalidade, de habitatividade, de construtividade, de destrutividade¹², é uma

12 Eis aí alguns neologismos, que, entretanto, não são mais barbarismos do que *Espiritismo e perispirito*.

cabeça maravilhosa, orgânica, sem desfalecimentos, que a Ciência estudará e tomarás por modelo, etc.”

A carta é escrita inteiramente com um entusiasmo que denota a mais profunda e sincera admiração pelo herói italiano. Entretanto, queremos crer que as observações do autor não tenham sido influenciadas por nenhuma idéia preconcebida; mas não é disto que se trata: aceitamos os seus dados frenológicos como exatos e, se não o fossem, Garibaldi não seria nem mais nem menos do que é. Sabe-se que os discípulos de Gall formam duas escolas: a dos materialistas e a dos espiritualistas. Os primeiros atribuem as faculdades aos órgãos; para eles os órgãos são a causa, as faculdades são o produto, de onde se segue que fora dos órgãos não há faculdades; em outras palavras, quando o homem morre, tudo está morto. Os segundos admitem a independência das faculdades; as faculdades são a causa; o desenvolvimento dos órgãos, o efeito. De onde se segue que a destruição dos órgãos não provoca o aniquilamento das faculdades.

Não sabemos a qual das duas escolas pertence o autor da carta, porquanto sua opinião não se revela por nenhuma palavra. Contudo, supondo que as observações acima tenham sido feitas por um frenologista materialista, perguntamos que impressão deveria ele sentir à idéia de que *essa cabeça, que contém um mundo*, só deve o seu gênio ao acaso ou ao capricho da Natureza, que lhe teria dado maior massa cerebral num ponto que em outro. Ora, como o acaso é cego e não tem desígnio premeditado, poderia perfeitamente ter aumentado o volume de uma outra circunvolução do cérebro e assim dar, sem o querer, todo um outro curso às suas inclinações. Tal raciocínio aplica-se necessariamente a todos os homens transcendentos, seja a que título for. Onde estaria o seu mérito, se não dependesse senão do deslocamento de pequena porção de substância cerebral? Se um simples capricho da Natureza pode, em vez de um grande homem, fazer um homem vulgar? Em vez de um homem de bem, um celerado?

Mas isto não é tudo. Considerando hoje essa cabeça poderosa, não haverá algo de terrível ao pensar que talvez amanhã nada mais reste desse gênio, absolutamente nada, senão a matéria inerte, que será pasto dos vermes? Sem falar das funestas conseqüências de semelhante sistema, caso fosse verossímil, diremos que está repleto de contradições inexplicáveis, que os fatos demonstram a cada passo. Ao contrário, tudo se explica pelo sistema espiritualista: as faculdades não são produto dos órgãos, mas atributos da alma, cujos órgãos não passam de instrumentos a serviço de sua manifestação. Sendo a faculdade independente, sua atividade estimula o desenvolvimento do órgão, como o exercício de um músculo lhe aumenta o volume. O ser pensante é o ser principal, cujo corpo é apenas um acessório destrutível. O talento, então, é um mérito real, porque é fruto do trabalho, e não o resultado de uma matéria mais ou menos abundante. Com o sistema materialista, o trabalho, com o auxílio do qual se adquire o talento, é inteiramente perdido com a morte, que muitas vezes não deixa tempo de o desfrutar. Com a alma, o trabalho tem sua razão de ser, porque tudo que a alma adquire serve ao seu desenvolvimento; trabalha-se para um ser imortal, e não para um corpo que talvez só tenha algumas horas de vida.

Dirão, no entanto, que o gênio não se adquire: é inato. Certamente. Mas, então, por que dois homens, nascidos nas mesmas condições, são tão diferentes do ponto de vista intelectual? Por que teria Deus favorecido a um mais que ao outro? Por que a um teria dado os meios de progredir, recusando-os ao outro? Qual o sistema filosófico que resolveu este problema? Só a doutrina da preexistência da alma o pode explicar: o homem de gênio já viveu, tem aquisição, experiência e, por isso, mais direito ao nosso respeito, do que se devesse a sua superioridade a um favor não justificado da Providência, ou a um capricho da Natureza. Preferimos acreditar que o Dr. Riboli tenha visto, na cabeça daquele que, por assim dizer, não tocava senão com um temor respeitoso, algo mais digno de sua veneração que uma simples

massa de carne, e que não a tenha rebaixado ao papel de um mecanismo organizado. A gente se lembra daquele trapeiro que, olhando um cão morto num canto abandonado, dizia de si para si: *Eis o que será de nós!* Pois bem! Vós todos que negais a existência futura, vede a que ponto reduzis os maiores gênios!

Para mais detalhes sobre a questão da frenologia e da fisiognomonia, remetemos o leitor ao artigo publicado na *Revista Espírita* do mês de julho de 1860.

Assassinato do Sr. Poinot

O mistério que ainda cerca esse deplorável acontecimento fez surgir em muita gente a idéia de que, evocando o Espírito da vítima, poder-se-ia chegar a conhecer a verdade. Numerosas cartas nos foram enviadas a respeito; como a questão repousa num princípio de certa gravidade, julgamos útil dar a conhecer a resposta a todos os nossos leitores.

Jamais fazendo do Espiritismo objeto de curiosidade, não tínhamos pensado em evocar o Sr. Poinot. Todavia, a pedido reiterado de um de nossos correspondentes, que havia recebido uma suposta comunicação dele, e por nosso intermédio desejava saber se era autêntica, tentamos fazê-lo há poucos dias. Conforme nosso hábito, perguntamos ao nosso guia espiritual se tal evocação era possível e se tinha sido realmente ele que se havia manifestado ao nosso correspondente. Eis as respostas obtidas:

“O Sr. Poinot não pode responder ao vosso apelo; ainda não se comunicou com ninguém. Deus o proíbe, no momento”.

1. Pode-se saber o motivo?

Resp. – Sim: porque revelações desse gênero influenciariam a consciência dos juizes, que devem agir com total liberdade.

2. Entretanto, ao esclarecerem os juízes, essas revelações talvez pudessem poupar-lhes erros lamentáveis e até mesmo irreparáveis.

Resp. – Não é por esse meio que devem ser esclarecidos. Deus lhes quer deixar a inteira responsabilidade de suas sentenças, como deixa a cada homem a responsabilidade de seus atos; não lhes quer poupar o trabalho das pesquisas, nem o mérito de as haver feito.

3. Mas, na falta de informações suficientes, pode um culpado escapar à justiça?

Resp. – Credes que ele escape à justiça de Deus? Se ele deve ser ferido pela justiça dos homens, Deus saberá fazê-lo cair em suas mãos.

4. Assim entendemos, para o culpado; mas se um inocente fosse condenado, não seria um grande mal?

Resp. – “Deus julga em última instância, e o inocente condenado injustamente pelos homens terá a sua reabilitação. Aliás, essa condenação pode ser para ele uma prova útil ao seu adiantamento; mas, por vezes, também pode ser a justa punição de um crime, da qual terá escapado em outra existência.

“Lembraí-vos de que os Espíritos têm por missão vos instruir na via do bem, e não facilitar o caminho terreno, deixado à atividade de vossa inteligência. É pelo afastamento do fim providencial do Espiritismo que vos expondes a serdes enganados pela turba de Espíritos mentirosos que se agitam incessantemente em torno de vós”.

Depois da primeira resposta, os assistentes discutiam sobre os motivos dessa interdição e, como que para justificar o princípio, um Espírito fez um médium escrever: *Vou trazê-lo... ei-lo*; Pouco depois: “Como sois amável em querer conversar comigo; isto me é tanto mais agradável quanto tenho muitas coisas a vos dizer”. Essa linguagem pareceu suspeita da parte de um

homem como o Sr. Poincot, sobretudo em razão da resposta que acabava de dar. Eis por que pediram que afirmasse sua identidade em nome de Deus. Então o Espírito escreveu: “Meu Deus, não posso mentir. Contudo, desejava muito conversar com tão amável sociedade, mas não me quereis; adeus”. Foi então que o nosso guia espiritual acrescentou: “Eu vos disse que esse Espírito não pode responder esta noite; Deus o proíbe de manifestar-se. Se insistirdes, sereis enganados”.

Observação – É evidente que se os Espíritos pudessem poupar pesquisa aos homens, estes não se dariam ao trabalho para descobrir a verdade, pois que ela lhes chegaria por si mesma. Assim, o mais preguiçoso poderia sabê-la tanto quanto o mais laborioso, o que não seria justo. Isto é um princípio geral. Aplicado ao caso do Sr. Poincot, não é menos evidente que se o Espírito declarasse um indivíduo inocente ou culpado, e os juízes não achassem provas suficientes de uma ou outra afirmação, sua consciência ficaria perturbada; que a opinião pública poderia enganar-se por prevenções injustas. Não sendo perfeito o homem, devemos concluir que Deus sabe melhor que ele o que lhe deve ser revelado, ou oculto. Se uma revelação deve ser feita por meios extra-humanos, Deus lhe sabe dar um cunho de autenticidade capaz de levantar todas as dúvidas, como testemunha o fato seguinte:

Nas vizinhanças das minas, no México, uma fazenda tinha sido incendiada. Numa reunião onde cuidavam de manifestações espíritas (há diversas naquele país, onde provavelmente ainda não chegaram os artigos do Sr. Deschanel, razão por que lá se acham tão atrasados), um Espírito se comunicava por batidas; disse que o culpado estava entre os assistentes; a princípio duvidam, crendo numa mistificação. O Espírito insiste e designa um dos indivíduos presentes; espantam-se. Este revela presença de espírito, mas o Espírito parece relutar, e o faz tão bem que prendem o homem que, premido por perguntas,

acaba por confessar o crime. Como se vê, os culpados não devem fiar-se muito na discrição dos Espíritos, que, muitas vezes, são os instrumentos de que Deus se serve para os castigar. Como o Sr. Figuier explicaria tal fato? É intuição, hipnotismo, biologia, superexcitação do cérebro, concentração do pensamento, alucinação, que ele admite sem crer na independência do Espírito e da matéria? Resolvi tudo isto, se puderdes; sua própria solução é um problema e ele deveria dar a solução de sua solução. Mas por que um Espírito não revelaria o assassino do Sr. Poinot, como o fez com aquele incendiário? Pedi, então, contas a Deus de suas ações; perguntai ao Sr. Figuier, que julga saber mais que Ele.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

SRA. BERTRAND (HAUTE-SAÔNE)

Falecida em 7 de fevereiro de 1861. Evocada na Sociedade Espírita de Paris a 15 do mesmo mês.

Nota – A Sra. Bertrand havia feito um estudo sério do Espiritismo, cuja doutrina professava, compreendendo todo o seu alcance filosófico.

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui.

2. Tendo vossa correspondência nos levado a apreciar-vos, e conhecendo vossa simpatia pela Sociedade, pensamos que não vos seria desagradável chamar-vos tão cedo.

Resp. – Vedes que estou aqui.

3. Um outro motivo me impele pessoalmente a fazê-lo. Tenciono escrever à senhorita sua filha, a propósito do acontecimento que acaba de atingi-la e estou certo de que se sentirá feliz ao saber do resultado de nossa conversa.

Resp. – Certamente; ela o espera, pois eu lhe havia prometido me revelar tão logo me evocassem.

4. Esclarecida como éreis sobre o Espiritismo, e penetrada dos princípios desta doutrina, vossas respostas ser-nos-ão duplamente instrutivas. Inicialmente, quereis dizer-nos se demorastes muito a vos reconhecer e se já recobrades a plenitude de vossas faculdades?

Resp. – A plenitude de minhas antigas faculdades, sim; a plenitude de minhas novas faculdades, não.

5. É costume perguntar aos vivos como passam. Mas aos Espíritos perguntamos se são felizes. É com profundo sentimento de simpatia que vos fazemos esta última pergunta.

Resp. – Obrigada, meus amigos. Ainda não sou feliz, no sentido espiritualista do termo. Mas sou feliz pela renovação do meu ser, deslumbrado e em êxtase; pela visão das coisas que nos são reveladas, mas que ainda compreendemos imperfeitamente, por melhor médium ou espírita que sejamos.

6. Em vida havíeis feito uma idéia do mundo espírita pelo estudo da doutrina. Podeis dizer-nos se encontrastes as coisas tais quais as tínheis imaginado?

Resp. – Mais ou menos, como vemos os objetos na incerteza da semi-escuridão. Mas como são diferentes quando a luz brilhante os revela!

7. Assim, o quadro que nos é feito da vida espírita nada tem de exagerado, nada de ilusório!

Resp. – Ele é amesquinhado pelo vosso Espírito, que não pode compreender as coisas divinas senão suavizadas e veladas. Agimos convosco como fazeis com as crianças, às quais apenas mostrais uma parte das coisas predispostas para o seu entendimento.

8. Testemunhastes o instante da morte do vosso corpo?

Resp. – Esgotado por longos sofrimentos, meu corpo não teve de passar por uma grande luta; *minha alma despreendeu-se dele como o fruto maduro que cai da árvore*. O aniquilamento completo de meu ser impediu-me de sentir a derradeira angústia da agonia.

9. Poderíeis descrever vossas sensações no momento do despertar?

Resp. – Não há despertar, ou, antes, pareceu-me que havia continuidade; como quando voltamos para casa após curta ausência, pareceu-me que apenas alguns minutos me separavam do que eu acabava de deixar. Errante em volta do meu leito, via-me estendida, transfigurada e não podia afastar-me, retida que era, ou pelo menos ao que me parecia, por um último laço àquele invólucro corporal, que tanto me havia feito sofrer.

10. Vistes imediatamente outros Espíritos vos cercar?

Resp. – Logo vieram me receber. Então desviei o pensamento do meu *eu* terreno e, transportado, meu *eu* espiritual abismou-se no delicioso prazer das coisas *novas e conhecidas que reencontrava*.

11. Estáveis entre os membros da família durante a cerimônia fúnebre?

Resp. – Vi levarem o meu corpo, mas logo me afastei. O Espiritismo desmaterializa por antecipação e torna mais súbita a passagem do mundo terreno ao mundo espiritual. Eu não tinha levado de minha migração na Terra nem vãos pesares nem curiosidade pueril.

12. Tendes algo de particular a dizer à senhorita vossa filha, que partilhava de vossas crenças, e várias vezes me escreveu em vosso nome?

Resp. – Eu lhe recomendo dar aos seus estudos um caráter mais sério; transformar a dor estéril em lembrança piedosa e fecunda; que não esqueça que a vida prossegue, sem interrupção,

e que os frívolos interesses do mundo empalidecem ante a grande palavra: *Eternidade!* Aliás, minha lembrança pessoal, terna e íntima, em breve lhe será transmitida.

13. Em janeiro eu vos remeti um cartão-retrato. Como jamais me vistes, podeis dizer se me reconheceis?

Resp. – Mas eu não vos reconheço; eu vos vejo.

– Não recebestes aquele cartão?

Resp. – Não me lembro.

14. Eu teria várias perguntas importantes a vos fazer sobre os fatos extraordinários que se passaram em vossa casa e que nos comunicastes. Penso que poderíeis nos dar, a respeito, interessantes explicações; mas a hora avançada e a fadiga do médium me obrigam a prorrogá-las. Limito-me a algumas perguntas para terminar.

– Embora vossa morte seja recente, já deixastes a Terra? Percorrestes os espaço e visitastes outros mundos?

Resp. – O termo visitar não corresponde ao movimento tão rápido como o é a palavra, a qual nos faz, tão rápido quanto o pensamento, descobrir sítios novos. A distância não passa de uma palavra, como o tempo não é para nós senão uma mesma hora.

15. Preparando as perguntas que devemos dirigir a um Espírito, temos geralmente uma evocação antecipada. Podeis dizer se, nesse caso, estáveis prevenida de nossa intenção, e se vos encontráveis perto de mim ontem, enquanto preparava as perguntas?

Resp. – Sim; já sabia tudo que me diríeis hoje e responderei com propriedade às perguntas que reservastes.

16. Em vossa vida teríamos sido muito felizes de vos ter entre nós; mas desde que isso não foi possível, somos igualmente felizes em vos ter em Espírito e vos agradecemos a solicitude em responder ao nosso apelo.

Resp. – Meus amigos, eu acompanhava os vossos estudos com interesse. Agora, porém, que posso habitar entre vós como Espírito, aconselho a vos ligardes mais ao Espírito do que à letra.

Adeus.

A carta seguinte nos foi dirigida a propósito desta evocação:

“Senhor,

É com um sentimento de profundo reconhecimento que venho agradecer-vos, no meu e em nome de meu pai, por vos terdes antecipado ao nosso desejo de receber, por vosso intermédio, as notícias daquela que choramos.

As numerosas provações morais e físicas que minha querida e boa mãe teve de sofrer durante sua existência, sua paciência em suportá-las, seu devotamento, sua completa abnegação faziam-me esperar que estivesse feliz. Mas a certeza que nos acabais de dar, senhor, é um grande consolo para nós que a amávamos tanto e queremos a sua felicidade antes da nossa.

Minha mãe era a alma da casa, senhor. Não preciso dizer o vazio que sua ausência deixou; sofremos por não mais a ver, mais do que poderia exprimir e, no entanto, experimentamos uma certa quietude por não vê-la mais nas dores atrozes que padecia. Minha pobre mãe era uma mártir. Deve ter uma bela recompensa pela paciência e doçura com que suportou todas as suas angústias. Sua vida não passou de uma longa tortura de espírito e de corpo. Seus elevados sentimentos, sua fé numa outra existência a sustentaram; tinha como que um pressentimento e uma lembrança velada do mundo dos Espíritos. Muitas vezes eu a surpreendia olhando com piedade as coisas do nosso planeta; então me dizia: *Nada aqui em baixo pode bastar-me; tenho a nostalgia de um outro mundo.*

Nas respostas que vos deu minha cara e adorada mãe, senhor, reconhecemos perfeitamente a sua maneira de pensar e de se exprimir; ela gostava de se servir de imagens. Somente estou admirada de que não se tivesse lembrado do vosso cartão-retrato, que lhe tinha proporcionado tão grande e vivo prazer. Eu vos deveria ter agradecido de sua parte; porém, minhas numerosas ocupações durante os últimos tempos da moléstia de minha venerada mãe não me permitiram fazê-lo. Creio que mais tarde ela se lembrará melhor. No momento está inebriada nos esplendores de sua nova vida. A existência que acaba de concluir não lhe parece senão como um sonho penoso, já bem longe dela. Esperamos, pois, meu pai e eu, que ela nos venha dizer algumas palavras de afeição, de que temos muita necessidade. Seria indiscrição, senhor, pedir que nos comunicásseis quando minha boa mãe vos falar de nós? Fizestes tanto bem vindo falar dela, vindo dizer de sua parte que não sofre mais! Ah! obrigada ainda, senhor! Rogo a Deus, de alma e coração, que vos recompense. Deixando-me, minha mãe querida me priva da melhor das mães, da mais terna das amigas. Preciso da certeza de sabê-la feliz e de minha crença no Espiritismo para dar-me um pouco de força. Deus ma sustentou; minha coragem foi maior do que eu esperava.

Aceitai, etc.”

Observação – Que os incrédulos riam do Espiritismo o quanto quiserem; que seus adversários mais ou menos interessados o exponham ao ridículo; que mesmo o anatematizem, e não se lhe tirará essa força consoladora que faz a alegria do infeliz, e que o faz triunfar da má vontade dos indiferentes, a despeito de seus esforços para o abater. Os homens têm sede de felicidade; quando não a encontram na Terra, não é um grande alívio ter a certeza de encontrá-la na outra vida, se se fez o que é preciso para merecê-la? Quem, pois, mais lhe suaviza os males da Terra? Será o materialismo, com a horrível expectativa do nada? a perspectiva das chamas eternas, às quais não escapa um só em milhões? Não vos

enganeis: esta perspectiva é ainda mais horrível que a do nada; eis por que aqueles, cuja razão se recusa a admiti-la, são levados ao materialismo. Quando se apresentar aos homens o futuro de maneira racional, não haverá mais materialistas. Que não se admirem de ver as idéias espíritas acolhidas com tanta solicitude pelas massas, porque essas idéias aumentam a coragem, ao invés de abatê-la.

O exemplo da felicidade é contagioso. Quando todos os homens virem em torno de si pessoas felizes em razão do Espiritismo, lançar-se-ão nos seus braços como numa tábua de salvação, porque preferirão sempre uma doutrina que sorri e fala à razão àquelas que apavoram. O exemplo que acabamos de citar não é o único do gênero; eles se nos oferecem aos milhares, e a maior alegria que Deus nos reservou aqui na Terra é a de testemunharmos os benefícios e os progressos de uma crença que nossos esforços tendem a espalhar. As pessoas de boa vontade, as que nela vêm beber consolação são tão numerosas que não poderíamos roubar-lhes nosso tempo, ocupando-nos dos indiferentes, que não têm o menor desejo de se convencer. Os que vêm a nós são suficientes para o absorver; por isso não vamos à frente de ninguém. Eis por que também não o perdemos a rebuscar em campo estéril. A vez dos outros virá quando aprover a Deus levantar o véu que os cega, tempo esse que virá mais cedo do que pensam, para a glória de uns e a humilhação de outros.

SENHORITA PAULINE M...

(Enviado pelo Sr. Pichon, médium de Sens)

1. Evocação.

Resp. – Aqui estou, meus bons amigos.

2. Vossos pais nos pediram que vos perguntássemos se sois mais feliz do que na existência terrena. Teríeis a gentileza de no-lo dizer?

Resp. – Oh! sim; sou mais feliz do que eles.

3. Algumas vezes assistis vossa mãe?

Resp. – Eu quase não a deixo. Mas ela não pode compreender todo o encorajamento que lhe dou; sem isto não estaria tão mal. Ela chora por minha causa e eu sou feliz! Deus me chamou a si: é um favor. Se todas as mães estivessem bem compenetradas das luzes do Espiritismo, quanta consolação para elas! Dizei a minha pobre mãe que se resigne, porquanto, sem isso, afastar-se-á de sua filha querida. Quem não for dócil às provas que lhe envia o seu Criador, falha ao objetivo de suas provas. Que ela compreenda bem isto, senão não me verá tão cedo. Ela me perdeu materialmente, mas me encontrará espiritualmente. Que trate, pois, de se restabelecer para assistir às vossas sessões; poderei, então, consolá-la melhor. Eu mesma serei mais feliz.

4. Poderíeis manifestar-vos a ela de modo mais particular? Poderia ela servir-vos de médium? Assim receberia mais consolação do que por nosso intermédio.

Resp. – Que ela tome um lápis, como o fazeis, e tentarei dizer-lhe alguma coisa. Isto nos é muito difícil, quando não encontramos as disposições requeridas para tanto.

5. Poderíeis dizer-nos por que Deus vos retirou tão jovem do seio da família, da qual éreis a alegria e a consolação?

Resp. – Relede.

6. Poderíeis dizer-nos o que sentistes no instante da morte?

Resp. – Uma perturbação; não acreditava estar morta. Fiquei com tanta pena de deixar minha boa mãe! Eu não me reconhecia. Mas quando o compreendi, não foi a mesma coisa.

7. Agora estais completamente desmaterializada?

Resp. – Sim.

8. Poderíeis dizer quanto tempo ficastes no estado de perturbação?

Resp. – Fiquei seis de vossas semanas.

9. Em que lugar estáveis quando vos reconhecestes?

Resp. – Perto de meu corpo. Vi o cemitério e compreendi.

Mãe! estou sempre ao teu lado. Vejo-te e compreendo muito melhor do que quando tinha o meu corpo. Deixa, pois, de lado essa tristeza, pois não perdeste senão o pobre corpo que me havias dado. Tua filha está sempre aí. Não chores mais; ao contrário, rejubila-te: é o único meio de te fazer o bem, e a mim também. Nós nos compreenderemos melhor; dir-te-ei muitas coisas agradáveis; Deus mo permitirá; nós oraremos juntas. Virás entre estes homens que trabalham para o bem da Humanidade; tomarás parte em seus trabalhos; eu te ajudarei: isto servirá para o nosso mútuo adiantamento.

*Tua filha que te ama,
Pauline*

P. S. Dareis isto a minha mãe. Ser-vos-ei grata.

10. Pensais que a convalescença de vossa mãe seja ainda longa?

Resp. – Isso vai depender das consolações que receber e de sua resignação.

11. Lembrais de todas as vossas reencarnações?

Resp. – Não; não de todas.

12. A penúltima ocorreu na Terra?

Resp. – Sim; eu estava numa grande casa de comércio.

13. Em que época foi?

Resp. – No reinado de Luís XIV; no começo.

14. Lembrais de algumas personagens desse tempo?

Resp. – Conheci o Sr. Duque de Orléans, que comprava em nossa casa. Também conheci Mazarino e uma parte de sua família.

15. Vossa última existência serviu muito ao vosso adiantamento como Espírito?

Resp. – Não me pôde servir muito porque não soufri nenhuma prova. Foi para meus pais, antes que para mim, um motivo de prova.

16. E vossa penúltima existência? Foi mais proveitosa?

Resp. – Sim, porque nela fui muito provada. Reveses de fortuna; a morte de todas as pessoas que me eram caras; fiquei só. Mas, confiante em meu Criador, tudo suporrei com resignação. Dizei a minha mãe que faça como fiz. Que aquele que lhe levar minha consolação, por mim aperte a mão de todos os meus parentes. Adeus.

HENRI MURGER

Nota – Numa sessão espírita íntima, que ocorria na casa de um colega da Sociedade, em 6 de fevereiro de 1861, o médium escreveu espontaneamente o seguinte:

“Quanto maior o espaço celeste, maior a atmosfera, mais belas as flores, mais doces os frutos e as aspirações são satisfeitas além mesmo da ilusão. Salve, nova pátria! Salve, nova morada! Salve, felicidade, amor! Como é pálida nossa breve estação na Terra, e como aquele que soltou o suspiro de alívio deve sentir-se feliz por haver deixado o Tártaro pelo Céu! Salve a bonança verdadeira! Salve a tranqüilidade legítima! Salve, sonhos realizados! adormeci alegre porque sabia que ia despertar feliz. Ah! obrigado aos meus amigos por sua doce lembrança!

H. Murger

As perguntas e respostas seguintes foram feitas na Sociedade, a 8 de fevereiro:

1. Quarta-feira passada viestes espontaneamente comunicar-vos em casa de um de nossos colegas e ali ditastes uma página encantadora. Entretanto, lá não havia ninguém que vos conhecesse particularmente. Quereis dizer, por favor, o que nos proporcionou a honra de vossa visita?

Resp. – Vim fazer *ato de vida* para ser evocado hoje.

2. Fostes levado às idéias espíritas?

Resp. – Entre as duas; eu suspeitava; depois me deixava levar facilmente por minhas inspirações.

3. Parece que a vossa perturbação durou pouco, pois vos exprimis tão prontamente, com tanta facilidade e clareza!

Resp. – Morri com perfeito conhecimento de mim mesmo; conseqüentemente, não tive senão que abrir os olhos do Espírito, tão logo se me fecharam os olhos da carne.

4. Esse ditado pode ser considerado como um relato de vossas primeiras impressões do mundo onde estais agora. Poderíeis descrever com mais precisão o que se passou em vós, desde o instante em que a alma deixou o corpo?

Resp. – Inundou-me a alegria; revi rostos queridos, que supunha perdidos para sempre. Apenas desmaterializado, só tive sensações quase terrenas.

5. Poderíeis dar-nos uma apreciação, do vosso ponto de vista atual, de vossa principal obra: *La Vie de Bobème*?

Resp. – Como quereis que, deslumbrado como estou pelos esplendores desconhecidos da ressurreição, eu faça um balanço dessa pobre obra, pálido reflexo de uma juventude sofredora?

6. Um de vossos amigos, o Sr. Théodore Pelloquet, publicou no jornal *Siècle* de 6 deste mês, um artigo bibliográfico

sobre vós. Poderíeis dirigir-lhe algumas palavras, bem como a outros amigos e confrades em literatura, entre os quais devem encontrar-se alguns crentes na vida futura?

Resp. – Dir-lhes-ei que o sucesso presente é semelhante ao ouro transformado em folhas secas. O que nós cremos, o que esperamos nós outros, perscrutadores insaciáveis da vida parisiense, é o sucesso, sempre o sucesso. Jamais os nossos olhos se erguem para o céu, a fim de pensar naquele que julga as nossas obras em última instância. Minhas palavras os mudarão? Não; arrastados pela vida impetuosa que consome crença e mocidade, ouvirão distraídos e passarão esquecidos.

7. Vedes aqui a Gérard de Nerval, que acaba de falar de vós?

Resp. – Eu o vejo, e a Musset, bem como a amável e nobre Delphine. Vejo a todos. Ajudam-me; encorajam-me; ensinam-me a falar.

Observação – Esta pergunta foi motivada pela comunicação seguinte, que um médium da Sociedade tinha escrito espontaneamente, no começo da sessão.

“Um irmão chegou entre nós, feliz e disposto. Ele agradece ao céu, como há pouco acabastes de ouvir, por sua libertação um pouco tardia. Muito longe, agora, a tristeza, as lágrimas e o sorriso amargo; em vosso meio, como percebemos muito bem agora, o riso jamais é franco. O que há de lamentável e realmente penoso na Terra, é que é preciso rir; rir forçadamente e de um nada, sobretudo na França, quando se estaria disposto a sonhar solitariamente. O que há de detestável para o coração que esperou muito, é a desilusão, esse esqueleto repugnante, cujos contornos em vão querem palpar: trêmula e inquieta, a mão só encontra ossos. Que horror! Para aquele que creu no amor, na religião, na família, na amizade; aqueles que podem impunemente olhar de frente essa máscara horrível que petrifica, ah! esses vivem,

embora petrificados; mas os que cantam como boêmios, ah! esses morrem bem depressa: viram a cabeça da medusa. Meu irmão Murger era destes últimos.

Como vedes, amigos, doravante não vivemos mais apenas em nossas obras; e ao vosso chamado logo estaremos ao vosso lado. Longe de nos orgulharmos por esse ar de felicidade que nos envolve, viremos a vós como se ainda estivéssemos na Terra, e Murger cantará ainda.”

Gérard de Nerval

O ESPÍRITO E AS ROSAS

(Enviado de Nova Orléans pela Sra. B...)

Emma D..., linda menina, morta aos 7 anos, após seis meses de sofrimentos, quase não comia mais, nas últimas seis semanas antes de falecer.

1. Evocação.

Resp. – Estou aqui, senhora. Que quereis?

2. Saber onde estais; se sois feliz e por que Deus infligiu à vossa encantadora mãe e às vossas irmãs tão grande mágoa, qual a de vos perder?

Resp. – Estou no meio de Espíritos bons, que me amam e me instruem; sou feliz, muito feliz. Minha passagem entre vós era um resto de provação física. Sofri, mas esse sofrimento nada era; ele depurava minha alma e, ao mesmo tempo, devastava meu pobre corpo. Agora aprendo a vida da alma; estou reencarnada, mas como Espírito conservador. Estou num mundo onde nenhum de nós se demora senão enquanto duram os ensinamentos que nos são dados pelos *Grandes Espíritos*. Fora disto viajo, prevenindo desgraças, afastando tentações. Estou muitas vezes aqui. Há tantos pobres negros! Sempre os lamentei, mas agora os amo. Sim, eu os

amo, pobres almas! Entre eles há muitos bons, melhores que seus senhores; e mesmo os que são preguiçosos devem ser lamentados.

Minha mãe querida, muitas vezes eu vou até ela. E quando ela sente o coração fortalecido, fui eu quem lhe derramou o bálsamo divino. Mas é preciso que ela sofra. Ah! mais tarde tudo será esquecido. E Lúcia, minha bem amada Lúcia estará comigo antes de tudo. Mas os outros virão. Morrer nada é; nada: muda-se de corpo, eis tudo. Eu já não tenho esse mal que me fazia um objeto de horror para cada um. Sou mais feliz e, à noite, inclino-me sobre minha mãe e a beijo; ela nada sente, mas sonha comigo e me vê como eu era antes de minha horrível doença. Compreendi, senhora, que eu sou feliz.

Eu queria rosas do canto do jardim onde outrora ia dormir. Sugeri a Lúcia a idéia de mas oferecer. Eu gostava tanto das rosas! Por isso vou sempre lá. Tenho rosas aí; mas Lúcia dorme diariamente em meu antigo lugar e todos os dias venho para junto dela; amo-a tanto!

3. Minha cara menina, eu não vos poderia ver?

Resp. – Não; ainda não. Não podeis ver-me; mas olhai o raio de sol sobre vossa mesa: vou atravessá-lo. Obrigada por me terdes evocado. Sede indulgente para com minhas irmãs. Adeus.

O Espírito desapareceu, por um instante fazendo sombra sobre o raio de sol que continuava. Tendo as rosas sido postas no adorado cantinho, três dias depois a médium, ao escrever uma carta, veio-lhe à pena a palavra *obrigada*, bem como a assinatura da criança, que a fez escrever: “Recomeça tua carta; que pena! mas estou tão feliz por ter um médium! Voltarei. Obrigada pelas rosas. Adeus!

Ensinos e Dissertações Espíritas

A LEI DE MOISÉS E A LEI DO CRISTO

(Comunicação obtida pelo Sr. R..., de Mulhouse)

Um de nossos assinantes de Mulhouse nos envia a carta e a comunicação seguintes:

“...Aproveito a ocasião que se apresenta de vos escrever, para vos informar sobre uma comunicação que recebi, como médium, de meu Espírito protetor, e que me parece interessante e instrutiva por todos os títulos. Se assim entenderdes, eu vos autorizo a fazer dela o uso que julgardes mais útil. Eis qual foi o princípio. Inicialmente devo dizer-vos que professo o culto israelita e, naturalmente, sou levado às idéias religiosas nas quais fui educado. Eu tinha notado que, em todas as comunicações dadas pelos Espíritos, não se tratava senão da moral cristã, pregada pelo Cristo, e que nunca se falava da lei de Moisés. No entanto, eu dizia a mim mesmo que os mandamentos de Deus, revelados por Moisés, me pareciam ser o fundamento da moral cristã; que o Cristo poderia ter ampliado o quadro e desenvolvido suas conseqüências, mas que o germe estava na lei ditada no Sinai. Então me perguntei se a menção, tantas vezes repetida, da moral do Cristo, embora a de Moisés não lhe fosse estranha, não provinha do fato de que a maior parte das comunicações recebidas emanavam de Espíritos que tinham pertencido à religião dominante, e se elas não seriam uma lembrança das idéias terrenas. Dominado por tais pensamentos, evoquei meu Espírito protetor, que foi um dos meus parentes próximos e se chamava Mardoché R... Eis as perguntas que lhe dirigi e as respostas dadas por ele, etc...”¹³

1. Em todas as comunicações feitas à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, cita-se Jesus como sendo o que ensinou a mais bela moral. Que devo pensar disto?

¹³ N. do T.: Parte considerável das respostas obtidas neste questionário foi transcrita por Allan Kardec em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo I, item 9 – Instruções dos Espíritos: *A nova era*.

Resp. – Sim, o Cristo foi o iniciador da moral mais pura, a mais sublime; a moral evangélica cristã, que deve renovar o mundo, aproximar os homens e os tornar a todos irmãos; a moral que deve fazer jorrar de todos os corações humanos a caridade, o amor do próximo; que deve criar entre todos os homens uma solidariedade comum; enfim, uma moral que deve transformar a Terra e dela fazer uma morada para Espíritos superiores aos que hoje a habitam. É a lei do progresso, à qual está submetida a Natureza; e o Espiritismo é uma das forças vivas de que Deus se serve para fazer a Humanidade avançar na via do progresso moral. São chegados os tempos em que as idéias morais devem desenvolver-se para realizar o progresso que está nos desígnios de Deus; elas devem seguir a mesma rota percorrida pelas idéias de liberdade, das quais eram precursoras. Mas não se deve crer que esse desenvolvimento se fará sem lutas. Não; para chegar à maturidade, elas necessitam de abalos e discussões, a fim de que possam atrair a atenção das massas; mas, uma vez fixada a atenção, a beleza e a santidade da moral impressionarão os Espíritos e estes se ligarão a uma ciência que lhes dá a chave da vida futura e lhes abre as portas da felicidade eterna.

Deus é único e Moisés é o Espírito que Ele enviou em missão para torná-lo conhecido não só dos hebreus, como também dos povos pagãos. O povo hebreu foi o instrumento de que se serviu Deus para o revelar por Moisés e pelos profetas, e as vicissitudes por que passou esse povo tão notável destinavam-se a chamar a atenção geral e fazer cair o véu que ocultava aos homens a divindade.

2. Em que, pois, a moral de Moisés é inferior à do Cristo?

Resp. – A moral que Moisés ensinou era apropriada ao estado de adiantamento em que se encontravam os povos que ele se propunha regenerar, e esses povos, semi-selvagens quanto ao aperfeiçoamento da alma, não teriam compreendido que se

pudesse adorar a Deus de outro modo que não por meio de holocaustos, nem que se devesse perdoar a um inimigo. Notável do ponto de vista da matéria e mesmo do das artes e ciências, a inteligência deles muito atrasada se achava em moralidade e não se houvera convertido sob o império de uma religião inteiramente espiritual. Era-lhes necessária uma representação semimaterial, qual a que apresentava então a religião hebraica. Os holocaustos lhes falavam aos sentidos, ao passo que a idéia de Deus lhes falava ao espírito.

Os mandamentos de Deus, dados por intermédio de Moisés, contêm os germes da mais ampla moral cristã. Os comentários da Bíblia, porém, restringiam-lhe o sentido, porque, praticada em toda a sua pureza, não na teriam então compreendido. Mas, nem por isso os dez mandamentos de Deus deixavam de ser um como frontispício brilhante, qual farol destinado a clarear a estrada que a Humanidade tinha de percorrer. Moisés abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá.

3. O Sábado é um dia consagrado?

Resp. – Sim. O Sábado é um dia consagrado ao repouso, à prece. É o emblema da felicidade eterna, a que aspiram todos os Espíritos e ao qual não chegarão senão depois de se haverem aperfeiçoado pelo trabalho e se despojado, pelas encarnações, de todas as impurezas do coração humano.

4. Como se explica que cada seita tenha consagrado um dia diferente?

Resp. – Cada seita, é verdade, consagrou um dia diferente, mas isto não é motivo para nos pormos em desacordo. Deus aceita as preces e as formas de cada religião, desde que os atos correspondam aos ensinamentos. Seja qual for a forma pela qual seja invocado, a prece lhe é agradável, se a intenção é pura.

5. Pode-se esperar o estabelecimento de uma religião universal?

Resp. – Não; não no nosso planeta, ou, pelo menos, não antes que tenha feito progressos. Por enquanto, milhares e milhares de gerações ainda não o verão.

Mardoché R...

LIÇÕES FAMILIARES DE MORAL

(Enviadas pela condessa F..., médium de Varsóvia.

Traduzido do polonês)

I

Meus caros filhos, vossa maneira de compreender a vontade de Deus está errada, desde que tomais tudo o que acontece como expressão dessa vontade. Certamente conhece Deus tudo o que foi, que é e que será; sendo sempre a sua vontade a expressão do seu amor divino, traz, ao realizar-se, a graça e a bênção, enquanto que, afastando-se dessa via única, o homem atrai a si sofrimentos, que não passam de advertências. Infelizmente, o homem de hoje, enceguedido pelo orgulho de seu espírito, ou afogado no lamaçal das paixões, não as quer compreender. Ora, meus filhos, sabeis que se aproxima o tempo no qual começará o reinado da vontade de Deus na Terra; então, infeliz daquele que ainda ousar opor-se, pois será quebrado como o caniço, ao passo que aqueles que se tiverem emendado verão abrir-se para si os tesouros da misericórdia infinita. Vedes por aí que se a vontade de Deus é a expressão de seu amor e, por isso mesmo, imutável e eterna, todo ato de rebeldia contra essa vontade, embora suportado pela incompreensível sabedoria, é apenas temporária e passageira; antes que a expressão de sua vontade, representa uma prova da paciente misericórdia de Deus.

II

Vejo com prazer, meus filhos, que vossa fé não se arrefece, malgrado os ataques dos incrédulos. Se todos os homens

acolhessem essa manifestação extraordinária da bondade divina, essa nova porta aberta ao vosso adiantamento com o mesmo zelo, a mesma perseverança e, sobretudo, com a mesma pureza de intenção, teria sido uma prova evidente de que o mundo não é assim tão mau, nem tão endurecido quanto parece, e – o que é inadmissível – que a mão de Deus se tenha tornado injustamente pesada sobre a Humanidade. Não vos admireis, pois, da oposição que o Espiritismo encontra no mundo. Destinado a combater vitoriosamente o egoísmo e a conduzir a caridade ao triunfo, é, naturalmente, o alvo das perseguições do egoísmo e do fanatismo, deste muitas vezes derivado. Lembrai-vos do que foi dito há muitos séculos: “Muitos serão chamados, mas poucos, escolhidos”. Entretanto, o bem, que vem de Deus, sempre acabará por triunfar do mal, que procede dos homens.

III

Deus fez descerem à Terra a fé e a caridade para auxiliar os homens a sacudir a dupla tirania do pecado e da arbitrariedade; e não há dúvida que, com esses dois divinos motores, há muito tempo eles teriam atingido uma felicidade tão perfeita quanto o comporta a natureza humana e o estado físico do vosso globo, caso os homens não tivessem deixado a fé enlanguescer e os corações secarem. Por um momento, mesmo, acreditaram poder dispensá-la e salvar-se apenas pela caridade. Foi então que se viu nascer essa multidão de sistemas sociais, bons na intenção que os ditava, mas defeituosos e impraticáveis na forma. E por que são impraticáveis? perguntareis; não se baseiam no desinteresse de cada um? Sim, sem dúvida; mas para se basear no desinteresse é preciso, primeiro, que exista o desinteresse. Ora, não basta decretá-lo, é preciso inspirá-lo. Sem a fé que dá a certeza das compensações da vida futura, o desinteresse é um logro aos olhos do egoísta. Eis por que são instáveis os sistemas que repousam apenas sobre os interesses materiais, tanto é certo que o homem nada poderia construir de

harmonioso e durável sem a fé, que não somente o dota de uma força moral superior a todas as forças físicas, como lhe abre a assistência do mundo espiritual e lhe permite beber na fonte da onipotência divina.

IV

“Ainda mesmo quando cumprísseis tudo quanto vos foi ordenado, considerai-vos como servos inúteis”. Estas palavras do Cristo vos ensinam a humildade como a primeira base da fé e uma das primeiras condições da caridade. Aquele que tem fé não esquece que Deus conhece todas as imperfeições; em conseqüência, jamais pensa em querer parecer melhor do que é aos olhos do próximo. O que tem humildade sempre acolhe com doçura as censuras que lhe fazem, por mais injustas que sejam, porquanto, sabei-o bem, a injustiça jamais irrita o justo. É pondo o dedo sobre alguma chaga envenenada de vossa alma que se faz subir ao vosso rosto o rubor da vergonha, índice certo de um orgulho mal disfarçado. O orgulho, meus filhos, é o maior obstáculo ao vosso aperfeiçoamento, porque não vos deixa aproveitar as lições que vos dão. É, pois, combatendo-o sem trégua e sem quartel que melhor trabalhareis o vosso adiantamento.

V

Se lançardes o olhar sobre o mundo que vos cerca, vereis que tudo é harmonia. A harmonia da vida material é o belo. Entretanto, não é senão a parte menos nobre da Criação. A harmonia do mundo espiritual é o amor, emanção divina que enche os espaços e conduz a criatura ao seu Criador. Procurai, meus filhos, com ele encher os vossos corações. Tudo quanto pudésseis fazer de grande fora desta lei não vos seria levado em consideração. Só o amor, quando tiverdes assegurado o seu triunfo na Terra, fará vir a vós o reino de Deus prometido pelos apóstolos.

OS MISSIONÁRIOS

(Enviada pelo Sr. Sabò, de Bordeaux)

Vou dizer-vos algumas palavras para vos dar a compreender o objetivo a que se propõem os Missionários, deixando pátria e família para evangelizar tribos ignorantes ou ferozes, embora irmãos, mas inclinados ao mal e desconhecendo o bem; ou para ir pregar a mortificação, a confiança em Deus, a prece, a fé, a resignação na dor, a caridade, a esperança de uma vida melhor depois do arrependimento. Dizei: isto não é o Espiritismo? Sim, almas de escol, que sempre servistes a Deus e fielmente observais as suas leis; que amais e socorreis o vosso próximo, vós sois espíritas. Mas não conheceis esta palavra de criação recente e nela vedes um perigo. Pois bem! Já que a palavra vos assusta, não mais a pronunciaremos diante de vós, até que vós mesmos venhais pedir esse nome, que resume a existência dos Espíritos e suas manifestações: o Espiritismo.

Irmãos amados, que são os Missionários junto às nações na infância? Espíritos em missão, enviados por Deus, nosso Pai, para esclarecer pobres Espíritos mais ignorantes; para lhes ensinar a esperar nele, a conhecê-lo, amá-lo, a ser bons esposos, bons pais, bons para os semelhantes; enfim para lhes dar, tanto quanto comporta sua natureza inculta, a idéia do bem e do belo. Ora, vós que vos orgulhais de vossa inteligência, sabeis que partistes tão de baixo e que ainda tendes muito a fazer para chegar ao mais alto grau. Eu vos pergunto, amigos, em que se tornaria essa pobre gente, abandonada às suas paixões e à sua natureza selvagem? Mas dizeis: Sois vós que, a exemplo desses homens devotados, ides pregar o Evangelho a esses irmãos incultos? Não; não sereis vós: tendes uma família, amigos, uma posição que não podeis abandonar; não; não sereis vós que gostais das doçuras do lar; não; não sereis vós, que tendes fortuna, honras, enfim, todas as felicidades que satisfazem a vossa vaidade e o vosso egoísmo; não, não sereis vós. São necessários homens que deixem o teto paterno

e a pátria com alegria; homens que façam pouco caso da vida, porque, muitas vezes, esta é cortada a ferro e fogo; são precisos homens bem convencidos que, se vão trabalhar na vinha do Senhor e regá-la com o próprio sangue, encontrarão no Alto a recompensa de tantos sacrifícios. Dizei se os materialistas seriam capazes de tal devotamento, eles que nada mais esperam desta vida? Crede-me, são Espíritos enviados por Deus. Não riais mais daquilo que chamais a sua tolice, porque eles são instruídos e, expondo a vida para esclarecer seus irmãos ignorantes, têm direito ao vosso respeito e à vossa simpatia. Sim, são Espíritos encarnados que têm a missão perigosa de desbravar essas inteligências incultas, como outros Espíritos mais adiantados têm por missão fazer que vós mesmos progridais.

O que acabamos de fazer, meus amigos, é Espiritismo. Não vos atemorizeis, pois, com esta palavra. Sobretudo, não riais, porque é o símbolo da lei universal que rege os seres vivos da Criação.

Adolfo, bispo de Argel

A FRANÇA

(Comunicação enviada pelo Sr. Sabò, de Bordeaux)

Tu também, Terra dos Francos, estavas mergulhada na barbárie e tuas coortes selvagens levavam o terror e a desolação até o seio das nações civilizadas. Oferecias montanhas de sacrifícios a Teutates e tremias à voz dos druidas, que escolhiam suas vítimas. E os dólmens que te serviam de altares jazem em meio às charnecas estéreis! E o pastor que para ali conduz os seus magros rebanhos olha com admiração esses blocos de granito e se pergunta para que serviram essas lembranças de outros tempos!

Entretanto, teus filhos, cheios de bravura, dominavam as nações e retornavam ao solo natal com o rosto triunfante, tendo nas mãos os troféus das vitórias e arrastando os vencidos em

vergonhosa escravidão! Mas Deus queria que tomasse o teu lugar entre eles, e te enviou Espíritos bons, apóstolos de uma religião nova, que vinham pregar a teus filhos selvagens o amor, o perdão, a caridade. E, quando à frente de seus exércitos, Clóvis chamava em seu socorro esse Deus poderoso, Ele acorreu à sua voz, deu-lhe a vitória e, como filho reconhecido, o vencedor abraçou o Cristianismo! O apóstolo do Cristo, derramando-lhe a santa unção, inspirado pelo Espírito de Deus, ordenou-lhe que adorasse aquilo que havia queimado, e queimar o que havia adorado.

Então começou para ti uma longa luta entre teus filhos, que não podiam afrontar a cólera de seus deuses e de seus sacerdotes, e não foi senão depois que o sangue dos mártires regou o teu solo, para aí fazer germinar suas exortações, que pouco a pouco sacudistes do coração o culto de teus pais, para seguir o de teus reis. Estes eram bravos e vacilantes; iam, por sua vez, combater as hordas selvagens dos bárbaros do Norte; e, voltando calmos aos seus palácios, aplicavam-se ao progresso e à civilização de seus povos. Durante vários séculos são vistos realizando esse progresso, lentamente é verdade, mas, finalmente, te puseram no primeiro lugar.

Contudo, tantas vezes fostes culpada que o braço de Deus levantou-se e estava prestes a te exterminar. Mas, se o solo francês é um foco de incredulidade e de ateísmo, é também o foco dos impulsos generosos, da caridade e dos sublimes devotamentos; ao lado da impiedade florescem as virtudes pregadas pelo Evangelho. Elas desarmaram o seu braço, prestes a ferir-te tantas vezes e, lançando sobre esse povo a quem ama um olhar de clemência, Ele o escolheu para ser o órgão de sua vontade; e é de seu seio que devem sair os germes da Doutrina Espírita, que Deus faz ensinar pelos Espíritos bons, a fim de que seus raios benfazejos pouco a pouco penetrem o coração de todas as nações, e que os povos, consolados pelos preceitos de amor, de caridade, de perdão e de justiça, marchem a passos de gigante para a grande reforma

moral, que deve regenerar a Humanidade. França! Tens a tua sorte entre as mãos. Se desconhecesses a luz que debes espalhar, Deus te repudiaria, como outrora repudiou o povo hebreu, porquanto ele só ficará com aquele que cumprir os seus desígnios. Apressa-te, pois, porque é chegado o momento! Que os povos aprendam de ti os caminhos da verdadeira felicidade. Que o teu exemplo lhes mostre os frutos consoladores que devem retirar e eles repetirão com o coro dos Espíritos bons: “Deus protege e abençoa a França”.

Carlos Magno

A INGRATIDÃO

(Enviada pelo Sr. Pichon, médium de Sens)

É preciso sempre ajudar os fracos e os que desejam fazer o bem, embora sabendo antecipadamente que não seremos recompensados por aqueles a quem o fazemos, porque aquele que se recusa a vos ser grato pela assistência que lhe destes, nem sempre é tão ingrato quanto o imaginais; muitas vezes age segundo o ponto de vista determinado por Deus, embora os seus pontos de vista não sejam, e muitas vezes não possam ser apreciados por vós. Que vos baste saber que é necessário fazer o bem por dever e por amor a Deus, pois disse Jesus: “Aquele que não faz o bem senão por interesse, já recebeu a sua recompensa”. Sabei que se aquele a quem prestais serviço esquece o benefício, Deus vos levará mais em conta do que se já tivésseis sido recompensado pela gratidão do vosso favorecido.

Sócrates

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IV

ABRIL DE 1861

Nº 4

Mais Uma Palavra Sobre o Sr. Deschanel

DO *JOURNAL DES DÉBATS*

No número anterior da *Revista Espírita* os leitores puderam ver, ao lado de nossas reflexões sobre o artigo do Sr. Deschanel, a carta pessoal que lhe enviamos. Muito curta essa carta, cuja inserção lhe pedíamos, tinha o objetivo de retificar um grave erro que ele havia cometido em sua apreciação. Apresentar a Doutrina Espírita como baseada no mais grosseiro materialismo era desnaturar completamente o seu espírito, pois, ao contrário, ela tende a destruir as idéias materialistas. Havia em seu artigo muitos outros erros que poderíamos ter apontado, mas aquele era por demais importante para ficar sem resposta; tinha uma gravidade real porque tendia a lançar um verdadeiro descrédito sobre numerosos adeptos do Espiritismo. O Sr. Deschanel julgou não dever aquiescer ao nosso pedido e eis a resposta que nos dirigiu:

“Senhor,

“Recebi a carta que me fizestes a honra de escrever, em data de 25 de fevereiro. O Sr. Didier, vosso editor, encarregou-se

de vos explicar que tinha sido a seu reiterado pedido que eu havia consentido em noticiar, no *Débats*, o vosso *O Livro dos Espíritos*, desde que o pudesse criticar como bem entendesse; era a nossa combinação. Agradeço por terdes compreendido que, nestas circunstâncias, usar do vosso direito de contestação teria sido estritamente legal, mas, certamente, menos delicado do que a abstenção com que havíeis concordado, conforme o Sr. Didier me informou esta manhã.

“Quereis aceitar, etc.

E. Deschanel’

Esta carta peca pela falta de exatidão em diversos pontos. É verdade que o Sr. Didier enviou ao Sr. Deschanel um exemplar de *O Livro dos Espíritos*, como é costume de editor para jornalista; mas o que não é exato é que o Sr. Didier tivesse se comprometido a não nos dar explicação sobre suas supostas instâncias reiteradas para que lhe fizesse uma apreciação. Se o Sr. Deschanel julgou dever consagrar-lhe vinte e quatro colunas de zombarias, ele nos permitirá supor que não tenha sido por condescendência nem por deferência para com o Sr. Didier. Aliás, já dissemos que não foi por isto que nos lamentamos: a crítica era um direito seu; e, desde que não partilha do nosso modo de ver, estava livre para apreciar a obra segundo o seu ponto de vista, como acontece diariamente. Por alguns, uma coisa é levada às nuvens, por outros, depreciada, mas nem um nem outro desses julgamentos é inapelável. O único juiz em última instância é o público, sobretudo o público futuro, que é alheio às paixões e às intrigas do momento. Os elogios obsequiosos das camarilhas não o impedem de enterrar para sempre o que é realmente mau, e o que é realmente bom sobrevive, a despeito das diatribes da inveja e do ciúme.

*Desta verdade duas fábulas darão testemunho,
Tanto a coisa sobeja em provas,*

teria dito La Fontaine. Não citaremos duas fábulas, mas dois fatos. Quando de seu aparecimento, *Fedra*, de Racine, teve contra si a corte e a população da cidade, e foi ridicularizada. O autor sofreu tantos desgostos que aos 38 anos renunciou a escrever para o teatro. A *Fedra* de Pradon, ao contrário, foi exaltada além da medida. Qual é hoje a sorte dessas duas obras? Um outro livro mais modesto, *Paul et Virginie*, foi declarado natimorto pelo ilustre Buffon, que o achava enfadonho e insípido; entretanto, sabe-se que jamais um livro foi tão popular. Com esses dois exemplos, nosso objetivo é simplesmente provar que a opinião de um crítico, seja qual for o seu mérito, não passa de uma opinião pessoal, nem sempre ratificada pela posteridade. Mas voltemos de Buffon ao Sr. Deschanel, sem comparação, porque Buffon enganou-se redondamente, enquanto o Sr. Deschanel crê, sem dúvida, que dele não dirão a mesma coisa.

Em sua carta o Sr. Deschanel reconhece que o nosso direito de contestação teria sido estritamente legal, mas acha mais delicado de nossa parte não o exercer. Ainda se engana completamente quando diz que *concordamos* com uma abstenção, o que daria a entender que nos rendemos a uma solicitação, e mesmo que o Sr. Didier teria sido encarregado de o informar. Ora, nada é menos exato. Não julgamos dever exigir a inserção de uma exposição contraditória. Ele é livre para achar nossa doutrina má, detestável, absurda, de o gritar de cima dos telhados, mas esperávamos de sua *lealdade* a publicação de nossa carta para retificar uma alegação falsa, e que podia atingir a nossa reputação, no que tange a nos acusar de professar e propagar as próprias doutrinas que combatemos, como subversivas da ordem social e da moral pública. Não lhe pedíamos uma retração, à qual seu amor-próprio se teria recusado, mas apenas que inserisse o nosso protesto; por certo não estaríamos abusando do direito de resposta, considerando-se que em troca de vinte e quatro colunas, não lhe pedíamos mais que trinta a quarenta linhas. Nossos leitores saberão

apreciar sua recusa; se ele quis ver delicadeza em nosso procedimento, não poderíamos julgar o seu da mesma maneira.

Quando o Sr. abade Chesnel publicou no jornal *Univers*, em 1858, seu artigo sobre o Espiritismo, deu da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* uma idéia igualmente falsa, ao apresentá-la como uma seita religiosa com seu culto e seus sacerdotes. Tal alegação desnaturava completamente seu objetivo e suas tendências e podia confundir a opinião pública. Era tanto mais errônea que o regulamento da Sociedade lhe proíbe ocupar-se de matérias religiosas. Com efeito, não se conceberia uma Sociedade religiosa que não pudesse ocupar-se de religião. Protestamos contra esta asserção, não por algumas linhas, mas por um artigo inteiro e longamente motivado que, a nosso simples pedido, o *Univers* julgou dever publicar. Lamentamos que, em idêntica circunstância, o Sr. Deschanel, do *Journal des Débats*, se creia menos moralmente obrigado de restabelecer a verdade do que os senhores do *Univers*. Se não fosse uma questão de direito, seria sempre uma questão de lealdade. Reservar-se o direito de ataque sem admitir a defesa é um meio fácil de fazer crer aos seus leitores que ele tem razão.

O Sr. Louis Jourdan e O Livro dos Espíritos ¹⁴

Já que estamos falando dos jornalistas, a propósito do Espiritismo, não paremos no caminho. Esses senhores em geral não nos adulam e, como não fazemos mistério de suas críticas, hão de nos permitir apresentar a contrapartida e opor à opinião do Sr. Deschanel e outros, a de um escritor cujo valor e influência ninguém contesta, sem que nos possam tachar de amor-próprio. Aliás, os elogios não se dirigem à nossa pessoa, ou, pelo menos, não os tomamos para nós, de modo que transferimos a honra aos guias espirituais que bondosamente nos dirigem. Não poderíamos, pois, prevalecer-nos do mérito que se possa encontrar em nossos

14 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 567.

trabalhos; aceitamos os elogios não como sinal de nosso valor pessoal, mas como uma consagração à obra que empreendemos, obra que esperamos levar a bom termo com a ajuda de Deus, pois ainda não estamos no fim e o mais difícil ainda não está feito. Sob esse aspecto, a opinião do Sr. Jourdan tem um certo peso, porque se sabe que não fala levemente e por falar, ou para encher colunas com palavras. Certamente ele pode enganar-se, como qualquer outro, mas, em todo caso, sua opinião é sempre conscienciosa.

Seria prematuro dizer que o Sr. Jourdan é um adepto confesso do Espiritismo. Ele próprio declara nada ter visto e não estar em contato com nenhum médium. Julga a coisa conforme seu sentimento íntimo e, como não toma seu ponto de partida na negação da alma e de qualquer força extra-humana, vê na Doutrina Espírita uma nova fase do mundo moral e um meio de explicar o que até então era inexplicável. Ora, admitindo a base, sua razão não se recusa absolutamente a lhe admitir as conseqüências, ao passo que o Sr. Figuiier não pode admitir tais conseqüências, desde que repele o princípio fundamental. Não tendo estudado tudo, tudo aprofundado nesta vasta ciência, não é de admirar que suas idéias não se tenham fixado sobre todos os pontos e, por isso mesmo, certas questões devem parecer-lhe ainda hipotéticas. Mas, como homem de senso, não diz: “Não compreendo; logo, não existe”; ao contrário, diz: “Não sei, porque não aprendi, mas não nego”. Como homem sério, não zomba com uma questão que toca os mais graves interesses da Humanidade e, como homem prudente, cala-se sobre aquilo que ignora, temendo que os fatos não venham, como a tantos outros, desmentir as suas negações, nem lhe oponham este argumento irresistível: “Falais do que não sabeis”. Assim, passando sobre as questões de detalhe, sobre as quais confessa a sua incompetência, limita-se à apreciação do princípio; e esse princípio, apenas o raciocínio o leva a admitir a possibilidade, como acontece diariamente.

O Sr. Jourdan publicou primeiro um artigo sobre *O Livro dos Espíritos*, no jornal *Le Causeur* (nº 8, abril de 1860). Eis um ano decorrido e ainda não falamos disso nesta *Revista*, provando que não temos muita pressa em nos prevalecer dos elogios, enquanto citamos textualmente, ou indicamos, as mais amargas críticas, revelando, também, que não tememos a sua influência. Esse artigo é reproduzido em sua nova obra *Um Filósofo ao pé do fogo*¹⁵, da qual forma um capítulo. Dele extraímos as seguintes passagens:

.....

“Prometi formalmente voltar a um assunto, sobre o qual apenas disse algumas palavras e que merece uma atenção toda especial. Trata-se de *O Livro dos Espíritos*, contendo os princípios da doutrina e da filosofia *espíritas*. A palavra pode parecer-vos bárbara, mas que fazer? Às coisas novas é preciso dar nomes novos. As mesas girantes levaram ao Espiritismo, e hoje nós estamos de posse de uma doutrina completa, inteiramente revelada pelos Espíritos, porque esse *O Livro dos Espíritos* não é feito pela mão do homem; o Sr. Allan Kardec limitou-se a recolher e a ordenar as respostas dadas pelos Espíritos às inumeráveis perguntas que lhes foram feitas, respostas breves, que nem sempre satisfazem à curiosidade do interrogador, mas que, consideradas em seu conjunto constituem, com efeito, uma doutrina, uma moral e, quem sabe? talvez uma religião.

“Julgai-o vós mesmos. Os Espíritos se explicaram claramente sobre as causas primeiras, sobre Deus e o infinito, sobre os atributos da Divindade. Deram-nos os elementos gerais do Universo, o conhecimento do princípio das coisas, as propriedades da matéria. Falaram sobre os mistérios da criação, a formação dos mundos e dos seres vivos, as causas da diversidade das raças humanas. Daí ao princípio vital não havia mais que um passo e eles

nos disseram em que consistia esse princípio, o que eram a vida e a morte, a inteligência e o instinto.

“Depois levantaram o véu que nos ocultava o mundo espírita, isto é, o mundo dos Espíritos, dizendo-nos qual era a sua origem e qual a sua natureza; como se encarnavam e qual o objetivo dessa encarnação; como se efetuava a volta da vida corpórea à vida espiritual. Espíritos errantes, mundos transitórios, percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos, relações de além-túmulo, relações simpáticas e antipáticas dos Espíritos, retorno à vida corporal, emancipação da alma, intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo, ocupações e missões dos Espíritos, nada nos foi ocultado.

“Eu disse que os Espíritos não só estavam fundando uma doutrina e uma filosofia, mas, também, uma religião. Com efeito, eles elaboraram um código de moral, no qual se acham formuladas leis cuja sabedoria me parece muito grande e, para que nada lhe falte, disseram quais seriam as penas e as recompensas futuras e o que se deveria entender pelas palavras: Paraíso, purgatório e inferno. Como se vê, é um sistema completo, e não sinto nenhum embaraço em reconhecer que se o sistema não tem a poderosa coesão de uma obra filosófica, se contradições despontam aqui e ali, é pelo menos muito notável por sua originalidade, por seu elevado alcance moral e pelas soluções imprevistas que dá às delicadas questões que em todos os tempos inquietaram ou preocuparam o espírito humano.

.....

“Sou completamente estranho à escola espírita; não conheço seus chefes, nem seus adeptos; jamais vi funcionar a menor mesa girante; não tenho contato com nenhum médium; não testemunhei nenhum desses fatos sobrenaturais ou miraculosos, dos quais encontro os relatos incríveis nas coletâneas espíritas que me enviam. Não afirmo nem rejeito absolutamente as

comunicações dos Espíritos; creio, *a priori*, que tais comunicações são possíveis e minha razão absolutamente não se alarma por isto. Para nelas crer, não necessito da explicação que meu sábio amigo, o Sr. Figuier, ultimamente me dava sobre esses fatos, por ele atribuídos à influência magnética dos médiuns.

“Nada vejo de impossível em que se estabeleçam relações entre o mundo invisível e nós. Não me pergunteis como e por quê; eu nada sei a respeito. Isto é uma questão de sentimento e não de demonstração matemática. É, pois, um sentimento que exprimo, mas um sentimento que nada tem de vago, e no meu espírito e no meu coração assume formas bastante precisas.

“Se, pelo movimento dos pulmões, extraímos do espaço infinito que nos envolve, os fluidos e os princípios vitais necessários à nossa existência, é bem evidente que estamos em relação constante e necessária com o mundo invisível. Esse mundo é povoado por Espíritos errantes, como as almas penadas, sempre prontas a acudir ao nosso apelo? Eis o que é mais difícil de admitir, embora seja também temerário negá-lo completamente.

“Certamente não temos dificuldade em acreditar que nem todas as criaturas de Deus se assemelham aos tristes habitantes de nosso planeta. Somos muito imperfeitos; por estarmos submetidos a necessidades bastante grosseiras, não nos é difícil imaginar a existência de seres superiores que não sofram nenhuma pena corporal; seres radiosos e luminosos, espírito e matéria como nós, mas espírito mais sutil e mais puro, matéria menos densa e menos pesada; mensageiros fluídicos, que unem entre si os universos, sustentam, encorajam os astros e as raças diversas que os povoam, com vistas à realização de suas tarefas.

“Pela aspiração e respiração estamos em relação com toda a hierarquia dessas criaturas, desses seres cuja existência não

podemos compreender nem representar as formas; assim, não é absolutamente impossível que alguns desses seres acidentalmente entrem em relação com os homens. Porém, o que nos parece pueril é que seja necessário o concurso material de uma mesa, de uma prancheta ou de um médium qualquer para que tais relações se estabeleçam.

“De duas, uma: ou essas comunicações são úteis, ou desnecessárias. Se são úteis, os Espíritos não devem ter necessidade de ser chamados de maneira misteriosa, nem de ser evocados e interrogados para ensinar aos homens o que importa saber; se são inúteis, por que a elas recorrer?

.....

“Não sinto nenhuma repugnância em admitir essas influências, essas inspirações, essas revelações, se quiserdes. O que repilo absolutamente é que, sob pretexto de revelação, venham dizer-me: Deus falou, portanto, ides submeter-vos. Deus falou pela boca de Moisés, do Cristo, de Maomé, portanto sereis judeus, cristãos ou muçulmanos, senão incorrereis nos castigos eternos; e, enquanto esperamos, iremos amaldiçoar-vos e vos torturar aqui.

“Não! não! Semelhantes revelações não quero a preço nenhum. Acima de todas as revelações, de todas as inspirações, de todos os profetas presentes, passados e futuros, há uma lei suprema: a lei da liberdade. Com esta lei por base, admitirei, salvo discussão, tudo o que vos agradar. Suprimi esta lei e só haverá trevas e violência. Quero ter a liberdade de crer ou de não crer e dizê-lo claramente; é o meu direito e quero usá-lo; é a minha liberdade e faço questão de preservá-la. Dizeis-me que não crendo no que me ensinai, perco minha alma; é possível. Quero minha liberdade até esse limite; quero perder minha alma, se isto me apraz. Assim, quem será aqui o juiz de minha salvação e de minha perda? Quem, pois, poderá dizer: Aquele foi salvo e este perdido para

sempre? Então a misericórdia de Deus não será infinita? Haverá alguém no mundo que possa sondar o abismo de uma consciência?

.....

“É porque esta doutrina também se encontra no curioso livro do Sr. Allan Kardec, que me reconcilio com os Espíritos que ele interrogou. O laconismo de suas repostas prova que os Espíritos não têm tempo a perder e, se de alguma coisa me admiro, é que ainda o tenham bastante para responder complacientemente ao chamado de tanta gente que perde o seu a evocá-los.

.....

“Tudo quanto, de maneira mais ou menos clara e mais ou menos sumária dizem os Espíritos, cujas respostas o Sr. Allan Kardec coligiu, foi exposto e desenvolvido com notável clareza por Michel, que, de longe, parece ser o mais adiantado e o mais completo de todos os místicos contemporâneos. Sua revelação é, ao mesmo tempo, uma doutrina e um poema, doutrina sã e fortificante, poema brilhante. A única vantagem que encontro nas perguntas e respostas que o Sr. Allan Kardec publicou é que apresentam, sob uma forma mais acessível à grande massas dos leitores, e sobretudo, das leitoras, as principais idéias sobre as quais importa chamar-lhes a atenção. Os livros de Michel não são de leitura fácil; exigem uma tensão de espírito muito pronunciada. O livro de que falamos, ao contrário, pode ser uma espécie de *vade mecum*; nós o tomamos, o deixamos ou o abrimos em qualquer página: logo a curiosidade é despertada. As perguntas dirigidas aos Espíritos são as que nos preocupam a todos; as respostas, por vezes, são muito fracas; outras vezes condensam em poucas palavras a solução dos problemas mais espinhosos e sempre oferecem um vivo interesse ou salutares indicações. Não sei de curso de moral mais atraente, mais consolador, mais encantador

que esse. Todos os grandes princípios sobre os quais se fundam as civilizações modernas ali são confirmados e, notadamente, o princípio dos princípios: a liberdade! O espírito e o coração saem dali tranqüilizados e fortalecidos.

“São, sobretudo, os capítulos relativos à pluralidade dos sistemas¹⁶ e à lei do progresso coletivo e individual que têm um atrativo e um encanto poderosos. Para mim, os Espíritos do Sr. Allan Kardec nada me ensinaram a este respeito. Há muito eu acreditava firmemente no desenvolvimento progressivo da vida através dos mundos; que a morte é o limiar de uma existência nova, cujas provas são proporcionadas aos méritos da existência anterior. Aliás, é a velha fé gaulesa, era a doutrina druídica, e nisto os Espíritos nada inventaram; mas acrescentaram uma série de deduções e de regras práticas excelentes na conduta da vida. Sob esse aspecto, como sob muitos outros, a leitura desse livro, independentemente do interesse e da curiosidade excitados por sua origem, pode ter um alto caráter de utilidade para os caracteres indecisos, para as almas pusilânimes que flutuam nos limbos da dúvida. A dúvida! É o pior dos males! É a mais horrível das prisões, e delas se deve sair a qualquer preço. Esse estranho livro ajudará mais de uma criatura a consolidar a sua vida, a quebrar os ferrolhos da prisão, precisamente porque é apresentado sob forma simples e elementar, como um catecismo popular, que todos podem ler e compreender”.

.....

Após ter citado algumas perguntas sobre o casamento e o divórcio, que acha um tanto pueris e não são tratadas ao seu gosto, o Sr. Jourdan assim termina:

“Apresso-me a dizer, entretanto, que nem todas as respostas dos Espíritos são tão superficiais quanto as de que acabo

16 N. do T.: O autor se refere à pluralidade dos mundos habitados, um dos princípios fundamentais da Doutrina dos Espíritos.

de falar. É o conjunto desse livro que é admirável, é o fundamento geral que é marcado por uma certa grandeza e por uma viva originalidade. Quer emane ou não de uma fonte extranatural, a obra é surpreendente sob vários títulos e, só por isso, interessou-me vivamente e sou levado a crer que possa interessar a muita gente”.

RESPOSTA

O Sr. Jourdan faz uma pergunta, ou, antes, uma objeção, necessariamente motivada pela insuficiência de seus conhecimentos sobre a matéria.

“Não é absolutamente impossível – diz ele – que alguns desses seres acidentalmente entrem em relação com os homens. Porém, o que nos parece pueril é que seja necessário o concurso material de uma mesa, de uma prancheta ou de um médium qualquer para que tais relações se estabeleçam. De duas, uma: ou essas comunicações são úteis, ou são desnecessárias. Se úteis, os Espíritos não devem ter necessidade de ser chamados de maneira misteriosa, nem de ser evocados e interrogados para ensinar aos homens o que importa saber; se inúteis, por que a elas recorrer?” No seu *Filósofo ao pé do fogo*, acrescenta a respeito: “Eis um dilema do qual a escola *espírita* terá dificuldade para sair”.

Não; certamente não terá dificuldade para sair, porquanto há muito tempo o tinha proposto e também resolvido; e se não o foi pelo Sr. Jourdan é que ele não conhece tudo. Ora, nós cremos que se ele tivesse lido *O Livro dos Médiuns*, que trata da parte prática e experimental do Espiritismo, teria sabido a que se ater sobre esse ponto.

Sim, sem dúvida seria pueril, e essa palavra, empregada por conveniência pelo Sr. Jourdan seria muito fraca; dizemos que seria ridícula, absurda e inadmissível que, para relações tão sérias quanto as do mundo visível com o invisível, os Espíritos

necessitassem, para nos transmitir seus ensinamentos, de um utensílio tão vulgar quanto uma mesa, uma cesta ou uma prancheta, porque daí se seguiria que quem estivesse privado de tais acessórios também estaria privado de suas lições. Não, não é assim. Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, despojadas do grosseiro envoltório do corpo, há Espíritos desde que houve homens no Universo (não dizemos na Terra); esses Espíritos constituem o mundo invisível que povoa os espaços, que nos cerca e em meio ao qual vivemos sem o suspeitar, como igualmente vivemos, sem o perceber, em meio ao mundo microscópico. Em todos os tempos esses Espíritos têm exercido sua influência sobre o mundo visível; em todos os tempos os que são bons e sábios têm auxiliado o gênio por inspirações, enquanto outros se limitam a nos guiar nos atos ordinários da vida; mas essas inspirações, que ocorrem pela transmissão de pensamento a pensamento, são ocultas e não podem deixar nenhum traço material. Se o Espírito quiser manifestar-se de maneira ostensiva, é preciso que atue sobre a matéria; se quer que o seu ensino, ao invés de expressar a confusão e a incerteza do pensamento, tenha precisão e estabilidade, não dispensa sinais materiais e, para isso – que nos permitam a expressão – serve-se de tudo quanto lhe cai à mão, desde que seja nas condições apropriadas à sua natureza. Utiliza uma pena ou lápis, se quer escrever, um objeto qualquer, mesa ou caçarola, se quer bater, sem que por isso seja humilhado. Haverá algo mais vulgar que uma pena de ganso? Não é com isto que os maiores gênios legam as suas obras-primas à posteridade? Tirai-lhes todo meio de escrever; que fazem? Pensam; mas seus pensamentos se perdem, se ninguém os recolher. Suponde um literato maneta: como se arranja? Tem um secretário, que transcreve o seu ditado. Ora, como os Espíritos não podem segurar a pena sem intermediário, fazem-na sustentar por alguém que se chama um *médium*, que inspiram e dirigem. Algumas vezes esse médium age com conhecimento de causa: é o médium propriamente dito; outras vezes atua de maneira inconsciente da causa que o solicita: é o caso de todos os homens inspirados que, assim, são médiuns sem

o saber. Vê-se, pois, que a questão das mesas e pranchetas é inteiramente acessória e não a principal, como crêem os que não estão bem informados. Elas foram o prelúdio dos grandes e poderosos meios de comunicação, como o alfabeto é o prelúdio da leitura corrente.

A segunda parte do dilema não é menos fácil de resolver. “Se essas comunicações são úteis – diz o Sr. Jourdan – os Espíritos não devem ter necessidade de ser chamados de maneira misteriosa, de ser evocados...”.

Para começar, digamos que não nos cabe regular o que se passa no mundo dos Espíritos; não podemos dizer: As coisas devem ou não devem ser desta ou daquela maneira, pois seria querer reger a obra de Deus. Os Espíritos querem mesmo iniciarnos *em parte* no seu mundo, porque esse mundo talvez seja o nosso amanhã. Cabe a nós tomá-lo tal qual é e, se não nos convier, não será nem mais nem menos, porque Deus não o mudará para nós.

Isto posto, apressemo-nos a dizer que jamais há evocação misteriosa e cabalística; tudo se faz simplesmente, em plena luz e sem fórmula obrigatória. Os que julgam tais coisas necessárias ignoram os primeiros elementos da ciência espírita.

Em segundo lugar, se as comunicações espíritas não pudessem existir senão em consequência de uma evocação, seguir-se-ia que elas seriam um privilégio dos que sabem evocar, e que a imensa maioria dos que jamais ouviram falar dessas coisas estaria prejudicada. Ora, isto estaria em contradição com o que dissemos há pouco, a respeito das comunicações ocultas e espontâneas. Essas são para todo o mundo, para o pequeno como para o grande, o rico como o pobre, o ignorante como o sábio. Os Espíritos que nos protegem, os parentes e amigos que perdemos não têm necessidade de ser chamados; estão junto de nós e, conquanto invisíveis, nos cercam com a sua solicitude; só o nosso pensamento basta para os

atrair, provando-lhes a nossa afeição, porque, se não pensarmos neles, é muito natural que não pensem em nós.

Perguntareis, então: Evocá-los para quê? Ei-lo. Supondes que estejais na rua, cercado por uma multidão compacta, que fala e murmura aos vossos ouvidos; mas nesse número percebeis ao longe um conhecido a quem quereis falar em particular. Que fazeis, se não puderdes ir a ele? Chamais e ele vem a vós. Dá-se o mesmo com os Espíritos. Ao lado dos que estimamos e que talvez nem sempre lá estejam, existe a multidão dos indiferentes. Se quiserdes fazer falar um determinado Espírito, como não podeis ir até ele, retido que estais pela grilheta corporal, vós o chamais; nisto consiste todo o mistério da evocação, que não tem outro objetivo senão dirigir-vos a quem quiserdes, e não dar ouvidos ao primeiro que se apresente. Nas comunicações ocultas e espontâneas, de que há pouco falamos, os Espíritos que nos assistem nos são desconhecidos; fazem-no sem que o saibamos; por meio das manifestações materiais, escritas ou outras, revelam a sua presença de maneira patente e podem dar-se a conhecer, caso o queiram: é um meio de saber com quem se trata e se temos em nosso redor amigos ou inimigos. Ora, os inimigos não faltam no mundo dos Espíritos, como entre os homens. Lá, como cá, os mais perigosos são os que não conhecemos. O Espiritismo prático dá-nos os meios de conhecê-los.

Em suma, quem só conhece o Espiritismo pelas mesas girantes faz dele uma idéia tão mesquinha e tão pueril quanto aquele que só conhecesse a Física por certos brinquedos infantis. Mas, quanto mais se avança, mais o horizonte se amplia; só então se compreende o seu verdadeiro alcance, porque ele nos desvenda uma das forças mais poderosas da Natureza, força que atua, ao mesmo tempo, sobre o mundo moral e o mundo físico. Ninguém contesta a reação que sobre nós exerce o meio material, visível ou invisível, no qual estamos mergulhados. Se estamos numa multidão, essa multidão de seres também atua sobre nós, moral e fisicamente.

Quando morremos, as nossas almas vão para algum lugar. Aonde vão? Como não há para elas nenhum lugar fechado e circunscrito, o Espiritismo diz e prova pelos fatos que esse algum lugar é o espaço; elas formam em torno de nós uma população inumerável. Ora, como admitir que esse meio inteligente tenha menos ação que o meio ininteligente? Aí está a chave de um grande número de fatos incompreendidos, que o homem interpreta conforme os seus preconceitos e que explora ao sabor das paixões. Quando essas coisas forem compreendidas por todos, desaparecerão os preconceitos e o progresso poderá seguir sua marcha sem entraves. O Espiritismo é uma luz que aclara os mais tenebrosos recônditos da sociedade; é, pois, muito natural que aqueles que temem a luz busquem extingui-la. Mas, quando a luz tiver tudo penetrado, será preciso que os que buscam a escuridão se decidam a viver em plena luz; veremos, então, cair muitas máscaras. Todo homem que realmente quer o progresso não pode ficar indiferente a uma das causas que mais devem contribuir para ele e que prepara uma das maiores revoluções morais até agora sofridas pela Humanidade. Como se vê, estamos longe das mesas girante: é que há também a mesma distância deste modesto começo até suas conseqüências, quanto houve da maçã de Newton para a gravitação universal.

Apreciação da História do Maravilhoso

DO SR. LOUIS FIGUIER, PELO SR. ESCANDE,
Redator da *Mode Nouvelle*

Nos artigos que publicamos sobre esta obra procuramos nos ater principalmente ao ponto de partida do autor, o que não nos foi difícil, pois citando as suas próprias palavras provamos que ele se baseia em idéias materialistas. Sendo falsa a base, pelo menos do ponto de vista da imensa maioria dos homens, as conseqüências que dela tirou contra os fatos que qualifica de maravilhosos, são, por isso mesmo, eivadas de erro. Isto não

impediu que alguns de seus colegas da imprensa exaltassem o mérito, a profundidade e a sagacidade da obra. Contudo, nem todos são dessa opinião. A respeito, encontramos na *Mode Nouvelle*¹⁷ jornal mais sério que o seu título, um artigo tão notável pelo estilo quanto pela justeza das apreciações. Sua extensão não nos permite citá-lo por inteiro; aliás, o autor promete outros, porque neste não se ocupa muito senão do primeiro volume. Nossos leitores nos serão gratos por lhes darmos alguns fragmentos.

I

“Este livro tem grandes pretensões, embora não justifique nenhuma. Queria passar por erudito: afeta ciência e ostenta um aparente luxo de pesquisas, mas sua erudição é superficial, sua ciência incompleta e suas pesquisas prematuras e mal digeridas. O Sr. Louis Figuier deu-se à especialidade de recolher, um a um, os mil pequenos fatos que brotam, dia a dia, em torno das academias, como essas longas carreiras de cogumelos que nascem da noite para o dia sobre as camadas criptogâmiferas, organizando livros que fazem concorrência à *Cozinha Burguesa* e aos tratados do *Bom Homem Ricardo*. Habitado a esse trabalho de composições fáceis – inferior ao trabalho de compilação desse bom Abade Trublet, do qual Voltaire zombou espirituosamente – e que forçosamente lhe deixa lazeres, disse a si mesmo que não seria mais difícil explorar a paixão do sobrenatural que, mais do que nunca excita as imaginações, do que utilizar os palavrorios quase sempre ociosos da segunda classe do Instituto. Habitado a redigir revistas científicas, repisando o que é dos outros, com os resumos de relatórios que por sua vez resume, com as teses e memórias que analisa; hábil em transformar mais tarde em volumes esses resumos de resumos, põe-se à obra. E, fiel ao seu passado, compulsou às pressas todos os tratados sobre a matéria, que lhe caíram à mão, esmigalhou-os, depois tornou a amassar essas migalhas à sua

17 Escritório, Rua Sainte-Anne, 63; n.º de 22 de fevereiro de 1861. Preço por n.º, 1 fr.

maneira, com elas compondo um livro, depois do que – não duvidamos – tenha exclamado com Horácio: *Exegi monumentum*; “eu também erigi um monumento, que será mais durável que o bronze!”

“E ele teria razão para sentir-se orgulhoso de sua obra, se a qualidade fosse medida pela quantidade. Com efeito, essa história do maravilhoso não forma menos que quatro grossos volumes e só contém a história do maravilhoso nos tempos modernos, a partir de 1630 até os nossos dias; apenas dois séculos, o que suporia ao menos um pouco mais do dobro que as mais volumosas enciclopédias, caso encerrassem a história do maravilhoso em todos os tempos e em todos os povos! Assim, quando se pensa que esse fragmento de monografia, de tão vasta extensão, não lhe custou senão alguns meses de trabalho, somos levados a crer que uma produção, ao mesmo tempo tão grande e tão apressada, é mais extraordinária que as maravilhas que contém. Mas essa fecundidade deixa de ser um prodígio quando se estuda de perto o processo de composição por ele utilizado, que, na verdade, lhe é tão familiar que não poderíamos esperar fosse empregado outro. Em vez de condensar os fatos, de os expor sumariamente, de negligenciar detalhes inúteis, de destacar principalmente as circunstâncias características, e em seguida discuti-los, aplicou-se apenas em escrever um folhetim mais longo que os que semanalmente escreve na *Presse*. Armado de uma tesoura pinçou das obras anteriores à sua o que poderia favorecer as idéias preconcebidas que desejava fazer triunfar, afastando o que pudesse contrariar a opinião que *a priori* havia formado sobre essa importante questão, sobretudo o que obviasse a explicação natural que se propunha dar das manifestações qualificadas como sobrenaturais, pelo que os livres-pensadores são unânimes em chamar de credulidade pública. Porque é ainda uma das pretensões de seu livro – e essa pretensão não é mais bem justificada que as outras – dar uma solução física ou médica nova, achada por ele, solução triunfante, inatacável, doravante ao abrigo das objeções

dos homens bastante simples para crer que Deus é mais poderoso que os nossos sábios. Ele o repete em cem diferentes passagens de sua obra, a fim de que ninguém o ignore e com a esperança de que acabarão por crê-lo, não obstante se limite a repetir o que a respeito disseram, antes dele, os físicos e os médicos, os filósofos e os químicos, que têm mais horror ao sobrenatural do que Pascal tinha ao vácuo.

“Daí resulta que essa história do maravilhoso carece, ao mesmo tempo, de autoridade e de proporções. Do ponto de vista dogmático, não ultrapassa as negações dos negadores anteriores; não acrescenta nenhum argumento aos raciocínios já desenvolvidos, e nesta questão, como em todas as outras, não compreendemos a utilidade dos ecos. Há mais: atormentado pelo desejo de parecer fazer melhor que Calmeil, Esquiros, Montègre, Hecquet e tantos outros que o precederam e serão sempre seus mestres, o Sr. Louis Figuier muitas vezes se perde no labirinto confuso das demonstrações que lhes toma de empréstimo, querendo delas apropriar-se, acabando por rivalizar na lógica com o Sr. Babinet. Quanto aos fatos, ele os acumulou em grande quantidade, embora um pouco ao acaso, truncando uns, desprezando outros, limitando-se a reproduzir de preferência os que pudessem oferecer um certo atrativo à leitura, prova de que visou, principalmente, um sucesso fácil, a ter de lutar com os romancistas do dia. Ficamos mesmo a nos perguntar como ele não induziu o editor a incluir sua obra na divertida *Biblioteca das Estradas de Ferro*, a fim de que alcançasse mais diretamente essa multidão que lê para se distrair e jamais para instruir-se.

“Não contestamos que seu livro seja divertido, se bastar a um livro, para ter esse mérito, que se assemelhe a uma coleção de anedotas, compostas de historietas amontoadas, tendo em vista o pitoresco, sem muita preocupação com a verdade. Isto não o impede de gabar-se a cada instante e sem propósito algum de sua imparcialidade, de sua veracidade: uma pretensão a mais, a

acrescentar a todas as que destacamos e na qual se pavoneia com tanto mais afetação quanto não dissimula se ela lhe faz falta. Tal qual é, não poderíamos compará-lo melhor do que a esses restaurantes improvisados, pródigos de comestíveis, que não têm de sedutores senão a aparência, e que servem aos consumidores sem muita preocupação com a etiqueta. Mais superficial que profundo, ali o importante é sacrificado ao fútil, o principal ao acessório, o lado dogmático ao lado episódico; aliás, as lacunas são tão abundantes quanto as coisas inúteis e, para que nada falte, está cheio de contradições, afirmando aqui o que nega adiante, de modo que seríamos tentado a crer que, diferentemente do célebre Pico della Mirandola – capaz de dissertar *de omni re simili* – o Sr. Louis Figuiet aventurou-se a ensinar aos outros o que ele próprio não sabia.

II

“Poderíamos limitar aqui o exame dessa história do maravilhoso, se não tivéssemos de justificar estas severas, mas justas apreciações. Para começar, precisaremos acrescentar que aquele que a escreveu não acredita na possibilidade do sobrenatural? Não o cremos. Em sua qualidade de acadêmico supranumerário – um supranumerário que provavelmente só terminará com a sua vida; – em virtude dos poderes que lhe confere seu título de folhetinista científico, ele não podia sustentar outra tese sem se expor a ser colocado no index pelo exército dos incrédulos, dos quais se julga suscetível de fazer parte. Ele também não crê e, a respeito, sua incredulidade está acima de suspeitas. Ele é do número “desses espíritos sábios que, testemunhas da expansão imprevista do maravilhoso contemporâneo, não podem compreender uma tal alucinação em pleno século XIX, com uma filosofia avançada e em meio a esse magnífico movimento científico que dirige tudo hoje para o positivo e o útil.” – Reconhecemos que deve ser penoso para “esses espíritos sábios” ver que o espírito público assim se recusa a despojar-se de seus

velhos preconceitos e persiste em ter outras crenças, diversas do positivismo filosófico, que, entretanto, são as de todos os animais. Além disso, esse dissabor não data apenas dos nossos dias. O Sr. Louis Figuiet o confessa, não sem despeito, quando pergunta, em termos que denotam estupefação, como é possível que o maravilhoso tenha resistido ao século XVIII, “o século de Voltaire e da Enciclopédia, enquanto os olhos se abrem às luzes do bom-senso e da razão.” Que fazer, então? Tão vivaz é essa crença no maravilhoso, consagrada por todas as religiões, que foi a de todos os tempos, de todos os povos, sob todas as latitudes e em todos os continentes, que os livres-pensadores, satisfeitos por tê-la agitado por si e para si mesmos, agiriam com sabedoria em abster-se, doravante, de um proselitismo cujo *insucesso* sabem inevitável.

“Mas o Sr. Figuiet não é desses corações pusilânimes que se apavoram por antecipação em face da inutilidade de seus esforços. Cheio de confiança e de bazófia em sua força, vangloria-se de realizar o que Voltaire, Diderot, Lamétrie, Dupuis, Volney, Dulaure, Pigault-Lebrun; o que Dulaurens com o seu *Compère Mathieu*, o que os químicos com os seus alambiques, os físicos com as suas pilhas elétricas, os astrônomos com seus compassos, os panteístas com seus sofismas, o trocista malévolo com seu cepticismo desprezível, foram impotentes para realizar. Ele se propôs demonstrar de novo e triunfalmente desta vez, que “o sobrenatural não existe e jamais existiu” e, em conseqüência, que “os prodígios antigos e contemporâneos podem todos ser atribuídos a uma causa natural.” A tarefa é árdua: até aqui os mais intrépidos sucumbiram. Mas “semelhante conclusão, que necessariamente afastaria todo agente sobrenatural, seria uma vitória da Ciência sobre o espírito de superstição, em favor da razão e da dignidade humanas”, e essa vitória lisonjeou a sua ambição; – vitória fácil, afinal de contas, mais fácil do que pensamos, se o Sr. Figuiet não se tiver enganado quando diz, em sua introdução, que “nosso século se inquieta muito pouco com as matérias teológicas e as disputas religiosas.” Então, para que se armar em guerra

contra uma crença que não existe? Para que atacar opiniões de teologia, com as quais ninguém se inquieta? Para que se prender a superstições religiosas que não mais nos preocupam? “Vitória sem perigo é triunfo sem glória”, diz o poeta, e não convém tocar muito alto a trombeta guerreira, se não tem a combater senão moinhos de vento. Que quereis? O Sr. Louis Figuier tinha esquecido, ao escrever isto, o que havia escrito acima, quando confessava, com a vergonha no rosto, que o nosso século, surdo às lições da Enciclopédia e aos ensinamentos da imprensa leiga, se tinha subitamente inflamado pelo maravilhoso e, mais que seus antepassados, acreditava no sobrenatural, aberração incompreensível, da qual ambicionava curá-lo. Mas esta contradição é tão insignificante que talvez não valesse a pena ser assinalada; veremos muitas outras e ainda seremos obrigados a negligenciar muitas!

Assim, o Sr. Figuier nega que se produzam em nossos dias, ou que se tenham produzido em qualquer tempo, manifestações sobrenaturais. No caso de milagres, só a Ciência os pode fazer: o poder de Deus foi até aí. Ainda quando digamos que Deus não tem tal poder, temos uma espécie de escrúpulo de traduzir incompletamente o seu pensamento. Reconhece ele um outro deus, além do deus natureza, tão admirável na sua inteligência cega, e que realiza maravilhas sem o suspeitar, deus querido dos sábios, porque é bastante complacente para lhes deixar crer que usurpam diariamente uma fatia de sua soberania? É uma questão que não nos permitimos aprofundar.

“Mediocrementemente maravilhosa, essa história do maravilhoso começa por uma introdução que o Sr. Louis Figuier chama um golpe de vista rápido lançado ao sobrenatural na Antigüidade e na Idade Média, da qual nada diremos, porque não teríamos muito a dizer. As mais importantes manifestações aí são desfiguradas sob pretexto de resumo, e compreende-se que seria preciso muito tempo e espaço para restituir a verdadeira

fisionomia aos milhares de fatos que nela só figuram de maneira excessivamente abreviada.

“O edifício é digno do peristilo. Essa história do maravilhoso durante os dois últimos séculos abre-se para o relato do caso de Urbain Grandier e das religiosas de Loudun; vem a seguir a varinha mágica, os Tremedores das Cévennes, os Convulsionários Jansenistas, Cagliostro, o magnetismo e as mesas girantes. Quanto à possessão de Louviers nem uma palavra, e também nem uma nota sobre os iluminados, os martinistas, o swedenborgismo, os estigmatizados do Tirol e a notável manifestação das crianças na Suécia, há menos de cinqüenta anos; disse apenas uma palavra sobre os exorcismos do padre Gassner, e menos de uma página insignificante é consagrada à vidente de Prevorst. O Sr. Louis Figuier teria feito melhor se intitulasse seu livro: Episódios da história do maravilhoso nos tempos modernos, ainda que os episódios que escolheu possam dar origem a sérias objeções. Ninguém jamais atribuiu às prestidigitações de Cagliostro uma significação sobrenatural. Era um hábil intrigante, que detinha alguns segredos curiosos, de que sabia servir-se habilmente para seduzir aqueles que queria explorar e, sobretudo, um intrigante que possuía numerosos comparsas. Cagliostro merecia antes um lugar na galeria dos precursores revolucionários do que no pandemônio dos feiticeiros. Iguamente não vemos o que o magnetismo tem a fazer nessa história do maravilhoso, principalmente do ponto de vista em que o Sr. Louis Figuier se colocou. O magnetismo ressalta da Academia de Medicina e da Academia das Ciências, que o desdenharam muito; mas não pode interessar o supranaturalismo senão por ocasião de algumas de suas manifestações, aliás negligenciadas pelo Sr. Louis Figuier, a fim de reservar o espaço que consagrou ao relato da vida de Mesmer, das experiências do Marquês de Puysegur e do incidente relativo ao famoso relatório do Sr. Husson. Há dois anos tratamos dessa importante questão e a ela não voltaremos, pois apenas nos repetiríamos. Também

deixaremos de lado a das mesas girantes, que examinamos na mesma época. Entretanto, muito haveria a dizer sobre a explicação natural e física que o Sr. Louis Figuier pretende dar dessa dança das mesas e das manifestações que se lhe seguem; mas é preciso saber limitar-se. Deixemo-lo, pois, debater-se com a *Revista Espiritualista* e com a *Revista Espírita*, duas revistas publicadas em Paris pelos adeptos da crença na manifestação dos Espíritos, que o acusam de ter escrito o seu requisito sem haver previamente ouvido as testemunhas e consultado as peças do processo. Uma e outra afirmam que ele jamais assistiu a uma única sessão espiritualista e que, à sua chegada, teve o cuidado de declarar que sua opinião estava formada e nada o faria mudá-la.

“É verdade? Não sabemos. Tudo quanto podemos afirmar é que, depois de ter repellido, com justa razão, a solução do Sr. Babinet, pelos *movimentos nascentes e inconscientes*, acabou adotando-a por conta própria, tanto é ele inconsciente do que pensa e escreve. Eis a prova: “Nessas reuniões de pessoas fixamente ligadas durante vinte minutos ou meia hora, a formar a corrente, mãos abertas sobre a mesa, sem ter a liberdade de distrair, mesmo por um instante, a atenção da operação em que tomam parte, a maioria não experimenta nenhum efeito particular. Mas é muito difícil que uma delas, uma só que se queira, por um momento não caia no estado hipnótico ou biológico. (O hipnotismo lhe dá resposta a tudo, como veremos mais tarde.) Não é necessário que esse estado dure mais que um segundo para que o fenômeno esperado se realize. O membro da corrente, caído nesse meio-sono nervoso, *não mais tendo consciência de seus atos*, nem outro pensamento senão a idéia fixa da rotação da mesa, imprime, *sem o saber*, o movimento ao móvel.” Por que, então, não começaria a trocar de si mesmo, uma vez que gostava de trocar do Sr. Babinet? Teria sido lógico, sobretudo depois de ter anunciado que vinha esclarecer o mistério, desde que só colocava em sua lanterna uma luzinha tão ridícula quanto a que antes havia iluminado o sábio

acadêmico. Mas a lógica e o Sr. Louis Figuier divorciaram-se nessa história do maravilhoso. Ah! por mais pretendam os ecos que eles vão falar, seus esforços só conseguem repetir o que ouvem.

“Quanto aos longos capítulos consagrados à varinha mágica e, em particular, a Jacques Aymar, inicialmente nos permitimos observar-lhe que ele se ilude se pensa que o problema foi estudado suficientemente pelo Sr. Chevreul. É uma fantasia que pode deixar, se bem lhe parecer, àquele sábio; mas, fora da Academia das Ciências, não encontrará ninguém que admita que a teoria do pêndulo explorador responda a todas as objeções. A frase atribuída a Galileu “E, contudo, ela gira!” poderia muito bem ser aplicada à varinha mágica. Ela girou e gira, a despeito dos cépticos que negam o movimento, porque se recusam a ver; os milhares de exemplos que poderíamos citar – e que cita o próprio Sr. Louis Figuier – atestam a realidade do fenômeno. Gira por um impulso diabólico ou espírita, como se diria hoje, ou sob a impressão que recebe de alguns eflúvios desconhecidos? Repelimos com muito gosto qualquer influência sobrenatural, embora ela possa ser admitida em certos casos. O que não nos parece provado é a inexistência de fluidos desconhecidos. Entre outros, conta o fluido magnético numerosos partidários, cujas afirmações merecem tanta autoridade quanto as negações de seus adversários. Seja como for, a varinha mágica realizou maravilhas que podem nada ter de sobrenatural, mas que a Ciência é incapaz de explicar, ela que, aliás, muito pouco explica de todas as que vemos produzir-se diariamente à nossa volta, na vida do menor pé de erva. A modéstia é uma virtude que lhe faz falta, e que ele faria bem em adquirir.

“Entre outras maravilhas, as que realizava Jacques Aymar, do qual falamos há pouco, mereciam ser relatadas minuciosamente. Certa vez, entre outras, ele foi chamado a Lyon, no dia seguinte a um grande crime cometido naquela cidade. Armado de sua varinha, explorou a adega que tinha sido o teatro do crime, declarando que os assassinos eram três; depois, começou

a seguir suas pegadas, que o conduziram a um jardineiro, cuja casa estava situada à margem do Ródano, o qual afirmou que eles ali haviam entrado e bebido uma garrafa de vinho. O jardineiro protestou, negando; mas, interrogados, seus filhos pequenos confessaram que três indivíduos tinham vindo, na ausência do pai, e que lhes haviam vendido vinho. Então Aymar, retomando o caminho e sempre conduzido pela varinha, descobriu o local onde tinham embarcado no Ródano, entrou numa canoa, desceu em todos os lugares onde eles desceram, foi ao campo de Sablon, entre Vienne e Saint-Vallier, achou que ali demoraram alguns dias, continuou a sua perseguição e, de etapa em etapa, chegou até Beaucaire, em plena feira, percorrendo as suas ruas apinhadas de gente e se detendo diante da porta da prisão, onde entrou e apontou um pequeno corcunda como um dos assassinos. A seguir suas investigações lhe apontaram que os outros dois tinham se dirigido para os lados de Nîmes, mas as autoridades policiais não quiseram levar suas pesquisas mais longe. Conduzido a Lyon, o corcunda confessou o crime e foi esarteado vivo.

“Eis a proeza de Jacques Aymar e proezas tão surpreendentes quanto esta são numerosas em sua vida. O Sr. Louis Figuiet o admite em todas as circunstâncias. Aliás, não podia fazer de outro modo, desde que é atestado por centenas de testemunhas, cuja veracidade não se pode suspeitar “por três relatos e várias cartas concordantes, escritas pelas testemunhas e pelos magistrados, homens igualmente honrados e desinteressados e que ninguém, no público contemporâneo, suspeitou de um acordo verdadeiramente impossível entre eles.” Mas como aqui uma explicação física não podia ser aventada, ele se viu obrigado a renunciar ao seu processo ordinário e se atirou num labirinto de suposições mais engenhosas que verossímeis. Transforma Jacques Aymar num agente de polícia de uma perspicácia que suplanta a do Sr. de Sartines, por mais célebre que seja. Junto a ele, nossos mais inteligentes chefes de polícia de segurança não passariam de escolares. Ele supõe, assim, que esse agitador de varinha, durante as

três ou quatro horas passadas em Lyon, antes de começar suas experiências teve tempo de colher informações e descobrir o que as próprias autoridades judiciárias ignoravam. Foi à casa do jardineiro porque era de presumir que os assassinos tivessem embarcado no Ródano, a fim de se afastarem mais depressa; adivinhou que tinham bebido vinho porque tinham sede; abordou a margem do rio em toda parte onde se soube que eles tinham realmente atracado, porque esses lugares habituais de acostagem lhe eram conhecidos; deteve-se no campo de Sablon porque era evidente que queriam ver o espetáculo da reunião de tropas; dirigiu-se a Beaucaire porque era certo que o desejo de dar um bom golpe ali os teria conduzido; parou, finalmente, à porta da prisão porque era provável que um deles tivesse tido o azar de ser preso. “Eis por que vossa filha é muda!” diz Sganarelle; e o Sr. Louis Figuiet não diz melhor, nem diferente. Sobretudo crê triunfar, porque Jacques Aymar, tendo sido mais tarde chamado a Paris, pelos rumores de sua fama, aí viu sua perspicácia sofrer reais fracassos, ao lado de alguns triunfos reais também. Mas por esses eclipses, que lhe valeram certo desfavor, menos que qualquer outro, o Sr. Louis Figuiet lhe devia censurar; menos que qualquer outro ele poderia se sentir autorizado para o declarar um impostor, ele que sabe melhor que ninguém, ele que reconhece, a propósito do magnetismo, que esses gêneros de experiências são caprichosos, bem-sucedidos num dia e malogrados no outro. A essa inconseqüência ele junta, por fim, uma segunda, menos desculpável. Não contente de acusar Jacques Aymar de charlatanismo, pronuncia a mesma condenação contra quase todos os giradores de varinha, cujos gestos e feitos relata, e na discussão diz: “Entre os numerosos adeptos práticos, só um pequeno número era de má-fé; ainda não o eram sempre; o maior número operava com inteira sinceridade. Realmente a varinha girava em suas mãos, independente de qualquer artifício, e o fenômeno, enquanto fato, era bem real.” Bem, muito bem, não pode ser melhor: aí está a verdade. Mas como e por que girava? Impossível escapar a essa interrogação indiscreta. Ora, o Sr. Louis Figuiet responde assim: ‘Esse movimento da varinha era operado

em virtude de um ato de seu pensamento e sem que eles tivessem a menor consciência dessa ação secreta de sua vontade.' Sempre essa inconsciência, mais maravilhosa que o maravilhoso que repelem! Acredite quem quiser.”

Escande

O Mar

PELO SR. MICHELET

O Sr. Michelet tem de se pôr em guarda, pois todos os deuses marinhos da Antigüidade se aprestam para o maltratar. É o que nos ensina o Sr. Taxile Delord, num artigo espirituoso publicado pelo *Siècle* de 4 de fevereiro último. Sua linguagem é digna do *Orfeu nos Infernos*, das óperas bufas parisienses, como testemunha esta amostra: Netuno, aparecendo de repente à porta da residência de Anfitrite, onde se haviam reunido os descontentes, exclama: “Eis o Netuno chamado. Não me esperáveis agora, cara Anfitrite; é a hora de minha sesta; mas não há meio de fechar os olhos, desde o aparecimento deste diabo de livro intitulado *O Mar*. Quis percorrê-lo, mas está repleto de frivolidades; não sei de que mares o Sr. Michelet quer nos falar; para mim, é impossível reconhecer-me nele. Todo mundo sabe muito bem que o mar termina nas colunas de Hércules. Que pode haver além?... etc.”

Nem é preciso dizer que o Sr. Michelet triunfa em toda a linha. Ora, após a dispersão de seus inimigos, o Sr. Taxile Delord lhe diz: “Talvez vos sintais à vontade ao saber em que se tornaram os deuses marinhos, desde que o mar os expulsou de seu império. Netuno faz a piscicultura em grande quantidade; Glaucus é professor de nataçãõ nos banhos de Ouarnier; Anfitrite é recepcionista nos banhos do Mediterrâneo, em Marselha; Nereu aceitou um lugar de cozinheiro nos navios transatlânticos; vários tritões morreram e outros se exibem nas feiras.”

Não garantimos a exatidão das informações dadas pelo Sr. Delord sobre a situação atual dos heróis olímpicos; mas, em princípio e sem o querer, ele disse algo mais sério do que tencionava dizer.

Entre os Antigos a palavra *deus* tinha uma acepção muito elástica. Era uma qualificação genérica aplicada a todo ser que lhes parecia elevar-se acima do nível da Humanidade. Eis por que divinizaram seus grandes homens. Não os acharíamos tão ridículos se não nos tivéssemos servido da mesma palavra para designar o Ser Único, soberano senhor do Universo. Os Espíritos, que existiam então como hoje, lá se manifestavam igualmente, e esses seres misteriosos também deviam, conforme as idéias da época, e ainda com maior razão, pertencer à classe dos deuses. Olhando-os como seres superiores, os povos ignorantes lhes rendiam culto; os poetas os cantaram e semearam a sua história de profundas verdades filosóficas, ocultas sob o véu de engenhosas alegorias, cujo conjunto formou a mitologia pagã. O vulgo, que geralmente só vê a superfície das coisas, tomou a figura ao pé da letra, sem rebuscar o fundo do pensamento, absolutamente como aquele que, hoje, não visse nas fábulas de La Fontaine senão conversas de animais.

Tal é, em substância, o princípio da mitologia. Os deuses não eram, pois, senão os Espíritos ou as almas dos seres mortais, como os dos nossos dias; mas as paixões que a religião pagã lhes emprestava não dão uma idéia brilhante de sua elevação na hierarquia espírita, a começar por seu chefe, Júpiter, o que não os impedia de deleitar-se com o incenso que queimavam em seus altares. O Cristianismo os despojou de seu prestígio e o Espiritismo, hoje, os reduziu ao seu real valor. Sua própria inferioridade pôde sujeitá-los a várias reencarnações na Terra. Poderíamos, pois, entre nossos contemporâneos encontrar alguns Espíritos que outrora tivessem recebido honras divinas, e que, nem por isso, seriam mais adiantados. O Sr. Taxile Delord, que sem

dúvida nisso não acredita, por certo quis apenas fazer uma brincadeira. Mas, sem o saber, não deixou de dizer uma coisa talvez mais verdadeira do que pensava, ou, pelo menos em tese, que não é materialmente impossível. Assim, muitas pessoas, imitando o Sr. Jourdain, fazem Espiritismo, mau grado seu.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

ALFRED LEROY, SUICIDA

(Sociedade Espírita de Paris, 8 de março de 1861)

O *Siècle* de 2 de março de 1861 relata o seguinte fato:

Num terreno baldio, no ângulo do caminho dito da Arcada, que conduz de Conflans a Charenton, operários que iam ao trabalho, ontem pela manhã, encontraram enforcado num pinheiro muito alto um indivíduo que cessara de viver.

Prevenido do fato, o comissário de polícia de Charenton dirigiu-se ao local, acompanhado pelo Dr. Josias e procedeu às comprovações.

Diz o *Droit* que o suicida era um homem de cerca de cinquenta anos, de fisionomia distinta, vestido de maneira conveniente. De um de seus bolsos retiraram um bilhete a lápis, assim redigido: “Onze horas e três quartos da noite; subo ao suplício. Deus me perdoará os erros.”

O bolso encerrava ainda uma carta sem endereço e sem assinatura, cujo conteúdo é o seguinte:

“Sim, lutei até o último extremo! Promessas, garantias, tudo me faltou. Eu podia chegar; tinha tudo a crer, tudo a esperar; uma falta de palavra me mata; não posso mais lutar. Abandono esta existência, desde algum tempo tão dolorosa. Cheio de força e de

energia, sou obrigado a recorrer ao suicídio. Tomo Deus por testemunha, eu tinha o maior desejo de me desobrigar para com os que me haviam auxiliado no infortúnio; a fatalidade me esmaga: tudo se contrapõe a mim. Abandonado subitamente por aqueles que representei, sofro a minha sorte. Confesso que morro sem fel; mas, por mais que digam, a calúnia não impedirá que nos últimos momentos eu não atraia nobres simpatias. Insultar o homem que se reduziu à ultima das resoluções seria uma infâmia. É muito tê-lo reduzido a isto. A vergonha não será toda minha; o egoísmo me terá matado.”

Conforme outros papéis, o suicida era um tal Alfred Leroy, de cinquenta anos, originário de Vimoutiers (Orne). A profissão e o domicílio são desconhecidos e, depois das formalidades ordinárias, o corpo, que ninguém reclamou, foi para o necrotério.

1. Evocação.

Resp. – Não venho como supliciado; estou salvo!

Alfred.

Observação – As palavras: Estou salvo! surpreenderam a maioria dos assistentes. Sua explicação foi pedida no desenrolar da conversa.

2. Soubemos pelos jornais do ato de desespero pelo qual sucumbistes e, embora não vos conheçamos, vos lamentamos, pois a religião exige que compartilhemos da dor de todos os nossos irmãos infelizes; e é para vos testemunhar simpatia que vos chamamos.

Resp. – Devo calar os motivos que me impeliram a esse ato de desespero. Agradeço o que fazeis por mim; é uma felicidade, uma esperança a mais; obrigado!

3. Podeis dizer, primeiramente, se tendes consciência de vossa situação atual?

Resp. – Perfeita. Sou relativamente feliz; não me suicidei por causas puramente materiais; crede que havia mais, como o demonstraram as minhas últimas palavras. Foi uma mão-de-ferro que me agarrou. Quando encarnei na Terra, vi o suicídio no meu futuro. Era a prova contra a qual tinha de lutar. Quis ser mais forte que a fatalidade e sucumbi.

Observação – Ver-se-á logo que esse Espírito não escapa à sorte dos suicidas, malgrado o que acaba de dizer. Quanto à palavra fatalidade, é evidente que nele é uma lembrança das idéias terrenas; põe-se à conta da *fatalidade* todas as desgraças que não se podem evitar. Para ele o suicídio era a prova contra a qual tinha de lutar; cedeu ao arrastamento ao invés de resistir, em virtude de seu livre-arbítrio, e acreditou que estivesse em seu destino.

4. Quisestes escapar a uma situação deplorável pelo suicídio; ganhastes alguma coisa com isto?

Resp. – Aí está o meu castigo: a vergonha do meu orgulho e a consciência da minha fraqueza.

5. Segundo a carta encontrada convosco, parece que a dureza dos homens e uma falta de palavra vos conduziram à própria destruição. Que sentimento experimentais agora pelos que foram a causa dessa resolução funesta?

Resp. – Oh! não me tenteis, não me tenteis, eu vos suplico!

Observação – Esta resposta é admirável; pinta a situação do Espírito lutando contra o desejo de odiar aqueles que lhe fizeram mal, e o sentimento do bem, que o impele a perdoar. Receia que esta pergunta provoque uma resposta que a sua consciência reprova.

6. Lamentais o que fizestes?

Resp. – Eu já vos disse que meu orgulho e minha fraqueza são a sua causa.

7. Quando vivo acreditáveis em Deus e na vida futura?

Resp. – Minhas últimas palavras o provam; marcho para o suplício.

Observação – Ele começa a compreender sua posição, sobre a qual a princípio pôde ter uma ilusão, porque não podia ser salvo e marchar para o suplício.

8. Tomando essa resolução, que pensáveis que vos aconteceria?

Resp. – Eu tinha bastante consciência da justiça para compreender o que agora me faz sofrer. Por um momento tive a idéia do nada, mas a repeli bem depressa. Não me teria matado se tivesse tal idéia; primeiro me haveria vingado.

Observação – Esta resposta é, ao mesmo tempo, muito lógica e muito profunda. Se ele acreditasse no nada após a morte, em vez de se matar ter-se-ia vingado ou, pelo menos, teria começado por se vingar. A idéia do futuro o impediu de cometer um duplo crime; com a do nada, o que teria a temer, se quisesse tirar a própria vida? Não mais temia a justiça dos homens e teria o prazer da vingança. Tal a consequência das doutrinas materialistas que certos sábios se esforçam em propagar.

9. Se estivésseis bem convencido de que as mais cruéis vicissitudes da vida são provas muito curtas em face da eternidade, teríeis sucumbido?

Resp. – Muito curtas, eu o sabia, mas o desespero não pode raciocinar.

10. Rogamos a Deus que vos perdoe e em vosso favor lhe dirigimos esta prece, à qual todos nos associamos:

“Deus todo-poderoso, sabemos a sorte reservada aos que abreviam os seus dias e não podemos entrar a vossa justiça. Mas sabemos também que a vossa misericórdia é infinita. Possa ela estender-se sobre a alma de Alfred Leroy! Possam também nossas

preces, mostrando-lhe que há na Terra seres que se interessam por sua sorte, aliviar os sofrimentos que suporta por não ter tido a coragem de resistir às vicissitudes da vida!

“Espíritos bons, cuja missão é aliviar os infelizes, tomai-o sob vossa proteção; inspirai-lhe o pesar pelo que fez e o desejo de progredir por novas provas, que saberá suportar melhor.”

Resp. – Esta prece me faz chorar e, por isso, sou feliz.

11. Dissestes no início: agora estou salvo. Como conciliar estas palavras com o que dissestes depois: Marcho para o suplício?

Resp. – E como entendeis a bondade divina? Eu não podia viver; era impossível. Credes que Deus não veja o impossível neste caso?

Observação – Em meio a algumas respostas notavelmente sensatas, há outras – e esta é de seu número – que denotam neste Espírito uma idéia imperfeita de sua situação. Isto nada tem de extraordinário, se pensarmos que ele morreu há poucos dias.

12. [A São Luís] Podeis dizer a sorte do infeliz que acabamos de invocar?

Resp. – A expiação e o sofrimento. Não, não há contradição entre as primeiras palavras desse infeliz e suas dores. Ele se diz feliz; feliz pela cessação da vida. E como ainda está preso aos laços terrenos, sente apenas a ausência do mal terreno; mas quando seu Espírito elevar-se, os horizontes da dor, da expiação lenta e terrível desenrolar-se-ão diante dele e o conhecimento do infinito, ainda velado aos seus olhos, ser-lhe-á o suplício que entreviu.

13. Que diferença estabeleceis entre este suicida e o da Samaritana? Ambos se mataram de desespero e, no entanto, sua situação é bem diferente; este se reconhece perfeitamente; fala com

lucidez e ainda não sofre, ao passo que o outro não acreditava estar morto e desde os primeiros instantes sofria um suplício cruel, o de ter a impressão de sentir seu corpo em decomposição.

Resp. – Uma imensa diferença. O suplício de cada um desses homens reveste o caráter próprio de seu progresso moral. O último, alma fraca e alquebrada, suportou tanto quanto creu. Duvidou de sua força, da bondade de Deus, mas nem blasfemou nem amaldiçoou; seu suplício interior, lento e profundo, terá a mesma intensidade da dor que sentiu o primeiro suicida. Apenas não é uniforme a lei de expiação.

Nota – A narrativa do suicida da Samaritana foi publicada no fascículo de junho de 1858.

14. Aos olhos de Deus qual o mais culpado e qual o que sofrerá o grande castigo: este que sucumbiu à sua fraqueza ou aquele que, por sua dureza, foi levado ao desespero?

Resp. – Seguramente o que sucumbiu pela tentação.

15. A prece que por ele dirigimos a Deus lhe será útil?

Resp. – Sim, a prece é um orvalho benfazejo.

JULES MICHEL

**Morto aos 14 anos, amigo do filho da médium, Sra. Costel,
evocado 8 dias após a morte**

1. Evocação.

Resp. – Agradeço por me evocardes. Lembro-me de vós e dos passeios que nos fizestes dar no parque Monceau.

2. E que dizeis do vosso camarada Charles?

Resp. – Charles sente muito pesar por minha morte. Mas estou morto? Vejo, vivo, penso como antes, apenas não me posso tocar, nem reconheço nada do que me cerca.

3. Que vedes?

Resp. – Vejo uma grande claridade; meus pés não tocam o solo; deslizo; sinto-me arrastado. Vejo formas brilhantes e outras envoltas em branco; pressionam-me e me rodeiam; uns me sorriem, outros me metem medo com seus olhares negros.

4. Vedes a vossa mãe?

Resp. – Ah! sim. Vejo minha mãe, minha irmã e meu irmão. Ei-los todos! Minha mãe chora muito. Gostaria de lhe falar como vos falo; ela veria que não estou morto. Como fazer, então, para a consolar? Peço-vos que faleis de mim. Queria também que dissésseis a Charles que vou me divertir bastante ao vê-lo trabalhar.

5. Vedes o vosso corpo?

Resp. – Mas, claro; vejo-o lá, deitado, todo duro. Entretanto, não estou naquele buraco, uma vez que me encontro aqui.

6. Onde estais, então?

Resp. – Estou ali, junto de vossa mesa, à direita. Acho engraçado que não me vejais; eu vos vejo tão bem!

7. O que sentistes quando deixastes o corpo?

Resp. – Não me lembro bem do que senti então; tinha muita dor de cabeça e via tudo quanto é tipo de coisas ao redor de mim. Estava completamente entorpecido; queria mover-me e não podia; as mãos estavam molhadas de suor e sentia uma grande agitação em meu corpo; depois nada mais senti e despertei bastante aliviado; não sofria mais e estava leve como uma pluma. Então me vi em meu leito e, contudo, não estava nele; vi toda a movimentação que faziam e fui para outra parte.

8. Como soubestes que eu vos chamava?

Resp. – Não me dou muita conta de tudo isto. Ouvei bem que há pouco me chamáveis e vim imediatamente, porque, como dizia a Charles, não sois enfadonha. Adeus, senhora, até mais ver. Voltarei a vos falar, não é verdade?

Correspondência

Roma, 2 de março de 1861.

Senhor,

Há cerca de quatro anos ocupo-me aqui das manifestações espíritas e tenho a felicidade de contar na família com um bom médium, que nos dá comunicações de ordem superior. Temos lido e relido vosso *O Livro dos Espíritos*, que nos proporciona alegria e consolação, dando-nos as mais sublimes e admissíveis noções da vida futura. Se desta pudesse duvidar, as provas que tenho agora são mais que suficientes para consolidar a minha fé. Perdi pessoas que me eram muito caras e tenho a inapreciável felicidade de saber que elas são felizes e posso corresponder-me com elas. Dizer da alegria que por isso experimentei é inexprimível. A primeira vez que me deram sinais manifestos de sua presença, exclamei: Então é verdade que nem tudo morre com o corpo! Eu vos devo, senhor, o ter-me dado essa confiança. Crede em minha eterna gratidão pelo bem que me fizestes, porque, mau grado meu, o futuro me atormentava. A idéia do nada era horrível e, fora do nada, só encontrava uma incerteza atormentadora. Nada de dúvida, agora; parece que renasci para a vida; todas as minhas apreensões se dissiparam e minha confiança em Deus voltou mais forte que nunca. Espero muito que, graças a vós, meus filhos não tenham os mesmos tormentos, pois são alimentados com as verdades que a razão crescente não pode neles senão fortificar-se.

Todavia, faltava-nos um guia seguro para a prática. Se não temesse importunar-vos, desde muito já vos teria pedido conselhos da vossa experiência. Felizmente vosso *O Livro dos Médiuns* veio preencher essa lacuna, e agora marchamos a passo mais firme, pois estamos prevenidos contra os escolhos que se podem encontrar.

Estou enviando, senhor, algumas amostras das comunicações que há pouco recebemos. Foram escritas em italiano e sem dúvida perderam na tradução. Apesar disto serei muito grato se me disserdes o que pensais delas, caso me favoreçais com uma resposta. Será um encorajamento para nós.

Peço me desculpeis, senhor, esta longa carta e crede no testemunho de simpatia do vosso devotado,

Conde X...

Nota – A profusão de matérias força-nos a adiar a publicação das comunicações transmitidas pelo Sr. conde X..., em cujo número algumas há admiráveis. Extraímos somente as respostas seguintes, dadas por um dos Espíritos que se lhe manifestaram:

P. – Conheceis *O Livro dos Espíritos*?

Resp. – Como os Espíritos não conheceriam sua obra? Todos a conhecem.

P. – É muito natural em relação aos que nela trabalharam. Mas quanto aos outros Espíritos?

Resp. – Há entre os Espíritos uma comunhão de pensamentos e uma solidariedade que não podeis compreender, homens, que vos nutris no egoísmo e não vedes senão pelas estreitas janelas de vossa prisão.

P. – Trabalhastes nela?

Resp. – Não; não pessoalmente, mas sabia que devia ser feita e que outros Espíritos, muito acima de mim, estavam encarregados dessa missão.

P. – Que resultados produzirá?

Resp. – É uma árvore que já lançou sementes fecundas em toda a Terra. Essas sementes germinam; logo amadurecerão e em pouco tempo serão colhidos os frutos.

P. – Não é de temer a oposição de seus detratores?

Resp. – Quando se dissipam as nuvens que obscurecem o Sol, este brilha com mais vigor.

P. – Então essas nuvens serão dissipadas?

Resp. – Basta um sopro de Deus.

P. – Assim, em vossa opinião, o Espiritismo se tornará uma crença geral?

Resp. – Dizei universal.

P. – Entretanto, há homens que parecem muito difíceis de convencer.

Resp. – Há os que jamais o serão nesta vida, mas diariamente a morte os arrebatava.

P. – Não virão outros em seu lugar, e que serão tão incrédulos quanto eles?

Resp. – Deus quer o triunfo do bem sobre o mal, da verdade sobre o erro, assim como anunciou. É preciso que venha o seu reino; seus caminhos são impenetráveis. Mas crede bem que, para ele, querer é poder.

P. – Algum dia o Espiritismo será aceito aqui?

Resp. – Será aceito e florescerá. (No mesmo instante o Espírito dirige o lápis sobre a penúltima resposta e a sublinha com força).

P. – Qual pode ser a utilidade do Espiritismo para o triunfo do bem sobre o mal? Para isto não basta a lei do Cristo?

Resp. – Certamente esta lei bastaria, caso a praticassem. Mas, quantos o fazem? Quantos não têm da fé senão a aparência? Assim, vendo Deus que a sua lei era ignorada e incompreendida e que, a despeito dessa lei, o homem vai se precipitando cada vez mais no abismo da incredulidade, quis dar-lhe uma nova marca de sua infinita bondade, multiplicando aos seus olhos as provas do

futuro pelas manifestações brilhantes de que é testemunha, advertindo-os de todos os lados por esses mesmos que deixaram a Terra e lhes vêm dizer: Nós vivemos. Em presença de tais testemunhos, os que resistirem não terão desculpa; expiarão sua cegueira e seu orgulho através de novas existências em mundos inferiores, que serão mais penosas, até que finalmente abram os olhos para a luz. Crede bem que, entre os que sofrem na Terra, há muitos que expiam as existências passadas.

P. – Pode o Espiritismo ser olhado como uma lei nova?

Resp. – Não, não é uma lei nova. As interpretações que os homens deram da lei do Cristo têm gerado lutas que são contrárias ao seu espírito. Deus não quer mais que a lei de amor seja um pretexto de desordem e de lutas fratricidas. Expressando-se sem rodeios e sem alegorias, o Espiritismo está destinado a restaurar a unidade da crença; é, pois, a confirmação e o esclarecimento do Cristianismo, que é e será sempre a lei divina, a que deve reinar em toda a Terra, cuja propagação vai tornar-se mais fácil por este poderoso auxiliar.

Ensinos e Dissertações Espíritas

VAI NASCER A VERDADE

(Enviado pelo Sr. Sabò, de Bordeaux)

Quais são os dolorosos gemidos que vêm retumbar em meu coração, fazendo vibrar todas as suas fibras? É a Humanidade que se debate no esforço de rude e penoso trabalho, porque vai dar à luz a Verdade. Acorrei, espíritas, arrumai-vos em redor de seu leito de sofrimento; que os mais fortes entre vós tenham os membros retesados sob as convulsões da dor; que os outros esperem o nascimento dessa criança e a recebam nos braços à sua entrada na vida. Chega o momento supremo; num último esforço ela escapa do seio que a havia concebido, deixando sua mãe por

algum tempo abatida na atonia da fraqueza. Entretanto, nasceu sadia e robusta, e de seu largo peito aspira a vida a plenos pulmões. É preciso que a sigais passo a passo na vida, vós que assististes ao seu nascimento. Vede! A alegria de ter gerado deu à sua mãe uma recrudescência de força e coragem, e é com entoação materna que chama todos os homens a agrupar-se em torno dessa criança abençoada, porque presente que de sua voz retumbante, em alguns anos vai fazer cair os andaimes do Espírito de mentira e, verdade imutável como o próprio Deus, chamar pelo Espiritismo todos os homens à sua bandeira. Mas ele só comprará o triunfo ao preço da luta, porque tem inimigos encarniçados que conspiram a sua perda. Esses inimigos são o orgulho, o egoísmo, a cupidez, a hipocrisia e o fanatismo, inimigos todo-poderosos, que até então reinaram como senhores e não se deixarão destronar sem resistência. Alguns riem de sua fraqueza, mas outros se assustam com a sua vinda e pressentem a própria ruína. Eis por que procuram fazê-lo perecer, como outrora Herodes buscou fazer perecer Jesus no massacre dos inocentes. Esta criança não tem pátria; percorre toda a Terra, procurando o povo que há de ser o primeiro a arvorar a sua bandeira, e esse povo será o mais poderoso entre os povos, pois tal é a vontade de Deus.

Massillon

PROGRESSO DE UM ESPÍRITO PERVERSO

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sra. Costel)

Sob o título de *Castigo do Egoísta*, publicamos no número de dezembro de 1860 várias comunicações com a assinatura de *Claire*, nas quais esse Espírito revela suas más inclinações e a situação deplorável em que se encontra. Nossa colega, Sra. Costel, que a conheceu em vida e lhe serve de médium, empreendeu a sua educação moral. Seus esforços foram coroados de sucesso; pode-se julgá-lo pelo ditado espontâneo seguinte, dado na Sociedade a 1^o de março último.

“Falar-vos-ei da importante diferença que existe entre a moral divina e a moral humana. A primeira assiste a mulher adúltera em seu abandono e diz aos pecadores: ‘Arrependei-vos, e o reino dos céus vos será aberto.’ Enfim, a moral divina aceita todos os arrependimentos e todas as faltas confessadas, ao passo que a moral humana repele estas e admite, sorrindo, os pecados ocultos que, diz ela, estão meio perdoados. A uma, a graça do perdão; a outra, a hipocrisia. Escolhei, espíritos ávidos de verdade! Escolhei entre os céus abertos ao arrependimento e a tolerância que admite o mal que não lhe prejudica o egoísmo e as falsas maquinações, mas que repele a paixão e os soluços de faltas confessadas aos olhos de todos. Arrependei-vos, vós todos que pecais; renunciái ao mal, mas, sobretudo, à hipocrisia que oculta a torpeza do mal sob a máscara risonha e enganadora das mútuas conveniências.”

Claire

Eis um outro exemplo de conversão obtido num caso mais ou menos semelhante. Na mesma sessão se achava uma dama estrangeira, médium, que escrevia na Sociedade pela primeira vez. Havia conhecido uma senhora, morta há nove anos e que, quando viva, merecera pouca estima. Desde sua morte, seu Espírito se mostrava ao mesmo tempo perverso e mau, não buscando fazer senão o mal. No entanto, bons conselhos tinham acabado por levá-la a melhores sentimentos. Nessa sessão ela dita espontaneamente o que se segue:

“Peço que orem por mim; preciso ser boa. Persegui e obsidiei muito um ser chamado a fazer o bem e Deus não quer mais que eu persiga; mas temo que me falte coragem; ajudai-me; fiz tanto mal! Oh! como sofro! como sofro! Eu me comprazia com o mal praticado, para ele contribuindo com todas as minhas forças; mas já não quero fazer o mal. Oh! orai por mim.”

Adèle

SOBRE A INVEJA NOS MÉDIUNS

(Enviado pelo Sr. Ky..., correspondente da Sociedade em Carlsruhe)

Por si mesmo e por sua própria inteligência, o homem vão é tão desprezível quanto digno de comiseração. Afasta a verdade de sua frente, para substituí-la por argumentos e convicções pessoais, que julga infalíveis e irrevogáveis, porque lhe pertencem. O homem vão é sempre egoísta, e o egoísmo é o flagelo da Humanidade. Entretanto, ao desprezar o resto do mundo, mostra bem a sua pequenez; repelindo verdades, que para ele são novidades, também mostra a limitação da própria inteligência, pervertida por sua obstinação, que mais aumenta sua vaidade e seu egoísmo.

Infeliz do homem que se deixa dominar por esses dois inimigos de si mesmo! Quando despertar nesse estado em que a verdade e a luz fundir-se-ão de todos os lados sobre ele, só verá em si um ser miserável, que se exaltou loucamente acima da Humanidade, durante a sua vida terrena, e que estará muito abaixo de certos seres mais modestos e mais simples, aos quais pensava impor-se aqui na Terra.

Sede humildes de coração, vós a quem Deus permitiu participásseis de seus dons espirituais. Não atribuais nenhum mérito a vós mesmos, assim como não se o atribui à obra e aos utensílios, mas ao operário. Lembrai-vos bem de que não passais de instrumentos de que Deus se serve para manifestar ao mundo o seu Espírito onipotente, e que não tendes nenhum motivo para vos glorificardes de vós mesmos. Há tantos médiuns, ah! que se tornam vão, em vez de humildes, à medida que seus dons se desenvolvem! Isto é um atraso no progresso, pois no lugar de ser humilde e passivo, muitas vezes o médium repele, por vaidade e orgulho, comunicações importantes dadas a lume por outros mais merecedores. Deus não considera a posição material de uma pessoa para lhe conferir o espírito de santidade; bem longe disso, já que

muitas vezes exalta os humildes entre os humildes, para os dotar com as maiores faculdades, a fim de que o mundo veja bem que não é o homem, mas o Espírito de Deus pelo homem que faz milagres. Como disse, o médium é simples instrumento do grande Criador de todas as coisas, e a este último é que deve render glória, é a Ele que deve agradecer por sua inesgotável bondade.

Gostaria, também, de dizer uma palavra sobre a inveja e o ciúme que muitas vezes reinam entre os médiuns e que, como erva daninha, é preciso extirpar, desde que começa a aparecer, temendo que abafe os bons germes da vizinhança.

No médium a inveja é tão temível quanto o orgulho; prova a mesma necessidade de humildade. Direi mesmo que denota falta de senso comum. Não é mostrando inveja dos dons do vosso vizinho que receberéis dons semelhantes, porquanto, se Deus dá muito a uns e pouco a outros, ficai certos de que, assim agindo, tem um motivo bem fundado. A inveja exaspera o coração; abafa mesmo os melhores sentimentos. É, pois, um inimigo que só se poderia evitar com muito cuidado, pois não dá nenhuma trégua, uma vez que se apoderou de nós. Isto se aplica a todos os casos da vida terrena. Mas eu queria falar principalmente da inveja entre os médiuns, tão ridícula quanto desprezível e infundada, e que prova quão fraco é o homem quando se deixa escravizar pelas paixões.

Luos

Observação – Quando da leitura desta última comunicação perante a Sociedade, estabeleceu-se uma discussão sobre a inveja dos médiuns, comparada com a dos sonâmbulos. Um dos membros, o Sr. D..., disse que a inveja, em sua opinião, é a mesma em ambos os casos e, se aparece com mais freqüência entre os sonâmbulos é porque, nesse estado, eles não a sabem dissimular.

O Sr. Allan Kardec refuta essa opinião: “A inveja – diz ele – parece inerente ao estado sonambúlico, por uma causa difícil

de ser compreendida e que os próprios sonâmbulos não podem explicar. Tal sentimento existe entre os sonâmbulos que, em vigília, só agem entre si com benevolência. Nos médiuns está longe de ser habitual, prendendo-se, evidentemente, à natureza moral do indivíduo. Um médium tem inveja de outro médium porque está em sua natureza ser invejoso. Esta falha, conseqüência do orgulho e do egoísmo, é essencialmente prejudicial à boa qualidade das comunicações, ao passo que o sonâmbulo mais invejoso pode ser muito lúcido, o que se concebe facilmente. O sonâmbulo vê por si mesmo; é o seu próprio Espírito que se desprende e age: não necessita de ninguém. O médium, ao contrário, não passa de intermediário: recebe tudo de Espíritos estranhos e sua personalidade está muito menos em jogo que a do sonâmbulo. Os Espíritos simpatizam com ele em razão de suas qualidades ou de seus defeitos. Ora, os defeitos mais antipáticos aos Espíritos bons são o orgulho, o egoísmo e a inveja. A experiência nos ensina que a faculdade mediúnica, enquanto faculdade, é independente das qualidades morais; pode, assim como a faculdade sonambúlica, existir no mais alto grau no homem mais perverso. O mesmo não se dá absolutamente em relação às simpatias dos Espíritos bons, que naturalmente se comunicam tanto mais à vontade, quanto mais puro e sincero for o intermediário encarregado de transmitir o seu pensamento, e quanto mais se afaste o médium da natureza dos Espíritos maus. A este respeito fazem o que nós mesmos fazemos quando tomamos alguém para confidente. Especialmente no que concerne à inveja, como esta imperfeição existe em quase todos os sonâmbulos, sendo muito mais rara nos médiuns, parece que nos primeiros é uma regra e nos últimos a exceção, donde se segue que a causa não deveria ser a mesma nos dois casos.”

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IV

MAIO DE 1861

Nº 5

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

DISCURSO DO SR. ALLAN KARDEC

Por ocasião da renovação do ano social, pronunciado na
sessão de 5 de abril de 1861.

Senhores e caros colegas,

No momento em que nossa Sociedade inicia o seu quarto ano, creio que devemos um agradecimento especial aos Espíritos bons que se têm dignado assistir-nos e, em particular, ao nosso Presidente espiritual, cujos sábios conselhos nos preservaram de vários perigos e cuja proteção permitiu vencêssemos as dificuldades semeadas em nosso caminho, certamente para pôr à prova o nosso devotamento e a nossa perspicácia. Devemos reconhecer que sua benevolência jamais nos faltou e, graças ao Espírito bom de que a Sociedade agora está animada, triunfou sobre a má vontade de seus inimigos. Permiti-me, a propósito, algumas observações retrospectivas.

A experiência havia-nos demonstrado lacunas lamentáveis na constituição da Sociedade, que abriam a porta a

certos abusos. A Sociedade as reparou e, desde então, só teve de se felicitar. Realiza o ideal da perfeição? Não seríamos espíritas se tivéssemos o orgulho de o crer. Mas, quando a base é boa e o resto não depende senão da vontade, é preciso esperar que, auxiliados pelos Espíritos bons, não paremos no caminho.

No número das mais úteis reformas deve-se colocar em primeiro lugar a instituição dos *sócios livres*, que dá mais fácil acesso aos candidatos, permitindo que se conheçam e se apreciem antes de sua admissão definitiva como membros titulares. Participando nos trabalhos e nos estudos da Sociedade, aproveitam tudo quando nela se faz. Como, porém, não têm voz na parte administrativa, não podem, em nenhum caso, comprometer a responsabilidade da Sociedade. Vem a seguir medida que teve por objeto restringir o número dos ouvintes e cercar de maiores dificuldades, por uma escolha mais severa, a sua admissão às sessões; depois, a que interdita a leitura de qualquer comunicação obtida fora da Sociedade, antes de ser conhecida previamente e que a leitura tenha sido autorizada; enfim, as que armam a Sociedade contra quem quer que possa trazer perturbação ou tente impor-lhe a sua vontade.

Há outras ainda que seria supérfluo lembrar, cuja utilidade não é menor e cujos felizes resultados podemos apreciar diariamente. Mas se tal estado de coisas é compreendido no seio da Sociedade, o mesmo não se dá fora dela, onde – nem é preciso dissimular – não temos somente amigos. Criticam-nos em vários pontos, e embora não tenhamos que nos preocupar com isto, pois a ordem da Sociedade só a nós interessa, talvez não seja inútil lançar uma vista d'olhos sobre aquilo que nos censuram, porque, em última análise, se essas censuras fossem fundadas, deveríamos aproveitá-las.

Certas pessoas desaprovam a severa restrição à admissão dos ouvintes; dizem que se quisermos fazer prosélitos é

preciso esclarecer o público e, para isso, abrir-lhe as portas de nossas sessões, autorizar todas as perguntas e todas as interpelações; que se não admitirmos senão pessoas crentes, não teremos grande mérito em convencê-las. Esse raciocínio é especioso; se, abrindo nossas portas a qualquer um, o resultado suposto fosse alcançado, certamente erraríamos se não o fizéssemos. Mas como é o contrário que aconteceria, não o fazemos.

Afinal de contas, seria muito desagradável que a propagação da doutrina se subordinasse à publicidade de nossas sessões. Por mais numeroso que fosse o auditório, seria sempre muito restrito, imperceptível, comparado à massa da população. Por outro lado, sabemos por experiência que a verdadeira convicção só se adquire pelo estudo, pela reflexão e por uma observação contínua, e não assistindo a uma ou duas sessões, por mais interessantes que sejam. Isto é tão verdadeiro que o número dos que crêem sem ter visto, mas porque estudaram e compreenderam, é imenso. Sem dúvida o desejo de ver é muito natural e estamos longe de o censurar, mas queremos que vejam em condições aproveitáveis. Eis por que dizemos: Estudai primeiro e vede depois, porque compreenderéis melhor.

Se os incrédulos refletissem sobre esta condição nela veriam, para começar, a melhor garantia de nossa boa-fé e, depois, a força da doutrina. O que mais teme o charlatanismo é ser compreendido; ele fascina os olhos e não é tolo a ponto de se dirigir à inteligência, que facilmente descobriria o reverso da moeda. O Espiritismo, ao contrário, não admite a confiança cega; quer ser claro em tudo; quer que lhe compreendam tudo, que se dêem conta de tudo. Por conseguinte, quando prescrevemos o estudo e a meditação, pedimos o concurso da razão, assim provando que a ciência espírita não teme o exame, uma vez que, antes de crer, sentimos a necessidade de compreender.

Não sendo de demonstração as nossas sessões, sua publicidade não atingiria o objetivo e teria graves inconvenientes. Com um público não selecionado, trazendo mais curiosidade que verdadeiro desejo de instruir-se e, ainda mais, a vontade de criticar e ridicularizar, seria impossível ter o recolhimento indispensável para toda manifestação séria; uma controvérsia mais ou menos malevolente, na maior parte do tempo baseada na ignorância dos mais elementares princípios da Ciência, provocaria eternos conflitos, nos quais a dignidade poderia ser comprometida. Ora, o que nós queremos é que, ao sair de nossa casa, os ouvintes não levem convicção, mas levem da Sociedade a idéia de uma assembléia grave, séria, que se respeita e sabe fazer-se respeitar, que discute com calma e moderação, examina com cuidado, aprofunda tudo com olho de observador consciencioso, que procura esclarecer-se, e não com a leviandade de simples curioso. E crede-o bem senhores, esta opinião faz mais pela propaganda do que se saíssem com o único pensamento de haverem satisfeito a curiosidade, porquanto a impressão dela resultante os induz a refletir, ao passo que, no caso contrário, estariam mais dispostos a rir do que a crer.

Eu disse que as nossas não são sessões de demonstração, mas se algum dia as fizéssemos desse gênero, para uso dos neófitos, quer se tratasse para instruí-los ou convencê-los, tudo nelas se passaria com tanta seriedade e recolhimento quanto nas nossas sessões ordinárias; a controvérsia estabelecer-se-ia com ordem, de maneira a ser instrutiva e não tumultuosa, e quem quer que se permitisse uma palavra inconveniente seria excluído; então a atenção seria mantida e a própria discussão aproveitaria a todos. É provavelmente o que faremos um dia. Perguntarão, sem dúvida, por que não o fizemos mais cedo, no interesse da vulgarização da Ciência. A razão é simples: é que quisemos proceder com prudência, e não como estouvados, mais impacientes que refletidos. Antes de instruir os outros quisemos, nós próprios, nos instruir. Queremos apoiar nosso ensino sobre uma imponente

massa de fatos e observações, e não sobre algumas experiências incoerentes, observadas leviana e superficialmente.

Toda ciência, em seu início, encontra forçosamente fatos que, a princípio, parecem contraditórios, de modo que só um estudo minucioso e completo pode demonstrar-lhe a conexão. Foi a lei comum desses fatos que quisemos buscar, a fim de apresentar um conjunto tão completo, tão satisfatório quanto possível, sem deixar a mínima oportunidade para a contradição. Com este objetivo recolhemos os fatos, examinamo-los, escrutamo-los no que eles têm de mais íntimo, comentamo-los, discutimo-los friamente, sem entusiasmo, e foi assim que chegamos a descobrir o admirável encadeamento que existe em todas as partes desta vasta Ciência, que toca os mais graves interesses da Humanidade. Tal foi até o momento, senhores, o objetivo dos nossos trabalhos, objetivo perfeitamente caracterizado pelo simples título de Sociedade de *Estudos Espíritas*, que adotamos. Reunimo-nos com a intenção de nos esclarecermos e não de nos distrairmos. Não buscando uma diversão, não queremos divertir os outros. Daí por que não queremos ter senão ouvintes sérios, e não curiosos que aqui julgassem encontrar um espetáculo. O Espiritismo é uma Ciência e, como qualquer outra ciência, não se aprende brincando. Ainda mais, tomar as almas dos que se foram como assunto para distração seria faltar ao respeito que merecem; especular sobre sua presença e sua intervenção seria impiedade e profanação.

Estas reflexões respondem à crítica que algumas pessoas nos dirigiram, por voltar a fatos conhecidos e não procurar constantemente novidades. No ponto em que estamos é difícil que, à medida que avançamos, os fatos que se produzem não girem mais ou menos no mesmo círculo; mas esquecem que fatos tão importantes quanto os que tocam o futuro do homem só podem chegar ao estado de verdade absoluta após um grande número de observações. Seria leviandade formular uma lei baseada em alguns exemplos. O homem sério e prudente é mais circunspeto; não

apenas quer ver tudo, mas ver muito e muitas vezes. Eis por que não recuamos diante da monotonia das repetições, porque delas resultam confirmações e, freqüentemente, matizes instrutivos, mas, também, porque nelas descobriríamos fatos contraditórios, cujas causas rebuscaríamos. Não temos a menor pressa de nos pronunciarmos sobre os primeiros dados, necessariamente incompletos; antes de colher, esperamos a maturidade. Se temos avançado menos do que alguns desejariam na sua impaciência, marchamos com mais segurança, sem nos perdermos no labirinto dos sistemas; talvez saibamos menos coisas, mas sabemos melhor, o que é preferível, e podemos afirmar o que sabemos segundo o testemunho da experiência.

Aliás, senhores, não penseis que a opinião dos que criticam a organização da Sociedade seja a dos verdadeiros amigos do Espiritismo; não, é a dos seus inimigos, que estão melindrados por ver a Sociedade prosseguir seu caminho com calma e dignidade, através das emboscadas que lhe armaram e ainda armam. Eles lamentam que o acesso a ela seja difícil, porque ficariam contentíssimos de aqui semear a perturbação. Por isso também a censuram, por limitar o círculo de seus trabalhos, sob o pretexto de que não se ocupa senão de coisas insignificantes e sem alcance, já que se abstém de tratar de questões políticas e religiosas; gostariam de vê-la entrar na controvérsia dogmática. Ora, é isso precisamente que os denuncia. Com muita prudência a Sociedade se fechou num círculo inatacável à malevolência. Ferindo o seu amor-próprio, queriam arrastá-la por um caminho perigoso, mas ela não se deixará levar. Ocupando-se exclusivamente das questões que interessam à Ciência, e que não podem fazer sombra a ninguém, ela se pôs ao abrigo dos ataques e assim deve permanecer. Por sua prudência, moderação e sabedoria, conciliou a estima dos verdadeiros espíritas, estendendo-se a sua influência até países distantes, de onde aspiram a honra de dela fazer parte. Ora, essa homenagem que lhe é prestada por pessoas que só a conhecem de nome, por seus trabalhos e pela consideração que conquistou, é-

lhe cem vezes mais preciosa que o sufrágio dos imprudentes muito apressados, ou dos malévolos que queriam arrastá-la à sua perda e ficariam muito contentes por vê-la comprometida. Enquanto eu tiver a honra de a dirigir, todos os meus esforços tenderão a mantê-la nesta via. Se algum dia dela saísse, eu a deixaria no mesmo instante, porque a preço algum desejaria assumir essa responsabilidade.

Não obstante isso, senhores, sabeis das vicissitudes por que a Sociedade tem passado. Tudo quanto aconteceu antes e depois foi anunciado e tudo se realizou como fora previsto. Seus inimigos queriam sua ruína; os Espíritos, que a sabiam útil, queriam a sua conservação, de modo que ela se manteve e se manterá enquanto for indispensável aos seus objetivos. Se tivésseis observado, como pude fazê-lo, as coisas nos seus íntimos detalhes, não desconheceríeis a intervenção de um poder superior, que para mim é manifesto, e teríeis compreendido que tudo foi para o melhor e no interesse de sua própria conservação. Mas tempo virá em que, tal qual o é atualmente, ela já não será indispensável. Então veremos o que teremos a fazer, porque a marcha está traçada em vista de todas as eventualidades.

Os mais perigosos inimigos da Sociedade não são os de fora: podemos fechar-lhes as portas e os ouvidos. Os mais temíveis são os inimigos invisíveis, que aqui poderiam introduzir-se mau grado nosso. Cabe a nós provar-lhes, como já o temos feito, que perderiam o tempo se tentassem impor-se a nós. Sua tática, bem o sabemos, é procurar semear a desunião, lançar o facho da discórdia, inspirar a inveja, a desconfiança e as susceptibilidades pueris que geram a desafeição. Oponhamos-lhes a muralha da caridade, da mútua benevolência, e seremos invulneráveis, tanto contra suas malignas influências ocultas quanto contra as diatribes de nossos adversários encarnados, que mais se ocupam de nós, do que nós deles; porque podemos dizer, sem amor-próprio, que aqui jamais seu nome foi pronunciado, seja por uma questão de conveniência,

seja porque temos de nos ocupar de coisas mais úteis. Não forçamos ninguém a vir a nós. Acolhemos com prazer e solicitude as pessoas sinceras e de boa vontade, seriamente desejosas de esclarecimento, e destas encontramos muitas para não perdermos tempo correndo atrás dos que nos voltam as costas por motivos fúteis, de amor-próprio ou de inveja. Estes não podem ser considerados como verdadeiros espíritas, apesar das aparências. É possível que creiam nos fatos, mas, seguramente, não acreditam nas suas conseqüências morais, pois, ao contrário, mostrariam mais abnegação, indulgência, moderação, e menos presunção de infalibilidade. Procurá-los seria mesmo prestar-lhes um mau serviço, porque seria fazer crer em sua importância e que não podemos passar sem eles. Quanto aos que nos denigrem, também não nos devemos preocupar; homens que valem cem vezes mais que nós foram denegridos e ridicularizados; não poderíamos ter privilégio quanto a esse ponto. Cabe-nos provar por nossos atos que suas diatribes não encontram ressonância, e as armas de que se servem voltar-se-ão contra eles.

Depois de ter, no início, agradecido aos Espíritos que nos assistem, não devemos esquecer os seus intérpretes, alguns dos quais nos dão seu concurso com um zelo, uma complacência jamais desmentidos. Em troca, não lhes podemos oferecer senão um estéril testemunho de nossa satisfação. Mas o mundo dos Espíritos os espera, e lá todos os devotamentos são levados em conta na razão do desinteresse, da humildade e da abnegação.

Em resumo, senhores, durante o ano que passou nossos trabalhos marcharam com perfeita regularidade e nada os interrompeu. Uma multidão de fatos do mais alto interesse foi relatado, explicado e comentado; questões muito importantes foram resolvidas; todos os exemplos que passaram sob nossos olhos pelas evocações, todas as investigações a que nos entregamos vieram confirmar os princípios da ciência e fortalecer as nossas crenças; numerosas comunicações, de incontestável superioridade, foram obtidas por diversos médiuns; a província e o estrangeiro nos

remeteram algumas deveras notáveis, provando não só quanto o Espiritismo se espalha, mas, também, sob que ponto de vista grave e sério ele agora é encarado por toda parte. Sem dúvida este é um resultado pelo qual devemos nos sentir felizes, mas há outro não menos satisfatório e que é, aliás, uma conseqüência do que havia sido predito desde a origem: é a unidade que se estabelece na teoria da doutrina, à medida que é estudada e mais bem compreendida. Em todas as comunicações que nos chegam de fora encontramos a confirmação dos princípios que nos são ensinados pelos Espíritos, e, como as pessoas que as recebem nos são, na maioria, desconhecidas, não se pode dizer que sofram a nossa influência.

O princípio mesmo da reencarnação, que inicialmente havia encontrado muitos contraditores, porque não era compreendido, é hoje aceito pela força da evidência e porque todo homem que pensa nele reconhece a única solução possível do maior número de problemas da filosofia moral e religiosa. Sem a reencarnação somos detidos a cada passo, tudo é caos e confusão; com a reencarnação tudo se esclarece, tudo se explica da maneira mais racional. Se ela ainda encontra alguns adversários mais sistemáticos que lógicos, seu número é muito restrito. Ora, quem a inventou? Seguramente não fostes vós, nem eu; ela nos foi ensinada, nós a aceitamos: eis tudo o que fizemos. De todos os fenômenos que surgiram no princípio, bem poucos sobrevivem hoje, e pode-se dizer que os seus raros partidários estão, principalmente, entre pessoas que julgam à primeira vista e, muitas vezes, conforme idéias preconcebidas e prevenções. Mas agora é evidente que quem quer que se dê ao trabalho de aprofundar todas as questões e julgar friamente, sem prevenção, sobretudo sem hostilidade sistemática, é levado invencivelmente, tanto pelo raciocínio quanto pelos fatos, à teoria fundamental que, pode-se dizer, hoje prevalece em todos os países do mundo.

Por certo, senhores, a Sociedade não fez tudo para este resultado. Mas, sem vaidade, creio que ela pode reivindicar uma

pequena parte; sua influência moral é maior do que se pensa, precisamente porque jamais se desviou da linha de moderação que se traçou. Sabe-se que ela se ocupa exclusivamente de seus estudos, sem se deixar desviar pelas mesquinhas paixões que se agitam à sua volta; que o faz seriamente, como deve fazer toda assembléia científica; que persegue o seu objetivo sem se misturar com nenhuma intriga, sem atirar pedras em ninguém, sem mesmo recolher as que lhe atiram. Sem sombra de dúvida, eis a principal causa do crédito e da consideração de que desfruta, dos quais pode sentir-se orgulhosa e que dá certo peso à sua opinião. Continuemos, senhores, por nossos esforços, por nossa prudência e pelo exemplo da união que deve existir entre os verdadeiros espíritas, a mostrar que os princípios que professamos não são para nós letra morta e que tanto pregamos pelo exemplo quanto pela teoria. Se nossas doutrinas encontram tanta ressonância é que, aparentemente, as acham mais racionais que as outras. Duvido que acontecesse o mesmo se tivéssemos professado a doutrina da intervenção exclusiva do diabo e dos demônios nas manifestações espíritas, doutrina hoje completamente ridícula, que mais excita a curiosidade do que amedronta, à exceção de algumas pessoas timoratas, que por si mesmas em breve reconhecerão a sua futilidade.

Tal qual é hoje professada, a Doutrina Espírita tem uma amplidão que lhe permite abarcar todas as questões de ordem moral; satisfaz a todas as aspirações e, pode-se dizer, ao mais exigente raciocínio, para quem quer que se dê ao trabalho de estudá-la e não esteja dominado pelos preconceitos. Ela não tem as mesquinhas restrições de certas filosofias; alarga ao infinito o círculo das idéias e ninguém é capaz de elevar mais alto o pensamento e tirar o homem da estreita esfera do egoísmo, na qual intentaram confiná-lo. Enfim, ela se apóia nos imutáveis princípios fundamentais da religião, dos quais é a demonstração patente. Eis, sem dúvida, o que lhe conquista tão numerosos partidários entre as pessoas esclarecidas de todos os países, e o que a fará prevalecer,

em tempo mais ou menos próximo, e isto malgrado os seus adversários, na maioria mais opostos pelo interesse do que pela convicção. Sua marcha progressiva tão rápida, desde que entrou na via filosófica séria, é-nos garantia segura do futuro que lhe é reservado e que, como sabeis, está anunciado em toda parte. Deixemos, pois, dizer e fazer os seus inimigos; eles nada poderão fazer contra a vontade de Deus, porque nada acontece sem a sua permissão. E, como dizia outrora um eclesiástico esclarecido: “Se essas coisas acontecem, é que Deus o permite, para avivar a fé que se extingue nas trevas do materialismo.”

O Anjo da Cólera

Um de nossos correspondentes de Varsóvia escreveu-nos o seguinte:

“...Ouso reclamar vossa atenção para um fato de tal forma extraordinário que seria preciso colocá-lo na categoria do absurdo, se o caráter da pessoa que mo relatou não fosse uma garantia de sua realidade. Todos nós, que do Espiritismo conhecemos tudo quanto foi tratado por vós tão judiciosamente – o que significa que julgamos compreendê-lo bem – não encontramos explicação para este fato; desse modo, entrego-o à vossa apreciação, rogando me perdoeis o tempo que vos faço perder para o ler, caso não o julgueis digno de um exame mais sério. Eis do que se trata:

“A pessoa de quem falei acima estava, em 1852, em Wilna, cidade da Lituânia, na época assolada pela cólera. Sua filha, encantadora menina de doze anos, era dotada de todas as qualidades que constituem as naturezas superiores. Desde a mais tenra idade, fez-se notar por uma inteligência excepcional, uma bondade de coração e uma candura verdadeiramente angélicas. Em nossa região ela foi uma das primeiras a gozar da faculdade

mediúnic, sempre assistida por Espíritos de ordem bastante elevada. Muitas vezes, e sem ser sonâmbula, tinha pressentimento do que ia acontecer, e o predizia sempre com justeza. Estas informações não me parecem inúteis para julgar de sua sinceridade. Certa noite, tão logo as velas acabavam de ser apagadas, a garota, ainda completamente desperta, viu erguer-se diante de seu leito a figura lívida e sangrenta de uma velha, cuja simples visão a fez estremecer. A mulher aproximou-se do leito da menina e lhe disse: ‘Sou a cólera, e venho pedir-te um beijo; se me beijares, voltarei aos lugares que deixei e a cidade ficará livre da minha presença.’ A heróica menina não recuou diante do sacrifício: colou os lábios sobre o rosto gelado e úmido da velha e a visão – se era visão – desapareceu. Apavorada, a criança não se acalmou senão ao colo do pai, que, embora nada compreendendo do caso, estava, no entanto, convencido de que a filha havia dito a verdade; mas não falaram a ninguém. Por volta do meio-dia receberam a visita de um médico, amigo da família: ‘Venho trazer-vos uma boa notícia – disse ele; esta noite nenhum doente foi encaminhado ao hospital dos coléricos, que acabo de visitar.’ E, com efeito, desde esse dia a cólera deixou de ceifar. Cerca de três anos mais tarde, essa pessoa e sua família fizeram outra viagem à mesma cidade. Durante sua estada a cólera reapareceu e as vítimas já eram contadas por centenas, quando uma noite a mesma velha apareceu junto ao leito da menina, sempre perfeitamente desperta, e lhe fez o mesmo pedido, acrescentando que, se sua prece fosse atendida, dessa vez deixaria a cidade para nunca mais voltar. Como da primeira vez, a jovem não recuou. Logo viu abrir-se um sepulcro e se fechar sobre a mulher. A cólera acalmou-se como que por milagre, não tendo sido do meu conhecimento que haja reaparecido em Wilna. Era uma alucinação ou uma visão real? Ignoro-o. Tudo quanto posso garantir é que não posso duvidar da sinceridade da mocinha e de seus pais.”

Realmente, o fato é muito singular. Os incrédulos não deixarão de dizer que é uma alucinação; mas, provavelmente, ser-lhes-ia mais difícil explicar esta coincidência com um fato material,

que nada podia deixar prever. Uma primeira vez isto poderia ser levado à conta do acaso, essa maneira tão cômoda de passar sobre aquilo que não se compreende. Mas em duas ocasiões diferentes, em condições idênticas, era mais extraordinário. Admitindo o fato da aparição, restava saber o que era essa mulher. Era realmente o anjo exterminador da cólera? Estariam os flagelos personificados em certos Espíritos, encarregados de os provocar ou de os fazer cessar? Podia-se crer, vendo este desaparecer pela vontade dessa mulher. Mas, então, por que se dirigia ela àquela garota, estranha à cidade, e de que maneira um beijo desta podia ter tal influência? Embora o Espiritismo já nos tenha dado a chave de muitas coisas, ainda não disse a última palavra; no caso de que se trata, a última hipótese nada tinha de positivamente absurda. Confessamos que, inicialmente, nós nos inclinávamos para este lado, não vendo no fato o caráter da verdadeira alucinação. Algumas palavras dos Espíritos vieram derrubar a nossa suposição. Eis a explicação, muito simples e muito lógica, dada por São Luís, na sessão da Sociedade, em 19 de abril de 1861.

P. – O fato que acaba de ser relatado parece muito autêntico. A propósito, gostaríamos de obter algumas explicações. Primeiramente poderíeis dizer quem é essa mulher que apareceu à menina e disse ser a cólera?

Resp. – Não era a cólera; um flagelo material não reveste a aparência humana. Era o Espírito familiar da menina, que assim experimentava sua fé, fazendo coincidir esta prova com o fim do flagelo. Essa prova era salutar à criança que a sofria; idealizando-as, fortalecia as virtudes em germes nesse ser protegido e abençoado. As naturezas de escol, as que, vindo ao mundo, trazem a lembrança dos bens adquiridos, muitas vezes recebem essas advertências, que seriam perigosas para uma alma não depurada e não preparada, pelas migrações anteriores, aos grandes devotamentos do amor e da fé.

P. – O Espírito familiar dessa jovem tinha bastante poder para prever o futuro e o fim do flagelo?

Resp. – Os Espíritos são os instrumentos da vontade divina e, muitas vezes, elevados à altura dos mensageiros celestes.

P. – Os Espíritos não têm nenhuma ação sobre os flagelos, como agentes produtores?

Resp. – Eles não têm absolutamente nada com isto, assim como as árvores com o vento e os efeitos com as causas.

Na previsão de respostas conformes ao nosso primeiro pensamento, tínhamos preparado uma séria de perguntas que, em consequência, se tornaram inúteis. Isto prova uma vez mais que os médiuns não são o reflexo do pensamento de quem interroga. Não obstante, devemos dizer que a respeito não tínhamos nenhuma opinião prévia. Em falta de outra melhor, inclinávamos para a que havíamos emitido, porque não nos parecia impossível. Contudo, sendo mais simples e mais racional a explicação dada pelo Espírito, nós a julgamos infinitamente preferível.

Aliás, pode-se tirar do fato uma outra instrução. O que aconteceu àquela mocinha deve ter-se produzido em outras circunstâncias e, mesmo na Antigüidade, desde que os fenômenos espíritas são de todos os tempos. Não seria uma das causas que levaram os Antigos a personificar e a ver em cada coisa um gênio particular? Não pensamos que seja preciso buscar-lhe a causa apenas no gênio poético, uma vez que se vêem essas idéias em povos menos avançados.

Suponhamos que um fato semelhante a esse que relatamos se tivesse produzido num povo supersticioso e bárbaro; não era preciso mais para acreditar na idéia de uma divindade malfazeja, que não se podia apaziguar senão lhe sacrificando vítimas. Como já dissemos, todos os deuses do paganismo não têm

outra origem senão as manifestações espíritas. O Cristianismo veio derrubar os seus altares, mas ao Espiritismo estava reservado dar a conhecer a sua verdadeira natureza e lançar a luz sobre os fenômenos desnaturados pela superstição, ou explorados pela cupidez.

Fenômenos de Transporte

Esse fenômeno é, sem contradita, um dos mais extraordinários entre os apresentados pelas manifestações espíritas e, também, um dos mais raros. Consiste no transporte espontâneo de um objeto que não existe no local em que nos encontramos. Nós já o conhecíamos há muito tempo, por ouvir dizer; mas como há pouco nos foi dado testemunhá-lo, podemos agora dele falar com conhecimento de causa. Digamos, primeiramente, que é um dos que mais se prestam à imitação; em consequência, faz-se necessário que nos guardemos contra a trapaça. Sabe-se até onde pode ir a arte da prestidigitação, no caso de experiências desse gênero; mas, sem se haver com gente do ofício, poder-se-ia facilmente ser enganado por uma hábil manobra. A melhor de todas as garantias está no *caráter, na honorabilidade notória, no desinteresse absoluto* da pessoa que obtém semelhantes efeitos; em segundo lugar, no exame atento de todas as circunstâncias em que se produzem os fatos; enfim, no conhecimento esclarecido do Espiritismo, único que pode fazer descobrir o que seria suspeito.

Dissemos que o fenômeno é um dos mais raros e, menos que os outros, talvez não se produza à vontade e no momento certo. Algumas vezes, embora raramente, pode ser provocado; mas na maioria das vezes é espontâneo. Portanto, quem quer que se vanglorie de obtê-lo à vontade e à hora marcada pode, sem temor, ser tachado de ignorante e suspeito de fraude, principalmente se nele se misturar o menor motivo de interesse material. Um médium que tirasse um proveito qualquer de sua

faculdade pode realmente ser médium; mas como essa faculdade está sujeita a intermitências, e os fenômenos dependem exclusivamente da vontade dos Espíritos, que não se submetem ao nosso capricho, resulta que o médium interessado, para não se atrapalhar ou para produzir mais efeito, conforme as circunstâncias, chama a astúcia em seu auxílio, porque, para ele, é preciso que o Espírito aja de qualquer maneira; caso contrário este é substituído pela esperteza do médium, que por vezes se oculta sob os mais simples disfarces.

Feitas estas reflexões preliminares, que tiveram por fim pôr em guarda os observadores, vamos voltar ao nosso assunto. Mas, antes de falar do que nos concerne, julgamos dever relatar a carta seguinte, que nos foi enviada de Orléans, a 14 de fevereiro último.

“Senhor,

“É um espírita convicto que vos escreve esta carta. Os fatos que ela relata são raros; devem servir ao bem de todos e já levaram a convicção a várias pessoas que nos cercam e que os testemunharam.

“O primeiro fato passou-se em 1º de janeiro de 1861. Uma de minhas parentas, que possui em supremo grau a faculdade mediúnica e que a ignorava completamente antes que eu lhe tivesse falado do Espiritismo, via algumas vezes sua mãe, mas tomava o fato como uma alucinação e tratava de a evitar. No dia 1º de janeiro último, por volta das três horas da tarde, viu-a novamente. O sobressalto que ela e o marido experimentaram, embora este nada visse, impediu-a de se dar conta de seus movimentos. Alguns minutos depois, entrando novamente nesse aposento, seu marido viu sobre a mesa um anel, que a esposa reconheceu perfeitamente como sendo o anel da mãe dela, que a própria filha havia posto no dedo da genitora quando da morte desta última. Alguns dias mais

tarde, como aquela senhora sofresse de uma sufocação, a que era sujeita, aconselhei a seu marido que a magnetizasse, o que ele fez; ao cabo de três minutos, ela adormeceu profundamente e a lucidez foi perfeita. Então ela disse ao marido que sua mãe lhe havia trazido o anel para lhe provar que está com eles e que vela por eles. Seu marido lhe pergunta se ela vê a filha morta há oito anos, com dois anos de idade, e se esta lhe pode trazer uma lembrança. A sonâmbula responde que ela está lá, assim como a mãe de seu marido; que no dia seguinte lhe trará uma rosa e que ele a encontrará sobre a escrivaninha. O fato realizou-se; a rosa murcha estava acompanhada de um papel, sobre o qual estavam escritas estas palavras: *A meu querido papai. Laura.* Dois dias depois, sono magnético; o marido pergunta se poderia receber cabelos de sua própria mãe. Seu desejo é executado no mesmo instante: os cabelos estão sobre a lareira. Depois, duas cartas foram escritas espontaneamente pelas duas mães.

“Chego a fatos que se passaram em minha casa. Após um estudo sério de vossas obras sobre o Espiritismo, veio-me a fé, sem que tivesse visto um único fato. *O Livro dos Médiuns* me havia incitado a tentar escrever, mas sem nenhum resultado. Persuadido de que nada obteria sem a presença da pessoa da qual falei acima, pedi-lhe que viesse a Orléans, assim como o marido. Segunda-feira, 11 de fevereiro, às 10 horas da noite, sono magnético e êxtase; ela vê junto de si e de nós os Espíritos que a acompanham e tinham prometido acompanhá-la. Pergunto se eu seria médium escrevente; ela responde: ‘Sim, dentro de 15 dias’; acrescenta que no dia seguinte escreverá por intermédio de sua mãe para convencer um de meus amigos, rogando-me que o traga comigo. No dia seguinte, 12, às 8 horas da manhã, sono; perguntamos se lhe devemos dar um lápis: ‘Não’, disse ela; minha mãe está perto de ti e escreve; sua carta está sobre a lareira. Vou até lá e encontro um papel dobrado, contendo estas palavras: *‘Crede e orai; estou convosco. Isto é para vos convencer.’* Disse-me ainda que nessa noite eu poderia tentar escrever, com sua mão posta sobre a minha. Eu não ousava esperar

tal resultado; entretanto, escrevi estas palavras: *‘Crede; vou voltar; não esqueçais o magnetismo; não demoreis muito tempo.’* Minha parenta devia partir no dia seguinte. À noite escrevemos isto: *‘A ciência espírita não é uma brincadeira; é verdadeira; o magnetismo pode conduzir a ela. Orai e invocai aqueles que o coração vos disser. Não fiquéis mais por muito tempo. Catherine.’* Era o nome de sua mãe.

“Ordenaram-me várias vezes que vos escrevesse estes fatos; fui até censurado por não havê-lo feito antes; aliás, ela me disse que poderíeis ter a prova do que vos digo, e que sua própria mãe iria vos confirmar os fatos, se a chamásseis. Recebei, etc.”

Esta carta relata dois fenômenos notáveis: o dos transportes e o da escrita direta. A propósito, faremos uma observação essencial: é que, quando o marido e a mulher obtiveram os primeiros resultados, estavam sós, preocupados com o que lhes pudesse acontecer e não tinham o menor interesse em se enganarem mutuamente. Em segundo lugar, o transporte do anel, que havia sido enterrado com a mãe, é um fato positivo que não podia ser resultado de uma trapaça, pois não se brinca com essas coisas.

Vários fatos da mesma natureza nos foram relatados por pessoas que gozam da nossa inteira confiança, e que se passaram em circunstâncias também autênticas; mas eis um de que fomos duas vezes testemunha ocular, assim como vários membros da Sociedade.

A Srta. V. B..., jovem de 16 ou 17 anos, é excelente médium escrevente e ao mesmo tempo sonâmbula muito clarividente. Durante o sono ela vê principalmente o Espírito de um de seus primos, que por diversas vezes já lhe havia trazido diferentes objetos, entre os quais anéis, bombons em grande quantidade e flores. É sempre necessário que ela esteja adormecida cerca de duas horas antes da produção do fenômeno. A primeira

vez que assistimos a uma manifestação do gênero, houve o transporte de um anel que lhe foi colocado na mão. Para nós, que conhecíamos a jovem e seus pais, gente muito honesta, não havia nenhum motivo de dúvida. No entanto, confessamos que, para os estranhos, a maneira pela qual isto se passou era pouco concludente. O mesmo não ocorreu na outra sessão. Após duas horas de sono prévio, durante as quais a jovem sonâmbula ocupou-se de coisas muito interessantes, conquanto estranhas ao nosso objetivo, o Espírito apareceu-lhe com um ramo de flores, visível apenas para ela. Não foi senão após muito tempo, estimulado por ardente desejo e provocado por incessantes pedidos, que o Espírito fez cair a seus pés um ramo de açafior. A moça não se deu por satisfeita; o Espírito tinha ainda algo que ela queria; novas súplicas durante cerca de meia hora, depois do que um maço de violetas, envolvidas por musgo, apareceu no soalho. Algum tempo depois um bombom, grande como um punho, caiu ao seu lado; pelo gosto reconheceram tratar-se de conserva de abacaxi, que parecia ter sido amassada nas mãos.

Tudo isto durou cerca de uma hora e, durante esse tempo, a sonâmbula esteve constantemente isolada de todos os assistentes; seu próprio magnetizador manteve-se a grande distância. Nós estávamos colocados de maneira a não perder de vista um único movimento, e declaramos sinceramente que não houve a menor coisa suspeita. Nessa sessão o Espírito, que se chama Léon, prometeu vir à Sociedade para dar as explicações que lhe fossem pedidas.

Evocamo-lo na sessão da Sociedade, de 1^o de março, simultaneamente com o Espírito da Sra. Catherine, que se havia manifestado em Orléans. Eis a conversa que se seguiu:

1. Evocação da Sra. Catherine.

Resp. – Estou presente e pronta a responder.

2. Dissestes à vossa filha e à vossa parenta de Orléans que viríeis confirmar aqui os fenômenos que elas testemunharam. Ficaremos muito contentes se recebermos vossas explicações a respeito. A princípio, eu perguntaria com que objetivo insististes tanto para que me escrevessem relatando esses fatos?

Resp. – O que eu disse, estou pronta a fazê-lo, pois a vós é que mais se deve instruir. Eu havia dito a meus filhos que vos comunicassem essas provas, tendo em vista a propagação do Espiritismo.

3. Há poucos dias fui testemunha de fatos análogos e vou pedir ao Espírito que os produziu a gentileza de vir. Tendo podido observar todas as fases do fenômeno, espero dirigir-lhe várias perguntas. Peço que vos unais a ele para completar as respostas, caso necessário.

Resp. – Farei o que me pedis; com os dois haverá mais clareza e precisão.

4. Evocação de Léon.

Resp. – Eis-me pronto a cumprir a promessa que vos fiz, senhor.

Observação – Muito freqüentemente os Espíritos se eximem de nossas fórmulas de polidez. Este oferece a particularidade de servir-se sempre da palavra senhor, toda vez que o evocamos.

5. Peço nos digais por que esses fenômenos só se produzem durante o sono magnético do médium?

Resp. – Isto se deve à natureza do médium. Os fatos que produzo, quando o meu está adormecido, poderiam igualmente produzir-se em estado de vigília.

6. Por que fazeis esperar tanto tempo o transporte de objetos e por que excitais a cobiça do médium, exasperando seu desejo de obter o objeto prometido?

Resp. – Esse tempo é-me necessário para preparar os fluidos que servem ao transporte. Quanto à excitação, é apenas para divertir os presentes e a sonâmbula.

7. Eu tinha pensado que a excitação poderia produzir mais abundante emissão de fluidos da parte do médium e facilitar a combinação necessária.

Resp. – Vós vos enganastes, senhor; os fluidos que nos são necessários não pertencem ao médium, mas ao Espírito e, em certos casos, pode-se mesmo prescindir-se deles, e o transporte ocorrer imediatamente.

8. A produção do fenômeno se deve à natureza especial do médium? Poderia dar-se por outros médiuns com mais facilidade e presteza?

Resp. – A produção se deve à natureza do médium e só pode realizar-se com outros de natureza correspondente. Quanto à prontidão, o hábito que adquirimos, correspondendo muitas vezes com o mesmo médium, nos é de grande valia.

9. A natureza do médium deve corresponder à natureza do fato ou à do Espírito?

Resp. – Faz-se mister que corresponda à natureza do fato, e não à do Espírito.

10. A influência das pessoas presentes tem algum significado?

Resp. – Quando há incredulidade e oposição, podem prejudicar bastante. Preferimos fazer nossas provas com crentes e pessoas versadas no Espiritismo, mas com isso não queremos dizer que a má vontade possa paralisar-nos completamente.

11. Aqui só há crentes e pessoas muito simpáticas. Há algum empecilho em que o fato ocorra?

Resp. – Sim: aquele para o qual não estou preparado nem disposto.

12. Estaríeis num outro dia?

Resp. – Sim.

13. Poderíeis fixá-lo?

Resp. – Um dia em que nada me pedirdes eu virei de improviso surpreender-vos com um bonito ramo de flores.

14. Talvez haja pessoas que preferissem bombons.

Resp. – Se há gastrônomos, também podem ser contentados. Creio que as mulheres, que não desdenham das flores, gostarão ainda mais dos bombons.

15. A Srta. V. B. precisará ficar em estado sonambúlico?

Resp. – Farei o transporte com ela desperta.

16. Onde pegastes as flores e os bombons que transportastes?

Resp. – As flores eu as colho nos jardins, onde me agradam.

17. Mas, e os bombons? O comerciante não lhes nota a falta?

Resp. – Eu os pego onde me apraz. O comerciante nada percebe, porque ponho outros no lugar.

18. Mas os anéis têm um valor. Onde os pegastes? Isto não prejudica àqueles de quem os tirastes?

Resp. – Tirei-os de lugares de todos desconhecidos, e de modo que ninguém possa sofrer qualquer prejuízo.

19. É possível trazer flores de outro planeta?

Resp. – Não; a mim não é possível.

20. Outros Espíritos o poderiam?

Resp. – Sim; há Espíritos mais elevados do que eu que podem fazê-lo; quanto a mim, não posso encarregar-me disto. Contentai-vos com o que vos trago.

21. Poderíeis trazer flores de um outro hemisfério, dos trópicos, por exemplo?

Resp. – Desde que sejam da Terra, posso.

22. Como introduzistes esses objetos outro dia, já que a sala estava fechada?

Resp. – Fi-los entrar comigo, por assim dizer envoltos em minha substância. Quanto a vos falar mais longamente, isto não é explicável.

23. [*À Sra. Catherine*] – Considerando-se que o anel que trouxestes à vossa filha estava enterrado convosco, como o obtivestes?

Resp. – Retirei-o da terra e o trouxe a minha filha.

24. [*A Léon*] – Como tornastes visíveis esses objetos que, um instante antes, eram invisíveis?

Resp. – Tirei a matéria que os envolvia.

25. Poderíeis fazer desaparecer esses objetos que transportastes e os transportar novamente?

Resp. – Assim como os trouxe, posso levá-los à vontade.

26. Ontem... (o Espírito retifica escrevendo: *quarta-feira*.) Exatamente; quarta-feira o médium vos viu tomar uma tesoura e cortar flores de laranjeira no ramalhete que está em seu quarto. Realmente tiveste necessidade de um instrumento cortante para isso?

Resp. – Absolutamente; eu não tinha tesoura, mas me fiz ver assim para que ficassem bem certos de que era eu quem as tirava.

27. Mas o buquê estava sob um globo de vidro?

Resp. – Oh! eu bem podia tirar o globo.

28. Tiraste o globo?

Resp. – Não.

29. Não compreendemos como isto pode acontecer. Credes que um dia chegaremos a ter a explicação desse fenômeno?

Resp. – Em pouco tempo mesmo; não apenas o cremos: temos certeza.

30. Quem acaba de responder? Léon ou a Sra. Catherine?

Resp. – Nós dois.

31. A produção do fenômeno dos transportes vos causa alguma aflição, um embaraço qualquer?

Resp. – Não nos causa nenhuma dificuldade, quando temos permissão, mas poderiam causar, e grandes, se quiséssemos produzir efeitos sem que, para isto, estivéssemos autorizados.

32. Quais as dificuldades que encontrais?

Resp. – Nenhuma outra senão as más disposições fluídicas que nos podem ser contrárias.

33. Como trazeis o objeto? Segurais com as mãos?

Resp. – Não; nós o envolvemos em nós.

34. Traríeis com a mesma facilidade um objeto de peso considerável, de 50 quilos, por exemplo?

Resp. – O peso nada representa para nós; trazemos flores porque isto talvez seja mais agradável do que um peso volumoso.

35. Por vezes há desaparecimento de objetos cuja causa é ignorada e que se poderia atribuir aos Espíritos?

Resp. – Isto acontece frequentemente; muito mais do que pensais. Tal ocorrência poderia ser remediada se pedíssemos ao Espírito para restituir o objeto desaparecido.

36. Há efeitos que são considerados como fenômenos naturais e que sejam devidos à ação de certos Espíritos?

Resp. – Vossos dias estão repletos de fatos que não compreendeis, porque não pensastes neles, mas que um pouco de reflexão vos faria ver claramente.

37. Entre os objetos transportados, não se encontram alguns que podem ser fabricados pelos Espíritos, isto é, produzidos espontaneamente pelas modificações que estes imprimem ao fluido ou ao elemento universal?

Resp. – Não por mim, pois para isso não tenho permissão; só um Espírito elevado o pode.

38. Um objeto feito de tal maneira poderia ter estabilidade e tornar-se um objeto de uso? Se um Espírito me fizesse uma tabaqueira, por exemplo, poderia servir-me dela?

Resp. – Poderia ter, se o Espírito o quisesse. Mas, também, poderia ser apenas para a vista e desvanecer-se ao cabo de algumas horas.

Observação – Pode-se classificar na categoria dos fenômenos de transporte os que se passaram na Rua des Noyers e que relatamos na *Revista* do mês de agosto de 1860, com a diferença de que, neste último caso, são produzidos por um Espírito malévolos, que apenas deseja causar perturbação, enquanto nos fenômenos aqui tratados são Espíritos benevolentes que procuram ser agradáveis e testemunhar simpatia.

Nota – Sobre a teoria da formação espontânea dos objetos, vide *O Livro dos Médiuns*, capítulo intitulado *Laboratório do Mundo Invisível*.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

O DR. GLAS

Nascido em Lyon, morto em 21 de fevereiro de 1861
com 35 anos e meio de idade

(SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS, 5 DE ABRIL DE 1861)

O Sr. Glas era um espírita fervoroso. Sucumbiu a uma longa e dolorosa enfermidade, cujos sofrimentos só eram atenuados pela esperança que dá o Espiritismo. Sua vida laboriosa e acidentada por preocupações amargas, e um acidente, inicialmente desconhecido, abreviaram-lhe a existência. Foi evocado a pedido de seu pai.

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui.

2. Ficaríamos muito contentes de nos entreter convosco, inicialmente para condescender ao desejo do senhor vosso pai e de vossa esposa e, depois, porque, considerando o estado dos vossos conhecimentos, esperamos deles aproveitar-nos.

Resp. – Desejo que esta comunicação seja, para os que me pranteiam, uma consolação, e para vós, que me evocais, um objeto de estudos instrutivos.

3. Parece que sucumbistes a uma moléstia cruel. Poderíeis dar-nos algumas explicações sobre a sua natureza e a sua causa?

Resp. – Hoje vejo claramente que minha doença era toda moral e terminou por me extinguir dolorosamente o corpo. Quanto a me estender longamente sobre os meus sofrimentos, ainda os tenho bem presentes para não os recordar. Um trabalho obstinado, aliado a uma contínua agitação do cérebro, foi a verdadeira fonte do meu mal.

Observação – Esta resposta é confirmada pela seguinte passagem da carta de seu pai: “Sua vida laboriosa e acidentada por preocupações amargas, e um acidente, inicialmente desconhecido, abreviaram sua existência.” Esta carta não tinha sido lida antes da evocação, e nem o médium nem os assistentes conheciam o fato.

4. Também parece que vossas crenças vos auxiliaram a suportar o sofrimento com coragem, pelo que vos felicitamos.

Resp. – Eu tinha em mim a consciência de uma vida melhor; isto diz tudo.

5. Essas crenças contribuíram para apressar o vosso desprendimento?

Resp. – Infinitamente, uma vez que as idéias espiritualistas que se podem ter sobre a vida são, por assim dizer, indulgências plenárias que afastam de vós, após a morte, toda influência terrestre.

6. Poderíeis descrever-nos o mais exatamente possível a natureza da perturbação que experimentastes, sua duração e as sensações quando vos reconhecestes?

Resp. – Quando morri, eu tinha perfeito conhecimento de mim mesmo e entrevia com calma o que muitos outros temem com tanto pavor. Meu trespasse foi rápido e a consciência de mim mesmo não mudou. Ignoro quanto tempo durou a perturbação, mas, quando despertei, realmente estava morto.

7. No momento em que vos reconhecestes, achastes-vos isolado?

Resp. – Sim; aliás, pelo coração, ainda estava ligado à Terra; não vi imediatamente Espíritos à minha volta; somente pouco a pouco.

8. Que pensais dos confrades que buscam, por meio da Ciência, provar aos homens que neles não há senão matéria e que somente o nada os aguarda?

Resp. – Orgulho! Quando estiverem perto da morte, talvez se calem; é o que lhes desejo. Ah! como dizia Lamennais há pouco, existem duas ciências, a do bem e a do mal. Eles têm a ciência que vem dos homens: a do mal.

Observação – O Espírito faz alusão a uma comunicação que Lamennais acabara de dar momentos antes, prova de que não esperara a evocação para comparecer à sessão.

9. Estais freqüentemente junto de vossa esposa, do vosso filho e do vosso pai?

Resp. – Quase constantemente.

10. O sentimento que experimentais ao vê-los é diferente do que sentíeis em vida, quando estáveis junto deles?

Resp. – A morte dá aos sentimentos, como às idéias, uma visão larga, mais cheia de esperança, que o homem não pode apreender na Terra. Eu os amo, mas gostaria de tê-los junto a mim. É, sobretudo, em vista das esperanças futuras que o Espírito deve ter coragem e sangue-frio.

11. Estando aqui, podeis vê-los em casa sem vos perturbar?

Resp. – Oh! perfeitamente.

Observação – Um Espírito inferior não o poderia; somente os que têm certa elevação podem ver simultaneamente de pontos diferentes. Os outros ainda estão muito terra-a-terra.

Lendo esta resposta, certas pessoas dirão, sem dúvida, que era uma boa ocasião de controle; que se deveria ter perguntado ao Espírito o que faziam os seus parentes nesse momento e verificar se era exato. Com que objetivo o teríamos feito? Para nos asseguramos de que era realmente um Espírito que nos falava. Mas, então, se não era um Espírito, o médium nos enganava. Ora, há muitos anos esse médium presta o seu concurso à Sociedade e jamais tivemos ocasião de suspeitar de sua boa-fé.

Se o tivéssemos feito, como prova de identidade, não nos teria valido grande coisa, porque um Espírito enganador teria podido sabê-lo tanto quanto o Espírito verdadeiro. Assim, essa questão teria entrado na categoria das perguntas de curiosidade e de prova, que os Espíritos sérios desprezam e às quais jamais respondem. Como fato, sabemos por experiência que isto é possível; mas sabemos, igualmente, que quando um Espírito quer entrar em certos detalhes, ele o faz espontaneamente, se o julgar útil, e não para satisfazer a um capricho.

12. Fazeis distinção entre o vosso Espírito e o vosso perispírito? Qual a diferença que estabeleceis entre as duas coisas?

Resp. – Penso, logo sinto e tenho uma alma, como disse um filósofo. Não sei mais que ele a respeito. Quanto ao perispírito, é uma forma, como sabeis fluídica e natural; mas buscar a alma é querer buscar o absoluto espiritual.

13. Credes que a faculdade de pensar reside no perispírito? Numa palavra, que a alma e o perispírito sejam uma só e mesma coisa?

Resp. – É absolutamente como se perguntásseis se o pensamento reside no vosso corpo. Um se vê; o outro se sente e se concebe.

14. Assim, não sois um ser vago e indefinido, mas um ser limitado e circunscrito?

Resp. – Limitado, sim; mas rápido como o pensamento.

15. Quereis indicar o lugar onde estais aqui?

Resp. – À vossa esquerda e à direita do médium.

Nota – O Sr. Allan Kardec estava no mesmo lugar indicado pelo Espírito.

16. Fostes obrigado a deixar o vosso lugar para mo ceder?

Resp. – Absolutamente: nós passamos através de tudo, como tudo passa através de nós; é o corpo espiritual.

17. Assim, estou mergulhado em vós?

Resp. – Sim.

18. Por que não vos sinto?

Resp. – Porque os fluidos que compõem o perispírito são muito etéreos, não suficientemente materiais para vós; mas, pela prece, pela vontade, numa palavra, pela fé, os fluidos podem tornar-se mais ponderáveis, mais materiais, e mesmo afetar o tato, o que acontece nas manifestações físicas e é a conclusão deste mistério.

Observação – Suponhamos um raio luminoso penetrando num local escuro; pode-se atravessá-lo, nele mergulhar, sem lhe alterar a forma nem a natureza. Embora esse raio seja uma espécie de matéria, é tão sutil que não oferece nenhum obstáculo à passagem da matéria mais compacta. Dá-se o mesmo com a coluna de fumaça ou de vapor que, igualmente, pode ser atravessada sem dificuldade. Somente o vapor, por ter mais densidade, produzirá no corpo uma impressão que não produz a luz.

19. Suponhamos que neste momento pudésseis tornar-vos visível aos olhos da assembléia. Que efeitos produziriam nossos dois corpos, um dentro do outro?

Resp. – O efeito que vós mesmos imaginais, naturalmente; todo o vosso lado esquerdo seria menos visível que o direito; estaria num nevoeiro, no vapor do perispírito; o mesmo ocorreria do lado direito do médium.

20. Suponhamos agora que vos pudésseis tornar não apenas visível, mas tangível, como já aconteceu algumas vezes. Isto poderia acontecer, conservando a situação em que estamos?

Resp. – Forçosamente eu me mudaria pouco a pouco de lugar; eu me construiria ao vosso lado.

21. Há pouco, quando falei somente da visibilidade, dissestes que estaríeis entre mim e o médium, o que indica que teríeis mudado de lugar. Agora, para a tangibilidade, parece que vos afastais ainda mais. Não seria possível tomardes as duas aparências, conservando nossa posição inicial, eu ficando mergulhado em vós?

Resp. – Não, absolutamente, já que respondo à pergunta. Eu me reconstruiria ao lado. Não me posso solidificar naquela posição; só posso aí ficar se permanecer fluídico.

Observação – Dessa explicação ressalta grave ensinamento. No estado normal, isto é, fluídico e invisível, o perispírito é perfeitamente penetrável à matéria sólida; já no estado de visibilidade há um começo de condensação que o torna menos penetrável, enquanto no estado de tangibilidade a condensação é completa e a penetrabilidade não pode mais ocorrer.

22. Credes que um dia a Ciência chegue a submeter o perispírito à apreciação dos instrumentos, como o faz com os outros fluidos?

Resp. – Perfeitamente. Não conheceis ainda senão a superfície da matéria; mas a sutileza, a essência da matéria, só conhecereis pouco a pouco. A eletricidade e o magnetismo são caminhos certos.

23. Com que outro fluido conhecido o perispírito tem mais analogia?

Resp. – Com a luz, a eletricidade e o oxigênio.

24. Há aqui uma pessoa que julga ter sido vosso camarada de colégio; não a reconheceis?

Resp. – Não a vejo; não me lembro.

25. É o Sr. Lucien B..., de Montbrison, que esteve convosco no colégio de Lyon.

Resp. – Eu jamais teria pensado em vos encontrar assim. Estudei intensamente na Terra, mas vos asseguro que meus

estudos, como Espírito, são ainda mais sérios. Mil vezes obrigado, por vossa lembrança.

Questões e Problemas Diversos¹⁸

O Sr. Jobard, de Bruxelas, nos dirige a seguinte carta, assim como as respostas obtidas às diversas perguntas.

“Meu caro Presidente,

“Estando Bruxelas tão longe de Paris quanto a Lua do Sol, os raios do Espiritismo ainda não a aqueceram. Todavia o Sr. Nicolas B..., tendo-me consagrado dois dias, deu notícia de um médium escrevente de primeira ordem, que nos surpreende diariamente, tanto mais quanto ele mesmo está admirado dos magníficos ditados que lhe são feitos pelo Espírito Tertuliano, o qual deseja que ele escreva um livro explicativo do quadro da criação dos mundos, a partir do caos até Deus. Eu o li ontem ao grande pintor Wiertz, que o compreendeu e quer consagrar-lhe uma página de 100 pés. Não ousou enviar-vos esses sublimes ditados antes que vos tenhais assegurado da identidade da personagem. Junto apenas dois ou três fragmentos que acabo de extrair dos rascunhos mediúnicos que conservo preciosamente.

“Nós chamamos *Cabanis* o materialista, que é tão infeliz quanto o vosso ateu e todos os outros quebradores de lápis. Chamai, pois, a *Henri Mondeux*, para saber a longa fieira de matemáticos que ele deve ter habitado. Todo o mundo quer que se descubra Jud, o assassino do Sr. Poinot. A rendição de Gaëte nos foi anunciada com oito dias de antecedência. Tenho também a ordem de escrever um livro, mas não sei por onde começar, não sendo nem me podendo tornar um médium escritor, sob o pretexto de que não é mais necessário. Vosso discurso de Lyon é

18 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 567.

admirável; eu os fiz ler aos humanimais mais avançados de nossa Lua. Não há muitos aqui, infelizmente. Quando me irei aquecer ao vosso sol? Adeus, caro mestre.”

Jobard

P. Os magos, os sábios, os grandes filósofos e os profetas antigos não eram médiuns?

Resp. – Evidentemente, sim. O laço que os unia às inteligências superiores agia sobre eles e lhes inspirava novos pensamentos, sem falar de sua própria superioridade, que lhes permitia emitirem apreciações mais exatas. Eles comunicavam aos Espíritos encarnados idéias que pareciam profecias, porque estas nada mais são do que comunicações vindas dos grandes Espíritos. E como possuíam uma parte dos atributos divinos, as idéias anunciadas tinham um caráter de adivinhação, e forçosamente se realizaram nos tempos e épocas indicados.

P. A mediunidade é, pois, um favor aos que a possuem?

Resp. – O verdadeiro médium, que não faz profissão desse dom sublime, evidentemente deve tornar-se melhor. Como não seria de outro modo, quando a cada instante pode receber impressões tão favoráveis ao seu progresso na senda do bem? As idéias filosóficas que emite, não só por seu próprio Espírito, mas, ainda, e principalmente por nós, são retificadas naquilo que a sua inteligência, muito fraca, poderia compreender mal e mal enunciar.

Observação do Sr. Jobard – Destas respostas plenas de justeza segue-se que os bons médiuns se multiplicam, a raça humana melhora e acabará trazendo, num dado tempo, o reino de Deus à Terra.

P. Nas estatísticas do crime nota-se que os operários que trabalham o ferro nela figuram raramente. Terá o ferro alguma influência sobre eles?

Resp. – Sim, porque nesse trabalho de transformação da matéria há algo que deve elevar o Espírito menos dotado; uma influência magnética age sobre ele. O ferro é o pai de todos os minerais; é o mais útil ao homem, para ele representando a vida de todos os dias, ao passo que os metais que chamais *ricos* representam, para os Espíritos em baixo estágio, a fonte da satisfação de todas as paixões humanas. São os instrumentos do Espírito do mal.

P. Todos os metais podem transformar-se uns nos outros, como pretendem certos sábios?

Resp. – Sim, mas essa transformação só se fará com o tempo.

P. E o diamante?

Resp. – É carbono despreendido da fonte que o produziu em estado gasoso e que se cristalizou sob pressões que não podeis apreciar. Mas chega de perguntas; não as posso responder.

Tertuliano

Observação do Sr. J. – Geralmente os Espíritos se recusam a responder às perguntas que poderiam fazer a fortuna de um homem sem trabalho. Cabe a ele buscar, porque as pesquisas fazem parte das provas que deve sofrer, na *penitenciária* que devemos atravessar. É provável que os Espíritos não saibam mais que nós quanto às descobertas a fazer. Como nós, podem pressenti-las; podem guiar-nos em nossas pesquisas, mas não nos podem evitar o prazer ou o trabalho de pesquisar. Nem por isso é menos agradável, quando julgamos ter uma solução, obter sua aprovação, que podemos considerar como uma confirmação.

Nota – Sobre o assunto da observação acima, vide *O Livro dos Espíritos*, nº 532 e seguintes; *O Livro dos Médiuns*, capítulo

*Evocações; Perguntas que se podem fazer aos Espíritos, nº 78 e seguintes.*¹⁹

Observação do Sr. A. K. – A carta do nosso honrado confrade é anterior à publicação do número de março da *Revista*, no qual inserimos um artigo sobre o Sr. Poinot. Quanto a Henri Mondeux, várias explicações foram dadas na Sociedade; as circunstâncias, porém, não permitiram ainda completar sua evocação, razão pela qual ainda não nos manifestamos. A propósito do pedido que nos fez o Sr. Jobard, de nos assegurarmos da identidade do Espírito que se comunicou sob o nome de Tertuliano, já lhe respondemos em tempo o que a respeito dissemos em nosso *O Livro dos Médiuns*. Não poderia haver materiais de identidade do Espírito de personagens antigas. Sobretudo quando se trata de um ensinamento superior, o mais das vezes o nome é apenas um meio de fixar as idéias, considerando-se que entre os Espíritos que nos vêm instruir, o número dos desconhecidos na Terra é incontestavelmente maior. O nome é, antes um sinal de analogia que de identidade, só se lhe devendo ligar uma importância secundária. O que se deve considerar, antes de tudo, é a bondade e a racionalidade do ensino. Se em nada desmentir o caráter do Espírito cujo nome toma, se estiver à sua altura, é o essencial. Se for inferior, a origem deve ser suspeita, porque um Espírito pode fazer melhor, mas não pior do que quando vivo, desde que pode ganhar, mas não perder o que havia adquirido. Consideradas sob esse ponto de vista, as respostas seguintes nos parecem imputáveis a Tertuliano, donde concluímos que pode ser ele, sem o poder afirmar, ou um Espírito de sua categoria, que tomou esse nome para indicar a posição que ocupa.

¹⁹ **N. do T.:** Provável cochilo de revisão. Em vez do item 78 e seguintes, de *O Livro dos Médiuns*, considerar os itens 291 (Perguntas sobre os interesses morais e materiais); 294 (Perguntas sobre as intervenções e descobertas); e 295 (Perguntas sobre tesouros ocultos) do livro citado. [O item 78 se refere ao fenômeno da suspensão das mesas – Segunda parte, capítulo IV: Teoria das manifestações físicas].

As perguntas e respostas seguintes nos foram endereçadas por um de nossos correspondentes de São Petersburgo.

1. Eu queria me dar conta de qual pode ser o destino da *beleza* no Universo; não será um escolho que serve às provas?

Resp. – Crê-se em tudo que se espera; espera-se tudo o que se ama; ama-se tudo o que é belo. Portanto, a beleza contribui para fortalecer a fé. Se, muitas vezes, ela se torna uma tentação, não é por causa da beleza em si, um dos atributos das obras de Deus, mas por causa das paixões que, semelhantes às Harpias, murcham tudo o que tocam.

2. E que dirás do amor?

Resp. – É um bem de Deus, quando germina e se desenvolve num coração não corrompido, casto e puro; é uma calamidade, quando as paixões a ele se misturam. Tanto eleva e depura no primeiro caso, quanto perturba e agita no segundo. É sempre a mesma lei admirável do Eterno: beleza, amor, memória de uma outra existência, talentos que trazeis ao nascer. Todos os dons do Criador podem tornar-se venenos ao sopro excitante das paixões, que o livre-arbítrio pode conter ou desenvolver.

3. Rogo a um Espírito bom a gentileza de esclarecer-me quanto às perguntas que lhe vou submeter, a propósito dos fatos relatados às páginas 223 e seguintes de *O Livro dos Médiuns*, sobre a transfiguração²⁰.

Resp. – Pergunta.

4. Se, no aumento de volume e peso da mocinha das cercanias de Saint-Étienne, o fenômeno se produzia pelo adensamento de seu perispírito, combinado com o de seu irmão,

20 N. do T.: Livro citado, segunda parte, capítulo VII: Bicorporeidade e transfiguração.

como é que os olhos dela, que deviam ter ficado no mesmo lugar, podiam ver através da espessa camada de um novo corpo que se formava diante deles?

Resp. – Como vêem os sonâmbulos com as pálpebras fechadas: pelos olhos da alma.

5. No fenômeno citado o corpo aumentou. No fim do capítulo VIII²¹ está dito ser provável que se a transfiguração tivesse ocorrido sob o aspecto de uma criancinha, o peso teria diminuído proporcionalmente. Não posso me dar conta, conforme a teoria da irradiação e da transfiguração do perispírito, de que este possa tornar-se menor que um corpo sólido. Parece-me que o último deveria ultrapassar os dois perispíritos combinados.

Resp. – Como o corpo pode tornar-se invisível pela vontade de um Espírito superior, o da mocinha também se torna invisível, pela força de um poder independente de sua vontade. Ao mesmo tempo, combinando-se com o do menino, seu perispírito pode formar e realmente forma a imagem dessa criança. A teoria da mudança do peso específico te é conhecida.

6. Após haver dissipado uma a uma as minhas dúvidas e reafirmado minha fé na sua base, o Espiritismo me deixa uma questão não resolvida; ei-la: Como os Espíritos novos, que Deus cria, e que se destinam a um dia tornar-se Espíritos puros, depois de terem passado pela peneira de uma multidão de existências e de provas, saem tão imperfeitos das mãos do Criador, que é a fonte de toda perfeição, e não se melhoram gradualmente senão se afastando de sua origem?

Resp. – Esse é um mistério que o Eterno não nos permite penetrar, antes que nós, Espíritos errantes ou encarnados, tenhamos atingido a perfeição que nos é indicada, graças à bondade divina, perfeição que novamente nos aproximará de nossa origem e fechará o círculo da eternidade.

21 **N. do T.:** Corresponde ao item 124, segunda parte, capítulo VII (O Livro dos Médiuns).

Observação – Nosso correspondente não nos diz qual o Espírito que lhe respondeu, mas a sabedoria de suas respostas prova que não é um Espírito vulgar. Eis o essencial, porquanto, como se sabe, o nome pouco importa. Nada temos a dizer quanto às suas primeiras respostas, que concordam em todos os pontos com o que nos foi ensinado, provando que a teoria que demos dos fenômenos espíritas não é produto de nossa imaginação, visto ser dada por outros Espíritos, em tempos e lugares diversos e fora de nossa influência pessoal. Apenas a última resposta não resolve a pergunta feita. Vamos tentar remediá-la. Digamos, primeiramente, que a solução pode ser facilmente deduzida do que está dito, com alguns desenvolvimentos, em *O Livro dos Espíritos*, sobre a *progressão dos Espíritos*, nº 114 e seguintes. Teremos pouca coisa a acrescentar. Os Espíritos saem das mãos do Criador simples e ignorantes, mas nem são bons, nem maus: do contrário, desde a sua origem teria Deus votado uns ao bem e à felicidade, e outros ao mal e à desgraça, o que não estaria nem conforme à sua bondade, nem de acordo com a sua justiça. No momento de sua criação, os Espíritos não são imperfeitos senão do ponto de vista do desenvolvimento intelectual e moral, como a criança ao nascer, como o germe contido na semente da árvore; mas não são maus por natureza. Ao mesmo tempo, neles se desenvolve a razão, o livre-arbítrio, em virtude do qual escolhem, uns o bom caminho, outros o mau, fazendo que uns cheguem ao objetivo mais cedo que outros. Mas todos, sem exceção, devem passar pelas vicissitudes da vida corporal, a fim de adquirir experiência e ter o mérito da luta. Ora, nessa luta uns triunfam, outros sucumbem, conquanto os vencidos possam sempre se erguer e resgatar os seus fracassos.

Esta questão levanta outra, mais grave, que muitas vezes nos tem sido apresentada. É a seguinte: Deus, que tudo sabe, o passado, o presente e o futuro, deve saber que tal Espírito seguirá o mau caminho, sucumbirá e será infeliz. Neste caso, por que o criou?

Ora, por certo sabe Deus perfeitamente a linha que seguirá um Espírito, pois, de outro modo, não teria a ciência soberana. Se o mau caminho no qual se aventura o Espírito devesse fatalmente conduzi-lo a uma *eternidade absoluta* de penas e sofrimentos; se, porque tivesse falido, lhe fosse sempre negado reabilitar-se, a objeção acima teria uma força de lógica incontestável, e talvez aí residisse o mais poderoso argumento contra o dogma dos suplícios eternos. Neste caso, impossível é sair do dilema: ou Deus não conhece a sorte reservada à sua criatura, e então não tem a soberana ciência; ou, se a conhece, Ele a criou para ser eternamente infeliz e, portanto, não tem a soberana bondade. Com a Doutrina Espírita, tudo concorda perfeitamente e não há mais contradição: Deus sabe que um Espírito tomará um mau caminho; conhece todos os perigos de que este se acha semeado, mas sabe, também, que dele sairá, e que não haverá para ele senão um atraso. E, em sua bondade e para lhe facilitar, multiplica em sua rota as advertências salutares, das quais infelizmente nem sempre ele aproveita. É a história de dois viajantes que querem alcançar um belo país, onde viverão felizes; um sabe evitar os obstáculos, as tentações que o fariam parar no caminho; o outro, por imprudência, choca-se contra os mesmos obstáculos, leva quedas que o atrasam, mas chegará por sua vez. Se, no caminho, pessoas caridosas o previnem dos perigos que corre e se, por presunção, não as escuta, mais repreensível será por isso.

O dogma da eternidade absoluta das penas é atacado violentamente por todos os lados, não só pelo ensino dos Espíritos, mas pela simples lógica do bom-senso. Sustentá-lo é desconhecer os atributos mais essenciais da Divindade; é contradizer-se, afirmando de um lado o que se nega do outro; ele cai, e as fileiras de seus partidários se esclarecem dia a dia, de tal sorte que, se é absolutamente necessário nele crer para ser católico, em breve não haverá mais verdadeiros católicos, assim como hoje não os haveria se a Igreja tivesse persistido em fazer artigo de fé do movimento do

Sol e dos seis dias da Criação. Insistir numa tese que a razão repele é desferir um golpe fatal na religião e dar armas ao materialismo; o Espiritismo, ao contrário, vem reavivar o sentimento religioso, que se verga aos golpes aplicados pela incredulidade, dando sobre as questões do futuro uma solução que o mais severo raciocínio pode admitir. Rejeitá-lo é dispensar a tábua de salvação.

Ensinamentos e Dissertações Espíritas

SRA. DE GIRARDIN

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sra. Costel)

Nota – Tendo sido feitas algumas observações críticas sobre a comunicação ditada na sessão anterior, dada pela Sra. de Girardin, esta as responde espontaneamente. Faz alusão às circunstâncias que acompanharam aquela comunicação.

“Venho agradecer ao associado que houve por bem apresentar a minha defesa e minha reabilitação moral perante vós. Com efeito, em vida eu amava e respeitava as leis do bom-gosto, que são as da delicadeza – diria mais – do coração, para o sexo a que pertencia; depois de minha morte, permitiu Deus que eu fosse bastante elevada para praticar fácil e simplesmente os deveres da caridade, que nos ligam a todos, Espíritos e homens. Dada esta explicação, não insistirei sobre a comunicação assinada com meu nome, desde que a crítica e a censura não convêm nem a meu médium, nem a mim. Assim, crede que virei quando for evocada, mas jamais me intrometerei nos incidentes fúteis. Eu vos falei das crianças. Deixai-me retomar este assunto, que foi a chaga dolorosa de minha vida. A mulher necessita da dupla coroa do amor e da maternidade, para preencher o mandato de abnegação que Deus lhe confiou, ao lançá-la na Terra. Infelizmente eu jamais conheci

essa doce e suave preocupação, que na alma imprimem esses frágeis depósitos. Quantas vezes segui, com os olhos rasos de lágrimas amargas, as crianças que, brincando, vinham se roçar no meu vestido; e sentia a angústia e a humilhação de minha decadência. Eu tremia, esperava, escutava, e minha vida, cheia dos sucessos do mundo, frutos repletos de cinza, não me deixou senão um gosto amargo e decepcionante.”

Delphine de Girardin

Observação – Há neste trecho uma lição que não deve passar despercebida. A Sra. de Girardin, fazendo alusão a certas passagens de sua comunicação anterior, que levantara algumas objeções, disse que em vida amava e respeitava as leis do bom-gosto, que são as da delicadeza, e que conservou esse sentimento depois da morte. Repudia, em conseqüência, tudo o que, nas comunicações que levam o seu nome, se afaste do bom-gosto. Após a morte, a alma reflete as qualidades e os defeitos que tinha durante a vida corpórea, salvo os progressos que possa ter feito no bem, porque pode ter-se melhorado, mas jamais se mostra inferior ao que era. Assim, na apreciação das comunicações de um Espírito muitas vezes há matizes de extrema delicadeza a observar, para distinguir o que realmente é dele, ou o que poderia ser uma substituição. Os Espíritos verdadeiramente elevados não se contradizem nunca e podemos corajosamente rejeitar tudo quanto desminta o seu caráter. Muitas vezes esta apreciação é tanto mais difícil quanto a uma comunicação perfeitamente autêntica pode misturar-se um reflexo, seja do próprio Espírito do médium, que não exprime exatamente o pensamento, seja de um Espírito estranho, que se interpõe, insinuando seu próprio pensamento no do médium. Deve-se, pois, considerar como apócrifas as comunicações que, em todos os pontos, e pelo mesmo fundo das idéias, desmintam o caráter do Espírito cujo nome levam. Mas seria injusto lhes condenar o conjunto, por algumas nódoas parciais, que podem ter a causa que acabamos de assinalar.

A PINTURA E A MÚSICA

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sr. Alfred Didier)

A arte foi definida cem mil vezes: é o belo, o verdadeiro, o bem. A música, que é um dos ramos da arte, pertence inteiramente ao domínio da sensação. Entendamo-nos e tratemos de não ser obscuro. A sensação se produz no homem quando ele compreende a arte de duas maneiras distintas, mas estreitamente ligadas; a sensação do pensamento que tem por conclusão a melancolia ou a filosofia, e, depois, a sensação que pertence por inteiro ao coração. A música, a meu ver, é a arte que vai mais diretamente ao coração. A sensação – havereis de compreender-me – está toda no coração; a pintura, a arquitetura, a escultura, a pintura antes de tudo, atingem muito mais a sensação cerebral. Numa palavra, a música vai do coração ao Espírito, a pintura do pensamento ao coração. A exaltação religiosa criou o órgão. Quando na Terra a poesia toca o órgão, os anjos do céu lhe respondem. Assim, a música séria, religiosa eleva a alma e os pensamentos. A música vulgar faz vibrar os nervos, nada mais. Eu bem gostaria de indicar algumas personalidades, mas não tenho esse direito: não estou mais na Terra. Amai o *Réquiem* de Mozart, que o matou. Não desejo, mais que os Espíritos, a vossa morte pela música, a morte viva, contudo; aí está o esquecimento de tudo quanto é terreno, pela elevação moral.

Lamennais

FESTAS DOS ESPÍRITOS BONS

A chegada de um irmão

(Enviada pela Sra. Cazemajoux, médium de Bordeaux)

Também temos nossas festas, e isto acontece com freqüência, porque os Espíritos bons da Terra, nossos irmãos bem-amados, despojando-se de seu invólucro material nos estendem os braços e nós vamos, em grupo inumerável, recebê-los à entrada da

morada que, doravante, vão habitar conosco. E nessas festas, como nas vossas, não se agitam as paixões humanas, sob rostos graciosos e frentes coroadas de flores, ocultando a inveja, o orgulho, o ciúme, a vaidade, o desejo de agradar e de primar sobre rivais nesses prazeres factícios. Aqui reinam a alegria, a paz, a concórdia; cada um está contente com a posição que lhe é assinalada e feliz com a felicidade de seus irmãos. Pois bem, meus amigos! com esse acordo perfeito, que impera entre nós, nossas festas têm um encanto indescritível. Milhões de músicos cantam em liras harmoniosas as maravilhas de Deus e da Criação, com acentos mais deslumbrantes que vossas mais suaves melodias. Longas procissões aéreas de Espíritos adejam como zéfiros, lançando, sobre os recém-chegados, nuvens de flores cujo perfume e variados matizes não podeis compreender. Depois, o banquete fraterno a que são convidados os que com felicidade terminaram suas provas, e vêm receber a recompensa de seus trabalhos. Oh! meu amigo, gostaríeis de saber mais; impotente, porém, é a vossa linguagem, para descrever essas magnificências. Eu vos disse bastante, a vós que sois os meus bem-amados, para vos dar o desejo de aspirá-las. E, então, caro Emílio, livre da missão que realizei junto a ti, na Terra, eu a continuarei para te conduzir através do espaço, e te fazer desfrutar todas as felicidades.

Felícia

(Esposa do evocador Emílio, há um ano seu guia protetor)

VINDE A NÓS

(Enviada pela Sra. Cazemajoux, médium de Bordeaux)

O Espiritismo é a aplicação da moral evangélica, pregada pelo Cristo em toda a sua pureza; assim, os homens que o condenam sem o conhecer são pouco prudentes. Com efeito, por que qualificar de superstição, de charlatanice, de sortilégios, de demonomania as coisas que o vulgar bom-senso faria aceitar se quisessem estudá-lo? A alma é imortal: é o Espírito. A matéria

inerte é o corpo perecível a despojar-se de suas formas para não se tornar, quando o Espírito a deixou, senão um monte de podridão sem nome. E achais lógico, vós que não acreditais no Espiritismo, que esta vida, que para a maioria dentre vós é de amargura, de dores, de decepções – um verdadeiro purgatório – não tenha outro fim senão o túmulo? Desiludi-vos; vinde a nós, pobres deserdados dos bens, das grandezas e dos prazeres terrenos, vinde a nós e sereis consolados, vendo que vossas dores, vossas privações, vossos sofrimentos devem abrir-vos as portas dos mundos felizes, e que Deus, justo e bom para com todas as criaturas, só nos provou para o nosso bem, conforme estas palavras do Cristo: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.” – Vinde, pois, incrédulos e materialistas; abrigai-vos sob a bandeira na qual, em letras de ouro, estão inscritas estas palavras: Amor e caridade para os homens, que são todos irmãos; bondade, justiça, indulgência de um pai grande e generoso para os Espíritos que criou e que eleva a si por caminhos seguros, embora vos sejam desconhecidos; a caridade, o progresso moral, o desenvolvimento intelectual vos conduzirão ao autor e Senhor de todas as coisas.

Não vos instruímos senão para que, por vossa vez, trabalheis para espalhar essa instrução; mas, sobretudo, fazei-o sem azedume; sede pacientes e esperai. Lançai a semente; a reflexão e o auxílio de Deus a farão frutificar, a princípio para um pequeno número, que fará como vós, e, pouco a pouco, aumentando o número de operários, vos fará esperar, após as sementeiras, uma boa e abundante colheita.

*Ferdinand,
Filho do médium*

PROGRESSO INTELECTUAL E MORAL

(Enviada pelo Sr. Sabò, de Bordeaux)

Venho dizer-vos que o progresso moral é o de mais útil aquisição, porque nos corrige de nossos maus pendores e nos torna

bons, caridosos e devotados aos nossos irmãos. Entretanto, o progresso intelectual também é útil para o nosso adiantamento, porque eleva a alma, faz com que julgemos mais corretamente as nossas ações, facilitando, assim, o progresso moral; inicia-nos nos ensinamentos que Deus nos tem dado há tantos séculos, por homens de méritos diversos, que vieram sob todas as formas e em todas as línguas para nos dar a conhecer a verdade, e que outros não eram senão Espíritos já avançados, enviados por Deus para desenvolverem o entendimento humano. Mas na época em que viveis, a luz que apenas clareia um pequeno número vai brilhar para todos. Trabalhai, pois, para compreenderdes a grandeza, o poder, a majestade, a justiça de Deus; para compreenderdes a sublime beleza de suas obras; para compreenderdes as magníficas recompensas concedidas aos bons e os castigos infligidos aos maus; enfim, para compreenderdes que o único objetivo a que deveis aspirar é o de vos aproximardes dEle.

Georges

*(Bispo de Périgueux e de Sarlat
feliz por ser um dos guias do médium)*

A INUNDAÇÃO

(Enviada pelo Sr. Casimir H., de
Inspruck²²; traduzido do alemão)

Um dia surgiu uma fonte numa região outrora estéril. A princípio não passava de um delgado filete de água a correr na planície, ao qual não deram muita atenção. Pouco a pouco esse fraco regato engrossou, tornando-se ribeirão; alargou-se, invadiu as terras vizinhas, mas as que ficaram descobertas foram fertilizadas e produziram a cem por um. Contudo, um proprietário ribeirinho, descontente por ver seu terreno recuado, tentou deter o curso para reconquistar a porção coberta pelas águas, julgando, assim,

22 N. do T.: Em vez de Inspruck, não estaria o Espírito se referindo à cidade austríaca de Innsbruck?

aumentar as suas riquezas. Ora, aconteceu que, reprimido, o ribeirão submergiu tudo, terreno e proprietário.

Tal é a imagem do progresso; como um rio impetuoso, rompe os diques que se lhe opõem e arrasta com ele os imprudentes que, em vez de lhe seguir o curso, procuram entravá-lo. Será o mesmo com o Espiritismo. Deus o envia para fertilizar o terreno moral da Humanidade. Bem-aventurados os que souberem aproveitá-lo e infelizes os que tentarem opor-se aos desígnios de Deus! Não o vedes avançar a passos de gigante pelos quatro pontos cardeais? Por toda parte sua voz já se faz ouvir e logo cobrirá de tal modo a dos inimigos, que estes serão forçados ao silêncio e constrangidos a se curvarem ante a evidência. Homens! os que tentam entrar a marcha irresistível do progresso vos preparam rudes provas. Deus permite que assim seja para castigo de uns e glorificação de outros; mas vos dá no Espiritismo o piloto que vos deverá conduzir ao porto, levando nas mãos a bandeira da esperança.

*Wilhelm,
Avô do médium*

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IV

JUNHO DE 1861

Nº 6

Channing

DISCURSO SOBRE A VIDA FUTURA

Pregado por *Channing*, no domingo da Páscoa de 1834,
após a morte de um de seus amigos

Várias vezes temos reproduzido nesta *Revista* ditados espontâneos do Espírito Channing, que não desmentem a sua superioridade de caráter e de inteligência. Por certo nossos leitores serão gratos por lhes darmos uma idéia das opiniões que ele professava em vida, pelo seguinte fragmento de um de seus discursos, cuja tradução devemos à gentileza de um dos nossos assinantes. Sendo seu nome pouco conhecido na França, faremos precedê-lo de breve notícia biográfica.

William Ellery Channing nasceu em 1780, em Newport, Rhode-Island, Estado de Nova Iorque. Seu avô, William Ellery, assinou a famosa declaração da independência. Channing foi educado no Harvard College, destinado à profissão médica; mas seus gostos e aptidões o levaram à carreira religiosa e em 1803 tornou-se ministro da capela *unitarista* de Boston. Sempre permaneceu nessa cidade, professando a doutrina dos *Unitaristas*,

seita protestante que conta numerosos adeptos na Inglaterra e na América, nas camadas mais elevadas. Fez-se notar por seus pontos de vista amplos e liberais. Por sua eloquência notável, por suas numerosas obras e pela profundidade de sua filosofia, é contado no número dos homens mais destacados dos Estados Unidos. Partidário declarado da paz e do progresso, pregou sem tréguas contra a escravidão e fez a essa instituição uma guerra tão obstinada, que a muitos liberais tal excesso de zelo, prejudicial à sua popularidade, por vezes parecia inoportuno. Seu nome fez autoridade entre os anti-escravagistas. Morreu em Boston em 1842, aos 62 anos de idade. Gannet o sucedeu como chefe da seita dos Unitaristas.

“Para a massa dos homens, o céu é quase sempre um mundo de fantasia: falta-lhe substância. A idéia de um mundo no qual existam seres sem corpos grosseiros, Espíritos puros ou revestidos de corpos espirituais ou etéreos, parece-lhes pura ficção; aquilo que nem se pode ver nem tocar não lhes parece real. Isto é triste, mas não é de admirar; de fato, como é possível que homens mergulhados na matéria e em seus interesses, não cultivando o conhecimento da alma e de suas capacidades espirituais, possam compreender uma vida espiritual mais elevada? A multidão considera como sonhador visionário aquele que fala claramente e com alegria de sua vida futura e do triunfo do Espírito sobre a decomposição corpórea. Esse cepticismo sobre as coisas espirituais e celestes é tão irracional e pouco filosófico quanto aviltante.

.....

“E quanto é pouco racional imaginar que não haja outros mundos além deste, outro modo de existência mais elevado que o nosso! Quem é aquele que, percorrendo os olhos sobre esta Criação imensa, pode duvidar que não haja seres superiores a nós,

ou ver algo despropositado em conceber o Espírito num estado menos circunscrito, menos entravado do que na Terra, em outras palavras, que haja um mundo espiritual?

.....

“Aqueles que nos deixaram por um outro mundo devem tomar por este um interesse ainda mais profundo; seus laços com os que aqui deixaram se depuram, mas não se dissolvem. Se o estado futuro é um melhoramento do estado presente, se a inteligência deve ser fortalecida e o amor ampliado, a memória, poder fundamental da inteligência, deve agir sobre o passado com uma energia maior, e todas as afeições benévolas que aqui conservamos devem receber uma atividade nova. Supor apagada a vida terrena do Espírito seria destruir a sua utilidade, romper a relação dos dois mundos e subverter a responsabilidade; de outro modo, como a recompensa e o castigo atingiriam uma existência esquecida? Não; é preciso que conosco levemos o presente, seja qual for o nosso futuro, feliz ou desgraçado. Os bons formarão, é verdade, laços novos mais santos; mas, sob a influência expansiva desse mundo melhor, o coração terá uma capacidade bastante grande para reter os laços antigos, à medida que forma novos; lembrar-se-á com ternura do seu lugar de nascimento, enquanto goza de uma existência mais madura e mais feliz. Se eu pudesse imaginar que aqueles que partiram morrem para os que ficam, eu os honraria e amaria menos. O homem que, deixando-os, esquece os seus, parece desprovido dos melhores sentimentos de nossa natureza; e se, em sua nova pátria, os justos devessem esquecer os seus pais na Terra, se, ao se aproximarem de Deus, devessem cessar de interceder por eles, poderíamos achar que a mudança lhes foi proveitosa?

“Poder-se-ia perguntar se os que são levados ao céu não apenas se lembram com interesse dos que deixaram na Terra, mas, ainda, se têm um conhecimento presente e imediato. Não tenho

nenhuma razão para crer que tal conhecimento não exista. Estamos habituados a considerar o céu como afastado de nós, mas nada o prova. O céu é a união, a sociedade dos seres espirituais superiores. Não podem esses seres povoar todo o Universo, reproduzindo o céu por toda parte? Como nós, é provável que tais seres sejam circunscritos por limites materiais? Disse Milton:

*‘Millions of spiritual beings walk the earth
Both when we wake and when we sleep.’*

‘Milhões de seres espirituais percorrem a Terra tão bem quando velamos, como quando dormimos.’

“Um sentido novo, uma nova visão poderia mostrar-nos que o mundo espiritual nos envolve por todos os lados. Mas supõe mesmo que o céu esteja afastado; nem por isso seus habitantes deixam de estar presentes e nós visíveis para eles; porém, o que entendemos por presença? Não estou presente para aqueles dentre vós que meu braço não pode alcançar, mas que vejo distintamente? Não está plenamente de acordo com o nosso conhecimento da Natureza supor que os que estão no céu, seja qual for o local de sua residência, possam ter sentidos e órgãos espirituais, por meio dos quais podem ver o que está distante, com a mesma facilidade com que distinguimos o que está perto? Nossos olhos percebem sem esforço planetas a milhões de léguas de distância e, com o auxílio da Ciência, podemos reconhecer até mesmo as desigualdades de sua superfície. Podemos mesmo imaginar um órgão visual bastante sensível ou um instrumento suficientemente poderoso para permitir distinguir, de nosso globo, os habitantes desses mundos afastados. Por que, então, os que entraram na sua fase de existência mais elevada, que estão revestidos de corpos espiritualizados, não poderiam contemplar nossa Terra tão facilmente quanto na época em que era a sua morada?

“Isto pode ser verdade; mas, se o aceitamos assim, não abusamos: poder-se-ia abusar. Não pensamos nos mortos como se eles nos contemplassem com um amor parcial, terreno. Eles nos amam mais que nunca, mas com uma afeição espiritual depurada. Têm por nós apenas um desejo: o de que nos tornemos dignos de nos reunirmos em sua morada de beneficência e de piedade. Sua visão espiritual penetra as nossas almas; se pudéssemos ouvir a sua voz, não seria uma declaração de afeição pessoal, mas um apelo vivificante a maiores esforços, a uma abnegação mais firme, a uma caridade mais ampla, a uma paciência mais humilde, a uma obediência mais filial à vontade de Deus. Eles respiram a atmosfera da benevolência divina, e sua missão é agora mais elevada do que o era aqui.

“Perguntar-me-eis: se nossos mortos conhecem os males que nos afligem, existirá sofrimento nessa vida bendita? Respondo que não posso considerar o céu senão como um mundo de simpatias. Parece-me que nada pode melhor atrair o olhar de seus habitantes benfazejos do que a visão da miséria de seus irmãos. Mas esta simpatia, se dá origem à tristeza, está longe de tornar infelizes os que a sentem. Neste mundo inferior, a compaixão desinteressada, aliada ao poder de abrandar o sofrimento, é uma garantia de paz, muitas vezes proporcionando os mais puros prazeres. Livres de nossas enfermidades presentes e esclarecidos pela visão mais dilatada da perfeição da governança divina, esta simpatia acrescentará mais encanto à virtude dos seres abençoados e, como qualquer outra fonte de perfeição, só fará aumentar-lhes a felicidade.

.....

“Nossos amigos, que nos deixam por esse outro mundo, não se encontram no meio de desconhecidos; não têm esse sentimento desolado de haver trocado a pátria por uma terra estrangeira. As mais ternas palavras de amizade humana não se

aproximam dos acentos de felicitações que os esperam quando chegarem àquela morada. Lá o Espírito tem meios mais seguros de se revelar do que aqui; o recém-chegado sente-se e se vê cercado de virtudes e de bondade e, por essa visão íntima dos Espíritos simpáticos que os rodeiam, ligações mais fortes que as cimentadas pelos anos na Terra podem criar-se momentaneamente. As mais íntimas afeições na Terra são frias, comparadas às dos Espíritos. De que maneira eles se comunicam? Em que língua e por meio de que órgãos? Ignoramo-lo, mas sabemos que o Espírito, progredindo, deve adquirir maior facilidade para transmitir o seu pensamento.

“Incorreríamos em erro se crêssemos que os habitantes do céu se limitam à comunicação recíproca de suas idéias; ao contrário, os que atingem esse mundo entram em novo estado de atividade, de vida e de esforços. Somos levados a pensar que o estado futuro seja de tal modo feliz que ninguém ali necessite de auxílio, que o esforço cesse, que os bons nada tenham a fazer senão gozar. A verdade, entretanto, é que toda ação na Terra, mesmo a mais intensa, não passa de jogo infantil, comparado à atividade, à energia desdobrada nessa vida mais elevada. E deve ser assim, porquanto não há princípio mais ativo que a inteligência, a beneficência, o amor da verdade, a sede da perfeição, a piedade pelos sofrimentos e o devotamento à obra divina, que são os princípios expansivos da vida de além-túmulo. É, então, que a alma tem consciência de suas capacidades, que a verdade infinita se manifesta diante de nós, que sentimos que o Universo é uma esfera sem limites para a descoberta, para a Ciência, para a caridade e para a adoração. Esses novos objetivos da vida, que reduzem a nada os interesses atuais, manifestam-se constantemente. Não se deve, pois, imaginar que o céu seja composto de uma comunidade estacionária. Eu o concebo como um mundo de planos e de esforços prodigiosos para o seu próprio melhoramento. Considero-o como uma sociedade a atravessar fases sucessivas de desenvolvimento, de virtudes, de conhecimentos, de poder, pela energia de seus próprios membros.

“O gênio celeste está sempre ativo a explorar as grande leis da Criação e os princípios eternos do espírito, a desvendar o belo na ordem do Universo e a descobrir os meios de avanço para cada alma. Lá, como aqui, há inteligências de diversas graus, e os Espíritos mais evoluídos encontram a felicidade e o progresso educando os mais atrasados. Lá o trabalho de educação, como na Terra, progride sempre, e uma filosofia mais divina que a ensinada entre nós revela ao Espírito a sua própria essência, estimulando-o a esforços alegres para a sua própria perfeição.

“O céu encontra-se em relação com outros mundos; seus habitantes são os mensageiros de Deus em toda a Criação; eles têm grandes missões a cumprir e, pelo progresso de sua existência sem-fim, pode Deus lhes confiar o cuidado de outros mundos.”

.....

Este discurso foi pronunciado em 1834. Nessa época não se cogitava de manifestações de Espíritos na América. Channing, portanto, não as conhecia; do contrário teria afirmado o que em certos pontos apenas admitiu como hipótese. Mas não é notável ver esse homem pressentir com tanta precisão aquilo que só deveria ser revelado alguns anos mais tarde? Porque, salvo poucas exceções, sua descrição da vida futura concorda perfeitamente. Só falta a reencarnação; aliás, se a examinarmos bem, vemos que dela ele se aproxima, como chega perto das manifestações, sobre as quais se cala, porque não as conhece. Com efeito, admite o mundo invisível que nos rodeia, em meio a nós, cheio de solicitude por nós, auxiliando-nos a progredir. Daí às comunicações diretas não há senão um passo. Não admite no mundo celeste a contemplação perpétua, mas a atividade e o progresso; aceita a pluralidade dos mundos corpóreos, mais ou menos adiantados. Se tivesse dito que os Espíritos podiam realizar o seu progresso passando por esses diferentes mundos, teríamos aí

a reencarnação. Sem esta, a idéia desses mundos progressivos é mesmo inconciliável com a criação das almas no momento do nascimento dos corpos, a menos que se admita tenham as almas sido criadas mais ou menos perfeitas; neste caso, seria necessário justificar essa preferência. Não é mais lógico dizer que se as almas de um mundo são mais avançadas que as de um outro, é que já viveram em mundos inferiores? O mesmo se pode dizer dos habitantes da Terra, comparados entre si, desde o selvagem até o homem civilizado. Seja como for, perguntamos se um tal retrato da vida de além-túmulo, por suas deduções lógicas, acessíveis às inteligências mais vulgares e aceita pela mais severa razão, não é cem vezes mais adequada para infundir a convicção e a confiança no futuro, do que a horrível e inadmissível descrição das torturas sem-fim, tomadas de empréstimo do Tártaro do paganismo? Os que pregam essas crenças não fazem a menor idéia do número de incrédulos que geram, nem dos recrutados que arregimentam para a falange dos materialistas.

Notemos que Milton, citado nesse discurso, emite sobre o mundo invisível ambiente uma opinião em tudo conforme à de Channing, que é também a dos espíritas modernos. É que Milton, como Channing e como tantos outros homens eminentes, eram espíritas por intuição. É por isso que não cessamos de afirmar que o Espiritismo não é uma invenção moderna; é de todos os tempos, porque houve almas em todos os tempos e em todos os tempos a massa de homens acreditou na alma. Assim, encontram-se traços dessas idéias numa multidão de escritores, antigos e modernos, sagrados e profanos. Essa intuição das idéias espíritas é de tal modo geral que vemos todos os dias uma porção de pessoas que, delas ouvindo falar pela primeira vez, absolutamente não se admiram: não faltava senão uma sistematização para a sua crença.

Correspondência

Carta do Sr. Roustaing, de Bordeaux

A carta seguinte nos foi enviada pelo *Sr. Roustaing*, advogado na Corte Imperial de Bordeaux, antigo bastonário. Os princípios aí altamente expressos por um homem de sua posição, posto entre os mais esclarecidos, talvez levem a refletir aqueles que, julgando ter o privilégio da razão, classificam, sem cerimônia, todos os adeptos do Espiritismo como imbecis.

“Meu caro senhor e muito honrado chefe espírita,

“Recebi a doce influência e colhi o benefício destas palavras do Cristo a Tomé: *Felizes os que não viram e creram*. Profundas, verdadeiras e divinas palavras, que mostram a via mais segura, a mais racional, que conduz à fé, segundo a máxima de São Paulo, que o Espiritismo cumpriu e realiza: *Rationabile sit obsequium vestrum*.

“Quando vos escrevi em março último, pela primeira vez, dizia: *Nada vi, mas li e compreendi; e creio*. Deus me recompensou muito por ter acreditado sem ter visto; depois vi e vi bem; vi em condições proveitosas, e a parte experimental veio animar, se assim me posso exprimir, a fé que a parte doutrinária me proporcionara e, fortalecendo-a, imprimir-lhe a vida.

“Depois de ter estudado e compreendido, eu conhecia o mundo invisível como conhece Paris quem a estudou sobre o mapa. Por experiência, trabalho e observação continuada, cheguei a conhecer o mundo invisível e seus habitantes, como conhece Paris quem a percorreu, mas sem ter ainda penetrado em todos os recantos desta vasta capital. Contudo, desde o começo do mês de abril, graças ao conhecimento que me proporcionastes, do excelente Sr. Sabò e de sua família patriarcal, todos bons e verdadeiros espíritos, pude trabalhar e trabalho constantemente

com eles, todos os dias, quer em minha casa, quer na presença e com o concurso dos adeptos de nossa cidade, que estão convictos da veracidade do Espiritismo, embora nem todos ainda sejam, de fato e na prática, espíritas.

“O Sr. Sabô vos enviou exatamente o produto de nossos trabalhos, obtidos a título de ensinamento por evocações ou manifestações espontâneas dos Espíritos superiores. Experimentamos tanta alegria e surpresa, quanto confusão e humildade, quando recebemos esses ensinamentos, tão preciosos e verdadeiramente sublimes, de tantos Espíritos elevados, que nos vieram visitar ou nos enviaram mensageiros para falar em seu nome.

“Oh! caro senhor, como sou feliz por não mais pertencer, pelo culto material, à Terra, que agora sei não ser para os nossos Espíritos senão um lugar de exílio, a título de provas ou de expiação! Como sou feliz por conhecer e ter compreendido a *reencarnação*, com todo o seu alcance e todas as suas conseqüências, como realidade e não como alegoria. A reencarnação, esta sublime e eqüitativa justiça de Deus, como ainda ontem dizia o meu guia protetor, tão bela, tão consoladora, visto deixar a possibilidade de fazer no dia seguinte o que não pudemos fazer na véspera; que faz a criatura progredir para o Criador; ‘esta justa e eqüitativa lei’, segundo a expressão de Joseph de Maistre, na evocação que fizemos de seu Espírito, e que recebestes; a reencarnação é, conforme a divina palavra do Cristo, ‘o longo e difícil caminho a percorrer para chegar à morada de Deus.’

“Agora compreendo o sentido destas palavras de Jesus a Nicodemos: *Sois doutor da lei e ignorais isto?* Hoje, que Deus me permitiu compreender de maneira completa toda a verdade da lei evangélica, eu me pergunto como a ignorância dos homens, *doutores da lei*, pôde resistir a este ponto à interpretação dos textos; produzir assim o erro e a mentira que engendraram e alimentaram o

materialismo, a incredulidade, o fanatismo ou a poltronaria? Eu me pergunto como esta ignorância, este erro puderam produzir-se quanto o Cristo tivera o cuidado de proclamar a necessidade de reviver, dizendo: *É preciso nascer de novo* e, por aí, a reencarnação, como único meio de alcançar o reino de Deus, o que já era conhecido e ensinado na Terra e que Nicodemos devia saber: ‘Sois doutor da lei e ignorais isto!’ É verdade que o Cristo acrescenta a cada passo: ‘Que os que têm ouvidos, ouçam’; e também: ‘Têm olhos e não vêem; tem ouvidos e não ouvem e não compreendem’, o que também se aplica aos que vieram depois dele, assim como aos de seu tempo.

“Dissera eu que Deus, em sua bondade, recompensou-me por nossos trabalhos até este dia, e os ensinamentos que nos foram transmitidos pelos seus divinos mensageiros, ‘missionários devotados e inteligentes junto aos seus irmãos – segundo a expressão do Espírito Fénelon – para lhes inspirar o amor e a caridade do próximo, o esquecimento das injúrias e o culto da adoração devido a Deus.’ Compreendo agora o admirável alcance destas palavras do Espírito Fénelon, quando fala desses divinos mensageiros: ‘Viveram tantas vezes que se tornaram nossos mestres.’

“Agradeço com alegria e humildade a esses divinos mensageiros por terem vindo nos ensinar que o Cristo está em missão na Terra para a propagação e o sucesso do Espiritismo, esta terceira explosão da bondade divina, em cumprimento daquela palavra final do Evangelho: *Unum ovile et unus pastor*’; por nos ter vindo dizer: ‘Nada temais! O Cristo – por eles chamado Espírito de Verdade – é o primeiro e mais santo missionário das idéias espíritas.’ Estas palavras me tinham tocado vivamente e eu me perguntava: *Mas onde então está o Cristo em missão na Terra?*’ A Verdade comanda, conforme expressão do Espírito Marius, bispo dos primeiros tempos da Igreja, essa falange de Espíritos enviados por Deus em missão na Terra, para a propagação e o sucesso do Espiritismo.

“Que doces e puras satisfações dão esses trabalhos espíritas, pela caridade feita, com o auxílio da evocação aos Espíritos sofredores! Que consolação entrar em comunicação com os que, na Terra, foram nossos parentes ou amigos; saber que são felizes, ou aliviar-lhes, caso sofram! Que viva e brilhante luz projetam em nossas almas esses ensinamentos espíritas que, fazendo-nos conhecer a verdade completa da lei do Cristo, dão-nos a fé por nossa própria razão e nos fazem compreender a onipotência do Criador, sua grandeza, sua justiça, sua bondade e sua misericórdia infinitas, colocando-nos assim na deliciosa necessidade de praticar esta lei divina de amor e de caridade! Que sublime revelação nos dão, ensinando que esses divinos mensageiros, fazendo-nos progredir, progridem eles também, indo aumentar a falange sagrada dos Espíritos perfeitos! A admirável e divina harmonia que nos mostra, ao mesmo tempo, a unidade em Deus e a solidariedade entre todas as criaturas; que nos revela estas sob a influência e o impulso dessa solidariedade, dessa simpatia, dessa reciprocidade, chamadas a subir e subindo, mas não sem passos falsos e sem quedas, nos seus primeiros ensaios, esta longa e alta escada espírita para, após haver percorrido todos os degraus, chegar, do estado de simplicidade e de ignorância originais, à perfeição intelectual e moral e, por esta perfeição, a Deus. Admirável e divina harmonia, que nos mostra esta grande divisão da inferioridade e da superioridade, pela distinção entre os mundos de exílio, onde tudo são provas ou expiações, dos mundos superiores, morada dos Espíritos bons, onde não têm senão que progredir para o bem.

“Bem compreendida, a reencarnação ensina aos homens que eles aqui se acham de passagem, livres para não mais voltar, se para isso fizerem o que for necessário; que o poder, as riquezas, as dignidades, a ciência não lhes são dados senão a título de provas e como meio de progredir para o bem; que em suas mãos não são mais que um depósito e um instrumento para a prática da lei de amor e de caridade; que o mendigo que passa ao lado de um grão-senhor é seu irmão perante Deus e talvez o tenha sido diante

dos homens; que, talvez, tenha sido rico e poderoso; se agora se encontra numa condição obscura e miserável, é por ter falido em suas terríveis provas, lembrando assim aquela palavra célebre, do ponto de vista das condições sociais: Não há senão um passo do Capitólio à rocha Tarpéia, com a diferença de que, pela reencarnação, o Espírito se levanta de sua queda e pode, depois de haver remontado ao Capitólio, lançar-se de seu picos às regiões celestes, morada esplêndida dos Espíritos bons.

“A reencarnação, ao ensinar aos homens, segundo a admirável expressão de Platão, que não há quem não descenda de um pastor, nem pastor que não descenda de um rei, dissipa todas as vaidades terrenas, liberta do culto material, nivela *moralmente* todas as condições sociais; constitui a igualdade, a fraternidade entre os homens, como para os Espíritos, em Deus e diante de Deus, e a liberdade que, sem a lei de amor e de caridade, não passa de mentira e de utopia, como ultimamente no-lo dizia o Espírito Washington. Em seu conjunto, o Espiritismo vem dar aos homens a unidade e a verdade em todo progresso intelectual e moral, grande e sublime empreendimento, do qual somos apenas humildes apóstolos.

“Adeus, meu caro senhor. Após três meses de silêncio, eu vos sobrecarrego com uma carta muito longa. Respondei quando puderdes e quando quiserdes. Eu me propunha a fazer uma viagem a Paris para ter o prazer de vos conhecer pessoalmente, de vos apertar fraternalmente a mão; minha saúde, porém, opõe-se no momento a tal propósito.

“Podeis fazer desta carta o uso que julgardes conveniente. Eu me honro de ser altivamente e publicamente espírita.

“Vosso bem dedicado,

Roustaing, advogado

Como nós, todos apreciarão a exatidão dos pensamentos expressos nesta carta. Vê-se que, embora iniciado recentemente, o Sr. Roustaing passou a mestre em assunto de apreciação. É que estudou séria e profundamente, o que lhe permitiu apanhar, com rapidez, todas as conseqüências dessa grave questão do Espiritismo, não se detendo, em sentido oposto a muita gente, na superfície. Dissera ainda nada ter visto, mas estava convencido, porque havia lido e compreendido. Tem ele isto de comum com muitas criaturas e sempre observamos que estas, longe de serem superficiais, são, ao contrário, as que mais refletem. Ligando-se mais ao fundo do que à forma, para elas a parte filosófica é a principal, sendo acessórios os fenômenos propriamente ditos; dizem que mesmo que tais fenômenos não existissem, nem por isso deixaria de haver uma filosofia, a única que resolve problemas até hoje insolúveis; a única a dar, do passado e do futuro do homem, a teoria mais racional. Ora, eles preferem uma doutrina que explica a uma que nada explica, ou explica mal. Quem quer que reflita, compreende perfeitamente que se pode fazer abstração das manifestações sem que, por isso, deixe a doutrina de subsistir. As manifestações vêm corroborá-la, confirmá-la, mas não são a sua base essencial. O discurso de Channing, que acabamos de citar, é prova disso, porque, cerca de vinte anos antes dessa grande exibição de manifestações na América, somente o raciocínio o havia conduzido às mesmas conseqüências.

Há um outro ponto, pelo qual também se reconhece o espírita sério; pelas citações que o autor desta carta faz, dos pensamentos contidos nas comunicações que ele recebeu, prova que não se limitou a admirá-las como belos trechos literários, bons para conservar num álbum, mas que as estuda, medita e tira proveito. Infelizmente há muitos para quem esse importante ensinamento permanece letra morta; que colecionam essas belas comunicações como certa gente coleciona belos livros, mas sem os ler.

Devemos, além disso, felicitar o Sr. Roustaing pela declaração com que termina sua carta. Infelizmente nem todos têm, como ele, a coragem da própria opinião, o que estimula os adversários. Entretanto, forçoso é reconhecer que as coisas têm mudado muito neste particular, de algum tempo a esta parte. Há dois anos apenas, muitas pessoas só falavam do Espiritismo entre quatro paredes; só compravam livros às escondidas e tinham grande cuidado em não os deixar em evidência. Hoje é bem diferente; já se familiarizaram com os epítetos *grosseiros* dos gracejadores e deles se riem, em vez de se ofenderem. Não mais têm receio em confessar-se espíritas abertamente, como não temem dizer-se partidários de tal ou qual filosofia, do magnetismo, do sonambulismo, etc.; discutem livremente o assunto com o primeiro que chegar, como discutiriam sobre os clássicos e os românticos, sem se sentirem humilhados por serem a favor destes ou daqueles. É um progresso imenso, que prova duas coisas: o progresso das idéias espíritas em geral, e a pouca consistência dos argumentos dos adversários. Terá como consequência impor silêncio a estes últimos, que se julgavam fortes por se crerem mais numerosos; mas quando, de todos os lados, encontram com quem falar, não diremos que serão convertidos, mas guardarão reserva. Conhecemos uma pequena cidade da província, onde, há um ano, o Espiritismo não contava senão com um adepto, que era apontado a dedo como um bicho estranho e assim considerado; e, quem sabe? talvez até deserdado por sua família ou destituído de seu cargo. Hoje os adeptos ali são numerosos; reúnem-se abertamente, sem se inquietarem com o que dirão; e quando se viram entre eles autoridades municipais, funcionários, oficiais, engenheiros, advogados, tabeliães e outros, que não ocultavam suas simpatias pelo Espiritismo, os trocistas cessaram de zombar e o jornal da localidade, redigido por um espírito muito forte, que já havia lançado alguns dardos e se aprestava para pulverizar a nova doutrina, temendo encontrar pelas costas partido mais forte que o dele, guardou prudente silêncio. É a história de muitas outras localidades, história que se generalizará à medida que os partidários

do Espiritismo, cujo número aumenta diariamente, levantam a cabeça e a voz. Bem podem querer abater uma cabeça que se mostre, mas quando há vinte, quarenta, cem pessoas que não receiam falar alto e firme, pensam duas vezes, e isso dá coragem a quem não a possui.

A Prece

Um de nossos correspondentes de Lyon nos envia o seguinte trecho de poesia. Entra muito no espírito da Doutrina Espírita, para não nos privarmos do prazer de lhe conceder espaço em nossa *Revista*.

Mais não possa, mortais, por meus fracos acentos
Pôr-vos no coração o incenso dos alentos!
Em versos aprendeis, ouvindo-lhe a expressão,
Isso que é suplicar, isso que é oração.
É, num fluido ardoroso, um impulso de amor,
Que da alma se projeta e se eleva ao Senhor.
Sublimada expansão da humilde criatura
O que retorna à fonte excelsa da Natura!
Orar não muda em nada as sábias leis do Eterno,
Inalteráveis sempre; o coração paterno
Derrama o influxo seu sobre aquele que o implora
E assim redobra o ardor do fogo que o devora.
É então que o ser se sente elevar e crescer;
E ao próximo de amor o coração bater.
Mas ele esparge amor, mais augusto é o saber
Que enche o seu coração de altos dons a deter.
Um santo anseio, então, de rogar pelos mortos,
Sob o peso da pena e agudos desconfortos,
Nos mostra a precisão que o estado seu reclama
De então lhes dirigir o fluido da alma que ama,
Que, bálsamo eficaz e tão consolador,
Penetra-lhes no ser como um libertador.
Tudo se lhes reanima; um raio de esperança
Ajuda-lhes o esforço e à redenção os lança.
Assim como os mortais vencidos pelo mal

Que um bálsamo supremo os leva ao natural,
 Regenerados são por um impulso oculto
 Da augusta prece ardente e seu divino culto.
 Redobremos o ardor; nada se perde enfim;
 Peça-mos mais e mais por eles até o fim;
 A prece, sempre a prece, essa chispa divina,
 Faz-se foco de amor, pois ao final domina.
 Sim, pelos mortos, sempre oremos com fervor,
 Que eles nos enviarão doce raio de amor.

Joly

Nestes versos, evidentemente inspirados por um Espírito elevado, o objetivo e os efeitos da prece são definidos com perfeita exatidão. Certamente Deus não derroga suas leis a pedido nosso, pois de outro modo seria a negação de um de seus atributos, que é a imutabilidade; mas a prece age principalmente sobre aquele que constitui o seu objeto; é, em primeiro lugar, um testemunho de simpatia e de comiseração que se lhe dá e que, por isso mesmo, faz com que a sua pena lhe pareça menos pesada; em segundo lugar, tem por efeito ativo estimular o Espírito ao arrependimento de suas faltas, inspirando-lhe o desejo de as reparar pela prática do bem. Disse Deus: “A cada um segundo as suas obras.” Lei eminentemente justa, que nos põe a sorte em nossas próprias mãos e que tem como conseqüência subordinar a duração da pena à duração da impenitência; de onde se segue que a pena seria eterna, se eterna fosse a impenitência. Se, pois, pela ação moral da prece, provocarmos o arrependimento e a reparação voluntária, por ela mesma abreviamos o tempo da expiação. Tudo isto está perfeitamente expresso nos versos acima. Esta doutrina pode não ser muito ortodoxa aos olhos dos que crêem num Deus impiedoso, surdo à voz que o implora, condenando a torturas sem-fim suas próprias criaturas pelas faltas de uma vida passageira. Mas, convenhamos que ela é mais lógica e mais conforme à verdadeira justiça e à bondade de Deus. Tudo nos diz, assim a religião como a razão, que Deus é infinitamente bom; com o dogma do fogo

eterno, forçoso é ajuntar que ele é, ao mesmo tempo, infinitamente impiedoso, dois atributos que se anulam reciprocamente, pois um é a negação do outro. Quanto ao mais, o número dos partidários da eternidade das penas diminui todos os dias: é um fato positivo, incontestável; logo estará tão restrito que poderão ser contados. E mesmo que a Igreja, desde hoje, tachasse de heresia e, conseqüentemente, rejeitasse de seu seio todos quantos não crêem nas penas eternas, haveria entre os católicos mais heréticos do que verdadeiros crentes, sendo preciso condenar, ao mesmo tempo, todos os eclesiásticos e teólogos que, como nós, interpretam essa palavra num sentido relativo, e não absoluto.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

É um erro imaginar que não tenhamos nada a ganhar nas conversas com os Espíritos de homens vulgares, e que só dos homens ilustres podem sair ensinamentos proveitosos. Em seu número, por certo, muitos serão insignificantes, mas muitos, também, de quem menos se espera, saem revelações de grande importância para o observador sério. Aliás, há um ponto que nos interessa em grau supremo, porque nos toca mais de perto: é a passagem, a transição da vida atual à vida futura, passagem tão temida que só o Espiritismo pode nos fazer encará-la sem pavor, e que só podemos conhecer estudando os casos atuais, isto é, os que acabam de transpô-la, sejam ilustres ou não.

O MARQUÊS DE SAINT-PAUL

Morto em 1860. Evocado a pedido de sua irmã, membro da Sociedade, em 16 de maio de 1861.

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui.

2. A senhora vossa irmã pediu-nos para vos evocar, embora seja médium, mas não ainda bastante desenvolvida para sentir-se segura.

Resp. – Tentarei responder da melhor forma possível.

3. Primeiramente ela deseja saber se sois feliz.

Resp. – Estou errante e este estado transitório nunca traz felicidade nem castigo absolutos.

4. Demorastes muito tempo para vos reconhecerdes?

Resp. – Fiquei muito tempo em perturbação, e dela não saí senão para bendizer a piedade dos que não me esqueciam e oravam por mim.

5. Podeis avaliar o tempo dessa perturbação?

Resp. – Não.

6. Quais de vossos parentes logo reconhecestes?

Resp. – Reconheci minha mãe e meu pai; ambos me receberam ao despertar. Eles me iniciaram na vida nova.

7. Como explicar que no fim de vossa doença parecíeis conversar com os que havíeis amado na Terra?

Resp. – Porque tive, antes de morrer, a revelação do mundo que iria habitar. Eu era vidente antes de morrer e meus olhos se velaram na passagem da separação definitiva do corpo, porque muito vigorosos ainda eram os laços carnis.

Observação – O fenômeno do desprendimento antecipado da alma é muito freqüente. Antes de morrer, muitas pessoas entrevêm o mundo dos Espíritos; é, sem dúvida, com o objetivo de suavizar, pela esperança, o pesar de deixar a vida. Mas o Espírito acrescenta que seus olhos se velaram durante a separação; é, com efeito, o que sempre ocorre. Nesse momento o Espírito, perdendo a consciência de si mesmo, jamais testemunha o último suspiro de seu corpo e a separação se opera sem que dela se

dê conta. As próprias convulsões da agonia são um efeito puramente físico, cuja sensação o Espírito quase nunca experimenta; dizemos *quase* porque pode acontecer que estas últimas dores lhe sejam infligidas como castigo.

8. Como é que as lembranças da infância parecem vir de preferência a outras?

Resp. – Porque o começo é mais aproximado do fim do que o meio da vida.

9. O que pretendeis significar com isso?

Resp. – Que os moribundos se lembram e vêem, *como consoladora miragem*, os anos jovens e inocentes.

Observação – É provavelmente por um motivo providencial semelhante que os velhos, à medida que se lhes aproxima o termo da vida, algumas vezes têm lembranças tão precisas dos menores detalhes de seus primeiros anos.

10. Por que, referindo-se ao vosso corpo, faláveis sempre na terceira pessoa?

Resp. – Porque, como disse, eu era vidente e sentia claramente as diferenças que existem entre o físico e o moral; tais diferenças, ligadas entre si pelo fluido da vida, tornam-se bem distintas aos olhos dos agonizantes clarividentes.

Observação – Eis aí uma particularidade singular, apresentada pela morte desse senhor. Nos seus últimos momentos dizia sempre: Ele tem sede; é preciso dar-lhe de beber; ele tem frio; é preciso aquecê-lo; ele sofre em tal região, etc. E quando lhe diziam: Mas sois vós que tendes sede, ele respondia: Não, é ele. Aqui se desenham perfeitamente as duas existências; o *eu* pensante está no Espírito e não no corpo; já em parte desprendido, o Espírito considerava seu corpo como uma outra individualidade, que, a bem dizer, não era *ele*. Era, pois, ao seu corpo que deviam dar de beber, e não a ele, Espírito.

11. O que dissestes do vosso estado errante e da duração da vossa perturbação levam a crer que não sois muito feliz e, no entanto, vossas qualidades deveriam fazer supor o contrário. Aliás, há Espíritos errantes que são muito felizes, como os há muito infelizes.

Resp. – Estou num estado transitório. As virtudes humanas aqui adquirem seu verdadeiro valor. Sem dúvida meu estado é cem mil vezes preferível ao da encarnação terrena, mas sempre carreguei comigo as aspirações do verdadeiro bem e do verdadeiro belo, e minha alma não será saciada senão quando se alçar aos pés de seu Criador.

HENRI MONDEUX

Sociedade Espírita Parisiense – 26 de abril de 1861

Os jornais anunciaram, em fevereiro último, a morte súbita do pastor Henri Mondeux, o célebre calculador, que sucumbiu nos primeiros dias de fevereiro de 1861 a um ataque de apoplexia na diligência de Condom (Gers), com cerca de 34 anos. Tinha nascido na Touraine e desde a idade de dez anos fez-se notar pela prodigiosa facilidade com que resolvia, de cabeça, as mais intrincadas questões de aritmética, embora completamente iletrado e não havendo feito nenhum estudo especial. Logo atraiu a atenção e muitas pessoas iam vê-lo, enquanto pastoreava seus rebanhos. Os visitantes divertiam-se em propor-lhe problemas, o que lhe proporcionava pequeno lucro. Lembravam ainda o pastor napolitano, Vito Mangiamele que, poucos anos antes, tinha apresentado um fenômeno semelhante. Um professor de matemática do colégio de Tours pensou que um dom natural tão notável deveria dar resultados surpreendentes, se fosse auxiliado. Em conseqüência, empenhou-se na tarefa de o educar; mas não tardou a perceber que lidava com uma das mais refratárias naturezas. Com efeito, aos dezesseis anos de idade, mal sabia ler e escrever correntemente e, coisa extraordinária, jamais conseguira o professor que ele retivesse o nome das figuras elementares de

geometria, de sorte que sua faculdade era inteiramente circunscrita às combinações numéricas. Era, pois, um calculador, mas não um matemático.

Uma outra singularidade é que ele jamais pôde dobrar-se às nossas fórmulas de cálculo; nem mesmo as compreendia; tinha sua própria maneira, à qual nunca pôde dar conta de maneira clara, não sendo capaz de explicá-la nem aos outros, nem a si mesmo, e que se prendia a uma memória prodigiosa dos números. Dizemos dos números e não dos algarismos, porque a visão destes últimos o atrapalhava mais que o ajudava; preferia que os problemas fossem colocados verbalmente, e não por escrito.

Tal é, em resumo, o resultado das observações que nós próprios fizemos sobre o jovem Mondeux, e que, na ocasião, nos forneceram assunto para uma Memória, lida na Sociedade Frenológica de Paris.

Uma faculdade tão exclusiva, conquanto levada ao extremo limite, não podia abrir-lhe nenhuma carreira, porque nem mesmo poderia ser contador numa casa comercial, e disto seu professor se apavorava, e com razão; este quase se censurava por havê-lo retirado de suas vacas, perguntando-se o que seria dele quando os anos o tivessem privado do interesse a ele ligado, sobretudo em razão da sua idade. Nós o perdemos de vista há dezoito anos; parece que encontrou algum meio de subsistência dando sessões de cidade em cidade.

1. Evocação.

Resp. – 4 e 3 são sete, tanto nos outros mundos, como aqui.

2. Queríamos evocar-vos pouco depois de vossa morte, mas nos foi dito que não vos encontráveis em condição de responder. Parece que estais agora?

Resp. – Eu vos esperava.

3. É provável que não vos lembreis de mim, embora eu tenha tido ocasião de vos conhecer muito particularmente na Prússia, e mesmo de assistir às vossas sessões. Quanto a mim, ainda me parece vos ver, bem como ao professor de matemática que vos acompanhava, e que me deu preciosas informações sobre vós e vossa faculdade.

Resp. – Tudo isto é para que eu diga que me recordo de vós, mas somente hoje, em que minhas idéias estão lúcidas.

4. De onde vinha a estranha faculdade de que éreis dotado?

Resp. – Ah! eis a pergunta que eu sabia iríeis me dirigir. Começa-se por dizer: eu vos conhecia, eu vos tinha visto, éreis notável e, enfim, chegais ao que de fato quereis. Pois bem! eu tinha a faculdade de poder ler em meu espírito os cálculos imediatos de um problema; disse que um Espírito expunha diante de mim a solução: eu tinha apenas de ler; eu era médium vidente e calculador e, não devo negar, uma pequena tabuada.

5. Tanto quanto posso lembrar-me, quando vivo não tínheis este espírito brincalhão, cáustico. Não éreis mesmo um pouco grave?

Resp. – Veja! porque a faculdade foi sempre empregada nisto, não restava mais outra coisa.

6. Como é que essa faculdade, tão desenvolvida para o cálculo, fosse tão incompleta para as outras partes mais elementares das matemáticas?

Resp. – Por certo eu era um tolo, não é mesmo? Disse a palavra, eu a aceitei. Mas aqui, compreendeis, não mais tenho que desenvolver a minha faculdade para as cifras, e ela se desenvolve rapidamente para outras coisas.

7. Não tendes mais de desenvolvê-la para os números...
(O Espírito escreve sem esperar o fim da pergunta).

Resp. – Quer dizer que Deus nos deu a todos uma missão: Tu, disse-me ele, vai espantar os sábios matemáticos; far-te-ei parecer sem inteligência para que fiquem mais impressionados; derrota todos os seus cálculos e faz que eles se digam: Mas que tem ele acima de nós? Que tem de mais forte que o estudo? Queria Deus levá-los a procurar além do corpo? O que existirá de mais material que um algarismo?

8. Que fostes em outras existências?

Resp. – Fui enviado para mostrar outras coisas.

9. Eram sempre relativas às matemáticas?

Resp. – Sim dúvida, desde que é a minha especialidade.

10. Eu tinha formulado alguns problemas para saber se tínheis sempre a mesma faculdade. Mas, de acordo com o que dizeis, julgo não ser mais necessário.

Resp. – Mas não tenho mais soluções a dar; não posso mais. O instrumento é mau, pois não é matemático.

11. Não poderíeis vencer a dificuldade?

Resp. – Ah! nada é invencível; a própria Sebastopol foi tomada. Mas que diferença!

12. Em que vos ocupais agora?

Resp. – Quereis saber a que me entrego? Passeio e espero um pouco antes de recomeçar minha carreira como médium, que deve continuar.

13. Em que gênero pensais exercer esta faculdade mediúnica?

Resp. – Sempre a mesma, porém mais desenvolvida, mais surpreendente.

14. [Um membro faz a seguinte reflexão]: Das respostas do Espírito infere-se que ele agiu como médium na Terra,

levando a crer que teria sido auxiliado por outro Espírito, o que explicaria por que hoje já não goza dessa faculdade.

Resp. – É que meu Espírito foi feito de propósito para ver os números que outros Espíritos me passavam; ele os captava melhor do que o faríeis; tinha o dom do cálculo, pois foi nesse gênero que eu me exercitava. Buscam-se todos os meios de convencer; todos são bons, pequenos ou grandes, e os Espíritos assenhoreiam-se de todos.

15. Fizestes fortuna com vossa faculdade, correndo o mundo para dar sessões?

Resp. – Oh! perguntar se um médium faz fortuna! Vós vos enganais de *caminho*. Claro que não.

16. Mas não vos consideráveis como médium? Nem mesmo sabíeis do que se tratava?

Resp. – Não. Também me admirava de que me servisse tão pouco pecuniariamente. Isto me ajudou moralmente e prefiro o meu ativo, escrito no grande livro de Deus, às rendas que teria obtido do Estado.

17. Agradecemos por vos terdes dignado a responder ao nosso chamado.

Resp. – Mudaste de opinião quanto à minha pessoa.

18. Não mudei; sempre tive por vós grande estima.

Resp. – Felizmente eu resolvia as questões, sem o que não me teríeis olhado.

Observação – Como se sabe, a identidade dos Espíritos é difícil de ser constatada. Geralmente se revela por circunstâncias e detalhes imprevistos, por matizes delicados que somente uma observação atenta pode captar; isto é mais significativo do que os sinais materiais, sempre fáceis de imitar pelos Espíritos enganadores que, no entanto, não podem simular a capacidade intelectual ou as qualidades morais que lhes faltam. Poder-se-ia,

pois, duvidar da identidade, nessa circunstância, sem a explicação muito lógica que o Espírito dá da diferença existente entre seu caráter atual e o que mostrava em vida; porque a resposta numérica que ele dá à evocação não pode ser considerada como prova autêntica. Seja qual for a opinião que se possa formar a respeito da evocação acima, temos de convir que, ao lado de pensamentos faceciosos, ela os encerra profundos; sobretudo as respostas às perguntas 7 e 16 são notáveis quanto a isto. Delas ressalta igualmente, assim como das respostas dadas por outros Espíritos, que o Espírito Mondeux tem uma predisposição para as matemáticas; que é provável tenha exercido essa faculdade em outras existências, mas que não pertenceu ao rol de nenhuma das celebridades da Ciência. Dificilmente se conceberia que um verdadeiro sábio fosse reduzido a fazer esforços de cálculo para divertir o público, sem alcance e sem utilidade científicas. Haveria muito mais motivos para duvidar de sua identidade se se tivesse feito passar por Newton ou Laplace.

SRA. ANAÏS GOURDON

Jovem mulher, notável pela doçura de caráter e pelas mais eminentes qualidades morais, falecida em 1860. Evocada a pedido de seu pai e de seu marido. Pertencia a uma família de trabalhadores das minas de carvão nos arredores de Saint-Étienne, circunstância importante para melhor apreciar a sua evocação.

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui.

2. Vosso marido e vosso pai pediram-me que vos chamasse e se sentirão felizes em obter uma comunicação vossa.

Resp. – Também estou muito feliz em poder dá-la.

3. Por que fostes subtraída tão cedo à afeição de vossa família?

Resp. – Porque terminavam as minhas provas terrestres.

4. Ides vê-los algumas vezes?

Resp. – Oh! estou incessantemente junto deles.

5. Sois feliz como Espírito?

Resp. – Sou feliz; espero, aguardo, amo; os céus não constituem terror para mim e espero, confiante e com amor, que as brancas asas me conduzam.

6. Que entendeis por essas asas?

Resp. – Entendo tornar-me Espírito puro e resplandecer como os mensageiros celestes, que me deslumbram.

Observação – As asas dos anjos, arcanjos e serafins, que são Espíritos puros, não passam, evidentemente, de um atributo imaginado pelos homens para descrever a rapidez com a qual se transportam, uma vez que a sua natureza etérea os dispensa de qualquer sustentáculo para percorrer os espaços. Contudo, podem aparecer aos homens com esse acessório e, assim, corresponderem ao pensamento destes, do mesmo modo que outros Espíritos tomam a aparência que tinham na Terra, para se fazerem mais bem conhecidos.

7. Vedes vosso cunhado, morto há algum tempo e que evocamos o ano passado?

Resp. – Eu o vi entre os Espíritos, quando cheguei. Agora não o vejo mais.

8. Por que não o vedes mais?

Resp. – Nada sei quanto a isto.

9. Vossos parentes podem fazer algo que vos seja agradável?

Resp. – Podem; esses entes queridos não devem mais me entristecer com a visão de seus pesares, pois sabem que não estou perdida para eles. Que meu pensamento lhes seja suave, leve e perfumado em sua lembrança. Transitei na vida como uma flor, e nada de triste deve subsistir de minha rápida passagem.

10. Como se explica que a vossa linguagem seja tão poética e tão pouco relacionada com a posição que tínheis na Terra?

Resp. – Porque é minha alma que fala. Sim, eu tinha conhecimentos adquiridos, e muitas vezes Deus permite que Espíritos delicados se encarnem entre os homens mais rudes para lhes fazer pressentir as delicadezas que atingirão e que mais tarde compreenderão.

Observação – Sem esta explicação, tão lógica e tão conforme à solicitude de Deus para com as suas criaturas, dificilmente nos daríamos conta do que, à primeira vista, poderia parecer uma anomalia. Com efeito, que de mais gracioso e mais poético que a linguagem do Espírito dessa jovem senhora, educada em meio aos mais rudes trabalhos? A contrapartida se vê muitas vezes; são Espíritos inferiores, encarnados entre homens mais adiantados, mas com objetivo oposto. É em vista de seu próprio adiantamento que Deus os põe em contato com um mundo esclarecido e, algumas vezes, também, para servirem de prova a esse mesmo mundo. Que outra filosofia pode resolver tais problemas?

11. Evocação do Sr. Gourdon, filho mais velho, já evocado em 1860.

Resp. – Eis-me aqui.

12. Lembrai-vos de que já fostes chamado por mim?

Resp. – Sim, perfeitamente.

13. Como é que vossa cunhada não vos vê mais?

Resp. – Ela se elevou.

Observação – A esta pergunta ela havia respondido: “Nada sei quanto a isto”; sem dúvida por modéstia. Agora tudo se explica: de uma natureza superior, pertence a uma ordem mais elevada, enquanto ele ainda está retido na Terra. Seguem caminhos diferentes.

14. Quais têm sido vossas ocupações desde aquela época?

Resp. – Avancei na via dos conhecimentos, ouvindo as instruções dos nossos guias.

15. Poderíeis dar uma comunicação para o vosso pai, que ficará muito feliz?

Resp. – Caro pai, não creias perdidos os teus filhos e não sofras ante a visão dos nossos lugares vazios. Eu também te espero, sem nenhuma impaciência, porque sei que os dias que passam são outros tantos degraus subidos, a nos aproximarem um do outro. Sê grave e recolhido, mas não triste, porquanto a tristeza é uma censura muda, dirigida a Deus, que quer ser louvado em suas obras. Aliás, por que sofrer nesta vida triste, onde tudo se apaga, exceto o bem ou o mal que realizamos? Caro pai, coragem e confiança!

Observação – A primeira evocação deste rapaz era marcada pelos mesmos sentimentos de piedade filial e de elevação. Tinha sido imensa consolação para os pais, que não podiam suportar sua perda. Compreende-se que a mesma coisa deveria ocorrer com a jovem senhora.

Efeitos do Desespero

Morte do Sr. Laferrière, membro do Instituto.

Suicídio do Sr. Léon L... – A viúva e o médico

Somente para registrar os acidentes funestos que chegam ao conhecimento do público, causados pelo desespero, seriam necessários volumes e mais volumes. Quantos suicídios, doenças, mortes involuntárias, casos de loucura, atos de vingança, crimes mesmo, não produz ele todos os dias! Uma estatística muito instrutiva seria a das causas primeiras que levaram à perturbação do

cérebro; nela se veria que o desespero entra, pelo menos, com quatro quintos. Mas não é disto que queremos nos ocupar hoje. Eis dois fatos assinalados pelos jornais, não a título de novidades, mas como assunto de observação.

Lê-se no *Siècle* de 17 de fevereiro último o relato das exéquias do Sr. Laferrière:

“Terça-feira passada conduzimos à sua última morada, com alguns amigos entristecidos, uma jovem de vinte anos, arrebatada por uma doença de alguns dias. O pai dessa filha única era o Sr. Laferrière, membro do Instituto, inspetor-geral das Faculdades de Direito. O excesso de dor fulminou esse pai infeliz e a resignação da fé cristã foi impotente para o consolar.

‘Trinta e seis horas mais tarde, a morte vibrou um segundo golpe, e a mesma semana, que havia separado do pai a filha, os reuniu novamente. Uma multidão numerosa e consternada seguia hoje o esquife do Sr. Laferrière.’

Segundo o jornal, o Sr. Laferrière tinha sentimentos religiosos, o que apreciamos, porquanto não se deve crer que todos os sábios sejam materialistas. Entretanto, esses sentimentos não o impediram de sucumbir ao desespero. Estamos convictos de que se tivesse idéias menos vagas e mais positivas sobre o futuro, tais as que dá o Espiritismo; se tivesse acreditado na presença da filha ao seu lado; se houvesse tido a consolação de comunicar-se com ela, por certo teria compreendido que dela não estava separado senão materialmente e por determinado tempo; e teria tido paciência, submetendo-se à vontade de Deus quanto ao momento de sua reunião; ter-se-ia acalmado pela idéia de que seu próprio desespero era uma causa de perturbação para a felicidade do objeto de sua afeição.

Estas reflexões se aplicam ainda, e com mais razão, ao fato seguinte, que se lê no *Siècle* de 1º de março último:

“O Sr. Léon L..., de 25 anos, empresário de ônibus de Villemonble, em Paris, havia se casado, há cerca de dois anos, com uma jovem a quem amava apaixonadamente. O nascimento de um filho, hoje com um ano de idade, viera estreitar ainda mais a afeição do casal. Como seus negócios prosperavam, tudo lhes parecia pressagiar um longo futuro de felicidades.

“Há alguns meses a Sra. L... foi subitamente acometida de febre tifóide e, apesar dos mais assíduos cuidados, malgrado todos os recursos da Ciência, sucumbiu em pouco tempo. A partir desse momento, o Sr. L... foi tomado de grande melancolia, da qual nada podia subtraí-lo. Muitas vezes ouviam-no dizer que a vida lhe era odiosa e que iria reunir-se àquela que havia levado toda a sua felicidade.

“Ontem, voltando de Paris em seu cabriolé, por volta das sete horas da noite, o Sr. L... entregou o veículo ao palafreireiro e, sem dizer uma palavra a ninguém, entrou num aposento situado no rés-do-chão, contíguo à sala de jantar. Uma hora mais tarde, uma criada veio avisar que o jantar estava servido. Ele respondeu que não tinha necessidade de mais nada; estava recostado sobre a mesa, a cabeça apoiada nas mãos e parecia tomado de completa prostração.

“A doméstica avisou aos pais, que vieram para junto do filho. Tinha perdido a consciência. Correram à procura do Dr. Dubois. À sua chegada o médico constatou que Léon não existia mais. Tinha-se envenenado com o auxílio de uma forte dose de opiáceo²³, que havia comprado para os seus cavalos.

“A morte do rapaz causou viva impressão na região, onde gozava da estima geral.”

23 N. do T.: No original laudanum [láudano]: medicamento cuja base é o ópio.

Certamente o Sr. Léon L... acreditava na vida futura, pois se matou para ir reunir-se à esposa. Se houvesse conhecido, através do Espiritismo, a sorte que aguarda os suicidas, teria sabido que, longe de apressar o momento dessa união, era um meio infalível de o retardar.

A estes dois fatos contrapomos o seguinte, mostrando o império que podem exercer as crenças espíritas sobre as resoluções dos que as possuem.

Um de nossos correspondentes nos transmite o que segue:

“Uma senhora do meu conhecimento havia perdido o marido, cuja morte era atribuída a um erro médico. A viúva foi tomada de tal ressentimento contra este último, que o perseguia incessantemente com invectivas e ameaças, dizendo-lhe, onde quer que o encontrasse: ‘Carrasco, não morrerás senão por minha mão!’ Essa senhora era muito piedosa e boa católica; mas foi em vão que, para acalmá-la, lançaram mão dos socorros da religião; chegou a ponto de o médico julgar dever dirigir-se à autoridade, para sua própria segurança.

“O Espiritismo conta numerosos adeptos na cidade habitada por essa senhora. Um de meus amigos, excelente espírita, disse-lhe um dia: – Que pensaríeis se pudésseis ainda conversar com o vosso marido? – Oh! disse ela, se soubesse que tal era possível! Se tivesse certeza de não o haver perdido para sempre, consolar-me-ia e esperaria. Logo lhe deram a prova; seu próprio marido veio ministrar-lhe conselhos e consolo, não tendo ela, pela linguagem do consorte, nenhuma dúvida quanto à presença dele junto a ela. Desde então se operou uma revolução completa em seu espírito; ao desespero sucedeu a calma, e as idéias de vingança deram lugar à resignação. Oito dias depois ela se dirigiu à casa do médico, o qual não se achava muito seguro quanto a essa visita; mas, longe de o ameaçar, ela lhe estende a mão e diz: ‘Nada temais, senhor; venho pedir que me perdoe o mal que vos tenho feito,

como eu vos perdôo o que me fizestes involuntariamente. Foi meu próprio marido que me aconselhou a postura que tomo no momento; ele me disse que absolutamente não fostes a causa de sua morte. Aliás, tenho agora a certeza de que ele está perto de mim, vê e vela por mim, e que um dia estaremos reunidos. Assim, senhor, não me queirais mal, como, por meu lado, não lhe desejo mais o mal.' Inútil dizer que o médico aceitou logo a reconciliação e teve pressa em saber a causa misteriosa a que, doravante, devia a sua tranqüilidade. Assim, sem o Espiritismo, essa senhora provavelmente teria cometido um crime, por mais religiosa que fosse. Isto prova a inutilidade da religião? Não, de forma alguma, mas apenas a insuficiência das idéias que ela dá do futuro, apresentando-o de tal modo vago que deixa em muita gente uma espécie de incerteza, ao passo que o Espiritismo, permitindo, por assim dizer, tocá-lo com o dedo, faz nascer na alma uma confiança e uma segurança mais completas.

Ao pai que perdeu o filho, ao filho que perdeu o pai, ao marido que perdeu a esposa adorada, que consolação dá o materialista? Diz ele: Tudo acabou; do ser que vos era tão caro nada resta, absolutamente nada, a não ser esse corpo que logo estará dissolvido. Mas de sua inteligência, de suas qualidades morais, da instrução adquirida, nada; tudo isto é o nada; vós o perdestes para sempre. Já o espírita diz: De tudo isto nada é perdido; tudo existe; só há de menos o invólucro precívél, mas o Espírito, liberto de sua prisão, está radiante; ei-lo, junto de vós; ele vos vê, vos escuta e vos espera. Oh! quanto mal fazem os materialistas ao inocularem, com os seus sofismas, o veneno da incredulidade! Jamais amaram; se assim não fora poderiam ver, impassíveis, os objetos de sua afeição reduzidos a um amontoado de poeira? Parece, pois, que, para eles, Deus reservou maiores rigores, desde que os vemos reduzidos à mais deplorável posição no mundo dos Espíritos; Deus é tanto menos indulgente para com eles quanto mais perto estiveram de se esclarecer.

Dissertação e Ensinos Espíritas

POR DITADOS ESPONTÂNEOS

MUITOS OS CHAMADOS POUCOS OS ESCOLHIDOS²⁴

(Obtido pelo Sr. d'Ambel, médium da Sociedade)

Esta máxima evangélica deve aplicar-se com muito mais razão aos tempos atuais do que aos primeiros dias do Cristianismo.

Com efeito, já não escutais o ruído da tempestade que há de arrebatrar o velho mundo e abismar no nada o conjunto das iniquidades terrenas? Ah! bendizei o Senhor, vós que haveis posto a vossa fé na sua soberana justiça e que, novos apóstolos da crença revelada pelas proféticas vozes superiores, ides pregar o novo dogma da reencarnação e da elevação dos Espíritos, conforme tenham cumprido, bem ou mal, suas missões e suportado suas provas terrestres.

Não mais vos assusteis! As línguas de fogo estão sobre as vossas cabeças. Ó verdadeiros adeptos do Espiritismo!... sois os escolhidos de Deus! Ide e pregai a palavra divina. É chegada a hora em que deveis sacrificar à sua propagação os vossos hábitos, os vossos trabalhos, as vossas ocupações fúteis. Ide e pregai. Convosco estão os Espíritos elevados. Certamente falareis a criaturas que não quererão escutar a voz de Deus, porque essa voz as exorta incessantemente à abnegação. Pregareis o desinteresse aos avaros, a abstinência aos dissolutos, a mansidão aos tiranos domésticos, como aos déspotas! Palavras perdidas, eu o sei; mas não importa. Faz-se mister regueis com os vossos suores o terreno onde tendes de semear, porquanto ele não frutificará e não produzirá senão sob os reiterados golpes da enxada e da charrua evangélicas. Ide e pregai!

24 N. do T.: Com o título de “Missão dos espíritas”, Allan Kardec inseriu esta mensagem, da autoria do Espírito Erasto, no capítulo XX, item 4, de seu *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Ó todos vós, homens de boa-fé, conscientes da vossa inferioridade em face dos mundos disseminados pelo Infinito!... lançai-vos em cruzada contra a injustiça e a iniquidade. Ide e proscreei esse culto do bezerro de ouro, que cada dia mais se alastra. Ide, Deus vos guia! Homens simples e ignorantes, vossas línguas se soltarão e falareis como nenhum orador fala. Ide e pregai, que as populações atentas recolherão ditosas as vossas palavras de consolação, de fraternidade, de esperança e de paz.

Que importam as emboscadas que vos armem pelo caminho! Somente lobos caem em armadilhas para lobos, porquanto o pastor saberá defender suas ovelhas das fogueiras imoladoras.

Ide, homens, que, grandes diante de Deus, mais ditosos do que Tomé, credes sem fazerdes questão de ver e aceitais os fatos da mediunidade, mesmo quando não tendes conseguido obtê-los por vós mesmos; ide, o Espírito de Deus vos conduz.

Marcha, pois, avante, falange imponente pela tua fé e por teu pequeno número! Marcha! Diante de ti os grandes batalhões dos incrédulos se dissiparão, como a bruma da manhã aos primeiros raios do Sol nascente.

A fé é a virtude que desloca montanhas, disse Jesus. Todavia, mais pesados do que as maiores montanhas, jazem depositados nos corações dos homens a impureza e todos os vícios que derivam da impureza. Parti, então, cheios de coragem, para removerdes essa montanha de iniquidades que as futuras gerações só deverão conhecer como lenda, do mesmo modo que vós, que só muito imperfeitamente conheceis os tempos que antecederam a civilização pagã.

Sim, em todos os pontos do globo, vão produzir-se as subversões morais e filosóficas; aproxima-se a hora em que a luz divina se espargirá sobre os dois mundos.

Ide, pois, e levai a palavra divina: aos grandes que a desprezarão, aos eruditos que exigirão provas, aos pequenos e simples que a aceitarão; porque, principalmente entre os mártires do trabalho, desta provação terrena, encontrareis fervor e fé. Ide; estes receberão, com hinos de gratidão e louvores a Deus, a santa consolação que lhes levareis, e baixarão a frente, rendendo-lhe graças pelas aflições que a Terra lhes destina.

Arme-se a vossa falange de decisão e coragem! Mãos à obra! o arado está pronto; a terra espera; arai!

Ide e agradecei a Deus a gloriosa tarefa que Ele vos confiou; mas, atenção! entre os chamados para o Espiritismo muitos se transviaram; reparaí, pois, vosso caminho e segui a verdade.

P. – Se, entre os chamados para o Espiritismo, muitos se transviaram, quais os sinais pelos quais reconheceremos os que se acham no bom caminho?

Resp. – Reconhecê-los-eis pelos princípios da verdadeira caridade que eles ensinarão e praticarão. Reconhecê-los-eis pelo número de aflitos a que levem consolo; reconhecê-los-eis pelo seu amor ao próximo, pela sua abnegação, pelo seu desinteresse pessoal; reconhecê-los-eis, finalmente, pelo triunfo de seus princípios, porque Deus quer o triunfo de Sua lei; os que seguem Sua lei, esses são os escolhidos e Ele lhes dará a vitória; mas Ele destruirá aqueles que falseiam o espírito dessa lei e fazem dela degrau para contentar sua vaidade e sua ambição.

Erasto,

Anjo-da-guarda do médium

OCUPAÇÃO DOS ESPÍRITOS

(Médium – Sra. Costel)

As ocupações dos Espíritos de segunda ordem consistem em se prepararem para as provas que terão de suportar,

por meditações sobre suas vidas passadas e observações sobre os destinos dos homens, seus vícios, suas virtudes, aquilo que os pode aperfeiçoar ou levá-los a falir. Os que, como eu, têm a felicidade de ter uma missão, ocupam-se dela com tanto mais zelo e amor, quanto o progresso das almas que lhes são confiadas lhes é contado como mérito. Assim, esforçam-se por lhes sugerir bons pensamentos, ajudam os seus bons impulsos e afastam os Espíritos maus, opondo sua doce influência às influências nocivas. Essa ocupação interessante, sobretudo quando se é bastante feliz para dirigir um médium e ter comunicações diretas, não afasta o cuidado e o dever de aperfeiçoar-se.

Não creiais que o tédio possa atingir um ser que só vive pelo espírito e cujas faculdades tendem, todas, para um objetivo, que ele sabe distante, mas certo. O tédio resulta do vazio da alma e da esterilidade do pensamento. O tempo, tão pesado para vós, que o medis por vossos temores pueris ou vossas frívolas esperanças, não faz sentir sua marcha aos que não estão sujeitos nem às agitações da alma, nem às necessidades do corpo. Ele passa ainda mais depressa para os Espíritos puros e superiores que Deus encarrega da execução de suas ordens e que percorrem as esferas em vôo muito rápido.

Quanto aos Espíritos inferiores, especialmente os que têm pesadas faltas a expiar, o tempo se mede por seus pesares, seus remorsos e seus sofrimentos. Os mais perversos dentre eles buscam escapar fazendo o mal, isto é, sugerindo a maldade. Então experimentam essa áspera e fugidia satisfação do doente que coça a sua ferida, não fazendo senão aumentar a dor. Assim, seus sofrimentos aumentam de tal sorte que acabam fatalmente por procurar o remédio, que outra coisa não é que o retorno ao bem.

Os pobres Espíritos, que apenas foram culpados pela fraqueza ou pela ignorância, sofrem a sua inanidade, o seu isolamento. Lamentam o seu envoltório terreno, seja qual for a dor

que lhes tenha causado; revoltam-se e se desesperam até o momento em que percebem que só a resignação e a vontade firme de volver ao bem podem aliviá-los; acalmam-se e compreendem que Deus não abandona nenhuma de suas criaturas.

*Marcillac,
Espírito familiar*

O DEBOCHE

(Enviado pelo Sr. Sabò, de Bordeaux)

A escolha dos bons autores é muito útil e os que exercem seu domínio sobre vós, excitando-vos a imaginação pelas loucas paixões humanas, não fazem senão corromper o coração e o espírito. Com efeito, não é entre os apologistas da orgia, do deboche, da volúpia e dos que preconizam os prazeres materiais que se podem haurir lições de melhoramento moral. Pensai, pois, meus amigos, que se Deus vos deu paixões foi com o objetivo de vos fazer concorrer para os seus desígnios e não para as satisfazer como um animal. Ficai certos de que se consumis a vossa vida em loucos prazeres, que apenas deixam remorsos e o vazio no coração, não agireis segundo os propósitos de Deus. Se vos é dado reproduzir a espécie humana, é que milhares de Espíritos errantes esperam no espaço a formação dos corpos de que têm necessidade para recomeçar suas provas e que, usando as vossas forças em ignóbeis volúpias, ides de encontro aos desígnios de Deus e grande será o vosso castigo. Bani, pois, essas leituras, das quais não tirais nenhum proveito, nem para a vossa inteligência, nem para o vosso aperfeiçoamento moral. Que os escritores sérios de todos os tempos e de todos os países vos façam conhecer o belo e o bem; que elevem vossa alma pelo encanto da poesia, ensinando-vos o emprego útil das faculdades com que o Criador vos dotou.

*Felícia,
Filha do médium*

Observação – Não haverá algo de profundo e de sublime nessa idéia que dá à reprodução do corpo um objetivo tão elevado? Os Espíritos errantes esperam esses corpos, de que necessitam para o seu próprio adiantamento, e que os Espíritos encarnados estão encarregados de reproduzir, como o homem espera a reprodução de certos animais para vestir-se e alimentar-se.

Disso resulta um outro ensinamento, de alta gravidade. Se não se admite que a alma já tenha vivido, é absolutamente necessário que seja criada no momento da formação e para o uso de cada corpo; de onde se segue que a criação da alma por Deus estaria subordinada ao capricho do homem, e na maior parte das vezes é o resultado do deboche. Como! Todas as leis religiosas e morais condenam a depravação dos costumes e Deus se aproveitaria disto para criar almas! Perguntamos a todo homem de bom-senso se é admissível que Deus se contradiga a tal ponto? Não seria glorificar o vício, uma vez que se prestaria à realização dos mais elevados desígnios do Todo-Poderoso: a criação das almas? Que nos digam se tal não seria a conseqüência da formação simultânea das almas e dos corpos; e seria pior ainda se fosse admitida a opinião dos que pretendem que o homem procria a alma ao mesmo tempo que o corpo. Admiti, ao contrário, a preexistência da alma, e toda contradição desaparece. O homem não procria senão a matéria do corpo; a obra de Deus, a criação da alma imortal, que um dia deve se aproximar dEle, não mais está submetida ao capricho do homem. É assim que, fora da reencarnação, surgem dificuldades insolúveis a cada passo e se cai na contradição e no absurdo quando se quer explicá-las. O princípio da unicidade da existência corporal, para decidir sem retorno os destinos futuros do homem, perde terreno e partidários diariamente. Podemos, pois, dizer com segurança que, em pouco tempo, o princípio contrário será universalmente admitido, como o único lógico, o único conforme à justiça de Deus, e proclamado pelo próprio Cristo, quando disse: *Eu vos digo que é necessário nascer várias vezes antes de entrar no reino dos céus.*

SOBRE O PERISPÍRITO

Ditado espontâneo a propósito de uma discussão que acabava de ocorrer na Sociedade quanto à natureza do Espírito e do perispírito.

Médium: Sr. A. Didier

Segui com interesse a discussão que se estabeleceu agora mesmo e que vos pôs em tão grande embaraço. Sim; faltam às palavras cor e forma para expressarem o perispírito e sua verdadeira natureza. Mas há uma coisa certa: o que uns chamam *perispírito* não é senão o que outros chamam envoltório fluídico, material. Quando se discute semelhantes questões, não são as frases que devemos buscar, mas as palavras. Para me fazer compreender de maneira mais lógica, direi que esse fluido é a perfectibilidade dos sentidos e a extensão da visão e das idéias; refiro-me aqui aos Espíritos elevados. Quanto aos Espíritos inferiores, os fluidos terrestres são ainda completamente inerentes a eles; assim, como vedes, são matéria; daí os sofrimentos da fome, do frio, etc., sofrimentos que não podem alcançar os Espíritos superiores, considerando-se que os fluidos terrestres são depurados em torno do pensamento, isto é, da alma. Para seu progresso, a alma sempre tem necessidade de um agente; sem agente a alma nada é para vós ou, melhor dizendo, não pode ser concebida por vós. Para nós outros, Espíritos errantes, o perispírito é o agente pelo qual nos comunicamos convosco, seja indiretamente, por vosso corpo ou vosso perispírito, seja diretamente por vossa alma. Daí as infinitas gradações de médiuns e de comunicações. Agora resta o ponto de vista científico, isto é, a essência mesma do perispírito. Isto é uma outra questão. Primeiro compreendi moralmente; não resta mais que uma discussão sobre a natureza dos fluidos, o que é inexplicável no momento. A Ciência não conhece bastante, mas lá chegaremos se ela quiser marchar com o Espiritismo.

Lamennais

O ANJO GABRIEL

Evocação de um Espírito bom, pela Sra. X..., em Soultz, Alto-Reno

Sou Gabriel, o anjo do Senhor, que me encarrega de vos abençoar, não por vossos méritos, mas pelos esforços que empreendeis para os adquirir.

A vida deve ser um combate; não se deve jamais parar, jamais vacilar entre o bem e o mal. A hesitação já vem de Satã, isto é, dos Espíritos maus. Coragem, pois! Quanto mais espinhos encontrardes em vosso caminho, mais esforços vos serão necessários para o seguir. Se fosse semeado de rosas, que mérito teríeis perante Deus? Cada um tem o seu calvário na Terra, mas nem todos o percorrem com aquela doce resignação de que Jesus vos deu o exemplo. Ele foi tão grande que os anjos ficaram comovidos! E os homens! mal derramam uma lágrima a tantas dores! Ó dureza do coração humano! Mereceríeis semelhante sacrifício? Lançai vosso rosto no pó e clamai misericórdia a Deus, mil vezes bom, mil vezes terno, mil vezes misericordioso! Um olhar, ó meu Deus! sobre a vossa obra; sem isso ela perecerá! Seu coração não está à altura do vosso; ele não pode compreender este excesso de amor de vossa parte. Tende piedade; tende mil vezes piedade de sua fraqueza. Levantai sua coragem por pensamentos que só podem proceder de vós. Sobretudo abençoai-os, a fim de que dêem frutos dignos de vossa imensa grandeza!

Hosana no mais alto dos céus! e paz aos homens de boa vontade!

É assim que terminarei as palavras que Deus me ordenou vos transmitisse.

Sede benditos no Senhor, para que possais despertar um dia em seu seio.

DESPERTAI

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sra. Costel)

Falarei dos sintomas e predições que, por toda parte, anunciam a vinda de grandes acontecimentos que o nosso século encerra. Em sua tocante bondade, os Espíritos, mensageiros de Deus, advertem o Espírito dos homens, como as dores previnem a mãe quanto à proximidade do parto. Esses sinais, muitas vezes desprezados e, entretanto, sempre justificados, neste momento se multiplicam ao infinito. Por que sentis todos o Espírito profético agitar-vos os corações e abalar-vos as consciências? Por que as incertezas? Por que os desfalecimentos que turvam os corações? Por que o despertar do espírito público que, em toda parte, arvora a sua altiva bandeira? Por quê? É que os tempos são chegados; é que o reino do materialismo está cedendo e vai desabar; é que os prazeres do corpo, em breve desprezados, darão lugar ao reino da idéia; é que o edifício social está carcomido e será substituído pela jovem e triunfante legião das idéias espíritas, que fecundarão as consciências estéreis e os corações mudos. Que estas palavras incessantemente repetidas não vos achem distraídos e indiferentes. Depois que o lavrador houver semeado, recolhei as preciosas espigas que nascerem. Não digais: a vida segue o seu curso e uma marcha normal. Nossos pais nada viram do que hoje nos anunciam: não veremos mais que eles. Adoremos o que eles adoraram, ou, melhor, substituamos a adoração por fórmulas vãs, e tudo estará bem. Falando assim, dormis. Despertai, porque não é a trombeta do juízo final que ecoará em vossos ouvidos, mas a voz da verdade. Não se cogita da morte vencida e humilhada, trata-se da vida presente, ou antes, da vida eterna; não a esqueçais e despertai.

Helvétius

O GÊNIO E A MISÉRIA

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sr. Alfred Didier)

Há uma prova muito grande na Terra, sobre a qual deve apoiar-se a moral do Espiritismo: é a terrível provação do homem

de gênio, sobretudo do que é dotado de faculdades superiores, presa das exigências da miséria. Ah! sim; esta prova moral, esta miséria da inteligência, muito mais que a do corpo será o maior mérito para o homem que tiver cumprido sua missão. Compenetrai-vos dessa luta incessante do talento contra a miséria, esta harpia que se lança sobre vós durante o festim da vida, semelhante ao monstro de Virgílio e que diz a todas as suas vítimas: Sois poderosos, mas sou eu quem vos mata, eu que envio ao nada os dons de vossa inteligência, porquanto sou a morte do gênio. Eu sei que só alguns estão vencidos, mas os outros, quantos são? Há um pintor da escola moderna que assim concebeu o assunto. Um ser, o gênio, cujas asas se abrem e cujo olhar se volta para o Sol; quase que se ergue, mas cai sobre um rochedo, onde estão fixadas cadeias de ferro que talvez o reterão para sempre. É possível que o homem que teve este sonho haja sido acorrentado e, talvez, após a sua libertação, se tenha recordado dos que deixara para sempre no rochedo.

Gérard de Nerval

TRANSFORMAÇÃO

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sra. Costel)

Venho falar-te daquilo que mais importa, nesta época de crise e de transformação. No momento em que as nações vestem a túnica viril, no momento em que o céu desvelado vos mostra, vagando nos espaços infinitos, os Espíritos dos que julgáveis dispersos como moléculas ou servindo de pasto aos vermes; neste momento solene faz-se necessário que, armado da fé, o homem não marche tateando nas trevas do personalismo e do materialismo. Como outrora os pastores, guiados por uma estrela, vinham adorar o Menino-Deus, é preciso que o homem, guiado pela brilhante aurora do Espiritismo, marche finalmente para a Terra Prometida da liberdade e do amor. É preciso que, compreendendo o grande mistério, saiba que o fim harmonioso da Natureza, seu ritmo admirável, são os modelos da Humanidade. Nesta impressionante diversidade que confunde os Espíritos, distingui a perfeita similitude das relações entre as coisas criadas e os seres criados, e que essa

poderosa harmonia vos leve a todos, homens de ação, poetas, artistas, operários, à união na qual devem fundir-se os esforços comuns durante a peregrinação da vida. Caravanas assaltadas pelas tempestades e pelas adversidades, estendei vossas mãos amigas e marchai com os olhos fixos no Deus justo, que recompensa ao cêntuplo aquele que tiver aliviado o fraco e o oprimido.

Georges

A SEPARAÇÃO DO ESPÍRITO

(Enviado pelo Sr. Sabò, de Bordeaux)

Corpo de lama, foco de corrupção onde fermenta o levedo das paixões impuras; são seus órgãos que muitas vezes arrastam o Espírito às sensações brutais que dizem respeito à matéria. Quando o princípio da vida orgânica se extingue por um dos mil acidentes aos quais está sujeito o corpo, o Espírito se desprende dos laços que o retinham à sua fétida prisão, e ei-lo livre no espaço.

Todavia acontece que, quando ignorante, e sobretudo quando é muito culpado, um espesso véu lhe oculta as belezas da morada onde habitam os Espíritos bons, e ele se encontra só ou na companhia de Espíritos cruéis e inferiores, num círculo que lhe não permite nem ver onde chega, nem se lembrar de onde vem. Então se sente inquieto, sofredor, pouco à vontade, até que, num tempo mais ou menos longo seus irmãos, os Espíritos, vêm esclarecê-lo sobre a sua posição e lhe abrem os olhos para que se lembre do mundo dos Espíritos, que habitou, e dos diferentes planetas, onde sofrerá suas diversas encarnações; se a última foi bem conduzida, ela lhe abre as portas dos mundos superiores; mas se foi inútil e cheia de iniquidades, ele é punido pelo remorso. Somente depois que o Espírito se curvou à cólera de Deus, por seu arrependimento e pela prece de seus irmãos, recomeça a viver, o que não é uma felicidade, mas um castigo ou uma provação.

*Ferdinand,
Espírito familiar*

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IV

JULHO DE 1861

Nº 7

Ensaio Sobre a Teoria da Alucinação

Os que não admitem o mundo incorpóreo e invisível julgam tudo explicar pela palavra *alucinação*. Sua definição é conhecida: é um erro, uma ilusão da pessoa que acredita ter percepções que realmente não possui (Academia. Do latim *hallucinari*, errar; derivado de *ad lucem*), mas os sábios, ao que sabemos, ainda não deram a razão fisiológica. Parece que a óptica e a fisiologia para eles já não têm segredos. Como é que ainda não explicaram a fonte das imagens que se oferecem ao espírito em certas circunstâncias? Real ou não, o alucinado vê alguma coisa; dir-se-ia que ele crê estar vendo, mas que nada vê? Isto não é provável. Dizei, se quiserdes, que é uma imagem fantástica; seja; mas qual a origem dessa imagem, como se forma e como se reflete em seu cérebro? Eis o que não dizeis. Certamente, quando ele crê estar vendo o diabo com seus chifres e garras, as chamas do inferno, animais fabulosos que não existem, a Lua e o Sol que se batem, é evidente que não há nisto nenhuma realidade. Mas se é um produto de sua imaginação, como é que descreve tais coisas como se estivessem presentes? Há, pois, diante dele um quadro, uma fantasmagoria qualquer; então qual o espelho sobre o qual se reflete essa imagem? Qual a causa que dá a essa imagem a forma, a

cor e o movimento? É o que inutilmente temos procurado a solução na Ciência. Desde que os sábios querem tudo explicar pelas leis da matéria, então que dêem, por essas leis, uma teoria da alucinação; boa ou má, será sempre uma explicação.

Provam os fatos que há verdadeiras aparições, perfeitamente explicáveis pela teoria espírita, e que só podem ser negadas pelos que nada admitem fora do mundo visível. Mas, ao lado das visões reais, haverá alucinações no sentido ligado a esta palavra? Isto não é duvidoso; o essencial é determinar-se os caracteres que as podem distinguir das aparições reais. Qual a sua fonte? São os Espíritos que nos vão colocar nesse caminho, pois a explicação nos parece completa na resposta dada à seguinte pergunta:

– Podem ser consideradas como aparições as figuras e outras imagens que muitas vezes se apresentam no primeiro sono ou simplesmente quando se fecham os olhos?

“Tão logo os sentidos se entorpecem, o Espírito se desprende e pode ver, longe ou perto, o que não poderia ver com os olhos. Por vezes essas imagens são visões, mas também podem ser um efeito das impressões deixadas pela vista de certos objetos no cérebro, que lhes conserva traços, como conserva sons. Então, desprendido, o Espírito vê no próprio cérebro essas impressões, que se lhe fixaram como se o fizessem sobre uma chapa de daguerreótipo. Sua variedade e sua mistura formam conjuntos bizarros e fugidios, que se apagam quase que imediatamente, apesar dos esforços feitos para os reter. É a uma causa semelhante que se devem atribuir certas aparições fantásticas, que nada têm de real, e que muitas vezes se produzem no estado de doença.”

Reconhece-se que a memória é o resultado das impressões conservadas pelo cérebro. Por que singular fenômeno essas impressões, tão variadas, tão multiplicadas, não se

confundem? Eis um mistério impenetrável, mas não menos estranho que o das ondulações sonoras que se cruzam no ar e nem por isso ficam menos distintas. Num cérebro sadio e bem organizado, essas impressões são claras e precisas; em condições menos favoráveis, elas se apagam ou se confundem, como fazem as marcas de um sinete sobre uma substância muito sólida, ou muito fluída. Daí a perda da memória ou a confusão das idéias. Isto parecerá menos extraordinário se se admitir, como em frenologia, uma destinação especial a cada parte, e mesmo a cada fibra do cérebro.

Assim, as imagens que chegam ao cérebro pelos olhos nele deixam uma impressão que faz nos lembrarmos de um quadro, como se o tivéssemos à nossa frente. O mesmo acontece com as impressões dos sons, os odores, os sabores, as palavras, os números, etc. Conforme as fibras e órgãos destinados à recepção e transmissão dessas impressões estejam aptos a conservá-las, tem-se a memória das formas, das cores, da música, dos números, das línguas, etc. Quando se representa uma cena que se viu, não é senão uma questão de memória, porque na realidade não se vê; mas, em certo estado de emancipação, a alma vê no cérebro e nele encontra essas imagens, sobretudo as que mais impressionaram, segundo a natureza das preocupações ou disposições do espírito; aí encontra a impressão de cenas religiosas, diabólicas, dramáticas e outras, que viu em outra época em pintura, em ação, em leitura ou em relatos, porquanto os relatos também deixam impressões. Assim, a alma realmente vê alguma coisa: de alguma sorte é a imagem daguerreotipada no cérebro. No estado normal estas imagens são fugidias e efêmeras, porque todas as partes cerebrais funcionam livremente; mas no estado de doença, o cérebro está sempre mais ou menos debilitado; não existe mais equilíbrio entre todos os órgãos; somente alguns conservam sua atividade, enquanto outros estão de certo modo paralisados. Daí a permanência de certas imagens, que se não mais apagam, como no estado normal, pelas preocupações da vida exterior; eis a verdadeira alucinação, a fonte

primeira das idéias fixas. A idéia fixa é a lembrança exclusiva de uma impressão; a alucinação é a visão retrospectiva, pela alma, de uma imagem impressa no cérebro.

Como se vê, descrevemos esta anomalia aparente por uma lei inteiramente fisiológica, bem conhecida, a das impressões cerebrais; mas sempre nos foi preciso admitir a intervenção da alma, com suas faculdades distintas da matéria. Ora, se os materialistas ainda não podem dar uma solução racional desse fenômeno, é que não querem admitir a alma e que, com o materialismo puro, ele é inexplicável. Assim dirão que nossa explicação é inadequada, porque fazemos intervir um agente contestado. Mas contestado por quem? Por eles, mas admitido pela imensa maioria, desde que há homens na Terra; e a negação de alguns não pode fazer lei.

Nossa explicação é boa? Nós a damos pelo que ela pode valer, à falta de outras e, se quiserem, a título de hipótese, esperando outra melhor; pelo menos ela tem a vantagem de dar à alucinação uma base, um corpo, uma razão de ser, ao passo que, quando os fisiologistas pronunciaram suas palavras sacramentais de superexcitação, de exaltação, de efeitos da imaginação, nada disseram, ou não disseram tudo, por não terem observado todas as fases do fenômeno.

A imaginação também desempenha um papel que é preciso distinguir da alucinação propriamente dita, conquanto essas duas causas muitas vezes estejam reunidas. Ela empresta a certos objetos formas que estes não têm, como faz ver uma figura na Lua ou animais nas nuvens. Sabe-se que, na obscuridade, os objetos assumem formas bizarras, por não se distinguirem todas as suas partes e porque os contornos não são claramente definidos. Quantas vezes, à noite, num quarto, um vestido pendurado, um vago reflexo luminoso, não parecem ter uma forma humana aos olhos das pessoas de maior sangue-frio? Se se juntar o medo ou

uma credulidade exagerada, a imaginação fará o resto. Compreende-se, assim, que a imaginação possa alterar a realidade das imagens percebidas durante a alucinação e emprestar-lhes formas fantásticas.

As verdadeiras aparições têm um caráter que, para o observador experimentado, não permite confundi-las com os efeitos que acabamos de citar. Como podem ocorrer em pleno dia, deve-se desconfiar das que se julga ver à noite, pelo temor de sermos vítima de uma ilusão de óptica. Aliás, nas aparições, como em todos os outros fenômenos espíritos, há o caráter inteligente, que é a melhor prova de sua realidade. Toda aparição que não dá qualquer sinal inteligente pode, com toda certeza, ser posta na categoria das ilusões. Os senhores materialistas devem ver que lhes concedemos a parte mais larga.

Tal como é, nossa explicação dá a razão de todos os casos de visão? Certamente, não, e desafiamos todos os fisiologistas a que dêem uma só, de seu ponto de vista exclusivo, que resolva a todos. Se, então, todas as teorias da alucinação são insuficientes para explicar todos os fatos, é que existe outra coisa além da alucinação propriamente dita, e esse algo não encontra sua solução senão na teoria espírita, que a todos abrange. Com efeito, se se examina com cuidado certos casos de visões muito freqüentes, ver-se-á que é impossível atribuir-lhes a mesma origem que a alucinação. Procurando dar a esta uma explicação plausível, quisemos mostrar em que ela difere da aparição. Num e noutro caso, é sempre a alma que vê, e não os olhos. No primeiro, ela vê uma imagem interior e no segundo uma coisa externa, se assim nos podemos exprimir. Quando uma pessoa ausente, na qual absolutamente não pensamos, e que julgamos com saúde se apresenta espontaneamente quando estamos perfeitamente despertos e vem revelar particularidades de sua morte, ocorrida naquele mesmo instante e da qual, conseqüentemente, não se podia ter conhecimento, tal fato não poderá ser atribuído a uma

lembrança, nem à preocupação do espírito. Supondo se tenham tido apreensões sobre a vida dessa pessoa, restaria ainda por explicar a coincidência do momento da morte com a aparição e, sobretudo, as circunstâncias da morte, coisa que não se pode conhecer, nem prever. Pode-se, pois, classificar entre as alucinações as visões fantásticas, que nada têm de real, mas o mesmo não se dá com as que revelam atualidades positivas, confirmadas pelos acontecimentos. Explicá-las pelas mesmas causas seria absurdo e mais absurdo ainda atribuí-las ao acaso, esta suprema razão dos que nada têm a dizer. Só o Espiritismo lhes pode dar a razão, pela dupla teoria do perispírito e da emancipação da alma. Mas como crê na ação da alma, quando não se admite a sua existência?

Não levando em nenhuma conta o elemento espiritual, a Ciência se acha impotente para resolver uma multidão de fenômenos e cai no absurdo ao querer tudo referir ao elemento material. É principalmente em Medicina que o elemento espiritual desempenha um papel importante; quando os médicos o levarem em consideração, enganar-se-ão com menos freqüência do que agora. Aí extrairão uma luz que os guiará mais seguramente no diagnóstico e no tratamento das doenças. É o que já se pode constatar desde o presente na prática dos médicos espíritas, cujo número aumenta dia a dia. Tendo a alucinação uma causa fisiológica, estamos certos de que encontrarão o meio de a combater. Conhecemos um que, graças ao Espiritismo, está a caminho de descobertas do mais alto alcance, porque lhe deu a conhecer a verdadeira causa de certas afecções rebeldes à Medicina materialista.

O fenômeno da aparição pode produzir-se de duas maneiras: ou é o Espírito que vem encontrar a pessoa que vê, ou é o Espírito desta que se transporta e vai encontrar a outra. Os dois exemplos seguintes nos parecem caracterizar perfeitamente ambos os casos.

Um de nossos colegas nos contava, recentemente, que um oficial seu amigo, estando na África, de repente viu à sua frente o quadro de um cortejo fúnebre: era o de um de seus tios, que residia na França, e que ele não via há muito tempo. Viu distintamente toda a cerimônia, desde a saída da casa mortuária até a igreja e o transporte ao cemitério. Chegou a notar diversas particularidades, das quais não podia ter idéia. Nesse momento estava desperto e, entretanto, num certo estado de absorção, do qual só saiu quando tudo desapareceu. Chocado com a circunstância, escreveu para a França, a fim de obter notícias do tio e soube que este, tendo morrido subitamente, havia sido enterrado no dia e hora em que ocorrera a aparição e com as particularidades que tinha visto. É evidente que, neste caso, não foi o cortejo que veio encontrá-lo; ele é que foi encontrar o cortejo, do qual teve percepção por efeito da segunda vista.

Um médico do nosso conhecimento, o Sr. Félix Mallo, tinha tratado de uma jovem senhora; mas, julgando que o ar de Paris lhe era prejudicial, aconselhou-a a ir passar algum tempo com a família, na província, o que ela fez. Havia seis meses não tinha mais notícias dela, nem pensava mais no caso quando, uma noite, por volta das dez horas, estando em seu quarto, ouviu bater à porta do consultório. Julgando viessem chamá-lo para um doente, disse que entrasse; mas ficou bastante surpreendido ao ver, à sua frente, a jovem senhora em questão, pálida, vestida como a tinha conhecido e que lhe disse com grande sangue-frio: “Sr. Mallo, venho dizer-vos que morri.” E logo desapareceu. Assegurando-se de que estava bem desperto e de que ninguém havia entrado, o médico tomou informações e soube que a mulher havia morrido na mesma noite em que lhe aparecera. Aqui, foi bem o Espírito da senhora que veio encontrá-lo. Os incrédulos não deixarão de dizer que o médico podia estar preocupado com a saúde de sua antiga doente, e que nada há de surpreendente em que previsse a sua morte; seja. Mas que expliquem a coincidência de sua aparição com o momento da morte, já que há muitos meses o médico não mais

ouvira falar dela. Supondo mesmo que tivesse acreditado na impossibilidade de sua cura, poderia prever que ela morresse em tal dia e a tal hora? Devemos acrescentar que ele não é um homem que se deixe abalar pela imaginação.

Eis um outro fato não menos característico, e que não poderia ser atribuído a nenhuma previsão. Um dos nossos associados, oficial da marinha, estava no mar, quando viu seu pai e seu irmão atirados debaixo de uma carruagem: o pai morto e o irmão sem haver sofrido nenhum mal. Quinze dias depois, tendo desembarcado na França, seus amigos tentaram prepará-lo para receber a triste notícia. – “Não tomai tantas precauções – disse ele – sei o que ides dizer: Meu pai morreu; há quinze dias que o sei.” Realmente, seu pai e seu irmão, estando em Paris, desciam de carruagem os Campos Elísios; o cavalo assustou-se, o carro quebrou-se, o pai morreu e o irmão apenas sofreu algumas contusões. Esses fatos são positivos, atuais, e não se dirá que sejam lendas da Idade Média. Se cada um recolhesse suas lembranças, ver-se-ia que tais fatos são mais freqüentes do que se imagina. Perguntamos se alguns deles têm os caracteres da alucinação. Pedimos aos materialistas que dêem uma explicação do fato relatado no artigo seguinte.

Uma Aparição Providencial

Lê-se no *Oxford Chronicle*, de 1º de junho de 1861:

“Em 1828 um navio que fazia viagens de Liverpool a New-Brunswick tinha como oficial substituto o Sr. Robert Bruce. Estando perto dos bancos na Terra-Nova, o capitão e o seu imediato calculavam um dia de sua rota, o primeiro em sua cabina e o outro na câmara ao lado. As duas peças eram dispostas de modo que eles podiam ver-se e falar-se. Bruce, absorvido em seu trabalho, não percebeu que o capitão havia subido para a ponte; sem olhar,

lhe disse: “Encontro tal longitude; como está a vossa?” Não obtendo resposta, repete a pergunta, mas inutilmente. Então avança em direção à porta da cabina e vê um homem sentado no lugar do capitão e escrevendo numa ardósia. O indivíduo se volta, olha Bruce fixamente e este, terrificado, lança-se para a ponte. – Capitão, disse ele assim que o alcançou, quem é que neste momento está à vossa escrivaninha na cabina? – Mas ninguém, presumo. – Eu vos garanto que há um estranho. – Um estranho! Sonhais Sr. Bruce; Quem ousaria meter-se em minha secretária sem minhas ordens? Talvez tenhais visto o contramestre ou o intendente. – Senhor, trata-se de um homem sentado em vossa poltrona e escrevendo em vossa ardósia. Ele me olhou na cara e eu o vi distintamente, ou jamais vi alguém neste mundo. – Ele! quem? – Só Deus o sabe, senhor! Eu vi esse estranho que, em minha vida, jamais houvera visto em qualquer parte. – Vós vos tornastes louco, Sr. Bruce. Um estranho! e lá se vão seis semanas que estamos no mar. – Eu sei; contudo o vi. – Muito bem! Ide ver quem é. – Capitão, sabeis que não sou um poltrão; não creio em aparições; entretanto, confesso que não desejaria vê-lo só e de frente. Gostaria que fôssemos ambos. O capitão desceu primeiro, mas não encontrou ninguém. – Vede bem, disse ele, que sonhastes. – Não sei como é isto, mas juro que há pouco ele estava lá e escrevia em vossa ardósia. – Neste caso, deve haver algo escrito nela. Tomou a ardósia e leu estas palavras: *Dirigi para o noroeste*. Tendo feito Bruce escrever as mesmas palavras, assim como todos os homens da tripulação que sabiam escrever, constatou o capitão que a letra da ardósia não se assemelhava à de nenhum deles. Procuraram por todos os cantos do navio e não descobriram nenhum estranho. Tendo consultado para saber se devia seguir o conselho misterioso, o capitão resolveu mudar de direção e navegou para noroeste, depois de ter posto como vigia um homem de confiança. Por volta das três horas foi assinalado um bloco de gelo, depois um navio desmastreado sobre o qual havia vários homens. Aproximando mais, soube-se que o navio estava quebrado, as provisões esgotadas, a tripulação e os passageiros esfomeados. Enviaram barcos para os

recolher. Mas no momento em que chegaram a bordo, o Sr. Bruce, para sua grande estupefação, reconheceu entre os náufragos o homem que tinha visto na cabina do capitão. Logo que foi acalmada a confusão e o navio retomou sua rota, o Sr. Bruce disse ao capitão: – Parece que não foi um Espírito que vi hoje; ele está vivo; o homem que escrevia em vossa ardósia é um dos passageiros que acabamos de salvar. Ei-lo. Eu juraria perante a justiça.

“Dirigindo-se ao referido homem, o capitão o convidou a descer à sua cabina e lhe pediu que escrevesse na ardósia, do lado oposto àquele onde se achava a escrita misteriosa: *Dirigi para o noroeste*. Intrigado por esse pedido, o passageiro, entretanto, com ele se conformou. Tomando a ardósia, o capitão virou-a, sem nada transparecer no semblante, e, mostrando ao passageiro as palavras escritas antes, disse-lhe: – É mesmo a vossa letra? – Sem dúvida, pois acabo de escrever diante de vós. – E esta aqui? acrescentou, mostrando o outro lado. – Também é a minha letra; mas não sei como aconteceu isto, pois só escrevi de um lado. – Meu substituto, aqui presente, julga vos ter visto hoje, ao meio-dia, sentado a esta mesa e escrevendo estas palavras. – É impossível, porque só há poucos instantes me trouxeram para este navio.

“O capitão do navio naufragado, interrogado sobre este homem e sobre o que se teria passado de extraordinário com ele, pela manhã, respondeu: – Não o conheço senão como um de meus passageiros; mas pouco antes do meio-dia ele caiu num sono profundo, do qual só saiu depois de uma hora. Durante o sono ele exprimiu a confiança de que logo iríamos ser resgatados, dizendo que se via a bordo de um navio, cuja espécie e enxárcia descreveu, em tudo conforme ao que tivemos à vista alguns momentos depois. O passageiro acrescentou que não se lembrava de haver sonhado, nem de ter escrito o que quer que fosse, mas apenas que conservara, ao despertar, um pressentimento que não sabia explicar, de que um navio lhes viria em socorro. Uma coisa estranha, disse ele, é que tudo quanto está neste navio me parece

familiar e, entretanto, estou certo de jamais o ter visto. Acerca disso o Sr. Bruce lhe contou as circunstâncias da aparição que havia tido e eles concluíram que o fato era providencial.”

Esta história é perfeitamente autêntica. O Sr. Robert Dale Owen, antigo ministro dos Estados Unidos em Nápoles, que igualmente a relata em sua obra, cercou-se de todos os documentos que pudessem constatar a sua veracidade. Perguntamos se ela possui alguns dos caracteres da alucinação! Que a esperança, que jamais abandona os infelizes, tenha seguido o passageiro em seu sono e lhe tenha feito sonhar que lhes vinham socorrer, compreende-se. A coincidência do sonho com o socorro podia ainda ser um efeito do acaso; mas como explicar a descrição do navio? Quanto ao Sr. Bruce, ele está certo de que não sonhava. Se a aparição fosse uma ilusão, como explicar essa semelhança com o passageiro? Se ainda fosse o acaso, a escrita na ardósia é um fato material. De onde vinha o conselho, dado por esse meio, de navegar na direção dos naufragos, contrariando a rota seguida pelo navio? Que os defensores da alucinação tenham a bondade de dizer como, com o seu sistema exclusivo, poderão dar a razão de *todas* essas circunstâncias. Nos fenômenos espíritas provocados eles têm o recurso de dizer que há trapaça; mas aqui é pouco provável que o passageiro tenha representado uma comédia. É nisto que os fenômenos espontâneos, quando apoiados em testemunhos irrecusáveis, são de grande importância, por não se poder suspeitar de nenhuma conivência.

Para os espíritas, este fato nada tem de extraordinário, porque o compreendem. Aos olhos dos ignorantes parecerá sobrenatural, maravilhoso. Para quem conhece a teoria do perispírito, da emancipação da alma nos vivos, ele não sai das leis da Natureza. Um crítico divertiu-se muito com a história do homem da tabaqueira, relatada na *Revista* de março de 1859, dizendo que era efeito da imaginação da mulher doente. Que tem ela de mais impossível que esta? Os dois fatos explicam-se

exatamente pela mesma lei que rege as relações entre o Espírito e a matéria. Além disso, perguntamos a todos os espíritas que estudaram a teoria dos fenômenos se, lendo o fato que acabamos de referir, sua atenção não foi imediatamente conduzida sobre a maneira pela qual deve ter-se produzido; se não encontraram a explicação; se, com tal explicação não concluíram pela possibilidade e se, em consequência dessa possibilidade, não se interessaram mais do que se o devessem aceitar apenas pelos olhos da fé, sem acrescentar o assentimento da inteligência? Os que nos censuram por havermos dado esta teoria se esquecem de que ela é o resultado de longos e pacientes estudos que, como nós, eles poderiam ter feito, trabalhando tanto quanto o temos feito e fazemos todos os dias; que, dando os meios de compreender os fenômenos, nós lhes demos uma base, uma razão de ser, que silenciaram mais de um crítico e contribuíram, em grande parte, para a propagação do Espiritismo, considerando que se aceita com mais boa vontade aquilo que se compreende do que aquilo que não se compreende.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

OS AMIGOS NÃO NOS ESQUECEM NO OUTRO MUNDO

Um dos nossos assinantes nos envia a conversa seguinte, que teve com um de seus amigos, cuja perda lhe fora muito sentida, através de um médium estranho, já que ele mesmo não é médium. Além da notável elevação dos pensamentos, há de notar-se que os laços formados na Terra, quando sinceros, não são rompidos pela morte.

Primeira conversa – 28 de dezembro de 1860

1. Evocação – Súplica ao Espírito Jules P..., que me foi tão caro, para vir comunicar-se comigo.

Resp. – Caro amigo, acudo ao teu apelo com tanta

maior solicitude quanto não esperava poder comunicar-me contigo senão em tempo ainda recuado pela vontade de Deus. Quanto me é agradável ver esse tempo abreviado por tua vontade e poder dizer-te o quanto a provação que sofri na Terra serviu ao meu progresso! Embora ainda errante, sinto-me completamente feliz, sem outro pensamento que o do entusiasmo pelas obras de Deus, que me permite desfrutar de todos os prodígios que Ele houve por bem colocar à minha disposição, deixando-me esperar uma reencarnação num mundo superior, onde seguirei a gradação afortunada que me levará à suprema felicidade. Possas tu, caro amigo, ouvindo-me, ver em minhas palavras um presságio do que te espera! No último dia, virei tomar-te a mão para te mostrar a via que já percorro desde algum tempo com tanta alegria. Encontrar-me-ás como guia, como na vida terrestre me encontraste como amigo fiel.

2. Posso contar com o teu concurso, caro amigo, para alcançar o objetivo feliz que me deixas entrever?

Resp. – Fica tranqüilo; farei o possível para que avances neste caminho onde ambos nos encontraremos com tanta emoção e prazer. Como outrora, virei dar-te todas as provas de bondade de coração a que sempre foste tão sensível.

3. Por tua linguagem devo concluir que és muito mais feliz do que em tua última existência?

Resp. – Sem contradita, meu amigo, muito feliz, e jamais o poderia repetir bastante. Que diferença! Não mais aborrecimentos, não mais tristeza, não mais sofrimentos corporais e morais; e, com isto, a visão de tudo o que nos foi caro! Muitas vezes eu estava contigo, ao teu lado. Quantas vezes te segui em tua carreira! Eu te via quando não me supunhas tão perto de ti, já que me julgavas perdido para sempre. Meu caro amigo, a vida é preciosa para o Espírito, tanto mais preciosa quanto suave; e, como na Terra, pode fazê-la servir ao seu adiantamento celeste. Fica bem persuadido de que tudo se harmoniza nos decretos divinos para tornar as criaturas de Deus mais felizes e que basta, de sua parte,

ter um coração para amar e curvar a cabeça para ser humilde. Então se eleva mais alto do que poderia esperar.

4. Que desejas de mim, que te possa causar prazer?

Resp. – Teu pensamento ornado de uma flor.

Nota – Tendo-se estabelecido uma discussão sobre o sentido desta resposta, o Espírito acrescentou:

Quando digo teu pensamento ornado de uma flor, digo que, colhendo flores, deves pensar algumas vezes em mim. Hás de compreender que quero, tanto quanto possível, fazer-me notar por um de teus sentidos, tocando-te agradavelmente.

5. Adeus, caro amigo. Aproveitarei com prazer a próxima ocasião que tiver de te evocar.

Resp. – Esperarei com impaciência. Até mais ver, caro amigo.

Segunda conversa – 31 de dezembro

6. Evocação – Novo pedido ao meu amigo para vir dar-me uma comunicação no interesse de minha instrução.

Resp. – Eis-me de novo, caro amigo; não peço mais do que vir dizer-te ainda uma vez o quanto me foste caro. Quero dar-te uma prova disso, elevando-me às mais altas considerações. Sim, meu amigo, a matéria nada é; trata-a duramente; nada temas, o Espírito é tudo. Só ele se perpetua e jamais deve cessar de viver, nem de percorrer os caminhos que Deus lhe traça. Por vezes se detém em bordas escarpadas para retomar o fôlego; mas quando volta os olhos para o Criador retoma coragem e rapidamente supera as dificuldades que encontra, eleva-se e admira a bondade de seu Senhor, que lhe distribui providencialmente as energias de que tem necessidade. Então avança; o empíreo se apresenta aos seus olhos, ao seu coração; ele marcha e logo se torna digno do destino celeste que entrevê. Caro amigo, nada mais temas; sinto em mim a coragem redobrada, as forças decuplicadas, desde que deixei a

Terra. Não mais duvido da felicidade predita que, comparada à que desfruto, será tão superior quanto a mais brilhante das pedras preciosas o é ao mais simples anel. Assim, vêes quanto há de grandeza nas vontades celestes, e que será muito difícil para os seres humanos apreciar e pesar os seus resultados! Vossa linguagem dificilmente nos serve quando queremos exprimir o que vos deve parecer incompreensível.

7. Nada tens a acrescentar aos belos pensamentos que acabas de expressar?

Resp. – Sem dúvida não terminei; mas quis dar-te uma prova de minha identidade. Quando quiseres, eu te darei outras.

Observação – Estas provas de identidade são aqui todas morais e não resultam de nenhum sinal material, nem de nenhuma dessas questões pueris que muitas vezes algumas pessoas fazem com esse propósito. As provas morais são melhores e mais seguras, uma vez que os sinais materiais sempre podem ser imitados por Espíritos enganadores. Aqui, o Espírito se deixa reconhecer por seus pensamentos, seu caráter, sua elevação e a nobreza do estilo. Certamente um Espírito enganador poderia, quanto a este aspecto, tentar a contrafação, mas jamais passaria de uma imitação grosseira; como lhe faltaria o fundo, ele não poderia imitar senão a forma, nem representar por muito tempo o seu papel.

8. Visto estares nesta disposição benevolente, eu me sentiria feliz de aproveitá-la agora e te peço a gentileza de continuar.

Resp. – Eu te direi: Abre o livro de teus destinos; o Evangelho, meu amigo, far-te-á compreender muitas coisas que eu não saberia expressar. Deixa a letra; toma o Espírito desse livro sagrado e nele encontrarás todas as consolações necessárias ao teu coração. Não te inquietes com os termos obscuros; busca o pensamento e teu coração o interpretará como deve interpretar. Agora estou mais bem informado e te confesso o erro em que nós, Espíritos, incorríamos ao considerá-lo tão friamente quando vivos.

Felizmente, hoje reconheço que, impulsionado pelo meu bom coração, teria podido, entendendo melhor os ensinamentos preciosos que o divino Mestre nos deixou, neles haurir o socorro que me faltava.

9. Obrigado e adeus, caro amigo; aproveitarei com prazer a primeira ocasião que tiver para te evocar.

Resp. – Não duvides de que então virei, como venho hoje. Farei o melhor que puder.

Correspondência

CARTA DO PRESIDENTE DA SOCIEDADE ESPÍRITA DO MÉXICO

México, 18 de abril de 1861.

Ao Senhor Allan Kardec, em Paris.

Senhor,

Meu amigo Sr. Viseur, em sua penúltima carta, manifesta-me o desejo que teríeis de conhecer o objetivo e as tendências da Sociedade Espírita que presido no México. É com imenso prazer e a mais viva simpatia por vossas profundas luzes no tocante a esta matéria que vos dirijo esta breve exposição da história do Espiritismo neste país, suplicando não apenas que leveis em consideração a nossa fraca experiência, mas, também, que nos conteis entre vós como fervorosos adeptos.

Muito tempo depois de vós, senhor, tivemos a felicidade de conhecer a suave verdade de que os Espíritos ou almas das pessoas mortas podem comunicar-se com os vivos. Não obstante algumas publicações vindas do Norte, nossa atenção e curiosidade não haviam despertado e não nos havíamos dado ao trabalho de procurar o que entendiam por manifestações espirituais. Foi o vosso *O Livro dos Espíritos*, felizmente chegado

entre nós, que nos abriu os olhos e nos convenceu da realidade dos fatos que se propagam com tanta rapidez em todos os pontos do globo, fazendo-nos compreendê-los. Começamos então a fazer pesquisas e experiências, assumindo a tarefa de, por um trabalho constante, nos adestrarmos para receber as manifestações. Os conselhos que haurimos em vosso excelente livro fizeram-nos conhecer esta grande verdade: após a morte a alma existe e podemos entrar em comunicação com as que nos foram caras na Terra.

Eu não renderia homenagem à verdade se vos dissesse que fomos aqui os primeiros a ter conhecimento das manifestações. Várias pessoas de nossa cidade já se ocupavam delas, o que só soubemos mais tarde. O princípio da reencarnação é o que mais nos surpreendeu, inicialmente; mas as nossas comunicações com os Espíritos de uma ordem que, por sua linguagem, reconhecemos ser superiores, não nos permitiram duvidar de uma crença que tudo prova estar na ordem das coisas e conforme à onipotente justiça de Deus. Um fato que prova a bondade e a superioridade dos Espíritos que nos assistem é que eles restabelecem a saúde dos que sofrem corporalmente e proporcionam calma e resignação às aflições espirituais. A simples lógica nos diz que o bem não poderá vir senão de uma boa fonte; mas seríamos muito presunçosos se nos impuséssemos como campeões capacitados desta sublime doutrina. Cabe a vós, senhor, o direito de nos esclarecer, como provam os trabalhos oriundos do seio de vossa Sociedade.

Formamos uma sociedade composta de membros experimentados na crença espírita e recebemos em sua intimidade todo indivíduo que quer ser esclarecido. As leis fundamentais que nos regem são a unidade de princípios, a fraternidade entre os membros e a caridade para com todos os que sofrem. Eis, senhor, como as idéias espíritas se espalharam neste país e, podemos dizer com satisfação, se propagaram além de nossas esperanças. Caso julgueis conveniente guiar-nos com os vossos bons conselhos,

sempre os receberemos com vivo reconhecimento e como um testemunho de simpatia de vossa parte.

Aceitai, etc.

Ch. Gourgues

No mesmo dia em que nos chegou esta carta do México, recebemos a seguinte, de Constantinopla:

Constantinopla, 28 de maio de 1861.

Ao Sr. Allan Kardec, diretor da REVISTA ESPÍRITA.

Senhor,

Permiti-me vir, no meu e no nome pessoal de meus amigos e irmãos espiritualistas desta cidade, oferecer-vos dois singelos presentes, como lembrança, não de pessoas que ainda não conheceis, e que só têm tido a honra de vos conhecer por vossas obras, mas que aceitareis como testemunho dos sentimentos de confraternização, que devem unir os espiritualistas de todos os países. Aceitá-los-eis, também, porque são uma prova dos fenômenos tão sublimes quanto extraordinários do Espiritismo. Aceitareis e lhes dareis a honra de um quadro à nossa boa Sofia, pois é no seu e no nome de sua irmã Angélica que o Espiritismo se desenvolve e se propaga em Constantinopla, esta capital do Oriente, tão emocionante por suas lembranças históricas. Verdadeira Torre de Babel, é a cidade que reúne todas as seitas religiosas, todas as nações, e na qual se falam todas as línguas. Imaginai o Espiritismo se propagando de repente em meio a tudo isto... Que imenso ponto de partida! Somos ainda em reduzido número, mas este número aumenta dia a dia, como se fora uma bola de neve. Espero que, em pouco tempo, seremos contados às centenas.

As manifestações que obtivemos até hoje são o levantamento das mesas, das quais uma, de mais de 100 quilos, ergueu-se como uma pluma acima de nossas cabeças; golpes

diretos, batidos por Espíritos; fenômenos de transportes, etc. Estamos ensaiando as aparições de Espíritos, visíveis para todos; conseguiremos? Eles nos prometeram e nós aguardamos. Já temos um grande número de médiuns escreventes; outros fazem desenhos; outros ainda compõem trechos musicais, mesmo quando ignoram essas diferentes artes. Vimos, seguimos e estudamos diversos Espíritos de todos os gêneros e qualidades. Alguns de nossos médiuns têm visões e êxtases; outros, mediunizados, executam árias ao piano, inspirados pelos Espíritos. Duas senhoritas, que jamais viram ou nada leram sobre o magnetismo, magnetizam toda espécie de males, pela ação dos Espíritos, que as fazem agir da maneira mais científica possível.

Eis, senhor, de relance, o que temos feito em matéria de Espiritismo até hoje. Para que melhor possais julgar os nossos trabalhos, no que diz respeito às revelações espirituais, apresentamos o resultado de algumas sessões por intermédio da mesa.

[Seguem-se diversas comunicações morais de ordem muito elevada, cuja leitura a Sociedade ouviu com o mais vivo interesse].

Se julgardes que essas revelações possam interessar à propagação da nova ciência espiritualista, ou espírita – porque para mim, como para meus amigos, o título nada significa, pois nem muda a forma nem o fundo – terei o prazer de vos enviar algumas mensagens instrutivas e concludentes, do ponto de vista da prova das manifestações espirituais.

Em breve todos os espiritualistas da Terra formarão um só feixe, uma só e mesma família. Não somos todos irmãos e filhos do mesmo pai, que é Deus? Eis os primeiros princípios que os espiritualistas devem pregar ao gênero humano, sem distinção de classe, país, língua, seita ou fortuna.

Aceitai, etc.

Esta carta fazia-se acompanhar de um desenho, representando uma cabeça em tamanho natural, muito bem executado, embora o médium não soubesse desenhar, bem como de um trecho musical, letras, canto e acompanhamento de piano, intitulado *Espiritualismo*; o conjunto com esta dedicatória: “Oferta em nome dos espiritualistas de Constantinopla ao Sr. Allan Kardec, diretor da *Revista Espírita*, de Paris.”

No fragmento de música, só o canto e a letra foram obtidos por via mediúnica; o acompanhamento foi feito por um artista.

Se publicássemos todas as cartas de adesão que recebemos, precisaríamos consagrar-lhes volumes e mais volumes. Ver-se-ia repetida, milhares de vezes, uma tocante expressão de reconhecimento à Doutrina Espírita. Muitas dessas cartas, aliás, são bastante íntimas para serem publicadas. As duas que reproduzimos acima têm um interesse geral, como prova da expansão que, por todos os lados, toma o Espiritismo, e do ponto de visto sério sob o qual é, agora, encarado, muito longe, como se vê, do entretenimento das mesas girantes. Por toda parte compreendem-lhe as conseqüências morais e o consideram como a base providencial das reformas prometidas à Humanidade. Sentimo-nos felizes por dar assim um testemunho de simpatia e de encorajamento aos nossos confrades distantes. Este laço, que já existe entre os espíritas dos diferentes pontos do globo, e que não se conhecem senão pela conformidade da crença, não é um sintoma do que será mais tarde? Esse laço é uma conseqüência natural dos princípios que decorrem do Espiritismo; só pode ser rompido pelos que lhe desconhecem a lei fundamental: a caridade para com todos.

Desenhos Misteriosos

NOVO GÊNERO DE MEDIUNIDADE

Sob esse título, o *Herald of Progress*, de Nova Iorque, jornal consagrado a assuntos espiritualistas e dirigido por Andrew Jackson Davis, contém a seguinte narrativa:

“Em 22 de novembro último, o Dr. Hallock, juntamente com outras pessoas, foi convidado à casa da Sra. French, 4ª Avenida, nº 8, para testemunhar diversas manifestações espíritas e ver as evoluções de um lápis de grafite. Por volta das oito horas a Sra. French deixou o cômodo onde o grupo estava reunido e sentou-se num canapé, localizado em gabinete contíguo. Não abandonou esse lugar durante toda a reunião. Pouco depois de sentar-se, pareceu entrar numa espécie de êxtase, com os olhos fixos e desviados. Pediu ao Dr. Hallock e ao professor Britton que examinassem o quarto. Eles encontraram sobre o leito, defronte do lugar onde ela estava sentada, uma pasta amarrada com uma fita de seda e uma garrafa de vinho para servir à experiência. O papel que seria utilizado para fazer os desenhos estava na pasta. Fomos convidados – diz o Dr. Hallock – a não tocar na pasta, nem na garrafa. Vários lápis e dois pedaços de goma elástica encontravam-se igualmente sobre o leito, mas no resto do aposento não havia desenhos, nem papel. Após esta pesquisa a Sra. French pediu ao Sr. Cuberton que tomasse a pasta e a levasse para a sala ocupada pelos convidados, abrisse-a e tirasse o conteúdo. Havia papel comum, do qual seis folhas de diferentes tamanhos foram tomadas das mãos do Sr. Cuberton pela Sra. French e postas sobre uma mesa situada diante dela. Esta pediu alfinetes e, tomando uma tira de papel de 5 ou 6 polegadas de comprimento, que colocou na borda inferior do papel, prendeu as duas bordas deste à tira. Feito isto, alguém foi solicitado a tomar o papel e fazer fosse ele examinado pelos assistentes, segurasse a tira e os alfinetes e lhe devolvesse a folha. A mesma coisa foi feita com as outras folhas, e cada vez os alfinetes eram postos em número e em locais

diferentes; as folhas eram entregues, uma a uma, a outra pessoa, com vistas a reconhecer o papel por meio dos traços, que deviam corresponder aos das tiras. Depois de examinadas todas as folhas e devolvidas à Sra. French, o Sr. Cuberton pegou o vinho e lho entregou. Ela pôs as folhas sobre a mesa e derramou, sobre cada uma delas, uma quantidade de vinho suficiente para molhá-la completamente, espalhando-o com a palma da mão. Em seguida tratou de secá-las, pressionando uma por uma das folhas, enrolando-as, soprando acima e as agitando no ar. Isto durou alguns minutos; depois baixou o pavio do lampião e mandou os convidados se aproximarem. É preciso dizer que durante a operação de molhagem, uma das folhas de papel tinha ficado muito seca, sendo necessário recomeçar o trabalho. (O vinho era uma simples mistura de suco de uvas e açúcar, autorizado pelo Estado e produzido na Nova Inglaterra). Então a Sra. French fez restabelecer a luz e pediu às pessoas que viessem sentar-se junto à porta onde ela estava: o Sr. Gurney, o professor Britton, o Dr. Warner e o Dr. Hallock estavam a seis pés dela e os outros em plena vista.

“Pondo uma das folhas sobre a mesa à sua frente, ela colocou vários lápis entre os dedos; o Dr. Hallock não a perdeu de vista, como houvera prometido. Estando tudo pronto, a Sra. French, para advertir que a experiência ia começar, exclamou: *Time* (tempo); então foi visto um movimento rápido da mão e, durante certo momento, das duas mãos; ouviu-se um ruído vivamente repetido sobre o papel; os lápis e o papel foram atirados a alguma distância no assoalho, por uma espécie de movimento nervoso; tudo isso durou vinte e um segundos. O desenho representa um buquê de flores, composto de jacintos, lírios, tulipas, etc.

“Operaram sucessivamente em outras folhas. O nº 2 é também um grupo de flores. O nº 3 é um belo cacho de uvas, com seu talo, folhas, etc.; foi feito em vinte e um segundos. O nº 4 é um talo e folhas com cinco grupos de frutas parecidas com damascos; as folhas são uma espécie de musgo. Quando se preparou para esta

folha, a Sra. French perguntou quanto tempo lhe davam para a execução; uns disseram dez segundos; outros, menos. Bem, disse a Sra. French, quando eu disser: *um*, olhai vossos relógios; à palavra *quatro* o desenho estará terminado. Atenção! um, dois, três, quatro: o desenho foi feito, isto é, em quatro segundos. O nº 5 representa um ramo de groselheira, do qual partem doze cachos de groselhas verdes, com flores e folhas, cercadas de folhas de uma outra espécie. O desenho foi apresentado pela Sra. French, em êxtase, ao Sr. Bruckmaster, de Pittsburg, como vindo do Espírito de sua irmã, em cumprimento da promessa que ela lhe havia feito. O tempo gasto foi de dois segundos. O nº 6, que pode ser considerado como a obra-prima da série, é um desenho de nove polegadas por quatro; consiste em flores e folhagens brancas sobre fundo escuro, isto é, o desenho é da cor natural do papel, os contornos marcados e os interiores coloridos a lápis. Exceto dois outros desenhos produzidos da mesma maneira em outra ocasião, são sempre a lápis sobre fundo branco. No centro desse grupo de flores e na parte inferior da página existe uma mão segurando um livro aberto, de uma polegada e um quarto por três quartos; os cantos não são exatamente em ângulos retos; mas o que é muito curioso, os furos dos alfinetes, feitos anteriormente para reconhecer o papel, marcam os quatro cantos do livro. No alto da página esquerda está escrito: *Galatians vi* e, a seguir, os seis primeiros versículos e uma décima sexta parte deste capítulo, cobrindo quase as duas páginas inteiras, em caracteres muito legíveis, com boa luz, a olho nu ou com uma lupa. Conta-se mais de cem palavras bem escritas. O tempo gasto foi de treze segundos. Quando se constatou a coincidência dos furos do papel com os da tira, a Sra. French, ainda em êxtase, pediu aos presentes que certificassem por escrito o que acabavam de ver. Então foi escrito à margem do desenho o seguinte: “Executado em treze segundos, em nossa presença, pela Sra. French; certificado pelos abaixo-assinados. 22 de novembro de 1860, 4ª Avenida, nº 8. Seguem-se dezenove assinaturas.”

Não temos nenhum motivo para duvidar da autenticidade do fato, nem suspeitar da boa-fé da Sra. French, que não conhecemos. Mas é de convir que essa maneira de proceder teria algo de pouco convincente para os nossos incrédulos, que não deixariam de fazer objeções e de dizer que todos os preparativos teriam um ar de familiaridade com a prestidigitação, que faz as mesmas coisas, aparentemente sem tantos embaraços. Confessamos estar um pouco de acordo com eles. Que os desenhos tenham sido feitos, é incontestável; somente a origem não nos parece provada de maneira autêntica. Seja como for, admitindo-se que não tenha havido nenhuma fraude, é, sem a menor dúvida, um dos mais curiosos fatos de *escrita e de desenhos diretos*, dos quais a teoria nos explica a possibilidade. Sem essa teoria semelhantes fatos seriam, à primeira vista, relegados como fábulas ou manobras de prestidigitação. Mas, pelo fato mesmo de nos dar a conhecer as condições nas quais os fenômenos podem produzir-se, ela deve tornar-nos tanto mais circunspetos para não os aceitar senão com conhecimento de causa.

Decididamente os médiuns americanos têm uma especialidade para a produção de fenômenos extraordinários, pois os jornais do país estão cheios de uma porção de fatos do gênero, de que nossos médiuns europeus estão longe de se aproximarem. Assim, do outro lado do Atlântico, dizem que ainda estamos muito atrasados em *Espiritismo*. Quando perguntamos aos Espíritos a razão dessa diferença, eles responderam: “A cada um o seu papel; o vosso não é o mesmo, e Deus não vos reservou a menor parte na obra de regeneração.” A considerar o mérito dos médiuns pelo ponto de vista da rapidez da execução, pela energia e pelo poder dos efeitos, os nossos são apagados ao lado daqueles; entretanto, conhecemos muitos que não trocariam as simples e consoladoras comunicações que recebem, pelos prodígios dos médiuns americanos. Elas bastam para lhes dar a fé, e eles preferem o que toca a alma ao que lhes fere os olhos; a moral que consola e torna melhor, aos fenômenos que impressionam. Por um instante, na

Europa, preocuparam-se com os fatos materiais; mas logo os deixaram de lado pela Filosofia, que abre um campo mais vasto ao pensamento e tende para o objetivo final e providencial do Espiritismo: a regeneração social. Cada povo tem seu gênio particular e suas tendências especiais e cada um, nos limites que lhe são assinalados, concorre para os planos da Providência. O mais adiantado será aquele que marchar mais depressa na via do progresso moral, porquanto é este que mais se aproximará dos desígnios de Deus.

Exploração do Espiritismo

A América do Norte reivindica, a justo título, a honra de ter sido a primeira nos últimos tempos a revelar as manifestações de além-túmulo. Por que não deveria ser ela a primeira a dar o exemplo do tráfico e por que, nesse povo tão adiantado sob tantos aspectos, e tão digno de nossa simpatia, o instinto mercantil não se tenha detido no limiar da vida eterna? Quando lemos seus jornais, em cada página vemos anúncios como estes:

“Srta. S. E. Royers, sonâmbula, médium-médico, cura psicologicamente por simpatia. Tratamento comum, se necessário. – Descrição da fisionomia, da moralidade e do Espírito das pessoas. Das dez horas ao meio-dia; das duas às cinco da tarde; das sete às dez da noite, exceto às sextas, sábados e domingos, a não ser por acordo antecipado. Preço: 1 dólar por hora (5 fr. 42 c.)”

Pensamos que a simpatia do médium por seus doentes deve estar na razão direta da quantidade de dólares que lhe pagam. Julgamos supérfluo dar os endereços.

“Srta. E. C. Morris, médium escrevente. Das dez horas ao meio-dia; das duas às quatro da tarde; de sete às nove da noite.”

“J. B. Conklin, médium. Recebe visitantes em seus salões todas as noites. Atende em domicílio.”

“A. C. Styles, médium lúcido. Garante o diagnóstico exato da doença da pessoa presente, mediante pagamento. Regras estritamente observadas: Para um exame lúcido e prescrições, com a pessoa presente, 2 dólares; para descrições psicométricas dos caracteres, 3 dólares. Não esquecer que as consultas são pagas antecipadamente.”

“Aos amadores do Espiritismo. Srta. Beck, médium *crisiáco*, falando, soletrando, batendo e raspando. Os verdadeiros observadores podem consultá-la das nove horas da manhã às dez horas da noite, em sua casa. Um médium batedor muito poderoso está associado à Srta. Beck.”

Pensam que tal comércio só seja feito por especuladores obscuros e ignorantes? Eis o que prova o contrário:

“O Dr. G. A. Redman, médium experiente, está de volta a Nova Iorque. É encontrado em seu domicílio, onde recebe como outrora.”

O tráfico do espiritualismo estendeu-se até os objetos comuns. Assim, lemos no *Spiritual Telegraph*, de Nova Iorque, o anúncio de “*Fósforos Espirituais*; nova invenção sem fricção e sem cheiro.”

O que é mais honroso para esse país do que esses anúncios é o artigo seguinte, que encontramos no *Weekly American*, de Baltimore, de 5 de fevereiro de 1859:

“*Estatística do Espiritualismo*. O *Spiritual Register*, de 1859, estima em 1.284.000 o número de espiritualistas nos Estados Unidos. Em Maryland há 8.000. O número total no mundo é avaliado em 1.900.000. O *Register* conta 1.000 oradores espi-

ritualistas; 40.000 médiuns públicos e privados; 500 livros e brochuras; 6 jornais hebdomadários, 4 mensais e 3 quinzenais, consagrados a essa causa.”

Os médiuns especuladores ganharam a Inglaterra. Em Londres contam-se diversos que não cobram menos de um guinéu por sessão. Caso se aventurem a introduzir-se na França, esperamos que o bom-senso dos verdadeiros espíritas lhes faça justiça.

A produção dos efeitos materiais mais excita a curiosidade do que toca o coração. Daí, nos médiuns com aptidão especial para obter tais efeitos, uma propensão para explorar essa curiosidade. Os que apenas recebem comunicações morais de ordem elevada têm uma instintiva repugnância por tudo quanto cheira a especulação desse gênero. Para isso há nos primeiros um duplo motivo: primeiro, porque a exploração da curiosidade é mais lucrativa, pois os curiosos são abundantes em todo o país; depois, porque os fenômenos físicos, agindo menos sobre o moral, há neles menos escrúpulos. Aos seus olhos, sua faculdade é um dom que deve sustentá-los na vida, como uma bela voz para um cantor; a questão moral é secundária ou nula. Desse modo, uma vez neste caminho, o atrativo do ganho desenvolve o gênio da astúcia; como é preciso ganhar dinheiro, não se quer falhar na reputação de habilidade, cometendo trapalhadas. Aliás, quem garante que o cliente que hoje vem voltará amanhã? É preciso, pois, satisfazê-lo a qualquer preço; se o Espírito não colabora, o médium vem em seu auxílio, o que de outro modo é muito mais fácil para as coisas materiais do que para as comunicações inteligentes, de elevado alcance moral e filosófico. Para os primeiros, a prestidigitação tem recursos que faltam absolutamente aos outros. Eis por que dizemos que é preciso considerar, antes de tudo, a moralidade do médium; que a melhor garantia contra a trapaça está em seu caráter, em sua honorabilidade, em seu desinteresse absoluto. Em qualquer parte onde se insinua a sombra do interesse, por menor que seja, tem-se o direito de suspeitar. A fraude é sempre condenável, mas quando

se liga às coisas de ordem moral é um sacrilégio. Aquele que, só conhecendo de nome o Espiritismo, busca imitar-lhe os efeitos, não é mais repreensível que o saltimbanco, ao imitar as experiências do físico. Sem dúvida, mais valeria que tal não acontecesse; mas, na verdade, ele não engana a ninguém, porque não faz mistério de sua qualidade: só esconde os meios. Já o mesmo não acontece com aquele que, falsificando, ilude a boa-fé de outrem com o ignóbil objetivo de especular. É mais que fraude: é hipocrisia, porquanto se dá por aquilo que não é; e é ainda mais culpado se, realmente possuindo algumas faculdades, delas se serve para melhor abusar da confiança que lhe concedem. Mas Deus sabe o que lhe está reservado, talvez ainda nesta vida. Se os falsos médiuns não fizessem mal senão a si próprios, só haveria um meio-mal; o que é mais deplorável são as armas que fornecem aos incrédulos e o descrédito que lançam sobre a questão no espírito dos indecisos, desde que reconhecida a fraude. Não contestamos as faculdades, até mesmo poderosas, de certos médiuns mercenários, mas dizemos que o atrativo do ganho é uma tentação de fraude que deve inspirar uma desconfiança tanto mais legítima quanto não se pode ver nessa exploração um excesso de zelo apenas pelo bem da causa. Ainda que não houvesse fraude, nem por isso a censura deixaria de atingir aquele que especula com uma coisa tão sagrada como as almas dos mortos.

Variedades

AS VISÕES DO SR. O.

Extraímos o seguinte relato do *Spiritual Magazine*, publicado em Londres, em seu número de abril de 1861.

“O Sr. O..., gentil-homem de Glocestershire, jamais tivera visões até o momento em que veio residir em P..., a 3 de outubro de 1859. Cerca de quinze dias após sua chegada, começou a ver à noite; de início eram raios de luz, que vinham iluminar o seu

quarto, passando pela vidraça. Prestou-lhe pouca atenção, atribuindo-os à lanterna de um guarda ou a um relâmpago demorado. Todavia, uma noite em que fixava os olhos na parede do quarto, viu formar-se uma rosa e depois estrelas de várias formas. Outra noite viu, na misteriosa luz, dois magníficos anjos com uma trombeta. Nessa noite o Sr. O... se havia recolhido mais cedo que de costume por causa de leve indisposição que sentia. A presença dos dois anjos, que durou um ou dois segundos, fez-lhe experimentar doce sensação, que se prolongou depois de sua partida.

“Na semana seguinte a mesma luz lhe apareceu com a figura de uma criança, a abraçar um pequeno gato. Várias outras figuras igualmente apareceram, mas muito obscuras para serem distinguidas. Em março viu o perfil de uma dama, rodeada de um círculo luminoso; reconheceu sua mãe e exclamou muito alegre: ‘Minha mãe! minha mãe!’ mas logo a visão se desvaneceu. Na mesma noite, viu uma bela senhora, vestida com distinção, chapéu à cabeça.

“Uma ou duas noites depois viu um belo cachorrinho e um menino. A seguir apareceu-lhe uma luz semelhante à de uma janela, cujo contorno não estava nitidamente delimitado, o que se repetiu quatro vezes e, nas três primeiras, durante cerca de meio minuto. O Sr. O... recolheu-se e procurou adivinhar o sentido dessa visão, imaginando significasse que ele não teria mais que três anos ou três meses de vida. A luz voltou ainda uma vez; o Sr. O... levantou-se e a luz desapareceu ao cabo de um minuto.

“A 3 de abril ele viu uma luz produzindo o efeito de uma fenda luminosa e, no interior do quarto, uma parte do rosto de um homem: só a fronte, os olhos e o nariz eram visíveis. Muito grandes e muito salientes, os olhos o fitavam fixamente; logo desapareceu. Nas datas adiante teve ainda as seguintes visões:

“4 de abril – Rosto e busto de uma dama, sorrindo para duas crianças que se abraçavam. Pouco depois era a parte superior

da cabeça de um homem que o Sr. O... reconheceu, pelo cabelo e pela frente, como um de seus amigos, falecido recentemente; 27 de julho – Uma mão, dirigida para baixo; a princípio apareceu na parede como uma luz fosforescente, tomando gradualmente a forma de mão. Então ele viu a cabeça de um homem idoso, pertencente a essa mão, um passarinho cinzento, de penas claras. O rosto o olhava com ar solene, mas desapareceu; o Sr. O... foi tomado de certo medo e sentiu-se tremer, ao mesmo tempo que experimentava agradável sensação de calor. Viu também um rolo de papel sobre o qual havia hieróglifos; 12 de dezembro – Um pássaro em seu ninho dando de comer aos filhotes; 13 de dezembro – Duas cabeças de leopardos; 15 de dezembro – Forte pancada foi ouvida pela Srta. S... em seu quarto, e que despertou o Sr. O..., profundamente adormecido; 16 de dezembro – Toque de sinos, ouvido também pela Srta. S... Um anjo e uma criança brilhante, que se transformam em flores. Uma cabeça de cervo, com grandes chifres; 18 de dezembro – alguns rostos e dois pombos; 20 de dezembro – Vários rostos de homens, mulheres e crianças; 1^o de janeiro – uma grande embarcação, atrás da qual se ergue gradualmente a cabeça de uma criança, que acaba por voar para frente; 3 de janeiro – Um querubim e uma criança.

“Uma noite ele viu um quadro, representando soberba paisagem, como se fora uma abertura na obscuridade; via prados, campos, árvores, etc.; um homem a passear e uma vaca. A mais bela claridade do Sol iluminava a paisagem. O que há de particular nessas visões luminosas é que muitas vezes a luz clareia todo o quarto, de maneira a deixar ver os móveis como em pleno dia. Quando ela desaparece, tudo retorna à obscuridade.

“O Sr. O... teve muitas outras visões, das quais não teve o cuidado de tomar nota.

Parece-nos que há o suficiente para nos permitir apreciá-las e não pensamos que nenhuma pessoa esclarecida sobre a causa e

a natureza dos fenômenos espíritas possa considerá-las como verdadeiras aparições. Se se reportarem ao primeiro artigo deste número, no qual tentamos determinar o caráter da alucinação, compreenderão a analogia que ela tem com as figuras que muitas vezes se apresentam em estados de sonolência, e que devem ter as mesmas causas; disto estamos convencidos pelo simples fato da multidão de animais que ele viu. Sabe-se que não há Espíritos de animais errantes no mundo invisível e que, conseqüentemente, não pode haver aparições de animais, salvo o caso em que um Espírito fizesse surgir uma aparência desse gênero, com um fim determinado, o que não deixaria de ser sempre uma aparência, e não o Espírito real, de tal ou qual animal²⁵. O fato das aparições é incontestável, mas é preciso guardar-se de vê-las em toda parte e de tomar como tais o jogo de certas imaginações facilmente exaltáveis, ou a visão retrospectiva das imagens impressas no cérebro. A própria minúcia com a qual o Sr. O... revela certas particularidades insignificantes é um indício da natureza das preocupações de seu espírito.

Em resumo, nada encontramos nas visões do Sr. O... que tenha o caráter das aparições propriamente ditas e acreditamos haver muita inconveniência em propagar semelhantes fatos sem os devidos comentários e sem as reservas que a prudência recomenda, porque, sem o querer, estaríamos fornecendo armas à crítica.

OS ESPÍRITOS E A GRAMÁTICA

Um grave erro gramatical foi descoberto em *O Livro dos Espíritos* por um profundo crítico, que nos dirigiu a seguinte nota:

“Leio à página 384, *parágrafo* 911²⁶, linha 23, em vosso *O Livro dos Espíritos*: ‘Há muitas pessoas que dizem: *Quero*; mas a

25 **N. do T.:** Vide a questão 600, de *O Livro dos Espíritos*, e o item 283, de *O Livro dos Médiuns*.

26 **N. do T.:** Grifo nosso. O crítico alude ao parágrafo 911, mas, em verdade, refere-se à pergunta de mesmo número, inserida no Livro III, Capítulo XII, de *O Livro dos Espíritos*.

vontade só lhes está nos lábios; eles querem, porém muito satisfeitos ficam que assim não seja'. Se tivésseis dito: 'Elas querem e ficam muito satisfeitas que assim não seja', não credes que o francês teria lucrado? Eu seria levado a pensar que o vosso Espírito protetor escrevente seja um farsista que vos faz cometer erros de linguagem. Apressai-vos em puni-lo e, sobretudo, em corrigi-lo."

Lamentamos não poder enviar os nossos agradecimentos ao autor desta observação. Mas, sem dúvida, é por modéstia e para se furtar ao testemunho de nosso reconhecimento que ele esqueceu de pôr seu nome e endereço, limitando-se a assinar: *Um Espírito protetor da língua francesa*. Considerando-se que esse senhor, ao que parece, se dá ao trabalho de ler nossas obras, pedimos aos Espíritos bons o obséquio de colocar nossa resposta sob os seus olhos.

Torna-se evidente ser do conhecimento desse senhor que o substantivo pessoa é do feminino e que os adjetivos e os pronomes concordam em gênero e número com o substantivo ao qual se referem. Infelizmente nem tudo se ensina na escola, sobretudo em questões da língua francesa. Se tal senhor, que se declara protetor de nossa língua, tivesse transposto os limites da gramática de Lhomond, saberia que se encontra em *Regnard* a seguinte frase: *Embora essas três pessoas tivessem interesses muito diferentes, eles eram, todavia, atormentados pela mesma paixão*. E esta outra, em *Vaugelas*: *As pessoas consumidas na virtude em todas as coisas têm uma retidão de espírito e uma atenção judiciosa que as impede de ser murmuradores*. Daí a regra que se acha na *Gramática Normal dos Exames*, pelos senhores Levi Alvarès e Rivail, na de Bonifácio, etc.

"Às vezes empregamos, *por silepse*, o pronome *ele* para substituir o substantivo *pessoa*, embora esta última palavra seja feminina. Tal concordância só pode ocorrer quando, no pensamento, o vocábulo pessoa não representa exclusivamente mulheres e, além disso, quando o pronome *ele* está bastante afastado para que o ouvido não seja ferido de modo desagradável."

A respeito do pronome ninguém, que é masculino, encontra-se a seguinte observação: “Entretanto, quando o pronome *ninguém* designa especialmente uma mulher, o adjetivo que a ele se refere pode ser posto no feminino; pode-se dizer: *Ninguém é mais bonita que Rosina* (Bonifácio)²⁷.

Os Espíritos que ditaram a frase em questão não são tão ignorantes quanto pretende aquele senhor. Seríamos mesmo levado a crer que sabem um pouco mais que ele, embora em geral não se melindrem muito com a correção gramatical, a exemplo de muitos dos nossos sábios, que não primam pela ortografia. *Moral*: É bom saber antes de criticar.

Seja como for, para acalmar os escrúpulos dos que não sabem muito, e julgam a doutrina em perigo por um erro de linguagem, real ou imaginário, nós alteramos a concordância na quinta edição de *O Livro dos Espíritos*, que acaba de ser lançada, porque:

...Com boa vontade, aos rimadores audaciosos o uso ainda permite, creio, a escolha entre os dois.

É um verdadeiro prazer ver o trabalho que se dão os adversários do Espiritismo para o atacar com todas as armas que lhes caem às mãos. Mas o que há de singular é que, malgrado a quantidade de setas que lhe arremessam, apesar das pedras semeadas em seu caminho, *não obstante as armadilhas que lhe estendem para fazê-lo desviar-se de seu objetivo*, nenhum meio foi ainda encontrado para o deter em sua marcha e ele ganha um terreno desesperador para os que julgam abatê-lo com piparotes. Depois dos piparotes os atletas de folhetim experimentaram as bordoadas, mas ele nem sequer se abalou; em vez disso avançou mais rápido.

27 N. do T.: Para os leitores da língua portuguesa essas lições gramaticais de Allan Kardec só farão sentido se considerarmos que, em francês, os vocábulos *peessoa* e *ninguém* são homógrafos (*personne*).

Dissertações e Ensinos Espíritas

POR DITADOS ESPONTÂNEOS

O PAPEL DOS MÉDIUNS NAS COMUNICAÇÕES²⁸

(Obtido pelo Sr. d'Ambel, médium da Sociedade)

Seja qual for a natureza dos médiuns escreventes, quer mecânicos ou semimecânicos, quer simplesmente intuitivos, não variam essencialmente os nossos processos de comunicação com eles. De fato, nós nos comunicamos com os Espíritos encarnados, da mesma forma que com os Espíritos propriamente ditos, tão-só pela irradiação do nosso pensamento.

Os nossos pensamentos não precisam da vestidura da palavra para serem compreendidos pelos Espíritos e todos eles percebem os pensamentos que lhes desejamos transmitir, sendo suficiente que lhes dirijamos esses pensamentos, e isto em razão de suas faculdades intelectuais. Quer dizer que tal pensamento tais ou quais Espíritos o podem compreender, em virtude do adiantamento deles, ao passo que, para tais outros, por não despertarem nenhuma lembrança, nenhum conhecimento que lhes dormitem no fundo do coração, ou de seu cérebro, esses mesmos pensamentos não lhes são perceptíveis. Neste caso, o Espírito encarnado que nos serve de médium é mais apto a exprimir o nosso pensamento a outros encarnados, se bem não o compreenda, do que um Espírito desencarnado, mas pouco adiantado, se fôssemos forçado a servir-nos dele, porquanto o ser terreno põe seu corpo, como instrumento, à nossa disposição, o que o Espírito errante não pode fazer.

Assim, quando encontramos em um médium o cérebro povoado de conhecimentos adquiridos na sua vida atual e o seu Espírito rico de conhecimentos latentes, obtidos em vidas anteriores, susceptíveis de nos facilitarem as comunicações, dele de

28 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, capítulo XIX, item 225.

preferência nos servimos, porque com ele o fenômeno da comunicação se nos torna muito mais fácil do que com um médium de inteligência limitada e de escassos conhecimentos anteriormente adquiridos. Vamos fazer-nos compreensíveis por meio de algumas explicações claras e precisas.

Com um médium cuja inteligência atual ou anterior se ache desenvolvida, o nosso pensamento se comunica instantaneamente de Espírito a Espírito, por uma faculdade peculiar à essência mesma do Espírito. Nesse caso, encontramos no cérebro do médium os elementos próprios a dar ao nosso pensamento a vestidura da palavra que lhe corresponda, e isto quer o médium seja intuitivo, semimecânico, ou inteiramente mecânico. Essa a razão por que, seja qual for a diversidade dos Espíritos que se comunicam com um médium, os ditados que este obtém, embora procedendo de Espíritos diferentes, trazem, quanto à forma e ao colorido, o cunho que lhe é pessoal. Com efeito, se bem o pensamento lhe seja de todo estranho, se bem o assunto esteja fora do âmbito em que ele habitualmente se move, se bem o que nós queremos dizer não provenha dele, nem por isso deixa o médium de exercer influência, no tocante à forma, pelas qualidades e propriedades inerentes à sua individualidade. É exatamente como quando observais panoramas diversos, com lunetas matizadas, verdes, brancas, ou azuis; embora os panoramas, ou objetos observados, sejam inteiramente opostos e independentes, em absoluto, uns dos outros, não deixam por isso de afetar uma tonalidade que provém das cores das lunetas. Ou, melhor: comparemos os médiuns a esses recipientes de vidro cheios de líquidos coloridos e transparentes que se vêem nos mostruários dos laboratórios farmacêuticos. Pois bem, nós somos como as luzes que clareiam certos panoramas morais, filosóficos e internos, através dos médiuns, azuis, verdes ou vermelhos, de tal sorte que os nossos raios luminosos, obrigados a passar através de vidros mais ou menos bem facetados, mais ou menos transparentes, isto é, de médiuns mais ou menos inteligentes, só

chegam aos objetos que desejamos iluminar, tomando a coloração, ou, melhor, a forma de dizer própria e particular desses médiuns. Enfim, para terminar com uma última comparação: nós os Espíritos somos quais compositores de música, que hão composto, ou querem improvisar uma ária e que só têm à mão ou um piano, um violino, uma flauta, um contrabaixo ou uma gaita de dez centavos. É incontestável que, com o piano, a flauta ou o violino, executaremos a nossa composição de modo muito mais compreensível para os ouvintes. Se bem sejam muito diferentes uns dos outros os sons produzidos pelo piano, pelo contrabaixo e pela clarineta, nem por isso ela deixará de ser idêntica em qualquer desses instrumentos, abstração feita dos matizes do som. Mas, se só tivermos à nossa disposição uma gaita de dez centavos, ou um instrumento improvisado qualquer, aí está para nós a dificuldade.

Efetivamente, quando somos obrigados a servir-nos de médiuns pouco adiantados, muito mais longo e penoso se torna o nosso trabalho, porque nos vemos forçados a lançar mão de formas incompletas, o que é para nós uma complicação, pois somos constrangidos a decompor os nossos pensamentos e a ditar palavra por palavra, letra por letra, constituindo-se isso uma fadiga e um aborrecimento, assim como um entrave real à presteza e ao desenvolvimento das nossas manifestações.

Por isso é que gostamos de achar médiuns bem adestrados, bem aparelhados, munidos de materiais prontos a serem utilizados, numa palavra: bons instrumentos, porque então o nosso perispírito, atuando sobre o daquele a quem *mediunizamos*, nada mais tem a fazer senão impulsionar a mão que nos serve de lapiseira, ou caneta, enquanto que, com os médiuns insuficientes, somos obrigados a um trabalho análogo ao que temos quando nos comunicamos mediante pancadas, isto é, formando, letra por letra, palavra por palavra, cada uma das frases que traduzem os pensamentos que vos queiramos transmitir.

É por estas razões que de preferência nos dirigimos, para a divulgação do Espiritismo e para o desenvolvimento das faculdades mediúnicas escreventes, às classes cultas e instruídas, embora seja nessas classes que se encontram os indivíduos mais incrédulos, mais rebeldes e mais imorais. É que, assim como deixamos hoje, aos Espíritos galhofeiros e pouco adiantados, o exercício das comunicações tangíveis, de pancadas e transportes, assim também os homens pouco sérios preferem o espetáculo dos fenômenos que lhes afetam os olhos ou os ouvidos, aos fenômenos puramente espirituais, puramente psicológicos.

Quando queremos transmitir ditados espontâneos, atuamos sobre o cérebro, sobre os arquivos do médium e preparamos os nossos materiais com os elementos que ele nos fornece e isto à sua revelia. É como se lhe tomássemos à bolsa as somas que ele aí possa ter e puséssemos as moedas que as formam na ordem que mais conveniente nos parecesse.

Mas quando o próprio médium é quem nos quer interrogar, bom é reflita nisso seriamente, a fim de nos fazer com método as suas perguntas, facilitando-nos assim o trabalho de responder a elas. Porque, como já dissemos em instrução anterior, o vosso cérebro está freqüentemente em inextricável desordem e, não só difícil, como também penoso se nos torna mover-nos no dédalo dos vossos pensamentos. Quando seja um terceiro quem nos haja de interrogar, é bom e conveniente que a série de perguntas seja comunicada de antemão ao médium, para que este se identifique com o Espírito do evocador e dele, por assim dizer, se impregne, porque, então, nós outros teremos mais facilidade para responder, por efeito da afinidade existente entre o nosso e o perispírito do médium que nos serve de intérprete.

Sem dúvida, podemos falar de matemáticas, servindo-nos de um médium a quem estas sejam absolutamente estranhas; porém, quase sempre, o Espírito desse médium possui, em estado latente, conhecimento do assunto, isto é, conhecimento peculiar ao

ser fluídico e não ao ser encarnado, por ser o seu corpo atual um instrumento rebelde, ou contrário, a esse conhecimento. O mesmo se dá com a astronomia, com a poesia, com a medicina, com as diversas línguas, assim como com todos os outros conhecimentos peculiares à espécie humana.

Finalmente, ainda temos como meio penoso de elaboração, para ser usado com médiuns completamente estranhos ao assunto de que se trate, o da reunião das letras e das palavras, uma a uma, como em tipografia.

Conforme acima dissemos, os Espíritos não precisam revestir seus pensamentos; eles os percebem e transmitem, reciprocamente, pelo só fato de os pensamentos existirem neles. Os seres corpóreos, ao contrário, só podem perceber os pensamentos, quando revestidos. Enquanto que a letra, a palavra, o substantivo, o verbo, a frase, em suma, vos são necessários para perceberdes, mesmo mentalmente, as idéias, nenhuma forma visível ou tangível nos é necessária.

*Erasto e Timóteo,
Espíritos protetores dos médiuns*

HOSPITAL PÚBLICO²⁹

(Recebido pelo Sr. A. Didier, médium da Sociedade)

Uma noite de inverno eu seguia os cais sombrios que confinam Notre-Dame. Como bem o compreendeu um poeta, é o bairro do desespero e da morte. Essa região sempre foi, desde o Pátio dos Milagres até o Necrotério, o receptáculo de todas as misérias humanas. Hoje, que tudo se desmorona, esses imensos monumentos da agonia, que o homem chama Santas Casas de Misericórdia, talvez venham a cair também. Eu olhava essas luzes embaciadas que varam paredes sombrias e me dizia: Quantas

29 **N. do T.:** *L'Hôtel-Dieu*, em francês. Corresponde às nossas Santas Casas de Misericórdia.

mortes desesperadas! que fossa comum do pensamento, que traga diariamente tantos corações mudados, tantas inocências gangrenadas! É lá que têm morrido tantos sonhadores, poetas, artistas ou sábios! Há um pequeno corredor em ponte sobre o riacho que corre pesadamente; é por ali que passam os que não vivem mais. Os mortos são levados, então, para outro edifício, em cuja fachada deveriam escrever como na porta do inferno: Aqui não há mais esperança. Efetivamente, é aí que o corpo é recortado para servir à Ciência, mas é também aí que a Ciência subtrai à fé o menor vestígio de esperança.

Preso de tais pensamentos eu havia dado alguns passos, mas o pensamento vai mais rápido que nós. Fui alcançado por um rapaz, pálido e tiritando de frio que, sem-cerimônia, pediu fogo para o cachimbo; era um estudante de Medicina. Dito e feito; eu também fumava e entabulei conversa com o desconhecido. Descorado, magro e enfraquecido pelas vigílias, fronte vasta e olhos tristes, tal era, à primeira vista, o aspecto desse homem. Parecia pensativo e eu lhe comuniquei meus pensamentos. – “Acabo de dissecar, disse ele, mas só encontrei a matéria. Ah! meu Deus, acrescentou ele com um sangue-frio glacial, se quiserdes vos desembaraçar da estranha doença cognominada de crença na imortalidade da alma, ide ver diariamente, como eu, dissolver-se com tanta uniformidade essa matéria que chamamos corpo; ide ver como se apagam esses cérebros entusiastas, esses corações generosos ou degradados; ides ver se o nada que os apanha não é o mesmo em todos. Que loucura acreditar!” – Perguntei-lhe a idade. – “Tenho 24 anos, disse ele; agora devo deixar-vos, porque faz muito frio.”

Ao vê-lo afastar-se, perguntei a mim mesmo: É isto o resultado da Ciência?

Continuarei.

Nota – Alguns dias mais tarde a Sra. Costel recebeu, em sua casa, a comunicação seguinte, cuja analogia com a precedente oferece notável particularidade.

Uma noite eu seguia pelos cais desertos; o tempo estava bonito e fazia calor. As estrelas de ouro se destacavam no azul sombrio; a Lua arredondava seu círculo elegante e seus níveos raios iluminavam como um sorriso a água profunda. Os álamos, guardas silenciosos das margens do Sena, erguiam suas formas esbeltas e eu passava lentamente, ora olhando o reflexo dos astros na água, ora o reflexo de Deus na abóbada azulada. À minha frente caminhava uma mulher e, com uma curiosidade pueril, eu lhe seguia os passos, que pareciam regular os meus. Caminhamos assim durante muito tempo. Chegados em frente ao Hospital, cujas fachadas deixavam ver aqui e ali aberturas iluminadas, ela parou e, virando-se para mim, dirigiu-me subitamente a palavra, como se eu fosse seu companheiro. – Amigo, perguntou ela, crês que os que sofrem aqui sofrem mais da alma que do corpo? ou crês que a dor física extingue a centelha divina? – Creio, respondi eu, profundamente surpreso, que, para a maioria dos infelizes, que a esta hora sofrem e agonizam, a dor física é o descanso e o esquecimento de suas misérias habituais. – Tu te enganas, amigo, retomou ela, sorrindo gravemente. A doença é a suprema angústia para os deserdados da Terra, para os pobres, os ignorantes e os abandonados; ela só deixa no esquecimento os que, semelhantes a ti, não sofrem senão a nostalgia dos bens sonhados e só conhecem as dores idealizadas, coroadas de violetas. Quis falar; ela fez sinal que me calasse e, erguendo a branca mão para o Hospital, disse: Ali se agitam infelizes que calculam o número de horas roubadas pela doença ao seu salário; ali mulheres angustiadas pensam no cabaré que entorpece a mágoa e faz os maridos esquecerem o pão dos filhos; ali, acolá, em toda parte as preocupações terrenas apertam e sufocam o pálido clarão da esperança, que não pode resvalar nessas almas desoladas. Deus é ainda mais esquecido por esses infelizes, vencidos pelo sofrimento, do que no seu paciente

labor; é que Deus está muito alto, muito distante, enquanto a miséria está próxima. Que fazer, então, para dar a esses homens, a essas mulheres, o impulso moral necessário para que se despojem de seu invólucro carnal, não como insetos rastejantes, mas como criaturas inteligentes, ou para que entrem menos sombrios e menos desesperados na batalha da vida? Tu, sonhador; tu, poeta que rimas sonetos à Lua, alguma vez já pensaste nesse formidável problema que só duas palavras podem resolver: caridade e amor?

A mulher parecia crescer e o frêmito das coisas divinas corria em mim. Escuta ainda – retomou ela, e sua grande voz parecia encher a cidade com a sua harmonia – Ide todos, vós os poderosos, os ricos, os inteligentes; ide espalhar uma notícia maravilhosa; dissei aos que sofrem e que estão abandonados, que Deus, seu pai, não mais está refugiado no céu inacessível e lhes envia, para os consolar e assistir, os Espíritos daqueles que eles perderam; que seus pais, suas mães, seus filhos, curvados à sua cabeceira e lhes falando a língua conhecida, ensinar-lhes-ão que além da tumba brilha uma nova aurora, semelhante a uma nuvem que dissipa os males terrenos. O anjo abre os olhos de Tobias; que, por sua vez, o anjo do amor abra as almas fechadas dos que sofrem sem esperança. E, dizendo isto, a mulher tocou levemente minhas pálpebras e eu vi, através das paredes do Hospital, os Espíritos, puras chamas, que faziam resplandecer as salas desoladas. Sua união com a Humanidade se consumava, e as chagas da alma e do corpo eram pensadas e aliviadas pelo bálsamo da esperança. Legiões de Espíritos, mais inumeráveis e mais brilhantes que as estrelas, expulsavam de sua frente, como vapores impuros, o desespero, a dúvida, e do ar, da terra, do rio, escapava uma só palavra: amor.

Fiquei muito tempo imóvel e transportado para fora de mim mesmo; depois as trevas invadiram novamente a Terra; o espaço tornou-se deserto. Quando olhei ao meu redor a mulher não mais estava; um grande tremor agitou-me e fiquei indiferente

ao que me cercava. Desde essa noite chamaram-me de sonhador e de louco. Oh! que doce e sublime loucura a de crer no despertar do túmulo! Mas como é pungente e estúpida a loucura que mostra o nada como única compensação de nossas misérias, como única recompensa às virtudes obscuras e modestas! Qual é, aqui, o verdadeiro louco: o que espera, ou o que desespera?

Alfred de Musset

Após a leitura desta comunicação, Gérard de Nerval dita espontaneamente o que segue, por outro médium, o Sr. Didier:

“Meu nobre amigo Musset terminou por mim. Nós nos havíamos entendido; já que a continuação era exatamente a resposta à primeira parte que ditei, era preciso um estilo diferente e imagens mais consoladoras.”

A PRECE

Enviada pelo Sr. Sabò³⁰, de Bordeaux

Tempestade de paixões humanas, que abafais os bons sentimentos de que todos os Espíritos encarnados trazem uma vaga intuição no fundo da consciência, quem acalmará a vossa fúria? É a prece que deve proteger os homens contra o fluxo desse oceano, cujo seio encerra os monstros horrendos do orgulho, da inveja, do ódio, da hipocrisia, da mentira, da impureza, do materialismo e das blasfêmias. O dique que lhe opondes pela prece é construído com a pedra e o cimento mais duros e, impotentes para o transpor, esses monstros se esgotam em vãos esforços contra ele e mergulham, sangrentos e aflitos, nas profundezas abissais. Ó prece do coração, invocação incessante da criatura ao Criador, se conhecessem tua força, quantos corações arrastados pela fraqueza teriam recorrido a ti no momento da queda! Tu és o precioso antídoto que cura as chagas, quase sempre mortais, que a

30 **N. do T.:** Há três grafias na *Revue*: Sabò, Sabó e Sabo. Ficamos com a primeira, por ser, de todas, a mais freqüentemente citada nesta obra.

matéria abre no Espírito, fazendo correr em suas veias o veneno das sensações brutais. Mas como é restrito o número dos que oram bem! Acreditais que depois de haver consagrado grande parte do vosso tempo a recitar fórmulas que aprendestes, ou a lê-las em vossos livros, tereis merecido bastante de Deus? Desiludi-vos; a boa prece é a que parte do coração; não é prolixa; apenas, de vez em quando, deixa escapar seu grito a Deus em aspirações, em angústias e em rogativas de perdão, como a implorar que venha em nosso socorro e os Espíritos bons a levem aos pés do Pai justo, pois esse incenso é para Ele de agradável odor. Então Ele os envia em grupos numerosos para fortalecer os que oram bem contra o Espírito do mal; assim, tornam-se fortes como rochedos inabaláveis. Vêem quebrar-se contra eles as vagas das paixões humanas e, como se comprazem nessa luta que os deve cumular de méritos, constroem, como a alcione, seus ninhos em meio às tempestades.

Fénelon

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IV

AGOSTO DE 1861

Nº 8

Aviso

A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas decidiu, em sessão de 19 de julho, que tomará férias no período de 15 de agosto a 1º de outubro. Em consequência, as sessões serão suspensas nesse intervalo.

Fenômenos Psicofisiológicos

DAS PESSOAS QUE FALAM DE SI MESMAS NA TERCEIRA PESSOA

O jornal *Siècle*, de 4 de julho de 1861, cita o seguinte fato, segundo o jornal do Havre:

“Acaba de morrer no hospício um homem, vitimado por uma aberração mental das mais singulares. Era um soldado, chamava-se Pierre Valin, e havia sido ferido na cabeça na batalha de Solferino. Embora a ferida estivesse completamente cicatrizada, desde então ele se julgava morto.

“Quando lhe pediam notícias da saúde, respondia: ‘Quereis saber como vai Pierre Valin? Pobre rapaz! Foi morto com

um tiro na cabeça em Solferino. O que vedes aqui não é Valin; é uma máquina que fizeram à sua semelhança, mas muito malfeita. Deveríeis pedir para que fizessem outra.’

“Ao falar de si mesmo, jamais dizia eu ou a mim, mas este. Frequentemente caía em completo estado de imobilidade e de insensibilidade, que durava vários dias. Aplicados contra essa afecção, os cataplasmas e vesicatórios jamais produziram o menor sinal de dor. Muitas vezes exploraram a sensibilidade da pele desse homem, beliscando-lhe os braços e pernas, sem que manifestasse o mais leve sofrimento.

“Para assegurar-se de que não dissimulava, o médico mandava picá-lo nas costas, enquanto conversavam com ele. O doente nada percebia. Muitas vezes, Pierre Valin recusava alimentar-se, dizendo que *isto* não era necessário; que, aliás, *isto* não tinha ventre, etc.

“O fato, ademais, não é o único do gênero. Um outro soldado, igualmente ferido na cabeça, falava sempre na terceira pessoa e no feminino. Exclamava: ‘Ah! como ela sofre! Ela está com muita sede, etc.’ Inicialmente fizeram com que percebesse o erro e ele concordou, bastante surpreendido, embora continuasse a reincidir no mesmo erro, de tal sorte que nos últimos tempos de sua vida só assim se exprimia.

“Um zuavo, também em consequência de um ferimento na cabeça, não obstante perfeitamente curado, havia perdido a memória dos substantivos. Sargento instrutor, posto soubesse muito bem o nome dos soldados de seu esquadrão, só os designava por estas palavras: ‘O morenã, o castanhzinho, etc’ Para comandar, servia-se de perífrases, quando se tratava de designar o fuzil ou o sabre, etc. Foram forçados a mandá-lo para casa.

“Os últimos anos do célebre médico Baudelocque ofereceram o exemplo de uma lesão análoga, porém menos marcante. Lembrava-se muito do que houvera feito quando gozava saúde; reconhecia pela voz os que vinham vê-lo, embora acometido de cegueira; mas não tinha a mínima consciência de sua existência. Se lhe perguntassem, por exemplo: Como vai a cabeça? ele respondia: ‘Não tenho cabeça.’ Se lhe pedissem o braço para lhe tomar o pulso, respondia não saber onde ele estava. Um dia quis ele próprio apalpar o pulso; puseram-lhe a mão direita sobre o punho esquerdo; a seguir perguntou se era mesmo a sua mão que sentia, após o que se julgou muito saudável pela pulsação.”

A cada passo a fisiologia nos oferece fenômenos que parecem anomalias e ante os quais ela fica muda. Por que isto? Já o dissemos, e nunca seria demais repetir: é que ela pretende referir tudo ao elemento material, sem levar na menor conta o elemento espiritual. Enquanto se obstinar nessa via restritiva, será impotente para resolver os mil e um problemas que surgem a cada instante sob o seu escalpelo, como a lhe dizer: “Bem vêes que existe algo além da matéria; apenas, com ela, não podes explicar tudo.” E aqui não falamos unicamente de alguns fenômenos bizarros, que poderiam pegá-la desprevenida, mas dos mais vulgares efeitos. Terá ela pelo menos se dado conta dos sonhos? Não falamos sequer dos sonhos reais, desses que são percepções reais das coisas ausentes, presentes ou futuras, mas simplesmente dos sonhos fantásticos ou das recordações. A fisiologia explica como se produzem essas imagens tão claras e tão nítidas que por vezes nos aparecem? Qual o espelho mágico que, assim, conserva a imagem das coisas? No sonambulismo *natural*, que ninguém contesta, ela explica de onde vem essa estranha faculdade de ver sem o auxílio dos olhos? Não de ver vagamente, mas nos mínimos detalhes, a ponto de se poder fazer com precisão e regularidade trabalhos que, em estado normal, exigiriam uma visão aguçada? Existe, pois, em nós, alguma coisa que vê independentemente dos olhos. Nesse estado, não apenas o sensitivo age, mas pensa, calcula, combina, prevê e se entrega a trabalhos de inteligência de que é incapaz no estado de vigília e do

qual não conserva a menor lembrança. Há, portanto, algo que pensa e que não depende da matéria. O que é esse algo? Aí ela se detém. Entretanto, tais fatos não são raros. Mais de um sábio irá aos antípodas para ver e calcular um eclipse, ao passo que não vai à casa do vizinho para observar um fenômeno da alma. São muito numerosos os fatos naturais e espontâneos que provam a ação independente de um princípio inteligente, mas esta ação ressalta ainda com mais evidência nos fenômenos magnéticos e espíritas, nos quais o isolamento desse princípio se produz, por assim dizer, à vontade.

Retornemos ao nosso assunto. Narramos um fato semelhante na *Revista* de junho de 1861, a propósito da evocação do marquês de Saint-Paul. Em seus últimos momentos ele dizia sempre: “Ele tem sede; é preciso dar-lhe de beber. Ele tem frio; é preciso aquecê-lo. Ele sente dor em tal local, etc.” Mas quando lhe diziam: Mas sois vós que tendes sede, ele respondia: Não, é ele. “É que o *eu* pensante está no Espírito, e não no corpo. Já em parte desprendido, o Espírito considerava seu corpo como uma outra individualidade que, propriamente falando, não era ele. Era, pois, ao seu corpo, a esse outro indivíduo que era preciso dar de beber, e não a ele Espírito. Assim, quando na evocação lhe fizeram esta pergunta: Por que faláveis sempre na terceira pessoa? ele respondia: “Porque, como vos dissera, estava vendo e sentia nitidamente as diferenças que existem entre o físico e o moral. Essas diferenças, *ligadas entre si pelo fluido da vida*, tornam-se muito distintas aos olhos dos moribundos clarividentes.

Uma causa semelhante deve ter produzido o efeito notado nos militares a que nos referimos. Talvez digam que a ferida tenha determinado uma espécie de loucura; mas o marquês de Saint-Paul não tinha recebido nenhum ferimento; tinha em estado perfeito o raciocínio, do que estamos certos, pois fomos informados do caso por sua irmã, membro da Sociedade. O que nele se produziu de modo espontâneo pode perfeitamente, nos outros, ter sido determinado por uma causa accidental. Aliás, todos

os magnetizadores sabem que é muito comum aos sonâmbulos falarem na terceira pessoa, fazendo ainda a distinção entre a personalidade de sua alma, ou Espírito, e o corpo.

Em estado normal as duas individualidades se confundem e sua perfeita assimilação é necessária à harmonia dos atos da vida. Mas o princípio inteligente é como esses gases, que não se prendem a certos corpos sólidos senão por uma coesão efêmera, escapando ao primeiro sopro. Há sempre uma tendência de se desembaraçar de seu fardo corpóreo, desde que deixa de agir, por uma causa qualquer, a força que mantém o equilíbrio. Só a atividade *harmônica* dos órgãos mantém a união íntima completa da alma e do corpo; mas, à menor suspensão dessa atividade, a alma levanta vôo. É o que acontece no sono, no quase sono, no mero entorpecimento dos sentidos, na catalepsia, na letargia, no sonambulismo natural ou magnético, no êxtase, no que se chama *sonho acordado*, ou segunda vista, nas inspirações do gênio e em todas as grandes tensões do Espírito, que muitas vezes tornam o corpo insensível. É, enfim, o que pode ocorrer como consequência de certos estados patológicos. Uma porção de fenômenos morais não tem por causa senão a emancipação da alma. A Medicina bem que admite a influência das causas morais, mas não aceita o elemento moral como princípio ativo. Daí por que confunde esses fenômenos com a loucura orgânica, razão por que lhes aplica um tratamento puramente físico que, com muita freqüência, determina a verdadeira loucura, onde desta só havia a aparência.

Entre os fatos citados, um há que parece muito estranho: é o do militar que falava na terceira pessoa do feminino. Como já dissemos, o elemento primitivo do fenômeno é a distinção das duas personalidades em consequência do desprendimento do Espírito. Mas há uma outra causa, revelada pelo Espiritismo, e que deve ser levada em consideração, porquanto pode dar às idéias um caráter particular: é a vaga lembrança de existências anteriores que, no estado de emancipação da alma, pode despertar e permitir um olhar retrospectivo sobre alguns pontos do passado. Em tais

condições o desprendimento da alma jamais é completo e as idéias, ressentindo-se da debilidade dos órgãos, não podem ser muito lúcidas, pois não o são inteiramente nem mesmo nos primeiros momentos que se seguem à morte. Suponhamos que o homem do qual falamos haja sido mulher em sua precedente encarnação: a idéia que pudesse ter conservado poderia confundir-se com a de seu estado presente.

Não poderia encontrar-se nesse fato a causa primeira da idéia fixa de certos alienados que se julgam reis? Se o tiverem sido em outra existência, pode ficar-lhes uma lembrança que lhes dê a ilusão. Isto não passa de uma suposição, mas, para os neófitos no Espiritismo, não é desprovida de verossimilhança. Dir-se-á que se tal causa é possível neste caso, ela não poderia aplicar-se aos que se julgam lobos ou porcos, uma vez que se sabe que o homem jamais foi animal. É verdade; mas o homem pode ter estado numa condição abjeta, que o obrigasse a viver entre os animais imundos ou selvagens. Aí talvez esteja a fonte dessa ilusão, que bem poderia, em alguns, ter-lhes sido imposta como punição dos atos de sua vida atual. Quando fatos da natureza desses de que estamos falando se apresentam; se, em vez de os assimilar sistematicamente às moléstias puramente corporais, seguíssemos atentamente todas as fases, com o auxílio dos dados fornecidos pelas observações espíritas, reconheceríamos sem dificuldade a dupla causa que lhes assinalamos, e compreenderíamos que não é com duchas, cauterizações e sangrias que podem ser remediados.

O caso do Dr. Baudelocque encontra ainda sua explicação em causas análogas. Diz o artigo que ele não tinha a menor consciência de sua existência. Isto é um erro, porque não se julgava morto; apenas não tinha consciência de sua existência corpórea. Se se achasse num estado mais ou menos semelhante ao de certos Espíritos que, nos primeiros tempos após a morte, não crêem estar mortos e tomam o seu corpo pelo de um outro, a perturbação em que se encontram não lhes permite se dêem conta da situação. O que se passa com certos desencarnados pode

acontecer com certos encarnados. É assim que o Dr. Baudelocque podia fazer abstração de seu corpo e dizer que não tinha mais cabeça, porque, efetivamente, o seu Espírito não mais possuía cabeça carnal. As observações espíritas oferecem numerosos exemplos desse gênero, projetando, assim, uma luz inteiramente nova sobre uma infinita variedade de fenômenos até hoje inexplicados, e inexplicáveis sem as bases fornecidas pelo Espiritismo.

Restaria a examinar o caso do zuavo que perdera a memória dos substantivos. Mas este só pode ser explicado por considerações de ordem inteiramente diversa, que pertencem ao domínio da fisiologia orgânica. Os desenvolvimentos que ele comporta nos obrigam a consagrar-lhe um artigo especial, que publicaremos brevemente.

Manifestações Americanas

Lê-se no *Banner of Light*, jornal de Nova Iorque, de 18 de maio de 1861:

“Pensando que os fatos seguintes são dignos de atenção, nós os reunimos para serem publicados no *Banner*, e os fizemos acompanhar de nossas assinaturas, a fim de lhes atestar a sinceridade.

“Na manhã de quarta-feira, 1^o de maio, pedimos ao médium, Sr. Say, que nos encontrasse em casa do Sr. Hallock, em Nova Iorque. O médium sentou-se perto de uma mesa, sobre a qual foram colocados uma corneta de estanho, um violino e três pedaços de corda. Os convidados estavam sentados em semicírculo, em frente ao médium, a seis ou sete polegadas da mesa; suas mãos se tocavam para dar a cada um a certeza de que ninguém saía do lugar durante as experiências que vamos narrar. A luz foi retirada e foi solicitado aos convidados que cantassem. Após

alguns minutos, tendo sido trazida a luz, encontraram o médium sentado em sua cadeira, com os braços cruzados, os punhos amarrados com a corda apertada, a ponto de dificultar a circulação e inchar as mãos. A ponta da corda tinha passado para trás da cadeira e amarrava as pernas às travessas. Uma outra corda amarrava os joelhos fortemente, enquanto a terceira prendia da mesma maneira os tornozelos. Em tais condições, era claro que o médium não podia andar, nem se levantar, nem utilizar as mãos.

“Um membro do círculo colocou uma folha de papel no assoalho, debaixo dos pés do médium e, com um lápis, traçou-lhe o contorno dos pés. A luz foi retirada e quase imediatamente a corneta, impulsionada por uma força invisível, pôs-se a bater rápida e violentamente na mesa, de maneira a deixar uma porção de sinais. Da corneta saía uma voz que conversava com os presentes; a articulação das palavras era muito distinta; o som era de uma voz masculina e o tom por vezes mais alto do que na conversa normal. Uma outra voz, mais fraca, um tanto gutural e menos distinta, conversava também com a assistência. Trouxeram a luz e o médium foi encontrado em sua cadeira, pés e mãos atados como já havíamos dito e os pés sobre os papéis, dentro dos limites traçados nas linhas feitas a lápis. Mais uma vez a luz foi retirada e a corneta recomeçou como acima. Foi pedido novamente às pessoas presentes que cantassem e, quase imediatamente, as manifestações cessaram. As experiências foram repetidas várias vezes, e em cada uma delas o médium era sempre encontrado no mesmo estado. Esta foi a primeira série de manifestações.

“Novamente a luz foi retirada, os assistentes cantaram por alguns momentos, mas, ao ser aquela trazida de volta, constatou-se que o médium estava sempre amarrado à sua cadeira. Puseram uma campainha sobre a mesa e, tendo sido feita a obscuridade, ela começou a bater na mesa, na corneta e no assoalho; foi retirada da mesa e começou a tocar muito forte, parecendo percorrer um arco de cinco a seis pés a cada badalada. Durante esse tempo, o médium exclamava: *Estou aqui; estou aqui*, para mostrar que se achava sempre no mesmo lugar.

“Com fósforo, fizeram no violino uma grande marca brilhante. A luz foi retirada e logo se viu, pelo traço fosforescente, o violino elevar-se a seis ou sete pés e fazer rápidas evoluções no ar. Podia-se também acompanhá-lo pelo ouvido, porquanto as cordas vibravam no vô. Enquanto o violino flutuava, o médium exclamava: *Estou aqui; estou aqui.*

“Um membro do grupo pôs um vaso sobre a mesa, com água pela metade, e um pedaço de papel entre os lábios do médium. Levaram a luz e cantaram por alguns momentos. Trazida de volta a luz, o vaso estava vazio, sem nenhum sinal de água, nem sobre a mesa, nem no chão; o médium sempre em seu lugar e o papel seco entre os seus lábios. Isto terminou a segunda série de experiências.

“A Sra. Spence sentou-se em frente ao médium. Um senhor acomodou-se entre os dois, pondo o pé direito sobre o daquela senhora, a mão direita na cabeça do médium e a esquerda na cabeça da Sra. Spence. O médium pegou o braço direito do senhor com ambas as mãos, e a Sra. Spence fez o mesmo com o braço esquerdo. Quando a luz foi retirada, o senhor sentiu distintamente os dedos de uma mão passando sobre o seu rosto e lhe puxar o nariz; recebeu uma bofetada, ouvida pelos assistentes e o violino golpeou-lhe a cabeça, igualmente ouvido pelas outras pessoas. Cada um repetiu a experiência e sentiu os mesmos efeitos. Com isto termina a terceira série e certificamos que nada disto poderia ter sido produzido pelo Sr. Fay, nem por nenhuma outra pessoa do grupo.”

*Charles Patridge, R. T. Hallock, Sra. Sarah P. Clark,
Sra. Mary S. Hallock, Sra. Amanda, Sr. Spence, Srta. Alla Britt,
William Blondel, William P. Coles, W. B. Hallock, B. Franklin
Clark, Peyton Spence.*

Observação – Não contestamos a possibilidade de todas essas coisas, nem temos o menor motivo para duvidar da honorabilidade dos signatários, embora não os conheçamos. Todavia, mantemos as reflexões que fizemos em nosso último número, a propósito dos dois artigos sobre *Os desenhos misteriosos* e a *Exploração do Espiritismo*.

Diz-se que na América essa exploração nada tem que choque a opinião pública e acham muito natural que os médiuns se façam pagar. Isto é compreensível, de acordo com os hábitos de um país onde *time is money*; mas nem por isso deixaremos de repetir o que dissemos num outro artigo: o desinteresse absoluto é uma garantia ainda melhor que todas as precauções materiais. Se nossos escritos têm contribuído, na França e em outros países, para desacreditar a mediunidade interesseira, cremos que isto não será um dos menores serviços que terão prestado ao Espiritismo sério. Estas reflexões gerais de modo algum foram feitas tendo em vista o Sr. Fay, cuja posição perante o público desconhecemos.

A. K.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

DOM PEYRA, PRIOR DE AMILLY

Esta evocação foi feita o ano passado, na Sociedade, a pedido do Sr. Borreau, de Niort, que nos havia encaminhado a seguinte notícia:

“Há cerca de trinta anos, tínhamos no priorado de Amilly, muito perto de Mauzé, um sacerdote chamado Dom Peyra, o qual deixou na região uma reputação de feiticeiro. De fato ele se ocupava constantemente de ciências ocultas. Conta-se dele coisas que parecem fabulosas, mas que, segundo a ciência espírita, bem poderiam ter sua razão de ser. Há mais ou menos doze anos, ao fazer com uma sonâmbula experiências muito interessantes,

achei-me em relação com seu Espírito. Ele se apresentou como um auxiliar, com o qual não podíamos deixar de ter êxito; entretanto fracassamos. Depois, em pesquisas da mesma natureza, fui levado a crer que esse Espírito deveria ter-se interessado por isso. Se não for abusar de vossa benevolência, venho pedir que o evoqueis e lhe seja perguntado quais foram e quais são suas relações comigo. Partindo daí, talvez um dia eu tenha coisas interessantes a vos comunicar.”

(Primeira conversa – 13 de janeiro de 1860)

1. Evocação.

Resp. – Aqui estou.

2. De onde procedia a reputação de feiticeiro que tínheis em vida?

Resp. – Fofocas de comadres; eu estudava Química.

3. Qual o motivo que vos levou a entrar em contato com o Sr. Borreau, de Niort?

Resp. – O desejo de me distrair um pouco, a propósito do poder que ele julgava que eu tivesse.

4. Diz ele que vos apresentastes como um auxiliar em suas pesquisas. Poderíeis dizer-nos qual era a natureza dessas pesquisas?

Resp. – Não sou bastante indiscreto para trair um segredo que ele não julgou por bem vos revelar. Vossa pergunta me ofende.

5. Não queremos insistir, mas vos faremos notar que poderíeis ter respondido de modo mais conveniente a pessoas que vos interrogam seriamente e com benevolência. Vossa linguagem não é a de um Espírito adiantado.

Resp. – Sou o que sempre fui.

6. De que natureza são as coisas fabulosas que contam sobre vós?

Resp. – Como já vos disse, são fofocas. Eu conhecia a opinião que tinham de mim e, longe de tentar abafá-la, fazia o que era preciso para a favorecer.

7. Conforme a resposta precedente, parece que não progredistes após a morte.

Resp. – A bem da verdade, não procurei fazê-lo, pois não conhecia os meios. Todavia, creio que deve haver algo a fazer; há pouco pensei nisto.

8. Vossa linguagem nos surpreende, vinda da parte de um Espírito que em vida era sacerdote e que, por isto mesmo, devia ter idéias de certa elevação.

Resp. – Acredito que eu fosse muito pouco instruído.

9. Tende a gentileza de desenvolver o vosso pensamento.

Resp. – Pouco instruído para *crer*, mas bastante para *saber*.

10. Então não éreis o que se chama um bom padre?

Resp. – Oh! não!

11. Quais as vossas ocupações como Espírito?

Resp. – Sempre a Química. Creio que teria feito melhor se procurasse Deus, em vez da matéria.

12. Como pode um Espírito ocupar-se de Química?

Resp. – Oh! permiti-me dizer que a questão é pueril; acaso terei necessidade de microscópio ou de alambique para estudar as propriedades da matéria, que sabeis tão penetrável ao Espírito?

13. Sois feliz como Espírito?

Resp. – Palavra de honra! não. Creio que vos disse ter enveredado por falsa rota e vou mudá-la, sobretudo se for bastante venturoso para ser auxiliado; principalmente eu, que tive de rezar tanto pelos outros, o que, confesso, nem sempre fiz pelo dinheiro recebido; se, digo eu, não me quiserem aplicar a pena de talião.

14. Agradecemos por terdes vindo e faremos por vós o que não fizestes pelos outros.

Resp. – Valeis mais do que eu.

(Segunda conversa – 25 de junho de 1861)

Tendo o Sr. Borreau, por nosso intermédio, dirigido novas perguntas ao Espírito Dom Peyra, este foi evocado novamente, por outro medianeiro e deu as seguintes respostas, das quais se podem extrair úteis lições, quer como estudo das individualidades do mundo espírita, quer como ensinamento geral.

15. Evocação.

Resp. – Que quereis comigo e por que me incomodais?

16. Foi o Sr. Borreau, de Niort, que nos pediu para vos dirigir algumas perguntas.

Resp. – Que quer ainda de mim? Não está contente por me perturbar em Niort? Por que é necessário que me evoquem em Paris, onde nada me atrai? Bem gostaria que ele tivesse a idéia de me deixar em paz. Ele me chama, evoca-me e me põe em contato com sonâmbulos. Faz-me evocar por terceiros. Esse senhor é muito enfadonho.

17. Contudo deveis lembrar-vos de que já vos evocamos e que respondestes de maneira mais cortês que hoje; e até havíamos prometido orar por vós.

Resp. – Lembro-me muito bem; mas prometer e fazer são coisas diferentes. De fato, orastes; mas, e os outros?

18. Certamente os outros também oraram. Enfim, quereis responder às perguntas do Sr. Borreau?

Resp. – Garanto-vos que, por ele, não tenho a mínima vontade de o satisfazer, porque está sempre em minhas costas. Perdoai a expressão, mas ela é verdadeira, tanto mais quanto entre mim e ele não existe nenhuma afinidade; mas, para vós, que piedosamente chamastes sobre mim a misericórdia do Alto, quero responder o melhor que puder.

19. Dizíeis há pouco que vos incomodavam. Poderíeis dar-nos uma explicação a respeito, para nossa instrução pessoal?

Resp. – Digo ser incomodado no sentido que chamastes a minha atenção e o meu pensamento para junto de vós, ocupando-vos de mim e vi que teria de responder ao que me perguntásseis, fosse ainda por polidez. Explico-me mal; meu pensamento estava alhures, em meus estudos, minha ocupação habitual. Vossa evocação forçosamente atraiu-me a atenção sobre vós, sobre as coisas terrenas. Conseqüentemente, como não estava em meus propósitos ocupar-me de vós e da Terra, incomodaste-me.

Observação – Os Espíritos são mais ou menos comunicativos e comparecem mais ou menos de boa vontade, conforme seu caráter. Mas podemos estar certos de que, como os homens sérios, não gostam dos que os importunam sem necessidade. Quanto aos Espíritos levianos, é diferente: estão sempre dispostos a intrometer-se em tudo, mesmo quando não são chamados.

20. Quando vos pusestes em contato com o Sr. Borreau, conhecíeis suas crenças na possibilidade de fazer triunfar suas convicções pela realização de um grande fato, ante o qual a incredulidade fosse forçada a inclinar-se?

Resp. – O Sr. Borreau queria que eu o servisse numa operação meio magnética, meio espírita. Mas ele não tem estatura para levar a bom termo semelhante obra e julguei que não devia conceder-lhe o meu concurso por mais tempo. Aliás, eu o teria feito, se pudesse. A hora, para isso, não havia chegado e ainda está por chegar.

21. Poderíeis ver e dizer-lhe quais as causas, durante suas pesquisas na Vendéia, que foram responsáveis pelo seu fracasso, derrubando-o, e a sua sonâmbula, e mais duas outras pessoas presentes?

Resp. – Minha resposta precedente pode aplicar-se a esta pergunta. O Sr. Borreau foi derrubado pelos Espíritos, que lhe quiseram dar uma lição e ensinar-lhe a não procurar o que deve permanecer oculto. Fui eu quem os empurrou, com o fluido do próprio magnetizador.

Observação – Esta explicação concorda perfeitamente com a teoria que foi dada, das manifestações físicas. Não foi com as mãos que os Espíritos os empurraram, mas com o próprio fluido animado das pessoas, combinado com o do Espírito. A dissertação que oferecemos mais adiante, sobre os transportes de objetos, contém, a respeito, desenvolvimentos do mais alto interesse. Uma comparação que talvez tivesse alguma analogia parece justificar a expressão do Espírito.

Quando um corpo, carregado de eletricidade positiva, se aproxima de uma pessoa, esta se carrega de eletricidade contrária; a tensão cresce até a distância explosiva; nesse ponto os dois fluidos se reúnem violentamente pela fagulha e a pessoa recebe um choque que, conforme a massa de fluido, pode derrubá-la e mesmo fulminá-la. Nesse fenômeno é sempre necessário que a pessoa forneça seu contingente de fluido. Se supuséssemos que o corpo eletrizado positivamente fosse um ser inteligente, atuando por sua vontade e dando-se conta da operação, dir-se-ia que combinou uma parte do fluido da pessoa com o seu. No caso do Sr. Borreau, talvez as coisas não se tenham passado exatamente assim, mas compreende-se que possa haver um efeito análogo, e que Dom Peyra foi lógico dizendo que a empurrou com seu próprio fluido. Compreender-se-á melhor ainda se se reportarem ao que está dito em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*, sobre o fluido universal, que é o princípio do fluido vital, do fluido elétrico e do fluido magnético animal.³¹

22. Ele diz ter feito, durante suas longas e dramáticas experiências, descobertas muito mais surpreendentes para ele, do que a solução que buscava. Vós as conheceis?

31 **N. do T.:** *O Livro dos Espíritos* – perguntas 27, 27-a, 29, 65 e 94; *O Livro dos Médiuns* – 1ª parte: capítulo I; capítulo IV, itens 74, 75, 77, 79 e 81; *A Gênese* – capítulo XIV [Não foi citada por Kardec porque somente publicada em 1868].

Resp. – Sim, mas há algo que ele não descobriu: é que os Espíritos não têm por missão auxiliar os homens em pesquisas semelhantes à que ele fazia. Se o pudessem, Deus nada poderia ter ocultado, e os homens negligenciariam o trabalho e o exercício de suas faculdades para correr, este em busca de um tesouro, aquele de uma invenção, pedindo aos Espíritos lhes servirem tudo isto ainda quente, de tal maneira que não bastará senão curvar-se para colher a glória e a fortuna. Na verdade, teríamos muito a fazer se tivéssemos de contentar a ambição de todo o mundo. Vedes, assim, quanta desordem no mundo dos Espíritos pela crença universal no Espiritismo? Seríamos chamados a torto e a direito: aqui para escavar a terra e enriquecer um preguiçoso; ali para poupar a um imbecil o trabalho de resolver um problema; acolá para aquecer o forno de um químico e, em toda parte, para descobrir a pedra filosofal. A mais bela descoberta que o Sr. Borreau deveria ter feito é a de saber que sempre há Espíritos que se divertem em provocar miragens de minas de ouro, mesmo aos olhos do mais clarividente sonâmbulo, fazendo-as aparecer onde não estão e rindo-se à vossa custa quando imaginais deitar a mão no tesouro, e isto para vos ensinar que a sabedoria e o trabalho são os verdadeiros tesouros.

23. O objetivo das pesquisas do Sr. Borreau era um tesouro?

Resp. – Creio já ter dito, quando me chamastes a primeira vez, que não sou indiscreto. Se ele julgou conveniente não vos dizer, não me compete fazê-lo.

Observação – Vê-se que o Espírito é discreto; aliás, é uma qualidade geralmente encontrada em todos eles, até mesmo nos Espíritos pouco adiantados, de onde se pode concluir que, se um Espírito fizesse revelações indiscretas sobre alguém, com toda probabilidade seria para se divertir e seria erro levá-los a sério.

24. Poderíeis dar-lhe algumas explicações sobre a mão invisível que, por muito tempo, traçou numerosos escritos, que ele encontrava nas folhas do caderno, posto de propósito para os receber?

Resp. – Quanto aos escritos, não são dos Espíritos; mais tarde ele lhes conhecerá a origem, mas não devo dizê-lo no momento. Os Espíritos podem tê-los provocado com o fim a que já me referi antes, mas – repito – nada têm a ver com eles.

Observação – Embora estas duas conversas tenham ocorrido dezoito meses uma da outra e por médiuns diferentes, reconhece-se nelas um encadeamento, uma seqüência e uma similitude de linguagem que não permitem duvidar tenha sido o mesmo Espírito que as respondeu. A propósito da identidade, esta ressalta da carta seguinte, que nos escreveu o Sr. Borreau, após a remessa da segunda evocação.

“18 de julho de 1861.

“Senhor,

“Venho agradecer-vos o trabalho que tivestes e a presteza em me remeter a última evocação de Dom Peyra. Como dizeis, o Espírito do antigo prior não estava de bom humor, ao exprimir, energicamente, a impaciência que lhe causou essa nova diligência. Daí resulta, senhor, um grande ensinamento: os Espíritos que fazem o jogo malévolo de nos atormentar podem, por sua vez, ser pagos por nós com a mesma moeda.

“Ah! senhores de além-túmulo! – e aqui não me refiro senão aos Espíritos farsistas e levianos – sem dúvida vos deleitaríeis com o privilégio exclusivo de nos importunar. E eis que um pobre Espírito terreno, muito pacífico, simplesmente pondo-se em guarda contra vossas manobras e procurando frustrá-las, vos atormenta a ponto de o sentirdes penosamente sobre o vosso dorso fluídico! Ora! que direi, então, meu caro prior, quando confessais ter feito parte da turba espírita que tão cruelmente me obsidiou e pregou tantas peças durante minhas excursões na Vendéia? Se é verdade que vos metestes nisto, devíeis saber que não as empreendi senão com o objetivo de fazer triunfar a verdade por fatos irrefutáveis. Era uma grande ambição, sem dúvida, mas era honesta, ao que me

parece; apenas, como dizeis, eu não tinha porte para lutar e vós e os vossos nos abalaram, de tal sorte que nos vimos obrigados a abandonar a partida, carregando nossos mortos, porquanto vossas manobras fantásticas, que desencadearam terrível luta, acabaram aniquilando minha pobre sonâmbula que, num desfalecimento que não durou menos de seis horas, não mais dava nenhum sinal de vida e nós já a julgávamos morta. Talvez nossa posição seja mais fácil de compreender do que descrever, se se pensar que era meia-noite e que estávamos em campos ensangüentados pelas guerras da Vendéia, região de aspecto selvagem, cercada de colinas desprovidas de vegetação, cujos ecos vinham repetir os gritos lancinantes das vítimas. Meu pavor atingira o cúmulo, pensando na terrível responsabilidade que caía sobre mim e da qual não sabia como escapar... Eu estava desvairado! Só a prece poderia salvar-me; ela me salvou. Se a isto chamais lições, haveis de convir que são rudes! Provavelmente, era ainda para me dar uma dessas lições que, um ano mais tarde, me chamáveis a Mauzé; mas, então, eu estava mais instruído e já sabia a quem me dirigir quanto à existência dos Espíritos e quanto aos atos e gestos de muitos deles. Aliás, a cena não estava mais preparada para um drama, como em Châtillon; assim, eu estava livre para uma escaramuça.

“Perdão, senhor, se me deixei arrastar com o prior. Retorno a vós para vos ocupar ainda, se vos dignardes permiti-lo. Há poucos dias fui à casa de um homem muito honrado, que o conheceu bastante na juventude e lhe comuniquei sobre a evocação que me remetestes. Ele reconheceu perfeitamente a linguagem, o estilo e o espírito cáustico do antigo prior e contou-me os fatos seguintes:

“Vendo-se forçado a abandonar o priorado de Surgères em consequência da Revolução, Dom Peyra comprou a pequena propriedade de Amilly, perto de Mauzé, onde fixou residência. Ali ele se tornou conhecido pelas belas curas obtidas por intermédio do magnetismo e da eletricidade, que empregava com sucesso. Vendo, porém, que os negócios não iam tão bem quanto desejava, empregou o charlatanismo e, auxiliado por sua máquina elétrica,

praticou magias, não tardando a fazer-se passar por feiticeiro. Longe de combater tal opinião, ele a provocava e estimulava. Havia em Amilly uma longa alameda arborizada, por onde chegavam os clientes, vindos muitas vezes de dez a quinze léguas. Sua máquina era posta em comunicação com o malhete da porta, e quando os pobres camponeses queriam bater, sentiam-se como que fulminados. É fácil imaginar o que semelhantes fatos deviam produzir em criaturas pouco esclarecidas, sobretudo naquela época.

“Temos um provérbio que diz: ‘não se deve vender a pele do lobo antes de o matar.’ Ai! bem vejo que temos de mudar mais de uma vez antes que os nossos maus instintos nos abandonem. Entretanto, senhor, não concluais que eu deseje mal ao prior. Não; e a prova de tudo isto é que, seguindo o vosso exemplo, orei por ele, o que confesso, como ele vos disse, não ter feito até então.

“Aceitai.

J.-B. Borreau”

Notar-se-á que esta carta é de 18 de julho de 1861, enquanto a primeira evocação remonta ao mês de janeiro de 1860. Naquela época não conhecíamos todas as particularidades da vida de Dom Peyra, com as quais suas respostas concordam perfeitamente, pois diz que fazia o que era possível para corroborar sua reputação de feiticeiro.

O que aconteceu ao Sr. Borreau tem uma singular analogia com os golpes baixos que, em vida, Dom Peyra aplicava aos visitantes. E nos inclinaríamos muito a crer que este último quis repeti-las. Ora, para isso não havia necessidade de máquina elétrica, já que dispunha da grande máquina universal. Compreender-se-á a sua possibilidade de associarmos essa idéia à observação que fizemos acima, na pergunta 21. O Sr. Borreau encontra uma espécie de compensação às malícias de certos Espíritos nos aborrecimentos que lhes podemos causar. Todavia, nós o aconselhamos a não se fiar muito, porque eles têm mais meio de

escapar à nossa influência do que nós de nos subtrairmos à deles. Quanto ao mais, é evidente que, se na época o Sr. Borreau conhecesse a fundo o Espiritismo, por certo teria sabido o que era razoável pedir aos Espíritos e não se teria aventurado em tentativas que a Ciência demonstraria não conduzir senão a uma mistificação. Não é o primeiro a pagar pelas conseqüências de sua imprevidência. Eis por que não cessamos de repetir: Estudai primeiro a teoria; ela vos ensinará todas as dificuldades da prática; assim, evitareis experiências das quais vos sentireis felizes em delas sair apenas com alguns dissabores. Diz ele que sua intenção era boa, pois queria provar por um grande fato a veracidade do Espiritismo. Mas, em casos semelhantes, os Espíritos dão as provas que querem e quando querem, e jamais quando se lhas pedem. Conhecemos pessoas que também queriam dar essas provas irrecusáveis através da descoberta de fortunas colossais, por intermédio dos Espíritos; mas o que lhes resultou de mais claro foi gastar o seu dinheiro. Acrescentaremos, até, que provas semelhantes, se por acaso dessem resultado, seriam muito mais prejudiciais que úteis, porque falseariam a opinião sobre o objetivo do Espiritismo, validando a crença de que ele pode servir de meio de adivinhação; só então se justificaria a resposta de Dom Peyra à pergunta 22.

Correspondência

CARTA DO SR. MATEUS SOBRE OS MÉDIUNS TRAPACEIROS³²

“Paris, 21 de julho de 1861.

“Senhor,

“Pode-se estar em desacordo sobre certos pontos e de perfeito acordo sobre outros. Acabo de ler, na página 213 do último número do vosso jornal, algumas reflexões acerca da fraude

32 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns* – 2ª parte, capítulo XXVIII, item 317.

em matéria de experiências espiritualistas (ou espíritas), às quais tenho a satisfação de me associar com todas as minhas forças. Ai, quaisquer dissidências a propósito de teorias e doutrinas desaparecem como por encanto.

“Não sou talvez tão severo quanto o sois, com relação aos médiuns que, sob forma digna e decente, aceitam uma paga, como indenização do tempo que consagram a experiências muitas vezes longas e fatigantes. Sou, porém, tanto quanto o sois – e ninguém o seria mais – com relação aos que, em tal caso, suprem, quando se lhes oferece ocasião, pelo embuste e pela fraude, a falta ou a insuficiência dos resultados prometidos e esperados.

“Misturar o falso com o verdadeiro, quando se trata de fenômenos obtidos pela intervenção dos Espíritos, é simplesmente uma infâmia e haveria obliteração do senso moral no médium que julgasse poder fazê-lo sem escrúpulo. Conforme o observastes com perfeita exatidão – *é lançar a coisa em descrédito no espírito dos indecisos, desde que a fraude seja reconhecida.* Acrescentarei que é comprometer do modo mais deplorável os homens honrados, que prestam aos médiuns o apoio desinteressado de seus conhecimentos e de suas luzes, que se constituem fiadores da boa-fé que neles deve existir e os patrocinam de alguma forma. É cometer para com eles uma verdadeira prevaricação.

“Todo médium que fosse apanhado em manobras fraudulentas; que fosse apanhado, para me servir de uma expressão um tanto trivial, com a boca na botija, mereceria ser proscrito por todos os espiritualistas ou espíritas do mundo, para os quais constituiria rigoroso dever desmascará-los ou infamá-los.

“Se vos convier, Senhor, inserir estas breves linhas no vosso jornal, ficam elas à vossa disposição.

“Aceitai, etc.

Mathieu”

Não esperávamos menos dos sentimentos honrados que distinguem o Sr. Mathieu, senão esta enérgica reprovação, pronunciada contra os médiuns de má-fé. Teríamos ficado surpresos, ao contrário, se ele tivesse encarado com frieza e indiferença tais abusos de confiança. Eles podiam ser mais fáceis, quando o Espiritismo era menos conhecido; mas, à medida que esta ciência se espalha e é mais bem compreendida, que melhor se conhecem as verdadeiras condições em que os fenômenos podem produzir-se, por toda parte encontram-se olhos clarividentes, capazes de descobrir a fraude. Assinalá-la, onde quer que ela se mostre, é o melhor meio de a desencorajar.

Disseram que era preferível não desvendar essas torpezas, no próprio interesse do Espiritismo; que a possibilidade de enganar poderia aumentar a desconfiança dos indecisos. Não somos desta opinião e pensamos que mais vale que os indecisos sejam desconfiados do que enganados, porque, desde que soubessem tê-lo sido, poderiam afastar-se para sempre. Aliás, haveria um inconveniente ainda maior aos que cressem que os espíritas se deixam iludir facilmente. Ao contrário, estarão tanto mais dispostos a crer quanto mais virem os crentes cercar-se de maiores precauções e repudiar os médiuns susceptíveis de enganar.

O Sr. Mathieu diz que talvez não seja tão severo, quanto nós, em relação aos médiuns que, sob forma digna e decente, aceitam uma paga, como indenização do tempo que consagram à matéria. Estamos perfeitamente de acordo que pode e deve haver honrosas exceções, mas, como o atrativo do ganho é uma grande tentação e os iniciantes não têm a necessária experiência para distinguir o verdadeiro do falso, mantemos nossa opinião de que a melhor garantia de sinceridade está no desinteresse absoluto, porque onde não há nada a ganhar, o charlatanismo nada tem a fazer. Aquele que paga quer alguma coisa por seu dinheiro e não se contentaria se lhe dissessem que o Espírito não quer agir. Daí a descoberta dos meios de fazer o Espírito atuar a qualquer preço,

não há senão um passo, conforme o provérbio: *quem não tem cão caça com gato*. Acrescentamos que os médiuns ganhariam cem vezes mais em consideração o que deixassem de ganhar em proveitos materiais. Diz-se que a consideração não faz viver. É verdade que não basta, mas, para viver, há outros ofícios mais honestos do que a exploração das almas dos mortos.

Dissertações e Ensinos Espíritas

DA INFLUÊNCIA MORAL DOS MÉDIUNS NAS COMUNICAÇÕES³³

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sr. d'Ambel)

Já o dissemos: apenas como tais, os médiuns só muito secundária influência exercem nas comunicações dos Espíritos; o papel deles é o de uma máquina elétrica, que transmite os despachos telegráficos, de um ponto da Terra a outro ponto distante. Assim, quando queremos ditar uma comunicação, agimos sobre o médium, como o empregado do telégrafo sobre o aparelho, isto é, do mesmo modo que o *tique-taque* do telégrafo traça, a milhares de léguas, sobre uma tira de papel, os sinais reprodutores do despacho, também nós comunicamos, por meio do aparelho mediúnico, através das distâncias incomensuráveis que separam o mundo visível do mundo invisível, o mundo imaterial do mundo carnal, o que vos queremos ensinar. Mas, assim como as influências atmosféricas atuam, perturbando, muitas vezes, as transmissões do telégrafo elétrico, igualmente a influência moral do médium atua e perturba, às vezes, a transmissão dos nossos despachos de além-túmulo, porque somos obrigados a fazê-los passar por um meio que lhes é contrário. Entretanto, essa influência, amiúde, se anula, pela nossa energia e vontade, e nenhum ato perturbador se manifesta. Com efeito, os ditados de alto alcance filosófico, as comunicações de perfeita moralidade são transmitidas frequentemente por médiuns impróprios a esses ensinamentos superiores;

33 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns* – 2ª parte, capítulo XX, item 230.

enquanto que, por outro lado, comunicações pouco edificantes chegam também, algumas vezes, por médiuns que se envergonham de lhes haverem servido de condutores.

Em tese geral, pode afirmar-se que os Espíritos atraem Espíritos que lhes são similares e que raramente os Espíritos das plêiades elevadas se comunicam por aparelhos maus condutores, quando têm à mão bons aparelhos mediúnicos, bons médiuns, numa palavra.

Os médiuns levianos e pouco sérios atraem, pois, Espíritos da mesma natureza; por isso é que suas comunicações se mostram cheias de banalidades, frivolidades, idéias truncadas e, não raro, muito heterodoxas, espiriticamente falando. É certo que eles podem dizer, e às vezes dizem, coisas aproveitáveis; mas, nesse caso, principalmente, é que um exame severo e escrupuloso se faz necessário, porquanto, em meio a coisas aproveitáveis, Espíritos hipócritas insinuam, com habilidade e preconcebida perfídia, fatos de pura invencionice, asserções mentirosas, a fim de iludir a boa-fé dos que lhes dispensam atenção. Devem riscar-se, então, sem piedade, toda palavra, toda frase equívoca e só conservar do ditado o que a lógica possa aceitar, ou o que a Doutrina já ensinou. As comunicações desta natureza só são de temer para os espíritas que trabalham isolados, para os grupos novos, ou pouco esclarecidos, visto que, nas reuniões onde os adeptos estão adiantados e já adquiriram experiências, a gralha perde o seu tempo a se adornar com as penas do pavão: acaba sempre impiedosamente desmascarada.

Não falarei dos médiuns que se comprazem em solicitar e receber comunicações obscenas. Deixemos se deleitem na companhia dos Espíritos cínicos. Aliás, os autores das comunicações desta ordem buscam, por si mesmos, a solidão e o isolamento, porquanto só desprezo e nojo poderão causar entre os membros dos grupos filosóficos e sérios. Onde, porém, a

influência moral do médium se faz realmente sentir, é quando ele substitui, pelas que lhe são pessoais, as idéias que os Espíritos se esforçam por lhe sugerir e também quando tira da sua imaginação teorias fantásticas que, de boa-fé, julga resultarem de uma comunicação intuitiva. É de apostar-se então mil contra um que isso não passa de reflexo do próprio Espírito do médium. Dá-se mesmo o fato curioso de mover-se a mão do médium, quase mecanicamente às vezes, impelida por um Espírito secundário e zombeteiro. É essa a pedra de toque contra a qual vêm quebrar-se as imaginações ardentes, por isso que, arrebatados pelo ímpeto de suas próprias idéias, pelas lentejoulas de seus conhecimentos literários, os médiuns desconhecem o ditado modesto de um Espírito criterioso e, abandonando a presa pela sombra, o substituem por uma paráfrase empolada. Contra este escolho terrível vêm igualmente chocar-se as personalidades ambiciosas que, em falta das comunicações que os Espíritos bons lhes recusam, apresentam suas próprias obras como sendo desses Espíritos. Daí a necessidade de serem, os diretores dos grupos espíritas, dotados de fino tato, de rara sagacidade, para discernir as comunicações autênticas das que não o são e para não ferir os que se iludem a si mesmos.

Na dúvida, abstém-te, diz um dos vossos velhos provérbios. Não admitais, portanto, senão o que seja, aos vossos olhos, de manifesta evidência. Desde que uma opinião nova venha a ser expendida, por pouco que vos pareça duvidosa, fazei-a passar pelo crisol da razão e da lógica e rejeitai desassombradamente o que a razão e o bom-senso reprovarem. Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea. Efetivamente, sobre essa teoria poderíeis edificar um sistema completo, que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre areia movediça, ao passo que, se rejeitardes hoje algumas verdades, porque não vos são demonstradas clara e logicamente, mais tarde um fato brutal, ou uma demonstração irrefutável virá afirmar-vos a sua autenticidade.

Lembraí-vos, no entanto, ó espíritas! de que, para Deus e para os Espíritos bons, só há um impossível: a injustiça e a iniquidade.

O Espiritismo já está bastante espalhado entre os homens e já moralizou suficientemente os adeptos sinceros da sua santa doutrina, para que os Espíritos já não se vejam constrangidos a usar de maus instrumentos, de médiuns imperfeitos. Se, pois, agora, um médium, qualquer que ele seja, se tornar objeto de legítima suspeição, pelo seu proceder, pelos seus costumes, pelo seu orgulho, pela sua falta de amor e de caridade, repeli, repeli suas comunicações, porquanto aí estará uma serpente oculta entre as ervas. É esta a conclusão a que chego sobre a influência moral dos médiuns.

Erasto

DOS TRANSPORTES E OUTROS FENÔMENOS TANGÍVEIS³⁴

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sr. d'Ambel)

Quem deseja obter fenômeno desta ordem precisa ter consigo médiuns a que chamarei – *sensitivos*, isto é, dotados, no mais alto grau, das faculdades mediúnicas de expansão e de penetrabilidade, porque o sistema nervoso facilmente excitável de tais médiuns lhes permite, por meio de certas vibrações, projetar abundantemente, em torno de si, o fluído animalizado que lhes é próprio.

As naturezas impressionáveis, as pessoas cujos nervos vibram à menor impressão, à mais insignificante sensação; as que a influência moral ou física, interna ou externa, sensibiliza são muito aptas a se tornarem excelentes médiuns, para os efeitos físicos de tangibilidade e de transportes. Efetivamente, quase de todo desprovido do invólucro refratário, que, na maioria dos outros encarnados, o isola, o sistema nervoso dessas pessoas as capacita para a produção destes diversos fenômenos. Assim, com

34 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, capítulo V, item 98.

um indivíduo de tal natureza e cujas outras faculdades não sejam hostis à *mediunidade*, facilmente se obterão os fenômenos de tangibilidade, as pancadas nas paredes e nos móveis, os movimentos *inteligentes* e mesmo a suspensão, no espaço, da mais pesada matéria inerte. *A fortiori*, os mesmos resultados se conseguirão se, em vez de um médium, o experimentador dispuser de muitos, igualmente bem dotados.

Mas, da produção de tais fenômenos à obtenção dos de transporte há um mundo de permeio, porquanto, neste caso, não só o trabalho do Espírito é mais complexo, mais difícil, como, sobretudo, ele não pode operar, senão por meio de um único aparelho mediúnico, isto é, muitos médiuns não podem concorrer simultaneamente para a produção do mesmo fenômeno. Sucede até que, ao contrário, a presença de algumas pessoas antipáticas ao Espírito que opera lhe obsta radicalmente a operação. A estes motivos a que, como vedes, não falta importância, acrescentemos que os transportes reclamam sempre maior concentração e, ao mesmo tempo, maior difusão de certos fluidos, que não podem ser obtidos senão com médiuns superiormente dotados, com aqueles, numa palavra, cujo aparelho *eletromediúnico* é o que melhores condições oferece.

Em geral, os fatos de transporte são e continuarão a ser extremamente raros. Não preciso demonstrar por que são e serão menos freqüentes do que os outros fenômenos de tangibilidade; do que digo, vós mesmos podeis deduzi-lo. Demais, estes fenômenos são de tal natureza, que nem todos os médiuns servem para produzi-los. Com efeito, é necessário que entre o Espírito e o médium *influenciado* exista certa afinidade, certa analogia: certa semelhança capaz de permitir que a parte expansível do fluido *perispírico*³⁵ do encarnado se misture, se una, se combine com o do

35 Vê-se que, quando se trata de exprimir uma idéia nova, para a qual faltam termos na língua, os Espíritos sabem perfeitamente criar neologismos. Estas palavras: *eletromediúnico*, *perispírico*, não são de invenção nossa. Os que nos têm criticado por havermos criado os termos *espírita*, *Espiritismo*, *perispírito*, que não tinham análogos, poderão fazer também a mesma crítica aos Espíritos.

Espírito que queira fazer um transporte. Deve ser tal essa fusão, que a força resultante dela se torne, por assim dizer, *uma*: do mesmo modo que, atuando sobre o carvão, uma corrente elétrica produz um só foco, uma só claridade.

Por que essa união, essa fusão, perguntareis? É que, para que estes fenômenos se produzam, necessário se faz que as propriedades essenciais do Espírito motor se aumentem com algumas das do médium; é que o *fluido vital*, indispensável à produção de todos os fenômenos mediúnicos, é apanágio *exclusivo* do encarnado e que, por conseguinte, o Espírito operador fica obrigado a se impregnar dele. Só então pode, mediante certas propriedades, que desconheceis, do vosso meio ambiente, isolar, tornar invisíveis e fazer que se movam alguns objetos materiais e mesmo os encarnados.

Não me é permitido, por enquanto, desvendar-vos as leis particulares que governam os gases e os fluidos que vos cercam; mas, antes que alguns anos tenham decorrido, antes que uma existência de homem se tenha esgotado, a explicação destas leis e destes fenômenos vos será revelada e vereis surgir e produzir-se uma variedade nova de médiuns, que agirão num estado cataléptico especial, desde que sejam mediunizados.

Vedes, assim, quantas dificuldades cercam a produção do fenômeno dos transportes. Muito logicamente podeis concluir daí que os fenômenos desta natureza são extremamente raros, e com tanto mais razão, quanto os Espíritos muito pouco se prestam a produzi-los, porque isso dá lugar, da parte deles, a um trabalho quase material, o que lhes acarreta aborrecimento e fadiga. Por outro lado, ocorre também que, freqüentemente, não obstante a energia e a vontade que os animem, o estado do próprio médium lhes opõe intransponível barreira.

Evidente é, pois, e o vosso raciocínio, estou certo, o sancionará, que os fatos de tangibilidade, como pancadas,

suspensão e movimentos, são fenômenos simples, que se operam mediante a concentração e a dilatação de certos fluidos e que podem ser provocados e obtidos pela vontade e pelo trabalho dos médiuns aptos a isso, quando secundados por Espíritos amigos e benevolentes, ao passo que os fatos de transporte são múltiplos, complexos, exigem um concurso de circunstâncias especiais, não se podem operar senão por um único Espírito e um único médium e necessitam, além do que a tangibilidade reclama, uma combinação muito especial, para isolar e tornar invisíveis o objeto, ou os objetos destinados ao transporte.

Todos vós espíritas compreendeis as minhas explicações e perfeitamente apreendeis que seja essa concentração de fluidos especiais, para a locomoção e a tactilidade da matéria inerte. Acreditais nisso, como acreditais nos fenômenos da eletricidade e do magnetismo, com os quais os fatos mediúnicos têm grande analogia e de que são, por assim dizer, a confirmação e o desenvolvimento. Quanto aos incrédulos, não me compete convencê-los e com eles não me ocupo. Convencer-se-ão um dia, por força da evidência, pois que forçoso será se curvem diante do testemunho dos fatos espíritas, como forçoso foi que o fizessem diante de outros fatos, que a princípio repeliram.

Resumindo: os fenômenos de tangibilidade são freqüentes, mas os de transporte são muito raros, porque muito difíceis de se realizar são as condições em que se produzem. Conseqüentemente, nenhum médium pode dizer: a tal hora, em tal momento, obterei um transporte, visto que muitas vezes o próprio Espírito se vê obstado na execução de sua obra. Devo acrescentar que esses fenômenos são duplamente difíceis em público, porque neste quase sempre se encontram elementos energicamente refratários, que paralisam os esforços do Espírito e, com mais forte razão, a ação do médium. Tende, ao contrário, como certo que, na intimidade, os ditos fenômenos se produzem quase sempre espontaneamente, as mais das vezes à revelia dos médiuns e sem

premeditação, sendo muito raros quando esses se acham prevenidos. Deveis deduzir daí que há motivo de suspeição todas as vezes que um médium se lisonjeia de os obter à vontade, ou, por outra, de dar ordens aos Espíritos, como a servos seus, o que é simplesmente absurdo. Tende ainda como regra geral que os fenômenos espíritas não se produzem para constituir espetáculo e para divertir os curiosos. Se alguns Espíritos se prestam a tais coisas, só pode ser para a produção de fenômenos simples, não para os que, como os de transporte e outros semelhantes, exigem condições excepcionais.

Lembrai-vos, espíritas, de que, se é absurdo repelir sistematicamente todos os fenômenos de além-túmulo, também não é de bom aviso aceitá-los todos, cegamente. Quando um fenômeno de tangibilidade, de visibilidade, ou de transporte se opera espontaneamente e de modo instantâneo, aceitai-o. Porém – nunca o repetirei demasiado – não aceiteis coisa alguma às cegas. Seja cada fato submetido a um exame minucioso, aprofundado e severo, porquanto, crede, o Espiritismo, tão rico em fenômenos sublimes e grandiosos, nada tem a ganhar com essas pequenas manifestações, que prestidigitadores hábeis podem imitar.

Bem sei que ides dizer: é que estes são úteis para convencer os incrédulos. Mas, ficai sabendo, se não houvésseis disposto de outros meios de convicção, não contaríeis hoje a centésima parte dos espíritas que existem. Falai ao coração; por aí é que fareis maior número de conversões sérias. Se julgardes conveniente, para certas pessoas, valer-vos dos fatos materiais, ao menos apresentai-os em circunstâncias tais, que não possam permitir nenhuma interpretação falsa e, sobretudo, não vos afasteis das condições normais dos mesmos fatos, porque, apresentados em más condições, eles fornecem argumentos aos incrédulos, em vez de convencê-los.

Erasto

OS ANIMAIS MÉDIUNS^{36, 37}

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sr. d'Ambel)

Explanarei hoje a questão da mediunidade dos animais, levantada e sustentada por um dos vossos mais fervorosos adeptos. Pretende ele, em virtude deste axioma: *Quem pode o mais pode o menos*, que podemos mediunizar os pássaros e os outros animais e servir-nos deles nas nossas comunicações com a espécie humana. É o que chamais, em filosofia, ou, antes, em lógica, pura e simplesmente um sofisma. “Podeis animar, diz ele, a matéria inerte, isto é, uma mesa, uma cadeira, um piano; *a fortiori*, deveis poder animar a matéria já animada e particularmente pássaros.” Pois bem! no estado normal do Espiritismo, não é assim, não pode ser assim.

Primeiramente, entendamo-nos bem acerca dos fatos. Que é um médium? É o ser, é o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, para que estes possam comunicar-se facilmente com os homens: Espíritos encarnados. Por conseguinte, sem médium, não há comunicações tangíveis, mentais, escritas, físicas, de qualquer natureza que seja.

Há um princípio que, estou certo, todos os espíritas admitem, é que os semelhantes atuam com seus semelhantes e como seus semelhantes. Ora, quais são os semelhantes dos Espíritos, senão os Espíritos, encarnados ou não? Será preciso que vo-lo repitamos incessantemente? Pois bem! repeti-lo-ei ainda: o vosso perispírito e o nosso procedem do mesmo meio, são de natureza idêntica, são, numa palavra, semelhantes. Possuem uma propriedade de assimilação mais ou menos desenvolvida, de magnetização mais ou menos vigorosa, que nos permite a nós, Espíritos desencarnados e encarnados, pormo-nos muito pronta e facilmente em comunicação. Enfim, o que é peculiar aos médiuns, o que é da essência mesma da individualidade deles, é uma

36 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, capítulo XXII, item 236.

37 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 567.

afinidade especial e, ao mesmo tempo, uma força de expansão particular, que lhes suprimem toda refratariedade e estabelecem, entre eles e nós, uma espécie de corrente, uma espécie de fusão, que nos facilita as comunicações. É, em suma, essa refratariedade da matéria que se opõe ao desenvolvimento da mediunidade, na maior parte dos que não são médiuns. Acrescentarei que é a essa qualidade refratária que deve ser atribuída a particularidade, que faz que certos indivíduos, não médiuns, transmitam e desenvolvam a mediunidade, pelo simples contato, a médiuns neófitos ou médiuns quase passivos, isto é, desprovidos de certas qualidades mediúnicas.

Os homens se mostram sempre propensos a tudo exagerar; uns – não falo aqui dos materialistas – negam alma aos animais, outros de boa mente lhes atribuem uma, igual, por assim dizer, à nossa. Por que hão de pretender deste modo confundir o perfectível com o imperfectível? Não, não, convencei-vos, o fogo que anima os irracionais, o sopro que os faz agir, mover e falar na linguagem que lhes é própria, não tem, quanto ao presente, nenhuma aptidão para se mesclar, unir, fundir com o sopro divino, a alma etérea, o Espírito em uma palavra, que anima o ser essencialmente perfectível: o homem, o rei da Criação. Ora, não é essa condição fundamental de perfectibilidade o que constitui a superioridade da espécie humana sobre as outras espécies terrestres? Reconhecei, então, que não se pode assimilar ao homem, que só ele é perfectível em si mesmo e nas suas obras, nenhum indivíduo das outras raças que vivem na Terra.

O cão que, pela sua inteligência superior entre os animais, se tornou o amigo e o comensal do homem, será perfectível por si mesmo, por sua iniciativa pessoal? Ninguém ousaria afirmá-lo, porquanto o cão não faz progredir o cão. O que, dentre eles, se mostre mais bem educado, sempre o foi pelo seu dono. Desde que o mundo é mundo, a lontra sempre construiu sua choça em cima d'água, seguindo as mesmas proporções e uma regra invariável; os rouxinóis e as andorinhas jamais construíram os respectivos ninhos

senão do mesmo modo que seus pais o fizeram. Um ninho de pardais de antes do dilúvio, como um ninho de pardais dos tempos modernos, é sempre um ninho de pardais, edificado nas mesmas condições e com o mesmo sistema de entrelaçamento das palhinhas e dos fragmentos apanhados na época dos amores. As abelhas e formigas, que formam pequeninas repúblicas bem administradas, jamais mudaram seus hábitos de abastecimento, sua maneira de proceder, seus costumes, suas produções. A aranha, finalmente, tece a sua teia sempre do mesmo modo.

Por outro lado, se procurardes as cabanas de folhagens e as tendas das primeiras idades do mundo, encontrareis, em lugar de umas e outras, os palácios e os castelos da civilização moderna. Às vestes de peles brutas sucederam os tecidos de ouro e seda. Enfim, a cada passo achais a prova da marcha incessante da Humanidade pela senda do progresso.

Desse progredir constante, invencível, irrecusável, da espécie humana e desse estacionamento indefinido das outras espécies animais, haveis de concluir comigo que, se é certo que existem princípios comuns a tudo o que vive e se move na Terra: o sopro e a matéria, não menos certo é que somente vós, Espíritos encarnados, estais submetidos à inevitável lei do progresso, que vos impele fatalmente para diante e sempre para diante. Deus colocou os animais ao vosso lado como auxiliares, para vos alimentarem, para vos vestirem, para vos secundarem. Deu-lhes uma certa dose de inteligência, porque, para vos ajudarem, precisavam compreender, porém lhes outorgou inteligência apenas proporcionada aos serviços que são chamados a prestar. Mas, em sua sabedoria, não quis que estivessem sujeitos à mesma lei do progresso. Tais como foram criados se conservaram e se conservarão até à extinção de suas raças.

Dizem: os Espíritos mediunizam a matéria inerte e fazem que se movam cadeiras, mesas, pianos. Fazem que se movam,

sim, mediunizam, não! porquanto, mais uma vez o digo, sem médium, nenhum desses fenômenos pode produzir-se. Que há de extraordinário em que, com o auxílio de um ou de muitos médiuns, façamos se mova a matéria inerte, passiva, que, precisamente em virtude da sua passividade, da sua inércia, é apropriada a executar os movimentos e as impulsões que lhe queiramos imprimir? Para isso, precisamos de médiuns, é positivo; mas, não é necessário que o médium esteja presente ou seja *consciente*, pois que podemos atuar com os elementos que ele nos fornece, a seu mau grado e ausente, sobretudo para produzir os fatos de tangibilidade e o de transportes. O nosso envoltório fluídico, mais imponderável e mais sutil do que o mais sutil e o mais imponderável dos vossos gases, com uma propriedade de expansão e de penetrabilidade inapreciável para os vossos sentidos grosseiros e quase inexplicável para vós, unindo-se, casando-se, combinando-se com o envoltório fluídico, porém animalizado, do médium, nos permite imprimir movimento a móveis quaisquer e até quebrá-los em aposentos desabitados.

É certo que os Espíritos podem tornar-se visíveis e tangíveis aos animais e, muitas vezes, o terror súbito que eles denotam, sem que lhe percebais a causa, é determinado pela visão de um ou de muitos Espíritos, mal-intencionados com relação aos indivíduos presentes, ou com relação aos donos dos animais. Ainda com mais freqüência vedes cavalos que se negam a avançar ou a recuar, ou que empinam diante de um obstáculo imaginário. Pois bem! tende como certo que o obstáculo imaginário é quase sempre um Espírito ou um grupo de Espíritos que se comprazem em impedi-los de mover-se. Lembrai-vos da mula de Balaão que, vendo um anjo diante de si e temendo-lhe a espada flamejante, se obstinava em não dar um passo. É que, antes de se manifestar visivelmente a Balaão, o anjo quisera tornar-se visível somente para o animal. Mas, repito, não mediunizamos diretamente nem os animais, nem a matéria inerte. É-nos sempre necessário o concurso consciente, ou inconsciente, de um médium humano, porque

precisamos da união de fluidos similares, o que não achamos nem nos animais, nem na matéria bruta.

O Sr. Thiry, diz-se, magnetizou o seu cão. A que resultado chegou? Matou-o, porquanto o infeliz animal morreu, depois de haver caído numa espécie de atonia, de langor, conseqüentes à sua magnetização. Com efeito, saturando-o de um fluido haurido numa essência superior à essência especial da sua natureza de cão, ele o esmagou, agindo sobre o animal à semelhança do raio, ainda que mais lentamente. Assim, pois, como não há assimilação possível entre o nosso perispírito e o envoltório fluídico dos animais, propriamente ditos, aniquilá-los-íamos instantaneamente, se os mediunizássemos.

Isto posto, reconheço perfeitamente que há nos animais aptidões diversas; que certos sentimentos, certas paixões, idênticas às paixões e aos sentimentos humanos, se desenvolvem neles; que são sensíveis e reconhecidos, vingativos e odientos, conforme se procede bem ou mal com eles. É que Deus, que nada fez incompleto, deu aos animais, companheiros ou servidores do homem, qualidades de sociabilidade, que faltam inteiramente aos animais selvagens, habitantes das solidões.

Resumindo: os fatos mediúnicos não podem dar-se sem o concurso consciente, ou inconsciente, dos médiuns; e somente entre os encarnados, Espíritos como nós, podemos encontrar os que nos sirvam de médiuns. Quanto a educar cães, pássaros, ou outros animais, para fazerem tais ou tais exercícios, é trabalho vosso e não nosso.

Erasto

Observação – A propósito da discussão que ocorreu na Sociedade, sobre a mediunidade dos animais, disse o Sr. Allan Kardec ter observado muito atentamente as experiências feitas nestes últimos tempos em aves, às quais se atribuía a faculdade

mediúnicamente, acrescentando ter reconhecido, de maneira incontestável, os processos da prestidigitação, isto é, das cartas marcadas³⁸, empregadas com muita habilidade, para darem ilusão ao espectador que, sem se preocupar com o fundo, contenta-se apenas com a aparência. Efetivamente, essas aves fazem coisas que nem o mais inteligente dos homens, nem mesmo o sonâmbulo mais lúcido poderiam fazer, levando-se a concluir que seriam dotadas de faculdades intelectuais superiores às do homem e assim contrariando as leis da Natureza. O que mais se deve admirar em tais experiências é a arte, a paciência que foi preciso desenvolver para adestrar esses animais, tornando-os dóceis e atentos. Para obter tais resultados, certamente foi necessário ocupar-se com naturezas flexíveis, mas, em última análise, só com animais amestrados, nos quais há mais hábito do que combinações. E a prova disso é que, se deixam de treiná-los durante algum tempo, logo perdem o que aprenderam. O encanto dessas experiências, como o de todas as manobras de prestidigitação, está no segredo dos processos utilizados. Uma vez conhecido o processo, perdem todo o seu atrativo; foi o que aconteceu quando os saltimbancos quiseram imitar a lucidez sonambúlica pelo pretense fenômeno a que chamavam dupla vista. Nesse caso, não pode haver ilusão para quem quer que conheça as condições normais do sonambulismo. Dá-se o mesmo com a pretensa mediunidade das aves, facilmente percebida por qualquer observador experiente.

POVOS, SILÊNCIO!

(Enviada pelo Sr. Sabò, de Bordeaux – Mèdium: Sra. Cazemajoux)

Para onde correm essas crianças vestidas de túnicas brancas? A alegria ilumina-lhes o coração. Essa multidão folgazã vai brincar nos verdes prados, onde farão uma ampla colheita de flores e perseguirão o inseto brilhante que se nutre em seus cálices. Despreocupadas e felizes nada percebem além do horizonte azul

38 N. do T.: *Carte forcée*, no original = *constrangimento*. No contexto da frase, traduzimos por *cartas marcadas*.

que as cerca. Sua queda será terrível se não vos apressardes em predispor seus corações aos ensinamentos espíritas. Porque os Espíritos do Senhor atravessaram as nuvens e vêm pregar a vós. Escutai suas vozes amigas; escutai atentamente. Povos, silêncio!

II

Elas se tornaram grandes e fortes. A beleza máscula de uns, a graça e o abandono de outras fazem reviver no coração dos pais as doces lembranças de uma época já distante, mas o sorriso que ia desabrochar em seus lábios emurhecidos desaparece para dar lugar a sombrias preocupações. É que também sorveram, em grandes tragos, na taça encantada das ilusões da juventude, o veneno sutil que lhes enfraqueceu o sangue, debilitou-lhes as forças e lhes envelheceu os rostos, tornando-os calvos. Por isso, gostariam de impedir os filhos de provar a mesma taça envenenada. Irmãos! o Espiritismo será o antídoto que deve preservar a nova geração de suas devastações mortais. Porque os Espíritos do Senhor atravessaram as nuvens e vêm pregar a vós. Escutai suas vozes amigas; escutai atentamente. Povos, silêncio!

III

Alcançaram a virilidade; tornaram-se homens. São sérios e graves, mas não são felizes; seus corações estão entediados e não têm senão uma fibra sensível: a da ambição. Empregam tudo quanto têm de força e de energia na aquisição dos bens terrestres. Para eles não há felicidade sem as dignidades, as honrarias, a fortuna. Insensatos! De um instante para outro o anjo da libertação vai abater-vos; sereis forçados a abandonar todas as quimeras; sois proscritos que Deus pode convocar à mãe-pátria a qualquer instante. Não edifiqueis palácios nem monumentos; uma tenda, roupas e pão, eis o necessário. Contentai-vos com isto e oferecei o supérfluo aos irmãos a quem tudo falta: abrigo, roupa e pão. O Espiritismo vem dizer-vos que os verdadeiros tesouros que deveis conquistar são o amor de Deus e do próximo. Eles vos farão ricos

para a eternidade. Porque os Espíritos do Senhor atravessaram as nuvens e vêm pregar a vós. Escutai suas vozes amigas; escutai atentamente. Povos, silêncio!

IV

Suas fronteiras se inclinam à beira do sepulcro. Têm medo e queriam erguer a cabeça; mas o tempo lhes arqueou as espáduas, endureceu-lhes os nervos e os músculos e eles são impotentes para olhar para o alto. Ah! quantas angústias vêm assaltá-los! Repassam nos refolhos da alma sua vida inútil e muitas vezes criminosa; o remorso os corrói, como um abutre esfaimado. É que, freqüentemente, no curso dessa existência, esgotada na indiferença, negaram seu Deus, que, à borda da sepultura, lhes aparece como vingador inexorável. Não temais, irmãos, e orai. Se, em sua justiça, Deus vos castiga, fará graça ao vosso arrependimento, porquanto o Espiritismo vem dizer-vos que a eternidade das penas não existe e que renasceis para vos purificardes e expiar. Assim, vós que estais fatigados do exílio na Terra, envidai todos os esforços para melhorardes, a fim de a ela não mais retornar. Porque os Espíritos do Senhor atravessaram as nuvens e vêm pregar a vós. Escutai suas vozes amigas; escutai atentamente. Povos, silêncio!

Byron

JEAN-JACQUES ROUSSEAU

(Médium – Sra. Costel)

Nota – A médium estava ocupada com assuntos alheios ao Espiritismo; dispunha-se a escrever sobre assuntos pessoais, quando uma força invisível a compeliu a dissertar o que segue, malgrado o seu desejo de continuar o trabalho começado. É o que explica o início da comunicação:

“Eis-me aqui, embora não me chamasses. Venho falar-te de coisas muito estranhas às tuas preocupações. Sou o Espírito Jean-Jacques Rousseau. Há tempos esperava a ocasião de me comunicar contigo. Escuta, pois.

“Penso que o Espiritismo é um estudo puramente filosófico das causas secretas dos movimentos interiores da alma, pouco ou nada definidos até agora. Explica, mais ainda do que descobre, horizontes novos. A reencarnação e as provas sofridas antes de alcançar o fim supremo não são revelações, mas uma confirmação importante. Estou comovido pelas verdades que esse *meio* põe à luz. Digo *meio* intencionalmente, porque, a meu ver, o Espiritismo é uma alavanca que afasta as barreiras da cegueira. A preocupação das questões morais está inteiramente por nascer. Discute-se política, que move os interesses morais; discute-se os interesses privados; apaixonam-se pelo ataque ou pela defesa das personalidades; os sistemas têm seus partidários e seus detratores, mas as verdades morais, as que constituem o pão da alma, o alimento da vida, são deixadas na poeira acumulada pelos séculos. Aos olhos da multidão, todos os aperfeiçoamentos são úteis, salvo os da alma; sua educação, sua elevação são quimeras, boas só para deleitarem os sacerdotes, os poetas, as mulheres, seja como modo, seja como ensinamento.

“Se o *Espiritismo* ressuscitar o *espiritualismo*, devolverá à sociedade o impulso que a uns dá a dignidade interior, a outros a resignação e a todos a necessidade de se elevarem para o Ser Supremo, esquecido e ignorado pelas criaturas ingratas.

Jean-Jacques Rousseau”

A CONTROVÉRSIA

(Enviada pelo Sr. Sabò, de Bordeaux)

Ó Deus! meu Senhor, meu Pai e meu Criador, dignai-vos dar ainda ao vosso servo um pouco daquela eloquência humana que levava a convicção ao coração dos Irmãos que vinham, em torno da cátedra sagrada, instruir-se nas verdades que lhes havíeis ensinado.

Enviando seus Espíritos para vos ensinarem vossos verdadeiros deveres para com ele e para com os vossos irmãos,

quer Deus, acima de tudo, que a caridade seja o móvel de todas as vossas ações e de vossos irmãos, que querem fazer renascer esses dias de luto e estão na senda do orgulho. Este tempo está longe de vós e Deus seja bendito eternamente, por ter permitido que os homens cessassem para sempre essas disputas religiosas, que jamais produziram o menor bem e causaram tanto mal. Por que querer discutir os textos evangélicos, que já comentastes de tantas maneiras? Esses diversos comentários foram feitos quando não possuíeis o Espiritismo para vos esclarecer, e é ele que vos diz: A moral evangélica é a melhor; segui-a. Mas se, no fundo de vossa consciência, uma voz vos clama: Para mim há tal ou qual ponto obscuro e não me posso permitir pensar diferentemente de meus outros irmãos! Eloim! meu irmão, ponde de lado o que vos perturba; amai a Deus e a caridade, e estareis no bom caminho. Para que serviu o fruto de minhas longas vigílias, quando eu vivia em vosso mundo? para nada. Muitos não lançaram os olhos sobre os meus escritos, que não eram ditados pela caridade e que atraíram perseguições a meus irmãos. A controvérsia é sempre animada por um sentimento de intolerância, que pode degenerar até à ofensa, e a teimosia com que cada um sustenta suas pretensões torna mais distante a época em que a grande família humana, reconhecendo os erros passados, respeitará todas as crenças e não afiará o punhal que havia cortado esses laços fraternos. E para vos dar um exemplo do que vos digo, abri o Evangelho e aí encontrareis estas palavras: “Eu sou a verdade e a vida; aquele que crê em mim, viverá.” E muitos de vós condenais os que não seguem a religião que possui os ensinamentos do Verbo Encarnado. No entanto, muitos estão sentados à direita do Senhor, porque, na retidão de seus corações, o adoraram e amaram; porque respeitaram as crenças de seus irmãos e clamaram ao Senhor quando viram os povos se dilacerando entre si nas lutas de religião e porque não estavam aptos a encontrar o verdadeiro sentido das palavras do Cristo, não passando de instrumentos cegos de seus sacerdotes ou de seus ministros.

Meu Deus, eu que vivia nesses tempos, em que os corações tempestuosos se voltavam contra os irmãos de uma crença oposta, se tivesse sido mais tolerante; se não houvesse condenado, em meus escritos, sua maneira de interpretar o Evangelho, eles estariam hoje menos irritados contra seus irmãos católicos, e todos teriam dado um passo maior para a fraternidade universal. Mas os protestantes, os judeus, todas as religiões mais ou menos importantes, têm seus sábios e seus doutores; e, quando mais espalhado, o Espiritismo for estudado de boa-fé pelos homens instruídos, estes virão, como fizeram os católicos, trazer a luz aos seus irmãos e acalmar os seus escrúpulos religiosos. Deixai, pois, que Deus prossiga em sua obra de reforma moral, obra que vos deve elevar para Ele, todos no mesmo grau, e não sejais refratários aos ensinamentos dos Espíritos que Ele vos envia.

Bossuet

O PAUPERISMO

(Enviada pelo Sr. Sabò, de Bordeaux)

Em vão os filantropos da Terra sonham com coisas que jamais verão realizar-se. Lembrai-vos destas palavras do Cristo: “Sempre tereis pobres entre vós”, pois sabeis que estas são palavras de verdade. Meu amigo, agora que conheceis o Espiritismo, não achais justa e equitativa, essa desigualdade das condições, que fazia levantar vossos corações, cheios de murmúrio contra esse Deus que não havia feito todos os homens igualmente ricos e ditosos? Pois bem! Agora que sabeis que Deus agiu com sabedoria em tudo quanto fez e que a pobreza é um castigo ou uma prova, buscai amenizá-la, mas não lanceis mão de utopias para fazer os infelizes sonharem com uma igualdade impossível. Certamente, por uma sábia organização social, é possível aliviar muitos sofrimentos; é isto que se deve visar. Mas pretender que todos venham a desaparecer da face da Terra é uma idéia quimérica. Sendo a Terra um lugar de expiação, sempre haverá pobres que expiam nessa prova o abuso dos bens de que Deus os fizera dispensadores, e que

jamais experimentaram a satisfação de fazer o bem aos seus irmãos; que entesouraram moeda por moeda para acumular riquezas inúteis a si mesmos e aos outros; que espoliaram as viúvas e os órfãos para enriquecer. Oh! esses são muito culpados e seu egoísmo se voltará contra eles!

Guardai-vos, entretanto, de ver em todos os pobres culpados em punição. Se, para alguns, a pobreza é uma expiação severa, para outros é uma provação que lhes deve abrir mais rapidamente o santuário dos eleitos. Sim, sempre haverá pobres e ricos, a fim de que uns tenham o mérito da resignação, e outros o da caridade e do devotamento. Quer sejais ricos ou pobres, transitais sobre um terreno escorregadio, que vos pode precipitar no abismo, na descida do qual só as vossas virtudes vos podem reter.

Quando digo que haverá sempre pobres na Terra, quero dizer que enquanto houver vícios, que dela façam um lugar de expiação para os Espíritos perversos, Deus os enviará para nela se encarnarem, para seu próprio castigo e dos vivos. Merecei, por vossas virtudes, que a vós Deus não envie senão Espíritos bons, e de um inferno fareis um paraíso terrestre.

Adolfo, bispo de Argel

A CONCÓRDIA

(Enviada pelo Sr. Rodolfo, de Mulhouse)

Sede unidos, meus amigos: a união faz a força; proscreevi de vossas reuniões todo espírito de discórdia, todo espírito de inveja. Não invejeis as comunicações que recebe tal ou qual médium; cada um a recebe conforme a disposição de seu Espírito e a perfeição de seus órgãos.

Jamais vos esqueçais de que sois irmãos, e essa fraternidade não é ilusória: é uma fraternidade real, porque aquele

que foi vosso irmão numa outra existência pode achar-se entre vós, fazendo parte de outra família.

Assim, sede unidos de espírito e de coração; buscai a mesma comunhão de pensamento. Sede dignos de vós mesmos, da doutrina que professais e dos ensinamentos que fostes chamados a espalhar.

Sede conciliatórios nas opiniões; que elas não sejam absolutas; procurai esclarecer-vos uns aos outros. Postai-vos à altura do vosso apostolado e dai ao mundo o exemplo da boa harmonia.

Sede o exemplo vivo da fraternidade humana e mostrai, até que ponto podem chegar os homens sinceramente devotados à propagação da moral.

Não tendo senão um objetivo, um só e mesmo pensamento deveis ter: o de pôr em prática o que ensinai. Que, pois, seja vossa divisa: Paz e fraternidade!

Mardochee

A AURORA DOS NOVOS DIAS

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sra. Costel)

Eis-me aqui, eu que não evocais, mas que estou ansiosa para ser útil à Sociedade, cujo objetivo é tão sério quanto o é o vosso. Falarei de política. Não vos assusteis: sei em que limites devo restringir-me.

A situação atual da Europa oferece o mais impressionante aspecto ao observador. Em nenhuma época – não excetuo nem mesmo o fim do último século, que fez tão grande estrago nos preconceitos e abusos que oprimiam o espírito humano – o movimento intelectual se fez sentir mais ousado, mais franco. Digo franco, porque o espírito europeu marcha na verdade.

A liberdade não é mais um fantasma sangrento, mas a bela e grande deusa da prosperidade pública. Na própria Alemanha, nesta Alemanha que retratei com tanto amor, o sopro ardente da época destrói os últimos baluartes dos preconceitos. Sede felizes, vós que viveis em tal momento; porém, mais felizes ainda serão os vossos descendentes. Aproxima-se a hora anunciada pelo precursor. Vedes empalidecer o horizonte, mas, como outrora os hebreus, ficareis no limiar da Terra Prometida e não vereis levantar-se o sol radioso dos novos dias.

Staël

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IV

SETEMBRO DE 1861

Nº 9

O Estilo é o Homem

POLÊMICA ENTRE VÁRIOS ESPÍRITOS

(Sociedade Espírita de Paris)

Na sessão da Sociedade, de 19 de julho do corrente ano, o Espírito Lamennais deu espontaneamente a dissertação que se segue, sobre o aforismo de Buffon: *O estilo é o homem*, por intermédio do Sr. Didier, médium. Julgando-se atacado, Buffon replicou alguns dias mais tarde, servindo-se do Sr. d'Ambel. Depois, sucessivamente, o Visconde de Launay (Sra. Delphine de Girardin), Bernardin de Saint-Pierre e outros entraram na liça. É esta polêmica, tão curiosa quanto instrutiva, que reproduzimos integralmente. Notar-se-á que não foi provocada, nem premeditada e que cada Espírito veio espontaneamente nela tomar parte. Lamennais abriu a discussão; os outros o seguiram.

DISSERTAÇÃO DE LAMENNAIS

(Médium – Sr. A. Didier)

Há no homem um fenômeno muito estranho, a que chamo de fenômeno dos contrastes. Refiro-me, antes de tudo, às

naturezas de escol. De fato as encontrareis no mundo dos Espíritos, cujas obras poderosas divergem estranhamente da vida privada e dos hábitos de seus autores. Disse o Sr. Buffon: *O estilo é o homem*. Infelizmente, esse grão-senhor da elegância e do estilo encarava os demais autores exclusivamente do seu ponto de vista. Aquilo que podia perfeitamente aplicar-se a ele está longe de ser aplicado a todos os outros escritores. Tomamos aqui o vocábulo estilo em sentido mais amplo e na sua mais larga acepção. Em nossa opinião, o estilo será a maneira grandiosa, a forma mais pura pela qual o homem apresentará suas idéias. Todo o gênio humano está aqui, diante de nós e, com uma vista d'olhos, contemplamos todas as obras da inteligência humana: poesia na arte, na literatura e na Ciência. Longe de dizer como Buffon: O estilo é o homem, talvez diremos, de maneira menos concisa, menos significativa, que o homem, por sua natureza mutável, difusa, contestadora e revoltada, muitas vezes escreve contrariamente à sua natureza original, às suas primitivas inspirações. Direi mesmo mais: em oposição às suas crenças.

Muitas vezes, lendo as obras de alguns dos grandes gênios de um ou de outro século, nós nos dizemos: Que pureza! Que sensibilidade! Que crença profunda no progresso! Que grandeza! Depois se sabe que o autor, longe de ser o *autor moral* de suas obras, não é senão o *autor material*, imbuído de prejuízos e idéias preconcebidas. Aí está um grande fenômeno, não apenas humano, mas espírita.

Muito freqüentemente, pois, o homem não se reflete em suas obras. Diremos, também, quantos poetas debilitados, embrutecidos, e quantos artistas desiludidos sentem, de repente, uma centelha divina a iluminar-lhes a inteligência! Ah! é que então o homem escuta algo que não vem dele mesmo; ouve o que o profeta Isaías chamava o *pequeno sopro*, e que nós chamamos os Espíritos. Sim, eles sentem em si essa voz sagrada, mas, esquecendo Deus e a sua luz, a atribuem a si mesmos; recebem a graça na arte

como outros a recebem na fé, e algumas vezes ela toca os que pretendem negá-la.

Lamennais

RÉPLICA DE BUFFON

(Médium – Sr. d'Ambel)

Disseram que fui um gentil-homem das letras e que meu estilo, muito apuradinho, cheirava a pó-de-arroz e a tabaco da Espanha. Não é a consagração mais certa dessa verdade: *O estilo é o homem?* Embora tenham exagerado um pouco, representando-me com a espada ao lado e a pena à mão, confesso que gostava das belas coisas, das roupas adornadas com lantejoulas, das rendas e dos casacos vistosos, em suma, de tudo quanto fosse elegante e delicado. É, pois, muito natural que sempre me vestisse com elegância, razão por que meu estilo traz o sinete do bom-tom, esse perfume de boa companhia que se encontra igualmente em nossa grande Sévigné. Que quereis? Sempre preferi os saraus e os pequenos salões das damas elegantes aos cabarés e às assembléias tumultuosas de baixa categoria. Permitir-me-eis, pois, apesar da opinião emitida por vosso contemporâneo Lamennais, manter meu judicioso aforismo, apoiando-o com alguns exemplos tomados entre vossos autores e filósofos modernos.

Uma das desgraças de vosso tempo é que muitos fizeram da pena uma profissão. Mas deixemos esses artistas da pena que, semelhantes aos artistas das palavras, escrevem indiferentemente pró ou contra tal idéia, conforme são pagos, e gritando segundo o tempo: *Viva o rei! Viva a Liga!*³⁹ Deixemo-los. Esses não são, para mim, autores sérios. Vejamos, abade: não vos ofendais se tomo a vós mesmo como exemplo. Vossa vida, bem ou

39 **N. do T.:** *Liga* – Alusão ao movimento político-religioso que se opôs a Henrique III (Valois) e prosseguiu contra seu sucessor e ex-cunhado, Henrique IV (Bourbon), no período mais exacerbado das chamadas *Guerras de Religião*, na França.

mal fundamentada, não se reflete sempre em vossas obras? E da *indiferença em matéria de religião às palavras de um crente*, que contraste, como dizeis! Todavia, vosso tom doutoral é tão categórico, tão absoluto, numa como noutra dessas obras. Haveis de concordar que sois bilioso, padre, e destilais vossa bile em amargos lamentos, em todas as belas páginas que deixastes. Em sobrecasaca abotoada, como em sotaina, ficastes desclassificado, meu pobre Lamennais. Ora, vamos, não vos zangueis, mas convinde comigo que *o estilo é o homem*.

Se passo de Lamennais a Scribe, o homem feliz se reflete nas tranqüilas e pacíficas comédias de costumes. Ele é alegre, feliz e sensível: semeia a sensibilidade, a alegria e a felicidade em suas obras. Nele, jamais o drama, jamais o sangue; apenas alguns duelos sem perigo, para punir o traidor e o culpado.

Vede em seguida Eugène Sue, o autor dos *Mistérios de Paris*. É forte como seu príncipe Rodolfo; como ele, aperta em sua luva amarela a mão calejada do operário e, também como ele, é o advogado das causas populares.

Vede o vosso Dumas vagabundo, malbaratando a vida e a inteligência; indo do pólo sul ao pólo norte tão facilmente quanto seus famosos mosqueteiros; fazendo-se conquistador com Garibaldi e indo da intimidade do Duque de Orléans aos pedintes napolitanos; fazendo romances com a história e pondo a história em romances.

Vede as obras orgulhosas de Victor Hugo, esse protótipo do orgulho encarnado. *Eu, eu*, diz Hugo poeta; *eu, eu*, diz Hugo em seu rochedo de Jersey.

Vede Murger, esse poeta lírico dos costumes fáceis, representando conscientemente seu papel nessa boemia que cantou. Vede Nerval, de cores estranhas, de estilo espalhafatoso e incoerente, fazendo *fantasia* com sua vida, como o fez com sua

pena. Quantos deixo, e dos melhores, como Soulié e Balzac, cujas vidas e obras seguem caminhos paralelos! Mas creio que estes exemplos serão suficientes para não mais repelirdes, de modo tão absoluto, o meu aforismo: *O estilo é o homem.*

Não teríeis, caro abade, confundido a forma e o fundo, o estilo e o pensamento? Mas, ainda aí, tudo se acomoda.

Buffon

**PERGUNTAS DIRIGIDAS A BUFFON A PROPÓSITO
DE SUA COMUNICAÇÃO**

P. — Agradecemos a espirituosa comunicação que houvestes por bem nos dar. Contudo, há algo que nos surpreende: é que estais a par dos mínimos detalhes da nossa literatura, apreciando obras e autores com notável precisão. Então ainda vos ocupais com o que se passa na Terra, desde que conheceis tudo isso? Ledes, pois, tudo quanto se publica? Tende a bondade de dar uma explicação, que será muito útil à nossa instrução.

Resp. — Não precisamos de muito tempo para ler e apreciar; num único golpe de vista apanhamos o conjunto das obras que nos atraem a atenção. Todos nós nos ocupamos com muito interesse do vosso caro grupinho; daqueles a quem chamais homens eminentes, não acreditaríeis quantos acompanham, com benevolência, os progressos do Espiritismo. Assim, podeis pensar quanto me senti feliz por ver meu nome pronunciado por Lamennais, um de vossos fiéis Espíritos, e com que agilidade aproveitei a ocasião para me comunicar convosco. Com efeito, quando fui posto em causa em vossa última sessão, recebi, por assim dizer, o contragolpe do vosso pensamento e, não querendo que a verdade que eu havia proclamado em meus escritos fosse derrubada sem ser defendida, roguei a Erasto que me emprestasse seu médium para responder às asserções de Lamennais. Por outro lado, deveis compreender que cada um de nós permanece fiel às suas preferências terrenas, razão por que nós outros, escritores,

estamos atentos ao progresso realizado pelos autores vivos, ou que eles pensam realizar na literatura. Assim como os Jouffroy, os Laroque, os la Romigüière se preocupam com a filosofia, e os Lavoisier, os Berzélius, os Thénard com a química, cada um cultiva a sua mania e se recorda com amor de seus trabalhos, acompanhando com olhar inquieto o que fazem seus sucessores.

P. – Em poucas palavras apreciastes vários escritores contemporâneos, mortos ou vivos. Seríamos muito reconhecidos se nos désseis, sobre alguns deles, uma apreciação um pouco mais desenvolvida e mais metódica; seria muito útil para nós. Para começar, pediríamos que falásseis de Bernardin de Saint-Pierre, principalmente de seu *Paulo e Virgínia*, cuja leitura havíeis condenado e que, no entanto, se tornou uma das obras mais populares.

Resp. – Não posso aqui empreender o desenvolvimento crítico das obras de Bernardin de Saint-Pierre. Quanto à apreciação que fiz naquela época, posso confessá-lo hoje: eu era, como o Sr. Josse, um tanto perfeccionista; numa palavra, fiel ao espírito de camaradagem literária, desancava o quanto podia um importuno e importante concorrente. Mais tarde vos darei a minha verdadeira apreciação sobre esse eminente escritor, caso um Espírito realmente crítico, como Merle ou Geoffroy, não se encarregue de o fazer.

Buffon

DEFESA DE LAMENNAIS PELO VISCONDE DE LAUNAY

(Médium – Sr. d'Ambel)

Nota – Na conversa havida na Sociedade sobre as comunicações precedentes, foi pronunciado o nome da Sra. de Girardin, a propósito do assunto em discussão, embora não tenha sido mencionada pelos Espíritos interlocutores. É o que explica o começo da nova intervenção.

– Nas últimas sessões, senhores espíritas, vós me pusestes ligeiramente em causa e creio que me destes o direito, como se diz no Tribunal, de intervir nos debates. Não foi sem prazer que ouvi a profunda dissertação de Lamennais e a resposta um tanto incisiva do Sr. Buffon. Mas falta uma conclusão a essa troca de argumentos. Assim, intervenho e me arvorei em juiz de campo, estribado na minha autoridade particular. Aliás, pedíeis um crítico. Respondo-vos: Cuidado ao me envolverdes nesta questão, porquanto, se bem vos lembrais, em vida desempenhei, de maneira considerada magistral, esse temível posto de crítico executivo. Agrada-me imensamente retornar a esse terreno tão amado. Assim, pois, era uma vez... mas, não; deixemos de lado as banalidades do gênero e entremos seriamente no assunto.

Senhor de Buffon, satirizais de maneira graciosa; vê-se logo que procedeis do grande século. Mas, por mais elegante que sejais como escritor, um visconde de minha raça não teme aceitar o desafio e enfrentar a pena convosco. Vamos, meu gentil-homem! Fostes muito duro para com esse pobre Lamennais, que tratastes como desclassificado! É culpa desse gênio extraviado se, depois de haver escrito com mão de mestre esse estudo admirável que lhe censurais, tenha-se voltado para outras regiões, para outras crenças? Certamente, as páginas da *Indiferença em matéria de religião* seriam assinadas com ambas as mãos pelos melhores prosadores da Igreja; mas se essas páginas permaneceram de pé quando o padre perdeu as estribeiras, não reconheceis a causa, logo vós, tão rigoroso? Ah! olhai Roma, lembrai-vos de seus costumes dissolutos e tereis a chave dessa reviravolta que vos surpreendeu. Oh! Roma está tão longe de Paris!

Os filósofos, os investigadores do pensamento, todos esses rudes e incansáveis trabalhadores do *em* psicológico jamais devem ser confundidos com os escritores de estilo impecável. Estes escrevem para o deleite do público, aqueles para a ciência impenetrável; estes últimos não se preocupam senão com a verdade;

os outros não se vangloriam de ser lógicos: fogem à uniformidade. Em suma, o que buscam é o que vós mesmos buscáveis, meu belo senhor, isto é, a divulgação, a popularidade e o sucesso, que se resumem em belos escudos. Aliás, salvo isto, vossa resposta espirituosa é por demais verdadeira para que eu não a aplaudisse com todo o prazer. Apenas aquilo pelo qual tornais o indivíduo responsável, eu transfiro a responsabilidade ao meio social. Enfim, eu tinha de defender o meu contemporâneo que, como bem o sabeis, não participou de saraus, não freqüentou cabarés, não transitou pelos pequenos salões das damas elegantes, nem, muito menos, tomou parte nas assembléias tumultuosas de baixa categoria. Alcandorado em sua mansarda, sua única distração era esmigalhar o pão e oferecer os pedacinhos aos pardais barulhentos que o vinham visitar em sua cela da rua de Rivoli. Mas sua suprema alegria era sentar-se defronte da mesa pouco firme e fazer a pena vagar sobre as folhas virgens de um caderno de papel!

Oh! certamente teve razão para se lamentar esse grande Espírito doente que, para evitar a sujidade de um século material, havia esposado a Igreja Católica e que, após tê-lo feito, encontrou a sujeira sentada nos degraus do altar. É culpa sua se, lançado jovem entre as mãos do clero, não pôde sondar a profundidade do abismo onde o precipitavam? Sim, ele tem razão de manifestar os seus amargos lamentos, como dizeis. Não é a imagem viva de uma educação mal dirigida e de uma vocação imposta?

Padre renegado! Sabeis quantos burgueses ineptos lhe hão lançado ao rosto essa injúria, porque obedeceu às suas convicções e ao impulso da consciência? Ah! crede-me, feliz naturalista, enquanto corréis atrás das mulheres e a vossa pena, célebre pela conquista do cavalo, era elogiada por lindas pecadoras e aplaudida por mãos perfumadas, ele subia penosamente o seu Gólgota! Porque, assim como o Cristo, sorveu o cálice da amargura e carregou com dificuldade a sua cruz!

E vós, Sr. Buffon, não ofereceis um pouco o flanco à crítica? Vejamos. Ora essa! Vosso estilo é fanfarrão, como vós e, como vós, todo vestido de ouropéis! Mas, então, que intrépido viajante não fostes? Visitastes países!... não; bibliotecas desconhecidas? Que pioneiro infatigável! Desbravastes florestas!... não; manuscritos inéditos, jamais vistos! Reconheço que cobristes os vossos ricos despojos com um verniz brilhante, que é bem vosso. Mas de todos esses volumes enfadonhos, o que há de seriamente vosso como estudo, como fundo? A história do cão, do gato ou do cavalo, talvez? Ah! Lamennais escreveu menos que vós, mas tudo é realmente dele, Sr. Buffon: *a forma e o fundo*. Outro dia vos acusavam de haver ignorado o valor das obras do bom Bernardin de Saint-Pierre. Desculpaste-vos um tanto jesuiticamente; mas não dissestes que se recusastes vitalidade a *Paulo e Virgínia* foi porque, em obras desse gênero, ainda não estáveis na *Grande Scudéri*, no *Grande Cyrus* e no país do *Tendre*, enfim, em todos esses trastes sentimentais, que fazem tanto bem hoje aos alfarrabistas, esses negociantes de roupas da literatura. Ah! Sr. Buffon, começais a cair muito baixo na estima desses senhores, ao passo que o utopista Bernardin conservou uma posição elevada. A *Paz Universal*, uma utopia! *Paulo e Virgínia*, uma utopia! Vamos, vamos! Vosso julgamento foi anulado pela opinião pública. Não falemos mais disso.

Palavra de honra, tanto pior! Pusestes a pena em minha mão; uso-a e abuso. Isto vos ensinará, caros espíritas, a vos inquietardes com uma mulher pedante e aposentada como eu, e a pedir notícias minhas. Esse caro Scribe nos chegou de todo estupefato com esses últimos meio-sucessos; queria que nos erigíssemos em Academia. Falta-lhe a palma verde. Era tão feliz na Terra que ainda hesita em assumir a sua nova posição. Ah! ele se consolará vendo que suas peças voltam a ser apresentadas e, por algumas semanas, não aparecerá mais.

Ultimamente Gérard de Nerval vos deu uma encantadora fantasia inacabada. Esse Espírito caprichoso irá

terminá-la? Quem sabe! Todavia, queria concluir que o verdadeiro do sábio não estando no verdadeiro, o belo do pintor não estando no belo e a coragem da criança sendo mal recompensada, ele fez muito bem em seguir os desvios de sua cara *Fantasia*.

Visconde de Launay (Delphine de Girardin)

Nota – Ver mais adiante *Fantasia*, por Gérard de Nerval.

RESPOSTA DE BUFFON AO VISCONDE DE LAUNAY

Convidais-me a voltar a um debate ao qual firmemente recusei, por não ter o que dizer. Confesso que prefiro ficar no ambiente sossegado onde me encontrava a me expor a semelhante incômodo. Em meu tempo a gente participava de uma brincadeira mais ou menos ateniense, mas hoje, que horror! vai-se a golpes de chicote chumbado. Obrigado! eu me retiro; tenho mais do que preciso, pois ainda estou completamente marcado pelos golpes do visconde. Havereis de concordar que, embora me tenham sido administrados com muita generosidade, pela graciosa mão de uma mulher, não são menos dolorosos. Ah! senhora, a mim lembrastes a caridade de maneira muito pouco caridosa. Visconde! sois muito temível; deponho as armas e humildemente reconheço meus erros. Concordo que Bernardin de Saint-Pierre foi um grande filósofo. Que digo? Encontrou a pedra filosofal e eu não sou, como não fui, mais que um indigesto compilador! E então? Estais contente agora? Vejamos, sede gentil e doravante não me humilheis mais; não sendo assim, obrigareis um gentil-homem, amigo do nosso grupo parisiense, a abandonar a praça, o que não faria sem grande pesar, porque ele tem de aproveitar também os ensinamentos espíritas e conhecer o que aqui se passa.

Ah! Hoje ouvi o relato de fenômenos tão estranhos que em meu tempo teriam sido queimados vivos, como feiticeiros, os atores e até os narradores desses acontecimentos. Aqui, entre nós, serão mesmo fenômenos espíritas? A imaginação de um lado e o

interesse do outro não valerão alguma coisa? Eu não juraria. Que pensa o espirituoso visconde? Quanto a mim, lavo as mãos. Aliás, se creio no meu senso de naturalista, por mais que me chamem naturalista de gabinete, os fenômenos dessa ordem só devem ocorrer raramente. Quereis minha opinião sobre o caso de Havana? Pois bem! lá existe uma camarilha de gente mal-intencionada, que tem todo o interesse em desacreditar a propriedade, a fim de que possa ser vendida a preço vil, e proprietários medrosos e tímidos, apavorados com uma fantasmagoria muito bem preparada. Quanto ao lagarto: lembro-me bem de lhe haver escrito a história, mas confesso jamais os ter encontrado diplomados pela Faculdade de Medicina. Há aqui um médium de cérebro fraco, que tomou de sua imaginação fatos que, em substância, não tinham nenhuma realidade.

Buffon

Nota – Este último parágrafo faz alusão a dois fatos narrados na mesma sessão; por falta de espaço, adiaremos a sua transcrição para outro número. A respeito, Buffon dá espontaneamente a sua opinião.

RESPOSTA DE BERNARDIN DE SAINT-PIERRE

(Médium – Sra. Costel)

Venho eu, Bernardin de Saint-Pierre, envolver-me num debate em que meu nome foi citado, discutido e defendido. Não posso concordar com meu espirituoso defensor; o Sr. de Buffon tem um outro valor, que não o de um compilador eloqüente. Que importam os erros literários de um julgamento muitas vezes tão fino e delicado para as coisas da Natureza e que não foi desviado senão pela rivalidade e o ciúme profissional?

Apesar disso, sou de opinião inteiramente contrária à sua e, como Lamennais, digo: Não, o estilo não é o homem. Disto

sou uma prova eloqüente, eu, cuja sensibilidade jazia completa no cérebro, inventando o que os outros sentiam. As coisas da vida terrena, as coisas acabadas são julgadas com frieza do outro lado da vida. Não mereço toda a reputação literária de que desfrutei. Se aparecesse hoje, *Paulo e Virgínia* seria facilmente eclipsado por uma quantidade de encantadoras produções, que passam despercebidas. É que o progresso de vossa época é grande, mais que vós, contemporâneos, podeis julgar. Tudo se eleva: ciências, literatura, arte social; mas tudo se eleva como o nível do mar na enchente da maré, e os marinheiros que estão ao largo não o podem julgar. Estais em alto-mar.

Volto ao Sr. Buffon, cujo talento louvo, esquecendo a censura, e também ao meu espiritualoso defensor, que sabe descobrir todas as verdades, seus sentidos espirituais, dando-lhes um colorido paradoxal. Depois de haver provado que os literatos mortos não conservam nenhum fel, dirijo-vos os meus agradecimentos, assim como o vivo desejo de vos poder ser útil.

Bernardin de Saint-Pierre

LAMENNAIS A BUFFON

(Médium – Sr. A. Didier)

É preciso prestar muita atenção, Sr. Buffon; eu não concluí absolutamente de maneira literária e humana; encarei a questão de modo muito diverso e o que deduzi foi isto: “Que a inspiração humana muitas vezes é divina”. Aí não havia matéria para nenhuma controvérsia. Agora não mais escrevia com essa pretensão, e podeis vê-lo mesmo em minhas reflexões sobre a influência das artes, o coração e o cérebro⁴⁰. Evitei o mundo e as personalidades; jamais volvamos ao passado; olhemos o futuro. Cabe aos homens julgar e discutir as nossas obras; a nós compete

40 Alusão a uma série de comunicações ditadas por Lamennais, sob o título de *Meditações filosóficas e religiosas*, que publicaremos no próximo número.

dar outras, emanando todas desta idéia fundamental: Espiritismo. Mas, para nós: adeus ao mundo!

Lamennais

FANTASIA – POR GÉRARD DE NERVAL
(Médium – Sr. A. Didier)

Nota – Lembramos que Buffon, falando dos autores contemporâneos, disse que “*Gérard de Nerval*, de cores estranhas, de estilo espalhafatoso e incoerente, fazia fantasia com sua vida, como o fez com sua pena.” Em vez de discutir, Gérard de Nerval respondeu a esse ataque ditando espontaneamente o trecho seguinte, ao qual ele próprio deu o título de *Fantasia*. Escreveu em duas sessões, e foi no intervalo que ocorreu a resposta do Visconde de Launay⁴¹ a Buffon; eis por que disse ele não saber se esse caprichoso Espírito o acabaria, dando a sua provável conclusão.

Não o pusemos em ordem cronológica, a fim de não interromper a série de ataques e réplicas, considerando-se que Gérard de Nerval não se envolveu nos debates senão por esta alegoria filosófica:

– Um dia, numa de minhas *fantasias*, não sei como, cheguei perto do mar, num pequeno porto pouco conhecido; que importa! Por algumas horas eu havia abandonado meus companheiros de viagem e pude entregar-me à mais tempestuosa *fantasia*, que é o termo consagrado às minhas evoluções cerebrais. Todavia, não se deve crer que a *Fantasia* seja sempre uma menina louca, entregue às excentricidades do pensamento. Muitas vezes a pobre mocinha ri para não chorar e sonha para não cair. Frequentemente seu coração está ébrio de amor e de curiosidade, enquanto sua cabeça se perde nas nuvens; talvez seja porque muito ama, essa pobre imaginação. Deixai-a, pois, vaguear, pois ama e admira.

41 N. do T.: Ora aparece grafado *Visconde Delannay*, ora *Visconde de Launay*. Preferimos esta última.

Assim, eu estava com ela um dia, a contemplar o mar, cujo horizonte é o céu, quando, em meio à minha solidão a dois avistei – palavra de honra! um velhinho condecorado. Tivera tempo de o ser, felizmente, pois estava muito abatido; mas seu ar era tão positivo, tão regulares os movimentos, que essa sabedoria e essa harmonia, em sua aparência, substituíam os nervos e os músculos entorpecidos. Sentou-se, examinou bem o terreno e assegurou-se de que não seria picado por um desses bichinhos que pululam na areia da praia; depois deixou de lado sua bengala de castão dourado; mas imaginai o meu espanto quando ele colocou os óculos. Óculos! para ver a imensidade! *Fantasia* deu um salto terrível e quis atirar-se sobre ele. Consegui acalmá-la com muita dificuldade; aproximei-me, oculto por uma rocha e apurei os ouvidos para melhor escutar: “Eis, então, a imagem de nossa vida! Eis o grande todo! Profunda verdade! Eis, pois, nossas existências, elevadas e baixas, profundas e mesquinhas, revoltadas e calmas! Ó vagas! vagas! Grande flutuação universal!” Depois o velhinho só falou para si mesmo. Até então *Fantasia* mantivera-se calma e ouvia religiosamente; porém, não se contendo mais, soltou uma longa gargalhada. Só tive tempo de tomá-la nos braços e abandonamos o velhinho. “Na verdade – dizia *Fantasia* – ele deve ser membro de alguma sociedade erudita.” Depois de ter corrido durante algum tempo, percebemos uma tela de pintor, representando uma falésia a mergulhar no mar. Olhei, ou antes, olhamos a tela. Provavelmente o pintor procurava outro sítio nas redondezas. Após olhar a tela, fitei a Natureza e assim alternativamente. *Fantasia* quis rasgar a tela; só à custa de muito esforço pude contê-la. – “Como! disse-me ela, são sete horas da manhã e vejo nesta tela um efeito que não tem nome!” Compreendi perfeitamente o que *Fantasia* me explicava. Realmente essa menina maluca tem senso, dizia a mim mesmo, querendo afastar-me. Ah! escondido, o artista tinha seguido as menores nuances de minha expressão; quando seus olhos encontraram os meus, foi um choque terrível, um choque elétrico. Lançou-me um desses olhares soberbos, que parecem dizer: “Vermezinho!” Dessa vez *Fantasia* ficou aterrada por tanta

insolência e o viu retomar a paleta com estupefação. “Tu não tens a paleta da Lorena”, disse-lhe ela, sorrindo.

Depois, voltando-se para mim: “Já vimos o verdadeiro e o belo – falou-me ela – procuremos, então, um pouco o bem.” Após ter escalado as falésias, avistei um menino, um filho de pescador, que bem poderia ter treze ou quatorze anos; brincava com um cachorro e corriam um atrás do outro, este a latir, aquele a bradar. De repente, ouvi gritos no ar, que pareciam vir de baixo da falésia; imediatamente o menino atirou-se, de um salto só, por um atalho que levava ao mar. Apesar de todo o seu ardor, *Fantasia* teve dificuldade em segui-lo. Quando cheguei na parte inferior da falésia, vi um espetáculo terrível: o menino lutava contra as vagas e trazia para a costa um infeliz que se debatia contra ele, seu salvador. Eu quis atirar-me, mas o garoto gritou que nada fizesse; e, ao cabo de alguns instantes, magoado, deprimido e trêmulo, aproximava-se com o homem que havia salvado. Era, ao que tudo indica, um banhista que se tinha aventurado muito longe e caíra numa corrente.

Continuarei de outra vez.

Gérard de Nerval

Nota – Foi nesse intervalo que ocorreu a comunicação do Visconde de Launay, reportada acima.

CONTINUAÇÃO

Depois de alguns instantes o afogado, pouco a pouco, voltava à vida, mas apenas para dizer: “É incrível; logo eu, que nado tão bem!” Viu perfeitamente quem o havia salvado, mas, olhando-me, acrescentou: “Ufa! escapei por pouco! Como sabeis, há certos momentos em que perdemos a cabeça; não são as forças que nos traem, mas... mas...” Vendo que não podia continuar, apressei-me em lhe dizer: “Enfim, graças a este bravo rapaz, eis-vos salvo.” Ele

olhou o garoto, que o examinava com o ar mais indiferente do mundo, mãos na cintura. O senhor pôs-se a sorrir: “Contudo é verdade”, disse, saudando-me em seguida. *Fantasia* quis correr atrás dele. “Deixa pra lá!”, disse ela, mudando de idéia, “de fato é muito natural.” O rapazola o viu afastar-se, depois voltou ao seu cão. Desta vez *Fantasia* chorou.

Gérard de Nerval

Tendo um membro da Sociedade observado que faltava a conclusão, Gérard acrescentou estas palavras:

“Encontro-me à vossa disposição, de todo o coração, para dar outro ditado; mas, quanto a este, *Fantasia* me diz que pare aqui. Talvez esteja errada; ela é tão caprichosa!”

A conclusão havia sido dada antecipadamente pelo Visconde de Launay.

CONCLUSÃO DE ERASTO

Depois do torneio literário e filosófico ocorrido nas últimas sessões da Sociedade, ao qual assistimos com vera satisfação, julgo necessário, do ponto de vista puramente espírita, comunicar-vos algumas reflexões, que me foram suscitadas por esse interessante debate, no qual, aliás, não quero intervir de modo nenhum. Antes de mais, porém, deixai que vos diga que, se vossa reunião foi animada, esta animação nada significou em relação à que reinava entre os grupos numerosos de Espíritos eminentes, que essas sessões, quase acadêmicas, tinham atraído. Ah! certamente se vos tivésseis tornado vidente instantaneamente, teríeis ficado surpreso e confuso perante esse areópago superior. Mas não é minha intenção desvendar-vos hoje o que se passou entre nós; meu objetivo é unicamente fazer que entendais algumas palavras sobre o proveito que deveis tirar dessa discussão, no que respeita à vossa instrução espírita.

Conheceis Lamennais há muito tempo e, certamente, apreciastes o quanto esse filósofo continuou apaixonado pela idéia abstrata; sem dúvida notastes o quanto ele acompanha com persistência, e com talento – devo dizê-lo – suas teorias filosóficas e religiosas. Logicamente deveis deduzir que o *ser* pessoal pensante prossegue, mesmo depois da tumba, seus estudos e trabalhos e que, por meio dessa lucidez que é o apanágio particular dos Espíritos, comparando seu *pensamento espiritual* com o seu *pensamento humano*, deve eliminar tudo quanto o obscurecia materialmente. Muito bem! o que é verdadeiro para Lamennais, o é igualmente para os outros, e cada um, no vasto país da erraticidade, conserva suas aptidões e sua originalidade.

Buffon, Gérard de Nerval, o Visconde de Launay, Bernardin de Saint-Pierre conservam, como Lamennais, os gostos e a forma literária que observáveis neles, quando vivos. Creio útil chamar vossa atenção sobre essa condição de ser do nosso mundo de além-túmulo, para que não venhais a crer que abandonamos instantaneamente nossas inclinações, costumes e paixões quando despimos as vestes humanas. Na Terra, os Espíritos são como prisioneiros, que a morte deve libertar; no entanto, assim como aquele que está sob grades tem as mesmas propensões, conserva a mesma individualidade quando em liberdade, os Espíritos conservam suas tendências, originalidade e aptidões, ao chegarem entre nós. Contudo, à exceção dos que passaram, não por uma vida de trabalho e de provas, mas por uma vida de expiação, como os idiotas, os cretinos e os loucos, suas qualidades inteligentes, mantidas em estado latente, não despertam senão à saída da prisão terrestre. Como pensais, isto deve entender-se do mundo espírita inferior ou médio, e não dos Espíritos elevados libertos da influência corporal.

Ides tomar as vossas férias, senhores associados. Permitti que vos dirija algumas palavras amigas, antes de nos separarmos por algum tempo. Creio que a doutrina consoladora

que vos viemos ensinar só conta, entre vós, com adeptos fervorosos. Eis por que, como é essencial que cada um se submeta à lei do progresso, julgo dever aconselhar-vos a examinar, perante vós, que proveito haveis tirado pessoalmente de nossos trabalhos espíritos, e que progresso moral disso resultou em vossos meios recíprocos. Porque – bem o sabeis – não basta dizer: *Sou espírita*, e encerrar essa crença no seu íntimo; o que vos é indispensável saber é se vossos atos estão de acordo com as prescrições de vossa nova fé, que, nunca seria demais repetir, é *Amor e caridade*. Que Deus seja convosco!

Erasto

Conversas Familiares de Além-Túmulo

A PENA DE TALIÃO⁴²

(Sociedade, 9 de agosto de 1861 – Médiun: Sr. d'Ambel)

Um correspondente da Sociedade lhe transmite a seguinte nota:

“O Sr. Antonio B..., um de meus parentes, escritor de mérito, estimado por seus concidadãos, tendo desempenhado com distinção e integridade funções públicas na Lombardia, caiu, há cerca de seis anos, em conseqüência de um ataque de apoplexia, num estado de morte aparente que, infelizmente, como algumas vezes sucede em casos tais, a sua morte foi considerada real, concorrendo ainda mais para o engano os vestígios da decomposição assinalados no corpo. Quinze dias depois do enterro, uma circunstância fortuita levou a família a determinar a exumação. Tratava-se de um medalhão, por acaso esquecido no caixão. Qual não foi, porém, o espanto dos assistentes, quando, ao abrir aquele, notaram que o

42 N. do T.: Vide *O Céu e o Inferno*, 2ª parte, capítulo VIII: ANTONIO B – Enterrado vivo – A pena de talião.

corpo havia mudado de posição, voltando-se de bruços e – coisa horrível – que uma das mãos havia sido comida em parte pelo defunto. Ficou, então, patente que o infeliz Antonio B... fora enterrado vivo, e deveria ter sucumbido sob a ação do desespero e da fome. Seja como for, desse triste acontecimento e de suas conseqüências morais não seria interessante, do ponto de vista espírita e psicológico, fazer um inquérito no mundo dos Espíritos?”

1. Evocação de Antonio B...

Resp. – Que quereis de mim?

2. A pedido de um vosso parente, nós vos evocamos com prazer e seremos felizes se quiserdes responder-nos.

Resp. – Sim, desejo fazê-lo.

3. Lembrais-vos dos incidentes da vossa morte?

Resp. – Ah! Certamente que me lembro: – Mas por que avivar essa lembrança do castigo?

4. Efetivamente fostes enterrado por descuido?

Resp. – Assim deveria ser, visto revestir-se a morte aparente de todos os caracteres da morte real: eu estava quase exangue. Não se deve, porém, imputar a ninguém um acontecimento que me estava predestinado desde que nasci.

5. Incomodam-vos estas perguntas? Será mister lhes demos fim?

Resp. – Não. Podeis continuar.

6. Porque deixastes a reputação de um homem de bem, esperamos fôsseis feliz.

Resp. – Eu vos agradeço, pois sei que haveis de interceder por mim. Vou fazer o possível para vos responder, e, se não puder fazê-lo, fá-lo-á um dos vossos guias por mim.

7. Podeis descrever-nos as vossas sensações daquele momento?

Resp. – Que dolorosa provação sentir-me encerrado entre quatro tábuas, tolhido, absolutamente tolhido! Gritar? Impossível! A voz, por falta de ar, não tinha eco! Ah! que tortura a do infeliz que em vão se esforça para respirar num ambiente limitado! Eu era qual condenado à boca de um forno, abstração feita ao calor. A ninguém desejo um fim rematado por semelhantes torturas. Não, não desejo a ninguém um tal fim! Oh! cruel punição de cruel e feroz existência! Não saberia dizer no que então pensava; apenas revendo o passado, vagamente entrevia o futuro.

8. Dissestes: – cruel punição de feroz existência... Como se pode conciliar esta afirmativa com a vossa reputação ilibada?

Resp. – Que vale uma existência diante da eternidade?! Certo, procurei ser honesto e bom na minha última encarnação, mas eu aceitara um tal epílogo previamente, isto é, antes de encarnar. Ah!... Por que interrogar-me sobre esse passado doloroso, que só eu e os Espíritos bons enviados do Senhor conhecíamos? Mas, visto que assim é preciso, dir-vos-ei que numa existência anterior eu emparedara uma mulher – a minha, viva num sepulcro subterrâneo. A pena de talião devia ser-me aplicada. Olho por olho, dente por dente.

9. Agradecemos essas respostas e pedimos a Deus vos perdoe o passado, em atenção ao mérito da vossa última encarnação.

Resp. – Voltarei mais tarde, mas, não obstante, o Espírito Erasto completará esta minha comunicação.

REFLEXÕES DE LAMENNAIS SOBRE ESTA EVOCAÇÃO

Deus é bom! Mas, para chegar ao aperfeiçoamento, deve o homem sofrer as provas mais cruéis. Este infeliz viveu vários séculos durante sua desesperada agonia, e embora sua última existência tenha sido honrada, esta prova deveria realizar-se, pois a tinha escolhido.

REFLEXÕES DE ERASTO

Por essa comunicação podeis inferir a co-relatividade e dependência imediata das vossas existências entre si; as tribulações, as vicissitudes, as dificuldades e dores humanas são sempre as conseqüências de uma vida anterior, culposa ou mal aproveitada. Devo, todavia, dizer-vos que desfechos como este de Antonio B... são raros, visto como, se de tal modo terminou uma existência correta, foi por tê-lo solicitado ele próprio, com o fito de abreviar a sua erraticidade e atingir mais rápido as esferas superiores. Efetivamente, depois de um período de perturbação e sofrimento moral, inerente à expiação do hediondo crime, ser-lhe-á perdoado este, e ele se alçará a um mundo melhor, onde o espera a vítima que há muito lho perdoou. Aproveitai este exemplo cruel, queridos espíritas, a fim de suportardes, com paciência, os sofrimentos morais e físicos, todas as pequenas misérias da Terra.

P. – Que proveito pode a Humanidade auferir de semelhantes punições?

Resp. – As penas não existem para desenvolver a Humanidade, porém para punição dos que erram. De fato, a Humanidade não pode ter nenhum interesse no sofrimento de um dos seus membros. Neste caso, a punição foi apropriada à falta. Por que há loucos, idiotas, paralíticos? Por que morrem estes queimados, enquanto aqueles padecem as torturas de longa agonia entre a vida e a morte? Ah! crede-me; respeitai a soberana vontade e não procureis sondar a razão dos decretos da Providência! Deus é justo e só faz o bem.

Erasto

Observação – Este fato não encerra um ensinamento terrível? Às vezes tardia, nem por isso a justiça de Deus deixa de atingir o culpado, prosseguindo em seu aviso. É altamente moralizador o saber-se que, se grandes culpados acabam, pacificamente, na abundância de bens terrenos, nem por isso

deixará de soar cedo ou tarde, para eles, a hora da expiação. Penas tais são compreensíveis, não só por estarem mais ou menos ao alcance das nossas vistas, como por serem lógicas. Ora, perguntamos se esse quadro, que o Espiritismo desdobra a cada instante diante de nós, não é mais apropriado a impressionar, para reter à beira do abismo, do que o medo das chamas eternas, em que já não acreditamos? Se apenas relermos as evocações publicadas nesta Revista, veremos que não há um vício que não determine o seu castigo, nem uma virtude que não suscite a sua recompensa, proporcionados ao mérito ou ao grau de culpabilidade, porquanto Deus leva em conta todas as circunstâncias que possam atenuar o mal ou aumentar o prêmio do bem.

Correspondência

CARTA DO SR. MATHIEU SOBRE A MEDIUNIDADE DAS AVES

Paris, 11 de agosto de 1861.

Senhor,

Quem ainda vos escreve sou eu e, se o permitis, para prestar uma nova homenagem à verdade.

Somente hoje pude ler, no último número da *Revista*, vossas excelentes observações sobre a pretensa faculdade mediúnica das aves e me apresso em vo-lo agradecer com mais um serviço prestado à causa que ambos defendemos.

Várias exhibições de aves *maravilhosas* têm ocorrido nestes últimos anos. Como eu conhecia o *truque* principal das habilidades executadas por esses interessantes galináceos, ouvia com muita pena e pesar certos espiritualistas, ou espíritas, atribuírem essas façanhas a uma ação mediúnica, o que devia fazer sorrir *in petto*, se assim me posso exprimir, os proprietários dessas

aves. Mas o que eles não pareciam apressados em desmentir, venho desmentir por eles, já que me forneceis a ocasião, não para prejudicar a sua indústria, o que me desgostaria, mas para impedir uma deplorável confusão entre os fatos que uma engenhosa paciência e uma certa habilidade de mãos produzem só neles e que a intervenção dos Espíritos produz em nós.

Estais coberto de razão quando dizeis: “Essas aves fazem coisas que nem o mais inteligente dos homens, nem mesmo o sonâmbulo mais lúcido poderiam fazer, levando-se a concluir que seriam dotadas de faculdades intelectuais superiores às do homem e assim contrariando as leis da Natureza.” Esta consideração deveria atingir em cheio as pessoas excessivamente entusiastas, que não temem recorrer à faculdade mediúcnica para explicar experiências que, à primeira vista, não compreendem. Infelizmente, os observadores frios e judiciosos são ainda muito raros e, entre os homens distintos que acompanham os nossos estudos, há os que nem sempre sabem defender-se contra a exaltação da imaginação e os perigos da ilusão.

Ora, quereis que vos diga o que me foi comunicado a respeito dessas aves *maravilhosas*, das quais, se vos lembrais, admiramos, juntos, uma amostra, certa noite? Um de meus amigos, amante de todas as curiosidades possíveis, mostrou-me um dia uma comprida estante de madeira, na qual estavam colocados, em grande número, pequenos cartões, dispostos uns ao lado dos outros. Nesses cartões estavam impressos palavras, números, estampas de baralho, etc. “Comprei-a – disse-me ele – de um homem que exhibia aves sábias.” A venda incluía, também, a maneira de a usar.

Então o meu amigo, retirando da estante, vários desses cartões, fez-me notar que as bordas superiores e inferiores eram, uma completa, outra formada por duas folhas, separadas por uma fenda quase imperceptível e, sobretudo, invisível a distância.

Explicou-me em seguida que esses cartões deviam ser colocados na estante, ora com a fenda dirigida para baixo, ora para o alto, conforme se quisesse que a ave os tirasse da estante com o bico, ou não os tocasse. A ave estava previamente adestrada para atrair a si todos os cartões em que percebesse uma fenda. Parece que essa instrução preliminar era-lhe dada por meio de grãos de alpiste, ou de qualquer outra guloseima, colocados na fenda em questão; ela acabava por adquirir o hábito de bicar e, assim, por tirar da estante todos os cartões fendidos que aí encontrasse, andando de costas.

Tal é, senhor, o engenhoso ardil que meu amigo deu-me a conhecer. Tudo me leva a crer seja isto comum a todas as pessoas que exploram a indústria das aves inteligentes. Resta a tais pessoas o mérito de treiná-las para esse manejo com muita paciência e, talvez, um pouco de jejum – para as aves, bem entendido. Resta-lhes, também, com a maior habilidade possível, o mérito de salvar as aparências, quer pela convidência, que por hábil prestidigitação no manejo dos cartões, como no dos acessórios que figuram em suas experiências.

Lamento assim revelar o mais importante de seus segredos. Mas, por um lado, o público não verá com menos prazer aves tão bem adestradas, mesmo correndo o risco de tornar-se testemunha de coisas *impossíveis*; por outro lado, não me era possível deixar por mais tempo que uma opinião fosse aceita, quando a sua propagação não conduz senão à profanação de nossos estudos. Na presença de um interesse tão sagrado, creio que um silêncio complacente seria um escrúpulo exagerado. Se for também a vossa opinião, senhor, estais livre para comunicar esta notícia aos vossos leitores.

Aceitai, etc.

Mathieu

Certamente concordamos com o Sr. Mathieu e estamos felizes por nos termos encontrado com ele sobre esta questão. Agradecemos-lhe os detalhes que houve por bem nos transmitir, que, sem dúvida, agradecerão aos nossos leitores. O Espiritismo é bastante rico em fatos notáveis, autênticos, sem admitir os que se referem ao maravilhoso e ao impossível. Somente um estudo sério e aprofundado da ciência espírita pode pôr em guarda as pessoas muito crédulas, considerando-se que tal estudo, ao dar a chave dos fenômenos, ensina-lhes os limites nos quais eles podem produzir-se.

Dissemos que se as aves operassem seus prodígios com conhecimento de causa e pelo esforço da inteligência, fariam o que não pode fazer nem o mais inteligente dos homens, nem o sonâmbulo mais lúcido. Isto nos lembra o sucessor do célebre *Munito*, que vimos, há vinte e cinco ou trinta anos, ganhar invariavelmente de seu parceiro o jogo de cartas, e dar o total de uma soma antes que pudéssemos fazer o cálculo. Ora, sem vaidade, nós nos julgamos um pouco mais forte no cálculo do que aquele cão. Sem a menor dúvida, havia ali cartas marcadas, como no caso das aves. Quanto aos sonâmbulos, alguns há, incontestavelmente, que são bastante lúcidos para fazerem coisas tão surpreendentes quanto fazem esses interessantes animais, o que não impede que nossa proposição seja verdadeira. Sabe-se que a lucidez sonambúlica, mesmo a mais desenvolvida, é, por natureza, essencialmente variável e intermitente; que está subordinada a uma multidão de circunstâncias e, acima de tudo, à influência do meio-ambiente; que raramente o sonâmbulo vê de modo instantâneo; que muitas vezes não pode ver em dado instante ou que verá uma hora mais tarde, ou no dia seguinte; que o que vê com uma pessoa, não o verá com outra. Supondo haja nos animais sábios uma faculdade análoga, seria preciso admitir que eles não sofressem nenhuma influência susceptível de a perturbar; que a tivessem sempre à sua disposição, a qualquer hora, vinte vezes por dia, se preciso for, e sem nenhuma alteração. É sobretudo no tocante a esse aspecto que dizemos fazerem eles o que o mais lúcido

sonâmbulo é incapaz de fazer. O que caracteriza os truques de prestidigitação é a precisão, a pontualidade, a instantaneidade, a repetição facultativa, coisas todas contrárias à essência dos fenômenos puramente morais do sonambulismo e do Espiritismo, cujos efeitos se deve sempre aguardar e só raramente podem ser provocados.

Ainda que os efeitos de que acabamos de falar fossem devidos a processos artificiais, nada provariam contra a mediunidade dos animais em geral.

Assim, a questão seria saber se neles há ou não a possibilidade de servirem de intermediários entre os Espíritos e os homens. Ora, a incompatibilidade de sua natureza, a esse respeito, está demonstrada pela dissertação de *Erasto*, publicada em nosso número de agosto, e a do mesmo Espírito sobre *o papel dos médiuns nas comunicações*, inserida no do mês de julho.

CARTA DO SR. JOBARD SOBRE OS ESPÍRITAS DE METZ

Bruxelas, 18 de agosto de 1861.

Meu caro mestre,

Acabo de visitar os espíritas de Metz, como visitastes os de Lyon o ano passado. Mas, em vez de pobres operários, simples e iletrados, são condes, barões, coronéis, oficiais engenheiros, antigos alunos da Escola Politécnica, sábios conhecidos por obras de grande mérito. Eles também me ofereceram um banquete, mas um banquete de pão, que nada tinha de comum com os modestos ágapes dos primeiros cristãos. O Espírito Lamennais os admoestou nestes termos:

“Pobre Humanidade! Juntai sempre os detritos do meio em que viveis; materializais tudo, prova de que a lama ainda macula o vosso ser. Não vos censuro, apenas faço uma mera observação.

Sendo o vosso objetivo adornado de excelentes intenções, os caminhos que a ele conduz não são condenáveis. Se, ao lado de uma satisfação quase animal, pondeis o desejo de santificá-la, de enobrecê-la, certamente a pureza de vossos prazeres a centuplicará. Fora as boas palavras que vão estreitar vossa amizade, ao lado da lembrança dessa boa jornada, na qual o Espiritismo tem larga participação, não deixeis a mesa sem ter pensado que os Espíritos bons, que são os professores de vossas reuniões, fazem jus a um pensamento de reconhecimento.”

Que isto sirva de lição aos Lucullus, aos Trimalcions parisienses, que devoram num jantar o alimento de cem famílias, pretendendo que Deus lhes deu os bens da Terra para desfrutá-los. Para desfrutar, seja; mas não para abusar, a ponto de alterar a saúde do corpo e do Espírito. Para que servem, pergunto, esses duplos, triplos e quádruplos serviços; essa crescente superfluidade dos mais delicados vinhos, aos quais parece Deus haver tirado o sabor por um milagre inverso ao das bodas de Caná e que transmuta em veneno para os que perdem a razão, a ponto de se tornarem insensíveis às advertências de seu instinto animal? Ainda que o Espiritismo, propalado nas classes elevadas da sociedade, não tivesse por efeito senão colocar um freio à glotonaria e às orgias da mesa dos ricos, estaria prestando à sociedade um imenso serviço, que a medicina oficial não pôde dispensar, já que os próprios médicos partilham com muito gosto desses excessos, que lhes fornecem mais doentes, mais estômagos a desobstruir, mais baços a desopilar, mais gotosos a consolar, porque não sabem curá-los.

Dir-vos-ei, caro mestre, que encontrei em Metz casas da antiga nobreza, muito religiosas, cujas avós, mães, filhas e netos e até seus dirigentes eclesiásticos obtêm pela tiptologia ditados magníficos, embora de ordem inferior à dos sábios médiuns da Sociedade de que vos falo.

Tendo perguntado a alguns Espíritos o que pensavam de certo livro, um nos disse que o tinha lido e meditado, fazendo-

lhe o maior elogio; o outro confessou que não o havia lido, mas que tinha ouvido falar muito bem a respeito; outro, ainda, o achava bom, mas lhe censurava uma certa obscuridade. Exatamente como se julga na Terra.

Um outro Espírito nos expôs uma das mais sedutoras cosmogonias, a nós oferecida como pura verdade; e como adentrasse nos segredos de Deus sobre o futuro, perguntei-lhe se ele não seria o próprio Deus e se sua teoria não passava de uma bela hipótese de sua parte. Balbuciou e reconheceu que tinha ido muito longe, mas que, para ele, tratava-se de uma convicção. Ainda bem!

Em poucos dias receberéis a primeira publicação dos espíritas de Metz, da qual fui o padrinho, a pedido e por gentileza de sua parte. Ficareis contente, pois está boa. Ali encontrareis dois discursos de Lamennais sobre a prece, que um padre leu durante o sermão, declarando que não podia ser obra de um homem. A Sra. de Girardin os visita, como vós, e reconheceréis seu espírito, seu sentimento e seu estilo.

O círculo de Metz pediu-me que o pusesse em contato com o círculo belga, composto apenas por dois médiuns, dos quais um francês e outro inglês. Os belgas são infinitamente mais razoáveis; lamentam de todo coração que um homem de inteligência tão vasta quanto a minha, sobretudo nas ciências e matérias ligadas à indústria, dê-se a essa loucura de acreditar na existência da alma e, como se não bastasse, na sua imortalidade. Desviam-se de mim com piedade, dizendo: “O que será de nós?!” Foi o que me aconteceu ontem à noite, ao ler-lhes a nossa *Revista*, que eu pensava dever interessar-lhes, e que tomam como uma coletânea de notícias falsas para divertir os...

Jobard

Observação – Há muito sabíamos que a cidade de Metz marcha a largos passos na senda do progresso espírita e que os

senhores oficiais não são os últimos a segui-la. Sentimo-nos felizes por ter a confirmação disto, através de nosso distinto colega Sr. Jobard. Assim, teremos prazer em prestar informações sobre o trabalho desse círculo, que se estabelece sobre bases verdadeiramente sérias. Não deixará de exercer uma grande influência pela posição social de seus membros. Em breve falaremos do de Bordeaux, que se funda sob os auspícios da Sociedade de Paris, já com numerosos elementos e em condições que lhe permitirão ocupar o primeiro lugar.

Conhecemos bastante os princípios do Sr. Jobard para estarmos certos de que, ao enumerar os títulos e qualidades dos espíritas de Metz, ao lado dos modestos operários que visitamos em Lyon, o ano passado, não quis fazer nenhuma comparação injuriosa; seu objetivo foi unicamente constatar que o Espiritismo conta adeptos em todas as camadas sociais. É fato bem conhecido que, por um desígnio providencial, primeiro os recrutou nas classes esclarecidas, a fim de provar aos adversários que não é privilégio dos tolos e ignorantes e, ainda, para não chegar às massas senão depois de ter sido depurado e eximido de toda idéia supersticiosa. Só há pouco o Espiritismo penetrou entre os trabalhadores; mas aí, também, fez rápidos progressos, pois traz supremas consolações aos sofrimentos materiais, que ensina a suportar com resignação e coragem.

Engana-se o Sr. Jobard se pensa que em Lyon só encontramos espíritas entre os operários; a alta indústria, o grande comércio, as artes e ciências, lá como alhures, fornecem seu contingente. É verdade que naquela cidade os operários são maioria, por circunstâncias peculiares ao local. Se esses operários são pobres, como diz o Sr. Jobard, é uma razão a mais para lhes estendermos a mão. Mas são cheios de sentimentos, de zelo e de devotamento; se só tiverem um pedaço de pão, sabem dividi-lo com os irmãos; são simples, também é verdade, isto é, não têm orgulho nem a presunção do saber. São iletrados? Sim,

relativamente, mas não em sentido absoluto. Em falta de ciência, têm bastante raciocínio e bom-senso para apreciarem o que é justo e distinguirem, naquilo que se lhes ensina, o que é racional do que é absurdo. Eis o que pudemos julgar por nós mesmo. Por isso aproveitamos a ocasião para lhes fazer justiça. A carta que publicamos a seguir, pela qual nos convidam a visitá-los ainda este ano, testemunha a feliz influência exercida pelas idéias espíritas e os resultados que devem ser esperados, quando se generalizarem.

Lyon, 20 de agosto de 1861.

Meu bom senhor Allan Kardec,

Se fiquei tanto tempo sem vos escrever, não creiais ter havido indiferença de minha parte. É que, sabendo da volumosa correspondência que recebeis, só vos escrevo quando tenho alguma coisa importante a relatar. Venho, pois, dizer que contamos convosco este ano e pedir informeis a época, tão precisa quanto possível, de vossa chegada, assim como o lugar onde descereis, pois aumentou bastante, este ano, o número de espíritas, sobretudo nas classes operárias. Todos vos querem ver, ouvir, e, embora sabendo perfeitamente que foram os Espíritos que ditaram vossas obras, desejam ver o homem escolhido por Deus para esta bela missão. Querem dizer-vos o quanto se sentem felizes em vos ler e vos fazer juiz do progresso moral que tiraram de vossas instruções, pois se esforçam por se tornarem brandos, pacientes e resignados em sua miséria, que é tão grande em Lyon, principalmente na indústria e comércio da seda. Os que murmuram, os que ainda se queixam são os principiantes. Os mais instruídos lhes dizem: Coragem! nossas penas e sofrimentos são provas, ou a consequência de nossas vidas anteriores; Deus, que é bom e justo, nos tornará mais felizes e nos recompensará em novas reencarnações. Allan Kardec no-lo disse e o prova em seus escritos.

Escolhemos um local maior que o da última vez, porque seremos mais de cem. Nosso banquete será modesto, pois

as contribuições serão pequenas; será antes o prazer da reunião. Faço de modo que haja espíritas de todas as classes e condições, a fim de lhes fazer compreender que são todos irmãos. O Sr. Déjou se ocupa disso com zelo e trará todo o seu grupo, que é numeroso.

Vosso devotado e dedicado,

C. Rey

Um convite igualmente lisonjeiro nos foi enviado de Bordeaux:

Bordeaux, 7 de agosto de 1861.

Meu caro senhor Kardec,

O último número de vossa *Revista* anuncia que a Sociedade Espírita de Paris toma suas férias de 15 de agosto a 1^o de outubro. Podemos esperar que, nesse intervalo, honrarei os espíritas bordeleses com vossa presença? Ficaríamos todos muito felizes. Os mais fervorosos adeptos da doutrina, cujo número aumenta diariamente, desejam organizar uma Sociedade, que dependeria da de Paris, para o controle dos trabalhos. Redigimos um documento, calcado no modelo da Sociedade Parisiense e o submetemos à vossa apreciação. Além da Sociedade principal, haverá grupos de dez a doze pessoas em diversos pontos da cidade, destinados principalmente aos operários, onde, vez por outra, comparecerão membros da Sociedade para dar os conselhos necessários. Todos os nossos guias espirituais estão de acordo neste ponto, isto é, que Bordeaux deve ter uma sociedade de estudos, pois a cidade será o centro da propagação do Espiritismo em todo o Sul.

Nós vos esperamos confiantes e felizes para o dia memorável da inauguração, julgando que ficareis contente com o nosso zelo e maneira de trabalhar. Estamos prontos a submeter-nos

aos sábios conselhos de vossa experiência. Vinde, pois, ver-nos à obra: pela obra se conhece o obreiro.

Vosso bem dedicado servidor,

A. Sabò

Dissertações e Ensinos Espíritas

UM ESPÍRITO ISRAELITA A SEUS CORRELIGIONÁRIOS

Nossos leitores se recordam da bela comunicação publicada no número de março último, sobre *a lei de Moisés e a lei do Cristo*, assinada por *Mardochée* e recebida pelo Sr. R..., de Mulhouse. Esse senhor recebeu outras, igualmente notáveis, do mesmo Espírito, e que publicaremos. A que damos a seguir é de um outro parente, falecido há alguns meses. Foi ditada em três ocasiões diferentes.

A TODOS QUE CONHECI

I

Meus amigos,

Sede espíritas, eu vos conjuro a todos. O Espiritismo é a lei de Deus; é a lei de Moisés aplicada à época atual. Quando Moisés deu a lei aos filhos de Israel, fê-la tal qual Deus lha dera, e Deus a apropriou aos homens daquele tempo. Mas depois os homens progrediram; melhoraram em todos os sentidos; fizeram progressos em ciência e moralidade; hoje, cada um sabe conduzir-se; cada um sabe o que deve ao Criador, ao próximo, a si mesmo. Hoje, pois, é preciso alargar as bases do ensino; o que a lei de Moisés vos ensinou já não basta para fazer avançar a Humanidade e Deus não quer que fiquéis sempre no mesmo ponto, porquanto,

o que era bom há cinco mil anos já não o é hoje. Quando quereis que vossos filhos progridam e desejais dar-lhes uma educação um tanto mais esmerada, sempre os enviais à mesma escola, onde não aprenderiam senão as mesmas coisas? Não; vós os mandais a uma escola superior. Pois bem! São chegados os tempos, meus amigos, em que Deus quer ampliar o quadro dos vossos conhecimentos. O próprio Cristo, embora tenha feito a lei mosaica avançar um passo, não disse tudo, pois não teria sido compreendido, mas lançou sementes que deveriam ser recolhidas e aproveitadas pelas gerações futuras. Deus, em sua infinita bondade, vos envia hoje o Espiritismo, cujas bases estão, inteiras, na lei bíblica e na lei evangélica, para vos elevar e ensinar a vos amardes uns aos outros. Sim, meus amigos: a missão do Espiritismo é extinguir todos os ódios, de homem a homem, de nação a nação; é a aurora da fraternidade universal que se levanta; somente com o Espiritismo podeis chegar a uma paz geral e durável.

Levantai-vos, pois, ó povos! ficai de pé, porque Deus, o Criador de todas as coisas, envia os Espíritos de vossos parentes para vos abrirem um novo caminho, maior e mais amplo do que aquele que ainda seguis. Oh! meus amigos, não sejais os últimos a vos render à evidência, porquanto a mão de Deus pesará sobre os incrédulos, fazendo desapareceram da face da Terra os endurecidos, a fim de não perturbarem o reino do bem, que se prepara. Crede nas advertências daquele que foi e será sempre vosso parente e vosso amigo.

Que os israelitas tomem a dianteira! Que ostentem rapidamente e sem tardança a bandeira que Deus envia aos homens, para os congregar numa só família. Armai-vos de coragem e de resolução; não hesiteis; não vos detenhais diante dos retardatários que vos queiram reter os passos, falando-vos de sacrilégios. Não, meus amigos, não há sacrilégio; lamentai os que tentarem retardar a vossa marcha com semelhantes pretextos. Não vos diz a razão que neste mundo nada há de imutável? Só Deus é imutável; mas tudo

quanto Ele criou deve seguir, e segue, uma marcha progressiva, que nada pode deter, porque está nos desígnios do Criador. Assim, não cuideis de impedir que a Terra gire!

As instituições, magníficas há cinco mil anos, hoje estão velhas; o objetivo a que se destinavam está superado; elas já não bastam à sociedade atual, assim como o antigo regime francês já não serviria à França dos nossos dias. Novo progresso se prepara, sem o qual todos os outros melhoramentos sociais ficam desprovidos de bases sólidas: o progresso da fraternidade universal, cujas sementes foram lançadas pelo Cristo e que germinam no Espiritismo. Seríeis, então, os últimos a entrar nessa via? Não vedes que o mundo velho está num trabalho de parto para se renovar? Lançai os olhos sobre o mapa, não digo da Europa, mas do mundo, e vede de que maneira, uma a uma, caem todas as instituições antiquadas, para jamais se levantarem. Por quê? É a aurora da liberdade que se ergue, banindo os despotismos de toda espécie, como os primeiros raios do Sol expulsam as trevas da noite. Os povos estão cansados de terem sido inimigos; compreendem que sua felicidade está na fraternidade e querem ser livres, porque não poderão melhorar e tornar-se irmãos enquanto não forem livres. Não reconheceis à frente de um grande povo um homem eminente, que desempenha uma missão assinalada por Deus e prepara os caminhos? Não ouvís o sombrio retumbar do Velho Mundo, que se desmorona para dar lugar a uma nova era? Logo vereis surgir na cátedra de São Pedro um pontífice que proclamará os novos princípios, e esta crença, que será a de todos os povos, reunirá as seitas dissidentes numa só e mesma família. Estai prontos; içai a bandeira desse ensinamento tão grande e tão santo, para não serdes os últimos.

Israelitas de Bordeaux e de Bayonne, vós que marchastes à frente do progresso, erguei-vos; aclamai o Espiritismo, porque é a lei do Senhor, e bendizei-o, por vos trazer os meios de chegar mais prontamente à felicidade eterna, que está destinada aos seus eleitos.

II

Meus amigos,

Não vos surpreendais ao lerdes esta comunicação. Ela vem de mim, Edouard Pereyre, vosso parente, vosso amigo, vosso compatriota. Fui eu mesmo que a ditei ao meu sobrinho Rodolfo, cuja mão seguro para fazê-lo escrever com minha letra. Dou-me a esse trabalho, fatigante tanto a mim quanto ao médium, a fim de melhor vos convencer, pois o medianeiro deve seguir um movimento contrário ao que lhe é habitual.

Sim, meus amigos, o Espiritismo é uma nova revelação; compreendi o alcance desta palavra em toda a sua acepção. É uma revelação porque vos desvenda uma nova força da Natureza, da qual não suspeitáveis e, contudo, é tão antiga quanto o mundo. Era conhecida na época de Moisés, pelos homens superiores de nossa história religiosa, e foi por ela que recebestes os primeiros ensinamentos sobre os deveres do homem para com o seu Criador; mas ela não deu senão o que era compatível com os homens daquela época.

Hoje, que o progresso está feito; que a luz se espalha nas massas; que a estupidez e a ignorância dos primeiros tempos começam a dar lugar à razão e ao senso moral; hoje que a idéia de Deus é por todos compreendida ou, pelo menos, pela maioria, dá-se uma nova revelação, que se produz simultaneamente entre todos os povos instruídos, revelação que todavia se modifica conforme o grau de adiantamento desses povos. Tal revelação vos diz que o homem não morre, que a alma sobrevive ao corpo e habita o espaço; está entre vós, ao vosso lado.

Sim, meus amigos; consolai-vos quando perderdes um ser que vos é caro, desde que só perdeis o seu corpo material; seu Espírito vive no meio de vós, para vos guiar, instruir e inspirar. Enxugai vossas lágrimas, sobretudo se ele for bom, caridoso e sem

orgulho, porque, então, ele é feliz nesse novo mundo, onde todas as religiões se confundem numa só e mesma adoração, banindo os ódios e os ciúmes de seitas. Nós também somos felizes, quando podemos inspirar esses mesmos sentimentos aos homens, a quem estamos encarregados de instruir, e a nossa maior felicidade é vos ver entrar no bom caminho, porque, então, abris a porta pela qual vos juntareis a nós. Perguntai ao médium quais os sublimes ensinamentos que ele recebe de seu avô Mardochee; se segue o caminho que lhe é traçado, prepara para si um futuro de felicidade, mas se falta aos seus deveres após um tal ensino, arcará com toda a responsabilidade e terá de recomeçar até haver cumprido de modo aceitável a sua tarefa.

Sim, meus amigos; já vivemos corporalmente e viveremos ainda. A felicidade que desfrutamos é apenas relativa; há estados muito superiores àquele em que estamos e aos quais não se chega senão por encarnações sucessivas e progressivas em outros mundos. Não julgueis, portanto, que de todos os globos do Universo seja a Terra o único habitado. Pobre orgulho humano, que pensa ter Deus criado todos os astros apenas para deleitar a sua vista! Sabei, então, que todos os mundos são habitados e, entre eles, se soubésseis a posição que ocupa a Terra, não teríeis razão para vos glorificardes! Se não fosse para cumprir a missão que nos é dada, de vos inspirar e instruir, quantos de nós teríamos preferido visitar esses mundos e nos instruímos nós mesmos! Mas nossos deveres e nossas afeições ainda nos ligam à Terra. Mais tarde, quando cedermos o lugar aos que chegarem por último, iremos tomar outras existências em mundos melhores, purificando-nos gradualmente até chegar a Deus, nosso Criador.

Eis o Espiritismo. Eis o que ele ensina, e isto é a verdade que hoje podeis compreender e que deve auxiliar a vos regenerardes.

Compreendi bem que todos os homens são irmãos, quer sejam negros ou brancos, ricos ou pobres, muçulmanos, judeus

ou cristãos. Como, para progredir, devem renascer várias vezes, conforme a revelação feita pelo Cristo, permite Deus que aqueles que foram unidos em vidas anteriores pelos laços do sangue ou da amizade, se encontrem novamente na Terra, sem se conhecerem, mas em condições relativas às expiações que devem suportar por suas faltas passadas, de sorte que aquele que é o vosso servo pode ter sido vosso senhor em outra existência. O infeliz a quem recusais assistência talvez seja um dos vossos antepassados, do qual vos orgulhais, ou um amigo que vos foi caro. Compreendeis agora o alcance do mandamento do Decálogo: “Amarás a teu próximo como a ti mesmo”? Eis, meus amigos, a revelação que vos deve conduzir à fraternidade universal, quando for compreendida por todos. Eis por que não deveis permanecer imutáveis em vossos princípios, mas seguir a marcha do progresso traçado por Deus, sem jamais vos deterdes. Eis por que vos exortei a empunhar a bandeira do Espiritismo. Sim, sede espíritas, pois é a lei de Deus, e lembrai-vos de que neste caminho está a felicidade, porque é ela que conduz à perfeição. Eu vos sustentarei, eu e todos aqueles que conhecestes, os quais, como eu, agem no mesmo sentido.

Que em cada família se estude o Espiritismo; que em cada família se formem médiuns, a fim de multiplicar os intérpretes da vontade de Deus. Não vos deixeis desencorajar pelos entraves das primeiras provas; muitas vezes elas são cercadas de dificuldades e nem sempre isentas de perigo, pois não haverá recompensa onde não houver um pouco de esforço. Todos podeis adquirir essa faculdade; mas estudaí antes de tentar obtê-la, a fim de vos premunirdes contra os obstáculos. Purificai-vos de vossas máculas; emendai o coração e os pensamentos para afastar de vós os Espíritos maus; orai, sobretudo, pelos que procuram vos obsidiar, porquanto é a prece que os converte e deles vos liberta. Que a experiência de vossos antecessores vos seja proveitosa e vos impeça de cairdes nas mesmas faltas!

Continuarei minhas instruções.

III

A religião israelita foi a primeira que formulou, aos olhos dos homens, a idéia de um *Deus espiritual*. Até então os homens adoravam: uns, o Sol; outros, a Lua; aqui, o fogo; ali, os animais. Mas em parte alguma a idéia de Deus era representada em sua essência espiritual e imaterial.

Chegou Moisés; trazia uma lei nova, que derrubava todas as idéias até então recebidas. Tinha de lutar contra os sacerdotes egípcios, que mantinham os povos na mais absoluta ignorância, na mais abjeta escravidão, e contra esses sacerdotes, que desse estado de coisas tiravam um poder ilimitado, não podendo ver sem pavor a propagação de uma idéia nova, que vinha destruir os fundamentos de seu poder e ameaçava derrubá-los. Essa fé trazia consigo a luz, a inteligência e a liberdade de pensar; era uma revolução social e moral. Assim, os adeptos dessa fé, recrutados entre todas as classes do Egito, e não só entre os descendentes de Jacó, como erroneamente tem sido dito, eram perseguidos, apossados, submetidos aos mais duros vexames e, por fim, expulsos do país, porque infestavam a população com idéias subversivas e anti-sociais. É sempre assim, toda vez que um progresso surge no horizonte e resplandece sobre a Humanidade. As mesmas perseguições e os mesmos tratamentos acompanham os inovadores que lançam sobre o solo da nova geração os germes fecundos do progresso e da moral. É que toda inovação progressiva, ao levar à destruição de certos abusos, tem, necessariamente, por inimigos todos quanto estão interessados na manutenção desses abusos.

Mas Deus Todo-Poderoso, que conduz com infinita sabedoria os acontecimentos de onde deve surgir o progresso, inspirou Moisés; deu-lhe um poder que homem algum havia tido e, pela irradiação desse poder, cujos efeitos feriam os olhos dos mais incrédulos, Moisés adquiriu uma imensa influência sobre uma população que, confiando cegamente em seu destino, realizou um desses milagres, cuja impressão deveria perpetuar-se de geração em

geração, como lembrança imperecível do poder de Deus e de seu profeta.

A passagem do mar Vermelho foi o primeiro ato da libertação desse povo. Mas sua educação estava por fazer; era preciso domá-lo pela força do raciocínio e por milagres muitas vezes repetidos; era preciso inculcar-lhes a fé e a moral, ensinando-lhes a pôr a força e a confiança num Deus criador, ser imaterial, infinitamente bom e justo. Os quarenta anos de provações passados no deserto, em meio de privações, sofrimentos e vicissitudes de toda ordem, e os exemplos de insubordinação tão severamente reprimidos por uma justiça providencial, tudo contribuiu para desenvolver nele a fé nesse ser Todo-Poderoso, cuja mão, ora benfeitora, ora severa, punia quem O desafiasse.

No Monte Sinai ocorreu esta primeira revelação, este notável mistério, que surpreendeu o mundo, o subjugou e espalhou sobre a Terra os primeiros benefícios de uma moral que libertaria o Espírito das garras da carne e de um despotismo embrutecedor; que colocou o homem acima da esfera dos animais, dele fazendo um ser superior, capaz de elevar-se, pelo progresso, à suprema inteligência.

Os primeiros passos desse povo, que havia confiado seu destino ao *homem de Deus*, foram entravados por guerras, cujo efeito devia ser o germe fecundo de uma renovação social entre as populações que o combatiam. O judaísmo tornava-se o foco da luz, da inteligência e da liberdade, e irradiava um brilho extraordinário sobre todas as nações vizinhas, provocando ódio e hostilidade. Este resultado imediato estava nos desígnios de Deus; sem isso, o progresso teria sido muito lento. E, ao mesmo tempo que essas guerras fecundavam os germes do progresso, eram uma lição para os judeus, cuja fé reavivavam.

Esse povo, liberto de um outro e confiando irrefletidamente na conduta de um homem, que o surpreendera em

virtude de um poder miraculoso, tinha uma missão; era um povo predestinado.

Não é sem razão que foi dito: cumpria uma missão de que não se dava conta, nem ele, nem os outros povos; ia às cegas, executando sem compreender os desígnios da Providência. Essa árida missão foi cheia de fel e de amargura; seus apóstolos sofreram todas as humilhações possíveis, foram perseguidos, oprimidos, lapidados e dispersos, embora trouxessem consigo essa fé viva e inteligente, essa confiança em seu Deus, cujo poder haviam medido, cuja bondade haviam experimentado e cujas provas aceitavam, sobretudo as que deviam trazer à Humanidade os benefícios da civilização.

Eis os vossos apóstolos obscuros, ridicularizados, desprezados; eis os primeiros pioneiros da liberdade. Terão sofrido bastante, da sua saída do Egito até os nossos dias?

A hora da reabilitação não tardará a soar para eles, e não está longe o dia que haverá de saudar esses primeiros soldados da civilização moderna, com reconhecimento e veneração; far-se-á justiça aos descendentes dessas antigas famílias que, inabaláveis em sua fé, a levaram como dote a todas as nações onde Deus permitiu que fossem dispersados.

Quando Jesus-Cristo apareceu, era ainda um enviado de Deus; como Moisés, era um novo astro que surgia na Terra, retomando sua missão para dar-lhe continuidade, desenvolvê-la e adaptá-la ao progresso realizado. O próprio Cristo estava destinado a sofrer essa morte ignominiosa, cujas vias os judeus haviam preparado, desencadeando as suas circunstâncias, e cujo crime foi cometido pelos romanos. Deixai, porém, de considerar a história dos povos e dos homens como a haveis considerado até hoje. Em vosso orgulho, imaginai que foram eles que provocaram os acontecimentos que mudaram a face do mundo e esqueceis que há um Deus no Universo, regendo essa harmonia admirável, cujas leis

suportais, imaginando que a impondes vós mesmos. Olhai, assim, de um ponto mais elevado a História da Humanidade; abarcaí um horizonte mais vasto e notai que tudo segue um sistema único; a lei do progresso em cada século, e não em cada dia, vos leva a dar um passo.

Jesus-Cristo foi, pois, a segunda fase, a segunda revelação, e seus ensinamentos levaram dezoito séculos para se espalharem e se vulgarizarem. Por aí julgai quanto é lento o progresso e o que deveriam ser os homens quando Moisés trouxe ao mundo admirado a idéia de um Deus Todo-Poderoso, infinito e imaterial, cujo poder se tornava visível para esse povo, para quem sua missão trouxe tantos espinhos e tantas perturbações. O progresso não se realiza sem dificuldade; é à sua custa, é por seus sofrimentos e cruéis vicissitudes que a Humanidade toma consciência do objetivo do seu destino e do poder daquele a quem deve a existência.

Portanto, o Espiritismo foi o resultado da segunda revelação. Mas essa doutrina, cuja sublime moral o Cristo havia trazido e desenvolvido, tem sido compreendida em sua admirável simplicidade? De que modo é praticada pela maior parte dos que a professam? Nunca a desviaram de seu objetivo? Jamais abusaram dela, para que servisse de instrumento ao despotismo, à ambição e à cupidez? Numa palavra, todos os que se dizem cristãos o são conforme o seu fundador? Não! Eis por que eles também deviam passar pelo alambique da infelicidade, que tudo purifica. A História do Cristianismo é por demais moderna para contar todas as suas peripécias; mas, enfim, o objetivo está perto de ser alcançado, a nova aurora vai despontar e, por meios diferentes, vai fazer com que marcheis a passo mais rápido neste caminho, onde levastes seis mil anos para chegar.

O Espiritismo é o advento de uma era que verá realizar-se esta revolução nas idéias dos povos, uma vez que haverá de

destruir essas prevenções incompreensíveis, esses preconceitos imotivados, que acompanharam e seguem os judeus em sua longa e penosa peregrinação. Compreender-se-á que sofressem um destino providencial, do qual eram os instrumentos, assim como aqueles que os perseguiram com seu ódio o faziam impelidos pelo mesmo poder, cujos secretos desígnios deviam realizar-se por caminhos misteriosos e ignorados.

Sim, o Espiritismo é a Terceira Revelação. Revela-se a uma geração de homens mais adiantados, portadores das mais nobres aspirações, generosas e humanitárias, que devem concorrer para a fraternidade universal. Eis o novo destino assinalado por Deus para os vossos esforços; mas esse resultado, da mesma forma que os já atingidos até hoje, não será obtido sem dores e sem sofrimento. Que se ergam os que se sintam com coragem de ser seus apóstolos; que levantem a voz, falem alto e claro e exponham suas doutrinas; que ataquem os abusos e mostrem o seu objetivo. Esse objetivo não é a brilhante miragem que em vão perseguis; é real e o atingireis na época fixada por Deus. Talvez esteja distante, mas lá está determinada. Não temais; ide, apóstolos do progresso, marchai corajosamente, a frente erguida e o coração resignado. Tendes por sustentáculo uma doutrina completamente isenta de mistérios, que faz apelo às mais belas virtudes da alma e oferece essa certeza consoladora de que a alma não morre nunca, sobrevivendo à morte e aos suplícios.

Eis, meus amigos, o objetivo desvendado. Perguntareis: Quais os apóstolos? Como os reconheceremos? Deus se encarrega de vo-los tornar conhecidos, por missões que lhes serão confiadas e que haverão de realizar. Reconhecê-los-ei por suas obras, e não pelas qualidades que se atribuem. Os que recebem missões do alto as cumprem, mas não se glorificam, porque Deus escolhe os humildes para difundir a sua palavra, e não os ambiciosos e orgulhosos. Por estes sinais reconheceréis os falsos profetas.

Edouard Pereyre

Variedades

NOTÍCIA FALSA

Um jornal, não sabemos de que país, publicou há algum tempo e, ao que parece, outros o repetiram, que deveria realizar-se uma conferência solene sobre o Espiritismo, entre os Srs. Home, Marcillet, Squire, Delaage, Sardou, Allan Kardec, etc., etc. Àqueles dos nossos leitores que porventura tenham ouvido falar do assunto, informamos que nem tudo quanto se imprime é palavra do Evangelho, mesmo que saia num jornal. Trata-se simplesmente de notícia falsa, condimentada pela malícia. É uma pena que tenham esquecido de pôr espírito no tempero. Aliás, não nos surpreenderíamos se um dia víssemos publicadas as decisões desse congresso e mesmo citadas palavras que ali teriam sido pronunciadas. Isto não custará nada e, em falta de coisa melhor, encherá as colunas do jornal.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IV

OUTUBRO DE 1861

Nº 10

O Espiritismo em Lyon

Atendendo aos reiterados convites que nos fizeram os espíritas de Lyon, fomos este ano novamente a essa cidade. Embora conhecêssemos, pela correspondência, os progressos ali realizados pelo Espiritismo, o resultado da visita ultrapassou de muito a nossa expectativa. Certamente os leitores nos agradecerão por lhes darmos algumas informações a respeito; nelas verão um indício da marcha irresistível da doutrina e uma prova patente de suas conseqüências morais.

Antes, porém, de falar dos espíritas de Lyon, não devemos esquecer os de Sens e de Mâcon, que visitamos de passagem, e agradecer-lhes a simpática acolhida. Lá, também, pudemos constatar um notável progresso, quer no número de adeptos, quer na opinião que se faz do Espiritismo em geral. Por toda parte os zombadores se esclarecem e mesmo aqueles que ainda não crêem observam uma prudente reserva, ditada pelo caráter e pela posição social de quantos, hoje, não temem mais confessar-se publicamente partidários e propagadores das novas idéias. Em face da opinião que se pronuncia e se generaliza, os incrédulos dizem que talvez exista algo, mas, em suma, que cada um

é livre em suas crenças. Pelo menos antes de falar, querem saber do que se trata, contrariamente ao que ocorria. Ora, não se pode negar que, para muita gente, isso não seja um verdadeiro progresso. Mais tarde voltaremos a esses dois centros, ainda novos, numericamente falando, enquanto Lyon já atingiu todo o seu vigor.

Com efeito, não é mais por centenas que ali se contam os espíritas, como no ano passado, mas por milhares; dito de outra forma, não se os conta mais, calculando-se que, se seguirem a mesma progressão, em um ou dois anos serão mais de trinta mil. O Espiritismo os recruta em todas as classes, mas é sobretudo nas classes operárias que se propagou mais rapidamente, o que não é de admirar; sendo esta a classe que mais sofre, volta-se para o lado onde encontra mais consolações. Vós, que bradais contra o Espiritismo, que lhe deis outro tanto! A classe operária se voltaria para vós; mas, em vez disto, quereis tirar-lhe aquilo que a ajuda a carregar o seu fardo de misérias. É o meio mais seguro de vos subtraídes à sua simpatia e engrossar as fileiras que se vos opõem. O que vimos pessoalmente é de tal modo característico e encerra tão grande ensinamento, que julgamos um dever consagrar aos trabalhadores a maior parte do nosso relato.

O ano passado só havia um único centro de reunião, o de Brotteaux, dirigido pelo Sr. Dijoud, chefe de oficina, e sua mulher; outros se formaram depois, em diferentes pontos da cidade, em Guillotière, em Perrache, em Croix-Rousse, em Vaise, em Saint-Just, etc., sem contar um grande número de reuniões particulares. No todo havia apenas dois ou três médiuns, muito inexperientes, enquanto hoje os há em todos os grupos, e vários de primeira categoria; só num grupo vimos cinco, escrevendo simultaneamente. Vimos também uma jovem, excelente médium vidente, na qual pudemos constatar a faculdade desenvolvida em alto grau.

Trouxemos uma coletânea de desenhos extremamente notáveis, de um médium desenhista que não sabe desenhar. Pela

execução e pela complexidade, rivalizam com os desenhos de Júpiter, embora de outro gênero. Não devemos esquecer um médium curador, tão recomendável por seu devotamento quanto pela potência de sua faculdade.

Com certeza os adeptos se multiplicam; mas o que ainda vale mais do que o número é a qualidade. Pois bem! declaramos alto e bom som que não vimos, em parte alguma, reuniões espíritas mais edificantes que a dos operários lioneses, quanto à ordem, o recolhimento e a atenção com que se devotam às instruções de seus guias espirituais. Ali há homens, velhos, senhoras, moços, até crianças, cuja postura, respeitosa e recolhida, contrasta com sua idade; jamais perturbaram, fosse por um instante, o silêncio de nossas reuniões, geralmente muito longas; pareciam quase tão ávidas quanto seus pais em recolher nossas palavras. Isto não é tudo; o número das metamorfoses morais, nos operários, é quase tão grande quanto o dos adeptos: hábitos viciosos reformados, paixões acalmadas, ódios apaziguados, índoles pacificadas, em suma, desenvolvidas as virtudes mais cristãs e isto pela confiança, doravante inabalável, que as comunicações espíritas lhes dão de um futuro em que não acreditavam. Para eles é uma felicidade assistir a essas instruções, de onde saem reconfortados contra a adversidade; também se vêem alguns que andam mais de uma légua com qualquer tempo, inverno ou verão, enfrentando tudo para não perderem a sessão; é que neles não há uma fé vulgar, mas fé baseada em convicção profunda, raciocinada, e não cega.

Os Espíritos que os instruem sabem pôr-se admiravelmente ao alcance de seus ouvintes. Seus ditados não são manifestações de eloquência, mas boas instruções familiares, despretensiosas, e que, por isto mesmo, dirigem-se ao coração. As conversas com os parentes e amigos mortos ali representam um grande papel, de onde saem quase sempre úteis lições. Muitas vezes uma família inteira se reúne e a noite passa em suave expansão com os que se foram; querem ter notícias dos tios, tias, primos e primas;

saber se são felizes. Ninguém é esquecido; cada um quer que o avô lhe diga algo, e a cada um ele dá um conselho. – E eu, vovô, perguntava um dia um adolescente, não me dizeis nada? – Sim, meu filho, a ti eu te direi alguma coisa: não estou contente contigo; outro dia discutiste em caminho por uma tolice, em vez de ir direto ao trabalho; isto não é bom. – Como sabeis disto, vovô? – Sem dúvida eu sei. Será que nós Espíritos não vemos tudo o que fazeis, considerando-se que estamos ao vosso lado? – Perdão, vovô; prometo não fazer mais isto.

Não haverá algo de tocante nesta comunicação dos mortos com os vivos? Aí está a vida futura, palpitante aos seus olhos; não mais a morte, não mais a eterna separação, não mais o nada; o Céu está mais perto da Terra e se o compreende melhor. Se isto é uma superstição, praza a Deus que jamais tivesse havido outras!

Um fato digno de nota, e que constatamos, é a facilidade com que esses homens, quase sempre iletrados e endurecidos nos mais rudes trabalhos, compreendem o alcance da doutrina; pode-se dizer que só lhe vêem o lado sério. Nas instruções que demos nos diferentes grupos, em vão procuramos excitar-lhes a curiosidade pelo relato das manifestações físicas, embora nem um só deles tenha visto uma mesa mover-se; no entanto, tudo quanto tocava as apreciações morais cativava seu interesse no mais alto grau.

A alocação seguinte nos foi dirigida quando de nossa visita ao grupo de Saint-Just; publicamo-la, não para dar satisfação a uma tola e pueril vaidade, mas como prova dos sentimentos que dominam as oficinas de trabalho, onde penetrou o Espiritismo, e porque sabemos ser agradável aos que nos quiseram dar esse testemunho de simpatia. Transcrevemo-la textualmente, pois teríamos escrúpulo de lhe acrescentar uma só palavra; só a ortografia foi emendada.

“Senhor Allan Kardec, discípulo de Jesus, intérprete do Espírito de Verdade, sois nosso irmão em Deus. Estamos reunidos todos com o mesmo coração, sob a proteção de São João Batista, protetor da Humanidade e precursor do grande mestre Jesus, nosso Salvador.

“Nós vos rogamos, caro mestre, que mergulheis vosso olhar no recesso de nossos corações, a fim de que possais vos dar conta das simpatias que temos por vós. Somos pobres trabalhadores, sem artifícios; uma espessa cortina, desde a nossa infância, foi estendida sobre nós, para abafar a nossa inteligência; mas vós, caro mestre, pela vontade do Todo-Poderoso, rasgai a cortina. Essa cortina, que julgavam impenetrável, não pôde resistir à vossa digna coragem. Oh! sim, nosso irmão, tomastes o pesado enxadão para descobrir a semente do Espiritismo, que haviam enterrado em granítico terreno, e a semeais aos quatro cantos do globo, até mesmo nos pobres quarteirões de ignorantes, que começam a saborear o pão da vida.

“Todos o dizemos do fundo do coração; estamos animados do mesmo fogo e repetimos todos: Glória a Allan Kardec e aos Espíritos bons que o inspiraram! E vós, bons irmãos, Sr. e Sra. Dijoud, os abençoados por Deus, Jesus e Maria, estais gravados em nossos corações para jamais sair, porque por nós sacrificastes os vossos interesses e os vossos prazeres materiais. Deus o sabe; nós lhe agradecemos por vos ter escolhido para esta missão, agradecendo também ao nosso protetor superior, São João Batista.

“Obrigado, Sr. Allan Kardec; mil vezes obrigado, em nome do grupo de Saint-Just, por terdes vindo entre nós, simples operários e ainda muito imperfeitos em Espiritismo; vossa presença nos causa uma grande alegria em meio de nossas tribulações, que são grandes neste momento de crise comercial; vós nos trazeis o bálsamo benfazejo que se chama esperança, que

acalma os ódios e reacende no coração do homem o amor e a caridade. Nós nos aplicaremos, caro mestre, em seguir vossos bons conselhos, bem assim os dos Espíritos superiores que tiverem a bondade de nos ajudar e instruir, a fim de nos tornarmos, todos, verdadeiros e bons espíritas. Caro mestre, tende certeza de que levais convosco a simpatia de nossos corações para a eternidade; nós o prometemos. Somos e seremos sempre vossos adeptos sinceros e submissos. Permitti, a mim e ao médium, que vos demos o ósculo do amor fraterno, em nome de todos os irmãos e irmãs aqui presentes. Ficariamos muito felizes também se quisésseis brindar conosco.”

Vínhamos de longe e tínhamos subido às alturas de Saint-Just com um calor sufocante. Alguns refrescos tinham sido preparados, em meio dos instrumentos do trabalho: pão, queijo, algumas frutas, um copo de vinho, verdadeiro ágape oferecido com a simplicidade antiga e um coração sincero. Um copo de vinho! ah! em nossa intenção, porque essa boa gente não bebe todos os dias; mas era uma boa festa para eles: ia-se falar de Espiritismo. Oh! foi com um prazer imenso que brindamos com eles, e seu lanche modesto, aos nossos olhos, tinha cem vezes mais valor que os mais esplêndidos banquetes. Que tenham eles aqui a certeza disto.

Alguém nos dizia em Lyon: “O Espiritismo infiltra-se nos operários pelo raciocínio; não seria tempo de fazer que penetrasse pelo coração?” Certamente esta pessoa não conhece os operários; seria desejável que se encontrasse tanto coração em todo o mundo. Se uma tal linguagem não for inspirada pelo coração; se o coração nada significa para quem, no Espiritismo, encontra a força de vencer suas más inclinações, de lutar com resignação contra a miséria, de sufocar seus rancores e animosidades; para quem partilha seu pedaço de pão com um mais infeliz, confessamos não saber onde está o coração.

Banquete

OFERECIDO AO SR. ALLAN KARDEC PELOS VÁRIOS GRUPOS DE
ESPÍRITAS LIONESES, EM 19 DE SETEMBRO DE 1861

Mais um banquete reuniu este ano certo número de espíritas em Lyon, com a diferença de que no ano passado havia uma trintena de convivas, ao passo que agora alcançavam cento e sessenta, representando os diferentes grupos que se consideram todos como membros de uma mesma família, e entre os quais não há sombra de ciúme nem de rivalidade, o que nos deixava muito à vontade. A maioria dos presentes era composta de operários e todos notavam a perfeita ordem que não deixou de reinar um só instante. É que os verdadeiros espíritas põem a sua satisfação nas alegrias do coração, e não nos prazeres escandalosos. Foram pronunciados vários discursos. Vamos relatá-los, pois resumem a situação e caracterizam uma das fases da marcha do Espiritismo; além disso, dão a conhecer o verdadeiro espírito dessa população, outrora encarada com certo temor, porque a haviam julgado mal e, talvez, mal dirigida moralmente. Infelizmente, um dos principais discursos não será publicado e o lamentamos sinceramente: é o do Sr. Renaud, notável por suas apreciações e no qual encontramos muitos elogios à nossa pessoa. Um tanto longa, a cópia desse discurso não nos foi entregue antes de nossa partida, privando-nos de sua publicação; no entanto, nem por isso somos menos reconhecido ao autor, pelos testemunhos de simpatia que houve por bem nos dar.

Notou-se que, por uma coincidência não premeditada, porque subordinada à nossa chegada, o banquete deste ano ocorreu em 19 de setembro, mesma data daquele do ano passado.

**ALOCUÇÃO DO SR. DIJOUR, CHEFE DE OFICINA, PRESIDENTE
DO GROUPE SPIRITE DES BROTTAUX, AGRADECENDO A
ASSISTÊNCIA DOS ESPÍRITOS BONS**

Meus bons amigos,

Venho, em nome de todos, agradecer aos Espíritos bons por nos haverem reunido e iniciado, por suas

manifestações, nas leis divinas, às quais estamos todos submetidos; satisfação imensa para nós, pelas doces consolações que eles nos dão, pois nos fazem suportar com paciência e resignação as provas e sofrimentos desta vida passageira e porque agora não mais ignoramos o fim de nossas encarnações de rude labor e a recompensa que espera o nosso Espírito, caso as suportemos com coragem e submissão.

Com eles também aprendemos que se ouvirmos seus conselhos e se praticarmos sua moral sublime, nós mesmos é que traremos o reino de felicidade que Deus nos prometeu por seu Filho; então o egoísmo, a calúnia e a malícia desaparecerão do nosso meio, pois somos todos irmãos e devemos amar-nos, ajudar-nos e nos perdoarmos como irmãos.

É, por conseguinte, ao apelo invisível dos Espíritos superiores que respondemos, vindo aqui testemunhar-lhes, com o coração unânime, o nosso reconhecimento. Roguemos-lhes que nos conservem sua proteção e seu amor e continuem suas instruções tão suaves, tão consoladoras, tão vivificantes, que nos têm feito tanto bem, desde que tivemos a felicidade de receber suas comunicações.

Oh! meus amigos! Como é belo o dia em que Deus nos convocou! Tomemos todos a resolução de ser bons e sinceros espíritas e de jamais esquecer esta doutrina, que fará a felicidade da Humanidade inteira, conduzindo os homens ao bem. Obrigado aos Espíritos bons que nos assistem e nos iluminam e obrigado a Deus por no-los haver enviado.

BRINDE DO SR. COURTET, NEGOCIANTE

Senhores,

Membro do *Groupe Spirite des Brotteaux*, venho, em seu nome, propor um brinde em honra do Sr. e da Sra. Dijoud.

Senhora, cumpro um dever muito agradável, servindo de intérprete de toda a nossa Sociedade, que vos agradece por tudo quanto fizestes em nosso favor! Quantas consolações fizestes brotar entre nós! Quantas lágrimas de ternura e de alegria nos fizestes derramar! Vosso coração, tão bom e tão modesto, não se orgulhou com os vossos sucessos, fazendo aumentar a vossa caridade.

Bem sabemos, senhora, que sois apenas a intérprete dos Espíritos superiores que vos estão ligados, como sabemos, também, com que devotamento vos desobrigais dessa tarefa. Por vosso intermédio fomos iniciados nestas altas questões de moral e de filosofia, cuja solução deve trazer o reino de Deus e, por conseguinte, a felicidade dos homens na Terra.

Também vos agradecemos, senhora, a assistência que dais aos nossos doentes; vossa fé e vosso zelo são recompensados pela satisfação que experimentais em fazer o bem e aliviar o sofrimento. Não vos pedimos a continuação dos vossos bons ofícios; ficai certa de toda a nossa gratidão e do nosso eterno reconhecimento.

Sr. Dijoud, nós vos agradecemos a inteligência, a firmeza e a complacência que trazeis às nossas reuniões. Contamos convosco para continuar esta grande obra, com o concurso dos Espíritos bons.

BRINDE DO SR. BOUILLANT, PROFESSOR

Tenho a honra de fazer um brinde ao Sr. Allan Kardec, um brinde de gratidão e reconhecimento, em nome dos seus adeptos e de seus apóstolos aqui presentes.

Ah! como somos felizes, nós os voluntários da *grande obra*, da obra fecunda e regeneradora, por vermos entre nós nosso valente, nosso chefe bem-amado!

Se experimentamos essa felicidade – é preciso reconhecê-lo – é que o favor especial, que hoje nos é concedido, é daqueles que não se esquecem, que jamais são esquecidos. Oh! qual é o soldado, por exemplo, que não se recordaria com o mais vivo ardor de que seu general quis unir-se a ele para partir o *mesmo pão*, à *mesma* mesa?

Pois bem! Nós também, caro mestre, somos vossos soldados, vossos voluntários e, por mais alto tendes plantado o vosso estandarte, não nos compete defendê-lo, pois que ele não o necessita, mas, sim, fazê-lo triunfar, por uma prudente e fervorosa propagação. Esta causa, na verdade, é tão bela, tão justa, tão consoladora! Vós no-lo provastes tão bem em vossas obras, tão cheias de erudição, de saber, de eloquência! Ah! nós todos o reconhecemos, lá estão páginas do homem inspirado pelos Espíritos puros, pois cada um de nós compreendeu, ao beber na fonte do vosso consciencioso trabalho, que todos os vossos pensamentos eram outras tantas emanações do Altíssimo! Depois, caro mestre, se acrescentarmos que vossa missão aqui é santa e sagrada é porque sentimos, pelo socorro de vossas luzes, a centelha fluídica que liga os mundos visíveis e invisíveis que gravitam na imensidade! Assim, nossos corações batem em uníssono, com um mesmo amor para convosco; recebi aqui a sua expressão viva, sincera e profunda. A vós, de todo o coração; a vós, de todo a nossa alma!

Discurso do Sr. Allan Kardec

Senhoras e Senhores, todos vós, meus caros e bons irmãos no Espiritismo:

Se há circunstâncias em que se pode lamentar a insuficiência de nossa pobre linguagem humana, é sem dúvida quando se trata de exprimir certos sentimentos; tal é no momento a minha posição. O que experimento é, ao mesmo tempo, uma surpresa muito agradável, quando vejo o terreno imenso que a Doutrina Espírita conquistou entre vós no último ano, o que me faz admirar a Providência; uma alegria indizível à vista do bem que ela aqui produz, das consolações que espalha sobre tantas dores, ostensivas ou ocultas, podendo deduzir o futuro que a aguarda; é uma felicidade inexprimível encontrar-me em meio a esta família, que em pouco tempo se tornou tão numerosa e cresce a cada dia; é, enfim e acima de tudo, uma profunda e sincera gratidão pelos comoventes testemunhos de simpatia que recebo de vós todos.

Esta reunião tem um caráter particular. Graças a Deus, aqui somos todos muito bons espíritas, penso eu, para não vermos senão o prazer de nos acharmos juntos, e não o de nos encontrarmos à mesa. E, diga-se de passagem, creio mesmo que um festim de espíritas seria uma contradição. Presumo, também, que me convidando tão graciosamente e com tanto empenho para vir ao vosso meio, não imaginastes que a questão do banquete fosse para mim motivo de atração. Foi o que me apressei a escrever aos meus bons amigos Rey e Dijoud, quando se desculparam pela simplicidade da recepção. Ficai bem certos: o que mais me honra nesta circunstância, aquilo de que posso, com razão, estar orgulhoso, é a cordialidade e a sinceridade do acolhimento, o que raramente se encontra nas recepções aparatosas, pois aqui os rostos não estão mascarados.

Se uma coisa pudesse diminuir a felicidade que tenho de me achar entre vós, seria não poder ficar aqui senão por pouco tempo. Ter-me-ia sido muito agradável prolongar minha estada num dos centros mais numerosos e mais zelosos do Espiritismo; desde, porém, que desejastes receber algumas instruções, haveis de permitir que eu utilize todos os instantes, saia um pouco das

banalidades muito comuns em semelhantes circunstâncias, e que minha alocação assumia certa gravidade, a mesma gravidade, aliás, do motivo que nos reúne. Certamente, se estivéssemos num jantar de bodas ou de batizado, seria inoportuno falar de almas, da morte e da vida futura; mas, repito, aqui estamos para nos instruir, e não para comer; em qualquer caso, jamais para nos divertirnos.

Não imagineis, senhores, que esta espontaneidade que vos levou a vos reunirdes aqui seja um fato puramente pessoal. Não duvideis de que esta reunião tem um caráter especial e providencial; uma vontade superior a provocou; mãos invisíveis vos impeliram, mau grado vosso, e talvez um dia ela seja assinalada nos fastos do Espiritismo. Possam os nossos irmãos do futuro lembrar este dia memorável, em que os espíritas lioneses, dando exemplo de união e concórdia, plantaram nesses ágapes a primeira baliza da aliança que deve reinar entre os espíritas de todos os países do mundo; porque o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. Ampliando o círculo da família pela pluralidade das existências, o Espiritismo estabelece entre os homens uma fraternidade mais racional que aquela que não tem por base senão os frágeis laços da matéria, porquanto esses laços são perecíveis, ao passo que os do Espírito são eternos. Uma vez bem compreendidos, esses laços influirão, pela própria força das coisas, nas relações sociais e, mais tarde, na legislação social, que tomará por base as leis imutáveis do amor e da caridade. Ver-se-á então desaparecer essas anomalias que chocam os homens de bom-senso, como as leis da Idade Média chocam os homens de hoje. Mas isto é obra do tempo. Deixemos a Deus o cuidado de fazer com que cada coisa venha a seu tempo; esperemos tudo de sua sabedoria e Lhe agradeçamos tão-somente por nos haver permitido assistir à aurora que se levanta para a Humanidade e por

nos ter escolhido como os pioneiros da grande obra que se prepara. Que Ele se digne de espargir a sua bênção sobre esta assembléia, a primeira em que os adeptos do Espiritismo estão reunidos em tão grande número, com o sentimento de verdadeira confraternidade.

Digo de verdadeira confraternidade porque tenho a íntima convicção de que todos vós, aqui presentes, não trazem outra. Mas não duvideis que numerosas coortes de Espíritos estejam entre nós; de que nos ouvem neste momento, espreitam todas as nossas ações e nos sondam os pensamentos, perscrutando sua força ou sua fraqueza moral. Os sentimentos que os animam são muito diversos; se uns estão felizes nesta união, crede que outros padecem de terrível inveja. Saindo daqui, vão tentar semear a discórdia e a desunião; cabe a vós, bons e sinceros espíritas, provar-lhes que perdem o tempo e se equivocam, julgando encontrar aqui corações acessíveis às suas pérfidas sugestões. Invocai, pois, com fervor a assistência dos vossos anjos da guarda, a fim de que afastem de vós todo pensamento que não seja para o bem. Ora, como o mal não pode ter sua fonte no bem, diz o simples bom-senso que todo pensamento mau não pode vir de um Espírito bom; e um pensamento é necessariamente mau quando contraria a lei de amor e de caridade; quando tem por móvel a inveja ou o ciúme, o orgulho ferido, ou mesmo uma pueril susceptibilidade do amor-próprio ultrajado, irmão gêmeo do orgulho, que levaria a olhar seus irmãos com desdém. *Amor e caridade para com todos*, diz o Espiritismo; *Amarás o próximo como a ti mesmo*, disse o Cristo; não são sinônimos?

Meus amigos, eu vos felicitei pelos progressos que o Espiritismo fez entre vós, e não poderia me sentir mais feliz em constatá-lo. Felicitei-vos, por vosso lado, porque esse progresso é o mesmo em toda parte. Sim, este último ano viu o Espiritismo crescer em todos os países, numa proporção que ultrapassou todas as expectativas; está no ar, nas aspirações de todos, e por toda parte encontra ecos, bocas que repetem: Eis o que eu esperava, o que

uma voz secreta me fazia pressentir. Mas o progresso se manifesta ainda sob uma nova fase: é a coragem de opinião, que há bem pouco ainda não existia. Só se falava do Espiritismo em segredo, de maneira disfarçada; hoje a gente se confessa espírita com tanta altivez quanto se confessa católico, judeu ou protestante. Afronta-se a zombaria, e tal ousadia se impõe aos gracejadores, os quais se comportam como esses cachorrinhos de madame: correm atrás dos que fogem, mas se acovardam quando perseguidos. A zombaria dá coragem aos tímidos e em muitas localidades revela numerosos espíritas que se desconheciam mutuamente. Tal movimento pode estacionar? Poderão detê-lo? Digo com toda clareza: Não! Para isto, lançaram mão de todos os meios: sarcasmos, deboches, ciência, anátemas; ele tudo superou, sem diminuir sua marcha um segundo. Cego, pois, quem nisto não visse o dedo de Deus. Poderão entravá-lo; detê-lo, jamais, porquanto, se não escapar pela direita, fugirá pela esquerda.

Vendo os benefícios morais que proporciona, as consolações que prodigaliza e os próprios crimes que já impediu, somos naturalmente levados a perguntar: quem poderia ter interesse em combatê-lo? Primeiramente tem contra si os incrédulos, que o ridicularizam: estes não são para temer, pois viram suas setas afiadas quebrar-se contra a própria couraça; Em segundo lugar os ignorantes, que o combatem sem conhecê-lo: constituem maioria; mas, combatida pela ignorância, a verdade jamais teve algo a temer, já que os ignorantes se refutam por si mesmos e sem o querer, conforme testemunho do Sr. Louis Figuiet, na sua *História do Maravilhoso*. A terceira categoria de adversários é mais perigosa, porque tenaz e pérfida; compõe-se de todos aqueles cujos interesses materiais podem ser contrariados; combatem na sombra, e os dardos envenenados da calúnia não lhes faltam. Eis os verdadeiros inimigos do Espiritismo, como em todos os tempos o têm sido de todas as idéias do progresso; são encontrados em todas as fileiras, em todas as classes da sociedade. Levarão a melhor? Não, desde que não é dado ao homem opor-se

à marcha da Natureza e o Espiritismo está na ordem das coisas naturais. Mais cedo ou mais tarde terão de tomar-lhe o partido e aceitar o que for aceito por todos. Não! Não o vencerão: eles é que serão vencidos.

Um novo elemento vem juntar-se à legião dos espíritas: o das classes laboriosas. Notai nisto a sabedoria da Providência. O Espiritismo propagou-se primeiro nas classes esclarecidas, nas sumidades sociais. Tal era necessário: a princípio, para lhe dar mais crédito; depois, para que fosse elaborado e expurgado das idéias supersticiosas que a falta de instrução nele poderia introduzir, e com as quais o teriam confundido. Apenas constituído, se assim se pode falar de uma ciência tão nova, sensibilizou as classes operárias e entre elas se propaga com rapidez. Ah! é que nele há tantas consolações a dar, tanta coragem moral a levantar, tantas lágrimas a enxugar, tanta resignação a inspirar que foi acolhido como uma âncora de salvação, como um escudo contra as terríveis tentações da necessidade. Por toda parte onde o vi penetrar nas casas de trabalho, nelas percebi que ele havia produzido seus efeitos benfazejos e moralizadores. Regozijai-vos, pois, operários lioneses que me ouvis, porque tendes em outras cidades, como Sens, Lille, Bordeaux, irmãos espíritas que, como vós, abjuraram as censuráveis esperanças da desordem e os criminosos desejos da vingança. Continuai, pelo exemplo, a provar os benéficos resultados desta doutrina. Aos que perguntarem para que pode ela servir, respondi: Em meu desespero eu queria me matar; o Espiritismo me deteve, porque agora sei o que custa abreviar voluntariamente as provas que Deus houve por bem mandar aos homens. Para me atordoar, embriagava-me; compreendi o quanto era desprezível por me tirar voluntariamente a razão, privando-me assim de ganhar o pão e o de meus filhos. Havia-me divorciado de todos os sentimentos religiosos: hoje rogo a Deus e deponho as esperanças na sua misericórdia. Só acreditava no nada, como supremo remédio para as minhas misérias; meu pai comunicou-se comigo e me disse: Filho, coragem! Deus te vê; mais um esforço e

estarás salvo! Ajoelhei-me perante Deus e lhe pedi perdão. Vendo ricos e pobres, gente que tem tudo e outros que nada têm, acusava a Providência; hoje sei que Deus tudo pesa na balança da justiça e espero o seu julgamento; se estiver em seus decretos que eu deva sucumbir no sofrimento, então sucumbirei, mas com a consciência pura e sem levar o remorso de haver roubado um óbolo a quem me podia salvar a vida. Dizei-lhes: Eis para que serve o Espiritismo, esta loucura, esta quimera, como o chamais. Sim, meus amigos, continuei a pregar pelo exemplo; fazei com que entendam o Espiritismo com suas conseqüências salutares, pois quando for compreendido não mais se aterrorizarão; muito mais: será acolhido como garantia da ordem social, e os próprios incrédulos serão forçados a falar dele com mais respeito.

Falei dos progressos do Espiritismo. É que, com efeito, não há exemplo de uma doutrina, seja qual for, que tenha marchado com tanta rapidez, sem excetuar o próprio Cristianismo. Isto significa que lhe seja superior, que o deva suplantará? Não; mas é aqui o lugar de fixar o seu verdadeiro caráter, a fim de destruir uma prevenção por demais espalhada entre os que não o conhecem.

Em sua origem, o Cristianismo teve de lutar contra uma potência perigosa: o paganismo, então universalmente disseminado. Entre eles não havia nenhuma aliança possível, como não há entre a luz e as trevas; numa palavra, não poderia propagar-se senão destruindo o que havia. Assim, a luta foi longa e terrível, de que as perseguições são a prova. O Espiritismo, ao contrário, nada vem destruir, porque assenta suas bases no próprio Cristianismo; sobre o Evangelho, do qual não é mais que a aplicação. Concebeis a vantagem, não de sua superioridade, mas de sua posição. Não é, pois, como o pretendem alguns, quase sempre porque não o conhecem, uma religião nova, uma seita que se forma à custa das mais antigas; é uma doutrina puramente moral, que absolutamente não se ocupa dos dogmas e deixa a cada um inteira liberdade de suas crenças, pois não impõe nenhuma. E a prova disto é que tem

aderentes em todas, entre os mais fervorosos católicos, como entre os protestantes, os judeus e os muçulmanos. O Espiritismo repousa sobre a possibilidade de comunicação com o mundo invisível, isto é, com as almas. Ora, como os judeus, os protestantes e os muçulmanos têm almas como nós, o que significa que podem comunicar-se tanto com eles quanto conosco, e que, conseguintemente, eles podem ser espíritas como nós.

Não é uma seita política, como não se trata de uma seita religiosa; é a constatação de um fato que não pertence mais a um partido do que a eletricidade e as estradas de ferro; é, insisto, uma doutrina moral, e a moral está em todas as religiões, em todos os partidos.

É boa ou má a moral que ensina? É subversiva? Eis toda a questão. Que o estudem e saberão em que ela se baseia. Ora, desde que é a moral do Evangelho desenvolvida e aplicada, condená-la seria condenar o Evangelho.

O Espiritismo tem feito o bem ou o mal? Estudai-o ainda, e vereis. Que tem feito? Tem impedido inumeráveis suicídios; restaurou a paz e a concórdia num grande número de famílias; tornou mansos e pacientes homens violentos e coléricos; deu resignação aos que não a tinham e consolações aos aflitos; reconduziu a Deus os que não O conheciam, destruindo-lhes as idéias materialistas, verdadeira chaga social que aniquila a responsabilidade moral do homem. Eis o que tem feito e faz todos os dias, o que fará cada vez mais, à medida que se espalhar. Será isto o resultado de uma doutrina má? Não sei de ninguém que tenha atacado a moral do Espiritismo; apenas dizem que a religião pode produzir tudo isso. Concordo perfeitamente; mas, então, porque não o produz sempre? É porque nem todos a compreendem. Ora, ao tornar claro e inteligível para todos aquilo que não o é, e evidente o que é duvidoso, o Espiritismo conduz à aplicação, ao passo que jamais se sente necessidade daquilo que se não

compreende. O Espiritismo, portanto, longe de ser o antagonista da religião, é o seu auxiliar; e a prova é que conduz às idéias religiosas os que as haviam repellido. Em resumo, jamais o Espiritismo aconselhou a mudança de religião, nem o sacrifício de suas crenças; não pertence particularmente a nenhuma religião, ou, melhor dizendo, está em todas elas.

Por favor, senhores, algumas palavras ainda, sobre uma questão muito prática. O crescente número de espíritas em Lyon mostra a utilidade do conselho que vos dei o ano passado, relativamente à formação dos grupos. Reunir todos os adeptos numa única sociedade, hoje, já seria uma coisa materialmente impossível, e o será mais ainda dentro de algum tempo. Além do número, as distâncias a percorrer em vista da extensão da cidade, e as diferenças de hábitos, conforme as posições sociais, aumentam essa impossibilidade. Por esses motivos e por muitos outros, que seria longo aqui desenvolver, uma sociedade única é uma quimera impraticável. Multiplicai os grupos o mais possível; que haja dez, que haja cem, se preciso for, e ficai certos de que chegareis mais depressa e com mais segurança.

Haveria aqui coisas muito importantes a dizer, sobre a questão da unidade de princípios e sobre a divergência que poderia existir entre eles quanto a alguns pontos. Mas me detenho, para não abusar de vossa paciência em me ouvir, paciência que já pus a uma prova muito longa. Se desejardes, farei disto objeto de uma instrução especial, que vos enviarei brevemente.

Termino esta alocução, senhores, a que me deixei arrastar pela própria raridade das ocasiões que tenho a felicidade de estar em vosso meio. Ficai certos de que levarei da vossa benévola acolhida uma lembrança que jamais se apagará.

Ainda uma vez, meus amigos, obrigado do fundo do coração pelas demonstrações de simpatia com que me distinguis;

obrigado pelas bondosas palavras que me dirigistes por vossos intérpretes, das quais só aceito o dever que elas me impõem quanto ao que me resta fazer, e não os elogios. Possa esta solenidade ser o penhor da união que deve existir entre todos os verdadeiros espíritas!

Levanto um brinde aos espíritas lioneses e a todos os que se distinguem por seu zelo, seu devotamento, sua abnegação e que vós mesmos nomeais, sem que eu precise fazê-lo.

Aos espíritas lioneses, sem distinção de opinião, estejam ou não presentes!

Senhores, os Espíritos também querem participar desta festa de família e dizer algumas palavras. Erasto, que conheceis pelas notáveis dissertações publicadas na Revista, ditou espontaneamente, antes da minha partida e em vossa intenção, a epístola seguinte, que me encarregou de ler em seu nome. É com prazer que me desobriço desse encargo. Tereis assim a prova de que os Espíritos comunicantes não são os únicos a se ocuparem convosco e daquilo que vos diz respeito. Esta certeza não pode senão reforçar vossa fé e vossa confiança, vendo que o olhar vigilante dos Espíritos superiores se estende sobre todos e que, seguramente, também sois objeto de sua solicitude.

Epístola de Erasto aos Espíritas Lioneses

Lida no banquete de 19 de setembro de 1861

Não é sem a mais grata emoção que venho entreter-me convosco, caros espíritas do grupo lionês. Sinto-me tomado de simpatia e de ternura num meio como o vosso, onde todas as condições sociais se dão as mãos, e feliz por vos poder anunciar

que nós todos, os iniciadores do Espiritismo na França, assistiremos com a mais viva alegria os vossos ágapes fraternais, aos quais fomos convidados por *João e Irineu*, vossos eminentes guias espirituais. Ah! esses ágapes despertam em meu coração a lembrança daqueles em que todos nos reuníamos, mil e oitocentos anos atrás, quando combatíamos os costumes dissolutos do *paganismo romano* e já comentávamos os ensinamentos e parábolas do Filho do Homem, morto pela propagação de uma idéia santa, sobre o lenho da infâmia! Se o Altíssimo, meus amigos, por efeito de sua infinita misericórdia, permitisse que a lembrança do passado pudesse resplandecer um instante em vossas memórias entorpecidas, recordar-vos-íeis dessa época, ilustrada pelos santos mártires da plêiade lionesa: *Sanctus, Alexandre, Attale, Episode*; a doce e corajosa *Blandina*; *Irineu*, o intrépido bispo, dos quais muitos de entre vós então formáveis cortejo, aplaudindo-lhes o heroísmo e entoando louvores ao Senhor; também vos lembraríeis de que vários dos que me escutam regaram com o seu sangue a terra lionesa, esta terra fecunda que Eucher e Gregório de Tours chamaram a pátria dos mártires. Não os mencionarei; mas podeis considerar os que, em vossos grupos, desempenham uma missão, um apostolado, como já tendo sido mártires da propagação da idéia igualitária, ensinada do alto do Gólgota por nosso Cristo bem-amado! Hoje, caros discípulos, aquele que foi sagrado por São Paulo vem dizer-vos que vossa missão é sempre a mesma, porquanto o *paganismo romano*, sempre de pé, sempre vivaz, ainda enlaça o mundo, como a hera enleia o carvalho. Deveis, pois, espalhar entre os vossos irmãos infelizes, escravos de suas paixões ou das paixões alheias, a sã e consoladora doutrina que meus amigos e eu viemos vos revelar, por nossos médiuns de todos os países. Apesar disso, constatamos que os tempos progrediram, os costumes já não são os mesmos e a Humanidade cresceu; porque hoje, se fôsseis alvo de perseguição, esta não mais emanaria de um poder tirânico e invejoso, como no tempo da igreja primitiva, mas de interesses

coligados contra a idéia e contra vós, os apóstolos da idéia.

Acabo de pronunciar a palavra igualitária. Julgo útil deter-me um pouco nela, porque absolutamente não vimos pregar, em vosso meio, utopias impraticáveis, e também porque, ao contrário, repelimos com energia tudo quanto pareça ligar-se às prescrições de um comunismo anti-social; antes de tudo, somos essencialmente propagandistas da liberdade individual, indispensável ao desenvolvimento dos encarnados; por conseguinte, inimigos declarados de tudo quanto se aproxime dessas legislações conventuais, que aniquilam brutalmente os indivíduos. Embora eu me dirija a um auditório, em parte composto de artífices e proletários, sei que suas consciências, esclarecidas pelas irradiações da verdade espírita, já repeliram toda comunhão com as teorias anti-sociais dadas em apoio da palavra *igualdade*. Seja como for, devo restituir a ela sua significação cristã, tal como a explicara aquele que disse: “Dai a César o que é de César.” Pois bem, espíritas! a igualdade proclamada pelo Cristo, e que nós mesmos professamos nos vossos grupos amados, é a igualdade perante a justiça de Deus, isto é, nosso direito, conforme nosso dever cumprido, de subir na hierarquia dos Espíritos e um dia atingir os mundos avançados, onde reina a perfeita felicidade. Para isto não são levados em conta nem o nascimento, nem a fortuna; o pobre e o fraco a alcançam, como o rico e o poderoso, porque uns não levam materialmente mais que os outros; e como lá ninguém compra seu lugar e seu perdão com dinheiro, os direitos são iguais para todos. Igualdade diante de Deus: eis a verdadeira igualdade. Não vos será perguntado o que possuístes, mas o uso que fizestes do que possuístes. Ora, quanto mais possuídes, mais demoradas e mais difíceis serão as contas que tereis de prestar da vossa gestão. Assim, pois, conforme as vossas existências de missões, de provas ou de castigos nas paragens terrenas, cada um de vós, consoante as boas ou más obras, progredirá na escala dos seres ou recomeçará, mais cedo ou mais tarde, a sua existência, caso se tenha desviado.

Em conseqüência, repito, ao proclamar o dogma sagrado da igualdade, não vimos ensinar que aqui na Terra deveis ser todos iguais em riqueza, saber e felicidade, mas, sim, que todos chegareis, quando soar a hora e conforme os vossos méritos, à felicidade dos eleitos, partilha das almas de escol, que cumpriram seus deveres. Meus caros espíritas, eis a igualdade à qual todos tendes direito, a que vos conduzirá o Espiritismo emancipador, a que vos convido com todas as minhas forças. Para alcançá-la, que deveis fazer? Obedecer a estas duas palavras sublimes: amor e caridade, que resumem admiravelmente a lei e os profetas. Amor e caridade! Ah! aquele que, segundo sua consciência, cumprir as prescrições desta máxima divina estará certo de subir, de transpor rapidamente os degraus da escada de Jacó e de logo atingir as esferas elevadas, de onde poderá adorar, contemplar e compreender a majestade do Eterno.

Não podeis acreditar quanto nos é doce e agradável presidir ao vosso banquete, onde o rico e o artesão se acotovelam, brindando à fraternidade; onde o judeu, o católico e o protestante podem sentar-se à mesma comunhão pascal. Não podeis imaginar quanto me sinto orgulhoso de distribuir a cada um de vós os elogios e o encorajamento que o *Espírito de Verdade*, nosso bem-amado mestre⁴³, ordenou-me conferisse às vossas piedosas coortes. A ti, Dijoud, e à tua digna companheira; e a vós todos, devotados missionários, que espalhais os benefícios do Espiritismo, obrigado por vosso concurso e por vosso zelo; mas a nobreza obriga, meus irmãos, sobretudo a do coração, e sereis muito culpados, muito criminosos se faltásseis, no futuro, às vossas santas missões. Não falhareis; tenho como garantia o bem que realizastes e o que vos resta fazer. Mas é a vós, meus bem-amados irmãos do labor quotidiano, que reservo minhas mais sinceras felicitações, porque, bem o sei, subis penosamente o vosso Gólgota, levando,

43 N. do T.: Para algumas pessoas, este testemunho de Erasto vem reforçar a opinião, vez por outra defendida, de que o Espírito de Verdade seria o próprio Cristo.

como o Cristo, a vossa cruz dolorosa. O que vos poderia dizer de mais elogioso que lembrar a coragem e a resignação com que suportais os desastres inauditos que a luta fratricida⁴⁴, mas necessária, das duas Américas engendra em vosso meio? Ah! ninguém pode negar já se faça sentir a benéfica influência do Espiritismo; ela penetrou, com a esperança e a fé, no ambiente das oficinas; e quando nos lembramos dos tempos do último reinado, em que, desde que faltava o trabalho, os operários desciam da *Croix-Rousse* para os *Terreaux*⁴⁵, em grupos tumultuosos, fazendo pressagiar motins, cuja repressão era terrível, devemos agradecer a Deus a nova revelação. Com efeito, segundo esta imagem vulgar, de que se servem em sua linguagem pitoresca, muitas vezes é preciso *dançar diante do bufê*⁴⁶; então dizem, apertando o cinto: Ah! comeremos amanhã!!! Bem sei que a caridade pública e particular se movimenta e faz o que é possível; mas não é nisso que está o verdadeiro remédio. A Humanidade precisa de algo melhor, razão por que, se o Cristianismo preconizou a igualdade e as leis igualitárias, o Espiritismo encerra em seus flancos a fraternidade e as suas leis, obra grandiosa e durável que os séculos futuros haverão de abençoar. Lembrai-vos, meus amigos, de que o Cristo escolheu seus apóstolos entre os últimos dos homens, e estes, mais fortes que os céares, conquistaram o mundo para a idéia cristã. A vós, pois, incumbe a obra santa de esclarecer os vossos companheiros de oficina e propagar a nossa sublime doutrina, que torna os homens tão fortes na adversidade, a fim de que o Espírito do mal e da revolta não venha suscitar o ódio e a vingança no coração de vossos irmãos ainda não tocados pela graça espírita. Esta obra vos pertence por inteiro, meus caros amigos; sei que a realizareis com o mesmo zelo e o mesmo ardor ditados pela consciência de um dever a cumprir. Um dia a História, reconhecida, escreverá em seus anais que os operários de Lyon, iluminados pelo Espiritismo, muito

44 **N. do T.:** Erasto faz alusão à guerra da Secessão, nos Estados Unidos, iniciada em 1861.

45 **N. do T.:** Grifos nossos.

46 **N. do T.:** No original: *danser devant le buffet* – imagem vulgar que significa: *não ter o que comer, passar por dificuldades, estar na miséria.*

mereceram da pátria em 1861 e 1862, pela coragem e resignação com que suportaram as tristes conseqüências das lutas escravagistas entre os *Estados desunidos* da América. Que importa! Esses tempos de lutas e de provas meus filhos, são abençoados por Deus, enviados para desenvolver a coragem, a paciência e a energia; para apressar a elevação e o aperfeiçoamento do orbe terrestre e dos Espíritos aprisionados nos laços carnis da matéria. Ide agora; a trincheira está aberta no Velho Mundo; sobre as suas ruínas aclamareis a era espírita da fraternidade, que vos mostra o objetivo e o fim das misérias humanas, consolando e fortalecendo vossos corações contra a luta e a adversidade; confundireis os incrédulos e os ímpios, e agradecereis a Deus o quinhão de vossos infortúnios e de vossas provas, porque estas vos aproximam da felicidade eterna.

Resta-me ainda vos dar alguns conselhos – embora os vossos guias muitas vezes já vos tenham dado – mas que minha posição pessoal e a atual circunstância me aconselham a vos lembrar novamente. Meus amigos, aqui me dirijo a todos os espíritas, a todos os grupos, a fim de que nenhuma cisão, nenhuma dissidência, nenhum cisma venha surgir entre vós, mas, ao contrário, que uma crença solidária vos anime e vos reúna a todos, pois isto é necessário ao desenvolvimento de nossa doutrina benfazeja. Sinto uma espécie de vontade que me constrange a vos pregar a concórdia e a união, pois nisto, como em tudo, a união faz a força e tendes necessidade de ser fortaleza e união, a fim de que possais enfrentar as tempestades que se aproximam. E não só tendes necessidade de união entre vós, mas ainda com os vossos irmãos de todos os países. Eis por que vos concito a seguir o exemplo que vos deram os espíritas de Bordeaux, cujos grupos particulares formam, todos, os satélites de um grupo central; foi esse grupo central que pediu para entrar em comunhão com a Sociedade iniciadora de Paris, a primeira a receber os elementos de um corpo de doutrina e lançar as bases sérias para o estudo do Espiritismo, que todos nós, espíritas, professamos no mundo inteiro.

Sei que aquilo que vos digo aqui não será perdido; aliás, estou me referindo inteiramente aos conselhos que já recebestes, e ainda receberéis, dos vossos excelentes guias espirituais, que vos dirigirão nesta via salutar, pois é necessário que a luz se irradie do centro para a periferia e desta para o centro, a fim de que todos aproveitem e se beneficiem dos trabalhos de cada um. Aliás, é incontestável que, submetendo ao crisol da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, será fácil repelir o absurdo e o erro. Um médium pode ser fascinado, um grupo enganado; todavia, o controle severo dos outros grupos, a ciência adquirida e a autoridade moral dos chefes de grupos, bem assim as comunicações dos principais médiuns, que recebem um cunho de lógica e de autenticidade de nossos melhores Espíritos, rapidamente farão justiça aos ditados falsificados e astuciosos, emanados de uma turba de Espíritos enganadores, imperfeitos ou maus. Repeli-os impiedosamente, e a todos esses Espíritos que aconselham com exclusividade, pregando a divisão e o isolamento. Quase sempre são Espíritos vaidosos e medíocres, que tendem a se impor aos homens fracos e crédulos, prodigalizando-lhes louvores exagerados, a fim de os fascinar e os manter sob domínio. Geralmente são Espíritos sedentos de poder, que, déspotas públicos ou privados quando vivos, ainda querem ter vítimas para tiranizar após a morte. Meus amigos, desconfiai, em geral, das comunicações que trazem um caráter de misticismo ou de estranheza, ou que prescrevem cerimônias e atos bizarros; então há sempre um motivo de legítima suspeita. Por outro lado, ficai certos de que uma verdade, quando deve ser revelada à Humanidade, é, por assim dizer, instantaneamente comunicada em todos os grupos sérios, que possuem médiuns sérios.

Enfim, creio ser bom repetir que ninguém é médium perfeito se estiver obsidiado; a obsessão é um dos maiores escolhos, e há manifesta obsessão quando um médium não está apto a receber comunicações senão de um Espírito especial, por mais alto que este procure colocar-se. Em consequência, todo

médium, todo grupo que se julgem privilegiados por comunicações que só eles podem receber, ou que estejam sujeitos a práticas que beiram a superstição, encontram-se indubitavelmente sob o império de uma obsessão muito bem caracterizada. Digo tudo isto, meus amigos, porque existem no mundo médiuns fascinados por pérfidos Espíritos. Desmascarai impiedosamente esses Espíritos, se ousarem ainda profanar nomes venerados, dos quais se apoderam como ladrões e se enfeitam orgulhosamente, como fazem os lacaios com as roupas dos patrões; pregai-os no pelourinho sem piedade, caso persistam em desviar do bom caminho os cristãos honestos, os espíritas zelosos, cuja boa-fé iludiram. Numa palavra, deixai-me repetir o que já aconselhei aos espíritas parisienses: é melhor repelir dez verdades por algum tempo, do que admitir uma única mentira, uma só teoria errônea, porque poderíeis, sobre essa teoria e essa mentira, edificar todo um sistema, que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, qual se fora um monumento edificado sobre areia movediça, ao passo que se hoje rejeitardes certas verdades, certos princípios, porque não vos são demonstrados com clareza, logo um fato brutal ou uma demonstração irrefutável virá firmar a sua autenticidade.

A João, a Irineu, a Blandina, bem como a todos os vossos Espíritos protetores incumbe a tarefa de vos prevenir doravante contra os falsos profetas da erraticidade. O grande Espírito emancipador que preside aos nossos trabalhos, sob o olhar do Todo-Poderoso, proverá a isso, podeis crer-me. Quanto a mim, embora esteja mais particularmente ligado aos grupos parisienses, virei algumas vezes entreter-me convosco e acompanharei sempre com interesse os vossos trabalhos particulares.

Esperamos muito da província lionesa, e sabemos que não faltareis, nem uns nem outros, às vossas respectivas missões. Lembrai-vos de que o Cristianismo, trazido pelas legiões cesaristas, lançou, há quase dois mil anos, as primeiras sementes da renovação

cristã em Vienne⁴⁷ e Lyon, de onde se propagaram rapidamente à Gália do Norte. Hoje o progresso deve realizar-se numa radiação nova, isto é, do Norte ao Sul. À obra, pois, lioneses! É preciso que a verdade triunfe, e não é sem uma legítima impaciência que esperamos a hora em que soará a trombeta de prata, a nos anunciar o vosso primeiro combate e a vossa primeira vitória.

Permiti agora agradecer o recolhimento com que me ouvistes e a simpática acolhida que me concedestes. Que Deus Todo-Poderoso, Senhor de todos nós, vos conceda a sua benevolência, espalhando sobre vós e sobre o seu servo muito humilde os tesouros de sua infinita misericórdia. Adeus! Lioneses, eu vos bendigo!

Erasto

Conversas Familiares de Além-Túmulo

EUGÈNE SCRIBE

(Sociedade Espírita de Paris)

Quando da discussão que se estabeleceu entre vários Espíritos sobre o aforismo de Buffon: *O estilo é o homem*, relatado em nosso número anterior, foi citado o nome do Sr. Scribe, o que sem dúvida lhe deu motivo para vir, embora não tivesse sido chamado. Sem participar do debate, ditou espontaneamente a dissertação seguinte, ensejando a conversa que a acompanha:

“Seria desejável que o teatro, onde os grandes e pequenos vão haurir ensinamentos, se preocupasse um pouco menos em lisonjear o gosto pelos costumes fáceis e em exaltar os aspectos veniais de uma juventude ardente, mas que o progresso

47 **N. do T.:** Erasto não se refere a Viena, capital da Áustria, mas à cidade francesa do mesmo nome, plantada às margens do Ródano (Rhône), rica em vestígios da época da dominação romana.

social fosse perseguido por peças elevadas e morais, onde a fina anedota substituísse o sal grosso de cozinha, de que hoje se servem os autores de comédias leves. Mas não; conforme o teatro, conforme o público, lisonjeiam-se as paixões humanas. Aqui, preconizam o avental, em detrimento da casaca, transformada em bode expiatório de todas as iniquidades sociais; ali, é o avental que é difamado e conspurcado, porque, ao que dizem, sempre oculta um tratante ou um assassino. Mentira de ambos os lados.

“Alguns autores até começam a agarrar o touro pelos chifres e, como Émile Augier, a pregar os especuladores no pelourinho da opinião pública. Ah! que importa! Nem por isso o público deixa de se arrastar para os teatros, onde uma plástica descarada e sem pudor faz todas as despesas do espetáculo. Ah! já é tempo de as idéias espíritas serem propagadas em todas as camadas sociais, porque, então, o teatro será moralizado por si mesmo e, às exibições femininas, sucederão peças conscienciosas, representadas conscienciosamente por artistas de talento. Todos ganharão com isto. Esperemos que logo surja um autor dramático capaz de expulsar do teatro e do entusiasmo do público todos esses intrujões, proxenetas imorais das damas das camélias de toda espécie. Trabalhai, pois, em espalhar o Espiritismo, que deve produzir tão louvável resultado.”

E. Scribe

P. – Numa comunicação que ditastes há pouco tempo à Srta. J..., e lida na Sociedade, dissestes que o que fez a vossa reputação na Terra não a fez no Céu e que poderíeis ter empregado melhor os bens que recebestes de Deus. Teríeis a gentileza de desenvolver este pensamento e dizer em que vossas obras são repreensíveis? Parece-nos que têm um lado moral e, de certo modo, abriram caminho ao progresso.

Resp. – Tudo é relativo. No mundo elevado onde hoje me encontro não vejo mais com os olhos terrenos e penso que,

com os dons que havia recebido do Todo-Poderoso, deveria ter feito coisa melhor para a Humanidade. Foi por isso que disse não haver trabalhado para o Céu. Mas não posso exprimir em poucas palavras o que vos queria dizer acima, porque, com bem o sabeis, eu era um tanto verboso.

P. – Dissestes ainda que gostaríeis de compor uma obra mais útil e mais séria, mas que tal alegria vos foi recusada. É como Espírito que queríeis fazer essa obra e, neste caso, como teríeis feito para que os homens a aproveitassem?

Resp. – Meu Deus! da maneira mais simples empregada pelos Espíritos, inspirando os escritores que, muitas vezes, imaginam tirar de seu próprio imo, ah! por vezes tão vazio.

P. – Pode-se saber qual o assunto que ofereceríeis para tratar?

Resp. – Eu não tinha um objetivo determinado, mas, como sabeis, a gente gosta um pouco de fazer o que nunca fez. Gostaria de cuidar de filosofia e de espiritualismo, já que me ocupei mais que devia do realismo. Não tomeis a palavra realismo como hoje a entendem; apenas quis dizer que me ocupei mais especialmente daquilo que divertia os olhos e o ouvido dos espíritos frívolos da Terra, e não do que poderia satisfazer os espíritos sérios e filosóficos.

P. – Dissestes à Srta. J... que não éreis feliz. Podeis não ter a sorte dos bem-aventurados, mas há pouco, no comitê, contaram uma porção de boas ações que praticastes e que, por certo, devem ter sido levadas em consideração.

Resp. – Não; não sou feliz porque, infelizmente, ainda tenho ambição e, tendo sido acadêmico na Terra, queria fazer parte, também, da assembléia dos eleitos.

P. – Parece-nos que, em falta da obra que ainda não podeis fazer, poderíeis alcançar o mesmo objetivo, para vós e para os outros, se aqui viésseis fazer uma série de dissertações.

Resp. – Não pediria nada melhor; virei com prazer, se me permitirem, o que ignoro, pois ainda não tenho posição bem definida no mundo espiritual. Tudo é tão novo para mim – eu que passei a vida a casar oficiais subalternos com ricas herdeiras – que ainda não tive tempo de conhecer e admirar este mundo etéreo, de que me havia esquecido durante a encarnação. Voltarei, pois, se os Grandes Espíritos o permitirem.

P. – No mundo em que estais, já revistes a Sra. de Girardin que, em vida, ocupava-se muito de Espíritos e evocações?

Resp. – Ela teve a bondade de vir esperar-me no limiar da verdadeira vida, com os Espíritos da plêiade à qual pertencemos.

P. – Ela é mais feliz que vós?

Resp. – Seu Espírito é mais feliz do que eu, porque contribuiu para as obras de educação da infância, compostas por Sophie Gay, sua mãe.

Observação de Erasto – Não; foi porque lutou, ao passo que Scribe deixou-se arrastar na torrente da vida fácil.

P. – Ides às vezes assistir à representação de vossas obras, assim como a Sra. de Girardin ou Casimir Delavigne?

Resp. – Como quereis que não fôssemos ver esses filhos queridos, que deixamos na Terra? Ainda é um dos nossos prazeres mais puros.

Observação – A morte, pois, não separa os que se conheceram na Terra; eles se reencontram, reúnem-se e se interessam pelo que era objeto de suas preocupações. Dirão, sem dúvida, que se eles se lembram do que lhes dava alegria, haverão de lembrar-se, também, daquilo que lhes causava dor, e isso lhes deve alterar a felicidade. Tal lembrança produz um efeito inteiramente contrário, porque a satisfação de estar liberto dos males terrestres é um prazer tanto mais suave, quanto maior for o contraste. Apreciamos melhor os benefícios da saúde após uma doença, a

calma após a tempestade. Voltando ao lar, o guerreiro não se compraz em contar os perigos que correu, as fadigas que experimentou. Do mesmo modo, para os Espíritos a lembrança das lutas terrestres é uma satisfação, quando delas saíram vitoriosos. Mas essa lembrança se perde ao longo do tempo ou, pelo menos, diminui de importância aos seus olhos, à medida que se libertam dos fluidos materiais dos mundos inferiores e se aproximam da perfeição. Para eles, tais lembranças são sonhos longínquos, como no homem feito as recordações da primeira infância.

Ensinamentos e Dissertações Espíritas

OS CRETINOS

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sra. Costel)

Nossa companheira, Sra. Costel, tendo feito uma excursão na região dos Alpes em que o cretinismo parece ter estabelecido um de seus principais focos, ali recebeu, de um de seus Espíritos habituais, a seguinte comunicação:

– Os cretinos são seres punidos na Terra pelo mau uso que fizeram de poderosas faculdades. Sua alma está aprisionada num corpo, cujos órgãos impotentes não podem exprimir seu pensamento. Esse mutismo moral e físico é uma das mais cruéis punições terrestres, muitas vezes escolhidas pelos Espíritos arrependidos que querem resgatar suas faltas. Tal prova não é estéril, porque o Espírito não fica estacionário na sua prisão de carne: os olhos hebetados vêem, o cérebro deprimido compreende, mas nada pode ser traduzido, nem pela palavra, nem pelo olhar e, salvo o movimento, estão moralmente no estado dos letárgicos e dos catalépticos, que vêem e ouvem o que se passa ao seu redor sem poderem exprimi-lo. Quando, em sonho, tendes esses terríveis pesadelos, nos quais quereis fugir de um perigo, quando gritais para pedir socorro, enquanto a língua fica presa à abóbada palatina e os

pés ao solo, experimentais por alguns instantes o que o cretino experimenta sempre: paralisia do corpo ligada à vida do Espírito.

Quase todas as enfermidades têm, assim, sua razão de ser; nada se faz sem causa, e o que chamais injustiça da sorte é a aplicação da mais alta justiça. A loucura também é uma punição pelo abuso de altas faculdades; o louco tem duas personalidades: a delirante e a que retém a consciência de seus atos, sem os poder dirigir. Quanto aos cretinos, a vida contemplativa e isolada de suas almas, sem as distrações do corpo, também pode ser tão agitada quanto as existências mais complicadas pelos acontecimentos; alguns se revoltam contra seu suplício voluntário; lamentam tê-lo escolhido e sentem um desejo furioso de voltar a uma outra vida, desejo que lhes faz esquecer a resignação na vida presente e o remorso da vida passada, que albergam na consciência, porquanto os cretinos e os loucos sabem mais que vós, e na sua incapacidade física oculta-se uma força moral da qual não fazeis a menor idéia. Os atos de furor ou de imbecilidade a que seus corpos se entregam são julgados pelo ser interior, que sofre e se envergonha. Assim, ridicularizá-los, injuriá-los, mesmo maltratá-los, como às vezes se faz com eles, é aumentar-lhes os sofrimentos, porque os faz sentir mais duramente sua fraqueza e sua abjeção; se pudessem, acusariam de covardia os que assim agem, pois sabem que suas vítimas não podem se defender.

O cretinismo não é uma lei de Deus e a Ciência pode fazê-lo desaparecer, porquanto é o resultado material da ignorância, da miséria e da imundície. Os novos meios de higiene, que a Ciência, tornada mais prática, pôs ao alcance de todos, tendem a destruí-lo. Sendo o progresso condição expressa da Humanidade, as provas impostas se modificarão e seguirão a marcha dos séculos; tornar-se-ão todas morais; e quando a vossa Terra, ainda jovem, tiver realizado todas as fases de sua existência, tornar-se-á uma morada de felicidade, como outros planetas mais adiantados.

Pierre Jouty, pai do médium

Observação – Houve um tempo em que se havia posto em dúvida a alma dos cretinos e se perguntava se eles, realmente, pertenciam à espécie humana. A maneira por que o Espiritismo os encara não é de alta moralidade e de grande ensinamento? Não há matéria para sérias reflexões, ao pensar que esses corpos desgraçados encerram almas que talvez tenham brilhado no mundo, que são tão lúcidas e tão pensantes quanto as nossas, sob o espesso envoltório que lhes sufoca as manifestações e que, um dia, o mesmo pode acontecer conosco, se abusarmos das faculdades que nos concedeu a Providência?

De outro modo, como poderíamos explicar o cretinismo? Como fazê-lo concordar com a justiça e a bondade de Deus, sem admitir a pluralidade das existências, isto é, a reencarnação? Se a alma ainda não viveu, é que foi criada ao mesmo tempo que o corpo. Nesta hipótese, como justificar a criação de almas tão deserdadas quanto a dos cretinos, por parte de um Deus justo e bom? Porque aqui não se trata absolutamente de um desses acidentes – a loucura, por exemplo – que se pode prevenir ou curar. Esses seres nascem e morrem no mesmo estado. Não possuindo nenhuma noção do bem e do mal, qual a sua sorte na eternidade? Serão felizes como os homens inteligentes e trabalhadores? Mas por que este favor, pois que nada fizeram de bom? Estarão naquilo a que chamam limbo, isto é, num estado misto, que nem é felicidade nem infelicidade? Mas por que esta inferioridade eterna? É sua culpa se Deus os criou cretinos? Desafiamos todos os que repelem a doutrina da reencarnação a saírem desse impasse. Com a reencarnação, ao contrário, o que parece uma injustiça torna-se admirável justiça; o que é inexplicável explica-se da maneira mais racional. Aliás, não sabemos se os que repelem esta doutrina a tenham combatido com argumentos mais peremptórios que o de sua repugnância pessoal em voltar à Terra. Estariam, assim, muito seguros de possuir bastante virtude para ganhar o Céu com tanta facilidade? Desejamos-lhes boa sorte. Mas... e os cretinos? E as crianças que morrem em tenra idade? Que títulos possuirão para fazer valer?

SE FOSSE UM HOMEM DE BEM, TERIA MORRIDO⁴⁸

(Sociedade Espírita de Sens)

Falando de um homem mau, que escapa de um perigo, costumais dizer: *Se fosse um homem bom, teria morrido*. Pois bem, assim falando, dizeis uma verdade, pois, com efeito, muito amiúde sucede dar Deus a um Espírito de progresso ainda incipiente prova mais longa, do que a de um bom que, por prêmio do seu mérito, receberá a graça de ter tão curta quanto possível a sua provação. Por conseguinte, quando vos utilizais daquele axioma, não suspeitais de que proferis uma blasfêmia.

Se morre um homem de bem, cujo vizinho é mau homem, logo observais: *Antes fosse este*. Enunciais uma enormidade, porquanto aquele que parte concluiu a sua tarefa e o que fica talvez não haja principiado a sua. Por que, então, haveríeis de querer que ao mau faltasse tempo para terminá-la e que o outro permanecesse preso à gleba terrestre? Que diríeis se um prisioneiro, que cumpriu a sentença contra ele pronunciada, fosse conservado no cárcere, ao mesmo tempo que restituíssem à liberdade um que a esta não tivesse direito? Ficai sabendo que a verdadeira liberdade, para o Espírito, consiste no rompimento dos laços que o prendem ao corpo e que, enquanto vos achardes na Terra, estareis em cativeiro.

Habituai-vos a não censurar o que não podeis compreender e crede que Deus é justo em todas as coisas. Muitas vezes, o que vos parece um mal é um bem. Tão limitadas, no entanto, são as vossas faculdades, que o conjunto do grande todo não o apreendem os vossos sentidos obtusos. Esforçai-vos por sair, pelo pensamento, da vossa acanhada esfera e, à medida que vos elevardes, diminuirá para vós a importância da vida material que, nesse caso, se vos apresentará como simples incidente, no curso infinito da vossa existência espiritual, única existência verdadeira.

*Fénelon*48 N. do T.: Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo V, item 22.

OS POBRES E OS RICOS
(Sociedade Espírita de Lyon)

Nota – Embora os espíritas de Lyon estejam divididos em vários grupos, que se reúnem separadamente, nós os consideramos como formando uma única sociedade, que designaremos sob o nome geral de *Sociedade Espírita de Lyon*. As duas seguintes comunicações foram recebidas em nossa presença:

O ciúme é o companheiro do orgulho e da inveja. Ele vos leva a desejar tudo quanto os outros possuem, sem que percebeis que, invejando sua posição, não estareis pedindo senão o presente de uma víbora, que acalantaríeis ao seio. Sempre invejais e tendes ciúme dos ricos; vossa ambição e vosso egoísmo vos levam a ter sede do ouro alheio. “Se eu fosse rico – dizeis – faria dos meus bens um uso muito diverso do que vejo fazendo este ou aquele.” E sabeis se, tendo esse ouro, não faríeis um uso ainda pior? A isto respondeis: “Aquele que está ao abrigo das necessidades cotidianas da vida sofre muito pouco, em comparação comigo.” Que sabeis a respeito? Aprendei que o rico nada mais é que um intendente de Deus; se usar mal a sua fortuna, ser-lhe-ão pedidas contas severas. Esta fortuna que Deus lhe dá e da qual aproveita na Terra, é a sua punição, é a sua prova, a sua expiação. Quantos tormentos o rico se permite para conservar esse ouro, a que tanto se prende! E quando chega a sua hora derradeira, quando deve prestar contas e compreende, nessa hora suprema, que quase sempre lhe revela toda a conduta que deveria ter tido, como treme! como tem medo! É que começa a compreender que falhou em sua missão, que foi um mandatário infiel e que suas contas vão ser desordenadas. Os pobres trabalhadores, ao contrário, que sofreram toda a vida, ligados à bigorna ou à charrua, vêem chegar a morte, esta libertação de todos os males, com reconhecimento, sobretudo se suportaram suas misérias com resignação e sem murmurar. Crede, meus amigos, se vos fosse dado ver o rude pelourinho ao qual a fortuna liga os ricos, vós, cujo coração é bom, porque passastes por

todas as peneiras da desgraça, diríeis com o Cristo, quando vosso amor-próprio fosse ferido pelo luxo dos opulentos da Terra: “Perdoai-lhes, Senhor, pois não sabem o que fazem”; e adormeceríeis no vosso rude travesseiro, acrescentando: “Meu Deus, abençoai-me, e que seja feita a vossa vontade!”

O Espírito protetor do médium

DIFERENTES MANEIRAS DE FAZER A CARIDADE⁴⁹

(Sociedade Espírita de Lyon)

Nota – A comunicação seguinte foi recebida em nossa presença no grupo de Perrache:

Sim, meus amigos, virei sempre ao vosso meio, sempre que for chamado. Ontem me senti muito feliz por vossa causa, quando ouvi o autor dos livros que vos abriram os olhos testemunhar o desejo de vos ver reunidos para vos dirigir palavras de benevolência. É um grande ensinamento para todos vós e, ao mesmo tempo, poderosa lembrança. Apenas notei, quando vos falou do amor e da caridade, que vários de vós se perguntavam: Como fazer a caridade? Muitas vezes não tenho sequer o necessário.

Amigos, de mil maneiras se faz a caridade. Podeis fazê-la por pensamentos, por palavras e por ações. Por pensamentos, orando pelos pobres abandonados, que morreram sem se acharem sequer em condições de ver a luz. Uma prece feita de coração os alivia. Por palavras, dando aos vossos companheiros de todos os dias alguns bons conselhos, dizendo aos que o desespero, as privações azedaram o ânimo e levaram a blasfemar do nome do Altíssimo: “Eu era como sois; sofria, sentia-me desgraçado, mas acreditei no Espiritismo e, vede, agora sou feliz.” Aos velhos que vos disserem: “É inútil; estou no fim da minha jornada; morrerei

49 N. do T.: Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XIII, item 10.

como vivi”, dizei: Deus usa de justiça igual para com todos nós; lembrai-vos dos trabalhadores da última hora. Às crianças já viciadas pelas companhias de que se cercaram e que vão pelo mundo, prestes a sucumbir às más tentações, dizei: “Deus vos vê, meus caros pequenos”, e não vos canseis de lhes repetir essas brandas palavras. Elas acabarão por lhes germinar nas inteligências infantis e, em vez de vagabundos, fareis deles homens. Também isso é caridade.

Dizem, outros dentre vós: “Oral somos tão numerosos na Terra, que Deus não nos pode ver a todos.” Escutai bem isto, meus amigos: Quando estais no cume da montanha, não abrangeis com o olhar os bilhões de grãos de areia que a cobrem? Pois bem: do mesmo modo vos vê Deus. Ele vos deixa usar do vosso livre-arbítrio, como vós deixais que esses grãos de areia se movam ao sabor do vento que os dispersa. Apenas, Deus, em sua misericórdia infinita, vos pôs no fundo do coração uma sentinela vigilante, que se chama *consciência*. Escutai-a, que somente bons conselhos ela vos dará. Às vezes, conseguis entorpecê-la, opondo-lhe o espírito do mal. Ela, então, se cala. Mas, ficai certos de que a pobre escorraçada se fará ouvir, logo que lhe deixardes aperceber-se da sombra do remorso. Ouvi-a, interrogai-a e com freqüência vos achareis consolados com o conselho que dela houverdes recebido.

Meus amigos, a cada regimento novo o general entrega um estandarte. Eu vos dou por divisa esta máxima do Cristo: “Amai-vos uns aos outros.” Observai esse preceito, reuni-vos todos em torno dessa bandeira e tereis ventura e consolação.

Vosso Espírito protetor

ROMA

(Enviada pelo Sr. Sabò, de Bordeaux)

Cidade de Rômulo, cidade dos Césares, berço do Cristianismo, tumba dos apóstolos, tu és a cidade eterna, e Deus

quer que a longa letargia em que cáiste cesse finalmente. Vai soar a hora de teu retorno; sacode o entorpecimento de teus membros; levanta-te, forte e valente, para obedecer aos destinos que te esperam, pois há longos séculos não passas de uma cidade deserta. As ruínas numerosas de tuas vastas arenas, que dificilmente continham as ondas de ávidos espectadores, mal são visitadas pelos raros estrangeiros que, de vez em quando, passam por tuas ruas solitárias. Tuas catacumbas, onde repousam os despojos de tantos soldados valentes, mortos pela fé, apenas os tiram de sua indiferença. Mas a crise que sofres será a última e irás sair desse penoso e doloroso trabalho, grande, forte, poderosa, transformada pela vontade de Deus e, do alto de tua velha basílica, a voz do sucessor de São Pedro estenderá sobre ti as mãos que trarão as bênçãos do céu, e ele chamará ao seu supremo conselho os Espíritos do Senhor; submeter-se-á às suas lições e dará o sinal do progresso, empunhando francamente a bandeira do Espiritismo. Então, submetido a seus ensinamentos, o universo católico acorrerá em massa para se colocar ao redor do cajado de seu primeiro pastor e, dado esse impulso, todos os corações se voltarão para ti. Serás o farol luminoso que deve iluminar o mundo, e teus habitantes, alegres e felizes por te ver dar às nações o exemplo do melhoramento e do progresso, repetirão em seu canto: Sim, Roma é a cidade eterna.

Massillon

O COLISEU

(Enviada pelo Conde X..., de Roma. Traduzida do italiano)

Que sentimento faz nascer em vós a visão do Coliseu? O produzido pelo aspecto de toda ruína: tristeza. Suas vastas e belas proporções lembram todo um mundo de grandeza; mas sua decrepitude invariavelmente leva o pensamento para a fragilidade das coisas humanas. Tudo passa; e os monumentos, que pareciam desafiar o tempo, se desmoronam, como para provar que só as

obras de Deus são duráveis. E quando os escombros, semeados por toda parte, protestam contra a eternidade das obras do homem, ousais chamar eterna uma cidade juncada de ruínas do passado!

Onde estás, Babilônia? Onde estás, Nínive? Onde vossos imensos e esplêndidos palácios? Viajante, em vão os procura sob as areias do deserto; não vês que Deus os apagou da face da Terra? Roma! Esperas, pois, afrontar as leis da Natureza? Sou cristã, dizes, e Babilônia era pagã. Sim; mas, como ela, és de pedra, e um sopro de Deus pode dispersar essas pedras amontoadas. O solo que treme à tua volta não está a te advertir que teu berço, que se acha sob teus pés, pode tornar-se o teu túmulo? Sou cristã, dizes, e Deus me protege! Mas ousas comparar-te a esses primeiros cristãos, que morriam pela fé, e cujos pensamentos já eram deste mundo, tu que vives de prazeres, luxo e indolência? Lança os olhos sobre estas arenas, diante das quais passas com tanta indiferença; interroga estas pedras, ainda de pé, e elas te falarão, e a sombra dos mártires te aparecerá para dizer: Que fizeste da simplicidade, de que nosso divino mestre fez uma lei, de humildade e de caridade, cujo exemplo nos deu? Tinham palácios? Vestiam-se de ouro e seda esses primeiros propagadores do Evangelho? Suas mesas esbanjavam o supérfluo? Tinham coortes de servos inúteis para lhes adular o orgulho? Que há de comum entre ti e eles? Eles não buscavam senão os tesouros do Céu, e tu buscas os tesouros da Terra! Ó homens que vos dizeis cristãos, vendo o vosso apego aos bens perecíveis deste mundo, dir-se-ia realmente que não contaís com os da eternidade. Roma! que te dizes imortal, possam os séculos futuros não buscar o teu lugar, como hoje é procurado o da Babilônia!

Dante

Observação – Por singular coincidência, estas duas últimas comunicações nos chegaram no mesmo dia. Embora

tratando do mesmo assunto, vê-se que os Espíritos o encaram cada um do seu ponto de vista pessoal. O primeiro vê a Roma religiosa e, em sua opinião, eterna, porque será sempre a capital do mundo cristão; o segundo vê a Roma material e diz que nada do que os homens edificam é eterno. Aliás, sabe-se que os Espíritos têm suas opiniões e que podem divergir entre si na maneira de ver, quando ainda imbuídos das idéias terrestres; só os Espíritos mais puros estão isentos de preconceitos. Mas, pondo de lado a opinião, que pode ser controversa, não se poderá recusar a estas duas comunicações uma grande elevação de estilo e de pensamento e cremos que não seriam desabonadas pelos autores que levam seus nomes.

A TERRA PROMETIDA

(Enviada pelo Sr. Rodolfo, de Mulhouse)

O Espiritismo se levanta e logo sua luz fecunda vai alumiar o mundo; seu brilho magnífico protestará contra os ataques dos interessados em conservar os abusos e contra a incredulidade do materialismo. Os que duvidam sentir-se-ão felizes por encontrar nesta doutrina nova, tão bela, tão pura, o bálsamo consolador que os curará do cepticismo e os tornará aptos a melhorar e progredir, como todas as demais criaturas. Privilegiados serão os que, renunciando às impurezas da matéria, se lançarem em vôo rápido até o topo das idéias mais puras e buscarem desmaterializar-se completamente.

Povos! erguei-vos para assistir à aurora desta vida nova, que vem para a vossa regeneração; que, enviada por Deus, vem para vos unir numa santa comunhão fraterna. Oh! como serão felizes os que, ouvindo esta voz abençoada do Espiritismo, seguirem sua bandeira e cumprirem o apostolado, que deve reconduzir os irmãos extraviados pela dúvida e pela ignorância, ou embrutecidos pelo vício!

Voltaí, ovelhas desgarradas, voltaí ao aprisco; levantai a cabeça, contemplai o vosso Criador e rendereis homenagem ao seu amor por vós. Retirai prontamente o véu que vos ocultava o Espírito da Divindade; admirai-o em toda a sua bondade; prostrai a face contra a terra e arrependei-vos. O arrependimento vos abrirá as portas da felicidade: as de um mundo melhor, onde reinam o amor mais puro, a fraternidade mais estreita, onde cada um sente alegria na alegria do próximo.

Não sentis que se aproxima o momento em que vão surgir coisas novas? Não sentis que a Terra está em trabalho de parto? Que querem esses povos que se remexem, que se agitam, que se aprestam para a luta? Por que vão combater? Para romper as cadeias que estancam o progresso de sua inteligência, absorvem a sua seiva, semeiam a desconfiança e a discórdia, armam o filho contra o pai, o irmão contra o irmão, corrompem as nobres aspirações e matam o gênio. Ó liberdade! Ó independência! nobres atributos dos filhos de Deus, que alargais o coração e elevais a alma, é por vós que os homens se tornam bons, grandes e generosos; por vós nossas aspirações se voltam para o bem, a injustiça desaparece, os ódios se extinguem e a discórdia, envergonhada, foge e apaga seu facho, temendo irradiar seus sinistros clarões. Irmãos! escutai a voz que vos diz: Marchai! marchai para esse brilhante objetivo que vedes despontar mais além! Marchai para esse brilhante raio de luz que está à vossa frente, como a coluna luminosa adiante do povo de Israel; ele vos conduzirá à verdadeira *Terra Prometida*, onde reina a eterna felicidade, reservada aos Espíritos puros. Armai-vos de virtudes; purificai-vos das impurezas e, então a rota vos parecerá fácil e a encontrareis coberta de flores; percorrê-la-eis com um inefável sentimento de alegria, porque, a cada passo, compreenderéis que vos aproximais do alvo onde podeis conquistar as palmas eternas.

EGOÍSMO E ORGULHO⁵⁰

(Sociedade Espírita de Sens)

Se os homens se amassem com mútuo amor, mais bem praticada seria a caridade; mas, para isso, mister fora vos esforçásseis por largar essa couraça que vos cobre os corações, a fim de se tornarem eles mais sensíveis aos sofrimentos alheios. A rigidez mata os bons sentimentos; o Cristo jamais se escusava; não repelia aquele que o buscava, fosse quem fosse: socorria assim a mulher adúltera, como o criminoso; nunca temeu que a sua reputação sofresse por isso. Quando o tomareis por modelo de todas as vossas ações? Se na Terra a caridade reinasse, o mau não imperaria nela; fugiria envergonhado; ocultar-se-ia, visto que em toda parte se acharia deslocado. O mal então desapareceria, ficai bem certos.

Começai vós por dar o exemplo; sede caridosos para com todos indistintamente; esforçai-vos por não atentar nos que vos olham com desdém; crede sempre que eles merecem vossa simpatia e deixai a Deus o encargo de fazer toda a justiça, a Deus que todos os dias separa, no seu reino, o joio do trigo.

O egoísmo é a negação da caridade. Ora, sem a caridade não haverá descanso para sociedade humana. Digo mais: não haverá segurança. Com o egoísmo e o orgulho, que andam de mãos dadas, a vida será sempre uma carreira em que vencerá o mais esperto, uma luta de interesses, em que se calçarão aos pés as mais santas afeições, em que nem sequer os sagrados laços da família merecerão respeito.

Pascal

50 N. do T.: Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XI, item 12.

Sociedade Espírita de Metz

Ao retornar de nossa viagem encontramos uma carta do honrado presidente da Sociedade Espírita de Metz, bem como a primeira publicação dessa Sociedade. Daremos notícias dela no próximo número, pois este já está composto e pronto para ser impresso. Só nos resta espaço e tempo para enviar nossas sinceras felicitações àquela Sociedade e ao seu digno Presidente.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IV

NOVEMBRO DE 1861

Nº 11

Resquícios da Idade Média

AUTO-DE-FÉ DAS OBRAS ESPÍRITAS EM BARCELONA

Nada informamos aos leitores sobre esse fato, que já não o saibam através da imprensa. O que é de admirar é que certos jornais, que geralmente passam por bem informados, o tenham posto em dúvida. A dúvida não nos surpreende, mas o fato em si mesmo parece tão estranho ao tempo em que vivemos, está de tal modo longe de nossos costumes que, por maior cegueira reconheçamos no fanatismo, pensamos sonhar ao ouvir dizer que as fogueiras da Inquisição ainda se acendem em 1861, às portas da França. Nestas circunstâncias a dúvida é uma homenagem prestada à civilização européia e ao próprio clero católico. Hoje, em presença de uma realidade incontestável, o que mais deve surpreender é que um jornal sério, que diariamente cai sem dó nem piedade sobre os abusos e usurpações do poder sacerdotal, não tenha encontrado, para registrar esse fato, senão algumas palavras zombeteiras, acrescentando: “Em todo o caso, não seríamos nós que nos divertiríamos neste momento em fazer girar as mesas na Espanha.” (*Siècle* de 14 de outubro de 1861). Então o *Siècle* ainda vê o Espiritismo nas mesas girantes? Estará tão engeguecido pelo

cepticismo para ignorar que toda uma doutrina filosófica, eminentemente *progressiva*, saiu dessas mesas, das quais tanto zombaram? Não sabe que esta idéia fermenta em toda parte? Que nas grandes cidades, como nas pequenas localidades, de alto a baixo da escala social, tanto na França quanto no estrangeiro, esta idéia se espalha com inaudita rapidez? Que por toda parte agita as massas, que nela saúdam a aurora de uma renovação social? O golpe com que imaginaram feri-lo não é um indício de sua importância? Porque ninguém se atira assim contra uma infantilidade sem consequência, e Dom Quixote não voltou à Espanha para se debater contra moinhos de vento.

O que não é menos exorbitante, o que causa admiração por não se ver nenhum protesto enérgico, é a estranha pretensão que se arroga o bispo de Barcelona, de policiar a França. Ao se pedir a reexportação das obras, ele respondeu com uma recusa assim justificada: *A Igreja católica é universal; e sendo estes livros contrários à fé católica, o governo não pode consentir que venham perverter a moral e a religião de outros países.* Eis, assim, um bispo estrangeiro que se institui juiz do que convém ou não convém à França! Então a sentença foi mantida e executada, sem mesmo isentar o destinatário das taxas alfandegárias, cujo pagamento lhe foi exigido.

Eis o relato que nos foi dirigido pessoalmente:

“Hoje, nove de outubro de mil oitocentos e sessenta e um, às dez horas e meia da manhã, na esplanada da cidade de Barcelona, lugar onde são executados os criminosos condenados ao último suplício, e por ordem do bispo desta cidade, foram queimados trezentos volumes e brochuras sobre o Espiritismo, a saber:

“A Revista Espírita, diretor Allan Kardec;

“A Revista Espiritualista, diretor Piérard;

“O Livro dos Espíritos, por Allan Kardec;

“O Livro dos Médiuns, pelo mesmo;

“O que é o Espiritismo, pelo mesmo;

“Fragmentos de sonata ditada pelo Espírito Mozart;

“Carta de um católico sobre o Espiritismo, pelo Dr. Grand;

“A História de Joana d’Arc, ditada por ela mesma à Srta. Ermance Dufau⁵¹;

“A realidade dos Espíritos demonstrada pela escrita direta, pelo Barão de Guldenstubbé.

“Assistiram ao auto-de-fé:

“Um sacerdote com os hábitos sacerdotais, empunhando a cruz numa mão e uma tocha na outra;

“Um escrivão encarregado de redigir a ata do auto-de-fé;

“Um ajudante do escrivão;

“Um empregado superior da administração das alfândegas;

“Três serventes da alfândega, encarregados de alimentar o fogo;

“Um agente da alfândega representando o proprietário das obras condenadas pelo bispo.

“Uma multidão incalculável enchia as calçadas e cobria a imensa esplanada onde se erguia a fogueira.

“Quando o fogo consumiu os trezentos volumes ou brochuras espíritas, o sacerdote e seus ajudantes se retiraram,

51 N. do T.: *Dufau*, no original. O correto é *Dufaux*: (Ermance Dufaux).

cobertos pelas vaias e maldições de numerosos assistentes, que gritavam: Abaixo a Inquisição!

“Em seguida, várias pessoas se aproximaram da fogueira e recolheram as suas cinzas.”

Uma parte das cinzas nos foi enviada. Ali se encontra um fragmento de *O Livro dos Espíritos*, consumido pela metade. Nós os conservamos preciosamente, como autêntico testemunho desse ato de insensatez.

À parte qualquer opinião, este caso levanta grave questão de direito internacional. Reconhecemos ao governo espanhol o direito de interditar, em seu território, a entrada de obras que não lhe convenham, como a de todas as mercadorias proibidas. Se as obras tivessem sido introduzidas clandestina e fraudulentamente, nada haveria a objetar; mas foram expedidas ostensivamente e apresentadas à alfândega; havia, pois, uma permissão legalmente solicitada. A alfândega julga dever reportar-se à autoridade episcopal que, sem qualquer formalidade processual, condena as obras a serem queimadas pelas mãos do carrasco. Então o destinatário pede que sejam reexportadas para o lugar de sua procedência e, por fim, lhe é respondido que não as receberá, conforme relatado acima. Perguntamos se em tais circunstâncias a destruição dessa propriedade não é um ato arbitrário e contra o direito comum.

Examinando o caso do ponto de vista de suas conseqüências, diremos, inicialmente, não haver dúvida de que nada poderia ter sido mais benéfico ao Espiritismo. A perseguição sempre foi proveitosa à idéia que quiseram proscriver: exalta a sua importância, chama a sua atenção e a torna conhecida por quantos a ignoravam. Graças a esse zelo imprudente, todo o mundo na Espanha vai ouvir falar do Espiritismo e quererá saber o que é ele; é tudo quanto desejamos. Podem queimar-se livros, mas não se queimam idéias; as chamas das fogueiras as superexcitam, em vez de abafar. Aliás, as idéias estão no ar, e não há Pireneus bastante

altos para as deter. Quando uma idéia é grande e generosa encontra milhares de pulmões prestes a aspirá-la. Façam o que quiserem, o Espiritismo já tem numerosas e profundas raízes na Espanha; as cinzas da fogueira vão fazê-la frutificar. Mas não é somente na Espanha que se produzirá tal resultado: o mundo inteiro sentirá o contragolpe. Vários jornais da Espanha estigmatizaram esse ato retrógrado, como bem o merece. Entre outros, *Las Novedades* de Madrid, de 19 de outubro, contém notável artigo a respeito. Será reproduzido em nosso próximo número.

Espíritas de todos os países! Não esqueçais esta data: 9 de outubro de 1861; será marcada nos fastos do Espiritismo. Que ela seja para vós um dia de festa, e não de luto, porque é a garantia de vosso próximo triunfo!

Entre as numerosas comunicações que os Espíritos ditaram a respeito, citaremos apenas as duas seguintes, dadas espontaneamente na Sociedade de Paris. Elas resumem as causas e todas as suas conseqüências.

SOBRE O AUTO-DE-FÉ DE BARCELONA

“O amor da verdade deve sempre fazer-se ouvir: ela rompe o véu e brilha ao mesmo tempo por toda parte. O Espiritismo tornou-se conhecido de todos; logo será julgado e posto em prática. Quanto mais perseguições houver, tanto mais depressa esta sublime doutrina alcançará o apogeu. Seus mais cruéis inimigos, os inimigos do Cristo e do progresso, atuam de maneira que ninguém possa ignorar a permissão de Deus, dada àqueles que deixaram esta Terra de exílio, de voltarem aos que amaram.

“Ficai certos: as fogueiras apagar-se-ão por si mesmas; e se os livros são lançados ao fogo, o pensamento imortal lhes sobrevive.”

Nota – Este Espírito, tendo se manifestado espontaneamente, disse ser o de um antigo livreiro do século dezesseis.

OUTRA

“Era necessário que algo ferisse violentamente certos Espíritos encarnados, a fim de que se decidissem a ocupar-se desta grande doutrina que vai regenerar o mundo. Nada é feito inutilmente em vossa Terra. Nós, que inspiramos o auto-de-fé de Barcelona, sabíamos perfeitamente que assim agindo daríamos um grande passo à frente. Esse fato brutal, inacreditável nos tempos atuais, foi consumado com vistas a chamar a atenção dos jornalistas que se mantinham indiferentes diante da profunda agitação que tomava conta das cidades e dos centros espíritas. Eles deixavam dizer e fazer, mas, obstinados, faziam ouvidos de mercador, respondendo pelo mutismo ao desejo de propaganda dos adeptos do Espiritismo. Queiram ou não, é preciso que hoje falemos; uns, constatando o histórico do caso de Barcelona, outros o desmentindo, ensejaram uma polêmica que fará a volta ao mundo e da qual só o Espiritismo aproveitará. Eis por que hoje a retaguarda da Inquisição praticou o seu último auto-de-fé, porque assim o quisemos.”

São Domingos

Opinião de um Jornalista

SOBRE O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Como se sabe, a imprensa não morre de amores por nós, o que não impede o Espiritismo de avançar rapidamente, prova evidente de que é bastante forte para marchar sozinho. Se a imprensa é muda ou hostil, seria erro acreditarmos tenha ele contra

si todos os seus representantes. Muitos, ao contrário, são-lhes muito simpáticos, mas tolhidos por considerações pessoais, porque todos querem dar o exemplo. Neste tempo a opinião pública se pronuncia cada vez mais. A idéia se generaliza e, quando tiver invadido as massas, a imprensa *progressista* será mesmo forçada a segui-la, sob pena de ficar com os que jamais avançam. Fá-lo-á sobretudo quando compreender que o Espiritismo é o mais poderoso elemento de propagação para todas as idéias grandiosas, generosas e humanitárias, que não cessa de pregar; sem dúvida suas palavras não ficam perdidas; mas quantos golpes de picareta não devem ser dados na rocha dos preconceitos antes de a encetar! O Espiritismo lhes abre um terreno fecundo e aplanas as últimas barreiras que lhe detinham a marcha. Eis o que compreenderão os que se derem ao trabalho de o estudar a fundo, medir-lhe o alcance e ver suas conseqüências, que já se manifestam por resultados positivos; mas para isto precisamos de observadores sérios e não superficiais, homens que não escrevam por escrever, mas que façam de seus princípios uma religião. Eles serão encontrados, não duvidemos disso; e, mais cedo do que se pensa, ver-se-á à cabeça da propagação das idéias espíritas alguns desses nomes que, por si sós, são autoridades e cuja memória o futuro guardará, como havendo concorrido para a verdadeira emancipação da Humanidade.

O artigo a seguir, publicado pelo *Akhbar*, jornal de Argel, de 15 de outubro de 1861 é, nesse sentido, um primeiro passo, que por certo terá imitadores. Sob o modesto pseudônimo de Ariel, nossos leitores talvez reconheçam a pena exercitada de um dos nossos eminentes jornalistas.

“A imprensa da Europa tem se ocupado bastante com esta obra. Depois de a ter lido, compreende-se o porquê, seja qual for a opinião que se tenha da colaboração das inteligências ultramundanas, que o autor diz ter obtido. Com efeito, suprimindo algumas páginas de introdução que expõem as vias e os meios da

dita colaboração – a parte contestável para os profanos – resta um livro de alta filosofia, de uma moral eminentemente pura e, principalmente, de um efeito muito consolador para a alma humana, assediada entre os sofrimentos do presente e o medo do futuro. Assim, mais de um leitor deve ter dito a si mesmo, ao chegar à última página: Não sei se tudo isto é verdade, mas bem que gostaria que fosse!

“Quem não ouviu falar, desde alguns anos, das estranhas comunicações de que certos privilegiados eram intérpretes entre o nosso mundo material e o mundo invisível? Cada um tomou partido na questão e, como sói acontecer habitualmente, a maioria dos que se colocaram sob a bandeira dos crentes, ou que se entrincheiraram no campo dos incrédulos, não se deu ao trabalho de verificar os fatos, cuja realidade era admitida por uns e negada por outros.

“Mas estes não são assuntos para serem discutidos num jornal da natureza do nosso. Assim, sem contestar nem atestar a autenticidade das assinaturas póstumas de Platão, Sócrates, Santo Agostinho, Júlio César, Carlos Magno, São Luís, Napoleão, etc., que se acham na parte inferior de vários parágrafos do livro do Sr. Allan Kardec, concluímos que se esses grandes homens voltassem ao mundo para nos dar explicações sobre os problemas mais interessantes da Humanidade, não se exprimiriam com mais lucidez, com um senso moral mais profundo, mais delicado, com maior elevação de vistas e de linguagem do que o fazem na excêntrica obra, da qual tentaremos dar uma idéia. São coisas que não se lêem sem emoção e não são daquelas que logo se esquece depois de as haver lido. Neste sentido, *O Livro dos Espíritos* não passará, como tantos outros, em meio à indiferença do século: terá ardentes detratores, zombadores impiedosos, mas não nos surpreenderíamos se, em compensação, também tivesse partidários sinceros e entusiastas.

“Não podendo, em consciência, por falta de uma verificação prévia, colocar-nos entre uns e outros, ficamos no humilde ofício de relator e dizemos: Lede esta obra, pois ela sai completamente dos atalhos repisados da banalidade contemporânea. Se não estiverdes seduzido, subjugado, talvez vos irriteis, mas, com toda a certeza, nem ficareis frio nem indiferente.

“Recomendamos, sobretudo, a passagem relativa à morte. Eis um tema sobre o qual ninguém gosta de fixar a atenção, mesmo aquele que se julga espírito forte e intrépido. Pois bem! depois de ter lido e meditado, a gente se sente muito admirada por não mais encontrar essa crise suprema tão aterradora; sobre o assunto, chega-se ao ponto mais desejável, aquele em que não tememos nem desejamos a morte. Outros problemas de não menor importância têm soluções igualmente consoladoras e inesperadas. Em suma, o tempo que se consagra à leitura desse livro será bem empregado para a curiosidade intelectual e não será perdido para o melhoramento moral.”

Ariel

O Espiritismo em Bordeaux

Se Lyon fez o que se poderia chamar o seu *pronunciamento* no que respeita ao Espiritismo, Bordeaux não ficou atrás, porque também quer ocupar um dos primeiros lugares na grande família. Pode-se julgar pelo relato que damos da visita que acabamos de fazer aos espíritas dessa cidade, a convite deles mesmos. Não foi em alguns anos, mas em alguns meses, que a doutrina ali tomou proporções grandiosas em todas as classes da sociedade. Para começar, constatamos um fato capital: é que lá, como em Lyon e em muitas outras cidades que visitamos, vimos a doutrina encarada do mais sério ponto de vista e nas suas aplicações morais; ali, como alhures, vimos inumeráveis transformações, verdadeiras

metamorfoses; caracteres que não são mais reconhecíveis; pessoas que em nada acreditavam, trazidas às idéias religiosas pela certeza do porvir, agora palpável para elas. Isto dá a medida do espírito que impera nas reuniões espíritas, já muito multiplicadas. Em todas as que assistimos, constatamos o mais edificante recolhimento, um ar de mútua benevolência entre os assistentes; a gente se sente em meio simpático, que inspira confiança.

Os operários de Bordeaux nada ficam a dever aos de Lyon; ali eles contam numerosos e fervorosos adeptos, cujo número aumenta diariamente. Sentimo-nos feliz em dizer que saímos de suas reuniões edificados pelo piedoso sentimento que as preside e pelo tato com o qual sabem guardar-se contra a intrusão dos Espíritos enganadores. Um fato que constatamos com prazer é que certos homens, muitas vezes em eminente posição social, se misturam aos grupos plebeus com a mais fraterna cordialidade, deixando os títulos à porta, como se fossem simples trabalhadores, acolhidos com igual benevolência nos grupos de uma e outra ordem. Por toda parte o rico e o artesão se apertam as mãos cordialmente. Disseram-nos que essa aproximação das duas extremidades da escala social entrou nos costumes da região e nos felicitamos por isto. Mas reconhecemos que o Espiritismo veio dar a esse estado de coisas uma razão de ser e uma sanção moral, ao mostrar em que consiste a verdadeira fraternidade.

Encontramos em Bordeaux numerosos e excelentes médiuns em todas as classes, de todos os sexos e idades. Muitos escrevem com grande facilidade e obtêm comunicações de elevado alcance, o que, aliás, os Espíritos nos haviam prevenido antes de nossa partida. Além disso, não se pode senão louvá-los pela solicitude com que prestam seu concurso nas reuniões. Mas o que é ainda melhor é a abnegação de todo o amor-próprio a respeito das comunicações; ninguém se julga privilegiado e intérprete *exclusivo* da verdade; ninguém procura impor-se, nem impor os Espíritos que os assistem; todos submetem com simplicidade o que obtêm ao

juízo da assembléia e ninguém se ofende, nem se melindra com a crítica; aquele que recebe falsas comunicações consola-se aproveitando as boas que outras obtêm e dos quais não têm ciúmes. Acontece a mesma coisa em toda parte? Ignoramos. Constatamos o que vimos; constatamos, também, que se compenetraram do princípio de que todo médium orgulhoso, ciumento e susceptível não pode ser assistido por Espíritos bons e que nele essas imperfeições são motivo de suspeita. Longe, pois, de procurar tais médiuns, a despeito da eminência de suas faculdades, porquanto se fossem encontrados seriam repelidos por todos os grupos sérios que, antes de tudo, querem ter comunicações sérias, e não visam os efeitos.

Entre os médiuns que vimos, um há que merece menção especial. É uma moça de dezenove anos que, à faculdade de escrever, reúne a de médium desenhista e músico. Ela anotou *mecanicamente*, sob o ditado de um Espírito, que disse ser Mozart, um trecho de música que este não desautorizaria. Assinou-o, e várias pessoas, que viram os seus autógrafos, atestaram a perfeita identidade da assinatura. Mas o trabalho mais notável é, sem contradita, o desenho; trata-se de um quadro planetário de quatro metros quadrados de superfície, de um efeito tão original e tão singular que nos seria impossível dar uma idéia pela sua descrição. É trabalhado em lápis negro, em pastel de diversas cores e em esfuminho. Esse quadro, começado há alguns meses, ainda não está terminado; é destinado pelo Espírito à Sociedade Espírita de Paris. Vimos o médium à obra e tanto ficamos maravilhado com a rapidez, quanto com a precisão do trabalho. Inicialmente, e à guisa de treino, o Espírito a fez traçar, com mão levantada e de um jacto, círculos e espirais de cerca de um metro de diâmetro e de tal regularidade, que se encontrou o centro geométrico perfeitamente exato. Nada podemos dizer ainda quanto ao valor científico do quadro; mas, admitindo seja uma fantasia, não deixa de ser, como execução mediúnica, um trabalho deveras notável. Devendo o original ser enviado a Paris, o Espírito aconselhou que o fotografassem para se tirar várias cópias.

Um fato que devemos mencionar é que o pai da médium é pintor. Como artista achava que o Espírito obrava contrariamente às regras da arte e pretendia dar conselhos. Por isso o Espírito o proibiu de assistir ao trabalho, a fim de que a médium não lhe sofresse a influência.

Até pouco tempo a médium não havia lido nossas obras. O Espírito lhe ditou, para nos ser entregue à nossa chegada, que ainda não estava anunciada, um pequeno tratado de Espiritismo, em todos os pontos de acordo com *O Livro dos Espíritos*.

Seria muita presunção de nossa parte relatar os testemunhos de simpatia que recebemos, das atenções e cortesias de que fomos objeto; por certo teriam inflamado o nosso orgulho, se não tivéssemos pensado que era uma homenagem antes tributada à doutrina do que à nossa pessoa. Pelo mesmo motivo tínhamos hesitado em publicar alguns discursos que foram pronunciados e que realmente nos deixaram confuso. Tendo submetido nossos escrúpulos a alguns amigos e a vários membros da Sociedade, foi-nos dito que tais discursos eram uma indicação do estado da doutrina e que, sob esse ponto de vista, era instrutivo que todos os espíritas os conhecessem; que, por outro lado, sendo as palavras a expressão de um sentimento sincero, os que as tinham pronunciado lamentariam que, por excesso de modéstia, nos abstivéssemos de reproduzi-las; poderiam ver nisto indiferença de nossa parte. Foi sobretudo esta última consideração que nos determinou. Esperamos que os leitores nos julguem um espírita assaz bom para não mentir aos princípios que professamos, fazendo deste relato uma questão de amor-próprio.

Uma vez que nos reportamos a esses diversos discursos, não queremos omitir, como traço característico, a pequena alocução que nos foi recitada com graça encantadora e ingênua solicitude por um menino de cinco anos e meio, filho do Sr. Sabò, quando da nossa chegada ao seio dessa família verdadeiramente patriarcal, e sobre a qual o Espiritismo derramou

a mancheias suas benfazejas consolações. Se toda geração que surge estivesse imbuída de tais sentimentos, seria permitido entrever como muito próxima a mudança que deve operar-se nos costumes sociais, mudança que de todos os lados é anunciada pelos Espíritos. Não penseis que aquela criança tenha recitado sua pequena saudação como um papagaio. Não; captou-lhe muito bem o sentido. O Espiritismo, no qual, por assim dizer, foi embalada, já é para a sua jovem inteligência um freio, que compreende perfeitamente e que sua razão, ao se desenvolver, não rechaçará.

Eis o pequeno discurso do nosso jovenzinho Joseph Sabò, que ficaria muito desgostoso se não o publicássemos:

“Sr Allan Kardec, permiti à mais jovem de vossas crianças espíritas vir hoje, dia para sempre gravado em nossos corações, vos exprimir a alegria causada por vossa estada entre nós. Ainda estou na infância; mas meu pai já me ensinou que são os Espíritos que se manifestam a nós; a docilidade com que devemos seguir seus conselhos; as penas e recompensas que lhes estão destinadas. E, em alguns anos, se Deus o julgar conveniente, também quero, sob os vossos auspícios, tornar-me um digno e fervoroso apóstolo do Espiritismo, sempre submisso ao vosso saber e à vossa experiência. Em recompensa por estas breves palavras, ditadas por meu coraçãozinho, conceder-me-íeis um beijo, que não ousa vos pedir?”

Reunião Geral dos Espíritas Bordeleses

14 DE OUTUBRO DE 1861

DISCURSO DO SR. SABÒ

Senhoras, Senhores,

Rendamos a Deus a sincera homenagem do nosso reconhecimento, por haver lançado sobre nós um olhar paternal e

benevolente, concedendo-nos o precioso favor de receber os ensinamentos dos Espíritos bons que, por sua ordem, vêm diariamente ajudar-nos a discernir a verdade do erro, dar-nos a certeza de uma felicidade futura, mostrar-nos que a punição é proporcional à ofensa, mas não eterna, e fazer-nos compreender esta justa e eqüitativa lei da reencarnação, pedra angular do edifício espírita, que serve para a nossa purificação e para nos fazer progredir em direção ao bem.

Eu disse reencarnação! Mas, para tornar essa palavra mais compreensível, cedemos um instante a palavra a um dos nossos guias espirituais, que se prontificou, para nossa instrução espírita, a desenvolver em algumas palavras este tão grave e interessante assunto para a nossa pobre Humanidade.

Diz ele: “A reencarnação é o inferno; a reencarnação é o purgatório; a reencarnação é a expiação; a reencarnação é o progresso. É, enfim, a santa escada, pela qual devem subir todos os homens; seus degraus são as fases das diversas existências a percorrer para atingir o topo, pois Deus disse: Para chegar a ele é preciso nascer, morrer e renascer até que se tenha alcançado os limites da perfeição, e ninguém chega a Ele sem ter sido purificado pela reencarnação.”

Ainda neófito na ciência espírita, só dispúnhamos do zelo e da boa vontade para divulgá-la. Deus se contentou com isto e abençoou nossos frágeis esforços, fazendo germinar no coração de alguns de nossos irmãos de Bordeaux a semente da palavra divina.

Com efeito, desde o mês de janeiro nos ocupamos da *ciência prática* e vimos ligar-se a nós um certo número de irmãos que dela se ocupavam isoladamente; outros que ouviram falar pela voz da imprensa ou pela fama, essa trombeta retumbante que se encarregou de anunciar, em todos os pontos da nossa cidade, o

aparecimento desta fé consoladora, testemunha irrecusável da bondade de Deus para com os seus filhos.

Não obstante as dificuldades encontradas no caminho, fortalecidos pela pureza e retidão de nossas convicções, sustentados pelos conselhos de nosso amado e venerado chefe Sr. Allan Kardec, tivemos a grata satisfação, após nove meses de apostolado, com o auxílio de alguns dos nossos irmãos, de poder reunir-nos hoje, sob suas vistas, para a inauguração desta Sociedade que, assim o espero, continuará a dar frutos em abundância e se espalhará como orvalho benfazejo sobre os corações dessecados pelo materialismo, endurecidos pelo egoísmo, intumescidos pelo orgulho, e levará o bálsamo da resignação aos aflitos e sofredores, aos pobres e aos deserdados dos bens terrestres, dizendo-lhes: “Confiança e coragem; as provas terrenas são curtas, comparativamente à eterna felicidade que Deus vos reserva, em recompensa de vossas lutas e sofrimento aqui embaixo.”

Sim, confesso em alto e bom som, estou feliz por ser o intérprete de um grande número de membros da Sociedade Espírita de Bordeaux, protestando nossa fidelidade em seguir a rota traçada pelo nosso caro missionário, aqui presente, pois compreendemos que, para ser seguro, o progresso não se faz senão gradativamente, e que, combatendo fortemente certas idéias recebidas há séculos, adiaríamos o momento de nossa emancipação espiritual. É possível que haja entre nós opiniões divergentes a este respeito; nós as respeitamos. Por nós, marchemos pouco a pouco, seguindo esta máxima da sabedoria das nações: *que va piano va sano*⁵². Talvez cheguemos mais tarde, mas chegaremos mais seguros, porque não teremos rompido com a fé de nossos ancestrais, sempre sagrada para nós, seja ela qual for. Sirvamo-nos da luz do Espiritismo, não para abater, mas para nos melhorarmos, para progredirmos. Suportando com coragem e resignação as vicissitudes desta vida, onde estamos de

52 N. do T.: A frase ficará perfeita se substituirmos o vocábulo *que* (francês) por *chi* (italiano).

passagem, mereceremos o favor de sermos conduzidos ao fim de nossas provas, pelos Espíritos do Senhor, para desfrutar da imortalidade para a qual fomos criados.

Permiti, caro mestre, que em nome dos membros desta Sociedade, que vos cercam, eu vos agradeça a honra que lhes destes, vindo pessoalmente inaugurar esta reunião familiar, que é uma festa para todos nós, e que sem dúvida marcará ponto nos fastos do Espiritismo. Recebei, igualmente, neste dia que ficará gravado em nossos corações e de maneira muito particular, a expressão muito sincera do nosso vivo reconhecimento pela bondade paternal com que encorajastes os nossos frágeis trabalhos. Fostes vós que nos traçastes a rota e nos sentimos felizes por vos seguir, previamente convencidos de que vossa missão é fazer marchar o progresso espiritual em nossa bela França, a qual, por sua vez, impulsionará as demais nações da Terra de modo a permitir, pelo progresso intelectual e moral, que elas cheguem pouco a pouco à felicidade.

**ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPIRITISMO,
LIDAS NA SESSÃO GERAL, QUANDO DA PASSAGEM DO
SR. ALLAN KARDEC EM BORDEAUX.**

Pelo Dr. Bouché de Vitray

(14 de outubro de 1861)

Há certas épocas em que a idéia governa o mundo, precedendo esses grandes cataclismos que transformam os homens e os povos. Tanto ou mais que aquela que preside os interesses temporários, a idéia religiosa também contribui para o grande movimento social.

Absorvida freqüentemente pelas preocupações materiais, ela se desprende de repente, ou insensivelmente. Ora é o raio que escapa das nuvens, ora o vulcão, que mina secretamente a montanha, antes de transpor a cratera. Hoje afeta outro gênero de

manifestação: após se haver mostrado como ponto imperceptível no horizonte do pensamento, acabou por invadir a atmosfera. O ar está impregnado; ela atravessa o espaço, fecunda as inteligências, mantém emocionado o mundo inteiro. E não penseis que me sirvo de metáfora para expressar a realidade. Não; é um fenômeno do qual se tem consciência e que dificilmente a palavra traduz. É como um fluido que nos comprime por todos os lados, é alguma coisa vaga e indeterminada, cuja influência todos sentem, de que o cérebro está impregnado e que dele se desprende freqüentemente como que por intuição, raramente como um pensamento formulado explicitamente. A idéia religiosa – digamos espírita – tem seu lugar no balcão do negociante, no consultório do médico, no gabinete do advogado e do procurador, na oficina do operário, nos campos e nas casernas. O nome do nosso grande, do nosso caro missionário espírita está em todas as bocas, como sua imagem se acha em todos os nossos corações, e todos os olhos estão fixados neste ponto culminante, digno intérprete dos ministros do Senhor. Esta idéia que percorre a imensidade, que superexcita todos os cérebros humanos, que existe mesmo instintivamente nos Espíritos encarnados mais recalcitrantes, não seria obra dessa multidão de inteligências que nos envolvem, precedendo e facilitando os nossos trabalhos apostólicos?

Sabemos que o testemunho da autenticidade de nossa doutrina remonta à noite dos tempos; que os livros sagrados, base fundamental do Cristianismo, as relatam; que vários padres da Igreja, entre os quais Tertuliano e Santo Agostinho, afirmam a sua realidade; até mesmo as obras contemporâneas lhe fazem menção e não posso resistir ao desejo de citar a passagem de um opúsculo publicado em 1843, que parece expor analiticamente toda a quintessência do Espiritismo:

“Algumas pessoas põem em dúvida a existência de inteligências superiores, incorpóreas, isto é, gênios que presidem à administração do mundo, e entretêm um comércio íntimo com

alguns seres privilegiados. É para elas que escrevo as linhas que se seguem, esperando que lhes dêem convicção:

“Em todos os reinos da Natureza existe uma lei que escalona as espécies, desde os infinitamente pequenos até os infinitamente grandes. É por graus imperceptíveis que se passa do inseto ao elefante, dos minúsculos grãos de areia ao maior dos globos celestes. Esta gradação regular é evidente em todas as obras sensíveis do Criador; deve, pois, achar-se nas suas obras-primas, a fim de que a escala seja contínua, para subir até Ele! A distância prodigiosa que existe entre a matéria inerte e o homem dotado de razão parece ser preenchida pelos seres orgânicos, mas privados desta nobre prerrogativa. Na distância infinita entre o homem e seu autor, *encontra-se o lugar dos Espíritos puros*. Sua existência é indispensável para que a Criação seja acabada em todos os sentidos.

“Assim, há também o mundo dos Espíritos, cuja variedade é tão grande quanto o das estrelas que brilham no firmamento; há também o universo das inteligências que, pela sutileza, prontidão e vastidão de sua penetração, se aproximam cada vez mais da Inteligência Soberana. Seu desígnio, já manifesto na organização do mundo visível, continua até a perfeita consumação no mundo invisível. Todas as religiões proclamam a existência desses seres imateriais; todas os representam como se imiscuindo nos assuntos humanos, como agentes secundários. Não admitir a sua intromissão nas peripécias humanas é negar, conseqüentemente, os fatos sobre os quais repousam as crenças de todos os povos, de todos os filósofos e de todos os sábios, remontando até a mais alta Antiguidade.”

Com toda a certeza, aquele que traçou este quadro era espírita nos mais íntimos refulhos da alma. A este esboço incompleto falta o dogma essencial da reencarnação, bem como as conseqüências morais que o ensino dos Espíritos impõe aos adeptos do Espiritismo. A doutrina existia no estado de intuição,

tanto nas inteligências quanto nos corações. Vós aparecestes, senhor, como eleito de Deus; o Todo-Poderoso apoiou-se numa vasta erudição, num Espírito elevado, numa retidão completa e numa mediunidade privilegiada. Todos os elementos das verdades eternas estavam disseminados no espaço; era preciso fixar a ciência, levar a convicção às consciências ainda indecisas e reunir todas as inspirações emanadas do Altíssimo num corpo substancial de doutrina. A obra caminhou e o pólen escapado dessa antera intelectual produziu a fecundação. Vosso nome é a bandeira sob a qual nos colocamos à vontade. Hoje vindes em auxílio destes neófitos do Espiritismo, que ainda não fazem senão balbuciar os rudimentos da ciência, mas que um grande número de Espíritos, atenciosos e benevolentes, não desdenha favorecer em suas celestes inspirações. Já – e nos felicitamos por isto – em meio a este congresso de inteligências dos dois mundos, as paixões más se amotinam em torno da obra regeneradora; já o falso saber, o orgulho, o egoísmo e os interesses humanos se erguem contra o Espiritismo, em testemunho de seu poder, enquanto o grande motor desse progresso ascensional para as regiões celestes – Deus – oculto atrás dessa nuvem de teorias odientas e quiméricas, permanece calmo e prossegue a sua obra.

Realizada a obra, formam-se centros espíritas em todos os pontos do globo. Os moços abandonam as ilusões da primeira idade, que lhes preparam tantas decepções na maturidade; homens maduros aprendem a levar a vida a sério; velhos que gastaram as ilusões no conflito da vida, enchem o vazio imenso com prazeres mais reais que aqueles que os abandonam, e de todos esses elementos heterogêneos formam-se agregados que irradiam ao infinito.

Nossa bela cidade não foi a última a participar desse movimento intelectual. Um desses homens de coração reto, de julgamento são, tomou a iniciativa. Seu apelo foi ouvido por inteligências que se harmonizavam com a sua. Em torno desse foco luminoso gravitava um grande número de círculos espíritas.

De toda parte surgem comunicações variadas trazendo a marca de seu autor: é a mãe que, de sua esfera gloriosa, com a perfeição do detalhe e sua infinita ternura, comunica-se com o filho muito amado; é o pai ou o avô, que alia ao amor paternal a severidade da forma; é Fénelon, que dá à linguagem da caridade o cunho da beleza antiga e a melodia de sua prosa; é o espetáculo tocante de um filho, tornado Espírito bem-aventurado, homenageando aquela que o trouxe ao seio com o eco de seus ilustres ensinamentos; é o de uma mãe que se revela ao filho e que, com a cabeça coroada de estrelas, o conduz, de prova em prova, ao lugar que ele deve ocupar junto dela, no seio de Deus, por todas as eternidades (*sic*); é o arcebispo de Utrecht, soprando ao seu protegido suas eloqüentes inspirações e as submetendo ao freio da ortodoxia; é um anjo Gabriel, comovente homônimo do grande arcanjo, tomando espontaneamente, e com a permissão de Deus, a missão de guiar seu irmão, segui-lo passo a passo, assim aliando, Espírito superior que é, o amor fraternal ao amor divino; são os Espíritos puros, os santos, os arcanjos que revestem suas sublimes instruções com o selo da divindade; são, enfim, manifestações físicas, após as quais a dúvida não passa de um absurdo, para não dizer uma profanação.

Depois de ter elevado os vossos olhares até os degraus superiores da escala dos seres, consenti, caros colegas, em baixá-los aos degraus ínfimos, e os infinitamente pequenos ainda vos fornecerão ensinamentos.

Há uns bons dez anos que as claridades do Espiritismo luziram aos meus olhos; mas era o Espiritismo em estado rudimentar, despido de seus principais documentos e de sua tecnologia característica; era um reflexo, alguns jactos de fina radiação; mas ainda não era a luz.

Em vez de tomar a pena ou o lápis e obter, por esse meio assim simplificado, comunicações rápidas, recorria-se à mesa

pela tipologia ou escrita mediata. A mesa não passava de um apêndice da mão, mas esse modo de comunicação, em geral repugnante para os Espíritos superiores, freqüentemente os mantinha a distância. Assim, só obtive mistificações, respostas triviais ou obscenas; eu mesmo me afastei desses mistérios de além-túmulo, que se traduziam de maneira tão pouco conforme à minha expectativa, ou antes, que se apresentavam sob um aspecto que me assustava. Várias experimentações haviam sido tentadas, conduzindo a resultados análogos.

E, no entanto, essas decepções aparentes mais não eram que provas temporárias, que deviam ter como conseqüência definitiva o aprofundamento de minhas convicções.

Mau grado meu, o positivismo de meus estudos tinha arrefecido as minhas crenças filosóficas; mas eu era céptico e não obstinado; duvidava, para grande pesar meu, e fazia vãos esforços para expulsar o materialismo que, de surpresa, havia invadido minha alma e meu coração. Como são impenetráveis os decretos de Deus! Essa disposição moral serviu precisamente para a minha transformação. Eu tinha sob os olhos a imortalidade da alma, revestindo o aspecto de uma realidade material e, para assentar esta fé tão nova, o que me importava, afinal de contas, se as manifestações viessem de um Espírito superior ou inferior, desde que fosse um Espírito! Eu já não sabia perfeitamente que um corpo inerte, tal qual uma mesa, pode ser instrumento, mas não a causa de uma manifestação inteligente, manifestação que não entrava absolutamente na esfera de minhas idéias, e que todas as teorias fluídicas são impotentes para as explicar?

Assim, eu tinha sacudido essas tendências materialistas, contra as quais lutava sem sucesso, com uma energia desesperada, e teria explorado francamente essas regiões intellectuais, que apenas entrevia, não fosse a demoniofobia do Sr. de Mirville e a profunda impressão que ela havia lançado em minha alma. Como

contrapartida de seu livro, surgiu esse tratado tão luminoso, tão substancial, tão cheio de verdades consoladoras, ditado por inteligências celestes a um Espírito de escol – posto que encarnado – ao qual, desde aquele dia, foi revelada sua missão na Terra.

Hoje, o reconhecimento me obriga a inscrever nesta página o nome de um de meus bons amigos, que me abriu os olhos à luz, o do Sr. Roustaing, advogado distinto e, sobretudo, consciencioso, destinado a representar um papel marcante nos fastos do Espiritismo. Devo esta homenagem passageira ao reconhecimento e à amizade.

Se nesta solenidade eu não temesse abusar do tempo, por certo teria citado numerosas comunicações de incontestável interesse; contudo, em meio a esta atividade puramente intelectual, acima de nossas incessantes relações com o mundo dos Espíritos, soblevam dois fatos que me parecem, por exceção, protestar contra o mutismo absoluto. O primeiro é caracterizado pelos detalhes íntimos e tocantes que nos comoveram até as lágrimas; o segundo, pela estranheza do fenômeno, diz respeito à mediunidade de vidência e constitui uma prova tão palpável que não nos restaria senão negar a boa-fé dos médiuns, caso quiséssemos negar a realidade do fato.

Alguns espíritas fervorosos reúnem-se comigo semanalmente para estudarmos em comum, e com mais proveito, a Doutrina dos Espíritos. Uma fé plena e total, a analogia para a maior parte dos estudos e da educação, fizeram brotar uma recíproca simpatia e uma comunhão de idéias e de pensamentos; disposição intelectual e moral, sem sombra de dúvida a mais favorável às comunicações sérias.

Nessa modesta reunião, um de nós, dotado de elevado grau de mediunidade, quis evocar o Espírito de uma garota que havia conhecido, vitimada pelo crupe, ao que suponho, aos seis

anos de idade. Ele fazia o papel de médium e eu o de evocador. Mal terminara a evocação, uma percussão muito sensível num dos móveis da sala de espera excitou a nossa atenção e nos levou a averiguar se esse ruído insólito provinha de uma causa natural ou resultava de um fato espírita. São – responderam os guias – as companheiras de Estelle (era o nome da criança durante a sua vida terrena), que vêm à frente de sua amiguinha. E, pelo pensamento, seguimos esse gracioso cortejo a planar no espaço! Entre elas designaram-nos Antônia, jovem que mal passara pela Terra e apenas completara sua quarta primavera quando tombou sob os golpes de uma foice assassina. Prevendo que elas iam concluir suas provas em uma nova existência, roguei ao meu anjo-da-guarda, essa boa mãe, cuja ternura jamais me faltou, que as tomasse sob os seus cuidados e lhes mostrasse claramente a sua celeste protetora. A adesão não se fez esperar; mas Deus só lhe permitiu aparecer a uma delas, e ela escolheu Antônia: “Que vês, minha amiguinha?”, exclamei evocando esta última. – “Oh, a bela senhora! Está resplandecente de luzes! – “E que te diz essa bela senhora?” – Ela me diz: “Vem a mim, minha filha, eu te amo!” Por isso retratei aquela terna mãe com a cabeça coroada de estrelas.

Se esta comovente historieta, pertencente ao mundo espírita, só se vos assemelha a um capítulo de novela, então há que renunciar a toda comunicação.

O outro fato pode resumir-se em duas palavras: Eu estava com um dos meus colegas espíritas; a noite nos surpreendera em meio a preces a Deus pelos Espíritos sofredores, quando vislumbrei, vagamente, uma sombra saindo de um canto do meu consultório e descrevendo uma linha diagonal, que se prolongou até a minha cama, situada na peça vizinha. Ao terminar seu percurso, ouvimos um estalido muito distinto e a sombra se dirigiu para a biblioteca, formando um ângulo agudo com a primeira direção.

Fui tomado pela emoção; mas, numa hora daquelas – onze e meia da noite – bastante propícia às emoções e ao mistério, julguei a princípio que se tratasse de alucinação, de ilusão de óptica, e tomei a íntima resolução de guardar silêncio quanto a essa fantástica aparição; foi quando o meu companheiro de constantes estudos voltou-se para mim e perguntou-me se nada vira. Eu estava perturbado; esperei um pouco para me refazer e limitei-me a indagar os motivos da pergunta. Então ele me descreveu o estranho fenômeno, que igualmente testemunhara, com tamanha exatidão que me foi impossível duvidar ou deixar de confirmar a realidade da aparição.

Dois dias depois, nosso médium por excelência estava presente. Consultados, os guias confirmaram a verdade, acrescentando que aquela aparição espontânea era a de um Espírito, conhecido na vida terrena sob o nome de Maria de los Ângeles. Foi-nos permitido evocá-la e o resultado de nossas perguntas foi que havia nascido na Espanha; tinha tomado o hábito; por muito tempo sua vida estivera isenta de censuras, mas uma falta grave, à qual a morte não deixou tempo para a expiação, era a causa de seus sofrimentos no mundo dos Espíritos.

Alguns dias depois o acaso, ou antes, a vontade de Deus, nos permitiu um segundo controle desse estranho fenômeno. Um espírita, jovem mecânico, de inteligência extraordinária, tinha passado comigo a última parte da noite. Enquanto me entretinha com ele, notei que seu olhar tomava singular imobilidade. Ele não esperou a pergunta para explicar a circunstância: “No mesmo instante em que me olháveis, vi distintamente a silhueta de uma mulher que, da janela, avançou até a poltrona vizinha, diante da qual ajoelhou-se. Tinha o aspecto de uma pessoa de vinte e cinco anos; estava vestida de negro; uma espécie de xale recobria a parte superior do busto; tinha à cabeça algo parecido com um lenço ou uma touca.”

A descrição concordava perfeitamente com a idéia que eu fizera da religiosa espanhola, e o lugar em que ela se prosternou é mais ou menos aquele onde, ajoelhado como ela, faço habitualmente as minhas orações pelos mortos. Para mim era Maria dos Anjos.

Certamente, os incrédulos e os falsos espíritas sorrirão de minha certeza, e no fato narrado verão três visionários, em vez de um. Quanto aos espíritas sinceros, estes acreditarão em mim, principalmente quando o afirmo sob palavra de honra. A ninguém reconheço o direito de pôr em dúvida semelhante testemunho.

Os trabalhos do Espiritismo em Bordeaux, por maiores sejam a modéstia e a reserva, nem por isso deixam de ser objeto da curiosidade pública, não se passando um dia em que eu não seja interrogado a respeito. Todo profano, toda criatura maravilhada com os fenômenos espíritas reclama com insistência o favor de uma experiência; sua alma flutua entre a própria dúvida e a convicção dos adeptos.

Introduzi-o numa reunião séria, numa assembléia de espíritas que supomos profundamente recolhidos, isto é, trazendo uma disposição conveniente à gravidade da situação. Que se passará nele? Transcrevendo para o papel as inspirações de um Espírito superior, o médium escrevente fará que as aceite como tais? Passei por uma experiência desagradável: se a comunicação tiver o cunho da inspiração celeste, ele atribuirá o mérito ao talento do médium; se o pensamento do mensageiro de Deus tomar a coloração do meio onde passa, certamente lhe parecerá de concepção inteiramente humana. Nesta circunstância, eis a minha regra de conduta: Ela é previamente traçada pelo homem da Providência, por esse missionário do pensamento, que possuímos momentaneamente e que, de seu centro habitual de atividade, continuará a fazer irradiar sobre nós os tesouros celestes, de que uma graça especial o fez dispensador. Aos curiosos que vêm

inquirir da realidade dos fatos ou solicitar uma audiência, quer como distração, quer como uma emoção que atravessa o coração sem se deter, limito-me a expor a gravidade do assunto; ao Espírito encarnado pseudo-sábio, que me retrata perfeitamente neste globo o da 8ª classe e da 3ª ordem do mundo espírita, respondo com evasivas; mas àquele que, embora obcecado pela dúvida, possui a verdade em estado de germe, começando pela boa-fé para chegar à fé, aconselho os estudos teóricos, aos quais não tarda a suceder o estudo prático ou a experimentação. Assim, à medida que um fato novo se desprende de uma idéia nova, ele o registra ao lado do fato; então a ciência espírita é infundida gota a gota no coração e no cérebro, com suas conseqüências morais, fazendo-nos ver, ao cabo desta longa sucessão de reveses, trabalhos e provas se alternando nas duas existências, uma eternidade radiosa que se escoia do seio de Deus, fonte de felicidade e de vida!

Bouché de Vitray, médico

DISCURSO DO SR. ALLAN KARDEC

Senhoras e Senhores,

Foi com felicidade que atendi ao vosso apelo, e o simpático acolhimento com que sou recebido é uma dessas satisfações morais que deixam no coração uma impressão profunda e indestrutível. Se me sinto feliz com esta cordial recepção, é que nela vejo uma homenagem prestada à doutrina que professamos e aos Espíritos bons que no-la ensinam, muito mais que a mim pessoalmente, que não passo de um instrumento nas mãos da Providência. Convencido da verdade desta doutrina, e do bem que ela está chamada a produzir, tratei de lhe coordenar os elementos; esforcei-me por torná-la clara e inteligível para todos. É tudo quanto me cabe e, assim, jamais me considerei seu criador: a honra pertence inteiramente aos Espíritos. É, pois, somente a eles que se devem dirigir os testemunhos de vossa gratidão, e não aceito os

elogios que me dirigis senão como um estímulo para continuar minha tarefa com perseverança.

Nos trabalhos que tenho feito para alcançar o objetivo a que me propunha, sem dúvida fui ajudado pelos Espíritos, como eles próprios já me disseram várias vezes, mas sem o menor sinal exterior de mediunidade. Assim, não sou médium, no sentido vulgar da palavra, e hoje compreendo que é uma felicidade que assim o seja. Por uma mediunidade efetiva, eu só teria escrito sob uma mesma influência; teria sido levado a não aceitar como verdade senão o que me tivesse sido dado, e talvez injustamente, ao passo que, na minha posição, convinha que eu desfrutasse de uma liberdade absoluta para captar o bom, onde quer que se encontrasse e de onde viesse. Foi possível, assim, fazer uma seleção dos diversos ensinamentos, sem prevenção e com total imparcialidade. Vi muito, estudei muito e observei bastante, mas sempre com o olhar impassível; nada ambiciono, senão ver a experiência que adquiri posta em proveito dos outros. É por eles que me sinto feliz, por poder evitar os escolhos inseparáveis de todo noviciado.

Se trabalhei muito e se trabalho todos os dias, estou largamente recompensado pela marcha tão rápida da doutrina, cujos progressos ultrapassam tudo quanto seria permitido esperar, pelos resultados morais que ela produz. Sinto-me feliz por ver que a cidade de Bordeaux não apenas não fica na retaguarda deste movimento, mas se dispõe a marchar na vanguarda, pelo número e pela qualidade dos adeptos. Se se considerar que o Espiritismo deve a sua propagação às suas próprias forças, sem contar com o apoio de nenhum dos meios auxiliares que, em geral, fazem tanto sucesso, e malgrado os esforços de uma oposição sistemática ou, antes, em virtude mesmo desses esforços, não podemos deixar de ver nisto o dedo de Deus. Se seus inimigos, embora poderosos, não lhe puderam paralisar o avanço, forçoso é convir que o Espiritismo é mais poderoso que eles e, tal como a serpente da fábula, em vão empregam os dentes contra uma lima de aço.

Se dissermos que o segredo de seu poder está na vontade de Deus, os que não crêem em Deus escarnecerão. Há também pessoas que não negam a Deus, mas se julgam mais fortes que Ele; esses não riem: opõem barreiras, que imaginam intransponíveis e, contudo, o Espiritismo as ultrapassa todos os dias e sob suas vistas. É que, efetivamente, ele tira da sua natureza, de sua própria essência, uma força irresistível. Qual, então, o segredo dessa força? Teremos que a ocultar, receando que, uma vez conhecida e a exemplo de Sansão, seus inimigos aproveitem para derrubá-lo? De modo algum. No Espiritismo não há mistérios; tudo se faz às claras; podemos revelá-lo sem temor, altivamente. Embora já o tenha dito, talvez não seja fora de propósito repeti-lo aqui, a fim de que se saiba que se entregamos aos adversários o segredo de nossas forças é porque também lhes conhecemos o lado fraco.

A força do Espiritismo tem duas causas preponderantes: a primeira é tornar felizes os que o conhecem, o compreendem e o praticam. Ora, como há pessoas infelizes, ele recruta um exército inumerável entre os que sofrem. Querem lhe tirar esse elemento de propagação? Que tornem os homens de tal modo felizes, moral e materialmente, que nada mais tenham a desejar, nem neste, nem no outro mundo. Não pedimos mais, desde que o objetivo seja atingido. A segunda é que o Espiritismo não se assenta na cabeça de nenhum homem, sujeitando-se, assim, a ser derrubado; não tem um foco único, que possa ser extinto; seu foco está em toda parte, porque em toda parte há médiuns que podem comunicar-se com os Espíritos; não há família que não os possua em seu seio e que não realizem estas palavras do Cristo: *Vossos filhos e filhas profetizarão, e terão visões*; porque, enfim, o Espiritismo é uma idéia e não há barreiras impenetráveis à idéia, nem bastante altas que estas não possam transpor. Mataram o Cristo, mataram seus apóstolos e discípulos. Mas o Cristo tinha lançado ao mundo a idéia cristã, e esta idéia triunfou da perseguição dos Césares onipotentes. Por que, então, o Espiritismo, que não é

senão o desenvolvimento e a aplicação da idéa cristã, não triunfaria de alguns zombeteiros e de antagonistas que, até o presente, malgrado seus esforços, só lhe puderam opor uma negação estéril? Haveria nisto uma pretensão quimérica? Um sonho de reformador? Aí estão os fatos para responder: o Espiritismo penetra em toda parte, a despeito de tudo e contra tudo; como o pólen fecundante das flores, é levado pelos ventos e finca raízes nos quatro cantos do mundo, porque em todo lugar encontra uma terra fecunda em sofrimentos, sobre a qual derrama o bálsamo consolador. Suponde, então, o estado mais absoluto que a imaginação possa sonhar, recrutando toda a gente de seus esbirros para deter a idéa ao passar: poderão impedir que os Espíritos entrem nela e se manifestem espontaneamente? Impedirão que os médiuns se formem na intimidade das famílias? Suponhamo-la bastante forte para impedir de escrever, para proibir a leitura dos livros; poderão impedir de ouvir, desde que há médiuns auditivos? Impedirão o pai de receber consolações do filho que perdeu? Vedes, pois, que é impossível, e que eu tinha razão em dizer que o Espiritismo pode, sem receio, entregar aos inimigos o segredo de suas forças.

Seja, dirão. Quando uma coisa é inevitável, é preciso aceitá-la. Mas se for uma idéa falsa ou má, não se tem razão para lhe opor obstáculos? Primeiramente, seria preciso provar que é falsa. Ora, até o presente o que opõem os seus adversários? Zombarias e negações que, em boa lógica, jamais passaram por argumentos. Mas uma refutação séria, sólida; uma demonstração categórica, evidente, onde a encontrareis? Em parte alguma; nem nas críticas da Ciência, nem alhures. Por outro lado, quando uma idéa se propaga com a rapidez do relâmpago; quando encontra inumeráveis ecos nas classes mais esclarecidas da sociedade; quando tem suas raízes em todos os povos, desde que há homens na Terra; quando os maiores filósofos sagrados e profanos a proclamaram, é ilógico supor que não repouse senão na mentira e na ilusão. Todo homem sensato, que a paixão ou o interesse pessoal não cegaram, dirá que deve haver algo de verdadeiro; no mínimo o homem sensato suspenderá o seu julgamento antes de negar.

A idéia é má? Se é verdadeira, se não passa de uma aplicação das leis da Natureza, parece difícil que possa ser má, a menos que se admita que Deus fez mal aquilo que fez. Como seria má uma doutrina que torna melhores os que a praticam; consola os aflitos; dá resignação na infelicidade; restabelece a paz nas famílias; acalma a efervescência das paixões e impede o suicídio? Dizem alguns que ela é contrária à religião. Eis a grande palavra com que tentam amedrontar os tímidos e os que não a conhecem. Como uma doutrina que torna melhor, que ensina a moral evangélica, que só prega a caridade, o esquecimento das ofensas, a submissão à vontade de Deus seria contrária à religião? Seria um contra-senso. Afirmar semelhante coisa é atacar a própria religião. Eis por que digo que não a conhecem os que assim falam. Se tal fosse o resultado, por que conduziria ela às idéias religiosas os que em nada crêem? Por que faria orar aqueles que haviam esquecido de o fazer desde a infância?

Aliás, há outra resposta, igualmente peremptória: o Espiritismo é estranho a toda questão dogmática. Aos materialistas prova a existência da alma; aos que só crêem no nada, prova a vida eterna; aos que julgam que Deus não se ocupa das ações dos homens, prova as penas e recompensas futuras; destruindo o materialismo, destrói a maior chaga da sociedade. Eis o seu objetivo. Quanto às crenças especiais, delas não se ocupa, deixando a cada um inteira liberdade. O materialismo é o maior inimigo da religião; trazendo-o ao espiritualismo, o Espiritismo lhe faz marchar três quartas parte do caminho para voltar ao seio da Igreja. Cabe à Igreja fazer o resto. Mas se a comunhão para a qual ele tenderia a se ligar o repele, seria de temer que se voltasse para uma outra.

Dizendo isto, senhores, ensino padre-nosso a vigário, pois já o sabeis tanto quanto eu. Mas há outro ponto, sobre o qual é útil dizer algumas palavras.

Se os inimigos externos nada podem contra o Espiritismo, o mesmo não acontece com os de dentro. Refiro-me

aos que são mais espíritas de nome que de fato, sem falar dos que do Espiritismo apenas têm a máscara. O mais belo lado do Espiritismo é o lado moral. É por suas conseqüências morais que triunfará, pois aí está a sua força, por aí é invulnerável. Ele inscreve em sua bandeira: *Amor e caridade*; e diante desse paládio, mais poderoso que o de Minerva, porque vem do Cristo, a própria incredulidade se inclina. Que se pode opor a uma doutrina que leva os homens a se amarem como irmãos? Se não se admitir a causa, pelo menos se respeitará o efeito. Ora, o melhor meio de provar a realidade do efeito é fazer sua aplicação a si mesmo; é mostrar aos inimigos da doutrina, pelo próprio exemplo, que ela realmente torna melhor. Mas como fazer crer que um instrumento possa produzir harmonia se emite sons discordantes? Do mesmo modo, como persuadir que o Espiritismo deve conduzir à concórdia, se os que o professam, ou supostamente o praticam – o que para os adversários dá no mesmo – se atiram pedras? Se basta uma simples susceptibilidade do amor-próprio para os dividir? Não é o meio de rejeitar seu próprio argumento? Os mais perigosos inimigos do Espiritismo são, pois, os que o fazem mentir a si mesmos, não praticando a lei que proclamam. Seria pueril criar dissidência pelas nuances de opinião; haveria evidente malevolência, esquecimento do primeiro dever do verdadeiro espírita, em separar-se por uma questão pessoal, porquanto o sentimento de personalidade é fruto do orgulho e do egoísmo.

Não devemos esquecer, senhores, que os inimigos do Espiritismo são de duas ordens: de um lado, tendes os zombadores e os incrédulos. Estes recebem diariamente o desmentido pelos fatos; não os temeis e tendes razão. Sem o querer, servem à nossa causa e, por isso, lhes devemos agradecer. Do outro lado estão as pessoas interessadas em combater a doutrina; não espereis trazê-las pela persuasão, pois não buscam a luz. Em vão exibireis aos seus olhos a evidência do sol: são cegos porque não querem ver. Não vos atacam porque estejais no erro, mas porque estais com a verdade e, com ou sem razão, crêem que o Espiritismo seja

prejudicial aos seus interesses materiais. Se estivessem convencidos de que é uma quimera, o deixariam em paz. Assim, sua fúria cresce na razão do progresso da doutrina, de tal sorte que se pode medir sua importância pela violência dos ataques. Enquanto não viram no Espiritismo senão uma brincadeira de mesas girantes, nada disseram, confiando tratar-se de um capricho da moda; mas, hoje, que a despeito de sua má vontade, vêem a insuficiência da zombaria, empregam outros meios. Sejam estes quais forem, já demonstramos a sua impotência. Contudo, se não podem abafar essa voz que se eleva em todas as partes do mundo; se não podem deter essa torrente que os invade por todos os lados, tudo farão para criar entraves e, se puderem fazer recuar o progresso por um só dia, dirão ainda que é um dia ganho.

Esperai, portanto, que o terreno seja disputado palmo a palmo, pois o interesse material é, de todos, o mais tenaz; para ele, os mais sagrados direitos da Humanidade nada são; tendes a prova na luta americana. Pereça a união que fazia nossa glória, antes que os nossos interesses!, dizem os escravagistas. Assim falam os adversários do Espiritismo, pois a questão humanitária é a menor de suas preocupações. Que lhes opor? Uma bandeira que os faça empalidecer, pois sabem que ela traz palavras saídas da boca do Cristo: *Amor e caridade*, e que estas palavras são a sua sentença. Em torno desta bandeira, que todos os verdadeiros espíritas se congreguem, e serão fortes, porquanto a união faz a força. Reconheci, pois, os verdadeiros defensores de vossa causa, não pelas palavras vãs, que nada custam, mas pela prática da lei de amor e caridade, pela abnegação da personalidade; o melhor soldado não é o que ergue o sabre mais alto, mas o que sacrifica corajosamente a própria vida. Encarai, pois, como fazendo causa comum com vossos inimigos todos os que tendem a lançar entre vós o fermento da discórdia, porque, voluntária ou involuntariamente, fornecem armas contra vós. Em todo o caso, não conteis mais com eles do que com esses maus soldados, que fogem ao primeiro tiro de fuzil.

Mas – perguntareis – se as opiniões estão divididas sobre alguns pontos da doutrina, como reconhecer de que lado está a verdade? É a coisa mais fácil. Primeiro, tendes por peso o vosso julgamento e por medida a lógica, sã e inflexível. Depois, tereis o assentimento da maioria, porque, acreditai bem, o número crescente ou decrescente dos partidários de uma idéia dá a medida de seu valor; se ela é falsa, não conquistará mais voto que a verdade: Deus não o permitiria; Ele pode deixar o erro à vista aqui e ali, para nos mostrar suas características e nos ensinar a reconhecê-lo. Sem isto, onde estaria o nosso mérito, se não tivéssemos escolha a fazer? Quereis um outro critério da verdade? Eis um, infalível. Desde que a divisa do Espiritismo é *Amor e caridade*, reconheceréis a verdade pela prática desta máxima, e tereis como certo que aquele que atira a pedra em outro não pode estar com a verdade absoluta. Quanto a mim, senhores, ouvistes a minha profissão de fé. Se – que Deus não o permita! – surgissem dissidências entre vós, digo-o com pesar, eu me separaria abertamente dos que desertassem da bandeira da fraternidade, porque, aos meus olhos, não poderiam ser encarados como verdadeiros espíritas.

Aconteça o que acontecer, não vos inquieteis absolutamente com algumas dissidências passageiras; logo tereis a prova de que elas não têm conseqüências graves. São testes para a vossa fé e para o vosso julgamento; muitas vezes, também, são meios permitidos por Deus e pelos Espíritos bons para dar a medida da sinceridade e tornar conhecidos aqueles com os quais realmente podemos contar, caso necessário, evitando, assim, que os coloquemos em evidência. São pequenas pedras semeadas em vosso caminho, a fim de vos habituar a ver em que vos apoiais.

Resta-me falar ainda, senhores, da organização da Sociedade. Desde que quereis pedir-me conselho, dir-vos-ei o que disse o ano passado em Lyon. Os mesmos motivos me levam a vos dissuadir, com todas as minhas forças, do projeto de formar uma Sociedade única, abrangendo todos os espíritas da cidade, o que seria de todo impraticável, em razão do número crescente dos

adeptos. Não tardaríeis a serdes paralisados pelos obstáculos materiais e pelas dificuldades morais, ainda maiores, que vos mostrariam a sua impossibilidade. É preferível, pois, não empreenderdes uma coisa a que seríeis obrigados a renunciar. Todas as considerações em apoio a esta opinião estão completamente desenvolvidas na nova edição de *O Livro dos Médiuns*, à qual convido a vos reportardes. Não acrescentarei senão algumas palavras.

O que é difícil de se obter numa reunião numerosa é bem mais fácil de conseguir nos grupos particulares. Estes se formam por afinidade de gostos, de sentimentos e de hábitos. Dois grupos separados podem ter uma diferente maneira de ver sobre alguns detalhes e nem por isso deixam de marchar de acordo, ao passo que se estivessem reunidos, as divergências de opiniões trariam inevitáveis perturbações.

O sistema da multiplicação dos grupos ainda tem como resultado interromper bruscamente as rivalidades de supremacia e de direção. Cada grupo, naturalmente, é presidido pelo dono da casa ou pelo que for designado, e tudo se passa em família. Se a alta direção do Espiritismo, numa cidade, pertence a alguém, este será convocado pela força das coisas, e um consentimento tácito o designará muito naturalmente, em virtude de seu mérito pessoal, de suas qualidades conciliadoras, do zelo e do devotamento de que tiver dado provas, dos reais serviços que houver prestado à causa. Desse modo, terá adquirido, sem a buscar, uma força moral que ninguém pensará em lhe contestar, porque todos a reconhecerão, ao passo que aquele que, por sua autoridade privada, procurasse impor-se, ou fosse conduzido por uma camarilha, encontraria oposição da parte de todos quantos não lhe reconhecessem as qualidades morais necessárias. Daí uma causa inevitável de divisões.

É uma coisa séria confiar a alguém a suprema direção da doutrina. Antes de o fazer, é preciso estar bem seguro desse indivíduo sob todos os pontos de vista, porque, com idéias

errôneas, poderia arrastar a Sociedade por uma ladeira deplorável e, talvez, à sua ruína. Nos grupos particulares, cada um pode dar prova de habilidade e ser designado, mais tarde, pelos sufrágios dos colegas, se for o caso. Mas ninguém pode pretender ser general antes de ser soldado. Assim como reconhecemos o bom general por sua coragem e por seus talentos, o verdadeiro espírita é reconhecido por suas qualidades. Ora, a primeira de que deve dar provas é a abnegação da personalidade; é, pois, por seus atos que o reconhecemos, mais que pelas palavras. O que é necessário para uma tal direção é um verdadeiro espírita, e o espírita verdadeiro não se deixa mover pela ambição, nem pelo amor-próprio. A respeito, senhores, chamo a vossa atenção para as diversas categorias de espíritas, cujos caracteres distintivos estão claramente definidos em *O Livro dos Médiuns* (nº 28).

Quanto ao mais, seja qual for a natureza da reunião, numerosa ou não, as condições que deve satisfazer para atingir o seu objetivo são as mesmas. É para isto que devemos concentrar todos os nossos cuidados e os que os satisfazerem serão fortes, porque terão, necessariamente, o apoio dos Espíritos bons. Tais condições estão traçadas em *O Livro dos Médiuns* (nº 341).

Um erro muito freqüente entre alguns neófitos é o de se julgarem mestres após alguns meses de estudo. Como sabeis, o Espiritismo é uma ciência imensa, cuja experiência não pode ser adquirida senão com o tempo, como, aliás, em todas as coisas. Há nessa pretensão de não mais necessitar de conselhos e de se julgar acima de todos uma prova de incompetência, pois não atende a um dos primeiros preceitos da doutrina: a modéstia e a humildade. Quando os Espíritos maléficos encontram semelhantes disposições num indivíduo, não deixam de o superexcitar e de o entreter, persuadindo-o de que só ele possui a verdade. É um dos escolhos que podem ser encontrados, e contra o qual julguei dever vos prevenir, acrescentando que não basta dizer-se espírita, como não basta dizer-se cristão: é preciso prová-lo pela prática.

Se, pela formação dos grupos, evitamos a rivalidade dos indivíduos, essa rivalidade não poderia existir entre os próprios grupos que, marchando por vias um pouco divergentes, poderiam produzir cismas, enquanto uma Sociedade única manteria a unidade de princípios? A isto respondo que o inconveniente assinalado não seria evitado, considerando-se que aqueles que não adotassem os princípios da Sociedade dela se separariam e nada os impediria de formarem um grupo à parte. Os grupos são outras tantas pequenas Sociedades, que marcharão necessariamente no mesmo caminho se todas adotarem a mesma bandeira e as bases da ciência, consagradas pela experiência. A respeito, chamo igualmente a vossa atenção para o nº 348 de *O Livro dos Médiuns*. Nada impede, aliás, que um grupo central seja formado por delegados dos diversos grupos particulares, que, assim, teriam um ponto de reunião e um correspondente direto com a Sociedade de Paris. Depois, anualmente, uma assembléia geral poderia reunir todos os adeptos e tornar-se, assim, uma verdadeira festa do Espiritismo. Aliás, preparei uma instrução detalhada sobre esses diversos pontos, que terei a honra de vos transmitir posteriormente, tanto sobre a organização, quanto sobre a ordem dos trabalhos. Os que a seguirem manter-se-ão naturalmente na unidade de princípios.

Tais são, senhores, os conselhos que julguei por bem vos dar, já que vos quisestes conformar com a minha opinião. Sinto-me feliz por acrescentar que em Bordeaux encontrei elementos excelentes e um progresso muito maior do que esperava. Aqui me deparei com um grande número de espíritas sinceros e verdadeiros e levo da visita a fundada esperança de que a doutrina se desenvolverá sobre as mais largas bases e em excelentes condições. Crede que meu concurso jamais faltará, naquilo que estiver ao meu alcance fazer, para secundar os esforços dos que são sincera e conscienciosamente devotados de coração a esta nobre causa, que é a da Humanidade.

Senhores, o Espírito Erasto, que já conheceis pelas notáveis dissertações que dele lestes, também quer trazer-vos o tributo de seus conselhos. Antes de minha partida de Paris, ele ditou, por seu médium habitual, a comunicação seguinte, cuja leitura terei a honra de fazer.

**PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS ESPÍRITAS DE BORDEAUX,
POR ERASTO, HUMILDE SERVO DE DEUS**

Que a paz do Senhor esteja convosco, meus bons amigos, a fim de que nada venha perturbar a boa harmonia que deve reinar num centro de espíritas sinceros! Sei quão profunda é a vossa fé em Deus e quanto sois fervorosos adeptos da nova revelação. Eis por que vos digo, com toda a efusão de minha ternura, que todos nós ficaríamos desolados – nós que somos, sob a direção do *Espírito de Verdade*, os iniciadores do Espiritismo na França – se a concórdia, de que até hoje destes provas brilhantes, viesse a desaparecer do vosso meio; se não tivésseis dado o exemplo de uma sólida fraternidade; se, enfim, não fôsseis um centro sério e importante da grande comunhão espírita francesa, eu teria deixado esta questão na sombra. Mas se a levantei é que tenho razões plausíveis para vos convidar a manter a união, a paz e a unidade de doutrina entre os vossos diversos grupos. Sim, meus caros discípulos, aproveito diligentemente esta ocasião, que nós mesmos preparamos, para vos mostrar quanto seria funesta ao desenvolvimento do Espiritismo e que escândalo causaria entre vossos irmãos de outras terras a notícia de uma cisão no centro que nos encantou mencionar até agora, por seu Espírito de fraternidade, a todos os outros grupos, formados ou em formação. Não ignoro, como não deveis ignorar, que recorrerão a todos os meios para semear a divisão entre vós; que vos armarão ciladas; que semearão emboscadas de toda sorte em vosso caminho; que vos oporão uns aos outros, a fim de fomentar a divisão e levar a uma ruptura, sob todos os aspectos lamentável. Mas podereis evitar tudo isto, praticando os sublimes preceitos da lei de amor e de caridade, em primeiro lugar diante de vós próprios e, a seguir,

diante de todos. Não; estou convencido de que não dareis aos inimigos de nossa santa causa a satisfação de dizer: “Vede esses espíritas de Bordeaux, que nos mostravam como marchando na vanguarda dos novos crentes. Nem sequer sabem estar de acordo entre si!” Eis, meus caros amigos, onde vos esperam e onde nos esperam a todos. Vossos excelentes guias já vos disseram: Tereis de lutar não só contra os orgulhosos, os egoístas, os materialistas e todos esses infelizes que se acham imbuídos do espírito do século, mas, ainda e principalmente, contra a turba dos Espíritos enganadores que, encontrando em vosso meio uma rara reunião de médiuns, pois a tal respeito sois os mais favorecidos, logo virão assaltar-vos: uns, com dissertações sabiamente combinadas, nas quais, graças a algumas tiradas piedosas, insinuarão a heresia ou algum princípio subversivo; outros, com comunicações abertamente hostis aos ensinamentos dados pelos verdadeiros missionários do Espírito de Verdade. Ah! crede-me, não temais desmascarar os velhacos que, novos Tartufos, se introduziriam entre vós sob a máscara da religião; sede igualmente impiedosos para com os lobos devoradores, que se ocultariam sob peles de cordeiro. Com a ajuda de Deus, que jamais invocais em vão, e com a assistência dos Espíritos bons que vos protegem, ficareis inquebrantáveis em vossa fé; os Espíritos maus vos acharão invulneráveis e, quando virem suas flechas tornar-se menos afiadas contra o amor e a caridade que vos animam o coração, retirar-se-ão confusos de uma campanha onde não terão colhido senão a impotência e a vergonha. Encarando como subversiva toda doutrina contrária à moral do Evangelho e às prescrições gerais do Decálogo, que se resumem nesta concisa lei: *Amai a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos*, ficareis invariavelmente unidos. Aliás, em tudo é preciso saber submeter-se à lei comum: a ninguém cabe subtrair-se ou querer impor sua opinião e seu sentimento, quando estes não forem aceitos pelos outros membros de uma mesma família espírita; e nisto eu vos convido encarecidamente a vos modelardes pelos usos e regulamentos da Sociedade de Estudos Espíritas de Paris, onde

ninguém, seja qual for a sua posição, idade, serviços prestados ou autoridade adquirida, pode substituir, por sua iniciativa pessoal, a da Sociedade de que faz parte e, *a fortiori*, engajá-la no que quer que seja, por expedientes que ela não aprovou. Dito isto, é incontestável que os adeptos de um mesmo grupo devem ter uma justa deferência para com a sabedoria e a experiência adquiridas. A experiência não é atributo do mais velho, nem do mais sábio, mas do que se ocupou com mais tempo e com mais proveito para todos, de nossa consoladora filosofia. Quanto à sabedoria, cabe a vós examinar aqueles que, entre vós, seguem e praticam melhor os preceitos e as leis. Entretanto, meus amigos, antes de seguir vossas próprias inspirações, não esqueçais de que tendes os vossos conselhos e vossos consultores etéreos a consultar, e estes jamais vos faltarão, quando solicitardes com fervor e com um objetivo de interesse geral. Para isso, necessitais de bons médiuns e aqui os vejo excelentes, no meio dos quais não tendes senão que escolher. Por certo sei perfeitamente que a Sra. e a Srta. Cazemajoux e alguns outros possuem qualidades mediúnicas no mais alto grau e nenhuma região, eu vo-lo repito aqui, é mais bem favorecida a esse respeito do que Bordeaux.

Eu tive de vos fazer ouvir uma voz um tanto mais severa, meus bem-amados, quanto o Espírito de Verdade, mestre de todos nós, mais espera de vós. Lembrai-vos de que fazeis parte da vanguarda espírita e que, assim como o estado-maior, a vanguarda deve a todos o exemplo de uma submissão absoluta à disciplina estabelecida. Ah! vossa tarefa não é fácil, pois é a vós que incumbe o trabalho de levar, com mão vigorosa, o machado às sombrias florestas do materialismo e perseguir até as suas últimas trincheiras os interesses materiais coligados. Novos Jasons, marchai à conquista do verdadeiro toso de ouro, isto é, dessas idéias novas e fecundas que devem regenerar o mundo; mas, então, já não marchais no vosso próprio interesse, nem mesmo no interesse da geração atual, mas sobretudo no interesse das gerações futuras, para as quais preparais os caminhos. Há nesta obra um

sinal de abnegação e de grandeza que ferirá de admiração e de reconhecimento os séculos futuros, de que Deus, crede-me, saberá vos levar em conta. Tive de falar como falei porque me dirijo a criaturas que escutam a razão; a homens que perseguem seriamente um fim eminentemente útil: a melhoria e a emancipação da raça humana; enfim, a espíritas que ensinam e pregam pelo exemplo, que o melhor meio para lá chegar está na prática das verdadeiras virtudes cristãs. Tive de vos falar assim porque era preciso vos prevenir contra um perigo, que era meu dever assinalar; venho cumpri-lo. Assim, agora, posso encarar o futuro sem inquietação, porque estou convencido de que minhas palavras aproveitarão a todos e a cada um; e que o egoísmo, o amor-próprio e a vaidade não terão, doravante, nenhum poder sobre corações onde, sem qualquer limite, reine a verdadeira fraternidade.

Vós vos lembrareis, espíritas de Bordeaux, que a vossa união é o verdadeiro encaminhamento para a união e a fraternidade universal. A esse respeito sinto-me feliz, muito feliz, de poder constatar claramente que o Espiritismo vos fez dar um passo à frente. Recebi, pois, nossos cumprimentos, pois aqui falo em nome de todos os Espíritos que presidem à grande obra da regeneração humana, por terdes, por vossa iniciativa, aberto um novo campo de exploração e uma nova causa de certeza aos estudos dos fenômenos de além-túmulo, por vosso pedido de filiação, não mais como indivíduos isolados, mas como grupo compacto, à Sociedade iniciadora de Paris. Pela importância dessa iniciativa, reconheço a alta sabedoria de vossos guias principais e agradeço ao meigo Fénelon e seus fiéis auxiliares Georges e Marius, que com ele presidem às vossas piedosas reuniões de estudo. Aproveito esta circunstância para igualmente dar um testemunho brilhante aos Espíritos Ferdinand e Félicia, que todos conheceis. Embora esses dignos colaboradores tenham apenas feito o bem pelo bem, é bom que saibais que é a esses modestos pioneiros, secundados pelo humilde Marcelin, que nossa santa doutrina deve ter prosperado tão rapidamente em Bordeaux e no sudoeste da França.

Sim, meus crentes fiéis, vossa admirável iniciativa será seguida, bem o sei, por todos os grupos espíritas formados com seriedade. É, pois, um passo imenso à frente. Compreendestes, e todos os vossos irmãos compreenderão como vós, que vantagens, que progressos, que propaganda resultarão da adoção de um programa uniforme para os trabalhos e estudos da doutrina que vos revelamos. Fique bem entendido, apesar disso, que cada grupo conservará sua originalidade e sua iniciativa particular; mas, fora de seus trabalhos particulares, terá de se ocupar com diversas questões de interesse geral, submetidas a seu exame pela Sociedade central, e resolver várias dificuldades cuja solução, até hoje, não pôde ser obtida dos Espíritos, por razões que seria inútil desenvolver aqui. Recearia vos ofender se ressaltasse aos vossos olhos as conseqüências que advirão dos trabalhos simultâneos; quem ousará, então, contestar uma verdade, quando esta for confirmada pela unanimidade ou pela maioria das respostas mediúnicas, obtidas simultaneamente em Lyon, Bordeaux, Constantinopla, Metz, Bruxelas, Sens, México, Carlsruhe, Marselha, Toulouse, Mâcon, Sétif, Argel, Oran, Cracóvia, Moscou, São Petersburgo, como em Paris?

Eu vos entretive com a rude franqueza de que me sirvo para falar aos vossos irmãos de Paris. No entanto, não vos deixarei sem testemunhar minhas simpatias, justamente conquistadas, a esta família patriarcal, onde excelentes Espíritos, incumbidos de vossa direção espiritual, começaram a fazer ouvir suas eloqüentes palavras. Mencionei a família *Sabò*, que, com uma constância e uma piedade inalterável, soube atravessar as dolorosas provas com que Deus a afligiu, com o fito de a elevar e torná-la apta para a sua missão atual. Também não devo esquecer o concurso devotado de todos quantos, em suas respectivas esferas, contribuíram para a propagação de nossa consoladora doutrina. Continuai todos, meus amigos, a marchar resolutamente no caminho aberto; ele vos conduzirá seguramente às esferas etéreas da perfeita felicidade,

onde vos marcarei encontro. Em nome do *Espírito de Verdade*, que vos ama, eu vos abençôo, espíritas de Bordeaux!

Erasto

Banquete Oferecido a Allan Kardec pelos Espíritas Bordeleses

DISCURSO E BRINDE DO SR. LACOSTE, NEGOCIANTE

Senhores,

Rogo principalmente à juventude, que me ouve, a bondade de prestar atenção às poucas palavras de fraterna afeição, escritas especialmente para ela. A falta de experiência, a conformidade de nossas idades, e a comunhão de nossas idéias me asseguram a sua indulgência.

Nenhum de nós, senhores, acolheu com indiferença a revelação desta santa doutrina, cujos elementos novos foram recolhidos por nosso venerado mestre num livro sábio. Em tempo algum campo mais vasto foi aberto às nossas imaginações; jamais horizonte mais grandioso foi desvendado às nossas inteligências. É com o ardor da mocidade, é sem olhar para trás que nos tornamos adeptos da fé no futuro e pioneiros da civilização futura. Não permita Deus que eu venha proferir palavras de desânimo! Vossas crenças me são muito conhecidas, senhores, e as sei muito sólidas para crer que a zombaria ou o falso raciocínio de alguns adversários as venham abalar. A juventude é rica em privilégios, fácil às nobres emoções e ardente no empreendimento; possui ainda o entusiasmo da fé, essa alavanca moral que levanta os mundos. Mas se sua imaginação a empurra além dos obstáculos, ela lhe faz muitas vezes ultrapassar o objetivo. É contra esses desvios que vos exorto a vos acautelardes. Entregues a vós mesmos, atraídos pelo encanto da novidade, levantando a cada passo a ponta do véu que vos ocultava

o desconhecido, quase que tocando o dedo na solução do eterno problema das causas primeiras, guardai-vos de vos deixar inebriar pelas alegrias do triunfo. Poucos caminhos estão isentos de precipícios; a maior confiança segue sempre caminhos fáceis, e nada é mais difícil de obter dos jovens soldados, como das inteligências jovens, do que a moderação na vitória. Aí está o mal que temo para vós, como receio para mim.

Felizmente o remédio está perto do mal. Há entre nós, aqui reunidos, alguns que, à maturidade da idade e do talento, aliam a feliz vantagem de terem sido, em nossa cidade, propagadores esclarecidos do ensino espírita. É a esses Espíritos mais calmos e mais refletidos que deveis submeter a direção dos vossos estudos e, graças a essa deferência de todos os dias, graças a essa subordinação moral, ser-vos-á dado trazer à construção do edifício comum uma pedra que não oscilará.

Saibamos, pois, senhores, vencer as questões pueris do amor-próprio. Nossa parte à nossa juventude, não é tão bela? Efetivamente, a nós pertence o futuro; a nós que poderemos assistir, cheios de vida e de fé, quando nossos pais em Espiritismo reviverem num mundo melhor, à esplêndida radiação desta verdade, da qual eles não terão entrevisto na Terra senão a misteriosa aurora.

Deixai-me, pois, esperar, senhores, que possais dizer comigo, e do fundo do coração:

A todos os nossos decanos de idade; a todos os que, conhecidos ou não, sob a casaca do rico ou o avental do operário, fizeram-se adeptos e propagadores da Doutrina Espírita, em Bordeaux! À prosperidade da Sociedade Espírita de Paris, dessa Sociedade que empunha tão alto e com tanta firmeza o estandarte sob o qual aspiramos a nos colocar! Que o Sr. Allan Kardec, nosso mestre comum, receba por nossos irmãos de Paris o penhor de uma profunda simpatia; que ele lhes diga que os nossos jovens

corações batem em uníssono e que, embora com passo menos seguro, nem por isso deixamos de concorrer para a regeneração universal, estimulados por seus exemplos e sucessos!

BRINDE DO SR. SABÔ

Mais uma vez, senhores, os Espíritos querem nos assegurar de que podemos conquistar a sua simpatia unindo os seus aos nossos desejos para a prosperidade desta santa doutrina, que é a sua obra. O Espírito Ferdinand, um de nossos guias protetores, ditou espontaneamente o seguinte ensinamento, que me deixa feliz em vo-lo transmitir:

“A grande família espírita, da qual fazeis parte, vê aumentar diariamente o número de seus filhos e, em breve, não haverá mais em vossa bela pátria, nem cidades, nem povoados onde não se tenha estabelecido a tenda dos membros desta tribo abençoada por Deus.

“Já nos seria impossível assinalar os numerosos centros que gravitam em torno do foco luminoso cuja sede é Paris, porque os centros das grandes cidades só por nós são conhecidos. Entre estes se distingue, pelo saber, inteligência e união fraternal, a Sociedade dos Espíritas de Metz; está destinada a dar frutos em abundância e, se buscardes com eles estabelecer relações amigáveis, baseadas numa estima recíproca, encheis de doce alegria o coração paternal de vosso chefe aqui presente.

“O eminente Espírito Erasto vos disse ontem: Sede unidos; a união faz a força. Envidai, pois, todos os esforços para o conseguir, a fim de que, em pouco tempo, todos os centros espíritas franceses, unidos entre si pelos laços da fraternidade, possam marchar a passos de gigante pela via traçada.”

Ferdinand

Guia Espiritual do médium

Finalmente, e como fiel intérprete dos sentimentos expressos por esse Espírito bom, proponho um brinde aos nossos irmãos de Metz, em particular, e a todos os espíritas franceses, em geral.

Senhores,

Convencido de que as calorosas palavras, pronunciadas ontem em vosso meio pelo nosso honrado chefe espírita, não caíram sobre pedras e espinheiros, mas nos vossos corações, agora dispostos a apertar os laços da fraternidade, venho propor um brinde aos nossos irmãos espíritas de Lyon. Eles começaram suas tarefas antes de nós e, para se organizarem, tiveram de passar pelas mesmas dificuldades que outrora tanto nos fizeram sofrer. Mas, graças ao impulso que o nosso bem-amado chefe lhes proporcionou no ano passado, deram um passo imenso na estrada abençoada em que os Espíritos bons estão fazendo entrar a Humanidade. Imitemo-los, senhores. Que uma louvável emulação una aos de Bordeaux os espíritas de Lyon, a fim de que a comunhão de pensamentos e sentimentos, de que todos estiverem animados, deles faça dizer: bordeleses e lioneses são irmãos.

Proponho um brinde à união dos irmãos de Bordeaux e Lyon.

DISCURSO DO SR. DESQUEYROUX, MECÂNICO

Em nome do grupo de operários

Senhor Allan Kardec, nosso caro mestre,

Em nome de todos os operários espíritas de Bordeaux, meus amigos e irmãos, permito-me erguer um brinde à vossa prosperidade. Embora já chegado a uma alta perfeição, que Deus vos faça crescer ainda nos bons sentimentos que vos têm animado até hoje e, sobretudo, vos faça crescer aos olhos do Universo e no coração dos que, seguindo vossa doutrina, se aproximam de Deus.

Nós, que somos do número dos que a professam, vos bendizemos do fundo do coração e rogamos ao nosso Criador para que vos deixe ainda muito tempo entre nós, a fim de que, quando vossa missão estiver terminada, já estejamos bastante firmes na fé para nos conduzirmos sozinhos, sem nos afastar do bom caminho.

Para nós é uma felicidade inefável ter nascido numa época em que podemos ser esclarecidos pelo Espiritismo. Mas não basta conhecer e desfrutar essa felicidade; com a doutrina, contraímos compromissos que consistem em quatro deveres diferentes: dever de submissão, que nos faça ouvir com docilidade; dever de afeição, que nos faça amar com ternura; dever de zelo, para atender seus interesses com ardor; dever de prática, que nos faça honrá-la por nossas obras.

Estamos no seio do Espiritismo e o Espiritismo é para nós uma firme consolação em nossas penas. Não podemos negar que há momentos na vida em que a razão talvez pudesse nos sustentar, mas outros há em que se tem necessidade de toda fé que dá o Espiritismo, para não sucumbir. Em vão os filósofos vêm pregar uma firmeza estóica, enunciar suas pomposas máximas, dizer-nos que nada os perturba, que o homem é feito para se possuir a si mesmo e dominar os acontecimentos da vida. Tristes consolações! Longe de suavizar a dor, eles a tornam mais amarga; em todas as suas palavras só encontramos o vazio e a esterilidade. Mas o Espiritismo nos vem em socorro, provando que nossa própria aflição pode contribuir para a nossa felicidade.

Sim, caro mestre, continuai vossa augusta missão. Continuai a nos mostrar esta ciência, que vos é ditada pela bondade divina, nosso consolo durante a vida e pensamento inabalável que nos sustentará por ocasião da morte.

Recebei, caro mestre, estas poucas palavras, brotadas do coração de vossos filhos, porquanto sois o pai de todos nós; pai

da classe laboriosa e dos aflitos. Como bem o sabeis, progresso e sofrimento marcham juntos; mas, quando o desespero oprimia os nossos corações, viestes trazer-nos força e coragem. Sim, ao nos mostrardes o Espiritismo, dissestes: “Irmãos, coragem! Suportai corajosamente as provas que vos são enviadas, e Deus vos bendirá”. Sabei, pois, que somos apóstolos devotados e que neste século, como nos que se seguirão, vosso nome será abençoado pelos nossos filhos e pelos nossos amigos operários.

DISCURSO E BRINDE DO SR. ALLAN KARDEC

Meus caros irmãos no Espiritismo,

Faltam-me expressões para externar o que sinto por vossa acolhida tão simpática e benevolente. Permitti-me, pois, dizer em algumas palavras e não em longas frases, que não acrescentariam mais, que incluirei minha primeira estada em Bordeaux entre os mais felizes momentos de minha vida, e dela guardarei eterna lembrança. Mas também não esquecerei, senhores, que esta acolhida me impõe uma grande responsabilidade – a de justificá-la – o que espero fazer com a ajuda de Deus e dos Espíritos bons. Além disso, ela me impõe grandes obrigações, não só para convosco, mas ainda para com os espíritas de todos os países, dos quais sois representantes como membros da grande família; para com o Espiritismo em geral, que acabais de aclamar nestas duas reuniões solenes e que, não tenhais dúvida, colherá no entusiasmo de vossa importante cidade uma força nova para lutar contra os obstáculos que quererão lançar em vosso caminho.

Em minha alocução de ontem, falei de sua força irresistível, de que sois a prova evidente. Não é um fato característico a inauguração de uma sociedade espírita que, como a vossa, se inicia pela reunião espontânea de quase trezentas pessoas, atraídas, não por uma vã curiosidade, mas pela convicção e pelo só desejo de se agrupar num único feixe? Sim, senhores, este fato não

somente é característico, como providencial. Eis, a respeito, o que ainda ontem me dizia, antes da sessão, o Espírito de Verdade – meu guia espiritual:

“Deus marcou com o selo de sua imutável vontade a hora da regeneração dos filhos desta grande cidade. À obra, pois, com confiança e coragem. Esta noite os destinos de seus habitantes vão começar a sair da rotina das paixões, que sua riqueza e seu luxo faziam germinar, como o joio em meio ao trigo, para alcançar, pelo progresso moral que lhe vai imprimir o Espiritismo, a altura dos destinos eternos. Como vês, Bordeaux é uma cidade amada pelos Espíritos, pois multiplica intramuros, sob todas as formas, as mais sublimes devoções da caridade. Por isso eles estavam aflitos por vê-la na retaguarda do movimento progressivo que o Espiritismo vem impor à Humanidade. Mas os progressos hão de ser tão rápidos que os Espíritos bendirão o Senhor por te haver inspirado o desejo de vir ajudá-los a entrar nesta via sagrada.”

Vedes, pois, senhores, que o impulso que vos anima vem do Alto, e bem temerário seria quem o quisesse deter, porquanto seria abatido como os anjos rebeldes, que quiseram lutar contra o poder de Deus. Assim, não temais a oposição de alguns adversários interessados, que se pavoneiam na sua incredulidade materialista. O materialismo vê chegada a sua última hora, e é o Espiritismo que vem anunciá-la, por ser a aurora que dissipa as trevas da noite. E, coisa providencial, o próprio materialismo, sem o querer, serve de auxiliar à propagação do Espiritismo, porque, por seus ataques, chama a si a atenção dos indiferentes. Querem ver o que é; como o encontram bem, adotam-no. Tendes a prova disto aos vossos olhos: sem os artigos de um dos jornais da vossa cidade, os espíritas bordeleses talvez não passassem da metade do que hoje são. Tal artigo naturalmente despertou a curiosidade. Como se diz geralmente, onde há fumaça há fogo; mediram a importância do fogo pela extensão do artigo. Perguntaram: É bom? É mau? É verdadeiro? É falso? Vejamos para crer. Viram, e sabeis o resultado.

Longe, pois, de atacar o autor do artigo, devemos agradecer-lhe pela propaganda gratuita; e, caso esteja aqui algum de seus amigos, pedimos a este que o aconselhe a recomençar, a fim de que, se ontem éramos trezentos, sejamos seiscentos no próximo ano. Sobre isto eu vos poderia citar fatos curiosos de propaganda semelhante, feita em certas cidades, por sermões furibundos contra o Espiritismo.

Como Lyon, Bordeaux vem, pois, plantar orgulhosamente a bandeira do Espiritismo, e o que vejo me garante que não será arrancada. Bordeaux e Lyon! Duas das maiores cidades da França; focos de luz! E ainda dizem que todos os espíritas são loucos! Honra aos loucos desta espécie! Não esqueçamos Metz, que também acaba de fundar sua sociedade, onde figuram em grande número oficiais de todos os graus, e que reclama sua admissão na grande família. Espero que em breve Toulouse, Marselha e outras cidades, onde já fermenta a nova semente, se juntem às suas irmãs mais velhas, dando o sinal da regeneração em suas respectivas regiões.

Senhores, em nome da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, levanto um brinde aos espíritas de Bordeaux; à sua união fraterna para resistir ao inimigo que os queria dividir, a fim de ter mais facilmente razão.

A este brinde associo, do imo do meu coração, e com a mais viva simpatia, o Grupo Espírita dos operários de Bordeaux que, como os de Lyon, dão admirável exemplo de zelo, devotamento, abnegação e reforma moral. Estou feliz, muito feliz, vos asseguro, de ver vossos delegados reunidos fraternamente nesta mesa, com a elite da sociedade, provando, por esta associação, a influência do Espiritismo sobre os preconceitos sociais. Não poderia ser de outro modo, quando ele nos ensina que o mais alto colocado no mundo pode ter sido humilde proletário e que, ao apertar a mão do último serviçal, talvez aperte a de um irmão, de um pai ou de um amigo.

Em nome dos espíritas de Metz e de Lyon, dos quais me faço intérprete, eu vos agradeço por os terdes compreendido na expressão de vossos sentimentos fraternos.

Aos espíritas bordeleses!

Senhores, os espíritas não devem ser ingratos. Creio ser dever de reconhecimento não esquecer os que, mesmo sem o querer, servem à nossa causa. Assim, proponho um brinde ao autor do artigo do *Courrier de la Gironde*, pelo serviço que nos prestou, fazendo votos para que ele repita, de vez em quando, seus espirituosos artigos. E, se Deus quiser, logo ele será o único homem sensato de Bordeaux.

Poesias do Momento, Ditadas Pelo Sr. Dombre (de Marmande), Vindo a Bordeaux Para Esta Solenidade

OS CAMPONESES E O CARVALHO

FÁBULA

Ao Sr. Allan Kardec

*Os abusos têm campeões ocultos mais perigosos
que os adversários declarados, e a prova disto é a
dificuldade que se tem de os arrancar.*

Allan Kardec (O que é o Espiritismo)

Um dia honestos camponeses
De pé ante um carvalho enorme, fronde imensa,
O mensuravam muitas vezes.
– É em vão, um deles diz, que tal semente intensa
Germinem em sulcos tais virados e adubados.

Não cresce nada; adubo e seiva consumados
 São pela ramaria, essa espessa folhagem.
 Fazer gostos assim é bem triste bobagem.
 Esta árvore deixar que torne pobre o chão,
 Que nos consuma o suor e esterilize o grão.
 Irmãos, se me quiserdes crer
 Nós livraremos nosso campo
 Da incômoda presença... e isso... num tranco!
 À obra! Gritam com prazer.
 Estavam todos muito ardentes;
 Uma corda é amarrada em cima no carvalho,
 Formando uma cadeia em forte galho
 Cujos anéis uniam-se potentes.
 A folhagem treme e farfalha,
 Mas é tudo... Eles vão se agitar, se estafar
 A fim da tortuosa e robusta ramalha,
 Que enfim não se deixa abalar.
 Alguém sensato da região,
 Um bom velho lhes diz ao passar: Meus meninos,
 A vossa messe é perdida, então,
 Dos ramos em proveito e desses grãos franzinos,
 Destruí-os... é bom... Posso entender;
 Mas a árvore abater coisa fácil não é;
 Para dobrar tal carvalho
 Em força é fraco o vosso braço;
 A idade enrija o corpo e não se faz render.
 Fazei menos ruidoso o assalto e mais terrível
 A esse colosso vigoroso;
 Séculos já se vão por seu cascão nodoso;
 Empregai dias a miná-lo, isso é possível.
 Descubri-lhe a raiz, sugadora, felina
 E levareis a morte ao ramalhal confuso.
 Não podendo de um golpe extinguir um abuso
 Busca em seu fundamento a oportuna ruína.

O OURIÇO, O COELHO E A PEGA

FÁBULA

Aos membros da Sociedade Espírita de Bordeaux

A caridade, meus amigos, é feita de muitas
maneiras: podeis fazer a caridade por pensamentos,
palavras e obras...

(O Espírito protetor da Sociedade Espírita de Lyon – *Revista Espírita* de
10 de outubro de 1861).

Um pobre ouriço ao ser posto fora da toca,
Rolava pelo campo em meio aos espinheiros,
De algum petiz aos golpes mais certos,
Que em sangue o abandona e quase que o sufoca.
Ele eriça, tremendo, a armadura espinhenta,
Espicha-se, lançando em volta oculto olhar,
E sem perigo já, lamenta
Numa voz débil, a chorar:
Para onde vou?... Fugir?... Voltar ao velho abrigo
Acima está do meu querer.
Já nem posso prever qual o perigo
Pior que me ameaça... É forçoso morrer?...
Preciso de um refúgio e um pouco de repouso
Para sarar minhas feridas;
Mas, aonde achar quaisquer guaridas?
Quem de meus males é piedoso?
Num coelho que habitava entre lascas de rocha
E para quem a caridade,
Não sendo um termo vão, sensível desabrocha
E lhe diz – Meu amigo, aceitai a metade
De meu modesto abrigo; estou bem nesse asilo,
Nele estareis seguro; é difícil, já vi,
De achar o vosso rastro, com maldade.
Podeis aqui estar tranqüilo:
Atenção junto a mim sempre tereis, ali.
Ante essa oferta tão graciosa,
O ouriço segue a passo lento,
Quando uma pega obsequiosa,
Faz um sinal ao coelho: – Esperai um momento,
Eu peço... uma palavra... é um breve caso...

E depois ao ouriço: – É um pequeno segredo...
 Perdoai-me, quando nada pelo atraso!
 E o bom coelho, todo quedo,
 – As orelhas a erguer pede a ela fale baixo.
 Como! Levardes vós a casa uma tal gente!...
 Sede prudente mais no trato com os de baixo!
 Nunca eu faria tal tolice tão patente!
 Eu... Mas não receais de vos arrepender?
 Uma vez com saúde e forças redobradas,
 Quem sabe sejais vós o primeiro a sofrer
 Com o seu mau coração e as farpas aceradas;
 E a que meios, então, tereis a recorrer?
 O coelho respondeu: – Nenhuma inquietação
 Não nos deve afastar de impulsos benfeitores;
 Vale bem mais expor-se a uma ingratidão,
 Do que faltar aos sofredores!

C. Dombre

Bibliografia

O LIVRO DOS MÉDIUNS

Segunda edição⁵³

A primeira edição de *O Livro dos Médiuns*, publicada no início do ano, esgotou-se em poucos meses, o que vem a ser um dos traços mais característicos do progresso das idéias espíritas. Nós mesmos pudemos constatar, em nossas excursões, a influência salutar que esta obra exerceu sobre a direção dos estudos espíritas práticos; assim, as decepções e mistificações são muito menos numerosas do que outrora, porque ela ensinou os meios de frustrar as artimanhas dos Espíritos enganadores. Esta segunda edição é muito mais completa que a precedente; encerra numerosas e importantes instruções e vários capítulos novos. Toda a parte que concerne mais especialmente aos médiuns, à identidade dos

53 1 vol. in-12, preço 3 fr. 50 c.; pelo Correio, 4 fr.

Espíritos, à obsessão, às questões que podem ser dirigidas aos Espíritos, às contradições, aos meios de discernir os Espíritos bons dos maus, à formação de reuniões espíritas, às fraudes em matéria de Espiritismo, recebeu notáveis desenvolvimentos, frutos da experiência. No capítulo das dissertações espíritas adicionamos várias comunicações *apócrifas*, acompanhadas de observações pertinentes, de modo a facultar os meios de descobrir o embuste dos Espíritos enganadores, que se apresentam com falsos nomes.

Devemos acrescentar que os Espíritos reviram a obra inteiramente e trouxeram numerosas observações do mais alto interesse, de sorte que se pode dizer que é obra deles, tanto quanto nossa.

Recomendamos com insistência esta nova edição, como o guia mais completo, seja para os médiuns, seja para os simples observadores. Podemos afirmar que, seguindo-a pontualmente, evitar-se-ão os escolhos tão numerosos, contra os quais se vão chocar principiantes inexperientes. Depois de a ter lido e meditado atentamente, os que forem enganados ou mistificados certamente não poderão culpar-se senão deles mesmos, porque tiveram todos os meios para se esclarecerem.

O ESPIRITISMO OU ESPIRITUALISMO EM METZ

Primeira série das publicações da Sociedade Espírita de Metz⁵⁴

Em nosso último número anunciamos esta publicação apenas de memória, propondo-nos a voltar à matéria. Lemo-la com atenção e só podemos felicitar a Sociedade dos espíritas de Metz por seus resultados. Ela conta em seu seio um grande número de homens esclarecidos que, esperamos, saberão mantê-la em guarda contra as ciladas dos Espíritos maus, que não deixarão de tentar desviá-la do bom caminho em que se colocou.

54 Brochura in-8; preço 1 fr. Em Paris: *Didier & Cia.*, Quai des Augustins, 35; *Ledoyen*, Palais-Royal, galeria d'Orléans, 31. Em Metz: *Verronais*, rue des Jardins, 14; *Warrion*, rue du Palais, 8.

Esta publicação não é periódica; a Sociedade de Metz tem o propósito de fazer outras semelhantes de vez em quando, em datas indeterminadas, e nelas inserir as melhores comunicações que tiver obtido. Esse método tem a vantagem de não obrigar a assunção de nenhum compromisso com assinantes, aos quais se deve servir apesar de tudo, e porque os gastos são sempre proporcionais.

Todas as comunicações contidas nesta primeira brochura trazem um sinete eminentemente sério e uma moralidade irrepreensível. Nada notamos que não fosse o que se poderia chamar de ortodoxo, do ponto de vista da Ciência e de acordo com o ensino de *O Livro dos Espíritos*. Se os senhores espíritas de Metz nos permitem um conselho, nós os estimularíamos a que continuem guardando, em suas publicações subseqüentes, a prudente reserva que notamos nesta; que se convençam de que as publicações intempestivas podem ser mais prejudiciais que úteis à propagação do Espiritismo. Contamos com a sabedoria e a sagacidade dos que as dirigem, para não cederem ao entusiasmo de adeptos mais zelosos que sensatos; que se lembrem bem desta máxima: *Não adianta correr; tudo tem sua hora.*

As duas comunicações seguintes, extraídas deste primeiro número, podem dar uma idéia do espírito no qual são feitas.

O FLUIDO UNIVERSAL

(29 de setembro de 1860)

O fluido universal liga entre si todos os mundos; e, conforme os movimentos que lhe são impressos pela vontade do Criador, origina todos os fenômenos da Criação. Ele é a própria vida, ligando as diferentes matérias de nosso globo; é ele que, por propriedades subordinadas a leis, regula as diferentes coisas tão misteriosas para vós, as afinidades físicas e morais; é ele que vos faz

ver o passado, o presente e o futuro, principalmente quando a matéria que obstrui vossa alma é anulada ou enfraquecida por uma causa qualquer; então essa dupla vista (embora menos desenvolvida do que após a morte), vê, sente e toca tudo, nesse meio fluídico que é o seu elemento e o reflexo exato do que foi, é e será; porque somente as partes mais grosseiras desse fluido estão sujeitas a modificações sensíveis de composição.

Henry, antigo magnetizador

EFEITOS DA PRECE

(15 de outubro de 1860)

A prece é uma aspiração sublime, à qual Deus concedeu um poder tão mágico que os Espíritos a reclamam para si constantemente. Suave orvalho, é um refrigério para o pobre exilado na Terra e um arranjo (*sic*) frutuoso para a alma em prova. A prece age diretamente sobre o Espírito a quem é dirigida; não transforma espinhos em rosas, mas modifica sua vida de sofrimentos; não tem poder sobre a vontade imutável de Deus, mas imprime esse impulso de vontade que levanta a sua coragem, ao dar-lhe força para lutar contra as provas e as dominar. Por esse meio é abreviado o caminho que conduz a Deus e, como efeito maravilhoso, nada pode ser comparado à prece.

Aquele que blasfema contra a prece não passa de Espírito inferior, de tal modo terreno e atrasado que nem mesmo compreende que deve se agarrar a essa tábua de salvação para se salvar.

Orar: palavra descida do céu, é a gota de orvalho no cálice de uma flor, é o sustentáculo do caniço durante a tormenta, é a tábua do pobre náufrago durante a tempestade, é o abrigo do mendigo e do órfão, é o berço para a criança dormir. Emanação divina, a prece nos liga a Deus pela linguagem, fazendo-o

interessar-se por nós; orar a Ele é amá-lo; suplicar-lhe por um irmão é um ato de amor dos mais meritórios. Vinda do coração, a prece contém a chave dos tesouros da graça; é o ecônomo que dispensa benefícios em nome da infinita misericórdia. A alma, elevada para Deus por um desses impulsos sublimes da prece, despreendida de seu envoltório grosseiro, apresenta-se cheia de confiança diante dEle, segura de obter o que pede com humildade. Orai, oh! orai! fazei um reservatório de vossas santas aspirações, que será despejado no dia da justiça. Preparai o celeiro da abundância, tão precioso durante a escassez; escondi o tesouro de vossas preces até o dia escolhido por Deus para distribuir o rico depósito. Acumulai para vós e para os vossos irmãos, o que diminuirá as vossas angústias e vos fará transpor mais rapidamente o espaço que vos separa de Deus. Refleti em vossa miserável natureza, contai vossas decepções, vossos perigos, sondei o abismo tão profundo aonde vos podem arrastar as paixões, olhai em torno de vós os que caem e sentireis a imperiosa necessidade de recorrer à prece. A oração é a âncora de salvação que impedirá a destruição do vosso navio, tão agitado pelas desordens do mundo.

Teu Espírito familiar

O ESPIRITISMO NA AMÉRICA

Fragmentos traduzidos do inglês pela Srta. Clémence Guérin⁵⁵

O Espiritismo conta na América homens eminentes que, desde o princípio, lhe avaliaram o alcance e nele viram algo mais do que simples manifestações. Nesse número está o juiz *Edmonds*, de Nova Iorque, cujos escritos sobre esse importante assunto são bastante apreciados, mas muito pouco conhecidos na Europa, onde ainda não foram traduzidos. Devemos ser gratos à Srta. Guérin por nos dar uma idéia deles através de alguns fragmentos publicados em sua brochura. Apenas lamentamos não

55 Brochura grande in-18, preço 1 fr. Dentu, Palais Royal, galeria d'Orléans.

tenha ela acabado sua obra por uma tradução completa. Ela junta alguns extratos não menos notáveis do Dr. *Hare*, de Filadélfia, que, também ele, teve a ousadia de ser um dos primeiros a afirmar sua fé nas novas revelações.

A Srta. Guérin, que residiu muito tempo na América, onde viu se produzirem e se desenvolverem as primeiras manifestações, é uma dessas espíritas sinceras, conscienciosas, que tudo julgam com calma, sangue-frio e sem entusiasmo. Temos a honra de conhecê-la pessoalmente e nos sentimos felizes por lhe dar aqui um testemunho merecido de nossa profunda estima. Pelo seguinte trecho de sua introdução, pode-se ver que nossa opinião é justamente motivada.

“Como os americanos, temos a Fé profunda, a esperança radiosa de que esta doutrina, tão eminentemente baseada na caridade – não esmola, mas amor – seja bem aquela que deve regenerar e pacificar o mundo. Jamais a solidariedade fraternal foi demonstrada de maneira mais clara, nem de modo mais sedutor. Vindo consolar-nos, ajudar-nos, instruir-nos, indicar-nos, enfim, o melhor uso a ser feito de nossas faculdades, tendo em vista o futuro, os Espíritos são de tal modo desinteressados que o homem não os pode ouvir muito tempo sem experimentar o desejo de os imitar, sem procurar ao seu redor alguém para participar dos benefícios que lhe dispensaram tão generosamente. Ele o faz com tanto mais boa vontade quanto compreende que seu próprio progresso tem esse preço e que, no grande livro de Deus, não são levados a seu favor senão os atos praticados em vista do bem-estar material ou moral de seus irmãos. O que os Espíritos fazem com sucesso neste momento foi tentado muitas vezes na Terra por nobres corações, por almas corajosas, que foram e ainda são desconhecidos e ridicularizados. Suspeitam de seu devotamento e não é senão quando desaparecem que têm chance de ser julgados com imparcialidade. Eis por que Deus lhes permite continuar a obra após aquilo a que chamamos morte.

“Não é o caso de repetir com Davis: Nada temais, irmãos; sendo mortal, o erro não pode viver; sendo imortal, a verdade não pode morrer!”

Clémence Guérin

A passagem seguinte, do juiz *Edmonds*, mostrará com que precisão ele entrevira as conseqüências do Espiritismo. Não se deve esquecer que escrevia em 1854, época em que o Espiritismo na América, como na Europa, ainda era novo.

“Falsas ou verdadeiras, outros julgarão as minhas deduções. Meu objetivo será atingido se, falando do efeito produzido em meu espírito por essas revelações, eu tiver feito brotar em alguns o desejo de também pesquisar e assim levar novas luzes ao estudo desses fenômenos. Até aqui, os mais impetuosos adversários, os que, na sua indignação, gritam contra a impostura, são também os mais obstinados na sua recusa de nada ver ou ouvir sobre isto, os mais decididos a permanecer na completa ignorância da natureza dos fatos. Homens com reputação de saber, se não de ciência, não temem comprometê-la dando explicações que não satisfazem a ninguém, baseadas em observações superficiais, feitas com tal leviandade que faria corar um estudante.

“Entretanto, não é uma coisa indiferente esse novo poder inerente ao homem (*connected with man*), e que, sem a menor dúvida, terá sobre o seu destino uma influência considerável, para o bem ou para o mal.

“E já podemos ver que, desde a origem, apenas há cinco anos, a idéia espiritualista se propagou com uma rapidez que a igreja cristã não havia igualado em cem anos. Ela não procura os lugares isolados, não se envolve em mistérios, mas vem abertamente aos homens, provocando minucioso exame de sua parte, não exigindo uma fé cega, mas recomendando, em todas as circunstâncias, o exercício da razão e da livre apreciação.

“Vimos que as zombarias dos filósofos não conseguiram desviar um só crente; que os sarcasmos da imprensa, os anátemas do púlpito são igualmente impotentes para deter o progresso e, sobretudo, já podemos constatar sua influência moralizadora. O *verdadeiro* crente torna-se sempre mais prudente e melhor (*a wiser and a better man*), porque lhe foi demonstrado que a sobrevivência do homem após a morte do corpo está positivamente provada. Todos quantos, seriamente e com sinceridade, conduziram suas investigações sobre o assunto, tiveram suas provas irrefutáveis. Como poderia ser de outro modo? Eis uma inteligência que nos fala todos os dias; é um amigo. (Em geral os americanos começam conversando com parentes ou amigos). Ele prova a sua identidade por mil circunstâncias que não podem deixar a menor dúvida, pelas numerosas recordações que só ele pode conhecer. Fala-nos das conseqüências da vida terrena e nos pinta a vida futura em cores tão racionais que nós *sentimos* que diz a verdade, tanto se conforma com a idéia íntima que fazíamos da Divindade e dos deveres que ela nos impõe.

“A morte não nos separa daqueles a quem amamos. Muitas vezes eles estão junto de nós, ajudam-nos e nos consolam pela esperança de uma reunião *certa*. Quantas vezes os vi para mim e para os outros! Quantas pessoas desoladas vi acalmadas pela doce certeza de que o ser querido, ‘trazido pelos laços do amor, adeja em torno delas, murmura-lhes ao ouvido, contempla a sua alma, conversa com seu Espírito!’

“Assim, a morte se acha despojada do cortejo de terrores misteriosos e indefinidos com que foi cercada por aqueles que confiam mais na degradante paixão do medo que no nobre sentimento do amor.

“Notemos, por alto que, sejam quais forem os matizes no ensino da nova filosofia, todos os seus discípulos se entendem sobre este ponto: a morte não é um espantinho, mas um fenômeno

natural, de passagem a uma existência em que, livre de mil males da vida material e dos entraves que o confinam num mesmo planeta, o Espírito pode percorrer a imensidade dos mundos, levantar vôo para regiões onde a glória de Deus é realmente visível.

“Está igualmente demonstrado (*demonstrated*) que os nossos mais secretos pensamentos são conhecidos pelos seres que nos amam e que continuam a velar por nós. É em vão que tentaríamos nos livrar dessa inquisição, terrível por sua própria benevolência. Não é possível duvidar, como quiseram. Muitas vezes fiquei estupefato e me arrepiei ante a revelação imprevista, mas irrecusável, de que os mais íntimos refolhos da consciência podem ser revistados justamente por aqueles a quem quereríamos ocultar nossas fraquezas.

“Não está aí um freio salutar contra os maus pensamentos, os atos criminosos, na maioria das vezes cometidos porque o culpado se tranqüilizou por estas palavras: ‘Ninguém ficará sabendo...’ Se algo pode confirmar esta verdade tão terrificante para alguns, é a lembrança do que cada um experimenta após uma boa ação, mesmo quando ficou secreta: um contentamento íntimo incomparável. Esses o sabem muito bem, pois a mão esquerda ignora o que dá a direita. É, pois, racional, crer que se nossos amigos nos podem felicitar, também nos podem admoestar; se vêem nossos atos meritórios, igualmente percebem os nossos defeitos.

“A isto não hesitamos em atribuir o fato incontestável e incontestado, de que não há *verdadeiro crente* que não se tenha tornado melhor.

“De nossa conduta, de nossa submissão a este grande preceito: **Amar a Deus e ao próximo...** depende o nosso destino futuro, e não de nossa adesão a esta ou àquela seita religiosa. Não devemos postergar a nossa conversão e sim trabalhar, nós mesmos, pela nossa salvação, *agora*, e não mais tarde, *hoje*, e não amanhã.

“Que haverá de mais consolador, mais reconfortante para a alma virtuosa, através das provas e vicissitudes desta vida, do que a *certeza completa* de que sua felicidade futura depende de suas ações, que ela pode dirigir?”

“Por outro lado o vicioso, o mau, o cruel, o egoísta, sobretudo o egoísta, sofrerá por si e pelos outros (*self and mutual torment*) tormentos mais terríveis que os do inferno material, tal qual a imaginação mais desordenada jamais pôde conceber.”

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IV

DEZEMBRO DE 1861

Nº 12

Aviso

Os Srs. assinantes que não quiserem sofrer atraso na remessa da *Revista Espírita* para o ano de 1862 (5º ano) são convidados a renovar a assinatura antes de 31 de dezembro.

Os assinantes de 1862 poderão obter a coleção dos quatro anos precedentes, em conjunto, ao preço de 30 francos, em vez de quarenta, de modo que, com a assinatura atual não pagarão pelos cinco anos senão 40 francos, ou seja, pelo mesmo preço terão cinco anos em vez de quatro, o que representa um desconto de 20%. Como no passado, os anos tomados isoladamente saem a dez francos cada um.

A segunda tiragem dos anos de 1858, 1859 e 1860 se esgotou. Acaba de ser feita uma terceira reimpressão.

Nota – O número de janeiro de 1862 conterà um artigo muito desenvolvido sobre a *Interpretação da doutrina dos Anjos rebeldes, dos Anjos decaídos, do Paraíso perdido* e sobre a *Origem e a condição moral do homem na Terra*.

Novas Obras do Sr. Allan Kardec

A SEREM PUBLICADAS BREVEMENTE

O Espiritismo na sua expressão mais simples – Brochura destinada a popularizar os elementos da Doutrina Espírita. Será vendida a 25 centavos.

Refutação das críticas contra o Espiritismo, do ponto de vista do materialismo, da ciência e da religião. Esta última parte terá todos os desenvolvimentos necessários. Conterá a resposta à brochura do padre Marouzeau.

Várias outras obras, das quais uma de importância mais ou menos igual, como volume, a *O Livro dos Espíritos*, serão publicadas no correr de 1862⁵⁶.

Organização do Espiritismo

1. Até o presente, embora muito numerosos, os espíritas se têm disseminado por todos os países, o que não constitui uma das características menos salientes da doutrina. Como uma semente levada pelo vento, fincou raízes em todos os pontos do globo, prova evidente de que a sua propagação não é efeito de uma camarilha, nem de uma influência local e pessoal. A princípio isolados, os adeptos hoje se surpreendem com o seu número; e como a similitude das idéias inspira o desejo de aproximação, procuram reunir-se e fundar sociedades. Assim, de todas as partes nos pedem instruções a respeito, manifestando o desejo de se unirem à Sociedade central de Paris. É, pois, chegado o momento de nos ocuparmos do que se pode chamar a *organização do Espiritismo*. O *Livro dos Médiuns* (2ª edição) contém observações

56 N. do T.: Nenhuma nova obra desse porte foi publicada em 1862. O *Evangelho segundo o Espiritismo* só seria lançado em 1864, *O Céu e o Inferno* em 1865 e *A Gênese* em 1868.

importantes sobre a formação das Sociedades espíritas, às quais remetemos os interessados, rogando-lhes que meditem cuidadosamente. Diariamente a experiência vem lhes confirmar o acerto; nós as lembraremos de modo sucinto, acrescentando instruções mais circunstanciadas.

2. Inicialmente, falemos dos adeptos ainda isolados em meio a uma população hostil ou ignorante das idéias novas. Todos os dias recebemos cartas de pessoas que estão neste caso e que perguntam o que podem fazer, na ausência de médiuns e de participantes do Espiritismo. Estão na situação em que, apenas há um ano, se achavam os primeiros espíritas dos centros mais numerosos de hoje; pouco a pouco os adeptos se foram multiplicando e, se até recentemente havia cidades onde eram contados por unidades isoladas, hoje o são por centenas de milhares; em breve se dará a mesma coisa em toda parte; é uma questão de paciência. Quanto ao que devem fazer, é muito simples. Para começar, podem trabalhar por conta própria, impregnando-se da doutrina pela leitura e meditação das obras especiais; quanto mais se aprofundarem, mais verdades consoladoras descobrirão, confirmadas pela razão. Em seu isolamento, devem julgar-se felizes por terem sido os primeiros favorecidos. Mas se se limitassem a colher na doutrina uma satisfação pessoal, seria uma espécie de egoísmo. Em razão de sua própria posição, têm uma bela e importante missão a cumprir: a de espalhar a luz em seu redor. Os que aceitarem essa missão sem se deixarem deter pelas dificuldades, serão largamente recompensados pelo sucesso e pela satisfação de terem feito uma coisa útil. Sem dúvida encontrarão oposição; serão alvo das zombarias e dos sarcasmos dos incrédulos, da própria malevolência das pessoas interessadas em combater a doutrina; mas, onde estaria o mérito, se não houvesse nenhum obstáculo a vencer? Aos que fossem detidos pelo medo pueril do que os outros pensariam deles, nada temos a dizer, nenhum conselho a dar. Mas aos que têm a coragem da sua opinião, que estão acima das mesquinhas considerações mundanas, diremos que o que têm a

fazer se limita a falar abertamente do Espiritismo, sem afetação, como de uma coisa muito simples e muito natural, sem a pregar e, sobretudo, sem buscar nem forçar convicções, nem fazer prosélitos a qualquer preço. *O Espiritismo não deve ser imposto; vem-se a ele porque dele se necessita*, e porque dá o que não dão as outras filosofias. Convém mesmo não entrar em nenhuma explicação com os incrédulos obstinados: seria dar-lhes muita importância e levá-los a pensar que dependemos deles. Os esforços feitos para os atrair os afastam e, por amor-próprio, obstinam-se na sua oposição. Eis por que é inútil perder tempo com eles; quando a necessidade se fizer sentir, virão por si mesmos. Enquanto esperamos, é preciso deixá-los tranquilos, satisfeitos no seu cepticismo que, acreditai, muitas vezes lhes pesa mais do que dão a parecer; porque, por mais que digam, a idéia do nada após a morte tem algo de mais assustador, de mais doloroso que a própria morte.

Mas, ao lado dos gracejadores, há pessoas que perguntarão: “O que é isto?” Apressai-vos, então, em satisfazê-las, proporcionando-lhes explicações conforme a natureza das disposições que nelas encontrardes. Quando se fala do Espiritismo em geral, é preciso considerar as palavras que se pronunciam como grãos lançados ao léu: muitos deles caem sobre pedras e nada produzem; mas, se cair um só em terra fértil, deveis julgar-vos feliz; cultivai-a e ficai certos de que essa planta, frutificando, dará origem a outras tantas. Para alguns adeptos a dificuldade é responder a certas objeções; a leitura atenta das obras lhes fornecerá os meios. Para tal efeito, poderão se servir da brochura que vamos publicar sob o título de: *Refutação das críticas contra o Espiritismo, do ponto de vista materialista, científico e religioso*⁵⁷.

3. Falemos agora da organização do Espiritismo nos centros já numerosos. O aumento incessante dos adeptos

57 **N. do T.:** Essa brochura teria sido realmente publicada? Pelo menos não aparece na relação de obras espíritas de Allan Kardec, arroladas no capítulo I, volume III (páginas 15 a 20), da pesquisa bibliográfica de Zéus Wantuil e Francisco Thiesen. (**ALLAN KARDEC**, 2. ed. Rio [de Janeiro]:FEB. 1982).

demonstra a impossibilidade material de constituir-se numa cidade, sobretudo, numa cidade populosa, uma sociedade única. Além do número, há a dificuldade das distâncias que, para muitos, é um obstáculo. Por outro lado, é sabido que as grandes reuniões são menos favoráveis às belas comunicações e que as melhores são obtidas nos pequenos grupos. É, pois, na multiplicação dos grupos particulares que devemos concentrar os nossos esforços. Ora, como dissemos, vinte grupos de quinze a vinte pessoas obterão mais e farão mais pela propaganda do que uma sociedade única de quatrocentos membros. Os grupos se formam naturalmente pela afinidade de gostos, sentimentos, hábitos e posição social; todos ali se conhecem e, como são reuniões privadas, tem-se liberdade de número e de escolha dos que nela são admitidos.

4. O sistema da multiplicação dos grupos tem ainda como resultado, conforme o dissemos em várias ocasiões, impedir os conflitos e as rivalidades de supremacia e de direção. Cada grupo naturalmente é dirigido pelo chefe da casa, ou por aquele que para isso for designado; não há, a bem dizer, dirigente oficial, porque tudo se passa em família. O dono da casa, como tal, tem toda autoridade para manter a boa ordem. Com uma sociedade propriamente dita, há necessidade de um local especial, um pessoal administrativo, um orçamento, numa palavra, uma complicação de burocracias, que a má vontade de alguns dissidentes mal-intencionados poderia comprometer.

5. A essas considerações, longamente desenvolvidas em *O Livro dos Médiuns*, acrescentaremos uma, que é preponderante. O Espiritismo ainda não é visto com bons olhos por todo o mundo. Brevemente se compreenderá que é de grande interesse favorecer uma crença que torna melhores os homens e é uma garantia da ordem social. Mas até que estejam bem convencidos de sua benéfica influência sobre o espírito das massas e de seus efeitos moralizadores, os adeptos devem esperar que, seja pela ignorância do verdadeiro objetivo da doutrina, seja em vista do interesse

pessoal, suscitar-lhes-ão embaraços; não apenas os ridicularizarão, mas, quando virem enfraquecidas as armas do ridículo, os *caluniarão*. Serão acusados de loucura, de charlatanismo, de irreligião, de feitiçaria, a fim de amotinar o fanatismo contra eles. Loucura! Sublime loucura esta que faz crer em Deus e no futuro da alma. Para os que em nada crêem, com efeito, é loucura acreditar na comunicação entre mortos e vivos; loucura que faz a volta ao mundo e atinge os homens mais eminentes. Charlatanismo! Eles têm uma resposta peremptória: o desinteresse, pois o charlatanismo jamais é desinteressado. Irreligião! Logo eles, que assim que se tornam espíritas, ficam mais religiosos do que antes. Feitiçaria e comércio com o diabo! Eles, que negam a existência do diabo e só reconhecem a Deus como o único Senhor Todo-Poderoso, soberanamente justo e bom. Singulares feiticeiros estes que renegariam o seu senhor e agiriam em nome de seu antagonista! Na verdade o diabo não deveria estar muito contente com seus adeptos. Mas as boas razões não constituem a mínima preocupação dos que querem provocar discussões; quando alguém quer matar seu cão, diz que está raivoso. Felizmente a Idade Média lança seus últimos e pálidos clarões sobre o nosso século. Como o Espiritismo lhe vem dar o golpe de misericórdia, não é de admirar vê-la tentar um supremo esforço. Mas sosseguemos, a luta não será longa. Todavia, que a certeza da vitória não nos torne imprudentes, porque uma imprudência poderia, se não comprometer, pelo menos retardar o sucesso. Por esses motivos, a constituição de sociedades numerosas talvez encontrasse obstáculos em certas localidades, o que não ocorreria com as reuniões familiares.

6. Acrescentemos ainda uma consideração. As sociedades propriamente ditas estão sujeitas a numerosas vicissitudes. Mil causas, dependentes ou não de sua vontade, podem levar à dissolução. Assim, suponhamos que uma sociedade espírita tenha reunido todos os adeptos de uma mesma cidade e que, por uma circunstância qualquer, deixe de existir; eis os membros dispersos e desorientados. Agora, se em vez disto houver

cinquenta grupos, caso alguns desapareçam, sempre restarão outros, e outros se formarão; são outras tantas plantas vivazes que, a despeito de tudo, continuam brotando. Não tendes no campo somente uma grande árvore; o raio pode abatê-la. Tende cem, e o mesmo raio não atingirá a todas; quanto menores menos expostas estarão.

Assim, tudo milita em favor do sistema que propomos. Quando um primeiro grupo, fundado em qualquer parte, torna-se muito numeroso, que faça como as abelhas: que, como enxames saídos da colméia materna fundem novas colméias que, por sua vez, formarão outras. Serão outros tantos centros de ação irradiando em seu respectivo círculo, e mais poderosos para a propaganda do que uma sociedade única.

7. Admitida, pois, em princípio a formação dos grupos, resta o exame de várias questões importantes. A primeira de todas é a uniformidade na doutrina. Essa uniformidade não seria mais bem garantida por uma sociedade compacta, pois os dissidentes sempre teriam facilidade de se retirar, formando grupo à parte. Quer a sociedade seja una ou fracionada, a uniformidade será a consequência natural da unidade de base que os grupos adotarem. Será completa em todos os que seguirem a linha traçada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*. Um contém os princípios da filosofia da ciência; o outro, as regras da parte experimental e prática. Estas obras estão escritas com bastante clareza, de modo a não ensejar interpretações divergentes, condição essencial de toda doutrina nova.

Até o presente essas obras servem de regulador à imensa maioria dos espíritas, e por toda parte são acolhidas com inequívoca simpatia; os que dela quiseram afastar-se puderam reconhecer, por seu isolamento e pelo número decrescente de seus partidários, que não tinham a seu favor a opinião geral. Esse assentimento da maioria tem um peso considerável; é um

juízo que não poderia ser suspeito de influência pessoal, considerando-se que é espontâneo e pronunciado por milhares de pessoas que nos são completamente desconhecidas. Uma prova desse assentimento é que nos pediram para as traduzir em diversas línguas: espanhol, inglês, português, alemão, italiano, polonês, russo e até mesmo na língua tártara. Podemos, pois, sem presunção, recomendar o seu estudo e prática às diversas reuniões espíritas, e isto com tanto mais razão quanto são as únicas, até o momento, em que a ciência é tratada de maneira completa. Todas as que foram publicadas sobre a matéria não abordaram senão alguns pontos isolados da questão. Aliás, não temos a menor pretensão de impor nossas idéias; nós as emitimos por ser um direito nosso. Aqueles a quem elas convêm as adotam; os outros as rejeitam, por ser também um direito que lhes assiste. Assim, as instruções que damos se destinam naturalmente aos que caminham conosco, para os que nos honram com o título de seu *chefe espírita*; de maneira alguma pretendemos regulamentar os que querem seguir outra via. Submetemos a doutrina que professamos à apreciação geral. Ora, temos encontrado muitos aderentes para nos dar confiança e nos consolar de algumas dissidências isoladas. O futuro, aliás, será o juiz em última instância. Com os homens atuais desaparecerão, pela força das coisas, as suscetibilidades do amor-próprio ferido, as causas de ciúme, de ambição, de esperanças materiais malsucedidas. Não considerando mais as pessoas, só se verá a doutrina e o juízo será imparcial. Quais as idéias novas que, no seu nascedouro, não tiveram contraditores mais ou menos interessados? Quais os propagadores dessas idéias que não foram alvo das setas da inveja, sobretudo se o sucesso lhes coroou os esforços? Mas voltemos ao nosso assunto.

8. O segundo ponto é a constituição dos grupos. Uma das primeiras condições é a homogeneidade, sem a qual não haveria comunhão de pensamentos. Uma reunião não pode ser estável, nem séria, se não há simpatia entre os que a compõem; e não pode haver simpatia entre pessoas que têm idéias divergentes e que

fazem oposição surda, quando não aberta. Longe de nós dizer com isso que se deva abafar a discussão; ao contrário, recomendamos o exame escrupuloso de todas as comunicações e de todos os fenômenos. Fique, pois, bem entendido, que cada um pode e deve externar a sua opinião; mas há pessoas que discutem para impor a sua, e não para se esclarecer. É contra o espírito de oposição sistemático que nos levantamos; contra as idéias preconcebidas, que não cedem nem mesmo perante a evidência. Tais pessoas incontestavelmente são uma causa de perturbação, que é preciso evitar. A este respeito, as reuniões espíritas estão em condições excepcionais. O que elas requerem acima de tudo é o recolhimento. Ora, como estar recolhido se, a cada momento, somos distraídos por uma polêmica acrimoniosa? Se, entre os assistentes, reina um sentimento de azedume e quando sentimos à nossa volta seres que sabemos hostis e em cuja fisionomia se lê o sarcasmo e o desdém por tudo quanto não concorde inteiramente com eles?

9. Traçamos o caráter das principais variedades de espíritas em *O Livro dos Médiuns*, nº 28. Sendo tal distinção importante para o assunto que nos ocupa, julgamos dever lembrá-la.

Pode-se pôr em primeira linha os que crêem pura e simplesmente nas manifestações. Para eles o Espiritismo não passa de uma ciência de observação, uma série de fatos mais ou menos curiosos; a filosofia e a moral são acessórios de que pouco se ocupam e de cujo alcance nem mesmo desconfiam. Nós os chamamos *espíritas experimentadores*.

Vêm a seguir os que vêem no Espiritismo algo mais que simples fatos; compreendem o seu alcance filosófico; admiram a moral dele decorrente, mas não a praticam; extasiam-se ante as belas comunicações, como diante de um sermão eloqüente, que ouvem mas não aproveitam. A influência sobre o seu caráter é insignificante ou nula; em nada mudam seus hábitos e não se

privariam de um único prazer: o avarento é sempre avarento, o orgulhoso sempre cheio de si mesmo, o invejoso e o ciumento sempre hostis. Para eles a caridade cristã é apenas uma bela máxima e os bens deste mundo os arrastam na sua estima sobre os do futuro. São os *espíritas imperfeitos*.

Ao lado destes há outros, mais numerosos do que se pensa, que não se limitam a admirar a moral espírita, mas que a praticam e a aceitam em todas as suas conseqüências. Convencidos de que a existência terrena é uma prova passageira, tratam de aproveitar estes curtos instantes para marchar na via do progresso, esforçando-se por fazer o bem e reprimir as más inclinações; suas relações são sempre seguras, porque sua convicção os afasta de todo mau pensamento. Em tudo a caridade é sua regra de conduta. São os *verdadeiros espíritas*, ou, melhor, os *espíritas cristãos*.

10. Se bem compreendido o que precede, compreender-se-á também que um grupo formado exclusivamente por elementos desta última classe estaria em melhores condições, porque entre pessoas que praticam a lei de amor e de caridade é que se pode estabelecer uma séria ligação fraternal. Entre homens para quem a moral não passa de uma teoria, a união não seria durável; como não impõem nenhum freio ao orgulho, à ambição, à vaidade e ao egoísmo, não o imporão também às suas palavras; quererão ser os primeiros, quando deveriam humilhar-se; irritar-se-ão com as contradições e não terão nenhum escrúpulo em semear a perturbação e a discórdia. Entre verdadeiros espíritas, ao contrário, reina um sentimento de confiança e de recíproca benevolência; sentem-se à vontade nesse meio simpático, ao passo que há constrangimento e ansiedade num ambiente heterogêneo.

11. Isto faz parte da natureza das coisas e nada inventamos a respeito. Daí se segue que, na formação dos grupos, deve-se exigir a perfeição? Seria simplesmente absurdo, porque exigir o impossível e, neste ponto, ninguém poderia pretender dele

fazer parte. Tendo como objetivo a melhoria dos homens, o Espiritismo não vem recrutar os que são perfeitos, mas os que se esforçam em o ser, pondo em prática o ensino dos Espíritos. O verdadeiro espírita não é o que alcançou a meta, mas o que deseja seriamente atingi-la. Sejam quais forem os seus antecedentes, será bom espírita desde que reconheça suas imperfeições e seja sincero e perseverante no propósito de emendar-se. Para ele o Espiritismo é uma verdadeira regeneração, porque rompe com o passado; indulgente para com os outros, como gostaria que fossem para consigo, de sua boca não sairá nenhuma palavra malevolente nem ofensiva contra ninguém. Aquele que, numa reunião, se afastasse das conveniências, não só provaria falta de civilidade e de urbanidade, mas falta de caridade; aquele que se melindrassse com a contradição e pretendesse impor a sua pessoa ou as suas idéias, daria prova de orgulho. Ora, nem um nem outro estariam no caminho do verdadeiro Espiritismo cristão. Aquele que pensa ter uma opinião mais justa fará que os outros a aceitem melhor pela persuasão e pela doçura; o azedume, de sua parte, seria um péssimo negócio.

12. A simples lógica demonstra, pois, a quem quer que conheça as leis do Espiritismo, quais os melhores elementos para a composição dos grupos verdadeiramente sérios, e não vacilamos em dizer que são os que exercem maior influência na propagação da doutrina. Pela consideração que exigem, pelo exemplo que dão de suas conseqüências morais provam a sua gravidade e impõem silêncio à zombaria que, quando se ataca ao bem, é mais que ridícula, porque odiosa. Mas, que quereis que pense um crítico incrédulo, quando assiste a experiências cujos assistentes são os primeiros a se divertirem com elas? Sai dali um pouco mais incrédulo do que entrou.

13. Acabamos de indicar a melhor composição dos grupos. Mas a perfeição não é mais possível nos grupos do que nos indivíduos. Indicamos os objetivos e dizemos que quanto mais nos

aproximarmos deles, tanto mais satisfatórios serão os resultados. Às vezes nos deixamos dominar pelas circunstâncias, mas é na eliminação dos obstáculos que devemos concentrar todos os nossos cuidados. Infelizmente, quando criamos um grupo, somos muito pouco rigorosos na escolha, porque, antes de tudo, queremos formar um núcleo. Para nele ser admitido basta, na maioria das vezes, um simples desejo ou uma adesão qualquer às idéias mais gerais do Espiritismo. Só mais tarde é que percebemos ter facilitado em demasia a admissão.

14. Num grupo sempre há elementos estáveis e flutuantes. O primeiro é composto de pessoas assíduas, que formam a base; o segundo, das que são admitidas temporária e acidentalmente. É essencial prestar escrupulosa atenção no que respeita à composição do elemento estável; neste caso, não se deve hesitar em sacrificar a quantidade pela qualidade, porque é ele que dá impulso e serve de regulador. O elemento flutuante é menos importante, porque sempre se é livre para modificá-lo à vontade. Não se deve perder de vista que as reuniões espíritas, como, aliás, todas as reuniões em geral, haurem as forças de sua vitalidade na base sobre a qual se assentam; neste particular, tudo depende do ponto de partida. Aquele que tem a intenção de organizar um grupo em boas condições deve, antes de tudo, assegurar-se do concurso de alguns adeptos sinceros, que levem a doutrina a sério e cujo caráter, *conciliador* e benevolente, seja conhecido. Formado esse núcleo, ainda que de três ou quatro pessoas, estabelecer-se-ão regras precisas, seja para as admissões, seja para a realização das sessões e para a ordem dos trabalhos, regras às quais os recém-vindos terão de se conformar. Essas regras podem sofrer modificações conforme as circunstâncias, mas há algumas que são essenciais.

15. Sendo a unidade de princípios um dos pontos importantes, não pode existir naqueles que, não tendo estudado, não podem ter opinião formada. Assim, a primeira condição a

impor, caso não queiramos ser interrompidos a cada instante por objeções ou perguntas ociosas, é o estudo prévio. A segunda é uma profissão de fé categórica e uma adesão formal à doutrina de *O Livro dos Espíritos*, além de outras condições especiais julgadas convenientes. Isto quanto aos membros titulares e dirigentes. Para os assistentes, que geralmente vêm para adquirir um pouco mais de conhecimento e de convicção, pode-se ser menos rigoroso; todavia, como há os que poderiam causar perturbação com observações despropositadas, é importante assegurar-se de suas disposições. Faz-se necessário, acima de tudo e sem exceção, afastar os curiosos e quem quer que seja atraído por motivo frívolo.

16. A ordem e a regularidade dos trabalhos são coisas igualmente essenciais. Consideramos de grande utilidade abrir cada sessão pela leitura de algumas passagens de *O Livro dos Médiuns* e de *O Livro dos Espíritos*. Por esse meio, ter-se-ão sempre presentes na memória os princípios da ciência e os meios de evitar os escolhos encontrados a cada passo na prática. Assim, a atenção será fixada sobre uma porção de pontos, que muitas vezes escapam numa leitura particular e poderão ensejar comentários e discussões instrutivas, das quais os próprios Espíritos poderão participar.

Não menos importante é recolher e passar a limpo todas as comunicações obtidas, por ordem de datas, com indicação do médium que serviu de intermediário. Esta última menção é útil para o estudo do gênero da faculdade de cada um. Mas muitas vezes acontece que se perde de vista estas comunicações, que assim se tornam letra morta; isto desencoraja os Espíritos que as tinham dado, com vistas à instrução dos assistentes. É necessário, pois, fazer uma coleta especial das mais instrutivas e proceder à sua releitura de vez em quando. Frequentemente essas comunicações são de interesse geral e não são dadas pelos Espíritos apenas para a instrução de alguns ou para serem relegadas aos arquivos. Assim, é útil que, para a publicidade, sejam levadas ao conhecimento de todos. Examinaremos esta questão num artigo que publicaremos

em nosso próximo número, indicando o modo mais simples, mais econômico e, ao mesmo tempo, mais apropriado para alcançar o objetivo.

17. Como se vê, nossas instruções se destinam exclusivamente aos grupos formados de elementos sérios e homogêneos; aos que querem seguir a rota do Espiritismo moral, visando o progresso de cada um, fim essencial e único da doutrina; enfim, aos que nos querem aceitar por guia e levar em conta os conselhos de nossa experiência. É incontestável que um grupo formado nas condições que indicamos funcionará com regularidade, sem entraves e de maneira proveitosa. O que um grupo pode fazer, outros também o podem. Suponhamos, então, numa cidade, um número qualquer de grupos, constituídos sobre as mesmas bases; necessariamente haverá entre eles unidade de princípios, já que seguem a mesma bandeira; união simpática, já que têm por máxima amor e caridade. Numa palavra, são os membros de uma mesma família, entre os quais não haveria concorrência, nem rivalidade de amor-próprio, já que todos estão animados dos mesmos sentimentos para o bem.

18. Entretanto, seria útil que houvesse entre eles um ponto de ligação, um centro de ação. Segundo as circunstâncias e localidades, os diversos grupos, pondo de lado toda questão pessoal, poderiam designar para tal fim aquele que, por sua posição e importância relativa, estaria mais apto a dar ao Espiritismo um impulso salutar. Se necessário, e se fosse preciso lidar com susceptibilidades, um grupo central, formado pelos delegados de todos os grupos, tomaria o nome de *grupo diretor*. Na impossibilidade de nos correspondermos com todos, com este teríamos relações mais diretas. Em certos casos também poderíamos designar uma pessoa, encarregada mais especialmente para nos representar.

Sem prejuízo das relações que, pela força das coisas, se estabelecerão entre os grupos de uma mesma cidade que marchassem por uma via idêntica, uma assembléia geral anual poderia reunir os espíritas dos diversos grupos numa festa familiar, que seria, ao mesmo tempo, a festa do Espiritismo. Seriam pronunciados discursos e lidas as comunicações mais notáveis, ou apropriadas à circunstância.

O que é possível entre os grupos de uma mesma cidade o é igualmente entre os grupos dirigentes de diversas cidades, desde que, entre eles, haja comunhão de vistas e de sentimentos, isto é, desde que possam estabelecer relações recíprocas. Indicaremos os meios para isto quando falarmos do modo de publicidade.

19. Como se vê, tudo isto é de execução muito simples e sem burocracia; mas tudo depende do ponto de partida, ou seja, da composição dos grupos primitivos. Se formados de bons elementos, serão outras tantas boas raízes que darão bons frutos. Se, ao contrário, forem formados de elementos heterogêneos e antipáticos, de espíritas duvidosos, mais preocupados com a forma do que com o fundo, que consideram a moral como parte acessória e secundária, há que se esperar polêmicas irritantes, que a nada levam, pretensões pessoais, atritos de susceptibilidades e, em consequência, conflitos precursores da desorganização. Entre verdadeiros espíritas, tais como os definimos, que vêem o objetivo essencial do Espiritismo na moral, que é a mesma para todos, haverá sempre abnegação de personalidade, condescendência e benevolência e, por conseguinte, segurança e estabilidade nas relações. Eis por que temos insistido tanto sobre as qualidades fundamentais.

20. Talvez digam que essas restrições severas sejam um obstáculo à propagação. Isto é um equívoco. Não imagineis que, abrindo a porta ao primeiro que surgisse, estaríeis fazendo mais prosélitos; a experiência aí está para provar o contrário. Seríeis assaltados pela multidão dos curiosos e dos indiferentes, que ali

viriam como a um espetáculo. Ora, os curiosos e os indiferentes são um estorvo, e não auxiliares. Quanto aos incrédulos, seja por sistema, seja por orgulho, por mais que lho mostreis, não tratarão disso senão com zombaria, porque não o compreenderão e não querem dar-se ao trabalho de compreender. Já o dissemos, e nunca repetiríamos em demasia: a verdadeira propagação, aquela que é útil e proveitosa, é feita pelo ascendente moral das reuniões sérias. Se apenas houvesse estas, os espíritas seriam ainda mais numerosos do que o são, porque, forçoso é reconhecer, muitos foram desviados da doutrina porque só assistiram a reuniões fúteis, sem ordem e sem gravidade. Sede, pois, sérios, em toda a acepção da palavra e as pessoas sérias virão a vós: são os melhores propagadores, porque falam com convicção e tanto pregam pelo exemplo, quanto pela palavra.

21. Do caráter essencialmente sério das reuniões não se deve inferir que se deva proscrever sistematicamente as manifestações físicas. Como dissemos em *O Livro dos Médiuns* (n.º 326), elas são de incontestável utilidade, do ponto de vista do estudo dos fenômenos e para a convicção de certas pessoas; mas, para que se possa tirar proveito desse duplo ponto de vista, deve-se excluir todo pensamento frívolo. Uma reunião que possuísse um bom médium de efeitos físicos e que se ocupasse desse gênero de manifestações com ordem, método e gravidade, *cuja condição moral oferecesse toda garantia contra o charlatanismo e a fraude*, não só poderia obter coisas notáveis, do ponto de vista fenomênico, mas produziria muito bem. Assim, aconselhamos a não desprezarem esse gênero de experimentação, caso disponham de médiuns apropriados, organizando, para esse efeito, sessões especiais, independentes daquelas voltadas para as comunicações morais e filosóficas. Os médiuns poderosos dessa categoria são raros; mas há fenômenos que, não obstante vulgares, não são menos interessantes e concludentes, porque provam, de maneira insofismável, a independência do médium. Deste número são as comunicações pela tiptologia alfabética que, muitas vezes, dá os

mais imprevistos resultados. A teoria desses fenômenos é necessária para explicar a maneira como se operam, pois é raro que levem a uma convicção profunda os que não os compreendem. Tem, além disso, a vantagem de dar a conhecer as condições normais em que aqueles se podem produzir e, conseqüentemente, evitar tentativas inúteis e permitir descobrir a fraude, caso esta se insinue em alguma parte.

Equivocaram-se imaginando que fôssemos sistematicamente contrários às manifestações físicas; preconizamos e preconizaremos sempre as comunicações inteligentes, sobretudo as que têm alcance moral e filosófico, porque só elas tendem para o objetivo essencial e definitivo do Espiritismo; quanto às outras, nunca lhes contestamos a utilidade, mas nos levantamos contra o abuso deplorável que delas fazem, ou podem fazer, contra a exploração feita pelo charlatanismo, contra as más condições em que freqüentemente são realizadas, e que se prestam ao ridículo; dissemos e repetimos que as manifestações físicas são o começo da ciência, e que não se avança ficando no á-bê-cê; que, se o Espiritismo não tivesse saído das mesas girantes, não teria crescido como cresce e talvez hoje nem mais se falasse dele. Eis por que nos esforçamos por fazê-lo entrar na via filosófica, certos de que, dirigindo-se mais à inteligência do que aos olhos, tocaria o coração e não seria um capricho da moda. É com esta condição única que poderia dar a volta ao mundo e implantar-se como doutrina. Ora, o resultado ultrapassou, e de muito, a nossa expectativa. Não atribuímos às manifestações físicas senão uma importância relativa, e não absoluta. Sob a óptica de certas pessoas, aí está o nosso erro, porquanto dela fazem uma ocupação exclusiva e nada mais vêem. Se não nos ocupamos pessoalmente dos fenômenos é porque nada de novo nos ensinariam e temos coisas mais essenciais a fazer. Ao contrário, longe de censurar os que deles se ocupam, nós os encorajamos, desde que o façam em condições realmente proveitosas. Sempre que conhecermos reuniões desse gênero,

merecedoras de toda a nossa confiança, seremos os primeiros a recomendá-las à atenção dos novos adeptos. Tal é, sobre o assunto, nossa profissão de fé categórica.

22. Dissemos no começo que diversos círculos espíritas pediram para se unir à Sociedade de Paris; utilizaram até mesmo a palavra *filiar-se*. A respeito, faz-se necessária uma explicação.

A Sociedade de Paris foi a primeira a ser regularizada e legalmente constituída. Por sua posição e pela natureza de seus trabalhos, teve uma grande parte no desenvolvimento do Espiritismo e, em nossa opinião, justifica o título de *Sociedade Iniciadora*, que lhe deram certos Espíritos. Sua influência moral se fez sentir longe e, embora restrita, numericamente falando, tem consciência de ter feito mais pela propaganda do que se tivesse aberto as portas ao público. Formou-se com o único objetivo de estudar e aprofundar a ciência espírita. Para isto não necessita de um auditório numeroso, nem de muitos membros, pois sabe muito bem que a verdadeira propaganda é feita pela influência dos princípios; como não é movida por nenhum interesse material, um excedente numérico ser-lhe-ia mais prejudicial do que útil. Assim, verá com prazer multiplicarem-se à sua volta reuniões particulares, formadas em boas condições, e com as quais poderia estabelecer relações de confraternidade. Ela nem seria conseqüente com seus princípios, nem estaria à altura de sua missão, se pudesse conceber a sombra da inveja; quem disso a julgasse capaz, provaria que não a conhece.

Estas observações são suficientes para mostrar que a Sociedade de Paris não poderia ter a pretensão de absorver as demais Sociedades que se formassem, em Paris ou alhures, com os mesmos procedimentos habituais. A palavra *filiação* seria, pois, imprópria, porque suporia de sua parte uma espécie de supremacia material, à qual ela absolutamente não aspira, e que teria mesmo inconvenientes. Como Sociedade iniciadora e central, pode

estabelecer com os outros grupos ou sociedades relações puramente científicas, limitando-se aí o seu papel; não exerce nenhum controle sobre essas sociedades, que em nada dependem dela e ficam inteiramente livres para se constituírem como bem o entenderem, sem ter de prestar contas a ninguém, e sem que a Sociedade de Paris tenha que se imiscuir no que for em seus negócios. Assim, as sociedades estrangeiras podem formar-se nas mesmas bases, declarar que adotam os mesmos princípios, sem depender da de Paris senão pela concentração dos estudos, dos conselhos que lhe podem pedir e que ela terá prazer em dar.

Aliás, a Sociedade de Paris não se vangloria de estar, mais que as outras, ao abrigo das vicissitudes. Se, por assim dizer, as tivesse em suas mãos e se, por uma causa qualquer, deixasse de existir, a falta de um ponto de apoio resultaria em perturbação. Os grupos ou sociedades devem buscar um ponto de apoio mais sólido que numa instituição humana, frágil por natureza; devem haurir sua vitalidade nos princípios da doutrina, que são os mesmos para todas e que a todas sobrevivem, estejam ou não esses princípios representados por uma sociedade constituída.

23. Estando claramente definido o papel da Sociedade de Paris, para evitar qualquer equívoco ou falsa interpretação, as relações que vier a estabelecer com as sociedades estrangeiras tornam-se extremamente simplificadas; limitam-se a relações morais, científicas e de mútua benevolência, sem qualquer sujeição; permutarão o resultado de suas observações, quer através de publicações, quer de correspondência. Para que a Sociedade de Paris possa estabelecer essas relações é preciso, necessariamente, que seja designada pelas sociedades estrangeiras, que marcharão no mesmo caminho e adotarão a mesma bandeira; ela os inscreverá na lista de seus correspondentes. Se houver vários grupos numa cidade, serão representados pelo grupo central, de que falamos no parágrafo 18.

24. Indicaremos agora alguns trabalhos aos quais poderão concorrer as diversas sociedades de maneira proveitosa. Mais tarde indicaremos outros.

Sabe-se que os Espíritos, não possuindo todos a soberana ciência, podem considerar certos princípios de seu ponto de vista pessoal e, conseqüentemente, nem sempre estarão de acordo. O melhor critério da verdade está naturalmente na concordância dos princípios ensinados sobre diversos pontos, por Espíritos diferentes e por meio de médiuns estranhos uns aos outros. Desse modo foi composto *O Livro dos Espíritos*. Mas ainda restam muitas questões importantes a serem resolvidas desta maneira, cuja solução terá mais autoridade quando obtida por grande maioria. Assim, poderá a Sociedade de Paris dirigir, ocasionalmente, perguntas dessa natureza a todos os grupos correspondentes que, através de seus médiuns, pedirão a solução a seus guias espirituais.

Um outro trabalho consiste em pesquisas bibliográficas. Existe um grande número de obras antigas e modernas, nas quais se encontram testemunhos mais ou menos diretos em favor das idéias espíritas. Uma coleção desses testemunhos seria muito preciosa, mas é quase impossível ser feita por uma só pessoa. Torna-se fácil, ao contrário, se cada um colher alguns elementos em suas leituras e estudos e os transmitir à Sociedade de Paris, que os coordenará.

25. No estado atual das coisas está é a única organização possível do Espiritismo. Mais tarde as circunstâncias poderão modificá-la, mas nada dever ser feito intempestivamente; já é muito que em tão pouco tempo os adeptos se tenham multiplicado para chegar a este resultado. Há nesta simples disposição um panorama que pode estender-se ao infinito, pela simples disposição das engrenagens. Não procuremos, pois, complicá-las, temendo encontrar obstáculos. Os que quiserem

testemunhar-nos a sua confiança podem estar certos de que não os deixaremos na retaguarda e que tudo virá a seu tempo. Só a eles, como dissemos, nos dirigimos nestas instruções, sem a pretensão de nos impor aos que não marcham conosco.

Disseram, por pura maldade, que queríamos fazer escola no Espiritismo. E por que não teríamos esse direito? O Sr. de Mirville não tentou fundar uma escola demoníaca? Por que seríamos obrigados a seguir a reboque deste ou daquele? Não temos o direito de ter uma opinião, de formulá-la, publicá-la e proclamá-la? Se ela encontra tão numerosos aderentes é que, aparentemente, não a julgam desprovida de senso comum. Mas aos olhos de certa gente aí está o nosso erro, pois não nos perdoam por havermos chegado primeiro que eles e, sobretudo, por havermos triunfado. Que seja, pois, uma escola, já que assim o querem. Para nós será uma glória inscrever no frontispício: *Escola do Espiritismo Moral, Filosófico e Cristão*; e a ela convidamos todos os que têm por divisa amor e caridade. Aos que aderirem a esta bandeira, todas as nossas simpatias; o nosso concurso jamais faltará.

Allan Kardec

Necrologia

MORTE DO SR. JOBARD, DE BRUXELAS

O Espiritismo acaba de perder um de seus adeptos mais fervorosos e esclarecidos. O Sr. Jobard, diretor do Museu Real da Indústria, de Bruxelas, oficial da Legião de Honra, membro da Academia de Dijon e da Sociedade Incentivadora de Paris, morreu em Bruxelas, de um ataque de apoplexia, em 27 de outubro de 1861, aos 69 anos de idade. Nasceu em Baissey (Haute-Marne), em 14 de maio de 1792. Tinha sido, sucessivamente, engenheiro do cadastro, fundador do primeiro estabelecimento de litografia na

Bélgica, diretor do *Industriel* e do *Courrier belge*, redator do *Bulletin de l'Industrie belge*, da *Presse* e, ultimamente, do *Progrès international*. A *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* lhe havia conferido o título de presidente honorário. Eis a apreciação que lhe dispensou o jornal *Siècle*:

“Espírito original, fecundo, pronto para o paradoxo e para o sistema, o Sr. Jobard prestou reais serviços à tecnologia industrial e à causa, tanto tempo abandonada, da propriedade intelectual, da qual foi defensor obstinado e, talvez, excessivo; suas teorias sobre o assunto foram formuladas no seu *Maunotopole*, em 1844. Deve-se a este polígrafo infatigável uma porção de escritos e brochuras sobre todos os assuntos possíveis, desde o *psiquismo oriental* até a *utilidade dos tolos na ordem social*. Deixa ainda contos e fábulas picantes. Entre suas numerosas invenções, figura a engenhosa e econômica *lâmpada para um*, que figurou na exposição universal de Paris, em 1855.”

Nenhum jornal, pelo menos do nosso conhecimento, falou deste que tinha sido um dos caracteres mais notáveis dos últimos anos de sua vida: sua inteira adesão à Doutrina Espírita, cuja causa abraçara com ardor. É custoso aos adversários do Espiritismo confessar que homens de gênio, que não podem ser tachados de loucura sem que se duvide de sua própria razão, adotem essas idéias novas. Para eles, realmente, é um dos pontos mais embaraçosos, dos quais jamais puderam dar uma explicação satisfatória, a de que a propagação dessas idéias se faça primeiro e de preferência na classe mais esclarecida da sociedade. Assim, entrincheiram-se por trás deste axioma banal: o gênio é primo-irmão da loucura; alguns chegam mesmo a afirmar, de boa-fé e sem rir, que Sócrates, Platão e todos os filósofos e sábios que professaram idéias semelhantes não passavam de loucos, principalmente Sócrates, com seu demônio familiar. Com efeito, é possível se ter o senso comum e crer que se tenha um Espírito às suas ordens? Assim, o Sr. Jobard não podia achar graça diante desse

areópago que se erige em juiz supremo da razão humana, da qual pretende ser o padrão métrico. Foi, disseram-nos, para poupar a reputação do Sr. Jobard e em respeito à sua memória que passaram em silêncio esse *pequeno defeito* de seu espírito.

A obstinação nas idéias falsas jamais foi encarada como prova de bom-senso. É, além disso, pequenez, quando se deve ao orgulho, o que é o caso mais comum. O Sr. Jobard provou que era, ao mesmo tempo, homem de senso e de espírito, abjurando sem titubear suas primeiras teorias sobre o Espiritismo, quando lhe demonstraram que não estava certo.

Sabe-se que nos primeiros tempos, antes que a experiência tivesse elucidado a questão, surgiram diversos sistemas, cada um explicando à sua maneira esses fenômenos novos. O Sr. Jobard era partidário do sistema da *alma coletiva*. Segundo tal sistema, “só a alma do médium se manifesta, embora se identifique com a de vários outros seres vivos, presentes ou ausentes, de maneira a formar um todo coletivo, reunindo as aptidões, a inteligência e os conhecimentos de cada um.” De todos os sistemas criados naquela época, quantos ficaram de pé até hoje? Não sabemos se este ainda conta alguns partidários, mas o que é positivo é que o Sr. Jobard, que o havia preconizado e enaltecido, foi um dos primeiros a abandoná-lo, quando apareceu *O Livro dos Espíritos*, a cuja doutrina se ligou francamente, como o atestam as diversas cartas que dele publicamos.

Sobretudo a doutrina da reencarnação o tinha ferido como um rasgo de luz. Dizia-nos ele um dia: “Se tanto *patinei* no labirinto dos sistemas filosóficos, é que me faltava uma bússola; só encontrava caminhos sem saída, que não levavam a nada; nenhum me dava uma solução decisiva dos mais importantes problemas; por mais quebrasse a cabeça, sentia que me faltava uma chave para chegar à verdade. Pois bem! esta chave está na reencarnação, que explica tudo de uma maneira tão lógica, tão conforme à justiça de

Deus, que nos dizemos naturalmente: Sim, é preciso que seja assim.”

Depois de sua morte, terá o Sr. Jobard menosprezado certas teorias científicas, que sustentara durante a vida? Disso falaremos no próximo número, no qual publicaremos as conversas que com ele mantivemos. Digamos, por ora, que ele se mostrou prontamente desprendido e que a perturbação durou muito pouco tempo. Como todos os espíritas que o precederam, confirma em todos os pontos o que nos foi dito do mundo dos Espíritos, ali se encontrando muito melhor que na Terra, na qual, não obstante, deixa pesares sinceros em todos quantos puderam apreciar seu eminente saber, sua benevolência e sua afabilidade. Não era um desses cientistas ciumentos que barram o caminho aos novatos, cujo mérito lhes faz sombra. Todos esses, ao contrário, aos quais estendeu a mão e abriu caminho, bastariam para lhe formar um belo cortejo. Em suma, o Sr. Jobard era um homem de progresso, trabalhador infatigável e partidário de todas as idéias nobres, generosas e próprias a fazer avançar a Humanidade. Se sua perda é lamentável para o Espiritismo, não o é menos para as artes e a indústria, que inscreverão seu nome em seus anais.

Auto-de-fé de Barcelona

(Vide o número de novembro de 1861)

Os jornais espanhóis não foram tão sóbrios de reflexões quanto os jornais franceses sobre esse acontecimento. Seja qual for a opinião que se professe em relação às idéias espíritas, há no fato em si algo de tão estranho para o tempo em que vivemos, que mais excita piedade do que cólera contra gente que parece ter dormido durante vários séculos e haver despertado sem consciência do caminho que a Humanidade percorreu, julgando-se ainda no ponto de partida.

Eis um extrato do artigo em questão, publicado por *Las Novedades*, um dos grandes jornais de Madrid:

“O auto-de-fé celebrado há alguns meses em La Coruña, em que foi queimado grande número de livros à porta de uma igreja, tinha produzido no nosso e no espírito de todos os homens de idéias liberais uma impressão muito triste. Mas é com indignação ainda bem maior que foi recebida em toda a Espanha a notícia do segundo auto-de-fé em Barcelona, nesta capital civilizada da Catalunha, em meio a uma população essencialmente liberal, à qual sem dúvida fizeram este bárbaro insulto, porque nela reconhecem grandes qualidades.”

Depois de relatar os fatos, conforme o jornal de Barcelona, acrescenta:

“Eis o repugnante espetáculo, autorizado pelos homens da união liberal, em pleno século dezenove: uma fogueira em La Coruña, outra em Barcelona, e ainda muitas outras, que não faltarão, em outros lugares. É o que deve acontecer, pois é uma consequência imediata do espírito geral que domina o atual estado de coisas e que em tudo se reflete. Reação no interior, relativa aos projetos de lei apresentados; reação no exterior, apoiando todos os governos reacionários da Itália, antes e depois de sua queda, combatendo as idéias liberais em todas as ocasiões, buscando por todos os lados o apoio da reação, obtido ao preço das mais desastradas concessões.”

Seguem-se longas considerações, referentes aos sintomas e às consequências deste ato, mas que, pelo seu caráter eminentemente político, não são da competência do nosso jornal.

O *Diário de Barcelona*, jornal ultramontano, foi o primeiro a anunciar o auto-de-fé, dizendo: “Os títulos dos livros queimados bastavam para justificar a sua condenação; que é direito e dever da Igreja fazer respeitar a sua autoridade, tanto mais quanto

se dá carta branca à liberdade de imprensa, principalmente nos países que desfrutam da terrível chaga da liberdade de cultos.”

La Coruña, jornal de Barcelona, fez a respeito as seguintes reflexões:

“Esperávamos que nosso colega (*El Diálogo*), que tinha dado a notícia, tivesse a bondade de satisfazer a curiosidade do público, seriamente alarmado por semelhante ato, incrível nos tempos em que vivemos; mas foi em vão que esperamos as suas explicações. Desde então temos sido assaltados por perguntas sobre esse acontecimento, e somos obrigados a dizer que os amigos do governo com isso sofrem mais penas do que os que lhe fazem oposição.

“Com vistas a satisfazer a curiosidade tão vivamente excitada, pusemo-nos em busca da verdade; infelizmente o fato é verdadeiro. O auto-de-fé foi celebrado nas seguintes circunstâncias:

(Segue o relato que demos em nosso último número)

“Os expedientes empregados para chegar a esse resultado não poderiam ter sido mais diligentes nem mais eficazes. Apresentaram ao controle da Alfândega os livros supracitados. Responderam ao comissário que não podiam ser expedidos sem uma licença do senhor bispo. O senhor bispo estava ausente; quando retornou, apresentaram-lhe um exemplar de cada obra; depois de as haver lido ou mandado ler por pessoas de sua confiança, conformando-se com o julgamento de sua consciência, ordenou que fossem lançados ao fogo, como imorais e contrários à fé católica. Reclamaram contra tal sentença e pediram ao governo, já que não permitiam a circulação de tais livros na Espanha, que pelo menos fosse permitido ao seu proprietário reexpedi-los ao lugar de procedência; mas até isto foi recusado, sob a alegação de que, *sendo contrários à moral e à fé católica, o governo não podia consentir que esses livros fossem perverter a moral e a religião de outros países.*

Malgrado isto, o proprietário foi obrigado a pagar os direitos que, parece, não deveriam ser exigidos. Uma grande multidão assistiu ao auto-de-fé, o que não é de admirar, se se levar em conta a hora e o local da execução e, sobretudo, o inusitado do espetáculo. O efeito produzido sobre os assistentes foi de estupefação entre alguns, de riso em outros e de indignação no maior número, à medida que se davam conta do que se passava. Palavras de ódio saíram de várias bocas, vindo depois as piadas, os ditos grotescos e mordazes dos que viam com extremo prazer a cegueira de certos homens. Nisto têm razão, porque nesta reação, digna do tempo da Inquisição, entrevêm o mais rápido triunfo de suas idéias; zombavam para que essa cerimônia não aumentasse o prestígio da autoridade que, com tanta complacência, se presta a exigências verdadeiramente ridículas. Quando esfriaram as cinzas dessa nova fogueira, observou-se que as pessoas presentes, ou que passavam nas cercanias, instruídas do fato, dirigiam-se para o local do auto-de-fé, ali recolhendo uma parte das cinzas.

“Tal é o relato dos acontecimentos, que não deixam de provocar comentários entre as pessoas que se encontram. Indignam-se, lamentam, alegram-se ou se regozijam, conforme a maneira de interpretar as coisas. Os partidários sinceros da paz, do princípio de autoridade e da religião se afligem com essas demonstrações reacionárias, porque compreendem que às reações se sucedem as revoluções, e porque sabem que os que *semeiam vento só podem colher tempestades*. Os liberais sinceros se indignam que semelhantes espetáculos sejam dados ao mundo por homens que não compreendem a religião sem intolerância, querendo impô-la como Maomé impunha o Alcorão.

“Agora, abstração feita da qualificação dada aos livros queimados, examinaremos o fato em si. Pode a jurisprudência admitir que um bispo diocesano tenha uma autoridade sem apelo e possa impedir a publicação e a circulação de um livro? Dirão que a lei de imprensa assinala o que deve ser feito neste caso. Mas diz a

lei que se os livros forem maus e perniciosos, serão lançados ao fogo com tal aparato? Nela não encontramos nenhum artigo que possa justificar um ato semelhante. Além disso, os livros em questão foram publicamente declarados. Um comissário declara livros à alfândega, porque poderiam estar arrolados na categoria dos assinalados no artigo 6; passam a censura diocesana, o governo poderia proibir-lhes a circulação e a coisa estava acabada. Os sacerdotes deveriam limitar-se a aconselhar aos seus fiéis a abstenção de tal ou qual leitura, caso a julgassem contrária à moral e à religião; mas não se lhes deveria conceder um poder absoluto, que os torna juízes e carrascos. Não vamos emitir nenhuma opinião sobre o valor das obras queimadas; o que visamos é o fato, suas tendências, o espírito que ele revela. Doravante, em que diocese deixariam de usar, se não de abusar, de uma faculdade que em nossa opinião o próprio governo não tem, se em Barcelona, na liberal Barcelona, o fazem? O absolutismo é muito sagaz; ensaia se pode dar um golpe de autoridade em alguma parte; se vencer, ousa mais. Esperemos, todavia, que os esforços do absolutismo sejam inúteis e que todas as concessões que lhe façam não tenham outro resultado senão desmascarar o partido que, repetindo cenas como as de quinta-feira última, se precipite cada vez mais no abismo para onde corre obstinadamente. É o que nos leva a esperar o efeito produzido pelo auto-de-fé em Barcelona.

A Toutinegra, o Pombo e o Peixinho

(FÁBULA)

À Sra. e Srta. C***, de Bordeaux

Amor e Caridade

(Espiritismo)

Bela e terna roseira um cercado adornava,
E ali a toutinegra incubara a ninhada;
Nascera, assim, feliz a alegre petizada;

Mas um desastre, ó céus, lhes reservado estava!
 Entre raios do céu a tormenta troava;
 E a chuva, em torrencial imenso,
 Pelos campos formava um lago extenso
 E pronto o cercado inundava.
 Já longe da roseira o ninho se balança;
 A toutinegra o cobre e se entrega ao destino;
 Não tem o coração firmado na esperança;
 O astro da salvação dá-lhe um riso divino.
 A água escorre. Porém, junto às águas da vargem,
 Forma um arroio, assim, com o ninho flutuante,
 Que ante os riscos enfim encontrados na margem,
 Atinge facilmente um curso navegante.
 Em meio ao rio um banco de areia se eleva
 Das águas acima da altura;
 Um zéfiro que ajuda a uma vaga que o leva,
 Impele para lá o ninho com brandura.
 São justos transportes de gozo
 Que prova a ave ao tocar o ninho pequenino,
 No entanto, de repente algo um tanto amargoso:
 Neste lugar, qual seu destino?
 Seus filhotes estão já querendo alimento:
 Deve ela para achar ao longe o seu sustento,
 Deixar na areia o ninho exposto a um mau evento?
 Se acharam salvação em uma vaga amiga
 Não deviam temer uma vaga inimiga,
 Ou, num funesto efeito, algum golpe do vento?
 No mesmo instante, ali, um pombo bravo pouasa:
 “Ó pássaro possante, exculpai a quem ousa
 Apelar à vossa bondade:
 Trata-se de salvar uma família, enfim;
 Oh! devolvi o cercado, a roseira, o jardim
 A meus filhos, aqui, da cheia na impiedade.
 Dignai-vos nos abrir as asas generosas:
 Não é tão longe e vós, com garras vigorosas,
 Jamais levastes vós fardo tão leve.”
 Não se fez surdo o pombo a tal voz. Em tom breve:
 “O vosso infortúnio eu deploro
 E lamento que um caso, então, de que me coro,
 Obrigue-me a seguir desse meu vôo o curso,
 Negando-me o prazer de vos dar meu concurso,
 Ficai, porém, sem inquietude,

E o conselho segui de uma solicitude.
Que me faz feliz de vos dar:
Sustentai-vos na fé... O gênio benfeitor
Que a vida vos salvou, não há de se indispor
Convosco e vos abandonar.”
E contente de si nos ares se elevou.
Uma pequena carpa a nadar escutou
Tudo, viu tudo e compreendeu.
“Consolai-vos, disse ela, ó mãe desesperada!
Compreendo a vossa dor imensa, amargurada,
Nem tudo ainda se perdeu.
Forças não tenho a repartir;
Quanto à margem, porém, penso vos conduzir.”
E prendendo na boca uns longos filamentos
Bastos na largura do ninho,
O desenrola e faz correr em seu caminho.
A toutinegra, em pé, audazmente ajudava,
Suas asas abrindo aos ventos.
A carga se agitou e o peixe que a puxava,
Para boiar sem risco, a marcha equilibrava,
Às torrentes ambos atentos.
Perto da borda, então... Chegaram!
Alegre a toutinegra e os filhos encontraram
Relva abundante entre altos fenos;
E o peixinho lhe diz: “Ó minha cara, ao menos,
Com os grandes, amanhã, cuidado; da miséria
Não sentem seu clamor os servos da matéria:
Os seus dons sempre são conselhos, condolência;
Sempre a cordial assistência
Só achareis junto aos pequenos.”

C. Dombre

O Sobrenatural

PELO SR. GUIZOT

Extraímos da nova obra do Sr. Guizot: *A Igreja e a sociedade cristã em 1861*, o extraordinário capítulo a respeito do

sobrenatural. Não é, como poderiam pensar, um discurso pró ou contra o Espiritismo, porquanto não se trata da nova doutrina; mas como aos olhos de muita gente o Espiritismo é inseparável do sobrenatural, que segundo uns é uma superstição e, conforme outros, uma verdade, é interessante conhecer a opinião de um homem de valor, como o Sr. Guizot. Há nesse trabalho observações de incontestável acerto, mas, em nossa opinião, também há grandes erros, devidos aos pontos de vista em que se coloca o autor. Faremos o seu exame aprofundado em nosso próximo número.

“Todos os ataques de que hoje é objeto o Cristianismo, por mais diversos que sejam na sua natureza e na sua medida, partem de um mesmo ponto e tendem a um mesmo fim: a negação do sobrenatural nos destinos do homem e do mundo, a abolição do elemento sobrenatural na religião cristã – e em todas as religiões – na sua história e nos seus dogmas.

“Materialistas, panteístas, racionalistas, cépticos, críticos, eruditos, uns altivamente, outros discretamente, todos pensam e falam sob o império da idéia de que o mundo e o homem, a natureza moral e a física, são apenas governados por leis gerais, permanentes e necessárias, cujo curso nenhuma vontade especial jamais veio ou virá suspender ou modificar.

“Não penso aqui discutir plenamente esta questão, que é a questão fundamental de toda religião; quero apenas submeter aos adversários declarados ou velados do sobrenatural, duas observações ou, para dizer mais exatamente, dois fatos que, em minha opinião, a decidem.

“É sobre uma fé natural ao sobrenatural, sobre um instinto inato do sobrenatural que toda religião se funda. Não me refiro a toda idéia religiosa, mas a toda religião positiva, prática, poderosa, durável, popular. Em todos os lugares, sob todos os

climas, em todas as épocas da História, em todos os graus da civilização o homem traz em si esse sentimento ou, melhor, esse pressentimento, de que o mundo que vê, a ordem em cujo seio vive, os fatos que se sucedem regular e constantemente à sua volta não são tudo. Neste vasto conjunto, em vão ele faz, todos os dias, descobertas e conquistas; em vão observa e constata sabiamente as leis permanentes que a tudo presidem: seu pensamento não se encerra neste universo entregue à sua ciência; este espetáculo não basta à sua alma; ela se lança alhures; busca, entrevê outra coisa; aspira ao Universo, a outros destinos e a outro senhor.

“Para além de todos estes céus o Deus dos céus reside”,

disse Voltaire, e o Deus que está além de todos os céus não é a natureza personificada, é o sobrenatural em pessoa. É a ele que as religiões se dirigem; é para pôr o homem em relação com ele que elas se fundam. Sem a fé instintiva dos homens no sobrenatural, sem seu impulso espontâneo e invencível para o sobrenatural, não haveria religião.

“De todos os seres da Terra, o único que ora é o homem. Entre seus instintos morais nenhum é mais natural, mais universal, mais invencível que a prece. A criança nela se conduz com uma docilidade atenciosa. O velho a ela se dobra como num refúgio contra a decadência e o isolamento. A prece sobe por si dos jovens lábios que mal balbuciam o nome de Deus, e dos lábios agonizantes que já não têm forças para o pronunciar. Em todos os povos, célebres ou obscuros, civilizados ou bárbaros, encontram-se a cada passo atos e fórmulas de invocação. Por toda parte onde vivem os homens, em certas circunstâncias, em certas horas, sob o império de certas impressões da alma, os olhos se elevam, as mãos se juntam, os joelhos se dobram para implorar ou render graças, para adorar ou apaziguar. Com enlevo ou em comoção, publicamente ou no íntimo do coração, é à prece que o homem se dirige, como derradeiro recurso, para encher o vazio de sua alma ou

carregar os fardos de seus destino; é na prece que busca, quando tudo lhe é adverso, apoio para a sua fraqueza, consolação para as suas dores, esperança para a sua virtude.

“Ninguém desconhece o valor moral e interior da prece, independentemente de sua eficácia, no que respeita ao seu objetivo. Pelo simples ato de orar, a alma sente-se aliviada, eleva-se, acalma-se e se fortifica. Recorrendo a Deus, experimenta esse sentimento de volta à saúde e ao repouso que toma conta do corpo, quando passa de um ambiente tempestuoso e pesado a uma atmosfera serena e pura. Deus acode aos que o imploram, antes e sem que saibam se os atenderá.

“Atendê-los-á? Qual a eficácia exterior e definitiva da prece? Eis o mistério, o impenetrável mistério dos desígnios e da ação de Deus sobre cada um de nós. O que sabemos é que, quer se trate de nossa vida exterior ou interior, não somos apenas nós que dela dispomos, conforme nosso pensamento e vontade própria. Todos os nomes que dermos a esta parte do nosso destino, que não vem de nós mesmos, como acaso, fortuna, estrela, natureza e fatalidade são outros tantos véus lançados sobre nossa impiedade ignorante. Quando assim falamos, recusamos ver Deus onde ele está. Além da acanhada esfera onde estão encerrados o poder e a ação do homem, é Deus que reina e atua. Há, no ato natural e universal da prece, uma fé natural e universal nessa ação permanente, e sempre livre, de Deus sobre o homem e seu destino: Diz São Paulo: ‘Nós somos operários com Deus’; operários com Deus e na obra dos destinos gerais da Humanidade, e na de nosso próprio destino, presente e futuro. Aí está o que nos faz entrever a prece, no laço que une o homem a Deus; mas aí a luz se detém para nós: ‘Os caminhos de Deus não são os nossos caminhos’; marchamos neles sem os conhecer. Crer sem ver e orar sem prever os resultados, eis a condição que Deus impôs ao homem neste mundo, para tudo quanto ultrapasse os seus limites. É na

consciência e na aceitação desta ordem sobrenatural que consistem a fé e a vida religiosas.

“Assim, tem razão o Sr. Edmond Scherer, quando duvida que ‘o racionalismo cristão seja e jamais possa ser uma religião’. E por que o Sr. Jules Simon, que se inclina perante Deus com um respeito tão sincero, intitulou seu livro: *A religião natural?* Deveria tê-lo chamado *Filosofia religiosa*. A filosofia persegue e atinge algumas das grandes idéias sobre as quais se fundamenta a religião; mas, pela natureza de seus processos e pelos limites de seu domínio, jamais fundou, nem poderia fundar uma religião. Falando mais precisamente, não há religião natural, pois desde que abolis o sobrenatural, a religião também desaparece.

“Quem pensa em negar que esta fé instintiva no sobrenatural, fonte da religião, possa ser e seja, também, a fonte de uma infinidade de erros e de superstições que, por sua vez, é fonte de uma infinidade de males? Aqui, como em tudo, é da condição do homem que o bem e o mal se misturem incessantemente nos seus destinos e nas suas obras, como em si mesmo; mas, dessa incurável mistura não se segue que nossos grandes instintos não tenham sentido e não nos façam senão enganar, quando nos elevam. Aspirando a isto, sejam quais forem os nossos enganos, continua certo que o sobrenatural está na fé natural do homem e que é a condição *sine qua non*, o verdadeiro objetivo, a própria essência da religião.

“Eis um segundo fato que, penso, merece toda a atenção dos adversários do sobrenatural.

“É reconhecido e constatado pela ciência que o nosso globo nem sempre esteve no estado em que hoje se encontra; que em épocas diversas e indeterminadas sofreu revoluções, transformações que alteraram sua face, o regime físico e a população; que o homem, em particular, nem sempre existiu e que,

em vários dos estados sucessivos pelos quais este mundo passou, o homem não poderia ter existido.

“Como apareceu? De que maneira e por que poder começou o gênero humano na Terra?”

“Para sua origem, não pode haver senão duas explicações: ou resultou do trabalho íntimo das forças naturais da matéria, ou foi obra de um poder sobrenatural, exterior e superior à matéria; geração espontânea ou criação: uma dessas duas causas se faz necessária para o aparecimento do homem na Terra.

“Mas, admitindo a geração espontânea, em que absolutamente não acredito, esse modo de produção não poderia ter produzido senão seres imaturos, na primeira hora e no primeiro estágio da vida nascente. Creio que ninguém jamais disse, nem dirá que, pela virtude de uma geração espontânea, o homem, isto é, o homem e a mulher, o par humano, tivesse podido sair, um dia, do seio da matéria, já formados e crescidos, em plena posse de sua estatura, de sua força e de todas as suas faculdades, como o paganismo grego fez sair Minerva do cérebro de Júpiter.

“E, contudo, é somente sob essa condição que, aparecendo pela primeira vez na Terra, nela o homem teria podido viver, perpetuar-se e fundar o gênero humano. Imagine-se o primeiro homem, nascendo no estado de primeira infância, vivo, mas inerte, baldo de inteligência, impotente, incapaz de se bastar a si mesmo, tiritando e gemendo, sem mãe para o ouvir e amamentar! Pois é justamente esse o primeiro homem que o sistema da geração espontânea pode dar.

“Evidentemente, a outra origem do gênero humano é a única admissível, a única possível. Só o fato natural da criação explica a primeira aparição do homem aqui na Terra.

“Assim, os que negassem e abolissem o sobrenatural, aboliriam, no mesmo golpe, toda religião real. E é em vão que triunfam do sobrenatural, tantas vezes introduzido com erro em nosso mundo e em nossa história; são constringidos a parar ante o berço sobrenatural da Humanidade, impotentes para dele fazerem sair o homem sem a mão de Deus.”

Guizot

Meditações Filosóficas e Religiosas

DITADAS AO SR. ALFRED DIDIER, MÉDIUM, PELO ESPÍRITO
LAMENNAIS

(Sociedade Espírita de Paris)

Já publicamos um certo número de comunicações ditadas pelo Espírito Lamennais, cujo alcance filosófico pudemos observar. Por vezes o assunto era claramente indicado, mas também acontecia, com certa freqüência, não ter um caráter bastante definido para que fosse fácil lhe dar um título. Tendo feito a observação ao Espírito, este respondeu que se propunha dar uma série de dissertações sobre assuntos variados, à qual sugeria o título genérico de *Meditações filosóficas e religiosas*, salvo a liberdade de dar um título particular aos assuntos que o comportassem. Suspendemos, então, a publicação até que tivéssemos um conjunto susceptível de ser coordenado. É essa publicação que começamos hoje e daremos continuidade nos próximos números.

Devemos fazer observar que os Espíritos chegados a um alto grau de perfeição são os únicos aptos a julgar as coisas de uma maneira completamente sã; que até lá, seja qual for o desenvolvimento de sua inteligência e mesmo de sua moralidade, podem estar mais ou menos imbuídos de suas idéias terrenas e ver as coisas de seu ponto de vista pessoal, o que explica as contradições muitas vezes encontradas em suas apreciações.

Lamennais nos parece estar neste caso; sem dúvida há, em suas comunicações, muitas coisas boas e belas, como pensamento e como estilo, mas por certo há outras que podem prestar-se à crítica, cuja responsabilidade absolutamente não assumimos. Cada um é livre para aceitar o que achar bom e rejeitar o que parecer mau. Só os Espíritos perfeitos podem produzir coisas perfeitas. Ora, Lamennais que, sem a menor dúvida, é um Espírito bom e elevado, não tem a pretensão de já ser perfeito, de modo que o caráter sombrio, melancólico e místico do homem seguramente se reflete nesse Espírito e, por conseguinte, nas suas comunicações. Sob esse ponto de vista elas já seriam interessante motivo de observação.

I

As idéias mudam, mas as idéias e os desígnios de Deus, jamais. A religião, isto é, a fé, a esperança, a caridade, uma só coisa em três, o emblema de Deus na Terra, fica inabalável em meio às lutas e preconceitos. A religião existe, antes de tudo, nos corações e, assim, não pode mudar. É no momento em que reina a incredulidade, em que as idéias se chocam e se entrechocam, sem proveito para a verdade, que aparece esta Aurora que vos diz: Venho em nome do Deus dos vivos, e não dos mortos; só a matéria é perecível, porque é divisível; mas a alma é imortal, porque é una e indivisível. Quando a alma do homem se enfraquece na dúvida sobre a eternidade, toma moralmente o aspecto da matéria; divide-se e, em conseqüência, estará sujeita às provas infelizes nas suas futuras reencarnações. A religião, pois, é a força do homem; diariamente ela assiste às novas crucificações que inflige ao Cristo; diariamente ouve as blasfêmias que lhe são atiradas na face; mas, forte e inquebrantável como a Virgem, assiste divinamente ao sacrifício de seu filho, porque possui em si a fé, a esperança e a caridade. A Virgem desvaneceu-se ante as dores do Filho do Homem, mas não está morta.

II

SANSÃO

Após uma leitura da Bíblia sobre a história de Sansão, vi em pensamento um quadro análogo ao do artista influente que a França acabe de perder, Decamps. Vi um homem de estatura colossal, membros musculosos, como o *Dia*, de Miguel Ângelo. Esse homem forte dormia ao lado de uma mulher que fazia queimar, à sua volta, perfumes tais como os orientais sempre souberam introduzir em seu luxo e em seus costumes delicados. Os membros desse gigante caíram em lassidão e um gatinho ora saltitava sobre ele, ora sobre a mulher junto a ele. A mulher curvou-se para ver se o gigante dormia; depois tomou uma tesourinha e se pôs a cortar a cabeleira ondulada do colosso; o resto já sabeis. – Homens armados investiram contra ele e o acorrentaram. Preso nas malhas de Dalila, o homem chamava-se Sansão, conforme mo disse um Espírito que logo vi junto a mim. Este homem representa a Humanidade enfraquecida pela corrupção, isto é, pela avidez e pela hipocrisia. Quando Deus estava com a Humanidade, levantou, como Sansão, as portas de Gaza; quando a Humanidade teve por sustentáculo a liberdade, isto é, o Cristianismo, esmagou os seus inimigos, como sozinho o gigante esmagou o exército dos filisteus. – Assim, respondi ao Espírito: A mulher que está junto dele... Não me deixou concluir e disse: “É a que substituiu a Deus; pense que não quero falar da corrupção dos séculos passados, mas do vosso.” Desde muito tempo Sansão e Dalila se haviam apagado diante dos meus olhos. Eu via o anjo, sempre só, que me disse a sorrir: “A Humanidade está vencida.” Então seu rosto tornou-se grave e profundo, e acrescentou: “Eis os três seres que devolverão à Humanidade seu vigor primitivo; eles se chamam Fé, Esperança e Caridade. Virão em alguns anos e fundarão uma nova doutrina, que os homens chamarão Espiritismo.”

III

(Continuação)

Cada fase religiosa da Humanidade possuiu a força divina materializada nas figuras de Sansão, Hércules e Rolando. Um homem, armado com os argumentos da lógica, nos diria: “Eu vos adivinho; mas essa comparação me parece muito sutil e lenta.” É verdade; talvez não tenha vindo ao espírito de ninguém e, contudo examinemos. Ultimamente eu vos falei de Sansão, emblema da força da fé divina nos primeiros tempos. A Bíblia é um poema oriental; Sansão é a figura material dessa força impetuosa que derrubou Heliodoro no átrio do templo e que reuniu as ondas do mar Vermelho após havê-las separado. Esta grande força divina abateu exércitos e derrubou os muros de Jericó. Os gregos, bem o sabeis, vieram do Egito e do Oriente. Esta tradição de Sansão não existia mais senão no domínio da filosofia e da história egípcia. Os gregos lapidaram os colossos de granito do Egito, armaram Hércules com uma maçã e lhe deram a vida. Hércules fez seus doze trabalhos, abateu a hidra de Lerna, a hidra dos sete pecados capitais, e tornou-se, nesse mundo pagão, o símbolo da força divina encarnada na Terra; dele fizeram um deus. Mas notai quais foram os vencedores desses dois gigantes. Como diz Lamartine, deve-se sorrir? chorar? Foram duas filhas de Eva: Dalila e Dejanira. Como vedes, a tradição de Sansão e de Hércules é a mesma que a de Dalila e Dejanira. Apenas Dalila tinha mudado o penteado das filhas do Faraó pelo diadema de Vênus.

Pela noite, no famoso vale de Roncevaux, um gigante, deitado numa ravina profunda, berrava o nome de Carlos Magno em gritos desesperados. Estava semi-esmagado sob enorme rochedo, que suas mãos enfraquecidas em vão tentavam remover. Pobre Rolando! tua hora chegou; os bascos te insultam do alto do rochedo e ainda fazem rolar sobre ti enormes pedras. Entre os teus inimigos se encontram mulheres; talvez Rolando tenha amado uma: sempre Dalila e Dejanira. A História não o diz, mas isto é muito

provável. Sempre foi dito que Rolando morreu como Sansão e Hércules. Discuti agora se quiserdes; mas creio, senhores, que esta comparação não me parece tão sutil. Qual será, nos tempos futuros, a personificação da força do Espiritismo? Quem viver verá, diz-se na Terra. Aqui se diz: O homem verá sempre.

Lamennais

(Continua no próximo número)

Allan Kardec

Nota Explicativa⁵⁸

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que*

58 Nota da Editora: Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

é o *Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo metuculoso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonía de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões

que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à conseqüência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra

a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos

com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo,

precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA







REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

Contém:

O relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., bem como todas as notícias relativas ao Espiritismo. – O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e o seu futuro. – A história do Espiritismo na Antigüidade; suas relações com o magnetismo e com o sonambulismo; a explicação das lendas e das crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

Publicada sob a direção
de
ALLAN KARDEC

*Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.*

ANO QUINTO – 1862

TRADUÇÃO DE EVANDRO NOLETO BEZERRA



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

ISBN XX-XXXX-XXX-X

1ª edição

Do X ao XX milheiro

Título do original francês:

REVUE SPIRITE, Journal d'Études Psychologiques
(Paris, 1º de Janeiro de 1858)

Tradução de **EVANDRO NOLETO BEZERRA**

Projeto gráfico de Tarcísio Ferreira

B.N. XXXXX

XXX-XX; XXX.XX-X; XX/2004

Copyright 2004 by

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

(Casa-Máter do Espiritismo)

Av. L-2 Norte - Q. 603 - Conjunto F

70830-030 - Brasília - DF - Brasil

Composição, fotolitos e impressão offset das

Oficinas do Departamento Gráfico da FEB

Rua Souza Valente, 17

20941-040 - Rio, RJ - Brasil

C.G.C. n 1º 33.644.857/0002-84 I.E. nº 81.600.503

Impresso no Brasil

PRESITA EN BRAZILLO

Sumário

QUINTO VOLUME – ANO DE 1862

JANEIRO

Ensaio de Interpretação sobre a Doutrina dos Anjos Decaídos **15**

Publicidade das Comunicações Espíritas **30**

Controle do Ensino Espírita **35**

Questões e Problemas Propostos aos Vários Grupos Espíritas:

Formação da Terra **37**

Alma da Terra **38**

Sede da alma humana **39**

Morada das Almas **39**

Manifestação dos Espíritos **40**

Anjos rebeldes, anjos decaídos e o paraíso perdido **40**

O Sobrenatural **41**

Poesias de Além-Túmulo:

Queríamos versos de Béranger **48**

Ensaio ainda uma de minhas canções **49**

Bibliografia:

O Espiritismo na sua expressão mais simples **50**

Revelações de Além-Túmulo 51
Testamento em Favor do Espiritismo 52
Carta do Dr. Morhéry, a Propósito da Srta. Godu 54

FEVEREIRO

Votos de Boas-Festas 57
O Espiritismo é Provado por Milagres? 66
O Vento – *Fábula Espírita* 77
A Reencarnação na América 78
Novos Médiuns Americanos em Paris 80
Subscrição em Favor dos Operários Lioneses 84
Ensinos e Dissertações Espíritas:
A fé 87
A esperança 88
A caridade 89
Esquecimento das injúrias 91
Sobre os instintos 92
Meditações Filosóficas e Religiosas, Ditadas pelo Espírito
Lamennais:
A cruz 94
Bem-aventurados os pobres de Espírito 95
A escravidão 96

MARÇO

Aos Nossos Correspondentes	99
Genealogia Espírita	102
Conversas de Além-Túmulo:	
<i>Sr. Jobard</i>	108
<i>Carrière – Constatação de identidade</i>	121
Ensinos e Dissertações Espíritas:	
<i>A reencarnação</i>	126
<i>O realismo e o idealismo na pintura</i>	131
<i>Os Obreiros do Senhor</i>	133
<i>Instrução moral</i>	134
<i>A Vinha do Senhor</i>	136
<i>Caridade para com os criminosos</i>	137

ABRIL

Frenologia Espiritualista e Espírita – <i>Perfeçtibilidade da Raça Negra</i>	141
Conseqüências da Doutrina da Reencarnação sobre a Propagação do Espiritismo	152
Epidemia Demoníaca na Sabóia	156
Resposta à Questão dos Anjos Decaídos	162
Conversas Familiares de Além-Túmulo:	
<i>Girard de Codemberg</i>	167
<i>La Bruyère</i>	171

Poesias Espíritas:

Crede nos Espíritos do Senhor **173**

As vozes do Céu **173**

Dissertações Espíritas:

Os mártires do Espiritismo **174**

Ataques à idéa nova **178**

Perseguição **179**

Bibliografia **181**

MAIO

Exéquias do Sr. Sanson **183**

Conversas Familiares de Além-Túmulo:

O Capitão Nivrac **196**

Uma Paixão de Além-Túmulo **200**

Causas da Incredulidade **205**

Resposta de uma Senhora a um Eclesiástico
sobre o Espiritismo **209**

O Padeiro Desumano – Suicídio **213**

Dissertações Espíritas:

Aos Membros da Sociedade de Paris que partem para Rússia **216**

Relações simpáticas entre Vivos e Mortos **218**

As duas lágrimas **220**

Os dois Voltaires **223**

JUNHO

- Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas – *Discurso do Sr. Allan Kardec na abertura do ano social, em 1º de abril de 1862* **227**
- Conversas Familiares de Além-Túmulo – *Sr. Sanson* **240**
- O Menino Jesus entre os Doutores – *Último quadro de Ingres* **246**
- Assim se Escreve a História! – *Os Milhões do Sr. Allan Kardec* **250**
- Sociedade Espírita de Viena, Áustria **256**
- Princípio Vital das Sociedades Espíritas **259**
- Ensinos e Dissertações Espíritas – *O Espiritismo Filosófico* **263**
- Um Espírita Apócrifo na Rússia **267**

JULHO

- O Ponto de Vista **269**
- Estatística de Suicídios **276**
- Hereditariedade Moral **284**
- Poesia Espírita – *A Criança e a Visão* **289**
- Duplo Suicídio por Amor e Dever – *Estudo moral* **291**
- Ensinos e Dissertações Espíritas:
- União simpática das almas* **298**
- Uma telha* **302**
- César, Clóvis e Carlos Magno* **304**
- Aviso **309**

AGOSTO

Conferências do Sr. Troussseau, Professor da
Faculdade de Medicina **311**

Necrologia:

Morte do bispo de Barcelona **319**

Morte da Sra. Home **322**

Sociedade Espírita de Constantina **323**

Carta do Sr. Jean Reynaud ao *Journal des Débats* **328**

Os Pandus e os Kurus – *A reencarnação na Antigüidade* **331**

O Planeta Vênus **333**

Carta ao Jornal de Saint-Jean d'Angely **338**

Castigo de um Aparento **341**

Valor da Prece **343**

Dissertação Espíritas:

A conquista do futuro **346**

O Pentecostes **347**

O perdão **348**

A Vingança **349**

Bibliografia – *O Espiritismo em Lyon* **350**

SETEMBRO

Inauguração de um Grupo Espírita em Bordeaux –
Discurso de abertura **353**

Carta do Sr. Dombre a um Pregador **361**

O Espiritismo numa Distribuição de Prêmios **366**

Perseguições **370**

Reconciliação pelo Espiritismo	377
Resposta ao Convite dos Espíritas de Lyon e de Bordeaux	379
Poesias Espíritas:	
<i>Peregrinações da Alma</i>	383
<i>O Anjo-da-guarda</i>	385
Dissertações Espíritas:	
<i>Estudos uranográficos</i>	386
<i>Férias da Sociedade Espírita de Paris</i>	391
Aos Centros Espíritas que Devemos Visitar	393
Ao Sr. E. K.	394

OUTUBRO

Apolônio de Tiana	395
Resposta à “Abeille Agénaise” pelo Sr. Dombre	410
Membros Honorários da Sociedade de Paris	415
O que deve ser a História do Espiritismo	418
Arsène Gautier – <i>Lembrança de um Espírito</i>	420
Pode o Espírito Recuar Diante da Prova?	422
Resposta a uma Pergunta Mental	423
Poesias Espíritas:	
<i>O menino e o ateu</i>	425
<i>A abóbora e a sensitiva</i>	427

Dissertações Espíritas:

O Espiritismo e o Espírito maligno 428

O corvo e a raposa 433

Estilo das boas comunicações 434

A razão e o sobrenatural 436

NOVEMBRO

Viagem Espírita em 1862 439

Aos Nossos Correspondentes 441

Os Mistérios da Torre de São Miguel, em Bordeaux:

História de uma múmia 442

A esposa de Remone 450

Jacques Noulin 453

Remédio dado pelos Espíritos 460

Poesias Espíritas – *Meu Testamento* 462

Fábulas e Poesias Diversas:

Monólogo de um burro 465

O médium e o Dr. Imbróglío 466

Dissertações Espíritas:

O duelo 468

Fundamentos da ordem social 473

Aqui jaz dezoito séculos de luzes 475

Papel da Sociedade de Paris **477**

Origem da linguagem **478**

Respostas **482**

Errata **483**

DEZEMBRO

Estudo sobre os Possessos de Morzine – *Causas da obsessão e meios de combatê-la* **485**

O Espiritismo em Rochefort – *Episódio da Viagem do Sr. Allan Kardec* **499**

O Espiritismo é Possível? – Extraído do *Écho de Sétif* **509**

Charles Fourier, Louis Jourdan e a Reencarnação **513**

A Cabana e o Salão – *Estudos de Costumes Espíritas* **517**

Dissertações Espíritas – *Dia de Todos os Santos* **520**

Dispensário Magnético **526**

Resposta a um Senhor de Bordeaux **527**

Errata **527**

Nota Explicativa **529**



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V

JANEIRO DE 1862

Nº 1

Ensaio de Interpretação sobre a Doutrina dos Anjos Decaídos^{1, 2}

A questão das origens sempre excitou a curiosidade, sobretudo no que respeita à procedência do homem, e em tal proporção que hoje é impossível às criaturas sensatas aceitarem ao pé da letra o relato bíblico, nele vendo apenas uma dessas alegorias de que é pródigo o estilo oriental. Aliás, a Ciência vem oferecer-lhe a prova ao demonstrar, por meios irrefutáveis, a impossibilidade material da formação do globo em seis vezes vinte e quatro horas. Ante a evidência dos fatos, escritos em caracteres irrecusáveis nas camadas geológicas, a Igreja teve de se submeter à opinião dos sábios e com eles concordar que os seis dias da Criação representam

1 **N. do T.:** Essa teoria é aqui apresentada como simples hipótese e a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão. Faltava, então, a Allan Kardec, elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Mais tarde, já havendo passado pela prova do controle universal, foi ela inserida em *A Gênese*, capítulo XI, item 43 e seguintes, integrando, definitivamente, o corpo doutrinário do Espiritismo. É por isso que dissemos, na introdução ao volume I (1858 – Notas do Tradutor), que a *Revista Espírita* era uma espécie de tribuna livre, na qual Allan Kardec sondava a reação dos homens e a impressão dos Espíritos acerca de determinados assuntos, ainda hipotéticos e mal compreendidos, enquanto lhes aguardava a confirmação.

2 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 529.

seis períodos de extensão indeterminada, como fizera outrora em relação ao movimento da Terra. Se, pois, o texto bíblico é susceptível de interpretação quanto a este ponto capital, também poderá sê-lo em relação a outros pontos, notadamente sobre a época do aparecimento do homem na Terra, sua origem e o sentido que deve ser atribuído à qualificação de *anjos decaídos*.

Como o princípio das coisas está nos segredos de Deus, que no-lo não revela senão à medida que o julga conveniente, ficamos reduzidos a conjecturas. Muitos sistemas foram imaginados para resolver esta questão, mas nenhum, até hoje, satisfaz completamente à razão. Tentaremos, também, levantar uma ponta do véu. Seremos mais felizes do que os nossos antecessores? Ignoramo-lo; só o futuro dirá. A opinião que apresentamos é, pois, uma opinião pessoal; parece concordar com a razão e a lógica, o que, aos nossos olhos, lhe dá certo grau de probabilidade.

Antes de tudo, constatamos que só é possível descobrir alguma parcela da verdade com o auxílio da teoria espírita; ela já resolveu uma imensidão de problemas até agora insolúveis, e é com a ajuda das balizas que ela nos oferece que vamos tentar remontar à cadeia dos tempos. O sentido literal de certas passagens dos livros sacros, contraditado pela Ciência, repellido pela razão, produziu muito mais incrédulos do que se pensa, dada a obstinação de fazer daquilo um artigo de fé. Se uma interpretação racional os fizesse aceitar, evidentemente reaproximaria da Igreja os que dela se afastaram.

Antes de prosseguir, é essencial que nos entendamos sobre as palavras. Quantas disputas não deveram a sua perpetuação à ambigüidade de certas expressões, que cada um tomava no sentido de suas idéias pessoais! Nós o demonstramos, em *O Livro dos Espíritos*, a propósito do vocábulo *alma*. Dizendo claramente em que acepção a tomávamos, cortamos pela raiz qualquer controvérsia. A palavra *anjo* está no mesmo caso; empregam-na

indiferentemente, no bom e no mau sentido, dizendo: os anjos bons e maus, o anjo da luz e o anjo das trevas, donde se segue que, em sua acepção geral, significa apenas *Espírito*. Evidentemente é neste último sentido que deve ser entendido, ao se falar de *anjos decaídos* e de *anjos rebeldes*. Conforme a Doutrina Espírita, nisto concordando com vários teólogos, os anjos não são seres de criação privilegiada, isentos, por um favor especial, do trabalho imposto aos outros, mas de Espíritos chegados à perfeição por seus esforços e por seus méritos. Se fossem seres criados perfeitos, sendo a revolta contra Deus um sinal de inferioridade, os que se revoltassem não poderiam ser anjos. Também nos diz a doutrina que os Espíritos progridem, mas não retrogradam, porquanto jamais perdem as qualidades adquiridas. Ora, a rebelião por parte de seres perfeitos seria uma retrogradação, desde que ela só se concebe partindo de seres ainda atrasados.

Para evitar qualquer equívoco, conviria reservar a qualificação de *anjos* para os Espíritos puros e chamar os demais simplesmente de *Espíritos bons* ou *maus*. Como, entretanto, prevaleceu o emprego dessa palavra para os anjos decaídos só o tomaremos na sua acepção geral. Ver-se-á, neste caso, que a idéia de queda e de rebelião é perfeitamente admissível.

Não conhecemos, e provavelmente jamais conheceremos, o ponto de partida da alma humana. Tudo quanto sabemos é que os Espíritos são criados simples e ignorantes; que progridem intelectual e moralmente; que, em virtude do livre-arbítrio, uns tomaram o bom caminho, outros um caminho errado; que, uma vez posto o pé no atoleiro, nele se afundaram cada vez mais; que, depois de uma série ilimitada de existências corporais, realizadas na Terra e em outros mundos, depuram-se e alcançam a perfeição, que os aproxima de Deus.

Um ponto de difícil compreensão é a formação dos primeiros seres vivos na Terra, cada um em sua espécie, desde a

planta até o homem. A esse respeito, a teoria contida em *O Livro dos Espíritos* se nos afigura a mais racional, conquanto só incompletamente e de maneira hipotética resolva esse problema, que reputamos insolúvel, tanto para nós, quanto para a maioria dos Espíritos, a quem não é dado penetrar o mistério das origens. Se os interrogamos a respeito, os mais sábios respondem que não o sabem; mas outros, menos modestos, tomam a iniciativa e a postura de reveladores, ditando sistemas, produto de idéias pessoais, que apresentam como verdade absoluta. É contra a mania dos sistemas de certos Espíritos, em relação ao princípio das coisas, que devemos nos precaver. O que, aos nossos olhos, prova sabedoria dos que ditaram *O Livro dos Espíritos*, é a reserva que souberam guardar sobre questões dessa natureza. Em nossa opinião não é prova de sabedoria decidir essas questões de maneira absoluta, como fazem alguns, sem se inquietarem com impossibilidades materiais resultantes dos dados fornecidos pela Ciência e pela observação. O que dizemos da aparição dos primeiros homens na Terra se estende à formação dos corpos, porque, uma vez formado o corpo, é mais fácil conceber que o Espírito venha tomar conta dele. Considerando os corpos, o que nos propomos a examinar aqui é o estado dos Espíritos que os animaram, a fim de chegar, se possível, a definir, de modo mais racional do que se tem feito até agora, a doutrina da queda dos anjos e do paraíso perdido.

Se não admitirmos a pluralidade das existências corpóreas, forçoso é concordar que a alma é criada ao mesmo tempo que o corpo. Porque, de duas uma: ou a alma que anima o corpo ao nascer já viveu, ou não viveu ainda; entre as duas hipóteses não há meio-termo. Ora, a segunda hipótese, aquela de que a alma não tenha vivido, enseja uma porção de problemas insolúveis, tais como a diversidade de aptidões e de instintos, incompatíveis com a justiça de Deus, a sorte das crianças que morrem em tenra idade, a dos cretinos, dos idiotas, etc., enquanto tudo se explica naturalmente se admitirmos que a alma já viveu e traz, ao encarnar em um novo corpo, o que havia adquirido

anteriormente. É assim que as sociedades progridem gradativamente; sem isto, como explicar a diferença existente entre o atual estado social e o dos tempos de barbárie? Se as almas fossem criadas ao mesmo tempo que os corpos, as que hoje nascem seriam absolutamente novas, tão primitivas quanto as que viviam há milhares de anos; acrescente-se que entre elas não haveria nenhuma conexão, nenhuma relação necessária; que seriam completamente independentes umas das outras. Por que, então, as almas de hoje seriam mais bem favorecidas por Deus que as antepassadas? Por que compreenderiam melhor? Por que têm instintos mais depurados, hábitos mais suaves? Por que têm a intuição de certas coisas, sem as terem aprendido? Desafiamos que saiam dessa dificuldade, a menos que se admita tenha Deus criado almas de diversas qualidades, segundo os tempos e os lugares, proposição inconcebível com idéia de uma justiça soberana. Dizei, ao contrário, que as almas de hoje já viveram em épocas recuadas; que foram bárbaras como o seu século, mas progrediram; que em cada nova existência trazem as aquisições das existências anteriores; que, por conseguinte, as almas dos tempos civilizados não foram criadas mais perfeitas, mas se aperfeiçoaram com o tempo. Só assim tereis a única explicação plausível da causa do progresso social.

Tiradas da teoria da reencarnação, estas considerações são essenciais para a compreensão de um fato de que falaremos daqui a pouco.

Embora os Espíritos possam reencarnar-se em diferentes mundos, parece que, em geral, realizam um certo número de migrações corporais no mesmo globo e no mesmo meio, a fim de poderem aproveitar melhor a experiência adquirida; não saem desse meio senão para entrar num pior, por punição, ou num melhor, como recompensa. Disso resulta que, durante um certo período, a população do globo é composta mais ou menos pelos mesmos Espíritos, que ali reaparecem em diversas épocas,

até atingirem um grau de depuração suficiente para merecerem habitar mundos mais adiantados.

Conforme o ensino dado pelos Espíritos superiores, essas emigrações e imigrações dos Espíritos encarnados na Terra ocorrem de vez em quando, individualmente; porém, em certas épocas, se realizam em massa, em consequência das grandes revoluções que os fazem desaparecer em quantidades consideráveis, sendo substituídos por outros Espíritos que, de alguma sorte, na Terra ou *numa parte da Terra*, constituem uma nova geração.

O Cristo pronunciou uma frase notável que, como muitas outras tomadas ao pé da letra, não foi compreendida, pois ele quase sempre falava por imagens e parábolas. Anunciando as grandes transformações no mundo físico e no mundo moral, disse Ele: *Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça*³. Ora, a geração do tempo do Cristo passou há mais de dezoito séculos sem que essas coisas tivessem acontecido. Disso devemos concluir que o Cristo ou se enganou – o que não é admissível – ou que suas palavras tinham um sentido oculto e foram mal interpretadas.

Se agora nos reportarmos ao que dizem os Espíritos, não apenas a nós, mas pelos médiuns de todos os países, chegamos ao cumprimento dos tempos preditos, a uma época de renovação social, isto é, a uma época de uma dessas grandes *emigrações* dos Espíritos que habitam a Terra. Deus, que os havia enviado para se melhorarem, *os deixou aqui o tempo necessário para progredirem*. Fez-lhes conhecer suas leis, primeiro por Moisés, depois pelo Cristo; advertiu-os pelos profetas; em suas reencarnações sucessivas puderam aproveitar esses ensinamentos; agora os tempos são chegados e aqueles que não aproveitaram a luz, que violaram as leis de Deus e ignoraram o seu poder deixarão a Terra, onde, doravante, estariam

3 N. do T.: Mateus, 24:34; Marcos, 13:30; e Lucas, 21:32.

deslocados do meio pelo progresso moral que se realiza e ao qual não poderiam trazer senão obstáculos, quer como homens, quer como Espíritos. A geração a que o Cristo se referia, não podendo ser a dos homens que viviam em seu tempo, corporalmente falando, deve ser entendida pela geração dos Espíritos que na Terra percorreram os diversos períodos de suas encarnações e que irão deixá-la. Serão substituídos por uma nova geração de Espíritos que, mais avançados moralmente, farão reinar entre si a lei de amor e de caridade ensinada pelo Cristo e cuja felicidade não será perturbada pelo contato dos maus, dos orgulhosos, dos egoístas, dos ambiciosos e dos ímpios. Pareceria mesmo, no dizer dos Espíritos, que entre as crianças que nascem atualmente, muitas são a encarnação de Espíritos dessa nova geração. Quanto aos da antiga geração, que houverem bem merecido, mas que, no entanto, não tiverem ainda atingido um grau de depuração suficiente para alcançarem os mundos mais adiantados, poderão continuar a habitar a Terra e aqui passar ainda algumas encarnações; mas, ao invés de ser isto uma punição, será uma recompensa, visto que serão mais felizes por progredirem. O tempo em que desaparece uma geração de Espíritos para dar lugar a outra pode ser considerado como o fim do mundo, isto é, do mundo moral.

Em que se tornarão os Espíritos expulsos da Terra? Os próprios Espíritos nos dizem que aqueles irão habitar mundos novos, onde encontrarão seres ainda mais atrasados que os daqui, aos quais estão encarregados de fazer progredir, transmitindo-lhes o produto dos conhecimentos que já adquiriram. O contato do meio bárbaro em que se acham ser-lhes-á uma cruel expiação e uma fonte de incessantes sofrimentos, físicos e morais, dos quais terão tanto mais consciência quanto mais desenvolvida for a sua inteligência; mas essa expiação será, ao mesmo tempo, uma missão que lhes oferecerá os meios de resgatar o passado, conforme a maneira pela qual a desempenharem. Aí sofrerão uma série de encarnações, durante um período de tempo mais ou menos longo, no fim do qual os que tiverem merecimento serão retirados para

mundos melhores, talvez a Terra, que, então, será uma morada de felicidade e de paz, enquanto os da Terra, por sua vez, ascenderão gradualmente até o estado de anjos ou puros Espíritos.

É muito demorado, dirão alguns. Não seria mais agradável ir diretamente da Terra ao Céu? Sem dúvida, mas com esse sistema tendes a alternativa de ir, de uma só tacada, da Terra para o Inferno, e pela eternidade das eternidades; ou, então, admitir que a soma das virtudes necessárias para ir diretamente da Terra ao Céu, sendo muito rara, poucos homens estarão seguros de as possuir. Disso resulta que maior é a probabilidade de se ir para o inferno do que para o paraíso. Não é preferível fazer uma caminhada mais longa e estar seguro de chegar ao fim? No estado atual da Terra ninguém se preocupa de a ela voltar, e nada a isso obriga, pois depende de cada um, enquanto aqui se encontra, progredir de tal modo que possa merecer ascender a orbes mais adiantados. Nenhum prisioneiro, saindo da prisão, preocupa-se em voltar para ela; o meio é muito simples: apenas não cair em nova falta. Também o soldado acharia muito cômodo tornar-se marechal de um só golpe; todavia, conquanto houvesse sido alçado ao mais alto posto, nem por isto estaria dispensado de conquistar as esporas.

Remontemos agora ao curso dos tempos; e do presente, como ponto conhecido, procuremos deduzir o desconhecido, ao menos por analogia, se não tivermos a certeza de uma demonstração matemática.

A questão de Adão, como tronco único da espécie humana na Terra é, como se sabe, muito controvertida, porque as leis antropológicas lhe demonstram a impossibilidade, sem falar dos documentos autênticos da história chinesa, que provam que a população do globo remonta a uma época muito anterior à atribuída a Adão pela cronologia bíblica. Então a história de Adão é pura invencionice? Não é provável; é uma imagem que, como

todas as alegorias, deve encerrar uma grande verdade, cuja chave só poderá ser dada pelo Espiritismo. Em nossa opinião, a questão principal não é saber se a personagem de Adão realmente existiu, nem em que época viveu, mas se a raça humana, designada como sua posteridade, é uma raça decaída. A solução dessa questão não é destituída de conteúdo moral, porque, esclarecendo-nos quanto ao passado, pode orientar a nossa conduta para o futuro.

Antes de mais, notemos que, aplicada ao homem, a idéia da queda, sem a reencarnação, é um contra-senso, assim como a responsabilidade que carregássemos pela falta de nosso primeiro pai. Se a alma de cada homem é criada ao nascer, é que não existia antes; não terá, desse modo, nenhuma relação, nem direta, nem indireta, com a que cometeu a primeira falta, o que nos leva a indagar como poderia ser responsável por sua própria queda. A dúvida sobre este ponto conduz naturalmente à dúvida ou, mesmo, à incredulidade sobre muitos outros, porquanto, se falso o ponto de partida, igualmente falsas devem ser as conseqüências. Tal o raciocínio de muita gente. Pois bem! esse raciocínio cairá se considerarmos o espírito, e não a letra do texto bíblico, e se nos reportarmos aos princípios mesmos da Doutrina Espírita, destinados, conforme já foi dito, a reavivar a fé que se extingue.

Notemos, ainda, que a idéia dos anjos rebeldes, dos anjos decaídos e do paraíso perdido se acha em quase todas as religiões e, como tradição, entre quase todos os povos. Deve, pois, fundamentar-se numa verdade. Para compreender o verdadeiro sentido que se deve ligar à qualificação de *anjos rebeldes*, não é necessário supor uma luta real entre Deus e os anjos, ou Espíritos, desde que o vocábulo *anjo* é aqui tomado numa acepção geral. Admitindo-se sejam os homens Espíritos encarnados, o que são os materialistas e os ateus senão anjos ou Espíritos em revolta contra a Divindade, pois que negam a sua existência e não reconhecem seu poder, nem suas leis? Não é por orgulho que pretendem que tudo aquilo de que são capazes vem deles mesmos, e não de Deus? Não

é o cúmulo da rebelião pregar o nada depois da morte? Não são muito culpados os que se servem da inteligência, de que se ufanam, para arrastar os semelhantes ao precipício da incredulidade? Até certo ponto não praticam também um ato de revolta os que, sem negar a Divindade, desconhecem os verdadeiros atributos de sua essência? Os que se cobrem com a máscara da piedade para cometer más ações? Os que a fé no futuro não os desliga dos bens deste mundo? Os que em nome de um Deus de paz violentam a primeira de suas leis: a lei de caridade? Os que semeiam perturbação e ódio pela calúnia e pela maledicência? Enfim aqueles, cuja vida, voluntariamente inútil, se escoia na ociosidade, sem proveito para si próprios, nem para os seus semelhantes? A todos serão pedidas contas, não só do mal que tiverem feito, mas do bem que tiverem deixado de fazer. Pois bem! todos esses Espíritos, que tão mal empregaram as suas encarnações, uma vez expulsos da Terra e enviados a mundos inferiores, entre hordas ainda na infância da barbárie, o que serão, senão anjos decaídos, remetidos à expiação? A terra que deixam não será para eles um paraíso perdido, em comparação ao meio ingrato onde ficarão relegados durante milhares de séculos, até o dia em que tiverem merecido a libertação?

Se remontarmos, agora, à origem da raça atual, simbolizada na pessoa de Adão, encontraremos todos os caracteres de uma geração de Espíritos expulsos de um outro mundo e exilados, por razões semelhantes, na Terra, já povoada por homens primitivos, mergulhados na ignorância e na barbárie, e que tais exilados tinham por missão fazê-los progredir, trazendo para o seu meio as luzes de uma inteligência já desenvolvida. Não é, com efeito, o papel até aqui representado pela raça adâmica? Relegando-a para esta terra de trabalho e de sofrimento, Deus não teria razão para dizer: “No suor do rosto comerás o teu pão”⁴? Se, por causas semelhantes às que vemos hoje, ela mereceu tal castigo, não será justo dizer que se perdeu por orgulho? Na sua mansuetude não lhe

4 N. do T.: Gênesis, 3:19.

poderia prometer que lhe enviaria um Salvador, isto é, aquele que deveria iluminar o caminho a seguir para alcançar a felicidade dos eleitos? Este Salvador foi enviado na pessoa do Cristo, que ensinou a lei do amor e da caridade como a verdadeira âncora da salvação.

Aqui se apresenta uma importante consideração. A missão do Cristo é facilmente compreendida admitindo-se que são os mesmos os Espíritos que viveram antes e depois de sua vinda, e que puderam aproveitar-se de seu ensino, ou do mérito de seu sacrifício; sem a reencarnação, porém, é mais difícil compreender-se a utilidade desse mesmo sacrifício para Espíritos *criados posteriormente* à sua vinda, pois Deus os teria criado manchados por faltas cometidas por aqueles com os quais não tiveram nenhuma relação.

Esta raça de Espíritos parece ter completado seu tempo na Terra. Nesse número, uns aproveitaram o tempo para progredir e mereceram ser recompensados; outros, por sua obstinação em cerrar os olhos à luz, esgotaram a mansuetude do Criador e mereceram castigo. Assim será cumprido este preceito do Cristo: “Os bons ficarão à minha direita e os maus à minha esquerda”⁵.

Um fato parece apoiar a teoria que atribui uma preexistência aos primeiros habitantes desta raça na Terra: o de que Adão, tido como o tronco, é representado com um desenvolvimento intelectual peculiar, bem superior ao das raças selvagens atuais; que em pouco tempo os seus primeiros descendentes mostraram aptidão para trabalhos de arte muito avançados. Ora, o que sabemos do estado dos Espíritos em sua origem indica o que teria sido Adão, do ponto de vista intelectual, caso sua alma tivesse sido criada ao mesmo tempo que o seu corpo. Admitindo, por exceção, que Deus lhe tivesse dado uma alma mais perfeita, restaria explicar por que os selvagens da Nova Holanda, por exemplo, já que saem do mesmo tronco, são infinitamente mais

5 N. do T.: Mateus, 25:33.

atrasados que o pai comum. Ao contrário, tudo prova, tanto pelo físico quanto pelo moral, que pertencem a outra raça de Espíritos mais próximos de sua origem e que ainda necessitam de um grande número de migrações corpóreas antes de atingirem os graus menos avançados da raça adâmica. A nova raça que vai surgir, fazendo reinar por toda a parte a lei do Cristo – lei de justiça, de amor e de caridade – apressará o seu adiantamento. Os que escreveram a história da antropologia terrestre se apegaram principalmente aos caracteres físicos; o elemento espiritual foi quase sempre negligenciado e o é necessariamente pelos escritores que nada admitem fora da matéria. Quando este for levado em conta no estudo das ciências, uma luz inteiramente nova será lançada sobre uma porção de questões ainda obscuras, porquanto o elemento espiritual é uma das forças vivas da Natureza, desempenhando um papel preponderante, tanto nos fenômenos físicos quanto nos fenômenos morais.

Eis, em pequena escala, um exemplo surpreendente de analogia com o que se passa, em escala maior, no mundo dos Espíritos, e que nos ajudará a compreendê-lo⁶:

No dia 24 de maio de 1861, a fragata *Ifigênia* transportou à Nova Caledônia uma companhia disciplinar composta de 291 homens. À chegada, o comandante baixou-lhes uma ordem do dia concebida assim:

“Pondo os pés nesta terra longínqua, por certo já compreendestes o papel que vos está reservado.

“A exemplo dos bravos soldados da nossa marinha, que servem sob as vossas vistas, ajudar-nos-eis a levar com brilho o facho da civilização ao seio das tribos selvagens da Nova Caledônia. Não é uma nobre e bela missão, pergunto? Desempenhá-la-eis dignamente.

6 N. do T.: Vide *A Gênese*, capítulo XI, itens 47 a 49.

“Escutai a palavra e os conselhos dos vossos chefes. Estou à frente deles. Entendei bem as minhas palavras.

“A escolha do vosso comandante, dos vossos oficiais, dos vossos suboficiais e cabos constitui garantia certa de que todos os esforços serão tentados para fazer-vos excelentes soldados; digo mais: para vos elevar à altura de bons cidadãos e vos transformar em colonos honrados, se o quiserdes.

“A nossa disciplina é severa e assim tem de ser. Colocada em nossas mãos, ela será firme e inflexível, ficai certos, do mesmo modo que, justa e paternal, saberá distinguir o erro do vício e da degradação...”

Aí tendes um punhado de homens expulsos, pelo seu mau proceder, de um país civilizado, e mandados, por punição, para o meio de um povo bárbaro. Que lhes diz o chefe? – “Infringistes as leis do vosso país; nele vos tornastes causa de perturbação e escândalo e fostes expulsos; mandam-vos para aqui, mas aqui podeis resgatar o vosso passado; podeis, pelo trabalho, criar-vos aqui uma posição honrosa e tornar-vos cidadãos honestos. Tendes uma bela missão a cumprir: levar a civilização a estas tribos selvagens. A disciplina será severa, mas justa, e saberemos distinguir os que procederem bem.”

Para aqueles homens, exilados no seio da selvajaria, a mãe-pátria não é um paraíso que eles perderam pelas suas próprias faltas e por se rebelarem contra a lei?

Naquela terra distante, não são eles anjos decaídos? A linguagem do chefe não é idêntica à de que usou Deus falando aos Espíritos exilados na Terra: “Desobedecestes às minhas leis e, por isso, eu vos expulsei do mundo onde podíeis viver ditosos e em paz. Aqui, estareis condenados ao trabalho; mas, podereis, pelo vosso bom procedimento, merecer perdão e reconquistar a pátria que perdestes por vossa falta, isto é, o Céu”?

À primeira vista, a idéia de queda parece em contradição com o princípio segundo o qual os Espíritos não podem retrogradar. Deve-se, porém, considerar que não se trata de um retrocesso ao estado primitivo. O Espírito, ainda que numa posição inferior, nada perde do que adquiriu; seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, seja qual for o meio onde se ache colocado. Ele está na situação do homem do mundo condenado à prisão por seus delitos. Certamente, esse homem se encontra degradado, decaído, do ponto de vista social, mas não se torna nem mais estúpido, nem mais ignorante.

Será crível, perguntamos agora, que esses homens mandados para a Nova Caledônia vão transformar-se subitamente em modelos de virtude? Que vão abjurar repentinamente seus erros do passado? Para supor tal coisa, fora necessário desconhecer a Humanidade. Pela mesma razão, os Espíritos que vão ser expulsos da Terra, uma vez transplantados para a terra do exílio, não se despojarão instantaneamente do seu orgulho e de seus maus instintos; ainda por muito tempo conservarão as tendências que traziam, um resquício da velha levedura. O mesmo se deu com os Espíritos da raça adâmica exilados na Terra. Ora, não é esse o pecado original? A mancha que trazem ao nascer é a da raça de Espíritos culpados e punidos a que pertencem, mancha que podem apagar pelo arrependimento, pela expiação e pela renovação de seu ser moral. Considerado como responsabilidade de uma falta cometida por outrem, o pecado original é uma insensatez e a negação da justiça de Deus. Ao contrário, considerado como consequência e vestígio da imperfeição inicial do indivíduo, não só a razão o admite, mas se considera de plena justiça a responsabilidade dela decorrente.

Esta interpretação dá uma razão de ser toda natural ao dogma da imaculada Conceição, do qual tanto zombou o cepticismo. O dogma estabeleceu que a mãe do Cristo não era manchada pelo pecado original. Como pode ser isto? É muito

simples: Deus enviou um Espírito puro, que não pertencia à raça culpada e exilada, para encarnar na Terra e desempenhar a sua augusta missão, do mesmo modo que, de vez em quando, envia Espíritos superiores que encarnam a fim de impulsionar o progresso e apressar o desenvolvimento do orbe. Na Terra tais Espíritos agem como o verdadeiro pastor, que vai moralizar os condenados em suas prisões e lhes mostrar o caminho da salvação.

Certamente algumas pessoas acharão esta interpretação um pouco ortodoxa. Algumas, até, poderão protestar que se trata de heresia. Mas não é um fato comprovado que muitos não vêm no relato do Gênesis, na história da maçã e da costela de Adão senão uma simples imagem? Que não podendo ligar um sentido preciso à doutrina dos anjos decaídos, dos anjos rebeldes e do paraíso perdido, consideram todas essas coisas como fábulas? Se uma interpretação lógica os leva a ver uma verdade disfarçada sob a alegoria, não é melhor que a negação absoluta? Admitindo-se que tal solução não estivesse, em todos os pontos, na mais rigorosa ortodoxia, não seria preferível acreditar nalguma coisa a não crer em coisa alguma? Se a crença no texto literal afasta o homem de Deus e a crença na interpretação o aproxima dEle, esta não vale mais que a outra? Não vimos, pois, destruir o princípio, miná-lo em seus fundamentos, como fizeram alguns filósofos; procuramos descobrir-lhe o sentido oculto e, ao contrário, vimos consolidá-lo e dar-lhe uma base racional. Seja como for, não se poderá negar a esta interpretação um caráter de grandeza que certamente não possui o texto literal. Esta teoria abarca, ao mesmo tempo, a universalidade dos mundos, o infinito no passado e no futuro; dá a tudo a sua razão de ser pelo encadeamento de todas as coisas, pela solidariedade que estabelece entre todas as partes do Universo. Não é mais conforme à idéia que fazemos da majestade e da bondade de Deus, que o entendimento que circunscreve a Humanidade a um ponto do espaço e a um instante na eternidade?

Publicidade das Comunicações Espíritas

A questão da publicidade das comunicações espíritas é o complemento da organização geral que tratamos em nosso número anterior. À medida que se alarga o círculo dos espíritas, multiplicam-se os médiuns e, com eles, o número de comunicações. De algum tempo para cá essas comunicações têm tido um desenvolvimento notável em relação ao estilo, aos pensamentos e à amplitude dos assuntos tratados; cresceram com a própria ciência e os Espíritos regulam o nível de seu ensino pelo desenvolvimento da idéias, tanto nas províncias e no estrangeiro, quanto em Paris, conforme o atestam as numerosas mostras que nos enviam, algumas das quais já publicadas na *Revista*.

Dando essas comunicações, os Espíritos têm em vista a instrução geral e a propagação dos princípios da doutrina. Esse objetivo não seria alcançado se, conforme dissemos, elas ficassem escondidas nas pastas dos que as recebem. É, pois, útil espalhá-las pela via da publicidade. Disso resultará uma outra vantagem muito importante: provar a concordância do ensino espontâneo dado pelos Espíritos sobre todos os pontos fundamentais e neutralizar a influência dos falsos sistemas, provando o seu isolamento.

Trata-se, pois, de examinar o modo de publicidade que melhor pode alcançar esse objetivo. Para isso, dois pontos devem ser considerados: o meio que oferece mais chances de extensão da publicidade, e as condições mais adequadas a produzir no leitor uma impressão favorável, seja pela escolha judiciosa dos assuntos, seja pela disposição material. Por não levar em conta certos requisitos, por vezes de pura forma, as melhores obras freqüentemente morrem no nascedouro. Isto é fruto da experiência; certos editores têm, a respeito, um tato que lhes dá o hábito do gosto do público e lhes permite julgar infalivelmente as

probabilidades de sucesso de uma publicação, abstração feita do mérito intrínseco da obra.

O desenvolvimento que tomam as comunicações espíritas nos coloca na impossibilidade material de inseri-las todas em nossa *Revista*. Para abranger o panorama por inteiro, fora necessário lhes dar uma extensão tal que nos obrigaria a vendê-la por um preço inalcançável a muita gente. Torna-se, pois, necessário divisar um meio de as suprir nas melhores condições para todos. Para começar, examinemos os prós e os contras dos diferentes sistemas que poderiam ser empregados.

1º *Publicações periódicas locais* – Apresentam dois inconvenientes: o primeiro, de serem quase sempre restritas à localidade; o segundo é que uma publicação periódica, devendo ser alimentada e distribuída em datas fixas, necessita de um material burocrático e de despesas regulares, que devem ser providos de qualquer modo, sob pena de interrupção. Se os jornais de localidade, que se dirigem ao grande público, muitas vezes têm dificuldade para sobreviver, com mais forte razão uma publicação dirigida a um público restrito, porquanto seria iludir-se com a vã esperança de contar muitos assinantes de fora, sobretudo se tais publicações se fossem multiplicando.

2º *Publicações locais não periódicas* – Uma sociedade, um grupo, os grupos de uma mesma cidade poderiam, como fizeram em Metz, reunir suas comunicações em brochuras independentes umas das outras e publicá-las em datas indeterminadas. Do ponto de vista financeiro este modo é incomparavelmente preferível ao precedente, porque não implica compromissos e sempre se é livre de parar quando quiser. Mas há sempre o inconveniente da restrição da publicidade. Para espalhar essas brochuras fora do círculo local, haveria necessidade de gastos com anúncios, ante os quais muitas vezes a gente recua, ou uma livraria central, com

numerosos correspondentes que deles se encarregassem. Mas aqui se apresenta outra dificuldade. Os livreiros, em geral, não se ocupam de bom grado com as obras que eles próprios não editam; por outro lado, não querem entulhar seus correspondentes com publicações para eles sem importância e de saída incerta, muitas vezes feitas em más condições de venda pelo formato e pelo preço e que, além do inconveniente de descontentar os correspondentes, obrigá-los-ia a arcar com as despesas de devolução. São considerações que a maioria dos autores, estranhos ao ofício, não compreendem, sem falar dos que, achando suas obras excelentes, admiram-se de que nenhum editor se empenhe em publicá-las. Aqueles que as imprimem por conta própria deveriam ter em mente que, a despeito das vantagens que ofereçam aos editores, a obra terá de aguardar os interessados se, dadas as peculiaridades do ofício, não estiver em *condições negociáveis*.

Pedimos desculpas aos nossos leitores por entrar em detalhes tão materiais a propósito das coisas celestes, mas é precisamente no interesse da propagação das boas coisas que queremos nos premunir contra as ilusões da inexperiência.

3º *Publicações individuais dos médiuns* – Todas as reflexões acima se aplicam naturalmente às publicações isoladas que certos médiuns poderiam fazer das comunicações que recebem. Mas, além da maior parte deles não o poder fazer, elas têm outro inconveniente: é que, em geral, têm um cunho de uniformidade que as torna monótonas e prejudicaria tanto mais a sua venda quanto mais se multiplicassem. Só seriam atraentes se, tratando de determinado assunto, formassem um todo e apresentassem um conjunto, fossem obras de um só ou de vários Espíritos.

Essas considerações não são absolutas e certamente poderá haver exceções, mas não podemos deixar de convir que

repousam sobre um fundo de verdade. Aliás, aquilo que dizemos não visa impor nossas idéias, que cada um é livre para considerar ou recusar. Apenas, como não se publica algo senão esperando um resultado, sentimo-nos na obrigação de expor as causas de decepções.

Os inconvenientes que acabamos de assinalar nos parecem completamente superados pela publicação central e coletiva que os Srs. Didier & Cie vão empreender, sob o título de *Biblioteca do Mundo Invisível*. Compreenderá uma série de volumes, formato grande in-18, de sete cadernos de impressão, ou cerca de 250 páginas, ao preço uniforme de 2 francos. Cada volume terá o seu número de ordem, mas será vendido separadamente, de sorte que os aficionados estarão livres para escolher aquilo que mais e melhor lhes convier, sem a obrigação de adquiri-los na sua totalidade. Esta coleção, que não tem limites fixos, oferecerá os meios de publicar, nas melhores condições possíveis, os trabalhos mediúnicos obtidos nos diversos centros, com a vantagem de uma publicidade muito vasta, por meio dos correspondentes. O que esta casa não fizer por meio de brochuras isoladas, fá-lo-á por meio de uma coleção que pode adquirir grande importância.

O nome de *Biblioteca do Mundo Invisível* é o título geral da coleção. No entanto, cada volume terá um título especial para designar a procedência e o assunto, beneficiando o autor sem que este tenha de se imiscuir no produto das obras que lhe são estranhas. É uma publicação coletiva, mas sem vínculos recíprocos entre os produtores, na qual cada um entra por sua conta e risco, aproveitando-se da publicidade comum.

Nessa coleção os editores não se comprometem absolutamente em publicar tudo quanto lhes seja apresentado. Ao contrário, se reservam expressamente o direito de proceder a uma escolha rigorosa. Caso aceitos, e desde que satisfaçam às

condições de formato e preço, os volumes publicados a expensas dos autores poderão fazer parte da coleção.

Pessoalmente, somos de todo estranhos ao conjunto dessa publicação e à sua administração; ela nada tem de comum com a *Revista Espírita*, nem com as nossas obras especiais sobre a matéria. Aqui lhe damos a nossa aprovação e o nosso apoio moral porque a julgamos útil e porque a consideramos a melhor via aberta aos médiuns, grupos e sociedades para suas publicações. Nela colaboraremos como os outros, por nossa própria conta, só assumindo a responsabilidade pelo que levar o nosso nome.

Além das obras especiais que pudermos fornecer a essa coleção, dar-lhe-emos, sob o título particular de *Carteira Espírita*, alguns volumes compostos de comunicações *escolhidas*, quer entre as que são obtidas em nossas reuniões de Paris, quer entre as que nos são enviadas por médiuns e pelos grupos franceses e estrangeiros que se correspondem conosco e não quiseram fazer publicações pessoais. Emanando de fontes diferentes, essas publicações terão o atrativo da variedade. A elas juntaremos, conforme as circunstâncias, as observações necessárias à sua compreensão e desenvolvimento. A ordem, classificação e todas as disposições materiais serão objeto de particular atenção.

Não visando tais publicações o nosso benefício pessoal, nossa intenção é aplicar os direitos que nos couberem, pelos cuidados que lhes daremos em benefício da distribuição gratuita de nossas obras sobre o Espiritismo, às pessoas que não puderem adquiri-las ou qualquer outro emprego julgado útil à propagação da doutrina, segundo condições que forem fixadas posteriormente.

Esse plano parece responder a todas as necessidades e não duvidamos que seja acolhido com simpatia por todos os sinceros amigos da doutrina.

Controle do Ensino Espírita

A organização que propusemos para a formação dos grupos espíritas tem como objetivo preparar o caminho que deve facilitar as relações mútuas entre eles. Entre as vantagens que resultarão de tais relações, deve-se colocar em primeira linha a unidade de doutrina, que será a sua conseqüência natural. Esta unidade já se acha em grande parte realizada e as bases fundamentais do Espiritismo são hoje admitidas pela imensa maioria dos adeptos. Mas ainda há questões duvidosas, seja porque não tenham sido resolvidas, seja porque o foram em sentido diverso pelos homens e, até mesmo, pelos Espíritos.

Se por vezes os sistemas são produtos dos cérebros humanos, sabe-se que, a tal respeito, certos Espíritos nada ficam a dever. Com efeito, vêem-se alguns que engendram as mais absurdas idéias com maravilhosa habilidade, encadeando-as com muita arte e delas fazendo um conjunto mais engenhoso que sólido, mas que poderia falsear a opinião de pessoas que não se dão ao trabalho de aprofundar, ou que são incapazes de o fazer pela insuficiência de seus conhecimentos. Sem dúvida as idéias falsas acabam caindo ante a experiência e a lógica inflexível; mas, antes disso, podem lançar a incerteza. Também é sabido, conforme sua elevação, que os Espíritos podem ter, sobre certos pontos, uma maneira de ver mais ou menos justa; que as assinaturas das comunicações nem sempre são uma garantia de autenticidade, e que os Espíritos orgulhosos procuram, às vezes, fazer passar utopias, protegidos por nomes respeitáveis, com os quais se paramentam. É, incontestavelmente, uma das principais dificuldades da ciência prática, e contra a qual muitos se chocaram.

Em caso de divergência, o melhor critério é a conformidade dos ensinamentos por diferentes Espíritos e transmitidos por médiuns completamente estranhos entre si. Quando o mesmo princípio for proclamado ou condenado pela maioria, é preciso

dar-nos conta da evidência. Se há um meio de chegar à verdade, seguramente é pela concordância e pela racionalidade das comunicações, auxiliadas pelos meios que temos à nossa disposição para constatar a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos. Ao deixar de ser individual para se tornar coletiva, a opinião adquire um maior grau de autenticidade, já que não pode ser considerada como resultado de uma influência pessoal ou local. Os que ainda se acham em dúvida terão uma base para fixar as idéias, porquanto será irracional pensar que aquele que em seu ponto de vista está só, ou quase só, tenha razão contra todos.

O que acima de tudo contribuiu para o crédito da doutrina de *O Livro dos Espíritos* foi precisamente o fato de ser ela o produto de um trabalho semelhante, que repercute em toda parte. Como o dissemos, nem é obra de um único Espírito, que poderia ser sistemático, nem de um único médium, que poderia ser enganado, mas, ao contrário, um ensino coletivo, dado por uma grande diversidade de Espíritos e de médiuns, e os princípios que encerra são confirmados mais ou menos por toda parte. Dizemos mais ou menos considerando que, pela razão acima explicada, há Espíritos que procuram fazer prevaleçam suas idéias pessoais. É, pois, inútil submeter idéias divergentes ao controle que propomos. Se a doutrina ou algumas teorias que professamos fossem reconhecidas unanimemente como errôneas, submeter-nos-íamos sem murmuração, sentindo-nos felizes que outros tenham encontrado a verdade; mas se, ao contrário, elas forem confirmadas, não de permitir creiamos estar com a verdade.

A Sociedade Espírita de Paris, compreendendo toda a importância de semelhante trabalho e tendo, ela mesma, primeiro que se esclarecer e depois provar que não pretende absolutamente arvorar-se em árbitro absoluto das doutrinas que professa, submeterá aos diversos grupos que com ela se correspondem as questões que julgar mais úteis à propagação da verdade. Essas questões serão comunicadas, seja por correspondência particular, seja por intermédio da *Revista Espírita*.

Compreende-se que para ela, e em razão da maneira séria por que encara o Espiritismo, a autoridade das comunicações depende das condições em que se realizam as reuniões, do caráter dos membros e do objetivo a que se propõem. Oriundas de grupos formados sobre as bases indicadas em nosso artigo sobre a organização do Espiritismo, as comunicações terão tanto mais peso a seus olhos quanto melhores forem as condições desses grupos.

Submetemos aos nossos correspondentes as questões que se seguem, enquanto aguardam as que lhes dirigiremos ulteriormente.

Questões e Problemas Propostos aos Vários Grupos Espíritas^{7, 8}

1^a – Formação da Terra

Existem dois sistemas sobre a origem e a formação da Terra. Segundo a opinião mais comum, a que parece geralmente adotada pela Ciência, seria o produto da condensação gradual da matéria cósmica sobre um ponto determinado do espaço. O mesmo teria ocorrido com os demais planetas.

Conforme outro sistema, preconizado nos últimos tempos e segundo a revelação de um Espírito, a Terra teria sido formada pela incrustação de quatro satélites de um antigo planeta desaparecido. Tal adjunção teria resultado da própria vontade da alma desses planetas. Um quinto satélite, nossa Lua, ter-se-ia recusado, em virtude de seu livre-arbítrio, a essa associação. Os vazios deixados entre eles pela ausência da Lua teriam formado as cavidades preenchidas pelos mares. Cada um desses planetas teria

7 **N. do T.:** Aqui Allan Kardec já começa a esboçar algumas teorias que, desenvolvidas posteriormente, passarão a integrar o último livro da Codificação Espírita. (Vide *A Gênese*, capítulo VIII).

8 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 529.

trazido consigo seres *catalépticos* – homens, animais e plantas – que lhe eram peculiares.

Sáídos de sua letargia, depois de operada a adunção e restabelecido o equilíbrio, esses seres teriam povoado o globo atual. Tal seria a origem das raças-mãe do homem da Terra: a raça negra na África, a amarela na Ásia, a vermelha na América e a branca na Europa.

Qual destes dois sistemas pode ser considerado como expressão da verdade?

A propósito deste assunto, bem como dos outros, solicitamos uma solução explícita e racional.

Observação – É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou o que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações.

2º – Alma da Terra

Encontramos a seguinte proposição numa brochura intitulada *Resumo da Religião Harmônica*.

“Deus criou o homem, a mulher e todos os mais belos e melhores seres, mas concedeu a todos os astros o poder de criar seres de ordem inferior, a fim de completar o seu mobiliário, quer

pela combinação de seu próprio fluido fecundante, conhecido em nosso globo pelo nome de *aurora boreal*, quer com a combinação desse fluido com o de outros astros. Ora, a alma do globo terrestre, desfrutando, como as almas humanas, de seu livre-arbítrio, isto é, da faculdade de escolher o caminho do bem ou do mal, deixou-se arrastar por este último. Daí as criações imperfeitas e más, tais os animais ferozes e venenosos e os vegetais peçonhentos. Mas a Humanidade fará desaparecer esses seres nocivos quando, ao se pôr de acordo com a alma da Terra para marchar pelo caminho do bem, ocupar-se de maneira mais inteligente da gestão do globo terrestre, no qual será criado um mobiliário mais perfeito.”

O que há de verdadeiro nesta proposição, e o que se deve entender por alma da Terra?

3º – Sede da alma humana

Lê-se na mesma obra a passagem seguinte, citada como extrato de *A Chave da Vida*, página 751:

“A alma é de natureza luminosa, divina. Tem a forma do ser humano que anima. Reside num espaço situado na substância cerebral mediana, que reúne os dois lobos do cérebro por sua base. No homem harmonioso e na unidade, a alma, diamante resplandecente, é cingida por uma branca coroa luminosa: a coroa da harmonia.”

O que há de verdadeiro nesta proposição?

4º – Morada das Almas

Na mesma obra:

“Enquanto habitam as regiões planetárias, os Espíritos são obrigados a reencarnar para progredirem. Desde que chegam às regiões solares, não mais necessitam da reencarnação e

progridem indo habitar outros sóis de ordem superior, de onde passam às regiões celestes. A Via-Láctea, de luz tão suave, é a morada dos anjos ou Espíritos superiores.”

Isto é verdade?

5º – **Manifestação dos Espíritos**

Conforme a doutrina ensinada por um Espírito, nenhum Espírito humano pode manifestar-se ou comunicar-se com os homens, nem servir de intermediário entre Deus e a Humanidade, considerando-se que sendo Deus onipotente e onipresente, não necessita de auxiliares para a execução de sua vontade, pois tudo faz por si mesmo. Em todas as comunicações ditas espíritas, só Deus se manifesta, tomando a forma nas aparições, e a linguagem nas comunicações escritas, dos Espíritos que evocamos e aos quais julgamos falar. Em consequência, estando morto o homem, não poderá mais haver relações entre ele e os que ficaram na Terra, até que, por uma série de reencarnações sucessivas, durante as quais progridem, tenham atingido o mesmo grau de adiantamento no mundo dos Espíritos. Como só Deus pode manifestar-se, segue-se que as comunicações grosseiras, triviais, blasfematórias e mentirosas também são dadas por Ele – mas como prova – do mesmo modo que as dá boas, a fim de instruir. Naturalmente o Espírito que ditou esta teoria faz-se passar pelo próprio Deus, formulando, sob esse nome, uma extensa doutrina filosófica, social e religiosa.

Que se deve pensar de tal sistema, de suas consequências e da natureza do Espírito que o ensina?

6º – **Anjos rebeldes, anjos decaídos e paraíso perdido**

Que pensar da teoria formulada a respeito disto, no artigo acima publicado pelo Sr. Allan Kardec?

O Sobrenatural

PELO SR. GUIZOT

(2º artigo – Ver o número de dezembro de 1861)

Em nosso último número publicamos o eloqüente e extraordinário capítulo do Sr. Guizot, a propósito do sobrenatural, do qual nos propúnhamos fazer algumas observações críticas que em nada diminuem a nossa admiração pelo ilustre e sábio escritor.

O Sr. Guizot acredita no sobrenatural. Sobre este, como sobre outros pontos de vista, importa nos entendamos quanto às palavras. Em sua aceção própria, *sobrenatural* significa o que está acima da Natureza, fora das leis da Natureza. O sobrenatural propriamente dito não está submetido a leis; é uma exceção, uma derrogação das leis que regem a Criação; numa palavra, é sinônimo de *milagre*. No sentido próprio essas duas palavras passaram à linguagem figurada, servindo para designar tudo quanto seja extraordinário, surpreendente, insólito. Diz-se de uma coisa que causa admiração que ela é miraculosa, como se diz que uma grande extensão é incomensurável, que um grande número é incalculável e que uma longa duração é eterna, embora, a rigor, possamos mensurar uma, calcular a outra e prever um termo para a última. Pela mesma razão, qualifica-se de sobrenatural aquilo que, à primeira vista, parece sair dos limites do possível. O vulgo é sempre levado a tomar o vocábulo ao pé da letra naquilo que não compreende. Se por isto se entende o que se afasta das causas conhecidas, estamos de acordo; mas, então, o vocábulo não tem mais sentido preciso, porquanto aquilo que era sobrenatural ontem já não o é hoje. Quantas coisas, outrora consideradas como tais, não fez a Ciência entrar no domínio das leis naturais! Seja qual for o progresso que tenhamos feito, podemos nos gabar de conhecer todos os segredos de Deus? A Natureza já nos disse a última palavra sobre todas as coisas? Diariamente não temos desmentidos a essa orgulhosa pretensão? Se, pois, aquilo que ontem era

sobrenatural já não o é hoje, podemos logicamente inferir que o sobrenatural de hoje poderá não mais o ser amanhã. Para nós, o vocábulo sobrenatural é tomado no seu mais absoluto sentido próprio, isto é, para designar qualquer fenômeno contrário às leis da Natureza. O caráter do fato sobrenatural ou miraculoso é de ser excepcional. Desde que se repete, é que está submetido a uma lei, conhecida ou não, e entra na ordem geral⁹.

Se restringirmos a *natureza* ao mundo material, visível, é evidente que as coisas do mundo invisível serão sobrenaturais. Mas estando o mundo invisível, ele também, submetido a leis, parece-nos mais lógico definir a Natureza como *o conjunto das obras da Criação, regidas pelas leis imutáveis da Divindade*. Se, como o demonstra o Espiritismo, o mundo invisível é uma das forças, um dos poderes que reagem sobre a matéria, representa um papel importante na Natureza, razão por que os fenômenos espíritas, para nós, não são sobrenaturais, nem maravilhosos, nem miraculosos. Por aí se vê que, longe de ampliar o círculo do maravilhoso, o Espiritismo tende a restringi-lo e, mesmo, fazê-lo desaparecer.

Dissemos que o Sr. Guizot acredita no sobrenatural, mas no sentido miraculoso, o que de modo algum implica a crença nos Espíritos e em suas manifestações. Ora, do fato de, para nós, os fenômenos espíritas nada terem de anormal, não se segue que Deus não tenha podido, em determinados casos, derrogar as suas leis, desde que é Todo-Poderoso. Tê-lo-ia feito? Não é aqui o lugar de examinar a questão. Para isto seria necessário discutir, não o problema, mas cada fato isoladamente. Ora, colocando-nos do ponto de vista do Sr. Guizot, isto é, da realidade dos fatos miraculosos, vamos tentar combater a consequência que daí ele tira, a saber, que *a religião não é possível sem o sobrenatural* e, ao contrário, provar que de seu sistema resulta o aniquilamento da religião.

9 N. do T.: Primeiros germes do capítulo XIII de *A Gênese*: – Caracteres dos milagres – Os milagres no sentido teológico.

O Sr. Guizot parte do princípio de que todas as religiões se fundam no sobrenatural. Isto é certo se, como tal, entendermos o que não se compreende; mas se remontarmos ao estado dos conhecimentos humanos na época da fundação de todas as religiões conhecidas veremos quão limitado era o saber dos homens em Astronomia, Física, Química, Geologia, Fisiologia, etc. Se, nos tempos modernos, bom número de fenômenos, hoje perfeitamente conhecidos e explicados, passaram por maravilhosos, com mais forte razão assim deveria ser nos tempos recuados. Acrescentemos que a linguagem figurada, simbólica e alegórica, em uso entre todos os povos do Oriente, prestava-se naturalmente às ficções, cujo verdadeiro sentido a ignorância não permitia descobrir. Acrescentemos, ainda, que os fundadores das religiões, homens superiores ao povo e sabendo muito mais que ele, tiveram, para impressionar as massas, de cercar-se de um prestígio sobre-humano, que alguns ambiciosos utilizaram para explorar a credulidade. Vede Numa; vede Maomé e tantos outros. Direis que são impostores. Seja! Tomemos as religiões saídas da lei mosaica: todas adotam a criação segundo o Gênesis. Ora, haverá, com efeito, algo mais sobrenatural do que essa formação da Terra, tirada do nada, arrancada do caos, povoada por todos os seres vivos, homens, animais e plantas, todos formados e adultos, e isto em seis vezes vinte e quatro horas, como num golpe de mágica? Não será a derrogação mais formal das leis que regem a matéria e a progressão dos seres? Por certo Deus podia fazê-lo; mas o fez? Ainda há bem poucos anos isto era afirmado como artigo de fé; mas eis que a Ciência repõe o fato imenso da origem do mundo na ordem das coisas naturais, provando que tudo se realizou segundo leis eternas. Sofreu a religião por não ter mais como base um fato maravilhoso por excelência? Incontestavelmente muito teria sofrido no seu crédito caso se tivesse obstinado em negar a evidência, ao passo que ganhou enveredando pelo direito comum.

Um fato muito menos importante, malgrado as perseguições a que deu origem, é Josué parando o Sol para

prolongar o dia em mais duas horas. Não importa se foi o Sol ou a Terra que parou: nem por isso o fato deixa de ser menos sobrenatural. É uma derrogação de uma das leis mais capitais, a da força que arrasta os mundos. Pensaram em sair da dificuldade reconhecendo que é a Terra que gira, mas não haviam levado em conta a maçã de Newton, a mecânica celeste de Laplace e a lei da gravitação. Se o movimento da Terra for suspenso, não por duas horas, mas por alguns minutos, cessará a força centrífuga e a Terra precipitar-se-á sobre o Sol. O equilíbrio das águas na sua superfície é mantido pela continuidade do movimento; cessando este, tudo é posto em desordem. Ora, a história do mundo não menciona o menor cataclismo nessa época. Não contestamos que Deus possa ter favorecido Josué, prolongando a claridade do dia. Que meio teria empregado? Ignoramo-lo. Tivesse sido uma aurora boreal, um meteoro ou um outro fenômeno e nada teria alterado a ordem das coisas; mas seguramente não foi aquele tomado, durante séculos, como artigo de fé. Que outrora tenham acreditado, é muito natural; mas hoje isto é impossível, a menos que se renegue a Ciência.

Entretanto, dirão que a religião se apóia sobre muitos outros fatos, que nem são explicados, nem explicáveis. Inexplicados, sim; inexplicáveis é outra questão. Sabemos, acaso, que descobertas e conhecimentos o futuro nos reserva? Já não vemos, sob o império do magnetismo, do sonambulismo, do Espiritismo, reproduzirem-se os êxtases, as visões, as aparições, a visão a distância, as curas instantâneas, as levitações, as comunicações orais e outras, com seres do mundo invisível, fenômenos conhecidos desde tempos imemoriais, outrora considerados como maravilhosos e hoje demonstrados como pertencentes à ordem das coisas naturais, conforme a lei constitutiva dos seres? Os livros sagrados estão repletos de fatos qualificados de sobrenaturais; como, porém, os encontramos análogos e até mais maravilhosos em todas as religiões pagãs da Antigüidade, se a verdade de uma religião fosse depender do

número e da natureza de tais fatos, não saberíamos muito qual delas seria a mais importante.

Como prova do sobrenatural o Sr. Guizot cita a formação do primeiro homem, que foi criado adulto porque, segundo ele, sozinho e no estado de infância não teria podido alimentar-se. Mas se Deus fez uma exceção criando-o adulto, não poderia ter feito outra, facultando à criança os meios de viver, e isto sem se afastar da ordem estabelecida? Sendo os animais anteriores ao homem, não poderia realizar, em relação à primeira criança, a fábula de Rômulo e Remo?

Dizemos a primeira criança, quando deveríamos dizer as primeiras crianças, porquanto a questão de um tronco único para a espécie humana é muito controvertida. Com efeito, as leis antropológicas demonstram a impossibilidade material que a posteridade de um só homem tenha podido, em alguns séculos, povoar a Terra inteira e transformar-se em raças negra, amarela e vermelha, pois demonstrado está que essas diferenças se prendem à constituição orgânica, e não ao clima.

O Sr. Guizot sustenta uma tese perigosa ao afirmar que nenhuma religião é possível sem o sobrenatural. Se ele faz repousar as verdades do Cristianismo sobre a base única do maravilhoso, dá-lhe um apoio frágil, cujas pedras se desprendem a cada dia. Damos-lhe um fundamento mais sólido: as leis imutáveis de Deus. Este fundamento desafia o tempo e a Ciência, porque o tempo e a Ciência virão sancioná-la. A tese do Sr. Guizot leva diretamente à conclusão de que, num tempo dado, não haverá mais religião possível, nem mesmo a cristã, se se demonstrar como natural o que é tomado como sobrenatural. Foi isto que ele quis provar? Não; mas é a consequência de seu argumento e para ela marchamos a largos passos. Porque, por mais que se faça, por mais que se amontoem raciocínios, não se chegará a manter a crença que um fato é sobrenatural, quando ficou provado que não o é.

Sob esse aspecto somos muito menos cépticos que o Sr. Guizot e dizemos que Deus não é menos digno de nossa admiração, do nosso reconhecimento e do nosso respeito por não haver derogado suas leis, grandes, sobretudo, por sua imutabilidade, e que não há necessidade do sobrenatural para lhe render o culto que lhe é devido e, conseqüentemente, por ter uma religião que encontrará tanto menos incrédulos quanto mais for, em todos os pontos, sancionada pela razão. Em nosso modo de ver, nada tem o Cristianismo a perder com esta sanção; ele não pode senão lucrar. Se, na opinião de muitos, algo o prejudicou, foi precisamente o abuso do maravilhoso e do sobrenatural. Fazei vejam os homens a grandeza e o poder de Deus em todas as suas obras; mostrai a eles a sua sabedoria e a sua admirável providência, desde a germinação da plantinha até o mecanismo do Universo: maravilhas não faltarão. Substituí em seu espírito a idéia de um Deus ciumento, colérico, vingativo e implacável, pela de um Deus soberanamente justo, bom e misericordioso, que não condena a suplícios eternos e sem esperanças por faltas temporárias; que, desde a infância, seja nutrido por essas idéias, que crescerão com a razão, e os fareis crentes mais firmes e sinceros do que se os embalásseis com alegorias, impostas ao pé da letra e que, mais tarde repelidas, conduzi-lo-iam a duvidar de tudo, e mesmo à negação total. Se quizerdes manter a religião pelo só prestígio do maravilhoso, não haverá senão um meio: manter os homens na ignorância. Vede se isso é possível. À força de mostrar a ação de Deus somente nos prodígios e nas exceções, deixamos de mostrá-la nas maravilhas que espezinhamos.

Certamente objetarão com o nascimento miraculoso do Cristo, que não poderia ser explicado pelas leis naturais, e que é uma das provas mais retumbantes de seu caráter divino. Não cabe aqui examinar esta questão. Mas, ainda uma vez, não contestamos a Deus o poder de derogar suas leis. O que questionamos é a necessidade absoluta dessa derrogação para o estabelecimento de uma religião qualquer.

Dirão que o magnetismo e o Espiritismo, reproduzindo fenômenos tidos por miraculosos, são contrários à religião atual, porque tendem a retirar desses fatos o seu caráter sobrenatural. Mas, que fazer, se os fatos são reais? Não os impedirão, visto que tais fatos não constituem privilégio de um homem, mas se repetem no mundo inteiro. Outro tanto se poderia dizer da Física, da Química, da Astronomia, da Geologia, da Meteorologia; numa palavra, de todas as ciências. A tal respeito diremos que o cepticismo de muita gente não tem outra fonte senão a impossibilidade, para eles, desses fatos excepcionais. Negando a base sobre a qual se apóiam negam tudo o mais. Provai-lhes a possibilidade e a realidade desses fatos; reproduzi-os aos seus olhos e eles serão forçados a acreditar. – Mas isto é tirar do Cristo o seu caráter divino! – Então preferis que eles não creiam em coisa alguma a acreditar nalguma coisa? Então só haverá esse meio para provar a divindade da missão do Cristo? Seu caráter não se destaca cem vezes melhor da sublimidade de sua doutrina e do exemplo que deu de suas virtudes? Se não vêem esse caráter senão nos atos materiais que ele realizou, outros não os fizeram semelhantes, como Apolônio de Tiana, seu contemporâneo? Por que, então, o Cristo o superou? Porque fez um milagre muito maior do que transformar a água em vinho, do que alimentar quatro mil homens com cinco pães, curar epiléticos, devolver a vista aos cegos e fazer andar os paráliticos. Esse milagre é o de ter mudado a face do mundo; é a revolução operada pela simples palavra de um homem saído do estábulo, durante três anos de pregação, sem nada haver escrito, auxiliado apenas por alguns pescadores obscuros e ignorantes. Eis o verdadeiro prodígio, aquele em que precisamos estar cegos para não ver a mão de Deus. Que os homens se persuadam desta verdade, pois é a melhor maneira de os converter em crentes definitivos.

Poesias de Além-Túmulo

QUERÍAMOS VERSOS DE BÉRANGER

(Sociedade Espírita do México, 20 de abril de 1859)

Depois que me afastei de nossa pátria bela,
E outros países vi, ouço alguém me deter:
Voltai, voltai, ouvi a quem vos apela,
Nós queremos ter mais versos de Béranger.
Deixai, pois, repousar esta musa risonha;
Ela já habita o céu com seus campos abertos,
Para louvar seu Deus com voz que alegre sonha
Cada dia ao juntar-se aos celestes concertos.

Ela cantara outrora as mais frívolas árias;

Por seu bom coração, Deus a si o chamou,
Não tendo achado más as suas canções várias.
Ele amava, ele orava e nunca a alguém odiou.
Se eu pude flagelar a raça capuchinha
Com seu bom coração os franceses têm rido.
Se a voltar a este mundo o bom Deus me destina,
A zombar-lhes ainda eu serei compelido.

Nota – Aqui o Espírito Béranger, deixando-nos entregue à nossa prece, deu-nos os versos seguintes:

O quê! Me assassinais, leviana e humana raça!
Versos! Meus versos sempre! O pobre Béranger
Bastante os feito tem sobre a terra em que passa
E contra eles seu fim devia proteger.

Mas não, pois que ele é nada, e se lhe cumpra a sorte!
Em morrendo, esperava o bom Deus impedisse-o.
Se me quereis punir, ai de mim! Que o suporte
O pobre Béranger a que votais suplício.

Béranger

ENSAIO AINDA UMA DE MINHAS CANÇÕES
(Sociedade Espírita do México)

I

Filho querido de uma terra amada,
Lembro-me sempre de você aqui.
Sob outros céus, alma regenerada
Amor, beleza e mocidade vi
Da vida, enfim, no seu topo me inundo,
Eterno globo de reencarnações;
E eu, pobre Espírito deste outro mundo,
Ensaio alguma de minhas canções.

II

Eu vi chegar esta diva criatura
Que de emoção envolve o nome seu;
Mas em seus olhos não mais que a ternura,
Pôde sentir sem medo este olhar meu.
E adormeci, e a amiga em tom profundo,
Dá-me ao partir enternecidos sons;
E eu, pobre Espírito deste outro mundo,
Ensaio algumas de minhas canções.

III

Oh, ide em paz! Deitai-vos no jazigo,
Mortos felizes, deixai de acordar;
Olhos fechados são telas de abrigo
Que se abrirão a um sol belo e a brilhar.
Sorride, pois, que a morte lá no fundo
Quer-vos brindar com messes e orações;
E eu, pobre Espírito deste outro mundo,
Ensaio alguma de minhas canções.

IV

Ei-los caídos, gigantes da glória;
Escravos, reis, todos serão iguais,
Que para todos nós maior vitória
Só cabe àquele que amar souber mais.

Lá vemos esse que amor, gemebundo,
Nos pede, ou que deixamos com aflições.
E eu, pobre Espírito deste outro mundo,
Ensaio alguma de minhas canções.

V

Adeus, amigos. Adentro esse espaço
Que à vossa voz possa eu sempre vencer;
A imensidade é um eterno enlaço
Que brevemente vireis percorrer.
Sim, e com voz jovial em tom jucundo,
Juntos direis então minhas lições;
E eu, pobre Espírito deste outro mundo,
Ensaio alguma de minhas canções.

Béranger

Observação – De passagem por Paris, o presidente da Sociedade Espírita do México houve por bem confiar-nos uma coletânea de comunicações dessa Sociedade, autorizando-nos a escolher o que julgássemos útil. Pensamos que nossos leitores não protestarão por essa primeira escolha que fizemos. Verão, pelas mostras, que belas comunicações são dadas em todos os países. Devemos acrescentar que o médium que obteve os dois fragmentos acima é uma senhora inteiramente alheia à poesia.

Bibliografia

O ESPIRITISMO NA SUA EXPRESSÃO MAIS SIMPLES OU A DOCTRINA ESPÍRITA POPULARIZADA

A brochura que anunciamos sob esse título, em nosso último número, será lançada a 15 de janeiro; mas, em vez de 25 centavos, preço indicado, será vendida a 15 centavos o exemplar isolado, e a 10 centavos para compra de 20 exemplares, ou 2 francos, sem o porte.

O objetivo desta publicação é dar, num panorama muito sucinto, um histórico do Espiritismo e uma idéia suficiente da Doutrina dos Espíritos, a fim de que se lhe possa compreender o objetivo moral e filosófico. Pela clareza e simplicidade do estilo, procuramos pô-la ao alcance de todas as inteligências. Contamos com o zelo de todos os verdadeiros espíritas para ajudarem a sua propagação.

REVELAÇÕES DE ALÉM-TÚMULO

Pela Sra. H. Dozon, médium. Evocador, Sr. H. Dozon, ex-tenente dos lanceiros da guarda, cavaleiro da Legião de Honra. – Um volume grande in-18; preço: 2 fr. 25 c. Livraria Ledoyen, 31, galerie d'Orléans, Palais-Royal.

Trata-se de uma coletânea de comunicações obtidas pela Sra. Dozon, médium, membro da Sociedade Espírita de Paris, durante e após grave e dolorosa enfermidade que, como ela mesma diz, teria abatido sua coragem, não fossem a sua fé no Espiritismo e a evidente assistência de seus amigos e guias espirituais, que a sustentaram nos momentos mais difíceis. Por isso, a maioria das comunicações traz a marca das circunstâncias em que foram dadas. Seu objetivo evidente era levantar o moral abatido, meta completamente alcançada. Seu caráter é essencialmente religioso, só respirando a mais pura, a mais doce e a mais consoladora moral. Algumas são de notável elevação de pensamentos. Lamentamos apenas que a rapidez com que o volume foi impresso não tenha permitido fazer toda a correção material desejável.

Se a *Biblioteca do Mundo Invisível*, que anunciamos, estivesse em vias de publicação, nela esta obra poderia encontrar uma honrosa posição.

Testamento em Favor do Espiritismo

Ao Sr. Allan Kardec, presidente da Sociedade Espírita de Paris

Meu caro senhor e muito honrado chefe espírita,

Estou anexando meu testamento hológrafo, em envelope lacrado em cera verde, com orientação do que deverá ser feito após a minha morte. Desde o momento em que conheci e compreendi o Espiritismo, seu objetivo, sua meta final, tive a idéia e tomei a resolução de fazer meu testamento. Tinha programado neste inverno, depois de minha volta do campo, esta obra de minhas últimas vontades. No lazer e na solidão do campo pude recolher-me e, à luz desse divino facho do Espiritismo, aproveitei todos os ensinamentos que recebi, sob todos os pontos de vista, dos Espíritos do Senhor, para me guiar no cumprimento desta obra da maneira mais útil aos meus irmãos da Terra, quer sentados no meu lar doméstico, quer à minha volta ou longe de mim, conhecidos e desconhecidos, amigos ou inimigos, e da maneira mais agradável a Deus. Lembrei-me do que esse respeitável Sr. Jobard, de Bruxelas, cuja morte súbita nos anunciastes, vos escrevia, na sua linguagem profunda e, ao mesmo tempo, divertida e espirituosa, relativamente a uma sucessão de vinte milhões, dos quais se dizia espoliado: que esta soma colossal teria sido uma alavanca poderosa para ativar de um século a nova era que se inicia. O dinheiro, que muitas vezes e do ponto de vista terreno dizem ser o ponto nevrálgico das batalhas, é, com efeito, o mais temível, o mais poderoso instrumento, tanto para o bem quanto para o mal aqui na Terra. Então eu disse a mim mesmo: “Posso e devo consagrar a essa nova era uma notável porção do modesto patrimônio que adquiri para a realização de minhas provas, com o suor de meu rosto, à custa de minha saúde, através da pobreza, da fadiga, do estudo e do trabalho, durante trinta anos de vida militante de advogado, um dos mais ocupados nas audiências e no escritório.

Reli a carta de 1º de novembro de 1832 que, depois de sua viagem a Roma, Lamennais escreveu à condessa de Senfft, e na qual, expressando sua decepção após tantos esforços e tantas lutas consagrados à procura da verdade, encontrei estas palavras, se não proféticas, pelo menos inspiradas, anunciando esta era nova.

.....

(Seguem-se várias citações, que a falta de espaço não nos permite reproduzir)

O envelope contém o seguinte sobrescrito:

“Dentro deste envelope, lacrado com cera verde, está meu testamento hológrafo. O envelope só deverá ser aberto e o selo quebrado após a minha morte, durante sessão geral da Sociedade Espírita de Paris. Nessa sessão será feita a leitura integral do testamento, pelo presidente da Sociedade que estiver em exercício naquela ocasião. O dito envelope e o selo mencionado serão rompidos pelo presidente. O presente envelope selado, contendo o meu testamento e que vai ser entregue ao Sr. Allan Kardec, atual presidente da dita sociedade, será por ele guardado nos arquivos da referida Sociedade. Um original desse mesmo testamento será encontrado, na época de minha morte, na sala de estudo da Sra.***; um outro original será, na mesma época, encontrado em minha casa. O depósito ao Sr. Allan Kardec é mencionado nos outros originais.”

Tendo sido a carta comunicada à Sociedade Espírita de Paris, em sua sessão de 20 de dezembro de 1861, seu presidente, o Sr. Allan Kardec, foi encarregado de agradecer, em nome da sociedade, às generosas intenções do testador em favor do Espiritismo, e de o felicitar pela maneira por que compreende a sua finalidade e o seu alcance.

Embora o autor da carta não tenha recomendado omitir seu nome, caso se julgasse conveniente publicá-la, compreende-se que, em tais circunstâncias e num ato dessa natureza, a mais absoluta reserva é uma obrigação rigorosa.

Carta ao Dr. Morhéry, a Propósito da Srta. Godu

Nos últimos tempos, muitas pessoas têm comentado os estranhos fenômenos operados pela Srta. Godu, notadamente os que dizem respeito à produção de diamantes e de grãos preciosos por meios não menos estranhos. A propósito, o Dr. Morhéry nos escreveu uma longa carta descritiva e algumas pessoas admiraram-se de que não a tivéssemos comentado. A razão disso é que não apreciamos nenhum fato com entusiasmo, examinando friamente as coisas antes de as aceitar, pois a experiência nos tem ensinado quanto devemos desconfiar de certas ilusões. Se tivéssemos publicado sem exame todas as maravilhas que nos foram relatadas com maior ou menor boa-fé, nossa revista talvez tivesse se tornado mais divertida; devemos, porém, conservar-lhe o caráter sério que sempre teve. Quanto à nova e prodigiosa faculdade que se teria revelado na Srta. Godu, acreditamos sinceramente que a de médium curador era mais preciosa e mais útil à Humanidade e, mesmo, à propagação do Espiritismo. Contudo, nada negamos, e aos que pensam, com tal notícia, que deveríamos tomar o primeiro trem para nos certificarmos, responderemos que, se a coisa é real, não deixará de ser oficialmente constatada; que, então, haverá sempre oportunidade de comentá-la, e nosso amor-próprio não sofrerá se formos o primeiro a proclamá-la. Aliás, eis um trecho da resposta que demos ao Dr. Morhéry:

“(…) É certo que não publiquei todos os relatórios que me enviastes sobre as curas operadas pela Srta. Godu, mas, por outro lado, disse o bastante para chamar a atenção para ela. Se

falasse constantemente do caso, poderia dar a impressão de estar a serviço de interesses particulares. Aconselhava a prudência que o futuro viesse confirmar o passado. Quanto aos fenômenos que relatais na última carta, são tão estranhos que não me arriscarei a publicá-los senão quando tiver a sua confirmação de maneira irrecusável. Quanto mais anormal é um fato, tanto mais exige circunspeção. Não vos surpreendais, pois, que eu a tenha, e bastante, nesta circunstância. Aliás, é também a opinião do comitê da Sociedade, ao qual submeti a vossa carta. Decidiu ele, por unanimidade, que antes mesmo de falar do caso, conviria aguardar o seu desdobramento. Até o momento esse fato é de tal modo contrário a todas as leis naturais e, mesmo, a todas as leis conhecidas do Espiritismo, que o primeiro sentimento que provoca, mesmo entre os espíritas, é o de incredulidade. Falar dele antecipadamente e antes de poder apóia-lo com provas autênticas, seria excitar sem proveito a verve dos gracejadores de mau gosto.”

Nota – Adiamos para o próximo número a publicação de diversas evocações e dissertações espíritas de grande interesse.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V

FEVEREIRO DE 1862

Nº 2

Votos de Boas-Festas

Várias centenas de cartas nos foram dirigidas por ocasião do Ano-Novo, de sorte que nos é materialmente impossível responder a cada uma em particular. Rogamos, pois, aos nossos honrados correspondentes aceitarem aqui a expressão da nossa sincera gratidão pelos testemunhos de simpatia com que nos prodigalizaram. Entre elas, contudo, uma há que, por sua natureza, exige uma resposta especial: é a dos espíritas de Lyon, subscrita por cerca de duzentas assinaturas. Aproveitamos a oportunidade para acrescentar, a seu pedido, alguns conselhos gerais. A Sociedade Espírita de Paris, à qual já demos conhecimento, julgando que podia ser útil a todos, não só nos solicitou a publicá-la na *Revista*, como decidiu pela sua impressão separada, a fim de ser distribuída a todos os seus sócios. Todos os que tiveram a gentileza de nos escrever, por certo participarão dos sentimentos de reciprocidade que aí exprimimos e que se dirigem, sem exceção, a todos os espíritas, franceses e estrangeiros, que nos honram com o título de seu chefe e de seu guia na nova estrada que se lhes descortina. Não é, pois, somente aos que nos escreveram por ocasião do Ano-Novo que nos estamos dirigindo, mas a todos os que, a cada instante, nos dão provas tão comoventes de seu reconhecimento pela felicidade

e pelas consolações que haurem na doutrina, cientes que estão das nossas dificuldades e dos esforços empregados com vistas a favorecer a sua propagação; a todos, enfim, que acreditam sirvam os nossos trabalhos para alguma coisa na marcha progressiva do Espiritismo.

**RESPOSTA DIRIGIDA AOS ESPÍRITAS LIONESES
POR OCASIÃO DO ANO-NOVO**

Meus caros irmãos e amigos de Lyon,

A mensagem coletiva que houvestes por bem me enviar pela passagem do Ano-Novo causou-me viva satisfação, provando que conservastes de mim uma boa recordação. Mas o que mais me alegrou nesse ato espontâneo foi ter encontrado, entre as numerosas assinaturas que ali figuram, representantes de quase todos os grupos, porque é um sinal da harmonia que deve reinar entre eles. Sinto-me feliz por terdes compreendido perfeitamente o objetivo dessa organização, cujos resultados já podeis apreciar, porquanto agora vos deve ser evidente que uma sociedade única teria sido quase impossível.

Agradeço-vos, meus bons amigos, os votos que formulais; eles me são tanto mais agradáveis quanto sei que partem do coração, e são estes que Deus ouve. Ficai satisfeitos, porque ele os acolhe diariamente, dando-me a alegria inaudita no estabelecimento de uma nova doutrina, de ver aquela a que me devotei crescer e prosperar, em meus dias, com extraordinária rapidez. Considero como um grande favor do céu poder testemunhar o bem que ela já fez. Essa certeza, da qual diariamente recebo os mais tocantes testemunhos, paga-me com juros todas as penas e fadigas. Não peço a Deus senão uma graça: a de me dar força física suficiente para ir até o fim de minha tarefa, que está longe de terminar. Mas, haja o que houver, terei sempre a consolação da certeza de que a semente das idéias novas, agora espalhadas por toda parte, é imperecível. Mais feliz que muitos

outros, que não trabalharam senão para o futuro, a mim já é dado ver os primeiros frutos. Só lamento que a exigüidade de meus recursos pessoais não me tenha permitido pôr em execução os planos que tracei, a fim de que o avanço ocorresse de maneira ainda mais rápida. No entanto, se em sua sabedoria Deus o quis de outro modo, legarei esses planos aos meus sucessores que, sem dúvida, haverão de ser mais felizes. Apesar da penúria de recursos materiais, o movimento que se opera na opinião pública ultrapassou toda a expectativa. Crede, meus irmãos, que nisto o vosso exemplo teve influência. Recebei, pois, nossos cumprimentos pela maneira por que sabeis compreender e praticar a doutrina. Sei o quanto são grandes as provas que muitos de vós tendes de suportar; só Deus lhes conhece o termo neste mundo. Mas, também, quanta força contra a adversidade nos dá a fé no futuro! Oh! lastimai os que acreditam no nada após a morte, porquanto, para eles, o mal presente não tem compensação. O incrédulo infeliz é como o doente que não espera nenhuma cura; o espírita, ao contrário, é aquele que, doente hoje, sabe que amanhã estará bem.

Pedis que continue com os meus conselhos. Eu os dou com muito gosto aos que crêem necessitar deles e os reclamam. Mas só a esses. Aos que julgam muito saber e sentem-se dispensados das lições da experiência, nada direi; apenas desejo que um dia não se lamentem por haverem sobreestimado as próprias forças. Tal pretensão, aliás, acusa um sentimento de orgulho, contrário ao verdadeiro espírito do Espiritismo. Ora, pecando pela base, só por isto provam que se afastam da verdade. Não sois desse número, meus amigos; aproveito, pois, a circunstância para vos dirigir algumas palavras, a fim de provar que, de longe como de perto, sou todo vosso.

No ponto em que hoje as coisas se acham, e levando-se em conta a marcha do Espiritismo através dos obstáculos semeados em seu caminho, pode-se dizer que as principais dificuldades estão vencidas. Ele tomou o seu lugar e assentou-se

em bases que doravante desafiam os esforços de seus adversários. Pergunta-se como pode ter adversários uma doutrina que nos torna felizes e melhores. Isto é muito natural. Nos seus primórdios, o estabelecimento das melhores coisas sempre fere interesses. Não tem sido assim com todas as invenções e descobertas que revolucionaram a indústria? Não tiveram inimigos obstinados as que hoje são consideradas como benefícios e das quais não poderíamos nos privar? Toda lei que reprime abusos não tem contra si os que vivem do abuso? Como queríeis que uma doutrina, que conduz ao reino da caridade efetiva, não fosse combatida pelos que vivem do egoísmo? E sabeis o quanto são estes numerosos na Terra. No princípio esperavam matá-lo pela zombaria; hoje vêem que tal arma é impotente e, sob o fogo cerrado dos sarcasmos, ele continuou sua rota sem se deter. Não penseis que se confessarão vencidos. Não; o interesse material é mais tenaz. Reconhecendo que é uma potência, com a qual agora é preciso contar, vão desferir ataques mais sérios, mas que só servirão para melhor provar a fraqueza deles. Uns o atacam abertamente, em palavras e em ações, e o perseguirão até na pessoa de seus aderentes, tentando desencorajá-los a força de intrigas, enquanto outros, subrepticiamente, por vias indiretas, procurarão miná-lo secretamente. Ficai avisados de que a luta não terminou. Estou prevenido de que tentarão um supremo esforço; mas não temais: a garantia do sucesso está nesta divisa, que é a de todos os verdadeiros espíritas: *Fora da caridade não há salvação*. Empunhai-a bem alto, porque ela é a cabeça de medusa para os egoístas.

A tática já posta em ação pelos inimigos dos espíritas, mas que vai ser empregada com novo ardor, é a de tentar dividi-los, criando sistemas divergentes e suscitando entre eles a desconfiança e a inveja. Não vos deixeis cair na armadilha e tende como certo que aquele que procura, seja por que meio for, romper a boa harmonia, não pode estar animado de boas intenções. Eis por que vos exorto a guardar a maior prudência na formação dos vossos

grupos, não só para a vossa tranqüilidade, mas no próprio interesse dos vossos trabalhos.

A natureza dos trabalhos espíritas exige calma e recolhimento. Ora, não há recolhimento possível se somos distraídos pelas discussões e pela expressão de sentimentos malévolos. Se houver fraternidade não haverá sentimentos de malquerença; mas não pode haver fraternidade com egoístas, com ambiciosos e orgulhosos. Com orgulhosos, que se escandalizam e se melindram por tudo; com ambiciosos, que se decepcionam quando não têm a supremacia, e com egoístas que só pensam em si mesmos, a cizânia não tardará a ser introduzida e, com ela, a dissolução. É o que gostariam os inimigos e é o que tentarão fazer. Se um grupo quiser estar em condições de ordem, de tranqüilidade, de estabilidade, faz-se mister que nele reine um sentimento fraternal. Todo grupo que se formar sem ter por base a caridade *efetiva*, não terá vitalidade, ao passo que os que se fundarem segundo o verdadeiro espírito da doutrina olhar-se-ão como membros de uma mesma família que, embora não podendo viver sob o mesmo teto, moram em lugares diversos. Entre eles a rivalidade seria uma insensatez; não poderia existir onde reina a verdadeira caridade, porquanto esta não pode ser entendida de duas maneiras. Assim, reconheceréis o verdadeiro espírito pela prática da caridade em pensamentos, palavras e ações; e vos digo que aquele que em sua alma nutrir sentimentos de animosidade, de rancor, de ódio, de inveja ou de ciúme, mente a si mesmo se aspira a compreender e a praticar o Espiritismo.

O egoísmo e o orgulho matam as sociedades particulares, como destroem os povos e a sociedade em geral. Lede a História e vereis que os povos sucumbem sob a opressão desses dois mortais inimigos da felicidade dos homens. Quando se apoiarem nas bases da caridade, serão indissolúveis, porque estarão em paz entre si e com eles próprios, cada um respeitando os direitos e os bens dos vizinhos. Eis a era nova predita, da qual o

Espiritismo é o precursor, e para a qual todo espírita deve trabalhar, cada um em sua esfera de atividade. É uma tarefa que lhes compete e da qual serão recompensados conforme a maneira por que a tenham realizado, pois Deus saberá distinguir os que, no Espiritismo, não buscaram senão a sua satisfação pessoal, daqueles que ao mesmo tempo trabalharam pela felicidade de seus irmãos.

Devo ainda vos chamar a atenção para outra tática de nossos adversários: a de procurar comprometer os espíritas, induzindo-os a se afastarem do verdadeiro objetivo da doutrina, que é o da moral, para abordarem questões que não são de sua competência e que poderiam, com toda razão, despertar susceptibilidades e desconfianças. Também não vos deixeis cair nessa armadilha; afastai cuidadosamente de vossas reuniões tudo quanto disser respeito à política e às questões irritantes; nesse caso, as discussões não levarão a nada e apenas suscitarão embaraços, enquanto ninguém questionará a moral, quando ela for boa. Procurai, no Espiritismo, aquilo que vos pode melhorar; eis o essencial. Quando os homens forem melhores, as reformas sociais verdadeiramente úteis serão uma conseqüência natural. Trabalhando pelo progresso moral, assentareis os verdadeiros e mais sólidos fundamentos de todas as melhoras, deixando a Deus o cuidado de fazer que as coisas cheguem no devido tempo. No próprio interesse do Espiritismo, que ainda é jovem, mas que amadurece depressa, deveis opor uma firmeza inabalável aos que buscarem vos arrastar por um caminho perigoso.

Visando a desacreditar o Espiritismo, pretendem alguns que ele vai destruir a religião. Sabeis que é exatamente o contrário, pois a maioria de vós, que mal acreditáveis em Deus e na alma, agora crêem; quem não sabia o que era orar, ora com fervor; quem não mais punha os pés nas igrejas, a elas vão com recolhimento. Aliás, se a religião devesse ser destruída pelo Espiritismo, é que ela seria destrutível e o Espiritismo mais poderoso. Afirmá-lo seria falta de habilidade, porquanto seria confessar a fraqueza de uma e

a força do outro. O Espiritismo é uma doutrina moral que fortalece os sentimentos religiosos em geral e se aplica a todas as religiões; é de todas, e não pertence a nenhuma em particular. Por isso não aconselha a ninguém que mude de religião. Deixa a cada um a liberdade de adorar Deus à sua maneira e de observar as práticas ditadas pela sua consciência, pois Deus leva mais em conta a intenção que o fato. Ide, pois, cada um, ao templo do vosso culto, e assim provareis que vos caluniam, quando vos acusarem de impiedade.

Na impossibilidade material em que me acho de manter relações com todos os grupos, pedi a um de vossos confrades que me representasse especialmente em Lyon, como o fiz alhures: é o Sr. Villon, cujo zelo e devotamento conheceis tão bem quanto a pureza de seus sentimentos. Além disso, sua posição independente lhe dá mais folga para a tarefa de que se quer encarregar; tarefa pesada, mas ante a qual não recuará. O grupo por ele formado em sua casa o foi sob os meus auspícios e conforme minhas instruções, quando de minha última viagem. Ali encontrareis excelentes conselhos e salutares exemplos. Verei com viva satisfação todos os que me honram com a sua confiança a ele se ligarem, como a um centro comum. Se alguns quiserem fazer um grupo à parte, evitai olhá-los com aversão; e, se vos atirarem pedras, não as recolhai, nem as devolvais: entre eles e vós Deus será o juiz dos sentimentos de cada um. Que aqueles que se julgam os únicos certos o provem por maior caridade e maior abnegação, porquanto a caridade não poderia estar do lado daquele que não cumpre o primeiro preceito da doutrina. Se estiverdes em dúvida, fazei sempre o bem: os erros do espírito sempre pesam menos na balança de Deus que os erros do coração.

Repetirei aqui o que já disse em outras oportunidades: em caso de divergência de opinião, o meio fácil de sair da incerteza é ver qual a opinião que reúne o maior número de partidários, pois há nas massas um bom-senso inato que não se deixa enganar. O

erro só seduz alguns espíritos enceguecidos pelo amor-próprio e por um falso julgamento, mas a verdade acaba sempre vitoriosa. Tende certeza de que o erro deserta das fileiras que se esclarecem, e que há uma obstinação irracional em crer que um só tenha razão contra todos. Se os princípios que professo só encontrassem alguns ecos isolados e fossem repelidos pela opinião geral, eu seria o primeiro a reconhecer que me havia enganado. Mas vendo crescer incessantemente o número dos aderentes, em todas as classes da sociedade e em todos os países do mundo, devo acreditar na solidez das bases sobre as quais repousam. Eis por que vos digo com toda a segurança: marchai firmemente na via que vos é traçada; dizei aos vossos antagonistas que, se quiserem que os sigais, que vos ofereçam uma doutrina mais consoladora, mais clara, mais inteligível, que melhor satisfaça à razão e que, ao mesmo tempo, seja uma garantia para a ordem social. Pela vossa união, frustrareis os cálculos dos que vos quisessem dividir. Provai, enfim, pelo vosso exemplo, que a doutrina nos torna mais moderados, mais brandos, mais pacientes e mais indulgentes. Esta é a melhor resposta a ser dada aos detratores, ao mesmo tempo que a vista dos resultados benéficos é o mais poderoso meio de propaganda.

Eis, meus amigos, os conselhos que vos dou e aos quais acrescento os meus votos de Boas-Festas para o ano que começa. Não sei que provas Deus nos destina este ano, mas sei que, sejam quais forem, as suportarei com firmeza e resignação, pois sabeis, para vós, como para o soldado, que a recompensa é proporcional à coragem.

Quanto ao Espiritismo, pelo qual mais vos interessais que por vós mesmos, e cujo progresso, pela minha posição, posso julgar melhor que ninguém, sinto-me feliz em vos dizer que o ano se inicia sob os mais favoráveis auspícios e, sem dúvida, verá crescer o número de adeptos numa proporção impossível de ser prevista. Mais alguns anos como estes que se passaram e o Espiritismo terá arrebanhado três quartas partes da população.

Deixai que vos cite um fato entre milhares.

Num Departamento vizinho de Paris existe uma pequena cidade onde o Espiritismo penetrou apenas há seis meses. Em poucas semanas tomou um desenvolvimento considerável; uma oposição formidável foi logo organizada contra os seus partidários, ameaçando até mesmo os seus interesses privados. Eles enfrentaram tudo com uma coragem e um desinteresse dignos dos maiores elogios; entregaram-se à Providência e a Providência não lhes faltou. Essa cidade conta uma população operária numerosa, em cujo meio as idéias espíritas, graças à oposição que fizeram, manifestam-se rapidamente. Ora, um fato digno de nota é que as mulheres e as jovens, em vez de aguardarem os habituais presentes do Ano-Novo, preferiram adquirir as obras necessárias à sua instrução, de modo que, só para essa cidade, encarregou-se um livreiro de as expedir às centenas. Não é prodigioso ver simples operários reservarem suas economias para comprar livros de moral e de filosofia, em lugar de romances e bugigangas? homens preferindo esta leitura às alegrias ruidosas e degradantes dos cabarés? Ah! é que aqueles homens e aquelas mulheres, sofredores como vós, agora compreendem que não é aqui que se realiza a sua sorte; ergue-se a cortina e eles entrevêm os esplêndidos horizontes do futuro. Esta cidadezinha é Chauny, no Departamento do Aisne. Novos filhos na grande família, eles vos saúdam, companheiros de Lyon, como seus irmãos mais velhos, formando, desde agora, um dos elos da cadeia espiritual que já une Paris, Lyon, Metz, Sens, Bordeaux e outras, e que em breve ligará todas as cidades do mundo num sentimento de mútua confraternidade; porque em toda parte o Espiritismo lançou sementes fecundas e seus filhos se dão as mãos por cima das barreiras dos preconceitos de seitas, castas e nacionalidades.

Vosso dedicado irmão e amigo,

Allan Kardec

O Espiritismo é Provado por Milagres?

Um eclesiástico nos enviou a seguinte pergunta:

“Todos os que receberam de Deus a missão de ensinar a verdade aos homens provaram-na por meio de milagres. Por quais milagres provais a verdade de vosso ensinamento?”

Não é a primeira vez que dirigem essa pergunta, seja a nós, seja a outros espíritas. Parece que lhe emprestam grande importância e que de sua solução depende a sentença que deve condenar ou absolver o Espiritismo. Nesse caso forçoso é convir que é crítica nossa posição, pois nos assemelhamos a um pobre diabo que não dispõe de um centavo na algibeira e a quem é exigida a bolsa ou a vida. Assim, confessamos humildemente que não temos milagre, por menor que seja, a oferecer. Dizemos mais: o Espiritismo não se apóia em nenhum fato miraculoso; seus adeptos não fizeram, nem têm a pretensão de fazer, qualquer milagre; não se julgam suficientemente dignos para que, à sua voz, Deus mude a ordem eterna das coisas. O Espiritismo constata um fato material, o da manifestação das almas ou Espíritos. Tal fato é real? Sim ou não? Eis a questão. Ora, admitindo esse fato como verdadeiro nada há de miraculoso. Como as manifestações desse gênero, isto é, as visões, aparições e outras, ocorreram em todos os tempos – assim o atestam os historiadores sacros e profanos – aquelas de outrora passaram por sobrenaturais. Hoje, porém, que lhe conhecemos a causa e sabemos que são produzidas em virtude de certas leis, sabemos também que lhes falta o caráter essencial dos fatos miraculosos: o da exceção à lei comum.

Essas manifestações, atualmente observadas com mais cuidado do que na Antigüidade, sobretudo quando examinadas sem prevenções e com o auxílio de investigações tão minuciosas quanto as que são feitas nos estudos científicos, têm como consequência provar, de maneira irrecusável, a existência de um

princípio inteligente fora da matéria, sua sobrevivência ao corpo, sua individualidade depois da morte, sua imortalidade e seu futuro feliz ou desgraçado; por conseguinte, provar a base de todas as religiões.

Se a verdade só fosse provada por milagres, poderíamos perguntar por que os sacerdotes do Egito, que estavam em erro, reproduziam diante do Faraó os prodígios de Moisés? Por que Apolônio de Tiana, que era pagão, curava pelo toque, restituía a vista aos cegos, a palavra aos mudos, predizia os acontecimentos futuros e via o que se passava a distância? O próprio Cristo não disse: “Haverá falsos profetas que farão prodígios?”¹⁰. Um dos nossos amigos, depois de uma prece fervorosa a seu Espírito protetor, foi curado quase instantaneamente de uma moléstia muito grave e muito antiga, que havia resistido a todos os remédios. Para ele o fato foi realmente miraculoso, mas, como crê nos Espíritos, um padre a quem narrou o fato lhe disse que o diabo também pode fazer milagres. “Neste caso – objetou o amigo – se foi o diabo quem me curou, é a ele que devo agradecer.”

Assim, os prodígios e os milagres não são privilégio exclusivo da verdade, desde que o próprio diabo pode fazê-los. Como, então, distinguir os bons dos maus? Todas as religiões idólatras, sem excetuar a de Maomé, apóiam-se em fatos sobrenaturais. Isto prova que os fundadores dessas religiões conheciam segredos naturais, ignorados pelo vulgo. Aos olhos dos selvagens da América, Cristóvão Colombo não passava por um ser sobre-humano por haver predito um eclipse? Não poderia ter-se feito passar por um enviado de Deus? Para provar o seu poder, necessitaria Deus desfazer o que havia feito? Fazer mover para a direita o que deve girar para a esquerda? Provando o movimento da Terra pelas leis da Natureza, Galileu não estava mais certo do que os que pretendiam que, por uma derrogação dessas mesmas leis, ele precisara deter o Sol? Já sabemos o quanto lhe custou, a ele e a

10 N. do T.: Mateus, 24:24; Marcos, 13:22.

tantos outros, por haver demonstrado um erro. Dizemos que Deus é maior pela imutabilidade de suas leis que pela sua abrogação; e se lhe aprouve fazê-lo em determinadas circunstâncias, não é isto o único sinal da verdade. Pedimos ao leitor que se reporte ao que dissemos a respeito em nosso artigo do mês de janeiro, quando tratamos do *sobrenatural*. Voltemos às provas da verdade do Espiritismo.

Há duas coisas no Espiritismo: o fato da existência dos Espíritos e de suas manifestações, e a doutrina daí resultante. O primeiro ponto não pode ser posto em dúvida senão pelos que não viram ou não quiseram ver. Quanto ao segundo, a questão é de saber se essa doutrina é justa ou falsa. É uma questão de apreciação.

Se os Espíritos só manifestassem a sua presença por meio de ruídos, movimentos, ou seja, por movimentos físicos, isto não provaria grande coisa, pois não saberíamos se são bons ou maus. O que, sobretudo, é característico nesse fenômeno, o que é capaz de convencer os incrédulos, é poder reconhecer parentes e amigos entre os Espíritos. Mas como podem os Espíritos atestar a sua presença, a sua individualidade e permitir o julgamento de suas qualidades, senão falando? Sabe-se que a escrita pelos médiuns é um dos meios que eles empregam. Desde que têm um meio de exprimir suas idéias, podem dizer tudo o que querem; conforme o seu adiantamento, dirão coisas mais ou menos boas, justas e profundas. Deixando a Terra, não abdicaram do livre-arbítrio; como todos os seres pensantes têm suas opiniões; como entre os homens, os mais adiantados dão ensinamentos de alta moralidade, conselhos marcados pela mais profunda sabedoria. São esses ensinamentos e conselhos que, recolhidos e ordenados, constituem a Doutrina Espírita, ou dos Espíritos. Se quiserdes, considerai essa doutrina não como uma revelação divina, mas como a expressão de uma opinião pessoal de tal ou qual Espírito; a questão é saber se é boa ou má, justa ou falsa, racional ou ilógica. A quem recorrer para isto? Ao julgamento de um indivíduo? mesmo de alguns indivíduos?

Não; porque, dominados pelos preconceitos, pelos juízos antecipados ou pelos interesses pessoais, eles podem enganar-se. O único, o verdadeiro juiz é o público, porque aí não há interesse de camarilha, e porque nas massas há um bom-senso inato que não se engana. Diz a lógica sadia que a adoção de uma idéia, ou de um princípio, pela opinião geral é uma prova de que repousa sobre um fundo de verdade.

Os espíritas nunca dizem: “Eis uma Doutrina saída da boca do próprio Deus, revelada a um só homem por meios prodigiosos e que deve ser imposta ao gênero humano.” Ao contrário, dizem: “Eis uma doutrina que não é nossa e cujo mérito não reivindicamos. Adotamo-la porque a achamos racional. Atribuí-lhe a origem que quiserdes: de Deus, dos Espíritos, ou dos homens; examinai-a; se ela vos convier, adotai-a; caso contrário, ponde-a de lado.” Impossível ser menos absoluto. O Espiritismo, pois, não vem usurpar a religião; ele não se impõe; não vem forçar as consciências, quer dos católicos, quer dos protestantes ou dos judeus. Apresenta-se e diz: “Aceitai-me, se me achais bom.” É culpa dos espíritas se o acham bom? se nele encontram a solução do que em vão procuravam alhures? se dele extraímos consolações que nos tornam felizes, que dissipam os terrores do futuro, acalmam as angústias da dúvida e dão coragem para o presente? Ele não se dirige àqueles a quem bastam as crenças católicas, ou outras, mas àqueles aos quais elas não satisfazem completamente, ou que delas desertaram. Em vez de não crer mais em nada, ele os leva a crer em alguma coisa, e a crer com fervor. O Espiritismo não quer ser posto de lado: reconduz, pelos meios que lhe são próprios, os que se afastam. Se os repelirdes, eles serão forçados a ficar de fora. No íntimo da vossa alma e da vossa consciência, dizei se para eles seria preferível serem ateus.

Perguntam em que milagre nos apoiamos para julgarmos boa a Doutrina Espírita. Julgamo-la boa, não só porque é nossa opinião, mas também a de milhões de outros, que pensam

como nós; porque leva a crença àqueles que não acreditavam; porque torna boas as pessoas que eram más; porque dá coragem nas misérias da vida. O milagre? é a rapidez de sua propagação, inaudita nos fastos das doutrinas filosóficas; é ter feito em poucos anos a volta ao mundo e se haver implantado em todos os países e em todas as classes da sociedade; é ter progredido, a despeito de tudo quanto foi feito para detê-la; é ter derrubado as barreiras que lhe opõem e encontrar um acréscimo de força nessas mesmas barreiras. É isto o caráter de uma utopia? Uma idéia falsa pode encontrar alguns partidários, mas não terá senão uma existência efêmera e circunscrita; perde terreno em vez de o conquistar, ao passo que o Espiritismo ganha, em vez de perder. Quando o vemos germinar em toda parte, acolhido como um benefício da Providência, é porque lá está o dedo da Providência. Eis o verdadeiro milagre, e o julgamos suficiente para garantir o seu futuro. Direis que aos vossos olhos ele não tem um caráter providencial, mas um caráter diabólico. Sois livres de ter essa opinião; o essencial é que ele marche. Apenas diremos que se uma coisa se estabelecesse universalmente pelo poder do demônio, e malgrado os esforços dos que dizem agir em nome de Deus, isto poderia levar certas pessoas a crer que o demônio é mais poderoso que a Providência. Pedis milagres! Eis um que nos envia um dos nossos correspondentes da Argélia:

“O Sr. P..., antigo oficial, era um dos mais rudes incrédulos; tinha o fanatismo da falta de religião e, antes de Proudhon, já dizia: *Deus é o mal*; em outras palavras, não admitia nenhum Deus e só reconhecia o nada. Quando o vi em busca do vosso *O Livro dos Espíritos*, imaginei que ele fosse coroar a sua leitura com alguma elucubração satírica, como era costume seu fazer contra os padres e, até, contra o Cristo. Não me parecia possível que um ateísmo tão inveterado pudesse ser curado algum dia e, no entanto, *O Livro dos Espíritos* fez esse milagre. Se conhecêsseis aquele homem como eu conheço, ficaríeis orgulhoso de vossa obra e encararíeis o fato como o vosso maior sucesso.

Aqui todos se admiram. Entretanto, quando se é iniciado na palavra da verdade, não há de que se surpreender, naturalmente após a reflexão.”

Não faz mal acrescentar que o nosso correspondente é um jornalista que, ele também, professava opiniões muito pouco espiritualistas e, menos ainda, espíritas. Teriam ido pegá-lo à força para lhe impor a crença em Deus e na alma? Não; não é provável que ele se prestasse a isso. Fascinaram-no à vista de alguns fenômenos prodigiosos? Também não, porquanto ele nada viu como manifestações; apenas leu, compreendeu, encontrou raciocínios lógicos e acreditou. Direis que esta e tantas outras obras sejam obra do diabo? Se assim é, o diabo tem uma estranha política de dar armas contra si mesmo e é muito inábil deixando escapar os que ele mantinha em suas garras. Por que não fizestes esse milagre? Sereis, então, menos fortes que o diabo para fazer crer em Deus? Outra questão, por favor. Enquanto era ateu e blasfemador, aquele senhor estava danado para a eternidade? – Sem nenhuma dúvida. – Agora que, em vossa opinião, ele foi convertido a Deus por intermédio do demônio, ainda é danado? Suponhamos que, crendo em Deus, em sua alma e na vida futura feliz ou infeliz ele se torne, em virtude dessa crença, melhor do que era e não adote inteiramente ao pé da letra a interpretação de todos os dogmas; que, até mesmo, repila alguns deles: ainda é danado? Se disserdes: “sim”, a crença em Deus para nada lhe serve; se disserdes “não”, em que se torna a máxima *“Fora da Igreja não há salvação?”* Diz o Espiritismo: *“Fora da caridade não há salvação”*. Credes que aquele senhor vacilará entre as duas? Uma o queima, a outra o salva; a escolha não parece duvidosa.

Tais idéias, como toda idéia nova, contrariam certas pessoas, certos hábitos e, mesmo, certos interesses, como as estradas de ferro contrariaram os alugadores de cavalos de posta e os que tinham medo; como uma revolução contraria certas opiniões; como a imprensa contrariou os copistas; como o

Cristianismo contrariou os sacerdotes pagãos. Mas, que fazer quando uma coisa se estabelece, queiramos ou não, por sua própria força e é aceita pela generalidade? Forçoso é tomar seu partido e, como Maomé, dizer que o que é deve ser. Que faríeis se o Espiritismo se tornasse crença universal? Repeliríeis todos os que o admitem? Direis que isto não acontecerá, que tal fato é impossível. Mas... o que faríeis se isto acontecesse?

Pode-se deter esse impulso? Para isso seria preciso deter não um homem, mas os Espíritos, e impedi-los de falar; queimar não um livro, mas as idéias; impedir que os médiuns escrevam e se multipliquem.

Um dos nossos correspondentes nos escreveu, de uma cidade do Departamento do Tarn: “Nosso cura faz a propaganda por nós; do púlpito lança improperios contra o Espiritismo que, diz ele, não passa de obra do demônio. Quase que me apontou como o sumo-sacerdote da doutrina em nossa cidade, o que agradeço do fundo do coração, pois assim ele me fornece ocasião para falar do assunto com aqueles que ainda não o conhecem e que me abordam para saber o que é. Hoje os médiuns abundam entre nós.” O resultado é idêntico em toda parte onde quiseram gritar contra. Atualmente a idéia espírita está lançada; é acolhida porque agrada; vai do palácio à choupana e se pode julgar do efeito das tentativas futuras pelas que têm sido feitas para o sufocar.

Em resumo, para se estabelecer, o Espiritismo não reivindica a ação de nenhum milagre; não quer mudar em nada a ordem das coisas; procurou e encontrou a causa de certos fenômenos, indevidamente reputados de sobrenaturais; em vez de apoiar-se no sobrenatural, o repudia por conta própria; dirige-se ao coração e à razão. A lógica lhe abriu o caminho; a lógica o conduzirá a porto seguro.

Isto é uma antecipação da resposta que devemos à brochura do cura Marouzeau.

Deixemos agora que falem os Espíritos. Apresentada a questão acima, eis algumas das respostas obtidas, por meio de diferentes médiuns:

“Venho falar-vos da realidade da Doutrina Espírita e contrapô-la aos milagres, cuja ausência parece servir de arma aos seus detratores. Necessários nos primeiros tempos da Humanidade, com vistas a chocar os Espíritos que importava submeter, quase todos os milagres são hoje explicados pelas descobertas das ciências físicas e de outras ciências, tornando-se inúteis agora e até perigosos, pois suas manifestações só despertarão a incredulidade ou a zombaria. Enfim chegou o reino da inteligência, não ainda na sua expressão triunfante, mas nas suas tendências. Que quereis? Ver novamente as varinhas transformadas em serpentes, os enfermos se erguerem e os pães se multiplicarem? Não; não vereis isto. Mas vereis os incrédulos se enternecerem e dobrarem os joelhos enrijecidos diante do altar. Este milagre vale bem o da água a brotar do rochedo. Vereis o homem desolado, vergando ao peso da desgraça, deixar de lado a pistola carregada, exclamar: ‘Meu Deus, sede bendito, porque a vossa vontade eleva minhas provas ao nível do amor que vos devo.’ Enfim, por toda parte, vós que bateis os fatos com os textos e o espírito com a letra, vereis a luminosa verdade estabelecer-se sobre as ruínas dos vossos mistérios apodrecidos.”

Lázaro (Médium: Sra. Costel)

“Numa de minhas últimas meditações, se não me engano lida aqui, demonstrei que a Humanidade está progredindo atualmente. Até o Cristo ela tinha um corpo; era por certo esplêndida; tinha tido esforços heróicos e virtudes sublimes; Mas, onde estava a sua ternura, a sua mansuetude? Haveria a respeito muitos exemplos na Antigüidade. Abri um poema antigo: onde a mansidão? Onde a ternura? Encontrareis a sua expansão no poema, já quase inteiramente cristão, da Dido de Vergílio, espécie

de heroína melancólica que Tasso ou Ariosto teriam tornado interessante nos seus cantos cheios de alegria cristã.

“Cristo veio, pois, falar ao coração da Humanidade. Mas, como sabeis, o próprio Cristo disse que tinha vindo em carne no meio do paganismo e prometeu vir no meio do Cristianismo. Há no indivíduo a educação do coração, como há a da inteligência. O mesmo se dá com a Humanidade. Assim, o Cristo é o grande educador. Sua ressurreição é o símbolo de sua fusão espiritual em todos; e esta fusão, esta expansão dele mesmo, apenas começais a sentir. O Cristo não vem mais fazer milagres; vem falar ao coração diretamente, em vez de falar aos sentidos. Passava adiante dos que pediam um milagre no céu e alguns passos à frente improvisava o seu magnífico sermão da montanha. Aos que ainda pedem milagres, o Cristo responde por todos os Espíritos sábios e esclarecidos: Credes mais nos vossos olhos, nos vossos ouvidos, nas vossas mãos que no vosso coração? Minhas chagas atualmente estão fechadas; o Cordeiro foi sacrificado; a carne arruinada; o materialismo viu; agora é a vez do Espírito. Deixo os falsos profetas; não me apresento ante os poderosos da Terra, como Simão, o mágico, mas vou aos que realmente têm sede, fome e sofrem no coração, e não aos que são espiritualistas apenas como verdadeiros e puros materialistas.”

Lamennais (Médium: Sr. A. Didier)

“Perguntam-nos quais os milagres que fazemos. Parece-me que de alguns anos a esta parte as provas são bem evidentes. O progresso do espírito humano mudou a face do mundo civilizado; tudo progrediu, e os que quiseram ficar na retaguarda desse movimento são como os párias das sociedades novas.

“Tal como hoje se acha preparada para os acontecimentos, que falta à sociedade, senão tudo quanto choca a razão e a esclarece? É possível que em certas épocas tenha Deus

querido comunicar-se por inteligências superiores, como Moisés e outros. Desses grandes homens datam as grandes épocas, mas o espírito dos povos progrediu depois. As grandes figuras dos predestinados enviados por Deus lembravam uma lenda miraculosa; depois um fato, muitas vezes simples em si mesmo, torna-se maravilhoso ante a multidão impressionável e preparada para emoções que só a Natureza sabe oferecer a seus filhos ignorantes.

“Mas hoje necessitais de milagres? – Tudo se transformou à vossa volta; a Ciência, a filosofia, a indústria desenvolveram tudo quanto vos cerca, e pensais que nós, os Espíritos, não tenhamos participado de nenhum modo dessas modificações profundas? – Estudando, comentando, aprendeis e meditais melhor; os milagres não são mais do vosso tempo e deveis elevar-vos acima dos preconceitos que vos ficaram na memória, como tradições. Nós vos daremos a verdade e sempre o nosso concurso. Nos vós esclareceremos, a fim de vos tornardes melhores e fortes; crede e amai e o milagre procurado haverá de produzir-se em vós. Conhecendo e compreendendo melhor o objetivo desta vida, sereis transformados sem fenomenologia física.

“Procurais apalpar, tocar a verdade, e ela vos cerca e vos penetra. Sede, pois, confiantes em vossas próprias forças e o Deus de bondade que vos dava o espírito tornará tremenda a vossa força. Por ele afastareis as nuvens que obscurecem a vossa inteligência e compreendereis que o Espírito é todo imortalidade, todo poder. Postos em relação com esta lei de Deus chamada progresso, não mais procurareis, no prestígio dos grandes nomes, que são como mitos da Antigüidade, uma resposta e um escolho contra o Espiritismo, que é a revelação verdadeira, a fé, a ciência nova que consola e fortifica.”

“Para provar a verdade da Doutrina Espírita, pedem milagres. E quem reclama esta prova da verdade? Aquele que deveria ser o primeiro a crer e a ensinar...

“O maior dos milagres vai operar-se em breve. Padres do catolicismo, escutai; quereis milagres e ei-los que se operam... A cruz do Cristo desabava sob os golpes do materialismo, da indiferença e do egoísmo; ei-la que se levanta, bela e resplandecente, sustentada pelo Espiritismo! Dizei-me se não é o maior dos milagres uma cruz que se reergue, tendo em cada braço a Esperança e a Caridade? – Em verdade, padres da Igreja, crede e vede: os milagres vos rodeiam!... Como chamais essa volta comum à crença casta e pura do Evangelho, já que todas as filosofias haverão de ligar-se ao Espiritismo? o Espiritismo será a glória e o facho que iluminará o Universo inteiro. Oh! então o milagre será manifesto e retumbante, pois na Terra não haverá senão uma só e mesma família. Quereis milagres! Vede essa pobre mulher sofredora e sem pão. Como tiritita na sua mansarda; o hálito com que pretende aquecer dois filhinhos que morrem de fome é mais frio e mais glacial que o vento a se precipitar em seu tugúrio miserável. Por que, então, tanta calma e serenidade no semblante, diante de tanta miséria? Ah! é que ela viu brilhar uma estrela ardente acima de sua cabeça; a luz celeste espalha-se no seu refúgio; não chora mais: espera! Não amaldiçoa mais: apenas pede a Deus que lhe dê coragem para suportar a prova!... E eis que as portas da mansarda se abrem e a Caridade vem aí depositar aquilo que a sua mão benfeitora pode espalhar!...

“Que doutrina dará mais sentimento e entusiasmo ao coração? O Cristianismo plantou o estandarte da igualdade na Terra e o Espiritismo empunha o da fraternidade!... Eis o mais celeste e o mais divino dos milagres que se pode produzir!... Padres, cujas mãos por vezes são manchadas pelo sacrilégio, não peçais milagres físicos, pois as vossas frentes poderão esfacelar-se contra a pedra que pisais para subir ao altar!...

“Não, o Espiritismo não se prende a fenômenos físicos, nem se apóia em milagres que falam aos olhos, mas dá fé ao coração. Dizei-me: não consistirá nisto o seu maior milagre?...”

Santo Agostinho (Médium: Sr. Véry)

Nota – Evidentemente isto não se aplica senão aos padres que conspiraram o santuário, como Verger e outros.

O Vento

FÁBULA ESPÍRITA

Quanto maior a repercussão da crítica,
tanto maior bem poderá fazer, ao chamar a
atenção dos indiferentes. (*Allan Kardec*)

Queria o vendaval reinar sobre a planície
Em seu impulso impetuoso,
E atormentava toda a superfície,
Até um secular olmo enorme e nodoso.
Dos fecundos ramais – dizia ele – a semente
Podia a terra encher, germinar e crescer;
Previmos uma luta, e aguardamos pra ver
Que impedimento houvesse ao meu poder ingente.
E aos verdes penachos pequenos
Os seus golpes desfolhavam;
Em rápidos bulhões vão-se nos ares plenos
Os grãos que, entretanto, escapavam
Ao sopro que se esforça em seus vôos levar,
E ao solo porém vão parar.
Ah! Contra as leis do Amor e da Sabedoria,
Diante do Espiritismo, árvore da verdade,
O vento da incredulidade
Sopra e ulula em vão, dia a dia.
Faz nascer e crescer o que julga oprimir:
E o ajuda a semear... nunca ao bom germe delir.

C. Dombre (de Marmande)

A Reencarnação na América

Muitas vezes as pessoas se admiram de que a doutrina da reencarnação não tenha sido ensinada na América, e os incrédulos não deixam de aproveitar o fato para acusarem os Espíritos de contradição. Não repetiremos aqui as explicações que nos foram dadas e que publicamos a respeito, limitando-nos a lembrar que nisto os Espíritos mostraram a sua prudência habitual; quiseram que o Espiritismo surgisse num país de liberdade absoluta, quanto à emissão de opiniões. O ponto essencial era a adoção do princípio e para isto não quiseram ser incomodados de maneira alguma. O mesmo não haveria de dar-se com todas as suas conseqüências, sobretudo com a reencarnação, que se teria chocado contra os preconceitos da escravidão e da cor. A idéia de que um negro pudesse tornar-se um branco; de que um branco poderia ter sido um negro; de que um senhor tivesse sido um escravo poderia parecer de tal forma monstruosa que seria suficiente para que o resto fosse rejeitado. Assim, os Espíritos preferiram sacrificar momentaneamente o acessório ao principal e sempre nos disseram que, mais tarde, a unidade se faria sobre este como sobre todos os outros pontos. De fato, é o que começa a ocorrer. Várias pessoas daquele país nos disseram que agora essa doutrina conta ali numerosos partidários; que certos Espíritos, depois de fazer com que fosse pressentida, vêm confirmá-la. Eis o que a respeito nos escreveu de Montreal (Canadá), o Sr. Fleury Lacroix, natural dos Estados Unidos.

“(…) A questão da reencarnação, da qual fostes o primeiro promotor *visível*, aqui nos tomou de surpresa. Hoje, porém, estamos reconciliados com ela, com esse filho do vosso pensamento. Tudo se tornou compreensível por esta nova claridade e agora a estrada eterna se nos descortina um pouco mais longe. Entretanto, isto nos parecia absurdo, como dizíamos no começo; mas se hoje negamos, amanhã acreditamos – eis a

Humanidade. Felizes os que querem saber, porque a luz se fará para eles; infelizes os outros, porquanto permanecerão nas trevas.”

Assim, foi a lógica e a força do raciocínio que os levou a essa doutrina; e, também, porque nela encontraram a única chave que poderia resolver problemas até então insolúveis. Todavia, o nosso honrado correspondente equivooca-se quanto a um fato importante, ao atribuir-nos a iniciativa desta doutrina, que chama de filho do nosso pensamento. É uma honra que não nos pertence: além de ser ensinada a nós, a reencarnação foi ensinada pelos Espíritos a outros indivíduos, antes da publicação de *O Livro dos Espíritos*. Além disso, seu princípio foi claramente exposto em várias obras anteriores, não apenas nas nossas e até nas que surgiram antes do aparecimento das mesas girantes; entre outras em *Céu e Terra*, de Jean Raynaud, e num encantador livrinho do Sr. Louis Jourdan, intitulado *Preces de Ludovico*, publicado em 1849, sem contar que esse dogma era professado pelos druidas, aos quais, por certo, nós não ensinamos¹¹. Quando ele nos foi revelado ficamos surpresos e o acolhemos com reserva e desconfiança; chegamos mesmo a combatê-lo durante algum tempo, até que sua evidência nos fosse demonstrada. Assim, nós o *aceitamos* e não o *inventamos*, o que é bem diferente.

Isto responde à objeção de um de nossos assinantes, o Sr. Salgues (de Angers), antagonista confesso da reencarnação, o qual pretende que os Espíritos e os médiuns que a ensinam sofrem a nossa influência, pois aqueles que com ele se comunicam dizem o contrário. Aliás, o Sr. Salgues alega contra a reencarnação objeções especiais, das quais faremos, oportunamente, objeto de exame particular. Enquanto esperamos, constatamos um fato: o número de seus partidários cresce sem cessar, enquanto o dos adversários diminui. Se tal resultado se deve à nossa influência, atribuam-nos uma muito grande, visto que ela se estende da

11 Vide a *Revista Espírita* de abril de 1858, *O Espiritismo entre os druidas*; artigo que contém as Trádes.

Europa à América, da Ásia à África e até à Oceania. Se a opinião contrária é a verdadeira, como se explica que não tenha prevalecido? Seria o erro, então, mais poderoso que a verdade?

Novos Médiuns Americanos em Paris

No que respeita às manifestações físicas, por certo os médiuns americanos suplantam em número e em força os do velho continente. A propósito, a sua reputação está de tal forma estabelecida, principalmente depois do Sr. Home, que só o título parece prometer prodígios. Para muita gente, o Sr. Squire não era designado senão como o médium americano. Um charlatão, que alguns anos atrás percorria cidades e feiras para dar representações, fazia-se passar por médium americano, embora fosse perfeitamente francês. Eis que nos chegam dois novos, que de médium só têm o nome, e dos quais jamais teríamos falado, porquanto sua *arte* é estranha ao nosso assunto, se a sua chegada, anunciada com tanto estardalhaço, não tivesse causado uma certa sensação, pela natureza de suas pretensões. Para a edificação de nossos leitores, e para não sermos acusados de parcialidade, transcrevemos textualmente os seus prospectos, de que Paris acaba de ser inundada.

“Divertimentos dos salões parisienses. – Novidade, nada senão novidade!!! – Saraus para as famílias e reuniões privadas, dadas pelos *Médiuns Americanos*, Sr. *C. Eddwards Girroodd*, de Kingstown (Lago Ontário), Alto Canadá, e Sra. *Júlia Girroodd*, apelidada pela imprensa inglesa e americana a *Graciosa Sensitiva*.

“Um álbum de mais de duzentas páginas, cada uma das quais é uma carta de felicitações, assinada pelos maiores nomes da França, tanto da nobreza, da magistratura, do exército, da literatura, quanto por dezesseis arcebispos e bispos da França e por um grande número de eclesiásticos de alta distinção, encontra-se à disposição das pessoas que, querendo dar um sarau, desejassem previamente assegurar-se do bom-gosto, da riqueza e da novidade de suas experiências.

“O Sr. e a Sra. Girroodd, os únicos na França a fazer experiências, ainda não passaram três meses em Paris e já deram quarenta e duas sessões nos principais salões da capital, nas Tulherias (12 de maio de 1861), e na residência de vários membros da família imperial.

“Colocaram imediatamente suas *experiências* muito acima de tudo que até hoje tinha sido visto como recreação de saraus.

“Ao contrário do costume dos senhores físicos, sua prestidigitação não exige o menor preparativo ou arranjo particular e os artistas operam facilmente em meio de um círculo de espectadores atentos, sem temer um só minuto ver destruir a ilusão.

“Os *prestígios* não passam de insignificante parte de seus variados talentos. O Mundo dos Espíritos obedece às suas vozes: *Visões – Êxtase – Fascinação – Magnetismo – Eletrobiologia – Espíritos batedores – Espiritualismo*, etc., etc., tudo quanto a ciência e o charlatanismo inventaram, que assombra os crédulos de nossos dias, até lhes dar uma fé robusta em tudo quanto não passa de hábil malabarismo, onde a gente é comparsa sem o saber. Numa palavra, o Sr. e a Sra. *Girroodd*, depois de se terem mostrado como feiticeiros – mas feiticeiros de fino trato – sábios como *Merlin* o Encantador, demonstrarão, se necessário, os segredos de sua ciência.

“A fé cristã só terá a ganhar ao ver claramente que tudo quanto ela não ensinou não passa de brilhante charlatanismo.

“Para as pequenas reuniões ou saraus para crianças, o Sr. Girroodd contratou, para todo o inverno, um dos mais *hábeis físicos* da capital e um *ventríloquo* cognominado *O Homem das Bonecas Falantes*, que darão sessões a preços reduzidos.”

Como se vê, esse senhor e essa senhora têm, nada mais, nada menos, a pretensão de matar o Espiritismo, e se fazem passar como defensores da *fé cristã*, sem dúvida muito surpreendida de encontrar na prestidigitação um auxiliar. Isto, porém, parece aumentar uma certa clientela.

Eles se dizem *médiuns* e não se preocupam em omitir o título de *americanos*, passaporte indispensável, como os nomes em *i* para os músicos, e isto para provar que não existem médiuns, pois,

segundo dizem, podem reproduzir, auxiliados pela habilidade, pela mecânica e por meios que lhes são particulares, tudo quanto fazem os médiuns. Isto prova uma coisa: tudo pode ser imitado. A ilusão é uma questão de habilidade. Mas porque uma coisa pode ser imitada, deve-se concluir que não existe? A prestidigitação imitou, a ponto de enganar, a lucidez sonambúlica; deve-se por isso deduzir que não haja sonâmbulos? Fizeram cópias de Rafael tão perfeitas que foram tomadas como originais; isto significa que Rafael não teria existido? O Sr. Robert-Houdin transforma a água em vinho e faz sair, de um chapéu não preparado, milhares de objetos, capazes de encher uma caixa grande. Isto prejudica os milagres das Bodas de Caná e a multiplicação dos pães? Entretanto, ele faz ainda melhor, pois, de uma só garrafa, faz sair meia dúzia de licores diferentes e deliciosos.

Todas as manifestações físicas se prestam maravilhosamente à imitação e, por isso, são exploradas pelo charlatanismo. Os charlatães ultrapassam de longe os Espíritos, sobretudo nos casos de *transportes*, pois os produzem à vontade e no momento certo, o que não é conseguido nem pelos Espíritos, nem pelos melhores médiuns. Aliás, é preciso fazer justiça àquele cavalheiro e àquela dama, por não procurarem absolutamente enganar o público. Não se fazem passar pelo que não são e se apresentam claramente como hábeis imitadores, no que são mais respeitáveis do que aqueles que falsamente se dizem médiuns; e o são mesmo, muito mais que os verdadeiros médiuns que, para produzirem mais efeitos e suplantar seus concorrentes, acrescentam o subterfúgio à realidade. É verdade que a franqueza muitas vezes é uma boa política; passar por vulgares prestidigitadores já está bem gasto, mas querer provar que os médiuns são escamoteadores é um atrativo de novidade que os curiosos pagarão generosamente.

Como dissemos, sua habilidade nada prejudica contra a realidade dos fenômenos; longe de os prejudicar, será de grande

utilidade. Antes de tudo, é uma trombeta a mais que chamará a atenção e fará pensar no Espiritismo as pessoas que dele não tinham ouvido falar. Como em todas as críticas, quererão ver o pró e o contra. Ora, o resultado da comparação não deixa margem a dúvidas. Uma utilidade ainda maior é a de prevenir contra a possibilidade de fraude e subterfúgios dos falsos médiuns. Provando a possibilidade da imitação, sua credibilidade pode ser arruinada. Se tal habilidade pudesse causar algum mal, seria à confiança que neles depositam, talvez um pouco levemente, e nos prodígios que certos médiuns obtêm com tanta *facilidade* do outro lado do Atlântico, pois não está dito que o Sr. e a Sra. Girroodd tenham o privilégio de seus segredos. Se um dia nos for dado assistir a uma de suas sessões, teremos prazer em relatá-la, para instrução de nossos leitores.

Quando dizemos que tudo pode ser imitado, devemos excetuar as condições verdadeiramente normais em que se podem produzir as manifestações espíritas. Daí poder-se dizer que todo fenômeno que se afasta dessas condições deve ser considerado suspeito. Ora, para julgar sensatamente uma coisa, é necessário tê-la estudado. As próprias manifestações inteligentes não estão a salvo do charlatanismo. Umas há que, por sua natureza e pelas circunstâncias em que são obtidas, desafiam a mais consumada habilidade de imitação, por exemplo, a evocação de pessoas mortas, revelando verdadeiras particularidades de sua existência, desconhecidas do médium e dos assistentes e, melhor ainda, essas dissertações de muitas páginas, escritas de um jacto, sem rasuras, com rapidez, eloqüência, correção, profundidade, erudição e sublimidade de pensamentos, sobre assuntos dados, fora dos conhecimentos e da capacidade do médium, e que este nem mesmo compreende. Para executar tais habilidades seria necessário um gênio universal. Ora, os gênios universais são raros e, aliás, não dão espetáculos. Entretanto, é o que se vê todos os dias, não por *um indivíduo privilegiado*, mas por milhares de indivíduos de todas as idades, sexos, condição social e grau de instrução, cuja

honorabilidade e desinteresse absoluto são a melhor garantia de sinceridade, porquanto o charlatanismo não dá nada de graça. Se o Sr. e a Sra. Girroodd quisessem aceitar uma luta seria neste terreno que os chamaríamos, deixando-lhes com muito gosto o das manifestações físicas.

Nota – Uma pessoa que se diz bem informada assegura-nos que *Edwards Girroodd* deve traduzir-se por Edouard Girod, e *Kingstown, lago Ontário e Alto Canadá*, por *Saint-Flour, Cantal*.

Subscrição em Favor dos Operários Lioneses

A Sociedade Espírita de Paris não podia esquecer seus irmãos de Lyon na sua aflição. Desde novembro apressou-se em subscrever 260 francos numa loteria beneficente organizada por vários grupos desta cidade. Mas o Espiritismo não é exclusivo; para ele todos os homens são irmãos e se devem mútuo apoio, sem acepção de crença. Querendo, pois, dar seu óbolo à obra comum, abriu na sede da Sociedade – 59, Rua e Passagem Sant’Ana – uma subscrição cujo produto será depositado na caixa da subscrição geral do jornal *Siècle*.

Uma carta de Lyon, dirigida ao Sr. Allan Kardec, informa que um espírita anônimo acaba de enviar, diretamente e para tal fim, uma soma de 500 francos. Que esse generoso benfeitor, cujo incógnito respeitamos, receba aqui o agradecimento de todos os membros da Sociedade.

Um Espírito que se faz conhecer sob o nome característico e gracioso de *Cárta*, e cuja missão parece ser a de estimular a beneficência em socorro do infortúnio, houve por bem ditar a respeito a epístola que se segue e que nos foi enviada de Lyon. Como nós, os leitores certamente a colocarão no número das mais encantadoras produções de além-túmulo. Possa ela despertar

a simpatia de todos os espíritas por seus irmãos sofredores! Todas as comunicações de *Cárita* são marcadas pelo mesmo sinete de bondade e de simplicidade. Evocada na Sociedade de Paris, disse ter sido Santa Irene, imperatriz¹².

AOS ESPÍRITAS PARIENSES QUE ENVIARAM 500 FRANCOS PARA OS POBRES DE LYON, OBRIGADA!

“Obrigada a vós, cujo coração generoso soube compreender nosso apelo, e que viestes em auxílio de vossos irmãos infelizes. Obrigada! Vossa oferenda vai cicatrizar muitas feridas, anestesiar muitas dores. Obrigada, pois soubestes adivinhar que com esse fruto de ouro que enviastes a fome será momentaneamente apaziguada e as lazeiras, apagadas durante muito tempo, voltarão a ser aquecidas.

“Obrigada, sobretudo pela delicada atenção com que soubestes disfarçar vossa boa ação sob o manto do anonimato. Mas se ocultastes o generoso pensamento de serdes úteis aos vossos semelhantes, como a violeta se oculta sob a folhagem, há um juiz, um senhor para o qual vossos corações não têm segredos e que sabe de onde partiu esse orvalho benéfico que veio refrescar mais de uma frente abrasadora, expulsando a miséria tão temida pelas pobres mães de família. Deus, que tudo vê, conhece o segredo do anônimo e se encarregará de recompensar os que tiveram a inspiração de socorrer as pobres vítimas de circunstâncias independentes de sua vontade. Deus, meus amigos, gosta deste incenso de vossos corações que, sabendo partilhar as dores alheias, também sabe como se pratica a caridade. Ele aprecia principalmente esse devotamento e essa abnegação que se esquia ante um agradecimento pomposo, preferindo abrigar a sua modéstia sob simples iniciais. Mas ele ligou, a todas as bênçãos que o vosso socorro fará nascer, o nome do benfeitor, porquanto,

12 **N. do T.:** Trata-se da mesma entidade espiritual que ditou as mensagens inseridas por Kardec nos itens 13 e 14, capítulo XIII, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, a propósito da caridade.

como bem o sabeis, esses transportes de alegria experimentados pelos corações socorridos sobem para Deus; e como ele vê que esses eflúvios, partidos da gratidão, são o resultado dos vossos benefícios, anota, no grande livro do espírito generoso que os fez nascer, a recompensa que lhe cabe.

“Se vos fosse dado ouvir essas doces emoções, essas tímidas demonstrações de simpatia que deixam escapar os infelizes à vista da mais insignificante moeda, maná celeste caído na sua pobre mansarda; se fosse dado presenciar os gritos infantis do pequenino que compreende que o pão está assegurado por alguns dias, seríeis muito felizes e diríeis: ‘A caridade é doce e vale a pena ser praticada.’ É que, como podeis ver, pouca coisa é necessária para transformar lágrimas em alegria, sobretudo em casa de trabalhador que não está habituado a ver a felicidade visitá-lo com tanta freqüência. Se essa pobre formiga que recolhe, migalha a migalha, o pão diário encontrar em seu caminho um pão inteiro, justamente no momento em que perdia a esperança de dar à família o alimento cotidiano, então essa fortuna inesperada lhe parecerá tão incompreensível que, não encontrando expressões para demonstrar a sua felicidade, deixará escapar algumas palavras isoladas, às quais se seguem lágrimas de enternecimento. Socorrei, pois, os pobres, meus amigos, esses operários que só têm como última esperança a morte num asilo qualquer ou a mendicidade num canto de rua.

Socorrei-os tanto quanto puderdes, a fim de que, quando Deus vos reunir, seguindo a extensa avenida que conduz ao imenso portal, em cujo frontispício estão gravadas as palavras *Amor e Caridade*, possa Deus, reunindo os benfeitores e beneficiados, dizer a todos vós: Soubestes dar; fostes felizes em receber. Vamos, entrai! Que a caridade que vos guiou vos introduza neste mundo radioso que reservo aos que têm como divisa ‘Amai-vos uns aos outros’.”

Observação – A quem farão acreditar que o demônio ditou tais palavras? Em todo o caso, se é o demônio que impele à caridade, nós jamais correremos risco em fazê-la.

Ensinos e Dissertações Espíritas

A FÉ, A ESPERANÇA E A CARIDADE

(Bordeaux. Médium: Sra. Cazemajoux)

A FÉ

Sou a irmã mais velha da Esperança e da Caridade; chamo-me Fé.

Sou grande e forte. Aquele que me possui não teme nem o ferro, nem o fogo: é à prova de todos os sofrimentos físicos e morais. Irradio sobre vós com um facho cujos jatos cintilantes se refletem no fundo de vossos corações e vos comunico a força da vida. Dizem, entre vós, que transporto montanhas; eu, porém, vos digo: Venho erguer o mundo, porquanto o Espiritismo é a alavanca que me deve auxiliar. Uni-vos a mim; venho convidar-vos: sou a Fé.

Sou a Fé! Moro com a Esperança, a Caridade e o Amor no mundo dos Espíritos Puros. Muitas vezes deixei as regiões sublimadas e vim à Terra para vos regenerar, dando-vos a vida do Espírito. Mas, excetuando os mártires dos primeiros tempos do Cristianismo e, de vez em quando, alguns fervorosos sacrifícios ao progresso da ciência, das letras, da indústria e da liberdade, só encontrei entre os homens indiferença e frieza, retomando tristemente o meu vôo para o céu. Julgais-me em vosso meio, mas vos enganais, porque a Fé sem obras é um simulacro de Fé. A verdadeira Fé é vida e ação.

Antes da revelação espírita a vida era estéril; era uma árvore que, ressequida pelos raios, não produzia nenhum fruto.

Reconhecem-me por meus atos: ilumino as inteligências, aqueço e fortaleço os corações; afasto para longe de vós as influências enganosas e vos conduzo a Deus pela perfeição do espírito e do coração. Vinde abrigar-vos sob a minha bandeira; sou poderosa e forte: eu sou a Fé.

Sou a Fé e o meu reino começa entre os homens; reino pacífico, que os tornará felizes no presente e na eternidade. A aurora do meu advento entre vós é pura e serena; seu sol será resplandecente e seu crepúsculo virá docemente embalar a Humanidade nos braços de eternas felicidades. Espiritismo! derrama sobre os homens o teu batismo regenerador. Eu lhes faço um apelo supremo: eu sou a Fé.

*Georges,
Bispo de Périgueux*

A ESPERANÇA

Meu nome é esperança. Sorrio à vossa entrada na vida; sigo-vos passo a passo e não vos deixo senão nos mundos onde para vós se realizam as promessas de felicidade, incessantemente murmuradas aos vossos ouvidos. Sou vossa fiel amiga; não repilais minhas inspirações: eu sou a Esperança.

Sou eu que canto pela voz do rouxinol e que faço ecoar nas florestas essas notas lamentosas e cadenciadas que vos fazem sonhar com o céu; sou eu que inspiro à andorinha o desejo de aquecer os seus amores no abrigo de vossas moradas; brinco na brisa ligeira que acaricia os vossos cabelos; espalho aos vossos pés o suave perfume das flores dos vossos jardins, e quão pouco pensais nessa amiga que vos é tão devotada! Não a repilais: é a Esperança.

Tomo todas as formas para me aproximar de vós. Sou a estrela que brilha no azul; o cálido raio de sol que vos vivifica;

embalo as vossas noites com sonhos alegres; expulso para longe as negras preocupações e os pensamentos sombrios; guio os vossos passos para a senda da virtude; acompanho-vos nas visitas aos pobres, aos aflitos, aos moribundos e vos inspiro palavras afetuosas, que consolam. Não me repilais: eu sou a Esperança!

Eu sou a esperança! Sou eu que, no inverno, faço crescer na casca dos carvalhos o musgo espesso com que os passarinhos constroem seus ninhos; sou eu que, na primavera, corôo a macieira e a amendoeira de flores brancas e rosas e as espalho sobre a terra como uma juncada celeste, que faz aspirar aos mundos felizes; sobretudo estou convosco quando sois pobres e sofredores; minha voz ressoa incessantemente aos vossos ouvidos. Não me repilais: eu sou a Esperança.

Não me repilais, porque o anjo do desespero me faz uma guerra obstinada e se consome em vãos esforços para tomar o meu lugar junto de vós. Nem sempre sou a mais forte e, quando ele consegue me afastar, vos envolve com as suas fúnebres asas, desvia os vossos pensamentos de Deus e vos arrasta ao suicídio. Uni-vos a mim para afastar sua funesta influência e vos deixai embalar docemente em meus braços, porque eu sou a Esperança.

*Felicia,
Filha do médium*

A CARIDADE

Eu sou a Caridade. Em nada me assemelho à caridade cujas práticas seguis. Aquela que entre vós usurpou o meu nome é fantasista, caprichosa, exclusiva, orgulhosa; venho vos prevenir contra os defeitos que, aos olhos de Deus, diminuem o mérito e o brilho de suas boas ações. Sede dóceis às lições que o Espírito de Verdade vos dá por minha voz. Segui-me, meus fiéis: eu sou a Caridade.

Segui-me. Conheço todos os infortúnios, todas as dores, todos os sofrimentos, todas as aflições que assediam a Humanidade. Sou a mãe dos órfãos, a filha dos idosos, a protetora e sustentáculo das viúvas; penso as chagas infectadas; curo todas as doenças; dou roupas, pão e um abrigo aos que não os têm; subo às mais miseráveis águas-furtadas, às mais humildes mansardas; bato à porta dos ricos e poderosos, porque, onde quer que viva uma criatura humana, sempre existirá, sob a máscara da felicidade, as mais amargas e acerbadas dores. Oh! quão grande é a minha tarefa! Não poderei cumpri-la se não vierdes em meu auxílio. Vinde a mim: eu sou a Caridade.

Não tenho preferência por ninguém. Jamais digo aos que necessitam de mim: “Tenho os meus pobres; procurai alhures.” Oh! falsa caridade, quantos males provocas! Amigos, nós nos devemos a todos. Crede-me: não recuseis vossa assistência a ninguém; socorrei-vos uns aos outros com bastante desinteresse para não exigir nenhum reconhecimento de parte dos que tiverdes socorrido. A paz do coração e da consciência é a doce recompensa de minhas obras: eu sou a verdadeira Caridade.

Ninguém conhece na Terra o número e a natureza de meus benefícios. Só a falsa caridade fere e humilha aqueles a quem alivia. Acautelai-vos contra esse funesto desvio; as ações desse gênero não têm nenhum mérito perante Deus e atraem sobre vós a sua cólera. Só Ele deve saber e conhecer os generosos impulsos de vossos corações quando vos tornais os dispensadores de seus benefícios. Guardai-vos, pois, amigos, de dar publicidade à prática da assistência mútua; não mais lhe deis o nome de esmola. Crede em mim: eu sou a Caridade.

Tenho tantos infortúnios a aliviar que muitas vezes fico com o colo e as mãos vazios; venho dizer-vos que espero em vós.

O Espiritismo tem por divisa *Amor e Caridade*; e todos os verdadeiros espíritas quererão, no futuro, conformar-se a esse sublime preceito pregado pelo Cristo há dezoito séculos. Segui-me, pois, irmãos; eu vos conduzirei ao reino de Deus, nosso pai. Eu sou a Caridade.

*Adolfo,
Bispo de Argel*

**INSTRUÇÕES DADAS POR NOSSOS GUIAS A RESPEITO
DAS TRÊS COMUNICAÇÕES ACIMA**

Meus caros amigos, deveis ter imaginado que um de nós havia dado os ensinamentos sobre a fé, a esperança e a caridade, e tivestes razão.

Felizes por ver Espíritos tão elevados vos dar, com tanta freqüência, conselhos que vos devem guiar em vossos trabalhos espirituais, não menos doce e pura é a nossa alegria, quando vimos ajudar a tarefa do vosso apostolado espírita.

Podeis, pois, atribuir ao Espírito *Georges* a comunicação sobre a Fé; a da Esperança a *Felícia*: aí encontrareis o estilo poético que tinha durante sua vida; e a da Caridade a *Dupuch*, bispo de Argel, que na Terra foi um de seus fervorosos apóstolos.

Ainda teremos de tratar da caridade sob outro ponto de vista. Fá-lo-emos dentro de alguns dias.

Vossos Guias

**ESQUECIMENTO DAS INJÚRIAS
(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sra. Costel)**

Minha filha, o esquecimento das injúrias é a perfeição da alma, como o perdão das feridas feitas à verdade é a perfeição do Espírito. A Jesus foi mais fácil perdoar os ultrajes de sua Paixão do que o último de vós perdoar uma leve zombaria. A grande alma

do Salvador, habituada à doçura, não concebia amargura nem vingança; as nossas, atingidas por coisas insignificantes, esquecem o que é grande. Diariamente os homens imploram o perdão de Deus, que desce sobre eles como orvalho benfazejo; mas seus corações esquecem essa palavra sem cessar repetida na prece. Em verdade vos digo: o fel interior corrompe a alma; é a pedra volumosa que a fixa ao solo e retarda a sua elevação. Quando fordes repreendidos, entrai em vós mesmos; examinai vosso pecado interior, aquele que o mundo ignora; medi a sua profundidade e curai a vossa vaidade pelo conhecimento de vossa miséria. Se, mais grave, a ofensa atingir o coração, lamentai o infeliz que a cometeu, como lamentais o ferido cuja chaga, aberta, deixa escorrer o sangue; a piedade é devida àquele que aniquila seu ser futuro. No Jardim das Oliveiras Jesus conheceu a dor humana, mas sempre ignorou as amarguras do orgulho e a pequenez da vaidade; foi encarnado para mostrar aos homens o protótipo da beleza moral que lhes devia servir de modelo: não vos afasteis jamais. Modelai as vossas almas como a cera mole e fazei que a vossa argila transformada se torne um mármore imperecível, em que Deus, o grande escultor, possa inscrever o seu nome.

Lázaro

SOBRE OS INSTINTOS

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sra. Costel)

Ensinar-te-ei o verdadeiro conhecimento do bem e do mal, que o espírito confunde com tanta freqüência. O mal é a revolta dos instintos contra a consciência, esse tato interior e delicado, que é o tato moral. Quais os limites que o separam do bem, que ele contorna por toda parte? O mal não é complexo: é uno e emana do ser primitivo, que quer a satisfação do instinto à custa do dever. O instinto, primitivamente destinado a desenvolver no *homem animal* o cuidado de sua conservação e de seu bem-estar, é a única origem do mal, porque, persistindo mais

violento e mais severo em certas naturezas, ele as impele a se apoderarem do que desejam ou a concentrar o que possuem. O instinto, a que os animais obedecem cegamente, e que é a sua própria virtude, deve ser incessantemente combatido pelo homem que quer elevar-se e substituir o grosseiro utensílio da necessidade pelas armas finamente buriladas da inteligência. Entretanto, haverás de convir que nem sempre o instinto é mau, devendo-lhe a Humanidade, não raras vezes, sublimes inspirações, como na maternidade e em certos atos de abnegação, nos quais substitui a reflexão com presteza e segurança. Minha filha, tua objeção é precisamente a causa do erro em que caem os homens, prontos a desconhecem a verdade, sempre absoluta nas suas conseqüências. Sejam quais forem os resultados de uma causa má, os exemplos jamais devem levar a concluir contra as premissas estabelecidas pela razão. O instinto é mau porque é puramente humano e a Humanidade não deve pensar senão em se despojar, em deixar a carne para elevar-se ao Espírito. E se o mal caminha ao lado do bem, é que o seu princípio muitas vezes tem resultados opostos a si mesmo, e que o fazem desconhecer o homem leviano e arrastado pela sensação. Nada de verdadeiramente bom pode emanar do instinto: um impulso sublime não é devotamento, assim como uma inspiração isolada não é gênio. O verdadeiro progresso da Humanidade é sua luta e seu triunfo contra a essência mesma de seu ser. Jesus foi enviado à Terra para o provar humanamente. Pôs a descoberto a verdade, bela fonte escondida na areia da ignorância. Não perturbeis mais a limpidez da linfa divina pelos compostos do erro. E, crede, os homens que não são bons e devotados senão instintivamente, o são mal, porque sofrem uma cega dominação que, de repente, pode precipitá-los no abismo.

Observação – Apesar do nosso respeito pelo Espírito Lázaro, que nos tem brindado com tantas e tão belas dissertações, permitimo-nos discordar de sua opinião no que concerne às últimas proposições. Pode-se dizer que há dois tipos de instinto: o instinto animal e o instinto moral. O primeiro, como diz muito bem Lázaro, é orgânico; é dado aos seres vivos para a sua conservação, bem como a de sua progênie; é cego e quase inconsciente, porque a Providência quis dar um contrapeso à sua indiferença e à sua negligência. Já não é assim com o instinto moral, que é privilégio do homem e que pode ser assim definido: *Propensão inata para fazer o bem ou o mal*. Ora, essa propensão se prende ao estado de maior ou menor avanço do Espírito. O homem, cujo Espírito já é depurado, faz o bem sem premeditação e como algo muito natural; daí por que se admira de ser louvado. Assim, não é justo dizer que “os homens que não são bons e devotados senão instintivamente, o são mal, porque sofrem uma cega dominação que, de repente, pode precipitá-los no abismo.” Os que instintivamente são bons e devotados denotam um progresso realizado; nos que o são intencionalmente, o progresso está por se realizar, razão por que há trabalho e luta entre os dois sentimentos. No primeiro, a dificuldade está vencida; no segundo, é preciso vencê-la. O primeiro é como o homem que sabe ler, e lê sem dificuldade, quase sem perceber; o segundo é como o que soletra. Porque um chegou mais tarde, terá menos mérito que o outro?

Meditações Filosóficas e Religiosas Ditadas pelo Espírito Lamennais

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sr. A. Didier)

A CRUZ

Em meio às revoluções humanas, em meio a todos os distúrbios, a todos as irrupções do pensamento, eleva-se uma cruz

alta e simples, fixada num altar de pedra. Um juvenzinho esculpido na pedra tem nas mãos uma bandeirola, sobre a qual se lê esta palavra: *Simplicitas*. Filantropos, filósofos, deístas e poetas: vinde ler e contemplar essa palavra; é todo o Evangelho, toda a explicação do Cristianismo. Filantropos, não inventeis a filantropia: não existe senão a caridade; filósofos, não inventeis uma sabedoria: só há uma; deístas, não inventeis um Deus: só existe um; poetas, não perturbeis o coração do homem. Filantropos, quereis quebrar as cadeias materiais que mantêm cativa a Humanidade; filósofos, elevais Panteões; poetas, idealizais o fanatismo. Para trás! Sois deste mundo, e o Cristo disse: “Meu reino não é deste mundo.” Oh! sois por demais deste mundo de lama, para compreenderdes estas sublimes palavras; e se algum juiz bastante poderoso vos disser: “Sois filhos de Deus?” vossa vontade morreria no fundo da garganta e não podereis responder como o Cristo, em face da Humanidade: “Vós o dissestes.” – “Vós todos sois deuses”, disse o Cristo, quando a língua de fogo desce sobre as vossas cabeças e penetra os vossos corações; sois todos deuses, quando percorreis a Terra em nome da caridade; mas sois filhos do mundo quando contemplais os sofrimentos atuais da Humanidade e não pensais em seu futuro divino. Homem! que aquela palavra seja lida por teu coração e não por teus olhos de carne. O Cristo não erigiu um Panteão: ergueu uma cruz.

BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO

As diversas ações meritórias do Espírito após a morte são principalmente as do coração, mais que as da inteligência. Bem-aventurados os pobres de espírito não quer apenas dizer bem-aventurados os imbecis, mas também os que, cumulados de dons intelectuais, não o empregaram para o mal, pois é uma arma muito poderosa para arrastar as massas. Entretanto, como dizia ultimamente Gérard de Nerval¹³, a inteligência desconhecida na

13 Alusão a uma comunicação de Gérard de Nerval.

Terra terá grande mérito perante Deus. Com efeito, o homem poderoso em inteligência, lutando contra todas as circunstâncias infelizes que o vêm assaltar, deve regozijar-se com estas palavras: “Os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros”, o que não deve ser entendido unicamente na ordem material, mas, também, nas manifestações do Espírito e nas obras da inteligência humana. As qualidades do coração são meritórias, porque as circunstâncias que as podem impedir são muito pequenas, muito raras, muito fúteis. A caridade deve brilhar por toda parte, apesar de tudo, para todos, como o Sol brilha para todo o mundo. O homem pode impedir que a inteligência de seu próximo se manifeste, mas não dispõe de nenhum poder sobre o coração. As lutas contra a adversidade, as angústias da dor podem paralisar os impulsos do gênio, mas são incapazes de neutralizar os da caridade.

A ESCRAVIDÃO

Escravidão! Quando se pronuncia este nome, o coração sente frio, porque vê à sua frente o egoísmo e o orgulho. Quando um padre vos fala de escravidão, está se referindo à escravidão da alma, que avilta o Espírito do homem e o faz esquecer a sua consciência, isto é, sua liberdade. Oh! sim, esta escravidão da alma é horrível e diariamente excita a eloquência de mais de um pregador. Mas a escravidão do hilota, a escravidão do negro, que se torna aos seus olhos? Diante desta questão o sacerdote mostra a cruz e diz: “Esperai!” Com efeito, para esses infelizes, é a consolação a oferecer, e ela lhes diz: “Quando o vosso corpo for dilacerado pelo chicote até a morte, não penseis mais na Terra; pensai no Céu.”

Tocamos aqui uma dessas questões graves e terríveis que transtornam a alma humana e a precipitam na incerteza. Estará o negro à altura dos povos da Europa, e a prudência humana, ou, antes, a justiça humana deverá mostrar-lhe a

emancipação como o meio mais seguro de alcançar o progresso da civilização? Nesta questão os filantropos apresentam o Evangelho e dizem: Jesus falou de escravos? Não; mas Jesus falou da resignação e disse estas sublimes palavras: “Meu reino não é deste mundo.” John Brown, quando contemplo o teu cadáver na forca, sinto-me tomado de profunda piedade e de apaixonada admiração; mas a razão, esta brutal razão que incessantemente nos faz buscar os *porquês*, leva-nos a nos perguntar a nós mesmos: “Que teríeis feito depois da vitória?”

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V

MARÇO DE 1862

Nº 3

Aos Nossos Correspondentes

Paris, 1º de março de 1862

Senhores,

Conheceis o provérbio: Ninguém é obrigado a fazer o impossível. Pois hoje me socorro desse princípio e venho apelar junto a vós. Há seis meses, a despeito da melhor vontade do mundo, tem-me sido materialmente impossível pôr em dia a correspondência, que se acumula além de todas as previsões. Encontro-me, assim, na condição de um devedor, que busca acordo com os credores sob pena de suspender o pagamento. À medida que algumas dívidas são pagas, chegam novas e mais numerosas obrigações, de sorte que o débito, ao invés de diminuir, aumenta sem cessar. Neste momento já me encontro em presença de um passivo de mais de duzentas cartas. Ora, sendo a média diária de dez, não vislumbro nenhum meio de me liberar, a não ser obtendo de vossa parte um *sursis* ilimitado.

Longe de mim lamentar-me pelo número de cartas que recebo, pois isto é uma prova irrecusável do progresso da doutrina e em sua maioria exprimem sentimentos que me sensibilizam

profundamente, constituindo-se para mim arquivos de preço inestimável. Muitas, aliás, encerram úteis ensinamentos, que jamais ficarão perdidos e, cedo ou tarde, serão utilizados, conforme as circunstâncias, pois são imediatamente classificados segundo a sua especialidade.

Só a correspondência seria suficiente para absorver todo o meu tempo e, contudo, ela apenas constitui a quarta parte das ocupações necessárias à tarefa que empreendi, tarefa cujo desenvolvimento, no início de minha carreira espírita, eu estava longe de prever. Assim, várias publicações importantes se acham paradas por falta do tempo necessário para trabalhá-las; e acabo de receber, dos meus guias espirituais, um convite *premente* para delas me ocupar sem tardança, *pondo tudo de lado* em favor das causas urgentes. Vejo-me forçado, pois, a menos que falhe na realização da obra tão felizmente iniciada, a operar uma espécie de liquidação epistolar para o passado e limitar-me, quanto ao futuro, às respostas estritamente necessárias, além de pedir, coletivamente, aos meus distintos correspondentes, que aceitem a expressão da minha viva e sincera gratidão pelos testemunhos de simpatia que hão por bem me dar.

Entre as cartas que me são dirigidas, muitas contêm pedidos de evocação ou controles de evocações feitas alhures; muitas vezes pedem informações sobre aptidão para a mediunidade, ou sobre coisas de interesse material. Aqui lembrarei o que já disse noutra parte sobre a dificuldade e, mesmo, sobre os inconvenientes dessas espécies de evocações, feitas na ausência das pessoas interessadas, únicas aptas a verificar a sua exatidão e fazer as perguntas necessárias, ao que devemos acrescentar que os Espíritos se comunicam mais facilmente e com melhor boa vontade àqueles que lhes são afeiçoados do que a estranhos, que lhes são indiferentes. Eis por que, pondo de lado toda consideração relativa às minhas ocupações, só atenderei a pedidos desta natureza em circunstâncias excepcionais e, em todos o caso, jamais no que

concerne a interesses materiais. Muitas vezes uma porção de perguntas seriam evitadas se, a respeito, tivessem lido atentamente as instruções contidas em *O Livro dos Médiuns*, capítulo 26.

Por outro lado, as evocações pessoais não podem ser feitas nas sessões da Sociedade senão quando oferecem assunto de estudo instrutivo e de interesse geral; fora disto, só podem ocorrer em sessões especiais. Ora, para satisfazer a todos os pedidos, uma sessão diária de duas horas seria insuficiente. Deve-se levar em conta, além disso, que todos os médiuns, *sem exceção*, que nos prestam o seu concurso, o fazem por *mera cortesia*; não admitem outras condições e, como têm as suas próprias obrigações, nem sempre estão disponíveis, seja qual for a sua boa vontade. Compreendo todo o interesse que cada um liga às questões que lhe dizem respeito e me sentiria feliz se pudesse corresponder a todas. Mas se considerarem que minha posição me põe em contato com milhares de pessoas, compreenderão minha impossibilidade de o fazer. É preciso imaginar que certas evocações não exigem menos de cinco ou seis horas de trabalho, tanto para as fazer quanto para as transcrever e passar a limpo, e que todas as que me foram pedidas formariam dois volumes como *O Livro dos Espíritos*. Aliás, os médiuns se multiplicam diariamente e é muito raro não encontrar um na família ou entre os conhecidos, quando se não o é pessoalmente, o que é sempre preferível para as coisas íntimas. Não se trata senão de experimentar em boas condições, das quais a primeira é a de se compenetrar bem, antes de qualquer tentativa, das instruções sobre a prática do Espiritismo, caso se queira evitar decepções.

À medida que a doutrina cresce, minhas relações se multiplicam e aumentam os deveres de minha posição, o que me obriga a negligenciar um pouco os detalhes, em benefício dos interesses gerais, porque o tempo e as forças do homem têm limites e eu confesso que as minhas, de algum tempo a esta parte, têm-me faltado e não posso ter o repouso que, por vezes, me seria tanto

mais necessário quanto não conto senão comigo para dedicar-me às minhas ocupações.

Peço aceiteis, senhores, o renovado penhor de meu afetuoso devotamento.

Allan Kardec

Genealogia Espírita¹⁴

Entre os argumentos que certas pessoas contrapõem à doutrina da reencarnação, um há que merece ser examinado, porque, à primeira vista, parece bastante especioso. Dizem que ela tenderia a romper os laços de família, multiplicando-os; aquele que concentrasse sua afeição sobre o pai deveria partilhá-la com tantos pais quantas tivessem sido as encarnações. Como, então, uma vez no mundo dos Espíritos, se reconhecer no meio dessa progenitura? Por outro lado, em que se torna a filiação dos antepassados, se aquele que crê descender em linha direta de Hugo Capeto ou de Godofredo de Bulhões viveu várias vezes? se, depois de ter sido um grão-senhor, pode tornar-se um plebeu? Eis, assim, toda uma linhagem derrubada!

A isto responderemos, para começar, que de duas uma: ou é, ou não é. Se for, todas as recriminações pessoais não impedirão que seja, porquanto Deus, para regular a ordem das coisas, não pede conselho a ninguém, pois, de outro modo, cada um quereria que o mundo fosse governado a seu talante. Quanto à multiplicidade dos laços de família, diremos que certos pais não têm senão um filho, enquanto outros têm doze ou mais. Já se pensou em acusar Deus de os obrigar a dividir a afeição em várias partes? E esses filhos, que por sua vez têm filhos, tudo isto não forma uma família numerosa, cujo avô e bisavô se vangloria, em vez de lamentar-se? Vós, que fazeis remontar vossa genealogia a

14 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 529.

cinco ou seis séculos, não deveríeis, uma vez no mundo dos Espíritos, partilhar vossa afeição entre todos os vossos ascendentes? Se vos atribuíis uma dúzia de avós, muito bem! tereis o dobro ou o triplo – eis tudo. Tendes, pois, uma idéia muito acanhada dos vossos sentimentos afetuosos, pois temeis que não sejam suficientes para amar a várias pessoas! Tranqüilizai-vos, porém. Vou provar que com a reencarnação vossa afeição será menos dividida do que se não existisse. Com efeito, suponhamos que na vossa genealogia contásseis cinqüenta avós, igual número de ascendentes diretos e colaterais, o que é pouco, se remontardes às cruzadas. Pela reencarnação, é possível que alguns dentre eles tenham vindo várias vezes e, assim, em lugar de cinqüenta Espíritos que contáveis na Terra, só encontraríeis a metade no outro mundo.

Passemos à questão da filiação. Com o vosso sistema chegais a um resultado completamente diverso daquele que esperais. Se não houver preexistência, anterioridade da alma, a alma ainda não viveu; portanto, a vossa alma foi *criada* ao mesmo tempo que o vosso corpo; nesse estado de coisas, não tem *nenhuma* relação com *nenhum* dos vossos antepassados. Suponhamos que descendeis em linha reta de Carlos Magno; o que há de comum entre vós e ele? Que foi o que vos transmitiu intelectual e moralmente? Nada, absolutamente nada. Por que vos apegais a ele? Por uma série de corpos que apodreceram todos, destruídos e dispersos, não há razão para vos sentirdes orgulhosos. Com a preexistência da alma, ao contrário, podeis ter tido com os vossos antepassados relações reais, sérias e mais lisonjeiras para o amor-próprio. Portanto, sem a reencarnação existe apenas um parentesco corporal, pela transmissão de moléculas orgânicas da mesma natureza que a dos cavalos puro-sangue. Com a reencarnação há um parentesco espiritual. Qual dos dois sistemas é melhor?

Por certo objetareis que com a reencarnação um Espírito estranho pode introduzir-se na vossa linhagem e que, em vez de nela contar apenas gentis-homens, se podem encontrar

sapateiros. É perfeitamente certo; mas isto não quer dizer nada. São Pedro não passava de um pobre pescador. Não seria de uma casa bastante digna, a ponto de nos fazer corar por tê-lo em nossa família?

E, depois, entre esses antepassados de nomes famosos, todos terão tido uma conduta edificante, a nosso ver a única coisa de que, até certo ponto, nos poderíamos honrar, embora seu mérito nada tenha com o nosso? Que se perscrute a vida privada desses paladinos, desses grandes barões, que roubavam sem escrúpulos os transeuntes e que, em nossos dias, seriam pura e simplesmente levados à barra dos tribunais por seus grandes feitos; de certos grão-senhores, para quem a vida de um vilão não valia uma peça de caça, pois mandavam enforcar um homem por causa de um coelho? Tudo isto eram pecadilhos, que não manchavam brasões. Mas, casar-se com pessoa de condição inferior, introduzir na família um sangue plebeu era um crime imperdoável. Ah! por mais que se faça, quando soar a hora da partida – e soa para os grandes e para os pequenos – terão de deixar na Terra as roupas bordadas, e os pergaminhos de nada servirão diante do juiz supremo, que pronuncia essa sentença terrível: *Aquele que se exaltar será humilhado!* Se bastasse descender de qualquer grande homem para ter seu lugar previamente marcado no céu, a gente o compraria barato, porque à custa do mérito alheio. A reencarnação dá uma nobreza mais meritória, a única aceita por Deus, qual seja a de haver animado uma série de homens de bem. Felizes os que puderem depor aos pés do Eterno o tributo dos serviços prestados à Humanidade em cada uma de suas existências, porquanto a soma dos méritos será proporcional ao número de suas existências. Mas aquele que se prevalecer apenas da glória de seus antepassados, Deus dirá: Por que vós mesmos não vos ilustrastes?

Um outro sistema poderia, aparentemente, conciliar as exigências do amor-próprio com o princípio da não-reencarnação: é aquele pelo qual o pai não transmitisse ao filho apenas o corpo,

mas, também, uma porção de sua alma. Desse modo, se descendêsseis de Carlos Magno, vossa alma poderia ter seu tronco na dele. Muito bem! Vejamos, contudo, a que consequência chegamos. Em virtude de tal sistema, a alma de Carlos Magno teria o seu tronco na de seu pai e, assim, pouco a pouco chegaríamos a Adão. Se a alma de Adão é o tronco de todas as almas do gênero humano, as quais transmitem aos sucessores algumas porções de si mesma, as almas atuais resultariam de um fracionamento que ultrapassaria todas as subdivisões homeopáticas. Disso resultaria que a alma do pai comum deveria ser mais completa e mais inteira que a dos descendentes. Resultaria, ainda, que Deus teria criado apenas uma alma, que se subdividia ao infinito e, assim, cada um de nós não seria uma criação direta de Deus. Aliás, esse sistema deixaria um imenso problema a ser resolvido: o das aptidões especiais. Se o pai transmitisse ao filho os princípios de sua alma, transmitir-lhe-ia necessariamente suas virtudes e vícios, seus talentos e sua inépcia, como lhe transmite certas enfermidades congênitas. Como, então, explicar por que homens virtuosos ou de gênio têm filhos maus ou cretinos e *vice-versa*? Por que uma linhagem seria mesclada de bons e de maus? Dizei, ao contrário, que cada alma é individual, que tem existência própria e independente, que progride, em virtude de seu livre-arbítrio, por uma série de existências corporais, em cada uma das quais adquire algo de bom e deixa algo de mal, até que tenha atingido a perfeição, e tudo se explica, tudo se conforma à razão, à justiça de Deus, mesmo em proveito do amor-próprio.

O Sr. Salgues (de Angers), de quem falamos em nosso número anterior, não é partidário da reencarnação. Depois do aparecimento de *O Livro dos Espíritos* escreveu-nos uma longa carta, na qual combatia esta doutrina com argumentos baseados na sua incompatibilidade com os laços de família. Nessa carta, datada de 18 de setembro de 1857, dá-nos a sua genealogia, que remonta, sem interrupção, aos carolíngios, e pergunta em que se tornará essa

gloriosa filiação com a mistura de Espíritos pela reencarnação. Dela extraímos a seguinte passagem:

“Mas, então, para que serviriam os quadros genealógicos? Tenho o meu, *completo, regular*: de um lado, desde os antepassados de Carlos Magno e, do outro, desde a filha do emir Muza, um dos descendentes abassidas de Maomé, décima geração, por seu casamento com Garcia, príncipe de Navarra, pai, com ela, de Garcia Ximenes, rei de Navarra; e, enfim, essa genealogia continuou, em razão de alianças, por soberanos de quase todas as cortes da Europa, até a época de Afonso VI, rei de Castela, depois nas casas de Comminges, de Lascaris Vintemille, de Montmorency, de Turenne e, finalmente, dos condes e senhores Palhasse de Salgues, no Languedoc. Tudo isto se pode constatar na *Arte de verificar datas*, os Beneditinos de Saint-Maur, no *Dicionário da nobreza da França*, no *Armorial*, no padre Anselmo, Noreri, etc. Mas se nos ligamos aos nossos pais somente pela matéria carnal, que recebeu o nosso Espírito, não há em toda parte lacunas e notáveis soluções de continuidade? É um caminho traçado na areia que se perde em milhares de direções. Que nos seja então permitido crer que, se o Espírito não se transmite, a alma é para o homem o que o aroma é para a flor. Ora, Swedenborg não diz nos Arcanos que nada se perde na Natureza? e que o aroma das flores reproduz novas flores em outras regiões, além daquela de onde saiu? É, pois, pela alma, que não é Espírito, que talvez existisse uma cadeia semi-espiritual de gerações. Se tivesse agradado ao meu Espírito saltar oito ou dez gerações de vez em quando, onde reconheceria meus antepassados?”

Como se vê, o Sr. Salgues não se apega senão à procedência do corpo. Mas como conciliar as relações de Espírito a Espírito com a não-preexistência da alma? Se, nessa filiação, houvesse entre eles relações necessárias, como o descendente de tantos soberanos seria hoje um simples proprietário angevino? Aos olhos do mundo não seria uma retrogradação? Não pomos em

dúvida a autenticidade de sua genealogia, e o felicitamos por ela, já que isso lhe dá prazer, mas diremos que o estimamos mais por suas virtudes pessoais do que pelas de seus antepassados.

A autoridade de Swedenborg é aqui muito contestável, quando atribui ao aroma a reprodução das flores. Este óleo essencial, volátil, que lhe dá o aroma, jamais teve a faculdade reprodutora, que reside unicamente no pólen. Falta justeza à comparação, porque se a alma apenas se distingue, por seu perfume, sobre a alma que lhe sucede, não a cria; contudo, deveria transmitir-lhe suas próprias qualidades e, nesta hipótese, não vemos por que o descendente de Carlos Magno não teria enchido o mundo com o brilho de suas ações, enquanto Napoleão não se apoiaria senão sobre uma alma vulgar. Que se diga que Napoleão descende de Carlos Magno ou, melhor ainda, que foi Carlos Magno, que veio no século dezenove continuar a obra começada no oitavo, compreende-se; mas, com o princípio da unicidade da existência nada liga Carlos Magno a seus descendentes, a não ser esse aroma, transmitido pouco a pouco sobre almas *não criadas*. E, então, como explicar por que, entre os seus descendentes, houve tantos homens nulos e indignos, e por que Napoleão é um gênio maior do que os seus obscuros antepassados? Façam o que quiserem: sem a reencarnação nós nos chocamos a cada passo contra dificuldades insolúveis, que só a preexistência da alma resolve, de maneira ao mesmo tempo simples, lógica e completa, visto dar a razão de tudo.

Uma outra questão é o fato conhecido de que as famílias se abastardam e degeneram quando as alianças não saem da linha direta. Dá-se nas raças humanas o mesmo que nas raças animais. Por que, então, a necessidade de cruzamentos? Em que se torna a unidade do tronco? Não há aí uma mistura de Espíritos, uma intrusão de Espíritos estranhos à família? Um dia trataremos esta grave questão com todos os desenvolvimentos que ela comporta.

Conversas de Além-Túmulo

SR. JOBARD

Depois de sua morte, o Sr. Jobard comunicou-se várias vezes na Sociedade, em sessões a que diz assistir quase sempre. Antes de as publicar, preferimos esperar ter uma série de manifestações, formando um conjunto que permitisse melhor apreciá-las. Tínhamos a intenção de o evocar na sessão de 8 de novembro quando, informado do nosso desejo, manifestou-se espontaneamente. (Vide o seu necrológio, publicado na *Revista Espírita* do mês de dezembro de 1861.)

(Sociedade Espírita de Paris, 8 de novembro de 1861

– Médiun: Sra. Costel)

Ditado espontâneo

Eis-me aqui, eu que ides evocar e quero manifestar-me, primeiramente por este médium, que em vão solicitei até agora.

Antes de mais, quero contar minhas impressões no momento da separação de minha alma. Senti um abalo estranho; de repente lembrei-me do meu nascimento, de minha juventude, de minha idade madura. Toda a minha vida delineou-se claramente em minha memória. Experimentava um piedoso desejo de encontrar-me nas regiões reveladas por nossa querida crença; depois, todo esse tumulto se acalmou. Eu estava livre e meu corpo jazia inerte. Ah! meus caros amigos, que encanto desvencilhar-se do peso do corpo! Que deleite abarcar o espaço! Contudo, não imagineis que de repente me tenha tornado um eleito do Senhor; não, estou entre os Espíritos que, tendo aprendido pouco, devem ainda muito aprender. Não demorei a me lembrar de vós, *meus irmãos no exílio* e, eu vo-lo asseguro, toda a minha simpatia, todos os meus votos vos envolveram. Tive logo o poder de me comunicar e o teria feito por este médium, que teme ser enganada; mas que ela sossegue, pois nós a amamos.

Quereis saber quais os Espíritos que me receberam? quais as minhas impressões? Meus amigos foram todos os que nós evocamos, todos os irmãos que compartilharam dos nossos trabalhos. Vi o esplendor, mas não o posso descrever. Apliquei-me em distinguir o que era verdadeiro nas comunicações, pronto a retificar todas as asserções errôneas; enfim, pronto para ser o cavaleiro da verdade no outro mundo, como o fui no vosso. Assim, conversaremos muito e isto não passa de um preâmbulo para mostrar ao caro médium meu desejo de ser evocado por ela, e a vós minha boa vontade para responder às perguntas que ireis me dirigir.

Jobard

ENTREVISTA

1. Em vida tínheis recomendado que vos chamásseis quando houvésseis deixado a Terra. Fazemo-lo não só para nos conformar ao vosso desejo, mas, sobretudo, para vos renovar o testemunho de nossa mui viva e sincera simpatia e, também, no interesse de nossa instrução, porquanto, melhor que ninguém, estais em condições de nos dar ensinamentos precisos sobre o mundo em que vos encontrais. Assim, ficaremos felizes se vos dignardes responder às nossas perguntas.

Resp. — A esta hora o que mais importa é a vossa instrução. Quanto à vossa simpatia, eu a vejo e não a compreendo mais apenas pelos ouvidos, o que constitui um grande progresso.

2. Para fixar nossas idéias e não falar vagamente, assim como para a instrução das pessoas estranhas à Sociedade e presentes à sessão, perguntaremos, antes de mais, em que lugar estais aqui e como nós vos veríamos, se o pudéssemos?

Resp. — Estou perto do médium. Ver-me-íeis com a aparência do Jobard que se assentava à vossa mesa, porque os vossos olhos mortais não descerrados só podem ver os Espíritos sob sua aparência mortal.

3. Teríeis a possibilidade de vos tornardes visível para nós? Em caso contrário, o que se opõe a isto?

Resp. – A disposição que vos é inteiramente pessoal. Um médium vidente me veria; os outros não me percebem.

4. Este lugar é o que ocupáveis em vida, quando assistíeis às nossas sessões e que vos tínhamos reservado. Aqueles, pois, que vos viram, devem imaginar que vos vêem tal qual éreis então. Se aí não estais com o corpo material, estais com o corpo fluídico, que tem a mesma forma; se não vos vemos com os olhos do corpo, vemos com os do pensamento; se não vos podeis comunicar pela palavra, podeis fazê-lo pela escrita com a ajuda de um intérprete. Portanto, nossas relações convosco não estão interrompidas pela vossa morte e podemos conversar convosco tão fácil e completamente como outrora. É exatamente assim que são as coisas?

Resp. – Sim, e o sabeis há muito tempo. Muitas vezes ocuparei este lugar, mesmo sem o perceberdes, porquanto o meu Espírito habitará entre vós.

5. Não faz muito tempo, estáveis sentado neste mesmo lugar. As condições em que agora estais vos parecem estranhas? Que efeito essa mudança produziu em vós?

Resp. – Elas não me parecem estranhas, pois não senti perturbação e meu Espírito desencarnado desfrutava de uma clareza que não deixa na sombra nenhuma das questões que encara.

6. Recordai-vos de haver estado nas mesmas condições antes da vossa última existência e encontrais algo mudado?

Resp. – Lembro-me de minhas existências anteriores e acho que estou melhorado. Veja e assimilo o que percebo. Quando de minhas precedentes encarnações, Espírito perturbado, só divisava lacunas terrestres.

7. Lembrai-vos de vossa penúltima existência, da que precedeu o Sr. Jobard?

Resp. – Em minha penúltima existência fui um operário mecânico, atormentado pela miséria e pelo desejo de aperfeiçoar o meu trabalho. Como Jobard, realizei os sonhos do pobre operário e louvo a Deus por sua bondade infinita, ao fazer germinar a planta, cuja semente havia depositado em meu cérebro.

(11 de novembro. Sessão particular – Médiun: Sra. Costel)

8. Evocação.

Resp. – Estou aqui, encantado por ter oportunidade de te falar (ao médium) e a vós também.

9. Parece-nos que tendes um fraco pelo médium.

Resp. – Não me censureis, porque foi preciso que me tornasse Espírito para o testemunhar.

10. Já vos comunicastes alhures?

Resp. – Pouco me comuniquei. Em muitos lugares um Espírito toma o meu nome; algumas vezes eu estava perto dele, mas não podia manifestar-me diretamente. Minha morte é tão recente que ainda sofro certas influências terrestres. É preciso uma simpatia perfeita, a fim de que eu possa exprimir o pensamento. Em pouco tempo agirei indistintamente; não o posso ainda, repito. Quando morre um homem um pouco conhecido, chamam-no de todos os lados; milhares de Espíritos se apressam em revestir-se de sua individualidade; foi o que me aconteceu em muitas circunstâncias. Asseguro-vos que logo depois da libertação poucos Espíritos podem comunicar-se, mesmo por um médium de sua preferência.

11. Vossas idéias se modificaram um pouco de sexta-feira para cá?

Resp. – São absolutamente as mesmas de sexta-feira. Pouco me ocupei das questões puramente intelectuais, no sentido em que as tomais. Como o poderia eu, deslumbrado, arrastado pelo maravilhoso espetáculo que me cerca? O mais poderoso laço do

Espiritismo, que vós homens não podeis conceber, só pode atrair meu ser para a Terra, que abandono não com alegria, pois seria uma impiedade, mas com profundo reconhecimento pela libertação.

12. Vedes os Espíritos que aqui estão conosco?

Resp. – Vejo principalmente *Lázaro e Erasto*; depois, mais afastado, o *Espírito de Verdade*, planando no espaço; mais adiante, uma multidão de Espíritos amigos que vos cercam, pressurosos e benevolentes. Sede felizes, amigos, porque as boas influências vos disputam às calamidades do erro.

13. Ainda uma pergunta, por obséquio. Conheceis as causas de vossa morte?

Resp. – Não me faleis disto ainda.

Observação – A Sra. Costel diz ter recebido uma comunicação em sua casa, pela qual lhe anunciavam que o Sr. Jobard tinha morrido porque queria ultrapassar o limite atualmente fixado ao Espiritismo. Assim, sua partida teria sido precipitada por este motivo. Pessoalmente, o Sr. Jobard ainda não se explicou a respeito. Várias outras comunicações parecem corroborar a opinião acima. Mas o que ressalta de certos fatos é uma espécie de mistério sobre as causas de sua morte precipitada que, conforme dizem, será explicada mais tarde.

(Sociedade, 22 de novembro de 1861)

14. Quando vivo, partilháveis a opinião de que a formação da Terra se dera pela incrustação de quatro planetas, que se haviam soldado; ainda conservais a mesma crença?

Resp. – É um erro. As novas descobertas geológicas provam as convulsões da Terra e sua formação sucessiva. Como todos os planetas, a Terra teve sua vida própria e Deus não necessita dessa grande desordem ou dessa agregação de planetas. A água e o fogo são os únicos elementos orgânicos da Terra.

15. Também pensáveis que os homens podiam entrar em catalepsia durante um tempo ilimitado e, que dessa maneira, o gênero humano tinha sido trazido à Terra.

Resp. – Ilusão de minha imaginação, que sempre ultrapassava os limites. A catalepsia pode ser longa, mas não indefinida. Tradições, lendas ampliadas pela imaginação oriental. Meus amigos: já sofri muito ao repassar as ilusões de que se nutria o meu Espírito. Não vos enganéis mais. Muito tinha aprendido e, posso dizê-lo, minha inteligência, pronta para assenhorear-se de seus vastos e diversos estudos, tinha guardado da última encarnação o amor ao maravilhoso e ao conjunto tirado da imaginação popular.

(Bordeaux, 24 de novembro de 1861 – Médium: Sra. Cazemajoux)

16. Evocação.

Resp. – Teremos sempre de recomeçar? Muito bem! eis-me aqui. Que desejais?

17. Acabamos de saber de vossa morte. Como um dos campeões de nossa doutrina, poderíeis responder a algumas de nossas perguntas?

Resp. – Olha, eu não sei bem com quem estou, mas os Espíritos me dizem que este médium recebeu algumas mensagens inseridas na *Revista* e que me agradaram. É preciso, por minha vez, que eu lhe dê algumas. Não faz muito tempo que me ausentei da Terra; dentro de alguns anos a ela voltarei para retomar o curso da missão que aí deveria cumprir, pois ela foi interrompida pelo anjo da libertação.

18. Falais de uma missão que deveríeis realizar na Terra. Poderíeis torná-la conhecida?

Resp. – Missão de progresso intelectual e moral em estado de germe. A doutrina ou ciência espírita contém os elementos fecundos que devem desenvolver, fazer crescer e

amadurecer as modernas idéias de liberdade, de unidade e de fraternidade. É por isso que não se deve temer lhe dar um vigoroso impulso, que a fará transpor os obstáculos com uma força que nada poderá dominar.

19. Marchando mais rápido que o tempo não é de temer prejudicar a doutrina?

Resp. – Derrubaríeis os adversários. Vossa lentidão lhes deixa ganhar terreno. Não gosto do passo vagaroso e pesado da tartaruga; prefiro o vôo audacioso do rei dos ares.

Observação – Isto é um erro. Os partidários do Espiritismo ganham terreno diariamente, enquanto seus adversários o perdem. O Sr. Jobard é sempre entusiasta; não compreende que, com prudência, se alcança o objetivo com mais segurança, ao passo que nos arriscamos a comprometer a sua causa quando nos atiramos violentamente contra os obstáculos. **A. K.**

20. Então, como explicar os desígnios de Deus, em vos arrancando da Terra de maneira tão súbita, se tinha em vós o instrumento necessário à marcha rápida da Humanidade para o progresso moral e intelectual?

Resp. – Oh! que alavanca seria uma parte dos espíritas com minhas idéias! Mas não; o medo os paralisa!

21. Podeis nos explicar os desígnios de Deus vos chamando antes do término de vossa missão?

Resp. – Não me aborreci; vejo e aprendo para estar mais forte quando soar a hora da luta. Redobrai de fervor e zelo pela nobre e santa causa da Humanidade. Uma só existência não é suficiente para ver realizar-se a crise que deve transformar a sociedade e muitos dentre vós, que preparais os caminhos, revivereis depois de algum tempo para ajudar novamente a obra santa e bendita. Creio que já vos disse o bastante por esta noite. Mas estou à vossa disposição; voltarei, porque sois bom e

fervoroso adepto. Adeus. Nesta noite quero assistir à sessão de nosso caro mestre Allan Kardec.

22. Não respondestes à pergunta sobre os desígnios de Deus vos chamando antes do término de vossa missão.

Resp. – Somos instrumentos adequados para ajudar seus desígnios. Ele nos dobra à sua vontade e nos põe novamente em cena quando julga útil. Submetamo-nos, pois, aos seus desígnios sem procurar aprofundá-los, porque ninguém tem direito de rasgar o véu que oculta aos Espíritos os decretos imutáveis. Adeus!

Jobard

(Passy, 20 de dezembro de 1861 – Médiun: Sra. Dozon)

23. Evocação.

Resp. – Não sei por que me evocais. Nada sou para vós; assim, nada vos devo. Também nada responderei sem o *Espírito de Verdade*, que me diz que foi Kardec quem vos pediu para que eu viesse até vós. Pois bem! aqui estou. Que vos devo dizer?

24. Com efeito, o Sr. Allan Kardec nos pediu que vos evocássemos, com vistas a controlar diversas comunicações vossas, comparando-as entre si. É um estudo, e esperamos que vos presteis a isso, no interesse da ciência espírita, descrevendo a vossa situação e as vossas impressões desde que deixastes a Terra.

Resp. – Eu não estava certo de tudo na vida terrestre; começo a saber. Depurando-se da perturbação, minhas idéias chegam a uma nova claridade e, desde já, volto dos *erros* de minhas crenças. Isto é uma graça da bondade de Deus, mas um pouco tardia. O Sr. Allan Kardec não tinha total simpatia por meu Espírito, e assim devia ser: ele é positivo na sua fé. Muitas vezes eu sonhava e rebuscava, ao lado da realidade. Não sei ao certo o que eu queria, a não ser uma vida melhor do que a que tinha. O Espiritismo me veio mostrá-la e o mais esclarecido dos espíritos me

ergueu o véu da vida dos Espíritos. Foi *A Verdade* quem o inspirou; *O Livro dos Espíritos* fez uma verdadeira revolução em minha alma e um bem impossível de dizer. Mas houve em meu Espírito dúvidas sobre muitas coisas que a mim se mostram hoje sob uma luz completamente diversa. Já vos dissera no começo desta comunicação: desembaraçando-se da perturbação, o Espírito mostra-me o que eu não via. O Espírito se afasta; seu desprendimento ainda não é total; entretanto, já se comunicou várias vezes. Mas – coisa bizarra, talvez para vós – é a mudança que se faz aos olhos dos evocadores nas comunicações do Espírito Jobard.

Em seguida o mesmo médium recebeu a comunicação espontânea:

Jobard era um Espírito pesquisador, querendo subir, sempre subir. As idéias espíritas pareciam-lhe um panorama por demais acanhado. Jobard representava o espírito de *curiosidade*; queria saber, sempre saber. Essa necessidade, essa sede o impeliram a pesquisas que excediam os limites daquilo que Deus quer que saibais. Não tenteis, pois, arrancar o véu que cobre os mistérios de seu poder! Jobard empunhou o arco e foi fulminado. Isto é um ensinamento: buscai o Sol, mas não sejais audaciosos a ponto de o fixar, pois ficareis cegos. Deus não vos dá bastante, enviando-vos os Espíritos? Deixai, pois, à morte o poder que Deus lhe concedeu: o de erguer o véu a quem o merece. Então podereis olhar a Deus, Sol dos céus, sem serdes enceguecidos nem fulminados pelo poder que vos diz: “Não vades mais longe.” Eis o que vos devo dizer.

A Verdade

(Sociedade, 3 de janeiro de 1862 – Médium: Sra. Costel)

Nota – O Sr. Jobard manifestou-se várias vezes em casa do Sr. e da Sra. P..., membros da Sociedade. Uma vez, e sem que tivessem pensado nele, ele se mostrou espontaneamente a uma

sonâmbula, que o descreveu de maneira muito exata e disse seu nome, embora jamais o tivesse conhecido. Tendo-se estabelecido uma conversa entre ele e o Sr. P..., por intermédio da sonâmbula, o Sr. Jobard lembrou diversas particularidades, de modo a não deixar qualquer dúvida quanto à sua identidade. Uma coisa, sobretudo, os havia chocado: é que, na única ocasião que o viram na Sociedade, ele mantivera os olhos fixos neles, como se procurasse pessoas conhecidas, circunstância que haviam esquecido e que o Espírito Jobard lhes recordou, por intermédio da sonâmbula. O Sr. e a Sra. P..., que jamais haviam tido contato com ele em vida, desejavam saber o motivo da simpatia que lhes parecia manifestar. Foi com esse propósito que ele ditou a seguinte comunicação:

“Incrédulo! tu tinhas necessidade dessa confirmação da sonâmbula para acreditar em minha identidade! Ingrato! esqueceste-me durante muito tempo sob o pretexto de que os outros se recordam mais. Porém, deixemos as censuras e falemos. Abordemos o assunto para o qual me fizestes evocar. Posso explicar facilmente por que minha atenção se havia excitado à vista daquele casal que me era estranho, mas que uma espécie de instinto, de dupla vista, de presciência me levava a reconhecer. Depois de minha libertação vi que nos tínhamos conhecido precedentemente e eu *voltei* para eles: é a palavra.

“Começo a viver espiritualmente, mais tranqüilo e menos perturbado pelas evocações por vias indiretas que choviam sobre mim. A moda impera, mesmo entre os Espíritos. Quando a moda Jobard ceder lugar a um outro e eu tiver entrado no nada do esquecimento humano, então pedirei aos amigos sérios – e com isto entendo as inteligências que não esquecem – que me evoquem. Então aprofundaremos questões tratadas muito superficialmente, e o vosso Jobard, completamente transfigurado, vos poderá ser útil, o que ele deseja de todo o coração.”

Jobard

(Ao médium, Sra. Costel) – “Volto. Desejas saber por que manifesto preferência por ti. Quando eu era mecânico, tu eras poeta, e te conheci no hospital onde morreste, senhora!

Jobard

(Montreal – Canadá, 19 de dezembro de 1861)

O Sr. Henri Lacroix nos escreve de Montreal que havia dirigido três cartas ao Sr. Jobard, mas este não recebeu senão duas, pois a terceira chegara tarde demais. Só a primeira foi respondida. Tendo tomado conhecimento de sua morte pelos jornais, o Sr. Lacroix recebeu comunicações de vários Espíritos, assinadas por Voltaire, Volney, Franklin, garantindo que a notícia era falsa e que o Sr. Jobard se encontrava muito bem. A *Revista Espírita* acaba de afastar suas dúvidas, confirmando o acontecimento. Foi então que o Espírito Jobard, ao ser evocado, deu a seguinte comunicação, cuja exatidão pede o Sr. Lacroix que controlemos.

“Meu caro mestre: como dizeis, morri, mas não estou morto, pois vos falo. Aqueles que se incumbiram de vos dizer que eu não havia falecido talvez quisessem pregar-vos uma peça. Não os conheço ainda, mas os conhecerei e saberei o motivo por que agiram assim. Escrevei a Kardec e eu vos responderei. Penso que não poderei responder pela mesa, mas, em todo o caso, tentai e farei o que puder. As duas cartas que recebi de vossa parte *contribuíram fortemente para me causar a morte*. Mais tarde sabereis como.”

Jobard

Evocado a respeito, a 10 de janeiro, na Sociedade de Paris, o Sr. Jobard respondeu que se reconhecia como o autor da comunicação, mas que o suposto retrato, feito a seguir, não era *ele*, nem *dele*, o que acreditamos sem dificuldade, pois não se parece nem um pouco com ele.

P. – Como puderam contribuir para a vossa morte as duas cartas que recebestes?

Resp. – Não posso e nem quero dizer aqui senão uma coisa: a leitura dessas duas cartas após a refeição determinou a congestão que me levou, ou, se preferis, que me libertou.

Observação – Enquanto o médium escrevia esta resposta, e antes que fosse lida, outro médium recebeu de seu guia particular a seguinte resposta:

“Explicação difícil, que ele não dará em detalhes. Há coisas que Jobard não pode dizer aqui.”

P. – O Sr. Lacroix deseja saber por que razão vários Espíritos vieram espontaneamente desmentir a notícia de vossa morte.

Resp. – Se ele tivesse prestado mais atenção, teria reconhecido facilmente o embuste. Quantas vezes será preciso repetir que devemos desconfiar, quase de modo absoluto, das comunicações espontâneas dadas a propósito de um fato, afirmando ou negando com intenção deliberada! Os Espíritos só enganam os que se deixam enganar.”

Observação – Durante esta resposta outro médium escreveu o seguinte:

“Espíritos que gostam de tagarelar sem se importarem com a verdade. Há Espíritos que são como os homens; tomam conhecimento de uma notícia, afirmando-a ou desmentindo-a com a mesma facilidade.”

É evidente que os nomes que assinaram o desmentido da morte do Sr. Jobard são apócrifos. Para o reconhecer, bastava considerar que Espíritos como Franklin, Volney e Voltaire têm coisas mais sérias com que se ocupar e que semelhantes detalhes são incompatíveis com o caráter deles. Só isto já deveria inspirar a dúvida quanto à sua identidade e, conseqüentemente, sobre a

veracidade das comunicações. Nunca repetiremos em demasia: somente um estudo prévio, completo e atento da ciência espírita pode oferecer os meios de frustrar as mistificações dos Espíritos enganadores, a que estão expostos todos os noviços que não possuem a necessária experiência.

P. – Só respondestes à primeira carta do Sr. Lacroix. Ele deseja obter resposta das duas últimas, sobretudo da terceira que, como diz, tinha um cunho particular que só por vós poderia ser compreendida.

Resp. – Ele a terá mais tarde. No momento não o posso. Seria inútil provocá-la; de outro modo, ele poderia estar certo de que não seria eu que responderia.

(Sociedade Espírita de Paris, 21 de fevereiro de 1862
– Médiun: Srta. Estefânia)

Quando a Sociedade abriu a subscrição em favor dos operários de Lyon, um sócio depositou 50 francos, dos quais 25 por sua conta e 25 em nome do Sr. Jobard. A propósito, este último deu a seguinte comunicação:

“Ainda uma vez vou responder, meu caro Kardec. Estou sensibilizado e reconhecido por não ter sido esquecido entre meus irmãos espíritas. Obrigado ao coração generoso que vos levou a oferta que eu vos teria feito se ainda habitasse no vosso mundo. Naquele onde agora vivo não há necessidade de moeda. Assim, foi preciso tirá-la da bolsa da amizade para dar provas materiais de que estava tocado pelo infortúnio dos meus irmãos de Lyon. Bravos trabalhadores, que ardentemente cultivais a vinha do Senhor, quanto deveis crer que a caridade não é uma palavra vã, pois os pequenos e os grandes vos demonstraram simpatia e fraternidade. Estais na grande via humanitária do progresso; possa Deus nela vos manter e possais vós ser mais felizes. Os Espíritos amigos vos sustentarão e triunfareis!”

Jobard

Subscrição para erigir um monumento à memória do Sr. Jobard

Tendo os jornais anunciado uma subscrição para erigir um monumento ao Sr. Jobard, o Sr. Allan Kardec comunicou o fato à Sociedade na sessão de 31 de janeiro último, acrescentando que se propunha a falar do assunto na *Revista*, mas que tinha achado melhor adiar o anúncio dessa subscrição, considerando que teria pouca possibilidade de sucesso, a exemplo daquela em favor dos operários; que refletissem que mais valeria dar pão aos vivos do que pedras aos mortos.

Interrogado sobre o que pensava, o Sr. Jobard respondeu: “Certamente. Mas refleti: quereis saber se gosto de estátuas. Começai por dar vosso dinheiro aos pobres; e se, por acaso, nos vossos bolsos restarem algumas moedas de 5 francos, mandai erigir uma estátua; isto sempre dará para um artista viver.”

Em consequência, a Sociedade receberá os donativos que lhe forem feitos para esse fim e depositará os valores no escritório do jornal *La Propriété industrielle*, rue Bergère, 21, onde a subscrição está aberta.

CARRIÈRE – CONSTATAÇÃO DE IDENTIDADE

Como se sabe, a identidade dos Espíritos que se manifestam é uma das dificuldades do Espiritismo; e os meios empregados para a verificação muitas vezes conduzem a resultados negativos. A este respeito, as melhores provas são as que se originam da espontaneidade das comunicações. Embora essas provas, quando bem caracterizadas, não sejam raras, é bom constatá-las: primeiro, para a própria satisfação, e como objeto de estudo; depois, para responder aos que lhes negam a possibilidade, provavelmente porque, ou foram malconduzidas e não alcançaram sucesso, ou porque têm idéias preconcebidas. Repetiremos o que já dissemos alhures: a identidade dos Espíritos que viveram em épocas recuadas e que nos vêm transmitir ensinamentos é quase

impossível de verificar, não se devendo ligar aos nomes senão uma importância relativa. Aquilo que eles dizem é bom ou mau, racional ou ilógico, digno ou indigno do nome que assinam? Eis toda a questão. Já o mesmo não se dá com os Espíritos contemporâneos, cujos hábitos e caráter nos são conhecidos, os quais podem provar a sua identidade por particularidades e detalhes, particularidades que são raramente obtidas quando se lhes pedem e que é preciso saber esperar. Tal é o fato relatado na carta a seguir:

“Bordeaux, 25 de janeiro de 1862.

“Meu caro Sr. Kardec,

“Sabeis que temos o hábito de vos submeter todos os nossos trabalhos, confiando inteiramente nas vossas luzes e na vossa experiência para os apreciar. Assim, quando para nós se trata de casos de admirável identidade, limitamo-nos a vo-los narrar em todos os seus detalhes.

“O Sr. Guipon, inspetor de contabilidade da Companhia de Estradas de Ferro do Sul, membro do grupo diretor da Sociedade Espírita de Bordeaux, escreveu-me a seguinte carta, datada de 14 do corrente:

“Meu caro Sr. Sabò,

“Permiti que lhe peça evocar, em sessão, o Espírito Carrière, sub-chefe de equipe da estação ferroviária de Bordeaux, morto no comando de uma manobra em 18 de dezembro último. Incluso e em envelope à parte os detalhes dos fatos que desejo sejam constatados e que, imagino, seriam para nós sério assunto de estudo e de instrução. Rogo o obséquio de não abrires o envelope senão depois da evocação.”

L. Guipon

A 18 do mesmo mês, numa reunião de cerca de dez pessoas distintas de nossa cidade, fizemos a evocação solicitada:

1. Evocação do Espírito Carrière.

Resp. – Eis-me aqui.

2. Qual a vossa posição no mundo dos Espíritos?

Resp. – Não sou nem feliz, nem infeliz. Aliás, estou muitas vezes na Terra; mostro-me a alguém que não fica muito contente por me ver.

3. Com que objetivo vos manifestais a essa pessoa?

Resp. – Ah! vede, eu ia morrer; tinha medo e tinham medo de mim. Procuravam um *Cristo* em toda parte para me ajudar a transpor a difícil passagem da vida à morte, e *a pessoa a quem me mostro tinha um, mas recusou-se a emprestar*, para que o colocassem sobre os meus lábios moribundos e depositar entre as minhas mãos, como penhor de paz e amor. Pois bem! ela terá de me ver por muito tempo *em volta do Cristo*; aí me verá sempre. Agora vou embora. Sinto-me mal aqui. Deixai que eu parta. Adeus.

Imediatamente depois dessa evocação abri o envelope selado, que continha os seguintes detalhes:

“Por ocasião da morte de Carrière, sub-chefe de equipe em Bordeaux, morto em 18 de dezembro último, o Sr. Beautey, chefe da estação ferroviária P. V., mandou transportar o corpo para a estação de passageiros e ordenou a um homem da equipe que fosse ao seu domicílio, a fim de pedir à sra. Beautey a imagem de um Cristo para colocar sobre o cadáver. Esta senhora respondeu que o Cristo estava quebrado e, por conseguinte, não o podia emprestar.

“Por volta de 10 de janeiro corrente a Sra. Beautey confessou ao marido que o Cristo que ela recusara não estava quebrado; que não o quisera emprestar para não ter que

experimentar novamente as emoções conseqüentes a um acidente semelhante, ocorrido há algum tempo e mais ou menos nas mesmas condições. Em seguida acrescentou que, doravante, jamais recusaria algo a um morto e assim se justificou: – Durante toda a noite da morte daquele homem, ele ficou visível para mim; vi-o durante muito tempo, postado *em volta do Cristo*, depois ao seu lado.

“A Sra. Beatey, que nunca vira nem ouvira falar daquele homem, descreveu-o com tanta exatidão a seu marido que este o reconheceu como se tivesse estado presente. Aliás, não é a primeira vez que, em estado de vigília, a Sra. Beatey vê Espíritos. Entretanto, um fato chamou a atenção: o Espírito Carrière a impressionou bastante, o que não lhe acontecia ao ver outros Espíritos. – (Assinado) *Guipon*.”

Mais abaixo se acha a seguinte citação:

“Esta narrativa é perfeitamente exata.”

“Assinado: *Beatey*, chefe de estação.”

Julguei dever relatar o caso de identidade que acabo de expor, muito raro, aliás, ocorrido seguramente com a permissão de Deus, que se serve de todos os meios para ferir a incredulidade e a indiferença.

Se julgardes útil publicar esse interessante episódio, encontrareis adiante as assinaturas das pessoas que assistiram à sessão. Elas me encarregam de vos dizer que seus nomes podem ser declinados claramente e que, nestas circunstâncias, conservar o incógnito seria um erro. Os nomes próprios que figuram nos minuciosos detalhes da evocação de Carrière também podem ser publicados.

Vosso servo devotado,

A. Sabò

Atestamos que os detalhes relatados na presente carta são verídicos em todos os pontos e não hesitamos em os confirmar com a nossa assinatura.

A. Sabò, chefe da contabilidade da Companhia de Estradas de Ferro do Sul, 13, rue Barennes. – *Ch. Collignon*, capitalista, rue Sauce, 12. – *Émilie Collignon*, capitalista. – *L'Angle*, empregado das contribuições indiretas, rue Pèlerin, 28. – Viúva Cazemajoux. – *Guïpon*, inspetor da contabilidade e das receitas das estradas de ferro do Sul, 119, chemin de Bègles. – *Ulrichs*, negociante, rue des Chartrons, 17. – *Chain*, negociante. – *Jouanni*, empregado do Sr. Arman, construtor de navios, rue Capenteyre, 26. – *Gourgues*, negociante, chemin de Saint-Genès, 64. – *Belly*, mecânico, rue Lafurterie, 39. – *Hubert*, capitão do 88° de linha. – *Puginier*, tenente do mesmo regimento.

Como de costume, os incrédulos não deixarão de levar o caso à conta da imaginação. Dirão, por exemplo, que a Sra. Beutey tinha o espírito abalado pela recusa e que o remorso a fez acreditar que via Carrière. Convenhamos que isto é possível; mas os negadores, que pouco se preocupam em analisar antes de julgar, não examinam se alguma circunstância escapa à sua teoria. Como explicarão a descrição por ela feita, de um homem que jamais vira? “É um acaso”, dirão. – Quanto à evocação, também direis que o médium apenas traduziu o seu pensamento, ou o dos assistentes, considerando-se que as circunstâncias eram ignoradas? É ainda o acaso? – Não; mas entre os assistentes havia o Sr. Guïpon, autor da carta lacrada e conhecedor do fato. Ora, seu pensamento pôde ser transmitido ao médium, pela corrente de fluidos, uma vez que os médiuns estão *sempre* num estado de superexcitação febril, mantida e provocada pela concentração dos presentes e por sua própria vontade. Nesse estado anormal que, segundo o Sr. Figuier, não passa de um estado biológico, há emanações que escapam do cérebro e dão percepções excepcionais, provenientes da expansão dos fluidos, que estabelecem relações entre as pessoas presentes e,

mesmo ausentes. Vedes, pois, por esta explicação, tão clara quanto lógica, que não há necessidade de recorrer à intervenção de vossos supostos Espíritos, que só existem na vossa imaginação. – Confessamos com toda humildade que tal raciocínio ultrapassa a nossa inteligência, e perguntamos se vós mesmos o compreendeis bem.

Ensinos e Dissertações Espíritas

A REENCARNAÇÃO

(Enviado de Haia – Médiun: barão de Kock)

A doutrina da reencarnação é uma verdade que não pode ser contestada; desde que o homem só quer pensar no amor, na sabedoria e na justiça de Deus, não pode admitir nenhuma outra doutrina.

É verdade que nos livros sagrados só se encontram estas palavras: “Depois da morte, o homem será recompensado segundo suas obras”. Mas não se presta suficiente atenção a uma infinidade de citações, que vos dizem ser absolutamente inadmissível que o homem atual seja punido pelas faltas e pelos crimes dos que viveram antes de Cristo. Não posso voltar a tantos exemplos e demonstrações dados pelos que acreditam na reencarnação; vós mesmos o podeis fornecer, os Espíritos bons os ajudarão e será um trabalho agradável. Podeis acrescentar isto aos ditados que vos dei e vos darei ainda, se Deus o permitir. Estais convencidos do amor de Deus pelos homens; ele só deseja a felicidade de seus filhos. Ora, o único meio que têm de um dia alcançar essa suprema felicidade está inteiramente nas reencarnações sucessivas.

Já vos disse que o que Kardec escreveu sobre os anjos decaídos é pura verdade. Os Espíritos que povoam vosso globo, na maioria sempre o habitaram. Se são os mesmos que retornam há

tantos séculos, é que pouquíssimos mereceram a recompensa prometida por Deus.

O Cristo disse: “Esta raça será destruída e em breve esta profecia será cumprida.” Se se acredita num Deus de amor e de justiça, como admitir-se que os homens que vivem atualmente e mesmo os que viveram há dezoito séculos, possam ser culpados pela morte do Cristo sem aceitar a reencarnação? Sim, o sentimento de amor a Deus, o das penas e recompensas da vida futura, a idéia da reencarnação são inatas no homem desde séculos. Vede toda a História, vede os escritos dos sábios da Antigüidade e vos convencereis de que esta doutrina em todos os tempos foi admitida por todos os homens que compreendem a justiça de Deus. Agora compreendeis o que é a nossa Terra e como é chegado o momento em que serão realizadas as profecias do Cristo.

Lamento que encontreis tão poucas pessoas que pensam como vós. Vossos compatriotas não pensam senão nas grandezas e no dinheiro, a fim de criarem um nome; repelem tudo quanto possa entrar suas paixões infelizes. Porém, que isto não vos desencoraje; trabalhai pela vossa felicidade, pelo bem daqueles que talvez se arrependam de seus erros; perseverai na vossa obra; pensai sempre em Deus, no Cristo, e a beatitude celeste será a vossa recompensa.

Se se quiser examinar a questão sem preconceito, refletir sobre a existência do homem nas diferentes condições da sociedade e coordenar essa existência com o amor, a sabedoria e a justiça de Deus, toda a dúvida concernente ao dogma da reencarnação deve logo desaparecer. Efetivamente, como conciliar esta justiça e esse amor com uma existência única, onde todos nascem em posições tão diferentes? Onde um é rico e poderoso, enquanto o outro é pobre e miserável? Em que um goza de saúde, ao passo que o outro é afligido de males de toda a sorte? Aqui se encontram a alegria e a vivacidade; mais longe, tristeza e dor; em

uns a inteligência é mais desenvolvida; em outros, apenas se eleva acima dos brutos. Pode-se crer que um Deus todo amor tenha feito nascer criaturas condenadas por toda a vida ao idiotismo e à demência? Que tenha permitido que crianças na primavera da vida fossem arrebatadas à ternura dos pais? Ouso mesmo perguntar se se poderia atribuir a Deus o amor, a sabedoria e a justiça à vista desses povos mergulhados na ignorância e na barbárie, comparados às nações civilizadas, onde imperam as leis, a ordem, onde se cultivam as artes e as ciências? Não basta dizer: “Em sua sabedoria, Deus assim regulou todas as coisas.” Não; a sabedoria de Deus, que antes de tudo é amor, deve tornar-se clara para o entendimento humano. O dogma da reencarnação tudo esclarece. Este princípio, dado pelo próprio Deus, não se pode opor aos princípios das Santas Escrituras; longe disso, explica os princípios dos quais emanam para o homem o melhoramento moral e a perfeição. Este futuro, revelado pelo Cristo, está de acordo com os atributos infinitos de Deus. Disse o Cristo: “Os homens todos não são apenas filhos de Deus, mas, também, irmãos e irmãs da mesma família.” Ora, essas expressões devem ser bem compreendidas.

Um bom pai terrestre dará a algum de seus filhos aquilo que recusa aos outros? Lançará um no abismo da miséria, enquanto cumula o outro de riquezas, honras e dignidades? Acrescentai ainda que o amor de Deus, sendo infinito, não poderia ser comparado ao do homem por seus filhos. As diferentes posições do homem têm uma causa, e essa causa tem por princípio o amor, a sabedoria, a bondade e a justiça de Deus. Assim, a sua razão de ser só se encontra na doutrina da reencarnação.

Deus criou todos os Espíritos iguais, simples, inocentes, sem vícios e sem virtudes, mas com o livre-arbítrio de regular suas ações conforme um instinto, que se chama consciência, e que lhes dá o poder de distinguir o bem e o mal. Cada Espírito está destinado a alcançar a mais elevada perfeição, atrás de Deus e do Cristo. Para atingi-la, deve adquirir todos os

conhecimentos pelo estudo de todas as ciências, iniciar-se em todas as verdades e depurar-se pela prática de todas as virtudes. Ora, como essas qualidades superiores não podem ser obtidas numa única vida, todos devem percorrer várias existências, a fim de adquirirem os diversos graus do saber.

A vida humana é a escola da perfeição espiritual e uma série de provas. É por isso que o Espírito deve conhecer todas as condições da sociedade e, em cada uma delas, aplicar-se em cumprir a vontade divina. O poder e a riqueza, assim a pobreza e a humildade, são provas; dores, idiotismo, demência, etc., são punições pelo mal cometido numa existência anterior.

Do mesmo modo que pelo livre-arbítrio o indivíduo se encontra em condições de realizar as provas a que está submetido, também pode falir. No primeiro caso, a recompensa não se fará esperar, consistindo numa progressão na perfeição espiritual. No segundo caso, recebe a punição, isto é, deve reparar em nova vida o tempo perdido na vida anterior, da qual não soube tirar vantagem para si mesmo.

Antes de sua reencarnação, os Espíritos planam nas esferas celestes: os bons gozando a felicidade, os maus entregando-se ao arrependimento, expostos à dor de serem desamparados por Deus. Mas, conservando a lembrança do passado, o Espírito se recorda das infrações aos mandamentos divinos e Deus lhe permite escolher, em nova existência, suas provas e sua condição, o que explica por que, muitas vezes, encontramos nas classes inferiores da sociedade sentimentos elevados e entendimento desenvolvido, ao passo que nas classes superiores encontramos tendências ignóbeis e Espíritos embrutecidos. Pode-se falar de injustiça quando o homem, que empregou mal a sua vida, pode reparar suas faltas numa outra existência e alcançar sua meta? Não estaria a injustiça na condenação imediata e sem apelação? A Bíblia fala de castigos eternos, mas isto não se deveria entender por uma só existência, tão

triste, e tão curta; para este instante, para este piscar em relação à eternidade. Deus quer dar a felicidade eterna como recompensa do bem, mas é preciso merecê-la e uma vida única, de curta duração, não basta para alcançá-la.

Muitos perguntam por que Deus, durante tanto tempo, teria ocultado aos homens um dogma cujo conhecimento é útil à sua felicidade. Teria amado aos homens menos do que agora?

O amor de Deus é de toda a eternidade. Para os esclarecer enviou sábios, profetas e Jesus-Cristo, o Salvador. Não é uma prova de seu infinito amor? Mas como receberam os homens esse amor? Melhoraram?

O Cristo disse: “Eu poderia ainda vos dizer muitas coisas, mas não seríeis capazes de compreendê-las, devido à vossa imperfeição.” Se tomarmos as Santas Escrituras no seu verdadeiro sentido intelectual, aí encontraremos muitas citações que parecem indicar que o Espírito deve percorrer várias vidas antes de chegar ao fim. Também não se encontram nas obras dos filósofos antigos as mesmas idéias sobre a reencarnação dos Espíritos?

O mundo progrediu bastante, sob o aspecto material, nas ciências, nas instituições sociais; mas, do ponto de vista moral ainda está muito atrasado. Os homens desconhecem a lei de Deus e não ouvem mais a voz do Cristo. Eis por que, em sua bondade e como último recurso para chegar a conhecer os princípios da felicidade eterna, Deus lhes dá a comunicação direta com os Espíritos e o ensino da doutrina da reencarnação, palavras repletas de consolação e que brilham nas trevas dos dogmas de tantas religiões diferentes.

À obra! E que a busca se realize com amor e confiança. Ledé sem preconceitos; refleti sobre tudo quanto Deus, desde a criação do mundo, se dignou fazer pelo gênero humano e sereis confirmados na fé que a reencarnação é uma verdade santa e divina.

Observação – Não tínhamos a honra de conhecer o Sr. barão de Kock. Esta comunicação, que concorda com todos os princípios do Espiritismo, não é, pois, o produto de nenhuma influência pessoal.

O REALISMO E O IDEALISMO NA PINTURA

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sr. A. Didier)

I

A pintura é uma arte que tem por objetivo retratar as cenas terrestres mais belas e mais elevadas e, algumas vezes, simplesmente imitar a Natureza pela magia da verdade. É uma arte que, por assim dizer, não tem limites, sobretudo em vossa época. A arte de vossos dias não deve ser apenas a personalidade; deve ser, se assim me posso exprimir, a consequência de tudo o que foi na História, e as exigências da cor local, longe de entravar a personalidade e a originalidade do artista, ampliam-lhe a vista, formam e depuram seu gosto e o fazem criar obras interessantes para a arte e para os que nela querem ver uma civilização caída e idéias esquecidas. A chamada pintura histórica de vossas escolas não está em consonância com as exigências do século; e – ousa dizê-lo – há mais futuro para um artista em suas pesquisas individuais sobre a arte e sobre a História do que nessa via onde dizem que comecei a pôr o pé. Só uma coisa poderá salvar a arte de vossa época: um novo impulso e uma nova escola que, aliando os dois princípios que dizem tão contrários – o *realismo* e o *idealismo* – induza os jovens a compreender que se os mestres assim são chamados, é porque viviam com a Natureza e sua imaginação poderosa inventava onde era preciso inventar, mas obedecia onde era preciso obedecer.

Para as pessoas ignorantes da ciência da arte, muitas vezes as disposições substituem o saber e a observação. Assim, em vossa época vêem-se em toda parte homens de uma imaginação deveras interessante, é certo, mesmo artistas, mas não pintores.

Estes não serão contados na História senão como desenhistas muito engenhosos. A rapidez no trabalho, a apreciação crítica do pensamento se adquire paulatinamente pelo estudo e pela prática e, a despeito de se possuir essa imensa faculdade de pintar depressa, ainda é necessário lutar, sempre lutar. Em vosso século materialista a arte – não o digo sob todos os pontos de vista, felizmente – materializa-se ao lado dos esforços verdadeiramente surpreendentes dos homens célebres da pintura moderna. Por que essa tendência? É o que indicarei na próxima comunicação.

II

Como disse em minha última comunicação, para bem compreender a pintura seria necessário ir, sucessivamente, da prática à idéia, da idéia à prática. Quase toda a minha vida passou-se em Roma. Quando eu contemplava as obras dos mestres, esforçava-me por captar em meu espírito a ligação íntima, as relações e a harmonia do mais elevado idealismo e do mais verdadeiro realismo. Raramente vi uma obra-prima que não reunisse esses dois grandes princípios. Nelas via o ideal e o sentimento da expressão, ao lado de uma verdade tão brutal que dizia a mim mesmo: é bem a obra do espírito humano; é bem a obra, concebida e depois realizada; é bem a alma e o corpo: é a vida integral. Via que os mestres de idéias e compreensão débeis, o eram em suas formas, em suas cores, em seus efeitos. A expressão de suas cabeças era incerta e a de seus movimentos, banal e sem grandeza. É necessária uma longa iniciação na Natureza para bem compreender os seus segredos, os seus caprichos e as suas sublimidades. Não é o pintor quem o quer; além do trabalho de observação, que é imenso, é preciso lutar no cérebro e na prática contínua da arte; num dado momento é necessário trazer à obra que se quer produzir os instintos e o sentimento das coisas adquiridas e das coisas pensadas; numa palavra, sempre esses dois grandes princípios: alma e corpo.

Nicolas Poussin

OS OBREIROS DO SENHOR¹⁵

(Cherbourg, fevereiro de 1861 – Médium: Sr. Robin)

Aproxima-se o tempo em que se cumprirão as coisas anunciadas para a transformação da Humanidade. Ditosos serão os que houverem trabalhado no campo do Senhor, com desinteresse e sem outro móvel, senão a caridade! Seus dias de trabalho serão pagos pelo cêntuplo do que tiverem esperado. Ditosos os que hajam dito a seus irmãos: “Trabalhemos juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre acabada a obra”, porquanto o Senhor lhes dirá: “Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra!” Mas, ai daqueles que, por efeito das suas dissensões, houverem retardado a hora da colheita, pois a tempestade virá e eles serão levados no turbilhão! Clamarão: “Graça! graça!” O Senhor, porém, lhes dirá: “Como implorais graças, vós que não tivestes piedade dos vossos irmãos e que vos negastes a estender-lhes as mãos, que esmagastes o fraco, em vez de o amparardes? Como suplicais graças, vós que buscastes a vossa recompensa nos gozos da Terra e na satisfação do vosso orgulho? Já recebestes a vossa recompensa, tal qual a quisestes. Nada mais vos cabe pedir; as recompensas celestes são para os que não tenham buscado as recompensas da Terra.”

Deus procede, neste momento, ao censo dos seus servidores fiéis e já marcou com o dedo aqueles cujo devotamento é apenas aparente, a fim de que não usurpem o salário dos servidores animosos, pois aos que não recuarem diante de suas tarefas é que ele vai confiar os postos mais difíceis na grande obra da regeneração pelo Espiritismo. Cumprir-se-ão estas palavras: “Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no reino dos céus.”

*O Espírito de Verdade*15 N. do T.: Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XX, item 5.

INSTRUÇÃO MORAL

(Paris; Grupo Faucheraud – Médiun: Sr. Planche)

Venho a vós pobres extraviados que deslizais numa terra escorregadia, cuja súbita inclinação não espera senão que deis alguns passos para vos precipitardes no abismo. Como bom pai de família, venho vos estender a mão caridosa para vos salvar do perigo. Meu maior desejo é conduzir-vos para a casa paterna e divina, a fim de vos fazer sentir o amor de Deus e do trabalho, pela fé e pela caridade cristã, pela paz e pelos prazeres e doçuras do lar. Como vós, meus caros filhos, conheci alegrias e sofrimentos e sei todas as dúvidas dos vossos Espíritos e as lutas dos vossos corações. É para vos premunir contra vossos defeitos e vos mostrar os escolhos contra os quais podereis vos aniquilar que serei justo, mas severo.

Do alto das esferas celestes que percorro, meu olhar mergulha com alegria em vossas reuniões e é com vivo interesse que acompanho as vossas santas instruções. Mas, ao mesmo tempo que minha alma se regozija por um lado, experimenta por outro um desgosto bem amargo, quando penetra em vossos corações e ainda aí vê tanto apego às coisas terrestres. Para a maioria, o santuário de nossas lições é tido como sala de espetáculo e esperais sempre de nossa parte alguns fatos maravilhosos. Não estamos encarregados de vos fazer milagres; nossa missão é trabalhar os vossos corações, abrindo neles grandes sulcos para lançar a mancheias a semente divina. Dedicamo-nos incessantemente a torná-la fecunda, porque sabemos que suas raízes devem atravessar a terra de um a outro pólo, cobrindo-lhe toda a superfície. Os frutos que daí saírem serão tão belos, tão suaves e tão grandes que subirão até os céus.

Felizes os que tiverem sabido colhê-los para se saciar, porque os Espíritos bem-aventurados virão ao seu encontro, cingirão a sua fronte com a auréola dos eleitos, fã-lo-ão subir os degraus do trono majestoso do Eterno e lhe dirão que participe da

felicidade incomparável, dos prazeres e das delícias sem-fim das falanges celestes.

Infeliz daquele a quem foi dado ver a luz e ouvir a palavra de Deus e que tiver fechado os olhos e tapado os ouvidos; o Espírito das trevas o envolverá com suas lúgubres asas e o transportará para o seu tenebroso império, a fim de o fazer expiar, durante séculos, por tormentos sem conta, sua desobediência ao Senhor. É o momento de aplicar a sentença de morte do profeta Oséias: *Coedam eos secundum auditionem coetus eorum* (Eu os farei morrer conforme o que tiverem ouvido). Que estas breves palavras não sejam uma fumaça a evolvar-se nos ares, mas, sim, que cativem a vossa atenção, para que as mediteis e reflitais seriamente. Apressai-vos por aproveitar os poucos instantes que vos restam para os consagrar a Deus. Um dia, viremos vos pedir conta do que tiverdes feito dos nossos ensinamentos e como tereis posto em prática a doutrina sagrada do Espiritismo.

A vós, pois, espíritas de Paris, que muito podeis por vossa posição social e por vossa influência moral, a vós, digo, a glória e a honra de dar o exemplo sublime das virtudes cristãs. Não espereis que o infortúnio venha bater à vossa porta. Ide à frente de vossos irmãos sofredores, dai ao pobre o óbolo do dia, enxugai as lágrimas da viúva e do órfão com palavras doces e consoladoras. Levantai o ânimo abatido do velho, curvado ao peso dos anos e sob o jugo de suas iniquidades, fazendo luzir em sua alma as asas douradas da esperança numa vida futura melhor. Por toda parte, à vossa passagem, prodigalizai o amor e a consolação. Assim, elevando as vossas boas obras à altura dos vossos pensamentos, merecereis dignamente o título glorioso e brilhante que mentalmente vos conferem os espíritas da província e do estrangeiro, cujos olhos estão fixados sobre vós e que, tocados de admiração à vista das ondas de luz que escapam de vossas assembléias, vos chamarão o sol da França.

A VINHA DO SENHOR¹⁶

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sr. E. Vézzy)

Todos, enfim, virão trabalhar na vinha. Já os vejo; chegam, numerosos; ei-os que acorrem. Vamos, à obra, filhos! Quer Deus que todos vós trabalheis.

Semeiai, semeiai, e um dia colhereis com abundância. Vede no Oriente esse belo Sol; como se ergue radioso e deslumbrante! Vem vos aquecer e fazer crescer os frutos da videira. Vamos, filhos! as vindimas serão esplêndidas e cada um de vós virá beber a taça do vinho sagrado da regeneração. É o vinho do Senhor, que será derramado no banquete da fraternidade universal! Aí todas as nações serão reunidas numa só e mesma família e cantarão louvores a um mesmo Deus. Armai-vos, pois, do arado e do machado, se quiserdes viver eternamente; amarraí as cepas, para que não caiam e se mantenham erguidas, e suas ramas subirão ao céu. Algumas terão cem côvados e os Espíritos dos mundos etéreos virão espremer os bagos e se refrescar; o suco será de tal modo poderoso que dará força e coragem aos fracos. Será o leite nutritivo das crianças.

Eis a vindima que se vai fazer; ela já se faz; preparam-se os vasos que devem conter o licor sagrado; aproximai os lábios, vós que quereis provar, porquanto esse licor vos inebriará de um êxtase celeste, e vereis Deus em vossos sonhos, enquanto esperais que a realidade suceda ao sonho.

Filhos! essa vinha esplêndida que deve erguer-se para Deus é o Espiritismo. Adeptos fervorosos: é preciso mostrá-la poderosa e forte; e vós, crianças, é necessário que ajudeis os fortes a mantê-la e a propagá-la. Cortai os brotos e plantai-os em outro campo; eles produzirão novas vinhas e outros brotos em todos os países do mundo.

16 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 529.

Sim, eu vo-lo digo: enfim, todo o mundo beberá do suco da videira, e o bebereis no reino do Cristo, com o Pai celeste! Sede, pois, saudáveis e dispostos e não leveis uma vida austera. Deus não vos pede que vivais em austeridade e privações; não pede que vos cubrais com o cilício: quer apenas que vivais conforme a caridade e o coração. Ele não quer mortificações que destroem o corpo; quer que cada um se aqueça ao seu sol e, se fez raios mais frios que outros, foi para dar a compreender a todos quanto é forte e poderoso. Não; não vos cubrais com cilício; não fustigais vossa carne aos golpes da disciplina. Para trabalhar na vinha é preciso ser robusto e poderoso; o homem deve ter o vigor que Deus lhe deu. Ele não criou a Humanidade para a transformar em raça bastarda e macilenta; ele a fez como manifestação de sua glória e de seu poder.

Vós que quereis viver a verdadeira vida, estais nos caminhos do Senhor quando tiverdes dado o pão aos infelizes, o óbolo aos sofredores e a vossa prece a Deus. Então, quando a morte vos fechar as pálpebras, o anjo do Senhor proclamará os vossos benefícios e vossa alma, transportada nas brancas asas da caridade, subirá para Deus tão bela e tão pura quanto um lírio a desabrochar pela manhã sob um sol primaveril.

Orai, amai e fazei a caridade, meus irmãos. A vinha é grande, o campo do Senhor é imenso. Vinde, vinde: Deus e o Cristo vos chamam e eu vos abençôo.

Santo Agostinho

CARIDADE PARA COM OS CRIMINOSOS

Problema moral¹⁷

“Acha-se em perigo de morte um homem; para o salvar tem um outro que expor a vida. Sabe-se, porém, que aquele é um malfeitor e que, se escapar, poderá cometer novos crimes. Deve, não obstante, o segundo arriscar-se para o salvar?”

17 N. do T.: Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XI, item 15.

A resposta que se segue foi obtida na Sociedade Espírita de Paris, no dia 7 de fevereiro de 1862, pelo médium Sr. A. Didier:

Questão muito grave é esta e que naturalmente se pode apresentar ao espírito. Responderei, na conformidade do meu adiantamento moral, pois o de que se trata é de saber se se deve expor a vida, mesmo por um malfeitor. O devotamento é cego; socorre-se um inimigo; deve-se, portanto, socorrer o inimigo da sociedade, a um malfeitor, em suma. Julgais que será somente à morte que, em tal caso, se corre a arrancar o desgraçado? É, talvez, a toda a sua vida passada. Imaginai, com efeito, que, nos rápidos instantes que lhe arrebatam os derradeiros alentos de vida, o homem perdido volve ao seu passado, ou que, antes, este se ergue diante dele. A morte, quiçá, lhe chega cedo demais; a reencarnação poderá vir e ser-lhe terrível. Lançai-vos, então, ó homens; lançai-vos todos vós a quem a ciência espírita esclareceu; lançai-vos, arrancai-o à sua condenação e, talvez, esse homem, que teria morrido a blasfemar, se atirará nos vossos braços. Todavia, não tendes que indagar se o fará, ou não; socorrei-o, porquanto, salvando-o, obedeceis a essa voz do coração, que vos diz: “Podes salvá-lo, salva-o!”

Lamennais

Observação – Por uma singular coincidência recebemos, alguns dias mais tarde, a seguinte comunicação, obtida no grupo espírita do Havre, tratando mais ou menos do mesmo assunto.

Escrevem-nos que, em consequência de uma conversa a propósito do assassino Dumollard, o Espírito Elisabeth de França, que já havia dado várias comunicações, apresentou-se espontaneamente e ditou o que se segue¹⁸:

18 N. do T.: Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XI, item 14.

A verdadeira caridade constitui um dos mais sublimes ensinamentos que Deus deu ao mundo. Completa fraternidade deve existir entre os verdadeiros seguidores da sua doutrina. Deveis amar os desgraçados, os criminosos, como criaturas, que são, de Deus, às quais o perdão e a misericórdia serão concedidos, se se arreperderem, como também a vós, pelas faltas que cometeis contra sua Lei. Considerai que sois mais repreensíveis, mais culpados do que aqueles a quem negardes perdão e comiseração, pois, as mais das vezes, eles não conhecem Deus como o conheceis, e muito menos lhes será pedido do que a vós.

Não julgueis, oh! não julgueis absolutamente, meus caros amigos, porquanto o juízo que proferirdes ainda mais severamente vos será aplicado e precisais de indulgência para os pecados em que sem cessar incorreis. Ignorais que há muitas ações, que são crimes aos olhos do Deus de pureza e que o mundo nem sequer como faltas leves considera?

A verdadeira caridade não consiste apenas na esmola que dais, nem, mesmo, nas palavras de consolação que lhe aditeis. Não, não é apenas isso o que Deus exige de vós. A caridade sublime, que Jesus ensinou, também consiste na benevolência de que useis sempre e em todas as coisas para com o vosso próximo. Podeis ainda exercitar essa virtude sublime com relação a seres para os quais nenhuma utilidade terão as vossas esmolas, mas que algumas palavras de consolo, de encorajamento, de amor, conduzirão ao Senhor supremo.

Estão próximos os tempos, repito-o, em que nesse planeta reinará a grande fraternidade, em que os homens obedecerão à lei do Cristo, lei que será freio e esperança e conduzirá as almas às moradas ditosas. Amai-vos, pois, como filhos do mesmo Pai; não estabeleçais diferenças entre os outros infelizes, porquanto quer Deus que todos sejam iguais; a ninguém desprezeis. Permite Deus que entre vós se achem grandes criminosos, para que

vos sirvam de ensinamentos. Em breve, quando os homens se encontrarem submetidos às verdadeiras leis de Deus, já não haverá necessidade desses ensinamentos: todos os Espíritos impuros e revoltados serão relegados para mundos inferiores, de acordo com as suas inclinações.

Deveis, àqueles de quem falo, o socorro das vossas preces: é a verdadeira caridade. Não vos cabe dizer de um criminoso: “É um miserável; deve-se expurgar da sua presença a Terra; muito branda é, para um ser de tal espécie, a morte que lhe infligem.” Não, não é assim que vos compete falar. Observai o vosso modelo: Jesus. Que diria ele, se visse junto de si um desses desgraçados? Lamentá-lo-ia; considerá-lo-ia um doente bem digno de piedade; estender-lhe-ia a mão. Em realidade, não podeis fazer o mesmo; mas, pelo menos, podeis orar por ele, assistir-lhe o Espírito durante o tempo que ainda haja de passar na Terra. Pode ele ser tocado de arrependimento, se orardes com fé. É tanto vosso próximo, como o melhor dos homens; sua alma, transviada e revoltada, foi criada, como a vossa, à imagem do Deus perfeito. Assim, orai por ele; não o julgueis: não tendes esse direito. Só Deus o julgará.

Elisabeth de França

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V ABRIL DE 1862 Nº 4

Frenologia Espiritualista e Espírita

PERFECTIBILIDADE DA RAÇA NEGRA^{19, 20}

A raça negra é perfectível? Segundo algumas pessoas, esta questão é julgada e resolvida negativamente. Se assim é, e se esta raça é votada por Deus a uma eterna inferioridade, segue-se que é inútil nos preocuparmos com ela e que devemos nos limitar a fazer do negro uma espécie de animal doméstico, preparado para a cultura do açúcar e do algodão. Entretanto a Humanidade, tanto quanto o interesse social, requer um exame mais cuidadoso. É o que tentaremos fazer. Mas como uma conclusão desta gravidade, num ou noutro sentido, não pode ser tomada levemente e deve apoiar-se em raciocínio sério, pedimos permissão para desenvolver algumas considerações preliminares, que nos servirão para mostrar, mais uma vez, que o Espiritismo é a única chave possível de uma multidão de problemas, insolúveis com o auxílio dos dados atuais da Ciência. A frenologia nos servirá de ponto de partida. Exporemos sumariamente as suas bases fundamentais para melhor compreensão do assunto.

19 **N. do T.:** Vide *Revista Espírita*, julho de 1860: *Frenologia e Fisiognomia*.

20 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 529.

Como se sabe, a frenologia apóia-se no princípio de que o cérebro é o órgão do pensamento, como o coração o é da circulação, o estômago da digestão e o fígado da secreção da bile. Este ponto é admitido por todos, pois ninguém há que possa atribuir o pensamento a outra parte do corpo. Cada um sente que pensa pela cabeça e não pelo braço e pela perna. Mais ainda: sente-se instintivamente que a sede do pensamento está na frente; é aí, e não no occipício, que se leva a mão para indicar que um pensamento acaba de surgir. Para todo o mundo o desenvolvimento da parte frontal leva a presumir mais inteligência do que quando ela é baixa e deprimida. Por outro lado, as experiências anatômicas e fisiológicas demonstraram claramente o papel especial de certas partes do cérebro nas funções vitais, e a diferença dos fenômenos produzidos pela lesão de tal ou qual parte. As pesquisas da Ciência não podem deixar dúvida a respeito; as do Sr. Flourens, sobretudo, provaram à evidência a especialidade das funções do cerebelo.

Assim, é admitido como princípio que as diferentes partes do cérebro não exercem as mesmas funções. Além disso, é reconhecido que, originando-se do cérebro, os cordões nervosos, tal como os filamentos de uma raiz, se ramificam em todas as partes do corpo e são afetados de maneira diferente, conforme a sua destinação. É assim que o nervo óptico, que alcança o olho e se abre na retina é afetado pela luz e pelas cores e transmite essas sensações ao cérebro numa porção especial; que o nervo auditivo é afetado pelos sons, os nervos olfativos pelos odores. Se um desses nervos perder a sensibilidade por uma causa qualquer, não haverá mais a sensação: fica-se cego, surdo ou privado do odor. Esses nervos têm, pois, funções distintas e não podem de modo algum se substituir, embora o exame mais minucioso não mostre a mínima diferença na sua contextura.

Partindo desses princípios, a frenologia vai longe: localiza todas as faculdades morais e intelectuais, atribuindo a cada

uma um lugar especial no cérebro. É assim que confere a um órgão o instinto de destruição que, levado ao excesso, se torna crueldade e ferocidade; a outro a firmeza, cujo excesso, sem o contrapeso do julgamento, produz a obstinação; a outro o amor da progênie; finalmente, a outros, a memória das localidades, dos números, das formas, do sentimento poético, da harmonia dos sons, das cores, etc., etc. Aqui não é o lugar de fazer a descrição anatômica do cérebro. Diremos apenas que, se fizermos uma secção longitudinal na massa, reconheceremos que da base partem feixes fibrosos que vão desabrochar na superfície, apresentando mais ou menos o aspecto de um cogumelo cortado na sua altura. Cada feixe corresponde a uma das circunvoluções da superfície externa, de onde se segue que o desenvolvimento da circunvolução corresponde ao desenvolvimento do feixe fibroso. Sendo cada feixe, de acordo com a frenologia, a sede de uma sensação ou de uma faculdade, conclui ela que a energia da sensação ou da faculdade é proporcional ao desenvolvimento do órgão.

No feto a caixa óssea do crânio ainda não se acha formada; inicialmente não passa de uma película, de uma membrana muito flexível, que se modela, conseguintemente, nas partes salientes do cérebro e lhes conserva a impressão, à medida que se endurece pelos depósitos de fosfato de cálcio, que é a base dos ossos. Das saliências do crânio a frenologia conclui o volume do órgão, e do volume do órgão conclui o desenvolvimento da faculdade.

Tal é, em breves palavras, o princípio da ciência frenológica. Embora o nosso objetivo não seja desenvolvê-la aqui, ainda são necessárias algumas palavras quanto ao modo de apreciação. Enganar-se-ia redondamente quem acreditasse poder deduzir o caráter absoluto de uma pessoa pela simples inspeção das saliências do crânio. As faculdades se contrabalançam reciprocamente, se equilibram, se corroboram ou se atenuam umas às outras, de tal sorte que, para julgar um indivíduo, é preciso levar

em conta o grau de influência de cada uma, em razão do seu desenvolvimento, depois pesar na balança o temperamento, o meio, os hábitos e a educação.

Suponhamos um homem com o órgão da destruição muito pronunciado, com atrofia dos órgãos das faculdades morais e afetivas: será miseravelmente feroz. Mas se à destruição aliar a benevolência, a afeição, as faculdades intelectuais, a destruição será neutralizada e terá o efeito de lhe dar mais energia; poderá ser um homem muito honrado, ao passo que o observador superficial, que o julgasse apenas pela inspeção do primeiro órgão, o tomaria por um assassino. Concebem-se, assim, todas as modificações de caráter que podem resultar do concurso das outras faculdades, como a astúcia, a circunspeção, a auto-estima, a coragem, etc. A só sensação da cor fará o colorista, mas não fará o pintor; só a da forma não fará o desenhista; as duas reunidas apenas farão um bom copista se, ao mesmo tempo, não houver o sentimento da idealidade ou da poesia, e as faculdades reflexivas e comparativas. Basta isto para mostrar que as observações frenológicas práticas apresentam grande dificuldade e repousam sobre considerações filosóficas, que não estão ao alcance de todos. Estabelecidas estas preliminares, encaremos a coisa de outro ponto de vista.

Dois sistemas radicalmente opostos dividiram, desde o início, os frenologistas em materialistas e espiritualistas. Não admitindo nada fora da matéria, dizem os primeiros que o pensamento é um produto da substância cerebral; que o cérebro secreta o pensamento, como as glândulas salivares secretam a saliva, como o fígado secreta a bile. Ora, como a quantidade de secreção geralmente é proporcional ao volume e à qualidade do órgão secretor, dizem que a quantidade de pensamentos é proporcional ao volume e à qualidade do cérebro; que cada parte do cérebro, secretando uma ordem particular de pensamentos, os diversos sentimentos e as diversas aptidões estão na razão direta do órgão que os produz. Não refutaremos esta monstruosa doutrina, que faz

do homem uma máquina, sem responsabilidade por seus atos maus, sem méritos pelas suas boas qualidades, e que apenas deve o seu gênio e as suas virtudes ao acaso de sua organização²¹. Com semelhante sistema toda punição é injusta e todos os crimes são justificados.

Os espiritualistas dizem, ao contrário, que os órgãos não são a causa das faculdades, mas os instrumentos da manifestação das faculdades; que o pensamento é um atributo da alma e não do cérebro; que a alma, possuindo por si mesma aptidões diversas, a predominância de tal ou qual faculdade impele o desenvolvimento do órgão correspondente, como o exercício de um braço induz o desenvolvimento dos músculos desse braço. Daí se segue que o desenvolvimento de um órgão é o efeito, e não a causa.

Assim, um homem não é poeta porque tenha o órgão da poesia: ele tem o órgão da poesia porque é poeta, o que é muito diferente. Mas aqui se apresenta uma outra dificuldade, ante a qual forçosamente tropeçam os frenologistas: se for espiritualista, dirá que o poeta tem o órgão da poesia porque é poeta; mas não nos diz por que ele é poeta, porque o é, em vez de seu irmão, embora educado nas mesmas condições; e, assim, em relação a todas as outras aptidões. Só o Espiritismo o explica.

Com efeito, se a alma fosse criada ao mesmo tempo que o corpo, a do sábio do Instituto seria tão nova quanto a do selvagem. Então, por que há na Terra selvagens e membros do Instituto? Direis que depende do meio em que vivem. Seja. Dizei, então, por que homens nascidos nos meios mais ingratos e mais refratários tornam-se gênios, ao passo que outros, que recebem a Ciência desde a infância, são imbecis? Os fatos não provam à evidência que há homens instintivamente bons ou maus, inteligentes ou estúpidos? É preciso, pois, que haja na alma um

21 Vide a *Revista* de março de 1861: *A Cabeça de Garibaldi*.

germe. De onde vem ele? Pode dizer-se razoavelmente que Deus os fez de todos os tipos, uns chegando sem esforço e outros nem sequer com um trabalho obstinado? Seria isso justiça e bondade? Evidentemente, não. Uma única solução é possível: a preexistência da alma, sua anterioridade ao nascimento do corpo, o desenvolvimento adquirido conforme o tempo vivido e as várias migrações percorridas. Unindo-se ao corpo, a alma traz, pois, o que adquiriu, suas qualidades boas ou más. Daí as predisposições instintivas, de onde se pode dizer com certeza que aquele que nasceu poeta já cultivou a poesia; que o que nasceu músico cultivou a música; o que nasceu celerado, já foi mais celerado. Tal é a fonte das faculdades inatas que produzem, nos órgãos afetados à sua manifestação, um trabalho interior, molecular, que provoca o seu desenvolvimento.

Isto nos conduz ao exame da importante questão da inferioridade de certas raças e de sua perfectibilidade.

Antes de mais, admitamos como princípio que todas as faculdades, todas as paixões, todos os sentimentos, todas as aptidões estão em a Natureza; que são necessárias à harmonia geral, posto que Deus nada faz de inútil; que o mal resulta do abuso, assim como da falta de contrapeso e de equilíbrio entre as diversas faculdades. Porque as faculdades não se desenvolvem simultaneamente, resulta que o equilíbrio não pode se estabelecer senão com o tempo; que essa falta de equilíbrio produz os homens imperfeitos, nos quais o mal domina momentaneamente.

Tomemos para exemplo o instinto da destruição. Ele é necessário porque na Natureza é preciso que tudo seja destruído para se renovar. Por isso todas as espécies vivas são, ao mesmo tempo, agentes destruidores e reprodutores. Mas o instinto de destruição isolado é um instinto cego e brutal; impera entre os povos primitivos, entre os selvagens cuja alma ainda não adquiriu qualidades reflexivas próprias a regular a destruição em justa

medida. Numa única existência, poderá o selvagem adquirir as qualidades que lhe faltam? Seja qual for a educação que lhe derdes desde o berço, dele fareis um São Vicente de Paulo, um sábio, um orador, um artista? Não; é materialmente impossível. E, no entanto, o selvagem tem uma alma. Qual a sorte dessa alma depois da morte? É punida pelos atos bárbaros que ninguém reprimiu? É colocada em igualdade com o homem de bem? Um não é mais racional que o outro. É, então, condenada a ficar eternamente num estado misto, que nem é felicidade, nem infelicidade? Isto não seria justo, porque se ela não é mais perfeita, não dependeu dela. Só podeis sair deste dilema admitindo a possibilidade de progresso. Ora, como pode a alma progredir, a não ser tendo novas existências? Dir-se-á que poderá progredir como Espírito, sem voltar à Terra. Mas, então, por que nós, civilizados, esclarecidos, nascemos na Europa e não na Oceania? em corpos brancos, ao invés de corpos negros? Por que um ponto de partida tão diferente, se só se progride como Espírito? Por que Deus nos liberou da longa rota percorrida pelos selvagens? Seriam nossas almas de natureza diversa das suas? Por que tentar torná-los cristãos? Se os tornais cristãos, é que os olhais como vosso igual perante Deus. E se é vosso igual perante Deus, por que Deus vos concede privilégios? Por mais que façais, não chegareis a nenhuma solução, a menos que admitais para nós um progresso anterior e para os selvagens um progresso ulterior. Se a alma do selvagem deve progredir posteriormente, é que nos alcançará; se progredimos anteriormente, é que fomos selvagens, pois se for diferente o ponto de partida, não haverá mais justiça, e se Deus não for justo, já não será Deus. Eis, pois, forçosamente, duas existências extremas: a do selvagem e a do homem ultracivilizado; mas, entre esses dois extremos, não haverá nenhum ponto intermediário? Segui a escala dos povos e vereis que é uma corrente ininterrupta, sem solução de continuidade.

Ainda uma vez, todos esses problemas são insolúveis sem a pluralidade das existências. Dizei que os zelandeses

renascerão num povo um pouco menos bárbaro, e assim por diante até a civilização, e tudo se explica; que se, em vez de seguir os degraus da escala os transpuser de um salto e chegar sem transição entre nós, dará o hediondo espetáculo de um Dumollard, que para nós é um monstro e que nada teria apresentado de anormal entre os povos da África central, de onde talvez tenha saído. É assim que, ao nos restringirmos numa existência única, tudo é obscuridade, tudo é problema sem saída, ao passo que com a reencarnação, tudo é claridade, tudo é solução.

Voltemos à frenologia. Ela admite órgãos especiais para cada faculdade e julgamos que esteja certa. Mas vamos mais longe. Vimos que cada órgão cerebral é formado de um feixe de fibras; pensamos que cada fibra corresponda a uma nuance de faculdade. Isto não passa de uma hipótese, é verdade, mas que poderá abrir caminho a novas observações. O nervo auditivo recebe os sons e os transmite ao cérebro. Mas se o nervo é homogêneo, como percebe sons tão variados? É, pois, lícito admitir que cada fibra nervosa é afetada por um som diferente, com o qual, de certo modo, vibra em unísono, como as cordas de uma harpa. Todos os tons estão na Natureza. Imaginemos uma centena deles, do mais agudo ao mais grave. O homem que possuísse cem fibras correspondentes os perceberia a todos; o que só possuísse a metade, não perceberia senão a metade dos sons, pois os outros lhe escapariam e deles não teria nenhuma consciência. Dá-se o mesmo com as cordas vocais para exprimir os sons, com as fibras ópticas para a percepção das diversas cores, com as fibras olfativas para registrar todos os odores. O mesmo raciocínio pode aplicar-se aos órgãos de todos os gêneros de percepções e de manifestações.

Todos os corpos animados encerram, incontestavelmente, o princípio de todos os órgãos; uns, porém, em certos indivíduos, se acham num estado de tal forma rudimentar que não são susceptíveis de desenvolvimento; é exatamente como se não existissem. Assim, nessas pessoas, não pode haver percepções nem

manifestações correspondentes a esses órgãos; numa palavra elas são, para tais faculdades, como os cegos em relação à luz e os surdos para a música.

O exame frenológico dos povos pouco inteligentes constata a predominância das faculdades instintivas e a atrofia dos órgãos da inteligência. Aquilo que é excepcional nos povos avançados é a regra em certas raças. Por quê? Será uma injusta preferência? Não; é sabedoria. A Natureza é sempre providente; nada faz de inútil. Ora, seria inútil dar um instrumento completo a quem não tenha os meios para dele se servir. Os Espíritos selvagens são ainda crianças, se assim podemos nos exprimir. Neles muitas faculdades ainda estão latentes. O que faria o Espírito de um hotentote no corpo de um Arago? Seria como alguém que nada sabe de música diante de um piano excelente. Por uma razão inversa, o que faria o Espírito Arago no corpo de um hotentote? Seria como Liszt diante de um piano contendo apenas algumas cordas desafinadas, das quais o seu talento não conseguiria jamais tirar sons harmoniosos. Arago entre os selvagens, com todo o seu gênio, será tão inteligente quanto o pode ser um selvagem, e nada mais; jamais será, numa pele negra, membro do Instituto. Seu Espírito induziria o desenvolvimento dos órgãos? Órgãos fracos, sim; órgãos rudimentares, não²².

A Natureza, portanto, apropriou os corpos ao grau de desenvolvimento dos Espíritos que neles devem encarnar; eis por que os corpos das raças primitivas possuem menos cordas vibrantes que os das raças adiantadas. Há, pois, no homem dois seres bem distintos: o Espírito, ser pensante; o corpo, instrumento das manifestações do pensamento, mais ou menos completo, mais ou menos rico em cordas, conforme as necessidades.

Chegamos agora à perfectibilidade das raças. Por assim dizer, essa questão é resolvida pela precedente: apenas temos

22 Vide a *Revista Espírita* de outubro de 1861: *Os cretinos*.

que deduzir algumas conseqüências. Elas são perfectíveis para o Espírito que se desenvolve através de suas várias migrações, em cada uma das quais adquire pouco a pouco as faculdades que lhe faltam; mas, à proporção que essas faculdades se ampliam, necessita de um instrumento apropriado, como uma criança que cresce precisa de roupas maiores. Ora, sendo insuficientes os corpos constituídos para o seu estado primitivo, necessitam encarnar em melhores condições, e assim por diante, à medida que progridem.

Assim, as raças são perfectíveis pelo corpo, pelo cruzamento com raças mais aperfeiçoadas, que trazem novos elementos, aí *enxertando*, por assim dizer, os germes de novos órgãos. Esse cruzamento se faz pelas migrações, as guerras e as conquistas. Sob esse ponto de vista, há raças, como há famílias, que se abastardam, se não misturarem sangues diversos. Então não se pode dizer que haja raça primitiva pura, porquanto, sem cruzamento, essa raça será sempre a mesma, pois seu estado de inferioridade se prende à sua natureza; degenerará, em vez de progredir, o que resultará no seu desaparecimento, ao cabo de certo tempo.

Diz-se a respeito dos negros escravos: “São seres tão brutos, tão pouco inteligentes, que seria trabalho perdido querer instruí-los. É uma raça inferior, incorrigível e profundamente incapaz.” A teoria que acabamos de dar permite encará-los sob outra luz. Na questão do aperfeiçoamento das raças, deve-se sempre levar em conta dois elementos constitutivos do homem: o elemento espiritual e o elemento corporal. É preciso conhecer um e outro, e só o Espiritismo nos pode esclarecer sobre a natureza do elemento espiritual, o mais importante, por ser o que pensa e que sobrevive, enquanto o elemento corporal se destrói.

Assim, como organização física, os negros serão sempre os mesmos; como Espíritos, trata-se, sem dúvida, de uma raça

inferior²³, isto é, primitiva; são verdadeiras crianças às quais muito pouco se pode ensinar. Mas, por meio de cuidados inteligentes é sempre possível modificar certos hábitos, certas tendências, o que já constitui um progresso que levarão para outra existência e que lhes permitirá, mais tarde, tomar um envoltório em melhores condições. Trabalhando em sua melhoria, trabalha-se menos pelo seu presente que pelo seu futuro e, por pouco que se ganhe, para eles é sempre uma aquisição. Cada progresso é um passo à frente, facilitando novos progressos.

Sob o mesmo envoltório, isto é, com os mesmos instrumentos de manifestação do pensamento, as raças são perfectíveis somente em estreitos limites, pelas razões que desenvolvemos. Eis por que a raça negra, enquanto raça negra, corporalmente falando, jamais atingirá o nível das raças caucásicas; mas, na qualidade de Espírito, é outra coisa: pode tornar-se e tornar-se-á aquilo que somos. Apenas necessitará de tempo e de melhores instrumentos. Por isso as raças selvagens, mesmo em contato com a civilização, permanecerão sempre selvagens; porém, à medida que as raças civilizadas se espalham, as selvagens diminuem, até desaparecerem completamente, como aconteceu com a raça dos Caraíbas, dos *Guanches* e outras. Os corpos desapareceram; quanto aos Espíritos, em que se transformaram? Muitos deles, talvez, se encontrem entre nós.

Já dissemos e vamos repetir: o Espiritismo descortina novos horizontes a todas as ciências. Quando os cientistas levarem em consideração o elemento espiritual nos fenômenos da Natureza, ficarão surpresos de ver que as dificuldades contra as quais tropeçam a cada passo são removidas como por encanto. Mas é provável que, para muitos, seja necessário renovar o hábito.

23 **N. do T.:** Allan Kardec, por certo, está se referindo aos Espíritos encarnados nas tribos incultas, selvagens, então existentes em algumas regiões do planeta e que hoje, em contato com outros pólos de civilização, vêm evoluindo progressivamente, como sói acontecer com as demais raças, seja qual for a coloração de sua pele.

Quando voltarem, terão tido tempo de refletir e trarão novas idéias. Acharão as coisas muito mudadas aqui na Terra; as idéias espíritas, que hoje repelem, terão germinado por toda parte e serão a base de todas as instituições sociais. Eles próprios serão educados e sustentados nessa crença, que abrirá ao seu gênio novo campo para o progresso da ciência. Enquanto esperam, e enquanto aqui ainda se encontram, procuram a solução do problema: Por que a autoridade de seu saber, e suas negativas, não detêm, sequer por um instante, a marcha cada dia mais rápida das idéias novas?

Conseqüências da Doutrina da Reencarnação sobre a Propagação do Espiritismo

O Espiritismo marcha com rapidez, fato que ninguém poderá negar. Ora, quando uma coisa se propaga é porque convém; assim, se o Espiritismo também se propaga é porque igualmente convém. Há várias causas para isto. A primeira é, sem contradita, como já explicamos em diversas circunstâncias, a satisfação moral que proporciona aos que o compreendem e praticam. Mas esta mesma causa recebe em parte a sua força do princípio da reencarnação. É o que tentaremos demonstrar.

Qualquer homem que reflita não pode deixar de preocupar-se com o seu futuro depois da morte, o que bem vale a pena. Quem é quem não liga à sua situação na Terra durante alguns anos mais importância do que durante alguns dias? Mais ainda: durante a primeira parte da vida a gente trabalha, extenua-se de fadiga e se impõe toda sorte de privações para, na outra metade, assegurar-se um pouco de repouso e de bem estar. Se temos tanto cuidado por alguns anos eventuais, não é racional tê-los ainda mais pela vida de além-túmulo, cuja duração é ilimitada? Por que razão a maioria trabalha mais pelo presente passageiro do

que pelo futuro sem-fim? É que acreditamos na realidade do presente e duvidamos do futuro. Ora, *só se duvida daquilo que não se compreende*. Que se compreenda o futuro e tudo cessará. Aos olhos mesmos daqueles que, no estado das crenças vulgares, estão mais bem convencidos da vida futura, esta se apresenta de maneira tão vaga, que nem sempre basta a fé para fixar as idéias; aquela tem mais as características de uma hipótese que as de uma realidade. O Espiritismo vem remover essa incerteza pelo testemunho dos que viveram e por provas de certo modo materiais.

Toda religião repousa necessariamente na vida futura e todos os dogmas convergem forçosamente para esse fim único. É visando atingir esse fim que eles são praticados; e a fé nos dogmas está na razão direta da eficácia que se lhes atribui para o alcançar. A teoria da vida futura é, pois, a pedra angular de toda doutrina religiosa. Se essa teoria pecar pela base; se abrir o campo a objeções sérias; se se contradisser; se se puder demonstrar a impossibilidade de certas partes, tudo vai abaixo. Antes de mais vem a dúvida, à qual sucede a negação absoluta, e os dogmas são arrastados no naufrágio da fé. Pensaram em escapar ao perigo proscrevendo o exame e fazendo da fé cega uma virtude. Mas pretender impor a fé cega neste século é desconhecer o tempo em que vivemos; refletimos, mau grado nosso; examinamos pela força das coisas; queremos saber como e porquê. O desenvolvimento da indústria e das ciências exatas nos ensina a olhar o terreno sobre o qual pisamos, razão por que se sondamos aquele onde, conforme dizem, marcharemos depois da morte; se não o encontramos sólido, isto é, lógico, racional, não nos preocuparemos com ele. Por mais que façam, não conseguirão neutralizar essa tendência, porque inerente ao desenvolvimento intelectual e moral da Humanidade. Segundo uns, é um bem; segundo outros, um mal. Seja qual for a maneira pela qual a encaramos, temos de nos acomodar, queiramos ou não, porquanto não pode ser de outra maneira.

A necessidade de se dar conta e de compreender diz respeito às coisas materiais e às coisas morais. Indubitavelmente, a

vida futura não é uma coisa palpável, como uma estrada de ferro e uma máquina a vapor; mas pode ser compreendida pelo raciocínio. Se o raciocínio, em virtude do qual buscamos demonstrá-la não satisfizer à razão, abandonamos as premissas e as conclusões. Interrogai aqueles que negam a vida futura e todos dirão que foram conduzidos à incredulidade pelo próprio quadro que lhes faziam, com seus cortejos de demônios, labaredas e sofrimentos sem-fim.

Todas as questões morais, psicológicas e metafísicas se ligam de maneira mais ou menos direta à questão do futuro. Disso resulta que dessa última questão depende, de alguma sorte, a racionalidade de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. O Espiritismo vem, por sua vez, não como uma religião, mas como doutrina filosófica, trazer a sua teoria, apoiada no fato das manifestações. Ele não se impõe; não exige confiança cega; entra no número dos concorrentes e diz: Examinai, comparai e julgai; se achardes algo melhor do que isto que vos dou, tomai-o. Ele não diz: Venho destruir os fundamentos da religião e substituí-la por um culto novo. Diz: Não me dirijo aos que crêem e se acham satisfeitos com suas crenças, mas aos que abandonam as vossas fileiras pela incredulidade e que não os soubestes ou pudestes reter. Venho dar-lhes, sobre as verdades que repelem, uma interpretação capaz de satisfazer sua razão e que os leva a aceitá-la. E a prova de que o consigo é o número dos que tiro do atoleiro da incredulidade. Todos vos dirão: Se me tivessem ensinado essas coisas assim desde a infância, jamais teria duvidado; agora creio, porque compreendo. Deveis repeli-los, porque aceitam o espírito e não a letra? o princípio, e não a forma? Sois livres; se vossa consciência faz disto um dever, ninguém pensará em violentá-la; mas não digo apenas que isto seria um erro; digo mais: seria uma imprudência.

Como dissemos, a vida futura é o objetivo essencial de toda doutrina moral. Sem a vida futura, a moral carece de base. O triunfo do Espiritismo está precisamente na maneira pela qual apresenta o futuro; além das provas que oferece, o quadro que

apresenta é tão claro, tão simples, tão lógico, tão conforme à justiça e à bondade de Deus, que involuntariamente dizemos: Sim, é bem assim que deve ser; é assim que eu imaginava; e, se não havia acreditado, é porque me tinham mostrado a vida futura de outro modo.

Mas, o que é que dá à teoria do futuro um tal poder? o que é que lhe granjeia tantas simpatias? É, dizemos nós, a sua lógica inflexível, que resolve todas as dificuldades até então insolúveis; e isto ela o deve ao princípio da pluralidade das existências. Com efeito, suprimi este princípio e milhares de problemas, cada qual mais insolúvel, se apresentarão imediatamente. A cada passo nos chocaremos contra inúmeras objeções. Essas objeções não eram suscitadas antigamente, isto é, ninguém pensava nelas. Mas hoje, que a criança se fez homem, quer ir ao fundo das coisas; quer ver claro o caminho por onde é conduzido; sonda e pesa o valor dos argumentos que lhe apresentam e, se estes não lhe satisfazem à razão ou o deixam no vago e na incerta, rejeita-os, aguardando coisa melhor. A pluralidade das existências é uma chave que descortina horizontes novos, que dá uma razão de ser a uma multidão de coisas incompreendidas e que explica o inexplicável. Ela concilia todos os acontecimentos da vida com a justiça e a bondade de Deus. Daí por que os que haviam chegado a duvidar dessa justiça e dessa bondade agora reconhecem o dedo da Providência onde o tinham ignorado. Efetivamente, sem a reencarnação, a que atribuir as idéias inatas? como justificar o idiotismo, o cretinismo, a selvageria, ao lado do gênio e da civilização? a profunda miséria de uns, ao lado da felicidade de outros? as mortes prematuras e tantas outras coisas? Do ponto de vista religioso, certos dogmas, como o do pecado original, o da queda dos anjos, a eternidade das penas, a ressurreição da carne, etc., encontram neste princípio uma interpretação racional, levando à aceitação do seu espírito justamente por aqueles que repeliam a letra.

Em resumo, o homem atual quer compreender. O princípio da reencarnação ilumina o que estava obscuro. Eis por que dizemos que este princípio é uma das causas que faz com que o Espiritismo seja acolhido favoravelmente.

Dir-se-á que a reencarnação não é necessária para crer nos Espíritos e em suas manifestações; e a prova disto é que há crentes que não a admitem. É verdade. Também não dissemos que não se possa ser bom espírita sem crer na reencarnação. Não somos daqueles que atiram pedras aos que não pensam como nós. Apenas dizemos que eles não abordaram todos os problemas levantados pelo sistema unitário, sem o que teriam reconhecido a impossibilidade de lhes dar uma solução satisfatória. A idéia da pluralidade das existências a princípio foi acolhida com assombro, com desconfiança; depois, pouco a pouco as pessoas se familiarizaram com ela, à medida que reconheciam a impossibilidade de, sem ela, saírem das inúmeras dificuldades suscitadas pela psicologia e pela vida futura. Uma coisa é certa: esse sistema ganha terreno diariamente, enquanto o outro o perde. Hoje, na França, os adversários da reencarnação – falamos dos que estudaram a ciência espírita – são em número imperceptível, em comparação com os seus partidários. Na própria América, onde são mais numerosos, por causas que explicamos em nosso número anterior, o princípio começa a popularizar-se, de modo que podemos concluir que não está longe o tempo em que, sob esse ponto, não haverá nenhuma dissidência.

Epidemia Demoníaca na Sabóia

Algum tempo atrás os jornais falaram de uma monomania epidêmica que se manifestou numa parte da Alta Sabóia e contra a qual falharam todos os socorros da medicina e da religião. O único meio que produziu resultados mais ou menos satisfatórios foi a dispersão dos indivíduos em diferentes cidades. A

respeito, recebemos do capitão B..., membro da Sociedade Espírita de Paris, atualmente em Annecy, a seguinte carta:

“Annecy, 7 de março de 1862.

“Senhor Presidente,

“Querendo ser útil à Sociedade, tenho a honra de vos remeter uma brochura que me foi enviada por um de meus amigos, o Dr. Caille, encarregado pelo Ministro de acompanhar o inquérito feito pelo Sr. Constant, inspetor das casas de alienados sobre os casos *muito numerosos* de demonomania, observados na comuna de Morzine, distrito de Thonon (Haute-Savoie). Até hoje, esta infeliz população se acha sob a influência da obsessão, apesar dos exorcismos, dos tratamentos médicos, das medidas tomadas pelas autoridades e dos internamentos nos hospitais do Departamento. Os casos diminuíram um pouco mas não cessaram, permanecendo o mal, por assim dizer, em estado latente. Querendo exorcizar esses infelizes, na maioria crianças, o cura mandou trazê-las à igreja, conduzidas por homens vigorosos. Mal havia pronunciado as primeiras palavras latinas, produziu-se uma cena horrorosa: gritos, saltos furiosos, convulsões, etc., a tal ponto que mandaram buscar os soldados e uma companhia de infantaria para restabelecer a ordem.

“Não consegui obter todas as informações que gostaria de poder vos dar hoje, mas os fatos me parecem bastante graves para merecerem vosso exame. O Dr. Arthaud, de Lyon, médico alienista, leu o relatório da Sociedade médica desta cidade, o qual foi publicado pela *Gazette médicale de Lyon* e que podereis obter através de vosso correspondente. No hospital desta cidade temos duas mulheres de Morzine que estão em tratamento. O Dr. Caille concluiu por uma afecção nervosa epidêmica, que escapa a toda espécie de tratamento e de exorcismo. Só o isolamento produziu bons resultados. Durante as crises, todos esses infelizes obsedados

pronunciam palavras obscenas; dão saltos prodigiosos por cima das mesas, trepam em árvores, nos telhados e, às vezes, profetizam.

“Se esses fatos se apresentaram nos séculos dezesseis e dezessete, nos conventos e nos campos, não é menos certo que no nosso século dezenove eles oferecem, a nós, espíritas, um assunto de estudo, do ponto de vista da obsessão epidêmica, generalizando-se e persistindo durante anos, pois há cerca de cinco anos que o primeiro caso foi observado.

“Terei a honra de vos enviar todos os documentos e informações que puder obter.

“Aceitai, etc.

B...”

As duas comunicações que se seguem nos foram dadas sobre o assunto, na Sociedade Espírita de Paris, por nossos Espíritos habituais.

“Não são médicos, mas magnetizadores, espiritualistas ou espíritas que deveriam ser mandados para dissipar a legião de Espíritos malvados, extraviados no vosso planeta. Digo extraviados porque eles apenas passarão. Mas por muito tempo ainda, a infeliz população sofrerá do ponto de vista moral e físico. Onde está o remédio? perguntais. Surgirá do mal, porque os homens, aterrorizados por essas manifestações, acolherão com êxtase o contato benéfico dos Espíritos bons que os sucederão, como a aurora sucede à noite. Essa pobre população, ignorante de qualquer trabalho intelectual, teria desconhecido as comunicações inteligentes dos Espíritos ou, antes, nem mesmo as teria percebido. A iniciação e os males provocados por essa turba impura abrem olhos fechados, e as desordens, os atos de demência não passam de um prelúdio de iniciação, porquanto todos devem participar da grande luz espírita. Não vos escandalizeis por essa maneira cruel de

proceder: tudo tem um fim e os sofrimentos devem fecundar, como fazem as tempestades, que destroem a colheita de uma região, enquanto fertilizam outras.

Georges (Médium: Sra. Costel)

“Os casos de demonomania que agora ocorrem na Sabóia também já ocorreram em muitos outros países, notadamente na Alemanha, mas principalmente no Oriente. Esse fato anormal é mais característico do que pensais. Com efeito, ao observador atento revela uma situação análoga à que se manifestou nos derradeiros anos do paganismo. Ninguém ignora que quando o Cristo, nosso muito amado Mestre, encarnou na Judéia, sob os traços do carpinteiro Jesus, aquela região havia sido invadida por legiões de Espíritos malévolos que, como hoje, se apoderaram, pela possessão, das classes sociais mais ignorantes, dos Espíritos encarnados mais fracos e menos adiantados, numa palavra, dos indivíduos que guardavam os rebanhos ou vagavam nas ocupações da vida rural. Não percebeis uma grande analogia entre a reprodução desses fenômenos idênticos de possessão? Ah! nisso existe um ensinamento muito profundo! e disso deveis concluir que os tempos preditos se aproximam cada vez mais e que o Filho do Homem em breve virá expulsar novamente essa turba de Espíritos impuros que se abateram sobre a Terra, e reavivar a fé cristã, dando a sua alta e divina sanção às revelações consoladoras e aos ensinamentos regeneradores do Espiritismo. Voltando aos casos atuais de demonomania, é preciso lembrar que os sábios, que os médicos do século de Augusto trataram, conforme os processos hipocráticos, os infelizes possessos da Palestina, e que toda a sua ciência se aniquilou ante esse poder desconhecido. Pois bem! ainda hoje todos os vossos inspetores de epidemias, todos os vossos mais distintos alienistas, sábios doutores em materialismo puro, fracassam do mesmo modo ante essa doença exclusivamente moral, diante dessa epidemia puramente espiritual. Mas que importa, meus amigos! vós, que fostes tocados pela graça nova,

sabeis quanto esses males passageiros são curáveis pelos que têm fé. Esperai, pois, com confiança, a vinda daquele que já resgatou a Humanidade. A hora se aproxima; o Espírito precursor já está encarnado. Logo veremos o desenvolvimento completo desta doutrina, que tomou por divisa: “Fora da caridade não há salvação.”

Erasto (Médium: Sr. d’Ambel)

Devemos concluir, do que precede, que não se trata de uma afecção orgânica, mas, sim, de uma influência oculta. Custa-nos tanto menos crer, quanto temos tido numerosos casos idênticos isolados, devidos à mesma causa; e o que o prova é que os meios ensinados pelo Espiritismo foram suficientes para fazer cessar a obsessão. Está demonstrado pela experiência que os Espíritos mal-intencionados não só agem sobre o pensamento, mas, também, sobre o corpo, com o qual se identificam e do qual se servem como se fosse o seu; que provocam atos ridículos, gritos, movimentos desordenados que apresentam todas as aparências da loucura ou da monomania. Encontrar-se-á sua explicação em o nosso *O Livro dos Médiuns*, no capítulo da obsessão, e num próximo artigo citaremos vários fatos que o demonstram de maneira incontestável. Com efeito, é bem uma espécie de loucura, uma vez que se pode dar este nome a todo estado anormal, em que o Espírito não age livremente. Deste ponto de vista, é uma verdadeira loucura acidental.

Faz-se, pois, necessário distinguir a *loucura patológica* da *loucura obsessiva*. A primeira resulta de uma desordem nos órgãos da manifestação do pensamento. Notemos que, nesse estado de coisas, não é o Espírito que é louco; ele conserva a plenitude de suas faculdades, como o demonstra a observação; apenas estando desorganizado o instrumento de que se serve para manifestar-se, o pensamento, ou, melhor dizendo, a expressão do pensamento é incoerente.

Na loucura obsessiva não há lesão orgânica; é o próprio Espírito que se acha afetado pela subjugação de um Espírito estranho, que o domina e subjuga. No primeiro caso, deve-se tentar curar o órgão enfermo; no segundo basta livrar o Espírito doente do hóspede importuno, a fim de lhe restituir a liberdade. Casos semelhantes são muito freqüentes e muitas vezes tomados como loucura o que não passa de obsessão, para a qual deveriam empregar meios morais e não duchas. Pelo tratamento físico e, sobretudo, pelo contato com os verdadeiros alienados, muitas vezes tem sido determinada uma verdadeira loucura onde esta não existia.

Abrindo novos horizontes a todas as ciências, o Espiritismo vem, também, elucidar a questão tão obscura das doenças mentais, ao assinalar-lhes uma causa que, até hoje, não havia sido levada em consideração – causa real, evidente, provada pela experiência e cuja verdade mais tarde será reconhecida. Mas como fazer que tal causa seja admitida por aqueles que estão sempre dispostos a enviar ao hospício quem quer que tenha a fraqueza de crer que temos uma alma e que esta desempenha um papel nas funções vitais, sobrevive ao corpo e pode atuar sobre os vivos? Graças a Deus, e para o bem da Humanidade, as idéias espíritas fazem mais progresso entre os médicos do que se podia esperar e tudo faz prever que, num futuro não muito remoto, a Medicina saia finalmente da rotina materialista.

Estando provados alguns casos isolados de obsessão física ou de subjugação, fácil é compreender que, semelhante a uma nuvem de gafanhotos, um bando de Espíritos malfazejos pode lançar-se sobre um certo número de indivíduos, deles se apoderar e produzir uma espécie de epidemia moral. A ignorância, a fraqueza das faculdades, a ausência de cultura intelectual naturalmente lhes facultam maior influência. É por isso que eles prejudicam, de preferência, certas classes, embora as pessoas inteligentes e instruídas nem sempre estejam isentas. Como diz Erasto, foi provavelmente uma epidemia desse gênero que imperou no tempo

do Cristo, tantas vezes mencionada no Evangelho. Mas por que só a sua palavra bastava para expulsar os chamados demônios? Isto prova que o mal não podia ser curado senão por uma influência moral. Ora, quem pode negar a influência moral do Cristo? Entretanto – dirão – não empregaram o exorcismo, que é uma espécie de remédio moral, e nada foi obtido? Se nada produziu é que o remédio nada vale e que se deve buscar outro: isto é evidente. Estudai o Espiritismo e compreendereis a razão. Somente o Espiritismo, assinalando a verdadeira causa do mal, pode dar os meios de combater os flagelos dessa natureza. Mas quando dizemos para estudá-lo, entendemos por isto um estudo sério, e não na esperança de nele encontrar uma receita banal, para uso do primeiro que aparecer.

O que acontece na Sabóia, chamando a atenção, possivelmente apressará o momento em que será reconhecida a parte de ação do mundo invisível nos fenômenos da Natureza. Uma vez entrando neste caminho, a Ciência possuirá a chave de muitos mistérios e verá cair a mais formidável barreira que detém o progresso: o materialismo, que restringe o círculo da observação, em vez de o ampliar.

Respostas à Questão dos Anjos Decaídos

Observação – Recebemos de vários pontos respostas a todas as questões apresentadas no número de janeiro último. Sua extensão não nos permite publicá-las todas ao mesmo tempo. Limitar-nos-emos, hoje, à questão dos anjos rebeldes.

(Bordeaux – Médiun: Sra. Cazemajoux)

Meus amigos, a teoria contida no resumo que acabais de ler é a mais lógica e a mais racional. A sã razão não pode admitir

a criação de Espíritos puros e perfeitos revoltando-se contra Deus e buscando igualá-lo em poder, majestade e grandeza.

Antes de chegar à perfeição o Espírito, ignorante e fraco, entregue ao seu livre-arbítrio, muitas vezes envereda pela corrupção e mergulha com prazer no oceano da iniquidade. Mas o que causa principalmente a sua perda é o orgulho. Nega a Deus, atribui ao acaso a sua existência, as maravilhas da criação e a harmonia universal. Então, infeliz dele! é um anjo decaído. Em vez de avançar para mundos felizes, é exilado do próprio planeta em que habita, a fim de expiar, em mundos inferiores, sua rebelião incessante contra Deus.

Guardai-vos, irmãos, de os imitar: são anjos perversos. Envidai todos os esforços para não lhes aumentar o número; que o archote da fé espírita vos esclareça quanto aos vossos deveres futuros, a fim de que possais um dia evitar a sorte dos Espíritos rebeldes e subir a escala espiritual que conduz à perfeição.

Vossos guias espirituais

(Haia – Holanda; Médiun: barão de Kock)

Sobre este artigo, pouco terei a dizer, a não ser que é sublime verdade. Nada a acrescentar ou a subtrair. Bem-aventurados os que aliarem a fé a essas belas palavras, os que aceitarem esta doutrina escrita por Allan Kardec. Kardec é o homem eleito por Deus para instrução das criaturas do presente. São palavras inspiradas pelos Espíritos do bem, Espíritos muito superiores. Tende fé; lede, estudai toda a doutrina: é um bom conselho que vos dou.

Vosso Guia Protetor

(Sens – Médiu:m: Sr. Pichon)

P. – Que devemos pensar da interpretação da doutrina dos anjos decaídos, que o Sr. Allan Kardec publicou no último numero da *Revista Espírita*?

Resp. – Que é perfeitamente racional, e que nós mesmos não a teríamos explicado melhor.

Arago

(Paris. Comunicação particular – Médiu:m: Srta. Stéphanie)

Está bem definido, mas – é preciso ser franco – há uma coisa que me contraria: por que falar desse dogma da Imaculada Conceição? Tivestes revelações concernentes à mãe do Cristo? Deixai essas discussões à Igreja Católica. Lamento tanto mais essa comparação, quanto mais os padres crerão e dirão que vós lhes quereis fazer a corte.

*Um Espírito, amigo sincero do médiu:m
e do diretor da Revista Espírita*

(Lyon – Médiu:m: Sra. Bouillant)

Outrora acreditávamos que os anjos, depois de haverem habitado o mais radioso dos mundos, se tinham revoltado contra Deus e merecido ser expulsos do Éden, que Deus lhes havia dado como morada. Cantamos sua queda e sua fraqueza e, acreditando nesta fábula do Paraíso Perdido, o tínhamos enfeitado com todas as flores da retórica que conhecíamos. Para nós era um tema que oferecia um encanto especial. Esse primeiro homem e essa primeira mulher, expulsos de seus oásis, condenados a viver na Terra, sujeitos a todos os males que assediam a Humanidade eram para o autor uma grande fonte para desenvolver as suas idéias, e o assunto se prestava sobretudo e perfeitamente às nossas idéias melancólicas. Como os outros, acreditávamos no erro e juntávamos

a nossa palavra a todas as que já tinham sido pronunciadas. Mas agora que a nossa existência no espaço nos permitiu julgar as coisas do seu verdadeiro ponto de vista; agora que podemos compreender quanto era absurdo admitir que o Espírito, chegado ao seu mais alto grau de pureza, pudesse retrogradar de repente, revoltar-se contra o seu Criador e com ele entrar em luta; agora que podemos julgar por quantos cadinhos o licor deve ser filtrado para se depurar, a ponto de se tornar essência e quintessência, estamos em condição de vos dizer o que são os anjos decaídos e o que deveis crer do Paraíso Perdido.

Em sua imutável lei do progresso, quer Deus que os homens avancem, avancem incessantemente, de século em século, em épocas por ele determinadas. Quando a maioria dos seres que habitam a Terra se torna muito superior à parte terrestre que ocupa, então Deus ordena uma emigração de Espíritos; aqueles que realizaram sua missão com consciência, vão habitar regiões que lhes são designadas, ao passo que o Espírito recalcitrante e preguiçoso, que destoa do quadro, é obrigado a ficar na retaguarda. Nesta depuração ele é repellido, como fazem os químicos com as substâncias que não passaram pela filtração. Então o Espírito se acha em contato com outros Espíritos que lhe são inferiores e sofre realmente o constrangimento que lhe é imposto.

Lembra-se intuitivamente da felicidade que desfrutava e se acha em meio a seus iguais como uma flor exótica que tivesse sido transplantada repentinamente para um terreno inculto. Compreendendo a sua superioridade, tal Espírito se revolta; procura dominar aqueles que o cercam e esta revolta, esta luta consigo mesmo volta-se contra o Criador que lhe deu a existência, e que ele desconhece. Se seus pensamentos puderem desenvolver-se, ele derramará o que extravasa do seu coração em recriminações amargas, como o condenado na sua prisão, e sofrerá cruelmente até que tenha expiado a preguiça e o egoísmo que o impediram de acompanhar seus irmãos. Eis, meus amigos, quais os anjos decaídos

e por que todos lamentam a perda de seu paraíso. Tratai, pois, por vossa vez, de vos apressar, a fim de não serdes abandonados quando soar o sinal de retorno. Lembrai todos que vos deveis a vós mesmos; dizei que vós sois *vós* e que tendes o vosso livre-arbítrio. Esta personalidade do Espírito vos explica por que o filho de um homem sábio muitas vezes é um idiota e por que a inteligência não pode transformar-se em morgadio. Um grande homem bem poderá dar à sua progênie os contornos de sua fisionomia, mas jamais lhe transmitirá o seu gênio; e podeis estar certos de que todos os gênios que manifestaram os seus talentos entre vós eram filhos de suas próprias obras, porquanto, como disse um grande sábio: “É que as mães dos Patay, dos Letronne e do grande Arago criaram esses homens excepcionais muito inocentemente.” Não, meu amigo, a mãe que gera um talento ilustre não tem a menor influência sobre o Espírito que anima o seu filho: este Espírito já era muito adiantado quando veio reencarnar-se no crisol da depuração. Subi, pois, os degraus da escada, degraus luminosos e brilhantes como sóis, pois Deus os ilumina com a sua luz esplêndida. Lembrai-vos de que agora, que conheceis o caminho, seríeis muito culpados se vos tornásseis anjos decaídos. Aliás, creio que ninguém ousaria lamentar-vos e vos cantar o *Paraíso Perdido*.

Milton

(Frankfurt – Médiun: Sra. Delton)

Nada direi sobre esta interpretação dos anjos rebeldes e dos anjos decaídos, senão que faz parte dos ensinamentos que vos devem ser dados, a fim de que possais restabelecer as coisas mal compreendidas em seu verdadeiro sentido. Não penseis que o autor do artigo o tenha escrito sem assistência, como ele mesmo imaginou; julgou emitir suas próprias opiniões, razão por que ficou desconfiado, quando, na realidade, apenas deu forma às idéias que lhe eram inspiradas.

Sim, ele está certo quando diz que os anjos rebeldes ainda estão na Terra, e que são os imperialistas e os ímpios, os que ousam negar o poder de Deus. Não é o cúmulo do orgulho? Todos vós, que acreditais em Deus e lhes cantais louvores, vos indignais com uma tal audácia da criatura, e tendes razão; mas sonдай a vossa consciência e vede se não vos revoltais contra ele, a cada instante, pelo esquecimento de suas santas leis. Praticais a humildade, vós que acreditais na superioridade do vosso mérito? que vos gabais pelos dons que haveis recebido? que vedes com inveja e ciúme a posição do vosso vizinho, os favores que lhe cabem, a autoridade que lhe é concedida? Praticais a caridade, vós que denegrís o vosso irmão, que despejais sobre ele a maledicência e a calúnia? Que em vez de lançar um véu sobre os seus defeitos, sentis prazer em os expor aos olhos de todos, a fim de os humilhar? Vós que credes em Deus, sobretudo vós, espíritas, que assim agís, em verdade vos digo: sois mais culpados que o ateu e o materialista, porquanto tendes a luz e não vedes. Sim, também sois anjos rebeldes, porque não obedecéis à lei de Deus e, no dia do juízo, Deus vos perguntará: “Que fizestes dos meus ensinamentos?”

Paulo, Espírito protetor

Conversas Familiares de Além-Túmulo

GIRARD DE CODEMBERG

(Bordeaux, novembro de 1861)

O Sr. Girard de Codemberg, antigo aluno da Escola Politécnica, é autor de um livro intitulado: *O Mundo Espiritual, ou ciência cristã de comunicar intimamente com as potências celestes e as almas felizes*²⁴. Essa obra contém comunicações excêntricas que denotam manifesta obsessão e cuja publicação os espíritas sérios

²⁴ N. do T.: No original: *Le Monde spirituel, ou Science chrétienne de communiquer intimement avec les puissances célestes et les âmes heureuses.*

lamentam profundamente. O autor morreu em novembro de 1858 e foi evocado na Sociedade de Paris em 14 de fevereiro de 1859. Pode-se ver o resultado dessa evocação na *Revista Espírita* do mês de abril de 1859. A evocação que se segue foi feita em Bordeaux, em novembro de 1861; a coincidência das duas evocações é digna de nota.

P. – Poderíeis responder a algumas perguntas que desejo fazer?

Resp. – É um dever.

P. – Qual a vossa posição no mundo dos Espíritos?

Resp. – Feliz, relativamente à vida que levava na Terra, porquanto ali eu não via o mundo espiritual senão através do nevoeiro dos meus pensamentos, ao passo que agora vejo desdobrar-se à minha frente a grandeza e a magnificência das obras de Deus.

P. – Numa passagem de vossa obra, que tenho em mãos, dissestes: “Perguntam à mesa o nome do meu anjo-da-guarda que, conforme a crença americana, é apenas uma alma feliz, tendo vivido nossa vida terrena e que, por conseguinte, deve ter um nome na sociedade humana.” Essa crença, dizeis, é uma heresia. Que pensais hoje dessa heresia?

Resp. – Disse-vos que tinha visto mal, porque, inexperiente na prática do Espiritismo, aceitei como verdades os princípios que me eram ditados por Espíritos levianos e impostores. Mas, em presença de verdadeiros e sinceros espíritas que aqui se acham reunidos nesta noite, confesso que o anjo-da-guarda, ou Espírito protetor, outra coisa não é senão o Espírito que chegou ao progresso moral e intelectual pelas diversas fases percorridas em suas encarnações nos diferentes mundos, e que a reencarnação, que eu negava, é a mais sublime e a maior prova da justiça de nosso Pai, que está no céu, e que não quer a nossa perda, mas a nossa felicidade.

P. – Em vossa obra falais igualmente do purgatório. Que significado quisestes dar a essa palavra?

Resp. – Eu pensava, com razão, que os homens não podiam alcançar a felicidade sem se purificarem das máculas que a vida material sempre deixa no Espirito. Mas o purgatório, cujo temor me dava uma fé cega, em vez de ser um abismo de fogo, como eu o imaginava, não era senão os mundos inferiores, em cujo número está a Terra, onde todas as misérias a que está sujeita a humanidade se manifestam de mil e uma maneiras. Não está aí a explicação da palavra *purgare*?

P. – Também dizeis que vosso anjo-da-guarda respondeu, a propósito do jejum: “O jejum é o complemento da vida cristã e a ele te deves submeter.” Que pensais disto agora?

Resp. – O complemento da vida cristã! E os judeus, os muçulmanos, que também jejuam! O jejum não é apropriado exclusivamente à vida cristã; entretanto, algumas vezes é útil, naquilo que pode enfraquecer o corpo e acalmar as revoltas da carne. Crede-me, mais vale uma vida simples e frugal do que todos os jejuns feitos com vistas a dar espetáculo aos homens, mas que em nada corrigem vossas inclinações e tendências para o mal. Vejo que exigis de mim uma retratação completa de meus escritos. Eu vo-la devo, porque alguns fanáticos, que não fazem parte da época em que escrevi, têm uma fé cega naquilo que publiquei como a exata verdade. Não sou punido por isso, porque atuava de boa-fé e escrevia sob a influência temerosa das lições dos primeiros anos, às quais não podia subtrair a vontade de pensar e agir; mas, crede, será muito restrito o número dos que abandonarão o caminho traçado pelo Sr. Allan Kardec para seguir o meu. São pessoas com as quais não se deve contar muito, marcadas pelo anjo da libertação para serem arrastadas no turbilhão renovador que deve transformar a sociedade. Sim, meus amigos, sede espíritas. É Gérard de Codemberg que vos convida a tomardes lugar no grande banquete fraterno, porquanto vós sois e nós somos todos irmãos, e a reencarnação nos torna solidários, apertando entre nós os laços da fraternidade em Deus.

Observação – Este pensamento de que os homens serão expulsos e enviados a mundos inferiores, caso não aproveitem os avisos de Deus no grande movimento que deve operar a renovação da Humanidade, opondo-lhe obstáculos, acha-se hoje reproduzido por todos os lados nas comunicações dos Espíritos. Dá-se o mesmo com este outro: chegamos ao momento desta transformação, cujos sintomas já se fazem sentir. Quanto ao que atribui ao Espiritismo a base dessa transformação, é universal. Tal coincidência tem algo de característico. – A. K.

P. – Dissestes ter evocado a santa Virgem Maria e que dela recebestes conselhos. Essa manifestação foi real?

Resp. – Quantos dentre vós vos julgais inspirados por ela e sois enganados! Sede vós mesmos vossos e meus juízes.

P. – Ao dirigirdes à Virgem a pergunta: – “Há, pelo menos, na sorte das almas punidas, a esperança conservada por vários teólogos da *gradação das penas*?” –, dissestes ter sido esta a sua resposta: “As penas eternas não têm gradação; são todas as mesmas e as chamadas são os seus ministros.” Qual a vossa opinião a respeito?

Resp. – As penas infligidas aos Espíritos maus são reais, mas não eternas. Testemunham os vossos pais e amigos, que acorrem diariamente ao vosso apelo e que vos dão, sob todas as formas, ensinamentos que apenas confirmam a verdade.

P. – Alguém da assistência pergunta se o fogo queima fisicamente ou moralmente.

Resp. – Fogo moral.

Em seguida o Espírito continua espontaneamente: “Caros irmãos em Espiritismo, sois os escolhidos de Deus para a sua santa propagação. Mais feliz que eu, um Espírito em missão na vossa Terra vos traçou o caminho, no qual deveis entrar com passo firme e determinado. Sede dóceis; nada temais: é o caminho do progresso e da moralidade da raça humana. Para mim, que apenas

havia delineado a obra que vosso mestre vos traçou, porque me faltava coragem para me afastar do caminho batido, tenho a incumbência de vos guiar à situação de Espírito, na estrada boa e segura onde entrastes. Poderei, assim, reparar o mal que cometi por ignorância e ajudar com minhas frágeis faculdades a grande reforma da sociedade. Não vos inquieteis com os irmãos que se afastam de vossas crenças. Ao contrário, agi de maneira que não mais se misturem ao rebanho dos verdadeiros crentes, pois são ovelhas sarnentas e deveis evitar o contágio. Adeus. Voltarei com este médium. Até logo.

Girard de Codenberg

Nota – Consultados quanto à identidade do Espírito, nossos guias responderam: “Sim, meus amigos, ele sofre por ver o mal que causa a doutrina errônea que publicou. Mas já havia expiado esse erro na Terra, porque era obsidiado e a doença que o matou foi fruto da obsessão.”

LA BRUYÈRE

(Sociedade de Bordeaux – Médium: Sra. Cazemajoux)

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui.

2. Nossa evocação vos dá prazer?

Resp. – Sim, já que pouquíssimos de vós pensam neste pobre Espírito zombador.

3. Qual a vossa posição no mundo espírita?

Resp. – Feliz.

4. Que pensais da geração dos homens que vivem atualmente na Terra?

Resp. – Penso que não progrediram muito em moralidade, pois se vivesse entre eles eu poderia aplicar os meus

Caracteres com a mesma verdade que os assinalou quando eu vivia. Encontro os meus glutões, os meus egoístas, os meus orgulhosos na mesma situação em que os deixei quando morri.

5. Vossos *Caracteres* gozam de merecida reputação. Qual a vossa opinião atual sobre as vossas obras?

Resp. – Penso que não tinham o mérito que lhas atribuí, porquanto teriam produzido outro resultado. Mas acho que nem todos os que as lêem se comparam a qualquer daqueles retratos, embora a maioria seja de surpreendente verdade. Tendes todos uma pequena dose de amor-próprio, suficiente para aplicar ao próximo os vossos defeitos pessoais e jamais vos reconheceis quando sois pintados com traços verídicos.

6. Acabastes de dizer que os *Caracteres* poderiam ser hoje aplicados com a mesma verdade. Então não achais os homens mais adiantados?

Resp. – Em geral a inteligência avançou, mas a melhora não deu um passo. Se Molière e eu ainda pudéssemos escrever, não faríamos outra coisa, senão aquilo que fizemos: trabalhos inúteis, que vos advertiriam sem vos corrigir. O Espiritismo será mais feliz. Pouco a pouco vos conformareis à sua doutrina e reformareis os vícios que em vida vos chamamos a atenção.

7. Pensais que a Humanidade ainda seja rebelde às advertências que lhe são dadas pelos Espíritos encarnados em missão na Terra e pelos Espíritos que os vêm ajudar?

Resp. – Não; a época do progresso e da renovação da Terra e de seus habitantes chegou. É por isso que os Espíritos bons vêm prestar-vos o seu concurso. Disse-vos bastante esta noite, mas prepararei um dos meus *Caracteres* para daqui a alguns dias.

8. Vossos *Caracteres* não podem ser aplicados também a alguns Espíritos errantes, movidos por idênticos sentimentos?

Resp. – A todos os que ainda têm, no estado de Espírito, essas mesmas paixões que em vida os dominavam. Perdoai-me a franqueza, mas, quando me chamardes, eu vos direi as coisas sem fineza e sem rodeios.

Jean de La Bruyère

Poesias Espíritas

(Sociedade Espírita de Bordeaux – Médium: Sra. Cazemajoux)

CREDE NOS ESPÍRITOS DO SENHOR

Acreditai em nós; somos centelha,
Raio brilhante do seio de Deus,
Que sobre uma alma nova se assemelha
À ternura do céu aos prantos seus.

Acreditai em nós: chama ligeira
De errante Espírito pelos jazigos
Vem afastar o obstáculo, a barreira
Que entre nós foram assim postos, amigos.

Acreditai em nós; trevas, mentiras
São dispersadas, que é do céu que vimos,
Ternos, alegres repor-vos nas líras
Dos sonhos bons o dulçor que sentimos.

Acreditai em nós; nós que erramos no espaço
Para guiar-vos ao Bem. Crede em nós
Que vos amamos... E cada hora ou passo,
Caros irmãos, nos conduz a vós.

Elisa Mercoeur

AS VOZES DO CÉU

Vozes do céu que suspiram na brisa,
Murmuram no ar e percutem nas ondas;

E da floresta que os montes divisa
Os seus suspiros ecoam nas sondas.

Vozes do céu se agitam na folhagem
Nos verdes prados, dos bosques nos cantos,
Junto da fonte em que é mais pura a aragem
Canta o poeta seus versos em pranto.

Vozes do céu cantam nos arvoredos,
No loiro trigo, nos jardins em flores,
No azul que às nuvens repete segredos,
E no arco-íris de esplêndidas cores.

Vozes do céu, em silêncio elas choram;
Vos recolhei, falam ao coração;
São os Espíritos bons que então oram
E ao Criador enfim vos levarão.

Elisa Mercoeur

Dissertações Espíritas

OS MÁRTIRES DO ESPIRITISMO

A respeito da questão dos milagres do Espiritismo, que nos tinha sido proposta e que foi tratada em nosso último número, também nos propuseram esta pergunta: “Os mártires selaram com o próprio sangue a verdade do Cristianismo. Onde estão os mártires do Espiritismo?”

Tendes, pois, muita pressa em ver os espíritas na fogueira e atirados às feras, o que leva a supor que boa vontade não vos faltaria se isto ainda pudesse acontecer. Quereis, a todo custo, promover o Espiritismo à categoria de uma religião! Notai que ele jamais teve essa pretensão; nunca se colocou como rival do Cristianismo, do qual declara ser filho; que combate seus mais cruéis inimigos: o ateísmo e o materialismo. Ainda uma vez, é uma filosofia que repousa sobre as bases fundamentais de toda religião

e na moral do Cristo; se renegasse o Cristianismo, ele se desmentiria e se suicidaria. São seus inimigos que o apresentam como uma nova seita, que lhe deram sacerdotes e sumo-sacerdotes. De tanto gritarem que é uma religião, as pessoas acabarão por crer. É preciso ser uma religião para possuir seus mártires? A Ciência, as artes, o gênio, o trabalho e as idéias novas não tiveram, em todas as épocas, os seus mártires?

Não ajudam a fazer mártires os que apontam os espíritas como reprovados, como párias de quem se deve fugir ao contato? os que sublevam contra eles a populaça ignorante a ponto de *lhes tirar os meios de subsistência*, esperando vencê-los pela fome, em falta de boas razões? Bela vitória se o conseguissem! Mas a semente está lançada e germina em toda parte; se for abafada num ponto, crescerá em cem outros. Tentai, pois, ceifar a terra inteira!

Deixemos, porém, que falem os Espíritos encarregados de responder à questão.

I

Pedistes milagres e hoje pedis mártires! Já existem os mártires do Espiritismo: entrai nas casas e os vereis. Exigis perseguidos: abri, pois, o coração desses fervorosos adeptos da idéia nova, que lutam contra os preconceitos, com o mundo, muitas vezes até com a família! Como seus corações sangram e se enchem quando seus braços se estendem para abraçar um pai, uma mãe, um irmão ou uma esposa e não recebem, como paga de suas carícias e de seus transportes, senão sarcasmos, sorrisos de desdém e desprezo! Os mártires do Espiritismo são os que, a cada passo, ouvem estas palavras insultuosas: *louco, insensato, visionário!*... e durante muito tempo terão de suportar essas afrontas da incredulidade e outros sofrimentos ainda mais amargos; mas a sua recompensa será bela, porque se o Cristo mandou preparar um lugar soberbo para os mártires do Cristianismo, o que prepara aos mártires do Espiritismo será ainda mais brilhante. Mártires do

Cristianismo na infância, marchavam para o suplício com coragem e resignação, porque não contavam sofrer senão dias, horas e segundos do martírio, aspirando depois a morte como única barreira a transpor para viver a vida celeste. Os mártires do Espiritismo não devem buscar nem desejar a morte; devem sofrer tanto tempo quanto praza a Deus deixá-los na Terra, e não ousam julgar-se dignos dos puros gozos celestes logo que deixam a vida. Oram e esperam, murmurando palavras de paz, de amor e de perdão aos que os torturam, enquanto aguardam novas encarnações nas quais poderão resgatar suas faltas passadas.

O Espiritismo se elevará como um templo soberbo. No começo os degraus serão difíceis de subir; mas, transpostos os primeiros degraus, os Espíritos bons ajudarão a vencer os outros até um lugar plano e reto que conduz a Deus.

Ide, ide, filhos, pregar o Espiritismo! Pedem mártires: vós sois os primeiros que o Senhor marcou, pois sois apontados a dedo e tratados como loucos e insensatos, por causa da verdade! Mas, eu vo-lo digo, em breve vai chegar a hora da luz; então, não mais haverá perseguidores nem perseguidos: sereis todos irmãos e o mesmo banquete reunirá opressores e oprimidos!

Santo Agostinho (Médium: Sr. E. Vézzy)

II

O progresso do tempo substituiu as torturas físicas pelo martírio da concepção e do nascimento cerebral das idéias que, filhas do passado, serão as mães do futuro. Quando o Cristo veio destruir o costume bárbaro dos sacrifícios, quando veio proclamar a igualdade e a fraternidade entre a túnica proletária e a toga patricia, os altares ainda vermelhos fumegavam o sangue das vítimas imoladas; os escravos tremiam ante os caprichos do senhor e os povos, ignorando sua grandeza, esqueciam a justiça de Deus. Nesse estado de rebaixamento moral, as palavras do Cristo teriam

sido impotentes e desprezadas pela multidão, se não tivessem sido gritadas pelas suas chagas e tornadas sensíveis pela carne palpitante dos mártires. Para ser cumprida, a misteriosa lei das semelhanças exigia que o sangue derramado pela idéia resgatasse o sangue derramado pela brutalidade.

Hoje, os homens pacíficos ignoram as torturas físicas. Só o seu ser intelectual sofre, porque se debate, comprimido pelas tradições do passado, enquanto aspira novos horizontes. Quem poderá descrever as angústias da geração presente, suas dúvidas pungentes, suas incertezas, seus ardores impotentes e sua extrema lassidão? Inquietos pressentimentos dos mundos superiores, dores ignoradas pela antigüidade material, que só sofria quando não gozava; dores que são a tortura moderna e que transformam em mártires aqueles que, inspirados pela revelação espírita, crerão e não serão acreditados, falarão e serão censurados, marcharão e serão repelidos. Não desanimeis; vossos próprios inimigos vos preparam uma recompensa tanto mais bela quanto mais espinhos houverem semeado em vosso caminho.

Lázaro (Médium: Sra. Costel)

III

Como bem dizeis, em todos os tempos a crença tem produzido mártires. Mas, também – é preciso que se diga – muitas vezes o fanatismo estava de ambos os lados e então, quase sempre, corria sangue. Hoje, graças aos moderadores das paixões, aos filósofos ou, antes, graças a essa filosofia que começou com os escritores do século dezoito, o fanatismo apagou o seu facho e embainhou a espada. Em nosso tempo é difícil imaginar a cimitarra de Maomé, a forca e a roda²⁵ da Idade Média, suas fogueiras e torturas de toda sorte, assim como não fazemos idéia das feiticeiras

25 **N. do T.:** Suplício que consistia em amarrar alguém numa espécie de cruz, quebrar-lhe os membros com uma clava e, em seguida, atar-lhe o corpo a uma roda, que era posta em movimento.

e dos magos. Outros tempos outros costumes, diz um sábio provérbio. Como vedes, a palavra *costumes*²⁶ tem aqui acepção muito ampla; conforme a sua etimologia latina, significa: hábitos, maneira de viver. Ora, em nosso século, nossa maneira de ser não é de cobrir-se com cilício, ir às catacumbas nem de subtrair suas preces aos procônsules e aos magistrados da cidade de Paris. O Espiritismo, pois, não verá erguer-se o machado, nem a chama das fogueiras devorarem os seus adeptos. A gente se bate a golpes de idéias, a golpes de livros, a golpes de comentários, a golpes de ecletismo e a golpes de teologia, mas a noite de São Bartolomeu não mais se repetirá. Certamente poderá haver algumas vítimas nas nações atrasadas; contudo, somente a idéia será combatida e ridicularizada nos centros civilizados. Assim, pois, nada de machado, de feixe de varas, de óleo fervente; mas atentai para o espírito voltaireano mal compreendido: eis o carrasco. É preciso preveni-lo, mas não temê-lo: ele ri, em vez de ameaçar; lança o ridículo, em vez da blasfêmia e seus suplícios são as torturas do espírito que sucumbe à opressão do sarcasmo moderno. Mas, sem desagradar aos pequenos Voltaires de nossa época, a juventude compreenderá facilmente essas três palavras mágicas: liberdade, igualdade, fraternidade. Quanto aos sectários, estes são mais para temer, porque são sempre os mesmos, malgrado o tempo e apesar de tudo; podem fazer o mal algumas vezes, mas são incoerentes, fingidos, velhos e impertinentes. Ora, vós que passais pela fonte de Juventa, e cuja alma remoça e se revigora, não os temais, porque o seu próprio fanatismo os perderá.

Lamennais (Médium: Sr. A. Didier)

ATAQUES À IDÉIA NOVA

Como vedes, começam a comentar as idéias espíritas até nos cursos de teologia e a *Revista Católica* tem a pretensão de demonstrar *ex-professo*, como dizem, que o Espiritismo atual é obra do demônio, conforme se depreende do artigo *Satanismo no*

26 N. do T.: Grifo nosso.

Espiritismo moderno, publicado naquela revista. Ah! deixai-os falar e acontecer. O Espiritismo é como o aço, e todas as serpentes possíveis usarão os dentes para o morder. Seja como for, há um fato digno de nota: é que outrora desdenhavam ocupar-se com os que moviam cadeiras e mesas, ao passo que hoje muitos se ocupam com esses inovadores, cujas idéias e teorias se elevaram à altura de uma doutrina. Oh! é que esta doutrina, esta revelação abre brecha em todas as antigas doutrinas, em todas as velhas filosofias, insuficientes para satisfazerem as necessidades da razão humana. Assim, sacerdotes, cientistas, jornalistas, descem à arena empunhando a pena para repelir a idéia nova: o progresso. Ora! que importa! não é uma prova irrefragável da propagação dos nossos ensinamentos? Ah! não se discute, não se combate senão as idéias realmente sérias e bastante partilhadas, que não podem ser tomadas como utopias, como quimeras que emanam de um cérebro doente. Aliás, melhor que ninguém podeis observar com que rapidez o Espiritismo recruta adeptos diariamente, e isto até nas fileiras esclarecidas do Exército, entre oficiais de todas as armas. Não vos inquieteis, pois, com todos esses infelizes que uivam à toa, porquanto já não sabem onde estão: perderam as estribeiras! Suas certezas, suas probabilidades se desvanecem ante o facho do Espiritismo, porque, no fundo de suas consciências, sentem que apenas nós estamos com a verdade. Digo nós porque hoje, Espíritos ou encarnados, só temos um objetivo: a destruição das idéias materialistas e a regeneração da fé em Deus, a quem tudo devemos.

Erasto (Médium: Sr. d'Ambel)

PERSEGUIÇÃO

Muito bem, meus filhos! Bravo! Sinto-me feliz por vos ver reunidos, lutando com zelo e persistência. Coragem! trabalhai arduamente no campo do Senhor, porque chegará o momento em que não será apenas a portas fechadas que se pregará a doutrina santa do Espiritismo.

Flagelaram a carne; terão de flagelar o Espírito. Ora, em verdade vos digo: quando isto acontecer, estareis prestes a entoar, juntos, o cântico de ação de graças, e todos estaremos prontos a ouvir um só e mesmo grito de alegria sobre a Terra. Mas – eu vo-lo digo – antes da idade de ouro e do reinado do Espírito, é preciso que haja grande sofrimento, choro e ranger de dentes.

As perseguições já começaram. Espíritas! sede firmes e mantende-vos de pé: estais marcados pela unção do Senhor. Sereis chamados de insensatos, de loucos e de visionários. Não mais ferverão o óleo, nem erguerão cada falsos e fogueiras; o fogo de que se servirão para vos fazer renunciar às vossas crenças será mais ardente e ainda mais vivo. Espíritas! Despojai-vos do homem velho, pois é a este que farão sofrer. Que vossas novas túnicas sejam brancas; cingi vossas frentes com coroas e preparai-vos para entrar na liça. Sereis amaldiçoados; deixai que vossos irmãos vos digam *raca*; orai por eles e afastai de suas cabeças o castigo que o Cristo disse reservar aos que disserem *raca* aos seus irmãos.

Preparai-vos para as perseguições pelo estudo, pela prece, pela caridade. Os servos serão expulsos das casas de seus senhores e tratados como loucos. Mas encontrarão o Samaritano à porta da casa e, não obstante pobres e nus, ainda partilharão entre si as vestes e o último naco de pão. Ante tal espetáculo, os patrões perguntarão: Mas, quem são esses homens que expulsamos de nossas casas? Não dispõem senão de um pedaço de pão para esta noite e o dão!; só possuem um manto para se cobrirem e o dividem com um estranho! Então suas portas se abrirão novamente, pois vós é que sois os servidores do Mestre. Mas desta vez eles vos acolherão e vos abraçarão; suplicarão com insistência que os abençoem e os ensinem a amar. Não mais vos chamarão servos ou escravos, mas vos dirão: Meu irmão, vem assentar-te à minha mesa. Há uma só e mesma família na Terra, como há um só e mesmo pai no Céu.

Ide, ide, meus irmãos! Pregai e, sobretudo, sede unidos: o céu vos está preparado.

Santo Agostinho (Médium: Sr. E. Vézzy)

Bibliografia

O *Espiritismo na sua expressão mais simples*, do qual foram vendidos cerca de dez mil exemplares, está sendo reimpresso com várias correções importantes. Sabemos que já está traduzido em alemão, em russo e em polonês. Concitamos os tradutores a se sujeitarem ao texto da nova edição. Recebemos de Viena (Áustria) a tradução alemã, publicada naquela cidade, onde se forma uma sociedade espírita, sob os auspícios da de Paris.

O segundo volume das *Revelações de Além-Túmulo*, pela Sra. H. Dozon está no prelo.

Chamamos novamente a atenção dos nossos leitores para a interessante brochura da Srta. Clémence Guérin, intitulada: *Ensaio biográfico de Andrew Jackson Davis*, um dos principais escritores espiritualistas dos Estados Unidos. – Livraria Ledoyen. Preço, 1 franco.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V

MAIO DE 1862

Nº 5

Exéquias do Sr. Sanson

MEMBRO DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS

Um dos nossos colegas, o Sr. Sanson faleceu em 21 de abril de 1862, depois de mais de um ano de cruéis sofrimentos. Prevendo a morte, enviara uma carta à Sociedade, datada de 27 de agosto de 1860, da qual extraímos a seguinte passagem:

“Caro e distinto Presidente,

“Em caso de surpresa pela desagregação de minha alma e de meu corpo, tenho a honra de vos lembrar um pedido feito há cerca de um ano: o de evocar o meu Espírito o mais imediatamente possível e tantas vezes quanto julgardes conveniente, a fim de que, membro inútil de nossa Sociedade durante a minha presença na Terra, possa servir-lhe em alguma coisa no além-túmulo, dando-lhe os meios de estudar nessas evocações, fase por fase, as diversas circunstâncias que se seguem ao que o vulgo chama a morte, mas que para nós, espíritas, não passa de uma transformação, segundo as vistas impenetráveis de Deus, mas sempre útil ao fim a que se propõe.

“Além desta autorização e pedido de me dar a honra dessa espécie de necropsia espiritual, que meu insignificante avanço como Espírito talvez torne estéril, caso em que a vossa sabedoria por certo vos levará a não prosseguir os ensaios além de um certo número, ousou pedir-vos, pessoalmente, bem como a todos os meus colegas, que supliquem ao Todo-Poderoso permitir aos Espíritos bons que me assistam com seus conselhos benevolentes, em particular a São Luís, nosso presidente espiritual, com vistas a me guiar na escolha e no momento de uma reencarnação; porque, desde já, isto me preocupa bastante. Tremo de me enganar quanto às minhas forças espirituais e de pedir a Deus, cedo demais e muito presunçosamente, um estado corporal no qual não pudesse justificar a bondade divina, o que, em vez de servir ao meu adiantamento, prolongaria a minha estada na Terra ou alhures, caso eu falisse.

.....

“Contudo, tendo toda confiança na mansuetude e na indulgente equidade de nosso Criador e de seu divino Filho, e, enfim, esperando sofrer com humildade e resignação a expiação de minhas faltas – salvo aquelas que a misericórdia do Eterno julgar por bem perdoar-me – repito: minha grande preocupação é o medo pungente de enganar-me na escolha de uma reencarnação, caso não fosse auxiliado e guiado pelos Espíritos santos e benevolentes, que poderiam julgar-me indigno de sua intervenção se a isso fossem solicitados apenas por mim; no entanto, a comiseração desses benfeitores poderia ser despertada desde que, pela caridade cristã, fossem invocados por todos vós em meu benefício. Assim, tomo a liberdade de recorrer à vossa proteção, caro Presidente, e a todos os meus honrados colegas da Sociedade Espírita de Paris.”

.....

Para correspondermos ao desejo do nosso colega, de ser evocado o mais cedo possível depois da morte, fomos à câmara

ardente com alguns membros da Sociedade e, em presença do corpo, estabeleceu-se a conversa que se segue, uma hora antes da inumação. Éramos movidos por um duplo objetivo: o de satisfazer à sua última vontade e mais uma vez observar a situação da alma num momento tão próximo da morte, e isto num homem eminentemente inteligente e esclarecido, profundamente penetrado das verdades espíritas. Queríamos constatar a influência de tais crenças sobre o estado do Espírito, a fim de colher as suas primeiras impressões. Nossa espera, como se verá, não foi vã; por certo cada um encontrará, como nós, um elevado ensino na descrição que ele faz do próprio instante da transição. Acrescentamos, no entanto, que nem todos os Espíritos estariam aptos a descrever esse fenômeno com tanta lucidez quanto ele o fez. O Sr. Sanson deu-se conta de sua morte e de seu renascimento, circunstância pouco comum e que se devia à elevação de seu Espírito.

1. Evocação.

Resp. – Acorro ao vosso apelo para cumprir a minha promessa.

2. Meu caro Sr. Sanson: cumprimos um dever, que também é um prazer, de vos evocar o mais cedo possível depois da vossa morte, como havíeis desejado.

Resp. – É uma graça especial de Deus, que permite ao meu Espírito poder comunicar-se. Agradeço a vossa boa vontade; mas estou fraco e tremo.

3. Estáveis tão doente que só agora julgamos ser possível perguntar como vos sentis. Ainda acusais dores? Que sensação experimentais, comparando a situação presente com a de dois dias atrás?

Resp. – Minha posição é bem feliz, porquanto nada mais sinto de minhas antigas dores; estou regenerado e em estado de novo, como dizeis. A transição da vida terrena à vida dos Espíritos a princípio me havia deixado tudo incompreensível,

porque, às vezes, permanecemos alguns dias sem recobrar a lucidez. Mas, antes de morrer, fiz uma prece a Deus, pedindo-lhe poder falar àqueles a quem amo, e Deus me ouviu.

4. Depois de quanto tempo recobrades a lucidez?

Resp. – Ao cabo de oito horas. Deus – eu vo-lo repito – me dera uma prova da sua bondade; tinha-me julgado digno e eu jamais lhe serei suficientemente grato por isso.

5. Estais bem certo de que não mais pertenceis ao nosso mundo? Como o constatais?

Resp. – Oh! certamente. Não; eu não sou mais do vosso mundo; mas estarei sempre perto de vós, para vos proteger e sustentar, a fim de pregar a caridade e a abnegação que foram os guias de minha vida; e, depois, ensinarei a fé verdadeira, a fé espírita, que deve exaltar a crença do justo e do bom. Estou forte, muito forte; numa palavra: transformado. Não mais reconheceréis o velho enfermo, que devia tudo esquecer, deixando longe de si todos os prazeres, toda a alegria. Sou Espírito: minha pátria é o espaço e meu futuro é Deus, a irradiar-se na imensidade. Gostaria muito de poder falar aos meus filhos, pois lhes ensinaria aquilo que sempre tiveram má vontade para crer.

6. Que sensação produziu em vós o vosso corpo, aqui ao lado?

Resp. – Pobre corpo meu, ínfimos despojos, deves retornar ao pó! Quanto a mim, guardo boa lembrança de todos os que me estimavam. Olho esta pobre carne deformada, morada de meu Espírito, prova de tantos anos! Obrigado, meu pobre corpo; purificaste o meu Espírito e o sofrimento, dez vezes santo, deu-me um lugar bem merecido, pois que recobro imediatamente a faculdade de vos falar.

7. Conservastes o juízo até o último instante?

Resp. – Sim, meu Espírito conservou as faculdades. Eu não mais via, mas pressentia; toda a minha vida desdobrou-se ante a minha lembrança e meu último pensamento, minha última prece

foi para vos falar, o que agora faço. Depois, pedi a Deus que vos protegesse, a fim de que o sonho de minha vida se realizasse.

8. Tivestes consciência do momento em que o vosso corpo exalava o último suspiro? Que se passou convosco naquele momento? Que sensação experimentastes?

Resp. – A vida se parte e a vista, ou, antes, a visão do Espírito se extingue; deparamo-nos com o vazio, com o desconhecido e, levados não sei por que sortilégio, nos encontramos num mundo onde tudo é alegria e grandeza. Não sentia mais, não me dava conta e, no entanto, uma felicidade inefável me enchia. Não mais sofria a opressão da dor.

9. Tendes idéia... do que pretendo ler junto à vossa sepultura?

Observação – Mal eram pronunciadas as primeiras palavras da pergunta o Espírito respondeu, sem deixar que o quesito fosse completado. E respondeu mais, sem ser perguntado, a uma questão que se havia estabelecido entre os assistentes, quanto à oportunidade de ler esta comunicação no cemitério, tendo em vista certas pessoas que poderiam não compartilhar de tais opiniões.

Resp. – Oh! meu amigo, eu sei, pois vos vi ontem e vos vejo hoje e minha satisfação é muito grande. Obrigado! obrigado! Falai, a fim de que me compreendam e vos estimem. Nada temais, pois respeitam a morte. Falai, pois, a fim de que os incrédulos tenham fé. Adeus. Falai. Coragem, confiança, e que meus filhos possam converter-se a uma crença respeitável.

Adeus.

J. Sanson

Durante a cerimônia no cemitério ele ditou as seguintes palavras:

“Que a morte não vos apavore, meus amigos; ela é uma

etapa para vós, se tiverdes sabido bem viver; uma felicidade, se tiverdes merecido dignamente as vossas provas e as tiverdes cumprido convenientemente. Repito: Coragem e boa vontade! Não ligueis aos bens da Terra senão medíocre valor e sereis recompensados; *não se pode gozar muito sem atentar contra o bem-estar alheio*, e sem causar a si próprio um imenso mal moral. Que a terra me seja leve!”

Nota – Depois da cerimônia, alguns membros da Sociedade se reuniram e receberam espontaneamente a seguinte comunicação, que estavam longe de esperar:

“Chamo-me Bernardo e vivi em 96²⁷, em Passy, então um vilarejo. Eu era um pobre coitado. Ensinava e só Deus sabe os dissabores que tive de suportar. Que tormento prolongado! anos inteiros de preocupações e sofrimentos! e eu amaldiçoei a Deus, ao diabo, aos homens em geral e às mulheres em particular; entre estas nenhuma me veio dizer: Coragem, paciência! Foi preciso viver só, sempre só e a maldade me tornou mau. Desde então erro pelos lugares onde vivi, onde morri.

“Eu vos ouvi falar hoje. Vossas preces me sensibilizaram profundamente. Acompanhastes um bom e digno Espírito e tudo quanto dissestes e fizestes me comoveu. Eu estava em numerosa companhia e, em comum, oramos por todos vós, pelo futuro de vossas santas crenças. Orai por nós, que necessitamos de socorro. O Espírito Sansão, que nos acompanhava, prometeu que pensaríeis em nós. Desejo *reencarcerar*²⁸, a fim de que minha prova seja útil e conveniente ao meu futuro no mundo dos Espíritos. Adeus meus amigos; falo assim porque amais os que sofrem. Para vós: bons pensamentos, futuro feliz.”

27 **N. do T.**: Estaria o Espírito se referindo ao ano de 1796?

28 **N. do T.**: Grifo nosso. No original: réincarcerer.

Como esse episódio se liga à evocação do Sr. Sanson, julgamos por bem mencioná-lo, porque encerra eminente assunto de instrução. Cremos cumprir um dever recomendando esse Espírito às preces de todos os verdadeiros espíritas; elas não poderão senão fortalecê-lo em suas boas resoluções.

A conversa com o Sr. Sanson foi retomada na sessão da Sociedade, na sexta-feira seguinte ao dia 25 de abril e deve ser continuada. Aproveitamos a sua boa vontade e as suas luzes para obter novos esclarecimentos, tão precisos quanto possível, sobre o mundo invisível, comparado com o visível, principalmente sobre a transição de um ao outro, o que interessa a todo o mundo, considerando-se que todas as criaturas, sem exceção, haverão de passar por isso. O Sr. Sanson prestou-se com a sua benevolência habitual. Aliás, como se viu, era seu desejo antes de morrer. Suas respostas formam um conjunto muito instrutivo e de um interesse tanto maior quanto emanam de uma testemunha ocular, que analisa ela mesma suas próprias sensações, exprimindo-se ao mesmo tempo com elegância, clareza e profundidade. Publicaremos a continuação em nosso próximo número.

Um fato importante a ser destacado é que o Sr. Leymarie, médium que serviu de intermediário no dia do enterro e nos dias subseqüentes, jamais tinha visto o Sr. Sanson e não conhecia o seu caráter, nem a sua posição, nem os seus hábitos. Não sabia se tinha filhos e, menos ainda, se estes partilhavam ou não de suas idéias sobre o Espiritismo. É, pois, de modo inteiramente espontâneo que o Sr. Leymarie fala do assunto, revelando-se o caráter do morto pelo lápis do médium, sem que a imaginação deste último pudesse influenciar no que quer que fosse.

Um fato não menos curioso, e que prova não serem as comunicações o reflexo do pensamento, é a de Bernardo, em quem nenhum dos assistentes poderia pensar, porque, desde que o médium tomou o lápis, supôs-se que provavelmente seria um

desses Espíritos habituais, Baluze ou Sonnet. Neste caso, dever-se-ia perguntar: do pensamento de quem aquela comunicação seria o reflexo?

DISCURSO DO SR. ALLAN KARDEC NO ENTERRO DO SR. SANSON

Senhores e caros colegas da Sociedade Espírita de Paris,

É a primeira vez que conduzimos um de nossos colegas à sua última morada. Este a quem vimos dizer adeus vós o conhecestes e soubestes apreciar as suas eminentes qualidades. Lembrando-as aqui eu não diria senão o que todos já sabeis: coração eminentemente reto, de uma lealdade a toda prova, sua vida foi a de um homem de bem em toda a acepção do termo; penso que ninguém protestará contra este testemunho. Essas qualidades ainda eram realçadas por grande bondade e extrema benevolência. Haverá necessidade de ter praticado ações brilhantes e de deixar um nome à posteridade? Por certo isto não lhe daria um lugar melhor no mundo onde agora se encontra. Se, pois, sobre a sua tumba não vamos deitar uma coroa de louros, todos quantos o conheceram aqui depositam, na sinceridade de sua alma, coroas mais preciosas ainda: as da estima e da afeição.

Como sabeis, senhores, o Sr. Sanson era dotado de uma inteligência pouco comum e de uma grande justeza de apreciação, ainda mais desenvolvida por uma instrução, ao mesmo tempo variada e profunda. De uma simplicidade patriarcal na maneira de viver ele hauria, dos recursos de seu próprio espírito, os elementos de uma incessante atividade intelectual que applicava em pesquisas, em invenções, sem dúvida muito engenhosas, mas que, infelizmente, não lhe trouxeram nenhum resultado. Era um desses homens que jamais se aborrecem, porque estão sempre a pensar em algo sério. Embora sua posição o tivesse privado daquilo que faz as delícias da vida, seu bom humor jamais se alterava. Creio não exagerar dizendo que ele era o tipo do verdadeiro filósofo, não do

filósofo cínico, mas daquele que está sempre contente com o que tem, sem jamais se atormentar pelo que não possui.

Esses sentimentos por certo constituíam o fundo de seu caráter, mas, nos últimos anos, foram singularmente fortalecidos por suas crenças espíritas; elas o auxiliaram a suportar longos e cruéis sofrimentos com uma paciência e uma resignação verdadeiramente cristãs. Não há um só dentre nós que, o tendo visto em seu leito de dor, não se tenha edificado com a sua calma e com a sua inalterável serenidade. Desde muito tempo ele previa o seu fim, mas, longe de se assustar, o esperava como a hora da libertação. Ah! é que a fé espírita proporciona, nesses momentos supremos, uma força da qual só se dá conta aquele que a possui, e essa força o Sr. Sanson a possuía em grau supremo.

O que é, então, a fé espírita? talvez perguntem alguns dos que me ouvem. — A fé espírita consiste na convicção íntima de que temos uma alma; que esta alma, ou Espírito, o que é a mesma coisa, sobrevive ao corpo; que é feliz ou infeliz, conforme o bem ou o mal que fez durante a vida. Dirão que isso é do conhecimento de todos. Sim, exceto dos que crêem que tudo se acaba quando morremos, e estes são mais numerosos do que se pensa neste século. Assim, segundo estes últimos, os despojos mortais que temos sob os nossos olhos e que estarão, dentro de alguns dias, reduzidos a pó, será tudo quando restaria daquele a quem pranteamos. Assim, viemos prestar homenagem a quem? a um cadáver; porque de sua inteligência, de seu pensamento, das qualidades que o faziam amar, nada restará, tudo será aniquilado, como sucederá conosco, quando morrermos! Esta idéia do nada que nos aguarda não tem algo de pungente, de glacial?

Quem é que, em presença desse túmulo entreaberto, não sente correr um arrepio nas veias, só de pensar que amanhã, talvez, o mesmo lhe acontecerá e que, depois de umas padejadas de terra, lançadas sobre o seu corpo, tudo estará terminado para

sempre? Depois de tudo isto, quem não pensará mais, não sentirá e não amará de modo mais intenso? Mas ao lado dos que negam, há o número maior ainda dos que duvidam, por não terem uma certeza positiva, e para os quais a dúvida é uma tortura.

Todos vós que credes firmemente que o Sr. Sanson tinha uma alma, que pensais em que se tenha ela tornado? onde está? o que faz? Direis: Ah! se pudéssemos saber! jamais a dúvida teria entrado em nosso coração. Sondai bem o fundo dos vossos pensamentos e convencei-vos de que já aconteceu, a vários dentre vós, falando da vida futura, dizer: “E se não fosse assim?” E dizíeis isso porque não a compreendíeis, porque dela fazíeis uma idéia que não podia conciliar-se com a vossa razão.

Pois bem! o Espiritismo vem fazê-la compreendida; vem, por assim dizer, tocá-la com o dedo e fazer com que seja vista; vem torná-la tão palpável, tão evidente, que negá-la seria negar a própria luz.

Em que se tornou, então, a alma do nosso amigo? Está aqui, ao nosso lado, ouvindo-nos e penetrando o nosso pensamento, julgando o sentimento que cada um alberga nesta triste cerimônia. Esta alma não é o que vulgarmente pensam: uma chama, uma centelha, algo vago e indefinido. Não a vereis, conforme as idéias supersticiosas, correr à noite pela terra como um fogo-fátuo. Não; ela tem uma forma, um corpo como em vida; mas um corpo fluídico, vaporoso, invisível aos nossos sentidos grosseiros e que, no entanto, sob determinadas condições, pode tornar-se visível. Quando este envoltório está gasto e não mais pode funcionar, cai, como a casca de um fruto maduro e a alma o abandona como se deixasse uma roupa velha, que já não serve para nada. É este envoltório da alma do Sr. Sanson, é esta velha roupa que o fazia sofrer, que está no fundo da cova: é tudo o que há dele; mas conservou o envoltório etéreo, indestrutível, radioso, que não está sujeito nem às doenças, nem às enfermidades. É assim que está

entre nós. Mas não penseis que esteja só; aqui se acham milhares deles no mesmo caso, que assistem às despedidas que fazemos àquele que parte, e que vêm felicitar o recém-chegado por ter-se libertado das misérias terrestres. De sorte que, se neste momento, o véu que os oculta à nossa vista pudesse ser levantado, veríamos toda uma multidão a nos acotovelar, circulando entre nós, e nesse número veríamos o Sr. Sanson, não mais impotente e deitado no seu leito de sofrimento, mas alerta, lépido, locomovendo-se sem esforço, de um local a outro, com a rapidez do pensamento, sem ser detido por nenhum obstáculo.

Estas almas, ou Espíritos, constituem o mundo invisível, em meio ao qual vivemos sem o perceber, de modo que os parentes e amigos que perdemos estão mais perto de nós depois da morte do que se, em vida, estivessem num país estrangeiro.

É a existência desse mundo invisível que o Espiritismo demonstra, pelas relações que com ele é possível estabelecer, e porque aí encontramos aqueles que conhecemos. Já não se trata de uma vaga esperança: é uma prova patente. Ora, a prova do mundo invisível é a prova da vida futura. Adquirida esta certeza, as idéias mudam completamente, porque a importância da vida terrena diminui à medida que cresce a da vida futura. Esta a fé no mundo invisível que possuía o Sr. Sanson. Via e compreendia tão bem que, para ele, a morte era apenas um limiar a transpor, a fim de passar de uma vida de dores e de misérias para uma vida bem-aventurada.

A serenidade de seus últimos instantes era, pois, ao mesmo tempo, o resultado de sua confiança absoluta na vida futura, que ele já entrevia, e uma consciência irreprochável, que lhe dizia nada dever recear. Esta fé tinha sido haurida no Espiritismo, porque – forçoso é reconhecer – antes da época em que conheceu esta doutrina consoladora era céptico, embora não fosse materialista. Mas suas dúvidas cederam ante a evidência dos fatos que testemunhou; desde então, tudo mudou para ele.

Colocando-se, pelo pensamento, fora da vida material, não mais a via senão como um dia maravilhoso entre um número infinito de dias felizes. Longe de se lamentar da amargura da vida, bendizia os sofrimentos como provas que deveriam acelerar o seu progresso.

Caro Sr. Sanson, sois testemunha da sinceridade do pesar de todos nós que vos conhecemos e cuja afeição sobrevive à vossa morte. Em nome de todos os meus colegas presentes e ausentes, em nome de todos os vossos parentes e amigos, eu vos digo adeus, mas não um eterno adeus, o que seria uma blasfêmia contra a Providência e uma negação da vida futura. Nós, espíritos, menos que as demais pessoas, não devemos pronunciar esta palavra.

Até à vista, pois, caro Sr. Sanson. Que possais fruir, no mundo em que vos encontrais agora, da felicidade que mereceis e vir estender-nos a mão, quando chegar a nossa vez de nele entrar.

Permiti-me, senhores, pronunciar uma curta prece sobre esta tumba, antes que ela seja fechada:

“Deus Todo-Poderoso, que a vossa misericórdia se estenda sobre a alma do Sr. Sanson, que acabais de chamar. Possam as provas que sofreu na Terra lhe serem levadas em conta, e as nossas preces suavizar e abreviar as penas que talvez ainda tenha de suportar como Espírito!

“Espíritos bons que viestes recebê-la, e sobretudo vós, seu anjo-da-guarda, assisti-a, para auxiliá-la a se desembaraçar da matéria; dai-lhe a luz e a consciência de si mesma, a fim de subtraí-la da perturbação que acompanha a passagem da vida corporal à vida espiritual. Inspirai-lhe o arrependimento das faltas cometidas e que lhe seja permitido o desejo de as reparar, a fim de apressar o seu progresso para a vida eterna bem-aventurada.

“Alma do Sr. Sanson, que acabais de entrar no mundo dos Espíritos, estais presente entre nós; vedes e nos ouvis, porquanto entre vós e nós não há senão o corpo perecível, que há pouco deixastes e que logo será reduzido a pó.

“Esse corpo, instrumento de tantas dores, ainda está lá, ao vosso lado. Vós o vedes como o prisioneiro vê as cadeias de que acaba de se libertar. Abandonastes o vosso invólucro grosseiro, sujeito às vicissitudes e à morte, apenas conservando o envoltório etéreo, imperecível e inacessível aos sofrimentos. Se já não viveis pelo corpo, viveis a vida do Espírito, e esta vida é isenta das misérias que afligem a Humanidade.

“Não mais tendes o véu que oculta aos nossos olhos os esplendores da vida futura; doravante podereis contemplar novas maravilhas, enquanto ainda estamos mergulhados nas trevas.

“Treis percorrer o espaço e visitar os mundos em completa liberdade, enquanto nos arrastamos penosamente na Terra, retidos pelo nosso corpo material, que se nos assemelha fardo por demais pesado.

“O horizonte do infinito vai desdobrar-se diante de vós e, na presença de tanta grandeza, compreenderéis a esterilidade de nossos desejos terrenos, de nossas ambições mundanas e de nossas vãs alegrias, transformadas em delícias pelos homens.

“Entre os homens a morte não passa de uma separação material que dura alguns instantes. Do lugar do exílio, onde ainda nos retém a vontade de Deus, bem como os deveres que devemos cumprir na Terra, nós vos seguimos em pensamento até quando nos for permitido reunir-nos a vós, como agora vos reunis àqueles que vos precederam.

“Se não pudermos ir até vós, podeis vir a nós. Vinde, pois, entre os que vos amam e que amastes; sustentai-os nas provas

da vida; velai pelos que vos são caros; protegei-os conforme o vosso poder e abrandai os seus pesares pelo pensamento de que agora estais mais feliz e pela certeza consoladora de que um dia estaremos reunidos num mundo melhor.

“Que, doravante, para a vossa felicidade futura, possais ficar inacessível aos ressentimentos terrenos! Perdoai aos que cometeram faltas para convosco, como eles vos perdoam as que podeis ter cometido para com eles.” Amém.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

O CAPITÃO NIVRAC

(Morto em 11 de fevereiro de 1862. Evocado a pedido do capitão Blou, seu amigo e membro da Sociedade – Médiun: Sr. Leymarie)

O Sr. Nivrac tinha uma inteligência notável e era nutrido por sérios estudos. Em vão o Sr. Blou lhe havia falado do Espiritismo e ofertado todas as obras que tratavam da matéria. Encarava todas essas coisas como utopias e os que lhes davam fé como sonhadores. A 1º de fevereiro ele passeava com um de seus camaradas, zombando desse assunto, como era de seu costume, quando, passando diante da livraria, viram a brochura *O Espiritismo na sua expressão mais simples*. Uma boa inspiração, diz o Sr. Blou, que a comprou, o que provavelmente não teria feito se eu estivesse presente. Desde esse dia o capitão Nivrac leu *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e alguns números da *Revista Espírita*. Seu espírito e seu coração ficaram impressionados. Longe de ridicularizar, vinha fazer-me perguntas, tornando-se zeloso propagandista do Espiritismo entre os oficiais, a tal ponto que, durante oito dias, a doutrina nova foi o assunto de todas as conversas. Desejava muito assistir a uma sessão, quando a morte o veio surpreender sem nenhuma causa aparente de doença. Terça-feira, 11 de fevereiro, estando no banho, expirava às quatro horas nos braços do médico.

“Não estará aí o dedo de Deus, permitindo que o meu amigo abrisse os olhos à luz antes de morrer?” – pergunta o capitão Blou.

1. Evocação.

Resp. – Compreendo por que desejais falar-me. Sinto-me feliz com esta evocação e é com alegria que venho a vós, pois é um amigo que me pede e nada me podia ser mais agradável.

Observação – O Espírito antecipa-se à pergunta que ia ser feita, que era a seguinte: “Embora não tenhamos o privilégio de vos haver conhecido, pedimos que viésseis em nome do vosso amigo, capitão Blou, nosso colega, e ficaremos muito contentes por conversar convosco, se assim quiserdes.”

2. Sois feliz... (O Espírito não deixa concluir a pergunta, que assim termina: ...por ter conhecido o Espiritismo antes de morrer?)

Resp. – Sou feliz porque acreditei antes de morrer. Lembro-me das discussões que tive contigo, meu amigo, porque repelia todas as doutrinas novas. Para dizer a verdade, eu estava abalado: dizia à minha esposa, à minha família que era loucura dar ouvidos a semelhantes frivolidades e que te julgava maluco; eu o pensava, mas, felizmente, pude crer e esperar. Minha posição é mais feliz, porque Deus me promete um avanço muito desejado.

3. Como pôde uma pequena brochura de algumas páginas exercer mais influência sobre vós que as palavras de um amigo, em quem devíeis confiar?

Resp. – Eu estava abalado, porque a idéia de uma vida melhor está no fundo de todas as *encarnações*²⁴. Acreditava instintivamente, mas as idéias do soldado haviam modificado meus pensamentos; eis tudo. Quando li a brochura fiquei emocionado; achei aquilo o enunciado de uma doutrina tão clara, tão precisa, que Deus me apareceu na sua bondade. O futuro pareceu-me menos

29 N. do T.: *Grifos nossos*. Provável *cachilo* de revisão. Kardec, por certo, está se referindo à palavra *religiões*.

sombrio. Acreditei, porque devia crer, e a brochura satisfazia ao meu coração.

4. De que morrestes?

Resp. – Morri de uma comoção cerebral. Deram várias razões; era uma efusão do cérebro. O tempo estava marcado e eu devia partir.

5. Poderíeis descrever as sensações que experimentastes no momento da morte e depois do vosso despertar?

Resp. – A passagem da vida à morte é uma sensação dolorosa, mas rápida. Pressentimos tudo quanto pode acontecer; a vida se apresenta por inteiro, espontaneamente, como uma miragem, e temos vontade de retomar todo o passado, a fim de purificar os maus dias; e este pensamento nos acompanha na transição espontânea da vida à morte, que não passa de uma outra vida. Ficamos como que aturdidos pela luz nova e me vi numa confusão de idéias bastante singular. Eu não era um Espírito perfeito; entretanto, pude dar-me conta e dou graças a Deus por me haver esclarecido antes de morrer.

Observação – Esse quadro da passagem da vida à morte tem uma analogia impressionante com o dado pelo Sr. Sanson. Frisamos que não se tratava do mesmo médium.

6. Vossa situação atual seria diferente, caso não tivésseis conhecido e aceitado as idéias espíritas?

Resp. – Sem dúvida. Mas eu era de uma natureza franca e boa e, conquanto não seja muito adiantado, não é menos certo que Deus recompensa toda decisão boa, até mesmo a última.

7. É inútil perguntar se... O Espírito não deixa concluir a pergunta, que é assim concebida: “Ides ver vossa esposa e filha, mas não vos podeis fazer ouvir. Quereis que lhes transmitamos alguma coisa de vossa parte?”

Resp. – Sem dúvida; estou sempre perto dela. Encorajo-a a ter paciência e lhe digo: Coragem, amiga; enxugai as lágrimas e sorri a Deus, que vos fortalecerá. Pensai que minha existência é um avanço, uma purificação, e que necessito do auxílio de vossas preces. Desejo, com todas as minhas forças, uma nova encarnação e, embora a separação terrestre seja cruel, lembrai que vos amo, que estais só e tendes necessidade de boa saúde e de resignação para vos manter. Mas estarei ao vosso lado para vos encorajar, abençoar e amar.

8. Temos certeza de que vossos camaradas do regimento ficariam muito felizes se recebessem algumas palavras vossas. A esta pergunta junto outra que, talvez, encontre lugar em vossa alocução. Até agora o Espiritismo quase não se propagou no Exército, salvo entre os oficiais. Pensais que também seria útil a sua divulgação entre os soldados? qual seria o resultado?

Resp. – É preciso que a cabeça se torne séria, para que o corpo a siga, e compreendo que os oficiais tenham primeiro aceitado essas soluções filosóficas e sensatas, dadas por *O Livro dos Espíritos*. Por essas leituras, o oficial compreende melhor o seu dever; torna-se mais sério, menos sujeito a zombar da tranqüilidade das famílias; habitua-se à ordem no seu interior e o hábito de comer e beber deixam de constituir os principais móveis de sua vida. Por eles os suboficiais aprenderão e propagarão; saberão poder, se o quiserem. Digo-lhes: avante! sempre avante! É um novo campo de batalha da Humanidade; apenas sem feridas, sem metralha, mas em toda a parte a harmonia, o amor e o dever. E o soldado será um homem liberal no bom sentido; terá coragem e boa vontade, que fazem do operário um bom cidadão, um homem segundo Deus.

Segui, pois, o novo rumo. Sede apóstolos conforme Deus e dirigi-vos ao infatigável propagador da doutrina, autor do opúsculo que me esclareceu.

Observação – A respeito da influência do Espiritismo sobre o soldado, numa outra ocasião foi ditada a seguinte comunicação:

O soldado que se torna espírita é mais fácil de governar, mais submisso, mais disciplinado, porque a submissão lhe será um dever sancionado pela razão, ao passo que, na maioria das vezes, é apenas o resultado do constrangimento. Eles não mais se embrutecerão nos excessos que, mui freqüentemente, engendram as sedições e os levam a desconhecer a autoridade. Dá-se o mesmo com todos os subordinados, seja qual for a classe a que pertencerem: operários, empregados e outros. Eles se desobrigarão mais conscienciosamente de suas tarefas quando se derem conta da causa que os colocou em tal posição na Terra, e da recompensa que espera os humildes na outra vida. Infelizmente muito poucos crêem na outra vida, o que os leva a dar tudo à vida presente. Se a incredulidade é uma chaga social, o é principalmente nas classes inferiores da sociedade, onde não há o contrapeso da educação e o receio da opinião. Quando os que forem chamados para exercer uma autoridade, seja a que título for, compreenderem o que ganhariam por terem subordinados imbuídos das idéias espíritas, enviarão todos os esforços para os auxiliar neste caminho. Mas paciência! Isto virá.

Lespinasse

UMA PAIXÃO DE ALÉM-TÚMULO

Maximiliano V..., criança de doze anos, suicida-se por amor

Lê-se no *Siècle* de 13 de janeiro de 1862:

“Maximiliano V..., rapazola de doze anos, morava com os pais à Rua des Cordiers e estava empregado como aprendiz numa tapeçaria. Esta criança tinha o hábito de ler romances-folhetins. Todos os momentos que podia escapular do trabalho ele os dedicava à leitura, que lhe superexcitava a imaginação e lhe

inspirava idéias acima de sua idade. Assim, imaginou sentir paixão por uma criatura que teve ocasião de ver algumas vezes, a qual estava longe de pensar que tivesse inspirado um tal sentimento. Desesperado por não ver a realização dos sonhos provocados por suas leituras, resolveu matar-se. Ontem, o porteiro da casa que o empregava encontrou-o sem vida num gabinete do terceiro andar, onde trabalhava sozinho. Enforcara-se numa corda que prendera numa viga com um enorme prego.”

As circunstâncias dessa morte, numa idade tão pouco avançada, deram a pensar que a evocação dessa criança poderia fornecer assunto para um ensino útil. Ela foi feita em sessão da Sociedade, ocorrida em 24 de janeiro último. (Médium: Sr. E. Vézy.)

Nesse fato há um difícil problema de moral, quase impossível de resolver pelos argumentos da filosofia ordinária e, ainda menos, da filosofia materialista. Pensam ter tudo explicado dizendo que era uma criança precoce. Mas isto não explica nada; é absolutamente como se dissessem que é dia, porque o Sol se levantou. De onde vem tal precocidade? Por que certas crianças ultrapassam a idade normal para o desenvolvimento das paixões e da inteligência? Eis uma das dificuldades contra as quais vêm se chocar todas as filosofias, porque suas soluções sempre deixam uma questão não resolvida e podemos sempre indagar o porquê do por quê. Admiti a preexistência da alma e o desenvolvimento anterior e tudo se explica da maneira mais natural. Com este princípio remontais à causa e à fonte de tudo.

1. [Ao guia espiritual do médium]. Poderíeis dizer-nos se podemos evocar o Espírito da criança a que nos referimos há pouco?

Resp. – Sim; eu o conduzirei, porque está sofrendo. Que a sua aparição em vosso meio sirva de exemplo e seja uma lição.

2. [A Maximiliano]. Tendes consciência de vossa situação?

Resp. – Ainda não posso definir bem onde estou; há como que um véu sombrio à minha frente; falo, mas não sei como me ouvem e como falo. Contudo, já vejo aquilo que até há pouco era obscuro; sofria, mas desde agora me sinto aliviado.

3. Lembrai-vos bem das circunstâncias da vossa morte?

Resp. – Parecem muito vagas. Sei que me suicidava sem motivo. Entretanto, poeta numa outra encarnação, tinha uma espécie de intuição de minha vida passada; criava sonhos, quimeras; enfim, eu amava.

4. Como pudestes chegar a tal extremo?

Resp. – Acabo de responder.

5. É singular que uma criança de doze anos seja levada ao suicídio, sobretudo por um motivo como esse que vos impeliu.

Resp. – Sois extraordinários! Já não vos disse que, poeta numa outra encarnação, minhas faculdades tinham ficado mais amplas e mais desenvolvidas que nos outros? Oh! ainda na noite em que me encontro agora vejo passar essa sílfide de meus sonhos na Terra, e é isto o castigo que Deus me inflige, de a ver bela e leviana como sempre, passar diante de mim e eu, ébrio de loucura e de amor, quero me atirar... mas, ah! é como se estivesse preso a um anel de ferro... Chamo... mas em vão; ela nem sequer vira a cabeça... Oh! como sofro então!

6. Poderíeis descrever a sensação que experimentastes quando vos reconhecestes no mundo dos Espíritos?

Resp. – Oh! sim, agora que estou em contato convosco. Meu corpo lá estava, inerte e frio e eu planava à sua volta; desfazia-me em lágrimas. Estais admirados das lágrimas de uma alma. Ah! como são intensas e abrasadoras! Sim, eu chorava, porque acabava de reconhecer a enormidade de minha falta e a grandeza de Deus!...

E, contudo, não tinha certeza de minha morte; pensava que meus olhos fossem abrir-se... Elvira! Chamava eu... supondo vê-la... Ah! é que a amo desde muito tempo; amá-la-ei sempre... Que importa, se tiver de sofrer por toda a eternidade, se puder um dia possuí-la em outra encarnação!

7. Que sensação experimentais por estar aqui?

Resp. – Faz-me bem e mal ao mesmo tempo. Bem, porque sei que compartilhaiis de meu sofrimento; mal, porque, apesar de toda a vontade que tenho de vos agradar, aceitando as vossas preces, não posso, porque então deveria seguir um outro caminho, diferente daquele de meus sonhos.

8. Que podemos fazer que vos seja útil?

Resp. – Orar, visto que a prece é o orvalho divino que nos refresca o coração, a nós, pobres almas em pena e em sofrimento. Orar. No entanto, parece que se me arrancásseis do coração o próprio amor e o substituísseis pelo amor divino, então!... não sei... creio!... Ved! neste instante eu choro... pois bem!... pois bem!... orai por mim!

9. [Ao guia do médium]. Qual o grau de punição para este Espírito por se haver suicidado? Levando-se em conta sua idade, sua ação é tão condenável quanto a dos outros suicidas?

Resp. – A punição será terrível, porque foi mais culpado que os outros. Já possuía grandes faculdades: a força de amar a Deus de maneira poderosa e de fazer o bem. Os suicidas sofrem longos castigos e Deus pune ainda mais os que se matam com grandes idéias na mente e no coração.

10. Dissestes que a punição de Maximiliano V... será terrível. Poderíeis dizer em que consistirá? Parece que ela já começou. Ser-lhe-á reservado mais do que já experimenta?

Resp. – Sem dúvida, pois sofre um fogo que o consome e o devora e que só cessará pelos esforços da prece e do arrependimento.

Observação – Sofre um fogo que o consome e o devora. Não está aí a imagem do fogo do inferno, que nos é apresentado como um fogo material?

11. Há possibilidade de ser atenuada a sua punição?

Resp. – Sim: orando-se por ele, principalmente se Maximiliano se unir às vossas preces.

12. O objeto de sua paixão compartilha de seus sentimentos? Estarão esses dois seres destinados a unir-se um dia? Quais as condições de sua união e quais os obstáculos que agora a impedem?

Resp. – Os poetas amam as mulheres da Terra? Eles o acreditam por um dia, uma hora. O que eles amam é o ideal, uma quimera criada por sua ardente imaginação; amor que não pode ser satisfeito senão por Deus. Todos os poetas têm uma ficção no coração – a beleza ideal que eles acreditam ver passar na Terra; e quando encontram uma bela menina, que jamais deverão possuir, então dizem que a realidade tomou o lugar do sonho. Mas, se tocarem a realidade, cairão das regiões etéreas na matéria e, não mais reconhecendo o ser que sonhavam, criam outras quimeras.

13. [A Maximiliano]. Desejamos ainda fazer algumas perguntas, que talvez contribuam para que vos sintais mais aliviado. Em que época vivestes como poeta? Tivestes um nome conhecido?

Resp. – No reinado de Luís XV. Eu era pobre e desconhecido; amava a uma mulher, um anjo que vi passar num parque, num dia de primavera. Depois, só a reví em sonhos, e meus sonhos prometiam que eu a possuiria um dia.

14. O nome Elvira nos parece muito romântico, o que nos leva a pensar que se trate de um ser imaginário.

Resp. – Sim; era uma mulher. Sei seu nome porque um cavaleiro que passava perto dela a chamou Elvira. Ah! era bem a mulher que minha imaginação havia sonhado. Eu a vejo ainda, sempre bela e encantadora. Ela é capaz de me fazer esquecer a Deus para vê-la e segui-la ainda.

15. Sofreis e podeis sofrer ainda muito tempo. De vós depende abreviar os vossos tormentos.

Resp. – Que me faz o sofrimento! Não podeis avaliar o que é um desejo insatisfeito. Meus desejos serão carnavais? E, no entanto, eles me queimam, e as pulsações do coração, ao pensar nela, são mais fortes do que seriam se pensasse em Deus.

16. Nós vos lamentamos profundamente. Para trabalhar pelo vosso progresso é necessário que vos torneis útil e penseis mais em Deus do que o tendes feito. É preciso que soliciteis uma reencarnação com o único objetivo de reparar os erros e a inutilidade de vossas últimas existências. Não se diz que deveis esquecer a Elvira, mas pensar um pouco menos nela e um pouco mais em Deus, que pode abreviar os vossos tormentos se fizerdes o que for necessário. Secundaremos vossos esforços pelas nossas preces.

Resp. – Obrigado! orai e tratai de arrancar Elvira de meu coração. Talvez um dia eu vos agradeça por isto.

Causas da Incredulidade

Senhor Allan Kardec,

Li com muita desconfiança, direi mesmo, com sentimento de incredulidade, vossas primeiras publicações a respeito do Espiritismo. Mais tarde as reli com bastante atenção, bem como as vossas outras publicações, à medida que apareciam. Devo dizer sem rodeios que eu pertencia à escola materialista. A razão? É que de todas as seitas filosóficas ou religiosas era a mais tolerante, a única que não se entregava a demonstrações de força para a defesa de um Deus que disse pela boca do Mestre: “Os meus discípulos serão reconhecidos por muito se amarem”³⁰. Depois,

30 N. do T.: João, 13:35.

porque a maioria dos guias que a sociedade oferece para inculcar nos jovens as idéias de moral e de religião antes pareciam destinados a lançar o pânico nas almas do que a lhes ensinar a se conduzirem bem, a esperar uma recompensa por seus sofrimentos, uma compensação por suas aflições. Assim, os materialistas de todas as épocas, e principalmente os filósofos do século passado, a maioria dos quais ilustraram as artes e as ciências, aumentaram o número de seus prosélitos, à medida que a instrução emancipava as criaturas. Preferiu-se o nada aos tormentos eternos.

É natural que o infeliz compare. Se a comparação lhe for desvantajosa, ele duvidará de tudo. Efetivamente, quando se vê o vício na opulência e a virtude na miséria, se não se tiver uma doutrina raciocinada e provada pelos fatos, o desespero apoderar-se-á da alma e se perguntará que é o que se ganha em ser virtuoso, atribuindo-se os escrúpulos da consciência aos preconceitos e aos erros de uma primeira educação.

Ignorando qual o uso que fareis de minha carta, mas, no caso, vos deixando inteira liberdade, penso que não será inútil dar a conhecer as causas que operaram a minha conversão.

Eu tinha ouvido falar vagamente do magnetismo. Uns o consideravam coisa séria e real, enquanto outros achavam que era uma tolice. Assim, não perdi tempo com isso. Mais tarde ouvi falar por toda a parte das mesas girantes, falantes, etc.; mas cada um empregava a respeito a mesma linguagem que sobre o magnetismo, o que fez que também não me interessasse. Todavia, por uma circunstância inteiramente imprevista, tive à minha disposição o *Tratado de Magnetismo e de Sonambulismo*, do Sr. Aubin Gauthier. Li essa obra com uma disposição de espírito em constante rebeldia ao seu conteúdo, tão extraordinário e mesmo impossível me parecia o que ali era explicado. Contudo, tendo chegado à página em que aquele homem honesto diz: “Não queremos que nos creiam sob palavra; experimentem, de acordo com os princípios que indicamos

e, se reconhecerem como certo aquilo que antecipamos, tudo quanto pedimos é que o façam de boa-fé e que se entendam mutuamente.”

Esta linguagem de uma certeza raciocinada, que só o homem prático pode ter, paralisou toda a minha efervescência, submeteu meu espírito à reflexão e o decidiu a experimentar. Inicialmente operei com o filho de um de meus parentes, de cerca de dezesseis anos, e logrei resultados que ultrapassaram as minhas expectativas. Será difícil dizer da perturbação que se apoderou de mim; eu desconfiava de mim mesmo e me perguntava se não era vítima daquele rapazola que, havendo adivinhado as minhas intenções, entregava-se a macaquices e simulações para em seguida zombar de mim. Para me assegurar, tomei certas precauções indicadas e mandei chamar um magnetizador. Então me convenci de que o jovem estava realmente sob influência magnética. Esse primeiro ensaio foi tão estimulante que me entreguei a essa ciência, cujos fenômenos tive ocasião de observar e, ao mesmo tempo, constatar a existência do agente invisível que os produzia.

Que agente é esse? quem o dirige? qual a sua essência? por que não é visível? São perguntas às quais não posso responder, mas que me levaram a ler o que foi escrito pró e contra as mesas falantes, porque – dizia de mim para mim – se um agente invisível podia produzir os efeitos de que eu era testemunha, outro agente, ou talvez o mesmo, poderia muito bem produzir outros. Conclui, assim, que a coisa era possível; agora creio, embora ainda nada tenha visto.

Por seus efeitos, essas coisas são tão surpreendentes quanto o Espiritismo, aliás muito fracamente combatido pelos críticos, de maneira a não alterar nenhuma convicção. Mas o que o caracteriza de modo diverso dos outros efeitos materiais, são os efeitos morais. Para mim é evidente que todo homem que se ocupa seriamente do magnetismo, se for bom, tornar-se-á melhor; se for mau, forçosamente modificará o seu caráter. Outrora a esperança

era uma corda em que se penduravam os infelizes; com o Espiritismo a esperança é um consolo, os sofrimentos uma expiação e o Espírito, em vez de se rebelar contra os decretos da Providência, suporta pacientemente suas misérias, não maldiz a Deus nem aos homens e marcha sempre para a perfeição. Se eu tivesse sido alimentado por essas idéias, por certo não teria passado pela escola do materialismo, de onde me sinto feliz por ter saído.

Como vedes, senhor, por mais rudes tenham sido os combates a que me entreguei, minha conversão se operou e sois um daqueles que para ela mais contribuíram. Registrai-a em vossas fichas, porque não será uma das menores e, doravante, dignai-vos contar-me no número dos vossos adeptos.

Gauzy,

Antigo Oficial, 23, rue Saint-Louis, Batignolles (Paris)

Observação – Esta conversão é mais um exemplo da causa mais comum de incredulidade. Enquanto forem dadas como verdades absolutas coisas que a razão repele, haverá incrédulos e materialistas. Para fazer crer, é necessário fazer compreender. Nosso século assim o quer e é preciso marchar com o século se não se quiser sucumbir. Mas para fazer compreender, é preciso que tudo seja lógico: princípios e conseqüências. O Sr. Gauzy enuncia uma grande verdade ao dizer que o homem prefere a idéia do nada, que põe fim aos seus sofrimentos, à perspectiva das torturas sem-fim, às quais é tão difícil escapar. Assim, procura gozar o mais possível enquanto está na Terra. Perguntai a um homem que sofre muito o que ele prefere: morrer imediatamente ou viver na dor cinquenta anos; sua escolha não será duvidosa. Quem muito quer provar nada prova; à força de exagerar as penas, acaba-se por gerar a descrença. Temos certeza de que há muita gente que concorda conosco, dizendo que a doutrina do diabo e das penas eternas fez o maior número dos materialistas; que a de um Deus que criou seres para destinar a imensa maioria deles a torturas sem esperança, por faltas temporárias, fez o maior número dos ateus.

Resposta de uma Senhora a um Eclesiástico sobre o Espiritismo

Informam-nos de Bordeaux que um eclesiástico daquela cidade escreveu a uma senhora muito idosa a carta seguinte, datada de 8 de janeiro último. Estamos formalmente autorizados a publicá-la, bem como a resposta que lhe foi dada.

“Senhora,

“Lamento ontem não ter podido conversar convosco *em particular* a respeito de certas práticas religiosas contrárias ao ensino da santa Igreja. Falou-se muito disto em vossa família e mesmo da existência de um círculo. Eu me sentiria feliz, senhora, se soubesse que só tendes desprezo por essas superstições diabólicas e que estais sempre sinceramente ligada aos dogmas invariáveis da religião católica.

“Tenho a honra, etc.

“X”

RESPOSTA

“Meu caro Sr. abade,

“Estando minha mãe muito doente para responder pessoalmente à vossa bondosa carta de 8 do corrente, apresso-me em o fazer por ela e de sua parte, a fim de tranquilizar vossa solicitude quanto aos perigos que ela e sua família podem correr.

“Caro senhor, em minha casa não se realiza nenhuma prática religiosa que possa inquietar os católicos mais fervorosos, a menos que o respeito e a prece pelos mortos, a fé na imortalidade da alma, uma confiança ilimitada no amor e na bondade de Deus, uma observância tão rígida quanto o permite a natureza humana

das santas doutrinas do Cristo sejam *práticas* reprovadas pela santa Igreja católica.

“Quanto ao que possam dizer de minha família, *mesmo da existência de um círculo*, estou tranqüila: jamais dirão, aqui ou alhures, que algum de nós tenha feito algo do qual tenha de corar ou esconder-se; e eu não coro nem me oculto por admitir o desenvolvimento e a clareza que as *manifestações espíritas* espalham para mim e para muitos outros, sobre aquilo que havia de obscuro, do ponto de vista de minha inteligência, em tudo quanto parecia sair das leis da Natureza. Devo a essas *superstições diabólicas* o crer com sinceridade, com reconhecimento, em todos os milagres que a Igreja nos dá como artigo de fé e que, até o presente, eu encarava como símbolos, ou, antes – confesso-o – como fantasias. Devo-lhes uma paz de espírito que até agora não tinha obtido, fossem quais fossem os meus esforços. Devo-lhes a fé, a fé sem limites, sem reflexão, sem comentários; enfim, a fé, tal como recomenda a santa Igreja aos seus filhos, tal como o Senhor deve exigir das criaturas, tal como nosso divino Salvador a pregou pela palavra e pelo exemplo.

“Tranqüilizai-vos, pois, caríssimo senhor. O bom Pastor reuniu em seu redor as ovelhas indiferentes que o seguiam maquinalmente por hábito e que, agora, o seguem e o seguirão sempre com amor e reconhecimento. O divino Mestre perdoou a São Tomé por só haver acreditado depois de ter visto. Pois bem! Ainda hoje ele vem fazer que os incrédulos toquem o seu lado e as suas mãos e é com um amor sem-nome que aqueles que duvidam se aproximam para beijar seus pés sangrentos e agradecer a esse pai bom e misericordioso por permitir que essas verdades imutáveis se tornem *palpáveis*, a fim de fortalecer os fracos e esclarecer os cegos que se recusavam até a ver a luz que brilha há tantos séculos.

“Permiti, agora, que eu reabilite minha mãe aos olhos da santa Igreja. De toda minha família, meu marido e eu somos os únicos que temos a felicidade de seguir esta via que cada um tem liberdade de julgar do seu ponto de vista. Apresso-me, pois, a vos tranquilizar a tal respeito. Quanto a mim, pessoalmente, encontrei muita força e consolo na *certeza palpável* de que aqueles que nós amamos, e que choramos, estão sempre ao nosso lado, pregando o amor a Deus acima de tudo, o amor ao próximo, a caridade sob todas as suas faces, a abnegação, o esquecimento das injúrias, o bem pelo mal (o que, parece, não se afasta dos dogmas da Igreja) que, aconteça o que acontecer, me prendo àquilo que *sei*, ao que *vi*, pedindo a Deus que envie as suas consolações àqueles que, como eu, não ousavam refletir nos mistérios da religião, temerosos de que essa pobre razão humana, que só quer admitir o que compreende, destruísse as crenças que o hábito me dava um *ar* de possuir.

“Agradeço, pois, ao Senhor, cuja bondade e poder incontestáveis permitem aos anjos e aos santos agora se tornarem *visíveis*, para salvarem os homens da dúvida e da negação, o que tinha sido permitido ao demônio fazer para os perder desde a criação do mundo. Tudo é possível a Deus, mesmo os milagres. Hoje o reconheço com felicidade e confiança.

“Recebei, caro senhor abade, meus sinceros agradecimentos pelo interesse que houvestes por bem testemunhar-nos e crede que faço votos ardentes para ver entrar em todos os corações a fé e o amor que hoje tenho a felicidade de possuir.

“Aceitai, etc.,

Émilie Collignon”

Observação – Desobrigamo-nos de qualquer comentário a esta carta, deixando a cada um o cuidado de apreciá-la. Apenas

diremos que conhecemos um grande número de escritos no mesmo sentido. A passagem seguinte, extraída de uma delas, pode resumi-las, se não quanto aos termos, pelo menos quanto ao sentido:

“Embora nascida e batizada na religião católica, apostólica e romana, há trinta anos, isto é, desde a minha primeira comunhão, tinha esquecido minhas preces e o caminho da igreja; numa palavra, em mais nada acreditava, salvo na realidade da vida presente. Por uma graça celeste, o Espiritismo veio, finalmente, abrir-me os olhos; hoje os fatos me falaram. Não apenas creio em Deus e na alma, mas na vida futura, feliz ou desgraçada. Creio num Deus justo e bom, que pune os atos maus e não as crenças equivocadas. Como um mudo que recobra a palavra, lembrei-me de minhas preces e oro, não mais com os lábios e sem compreender, mas com o coração, a inteligência, com fé e amor. Ainda há pouco eu julgava ser um ato de fraqueza aproximar-me dos sacramentos da Igreja; hoje acredito praticar um ato de humildade agradável a Deus em os receber. Vós me repelis mesmo do tribunal da penitência; antes de mais, impondes uma retratação formal de minhas crenças espíritas; quereis que renuncie a conversar com o filho querido que perdi, e que veio dizer-me palavras tão doces, tão consoladoras; quereis que eu declare que essa criança, que reconheci como se estivesse viva em minha frente, é o demônio! Não! uma mãe não se engana assim tão grosseiramente. Mas, sr. abade, são as próprias palavras dessa criança que, tendo-me convencido da vida futura, me reconduzem à Igreja! Como, pois, quereis que eu creia que é o demônio? Se isto é a última palavra da Igreja, há de se perguntar o que acontecerá quando todo mundo for espírita.

“Chamaste-me a atenção do alto do púlpito; apontaste-me com o dedo; levantastes contra mim uma população fanática; fizestes retirar de uma pobre mulher que compartilha de minhas crenças o trabalho que a fazia viver, dizendo-lhe que ela seria

auxiliada se deixasse de me ver, esperando dobrá-la pela fome. Francamente, sr. abade, Jesus-Cristo teria feito isto?

“Dizeis agir conforme a vossa consciência. Não tendes receio de que eu cometa violência e achais acertado que eu aja conforme a minha consciência. Contudo, me repelistes da Igreja; não tentarei lá voltar à força, porque em qualquer lugar a prece é agradável a Deus. Deixai-me apenas historiar as causas que, há tanto tempo, dela me haviam afastado; que fizeram a princípio nascer em mim a dúvida e desta à negação de tudo. Se agora sou maldita, como pretendeis, vereis a quem cabe a responsabilidade.
.....”

Observação – As reflexões que se originam de semelhantes coisas resumem-se em duas palavras: Fatal imprudência! Fatal cegueira! Tivemos em mão um manuscrito intitulado: *Memórias de um incrédulo*. É um curioso relato das causas que levam o homem às idéias materialistas e dos meios pelos quais ele pode ser reconduzido à fé. Ainda não sabemos se é intenção do autor publicá-lo.

O Padeiro Desumano – Suicídio

Uma correspondência de Crefled (Prússia Renana), de 25 de janeiro de 1862, inserida no *Constitutionnel* de 4 de fevereiro, contém o seguinte fato:

“Uma pobre viúva, mãe de três filhos, entra numa padaria e pede insistentemente que lhe vendam um pão fiado. Porque o padeiro recusasse, a viúva reduz o seu pedido a meio pão e, por fim, a uma libra de pão, apenas, para os filhos famintos. O padeiro recusa ainda, deixa o lugar e se dirige para o fundo da padaria. Crendo não ser vista, a mulher se apossa de um pão e sai. Mas o roubo, imediatamente descoberto, é denunciado à polícia.

“Um agente vai à casa da viúva e a surpreende cortando o pão em pedaços para dar aos filhos. Ela não nega o roubo, mas se desculpa com a necessidade. Embora censurando a crueldade do padeiro, o agente insiste para que ela o acompanhe à delegacia.

“A viúva pede apenas alguns instantes para trocar de roupa e entra no quarto; porque demorasse, o agente, perdendo a paciência, resolve abrir a porta: a infeliz jazia no chão, inundada de sangue. Com a mesma faca com que acabara de cortar o pão para os filhos pusera fim aos seus dias.”

Tendo sido lida a notícia na sessão da Sociedade de 14 de fevereiro de 1862, foi proposta a evocação dessa infeliz mulher, quando ela mesma veio manifestar-se espontaneamente, conforme comunicação a seguir. Acontece muitas vezes que os Espíritos de quem falamos se revelam dessa maneira. É incontestável que são atraídos pelo pensamento, que é uma espécie de evocação tácita. Sabem que a gente se ocupa deles e vêm; então se comunicam, se a ocasião lhes parece oportuna ou se encontram o médium que lhes convém. De acordo com isto, compreende-se não haver necessidade de ter um médium, nem mesmo de ser espírita para atrair os Espíritos com os quais nos preocupamos.

“Deus foi bom para a pobre alucinada e venho agradecer-vos a simpatia que houvestes por bem testemunhar-me. Infelizmente, diante da miséria e da fome de meus pobres filhinhos, esqueci-me e falei. Então disse de mim para mim: visto que és impotente para alimentar teus filhos e que o padeiro recusa o pão aos que não podem pagar; desde que não tens dinheiro nem trabalho, morre! porque, quando não estiveres mais com eles, virão em seu auxílio. Efetivamente, hoje a caridade pública adotou esses pobres órfãos. Deus me perdoou, porque viu a minha razão vacilar e meu pungente desespero. Fui a vítima inocente de uma sociedade má, muito mal regulada. Ah! agradecei a Deus por vos ter feito

nascer nesta bela região da França, onde a caridade vai procurar e aliviar todas as misérias.

“Rogai por mim, a fim de que em breve eu possa reparar a falta cometida, não por covardia, mas por amor materno. Como os vossos Espíritos protetores são bons! Consolam-me, fortificam-me, encorajam-me e dizem que meu sacrifício não foi desagradável ao grande Espírito que, sob o olho e a mão de Deus, preside aos destinos da Humanidade.”

A pobre Mary (Médium: Sr. d’Ambel)

Depois dessa comunicação, o Espírito Lamennais fez a seguinte apreciação sobre o fato em questão:

“Esta infeliz mulher é uma das vítimas de vosso mundo, de vossas leis e de vossa sociedade. Deus julga as almas, mas também julga os tempos e as circunstâncias; julga as coisas forçadas e o desespero; julga o fundo e não a forma. E ousa afirmar: esta infeliz morreu não por crime, mas por pudor, por medo da vergonha. É que onde a justiça humana é inexorável, julga e condena os fatos materiais, a justiça divina constata o fundo do coração e o estado da consciência. Seria desejável que em certas naturezas privilegiadas fosse desenvolvido um dom que seria muito útil, não para os tribunais, mas para o adiantamento de algumas pessoas: esse dom é uma espécie de sonambulismo do pensamento, que muitas vezes descobre as coisas ocultas, mas que o homem habituado à corrente da vida, negligencia e atenua por sua falta de fé. É certo que um médium desse gênero, examinando esta pobre mulher, teria dito: Esta mulher é abençoada por Deus porque é infeliz e este homem é amaldiçoado porque lhe recusou pão. Ó Deus! quando, pois, todos os teus dons serão reconhecidos e postos em prática? Aos olhos da tua justiça, aquele que recusou o pão será punido, porquanto o Cristo disse: “Aquele que dá pão ao seu próximo, a mim mesmo o dá.”

Lamennais (Médium: Sr. A. Didier)

Dissertações Espíritas

AOS MEMBROS DA SOCIEDADE DE PARIS
QUE PARTEM PARA A RÚSSIA

(Sociedade Espírita de Paris, abril de 1862 – Médium: Sr. E. Vézzy)

Nota – Várias personagens russas de distinção vieram passar o inverno em Paris, principalmente visando completar sua instrução espírita e, com esse objetivo, fizeram-se membros da Sociedade, a fim de poderem assistir às sessões. Alguns já tinham partido, como o príncipe Dimitry G...; outros estavam em véspera de partida. Foi essa circunstância que motivou a seguinte comunicação espontânea:

“Ide e ensinai, disse o Senhor. É a vós, filhos da grande família que se forma, que me dirijo esta noite. Regressais à vossa pátria e às vossas famílias. No lar não esqueçais que um outro pai, o Pai celeste, quis comunicar-se e se vos dar a conhecer. Ide; que a semente sempre esteja pronta para ser lançada nos sulcos que abrireis nessa terra, cujas rochas de suas entranhas não são suficientes para impedir a ação do arado. Vossa pátria está fadada a tornar-se grande e forte, não só pela literatura, pela Ciência, pelo gênio e pelo número, mas ainda por seu amor e devotamento ao Criador de todas as coisas. Que, pois, a vossa caridade se torne generosa e poderosa. Não temais espalhar a mancheias em vosso derredor; sabeis que a caridade não se faz somente com a esmola, mas, também, com o coração!... O coração – eis a grande fonte do bem, a fonte dos eflúvios que se devem espalhar e aquecer a vida dos que sofrem ao redor de vós!... Ide e pregai o Evangelho, novos apóstolos do Cristo. Deus vos colocou em alta posição no mundo a fim de que todos vos possam ver e bem compreender as vossas palavras. Mas é sempre olhando o Céu e a Terra, isto é, Deus e a Humanidade, que alcançareis o grande objetivo que vos propondes atingir e para o qual nós vos ajudamos. O campo é vasto. Ide, pois, e semeai, para que em breve possamos fazer a colheita.

“Podeis anunciar por toda parte que o grande reino logo chegará, reino de felicidade e de alegria para quantos tiverem querido crer e amar, pois dele participarão.

“Recebei, pois, antes de partir, o último conselho que vos damos sob este belo céu que todos amam – o céu da França! Recebei o último adeus dos amigos que vos ajudarão ainda na rude senda que lá ides percorrer; entretanto, nossas mãos invisíveis vo-lo tornarão mais fácil e, se tiverdes perseverança, vontade e coragem, vereis os obstáculos ruírem à vossa frente.

“Quando ouvirem sair de vossas bocas estas palavras: ‘Todos os homens são irmãos e se devem apoiar mutuamente para marchar’, quanta admiração e quantas exclamações! Sorrirão quando virem que professais tal doutrina e dirão, baixinho: ‘Dizem belas e grandes coisas; mas não serão balizas, que indicam os caminhos sem os percorrer?’

“Mostrai; mostrai-lhes então que o espírita, esse novo apóstolo do Cristo, não está no meio do caminho para indicar o atalho, mas que se arma do machado e do cutelo, precipitando-se em meio às mais sombrias e obscuras florestas para abrir uma passagem e desviar as sarças dos passos dos que os seguem. Sim, os novos discípulos do Cristo devem ser vigorosos, marchar com passo firme e a mão pesada. Nada de barreiras à sua frente. Todas devem cair sob seus esforços e sob seus golpes; as densas florestas, as lianas e os espinheiros quebrar-se-ão para, finalmente, deixarem ver um pouco do céu!

“Então, aí estará o consolo e a felicidade. Que recompensa para vós! Os Espíritos bem-aventurados exclamarão: ‘Bravo! bravo!’ Filhos, logo sereis dos nossos e em breve vos chamaremos nossos irmãos, porquanto soubestes desempenhar a tarefa que voluntariamente vos impusestes! Deus recompensa generosamente aquele que quer trabalhar na sua vinha; dá a colheita a todos os que contribuem para o grande labor!

“Ide, pois, em paz. Ide: nós vós abençoamos. Que esta bênção vos dê felicidade e vos encha de coragem. Não esqueçais nenhum dos vossos irmãos da grande sociedade da França; todos fazem votos por vós e por vossa pátria, que o Espiritismo tornará poderosa e forte. Ide! os Espíritos bons vos assistem!”

Santo Agostinho

RELAÇÕES SIMPÁTICAS ENTRE VIVOS E MORTOS

(Sociedade Espírita de Argel – Médiun: Sr. B...)

Por que, em nossas conversas com os Espíritos das pessoas que nos foram muito queridas, sentimos um embaraço, uma frieza mesmo, que jamais teríamos sentido quando elas eram vivas?

Resp. – Porque sois materiais e nós não mais o somos. Vou fazer uma comparação que, como todas as comparações, não será absolutamente exata; contudo, o será bastante para o que quero dizer.

Suponho que experimentes por uma mulher uma dessas paixões que só os romancistas imaginam entre vós e que considerais exageradas, enquanto para nós parecem pouco diferir, pelo menos das que conhecemos na vastidão infinita.

Continuo supondo. Depois de ter tido, por algum tempo, a felicidade inefável de falar diariamente com essa mulher e de a contemplar tanto quanto possível, uma circunstância qualquer faz com que não mais a possas ver e que deves contentar-te apenas em ouvi-la. Crês que teu amor resistiria sem nenhuma brecha a uma situação desse gênero, prolongada indefinidamente? Confessa que ele sofreria alguma modificação, ou aquilo que chamaríamos *uma diminuição*.

Vamos mais longe. Não só não poderás mais ver esta bela amiga, mas nem mesmo poderás ouvi-la. Não deixam que te

aproximes dela. Prolonga essa situação durante alguns anos e vê o que acontecerá.

Agora, mais um passo. A mulher que amas está morta; há muito tempo encontra-se sepultada nas trevas do sepulcro. Nova mudança em ti. Não quero dizer que a paixão esteja morta com o seu objeto, mas sustento que, pelo menos, transformou-se. E de tal modo que, se por um favor celeste, a mulher que tanto lamentas e por quem sempre choras viesse apresentar-se à tua frente, não na odiosa realidade do esqueleto que repousa no cemitério, mas sob a forma que amavas e adoravas até o êxtase, estás bem seguro de que o primeiro efeito da aparição imprevista não seria um sentimento de profundo terror?

Como vês, meu amigo, as paixões, as afeições vivas não são possíveis em toda a sua plenitude senão entre pessoas da mesma natureza, entre mundanos e mundanos, entre Espíritos e Espíritos. Com isto não pretendo dizer que toda afeição deva apagar-se com a morte, mas que muda de natureza e toma outro caráter. Numa palavra, quero dizer que em vossa Terra conservais uma boa lembrança daqueles a quem amastes, mas que a matéria, no meio da qual viveis, só vos permite compreender e praticar amores materiais; que, sendo tal gênero necessariamente impossível entre vós e nós, sois tão desajeitados e frios nas vossas relações conosco. Se queres convencer-te, relê algumas conversas espíritas entre parentes, amigos ou conhecidos; nelas encontrarás tanto gelo que fará com que os habitantes dos pólos sintam frio.³¹

Não o queremos, nem nos entristecemos por isso, desde que sejamos suficientemente elevados na hierarquia dos Espíritos para perceber e compreender; mas, naturalmente, isto não deixa de ter alguma influência sobre a nossa maneira de ser para convosco.

31 **N. do T.:** Ora o Espírito emprega a segunda pessoa do singular, ora a segunda do plural.

Lembra-te da história de *Hanifa* que, podendo entrar em comunicação com a filha querida, que tanto pranteava, faz-lhe esta primeira pergunta: *Há um tesouro oculto nesta casa?* Só obteve como resposta uma bela mistificação, que ela mesma provocou!

Penso, meu amigo, ter dito o bastante para que bem sintas a causa do mal-estar que necessariamente existe entre vós e nós. Poderia ter dito mais. Por exemplo, que vemos todas as vossas imperfeições e impurezas do corpo e da alma e que, do vosso lado, tendes a consciência de que o vemos. Confessa que é embaraçoso para ambos os lados. Coloca dois amantes apaixonadíssimos nessa caixa de vidro onde tudo aparece, tanto no moral como no físico e pergunta a ti mesmo o que acontecerá.

Quanto a nós, animados por um sentimento de caridade que não podeis compreender, somos, em relação a vós, como a boa mãe, a quem as enfermidades e as traquinadas do filho chorão que lhe tira o sono não a fazem esquecer, nem mesmo por um instante, os sublimes instintos da maternidade. Nós vos vemos fracos, feios, maus e, contudo, vos amamos, porque nos esforçamos por melhorar-vos. Mas não nos fazeis justiça, temendo-nos mais do que nos amando.

Désiré Légiise

Poeta argelino, morto em 1851

AS DUAS LÁGRIMAS

(Sociedade Espírita de Lyon – Médiun: Sra. Bouilland)

Um Espírito viu-se forçado a deixar a Terra, que não pudera visitar, porque procedia de uma região muito inferior; mas tinha pedido para sofrer uma prova e Deus não lha recusara. Infelizmente, a esperança que acalentava ao entrar no mundo terrestre não se tinha realizado e, havendo triunfado sua natureza bruta, cada um dos seus dias foi marcado pelos mais hediondos crimes. Durante muito tempo, todos os Espíritos guardiães dos

homens haviam tentado desviá-lo do atalho que seguia, mas, extenuados, haviam abandonado o infeliz a si mesmo, quase temerosos de seu contato. Entretanto, tudo tem um fim; mais cedo ou mais tarde se descobre o crime e a justiça repressiva dos homens impõe ao culpado a pena de talião. Desta vez não foi cabeça por cabeça: foi cabeça por cem; e ontem esse Espírito, depois de ter ficado meio século na Terra, ia retornar ao espaço para ser julgado pelo Juiz Supremo, que pesa as faltas muito mais inexoravelmente do que o faríeis vós mesmos.

Em vão os Espíritos guardiães tinham voltado com a condenação e tentado introduzir o arrependimento nessa alma rebelde; em vão tinham impelido para junto dele toda a família: cada um desejaria arrancar-lhe um suspiro de pesar ou, pelo menos, um sinal; aproximava-se o momento fatal e nada abrandava essa natureza inflexível e, por assim dizer, bestial. No entanto, um único pesar, antes de deixar a vida, poderia ter suavizado o sofrimento do infeliz, condenado pelos homens a perder a vida, e por Deus a incessantes remorsos, horrível tortura, semelhante ao abutre a roer o coração que renasce sem cessar.

Enquanto os Espíritos trabalhavam sem descanso para nele fazer brotar ao menos o pensamento do arrependimento, um outro Espírito, Espírito encantador, dotado de uma sensibilidade e de uma ternura sublimes, adejava em redor de uma cabeça muito querida, cabeça ainda viva, e lhe dizia: “Pensa nesse infeliz que vai morrer; fala-me dele.” Quando a caridade é simpática, quando dois Espíritos se entendem e não fazem mais que um, o pensamento como que é elétrico. Logo o Espírito encarnado disse a esse mensageiro do amor: “Meu filho, esforça-te por inspirar um pouco de remorso a esse miserável que vai morrer; vai, consola-o!” E assim pensando, compreendendo tudo que o desventurado criminoso ia ter de suportar em sofrimentos para sua expiação, uma lágrima furtiva escapou dos olhos daquele que sozinho, nessa hora matinal, despertava pensando naquele ser impuro, que dentro de instantes deveria prestar contas. O afável mensageiro recolheu essa

lágrima benfazeja na concha de sua delicada mão e, em vôo rápido, a levou ao tabernáculo que encerra tais relíquias e assim fez a sua prece: “Senhor, um ímpio vai morrer; vós o condenastes, mas dissestes: ‘Eu perdôo ao remorso e concedo a indulgência ao arrependimento.’ Eis uma lágrima de verdadeira caridade, que atravessou do coração aos olhos do ser que mais amo no mundo. Eu vos trago esta lágrima: é o resgate do sofrimento; dai-me o poder de enternecer o coração de rocha do Espírito que vai expiar seus crimes. – Vai, respondeu-lhe o Mestre; vai, meu filho, esta lágrima bendita pode pagar muitos resgates.”

A doce criança partiu; chegou junto do criminoso no momento do suplício; o que ela lhe disse só Deus o sabe; o que se passou naquele ser transviado ninguém compreendeu, mas, abrindo os olhos à luz, viu desdobrar-se à sua frente todo um passado terrível. Ele, que o instrumento fatal não tinha abalado; ele, que a condenação à morte tinha feito sorrir, levantou os olhos e uma grossa lágrima, ardente como o chumbo fundido, resvalou de seus olhos. A essa prova muda, a testemunhar-lhe que sua prece tinha sido ouvida, o anjo da caridade estendeu sobre o infeliz suas brancas asas, recolheu aquela lágrima e parecia dizer: “Infortunado! sofrerás menos; eu levo a tua redenção.”

Que contraste pode inspirar a caridade do Criador! O mais impuro dos seres, nos últimos degraus da escada e o anjo mais casto que, prestes a entrar no mundo dos eleitos, a um sinal vem estender sua proteção visível sobre esse pária da sociedade! Do alto de seu poderoso tribunal Deus abençoava essa cena comovedora e nós todos dizíamos, rodeando essa criança: “Vai receber a tua recompensa.” A doce mensageira subiu aos céus, lágrima escaldante nas mãos e pôde dizer: “Mestre, ele chorou; eis a prova!” – Está bem; respondeu o Senhor; conservai essa primeira gota de orvalho do coração endurecido; que essa lágrima fecunda vá regar esse Espírito ressequido pelo mal; mas guardai sobretudo a primeira lágrima que esta criança me trouxe; que essa gota d’água se torne diamante puro, pois é mesmo a pérola sem mácula da verdadeira

caridade. Narrai este exemplo aos povos e dizei-lhes: “Solidários uns com os outros, vede: uma lágrima de amor da Humanidade e uma lágrima de remorso obtida pela prece; essas duas lágrimas serão as pedras mais preciosas do vasto escrínio da caridade.”

Cárita

OS DOIS VOLTAIRES

(Sociedade Espírita de Paris, Grupo Faucherand – Médiun: Sr. E. Vézy)

Sou eu mesmo, mas não aquele Espírito zombador e cáustico de outrora; o reizinho do século dezoito, que dominava pelo pensamento e pelo gênio a tantos soberanos, hoje já não tem nos lábios aquele sorriso mordaz que fazia tremer os inimigos e os próprios amigos! Meu cinismo desapareceu ante a revelação das grandes coisas que eu queria tocar e que não conheci senão no além-túmulo!

Pobres cérebros demasiado estreitos para conterem tantas maravilhas! Humanos, calai-vos, humilhai-vos diante do poder supremo; admirai e contemplai: é o que podeis fazer. Como quereis aprofundar Deus e o seu grande trabalho? Malgrado todos os seus recursos, a vossa razão não se aniquila ante o átomo e o grão de areia, que ela não pode definir?

Empreguei minha vida a procurar conhecer a Deus e seu princípio; minha razão se debilitou e cheguei a negar não a Deus, mas a sua glória, o seu poder e a sua grandeza. Eu o explicava desenvolvendo-se no tempo. Celeste intuição me dizia que rejeitasse tal erro, mas eu não escutava e me fiz apóstolo de uma doutrina enganadora... Sabeis por quê? Porque, no tumulto e na confusão de meus pensamentos, que se entrecrocavam incessantemente, eu só via uma coisa: meu nome gravado no frontão do templo de memória das nações! Só via a glória que me prometia essa juventude universal que me cercava e parecia saborear com suavidade e delícia a quintessência da doutrina que eu lhe ensinava.

Entretanto, impelido não sei por que remorso de minha consciência quis parar, mas era muito tarde. Como toda utopia, todo sistema que abraçamos nos arrasta; a princípio segue a torrente, depois nos arrasta e nos quebra, tão rápida e violenta é por vezes a sua queda.

Crede-me, vós que aqui estais em busca da verdade: encontrá-la-eis quando tiverdes expulsado do coração o amor aos ouropéis, que um tolo amor-próprio e um orgulho ridículo fazem brilhar aos vossos olhos. Não temais, na nova via por onde marchais, combater o erro e o abater, quando se erguer à vossa frente. Não é uma monstruosidade exaltar uma mentira contra a qual ninguém ousa defender-se, porque fizemos discípulos que ultrapassaram nossas crenças?

Como vedes, meus amigos, o Voltaire de hoje não é mais aquele do século dezoito. Sou mais cristão, porque aqui venho fazer-vos esquecer minha glória e vos lembrar o que fui na juventude e o que amava na infância. Oh! como eu gostava de me perder no mundo do pensamento! Minha imaginação ardente e viva percorria os vales da Ásia atrás daquele que chamais Redentor... Eu gostava de percorrer os caminhos que ele tinha percorrido. E como me parecia grande e sublime esse Cristo em meio à multidão! Julgava ouvir a sua voz poderosa, instruindo os povos da Galiléia, das margens do lago de Tiberíades e da Judéia!... Mais tarde, nas minhas noites de insônia, quantas vezes me ergui para abrir uma velha Bíblia e reler suas santas páginas! Então minha frente se inclinava diante da cruz, esse sinal eterno da redenção, que une a Terra ao Céu, a criatura ao Criador!... Quantas vezes admirei esse poder de Deus, por assim dizer se subdividindo, e cuja centelha se encarna para fazer-se tão pequena, vindo render a alma no Calvário em expiação!... Vítima augusta cuja divindade eu negava e que, no entanto, me fez dizer:

Teu Deus que tu traíste, teu Deus que tu blasfemas,
Para ti, para o Universo, morreu nestes lugares!

Sofro, mas expio a resistência que opus a Deus. Eu tinha a missão de instruir e esclarecer. A princípio o fiz, mas o meu facho se me extinguiu nas mãos na hora marcada para a luz!...

Felizes filhos do século dezenove e do século vinte: a vós é dado ver luzir o facho da verdade. Fazei que vossos olhos vejam bem a sua luz, porquanto, para vós, ela terá radiações celestes e sua claridade será divina!

Voltaire

Filhos, deixei que em meu lugar falasse um dos vossos grandes filósofos, principal chefe do erro. Quis que ele viesse dizer-vos onde está a luz. Que vos parece? Todos virão repetir-vos: Não há sabedoria sem amor nem caridade. E, dissei-me: qual a doutrina mais suave para o ensinar, senão o Espiritismo? Nunca vos repetiria demasiadamente: o amor e a caridade são as duas virtudes supremas que, como diz Voltaire, unem a criatura ao Criador. Oh! que mistério e que laço sublime! Vermezinho, verme da terra, que pode tornar-se tão poderoso que a sua glória alcançará o trono do Eterno!...

Santo Agostinho

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V

JUNHO DE 1862

Nº 6

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

DISCURSO DO SR. ALLAN KARDEC

Na abertura do ano social, em 1º de abril de 1862

Senhores e caros colegas,

A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas começou seu quinto ano em 1º de abril de 1862 e, temos de convir, jamais o fez sob melhores auspícios. Esse fato não tem importância somente do nosso ponto de vista pessoal, mas é característico, sobretudo, do ponto de vista da doutrina em geral, porquanto prova, de maneira evidente, a intervenção de nossas guias espirituais. Seria supérfluo lembrar a origem modesta da Sociedade, bem como as circunstâncias, de certo modo providenciais, de sua constituição, circunstâncias para as quais um Espírito eminente, então no poder e depois recolhido ao mundo dos Espíritos, nos disse ter contribuído poderosamente ele próprio.

Haveis de lembrar, senhores, que a Sociedade teve as suas vicissitudes; tinha em seu seio elementos de dissolução,

provenientes da época em que se recrutava gente muito facilmente, e sua existência chegou mesmo, em certa ocasião, a ser comprometida. Naquele momento pus em dúvida a sua utilidade real, não como simples reunião, mas como sociedade constituída. Fatigado pelas adversidades, estava resolvido a retirar-me; esperava que, uma vez livre dos entraves semeados em meu caminho, trabalharia melhor na grande obra empreendida. Fui dissuadido do meu intento por numerosas comunicações espontâneas, que me foram dadas de diferentes lugares. Entre outras, uma há, cuja substância agora me parece útil vos dar a conhecer, porque os acontecimentos justificaram as previsões. Ela estava assim concebida:

“A Sociedade formada por nós com o teu concurso é necessária; queremos que subsista e subsistirá, não obstante a má vontade de alguns, como tu o reconhecerás mais tarde. Quando existe um mal, não se cura sem crise. Assim é do pequeno ao grande: no indivíduo como nas sociedades; nas sociedades como nos povos; nos povos como o será na Humanidade. Dizemos que nossa Sociedade é necessária. Quando deixar de o ser sob a forma atual, transformar-se-á, como todas as coisas. Quanto a ti, não podes nem debes te retirar. Contudo, não pretendemos subjugar o teu livre-arbítrio; apenas dizemos que a tua retirada seria um erro que um dia lamentarias, porque entravaria os nossos desígnios..”

Desde então, dois anos se passaram e, como vedes, a Sociedade felizmente superou aquela crise passageira, cujas peripécias me foram todas assinaladas, e das quais um dos resultados foi dar-nos uma lição de experiência, que aproveitamos, além de provocar medidas que não temos senão que aplaudir. Desembaraçada das preocupações inerentes ao seu estado anterior, pôde a Sociedade prosseguir livremente os seus estudos; seus progressos também foram rápidos e ela cresceu a olhos vistos, não direi numericamente, embora seja mais numerosa do que nunca,

mas em importância. Oitenta e sete membros, participando das cotizações anuais figuraram na lista do ano que findou, sem contar os sócios honorários e correspondentes. Ter-lhe-ia sido fácil dobrar, e mesmo triplicar esse número, se ela visasse receita; bastava cercar as admissões de menos dificuldades. Ora, longe de diminuir essas dificuldades, ela as aumentou, porque, sendo uma Sociedade de estudos, não quis afastar-se dos princípios de sua instituição e porque jamais fez questão de interesses materiais. Não procurando entesourar, era-lhe indiferente ser um pouco mais, ou um pouco menos numerosa. Sua preponderância não decorre absolutamente do número de seus membros; está nas idéias que estuda, que elabora e divulga; não faz propaganda ativa; não tem agentes nem emissários; não pede a ninguém que venha a ela e, o que pode parecer extraordinário, é a essa mesma reserva que deve a sua influência. A respeito, eis o seu raciocínio: Se as idéias espíritas fossem falsas não criariam raízes, pois toda idéia falsa só tem existência passageira; mas, se são verdadeiras, prevalecerão a despeito de tudo, pela convicção; impô-las seria o pior meio de propagá-las, porque toda idéia imposta é suspeita e trai a sua fraqueza. As idéias verdadeiras devem ser aceitas pela razão e pelo bom-senso; onde elas não germinam é porque a estação ainda não é propícia; é preciso esperar e limitar-se a lançar a semente ao vento, pois, mais cedo ou mais tarde, algumas cairão em terreno menos árido.

O número de membros da Sociedade é, assim, uma questão muito secundária; porque hoje, menos que nunca, ela não poderia ter a pretensão de absorver todos os adeptos; seu objetivo, por estudos conscienciosos, feitos sem preconceitos e sem partido, é o de elucidar as várias partes da ciência espírita, pesquisar as causas dos fenômenos e recolher todas as observações, susceptíveis de esclarecer o problema tão importante, tão palpitante de interesse do estado do mundo invisível, de sua ação sobre o mundo visível e das inumeráveis conseqüências que daí resultam para a

Humanidade. Por sua posição e pela multiplicidade de suas relações, ela se acha nas mais favoráveis condições para observar bem e bastante. Seu fim é, pois, essencialmente moral e filosófico; mas o que, acima de tudo, deu crédito aos seus trabalhos é a calma, a gravidade que a eles aplica; é que aí tudo é discutido friamente, sem paixão, como devem fazer as pessoas que de boa-fé buscam esclarecer-se; é porque sabem que ela só se ocupa de coisas sérias; é, enfim, a impressão que os numerosos estrangeiros, muitas vezes oriundos de países distantes, levaram da ordem e da dignidade das sessões a que assistiram.

Assim, a linha que ela seguiu dá os seus frutos. Os princípios que professa, baseados em observações conscienciosas, hoje servem de regra à imensa maioria dos espíritas. Vistes cárem, sucessivamente, a maioria dos sistemas que surgiram no começo e apenas alguns ainda conservam raros partidários. Isto é incontestável. Quais, então, as idéias que crescem e quais as que declinam? É uma questão de fato. A doutrina da reencarnação foi o mais controvertido dos princípios e seus adversários nada pouparam para abrir uma brecha, nem mesmo as injúrias e grosserias, supremo argumento daqueles a quem faltam boas razões. Nem por isso deixou de fazer o seu caminho, porque se apóia numa lógica inflexível; porque sem esta alavanca nós nos defrontamos com dificuldades insuperáveis; enfim, porque nada encontraram de mais racional para o substituir.

Há, entretanto, um sistema que, mais que nunca, se firma hoje: o sistema diabólico. Na impossibilidade de negar as manifestações, pretende um partido provar que são obra exclusiva do diabo. A obstinação com que defendem tal idéia revela que não estão muito convencidos de ter razão, ao passo que os espíritas não se inquietam absolutamente com essa demonstração de forças, deixando que se gastem. Nesse momento ele ataca em todos os flancos: discursos, pequenas brochuras, grossos volumes, artigos de

jornais. É um ataque geral para demonstrar o quê? Que aqueles fatos, que em nossa opinião testemunham o poder e a bondade de Deus, atestariam, ao contrário, o poder do diabo; assim, deduz-se que o diabo é mais poderoso que Deus, visto só ele poder manifestar-se. Atribuindo ao diabo tudo quanto é bom nas comunicações, retiram o bem a Deus para homenagear o demônio. Nós nos julgamos mais respeitosos para com a Divindade. Aliás, como já dissemos, os espíritas pouco se inquietam com esse motim, que terá por efeito destruir, um pouco mais cedo, o prestígio de Satã.

Sem o emprego de meios materiais, e embora restrita numericamente por sua própria vontade, a Sociedade de Paris não deixou de fazer uma propaganda considerável pela força do exemplo; a prova disto é o número incalculável de grupos espíritas que se formam pelos mesmos processos, isto é, de acordo com os princípios que ela professa; é o número de sociedades regulares que se organizam e querem colocar-se sob o seu patrocínio, existentes em várias cidades da França e do estrangeiro, na Argélia, na Itália, na Áustria, no México, etc. O que fizemos para isto? Fomos à sua procura? Solicitamos? Enviamos emissários, agentes? Absolutamente; nossos agentes são as obras. As idéias espíritas se espalham numa localidade; a princípio aí quase não ecoam; depois, pouco a pouco, ganham terreno; os adeptos sentem necessidade de se reunirem, menos para fazer experiências do que para conversar sobre um assunto que lhes interessa. Daí os milhares de grupos particulares, que podem ser chamados familiares. Destes, alguns adquirem maior importância numérica. Pedem-nos conselhos e, assim, insensivelmente se forma essa rede, que já fíncou balizas em todos os pontos do globo.

Naturalmente, senhores, cabe aqui uma observação muito importante sobre a natureza das relações que existem entre a Sociedade de Paris e as reuniões ou sociedades fundadas sob os

seus auspícios, e que seria erro considerar como sucursais. A Sociedade de Paris não tem, sobre aquelas, outra autoridade senão a da experiência; mas, como já disse em outra ocasião, não se imiscui em seus negócios; seu papel limita-se a conselhos oficiais, quando solicitados. O laço que as une é, pois, puramente moral, fundamentado na simpatia e na similitude das idéias; entre elas não há *nenhuma filiação, nenhuma solidariedade material*; a única palavra de ordem é a que deve unir todos os homens: *caridade e amor ao próximo*, palavra de ordem pacífica e que não deixa margem a dúvidas.

A maior parte dos membros da Sociedade reside em Paris; entretanto, conta alguns que residem na província ou no estrangeiro e, embora só compareçam excepcionalmente, alguns jamais vieram a Paris desde a sua fundação, mas têm a honra de pertencer aos seus quadros. Além dos membros propriamente ditos, ela tem correspondentes, mas suas relações, puramente científicas, apenas objetivam mantê-la ao corrente do movimento espírita nas diversas localidades e me fornecem documentos para a história do estabelecimento do Espiritismo, cujos materiais estou a recolher. Entre os adeptos, alguns há que se distinguem pelo zelo, pela abnegação e pelo devotamento à causa do Espiritismo; que pagam pessoalmente, não em palavras, mas em ações. A Sociedade sente-se feliz por lhes dar um testemunho particular de simpatia, conferindo-lhes o título de membros honorários.

Nos últimos dois anos a Sociedade tem crescido em reputação e em importância; mas os seus progressos são assinalados pela natureza das comunicações que recebe dos Espíritos. Com efeito, de algum tempo a esta parte, suas comunicações adquiriram proporções e desenvolvimentos que superaram de muito a nossa expectativa; já não são, como outrora, breves fragmentos de moral banal, mas dissertações, nas quais as mais altas questões de filosofia são tratadas com uma amplidão e

uma profundidade que delas fazem verdadeiros discursos. Foi o que observou a maioria dos leitores da *Revista*.

Sinto-me feliz em noticiar um outro progresso, no que respeita aos médiuns. Jamais, em nenhuma outra época, os vimos tantos, participando dos nossos trabalhos, pois chegamos a ter quatorze comunicações na mesma sessão. Contudo, mais precioso que a quantidade, é a qualidade, cuja importância pode ser julgada pelas instruções que nos são dadas. Nem todos apreciam a mediunidade do mesmo ponto de vista. Uns a avaliam pelo efeito; para estes, os médiuns velozes são os mais notáveis e os melhores. Para nós, que, antes de tudo, buscamos a instrução, damos mais valor àquilo que satisfaz ao pensamento do que ao que contenta os olhos. Assim, preferimos um médium útil, com o qual aprendemos alguma coisa, a um médium admirável, com quem nada aprendemos. Sob este ponto de vista não temos por que nos lastimar e devemos agradecer aos Espíritos por terem cumprido a promessa que fizeram, de não nos deixarem desprevenidos. Querendo ampliar o círculo de seus ensinamentos, deviam multiplicar também os instrumentos.

Há, porém, um ponto ainda mais importante, sem o qual tal ensino só teria produzido alguns frutos, ou nenhum. Sabemos que os Espíritos estão longe de possuir a soberana ciência e que se podem enganar; que, muitas vezes, emitem as próprias idéias, justas ou falsas; que os Espíritos superiores querem que o nosso julgamento se aperfeiçoe em discernir o verdadeiro do falso, o que é racional daquilo que é ilógico. Eis por que jamais aceitamos, seja o que for, de olhos fechados. Logo, não poderia haver ensino proveitoso sem discussão. Mas, como discutir comunicações com médiuns que não admitem a menor controvérsia, que se ofendem com uma observação crítica, com um simples comentário, e ficam contrariados quando não são aplaudidos pelas coisas que recebem, mesmo aquelas eivadas das mais grosseiras heresias científicas?

Essa pretensão não teria cabimento se aquilo que escrevem fosse produto de sua inteligência; é ridícula, desde que não passam de instrumentos passivos, pois se assemelham a um ator que se sentiria melindrado caso achássemos maus os versos que deve recitar. Não sendo seu próprio Espírito passível de magoar-se com uma crítica que não o atinge, é, por conseguinte, o Espírito comunicante que se sente ofendido e transmite ao médium a sua impressão. Por isto mesmo o Espírito trai a sua influência, porque quer impor suas idéias pela fé cega, e não pelo raciocínio; ou, o que vem a dar no mesmo, porque só ele quer raciocinar. Disso resulta que o médium, que se acha em tais disposições, está sob o império de um Espírito que merece pouca confiança, desde que exhibe mais orgulho que saber. Sabemos, também, que os Espíritos dessa categoria geralmente afastam os médiuns dos centros onde não são aceitos sem reservas.

Essa imperfeição, em médiuns assim atingidos, é um enorme obstáculo ao estudo. Se não buscássemos senão o efeito, isto não teria importância para nós; mas como buscamos a instrução, não podemos nos eximir de discutir, mesmo com o risco de desagradar aos médiuns. Como sabeis, outrora alguns se retiravam por este motivo, embora não confessado, e porque não conseguiram impor-se perante a Sociedade como médiuns exclusivos e como intérpretes infalíveis das potências celestes. Aos seus olhos, os obsedados são aqueles que não se inclinam diante de suas comunicações. Alguns levam a sua susceptibilidade a ponto de se escandalizarem com a prioridade dada à leitura das comunicações recebidas por outros médiuns. Quando é que uma comunicação é preferida à sua? Compreende-se o mal-estar imposto por tal situação. Felizmente, no interesse da ciência espírita, nem todos são assim e me apresso em aproveitar a ocasião para, em nome da Sociedade, agradecer aos que hoje nos prestam o seu concurso com tanto zelo e devotamento, sem calcular esforço nem tempo e que, não tomando partido por suas comunicações,

são os primeiros a não fugirem da controvérsia que podem provocar.

Em resumo, senhores, só nos podemos congratular pelo estado da Sociedade, do ponto de vista moral; ninguém há que não tenha observado uma notável diferença no espírito dominante, em comparação ao que era no princípio, e cada um sente instintivamente a impressão, traduzida em muitas circunstâncias por fatos positivos. É incontestável que aí reina menos mal-estar e constrangimento, enquanto se faz sentir um sentimento de mútua benevolência. Parece que os Espíritos trapalhões, vendo a sua impotência para semear a desconfiança, tomaram o sábio partido de retirar-se. Também só podemos aplaudir a feliz idéia de vários membros, de organizarem reuniões particulares em suas casas. Elas têm a vantagem de estabelecer relações mais íntimas; além disso, são centros para uma porção de pessoas que não podem vir à Sociedade. Aí podem ter uma primeira iniciação; podem fazer numerosas observações que, depois, convergem para o centro comum. Enfim, são laboratórios para a formação de médiuns. Agradeço muito sinceramente às pessoas que me honraram oferecendo a sua direção, mas isso me era materialmente impossível. Lamento mesmo muito não poder estar aí tanto quanto desejaria. Conheceis minha opinião a respeito dos grupos particulares; assim, faço votos por sua multiplicação, na Sociedade ou fora dela, em Paris ou alhures, porque são os agentes mais ativos da propaganda.

Do ponto de vista material, nosso tesoureiro vos explicou a situação da Sociedade. Sabeis perfeitamente, senhores, que o nosso orçamento é muito simples; como não procuramos capitalizar, basta que haja equilíbrio entre o ativo e o passivo.

Peçamos, pois, aos Espíritos bons e, em particular, ao nosso presidente espiritual, São Luís, que continuem a nos prestar a sua benevolente proteção, concedida tão ostensivamente até hoje

e da qual nos esforçaremos cada vez mais por nos tornarmos dignos.

Resta-me, senhores, chamar a vossa atenção para uma coisa importante. Quero falar do emprego dos *dez mil francos* que me foram enviados há cerca de dois anos por um assinante da *Revista Espírita*, que quis guardar o anonimato. Certamente vos lembrais de que esse donativo, a ser empregado no interesse do Espiritismo, foi-me entregue pessoalmente, sem formalidades especiais, sem recibo e sem que eu devesse prestar contas a quem quer que fosse.

Comunicando à Sociedade essa feliz circunstância, declarei, na sessão de 17 de fevereiro de 1860, que não pretendia prevalecer-me daquela prova de confiança e que, para minha própria satisfação, desejava que aquele fundo fosse submetido a um controle. E acrescentei: “Esta soma formará o primeiro fundo de uma *caixa especial*, sob o nome de *Caixa do Espiritismo* e que nada terá em comum com os meus negócios pessoais. Será posteriormente aumentada com as somas que lhe puderem chegar de outras fontes e destinada exclusivamente às necessidades da doutrina e ao desenvolvimento das idéias espíritas. Um de meus primeiros cuidados será suprir o que estiver faltando materialmente à Sociedade para a regularidade de seus trabalhos, e para a criação de uma *biblioteca especial*. Pedi a vários colegas que aceitassem o controle dessa caixa e verificassem, em datas que serão determinadas posteriormente, o útil emprego desse fundo.”

Essa comissão, hoje parcialmente desfeita pelas circunstâncias, será completada quando for necessário; então, todos os documentos lhe serão fornecidos. Enquanto aguardamos, e tendo em vista a absoluta liberdade que me foi concedida, julguei conveniente aplicar essa soma no desenvolvimento da Sociedade. É a vós, senhores, que julgo dever prestar contas da situação, tanto para desobrigar-me pessoalmente, quanto para a vossa edificação.

Insisto, sobretudo, para que bem se compreenda a impossibilidade material de usar esse fundo em despesas cuja urgência se faz sentir cada vez mais, em razão da própria extensão dos trabalhos que reclama o Espiritismo.

Como sabeis, senhores, a Sociedade sentia vivamente os inconvenientes de não ter um local especial para as sessões e onde seus arquivos pudessem estar à mão. Para trabalhos como os nossos é preciso, por assim dizer, um local consagrado, onde nada possa perturbar o recolhimento. Cada um deplorava a necessidade em que nos encontrávamos de nos reunirmos num estabelecimento público, em desarmonia com a seriedade de nossos estudos. Desse modo, julguei fazer uma coisa útil, proporcionando-lhe os meios de dispor de um local mais conveniente, com o auxílio dos fundos que havia recebido.

Por outro lado, o progresso do Espiritismo traz à minha casa um número cada vez maior de visitantes, nacionais e estrangeiros, número que pode ser calculado em mil e duzentos a mil e quinhentos por ano, sendo preferível recebê-los na própria sede da Sociedade, nela concentrando todos os negócios e todos os documentos relativos ao Espiritismo.

Quanto a mim, acrescentarei que, consagrando-me inteiramente à doutrina, tornava-se de certo modo necessário, para evitar perda de tempo, que aí tivesse o meu domicílio ou, pelo menos, uma pousada. Para mim pessoalmente não havia a menor necessidade, pois tenho em casa um apartamento que nada me custa, mais agradável sob todos os aspectos, e onde habito tanto quanto mo permitem minhas ocupações. Um segundo apartamento teria sido uma despesa inútil e onerosa. Assim, sem o Espiritismo, eu estaria tranqüilamente em casa, na Avenida Ségur, e não aqui, obrigado a trabalhar da manhã à noite e, muitas vezes, da noite à manhã, sem mesmo poder repousar um pouco, o que me seria bastante necessário. Sabeis que sou sozinho para dar conta de

uma tarefa cuja extensão dificilmente as pessoas imaginam, e que necessariamente aumenta com o desenvolvimento da doutrina.

Este apartamento reúne as vantagens desejáveis por suas disposições internas e sua situação central. Sem nada ter de suntuoso, é muito conveniente; mas sendo os recursos da Sociedade insuficientes para pagar o aluguel integralmente, vi-me forçado a completá-lo com os fundos da doação. Sem isto a Sociedade teria de permanecer na situação precária acanhada e incômoda em que antes se achava. Graças a esse suplemento, foi possível imprimir aos seus trabalhos desenvolvimentos prontamente acolhidos pela opinião pública, de maneira vantajosa e proveitosa para a doutrina. É, pois, o emprego passado e a destinação futura dos fundos da doação que julgo dever comunicar-vos.

O aluguel do apartamento custa 2.500 francos por ano e, com os acessórios, 2.530 francos. As contribuições perfazem 198 francos, totalizando 2.728 francos. A Sociedade paga de sua parte 1.200 francos; resta, pois, a completar, uma diferença de 1.528 francos.

O contrato foi feito por três anos, seis ou nove, a contar de 1º de abril de 1860. Calculando-o por apenas seis anos a 1.528 francos, temos 9.168 francos, ao que devemos acrescentar 900 francos para a compra de móveis e despesas de instalação; para doações e auxílios diversos, 80 francos. Total das despesas: 10.148 francos, sem contar os imprevistos, a pagar com o capital de 10.000 francos.

Portanto, no fim do contrato, isto é, daqui a quatro anos, haverá um excedente de despesa. Vedes, senhores, que não podemos desviar a menor soma, se quisermos chegar ao fim. Que faremos, então? Aquilo que Deus e os Espíritos bons quiserem, e que não me inquietasse, conforme me disseram estes últimos.

Quero frisar que a importância destinada à compra do material e às despesas de instalação não ultrapassa 900 francos, soma que gastei rigorosamente do capital. Se tivéssemos de adquirir todo o mobiliário aqui existente – refiro-me apenas às peças de recepção – haveria necessidade de três ou quatro vezes mais e, então, a Sociedade, em vez de seis anos de contrato, teria apenas três anos de aluguel. É, pois, o meu mobiliário pessoal que constitui a maior parte e que, devido ao uso, vem se desgastando severamente.

Em resumo, esta soma de 10.000 francos, que alguns julgavam inesgotável, acha-se quase inteiramente absorvida pelo aluguel que, antes de tudo, importava garantir por certo tempo, sem que tivesse sido possível desviar uma parte para outros fins, principalmente para a compra de obras antigas e modernas, francesas e estrangeiras, necessárias à formação de uma grande biblioteca espírita, como era projeto meu. Este único objetivo não teria custado menos de 3.000 a 4.000 francos.

Disso resulta que, exceto o aluguel, todas as despesas, tais como viagens e uma porção de gastos necessários ao Espiritismo, e que não chegam a menos de 2.000 francos por ano, estão pessoalmente a meu cargo, soma que não deixa de ser importante num orçamento restrito, que só se salda à custa de ordem, economia e mesmo de privações.

Não creiais, senhores, que eu queira conquistar méritos; assim agindo, sei que sirvo a uma causa, junto à qual a vida material nada é e pela qual estou pronto a sacrificar a minha. Talvez um dia eu tenha imitadores; aliás, estou bem recompensado pela visão dos resultados obtidos. Só lamento uma coisa: a exigüidade de meus recursos não me permite fazer mais. Com suficientes meios de execução, bem empregados, com ordem e em coisas verdadeiramente úteis, avançaríamos meio século no estabelecimento definitivo da doutrina.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

SR. SANSON

(Sociedade Espírita de Paris, 25 de abril de 1862. Médiun: Sr. Leymarie.
Segunda conversa. Vide *Revista* de maio de 1862)

1. Evocação.

Resp. – Meus amigos, estou junto a vós.

2. Estamos muito felizes pela conversa que tivemos convosco no dia do vosso enterro e, já que o permitis, teremos o prazer de a completar, para nossa instrução.

Resp. – Estou pronto, feliz por pensardes em mim.

3. Tudo quanto possa esclarecer-nos sobre a situação do mundo invisível e nos fazer compreendê-lo é um grande ensinamento, porquanto é a falsa idéia que dele se faz que geralmente conduz à incredulidade. Não vos surpreendais, pois, com as perguntas que poderemos vos dirigir.

Resp. – Não me admirarei e atenderei às vossas perguntas.

4. Descrevestes com luminosa clareza a passagem da vida à morte; dissestes que no momento em que o corpo exala o último suspiro a vida se parte e a visão do Espírito se extingue. Tal momento é acompanhado por uma sensação penosa, dolorosa?

Resp. – Sem dúvida, porque a vida é uma sucessão contínua de dores e a morte é o complemento de todas as dores; daí uma ruptura violenta, como se o Espírito fosse obrigado a fazer um esforço sobre-humano para escapar de seu envoltório. Tal esforço, absorvendo todo o nosso ser, leva-nos a perder a consciência daquilo em que nos tornaremos.

Observação – Este caso não é geral. A separação pode dar-se com um certo esforço, mas prova a experiência que nem todos os Espíritos têm consciência disso, pois muitos perdem

completamente a consciência antes de expirar; as convulsões da agonia as mais das vezes são puramente físicas. O Sr. Sanson apresentou um fenômeno bastante raro: o de ser, por assim dizer, testemunha de seu último suspiro.

5. Sabeis se há Espíritos para os quais este momento é mais doloroso? É mais penoso, por exemplo, para o materialista, para quem pensa que tudo acaba para si nesse momento?

Resp. – Isto é certo, porque o Espírito preparado já esqueceu o sofrimento ou, melhor, já se acostumou a ele; a quietude com a qual vê a morte o impede de sofrer duplamente, visto saber o que o espera. O sofrimento moral é mais forte e sua ausência no instante da morte é um grande alívio. Aquele que não crê assemelha-se a um condenado à pena capital, cujo pensamento vê o cutelo e o *desconhecido*. Há semelhança entre essa morte e a do ateu.

6. Haverá materialistas bastante endurecidos para crerem seriamente que nesse momento supremo serão mergulhados no nada?

Resp. – Sem dúvida; até a última hora alguns crêem no nada. Mas no momento da separação o Espírito passa por profundas reflexões; a dúvida o subjuga e o tortura, porque a si mesmo pergunta em que se tornará; quer agarrar-se a alguma coisa, mas não consegue. A separação não se pode dar sem essa impressão.

Observação – Em outra circunstância um Espírito nos deu a seguinte descrição do fim de um incrédulo. “Nos últimos instantes o incrédulo endurecido experimenta as angústias desses pesadelos terríveis, nos quais se vê à borda de precipícios, prestes a cair no abismo; faz inúteis esforços para fugir, mas não pode andar; quer agarrar-se a qualquer coisa, prender-se a um ponto de apoio e se sente escorregando; quer chamar alguém, mas não é capaz de articular o menor som; então o moribundo se contorce, crispa as

mãos e solta gritos abafados, sinais indiscutíveis do pesadelo de que é vítima. No pesadelo ordinário o despertar vos tira da inquietude e vos sentis felizes ao reconhecer que apenas sonhastes, enquanto o pesadelo da morte muitas vezes se prolonga por muito tempo, até anos, após o traspasse; mas o que torna a sensação ainda mais penosa para o Espírito são as trevas em que algumas vezes se sente mergulhado. Chegamos mesmo a observar vários casos semelhantes, o que vem provar que essa descrição não é exagerada.

7. Dissestes que no momento da morte nada víeis, mas que pressentíeis. Compreende-se que não víeis corporalmente; mas, antes que a vida fosse extinta, já entrevíeis a claridade do mundo dos Espíritos?

Resp. – Foi o que disse antes; o instante da morte dá clarividência ao Espírito; os olhos não vêem mais, mas o Espírito, que possui uma visão bem mais profunda, descobre instantaneamente um mundo desconhecido e a verdade lhe aparece de súbito, dando-lhe, ainda que momentaneamente, ou uma alegria profunda, ou uma pena inexprimível, conforme o estado de sua consciência e a lembrança de sua vida passada.

Observação – Trata-se do instante que precede aquele em que o Espírito perde a consciência, o que explica o emprego da palavra *momentaneamente*, porque as mesmas impressões, agradáveis ou penosas, continuam ao despertar.

8. Podeis dizer-nos o que vos surpreendeu e o que vistes no momento em que os vossos olhos se abriram à luz? Se possível, descrevei o aspecto das coisas que se vos ofereceram.

Resp. – Quando pude voltar a mim e ver o que havia diante dos meus olhos, estava como que deslumbrado e não me dava muita conta, pois a lucidez não retorna instantaneamente. Mas Deus, que me testemunhou profundamente a sua bondade, permitiu-me que recuperasse as faculdades. Vi-me cercado por numerosos e fiéis amigos. Todos os Espíritos protetores que nos

vêm assistir me rodeavam e sorriam; animava-os uma felicidade sem igual e eu mesmo, forte e bem-disposto, podia sem esforço transportar-me no espaço. O que vi não tem nome na linguagem humana.

Aliás, virei falar mais amplamente de todas as minhas felicidades, sem ultrapassar, no entanto, o limite exigido por Deus. Sabei que a felicidade, tal qual a entendeis, é uma ficção. Vivei sabiamente, santamente, no espírito de caridade e de amor e sereis preparados para as impressões que os vossos maiores poetas não poderiam descrever.

Observação – Sem dúvida os contos de fadas estão cheios de coisas absurdas; mas não corresponderiam, em alguns pontos, ao quadro do que se passa no mundo dos Espíritos? A descrição do Sr. Sanson não se parece com a do homem que, adormecido numa pobre e obscura cabana, despertasse num esplêndido palácio, em meio a uma corte brilhante?

(TERCEIRA CONVERSA – 2 DE MAIO DE 1862)³²

9. Sob que aspecto se vos apresentaram os Espíritos? Sob a forma humana?

Resp. – Sim, meu caro amigo. Os Espíritos nos haviam ensinado na Terra que conservavam no outro mundo a forma transitória que haviam tido no vosso; e é verdade. Mas, que diferença entre a máquina disforme, que se arrasta penosamente com o seu cortejo de provas, e a maravilhosa fluidez do corpo dos Espíritos! A feiúra não existe mais, porque os traços perderam a dureza de expressão que forma o caráter distintivo da raça humana. Deus beatificou todos esses corpos graciosos, que se movem com toda a elegância da forma; a linguagem, para vós, tem entonações intraduzíveis e o olhar tem a profundeza de uma estrela. Procurai, pelo pensamento, ver o que Deus pode fazer na sua onipotência, Ele, o arquiteto dos arquitetos, e tereis feito uma pálida idéia da forma dos Espíritos.

32 *Nota da Editora:* Ver “Nota Explicativa”, p. 529.

10. Para vós, como vedes? Reconhecei-vos com forma limitada, circunscrita, posto que fluídica? Sentis a cabeça, o tronco, os braços e as pernas?

Resp. – Tendo conservado a forma humana, mas divinizada, idealizada, o Espírito tem, incontestavelmente, todos os membros de que falais. Sinto perfeitamente as pernas e os dedos, porque podemos, à vontade, vos aparecer e apertar vossa mão. Estou junto de vós e apertei a mão de todos os meus amigos, sem que disso tivessem tido consciência, porque nossa fluidez pode estar por toda parte, sem obstruir o espaço, sem causar nenhuma sensação, se for este o nosso desejo. Neste momento tendes as mãos cruzadas e as minhas estão nas vossas. Digo a vós outros: Eu vos amo, mas meu corpo não ocupa lugar; a luz o atravessa e, o que chamaríeis um milagre, caso se tornasse visível, para os Espíritos é uma ação ininterrupta.

A visão dos Espíritos não tem relação com a visão humana, assim como o corpo não tem semelhança real, porque tudo mudou no conjunto e no fundo. Repito que o Espírito tem uma perspicácia divina que a tudo se estende, visto poder adivinhar até mesmo os vossos pensamentos; assim pode tomar convenientemente a forma que melhor o recorde às vossas lembranças. Mas, na verdade, o Espírito superior, que terminou suas provas, prefere a forma que o conduziu a Deus.

11. Os Espíritos não têm sexo. Entretanto, como há poucos dias éreis homem, no vosso novo estado tendes de preferência a natureza masculina que a feminina? Dá-se o mesmo com um Espírito que tivesse deixado o corpo há muito tempo?

Resp. – Não nos prendemos à natureza masculina ou feminina: os Espíritos não se reproduzem. Deus os criou por sua vontade e se, na sua visão maravilhosa, quis que os Espíritos reencarnassem na Terra, teve de estabelecer a reprodução das espécies para o macho e a fêmea. Mas pressentis, sem que haja necessidade de nenhuma explicação, que os Espíritos não podem ter sexo.

Observação – Sempre foi dito que os Espíritos não têm sexo; os sexos só são necessários para a reprodução dos corpos; como os Espíritos não se reproduzem, o sexo seria inútil para eles. Nossa pergunta não visava constatar o fato, mas, por causa da morte muito recente do Sr. Sanson, queríamos saber se lhe restava uma impressão de seu estado terreno. Os Espíritos depurados se dão conta perfeitamente de sua natureza; mas entre os Espíritos inferiores, não desmaterializados, muitos ainda se julgam como eram na Terra, conservando as mesmas paixões e os mesmos desejos. Estes ainda se crêem homens ou mulheres e por isso alguns disseram que os Espíritos têm sexo. É assim que certas contradições provêm do estado mais ou menos adiantado dos Espíritos que se comunicam; o erro não é dos Espíritos, mas daqueles que os interrogam e não se dão ao trabalho de aprofundar a questão.

12. Entre os Espíritos aqui presentes vedes São Luís, o nosso presidente espiritual?

Resp. – Está sempre ao vosso lado e, quando se ausenta, deixa sempre um Espírito superior, que o substitui.

13. Não vedes outros Espíritos?

Resp. – Perdão; o Espírito de Verdade, Santo Agostinho, Lamennais, Sonnet, São Paulo, Luís e outros amigos que evocais estão sempre nas vossas sessões.

14. Que aspecto vos apresenta a sessão? Com a vossa nova visão, ela se vos apresenta como a véis em vida? As pessoas têm a mesma aparência? É tudo tão claro e tão nítido?

Resp. – Muito mais claro, porque posso ler o pensamento de todos; e me sinto muito feliz pela agradável impressão deixada pela boa vontade de todos os Espíritos reunidos. Desejo que o mesmo entendimento se faça não só em Paris, pela união de todos os grupos, mas também em toda a França, onde os grupos se separam e se invejam, impelidos por Espíritos trapalhões,

que se comprazem na desordem, ao passo que o Espiritismo deve ser o esquecimento completo, absoluto do *eu*.

15. Dissestes que ledes o nosso pensamento. Poderíeis explicar como se opera essa transmissão?

Resp. – Isto não é fácil. Para vos dizer, para vos explicar este prodígio singular da visão dos Espíritos, seria necessário vos abrir todo um arsenal de agentes novos, e seríeis tão sábios quanto nós, o que não é possível, porque vossas faculdades são limitadas pela matéria. Paciência! Tornai-vos bons e chegareis. Não tendes atualmente senão o que Deus vos concede; entretanto, com a esperança de progredir continuamente, mais tarde sereis como nós. Tratai, pois, de morrer, a fim de saber muito. A curiosidade, que é o estimulante do homem inteligente, vos conduz tranqüilamente até a morte, reservando-vos a satisfação de todas as curiosidades passadas, presentes e futuras. Enquanto esperais, eu vos direi, respondendo bem ou mal à vossa pergunta: O ar que vos envolve, impalpável como nós, leva o caráter do vosso pensamento; o sopro que exalais é, por assim dizer, a página escrita dos vossos pensamentos; elas são lidas e comentadas pelos Espíritos que se vos acotovelam incessantemente; eles são os mensageiros de uma telegrafia divina, à qual nada escapa.

16. Vedes, meu caro Sr. Sanson, que utilizamos largamente a permissão que nos destes para fazer a vossa necropsia espiritual. Não abusaremos; de outra vez, se o quiserdes, faremos perguntas de outra ordem.

Resp. – Sentir-me-ei sempre muito feliz por me tornar útil aos meus antigos colegas e ao seu digno presidente.

O Menino Jesus entre os Doutores

ÚLTIMO QUADRO DE INGRES

A Sra. Dozon, nossa colega da Sociedade, recebeu em casa, em 9 de abril de 1862, a seguinte comunicação espontânea:

“O menino Jesus encontrado por seus pais pregando no Templo, entre os doutores. (São Lucas, Natividade)”

Tal é o motivo de um quadro inspirado a um dos nossos maiores artistas. Essa obra do homem revela mais que o gênio: aí se vê brilhar aquela luz que Deus dá às almas para as esclarecer e as conduzir às regiões celestes. Sim, a religião iluminou o artista. Esse clarão foi visível? O trabalhador viu o raio partindo do céu e descendo até ele? Teria visto divinizar-se, sob seus pincéis, a cabeça do Menino-Deus? Ter-se-ia ajoelhado diante dessa obra de inspiração divina, e exclamado, como o velho São Simeão: “Senhor, deixareis morrer em paz o vosso servo, segundo a vossa palavra, porque meus olhos viram o Salvador que nos dais agora e que destinais a ser exposto aos olhos de todos os povos.”

“Sim, o artista pode dizer-se servo do Senhor, porquanto acaba de executar uma ordem de sua suprema vontade. Quis Deus que no tempo em que reina o cepticismo, a multidão parasse diante dessa figura do Salvador! Mais de um coração se afastará levando uma lembrança que o conduzirá ao pé da cruz, onde essa divina criança deu a vida pela Humanidade, por vós, multidão indiferente!

“Contemplando o quadro de Ingres, a vista se afasta a duras penas para se voltar em direção a essa figura de Jesus, onde há um misto de divindade, de infância e também algo da flor; essas roupagens, essa túnica de cores leves, jovens, delicadas, lembrando o suave colorido que se balança nas hastes perfumadas. Tudo merece ser admirado na obra-prima de Ingres. Mas aí a alma gosta mais de contemplar os dois tipos adoráveis de Jesus e de sua divina Mãe. Ainda uma vez experimentamos a necessidade de a saudar por suas palavras angélicas: “Eu vos saúdo, Maria, cheia de graça.” Mas se apenas ousamos levantar o olhar artístico para essa nobre figura divinizada, tabernáculo de um Deus, esposa de um homem, virgem pela pureza, mulher predestinada às alegrias do paraíso e às agonias

da Terra, Ingres compreendeu tudo isso e não haveremos de passar diante da Mãe de Jesus sem lhe dizer: “Maria, dulcíssima virgem, em nome de vosso filho, orai por nós!” Vós o apreciareis um dia; eu vi as primeiras pinceladas sobre essa tela bendita. Vi surgirem, uma a uma, as figuras, as poses dos doutores; vi o anjo protetor de Ingres, inspirando-o, fazer cair os pergaminhos das mãos de um desses doutores. Meu Deus, aí se encontra toda uma revelação! Essa voz de criança destruirá também, uma a uma, as leis que não são suas.

“Não desejo aqui fazer arte como ex-artista. Sou um Espírito; para mim só a arte religiosa me toca. Assim, vi nesses graciosos ornamentos de cepas de vinha a alegoria da vinha de Deus, onde todos os homens devem saciar-se, dizendo a mim mesmo, com profunda alegria, que Ingres acabava de fazer amadurecer um de seus belos cachos. Sim, mestre! teu Jesus vai falar, também, diante dos doutores que negam a sua lei, diante dos que a combatem. Mas quando eles se encontrarem sós com a lembrança da Criança divina, oh! mais de um rasgará os rolos de pergaminho sobre os quais a mão de Jesus escreverá: *Erro*.

“Vede, pois, como todos os trabalhadores marcam um encontro! Uns vêm voluntariamente e por caminhos já conhecidos; outros, conduzidos pela mão de Deus, que os vai buscar em seus lugares e lhes mostra onde devem ir. Outros, ainda, sem saber onde estão, chegam atraídos pelo encanto que lhes faz semear flores de vida, para erguer o altar sobre o qual o menino Jesus ainda hoje vem para muitos, embora, sob safirinas roupagens ou sob a túnica do crucificado, seja sempre o mesmo e único Deus.”

David, pintor

Nem a Sra. Dozon nem seu marido tinham ouvido falar desse quadro. Havendo nos informado pessoalmente com alguns artistas, nenhum deles o conhecia. Começamos, então, a pensar numa mistificação. O melhor meio de dirimir a dúvida era ir

diretamente ao artista, para saber se ele havia tratado do assunto. Foi o que fez o Sr. Dozon. Entrando no ateliê, viu o quadro, acabado somente há poucos dias e, em conseqüência, desconhecido do público. Essa revelação espontânea torna-se ainda mais notável quando se considera que a descrição dada pelo Espírito é de uma exatidão perfeita. Tudo ali está: o ramo da videira, pergaminhos caídos no chão, etc. No momento o quadro se acha exposto numa sala do Boulevard des Italiens, onde fomos vê-lo e, como toda a gente, admirá-lo, pois que ele representa, indubitavelmente, uma das páginas mais sublimes da pintura moderna. Do ponto de vista da execução, é digno do grande artista que, parece-nos, nada fez de superior, apesar de seus oitenta e três anos. Mas o que dele faz uma obra-prima invulgar é o sentimento que aí domina, a expressão, o pensamento que brota de todas essas figuras, sobre as quais é possível ler a surpresa, a estupefação, a comoção, a dúvida, a necessidade de negar, a irritação por se ver abatido por uma criança. Tudo isto é tão verdadeiro, tão natural, que começamos a pôr palavras em cada boca. Quanto à criança, é de um ideal que deixa muito para trás tudo quanto já foi feito sobre o mesmo assunto. Não é um orador que fala aos seus ouvintes; nem mesmo os olha: nele adivinhamos o órgão de uma voz celeste.

Sem dúvida há o gênio em toda essa concepção, mas a inspiração é incontestável. O próprio Sr. Ingres disse que não tinha composto esse quadro em condições ordinárias; disse tê-lo começado pela arquitetura, o que não é seu costume; a seguir vinham as personagens, por assim dizer, colocar-se por si mesmas sob o seu pincel, sem premeditação de sua parte. Temos motivos para pensar que esse trabalho se liga a coisas cuja chave teremos mais tarde, mas sobre as quais devemos ainda guardar silêncio, como sobre muitas outras.

Tendo o fato acima sido relatado na Sociedade, o Espírito Lamennais ditou espontaneamente, naquela ocasião, a comunicação que se segue.

SOBRE O QUADRO DO SR. INGRES

(Sociedade Espírita de Paris, 2 de maio de 1862 – Médiun: Sr. A. Didier)

Ultimamente eu vos falava do menino Jesus entre os doutores e vos ressaltava sua iluminação divina em meio às sábias trevas dos sacerdotes judeus. Temos um exemplo a mais de que a espiritualidade e os movimentos da alma constituem a fase mais brilhante da arte. Sem conhecer a Sociedade Espírita, pode-se ser um grande artista espiritualista; em sua nova obra, Ingres não só nos mostra o estudo divino do artista, mas, também, a sua mais pura e ideal inspiração; não essa falsa idealidade que engana a tanta gente e que é uma hipocrisia da arte sem originalidade, mas a idealidade haurida na natureza simples, verdadeira e, por conseguinte, bela em toda a acepção do termo. Nós, Espíritos, aplaudimos as obras espiritualistas, assim como censuramos a glorificação dos sentimentos materiais e de mau gosto. É uma virtude sentir a beleza moral e a beleza física nesse ponto; é a marca certa de sentimentos harmoniosos, no coração e na alma; e, quando o sentimento do belo se desenvolve a esse ponto, é raro que o sentimento moral também não o seja. É um grande exemplo o desse velho de oitenta anos que, no seio de uma sociedade corrompida, representa o triunfo do espiritualismo, com o gênio sempre jovem e sempre puro da fé.

Lamennais

Assim se Escreve a História!

OS MILHÕES DO SR. ALLAN KARDEC

Fomos informados de que numa grande cidade comercial, onde o Espiritismo conta numerosos adeptos, e onde faz o maior bem entre a classe laboriosa, um sacerdote tornou-se propagandista de certo falatório, que almas caridosas se apressaram em espalhar pelas ruas e, certamente, amplificar. Conforme tal

intriga, somos milionários; em nossa casa tudo brilha e só pisamos os mais belos tapetes de Aubusson. Conheceram-nos pobre em Lyon; hoje temos carruagem de quatro cavalos e levamos em Paris uma vida principesca. Dizem que toda essa fortuna nos vem da Inglaterra, desde que nos ocupamos do Espiritismo, e remuneramos generosamente os nossos agentes na província. Vendemos caro os manuscritos de nossas obras, sobre os quais ainda ganhamos uma comissão, o que não nos impede de os vender a preços exorbitantes, etc.

Eis a resposta que demos à pessoa que nos envia tais detalhes:

“Meu caro senhor, ri muito dos milhões com que me gratifica tão generosamente o abade V..., principalmente porque estava longe de suspeitar dessa boa sorte. O relatório feito à Sociedade de Paris, antes da recepção de vossa carta, aqui publicado, infelizmente vem reduzir essa ilusão a uma realidade muito menos dourada. Aliás, não é a única inexatidão desse relato fantástico; antes de tudo, jamais morei em Lyon³³ e, pois, não vejo como lá me tivessem conhecido pobre; quanto à minha carruagem de quatro cavalos, lamento dizer que se reduz aos sendeiros de um fiacre que tomo apenas cinco ou seis vezes ao ano, por economia. É verdade que antes das estradas de ferro fiz algumas viagens em diligências; sem dúvida fizeram confusão. Mas convém não esquecer que nessa época ainda não se cogitava de Espiritismo e, segundo o abade, é ao Espiritismo que devo a minha imensa fortuna. Onde, então, pescaram tudo isto, senão no arsenal da calúnia? Seria tanto mais verossímil se se pensasse na natureza da população em cujo meio apregoam tais rumores. É de convir que faltam boas razões para se deixarem reduzir a tão ridículos expedientes a fim de desacreditar o Espiritismo. O Sr. abade não vê

33 **N. do T.:** Pesquisas recentes indicam que Allan Kardec, embora nascido em Lyon, passou sua infância em Bourg-en-Bresse, (Departamento do Ain), localizada a sessenta quilômetros daquela cidade.

que vai diretamente contra o seu objetivo, porque, dizer que o Espiritismo me enriqueceu a tal ponto é confessar que está imensamente espalhado. Se, pois, se espalhou tanto, é que agrada. Assim, aquilo que ele queria lançar contra o homem, volta-se em benefício da doutrina. Depois disto fazei alguém acreditar que uma doutrina, que em alguns anos dá milhões ao seu propagador, seja uma utopia, uma idéia oca! Tal resultado seria um verdadeiro milagre, pois não há exemplo de uma teoria filosófica que alguma vez tenha sido fonte de riqueza. Geralmente, como sucede com as invenções, come-se o pouco que se tem; seria este, mais ou menos, o meu caso, se se soubesse tudo quanto me custa a obra a que me dediquei e à qual sacrifiquei meu tempo, minhas vigílias, meu repouso e minha saúde. Contudo, tenho por princípio guardar para mim aquilo que faço e não gritar dos telhados. Para ser imparcial, o sr. abade deveria ter feito um paralelo das quantias que as comunidades e os conventos usurpam dos fiéis; quanto ao Espiritismo, mede sua influência pelo bem que faz, pelo número de aflitos que consola, e não pelo dinheiro que produz.

Se levamos uma vida principesca, deveríamos dispor, naturalmente, de uma mesa requintada. Que diria, pois, o sr. abade se visse minhas mais suntuosas refeições, nas quais recebo os amigos? Achá-las-ia muito frugais, ao lado das sóbrias refeições de certos dignitários da Igreja, que talvez as recusassem até mesmo nas mais austeras quaresmas. Dir-lhe-ei, então, já que ignora, e para lhe poupar o trabalho das comparações, que o Espiritismo não é e nem pode ser um meio de enriquecer; que repudia toda especulação de que pudesse ser objeto; que ensina a fazer pouco caso do temporal, a contentar-se com o necessário e a não procurar as alegrias do supérfluo, que não são o caminho do céu; que se todos os homens fossem espíritas, não teriam inveja, nem ciúmes, nem se espoliariam uns aos outros; não maldiriam o próximo nem o caluniariam, porque ele ensina esta máxima do Cristo: *Não façais a outrem o que não gostaríeis que vos fizessem*. É para pô-la em prática que não escrevo todas as letras do nome do sr. abade V..

Ensina ainda o Espiritismo que a fortuna é um depósito de que devemos prestar contas e que o rico será julgado conforme o emprego que dela tiver feito. Se possuísse a que me atribuem e, sobretudo, se a devesse ao Espiritismo, eu seria perjuro aos meus princípios de a empregar na satisfação do orgulho e na posse de prazeres mundanos, em lugar de a fazer servir à causa cuja defesa abracei.

Mas – perguntarão – e as vossas obras? Não vendestes caro os manuscritos? Um instante; isto é entrar no domínio privado, onde não reconheço a ninguém o direito de se imiscuir. Sempre honrei os meus negócios, não importa a que preço de sacrifícios e de privações; nada devo a quem quer que seja, enquanto muitos me devem, sem o que teria mais do dobro do que me resta; assim, ao invés de subir, desci na escala da fortuna. Não tenho, pois, de dar satisfação de meus negócios a ninguém; que isso fique bastante claro. Entretanto, para contentar um pouco os curiosos, que não se deveriam intrometer com o que não lhes diz respeito, direi que se tivesse vendido meus manuscritos apenas teria usado do direito que todo trabalhador tem de vender o produto de seu trabalho; mas não vendi nenhum; alguns até doeii, pura e simplesmente, no interesse da causa, e que são vendidos à vontade, sem que me venha um centavo. Manuscritos são vendidos caro quando se referem a obras conhecidas, de lucro previamente garantido, mas em parte alguma se encontram editores tão complacentes que paguem a peso de ouro obras cujo lucro é hipotético, quando nem mesmo querem correr o risco da impressão. Ora, a esse respeito, uma obra filosófica tem cem vezes menos valor do que certos romances vinculados a determinados nomes. Para dar uma idéia de meus imensos lucros, direi que a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, que empreendi por minha conta e risco, mesmo não tendo editor que dela quisesse encarregar-se, rendeu-me cerca de quinhentos francos, já descontadas as despesas e depois de esgotados todos os

exemplares, vendidos e doados, como posso provar documentalmente. Não sei que tipo de carruagem se poderia comprar com isto. Na impossibilidade em que me encontrei, não tendo ainda os milhões em questão, para assumir pessoalmente os gastos de todas as minhas publicações e, sobretudo, de me ocupar com a sua comercialização, cedi por algum tempo o direito de publicação, mediante um direito do autor, calculado a tantos *centavos* por exemplar vendido; assim, desconheço inteiramente os detalhes da venda e das transações que os intermediários possam fazer com as remessas feitas pelos editores aos seus correspondentes, transações de cuja responsabilidade eu declino, estando obrigado, no que me concerne, a prestar contas aos editores, mediante um valor estipulado, de todos os livros retirados, vendidos ou considerados perdidos.

Quanto ao lucro que pode advir da venda de minhas obras, não tenho que dar explicações de seu montante, nem de seu emprego. Por certo, cabe-me o direito de o utilizar como bem me aprouver; entretanto, não sabem se tal produto tem uma destinação determinada, da qual não pode ser desviado; é o que saberão mais tarde. Porque, se um dia alguém tivesse a veledade de escrever a minha história com dados semelhantes aos relatados acima, os fatos deveriam ser repostos em sua integridade. Por isso deixarei memórias circunstanciadas sobre todas as minhas relações e todos os meus negócios, sobretudo no que respeita ao Espiritismo, a fim de poupar aos cronistas futuros os equívocos em que muitas vezes caem, por terem confiado nos boatos dos dodivanas, das más-línguas e das pessoas interessadas em deturpar a verdade, às quais deixo o prazer de deblaterar à vontade, para que mais tarde se torne mais evidente a sua má-fé.

Pessoalmente eu me inquietaria muito pouco se, doravante, meu nome não estivesse ligado intimamente à história do Espiritismo. Por minhas relações, naturalmente possuo a respeito os mais numerosos e autênticos documentos que existem;

pude acompanhar a doutrina em todo o seu desenvolvimento, observar-lhe todas as peripécias, como lhe prever as conseqüências. Para todo homem que estuda esse movimento, torna-se evidente que o Espiritismo marcará uma das fases da Humanidade. É, pois, necessário que, mais tarde, se saiba quais as vicissitudes que teve de atravessar, os obstáculos que encontrou, os inimigos que procuraram travar-lhe a marcha, as armas de que se serviram para o combater. Não menos importante é saber por que meios pôde triunfar; quais as pessoas que, por seu zelo, devotamento e abnegação terão contribuído eficazmente para a sua propagação; aqueles cujos nomes e atos merecerão ser assinalados para o reconhecimento da posteridade, e que tomo como dever inscrever nas minhas fichas. Compreende-se que essa história não pode aparecer tão cedo; o Espiritismo apenas acaba de nascer e as fases mais interessantes de seu estabelecimento ainda não foram concluídas. Aliás, poderá acontecer que, entre os Saulos do Espiritismo de hoje, mais tarde surjam São Paulos; esperemos não ter de registrar os Judas.

Tais são, meu caro senhor, as reflexões sugeridas pelos estranhos rumores que me chegaram. Se os refutei, não foi pelos espíritas de vossa cidade, que me conhecem muito bem e que teriam podido julgar-me quanto os visitei, se em mim houvessem percebido gostos e atitudes de um grão-senhor. Faço-o em atenção aos que não me conhecem e que poderiam ser induzidos em erro por essa maneira mais que leviana de fazer a história. Se o sr. abade V... não tem em vista senão dizer a verdade, estou pronto a lhe fornecer verbalmente todas as explicações necessárias ao seu esclarecimento.

Todo vosso,

Allan Kardec

Sociedade Espírita de Viena, Áustria

Anunciando que uma edição alemã de nossa brochura *O Espiritismo na sua expressão mais simples* tinha sido publicada em Viena, falamos da Sociedade Espírita dessa cidade. Recebemos do presidente daquela Sociedade a seguinte carta:

“Senhor Allan Kardec,

“A Sociedade Espírita de Viena encarrega-me de vos comunicar que acaba de vos nomear seu presidente de honra, pedindo que aceiteis esse título como penhor de elevada e respeitosa estima que vos dedica. Desnecessário acrescentar, senhor, que servindo aqui de instrumento, não faço senão obedecer a um impulso do coração, que vos é inteiramente dedicado.

“Permiti-me, senhor, sem abusar de vosso precioso tempo, aditar algumas palavras relativas à nossa Sociedade. Ela acaba de entrar em seu terceiro ano e, embora muito restrito ainda seja o seu número de associados, posso dizer com satisfação que, no círculo privado em que ainda se move, faz proporcionalmente muito bem; e tenho esperança que, ao chegar o momento de ampliar o seu campo de atividade, ela produzirá frutos mais abundantes: é o meu mais vivo desejo. No ano passado, por ocasião do primeiro aniversário, dizia-me o nosso Espírito protetor em seu profundo e majestoso laconismo: *Semeastes a boa semente; eu vos abençôo*. Este ano me disse: *Eis a máxima para o ano que vai começar: Com Deus e para Deus*. O ano passado foi uma recompensa para o que passou; este ano é um encorajamento para o futuro. Assim, preparei-me para empregar meios mais diretos para agir sobre a opinião pública. Primeiramente, a tradução da vossa excelente brochura não terá deixado de preparar o terreno; depois, pensei na publicação de um jornal em alemão como meio mais seguro de apressar os resultados. Material não me faltará, sobretudo se permitirdes que algumas vezes eu o possa extrair dos tesouros

encerrados em vossa *Revista*, onde, naturalmente, tomarei sempre como dever sagrado indicar a fonte das passagens e os trechos que tiver traduzido. Enfim, para coroar a obra, gostaria de pôr à disposição dos alemães o vosso precioso e indispensável *O Livro dos Espíritos*. Assim, senhor, e sem temer vos importunar, pois estou persuadido de que todo pensamento do bem corresponde ao vosso próprio pensamento, venho pedir-vos que, se ninguém ainda obteve esse favor, que me permitais fazer a sua tradução em língua alemã.

“Acabo de vos expor, senhor, os projetos que medito, a fim de dar um impulso maior à propagação do Espiritismo entre nós. Seria ousadia de minha parte dirigir-me à vossa benévola experiência para receber alguns conselhos salutareos que, não o duvideis, terão grande peso na decisão que hei de tomar?”

“Recebei, etc.

C. Delhez”

Esta carta fez-se acompanhar do seguinte diploma:

SOCIEDADE ESPÍRITA, DITA DA CARIDADE, DE VIENA (ÁUSTRIA)

SESSÃO DE ANIVERSÁRIO – 18 DE MAIO DE 1862.

“Em nome de Deus Todo-Poderoso e sob a proteção do Espírito divino,

“A Sociedade Espírita de Viena, ao ensejo de seu segundo aniversário, querendo testemunhar à sua primogênita de Paris, na pessoa de seu digno e corajoso presidente, a deferência e o reconhecimento que lhe inspiram seus constantes esforços e seus preciosos trabalhos pela santa causa do Espiritismo e pelo triunfo da fraternidade universal, por proposta de seu presidente e com a aprovação de seus conselheiros espirituais, nomeou, por aclamação, o Sr. *Allan Kardec*, presidente da Sociedade de Estudos Espíritas de

Paris, com o título de *Presidente de Honra* da Sociedade Espírita, dita da Caridade, de Viena, Áustria.

“Viena, 19 de maio de 1862.

“O Presidente,
C. Delhez”

Atendendo a insistentes pedidos, sentimo-nos no dever de publicar textualmente as duas peças acima, como testemunho de nossa profunda gratidão pela honra que nos fazem nossos irmãos espíritas de Viena, honra que estávamos longe de esperar, porque nela vemos não uma homenagem à nossa pessoa, mas aos princípios regeneradores do Espiritismo. É uma nova prova do crédito que tais princípios adquirem, tanto no estrangeiro quanto na França. Pondo de lado o que as cartas têm de lisonjeiro para nós, o que nos causa viva satisfação é, sobretudo, ver a finalidade eminentemente séria, religiosa e humanitária que se propõe a Sociedade Espírita de Viena, à qual o nosso concurso e o nosso devotamento não faltarão. Outro tanto podemos dizer de todas as sociedades que se formam em vários pontos e que aceitam, sem restrição, os princípios de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*.

Entre as que se organizaram ultimamente, devemos citar a *Sociedade Africana de Estudos Espíritas*, de Constantina, que houve por bem se colocar sob o nosso patrocínio e o da Sociedade de Paris, e que já conta cerca de quarenta membros. Teremos ocasião de voltar ao assunto com mais detalhes.

À vista desse movimento geral e do incessante crescimento da opinião, os adversários do Espiritismo compreenderão, enfim, que qualquer tentativa para o deter seria inútil e o que melhor têm a fazer é aceitá-lo, considerando-o, doravante, como um fato consumado. A arma do ridículo se esgotou em vãos esforços, tornando-se, assim, impotente; a doutrina do diabo que,

neste momento, buscam restaurar com obstinação, será mais feliz? A resposta está, por completo, no efeito que produz: causa riso. Para isso, seria necessário que aqueles que a propagam dela estivessem convencidos. Ora, podemos afirmar com segurança que, em seu número, muitos não o acreditam absolutamente. É uma última arrancada, cujo resultado será apressar a propagação das idéias novas, primeiro porque as torna conhecidas, excitando a curiosidade e, depois, porque prova a escassez de argumentos realmente sérios.

Princípio Vital das Sociedades Espíritas

Senhor,

Na *Revista Espírita* do mês de abril de 1862 vejo uma comunicação assinada por Gérard de Codemberg, na qual observei a seguinte passagem: “Não vos inquieteis com os irmãos que se afastam de vossas crenças. Ao contrário, agi de maneira que não mais se misturem ao rebanho dos verdadeiros crentes, porquanto são ovelhas sarnentas e deveis evitar o contágio.”

A respeito das ovelhas sarnentas achei tal maneira de ver pouco cristã, ainda menos espírita e completamente fora dessa caridade para com todos, que pregam os Espíritos. Não se preocupar com os irmãos que se afastam e guardar-se contra o seu contágio não é o meio de os reconquistar. Parece-me que, até o presente, nossos bons guias espirituais têm mostrado mais mansuetude. Esse Gérard de Codemberg será um Espírito bom? Se é ele, eu o duvido. Perdoai-me essa espécie de controle que acabo de fazer, pois tem um objetivo sério. Uma de minhas amigas, espírita noviça, acaba de ler aquele número; detendo-se naquelas linhas, não encontrou a caridade que até agora observou nas comunicações. A respeito consultei o meu guia e eis o que ele respondeu: “Não, minha filha, um Espírito elevado não se serve de

semelhantes expressões; deixai aos Espíritos encarnados a aspereza da linguagem e reconhecei sempre o valor das comunicações pelo valor das palavras e, sobretudo, pelo valor dos pensamentos.”

(Segue-se a comunicação de um Espírito que se supõe ter tomado o lugar de Gérard de Codemberg.)

Onde está a verdade? Somente vós podeis sabê-lo.

Recebei, etc.

E. Collignon

Resposta – Em Gérard de Codemberg nada prova que seja um Espírito muito adiantado; a obra que publicou, sob o império de evidente obsessão, com a qual ele mesmo concorda, o demonstra sobejamente. Por pouco evoluído que fosse, um Espírito não poderia enganar-se a tal ponto quanto ao valor das revelações que obteve em vida, como médium, nem aceitar como sublimes coisas evidentemente absurdas. Devemos, por isso, concluir que seja um Espírito mau? Certamente não; sua conduta durante a vida e sua linguagem depois da morte são a prova; está na categoria numerosa dos Espíritos inteligentes, bons, mas não suficientemente superiores para dominarem os Espíritos obsessores, que dele abusaram, pois não os soube reconhecer.

Isto no que respeita ao Espírito. A questão não é saber se é mais ou menos adiantado, mas se o conselho que dá é bom ou mau. Ora, insisto que não há reunião espírita séria sem homogeneidade. Onde quer que haja divergência de opinião, há a tendência para fazer prevalecer a sua, o desejo de impor suas idéias ou sua vontade; daí as discussões, as dissensões, depois a dissolução; isto é inevitável e acontece em todas as sociedades, seja qual for o seu objetivo, onde cada um quer marchar por vias diferentes. O que é necessário nas outras religiões ainda mais o é nas reuniões espíritas sérias, na qual a primeira condição é a calma e o recolhimento, impossíveis com discussões que fazem perder

tempo em coisas inúteis; é então que os Espíritos bons se vão, deixando o campo livre aos Espíritos perturbadores. Eis por que os pequenos comitês são preferíveis; a homogeneidade de princípios, de gostos, de caráter e de hábitos, condição essencial da boa harmonia, aí é bem mais fácil de obter que nas grandes assembleias.

O que Gérard de Codemberg chama ovelhas sarnentas não são as pessoas que, de boa-fé, procuram esclarecer-se quanto às dificuldades da ciência ou sobre aquilo que não compreendem, por uma discussão pacífica, moderada e conveniente, mas as que vêm com idéia preconcebida de oposição sistemática, que levantam discussões inoportunas a torto e a direito, capazes de perturbarem os trabalhos. Quando o Espírito diz que é preciso afastá-las, tem razão, porque a existência da reunião está ligada a isto; ainda tem razão ao dizer que *não se devem inquietar*, porque a sua opinião pessoal, se falsa, não impedirá que a verdade prevaleça; o sentido dessa palavra é que não deve causar inquietação a sua oposição. Em segundo lugar, se aquele que tem uma diferente maneira de ver a considera melhor que a dos outros; se o satisfaz, se nela se obstina, por que o contrariar? O Espiritismo não se impõe; deve ser aceito livremente e de boa vontade; não deseja nenhuma conversão pelo constrangimento. A experiência, aliás, aí está para provar que não é insistindo que lhe farão mudar de opinião. Com aquele que de boa-fé procura a luz, é preciso ser todo devotamento e nada se deve poupar: é zelo bem empregado e frutuoso; com aquele que não a quer ou que pensa tê-la, é perder tempo e semear sobre pedras. A expressão *não se devem inquietar* ainda pode ser entendida no sentido de que não se deve atormentá-lo nem violentar as suas convicções; agir assim, não é faltar à caridade. Esperam trazê-lo a idéias mais sãs? Que o façam em particular, pela persuasão, admite-se; mas se deve ser uma causa de perturbação para a reunião, conservá-lo não seria dar-lhe provas de caridade, pois isto de nada lhe adiantaria, enquanto seria uma falta para com os demais.

O Espírito Gérard de Codenberg diz claramente, e talvez um pouco cruamente a sua opinião, sem preocupações oratórias, sem dúvida contando com o bom-senso daqueles a quem se dirige para suavizá-la na explicação, observando o que prescrevem ao mesmo tempo a urbanidade e as conveniências; mas, salvo a forma da linguagem, o fundo do pensamento é idêntico ao que se acha na comunicação referida a seguir, sob o título *O Espiritismo Filosófico*, recebida pela mesma pessoa que levantou a questão. Aí se lê o seguinte: “Examinai bem em vosso redor se não há falsos irmãos, curiosos, incrédulos. Se os encontrardes, rogai-lhes com doçura, com caridade, que se retirem. Se resistirem, contentai-vos em orar com fervor para que o Senhor os esclareça e, de outra vez, *não os admitais em vossos trabalhos*. Não recebais em vosso meio senão os homens simples, que querem buscar a verdade e o progresso.” Isto é, em outros termos, desembaraçar-vos polidamente dos que vos entravam.

Nas reuniões livres, onde se é livre para receber quem se quer, isto é mais fácil que nas sociedades constituídas, onde os sócios estão ligados e têm voto na matéria. Assim, nunca seriam tomadas bastantes precauções se não se quisesse ser contrariado. O sistema de *associados livres*, adotado pela Sociedade de Paris, é o mais adequado para prevenir os inconvenientes, pois só admite os candidatos a título provisório e sem voz ativa nos negócios da Sociedade, durante um tempo que permite se observe o seu zelo, seu devotamento e seu espírito de conciliação. O essencial é formar um núcleo de fundadores titulares, unidos por uma *perfeita comunhão* de vistas, de opiniões e de sentimentos e estabelecer regras precisas às quais forçosamente devem submeter-se os que, mais tarde, quiserem aí se reunir. A respeito, pedimos que se reportem ao regulamento da Sociedade de Paris e às instruções que demos sobre o assunto. Nosso mais caro desejo é o de ver reinarem a união e a harmonia entre os grupos e sociedades que se formam de todos os lados. Eis por que consideramos sempre um dever ajudar com conselhos de nossa experiência os que julgarem um

dever aproveitá-los. No momento nós nos limitamos a dizer: Sem homogeneidade, não há união simpática entre os membros, não há relações afetuosas; sem união, não há estabilidade; sem estabilidade, não há calma; sem calma, não há trabalhos sérios. De onde concluímos que a homogeneidade é o princípio vital de toda sociedade ou reunião espírita. É o que disseram com razão Gérard de Codemberg e Bernardin; quanto ao Espírito que foi tomado como substituto do primeiro, sua comunicação apresenta todos os caracteres de uma comunicação apócrifa.

Ensinos e Dissertações Espíritas

O ESPIRITISMO FILOSÓFICO

(Bordeaux, 4 de abril de 1862 – Médiun: Sra. Collignon)

Meus amigos, falamos do Espiritismo do ponto de vista religioso; agora que está bem estabelecido que *ele não é uma religião nova*, mas a consagração dessa religião *universal* cujas bases lançou o Cristo, e que hoje vem levar ao coroamento, vamos encarar o Espiritismo do ponto de vista moral e filosófico.

Antes de mais, expliquemo-nos quanto ao exato sentido da palavra filosofia. A filosofia não é uma negação das leis estabelecidas pela divindade, da religião. Longe disto, a filosofia é a busca do que é sábio, do que é o mais exatamente razoável. E o que pode ser mais sábio, mais razoável que o amor e o reconhecimento que se deve ao seu Criador e, conseqüentemente, o culto, seja qual for, que pode servir para lhe provar esse reconhecimento e esse amor? A religião, e tudo quanto a ela vos pode levar é, pois, uma filosofia, porque é uma sabedoria do homem que a ela se submete com alegria e docilidade. Feitos esses reparos, vejamos o que podeis tirar do Espiritismo, posto em prática seriamente.

Qual o fim para onde tendem todos os homens, seja qual for a posição em que se encontrem? O melhoramento de sua

posição presente. Ora, para o conseguir, correm para todos os lados e se extraviam na maior parte, porque, enceguedidos pelo orgulho, arrastados pela ambição, não vêem a única rota que pode conduzir a esse melhoramento; buscam-na na satisfação do orgulho, de seus instintos brutais, de sua ambição, ao passo que só poderão encontrá-la no amor e na submissão devidos ao Criador.

O Espiritismo vem, pois, dizer aos homens: Deixai esses atalhos tenebrosos, cheios de precipícios, cercados de espinhos e urzes e entrai no caminho que leva à felicidade que sonhais. Sede prudentes, a fim de serdes felizes; compreendei, meus amigos, que para os homens os bens da Terra não passam de emboscadas, que devem evitar. Eis por que finalmente o Senhor permitiu vísseis a luz desse farol, que deve vos conduzir ao porto. As dores e os males que sofreis com impaciência e revolta são o ferro em brasa que o cirurgião aplica sobre a ferida aberta, a fim de impedir a gangrena de perder todo o corpo. Vosso corpo, meus amigos, o que representa para o Espírito? que deve ele salvar? que deve preservar do contágio? que deve cicatrizar, por todos os meios possíveis, senão a chaga que rói o Espírito, a enfermidade que o entrava e o impede de lançar-se radioso para o seu Criador?

Voltai sempre os olhos para este pensamento filosófico, isto é, cheio de sabedoria: Somos uma essência criada pura, mas decaída; pertencemos a uma pátria onde tudo é pureza; culpados, fomos exilados por algum tempo, mas só por algum tempo. Empreguemos, pois, todas as nossas forças, todas as energias em diminuir o tempo de exílio; esforcemo-nos por todos os meios que o Senhor pôs à nossa disposição para reconquistar essa pátria perdida e abreviar o tempo de ausência. (Vide o número de janeiro de 1862: *Doutrina dos anjos decaídos*.)

Compreendei bem que vossa sorte futura está em vossas mãos; que a duração de vossas provas depende inteiramente de vós; que o mártir tem sempre direito à palma da vitória e que,

para ser mártir, não é necessário, como aconteceu com os primeiros cristãos, servir de pasto aos animais ferozes. Sede mártires de vós mesmos; quebrai, aniquilai em vós todos os instintos carnis que se revoltam contra o Espírito; estudai com cuidado as vossas inclinações, os vossos gostos, as vossas idéias; desconfiai de tudo quanto a vossa consciência reprova. Por mais baixo que ela vos fale, porque muitas vezes pode ser repelida; por mais baixo que ela vos fale, essa voz do vosso protetor vos dirá que eviteis o que vos pode prejudicar. Em todos os tempos a voz do vosso anjo-da-guarda vos falou, mas quantos ficaram surdos! Hoje, meus amigos, o Espiritismo vem explicar-vos a causa dessa voz íntima; vem dizer positivamente, vem vos mostrar, fazer tocar com o dedo aquilo que podeis esperar se a escutardes docilmente; aquilo que deveis temer se a rejeitardes.

Eis, meus amigos, para o homem em geral, o lado filosófico: a vós compete salvar-vos a vós mesmos. Meus filhos: não procureis distrações materiais nem satisfação à curiosidade, como fazem os ignorantes. Não chameis a vós, sob o menor pretexto, Espíritos dos quais não tendes a mínima necessidade; contentai-vos em vos entregardes sempre aos cuidados e ao amor de vossos guias espirituais; eles jamais vos faltarão. Quando vos reunirdes num objetivo comum, qual seja o melhoramento de vossa Humanidade, elevai o coração ao Senhor, mesmo que seja para lhe pedir suas bênçãos e a assistência dos Espíritos bons, aos quais vos confiou. Examinai bem em vosso redor se não há falsos irmãos, curiosos, incrédulos. Se os encontrardes, rogai-lhes com doçura, com caridade, que se retirem. Se resistirem, contentai-vos em orar com fervor para que o Senhor os esclareça e, de outra vez, não os admitais em vossos trabalhos. Não recebais em vosso meio senão os homens simples, que querem buscar a verdade e o progresso. Quando estiverdes certos de que vossos irmãos se acham reunidos em presença do Senhor, chamai os vossos guias e pedi-lhes instruções; eles vo-las darão sempre, proporcionadas às vossas necessidades, à vossa inteligência; mas não busqueis satisfazer a

curiosidade da maioria dos que pedem evocações. Quase sempre saem menos convencidos e mais dispostos à zombaria.

Aqueles que desejam evocar seus parentes e amigos não o façam jamais senão com um objetivo de utilidade e de caridade; é um ato sério, muito sério, chamar os Espíritos que erram em redor de vós. Se não trouxerdes a fé e o recolhimento necessários, os Espíritos maus tomarão o lugar daqueles que esperais, enganar-vos-ão e vos farão cair em erros profundos e algumas vezes vos arrastarão em quedas terríveis!

Não esqueçais, pois, meus amigos, que o Espiritismo é a confirmação do Cristianismo, porque o Cristianismo entra completamente nestas palavras: Amar ao Senhor sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo.

Sob o ponto de vista filosófico, é a linha de conduta reta e sábia que vos deve conduzir à felicidade que todos ambicionais; e esta linha vos é traçada partindo de um ponto seguro, demonstrado: a imortalidade da alma, para chegar a outro ponto que ninguém pode negar: Deus!

Eis, meus amigos, o que vos tenho a dizer por hoje. Em breve continuaremos nossas conversas íntimas.

Bernardin

Observação – Esta comunicação faz parte de uma série de ditados sob o mesmo título: *O Espiritismo para todos*, marcadas todos eles pelo mesmo cunho de profundidade e de simplicidade paternal. Como nem todas podem ser publicadas na *Revista*, farão parte das coletâneas especiais que preparamos. Dá-se o mesmo com as que nos são dirigidas por outros médiuns de Bordeaux e de outras cidades. Essas publicações serão tanto mais úteis quanto feitas com ordem e método, e tanto mais produziriam um efeito contrário quanto mais o fossem sem discernimento e sem escolha. Há comunicações que são excelentes para a intimidade, mas que

seriam inconvenientes se tornadas públicas. Outras, para serem compreendidas e não darem lugar a falsas interpretações necessitam de comentários e de desenvolvimentos. Nas comunicações muitas vezes é preciso fazer a parte da opinião pessoal do Espírito que fala, e que, se não for muito adiantado, pode formar dos homens e das coisas idéias e sistemas nem sempre justos. Publicadas sem corretivo, essas idéias falsas apenas lançarão descrédito sobre o Espiritismo, fornecerão armas aos seus inimigos e semearão a dúvida e a incerteza entre os neófitos. Com os comentários e as explicações dados a propósito, o próprio mal por vezes se torna instrutivo. Sem isto poderiam responsabilizar a doutrina por todas as utopias enunciadas por certos Espíritos mais orgulhosos que lógicos. Se o Espiritismo pudesse ser retardado em sua marcha, não seria pelos ataques abertos de seus inimigos declarados, mas pelo zelo irrefletido dos amigos imprudentes. Não se trata, pois, de fazer coletâneas indigestas, onde tudo se acha amontoado confusamente e cujo menor inconveniente seria aborrecer o leitor; é preciso evitar com cuidado tudo quanto possa falsear a opinião sobre o Espiritismo. Ora, tudo isto exige um trabalho que justifica a demora de tais publicações.

Um Espírita Apócrifo na Rússia

O príncipe D... K... nos envia da Rússia um prospecto em língua russa, começando por esta frase: “Obouan Bruné, célebre mágico, magnetizador, *membro da Sociedade Espírita de Paris*, terá a honra de dar, como foi anunciado, um sarau fantástico, no teatro desta cidade, em 17 de abril de 1862.” Segue uma longa lista das escamoteações que o tal Bruné se propõe fazer. Pensamos que o bom senso dos numerosos adeptos que conta o Espiritismo na Rússia terá feito justiça a essa grosseira impostura. A Sociedade Espírita de Paris não conhece esse indivíduo que, na França, teria sido processado por se atribuir uma falsa qualidade.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V

JULHO DE 1862

Nº 7

O Ponto de Vista

Não há quem não tenha notado quanto as coisas mudam de aspecto, conforme o ponto de vista sob o qual são consideradas. Não é apenas o aspecto que se modifica, mas, também, a própria importância da coisa. Coloquemo-nos no centro de um meio qualquer: ainda que pequeno, nos parecerá imenso; do lado de fora, contudo, será outra coisa. Quem vê algo do cimo de uma montanha o acha insignificante, ao passo que lhe parecerá gigantesco quando visto de baixo.

Isto é um efeito de óptica, mas que se aplica igualmente às coisas morais. Um dia inteiro de sofrimento nos parecerá eterno. À medida que esse dia se nos afasta, admiramo-nos de haver entrado em desespero por tão pouco. Os pesares da infância também têm uma importância relativa, sendo tão amargos para a criança quanto para os que alcançaram a maturidade. Por que, então, nos parecem tão fúteis? Por que não mais os sentimos, ao passo que a criança os sente completamente e nada vê além de seu pequeno círculo de atividades? Ela os vê do interior; nós, do exterior. Suponhamos um ser colocado, em relação a nós, na posição em que estamos em relação à criança: ele julgará as nossas preocupações do mesmo ponto de vista, e as achará pueris.

Um carroceiro é insultado por outro; discutem e se batem. Se um grão-senhor for injuriado por um carroceiro não se sentirá ofendido e não se baterá com ele. Por quê? Porque se coloca fora de sua esfera; julga-se de tal modo superior que a ofensa não o pode atingir. Entretanto, se descer ao nível do adversário, colocar-se-á, pelo pensamento, no mesmo meio e se baterá.

O Espiritismo nos mostra uma aplicação deste princípio, mas de importância diversa nas suas conseqüências. Faz-nos ver a vida terrena como de fato é, colocando-nos no ponto de vista da vida futura; pelas provas materiais que nos fornece, pela intuição clara, precisa, lógica que nos dá, pelos exemplos postos aos nossos olhos, transporta-nos pelo pensamento: nós a vemos e a compreendemos; não é mais essa noção vaga, incerta, problemática, que nos ensinavam do futuro e que, involuntariamente, deixava dúvidas; para o espírita é uma certeza adquirida, uma realidade.

Faz ainda mais: mostra-nos a vida da alma, o ser essencial, porque é o ser pensante, remontando no passado a uma época desconhecida e se estendendo indefinidamente pelo futuro, de tal sorte que a vida terrena, mesmo de um século, não passa de um ponto nesse longo percurso. Se a vida inteira é tão pouca coisa comparada com a vida da alma, que serão, pois, as dificuldades da vida? Entretanto o homem, colocado no centro da vida, preocupa-se como se ela fosse durar sempre; para ele tudo assume proporções colossais: a menor pedra que o fere parece-lhe um rochedo; uma decepção o desespera; um revés o abate; uma palavra o enfurece. Tendo a visão limitada ao presente, àquilo que toca imediatamente, exagera a importância dos menores incidentes; um negócio que falha lhe tira o apetite; uma questão de precedência é um negócio de Estado; uma injustiça o põe fora de si. Triunfar é o fim de seus esforços, o objetivo de todas as suas combinações; mas, para a maioria, o que é triunfar? Será, se não se tem do que viver, criar por meios honestos uma existência tranqüila? Será a nobre

emulação de adquirir talento e desenvolver a inteligência? Será o desejo de deixar, depois de si, um nome justamente honrado e realizar trabalhos úteis para a Humanidade? Não. Triunfar é suplantar o vizinho, eclipsá-lo, afastá-lo, derrubá-lo mesmo, para lhe tomar o lugar. E para tão belo triunfo, que talvez a morte não deixe gozar vinte e quatro horas, quantas preocupações, quantas tribulações! Quanto talento por vezes despendido e que poderia ter sido mais bem empregado! Depois, quanta raiva, quanta insônia se não se triunfar! Que febre de inveja causa o sucesso de um rival! Então, culpam a má estrela, a sorte, a chance fatal, ao passo que a má estrela as mais das vezes é a inabilidade e a incapacidade. Dir-se-ia, na verdade, que o homem assume a tarefa de tornar tão penosos quanto possíveis os poucos instantes que deve passar na Terra e dos quais não é o senhor, pois jamais tem certeza do dia seguinte.

Como tudo isto muda de aspecto quando, pelo pensamento, sai o homem do vale estreito da vida terrestre e se eleva na radiosa, esplêndida e incomensurável vida de além-túmulo! Como então tem piedade dos tormentos que se criou voluntariamente! Como então lhe parecem mesquinhas e pueris as ambições, a inveja, as susceptibilidades, as vãs satisfações do orgulho! É como se, na idade madura, considerasse as brincadeiras da infância; do cume de uma montanha contemplasse os homens no vale. Partindo deste ponto de vista, tornar-se-á de vontade própria o joguete de uma ilusão? Não. Estará, ao contrário, na realidade, no verdadeiro e para ele a ilusão é ver as coisas do ponto de vista terreno. Efetivamente, ninguém há na Terra que não ligue mais importância àquilo que, para si, deve durar muito mais do que dura um dia; que não prefira uma felicidade durável a uma felicidade efêmera. Inquietamo-nos pouco com uma contrariedade passageira; o que interessa, acima de tudo, é a situação normal. Se, pois, elevarmos o pensamento de modo a abranger a vida da alma chegaremos forçosamente a essa consequência: ver a vida terrena como uma estação passageira; a vida espiritual como a vida real, porque é infinita; que é ilusão tomar a parte pelo todo, isto é, a vida

do corpo, apenas transitória, pela vida definitiva. O homem que só considera as coisas do ponto de vista terreno é como aquele que, estando dentro de uma casa, não pode julgar a forma nem a importância do edifício: julga sob falsas aparências porque não vê tudo, ao passo que aquele que vê de fora, porque julga o conjunto, julga mais sensatamente.

Dir-se-á que para ver as coisas desta maneira é preciso uma inteligência invulgar, um espírito filosófico que não se poderia encontrar nas massas; donde forçoso seria concluir que a Humanidade, com poucas exceções, arrastar-se-á sempre no terra-a-terra. É um erro. Para se identificar com a vida futura não é preciso uma inteligência excepcional, nem grandes esforços da imaginação, porquanto cada um traz consigo a intuição e o desejo; a maneira, porém, como geralmente a apresentam é muito pouco sedutora, porque oferece como alternativa as chamas eternas ou a contemplação perpétua, o que leva muitos a preferir o nada. Daí a incredulidade absoluta de uns e a dúvida no maior número. O que faltou até agora foi a prova irrecusável da vida futura, prova que vem dar o Espiritismo não mais por uma vaga teoria, mas por provas patentes. Mais ainda: ele a mostra tal qual a razão mais severa a pode aceitar, porque tudo explica, tudo justifica e resolve todas as dificuldades. Porque é claro e lógico, está ao alcance de todos; por isso o Espiritismo reconduz à crença tanta gente que dela se havia afastado. A experiência demonstra todos os dias que simples operários e camponeses sem instrução compreendem sem esforço esse raciocínio; colocam-se tanto mais à vontade nesse novo ponto de vista, quanto mais nele acham, como todas as pessoas infelizes, uma imensa consolação, e a única compensação possível em sua penosa e laboriosa existência.

Se essa maneira de encarar as coisas terrestres se generalizasse, não teria como consequência senão destruir a ambição, estimulante dos grandes empreendimentos, dos trabalhos mais úteis, mesmo das obras de gênio? Se a Humanidade inteira

apenas pensasse na vida futura tudo não periclitaria neste mundo? Que fazem os monges nos conventos, a não ser ocupar-se exclusivamente do Céu? Ora, em que se transformaria a Terra se todos se fizessem monges?

Um tal estado de coisas seria desastroso e os inconvenientes maiores do que se supõe, porque, com isso, os homens perderiam na Terra e nada ganhariam no Céu; mas o resultado do princípio que expomos é completamente outro para quem quer que não o compreenda pela metade, conforme vamos explicar.

A vida corporal é necessária ao Espírito, ou à alma, o que é a mesma coisa, para que possa realizar neste mundo material as funções que lhe são designadas pela Providência: é uma das engrenagens da harmonia universal. A atividade que, mau grado seu, é forçado a desenvolver nas funções que exerce, crendo agir por si mesmo, auxilia o desenvolvimento de sua inteligência e lhe facilita o adiantamento. Sendo a felicidade do Espírito na vida espiritual proporcional ao seu progresso e ao bem que pôde fazer como homem, resulta que, quanto maior importância adquire a vida espiritual aos olhos do homem, mais ele sente a necessidade de fazer o que é necessário para se garantir o melhor lugar possível. A experiência dos que viveram vem provar que uma vida terrena inútil ou mal-empregada não tem proveito para o futuro, e que aqueles que aqui só buscarem satisfações materiais as pagam muito caro, seja por sofrimentos no mundo dos Espíritos, seja pela obrigação de recomeçar a tarefa em condições mais penosas que as do passado; tal é o caso dos que sofrem na Terra. Assim, considerando as coisas deste mundo do ponto de vista extracorpóreo, o homem, longe de ser estimulado à despreocupação e à ociosidade, compreende melhor a necessidade do trabalho. Partindo do ponto de vista terreno, essa necessidade é uma injustiça aos seus olhos, quando se compara aos que podem viver sem nada fazer: tem ciúme deles; inveja-os. Partindo do ponto de

vista espiritual, essa necessidade tem a sua razão de ser, sua utilidade, e ele a aceita sem murmurar, pois compreende que sem o trabalho ficará indefinidamente na inferioridade e privado da felicidade suprema a que aspira e que não poderá alcançar, caso não se desenvolva intelectual e moralmente. A esse respeito parece que muitos monges compreendem mal o objetivo da vida terrena e, menos ainda, as condições da vida futura. Pelo enclausuramento, eles se privam dos meios de se tornarem úteis aos semelhantes e muitos dos que hoje se acham no mundo dos Espíritos confessaram-nos que se enganaram redondamente e que sofrem as conseqüências de seu erro.

Para o homem, tal ponto de vista tem outra imensa e imediata conseqüência: é a de tornar-lhe mais suportáveis as tribulações da vida. Que procure o bem-estar e se esforce por tornar o seu tempo na Terra o mais agradável possível: isto é muito natural e ninguém lho proíbe. Mas, sabendo que está aqui apenas momentaneamente, que um futuro melhor o aguarda, pouco se atormenta com as decepções que experimenta e, vendo as coisas do alto, aceita os reveses com menor amargura; fica indiferente aos aborrecimentos de que é vítima, por parte dos invejosos e dos ciumentos; reduz a seu justo valor os objetos de sua ambição e se coloca acima das pequenas susceptibilidades do amor-próprio. Liberto das preocupações criadas pelo homem que não sai de sua esfera limitada, pela perspectiva grandiosa que se desdobra à sua frente, é mais livre para se entregar a um trabalho proveitoso, para si próprio e para os outros.

Para ele, as humilhações, as diatribes e as maldades de seus inimigos não passam de nuvens imperceptíveis num vasto horizonte; não se inquieta por elas mais do que pelas moscas que zumbem aos ouvidos, porque sabe que logo estará livre. Assim, todas as pequenas misérias que lhe suscitam deslizam por ele como a água sobre o mármore. Colocando-se do ponto de vista terreno, irritar-se-ia e talvez se vingasse. Do ponto de vista extraterreno, ele

as despreza como os salpicos de lama de um caminhante desatento. São espinhos lançados no caminho e pelos quais passa, sem sequer se dar ao trabalho de os afastar, a fim de não moderar a marcha para um objetivo mais sério que se propõe atingir. Longe de malquerer os seus inimigos, é-lhes grato por fornecerem oportunidade para exercitar a paciência e a moderação em benefício de seu progresso futuro, ao passo que perderia seus frutos se descesse a represálias. Ele os lamenta por se entregarem a tantos trabalhos inúteis e diz que são aqueles próprios que caminham sobre espinhos, com as preocupações que tomam para fazer o mal. Tal é o resultado da diferença do ponto de vista sob o qual se encara a vida: um nos dá aborrecimento e ansiedade; o outro, calma e serenidade. Espíritas que experimentais decepções, ainda que em pensamento, deixai a Terra por alguns instantes; subi às regiões do infinito e olhai-as do alto: vereis o que elas serão.

Por vezes dizem: Vós, que sois infelizes, olhai para baixo e não para cima e vereis ainda mais infelizes. Isto é verdade. Mas muitos dizem que o mal alheio não nos cura. Nem sempre o remédio está na comparação e para alguns não é difícil olhar para cima sem dizerem: “Por que têm estes o que não tenho?” No entanto, se se colocassem no ponto de vista de que falamos, a que em pouco seremos forçados, ficariam naturalmente acima daqueles aos quais poderíamos invejar, porque, vistos dali, os maiores pareceriam muito pequenos.

Lembramo-nos de ter assistido no Odéon, há cerca de quarenta anos, a uma peça em um ato, intitulada *Os Efêmeros*, já não sabemos de que autor. Embora ainda jovem, ela nos causou viva impressão. A cena se passava no país dos Efêmeros, cujos habitantes vivem apenas vinte e quatro horas. No espaço de um ato a gente os vê passar do berço à adolescência, à juventude, à maturidade, à velhice, à decrepitude e à morte. Nesse intervalo realizam todos os atos da vida: batismo, casamento, negócios civis e governamentais, etc.; mas como o tempo é curto e as horas

contadas, é preciso pressa; tudo se faz com prodigiosa rapidez, o que não os impede de se ocuparem com intrigas e de se darem ao trabalho para satisfazer as ambições e suplantar os outros. Como se vê, a peça encerrava um pensamento profundamente filosófico; e involuntariamente o espectador, que num instante via desenrolarem-se todas as fases de uma existência bem cheia, punha-se a dizer: Como essa gente é tola! Fazer tanto mal, quando dispõe de tão pouco tempo para viver! Que é que lhes resta dessa confusão de uma vida de algumas horas? Não seria melhor viver em paz?

Eis, por alto, um quadro perfeito da vida humana. Entretanto, a peça não sobreviveu mais que seus heróis: não a compreenderam. Se o autor ainda vivesse, o que ignoramos, provavelmente hoje fosse espírita.

A. K.

Estatística de Suicídios

Lê-se no *Siècle* de... maio de 1862:

“Na *Comédia social no século dezenove*, novo livro que o Sr. B. Gastineau acaba de publicar pela Editora Dentu, encontramos esta curiosa estatística de suicídios:

“Calculou-se que desde o começo do século o número de suicídios na França não se eleva a menos de 300.000; e tal estimativa talvez esteja aquém da verdade, pois a estatística só oferece resultados completos a partir de 1836. De 1836 a 1852, isto é, num período de dezessete anos, houve 52.126 suicídios, ou seja, uma média de 3.066 por ano. Em 1858, contaram-se 3.903 suicídios, dos quais 853 mulheres e 3.050 homens; enfim, segundo a última estatística que vimos no correr do ano de 1859, 3.899 pessoas se mataram, a saber: 3.057 homens e 842 mulheres.”

“Constatando que o número de suicídios aumenta todos os anos, o Sr. Gastineau deplora em termos eloqüentes a triste monomania que parece haver-se apoderado da espécie humana.”

Eis uma rápida oração fúnebre pelos infelizes suicidas. Entretanto, a questão nos parece muito grave e merece um exame sério. Do ponto de vista em que estão as coisas, o suicídio não é mais um fato isolado e acidental; pode, com inteira razão, ser considerado como um mal social, uma verdadeira calamidade. Ora, um mal que regularmente elimina de três a quatro mil pessoas por ano num único país e segue uma progressão crescente, não é devido a uma causa fortuita; há necessariamente um radical, absolutamente como quando se vê um grande número de pessoas morrer da mesma doença, o que deve chamar a atenção da Ciência e a solicitude das autoridades. Em semelhante caso, limitam-se a verificar o gênero de morte e o modo empregado para a executar, enquanto é negligenciado o elemento essencial, o único que nos poderia pôr no caminho do remédio: o motivo determinante de cada suicídio. Chegar-se-ia, assim, a constatar a causa predominante; mas, salvo circunstâncias muito características, acham mais simples e mais cômodo arrolá-los na classe dos monômanos e dos maníacos.

Incontestavelmente há suicídios por monomania, realizados fora do domínio da razão, por exemplo, os que ocorrem na loucura, na febre ardente, na embriaguez. Nestes a causa é puramente fisiológica; mas ao lado está a categoria, muito mais numerosa, dos suicídios voluntários, realizados com premeditação e com pleno conhecimento de causa. Certas pessoas imaginam que o suicida jamais esteja no seu bom-senso; é um erro de que partilhávamos outrora, mas que caiu ante uma observação mais atenta. Com efeito, estando em a Natureza o instinto de conservação, é muito racional pensar que a destruição voluntária seja contra a Natureza, razão pela qual muitas vezes se vê o instinto

triunfar no último instante sobre a vontade de morrer, donde se conclui que, para realizar esse ato, é preciso ter perdido a cabeça. Sem dúvida muitos suicidas são nesse momento tomados por uma espécie de vertigem e sucumbem a um primeiro momento de exaltação; se o instinto de conservação os domina no último instante, eles como que voltam à realidade e se agarram à vida. Mas é muito evidente, também, que muitos se matam a sangue-frio e com reflexão; e a prova está nas precauções calculadas que tomam, na ordem raciocinada que põem nos negócios, o que não é uma característica de loucura.

Faremos notar, sem maior exame, um traço peculiar do suicídio: é que os atos desta natureza, realizados em lugares completamente isolados e desabitados, são excessivamente raros; o homem perdido no deserto ou no mar morrerá de privações, mas não se suicidará, mesmo não esperando nenhum socorro. Aquele que voluntariamente quer deixar a vida aproveita bem o momento em que está só para não ser tolhido em seu desígnio, mas o faz de preferência nos centros populosos, onde seu corpo ao menos terá alguma chance de ser encontrado. Um pulará do alto de um monumento no centro da cidade, e não do alto de um penhasco, onde não lhe restará traço algum; outro se enforcará no *Bois de Boulogne*³⁴, e não numa floresta, onde ninguém passa. O suicida não quer ser impedido, mas deseja que se saiba, cedo ou tarde, que se suicidou; parece-lhe que essa lembrança dos homens o liga ao mundo que quis deixar, tanto é certo que a idéia do nada absoluto tem algo de mais aterrador que a própria morte. Eis um curioso exemplo que vem apoiar esta teoria:

Por volta de 1815, um rico inglês foi visitar a famosa cachoeira do Reno; ficou de tal modo entusiasmado, que voltou à Inglaterra, pôs ordem em seus negócios e voltou, alguns meses depois, para se precipitar no turbilhão. É, incontestavelmente, um

34 N. do T.: *Grifo nosso*. Grande área verde localizada a oeste de Paris. (Parque público)

ato de originalidade, mas duvidamos muito que ele se atirasse da catarata do Niágara, caso ninguém viesse saber do fato. Uma singularidade de caráter causou o ato; mas o pensamento de que iriam falar dele determinou a escolha do local e o momento. Caso seu corpo não fosse encontrado, pelo menos sua memória não desapareceria.

Em falta de uma estatística oficial, que desse a exata proporção dos diversos motivos de suicídio, não resta dúvida de que os casos mais numerosos são determinados pelos reveses da fortuna, as decepções, os pesares de qualquer natureza. Neste caso o suicídio não é um ato de loucura, mas de desespero. Ao lado desses motivos, que poderiam ser chamados sérios, uns há que são evidentemente fúteis, sem falar do indefinível desgosto pela vida, em meio aos prazeres, como o que acabamos de citar. O que é certo é que todos os que se suicidam só recorrem a esse extremo, com ou sem razão, porque não estão contentes. Sem dúvida a ninguém é dado remediar esta causa primária; contudo, o que se deve deplorar é a facilidade com a qual os homens cedem, desde algum tempo, a esse arrastamento fatal. É isto, sobretudo, que deve chamar a atenção e que, a nosso ver, é perfeitamente remediável.

Muitas vezes pergunta-se se há covardia ou coragem no suicídio. Incontestavelmente há covardia ante as provas da vida, mas há coragem em afrontar as dores e as angústias da morte. Parece que estes dois pontos encerram todo o problema do suicídio.

Por mais pungentes que sejam as opressões da morte, o homem as afronta e as suporta, se for estimulado pelo exemplo. É a história do conscrito que, sozinho, recuava diante do fogo, ao passo que ficava eletrizado, vendo que os outros marchavam sem medo. Dá-se o mesmo com o suicida: a visão dos que se libertam por esse meio dos aborrecimentos e desgostos da vida os leva a pensar que em breve esse momento passará; aqueles que pudessem

ser retidos pelo temor do sofrimento dirão que, desde que muitos assim o fazem, também podem fazer o mesmo; que é preferível sofrer alguns instantes a padecer durante anos. É somente nesse sentido que o suicídio é contagiante. O contágio não está nos fluidos nem nas atrações, mas no exemplo, que se acostuma com a idéia da morte e com o emprego dos meios para a executar. Isto é tão verdadeiro que quando se dá um suicídio de certa maneira, não é raro se sucederem outros do mesmo gênero. A história da famosa guarita onde em pouco tempo se enforcaram quatorze militares não tinha outra causa. O meio lá estava à vista; parecia cômodo e, por pouco que esses homens tivessem a veleidade de acabar com a vida, o aproveitavam. A simples visão poderia fazer brotar a idéia. Tendo sido o fato contado a Napoleão, este ordenou que queimassem a guarita. O mal cessou, desde que o meio já não estava à vista.

A publicidade dada aos suicídios produz sobre as massas o efeito da guarita; excita, encoraja, acostuma-se com a idéia e, até mesmo, a provoca. Sob esse aspecto consideramos as descrições do gênero e que abundam nos jornais como uma das causas excitantes do suicídio: elas dão *a coragem de morrer*. Acontece o mesmo com os crimes, com a ajuda dos quais se excita a curiosidade pública, produzindo um verdadeiro contágio moral; jamais detiveram um criminoso, enquanto fizeram surgir mais de um.

Examinemos agora o suicídio de um outro ponto de vista. Dizemos que, sejam quais forem os motivos particulares, tem sempre o descontentamento como causa. Ora, aquele que está certo de não ser infeliz senão por um dia e de estar melhor nos dias seguintes, facilmente adquire paciência; só se desespera se não vê um termo para os seus sofrimentos. Que é, pois, a vida humana em relação à eternidade, senão menos que um dia? Mas para aquele que não acredita na eternidade, que julga que tudo acaba com a vida, caso se sinta oprimido pela mágoa e pelo infortúnio só vê um termo na morte; nada esperando, acha muito natural, muito lógico mesmo, abreviar os sofrimentos pelo suicídio.

A incredulidade, a simples dúvida quanto ao futuro, as idéias materialistas são, numa palavra, os maiores excitantes do suicídio: levam à *covardia moral*. E quando se vêem homens de ciência apoiarem-se na autoridade de seu saber, *esforçando-se* por provar aos seus ouvintes ou leitores que nada devem esperar depois da morte, não é conduzi-los a essa conseqüência de que, se são infelizes, nada têm melhor a fazer do que se matarem? O que lhes poderiam dizer para os desviar do suicídio? Que compensação lhes podem oferecer? Que esperança podem dar? Nada que não seja o nada. Devemos, pois, concluir que se o nada é um remédio heróico, a única perspectiva, melhor é cair imediatamente do que mais tarde, sofrendo, assim, por menos tempo. A propagação das idéias materialistas é, pois, o veneno que inacula em muitos a idéia do suicídio, e os que se tornam seus apóstolos assumem uma terrível responsabilidade.

A isto talvez objetem que nem todos os suicidas são materialistas, considerando-se que há pessoas que se matam para mais depressa ganharem o céu, e outras para se reunirem mais cedo àqueles a quem amaram. É verdade, mas é, incontestavelmente, o menor número, de que nos convenceríamos se dispuséssemos de uma estatística, feita conscienciosamente, das causas íntimas de todos os suicídios. Seja como for, se as pessoas que cedem a tal pensamento crêem na vida futura, torna-se evidente que dela fazem um juízo completamente falso e a maneira pela qual a apresentam em geral não é muito apropriada para fazerem uma idéia mais justa. O Espiritismo não só vem confirmar a teoria da vida futura, mas a prova pelos fatos mais patentes possíveis: o testemunho daqueles que nela se encontram. E faz mais, ao no-la mostrar sob cores tão racionais, tão lógicas, que o raciocínio vem em apoio da fé. Não sendo permitida a dúvida, muda o aspecto da vida; sua importância diminui em razão da certeza que se adquire de um futuro mais próspero. Para o crente, a vida se prolonga indefinidamente para

além do túmulo; daí a paciência e a resignação que naturalmente afastam a idéia do suicídio; daí, numa palavra, *a coragem moral*.

Sob esse aspecto tem ainda o Espiritismo um outro resultado muito positivo e, talvez, mais determinante. Bem diz a religião que o suicídio é um pecado mortal, pelo qual se é punido. Mas como? Pelas chamas eternas, nas quais não mais se acredita. O Espiritismo nos mostra os próprios suicidas vindo explicar a sua posição infeliz, mas com uma diferença: as penas variam de acordo com as circunstâncias agravantes ou atenuantes, o que é mais conforme à justiça de Deus; que, em vez de serem uniformes, são a conseqüência muito natural da causa que provocou a falta, o que não se pode deixar de aí ver uma soberana justiça, distribuída com equidade. Entre os suicidas uns há cujo sofrimento, não obstante temporário, nem por isso é menos terrível e capaz de fazer refletir a quem quer que se sinta tentado a partir daqui antes da ordem de Deus. O espírita tem, assim, como contrapeso ao pensamento do suicídio vários motivos: a *certeza* de uma vida futura, na qual sabe que será tanto mais feliz quanto mais infeliz e resignado tiver sido na Terra; a *certeza* de que, abreviando a vida, chega a um resultado inteiramente oposto ao que esperava; que se liberta de um mal para cair noutra pior, mais longo e mais terrível; que não poderá rever no outro mundo os objetos de suas afeições, aos quais queria unir-se. Chega, assim, à conclusão de que o suicídio é contra os seus interesses. É por isso que o número de suicídios evitados pelo Espiritismo é considerável; de onde se pode inferir que, quando todo o mundo for espírita, não mais haverá suicídios voluntários, o que acontecerá mais cedo do que se imagina. Comparando, pois, os resultados das doutrinas materialista e espírita, apenas do ponto de vista do suicídio, constatamos que a lógica de um a ele conduz, enquanto a lógica do outro dele afasta, o que é confirmado pela experiência.

Mas – perguntarão – por esse meio destruireis a hipocondria, essa causa de tantos suicídios não motivados, desse

insuportável desgosto da vida, que nada parece justificar? Esta causa é eminentemente fisiológica, ao passo que as outras são morais. Ora, se o Espiritismo só curasse estas, já seria muito; a primeira é, propriamente falando, da alçada da Ciência, à qual poderíamos abandoná-la, dizendo: Nós curamos aquilo que nos diz respeito; por que não curais o que é da vossa competência? Contudo, não hesitamos em responder à questão afirmativamente.

Evidentemente certas afecções orgânicas são alimentadas, e mesmo provocadas, pelas disposições morais. O desgosto da vida o mais das vezes é fruto da saciedade. O homem que tudo usou, não vendo nada além, está na situação do ébrio que, tendo esvaziado a garrafa e nada mais tendo, a quebra. Os abusos e os excessos de toda sorte levam forçosamente a um enfraquecimento e a uma perturbação das funções vitais; daí uma porção de doenças cuja fonte é desconhecida e que julgamos causativas, quando, na verdade, são apenas consecutivas; daí, também, uma sensação de langor e de desalento. O que faltaria ao hipocondríaco para combater suas idéias melancólicas? Um objetivo na vida, um móvel à sua atividade. Que objetivo pode ter se em nada crê? O espírita faz mais do que acreditar no futuro: sabe, não pelos olhos da fé, mas pelos exemplos que tem à frente, que a vida futura, à qual não pode escapar, é feliz ou infeliz conforme o emprego que faça da vida corpórea; que a felicidade é proporcional ao bem que fizer. Ora, certo de viver depois da morte, e de viver muito mais tempo do que na Terra, é muito natural que pense em ser ali o mais feliz possível; além disso, certo de lá ser infeliz se não fizer o bem, ou mesmo se, não fazendo o mal, nada faz, compreende a necessidade de uma ocupação, o melhor preservativo contra a hipocondria. Com a certeza do futuro, tem um objetivo; com a dúvida, não o tem. É tomado pelo tédio e acaba com a vida porque nada mais espera. Que nos permitam uma comparação um pouco trivial, mas à qual não falta analogia: Um homem passou uma hora assistindo a um espetáculo. Se pensa que a peça acabou, levanta-se e sai; mas se souber que ainda vão representar coisa melhor e mais

longa do que o que viu, ficará, mesmo que no pior lugar. A espera do melhor nele vencerá a fadiga.

As mesmas causas que levam ao suicídio também provocam a loucura. O remédio de um é o remédio da outra, como o demonstramos alhures. Infelizmente, enquanto a Medicina só levar em conta o elemento material, privar-se-á de todas as luzes que lhe traria o elemento espiritual, o qual representa papel tão ativo num grande número de afecções.

Além disso, o Espiritismo nos revela a causa primeira do suicídio, e só ele o poderia fazer. As tribulações da vida são, ao mesmo tempo, expiações de faltas de vidas passadas e provas para o futuro. O próprio Espírito as escolhe, visando ao seu adiantamento; mas pode acontecer que, uma vez na obra, ache muito pesada a carga e recue na sua execução; é, então, que recorre ao suicídio, o que o retarda, ao invés de o fazer avançar. Acontece ainda que um Espírito se suicidou em precedente encarnação e, como expiação, é-lhe imposto na seguinte lutar contra a tendência do suicídio. Se sair vitorioso, progride; se sucumbir, terá de recomeçar uma vida talvez mais penosa ainda que a precedente e, assim, deverá lutar até que haja triunfado, pois toda recompensa na outra vida é fruto de uma vitória, e quem diz vitória diz luta. O espírita haure, pois, na certeza que ele tem deste estado de coisas, uma força de perseverança que nenhuma outra filosofia lhe poderia dar.

A. K.

Hereditariedade Moral³⁵

Um dos nossos assinantes nos escreve de Wiesbaden:

“Senhor, eu estudo cuidadosamente o Espiritismo em todos os vossos livros e, apesar da clareza que deles emanam, dois

35 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 529.

pontos importantes não me parecem bastante explicados aos olhos de certas pessoas, a saber: 1^o as faculdades hereditárias; 2^o os sonhos.

“De fato, como conciliar o sistema da anterioridade da alma com a existência das faculdades hereditárias? Entretanto elas existem, embora não de maneira absoluta. Diariamente elas nos chocam na vida privada; e também vemos, numa ordem mais elevada, os talentos sucedendo aos talentos, a inteligência à inteligência. O filho de Racine foi poeta; Alexandre Dumas tem como filho um autor ilustre; na arte dramática vemos a tradição de talentos numa mesma família e na arte da guerra uma raça, tal a dos duques de Brunswick, por exemplo, que forneceu uma série de heróis. A inépcia, o vício, o próprio crime também conservam sua tradição. Eugène Sue cita famílias onde várias gerações passaram sucessivamente pelo homicídio e pela guilhotina. A criação da alma por indivíduos explicaria ainda menos essas dificuldades, bem o compreendo, mas é preciso confessar que ambas as doutrinas se prestam aos golpes dos materialistas, que não vêm em todas as faculdades senão uma concentração de forças nervosas.

“Quanto aos sonhos, a doutrina espírita não concilia bem o sistema das peregrinações da alma durante o sono com a opinião vulgar que o torna simples reflexo das impressões percebidas durante a vigília. Esta última opinião poderia parecer a verdadeira explicação dos sonhos, ao passo que a peregrinação seria apenas um caso excepcional. (Seguem-se alguns exemplos em apoio).

“Que fique bem claro, senhor presidente, que aqui não pretendo fazer nenhuma objeção em meu nome pessoal; entretanto, pareceu-me útil que a *Revista Espírita* se ocupasse dessas questões, ainda que fosse para fornecer os meios de responder aos incrédulos. Quanto a mim, sou crente e apenas busco a minha instrução.”

A questão dos sonhos será examinada posteriormente, em artigo especial. Hoje só nos ocuparemos da *hereditariedade moral*, deixando que dela tratem os Espíritos e nos limitando a algumas observações preliminares.

Diga-se o que se disser a respeito, os materialistas não ficarão mais convencidos, porque, não admitindo o princípio, não lhe podem admitir as conseqüências. Antes de tudo seria necessário que se tornassem espiritualistas. Ora, não é por essa questão que se deve começar. Assim, não nos ocuparemos de suas objeções.

Tomando por ponto de partida a existência de um princípio inteligente fora da matéria, em outras palavras, a existência da alma, a questão é saber se as almas procedem das almas, ou se são independentes. Cremos já haver demonstrado, em nosso artigo sobre *Os Espíritos e a linhagem*, publicado no mês de março último, a impossibilidade da criação de alma por alma. Efetivamente, se a alma da criança fosse uma parte da do pai, deveria sempre ter as suas qualidades e imperfeições, em virtude do axioma: a parte é da mesma natureza que o todo. Ora, a experiência prova todos os dias o contrário. É verdade que citam exemplos de similitudes morais e intelectuais que parecem devidos à hereditariedade, sendo forçoso concluir que tivesse havido uma transmissão. Mas, então, porque essa transmissão nem sempre ocorre? Por que vemos, diariamente, pais essencialmente bons ter filhos instintivamente viciosos e *vice-versa*? Desde que é impossível fazer da hereditariedade moral uma regra geral, trata-se de explicar, com o sistema da recíproca independência das almas, a causa das similitudes. Isto poderia ser no máximo uma dificuldade, mas em nada comprometeria a doutrina da anterioridade da alma e a da pluralidade das existências, considerando-se que esta doutrina está provada por centenas de fatos concludentes, contra os quais é impossível levantar objeções sérias. Deixemos falar os Espíritos que houveram por bem tratar da questão. Eis as duas comunicações que a respeito obtivemos.

(Sociedade Espírita de Paris, 23 de maio de 1862

– Médium: Sr. d'Ambel)

Já foi dito muitas vezes que não havia necessidade de erguer um sistema sobre simples aparências; e é dessa natureza o sistema que deduz das semelhanças familiares uma teoria contrária àquela que vos demos, da existência das almas, anteriormente à sua encarnação terrestre. É positivo que muitas vezes estas jamais tiveram relações diretas com os meios, com as famílias nas quais se reencarnam. Já vos repetimos muitas vezes que as semelhanças corporais são devidas a uma questão material e fisiológica absolutamente independentes da ação espiritual, e que as aptidões e gostos semelhantes resultam, não da procriação da alma por outra já nascida, mas porque os Espíritos semelhantes se atraem. Daí as famílias de heróis ou as raças de salteadores. Admiti, pois, em princípio, que os Espíritos bons escolhem de preferência para sua nova etapa terrestre o meio onde o terreno já esteja preparado, a família de Espíritos adiantados, onde têm certeza de encontrar os materiais necessários ao seu progresso futuro; admiti, igualmente, que os Espíritos atrasados, ainda inclinados aos vícios e aos apetites animais, fujam dos grupos elevados, das famílias moralizadas e, ao contrário, se encarnem onde esperam encontrar os meios de satisfazerem às paixões que ainda os dominam. Assim, pois, em tese, as semelhanças espirituais decorrem do fato de que os semelhantes atraem os semelhantes, ao passo que as semelhanças corpóreas são devidas à procriação. Agora é preciso acrescentar isto: muitas vezes nascem em famílias, dignas em todos os sentidos do respeito de seus concidadãos, indivíduos viciosos e maus, que aí são enviados para servirem de pedra de toque daquelas. Por vezes, ainda, eles vêm por conta própria, na esperança de saírem da situação difícil em que até então se demoravam, para se aperfeiçoarem sob a influência desses meios virtuosos e moralizados. Sucede o mesmo com Espíritos já adiantados moralmente que, a exemplo dessa jovem de Saint-Étienne, de que se falou ano passado, se reencarnam em famílias obscuras, entre

Espíritos atrasados, a fim de lhes mostrar o caminho que conduz ao progresso. Tenho certeza de que não esqueceste o anjo de asas brancas em que ela pareceu transfigurar-se aos olhos dos que a tinham amado na Terra, quando estes, por sua vez, retornaram ao mundo dos Espíritos. (*Revista Espírita* de junho de 1861 – Médiun: Sra. Gourdon).

Erasto

(Outra; mesma sessão – Médiun: Sra. Costel)

Venho explicar-vos a importante questão da hereditariedade das virtudes e dos vícios na raça humana. Essa transmissão faz que vacilem aqueles que não compreendem a imensidade do dogma revelado pelo Espiritismo. Os mundos intermediários são habitados por Espíritos que esperam a prova da reencarnação ou a ela se preparam novamente, conforme o seu grau de adiantamento. Nesses centros de formação da vida eterna, os Espíritos são agrupados e divididos em grandes tribos, uns à frente, outros a reboque do progresso, e cada um escolhe, entre os grupos humanos, aqueles que correspondem simpaticamente às suas faculdades adquiridas, as quais progridem e não podem retrogradar.

O Espírito que se reencarna escolhe o pai, cujo exemplo o fará avançar na senda preferida, de modo a refletir, elevando-os ou enfraquecendo-os, os talentos daquele que lhe deu a vida corporal. Em ambos os casos, a união simpática já existe anteriormente ao nascimento e a seguir é desenvolvida nas relações de família, pela imitação e pelo hábito.

Depois da hereditariedade familiar, meus amigos, quero vos revelar a origem da discordância que separa os indivíduos de uma mesma raça, repentinamente ilustrada ou desonrada por um de seus membros tornado estranho ao meio. O bruto vicioso que se encarnou num centro elevado e o Espírito luminoso que se reencarna entre seres grosseiros, obedecem à misteriosa harmonia

que aproxima as partes divididas de um todo e faz a concordância entre o infinitamente pequeno com a suprema grandeza. O Espírito culpado, apoiado nas virtudes adquiridas de seu procriador terreno, espera fortificar-se por elas e, se ainda sucumbe na prova, adquire pelo exemplo o conhecimento do bem, retornando à erraticidade menos carregado de ignorância e mais bem preparado para sustentar uma nova luta.

Os Espíritos adiantados entrevêem a glória de Jesus, tomados pelo desejo ardente de esgotar o cálice da caridade. Como ele, também, querem guiar a Humanidade para o objetivo sagrado do progresso, renascendo nas baixas camadas sociais, onde lutam, acorrentados uns aos outros, contra a ignorância e o vício, dos quais são, sucessivamente, os vencedores e os mártires.

Caso esta resposta não satisfaça a todas as vossas dúvidas, interrogai-me, meus amigos.

São Luís

Poesia Espírita

(Sociedade Espírita de Bordeaux – Médium: Sr. Ricard)

A CRIANÇA E A VISÃO

Mãezinha, a noite já é brumosa,
E eu sinto, agora, o sono vir;
Põe-me em meu leito cor-de-rosa!...
Ou nos teus braços vou dormir.

Criança, a Deus faz oração.
E de joelhos, filha, vamos;
Pelo teu pai, de coração,
Juntas, a Deus com fé peçamos.

Lá em cima ele está, mamãe, não é?
Perto de Deus que Deus o quis;

Não quer os maus, que não têm fé,
Mas meu paizinho fez feliz!

Que Deus te entenda!... Ó cara filha,
Que Ele te escute com bondade!
Tenha teu pai, na santa trilha,
Ventura!... Paz!... Felicidade!

Peço também por ti, mãezinha;
Eu disse a Deus: “Pai poderoso,
“Levaste o pai, mas da filhinha
“A mãe não tires, Pai bondoso.”

Muito obrigada, ó Gabriela!
Que coração numa menina!
Sobre ti do Alto teu pai vela
E em tua frente ele se inclina.

Eu bem queria, mãe querida,
Já que meu pai nossa alma alcança,
Que ele voltasse da outra vida
Para abraçar sua criança.

Que tal prodígio pede a Deus
Aqui por nós, sofremos tanto!...
A alma de um morto às vezes seus
Filhinhos vem lenir o pranto.

Mãezinha, a noite é já brumosa
E eu sinto, agora, o sono vir...
Põe-me em meu leito cor-de-rosa!...
Adeus, mamãe!... Eu vou dormir.

Mas não!... Eu vejo!... É bem meu pai!
Ele está aqui... junto a meu leito!
Que se aproxima e sobressai,
Mamãe, nos olha satisfeito...

Sinto a ternura de seu beijo;
E meus cabelos sua mão!...
Fechar-me a boca tem ensejo,
E logo então retorna aos céus!

Mãezinha, a noite é já brumosa,
 Mas já não posso mais dormir..
 É que meu pai ao cor-de-rosa
 Leito meu prometeu revir!

Teu Anjo-da-Guarda

Duplo Suicídio por Amor e Dever

ESTUDO MORAL

No *Opinion nationale*, de 13 de junho, lemos o seguinte:

“Terça-feira última, dois caixões entraram juntos na Igreja da Boa-Nova. Eram acompanhados por um homem que parecia presa de uma dor profunda e por uma multidão considerável, na qual se notava recolhimento e tristeza. Eis um breve relato dos acontecimentos, em consequência dos quais se realizava aquela dupla cerimônia fúnebre.

“A Sra. Palmira, modista, residia com os pais. Era dotada de um físico encantador, ao qual se aliava um caráter muito amável. Por isso, era muito requestada com propostas de casamento. Entre os aspirantes à sua mão, havia preferido o Sr. B..., que por ela nutria uma viva paixão. Embora o amasse muito, mas premida pelo respeito filial, julgou-se no dever de ceder à vontade dos pais, de desposar o Sr. D..., cuja posição social lhes parecia mais vantajosa que a do rival. O casamento foi celebrado há quatro anos.

“Os Srs. B... e D... eram amigos íntimos. Conquanto não tivessem nenhum interesse comum, não deixaram de se ver. O amor recíproco do Sr. B... e de Palmira, transformada na Sra. D..., não havia diminuído e, como se esforçassem por reprimi-lo, ele aumentava, em razão da própria violência que lhe faziam. Para tentar apagá-lo, B... tomou o partido de se casar. Desposou uma jovem de excelentes qualidades e fez todo o possível para amá-la. Mas não tardou a perceber que esse meio heróico era impotente

para o curar. Todavia, durante quatro anos, nem B... nem a Sra. D... faltaram aos seus deveres. Impossível descrever o que eles sofreram, porquanto D..., que estimava verdadeiramente o seu amigo, o atraía sempre para a sua casa e, quando ele queria retirar-se, insistia para que ficasse.

“Enfim, há alguns dias, aproximados por uma circunstância fortuita, os dois amantes não puderam resistir à paixão que os arrastava um para o outro. Apenas cometida a falta, sentiram o mais doloroso remorso. A jovem senhora lançou-se aos pés do marido assim que ele voltou, e lhe disse em soluços:

“Expulsai-me! Matai-me! Agora sou indigna de vós!

“E como ele ficasse mudo de espanto e de dor, ela lhe contou suas lutas, seus sofrimentos, tudo quanto lhe tinha sido preciso de coragem para não falir mais cedo. Fê-lo compreender que, dominada por um amor ilegítimo, jamais tinha cessado de ter por ele o respeito, a estima e a afeição de que ele era digno.

“Em vez de amaldiçoá-la, o marido chorava. B... chegou em meio a esta cena e fez uma confissão semelhante. D... fez que ambos se levantassem e lhes disse:

“Sois dois corações bons e leais. Só a fatalidade vos tornou culpados. Li no fundo dos vossos pensamentos e neles vi sinceridade. Por que vos puniria por um arrastamento ao qual não resistiram todas as vossas forças morais? A punição está no pesar que sentis. Prometei-me que vos deixareis de ver e não tereis perdido nem a minha estima, nem a minha afeição.

“Esses dois desventurados amantes apressaram-se em fazer o juramento pedido. A maneira pela qual sua confissão havia sido recebida pelo Sr. D... aumentou-lhes a dor e o remorso. Tendo o acaso lhes ensejado um encontro de que não cogitavam, comunicaram-se reciprocamente o estado de alma e concordaram em que a morte seria o único remédio aos males que

experimentavam. Resolveram matar-se juntos no dia seguinte, quando o Sr. D... estaria ausente de casa grande parte do dia.

“Depois de feitos os últimos preparativos, escreveram uma longa carta, na qual, em resumo, diziam:

“Nosso amor é mais forte que todas as promessas. Poderíamos ainda, mau grado nosso, fraquejar e sucumbir. Não conservaremos uma existência culposa. Para nossa expiação faremos ver que a falta que cometemos não deve ser atribuída à nossa vontade, mas ao desvario de uma paixão cuja violência estava acima de nossas forças.”

“Esta carta comovedora terminava por um pedido de perdão e os dois amantes imploravam como graça serem enterrados no mesmo túmulo.

“Quando o Sr. D... entrou em casa deparou-se com um estranho e doloroso espetáculo. No meio do espesso vapor que emanava de um forno portátil cheio de carvão, os dois amantes, deitados e bem vestidos no leito, estavam estreitamente abraçados. Tinham cessado de viver.

“O Sr. D... respeitou a última vontade dos dois. Quis que juntos participassem das preces da Igreja e que no cemitério não fossem separados.”

O Sr. cura da Boa-Nova julgou por bem desmentir, num artigo inserido em vários jornais, a admissão dos dois corpos em sua igreja, já que as regras canônicas a isto se opunham³⁶.

Tendo sido lido esse relato como tema de estudo moral na Sociedade Espírita de Paris, dois Espíritos fizeram a seguinte apreciação:

36 N. do T.: A Igreja Católica nega aos suicidas as cerimônias e orações póstumas.

“Eis aí a obra de vossa sociedade e dos vossos costumes! Mas o progresso será feito. Mais algum tempo e fatos como este não irão repetir-se. Alguns indivíduos são como certas plantas colocadas numa estufa: falta-lhes o ar; sufocam e não podem espargir o seu perfume. Vossas leis e vossos costumes fixaram limites à expansão de certos sentimentos, o que muitas vezes leva duas almas, dotadas das mesmas faculdades, dos mesmos instintos simpáticos, a se encontrarem em duas ordens diferentes e, não podendo unir-se, aniquilam-se na tenacidade de quererem encontrar-se. Que fizestes do amor? Vós o reduzistes a uma pilha de moedas; vós o jogastes numa balança; em vez de ser rei, é escravo; de um laço sagrado vossos costumes fizeram corrente de ferro, cujos elos esmagam e matam os que não nasceram para serem acorrentados.

“Ah! se vossas sociedades marchassem pelos caminhos de Deus, vossos corações não se consumiriam em chamas passageiras e vossos legisladores não teriam sido forçados a manter vossas paixões pelas leis. Mas o tempo marcha e soará a grande hora, na qual podereis todos viver a verdadeira vida, a vida do coração. Quando as batidas do coração não mais forem comprimidas pelos frios cálculos dos interesses materiais, não mais vereis esses suicídios horríveis, que de vez em quando vêm lançar um desmentido sobre os vossos preconceitos sociais.”

Santo Agostinho (Médium: Sr. Vézzy)

“Os dois amantes que se suicidaram ainda não vos podem responder. Eu os vejo. Estão mergulhados na perturbação e assustados pelo sopro da eternidade. As conseqüências morais de sua falta os castigarão durante sucessivas migrações, nas quais suas almas separadas buscar-se-ão incessantemente e sofrerão o duplo suplício do pressentimento e do desejo. Realizada a expiação, serão para sempre reunidos no seio do eterno amor.”

Georges (Médium: Sr. Costel)

Oito dias depois, tendo consultado o guia espiritual do médium sobre a possibilidade da evocação desses dois Espíritos, foi respondido: “Eu vos disse da última vez que na vossa próxima sessão poderíeis evocá-los; virão ao apelo de meu médium, mas não se verão; uma noite profunda os oculta um do outro por muito tempo.”

Santo Agostino (Médium: Sr. Vézzy)

1. Evocação da mulher.

Resp. – Sim; comunicar-me-ei, mas com o auxílio do Espírito aqui presente, que me ajuda e se me impõe.

2. Vedes o vosso amado, com o qual vos suicidastes?

Resp. – Nada vejo; nem mesmo os Espíritos que vagueiam comigo no lugar onde estou. Que noite! Que noite! E que espesso véu sobre o meu rosto!

3. Que sensação experimentastes depois do despertar da morte?

Resp. – Estranha. Tinha frio e queimava; o gelo corria-me nas veias e o fogo estava em meu rosto! Coisa estranha! Mistura inaudita! Gelo e fogo parecendo comprimir-me! Pensei que ia sucumbir segunda vez.

4. Experimentais dor física?

Resp. – Todo o meu sofrimento está *aqui e ali*.

5. Que quereis dizer por *aqui e ali*?

Resp. – *Aqui*, em meu cérebro; *ali*, no meu coração.

Observação – Se pudéssemos ver o Espírito, provavelmente o veríamos levar a mão à frente e ao coração.

6. Credes que ficareis sempre nesta situação?

Resp. – Oh! sempre, sempre! Por vezes escuto risos infernais, vozes assustadoras que me gritam estas palavras: Sempre assim!

7. Pois bem! Nós vos podemos dizer, com toda a certeza, que não será sempre assim. Arrependendo-vos, obtereis o perdão.

Resp. – Que dissestes? Não compreendo.

8. Repito que os vossos sofrimentos terão um termo, que podeis apressar pelo vosso arrependimento e nós vos ajudaremos pela prece.

Resp. – Só entendi uma palavra e sons vagos. Essa palavra é *graça!* Foi da *graça* que quisestes falar? Oh! o adultério e o suicídio são dois crimes muito odiosos! Falastes de *graça*: sem dúvida à alma que passa ao meu lado, pobre criança que chora e espera.

Observação – Uma dama da sociedade disse que acabara de dirigir uma prece a Deus por essa infeliz e que, sem dúvida, foi o que a tocou; que, de fato, havia implorado para ela mentalmente a *graça* de Deus.

9. Dissestes que estais nas trevas. Não nos vedes?

Resp. – É-me permitido escutar algumas palavras que pronunciais, embora não veja senão um crepe negro sobre o qual se desenha, em certas horas, uma cabeça que chora.

10. Se não vedes o vosso amado, não sentis a sua presença perto de vós, já que ele está aqui?

Resp. – Ah! não me faleis dele; por ora devo esquecê-lo, se quiser que do crepe se apague a imagem que aí vejo esboçada.

11. Que imagem é esta?

Resp. – A de um homem que sofre, cuja existência moral na Terra eu matei por muito tempo.

Observação – Como demonstra a observação dos fatos, freqüentemente a escuridão acompanha o castigo dos Espíritos criminosos. Segue-se imediatamente à morte e sua duração, muito

variável conforme as circunstâncias, pode ir de alguns meses a alguns séculos. Compreende-se facilmente o horror de semelhante situação, na qual o culpado não divisa senão o que lhe pode lembrar a falta e aumentar, pelo silêncio, a solidão e a incerteza em que está mergulhado, as ansiedades e o remorso.

Lendo-se esta narrativa ficamos, em princípio, predispostos a encontrar circunstâncias atenuantes para o suicídio, a encará-lo até como um ato heróico, visto ter sido provocado pelo sentimento do dever. No entanto, vemos que foi julgado diversamente, e que a pena dos culpados será longa e terrível, porque se refugiaram voluntariamente na morte, a fim de fugir à luta. A intenção de não faltar ao dever era nobre, sem dúvida, e lhes será levada em conta mais tarde; mas o verdadeiro mérito teria consistido em vencer o arrastamento, ao passo que eles fizeram como o desertor, que se esquiva no momento do perigo.

Como se vê, a pena dos dois culpados consistirá em se buscarem por muito tempo sem se encontrarem, seja no mundo dos Espíritos, seja em outras encarnações terrestres; está momentaneamente agravada pela idéia de que o seu estado atual deve durar sempre. Fazendo parte do castigo um tal pensamento, não lhes foi permitido ouvir as palavras de esperança que lhes dirigimos. Aos que achassem essa pena muito terrível e muito longa, sobretudo se não deve cessar senão depois de várias encarnações, diríamos que sua duração não é absoluta, e que dependerá da maneira pela qual suportarão as provas futuras, no que poderemos ajudá-los por meio de preces. Como todos os Espíritos culpados, serão os árbitros de seu próprio destino. Isto não é melhor que a danação eterna, sem esperança, a que são irremediavelmente condenados, segundo a doutrina da Igreja, que os considera de tal modo jurados ao inferno que lhes recusou as últimas preces, sem dúvida por não terem utilidade?

Certos católicos censuram o Espiritismo porque este não admite o inferno. Realmente ele não admite a existência de um

inferno localizado, com as suas chamas, os seus tridentes e as torturas corporais tomadas do Tártaro dos pagãos; mas a posição em que nos mostra os Espíritos infelizes não é muito melhor. Há, porém, uma diferença radical: a natureza das penas nada tem de irracional e a sua duração, em vez de ser irremissível, está subordinada ao arrependimento, à expiação e à reparação, o que é, ao mesmo tempo, mais lógico e mais conforme à doutrina da justiça e da bondade de Deus.

No caso em questão, teria sido o Espiritismo um remédio eficaz para evitar o suicídio? Sem dúvida. Ele teria dado a esses dois seres uma confiança no futuro que haveria mudado completamente sua maneira de encarar a vida terrestre e, por conseguinte, lhes teria dado a força moral que lhes faltou. Supondo que tivessem tido fé no futuro, o que ignoramos, e que o seu objetivo, ao se matarem, fosse o de se reunirem mais depressa, teriam sabido, por inúmeros exemplos análogos, que chegariam a resultados diametralmente opostos e se achariam separados por muito mais tempo do que se estivessem na Terra, pois Deus não permitiria recompensa à infração de suas leis. Assim, certos de não poderem realizar seus desejos, mas, ao contrário, de se acharem numa posição cem vezes pior, seu próprio interesse os levaria a ter mais paciência.

Nós os recomendamos às preces de todos os espíritas, a fim de lhes dar a força e a resignação que haverão de sustentá-los em suas novas provas e ainda apressar o termo de seu castigo.

Ensinos e Dissertações Espíritas

UNIÃO SIMPÁTICA DAS ALMAS

(Bordeaux, 15 de fevereiro de 1862 – Médiun: Sra. H...)

P. – Já me dissestes várias vezes que nos reuniríamos para não mais nos separarmos. Como poderá dar-se isto? As

reencarnações, mesmo as que se seguem às da Terra, nem sempre separam por um tempo mais ou menos longo?

Resp. – Eu to disse: Deus permite aos que se amam sinceramente e souberam sofrer com resignação para expiar suas faltas, reunir-se, a princípio no mundo dos Espíritos, onde progredirem juntos, a fim de conseguirem encarnações nos mundos superiores. Podem, pois, se o pedirem com fervor, deixar os mundos espíritas na mesma época, reencarnar nos mesmos lugares e, por um encadeamento de circunstâncias previstas, reunir-se pelos laços que mais convierem aos seus corações.

Uns terão pedido para serem pai ou mãe de um Espírito que lhes era simpático e se sentirão felizes por o dirigirem no bom caminho, cercando-o dos ternos cuidados da família e da amizade. Outros terão pedido a graça de se unirem pelo matrimônio e verem escoar-se muitos anos de felicidade e de amor. Refiro-me ao casamento entendido no sentido da união íntima de dois seres que não querem separar-se mais. Entretanto, tal como é compreendido na Terra, o casamento não é conhecido nos mundos superiores. Nesses lugares de felicidade, de liberdade e de alegria, os laços são de flores e de amor; e não creias que, por isso, sejam menos duráveis. Só o coração fala e guia nessas uniões tão doces. Uniões livres e felizes, casamento de almas perante Deus, eis a lei do amor dos mundos superiores! E os seres privilegiados dessas regiões abençoadas, sentindo-se mais fortemente ligados por semelhantes sentimentos do que o são os homens da Terra, que muitas vezes desprezam os mais sagrados compromissos, não oferecem o deplorável espetáculo de uniões perturbadas incessantemente pela influência dos vícios, das paixões inferiores, da inconstância, da inveja, da injustiça, da aversão, de todas essas horríveis inclinações que conduzem ao mal, ao perjúrio e à violação dos mais solenes juramentos. Pois bem! esses casamentos abençoados por Deus, essas uniões tão afetuosas são a recompensa daqueles que, tendo-se amado profundamente no sofrimento, pedem ao Senhor, justo e bom, para continuarem a se amar em

mundos superiores, sem, contudo, temerem uma próxima e dolorosa separação.

Que haverá nisso que não seja fácil de compreender e admitir? Deus, que ama a todos os seus filhos, não teria podido criar, para aqueles que se tivessem tornado dignos, uma felicidade tão perfeita quanto cruéis tinham sido as provas? Que poderia conceder de mais conforme ao sincero desejo de todo coração amoroso? De todas as recompensas prometidas aos homens, haverá algo semelhante a esse pensamento, a essa esperança, eu poderia dizer, a essa certeza: unir-se aos seres adorados para a eternidade?

Crê-me, filha querida, nossas secretas aspirações, essa necessidade misteriosa, mas irresistível de amar, de amar longamente, de amar sempre, não foi colocada por Deus nos nossos corações senão porque a promessa do futuro nos permitia essas doces esperanças. Deus não nos fará experimentar as dores da decepção. Nossos corações querem a felicidade e só palpitam pelas afeições puras. A recompensa só poderia ser a perfeita realização de nossos sonhos de amor. Do mesmo modo que, pobres Espíritos sofredores destinados à provação, foi-nos preciso pedir e, por vezes, até mesmo escolher as mais cruéis expiações, também escolhemos, como Espíritos felizes e regenerados, na nova vida destinada a nos depurar ainda mais, a soma de felicidades concedidas ao Espírito adiantado. Tens aí, filha bem-amada, uma exposição sumária das felicidades futuras. Muitas vezes teremos ocasião de voltar a esse agradável assunto. Deves compreender quanto a perspectiva desse futuro me torna feliz e quanto me é doce confiar-te as minhas esperanças!

P. – Nós nos reconhecemos nessas novas e felizes existências?

Resp. – Se não nos reconheçêssemos seria completa a felicidade? Sem dúvida seria felicidade, pois nesses mundos privilegiados todos os seres são destinados a ser felizes. Mas seria

isto a perfeição da felicidade para os que, separados bruscamente na mais bela época da vida, pedem a Deus para se unirem em seu seio? Seria a realização de nossos sonhos e de nossas esperanças? Não; tu pensas como eu. Se um véu fosse lançado sobre o passado, não haveria a suprema felicidade, a inefável alegria de nos revermos depois das tristezas da ausência e da separação; não haveria, ou pelo menos ignoraríamos, essa antiguidade de afeição que mais ainda aperta os laços. Assim como em vossa Terra dois amigos de infância gostam de encontrar-se no mundo, na sociedade, e se buscam muito mais do que se suas relações apenas datassem de alguns dias, também os Espíritos que mereceram o inapreciável favor de se unirem nos mundos superiores são duplamente felizes e reconhecidos a Deus por esse novo encontro, que corresponde às suas mais caras aspirações.

Os mundos colocados acima da Terra na escala da perfeição são cumulados de todos os favores que possam contribuir para a perfeita felicidade dos seres que os habitam; o passado não lhes é oculto, porque a lembrança de seus antigos sofrimentos, de seus erros, resgatados à custa de muitos males, e a lembrança, ainda mais viva, de suas afeições sinceras, lhes faz achar mil vezes mais doce essa nova vida e os protegem contra faltas a que, talvez, pudessem ser arrastados por uns resquícios de fraqueza. Para os homens esses mundos são o paraíso terrestre, destinado a conduzi-los ao paraíso divino.

Observação – Enganar-nos-íamos redondamente quanto ao sentido desta comunicação se nela víssemos uma crítica às leis que regem o casamento e a sanção das uniões efêmeras extra-oficiais. No que respeita às leis, as únicas imutáveis são as leis divinas, ao passo que as leis humanas, devendo ser apropriadas aos costumes, aos usos, aos climas e ao grau de civilização, são essencialmente mutáveis; seria deplorável que assim não fosse, e que os povos do século dezenove estivessem presos às mesmas regras que regiam os nossos pais. Assim, se as leis mudaram deles

até nós, como não chegamos à perfeição, deverão mudar de nós aos nossos descendentes. No momento em que é feita, toda lei tem a sua razão de ser e a sua utilidade; mas pode acontecer que, sendo boa hoje, não mais o seja amanhã. No estado dos nossos costumes, de nossas exigências sociais, o casamento necessita ser regulado pela lei, e a prova de que esta lei não é absoluta é que não é a mesma para todos os países civilizados. É, pois, permitido pensar que nos mundos superiores, onde não há os mesmos interesses materiais a salvaguardar, onde não existe o mal, isto é, onde os Espíritos maus são excluídos da encarnação, onde, conseqüentemente, as uniões resultam da simpatia e não do cálculo, as condições devam ser diferentes. Mas aquilo que é bom para eles poderia ser muito mau para nós.

Além disso, é preciso levar em conta que os Espíritos se desmaterializam à medida que se elevam e se depuram. Só nas fileiras inferiores a encarnação é material. Para os Espíritos superiores não há mais encarnação material e, conseqüentemente, não há procriação, pois esta se dá pelo corpo e não pelo Espírito. Uma afeição pura é, pois, o único objetivo da união e, por isto, ao contrário do que ocorre na Terra, não necessita da sanção oficial.

UMA TELHA

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sra. C.)

Passando pela rua e lhe caindo aos pés uma telha, diz um homem: “Que sorte! Um passo a mais e eu estaria morto.” Em geral é o único agradecimento que dirige a Deus. Entretanto esse mesmo homem, pouco tempo depois, adoece e morre na cama. Por que, então, foi preservado da telha, para, como todo o mundo, morrer alguns dias depois? Foi o acaso – dirá o incrédulo – como ele próprio disse: Que sorte! De que lhe adiantou escapar da morte no primeiro acidente, se sucumbiu ao segundo? Em todo o caso, se a sorte o favoreceu, o favor não durou muito.

A essa pergunta o espírita responde: A cada instante escapais de acidentes que, como se costuma dizer, vos deixam a um passo da morte. Não vedes nisso um aviso do céu para vos provar que vossa vida está por um fio, que jamais tendes certeza de viver amanhã e que, assim, deveis sempre estar preparados para partir? Mas, que fazeis, quando deveis empreender uma longa viagem? Fazei os vossos preparativos, arranjai os negócios, muni-vos de provisões e de coisas necessárias para o caminho; desembaraçai-vos de tudo quanto pudesse dificultar e retardar a marcha. Se conheceis o país para onde vos dirigis, se lá tendes amigos e conhecidos, partis sem receio, certos de serdes bem recebidos. Caso contrário, estudais o mapa da região e arranjai cartas de recomendação. Suponde que sejais obrigados a empreender essa viagem de um momento para outro, que não tendes tempo de fazer preparativos, ao passo que se estivésseis prevenidos com bastante antecedência, teríeis disposto todas as coisas para vosso conforto e vosso lazer.

Pois bem! todos os dias estais expostos a empreender a maior, a mais importante das viagens, aquela que deveis fazer inevitavelmente; e, no entanto, não pensais nisto mais do que se tivésseis de viver para sempre na Terra! Em sua bondade, Deus cuida de vós, advertindo-vos por numerosos acidentes, aos quais escapais, e não tendes para Ele senão esta expressão: Que sorte!

Espíritas! Sabeis que preparativos deveis fazer para essa grande viagem, que tem para vós conseqüências muito mais importantes do que todas as que empreendeis na Terra? Porque da maneira por que ela se realizar depende a vossa felicidade futura. O mapa que vos dará a conhecer o país onde ides entrar é a iniciação nos mistérios da vida futura. Por ela o país não será novidade para vós. Vossas provisões são as boas ações que tiverdes realizado e que vos servirão de passaporte e de cartas de recomendação. Quanto aos amigos que lá encontrareis, vós os conheceis. É dos maus sentimentos que vos deveis desembaraçar, pois infeliz é aquele a

quem a morte surpreende com ódio no coração, como se fora alguém que caísse na água com uma pedra atada ao pescoço, sendo arrastado para as profundezas. Os negócios que deveis pôr em ordem são o perdão aos que vos ofenderam; os erros cometidos para com o próximo, que deveis ter pressa em reparar, a fim de conquistardes o perdão, porquanto os erros são dívidas, de que o perdão é a quitação. Apressai-vos, pois, que a hora da partida pode soar de um momento para outro e não vos dar tempo para a reflexão.

Em verdade vos digo: a telha que cai aos vossos pés é o sinal que vos adverte para estardes sempre prontos a partir ao primeiro chamamento, a fim de não serdes tomados de surpresa.

O Espírito de Verdade

CÉSAR, CLÓVIS E CARLOS MAGNO

(Sociedade Espírita de Paris, 24 de janeiro de 1862;

assunto proposto. – Médiun: Sr. A. Didier)

Esta não é apenas uma questão material, mas, também, muito espiritualista. Antes de abordar o ponto principal, um há, do qual falaremos em primeiro lugar. O que é a guerra? Para começar, respondemos que a guerra é permitida por Deus, pois que existe, existiu e existirá sempre. É erro na educação da inteligência não ver em César senão um conquistador, em Clóvis senão um bárbaro, em Carlos Magno senão um déspota, cujo sonho insensato queria fundar um imenso império. Ah! meu Deus! Como geralmente se diz, os conquistadores são os próprios joguetes de Deus. Como sua audácia, seu gênio os fez chegar ao primeiro posto, viram em torno de si não só homens armados, mas idéias, progressos, civilizações, que era necessário lançar às outras nações. Partiram, como César, para levar Roma a Lutécia; como Clóvis, para os germes de uma solidariedade monárquica; como Carlos Magno, para irradiar o facho do Cristianismo entre os povos cegos, nas nações já

corrompidas pelas heresias dos primeiros tempos da Igreja. Ora, eis o que aconteceu: César, o mais egoísta desses três grandes gênios, faz servir a tática militar, a disciplina, a lei, numa palavra, para os trazer às Gálias; na retaguarda de seus exércitos seguia a idéia imortal, e as tribos, vencidas e indomáveis, sofriam o jugo de Roma, é certo, mas se transformavam em províncias romanas. A orgulhosa Marselha teria existido sem Roma? Lugdunum³⁷ e tantas outras cidades célebres nos anais tornaram-se centros imensos, focos de luz para as ciências, as letras e as artes. César é, pois, um grande propagador, um desses homens universais, que se servem do homem para civilizar o homem, um desses homens que sacrificam homens em proveito da idéia.

O sonho de Clóvis foi estabelecer uma monarquia, bases, uma regra para o seu povo. Mas como a graça do Cristianismo não o iluminava ainda, foi propagador bárbaro. Devemos encará-lo na sua conversão: Imaginação ativa, febril, belicosa, viu na vitória sobre os visigodos uma prova da proteção de Deus; e, doravante, certo de estar sempre com Ele, deixou-se batizar. Eis que o batismo se propaga nas Gálias e o Cristianismo se expande cada vez mais. É o momento de dizer, com Corneille: Roma não era mais Roma. Os bárbaros invadiram o mundo romano.

Depois da pilhagem de todas as civilizações esboçadas pelos romanos, eis que um homem sonha espalhar pelo mundo, não mais os mistérios e o prestígio do Capitólio, mas as crenças formidáveis de Aix-la-Chapelle; eis um homem que está, ou se julga com Deus. Um culto odioso, rival do Cristianismo, ainda ocupa os bárbaros; Carlos Magno precipita-se sobre esses povos e Witikind, depois de lutas e de vitórias equilibradas, enfim se submete, recebendo o batismo humildemente.

37 N. do T.: Assim se chamava Lyon, terra natal de Allan Kardec, fundada pelos romanos em 43 a.C.

Eis aí, por certo, um quadro imenso, onde se desenrolam tantos fatos, tantos golpes da Providência, tantas quedas e tantas vitórias. Mas qual a conclusão? A idéia, universalizando-se, propagando-se cada vez mais, não se detendo nem nos desmembramentos das famílias, nem no desânimo dos povos, e tendo como objetivo, por toda parte, a implantação da cruz do Cristo em todos os pontos da Terra, não constitui um imenso fato espiritualista? É preciso, pois, considerar esses três homens como grandes propagadores que, por ambição ou por crença, avançaram a luz no Ocidente, enquanto o Oriente sucumbia na preguiça embriagadora e na inatividade. Ora, a Terra não é um mundo onde o progresso se faça rapidamente e por meio da persuasão e da mansuetude.

Não vos admireis, pois, que muitas vezes seja preciso tomar da espada, em vez da cruz.

Lamennais

P. – Dissestes que a guerra existirá sempre. Todavia, parece que o progresso moral, destruindo as suas causas, a fará cessar.

Resp. – Ela existirá sempre, considerando-se que sempre haverá lutas; mas as lutas mudarão de forma. É verdade que o Espiritismo deve espalhar no mundo a paz e a fraternidade. Contudo, bem o sabeis, mesmo com o triunfo do bem sempre haverá luta. Evidentemente o Espiritismo fará compreender cada vez melhor a necessidade da paz; mas o mal vela sempre. Ainda será preciso lutar muito tempo na Terra pelo bem. Apenas as lutas se tornarão cada vez mais raras.

(MESMO ASSUNTO – MÉDIUM: SR. LEYMAR)

A influência dos homens de gênio sobre o futuro dos povos é incontestável. Nas mãos da Providência eles são

instrumentos para acelerar as grandes reformas que, sem eles, só viriam depois de muito tempo. São eles que semeiam os germes das idéias novas. E, o mais das vezes, voltam alguns séculos mais tarde, sob outros nomes, para continuar ou completar a obra que começaram.

César, essa grande figura da Antiguidade, nos representa o gênio da guerra, a lei organizada. As paixões por ele levadas ao extremo abalaram profundamente a sociedade romana. Esta muda de face e na sua evolução tudo se transforma em seu redor. Os povos sentem mudar a sua antiga constituição; uma lei implacável, a da força, une o que não se devia separar, conforme a época em que vivia César. Sob sua mão triunfante as Gálias se transformam e, depois de dez anos de combates, constituem uma unidade poderosa. Mas dessa época data a decadência romana. Levada ao excesso, essa potência que fazia tremer o mundo cometia as faltas do poder extremo. Tudo quanto cresce além das proporções fixadas por Deus deve cair do mesmo modo. Esse grande império foi invadido por uma nuvem de povos saídos de regiões então desconhecidas. A fama tinha levado, com as armas de César, as idéias novas aos países do Norte, que se precipitaram sobre ele como uma torrente. Vede essas tribos bárbaras, lançando-se rapaces sobre as províncias, onde o sol era melhor, o vinho tão doce, as mulheres tão belas. Atravessaram as Gálias, os Alpes, os Pirineus, para ir fundar suas colônias em toda parte e desagregar esse grande corpo chamado Império Romano. Só o gênio de César tinha bastado para levar sua nação à culminância do poder. Dele data a época da renovação, em que todos os povos se confundem, avançam uns sobre os outros, buscando outras coesões, outros elementos. E, no entanto, durante vários séculos, quanto ódio entre essas criaturas! quantos combates! quantos crimes! quanto sangue!

Barbaret

Com sua mão bárbara, Clóvis devia ser o ponto de partida de uma nova era para os povos. Obedecia ao costume e,

para formar uma nação, não recuava diante de nenhum obstáculo. Ele a formava com o punhal e a astúcia. Criava um novo elemento adotando o batismo, iniciando seus rudes soldados numa nova crença. Entretanto, tudo foi à deriva depois dele, apesar da idéia, apesar do Cristianismo. Eram precisos Carlos Martel, Pepino e depois Carlos Magno.

Saudemos essa figura poderosa, essa natureza enérgica, qual novo César a reunir num feixe todos os povos dispersos, mudar as idéias e dar uma forma a esse caos. Carlos Magno é a grandeza na guerra, na fé, na política, na moralidade nascente, que devia fundir os povos e lhes dar a intuição da conservação, da unidade, da solidariedade. Dele remontam os grandes princípios que formaram a França, nossas leis e nossas ciências aplicadas. Transformador, ele era marcado pela Providência para ser o traço de união entre César e o futuro. Também o chamam o Grande porque, se empregou terríveis meios de execução, foi para dar uma forma e um pensamento único a essa reunião de povos bárbaros, que não podiam obedecer senão a quem fosse poderoso e forte.

Barbaret

Nota – Como esse nome era desconhecido, pediu-se ao Espírito que desse alguns esclarecimentos sobre a sua pessoa:

Eu vivia ao tempo de Henrique IV. Era muito humilde. Perdido nesta Paris onde tão bem se esquece aquele que se esconde e só busca o estudo, gostava de estar só, ler e comentar à minha maneira. Pobre, trabalhava, e o labor diário me dava essa alegria inefável que se chama liberdade. Copiava livros e fazia essas maravilhosas vinhetas, prodígios de paciência e de saber, que só davam pão e água à minha paciência. Mas eu estudava, amava meu país e buscava a verdade na Ciência. Ocupava-me de História e para a minha França bem-amada eu desejava a liberdade, a realização de todas as aspirações que sonhava na minha humildade. A partir de então estou num mundo melhor e Deus me recompensou a

abnegação, dando-me essa tranqüilidade de Espírito, em que todas as obsessões do corpo estão ausentes, e sonho pela minha pátria, pelo mundo inteiro, pela nossa Terra, pelo amor e pela liberdade.

Venho muitas vezes para vos ver e ouvir. Gosto dos vossos trabalhos e deles participo com todo o meu ser. Desejo-vos perfeitos e satisfeitos no futuro. Que sejais felizes, como eu o desejo. Mas não o sereis completamente se não vos despojardes da roupa velha que há muito veste o mundo inteiro: refiro-me ao egoísmo. Estudai o passado, a história do vosso país e aprendereis mais com o sofrimento dos vossos irmãos que com qualquer outra ciência.

Viver é saber, é amar, é auxiliar-se mutuamente. Ide, pois, e fazei segundo o vosso Espírito. Deus está presente e vos vê e julga.

Barbarett

Aviso

Foi-nos enviado um manuscrito bastante volumoso, intitulado: *O Amor, revelações do Espírito de 3ª ordem da série angélica ao irmão P. Montani*. Como a remessa não se fez acompanhar de uma carta, ignoramos o nome da pessoa que a enviou. Se este número lhe cair nas mãos, pedimos que se dê a conhecer, a fim de podermos agradecer. Por ora diremos que o trabalho contém coisas excelentes e é baseado na mais sã moral e sobre os princípios fundamentais do Espiritismo. Mas, ao lado disso, há teorias perigosas sobre vários pontos e que podem suscitar uma crítica séria. De nossa parte não poderíamos aceitar tudo quanto ele contém e achamos inconveniente publicá-lo sem modificações.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V

AGOSTO DE 1862

Nº 8

Conferências do Sr. Trousseau, Professor da Faculdade de Medicina

FEITAS NA ASSOCIAÇÃO POLITÉCNICA PARA O ENSINO GRATUITO
DOS OPERÁRIOS EM 18 E 25 DE MAIO DE 1862 (BROCHURA IN-8^o)

Se usaram inutilmente os chifres do diabo para demolir o Espiritismo, eis um reforço que chega aos adversários: é o Sr. Dr. Trousseau, que acaba de dar o golpe de misericórdia nos Espíritos. Infelizmente, se o Sr. Trousseau não acredita nos Espíritos, também não crê no diabo. Mas pouco importa o auxiliar, contanto que bata o inimigo. Sem dúvida esse novo campeão vai dizer a respeito a última palavra da Ciência: pelo menos é o que se espera de um homem tão altamente colocado por seu saber. Atacando idéias novas, não quererá deixar um argumento sem réplica; não desejará ser acusado de falar de coisas que não conhece; sem dúvida vai tomar um a um todos os fenômenos, investigá-los, analisá-los, comentá-los, explicá-los, demoli-los, demonstrando por a mais b que são ilusões. Ah! espíritas! Mantenhamo-nos firmes! Se o Sr. Trousseau não fosse um sábio ou, pelo menos, um semi-sábio, bem que seria capaz de esquecer alguma coisa. Mas um sábio

íntegro não quererá deixar a tarefa pela metade. Em geral hábil, desejará a vitória completa. Escutemos e tremamos!

Depois de uma tirada contra as pessoas que se deixam levar por anúncios, assim se exprime:

“Na verdade, as pessoas capazes de julgar seja o que for não são as mais numerosas. O Sr. de Sartines queria mandar para a prisão um charlatão que vendia suas drogas na Ponte-Nova e fazia belos negócios. Mandou chamá-lo e lhe perguntou: Velhaco, como fazes para atrair tanta gente e ganhar tanto dinheiro? O homem respondeu: Senhor, quantas pessoas pensais que passam diariamente pela Ponte-Nova? – Não sei. – Vou dizer-vos: mais ou menos dez mil. Neste número, quantas pensais que sejam inteligentes? Oh! oh! talvez cem, disse o Sr. de Sartines. – É muito, mas vo-las deixo e fico com as nove mil e novecentas.

“O charlatão era muito modesto e o Sr. de Sartines muito severo para com a população parisiense. Com toda certeza mais de cem pessoas inteligentes atravessam a Ponte-Nova e os mais inteligentes talvez parem diante da banca do negociante de drogas com tanta confiança quanto a multidão. Porque, senhores, direi que as classes elevadas sofrem a influência do charlatanismo.

“Entre as nossas sociedades científicas citarei o Instituto. Citarei a seção da Academia de Ciências que encerra, com certeza, a elite dos cientistas de nosso país. Desses sábios cerca de vinte se dirigem aos charlatães.”

Prova evidente da *grande confiança*³⁸ que têm no saber de seus confrades, pois que a estes preferem os charlatães.

“É verdade que são pessoas de grande mérito. Somente porque são matemáticos, químicos ou naturalistas eminentes, concluem que são muito bons médicos e, por isso, supõem-se

38 N. do T.: Grifos nossos.

perfeitamente capazes de julgar as coisas que ignoram completamente.”

Se isto prova em favor de sua ciência, não prova muito em favor de sua modéstia e de seu julgamento. Lançaram muitos dardos satíricos contra os sábios do Instituto. Não conhecemos nenhum mais mordaz. É provável, pois, que o professor, juntando o exemplo ao preceito, não fale senão do que sabe.

“Conosco por vezes temos essa modéstia: não passando de médicos, quando nos propõem grandes teoremas de matemática ou de mecânica, confessamos nada saber e reconhecemos a nossa incompetência. Mas os verdadeiros sábios jamais declinam de sua competência, sobretudo no que diz respeito à Medicina.”

Já que os médicos declinam de sua competência naquilo que não sabem, temos uma garantia de que o Sr. Trousseau, sobretudo numa lição pública, não tratará de questões ligadas à psicologia, desde que não seja profundamente versado nessas matérias. Sem dúvida esses conhecimentos lhe fornecerão argumentos irresistíveis em apoio de seu julgamento.

“Os curandeiros – é triste dizer – sempre tiveram muito acesso junto às pessoas inteligentes. Tive a suprema honra de ser amigo íntimo do ilustre Béranger.

“Em 1848 padecia ele de uma pequena oftalmia, para a qual o Sr. Retonneau lhe havia aconselhado um colírio. A oftalmia foi curada; mas, como Béranger lia e trabalhava muito e como fosse um pouco darto, a doença recidivou. Então se dirigiu a um sacerdote polonês, que curava as moléstias dos olhos com um remédio secreto. Nessa época eu era presidente, na Faculdade, do júri encarregado do exame dos oficiais de saúde. Como o sacerdote polonês tinha contas a ajustar com a polícia, porque tinha cegado alguns doentes, quis pagá-las. Com esse objetivo foi procurar Béranger e lhe perguntou se, por sua influência, poderia ser reconhecido como oficial de saúde, a fim de estar em condições de tratar os olhos das pessoas e vazá-los à vontade.”

Desde que o Sr. Béranger tinha sido curado pelo Sr. Bretonneau, por que haveria de dirigir-se a um outro? É natural ter mais confiança naquele que nos curou, que tem mais experiência do nosso temperamento do que um estranho.

Com efeito, o diploma é um salvo-conduto que não só permite aos oficiais de saúde lesar gravemente os olhos dos pacientes, mas aos médicos matá-los sem remorso e sem responsabilidade. É sem dúvida por isso que os seus sábios confrades, como confessa o Sr. Trousseau, são tão levados a se dirigirem aos curandeiros e aos charlatães.

“Béranger procurou-me e me disse: ‘Meu amigo, prestai-me um grande favor. Tratai de fazer que habilitem esse pobre diabo. Ele só se ocupa de moléstias dos olhos e, embora os exames para oficiais de saúde compreendam todos os ramos da arte de curar, agi com indulgência e mansuetude. É um refugiado e, depois, ele me curou: eis a melhor razão.’ Eu lhe respondi: Mandai-me o vosso homem. O sacerdote polonês veio à minha casa. Sois recomendado, disse-lhe eu, por um homem a quem devo muitos favores; é o mais caro de meus amigos. Além disso, é Béranger, o que vale ainda mais. Dois de meus colegas, a quem falei, e eu, estamos decididos a fazer o que for possível; apenas os exames são públicos e não custa nada tapar um pouco os ouvidos. E acrescentei: Vamos, serei complacente; tomarei lições de anatomia e não vos será difícil saber tanta anatomia quanto eu. Interrogar-vos-ei sobre o olho.

“Nosso homem pareceu desconcertado. Continuei: Sabeis o que é o olho? – Muito bem. – Sabeis o que é a pálpebra? – Sim. – Tendes idéia do que é a córnea?... Ele hesitou. A pupila? – Ah! senhor, a pupila, conheço bem. – Sabeis o que é o cristalino, o humor vítreo, a retina? – Não, senhor; para que me serviria isto? Só me ocupo de doença de olhos. Digo-lhe: Isto serve para alguma coisa; e vos garanto que seria quase necessário suspeitar a existência de um cristalino, sobretudo se quizerdes, como algumas vezes o fazeis, segundo me parece, operar cataratas. – Eu não opero. – Mas se vos désseis ao capricho de extrair uma... Não havia saída. O

infeliz queria exercer a arte do oculista sem a menor noção da anatomia do olho.”

Realmente é difícil mostrar-se menos exigente para dar a esse infeliz o direito de legalmente vaziar os olhos dos doentes. No entanto, parece que ele não fazia operações – embora a tentação a isso o pudesse arrastar – e que apenas dispunha de um remédio para curar as oftalmias, cuja aplicação, absolutamente empírica, não requer conhecimentos especiais; isto não consiste exatamente em praticar o que se chama a arte do oculista. A nosso ver, era mais importante estarmos seguros de que o remédio nada contivesse de ofensivo; ele tinha a seu favor a presunção da cura do Sr. Béranger e, no interesse da Humanidade, poderia ser útil permitir-lhe o uso. Aquele homem podia ter os conhecimentos anatômicos exigidos e obter seu diploma, sem que isso tornasse bom o remédio, caso fosse mau. Todavia, graças ao diploma, teria podido receitá-lo com toda segurança, por mais perigoso que fosse. Jesus Cristo, que curava os cegos, os surdos, os mudos e os paralíticos, provavelmente não soubesse mais que aquele a respeito de anatomia. E o Sr. Trousseau incontestavelmente lhe teria recusado o direito de fazer milagres. Hoje, quantas multas não teria Jesus a pagar se não pudesse curar sem diploma!

Nada disto tem muito a ver com os Espíritos, mas são as premissas do argumento com que vai esmagar os seus partidários.

“Procurei Béranger e lhe contei a história. Béranger exclamou: Coitado do homem!...”

É provável que também dissesse, falando consigo mesmo: *Entretanto me curou!* – Longe de nós fazermos a apologia dos charlatães e das panacéias; queremos apenas dizer que pode haver remédios eficazes fora das fórmulas da farmacopéia; que os selvagens, que têm segredos infalíveis contra as picadas de serpentes, não conhecem a teoria da circulação do sangue, nem a diferença entre sangue venoso e sangue arterial. Gostaríamos de saber se o Sr. Trousseau, picado por uma cascavel ou por outro réptil peçonhento, recusaria os socorros daqueles, apenas porque não têm diploma.

No próximo artigo falaremos especialmente das diversas categorias de médiuns curadores que, parece, se têm multiplicado ultimamente.

“Eu lhe disse: ‘Meu caro Béranger, sou vosso médico há oito anos. Hoje vou cobrar os meus honorários. – Que honorários? – Far-me-eis uma canção e a dedicareis a mim, mas eu

vou dar o refrão. – Ah! sim!... e o refrão? – *Ah! como as pessoas ladinas são tolas!* – Combinamos que doravante não mais falaríamos do sacerdote polonês. Não é triste ver um homem como Béranger, a quem eu contava tais coisas, não compreender que seu protegido podia fazer muito mal e era absolutamente incapaz de obrar fosse o que fosse de útil pelas mais simples doenças dos olhos?”

Parece que Béranger não estava muito convencido da infalibilidade dos doutores diplomados e podia repetir o refrão: Ah! como as pessoas ladinas são tolas!

“Como vedes, senhores, as pessoas inteligentes são as primeiras que se deixam apanhar. Lembrai-vos do que se passava no fim do século passado. – Um curandeiro alemão emprega a eletricidade, ainda mal conhecida naquela época. Submete algumas mulheres delicadas à ação do fluido; ocorrem pequenos acidentes nervosos, que ele atribui a um fluido emanado de si próprio; estabelece uma teoria bizarra, na época chamada *mesmerismo*. Vem a Paris, instalando-se na Praça Vendôme, no centro da cidade, onde as pessoas mais ricas, pertencentes à aristocracia mais elevada da capital, vêm se postar em torno da cuba de *Mesmer*. Eu não saberia dizer quantas curas foram atribuídas a Mesmer, que, aliás, é o inventor e o importador, entre nós, desta maravilha que se chama sonambulismo, isto é, uma das *mais vergonhosas chagas do empirismo*.

“Que vos direi, com efeito, do sonambulismo? Moçoilas histéricas, geralmente perdidas, em conúbio com qualquer charlatão famélico, simulando o êxtase, a catalepsia, o sono e, com a mais ridícula segurança, exibindo mais inépcias do que se poderia imaginar, inépcias bem pagas, bem aceitas, acreditadas com uma fé mais robusta que os conselhos do clínico mais esclarecido.”

Para que serve a inteligência, se as pessoas inteligentes são as primeiras a se deixarem apanhar? Que é preciso para não se deixar apanhar? Ser sábio? – Não. – Ser membro do Instituto? – Não, já que um bom número deles tem a fraqueza de preferir os charlatães aos seus confrades. É o Sr. Trousseau

quem no-lo diz. – Ser médico? – Também não, pois muitos também se dão ao absurdo do magnetismo. – Que é, então, necessário para ter bom-senso? – Ser o Sr. Trousseau.

Sem dúvida o Sr. Trousseau é livre para externar a sua opinião, para crer ou não no sonambulismo. Mas não será ultrapassar os limites da boa educação tratar todas as sonâmbulas como *moçoilas perdidas, em conúbio com charlatães*? Que nisto, como em tudo, haja abusos, é inevitável, dos quais a própria medicina oficial não está isenta. Sem dúvida há simulacros de sonambulismo, mas, pelo fato de haver falsos devotos, pode-se dizer que não haja verdadeira devoção? O Sr. Trousseau ignora que entre os sonâmbulos profissionais há mulheres casadas e muito respeitáveis; que o número das que não se põem em evidência é muito maior? Que as há nas famílias mais honradas e mais altamente colocadas? Que muitos médicos, devidamente diplomados, de um saber incontestável, são hoje campeões declarados do magnetismo, que empregam com sucesso numa porção de casos rebeldes à medicina tradicional? Não tentaremos fazer o Sr. Trousseau mudar de opinião, provando-lhe a existência do magnetismo e do sonambulismo, pois é provável que perderíamos nosso tempo. Aliás, não é esta a nossa intenção. Diremos, porém, que se a zombaria e o sarcasmo são armas pouco dignas da Ciência, é ainda mais indigno que ela arraste na lama uma ciência hoje espalhada no mundo inteiro, reconhecida e praticada pelos homens mais distintos e atirar sobre os que a professam os insultos mais grosseiros que se possam encontrar no vocabulário da injúria. Só podemos lamentar ouvir expressões de tal trivialidade, feitas para inspirar desgosto, descendo das cátedras do ensino.

Vós vos admirais que inépcias, como vos apraz chamar, sejam acreditadas com uma fé muito mais robusta que os conselhos do clínico mais esclarecido. A razão disto está na inumerável quantidade de erros cometidos pelos clínicos mais esclarecidos, dos quais citaremos dois exemplos.

Uma senhora de nosso conhecimento tinha um filho de quatro a cinco anos, acometido de um tumor no joelho, em conseqüência de uma queda. O mal se tornou tão grave que ela resolveu consultar uma celebridade médica, que opinou pela amputação do membro, julgada urgente e indispensável, para salva a vida da criança. A mãe era sonâmbula. Não podendo decidir quanto à operação, cujo resultado era duvidoso, resolveu tratar ela própria. Ao cabo de um mês a cura era completa. Um ano depois, com o filho já forte e sadio, ela foi ver o médico e lhe disse: “Eis o menino que, em vossa opinião, deveria morrer se não lhe cortassem a perna. – Que quereis? Respondeu ele, a Natureza tem recursos tão imprevistos!”

O outro caso é pessoal. Há cerca de dez anos fiquei quase cego, a ponto de não poder ler nem escrever e não reconhecer uma pessoa a quem desse a mão. Consultei as notabilidades da Ciência, entre outras o Dr. L..., professor de clínica para as moléstias dos olhos. Depois de um exame muito atento e consciencioso, declarou que eu sofria de uma amaurose e que devia resignar-me. Fui ver uma sonâmbula, que me disse que não era amaurose, mas uma apoplexia nos olhos, que poderia degenerar em amaurose se não fosse tratada adequadamente. Declarou responder pela cura. Em quinze dias, disse ela, experimentareis uma discreta melhora; em um mês começareis a ver e, dentro de dois ou três meses, estareis curado. Tudo se passou como ela previra e hoje minha visão está completamente restabelecida.

O. Sr. Trousseau continua:

“Ainda hoje tendes um americano que evoca os Espíritos, fazendo falar Sócrates, Voltaire, Rousseau, Jesus-Cristo e quem se queira! Em que lugares? Nas espeluncas de alguns bêbados?”

A escolha de expressões do professor é realmente notável.

“Não; ele os faz falar nos palácios, no Senado, nos mais aristocráticos salões de Paris. Há pessoas honradas que dizem: ‘Mas eu vi; recebi um tapa de uma mão invisível; a mesa elevou-se até o teto!’ Eles vo-lo dizem e repetem. E durante sete ou oito meses os Espíritos batedores maravilharam os homens, espantaram as mulheres e lhes provocaram ataques nervosos. Esta estupidez tem nome; esta estupidez que o homem mais grosseiro teria vergonha de aceitar foi aceita por gente esclarecida e, pior ainda, pelas classes elevadas da sociedade de Paris.”

O Sr. Trousseau poderia acrescentar: e do mundo inteiro. Ele parece ignorar que essa estupidez sem nome não durou sete ou oito meses, mas dura sempre e se propaga cada vez mais por toda parte; que a evocação dos Espíritos não é privilégio de um americano, mas de milhares de pessoas de ambos os sexos, de todas as idades e de todos os países. Em boa lógica, até o presente a adesão das massas e das pessoas esclarecidas tinha sido considerada como de certo valor. Parece que já não é o caso e que a única opinião sensata é a do Sr. Trousseau e dos que pensam como ele. Quanto aos outros, seja qual for

a sua categoria, a sua posição social, a sua instrução, morem em palácios e tenham assento nas primeiras posições do Estado, estão abaixo do mais grosseiro dos homens, visto que *o homem mais grosseiro teria vergonha de aceitar suas idéias*. Quando uma opinião se encontra tão espalhada quanto a do Espiritismo, quando, em vez de diminuir, progride com uma rapidez que beira o prodígio, quando é aceita pela elite da sociedade, se for falsa e perigosa é necessário opor-lhe um dique, combatê-la com provas contrárias. Ora, parece que o Sr. Trousseau não tem outro argumento a opor senão este:

“Ah! como as pessoas ladinas são tolas!”

Necrologia

MORTE DO BISPO DE BARCELONA

Escrevem-nos da Espanha que o bispo de Barcelona, aquele que mandou queimar trezentos volumes espíritas pela mão do carrasco, em 9 de outubro de 1861³⁹, morreu no dia 9 deste mesmo mês e foi enterrado com a pompa costumeira devida aos chefes da Igreja. Apenas nove meses são decorridos e já esse auto-de-fé produziu os resultados pressentidos por todos, isto é, acelerou a propagação do Espiritismo naquele país. Com efeito, a repercussão daquele ato, inqualificável neste século, chamou para esta doutrina a atenção de uma multidão de pessoas que dela jamais tinham ouvido falar e a imprensa, fosse qual fosse a sua opinião, não poderia ficar muda. O aparato exibido em tal circunstância era capaz de excitar a curiosidade pela atração do fruto proibido e, sobretudo, pela própria importância dada à coisa, porquanto cada um teria raciocinado que não se procede assim com uma ninharia ou com um sonho vão. Muito naturalmente o pensamento retrocedeu alguns séculos e se tenham lembrado de que, outrora, nesse mesmo país, não apenas se queimavam livros, mas seres humanos. Que poderia, pois, conter tais livros para se tornarem dignos das solenidades da fogueira? Foi o que quiseram saber; e na

³⁹ Vide, para detalhes, a *Revista Espírita* dos meses de novembro e dezembro de 1861.

Espanha o resultado foi o mesmo que em toda parte onde o Espiritismo foi atacado; sem os ataques zombeteiros ou sérios de que foi objeto, contaria dez vezes menos partidários do que tem; quanto mais violenta e repetida a crítica, mais ele se pôs em evidência e se desenvolveu; ataques inofensivos teriam passado despercebidos, ao passo que o brilho do raio desperta os mais entorpecidos; querem ver o que se passa, e é tudo quanto pedimos, convictos antecipadamente do resultado do exame. Isto é um fato positivo, pois cada vez que, numa localidade, o anátema desceu sobre ele do alto do púlpito, temos certeza de ver aumentar o número dos nossos assinantes ou estes surgirem se não os houvesse antes. A Espanha não podia escapar a essa conseqüência; assim, não há um espírita que não se tenha regozijado ao tomar conhecimento do auto-de-fé de Barcelona, seguido pouco tempo depois pelo de Alicante; e mais de um adversário deplorou um ato do qual a religião nada tinha a ganhar. Diariamente temos a prova irrecusável da marcha progressiva do Espiritismo nas classes mais esclarecidas daquele país, onde conta zelosos e fervorosos adeptos.

Um dos nossos correspondentes da Espanha, anunciando a morte do bispo de Barcelona, aconselha-nos a evocá-lo. Dispúnhamos a fazê-lo e, em conseqüência, havíamos preparado algumas perguntas, quando ele se manifestou espontaneamente a um dos nossos médiuns, respondendo por antecipação a todas as perguntas que lhe queríamos fazer e antes mesmo que elas fossem verbalizadas. Sua comunicação, de caráter absolutamente imprevisto, continha, entre outras, a seguinte passagem:

..... “Auxiliado por vosso chefe espiritual pude vir ensinar-vos com o meu exemplo e vos dizer: Não repilais nenhuma das idéias anunciadas, porque um dia, um dia que durará e pesará como um século, essas idéias amontoadas clamarão como a voz do Anjo: Caim, que fizestes de teu irmão? Que fizestes de nosso poder, que devia consolar e elevar a Humanidade? O homem que

voluntariamente vive cego e surdo de espírito, como outros o são do corpo, sofrerá, expiará e renascerá para recomeçar o labor intelectual, que a sua preguiça e o seu orgulho o levaram a evitar; e essa voz terrível me disse: Queimaste as idéias e as idéias te queimarão!.....

“Orai por mim. Orai, porque é agradável a Deus a prece que lhe é dirigida pelo perseguido em benefício do perseguidor.

“Aquele que foi bispo e que não passa de um penitente.”

Este contraste entre as palavras do Espírito e as do homem nada tem que deva surpreender. Todos os dias vemos criaturas que, depois da morte, pensam de modo diferente do que pensavam durante a vida, uma vez caída a venda das ilusões, o que é uma prova incontestável de superioridade; somente os Espíritos inferiores e vulgares persistem nos erros e nos preconceitos da vida terrestre. Quando vivo, o bispo de Barcelona via o Espiritismo através de um prisma particular, que lhe desnaturava as cores ou, melhor dizendo, não o conhecia. Agora o vê sob a sua verdadeira luz e lhe sonda as profundezas. Caído o véu, já não é para ele uma simples opinião, uma teoria efêmera, que se pode sufocar nas cinzas: é um fato; é a revelação de uma lei da Natureza, lei irresistível como a força da gravitação, lei que deve, pela força das coisas, ser aceita por todos, como tudo que é natural. Eis o que agora compreende e que o fez dizer que “as idéias que quis queimar o queimarão.” Dito de outra forma, será tragado pelos preconceitos que o tinham levado a condená-las.

Não o podemos censurar, pelo triplo motivo de que o verdadeiro espírito a ninguém condena, não guarda rancor, esquece as ofensas e, a exemplo do Cristo, perdoa aos seus inimigos; em segundo lugar, longe de nos prejudicar, ele nos foi útil; enfim,

porque reclama de nós a prece do *perseguido para o perseguidor*, como a mais agradável a Deus, pensamento todo caridade, digno da humildade cristã, revelada pelas últimas palavras: “Aquele que foi bispo e que não passa de um penitente.” Bela imagem das dignidades terrenas deixadas à beira do túmulo, para se apresentar a Deus tal que se é, sem os aparatos impostos aos homens.

Espíritas, perdoemos-lhe o mal que nos quis fazer, como queríamos que as nossas ofensas nos fossem perdoadas e oremos por ele no aniversário do auto-de-fé de 9 de outubro de 1861.

MORTE DA SRA. HOME

Lemos em o *Nord*, de 15 de julho de 1862:

“O famoso Sr. Dunglas Home passou por Paris nestes dias. Pouca gente o viu. Acaba de perder sua mulher, irmã da condessa de Kouchelew-Bezborodko. Por mais cruel que seja essa perda, disse ele que lhe é menos sensível do que para outro homem, não porque a amasse menos, mas porque a morte não o separa daquela que na Terra usava seu nome. Eles se vêem e conversam com tanta facilidade como quando habitavam juntos o mesmo planeta.

“O Sr. Home é católico romano e sua esposa, antes de exalar o último suspiro, querendo unir-se ao marido numa última comunhão espiritual, abjurou a religião grega diante do bispo de Périgueux. Isto se passou no castelo de Laroche, residência do conde de Kouchelew.”

O folhetim – pois é num folhetim, ao lado do Pré-Catelan, que se encontra esta nota – é assinado *Nemo*, um dos críticos que não pouparam zombarias aos espíritas e às suas pretensões de conversar com os mortos. Senhor, não é engraçado acreditar que aqueles a quem amamos não estão perdidos para sempre e que os reveremos? Não é ridículo, muito tolo e

supersticioso acreditar que estejam ao nosso lado, que nos vejam e nos escutem quando não os vemos e que possam comunicar-se conosco? O Sr. Home e sua esposa *se vêem, conversam* tão facilmente como se estivessem juntos. Que absurdo! E dizer que em pleno século dezenove, o século das luzes, haja pessoas bastante crédulas para acreditarem em semelhantes frivolidades, dignas dos contos de Perrault! Perguntai a razão ao Sr. Trousseau. O nada, falai-me disto! eis o que é lógico! Temos mais liberdade de fazer o que queremos durante a vida. Pelo menos não tememos o futuro. Sim; mas onde está a compensação para o infeliz? – *Nemo!* Singular pseudônimo para a circunstância!

Sociedade Espírita de Constantina⁴⁰

Nota – Falamos da Sociedade que se formou em Constantina, sob o título de *Sociedade Africana de Estudos Espíritos*, sob os auspícios da Sociedade de Paris. Transcrevemos, a seguir, a comunicação por ela obtida quando de sua instalação:

“Embora os trabalhos até hoje feitos por vossa sociedade não sejam imunes à crítica, não nos queremos deter sobre essas considerações. Levamos mais em conta a intenção que os fatos.

“Antes de tudo compreendi a grandeza da tarefa que empreendestes e fazei o possível para a levardes a bom termo. Só assim podereis esperar ser assistidos pelos Espíritos superiores.

“Entremos agora no assunto e vejamos se não cometestes algumas faltas. Para começar, laborais em grande equívoco em vos servirdes de todos os vossos médiuns para as comunicações particulares. Que é a evocação geral senão o apelo aos Espíritos bons para se comunicarem convosco? Pois bem! que fazeis? Em vez de esperar, depois da evocação geral e de deixar aos

40 N. do T.: Cidade da Argélia, então possessão francesa.

Espíritos bons o tempo de se comunicarem por tal ou qual médium, conforme as simpatias que possam existir, passais imediatamente às evocações particulares. Sabei que este não é um bom meio de obter comunicações espontâneas, como estas são recebidas nas outras sociedades. Assim, esperai um momento e recolhei as comunicações gerais, que sempre vos ensinarão algumas verdades. Em seguida podeis passar às evocações particulares; mas, então, para cada uma, não vos sirvais senão de um só médium. Então não sabeis que só os Espíritos realmente superiores estão em condições de se manifestarem por vários médiuns ao mesmo tempo? Fazei com que somente um médium sirva a cada evocação particular e, se tiverdes dúvidas quanto à veracidade das respostas obtidas, procedei a uma nova evocação, num outro dia, empregando outro médium.

“Estais apenas no começo da ciência espírita, e ainda não podeis colher todos os frutos que ela concede aos seus adeptos experimentados. Mas não desanimeis, porque vos serão levados em conta os esforços para vos melhorardes e para propagar a verdade imutável de Deus. Avante, pois, meus amigos; e que o ridículo que encontrareis mais de uma vez no vosso caminho não vos faça desviar da linha de vossas crenças espíritas.”

Jacques

Tendo os espíritas de Constantina nos pedido que solicitássemos a Santo Agostinho se dignasse aceitar o patrocínio espiritual de sua sociedade, este último nos deu a respeito a seguinte comunicação:

(Sociedade de Paris, 27 de junho de 1862 – Médium: Sr. E. Vézy)

Dirigindo-se primeiramente aos membros da Sociedade de Paris, diz ele:

“Bem fizeram os nossos filhos da Nova França ligando-se a vós. Fizeram bem em não se separarem do tronco.

Permaneeci sempre unidos e os Espíritos bons estarão convosco.” Em seguida, dirige-se aos espíritas de Constantina:

“Amigos, sinto-me feliz por me haverdes escolhido para vosso guia espiritual. Ligado à Terra pela grande missão que deve regenerá-la, estou satisfeito por poder encorajar mais especialmente um grupo de pensadores que se ocupam com a grande idéia e por presidir aos seus trabalhos. Ponde, pois, o meu nome à frente dos vossos, e os Espíritos da minha ordem virão afastar os Espíritos maus que sempre rondam à porta das assembléias onde se discutem as leis da moral e do progresso. Que a fraternidade e a concórdia reinem sempre entre vós. Lembrai-vos de que todos os homens são irmãos e que o grande objetivo do Espiritismo é reuni-los um dia no mesmo lar e fazer que se sentem à mesa do Pai comum: Deus.

“Como é bela essa missão! Assim, com que alegria vimos a vós para vos fazer compreender os decretos divinos; para vos revelar as maravilhas do além-túmulo! Mas vós, que já sois iniciados nessas sublimes verdades, espalhai a semente em vosso derredor: bela será a vossa recompensa e gozareis na Terra as suas primícias. Que alegria! Marchai sempre na via do ensino, do amor e da caridade!

“Pronunciai meu nome com confiança nas horas de temor e de dúvida e logo os vossos corações serão aliviados da amargura e do fel que podem conter. Não esqueçais que estarei em todos os pontos da Terra onde ouvirdes falar do apostolado evangélico. Eu vos alojarei a todos na minha alma, para um dia vos depositar numa alma mais vasta e mais forte. Estarei sempre convosco, como estou aqui; minha voz terá a doçura que reconheceis, porque não gosto das entoações berrantes nem dos sons agudos. Ouvir-me-eis repetir incessantemente: Amai-vos, amai-vos! Poupai-me de me armar do açoite com o qual se deve castigar o mau; por vezes isto é necessário, mas jamais procureis vos incluir nesse número! Tempo virá em que a Humanidade

marchará dócil à voz do bom pastor. Sois vós, filhos, que deveis ajudar-nos nessa regeneração e que deveis ouvir soar a primeira hora; porque eis o rebanho que se reúne e o pastor que chega.

Observação – O Espírito alude a uma revelação de grande importância, feita pela primeira vez num grupo espírita de uma pequena cidade da África, nos confins do deserto, por um médium completamente analfabeto. Essa revelação, que nos foi transmitida de imediato, chegou quase simultaneamente de diversos pontos da França e do estrangeiro. Desde então numerosos documentos muito característicos e mais circunstanciados vieram dar-lhe uma espécie de consagração. Em momento oportuno trataremos desse assunto.

“Trabalhai, pois, e tende coragem. Nas vossas assembléias discuti friamente, sem exaltação; pedi a nossa opinião, os nossos conselhos, a fim de não cairdes em erro, em heresia. Sobretudo não formuleis artigos de fé, nem dogmas. Lembrai-vos de que a religião de Deus é a religião do coração; que ela não tem por base senão um princípio: a caridade; por desenvolvimento, o amor à Humanidade.

“Jamais corteis o galho do tronco. A árvore é muito mais verde com todos os seus ramos e estes morrem quando separados do caule que lhes deu origem. Lembrai-vos de que o Cristo julgou necessário que a sua Igreja se assentasse sobre a própria pedra, a fim de ser sólida, assim como ordena não tenha o Espiritismo senão uma raiz, de modo a penetrar com mais força em toda a superfície do solo, por mais árida e ressacada que seja.

“Um Espírito encarnado foi escolhido para vos dirigir, para vos conduzir. Submetei-vos com respeito, não às suas leis, pois ele não ordena, mas aos seus desejos. Por essa submissão provareis aos vossos inimigos que tendes convosco o necessário espírito de disciplina para fazerdes parte da nova cruzada contra o erro e a superstição, o necessário espírito de amor e de obediência para marchardes contra a barbárie. Envolvei-vos, pois, na bandeira da

civilização moderna: o Espiritismo sob um só chefe e derrubareis essas idéias pavorosas de fronte chifrudas e de grandes caudas, que é preciso destruir.

“Não direi o nome desse chefe; vós o conheceis. Está na frente; marcha sem temor às dentadas venenosas das serpentes e dos répteis da inveja e do ciúme que o cercam; ficará de pé, porque unguimos seu corpo, para que seja sempre sólido e robusto. Segui-o, então. Mas, em vossa marcha as tempestades rebentarão sobre as vossas cabeças e alguns de vós não encontrarão refúgio para se abrigarem da tormenta! Que estes se resignem com coragem, como os mártires cristãos e pensem que a grande obra pela qual tiverem sofrido é a vida, é o despertar das nações adormecidas e que por isso serão um dia largamente recompensados no reino do Pai.”

Santo Agostinho

Extraímos a passagem que se segue de uma carta que nos foi enviada recentemente pelo presidente da Sociedade de Constantina:

“Estamos causando preocupação entre os habitantes europeus e mesmo indígenas. Vários grupos se formaram à nossa volta e por toda parte se ocupam do Espiritismo. A criação de nossa Sociedade terá tido como resultado chamar a atenção para esta nova ciência. Contudo, não deixamos de experimentar algum embaraço, mas somos sustentados pelos Espíritos, que nos exortam à paciência e dizem que são provas das quais a Sociedade sairá vitoriosa e, de certo modo, mais fortalecida. Também temos a oposição externa: de um lado o clero e, do outro, a gente das mesquitas, afirmando, aos berros, que nos encontramos sob a inspiração de Satã e que nossas comunicações procedem do inferno. Temos ainda contra nós os boêmios, aqueles que vivem do sensualismo, sem se preocuparem com a sua alma; materialistas ou cépticos que repelem tudo quanto

se refira a essa outra vida, cuja existência não querem admitir. Fecham os olhos e os ouvidos, chamam-nos de charlatães e procuram asfixiar-nos pela zombaria e pelo ridículo. Mas progredimos em meio a todos os espinhos; não nos faltam médiuns e diariamente surgem outros e muito interessantes. Temos comunicações de diversas naturezas e incidentes imprevistos para convencer os mais rebeldes, por exemplo, uma resposta em italiano por uma pessoa que não conhece essa língua; respostas a perguntas sobre a formação do globo, por uma senhora médium que nunca estudou geologia; um outro grupo recebeu comunicações poéticas cheias de encanto, etc.”

Observação – Como se vê, o diabo também é acusado pelos sacerdotes muçulmanos. É de notar que os padres de todos os cultos lhe dão tanto poder que em verdade não se sabe a parte que reservam a Deus, nem como se deve entender a sua onipotência. Se esta é absoluta, o diabo não pode agir sem a sua vontade; se é apenas parcial, Deus não é Deus. Felizmente a gente tem mais fé na sua bondade infinita do que na sua vingança infinita e o diabo ficou muito desacreditado depois que o obrigaram a representar a comédia em todos os teatros, desde a farsa até a ópera. Assim, seu nome quase não produz mais efeito sobre a população do que as imagens horrorosas que os chineses colocavam nas muralhas para servirem de espantalho aos bárbaros europeus. O progresso incessante do Espiritismo prova que esse meio é ineficaz. Será bom procurar outro.

Carta do Sr. Jean Reynaud ao *Journal des Débats*

A carta seguinte foi publicada no *Journal des Débats*, em 6 de julho de 1862.

“Ao Sr. Diretor-Gerente,

Neuilly, 2 de julho de 1862

“Senhor,

“Permiti-me responder a duas acusações, assacadas contra mim no vosso jornal de hoje, pelo Sr. Franck, que me ataca como fomentador do panteísmo e da metempsicose. Não só repilo tais erros com todas as minhas forças; as próprias pessoas que me honraram com a leitura de meu livro *Terra e Céu* puderam ver que as acusações são absolutamente contrárias a todos os sentimentos que estão expressos no livro.

“Quanto ao panteísmo, limito-me a dizer que o princípio da personalidade de Deus é o ponto de partida de todas as minhas idéias e que, sem me inquietar com o que pensam os judeus, concordo com os cristãos, segundo os quais o dogma da Trindade resume toda a teologia sobre o assunto. Assim, à página 226 do livro em questão, enuncio que a criação procede da Trindade inteira; melhor ainda, cito textualmente Santo Agostinho, sob cuja autoridade me coloco, e acrescento: ‘Se, afastando-me da Idade Média, no que respeita à ancianidade do mundo, corresse o mais leve risco de escorregar no abismo dos que confundem Deus e o Universo num caráter comum de eternidade, eu me deteria. Mas posso ter a menor inquietação a respeito?’

“Quanto à segunda acusação, sem também me inquietar se penso ou não como o Sr. Salvador, direi simplesmente que, se se entende por metempsicose, no sentido vulgar, a doutrina que pretende que o homem, após a morte, esteja sujeito a passar pelo corpo de animais, eu repilo tal doutrina, como filha do panteísmo, tanto como o próprio panteísmo. Creio que o nosso destino futuro se fundamenta essencialmente na permanência de nossa personalidade. O sentimento dessa permanência pode eclipsar-se momentaneamente, mas jamais se perde e sua plena

posse é o primeiro caráter da vida bem-aventurada a que todos os homens, no curso mais ou menos prolongado de suas provas, são chamados continuamente. A personalidade do homem decorre, muito naturalmente, da de Deus. Na página 258 do livro em causa está dito: ‘Como não teria Deus criado à sua imagem o que lhe aprouve criar na plenitude de seu amor?’ E ainda sobre este ponto refiro-me a Santo Agostinho, cujas belas palavras cito textualmente: ‘Desde, pois, que fomos criados à imagem do nosso Criador, contemplemos em nós essa imagem e, como o filho pródigo do Evangelho, retornemos a Ele, depois de dEle nos termos afastado pelos nossos pecados.’

“Se o livro *Terra e Céu* se afasta das opiniões aceitas pela Igreja, não é pelas teses substanciais, como quer fazer crer o Sr. Franck, mas apenas, se assim posso falar, por uma questão de tempo. Ali se ensina que a duração da Criação é proporcional à sua extensão, de sorte que a imensidade reina igualmente nos dois sentidos; é ensinado também que a nossa vida atual, em vez de representar a totalidade das provas pelas quais nos capacitamos para participar da plenitude da vida bem-aventurada, é apenas um dos termos da série, mais ou menos longa, de existências análogas. Eis, senhor, o que pôde lograr o Sr. Franck, cuja crítica me pareceu tanto mais temível quanto é conhecida de todos a perfeita lealdade de seu caráter.

“Aceitai, etc.

Jean Reynaud.”

Vê-se que não fomos o único nem o primeiro a proclamar a doutrina da pluralidade das existências, também chamada de reencarnação. A obra *Terra e Céu*, de Jean Reynaud, foi publicada antes de *O Livro dos Espíritos*. Pode-se ver o mesmo princípio, exposto em termos explícitos, no encantador opúsculo do Sr. Louis Jourdan, intitulado: *As Súplicas de Ludovico*, cuja primeira edição é de 1849, da Livraria Nova, Boulevard des Italiens.

É que a idéia da reencarnação não é nova; é tão velha quanto o mundo e é encontrada em muitos autores antigos e modernos. Aos que objetam que ela é contrária aos dogmas da Igreja, respondemos que, de duas uma: ou a reencarnação existe, ou não existe. Não há alternativa. Se existe, é uma lei da Natureza. Ora, se um dogma é contrário a uma lei da Natureza, trata-se de saber quem tem razão: se o dogma ou a lei. Quando a Igreja anatematizou e excomungou como culpados de heresia os que acreditavam no movimento da Terra, não impediu que a Terra girasse e que todo o mundo hoje creia nisto. Sucederá o mesmo com a reencarnação. Não é, pois, uma questão de opinião, mas uma questão de fato. Se o fato existe, tudo quanto poderão dizer ou fazer não impedirá a sua existência e, mais cedo ou mais tarde, os mais recalcitrantes deverão aceitá-lo. Deus não consulta as suas conveniências para regular a ordem das coisas e o futuro não tardará a provar quem tem razão.

Os Pandus e os Kurus

A REENCARNAÇÃO NA ANTIGUIDADE

Um dos nossos assinantes nos escreve de Nantes:

“Lendo um livro que trata de algumas obras em sânscrito, encontrei, numa passagem de um poema chamado *Maha-Barata*, uma exposição da crença daqueles tempos remotos. Grande foi a minha admiração ao encontrar aí a reencarnação, doutrina que, na época, parece ter sido bem compreendida. Eis o fato que levou o Deus *Krishna* a explicar ao chefe dos *Pandus* a teoria dos brâmanes.

“Tendo estourado a guerra civil entre os descendentes de Pandu, legítimos herdeiros do trono e os descendentes de Kuru, que o usurparam, vêm os *Pandus*, à frente de um exército comandado pelo herói Arjuna, atacar os usurpadores. A batalha foi longa e a vitória era ainda incerta; um armistício permitiu aos dois

exércitos retemperar suas forças; de repente soaram as trombetas e os dois contendores puseram-se em marcha para o combate. Cavalos brancos puxam o carro de Arjuna, junto ao qual se mantém Krishna. De repente o herói pára no meio do espaço que separa os dois exércitos e os abarca com o olhar: ‘Irmãos contra irmãos, diz ele; parentes contra parentes, prestes a se estrangularem sobre os cadáveres de seus irmãos!’ É tomado de profunda melancolia e de súbita dor.

“Krishna! exclama ele, eis os nossos parentes armados, de pé, dispostos a se estrangularem. Vê! meus membros tremem, meu rosto empalidece, meu sangue gela; um frio mortal circula-me nas veias e meus cabelos se eriçam de horror. O arco fiel cai-me da mão, incapaz de o sustentar; vacilo; não posso avançar nem recuar e minha alma, embriagada de dor, parece querer abandonar-me. Deus dos cabelos louros, ah!, dize-me, serei feliz quando tiver assassinado todos os meus? Que significarão a vitória, o império, a vida, quando aqueles para os quais o quero obter e conservar tiverem perecido no combate? Ó conquistador celeste, quando o mundo tríplice fosse o preço de sua morte, eu não os quereria degolar por este globo miserável. Não, não o quero, embora eles se preparem para matar-me impiedosamente.

“– Esses cuja morte choras, respondeu o deus, não merecem que os chores; quer vivam, quer morram, o sábio não tem lágrimas para a vida nem para a morte. O tempo em que eu não existia, em que tu não existias, em que esses guerreiros não existiam, jamais existiu e jamais virá a hora que anunciará nossa morte. Introduzidas em nossos corpos, a alma atravessa a juventude, a idade madura, a decrepitude e, passando a um novo corpo, ali recomeça sua jornada. Indestrutível e eterno, um deus desdobra de suas mãos o Universo onde estamos. Quem aniquilará a alma que ele criou? quem, pois, destruirá a obra do Indestrutível? O corpo, envoltório frágil, altera-se, corrompe-se e morre; mas a alma, a alma eterna que não podemos conceber, jamais perece. Ao

combate, Arjuna! Avança os teus corcéis no combate; tu não destróis a alma; a alma não será morta; jamais nasce, jamais morre, ela não conhece presente, passado ou futuro; é antiga, eterna, sempre virgem, sempre jovem, imutável, inalterável. O que significa cair no combate, degolar os inimigos, senão deixar uma vestimenta ou tirar a vestimenta de alguém? Vai! nada temas; atira sem escrúpulo uma roupa usada; vê sem terror os teus inimigos e os teus irmãos deixarem os corpos perecíveis e suas almas revestirem formas novas. A alma é uma coisa que o gládio não penetra, que o fogo não pode consumir, que as águas não deterioram, que o vento sul não resseca. Pára, pois, de gemer.”

Observação – Com efeito, a idéia da reencarnação está muito bem definida nesta passagem, como aliás, todas as crenças espíritas o estavam na Antigüidade. Só faltava um princípio: o da caridade. Ao Cristo estava reservado proclamar esta suprema lei, fonte de todas as felicidades terrestres e celestes.

O Planeta Vênus

(Ditado Espontâneo – Médiun: Sr. Costel)

O planeta Vênus é o ponto intermediário entre Mercúrio e Júpiter. Seus habitantes têm a mesma conformação física que a vossa; a maior ou menor beleza e idealidade nas formas é a única diferença entre os seres criados. A sutileza do ar, em Vênus, comparável à das altas montanhas, torna-o impróprio aos vossos pulmões; as doenças aí são ignoradas. Seus habitantes só se alimentam de frutas e de laticínios; desconhecem o bárbaro costume de comerem cadáveres de animais, ferocidade que não existe senão nos planetas inferiores. Em consequência, as grosseiras necessidades do corpo são aniquiladas e o amor se adorna de todas as paixões e de todas as perfeições apenas sonhadas na Terra.

Como na aurora, em que as formas se revestem indecisas e envoltas no vapor da manhã, a perfeição da alma, perto de ser completa, tem a ignorância e os desejos da infância feliz. A própria Natureza reveste a graça da felicidade velada; suas formas delicadas e arredondadas não têm a violência e a aspereza dos sítios terrenos; o mar, profundo e calmo, ignora a tempestade; as árvores jamais se curvam sob a ação da tempestade e o inverno não as despoja de sua verdura; nada é ruidoso; tudo sorri, tudo é suave. Os costumes, marcados de quietude e ternura, não necessitam de nenhuma repressão para se manterem puros e fortes.

A forma política reveste a expressão da família; cada tribo ou aglomeração de indivíduos tem seu chefe, eleito por classe de idade. A velhice aí é o apogeu da dignidade humana, porque aproxima do fim desejado. Isenta de doenças e de feiúra, é calma e radiante, como uma bela tarde de outono.

A indústria terrena, aplicada à inquieta procura do bem-estar material, é simplificada e quase desaparece nas regiões superiores, onde não tem a mínima razão de ser. As artes sublimes a substituem e adquirem um desenvolvimento e uma perfeição que os vossos sentidos grosseiros não podem imaginar.

As vestimentas são uniformes; grandes túnicas brancas envolvem o corpo com pregas harmoniosas, sem o desnaturarem. Tudo é fácil a esses seres que só desejam a Deus e que, despojados dos interesses grosseiros, vivem simples e quase luminosos.

Georges

**(Perguntas sobre o ditado precedente. Sociedade de Paris,
27 de junho de 1862 – Médiun: Sr. Costel)**

1. Por vosso médium predileto fizestes uma descrição do planeta Vênus e estamos satisfeitos em constatar que concorda com o que já nos foi dito, embora com menor precisão.

Rogaríamos que vos dignásseis completá-la, respondendo a algumas perguntas. Dizei, inicialmente, como tendes conhecimento desse mundo.

Resp. – Sou errante, mas inspirado por Espíritos superiores. Fui enviado em missão a Vênus.

2. Os habitantes da Terra podem lá encarnar diretamente, ao saírem daqui?

Resp. – Deixando a Terra os seres mais adiantados passam por uma erraticidade mais ou menos prolongada, que os despoja dos laços carnis, imperfeitamente rotos pela morte.

Observação – A questão não era saber se os habitantes da Terra podem lá se encarnar *imediatamente* depois da morte, mas diretamente, isto é, sem passar por mundos intermediários. Ele respondeu que isso é possível aos mais adiantados.

3. O estado de adiantamento dos habitantes de Vênus permite se lembrem de sua passagem em mundos inferiores e estabelecerem uma comparação entre as duas situações?

Resp. – Os homens olham a retaguarda com os olhos do pensamento, que num átimo reconstitui o passado extinto. Assim, o Espírito adiantado vê com a mesma rapidez com que se move, rapidez mais fulminante que a eletricidade, bela descoberta que se liga estreitamente à revelação do Espiritismo. Ambos encerram em si o progresso material e intelectual.

Observação – Para estabelecer uma comparação não é necessário saber a posição pessoal que se ocupa; basta conhecer o estado material e moral dos mundos inferiores pelos quais se passou para lhes notar a diferença. Conforme o que nos dizem do planeta Marte, devemos felicitar-nos por não mais lá estar; e sem sair da Terra, basta considerar os povos bárbaros e ferozes e saber que tivemos de passar por esses estados para nos sentirmos mais felizes. Sobre os outros mundos só dispomos de informações

hipotéticas; mas é possível que nos mais adiantados que o nosso esse conhecimento tenha um grau de certeza que não nos é dado.

4. Aí a duração da vida, proporcionalmente, é mais longa ou mais curta que na Terra?

Resp. – Em Vênus a encarnação é infinitamente mais longa que a prova terrena. Despojada das violências humanas, relaxada e impregnada da vivificante influência que a penetra, a alma experimenta as asas que a transportam a planetas gloriosos como Júpiter e outros semelhantes.

Observação – Conforme já fizemos notar, a duração da vida corporal é proporcional ao adiantamento dos mundos. Em sua bondade, quis Deus abreviar as provas nos mundos inferiores. A esta razão junta-se uma causa física: quanto mais adiantados os mundos, tanto menos são os corpos consumidos pelo fogo das paixões e pelas doenças, que são a sua conseqüência.

5. O caráter sob o qual descreveis os habitantes de Vênus leva-nos a pensar que entre eles não haja guerras, querelas, ódios e inveja.

Resp. – Os homens só se tornam o que as palavras podem exprimir e seu pensamento limitado está privado do infinito. Assim, sempre atribuí, mesmo aos planetas superiores, as vossas paixões e os vossos motivos inferiores, venenos depositados em vossos seres pela grosseria do ponto de partida, dos quais só vos curais lentamente. As divisões, as contendias e as guerras são desconhecidas em Vênus, assim como entre vós desconheceis a antropofagia.

Observação – Com efeito, a Terra nos apresenta, pela inumerável variedade de seus estágios sociais, uma infinidade de tipos, que nos podem dar uma idéia dos mundos nos quais cada um desses tipos é o estado normal.

6. Qual o estado da religião nesse planeta?

Resp. — A religião é a adoração constante e ativa do Ser Supremo; adoração isenta de todo erro, isto é, de qualquer culto idólatra.

7. Os seus habitantes estão todos no mesmo nível ou, como sucede na Terra, uns são mais adiantados que outros? Neste caso, a quais habitantes da Terra correspondem os menos adiantados?

Resp. — A mesma desigualdade proporcional existe entre os habitantes de Vênus, como entre os seres terrestres. Os menos adiantados são as estrelas do mundo terreno, isto é, os vossos gênios e os vossos homens virtuosos.

8. Há senhores e servos?

Resp. — A servidão é o primeiro grau da iniciação. Os escravos da Antigüidade, como os da América moderna, são seres destinados a progredir num meio superior ao em que habitavam na sua última encarnação. Por toda parte os seres inferiores estão subordinados aos superiores; mas em Vênus essa subordinação moral não pode ser comparada à subordinação corporal, tal como existe na Terra. Os superiores não são senhores, mas pais dos inferiores. Em vez de os explorar, auxiliam-lhes o progresso.

9. Vênus chegou gradualmente ao estado em que se encontra? Passou anteriormente pelo estado em que se acha a Terra e mesmo Marte?

Resp. — Reina uma unidade admirável no conjunto da obra divina. Como os indivíduos, como tudo o que é criado, animais e plantas, os planetas progredem inevitavelmente. A vida, nas suas variadas expressões, é uma perpétua ascensão para o Criador, desenvolvendo, numa imensa espiral, os graus de sua eternidade.

10. Tivemos comunicações concordantes sobre Júpiter, Marte e Vênus. Por que sobre a Lua só tivemos coisas contraditórias e que não permitiram fixar uma opinião?

Resp. – Essa lacuna será preenchida e em breve tereis sobre a Lua revelações tão claras e precisas quanto as obtidas sobre os outros planetas. Se ainda não vos foram dadas, mais tarde compreendereis a razão.

Observação – Por certo esta descrição de Vênus não tem nenhum dos caracteres de autenticidade absoluta; assim, só a damos a título hipotético. Todavia, o que já foi dito sobre esse mundo lhe dá, pelo menos, um certo grau de probabilidade e, seja como for, não deixa de ser o quadro de um mundo que necessariamente deve existir para todo homem que não tenha a orgulhosa pretensão de crer que a Terra seja o apogeu da perfeição humana; é um elo na escala dos mundos e um grau acessível aos que não se sentem com forças para ir diretamente a Júpiter.

Carta ao Jornal de Saint-Jean d'Angely

Encontramos a carta seguinte no jornal de Saint-Jean-d'Angely, de 15 de junho de 1862:

“Ao Sr. Pierre de L..., redator substituto do jornal Le Mellois.

“Numa carta dirigida ao *Mellois* de 8 de junho último, lançais um desafio ao que chamais a pequena igreja de Saint-Jean-d'Angely. Ofendido por ter sido repellido pelo Sr. Borreau, que não vos quis receber, voltai-vos contra seu colega em Espiritismo, a fim de o interrogar. Sem ser o médium notável que designais sob uma transparente inicial, tomo a liberdade de vos apresentar algumas observações.

“Qual teria sido o vosso objetivo ao lançar um desafio, primeiro ao Sr. Borreau, depois aos espíritas de Saint-Jean-d'Angely, para que evocassem a alma de Jacques Bujault? Uma brincadeira para pôr fim à guerra civil e intestina que parece querer

ensanguentar os campos férteis do Poitou? Se assim é, penso que deveis compreender que a dignidade das pessoas sérias e conscienciosas, que acreditam firmemente nas teorias estabelecidas sobre os fenômenos, cuja certeza reconheceram, lhes impõe não se associem ao vosso jogo. Como os cépticos, tendes liberdade, certamente, de rir dessas teorias. Como sabeis, senhor, na França riem de tudo. No entanto, por melhor que fosse a vossa brincadeira, ela não é nova e, entre outros, certo cronista do jornal ao qual dirijo a presente, já se havia servido dela em seu começo.

“Se levantastes a questão com seriedade, permiti dizer-vos que não seguistes o caminho adequado para atingir o objetivo. Não seriam os sarcasmos contidos no vosso primeiro artigo que iriam persuadir o Sr. Borreau de vossa sinceridade. Era-lhe perfeitamente lícito duvidar e não vos permitir que discutísseis a evocação do prior que conheceis, como se fora mero esboço espiritual. Do mesmo modo, não são as vossas observações satíricas sobre a completa inutilidade do Espiritismo e sobre as dissidências que dividem os seus adeptos que irão convencer o Sr. C... da boa-fé com a qual reclamais suas luzes. Se, pois, realmente tendes a intenção de resolver esse problema, eis, em minha opinião, o meio mais rápido e mais conveniente: Vinde ao cenáculo e aí, despojado de qualquer idéia preconcebida, fazendo tábua rasa de todas as prevenções anteriores, examinai friamente os fenômenos que se produzirão em vossa presença e os submetei ao critério da certeza. Que, se uma ou duas vezes temeis ser vítima de alucinações, repeti as vossas experiências. Como o Cristo a Tomé, o Espiritismo vos dirá:

*Vide pedes, vide manus,
Noli esse incredulus.*

“E se tais experiências levam sempre ao mesmo resultado, conforme todas as regras da lógica, devereis ter confiança no testemunho dos vossos sentidos, a menos que estejais reduzido ao mais completo cepticismo, no que não posso crer.

“Se, ao contrário, como vaticinei acima, vossos artigos não passavam de um jogo para divertir o conflito local suscitado pelo voto malfadado da Sociedade de Agricultura de Niort, continuei vossas agradáveis brincadeiras, assaltos brilhantes que nós, espectadores desinteressados, muito admiramos. Apenas permitireis aos espíritas que conservem a sua fé. Com efeito, nem sempre a zombaria tem razão; o aforismo: *o ridículo mata* não é de uma exatidão a toda prova, e poderíamos dizer a essa arma tão cruel, sobretudo entre nós, o que foi dito a uma personagem da comédia:

“Todos os que matais passam muito bem.”

“Riram de todas as grandes coisas, trataram-nas como loucura, o que não as impediu se realizassem. Riram da existência de um outro mundo, e a América foi descoberta; riram do vapor e estamos no século das estradas de ferro; riram dos barcos a vapor⁴¹ de Fulton, seu inventor, que agora navegam em nossos mares e rios; riram – inclinai-vos senhor – riram do Cristo e sua sublime loucura, a loucura da cruz, conquistou e subjugou o Universo. Assim, se no momento o Espiritismo está na berlinda, exposto aos epigramas dos discípulos de Voltaire, assume sua posição e segue o seu caminho; o futuro o julgará. Se este sistema está baseado na verdade, nem pilhérias, nem paixões prevalecerão contra ele; se não passa de um erro – erro muito generoso, é bom confessar – em nosso século de materialismo ele irá encontrar no nada as mil e uma aberrações do espírito que, sob nomes diversos e extravagantes, desviaram a Humanidade.

“Recebei, senhor, a expressão de minhas atenciosas saudações.

Um adepto”

41 N. do T.: *Pyroscaphes* no original: primeiro nome dado aos barcos a vapor.

Observação – Não é a primeira vez que um adepto aceita o desafio lançado contra o Espiritismo pelos zombadores, e mais de um, entre estes últimos, puderam convencer-se de que se defrontavam com uma parte mais forte e mais numerosa do que imaginavam. Assim, muitos agora compreendem que é mais prudente calar-se. E, depois, é preciso dizer que as idéias espíritas penetraram até mesmo o campo dos adversários, onde começam a sentir-se ultrapassados e, então, esperam. Hoje o Espiritismo já não é professado em segredo; as pessoas se dizem espíritas abertamente, como se confessam francesas ou inglesas, católicas, judias ou protestantes, partidárias desta ou daquela filosofia. Todo receio pueril foi banido. Que, pois, todos os espíritas tenham a coragem de suas opiniões, que é o meio de calar a boca dos detratores e levá-los à reflexão.

O Espiritismo cresce incessantemente como uma vaga que sobe e circunscribe a ilhota, inicialmente muito grande, mas que alguns dias mais tarde estará reduzida a um ponto. Que farão os negadores quando se virem sobre esse ilhéu, cada dia mais reduzido pelo oceano das idéias novas? Vemos crescer a onda que nos transporta. Eis por que não nos inquietamos. Um dia, porém, os que estiverem na ilhota, apavorados pelo isolamento, estenderão os braços e nos rogarão socorro.

Castigo de um Aparento

François Riquier, homem muito comum, era um velho solteirão aparento, morto em C..., há quatro ou cinco anos, deixando aos colaterais uma fortuna considerável. Tinha sido senhorio de uma de nossas amigas, a Sra. F... Esta senhora o havia esquecido por completo quando sua filha, ultimamente sujeita a crises de catalepsia, seguidas de sono magnético espontâneo, viu, durante o sono, o Sr. Riquier, o qual, diz ela, queria falar com sua mãe. Alguns dias mais tarde, a filha da Sra. F..., aliás bom médium escrevente, tomou do lápis e obteve a comunicação seguinte, ao final da qual Riquier pôs seu nome e endereço completo. Não conhecendo tal endereço, a Sra. F... foi verificá-lo e ficou muito surpreendida ao constatar que a indicação era perfeitamente exata. Eis a comunicação, que é um novo exemplo das penas reservadas aos Espíritos culpados. Como ele se manifestara espontaneamente

e exprimira o desejo de falar à Sra. F..., foi-lhe feita esta pergunta: “Que quereis de nós?”

Resp. – O meu dinheiro, que aqueles miseráveis tomaram todo, para repartirem entre si. Venderam minhas fazendas, minhas casas, para dividir tudo. Dilapidaram meus bens, como se não fossem meus. Fazei-me justiça, porque eles não me escutam e não quero presenciar tais infâmias. Dizem que eu era usurário e guardam o meu dinheiro! Por que não mo querem devolver, se acham que foi mal adquirido?

“P. – Mas vós estais morto, homem de Deus! Já não precisais de dinheiro. Pedi a Deus uma nova existência pobre, a fim de expiardes a avareza desta.

Resp. – Não; não poderia viver pobre. Necessito do meu dinheiro para viver. Aliás, não preciso de outra vida, pois estou vivo agora.

“P. (A pergunta seguinte foi feita com o objetivo de o trazer à realidade). – Sofreis?”

Resp. – Oh! sim; sofro piores torturas que a doença mais cruel, porquanto é minha alma que suporta essas torturas. Tenho sempre presente no pensamento a iniquidade de minha vida que, para muitos, foi motivo de escândalo. Bem sei que sou um miserável, indigno de piedade; mas sofro tanto que necessito de ajuda para sair deste estado miserável.

“P. – Oraremos por vós.

Resp. – Obrigado! Rogai para que eu esqueça minhas riquezas terrestres, sem o que jamais poderia arrepender-me. Adeus e obrigado.

François Riquier,
Rue de la Charité, n.º 14”

Observação – Este e muitos outros exemplos análogos provam que o Espírito pode conservar, durante muitos anos, a idéia

de que ainda pertence ao mundo corpóreo. Esta ilusão não é exclusiva dos casos de morte violenta; parece ser a conseqüência da materialidade da vida terrena. A persistência do sentimento de tal materialidade, que não pode ser saciada, é um suplício para o Espírito. Além disso, aí encontramos a prova de que o Espírito é um ser semelhante ao ser corpóreo, embora fluídico, porque, para que ainda se julgue neste mundo, continue ou acredite continuar, poder-se-ia dizer, para consagrar-se aos seus negócios, ser preciso que ele se veja em forma e num corpo como em vida. Se dele não restasse mais que um sopro, um vapor, uma centelha, não poderia enganar-se quanto à sua situação. É assim que o estudo dos Espíritos, mesmo vulgares, vem nos esclarecer quanto ao estado real do mundo invisível e confirmar as mais importantes verdades.

Valor da Prece

A mesma pessoa aludida no fato precedente recebeu um dia a comunicação que se segue, cuja origem a princípio não compreendeu:

“Não me esqueceste e jamais o vosso Espírito teve para mim um sentimento de perdão. É verdade que vos fiz muito mal; mas há muito venho sendo punida por isto. Não parei de sofrer. Vejo que cumpris os vossos deveres com tanta coragem, para prover às necessidades de vossa família... mas a inveja não cessou de me devorar o coração. Vossa... (Aqui paramos para perguntar quem podia ser. O Espírito acrescentou: ‘Não me interrompais; darei meu nome quando terminar.’) ...resignação, que acompanhei, foi um dos meus maiores sofrimentos. Tende um pouco de piedade de mim se, de fato, sois discípula do Cristo. Eu estava muito só na Terra, não obstante entre os meus, e a inveja foi o meu defeito mais grave. Foi por inveja que dominei vosso marido. Parecia que retomáveis o domínio sobre ele quando vos conheci e me interpus entre vós. Perdoai-me e tende coragem para que, por

sua vez, Deus tenha piedade de vós. Minha irmã, que oprimi durante minha vida, é a única que tem orado por mim. Mas são as vossas preces que me faltam. As outras não trazem para mim o selo do perdão. Adeus; perdoai.

Angèle Rouget

Acrescenta aquela senhora: “Então me lembrei perfeitamente da mulher, morta há cerca de vinte e cinco anos, e na qual não pensava desde muitos anos. Pergunto-me como as preces de sua irmã, virtuosa e doce criatura, devotada, piedosa e resignada, não sejam mais frutuozas do que as minhas. Mesmo assim, orei e perdoei.”

Resp. – O próprio Espírito dá a explicação quando diz: “As preces dos outros não trazem para mim o selo do perdão.” Com efeito, aquela senhora, a principal ofendida, tendo sofrido mais pela conduta da outra, saturava sua prece de perdão, o que deveria tocar ainda mais o Espírito culpado. Orando, sua irmã não fazia, por assim dizer, senão cumprir um dever; por outro lado, havia um ato de caridade. A ofendida tinha mais direito e mais mérito para pedir graça; seu perdão, pois, deveria tranquilizar mais o Espírito. Ora, sabe-se que o principal efeito da prece é agir sobre o moral do Espírito, seja para o acalmar, seja para o conduzir ao bem. Trazendo-o ao bem, ela apressa a clemência do Juiz Supremo, que sempre perdoa o pecador arrependido.

A justiça humana, em que pese a sua imperfeição em face da justiça divina, oferece-nos freqüentes exemplos semelhantes. Se um homem for levado ao tribunal, por ofensas a alguém, ninguém o defenderá melhor, nem obterá mais facilmente a sua absolvição do que o próprio ofendido, vindo generosamente retirar a queixa.

Após ter sido lido na Sociedade de Paris, a comunicação acima ensejou a seguinte pergunta, proposta por um de seus membros:

“Os Espíritos solicitam constantemente preces aos mortais. Será que os Espíritos bons não oram pelos sofredores? Nesse caso, por que as preces dos homens são mais eficazes?”

A resposta que se segue foi dada na mesma sessão, por Santo Agostinho, pelo médium E. Vézy:

“Orai sempre, meus filhos. Já vos disse: a prece é um orvalho benfazejo que deve tornar menos árida a terra ressequida. Venho repetir mais uma vez e acrescentar algumas palavras em resposta à pergunta que me dirigistes. Perguntais por que os Espíritos sofredores preferem pedir-vos preces que a nós. As preces dos mortais são mais eficazes que a dos Espíritos bons? – Quem vos disse que nossas preces não tinham a virtude de espalhar consolação e dar força aos Espíritos fracos, que não podem ir a Deus senão com dificuldade e, muitas vezes, sem coragem? Se imploram as vossas preces, é porque elas têm o mérito das emanações terrenas que, subindo voluntariamente a Deus, são sempre por eles aproveitadas, por procederem da vossa caridade e do vosso amor.

“Para vós orar é abnegação; para nós, um dever. O encarnado que ora pelo próximo cumpre a nobre tarefa dos puros Espíritos; sem lhes possuir a coragem e a força, realizam as suas maravilhas. É peculiar à nossa vida consolar o Espírito que sofre e passa por dificuldades; mas uma de vossas preces é o colar que tirais do pescoço para dá-lo ao indigente; é o pão que retirais de vossa mesa para dar a quem tem fome. É por isso que vossas preces são agradáveis a quem as escuta. Um pai não atende sempre à prece do filho pródigo? Não chama todos os servos para matar o vitelo gordo pelo retorno do filho culpado? Como não o faria ainda mais por aquele que, de joelhos, lhe vem dizer: ‘Ó meu pai, sou muito culpado; não vos peço graça, mas perdoai a meu irmão

arrependido, mais fraco e menos culpado do que eu.’ Oh! é então que o pai se enternece, arrancando do peito tudo quanto este possa conter em dons e em amor. E diz: ‘Estavas cheio de iniquidades e te confessaste criminoso; mas, compreendendo a enormidade de tuas faltas, não clamaste graça para ti; aceitas o sofrimento de meu castigo e, apesar de tuas torturas, tua voz tem força bastante para pedir por teu irmão!’ Pois bem! o pai não quer ser menos caridoso que o filho: perdoa a ambos. A um e outro estende as mãos para que possam marchar direito na senda que conduz à sua glória.

“Eis a razão, meus filhos, pela qual os Espíritos sofredores, que vagueiam à vossa volta, imploram as vossas preces. *Devemos orar; podeis orar.* Prece do coração, és a alma das almas, se assim me posso exprimir; quintessência sublime que sobe, sempre casta, bela e radiosa, para a alma mais vasta de Deus.”

Santo Agostinho

Dissertações Espíritas

A CONQUISTA DO FUTURO

(Grupo de Sainte-Gemme – Tarn – Médium: Sr. C...)

A idéia espírita vai crescendo; logo cobrirá o solo francês de norte a sul, do nascente ao poente. Balizas são plantadas a igual distância. Vós sois essas balizas. A vós caberá a honra de traçar aos vossos irmãos a rota a seguir, de acordo com os nossos conselhos. Reuni-vos, pois, não só num pensamento comum, mas também numa ação comum. A fase de observação e experiências já passou: estais na fase de aplicação. Agi, e agi sem temor; jamais olheis para trás; ao contrário, fixai os olhos à frente; contemplai o objetivo e os obstáculos que dele vos separam. Se vos distrairdes a contar os passos, em vez de avançardes rapidamente, faltareis à missão que vos foi confiada. Tomai, pois, o cajado do viajor; cingi

os rins e ponde-vos a caminho! Mas não partais sós; que todo o exército espírita, essa vanguarda da doutrina evangélica, se ponha em marcha ao mesmo tempo. Uni-vos, consultai-vos e voai à conquista do futuro.

Hippolyte Fortoul

O PENTECOSTES

(Grupo de Sainte-Gemme – Tarn – Médium: Sr. C...)

O Espírito de Deus sopra sobre o mundo, a fim de regenerar os seus filhos. Se, como ao tempo dos apóstolos, não se mostra sob a forma de línguas de fogo, não está menos presente entre vós. Orai, pois, com fervor ao Todo-Poderoso, a fim de que ele se digne fazer-vos tirar proveito de todas as vantagens morais, de todos os dons imperecíveis que Ele houve por bem derramar sobre a cabeça dos apóstolos e do Cristo. Pedi e recebereis e nada do que pedirdes de bom e de útil para o vosso progresso espiritual vos será recusado. Orai, pois, uma vez mais, com fervor; mas que seja o vosso coração que fale, não os lábios; ou se vossos lábios se agitarem, que digam apenas o que o coração houver pensado. A felicidade que sentireis quando estiverdes animados pelo Espírito de Deus é tão grande que não podeis fazer uma idéia. Depende de vós obtê-la. E, a partir deste momento, considerai os dias que vos restam para viver como um pedaço de caminho a percorrer para chegardes ao destino e onde encontrareis, no fim do dia, a vossa ceia e o vosso pouso para a noite.

Mas que a pequena importância relativa que deveis ligar às coisas terrenas não vos impeça de considerar os vossos deveres materiais como muito sérios; cometeríeis uma falta gravíssima aos olhos de Deus, se não vos entregásseis conscientemente aos vossos trabalhos cotidianos. Nada se deve desprezar do que saiu das mãos do Criador; deveis desfrutar, em certa medida, dos bens materiais que Ele vos concedeu. Vosso dever é não os guardar exclusivamente para vós, mas fazer que deles participem os irmãos

aos quais eles foram recusados. Uma consciência pura, uma caridade e uma humildade sem limites, eis a melhor das preces para chamar a si o Espírito Santo. É o verdadeiro *Veni Creator*; não que este, cantado nas igrejas, não seja uma prece que será acolhida, sempre que feita de bom coração; mas, como já vos foi dito inúmeras vezes, o fundo é tudo, a forma pouca coisa.

Pedi, então, pelos vossos atos, que o Espírito Santo venha visitar-vos e derramar em vossa alma essa força que dá a fé para superar as misérias da existência terrena e para estender a mão àqueles irmãos vossos a quem a fraqueza do espírito impede ver a luz, sem a qual só podereis marchar às cegas, com risco de vos ferirdes nos obstáculos disseminados no caminho. A verdadeira felicidade, pela qual todos suspirais, lá se acha; cada um a tem sob a mão: basta querer para alcançá-la. Tomai hoje boas e firmes resoluções e o Espírito de Deus – tende certeza – não vos faltará. Amai ao vosso próximo como a vós mesmos pelo amor de Deus e tereis dignamente solenizado o dia em que o Espírito Santo veio visitar os apóstolos do Cristianismo.

Hippolyte Fortoul

O PERDÃO

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sr. A. Didier)

Como se pode achar em si a força para perdoar? A sublimidade do perdão é a morte do Cristo no Gólgota! Ora, já vos disse que o Cristo tinha resumido em sua vida todas as angústias e lutas humanas. Todos os que mereciam o nome de cristãos antes de Jesus-Cristo morreram com o perdão nos lábios: os defensores das liberdades oprimidas, os mártires das verdades e das grandes causas de tal modo compreenderam a elevação e a sublimidade de sua vida que não faliram no último instante e perdoaram. Se o perdão de Augusto não é inteiramente sublime do ponto de vista histórico, o Augusto de Corneille, o grande trágico, é senhor de si como do Universo, porque perdoa. Ah! como são mesquinhos e miseráveis

os que possuíam o mundo e não perdoavam! Como é grande aquele que continha, no futuro dos séculos, todas as humanidades espirituais e perdoava! O perdão é uma inspiração e, muitas vezes, um conselho dos Espíritos. Infelizes os que fecham o coração a essa voz: serão punidos, como diz a Escritura, porquanto tinham ouvidos e não escutavam. Pois bem! se quereis perdoar, se vos sentis fracos perante vós mesmos, contemplai a morte do Cristo. Aquele que se conhece a si próprio triunfa facilmente de si mesmo. Eis por que o grande princípio da sabedoria antiga era, antes de tudo, conhecer-se a si próprio. Antes de se lançar na luta ensinava-se aos atletas, para os jogos e pelepas grandiosas, os meios seguros de vencer. Ao lado disso, nos liceus, Sócrates ensinava que havia um Ser Supremo e, algum tempo depois, séculos antes do Cristo, ensinava a toda a nação grega a morrer e perdoar. O homem vicioso, desprezível e fraco, não perdoa; o homem habituado às lutas pessoais, às reflexões justas e sãs, perdoa facilmente.

Lamennais

A VINGANÇA

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sr. de B... M...)

A vingança é agradável ao coração, disse o poeta. Oh! pobres cegos, que dais livre curso à mais horrenda das paixões, credes fazer mal ao próximo quando o golpeais e não notais que eles se voltam contra vós. Ela não só é um crime, mas absurda falta de habilidade. É, como seus irmãos o rancor, o ódio, o ciúme, filhos do orgulho, o meio de que se servem os Espíritos das trevas para atrair a si aqueles que receiam lhes escapem; é o mais infalível instrumento de perdição posto nas mãos dos homens pelos inimigos que se encarniçam na sua decadência moral. Resisti, filhos da Terra, a esse culposo arrastamento, e ficai certos de que, se alguém mereceu a vossa cólera, não será no paroxismo do rancor que encontrareis a calma de consciência. Ponde nas mãos do Todo-Poderoso o cuidado de se pronunciar sobre os vossos direitos e sobre a justiça de vossa causa. Há na vingança algo de ímpio e de degradante para o Espírito.

Não, a vingança não é compatível com a perfeição. Enquanto uma alma conservar tal sentimento ficará nas regiões mais miseráveis do mundo dos Espíritos. Mas, como os outros, o vosso não será o eterno juguete dessa paixão infeliz; e posso garantir que a abolição da falsa noção do inferno eterno, ou, antes, da danação eterna, que tem servido de pretexto ou de escusa para atos de vingança, será a aurora de uma nova era de tolerância e de mansuetude, que não tardará a estender-se até às regiões privadas da vida moral. Poderia o homem condenar a vingança quando lhe apresentavam Deus como ciumento e se vingando por torturas sem fim? Cessai, pois, ó homens, de insultar a Divindade, emprestando-lhe as vossas mais ignóbeis paixões. Então sereis, ó habitantes da Terra, um povo abençoado por Deus. Vós que me escutais, fazei de modo que, liberta a vossa alma do culposo e vergonhoso móvel dos atos mais contrários à caridade, mereçais ser admitidos no recinto sagrado, no qual só a caridade pode abrir as portas.

Pierre Ange, Espírito protetor

Bibliografia

O ESPIRITISMO EM LYON

Comunicações de além-túmulo. Seleção de manifestações da Sociedade Espírita de Brotteaux, com esta epígrafe: *O Espiritismo não deve impor-se; vem-se a ele, porque dele se necessita.* (Allan Kardec. *Revue*, 1861) – Brochura in-8^o, 32 páginas, acompanhadas de quatro gravuras obtidas mediunicamente. Preço: 75 centavos. Nas principais livrarias de Lyon e, em Paris, no estabelecimento do Sr. Ledoyen.

Esta é a primeira de uma série de brochuras a serem publicadas em épocas indeterminadas. Contêm uma seleção de comunicações obtidas no grupo de Brotteaux, dirigido pelo Sr. Déjoud, chefe de oficina. Todas elas, concordes com a doutrina exposta em *O Livro dos Espíritos*, respiram a mais sã moral e trazem o cunho incontestável de Espíritos bons e benevolentes. O estilo é

simples, familiar e perfeitamente adaptado ao meio onde foram dadas, estando isentas de idéias abstratas. Antes de tudo os Espíritos bons querem instruir. Por isso põem-se à altura do auditório, pouco se preocupando em satisfazer aos que, em suas comunicações, não apreciam senão a pompa do estilo, sem lhes aproveitarem as lições. Para eles o essencial é que a instrução seja boa e penetre o coração. Acreditamos que essa coletânea atinge perfeitamente o seu objetivo. Sentimo-nos felizes de aproveitar a ocasião para felicitar o Sr. Déjoud, chefe desse grupo, um dos mais numerosos de Lyon, por seu zelo e perseverança na propagação do Espiritismo entre seus irmãos trabalhadores.

O terceiro volume das *Revelações de Além-Túmulo*, da Sra. Dozon, aparecerá brevemente.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V

SETEMBRO DE 1862

Nº 9

Inauguração de um Grupo Espírita em Bordeaux

DISCURSO DE ABERTURA

A despeito de certa má-vontade, multiplicam-se diariamente os grupos espíritas. Para nós é um prazer e um dever apresentar aos nossos numerosos leitores o discurso pronunciado em Bordeaux, na inauguração de um deles, pelo seu fundador, Sr. Condat, em 20 de março de 1862. A maneira pela qual a séria questão do Espiritismo nele é encarada prova, agora, quanto são compreendidos o seu objetivo essencial e o seu verdadeiro alcance. Sentimo-nos felizes em dizer que tal sentimento é hoje geral, porque em toda parte a curiosidade dá lugar ao desejo de instrução e de melhora. Foi o que pudemos constatar nas visitas que fizemos a várias cidades do interior. Vimos o seu interesse pelas comunicações instrutivas e a sua estima pelos médiuns que as recebem. Isto é um fato característico na história do estabelecimento do Espiritismo. Não conhecemos de modo algum o grupo ao qual nos referimos, mas julgamos suas tendências pelo discurso de inauguração. O orador não teria sustentado essa linguagem na presença de um auditório leviano e superficial,

reunido para se distrair. São as reuniões sérias que dão uma idéia séria do Espiritismo. Eis por que nunca seria demais estimular a sua multiplicação.

Senhoras e Senhores,

Pedindo aceiteis os meus agradecimentos pela benevolente acolhida ao meu convite, permiti vos dirija algumas palavras sobre o motivo de nossa reunião. Em falta de talento, espero, ao menos, que encontreis a convicção de um homem profundamente devotado ao progresso da Humanidade.

Muitas vezes o viajor intrépido, aspirando a atingir o topo de uma montanha, encontra estreito atalho obstruído por uma rocha. Muitas vezes também, no curso das idades, a Humanidade que tende a aproximar-se de Deus encontra o seu obstáculo: seu rochedo é o materialismo. Ela estaciona por algum tempo, talvez séculos; mas a força invencível a que obedece, agindo em razão da resistência, triunfa do obstáculo e a Humanidade, sempre convidada a marchar avante, retoma a caminhada com um impulso mais vivo.

Não nos admiremos, pois, senhores, quando se manifestar uma dessas grandes idéias que melhor denunciam a origem celeste do homem, quando se produz um desses fatos prodigiosos que vêm perturbar os cálculos restritos e as observações limitadas da ciência materialista; não nos espantemos e, sobretudo, não nos deixemos desencorajar pelas resistências que se opõem a tudo quanto possa servir para demonstrar que o homem não é apenas um pouco de barro, cujos elementos serão restituídos à terra depois da morte.

Antes constatamos, e constatamos com alegria, nós, adeptos do Espiritismo, filhos do século dezenove, o qual, por sua vez, foi a manifestação mais completa, por assim dizer a

encarnação do cepticismo e de suas desanimadoras conseqüências; constatemo-lo: a Humanidade está em marcha!

Vede o progresso que aqui faz o Espiritismo, nesta bela, grande e inteligente cidade; vede como por toda parte a dúvida se apaga às claridades da ciência nova.

Contemos, senhores, e confessemos com sinceridade, quantos de nós ainda na véspera, com um sorriso de incredulidade nos lábios, estamos hoje com o pé na estrada e o coração decidido a não recuar? Compreende-se: estamos na corrente e por ela somos arrastados. Que é, então, essa doutrina, senhores? Aonde nos conduz?

Levantar a coragem do homem, sustentá-lo nos seus desfalecimentos, fortificá-lo contra as vicissitudes da vida, reanimar sua fé, provar-lhe a imortalidade da alma, não só por demonstrações, mas por fatos: eis a doutrina, eis aonde ela conduz!

Que outra doutrina produzirá sobre o moral e sobre o intellecto melhores resultados? Será a negação de uma vida futura que lhe poderão opor como preferível, no interesse da Humanidade inteira e para a perfeição moral e intellectual de cada homem isoladamente?

Tomando por princípio as palavras que resumem o materialismo: “Tudo acaba quando se abre o túmulo” – o que é que se consegue produzir com essa máxima, senão o nada? Experimento uma espécie de sensação penosa, um pudor por haver feito um paralelo entre esses dois extremos: a esperança de encontrar, num mundo melhor, os nossos entes queridos, cujas almas abriram as asas, e o horror invencível que experimentamos, que o próprio ateu experimenta, ao pensamento de que tudo se aniquilaria com o derradeiro suspiro da parte mortal de nosso ser, bastaria para repelir toda idéia de comparação. No entanto, senhores, se todas as consolações encerradas no Espiritismo não

passassem de crença, se fossem apenas um sistema de pura especulação, uma engenhosa ficção, como objetam os apóstolos do materialismo, para submeterem inteligências fracas a certas regras, chamadas arbitrariamente virtude e, assim, retê-las fora dos sedutores apetites da matéria, compensação que num dia de piedade o autor dessa ordem fatal, que dá tudo a uns e reserva o sofrimento à maioria, a esta teria concedido para atordoá-la. Senhores, para as inteligências fortes, para o homem que sabe fazer uso legítimo da razão, não seriam essas engenhosas combinações, estabelecidas como conseqüências de um princípio sem base e como simples fruto da imaginação, um tormento a mais, acrescentado aos tormentos de uma fatalidade a que não poderiam subtrair-se?

Sem dúvida a demonstração é uma coisa admirável; prova, antes de tudo, a razão humana, a alma, essa abstração da matéria. Mas até esse dia seu ponto de partida único foi esta máxima de Descartes: “Penso, logo existo.” Hoje, o Espiritismo veio dar uma força imensa ao princípio da imortalidade da alma, apoiado em fatos tangíveis, irrefutáveis.

O que precede explica como e por que estamos aqui reunidos. Mas, senhores, deixai-me ainda comunicar-vos uma impressão que sempre senti, um desejo constantemente renovado, cada vez que me encontro em presença de uma sociedade que tem como escopo o aperfeiçoamento do homem moral. Eu gostaria de ter estado na primeira reunião, participado das primeiras comunicações de alma para alma dos fundadores, presidido ao desenvolvimento do germe da idéia que, como o grão tornado gigante, mais tarde produziu frutos abundantes.

Pois bem, senhores! hoje, que tenho a honra de vos reunir para propor a formação de um novo grupo espírita, minha idéia tem plena aceitação; e, como eu, peço conserveis no coração, na memória, a data de 20 de março.

Agora, senhores, é tempo de passar à prática: talvez eu me tenha demorado muito. Sem transição, para reparar a perda do tempo, largamente concedido para alguns desabafos, abordarei o objetivo de nossa reunião, pedindo que vos previniais contra uma objeção que, naturalmente, se apresentará em vosso espírito, como se apresentou no meu, quanto à indispensável necessidade de *médiuns*, quando se quer formar um grupo espírita. Eis aí, senhores uma aparente dificuldade, e não uma dificuldade. Para começar, ficai certos de que nossas reuniões não se tornarão estéreis pela simples ausência de médiuns. Esta é uma idéia que vos apresento, pedindo a vossa opinião. Procederemos assim:

A primeira parte de cada sessão seria dedicada à leitura de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*. A segunda seria consagrada à formação de médiuns entre nós e, acreditai, senhores, se seguirmos os conselhos e os ensinamentos dados nessas obras de nosso venerado chefe, Sr. Allan Kardec, a faculdade mediúnica não tardará a se desenvolver na maior parte de nós, ocasião em que os nossos trabalhos receberão sua mais doce, mais larga recompensa, porquanto Deus, o grande Criador de todas as coisas, o juiz infalível, não se enganará quanto ao bom uso que queremos fazer da preciosa faculdade mediúnica. Não deixará, pois, de nos dar a mais bela recompensa que pudéssemos ambicionar e permitir que um de nós, pelo menos, obtenha tal faculdade no mesmo grau de vários médiuns sérios que, nesta noite, temos a felicidade de contar em nosso meio.

Nossos bem-amados irmãos Gourgues e Sabò, que tenho a honra de vos apresentar, assistindo à nossa sessão inaugural, quiseram dar-lhe um mais alto grau de solenidade. Que eles nos dêem a esperança – nós lhes suplicamos – e que, com a freqüência que lhes for possível, nos venham visitar. Sua presença fortificará a nossa fé e avivará o ardor de alguns de nós que, ante o insucesso dos primeiros ensaios mediúnicos, poderiam cair no desalento.

Sobretudo, senhores, não nos extraviemos. Prestemos conta de nossa empresa e de seu objetivo. Enganar-se-ia seriamente aquele que fosse tentado a participar do novo grupo que iremos formar apenas movido pela esperança de encontrar distrações fúteis e fora da verdadeira moral apregoada pelos Espíritos bons.

“O fim essencial do Espiritismo – disse nosso venerado chefe – é o melhoramento das criaturas. Nele só se deve procurar aquilo que pode ajudar o progresso moral e intelectual. Enfim, não se deve perder de vista que a crença no Espiritismo só é proveitosa àquele de quem se possa dizer: Ele hoje é melhor que ontem.”

Assim, não esqueçamos que o nosso pobre planeta é uma estação purgatorial, onde, na atual existência, expiamos as faltas cometidas nas precedentes. Isto prova uma coisa, senhores: que nenhum de nós pode dizer-se perfeito, porque, enquanto tivermos faltas a expiar, reencarnaremos. Nossa presença na Terra atesta, pois, a nossa imperfeição.

O Espiritismo fincou as balizas da estrada que conduz aos pés de Deus. Marchemos sem jamais as perder de vista. A linha traçada pelos Espíritos bons, geômetras da Divindade, está rodeada de precipícios; as urzes e os espinhos são as suas margens. Não lhes temamos os ferimentos. Que são tais feridas, comparadas à felicidade eterna, que acolherá o viajor que chegou ao termo de seu percurso?

Esse termo, esse objetivo, senhores, há muito é objeto de minhas meditações. Abarcando o meu passado com um olhar, e voltando-me para reconhecer o espinheiro que me havia ferido, o obstáculo que me tinha feito tropeçar no atalho, não deixei de fazer o que faz todo homem, ao menos uma vez na vida: o balanço, por assim dizer, das alegrias e das mágoas, dos bons momentos de coragem e das horas de desânimo. E, com a cabeça sossegada, a alma livre, isto é, concentrada em si mesma, desprendida da

matéria, disse de mim para mim: A existência humana não passa de um sonho, mas de um sonho horroroso, que começa quando a alma ou Espírito encarnado da criança se esclarece aos primeiros lampejos da inteligência, para terminar no desfalecimento da morte. A morte! Esta palavra de terror para tanta gente, na verdade é apenas o despertar desse sono horrível, o benfeitor socorrista que nos liberta do pesadelo insuportável que nos acompanha, passo a passo, desde o nascimento.

Falo em geral, mas não de maneira absoluta. A vida do homem de bem não tem mais esses mesmos caracteres; aquilo que fez de bom, de grande, de útil, ilumina com puras claridades o sonho de sua existência. Para ele, a passagem da vida à morte é feita sem transição dolorosa; nada deixa atrás de si que possa comprometer o futuro de sua nova existência espiritual, recompensa de seus benefícios.

Mas, ao contrário, para aqueles que, cegos voluntários, tiverem constantemente fechados os olhos para melhor negarem a existência de Deus, que se tiverem recusado à contemplação do sublime espetáculo de suas obras divinas, provas e manifestações de sua bondade, de sua justiça, de seu poder, direi que terão um terrível despertar, cheio de amargos lamentos, sobretudo por haverem desconhecido os benéficos conselhos de seus irmãos espíritas; o sofrimento moral que terão de suportar durará até o dia em que um arrependimento sincero desperte a piedade divina, que lhes concederá a graça de uma nova encarnação.

Muitas pessoas ainda vêm nas comunicações espíritas a obra do demônio; no entanto, seu número diminui cada dia. Essa feliz diminuição deve-se evidentemente à curiosidade, fazendo com que as pessoas visitem os grupos espíritas ou leiam *O Livro dos Espíritos* e porque no número dos curiosos encontram-se criaturas que se convencem, sobretudo entre as que lêem aquele livro. Porque, senhores, não creiais poder atrair muitos adeptos à nossa

sublime doutrina, fazendo-os, primeiramente, assistir às nossas sessões. Não; tenho a íntima convicção de que uma pessoa completamente estranha à doutrina não se convencerá pelo que vir em nossas reuniões; antes estará pronta a rir dos fenômenos do que os levar a sério.

Quanto a mim, senhores, terei feito muito mais pela nova doutrina quando, em vez de levar alguém para assistir a uma de nossas sessões, eu fizer com que ele leia *O Livro dos Espíritos*. Ao ter certeza de que a leitura foi feita e deu os frutos que deveria produzir, oh! então levo com satisfação aquela pessoa a um grupo espírita, porque só nesse momento tenho certeza de que se dará conta de tudo quanto vir e ouvir; e aquele que provavelmente riria antes da leitura desse livro, apresentará efeitos diametralmente opostos. Não quero dizer que chore.

E para terminar, senhores, nada melhor que uma citação³⁵ de *O Livro dos Espíritos*; ela convencerá, mais do que o permitem os meus fracos argumentos, àqueles que ainda duvidam da verdadeira base sobre a qual repousam as crenças espíritas:

“Os que dizem que as crenças espíritas ameaçam invadir o mundo, proclamam, *ipso facto*, a força do Espiritismo, porque jamais poderia tornar-se universal uma idéia sem fundamento e destituída de lógica. Assim, se o Espiritismo se implanta por toda parte, se, principalmente nas classes cultas, recruta adeptos, como todos facilmente reconhecerão, é que tem um fundo de verdade. Baldados, contra essa tendência, serão todos os esforços dos seus detratores e a prova é que o próprio ridículo, de que procuram cobri-lo, longe de lhe amortecer o ímpeto, parece ter-lhe dado novo vigor, resultado que plenamente justifica o que repetidas vezes os Espíritos hão dito: ‘Não vos inquieteis com a oposição; tudo o que contra vós fizerem se tornará a vosso favor e

35 N. do T: Vide o item V – *Conclusão* – de *O Livro dos Espíritos*.

os vossos maiores adversários, sem o quererem, servirão à vossa causa. Contra a vontade de Deus não poderá prevalecer a má vontade dos homens.’

Condat

Carta do Sr. Dombre a um Pregador

Tendo pregado em Marmande durante o mês de maio último, o dominicano padre F..., em seu último sermão, resolveu atirar algumas pedras contra o Espiritismo. O Sr. Dombre desejaria uma discussão mais aprofundada sobre o assunto, e que o padre F..., em vez de limitar-se a ataques banais, abordasse resolutamente certas questões de detalhes; mas, temendo que seu nome não tivesse bastante mérito para o decidir, escreveu-lhe a carta a seguir, sob o pseudônimo de *Um católico*:

“Sr. Pregador,

“Acompanho com assiduidade vossas instruções dogmáticas de todas as noites. Por uma fatalidade deplorável, cheguei sexta-feira um pouco mais tarde que de costume e soube, ao sair da igreja, que havíeis iniciado, sob a forma de escaramuça, um ataque contra o Espiritismo. Alegro-me por isso, em nome dos católicos fervorosos.

“Se bem me informaram, eis as questões abordadas: 1^o – O Espiritismo é uma religião nova, do século dezenove; 2^o – Há, incontestavelmente, comunicação com os Espíritos; 3^o – Nas comunicações com os Espíritos, bem constatadas, bem reconhecidas, vós vos encarregais de provar, depois de longos e sérios estudos que fizestes do Espiritismo, que os Espíritos que se comunicam não passam do demônio; 4^o – Finalmente, seria perigoso, do ponto de vista da salvação da alma, cuidar do

Espiritismo antes que a Igreja se tenha pronunciado a respeito. Apreciei bastante este quarto artigo, mas, se se reconhece previamente que é o demônio, a Igreja nada mais tem a fazer⁴².

Eis quatro questões importantes que estou ansioso por ver resolvidas, a fim de confundir, num mesmo golpe, os *espíritas* e os *católicos de nome*, que nem crêem no demônio nem nas penas eternas, mas admitem um Deus e a imortalidade da alma, e os *materialistas*, que em nada acreditam.

À primeira questão – *o Espiritismo é uma religião* – respondem os espíritas: Não; o Espiritismo não é uma religião, nem pretende ser uma religião. O Espiritismo se baseia na existência de um mundo invisível, formado por seres incorpóreos que povoam o espaço e que são apenas as almas dos que viveram na Terra ou em outros globos. Esses seres, que nos rodeiam incessantemente, exercem sobre os homens, mau grado seu, uma grande influência; representam um papel muito ativo no mundo moral e, até certo

42 Se a Igreja ainda não se pronunciou, a questão do demônio não passa de uma opinião individual, sem sanção legal. E isto é tão certo que nem todos os eclesiásticos a compartilham; dentre estes conhecemos muitos. Até mais ampla informação, é permitida a dúvida e, desde já, pode ver-se que a doutrina do demônio tem pouco domínio sobre as massas. Se a Igreja a proclamasse oficialmente, seria de temer que desse julgamento resultasse o que resultou da declaração de heresia e da condenação outrora pronunciada contra o movimento da Terra, como ocorreu em nossos dias com os anátemas lançados contra a Ciência a propósito dos seis períodos da criação. Cremos que o clero seria mais sábio e prudente se não se apressasse em decidir a questão, afirmando uma coisa que atualmente provoca mais incredulidade e mais riso do que medo e na qual podemos atestar que muitos padres não crêem mais do que nós, porque é ilógica. Expor-se a receber um desmentido no futuro e depois se ver forçado a reconhecer o erro, é prejudicar a autoridade moral da Igreja, que proclama a infalibilidade de seus julgamentos. Seria melhor que se abstinésse.

Aliás, digam o que disserem e façam o que quiserem contra o Espiritismo, prova a experiência que sua marcha é irresistível; é uma idéia que se implanta por toda parte com prodigiosa rapidez, porque satisfaz, ao mesmo tempo, à razão e ao coração. Para o deter seria preciso opor-lhe uma doutrina que satisfizesse mais, e certamente não será a do demônio e a das penas eternas.

A. K.

ponto, no mundo físico. O Espiritismo está na Natureza e pode dizer-se que, numa certa ordem de coisas, é uma força, como, sob outro ponto de vista, o é a eletricidade e a gravitação. O Espiritismo desvenda-nos o mundo invisível; não é novidade, já que é mencionado pela história de todos os povos. Repousa sobre princípios gerais, independentes de toda questão dogmática. Tem conseqüências morais, é verdade, no sentido do Cristianismo, embora não tenha culto, nem templos, nem ministros; cada um pode fazer de suas opiniões uma religião, mas daí para a constituição de uma nova Igreja a distância é grande. Portanto, o Espiritismo não é uma nova religião. Eis, senhor pregador, o que dizem os espíritas quanto à primeira questão.

“A esta mesma questão *riem os falsos católicos e os materialistas*. Os primeiros, os felizes deste mundo, riem contrafeitos, pois a doutrina que comporta a pluralidade das existências ou reencarnações lhes fere os prazeres e o orgulho. Voltar numa condição talvez inferior – coisa horrível! – nem pensar. Os espíritas lhes dizem: ‘Eis a justiça, a verdadeira igualdade.’ Mas essa igualdade não lhes convém. Os *materialistas*, espíritos fortes e compostos de pretensos sábios, riem à vontade porque não acreditam no futuro: a sua sorte e a do cãozinho que os acompanha são absolutamente as mesmas, e eles preferem que seja assim.

“À segunda questão – *há comunicação com os Espíritos* – os espíritas e nós, católicos fervorosos, estamos de acordo; os falsos católicos e os materialistas estampam o riso da incredulidade.

“À terceira questão – *só o demônio se comunica* – os espíritas riem por sua vez; os materialistas também riem, zombando dos que acreditam nas comunicações e dos que, nelas crendo, as atribuem aos demônios. Os falsos católicos silenciam, como se dissessem: *Isto é lá convosco*.

“À quarta questão – *é preciso esperar o pronunciamento da Igreja* – dizem os espíritas: ‘Dia virá em que a crença no Espiritismo se tornará tão comum, tão espalhada que a Igreja, a menos que queira ficar só, será forçada a seguir a corrente. Então o Espiritismo se fundirá no catolicismo e o catolicismo no Espiritismo.’ A esta questão o materialista ri ainda e diz: ‘Que me importa!’, e o falso católico sente uma espécie de despeito. Como disse acima, não poderá acomodar-se a esta doutrina; seu egoísmo e seu orgulho ficam chocados; repele a eventualidade dessa fusão. ‘É impossível, diz ele, o Espiritismo não passa de uma utopia, que não dará quatro passos no mundo’⁴³.

“Aceitai, etc.

Um católico fervoroso.”

Sobre o assunto, assim se expressa o Sr. Dombre, numa carta dirigida a Bordeaux:

“O abade F.. procurou saber quem era o espírita e não o católico fervoroso que lhe havia escrito aquela carta. Seus emissários vieram a mim e me disseram: O abade F.. precisaria de sete ou oito sermões para lhe responder, mas não dispõe de tempo; mesmo assim queria saber o nome de quem se trata. Respondi: Garanto-lhes que o autor da carta dar-se-á a conhecer, caso o abade

43 Há falsos católicos, verdadeiros católicos e materialistas que utilizam essa linguagem. Que o tivessem dito há alguns anos, poder-se-ia conceber. Mas nos últimos quatro ou cinco anos ele deu tantos passos e os dá todos os dias que, em breve, terá atingido o seu objetivo. Procurai na História uma doutrina que tenha percorrido tanta distância em tão pouco tempo. Em presença desse resultado inaudito de uma propagação contra a qual vêm quebrar-se todos os raios e todas as zombarias; que cresce na razão da violência dos ataques, é, na verdade, muita ingenuidade dizer que o Espiritismo é simples fogo de palha. Se assim é, por que tanta cólera? Deixai, pois, que ele se apague sozinho. Nós, que assistimos de camarote à sua marcha, que lhe acompanhamos todas as peripécias, vemos a sua conclusão; agora é chegada a nossa vez de rir.

lhe resposta do púlpito. Parece que aqui sabem, por experiência, que quanto mais se fala contra o Espiritismo, mais prosélitos se fazem; assim, acharam melhor guardar silêncio, pois o abade F.. partiu sem voltar ao assunto.

“Dir-me-eis que talvez haja um pouco de temeridade em querer entrar na liça; conheço as necessidades de nossa localidade; é preciso barulho. Os inimigos sistemáticos ou interesseiros do Espiritismo apenas querem o mutismo e eu os quero ensurdecer com discussões. Em torno dos incrédulos que discutem sempre há indiferentes ou predispostos a crer, que tiram proveito da luta, relativamente à instrução espírita. – Mas, pensareis e talvez digais, saireis honrosamente dessas polêmicas? – Ah! meu Deus! Quando se é assinante da *Revista Espírita* e se leu todos os livros da doutrina; quando se está mergulhado de corpo inteiro nos argumentos em que ela se apóia e nos que são dados pelos Espíritos que se comunicam, a gente sai como Minerva, armado dos pés à cabeça, sem nada temer.”

Observação – Dizem: “Credes na reencarnação, mas a pluralidade das existências é contrária aos dogmas, que admitem apenas uma. Por isto mesmo estais fora da Igreja.”

A isto repetiremos o que temos dito inúmeras vezes: “Outrora expulsastes da Igreja, anatematizastes, excomungastes e condenastes como heréticos os que acreditavam no movimento da Terra.” Respondereis: “Isto foi num tempo de ignorância.” – Seja. Mas se a Igreja é infalível, deveria sê-lo outrora como hoje, não podendo a sua infalibilidade ser submetida às flutuações da ciência mundana. Mas ultimamente, e apenas há um quarto de século, neste século de luz, não tem ela igualmente condenado as descobertas científicas que dizem respeito à formação do globo? O que aconteceu agora? E o que teria acontecido se ela persistisse em repelir de seu seio todos os que acreditam nessas coisas? Não mais haveria católicos, nem mesmo o papa. Por que, então, teve a Igreja de ceder? É porque o movimento dos astros e sua formação repousam nas leis da Natureza e porque, contra essas leis, não há opinião que possa prevalecer.

Quanto à reencarnação, de duas, uma: ou existe, ou não existe; não há meio-termo. Se existe, é porque está nas leis da Natureza. Se um dogma diz o contrário, trata-se de saber quem tem razão, se o dogma ou a Natureza, que é

obra de Deus. A reencarnação não é, pois, uma opinião, um sistema, como uma opinião política ou social, que pode ser adotada ou recusada: é um fato ou não é. Se é um fato, e por mais que não agrade a todo o mundo, nada do que disserem a impedirá de ser um fato.

Acreditamos firmemente – falamos por conta própria – que a reencarnação, longe de ser contrária aos dogmas, dá uma explicação lógica de vários deles, fazendo com que sejam aceitos pela maioria dos que os repeliam, porque não os compreendiam. A prova disto está no grande número de pessoas trazidas às crenças religiosas pelo Espiritismo.

Mas admitamos essa incompatibilidade, se quiserdes. Neste caso, apresentaremos a questão sem rodeios: “Quando a pluralidade das existências for reconhecida como uma lei natural – o que não tardará muito – e quando todos reconhecerem esta lei como a *única* compatível com a justiça de Deus, e como a *única* que pode explicar o que, sem ela, é inexplicável, que fareis?” – Fareis o que fizestes com o movimento da Terra e os seis dias da Criação; e não será difícil conciliar o dogma com esta lei.

A.K.

O Espiritismo numa Distribuição de Prêmios

Um de nossos colegas da Sociedade Espírita de Paris dá-nos ciência da carta a seguir, por ele dirigida às diretoras do pensionato onde está uma de suas filhas, nesta capital.

“Senhoras,

“Rogo que me permitais algumas reflexões sobre um discurso pronunciado na distribuição de prêmios do vosso pensionato. Minha condição de pai de família e, sobretudo, de pai de uma de vossas alunas, dá-me algum direito a esta apreciação.

“O autor do discurso, estranho ao vosso estabelecimento e, segundo me disseram, professor do Colégio C..., permitiu-se longos gracejos, não sei bem a propósito de quê,

sobre a ciência espírita e os médiuns. Tivesse ele emitido a sua opinião sobre a matéria em outra circunstância e eu o compreenderia. Mas perante um auditório como aquele em que falava, na presença de jovens confiadas aos vossos cuidados, permiti vos diga que a questão era inconveniente e que o tema foi mal escolhido para quem busca causar forte impressão.

“Entre outras coisas, disse aquele senhor que as pessoas que se ocupam de experiências das mesas e outros fenômenos ditos espíritas, ou de ordem psicológica, são prestidigitadoras, patetas ou estúpidas.

“Incluo-me, senhoras, no número dos que se ocupam do assunto e não o escondem; e tenho certeza de não ter sido o único em vossa reunião. Não tenho a pretensão de ser sábio como o vosso orador e, nessa condição, talvez eu seja um estúpido. Todavia, a expressão é bastante indelicada quando dirigida a pessoas desconhecidas e quando se generaliza. Mas com toda certeza minha posição e meu caráter põem-me ao abrigo do epíteto de prestidigitador. Aquele senhor parece ignorar que essa estupidez conta hoje seus adeptos aos milhões no mundo inteiro e que os supostos prestidigitadores se acham até nas mais altas camadas da sociedade, sem o que teria ele refletido que suas palavras poderiam dirigir-se a mais de um de seus ouvintes. Se ele provou, por esse ataque intempestivo, uma falta de tato e de civilidade, também provou que falava de uma coisa que jamais estudou.

“Quanto a mim, senhoras, há quatro anos estudo, observo, e o resultado de minhas observações convenceu-me, como a tantos outros, de que, em certas circunstâncias, o mundo material pode entrar em relações com o mundo espiritual. As provas do fato eu as tenho tido aos milhares, por toda parte, em todos os países que visitei, e sabeis que as tenho tido, e muitas, em minha família, com minha esposa, que é médium sem ser prestidigitadora, com parentes, com amigos que, como eu, procuram a verdade.

“Não penseis, senhoras, que eu tenha acreditado num primeiro impulso e sem exame. Não. Como disse, estudei e observei conscienciosamente, friamente, com calma e sem idéia preconcebida, não tendo sido senão depois de madura reflexão que tive a felicidade de me convencer da realidade de tais coisas. Digo felicidade porque – eu o confesso – não sendo o ensino religioso que houvera recebido suficiente para esclarecer minha razão, tornei-me céptico. Agora, graças ao Espiritismo, às provas patentes que ele fornece, já não o sou, porque pude assegurar-me da imortalidade da alma e de suas conseqüências. Se é isto que aquele senhor chama de estupidez, ao menos deveria abster-se de o dizer na presença de vossas alunas, que bem poderão e talvez mais cedo do que pensais, dar-se conta dos fenômenos cujo véu lhes levantaram. Para tanto bastará que entrem no mundo. A nova ciência aí faz grandes e rápidos progressos, eu vo-lo garanto. Então não é de temer que elas façam esta reflexão: Se nos induziram em erro sobre esta matéria; se nos quiseram ocultar a verdade, não nos poderão ter enganado sobre outros pontos? Na dúvida, a mais vulgar prudência aconselha a abstenção. Em todo caso, nem era o lugar, nem o momento de tratar semelhante assunto.

“Julguei meu dever, senhoras, transmitir-vos as minhas impressões. Rogo-vos que as acolhais com a vossa bondade habitual.

“Aceitai, etc.

A. Gassier

38, rue de la Chaussée-d’Antin”

Observação – Como o Espiritismo se alastra por toda parte, é muito raro que não se encontre, numa assembléia qualquer, certo número de adeptos. Entregar-se a ataques virulentos contra uma opinião que cresce sem cessar; servir-se de expressões ofensivas perante um auditório que não se conhece é expor-se a molestar as pessoas mais respeitáveis e, por vezes, a ver-se chamado

à ordem. Fazê-lo numa reunião que, mais que qualquer outra, exige, por sua natureza, a estrita observância das conveniências, onde toda palavra deve ser um ensino, é um erro. Se uma dessas jovens, cujos pais se dedicam ao Espiritismo, lhes disser: “Sois prestidigitadores, patetas e estúpidos”, não poderia ela desculpar-se dizendo: “Foi o que me ensinaram na distribuição de prêmios?” Faria aquele senhor semelhante ataque contra os protestantes e os judeus, afirmando que todos são heréticos e danados? Contra tal ou qual opinião política? Não, porque há poucos pensionatos onde não haja alunos cujos pais professam diferentes opiniões, políticas ou religiosas, e ele temeria melindrar estes últimos. Pois bem! fique ele sabendo que hoje, somente na França, há tantos espíritas quantos judeus e protestantes e, logo mais, serão tão numerosos quanto os católicos.

Aliás, ali como em toda parte, o efeito será contrário à intenção. Eis uma porção de moças, naturalmente curiosas, muitas das quais jamais ouviram falar de tais coisas e que quereão sabê-lo na primeira ocasião; experimentarão a mediunidade e, inevitavelmente, algumas delas triunfarão; falarão com as suas companheiras e assim por diante. Se lhes proibis que se ocupem de tais coisas e as amedrontais com a idéia do diabo, será uma razão a mais para que o façam às escondidas, pois quereão saber o que lhes dirá o diabo. Não ouvem falar diariamente dos bons diabos, dos diabos cor-de-rosa? Ora, aí está o verdadeiro perigo, porquanto, inexperientes e não dispendo de um guia prudente e esclarecido, poderão achar-se sob uma influência perniciosa, da qual não saberão livrar-se, podendo resultar graves inconvenientes porque, à vista da proibição feita e temendo uma punição, nada ousarão dizer. Proibir que escrevam? Nem sempre é fácil: os mestres do pensionato sabem algo sobre isto. Mas que faríeis com as que se tornassem médiuns videntes e audientes? Tapar-lhes-íeis os olhos e os ouvidos? Eis, senhor orador, o que pode produzir o vosso discurso imprudente, com o qual certamente ficastes muito satisfeito.

O resultado é completamente diverso nos filhos educados pelos pais nessas idéias. Em primeiro lugar, nada têm a ocultar, sendo assim preservados dos perigos da inexperiência; depois, cedo isto lhes dá uma piedade raciocinada, que a idade fortifica e não pode debilitar. Tornam-se mais dóceis, mais submissos, mais respeitadores; a certeza da presença dos pais mortos, que os vêem incessantemente, com os quais podem conversar e dos quais recebem sábios conselhos é, para eles, um freio poderoso, pelo medo salutar que os genitores inspiram. Quando a geração for educada nas crenças espíritas, ver-se-á outra juventude, mais estudiosa e menos turbulenta. Já se pode julgar isto pelo efeito que tais idéias produzem nos jovens que delas estão imbuídos.

Perseguições

Tendo em vista que a zombaria se desgastou contra a couraça do Espiritismo, e servindo mais a propagá-lo do que a desacreditá-lo, seus inimigos ensaiam um outro meio que, prenunciamos, não dará melhores resultados e, provavelmente, ainda fará mais prosélitos; esse meio é a perseguição. Diremos que fará mais por uma razão muito simples: é que, levando a sério o Espiritismo sua importância cresce extraordinariamente. E, depois, quanto mais uma causa faz sofrer, mais nos apegamos a ela. Sem dúvida hão de lembrar-se das belas comunicações dadas sobre os mártires do Espiritismo e que publicamos na *Revista* do mês de abril último. Esta fase foi anunciada pelos Espíritos há muito tempo. Disseram eles:

“Quando virem a impotência da arma do ridículo, experimentarão a da perseguição; não mais haverá mártires sangrentos, mas muitos irão sofrer em seus interesses e em suas afeições; procurarão desunir as famílias, reduzir os adeptos à fome, importuná-los com alfinetadas, por vezes mais dolorosas que a

morte. Mas ainda aí encontrarão almas fortes e dedicadas, que saberão afrontar as misérias deste mundo, tendo em vista um futuro melhor. Lembrai-vos das palavras do divino Salvador: ‘Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados.’ Tranqüilizai-vos: a era da perseguição, na qual em breve entrareis, será de curta duração e os vossos inimigos colherão apenas vergonha, porquanto as armas que empregarem contra vós se voltarão contra eles.”

Começou a era predita. De vários lados se nos revelam atos lamentáveis, praticados pelos ministros de um Deus de paz e de caridade. Não falaremos das violências feitas à consciência, expulsando da Igreja aqueles que a ela conduz o Espiritismo. Como esse meio deu resultados mais ou menos negativos, buscaram outros mais eficazes. Poderíamos citar localidades onde pessoas que vivem de seu trabalho foram ameaçadas de verem cortados os seus recursos; outras, onde os adeptos foram apontados à execração pública, sendo perseguidos pelos moleques de rua; outras onde expulsam das escolas as crianças cujos pais se dedicam ao Espiritismo; uma outra, onde um pobre professor foi demitido e reduzido à miséria, porque tinha em casa *O Livro dos Espíritos*. Deste último recebemos comovente prece em versos, impregnada dos mais nobres sentimentos e da mais sincera piedade. Acrescentemos que um espírita benfeitor estendeu-lhe a mão caridosa; acrescentemos ainda que, em tais circunstâncias, foi ele vítima de infame traição, por parte de um homem no qual havia confiado e que parecia entusiasmado por aquele livro.

Numa pequena cidade onde o Espiritismo conta numerosos partidários, um missionário disse do púlpito, na última quaresma: “Espero que no auditório só haja bons fiéis, e que não existam judeus, nem protestantes, nem espíritas.” Parece que confiava muito pouco em sua palavra, para converter os que tivessem vindo ouvi-lo com o objetivo de se esclarecerem. Numa comuna, perto de Bordeaux, quiseram impedir que mais de cinco

espíritas se reunissem, sob o pretexto de que a lei a isto se opunha, obrigando uma autoridade superior a restaurar a legalidade. Desse pequeno vexame resultou que hoje três quartos dessa comuna são espíritas. No Departamento de Tarn-et-Garonne os espíritas de várias localidades quiseram reunir-se e foram acusados de conspiração contra o governo. Essa ridícula acusação caiu bem depressa, como tinha de ser, e provocou risos.

Em compensação contaram-nos que um magistrado havia dito: “Ai quem dera se todo o mundo fosse espírita! Nossos tribunais teriam menos a fazer e a ordem pública nada teria a temer.” Manifestou assim uma grande e profunda verdade, uma vez que já se começa a perceber a influência moralizadora que o Espiritismo exerce sobre as massas. Não é um resultado maravilhoso ver homens, sob a influência dessa crença, renunciarem à embriaguez, aos hábitos de libertinagem, aos excessos degradantes e ao suicídio? Homens violentos tornarem-se pacatos, afáveis, pacíficos e bons pais de família? Homens que blasfemavam o nome de Deus, orando com fervor e aproximando-se piedosamente dos altares? E são justamente tais homens que expulsais da Igreja! Ah! rogai a Deus a fim de que, caso ele ainda reserve dias de provação à Humanidade, haja muitos espíritas, porquanto estes aprenderam a perdoar aos inimigos e consideram como primeiro dever do cristão estender-lhes a mão no momento do perigo, em vez de lhes pisar o pescoço.

Um livreiro da Charente escreveu-nos o seguinte:

“Não temi anunciar abertamente minhas opiniões espíritas; pus de lado as mesquinhas mundanas, sem me preocupar se o que fazia viria ou não prejudicar o meu comércio. Entretanto, estava longe de esperar o que me aconteceu. Se o mal se tivesse limitado a alguns aborrecimentos, pouco seria. Mas, ah! graças aos que pouco compreendem a religião, tornei-me a ovelha negra do rebanho, a peste do bairro; sou apontado como o

precursor do anticristo. Usaram de toda influência, até mesmo a calúnia, para me derrubar, para afastar meus clientes, numa palavra, para arruinar-me. Ah! os Espíritos nos falam de perseguições, de mártires do Espiritismo. Não me orgulho com isso, mas, seguramente, estou no número das vítimas. É verdade que minha família sofre com isso; tenho, porém, o consolo de uma esposa que partilha de minhas idéias espíritas. Estou ansioso para que meus filhos estejam em idade de compreender esta bela doutrina; faço questão de esclarecê-los nessa bela crença. Que Deus me conserve a possibilidade – façam o que fizerem para ma retirar – de os instruir e os preparar para, por sua vez, lutarem, se preciso for. Os fatos que relatastes em vossa revista de maio têm uma analogia surpreendente com o que me aconteceu. Como o autor da carta, fui repellido impiedosamente do confessionário; antes de tudo o vigário queria que eu renunciasse às minhas idéias espíritas; por causa dessa imprudência, ele jamais me verá nas cerimônias religiosas. Se pratico um mal, deixo a responsabilidade ao seu autor.”

Extraímos as passagens que se seguem de uma carta que nos foi enviada de uma aldeia dos Vosges. Embora estejamos autorizados a revelar o nome do autor e a localidade, não o faremos por razões de conveniência, que todos haverão de compreender; mas temos a carta em mão para usá-la como melhor nos parecer. Dá-se o mesmo com todos os fatos que apresentamos e que, conforme sua maior ou menor importância, mais tarde farão parte da história do estabelecimento do Espiritismo.

“Não sou muito versado em literatura para tratar dignamente do assunto de que me ocupo. Contudo, tentarei fazer-me compreender desde que releveis a imperfeição do estilo e da redação, porque há meses anseio ardentemente em me corresponder convosco, desde que meu filho me enviou os preciosos livros de instrução da Doutrina Espírita e dos médiuns.

“À noitinha, voltando do campo, avistei os livros que o carteiro trouxera. Apressei-me em jantar e deitar-me, mantendo uma vela acesa à cabeceira, pensando em ler até que o sono viesse fechar-me os olhos. Mas li a noite inteira com tal avidez que não tive a mínima vontade de dormir.”

Segue a enumeração das causas que o haviam levado à absoluta incredulidade religiosa e que não mencionamos por uma questão de respeito.

“Todas essas considerações repassavam diariamente por meu espírito; o desgosto apoderara-se de mim; eu havia caído num estado de cepticismo duríssimo; depois, em minha triste solidão de aborrecimento e desespero, estava decidido a pôr termo a meus dias tão infelizes pelo suicídio.

“Ah! Senhor! Não sei se alguém jamais poderá fazer uma idéia do efeito sobre mim produzido pela leitura de *O Livro dos Espíritos*. Renasceu a confiança, o amor de Deus se me apoderou do coração e eu sentia como se um bálsamo divino se espalhasse em todo o meu ser. Ah! dizia a mim mesmo, em toda a vida busquei a verdade e a justiça de Deus e não encontrei senão abusos e mentiras; e agora, na velhice, tenho a felicidade de encontrar essa verdade tão desejada. Que mudança em minha situação que, de tão triste, tornou-se tão ditosa! Agora me acho continuamente em presença de Deus e de seus Espíritos bem-aventurados, meu criador, protetores, amigos fiéis. Creio que as mais belas expressões poéticas seriam insuficientes para figurar uma situação tão agradável. Quando meu peito fraco o permite, busco distrair-me entoando hinos e cânticos que, parece, lhes são mais agradáveis. Enfim, sou feliz, graças ao Espiritismo. Ultimamente escrevi a meu filho que, ao me enviar aqueles livros, tornou-me mais feliz do que se me tivesse aquinhoado com a mais brilhante fortuna.”

Segue-se um relato pormenorizado de ensaios de mediunidade, feitos na cidade, entre vários adeptos, com os resultados obtidos. Entre aqueles achavam-se alguns médiuns, um dos quais parece notável. Chamaram pais e

amigos, que lhes vieram dar provas incontestáveis de identidade, e Espíritos superiores, que lhes deram excelentes conselhos.

“Todas essas evocações chegaram aos ouvidos do vigário, pelas pessoas de língua solta que, em grande parte, as desnaturaram. Em 18 de maio último, ao dar lições de catecismo aos seus alunos da primeira comunhão, o vigário despejou milhares de injúrias contra a casa C... (um dos principais adeptos) e contra mim. Depois, disse ao filho de C...: ‘Não te quero; mas em dois anos serás bastante forte para ganhar a vida. Aconselho-te que deixes teus pais, pois não são capazes de te dar bons exemplos.’ Eis um belo catecismo! No sermão da tarde subiu ao púlpito de propósito, para repetir o discurso que fizera aos alunos pouco antes, dizendo com muita volubilidade que não reconhecíamos o inferno; que não hesitaríamos em nos dedicar ao roubo e à rapinagem para nos enriquecermos à custa alheia; que nos dávamos a sortilégios e superstições da Idade Média, e mil outras invectivas.

“A propósito, escrevi uma carta ao procurador imperial de M...; mas antes de enviá-la quis consultar o Espírito São Vicente de Paulo na primeira reunião. Esse Espírito bom fez o médium escrever o seguinte: ‘Lembrai-vos destas palavras do Cristo: *Perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem.*’ Depois disto, queimei a carta.

“O ruído desta doutrina espalha-se por todos os vilarejos circunvizinhos. Muitos me pediram e encomendaram livros, mas não os tenho; todos os que compreendem um pouco a leitura querem ler, passando-os de mão em mão.”

“Depois de haver lido *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, meu primeiro cuidado foi fazer experiências para ver se eu podia ser médium. Nada tendo obtido durante oito dias, escrevi a meu filho e comuniquéi-lhe o fracasso. Como residisse

com ele um magnetizador, este propôs que eu escrevesse uma carta, que ele magnetizaria, e com ela eu poderia fazer a evocação de minha morta. O pobre magnetizador não imaginava que me fornecia o chicote para o açoitar. Com isto tornei-me médium audiente; pus-me novamente em posição de escrever e imediatamente disseram-me ao ouvido: ‘Procuram enganar teu filho.’ Durante três dias consecutivos, com uma força progressiva, este aviso me vinha ao ouvido e desviava a atenção que eu devia prestar ao que fazia. Escrevi a meu filho sobre o caso, advertindo-o para que desconfiasse daquele homem. Na volta do correio ele me respondeu, censurando-me as dúvidas que eu levantara contra aquele homem, o qual gozava de toda a sua confiança. Poucos dias depois recebi dele uma nova carta, vazada em linguagem diferente, dizendo que havia expulsado o infeliz malandro que, aparentando honestidade, servia-se de sua suposta qualidade para melhor conquistar suas vítimas. Expulsando-o, mostrou-lhe a minha carta que, de uma distância de cem léguas, o havia pintado tão bem.”

Esta carta dispensa comentários. Vê-se que o sermão do vigário produziu efeito no meio dos aldeões, como alhures. Se, em tal circunstância, foi o diabo que tomou o nome de São Vicente de Paulo, o vigário lhe deve ser grato. Não temos razão para dizer que os próprios adversários fazem a propaganda e, sem o quererem, servem à nossa causa? Digamos, todavia, que fatos desta natureza constituem exceções, e não a regra; pelo menos preferimos pensar assim. Conhecemos muitos eclesiásticos distintos, que deploram essas coisas, como impolíticas e imprudentes. Se nos apontam alguns atos lamentáveis, também nos mostram um bom número de um caráter verdadeiramente evangélico. Um sacerdote dizia a um de seus penitentes, que o consultava sobre o Espiritismo: “Nada acontece sem a permissão de Deus; assim, tais coisas só acontecem por sua vontade.” Um moribundo mandou chamar um padre e lhe disse: “Meu pai, há cinqüenta anos não mais freqüentava as igrejas e havia esquecido a Deus. Foi o Espiritismo que me reconduziu a Ele, razão por que vos mandei chamar antes de morrer. Dar-me-eis a absolvição? – Meu filho, responde o padre, os desígnios de Deus são impenetráveis; dai-lhe graças por vos haver enviado essa tábua de salvação; morrei em paz.” Poderíamos citar inúmeros casos semelhantes.

Reconciliação pelo Espiritismo

Muitas vezes o Espiritismo tem provado a sua benéfica influência, ao restabelecer a boa harmonia nas famílias ou entre os indivíduos. Disso temos numerosos exemplos, na maioria casos íntimos que nos foram confiados, por assim dizer, sob o selo da confissão, não nos cabendo, pois, revelá-los. Já não temos o mesmo escrúpulo para o fato seguinte, de extraordinário interesse:

Um capitão de navio mercante do Havre, que conhecemos pessoalmente, é, ao mesmo tempo, excelente espírita e bom médium. Havia iniciado vários homens de sua tripulação na Doutrina Espírita e só tinha motivos para se felicitar pela ordem, disciplina e bom comportamento. Tinha a bordo seu irmão de dezoito anos e um aprendiz de piloto de dezenove, ambos bons médiuns, animados de uma fé viva e que recebiam com fervor e reconhecimento os sábios conselhos de seus Espíritos protetores. Uma noite, porém, entraram em contenda; das palavras foram às vias de fato, de sorte que marcaram um encontro para a manhã seguinte, a fim de se baterem num canto qualquer da embarcação. Tomada a decisão, separaram-se. À noite sentiram vontade de escrever e, de seu lado, cada qual recebeu dos guias invisíveis uma severa admoestação sobre a futilidade de sua discussão e conselhos sobre a felicidade da amizade, com um convite para se reconciliarem, sem preconceitos. Movidos pelo mesmo sentimento, os dois jovens deixaram simultaneamente seu lugar e vieram chorando lançar-se nos braços um do outro. A partir daí, nenhuma nuvem veio turvar a harmonia entre eles.

Foi o próprio capitão que fez o relato. Vimos o seu caderno de comunicações espíritas, bem como a caderneta dos dois jovens, de onde extraímos aquela de que acabamos de falar.

O fato seguinte ocorreu com o mesmo capitão, numa de suas travessias. Temos o prazer de transcrevê-lo, não obstante

estranho ao assunto. – Ele estava em alto mar, com o melhor tempo do mundo, quando recebeu a seguinte comunicação: “Toma todas as precauções; amanhã às duas horas desabará uma borrasca e teu navio correrá grande perigo.” Como nada fazia prever mau tempo, o capitão logo pensou numa mistificação. Entretanto, para não se censurar, caso a tempestade rebentasse, tomou medidas que se revelaram acertadas, porquanto à hora predita desencadeou-se violenta tempestade. Durante três dias o navio enfrentou os maiores perigos, pelos quais jamais havia passado; graças, porém, às precauções tomadas, escapou sem acidentes.

O caso da reconciliação sugeriu-nos as seguintes reflexões.

Um dos resultados do Espiritismo *bem compreendido* – chamamos a atenção para a expressão: *bem compreendido* – é desenvolver o sentimento de caridade. Mas, como se sabe, a própria caridade tem uma acepção muito ampla, desde a simples esmola até o amor aos inimigos, que é o supra-sumo da caridade. Pode-se dizer que ela resume todos os nobres impulsos da alma para com o próximo. O verdadeiro espírita, como o verdadeiro cristão, pode ter inimigos – não os teve o Cristo? – mas não é inimigo de ninguém, pois está sempre disposto a perdoar e a pagar o mal com o bem. Se dois espíritas verdadeiros outrora tiverem tido motivos para recíproca animosidade, sua reconciliação será fácil, porque o ofendido esquece a ofensa e o ofensor reconhece a falta. Desde então não mais querelas, porquanto serão indulgentes entre si e farão mútuas concessões. Nenhum deles procurará impor ao outro um perdão humilhante, que irrita e fere em vez de acalmar.

Se, em tais condições, dois indivíduos podem viver em boa harmonia, o maior número também o pode. E, então, serão tão felizes quanto é possível sê-lo na Terra, porque a maior parte de nossas tribulações surge do contato com os maus. Suponhamos uma nação inteira imbuída de tais princípios: não será a mais feliz

do mundo? Aquilo que apenas é possível para os indivíduos – dirão uns – é utopia para as massas, a não ser que ocorra um milagre. Pois bem! O Espiritismo já operou esse milagre, várias vezes, em escala menor, nas famílias desunidas, onde restabeleceu a paz e a concórdia. O futuro provará que o pode fazer em grande escala.

Resposta ao Convite dos Espíritas de Lyon e de Bordeaux

Meus caros irmãos e amigos espíritas de Lyon.

Apresso-me em vos dizer o quanto sou sensível ao novo testemunho de simpatia que acabais de dar-me, com o amável e afetuoso convite para vos visitar ainda este ano. Aceito-o com prazer, porque, para mim, é sempre uma felicidade encontrar-me em vosso meio.

Meus amigos: grande é a minha alegria ao ver a família crescer a olhos vistos; é a mais eloqüente resposta aos tolos e ignóbeis ataques contra o Espiritismo. Parece que tal crescimento lhes aumenta o furor, porque hoje mesmo recebi uma carta de Lyon, anunciando a remessa de um jornal dessa cidade, *La France littéraire*, no qual a doutrina em geral, e minhas obras em particular, são ridicularizadas de maneira tão infamante que me perguntam se devem responder pela imprensa ou pelos tribunais. Digo que devem responder pelo desprezo. Se a doutrina não fizesse nenhum progresso, se minhas obras não tivessem vingado, ninguém se inquietaria e nada diriam. São os nossos sucessos que exasperam os inimigos. Deixemo-los, pois, dar livre expansão à sua raiva impotente, pois essa raiva mostra como sentem próxima a sua derrota; não são tão tolos a ponto de lutarem por um aborto. Quanto mais ignóbeis forem os seus ataques, menos estes devem ser temidos, porque são desprezados pelas pessoas honestas e provam que aqueles não têm boas razões a opor, uma vez que só sabem dizer injúrias.

Continuai, pois, meus amigos, a grande obra de regeneração, iniciada sob tão felizes auspícios, e em breve colhereis os frutos da vossa perseverança. Provai, sobretudo pela união e pela prática do bem, que o Espiritismo é a garantia da paz e da concórdia entre os homens, e fazei que, em se vos vendo, se possa dizer que seria desejável que todos fossem espíritas.

Sinto-me feliz, meus amigos, por ver tantos grupos unidos no mesmo sentimento, marchando de comum acordo para o nobre objetivo a que nos propomos. Sendo tal objetivo exatamente o mesmo para todos, não poderia haver divisões; uma mesma bandeira deve guiar-vos e nela está escrito: *Fora da caridade não há salvação*. Ficai certos de que em torno dela é que a Humanidade inteira sentirá necessidade de se congregar, quando se cansar das lutas engendradas pelo orgulho, pela inveja e pela cupidez. Esta máxima, verdadeira âncora de salvação, porque será o repouso depois da fadiga, o Espiritismo terá a glória de ser o primeiro a havê-la proclamado. Inscrevei-a em todos os locais de reunião e em vossas residências. Que, doravante, ela seja a palavra de união entre todos os homens sinceros, que querem o bem, sem segunda intenção pessoal. Mas fazei melhor ainda: gravai-a em vossos corações e, desde já, fruireis a calma e a serenidade que aí encontrarão as gerações futuras, quando ela for a base das relações sociais. Sois a vanguarda; deveis dar exemplo, a fim de encorajar os outros a vos seguirem.

Não vos esqueçais de que a tática de vossos inimigos *encarnados e desencarnados* é dividir-vos. Provai-lhes que perderão o tempo se tentarem suscitar entre os grupos sentimentos de inveja e rivalidade, que seriam uma apostasia da verdadeira doutrina espírita cristã.

As *quinzentas* assinaturas que subscrevem o convite que houvestes por bem me enviar representam um protesto contra essa tentativa, e ainda há várias outras que terei o prazer de aí ver. Aos

meus olhos é mais que simples fórmula: é um compromisso para marcharmos nos caminhos que nos traçam os Espíritos bons. Conservá-las-ei preciosamente, porque um dia farão parte dos gloriosos arquivos do Espiritismo.

Ainda uma palavra, meus amigos. Indo ver-vos, uma coisa desejo: é que não haja banquete, e isto por vários motivos. Não quero que minha visita seja ocasião para despesas que poderiam impedir a presença de alguns e privar-me do prazer de ver todos reunidos. Os tempos são difíceis; importa, pois, não fazer despesas inúteis. O dinheiro que isto custaria será mais bem empregado em auxílio aos que, mais tarde, dele necessitarão. Eu vo-lo digo com toda sinceridade: o pensamento naquilo que fizerdes por mim em tal circunstância poderia ser uma causa de privação para muitos e me tiraria todo o prazer da reunião. Não vou a Lyon para me exhibir, nem para receber homenagens, mas para conversar convosco, consolar os aflitos, encorajar os fracos, ajudar-vos com os meus conselhos naquilo que estiver em meu poder fazê-lo. E o que de mais agradável me podeis oferecer é o espetáculo de uma união boa, franca e sólida. Crede que os termos tão afetuosos do vosso convite para mim valem mais que todos os banquetes do mundo, ainda que fossem oferecidos num palácio. O que me restaria de um banquete? Nada, ao passo que vosso convite fica como preciosa lembrança e um penhor de vossa afeição.

Até breve, meus amigos; se Deus quiser terei o prazer de vos apertar as mãos cordialmente.

A. K.

AO SR. SABÒ, DE BORDEAUX

Sinto-me sensibilizado pelo desejo que me testemunharam muitos espíritas de Bordeaux, de me verem ainda este ano entre eles. Se não surgir nenhum obstáculo imprevisto, tenho a intenção de lhes fazer uma pequena visita, ainda que fosse para lhes

agradecer a boa acolhida do ano passado. Mas eu vos seria muito reconhecido se lhes comunicásseis que não desejo que haja banquete. Não vou ao vosso meio para receber ovações, mas para dar instruções aos que delas sentem necessidade e com os quais terei o prazer de conversar. Alguns quiseram dar à minha visita o nome de visita pastoral; não desejo que tenha outro caráter. Crede que me sinto mais honrado com uma franca e cordial acolhida, a mais simples possível, do que com uma recepção cerimoniosa que nem convém ao meu caráter, nem aos meus hábitos, nem aos meus princípios. Se entre eles não reinasse a união, não seria um banquete que a produziria: ao contrário. Se ela existe, pode manifestar-se de outro modo, e não por uma festa, em que o amor-próprio pode encontrar guarida, mas que não tocaria um verdadeiro espírita, nem por uma despesa inútil, que seria mais bem empregada para aliviar o infortúnio. Cotizai-vos, pois, em minha intenção, se o quiserdes, e permiti que eu junte o meu óbolo; mas, em vez de desperdiçar o dinheiro, que ele sirva para alimentar aqueles a quem falta o necessário. Então será uma festa do coração, não do estômago. É preferível ser abençoado pelos infelizes a sê-lo pelos cozinheiros.

A sinceridade da união traduz-se por atos e, mais ainda, por atos íntimos do que por demonstrações aparatosas. Que, por toda parte, possa eu ver a paz e a concórdia reinarem na grande família; que cada um ponha de lado as vãs susceptibilidades, as rivalidades pueris, filhas do orgulho; que não tenham senão um objetivo: o triunfo e a propagação da doutrina, e que todos concorram com zelo, perseverança e abnegação de todo interesse e de toda vaidade pessoal. Eis o que para mim será uma verdadeira festa, o que me cumularia de satisfação e me permitiria trazer de minha segunda estada em Bordeaux a mais terna e agradável lembrança.

Peço-vos comuniquéis minhas intenções aos nossos irmãos espíritas e crer-me, etc.

A. K.

Julgamos por bem publicar estas duas respostas, a fim de não se equivocarem quanto aos sentimentos que nos guiam nas visitas que fazemos aos centros espíritas. Aproveitamos a oportunidade para agradecer aos de outras cidades que nos fizeram convite semelhante, lamentando que o tempo não nos permita ir a toda parte. Fá-lo-emos sucessivamente.

No momento em que as respostas estavam sendo impressas, um convite dos mais amáveis nos foi feito em nome dos membros da Sociedade Espírita de Viena, Áustria. Para nosso grande pesar, estamos de todo impossibilitado de ir lá este ano.

Poesias Espíritas

PEREGRINAÇÕES DA ALMA

À maneira do sangue, em gotas pequeninas
Que sai do coração por nossas veias finas,
Nossa vida a emanar da Luz da Divindade
Gravita ao infinito em busca à Eternidade

Nosso globo é local de prova e sofrimento;
É aí que estão o choro, os rangeres de dentes;
O inferno está aí, sim, e dele o livramento
Está na proporção dos males precedentes.

É assim que cada ser que deixa um mundo umbroso,
Mais ou menos se eleva a um outro mais etéreo.
Conforme puro então ou menos maculoso,
Seu ser se desenvolva ou ache outro critério.

Dos eleitos ninguém pode ao posto chegar
Sem que tenha expiado enfim seus malefícios,
Se com remorso, prece e constante pesar,
Seus males não cobrir um véu de benefícios.

O Espírito imperfeito ou alma em punição
Vem tomar novo corpo, aqui, para sofrer,
Renascer em família a cujo exemplo então
Depurar-se no bem, e de novo morrer.

Sua santa missão uma vez terminada,
Logo Deus o transporta a celeste esplendor,
E, progressivamente, é sua alma elevada
Ao infinito lar do oceano do amor.

Se em nossa marcha ocorre o término da prova,
Elevados com amor às santas regiões,
Iremos com triunfo, em harmonia nova,
Dos eleitos fazer crescer as legiões.

Para maior ventura e cúmulo de graça,
Aos que caros nos são Deus, lá, nos reunirá;
E unidos na afeição que santifica e enlaça,
No seu tão puro céu nos abençoará.

No bem, no belo, o modo enfim de ser mudando,
Alçar-nos-emos nós à sagrada cidade,
Onde veremos mais bem-estar alcançando,
Um tesouro sem fim de alta felicidade.

Desses mundos de luz galgando a escada imensa,
Mais depurados sempre e transpondo os confins,
Iremos terminar no ponto de nascença,
A renascer do amor radiosos serafins.

E de uma nova raça os primeiros seremos,
Os anjos guardiães dos homens que hão de vir,
Mensageiros de Deus dos ensinamentos que iremos
Enriquecer então os mundos do porvir.

De Deus tal é, eu creio, o seu real querer,
No imenso caminhar de nossa Humanidade,
Curvemo-nos, irmãos, sua ordem é poder;
Cantemos: “Glória a Deus por toda a Eternidade!”

B. Joly, ervanário de Lyon

Observação – Procurando bem, os críticos meticolosos talvez possam encontrar alguns defeitos nesses versos. Deixamos-lhes o encargo e consideramos apenas a idéia, cuja justeza, do ponto de vista espírita, ninguém pode ignorar. É bem a alma em

suas peregrinações para chegar, pelo trabalho depurador, à felicidade infinita. Um verso, entretanto, parece dominar esse fragmento, aliás muito ortodoxo e não o poderíamos admitir; é o que está expresso na quadra da epígrafe: “*Gravita ao infinito em busca à eternidade*” Se por isto entende o autor que a alma sobe incessantemente, resulta que jamais chegaria à felicidade perfeita. Diz a razão que a alma, sendo um ser finito, sua ascensão para o bem absoluto deve ter um limite; que, chegada a um certo ponto, não ficará em perpétua contemplação, aliás, pouco atraente e que seria uma perpétua inutilidade, mas terá uma atividade incessante e bem-aventurada, como auxiliar da Divindade.

O ANJO-DA-GUARDA

(Sociedade Espírita Africana – Médiun: Srta. O...)

Pobres homens, num mundo em convulsão,
 Com oração secai os prantos,
 E não temais ruja o trovão,
 Perto de vós há os anjos santos.
 Deus é tão bom. Deus vosso Pai,
 A todos vós sempre quis dar
 Um pequeno anjo que não cai
 No esforço de vos proteger.
 Escutai nossa voz amiga.
 Oh! Ver-vos cheios de alegria;
 E após a dor que vos fustiga
 Ao céu levar-vos com valia!
 Pudésseis vós sorrir nos ver
 Da vossa infância nos primeiros passos,
 Vossos olhos, mortais, nos nossos olhos ler
 Podiam nossa dor ao ver-vos nos maus laços!
 Mas escutai: Vos temos que ensinar
 O segredo, no bem, de vossa integração,
 Que a vós também, há de chegar
 Serdes, um dia, anjo guardião.
 Sim, quando terminar a vossa prova
 Deus vos receberá o Espírito esmerado,
 E vos enviará, na Terra, a uma alma nova,

Um belo nascituro a quem sereis levado.
Amai-o bem e que vossa assistência,
O pobrezinho tenha cada dia
De seu anjo guardião maternal companhia;
Por vossa vez, guiai com paciência
Vosso pupilo e irmão à dos céus moradia.

Observação – Este trecho e um outro, de certa extensão e não menos notável, intitulado: *A Criança e o Ateu*, que incluiremos no próximo número, foram publicados no *Echo de Sétif* (Argélia), de 31 de julho de 1862, precedidos da seguinte nota:

“Um dos nossos assinantes enviou-nos as duas poesias que se seguem, recebidas por um médium de Constantina, nos primeiros dias deste mês. Mesmo não os considerando isentos de crítica, do ponto de vista das regras de versificação, nós os reproduzimos porque explicam, pelo menos em parte, a Doutrina Espírita, que tende a se espalhar cada vez mais por toda a superfície do globo.”

Esse médium parece ter a especialidade da poesia. Já recebeu grande número de versos, que escreve com incrível facilidade, sem nenhuma rasura, embora não tenha noção das regras da versificação. Vimos um dos membros da Sociedade de Constantina, em presença do qual foram escritos.

Dissertações Espíritas

ESTUDOS URANOGRÁFICOS

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sr. Flammarion)

De certo modo as três comunicações abaixo constituem a iniciação de um jovem médium. Vê-se que prometem para o futuro. Servem de introdução a uma série de ditados que o Espírito se propõe fazer sob o título de *Estudos Uranográficos*.

Deixamos aos leitores a incumbência de lhes apreciarem a forma e o fundo.

I

Há tempos foi anunciado, aqui e alhures, por vários Espíritos e por diversos médiuns, que vos seriam feitas revelações sobre o sistema dos mundos. Fui chamado a contribuir, na ordem de meu destino, para que se realize tal predição.

Antes de abrir o que poderia chamar os nossos estudos uranográficos, importa firmar bem o primeiro princípio, a fim de que o edifício, sentado em bases sólidas, tenha em si as condições de durabilidade.

Este primeiro princípio, esta primeira causa é o grande e soberano poder que deu a vida aos mundos e aos seres; este preâmbulo a toda meditação séria é Deus! Ante esse nome venerado tudo se inclina e a harpa etérea dos céus faz vibrar as suas cordas de ouro. Filhos da Terra, vós que há tanto tempo balbuciais esse grande nome sem o compreender, quantas teorias audaciosas foram inscritas desde o começo das idades nos anais da filosofia humana! quantas interpretações erradas da consciências universal vieram à luz através das crenças antiquadas dos povos antigos! e ainda hoje, que a era cristã em seu esplendor raiou sobre o mundo, que idéia se faz do primeiro dos seres, do ser por excelência, daquele que é? Não vimos, nos últimos tempos, o panteísmo orgulhoso elevar-se soberbo até aquele que julgou acertado qualificar de ser absorvente, do grande todo, de cujo seio tudo saiu e no qual tudo deve entrar e um dia se confundir, sem distinção de individualidades? Não vimos o ateísmo grosseiro espalhar vergonhosamente o cepticismo, negador e corruptor de todo progresso intelectual, não obstante o que tenham dito os sofistas seus defensores? Seria interminável mencionar escrupulosamente todos os erros que foram aceitos a respeito do princípio primordial

e eterno; basta a reflexão para vos mostrar que o homem terreno errará sempre que pretender explicar este problema, insolúvel para muitos Espíritos desencarnados. É vos dizer implicitamente que deveis, ou, melhor, que devemos nos inclinar humildemente ante o Grande Ser; é vos dizer, filhos, que se está em nós nos elevarmos até a idéia do Ser Infinito, isto nos deve bastar e interditar a todos a orgulhosa pretensão de manter os olhos abertos diante do Sol, sem ficarmos logo enceguecidos pelo deslumbrante esplendor de Deus na sua eterna glória! Guardai bem isto, pois é o prelúdio de nossos estudos: Crede em Deus, criador e organizador das esferas; amai a Deus, criador e protetor das almas, e poderemos penetrar juntos humildemente e, ao mesmo tempo, estudiosamente, no santuário onde Ele semeou os dons de seu infinito poder.

Galileu

II

Havendo estabelecido o primeiro ponto de nossa tese, a segunda questão que se apresenta é a do poder que conserva os seres e que se convencionou chamar *Natureza*. Depois da palavra que tudo resume, aquela que representa tudo. Ora, o que vem a ser a natureza? Ouvi antes a definição do naturalista moderno; diz ele: *A Natureza é o trono exterior do poder divino*. A tal definição juntarei esta, que resume todas as idéias dos observadores: *A Natureza é o poder efetivo do Criador*. Atentemos para esta dupla explicação do mesmo vocábulo que, por uma maravilhosa combinação de linguagem, representa duas coisas à primeira vista tão diversas. Efetivamente a natureza, tal como entendida no primeiro sentido, representa o efeito, cuja causa é expressa no segundo. Uma paisagem de vastos horizontes, com árvores frondosas, sob as quais sentimos a vida subir na seiva; uma campina esmaltada de flores odoríferas e coroada pelo sol: isto se chama *Natureza*. E se quisermos designar a força que orienta os astros no espaço e faz germinar na terra o grão de trigo? É ainda a *Natureza*. Que a

constatação dessas várias denominações seja para vós uma fonte de profundas reflexões; que sirva para vos ensinar que, se nos servimos da mesma palavra para expressar o efeito e a causa é que, realmente, causa e efeito são uma só. O astro atrai o astro no espaço segundo leis inerentes à constituição do Universo e é atraído com a mesma força que a que nele reside. Eis a causa e o efeito. O raio solar perfuma a flor, e a abelha aí vai buscar o mel; aqui, o perfume é ainda efeito e causa. Seja onde for que na Terra apontais o olhar, podereis constatar esta dupla natureza. Concluamos daí que se a Natureza é, como a denominei, a força efetiva de Deus, ao mesmo tempo é o trono de seu poder; é, simultaneamente, ativa e passiva, efeito e causa, matéria e força imaterial; é a lei que cria, que governa, que embeleza; é o ser e a imagem; é a manifestação do poder criador, infinitamente belo, infinitamente admirável, infinitamente digno da vontade da qual é a mensageira.

Galileu

III

Nosso terceiro estudo terá por tema o espaço.⁴⁴

Já muitas definições de espaço foram dadas, sendo a principal esta: o espaço é a extensão que separa dois corpos, na qual certos sofistas deduziram que onde não haja corpos não haverá espaço. Nisto foi que se basearam alguns doutores em teologia para estabelecer que o espaço é necessariamente finito, alegando que certo número de corpos finitos não poderia formar uma série infinita e que, onde acabassem os corpos, igualmente o espaço acabaria.

Também definiram o espaço como sendo o lugar onde se movem os mundos, o vazio onde a matéria atua, etc. Deixemos

44 N. do T: Vide *A Gênese*, capítulo VI, item 1 – *O espaço e o tempo*.

todas essas definições, que nada definem, nos tratados onde repousam.

Espaço é uma dessas palavras que exprimem uma idéia primitiva e axiomática, de si mesma evidente, e a cujo respeito as diversas definições que se possam dar nada mas fazem do que obscurecê-la. Todos sabemos o que é o espaço e eu apenas quero firmar que ele é infinito, a fim de que os nossos estudos ulteriores não encontrem uma barreira opondo-se às investigações do nosso olhar.

Ora, digo que o espaço é infinito, pela razão de ser impossível se lhe imaginar um limite qualquer, e porque, apesar da dificuldade com que topamos para conceber o infinito, mais fácil nos é avançar eternamente pelo espaço, em pensamento, do que parar num ponto qualquer, depois do qual não mais encontrássemos extensão a percorrer.

Para figurarmos, quanto no-lo permitam as nossas limitadas faculdades, a infinidade do espaço, suponhamos que, partindo da Terra, perdida no meio do infinito, para um ponto qualquer do Universo, com a velocidade prodigiosa da centelha elétrica, que percorre *milhares de léguas por segundo*, e que, havendo percorrido milhões de léguas mal tenhamos deixado este globo, nos achamos num lugar de onde apenas o divisamos sob o aspecto de pálida estrela. Passado um instante, seguindo sempre a mesma direção, chegamos a essas estrelas longínquas que mal percebeis da vossa estação terrestre. Daí, não só a Terra nos desaparece inteiramente do olhar nas profundezas do céu, como também o próprio Sol, com todo o seu esplendor, se há eclipsado pela vastidão que dele nos separa. Animados sempre da mesma velocidade do relâmpago, a cada passo que avançamos na extensão, transpomos sistemas de mundos, ilhas de luz etérea, estradas estelíferas, paragens suntuosas onde Deus semeou mundos na mesma profusão com que semeou as plantas nas pradarias terrenas.

Ora, há apenas poucos minutos que caminhamos e já centenas de milhões de milhões de léguas nos separam da Terra, bilhões de mundos nos passaram sob as vistas e, entretanto, escutai! em realidade, não avançamos um só passo que seja no Universo.

Se continuarmos durante séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes seculares e *sempre com a mesma velocidade do relâmpago*, também nem um passo teremos avançado, seja qual for o lado para onde nos dirijamos e qualquer que seja o ponto para onde nos encaminhamos, a partir desse grãozinho invisível donde saímos e a que chamamos Terra.

Eis aí o que é o espaço!

Galileu

FÉRIAS DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS

(Sociedade Espírita de Paris, 1º de agosto de 1862 – Médiun: Sr. E. Vézzy)

Ides separar-vos por algum tempo, mas os Espíritos bons estarão sempre com os que lhes pedirem auxílio e apoio.

Se cada um de vós deixa a mesa do mestre, não é apenas para exercício ou repouso, mas ainda para servir, onde quer que vos espalheis, à grande causa humanitária, sob cuja bandeira viestes vos abrigar.

Bem compreendeis que para o espírita fervoroso não há horas determinadas para o estudo; toda a sua vida não é mais que uma hora, curta demais para o trabalho a que se dedica: o desenvolvimento intelectual das raças humanas!...

Os galhos não se destacam do tronco porque deste se afastem; ao contrário, dão lugar a novos brotos que os unem e os tornam solidários.

Aproveitai estas férias que vão espalhar-vos, para vos tornardes ainda mais fervorosos, a exemplo dos apóstolos do Cristo; saí deste cenáculo fortes e corajosos; que vossa fé e vossa boas obras liguem em torno de vós milhares de crentes, que bendirão a luz que espalhareis em vosso redor.

Coragem! Coragem! no dia do encontro, quando a auriflama do Espiritismo vos chamar ao combate e se desdobrar sobre vossas cabeças, que cada um tenha em torno de si os adeptos que houver formado sob sua bandeira, e os Espíritos bons contarão o seu número e o levarão a Deus!

Não durmais, pois, espíritas, à hora da sesta; vigiai e orai! já vos disse e outras vozes vo-lo repetirão, soa o relógio dos séculos, uma vibração retine, chamando os que se acham na noite. Infelizes dos que não quiserem apurar o ouvido para escutá-la!

Ó, espíritas, ide despertar os dorminhocos e dizei-lhes que vão ser surpreendidos pelas vagas do mar que sobe em rugidos surdos e terríveis; ide dizer-lhes que escolham um lugar mais iluminado e mais sólido, porque eis que os astros declinam e a Natureza inteira se move, treme e se agita!...

Mas após as trevas eis a luz; aqueles que não tiverem querido ver e nem ouvir imigrarão naquela hora para mundos inferiores para expiar e esperar muito tempo, mui longamente os novos astros que devem elevar-se e os esclarecer! O tempo lhes parecerá uma eternidade, porquanto não entreverão o termo de suas penas até o dia em que começarem a crer e compreender.

Espíritas, não mais vos chamarei crianças, mas homens, homens valentes e corajosos! Soldados da nova fé: combatei valentemente; armai o braço com a lança da caridade e cobri o corpo com o escudo do amor. Entrai na liça! alerta! desprezai o erro e a mentira e estendei a mão aos que vos perguntarem: “Onde está a luz?” Dizei-lhes que os que caminham guiados pela estrela do

Espiritismo não são pusilânimes, não temem miragens e não aceitam como leis senão aquilo que ordena a fria e sã razão; que a caridade é a sua divisa e que só se despojam por seus irmãos em nome da solidariedade universal e jamais para ganharem um paraíso, que sabem muito bem não poderem possuir senão quando tiverem expiado bastantel... que conheçam a Deus e que, antes de tudo, saibam que ele é imutável em sua justiça e, conseqüentemente, não pode perdoar uma vida de faltas acumuladas por um segundo de arrependimento, como não pode punir uma hora de sacrilégio por uma eternidade de suplício!...

Sim, espíritas, contai os anos de arrependimento pelo número de estrelas; a idade de ouro virá para aquele que tiver sabido contá-las!...

Ide, pois, trabalhadores e soldados e que cada um volte com a pedra ou o calhau que deve auxiliar a construção do novo edifício. Em verdade vos digo: desta vez não tereis mais de temer a confusão, embora querendo elevar até o céu a torre que o coroará; ao contrário, Deus estenderá a sua mão no vosso caminho, a fim de vos pôr ao abrigo dos furacões.

Eis a segunda hora do dia, eis os servidores que vêm de novo da parte do Mestre procurar trabalhadores; vós, que estais desocupados, vinde! não espereis a última hora!...

Santo Agostinho

Aos Centros Espíritas que Devemos Visitar

O número de centros que nos propomos visitar, aliado à extensão do trajeto, não nos permite consagrar a cada um o tempo que desejaríamos. Julgamos útil aproveitar o melhor possível

esse tempo para instrução. Com esse objetivo é nossa intenção responder, tanto quanto nos for possível, às perguntas sobre as quais desejam esclarecimentos. Temos notado que, quando fazemos tal proposta durante as reuniões, geralmente não sabem o que perguntar e muitas pessoas se calam por timidez ou por dificuldade de exprimir o seu pensamento. Para evitar este duplo inconveniente, pedimos que preparem as perguntas previamente e por escrito, e nos entreguem a lista antes da reunião. Assim poderemos classificá-las metodicamente, excluir repetições e responder de modo mais satisfatório para todos, refutando, ao mesmo tempo, as objeções à doutrina.

Ao Sr. E. K.

Nada tenho a ver com a inscrição de que me fala em sua carta de 2 de agosto, datada de Guingamp, por uma razão muito simples: nunca estive na Bretanha. E acrescento que jamais conheci esse *Manè*, *Thécel*, *Pharès* de outro gênero, como o chamais. Se ele pôde produzir em vós uma impressão salutar, agradeça ao seu autor desconhecido. Em todo o caso, terei satisfação em vos receber quando vierdes a Paris, onde, entretanto, só estarei de volta nos primeiros dias de outubro. Será um prazer dar verbalmente todas as instruções que desejardes.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V

OUTUBRO DE 1862

Nº 10

Apolônio de Tiana

À exceção dos eruditos, Apolônio de Tiana quase que só é conhecido de nome. O seu nome não é popular, por falta de uma história ao alcance de todos. Só havia algumas traduções, baseadas numa tradução latina de formato incômodo. Devemos, pois, agradecer ao sábio helenista que acaba de popularizá-lo por meio de uma tradução conscienciosa, calcada no texto original grego, bem assim aos editores, por terem, com esta publicação, preenchido lamentável lacuna⁴⁵.

Não há datas precisas sobre a vida de Apolônio. Conforme certos cálculos, teria nascido dois ou três anos antes de Jesus Cristo e morrido aos noventa e seis anos, pelos fins do primeiro século. Nasceu em Tiana, cidade grega da Capadócia, na Ásia Menor. Desde cedo deu provas de grande memória e notável inteligência, demonstrando grande entusiasmo pelo estudo. De todas as filosofias que estudou, adotou a de Pitágoras, cujos

45 *Apolônio de Tiana*, sua vida, suas viagens, seus prodígios; por Filostrato. Nova tradução do texto grego, pelo Sr. Chassang, mestre de conferências na Escola Normal. – 1 vol. in-12 de 500 páginas. Preço: 3,50 francos. Casa Didier & Cia, editores, Quai des Augustins, 35, Paris.

preceitos seguiu rigorosamente até a morte. Seu pai, um dos mais ricos cidadãos de Tiana, deixou-lhe uma fortuna considerável, que ele repartiu com os parentes, reservando apenas uma pequena parte para si, porque, como dizia, o sábio deve saber contentar-se com pouco. Viajou muito para se instruir; percorreu a Assíria, a Cítia, a Índia, onde visitou os Brâmanes, o Egito, a Grécia, a Itália e a Espanha, ensinando por toda parte a sabedoria, graças à doçura do seu caráter e à honradez de suas virtudes, recrutando numerosos discípulos que lhe seguiam os passos a fim de ouvi-lo, alguns dos quais o acompanharam em suas viagens. Um deles, porém – Eufrates – invejoso de sua superioridade e de sua boa reputação, tornou-se seu detrator e mortal inimigo, não cessando de espalhar calúnias contra ele para o perder; mas apenas conseguiu aviltar-se. Apolônio jamais se inquietou e, longe de lhe guardar qualquer ressentimento, lamentava-o por sua fraqueza e sempre procurava retribuir-lhe o mal com o bem. Ao contrário, Damis, jovem assírio que ele conheceu em Nínive, a ele se ligou com uma fidelidade a toda prova, foi o companheiro assíduo de suas viagens, o depositário de sua filosofia e deixou sobre ele a maior parte das informações que possuímos.

O nome de Apolônio de Tiana está misturado ao de todas as personagens lendárias que a imaginação dos homens se deleitou em revestir de atributos maravilhosos. Seja qual for o exagero dos fatos a ele atribuídos, é evidente que, ao lado das fábulas, encontra-se um fundo de verdades mais ou menos adulteradas. Ninguém poderia com segurança pôr em dúvida a existência de Apolônio de Tiana; o que é igualmente certo é que deve ter feito coisas notáveis, sem o que delas não teriam falado. Para que a imperatriz Júlia Domna, esposa de Séptimo-Severo, tivesse pedido a Filostrato que escrevesse sua vida, fora necessário que ele tivesse dado o que falar, pois não é provável que ela tivesse encomendado um romance sobre um homem imaginário ou obscuro. Que Filostrato tivesse amplificado os fatos, ou que os tivesse achado amplificados, é provável e mesmo certo; pelo menos

alguns deles estão fora de qualquer probabilidade. Mas o que não é menos certo é que colheu a essência de sua narrativa em relatos quase contemporâneos e que deviam gozar de suficiente notoriedade para merecerem a atenção da imperatriz. Às vezes a dificuldade está em deslindar a fábula da verdade. Neste caso há criaturas que acham mais simples negar tudo.

As personagens desta natureza são apreciadas muito diversamente; cada um as julga conforme suas opiniões, suas crenças e, mesmo, conforme seus interesses. Mais que qualquer outro, Apolônio de Tiana devia dar motivo para controvérsia, pela época em que viveu e pela natureza de suas faculdades. Entre outras coisas lhe atribuem o dom de curar, a presciência, a visão a distância, o poder de ler o pensamento, expulsar os demônios e de se transportar instantaneamente de um lugar para outro, etc. Poucos filósofos gozaram em vida de maior popularidade. Seu prestígio ainda era aumentado pela austeridade de seus hábitos, pela sua doçura, simplicidade, desinteresse, caráter benevolente e reputação de saber. O paganismo deitava, então, os seus últimos lampejos, e se debatia contra a invasão do Cristianismo nascente: quis transformá-lo num Deus. Misturando idéias cristãs a idéias pagãs, alguns o tomaram por um santo; os menos fanáticos não viram nele mais que um filósofo. É a opinião mais razoável e o único título que ele alguma vez aceitou, porquanto recusou o de filho de Júpiter, como alguns o pretendiam. Embora contemporâneo do Cristo, parece que dele não ouviu falar, porque em sua vida não faz nenhuma alusão ao que, então, se passava na Judéia.

Entre os cristãos que mais tarde o julgaram, uns o declararam velhaco e impostor; outros, não podendo negar os fatos, pretenderam que operasse prodígios pela assistência do demônio, sem pensar que assim confessavam os mesmos prodígios, fazendo de Satã o rival de Deus, pela dificuldade de distinguir os prodígios divinos dos diabólicos. São as duas opiniões que têm prevalecido na Igreja.

O autor dessa tradução manteve-se em sábia neutralidade. Não esposou nenhuma versão e, a fim de permitir que cada um as apreciase, indicou com escrupuloso cuidado todas as fontes em que se pode colhê-las, deixando a cada um a liberdade de tirar, pela comparação dos argumentos favoráveis e contrários, a consequência que julgar conveniente, limitando-se a fazer uma tradução fiel e conscienciosa.

Os fenômenos espíritos, magnéticos e sonambúlicos lançam hoje uma luz inteiramente nova sobre os fatos atribuídos a essa personagem, demonstrando a possibilidade de certos efeitos, até hoje relegados ao domínio fantástico do maravilhoso, e permitindo separar o possível do impossível.

Antes de mais, o que é o maravilhoso? O cepticismo responde: É tudo aquilo que, estando fora das leis da Natureza, é impossível. Depois acrescenta: Se os relatos antigos são pródigos em fatos desse gênero, deve-se ao amor do homem pelo maravilhoso. Mas de onde vem esse amor? É o que ele não diz e que tentaremos explicar. Isto não será inútil àquilo que nos interessa.

Aquilo que o homem chama de maravilhoso o transporta pelo pensamento além dos limites do conhecido e é a inspiração íntima por uma ordem de coisas melhor, que o leva a procurar com avidez o que aí o pode ligar e lhe dar uma idéia. Tal aspiração lhe vem da intuição que tem, de que essa ordem de coisas deve existir; não a encontrando na Terra, busca-a na esfera do desconhecido. Mas não será essa mesma aspiração um indício providencial de que algo existe além da vida corporal? Ela só é dada ao homem, porque, nada esperando, os animais não buscam o maravilhoso. Intuitivamente o homem compreende que há, fora do mundo visível, uma força, da qual faz uma idéia mais ou menos justa, conforme o desenvolvimento de sua inteligência e, muito naturalmente, vê a ação *direta* dessa força em todos os fenômenos

que não compreende. Assim, outrora, uma imensidade de fatos passava por maravilhosos e hoje são perfeitamente explicados, entrando no domínio das leis naturais. Disso resultou que todos os homens que possuísem faculdades ou conhecimentos superiores ao vulgo passariam por ter uma porção dessa força invisível, ou domínio sobre ela; foram chamados de magos ou feiticeiros. A opinião da Igreja fez prevalecer a idéia de que tal força não poderia provir senão do Espírito do mal, quando exercida fora de seu seio. Eram tempos de barbárie e de ignorância, em que se queimavam os pretensos magos e feiticeiros; o progresso da Ciência os recolocou na Humanidade.

Onde encontrais – perguntam os incrédulos – mais histórias maravilhosas? Não será na Antigüidade, entre os povos selvagens, nas classes menos esclarecidas? Não é prova de que resultam da superstição, filha da ignorância? Da ignorância é incontestável, e por uma razão muito simples. Os Antigos, que sabiam menos que nós, não eram menos impressionados pelos mesmos fenômenos; conhecendo menos as verdadeiras causas, buscavam causas sobrenaturais para as coisas mais naturais. Ajudados pela imaginação e secundados pelo medo, de um lado, e pelo gênio poético, do outro, engendravam contos fantásticos, ampliados pelo gosto da alegoria peculiar aos povos do Oriente. Lutando afanosamente com o fogo que o consumia, Prometeu devia passar como um ser sobre-humano, punido por sua temeridade, por ter usurpado os direitos de Júpiter. Franklin, o moderno Prometeu, para nós é um simples sábio. Montgolfier, elevando-se nos ares, nos tempos mitológicos teria sido Ícaro. Por quem tomariam o Sr. Poitevin, elevando-se num cavalo?

Tendo feito uma porção de fatos entrar na ordem natural, a Ciência reduziu bastante os fatos maravilhosos. Mas terá explicado tudo? Conhece todas as leis que regem os mundos? Nada mais tem a ensinar? Cada dia dá um desmentido a esta orgulhosa pretensão. Não tendo ainda investigado todos os segredos de Deus,

daí resulta que muitos fatos antigos se acham inexplicados. Ora, não admitindo como possível senão aquilo que compreende, acha mais simples chamá-los maravilhosos, fantásticos, isto é, inadmissíveis pela razão. A seus olhos todos os homens, que supostamente os produziram, ou são mitos ou impostores e, diante de tal juízo, Apolônio de Tiana não encontraria graça. Ei-lo, assim, condenado pela Igreja, que admite os fatos, como um suposto Satã, e pelos cientistas, que não os admitem, como um hábil prestidigitador.

A lei de gravitação abriu novo caminho à Ciência e explicou uma multidão de fenômenos sobre os quais se haviam edificado teorias absurdas; a lei das afinidades moleculares veio dar-lhe um novo passo; a descoberta do mundo microscópico abriu-lhe novos horizontes; por sua vez a eletricidade veio revelar-lhe uma nova força, da qual não suspeitava. A cada uma dessas descobertas viu ela serem resolvidas muitas dificuldades, muitos problemas, muitos mistérios incompreendidos ou falsamente interpretados. Mas quanta coisa ainda a esclarecer! Não se poderá admitir a descoberta de uma nova lei, de uma nova força, que venham projetar a luz sobre pontos ainda obscuros? Pois bem! É uma nova força que o Espiritismo vem revelar; esta força é a ação do mundo invisível sobre o visível. Mostrando nesta ação uma lei natural, ele recua mais ainda os limites do maravilhoso e do sobrenatural, porque explica uma porção de coisas que pareciam inexplicáveis antes da descoberta da eletricidade.

Limita-se o Espiritismo a admitir o mundo invisível como hipótese e como meio de explicação? Não, porquanto seria explicar o desconhecido pelo desconhecido. Ele prova a sua existência por fatos patentes, irrecusáveis, como o microscópio provou a existência do mundo dos infinitamente pequenos. Tendo, pois, demonstrado que o mundo invisível nos envolve, que esse mundo é essencialmente inteligente, uma vez que se compõe das almas dos homens que hão vivido, concebe-se facilmente que possa

representar um papel ativo no mundo visível e produzir fenômenos de ordem particular. São esses fenômenos que a Ciência chama de maravilhosos, por não os poder explicar pelas leis conhecidas. Sendo tais fenômenos uma lei da Natureza, devem ter-se produzido em todos os tempos. Ora, como repousassem na ação de uma força fora da Humanidade, e como todas as religiões têm por princípio a homenagem prestada a essa força, serviram de base a todas os credos; esta a razão por que todos os relatos antigos, assim como todas as teogonias, são pródigios em alusões e alegorias concernentes às relações do mundo invisível com o visível, ininteligíveis se não se conhecem tais relações. Querer explicá-las sem isto é querer explicar os fenômenos elétricos sem a eletricidade. Esta lei é uma chave que abrirá a maior parte dos santuários misteriosos da Antigüidade. Uma vez reconhecida, os historiadores, os arqueólogos, os filósofos verão desdobrar-se um horizonte completamente novo e a luz se fará sobre os pontos mais obscuros.

Se esta lei ainda encontra opositores, tem isto de comum com tudo o que é novo; deve-se, além disso, ao espírito materialista que domina nossa época e, em segundo lugar, porque em geral se faz do mundo invisível uma idéia de tal modo falsa que a incredulidade é uma conseqüência. O Espiritismo não só demonstra a sua existência, mas o apresenta sob um aspecto tão lógico que a dúvida não tem mais razão de ser em quem quer que se dê ao trabalho de estudá-lo conscienciosamente.

Não pedimos aos cientistas que creiam; como, porém, o Espiritismo é uma filosofia que ocupa vasto espaço no mundo, mesmo que não passasse de um sonho mereceria exame, ainda que fosse para saber o que ele diz. Só lhes pedimos uma coisa: estudá-lo, mas estudá-lo a fundo, para não lhe imputar aquilo que ele não diz. Depois, então, creiam ou não creiam, auxiliados por essa alavanca, tomada como simples hipótese, que tentem resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos,

psicológicos, morais, sociais, etc., ante os quais têm fracassado, e verão o seu resultado. Não lhes pedir a fé não é exigir muito.

Voltemos a Apolônio. Incontestavelmente, os Antigos conheciam o magnetismo. Encontramos sua prova em certas pinturas egípcias. Conheciam igualmente o sonambulismo e a dupla vista, que são fenômenos psicológicos naturais. Conheciam as diversas categorias de Espíritos, que chamavam deuses, e suas relações com os homens. Os médiuns curadores, videntes, falantes, auditivos, inspirados, etc., deviam existir entre eles como em nossos dias, como se vêem numerosos exemplos entre os árabes. Com o auxílio desses dados e do conhecimento das propriedades do perispírito – envoltório corporal fluídico dos Espíritos – podemos perfeitamente nos dar conta de vários fatos atribuídos a Apolônio de Tiana, sem recorrer à magia, à feitiçaria, nem à astúcia. Dizemos de vários fatos, porquanto alguns há cuja impossibilidade o próprio Espiritismo vem demonstrar; é nisso que ele serve para distinguir a verdade do erro. Deixamos aos que tiverem feito um estudo sério e completo desta ciência o cuidado de estabelecer a distinção entre o possível e o impossível, o que lhes será fácil.

Consideremos agora Apolônio de outro ponto de vista. Ao lado do médium, que naquele tempo o convertia num ser quase sobrenatural, nele havia o filósofo, o sábio. Sua filosofia revelava a doçura de seus hábitos e de seu caráter, de sua simplicidade em todas as coisas. Pode-se julgá-lo por algumas de suas máximas.

Tendo censurado os lacedemônios degenerados e efeminados, e havendo estes aproveitado os seus conselhos, escreveu aos éforos: “Apolônio aos éforos: saúde! Os verdadeiros homens não devem cometer faltas; mas só aos homens de coração, se as cometem, cabe reconhecê-las.”

Tendo recebido do imperador uma carta de censura, os lacedemônios vacilavam entre conjurar sua cólera ou lhe responder

com arrogância. Consultaram Apolônio quanto à forma de responder. Este veio à assembléia e lhes disse apenas estas palavras: “Se Palamédio inventou a escrita, não foi somente para que se pudesse escrever, mas para que se soubesse quando não se deve escrever.”

Interrogando Apolônio, perguntou-lhe o cônsul romano Telesino: “Quando vos aproximais do altar, qual a vossa prece? – Peço aos deuses que reine a justiça, que as leis sejam respeitadas, que os sábios sejam pobres, que os outros se enriqueçam, mas por meios honestos. – Que! quando pedis tantas coisas pensais em ser atendido? – Sem dúvida, porque peço tudo isto numa só palavra, ao me aproximar do altar: ‘Ó deuses! Dai-me o que me é devido.’ Se eu pertencer ao número dos justos, obterei mais do que pedi; se, ao contrário, os deuses me puserem no número dos maus, punir-me-ão e não poderei censurá-los, visto que, não sendo bom, serei castigado.”

Conversando com Apolônio sobre a maneira de governar quando fosse imperador, disse-lhe Vespasiano: “Vendo o império aviltado pelos tiranos que vos acabo de citar, quis aconselhar-me convosco quanto à maneira de reabilitá-lo na estima dos homens. – Certo dia, disse Apolônio, um dos mais hábeis flautistas mandou seus alunos aos piores flautistas para lhes ensinar como não deviam tocar. Sabeis agora, Vespasiano, como não se deve reinar: vossos predecessores vo-lo ensinaram. Reflitamos agora sobre a maneira de bem reinar.”

Estando preso em Roma, no tempo de Domiciano, fez uma preleção aos prisioneiros, para lembrar-lhes a coragem e a resignação, e lhes disse: “Todos que aqui nos achamos, estamos presos durante isto que se chama vida. Ligada ao corpo perecível, nossa alma sofre numerosos males e é escrava de todas as necessidades da condição humana.”

Na sua prisão, respondendo a um emissário de Domiciano que o incitava a acusar Nerva, a fim de conseguir a sua liberdade, disse Apolônio: “Meu amigo, se fui posto a ferros por ter dito a verdade a Domiciano, o que me aconteceria, se houvesse mentido? O imperador crê que é a franqueza que merece os ferros, mas eu creio que é a mentira.”

Numa carta a Eufrates: “Perguntei aos ricos se não tinham preocupações. ‘Como não as teríamos?’ responderam eles. – ‘E de onde vêm as vossas preocupações? – De nossas riquezas.’ Eufrates, eu vos lamento, pois acabais de enriquecer.”

Ao mesmo: “Os homens mais sábios são os mais breves em seus discursos. Se os tagarelas sofressem o que fazem sofrer aos outros, não falaria tanto.”

Outra a Criton: “Disse Pitágoras que a Medicina é a mais divina das artes. Se assim é, faz-se necessário que o médico se ocupe da alma e, ao mesmo tempo, do corpo. Como um ser poderia estar sadio, quando a parte mais importante de si mesmo estivesse doente?”

Outra aos platônicos: “Se oferecerem dinheiro a Apolônio e isto lhe parecer razoável, ele não terá dificuldade em aceitar, por pouco que precise. Mas um salário pelo que ensina, jamais, por muito que necessite.”

Outra a Valério: “Ninguém morre, a não ser aparentemente, assim como ninguém nasce, a não ser em aparência. Com efeito, a passagem da essência à substância, eis o que se chama nascer; e o que se chama morrer é, ao contrário, a passagem da substância à essência.”

Aos sacrificadores do Olimpo: “Os deuses não necessitam de sacrifícios. Que se deve fazer, então, para lhes ser agradável? Se não me engano, é preciso procurar adquirir a divina sabedoria e

prestar, tanto quanto possível, serviços aos que o merecem. Eis o de que gostam os deuses. Os próprios ímpios podem fazer sacrifícios.”

Aos efésios do templo de Diana: “Conservastes todos os ritos dos sacrifícios, todo o fausto da realeza. Como banqueteadores e convivas alegres, sois irreprensíveis; mas quantas censuras não vos podem ser feitas, como vizinhos da deusa noite e dia? Não é de vosso meio que saem os vigaristas, os salteadores, os mercadores de escravos, todos os homens ímpios e injustos? O templo é um covil de ladrões.”

Aos que se julgam sábios: “Dizeis que sois meus discípulos? Pois bem! acrescentai que permaneceis sempre em casa, jamais ides às termas, não matais os animais, não comeis carne, estais livres das paixões, da inveja, da malignidade, do ódio, da calúnia, do ressentimento, que, enfim, pertenceis ao número dos homens livres. Não façais como os que, em discursos mentirosos, fazem crer que vivem de um modo, ao passo que vivem de modo totalmente oposto.”

Ao seu irmão Hestieu: “Em toda parte sou olhado como um homem divino; nalguns lugares chegam a me tomar por um deus. Em minha pátria, contudo, não passo de um desconhecido. É de admirar? Vós mesmos, meus irmãos, bem vejo que ainda não estais convencidos de que eu seja superior a muitos homens pela palavra e pelos costumes. E como os meus concidadãos e os meus parentes se enganaram a meu respeito? Ah! este erro me é bem doloroso! Sei que é belo considerar toda a Terra como sua pátria e todos os homens como irmãos e amigos, já que todos descendem de Deus e são de uma mesma natureza, visto terem igualmente as mesmas paixões e serem todos, igualmente, homens, quer nascidos gregos ou bárbaros.”

Estando em Catânia, na Sicília, numa instrução dada a seus discípulos, falando do Etna, disse: “Escutando-os, sob essa

montanha geme acorrentado algum gigante, Tifeu ou Enceládio, que, em sua longa agonia, vomita todo esse fogo. Concordo que tenham existido gigantes, porque, em diversos locais, túmulos entreabertos nos deixam ver esqueletos que indicam homens de estatura extraordinária; mas eu não poderia admitir que tivessem entrado em luta contra os deuses; no máximo teriam ultrajado seus templos e suas estátuas. Mas que tenham escalado o céu e dali expulsado os deuses, é insensato dizer e acreditar. Outra fábula, que parece menos irreverente para com os deuses e da qual já não devemos fazer caso, é que Vulcano trabalha na forja nas profundezas do Etna e que ali faz incessantemente retinir a bigorna. Em diversos pontos da Terra há outros vulcões e ninguém se lembra de dizer que haja outros tantos gigantes e Vulcanos.”

Certos leitores teriam achado mais interessante que citássemos os prodígios de Apolônio para os comentar e explicar; mas, antes de tudo, quisemos mostrar o filósofo e o sábio, em vez do taumaturgo. Pode-se aceitar ou rejeitar tudo quanto se queira dos fatos maravilhosos a ele atribuídos, mas parece difícil que um homem que diz tais palavras, que professa e pratica tais princípios, seja um prestidigitador, um velhaco, ou um possesso do demônio.

No que respeita a prodígios, citaremos apenas um, que prova suficientemente uma das faculdades de que ele era dotado.

Depois de narrar minuciosamente o assassinato de Domiciano, acrescenta Filostrato:

“Enquanto tais fatos se passavam em Roma, Apolônio os via em Éfeso. Domiciano foi assaltado por Clemente por volta de meio-dia; no mesmo dia, no mesmo momento, Apolônio dissertava nos jardins contíguos aos xistos. De repente baixou um pouco a voz, como se tomado de súbito pavor. Continuou seu discurso, mas a linguagem não tinha a força habitual, como acontece aos que falam pensando em outra coisa. Depois se calou,

como quem perde o fio da conversa; lançou para o chão um olhar assustador, deu três ou quatro passos à frente e exclamou: ‘Fulmina o tirano! fulmina!’ Dir-se-ia que visse não a imagem do fato num espelho, mas o próprio fato em toda a sua realidade. Os efésios (porquanto Éfeso inteira assistia ao discurso de Apolônio) foram tomados de espanto. Apolônio parou, semelhante a um homem que buscasse ver o desfecho de um acontecimento duvidoso. Enfim exclamou: ‘Tende bom ânimo, efésios. O tirano foi morto hoje. Que digo, hoje? Por minerva! Acaba de ser morto agora mesmo, quando me interrompi.’ Os efésios pensaram que Apolônio houvesse perdido o juízo; desejavam vivamente que ele tivesse dito a verdade, mas temiam que algum perigo resultasse desse discurso. ‘Não me admiro – disse Apolônio – que ainda não me acreditem: a própria Roma ainda não sabe por completo. Mas eis que o saberá, a notícia se espalha e milhares de cidadãos já acreditam; isto faz pular de alegria o duplo desses homens e o quádruplo e o povo inteiro. A notícia logo chegará aqui; podeis adiar, até que souberdes do fato, o sacrifício que deveis oferecer aos deuses por esta ocasião. Quanto a mim, retiro-me para lhes render graças pelo que vi.’ Os efésios mantiveram-se na sua incredulidade, mas logo vieram mensageiros para lhes anunciar a boa nova e testemunharem em favor da ciência de Apolônio; porque o assassinato do tirano, o dia e a hora em que foi consumado, o autor do assassinio, que havia entusiasmado Apolônio, todos os detalhes eram perfeitamente conformes aos que os deuses lhe haviam mostrado no dia em que discursava aos efésios.”

Naquela época nada mais era preciso para fazê-lo passar por um homem divino. Em nossos dias os cientistas o teriam tratado como visionário. Para nós era dotado da segunda vista, cuja explicação é dada pelo Espiritismo. (Vide a teoria do sonambulismo e da dupla vista em *O Livro dos Espíritos*, nº 455).

Sua morte apresentou outro prodígio. Certa tarde, tendo entrado no templo de Dictina, em Lynde (Creta), não

obstante os cães ferozes que lhe guardavam a entrada e que, em vez de ladrar à sua chegada, vieram acariciá-lo, foi, por isto mesmo, detido como mago pelos guardas do templo, e acorrentado. Durante a noite desapareceu à vista dos guardas, sem deixar vestígios e sem que lhe encontrassem o corpo. Dizem que naquela ocasião foram ouvidas vozes de moças que cantavam: “Deixai a Terra; ide para o Céu, ide!” como para o exortar a elevar-se da Terra para as regiões superiores.

Assim termina Filostato a narração da vida de Apolônio:

“Mesmo depois de desaparecido, Apolônio sustentou a imortalidade da alma e ensinou que é verdade aquilo que se diz a respeito. Havia então em Tiana um certo número de jovens apaixonados por sua filosofia; a maior parte de suas discussões girava em torno da alma. Um deles não podia admitir que fosse imortal. Eis dez meses – dizia ele – que rogo a Apolônio me revele a verdade sobre a imortalidade da alma; mas ele está tão morto que minhas preces são inúteis, não me aparecendo nem mesmo para provar que era imortal. Cinco dias depois falou do mesmo assunto com os seus companheiros e adormeceu no mesmo lugar em que havia ocorrido a discussão. De repente pulou, como se vitimado por um acesso de demência: estava meio adormecido e banhado de suor. Eu te acredito, bradou ele. Seus camaradas perguntaram-lhe o que tinha. Não vedes o sábio Apolônio? Está em nosso meio, ouve a nossa discussão e recita melodiosos cantos sobre a alma. – Onde está ele?, perguntaram os outros, pois não o vemos e isto é uma felicidade que preferiríamos a todos os bens da Terra. – Parece que veio só para mim: quer ensinar-me aquilo que me recusava a crer. Escutai, pois, escutai os cantos divinos que me faz ouvir:

“A alma é imortal; não é vossa, mas da Providência. Quando o corpo está esgotado, semelhante a um corredor veloz

que vence todo o seu trajeto, a alma se eleva e se precipita nos espaços etéreos, tomada de desprezo pela triste e rude escravidão que sofreu. Mas que vos importam essas coisas! Conhecê-las-ei quando não mais existirdes. Por que tentar penetrar esses mistérios, se ainda vos encontrais entre os vivos?”

“Tal o oráculo tão claro, dado por Apolônio sobre os destinos da alma. Quis ele que, conhecendo a nossa natureza, marchássemos com o coração alegre, para o fim que nos destinam as Parcas.”

A aparição de Apolônio depois da morte é tratada como alucinação pela maioria de seus comentadores, cristãos ou outros, que pretendiam que o jovem tivesse a imaginação ferida pelo próprio desejo de o ver, o que o levou a pensar que o tinha visto. Em todos os tempos, contudo, a Igreja, tem reconhecido esse tipo de aparição; cita vários exemplos como autênticos. O Espiritismo vem explicar o fenômeno, baseado nas propriedades do perispírito, envoltório ou corpo fluídico do Espírito que, por uma espécie de condensação, toma uma aparência visível e pode, como se sabe, tornar-se tangível. Sem o conhecimento da lei constitutiva dos Espíritos, esse fenômeno é maravilhoso; conhecida a lei, o maravilhoso desaparece para dar lugar a um fenômeno natural. (Vide em *O Livro dos Médiuns* a teoria das manifestações visuais, capítulo VI). Admitindo que o jovem tivesse sido joguete de uma ilusão, restaria aos negadores explicar as palavras atribuídas a Apolônio, palavras sublimes e inteiramente opostas às idéias que, momentos antes, ele acabava de sustentar.

O que faltava a Apolônio para ser cristão? Muito pouco, como se vê. Não permita Deus que estabeleçamos um paralelo entre ele e o Cristo! O que prova a incontestável superioridade deste e a divindade de sua missão é a revolução produzida no mundo inteiro pela doutrina que ele, obscuro, e seus apóstolos, tão obscuros quanto ele, pregaram, enquanto que a de

Apolônio morreu com ele. Seria, pois, impiedade apresentá-lo como rival do Cristo! Mas, se quisermos prestar atenção ao que disse a respeito do culto pagão, veremos que condena as formas supersticiosas e lhes desferiu terrível golpe, substituindo-as por idéias mais sãs. Se assim tivesse falado ao tempo de Sócrates teria, como este último, pago com a vida aquilo que haveriam chamado a sua impiedade. Mas na época em que viveu as crenças pagãs já haviam feito sua parte e ele foi ouvido. Por sua moral preparou os pagãos, em cujo meio viveu, para receberem, com menos dificuldade, as idéias cristãs, às quais serviu de transição. Assim, acreditamos estar com a verdade, dizendo que ele serviu de traço de união entre o paganismo e o Cristianismo. Sob esse aspecto, talvez tivesse ele também uma missão. Podia ser ouvido pelos pagãos, mas não o foi pelos judeus.

Resposta à “Abeille Agénaise” pelo Sr. Dombre

Lê-se o seguinte na *Abeille Agénaise* de 25 de maio de 1862:

“Temos em mão um escrito de uma graça encantadora, intitulado: *Conversas Espíritas*. O autor, Sr. Cazenove de Pradines, antigo presidente da Sociedade de Agricultura, Ciências e Artes de Agen, encarregou recentemente o Sr. Magen do prazer e do trabalho de o ler em nossa Academia. Inútil dizer com que interesse a comunicação foi recebida.

“Assim resume o Sr. Cazenove as doutrinas da nova seita, extraíndo-as de *O Livro dos Espíritos*:

“1º – Geralmente os Espíritos de ordem elevada não permanecem na Terra senão durante curto período.

“2º – Os Espíritos vulgares aqui estão de certo modo *sedentários* e constituem a *massa* da população ambiente do mundo invisível. Conservaram mais ou menos os mesmos gostos e inclinações que tinham no invólucro corpóreo. Não podendo satisfazer suas paixões, beneficiam-se dos que a elas se entregam e as excitam.

“3º – Só os Espíritos inferiores podem lamentar as alegrias que se harmonizam com a impureza de sua natureza.

“4º – Os Espíritos não podem degenerar; podem ficar estacionários, mas não retrogradam.

“5º – Todos os Espíritos tornar-se-ão perfeitos.

“6º – Os Espíritos imperfeitos procuram apoderar-se e dominar os homens; sentem-se felizes por faze-los sucumbir.

“7º – Os Espíritos são atraídos em razão de sua simpatia pela natureza moral do meio que os evoca. Muitas vezes os Espíritos inferiores tomam nomes venerados, a fim de melhor induzir em erro.

“De acordo com esses dados, o Sr. Cazenove, com a sutileza e a sagacidade do talento que o caracterizam, redigiu duas entrevistas, nas quais toca os dois extremos do corpo social. Por meio de um suposto médium, de um lado evoca Espíritos inferiores, personificados na figura de um célebre bandido de Cartouche, e os admite a um colóquio singular, que demonstra a *perversidade* de semelhante doutrina. Por outro lado, são Espíritos de ordem elevada que entram em relação com os homens da atualidade. O contraste, sem dúvida, é interessante e ninguém deu com mais fidelidade, tato e felicidade, tudo quanto a doutrina epicurista, resumida no Espírito de Horácio e de Lucrecio, encerra de deplorável e enganador.

“Lamentamos profundamente não poder dar por inteiro aos nossos leitores o trabalho do Sr. Cazenove. Estamos certos de que aplaudiriam não só a forma irrepreensível e perfeitamente acadêmica do escrito, mas, também, o elevado pensamento moral que o anima, visto condenar sem indulgência um sistema cheio de seduções e de verdadeiros perigos.”

J. Serrét

RESPOSTA DO SR. DOMBRE

Senhor Redator,

Fui o primeiro a apreciar as observações finas e delicadas feitas pelo Sr. Cazenove de Pradines no domínio da Doutrina Espírita. Sob o título de *Conversas Espíritas*, o escrito esteve em minhas mãos e dele se faz menção no vosso apreciado jornal de domingo, 25 de maio; é, com efeito, de uma graça encantadora e não desmente o caráter de sagacidade do talento que distingue seu autor. É uma flor, cujas cores e brilho admiro, abstando-me, no momento, de alterar o aveludado pelo contato da menor palavra de crítica indiscreta. Mas o vosso entusiasmo por esses diálogos picantes, mais espirituosos que ofensivos à doutrina, vos levaram a enunciar erros, sendo um dever de todo bom espírita, de mim particularmente, fazer-vos uma advertência.

Antes de mais, devo dizer que as citações escolhidas aqui e ali em *O Livro dos Espíritos* são agrupadas com arte, a fim de apresentar a doutrina sob uma luz desfavorável; mas todo homem prudente e de boa-fé quererá ler por inteiro aquele livro e meditar.

1º – Falais das *doutrinas da nova seita*. Permitti vos diga que o Espiritismo não é nem uma religião, nem uma seita. É um ensino dado aos homens pelos Espíritos que povoam o espaço e que mais não são que as almas dos que viveram. Mau grado nosso,

sofremos a sua influência a todo instante; eles são uma força da Natureza, como a eletricidade também o é, sob outro ponto de vista. Sua existência e sua presença são constatadas por fatos evidentes e palpáveis.

2º – Dizeis: *A perversidade de semelhante doutrina.* Cuidado! O Espiritismo não é senão o Cristianismo na sua pureza. Só tem como divisa, em sua bandeira, esta: *Amor e Caridade.* Onde, pois, a perversidade?

3º – Finalmente, falais de um sistema *cheio de seduções e de verdadeiros perigos.* Sim, está cheio de seduções, de atrativos, porque é belo, grande, justo, consolador e digno, sob todos os pontos de vista da perfeição de Deus. Onde os seus perigos? Em vão os procuram na prática do Espiritismo; aí só encontram consolação e melhoramento moral. Perguntai a Paris, a Lyon, a Bordeaux, a Metz, etc., qual o efeito produzido sobre as massas por esta nova crença. Sobretudo Lyon vos dirá em que fonte seus operários sem trabalho hauriram tanta resignação e fortaleza para suportarem privações de toda espécie.

Ignoro se os livreiros de Agen já se abasteceram dos livros a seguir indicados: *O que é o Espiritismo? – O Livro dos Espíritos – O Livro dos Médiuns.* Mas desejo de todo coração que o vosso pequeno relatório desperte a atenção dos indiferentes, faça-os procurar essas obras e constituírem um núcleo espírita na capital do nosso Departamento. Destinada a regenerar o mundo, esta doutrina marcha a passos de gigante e Agen seria uma das últimas cidades onde o Espiritismo adquirisse direito de cidadania? Considero o vosso pequeno artigo como uma pedra que trazeis ao edifício e, uma vez mais, admiro os meios de que Deus se utiliza para alcançar os seus fins.

“Vossa imparcialidade e vosso desejo de, pela discussão, chegar à verdade, são uma garantia de que admitireis

minha carta nas colunas de vosso jornal, como resposta ao vosso artigo de 25 de maio.

“Aceitai, etc.”

Dombre (de Marmande)

A esta carta o redator se limitou, na edição de seu jornal de 1^o de junho, a dizer o seguinte:

“O Sr. Dombre nos escreve de Marmande a respeito de nossas reflexões sobre *O Livro dos Espíritos* e os diálogos por ele sugeridos ao honrado Sr. Cazenove de Pradines. Esse *novo ensino*, como houve por bem chamar o Sr. Dombre, não tem aos nossos olhos o mesmo valor e o mesmo prestígio que parece exercer sobre o nosso espirituoso correspondente.

(Por diversas vezes o Sr. Dombre enviou a este jornal trechos em verso e outros.)

“Respeitamos as convicções de nossos contraditores, mesmo quando se fundamentam em princípios errôneos. Mas consideramos um dever, não obstante a defesa leal e sincera tentada pelo Sr. Dombre, manter a expressão de um sentimento sobre um sistema completamente fora dos caminhos da verdade.

“Por conseguinte, a *Abeille Agénaise* não poderia dedicar-se à propagação de idéias essencialmente perigosas, e o Sr. Dombre compreenderá todo o pesar que sentimos por não nos podermos associar à manifestação de seus desejos.”

J. Serret

Observação – Reservar-se o direito de atacar e não admitir resposta é um meio cômodo de ter razão; resta saber se é o de chegar à verdade. Se uma doutrina que tem por base a caridade

e o amor ao próximo; que torna melhores os homens e os leva a renunciarem aos hábitos de desordem; que dá fé aos que em nada acreditam; que faz orar os que já não oram, que restabelece a união nas famílias divididas; que impede o suicídio; se, dizíamos, uma tal doutrina é perversa, que serão, pois, daquelas que se tornam impotentes para produzir tais resultados? O Sr. Serret teme ajudar a propaganda pela polêmica, razão por que prefere falar sozinho. Pois bem! que fale quanto queira; o resultado, porém, não será menor do que tem sido em toda parte: chamar a atenção e recrutar adeptos para a doutrina.

A. K.

Membros Honorários da Sociedade de Paris

Para testemunhar sua simpatia e gratidão às pessoas que prestam relevantes e efetivos serviços à causa do Espiritismo, por seu zelo, devotamento, desinteresse e, se necessário, pelos perigos a que se expõem, a Sociedade Espírita de Paris lhes confere o título de *membro honorário*. Ela se compraz, assim, em reconhecer o concurso que emprestam à obra comum os chefes e fundadores das sociedades ou grupos, que se colocam sob a mesma bandeira e que são dirigidos conforme os princípios do Espiritismo sério, *a fim de obterem resultados morais*. Os motivos que a guiam são menos as palavras que os atos. Ela as conta não só em várias cidades da França e da Argélia, mas em países estrangeiros: Itália, Espanha, Áustria, Polônia, Constantinopla, América, etc.

O Sr. Dombre, de Marmande, que desde sua iniciação no Espiritismo não tem cessado de se fazer, abertamente, seu propagandista e defensor, merecia essa distinção. Anunciando-lhe a sua nomeação, nós lhe havíamos pedido autorização para publicar sua carta ao padre F... (Ver artigo do mês anterior.) Sua resposta

merece ser citada; mostra de que maneira certos adeptos compreendem o seu papel.

“Marmande, 10 de agosto de 1862.

“Senhor Allan Kardec,

“Aceito, reconhecido, o título de membro honorário da Sociedade Espírita de Paris. Para corresponder a uma tal distinção, que obriga, e ao testemunho de simpatia da parte dos membros dessa sociedade, que houveram por bem me conferir esse título, farei sempre e por toda parte esforços para ajudar, dentro de minhas possibilidades, a propagação de uma doutrina que faz minha felicidade na Terra e fará também, em tempo mais ou menos remoto, a daqueles que querem conservar ainda a venda da incredulidade.

“Não vejo nenhum obstáculo, nenhum inconveniente na publicação de minha resposta ao diretor da *Abeille Agénaise* e de minha carta ao padre F.. Minha carta a este último está assinada: *Um católico*. Creio que nenhum leitor da *Revista* irá pensar que o autor tenha querido ocultar-se sob o véu do anonimato: a consideração humana não se apoderou de mim. Rio dos que riem, porque estou com a verdade. Todo bom espírita deve, por seu exemplo, dar energia aos adeptos tímidos e lhes ensinar a empunhar alto e firme o estandarte de sua crença.

“Dignai-vos, senhor, apresentar meus sinceros agradecimentos à honrada Sociedade, da qual hoje me congratulo por fazer parte e aceitar, etc.”

Dombre, proprietário

No que concerne ao Espiritismo, o temor do *que dirão?* hoje diminuiu singularmente, sendo irrelevante o número dos que ocultam sua opinião. Está limitado àqueles que temem perder uma

posição que os faz viver e, neste número, há mais padres do que se pensa; pessoalmente conhecemos mais de cem. Entretanto, em todas as posições sociais, entre os funcionários públicos, oficiais de todas as patentes, médicos, etc., temos notado muita gente que há um ano apenas não se teria confessado espírita e que hoje dele se honra. Essa coragem de opinião, que afronta a zombaria, em primeiro lugar tem como consequência encorajar os tímidos e, em segundo, mostrar que o número de adeptos é maior do que se imaginava; finalmente, impor silêncio aos zombeteiros, surpreendidos ao ouvir, em toda parte, a palavra Espiritismo por pessoas que a gente considera duas vezes antes de ridicularizar. Assim, observa-se que os gracejadores, de algum tempo para cá, baixaram singularmente a voz. Mais alguns anos como os que acabam de se escoar e seu papel estará findo, porque, por todos os lados, ver-se-ão ultrapassados pela opinião.

O Sr. Dombre não apenas tem a coragem da opinião, mas, também, a da ação. Ocupa o espaço com determinação e enfrenta os adversários, provocando-os para a discussão. E eis que um jornalista se recusa, a fim de não admitir a sua fraqueza, e um pregador, a quem é oferecida a mais bela ocasião para fazer valer os seus argumentos e dar uma bordoadada na doutrina, vai-se embora dizendo que não tem tempo para responder. Não é desertar do campo de batalha? Se ele estivesse seguro de si, se a religião estivesse em jogo, por que não ficaria para abater o adversário? Em semelhante caso, abandonar a partida é perdê-la. Um pregador tem uma vantagem imensa sobre um advogado: é que fala sem contraditor; pode dizer o que quiser e ninguém o refuta. Ao que parece, é dessa maneira que os adversários do Espiritismo entendem a controvérsia.

No momento o Sr. Dombre não foi o único a enfrentar a tempestade com serenidade: Bordeaux, Lyon e muitas outras cidades menos importantes, até mesmo simples vilarejos nos têm oferecido numerosos exemplos, que se multiplicam diariamente; e

por toda parte onde os adeptos mostraram firmeza e energia, os antagonistas moderaram a sua arrogância.

Até agora essa coragem de opinião e de ação é muito mais encontrada nas classes médias e obscuras do que nas elevadas; mas se um homem de nome popular, justamente estimado e honrado, influente por seus talentos, posição ou categoria, abraça um dia a causa do Espiritismo e lhe empunha a bandeira abertamente, ousarão acusar de louco aquele cujo gênio e talento foram exaltados? sua voz não imporá silêncio aos clamores da incredulidade? Pois bem! Este homem surgirá, eu vo-lo asseguro; à sua voz os dissidentes se unirão, cedendo à influência de sua autoridade moral; ele também terá sua missão, providencial como a de todos os homens que fazem avançar a Humanidade, missão geral como muitas outras particulares e locais. Embora mais modestas estas últimas não deixam de ter uma utilidade relativa, porque preparam os caminhos. É então que o Espiritismo entrará com força total nos costumes e os modificará profundamente, porque em tudo as idéias serão diferentes. Nós semeamos e ele colherá, ou melhor, eles colherão, porque muitos outros seguirão suas pegadas. Espíritas, semeai, semeai muito, a fim de que a colheita seja mais abundante e mais fácil. O passado é a vossa garantia do futuro!

O que deve ser a História do Espiritismo

A propósito dessa história, sobre a qual dissemos algumas palavras, muitas pessoas nos perguntaram o que ela compreenderia e, a respeito, nos enviaram diversos relatos de manifestações. Aos que julgaram assim trazer uma pedra ao edifício, agradecemos a intenção, mas diremos que se trata de algo mais sério que um catálogo de fenômenos espíritas, encontrado em muitas obras. Devendo o Espiritismo notabilizar-se nos fastos da

Humanidade, será interessante para as gerações futuras saber por que meios ele se terá estabelecido. Será, pois, a história das peripécias que tiverem assinalado os seus primeiros passos; das lutas que tiver enfrentado; dos entraves que lhe terão suscitado; de sua marcha progressiva no mundo inteiro. O verdadeiro mérito é modesto e não busca fazer-se valer. É preciso que a posteridade conheça os nomes dos pioneiros da obra, daqueles cujo devotamento e abnegação merecerão ser inscritos em seus anais; das cidades que marcharam na dianteira; dos que sofreram pela causa, a fim de que os abençoem, e dos que fizeram sofrer, para que orem, para que sejam perdoados; numa palavra, de seus verdadeiros amigos e de seus inimigos, confessos ou ocultos. A intriga e a ambição não devem usurpar o lugar que lhes não pertence, nem um reconhecimento e uma honraria que lhes não são devidos. Se há Judas, forçoso é que sejam desmascarados. Uma parte não menos interessante é a das revelações que, sucessivamente, anunciaram todas as fases dessa nova era e os acontecimentos de toda ordem, que as acompanharam.

Aos que acharem presunçosa a tarefa, diremos que não temos outro mérito senão o de possuir, por nossa posição excepcional, documentos que não estão na posse de ninguém, e que se acham ao abrigo de quaisquer eventualidades; que, estando o Espiritismo sendo chamado a desempenhar um grande papel na História, importa que seu papel não seja desnaturado, e opor uma história autêntica às histórias apócrifas que o interesse pessoal poderia engendrar.

Quando aparecerá? Não será tão cedo e talvez não em nossa vida, pois essa obra não se destina a satisfazer a curiosidade do momento. Se dela falamos por antecipação, é para que ninguém se equivoque quanto ao seu objetivo e deixar clara a nossa intenção. Aliás, o Espiritismo está debutando e muitas outras coisas haverão de acontecer até lá; e, depois, é preciso esperar que cada um tenha tomado o seu lugar, certo ou errado.

Arsène Gautier

LEMBRANÇA DE UM ESPÍRITO

A Sra. S..., de Cherbourg, transmitiu-nos o seguinte relato:

Um marujo da marinha de guerra, chamado Arsène Gautier, voltou a Cherbourg há quinze ou dezesseis anos, muito doente, em consequência de febres adquiridas nas costas africanas. Veio à casa de um de meus genros, que sabia ser amigo de seu irmão, capitão da marinha mercante, e que era esperado dentro de poucos dias naquele porto. Nós o recebemos bem e, como estivesse doente, minha filha J..., então com quatorze ou quinze anos, pediu-me que o chamasse para se aquecer à nossa lareira e tomar uma tisana, que não lhe seria dada em seu albergue, até que seu irmão chegasse. Essa menina teve para com ele cuidados compassivos. Ele morreu ao chegar à sua casa; depois ninguém mais pensou no caso. Seu próprio nome, escrito no início da comunicação espontânea, que recebemos em 8 de março último, por minha filha J..., hoje médium, não no-lo tinha lembrado. Só o reconhecemos pelos detalhes em que entrou. Era um homem de inteligência muito limitada e sua vida tinha sido muito difícil. Privado da afeição dos seus, a tudo se havia resignado. Eis a sua comunicação:

“Arsène Gautier. Vós me esquecestes há muito tempo, minha amiga, mas eu não vos perdi de vista desde que deixei a Terra, porque sois a única pessoa, o único Espírito simpático que encontrei nesta terra de dores. Eu vos amei com todas as minhas forças, quando não passáveis de uma criança e não tínheis por mim senão um sentimento de piedade, devido à terrível enfermidade que me devia levar. Sou feliz... Esta era a primeira existência que Deus me tinha dado. Como meu Espírito era ainda novo e não conhecia nenhum outro Espírito, liguei-me mais a vós. Estou feliz e prestes a voltar à Terra para avançar em direção ao Senhor. Tenho a esperança no coração; o caminho, tão difícil para

alguns, parece-me largo e fácil. Um bom começo como minha existência passada é um encorajamento tão grande! Deus me ajudará. Orareis também por mim, para que minha prova tão próxima me seja tão proveitosa quanto a outra. Infelizmente não sou adiantado, mas chegarei.”

Não fazíamos ainda a menor idéia do Espírito que dera aquela comunicação, e nos perguntávamos uma à outra quem poderia ser.

O Espírito respondeu:

“Sou irmão de um ex-capitão de Nantes, que era amigo de um de vossos parentes.” (Isto nos despertou a memória e o Espírito continuou): “Obrigado por vos lembrardes de mim. Só lamento uma coisa, ao entrever a prova que se aproxima: ser separado de vós por algum tempo. Adeus; amo-vos muito.

Arsène Gautier.”

Observação – Lida tal comunicação na Sociedade de Paris, perguntamos a um dos nossos guias espirituais se era possível que aquela tivesse sido, como dizia o Espírito, a sua primeira encarnação. Respondeu o guia:

“Sua primeira encarnação na Terra, é possível; mas, como Espírito, não. Em suas primeiras encarnações, os Espíritos encontram-se num estado quase inconsciente e este, embora pouco adiantado, já está longe de sua origem; mas é um desses Espíritos bons, que seguiram o caminho do bem. Seu progresso será rápido, pois não terá de se despojar senão de sua ignorância, nem lutar contra as más tendências dos que trilharam o caminho do mal.”

Pode o Espírito Recuar Diante da Prova?

Uma senhora de nossa amizade escreve-nos o seguinte:

“Certo dia minha filha recebeu a seguinte comunicação espontânea de um Espírito, que começou assinando *Euphrosine Bretel*. Como tal nome não nos lembrasse ninguém, perguntamos: Quem és? – Sou um pobre Espírito em sofrimento; necessito de preces. Dirijo-me a ti porque me conhecestes quando eu não passava de uma criança.

“Fizemos um esforço para recordar e julguei lembrar que aquele nome de família era o de uma menina de nove a dez anos, que se achava no mesmo internato que minha filha e que adoecera pouco depois da chegada desta. Seu pai veio buscá-la de carro, e as crianças guardaram a lembrança daquela doente, toda embrulhada e lamentosa; morreu em casa. Desesperada, sua mãe logo a seguiu. O pai ficou cego de tanto chorar e morreu no mesmo ano. Tão logo imaginamos haver reconhecido o nome, o Espírito escreveu:

“Sou eu. Minha última existência devia ser uma prova terrível, mas recuei covardemente e desde então sofro sempre. Peço-te rogares a Deus que me conceda a graça de uma nova prova, à qual me submeterei, por mais dura que seja. Sou tão infeliz! Amo a meu pai e a minha mãe e eles me têm horror; fogem de mim e o meu castigo é o de os buscar incessantemente, para me ver repelida. Vim a ti porque minha lembrança não se apagou inteiramente de tua memória e, dos que podem orar por mim, és a *única* que conhece o Espiritismo. Adeus! não me esqueças; em breve nos veremos.”

Minha filha então lhe perguntou, brincando: “Devo, pois, morrer dentro de pouco tempo?” A isto o Espírito respondeu: “Longo para vós, o tempo não tem medida para nós.” – Verificamos depois que o prenome e o nome da família eram perfeitamente exatos.

“Pergunto, agora, se é possível a um Espírito encarnado recuar diante de uma prova já começada.”

A esta pergunta respondemos: Sim. Os Espíritos recuam muitas vezes ante as provas que escolheram; não têm coragem de as suportar e, até mesmo, de as enfrentar, quando chegado o momento. Aí está a causa da maioria dos suicídios. Recuam ainda quando se lastimam e se desesperam, perdendo, assim, os benefícios da prova. Eis por que o Espiritismo, dando a conhecer a causa, o objetivo e as conseqüências das tribulações da vida, dá, ao mesmo tempo, tantas consolações e tanta coragem, desviando o pensamento de abreviar os dias. Qual a filosofia que produziu tal resultado sobre os homens?

Resposta a uma Pergunta Mental

Um excelente médium de Maine-et-Loire, que conhecemos pessoalmente, escreveu-nos o seguinte:

“Um de nossos amigos, homem dos menos crentes, mas com imenso desejo de se esclarecer, perguntou-nos um dia se poderia evocar um Espírito sem o nomear, e se este poderia responder a perguntas que lhe fossem dirigidas pelo pensamento, sem que o médium lhes tivesse o menor conhecimento. Respondemos que isso era possível, desde que o Espírito o consentisse, o que nem sempre acontece. Acerca disto obtive a seguinte resposta:

“Não posso dizer o que me pedis, porque Deus não o permite. Não obstante, posso dizer-vos que sofro: é uma dor geral em todos os membros, o que vos deve surpreender, desde que com a morte o corpo apodrece na terra; mas temos um outro corpo – espiritual – que não morre, o que nos faz sofrer tanto quanto se tivéssemos nosso *corpo corporal*. Sofro, mas não espero sofrer sempre.

Como é preciso satisfazer à justiça de Deus, é necessário nos resignarmos nesta vida ou na outra. Eu não me privei suficientemente na Terra, o que me compele a reparar o tempo perdido. Não me imiteis, pois vos prepararíeis séculos de tormentos. A eternidade é uma coisa séria e, infelizmente, nela não se pensa tanto quanto seria preciso. Como é de lamentar-se quando nos esquecemos de um assunto tão importante quanto a salvação! Pensai nisto!

Vosso antigo cura, A... T...

“Era mesmo o cura que o nosso amigo queria evocar. Eis as três perguntas que este queria fazer:

“Que pensar da divindade de Jesus-Cristo?

“A alma é imortal?

“Que meios empregar para expiar as faltas e evitar a punição?

“Pelo estilo reconhecemos perfeitamente o nosso cura; sobretudo a expressão *corpo espiritual* mostra que é o Espírito de um bom cura do interior, cuja educação deixou algo a desejar.”

Observação – As respostas a perguntas mentais são fatos muito comuns e tanto mais interessantes quanto são para o incrédulo de boa-fé uma das provas mais concludentes da intervenção de uma inteligência oculta; entretanto, como sói acontecer com a maioria dos fenômenos espíritas, raramente são obtidos à vontade, ao passo que se produzem espontaneamente a todo o momento. No caso supracitado, o Espírito houve por bem se prestar a esse papel, o que é muito raro, porque, como se sabe, os Espíritos não gostam de perguntas de curiosidade e de prova; com elas condescendem somente quando há utilidade e muitas vezes não as julgam como nós. Como não se submetem ao capricho dos homens, precisamos contar com a sua boa vontade

para a produção dos fenômenos. É necessário, por assim dizer, apreendê-los de passagem e não os provocar. Para tanto precisamos de paciência e de perseverança; e é por isto que os Espíritos reconhecem os observadores sérios e verdadeiramente desejosos de se instruírem. Pouco se preocupam com as pessoas superficiais, que pensam que basta perguntar para serem atendidas imediatamente.

Poesias Espíritas

O MENINO E O ATEU⁴⁶

(Sociedade Espírita Africana – Médium: Srta. O...)

Um belo ser, ateu se proclamando,
Passeava um dia ao lado de um rapaz
Às margens de um regato, às quais sombreando,
De um sol forte os livravam vegetais.

Ao ver jorrar água tão pura,
Diz ao jovem seu sábio companheiro:
Aonde pensas tu que porventura
Vai conduzir-lhe o curso o vale inteiro?

Responde-lhe o rapaz: Talvez um lago
De suas águas ganhe-lhe o tributo,
Que ao término de esforço amargo e vago
De todos os riachos é o fim bruto.”

Pobre criança! O mestre diz, sorrindo,
Como enganado está teu ser;
Aprende, pois, tudo no mundo é findo,
Tudo se acaba no morrer.

Quando se afasta da nascente,
Onde os filetes vão jorrando,
É para achar seu termo, finalmente,
Para sempre nos mares terminando.

46 Vide nota no número anterior, sobre o *Anjo-da-guarda*.

É de nós todos essa a dura imagem;
Quando deixamos deste mundo a estada
Eis o que resta então de uma curta passagem,
Nos encontrarmos ante o nada.

Oh! Meu Deus! Diz o moço em desolada voz,
Essa é a verdade, então, tal nossa sorte?
Que! E minha mãe, só somos nós,
Terei tudo perdido em sua morte?

Eu que supunha que sua alma querida
Podia proteger sua criança,
Com ela partilhar as penas desta vida,
Tê-la perto de Deus não é minha esperança?

“Guarda sempre contigo a doce crença.”
Sussurra-lhe o bom anjo com bondade,
Sim, bom menino, a fé te seja imensa,
Sem ela, sobre a Terra, onde a felicidade?

E o tempo se esgotou; correram anos
Nosso sábio afinal desencarnou,
Mantendo-os fiel aos seus loucos enganos,
Creu-se morto a dizer que Deus nunca encontrou.

Quanto ao menino, veio-lhe a velhice
E sem receio recebeu a morte,
Porque mantendo a fé da meninice,
Nas mãos do Eterno Pai lhe redimiu a sorte.

Vede que multidão que ora apressada
Deixa o céu para o vir cá receber;
E de Espíritos bons turma sagrada
Que a um exilado irmão enfim torna a rever.

Mas quem é aquela alma só e triste
Que se esforça afinal por se ocultar?
Do desgraçado sábio é o ser que a tudo assiste
Que tudo vê e não pode aí se misturar.

Foi muito amarga a sua pena,
Por ter a Deus um dia então negado,

Deus lhe surge afinal, não juiz que condena,
Em majestade sublimado.

Oh! quanto pranto por herança
Vieram quebrar dessa alma a empáfia dura!
Ele que outrora rira da esperança
De um pobre rapazelho além da sepultura.

Mas do Senhor a bênção paternal
Não pune para sempre o pecador;
Em breve pois a alma imortal
Devolve à Terra com Amor.

Por sua vez purificada,
Em cujos erros já não cai,
De luz e glória inebriada
Vai repousar aos pés do Eterno Pai.

Assinado: Ducis

A ABÓBORA E A SENSITIVA

Fábula

Dize qual o teu regime, ó pobre sensitiva?
A abóbora indagava a uma pequena flor,
Por que manter-te assim qual se não fosses viva?
Falo-te com muita dor,
A sensibilidade estiola-te; e enfraquece;
Bem antes morrerás do fim desta estação;
Quando, fugindo o sol no horizonte escurece
Murcharem-se verás tuas folhas então:
Um fatal estremecimento
O teu caule percorre ante a brisa a roçar;
Fazendo a crise então chegar;
A vida então é-te um tormento.

E por que tanta pena e tal solicitude?
Seja pois meu exemplo uma terna quietude.
O que se passa em mim, pois não,
Causar-me não me custa a mais leve emoção;
De bem me sustentar faço minha virtude,

Que importa, pois, em meu temperamento,
Os mistérios do céu? – Do dia o esplendor,
Da noite a escuridão, a umidade, o calor
Tudo convém ao meu intento.

Minha forma redonda às vezes, é verdade,
Induz o observador satírico e cruel
Em murmúrio dizer: “A abóbora é nulidade!”
Porém tal trato não me é fel;
Sobre o meu leito nutro-me e, em riso, me rolo
Para inveja causar, pousando sobre o solo,
Meu grosso ventre e amplidão.

Os gostos, diz a flor, bem diferentes são;
Tu queres consagrar-te ao gozo, à vida em fêria,
Ao bem-estar só da matéria;
Creio fazer melhor, vejas bem, neste instante,
Em abreviar minha existência,
Me consagrando à excelência,
Do sentimento bom, da inteligência,
Terei vivido assim bastante.

Dombre (De Marmande)

Dissertações Espíritas

O ESPIRITISMO E O ESPÍRITO MALIGNO

(Grupo de Sainte-Gemme – Médium: Sr. C...)

De todos os trabalhos a que se entrega a Humanidade os preferíveis são os que mais aproximam a criatura de seu Criador, que a põem diariamente e a cada instante em condições de admirar a obra divina, que saiu e sai incessantemente de suas mãos onipotentes. É dever do homem prosternar-se e adorar continuamente Aquele que lhe deu os meios de se melhorar como Espírito e alcançar, assim, a felicidade suprema, que é o objetivo final para o qual deve tender.

Se há profissões que, quase exclusivamente intelectuais, dão ao homem os meios de elevar o seu nível de inteligência, um perigo, um grande perigo se acha ao lado dessa vantagem. Prova a história de todos os tempos em que consiste esse perigo e quantos males pode engendrar. Sois dotados de uma inteligência superior: a tal respeito estais mais próximos da Divindade que os vossos irmãos e chegais a negar a própria Divindade, ou dela fazer uma outra, inteiramente contrária do que é em realidade! Nunca seria demais repetir, nem jamais se cansar de dizer: o orgulho é o mais obstinado inimigo do gênero humano. Tivésseis mil bocas e todas deveriam repetir a mesma coisa incessantemente.

Deus vos criou a todos simples e ignorantes⁴⁷; tratai de avançar em passo tão seguro quanto possível. Isto depende de vós: jamais Deus recusa graça a quem lha pede de boa-fé. Todos os estados podem igualmente vos conduzir à meta desejada, se vos conduzirdes conforme o caminho da justiça e se não dobrardes a consciência à vontade dos vossos caprichos. No entanto há estados nos quais é mais difícil progredir que em outros; assim, Deus levará em conta aqueles que, tendo aceitado como prova uma posição ambígua, tiverem percorrido sem reagir esse caminho perigoso ou, pelo menos, tiverem feito todos os esforços humanamente possíveis para se reerguerem.

É aí que se torna necessária uma fé sincera, uma força pouco comum para resistir aos arrastamentos para fora do caminho da justiça. Mas é aí, também, que se pode fazer um bem

47 Esta proposição, a respeito do estado primitivo das almas, formulada pela primeira vez em *O Livro dos Espíritos*, é hoje repetida por toda parte nas comunicações; encontra, assim, a sua consagração simultaneamente nessa concordância e na lógica, porquanto nenhum outro princípio responderia melhor à justiça de Deus. Dando a todos os homens um mesmo ponto de partida, deu a todos a mesma tarefa a desempenhar para atingir o fim. Ninguém é privilegiado pela Natureza; como, porém, têm o livre-arbítrio, uns avançam mais depressa e outros mais lentamente. Tal princípio de justiça é inconciliável com a doutrina que admite a criação da alma ao mesmo tempo que o corpo, admitindo em si mesmo a pluralidade das existências, porque, se a alma é anterior ao corpo, é que ela já viveu.

imenso aos irmãos infelizes. Ah! quanto mérito tem aquele que resvala no lamaçal, sem que nem suas vestes, nem ele próprio, se maculem! É preciso que uma chama muito pura brilhe em si. Mas, também, que recompensa não lhe é reservada ao deixar a vida terrestre!⁴⁸

Que aqueles que se acham em semelhante posição meditem bem estas palavras; que bem se impregnem do espírito que elas encerram e neles se operará uma revolução salutar, que substituirá as opressões do egoísmo pelas suaves expansões do coração.

Quem transformará esses homens, como diz o Evangelho, em homens novos?

O que é necessário para realizar esse grande milagre? É preciso que eles queiram reportar seu pensamento àquilo a que estão destinados depois da morte. Estão todos convencidos de que o amanhã poderá não existir para eles; mas, assustados pelo quadro sombrio e desolador das penas eternas, nas quais, por intuição, se recusam acreditar, abandonam-se ao caudal da vida presente; deixam-se arrastar por essa cupidez febril, que os leva a juntar sempre, por todos os meios permitidos ou não; arruinam sem piedade um pobre pai de família e prodigalizam ao vício somas que bastariam para uma cidade inteira viver durante vários dias. Desviam os olhos do momento fatal. Ah! se pudessem encará-lo firmemente e com sangue-frio, como mudariam depressa de conduta! como os veríamos apressados em devolver ao legítimo proprietário o pedaço de pão negro, que tiveram a crueldade de roubar para, ao preço de uma injustiça, aumentarem uma fortuna

48 Admiram-se de que Espíritos possam escolher uma encarnação num desses meios onde se acham em contato incessante com a corrupção. Entre os que se encontram nessas posições ínfimas da sociedade, uns as escolheram por gosto e para darem satisfação a seus pendores ignóbeis; outros, por missão e dever, a fim de tentarem tirar da lama os seus irmãos e para terem mais mérito para lutar contra os arrastamentos perniciosos. Sua recompensa será proporcional às dificuldades vencidas. Tal é, entre nós, o operário que é pago em razão do perigo a que se expõe no exercício da profissão.

feita de injustiças acumuladas! O que é preciso para isto? Que brilhe a luz espírita. É preciso se possa dizer, como um general dizia de uma grande nação: *O Espiritismo é como o Sol: cego quem não o vê!* Os homens que se dizem e se julgam cristãos, mas repelem o Espiritismo, são bem cegos!

Qual a missão da doutrina, que a mão onipotente do Criador semeia atualmente no mundo? É a de conduzir os incrédulos à fé, os desesperados à esperança, os egoístas à caridade. Eles se dizem cristãos e lançam anátema à doutrina de Jesus-Cristo! É verdade que pretendem seja o Espírito maligno que, para melhor se disfarçar, vem pregar tal doutrina neste mundo. Infelizes cegos! pobres doentes! Que Deus, em sua bondade inesgotável, se digne fazer cessar a vossa cegueira e pôr um termo aos males que vos obsidiam!

Quem vos disse que era o Espírito do mal? Quem? Nada sabeis disto. Pedistes a Deus que vos esclarecesse a respeito? Não; ou se o fizestes, tínheis uma idéia preconcebida. O Espírito do mal! Sabeis quem vos disse que era o Espírito do mal? Foi o orgulho, foi o próprio Espírito do mal que vos leva a condenar – coisa revoltante! – o Espírito de Deus, representado pelos Espíritos bons que Ele envia ao mundo para o regenerar!

Ao menos examinai a coisa e, conforme as regras estabelecidas, condenai ou absolvei. Ah! se ao menos quisésseis lançar um golpe de vista sobre os resultados inevitáveis que o triunfo do Espiritismo deve produzir! Se quisésseis ver os homens finalmente se considerando como irmãos, convencidos todos de que, de um momento para outro, Deus lhes pedirá contas da maneira pela qual desempenharam a missão que lhes havia sido confiada! Se quisésseis ver em toda parte a caridade tomando o lugar do egoísmo e o trabalho tomando o lugar da preguiça! Porque, bem o sabeis, o homem nasceu para o trabalho: Deus o transformou numa obrigação, à qual não pode subtrair-se sem transgredir as leis divinas. Se quisésseis ver de um lado esses

infelizes que dizem: *Danados neste mundo, danados no outro, sejamos criminosos e gozemos*; e do outro, esses homens endurecidos, esses açambarcadores da fortuna de todos, que dizem: *A alma é uma palavra; Deus não existe; se nada resta de nós depois da morte, gozemos a vida; o mundo se compõe de exploradores e explorados; prefiro fazer parte dos primeiros a estar com os segundos; depois de mim, o dilúvio!* Se lançásseis o olhar sobre esses dois homens que personificam a pilhagem, a pilhagem bem-educada e que conduz às galés; se os vísseis transformados pela crença na imortalidade, que lhes dá o Espiritismo, ousaríeis dizer que é pelo Espírito do mal?

Vejo o desdém em vossos lábios e vos ouço dizer: Nós é que pregamos a imortalidade e temos crédito por isto. Terão sempre mais confiança em nós do que nesses vãos sonhadores que, se não são trapaceiros, sonharam que os mortos saíam do túmulo para se comunicarem com eles. A isto sempre a mesma resposta: Examinai e, se convencidos de boa-fé, o que não faltará se fordes sinceros, ao invés de maldizer, bendireis o que deve estar muito mais nas vossas atribuições, conforme a lei de Deus.

A lei de Deus! em vossa opinião sois os únicos depositários e vos surpreendeis que outros tomem uma iniciativa que, conforme pensais, vos pertence com exclusividade. Pois bem! escutai o que os Espíritos enviados por Deus estão encarregados de vos dizer:

“Vós que levais a sério o vosso ministério, sereis abençoados, porquanto tereis realizado todas as obras, não só prescritas, mas aconselhadas pelo divino Mestre. E vós que considerastes o sacerdócio como meio para ascender materialmente não sereis malditos, embora tenhais amaldiçoado os outros; Deus, porém, vos reserva uma punição mais justa.

“Dia virá em que sereis obrigados a vos explicardes publicamente sobre os fenômenos espíritas, e esse dia não está

longe. Então vos encontrareis na necessidade de julgar, porque vos constituístes em tribunal. Julgar a quem? O próprio Deus, pois nada acontece sem a sua permissão.

“Vedes onde vos conduziu o Espírito do mal, isto é, o orgulho! Em vez de vos inclinardes e orar, obstinai-vos contra a vontade do único que tem o direito de dizer: *Eu quero*. E dizeis que é o demônio quem o diz.

“E agora, se persistirdes em não crer senão nas manifestações dos Espíritos maus, recordai-vos das palavras do Mestre, acusado de expulsar os demônios em nome de Belzebu: *Todo reino dividido contra si mesmo perecerá.*”⁴⁹

Hippolyte Fortoul

O CORVO E A RAPOSA⁵⁰

(Sociedade Espírita de Paris, 8 de agosto de 1862 – Médium: Sr. Leymarie)

Desconfiai dos bajuladores: é a raça mentirosa; são encarnações de duas caras, que riem para vos enganar. Infeliz de quem neles acredita e escuta, porquanto neles as noções do verdadeiro logo se pervertem. E, contudo, quanta gente se deixa levar por esse engodo mentiroso da bajulação! Ouvem satisfeitos o velhaco que alimenta as suas fraquezas, enquanto repelem o amigo sincero que lhes diz a verdade e lhes dá bons conselhos; atraem o falso amigo e afastam o verdadeiro e desinteressado. Para os agradar é preciso adular, aprovar tudo, tudo aplaudir e achar tudo bem, mesmo o absurdo. E – coisa estranha! – repelem conselhos sensatos e acreditam na mentira do primeiro que vier, desde que tal mentira favoreça suas idéias. Que quereis? Querem ser enganados e o são. Muitas vezes só vêem as conseqüências tarde demais; mas, então, o mal já está feito e não tem remédio.

49 N. do T.: Mateus, 12:25.

50 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 529.

De onde vem isto? A causa dessa imperfeição é, quase sempre, múltipla. A primeira, incontestavelmente, é o orgulho que os cega quanto à infalibilidade de seu próprio mérito, que julgam superior ao dos demais; tomam-no, assim, sem dificuldade, como modelo do senso comum. A segunda decorre de uma falta de senso, que lhes não permite vejam o lado bom ou ruim das coisas; mas, ainda aqui, é o orgulho que oblitera o julgamento, porque, sem orgulho, desconfiariam de si mesmos, confiando-se aos que têm mais experiência. Acreditai, ainda, que os Espíritos maus nem sempre estão alheios ao caso: adoram mistificar, armar ciladas; e quem nelas melhor poderão cair que os orgulhosos, que são lisonjeados? O orgulho, para eles, é a falta de couraça de uns e a cupidez de outros, de que sabem tirar partido com habilidade, mas não se guardam de dirigir-se aos que são mais fortes que eles, moralmente falando. Quereis subtrair-vos à influência dos Espíritos maus? Subi, subi tão alto em virtudes que eles não vos possam atingir e, então, sereis temidos por eles. Mas se vos deixardes arrastar pela ponta da corda, eles a agarrarão para vos forçar a descida; chamar-vos-ão com voz melíflua, elogiar-vos-ão e, como o corvo, farão com que deixeis o queijo cair.

Sonnet

ESTILO DAS BOAS COMUNICAÇÕES

(Sociedade Espírita de Paris, 8 de agosto de 1862 – Médiun: Sr. Leymarie)

Buscai na palavra a sobriedade e a concisão: poucas palavras, muitas coisas. A linguagem é como a harmonia: quanto mais erudita quisermos torná-la, menos melodiosa. A verdadeira ciência é sempre aquela que impressiona; não alguns sibaritas entediados, mas a massa inteligente que, desde muito tempo, é desviada do caminho do belo verdadeiro, que é o da simplicidade. A exemplo de seu Mestre, os discípulos do Cristo haviam adquirido esse profundo saber de bem-dizer, sobriamente, e seu falar, como o de Jesus, era marcado por essa graça delicada, essa profundeza

que, em nossos dias, numa época em que tudo mente ao nosso redor, ainda fazem as grandes vozes do Cristo e dos apóstolos modelos inimitáveis de concisão e de precisão.

Mas a verdade desceu do alto; os Espíritos superiores, como os apóstolos dos primeiros dias da era cristã, vêm ensinar e dirigir. *O Livro dos Espíritos* é toda uma revolução, porque é conciso e sóbrio: poucas palavras, muitas coisas; nada de flores de retórica, nada de imagens, mas apenas pensamentos elevados e fortes, que consolam e fortalecem. Por isso agrada, e agrada porque é facilmente compreendido: aí está a marca da superioridade dos Espíritos que o ditaram.

Por que há tantas comunicações oriundas de Espíritos que se dizem superiores, repletas de insensatez, de frases empoladas e floreadas? uma página para nada dizer? Ficai certos de que não são Espíritos superiores, mas pseudo-sábios, que julgam produzir efeito, substituindo por palavras o vazio das idéias, a profundidade do pensamento pela obscuridade. Não podem seduzir senão os cérebros vazios como os seus, que tomam bijuterias por ouro legítimo e julgam a beleza de uma mulher pelo brilho de seus adereços.

Desconfiai, pois, dos Espíritos verbosos, de linguagem empolada e confusa, muito difícil para ser compreendida. Reconhecereis a verdadeira superioridade pelo estilo conciso, claro e inteligível, sem esforço de imaginação. Não avalieis a importância das comunicações por sua extensão, mas pela soma de idéias que encerram num pequeno volume. Para ter o tipo da superioridade real, contai as palavras e as idéias – refiro-me às idéias justas, sadias e lógicas – a comparação vos dará a exata medida.

Barbarett (Espírito familiar)

A RAZÃO E O SOBRENATURAL

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sr. A. Didier)

O homem é limitado em sua inteligência e em suas sensações. Não podendo compreender além de certos limites, pronuncia, então, a palavra sacramental, que põe fim a tudo: *Sobrenatural*.

Na ciência nova que estudais, o vocábulo sobrenatural é palavra convencional: existe para nada exprimir. Efetivamente, o que significa? Fora da Natureza; além do que é conhecido. Nada mais insensato; nada mais absurdo do que aplicá-la a tudo que está fora de nós. Para o homem que raciocina a palavra sobrenatural não é definitiva; é vaga e faz presentir. Conhece-se a frase banal do incrédulo por ignorância: “É sobrenatural. Ora, a razão, etc., etc.” O que é a razão? Ah! quando a Natureza, alargando-se e agindo como soberana, nos mostra tesouros desconhecidos, a razão, nesse sentido, se torna irracional e absurda, pois persiste, malgrado os fatos. Ora, se há um fato, é que a Natureza o permite. Certamente a Natureza tem, para nós, algumas manifestações sublimes, mas muito restritas, se entrarmos no domínio do desconhecido. Ah! quereis explorar a Natureza; quereis conhecer a causa das coisas, *causa rerum*, e julgais desnecessário pôr de lado vossa razão banal? Mas estais brincando, senhores. O que é a razão humana, senão a maneira de pensar do vosso mundo? Correis de planeta a planeta e pensais que a razão vos deve acompanhar? Não, senhores; a única razão que deveis ter em meio a todos esses fenômenos é o sangue-frio e a observação quanto a esse ponto de vista, e não do ponto de vista da incredulidade.

Ultimamente temos abordado questões muito graves, como vos lembrais. Mas, no bojo do que dizíamos, não concluímos que todo o mal vem dos homens. Depois de muitas lutas, de muitas discussões chegam também os bons pensamentos, uma nova fé e esperanças novas. Como vos disse há pouco, o Espiritismo é a luz

que deve iluminar, doravante, toda inteligência dedicada ao progresso. A prece será o único dogma e a prática exclusiva do Espiritismo, isto é, a harmonia e a simplicidade. A arte será nova, porque secundada pelas idéias novas. Pensai que toda obra inspirada por uma idéia filosófico-religiosa é sempre manifestação poderosa e sã; o Cristo será sempre a Humanidade, mas não a Humanidade sofredora: será a Humanidade triunfante.

Lamennais

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V

NOVEMBRO DE 1862

Nº 11

Viagem Espírita em 1862

Acabamos de visitar alguns Centros Espíritas da França, lamentando que o tempo não nos tenha permitido ir a toda parte onde nos haviam convidado, nem prolongar nossa estada em cada localidade como o desejávamos, em razão da acolhida tão simpática e tão fraterna que por toda parte recebemos. Durante uma viagem de mais de seis semanas e um percurso total de seiscentas e noventa e três léguas, paramos em vinte cidades e assistimos a mais de cinqüenta reuniões. O resultado nos proporcionou uma grande satisfação moral, sob o duplo aspecto das observações colhidas e da constatação dos imensos progressos do Espiritismo.

O relato dessa viagem, que compreende principalmente as instruções que demos nos vários grupos, é muito extenso para ser publicado na *Revista*, pois absorveria quase dois fascículos. Dele faremos uma publicação à parte, do mesmo formato do jornal, a fim de, caso necessário, ser a ela anexado⁵¹.

51 Brochura grande in-8º, formato e tipo da *Revista*. – Preço: 1 fr., *isento de porte* para toda a França. (*No prelo.*)

Em nosso percurso fomos visitar os possessos de Morzine, na Sabóia; ali também recolhemos importantes observações, muito instrutivas, sobre as causas e o modo da obsessão em todos os graus, corroborados por casos idênticos e isolados, por nós vistos em outras localidades, assim como os meios de a combater. Será objeto de um artigo especial e desenvolvido, que tínhamos a intenção de inserir neste número da *Revista*; o tempo, porém, não nos permitiu terminá-lo, obrigando-nos adia-lo para o próximo número. Aliás, só terá a ganhar, porque feito com menos precipitação. Além disso, vários fatos recentes vieram esclarecer essa questão, abrindo novos horizontes à patologia.

Este artigo responderá a todos os pedidos de esclarecimentos que freqüentemente nos dirigem sobre casos análogos.

Julgamos oportuno aproveitar esta circunstância para retificar uma opinião que, em geral, se nos tem afigurado muito propalada.

Várias pessoas, sobretudo na província, haviam pensado que os gastos com essas viagens corriam por conta da Sociedade de Paris. Vimo-nos forçado a refutar esse erro quando a ocasião se apresentou. Aos que pudessem ainda partilhar dessa opinião, lembramos o que foi dito em outra circunstância (número de junho de 1862), que a Sociedade se limita a prover as despesas correntes e não possui reservas. Para que pudesse formar um capital, teria de visar o número; é o que não faz, nem quer fazer, pois seu objetivo não é a especulação e o número nada acrescenta à importância de seus trabalhos. Sua influência é toda moral e o caráter de suas reuniões dá aos estranhos a idéia de uma assembléia grave e séria. Eis o seu mais poderoso meio de propaganda. Assim, não poderia ela custear semelhante despesa. Os gastos de viagem, como todos os necessários às nossas relações com o Espiritismo,

são cobertos por nossos recursos pessoais e por nossas economias, acrescidos do produto de nossas obras, sem o que nos seria impossível acudir a todas as despesas conseqüentes à obra que empreendemos. Dizemos isto sem vaidade, unicamente em homenagem à verdade e para edificação dos que imaginam que entesouramos.

Aos Nossos Correspondentes

Ao regressar, encontramos tal volume de correspondência que seria preciso um mês inteiro para responder, sem fazermos mais nada. Considerando que diariamente vem um novo contingente, sem prejuízo das ocupações correntes e estritamente obrigatórias, compreender-se-á a impossibilidade *material* em que nos encontramos para fazer face a semelhante trabalho. Dissemos, e ainda o repetimos: estamos longe de nos lastimarmos pelo número de cartas que nos escrevem, pois elas provam a extensão imensa que toma a doutrina e o ponto de vista moral e filosófico sob o qual é encarada, onde quer que penetre. São preciosos arquivos para o Espiritismo; entretanto, mais uma vez somos forçados a pedir indulgência pela impontualidade em responder. Só este trabalho absorveria o tempo de duas pessoas e nós somos *só*. Daí resulta que muitas coisas ficam em suspenso, razão do atraso da publicação de várias obras que havíamos anunciado.

Esperamos que dia virá em que teremos uma colaboração permanente e assídua, a fim de que tudo possa marchar satisfatoriamente; os Espíritos no-la prometem. Enquanto esperamos, não há alternativa: é preciso descurar da correspondência, ou dos outros trabalhos, que aumentam à medida que cresce a doutrina.

Os Mistérios da Torre de São Miguel, em Bordeaux

HISTÓRIA DE UMA MÚMIA

Num dos jazigos subterrâneos da torre de São Miguel, em Bordeaux, vê-se um certo número de cadáveres mumificados que, talvez, não remontem a mais de dois ou três séculos, tendo sido, ao que parece, levados àquele estado pela natureza do solo. São uma das curiosidades da cidade, que os estranhos não deixam de visitar. Todos os corpos têm a pele inteiramente apergaminhada; na maioria estão conservados, de modo a permitir que se distingam os traços do rosto e a expressão da fisionomia; muitos têm as unhas de uma frescura admirável; alguns ainda conservam restos das roupas e, até mesmo, rendas finíssimas.

Entre essas múmias, uma em particular desperta atenção: a de um homem, cujas contrações do corpo, do rosto e dos braços, levados à boca, não deixam a menor dúvida quanto ao gênero de morte: é evidente que foi enterrado vivo e que morreu nas convulsões de terrível agonia.

Um novo jornal de Bordeaux publica um folhetim, sob o título de *Mistérios da Torre de São Miguel*. Só conhecemos a obra de nome e pelos grandes cartazes afixados nos muros da cidade, representando o jazigo subterrâneo da torre. Por isso, não sabemos em que espírito foi concebido, nem a fonte da qual o autor recolheu os fatos que descreve. O que vamos referir tem, ao menos, o mérito de não ser fruto da imaginação humana, pois vem diretamente do além-túmulo, o que talvez faça rir bastante o autor em questão. Seja como for, cremos que esse relato é um dos episódios mais surpreendentes dos dramas passados naquele lugar. Será lido por todos os espíritas com tanto mais interesse quanto encerra um profundo ensinamento. É a história de um homem enterrado vivo e de duas outras pessoas a ele ligadas, obtida numa série de evocações feitas na Sociedade Espírita de Saint-Jean d'Angely, em

agosto último, de que nos deram conhecimento quando por lá passamos. No que concerne à autenticidade dos fatos, faremos referência na observação que fecha este artigo.

**(Saint-Jean d'Angely, 9 de agosto de 1862 – Médiun: Sr. Del...,
pela tiptologia)**

1. Pergunta ao guia protetor: Podemos evocar o Espírito que animou o corpo que se vê no jazigo subterrâneo da torre de São Miguel, em Bordeaux, e que parece ter sido enterrado vivo?

Resp. – Sim, e que isto sirva de ensinamento.

2. Evocação.

Resp. – (O Espírito manifesta sua presença)

3. Poderíeis dizer o vosso nome quando animáveis o corpo de que falamos?

Resp. – Guillaume Remone.

4. Vossa morte foi uma expiação ou uma prova, escolhida com vistas ao vosso progresso?

Resp. – Meu Deus! por que, na tua bondade, seguir a tua sagrada justiça? Sabeis que a expiação é sempre obrigatória e quem cometeu um crime não pode evitá-la. Eu estava neste caso: é tudo quanto posso dizer. Depois de muito sofrimento, cheguei a reconhecer meus erros e experimento o arrependimento necessário para alcançar graça diante do Eterno.

5. Podeis dizer qual foi o vosso crime?

Resp. – Eu havia assassinado minha esposa em seu leito.

(10 de agosto – Médiun: Sra. Guérin, pela escrita)

6. Antes da reencarnação, quando escolhestes o gênero de provas, sabíeis que seríeis enterrado vivo?

Resp. – Não; apenas sabia que devia cometer um crime odioso, que encheria minha vida de ardentes remorsos e que a vida terminaria em dores atrozes. Em breve reencarnarei. Deus teve piedade de minha dor e de meu arrependimento.

Observação – Esta frase: *Eu sabia que devia cometer um crime*, é explicada adiante, nas perguntas 30 e 31.

7. A justiça perseguiu alguém por ocasião da morte de vossa esposa?

Resp. – Não; acreditaram numa morte súbita. Eu a tinha sufocado.

8. Que motivo vos levou a esse ato criminoso?

Resp. – O ciúme.

9. Foi por descuido que vos enterraram vivo?

Resp. – Sim.

10. Lembrai-vos dos instantes da morte?

Resp. – Foi algo terrível, impossível de descrever. Imaginai estar numa fossa, com dez pés de terra em cima, querer respirar e faltar o ar, querer gritar: “Estou vivo!” e sentir a voz abafada; ver-se morrer e não poder pedir socorro; sentir-se cheio de vida e riscado da lista dos vivos; ter sede e não poder saciá-la; sentir as dores da fome e não poder fazê-la cessar; numa palavra, morrer numa raiva de danado.

11. Naquele momento supremo pensastes que era o momento da vossa punição?

Resp. – Nada pensei. Morri furioso, batendo nas paredes do caixão, dele querendo sair vivo a todo custo.

Observação – Esta resposta é lógica e se justifica pelas contorções vistas ao se examinar o cadáver, em meio às quais o indivíduo morreu.

12. Já desprendido, vosso Espírito viu o corpo de Guillaume Remone?

Resp. – Logo depois da morte eu ainda me via na terra.

13. Quanto tempo ficastes nesse estado, isto é, com o Espírito ligado ao corpo, embora já não o animasse?

Resp. – Cerca de 15 a dezoito dias.

14. Quando foi possível deixar o corpo, onde vos encontrastes?

Resp. – Vi-me cercado por uma multidão de Espíritos, como eu tomados de dor, não ousando levantar para Deus o coração, ainda ligado à Terra, e desesperançado de receber o seu perdão.

Observação – Ligado ao corpo, e sofrendo ainda a tortura dos últimos instantes, pois se achava entre Espíritos sofredores, sem esperança de perdão, não é o inferno, com seu choro e ranger de dentes? Haverá necessidade de se construir um forno com chamas e tridentes? Como se sabe, a crença na perpetuidade dos sofrimentos é um dos castigos infligidos aos Espíritos culpados. Tal estado durará enquanto os Espíritos não se arrependem e duraria sempre, caso jamais se arrependessem, pois Deus só perdoa ao pecador arrependido. Desde que o arrependimento lhe entre no coração, um raio de esperança far-lhe-á entrever a possibilidade de um termo a seus males. Mas não basta o mero arrependimento; Deus quer a expiação e a reparação, e é pelas reencarnações sucessivas que Ele dá aos Espíritos imperfeitos a possibilidade de se melhorarem. Na erraticidade eles tomam resoluções que procuram executar na vida corporal. É assim que, em cada existência, deixando algumas impurezas, conseguem aperfeiçoar-se gradualmente e dão um passo à frente para a felicidade eterna. Assim, a porta da felicidade jamais lhes é fechada, sendo atingida num tempo mais ou menos longo, conforme a vontade e o trabalho que fizerem sobre si mesmos para o merecerem.

Não se pode admitir a onipotência de Deus sem a presciência. Sendo assim, pergunta-se por que Deus, ao criar uma alma, sabendo que devia falir sem poder erguer-se, a tirou do nada para destiná-la a tormentos eternos? Quis, então, criar almas infelizes? Tal proposição é inconciliável com a idéia da bondade infinita, que é um de seus atributos essenciais. De duas uma: ou Ele sabia, ou não sabia; se não sabia, não é onipotente; se sabia, nem é justo nem bom. Ora, tirar uma parcela do infinito dos atributos de Deus é negar a

Divindade. Ao contrário, tudo se concilia com a possibilidade deixada ao Espírito de reparar suas faltas. Deus sabia que, em virtude de seu livre-arbítrio, o Espírito faliria, mas sabia, igualmente, que se ergueria. Sabia que, tomando o mau caminho, retardaria a chegada; contudo, mais cedo ou mais tarde, chegaria; e é para fazê-lo chegar mais depressa que multiplica os avisos sobre o caminho. Será mais culpado se não os escutar e merece o prolongamento das provas. Qual a mais racional dessas duas doutrinas?

A. K.

(11 de agosto)

15. Nossas perguntas vos seriam desagradáveis?

Resp. – Isto me lembra pungentes recordações. Mas agora, que entrei em graça pelo arrependimento, sinto-me feliz por poder dar minha vida como exemplo, a fim de prevenir meus irmãos contra as paixões que poderiam arrastá-los, como a mim.

16. Comparado com o de vossa esposa, vosso gênero de morte nos leva a supor que vos tenham aplicado a pena de talião e que em vós se realizaram estas palavras do Cristo: “Quem fere com a espada morrerá pela espada”⁵². Quereis dizer como sufocastes a vossa vítima?

Resp. – Em seu leito, como disse, entre duas almofadas, depois de amordaçá-la, para impedir que gritasse.

17. Gozáveis de boa reputação entre os vizinhos?

Resp. – Sim. Era pobre, mas honesto e estimado. Minha esposa também era de uma família honrada. Aconteceu numa noite, em que o ciúme me deixara acordado, que vi sair um homem de seu quarto. Ébrio de furor, e não sabendo o que fazia, tornei-me culpado do crime que vos revelei.

18. Revistes a esposa no mundo dos Espíritos?

Resp. – Foi o primeiro Espírito que se me apresentou à vista, como que para censurar meu crime. Eu a vi durante muito

52 N. do T.: Mateus, 26:52.

tempo, também infeliz. Só depois que foi decidido que eu reen-carnaria é que me livreí de sua presença.

Observação – A visão incessante das vítimas é um dos castigos mais comuns infligidos aos Espíritos criminosos. Os que mergulham nas trevas, o que é muito freqüente, geralmente não podem escapar. Nada vêem, a não ser aquilo que lhes pode lembrar o crime.

19. Pediste a ela que vos perdoasse?

Resp. – Não. Fugíamos incessantemente um do outro e nos encontrávamos sempre frente a frente, a fim de nos torturarmos reciprocamente.

20. Entretanto, no momento do arrependimento, foi necessário que lhe pedísseis perdão?

Resp. – Desde que me arrependi não mais a vi.

21. Sabeis onde se encontra ela agora?

Resp. – Não sei o que lhe sucedeu, mas vos será fácil colher informações com São João Batista, vosso guia espiritual.

22. Quais foram os vossos sofrimentos como Espírito?

Resp. – Eu estava cercado de Espíritos desesperados; eu mesmo imaginava que jamais sairia desse estado infeliz. Nenhum vislumbre de esperança brilhava para minha alma endurecida. A visão da vítima rematava o meu martírio.

23. Como chegastes a um estado melhor?

Resp. – Do meio de meus irmãos em desespero, certo dia divisei uma meta, que logo compreendi só poder atingir pelo arrependimento.

24. Qual foi essa meta?

Resp. – Deus, do qual, mau grado seu, todos têm uma idéia.

25. Já dissestes duas vezes que em breve iríeis reencarnar. Seria indiscrição perguntar que gênero de prova escolheste?

Resp. – A morte ceifará todos os seres que me forem caros e eu mesmo sofrerei as mais abjetas enfermidades.

26. Sois feliz agora?

Resp. – Em termos relativos, sim, pois entrevejo um termo aos sofrimentos. De fato, não.

27. Desde o momento em que caíste em letargia, até o despertar no caixão, viste e ouvistes o que se passava ao redor?

Resp. – Sim, mas tão vagamente que julgava sonhar.

28. Em que ano morrestes?

Resp. – Em 1612.

29. [A São João Batista] Não teria G. Remone, como punição, sido obrigado a anuir à nossa evocação para confessar o crime? Isto parece resultar de sua primeira resposta, na qual fala da justiça de Deus.

Resp. – Sim. Foi forçado, mas se resignou de boa vontade, quando viu um meio a mais de agradecer a Deus, servindo aos vossos estudos.

30. Por certo o Espírito equivocou-se quando disse (questão 6): “Eu sabia que devia cometer um crime.” Provavelmente sabia estar exposto a cometer um crime, mas, dotado de livre-arbítrio, bem podia não sucumbir à tentação.

Resp. – Ele se explicou mal. Deveria ter dito: “Sabia que minha vida estaria cheia de remorsos.” Era livre para escolher outro gênero de prova. Ora, para sentir remorsos, é preciso imaginar que cometesse uma ação má.

31. Não se poderia admitir que só tivesse tido o livre-arbítrio no estado de erraticidade, ao escolher tal ou qual prova?

Isto é, uma vez escolhida a prova, não mais teria, como encarnado, liberdade de não cometer a ação, devendo o crime, desse modo, ser cometido necessariamente?

Resp. – Ele podia evitá-lo. Era dotado de livre-arbítrio na condição de Espírito e como encarnado; podia, pois, resistir, mas as paixões o arrastaram.

Observação – Evidentemente o Espírito não se dava perfeita conta da situação; confundiu a prova, isto é, a tentação de fazer, com a ação. E como sucumbiu, acreditou numa ação fatal, por ele mesmo escolhida, o que não seria racional. O livre-arbítrio é o mais belo privilégio do Espírito humano e uma prova incontestável da justiça de Deus, que torna o Espírito o árbitro de seu destino, pois dele depende abreviar o sofrimento ou prolongá-lo por seu endurecimento e má vontade. Supor que pudesse perder a liberdade moral como encarnado, seria tirar-lhe a responsabilidade de seus atos. Por aí se pode ver que não devemos admitir certas respostas dos Espíritos senão após maduro exame, sobretudo quando não se conformam com a lógica em todos os pontos.

A. K.

32. É lícito supor possa um Espírito escolher como prova uma vida de crimes, desde que tenha escolhido o remorso, que mais não é que a infração da lei divina?

Resp. – Pode escolher a prova e a ela ser exposto; como, porém, tem livre-arbítrio, pode também não falir. Assim, G. Remone havia escolhido uma vida cheia de desgostos domésticos, que, ao suscitar a idéia do crime, devia encher-lhe a vida de remorsos, se o realizasse. Quis, pois, tentar essa prova na expectativa de sair vitorioso.

Vossa linguagem está tão pouco em harmonia com a maneira de se comunicarem os Espíritos que muitas vezes se tornam necessárias retificações em algumas frases, dadas pelos médiuns, sobretudo dos médiuns intuitivos. Pela combinação dos fluidos nós lhes transmitimos a idéia, que traduzem mais ou menos bem, conforme seja mais ou menos fácil a combinação entre o fluido do nosso perispírito e o fluido animal do médium.

A ESPOSA DE REMONE
(12 de agosto)

33. [A São João] Poderíamos evocar o Espírito da esposa de G. Remone?

Resp. – Não; ela está reencarnada.

34. Na Terra?

Resp. – Sim.

35. Se não a podemos evocar como Espírito errante, poderíamos fazê-lo como encarnado? E não poderíeis dizer-nos quando estará dormindo?

Resp. – Podeis fazê-lo neste momento, porque, para esse Espírito, as noites são os dias para vós.

36. Evocação do Espírito da esposa de Remone.

Resp. – (O Espírito se manifesta).

37. Lembrai-vos da existência em que éreis chamada de Sra. Remone?

Resp. – Sim. Oh! por que me recordar minha vergonha e minha infelicidade?

38. Se estas perguntas vos causam algum desgosto, nós pararemos.

Resp. – Por obséquio, fazei-as.

39. Nosso objetivo não é vos causar desgosto. Não vos conhecemos e talvez jamais vos conheçamos. Queremos apenas fazer estudos espíritas.

Resp. – Meu Espírito está tranqüilo; por que agitá-lo com lembranças dolorosas? Não poderíeis fazer tais estudos com Espíritos errantes?

40. [A São João] Devemos cessar as perguntas, que parecem despertar neste Espírito aflitiva recordação?

Resp. – Eu vo-lo aconselho. É ainda uma criança e a fadiga do seu Espírito reagiria sobre o corpo. Aliás, seria mais ou menos a repetição do que já disse o marido.

41. Remone e a esposa se perdoaram reciprocamente?

Resp. – Não; para isso é necessário que alcancem um grau de perfeição mais elevado.

42. Se esses dois Espíritos se reencontrassem na Terra como encarnados, que sentimentos experimentariam um pelo outro?

Resp. – Apenas antipatia.

43. Se G. Remone revisse, como visitante, o seu corpo no jazigo subterrâneo de São Miguel, experimentaria uma sensação desconhecida pelos outros curiosos?

Resp. – Sim; mas tal sensação parecer-lhe-ia muito natural.

44. Ele reviu o corpo desde que foi retirado da Terra?

Resp. – Sim.

45. Quais foram as suas impressões?

Resp. – Nulas. Sabeis perfeitamente que os Espíritos, uma vez desprendidos de seu invólucro, vêem as coisas terrenas de modo diverso do dos encarnados.

46. Poderíamos obter algumas informações sobre a posição atual da esposa de Remone?

Resp. – Perguntai.

47. Qual é hoje o seu sexo?

Resp. – Feminino.

48. Seu país natal?

Resp. – Ela está nas Antilhas, como filha de um rico negociante.

49. As Antilhas pertencem a várias potências. Qual a sua nação?

Resp. – Mora em Havana.

50. Poderíamos saber o seu nome?

Resp. – Não o pergunteis.

51. Qual a sua idade?

Resp. – Onze anos.

52. Quais serão as suas provas?

Resp. – A perda da fortuna; um amor ilegítimo e sem esperança, aliados à miséria e aos trabalhos mais penosos.

53. Dizeis um amor ilegítimo. Amará, talvez, seu pai, o irmão ou um dos seus?

Resp. – Amará um homem consagrado a Deus, só e sem esperança de ser correspondida.

54. Agora que conhecemos as provas desse Espírito, se o evocássemos de vez em quando durante o sono, em seus dias de infortúnio, não poderíamos dar-lhe alguns conselhos para reerguer sua coragem e depositar sua esperança em Deus? Isto influiria sobre as resoluções que pudesse tomar em vigília?

Resp. – Muito pouco. Essa jovem já tem uma imaginação de fogo e uma cabeça de ferro.

55. Dissestes que no país em que ela vive as noites são os dias para nós. Ora, entre Havana e Saint-Jean d'Angely há uma diferença de apenas cinco horas e meia. No momento da evocação, como aqui eram duas horas, em Havana deveriam ser oito horas e meia da manhã.

Resp. – Vá lá! ela cochilava ainda quando a evocastes, ao passo que despertastes há bastante tempo. Naquelas paragens dorme-se tarde, quando se é rico e nada se tem a fazer.

Observação – Desta evocação ressaltam vários ensinamentos. Se, na vida exterior de relação, o Espírito encarnado não se lembra do seu passado, dele se recorda quando desprendido do corpo durante o sono. Não há, pois, solução de continuidade na vida do Espírito que, nos momentos de emancipação, pode lançar um olhar retrospectivo sobre suas existências anteriores e daí trazer uma intuição, que poderá dirigi-lo em estado de vigília.

Em diversas ocasiões já ressaltamos os inconvenientes que, em vigília, representaria a lembrança precisa do passado. Essas evocações nos fornecem um exemplo. Foi dito que, se G. Remone e sua esposa se encontrassem, experimentariam antipatia um pelo outro. Que seria, então, se se lembrassem das antigas relações! O ódio entre eles despertaria inevitavelmente. Em vez de dois seres apenas antipáticos ou indiferentes um para com o outro, talvez fossem inimigos mortais. Com sua ignorância, são mais eles mesmos e marcham mais livremente na nova rota que devem percorrer. A lembrança do passado os perturbaria, humilhando-os aos seus próprios olhos e aos dos outros. O esquecimento não lhes faz perder o fruto da experiência, porque nascem com aquilo que adquiriram em inteligência e em moralidade; são aquilo que se fizeram e, para eles, isto é um novo ponto de partida. Se, com as novas provas que o Sr. Remone terá de sofrer, se juntasse a lembrança das torturas de sua derradeira morte, seria um suplício atroz que Deus quis evitar, ao lançar um véu sobre o seu passado.

A. K.

JACQUES NOULIN

(15 de agosto)

56. [A São João] Podemos evocar o cúmplice da esposa de Remone?

Resp. – Sim.

57. Evocação.

Resp. – (O Espírito se manifesta).

58. Jurai em nome de Deus que sois o Espírito daquele que foi o rival de Remone.

Resp. – Jurarei em nome de tudo o que quiserdes. – Jurai em nome de Deus. – *Resp.* – Juro em nome de Deus.

59. Parece que não sois um Espírito muito adiantado.

Resp. – Cuidai dos vossos negócios e deixai que eu me vá.

Observação – Como não há portas fechadas para os Espíritos, se este pede que o deixem ir, é que um poder superior o obriga a ficar, certamente para a sua instrução.

60. Ocupamo-nos dos nossos negócios, porque queremos saber como, na outra vida, a virtude é recompensada e o vício castigado.

Resp. – Sim, caríssimo, cada um recebe recompensa ou punição, conforme suas obras. Tratai, pois, de andar direito.

61. Vossas fanfarronices não nos intimidam; depositamos nossa confiança em Deus. Mas pareceis ainda muito atrasado.

Resp. – Como antes, sou sempre o João-Grande.

62. Então não podeis responder seriamente a perguntas sérias?

Resp. – Ó gente séria, por que vos dirigis a mim? Prefiro rir a filosofar. Sempre gostei da boa mesa, das mulheres afáveis e do bom vinho.

63. [Ao anjo-da-guarda do médium] Podeis dar-nos algumas informações sobre este Espírito?

Resp. – Não é bastante avançado para vos dar boas razões.

64. Haveria perigo em entrar em comunicação com ele? Poderíamos despertar-lhe melhores sentimentos?

Resp. – Isso seria mais proveitoso a ele do que a vós. Tentai; talvez possais decidi-lo a encarar as coisas de outro ponto de vista.

65. [Ao Espírito] Sabeis que o Espírito deve progredir e, por reencarnações sucessivas, chegar até Deus, de quem pareceis afastado?

Resp. – Jamais havia pensado nisto. E como estou longe dEle! Não quero empreender tão longa viagem.

Observação – Eis um Espírito que, em razão de sua leviandade e pouco adiantamento, não suspeita da reencarnação. Quando lhe chegar o momento de retomar uma nova existência, que escolha poderá fazer? Evidentemente uma escolha em conformidade com seu caráter e com seus hábitos, a fim de gozar e não de expiar, até que seu Espírito se ache bastante desenvolvido para lhe compreender as conseqüências. É a história do garoto inexperiente, que se atrai aturdidamente a todas as aventuras e que adquire experiência às próprias custas. Lembremos que, para os Espíritos atrasados, incapazes de fazer uma escolha com conhecimento de causa, há encarnações compulsórias.

A. K.

66. Conhecestes G. Remone?

Resp. – Sim; na verdade um pobre diabo.

67. Suspeitastes que ele tivesse assassinado a esposa?

Resp. – Eu era um pouco egoísta, ocupando-me mais de mim que dos outros. Quando soube da morte da mulher chorei sinceramente, mas não procurei saber a causa.

68. Qual era, então, a vossa posição?

Resp. – Eu era um simples auxiliar de portaria; um contínuo, como se diz hoje.

69. Depois da morte daquela mulher, pensastes nela alguma vez?

Resp. – Não me lembreis tudo isto.

70. Queremos que vos lembreis porque pareceis melhor do que revelais.

Resp. – Pensei nisto algumas vezes, mas, como era naturalmente despreocupado, sua lembrança passava como um relâmpago, sem deixar traços.

71. Qual era o vosso nome?

Resp. – Sois muito curioso; se eu não fosse forçado, já vos teria deixado com a vossa moral e os vossos sermões.

72. Vivíeis num século religioso. Então nunca orastes pela mulher que amáveis?

Resp. – É assim mesmo.

73. Revistes G. Renome e sua esposa no mundo dos Espíritos?

Resp. – Fui encontrar gente como eu; e quando aqueles chorões queriam mostrar-se eu lhes voltava as costas. Não gosto de causar desgosto e...

74. Continuai.

Resp. – Não sou tão tagarela quanto vós. Vou ficar por aqui, caso consintais.

75. Sois feliz hoje?

Resp. – Por que não? Divirto-me em pregar peças nas pessoas crédulas, que julgam tratar com os Espíritos bons. Desde que se ocupam conosco, nós pregamos boas peças.

76. Isto não é felicidade. A prova de que não sois feliz é que dissestes que fostes forçado a vir. Ora, não é feliz quem é forçado a fazer aquilo que o desagrada.

Resp. – A gente não tem sempre superiores? Isto não impede de ser feliz. Cada um agarra a felicidade onde a encontra.

77. Com algum esforço, principalmente pela prece, poderíeis alcançar a felicidade daqueles que vos comandam.

Resp. – Não pensei nisto. Ireis tornar-me ambicioso. Não me enganais sempre? Não inquieteis à-toa o meu pobre Espírito.

78. Não vos enganamos. Trabalhai, pois, pelo vosso adiantamento.

Resp. – É preciso dar que fazer e eu sou preguiçoso.

79. Quando se é preguiçoso, pede-se a um amigo que nos ajude. Nós vos ajudaremos, orando por vós.

Resp. – Orai, então, para que eu mesmo me decida a orar.

80. Oraremos, mas orai também.

Resp. – Credes que se eu orasse teria idéias semelhantes às vossas?

81. Sem dúvida; mas orai igualmente. Nós vos evocaremos na quinta-feira, 21, para ver o progresso que tereis feito e vos dar conselhos, caso isto vos agrade.

Resp. – Então, até logo.

82. Agora quereis dar o vosso nome?

Resp. – Jacques Noulin.

No dia seguinte o Espírito foi evocado novamente e lhe foram feitas várias perguntas sobre a esposa de Remone. Suas respostas, pouco edificantes, foram do gênero das primeiras. Consultado, São João respondeu: “Laborastes em erro ao perturbar este Espírito, nele despertando suas antigas paixões. Teria sido melhor esperar o dia marcado; ele se achava em nova perturbação; vossa perturbação o havia lançado em idéias de outra ordem, completamente diferentes das suas idéias habituais. Ainda não tinha podido tomar uma decisão firme, embora se dispusesse a experimentar a prece. Não intervenham até o dia marcado. Daqui até lá, se ele escutar os Espíritos bons, que vos querem ajudar em vossa boa obra, podereis obter alguma coisa dele.”

(Quinta-feira, 21)

83. [A São João]. Depois da última evocação Jacques Noulin emendou-se?

Resp. – Ele orou, e a luz se fez para a sua alma; agora acredita que está destinado a tornar-se melhor e se dispôs a trabalhar.

84. Que marcha devemos seguir em seu interesse?

Resp. – Perguntai-lhe pelo estado atual de sua alma e fazei-o olhar para si mesmo, a fim de que se dê conta de sua mudança.

85. [A Jacques Noulin]. Já refletistes, como prometestes? Podeis dizer qual é hoje a vossa maneira de encarar as coisas?

Resp. – Antes de tudo quero vos agradecer. Poupaste-me muitos anos de cegueira. Desde alguns dias compreendo que Deus é o meu objetivo e que devo envidar todos os esforços para me tornar digno de chegar até Ele. Abre-se para mim uma nova era: as trevas se dissiparam e agora vejo o caminho que devo seguir. Tenho o coração cheio de esperança e sou sustentado pelos Espíritos bons que vêm em auxílio dos fracos. Vou seguir esta nova via, na qual já encontrei a tranqüilidade e que me deve levar à felicidade.

86. Éreis realmente feliz, como dissestes?

Resp. – Agora vejo que era muito infeliz; mas eu me sentia feliz, como todos aqueles que não olham para cima. Não pensava no futuro; como na Terra, vagava tal qual um ser despreocupado, não me dando ao trabalho de pensar seriamente. Oh! como deploro a cegueira, que me fez perder um tempo tão precioso! Ganhastes um amigo, não o esqueçais. Chamai-me quando quiserdes e, se puder, virei.

87. Que pensam de vossa disposição os Espíritos com os quais vos reuníeis habitualmente?

Resp. – Zombam de mim por ter escutado os Espíritos bons, cuja presença e conselho nós detestávamos.

88. Seria permitido que fôsseis vê-los?

Resp. – Agora só me ocupo com o meu adiantamento. Aliás, os bons anjos que velam por mim e me cercam de cuidados não me permitem mais olhar para trás, salvo para me mostrarem a que aviltamento cheguei.

Observação – Certamente não existe nenhum meio material de constatar a identidade dos Espíritos que se manifestaram nas evocações acima; assim, não o afirmaremos de maneira absoluta. Fazemos esta restrição para os que crêem que aceitamos cegamente tudo quanto vem dos Espíritos. Preferimos pecar por excesso de desconfiança. É que devemos evitar dar como verdade absoluta aquilo que não pode ser controlado. Ora, na ausência de provas positivas, devemos limitar-nos a constatar a possibilidade e buscar as provas morais, em falta de provas físicas. No fato em questão, as respostas têm um caráter evidente de probabilidade, principalmente de alta moralidade; aí não se vê nenhuma contradição, nem faltas de lógica que chocam o bom-senso e denunciam o embuste; tudo se liga e se encadeia perfeitamente; tudo concorda com o que já demonstrou a experiência. Pode, pois, dizer-se que a história é, ao menos, verossímil, o que já é muito. O que é certo é que não se trata de um romance inventado pelos homens, mas, sim, de uma obra mediúnica. Se fosse uma fantasia do Espírito, só poderia vir de um Espírito leviano, pois os Espíritos sérios não se divertem em contar histórias e os levianos sempre se deixam trair. Acrescentemos que a Sociedade Espírita de Saint-Jean d'Angely é um dos centros mais sérios e mais bem dirigidos que já vimos, constituída por pessoas tão recomendáveis pelo caráter quanto pelo saber, levando, por assim dizer, o escrúpulo ao excesso. Pode-se julgá-la pela sabedoria e pelo método com que as perguntas são apresentadas e formuladas. Assim, todas as comunicações ali obtidas atestam a superioridade dos Espíritos que se manifestam. As evocações acima foram feitas em excelentes condições, tanto pelo meio quanto pela natureza dos médiuns. Para nós é, pelo menos, uma garantia de sinceridade absoluta. Acrescentaremos que a veracidade do relato foi atestada da maneira mais explícita por vários dos melhores médiuns da Sociedade de Paris.

Encarando a coisa apenas do ponto de vista moral, apresenta-se uma grave questão. Eis dois Espíritos, Remone e Noulin, tirados de sua situação e trazidos a melhores sentimentos pela evocação e pelos conselhos que lhes foram dados. Pode perguntar-se se teriam continuado infelizes, caso não tivessem sido evocados, e o que acontece com todos os Espíritos sofredores que

não são evocados? A resposta já foi dada na *História de um danado* (Espírito de Castelnaudary), publicada na *Revista* de 1860. Acrescentaremos que, tendo chegado a esses dois Espíritos o momento em que poderiam ser tocados pelo arrependimento e receber a luz, circunstâncias providenciais, embora fortuitas em aparência, provocaram sua evocação, quer para o seu bem, quer para a nossa instrução. A evocação era um meio, mas, em falta desta, Deus não se veria privado de recursos para vir em auxílio aos infelizes; e podemos estar certos de que todo Espírito que quiser progredir sempre encontrará assistência, de uma maneira ou de outra.

A. K.

Remédio dado pelos Espíritos

Este título fará sorrir os incrédulos. Que importa! Eles riram de muitas outras coisas, o que não as impediu de serem reconhecidas como verdades. Os Espíritos bons se interessam pelos sofrimentos da Humanidade. Não é, pois, de admirar que busquem aliviá-los e, em muitas ocasiões, provaram que o podem, quando bastante elevados para disporem dos necessários conhecimentos, porquanto vêem o que não podem ver os olhos do corpo; prevêm o que o homem não pode prever.

O remédio de que se cuida foi dado nas circunstâncias seguintes à Srta. *Hermance Dufaux*⁵³, a qual nos remeteu a fórmula com autorização de publicá-la, em benefício dos que dela necessitassem. Um de seus parentes, falecido há muito tempo, havia trazido da América a receita de um unguento, ou, melhor, de uma pomada, de maravilhosa eficácia para toda sorte de chagas ou feridas. Com sua morte, perdeu-se a receita, cujo conhecimento não foi dado a ninguém. A Srta. Dufaux estava afetada de um mal na perna, muito grave e muito antigo, e que havia resistido a todos os tratamentos. Cansada de ter empregado inutilmente tantos remédios, um dia perguntou ao seu Espírito protetor se para ela não haveria cura possível. “Sim”, respondeu ele. “Usa a pomada de

53 Médium que escreveu a história de Joana d'Arc.

teu tio.” – Mas sabeis perfeitamente que a receita se perdeu. – “Eu vou ta dar”, disse o Espírito. Depois ditou o seguinte:

Açafrão	20 centigramas
Cominho	4 gramas
Cera amarela	31 a 32 gramas
Óleo de amêndoas doces	1 colher

Derreter a cera e pôr em seguida o óleo de amêndoas doces; juntar o cominho e o açafrão acondicionados num saquinho de pano e ferver, em fogo brando, durante dez minutos. Para usar, deita-se a pomada num pedaço de pano, aplicando-a sobre a parte doente. Repetir diariamente.

Tendo seguido a prescrição, em poucos dias a perna da Srta. Dufaux estava cicatrizada e a pele restaurada. Desde então se sente bem, não lhe sobrevindo nenhum acidente.

Felizmente a sua lavadeira também foi curada de mal idêntico.

Um operário se ferira com um fragmento de foice, o qual penetrou profundamente na ferida, produzindo inchaço e supuração. Falavam em amputar-lhe a perna. Com o emprego daquela pomada o edema desapareceu, cessou a supuração e o pedaço de ferro saiu da ferida. Em oito dias aquele homem pôde caminhar e retornou ao trabalho.

Aplicada sobre furúnculos, abscessos, panarícios, ela os faz irromper em pouco tempo e logo cicatrizar. Atua extraindo da chaga os princípios mórbidos, saneando-a e provocando, se for o caso, a saída de corpos estranhos, como lascas de ossos, de madeira, etc.

Parece que é também muito eficaz para os dartros e, em geral, para todas as afecções da pele.

Como se vê, sua composição é muito simples, fácil e, em todo o caso, inofensiva. Pode-se, pois, experimentá-la sem receio.

Poesias Espíritas

(Bordeaux – Médium: Sra. E. Collignon)

MEU TESTAMENTO

Posto que assim, rimado, ele mau não será,
Compreendamos. Exalto nele assim
 Não é a rima: ela é ruim;
 É o sentido... Ao Diabo a gíria vá!
O espírito da coisa, ah, que ele não se esquive;
Compreenda-o quem possa: O Espírito é que vive.
 É assim que entendo pois o termo.
Eu que ainda não sou mas em breve hei de ser, –
Ao menos é o que espero, – e lá comparecer,
 Não como um tolo no seu ermo,
Mas como um pobre Ser humilde, arrependido,
Esperando no Pai ser então compreendido,
E contando alcançar o reino dos eleitos,
Mais por bondade Sua em face aos meus defeitos!
Expliquemo-nos mais, que sempre me equivoco;
É a bondade de Deus que eu sempre aqui invoco;
 Reassumindo a minha crença,
 Portanto antes de ouvir minha sentença
 Que me condene ou justifique,
Eu quero consertar como puder,
 As contas que assumi pondo-me a pique.
Umass confessarei conforme a lei requer
Trago-as no coração. Como o fazer vejamos
Para tudo arranjar e do modo melhor.
Não é isto entre nós um negócio, entendamos!
Meu Espírito, assim que do corpo se for,
Reclamará de vós uma terna oração
 Que sirva então de passaporte
 A quem a morte

Lhe faz seu pó entregue ao chão.
 Assim, o meu sepultamento
 Pensar se faz preciso, presto
 E, sem qualquer constrangimento,
 Seja um enterro bem modesto.

Aliás, neste mundo eu fui sempre chocado
 Ante as tumbas ao ver tal luxo acumulado,
 Quando à massa de argila então fazem entrega
 Do pouco que formados fomos.
 Ocupar-nos por que de uma glória tão cega?
 Quantos perdidos por excesso de assomos!
 A prece enviada a Deus Sua clemência alcança;
 Nós o cremos; também tenho nela esperança.
 Mas por que só por uns apenas pedir mais?
 E para isso por que tantos petrechos tais?
 Por que um que é infeliz e na miséria morre
 O concurso não tem da prece que socorre?
 Por que, pois, exhibir luxo assim tão custoso
 Que inveja fez gerar no que a tal se iludira?
 É pra o homem enganar sobre um céu venturoso?
 Se é para ele enganar, anátema à mentira!
 Mas se é para atrair as graças do Senhor,
 Oraí, antes, então pelos que sem amor
 Pensam achá-lo nas riquezas,
 Tendo sofrido tanto, anseiam tais larguezas
 Que não vos custam um vintém!
 Mesmo vendo-me um tolo, apercebei-vos bem:
 Meu pobre Espírito ao partir,
 Somente em prece quer a Deus se conduzir
 Com o coração,
 A única me crede, e que Ele escuta então.
 Sem gastos me levai, sem pompas, sem fanal;
 E bem contrário ao usual,
 Com vossos olhos bem radiantes!
 Em vez de lágrimas marcantes
 Sustentai ares de alegria!
 Nem dúvida ou melancolia.
 Na fé em Deus sede constantes!

Filhos meus, não penseis que é por economia
Que meu falar assim me guia!
Pouco ocupou-se do dinheiro
Meu ser inteiro,
Julgai-me após a morte!
Pois quero em seu suporte,
Equilibrada essa balança;
E desse luxo que é abastança
Para do corpo o mal dourar,
Aos tristes faz melhor seus danos reparar.
Dessa mortalha enfim só ao morto é salubre
Se os seus adornos forem retirados.
Por uma mesma mão somos todos ceifados.
Ela é a porta do Céu, não aquela do Louvre
Que o bom São Pedro se me vir
Arrependido manda abrir.
Uma cruz de madeira, em silente eloqüência,
Faz da ofensa ao Senhor não vingança, clemência.
Pois se eleve minha alma em simpleza e honradez,
E que esse ouro perdido extinga a atroz nudez
Da criança e do velho, irmãos meus nesta vida,
Na morte meus iguais, quiçá bem mais no Céu,
Aqueles que oram de alma fida,
Aos que do bem envolve o véu!
Antes de concluir, dar-vos-ei um conselho
Que pode, aqui, ter seu lugar:
Fazei da caridade o mais fiel espelho;
E nunca vos prendais dos néscios ao julgar.
Do luxo enganador que tanto exhibe o orgulho
Sempre desconfiai. Nada iguala ao doce arrulho
De um coração no bem vivido.
Na fraqueza amparaí sempre o oprimido;
Que responda vossa alma ao grito da aflição;
E um eco encontre aí a repetir a ação.
Que, filhos, vossa mão não cesse de servir,
Com o ouro que convosco eu possa repartir;
Tesouros ajuntai para a grande viagem
Da qual, virtuoso o Ser, já não retorne mais!

Semeai sempre o bem nesta vossa romagem,
 Virtudes conquistando e, do Senhor, as luzes;
 Achareis sempre irmãos em meio às suas cruces,
 E vos conceda Deus em Sua alta bondade,
 Só terdes vós por lei o Amor e a Caridade!...

Fábulas e Poesias Diversas

POR UM ESPÍRITO BATEDOR⁵⁴

Embora a tipologia seja um meio muito lento de comunicação, com paciência é possível obter trabalhos de fôlego. O Sr. Jaubert, de Carcassonne, houve por bem remeter-nos uma coleção de fábulas e de poesias obtidas por ele através daquele processo. Se nem todas são obras-primas, com o que o Sr. Jaubert não se sentiria ofendido, pois não lhe dá a menor importância, algumas são notáveis, abstração feita à fonte de onde procedem. Eis uma que, a despeito de não fazer parte da coleção, pode dar uma idéia do espírito daquele Espírito batedor. É dedicada à Sociedade Espírita de Bordeaux, pelo próprio Espírito.

MONÓLOGO DE UM BURRO

Fábula

Um burro, sim, – não confundir,
 Eu nunca digo mal de alguém de qualidade, –
 Um Asno bem peludo, um burro de verdade,
 Bem arreado, é bom convir
 Ralhava na estação com uma locomotiva.
 O seu olhar brilhava a uma palavra viva.
 “És tu, gritava então, tu que estás em repouso!
 “Do carneiro vizinho ouvi atencioso,
 “Que andas tu sem cavalo, ou asno, sem manobra;
 “Que ruges a arrastar qual uma imensa cobra
 “Esses caixotes, como aldeia de madeira;

54 Um vol. in-18. – Preço: 2 fr. – Em Carcassonne, L. Labau; em Paris, Ledoyen, Palais-Royal.

“Um milagre que outrora eu crera, uma besteira!
“Chegados finalmente os tempos são! sem troca!
“Eu por trigo não tomo a alfafa de uma roça;
“Sei o cardo deixar por feixe de capim.
“Ninguém tão longe vai com os pés de ferro assim.
“Eu tenho a minha regra; e na razão confio.
“Sem cavalos marchar? Só tu? Eu desafio.”
Um asno, vede vós, invocava a razão,
Chama que, muita vez, ao néscio faz perder.
Ah! quantos sábios que como um jerico são!
Doutores, vós negais do *Espírito* o poder;
Negai o movimento, a força do motor.
Do nada o homem tirou a elétrica energia?
Toda locomotiva exige, enfim, vapor;
Aos mortos evocar... só à prece que irradia
De um coração pleno de amor.

O MÉDIUM E O DR. IMBRÓGLIO

Correi, correi, doutor *Imbróglío*
A mesinha anda só: é patente, tangível
– Que nada! vou provar num in-fólio
Que a coisa não é possível.

Faremos uma observação sobre a qualificação dada ao Espírito que ditou as poesias acima citadas. Os *Espíritos* sérios rejeitam com razão o qualificativo de batedores: este título convém apenas àqueles que poderiam ser chamados de batedores profissionais, isto é, Espíritos levianos ou malévolos, que se servem de pancadas para se divertirem ou atormentarem; as coisas sérias não são da sua conta. Mas a tiptologia, como qualquer outro, é um meio para comunicações inteligentes, de que se podem servir os Espíritos mais adiantados, em falta de outro meio, embora prefiram a escrita, porque responde melhor à rapidez do pensamento. É certo dizer que, neste caso, não são eles próprios que batem; limitam-se a transmitir a idéia, deixando a execução material a Espíritos subalternos, como um escultor deixa ao aprendiz o cuidado de talhar o mármore.

A carta seguinte foi enviada pelo Sr. Jaubert ao Sr. Sabò, de Bordeaux. Temos o prazer de apresentá-la, como prova dos laços que se estabelecem entre os espíritas de diversas localidades e para edificação dos timoratos.

Senhor,

Sou sensível à vossa carta. Aceito com satisfação o título que me confere a Sociedade Espírita de Bordeaux; aceito-o como recompensa por meus insignificantes trabalhos, por minhas profundas convicções e, por que não dizê-lo? pelas amarguras passadas. Ainda hoje a nova fé é mal compreendida. Os sábios se insurgem, o clero grita que é o demônio, e alguns, convencidos, guardam silêncio. Neste século de materialismo, de apetites grosseiros, de guerras fratricidas, de apego cego e imoderado aos reinos deste mundo, Deus intervém: os mortos falam e nos encorajam. Por isso cada um de nós deve inscrever, sem temor, o nome na bandeira da causa santa. Somos sempre os soldados do Cristo. Proclamamos a grandeza, a imortalidade da alma, os laços patentes que ligam os vivos aos mortos; pregamos o amor e a caridade. Que temos a recear dos homens? Ser fraco é ser culpado. Eis por que, senhor, na medida de minhas forças, aceitei a tarefa que Deus e minha consciência me impõem. Ainda uma vez, obrigado por me haverdes admitido entre vós. Sede meu intérprete junto aos nossos irmãos de Bordeaux e contai com os meus mais afetuosos sentimentos.

J. Jaubert,
Vice-presidente do Tribunal Civil

Observação – O Espiritismo conta hoje numerosos adeptos nas fileiras da magistratura e da advocacia, bem como entre os funcionários públicos. Mas nem todos se atrevem a enfrentar a opinião pública. Esse medo, aliás, diminui diariamente e, em pouco

tempo, os galhofeiros ficarão surpreendidos por terem posto no rol dos loucos, sem qualquer cerimônia, tantos homens estimáveis por suas luzes e por sua posição social.

Dissertações Espíritas

O DUELO

(Bordeaux, 21 de novembro de 1861 – Médium: Sr. Guipon)

1^o Considerações gerais

O homem, ou Espírito encarnado, pode estar na Terra em missão, em progressão e em punição.

Isto posto, é preciso saibais, uma vez por todas, que o estado de missão, progressão ou punição deve, sob pena de recomeçar a prova, chegar ao termo fixado pelos desígnios da suprema justiça.

Adiantar por si mesmo, ou por provocação, o instante fixado por Deus para o retorno ao mundo dos Espíritos é, pois, enorme crime. O duelo é ainda um crime maior, porque não só é um suicídio, mas, além disso, um assassinato premeditado.

Com efeito, pensais que o provocado e o provocador não se suicidem moralmente ao se exporem voluntariamente aos golpes mortais do adversário? Credes que não sejam ambos assassinos, no momento em que procuram mutuamente tirar a vida por eles mesmos escolhida ou imposta por Deus como expiação ou como prova?

Sim, eu to digo, meu amigo: os duelistas são duplamente criminosos aos olhos de Deus; duas vezes terrível será a punição, porquanto nenhuma desculpa será admitida, desde que tudo calcularam com frieza e premeditação.

Leio em teu coração, meu filho, porque também foste um pobre transviado, e eis minha resposta.

Para não sucumbir a essa terrível tentação não necessitais senão de *humildade, sinceridade e caridade* para com vosso irmão em Deus. Ao contrário, só sucumbireis pelo orgulho e pela ostentação.

2ª Conseqüências espirituais

Aquele que, por *humildade*, como o Cristo tiver suportado o maior ultraje e, por amor de Deus, perdoado de coração, além das recompensas celestes da outra vida, terá a paz de coração nesta e uma alegria inconcebível por haver respeitado duas vezes a obra de Deus.

Aquele que, por caridade para com o próximo, lhe houver provado seu amor fraterno, terá na outra vida a santa proteção e o concurso todo-poderoso da gloriosa mãe do Cristo, pois ela ama e abençoa os que cumprem os mandamentos de Deus, os que seguem e praticam os ensinamentos de seu Filho.

Aquele que, a despeito de todos os ultrajes, tiver respeitado a sua e a existência de seu irmão, encontrará, ao retornar ao mundo etéreo, milhões de legiões de Espíritos bons e de Espíritos puros que virão, *não honrá-lo por sua ação*, mas provar, por seu desvelo em lhe facilitar os primeiros passos na nova existência, a simpatia que soube atrair e os verdadeiros amigos que fez entre eles, seus irmãos. Todos em conjunto elevarão a Deus sinceras ações de graça por sua misericórdia, que permitiu ao seu irmão resistir à tentação.

Aquele, digo eu, que tiver resistido a essas tristes tentações, pode esperar, não a mudança dos desígnios de Deus, que são imutáveis, mas contar com a sincera e afetuosa benevolência do Espírito de Verdade – o filho de Deus – o qual de maneira incomparável inundará sua alma com a felicidade de compreender

o Espírito de justiça perfeita e bondade infinita e, por conseguinte, salvaguardá-lo de qualquer outra emboscada semelhante.

Ao contrário, aqueles que, provocados ou provocadores, tiverem sucumbido, podem estar certos de que experimentarão as maiores torturas morais pela presença incessante do cadáver de sua vítima e do seu próprio; durante séculos serão consumidos pelo remorso por haverem transgredido tão gravemente os decretos celestes e serão perseguidos, até o dia da expiação, pelo *espectro terrível das duas horrendas visões de seus cadáveres ensangüentados.*

Felizes ainda se eles próprios aliviarem os sofrimentos por um arrependimento sincero e profundo, que lhes abra os olhos da alma, porque, então, ao menos entreverão um termo para as suas penas, compreenderão a Deus e lhe pedirão força de não mais provocar sua justiça terrível.

3º *Conseqüências humanas*

As palavras *dever, honra, coração*, muitas vezes são postas à frente pelos homens para justificar suas ações e seus crimes.

Compreenderão sempre tais palavras? Não resumem as intenções do Cristo? Por que, então, lhe mutilar o sentido? Por que, então, regredir ao barbarismo?

Infelizmente, na sua generalidade, os homens ainda se acham sob a influência do *orgulho* e da *ostentação*. Para se justificarem aos próprios olhos, fazem soar bem alto as palavras *dever, honra e coração*, sem suspeitarem de que estes significam *cumprimento dos mandamentos de Deus, sabedoria, caridade e amor*. Entretanto, com tais palavras degolam seus irmãos; com elas se suicidam e com elas se perdem.

Como estão cegos! julgam-se fortes por terem arrastado um infeliz, mais fraco que eles. Estão cegos, quando crêem que a aprovação de sua conduta por outros cegos e maus como eles próprios lhes suscitará a consideração humana! A mesma sociedade onde vivem os reprovos e em breve os amaldiçoará, pois chega o reino da fraternidade. Entretanto, deles fogem os homens sensatos, como se fugissem das feras.

Examinemos alguns casos e veremos se o raciocínio justifica sua interpretação das palavras *dever, honra e coração*.

Um homem tem o coração trespassado de dor e a alma cheia de amargura, porque surpreendeu provas irrefutáveis da má conduta da esposa. Provoca um dos sedutores dessa pobre e infeliz criatura. Tal provocação seria resultado de seus deveres, de sua honra, de seu coração? Não, porquanto sua honra não lhe será devolvida, sua honra pessoal não foi nem pode ter sido atingida. Isto será *vingança*.

Melhor ainda. Para provar que sua pretensa honra não está em jogo, é que muitas vezes sua infelicidade é mesmo ignorada e assim ficaria se não fosse propalada por mil vozes provocadas pelo escândalo que sua *vingança* ocasiona.

Enfim, se sua desventura fosse conhecida, seria sinceramente lamentada por todos os homens sensatos, resultando numerosas provas de verdadeira simpatia, e contra ele não haveria o riso dos corações maliciosos e endurecidos, *mas desprezíveis*.

Num e noutro caso sua honra não seria devolvida nem retirada.

Assim, o orgulho é, sozinho, o mentor de quase todos os duelos, e não a honra.

Crede que, por uma palavra, a falsa interpretação de uma frase, o roçar insensível e involuntário de um braço ao passar,

enfim por um *sim* ou um *não* e até, por vezes, por um olhar que não lhe era dirigido, *seja* o duelista *impelido por um sentimento de honra*, a exigir uma pretensa reparação pelo assassinato e o suicídio? Oh! não duvideis: o orgulho e a *certeza de sua força* são seus únicos móveis, muitas vezes corroborados pela ostentação. Porque ele quer exibir-se, dar prova de coragem, de saber e, às vezes, de generosidade: *Ostentação!!!*

Ostentação, repito, porque seus conhecimentos em duelos são os únicos verdadeiros; sua coragem e sua generosidade são *mentirosas*.

Quereis, realmente, provar esse espadachim corajoso? Ponde-o em frente a um rival, de reputação infernal acima da sua, embora, talvez, de saber inferior: ele empalidecerá e tudo fará para evitar o combate. Ponde-o, ao contrário, em frente a um mais fraco que ele, ignorante dessa ciência duplamente mortal, e o vereis impiedoso, altivo e arrogante, mesmo quando constrangido a ter piedade. Isto é coragem?

A generosidade! Oh! falemos disto. Ora, será generoso o homem que, confiante em sua força, depois de ter provocado a fraqueza, a esta concede a continuação de uma existência ultrajada e levada a ridículo? Será generoso aquele que, para conseguir uma coisa desejada e ambicionada, provoca seu frágil possuidor para a obter a seguir, como recompensa de sua *generosidade*? Será generoso aquele que, usando seus talentos criminosos, poupa a vida de seres fracos que injuriou? Será, ainda, generoso quando dá semelhante prova de generosidade ao marido ou ao irmão, a quem ultrajou indignamente, e assim o expor, pelo desespero, a um segundo suicídio?

Oh! meus amigos! crede todos que o duelo é uma horrenda e terrível invenção dos Espíritos maus e perversos, digna do estado de barbárie, que aflige ao máximo o nosso pai, o Deus tão bom.

Cabe a vós, espíritas, combater e destruir esse triste hábito, esse crime digno dos anjos das trevas; compete a vós, acima de tudo, dar o nobre exemplo da renúncia a tão funesto mal; a vós, espíritas sinceros, cabe fazer compreender a sublimidade destas palavras: *dever, honra e coração*; e Deus falará por vossa boca. Cabe-vos, enfim, a felicidade de semear entre vossos irmãos aquele grão tão precioso, que ignoramos em nossa existência terrena: o *Espiritismo*.

Teu pai, Antônio

Observação – Os duelos tornam-se cada vez mais raros – pelo menos na França – e se vemos ainda, de vez em quando, dolorosos exemplos, seu número não é comparável aos de outrora. Antigamente um homem não saía de casa sem prever um encontro e, em consequência, tomava todas as precauções. Um sinal característico dos costumes da época e dos povos estava no uso do porte habitual, ostensivo ou oculto, de armas ofensivas e defensivas. A abolição deste uso testemunha o abrandamento dos costumes, e é curioso seguir-lhe a gradação desde aquela época, em que os cavaleiros jamais cavalgavam sem armadura e armados de lança, até o simples porte da espada, mais como ornamento e acessório do brasão, do que arma agressiva. Um outro traço dos costumes é que outrora os combates particulares ocorriam em plena rua, perante a multidão que se afastava para deixar o campo livre, e hoje são ocultos. Atualmente a morte de um homem é um acontecimento que comove; outrora não se lhe prestava atenção. O Espiritismo varrerá estes últimos vestígios da barbárie, inculcando nos homens o espírito de caridade e de fraternidade.

A. K.

FUNDAMENTOS DA ORDEM SOCIAL

(Lyon, 16 de setembro de 1862 – Médium: Sr. Émile V...)

Nota – Esta comunicação foi obtida numa sessão particular, presidida pelo Sr. Allan Kardec.

Eis que vos reunis para ver o Espiritismo em sua fonte, a fim de olhar de frente esta idéia e de apreciar as grandes ondas do amor que ela prodigaliza aos que a conhecem.

O Espiritismo é o progresso moral; é a elevação do Espírito na estrada que conduz a Deus. O progresso é a fraternidade em seu nascedouro, porque a fraternidade completa, tal qual pode o Espírito imaginá-la, é a perfeição. A fraternidade pura é um perfume do alto, uma emanção do infinito, um átomo da inteligência celeste; é a base de todas as instituições morais e o único meio de elevar um estado social que possa subsistir e produzir efeitos dignos da grande causa pela qual combateis.

Sede, pois, irmãos, se quiserdes que o germe lançado entre vós se desenvolva e se torne a árvore que buscais. A união é a força soberana que baixa à Terra; a fraternidade é a simpatia na união; é a poesia, o encanto, o ideal no positivo.

Precisais ser unidos para serdes fortes e ser fortes para fundar uma instituição que repouse unicamente na verdade, tornada tão comovente e tão admirável, tão simples e tão sublime. Divididas, as forças se aniquilam; reunidas, são cada vez mais fortes.

Se considerarmos o progresso moral de cada criatura, se refletirmos no amor e na caridade que brota de cada coração, a diferença será muito maior. Sob o sublime influxo desse sopro inefável, os laços de família se apertam, mas os laços sociais, tão vagamente definidos, se esboçam, se aproximam e acabam formando um único feixe de todos esses pensamentos, de todos esses desejos, de todos esses objetivos de natureza diversa.

O que é que vedes sem a fraternidade? O egoísmo, a ambição. Cada um tem o seu objetivo e por seu lado cada um o persegue; cada um marcha a seu modo e todos são fatalmente arrastados para o abismo em que se evaporam, há séculos, todos os esforços humanos. Com a união apenas há um objetivo, porquanto há um só pensamento, um só desejo, um só coração. Uni-vos, pois, meus amigos: é o que incessantemente vos repete a voz de nosso mundo. Uni-vos e chegareis muito mais depressa ao vosso objetivo.

É principalmente nessa reunião tão simpática que deveis tomar a resolução irrevogável de serdes unidos pelo pensamento comum a todos os Espíritos da Terra, para oferecerdes o preito do vosso reconhecimento àquele que vos abriu o caminho do bem supremo, que trouxe a felicidade às vossas cabeças e aos vossos corações, e a fé em vossos Espíritos. Vosso reconhecimento é a recompensa atual; não a recuseis e, oferecendo-a de um só fôlego, dareis o primeiro exemplo da verdadeira fraternidade.

Léon de Muriane, Espírito protetor

Observação – Este nome é completamente desconhecido, até do médium. Isto prova que para ser um Espírito elevado não há necessidade de ter o nome inscrito no calendário ou nos fastos da História e que, entre os que se comunicam, muitos há cujos nomes são desconhecidos.

AQUI JAZ DEZOITO SÉCULOS DE LUZES⁵⁵

(Lyon, 16 de setembro de 1862 – Médium: Sr. Émile V...)

O Sr. Émile, que obteve a comunicação acima e muitas outras igualmente notáveis, é muito jovem. Além de excelente médium escrevente é, também, médium pintor, embora não tenha aprendido desenho nem pintura. Pinta a óleo paisagens e temas diversos, para o que é levado a escolher, misturar e combinar as cores necessárias. Do ponto de vista da arte, seus quadros não são perfeitos, conquanto se veja, em certas exposições, algumas telas que não valem mais que as suas. Falta-lhes principalmente acabamento e suavidade, os tons são vigorosos e muito acentuados. Mas quando se pensa nas condições em que são feitos, não são menos admiráveis. Quem sabe se, com o exercício, não adquirirá ele a habilidade que lhe falta e não se tornará um verdadeiro pintor, como aquele operário bordelês que, mal sabendo assinar o nome,

⁵⁵ **N. do T.:** O correto seria: Aqui *jazem* dezoito séculos de luzes. Vide explicação dada pelo próprio Espírito, inserida no terceiro parágrafo.

escreve como médium e acabou por ter uma linda letra para uso pessoal, sem outros mestres além dos Espíritos?

Quando vimos o Sr. Émile V..., estava ele concluindo um quadro alegórico, onde se vê uma urna fenerária sobre a qual estava escrito: *Aqui jaz dezoito séculos de luzes*. Permitimo-nos criticar tal inscrição, do ponto de vista gramatical e, para começar, não compreendemos o sentido dessa alegoria, colocando dezoito séculos de luzes num caixão, considerando-se que, como dizíamos, graças sobretudo ao Cristianismo, a Humanidade está hoje mais esclarecida do que outrora. A comunicação acima foi por ele recebida na sessão do dia 16. O Espírito respondeu às nossas observações, acrescentando o que se segue.

“*Aqui jaz* é posto de propósito. O assunto não é expresso pelo número *dezoito*, representando séculos; é um total de séculos, uma idéia coletiva, como se houvesse um *lapso de tempo* de dezoito séculos. Podeis dizer aos vossos gramáticos que não confundam uma idéia coletiva com uma idéia de separação. Eles próprios não dizem da multidão, que pode ser composta de um número incalculável de pessoas, que *ela pode* mover-se? É o bastante sobre o assunto, porque é a própria idéia.

“Agora abordemos a alegoria. Dezoito séculos de luzes num caixão! Esta idéia representa todos os esforços feitos pela verdade durante esse tempo, esforços que foram sempre destruídos pelo espírito de partido e pelo egoísmo. Dezoito séculos de luzes em pleno dia, seriam dezoito séculos de felicidade para a Humanidade, dezoito séculos que apenas começam a germinar na terra e que teriam tido seu desenvolvimento. O Cristo trouxe a verdade à Terra e a colocou ao alcance de todos. O que lhe aconteceu? As paixões terrestres dela se apoderaram e a encerraram num caixão, donde vem tirá-la o Espiritismo. Eis a alegoria.”

Léon de Muriane

PAPEL DA SOCIEDADE DE PARIS

(Sociedade de Paris, 24 de outubro de 1862 – Médium: Sr. Leymarie)

Paris é o terminal de passageiros do mundo. Todos aí aportam à cata de uma impressão, de uma idéia.

Quando me achava entre vós, muitas vezes me perguntava por que essa grande cidade, ponto de encontro do mundo inteiro, não possuía uma reunião espírita numerosa, tão numerosa quanto pudessem conter os mais vastos anfiteatros.

Algumas vezes cheguei a pensar que os espíritas parisienses se entregavam muito aos prazeres; até pensei que, para muitos, a fé espírita era um prazer de amador, uma distração entre as muitas que Paris oferece continuamente.

Mas longe de vós e, no entanto, tão perto, vejo e compreendo melhor. Embora assentada às margens do Sena, Paris está em toda parte; e, todos os dias, sua cabeça poderosa agita o mundo inteiro. Como ela, a Sociedade central espírita faz jorrar seu pensamento no Universo. Sua força não está no círculo onde se realizam suas sessões, mas em todos os países onde são seguidas as suas dissertações, em toda parte onde ela faz lei, no que respeita aos seus ensinamentos inteligentes. É um sol, cujos raios benfazejos se refletem ao infinito.

Por isso mesmo a Sociedade não pode ser um grupo comum; seus pontos de vista são predestinados e seu apostolado maior. Não pode ela limitar-se a um pequeno espaço, porquanto o mundo lhe é necessário, invasora que é, por natureza. E, de fato, hoje ela conquista pacificamente grandes cidades; amanhã conquistará reinos e mais tarde o mundo inteiro.

Quando um estrangeiro vos faz uma visita de cortesia, recebei-o dignamente, generosamente, para que leve uma grande idéia do Espiritismo, esta poderosa arma da civilização, que deve aplanar todos os caminhos, vencer todas as divergências e até todas as dúvidas. Dai com prodigalidade, a fim de que cada um receba esse alimento do Espírito, que tudo transforma em sua passagem misteriosa, porque a crença nova é forte como Deus, grande como Ele, caridosa como tudo quanto emana do poder superior, que fere para consolar, oferecendo à Humanidade laboriosa a prece e a dor como meios de progredir.

Bendita sejas, Sociedade que amo, tu que dás sempre com benevolência; tu que realizas uma tarefa árdua sem olhar as pedras que obstruem a passagem. Muito mereceste de Deus. Não serás e não poderás ser um centro ordinário, mas, repito, a fonte benfazeja onde o sofrimento encontrará sempre o bálsamo reparador.

Sanson,

(Antigo membro da Sociedade de Paris)

ORIGEM DA LINGUAGEM⁵⁶

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sr. d'Ambel)

Pedis-me hoje, caros e amados ouvintes, que vos dite ao meu médium a história da origem da linguagem. Esforçar-me-ei por vos satisfazer. Deveis, porém, compreender que me será impossível, nalgumas linhas, tratar inteiramente esta grave questão, à qual se liga, forçosamente, outra ainda mais importante: a da origem das raças humanas.

Que Deus Todo-Poderoso, tão benevolente para com os espíritos, conceda-me a lucidez necessária para afastar de minha dissertação a obscuridade, a confusão e, principalmente, todo o erro!

56 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 529.

Entro na matéria dizendo-vos: Admitamos como princípio esta verdade: que o Criador deu a todos os seres da mesma raça um modo especial, mas seguro, para se entenderem e para se comunicarem entre si. Entretanto, essa linguagem, esse modo de comunicação era tanto mais restrito quanto mais inferiores as espécies. É em virtude desta verdade, desta lei, que os selvagens e as tribos pouco civilizadas possuem línguas tão pobres que uma porção de termos utilizados nas regiões favorecidas pela civilização lá não encontram palavras correspondentes. E é em obediência a essa mesma lei que as nações que progridem criam novas expressões para descobertas e necessidades novas.

Como disse alhures, a Humanidade já atravessou três grandes períodos: a fase bárbara, a fase hebraica e pagã e a fase cristã. A esta última sucederá o grande período espírita, cujos fundamentos iniciais lançamos entre vós.

Examinemos, pois, a primeira fase e o começo da segunda. Não repetirei senão o que já disse. A primeira fase humana, que poderemos chamar pré-hebraica ou bárbara, arrastou-se lentamente e por tempo prolongado em horrores e convulsões de uma terrível barbárie. Aí o homem é peludo como um animal selvagem e, como as feras, abriga-se em cavernas e nos bosques. Vive de carne crua e se repasta de seu semelhante, qual se fora excelente caça. É o mais absoluto reino da antropofagia. Nada de sociedade, nada de família! Alguns grupos dispersos aqui e ali, vivendo na mais completa promiscuidade e sempre prontos a se entredorarem: tal é o quadro desse período cruel. Nenhum culto, nenhuma tradição, nenhuma idéia religiosa. Apenas necessidades animais a satisfazer, eis tudo! Prisioneira de uma matéria estupefaciente, a alma fica morna e latente em sua prisão carnal; nada pode contra o invólucro grosseiro que a encerra e sua inteligência apenas se pode mover nos recônditos de um cérebro limitado. O olho é apagado, a pálpebra pesada, o lábio grosso, o crânio achatado e a linguagem se restringe a alguns sons guturais. Nada prenuncia que desse animal bruto sairá o pai das raças hebraicas e

pagãs. Todavia, com o tempo eles sentem necessidade de se defenderem contra outros carnívoros, como o leão e o tigre, cujas presas terríveis e garras afiadas venciam facilmente o homem isolado. Entretanto, o reino da matéria e da força bruta se manteve durante toda essa frase cruel. Não procureis no homem dessa época nem sentimentos, nem razão, nem linguagem propriamente dita; ele apenas obedece à sensação grosseira e só tem um objetivo: beber, comer e dormir. Nada além disso. Pode dizer-se que o homem inteligente aí está em germe, mas não existe ainda. Contudo é preciso constatar que, entre as raças brutais, já aparecem alguns seres superiores, Espíritos encarnados com a incumbência de conduzir a Humanidade ao seu objetivo e apressar o advento das eras hebraica e pagã. Devo acrescentar que, além desses Espíritos encarnados, o globo terrestre era visitado freqüentemente por esses ministros de Deus, cuja tradição a memória consagrou sob os nomes de anjos e arcanjos e que, quase todos os dias, estes se punham em contato com os seres superiores, Espíritos encarnados, de que acabo de falar. A missão de alguns desses anjos continuou durante grande parte da segunda fase, ou humanitária. Devo aditar que o quadro que acabo de esboçar, dos primeiros tempos da Humanidade, vos ensina um pouco a que leis rigorosas estão submetidos os Espíritos que ensaiam viver em planetas de formação recente.

A linguagem propriamente dita, como a vida social, só começa a ter um caráter certo a partir da era hebraica e pagã, durante a qual o Espírito encarnado, sempre sujeito à matéria, começa a se revoltar e a quebrar alguns elos de sua pesada cadeia. A alma fermenta e se agita em sua prisão carnal; por esforços reiterados reage energicamente contra as paredes do cérebro, cuja matéria sensibiliza; melhora e aperfeiçoa, por um trabalho constante, o jogo de suas faculdades, desenvolvendo, conseqüentemente, os órgãos físicos; enfim o pensamento pode ser lido num olhar límpido e claro. Já estamos longe das frentes achatadas! É que a alma se sente, se reconhece, tem consciência de

si mesma e começa a compreender que é independente do corpo. Desde então luta com ardor para se desvencilhar da opressão de sua robusta rival. O homem se modifica cada vez mais e a inteligência se movimenta mais livremente num cérebro mais desenvolvido. Constatamos, todavia, que nessa época o homem ainda é circunscrito e considerado como animal; o homem é escravo do homem. A escravidão é consagrada pelo Deus dos hebreus, tanto quanto pelos deuses pagãos; e Jeová, assim como Júpiter Olímpico, pede sangue e vítimas vivas.

Esta segunda fase oferece aspectos curiosos, do ponto de vista filosófico. Já tracei um quadro rápido, que meu médium vos comunicará oportunamente. Seja como for, e para voltar ao tema em estudo, tende certeza de que não foi senão na época dos grandes períodos pastorais e patriarcais que a linguagem humana tomou um aspecto regular e adotou formas e sons especiais. Durante essa época primitiva, em que a Humanidade se libertava das fraldas e do balbuciar da primeira infância, poucas palavras bastavam aos homens, para os quais ainda não tinha nascido a ciência, cujas necessidades eram muito restritas e as relações sociais não ultrapassavam a porta das tendas, o âmbito da família e, mais tarde, os confins das tribos. Era a época em que o pai, o pastor, o ancião, o patriarca, numa palavra, dominava como senhor absoluto, com direito de vida e morte.

A língua primitiva era uniforme; porém, à medida que crescia o número de pastores, estes, deixando por sua vez a tenda paterna, foram constituir novas famílias em regiões desabitadas, formando novas tribos. Então a língua por eles usada se modificou gradativamente, de geração em geração, da que era usada na tenda paterna, que outrora haviam abandonado. Assim foram criados os vários idiomas. Aliás, embora não seja minha intenção dar um curso de lingüística, já deveis ter notado que as línguas mais discordantes apresentam palavras cujo radical pouco variou e cujo significado é quase o mesmo. Por outro lado,

conquanto tendes a pretensão de formardes um velho mundo, a mesma razão, que corrompeu a língua primitiva, ainda reina soberana em vossa França tão orgulhosa de sua civilização, onde vedes as concordâncias, os termos e a significação variarem, já não direi de província em província, mas de comuna em comuna. Apelo aos que percorreram a Bretanha, como aos que viajaram à Provença e ao Languedoc. É uma variedade de idiomas e de dialetos que espanta a quem os quisesse coligir num único dicionário.

Uma vez que os homens primitivos, ajudados pelos missionários do Eterno, emprestaram a certos sons especiais outras tantas idéias especiais, foi criada a língua falada; as modificações que mais tarde ela sofreu o foram sempre em razão do progresso humano. Por conseguinte, conforme a riqueza da língua, pode estabelecer-se facilmente o grau de civilização a que chegou o povo que a fala. O que posso acrescentar é que a Humanidade marcha para uma língua única, conseqüência forçada de uma comunhão de idéias morais, políticas e, sobretudo, religiosas. Tal será a obra da filosofia nova – o Espiritismo – que hoje ensinamos.

Erasto

Respostas

Ao Sr. B. G., de La Calle (Argélia): *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns* ainda não foram traduzidos para o italiano.

Ao Sr. Dumas, de Sétif (Argélia): Recebi o *Écho de Sétif* e li com atenção os dois notáveis e cultos artigos sobre o Espiritismo, publicados nesse jornal. Deles falarei em detalhe no próximo número. Sinto-me feliz por ver esse estimável jornal chamar a si a causa da doutrina e tratá-la de modo sério.

Errata

Nº 9, setembro de 1862, *Peregrinações da alma*, no quarto verso da segunda quadra:

Son être se dégage ou se trouve *attiré*.

lede: *atterré*.

A quadra a seguir foi omitida após a quarta:

No tempo certo Deus permite que almas puras
Encarnem entre nós só por dedicação;
Pois são ministros Seus, trazendo-nos venturas,
Que a lei do amor pregar é deles a missão.

Esta omissão, ocorrida durante a impressão, tira o sentido da estrofe seguinte, que começa por: “*Sua santa missão*”, etc., e que se torna a sexta.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V

DEZEMBRO DE 1862

Nº 12

Estudos sobre os Possessos de Morzine

CAUSAS DA OBSESSÃO E MEIOS DE COMBATÊ-LA

As observações que fizemos sobre a epidemia que se abateu e ainda investe sobre a comuna de Morzine, na Alta Sabóia, não nos deixam dúvidas quanto à sua causa. Mas, para apoiar nossa opinião, devemos entrar em algumas explicações preliminares, que melhor ressaltarão a analogia desse mal com casos semelhantes, cuja origem não poderia ensejar dúvida a quem esteja familiarizado com os fenômenos espíritas e reconheça a ação do mundo invisível sobre a Humanidade. Para tanto se faz necessário remontar à própria fonte do fenômeno e seguir-lhe a gradação, desde os casos mais simples, explicando, ao mesmo tempo, a maneira pela qual se processa. Daí deduziremos muito melhor os meios de combater o mal. Embora já tenhamos tratado do assunto em *O Livro dos Médiuns*, no capítulo da obsessão, e em vários artigos desta *Revista*, acrescentaremos algumas considerações novas, que tornarão a coisa mais fácil de compreender.

O primeiro ponto que importa nos compenetrarmos, é da natureza dos Espíritos, do ponto de vista moral. Não sendo os

Espíritos senão as almas dos homens, e não sendo bons todos os homens, não é racional admitir-se que o Espírito de um homem perverso se transforme subitamente; caso contrário não haveria necessidade de castigo na vida futura. A experiência vem confirmar a teoria ou, melhor dizendo, esta teoria é fruto da experiência. De fato, as relações com o mundo invisível nos mostram, ao lado de Espíritos sublimes em sabedoria e conhecimento, outros ignóbeis, ainda com todos os vícios e paixões da Humanidade. Depois da morte, a alma de um homem de bem será um Espírito bom. Do mesmo modo, encarnando-se, um Espírito bom será um homem de bem. Pela mesma razão, ao morrer, um homem perverso dará um Espírito perverso ao mundo invisível; e um Espírito mau, ao se encarnar, não pode transformar-se num homem virtuoso, pelo menos enquanto o Espírito não se houver depurado ou experimentado o desejo de melhorar-se. Porque, uma vez entrado na via do progresso, pouco a pouco se despoja de seus maus instintos; eleva-se gradualmente na hierarquia dos Espíritos, até atingir a perfeição, acessível a todos, porquanto não pode Deus ter criado seres eternamente votados ao mal e à infelicidade. Assim, os mundos visível e invisível se interpenetram e se alternam incessantemente, se assim nos podemos exprimir, e se alimentam mutuamente; ou, melhor dizendo, na realidade esses dois mundos não constituem senão um só, em dois estados diferentes. Esta consideração é muito importante para melhor compreender-se a solidariedade que existe entre eles.

Sendo a Terra um mundo inferior, isto é, pouco adiantado, resulta que a maioria dos Espíritos que o povoam, quer no estado errante, quer como encarnados, deve compor-se de Espíritos imperfeitos, que fazem mais mal que bem. Daí a predominância do mal na Terra. Ora, sendo a Terra, ao mesmo tempo, um mundo de expiação, é o contato do mal que torna infelizes os homens, pois se todos os homens fossem bons, todos seriam felizes. É um estado a que ainda não alcançou nosso globo, e é para tal estado que Deus quer conduzi-lo. Todas as tribulações

que os homens de bem aqui experimentam, tanto da parte dos homens, quanto da dos Espíritos, são conseqüências deste estado de inferioridade. Poder-se-ia dizer que a Terra é a *Botany-Bay* dos mundos: aí se encontram a selvageria primitiva e a civilização, a criminalidade e a expiação.

É preciso, pois, apresentar-se o mundo invisível como formando uma população inumerável, compacta, por assim dizer, que envolve a Terra e se agita no espaço. É uma espécie de atmosfera moral, da qual os Espíritos encarnados ocupam a parte inferior, onde se agitam como num vaso. Ora, do mesmo modo que o ar das partes baixas é pesado e insalubre, esse ar moral é também prejudicial, porque corrompido pelos miasmas dos Espíritos impuros. Para resistir a isso são necessários temperamentos morais dotados de grande vigor.

Digamos, entre parênteses, que tal estado de coisas é inerente aos mundos inferiores. Mas estes seguem a lei do progresso e, quando atingirem a idade requerida, Deus os purifica, deles expulsando os Espíritos imperfeitos, que aí não mais se reencarnam e são substituídos por outros mais adiantados, que farão reinar a felicidade, a justiça e a paz. No momento se prepara uma revolução desse gênero.

Examinemos, agora, o modo recíproco de ação dos Espíritos encarnados e desencarnados.

Sabemos que os Espíritos são revestidos de um envoltório vaporoso, formando para eles um verdadeiro corpo fluídico, ao qual damos o nome de *perispírito*, e cujos elementos são colhidos do fluido universal ou cósmico, princípio de todas as coisas. Quando o Espírito se une a um corpo, aí vive com seu perispírito, que serve de ligação entre o Espírito propriamente dito e a matéria corporal; é o intermediário das sensações percebidas pelo Espírito. Mas o perispírito não está confinado no corpo, como

numa caixa; por sua natureza fluídica, ele irradia para o exterior e forma em torno do corpo uma espécie de atmosfera, como o vapor que dele se desprende. Mas o vapor liberado de um corpo enfermo é igualmente insalubre, acre e nauseabundo, o que infecta o ar dos lugares onde se reúnem muitas pessoas doentes. Assim como esse vapor é impregnado das qualidades do corpo, o perispírito é impregnado de qualidades, isto é, do pensamento do Espírito, e irradia tais qualidades em torno do corpo.

Aqui um outro parêntese para responder imediatamente a uma objeção oposta por alguns à teoria dada pelo Espiritismo do estado da alma. Acusam-no de materializar a alma, ao passo que, conforme a religião, a alma é puramente imaterial. Como a maior parte das outras, esta objeção provém de um estudo incompleto e superficial. O Espiritismo jamais definiu a natureza da alma, que escapa às nossas investigações; não diz que o perispírito constitui a alma: a palavra *perispírito* diz positivamente o contrário, pois especifica um envoltório em torno do Espírito. Que diz a respeito *O Livro dos Espíritos*? “Há no homem três coisas: a *alma*, ou Espírito, princípio inteligente; o *corpo*, envoltório material; o *perispírito*, envoltório fluídico semimaterial, servindo de laço entre o Espírito e o corpo.”⁵⁷ Do fato de a alma conservar, com a morte do corpo, o seu envoltório fluídico, não significa que tal envoltório e a alma sejam uma só e mesma coisa, do mesmo modo que o corpo não se confunde com a roupa nem a alma com o corpo. A Doutrina Espírita nada tira à imaterialidade da alma, apenas lhe dá dois invólucros, em vez de um, na vida corpórea, e só um depois da morte do corpo, o que é, não uma hipótese, mas o resultado da observação; é com o auxílio desse envoltório que melhor se compreende a sua individualidade e melhor se explica a sua ação sobre a matéria.

Voltemos ao nosso assunto.

57 N. do T.: Vide comentário de Allan Kardec à questão 135 “a” de *O Livro dos Espíritos*.

Por sua natureza fluídica, essencialmente móvel e elástica, se assim nos podemos exprimir, como agente direto do Espírito, o perispírito é posto em ação e projeta raios pela vontade do Espírito. Por esses raios ele serve à transmissão do pensamento, porque, de certa forma, está animado pelo pensamento do Espírito. Sendo o perispírito o laço que une o Espírito ao corpo, é por seu intermédio que o Espírito transmite aos órgãos, não a vida *vegetativa*, mas os movimentos que exprimem a sua vontade; é, também, por seu intermédio que as sensações do corpo são transmitidas ao Espírito. Destruído o corpo sólido pela morte, o Espírito não age mais e não percebe senão pelo seu corpo fluídico, ou perispírito, razão por que age mais facilmente e percebe melhor, já que o corpo é um entrave. Tudo isto é ainda resultado da observação.

Suponhamos agora duas pessoas próximas, cada qual envolvida – que nos permitam o neologismo – por sua atmosfera *perispiritual*. Esses dois fluidos põem-se em contato e se interpenetram; se forem de natureza antipática, repelem-se e os dois indivíduos sentirão uma espécie de mal-estar ao se aproximarem um do outro, sem disso se darem conta; se, ao contrário, forem movidos por sentimentos de benevolência, terão um pensamento benevolente, que atrai. Tal a causa pela qual duas pessoas se compreendem e se adivinham sem se falarem. Um certo *não sei quê* por vezes nos diz que a pessoa com a qual nos defrontamos deve ser animada por tal ou qual sentimento. Ora, esse *não sei quê* é a expansão do fluido perispiritual da pessoa em contato com o nosso, espécie de fio elétrico condutor do pensamento. Desde logo se compreende que os Espíritos, cujo envoltório fluídico é muito mais livre do que no estado de encarnação, já não necessitam de sons articulados para se entenderem.

O fluido perispiritual do encarnado é, pois, acionado pelo Espírito. Se, por sua vontade, o Espírito, por assim dizer,

dardeja raios sobre outro indivíduo, os raios o penetram. Daí a ação magnética mais ou menos poderosa, conforme a vontade; mais ou menos benfazeja, conforme sejam os raios de natureza melhor ou pior, mais ou menos vivificante. Porque podem, por sua ação, penetrar os órgãos e, em certos casos, restabelecer o estado normal. Sabe-se da importância das qualidades morais do magnetizador.

Aquilo que pode fazer o Espírito encarnado, dardejando seu próprio fluido sobre uma pessoa, um Espírito desencarnado também o pode, visto ter o mesmo fluido, ou seja, pode magnetizar. Conforme seja bom ou mau o fluido, sua ação será benéfica ou prejudicial.

Assim, facilmente nos damos conta da natureza das impressões que recebemos, de acordo com o meio onde nos encontramos. Se uma assembléia for composta de pessoas animadas de maus sentimentos, o ar ambiente será saturado com o fluido impregnado de seus sentimentos. Daí, para as almas boas, um mal-estar moral análogo ao mal-estar físico causado pelas emanções mefíticas: *a alma fica asfíxiada*. Se, ao contrário, as pessoas tiverem intenções puras, encontramos-nos em sua atmosfera como se estivéssemos num ar vivificante e salubre. Naturalmente o efeito será o mesmo num ambiente repleto de Espíritos, conforme sejam bons ou maus.

Isto bem compreendido, chegamos sem dificuldade à ação material dos Espíritos errantes sobre os encarnados e, daí, à explicação da mediunidade.

Quando um Espírito quer agir sobre uma pessoa, dela se aproxima e a envolve, por assim dizer, com o seu perispírito, como num manto; os fluidos se interpenetram, os dois pensamentos e as duas vontades se confundem e, então, o Espírito pode servir-se daquele corpo como se fora o seu próprio, fazê-lo agir à sua vontade, falar, escrever, desenhar, etc. Tais são os

médiuns. Se o Espírito for bom, sua ação será suave, benéfica, e só fará boas coisas; caso seja mau, fará maldades; se for perverso e mau, ele o constringe como se o imobilizasse numa camisa-de-força, até paralisar a vontade e a própria razão, que abafa com seus fluidos, como se apaga o fogo sob um lençol d'água. Faz com que pense, fale e aja por ele, induzindo-o contra a vontade a praticar atos extravagantes ou ridículos; numa palavra, magnetiza-o e o faz entrar numa espécie de catalepsia moral, de modo que o indivíduo se torna um instrumento cego de sua vontade. Tal é a causa da obsessão, da fascinação e da subjugação, que se apresentam em diversos graus de intensidade. O paroxismo da subjugação é vulgarmente chamado *possessão*. É de notar-se que, neste estado, muitas vezes o indivíduo tem consciência do ridículo daquilo que faz, mas é constringido a fazê-lo, como se um homem mais vigoroso que ele fizesse com que movesse, contra a vontade, os braços, as pernas, a língua. Eis um curioso exemplo.

Numa pequena reunião em Bordeaux, em meio a uma evocação, o médium, um jovem de caráter suave e de perfeita urbanidade, de repente começa a bater na mesa, levanta-se com olhar ameaçador, mostrando os punhos aos assistentes, proferindo as mais grosseiras injúrias e querendo atirar-lhes um tinteiro. A cena, tanto mais chocante quanto inesperada, durou cerca de dez minutos, depois do que o moço retomou sua calma habitual, desculpou-se do que se havia passado, dizendo saber perfeitamente que fizera e dissera coisas inconvenientes, mas que não pudera impedir. Tomando conhecimento do fato, pedimos explicação numa sessão da Sociedade de Paris, sendo-nos respondido que o Espírito que o havia provocado era mais leviano do que mau e que simplesmente quisera divertir-se com o pavor dos assistentes. O fato não mais se repetiu e o médium continuou a receber excelentes comunicações, o que vem provar a veracidade da explicação. É bom dizer o que provavelmente tenha excitado a verve daquele Espírito farsista. Um antigo maestro do teatro de Bordeaux, o Sr. Beck, tinha experimentado, durante vários anos antes de morrer,

um fenômeno singular. Todas as noites, ao sair do teatro, parecia-lhe que um homem lhe saltava às costas, escarranchava-se nas suas espáduas e se mantinha agarrado até que chegasse à porta de sua casa. Aí o suposto indivíduo descia e o Sr. Beck se via livre. Nessa reunião quiseram evocar o Sr. Beck e pedir-lhe uma explicação. Foi então que o Espírito intrujão julgou por bem substituí-lo, fazendo o médium representar uma cena diabólica, certamente por nele ter encontrado as necessárias disposições fluídicas para o secundar.

O que não passou de acidental naquela circunstância, por vezes toma um caráter permanente, quando o Espírito é mau, porque para ele o indivíduo se torna uma verdadeira vítima, à qual ele pode dar a aparência de verdadeira loucura. Dizemos aparência, porquanto a loucura propriamente dita sempre resulta de uma alteração dos órgãos cerebrais, ao passo que, neste caso, os órgãos estão de tal modo intactos quanto os do rapaz de quem acabamos de falar. Não há, pois, loucura real, mas aparente, contra a qual os recursos da terapêutica são impotentes, como o prova a experiência. Ainda mais: eles podem produzir o que não existe. As casas de alienados contam muitos doentes desse gênero, aos quais o contato com outros alienados só poderá ser muito prejudicial, porque este estado denota sempre uma certa fraqueza moral. Ao lado de todas as variedades de loucura patológica, convém, pois, acrescentar a *loucura obsessiva*, que requer meios especiais. Mas como poderá um médico materialista estabelecer essa diferença, ou mesmo admiti-la?

Bravo! – irão exclamar os nossos adversários. Não se pode demonstrar melhor os perigos do Espiritismo e temos muita razão de proibi-lo.

Um instante! O que dissemos prova precisamente a sua utilidade.

Credes que os Espíritos maus, que pululam no meio da Humanidade, esperaram ser chamados para exercerem sua

influência perniciosa? Desde que os Espíritos existiram em todos os tempos, em todos os tempos representaram o mesmo papel, porque esse papel está na Natureza; e a prova disso está no grande número de pessoas obsidiadas, ou possesadas, se quiserdes, antes que se pensasse nos Espíritos ou, atualmente, sem que jamais se tivesse ouvido falar de Espiritismo e de médiuns. A ação dos Espíritos, bons ou maus, é, pois, espontânea; a dos maus produz uma porção de perturbações na economia moral e mesmo física que, por ignorância da verdadeira causa, são atribuídas a causas erradas. Os Espíritos maus são inimigos invisíveis tanto mais perigosos quanto não se suspeitava de sua ação. Pondo-os a descoberto, o Espiritismo vem revelar uma nova causa de certos males da Humanidade. Conhecida a causa, não se buscará mais combater o mal por meios que, doravante, sabemos inúteis; procurar-se-ão outros mais eficazes. Ora, o que levou à descoberta desta causa? A mediunidade. Foi pela mediunidade que esses inimigos ocultos traíram sua presença; ela fez para ela o que fez o microscópio para os infinitamente pequenos: revelou todo um mundo. O Espiritismo não atraiu os Espíritos maus; ele os revelou e forneceu os meios de lhes paralisar a ação e, conseqüentemente, de os afastar. Não trouxe, pois, o mal, pois este sempre existiu; ao contrário, trouxe o remédio ao mal, mostrando-lhe as causas. Uma vez reconhecida a ação do mundo invisível, ter-se-á a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos e a Ciência, enriquecida com esta nova lei, verá desdobrarem-se novos horizontes à sua frente. Quando lá chegará? Quando não mais professar o materialismo, pois o materialismo detém o seu avanço e lhe opõe uma barreira intransponível.

Antes de falar do remédio, expliquemos um fato que confunde muitos espíritas, sobretudo nos casos de obsessão simples, isto é, naqueles muito freqüentes, em que o médium não se pode desembaraçar de um Espírito mau, que por ele se comunica obstinadamente, pela escrita ou pela audição; aquele, não menos freqüente, em que, por meio de uma boa comunicação, vem

um Espírito imiscuir-se para dizer coisas más. Pergunta-se, então, se os Espíritos maus são mais poderosos que os bons.

Reportemo-nos ao que dissemos inicialmente, quanto à maneira por que age o Espírito e imaginemos um médium envolvido e penetrado pelo fluido perispiritual de um Espírito mau. Para que o do bom possa atuar sobre o médium, é necessário que penetre esse envoltório e já se sabe que dificilmente a luz penetra um nevoeiro espesso. Conforme o grau da obsessão, o nevoeiro será permanente, tenaz ou intermitente e, por conseguinte, mais ou menos fácil de dissipar.

O Sr. Superchi, nosso correspondente em Parma, enviou-nos dois desenhos feitos por um médium vidente, representando perfeitamente a situação. Num deles vê-se a mão do médium envolta numa nuvem escura – imagem do fluido perispiritual dos Espíritos maus – atravessada por um raio luminoso que lhe clareava a mão; é o bom fluido que a dirige e se opõe à ação do mau. No outro, a mão está na sombra; a luz está em volta do nevoeiro, que não pode penetrar. Aquilo que o desenho restringe à mão do médium deve ser entendido como envolvendo todo o seu corpo.

Resta sempre a questão de saber se o Espírito bom é menos poderoso que o mau. Não é o Espírito bom que é mais fraco e, sim, o médium, que não é bastante forte para livrar-se do manto que sobre si foi lançado e se desembaraçar da opressão dos braços que o enlaçam, nos quais, é bom que se diga, por vezes se compraz. Compreende-se que, neste caso, o Espírito bom não possa triunfar, pois o outro é preferido. Admitamos, agora, o desejo de desvencilhar-se desse envoltório fluídico, de que o seu se acha penetrado, como uma roupa penetrada de umidade: não bastará o desejo e nem sempre a vontade é suficiente.

Trata-se de lutar contra um adversário. Ora, quando dois homens lutam corpo a corpo, é o de músculos mais fortes que

vencerá o outro. Com um Espírito deve-se lutar, não corpo a corpo, mas de Espírito a Espírito; e é ainda o mais forte que vencerá. Aqui a força está na *autoridade* que se pode exercer sobre o Espírito e tal autoridade está subordinada à superioridade moral. Esta é como o Sol: dissipa o nevoeiro pela força de seus raios. Esforçar-se por ser bom; tornar-se melhor se já se é bom; purificar-se de suas imperfeições; numa palavra, elevar-se moralmente o mais possível, tal é o meio de adquirir o poder de dominar os Espíritos inferiores, para os afastar. Do contrário zombarão de vossas ordens. (*O Livro dos Médiuns*, n^{os} 252 e 279).

Todavia – indagarão – por que os Espíritos protetores não lhes ordenam que se retirem? Certamente o podem e o fazem algumas vezes; mas, permitindo a luta, também deixam o mérito da vitória. Se deixam se debatendo pessoas merecedoras de certa consideração, é para provar sua perseverança e fazer que adquiram *mais força* no bem; para elas é uma espécie de *ginástica moral*.

Eis a resposta que demos a um coronel do estado-maior austríaco, na Hungria, o Sr. P..., que nos consultava sobre uma afecção atribuída aos Espíritos maus, desculpando-se por nos intitular de amigo, embora só de nome nos conhecesse:

“O Espiritismo é o laço fraterno por excelência e tendes razão de pensar que os que partilham essa crença devem, mesmo sem se conhecerem, tratar-se como amigos. Agradeço-vos por terdes tido de mim uma boa opinião e me dardes esse título.

“Sinto-me contente por encontrar em vós um adepto sincero e devotado dessa consoladora doutrina. Mas, por isso mesmo que é consoladora, deve dar força moral e resignação para suportar as provas da vida que, no mais das vezes, são expiações. Disto a *Revista Espírita* vos fornece numerosos exemplos.

“No que respeita à moléstia que sofreis, não vejo prova evidente da influência de Espíritos maus, que vos obsidiariam. No

entanto, admitamo-la como hipótese. Só uma força moral poderia opor-se a outra força moral e esta não pode vir senão de vós. Contra um Espírito é necessário lutar de Espírito a Espírito, e é o mais forte que vencerá. Em casos semelhantes é preciso esforçar-se para adquirir a maior soma possível de superioridade pela vontade, pela energia e pelas qualidades morais, para ter o direito de lhe dizer: *Vade retro!* Assim, pois, se estiverdes neste caso, não será com o sabre de coronel que o vencereis, mas com a espada do anjo, isto é, a virtude e a prece. A espécie de pavor e angústia que experimentais nesses momentos é um sinal de fraqueza, que o Espírito aproveita. Dominai o medo e com a vontade triunfareis; dominai-o resolutamente, como o fazeis perante o inimigo e crede-me vosso mui dedicado e afeiçoado,

A. K.”

É possível que certas pessoas preferissem uma receita mais fácil para expulsar os Espíritos maus: algumas palavras a dizer, ou sinais a fazer, por exemplo, o que seria mais cômodo do que corrigir os próprios defeitos. Lamentamos bastante, mas não conhecemos processo mais eficaz para *vencer um inimigo do que ser mais forte que ele*. Quando estamos doentes, temos de nos resignar a tomar remédios, por mais amargos que sejam. Mas, também, quando tivemos a coragem de tomá-los, como nos sentimos bem e ficamos fortes! Devemos, pois, persuadir-nos de que, para alcançar tal objetivo, não há palavras sacramentais, nem fórmulas, nem talismãs, nem sinais materiais quaisquer. Os Espíritos maus se riem e muitas vezes se deleitam em indicar alguns, cuidando sempre de dizer que são infalíveis, para melhor captar a confiança daqueles de que querem abusar, porque estes, então, confiantes na virtude do processo, se entregam sem temor.

Antes de esperar dominar o Espírito mau, é preciso dominar-se a si mesmo. De todos os meios para adquirir a força de o conseguir, o mais eficaz é a vontade, secundada pela prece,

entendida a prece de coração e não de palavras, nas quais a boca participa mais que o pensamento. É necessário pedir ao seu anjo-da-guarda e aos Espíritos bons que o assistam na luta. Mas não basta lhes pedir que expulsem o Espírito mau; é preciso lembrar-se da máxima: *Ajuda-te, e o céu te ajudará* e, sobretudo, pedir-lhes a força que nos falta para vencer nossas más inclinações. Para nós tais inclinações são piores que os Espíritos maus, pois são elas que os atraem, como a corrupção atrai as aves de rapina. Orando também pelo Espírito obsessivo estamos lhe retribuindo o mal com o bem e nos mostrando melhor que ele, o que já é uma superioridade. Com perseverança, na maioria dos casos acabamos por conduzi-lo a melhores sentimentos e, de perseguidor que era, o transformamos num ser reconhecido. Em resumo, a prece fervorosa e os esforços sérios por melhorar-se são os únicos meios de afastar os Espíritos maus, que reconhecem como senhores aqueles que praticam o bem, ao passo que as fórmulas os fazem rir. A cólera e a impaciência os excitam. É preciso cansá-los, mostrando mais paciência que eles.

Acontece, porém, que em alguns casos a subjugação chega a ponto de paralisar a vontade do obsidiado, não se lhe podendo esperar nenhum concurso sério. É principalmente então que a intervenção de um terceiro se torna necessária, seja pela prece, seja pela ação magnética. Mas o poder dessa intervenção também depende do ascendente moral que o interventor possa ter sobre os Espíritos, porquanto, se não valerem mais, sua ação será estéril. Neste caso a ação magnética terá por efeito penetrar o fluido do obsidiado por um fluido melhor e liberar o fluido do Espírito mau. Ao operar, deve o magnetizador ter o duplo objetivo de opor uma força moral a outra força moral e produzir sobre o paciente uma espécie de reação química, para nos servirmos de uma comparação material, expulsando um fluido por outro fluido. Por aí, não só opera um desprendimento salutar, mas dá força aos órgãos enfraquecidos por uma longa e por vezes vigorosa opressão. Aliás, compreende-se que o poder da ação fluídica não só está na

razão da energia da vontade, mas, sobretudo, da qualidade do fluido introduzido e, conforme dissemos, tal qualidade depende da instrução e das qualidades morais do magnetizador. Daí se segue que um magnetizador comum, que agisse maquinalmente para magnetizar pura e simplesmente, produziria pouco ou nenhum efeito. É absolutamente necessário um magnetizador *espírita*, que age com conhecimento de causa, com a intenção de produzir, não o sonambulismo ou uma cura orgânica, mas os efeitos que acabamos de descrever. Além disso, é evidente que uma ação magnética dirigida nesse sentido não deixa de ser útil nos casos de obsessão ordinária, porque, então, se o magnetizador for secundado pela vontade do obsidiado, em vez de um só o Espírito será combatido por dois adversários.

É preciso dizer, também, que muitas vezes responsabilizamos os Espíritos estranhos por malefícios de que não são responsáveis. Certos estados mórbidos e certas aberrações, atribuídos a uma causa oculta, em geral são devidos exclusivamente ao Espírito do indivíduo. As contrariedades que ordinariamente concentramos em nós mesmos, sobretudo as decepções amorosas, têm levado ao cometimento de muitos atos excêntricos, atribuídos por engano à obsessão. Muitas vezes a criatura é o seu próprio obsessor.

Acrescentemos, enfim, que certas obsessões tenazes, principalmente de pessoas de mérito, por vezes fazem parte das provas a que se acham submetidas. “Por vezes, acontece mesmo que a obsessão, quando simples, seja uma tarefa imposta ao obsidiado, que deve trabalhar pela melhoria do obsessor, como um pai por um filho vicioso.”

Remetemos o leitor, para mais detalhes, a *O Livro dos Médiuns*.

Resta-nos falar da obsessão coletiva ou epidêmica e, em particular, da de Morzine; mas isto exige considerações de certa extensão para mostrar, pelos fatos, sua similitude com as obsessões

individuais. E a prova disto nós a encontramos em nossas próprias observações e nas que são consignadas nos relatórios dos médicos. Além disso, resta-nos examinar o efeito dos meios empregados e, em seguida, a ação do exorcismo e as condições nas quais este pode ser eficaz ou nulo. A amplitude desta segunda parte obriga-nos a fazê-la objeto de um artigo especial, a ser publicado no próximo número.

O Espiritismo em Rochefort

EPISÓDIO DE VIAGEM DO SR. ALLAN KARDEC

Rochefort não é ainda um foco de Espiritismo, embora tenha alguns adeptos fervorosos e numerosos simpatizantes das novas idéias. Mas lá, menos que alhures, há coragem de opinião e muitos crentes se mantêm à margem. No dia em que ousarem mostrar-se ficaremos surpreendidos ao vê-los tão numerosos. Como apenas íamos ver algumas pessoas isoladas, esperávamos ali demorar poucas horas. Mas um passageiro, que se achava na mesma viatura, havendo nos reconhecido por um retrato que vira em Marennes, preveniu os seus amigos da nossa chegada. Então recebemos com insistência um amável convite, da parte de vários espíritas, que nos desejavam conhecer e receber instruções. Adiada nossa partida para o dia seguinte, tivemos a satisfação de passar a noite numa reunião de espíritas sinceros e dedicados.

Durante a reunião recebemos outro convite, em termos não menos obsequiosos, em nome de um alto funcionário e de várias notabilidades da cidade, manifestando o desejo de uma reunião na noite seguinte, o que ocasionou novo adiamento de nossa partida. Não teríamos mencionado tais detalhes se não fossem necessários às explicações que julgamos um dever dar a seguir, a propósito de um jornal da localidade.

Nesta última reunião fizemos, ao início da sessão, a seguinte alocação:

“Senhores,

“Embora não tivesse a intenção de passar senão algumas horas em Rochefort, o desejo que me manifestastes para esta reunião e, sobretudo, a maneira por que o convite foi feito, era muito lisonjeiro para que eu não o aceitasse. Ignoro se todas as pessoas que me honram em assistir a esta reunião são iniciadas na ciência espírita; suponho que muitos ainda são noviços na matéria; poder-se-ia até mesmo encontrar alguns que são hostis. Ora, em consequência da falsa idéia que fazem do Espiritismo aqueles que não o conhecem, ou só o conhecem imperfeitamente, poderia o resultado desta sessão causar algumas decepções aos que não encontrassem aquilo que esperavam. Devo, pois, explicar claramente a sua finalidade, para que não haja equívocos.

“Antes de tudo, devo informar quanto ao objetivo que me proponho nessas excursões. Vou unicamente visitar centros espíritas e lhes dar as instruções de que possam necessitar. Enganar-se-ia quem pensasse que vou pregar a doutrina aos incrédulos. O Espiritismo é toda uma ciência que reclama estudos sérios, como as outras ciências, e requer numerosas observações. Para expô-la minuciosamente seria necessário dar um curso regular, e um curso de Espiritismo não pode ser dado em uma ou duas aulas, como não o poderia um curso de Física ou de Astronomia. Para os que lhes não conhecem as primeiras noções, sou obrigado a enviá-los à fonte, ou seja, ao estudo das obras onde se acham todos os ensinamentos necessários e a resposta à maioria das perguntas que poderiam fazer e que, em sua maior parte, recaem sobre os princípios mais elementares. Eis por que, em minhas visitas, só me dirijo aos que já sabem, aos que precisam de ensino complementar, e não de á-bê-cê. *Jamais* vou dar o que se chama *sessões*, nem convocar o público para assistir a experiências ou demonstrações e, menos ainda, fazer exibição de Espíritos. Os que esperassem ver aqui coisa semelhante estariam completamente equivocados e devo apressar-me em lhes tirar a ilusão.

“A reunião desta noite é, de certo modo, excepcional e fora de meus hábitos. Pelos motivos que acabo de expor, não posso ter a pretensão de convencer os que rejeitassem as bases mesmas dos meus princípios. Só uma coisa desejo: é que, em falta de convicção, preservem a idéia de que o Espiritismo é uma coisa séria e digna de atenção, pois atrai o cuidado dos homens mais esclarecidos de todos os países. Que não o aceitem cegamente e sem exame, é compreensível; mas seria presunção contestar uma opinião que conta seus mais numerosos partidários na fina flor da sociedade. As pessoas sensatas dizem: Há tantas coisas novas que nos vêm surpreender e que, um século atrás, pareceriam absurdas; todos os dias presenciámos a descoberta de novas leis, a revelação de novas forças da Natureza que seria ilógico admitir que a Natureza houvesse dito a última palavra. Assim, antes de negar, é prudente estudar e observar. Para julgar uma coisa é preciso conhecê-la. A crítica só é permitida ao que fala do que sabe. Que diriam de um homem que, não sabendo música, criticasse uma ópera? daquele que, ignorando as primeiras noções de literatura, criticasse uma obra literária? Pois bem! dá-se o mesmo com a maioria dos detratores do Espiritismo: julgam com dados incompletos, muitas vezes, até, por ouvir dizer. Assim, todas as suas objeções denotam ignorância absoluta da coisa. Só lhes poderíamos responder: estudai antes de julgar.

“Como tive a honra de vos dizer, seria materialmente impossível, senhores, expor minuciosamente todos os princípios da ciência espírita. Quanto a satisfazer à curiosidade de quem quer que seja, há entre vós quem me conheça bastante para saber que jamais representei esse papel. Mas, na impossibilidade de vos expor as coisas em detalhes, talvez seja útil vos dar a conhecer o fim e as tendências. É o que me proponho fazer. Depois julgareis se o objetivo é sério e se é permitido zombar. Peço, pois, permissão para ler algumas passagens do discurso que pronunciei nas grandes reuniões de Lyon e Bordeaux. Para os que não têm do Espiritismo senão uma idéia incompleta, sem dúvida a questão principal é

hipotética, pois me dirijo a adeptos já instruídos; todavia, até que as circunstâncias vos tenham transformado a hipótese em verdade, podeis ver as suas conseqüências, assim como a natureza das instruções que dou, e por aí julgar o caráter das reuniões a que assisto.

“Posso, contudo, dizer do Espiritismo que nele nada é hipotético: de todos os princípios formulados em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*, nenhum é produto de um sistema ou de uma opinião pessoal. Todos, sem exceção, são fruto da experiência e da observação; eu não poderia reivindicar um só como produto de minha iniciativa. Aquelas obras contêm o que aprendi, e não o que criei. Ora, o que aprendi, outros podem aprender, mas, como eu, devem trabalhar. Apenas lhes poupei o esforço dos primeiros trabalhos e das primeiras pesquisas.”

Depois desse preâmbulo lemos alguns trechos do discurso pronunciado em Lyon e Bordeaux, dando, em seguida, algumas explicações, forçosamente muito sumárias, sobre os princípios fundamentais do Espiritismo, entre outras sobre a natureza dos Espíritos e os meios por que se comunicam, destacando, sobretudo, a influência moral que resulta das manifestações pela certeza da vida futura, e os efeitos desta certeza sobre a conduta na vida presente.

Pelo preâmbulo era impossível estabelecer a situação de maneira mais clara e melhor precisar o objetivo a que nos propúnhamos, a fim de evitar qualquer equívoco. Tivemos de tomar tal precaução, pois sabíamos que a assembléia estava longe de ser homogênea e inteiramente simpática. Isto naturalmente não satisfez aos que aguardavam uma sessão do gênero das do Sr. Home. De forma polida, um dos assistentes chegou mesmo a declarar que não era exatamente o que ele esperava, no que acreditamos sem esforço, porquanto, em vez de exibir coisas curiosas, vínhamos falar de moral. Ele pediu com tanta insistência

que déssemos provas da existência dos Espíritos que fomos forçados a lhe dizer que não os tínhamos no bolso para lhes mostrar. Creio que por pouco nos teria dito: “Procurai bem!”

Sob o pseudônimo de *Tony*, um jornalista que assistia à reunião julgou por bem noticiar o ocorrido no *Spectateur*, jornal hebdomadário de teatros, número de 12 de outubro. Começa assim:

Atraído pelo anúncio de um sarau espírita, apressei-me em ir ouvir um dos hierofantes mais autorizados desta *ciência*... assim classificam os adeptos o Espiritismo. Repleto, o auditório esperava com certa ansiedade a exposição meticulosa das bases desta *ciência*... pois há *ciência*. O Sr. Allan Kardec, autor de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns* iria iniciar-nos em terríveis segredos! Movido por um sentimento de curiosidade muito compreensível e que nada tinha de hostil, esperávamos sair da sessão com uma certa convicção se o professor, homem de habilidade incontestável, se tivesse dado ao trabalho de expor sua doutrina. O Sr. Allan Kardec pensou de maneira diferente, o que é lamentável. Não lhe pediam que evocasse Espíritos, mas, pelo menos, que desse explicações claras ou mesmo elementares para *facilitar a experimentação dos profanos*.

Este começo caracteriza perfeitamente alguns ouvintes, que se julgavam *espectadores*. A palavra *atraído* diz mais que o resto. O que queriam eram *explicações claras para facilitar a experimentação dos profanos*. Em outras palavras, uma receita para que cada um, ao chegar em casa, pudesse divertir-se a evocar Espíritos.

Segue-se uma tirada sobre a base da doutrina: a caridade e outras máximas que, diz ele, vêm diretamente do Cristianismo e nada ensinam de novo. Se um dia aquele senhor se der ao trabalho de ler, saberá que o Espiritismo jamais pretendeu trazer aos homens outra moral senão a do Cristo e que não se dirige aos que *praticam* em sua pureza. Mas como há muitos que não crêem em Deus, nem na alma, nem nos ensinamentos do Cristo, ou, pelo menos, duvidam, e cuja moral se resume na expressão *cada um por si*, o Espiritismo, ao provar a existência da alma e da vida futura, vem dar uma sanção prática, uma necessidade a essa moral.

Queremos mesmo acreditar que o Sr. Tony dele não precise, que tenha uma fé viva, uma religião sincera, pois toma a defesa do Cristianismo contra o Espiritismo, apesar de algumas más línguas o acusarem de ser um pouco materialista. Queremos mesmo acreditar que ele pratique a caridade como verdadeiro cristão; que, a exemplo do Cristo, seja brando e humilde; que não tenha orgulho, nem vaidade, nem ambição; que seja bom e indulgente para com todos, mesmo para com seus inimigos; numa palavra, que tenha todas as virtudes do divino modelo e, ao menos, que não aborreça os outros por isso. Prossegue ele:

Tem o Espiritismo a pretensão de evocar os Espíritos. É verdade que os Espíritos não se submetem a caprichos e exigências. Se necessário, podem revestir um corpo reconhecível, inclusive roupas e só entram em relação com os médiuns sob a condição de serem envolvidos numa camada de fluidos da mesma natureza... e por que não de natureza contrária, como na eletricidade? A *ciência* do Espiritismo não o explica.

Lede e vereis.

Não sei se os adeptos se retiraram satisfeitos. Mas, com toda a certeza os ignorantes, sinceramente desejosos de instruir-se, nada lucraram com essa sessão, a não ser que o Espiritismo não se demonstra. É culpa do professor ou o Espiritismo só desvenda os seus arcanos aos fiéis? Não vo-lo diremos... e com razão!

Tony

Conclusão – O Espiritismo não se demonstra. O Sr. Tony deveria ter explicado claramente, já que gosta tanto de explicações claras, a razão pela qual o Espiritismo é demonstrado a milhões de homens que nem são tolos nem ignorantes. Que se dê ao trabalho de estudar e saberá se, como diz, está com tanto desejo de instruir-se. Mas, desde que se julgou no dever de dar explicações ao público de uma reunião que nada tinha de pública, como se fizesse a apreciação crítica de um espetáculo aonde se vai *atraído* pelos cartazes, deveria, para ser imparcial, ter-se referido às palavras que dissemos no início.

Seja como for, estamos muito satisfeitos com a urbanidade que presidiu à reunião e aproveitamos o ensejo para dirigir ao eminente funcionário, Sr. La Maison, os nossos agradecimentos pela acolhida cheia de benevolência e de cordialidade e a iniciativa de pôr o salão à nossa disposição. Pareceu-nos útil demonstrar-lhe, assim como à elite reunida em sua casa, as tendências morais do Espiritismo e a natureza do ensino que ministramos nos centros visitados.

O Sr. Tony ignora se os adeptos ficaram satisfeitos. Em seu ponto de vista, evidentemente, a sessão não deu resultado. Quanto a nós, preferimos ter deixado em alguns ouvintes a impressão de um moralista enfadonho à idéa de um produtor de espetáculos. Um fato indubitável é que nem todos partilharam de sua opinião. Sem falar dos adeptos que lá se encontravam, e dos quais recebemos calorosos testemunhos de simpatia, citaremos dois senhores que, ao fim da sessão, perguntaram se as instruções que tínhamos lido seriam publicadas, acrescentando que haviam feito do Espiritismo uma idéa completamente falsa, mas, agora, o viam sob outro prisma, compreendiam o lado sério e útil e se propunham estudá-lo profundamente. Tivéssemos obtido somente esse resultado e nos daríamos por satisfeito. É pouco, dirá o Sr. Tony. Seja. Mas ele ignora que dois grãos que frutificam se multiplicam. Aliás, não sabemos se todos os que semeamos nessa circunstância estarão perdidos e se o vento provocado pelo Sr. Tony não terá levado alguns a uma terra fértil.

O Sr. Florentin Blanchard, livreiro de Marennes, sentiu-se no dever de responder ao artigo do Sr. Tony, por uma carta que foi inserida nas *Tablettes des deux Charentes*, edição de 25 de outubro.

Responde o Sr. Tony, assim concluindo:

“O Espiritismo superexcita o espírito dos crédulos, agrava o estado das mulheres dotadas de grande irritabilidade

nervosa, enlouquece-as ou as *mata*, caso persistam em suas aberrações.

“O Espiritismo é uma doença e, como tal, deve ser combatido. Além disso, entra no quadro das coisas... malsãs, estudadas pela higiene pública e moral.”

Aqui surpreendemos o Sr. Tony em flagrante delito de contradição. No primeiro artigo, acima referido, disse que vinha à sessão “movido por um sentimento de curiosidade muito compreensível e *que nada tinha de hostil*.” Como compreender que não fosse hostil a uma coisa que diz ser *uma doença, uma coisa malsã*, etc.?

Mais adiante diz que *esperava explicações claras ou mesmo elementares para facilitar a experimentação dos profanos*. Como podia desejar iniciar-se, ele e os profanos, na experimentação de uma coisa que, diz, pode enlouquecer e *matar*? Por que veio? Por que não convenceu os amigos a que não viessem assistir ao ensino de uma coisa tão perigosa? Por que lamenta não tenha o ensino correspondido à sua expectativa, nem sido tão completo quanto desejava? Desde que, em sua opinião, esta coisa é tão perniciosa, em vez de nos censurar por termos sido pouco explícitos, deveria ter-nos parabenizado.

Outra contradição. Já que veio à reunião para saber o que é, o que quer e o que pode o Espiritismo; uma vez que nos censura por não o termos instruído, é que não o conhecia. Ora, desde que não o estudou, como sabe que é tão perigoso? Então julgou sem conhecimento. Assim, estribado na própria autoridade, decide que uma coisa é má, malsã e pode *matar*, quando acaba de declarar que não sabe o que ela é. Isto é linguagem de um homem sério? Há críticas que se refutam por si mesmas de tal maneira que basta assinalá-las, sendo supérfluo ligar-lhes importância. Em outras circunstâncias, uma alegação como a de *matar* poderia

ensejar uma ação judicial por calúnia, pois a acusação é de extrema gravidade contra nós e contra uma classe hoje imensamente numerosa de homens honradíssimos.

Isto não é tudo. O segundo artigo foi seguido de vários outros, nos quais desenvolve sua tese.

Ora, eis o que se lê no *Spectateur* de 26 de outubro, por ocasião da primeira carta do Sr. Blanchard:

A redação do *Spectateur* recebeu de Marennes, assinada por Florentin Blanchard, uma carta em resposta ao nosso primeiro artigo do dia 12, quando este já estava composto. A redação lamenta que a exigüidade de seu formato não lhe permita abrir suas colunas para uma controvérsia sobre o Espiritismo. A pedido expresso do *Spectateur*, as *Tablettes* publicaram a carta *in-extenso*.

Reservamo-nos o direito de responder oportunamente e procuraremos não ceder, como seu autor, às inspirações de um Espírito *inconveniente*.

Tony

Depois de uma segunda carta do Sr. Blanchard, desta vez publicada no *Spectateur*, lê-se:

Concedemo-vos hospitalidade com prazer, Sr. Florentin Blanchard, mas seria bom que não abusasse. Vossa carta de hoje me acusa de não ter estudado o Espiritismo. Como sabeis? Por certo não quereis discutir senão com iluminados e, a esse título, não sou a pessoa mais indicada. De acordo?

Por que não respondeis, senhor, a algumas proposições que terminam minha última carta... em vez de me acusar vagamente? Esta correspondência prolongada não oferece interesse; permiti-me, pois, não a continuar.

Em breve retomarei minha série de artigos sobre o Espiritismo, mas só ocasionalmente, pois o pequeno formato do *Spectateur* não permite a publicação de longos estudos sobre este assunto pitoresco.

Por mais que façais, senhor, não levaremos os espíritas a sério nem poderemos considerar o Espiritismo como uma *ciência*.

Tony

Assim, está muito claro que o Sr. Tony quer atacar o Espiritismo, arrastá-lo na lama, qualificá-lo de malsão, dizer que *mata*, sem, contudo, dizer quantas pessoas matou. Mas não quer controvérsia. Seu jornal é bastante grande para os *sens* ataques, mas muito pequeno para as réplicas. Falar sozinho é mais cômodo. Ele esqueceu que, em razão da natureza e do caráter de seus ataques a lei poderia obrigá-lo à inserção de uma resposta de dupla extensão, em que pese a exigüidade de seu jornal.

Ao relatar as particularidades de nossa estada em Rochefort, quisemos mostrar que não buscamos nem solicitamos aquela reunião e, conseqüentemente, não *atraímos* ninguém para nos ouvir. Também tivemos o cuidado de dizer sem rodeios, logo de início, qual era a nossa intenção. Os que se sentissem desapontados tinham liberdade de retirar-se. Agora nós nos congratulamos pela circunstância fortuita, ou, melhor, providencial, que nos levou a ficar, pois provocou uma polêmica que apenas serve à causa do Espiritismo, dando-o a conhecer pelo que ele é: uma coisa moral, e não pelo que não quer ser: um espetáculo para satisfação dos curiosos; e por dar à crítica, uma vez mais, ocasião de mostrar a lógica de seus argumentos.

Agora, Sr. Tony, mais duas palavras, por favor. Para adiantar publicamente coisas como as que escrevestes, é preciso estar bem seguro dos fatos e deveis empenhar-vos em as provar. É muito cômodo discutir sozinho. No entanto, não pretendo estabelecer convosco nenhuma polêmica. Não tenho tempo para isto e, por outro lado, vossa folha é muito pequena para admitir a crítica e a refutação. Além disso – seja dito sem vos ofender – sua influência não se estende muito longe. Ofereço-vos coisa melhor: vinde a Paris, ante a Sociedade que presido, isto é, perante cento e

cinquenta pessoas, sustentar e provar o que adiantais. Se tendes certeza de estar com a verdade, nada deveis recear e eu vos prometo, sob palavra de honra, que, através da *Revista Espírita*, vossos argumentos e os efeitos que tiverdes produzido irão da China ao México, passando por todas as capitais da Europa.

E notai, senhor, que vos faço uma boa proposta. Não, certamente, na expectativa de vos converter, já que ficareis inteiramente livre para conservar vossas convicções. É para oferecer às vossas idéias contra o Espiritismo ocasião para uma grande publicidade. Para que saibais com quem ireis lidar, dir-vos-ei que a Sociedade se compõe de advogados, negociantes, artistas, homens de letras, cientistas, médicos, capitalistas, bons burgueses, oficiais, artesãos, príncipes, etc., tudo entremeadado de um certo número de senhoras, o que vos garante uma apresentação irrepreensível quanto à urbanidade; mas todos impregnados até a medula dos ossos, como os cinco ou seis milhões de adeptos, *desta coisa malsã que estuda a higiene pública e a moral*, e que desejareis ardentemente curar.

O Espiritismo é Possível?

(Extraído do *Écho de Sétif*, de 18 de setembro de 1862)

Tal é o título de um artigo erudito e profundo, assinado por *Jalabert*, publicado sob a epígrafe de *Mens agitat molem*, pelo *Écho de Sétif*, um dos jornais mais acreditados da Argélia. Lamentamos que sua extensão não nos permita transcrevê-lo na íntegra, considerando-se que a interrupção prejudicaria o encadeamento dos argumentos pelos quais chega o autor, numa imensa sorites, da criação do corpo e do Espírito por Deus, à ação do Espírito sobre a matéria, depois à possibilidade das comunicações entre o Espírito livre e o encarnado. Suas deduções são tão lógicas que, a menos que se negue Deus e a alma, não se pode deixar de dizer: Não pode ser de outro modo. Só citaremos alguns trechos, principalmente a conclusão.

Quando Fulton expôs a Napoleão I seu sistema de aplicação do vapor à navegação, afirmou e prometeu provar que,

sendo seu sistema verdadeiro em teoria, não o seria menos na prática.

Que lhe respondeu Napoleão? – Que em teoria sua idéia não era realizável e não a aceitava *a priori*, desconsiderando as experiências já feitas pelo imortal mecânico, inclusive aquelas que pediu que ele fizesse e fez. O grande Imperador não mais pensou em Fulton e no seu sistema, até o dia em que o primeiro navio a vapor lhe apareceu no horizonte de Santa Helena.

Coisa singular, sobretudo num século de observações físicas, de ciências materiais e de *positivismo*. Mais uma vez, só por ser extraordinário, inaudito e novo, o *fato*, se assim se pode dizer, foi *descartado* por uma simples exceção de *direito*.

É assim que, para não falar senão das manifestações de Espíritos, que lembram a expressão do *Espiritismo*, ouvimos homens, aliás, sérios e instruídos, despejarem impropérios depois do relato consciencioso de certas manifestações vistas ou atestadas por homens inteligentes, convictos e de boa-fé. Deixai, pois, o vosso Espiritismo, as vossas manifestações e os vossos *médiuns*! O que contaís é impossível!

Impossível! Muito bem, seja! Mas de graça, ó gênios transcendentais! Permitti vos lembre o dito célebre de um Antigo e, antes de nos ferir com o vosso supremo desdém, escutai-nos.

Lede estas linhas por inteiro, séria e atentamente; e, depois, com a mão na consciência e a sinceridade nos lábios, ousai, ousai negar a possibilidade, a *racionalidade* do Espiritismo!

.....

Dizeis: Não compreendo este mistério! – Mas para nós, como para vós, o movimento material produzido pelo movimento espiritual, a matéria agitada pelo pensamento, o corpo movido pelo Espírito, é o incompreensível! Mas o incompreensível não é o

impossível. Negai esta ação, negai esta influência, negai esta comunicação! Nada de criação, nada de encarnação, nada de redenção, nada de distinção entre a alma e o corpo, nada de diversidade na unidade; nada de Deus, nada de corpo, nada de Espírito, nada de religião, nada de razão! O caos! o caos ainda e sempre ou, o que é pior, o panteísmo ou o niilismo.

Resumamos. Filosoficamente, fisiologicamente, religiosamente, o Espiritismo nem é irracional, nem absurdo.

Por conseguinte, é *possível*.

O homem *age* – sobre si mesmo por seu verbo interior ou sua vontade e por seus sentidos – sobre seus semelhantes, por seu verbo exterior ou sua palavra e, ainda, pelos sentidos. Por que, então, somente com seu verbo interior não se comunicaria com Deus, com os anjos e com os Espíritos, numa palavra, com qualquer outro ser *incorpóreo* por natureza, ou acidentalmente *não corporificado*, despreendido dos sentidos?

O Espírito é uma força *que atua* sobre a matéria, isto é, sobre um ser que com ele nada tem de comum, inerte, desprovido de inteligência. Entretanto, existem relações do Criador à criação, do anjo ao homem, como da alma do homem ao corpo do homem e, por ele, ao mundo exterior.

Todavia, o que é que impediria uma ação, uma comunicação recíproca de Espírito a Espírito? Se o Espírito se comunica com seres de natureza oposta à sua, seria inconcebível que não se pudesse comunicar com outros de idêntica natureza.

De onde viria o obstáculo? – Da distância? Mas, entre Espíritos, não existe distância. “O ar está cheio deles,” disse São Paulo, para nos fazer compreender que, de certo modo, eles gozam da ubiqüidade divina. – De uma diferença hierárquica? Mas a hierarquia não importa: desde que são Espíritos, e assim o reclama a sua natureza, agem e se comunicam entre si. – De sua estada

momentânea nos laços corporais? Mas, neste caso, salvo a diferença dos meios de comunicação, nem por isso deixa esta de ocorrer. Meu Espírito se comunica com o vosso e, como o meu, vosso Espírito habita um corpo. Com mais forte razão comunicar-se-á com um Espírito *livre* ou *liberto* da matéria, quer se trate de um Espírito de anjo, quer da alma do homem.

Há mais! Longe de qualquer impedimento, tudo, ao contrário, favorece tal comunicação; “Deus é amor” e tudo quanto tem algo de divino participa do amor. Mas o amor vive de comunicações, de *comunhões*. Porque ama o homem, Deus se comunica com ele: no Éden, pela palavra; no Sinai, pela escrita; no estábulo de Belém e no Calvário por seu Verbo encarnado; e no altar, por seu Verbo *transubstanciado* no pão e no vinho eucarísticos.⁵⁸

.....

Tenhamos, pois, como certo, que as comunicações de alma a alma, de Espírito a Espírito são ainda mais possíveis que as de Espírito à matéria.

Agora, qual será o instrumento, o meio de comunicação dos seres entre si?

Entre seres corpóreos, tal comunicação se opera pelo movimento, que é como que o verbo do corpo; entre os seres puramente espirituais, pelo pensamento ou pela palavra interior, que é como que o movimento dos Espíritos; entre os seres ao mesmo tempo espirituais e corpóreos, por esse mesmo pensamento revestido de um sinal ao mesmo tempo corporal e espiritual, pela palavra exterior; entre um ser espiritual e corpóreo, de um lado, e um ser simplesmente espiritual, do outro, *via de regra* pela palavra interior, manifestando-se exteriormente por um *sinal* material.

58 N. do T.: A última afirmativa reflete o pensamento católico sobre a eucaristia, de que o autor, provavelmente, ainda se achava impregnado.

E qual será este sinal? – Todo objeto material que, num dado momento, se desloca com movimento antecipadamente convencionado, sob a única influência, direta ou indireta, da vontade ou da palavra interior do Espírito com o qual desejamos entrar em comunicação.

Recomendamos este artigo ao Sr. Tony, de Rochefort. Eis um de seus confrades, que diz exatamente o contrário; um diz branco, o outro diz preto. Quem tem razão? Há entre ambos uma diferença: um sabe, o outro não sabe. Deixamos ao leitor o cuidado de pesar as duas lógicas.

O mesmo jornal publicou vários artigos sobre o assunto, de outros escritores que, como este, têm o cunho de profunda observação e de estudo sério. Deles tornaremos a falar mais tarde.

Charles Fourier, Louis Jourdan e a Reencarnação

Extraímos a passagem seguinte de uma carta, que um amigo do autor teve a gentileza de nos enviar.

“Imagina qual não foi a minha surpresa quando, na Doutrina Espírita, da qual não fazia a menor idéia, reconheci toda a teoria de Fourier sobre a alma, a vida futura, a missão do homem na vida atual e a reencarnação das almas. Julga tu mesmo. Eis, em resumo, a teoria de Fourier:

“O homem está ligado ao planeta; vive sua vida e não a deixa nem mesmo morrendo.

“Tem duas existências: a vida atual, que Fourier compara ao sono, e a vida que chama *aromal*, outra vida, numa palavra, que é o despertar. Sua alma passa alternadamente de uma vida a outra e volta periodicamente a reencarnar na vida atual.

“Na vida atual a alma não tem o sentimento de suas vidas anteriores, mas o tem na vida aromal e vê todas as suas existências pretéritas.

“As penas na vida aromal são os temores que as almas experimentam, quando reencarnam, de serem condenadas a animar o corpo de um infeliz; porque, diz Fourier, vêem-se diariamente pessoas implorando caridade à porta dos castelos, dos quais foram proprietárias em suas vidas anteriores. E acrescenta: ‘Se os homens estivessem bem convencidos da verdade que trago ao mundo, cada um se esforçaria por trabalhar pela felicidade de todos.’

“Por esse breve extrato, caro amigo, podes ver o quanto a doutrina de Fourier e o Espiritismo se assemelham, e que, sendo falansteriano, não era difícil fazer de mim um adepto da Doutrina Espírita.”

É impossível ser mais explícito sobre o capítulo da reencarnação. Não é apenas uma idéia vaga de existências sucessivas, através de diferentes mundos: é neste que o homem renasce para se depurar e expiar. Tudo aí está: alternativas da vida espiritual, que chama *aromal*, e da vida corpórea; nesta, esquecimento momentâneo das existências anteriores e lembrança do passado durante a primeira; expiação pelas vicissitudes da vida. Seu quadro dos infelizes, vindo mendigar à porta dos castelos, de que foram donos em existências precedentes, parece calcado nas revelações dos Espíritos. Por que, então, os que hoje tanto se obstinam contra a doutrina da reencarnação, nada disseram quando Fourier dela fez uma das pedras angulares de sua teoria? É que, naquela ocasião, ela lhes parecia confinada nos falanstérios, ao passo que hoje corre o mundo, além de outras razões, facilmente compreensíveis, não havendo necessidade de as desenvolver.

Aliás, ele não foi o único a ter a intuição desta lei da Natureza. O germe dessa idéia é encontrado numa multidão de

escritores modernos. O Sr. Louis Jourdan, redator do *Siècle*, formulou-a de modo inequívoco no seu encantador opúsculo *Prières de Ludovic*, publicado pela primeira vez em 1849, por conseguinte, antes que se cogitasse do Espiritismo. Sabe-se que esse livro não é obra de ficção, mas de convicção. Entre outras coisas, nele se lê o seguinte:

“Para mim, confesso, creio firmemente, apaixonadamente, como se cria nas épocas primitivas, que cada um de nós prepara hoje a sua transformação futura, do mesmo modo que nossa existência atual é produto de existências anteriores.” O livro é inteiramente calcado nesse elemento.

Agora encaremos a questão de outro ponto de vista, para responder a uma interrogação que a respeito nos foi feita várias vezes.

Algumas pessoas se opõem à doutrina da reencarnação porque contraria os dogmas da Igreja, daí concluindo que não deve existir. O que lhes podemos responder?

A resposta é muito simples. A reencarnação não é um sistema que dependa dos homens adotar ou rejeitar, como se faz com um sistema político, econômico ou social. Se existe, é que está na Natureza; é uma lei inerente à Humanidade, como beber, comer e dormir; uma alternativa da vida da alma, como a vigília e o sono são alternativas da vida do corpo. Se for uma lei da Natureza, não será uma opinião favorável que a fará prevalecer, nem uma opinião contrária que a invalidará. A Terra não gira em torno do Sol porque se crê que ela o faça, mas porque obedece a uma lei; e os anátemas lançados contra esta lei não impediram que a Terra girasse. Dá-se o mesmo com a reencarnação; não será a opinião de alguns homens que os impedirá de renascerem, se tiverem de renascer. Admitindo que a reencarnação é uma lei da Natureza, suponhamos que ela não possa conciliar-se com um dogma; trata-se de saber quem tem

razão, se o dogma ou a lei. Ora, quem é o autor de uma lei da Natureza, senão Deus? No caso direi que não é a lei que contraria o dogma, mas o dogma que contraria a lei, levando-se em conta que qualquer lei da Natureza é anterior ao dogma e os homens renasciam antes que o dogma fosse estabelecido. Se houvesse incompatibilidade absoluta entre um dogma e uma lei da Natureza, isto seria prova de que o dogma é obra dos homens, que não conheciam a lei, porquanto Deus não se pode contradizer, desfazendo de um lado aquilo que fez do outro. Sustentar essa incompatibilidade é, pois, fazer o processo do dogma. Segue-se que o dogma é falso? Não, mas simplesmente pode ser susceptível de uma interpretação, como interpretaram o Gênesis quando se reconheceu que os seis dias da criação não se conciliavam com a lei da formação do globo. A religião ganhará com isso, pois encontrará menos incrédulos.

A questão é saber se existe ou não a lei da reencarnação. Para os espíritas há milhares de provas contra uma que é inútil repetir aqui. Direi apenas que o Espiritismo demonstra que a pluralidade das existências não só é possível, mas necessária, indispensável; e ele encontra a sua prova, abstração feita à revelação dos Espíritos, numa inumerável multidão de fenômenos de ordem moral, psicológica e antropológica. Tais fenômenos são *efeitos que têm uma causa*. Buscando-se a causa, nós a encontramos na reencarnação, posta em evidência pela observação daqueles fenômenos, como a presença do Sol, embora oculto pelas nuvens, é posta em evidência pela luz do dia. Para provar que a lei está errada, ou que não existe, seria preciso explicar melhor, por outros meios, tudo o que ela explica, o que ninguém ainda fez.

Antes da descoberta das propriedades da eletricidade, àquele que tivesse anunciado que, em cinco minutos, poderia corresponder-se a quinhentas léguas, não teriam faltado especialistas que lhe provassem cientificamente, pelas leis da Mecânica, que a coisa era *materialmente* impossível, pois não

conheciam outras leis. Para tanto havia necessidade da revelação de uma nova força. Foi assim com a reencarnação. É uma nova lei, que vem projetar luz sobre uma imensidão de questões obscuras e modificará profundamente todas as idéias quando for conhecida.

Assim, não é a opinião de alguns homens que prova a existência dessa lei: são os fatos. Se invocamos o seu testemunho, é para demonstrar que ela havia sido entrevista e suspeitada por outros antes do Espiritismo, que não é o seu inventor, mas que a desenvolveu e lhe deduziu as conseqüências.

A Cabana e o Salão

ESTUDOS DE COSTUMES ESPÍRITAS⁵⁹

Dentre nossa correspondência antiga encontramos a seguinte carta, que vem a propósito do artigo precedente.

Paris, 29 de julho de 1860.

Senhor,

Tomo a liberdade de vos comunicar as reflexões sugeridas por dois fatos que observei e que, com toda justiça, poderiam ser qualificados de *estudos dos costumes espíritas*. Vereis por aí que os fenômenos morais têm valor para mim. Desde que me dediquei ao estudo do Espiritismo, parece que vejo cem vezes mais coisas que antes; tal fato, ao qual não teria dado a mínima atenção, leva-me hoje a refletir. Estou – poderia dizer – diante de um espetáculo perpétuo, no qual cada indivíduo tem o seu papel, e me oferece um enigma a decifrar. É verdade que uns são tão fáceis, quando se possui a chave admirável do Espiritismo, que não se tem grande mérito; mesmo assim despertam grande interesse, como se nos encontrássemos, graças ao Espiritismo, num país cuja língua compreendemos. A doutrina me tornou meditativo e observador,

59 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 529.

pois agora para mim tudo tem uma causa. Os mil e um fatos que noutro tempo me pareciam obra do acaso e passavam despercebidos, hoje têm a sua razão de ser e sua utilidade. Um nada, na ordem moral, atrai minha atenção e me é uma lição. Mas esquecia que é a propósito de uma lição que quero vos entreter.

Sou professor de piano. Tempos atrás, indo à casa de uma de minhas alunas, oriunda de família da alta sociedade, entrei casualmente nos aposentos destinados ao porteiro. Uma senhora com os punhos nos quadris, de físico e moral recomendáveis, ocupava um recanto. Reprendia o comportamento da filha, menina de uns quinze anos, cujas maneiras contrastavam de modo admirável com a mãe. “Que fez a Srta. Justina – perguntei, para excitar a tal ponto a vossa cólera? – Não me faleis disso, senhor; esta sirigaita não se dá conta de seus ares de duquesa! Não gosta de lavar louça; acha que lhe estraga as mãos, que cheira mal, logo ela que foi criada com as vacas, na casa da avó. Tem medo de sujar as unhas; precisa de perfume para o lenço! Olha o perfume que eu te darei!” Nisto uma vigorosa bofetada a fez recuar quatro passos. “Ah! senhor, é preciso corrigir as crianças quando imaturas. Jamais estraguei as minhas; todos os meus filhos são bons operários e é preciso que esta lambisgória perca seus ares de grande dama.”

Depois de haver dado alguns conselhos de serenidade à mãe e de submissão à filha, subi à residência de minha aluna, sem dar importância àquela cena de família. Lá, por singular coincidência, vi a contrapartida. A mãe, mulher da sociedade, de belas maneiras, também reprendia a filha, mas por motivo completamente oposto. Dizia-lhe: “Olha os modos, Sofia; mais te assemelhas a uma cozinheira, o que não é de admirar: tua predileção particular pela cozinha faz que ali te sintas melhor que no salão. Garanto que Justina, a filha do porteiro, se envergonharia de ti. Dir-se-ia que a ama-de-leite trocou uma pela outra no berço.”

Eu jamais havia dado atenção a estas particularidades. Foi necessária a aproximação das duas cenas para que as notasse. A

Srta. Sofia, minha aluna, é uma jovem de dezoito anos, muito bonita, mas os traços têm algo de vulgar; suas maneiras são comuns e sem distinção; sua postura, seus movimentos têm algo de pesado e de maljeitoso. Eu ignorava sua inclinação pela cozinha. Pus-me, então, a comparar a pequena Justina, de instintos tão aristocráticos, e me perguntei se aí não estaria um exemplo admirável de pendores inatos, considerando-se que nas duas a educação foi impotente para os modificar. Por que uma, educada no seio da opulência e do bom-tom, tem gostos e maneiras vulgares, ao passo que a outra, desde a infância vivendo num meio mais rústico, tem o sentimento da distinção e das coisas delicadas, apesar dos corretivos da mãe, para que perca o hábito? Ó filósofos! que quereis sondar o âmago do coração humano, explicai estes fenômenos sem as existências anteriores. Para mim, é indubitável que as duas moças têm o instinto daquilo que foram. Que pensais disto, caro mestre?

Aceitai,

D...

Pensamos que a Srta. Justina, a porteira, bem poderia ser uma variante do que diz Charles Fourier: “Vêm-se todos os dias pessoas mendigando à porta dos castelos dos quais foram donos em vidas precedentes.” Quem sabe se a Srta. Justina não teria sido a senhora desse palácio, e a Srta. Sofia, a grande dama, sua porteira? Este pensamento é revoltante para certa gente que não admite a idéia de ter sido menos do que é, ou tornar-se criado de seu criado; se fosse assim, em que se tornariam as raças de puro sangue, que se teve tanto cuidado em não acasalar? Consolai-vos. O sangue dos vossos antepassados pode correr em vossas veias, porquanto o corpo procede do corpo. Quanto ao Espírito é outra coisa. Mas que fazer, se assim é? Porque um homem se aborrece com a chuva, não deixará de chover. Sem dúvida é humilhante pensar que de senhor se possa passar a servo e de rico a mendigo; mas nada é mais natural que assim seja. Basta não ser vão e

orgulhoso para não se ser rebaixado; bom e generoso para não ser reduzido a pedir aquilo que se recusou aos outros. Ser punido por aquilo em que se pecou, não é a mais justa das justiças? Sim, de grande podemos nos tornar pequenos; mas, se fomos bons, não voltaremos a ser maus. Ora, não é preferível ser um proletário honesto a um rico vicioso?

Dissertações Espíritas

DIA DE TODOS OS SANTOS

I

(Paris, 1º de novembro de 1862 – Médiun: Sr. Perchet, Sargento da 40ª linha, Caserna do Príncipe Eugênio; membro da Sociedade de Paris)

Meu caro irmão, neste dia de comemoração dos mortos, sinto-me feliz por poder conversar contigo. Não podes imaginar quão grande é o prazer que experimento. Chama-me, pois, mais vezes, e ambos lucraremos.

Aqui, nem sempre posso vir a ti, porque, muitas vezes, estou junto às minhas irmãs, especialmente junto à minha afilhada, que quase não deixo, pois pedi a missão de ficar junto a ela. Não obstante, posso com freqüência responder ao teu apelo e será sempre uma alegria poder ajudar-te com meus conselhos.

Falemos da festa de hoje. Nesta solenidade cheia de recolhimento, que aproxima o mundo visível do invisível, há felicidade e tristeza.

Felicidade, porque une em piedoso sentimento os membros dispersos da família. Neste dia a criança se acerca de seu túmulo e encontra sua terna mãe, a regar a pedra sepulcral com suas lágrimas. O anjinho a abençoa e mistura seus votos aos pensamentos que caem, gota a gota, com as lágrimas da mãe

querida. Como são agradáveis ao Senhor estas castas preces, temperadas na fé e na saudade! Assim, subam aos pés do Eterno, como o suave perfume das flores e, do alto do céu, lance Deus um olhar de misericórdia sobre este pequeno recanto da Terra e envie um de seus Espíritos bons para consolar esta alma sofredora e lhe dizer: “Consolai-vos, boa mãe; vosso filho querido está na mansão dos bem-aventurados; ele vos ama e vos espera.”

Eu disse: dia de felicidade e o repito, porque aqueles que são levados pela religião da saudade a orar aqui pelos que se foram, sabem que não é em vão e que um dia irão rever os seres bem-amados, dos quais se acham momentaneamente separados. Dia de felicidade porque os Espíritos vêm com alegria e ternura aqueles que lhes são caros virem participar, por sua confiança em Deus, da felicidade que desfrutam.

Nesse dia de Todos os Santos, os defuntos que sofreram corajosamente todas as provas impostas em vida, que se despojaram das coisas mundanas e educaram os filhos na fé e na caridade, estes Espíritos, repito, de boa vontade vêm associar-se às preces dos que deixaram, e lhes inspiram a firme vontade de marchar constantemente pela via do bem. Crianças, parentes ou amigos, ajoelhados junto aos túmulos, experimentam uma satisfação íntima, porque têm consciência de que os restos que lá estão, sob a lápide, não passam de uma lembrança do ser que eles aprisionavam e que agora se acha liberto das misérias terrestres.

Estes, meu caro irmão, os felizes. Até amanhã!

II

Prezado irmão: fiel à minha promessa, venho a ti. Como havia dito, ao deixar-te ontem à tarde, fui fazer uma visita ao cemitério. Lá examinei atentamente os vários Espíritos sofredores. É de causar pena. Esse espetáculo lamentável arrancaria lágrimas ao mais duro coração.

No entanto, em bom número essas almas são aliviadas pelos vivos e pela assistência dos Espíritos bons, sobretudo quando se arrependem das faltas terrenas e fazem esforços por se despojarem de suas imperfeições, causa única de seus sofrimentos. Então compreendem a sabedoria, a bondade, a grandeza de Deus, e pedem o favor de novas provas para satisfazerem à justiça divina, expiar e reparar suas faltas e conquistar um futuro melhor.

Orai, pois, meus caros amigos, de todo o coração, por esses Espíritos arrependidos que acabam de ser esclarecidos por uma fagulha de luz. Até então só haviam acreditado nas delícias eternas, porque, em sua punição e para cúmulo de seus tormentos, não lhes era permitido esperar. Imaginai sua alegria quando o véu das trevas finalmente se rompeu e o anjo do Senhor lhes abriu os olhos, feridos de cegueira, à luz da fé. São ditosos, mas, em geral, não têm ilusões quanto ao futuro; muitos, até, nem sabem que têm provas terríveis a sofrer; assim reclamam insistentemente as preces dos vivos e a assistência dos Espíritos bons, a fim de poderem suportar com resignação a tarefa difícil que lhes será imposta.

Digo-vos ainda, e nunca seria demais repetir, para bem vos convencer desta grande verdade: orai do fundo do coração por todos os Espíritos que sofrem, sem distinção de casta nem de seita, porque todos os homens são irmãos e se devem mútuo apoio.

Espíritas fervorosos, sobretudo vós, que conheceis a situação dos Espíritos sofredores e sabeis apreciar as fases da vida; vós que conheceis as dificuldades que eles devem superar, vinde em seu auxílio. É uma bela caridade orar pelos pobres irmãos desconhecidos, muitas vezes por todos esquecidos, e cujo reconhecimento não sabeis avaliar, quando se vêem assistidos. Para eles a prece é qual orvalho, a irrigar a terra calcinada pelo calor. Figurai um desconhecido em noite escura, caído nalgum cruzamento de estrada desconhecida; os pés estão feridos pela longa caminhada; sente o agulhão da fome e uma sede ardente; aos

sofrimentos físicos juntam-se todas as torturas morais; o desespero está a dois passos; em vão solta aos quatro ventos lancinantes gritos: nem um eco amigo responde ao apelo desesperado. Pois bem! imaginai que no instante em que essa infeliz criatura chegou aos derradeiros limites do sofrimento, mão compassiva vem pousar suavemente em seu ombro e lhe trazer o socorro que sua situação reclama. Imaginai, então, se possível, o êxtase desse homem e tereis uma pálida idéia da felicidade que a prece proporciona aos Espíritos infelizes, que suportam as angústias da punição e do isolamento. Eles vos serão eternamente agradecidos, porque, ficai certos, no mundo dos Espíritos não há ingratos como na vossa Terra.

Eu disse que Todos os Santos é uma solenidade marcada de tristeza; realmente uma grande tristeza, pois também chama a atenção para a classe desses Espíritos que, durante a existência terrena, se consagraram ao materialismo, ao egoísmo; que não quiseram reconhecer outros deuses senão as miseráveis vaidades de seu mundo inferior; que não temeram empregar todos os meios ilícitos para aumentar suas riquezas e, muitas vezes, atirar gente honesta na miséria. Entre esses também se acham os que interromperam a existência por morte violenta; os que, na vida, se arrastaram na lama pestilenta da impureza.

Para todos esses, meu caro irmão, quantos tormentos terríveis! É como diz a Escritura: Haverá choro e ranger de dentes. Serão mergulhados no abismo profundo das trevas. Esses infelizes são vulgarmente chamados *os danados* e, embora seja mais exato chamá-los *os punidos*, nem por isso sofrem menos as torturas, tão terríveis quanto as atribuídas aos danados em meio às chamas. Envolvidos nas trevas mais espessas de um abismo que lhes parece insondável, posto não circunscrito, como vos ensinam, experimentam sofrimentos morais indescritíveis, até abrirem o coração ao arrependimento.

Por vezes, alguns permanecem durante séculos nesse estado, sem que lhes seja possível prever o fim de seus tormentos. Assim, se julgam condenados para a eternidade. Durante muito tempo essa opinião errônea gozou de crédito entre vós. É um erro grave, porque, mais cedo ou mais tarde, esses Espíritos se abrem ao arrependimento e, então, Deus, tomado de piedade por suas desgraças, lhes envia um anjo, que lhes dirige palavras consoladoras e lhes abre um caminho tanto mais largo quanto mais para eles tiverem sido feitas preces ao Eterno.

Como vês, irmão, as preces são sempre úteis aos culpados; e se elas não alteram os decretos imutáveis de Deus, nem por isso dão menos alívio aos Espíritos sofredores, trazendo-lhes o doce pensamento de ainda estarem na lembrança de algumas almas compassivas. Assim o prisioneiro sente o coração saltar de alegria quando, através das grades, percebe o rosto de algum parente ou amigo que não o esqueceu na sua desventura.

Se o Espírito sofredor for muito endurecido, muito material, para que a prece alcance a sua alma, um Espírito puro a recolhe como um aroma precioso e a deposita nas ânforas celestes, até o dia em que puderem servir ao culpado.

Para que a prece dê frutos, não basta balbuciar as palavras, como faz a maioria dos homens. A única prece agradável ao Senhor é a que parte do coração, a única que é levada em conta e alivia os Espíritos que sofrem.

A irmã que te ama,

Margarida

P. [Feita na Sociedade] – Que pensar da seguinte passagem desta comunicação: “Ficai certos de que no mundo dos Espíritos não há ingratos como na vossa Terra?” Sendo as almas dos homens Espíritos encarnados, trazem seus vícios e virtudes; as

imperfeições dos homens vêm das imperfeições do Espírito, como suas qualidades procedem das qualidades adquiridas. Desse modo, e desde que se encontram nos Espíritos os vícios mais ignóbeis, não se compreenderia que não se pudesse deparar com a ingratidão, tantas vezes encontrada na Terra.

Resp. – [Pelo Sr. Perché] – Sem dúvida há ingratos no mundo dos Espíritos e podeis colocar em primeiro lugar os Espíritos obsessores e os perniciosos, que envidam todos os esforços por vos inculcar pensamentos perversos, a despeito do bem que lhes façais, orando por eles. Entretanto, sua ingratidão é apenas momentânea, porque, para eles, a hora do arrependimento soa mais cedo ou mais tarde. Então seus olhos se abrem à luz e seus corações serão eternamente reconhecidos. Na Terra não é assim, e a cada passo encontrareis homens que, a despeito de todo o bem que lhes façais, não vos pagam, até o fim, senão pela mais perversa ingratidão.

A passagem que ensejou esta observação só é obscura porque lhe falta desenvolvimento. Eu só encarava a questão do ponto de vista dos Espíritos abertos ao arrependimento e, por isso mesmo, aptos a colher imediatamente os frutos da prece. Comprometidos com o bom caminho, e não podendo retroceder, é claro que neles não poderia extinguir-se o reconhecimento.

A fim de não haver confusão, escrevi assim a frase que suscitou a observação: “Eles vos serão eternamente reconhecidos, porque, não duvideis, entre os Espíritos, aqueles a quem tiverdes levado ao bom caminho não poderiam ser ingratos.”

Margarida

Observação – Estas duas comunicações, como muitas outras de moralidade não menos elevada, foram recebidas pelo Sr. Perché, em sua caserna, onde conta vários camaradas que partilham de suas crenças espíritas e a estas conformam sua

conduta. Perguntaremos aos detratores do Espiritismo se esses militares receberiam melhores conselhos de moral no cabaré. Se for esta a linguagem de Satã, ele se fez eremita! É verdade: já está tão velho!

Na mesma ocasião perguntaremos ao Sr. Tony – o espirituoso e, sobretudo, muito lógico jornalista de Rochefort, que acredita que o Espiritismo é um dos males saídos da caixa de Pandora e uma dessas coisas malsãs, estudadas pela *higiene pública* e a moral – o que há de malsão e de contrário à higiene nesta comunicação e se esses militares perderam a moralidade e a saúde, ao renunciarem aos prazeres em favor da prece.

Dispensário Magnético

FUNDADO PELO SR. CANELLE – 11,
RUE NEUVE-DES-MARTYRS – PARIS

O primeiro artigo deste número destaca as relações existentes entre o magnetismo e o Espiritismo e mostra o auxílio que, em numerosos casos, pode o magnetizador obter dos conhecimentos espíritas, casos nos quais a idéia materialista só poderia paralisar a influência salutar. Estas relações serão evidenciadas mais ainda no segundo artigo, a ser publicado no próximo número. Levando ao conhecimento dos leitores a formação do estabelecimento dirigido pelo Sr. Canelle, que conhecemos pessoalmente e de longa data como magnetizador experimentado, não só espiritualista, mas sinceramente espírita, sentimo-nos feliz ao lhe dar este testemunho de nossa simpatia. Os tratamentos são conduzidos por ele e por vários médicos magnetizadores. Sessões especiais são consagradas às magnetizações gratuitas. Para mais amplas informações vejam os prospectos.

Resposta a um Senhor de Bordeaux

Um senhor de Bordeaux escreveu-nos uma carta, aliás muito polida, contendo uma crítica do ponto de vista religioso ao artigo publicado no número de novembro sobre a *Origem da linguagem*, o qual, diga-se de passagem, encontrou numerosos admiradores. Como a carta não traz assinatura nem endereço, fizemos com ela o que se deve fazer com toda carta anônima: lançamos no fogo.

Errata

A propósito do artigo publicado no último número – *Um remédio dado pelos Espíritos* – foi omitido que, antes da aplicação do unguento, se deve lavar cuidadosamente a ferida com água de malva ou outra loção calmante.

Allan Kardec



Nota Explicativa⁶⁰

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da

⁶⁰ **Nota da Editora:** Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

Revista Espírita (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo metuculoso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da

fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chegar-se à conseqüência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáveis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material

da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores Europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota

ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação preempatória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritos, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder

comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

Contém:

O relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., bem como todas as notícias relativas ao Espiritismo. – O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e o seu futuro. – A história do Espiritismo na Antigüidade; suas relações com o magnetismo e com o sonambulismo; a explicação das lendas e das crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

Publicada sob a direção
de
ALLAN KARDEC

*Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.*

ANO SEXTO – 1863

TRADUÇÃO DE EVANDRO NOLETO BEZERRA



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

ISBN XX-XXXX-XXX-X

1ª edição

Do X ao XX milheiro

Título do original francês:

REVUE SPIRITE, Journal d'Études Psychologiques
(Paris, 1º de Janeiro de 1858)

Tradução de **EVANDRO NOLETO BEZERRA**

Projeto gráfico de Tarcísio Ferreira

B.N. XXXXX

XXX-XX; XXX.XX-X; XX/2004

Copyright 2004 by

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

(Casa-Máter do Espiritismo)

Av. L-2 Norte - Q. 603 - Conjunto F

70830-030 - Brasília - DF - Brasil

Composição, fotolitos e impressão offset das

Oficinas do Departamento Gráfico da FEB

Rua Souza Valente, 17

20941-040 - Rio, RJ - Brasil

C.G.C. n 1º 33.644.857/0002-84 I.E. nº 81.600.503

Impresso no Brasil

PRESITA EN BRAZILLO

Sumário

SEXTO VOLUME – ANO DE 1863

JANEIRO

- Estudo sobre os Possessos de Morzine – 2^a artigo **13**
- Os Servos – *História de um Criado* **23**
- Boiêldieu na Milésima Representação da *Dama Branca* **26**
- Carta sobre o Espiritismo **30**
- Algumas Palavras sobre o Espiritismo **32**
- Resposta a uma Pergunta sobre o Espiritismo, do Ponto de
Vista Religioso **35**
- Identidade de um Espírito Encarnado **39**
- Barbárie na Civilização – *O Horrível Suplício de um Negro* **43**
- Dissertações Espíritas:
- Chegada do inverno* **46**
- Lei do progresso* **48**
- Bibliografia – *Pluralidade dos Mundos Habitados* **50**
- Subscrição em favor dos Operários de Rouen **55**

FEVEREIRO

Estudo sobre os Possessos de Morzine – 3º artigo	57
Sermões contra o Espiritismo	67
A Loucura Espírita – <i>Resposta ao Sr. Burlet, de Lyon</i>	79
Círculo Espírita de Tours – <i>Discurso Pronunciado pelo Presidente na Sessão de Abertura</i>	89
Variedades:	
<i>Cura por um Espírito</i>	95
Dissertações Espíritas:	
<i>Paz aos Homens de Boa Vontade</i>	97
Poesia Espírita:	
<i>O Doente e o Médico</i>	99
Subscrição Ruanesa	100

MARÇO

A Luta entre o Passado e o Futuro	103
Falsos Irmãos e Amigos Inábeis	109
Morte do Sr. Guillaume Renaud, de Lyon	118
Resposta da Sociedade Espírita de Paris sobre Questões Religiosas	122
François-Simon Louvet, do Havre	126
Conversas de Além-Túmulo – <i>Clara Rivier</i>	129
Fotografia dos Espíritos	134
Variedades	137

Poesias Espíritas:
Por que se lamentar? **140**
Mãe e filho **142**
Subscrição Ruanesa **143**

ABRIL

Estudo sobre os Possessos de Morzine – 4º artigo **145**
Resultado da Leitura das Obras Espíritas **161**
Os Sermões Continuam, mas não se Assemelham **170**
Suicídio Falsamente Atribuído ao Espiritismo **172**
Variedades **177**
Extratos da *Revista Francesa* – *Artigo do Sr. Flammarion* **178**
Dissertações Espíritas:
Cartão de visita do Sr. Jobard **180**
Sede severos convosco e indulgentes com os vossos irmãos **182**
Festa de Natal **184**
Encerramento da Subscrição Ruanesa **186**
Aos Leitores da *Revista* **186**

MAIO

Estudo sobre os Possessos de Morzine – 5º e último artigo **187**
Algumas Refutações **199**
Conversas Familiares de Além-Túmulo:
Sr. Philibert Viennois **206**

Um Argumento Terrível contra o Espiritismo:

História de um Asno **211**

Algumas Palavras Sérias a Propósito de Bordoadas **212**

Exame das Comunicações Mediúnicas que nos são Enviadas **217**

Questões e Problemas – *Espíritos Incrédulos e Materialistas* **221**

Nota Bibliográfica **226**

JUNHO

Princípio da Não-Retrogradação dos Espíritos **229**

Algumas Refutações – 2º artigo **234**

Orçamento do Espiritismo – *Um Exploração da
Credulidade Humana* **243**

Um Espírito Premiado nos Jogos Florais **251**

Considerações sobre o Espírito Batedor de Carcassonne **257**

Meditações sobre o Futuro – *Poesia pela Sra. Raoul de Navery* **262**

Dissertações Espíritas:

Conhecer-se a si mesmo **265**

A amizade e a prece **266**

O futuro do Espiritismo **267**

Nota Bibliográfica **270**

JULHO

Dualidade do Homem Provada pelo Sonambulismo **271**

Caráter Filosófico da Sociedade Espírita de Paris **275**

Aparições Simuladas no Teatro	280
Quadro Mediúnico na Exposição de Constantinopla	287
Um novo Jornal Espírita na Sicília	290
O Poder da Vontade sobre as Paixões	294
Primeira Carta ao Padre Marouzeau	297
Expição Terrestre – Max, o Mendigo	301
Dissertações Espíritas:	
<i>Bem-aventurados os que têm fechados os olhos</i>	304
<i>O arrependimento</i>	306
<i>Os fatos realizados</i>	307
<i>Períodos de transição na Humanidade</i>	308
<i>Sobre as comunicações dos Espíritos</i>	309

AGOSTO

Jean Reynaud e os Precursores do Espiritismo	313
Pensamentos Espíritas em Vários Escritores	321
Destino do Homem nos Dois Mundos	323
Ação Material dos Espíritos sobre o Organismo	331
Ainda uma Palavra sobre os Espectros Artificiais e ao Sr. Oscar Comettant	334
Questões e Problemas:	
<i>Mistificações</i>	339
<i>Infinito e indefinido</i>	340
Conversas Familiares de Além-Túmulo:	
<i>Sr. Cardon, médico</i>	342

Dissertações Espíritas:

Espírito Jean Reynaud **347**

Medicina homeopática **351**

Correspondência – Carta do Sr. T. Jaubert, de Carcassonne **353**

SETEMBRO

União da Filosofia e do Espiritismo **355**

Questões e Problemas – *Sobre a Expição e a Prova* **365**

Segunda Carta ao Padre Marouzeau **372**

O *Écho de Sétif* ao Sr. Leblanc de Prébois **378**

Notas Bibliográficas:

Revelações sobre a minha vida sobrenatural **380**

Sermões sobre o Espiritismo **385**

Dissertações Espíritas:

Uma morte prematura **386**

O purgatório **387**

A castidade **389**

O dedo de Deus **392**

O verdadeiro **394**

OUTUBRO

Reação das Idéias Espiritualistas **397**

Enterro de um Espírita na Vala Comum **402**

Inauguração do Retiro de Cempuis **410**

Benfeitores Anônimos	415
Espíritos Visitantes – <i>François Franckowski</i>	418
Proibição de Evocar os Mortos	421
Dissertações Espíritas:	
<i>É permitido evocar os mortos, já que Moisés o proibiu?</i>	424
<i>Os falsos devotos</i>	427
<i>Longevidade dos patriarcas</i>	428
<i>A voz de Deus</i>	429
<i>O livre-arbítrio e a presciência divina</i>	430
<i>O panteísmo</i>	432
Notas Bibliográficas:	
<i>O Espiritismo racional</i>	434
<i>Sermões sobre o Espiritismo</i>	436

NOVEMBRO

União da Filosofia e do Espiritismo – 2º artigo	439
Pastoral do Sr. bispo de Argel contra o Espiritismo	453
Exemplos da Ação Moralizadora do Espiritismo	464
Novo Sucesso do Espírito de Carcassonne	473
Pluralidade das Existências e dos Mundos Habitados	475
Dissertações Espíritas:	
<i>A nova Torre de Babel</i>	476
<i>O verdadeiro espírito das tradições</i>	477

DEZEMBRO

Utilidade do Ensino dos Espíritos	479
O Espiritismo na Argélia	483
Elias e João Batista – <i>Refutação</i>	491
São Paulo, Precursor do Espiritismo	495
Um Caso de Possessão – <i>Senhorita Júlia</i>	499
Período de Luta	504
Instrução dos Espíritos:	
<i>A guerra surda</i>	507
<i>Os conflitos</i>	510
<i>O dever</i>	516
<i>Sobre a alimentação do homem</i>	518
Nota Explicativa	521

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

JANEIRO DE 1863

Nº 1

Estudo sobre os Possessos de Morzine

CAUSAS DA OBSESSÃO E MEIOS DE COMBATÊ-LA

(Segundo artigo)

Em nosso artigo precedente¹ expomos a maneira pela qual se exerce a ação dos Espíritos sobre o homem, ação, por assim dizer, material. Sua causa está inteiramente no *perispírito*, princípio não só de todos os fenômenos espíritas propriamente ditos, mas de uma imensidade de efeitos morais, fisiológicos e patológicos, incompreendidos antes do conhecimento desse agente, cuja descoberta, se assim nos podemos exprimir, abrirá horizontes novos à Ciência, quando esta se dispuser a reconhecer a existência do mundo invisível.

Como vimos, o perispírito representa importante papel em todos os fenômenos da vida; é a fonte de uma porção de afecções, cuja causa é em vão buscada pelo escalpelo na alteração dos órgãos, e contra as quais é impotente a terapêutica. Por sua expansão explicam-se, ainda, as reações de indivíduo a indivíduo, as atrações e as repulsões instintivas, a ação magnética, etc. No

¹ Ver o número de dezembro de 1862.

Espírito livre, isto é, desencarnado, substitui o corpo material; é o agente sensitivo, o órgão por meio do qual ele age. Pela natureza fluídica e expansiva do perispírito, o Espírito alcança o indivíduo sobre o qual quer atuar, rodeia-o, envolve-o, penetra-o e o magnetiza. Vivendo em meio ao mundo invisível, o homem está incessantemente submetido a essas influências, assim como às da atmosfera que respira, traduzindo-se aquelas por efeitos morais e fisiológicos dos quais não se dá conta e que, muitas vezes, atribui a causas inteiramente contrárias. Essa influência difere, naturalmente, segundo as qualidades, boas ou más, do Espírito, como já explicamos no artigo anterior. Se ele for bom e benevolente a influência, ou, se quisermos, a impressão, é agradável e salutar; é como as carícias de uma terna mãe, que abraça o filho. Se for mau e perverso, será dura, penosa, aflitiva e por vezes perniciosa; não abraça: constrange. Vivemos num oceano fluídico, expostos incessantemente a correntes contrárias, que atraímos ou repelimos, e às quais nos abandonamos, conforme nossas qualidades pessoais, mas em cujo meio o homem sempre conserva o seu livre-arbítrio, atributo essencial de sua natureza, em virtude do qual pode sempre escolher o caminho.

Como se vê, isto é inteiramente independente da faculdade mediúnica, tal como é concebida vulgarmente. Estando a ação do mundo invisível na ordem das coisas naturais, ela se exerce sobre o homem, abstração feita de qualquer conhecimento espírita. Estamos a elas submetidos, como o estamos à influência da eletricidade atmosférica, mesmo não sabendo a Física, como ficamos doentes, sem conhecer a Medicina. Ora, assim como a Física nos ensina a causa de certos fenômenos e a Medicina a de certas doenças, o estudo da ciência espírita nos ensina a causa dos fenômenos devidos às influências ocultas do mundo invisível e nos explica o que, sem isto, nos parecerá inexplicável. A mediunidade é o meio direto de observação. O médium – que nos permitam a comparação – é o instrumento de laboratório pelo qual a ação do mundo invisível se traduz de maneira patente. E, pela facilidade que

nos oferece de repetir as experiências, permite-nos estudar o modo e os diversos matizes desta ação. Destes estudos e destas observações nasceu a ciência espírita.

Todo indivíduo que, de uma maneira ou de outra, sofre a influência dos Espíritos, é, por isto mesmo, médium, razão por que se pode dizer que todo o mundo é médium. Mas é pela mediunidade efetiva, consciente e facultativa que se chegou a constatar a existência do mundo invisível e, pela diversidade das manifestações obtidas ou provocadas, foi possível esclarecer a qualidade dos seres que o compõem e o papel que representam na Natureza. O médium fez pelo mundo invisível o que fez o microscópio pelo mundo dos infinitamente pequenos.

É, pois, uma nova força, uma nova faculdade, uma nova lei, numa palavra, que nos foi revelada. É realmente inconcebível que a incredulidade repila mesmo a idéia, levando-se em conta que esta idéia supõe em nós uma alma, um princípio inteligente que sobrevive ao corpo. Se se tratasse da descoberta de uma substância material e ininteligente, seria aceita sem dificuldade. Mas uma ação inteligente fora do homem é, para eles, superstição. Se, da observação dos fatos produzidos pela mediunidade, remontarmos aos fatos gerais, poderemos, pela similitude dos efeitos, concluir pela similitude das causas. Ora, é constatando a analogia dos fenômenos de Morzine com aqueles que diariamente a mediunidade põe aos nossos olhos que nos parece evidente a participação dos Espíritos malfazejos naquela circunstância; e não o será menos para quantos tiverem meditado sobre os numerosos casos isolados, relatados na *Revista Espírita*. A única diferença está no caráter epidêmico da afecção. Mas a História registra alguns fatos semelhantes, entre os quais figuram o das religiosas de Loudun, dos convulsionários de Saint-Médard, dos calvinistas das Cévènes e dos possessos do tempo do Cristo. Estes últimos, sobretudo, apresentam notável analogia com os de Morzine; e – coisa digna de nota – em qualquer parte onde esses fenômenos se produzissem, a

idéia de que fossem devidos a Espíritos era o pensamento dominante e como que intuitiva naqueles por eles afetados.

Se nos reportarmos ao nosso primeiro artigo sobre a teoria da obsessão, contida em *O Livro dos Médiuns*, e aos fatos relatados na *Revista*, veremos que a ação dos Espíritos maus, sobre os indivíduos de que se apoderam, apresenta nuanças de intensidade e duração extremamente variadas, conforme o grau de malignidade e perversidade do Espírito e, também, de acordo com o estado moral da pessoa que lhes dá acesso mais ou menos fácil. Muitas vezes tal ação é temporária e acidental, mais maliciosa e desagradável que perigosa, como no caso que relatamos em nosso artigo anterior. O fato seguinte pertence a esta categoria:

O Sr. Indermühle, de Berna, membro da Sociedade Espírita de Paris, contou-nos que em sua propriedade de Zimmerwald, o capataz, homem de força hercúlea, certa noite se sentiu agarrado por um indivíduo que o sacudia vigorosamente. Dir-se-ia um pesadelo; mas não era, pois o homem estava bem desperto, levantou-se, lutou algum tempo com quem o agarrava e, quando se sentiu livre, tomou do sabre, pendurado ao lado do leito, e pôs-se a esgrimi-lo no escuro, sem nada atingir. Acendeu uma vela, procurou por toda parte e não encontrou ninguém; a porta estava bem fechada. Mal retornara ao leito e o jardineiro, que estava no quarto ao lado, começou a pedir socorro, debatendo-se e gritando que o estrangulavam. O capataz correu para o vizinho, mas, tal como ocorrera consigo, não viu ninguém. Uma criada, que dormia na mesma construção, ouviu todo o barulho. Apavorados todos vieram, no dia seguinte, contar ao Sr. Indermühle o que se havia passado. Depois de ter-se informado de todos os detalhes e certo de que nenhum estranho poderia ter-se introduzido nos aposentos, foi levado a crer numa brincadeira de mau gosto, por parte de algum Espírito, já que manifestações físicas inequívocas, de diversas naturezas, se produziam desde algum tempo em sua casa. Tranqüilizou sua gente, recomendando que observassem com

cuidado tudo quanto se passasse, caso a coisa se repetisse. Como ele e a esposa fossem médiuns, evocou o Espírito perturbador, que confessou o fato e se desculpou, dizendo: “Eu vos queria falar, pois sou infeliz e necessito de vossas preces; há muito tempo faço tudo o que posso para vos chamar a atenção; bato à vossa porta e, até mesmo, já vos puxei a orelha (O Sr. Indermühle lembrou-se do fato), mas em vão. Então julguei que, protagonizando a cena da noite passada, pensaríeis em me chamar. Fizeste-o e estou contente; asseguro-vos, porém, que não tinha más intenções. Prometei chamar-me algumas vezes e orar por mim.” O Sr. Indermühle o repreendeu, repetiu a conversa, deu-lhe uma lição de moral, que ele escutou com prazer, orou por ele e disse aos criados que fizessem o mesmo, o que logo foi feito, já que eram pessoas piedosas. Desde então, tudo ficou em ordem.

Infelizmente, nem todos os Espíritos têm tão boa disposição; esse não era mau. Alguns há, porém, cuja ação é tenaz, permanente, podendo até mesmo haver conseqüências desagradáveis para a saúde dos indivíduos; direi mais: para suas faculdades intelectuais, caso o Espírito consiga subjugar a vítima, a ponto de neutralizar seu livre-arbítrio e constrangê-la a dizer e a fazer extravagâncias. Tal é o caso da loucura obsessiva, muito diversa nas causas, se não nos efeitos, da loucura patológica.

Em nossa viagem vimos o jovem obsidiado, do qual falamos na *Revista* de janeiro de 1861, sob o título de *Espírito batedor do Aube*, e ouvimos do próprio pai e de testemunhas oculares a confirmação de todos os fatos. O rapaz tem agora dezesseis anos; é saudável, forte, perfeitamente constituído e, contudo, queixa-se de dor no estômago e fraqueza nos membros, o que, segundo diz, o impede de trabalhar. Vendo-o, pode-se facilmente crer que a preguiça seja sua principal doença, o que nada tira à realidade dos fenômenos produzidos há cinco anos e que, sob muitos aspectos, lembram os de Bergzabern (*Revista*: maio, junho e julho de 1858). Já o mesmo não se dá com a sua saúde moral;

quando criança era muito inteligente e na escola aprendia com facilidade. Desde então suas faculdades enfraqueceram sensivelmente. Deve-se acrescentar que só recentemente ele e seus pais conheceram o Espiritismo, ainda por ouvir dizer e muito superficialmente, pois nada leram; antes nunca tinham ouvido falar. Não se poderia ver, assim, nenhuma causa provocadora. Os fenômenos materiais praticamente cessaram ou, pelo menos, são hoje muito mais raros; mas o estado moral é o mesmo, o que é tanto mais deplorável para os pais, que vivem do trabalho. Sabe-se da influência da prece em tais casos; mas como nada se pode esperar do rapaz em questão, seria necessário o concurso dos pais; estes estão convencidos de que o filho encontra-se sob má influência oculta, mas sua crença não vai além e sua fé religiosa é das mais fracas. Dissemos ao pai que era preciso orar, mas seriamente e com fervor. “É o que já me disseram”, respondeu ele; “Orei algumas vezes, mas sem resultado; se soubesse que orando uma porção de vezes durante vinte e quatro horas isto acabasse, eu o faria agora.” Por aí se vê de que maneira, nesta circunstância, podemos ser secundados por aqueles que são os maiores interessados.

Eis a contrapartida do caso e uma prova da eficácia da prece, quando feita com o coração e não com os lábios:

Contrariada em suas inclinações, uma mocinha se casara com um homem a quem não simpatizava. A mágoa que isso gerou levou-a a um distúrbio mental; dominada por uma idéia fixa, perdeu a razão e viram-se obrigados a interná-la. Ela jamais ouvira falar de Espiritismo; se dele se tivesse ocupado, não teria faltado quem dissesse que os Espíritos lhe haviam transtornado a cabeça. O mal provinha, assim, de uma causa moral, acidental e toda pessoal, compreendendo-se que, em tais casos, os remédios normais não poderiam ter nenhuma valia. Como não havia nenhuma obsessão aparente, podia-se duvidar igualmente da eficácia da prece.

Um membro da Sociedade Espírita de Paris, amigo da família, julgou dever interrogar um Espírito superior, que respondeu: “A idéia fixa dessa senhora, por sua própria causa, atrai à sua volta uma multidão de Espíritos maus, que a envolvem com seus fluidos e alimentam suas idéias, impedindo cheguem até ela as boas influências. Os Espíritos dessa natureza abundam sempre em meios semelhantes ao em que ela se encontra e, muitas vezes, constituem obstáculo à cura dos doentes. Contudo podereis curá-la; mas, para tanto, é necessário uma força moral capaz de vencer a resistência. E tal força não é dada a um só. Que cinco ou seis espíritas sinceros se reúnam todos os dias, durante alguns instantes e peçam com fervor a Deus e aos Espíritos bons que a assistam; que a vossa prece fervorosa seja, ao mesmo tempo, uma magnetização mental; para tanto, não tendes necessidade de estar junto a ela; ao contrário: pelo pensamento podeis levar-lhe uma salutar corrente fluídica, cuja força estará na razão de vossa intenção, aumentada pelo número. Por tal meio podereis neutralizar o mau fluido que a envolve. Fazei isto; tende fé e confiança em Deus e esperai.”

Seis pessoas se dedicaram a essa obra de caridade e, durante um mês, não faltaram sequer um dia à missão que haviam aceitado. Ao cabo de alguns dias a doente estava sensivelmente mais calma; quinze dias mais tarde a melhora era manifesta e hoje esta mulher voltou para sua casa em estado perfeitamente normal, ignorando ainda, como o seu marido, de onde lhe adveio a cura.

O modo de ação é aqui indicado claramente e nada teríamos a acrescentar de mais preciso à explicação dada pelo Espírito. Assim, a prece não tem apenas o efeito de levar ao paciente um socorro estranho, mas o de exercer uma ação magnética. O que não faria o magnetismo secundado pela prece! Infelizmente certos magnetizadores, a exemplo de muitos sábios, fazem abstração do elemento espiritual; vendo apenas a ação mecânica, privam-se, assim, de poderoso auxiliar. Esperamos que os verdadeiros espíritas vejam no fato uma prova a mais do bem que podem fazer em tal circunstância.

Naturalmente aqui se apresenta uma questão de grande importância: *O exercício da mediunidade pode provocar transtornos da saúde e das faculdades mentais?*

É de notar que, assim formulada, esta é a pergunta feita pela maioria dos antagonistas do Espiritismo ou, melhor dizendo, em vez de uma pergunta, eles reduzem o princípio a um axioma, afirmando que a mediunidade conduz à loucura. Falamos da loucura real e não desta, mais burlesca que séria, com que gratificam os adeptos. Conceber-se-ia a pergunta da parte de quem acreditasse na existência dos Espíritos e na ação que eles pudessem exercer, porque, para eles, existe algo de real. Mas para os que não acreditam a pergunta é um disparate, porquanto, se nada existe, esse nada não poderá produzir algo. Sendo a tese insustentável, eles se estribam nos perigos da superexcitação cerebral que, em sua opinião, é suficiente para produzir a crença nos Espíritos. Já tratamos desse ponto e a ele não mais voltaremos; apenas perguntamos se já foi feito o cadastro de todos os cérebros transtornados pelo medo do diabo e dos terríveis quadros das torturas do inferno e da danação eterna, e se é mais prejudicial acreditarmos que temos ao nosso lado Espíritos bons e benevolentes, os pais, os amigos e o anjo-da-guarda, do que o demônio.

Se for assim formulada, a pergunta se torna mais racional e mais séria, desde que se admita a existência e a ação dos Espíritos: *O exercício da mediunidade pode provocar num indivíduo a invasão de Espíritos maus e suas conseqüências?*

Jamais dissimulamos os escolhos encontrados na mediunidade, razão por que, em *O Livro dos Médiuns*, multiplicamos as instruções a tal respeito, não tendo cessado de recomendar o seu estudo prévio, antes de se entregarem à prática.

Assim, desde a publicação daquele livro, o número de obsidiados diminuiu sensível e notoriamente, porque poupa uma experiência que os noviços muitas vezes só adquirem à própria custa. Dizemo-lo ainda: sim, sem experiência a mediunidade tem inconvenientes, dos quais o menor seria ser mistificado pelos Espíritos enganadores e levianos. Fazer Espiritismo experimental sem estudo é querer fazer manipulações químicas sem saber Química.

Os numerosos exemplos de pessoas obsidiadas e subjugadas da mais desagradável maneira, sem jamais terem ouvido falar de Espiritismo, provam exuberantemente que o exercício da mediunidade não tem o privilégio de atrair os Espíritos maus. Mais ainda: prova a experiência que é um meio de os afastar, permitindo reconhecê-los. Todavia, como muitas vezes alguns vagueiam em redor de nós, pode acontecer que, encontrando oportunidade para se manifestarem, aproveitam-na, caso encontrem no médium uma predisposição física ou moral, que o torne acessível à sua influência. Ora, tal predisposição se prende ao indivíduo e a causas pessoais anteriores, e não à mediunidade. Pode dizer-se que o exercício da faculdade é uma ocasião e não uma causa. Mas se alguns indivíduos estiverem neste caso, outros há que oferecem uma resistência insuperável aos Espíritos maus, e a eles estes últimos não se dirigem. Falamos de Espíritos realmente maus e perniciosos, na verdade os únicos perigosos, e não de Espíritos levianos e zombeteiros, que se insinuam por toda parte.

A presunção de julgar-se invulnerável contra os Espíritos maus muitas vezes tem sido punida de maneira cruel, porque jamais são impunemente desafiados pelo orgulho. O orgulho é a porta que lhes dá mais fácil acesso, pois ninguém oferece menos resistência do que o orgulhoso, quando tomado pelo seu lado fraco. Antes de nos dirigirmos aos Espíritos, convém, pois, proteger-nos contra o ataque dos maus, como se marchássemos em terreno onde tememos picadas de serpentes.

Isto se consegue, de início, pelo estudo prévio, que indica a rota e as precauções a tomar; depois, pela prece. Mas é necessário bem nos compenetrarmos da verdade de que o *único* preservativo está em nós, em nossa própria força, e *nunca* nas coisas exteriores, e que não há talismãs, nem amuletos, nem palavras sacramentais, nem fórmulas sagradas ou profanas que possam ter a menor eficácia se não tivermos em nós mesmos as qualidades necessárias. São essas qualidades, portanto, que nos devemos esforçar por adquirir.

Se estivéssemos bem persuadidos do objetivo essencial e sério do Espiritismo; se nos preparássemos sempre para o exercício da mediunidade por um fervoroso apelo ao nosso anjo-da-guarda e aos Espíritos protetores; se nos estudássemos, esforçando-nos por nos purificarmos de nossas imperfeições, os casos de obsessão mediúmica seriam ainda mais raros. Infelizmente, muitos vêem apenas o fato das manifestações. Não contentes com as provas morais que sobejam em seu redor, querem a todo custo permitir-se a satisfação de se comunicarem eles mesmos com os Espíritos, forçando o desenvolvimento de uma faculdade que muitas vezes não existe, guiados mais pela curiosidade do que pelo desejo sincero de se melhorarem. Disso resulta que, em vez de se envolverem numa atmosfera fluídica salutar; de se cobrirem com as asas protetoras de seus anjos-da-guarda; de buscarem o domínio de suas fraquezas morais, abrem a porta de par em par aos Espíritos obsessores, que provavelmente os teriam atormentado de outra maneira e em outra ocasião, mas que aproveitam o ensejo que se lhes oferece. Que dizer, então, daqueles que fazem das manifestações um jogo, nelas não vendo senão um motivo para distração ou curiosidade, procurando meios de satisfazer a ambição, a cupidez ou os interesses materiais? É neste sentido que se pode dizer que o exercício da mediunidade pode provocar a invasão dos Espíritos maus; sim, é perigoso brincar com estas coisas. Quantas pessoas lêem *O Livro dos Médiuns* unicamente para saber como agir, uma vez que a receita ou a maneira de proceder é a coisa que mais lhes interessa. O lado moral da questão é acessório.

Assim, não se deve imputar ao Espiritismo o que resulta da imprudência das criaturas.

Voltemos aos possessos de Morzine. Aquilo que um Espírito pode fazer a um indivíduo, vários Espíritos o podem sobre diversos, simultaneamente, e dar à obsessão um caráter epidêmico. Uma nuvem de Espíritos maus pode invadir uma localidade e aí se manifestar de várias maneiras. Foi uma epidemia de tal gênero que transtornou a Judéia, ao tempo do Cristo e, em nossa opinião, é de uma epidemia semelhante que padece Morzine.

É o que procuraremos estabelecer num próximo artigo, no qual destacaremos os caracteres essencialmente obsessivos dessa afecção. Analisaremos os relatórios dos médicos que a observaram, entre outros o do Dr. Constant, bem como os meios curativos empregados, quer pela Medicina, quer através de exorcismos.

Os Servos

HISTÓRIA DE UM CRIADO

O caso relatado no número precedente, sob o título de *A cabana e o salão* (dezembro de 1862) lembra-nos um outro, um tanto pessoal. Numa viagem que fizemos há dois anos, vimos, numa família da alta sociedade, um criado muito jovem, cujo rosto, fino e inteligente, nos impressionou pelo seu ar de distinção. Nada em suas maneiras denotava inferioridade; sua dedicação ao serviço dos patrões não tinha essa obsequiosidade servil, própria das pessoas de tal condição. Voltando àquela família no ano seguinte, e não mais vendo o rapaz, perguntamos se o haviam despedido. “Não”, responderam-me; “foi passar alguns dias em sua terra e lá morreu. Lamentamos muito, pois era um excelente sujeito e tinha sentimentos *realmente acima de sua posição*. Era muito ligado a nós, tendo nos dado provas do maior devotamento.”

Mais tarde veio-nos a idéia de evocar o rapaz. Eis o que ele nos disse:

“Em minha última encarnação eu era, como se diz na Terra, de boa família, embora arruinada pela prodigalidade de meu pai. Fiquei órfão e sem recursos ainda muito jovem. O Sr. G... foi o meu benfeitor; educou-me como filho e deu-me uma boa instrução, que muito me envaideceu. Na última existência quis expiar meu orgulho, nascendo em condição servil e aqui encontrei ocasião de provar dedicação ao meu benfeitor. Até lhe salvei a vida, sem que ele jamais desconfiasse. Era ao mesmo tempo uma prova, da qual tirei partido, pois tive bastante força para não me deixar corromper pelo contato com um meio quase sempre vicioso. Apesar dos maus exemplos, fiquei puro, pelo que dou graças a Deus por ter sido recompensado pela felicidade que desfruto.”

P. – Em que circunstâncias salvastes a vida do Sr. G...?

Resp. – Num passeio a cavalo, em que eu o seguia só, percebi uma grande árvore que caía ao seu lado, sem que ele a visse. Adverti-o com um grito terrível; ele recuou bruscamente, enquanto a árvore tombava aos seus pés. Sem o movimento que provoquei, ele teria sido esmagado.

Observação – O fato foi relatado ao Sr. G..., que dele se lembrou perfeitamente.

P. – Por que morrestes tão jovem?

Resp. – Deus tinha julgado minha prova suficiente.

P. – Como pudestes aproveitar a prova, se não guardáveis lembrança de vossa precedente existência e da causa que a motivara?

Resp. – Em minha humilde posição, restava-me um instinto de orgulho, que tive a felicidade de dominar. Isto tornou a prova muito proveitosa, sem o que teria de recomeçá-la. Em seus momentos de liberdade, o meu Espírito se lembrava e, ao

despertar, ficava um desejo intuitivo de resistir às minhas tendências, que eu sentia serem más. Assim, tive mais mérito em lutar do que se me recordasse claramente do passado. A lembrança perturbadora de minha antiga posição teria exaltado o meu orgulho, enquanto tive apenas de combater os arrastamentos da nova posição.

P. – Recebestes uma educação brilhante. Para que vos serviu na última existência, uma vez que não vos recordáveis dos conhecimentos adquiridos?

Resp. – Esses conhecimentos teriam sido inúteis, mesmo um contra-senso em minha nova situação. Ficaram latentes e hoje os recupero. Contudo, não me foram inúteis, pois me desenvolveram a inteligência; instintivamente eu tinha gosto pelas coisas elevadas, o que me inspirava repulsa pelos exemplos baixos e ignóbeis que tinha sob os olhos. Sem tal educação eu não teria passado de um simples criado.

P. – Os exemplos de domésticos que se dedicam aos patrões até a abnegação têm por causa relações anteriores?

Resp. – Não o duvideis; é, pelo menos, o caso mais comum. Por vezes tais criados são membros da família ou, como eu, seres agradecidos que pagam uma dívida de reconhecimento e cuja dedicação lhes auxilia o progresso. Não sabeis de todos os efeitos das simpatias e antipatias que essas relações anteriores produzem no mundo. Não, a morte não interrompe tais relações, que muitas vezes se perpetuam de um século a outro.

P. – Por que tais exemplos de dedicação dos domésticos são hoje tão raros?

Resp. – Deve-se incriminar o espírito de egoísmo e de orgulho do vosso século, desenvolvido pela incredulidade e pelas idéias materialistas. A verdadeira fé desaparece pela cupidez e pelo desejo de ganho e, com ela, a dedicação. Reconduzindo os homens ao sentimento da verdade, o Espiritismo fará renascer as virtudes esquecidas.

Observação – Nada melhor que este exemplo para ressaltar o benefício do esquecimento das existências anteriores. Se o Sr. G... se tivesse lembrado de quem tinha sido seu jovem criado, ficaria muito constrangido e nem mesmo o teria conservado naquela condição, entrvando, assim, a prova, que a ambos foi proveitosa.

Boïeldieu na Milésima Representação da *Dama Branca*

As estrofes seguintes, do Sr. Méry, foram recitadas na milésima representação da *Dama Branca*, no teatro da Ópera Cômica, em 16 de dezembro de 1862:

A BOÏELDIEU!

Glória à peça onde canta inteira a melodia
Da obra de Boïeldieu com aplausos de alegria,
E, como no passado, ainda jovem, sem danos!
Sala cheia, a rever Paris, sempre louçã,
A Dama d’Avenel, a nobre castelã!
Dez vezes centenária, após trinta e seis anos!

É que lhe deu o autor tudo quanto um poeta
Pode dar de melhor ao que a lira interpreta,
Prodigaliza o mestre, em sucessivo ardor,
Encantos que jamais soube alguém traduzir:
O tom que faz sonhar, o tom que faz sorrir,
Do Espírito a alegria em êxtase de amor!

Sonoridade tal vem da graça suprema
Que se evola da voz, e da orquestra, e do poema,
Não conseguiu vencê-la a arte da noite então;
Porque de Boïeldieu é a mais bela vitória,
Torna o público artista e à platéia em glória
Expressa-lhe o universo a voz do coração!

Com que felicidade o mestre augusto lida
 Em inspirados tons pela musa querida!
 Qual rio de ouro cai do alaúde sereno!
 Como raios que vêm de uma bruma escocesa!
 Para tal obra, pois, a música francesa
 Nada tem a temer dos Alpes ou do Reno!

Cabe-nos festejar milésimo tão nobre,
 Que tão alto se eleva e de aplausos se cobre;
 E... conhecemos nós os segredos do além?...
 Quem sabe? aqui talvez sob este céu desfrute
 Uma sombra, esta noite, e alegre nos escute,
 Como um ouvinte a mais e não vemos ninguém!

Todos os espíritas devem ter notado esta última estrofe, que não poderia corresponder melhor ao seu pensamento, nem melhor exprimir a presença, em nosso meio, do Espírito dos que deixaram seus despojos carnavais. Para os materialistas, é um simples jogo de imaginação do poeta, porque, em sua opinião, do homem de gênio, cuja memória se celebrava, nada restava e as palavras que lhe eram dirigidas se perdiam no vazio, sem encontrar eco. As lembranças e os pesares que deixou, para eles nada valem; ainda mais: sua vasta inteligência é mero acaso da Natureza e de sua organização. Onde, então, o seu mérito? Não o teria por haver composto suas obras-primas do que os órgãos da Barbária que os executam. Tal pensamento não tem algo de glacial, diríamos até, de profundamente imoral? E não é triste ver homens de talento e de ciência preconizá-los em seus escritos e, do alto de suas cátedras, os ensinar à juventude das escolas, buscando provar-lhes que só o nada nos espera e, conseqüentemente, que aquele que pôde ou soube subtrair-se à justiça humana, nada mais tem a reccar? Esta idéa – nunca seria demais repetir – é eminentemente subversiva da ordem social e, cedo ou tarde, os povos sofrem as terríveis conseqüências de sua predominância pelo desencadeamento das paixões. Porque seria o mesmo que lhes dizer: Podeis fazer impunemente tudo o que quiserdes, contanto que sejais mais fortes. Entretanto, esta idéa – é preciso convir em louvor à Humanidade

– encontra um sentimento de repulsa nas massas. Perguntamos que efeito teria produzido o poeta sobre o público se, em vez daquela imagem tão verdadeira, tão comovente e tão consoladora da presença do Espírito Boïeldieu em meio ao numeroso auditório, feliz com a aprovação à sua obra, tivesse dito: Do homem que lamentamos não resta senão o que foi para o túmulo e que se destrói dia a dia; mais alguns anos e nem mesmo o seu pó restará; mas do seu ser pensante nada resta; entrou no nada de onde saiu; não mais nos vê nem nos escuta. E vós, seu filho aqui presente, que venerais a sua memória, vossos pesares não mais o atingem; em vão o chamais em vossas preces fervorosas: não poderá vir, porque não existe mais; a tumba fechou-se para sempre sobre ele. É em vão que esperais revê-lo ao deixar a Terra, porque também entrareis no nada, como ele; em vão lhe pedireis apoio e conselhos: ele vos deixou só e bem só. Credes que ele continua a ocupar-se de vós, que está ao vosso lado, que está aqui, entre nós? Ilusão de um espírito fraco. Sois médium – dizeis – e acreditais que ele pode manifestar-se por vós! Superstição oriunda da Idade Média; efeito de vossa imaginação, que se reflete em vossos escritos.

Perguntamos: O que teria dito o auditório de semelhante quadro? É, entretanto, o ideal da incredulidade.

Certamente alguns assistentes, ao ouvirem esses versos, terão pensado: “Linda idéia! Tem fundamento!” Mas outros, em maior número, terão pensado: “Pensamento suave e consolador, que aquece o coração!” Contudo, terão acrescentado: “Se a alma de Boïeldieu está presente, como é ela? Sob que forma? É uma chama, uma centelha, um vapor, um sopro? Como vê e escuta?” É precisamente a incerteza quanto ao estado da alma que faz nascer a dúvida. Ora, o Espiritismo vem dissipar tal incerteza, dizendo: Ao morrer, Boïeldieu deixou apenas seu invólucro pesado e grosseiro; mas sua alma conservou o envoltório fluídico indestrutível; doravante, livre do entrave que o retinha ao solo, pode elevar-se e transpor o espaço. Está aqui sob sua forma humana, posto que eterizada e, se o véu que o oculta à nossa vista pudesse ser

levantado, veríamos Boïeldieu, indo e vindo, ou pairando sobre a multidão; associados ao seu triunfo, estariam com ele milhares de Espíritos de corpos etéreos.

Ora, se o Espírito Boïeldieu lá está, é que se interessa pelo que lá se passa, é que se associa ao pensamento dos assistentes. Por que, então, não daria a conhecer seu próprio pensamento, se tem esse poder? É tal poder que o Espiritismo constata e explica. Seu envoltório fluídico, por mais invisível e etéreo que seja, não deixa de ser uma espécie de matéria; em vida, servia de intermediário entre a alma e o corpo; por ele transmitia sua vontade, à qual o corpo obedecia e pelo qual a alma recebia as sensações experimentadas pelo corpo; numa palavra, é o traço de união entre o Espírito e a matéria propriamente dita. Hoje, desembaraçado do seu invólucro corpóreo, associando-se por simpatia a outro Espírito encarnado, pode, de certo modo, servir-se do corpo deste para exprimir seu pensamento pela palavra ou pela escrita; dito de outro modo, por via mediúnica, isto é, por um intermediário.

Assim, da sobrevivência da alma à idéia de que ela pode estar em nosso meio não há senão um passo; dessa idéia à possibilidade de se comunicar a distância não é grande. Tudo está em nos darmos conta da maneira pela qual se opera o fenômeno. Vê-se, pois, que a Doutrina Espírita, dando como verdade as relações entre os mundos visível e invisível, não avança uma coisa tão excêntrica quanto alguns o dizem, e a solidariedade que ela prova existir entre esses dois mundos é a porta que abre os horizontes do futuro.

Depois de lidas as estrofes do Sr. Méry na Sociedade Espírita de Paris, em sessão de 19 de dezembro de 1862, a Sra. Costel recebeu do Espírito Boïeldieu a seguinte comunicação:

“Sinto-me feliz em poder manifestar meu reconhecimento aos que, celebrando o velho músico, não

esqueceram o homem. Um poeta – os poetas são divinos – sentiu o sopro da minha alma ainda tomada de harmonia. A música ressoava em seus versos de notável inspiração, nos quais vibrava também uma nota comovida, que fazia planar acima dos vivos a sombra feliz daquele que festejavam.

“Sim, eu assistia àquela festa comemorativa do meu talento humano e ouvia, acima dos instrumentos, uma voz, mais melodiosa que a melodia terrena, que cantava a morte despojada de seu antigo terror, aparecendo não mais como uma sombria divindade do Erebo, mas como a estrela brilhante da esperança e da ressurreição.

“A voz também cantava a união dos Espíritos com seus irmãos encarnados. Doce mistério! Fecunda associação que completa o homem e lhe restitui as almas, que em vão chamava do silêncio do túmulo.

“Precursor dos tempos, o poeta é abençoado por Deus. Cotovia matinal, ele celebra a aurora das idéias muito antes que elas surjam no horizonte. Mas eis que a revelação sagrada se espalha como uma bênção sobre todos e, como o poeta amado, sentis todos em redor de vós a presença daqueles que vossa lembrança evoca.”

Boïeldieu

Carta sobre o Espiritismo

(EXTRAÍDA DO *RENARD*, JORNAL HEBDOMADÁRIO DE BORDEAUX, DE 1º DE NOVEMBRO DE 1862.)

Ao Sr. *Redator Chefe do Renard*

Senhor Redator,

Se o assunto aqui abordado não vos parece muito batido, nem tratado exaustivamente, peço-vos a inserção desta carta no próximo número de vosso estimado jornal:

“*Algumas palavras sobre o Espiritismo*: É uma questão tão controversa e que hoje preocupa tantos espíritos que, tudo quanto possa escrever a respeito um homem leal e seriamente convicto, a ninguém parecerá ocioso ou ridículo.

“Não quero impor minhas convicções a ninguém; nem tenho idade, nem experiência, nem inteligência necessárias para ser um Mentor. Quero apenas dizer a todos os que, não conhecendo essa teoria senão de nome, estão dispostos a acolher o Espiritismo pela chacota ou por um desdém sistemático. Fazei como eu: tentai primeiro instruir-vos; depois tereis o direito de desdenhar e zombar.

“Há um mês, senhor redator, eu tinha somente uma vaga idéia do Espiritismo. Apenas sabia que esta descoberta ou esta utopia, para a qual foi inventada uma palavra nova, repousava sobre fatos, verdadeiros ou falsos, de tal modo sobrenaturais que eram, de antemão, rejeitados por todos os homens que não acreditam em nada que os impressiona, que nunca seguem um progresso senão a reboque de todo o seu século e que, novos São Tomés, só se deixam convencer quando tocam. Confesso que, como eles, eu estava disposto a rir dessa teoria e de seus adeptos. Mas antes de rir, quis saber do que ria e fui apresentado a uma sociedade de espíritas, em casa do Sr. E. B. Diga-se de passagem que ele me pareceu um espírito reto, sério e esclarecido, cheio de uma convicção bastante forte para deter o riso nos lábios de um gracejador de mau gosto. Porque, digam o que disserem, uma convicção sólida sempre se impõe.

“Ao fim da primeira sessão eu já não ria, mas ainda duvidava; e o que eu sentia era, sobretudo, um enorme desejo de instruir-me, uma impaciência febril de assistir a novas provas.

“Foi o que fiz ontem, senhor redator, e agora não mais duvido. Sem falar de algumas comunicações pessoais, dadas sobre

coisas ignoradas tanto do médium quanto de todos os membros da sociedade, vi fatos para mim irrecusáveis.

“Sem fazer aqui – e compreendereis por quê – nenhuma reflexão sobre o grau de instrução ou de inteligência do médium, declaro que é impossível a alguém que não seja um Bossuet ou um Pascal, responder imediatamente, de modo tão claro quanto possível, com uma velocidade por assim dizer mecânica, e em estilo conciso, elegante e correto, várias páginas sobre perguntas tais como esta: ‘Como conciliar o livre-arbítrio com a presciência divina?’; isto é, sobre os mais árduos problemas da metafísica.

“Eis o que vi, senhor redator, e muitas coisas mais, que não mencionarei nesta carta, já muito longa. Escrevo isto, repito, a fim de inspirar, se possível, a alguns dos vossos leitores o desejo de instruir-se. Depois, como eu, talvez se convençam.”

Tibulle Lang,

antigo aluno da Escola Politécnica

Algumas Palavras sobre o Espiritismo

(Extraído do *Écho de Sétif*, Argélia, 9 de novembro de 1862)

Já desde algum tempo o mundo se agita, estremece e desafia; sua alma sofre e passa por grandes dificuldades.

Admitamos que o Espiritismo não existe e que tudo quanto se diz a respeito seja produto do erro, da alucinação de alguns espíritos doentios; mas nada significa ver seis milhões de criaturas, acometidas da mesma doença em sete ou oito anos?

Por mim, vejo nisto muitas coisas. Vejo o pressentimento de grandes acontecimentos, porque, em todos os tempos, às vésperas de épocas marcantes, o mundo sempre esteve

inquieta, turbulento mesmo, sem se dar conta de seu mal-estar. O que hoje existe de certo é que, depois de haver atravessado uma época de materialismo assustador, experimenta a necessidade de uma crença espiritualista racional; quer acreditar com conhecimento de causa, se assim me posso exprimir. Eis as causas de sua doença, se admitirmos que haja doença.

Dizer que nada existe no fundo desse movimento é temerário.

Um escritor, que não tenho a honra de conhecer, acaba de publicar, no *Écho de Sétif, de 18 de setembro último*, um artigo que enseja profundas reflexões. Ele próprio confessa não conhecer o Espiritismo. Indaga se é possível, se ele pode existir e suas inquirições o levam a concluir que o Espiritismo não é impossível.

Seja como for, os espíritas têm hoje o direito de se regozijarem, pois os homens de escol querem consagrar uma parte de seus estudos à busca do que uns chamam verdade e outros um erro.

No que me concerne, posso atestar um fato: é que vi coisas em que não se pode acreditar sem as ter visto.

Há uma parte muito esclarecida da sociedade que não nega precisamente o fato, mas pretende que as comunicações obtidas procedem diretamente do inferno. É o que não posso admitir, tendo em vista comunicações como esta: “Crede em Deus, criador e organizador das esferas; amai a Deus, criador e protetor das almas... *Assinado: Galileu.*”

Nem sempre o diabo falou assim, porque, se assim fosse, os homens lhe teriam imputado uma reputação imerecida. E, se é verdade que ele tenha faltado com o respeito a Deus, confessemos que pôs muita água em seu vinho.

Eu também fui incrédulo; jamais podia convencer-me de que Deus permitisse ao nosso Espírito comunicar-se, à nossa revelia, com o Espírito de uma pessoa viva. Entretanto, tive de me render à evidência. Pensei, e um dorminhoco respondeu-me clara e categoricamente; nenhum som, nenhum abalo se produziu em meu cérebro. O Espírito do dorminhoco correspondeu-se com o meu, mau grado meu! Eis o que atesto.

Antes dessa descoberta eu pensava que Deus havia interposto uma barreira intransponível entre o mundo material e o mundo espiritual. Enganei-me: eis tudo. E, parece, quanto mais eu era incrédulo, mais queria Deus tirar-me do engano, pondo sob os meus olhos fatos extraordinários e patentes.

Eu mesmo quis escrever, a fim de não ser mistificado por um terceiro; minha mão jamais fez o mais leve movimento. Pus a pena na mão de um jovem de quatorze anos e ele adormeceu sem que eu o desejasse. Vendo isto, retirei-me para o meu jardim, convicto de que essa pretensa verdade não passava de um sonho. Mas ao voltar a casa, notei que o rapaz havia escrito. Aproximei-me para ler e, para minha grande surpresa, vi que ele tinha respondido a todas as minhas perguntas mentais. Protestando sempre, apesar do fato e querendo confundir o dorminhoco, fiz, mentalmente, uma pergunta sobre História Antiga. Sem hesitar ele a respondeu categoricamente.

Paremos aqui e façamos algumas observações em poucas palavras.

Supondo não tenha havido intervenção de Espíritos do outro mundo, é inegável que o Espírito do dorminhoco e o meu estavam em perfeita correspondência. Em minha opinião, eis um fato que merece estudo. Mas há homens tão sábios, que nada mais têm a estudar, e preferem dizer que sou um louco.

Um louco? Pois seja! Mais tarde, porém, veremos quem está errado.

Se eu tivesse articulado uma só palavra; se tivesse feito o mais leve gesto, não me teria convencido. Mas não me mexi e nem falei; que digo? nem mesmo respirei!

Pois bem! Haverá um sábio que queira conversar comigo sem dizer uma palavra ou sem me escrever? Alguém que queira traduzir meu pensamento sem me conhecer, sem me ter visto? E, admitindo que houvesse tal sábio, eu não o poderia enganar, mesmo lhe falando, sem que ele o suspeitasse? Isto não aconteceria com o médium em questão. Tentei muitas vezes, mas não fui bem sucedido.

Se me permitirdes, darei a seguir algumas comunicações que obtive.

C***

Resposta a uma Pergunta sobre o Espiritismo, do Ponto de Vista Religioso

A pergunta que se segue nos foi enviada por uma pessoa de Bordeaux, a quem não temos a honra de conhecer, e sua resposta será dada pela *Revista*, tendo em vista a instrução de todos.

“Li numa de vossas obras: ‘O Espiritismo não se dirige àqueles que têm uma fé religiosa qualquer, com vista a dissuadi-los, e aos quais essa fé basta à sua razão e à sua consciência, mas à numerosa categoria dos indecisos, dos incrédulos, etc.’

“E por que não? O Espiritismo, que é a verdade, não deveria dirigir-se a todos? a todos os que estão em erro? Ora, os

que crêem numa religião qualquer, protestante, judaica, católica ou outra qualquer, não estão em erro? Indubitavelmente, porque as diversas religiões hoje professadas dão como verdades incontestáveis e nos obrigam a crer em coisas completamente falsas ou, pelo menos, em coisas que podem até vir de fontes verdadeiras, mas falseadas em sua interpretação. Se está provado que as penas são apenas temporárias – e Deus sabe se é um leve erro confundir o temporário com o eterno – que o fogo do inferno é uma ficção e que, se em vez de uma criação em seis dias, trata-se de milhões de séculos, etc.; se tudo isto está provado, digo eu, partindo do princípio de que a verdade é *uma*, as crenças oriundas de uma interpretação tão falsa desses dogmas não são nem mais nem menos do que falsas, pois uma coisa é ou não é; não há meio-termo.

“Por que, então, o Espiritismo não se dirige também a todos os que acreditam em absurdos, para os dissuadir, como aos que em nada crêem ou que duvidam, etc?”

Aproveitamos a oportunidade da carta, da qual extraímos as passagens acima, para lembrar, uma vez mais, o objetivo essencial do Espiritismo, sobre o qual o autor da carta não parece bastante edificado.

Pelas provas patentes que dá da existência da alma e da vida futura, base de todas as religiões, o Espiritismo é a negação do materialismo e, por conseguinte, se dirige aos que negam ou duvidam. É bem evidente que os que não crêem em Deus e na alma não são católicos, nem judeus, nem protestantes, seja qual for a religião em que tiverem nascido; não seriam, sequer, maometanos ou budistas. Ora, pela evidência dos fatos, são levados a crer na vida futura, com todas as suas conseqüências morais; são livres para adotar, mais tarde, o culto que melhor lhes convenha à razão ou à consciência. Mas aí se detém o papel do Espiritismo; ele é o

responsável por três quartos do caminho; ajuda a transpor o passo mais difícil – o da incredulidade. Compete aos outros fazer o resto.

“Mas” – poderá dizer o autor da carta – “e se nenhum culto me convier?” Muito bem! ficai então como estais. Aí o Espiritismo nada pode. Ele não se encarrega de vos fazer abraçar um culto à força, nem de discutir para vós o valor intrínseco dos dogmas de cada um: deixa isto à vossa consciência. Se o que o Espiritismo dá não vos basta, buscai, entre todas as filosofias existentes, uma doutrina que melhor satisfaça às vossas aspirações.

Os incrédulos e os indecisos formam uma categoria muito numerosa. Quando o Espiritismo diz que não se dirige aos que têm uma fé qualquer, e aos quais esta é bastante, quer significar que não se impõe a ninguém e não violenta consciência alguma. Dirigindo-se aos incrédulos, chega a convencê-los por meios próprios, pelos raciocínios que sabe terem acesso à sua razão, porquanto os outros foram impotentes. Numa palavra, tem o seu método, com o qual obtém, diariamente, belíssimos resultados; mas não tem uma doutrina secreta. Não diz a uns: abri os ouvidos, e a outros: fechai-os. A todos fala pelos seus escritos e cada um é livre de adotar ou rejeitar sua maneira de encarar as coisas. Desse modo, faz crentes fervorosos dos que eram incrédulos. É tudo o que ele quer. Àquele que dissesse: “Tenho minha fé e não quero mudá-la; creio na eternidade absoluta das penas, nas chamas do inferno e nos demônios; continuo até crendo que é o Sol que gira, porque a Bíblia o diz, e creio ser este o preço de minha salvação”, responde o Espiritismo: “Conservai as vossas crenças, já que elas vos convêm; ninguém procura vos impor outra; eu não me dirijo a vós, pois nada quereis de mim.” E nisto ele é fiel ao seu princípio de respeitar a liberdade de consciência. Se alguns se julgarem em erro, são livres para buscar a luz, que brilha para todos; os que se julgarem certos têm liberdade de desviar o olhar.

Mais uma vez, o Espiritismo tem um objetivo, do qual não quer nem se deve afastar; sabe o caminho que a ele deve conduzir e o seguirá, sem se desviar pelas sugestões dos impacientes. Cada coisa vem a seu tempo; querer ir muito depressa é, muitas vezes, recuar ao invés de avançar.

Ainda duas palavras ao autor da carta. Parece-nos que ele fez uma falsa aplicação do princípio de que a verdade é *una*, concluindo daí que certos dogmas, como o das penas futuras e da Criação, receberam uma interpretação errada, devendo, pois, tudo ser falso na religião. Não vemos todos os dias as próprias ciências positivas reconhecerem certos erros de detalhes, sem que, por isso, a Ciência esteja radicalmente errada? A Igreja não se alinhou com a Ciência a propósito de certas crenças de que outrora fazia artigos de fé? Não reconhece hoje a lei do movimento da Terra e dos períodos geológicos da Criação, que havia condenado como heresias? Quanto às chamas do inferno, toda a alta teologia reconhece que é uma imagem e que por ela se deve entender um fogo moral e não material. Sobre vários outros pontos as doutrinas são também menos absolutas do que antigamente, donde se pode concluir que um dia, cedendo à evidência dos fatos e das provas materiais, ela compreenderá a necessidade de uma interpretação em harmonia com as leis da Natureza, sobre alguns pontos ainda controvertidos; porque nenhuma crença poderia racionalmente prevalecer contra essas leis. Deus não pode contradizer-se estabelecendo dogmas contrários às suas leis eternas e imutáveis, e o homem não pode pretender colocar-se acima de Deus, decretando a nulidade dessas leis. Ora, a Igreja, que compreende esta verdade para certas coisas, compreendê-la-á também para as outras, notadamente no que concerne ao Espiritismo, em todos os pontos fundado sobre as leis da Natureza, ainda mal compreendidas, mas que se compreende cada vez melhor à medida que os dias passam.

Não se deve ter pressa em rejeitar tudo, apenas porque certas partes são obscuras ou defeituosas; a esse propósito, cremos útil lembrar a fábula: *A Macaca, o Macaco e a Noz*.

Identidade de um Espírito Encarnado

Nosso colega, o Sr. Delanne, transmitiu-nos o relato seguinte, a propósito da evocação de sua esposa, que estava viva e ficara em Paris, durante viagem que ele fez:

...Em 11 de dezembro último, estando em Lille, evoquei o Espírito de minha esposa às onze e meia da noite. Ela me disse que uma de suas parentas casualmente havia dormido com ela. Esse fato me deixou em dúvida e não acreditei na sua possibilidade; entretanto, dois dias depois recebi uma carta de minha mulher confirmando a realidade. Remeto a minha entrevista que, posto nada contenha de particular, oferece uma prova de identidade.

1. Estais aí, querida amiga?

Resp. – Sim, meu grande (Era o seu termo favorito).

2. Vês os objetos que me cercam?

Resp. – Vejo-os bem. Sinto-me feliz por estar perto de ti. Espero que estejas bem agasalhado. (Eram 11 e meia; eu chegava de Arras; não havia aquecimento no quarto; estava vestido com meu casaco de viagem e nem mesmo tinha tirado o cachecol).

3. Estás contente por ter vindo sem o corpo?

Resp. – Sim, meu amigo. Agradeço-te por isto. Tenho o corpo fluídico, o perispírito.

4. És tu que me fazes escrever? Onde te encontras?

Resp. – Perto de ti; certamente tua mão tem dificuldade em mover-se.

5. Estás bem adormecida?

Resp. – Não, ainda não muito bem.

6. Teu corpo te retém?

Resp. – Sim, sinto que me retém. Meu corpo está um pouco adoentado, mas o Espírito não sofre.

7. Durante o dia tiveste a intuição de que eu te evocaria esta noite?

Resp. – Não; todavia não posso definir o que me dizia que eu te veria. (Neste instante tive um acesso de tosse). Tu tosses sempre, amigo; cuida-te um pouco.

8. Podes ver meu perispírito?

Resp. – Não; só posso distinguir o teu corpo material.

9. Tu te sentes mais livre e melhor do que com o corpo?

Resp. – Sim, porque não sofro mais. (Numa carta posterior fiquei sabendo que ela estava indisposta).

10. Vês Espíritos ao meu redor?

Resp. – Não; e, contudo, gostaria de os ver.

11. Tens medo de ficar só em casa?

Resp. – *Adélia está comigo.* (Esta criatura, uma de nossas parentas, jamais dorme em nossa casa; só a vemos raramente).

12. Como é que Adélia está contigo? Dormiu contigo?

Resp. – Sim, por acaso.

13. És tu mesma quem falas, esposa querida?

Resp. – Sim, amigo; sou eu mesma.

14. Vês bem claro aqui?

Resp. – Sim; tudo irradia melhor que tua fraca luz. (Eu só dispunha de uma vela, num grande quarto).

15. Tu te comunicas por intuição ou mecanicamente?

Resp. – Atuo mais particularmente sobre o teu cérebro, que está apto a receber mais facilmente; apesar disso, dirijo, ao mesmo tempo, tua mão.

16. Como podes ver que meu cérebro é apto a receber as comunicações espíritas?

Resp. – É pelo desenvolvimento que teus órgãos adquiriram há pouco tempo, o que prova que foi preciso... (Neste instante soa meia-noite e o Espírito pára).

17. Ouves o som do pêndulo?

Resp. – Sim. Fiquei impressionada com esse som anormal; é semelhante à música celeste, que ouvi no sonho que te contei. (Com efeito, pouco tempo antes de minha partida, ela havia tido um sonho maravilhoso, no qual ouvira uma harmonia singular. Sem dúvida naquele momento eu não pensava no sonho, que havia esquecido completamente; portanto, não podia ser reflexo de meu pensamento, uma vez que dele ninguém mais tinha conhecimento. Estando só naquela ocasião, vi nessa revelação espontânea uma nova prova da identidade do Espírito de minha mulher. O Espírito termina a frase começada acima).

...muita força em tão pouco tempo.

18. Queres que eu evoque meu anjo-da-guarda para controlar tua identidade? Isto te incomodaria?

Resp. – Podes fazê-lo.

19. [Ao meu anjo-da-guarda] – É mesmo o Espírito de minha mulher que acaba de me falar?

Resp. – É tua esposa que te fala e está satisfeita por te ver.

20. [À minha esposa] – Viste meu anjo-da-guarda?

Resp. – Sim; é resplandecente de luz. Apenas apareceu e desapareceu.

21. Ele te viu?

Resp. – Sim, olhou-me com olhos de celeste clemência; e eu, confusa, prosternei-me.

Adeus, meu grande, sou forçada a deixar-te.

Observação – Se esse controle se tivesse limitado à resposta do anjo-da-guarda, teria sido insuficiente, pois implicaria, por sua vez, em controlar a identidade do anjo-da-guarda, levando-se em conta que um Espírito enganador poderia ter usurpado o nome. Nada há nessa simples afirmação que revele sua qualidade. Em casos semelhantes é sempre preferível fazer o controle por um médium estranho que não estivesse sob a mesma influência; evocar ele próprio um Espírito para controlar outro nem sempre oferece garantia suficiente, sobretudo se se pede permissão ao suspeito. No caso em questão, encontramos a prova na descrição que o Espírito faz do anjo-da-guarda; um Espírito enganador não poderia ter tomado aquele aspecto celeste. Aliás, reconhece-se em todas as suas respostas um cunho de verdade que a fraude seria incapaz de simular.

(Sessão da noite seguinte)

22. Estás aí?

Resp. – Sim. Vou dizer o que te preocupa: Adélia. Pois bem! Ela realmente dormiu comigo, eu te juro.

23. Teu corpo está melhor?

Resp. – Sim. Não era nada.

24. Hoje vês Espíritos perto de ti?

Resp. – Ainda nada vejo, mas pressinto alguém, pois estou muito inquieta por estar só.

25. Ora, boa amiga, e talvez melhores.

Resp. – Sim; é o que vou fazer. Dize comigo: “Meu Deus, grande e justo, abençoi-nos, absolvei-nos de nossas

iniqüidades; fazei graças aos filhos que vos amam; dignai-vos inspirar-lhes as vossas virtudes e concedei-lhes a graça insigne de um dia serem contados entre os eleitos. Que a dor terrestre nada lhes pareça em comparação com a felicidade que reservais aos que vos amam sinceramente. Absolvei-nos, Senhor, e continuai a nos prodigalizar os vossos benefícios pela intercessão divina da mais pura e angélica Santa Maria, mãe dos pecadores e a misericórdia encarnada.”

Observação – Improvisada pelo Espírito, esta prece é de tocante simplicidade. O Sr. Delanne não conhecia o fato relativo a *Adélia* senão pelo que havia dito o Espírito de sua esposa, e era tal fato que inspirava dúvidas. Tendo-lhe escrito a respeito, recebeu a seguinte resposta:

...De fato Adélia veio ontem à tarde, por acaso. Convidei-a a ficar, não por medo, de que me rio, mas para tê-la comigo. Bem vês que ela ficou e dormiu comigo. Fiquei um tanto perturbada estas duas noites; sentia um certo mal-estar, do qual não me dava conta perfeitamente; era como se força invencível me forcesse a dormir; estava como que aniquilada. Mas estou tão feliz por ter ido a ti!...”

Barbárie na Civilização

O HORRÍVEL SUPLÍCIO DE UM NEGRO

Uma carta de Nova Iorque, datada de 5 de novembro e dirigida à *Gazette des Tribunaux*, contém os seguintes detalhes de uma horrível tragédia ocorrida em Dalton, no condado de Carolina (Maryland):

“Recentemente um jovem negro havia sido preso sob a acusação de atentado ao pudor na pessoa de uma mocinha branca. Graves suspeitas pesavam sobre ele. A jovem, objeto de suas

violências criminosas, declarava reconhecê-lo perfeitamente. O acusado tinha sido encarcerado na prisão de Dalton. Ali estava apenas há algumas horas, quando uma grande multidão, aos gritos de cólera e de vingança, pedia lhe fosse entregue o desventurado negro.

“Os representantes da ordem e da autoridade, vendo que seria impossível defender, à viva força, o seu prisioneiro contra a multidão irritada, em vão tentaram acalmá-la com os mais insistentes discursos. Suas palavras em favor da lei e da justiça regular foram recebidas com assobios.

“A populaça, cujo número crescia sem cessar, começou a atirar pedras na cadeia. Alguns tiros de revólver foram disparados contra os agentes da autoridade, sem, contudo, nenhuma bala os atingir. Compreendendo que a resistência era impossível, abriram as portas da prisão. Após um imenso hurra! em sinal de satisfação, a multidão precipitou-se com furor. Apoderou-se do prisioneiro e o arrastou, em meio aos gritos de cólera dos assistentes e de súplicas da vítima, para a praça principal do vilarejo.

“Improvizou-se um júri imediatamente. Depois de ter examinado, pró-forma, os fatos do processo, o acusado foi declarado culpado e condenado à força imediatamente. Amarraram uma corda numa árvore e procederam à execução. Enquanto o corpo se debatia nas convulsões da agonia, o negro era alvo dos insultos e das violências dos espectadores. Vários tiros de pistola foram disparados contra ele, contribuindo para lhe aumentar as torturas da morte.

“Sedenta de cólera e vingança, a multidão não esperou que o corpo estivesse completamente imóvel para tirá-lo da corda. Passeou seu troféu ignóbil pelas ruas de Dalton. Homens e mulheres, e até crianças, aplaudiam os ultrajes feitos ao cadáver do jovem negro.

“Mas o furor do povo não devia parar aí. Depois de ter percorrido o vilarejo em todos os sentidos, foi para a frente de uma igreja de negros. Fizeram uma imensa fogueira; o cadáver foi mutilado e, em meio a ruidosas manifestações, os membros e os pedaços de carne foram atirados às chamas.”

Este relato deu origem à seguinte pergunta, feita na Sociedade Espírita de Paris, a 28 de novembro de 1862:

“Compreende-se que exemplos de ferocidade isolados e individuais ocorram entre pessoas civilizadas. O Espiritismo os explica, dizendo provirem de Espíritos inferiores, de certo modo extraviados numa sociedade mais avançada; contudo, em toda a sua vida, esses indivíduos revelaram a baixaza de seus instintos. O que se compreende mais dificilmente é que uma população inteira, que deu provas da superioridade de sua inteligência e, mesmo, em outras circunstâncias, de sentimentos humanitários, que professa uma religião de brandura e paz, possa ser tomada por tal vertigem sanguinária e, com uma raiva selvagem, se repaste nas torturas de uma vítima. Aqui há um problema moral sobre o qual pediremos aos Espíritos a gentileza de nos instruírem.”

(Sociedade Espírita de Paris, 28 de novembro de 1862

– Médiun: Sr. A. de B...)

O sangue derramado naquelas regiões, famosas até hoje por suas tendências para o progresso humano, é uma chuva de maldição, e a cólera do Deus justo não tardará muito a passar por ali, onde, com tanta freqüência, se realizam abominações semelhantes a esta, cuja leitura acabais de ouvir. Em vão tenta-se a si mesmo dissimular as conseqüências que forçosamente elas desencadearão; em vão quer-se atenuar o alcance do crime. Se este é por si mesmo horroroso, não o é menos pela intenção, que o faz cometer com tão horríveis refinamentos e com encarniçamento tão bestial. O interesse! o interesse humano! os prazeres sensuais, as

satisfações do orgulho e da vaidade ainda foram o seu móvel, como em todas as outras ocasiões, e as mesmas causas originarão efeitos semelhantes, causas, por sua vez, dos efeitos da cólera celeste, de que são ameaçadas tantas iniqüidades. Credes que não haja progresso real além do da indústria, de todos os recursos e de todas as artes que tendem a suavizar os rigores da vida material e aumentar os prazeres de que se querem saciar? Não; não se acha apenas nisto o progresso necessário à elevação dos Espíritos, que só temporariamente são humanos e não devem ligar às coisas humanas senão o interesse secundário que elas merecem. O aperfeiçoamento do coração, as luzes da consciência, a difusão dos sentimentos de solidariedade universal dos seres, o da fraternidade entre os humanos, são as únicas marcas autênticas que distinguem um povo na marcha do progresso geral. Só por estes caracteres se reconhece uma nação como a mais adiantada. Mas aquelas que em seu seio ainda alimentam sentimentos de orgulho exclusivista e não vêem tal porção da Humanidade senão como uma raça servil, feita para obedecer e sofrer, experimentarão, sem sombra de dúvida, o nada de suas pretensões e o peso da vingança do Céu.

Teu pai, V. de B.

Dissertações Espíritas

CHEGADA DO INVERNO

(Sociedade Espírita de Paris, 27 de dezembro de 1862

– Médium: Sr. Leymarie)

Meus bons amigos, quando o frio chegou e tudo falta em casa dessa brava gente, por que não viria eu, vosso antigo discípulo, vos lembrar nossa palavra de ordem, a palavra *caridade*? Dai, dai tudo quanto pode dar o vosso coração, em palavras, em consolo, em cuidados benevolentes. O amor de Deus está em vós, se souberdes, como espíritas fervorosos, cumprir o mandato que Ele vos delegou.

Nos instantes livres, quando o trabalho vos deixa o repouso, procurai aquele que sofre, moral ou corporalmente; a um dai esta força que consola e fortalece o Espírito, a outro dai aquilo que sustenta e faz calar, seja a apreensão da mãe cujos braços estão desocupados, seja o lamento da criança que pede pão.

As geadas vieram, uma brisa fria levanta a poeira: em breve a neve. É a hora em que deveis marchar e procurar. Quantos pobres envergonhados se ocultam e gemem em segredo, sobretudo o pobre de luto, que tem todas as aspirações e a quem falta o necessário. Para aqueles, meus amigos, agi com prudência; que a vossa mão alivie e cure, mas, também, possa a voz do coração apresentar delicadamente o óbolo que penosamente pode ferir o amor-próprio do homem bem educado. É preciso dar, repito, mas saber dar. Deus, o dispensador de tudo, esconde os seus tesouros, as suas espigas, as suas flores e os seus frutos; contudo, os seus dons, que secreta e laboriosamente germinaram na seiva do tronco e da haste, nos chegam sem que sintamos a mão que os dispersou. Fazei como Deus, imitai-o, e sereis abençoados.

Oh! como é belo e bom ser útil e caridoso, saber erguer-se levantando os outros, esquecer as pequenas necessidades egoístas da vida para praticar a mais nobre atribuição da Humanidade, a que nos torna verdadeiros filhos do Criador!

E que ensinamento para os vossos! Vossos filhos vos imitam; vosso exemplo dá frutos, porque todo ramo bem enxertado é abundância. O futuro espiritual da família depende sempre da forma que derdes a todas as vossas ações.

Eu vo-lo digo, e nunca seria demais repetir, que ganhareis espiritualmente se derdes e consolardes, porque Deus vos dará e vos consolará em seu reino, que não é deste mundo. Neste, a família que honra e bendiz o seu chefe inteligente nesta

parcela de realza que Deus lhe deixou é uma atenuação de todas as dores que acompanham a vida.

Adeus, meus amigos, sede todo amor, todo caridade.

Sanson

LEI DO PROGRESSO

(Lyon, 17 de setembro de 1862 – Médium: Sr. Émile V...)

Nota – Esta comunicação foi recebida na sessão geral presidida pelo Sr. Allan Kardec.

Se considerarmos a Humanidade em seu estado primitivo e em seu estado atual, quando sua primeira aparição na Terra marcava seu ponto de partida, e agora, que percorreu uma parte do caminho que leva à perfeição, parece que todo bem, todo progresso, toda filosofia, enfim, não possa nascer senão do que lhe é contrário.

Com efeito, toda formação é o produto de uma reação, assim como todo efeito é gerado por uma causa. Todos os fenômenos morais, todas as formações inteligentes são devidos a uma perturbação momentânea da própria inteligência. Apenas, na inteligência, devemos considerar dois princípios: um imutável, essencialmente bom, eterno como tudo o que é infinito; outro temporário, momentâneo, que não passa de agente empregado para produzir a reação de onde sai cada vez a progressão dos homens.

O progresso abrange o Universo durante a eternidade e jamais se espalha tanto como quando se concentra num ponto qualquer. Não podeis abarcar, num só golpe de vista, a imensidade que vive, isto é, que progride; mas olhai em redor de vós: o que vedes?

Em certas épocas, e podemos dizer em momentos previstos, designados, surge um homem que abre um caminho

novo, que escarpa os rochedos áridos de que se acha semeado o mundo conhecido da inteligência. Muitas vezes esse homem é o último entre os humildes, entre os pequenos e, contudo, penetra as altas esferas do desconhecido. Arma-se de coragem, pois esta lhe é necessária para lutar corpo-a-corpo contra os preconceitos, contra os usos que lhe foram transmitidos; é-lhe necessária para vencer os obstáculos que a má-fé semeia sob seus passos, porque enquanto restarem preconceitos a derrubar, restarão abusos e interessados nos abusos; é-lhe necessária porque deve lutar, ao mesmo tempo, contra as necessidades materiais de sua personalidade e, neste caso, sua vitória é a melhor prova de sua missão e de sua predestinação.

Chegado a este ponto, em que a luz escapa bastante forte do círculo do qual é o centro, todos os olhares se voltam para ele; ele assimila todo o princípio inteligente e bom; reforma e regenera o princípio contrário, a despeito dos prejuízos, apesar da má-fé e malgrado as necessidades; chega ao seu objetivo, faz a Humanidade transpor um grau e conhecer o que não era conhecido.

Este fato já se repetiu muitas vezes e ainda se repetirá muitas outras, antes que a Terra tenha atingido o grau de perfeição que convém à sua natureza. Mas, tantas vezes quantas forem necessárias, Deus fornecerá a semente e o trabalhador. Esse trabalhador é cada homem em particular, como cada um dos gênios que a ilustram por uma ciência muitas vezes sobre-humana. Em todos os tempos houve esses centros de luz, esses pontos de ligação; o dever de todos é aproximar-se, ajudar e proteger os apóstolos da verdade. É o que o Espiritismo vem dizer ainda.

Apressai-vos, pois, vós todos que sois irmãos pela caridade. Apressai-vos e a felicidade prometida à perfeição vos será concedida muito mais cedo.

Bibliografia

PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS

Estudo onde são expostas as condições de habitabilidade das terras celestes, discutidas do ponto de vista da Astronomia e da Fisiologia; por Camille Flammarion, calculador do Observatório Imperial de Paris, vinculado ao Escritório das Longitudes, etc.²

Embora não se cuide de Espiritismo nesta obra, o assunto é daqueles que entram no quadro de nossas observações e dos princípios da doutrina. Nossos leitores serão gratos por lhes havermos chamado a atenção, por estarmos, antes de tudo, convencido do enorme interesse que terão por essa leitura, duplamente cativante, pela forma e pelo fundo. Nela encontrarão, confirmada pela Ciência, uma das revelações capitais feitas pelos Espíritos. O Sr. Flammarion é um dos membros da Sociedade Espírita de Paris, e seu nome figura como médium nas notáveis dissertações assinadas por Galileu, que publicamos em setembro último, sob o título de *Estudos Uranográficos*. Por esse duplo título sentimo-nos felizes ao lhe fazer uma menção especial, que, com toda a certeza, será ratificada.

O autor se consagrou a recolher todos os elementos da Natureza que apóiam a opinião da pluralidade dos mundos habitados, combatendo, ao mesmo tempo, a opinião contrária. Depois de o haver lido, as pessoas se perguntam como é possível pôr em dúvida esta questão. Acrescentemos que as considerações da mais alta ordem científica não excluem a graça nem a poesia do estilo. Isto pode ser julgado pela passagem seguinte, onde ele fala da intuição que a maioria dos homens, ao contemplarem a abóbada celeste, têm da habitabilidade dos mundos:

“...Mas a admiração que excita em nós a cena mais comovente do espetáculo da Natureza logo se transforma num

2 Brochura grande in-8. Preço: 2 fr; pelo Correio: 2 fr. 10. Livraria Bachelier, livreiro-impressor do Observatório, 55, quai des Grands-Augustins.

sentimento de indescritível certeza, porque somos estranhos àqueles mundos, onde reina uma solidão aparente, e que não podem originar a impressão imediata, pela qual a vida nos liga à Terra. Sentimos a necessidade de povoar esses globos aparentemente esquecidos pela vida e, sobre aquelas plagas eternamente desertas e silenciosas, buscamos olhares que respondam aos nossos, tal como um ousado navegador, que durante muito tempo explorou em sonhos os desertos do oceano, procurando a terra que lhe era revelada, atravessando com seu olhar de águia as mais vastas distâncias e transpondo audaciosamente os limites do mundo conhecido, para, enfim, perder-se nas planícies imensas, onde, desde períodos seculares, se assentava o Novo Mundo. Seu sonho se realizou. Que o nosso se desfaça do mistério que ainda o envolve e, sobre a nave do pensamento, possamos subir aos céus, em busca de outras terras.”

A obra é dividida em três partes. Na primeira, intitulada de *Estudo Histórico*, o autor passa em revista a imensa série de filósofos e cientistas, antigos e modernos, religiosos e profanos, que professaram a doutrina da pluralidade dos mundos, desde Orfeu até Herschel e o sábio Laplace.

“A maioria das seitas gregas”, diz ele, “o ensinaram, quer abertamente a todos os discípulos, sem distinção, quer em segredo, aos iniciados da filosofia. Se as poesias atribuídas a Orfeu são mesmo suas, podemos considerá-lo como o primeiro a ensinar a pluralidade dos mundos. Ela está implícita nos versos órficos, onde é dito que cada estrela é um mundo e, notadamente, nestas palavras conservadas por Proclus: ‘Deus construiu uma terra imensa, que os imortais chamam Selene e que os homens chamam Lua, na qual se eleva grande número de habitações, montanhas e cidades.’

“O primeiro dos gregos que teve o nome de filósofo – Pitágoras – ensinava em público a imobilidade da Terra e o

movimento dos astros à sua volta como um centro único da Criação, ao passo que declarava aos adeptos adiantados de sua doutrina a crença no movimento da Terra, como planeta, e na pluralidade dos mundos. Mais tarde Demócrito, Heráclito e Metrodoro de Chio, os mais ilustres de seus discípulos, propagaram do alto da cátedra a opinião de seu mestre, que se tornou a de todos os pitagóricos e da maior parte dos filósofos gregos. Filolaus, Nicetas e Heráclito foram dos mais ardentes defensores desta crença; este último chegou mesmo a pretender que cada estrela é um mundo que, como o nosso, tem uma terra, uma atmosfera e uma imensa extensão de matéria eterizada.”

Mais adiante acrescenta:

“Diz Laplace que a ação benéfica do Sol faz nascerem os animais e as plantas que cobrem a Terra. A analogia nos leva a crer que ela produza efeitos semelhantes em outros planetas, pois não é natural pensar que a matéria, cuja fecundidade vemos desenvolver-se de tantas maneiras, seja estéril num planeta tão grande como Júpiter, que, como o globo terrestre, tem seus dias, suas noites e seus anos e sobre o qual as observações indicam mudanças que pressupõem forças muito ativas... Feito para a temperatura que desfruta na Terra, não poderia o homem, segundo todas as aparências, viver em outros planetas. Mas não deve haver uma infinidade de organizações relativas às diversas temperaturas dos globos e dos universos? Se a única diferença dos elementos e dos climas é responsável por tantas variedades nas produções terrestres, quão mais devem diferir as dos planetas e satélites!”

A segunda parte é consagrada ao *estudo astronômico* da constituição dos diversos globos celestes, de acordo com os dados mais positivos da Ciência e da qual resulta que a Terra não está, nem por sua posição, nem por seu volume, nem pelos elementos de que se compõe, numa situação excepcional, que lhe tenha podido valer o privilégio de ser habitada com exclusão de tantos outros

mundos, mais favorecidos sobre vários aspectos. A primeira parte é de erudição; a segunda, de ciência.

A terceira parte trata a questão do ponto de vista *fisiológico*. Dando a conhecer o movimento das estações, as flutuações da atmosfera e a variabilidade da temperatura na maioria dos mundos que compõem o nosso turbilhão solar, as observações astronômicas salientam que a Terra se acha numa das condições menos favorecidas, um orbe cujos habitantes devem sofrer mais vicissitudes e onde a vida deve ser mais penosa. Daí o autor conclui não ser racional admitir haja Deus reservado para morada do homem um desses mundos menos favorecidos, enquanto os mais bem dotados seriam condenados a não abrigar nenhum ser vivo. Tudo isto é estabelecido não sobre uma idéia sistemática, mas sobre dados positivos, para os quais todas as ciências contribuíram: Astronomia, Física, Química, Meteorologia, Geologia, Zoologia, Fisiologia, Mecânica, etc.

Acrescenta ele: “De todos os planetas, o mais favorecido, sob todos os aspectos, é o magnífico Júpiter, cujas estações, apenas distintas, têm ainda a vantagem de durar doze vezes mais que as nossas. Esse gigante planetário parece planar nos céus como um desafio aos frágeis habitantes da Terra, dando-lhes a entrever os pomposos quadros de uma longa e suave existência.

“Para nós, que estamos presos à bolinha terrestre por cadeias que não podemos romper, vemos extinguirem-se sucessivamente os nossos dias com o tempo rápido que os consome, com os caprichosos períodos que os dividem, com essas estações desarmônicas cujo antagonismo se perpetua na desigualdade do dia e da noite e na inconstância da temperatura.”

Após o eloqüente quadro que o homem deve sustentar contra a Natureza, a fim de prover à sua subsistência, das revoluções geológicas que alteram a superfície do globo e ameaçam aniquilá-lo, acrescenta: “Depois de tais considerações, pode ainda

pretender-se seja este globo, mesmo para o homem, o melhor dos mundos possível e que muitos outros corpos celestes não lhe possam ser infinitamente superiores e, melhor que ele, reunir as condições favoráveis ao desenvolvimento e à longa duração da existência humana?”

Depois, conduzindo o leitor através dos mundos no infinito do espaço, faz que este veja um panorama de tal imensidade, que não podemos deixar de achar ridícula e indigna do poder de Deus a suposição de que entre tantos trilhões o nosso pequeno globo, desconhecido até de uma grande parte do nosso sistema planetário, seja a única terra habitada; e nos identificamos com o pensamento do autor, quando diz, ao terminar:

“Ah! se nossa vista fosse bastante penetrante para distinguirmos, onde apenas vislumbramos pontos brilhantes sobre o fundo negro do céu, os sóis resplandecentes que gravitam na amplidão e os mundos habitados que acompanham seu curso! Se nos fosse dado abarcar de um golpe de vista essas miríades de sistemas solidários e se, avançando com a velocidade da luz, atravessássemos durante séculos e séculos esse número ilimitado de sóis e de esferas, sem jamais encontrar limites a essa imensidade prodigiosa, onde Deus fez germinar os mundos e os seres; e se, voltando o olhar para trás, mas sem saber em que ponto do infinito encontrar de novo esse grão de poeira que se chama Terra, estacariamos fascinados e confusos ante tal espetáculo e uniríamos nossa voz ao concerto da Natureza universal, dizendo, do fundo de nossa alma: Deus poderoso! Como fomos insensatos em pensar que nada havia além da Terra, e que nossa pobre morada tinha, ela só, o privilégio de refletir tua grandeza e teu poder!”

De nossa parte terminaremos com uma observação: é que, vendo a soma de idéias contidas nessa pequena obra, a gente se admira de que um jovem, numa idade em que os outros ainda estão nos bancos escolares, tenha tido tempo de se apropriar delas

e, com mais forte razão, as aprofundar. É para nós a prova evidente de que seu Espírito não é principiante ou que, mau grado seu, foi assistido por um outro Espírito.

Subscrição em favor dos Operários de Rouen

Está aberta uma subscrição, no escritório da *Revista Espírita*, rua e passagem Santa Ana, 59, em benefício dos operários de Rouen, a cujos sofrimentos ninguém poderia ficar indiferente. Vários grupos e sociedades espíritas já nos enviaram o produto de suas cotizações. Convidamos os que tiverem a intenção de contribuir a apressar sua remessa, pois o inverno está aí! A lista será publicada. (Ver acima a comunicação do Sr. Sanson).

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

FEVEREIRO DE 1863

Nº 2

Estudo sobre os Possessos de Morzine

CAUSAS DA OBSESSÃO E MEIOS DE COMBATÊ-LA

Terceiro artigo³

O estudo dos fenômenos de Morzine não oferecerá nenhuma dificuldade quando estivermos imbuídos dos fatos particulares que citamos e das considerações que um estudo atento delas permitiu deduzir. Bastará relatá-los para que cada um encontre em si mesmo sua aplicação por analogia. Os dois fatos seguintes ainda nos ajudarão a orientar o leitor. O primeiro nos é transmitido pelo Dr. Chaigneau, membro honorário da Sociedade de Paris e presidente da Sociedade Espírita de Saint-Jean d'Angely.

“Uma família fazia evocações com um ardor desenfreado, induzida por um Espírito que nos foi indicado como muito perigoso. Era um de seus parentes, morto depois de uma vida pouco recomendável e terminada por vários anos de alienação mental. Sob nome falso, por surpreendentes provas mecânicas, belas promessas e conselhos de irreprochável moralidade, tinha

³ Vide os números de dezembro de 1862 e janeiro de 1863.

conseguido fascinar de tal modo aquela gente muito crédula, a ponto de submetê-la às suas exigências e forçá-la a praticar os atos mais excêntricos. Não mais podendo satisfazer a todos os seus desejos, pediram o nosso conselho e tivemos muito trabalho para dissuadi-los e provar-lhes que lidavam com um Espírito da pior espécie. Conseguimo-lo e pudemos obter que, ao menos por algum tempo, eles se abstivessem. A partir de então a obsessão tomou outro caráter: o Espírito se apoderava completamente do filho mais jovem, de catorze anos, o reduzia ao estado de catalepsia e, por sua boca, solicitava entrevistas, dava ordens e fazia ameaças. Aconselhamos o mais absoluto mutismo, que foi observado rigorosamente. Os pais entregaram-se à prece e vinham procurar um de nós para os assistir. O recolhimento e a força de vontade sempre nos fizeram mestre em poucos minutos.

“Hoje, praticamente, tudo cessou. Esperamos que, na casa, a ordem sucederá à desordem. Longe de se revoltarem contra o Espiritismo, crêem mais que nunca e com mais seriedade. Agora compreendem seu fim e as conseqüências morais. Todos entendem que receberam uma lição; alguns uma punição, talvez merecida.”

Mais uma vez este exemplo prova o inconveniente de nos entregarmos às evocações sem conhecimento de causa e sem objetivo sério. Graças aos conselhos da experiência que aquelas pessoas ouviram, puderam desembaraçar-se de um inimigo, talvez perigoso.

Um outro ensinamento, não menos importante, ressalta do fato em questão. Aos olhos das pessoas estranhas à ciência espírita, o rapaz teria passado por louco; não teriam deixado de lhe aplicar o tratamento correspondente, que, talvez, desenvolvesse uma loucura real. Com a assistência de um *médico espírita*, o mal, atacado em sua verdadeira causa, não teve nenhuma conseqüência.

Já o mesmo não se deu no fato seguinte. Um senhor de nosso conhecimento, que mora numa cidade do interior bastante

refratária às idéias espíritas, foi tomado subitamente por uma espécie de delírio, no qual dizia coisas absurdas. Como se ocupasse de Espiritismo, naturalmente falava de Espíritos. Aqueles que o cercavam, assustados e sem penetrar a coisa, cuidaram de chamar os médicos que, para grande satisfação dos inimigos do Espiritismo, o declararam atacado de loucura; já se falava até mesmo em interná-lo numa casa de saúde. Tudo quanto soubemos das circunstâncias daquele acontecimento prova que aquele senhor se achou, de repente, sob o império de uma subjugação momentânea, talvez favorecida por certas predisposições físicas. Foi a idéia que ele teve. Escreveu-nos e nós lhe respondemos nesse sentido. Infelizmente nossa carta não lhe chegou a tempo e dela só teve conhecimento muito mais tarde. “É lastimável”, disse-nos ele depois, “que não tenha recebido vossa carta consoladora; naquele momento ela me teria feito um imenso bem, confirmando o pensamento de que eu era joguete de uma obsessão, o que me teria tranqüilizado, pois, de tanto ouvir repetir que eu estava louco, acabei por acreditar. A idéia me torturava de tal modo que, se tivesse continuado, não sei o que teria acontecido.” Consultado a respeito, um Espírito respondeu: “Esse senhor não é louco; mas a maneira por que o tratam poderá torná-lo louco; mais ainda: poderiam matá-lo. O remédio para o seu mal está no próprio Espiritismo e o tomam em sentido contrário.” – *Pergunta*: Daqui poderíamos agir sobre ele? – *Resposta*: Sim, sem dúvida. Podeis fazer-lhe o bem, mas a vossa ação é paralisada pela má vontade dos que o cercam.

Casos análogos têm ocorrido em todas as épocas; e muitos foram encarcerados como loucos, sem o serem absolutamente.

Só um observador experimentado nestes assuntos pode apreciá-los; e como se encontram hoje muitos médicos espíritas, em casos semelhantes convém recorrer a eles. Um dia a obsessão será colocada entre as causas patológicas, como o é hoje a ação de

seres microscópicos, de cuja existência não se suspeitava antes da invenção do microscópio; mas, então, reconhecerão que nem as duchas nem as sangrias poderão curá-la. O médico que não admite e não busca senão as causas puramente materiais é tão inapto a compreender e tratar tais afecções, quanto um cego o é para discernir as cores.

O segundo caso nos é relatado por um de nossos correspondentes de Boulogne-sur-Mer:

“A mulher de um marinheiro desta cidade, de quarenta e cinco anos, está há quinze anos sob o império de uma triste subjugação. Quase todas as noites, sem mesmo excetuar as do período de gravidez, é despertada por volta da meia-noite e logo tomada de tremores nos membros, como se fossem agitados por uma pilha galvânica; o estômago fica comprimido como que por um círculo de ferro e queimado por um ferro em brasa; o cérebro num estado de exaltação furiosa; sente-se atirada fora do leito e, por vezes, sai de casa seminua a correr pelo campo; marcha sem saber por onde durante duas ou três horas e somente ao parar é que sabe onde se encontra. Não pode orar a Deus e, ao ajoelhar-se para o fazer, suas idéias sofrem a intromissão de coisas bizarras e até sujas. Não pode entrar em nenhuma igreja, embora muito deseje fazê-lo; mas ao chegar à porta, sente como uma barreira que a detém. Quatro homens tentaram fazê-la entrar na igreja dos redentoristas e não o conseguiram: ela gritava que a estavam matando, que lhe esmagavam o peito.

“Para se livrar dessa terrível situação, a pobre mulher tentou dar cabo à vida, por várias vezes, sem o conseguir. Ingeriu café no qual havia dissolvido fósforo; tomou lixívia sem nada sofrer; jogou-se duas vezes na água, mas flutuava até que alguém a socorresse. Fora dos momentos de crise de que falei, essa mulher é completamente normal e, mesmo durante os acessos, tem plena consciência do que faz e da força exterior que sobre ela atua. Toda

a vizinhança diz que ela foi alvo de um malefício ou de um sortilégio.”

A subjugação não poderia ser mais bem caracterizada a não ser pelos fenômenos que, sem sombra de dúvida, só podem ser obra de um Espírito da pior espécie. Dirão que foi o Espiritismo que o atraiu para ela ou lhe transtornou o cérebro. Mas há quinze anos não se cogitava disto. Aliás, essa mulher não é louca e o que experimenta não é uma ilusão.

A Medicina ordinária não verá nesses sintomas senão uma dessas afecções a que dá o nome de *nevrose* e cuja causa, para ela, ainda é um mistério. A afecção é real, mas a todo efeito corresponde uma causa. Ora, qual a causa primeira? Eis o problema, cuja solução pode dar o Espiritismo ao demonstrar um novo agente no perispírito e a ação do mundo invisível sobre o mundo visível. Não generalizamos absolutamente, e reconhecemos que, em certos casos, a causa pode ser puramente material; mas há outros em que a intervenção de uma inteligência oculta é evidente, porquanto, combatendo essa inteligência, detém-se o mal, ao passo que, atacando a suposta causa material, nada se produz.

Há um traço característico nos Espíritos perversos: é a sua aversão a tudo quanto se prende à religião. A maioria dos médiuns não obsedados que receberam comunicações de Espíritos maus, muitas vezes os viram blasfemar contra as coisas mais sagradas, rir-se da prece e repeli-la, chegando mesmo a irritar-se quando se lhes fala em Deus. No médium subjugado, o Espírito, dispendo de cerca de um terço do corpo para agir, exprime seus pensamentos não mais pela escrita, mas por gestos e palavras que provoca no médium. Ora, como todo fenômeno espírita não pode produzir-se sem uma aptidão mediúnica, pode dizer-se que a mulher de quem falamos é um médium espontâneo, inconsciente e involuntário. A impossibilidade em que se encontra de orar e entrar na igreja vem da repulsão do Espírito que dela se apoderou, pois

sabe que a prece é um meio de fazê-lo largar a presa. Em vez de uma pessoa, suponde, na mesma localidade, dez, vinte, trinta ou mais no mesmo estado e tereis a reprodução do que se passou em Morzine.

Dirão certas pessoas: “Não é uma prova evidente de que são demônios?” Chamemo-los demônios, se isto vos agrada: o nome não os caluniaria. Mas não vedes diariamente homens que não valem coisa melhor e que, de pleno direito, poderiam ser chamados demônios encarnados? Não há os que blasfemam e renegam a Deus? que parecem fazer o mal com prazer? que se regozijam à vista do sofrimento de seus semelhantes? Por que quereis que, uma vez no mundo dos Espíritos, eles se transformassem subitamente? Aqueles a quem chamais demônios nós chamamos Espíritos maus, e nós vós concedemos toda a perversidade que lhes queirais atribuir. Contudo, a diferença é que, em vossa opinião, os demônios são anjos decaídos, isto é, seres perfeitos que se tornaram maus e para sempre votados ao mal e ao sofrimento; em nossa opinião, são seres pertencentes à Humanidade primitiva, espécie de selvagens ainda atrasados, mas a quem o futuro não está fechado e que se melhorarão à medida que neles se desenvolver o senso moral, na série de suas existências sucessivas, o que nos parece mais conforme à lei do progresso e da justiça de Deus. Temos mais a nosso favor a experiência, que prova a possibilidade de melhorar e de levar ao arrependimento Espíritos da mais baixa categoria e aqueles que são colocados na categoria de demônios.

Vejamos uma fase especial desses Espíritos, cujo estudo é de alta importância para o assunto que nos ocupa.

Sabe-se que os Espíritos inferiores ainda se acham sob a influência da matéria e que entre eles se encontram todos os vícios e todas as paixões da Humanidade, paixões que eles carregam ao deixar a Terra e trazem de volta quando reencarnam,

caso não se tenham emendado, o que produz os homens perversos. Prova a experiência que alguns são sensuais em diversos graus, obscenos, lascivos, sentem prazer nos lugares desprezíveis, impelem e excitam à orgia e ao deboche, a cuja vista se deleitam. Perguntaremos a que categoria de Espíritos poderiam pertencer, depois da morte, seres como Tibério, Nero, Cláudio, Messalina, Calígula, Heliogábulo, etc? Que gênero de obsessão poderiam ter provocado e se é necessário, para explicar essas obsessões, recorrer a seres especiais, que Deus teria criado expressamente para impelir o homem ao mal? Há certos gêneros de obsessão que não podem deixar dúvidas quanto à qualidade dos Espíritos que os produzem. São obsessões desse gênero que deram azo à fábula dos incubos e súcubos, em que acreditava firmemente Santo Agostinho. Poderíamos citar mais de um exemplo recente em apoio dessa asserção. Quando se estudam as várias impressões corporais e os toques sensíveis por vezes produzidos por certos Espíritos; quando se conhecem os gostos e as tendências de alguns deles; e se, por outro lado, se examina o caráter de certos fenômenos históricos, a gente se pergunta se não representariam um papel nessa afecção, como representam na loucura obsessiva? Nós a vimos várias vezes, acompanhada de sintomas menos evidentes da subjugação.

Vejamos agora o que se passou em Morzine. Antes, porém, digamos algumas palavras sobre o lugar, o que não é sem importância. Morzine é uma comuna do Chablais, na Alta Sabóia, situada a oito léguas de Thonon, na extremidade do vale do Drance, nos confins do Valais, na Suíça, da qual é separada apenas por uma montanha. Sua população, de cerca de 2.500 almas, compreende, além do vilarejo principal, vários povoados espalhados nas alturas circunvizinhas. É cercada e dominada de todos os lados por altas montanhas dependentes da cadeia dos Alpes, mas na maior parte cobertas de bosques e cultivadas até alturas consideráveis. Aliás, em parte alguma se vêem neves ou gelos perpétuos e, conforme nos disseram, ali a neve é menos persistente do que no Jura.

O Dr. Constant, enviado em 1861 pelo governo francês para estudar a doença, lá ficou três meses. Ele faz da região e de seus habitantes um quadro pouco lisonjeiro. Vindo com a idéia de que o mal era puramente físico, não procurou senão causas físicas; sua preocupação o levava a demorar-se sobre aquilo que poderia corroborar sua opinião e, provavelmente, essa idéia fez com que visse os homens e as coisas sob uma luz desfavorável. Em sua opinião, a doença é uma afecção nervosa, cuja fonte primeira é a constituição dos habitantes, debilitados pela insalubridade das habitações, a insuficiência e a má qualidade dos alimentos e cuja causa imediata esta no estado histérico da maioria dos doentes do sexo feminino. Sem contestar a existência dessa afecção, é bom notar que se o mal atacou em grande parte as mulheres, os homens também foram atingidos, assim como mulheres em idade avançada. Não se poderia ver na histeria uma causa exclusiva; e, aliás, qual a causa da histeria?

Fizemos apenas uma breve visita a Morzine, mas devemos dizer que nossas observações e os informes que recolhemos junto de pessoas notáveis, de um médico da região e das autoridades locais diferem um tanto das do Dr. Constant. O vilarejo principal é geralmente bem construído; as casas dos povoados circunvizinhos certamente não são palacetes, mas não têm o aspecto miserável que se vêem em muitas regiões rurais da França, na Bretanha, por exemplo, onde o camponês mora em verdadeiras choupanas. A população não nos pareceu estiolada, nem raquítica, nem, sobretudo, atacada de papeira, como diz o Dr. Constant. Vimos alguns bócius rudimentares, mas nenhum pronunciado, como se vêem em todas as mulheres da Mauriana. Os idiotas e os cretinos ali são raros, embora o diga o Dr. Constant, ao passo que na outra vertente da montanha, no Valais, eles são muito numerosos. Quanto à alimentação, a região produz além do consumo dos habitantes; se em toda parte não há fartura, também não há miséria propriamente dita, sobretudo essa horrível miséria que encontramos em outras regiões; existem algumas em que a

população do campo é infinitamente mais mal alimentada. Um fato característico é que não vimos um único mendigo a nos estender a mão para pedir esmola. A própria região oferece importantes recursos em madeiras e pedreiras, mas que ficam improdutivas pela impossibilidade de transporte. A dificuldade de comunicações é o flagelo da região, sem o que seria uma das mais ricas da nação. Pode julgar-se de tal dificuldade pelo fato de o correio de Thonon só poder ir até duas léguas de distância dessa cidade. Adiante não há mais estrada, mas um caminho que, alternadamente, sobe a pique na floresta e desce à margem do Drance, torrente furiosa, verdadeira cascata que rola através de enormes massas de rochedos de granito, precipitados em seu leito do alto das montanhas em direção ao fundo de uma estreita garganta. Durante várias léguas é a imagem do caos. Transposta a passagem, o vale toma um aspecto risonho até Morzine, onde acaba. Mas a impossibilidade para lá chegar facilmente afasta os viajantes, de sorte que a região só é visitada por caçadores bastante fortes para escalar os rochedos. Depois da anexação os caminhos foram melhorados; antes, só eram transitados por cavalos. Dizem que o governo estuda o prolongamento da estrada de Thonon até Morzine, margeando o rio; é um trabalho difícil, mas que transformará a região, permitindo a exportação de seus produtos.

Tal é o aspecto geral da região que, aliás, não oferece nenhuma causa de insalubridade. Admitindo que o principal vilarejo de Morzine, situado no fundo do vale e à margem do rio, seja úmido – o que não observamos – devemos considerar que a maioria dos doentes pertence aos povoados circunvizinhos e, por conseguinte, em condições arejadas e muito salubres.

Se a doença se devesse a causas locais, à constituição dos habitantes, aos hábitos e gênero de vida, como pretende o Dr. Constant, essas causas permanentes deveriam produzir efeitos permanentes e o mal seria epidêmico, como as febres intermitentes de Camargue e dos pântanos Pontinos. Se o cretinismo e o bócio

são endêmicos no vale do Ródano e não no vale do Drance, que lhe é limítrofe, é que num há uma causa local permanente que não existe no outro.

Se o que se chama a possessão de Morzine é apenas temporária, é que se liga a uma causa accidental. Diz o Dr. Constant que suas observações não lhe revelaram *nenhuma causa sobrenatural*. Mas ele, que só acredita em causas materiais, estará apto a julgar efeitos que resultariam da ação de uma força extramaterial? estudou os efeitos dessa força? sabe em que consistem? por que sintomas podem ser reconhecidos? Não; e desde então se lhes afiguram diferentes do que são, crendo talvez que consistam em milagres e em aparições fantásticas. Ele viu esses sintomas e os descreveu em seu relatório, mas, não admitindo uma causa oculta, buscou alhures, no mundo material, onde não a encontrou. Os doentes se diziam atormentados por seres invisíveis; como, porém, ele não viu duendes nem diabretes, concluiu que os doentes eram loucos; e o que o confirmava nesta idéia é que aqueles por vezes diziam coisas notoriamente absurdas, mesmo aos olhos do mais firme crente nos Espíritos. Mas para ele tudo devia ser absurdo. Devia saber, como médico, que até em meio às divagações da loucura há, por vezes, revelações da verdade. Esses infelizes, diz ele, e os habitantes em geral, estão imbuídos de idéias supersticiosas. Mas que há de surpreendente numa população rural, ignorante e isolada em meio das montanhas? Que de mais natural que essa gente, terrificada pelos fenômenos, os tenha amplificado? E porque em seus relatos se misturassem fatos e apreciações ridículas, concluiu o Dr. Constant que tudo deveria ser ridículo, sem contar que aos olhos de quem quer que não admita a ação do mundo invisível, todos os efeitos resultantes dessa ação são relegados entre as crenças supersticiosas. Em favor desta última tese ele insiste muito sobre um fato, narrado pelos jornais da época, e que, talvez, se tenha inspirado nalguma imaginação assustadiça, exaltada ou doentia, segundo o qual certos enfermos subiam com a agilidade de gatos em árvores de *quarenta metros* de altura, caminhavam sobre os

galhos sem os vergar, plantavam bananeira e desciam de cabeça para baixo sem nada sofrerem. Discute longamente para provar a impossibilidade da coisa e demonstrar que, segundo a direção do raio visual, a árvore assinalada não podia ser vista das casas de onde diziam ter visto o fato. Tanto esforço era inútil, pois lá nos disseram que o fato não era verdadeiro; reduzia-se a um rapazinho que, efetivamente, subira numa árvore de porte comum, mas sem fazer nenhuma demonstração de equilíbrioso.

Assim descreve o Dr. Constant o histórico e os efeitos da doença.

(continua no próximo número)

Sermões contra o Espiritismo

Uma carta de Lyon, datada de 7 de dezembro de 1862, contém a passagem seguinte, que uma testemunha ocular e auricular nos confirmou verbalmente:

“Tivemos aqui o bispo do Texas, na América, que pregou terça-feira passada, 2 de dezembro, às oito horas da noite, na igreja de Saint-Nizier, perante um auditório de cerca de duas mil pessoas, entre as quais se achavam numerosos espíritas. Ah! ele não parece bem instruído em nossa doutrina. Podemos julgá-lo por esta breve exposição:

“Os espíritas não admitem o inferno nem as preces nas igrejas; fecham-se em seus quartos e ali oram, sabe Deus que preces!... Só há duas categorias de Espíritos: os perfeitos e os ladrões; os assassinos e os canalhas... Venho da América, onde essas infâmias começaram. Pois bem! posso vos garantir que há dois anos ninguém mais se ocupa disso naquele país. Disseram-me que aqui, nesta cidade de Lyon, tão famosa por sua piedade, havia muitos

espíritas. Isto não pode ser; não acredito. Estou certo, caros irmãos e caras irmãs, de que entre vós não há um só médium, porque, vede, os espíritas não admitem o casamento nem o batismo, e todos os espíritas estão separados de suas esposas, etc., etc.”

Estas poucas frases podem dar uma idéia do resto. Que teria dito o orador se soubesse que cerca de um quarto de seus ouvintes era composto de espíritas? Quanto à sua eloqüência, só posso dizer uma coisa: é que em certos momentos parecia um frenesi; parecia perder o fio das idéias e não sabia o que queria dizer; se não temesse servir-me de um termo irreverente, diria que ele patinhava. Creio vivamente que fosse impelido por alguns Espíritos a dizer tais absurdos e de tal maneira que, eu vos garanto, ninguém se daria conta de estar num lugar santo; todos riam. Alguns de seus partidários saíram na frente, para julgar o efeito que o sermão havia produzido, mas não devem ter ficado muito satisfeitos, porquanto, uma vez lá fora, cada um ria e dizia o que pensava. Vários de seus amigos deploravam os desvios a que ele se entregara, compreendendo que o objetivo falhara completamente. Com efeito, não poderia ter agido melhor para recrutar adeptos e foi o que aconteceu imediatamente. Uma senhora, que se achava ao lado de uma boníssima espírita, de meu conhecimento, disse-lhe: “Mas o que são esse Espiritismo e esses médiuns de quem se fala tanto e contra os quais esses senhores estão tão furiosos?” Quando a coisa lhe foi explicada ela disse: “Oh! ao chegar em casa vou adquirir livros e tentar escrever.”

Posso assegurar-vos que se os espíritas são tão numerosos em Lyon é graças a alguns sermões desse gênero. Lembrai-vos de que há três anos, quando aqui não se contavam senão algumas centenas de espíritas, eu vos escrevi por causa de uma pregação furibunda contra a doutrina e que produziu excelente efeito: “Mais alguns sermões como este e em um ano decuplicará o número de adeptos.” Pois bem! hoje está centuplicado, graças, também, aos ignóbeis e mentirosos ataques de

alguns órgãos da imprensa. Todo mundo, até o simples operário que, sob suas vestes grosseiras, tem mais bom-senso do que se crê, diz que não se ataca com tanto furor uma coisa que não vale a pena, razão por que quiseram ver por si mesmos. Ao reconhecerem a falsidade de certas afirmações, que denotavam ignorância ou malevolência, a crítica perdeu todo crédito e, em vez de afastar do Espiritismo, conquistou-lhe partidários. Esperamos que se dê o mesmo com o sermão do monsenhor do Texas, cuja maior inabilidade foi dizer que “todos os espíritas estão separados de suas esposas”, quando temos aqui, sob os nossos olhos, numerosos exemplos de casais outrora separados e que o Espiritismo restaurou a união e a concórdia. Cada um se diz, naturalmente, que desde que os adversários do Espiritismo lhe atribuem ensinamentos e resultados cuja falsidade é demonstrada pelos fatos e pela leitura de livros, que mostram exatamente o contrário, nada prova a veracidade das outras críticas. Creio que se os espíritas lioneses não temessem faltar com o respeito ao bispo do Texas, ter-lhe-iam votado uma carta de agradecimentos. Mas o Espiritismo nos torna caridosos, mesmo para com os inimigos.”

Uma outra carta, de testemunha ocular, contém a seguinte passagem:

“O orador de Saint-Nizier partiu do princípio de que o Espiritismo já fez sua época nos Estados Unidos e que dele não se falava há dois anos. Era, pois, em sua opinião, uma questão de moda. Eram fenômenos sem consistência e não valiam a pena que fossem estudados; ele tinha procurado ver e nada vira. Todavia, assinalava a nova doutrina como atentatória aos laços de família, à propriedade, à constituição da sociedade e a denunciava como tal às autoridades competentes.

“Os adversários esperavam um efeito mais surpreendente, e não uma simples negação, enunciada de maneira tão ridícula, pois não ignoram o que se passa na cidade, a marcha

do progresso e a natureza das manifestações. O assunto voltou a ser ventilado no domingo, 14, em Saint-Jean, desta vez tratado um pouco melhor.

“O orador de Saint-Nizier tinha negado os fenômenos; o de Saint-Jean reconheceu-os e afirmou: ‘Ouvem-se batidas nas paredes; no ar, vozes misteriosas; trata-se realmente de Espíritos, mas, que Espíritos? Não podem ser bons, pois os bons são dóceis e submissos às ordens de Deus, que proibiu a evocação dos Espíritos. Portanto, os que vêm só podem ser maus.’

“Havia cerca de três mil pessoas na igreja de Saint-Jean; entre estas, pelo menos trezentas irão querer saber mais.

“O que certamente contribuirá para fazer refletirem as criaturas honestas ou inteligentes que compunham o auditório, são as singulares afirmações do orador – digo singulares por polidez. Disse ele: ‘O Espiritismo vem *destruir a família, aviltar a mulher, pregar o suicídio, o adultério e o aborto, preconizar o comunismo, dissolver a sociedade.*’ Depois convidou os paroquianos, que acaso tivessem livros espíritas, que os trouxessem a certos senhores, que os queimariam, como São Paulo havia feito em Éfeso com obras heréticas.

“Não sei se aqueles senhores encontraram muitas pessoas bastante zelosas para irem, com dinheiro na mão, despojar nossas livrarias. Alguns espíritas estavam furiosos; a maioria se regozijava, por compreender que era um grande dia.

“Assim, do alto da segunda cátedra da França, acabam de proclamar que os fenômenos espíritas são verdadeiros. Toda questão, pois, se reduz em saber se são Espíritos bons ou maus e se só aos maus Deus permite que venham.”

O orador de Saint-Jean afirma que só podem ser os maus. Eis um outro que pouco modificou a solução. Escrevem-nos

de Angoulême que quinta-feira, 5 de dezembro último, um pregador assim se exprimia em seu sermão: “Nós *todos* sabíamos que se podiam evocar os Espíritos, e isto há muito tempo; mas *só* a Igreja deve fazê-lo. Não é permitido aos outros homens tentar corresponder-se com eles por meios físicos; para mim é uma heresia.” O efeito produzido foi o contrário do que se esperava.

É, pois, evidente que os bons e os maus podem comunicar-se, porque se somente os maus tivessem tal poder, seria improvável que a Igreja se reservasse o privilégio de os chamar.

Duvidamos que dois sermões, pregados em outubro último, em Bordeaux, tenham servido melhor à causa dos nossos antagonistas. Eis a sua análise, feita por um ouvinte; os espíritas poderão ver se, sob esse disfarce, reconhecem sua doutrina e se os argumentos que lhes opõem são capazes de lhes abalar a fé. Quanto a nós, repetimos o que já temos dito alhures: Enquanto não atacarem o Espiritismo com melhores armas, ele nada deverá temer.

“Lamentarei sempre” – diz o narrador – “não ter ouvido o primeiro sermão, na capela Margaux, em 15 de outubro último, se estou bem informado. Conforme me contaram testemunhas dignas de fé, a tese desenvolvida foi esta:

“Os Espíritos podem comunicar-se com os homens. Os bons só se comunicam na Igreja. Todos quantos se manifestam fora da Igreja são maus, porque fora da Igreja não há salvação. – Os médiuns são infelizes, fizeram pacto com o diabo e dele obtêm, ao preço de sua alma, que lhe venderam, manifestações de toda sorte, ainda que extraordinárias, para não dizer miraculosas.” Passo em silêncio outras citações ainda mais estranhas; como eu mesmo não as ouvi, receio que tenham exagerado.

“No domingo seguinte, 19 de outubro, tive a felicidade de assistir ao segundo sermão. Informei-me quanto ao nome do

pregador e me disseram que era o Padre Lapeyre, da Companhia de Jesus.

“O Padre Lapeyre faz a crítica de *O Livro dos Espíritos* e, por certo, era preciso enorme dose de boa vontade para reconhecer essa obra admirável nas teorias desprovidas de bom-senso que o pregador pretendia ter achado. Limitar-me-ei a assinalar os pontos que mais me surpreenderam, preferindo ficar aquém da verdade a atribuir ao nosso adversário o que ele não teria dito ou eu teria compreendido mal.

“Segundo o Padre Lapeyre, ‘*O Livro dos Espíritos* prega o comunismo, a partilha dos bens, o divórcio, a igualdade entre todos os homens e, sobretudo, entre o homem e a mulher, a igualdade entre o homem e seu Deus, porque o homem, levado pelo orgulho que perdeu os anjos, não aspira a nada menos que se tornar semelhante a Jesus-Cristo; ele arrasta os homens ao *materialismo* e aos prazeres sensuais, pois o trabalho de aperfeiçoamento pode fazer-se sem o concurso de Deus, mau grado seu, por efeito desta força que quer que tudo se aperfeiçoe gradualmente; preconiza a metempsicose, essa loucura dos Antigos, etc.’

“Passando em seguida à rapidez com se propagam as idéias novas, constata com horror quão astuto e habilidoso é o diabo que as ditou; quanto soube adorná-la com arte, de modo a fazê-las vibrar com força nos corações pervertidos dos filhos deste século de incredulidade e heresias. ‘Este século’, exclama ele, ‘ama tanto a liberdade! e vêm lhe oferecer o livre-exame, o livre-arbítrio, a liberdade de consciência! Este século ama tanto a igualdade! e lhe mostram o homem à altura de Deus! Ama tanto a luz! e de uma penada rasga-se o véu que ocultava os santos mistérios!’

“Depois ele atacou a questão das penas eternas e, sobre o assunto, palpitante de emoções, teve magníficos arroubos de oratória: ‘Acreditaríeis, meus caros irmãos, até onde chegou a

imprudência desses filósofos novos, que pensam fazer desmoronar, ao peso dos sofismas, a santa religião do Cristo! Ah! os infelizes! dizem que não há inferno! dizem que não há purgatório! Para eles, nada de *relações benditas que ligam os vivos às almas daqueles que perderam!* Nada de sacrifício da missa! E por que o celebrariam? essas almas não se purificarão por si mesmas e sem nenhum trabalho, pela eficácia dessa força irresistível que incessantemente os atrai para a perfeição?

“E sabeis quais as autoridades que vêm proclamar essas doutrinas ímpias, marcadas na fronte pelo sinal indestrutível desse inferno que queriam aniquilar? Ah! meus irmãos, são as mais sólidas colunas da Igreja: São Paulo, Santo Agostinho, São Luís, São Vicente de Paulo, Bossuet, Fénelon, *Lamennais*, e todos esses homens de escol, santos homens que, durante a vida, lutaram pelo estabelecimento das verdades inquebrantáveis, sobre as quais a Igreja estabeleceu os seus fundamentos, e que hoje vêm declarar que seu Espírito, desprendido da matéria, mais clarividente, percebeu que suas opiniões estavam erradas e que é exatamente o contrário que se deve crer.

“Depois o pregador passou à questão que o autor da *Carta de um católico* dirige a um Espírito para saber se, praticando o Espiritismo, ele é herético. E acrescenta:

“Eis a resposta, meus irmãos; ela é curiosa, e o que a torna ainda mais singular, o que nos mostra de maneira mais evidente que o diabo, apesar de sua astúcia e habilidade, sempre se deixa trair, é o nome do Espírito que deu esta resposta. Eu vo-lo direi daqui a pouco.

“Segue a citação dessa resposta, que termina assim: ‘Estás de acordo com a Igreja em todas as verdades que te fortalecem no bem, que aumentam em tua alma o amor de Deus e o devotamento aos teus irmãos? Sim; pois bem: tu és católico.’

Depois acrescenta: ‘Assinado... Zenon!... Zenon! um filósofo grego, um pagão, um idólatra que, do fundo do inferno onde se queima há vinte séculos, vem nos dizer que se pode ser católico e não acreditar neste inferno que o tortura e que aguarda a todos quantos, como ele, não morrerem humildes e submissos no seio da santa Igreja... Mas, insensatos e cegos que sois! com toda a vossa filosofia, não tereis senão esta prova, esta única prova que a doutrina que proclamais emana do demônio, que será mil vezes suficiente!’

“Depois de longas considerações sobre esta questão e sobre o privilégio exclusivo que tem a Igreja de expulsar os demônios, acrescenta:

“Pobres insensatos, que vos divertis em falar com os Espíritos e pretendes exercer sobre eles alguma influência! Não temeis que, como aquele de que fala São Lucas, esses Espíritos batedores e espalhafatosos – e eles são bem classificados, meus caros irmãos – não vos perguntem também: E vós, quem sois? Quem sois para virdes nos perturbar? Credes que nos submeteréis impunemente aos vossos caprichos sacrílegos? e que, tomando as cadeiras e as mesas que fazeis girar, eles não se apoderem de vós, como se apoderaram do filho de Sceva e não vos maltratem a tal ponto que sejais forçados a fugir, nus e feridos, reconhecendo, mas tarde demais, toda a abominação que há em brincar com os mortos?

“Diante desses fatos tão patentes e que falam tão alto, que nos resta fazer? Que temos a dizer? Ah! meus caros irmãos! guardai-vos cuidadosamente do contágio. Resisti com horror a todas as tentativas que os maus não deixarão de fazer para vos arrastar com eles ao abismo! Mas, ah! já é muito tarde para fazer tais recomendações; o mal já fez rápidos progressos. Esses livros *infames*, ditados pelo príncipe das trevas, a fim de atrair para o seu reino uma multidão de pobres ignorantes, de tal modo se

espalharam que, como outrora em Éfeso, caso se computasse o preço dos que circulam em Bordeaux, tenho certeza de que ultrapassaria a enorme soma de cinqüenta mil denários de prata (170.000 francos em nossa moeda; chamada de uma citação feita em outra parte do sermão). E eu não me surpreenderia se, entre os numerosos fiéis que me ouvem, não houvesse alguns que já foram arrastados à sua leitura. A estes só podemos dizer isto: Depressa! aproximai-vos do tribunal da penitência; depressa! vinde abrir os corações aos vossos guias espirituais. Cheios de doçura e bondade, e seguindo em todos os pontos o magnífico exemplo de São Paulo, apressamo-nos a vos dar a absolvição. Mas, como ele, não vo-la daremos senão com a condição expressa de nos trazerdes esses livros de magia que quase vos perderam. E que faremos desses livros, caros irmãos? sim, o que faremos com eles? Como São Paulo, faremos uma grande pilha em praça pública e nós mesmos atearemos o fogo.”

Faremos apenas uma ligeira observação sobre esse sermão: é que o autor se engana de data e, talvez, novo Epimênides, dormiu desde o século quatorze. Outro fato que se destaca é a constatação do rápido desenvolvimento do Espiritismo. Os adversários de uma outra escola também o comprovam, desesperados, tão grande é o amor pela razão humana. Lê-se no *Moniteur de la Moselle*, de 7 de novembro de 1862: “O Espiritismo faz perigoso progresso. Invade a alta, a média e a baixa sociedade. *Magistrados, médicos, pessoas sérias* também se entregam a esse equívoco.” Achamos essa asserção repetida na maior parte das críticas atuais; é que em presença de um fato tão patente, era preciso vir dos confins do Texas para avançar num auditório onde se acham mais de mil espíritas, que há dois anos disso não mais se ocupam. Então, por que tanta cólera se o Espiritismo está morto e enterrado? Pelo menos o Padre Lapeyre não tem ilusões. Seu temor até exagera a extensão do pretenso mal, pois avalia numa cifra fabulosa o valor dos livros espíritas espalhados apenas em Bordeaux. Em todo o caso, é reconhecer uma idéia muito

poderosa. Seja como for, em presença de todas essas afirmações, ninguém nos tachará de exagero quando falarmos dos rápidos progressos da doutrina. Que uns os atribuam ao poder do diabo, lutando vantajosamente contra Deus; os outros, a um acesso de loucura que invade todas as classes da sociedade, o círculo das pessoas sensatas vai se estreitando cada vez mais, de tal sorte que em breve não mais haverá lugar senão para alguns indivíduos; que uns e outros deplorem este estado de coisas, cada um do seu ponto de vista e se perguntem: “Aonde vamos, grande Deus?”, é um direito que lhes assiste. Disso resulta mais o fato que o Espiritismo vence todas as barreiras que lhe opõem. Portanto, se é uma loucura, em breve só haverá loucos na Terra. É conhecido o provérbio. Se é obra do diabo, logo só haverá danados; e se os que falam em nome de Deus não o podem deter, é que o diabo é mais forte que Deus. Os espíritas são mais respeitosa para com a divindade; não admitem que haja um ser capaz de lutar com ela de poder para poder e, sobretudo, vencê-la. De outro modo os papéis estariam invertidos e o diabo se tornaria o verdadeiro senhor do Universo. Dizem os espíritas que sendo Deus soberano absoluto, nada acontece no mundo sem a sua permissão. Assim, se o Espiritismo se espalha com a rapidez do relâmpago, façam o que fizerem para detê-lo, há que ver nele um efeito da vontade de Deus. Ora, sendo Deus soberanamente justo e bom, não pode querer a perda de suas criaturas, nem deixá-las cair em tentação, certo de que, em virtude de sua presciência, sucumbirão e serão precipitadas nos tormentos eternos. Hoje, o dilema está posto; está submetido à consciência de todos; o futuro se encarregará da conclusão.

Se fazemos estas citações é para mostrar a que argumentos estão reduzidos os adversários do Espiritismo para o atacar. Com efeito, é preciso estar privado de boas razões para recorrer à calúnia, como a que o representa pregando a desunião das famílias, o adultério, o aborto, o comunismo, a subversão da ordem social. Temos necessidade de refutar semelhantes asserções? Não; basta remeter ao estudo da doutrina, à leitura do que ela ensina, que é o que se faz em toda parte. Quem poderá acreditar

que pregamos o comunismo depois das instruções que demos a respeito no discurso publicado *in extenso* no relatório de nossa viagem em 1862? Quem poderá ver nas palavras seguintes uma excitação à anarquia, encontradas na mesma brochura, página 58: “Em todo o caso, os espíritas devem ser os primeiros a dar exemplo de submissão às leis, caso a isso sejam convocados.”

Avançar tais coisas numa região distante, onde o Espiritismo fosse desconhecido, ou onde não houvesse nenhum meio de controle, poderia produzir algum efeito. Mas afirmá-las do alto da cátedra da verdade, em meio a uma população espírita, que aí dá incessantemente um desmentido pelos seus ensinamentos e seu exemplo, é falta de habilidade e não se pode deixar de dizer que é necessário estar tomado por singular vertigem para iludir-se a tal ponto e não compreender que, assim falando, se presta serviço à causa do Espiritismo.

Entretanto, seria erro acreditar seja esta a opinião de todos os membros do clero. Ao contrário, muitos há que não a compartilham e conhecemos bom número que deplora tais desvios, mais prejudiciais à religião que à Doutrina Espírita. São, pois, opiniões individuais, que não podem fazer lei. E o que prova que são apreciações pessoais é a contradição que existe entre elas. Assim, enquanto um declara que todos os Espíritos que se manifestam são necessariamente maus, pois desobedecem a Deus, comunicando-se, outro reconhece que há bons e maus, mas que só os bons vão à Igreja, e os maus, ao vulgo. Um acusa o Espiritismo de aviltar a mulher; outro o censura por elevá-la ao nível dos direitos do homem. Um pretende que “arrasta os homens ao materialismo e aos prazeres sensuais”, e um outro, o Sr. cura Marouzeau, reconhece que destrói o materialismo.

Em sua brochura assim se exprime o abade Marouzeau:

“Na verdade, a dar ouvidos aos partidários das comunicações de além-túmulo, seria preconceito do clero combater

o Espiritismo *a qualquer preço*. Por que supor que os padres tenham tão pouca inteligência e bom-senso e uma mente estúpida? Por que acreditar que a Igreja, que em todos os tempos deu tantas provas de prudência, sabedoria e alta inteligência para discernir o verdadeiro do falso, seja hoje incapaz de compreender o interesse de seus filhos? Por que condená-la sem a ouvir? Se ela recusa reconhecer a vossa bandeira, é que esta não é a dela; tem cores que lhe são essencialmente hostis; *é que, ao lado do bem que fazéis, combatendo o horrendo materialismo*, ela vê um perigo real para as almas e a sociedade.” E mais adiante: “Concluamos de tudo isto que o Espiritismo deve se limitar a combater o materialismo e a dar ao homem provas palpáveis de sua imortalidade, por meio de manifestações de além-túmulo bem constatadas.”

De tudo isto resulta um fato capital: é que todos esses senhores estão de acordo sobre *a realidade das manifestações*; apenas cada um as aprecia a seu modo. Negá-las, com efeito, seria negar a verdade das Escrituras e os próprios fatos sobre os quais se apóia a maioria dos dogmas. Quanto à maneira de encarar a coisa, desde já é possível constatar em que sentido se faz a unidade e se pronuncia a opinião pública, que também tem o seu *veto*. Ressalta ainda outro fato: é que a Doutrina Espírita agita profundamente as massas; enquanto uns nela vêem um fantasma terrível, outros enxergam o anjo da consolação e da libertação e uma nova era de progresso moral para a Humanidade.

Já que citamos a brochura do abade Marouzeau, talvez perguntem por que ainda não a respondemos, uma vez que nos foi dirigida pessoalmente. Os motivos podem ser vistos no nosso relatório de viagem, a propósito das refutações. Quando tratamos de uma questão, fazemo-lo do ponto de vista geral, abstraindo das pessoas que, aos nossos olhos, não passam de individualidades que se apagam diante das questões de princípio. Oportunamente falaremos do Sr. Marouzeau, assim como de alguns outros, quando examinarmos o conjunto das objeções. Para isto era útil esperar que

cada um se tivesse manifestado, com maior ou menor competência – e vimos acima alguns bem competentes – para apreciar a força da oposição. Respostas especiais e individuais teriam sido prematuras e incessantemente repetidas. A brochura do Sr. Marouzeau era um tiro de fuzil. Pedimos-lhe desculpas por colocá-lo na classe dos simples atiradores; mas sua modéstia cristã não ficará ofendida. Prevendo esse levante, pareceu-nos conveniente deixar que descarregassem todas as armas, mesmo a artilharia pesada que, como se vê, acaba de ser dada, a fim de julgar do seu alcance. Ora, até o momento não temos por que lamentar as baixas que ela fez em nossas fileiras, porquanto, ao contrário, seus tiros ricochetearam contra ela. Por outro lado, não era menos útil deixar desenhar-se a situação, e hão de convir que, de dois anos para cá o estado das coisas, longe de piorar, diariamente nos traz novas forças. Responderemos, pois, quando julgarmos oportuno. Até agora não houve tempo perdido; sem isso temos ganhado terreno incessantemente e os próprios adversários se encarregam de tornar mais fácil a nossa tarefa. Devemos somente deixá-los agir.

A Loucura Espírita

RESPOSTA AO SR. BURLET, DE LYON

O folhetim da *Presse* de 8 de janeiro de 1863 estampa o artigo seguinte, extraído do *Salut public de Lyon*, e que a *Gironde* de Bordeaux apressou-se em reproduzir, acreditando tirar sorte grande contra o Espiritismo:

CIÊNCIAS⁴

“O Sr. Philibert Burlet, interno dos hospitais de Lyon, leu recentemente na Sociedade de Ciências Médicas desta cidade um interessante trabalho sobre o Espiritismo, considerado como causa de alienação mental. Em face da epidemia que se abate no momento sobre a sociedade francesa, certamente não será

4 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 521.

desprovido de utilidade assinalar os fatos contidos na memória do Sr. Burlet.

“O autor descreve com cuidado seis casos de loucura, dita aguda, observados por ele mesmo no hospital de Antiquaille, nos quais se segue, sem qualquer dificuldade, a relação direta entre a alienação mental e as práticas espíritas. Diz ele que há pouco tempo o Dr. Carrier teve, por sua vez, ocasião de tratar e ver curadas, em seu serviço, três mulheres que o Espiritismo havia tornado loucas. Aliás, não há um só médico, cuidando especialmente de alienação mental, que não tenha observado, em maior ou menor número de casos análogos, sem falar, é claro, *das perturbações intelectuais ou afetivas que, sem chegar até o ponto a que se convencionou chamar de loucura, não deixam de alterar a razão e tornar desagradável e bizarro o comportamento daqueles que as apresentam.* Esta influência da *pretensa* doutrina espírita está hoje bem demonstrada pela Ciência. As observações que o estabelecem se contariam aos milhares. Diz o Sr. Burlet: ‘Se nas outras partes da França os casos de loucura causados pela doutrina dos médiuns forem tão freqüentes quanto no Departamento que habitamos – e não há razão para que assim não seja – parece-nos fora de dúvida que o Espiritismo pode tomar lugar na fileira das causas mais fecundas de alienação mental.’ Terminando, o autor exorta os pais e mães de família, os chefes de oficinas, etc. a velarem para que seus filhos e empregados jamais compareçam ‘a essas reuniões espíritas chamadas grupos, nas quais o perigo para a razão certamente não é o único a temer.’

“É, pois, de incontestável utilidade dar publicidade aos fatos deste gênero, colhidos conscienciosamente, como os do interno dos hospitais de Lyon. Não que haja a menor chance para agir sobre os indivíduos já afetados pela epidemia; o caráter de sua loucura é precisamente a forte convicção de serem os únicos a deterem a posse da verdade. Em sua humildade, julgam-se com o dom de comunicar-se com os Espíritos e tratam de orgulhosa a

ciência que ousa duvidar de seu poder. Vítimas da alucinação que os domina, admitida a premissa, raciocinam a seguir com uma *lógica irrepreensível*, que não faz senão fortalecê-los em sua aberração. Mas podemos guardar a esperança de agir sobre as inteligências ainda sãs, que fossem tentadas a se exporem às seduções do Espiritismo, assinalando-lhes o perigo e assim as garantir contra esse perigo. É bom saber que as práticas espíritas e a convivência com os médiuns, que são verdadeiros alucinados, é necessariamente prejudicial para a razão; só os caracteres fortemente temperados podem resistir. Os outros aí sempre deixam uma parte, maior ou menor, do seu bom-senso.”

A. Sanson

Este artigo pode fazer concorrência com os sermões relatados no artigo precedente. Nele se pode ver, se não uma concordância de origem, ao menos idêntica intenção: a de levantar a opinião contra o Espiritismo, por meios onde se manifesta a mesma boa-fé ou a mesma ignorância das coisas. Notai a gradação seguida pelos ataques, desde o famoso e desastrado artigo da *Gazette de Lyon* (Vide *Revista Espírita* do mês de outubro de 1860). Então não passava de um gracejo vulgar, onde os operários daquela cidade eram humilhados, ridicularizados, e sua profissão menosprezada. Não era, com efeito, notável falta de habilidade lançar o desprezo sobre trabalhadores e os instrumentos que fazem a prosperidade de uma cidade como Lyon? A partir de então a agressão tomou outro caráter: vendo a impotência do ridículo e não podendo deixar de constatar o terreno ganho diariamente pelas idéias espíritas, ela o toma num tom mais lamentável. É em nome da Humanidade, *em face da epidemia que se abate no momento sobre a sociedade francesa*, que vem assinalar os perigos dessa *pretensa doutrina que torna desagradável e bizarro o comportamento daqueles que a professam*. Cumprimento pouco lisonjeiro para as senhoras de todas as classes, mesmo para as princesas, que crêem nos Espíritos. No entanto, parece-nos que as pessoas violentas e irascíveis,

tornadas mansas e boas pelo Espiritismo, não dão prova de um caráter muito mau e são menos desagradáveis do que antes, e que entre os não espíritas só se encontra gente amável e benevolente. Embora se vejam numerosas famílias onde o Espiritismo restabeleceu a paz e a união, é em nome de seu interesse que se intimam os operários a não comparecerem a “essas reuniões chamadas grupos, onde podem perder a razão e muitas outras coisas”, sem dúvida achando que a conservariam melhor indo ao cabaré do que ficando em casa.

Não surtindo efeito a zombaria, eis que agora os adversários chamam a Ciência em seu auxílio. Não mais a ciência trocista, representada pelo músculo estalante do Sr. Jobert, de Lamballe (Vide *Revista Espírita* de junho de 1859), mas a ciência séria, condenando o Espiritismo tão gravemente quanto outrora condenou a aplicação do vapor à marinha, e tantas outras utopias que, mais tarde, tiveram a fraqueza de tomar como verdades. E qual é o seu representante nesta grave questão? O Instituto de França? Não; é o Sr. Philibert Burlet, interno dos hospitais de Lyon, isto é, estudante de Medicina, que faz suas primeiras armas lançando uma memória contra o Espiritismo. Ele falou e, por causa dele e do Sr. Sanson (da *Presse*), a Ciência deu a sua sentença, sentença que provavelmente não será inapelável, como a dos doutores que condenaram a teoria de Harvey sobre a circulação do sangue, lançando sobre seu autor “libelos e diatribes mais ou menos virulentos e grosseiros.” (*Dicionário das Origens.*) Seja dito, entre parênteses: um trabalho curioso a fazer seria uma monografia dos erros dos cientistas.

Diz o Sr. Burlet ter observado seis casos de loucura aguda produzida pelo Espiritismo. Mas como é pouco para uma população de 300.000 almas, das quais pelo menos a décima parte é espírita, tem ele o cuidado de acrescentar “que se contariam por milhares se, nas outras partes da França, os casos de loucura causados pela doutrina dos médiuns fossem tão

freqüentes quanto no Departamento que habitamos, e não há razão para que assim não seja.”

Como se vê, vai-se muito longe com o sistema de suposições. Pois bem! vamos mais longe que ele, e diremos, não por hipótese, mas por afirmação, que, num tempo dado, só se encontrarão loucos entre os espíritas. Efetivamente, a loucura é uma das enfermidades da espécie humana. Mil causas acidentais podem produzi-la e a prova é que havia loucos antes que se cogitasse de Espiritismo, e nem todos os loucos são espíritas. O Sr. Burlet há de convir conosco sobre este ponto. Em todos os tempos houve loucos e os haverá sempre. Assim, se todos os habitantes de Lyon fossem espíritas, só se encontrariam loucos entre os espíritas, absolutamente como numa região inteiramente católica só haverá loucos entre os católicos. Observando a marcha da doutrina de alguns anos para cá, poderíamos, até certo ponto, prever o tempo necessário para isto. Mas não falemos senão do presente.

Os loucos falam do que os preocupa. É bem certo que aquele que jamais tivesse ouvido falar de Espiritismo, dele não falaria, ao passo que, em caso contrário, dele falará como falaria de religião, de amor, etc. Seja qual for a causa da loucura, o número de loucos falando de Espíritos aumentará naturalmente com o número de adeptos. A questão é saber se o Espiritismo é uma causa eficiente de loucura. O Sr. Burlet o afirma do alto de sua autoridade de interno, dizendo que “esta influência é hoje bem demonstrada pela Ciência.” Daí, exaltado, faz apelo aos rigores da autoridade, como se uma autoridade qualquer pudesse impedir o curso de uma idéia, e sem pensar que as idéias somente são propagadas sob o império da perseguição. Toma sua opinião e a de alguns homens que pensam como ele por decretos da Ciência? Parece ignorar que o Espiritismo conta em suas fileiras grande número de médicos distintos, que muitos grupos e sociedades são presididos por médicos que, também eles, são homens de ciência, e que chegam a conclusões inteiramente contrárias às suas. Quem, pois, tem razão?

ele ou os outros? Neste conflito entre a afirmação e a negação, quem dará a última palavra? O tempo, a opinião, a consciência da maioria e a própria Ciência que se renderá à evidência, como já o fez em outras circunstâncias.

Diremos ao Sr. Burlet: É contra os mais elementares preceitos da lógica deduzir uma consequência geral de alguns fatos isolados, a que outros fatos podem dar um desmentido. Para apoiar vossa tese, seria preciso um outro trabalho, diferente do que fizestes. Dissestes haver observado seis casos; creio em vossa palavra. Mas, que é que isto prova? Tivésseis observado o dobro ou o triplo e não provaríeis mais, considerando-se que o total de loucos não ultrapassou a média. Suponhamos a média de 1000, para nos servirmos de um número redondo. Sendo sempre as mesmas as causas habituais da loucura, se o Espiritismo a pode provocar, é uma causa a mais a juntar às outras e que deve aumentar a cifra da média. Se, desde a introdução das idéias espíritas, de 1000 essa média tivesse alcançado 1200, por exemplo, e a diferença fosse precisamente a dos casos de loucura espírita, a questão mudaria de figura. Mas enquanto não for provado que, sob a influência do Espiritismo, a média dos alienados aumentou, a amostragem de alguns casos isolados nada prova, a não ser a intenção de lançar descrédito sobre as idéias espíritas e de intimidar a opinião.

No estado atual das coisas, resta mesmo conhecer o valor dos casos isolados que se põem à frente, e saber se todo alienado que fala dos Espíritos deve sua loucura ao Espiritismo; mas, para isso, seria necessário um juiz imparcial e desinteressado. Suponhamos que o Sr. Burlet fique louco, o que lhe pode acontecer, como a qualquer outro; quem sabe? antes mesmo que a um outro, talvez. Haveria algo de admirável que, preocupado com a idéia que combateu, dela falasse em sua demência? Deveria daí concluir-se que foi a crença nos Espíritos que o enlouqueceu? Poderíamos citar vários casos, dos quais faz-se muito ruído e nos quais ficou provado que os indivíduos se tinham ocupado pouco

ou nada com o Espiritismo, ou tinham tido ataques de loucura bem característicos muito anteriores. A isto devem juntar-se os casos de obsessão e subjugação, que se confundem com a loucura e são tratados como tal, com grande prejuízo da saúde das pessoas afetadas, como explicamos em nossos artigos sobre Morzine. À primeira vista, são os únicos que poderiam ser atribuídos ao Espiritismo, não obstante esteja provado que se encontram em grande número de indivíduos que a ele são os mais estranhos e que, pela ignorância da causa, são tratados erroneamente.

É realmente curioso ver certos adversários que não crêem nos Espíritos nem em suas manifestações, pretendendo seja o Espiritismo uma causa de loucura. Se os Espíritos não existissem ou se não podem comunicar-se com os homens, todas essas crenças são quimeras, que nada têm de real. Perguntamos, então, como pode o nada produzir alguma coisa? É a idéia, dirão eles; esta idéia é falsa. Ora, todo homem que professa uma idéia falsa desarrazoa. Que idéia é esta tão funesta à razão? Ei-la: *Temos uma alma que vive depois da morte do corpo. Esta alma conserva suas afeições da vida terrestre e pode comunicar-se com os vivos.* Segundo eles, é mais salutar acreditar no nada depois da morte; ou, então – o que dá no mesmo – que a alma, perdendo sua individualidade, se confunde no todo universal, como as gotas de água no oceano. De fato, com esta última idéia não há mais necessidade de nos inquietarmos com a sorte do próximo e que só temos que pensar em nós, bem beber, bem comer nesta vida, tudo em proveito do egoísmo. Se a crença contrária é uma causa de loucura, por que há tantos loucos entre gente que em nada crê? Direis que esta causa não é a única. De acordo. Mas, então, por que queríeis que essas causas não pudessem ferir um espírita como a qualquer outro? E por que pretendíeis responsabilizar o Espiritismo por uma febre alta ou uma insolação? Instigais a autoridade para combater as idéias espíritas porque, em vossa opinião, elas perturbam o cérebro. Mas por que também não exigis a vigilância da autoridade contra as outras causas? Na vossa solicitude pela razão humana, da qual vos imaginais o modelo, fizestes

a relação dos inumeráveis casos de loucura produzidos pelo desespero do amor? Por que não incitais a autoridade para proscrever o sentimento amoroso? Está comprovado que todas as revoluções são marcadas por uma notável recrudescência nas afecções mentais. Eis aí uma causa eficiente bem manifesta, pois aumenta a cifra da média. Por que não aconselhais o governo a interditar as revoluções como coisa prejudicial? Já que o Sr. Burlet fez o relato *enorme* de seis casos de loucura dita espírita, numa população de 300.000 almas, aconselhamos os médicos espíritas a fazerem uso de todos os casos de loucura, de epilepsia e outras afecções causadas pelo temor do diabo, o terrível quadro das torturas eternas do inferno e o ascetismo das reclusões monásticas.

Longe de admitir o Espiritismo como causa do aumento da loucura, dizemos que é causa atenuante, que deve diminuir o número dos casos produzidos pelas causas ordinárias. Com efeito, entre estas causas, é preciso colocar em primeira linha os pesares de toda natureza, as decepções, as afeições contrariadas, os revezes da fortuna, as ambições não concretizadas. O efeito destas causas está na razão da impressionabilidade do indivíduo. Se tivéssemos um meio de atenuar essa impressionabilidade, este seria, incontestavelmente, o melhor preservativo. Pois bem! este meio está no Espiritismo, que amortece o contragolpe moral, que faz suportar com resignação as vicissitudes da vida. Um que se teria suicidado por um revés, haure na crença espírita uma força moral que o leva a suportar o mal com paciência; não só não se matará, mas, em presença da maior adversidade, conservará fria a razão, porque tem uma fé inalterável no futuro. Dar-lhes-eis essa calma com a perspectiva do nada? Não, pois ele não entrevê nenhuma compensação e, se não tiver o que comer, poderá comer-vos. A fome é terrível conselheira para quem acredita que tudo se acaba com a vida. Pois bem! o Espiritismo faz suportar até a fome, porque faz ver, compreender e esperar a vida que se segue à morte do corpo. Eis a sua loucura.

A maneira pela qual o verdadeiro espírita encara as coisas deste mundo e do outro, leva-o a dominar em si as mais violentas paixões, mesmo a cólera e a vingança. Depois do artigo injurioso da *Gazette de Lyon*, que relembramos mais acima, um grupo de cerca de uma dúzia de operários nos disse: “Se não fôssemos espíritas iríamos dar uma surra no autor, para lhe ensinar a viver e, se estivessemos em revolução, incendiariamos as dependências de seu jornal. Mas somos espíritas; nós o lastimamos e pedimos a Deus que o perdoe.” Que dizeis desta loucura, Sr. Burlet? Em caso semelhante, o que teríeis preferido: tratar com loucos dessa espécie ou com homens que nada temem? Imagináveis que hoje há mais de vinte mil deles em Lyon? Pretendeis servir aos interesses da Humanidade e não compreendeis os vossos! Pedi a Deus para que um dia não tenhais de lamentar não sejam todos os homens espíritas. É para isto que vós e os vossos trabalhais com todas as forças. Semeando a incredulidade, minais os fundamentos da ordem social; estimulais a anarquia, as reações sangrentas. Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. Perguntai a todos os chefes militares que têm subordinados espíritas sob suas ordens, quais os que são conduzidos com mais facilidade, que melhor observam a disciplina sem emprego do rigor. Perguntai aos magistrados, aos agentes da autoridade que têm subalternos espíritas nas camadas inferiores da sociedade, quais aqueles onde há mais ordem e tranqüilidade; sobre os quais a lei tem menos a castigar; onde há menos tumulto a apaziguar e desordens a reprimir?

Numa cidade do Sul, dizia-nos um comissário de polícia: “Desde que o Espiritismo se espalhou em minha circunscrição, tenho dez vezes menos ocorrências do que antes.”

Perguntai, enfim, aos médicos espíritas quais os doentes em que encontram menos afecções causadas pelos excessos de todo gênero? Penso ser esta uma estatística um pouco mais concludente que os vossos seis casos de alienação mental. Se tais resultados são uma loucura, tenho a glória de propagá-la. Onde foram colhidos tais resultados? Nos livros que alguns queriam lançar ao fogo; nos grupos que recomendais aos operários que fujam. O que é que se vê nesses grupos, que representais como o túmulo da razão? Homens, mulheres, crianças que ouvem com recolhimento uma doce e consoladora moral, em vez de ir ao cabaré perder dinheiro e saúde ou fazer algazarra na praça pública; que de lá saem com amor aos semelhantes no coração, em vez do ódio e da vingança.

Eis uma singular confissão feita pelo autor do artigo precitado: *“Vítimas da alucinação que os domina, admitida a premissa, raciocinam a seguir com uma lógica irrepreensível, que não faz senão fortalecer-los em sua aberração.”* Singular loucura, na verdade, essa que raciocina com uma lógica irrepreensível! Ora, qual é essa premissa? Nós o dissemos há pouco: *A alma sobrevive ao corpo, conserva sua individualidade e suas afeições e pode comunicar-se com os vivos.* Quem pode provar a verdade de uma premissa, senão a lógica *irrepreensível* das deduções? Quem diz *irrepreensível*, diz inatacável, irrefutável. Assim, se as deduções de uma premissa não inatacáveis, é que satisfazem a tudo, que nada se lhe pode opor. Se, pois, essas deduções são verdadeiras, é que a premissa é verdadeira, pois a verdade não pode ter por princípio o erro. De um princípio falso, sem dúvida, podemos deduzir conseqüências aparentemente lógicas, mas será uma lógica aparente, isto é, sofismas, e não uma lógica irrepreensível, pois deixará sempre uma porta aberta à refutação. A verdadeira lógica é a que satisfaz plenamente à razão; não pode ser contestada. A falsa lógica não passa de falso raciocínio, sempre contestável. O que caracteriza as deduções de nossa premissa é, em primeiro lugar, o serem baseadas na observação dos fatos; em segundo lugar, por explicarem de maneira racional o que, sem isto, seria inexplicável. Substituí a

nossa premissa pela negação e vos chocareis a cada passo contra dificuldades insolúveis. A teoria espírita, dizemos nós, é baseada em fatos, mas sobre milhares de fatos que se repetem todos os dias e que são observados por milhões de pessoas; a vossa, sobre meia dúzia, observados por vós. Eis uma premissa da qual cada um pode tirar a conclusão.

Círculo Espírita de Tours⁵

DISCURSO PRONUNCIADO PELO PRESIDENTE
NA SESSÃO DE ABERTURA

Terça-feira, 12 de novembro de 1862

Senhores,

“Antes de mais, devo agradecer aos Espíritos protetores da nossa pequena sociedade nascente por me haverem designado para presidi-la. Tratarei de justificar a escolha, que me honra, velando escrupulosamente para que os trabalhos de nossas reuniões tenham sempre um caráter sério e moral, objetivo que jamais devemos perder de vista, sob pena de nos expormos a muitas decepções.

“Que vimos buscar aqui, senhores, longe do tumulto dos negócios mundanos? A ciência de nossos destinos. Sim, todos quantos estamos neste modesto recinto que, espero, crescerá e se elevará pela grandeza e magnanimidade do objetivo que perseguimos, cedemos ao desejo muito natural de levantar o véu espesso que oculta aos pobres humanos o temível mistério da morte, e saber se é verdade, como ensina uma falsa ciência – e como infelizmente crêem tantos Espíritos inditosos e extraviados – que o túmulo fecha o livro dos destinos do homem.

“Bem sei que Deus colocou um facho no coração de cada um, destinado a clarear seus passos pelos rudes atalhos da vida: *a razão*; e uma balança para pesar todas as coisas de acordo

⁵ Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 521.

com o seu justo valor: *a justiça*. Mas quando a viva e pura luz desse facho diretor, cada vez mais enfraquecido pelo sopro impuro das paixões pervertidas, está a ponto de extinguir-se; quando essa balança da justiça é falseada pelo erro, pela mentira; quando o cancro do materialismo, depois de ter invadido tudo, até as religiões, ameaça tudo devorar, é necessário que o Supremo Juiz venha enfim, por prodígios de sua onipotência, por manifestações insólitas, capazes de chamar a atenção violentamente, retificar os caminhos da Humanidade e retirá-la do abismo.

“Ao ponto de degradação moral em que caíram as sociedades modernas, sob a influência de falsas e perniciosas doutrinas, toleradas, se não encorajadas, pelos próprios que têm a missão especial de as reprimir; no meio desse indiferentismo geral por tudo quanto não é matéria, desse sensualismo escandaloso, exclusivo, desse furor, até agora desconhecido, de enriquecimento a qualquer preço, desse culto desenfreado do bezerro de ouro, dessa paixão desordenada do lucro, que engendra o egoísmo, congela todos os corações, falseando todas as inteligências, e tende à dissolução dos laços sociais, as comunicações de além-túmulo podem ser consideradas como *uma revelação divina*, tornada *necessária* para a chamada da ordem por parte da Providência, que não pode deixar perecer sem socorro sua criatura de predileção. E, com a rapidez com que se espalham em todos os pontos do globo os ensinamentos da Doutrina Espírita, fácil é prever que se aproxima a hora em que a Humanidade, depois de uma pausa, vai transpor nova etapa, sujeitar-se a uma nova fase de desenvolvimento na sua progressão intermitente através dos séculos.

“Quanto a nós, senhores, agradecemos à Providência por nos haver escolhido para espalhar e fazer frutificar neste pequeno recanto da Terra a semente espírita, e assim cooperar, na medida de nossas forças, na grande obra de regeneração moral que se prepara.

“A propósito de uma questão médica, neste momento eu me ocupo, como alguns dentre vós o sabeis, de um trabalho filosófico importante, no qual tento explicar, racionalmente, os fenômenos fisiológicos do Espiritismo e os correlacionar à filosofia geral. Antes de publicar esse trabalho, essencialmente antimaterialista, que ainda não passa de um esboço, proponho-me a vo-lo comunicar, a fim de que possais opinar quanto à oportunidade de submeter, à aprovação dos Espíritos elevados que nos honram com a sua assistência, os principais pontos de doutrina que ele encerra. Aliás, ali poderíamos encontrar, previamente preparadas e dispostas metodicamente, a maioria das questões que devem constituir o objeto de nossas conversas espíritas.

“Jamais devemos perder de vista, senhores, a meta essencial do Espiritismo, que é a destruição do materialismo pela prova experimental da sobrevivência da alma humana. Se os mortos respondem ao nosso apelo, se se põem em comunicação conosco, é que de fato não estão mortos; é que o último estertor da agonia não lhes marcou o termo definitivo da existência. Todos os sermões do mundo, a tal respeito, não valem um argumento como este.

“Eis por que é dever nosso, de crentes, espalhar a luz à nossa volta e não a encerrar sob o alqueire, isto é, neste pequeno recinto que, ao contrário, deve tornar-se, por nosso zelo, um foco de irradiação. Isto significa que devemos convidar todo o mundo às nossas reuniões, acolher o primeiro que chegar manifestando curiosidade de nos ver à obra, como se se tratasse de enxergar como opera um prestidigitador? Seria expor ao ridículo, de forma desastrosa, a coisa mais séria do mundo, e nós mesmos nos comprometermos. Mas sempre que uma pessoa, da qual nenhum motivo tivermos para suspeitar de sua boa-fé, houver adquirido noções de Espiritismo na leitura de obras especiais e desejar testemunhar os fatos, devemos aquiescer ao seu pedido. Somente será bom regular essas modalidades de admissão e não admitir em

nossas sessões nenhuma pessoa estranha sem que a sociedade, consultada, tenha dado previamente a sua autorização.

“Senhores, quando há dois anos apenas constatávamos, com um dos nossos secretários, em casa de um amigo comum, os fenômenos espíritos de ordem mecânica e intelectual mais surpreendentes, não obstante a evidência dos fatos de que éramos testemunhas e apesar de nossa profunda convicção de que essas manifestações extraordinárias se passavam fora das leis naturais conhecidas, apenas ousáramos externar timidamente os nossos conhecimentos íntimos, tamanho era o receio que pusessem em dúvida a integridade de nossa razão. *O Livro dos Espíritos*, então pouco conhecido em Tours, ainda estava na primeira ou, quando muito, na sua segunda edição; numa palavra, quase não havia transposto, naquela época, os limites da capital. Pois bem! vede que imenso progresso no espaço de três anos! Hoje o Espiritismo penetrou em toda parte, tem adeptos em todas as classes da sociedade; reuniões e grupos mais ou menos numerosos organizam-se em todas as cidades, grandes ou pequenas, esperando a vez dos vilarejos. Hoje as obras espíritas são expostas em todas as livrarias, que têm dificuldades em satisfazer à demanda da clientela, ávida de iniciar-se nos grandes mistérios das evocações. Hoje, enfim, vulgarizado, mais ou menos conhecido de todos, o Espiritismo já não é um espantinho, um sinal de reprovação ou de desdém, e podemos corajosamente, sem temor de passar por loucos, confessar a finalidade de nossas reuniões. Podemos desafiar a zombaria e o sarcasmo e dizer aos escarnecedores: “Antes de nos ridicularizar, dignai-vos ao menos nos contar e pesar.”

“Quanto ao anátema de um partido, consideramos muito frágil o seu alcance para nos inquietarmos. Dizem que pactuamos com o *diabo*. Seja. Mas, então, é preciso convir que nem todos os diabos são maus. Aos seus olhos, o nosso verdadeiro crime é a nossa pretensão, por certo muito legítima, de nos comunicarmos com Deus e seus santos, sem a sua intermediação

compulsória. Provemos-lhe que, graças aos ensinamentos dos que eles chamam *demônios*, compreendemos a moral sublime do Evangelho, que se resume no amor de Deus e dos nossos semelhantes, e na caridade universal. Abracemos a Humanidade inteira, sem distinção de culto, de raça, de origem e, com mais forte razão, de família, de fortuna e de condição social. Que saibam que nosso Deus, o Deus dos espíritas, não é um tirano cruel e vingativo, que pune um instante de desvario com torturas eternas, mas um pai bom e misericordioso, que vela por seus filhos extraviados com uma solicitude incessante, procurando atraí-los a si por uma série de provas destinadas a lavá-los de todas as máculas. Não está escrito que *Deus não quer a morte do pecador, mas a sua conversão?*

“Quanto ao mais, nós nos reservamos expressamente, aqui como em toda parte, os direitos imprescritíveis da razão, que deve tudo dominar, tudo julgar em última instância. Não dizemos aos recalcitrantes, conduzindo-os ao pé da fogueira: *Crê ou morre, mas, crê, se tua razão o quer.*

“Ainda uma palavra para terminar, senhores, pois não quero abusar de vossa atenção. Não tendo, nem podendo ter a instituição de nossa sociedade outro fim senão a nossa instrução e o nosso melhoramento moral, devemos afastar de nossas sessões, com o maior cuidado, toda questão ligada direta ou indiretamente, seja a pessoas, à política e aos interesses materiais. *Estudo do homem em relação ao seu destino futuro*, tal o nosso programa, ao qual jamais devemos renunciar.”

Chauvet, Doutor em Medicina

Este discurso é seguido de uma comunicação obtida espontaneamente por um médium da sociedade:

“Meus amigos, o fim de vossa sociedade é de vos instruídes e de reconduzir o homem transviado à luz, há tanto tempo obscurecida pelas trevas que reinam neste século. Não

deveis olhar esta instrução como vindo esclarecer-vos sobre questões de direito ou de ciência; ela vem simplesmente vos predispor a entrar na nova via da regeneração, que deveis percorrer sem medo, pondo vossa confiança nas instruções que recebeis. Nada deveis temer, porque Deus vela pelo homem que faz o bem e não o abandona.

“Eu vos ouvi discutir a propósito de um artigo do regulamento sobre a admissão de pessoas estranhas à vossa sociedade. Escutai um pouco os conselhos de um amigo, ou, antes, de um irmão que vos fala, não da boca, mas do coração, não materialmente, mas espiritualmente; porque, crede-o, quando transpus, para vir a vós, todos os degraus dos Espíritos impuros, o espaço a percorrer não me pareceu penoso, pois via o vosso coração animado de sentimentos do bem.

“Quando uma pessoa estranha pedir para assistir às vossas reuniões, antes de admiti-la fazei-a vir em particular ao vosso gabinete e, na conversa, sondai os seus sentimentos e vede se está instruída na nova doutrina. Se nela descobirdes o desejo do bem e não simples curiosidade; se vem animada de intenções sérias, então podeis admiti-la sem receio. Mas repeli quem quer que venha com o pensamento de perturbar as sessões e desprezar os vossos ensinamentos. Pensai também que os espiões se insinuam por toda parte; o próprio Jesus teve os seus.

“Se alguém se apresenta dizendo-se espírita ou médium, não o recebeis sem saber com quem estais tratando. Não ignorais que existem médiuns cheios de frivolidades e de orgulho e que, por isso mesmo, só atraem Espíritos levianos. Diz-se muitas vezes: cada ovelha com sua parrelha. Um verdadeiro espírita não deve ter outro sentimento senão o do bem e da caridade, sem o que não pode ser assistido pelos Espíritos esclarecidos.

“Por certo a perda de um médium pode deixar um vazio entre vós, mas, por isso, não se deve crer que não tereis mais

instruções nossas; estaremos sempre prontos a vir assistir-vos nos vossos trabalhos, enquanto Deus o permitir. Se um bom médium vos é tirado, é que certamente Deus o destina a outra missão, que julga mais útil. Quem sabe o que o espera? Há coisas que o homem não pode compreender e que, no entanto, precisa aceitar.

“O caminho que ides percorrer, meus amigos, é difícil de subir, mas, com a ajuda dos vossos irmãos, que estão acima de vós, conseguireis.

“Em outra oportunidade espero vos instruir sobre questões mais graves.”

Assinado: Fénelon

Variedades

CURA POR UM ESPÍRITO

Recebemos várias cartas que comprovam a excelente aplicação do remédio indicado na *Revista Espírita* de novembro de 1862 (ver também a Errata do mês de dezembro), cuja receita foi dada por um Espírito. Um oficial de cavalaria nos disse que o farmacêutico de seu regimento teve o cuidado de prepará-la para os casos muito freqüentes de acidentes causados pelos coices dados pelos cavalos. Sabemos que outros farmacêuticos fizeram o mesmo em certas cidades.

A propósito da origem do remédio, um de nossos assinantes do Eure-et-Loir transmite-nos o seguinte fato, de seu conhecimento pessoal.

Autheusel, 6 de novembro de 1862.

“Um carregador chamado Paquine, que reside numa comuna próxima, veio ver-me, há um mês, andando de muletas.

Admirado de o ver assim, indaguei do acidente. Respondeu-me que, desde algum tempo, suas pernas estavam muito inchadas e cobertas de úlceras, e que *nenhum remédio fazia efeito*. Esse homem é espírita e tem alguma mediunidade. Disse-lhe que era necessário dirigir-se a Espíritos bons e fazê-lo com ardor. No dia de Todos os Santos vi-o na missa, com um simples bastão. No dia seguinte veio ver-me e contou o que se segue:

Senhor, disse ele, desde que me recomendastes utilizar os Espíritos bons para obter minha cura, não deixei uma noite e, muitas vezes de dia, de invocá-los e lhes mostrar quanto meu mal me prejudicava para ganhar a vida. Havia apenas cinco ou seis dias que assim orava quando uma noite, estando meio adormecido, vi um homem todo de branco aparecer no meio do quarto. Avançou para o meu aparador, tomou um pequeno pote, no qual havia o unguento de que me servia para acalmar as dores das pernas. Mostrou-me o recipiente e depois, tomando fumo que eu guardava num papel, mostrou-mo também. Em seguida foi buscar uma garrafinha com extrato de saturno, depois uma garrafa com essência de terebentina e, mostrando tudo, gesticulou que era preciso fazer uma mistura. Indicou-me a dose e a despejou no pote. Depois de fazer sinais de amizade, desapareceu. No dia seguinte fiz o que o Espírito havia prescrito e desde então minhas pernas entraram em franco processo de cura. Hoje só me resta uma inflamação no pé, que, graças à eficiência da medicação, vai aos poucos desaparecendo. Em breve espero estar livre de todo o mal.

“Eis, senhores, um fato que quase poderia ser classificado no número das curas milagrosas, e creio que seria levar longe demais o espírito de partido para aí ver apenas um fato demoníaco.

“Examinando a vulgaridade e, quase sempre, a simplicidade dos remédios indicados pelos Espíritos em geral, eu me pergunto se daí não se poderia concluir que o remédio em si

não passa de simples fórmula e que é a influência fluídica do Espírito que opera a cura. Penso que esta questão poderia ser estudada.”

“L. de Tarragon

A última questão não nos parece duvidosa, sobretudo quando se conhecem as propriedades que a ação magnética pode dar às substâncias mais benignas, à água, por exemplo. Ora, como os Espíritos também magnetizam, certamente podem dar, conforme as circunstâncias, propriedades curativas a certas substâncias. Se o Espiritismo nos revela todo um mundo de seres que pensam e agem, revela-nos também forças materiais desconhecidas, que a Ciência um dia aproveitará.

Dissertações Espíritas

PAZ AOS HOMENS DE BOA VONTADE

(Poitiers. Reunião preparatória de operários espíritas. Médium: Sr. X...)

Meus caros amigos, a vida é curta; grande é a que a precede, grande é a que a sucede. Nada acontece sem a vontade de Deus. Conseqüentemente, tudo só passa de legítima e alta justiça. Vossa miséria, quando vos aperta, é um mal merecido, uma punição, não duvideis, de faltas anteriores. Encarai-a com bravura e erguei os olhos para o alto com resignação: a bênção e o alívio descerão. Por vezes vossos pesares são a prova pedida pelo vosso próprio Espírito, desejoso de chegar prontamente à meta final, sempre entrevista no estado de desencarnado.

No momento em que o mundo se agita e sofre, em que as sociedades, em busca do que é verdadeiro, se contorcem num parto laborioso, Deus permite que o Espiritismo, isto é, um raio da eterna verdade, desça das altas regiões e vos esclareça. Nosso objetivo é mostrar-vos o caminho, mas vos deixar a liberdade, ou seja, o mérito e o demérito de vossas ações. Escutai-nos, pois, e

ficai certos de que a vossa felicidade é, para nós, uma viva preocupação. Se soubésseis quanto vossas más ações nos afligem! quanto os vossos esforços para a lei de Deus nos enchem de alegria! O Senhor nos disse: “Servidores do meu império, apóstolos devotados da minha lei, a todos levai a minha palavra; a todos explicai que a vida eterna será a dos que praticam o Evangelho; a todos os homens fizeti entender que o bem, o belo, o grande, degraus de minha eternidade, estão contidos numa palavra: *Amor*.” O Senhor nos disse: “Espíritos velozes, correi a todos: aos mais infelizes e aos mais felizes; do rei ao artesão; do fariseu ao que se queima em ardente fé.” E nós vamos a todos os lados e gritamos: aos infelizes, resignação; aos felizes: caridade, humildade; aos reis: amor aos povos; ao artesão: respeito à lei!

Meus amigos, no dia em que fizerem mais que nos escutar, isto é, no dia em que praticarem nossos preceitos, não mais egoísmo, não mais inveja. Partindo daí, não mais misérias, não mais esse luxo, que é o verme que corrói a sociedade e a enfraquece; não mais esses erros morais, que perturbam as consciências; não mais revoluções, não mais sangue! Não mais esse triste preconceito que fez com que as famílias principescas acreditassem que o povo era coisa sua e que elas eram de outro sangue; não mais nada, senão a felicidade! Vossos governos serão bons, porque governantes e governados terão aproveitado do Espiritismo. As ciências e as artes, levadas nas asas da divina caridade, elevar-se-ão a uma altura que não suspeitais; vosso clima, saneado pelos trabalhos agrícolas; vossas colheitas mais abundantes; essas palavras tão profundas de igualdade e fraternidade, enfim interpretadas sem *nenhum sonbo a despojar aquele que possui*, realizarão, eu vo-lo afirmo, as promessas do vosso Deus.

“Paz, disse o seu Cristo, aos homens de boa vontade!” Não obtivestes a paz porque não tivestes a boa vontade. A boa vontade, tanto para os pobres quanto para os ricos chama-se caridade. Há *caridade* moral, como há caridade material; e não a tivestes; e o pobre foi tão culpado quanto o rico!

Escutai-me bem: Crede e amai! Amai: muito será perdoado a quem muito amou. Crede: a fé transporta montanhas. Prudência e doçura no apostolado novo: vossa melhor exortação será o bom exemplo. Lamentai os cegos: os que não querem ver a luz. Lamentai, mas não censureis! Orai, meus amigos e a bênção de Deus será com as vossas almas. O facho da vida irradia; de todos os recantos do horizonte iluminam-se faróis; a tempestade vai sacudir e talvez quebrar os barcos! Mas o navegante que, sobre a vaga furiosa, olhar sempre o farol, atracará à costa e o Senhor lhe dirá: “Paz aos homens de boa vontade; sê bendito, tu que amaste; sê feliz, pois trabalhaste pela felicidade do próximo. Meu filho, a cada um segundo suas obras!”

F. D., antigo magistrado

Poesia Espírita

O DOENTE E O MÉDICO

Conto dedicado ao Sr. Redator do *Renard*, de Bordeaux,
pelo Espírito batedor de Carcassonne

“Não há como agüentar, doutor; é muito forte,
Exclamava, outro dia, o Sr. Rochefort!
Tomai-me o pulso, e vede estou doente;
De uma mania o globo é preso inteiramente.
Ele faz crer que Deus perdeu sua função;
Ele baixa... e eu maldigo o globo inteiro, então.
E começo a vapor... É assim que se caminha?
Onde os tempos enfim de uma berlinda minha?
Tempos sem risco algum de o pescoço quebrar,
Que de Paris a Sceaux um grupo a viajar?
Em progresso falar!... Ridículo, doutor!
Lançado a toda brida, o orbe soluça em dor;
É qual horrível caos!...Um cabo a transportar
De Calais a Pequim palavras sob o mar.
Um alfaiate faz costuras sem agulhas;
Tira-se da água fogo e de algodão fagulhas;

Mau pintor por pincéis um aparelho usando,
Retratos venderá que o sol vai fabricando!
Glória, glória ao passado! O século se envala
Esbraveja a igualdade; o povo tem a fala!
De escrever em Bordéus, Sabò faz avisado!
Examinai, doutor, tudo está transtornado.
Dos charlatães terei de desnudar a pele;
Com a breca! Informarei o chefe da *Etincelle*;
É lá que, sabre à mão, um crânio nos defende;
Não é tudo, doutor, ó escândalo! pretende
Alguém de La Fontaine assumindo expressões,
De um Espírito tal para nos dar lições.”
– Ici, de Rochefort cuspiu, baixando a voz:
“No Espírito, doutor, com fé já crede vós?
Ah! Responde o doutor! insincero, não posso,
O Espírito?... Não creio, amigo... nem no vosso.”

Nota – Este conto, cujo mérito deixamos ao leitor julgar, foi obtido espontaneamente pela *tiptologia*, como outras encantadoras poesias do mesmo médium, a propósito de um espirituoso artigo do Sr. *Aug. Bez*, inserido no *Renard*, que deseja franquear suas colunas aos adeptos do Espiritismo. *Etincelle* é um outro jornal de Bordeaux, redigido pelo Sr. Rattier, que lança fagulhas contra o Espiritismo com o objetivo de o incendiar, mas que, até agora, só conseguiu produzir uma iluminação semelhante à das *centelhas* dos fogos de artifício, que se apagam antes de tocar a terra. Quanto ao Sr. Rochefort, certamente achará esta poesia *malsã*.

Subscrição Ruanesa

Depósitos feitos no escritório da *Revista Espírita*, em 27 de janeiro de 1863:

Sociedade Espírita de Paris: 423 fr. – Príncipe da Geórgia, 20 fr.; Srs. Aumont, livr., 5 fr.; Courtois, 2 fr.; Dolé, des-litog., 5 fr.; Roger, 20 fr.; Yvose, 10 fr.; Sra. Hilaire, 20 fr 505 fr.00

Sociedades e Grupos Espíritas: de Sens, 60 fr. 05; de Orléans, 40 fr.; de Marennnes, 34 fr. 50; de Saint-Malo, 15 fr. – Srs. Bodin (de Cognac), 20 fr.; Borreau (de Niort), 3 fr.; Bitaubé (de Blaye), 5 fr.; Bourgès, tte. (de Provins), 10 fr.; Blin, cap. (de Marselha), 20 fr.; Lausat (de Condom), 5 fr.; Viseur (d'Orthez), 10 fr.; Saint-Martin, arcabuzeiro (de Maubourguet), 5 fr.; Petitjean, alfaiate e seu ajudante (de Joinville, H.-M.), 7 fr.; Auzanneau (de Neuvic), 10 fr.; Lafage (de Tarbes), 5 fr.; Jouffroy (de Gaillon), 6 fr.; Noël (de Bone), 10 fr.; D... (Guelma), 2 fr. 50; N... (ilha de Ré), 9 fr. – de Poitiers: Sr. Barbault de la Motte, antigo magistrado, 100 fr.; Sra. Barbault de la Motte, 100 fr.; Sr. Frothier, escultor, 20 fr.; Sr. Bonvalet, operário, 10 fr.; – Sociedade Espírita de Montreuil-sur-Mer, 74 fr. 497 fr. 05.

Espíritas e colônia francesa de Barcelona (Espanha): Srs. Henri de Vincio, François Nerici, Ernest Lalaux, Ed. Hardy, Désiré Maigrin, Maurice Lachâtre, Srta. Marie Garette, 100 fr.; – Srs. Achon Ziegler, Ed. Bettiz, G. Sins, J.-C. Carpentier, Holder, Muller, J. Arto, Devenel, 80 fr.; Srta. Nérici, 5 fr.; Srs. Rovira, pai e filho, 2 fr. 60; Louis Borel, chapeleiro, 5 fr.; Simonnet, funileiro, 10 fr.; Srta. Caroline Vignes, 10 fr.; Sra. Guizy, 20 fr.; Srs. Guizy, 30 fr.; E. B., 5 fr.; Emprin, comissário, 10 fr.; Marius Brunos, oficial de sapateiro, 5 fr.; Leconte, irmãos, 25 fr.; Hardy, pai, 5 fr.; Flocon, caixeiro-viajante, 5 fr.; Bonsignori, joalheiro, 1 fr.; Louis Pintrau, fundidor, 1 fr.; Canals & Cia., negociantes, 15 fr.; Cousseau & Cia., tapeceiros, 10 fr.; Tasimez Bion, 1 fr.; Subernie, 1 fr.; Dupont, 2 fr.; Paul, irmãos, fabricantes, 50 fr.; Garcerie, novidades, 10 fr.; Sras. Curel, modas, 10 fr.; Antoinette Fournols, costureira, 10 fr.; Srs. Emile Cousoles, enfermeiro, 5 fr.; J. Hugon, 10 fr.; Louis Verdereau, novidades, 20 fr.; Torri, chapeleiro, 5 fr.; Joseph Faur, 1 fr.; A. C. , 5 fr.; Gustave Fouquel, 1 fr.; Lavallée, 5 fr.; Fournier, 3 fr. 75.; J.-J. Maumus, 3 fr.; Thiébault, 2 fr..... 489 fr. 35

Total 1.491 fr. 40

A subscrição continua aberta.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

MARÇO DE 1863

Nº 3

A Luta entre o Passado e o Futuro

Como já nos havia sido anunciado, neste momento acontece uma verdadeira cruzada contra o Espiritismo. De vários pontos assinalam-se escritos, discursos e até atos de violência e de intolerância. Todos os espíritas devem regozijar-se, porque é a prova evidente de que o Espiritismo não é uma quimera. Fariam tanto barulho por causa de uma mosca que voa?

O que acima de tudo excita essa grande cólera é a prodigiosa rapidez com que a idéia nova se propaga, não obstante tudo quanto fizeram para detê-la. Assim, nossos adversários, forçados pela evidência a reconhecer que esse progresso invade as camadas mais esclarecidas da sociedade e, até mesmo, homens de ciência, estão reduzidos a deplorar esse arrastamento fatal, que conduz a sociedade inteira aos manicômios. A zombaria esgotou seu arsenal de piadas e sarcasmos, e esta arma, que se diz tão terrível, não conseguiu pôr os galhofeiros de seu lado, prova de que não há matéria para riso. Não é menos evidente que não desviou um só partidário da doutrina; longe disso: eles aumentaram a olhos vistos. A razão é muito simples: reconheceu-se prontamente tudo quanto há de profundamente religioso nessa doutrina, que toca as fibras mais sensíveis do coração, que eleva a alma ao infinito, que

faz reconhecer Deus àqueles que o haviam desconhecido. Arrancou tantos homens do desespero, acalmou tantas dores, cicatrizou tantas feridas morais, que as anedotas estúpidas e vulgares a ela atiradas inspiraram mais repulsa que simpatia. Em vão os zombadores deitaram os bofes pela boca para provocar o riso à sua custa. Há coisas das quais sentimos instintivamente que não podemos rir sem cometer um sacrilégio.

Todavia, se algumas pessoas, não conhecendo a doutrina senão pelas facécias dos engraçadinhos, tivessem imaginado que não se tratava de um sonho vão, de lucubrações de um cérebro doentio, o que se passa é bem-feito para os desiludir. Ouvindo tanto discurso furibundo, devem dizer de si para si que é mais sério do que pensavam.

A população pode dividir-se em três classes: os crentes, os incrédulos e os indiferentes. Se o número de crentes centuplicou em alguns anos, só pode ter sido à custa das duas outras categorias. Mas os Espíritos que dirigem o Movimento acharam que as coisas não caminhavam bastante depressa. Ainda há, disseram eles, muita gente que não ouviu falar de Espiritismo, sobretudo no campo; é tempo de a doutrina ali penetrar. Além disso, é preciso despertar os indiferentes entorpecidos. A zombaria fez o seu papel de propaganda involuntária, mas esgotou todas as flechas de sua aljava; e os dardos que ainda lança estão rombudos; agora é um fogo muito pálido. É preciso algo de mais vigoroso, que faça mais barulho que os folhetins e que repercuta até nas solidões; é preciso que o último vilarejo ouça falar do Espiritismo. Quando a artilharia ribombar, cada um perguntará: O que há? e quererá ver.

Quando fizemos a pequena brochura: *O Espiritismo na sua expressão mais simples*, perguntamos aos nossos guias espirituais que efeito ela produziria. Responderam-nos: “Produzirá um efeito que não esperas, isto é, teus adversários ficarão furiosos de ver uma publicação destinada, por seu baixíssimo preço, a espalhar-se na

massa e penetrar em toda parte. Já te foi anunciado um grande desdobramento de hostilidades; tua brochura será o sinal. Não te preocupes; já conheces o fim. Eles se irritam em face da dificuldade de refutar teus argumentos.” – Já que é assim, dizemos nós, essa brochura, que deveria ser vendida a 25 centavos, sê-lo-á por dois sous⁶. O acontecimento justificou essas previsões e nós nos congratulamos por isso.

Aliás, tudo o que se passa foi previsto e devia ser para o bem da causa. Quando virdes uma grande manifestação hostil, longe de vos apavorardes, regozijai-vos, pois foi dito: o ribombar do trovão será o sinal da aproximação dos tempos preditos. Orai, então, meus irmãos; orai, sobretudo, pelos vossos inimigos, pois serão tomados de verdadeira vertigem...

Mas nem tudo ainda está realizado. As chamas da fogueira de Barcelona não subiram bastante. Se se repetir em algum lugar, guardai-vos de a extinguir, porquanto, quanto mais se elevar, mais será vista de longe, como um farol, e ficará na lembrança das idades. Não intervenhais, pois, nem oponhais violência em parte alguma; lembrai-vos de que o Cristo disse a Pedro que embainhasse a espada. Não imiteis as seitas que se entredilaceram em nome de um Deus de paz, que cada um invoca em auxílio de seus furores. A verdade não se prova pelas perseguições, mas pelo raciocínio; em todos os tempos as perseguições foram as armas das causas más e dos que tomam o triunfo da força bruta pela razão. A perseguição não é um bom meio de persuasão; pode momentaneamente abater o mais fraco; convencê-lo, jamais. Porque, mesmo no infortúnio em que tiver sido mergulhado exclamará, como Galileu na prisão: *e pur si muove!*⁷ Recorrer à perseguição é provar que se conta pouco com a força da lógica. Jamais useis de represálias: à violência opõe a doçura e uma inalterável tranqüilidade; aos vossos inimigos retribui

6 **N. do T.:** Antiga moeda de cobre ou de níquel; corresponderia a cerca de cinco centavos de franco francês.

7 **N. do T.:** A expressão italiana correta é: *e pur si muove*, embora no original esteja *move*.

o mal com o bem. Por aí dareis um desmentido às suas calúnias e os forcáreis a reconhecer que vossas crenças são melhores do que eles dizem.

A calúnia! direis. Podemos ver com indiferença nossa doutrina indignamente deturpada por mentiras? acusada de dizer o que não diz, ensinar o contrário do que ensina, produzir o mal, quando só produz o bem? A própria autoridade dos que usam tal linguagem não pode falsear a opinião e retardar o progresso do Espiritismo?

Incontestavelmente, eis o seu objetivo. Alcançá-lo-ão? É outra questão; e não hesitamos em dizer que chegarão a um resultado inteiramente contrário: o de se desacreditarem e à sua própria causa. Sem dúvida, a calúnia é uma arma perigosa e pérfida, mas tem dois gumes e fere sempre a quem dela se serve. Recorrer à mentira para se defender é a prova mais forte de que não se têm boas razões para dar, porquanto, se as tivessem, não deixariam de as fazer valer. Dizei que uma coisa é má, se tal for a vossa opinião; gritai-o de cima dos telhados, se for do vosso agrado: ao público cabe julgar se estais certos ou errados. Mas deturpá-la para apoiar o vosso sentimento, desnaturá-la é indigno de todo homem que se respeita. Na crítica das obras dramáticas e literárias muitas vezes se vêem apreciações opostas. Um crítico elogia sem reservas o que outro expõe ao ridículo; é direito seu. Mas o que pensar daquele que, para sustentar a sua censura, fizesse o autor dizer o que não diz e lhe atribuisse maus versos para provar que sua poesia é detestável?

Assim acontece com os detratores do Espiritismo. Pelas calúnias revelam a fraqueza de sua própria causa e a desacreditam, mostrando a que lamentáveis extremos são obrigados a recorrer para a sustentar. Que peso pode ter uma opinião fundada em erros manifestos? De duas, uma: ou esses erros são voluntários e, pois, há má-fé, ou são involuntários e o

autor prova a sua inconseqüência, falando do que não sabe. Num e noutro caso ele perde todo o direito à confiança.

O Espiritismo não é uma doutrina que marche na sombra. É conhecido e seus princípios são formulados de maneira clara, precisa e sem ambigüidades. A calúnia, portanto, não poderia atingi-lo. Para a convencer de impostura basta dizer: lede e vede. Sem dúvida, é útil desmascará-la; mas é preciso fazê-lo com calma, sem azedume nem recriminação, limitando-se a opor, sem discursos supérfluos, o que é ao que não é. Deixai aos vossos adversários a cólera e as injúrias; guardai para vós o papel da força verdadeira: o da dignidade e da moderação.

Aliás, é preciso não exagerar as conseqüências dessas calúnias, que trazem consigo o antídoto de seu veneno e são, em última análise, mais vantajosas que prejudiciais. Elas provocam forçosamente o exame dos homens sérios, que querem julgar as coisas por si mesmos e a isso são animados em razão da importância que lhes é dada. Ora, longe de temer o exame, o Espiritismo o provoca e não lamenta senão uma coisa: é que tanta gente fale dele como os cegos das cores. Mas, graças aos cuidados que os nossos adversários tomam em torná-lo conhecido, em breve este inconveniente não existirá mais; isto é tudo o que pedimos. A calúnia que ressalta de um tal exame o engrandece, ao invés de diminui-lo.

Espíritas, não lamenteis, pois, essas deturpações, porque elas não tiram nenhuma das qualidades do Espiritismo; ao contrário, fá-lo-ão sobressair com mais brilho pelo contraste e confundirão os caluniadores. É bem possível que tais mentiras possam ter o efeito imediato de iludir certas pessoas e, mesmo, afastá-las. Mas, o que é isso? Que são alguns indivíduos junto às massas? Vós mesmos sabeis quanto o seu número é pouco considerável. Que influência pode ter isto no futuro? Esse futuro vos está assegurado: os fatos realizados o respondem e cada dia vos

trazem a prova da inutilidade dos ataques de nossos adversários. A doutrina do Cristo não foi caluniada, qualificada de subversiva e ímpia? Ele mesmo não foi tratado como velhaco e impostor? Inquietou-se por isto? Não, pois sabia que seus inimigos passariam e sua doutrina ficaria. Assim será com o Espiritismo. Singular coincidência! É apenas o retorno à pura lei do Cristo, e o atacam com as mesmas armas! Mas os seus detratores passarão; é uma necessidade à qual ninguém pode subtrair-se. A geração atual se extingue todos os dias e, com ela, vão-se os homens imbuídos dos preconceitos de outra época; a que surge é alimentada por idéias novas e, aliás, sabeis que ela se compõe de Espíritos mais adiantados que, enfim, devem fazer reinar a lei de Deus na Terra. Olhai, pois, as coisas de mais alto; não as vejais do ponto de vista acanhado do presente, mas deitai o olhar para o futuro e dizei: o futuro é nosso; que nos importa o presente? que são as questões pessoais? As pessoas passam, mas as instituições permanecem. Pensai que estamos num momento de transição, que assistimos à luta entre o passado, que se debate e puxa para trás, e o futuro, que nasce e empurra para a frente. Quem vencerá? O passado é velho e caduco – falamos das idéias – enquanto o futuro é jovem e marcha para a conquista do progresso, que está nas leis de Deus. Vão-se os homens do passado; chegam os do futuro. Saibamos, pois, esperar com confiança e nos congratulemos por sermos os pioneiros encarregados de desbravar o terreno. Se tivermos trabalho, teremos salário. Trabalhem, pois, não por uma propaganda furibunda e irrefletida, mas com a paciência e a perseverança do trabalhador que sabe o tempo que lhe falta para aguardar a ceifa. Semeemos a idéia, mas não comprometamos a colheita por uma sementeira intempestiva e por nossa impaciência, antecipando a estação apropriada a cada coisa. Cultivemos, acima de tudo, as plantas férteis, que não pedem senão para germinar. Elas são bastante numerosas para ocupar todos os nossos instantes, sem consumir nossas forças contra os rochedos inamovíveis, que Deus se encarrega de abalar ou de remover quando chegar o tempo, porque se Ele tem o poder de elevar montanhas, também tem o de as

rebaixar. Deixemos a figura e digamos claramente que há resistências que será supérfluo tentar vencer, e que se obstinam mais por amor-próprio ou por interesse do que por convicção. Seria perder tempo procurar trazê-las a nós; elas só cederão perante a força da opinião. Recrutemos os adeptos entre gente de boa vontade, que não falta; aumentemos a falange com todos os que, fatigados pela dúvida e aterrorizados com o nada materialista, pedem apenas para crer, e logo seu número será tal que os outros acabarão por se render à evidência. Já se manifesta o resultado; esperai, pois em pouco vereis em vossas fileiras aqueles que só esperáveis no final.

Falsos Irmãos e Amigos Inábeis

Como demonstramos em nosso artigo precedente, nada poderia prevalecer contra o destino providencial do Espiritismo. Do mesmo modo que ninguém pode impedir a queda daquilo que, pelos decretos divinos – homens, povos ou coisas – deve cair, ninguém pode deter a marcha daquilo que tem de avançar. Em relação ao Espiritismo, esta verdade ressalta dos fatos realizados e, muito mais ainda, de outro ponto capital. Se o Espiritismo fosse uma simples teoria, um sistema, poderia ser combatido por outro sistema; mas repousa sobre uma lei da Natureza, tão bem quanto o movimento da Terra. A existência dos Espíritos é inerente à espécie humana; não se pode impedir que existam, como não se lhes pode impedir a manifestação, do mesmo modo que não se impede o homem de marchar. Para isso não necessitam de nenhuma permissão e se riem de toda proibição, pois não se deve perder de vista que, além das manifestações mediúnicas propriamente ditas, há manifestações naturais e espontâneas, que se produziram em todos os tempos e que se produzem diariamente num grande número de pessoas que jamais ouviu falar de Espíritos. Quem, pois, poderia opor-se ao desenvolvimento de uma lei da Natureza? Sendo obra de Deus, insurgir-se contra ela é revoltar-se

contra Deus. Estas considerações explicam a inutilidade dos ataques dirigidos contra o Espiritismo. O que os espíritas têm a fazer em presença dessas agressões é continuar pacificamente seus trabalhos, sem fanfarrice, com a calma e a confiança dadas pela certeza de chegar ao fim.

Todavia, se nada pode deter a marcha geral, há circunstâncias que podem provocar entraves parciais, como uma pequena barragem pode retardar o curso de um rio, sem o impedir de correr. Deste número são as atitudes irrefletidas de certos adeptos, mais zelosos que prudentes, que não calculam bem o alcance de seus atos ou de suas palavras, produzindo, por isso mesmo, uma impressão desfavorável sobre as pessoas ainda não iniciadas na doutrina, mais própria a afastá-las que as diatribes dos adversários. Sem dúvida o Espiritismo está muito espalhado; contudo, estaria ainda mais se todos os adeptos tivessem seguido os conselhos da prudência e guardado uma prudente reserva. Sem dúvida é preciso levar-lhes em conta a intenção, mas é certo que mais de um tem justificado o provérbio: *Mais vale um inimigo confesso que um amigo inconveniente*. O pior disto é fornecer armas aos adversários, que sabem explorar habilmente uma inconveniência. Nunca seria demais recomendar aos espíritas que refletissem maduramente antes de agir. Em tais casos manda a prudência não confiar em sua opinião pessoal. Hoje, que de todos os lados se formam grupos ou sociedades, nada mais simples que se pôr de acordo antes de agir. Não tendo em vista senão o bem da causa, o verdadeiro espírita sabe fazer abnegação do amor-próprio. Crer em sua própria infalibilidade, recusar o conselho da maioria e persistir num caminho que se demonstra mau e comprometedor, não é a atitude de um verdadeiro espírita. Seria dar prova de orgulho, se não de obsessão.

Entre as inabilidades é preciso colocar em primeira linha as publicações intempestivas ou excêntricas, por serem os fatos de maior repercussão. Nenhum espírita ignora que os

Espíritos estão longe de possuir a soberana ciência; muitos dentre eles sabem menos que certos homens e, como certos homens também, têm a pretensão de tudo saber. Sobre todas as coisas têm sua opinião pessoal, que pode ser justa ou falsa. Ora, ainda como os homens, em geral os que têm idéias mais falsas são os mais obstinados. Esses pseudo-sábios falam de tudo, constroem sistemas, criam utopias ou ditam as coisas mais excêntricas, sentindo-se felizes quando encontram intérpretes complacentes e crédulos que lhes aceitam as elucubrações de olhos fechados. Esse tipo de publicação tem grave inconveniente, pois o médium, iludido e muitas vezes seduzido por um nome apócrifo, tem-na como coisa séria, de que se apodera a crítica prontamente para denegrir o Espiritismo, ao passo que, com menos presunção, bastaria que se tivesse aconselhado com os colegas para ser esclarecido. É muito raro, neste caso, que o médium não ceda às injunções de um Espírito que, ainda como certos homens, quer ser publicado a qualquer preço. Com mais experiência ele saberia que os Espíritos verdadeiramente superiores aconselham, mas não impõem nem adulam jamais, e que toda prescrição imperiosa é um sinal suspeito.

Quando o Espiritismo estiver completamente implantado e conhecido, as publicações desta natureza não terão mais inconvenientes que os maus tratados de Ciência em nossos dias. Mas, repetimos, no começo elas incomodam muito. Em matéria de publicidade, portanto, toda circunspeção é pouca e não se calcularia com bastante cuidado o efeito que talvez produzisse sobre o leitor. Em resumo, é um grave erro crer-se obrigado a publicar tudo quanto ditam os Espíritos, porque, se os há bons e esclarecidos, também os há maus e ignorantes. Importa fazer uma escolha muito rigorosa de suas comunicações e suprimir tudo quanto for inútil, insignificante, falso ou susceptível de produzir má impressão. É preciso semear, sem dúvida, mas semear a boa semente e em tempo oportuno.

Passemos a um assunto ainda mais grave: *os falsos irmãos*. Os adversários do Espiritismo – alguns pelo menos, já que os pode haver de boa-fé – não são, como se sabe, tão escrupulosos quanto à escolha dos meios. Para eles toda luta é válida; e quando não podem tomar uma fortaleza de assalto, minam-na. Em falta de boas razões, que são armas leais, vemo-los todos os dias vomitar mentiras e calúnias sobre o Espiritismo. A calúnia é odiosa, bem o sabem, e a mentira pode ser desmentida; assim, procuram fatos para justificar-se. Mas como encontrar fatos comprometedores entre pessoas sérias, senão os produzindo mesmo ou pelos filiados? Como vimos, o perigo não está no ataque aberto, nem nas perseguições, nem mesmo na calúnia. Está nas intrigas ocultas empregadas para desacreditar e arruinar o Espiritismo por si mesmo. Serão bem sucedidos? É o que vamos examinar agora.

Já chamamos a atenção para essa manobra no relatório de nossa viagem de 1862, porque, em nosso caminho, recebemos três beijos de Judas, com os quais não nos enganamos, embora não nos tivéssemos manifestado. Aliás, tínhamos sido prevenidos antes de nossa partida das armadilhas que nos seriam estendidas. Mas ficamos de olho, certo de que um dia seriam desmascarados, porque é tão difícil a um falso espírita, quanto a um Espírito mau, simular um Espírito superior. Nem um nem outro podem sustentar por muito tempo o seu papel.

De várias localidades nos indicam criaturas, homens e mulheres de antecedentes e ligações suspeitas, cujo aparente zelo pelo Espiritismo apenas inspira uma medíocre confiança e não nos surpreendemos de aí encontrar os três judas de que falamos: eles existem nas baixas e nas altas camadas. Da parte deles é muitas vezes mais que zelo; é entusiasmo, uma admiração fanática. Em sua opinião, seu devotamento vai até o sacrifício de seus interesses e, apesar disto, não atraem simpatias: um fluido malsão parece envolvê-los e sua presença nas reuniões lança um manto de gelo. Acrescente-se que existem alguns, cujos meios de subsistência se

tornam um problema, sobretudo na província, onde todo o mundo se conhece.

O que caracteriza principalmente esses pretensos adeptos é a tendência a fazer o Espiritismo sair dos caminhos da prudência e da moderação por seu ardente desejo do triunfo da verdade; a estimular as publicações excêntricas; a extasiar-se de admiração ante as comunicações apócrifas mais ridículas, e que têm o cuidado de espalhar; a provocar nas reuniões assuntos comprometedores sobre política e religião, sempre pelo triunfo da verdade, que não pode ficar debaixo do alqueire; seus elogios aos homens e às coisas são bajulações de arrepiar: são os fanfarrões do Espiritismo. Outros são mais afetados e hipócritas; com olhar oblíquo e palavras melífluas sopram a discórdia enquanto pregam a união. Suscitam com habilidade a discussão de questões irritantes ou ferinas, capazes de provocar dissidências. Excitam uma inveja de predominância entre os vários grupos e ficariam contentíssimos se os vissem a se apedrejarem e, em favor de algumas divergências de opinião sobre certas questões de forma ou de fundo, geralmente provocadas, erguem bandeira contra bandeira.

Alguns, ao que dizem, contraem enorme despesa com livros espíritas, de que os livreiros não se dão conta, e uma excessiva propaganda. Mas, por obra do acaso, a escolha de seus adeptos é infeliz; uma fatalidade os leva a se dirigirem de preferência a pessoas exaltadas, de idéias obtusas ou que já deram sinais de aberração; depois de um insucesso que deploram gritando em toda parte, constata-se que essa gente se ocupava do Espiritismo, do qual, a maior parte do tempo, não entendia patavina. Aos livros espíritas que esses zelosos apóstolos distribuem generosamente, muitas vezes adicionam, não críticas, pois seria falta de habilidade, mas livros de *magia e feitiçaria* ou escritos políticos pouco ortodoxos, ou ignóbeis diatribes contra a religião, a fim de que, surgindo um malogro qualquer, fortuito ou não, se possa confundir tudo numa verificação posterior.

Como é mais cômodo ter as coisas à mão, para ter comparsas dóceis, o que não se encontra em toda parte, alguns organizam ou fazem organizar reuniões onde se ocupam de preferência daquilo que o Espiritismo recomenda não se ocuparem, e onde se tem o cuidado de atrair estranhos, que nem sempre são amigos. Aí o sagrado e o profano estão indignamente confundidos; os mais venerados nomes são associados às mais ridículas práticas da magia negra, acompanhadas de sinais e palavras cabalísticas, talismãs, tripés sibilinos e outros acessórios. Alguns acrescentam, como complemento, e por vezes, visando ao lucro, a cartomancia, a quiromancia, a borra de café, o sonambulismo pago, etc. Espíritos complacentes, que aí encontram intérpretes não menos complacentes, predizem o futuro, lêem a buena-dicha, descobrem tesouros ocultos e tios na América e, caso necessário, indicam a cotação da Bolsa e os números premiados da loteria. Depois, um belo dia, a justiça intervém ou a gente lê num jornal a descrição de uma sessão de Espiritismo à qual o autor assistiu e conta o que viu com os próprios olhos.

Tentareis trazer toda essa gente a idéias mais sãs? Seria trabalho perdido, e compreende-se por que: a razão e o lado sério da doutrina não lhes interessa; é o que mais os contraria; dizer-lhes que prejudicam a causa, que fornecem armas aos inimigos é lisonjeá-los; seu objetivo é desacreditá-la, tendo o ar de a defender. Instrumentos, não temem comprometer os outros, fazendo que sofram os rigores da lei, nem a si mesmos, pois sabem encontrar uma compensação.

Nem sempre seu papel é idêntico; varia conforme a posição social, as aptidões, a natureza de suas relações e o elemento que os faz agir, embora o fim seja sempre o mesmo. Nem todos empregam meios tão grosseiros, mas não menos pífidos. Ledes certas publicações que se dizem simpáticas à idéia, mesmo as que aparentam defendê-la; examinai todos os pensamentos e vede se, às vezes, ao lado de uma aprovação posta à guisa de cobertura e de

etiqueta, não descobris, como que lançado ao acaso, um pensamento insidioso, uma insinuação de duplo sentido, um fato relatado de modo ambíguo e que pode ser interpretado num sentido desfavorável. Entre estes, uns são menos velados e, sob o manto do Espiritismo, visam suscitar divisões entre os adeptos.

Certamente perguntarão se todas as torpezas de que acabamos de falar se devem, invariavelmente, a manobras ocultas ou a uma comédia com fim interesseiro, ou se, também, não podem resultar de um movimento espontâneo; numa palavra, se todos os espíritas são homens de bom-senso e incapazes de se enganar?

Pretender que todos os espíritas sejam infalíveis seria tão absurdo quanto a pretensão dos nossos adversários de deterem o privilégio exclusivo da razão. Mas se alguns se enganam, é que se equivocam quanto ao sentido e ao fim da doutrina. Neste caso sua opinião não pode fazer lei, e é ilógico e desleal, conforme a intenção, tomar a idéia individual pela idéia geral, e explorar uma exceção. Seria o mesmo que tomar as aberrações de alguns sábios como regras da Ciência. A esses diremos: se quizerdes saber de que lado está a presunção de verdade, estudai os princípios admitidos pela imensa maioria, se não, ainda, pela unanimidade absoluta dos espíritas do mundo inteiro.

Podem, pois, os crentes de boa-fé enganar-se e não os incriminamos por não pensarem como nós. Se, entre as torpezas relatadas acima, algumas não passassem de opinião pessoal, nelas não veríamos senão desvios isolados, lamentáveis; seria, porém, injusto responsabilizar a doutrina, que as repudia abertamente. Mas se dizemos que pode ser o resultado de manobras interesseiras, é que nosso quadro é feito sobre modelos. Ora, como é a única coisa que o Espiritismo tem realmente a temer no momento, convidamos todos os adeptos sinceros a se porem em guarda, evitando as armadilhas que lhes poderiam estender. Para tanto, jamais seriam bastante circunspetos quanto à escolha dos

elementos a introduzir nas reuniões, nem repeliriam com excessivo cuidado as sugestões que tendessem a desnaturar o caráter essencialmente moral. Mantendo nisto a ordem, a dignidade e a gravidade que convém a homens sérios, que se ocupam com coisas sérias, fecharão o acesso aos mal-intencionados, que se retirarão quando reconhecerem que aí nada têm a fazer. Pelos mesmos motivos, devem declinar de toda solidariedade com as reuniões formadas fora das condições prescritas pela sã razão e os verdadeiros princípios da doutrina, se não os puderem conduzir ao bom caminho.

Como se vê, há certamente uma grande diferença entre os falsos irmãos e os amigos inábeis, mas, sem o querer, o resultado pode ser o mesmo: desacreditar a doutrina. A nuance que os separa freqüentemente está apenas na intenção, o que, por vezes, poderia confundi-los, e, vendo-os servir os interesses do partido contrário, supor que por este foram conquistados. A circunspeção, pois, sobretudo neste momento, é mais necessária que nunca, porquanto não devemos esquecer que palavras, ações ou escritos inconsiderados são explorados, e que os adversários estão satisfeitiíssimos por poderem dizer que isto vem dos espíritas.

Neste estado de coisas, compreende-se que armas a especulação, tendo em vista os abusos que pode suscitar, haverá de oferecer aos detratores para apoiar a acusação de charlatanice. Em certos casos, portanto, isto pode ser uma armadilha, da qual se deve desconfiar. Ora, como não há charlatanice filantrópica, a abnegação e o desinteresse absolutos dos médiuns tiram aos detratores um de seus mais poderosos meios de denegrir, cortando pela raiz toda discussão a respeito.

Levar a desconfiança ao excesso seria um grave erro, sem dúvida, mas, em tempos de luta e quando se conhece a tática do inimigo, a prudência torna-se uma necessidade que, aliás, não exclui a moderação nem a observação das conveniências, das quais

não devemos jamais nos separar. Por outro lado não nos poderíamos equivocar quanto ao caráter do verdadeiro espírita; há nele uma franqueza de atitudes que desafia toda suspeição, sobretudo quando corroborada pela prática dos princípios da doutrina. Que se levante bandeira contra bandeira, como procuram fazer nossos antagonistas: o futuro de cada um está subordinado à soma de consolações e satisfações morais que elas trazem. Um sistema não pode prevalecer sobre outro senão sob a condição de ser mais lógico, e só a opinião pública pode julgar com soberania. Em todo o caso, a violência, as injúrias e a acrimônia são maus antecedentes e uma recomendação ainda pior.

Resta examinar as conseqüências desse estado de coisas. Tais intrigas podem, incontestavelmente, levar a algumas perturbações parciais, momentâneas, razão por que é preciso abortá-las tanto quanto possível. Contudo, não poderiam prejudicar o futuro: primeiramente, porque não terão tempo, desde que são manobras da oposição, que cairá pela força das coisas; em segundo lugar porque, digam o que disserem, jamais tirarão à doutrina seu caráter distintivo, sua filosofia racional e sua moral consoladora. Por mais que a torturem e deturpem, por mais que façam falar os Espíritos à sua vontade ou reúnam comunicações apócrifas para lançar contradições de permeio, não farão prevalecer um ensino isolado, ainda que verdadeiro ou imaginário, contra o que é dado por toda parte. O Espiritismo se distingue de todas as outras filosofias pelo fato de não ser o produto da concepção de um só homem, mas de um ensino que cada um pode receber em todos os pontos do globo, e tal é a consagração que recebeu *O Livro dos Espíritos*. Escrito sem equívocos possíveis e ao alcance de todas as inteligências, esse livro será sempre a expressão clara e exata da doutrina e a transmitirá intacta aos que vierem depois de nós. As cóleras que excita são indícios do papel que ele é chamado a representar, e da dificuldade de lhe opor algo de mais sério. O que fez o rápido sucesso da doutrina espírita são as consolações e as esperanças que dá. Todo sistema que, pela negação dos princípios

fundamentais, tendesse a destruir a própria fonte dessas consolações, não poderia ser acolhido com simpatia.

Não se deve perder de vista que estamos, como já o dissemos, em momento de transição, e que nenhuma transição se opera sem conflito. Não se admirem, pois, de ver agitarem-se as paixões em jogo, as ambições comprometedoras, as pretensões malogradas, e cada um tentar recuperar o que vê escapar, agarrando-se ao passado. Mas, pouco a pouco tudo isto se extingue, a febre se acalma, os homens passam e as idéias novas ficam. Espíritas, elevai-vos pelo pensamento, olhai vinte anos para a frente e o presente não vos inquietará.

Morte do Sr. Guillaume Renaud, de Lyon

Domingo, 1º de fevereiro, foram realizadas em Lyon as exéquias do Sr. Guillaume Renaud, antigo oficial, condecorado com a medalha de Santa Helena e um dos mais antigos e fervorosos espíritas daquela cidade, muito conhecido entre seus irmãos em crença. Embora sobre alguns pontos de forma, que combatemos, aliás pouco importantes e que não atingem a doutrina, professasse idéias particulares que não eram partilhadas por todos, não deixava de ser menos amado e estimado pela bondade de seu caráter e por suas eminentes qualidades morais; e nós mesmos, caso estivéssemos em Lyon naquela ocasião, teríamos tido prazer em lançar algumas flores sobre o seu túmulo. Que ele receba aqui, bem como sua família e amigos particulares, o testemunho de nossa afetuosa lembrança.

Homem simples e modesto, o Sr. Renaud quase não era conhecido fora de Lyon. Entretanto, sua morte repercutiu até num vilarejo da Haute-Saône, onde foi contada no púlpito, domingo, 8 de fevereiro, do seguinte modo:

O vigário da paróquia, entretendo os paroquianos com os *horrores* do Espiritismo, acrescentou que “o chefe dos espíritas de Lyon havia morrido há três ou quatro dias; que tinha recusado os sacramentos; que ao seu enterro não havia comparecido mais que dois ou três espíritas, sem parentes nem sacerdotes; que se o chefe dos espíritas (fazendo alusão ao Sr. Allan Kardec) morresse, ele o lamentaria, se fizesse como o de Lyon. Depois concluiu, dizendo nada negar dessa doutrina, nada afirmar, a não ser que era o demônio que agia contra a vontade de Deus.”

Se quiséssemos refutar todas as falsidades que atribuem ao Espiritismo, na tentativa de desmascarar o seu objetivo e o seu caráter, encheríamos nossa *Revista*. Como isto pouco nos inquieta, deixemos que falem, limitando-nos a recolher as notas que nos enviam, para utilizá-las posteriormente – se houver oportunidade – na história do Espiritismo. Nas circunstâncias que acabamos de falar, trata-se de um fato material, sobre o qual o sr. vigário sem dúvida foi mal informado, pois não queremos supor que conscientemente tenha ele querido induzir em erro. Por certo procederia melhor se tivesse agido com menos ardor e esperasse informes mais exatos.

Acrescentaremos que, há pouco tempo, a propósito da morte de um de seus habitantes, fizeram espalhar naquela comuna o boato, por certo de muito mau gosto, que a Sociedade dos *Irmãos Batedores*, composta de sete ou oito indivíduos da comuna, queria ressuscitar os mortos, pondo-lhes na fronte emplastos, feitos com uma pomada preparada pela Sociedade Espírita de Paris; que essa sociedade de irmãos batedores ia visitar todas as noites o cemitério para dar nova vida aos mortos. As mulheres e a gente moça do bairro ficaram apavoradas a ponto de não mais ousarem sair de casa, com medo de encontrar defuntos.

Lamentavelmente, mais não era preciso para impressionar algum cérebro fraco ou doentio e, se acontecesse um acidente, logo se cuidaria de o debitar à conta do Espiritismo.

Voltemos ao Sr. Renaud. Durante sua doença, inúteis esforços foram tentados para que ele fizesse uma autêntica abjuração de suas crenças espíritas. Apesar disso, um venerável sacerdote o confessou e lhe deu a absolvição. É verdade que depois disto quiseram retirar o certificado de confissão e a absolvição foi declarada nula pelo clero de Saint-Jean, como tendo sido dada *precipitadamente*. É um caso de consciência que não nos incumbiremos de resolver. Daí esta reflexão muito justa, feita em público, que aquele que recebe a absolvição antes de morrer não pode saber se é válida ou não, pois com a melhor intenção pode um padre dá-la de maneira precipitada. O clero, pois, se recusou obstinadamente a receber o corpo na igreja, porque o Sr. Renaud não quis retratar-se de nenhuma das convicções que lhe haviam dado tantas consolações e feito suportar com resignação as provas da vida.

Por um sentimento de conveniência, que apreciarão, e em razão das pessoas que seríamos forçados a designar, passamos em silêncio as lamentáveis manobras que foram tentadas, as mentiras que foram inventadas para provocar desordem nesta circunstância. Apenas nos limitamos a dizer que foram completamente frustradas pelo bom-senso e prudência dos espíritas que, a respeito, receberam provas da benevolência das autoridades. Recomendações haviam sido feitas por todos os chefes de grupos, a fim de não se responder a nenhuma provocação.

Em face da recusa do clero de conceder as orações da Igreja, o corpo foi levado diretamente de casa ao cemitério, seguido por perto de mil pessoas, entre as quais se achavam cerca de cinquenta senhoras e moças, o que não é hábito em Lyon. Sobre o túmulo e apropriada à circunstância, foi lida uma prece por um dos assistentes e por todos ouvida, cabeça descoberta, em religioso recolhimento. Em seguida a multidão retirou-se, silenciosa e, como havia começado, tudo terminou na mais perfeita ordem.

Como contraste diremos que o Sr. Sanson, nosso antigo colega, recebeu todos os sacramentos antes de morrer; que foi levado à igreja e acompanhado por um padre ao cemitério, embora tivesse previamente declarado de modo formal que era espírita e não renegaria nenhuma de suas convicções. “Entretanto, disse-lhe o padre, se eu condicionasse a absolvição a esta negação, que fareis? – Lamentaria muito, respondeu o Sr. Sanson, mas persistiria, porquanto vossa absolvição de nada valeria. – Como assim? Então não credes na eficácia da absolvição? – Sim, mas não creio na virtude de uma absolvição recebida por hipocrisia. Ouvi-me: para mim o Espiritismo não é apenas uma crença, um artigo de fé; é um fato tão patente quanto a vida. Como quereis que eu negue um fato que me é demonstrado como o dia que nos ilumina e ao qual devo a cura miraculosa da minha perna? Se o fizesse, seria com os lábios e não com o coração; eu seria perjuro. Assim, daríeis absolvição a um traidor. Digo que de nada valeria porque a daríeis *pro forma* e não pelo fundo. Eis por que preferiria dela ser dispensado. – Meu filho, replicou o padre, sois mais cristão do que muitos que dizem sê-lo.

Recolhemos estas palavras do próprio Sr. Sanson.

Circunstâncias semelhantes às do Sr. Renaud podem apresentar-se aqui ou alhures. Esperamos, pois, que todos os espíritas hão de seguir o exemplo dos confrades de Lyon, e que em nenhum caso desistam da moderação, que é uma conseqüência dos princípios da doutrina e a melhor resposta a dar aos seus detratores, que só buscam pretextos para motivar os seus ataques.

Evocado num grupo central de Lyon, trinta e seis horas depois de sua morte, o Sr. Renaud deu a seguinte comunicação:

“Ainda estou um pouco embaraçado para comunicar-me e, não obstante encontre aqui rostos amigos e corações simpáticos, sinto-me quase envergonhado ou, para melhor dizer, meu pensamento está um pouco imaturo. Oh! senhora B..., que

diferença e quanta mudança na minha posição! Muito obrigado por vossa constante afeição; obrigado, Sra. V..., por vossas boas visitas, por vossa consideração.

“Perguntais e quereis saber o que me aconteceu desde ontem. Comecei a me desligar do corpo pela manhã. Parecia que me evaporava; sentia o sangue coagular-se nas veias e pensava que ia aniquilar-me. Pouco a pouco perdi a percepção das idéias e adormeci com certa dor compressiva; depois despertei e então vi à minha volta Espíritos que me cercavam e me festejavam; então experimentei alguma confusão: não distinguia bem os mortos e os vivos; as lágrimas e as alegrias me perturbaram um pouco a cabeça, e de todos os lados me chamavam, como ainda me chamam neste momento. Sim, graças aos verdadeiros amigos que me protegeram, evocado e encorajado nesta dura passagem, pois há sofrimento no desligamento, e não é sem dor muito viva que o Espírito deixa o corpo, compreendo o grito de chegada e me explico o suspiro da partida. Já fui evocado várias vezes e estou fatigado como um viajor que atravessou a noite.

“Antes de partir, permitiríeis que eu voltasse e vos apertasse a mão?”

G. Renaud

O Sr. Renaud foi evocado na Sociedade de Paris. A falta de espaço nos obriga a adiar a publicação.

Resposta da Sociedade Espírita de Paris sobre Questões Religiosas

(Resumo da ata da sessão de 13 de fevereiro de 1863)

Foi comunicada uma carta endereçada de Tonnay-Charente (Charente-Inférieure) ao Sr. Allan Kardec, contendo respostas ditadas a um médium daquela cidade, sobre perguntas das

mais delicadas dos dogmas da Igreja. Tais perguntas, dirigidas ao Espírito de *Jesus, filho de Deus*, evocado para tal fim, são estas:

1º O inferno é eterno?

2º Poderíeis pôr ao alcance de minha inteligência a explicação que vos pedi sobre a *ceia* que precedeu a vossa paixão?

3º Por que se realizou a vossa paixão?

4º Que devo pensar da comunhão? Estais na hóstia, meu Jesus?

5º Que tem de comum o poder temporal com o poder espiritual para não se poderem separar?

6º Que tem o amor de tão precioso para estar no coração de todos os homens?

7º O que é a História Sagrada e quem a fez?

8º O que significam estas palavras: história sagrada?

Pede o autor da carta que a Sociedade se pronuncie em sessão solene sobre o valor das respostas que ele obteve e sobre a autenticidade do nome do Espírito que as deu.

Depois de haver examinado o assunto, o comitê propõe a resolução seguinte, cuja leitura é feita à Sociedade, que a aprova calorosamente, por unanimidade, e pede sua inserção na *Revista Espírita* para instrução de todos, e a fim de que se compreenda a inutilidade, no futuro, de se dirigirem perguntas sobre temas semelhantes.

Se o autor se tivesse limitado à primeira pergunta, bastaria enviá-la a *O Livro dos Espíritos*, onde ela é tratada. Aliás, a questão é mal formulada; não se sabe se ele entende a eternidade como um lugar de expiação, ou das penas infligidas a cada indivíduo.

**DECISÃO TOMADA PELA SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS SOBRE
PERGUNTAS PROPOSTAS PELO SR. ..., DE TONNAY-CHARENTE,
NA SESSÃO DE 13 DE FEVEREIRO DE 1863.**

A Sociedade Espírita de Paris, depois de tomar conhecimento da carta do Sr. ..., e das perguntas sobre as quais deseja que ela se pronuncie em sessão solene, sente-se no dever de lembrar ao autor da carta que o fim essencial do Espiritismo é a destruição das idéias materialistas e o melhoramento moral do homem; que ele não se ocupa de modo algum de discutir os dogmas particulares de cada culto, deixando sua apreciação à consciência de cada um; que desconhecer tal fim seria dele fazer instrumento de controvérsia religiosa, cujo efeito seria perpetuar um antagonismo que ele tende a fazer desaparecer, chamando todos os homens para a bandeira da caridade, levando-os a não verem em seus semelhantes senão irmãos, sejam quais forem suas crenças. Se, em certas religiões, há dogmas questionáveis, é preciso deixar ao tempo e ao progresso das luzes o cuidado de sua depuração; o perigo dos erros que poderiam encerrar desaparecerá à medida que os homens fizerem do princípio da caridade a base de sua conduta. O dever dos verdadeiros espíritas, dos que compreendem o fim providencial da doutrina, é, pois, antes de tudo, dedicar-se a combater a incredulidade e o egoísmo, que são as verdadeiras chagas da Humanidade, e a fazer prevalecer, tanto pelo exemplo quanto pela teoria, o sentimento de caridade, que deve ser a base de toda religião racional, e servir de guia nas reformas sociais. As questões de fundo devem passar à frente das questões de forma. Ora, as questões de fundo são as que têm por objetivo tornar melhores os homens, considerando-se que todo progresso social ou outro não pode ser senão consequência do melhoramento das massas; é para isto que tende o Espiritismo e por aí prepara os caminhos a todos os gêneros de progressos morais. Querer agir de outra forma é começar o edifício pela cumeeira, antes de lhe assentar os alicerces; é semear em terreno que não foi arroteado.

Como aplicação dos princípios acima, a Sociedade Espírita de Paris se declara impedida, por seus regulamentos, de interferir em todas as questões de controvérsia religiosa, de política e de economia social, e não cederá a nenhuma provocação que tenda a desviá-la desta linha de conduta.

Em razão disto não emitirá, nem oficial nem oficiosamente, opinião quanto ao valor das respostas ditadas ao médium..., respostas essencialmente dogmáticas e, mesmo, políticas, e, ainda menos, fazê-las objeto de uma discussão solene, como pede o autor da carta.

Quanto ao livro que deve tratar dessas questões, e cuja publicação é prescrita pelo Espírito que a ditou, a Sociedade não vacila em declarar que considera tal publicação inoportuna e perigosa, naquilo que poderia fornecer armas aos inimigos do Espiritismo. Por conseguinte, crê do seu dever desaprová-la, como desaprova toda publicação própria a falsear a opinião sobre o fim e as tendências da doutrina.

No que respeita à natureza do Espírito que ditou aquelas comunicações, a Sociedade julga dever lembrar que o nome que toma um Espírito jamais é garantia de sua identidade; que não se poderia ver uma prova de superioridade nalgumas idéias justas que emita, se com estas encontramos outras falsas. Os Espíritos verdadeiramente superiores são lógicos e conseqüentes em tudo o que dizem. Ora, não é este o caso de que se trata. Sua pretensão de crer que esse livro deve ter como conseqüência levar o governo a modificar certas partes de sua política, bastaria para fazer duvidar de sua elevação e, melhor ainda, do nome que toma, porque isto não é racional. Sua insuficiência ressalta ainda de dois outros fatos não menos característicos.

O primeiro é que é completamente falso que o Sr. Allan Kardec tenha recebido missão, como pretende o Espírito, de

examinar e fazer publicar o livro de que se trata. Se tem a missão de o examinar, não pode ser senão para fazer sentir os inconvenientes e combater a sua publicação.

O segundo fato está na maneira pela qual o Espírito exalta a missão do médium, o que jamais fazem os Espíritos bons, e o que fazem, ao contrário, os que querem impor-se, captando-lhes a confiança por meio de belas palavras, com ajuda das quais esperam fazer passar o resto.

Em resumo, torna-se evidente para a Sociedade que o nome com que se adorna o Espírito, que diz ser o Cristo, é apócrifo. Ela se julga no dever de exortar o autor da carta, bem como o seu médium, a não se deixarem iludir por tais comunicações e a se restringirem ao objetivo essencial do Espiritismo.

François-Simon Louvet, do Havre⁸

A seguinte comunicação foi dada espontaneamente, em uma reunião espírita no Havre, em 12 de fevereiro de 1863:

Tereis piedade de um pobre miserável que passa há muito por cruéis torturas? Oh! o vácuo... o espaço... despenho-me... caio...! Acudam-me! Meu Deus, eu tive uma existência tão miserável!... Pobre diabo, sofri fome muitas vezes na velhice; e foi por isso que me habituei a beber, a ter vergonha e desgosto de tudo... Quis morrer e atirei-me... Oh! meu Deus, que momento!... E para que tal desejo, quando o termo estava tão próximo? Ora! para que eu não veja incessantemente este vácuo debaixo de mim... Vou despedaçar-me de encontro a essas pedras! Eu vo-lo suplico, a vós que conheceis as misérias dos que não pertencem a esse mundo. Não me conheceis, mas eu sofro tanto...

8 N. do T.: Vide *O Céu e o Inferno*, 2ª parte, capítulo V.

Para que mais provas? Sofro! Não será isso o bastante? Se eu tivera fome, em vez deste sofrimento mais terrível e, aliás, imperceptível para vós, não vacilaríeis em aliviar-me com uma migalha de pão. Pois eu vos peço que oreis por mim. Não posso permanecer por mais tempo neste estado. Perguntai a qualquer desses felizes que aqui estão, e sabereis quem fui. Orai por mim.

François-Simon Louvet

Logo depois o Espírito protetor do médium disse: Esse que acaba de se dirigir a ti, minha filha, foi um pobre infeliz que teve na Terra a prova da miséria; vencido pelo desgosto, faltou-lhe a coragem, e o desventurado, em vez de olhar para o céu como devia, entregou-se à embriaguez; desceu aos extremos últimos do desespero, pondo termo à sua triste provação: atirou-se da torre Francisco I, no dia 22 de julho de 1857. Tende piedade de sua pobre alma, que não é adiantada, mas que lobriga da vida futura o bastante para sofrer e desejar uma reparação. Rogai a Deus lhe conceda essa graça, e com isso tereis feito obra meritória. Estou feliz por vos ver reunidos, meus caros filhos; estou convosco quando vos reunis assim. Estou sempre pronto a vos dar os meus ensinamentos. Se um Espírito bom não pudesse comunicar-se convosco por falta de condições físicas, eu seria seu intermediário; mas estais cercados de Espíritos bons e eu deixo que vos instruem. Perseverai nos caminhos do Senhor e sereis abençoados. Tende paciência nas provas, não vos recuseis a fazer o bem pela ingratidão dos homens. Em breve os homens serão melhores e os tempos estão próximos. Adeus, meus bem-amados; eu vos acompanho nas vossas tristezas como nas vossas alegrias. A paz esteja convosco.

Teu Espírito protetor

Buscando-se informes a respeito, encontrou-se no *Journal du Havre*, de 23 de julho de 1857, a seguinte notícia local:

“Ontem, às 4 horas da tarde, os transeuntes do cais foram dolorosamente impressionados por um horrível acidente: – um homem atirou-se da torre, vindo despedaçar-se sobre as pedras. Era um velho puxador de sirga, cujo pendor à embriaguez o arrastara ao suicídio. Chamava-se François-Victor-Simon Louvet. O corpo foi transportado para casa de uma das suas filhas, na rua da Corderie. Tinha 67 anos de idade.”

Observação – Um incrédulo, a quem foi relatado o fato mediúnico, como prova das comunicações de além-túmulo, respondeu: “Mas quem sabe se o médium não tinha conhecimento do *Journal du Havre* e se não construiu o romance com a notícia?” Como se vê, a trapaça é sempre o último reduto dos negadores, quando não se podem dar conta de um fato cuja evidência material não deve ser posta em dúvida. Com eles nem mesmo basta mostrar que não se tem nada nas mãos nem nos bolsos, porque, dizem, os escamoteadores fazem o mesmo e, entretanto, desafiam a argúcia do observador.

A isto perguntamos, por nossa vez, que interesse teria o médium em representar a comédia? Aqui nem se pode supor um interesse de amor-próprio numa coisa que se passa na intimidade da família, quando não se enganaria a si mesmo e aos seus. Aliás, quando a gente quer divertir-se, não se escolhem assuntos desta natureza, pouco recreativos, e não é admissível que uma moça piedosa misture o nome de Deus a uma brincadeira grosseira. O desinteresse absoluto e a honorabilidade da pessoa são as melhores garantias de sinceridade e a resposta mais peremptória a dar em casos que tais.

Além disso, faremos notar o castigo infligido ao suicida. Morto há seis anos, ele se vê sempre caindo da torre e indo quebrar-se nas pedras; espanta-se com o vazio que há em sua frente; e isto há seis anos! Quanto tempo durará? Ele não o sabe e a incerteza lhe aumenta a angústia. Isto não equivale ao inferno e

suas labaredas? Quem nos revelou tais castigos? Nós os inventamos? São os próprios que os sofrem que no-los vêm descrever, como outros descrevem as suas alegrias.

Conversas de Além-Túmulo

CLARA RIVIER

(Sociedade Espírita de Paris, 23 de janeiro de 1863

– Médiun: Sr. Leymarie)

O Sr. J..., médico em... (Gard), nos transmite o fato seguinte:

“Uma família de trabalhadores, meus vizinhos de campo, tinha uma menina de dez anos, chamada Clara, completamente enferma desde os quatro anos. Durante toda a sua vida jamais soltou um único lamento, nem demonstrou o mais leve sinal de impaciência. Embora sem instrução, consolava a família aflita, discorrendo sobre a vida futura e a felicidade que ali devia encontrar. Morreu em setembro de 1862, após quatro dias de torturas e convulsões, durante as quais não deixou de orar a Deus. Dizia ela: ‘Não temo a morte, porque depois uma vida de felicidade me está reservada.’ A seu pai, que chorava, dizia: ‘Consola-te; virei te visitar; minha hora está próxima, eu o sinto; mas quando chegar saberei e te prevenirei antes.’ Com efeito, quando o momento fatal estava a ponto de realizar-se, chamou todos os seus e disse: ‘Não tenho mais que cinco minutos de vida; dai-me as vossas mãos.’ E expirou, conforme anunciara.

“Desde então, um Espírito batedor veio visitar a casa dos Rivier, onde derruba tudo. Bate na mesa como se tivesse uma clava; agita os lençóis e as cortinas, mexe na louça e joga bolas nos celeiros. Este Espírito apareceu sob a forma de Clara à irmãzinha desta, que tem apenas cinco anos. Segundo a criança, sua irmã lhe falou muitas vezes, e o que exclui qualquer sentimento de incerteza

é que as aparições lhe fazem soltar gritos de alegria, ou lamúrias, se não fazem imediatamente o que ela deseja, isto é, apagar o fogo e todas as luzes no quarto, onde ocorre a visão, durante a qual a criança não deixa de dizer: ‘Mas vede como Clara está linda!’

“Desejando saber o que queria Clara, esta pediu ao pai Rivier que lhe devolvesse os cabelos que lhe haviam cortado, conforme costume da região. Mas, não obstante tivessem os pais satisfeito o desejo, levando os cabelos ao túmulo, o Espírito continuou as visitas e o barulho, que eu mesmo testemunhei, a ponto de os vizinhos e amigos se comoverem. Então admoestei os pais, perguntando se não tinham nada a se censurarem em relação a alguém, ou cometido alguma ação desleal; que era provável que o Espírito os atormentasse enquanto não tivessem reparado suas faltas, para o que os aconselhei a refletir seriamente sobre isto.

“Durante uma ausência de dez dias, a que me vi forçado, a obsessão tomou um caráter mais violento, a ponto de Rivier ter lutado corpo a corpo e sido derrubado. O terror apoderou-se desses infelizes e eles foram consultar um médium, o qual os aconselhou a dar uma esmola geral a todos os pobres da região, favor que durou dois dias. Comunicar-vos-ei o resultado; entretanto, ficarei muito feliz se receber vossos conselhos a respeito.”

1. Evocação de Clara Rivier.

Resp. – Estou junto a vós, disposta a responder.

2. De onde vos vêm, embora tão jovem e sem instrução, as idéias elevadas que exprimíeis sobre a vida futura, antes de vossa morte?

Resp. – Do pouco tempo que devia passar no vosso globo e de minha precedente encarnação. Eu era médium quando deixei a Terra e médium ao voltar entre vós. Era uma predestinação; eu sentia e via o que dizia.

3. Como se explica que uma criança de vossa idade não tenha soltado um único lamento durante quatro anos de sofrimentos?

Resp. – Porque o sofrimento físico era dominado por uma força maior, a de meu anjo-da-guarda, que eu via continuamente perto de mim. Ele sabia aliviar tudo o que eu sentia; tornava minha vontade mais forte que a dor.

4. Como fostes prevenida do instante da morte?

Resp. – Meu anjo-da-guarda mo dizia; ele jamais me enganou.

5. Dissestes ao vosso pai: “Consola-te; virei te visitar.” Como é possível que, animada de tão bons sentimentos para com os pais, vínheis atormentá-los após a morte, fazendo barulho em sua casa?

Resp. – Sem dúvida eu tive uma prova, ou, antes, uma missão a cumprir. Se venho rever meus pais, credes que seja por nada? Esses ruídos, essa perturbação, essas lutas ocasionadas pela minha presença são um aviso. Sou auxiliada por outros Espíritos, cuja turbulência tem um alcance, como tenho o meu aparecendo à minha irmã. Graças a nós, muitas convicções vão surgir. Meus pais tinham uma prova a sofrer; ela logo cessará, mas somente depois de haver levado a convicção a uma multidão de pessoas.

6. Assim, não sois vós pessoalmente que causais essa perturbação?

Resp. – Sou ajudada por outros Espíritos que servem à prova reservada a meus queridos pais.

7. Como se explica que vossa irmã vos tenha reconhecido, se não sois vós que produzis as manifestações?

Resp. – Minha irmã só viu a mim. Ela dispõe agora de uma dupla vista e não será a última vez que minha presença virá consolá-la e encorajá-la.

8. A esmola geral que foi aconselhada aos vossos pais terá por efeito fazer cessar a obsessão?

Resp. – A obsessão terminará quando chegar o tempo requerido para isto. Mas, crede, a prece e a fé dão grande força para dominar a obsessão; a própria esmola é uma prece: serve para consolar e assim nos ajuda a levar a convicção a muitos corações. É pela fé que devemos levantar e salvar toda uma população. Que importa se os inimigos do Espiritismo gritam que é o demônio! Esse grito em todos os tempos favoreceu o seu conhecimento; e para um que se submete, há cem cuja curiosidade leva ao estudo. Na verdade, a obsessão e a subjugação são provas para quem as sofre, mas, ao mesmo tempo, um caminho aberto a novas convicções. Esses fatos obrigam a falar dos Espíritos, cuja existência não se pode negar, vendo o que eles fazem.

Observação – Parece evidente que, nesta circunstância, a esmola aconselhada ao casal Rivier era, ao mesmo tempo, uma prova para eles, mais ou menos proveitosa, conforme a maneira pela qual tenha sido feita, e um meio de chamar a atenção de um maior número de pessoas para esses fenômenos. É um meio de provar que o Espiritismo não é obra do demônio, desde que aconselha o bem e a caridade para combater aquilo a que chamam demônios. Que podem os adversários do Espiritismo contra manifestações deste gênero? Podem proibir que se ocupem com os Espíritos, mas não podem impedir que os Espíritos venham, e a prova disso é que essas manifestações se produzem nas próprias casas de pessoas que não as querem provocar e que, por sua reputação de santidade, parece que as deveriam desafiar, caso se tratasse do diabo. Contra fatos não há oposição nem negação que possam prevalecer; donde é preciso concluir que o Espiritismo deve seguir o seu curso.

9. Por que, tão jovem ainda, fostes afligida por tantas enfermidades?

Resp. – Eu tinha faltas anteriores a expiar; tinha abusado da saúde e da brilhante posição que desfrutava na precedente

encarnação. Então Deus me disse: “Gozaste intensamente, excessivamente: sofrerás do mesmo modo; eras orgulhosa: serás humilde; eras vaidosa da tua beleza: serás reduzida a nada; em vez da vaidade esforçar-te-ás por adquirir a caridade e a bondade.” Fiz segundo a vontade de Deus e meu anjo-da-guarda me ajudou.

10. Gostariéis de dizer algo aos vossos pais?

Resp. – A pedido de um médium, meus pais fizeram muita caridade; estavam certos em nem sempre orar apenas com os lábios: é preciso fazê-lo com a mão e o coração. Dar aos que sofrem é orar; é ser espírita.

O livre-arbítrio foi dado por Deus a todas as almas, isto é, a faculdade de progredir; a todas deu a mesma aspiração e é por isso que o sofrimento atinge mais de perto os felizardos da Terra do que geralmente se pensa. Assim, aproximai as distâncias pela caridade; introduzi o pobre em vossa casa, encorajai-o, levantai-o, não o humilheis. Se em toda parte se soubesse praticar essa grande lei da consciência, não se teria, em determinadas épocas, essas grandes misérias que desonram os povos civilizados, e que Deus envia para os castigar e lhes abrir os olhos.

Caros pais, orai a Deus; amai-vos; praticai a lei do Cristo: não fazer aos outros o que não quereríeis que vos fosse feito; implorai a Deus que vos prove, mostrando que a sua vontade é santa e grande como Ele. Preparai-vos para o futuro, armados de coragem e perseverança, porquanto ainda sois chamados a sofrer. É preciso saber merecer uma boa posição num mundo melhor, onde a compreensão da justiça divina se transforma na punição dos Espíritos maus.

Estarei sempre ao vosso lado, caros pais. Adeus, ou melhor, até logo. Tende resignação, caridade, amor aos semelhantes e um dia sereis felizes.

Observação – Eis um belo pensamento: “O sofrimento atinge mais de perto os felizardos da Terra do que geralmente se pensa.” É uma alusão aos Espíritos que, de uma existência a outra, passam de uma posição brilhante a outra humilde e miserável, pois muitas vezes expiam, num meio ínfimo, o abuso dos dons que Deus lhes houvera concedido. É uma justiça que todos compreendem.

Outro pensamento não menos profundo é o que atribui as calamidades dos povos à infração da lei de Deus, porque Deus castiga os povos como castiga os indivíduos. É certo que se praticassem a lei de caridade, não haveria guerras, nem grandes misérias. É à prática dessa lei que conduz o Espiritismo. Será por isso que encontra inimigos tão encarniçados? As palavras dessa mocinha a seus pais serão as de um demônio?

Fotografia dos Espíritos

O *Courrier du Bas-Rhin* de sábado, 3 de janeiro de 1863 (seção alemã) contém o seguinte artigo, sob o título de *Fotografia Espectral*:

“Os americanos, que nos precedem em muitas coisas, certamente nos ultrapassam na arte da fotografia e na evocação dos Espíritos. Hoje, em Boston, não só os defuntos são evocados pelos médiuns, mas, ainda, fotografados. Deve-se essa descoberta maravilhosa a um tal William Mumler, de Boston.

“Há algum tempo – é ele próprio que conta – eu experimentava em meu laboratório um novo aparelho fotográfico, fazendo a minha própria fotografia. De repente senti uma certa pressão que se exercia sobre o meu braço direito e uma lassidão geral em todo o corpo. Mas quem descreveria o meu espanto quando vi meu retrato reproduzido e, à direita, a imagem de uma segunda pessoa, que não era outra senão minha falecida prima? A semelhança do retrato, no dizer dos que conheceram aquela senhora, nada deixa a desejar.

“Em conseqüência, desde essa época o Sr. Mumler não dá aos clientes apenas sessões espiritualistas, mas ainda executa fotografias dos defuntos evocados. São ordinariamente um pouco pálidas e embaçadas e os traços muito difíceis de reconhecer, o que não impede os habitantes de Boston, esclarecidos, declará-los verdadeiros, autênticos. Quem daria atenção a imagens espectrais!”

Semelhante descoberta, caso fosse real, por certo teria imensas conseqüências e seria um dos fatos de manifestações mais notáveis. Não obstante, exortamos a sua acolhida com prudente reserva. Os americanos que, no dizer do articulista, nos ultrapassam em tantas coisas, ensinaram que também nos distanciaram na invenção de mentiras.

Para quem quer que conheça as propriedades do perispírito, à primeira vista a coisa não parece materialmente impossível. Hão surgido tantas coisas extraordinárias que de nada nos deveríamos admirar. Os Espíritos anunciaram manifestações de uma nova ordem, ainda mais surpreendentes que as já vistas; a de que se cuida estaria, incontestavelmente, neste número. Mas, ainda uma vez, até uma constatação mais autêntica que o relato de um jornal, é prudente ficar em dúvida. Se a coisa for verdadeira, será vulgarizada. Seja como for, devemos nos guardar de dar credibilidade a todas as histórias maravilhosas, que os inimigos do Espiritismo se comprazem em espalhar para o tornar ridículo, bem como os que as aceitam muito facilmente. Além disso, é preciso pensar maduramente antes de atribuir aos Espíritos todos os fenômenos insólitos que se não podem explicar. Um exame atento mostra, na maioria das vezes, uma causa inteiramente material, que não tinha sido percebida. É uma recomendação expressa que fazemos em *O Livro dos Médiuns*.

Em apoio ao que acabamos de dizer e a propósito da fotografia espírita, citaremos o artigo seguinte, extraído da *Patrie*,

de 23 de fevereiro de 1863⁹. Ele nos põe em guarda contra os julgamentos precipitados.

“Um jovem lorde, portador de um dos nomes mais antigos e mais ilustres da câmara alta, cujo gosto apaixonado pela fotografia vale grandes e felizes sucessos a essa arte que, talvez, seja ainda mais uma ciência que uma arte, acaba de perder sua irmã, que amava com extrema ternura. Ferido no coração e lançado no mais profundo desânimo, que muitas vezes a mágoa produz, deixou seus aparelhos fotográficos e a Inglaterra, fez uma longa viagem pelo continente e só retornou à sua residência quase real de Lancashire depois de uma ausência de quase quatro anos.

“Como acontece geralmente, seu desespero havia passado do estado agudo ao crônico, isto é, sem ter perdido a intensidade, havia perdido a violência e pouco a pouco se transformava em sombria resignação.

“Quando os que sofrem buscam consolo, dirigem-se primeiramente a Deus, depois ao trabalho. Assim, pouco a pouco o jovem lorde retomou o caminho do seu laboratório e voltou aos seus aparelhos de fotografia.

“Por uma espécie de transação com sua dor, a primeira imagem que pensou em fotografar foi o interior da capela onde repousavam os restos mortais de sua irmã. Obtido o negativo, entrou no laboratório e, para obter uma prova, submeteu a placa de vidro às preparações ordinárias e expôs o clichê à luz.

“Lançando os olhos sobre a prova, quase caiu desmaiado. O interior da capela *surgia* com grande nitidez, mas a

9 **N. do T.:** Tudo indica que Allan Kardec não dava muito crédito às fotografias espíritas. Contudo, a própria *Revista Espírita*, cinco anos após a sua desencarnação, publicou fotografia póstuma do Codificador ao lado da esposa, então encarnada. Gabriel Delanne, em livro editado pela FEB (*O Espiritismo perante a Ciência*), trata do assunto com muita propriedade. Vide, ainda, o livro *Procès des Spirites* (Processo dos Espíritas), em francês, também editado pela FEB.

cabeça da jovem defunta aparecia vagamente na parte menos iluminada da fotografia. Distinguiam-se perfeitamente seus traços suaves e encantadores e até as longas ondulações de sua indumentária. Contudo, através destas, os menores detalhes da capela acentuavam-se claramente.

“A primeira reação do lorde foi crer numa aparição, mas logo sorriu tristemente abanando a cabeça. Com efeito, lembrou-se de que alguns anos antes, sobre aquela mesma placa de vidro, havia feito uma fotografia da irmã. Não tendo obtido resultado satisfatório, apagou o retrato e provavelmente apagou mal, pois seus vagos contornos hoje se confundem com a nova imagem impressa na chapa.

“Na Inglaterra, alguns artistas exploram essa bizarra aplicação da fotografia; fabricam e vendem imagens duplas, cujas combinações produzem efeitos estranhos ou engraçados. Entre outros nos mostraram um castelo em ruínas, abaixo do qual transpareciam seu parque, suas fachadas e torreões, tais como deveriam existir antes de sua destruição.

“Fazem ainda retratos de velhos, através dos quais seus rostos aparecem como nos mais belos tempos da juventude.”

Variedades

O *Akbar*, jornal de Argel, de 10 de fevereiro de 1863, estampa o seguinte artigo:

“O sr. bispo de Argel acaba de publicar, para a quaresma de 1863, uma instrução pastoral que cuida do *Espiritismo*, assunto muito na ordem do dia, sobre o qual o clero africano até agora tinha guardado silêncio. Eis as passagens que lhe dizem respeito:

“É o demônio quem dita a filósofos ilustres essas doutrinas malsãs, de dois princípios iguais, o bem e o mal, governando com a mesma autoridade, mas em sentido oposto: o Espírito e a matéria; o materialismo que tudo refere ao corpo e nada reconhece além do túmulo; o cepticismo que duvida de tudo; o fatalismo que desculpa tudo, ao negar a liberdade e a responsabilidade humanas; a metempsicose, a magia, e a *evocação dos Espíritos*, tristes e vergonhosos sistemas que inteligências pervertidas procuram ressuscitar em nossos dias... (Página 21).

“Que história lamentável não se faria dos empreendimentos diabólicos, a datar do cenáculo, partindo das sinagogas e do malabarismo de Simão, o Mago, para chegar, por meio de perseguições, cismas, heresias e incredulidades de toda sorte, ao *Espiritismo* de nossos dias, tão estupidamente copiado de um paganismo anterior a Moisés e por ele justamente difamado como uma abominação perante Deus.” (Página 24).

“Os que gostam de ouvir as duas partes, em toda questão litigiosa, têm inteira facilidade de o fazer, porquanto o Espiritismo teórico e prático está amplamente explicado em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*, duas obras que se encontram em todas as livrarias de Argel. Se quiserem mesmo levar seus estudos mais longe, podemos acrescentar a essa pequena bibliografia a *Revista Espírita*, por Allan Kardec. Ao que nos parece, é o melhor meio de averiguar se o Espiritismo é, com efeito, obra do demônio, ou se, ao contrário, é uma revelação sob forma nova, como pretendem seus adeptos.”

Ariel

O Sr. Home veio a Paris, onde ficou apenas alguns dias. De vários lugares nos pedem informações sobre os extraordinários fenômenos que ele teria produzido perante augustas personagens,

dos quais alguns jornais falaram vagamente. Considerando-se que essas coisas se passaram na intimidade, não nos cabe revelar o que não tem caráter oficial e, menos ainda, comprometer certos nomes. Diremos apenas que os detratores exploraram o fato, como tantos outros, para tentar lançar o ridículo sobre o Espiritismo, por meio de relatos absurdos, sem respeito às pessoas nem às coisas. Acrescentaremos que a permanência do Sr. Home em Paris, bem como a qualidade das casas onde foi recebido, é um formal desmentido às infames calúnias, segundo as quais ele teria sido expulso de Paris, como, outrora, durante uma ausência sua, fizeram correr o boato de que estava preso em Mazas, por fatos graves, quando estava tranqüilamente em Nápoles, por razões de saúde. Calúnia! Sempre a calúnia! Já é tempo de os Espíritos virem expurgá-la da Terra.

Remetemos os nossos leitores aos meticolosos artigos que publicamos sobre o Sr. Home e suas manifestações, nos números de fevereiro, março e abril de 1858 da *Revista Espírita*.

Um artigo publicado no *Monde Illustré* sobre os supostos médiuns americanos, Sr. e Sra. Girroodd, também motivou vários pedidos de informações. Nada temos a acrescentar ao que já dissemos a respeito, na *Revista Espírita* de 1862, número de fevereiro, senão que vimos pessoalmente e que se vê com Robert Houdin coisas não menos inexplicáveis, quando não se conhece a astúcia. Nenhum espírita ou magnetizador, conhecendo as condições normais em que se produzem os fenômenos, pode levar a sério essas coisas ou perder tempo em discuti-las seriamente.

Certos adversários incompetentes quiseram explorar essas habilidades contra os fenômenos espíritas, dizendo que, desde que podiam ser imitados, é porque não existiam e que todos os médiuns, a começar pelo Sr. Home são hábeis prestidigitadores. Não percebem que dão armas à incredulidade contra si próprios,

uma vez que poderiam aplicar o argumento contra a maioria dos milagres. Sem realçar o que há de ilógico nesta conclusão e sem discutir novamente os fenômenos, diremos tão-somente que a diferença entre os prestidigitadores e os médiuns está no ganho dos primeiros e no desinteresse dos segundos, da imitação à realidade, da flor artificial à flor natural. Também não podemos impedir que um escamoteador se diga médium ou físico. Não há por que defender explorações desse gênero; deixamos essa tarefa à crítica.

Poesias Espíritas

POR QUE SE LAMENTAR?

(Grupo Espírita de Pau – Médium: Sr. T...)

Deus fez o homem ativo e livre e inteligente,
De seu próprio destino, artífice também.
Dois caminhos lhe abriu à escolha competente:
Um que ao mal o conduz; outro que o conduz ao bem.
E deles o primeiro é doce na aparência;
Porquanto esforço algum requer de quem o segue:
Sem cuidados quaisquer, só viver na indolência,
Em instintos brutais livremente prossegue,
É tudo o que é preciso. – O segundo caminho
Certo esforço requer, bom trabalho em ação,
Com vigilância atenta e sindicante alinhado,
Sempre ágil a razão e o instinto em contenção.
O homem, livre de optar, pode dar-se ao primeiro,
Na ignorância estagnar e na imoralidade;
Preferindo ao dever um sentir mais grosseiro,
À suprema razão, o instinto e a maldade.
Ou bem pode ele, então, dando dócil ouvido
A uma voz que lhe diz: “Nascestes pra crescer,
E sempre progredir, não treva retido.”
No segundo caminho um nobre anseio ter.
Da sua decisão o seu destino depende
Sombrio se vier de uma errônea visão,
Ou qual da noiva alegre um olhar sorridente
Àquele homem feliz que herdou seu coração.

Se fizestes o mal, podereis neste mundo
 Riquezas adquirir, títulos, honrarias;
 Mas do Espírito a calma, e esse prazer profundo
 Que nasce do ideal, promotor de alegrias
 Fugirão para sempre; e o remorso ingente
 A voz vos seguirá mesmo em vossos festins,
 Cruel a misturar com nota assaz dolente
 Vossos cantos de glória e estribilhos afins.
 Mas quando vos chegar cruel a hora fatal,
 Livre o Espírito, enfim, de seu corpo tão caro,
 Novamente entrará em seu curso moral,
 Onde a verdade é luz e o mal requer reparo,
 Onde o sofisma impuro, a lassa hipocrisia
 Acesso já não têm, pois tudo é luminoso,
 Fantasma acusador, vossa vida de orgia
 Surgirá ante vós, em toda a parte, ansioso.
 Vossos crimes serão, rico, os vossos carrascos.
 Desnudo ver-vos-ei; poderoso, sozinho;
 Pasmado fugireis qual corça, entre penhascos,
 Do caçador que a perde irado e em desalinho.
 Talvez que ébrio de orgulho e tanto sofrimento,
 Soltareis contra Deus grito blasfemador,
 Mas vossa consciência atenta, no momento,
 Elevará então seu brado vingador:
 “Homem, de blasfemar cesse a tua demência.
 “Deus já te criou livre, ativo, inteligente,
 “Para ti expressou seu querer e potência,
 “Artífice te fez de ti mesmo, e consciente.
 “Tens na vontade tudo, enfim, pra transformar
 “Teu mal em alegria. Além dos escarcéus,
 Olha alguém que o dever cumpriu e a caminhar,
 “Lutou muito e venceu, na conquista dos céus.
 “Como preço do esforço a mesma recompensa
 “Te espera. – Por que, pois, tanta lastimação?
 “Ergue-te. E a Deus, que é bom, roga assistência intensa;
 “Ora, trabalha e luta, e o céu terás, então.”

Um Espírito protetor

Observação – Não levamos em conta algumas irregularidades de versificação, tendo em vista as idéias expendidas.

MÃE E FILHO

(Sociedade Espírita de Bordeaux, 6 de julho de 1862 – Médium: Sr. Ricard)

Num berço rosa e branco uma criança,
Um belo anjo que um cântico embalava;
No olhar santo da mãe quanta esperança,
No filho, ébria de amor, terna o velava!...

Oh! como é belo o filho de minha alma!...
Dorme, querido, estou contigo, assim...
Ao despertares do carinho a palma
E teus beijos serão só para mim!...

Oh! como é belo!... Deus, tomais-me a vida
Se de mim o tirares, amanhã...
Guardai-o bem, vos rogo enternecida!...
Já sua boca murmurou: Mamã!!!...

Este nome tão doce... e se vigia
Na primavera qual raio de sol...
É palavra de amor cuja harmonia
Nos faz sonhar com o céu em voz bemoll!...

Oh! por seus braços ao ser enroscada,
Quando em meu seio lhe ouço o coração,
Eu sou feliz, minh'alma inebriada
Feliz partilha de excelsa emoção...

É tudo para mim... Ele é meu sonho!
Para ele só viver... é minha sorte.
Seiva de meu amor vivo e risonho,
Deste berço afastar-se deve a morte!!!...

Brevemente, meu Deus, por mim seguro
Vê-lo-ei ensaiar primeiros passos!...
Oh! que dia feliz... vem, vem futuro...
Eu temo que não chegues aos meus braços!

E mais ainda, eu na minha esperança
Bem grande o vejo e virtuoso e honrado,
A pureza do tempo de criança
De o conduzir feliz tendo guardado.

Oh! como é belo... Deus, tomais-me a vida
Se a desgraça o abater lá no amanhã!
Conservai-o, eu imploro, agradecida,
Já sua boca murmurou: Mamã!!!...

Mas está frio... e pálido seu lábio!
 Acorda, filho de meu coração!
 Vem sobre o seio meu... Ó Deus, és sábio,
 Vê que ele está gelado... E eu tremo, então!!

Ah! fez-se o fim! De viver já cessou!
 Desgraça sobre mim! Perdi meu filho!
 Deus sem piedade... enraivecida estou...
 Não sois um Deus de amor e justo brilho!

Este anjo de inocência que vos fez
 Para o tomardes já de meu amor?...
 Abjuro a minha crença, aqui, de vez...
 E aos vossos olhos morro em minha dor...

.....
 “Mãe!... Sou eu!... A minha alma se evolou
 “E o Eterno reenviou-me aos pés de ti.
 “Renega a raiva, mãe, que te manchou;
 “Retorna a Deus... trago-te a Fé, aqui!...

“Curva-te às leis de Deus para o teu bem.
 “És mãe culpada, em remoto passado...
 “Fizeste um filho teu morrer também:
 “Deus te puniu!... Pagá-lo pois te é dado!

“Toma este livro; ele te acalmará.
 “Ditado por Espíritos, o trilha,
 “Se o leres, mãe, de certo mostrará
 “Onde um dia, no céu, terás teu filho!!!

Teu Anjo-da-Guarda

Subscrição Ruanesa

Montante das contribuições depositadas no escritório da *Revista Espírita* e publicadas no número de fevereiro 1.491 fr. 40 c.

NOVAS CONTRIBUIÇÕES ATÉ 28 DE FEVEREIRO:

Sociedade Espírita de Paris (Na lista de fevereiro importava 423 fr.; nesta, 317 fr.; total 740 fr.) 317 fr.

Sociedades e Grupos Espíritas diversos. – Montreuil-sur-Mer, 74 fr. (não foi incluída na lista de fevereiro por engano); Mescher-sur-Girond, 32

fr. 50 c.; Carmaux (Tarn), 20 fr., Monerat e Saint-Gemme (Tarn), 40 fr.; Chauny (Aisne), 40 fr.; Metz, 50 fr.; Bordeaux (Sociedades e grupos Roux e Petit), 70 fr.; Albi (Tarn), 20 fr.; Tours, 103 fr. 30 c.; Angoulême, 18 fr. 467 fr.80 c.

Sócios diversos (Paris) – Srs. L... 5 fr.; Hobach, 40 fr.; Nant e Breul (Passy), 100 fr.; Doit, 1 fr.; Aumont, livreiro (2º pagamento), 5 fr.; Dufaux, 5 fr.; Mazaroz, 20 fr.; Queyras, 3 fr.; X..., 25 fr.; Dr. Houat, 20 fr.; Dufilleul, oficial de cavalaria, 10 fr.; X... (Saint-Junien), 1 fr.; L. D..., 2 fr.; X..., 5 fr.; Moreau, farmacêutico (Niort), 10 fr.; Blin, capitão (Marselha), 10 fr. (figurou na lista de fevereiro por 20 fr., em vez de 10 fr., considerados apenas no montante); J. L... (Digne), 3 fr.; Dr. Reignier (Thionville), 7 fr. 50 c.; Sra. Wilson Klein (Grão-Ducado de Bade), 20 fr.; B... (Saint-Jean d'Angely, 2 fr.; A... (Versalhes), 1 fr.; V... (Versalhes), 2 fr.; S... (Dôle), 2 fr.; Martner, oficial do Estado-Maior (Orléans), 10 fr.; Gevers (Anvers), 10 fr.; C. Babin (de Champblanc, por Cognac), 40 fr. 369 fr.50 c.

Espíritas e franceses de Barcelona (Espanha) – Sr. Jaime Ricart e filhos, 52 fr. 50 c.; Micolier, 5 fr.; Luís Nuty, 5 fr.; Jean Regembat, 5 fr.; Alex. Wigle, fotógrafo, 5 fr.; Ch. Soujol, 2 fr. 60 c.; X... 1 fr. 25c. 76 fr.35 c.

(Com a soma de 489 fr. 35 c., incluída na lista de fevereiro, Barcelona totaliza 565 fr. 70 c.)

Total 2.722 fr. 05 c.

Errata – Na lista de fevereiro, em vez de Lausat (de Condom), *lede* Loubat. – Em vez de Frothier (de Poitiers), *lede* Frottier. – Em vez de Bodin (de Cognac), *lede* Babin.

A subscrição continua aberta.

Deste montante, no dia 6 de fevereiro a *Revista Espírita* depositou 2.216 fr. 40 c. na conta aberta pelo *Opinion Nationale*, conforme nota inserida na décima-quarta lista publicada pelo referido jornal, em sua edição de 15 de fevereiro.

Frisamos que a maioria dos grupos e sociedades fizeram as suas contribuições em sua própria localidade. De Lyon nos enviam, entre outras, a seguinte lista de subscrições recolhidas em diferentes reuniões espíritas:

Groupe Desprêre, Avenida Carlos Magno, 57 fr. 95.; idem, dos Trabalhadores, 93 fr. 30 c.; idem Central, 123 fr.; reunião privada, 15 fr. 25 c.; idem, 32 fr. 50 c.; idem (Edoux), 22 fr.; subscrições isoladas, 316 fr. 50 c. – total 765 fr. 90 c.

A Sociedade de Saint-Jean d'Angely depositou a subscrição aberta na sub-prefeitura, 100 fr.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

ABRIL DE 1863

Nº 4

Estudo sobre os Possessos de Morzine

CAUSAS DA OBSESSÃO E MEIOS DE COMBATÊ-LA

(Quarto artigo)¹⁰

Numa segunda edição de sua brochura sobre a epidemia de Morzine¹¹, o Dr. Constant responde ao Sr. de Mirville, que criticou o seu cepticismo relativo aos demônios e o censurou por não ter estado nos lugares. “É certo que ele se deteve em Thonon; não, porém, por temer os diabos, mas o caminho; mas nem por isso se julga o homem menos informado. Censura-me ainda, como a outro médico, por ter partido de Paris com juízo já formado. Com todo o direito, se me permite, posso devolver-lhe a censura: neste ponto estaremos, então, *ex oequo*.”

Não sabemos se o Sr. de Mirville teria ido lá com a firme predisposição de não ver absolutamente nenhuma afecção física nos doentes de Morzine, mas é bem evidente que o Dr. Constant lá foi com a de não ver nenhuma causa oculta. O preconceito, num sentido qualquer, é a pior condição para um

10 Vide os números de dezembro de 1862, janeiro e fevereiro de 1863.

11 Brochura in-8, Livraria de Adrien Delahaye, place de l'École-de-Médecine. Preço: 2 fr.

observador, porque, então, tudo vê e tudo refere do seu ponto de vista, negligenciando o que pode haver de contrário. Certamente não é o meio de chegar à verdade. A opinião inflexível do Dr. Constant, no que respeita à negação das causas ocultas, ressalta que ele, *a priori*, repele como errônea toda observação e toda conclusão que se afastem de sua maneira de ver, nos relatórios feitos antes do seu. Assim, enquanto o Dr. Constant insiste sobre a constituição débil, linfática e raquítica dos habitantes, a insalubridade da região, a má qualidade e a insuficiência da alimentação, o Dr. Arthaud, médico-chefe dos alienados de Lyon, que foi enviado a Morzine, diz em seu relatório “que a constituição dos habitantes é boa e os escrofulosos são raros; não obstante *todas as suas pesquisas*, apenas descobriu um caso de epilepsia e um de imbecilidade.” Mas, replica o Dr. Constant, “o Dr. Arthaud só passou alguns dias na região; assim, não pôde ver senão pequena parte da população; além disso, é muito difícil obter informações sobre as famílias.”

Um outro relatório assim se exprime sobre o mesmo assunto:

Nós, abaixo assinados, declaramos que tendo ouvido falar dos casos extraordinários, levados à conta de possessão de demônios, e ocorridos em Morzine, transportamo-nos para aquela paróquia¹², onde chegamos em 30 de setembro último (1857), para testemunhar o que se passava e examinar tudo com maturidade e prudência, esclarecendo-nos por todos os meios fornecidos pela presença no lugar, a fim de poder formar um juízo razoável em semelhante matéria.

“1^o – Vimos oito jovens que estão libertas e cinco em estado de crise; a mais moça tem dez anos e a mais velha, vinte e dois.

12 N. do T.: A palavra *paróquia* (paroisse) não deve ser aqui entendida na sua acepção ordinária, de “circunscrição eclesiástica”, mas como “unidade administrativa rural do Antigo Regime (*Ancien Régime*) francês.”

“2^o – Conforme tudo quanto nos dizem e que podemos observar, essas jovens estão em perfeito estado de saúde; fazem todas as obras e trabalhos que reclamam sua posição, de sorte que não se vê, quanto aos outros hábitos e ocupações, nenhuma diferença entre elas e as demais moçoilas da montanha.

“3^o – Vimos estas moças, as não curadas, nos momentos de lucidez. Ora, podemos assegurar que nada foi observado nelas, seja idiotia, seja predisposição para as crises atuais, por falhas de caráter ou por exaltação de espírito. Aplicamos a mesma observação às que são curadas. Todas as pessoas que consultamos sobre os antecedentes e os primeiros anos dessas moças nos garantiram que elas estavam, no que respeita à inteligência, no mais perfeito estado.

“4^o – O maior número destas moças pertence a famílias honestas e abastadas.

“5^o – Asseguramos que pertencem a famílias que gozam de boa reputação, entre as quais existem algumas cuja virtude e piedade são exemplares.”

Daqui a pouco daremos a continuação deste relatório, relativamente a certos fatos. Queríamos apenas constatar que nem todos viram as coisas sob cores tão negras quanto o Dr. Constant, que representa os habitantes como vivendo na extrema miséria, e dos mais cabeçudos, obstinados e mentirosos, embora no fundo fossem bons e, sobretudo, piedosos, ou, antes, devotos. Ora, quem tem razão? Somente o Dr. Constant, ou vários outros, não menos honrados, que certificam ter bem observado? De nossa parte não vacilamos em nos colocar ao lado dos últimos, em razão daquilo que vimos e do que nos disseram várias autoridades médicas e administrativas da região, e a manter a opinião emitida em nossos artigos precedentes.

Para nós a causa primeira não está na constituição, nem no regime higiênico dos habitantes, porquanto, como fizemos notar, há muitas regiões, a começar pelo Valais limítrofe, em que as

condições de toda natureza, morais e outras, são infinitamente mais desfavoráveis e onde, entretanto, não se alastra essa doença. Daqui a pouco nós a veremos circunscrita, não ao vale, mas apenas aos limites da comuna de Morzine¹³. Se, como afirma o Dr. Constant, a causa fosse inerente à localidade, ao gênero de vida e à inferioridade moral dos habitantes, perguntamos, ainda, por que o efeito é epidêmico e não endêmico, como o bócio e o cretinismo no Valais? Por que as epidemias do mesmo gênero, de que fala a História, se produzem nas casas religiosas onde nada falta e que se encontram nas melhores condições de salubridade?

Não obstante, eis o quadro que o Dr. Constant faz do caráter dos habitantes de Morzine:

“Uma estada prolongada, visitas sucessivas e diárias mais ou menos em cada casa, permitiram-me chegar a outras constatações.

“Os habitantes de Morzine são afáveis, honestos, de grande piedade; talvez fosse mais acertado dizer de grande devoção.

“São obstinados e dificilmente renunciam a uma idéia que adotaram, o que, além de outros inconvenientes, acrescenta o de os tornarem litigantes, outra fonte de mal-estar e de miséria, porque as condições não são fáceis. Mas só muito raramente a justiça criminal encontra culpados entre eles.

“Têm um semblante grave e sério, que parece um reflexo da natureza áspera que os rodeia e que lhes imprime uma espécie de marca particular, que os faria ser tomados por membros de uma vasta comunidade religiosa. Com efeito, sua existência pouco difere da de um convento.

13 N. do T.: A grafia correta é Morzine, e não *Morzines*, como muitas vezes aparece no texto original.

“Seriam inteligentes, se seu raciocínio não fosse obscurecido por uma profusão de crenças absurdas ou exageradas, por um invencível arrastamento para o maravilhoso, legado pelos séculos passados e ainda não curado no século atual.

“Todos gostam de contos e histórias impossíveis. Conquanto honestos por natureza, alguns mentem com imperturbável altivez, para sustentar o que disseram no gênero. Estou convencido de que eles acabam mentindo de boa-fé, por crerem nas próprias mentiras e nas dos outros. Para ser justo, é preciso dizer que a maioria não mente, limitando-se a contar vagamente o que viu.”

Aos nossos olhos, a causa é independente das condições físicas dos homens e das coisas. Se manifestamos tal opinião, não é com a idéia preconcebida de ver por toda parte a ação dos Espíritos, já que ninguém admite sua intervenção com mais reserva que nós, mas por uma analogia que notamos entre certos efeitos e os que nos são demonstrados como resultado evidente de uma causa oculta. Mas, ainda uma vez, como admitir essa causa quando não se crê na existência dos Espíritos? Como admitir, com Raspail, as afecções produzidas por seres microscópicos, se se nega a existência de tais animálculos, porque não foram vistos? Antes da invenção do microscópio, Raspail teria passado por louco, por ver animais em toda parte; hoje, que se está muito mais esclarecido, não se vêem Espíritos. Para isso, no entanto, só falta pôr óculos.

Não negamos que haja efeitos patológicos na afecção de que se cuida, porque a experiência no-os mostra muitas vezes em casos semelhantes; mas dizemos que são consecutivos e não causais. Se um médico espírita tivesse sido enviado a Morzine, teria visto o que outros não viram, sem, por isso, negligenciar os fatos fisiológicos.

Depois de haver falado do Sr. de Mirville que, diz ele, se deteve no caminho, acrescenta o Dr. Constant:

“O Sr. Allan Kardec fez a viagem completa. Nos números de dezembro de 1862 e janeiro de 1863 da sua *Revista Espírita*, já publicou dois artigos, que não passam de preliminares; o exame dos fatos virá no número de fevereiro. Entretanto, já nos adverte que a epidemia de Morzine é semelhante à que assolou a Judéia, ao tempo do Cristo. É bem possível.

“Com o risco de ser censurado por alguns leitores, que talvez achassem que eu faria melhor se não falasse dos Espíritos, conclamo vivamente aos que lerem esta brochura a ler o mesmo assunto nos autores que acabo de citar.

“Todavia, não deveriam equivocarse quanto ao objetivo de meu convite; quanto mais leitores sérios houver para as obras do Espiritismo, mais cedo será feita completa justiça a uma crença, a uma *ciência*, como dizem, sobre a qual talvez eu pudesse arriscar uma opinião, depois de haver constatado tantas vezes o seu resultado: o contingente bastante notável que ele fornece anualmente à população de nossos asilos de alienados.”

Por aí se pode ver com que idéias o Dr. Constant foi a Morzine. Certamente não o levaremos a pensar como nós; apenas lhe diremos que está demonstrado pela experiência que o resultado da leitura das obras espíritas é completamente diferente do que ele espera, pois tal leitura, em vez de fazer pronta justiça a essa pretensa ciência, anualmente multiplica os adeptos aos milhares; que hoje são contados no mundo inteiro por cinco ou seis milhões, dos quais a décima parte só na França. Se ele objetasse que todos são tolos e ignorantes, nós lhe perguntaríamos por que essa doutrina conta no número de seus mais firmes partidários tão grande número de médicos em todos os países, tanto dos que assinam a *Revista*, como o atesta a nossa correspondência, quanto

dos que presidem ou fazem parte de grupos e sociedades espíritas, sem falar do número não menos expressivo de adeptos pertencentes a posições sociais, aonde só se chega pela inteligência e pela instrução. Isto é um fato material que ninguém pode negar. Ora, como todo efeito tem uma causa, a causa desse efeito está no fato de o Espiritismo não parecer a toda a gente assim tão absurdo, levando alguns a dizerem: – Infelizmente é verdade, exclamam os adversários da doutrina; assim, não temos mais de cobrir o rosto pela sorte da Humanidade em sua marcha para a decadência.

Resta a questão da loucura, o lobisomem de hoje, com o auxílio do qual se procura amedrontar as populações, que quase já não se alvoroçam, como bem se vê. Quando esse meio estiver esgotado, certamente conceberão outro; enquanto se espera, chamamos a atenção dos leitores para o artigo publicado no número de fevereiro de 1863, intitulado *A Loucura Espírita*.

Os primeiros sintomas da epidemia de Morzine se manifestaram em março de 1857, em duas meninas de cerca de dez anos. No mês de novembro seguinte o número de doentes era de vinte e sete e em 1861 atingiu a cifra máxima de cento e vinte.

Se déssemos conta dos fatos segundo o que vimos, poderiam dizer que vimos o que quisemos ver. Aliás, chegamos no declínio da doença e ali não ficamos o bastante para tudo observar. Citando as observações alheias, não nos acusarão de somente ver pelos próprios olhos.

Tomamos as observações que se seguem do relatório cujo extrato fizemos acima:

“Essas moçoilas falam francês durante a crise com admirável facilidade, mesmo as que, fora daí, só conhecem algumas palavras.

“Uma vez em crise, as jovens perdem completamente a reserva, seja para o que for; também perdem inteiramente toda afeição de família.

“De ordinário a resposta é pronta e fácil; dir-se-ia que vem antes da interrogação. Esta resposta é sempre *ad rem*, exceto quando quem fala responde por tolices, insultos ou uma recusa afetada.

“Durante a crise o pulso fica calmo e, no maior furor, a personagem tem um ar de domínio, como alguém que tivesse a cólera sob o seu comando, sem parecer exaltada nem tomada por um acesso de febre.

“Notamos durante as crises uma insolência extraordinária, que ultrapassa qualquer limite, em mocinhas que, fora desse estado, são doces e tímidas.

“Durante a crise há em todas as meninas um caráter de impiedade permanente, levado além de todo o limite, dirigido contra tudo o que lembra Deus, os mistérios da religião, Maria, os santos, os sacramentos, a prece, etc.; o caráter dominante desses momentos terríveis é o ódio a Deus e a tudo quanto a ele se refere.

“Constatamos muito bem que essas jovens revelam *coisas que chegam de longe, bem como fatos passados de que não tinham conhecimento; também revelaram pensamentos de várias pessoas.*

“*Algumas vezes anunciaram o começo, a duração e o fim das crises, o que farão mais tarde e o que não farão.*

“Sabemos que deram respostas exatas a perguntas feitas em línguas que elas desconheciam, como alemão, latim, etc.

“No estado de crise essas jovens são dotadas de uma força desproporcional à sua idade, pois são precisos três ou quatro homens para conter, durante o exorcismo, meninas de dez anos.

“É de notar-se que, durante a crise, as meninas não sofrem danos materiais, nem pelas contorções, que parecem capazes de deslocar os membros, nem pelas quedas, nem pelas pancadas que se dão com violência.

“Em suas respostas há sempre a distinção de várias personagens: *a filha e ele, o demônio e o danado.*

“Fora da crise essas meninas não guardam nenhuma lembrança do que disseram ou fizeram, quer a crise tenha durado todo o dia, quer tenham feito trabalhos prolongados ou incumbências dadas no estado de crise.

.....
“Para concluir, diremos:

“Que a nossa impressão é de que tudo isto é sobrenatural, na causa e nos efeitos; e, conforme as regras da lógica e de tudo quanto nos ensinam a teologia, a história eclesiástica e o Evangelho,

“Declaramos que, em nossa opinião, há uma verdadeira possessão do demônio.

“Em testemunho do que,

*Assinado: ****

Morzine, 5 de outubro de 1857.

Eis como o Dr. Constant descreve as crises dos doentes, de acordo com suas próprias observações:

“Em meio à mais completa calma, raramente à noite, de repente sobrevêm bocejos, espreguiçamentos, alguns tremores, pequenos solavancos de aspecto coréico nos braços; pouco a pouco, e em curto espaço de tempo, como por efeito de descargas

sucessivas, esses movimentos se tornam mais rápidos, depois mais amplos e logo não parecem mais que um exagero dos movimentos fisiológicos; a pupila se dilata e se contrai alternadamente e os olhos participam dos movimentos gerais.

“Nesse momento as doentes, cujo aspecto a princípio parecia exprimir terror, entram num estado de furor, que vai sempre crescendo, como se a idéia que as domina produzisse dois efeitos quase simultâneos: depressão e excitação logo depois.

“Elas batem nos móveis com força e vivacidade, começam a falar, ou, melhor, a vociferar; o que dizem, mais ou menos todas, quando não superexcitadas por perguntas, reduz-se a palavras indefinidamente repetidas: ‘S... não! S... ch... gne! S... vermelho!’ (Elas chamam vermelhos aqueles em cuja piedade não acreditam). Algumas acrescentam juramentos.

“Se junto delas não se acha nenhum espectador estranho; se não lhes fizerem perguntas, repetem incessantemente a mesma coisa, sem nada acrescentar; caso contrário, respondem ao que pergunta o espectador e mesmo aos pensamentos que lhes atribuem, às objeções que prevêem, mas sem se afastarem da idéia dominante, a esta referindo tudo o que elas dizem. Assim, muitas vezes: ‘Ah! tu crês, b... descrente, que somos loucas, que apenas sofremos da imaginação! Somos danadas, s... n... de D...! Somos os diabos do inferno!’

“E como é sempre um diabo que fala pela sua boca, o suposto diabo algumas vezes conta *o que fazia na Terra, o que fez depois no inferno*, etc.

“Em minha presença acrescentavam invariavelmente:

“Não são os teus s... médicos que nos curarão! Nós nos f... muito bem de teus remédios! Podes perfeitamente fazer a menina tomar; eles a atormentarão e a farão sofrer. Mas a nós

eles nada farão, porque somos diabos! É de santos padres e de bispos que precisamos, etc.

“O que não os impede de insultar os sacerdotes, quando estes estão presentes, sob o pretexto de que *não são bastante santos para ter ação sobre os demônios*. Perante o prefeito e os magistrados, era sempre a mesma idéia, mas com outras palavras.

“À medida que elas falam, sempre com a mesma veemência, suas fisionomias não têm outro aspecto senão o do furor. Por vezes o pescoço incha e a face se injeta; noutras, empalidece, como sói acontecer às pessoas normais que, conforme a constituição, coram ou empalidecem durante um violento acesso de cólera; freqüentemente os lábios estão úmidos de saliva, o que leva a dizer que as doentes espumavam.

“Limitados inicialmente às partes superiores, os movimentos ganham sucessivamente o tronco e os membros inferiores, a respiração torna-se ofegante; as doentes redobram o furor, tornam-se agressivas, deslocam móveis e atiram cadeiras, tamboretas, isto é, tudo que lhes cai às mãos, sobre os assistentes; precipitam-se sobre estes para lhes bater, tanto nos parentes quanto nos estranhos; jogam-se ao chão, sempre continuando com os mesmos gritos; rolam-se, batem as mãos no solo e mesmo no próprio peito, no ventre, na região anterior do pescoço e procuram arrancar algo que parece incomodá-las nesses pontos. Viram-se e reviram-se de um salto só; vi duas que, levantando-se como que impulsionadas por uma mola, se inclinavam para trás de tal modo que a cabeça tocava o solo ao mesmo tempo que os pés.

“Esta crise dura mais ou menos dez, vinte minutos, meia-hora, conforme a causa que a provocou. Se é a presença de um estranho, sobretudo um padre, é muito raro que termine antes que a pessoa se tenha afastado; neste caso os movimentos convulsivos não são contínuos: depois de terem sido violentos,

enfraquecem e param para recomeçar imediatamente, como se, esgotada, a força nervosa repousasse um momento para se refazer.

“Durante a crise, o pulso e os batimentos cardíacos não estão acelerados; dá-se comumente o contrário: o pulso se concentra, torna-se fraco, lento e as extremidades se esfriam; apesar da violência da agitação e dos golpes furiosos desferidos de todos os lados, as mãos ficam geladas.

“Contrariamente ao que se vê muitas vezes em casos análogos, nenhuma idéia erótica se mistura ou parece juntar-se à idéia demoníaca. Eu mesmo me surpreendi com essa particularidade, por ser comum a todas as doentes: nenhuma diz a mais leve palavra ou faz o menor gesto obsceno. Em seus mais desordenados movimentos, jamais se descobrem e se seus vestidos se levantam um pouco quando rolam por terra, é muito raro que não os recomponham imediatamente.

“Não parece que haja aqui lesão da sensibilidade genital; assim, jamais se tratou de íncubos e súcubos, ou de cenas de feitiçaria. Todas as doentes pertencem, como demonomaníacas, ao segundo dos quatro grupos indicados pelo Sr. Macário; algumas *escutam* a voz dos diabos; muito mais geralmente *falam por sua boca*.

“Depois da grande desordem, pouco a pouco os movimentos se tornam menos rápidos; alguns gases se escapam pela boca e a crise termina. A doente olha em redor com ar um pouco espantando, arruma os cabelos, apanha e coloca o seu gorro, bebe alguns goles de água e retoma o seu trabalho, caso fizesse algum quando a crise começara. Quase todas dizem não sentir cansaço, nem se lembram do que disseram ou fizeram.

“Nem sempre esta última afirmação é sincera; surpreendi algumas que se lembravam muito bem; apenas acrescentavam: *Bem sei que ele (o diabo) disse ou fez tal coisa, mas não sou eu. Se minha boca falou, se minhas mãos bateram, era ELE que*

as fazia falar e bater; bem que eu queria ficar tranqüila, mas ELE é mais forte que eu.'

“Esta é a descrição do estado mais freqüente; mas entre os extremos existem vários graus, desde a doente que só tem crises de gastralgia, até a que chega ao último paroxismo do furor. Feito este reparo não encontrei, em nenhuma das doentes visitadas, diferenças dignas de nota, à exceção de umas poucas.

“Uma, chamada Jeanne Br..., quarenta e oito anos, solteira, histérica de velha data, sente animais que não passam de *diabos*, que lhe correm pelo rosto e a mordem.

“A mulher Nicolas B..., trinta e oito anos, doente há três anos, *late* durante as crises. Atribui sua doença a um copo de vinho que bebeu em companhia de um desses que fazem mal.

“Jeanne G..., trinta e sete anos, não casada, é aquela cujas crises diferem mais. Não tem movimentos clônicos generalizados, que se vêem nas outras e quase nunca fala. Desde que sente vir a crise, vai sentar-se e se põe a balançar a cabeça para a frente e para trás; inicialmente lentos e pouco pronunciados, os movimentos vão se acelerando e acabam fazendo a cabeça descrever um círculo com incrível rapidez, cada vez mais amplo, até vir alternativa e regularmente bater o dorso e o peito. A intervalos o movimento cessa por um instante e os músculos contraídos mantêm a cabeça fixa na posição em que se encontrava ao parar, sem que seja possível, mesmo com esforços, reerguê-la ou flexioná-la.

“Victoire V..., vinte anos, foi uma das primeiras a adoecer, aos dezesseis anos. Assim conta seu pai o que ela sofreu:

“Jamais tinha sentido algo, quando um dia foi assaltada pelo mal na igreja. Durante os dois ou três primeiros dias apenas saltava um pouco. Um dia trouxe o meu jantar na paróquia, onde

eu trabalhava; nesse momento o sino tocava, anunciando o *Ángelus*, quando, de repente, ela se pôs a saltar e se jogou no chão, gritando e gesticulando, jurando após o badalar do sino. Como casualmente lá se achasse o cura de Montriond, ela o injuriou, chamou-o s... ch... de Montriond. O cura de Morzine também veio para junto dela, no momento em que a crise terminava, mas logo ela recomeçou, porque ele fez o sinal da cruz em sua fronte. Tinham-na exorcizado várias vezes, mas vendo que nada a curava, nem exorcismos nem outra coisa, levei-a a Genebra, ao Sr. Lafontaine (magnetizador); ali permaneceu um mês e voltou completamente curada. Guardou equilíbrio por cerca de três anos.

“Há seis semanas houve uma recidiva, mas ela já não tinha crise. Não queria ver ninguém e se trancava em casa; só comia quando eu tinha algo de bom para lhe dar, pois do contrário não podia engolir. Não se sustentava em pé e nem ao menos movia os braços. Várias vezes tentei pô-la de pé, mas ela não se *sentia* e logo caía, desde que eu não mais a sustentava. Então resolvi levá-la ao Sr. Lafontaine. Não sabia como conduzi-la; ela me disse: ‘Quando estiver na comuna de Montriond andarei bem.’ Auxiliado por um de meus vizinhos, nós a carregamos até Montriond. Mas logo do outro lado da ponte ela andou só e se queixava apenas de um gosto horrível na boca. Depois de duas sessões com o Sr. Lafontaine já estava melhor e agora está empregada como doméstica.’

“Foi geralmente notado, diz o Dr. Constant, que *uma vez fora da comuna*, só raramente as doentes têm crises.

“Um dia, o prefeito, que me acompanhava, foi surpreendido por uma doente que, violentamente, lhe atirou uma pedra contra o rosto. Quase ao mesmo instante outra doente se precipitava sobre ele, armada com um grande pedaço de pau, para também lhe bater. Vendo esta vir, ele lhe mostrou a extremidade pontiaguda de sua bengala ferrada, ameaçando perfurar-lhe o corpo, caso avançasse. Ela parou, deixou cair o porrete e contentou-se em injuriá-lo.

“Não obstante as corridas, os saltos e os movimentos violentos e desordenados das doentes; malgrado as pancadas a que se entregam, seus terrores e divagações, não se citam tentativas de suicídio nem acidentes graves com qualquer delas. Assim, não perdem inteiramente a consciência e ao menos subsiste o instinto de conservação.

“Se, ao iniciar a crise, uma mulher segura o filho nos braços, acontece muitas vezes que um *diabo* menos mau que o que vai operá-la lhe diz: *‘Deixa esta criança; ele (outro diabo) lhe faria mal.’* Por vezes dá-se o mesmo quando têm uma faca ou outro instrumento susceptível de causar ferimentos.

“Como as mulheres, os homens sofreram a influência da crença que a todos deprime em graus diversos, embora neles os efeitos tenham sido menores e bastante diferentes. Alguns sentem absolutamente as mesmas dores que as mulheres; como estas, eles sentem sufocações, experimentam uma sensação de estrangulamento e acusam a sensação da bola histérica, mas nenhum chegou às convulsões; e se houve alguns raros exemplos de acidentes convulsivos, quase sempre podem ser atribuídos a um estado mórbido anterior e diferente. O único representante do sexo masculino que pareceu ter tido crises da mesma natureza que as das moças foi o jovem T... São geralmente as moças de quinze a vinte e cinco anos que foram atingidas. Ao contrário, no sexo oposto, com exceção do jovem T..., são apenas homens maduros, como acabo de dizer, aos quais as vicissitudes da vida poderiam perfeitamente ter trazido outras preocupações pré-existentes, ou acrescentadas às causadas pela doença.”

Depois de haver discutido a maioria dos fatos extraordinários narrados a respeito das doentes de Morzine, e tentado provar o estado de degradação física e moral dos habitantes em consequência de afecções hereditárias, acrescenta o Dr. Constant:

“É, pois, necessário ter como certo que tudo quanto se diz em Morzine, uma vez restabelecida a verdade, acha-se consideravelmente reduzido. Cada um concebeu sua história e quis ultrapassar o outro. Tais exageros se encontram em todas os relatos de epidemias desse gênero. Ainda mesmo que alguns fatos fossem reais em todos os pontos e escapassem a toda interpretação, seria motivo para lhes buscar uma explicação fora das leis naturais? Corresponderia a dizer que todos os agentes, cujo modo de ação ainda não foram descobertos e escapam à nossa análise, são necessariamente sobrenaturais.

“Tudo o que se viu em Morzine, sobretudo aquilo que se conta poderá, para certas pessoas, ser interpretado como sinal manifesto de uma possessão, mas é, também, muito certamente, o de uma moléstia complexa que recebeu o nome de histero-demonomania.

“Em suma, acabamos de ver uma região cujo clima é rude e a temperatura muito variável, onde a histeria, em todos os tempos, foi considerada endêmica; uma população cuja alimentação, sempre a mesma para todos, mais pobres ou menos pobres, e sempre má, é composta de alimentos geralmente alterados, que podem provocar, e provocam, desarranjos das funções dos órgãos da nutrição e, por aí, nevroses particulares; uma população de constituição pouco robusta e especial, marcada muitas vezes por predisposições hereditárias; ignorantes e vivendo num isolamento quase completo; muito piedosa, mas de uma piedade que tem por base *mais o medo que a esperança*; muito supersticiosa e cuja superstição, essa chaga que São Tomé chamava *um vício oposto à religião por excesso*, tem sido mais alimentada que combatida; embalada por histórias de feitiçaria que são, fora das cerimônias da Igreja, a única distração que a severidade religiosa exagerada não pôde impedir; de uma imaginação viva, muito impressionável, que precisaria de algum alimento e que não o encontra senão nessas mesmas cerimônias.”

Resta-nos examinar as relações que podem existir entre os fenômenos acima descritos e os que se produzem nos casos de obsessão e subjugação bem constatados, o que sem dúvida cada um já terá notado: o efeito dos meios curativos empregados, as causas da ineficácia do exorcismo e as condições nas quais podem ser úteis. É o que faremos no próximo e último artigo.

Por ora diremos, como o Dr. Constant, que não há necessidade de buscar no sobrenatural a explicação dos efeitos desconhecidos; neste ponto concordamos perfeitamente com ele. Para nós os fenômenos espíritas nada têm de sobrenatural; revelam-nos uma das leis, uma das forças da Natureza que não conhecíamos e que produz efeitos até agora inexplicados. Evidenciada pelos fatos e pela observação, esta lei será mais irracional porque tem, como promotores, seres inteligentes, em vez de animais ou a matéria bruta? Será, então, um contra-senso acreditar em inteligências ativas além do túmulo, sobretudo quando se manifestavam de maneira ostensiva? O conhecimento desta lei, levando certos efeitos à sua causa verdadeira, simples e natural, é o melhor antídoto contra as idéias supersticiosas.

Resultado da Leitura das Obras Espíritas

CARTAS DOS SRS. MICHEL, DE LYON, E DE..., DE ALBI

Como resposta à opinião do Dr. Constant, relativa ao efeito que deve produzir a leitura das obras espíritas, publicamos a seguir duas cartas, entre milhares da mesma natureza que nos são dirigidas. Como vimos no artigo precedente, sua opinião é que esse efeito deve, inevitavelmente, fazer pronta justiça à pretensa ciência do Espiritismo, e é nessa qualidade que lhe recomenda a leitura. Ora, essas obras são lidas há mais de seis anos e, deplorável para a sua perspicácia, a justiça ainda não foi feita!

Albi, 6 de março de 1863.

Senhor Allan Kardec,

...Sei que não devo abusar do vosso precioso tempo; assim me privo da felicidade de entreter-me longamente convosco. Direi que lamento amargamente não ter conhecido mais cedo vossa admirável doutrina, pois sinto que teria sido outro homem; contudo eu não sou médium nem procuro sê-lo no momento, em razão de graves aborrecimentos que me obsidiam incessantemente. Meu passado é de deplorável indiferença; cheguei até a idade de quarenta e nove anos sem saber uma única prece. Desde que vos li, oro sempre à noite, às vezes pela manhã, sobretudo pelos meus inimigos. Vossa doutrina me salvou de muitas coisas e me fez suportar os reveses com resignação.

Quanto eu vos seria reconhecido, caro senhor, se orásseis algumas vezes por mim!

Aceitai, etc.

D...

Lyon, 9 de março de 1863.

Meu caro mestre,

Devo começar pedindo que me perdoeis duplamente: primeiro por haver retardado muito o cumprimento de um dever desta natureza; segundo, pela liberdade que tomo, sem ter a honra de ser conhecido, de vos entreter com coisas que me são, de certo modo, inteiramente pessoais.

Esta consideração me obriga a ser tão breve quanto possível para não abusar de vossa bondade, nem vos fazer perder comigo um tempo que poderíeis empregar mais utilmente para o bem geral.

Há seis meses que tenho a felicidade de ser iniciado na Doutrina Espírita; senti nascer em mim um vivo sentimento de reconhecimento. Aliás, tal sentimento não deixa de ser a consequência muito natural da crença no Espiritismo; e, desde que tem sua razão de ser, deve igualmente manifestar-se. Em minha opinião, deve dividir-se em três partes, da qual a primeira a Deus, a quem diariamente todo espírita deve agradecer esta nova prova de sua infinita misericórdia; a segunda pertence de direito ao próprio Espiritismo, isto é, aos Espíritos bons e seus sublimes ensinamentos; a terceira, finalmente, àquele que nos guia na nova estrada; sentimo-nos felizes em reconhecê-lo como nosso venerado mestre.

Assim compreendido, o reconhecimento espírita impõe, pois, três deveres bem distintos: para com Deus, para com os Espíritos bons e para com o propagador de seus ensinamentos. Tenho esperança de me desobrigar para com Deus, pedindo-lhe perdão de meus erros passados e continuando a orar diariamente; tentarei saldar minha dívida ao Espiritismo, espalhando em meu redor, tanto quanto mo permitam minhas pobres forças, os benefícios da instrução espírita. O fim desta carta, senhor, é testemunhar-vos o vivo desejo que sentia de me desonerar para convosco, o que lamento fazer tão tardiamente. Apelo, pois, à vossa caridade e vos peço aceiteis esta sincera homenagem de um reconhecimento sem limites.

Associando-me de coração aos que me precederam, venho dizer-vos: Obrigado por nos haver tirado do erro, fazendo irradiar-se sobre nós a luz da verdade; obrigado por nos ter feito conhecer os meios de chegar à verdadeira felicidade pela prática do bem; obrigado, porque não temestes ser o primeiro a entrar na luta.

O advento do Espiritismo no século dezenove, numa época em que o egoísmo e o materialismo parecem dividir o império do mundo, é um fato muito importante e muito

extraordinário para não provocar a admiração ou o espanto das pessoas sérias e dos espíritos observadores. Esse fato é completamente inexplicável para os que recusam reconhecer a intervenção divina na marcha dos grandes acontecimentos que se realizam entre nós e, muitas vezes, mau grado nosso.

Mas um fato não menos surpreendente é que se tenha encontrado nesta mesma época de incredulidade um homem bastante crente, bastante corajoso, para sair da multidão, abandonar a corrente e anunciar uma doutrina que devia pô-lo em desacordo com o maior número, pois seu objetivo é combater e destruir os preconceitos, os abusos e os erros do povo, e, enfim, pregar a fé aos materialistas, a caridade aos egoístas, a moderação aos fanáticos, a verdade a todos.

Este fato está hoje realizado; portanto, não era impossível. Mas, para realizá-lo, era preciso uma coragem que só a fé pode dar. Eis o que causa a nossa admiração.

Semelhante devotamento, meu caro mestre, não podia deixar de dar frutos. Assim, desde já podeis começar a receber a recompensa de vosso labor, contemplando o triunfo da doutrina que ensinastes.

Sem vos preocupar com o número e a força dos vossos adversários, descestes sozinho à arena e, aos gracejos injuriosos, opusestes uma inalterável serenidade; aos ataques e calúnias respondestes com a moderação. Assim, em pouco tempo, o Espiritismo propagou-se por todas as partes do mundo; hoje seus adeptos se contam aos milhões e, coisa extraordinária! se recrutam em todos os graus da escala social. Ricos e pobres, ignorantes e sábios, livres-pensadores e puritanos, todos responderam ao apelo do Espiritismo e cada classe se empenhou em fornecer seu contingente nesta grande cruzada da inteligência... Luta sublime! Onde o vencido tem orgulho de proclamar sua derrota e, mais

orgulhoso ainda, de poder combater sob a bandeira dos vencedores.

Esta vitória não apenas honra aquele que a conquista, mas também atesta a justeza da causa, isto é, a superioridade da doutrina espírita sobre todas que a precederam e, por conseguinte, sua origem divina. Para o adepto fervoroso o fato não pode ser posto em dúvida e o Espiritismo não pode ser obra de alguns cérebros dementes, como seus detratores tentaram demonstrar. É impossível que o Espiritismo seja uma obra humana; deve ser e é, com efeito, uma revelação divina. Se assim não fosse, já teria sucumbido e seria impotente perante a indiferença e o materialismo.

Toda ciência humana é sistemática em sua essência e, por isso mesmo, sujeita a erro. Daí por que só pode ser admitida por um pequeno número de indivíduos que, por ignorância ou por cálculo, lhe propagam as crenças errôneas, crenças que caem por si mesmas depois de algum tempo de prova. O tempo e a razão sempre têm feito justiça às doutrinas abusivas e destituídas de fundamento. Nenhuma ciência, nenhuma doutrina pode reclamar estabilidade se, no seu conjunto e nos menores detalhes, não possuir essa emanção pura e divina que chamamos verdade; porque só a verdade é imutável como o Criador, que é a sua fonte.

Encontramos um exemplo muito consolador nas divinas palavras do Cristo, que o Santo Evangelho, não obstante sua longa e aventurosa peregrinação, nos transmitiu tão suaves, tão puras quanto eram ao saírem da boca do divino Renovador.

Depois de dezoito séculos de existência, a doutrina do Cristo nos parece tão luminosa quanto na época de seu nascimento. A despeito das falsas interpretações de uns, das perseguições de outros, e embora pouco praticada em nossos dias, nem por isso ficou menos enraizada na lembrança dos homens. A doutrina do Cristo é, pois, uma base inquebrantável, contra a qual as paixões

humanas incessantemente se vêm quebrar. Como a vaga impotente se arrebenta contra o rochedo, as tempestades do erro se esgotam em vãos esforços contra o farol da verdade. Sendo o Espiritismo a confirmação, o complemento dessa doutrina é justo dizer-se que se transformará num monumento indestrutível, visto ter Deus por princípio e a verdade por base.

Assim como nos sentimos felizes por predizer seu longo destino, entrevemos com felicidade o momento em que se tornará crença universal. Esse momento não estará muito distante, porque os homens não tardarão a compreender que não há felicidade possível na Terra sem fraternidade. Compreenderão também que a palavra virtude não deve apenas errar sobre os lábios, mas gravar-se profundamente nos corações; compreenderão, enfim, que aquele que assume a tarefa moral de pregar a moral deve, antes de tudo e acima de tudo, pregá-la pelo exemplo.

Paro, meu caro mestre, porque a grandeza do assunto me arrasta a alturas onde não me é possível manter. Mãos mais hábeis que as minhas já pintaram com vivas cores o quadro tocante que minha pena ignorante em vão tenta esboçar. Rogo que me perdoeis por vos haver entretido tanto tempo com meus próprios sentimentos; mas eu tinha um desejo invencível de me desafogar no seio daquele que havia dado a calma à minha alma, substituindo a dúvida que há quinze anos a torturava por uma certeza consoladora!

Fui, sucessivamente, católico fervoroso, fatalista, materialista, filósofo resignado; mas dou graças a Deus por nunca ter sido ateu. Vociferava contra a Providência, sem, contudo, jamais negar a Deus. Para mim, as chamas do inferno há muito se haviam extinguido; entretanto, meu Espírito não estava tranqüilo quanto ao futuro. Apesar de os gozos celestes preconizados pela Igreja não terem atrativos suficientes para exortarem à virtude, raramente a consciência aprovava a minha conduta. Eu estava em contínua

dúvida. Apropriando-me do pensamento de um grande filósofo: “A consciência foi dada ao homem para o atormentar”, cheguei à conclusão de que o homem deve evitar cuidadosamente tudo quanto possa perturbar a sua consciência. Assim, teria evitado cometer uma grande falta, porque a minha consciência a isso se opunha; teria praticado algumas boas obras para experimentar a satisfação que elas proporcionavam; mas nada entevia além. A Natureza me havia tirado do nada; a morte devia levar-me ao nada! Muitas vezes esse pensamento me engolfava em profunda tristeza, mas, por mais que consultasse, que buscasse, nada me fazia decifrar o enigma. As desigualdades sociais me chocavam e muitas vezes indagava por que havia nascido em posição inferior, onde me achava tão mal colocado. Não podendo responder, dizia: o acaso.

Uma consideração de outro gênero me fazia sentir horror ao nada! De que valia instruir-me? Para brilhar num salão?... é preciso fortuna. Para me tornar um poeta, um grande escritor?... é preciso um talento natural. Mas para mim, simples artesão, talvez destinado a morrer sobre o banco de trabalho, ao qual me ligara pela necessidade de ganhar o pão de cada dia?... Para que me instruir? Eu não sabia quase nada e isso já era muito; meu saber de nada me servia em vida e devia extinguir-se com a morte. Tal pensamento surgia freqüentemente em meu Espírito; chegara mesmo a maldizer essa instrução que facultavam ao filho do operário. Não obstante muito exígua, muito incompleta, essa instrução me parecia supérflua e não só prejudicial à felicidade do pobre, mas incompatível com as exigências de sua condição. Em minha opinião era uma calamidade a mais para o pobre, pois fazia com que compreendesse a importância do mal, sem lhe indicar o remédio. É fácil explicar os sofrimentos morais de um homem que, sentindo bater no peito um coração nobre, é obrigado a curvar a sua inteligência à vontade de um indivíduo, do qual um punhado de escudos, muitas vezes mal-adquiridos, constitui todo o mérito e todo o saber.

É então que se precisa apelar à filosofia. E olhando o topo da escada social, a gente diz: O dinheiro não traz felicidade. Depois, olhando para baixo, vêem-se pessoas numa posição inferior à sua e se acrescenta: Tenhamos paciência; há outros que se queixam mais que nós. Mas se, por vezes, essa filosofia dá resignação, jamais produz a felicidade.

Eu estava nessa situação quando o Espiritismo veio tirar-me do lamaçal de provas e de incertezas, onde me afundava cada vez mais, malgrado os esforços que fazia para sair.

Durante dois anos ouvi falar do Espiritismo sem lhe prestar uma atenção séria. Como diziam seus adversários, eu julgava que um novo charlatanismo se havia infiltrado entre os outros. Mas, enfim, cansado de ouvir falar de uma coisa, da qual realmente não conhecia senão o nome, resolvi instruir-me. Então adquiri *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*. Li, ou melhor, devorei essas duas obras com tal avidez e satisfação que é impossível definir. Qual não foi minha surpresa, lançando os olhos sobre as primeiras páginas, ao ver que se tratava de filosofia moral e religiosa, quando eu esperava ler um tratado de magia, acompanhado de histórias maravilhosas! Logo a surpresa deu lugar à convicção e ao reconhecimento. Quando terminei a leitura, percebi com felicidade que era espírita há muito tempo. Agradei a Deus, que concedia este insigne favor. Doravante poderei orar sem temer que minhas preces se percam no espaço e suportarei com alegria as tribulações desta breve existência, sabendo que a minha miséria atual não passa de justa conseqüência de um passado culposo ou um período de prova para alcançar um futuro melhor. Não mais a dúvida! A justiça e a lógica nos desvendam a verdade; e nós aclamamos com felicidade esta benfeitora da Humanidade.

É quase inútil dizer-vos, meu caro mestre, quão grande era o meu desejo de ser médium; assim, estudei com grande perseverança. Depois de alguns dias de observação, reconheci que

era médium intuitivo; meu desejo só se realizara parcialmente, pois desejava vivamente ser médium mecânico.

A mediunidade intuitiva deixa por muito tempo a dúvida no espírito de quem a possui. Para dissipar todos os meus escrúpulos a respeito, tive de assistir a algumas sessões de Espiritismo, a fim de poder fazer uma comparação entre a minha mediunidade e a dos outros médiuns. Foi então que compreendi o acerto de vossa recomendação, que *prescreve ler antes de ver*, se se quiser ficar convencido; porque, posso dizer-vos francamente, nada vi de convincente para um incrédulo. Eu daria tudo para ter sido admitido no número daqueles que a Providência colocou sob a direção imediata de nosso bem-amado chefe, porque pensava que as provas deviam ser mais palpáveis, mais freqüentes na Sociedade que presidis. Apesar disso, não fiquei nisso; convidei alguns médiuns escreventes, videntes e desenhistas a se reunirem comigo para o trabalho comum. Foi então que tive a alegria de testemunhar fatos surpreendentes e obter as provas mais evidentes da excelência e da sinceridade do Espiritismo. Pela segunda vez eu estava convencido!

Junto a esta carta, já bem longa, algumas das minhas comunicações. Ficaria contente, meu caro mestre, se vos fosse possível dar-lhes uma olhadela e julgar de seu valor. Do ponto de vista moral eu as considero irrepreensíveis; mas do ponto de vista literário... Como não estou apto a julgá-las, abstenho-me de qualquer apreciação. Se, contra minha expectativa, encontrardes alguns fragmentos que mereçam ser entregues à publicidade, peço que vos sirvais deles à vontade; para mim seria uma grande felicidade poder levar o meu tijolo à construção do grande edifício.

Daria grande valor a uma resposta pessoal, caro mestre, mas não ousa solicitá-la, por saber da impossibilidade material em que vos achais de responder a todas as cartas que vos são enviadas. Termina, enfim, rogando que me perdoeis esta extrema liberdade,

esperando possais acreditar na sinceridade daquele que tem a honra de se dizer um dos vossos mais fervorosos admiradores e vosso muito humilde servidor.

Michel,

Rua Bouteille, 25, Lyon

Os Sermões Continuam, mas não se Assemelham

Em 7 de março de 1863 nos escreveram de Chauny:

“Senhor,

“Vou tentar vos dar a análise de um sermão que nos foi pregado ontem pelo abade X..., estranho à nossa paróquia. Esse padre, aliás bom pregador, explicou, tanto quanto era possível fazê-lo, o que é Deus e o que são os Espíritos. Não deveria ignorar que havia grande número de espíritas no auditório, de modo que tivemos viva satisfação de ouvir falar dos Espíritos e de suas relações com os vivos.

“Não explico de outra maneira, disse ele, todos os fatos miraculosos, todas as visões, todos os pressentimentos, senão pelo contato dos que nos são caros e nos precederam no túmulo. E, se eu não temesse levantar um véu muito misterioso, ou vos falar de coisas que não seriam compreendidas por todos, eu me estenderia muito mais sobre este assunto. Sinto-me inspirado e, obedecendo à voz da consciência, nunca seria demais vos aconselhar que guardásseis boa lembrança de minhas palavras: Crer nesse Deus do qual todos os Espíritos emanam e no qual todos deveremos reunir-nos um dia.

“Esse sermão, senhor, pronunciado numa inflexão de doçura, de benevolência e de convicção, ia muito mais ao coração que os discursos furiosos, onde em vão procuramos a caridade

pregada pelo Cristo; estava ao alcance de todas as inteligências, razão por que todos o compreenderam e saíram reconfortados, em vez de ficarem tristes e desanimados pelos quadros do inferno e das penas eternas e tantos outros temas em flagrante contradição com a sã razão.

“Aceitai, etc.

V...”

Graças a Deus este sermão não é o único do gênero; já nos chamaram a atenção sobre vários outros no mesmo sentido, mais ou menos acentuados, que foram pregados em Paris e nos Departamentos; e, coisa bizarra, num sentido diametralmente oposto, pregados no mesmo dia, na mesma cidade e quase à mesma hora. Isto nada tem de surpreendente, porque há muitos eclesiásticos esclarecidos, que compreendem que a religião só terá a perder em sua autoridade se se posicionar contra a irresistível marcha das coisas e que, como todas as instituições, deve acompanhar o progresso das idéias, sob pena de receber, mais tarde, o desmentido dos fatos realizados. Ora, quanto ao Espiritismo, é impossível que muitos desses senhores não se tenham convencido por si mesmos da realidade das coisas; pessoalmente conhecemos mais de um neste caso. Um deles nos dizia outro dia: “Podem proibir-me de falar em favor do Espiritismo; mas obrigar-me a falar contra minha convicção, a dizer que tudo isto é obra do demônio, quando tenho a prova material em contrário, é o que jamais farei.”

Dessa divergência de opinião ressalta um fato capital: o de que a doutrina exclusiva do diabo é uma opinião individual, que necessariamente terá de curvar-se diante da experiência e da opinião geral. É possível que alguns persistam em suas idéias até *in extremis*; mas passarão e, com eles, suas palavras.

Suicídio Falsamente Atribuído ao Espiritismo

O ardor dos adversários em recolher e, sobretudo, desnaturar os fatos que julgam comprometer o Espiritismo é realmente incrível, a tal ponto que logo não haverá mais nenhum acidente pelo qual ele não seja responsável.

Um fato lamentável passou-se ultimamente em Tours e não podia deixar de ser explorado pela crítica: é o suicídio de dois indivíduos, que muitos se esforçam por atribuir ao Espiritismo.

O jornal *Le Monde* (antigo *Univers Religieux*) e, com ele, vários jornais, publicaram um artigo sobre o assunto, do qual extraímos as seguintes passagens:

“Um casal em idade avançada, o Sr. e a Sra. ***, ainda em boa forma e desfrutando de uma renda que lhes permitia viver à vontade, entregava-se há cerca de dois anos a operações de Espiritismo. Quase todas as noites reunia-se em sua casa um certo número de operários, homens e mulheres, e jovens de ambos os sexos, perante os quais nossos dois espíritas faziam suas evocações ou, *pelo menos, pretendiam fazê-las.*

“Não falaremos das questões *de toda espécie*, cuja solução era pedida aos Espíritos naquela casa. Os que conhecem o casal de longa data e os seus sentimentos sobre religião jamais ficaram surpreendidos com as cenas que ali se produziam. *Estranhos a toda idéia cristã, tinham-se atirado à magia, passando por mestres hábeis e perfeitos.*

“Um e outro estavam convencidos, desde algum tempo, de que os Espíritos os persuadiam vivamente a deixar a Terra, a fim de fruir num outro mundo, o mundo supra-terrestre, de uma maior soma de felicidade. Com efeito, não duvidando que assim fosse,

consumaram o duplo suicídio com o maior sangue-frio, fato que hoje constitui um grande escândalo na cidade de Tours.

.....

“Assim, é hoje o suicídio que temos a constatar como resultado do Espiritismo e de sua *doutrina*. Ontem eram os casos de loucura, sem falar das desordens domésticas e *de outras desordens* que o Espiritismo *tão comumente* tem provocado. Isto não basta para que os homens compreendam, aqueles que fecham os ouvidos à voz da religião, a que perigos se expõem, entregando-se a essas práticas estúpidas e tenebrosas?”

Notemos, antes de tudo, que se os dois indivíduos *pretendiam fazer evocações*, é que realmente não as faziam; enganavam os outros ou iludiam-se a si mesmos. Portanto, se não faziam evocações reais, era uma quimera, e os Espíritos não lhes podiam dar maus conselhos.

Eram espíritas, isto é, espíritas de coração ou de nome? O artigo esclarece que *eram estranhos a toda idéia cristã*; ademais, que passavam por *mestres hábeis e perfeitos na magia*. Ora, está provado que o Espiritismo é inseparável das idéias religiosas, principalmente das cristãs; que a negação destas é a negação do Espiritismo; que condena as práticas de magia, com as quais nada tem de comum; que denuncia como supersticiosa a crença na virtude dos talismãs, fórmulas, sinais cabalísticos e palavras sacramentais. Portanto, aquelas pessoas não eram espíritas, pois estavam em contradição com os princípios do Espiritismo. Para prestar homenagem à verdade, diremos que, das informações obtidas, conclui-se que aquelas pessoas não se ocupavam de magia e certamente quiseram aproveitar a circunstância para vincular esse nome ao Espiritismo.

Além disso, diz o artigo que em casa deles se faziam *perguntas de toda espécie* aos Espíritos. O Espiritismo afirma expressamente que não se podem dirigir aos Espíritos toda sorte de perguntas; que eles vêm para nos instruir e nos tornar melhores, e

não para se ocuparem de interesses materiais; que é equivocar-se quanto ao objetivo das manifestações nelas ver um meio de conhecer o futuro, descobrir tesouros ou heranças, fazer invenções e descobertas científicas para ilustrar-se ou enriquecer sem trabalho; numa palavra, que os Espíritos não vêm ler a *buena-dicha*. Por conseguinte, ao fazerem aos Espíritos *perguntas de toda espécie*, o que é muito real, provavam os indivíduos a sua ignorância quanto ao próprio objetivo do Espiritismo.

O artigo não diz que fizessem profissão daquilo, e realmente não o faziam. Do contrário, lembraríamos o que já foi dito centenas de vezes a respeito dessa exploração e de suas conseqüências, de que o Espiritismo sério não pode assumir a responsabilidade *legal* ou outra, como não assume a das excentricidades dos que não o compreendem; não defende os abusos que poderiam ser cometidos em seu nome por aqueles que lhe tomassem a forma ou a *máscara* sem lhe assimilar os princípios.

Outra prova de que aqueles indivíduos ignoravam um dos pontos fundamentais da Doutrina Espírita é que o Espiritismo demonstra, não por simples teoria moral, mas por numerosos e consideráveis exemplos, que o suicídio é severamente castigado; que aquele que julga escapar às misérias da vida por uma morte voluntária antecipada aos desígnios de Deus, cai num estado muito mais infeliz. Sabe, pois, o espírita – e disso não pode duvidar – que, pelo suicídio, troca-se um mau estado passageiro por outro pior e que pode durar bastante. É o que teriam sabido aqueles indivíduos se tivessem conhecido o Espiritismo. O autor do artigo, avançando que essa doutrina conduz ao suicídio, falou de uma coisa que ele próprio desconhecia.

Não nos surpreendemos de modo algum com o resultado do barulho que fizeram desse acontecimento. Apresentando-o como conseqüência da Doutrina Espírita aguçaram a curiosidade e cada um quis conhecer essa doutrina por

si mesmo, sob a condição de a repelir se se mostrasse tal como a retratavam. Ora, reconheceram que dizia exatamente o contrário do que pretendiam que dissesse; assim, pois, ela não pode senão lucrar em se tornar conhecida, o que os nossos adversários parecem encarregar-se com um ardor pelo qual só lhes podemos ser gratos, salvo, todavia, quanto à intenção. Se por suas diatribes produzem uma pequena perturbação *local e momentânea*, esta não tarda a ser seguida por um recrudescimento do número dos adeptos. É o que se vê por toda parte.

“Se, pois – nos escrevem de Tours – esses indivíduos resolveram misturar os Espíritos em sua fatal resolução e em suas excentricidades bem conhecidas, é evidente que nada haviam compreendido do Espiritismo e que não se pode tirar nenhuma conclusão contra a doutrina; de outro modo, seria preciso responsabilizar as doutrinas mais sérias e mais sagradas pelos abusos e até crimes cometidos em seu nome por pobres insensatos e fanáticos. A Sra. F... pretendia ser médium, mas todos quantos a ouviram jamais puderam levá-la a sério. As idéias muito repisadas, o exagero e as excentricidades do casal de velhos, principalmente da mulher, fizeram se lhes fossem fechadas as portas do círculo espírita de Tours, ao qual *não foram admitidos a uma única sessão.*”

O jornal supracitado não deu boas informações sobre as verdadeiras causas do suicídio. Nós as colhemos de peças autênticas, registradas num cartório de Tours, bem como de uma carta que, a respeito, nos escreveu o Sr. X..., procurador dessa cidade.

Os esposos F..., a mulher com sessenta e dois anos e o marido com oitenta, longe da abastança em que viveram, foram impelidos ao suicídio *unicamente* pela perspectiva da *miséria*. Tinham acumulado uma pequena fortuna com o comércio de tecidos em Nova Orléans; arruinados por falências, vieram para Nantes, depois para Tours, com o pouco que lhes restou do

naufrágio financeiro. Uma renda vitalícia de 480 fr., que era seu principal recurso, faltou-lhes em 1856, em consequência de uma nova falência. Já por três vezes, e muito antes que se cogitasse de Espiritismo, tinham tentado o suicídio. Nestes últimos tempos, perseguidos por antigos credores, um processo infeliz tinha acabado por arruiná-los, fazendo-lhes perder a coragem e a razão.

A carta a seguir, escrita pela Sra. F.. antes de morrer e que se acha entre as peças acima relatadas, assinadas pelo presidente do tribunal, *ne varietur*, dá a conhecer a verdadeira razão da morte. Nós a transcrevemos textualmente, na grafia original:

“Sr. e Sra. B..., antes de ir para o Céu quero entender-me convosco mais uma vez, aceitai meu último adeus, espero muito entretanto que nos veremos, como parto antes de vós vou guardar o vosso lugar para quando vier o momento eu vos dar parte de nosso projeto, desde nossas adversidades temos alimentado no coração uma mágoa que não se apagou, é mais que um aborrecimento, tudo se torna um peso para mim, tenho sempre o coração cheio de amargura, é preciso que vos diga que há seis anos que o negócio de nossa casa não termina, talvez seja preciso consumir mais dois mil francos, como vemos que não podemos sair disso senão com grandes privações que é preciso sempre recomeçar sem ver o fim, é preciso acabar com isso, agora estamos velhos as forças começam a nos abandonar, a coragem falta, a partida não é mais igual, é preciso acabar com isto e chegamos à determinação. Peço que aceiteis meus votos sinceros. Esposa F..”

Hoje se sabe em Tours como proceder quanto às verdadeiras causas desse acontecimento; e o ruído que fazem a respeito reverte-se em favor do Espiritismo, porquanto, diz o nosso correspondente, fala-se dele em toda parte, querem saber ao certo o que ele é e, desde então, as livrarias da cidade têm vendido mais livros espíritas do que nunca.

É realmente curioso ver o tom lamentável de alguns, a cólera furibunda de outros, e, em meio a tudo isto, o Espiritismo prosseguir sua marcha ascendente, como um soldado que planeja um assalto sem se inquietar com a metralha. Vendo a zombaria impotente, depois de haverem dito que era um fogo-fátuo, agora os adversários dizem que é um cão raivoso.

Variedades

Lê-se no jornal *Siècle* de 23 de março de 1862:

O casal C..., residente na Rua Notre-Dame de Nazareth, tinha dois filhos: um garotinho de quinze meses e uma menina de cinco anos, que nunca eram vistos, pois ninguém entrava na casa deles. A menina só foi avistada uma vez, amarrada pelas axilas e pendurada numa porta; freqüentemente se ouviam gemidos saindo da casa. Correu o boato de que ela era objeto de odioso tratamento. O comissário de polícia dirigiu-se ao local e viu-se obrigado a empregar a força para entrar.

Um horrendo espetáculo desdobrou-se aos olhos das pessoas que entraram. A pobre menina estava sem camisa e sem meias, apenas com um vestidinho indiano de uma sujeira repugnante. A pele dos pés terminara por aderir ao couro dos sapatos. Estava sentada num pequeno urinol, apoiada numa arca e retida por cordas que passavam pela maçaneta da peça. De acordo com o inquérito estava nessa posição há vários meses, o que havia produzido uma hérnia do reto; que os pais se levantavam à noite para atormentar a vítima; despertavam-na com pancadas: a mulher com tenazes e o cabo do espanador; o marido com uma corda. Reprendido pelo comissário, o marido respondeu: “Senhor, *soit* muito religioso; minha filha rezava mal; eis por que quis corrigi-la.”

Que diria o autor do artigo citado anteriormente, a propósito dos suicidas de Tours, se se imputasse à religião esta barbaridade de gente que se diz muito religiosa? O ato dessa mãe que matou seus cinco filhos para mandá-los mais cedo ao Céu? O da jovem criada que, tomando ao pé da letra a máxima do Cristo: “Se vossa mão direita vos escandaliza, cortai-a”, cortou a mão a golpes de machado? Ele responderia que não basta dizer-se religioso, mas que é preciso sê-lo na boa acepção; que não se deve tirar uma conseqüência geral de um fato isolado. Temos a mesma opinião e lhe mandamos a resposta a respeito de suas imputações contra o Espiritismo, a propósito de pessoas que dele tomam apenas o nome.

Extratos da *Revista Francesa*

OS ESPÍRITOS E O ESPIRITISMO, PELO SR. FLAMMARION

Sob esse título, o Sr. Flammarion, autor da brochura sobre a *Pluralidade dos Mundos Habitados*, da qual demos notícia em nosso número de janeiro último, acaba de publicar na *Revista Francesa* do mês de fevereiro de 1863¹⁴ um artigo inicial muito interessante, cujo começo daremos a seguir. O trabalho, que lhe foi pedido pela direção do jornal – coletânea literária importante e muito divulgada – é uma exposição da história e dos princípios do Espiritismo. Sua dimensão quase lhe dá a importância de uma obra especial, pois o primeiro artigo tem vinte e três páginas grandes in-8º. Até certo ponto o autor julgou por bem fazer abstração de sua opinião pessoal sobre o assunto e ficar num terreno de certo modo neutro, limitando-se a uma exposição imparcial dos fatos, de maneira a deixar ao leitor completa liberdade de apreciação. Assim começa:

“Num século em que a metafísica caiu de seu alto pedestal e a idéia religiosa quis libertar-se de todo dogma e de todo

14 *Revista Francesa*, rue d'Amsterdam, 35. – 20 fr. por ano. – Cada número mensal de 120 páginas, 2 fr.

culto especial, em que a própria filosofia mudou seu modo de raciocinar para atrelar-se ao positivismo da ciência experimental, uma doutrina espiritualista veio oferecer-se aos homens e estes a receberam; ela lhes propôs um símbolo de crença e eles o adotaram; mostrou-lhes uma nova estrada que leva a regiões inexploradas e com esta via eles se comprometeram; e eis que essa doutrina, baseada nas manifestações dos seres invisíveis, elevou-se, apenas saída do berço, acima das afeições ordinárias da vida e se propagou universalmente entre os povos do antigo e do novo mundo. Que é, pois, esse sopro poderoso, sob cujo impulso tantas cabeças pensantes olharam o mesmo ponto do céu?

“Vã utopia ou ciência real, engodo fantástico ou verdade profunda, o acontecimento lá está aos nossos olhos e nos mostra o estandarte do Espiritismo ligando em seu redor grande número de campeões, contando hoje seus defensores aos milhões. E esse número prodigioso formou-se no reduzido espaço de dez anos.

“Temos, pois, um evento novo sob os olhos: é um fato incontestável. Ora, seja qual for, aliás, a frivolidade ou a importância de tal evento, não será inútil estudá-lo em si mesmo, a fim de saber se tem direito de nascimento entre os filhos do progresso, se sua marcha é paralela ao movimento das idéias progressistas ou se não tenderá, como pretendem alguns, a nos fazer retroceder para crenças antiquadas, indignas da nossa consideração.

“Para raciocinar sobre um assunto qualquer importa, antes de tudo, conhecê-lo bem, a fim de não nos expormos a apreciações errôneas. Assim, vamos examinar sucessivamente sobre quais *atos* repousa o Espiritismo, sobre que base foi construída a teoria de seu ensino e em que consiste sumariamente essa ciência. Observemos que se trata aqui de *atos* e não de sistemas especulativos, de opiniões arriscadas; porque, por mais maravilhosa que seja a questão que nos ocupa, nem por isso o

Espiritismo deixa de basear-se pura e simplesmente na observação dos fatos. Se assim não fosse, se não se tratasse senão de uma nova seita religiosa, de uma nova escola de filosofia, damos por certo que o acontecimento perderia muito de sua importância e que os homens sérios da época presente, na maioria discípulos do método baconiano, não teriam perdido tempo em examinar uma pura questão de teoria. Numerosas utopias se inscreveram no livro da fraqueza humana para que não se queira mais recolher sonhos proclamados diariamente, concebidos por cérebros exaltados.

“Ora, vamos francamente, e sem segunda intenção, abordar essa ciência doutrinária, da qual se disse muito bem e muito mal, talvez por não a haverem estudado suficientemente. Nesta exposição começaremos pela origem de sua história moderna – pois o Espiritismo tem sua história antiga – e daremos a conhecer os fenômenos sucessivos que o estabeleceram definitivamente. Seguindo a ordem natural das coisas, examinaremos o efeito, antes de remontar à causa.”

Segue o histórico das primeiras manifestações na América, sua introdução na Europa, sua conversão em doutrina filosófica.

Dissertações Espíritas

CARTÃO DE VISITA DO SR. JOBARD

(Sociedade Espírita de Paris, 9 de janeiro de 1863

– Médium: Sr. d'Ambel)

Hoje venho fazer minha visita de confraternização e, ao mesmo tempo, apresentar-vos um velho camarada de colégio, com que acabam de enriquecer-se as nossas legiões etéreas. Acolhei-o, pois, como um novo e zeloso partidário da verdade nova. Se em vida não foi um espírita autêntico, podemos afirmar que jamais se pronunciou abertamente contra as nossas crenças. Direi mesmo

que no âmago de sua consciência ele via no Espiritismo a salvaguarda de todas as religiões do futuro. Mais de uma vez em sua vida teve a indizível felicidade de sentir a iluminação interior que lhe mostrava o caminho da verdade, quando a incerteza estava a ponto de invadir sua alma. Assim, quando trocamos fraterno aperto de mãos apenas algumas horas atrás, disse-me ele com seu meigo sorriso: Amigo, tínheis razão.

Se ele não se prestou ao desenvolvimento de nossas idéias, é que a intuição mediúnica que nele agia lhe deu a entender que nem a hora nem o momento eram chegados, e que ele teria corrido perigo em fazê-lo no meio das graves complicações de seu ministério e entre um rebanho tão difícil de conduzir quanto o seu.

Hoje, que se acha liberto das preocupações da vida terrena, não poderia estar mais feliz por assistir a uma de vossas sessões; porque, desde muito tempo, ambicionava vir sentar-se em vosso meio. Muitas vezes teve vontade de visitar o nosso caro presidente, pelo qual nutria uma estima muito particular, apreciando o quanto seus livros e ensinamentos reconduziam as almas, se não para o seio da Igreja, ao menos à crença e ao respeito de Deus e à certeza da imortalidade. Devo, entretanto, dizer que quando fui visitá-lo, recebendo-me com a efusão de um antigo discípulo, tinha oposto ao meu zelo, talvez exagerado, de o converter, a famosa razão de Estado, ante a qual tive de me inclinar. Todavia, acompanhando-me, disse estas palavras simpáticas: *Si non é vero é ben trovato!*

Agora que veio juntar-se às nossas falanges e já não está retido pelos mesmos escrúpulos, faz votos pelo sucesso de nossa obra e encara com alegria o futuro que ela promete à Humanidade. Contempla com satisfação inefável a terra prometida às novas gerações, ou, antes, às velhas gerações que tanto lutaram, e prevê a hora abençoada em que seus sucessores empunharão resolutamente a nova bandeira da fé galicana: o Espiritismo!

Meu caro presidente e meus bem-amados confrades: seja como for tive a honra de receber às portas da vida este venerável amigo e tenho orgulho de o apresentar ao vosso meio. Ele me encarrega de vos assegurar toda a sua simpatia e vos dizer que seguirá com muito interesse vossos trabalhos e estudos. À felicidade de ser o seu intérprete ao vosso lado, junto a de vos apresentar as felicitações de uma legião de grandes Espíritos que acompanham vossas sessões com assiduidade. Trago-vos, pois, em meu nome e no deles o tributo de nossa estima, formulando votos pelo sucesso da grande causa.

Vamos! em breve a Terra não contará mais entre os seus habitantes senão alguns raros humanímaes. Aperto a mão de Allan Kardec em nome de todos os vossos amigos de além-túmulo, em cujo número peço me conteis como um dos mais dedicados.

Jobard

**SEDE SEVEROS CONVOSCO E INDULGENTES
COM OS VOSSOS IRMÃOS**

(1ª Homília)

(Sociedade Espírita de Paris, 9 de janeiro de 1863 – Médiun: Sr. d'Ambel)

É a primeira vez que venho entreter-me convosco, meus caros filhos. Gostaria de escolher outro médium, mais simpático aos sentimentos que foram o móvel de toda a minha vida terrena, e mais apto a me prestar um concurso religioso. Porém, como há muito tempo Santo Agostinho tomou conta do médium cujas matérias cerebrais teriam sido mais úteis para mim, e para o qual me sentia inclinado, dirijo-me a vós por este, de quem se servia meu excelente discípulo Jobard, para me apresentar à vossa sociedade filosófica. Terei, pois, muita dificuldade em expressar, hoje, o que vos quero dizer; primeiro, em razão da dificuldade que sinto em manipular a matéria mediana, pois ainda não tenho o hábito desta propriedade de meu ser desencarnado; depois, porque

devo fazer que minhas idéias jorrem de um cérebro que não as admite todas. Dito isto, vou abordar o assunto.

Um espirituoso corcunda da Antigüidade dizia que os homens de seu tempo carregavam um duplo alforje, em cujo compartimento traseiro estavam os próprios defeitos e imperfeições, enquanto o dianteiro recebia todos os defeitos alheios. É o que lembraria mais tarde o Evangelho, na alegoria da palha e da trave no olho. Oh! Deus! Oh! meus filhos! como seria bom se os sacos do alforje mudassem de lugar! Cabe aos espíritas sinceros operar esta modificação, levando à frente o saco que contém suas próprias imperfeições, a fim de que, olhando-as continuamente, consigam corrigir-se; e pôr de lado o que contém os defeitos alheios, de modo a não lhes ligar nem ciúme nem malícia. Ah! como será digno da doutrina que confessais e que deve regenerar a Humanidade ver seus adeptos sinceros e convictos agirem com essa caridade que proclamam e lhes ordena não mais verem a palha que incomoda o olho de seu irmão, mas, ao contrário, ocupar-se com ardor em se desembaraçar da trave que os cega. Ah! meus filhos, essa trave é formada pela reunião de vossas tendências egoístas, das vossas más inclinações e de vossas faltas acumuladas pelas quais tendes, até o presente, como todos os homens, professado uma tolerância paternal muito maior, enquanto que, na maior parte do tempo, só tivestes intolerância e severidade para com as fraquezas do próximo. Eu gostaria de vê-los de tal modo libertos dessa enfermidade moral do resto dos homens, ó meus caros espíritas, que vos exorto com todas as minhas forças a entrardes no caminho que vos indico. Bem sei que muitas de vossas tendências pecaminosas já se modificaram no sentido da verdade; mas ainda vejo tanta tibieza e tanta indecisão em vós para o bem absoluto, que a distância que vos separa do rebanho dos pecadores endurecidos e dos materialistas não é tão grande que a torrente não possa vos arrastar ainda. Ah! resta-vos uma rude etapa a percorrer para atingirdes a altura da santa e consoladora doutrina que os Espíritos meus irmãos já vos revelam há vários anos.

Na vida militante – graças sejam dadas ao Senhor – da qual acabo de sair, vi tantas mentiras se afirmarem como verdades, tantos vícios alardeados como virtudes, que sou feliz por haver deixado um meio, onde quase sempre a hipocrisia encobria com seu manto as tristezas e as misérias morais que me cercavam. E não posso senão vos felicitar por ver que vossas fileiras não se abrem facilmente para os sectários dessa hipocrisia mentirosa.

Meus amigos, jamais vos deixeis apanhar por palavras douradas. Vede e sondai os atos antes de abrir vossas fileiras aos que solicitam esta distinção, pois muitos falsos irmãos procurarão misturar-se convosco, a fim de levar a perturbação e, sorratamente, semear a divisão. Ordena minha consciência que vos esclareça, e o faço com toda a sinceridade de meu coração, sem me preocupar com ninguém. Estais advertidos; doravante agi como convém. Mas para terminar como comecei, peço-vos uma graça, meus caros filhos: que vos ocupeis seriamente convosco, expulsando do coração todos os germes impuros que a ele ainda possam estar presos; que vos reformeis pouco a pouco, mas sem descanso, segundo a sã moral espírita; enfim, que sejais tão severos para convosco quanto deveis ser indulgentes para com as fraquezas dos vossos irmãos.

Se esta primeira homilia deixa algo a desejar quanto à forma, não a imputeis senão à minha inexperiência da mediunidade. Farei melhor a próxima vez que me for permitido comunicar-me em vosso meio, onde agradeço ao meu amigo Jobard por me haver patrocinado. Adeus, meus filhos, eu vos abençôo.

François-Nicolas Madeleine

FESTA DE NATAL

(Sociedade Espírita de Tours, 24 de dezembro de 1862 – Médiun: Sr. N...)

Esta é a noite em que, no mundo cristão, se festeja a Natividade do Menino Jesus. Mas vós, meus irmãos, deveis

também vos alegrar e festejar o nascimento da nova Doutrina Espírita. Vê-la-eis crescer como esta criança; como ele, ela virá esclarecer os homens e mostrar-lhes o caminho que devem percorrer. Logo vereis os reis, como os magos, virem também a esta doutrina pedir o socorro que já não encontram nas idéias antigas. Não mais vos trarão incenso e mirra, mas se prosternarão de coração ante as idéias novas do Espiritismo. Já não vedes brilhar a estrela que os deve guiar? Coragem, pois, meus irmãos, coragem; em breve podereis, com o mundo inteiro, celebrar a grande festa da regeneração da Humanidade.

Meus irmãos, durante muito tempo encerrastes no coração o germe desta doutrina; mas eis que hoje ele se manifesta em plena luz com o apoio de um tutor solidamente plantado e não deixará que se verguem seus frágeis ramos. Com esse suporte providencial, crescerá dia a dia e tornar-se-á a árvore da criação divina. Dessa árvore colhereis frutos, não só para vós, mas para os vossos irmãos que tiverem fome e sede da fé sagrada. Oh! então apresentai-lhes esse fruto e gritai-lhes do fundo do coração: “Vinde, vinde partilhar conosco o que alimenta o nosso Espírito e alivia as nossas dores físicas e morais.”

Mas não esqueçais, meus irmãos, que Deus vos fez levedar o primeiro germe; que esse germe cresceu e que já se tornou uma árvore capaz de dar frutos. Resta-vos algo a utilizar: são os galhos que podeis transplantar; antes, porém, vedes se o terreno no qual confiais esse germe não oculta sob sua camada aparente algum verme roedor, que poderia devorar aquilo que o Mestre vos confiou.

Assinado: São Luís

Encerramento da Subscrição Ruanesa

Montante da lista publicada no número de março 2.722 fr. 05 c.

Sr. V. Fourier (Versalhes), 10 fr.; Sr. Lux (Dôle), 21,50 fr.; Sra. D... (Paris), 5 fr.; Sr. C. L... (Paris), 30 fr.; Sr. Blin, cap. (Marselha), 15 fr.; Sr. Derivis, pelo segundo grupo espírita de Albi, 16 fr.; Sr. Berger (Cahors), 2 fr.; Sr. Cuvier (Ambroise), 14 fr.; Sr. V... (Bayonne), 10 fr.; Sr. L. D... (Versalhes), 2 fr.; Sra. Borreau (Niort), 2 fr.; Sr. D... (Paris), 3 fr. 111 fr. 50 c.

Total 2.833 fr. 55 c.

Aos Leitores da *Revista*

De algum tempo para cá as circunstâncias nos forçaram a dar maior desenvolvimento aos artigos de fundo e restringir as comunicações espíritas, pela necessidade de certas refutações de atualidade. Em breve poderemos restabelecer o equilíbrio.

Tentamos assegurar em nosso jornal tanta variedade quanto possível, a fim de satisfazer a todos os gostos e um pouco a todas as pretensões, mas há coisas que são prioritárias. Sentimo-nos felizes por ver que somos geralmente compreendidos e que nos levam em conta as complicações de trabalho resultante da luta a sustentar e da extensão incessante da doutrina, estando no centro aonde chegam todas as ramificações e os inúmeros fios desse feixe que hoje abarca o mundo inteiro. Graças a Deus, nossos esforços são coroados de sucesso e, como compensação às nossas fadigas, não nos faltam as satisfações morais.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

MAIO DE 1863

Nº 5

Estudo sobre os Possessos de Morzine

CAUSAS DA OBSESSÃO E MEIOS DE COMBATÊ-LA

(Quinto e último artigo)¹⁵

Como puderam notar, o Dr. Constant chegou a Morzine com a idéia de que a causa do mal era puramente física. Podia ter razão, porquanto seria absurdo supor *a priori* uma influência a todo efeito cuja causa é desconhecida. Segundo ele, esta causa está inteiramente nas condições higiênicas, climáticas e fisiológicas dos habitantes. Longe de nós pretender que ele pensasse o contrário, o que também não seria mais lógico. Dizemos simplesmente que, com sua idéia preconcebida, não viu senão o que queria ver, ao passo que, se ao menos tivesse admitido a possibilidade de outra causa, teria visto outra coisa.

Quando uma causa é real, deve poder explicar todos os efeitos que produz. Se certos efeitos vêm contradizê-la, é que é falsa ou não é única e, então, é preciso procurar uma outra. Incontestavelmente é o raciocínio mais lógico e a própria justiça, em suas investigações na busca da criminalidade, não procede de

¹⁵ Ver os números de dezembro de 1862, janeiro, fevereiro e abril de 1863. Ver também sobre o mesmo assunto o número de abril de 1862.

outra maneira. Se se trata de constatar um crime, chega ela com a idéia de que deve ter sido cometido desta ou daquela maneira, por tal ou qual pessoa? Não. Ela observa as menores circunstâncias e, remontando dos efeitos às causas, afasta as que são inconciliáveis com os efeitos observados e, de dedução em dedução, é raro que não chegue à constatação da verdade. Dá-se o mesmo nas ciências. Quando uma dificuldade resta insolúvel, é mais prudente adiar o seu julgamento; então toda hipótese é permitida para tentar resolvê-la. Mas se a hipótese não resolve todos os casos da dificuldade, é que é falsa; e só terá o caráter de uma verdade absoluta se der a razão de tudo. É assim que no Espiritismo, por exemplo, pondo de lado toda constatação material, remontando dos efeitos às causas, chega-se ao princípio da pluralidade das existências, como consequência inevitável, porque só ele explica claramente o que nenhum outro pôde explicar.

Aplicando este método aos fatos de Morzine, é fácil ver que a causa única admitida pelo Dr. Constant está longe de tudo explicar. Ele constata, por exemplo, que em geral as crises cessam tão logo os doentes deixam o território da comuna. Se, pois, o mal é devido à constituição linfática e à má nutrição dos habitantes, como a causa deixa de agir quando eles transpõem a ponte que os separa da comuna vizinha? Se as crises nervosas não fossem acompanhadas de nenhum outro sintoma, ninguém duvidaria que se pudesse, conforme tudo indica, atribuí-las a um estado constitucional; mas há fenômenos que não podem ser explicados somente por esse estado.

Aqui o Espiritismo nos oferece uma comparação admirável. No começo das manifestações, quando se viam as mesas girando, batendo, endireitando-se e se erguendo no espaço sem ponto de apoio, o primeiro pensamento foi que se devesse à ação da eletricidade, do magnetismo ou de um fluido desconhecido. Esta suposição nada tinha de desarrazoado; ao contrário: oferecia toda probabilidade. Mas quando se viu que esses movimentos davam

sinais de inteligência, manifestavam uma vontade própria, espontânea e independente, a primeira hipótese teve de ser abandonada porque não resolvia esta fase do fenômeno, sendo necessário que se reconhecesse, no efeito inteligente, uma causa inteligente. Qual era essa inteligência? É ainda pela via da experimentação que a ela se chegou, e não por um sistema preconcebido.

Citemos um outro exemplo. Quando Newton, ao observar a queda dos corpos, notou que todos caíam na mesma direção, procurou a causa e formulou uma hipótese. Esta hipótese, resolvendo todos os casos do mesmo gênero, tornou-se a lei da gravitação universal, lei puramente mecânica, porque todos os efeitos eram mecânicos. Mas suponhamos que vendo tombar uma maçã, esta tivesse obedecido à sua vontade; que, ao seu comando, ao invés de descer tivesse subido, fosse para a direita ou para a esquerda, tivesse parado ou entrado em movimento; que, por um sinal qualquer, respondesse ao seu pensamento: ele teria sido forçado a reconhecer algo mais além das leis da mecânica, isto é, não sendo a maçã inteligente por si mesma, devia obedecer a uma inteligência. Foi assim com as mesas girantes; é assim com os doentes de Morzine.

Para não falar senão dos fatos observados pelo próprio Dr. Constant, perguntaremos como uma alimentação má e um temperamento linfático podem produzir antipatia religiosa em pessoas naturalmente religiosas e até devotas? Se fosse um fato isolado podia ser uma exceção; mas se reconhece que é geral e que é uma das características da doença, lá e alhures. Eis um efeito; procurai a sua causa. Não a conheceis? Seja; confessai-o, mas não digais que se deve aos hábitos alimentares dos habitantes, que se nutrem de batatas e de pão preto, nem à sua ignorância e tacanhice de espírito, porque vos oporão o mesmo efeito entre gente que vive na abundância e recebeu instrução. Se o conforto bastasse para curar a impiedade, ficaríamos admirados de encontrar tantos ímpios e blasfemadores entre pessoas que de nada se privam.

O regime higiênico explicaria melhor este outro fato não menos característico e geral do sentimento de dualidade, que se traduz sem equívoco na linguagem dos doentes? Certamente não. É sempre um desconhecido quem fala; sempre uma distinção entre ele e a mocinha, fato constante nos indivíduos no mesmo caso, seja qual for a classe social a que pertençam. Os remédios são ineficazes por uma boa razão: é que são bons, como diz aquele desconhecido, para a jovem, isto é, para o ser corporal, mas não para o outro, aquele que não é visto e que, entretanto, a faz agir, a constrange, a subjuga, a derruba e se serve de seus membros para bater e de sua boca para falar. Ele diz nada ter visto que justifique a idéia da possessão, embora os fatos estivessem diante de seus olhos, como ele mesmo os cita. Podem ser explicados pela causa que ele lhes atribui? Não. Então esta causa não é verdadeira; como ele via efeitos morais, devia procurar uma causa moral.

Um outro médico, o Dr. *Chiara*, que também visitou Morzine e publicou sua apreciação¹⁶, constatou os mesmos fenômenos e os mesmos sintomas que o Dr. Constant. Mas para ele, como para este último, os Espíritos malignos estão na imaginação dos enfermos. Em seu relatório encontramos o seguinte fato, a propósito de uma doente:

“O acesso começa por um soluço e movimentos de deglutição, pela flexão e extensão alternativos da cabeça sobre o tronco; em seguida, depois de várias contorções que lhe dão ao rosto tão suave uma expressão aterradora, grita ela ao médico ‘S..., eu sou o diabo...; queres que eu abandone a moça, mas não tenho medo de ti... vem!... há quatro anos que eu a subjugo: ela é minha e nela ficarei. – Que fazes nesta moça? – Eu a atormento. – E por que, infeliz, atormentas uma pessoa que não te fez nenhum mal? – Porque me puseram aqui para atormentá-la. – És um celerado.’ Paro aqui, atordoado por uma avalanche de injúrias e imprecções.”

16 *Os Diabos de Morzine*, Livraria Mégret, quai de l'Hôpital, 51, Lyon.

Falando de outra doente, diz ele:

“Após alguns instantes de uma cena muda, de uma pantomima mais ou menos expressiva, nossa possessa põe-se a soltar pragas horríveis. Espumando de raiva, injuria-nos a todos com um furor sem igual. Mas – digamos sem demora – não é a moça que assim se exprime; é o diabo que a possui e que, servindo-se de seu órgão, fala em seu próprio nome. Quanto à nossa energúmena, não passa de um instrumento passivo, no qual a noção do *eu* foi completamente abolida. Se a interpelam diretamente, fica muda: só Belzebu responderá.

“Enfim, depois de uns três minutos esse drama assustador cessa de repente, como que por encanto. A jovem B.. retoma o ar mais calmo, o mais natural do mundo, como se nada tivesse acontecido. Tricotava antes; ei-la a tricotar depois, parecendo não ter interrompido o trabalho. Interrogo-a; responde não sentir a mais leve fadiga nem se lembrar de nada. Falo-lhe das injúrias que nos dirigiu: ela as ignora; mas parece ficar contrariada e nos pede desculpas.

“Em todas essas doentes a sensibilidade geral é completamente abolida. Por mais que as belisquem, piquem ou queimem, nada sentem. Numa delas fiz uma dobra na pele e a atravessei com uma agulha comum: correu sangue, mas ela nada sentiu.

“Em Morzine vi ainda várias dessas doentes fora do estado de crise. Eram jovens, corpulentas e saudáveis, gozando da plenitude das faculdades físicas e morais. Vendo-as, era impossível supor a existência da menor afecção.”

Isto contrasta com o estado raquítico, macilento e enfermizo que o Dr. Constant julgou ter notado. Quanto ao fenômeno da insensibilidade durante as crises, não é, como se viu, a única semelhança que esses fatos apresentam com o estado cataléptico, o sonambulismo e a dupla vista.

De todas as suas observações o Dr. Chiara chegou a esta definição do mal:

“É um conjunto mórbido, formado de diferentes sintomas, inerentes em maior ou menor grau ao quadro patológico das doenças nervosas e mentais; numa palavra, é uma afecção *sui generis*, para a qual conservarei o nome que lhe foi dado, de *hístico-demonia*, visto ligar pouca importância às denominações.”

É o caso de dizer: “Quem tiver ouvidos, ouça.” É um mal particular, formado de diferentes partes e que tem sua fonte um pouco em toda parte. É o mesmo que dizer simplesmente: “É um mal que não compreendo.” É um mal *sui generis*: estamos de acordo; mas qual esse gênero, ao qual nem mesmo sabeis dar o nome?

Poderíamos provar a insuficiência de uma causa puramente material para explicar o mal de Morzine por muitas outras comparações, que os próprios leitores farão. Que então se reportem aos nossos artigos precedentes sobre o mesmo assunto, ao que dizemos da maneira por que se opera a ação dos Espíritos obsessores, dos fenômenos resultantes dessa ação e a analogia ressaltará com a última evidência. Se, para os habitantes de Morzine, o desconhecido que interfere é o diabo é porque lhes disseram que era o demônio e eles só conheciam isto. Sabe-se, aliás, que certos Espíritos de baixo nível divertem-se em tomar nomes infernais para amedrontar. A este nome substituí em sua boca a palavra *Espírito*, ou, melhor ainda, *Espíritos maus* e tereis a reprodução idêntica de todas as cenas de obsessão e de subjugação que relatamos. É incontestável que, numa região onde imperasse a idéia do Espiritismo, os doentes se diriam impelidos pelos Espíritos maus e passariam por loucos aos olhos de muita gente, caso sobreviesse uma epidemia semelhante. Dizem que é o diabo; é uma afecção nervosa. É o que teria acontecido em Morzine, se o conhecimento do Espiritismo ali tivesse precedido a invasão dos

Espíritos. Seus adversários protestariam; mas a Providência não lhes quis dar essa satisfação passageira: ao contrário, quis provar-lhes sua impotência para combater o mal pelos meios ordinários.

Afinal de contas, recorreram ao afastamento das doentes, que foram levadas aos hospitais de Thonon, Chambéry, Lyon, Mâcon, etc. Era um bom recurso, porquanto, uma vez transferidas de Morzine, podiam jactar-se de que não existiam mais doentes na região. A medida podia basear-se num fato observado, o da cessação das crises fora da comuna; mas parece ter sido estribada em outra consideração: o isolamento das doentes. Aliás, a opinião do Dr. Constant é categórica. Diz ele: “Segundo um velho amigo meu, o Dr. Bouchut, deveria haver uma espécie de lazareto, onde pudessem ser escondidas, assim que se mostrassem, as desordens morais e nervosas, cuja propriedade contagiosa é estabelecida. Enquanto se aguarda coisa melhor, esse lazareto foi encontrado no asilo de alienados. É o único lugar realmente conveniente para o tratamento racional e completo das enfermas de que se trata, quer se admita seja sua doença uma forma, uma variedade de alienação, quer mesmo não admitindo que fossem, sob qualquer título, tomadas como alienadas. É necessário que nelas se produza um certo grau de intimidação; que seu espírito seja ocupado de modo a quase não deixar tempo para se entregarem a preocupações; subtraí-las absolutamente a toda influência religiosa irrefletida e desmedida, às conversas, conselhos ou observações susceptíveis de lhes fomentar o erro, que, ao contrário, deve ser combatido diariamente; dar-lhes um regime apropriado; enfim, obrigá-las a se submeterem às prescrições que seria útil associar a um tratamento puramente moral, e ter os meios de execução. Onde encontrar reunidas todas essas condições necessárias, essenciais, senão num hospício? Teme-se para essas doentes o contato com os verdadeiros alienados. Tal contato seria menos pernicioso do que se pensa e, afinal, teria sido fácil destinar uma ala provisória só para os doentes de Morzine. Se sua aglomeração tivesse qualquer

inconveniente, poder-se-ia encontrar compensação na própria reunião; e estou convencido de que o nome de hospício, ou de asilo de loucos, por si só teria operado mais de uma cura e não haveria diabos que uma ducha não pusesse em fuga.”

Estamos longe de partilhar do otimismo do Dr. Constant sobre a inocuidade do contato das alienadas e a eficácia das duchas em casos semelhantes. Ao contrário, estamos convencidos de que tal regime pode produzir uma verdadeira loucura, onde esta é apenas aparente. Ora, note-se bem que fora das crises as doentes mantêm o seu bom-senso e são sadias de corpo e espírito; assim, não há nelas senão uma perturbação passageira, sem nenhuma das características da loucura propriamente dita. Seu cérebro, necessariamente enfraquecido pelos ataques freqüentes que experimenta, seria ainda mais facilmente impressionável pela visão dos loucos e pela só idéia de achar-se entre eles. O Dr. Constant atribui o desenvolvimento e a evolução da doença à imitação, à influência das conversas das doentes entre si e aconselha a pô-las entre loucos ou segregá-las num pavilhão do hospital! Não é uma evidente contradição? e é isto que ele entende por tratamento moral?

Em nossa opinião, o mal se deve a uma causa inteiramente diversa e requer meios curativos completamente diferentes. Tem a sua fonte na reação incessante que existe entre o mundo visível e o invisível que nos rodeia, em cujo meio vivemos, isto é, entre os homens e os Espíritos, que mais não são que as almas dos que viveram e entre os quais há bons e maus. Esta reação é uma das forças, uma das leis da Natureza, e produz uma imensidão de fenômenos psicológicos, fisiológicos e morais incompreendidos, porque a causa era desconhecida. O Espiritismo nos dá a conhecer esta lei e, desde que os efeitos são submetidos a uma lei da Natureza, nada têm de sobrenatural. Vivendo no meio desse mundo, que não é tão imaterial quando o imaginam, uma vez que esses seres, conquanto invisíveis, têm corpos fluídicos

semelhantes aos nossos, sentimos a sua influência. A dos Espíritos bons é salutar e benéfica; a dos maus é perniciosa, como o contato das criaturas perversas na sociedade.

Em suma, dizemos que uma nuvem de seres invisíveis malfazejos abateu-se momentaneamente sobre Morzine, como ocorreu em muitas outras *localidades*; e não será com duchas nem alimentos suculentos que serão expulsos. Uns os chamam *diabos* ou *demônios*; nós os chamamos simplesmente *Espíritos maus* ou *Espíritos inferiores*, o que não implica uma melhor qualidade, embora seja muito diferente pelas conseqüências, considerando-se que a idéia ligada aos demônios é a de seres à parte, fora da Humanidade e perpetuamente votados ao mal, ao passo que eles são apenas as almas dos homens que foram maus na Terra, mas que acabarão por se melhorarem um dia. Vindo a essa localidade, fazem, como Espíritos, o que teriam feito se a ela tivessem comparecido em vida, isto é, o mal que faria um bando de malfeitores. Deve-se, pois, expulsá-los como se expulsaria uma tropa inimiga.

Está na natureza desses Espíritos a antipatia à religião, porque temem o seu poder, como os criminosos não simpatizam com a lei nem com os juízes que os condenam; e exprimem esse sentimento pela boca de suas vítimas, verdadeiros médiuns inconscientes, absolutamente certos quando dizem não passar de ecos. O paciente é reduzido a um estado passivo; está na situação de um homem dominado por um inimigo mais forte, que o constringe a fazer a sua vontade. O *eu* do Espírito estranho neutraliza momentaneamente o *eu* pessoal. Há subjugação obsessiva, e não possessiva.

Que absurdo! dirão certos doutores. Seja; mas nem por isso deixa de ser tido como verdade por grande número de médicos. Tempo virá, mais próximo do que se imagina, em que a ação do mundo invisível será reconhecida na sua generalidade e a influência dos Espíritos maus colocada entre as causas patológicas.

Será levado em conta o importante papel desempenhado pelo perispírito na fisiologia e uma nova via de cura será aberta para uma imensidão de doenças consideradas incuráveis.

Se assim é, perguntarão, de onde vem a inutilidade dos exorcismos? Isto prova uma coisa: é que os exorcismos, tais como são praticados, não valem mais que os remédios, porque sua eficácia não está no ato exterior, na virtude das palavras e sinais, mas no ascendente moral exercido sobre os Espíritos maus. Os doentes não diziam: “Não precisamos de remédios, mas de padres santos.” E os insultavam, dizendo *que não eram bastante santos para ter ação sobre os demônios*. Era a alimentação de batatas que os levava a falar assim? Não, mas a intuição da verdade. Em casos semelhantes a ineficácia do exorcismo é constatada pela experiência. E por quê? Porque consiste em cerimônias e fórmulas de que se riem os Espíritos maus, ao passo que cedem ao ascendente moral que lhe impõem; vêem que os querem dominar por meios impotentes e querem mostrar-se mais fortes. São como o cavalo assombrado que derruba o cavaleiro inábil, ao mesmo tempo que se dobra quando encontra seu mestre.

“Numa dessas cerimônias – diz o Dr. Chiara – houve na igreja, onde haviam reunido as doentes, um tumulto horrível. Todas as mulheres caíram em crise simultaneamente, derrubando, quebrando os bancos da igreja e rolando pelo chão, em completa desordem com homens e crianças, que em vão se esforçavam para contê-las. Proferem juras horríveis, inacreditáveis. Interpelem os sacerdotes nos mais injuriosos termos.”

Neste momento cessaram as cerimônias públicas de exorcismo, mas foram exorcizar em casa, a qualquer hora do dia e da noite; como não produzisse melhores resultados, renunciaram definitivamente a essa atividade.

Citamos vários exemplos da força moral em semelhantes casos; e, ainda que não tivéssemos sob os olhos um

número suficiente de provas, bastaria lembrar a que exercia o Cristo, que, para expulsar os demônios, apenas ordenava que se retirassem. Comparai, no Evangelho, os possessos daquele tempo com os de hoje e vereis uma notável similitude. Jesus os curava por milagres, direis vós. Seja. Mas eis um fato que não considerareis miraculoso, por ter se passado entre os cismáticos:

O Sr. A..., de Moscou, que não havia lido o nosso relato, há poucos dias nos contava que, em suas propriedades, os habitantes de um vilarejo foram atingidos por um mal em tudo semelhante ao de Morzine: mesmas crises, mesmas convulsões, mesmas blasfemas, mesmas injúrias contra os padres, mesmo efeito do exorcismo, mesma impotência da ciência médica. Um de seus tios, o Sr. R..., de Moscou, poderoso magnetizador, homem de bem por excelência, de coração muito piedoso, tendo vindo visitar aqueles infelizes, interrompia as convulsões mais violentas pela simples imposição das mãos, sempre acompanhada de fervorosa prece. Repetindo o ato, acabou curando quase todos radicalmente.

Este exemplo não é único. Como explicá-lo, senão pela influência magnética, secundada pela prece, remédio pouco usado pelos nossos materialistas, porque não se encontra na farmacopéia nem nas drogarias? Não obstante, poderoso remédio quando parte do coração e não dos lábios, sustentado numa fé viva e num ardente desejo de fazer o bem. Descrevendo a obsessão em nossos primeiros artigos, explicamos a ação fluídica que se exerce em tal circunstância e daí concluímos, por analogia, que teria sido um poderoso auxiliar em Morzine.

Seja como for, parece que o mal chegou a seu termo, embora as condições da região continuem as mesmas. Por que isto? É o que ainda não nos é permitido dizer. Mas, como será reconhecido mais tarde, terá servido à causa do Espiritismo mais do que se pensa, ainda quando não fosse senão para provar, por um grande exemplo, que aqueles que não o conhecem não estão

preservados contra a ação dos Espíritos maus e a impotência dos meios ordinários empregados para os expulsar.

Ao terminar, queremos tranqüilizar certos habitantes da região sobre a pretensa influência que alguns dentre eles teria podido exercer *causando o mal*, como o dizem. A crença nos feiticeiros deve ser relegada entre as superstições. Que sejam de coração piedoso e que os que estão encarregados de os conduzir se esforcem por elevá-los moralmente. Não há meio mais seguro para neutralizar a influência dos Espíritos maus e de prevenir a repetição do que se passou. Os Espíritos maus só se dirigem àqueles a quem sabem poder dominar e não àqueles cuja superioridade moral – não dizemos intelectual – protege contra os seus ataques.

Aqui se apresenta uma objeção muito natural, que convém prevenir. Talvez perguntem: Por que nem todos os que fazem o mal são atingidos pela possessão? A isto respondemos que, fazendo o mal, sofrem de outra maneira a pernicioso influência dos Espíritos maus, cujos conselhos escutam, pelo que serão punidos com tanto mais severidade quanto mais agirem com conhecimento de causa. Não creiais na virtude de nenhum talismã, de nenhum amuleto, de nenhum signo, de nenhuma palavra para afastar os Espíritos maus. A pureza de coração e de intenção, o amor a Deus e ao próximo, eis o melhor talismã, porque lhes tira todo império sobre as nossas almas.

Eis a comunicação que a respeito deu o Espírito São Luís, guia espiritual da Sociedade Espírita de Paris:

“Os possessos de Morzine estão realmente sob a influência dos Espíritos maus, atraídos para aquela região por causas que conhecereis um dia, ou, melhor, que um dia vós mesmos reconhecereis. O conhecimento do Espiritismo ali fará predominar a boa influência sobre a má, isto é, os Espíritos curadores e consoladores, atraídos pelos fluidos simpáticos,

substituirão a maligna e cruel influência que desola aquela população. O Espiritismo está chamado a prestar grandes serviços; será o curador dos males, cuja causa antes não se conhecia e ante as quais a Ciência continua impotente; sondará as chagas morais e lhes prodigalizará o bálsamo reparador; tornando os homens melhores, deles afastará os Espíritos maus atraídos pelos vícios da Humanidade. Se todos os homens fossem bons, os Espíritos maus se afastariam, pois saberiam da impossibilidade de os induzir ao mal. A presença dos homens de bem os faz fugir; a dos homens viciosos os atrai, ao passo que se dá o contrário com os Espíritos bons. Assim, sede bons, se quiserdes ter apenas Espíritos bons ao vosso lado.” (Médium: Sra. Costel).

Algumas Refutações

De vários pontos nos assinalam novas prédicas contra o Espiritismo, todas no mesmo espírito daquelas de que temos falado; e como não passam, quase sempre, de variantes do mesmo pensamento, em termos mais ou menos escolhidos, julgamos supérfluo fazer-lhes a análise. Limitar-nos-emos a destacar certas passagens, acompanhando-as de algumas reflexões.

“Meus irmãos, é um cristão que fala a cristãos e, nessa qualidade, temos o direito de nos admirarmos, vendo o Espiritismo crescer entre nós. O que é o Espiritismo, eu vos pergunto, senão um mosaico de *horrores* que só a loucura pode justificar?”

A isto nada temos a dizer, senão que todas as prédicas feitas nesta cidade foram incapazes de deter o crescimento do Espiritismo, como bem constata o orador; portanto, os argumentos que lhe opõem têm menos autoridade que os seus; e, se as prédicas emanam de Deus e o Espiritismo procede do diabo, é que este é mais poderoso que Deus. Nada mais brutal que um fato. Ora, a propagação do Espiritismo, em consequência mesma das prédicas,

é um fato notório, e por certo as pessoas julgam que os argumentos por ele dados são mais convincentes que os dos adversários. É uma trama de horrores. Seja. Mas haveis de concordar que se esses Espíritos viessem abraçar todas as vossas idéias, em vez de demônios, deles faríeis santos; e, longe de condenar as evocações, vós as encorajaríeis.

“Nosso século não respeita mais nada; nem mesmo a cinza dos túmulos é poupada, pois insensatos ousam chamar os mortos para conversar com eles. Infelizmente é assim. Eis até onde chegou esse pretense século das luzes: conversar com as almas do outro mundo.”

Conversar com os mortos não é privilégio deste século, já que a história de todos os povos comprova que isto tem ocorrido em todos os tempos. A única diferença é que hoje isto é feito em toda parte sem os acessórios supersticiosos com que outrora cercavam as evocações, e com um sentimento mais religioso e mais respeitoso. De duas uma: ou a coisa é possível, ou não é. Se não é, é uma crença ilusória, tal como acreditar na fatalidade da sexta-feira, na influência do sal derramado. Não vemos, pois, que haja tantos horrores e que se falte com o respeito conversando com seres que já não pertencem a este mundo. Se os mortos vêm conversar conosco, só pode ser com a permissão de Deus, a menos que se pretenda que venham sem essa permissão, ou contra a sua vontade, o que implicaria que Deus não se importa com isso ou que os evocadores são mais poderosos que Deus. Mas notai as contradições: de um lado dizeis que *só* o diabo se comunica e, de outro, que se perturbam as cinzas dos mortos, chamando-os. Se é o diabo, não são os mortos; portanto, não são perturbados nem se lhes falta com o respeito. Se são os mortos, então não é o diabo. Seria preciso, ao menos, que vos pusésseis de acordo sobre este ponto capital. Admitindo que sejam os mortos, reconhecemos que haveria profanação em chamá-los levianamente, por razões fúteis, sobretudo para fazer disto profissão lucrativa. Condenamos todas

essas coisas e não nos responsabilizamos pelos que se afastam dos princípios do Espiritismo sério. Não assumais responsabilidade pelos falsos devotos, que da religião só têm a máscara, que pregam o que não praticam ou que especulam com as coisas santas. Certamente evocações feitas em condições burlescas atribuídas a um eloqüente orador que citamos mais adiante, seriam um sacrilégio; mas, graças a Deus, não nos envolvemos com isso e não cremos que a do Sr. Viennois, igualmente referida adiante, esteja neste caso.

“Eu mesmo testemunhei estes fatos e ouvi pregar a moral, a caridade; é verdade. Mas sobre que se apóiam esta moral e esta caridade? Ah! sobre nada, porquanto não se pode chamar moral uma doutrina que nega as penas eternas.”

Se essa moral leva a fazer o bem sem o temor das penas eternas, é mais meritória ainda. Outrora se julgava impossível manter a disciplina na escola sem o medo da palmatória. Eram melhores os estudantes? Não; hoje ela não é mais usada e eles não são piores: ao contrário. Logo, o regime atual é preferível.

Julga-se a qualidade de um meio pelos seus efeitos. Aliás, a quem se dirige essa moral? Exatamente aos que não acreditam nas penas eternas, e a quem damos um freio, que aceitam, ao passo que não lhos dais, uma vez que não aceitam o vosso. Impedimos acreditem na danação absoluta aqueles a quem isto convém? Absolutamente. Ainda uma vez, não nos dirigimos aos que têm fé e aos quais esta basta, mas aos que não a têm ou duvidam. Preferiríeis que eles ficassem na incredulidade absoluta? Seria pouco caridoso. Temeis que vos tomem ovelhas? É que não tendes muita confiança no poder de vossos meios para retê-las; é que receais que elas sejam atraídas pela erva tenra do perdão e da misericórdia divina. Acreditais, então, que as que vacilam na incerteza preferirão as labaredas do inferno? Por outro lado, quem deve estar mais convencido das penas eternas, senão os que são alimentados no seio

da Igreja? Ora, dizei por que essa perspectiva não deteve todos os escândalos, todas as atrocidades, todas as prevaricações contra as leis divinas e humanas, que pululam na História e se reproduzem incessantemente em nossos dias? São crimes ou não? Se, pois, os que fazem profissão desta crença não são tolhidos em suas ações, como querer que o sejam os que não crêem? Não; ao homem esclarecido de nossos dias é preciso outro freio: aquele que sua razão admite. Ora, a crença nas penas eternas, talvez útil em outras épocas, está superada; extingue-se dia a dia e, por mais que fizerdes, não dareis vida a um cadáver nem fareis reviver os usos, costumes e idéias da Idade Média. Se a Igreja Católica julga sua segurança comprometida pelo desaparecimento dessa crença, devemos lamentá-la por repousar sobre base tão frágil, porque, se algo a atormenta, este é o dogma das penas eternas.

“Assim, apelo à moralidade de todas as almas honestas; apelo aos magistrados, pois eles são responsáveis por todo o mal que semelhante heresia atrai sobre nossas cabeças.”

Não sabíamos que na França os magistrados fossem encarregados de instaurar processos contra as heresias, pois se entre eles há católicos, também há protestantes e judeus; assim, os próprios heréticos se incumbiriam de sua perseguição e condenação. E os há entre os funcionários da mais alta categoria.

“Sim, os espíritas – e não receio declarar aqui abertamente – não apenas são passíveis da polícia correcional e da Corte Imperial, mas, também – prestai bem atenção – do tribunal do júri, porque são falsários; assinam comunicações em nome de pessoas que certamente jamais as teriam assinado em vida, pessoas que hoje eles tanto fazem falar.”

Os espíritas estão realmente muito contentes, porque Confúcio, Sócrates, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, Fénelon e outros não lhes podem mover processos por crimes de

falsificação de escrita particular. Bem que eu sonho com isso: eles teriam uma tábua de salvação precisamente nos tribunais do júri a cuja jurisdição estão sujeitos, pois ali os jurados se pronunciam segundo a sua consciência. Ora, entre eles há também protestantes e judeus; há, até – coisa abominável! – filósofos, incrédulos, horríveis livres-pensadores que, à vista de nossas detestáveis leis modernas, se acham em toda parte. Assim, se nos acusam de fazer Santo Agostinho dizer algo de heterodoxo, sempre encontraremos jurados que nos absolvam. Ó perversidade do século! dizer que em nossos dias Voltaire, Diderot, Lutero, Calvino, João Huss, Ário teriam sido jurados por direito de nascimento, que poderiam ter sido juízes perfeitos, ministro da justiça e mesmo dos cultos! Vede-os, esses celerados infernais, a se pronunciarem sobre uma questão de heresia! Porque, para condenar a assinatura de Fénelon, posta abaixo de uma suposta comunicação herética, é preciso julgar a questão da ortodoxia; e quem será competente no júri?

“Entretanto, seria tão fácil interditar semelhante *impiedade!* O que se precisaria fazer? quase nada; mesmo sem lhes fazer a honra da capa do comissário, podeis colocar um sargento à entrada de cada grupo para dizer: não entreis. Pinto o mal e descrevo o remédio, apenas isto, pois eu os dispense da Inquisição.”

Muito obrigado, mas não há grande mérito em oferecer aquilo que não se tem. Infelizmente, para vós, não podeis contar com a Inquisição, sem o que seria duvidoso que nos liberásseis dela. O que não dizeis aos magistrados, visando à interdição da entrada dos templos judeus e protestantes, onde se pregam publicamente dogmas que não são os vossos? Quanto aos espíritas, não têm templos nem sacerdotes, mas – o que para vós é a mesma coisa – grupos, à entrada dos quais basta pôr um sargento para que tudo fique dito. Realmente é muito simples. Mas esqueceis que os Espíritos ignoram qualquer proibição e entram em toda parte sem pedir permissão, mesmo em vossa casa, pois os tendes ao vosso

lado, escutando-vos, sem que o suspeiteis e, ademais, vos falando ao ouvido. Trazei à memória as vossas lembranças e vereis que tivestes mais de uma manifestação, mesmo sem a haverdes buscado.

Pareceis ignorar uma coisa que é bom saibais. Os grupos espíritas não são absolutamente necessários; são simples reuniões onde se sentem felizes por encontrar-se pessoas que pensam do mesmo modo. E a prova disto é que hoje, na França, há mais de 600.000 espíritas, 99% dos quais não fazem parte de nenhum grupo e neles jamais puseram os pés; que eles não existem numa porção de cidades; que nem os grupos nem as sociedades abrem suas portas ao público para pregar suas doutrinas aos transeuntes; que o Espiritismo se prega por si mesmo e pela força das coisas, porque responde a uma necessidade da época; que as idéias espíritas estão no ar e são aspiradas por todos os poros da inteligência; que o *contágio* está no exemplo dos que são felizes com essas crenças e que são encontrados por toda parte, na sociedade, sem que se precise procurá-los nos grupos. Assim, não são os grupos que fazem a propaganda, pois não apelam ao primeiro que apareça; ela é feita pouco a pouco, de indivíduo a indivíduo. Se, portanto, admitíssemos a interdição de todas as reuniões, os espíritas ficariam livres para se reunirem em família, como já ocorre em milhares de lugares, sem que o Espiritismo nada sofra com isso; muito ao contrário, pois temos sempre condenado as grandes assembléias, que são mais prejudiciais que úteis; além disso, a intimidade é reconhecida como a condição mais favorável às manifestações. Interditaríeis as reuniões familiares? Colocaríeis um sargento à porta de um salão para vigiar o que se passa à lareira? Isto não se faz na Espanha, nem em Roma, onde há mais espíritas e médiuns do que pensais. Só faltava isso para aumentar ainda mais a importância do Espiritismo.

Admitamos agora a interdição legal dos grupos. Sabeis o que fariam esses espíritas que acusais de semear a desordem? Eles

diriam: Respeitamos a lei; *dura lex, sed lex*. Vamos dar o exemplo, mostrando que, se pregamos a união, a paz e a concórdia, não é para nos transformarmos em promotores de desordens. As sociedades organizadas não são necessárias à existência do Espiritismo; não há entre elas nenhuma solidariedade material que possa ser quebrada por sua supressão. O que os Espíritos aí ensinam, igualmente ensinam numa conversa particular entre duas pessoas, porque o Espiritismo tem o incrível privilégio de ter o seu foco de ensino por toda parte. Seu sinal de ligação é o amor de Deus e do próximo e, para o pôr em prática, não há necessidade de reuniões oficiais, pois ele tanto se estende sobre os amigos quanto sobre os inimigos. Qualquer um pode dizer o mesmo; e mais de uma vez a autoridade não tem encontrado resistência onde esperava encontrar a maior submissão? Se os espíritas fossem pessoas tão turbulentas e tão pervertidas quanto pretendeis, por que os funcionários encarregados da manutenção da ordem têm menos trabalho nos centros onde eles constituem maioria? Um funcionário chegou a dizer que se todos os seus administrados fossem espíritas, sua repartição podia ser fechada. Por que há menos penas disciplinares entre os militares espíritas?

E, depois, não pensais que atualmente há espíritas em toda parte, de alto a baixo na escala social; que há reuniões e médiuns até em casa daqueles que invocais contra nós. Vede, pois, que o vosso meio é insuficiente; é preciso buscar outro. – Temos a condenação fulminante do púlpito. – Está bem; e vós a usais largamente. Mas não vedes que por toda parte onde lançam raios o número de espíritas aumenta? – Temos a censura da Igreja e a excomunhão. – É melhor; mas ainda uma vez bateis no vazio. Repetimos: o Espiritismo nem se dirige a vós nem aos que estão convosco; não os vai buscar e dizer-lhes: deixai a vossa religião e segui-me; sereis danados se não o fizerdes. Não; ele é mais tolerante que isso e deixa a cada um a liberdade de consciência. Como já dissemos, ele se dirige à massa inumerável dos incrédulos, aos que duvidam e aos indiferentes; estes não estão convosco e vossas

censuras não os podem atingir. Eles vinham a vós, mas os repelíeis. Quanta inabilidade! Se alguns dos vossos os seguem, é que vossos argumentos não são bastante fortes para os reter e não é com rigor que o conseguireis. O Espiritismo agrada porque não se impõe e é aceito pela vontade e o livre-exame. Nisto ele é de nossa época. Agrada pela doçura, pelas consolações que prodigaliza nas adversidades, pela fé inabalável que dá no futuro, na bondade e na misericórdia de Deus. Além disso, ele se apóia em fatos patentes, materiais, irrecusáveis, que desafiam toda negação. Eis o segredo de sua tão rápida propagação. Que lhe opondes? Sempre a danação eterna, expediente ruim para os tempos que correm; depois a deturpação de suas doutrinas: vós o acusais de pregar o aborto, o adultério e todos os crimes. A quem pensais impor isto? Não aos espíritas, certamente. Aos que não o conhecem? Mas nesse número muitos querem saber o que é essa abominável doutrina; lêem, e vendo que ela diz exatamente o contrário do que lhe atribuem, vos deixam para a seguir. E isto sem que ele os vá procurar.

A posição, bem o sei, é embaraçosa: Se falamos contra o Espiritismo – dizeis – recrutamos-lhe partidários; se nos calamos, ele marcha sozinho. Que fazer então? Outrora se dizia: Deixai passar a justiça do rei; agora é preciso dizer: Deixemos passar a justiça de Deus.

(Continua no próximo número)

Conversas Familiares de Além-Túmulo

SR. PHILIBERT VIENNOIS

(Sociedade Espírita de Paris, 20 de março de 1863

– Médium: Sr. Leymarie)

1. Evocação.

Resp. – Estou junto de vós.

2. Tínheis combinado com a Sra. V... que, dos dois, o que ficasse se dirigiria a mim para que eu evocasse o que havia partido. A Sra. V... informou-me desse compromisso e é com alegria que me disponho a fazer a evocação. Sei que éreis um espírita fervoroso e, além disso, dotado de bom coração, circunstâncias que só podem despertar o nosso desejo de conversar convosco.

Resp. – Posso então te escrever e me aproximar de ti para exprimir tudo quanto o meu Espírito sente de benevolência a teu respeito. Obrigado por toda a felicidade que me deste, esposa querida, tu que me fizeste amar a crença, santa regra dos meus últimos dias junto de ti. Sinto-me muito feliz por hoje colher todos os bens que nos eram prometidos pela fé venerada, que nos mostra uma outra vida que não a da Terra. Estou de posse de um poder desconhecido pelos homens; a imensidade nos pertence; posso compreender melhor e melhor amar-te; minhas sensações já não são obscuras e o que há de divino em nós é de uma simplicidade extrema, porquanto tudo o que é grande é simples. A grandeza é o verdadeiro elemento do Espírito.

Estou sempre perto de ti. Doravante serás feliz, porque eu te envolverei com o meu fluido, que te fortalecerá, se for necessário. Quero que sejas sempre corajosa, boa e sobretudo espírita. Com esses três elementos, bendirás a Deus por ter-me chamado para ele, pois eu te espero, persuadido de que, graças ao Espiritismo, Deus te reserva um bom lugar entre nós.

3. Tende a bondade de nos descrever vossa passagem ao mundo dos Espíritos, vossas impressões e a influência dos conhecimentos espíritas em vossa elevação.

Resp. – A morte, que eu esperava, não era sofrimento para mim, mas um desligamento completo da matéria. O que eu via era uma nova vida; o futuro divino, essa hora desejada, veio com calma. É certo que lamentava a presença¹⁷ de minha companheira,

17 N. do T.: Não seria ausência?

que eu não podia deixar sem dor: é o último elo da cadeia que une o Espírito à matéria; uma vez rompido, pouco sofreu a passagem da vida à morte; meu Espírito levou as preces de minha bem-amada. Todas as impressões se me extinguíram para que eu acordasse no nosso domínio, espíritas. A viagem é um sono para o justo; a ruptura é natural; mas, ao primeiro despertar, que admiração! como tudo é novo, esplêndido, maravilhoso! Aqueles a quem eu amava e outros Espíritos, meus amigos de precedentes encarnações, me acolheram e abriram as portas da existência verdadeira, nesse parque sem limites chamado céu. Não podeis compreender as minhas impressões, nem eu as saberia exprimir. Tentarei vo-las comunicar de outra vez.

4. Ao receber a carta da Sra. V..., dirigi-lhe uma prece de circunstância. Podeis dizer-me o que pensais a respeito?

Resp. – Obrigado pela vossa benevolência, Sr. Kardec; não poderíeis ter feito melhor. Os que choram os ausentes necessitam do Espírito de Deus, mas, também, do apoio de outros Espíritos benévolos, e os Espíritos devem sê-lo. Vossa prece comoveu muitos Espíritos levianos e *incrédulos*, que são testemunhas invisíveis de vossas sessões (esta prece tinha sido lida na Sociedade depois da evocação); vossas boas palavras servirão para o seu adiantamento. Muitas vezes restituí ao nosso mundo o bem que dele recebeis. Não desdenhar do conselho de um irmão menor que nós mesmos é reconhecer o laço íntimo criado por Deus entre todas as criaturas.

5. Eu queria vos pedir que me désseis uma comunicação para a Sra. V..., mas vejo que vos antecipastes ao meu pensamento.

Resp. – À vossa primeira pergunta respondi à minha mulher, quando deveria tê-lo feito à Sociedade Espírita. Perdoai-me, pois eu cumpria uma promessa. Sei que, pela persuasão, atraís aqueles que desejam ser consolados. Conversar com os ausentes do

outro mundo será a maior felicidade daqueles que nem tudo sacrificam ao ouro e ao prazer. Por favor, dizei à minha esposa que minha presença jamais lhe faltará. Trabalharemos juntos para o seu progresso espiritual. Mandai-lhe esta comunicação; queria dizer-lhe tantas palavras boas, que me faltam as expressões; que ela ame sempre nossa família, a fim de que esta, pelo seu exemplo, possa tornar-se espírita e crer na vida eterna, que é a vida de Deus.

Viennois

A seguir publicamos a prece acima referida, e que nos foi dada pelos Espíritos para as circunstâncias análogas:

PRECE PELAS PESSOAS A QUEM TIVEMOS AFEIÇÃO¹⁸

Prefácio – Que horrenda é a idéia do Nada! Quão de lastimar são os que acreditam que no vácuo se perde, sem encontrar eco que lhe responda, a voz do amigo que chora o seu amigo! Jamais conheceram as puras e santas afeições os que pensam que tudo morre com o corpo; que o gênio, que com a sua vasta inteligência iluminou o mundo, é uma combinação de matéria, que, qual sopro, se extingue para sempre; que do mais querido ente, de um pai, de uma mãe, ou de um filho adorado não restará senão um pouco de pó que o vento irremediavelmente dispersará.

Como pode um homem de coração conservar-se frio a essa idéia? Como não o gela de terror a idéia de um aniquilamento absoluto e não lhe faz, ao menos, desejar que não seja assim? Se até hoje não lhe foi suficiente a razão para afastar de seu espírito quaisquer dúvidas, aí está o Espiritismo a dissipar toda incerteza com relação ao futuro, por meio das provas materiais que dá da sobrevivência da alma e da existência dos seres de além-túmulo. Tanto assim é que por toda parte essas provas são acolhidas com

18 N. do T.: Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XXVIII, itens 62 e 63.

júbilo; a confiança renasce, pois, doravante sabe o homem que a vida terrestre é apenas uma breve passagem conducente a melhor vida; que seus trabalhos neste mundo não ficam perdidos e que as afeições mais santas já não se despedaçam sem esperanças.

Prece – Digna-te, ó meu Deus, de acolher, benévolo, a prece que te dirijo pelo Espírito N... Faz-lhe entrever as claridades divinas e torna-lhe fácil o caminho da felicidade eterna. Permite que os Espíritos bons lhe levem as minhas palavras e o meu pensamento.

Tu, que tão caro me eras neste mundo, escuta a minha voz, que te chama para te oferecer novo penhor da minha afeição. Permitiu Deus que te libertasses antes de mim e disso não me poderia queixar sem egoísmo, porquanto fora te querer sujeito ainda às penas e sofrimentos da vida. Espero, pois, resignado, o momento de nos reunirmos de novo no mundo mais venturoso no qual me precedeste.

Sei que é apenas temporária a nossa separação e que, por mais longa me possa parecer, a sua duração nada é em face da ditosa eternidade que Deus promete aos seus escolhidos. Que a sua bondade me preserve de fazer o que quer que retarde esse desejado instante e me poupe assim à dor de te não encontrar, ao sair do meu cativo terreno.

Oh! quão doce e consoladora é a certeza de que não há entre nós mais do que um véu material que te oculta às minhas vistas! de que podes estar aqui, ao meu lado, a me ver e ouvir como outrora, se não ainda melhor do que outrora; de que não me esqueces, do mesmo modo que eu te não esqueço; de que os nossos pensamentos constantemente se entrecruzam e que o teu sempre me acompanha e ampara.

Um Argumento Terrível contra o Espiritismo

HISTÓRIA DE UM ASNO

Num sermão pregado ultimamente contra o Espiritismo, já que foi dada a palavra de ordem de o perseguir em todos os flancos, bem como os seus partidários, o orador, querendo dar-lhe uma bordoadada, contou a seguinte anedota:

“Há três semanas uma senhora perdeu o marido. Apresentou-se um médium para lhe propor uma conversa com o defunto e, quem sabe? até mesmo vê-lo. A visão não se deu, mas o extinto explicou à mulher, pela mão do médium, que não foi julgado digno de entrar na mansão dos bem-aventurados e que se viu obrigado a reencarnar *imediatamente*, para expiar graves pecados. Adivinhais onde? A um quilômetro daqui, em casa de um moendeiro, na figura de um asno espancado. Julgai da dor da pobre senhora, que corre ao moendeiro, *abraça o humilde animal* e propõe sua compra. O moendeiro foi duro na negociação, mas cedeu, finalmente, à vista de um bom saco de dinheiro; e, desde quinze dias, mestre Aliboron ocupa um aposento particular na casa daquela senhora, cercado de cuidados jamais desfrutados, *desde que a Deus aprouve criar esta raça estimável*.”

Duvidamos que o auditório se tenha deixado convencer pela história; mas o que colhemos de testemunhas auriculares é que a maioria dos ouvintes achou que ela ficaria melhor num folhetim burlesco do que no púlpito, tanto pelo fundo quanto pela escolha das expressões. Certamente o orador ignorava que o Espiritismo ensina, sem equívoco, que a alma ou Espírito não pode animar o corpo de um animal (*O Livro dos Espíritos*, n^{os} 118, 612 e 613).

O que ainda mais nos espanta é o ridículo lançado sobre a dor em geral, com a ajuda de um conto divertido e em termos que não primam pela dignidade. Além disso, é ver um

sacerdote tratar assim com tanta insolência a obra de Deus, por estas palavras pouco reverentes: “Desde que a Deus aprovou criar esta raça estimável.” O assunto foi tão mal escolhido para fazer graça que se poderia objetar que tudo é respeitável nas obras de Deus e que Jesus não se sentiu desonrado por entrar em Jerusalém montado num exemplar daquela raça.

Que se faça um paralelo do quadro burlesco da dor daquela suposta viúva com o da viúva verdadeira cujo relato demos acima e se diga qual dos dois é mais edificante, mais marcado de verdadeiro sentimento religioso e de respeito à Divindade; enfim, qual deles estaria mais bem colocado no púlpito da verdade.

Admitamos o fato que contastes, senhor pregador, não a reencarnação num jumento, mas a credulidade da viúva nessa encarnação; como castigo, que lhe teríeis oferecido no lugar? As labaredas eternas do inferno, perspectiva ainda menos consoladora, porque essa viúva sem dúvida teria respondido: “Prefiro saber meu marido no corpo de um asno a vê-lo queimado por toda a eternidade.” Suponde, agora, que ela tivesse de escolher entre o vosso quadro de torturas sem-fim e o que nos dá mais acima o Espírito Viennois. Credes que ela teria hesitado? Conscienciosamente não o pensais, porque, por conta própria, não vacilaríeis.

Algumas Palavras Sérias a Propósito de Bordoadas

Um de nossos correspondentes nos escreve de uma cidade do sul:

“Venho hoje fornecer nova prova de que a cruzada da qual vos falei se traduz de mil formas. Assistia ontem a uma reunião onde se discutia calorosamente pró e contra o Espiritismo. Um dos

assistentes avançou o seguinte: ‘As experiências do Sr. Allan Kardec não são melhores do que as de que acabamos de falar. O Sr. Kardec se esquivava de contar em sua *Revista* todas as mistificações e tribulações que experimenta. Sabeis, por exemplo, que no mês de setembro do ano passado, numa reunião de cerca de trinta pessoas, havida em sua própria casa, todos os assistentes receberam violentas bordoadas dos Espíritos? Eu estava em Paris na ocasião e colhi esse detalhe de uma pessoa que acabara de assistir à reunião e que mostrou em seu ombro a contusão provocada por uma violenta bordoadada. – Não vi o bordão, disse-me ela, mas senti a pancada.’

“Desnecessário dizer-vos que gostaria de ser esclarecido sobre este ponto e que vos seria muito grato pelas explicações que tiverdes a bondade de me dar, etc.”

Não teríamos entretido nossos leitores com um caso tão insignificante, se ele não tivesse fornecido matéria para uma instrução que pode ter utilidade agora; de outro modo jamais acabaríamos se tivéssemos de refutar todos os contos absurdos que inventam.

Resposta – Meu caro senhor, o fato de que me falais não é impossível e dele há mais de um exemplo. Dizer que se passou em minha casa é reconhecer implicitamente a manifestação dos Espíritos. Contudo, a forma do relato denota uma intenção com a qual não posso concordar com o autor. Ele pode ser *um crente*, mas seguramente não é indulgente e esquece a base da moral espírita: a caridade. Se, como pretende a pessoa tão bem informada, o fato tivesse acontecido, eu não deveria guardar silêncio, porquanto seria um fato capital que não poderia ser posto em dúvida, pois, como foi dito, havia trinta testemunhas levando nos ombros a prova da existência dos Espíritos. Infelizmente, para o vosso narrador, não há uma só palavra verdadeira na história. Dou-lhe, pois, um desmentido formal, bem como àquele que afirma ter assistido à

sessão e desafio a ambos a virem sustentar o que dizem perante a Sociedade de Paris, como o fazem a duzentas léguas.

Os contadores de história não pensam em tudo e se deixam apanhar em sua própria armadilha. É o que ocorreu neste caso, porquanto há, para um fato tão positivamente afirmado por suposta testemunha ocular, uma impossibilidade material: é que a Sociedade suspende suas sessões de 15 de agosto a 1^o de outubro; que, partindo de Paris no fim do mês de agosto, só voltei a 20 de outubro; que, conseqüentemente, no mês de setembro estava em plena viagem. Como vedes, é um álibi dos mais autênticos.

Se, pois, a pessoa em questão levasse nos ombros as marcas das bordoadas, e desde que não houve reunião em minha casa, é que ela as recebeu *albures* e, não querendo dizer *onde nem como*, achou divertido acusar os Espíritos, o que era menos comprometedor e dispensava qualquer explicação.

Realmente atribuí muita importância, meu caro senhor, a essa historinha ridícula, fazendo-a figurar entre os atos da cruzada contra o Espiritismo. Há tantas outras dessa natureza que era preciso não ter o que fazer para se dar ao trabalho de as refutar. A hostilidade traduz-se por atos mais sérios e que, entretanto, não são mais inquietantes. Atribuí demasiada importância às diatribes de nossos adversários. Pensai, pois, que quanto mais se agitam para combater o Espiritismo, mais provam a sua importância. Se não passasse de mito ou de um sonho vão, não se inquietariam tanto; o que os torna tão furiosos e obstinados contra ele é que o vêem avançar contra o vento e a maré, sentindo apertar-se cada vez mais o círculo onde se movem.

Deixai, pois, os gracejadores de mau gosto inventar histórias da carochinha e a outros jogar o veneno da calúnia, porque semelhantes meios são a prova de sua impotência para atacar com boas razões. Deles o Espiritismo nada tem a temer, ao

contrário; são as sombras que realçam o brilho; os mentirosos gastam à-toa sua invenção e a vergonha toma conta dos caluniadores. O Espiritismo tem a sina de todas as verdades novas que excitam as paixões das pessoas cujas idéias e interesses elas podem contrariar. Ora, vede se todas as grandes verdades que foram combatidas com maior obstinação não superaram todos os obstáculos que lhes foram opostos, se uma só sucumbiu aos ataques dos inimigos. As idéias novas que apenas tiveram um brilho passageiro caíram por si mesmas, porque não tinham em si a vitalidade que só a verdade pode dar; são as que foram menos atacadas, ao passo que as que prevaleceram o foram com mais violência.

Não penseis que a guerra dirigida contra o Espiritismo tenha chegado ao apogeu. Não; ainda é preciso que certas coisas se realizem para abrir os olhos dos mais cegos. Não posso nem devo dizer mais no momento, porque não convém entrar a marcha necessária dos acontecimentos. Entrementes, eu vos digo: Quando ouvirdes declamações furibundas, quando presenciardes atos materiais de hostilidade venham de onde vierem, longe de vos inquietardes com eles, aplaudi-os, sobretudo quanto mais repercussão tiverem, porque é um dos sinais prenunciadores de triunfo próximo. Quanto aos verdadeiros espíritas, devem distinguir-se pela moderação, deixando aos antagonistas o triste privilégio das injúrias e das personalidades que nada provam, a não ser uma falta de habilidade a princípio, e a penúria de boas razões a seguir.

Aproveitando a ocasião, eu vos peço ainda algumas palavras sobre a conduta a tomar em relação aos adversários. Tanto é dever de todo bom espírita esclarecer aos que o procuram de boa-fé, quanto é inútil discutir com antagonistas de má-fé ou que têm opinião preconcebida, os quais, muitas vezes, estão mais convencidos do que parece, mas não o querem confessar. Com estes toda polêmica é inútil, porque não tem objetivo nem pode

resultar em mudança de opinião. Muita gente de boa vontade reclama para que não percamos tempo com os outros.

Tal a linha de conduta que sempre aconselhei, e tal a que invariavelmente sempre segui, tendo-me absterido sempre de ceder às provocações que me foram feitas, de descer à arena das controvérsias. Se, por vezes, contesto certos ataques e afirmações errôneas, é para mostrar que não é a possibilidade de responder que falta, e dar aos espíritas meios de refutação, caso necessário. Aliás, há alguns que reservo para mais tarde. Como não sou impaciente, observo tudo com calma e sangue-frio. Espero confiante o momento oportuno, pois sei que virá, deixando que os adversários se aventurem por um caminho sem saída para eles. A medida de suas agressões não está cheia; é preciso que o esteja. O presente prepara o futuro. Até aqui não há nenhuma objeção séria que não se ache refutada em meus escritos. Não posso, pois, senão enviar a eles, para não ter de me repetir incessantemente com todos aqueles a quem agrada falar do que não sabem a primeira palavra. Toda discussão se torna supérflua com gente que não leu, ou, se leu, sustenta, numa atitude premeditada, o oposto do que é dito.

As questões pessoais apagam-se ante a grandeza do objetivo e o conjunto do movimento irresistível que se opera nas idéias. Pouco importa, pois, que este ou aquele seja contra o Espiritismo, quando se sabe não estar no poder de ninguém impedir a realização dos fatos. É o que a experiência confirma todos os dias.

Digo, pois, a todos os espíritas: continuai a semear a idéia; espalhai-a pela doçura e pela persuasão e deixai aos nossos antagonistas o monopólio da violência e da acrimônia a que só se recorre quando não se é bastante forte pelo raciocínio.

Vosso dedicado,

A. K.

Exame das Comunicações Mediúnicas que nos são Enviadas

Muitas comunicações nos foram enviadas por diferentes grupos, quer nos pedindo conselho e julgamento de suas tendências, quer, da parte de alguns, na esperança de as serem publicadas na *Revista*. Todas nos foram entregues com a faculdade de delas dispor como melhor entendêssemos para o bem da causa. Fizemos o seu exame e classificação e esperamos que ninguém haja de se surpreender ante a impossibilidade de inseri-las todas, considerando-se que, além das já publicadas, há mais de três mil e seiscentas que, sozinhas, teriam absorvido cinco anos *completos* da *Revista*, sem contar um certo número de manuscritos mais ou menos volumosos, dos quais falaremos adiante. A apreciação crítica deste exame nos fornecerá matéria para algumas reflexões, que cada um poderá tirar proveito.

Em grande número encontramos-las notoriamente más, no fundo e na forma, evidente produto de Espíritos ignorantes, obsessores ou mistificadores e que juram pelos nomes mais ou menos pomposos com que se revestem. Publicá-las teria sido dar armas à crítica. Circunstância digna de nota é que a quase totalidade das comunicações dessa categoria emana de indivíduos isolados, e não de grupos. Só a fascinação os poderia levar a tomá-las a sério e impedir que vissem o lado ridículo. Como se sabe, o isolamento favorece a fascinação, ao passo que as reuniões encontram controle na pluralidade das opiniões.

Todavia, reconhecemos com prazer que as comunicações dessa natureza formam, na massa, uma pequena minoria. A maioria das outras encerra bons pensamentos e excelentes conselhos, sem significar que todas devam ser publicadas, e isto pelos motivos que vamos expor.

Os Espíritos bons ensinam mais ou menos a mesma coisa em toda parte, porque em toda parte há os mesmos vícios a reformar e as mesmas virtudes a pregar. Eis um dos caracteres distintivos do Espiritismo; muitas vezes a diferença está apenas na correção e elegância do estilo. Para apreciar as comunicações, tendo em conta a publicidade, não se deve considerá-las de seu ponto de vista, mas do do público. Compreendemos a satisfação que se experimenta ao obter algo de bom, sobretudo quando se começa, mas além do fato de que certas pessoas podem ter ilusão sobre o mérito intrínseco, não se pensa que em cem outros lugares se obtêm coisas semelhantes, e o que é de poderoso interesse individual pode ser banalidade para a massa.

Além disso, é preciso considerar que, de algum tempo para cá as comunicações adquiriram, em todos os aspectos, proporções e qualidades que deixam muito para trás as que eram obtidas há alguns anos. Aquilo que então era admirado parece pálido e mesquinho junto ao que se obtém hoje. Na maioria dos centros realmente sérios, o ensino dos Espíritos cresceu com a compreensão do Espiritismo. Desde que por toda parte são recebidas instruções mais ou menos idênticas, sua publicação poderá interessar apenas sob a condição de apresentar qualidades adicionais, como forma ou como alcance instrutivo. Seria, pois, ilusão crer que toda mensagem deve encontrar leitores numerosos e entusiastas. Outrora, a menor conversa espírita era uma novidade que atraía a atenção; hoje, que os espíritas e os médiuns não se contam mais, o que era uma raridade é um fato quase banal e habitual, e que foi distanciado pela vastidão e pelo alcance das comunicações atuais, assim como os deveres do escolar o são pelo trabalho do adulto.

Temos à vista a coleção de um jornal publicado no princípio das manifestações sob o título de *A Mesa Falante*, característico da época. Diz-se que o jornal tinha de 1.500 a 1.800 assinantes, cifra enorme para a época. Continha uma porção de

pequenas conversas familiares e fatos mediúnicos que, então, atraíam profundamente a curiosidade. Aí procuramos em vão alguma coisa para reproduzir em nossa *Revista*; tudo quanto tivéssemos colhido seria hoje pueril e sem interesse. Se o jornal não tivesse desaparecido, por circunstâncias que não vêm ao caso, só poderia ter vivido com a condição de acompanhar o progresso da ciência e, se reaparecesse agora nas mesmas condições, não teria cinqüenta assinantes. Os espíritas são imensamente mais numerosos do que então, é verdade; mas são mais esclarecidos e querem um ensinamento mais substancial.

Se as comunicações não emanassem senão de um único centro, sem dúvida os leitores se multiplicariam em razão do número de adeptos. Mas não se deve perder de vista que os focos que as produzem se contam aos milhares e que por toda parte onde são obtidas coisas superiores não pode haver interesse pelo que é fraco ou medíocre.

Não falamos assim para desencorajar as publicações; longe disso. Mas para mostrar a necessidade de uma escolha rigorosa, condição *sine qua non* do sucesso. Aprofundando os seus ensinamentos, os Espíritos nos tornaram mais difíceis e mesmo exigentes. As publicações locais podem ter imensa utilidade, sob duplo aspecto: espalhar nas massas o ensino dado na intimidade e mostrar a concordância que existe nesse ensino sobre diversos pontos. Aplaudiremos isto sempre e os encorajaremos toda vez que forem feitas em boas condições.

Antes de mais, convém dela afastar tudo quanto, sendo de interesse privado, só interessa àquele que lhe concerne; depois, tudo quanto é vulgar no estilo e nas idéias, ou pueril pelo assunto. Uma coisa pode ser excelente em si mesma, muito boa para servir de instrução pessoal, mas o que deve ser entregue ao público exige condições especiais. Infelizmente o homem é propenso a imaginar que tudo o que lhe agrada deve agradar aos outros. O mais hábil pode enganar-se; o importante é enganar-se o menos possível. Há

Espíritos que se comprazem em fomentar essa ilusão em certos médiuns; por isso nunca seria demais recomendar a estes últimos que não confiassem em seu próprio julgamento. É nisto que os grupos são úteis: pela multiplicidade de opiniões que eles permitem colher. Aquele que, neste caso, recusasse a opinião da maioria, julgando-se mais iluminado que todos, provaria sobejamente a má influência sob a qual se acha.

Aplicando esses princípios de ecletismo às comunicações que nos são enviadas, diremos que em 3.600 há mais de 3.000 que são de moralidade irreprochável, e excelentes como fundo; mas que desse número nem 300 merecem publicidade e apenas 100 têm mérito fora do comum. Como essas comunicações vieram de muitos pontos diferentes, inferimos que a proporção deve ser mais ou menos geral. Por aí pode julgar-se da necessidade de não publicar inconsideradamente tudo quanto vem dos Espíritos, se quisermos atingir o objetivo a que nos propomos, tanto do ponto de vista material quanto do efeito moral e da opinião que os indiferentes possam fazer do Espiritismo.

Resta-nos dizer algumas palavras sobre manuscritos ou trabalhos de fôlego que nos remeteram, entre os quais não encontramos, em trinta, mais que cinco ou seis de real valor. No mundo invisível, como na Terra, não faltam escritores, mas os bons são raros. Tal Espírito é apto a ditar uma boa comunicação isolada, a dar excelente conselho particular, mas incapaz de produzir um trabalho de conjunto completo, passível de suportar um exame, sejam quais forem suas pretensões e o nome com que se disfarce como garantia. Quanto mais alto o nome, maior o cuidado. Ora, é mais fácil tomar um nome que justificá-lo; eis por que, ao lado de alguns bons pensamentos, encontram-se, muitas vezes, idéias excêntricas e traços inequívocos da mais profunda ignorância. É nessas modalidades de trabalhos mediúnicos que temos notado mais sinais de obsessão, dos quais um dos mais freqüentes é a injunção por parte do Espírito de os mandar imprimir; e alguns

pensam erradamente que tal recomendação é suficiente para encontrar um editor atencioso que se encarregue da tarefa.

É principalmente em semelhante caso que um exame escrupuloso é necessário, se não nos quisermos expor a fazer discípulos à nossa custa. É, ainda, o melhor meio de afastar os Espíritos presunçosos e pseudo-sábios, que se retiram inevitavelmente quando não encontram instrumentos dóceis a quem façam aceitar suas palavras como artigos de fé. A intromissão desses Espíritos nas comunicações é, fato conhecido, o maior escolho do Espiritismo. Toda precaução é pouca para evitar as publicações lamentáveis. Em tais casos, mais vale pecar por excesso de prudência, no interesse da causa.

Em suma, publicando comunicações dignas de interesse, faz-se uma coisa útil. Publicando as que são fracas, insignificantes ou más, faz-se mais mal do que bem. Uma consideração não menos importante é a da oportunidade. Algumas há cuja publicação seria intempestiva e, por isso mesmo, prejudicial. Cada coisa deve vir a seu tempo. Várias das que nos são dirigidas estão neste caso e, conquanto muito boas, devem ser adiadas. Quanto às outras, acharão seu lugar conforme as circunstâncias e o seu objetivo.

Questões e Problemas

ESPÍRITOS INCRÉDULOS E MATERIALISTAS

(Sociedade Espírita de Paris, 27 de março de 1863)

Pergunta – Na evocação do Sr. Viennois, feita na última sessão, encontra-se esta frase: “Vossa prece comoveu muitos Espíritos levianos e *incrédulos*.” Como podem os Espíritos ser incrédulos? O meio em que se acham não é, para eles, a negação da incredulidade?

Pedimos aos Espíritos que quiserem comunicar-se, que tratem dessa questão, caso julguem conveniente.

Resposta – (Médium: Sr. d'Ambel). A explicação que me pedis não está escrita minuciosamente em vossas obras? Perguntais por que os *Espíritos incrédulos* ficaram comovidos. Mas vós mesmos não tendes dito que os Espíritos que se acham na erraticidade aí haviam entrado com suas aptidões, conhecimentos e maneira de ver passados? Meu Deus! Sou ainda muito incipiente para resolver a contento as questões espinhosas da doutrina. Não obstante posso, por experiência, a bem dizer recentemente adquirida, responder às questões de fatos. No mundo em que habitais, acreditava-se geralmente que a morte vem de repente modificar a opinião dos que se foram e que a venda da incredulidade é violentamente arrancada aos que na Terra negavam Deus. Aí está o erro, porque, para estes, a punição começa justamente em permanecerem na mesma incerteza relativamente ao Senhor de todas as coisas e a conservarem a mesma dúvida da Terra. Não, crede-me; a vista obscurecida da inteligência humana não percebe instantaneamente a luz. Procedede-se na erraticidade ao menos com tanta prudência quanto na Terra; assim, não se deve projetar os raios de luz elétrica sobre os olhos dos doentes que se queira curar.

A passagem da vida terrestre à espiritual oferece, é certo, um período de confusão, de perturbação para a maioria dos que desencarnam. Alguns há, no entanto, que, desprendidos dos bens terrenos ainda em vida, realizam essa transição tão facilmente quanto uma pomba que se eleva no ar. É fácil perceberdes essa diferença examinando os hábitos dos viajantes que embarcam para atravessar os oceanos. Para alguns a viagem é um prazer; para a maioria um sofrimento, uma aflição que durará até o desembarque. Pois bem! Ocorre o mesmo com quem viaja da Terra ao mundo dos Espíritos. Alguns se desprendem rapidamente, sem sofrimento e sem perturbação, ao passo que outros são submetidos ao mal da travessia etérea. Mas acontece isto: assim como os viajantes que

tocam a terra, ao sair do navio, recuperam o equilíbrio e a saúde, também o Espírito que transpõe os obstáculos da morte acaba por se achar, como no ponto de partida, com a consciência limpa e clara de sua individualidade.

É, pois, certo, meu caro Sr. Kardec, que os incrédulos e os materialistas absolutos conservam sua opinião além do túmulo, até a hora em que a razão ou a graça tiver despertado em seu coração o pensamento verdadeiro, ali escondido. Por isso essa difusão de idéias nas manifestações e essa divergência nas comunicações dos Espíritos de além-túmulo; por isso alguns ditados impregnados de *ateísmo* ou de *panteísmo*.

Permiti-me, ao terminar, voltar às questões que me são pessoais. Agradeço-vos porque me evocastes; isto ajudou a me reconhecer. Agradeço também as consolações que dirigistes à minha mulher e vos peço continueis vossas boas exortações, a fim de sustentá-la nas provas que a esperam. Quanto a mim, estarei sempre junto a ela e a inspirarei.

Viennois

Pergunta – Compreende-se a incredulidade em certos Espíritos, mas não se compreenderia o materialismo, pois seu estado é um protesto contra o reino absoluto da matéria e o nada depois da morte.

Resposta – (Médium: Sr. d'Ambel). Apenas uma palavra: todos os corpos sólidos ou fluídicos pertencem à substância material; isto está bem demonstrado. Ora, os que em vida só admitiam um princípio na Natureza – a matéria – muitas vezes não percebem ainda, depois da morte, senão esse princípio único, absoluto. Se refletísseis nos pensamentos que os dominaram toda a vida, achá-los-íeis certos, ainda hoje, sob a inteira subjugação desses mesmos pensamentos. Outrora se consideravam como corpos sólidos; hoje se olham como corpos fluídicos: eis tudo.

Notai bem que eles se apercebem sob uma forma claramente circunscrita, conquanto vaporosa, idêntica à que tinham na Terra, em estado sólido ou humano, de tal sorte que não vêem em seu novo estado senão uma transformação de seu ser, no qual não haviam pensado. Mas ficam convencidos de que é um encaminhamento para o fim a que chegarão, quando estiverem suficientemente desprendidos, para se diluírem no todo universal. Nada mais obstinado do que um sábio; e eles persistem em pensar que, nem por ser demorado, esse fim é menos inevitável.

Uma das condições de sua cegueira moral é de aprisionar mais violentamente nos laços da materialidade e, conseqüentemente, de os impedir que se afastem das regiões terrestres ou similares à Terra. E, assim como a maioria dos desencarnados, cativos na carne, não pode perceber as formas vaporosas dos Espíritos que os cercam, também a opacidade do envoltório dos materialistas lhes impede a contemplação das entidades espirituais que se movem, tão belas e tão radiosas, nas altas esferas do império celeste.

Erasto

Outra – (Médium: Sr. A. Didier). A dúvida é a causa das penas e, muitas vezes, dos erros deste mundo. Ao contrário, o conhecimento do Espiritualismo causa as penas e os erros dos Espíritos.

Onde estaria o castigo se os Espíritos não reconhecessem seus erros senão como conseqüência da realidade penitenciária da outra vida? Onde estaria o seu castigo se sua alma e seu coração não sentissem todo o erro do cepticismo terreno e o nada da matéria? O Espírito vê o Espírito como a carne vê a carne; o erro do Espírito não é o erro da carne e o homem materialista que aqui duvidou não mais duvida lá em cima.

O suplício dos materialistas é lamentar as alegrias e satisfações terrestres, eles que ainda não podem compreender nem sentir as alegrias e as perfeições da alma. E vede o rebaixamento moral desses Espíritos que vivem completamente na esterilidade moral e física, lamentando esses bens que, momentaneamente, constituíram a sua alegria e atualmente constituem o seu suplício.

Agora, é verdade que sem ser materialista pela satisfação de suas paixões terrenas, pode-se sê-lo mais no campo das idéias e do espírito que nos atos da vida. É o que se chama de livres-pensadores e os que não ousam aprofundar as causas de sua existência. No outro mundo estes também serão punidos; nadam na verdade, mas não são por ela penetrados; seu orgulho abatido os faz sofrer e lamentam aqueles dias terrenos em que, ao menos, tinham liberdade de duvidar.

Lammenais

Observação – À primeira vista esta apreciação parece em contradição com a de Erasto. Este admite que certos Espíritos podem conservar as idéias materialistas, enquanto Lammenais pensa que essas idéias são apenas o pesar dos prazeres materiais, mas que tais Espíritos estão perfeitamente esclarecidos quanto ao seu estado espiritual. Os fatos parecem vir em apoio da opinião de Erasto. Desde que vemos Espíritos que, mesmo muito tempo depois da morte, *ainda se julgam vivos, dedicam-se ou crêem dedicar-se às ocupações terrenas*, é que têm completa ilusão quanto à sua posição e não se dão conta absolutamente de seu estado espiritual. Já que não se julgam mortos, não seria de admirar que tivessem conservado a idéia do nada após a morte, que para eles ainda não veio. Foi sem dúvida neste sentido que quis falar Erasto.

Resposta – Evidentemente eles têm a idéia do nada; mas é uma questão de tempo. Chega o momento em que no alto se rompe o véu e as idéias materialistas se tornam inaceitáveis. A

resposta de Erasto assenta sobre fatos particulares e momentâneos; eu não falava senão de fatos gerais e definitivos.

Lamenmais

Observação – A divergência era apenas aparente e só resultava do ponto de vista sob o qual cada um encarava a questão. É bastante evidente que um Espírito não pode ficar perpetuamente materialista. Perguntava-se tão-somente se essa idéia seria necessariamente destruída logo após a morte. Ora, ambos os Espíritos estão de acordo quanto a este ponto e se pronunciam pela negativa. Acrescentemos que a persistência da dúvida sobre o futuro é um castigo para o Espírito incrédulo; é para ele uma tortura tanto mais pungente porque não tem as preocupações terrenas para o distrair.

Nota Bibliográfica

Multiplicam-se as publicações espíritas e, como temos dito, incentivamos a divulgação daquelas que podem servir utilmente à causa que defendemos. São outras tantas vozes que se elevam e servem para espalhar a idéia sob diferentes formas. Se não demos nossa opinião sobre certas obras mais ou menos importantes, tratando de matérias análogas, é que, temeroso de que vissem nisso um sentimento de parcialidade, preferimos deixar que a opinião se formasse por si mesma. Ora, vemos que a opinião da maioria confirmou a nossa. Por nossa posição, devemos ser sóbrio em apreciações do gênero, sobretudo quando a aprovação não pode ser absoluta. Ficando neutro, não nos acusarão de ter exercido uma pressão desfavorável; e se o sucesso não corresponder à expectativa, não nos poderão culpar por isso.

Entre as publicações recentes que temos a satisfação de recomendar sem restrição, lembraremos notadamente as duas pequenas brochuras anunciadas em nosso último número, sob o

título de *Espiritismo sem os Espíritos* e *A Verdade sobre o Espiritismo experimental nos grupos*, por um espírita teórico, sobre as quais mantemos a opinião já emitida, dizendo que num quadro muito restrito, o autor tinha sabido resumir os verdadeiros princípios do Espiritismo com notável precisão e num estilo atraente. Na relativa aos grupos, os curiosos e os incrédulos encontrarão excelente lição sobre a maneira pela qual convém observar o que se passa nos grupos sérios. — Preço: 50 centavos cada; 60 centavos pelo correio. — Livraria Dentu, Palais-Royal.

Também não podemos omitir o jornal *A Verdade*, publicado em Lyon, sob a direção do Sr. Edoux, e que igualmente anunciamos. Por falta de espaço, limitam-nos a dizer que se trata de um novo campeão, que parece ser visto com maus olhos pelo campo adverso. Marcou sua estréia por vários artigos de elevado alcance, assinado *Philoléthès*, entre os quais se destacam os intitulados: *Fundamento do Espiritismo*; *O perispírito ante as tradições*; *O perispírito ante a Filosofia e a História*, etc. Denotam uma pena adestrada, apoiando-se numa lógica rigorosa e que, perseverando nesse caminho, pode dar trabalho aos nossos antagonistas, sem sair da linha de moderação que, como a nossa, parece ser a divisa desse jornal. É pela lógica que se deve combater, e não pelas pessoas, injúrias e represálias.

Em breve Bordeaux terá sua *Revista especial*. Será um prazer ajudar com nossos conselhos, já que no-los pediram. Se, como não duvidamos, ela seguir o caminho da sabedoria e da prudência, não deixará de ter o apoio de todos os verdadeiros espíritos, dos que vêem o interesse da causa acima das questões pessoais, de interesse ou de amor-próprio. É a estes que se voltam as nossas simpatias. A abnegação da personalidade, o desinteresse moral e material, a prática da lei do amor e da caridade serão sempre os sinais distintivos daqueles para quem o Espiritismo não

é apenas uma crença estéril nesta vida e na outra, mas uma fé fecunda.

O *Courrier de la Moselle*, jornal de Metz, de 11 de abril de 1863, estampa um excelente e notável artigo, intitulado *Um espírita de Metz*, refutando os casos de loucura atribuídos ao Espiritismo. Gostamos de ver os espíritas na liça, opondo a fria e severa lógica dos fatos às diatribes de seus adversários. Citaremos alguns trechos que, por falta de espaço, somos obrigados a adiar para o próximo número.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

JUNHO DE 1863

Nº 6



Princípio da Não-Retrogradação dos Espíritos^{19, 20}

Tendo sido levantadas várias vezes questões sobre o princípio da não-retrogradação dos Espíritos, princípio diversamente interpretado, vamos tentar resolvê-las. O Espiritismo quer ser claro para todos e não deixar aos seus futuros adeptos nenhum motivo para discussão de palavras. Por isso todos os pontos susceptíveis de interpretação serão elucidados sucessivamente.

Os Espíritos não retrogradam, no sentido de que nada perdem do progresso realizado. Podem ficar momentaneamente estacionários, mas de bons não podem tornar-se maus, nem de sábios, ignorantes. Tal o princípio geral, que só se aplica ao estado moral e não à situação material, que de boa pode tornar-se má se o Espírito a tiver merecido.

Façamos uma comparação. Suponhamos um homem do mundo, instruído, mas culpado de um crime que o conduz às

19 **N. do T.:** Vide *O Livro dos Espíritos*, Livro II, Capítulo IV, questões 193 e 194.

20 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 521.

galés. Certamente há para ele uma grande descida como posição social e como bem-estar material. À estima e à consideração sucederam o desprezo e a abjeção. E, contudo, ele nada perdeu quanto ao desenvolvimento da inteligência; levará à prisão as suas faculdades, os seus talentos, os seus conhecimentos. É um homem decaído e é assim que devem ser compreendidos os Espíritos decaídos. Pode Deus, pois, ao cabo de um certo tempo de prova, retirar de um mundo onde não terão progredido moralmente aqueles que o tiverem *desconhecido*, que se houverem rebelado contra as suas leis, para mandar que expiem os seus erros e o seu endurecimento num mundo inferior, entre seres ainda menos adiantados. Aí serão o que antes eram, moral e intelectualmente, mas numa condição infinitamente mais penosa, pela própria natureza do globo e, sobretudo, pelo meio no qual se acharão. Numa palavra, estarão na posição de um homem civilizado, forçado a viver entre os selvagens, ou de um homem muito distinto, condenado à sociedade dos degredados. Perderam a posição e as vantagens, mas não regrediram ao estado primitivo. De homens adultos não se tornaram crianças. Eis o que se deve entender pela não-retrogradação. Não tendo aproveitado o tempo, é para eles um trabalho a recomeçar. Em sua bondade, Deus não os quer deixar por mais tempo entre os bons, cuja paz perturbam. Eis por que os envia entre homens que terão por missão fazer estes últimos progredirem, ensinando-lhes o que sabem. Por esse trabalho poderão eles próprios se adiantarem e resgatarem suas dívidas, expiando as faltas passadas, como o escravo que pouco a pouco economiza para um dia comprar a liberdade. Mas como o escravo, muitos só economizam dinheiro, em vez de entesourar virtudes, as únicas que podem pagar o resgate.

Esta a situação, até agora, de nossa Terra, mundo de expiação e de prova, onde a raça adâmica, raça inteligente, foi exilada entre as raças primitivas inferiores, que a habitavam antes. Esta a razão pela qual há tantas amarguras aqui, amarguras que estão longe de sentir no mesmo grau os povos selvagens.

Certamente há retrogradação do Espírito no sentido de que retarda seu progresso, mas não do ponto de vista das aquisições, em razão das quais e do desenvolvimento de sua inteligência, sua decadência social é mais penosa. É assim que o homem do mundo sofre mais num meio abjeto do que aquele que sempre viveu na lama.

Conforme um sistema que tem algo de especioso à primeira vista, os Espíritos não teriam sido criados para encarnarem e a encarnação seria tão-somente o resultado de sua falta. Tal sistema cai pela mera consideração de que se nenhum Espírito tivesse falido, não haveria homens na Terra, nem em outros mundos. Ora, como a presença do homem é necessária para o melhoramento material dos mundos; como ele concorre por sua inteligência e atividade para a obra geral, ele é uma das engrenagens essenciais da Criação. Deus não poderia subordinar a realização desta parte de sua obra à queda eventual de suas criaturas, a menos que contasse para tanto com um número sempre suficiente de culpados, de modo a alimentar de operários os mundos criados e por criar. O bom-senso repele tal idéia.

A encarnação é, pois, uma necessidade para o Espírito que²¹, realizando a sua missão providencial, trabalha seu próprio adiantamento pela atividade e pela inteligência, que deve desenvolver, a fim de prover à sua vida e ao seu bem-estar. Mas a encarnação torna-se uma punição quando o Espírito, não tendo feito o que devia, é constrangido a recomençar sua tarefa, multiplicando penosas existências corporais por sua própria culpa. Um estudante não é graduado senão depois de ter passado por todas as classes. Essas classes são um castigo? Não: são uma necessidade, uma condição indispensável de seu progresso. Mas se, pela preguiça, for obrigado a repeti-las, aí está a punição. Poder passar em algumas é um mérito. O que, pois, é certo é que a encarnação na Terra é uma punição para muitos dos que a habitam, porque poderiam tê-la evitado, ao passo que talvez tenham

21 N. do T.: Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo IV, item 25.

dobrado, triplicado e centuplicado a existência por sua própria culpa, assim retardando sua entrada em mundos melhores. O que é errado é admitir em princípio a encarnação como um castigo.

Outra questão muitas vezes aventada é esta: Como o Espírito foi criado simples e ignorante, com a liberdade de fazer o bem ou o mal, não haveria queda moral para aquele que tomasse o mau caminho, desde que chega a fazer o mal que antes não fazia?

Esta proposição não é mais sustentável que a precedente. Só há queda na passagem de um estado relativamente bom a um pior. Ora, criado simples e ignorante, o Espírito está, em sua origem, num estado de nulidade moral e intelectual como a criança que acaba de nascer. Se não fez o mal, também não fez o bem. Nem é feliz, nem infeliz. Age sem consciência e sem responsabilidade. Desde que nada tem, nada pode perder, como não pode retrogradar. Sua responsabilidade não começa senão no momento em que se desenvolve o seu livre-arbítrio. Seu estado primitivo não é, pois, um estado de inocência inteligente e raciocinada. Conseqüentemente, o mal que fizer mais tarde, infringindo as leis de Deus, abusando das faculdades que lhe foram dadas, não é um retorno do bem ao mal, mas a conseqüência do mau caminho por onde se embrenhou.

Isto nos conduz a outra questão. Por exemplo: É possível que Nero, na sua encarnação como Nero, possa ter feito mais mal que na sua precedente existência? A isto respondemos sim, o que não implica que na existência em que tivesse feito menos mal fosse melhor. Antes de tudo, o mal pode mudar de forma sem ser pior ou menos mal. A posição de Nero, como imperador, tendo-o posto em evidência, o que ele fez ficou mais notado; numa existência obscura pôde ter cometido atos igualmente repreensíveis, conquanto em menor escala, e que passaram despercebidos. Como soberano, pôde mandar incendiar uma cidade; como particular pôde queimar uma casa e fazer perecer a

família. Tal assassino vulgar, que mata alguns viandantes para os despojar, se estivesse no trono seria um tirano sanguinário, fazendo em grande escala o que sua posição só lhe permite fazer em escala reduzida.

Considerando a questão de outro ponto de vista, diremos que um homem pode fazer mais mal numa existência que na precedente, mostrar vícios que não tinha, sem que isto implique uma degenerescência moral. Muitas vezes são as ocasiões que faltam para fazer o mal, quando o princípio existe latente; surge a ocasião e os maus instintos se descobrem. A vida ordinária nos oferece numerosos exemplos: tal homem, que era tido como bom, de repente exhibe vícios que ninguém suspeitava, e que causam admiração; é simplesmente porque soube dissimular ou porque uma causa provocou o desenvolvimento do mau germe. É indubitável que aquele em que os bons sentimentos estão fortemente arraigados nem mesmo tem o pensamento do mal; quando tal pensamento existe, é que o germe existe: muitas vezes só falta a execução.

Depois, como dissemos, embora sob diferentes formas o mal não deixa de ser o mal. O mesmo princípio vicioso pode ser a fonte de uma imensidade de atos diversos, provenientes de uma mesma causa. O orgulho, por exemplo, pode fazer cometer grande número de faltas, às quais se está exposto, enquanto o princípio radical não for extirpado. Pode, pois, o homem, numa existência, ter defeitos que não se tinham manifestado numa outra e que não passam de conseqüências variadas de um mesmo princípio vicioso. Para nós, Nero é um monstro, porque cometeu atrocidades. Mas acreditais que esses homens – pérfidos, hipócritas, verdadeiras víboras que semeiam o veneno da calúnia, despojam as famílias pela astúcia e pelo abuso de confiança, que cobrem suas torpezas com a máscara da virtude para chegarem com mais segurança a seus fins e receberem elogios, quando só merecem a execração – valham mais do que Nero? Com certeza, não. Serem reencarnados

num Nero para eles não seria um retrocesso, mas uma ocasião para se mostrarem sob nova face. Como tais, exhibirão os vícios que ocultavam; ousarão fazer pela força o que faziam pela astúcia, eis toda a diferença. Mas essa nova prova lhes tornará o castigo ainda mais terrível se, em vez de aproveitar os meios que lhes são dados para reparar, deles se servirem para o mal. E, entretanto, por pior que seja, cada existência é uma oportunidade de progresso para o Espírito: ele desenvolve a inteligência, adquire experiência e conhecimentos que, mais tarde, o ajudarão a progredir moralmente.

Algumas Refutações

(2º artigo – Ver o número de maio)

Toda idéia nova encontra forçosamente oposição, por parte daqueles cujas opiniões e interesses contraria. Julgam alguns que a Igreja está comprometida – pensamos que não, mas nossa opinião não faz lei – razão por que nos atacam em seu nome com um furor ao qual só faltam as grandes execuções da Idade Média. Os sermões, as instruções pastorais lançam raios em todas as direções; as brochuras e artigos de jornais chovem em grande quantidade, na maioria com um cinismo de expressão pouquíssimo evangélico. Em vários deles é um raio que toca o frenesi. Por que, então, essa exibição de força e tanta cólera? Porque dizemos que Deus perdoa à criatura que se arrepende e que as penas só seriam eternas para aquelas que jamais se arrependessem, e porque proclamamos a bondade e a clemência de Deus, somos heréticos votados à execração e a sociedade está perdida. Apontam-nos como perturbadores; desafiam a autoridade a nos perseguir em nome da moral e da ordem pública; alegam que aquela não cumpre o seu dever deixando-nos tranqüilos!

Aqui se apresenta um problema interessante. Pergunta-se por que essa violência contra o Espiritismo, e não contra tantas outras teorias filosóficas ou religiosas muito menos ortodoxas? A

Igreja fulminou o materialismo, que tudo nega, como o faz contra o Espiritismo, que se limita à interpretação de alguns dogmas? Esses dogmas e muitos outros não foram tantas vezes negados, discutidos, polemizados numa porção de escritos que ela deixa passar despercebidos? Os princípios fundamentais da fé – Deus, a alma e a imortalidade – não foram publicamente atacados sem que ela se perturbasse? Jamais o saint-simonismo, o fourierismo, a própria Igreja do padre Chatel levantaram tantas cóleras, sem falar de outras seitas menos conhecidas, tais como os *fusionistas*, cujo chefe acaba de morrer, que têm um culto, seu jornal e não admitem a divindade do Cristo; os *católicos apostólicos*, que não reconhecem o papa, que têm seus padres e bispos casados, suas igrejas em Paris e nas províncias, onde batizam, casam e promovem cerimônias fúnebres. Por que, então, o Espiritismo, que não tem culto nem igreja, e cujos padres só existem na imaginação, levanta tanta animosidade? Coisa bizarra! o partido religioso e o partido materialista, que são a negação um do outro, dão-se as mãos para nos *pulverizar*, segundo dizem. Realmente o espírito humano apresenta caprichos singulares quando enceguecido pela paixão, e a história do Espiritismo terá coisas divertidas para registrar.

A resposta está por inteiro nesta conclusão da brochura do Rev. Pe. Nampon²²: “Em geral nada é mais *abjeto, mais degradante, mais vazão de fundo e de atrativo na forma que tais publicações, cujo sucesso fabuloso é um dos sintomas mais alarmantes de nossa época*. Destruí-os, pois, e nada perdereis com isso. Com o dinheiro gasto em Lyon para essas inépcias, facilmente se teriam criado mais leitos nos hospitais de alienados, superlotados desde a invasão do Espiritismo. E que faremos dessas brochuras perniciosas? Faremos o mesmo que fez o grande apóstolo em Éfeso; e assim agindo conservaremos em nosso meio o império da razão e da fé, preservando as vítimas dessas lamentáveis ilusões

22 Discurso pregado na igreja primacial de São João Batista, na presença de Sua Eminência o cardeal arcebispo de Lyon, nos dias 14 e 21 de dezembro de 1862, pelo reverendo padre Nampom, da Companhia de Jesus, pregador do Advento.

de uma porção de decepções na vida presente e das chamas da eternidade infeliz.”

Esse *sucesso fabuloso* é que confunde os nossos adversários. Eles não podem compreender a inutilidade de tudo quanto fazem para travar essa idéia que passa por cima de suas ciladas, endireita-se sob os seus golpes e prossegue sua marcha ascendente sem se preocupar com as pedras que lhe atiram. Isto é um fato indubitável e constatado muitas vezes pelos adversários desta ou daquela categoria, em suas prédicas e publicações. Todos deploram *o progresso incrível dessa epidemia, que ataca até os homens de ciência, os médicos e os magistrados*. Na verdade é preciso voltar do Texas para dizer que o Espiritismo está morto e ninguém mais fala dele. (Vide a *Revista* de fevereiro de 1863.)

Que fazemos para triunfar? Vamos pregar o Espiritismo nas praças? Convocamos o público às nossas reuniões? Temos missionários de propaganda? Contamos com o apoio da imprensa? Temos, enfim, todos os meios de ação, ostensivos e *secretos*, que possuíis e usais com tanta prodigalidade? Não; para recrutar partidários temos mil vezes menos trabalho do que vós para os desviar. Contentamo-nos em dizer: “Lede; e se isto vos convém, voltai a nós.” Fazemos mais, dizendo: “Lede os pró e os contras e comparai.” Respondemos aos vossos ataques sem fel, sem animosidade, sem acrimônia, porque não temos cólera. Longe de nos lamentarmos da vossa, nós a aplaudimos, porque ela serve à nossa causa. Eis entre milhares uma prova da força persuasiva dos argumentos dos nossos adversários. Um senhor que acaba de escrever à Sociedade de Paris, pedindo para dela fazer parte, assim começa sua carta: “A leitura de: *A Questão do Sobrenatural, os mortos e os vivos*, do Padre Matignon; *A Questão dos Espíritos*, do Sr. de Mirville; *O Espírito batedor*, do Dr. Bronson, e, finalmente, diversos artigos contra o Espiritismo, não fizeram senão que eu aderisse completamente à doutrina exposta em *O Livro dos Espíritos* e me deram o mais vivo desejo de fazer parte da Sociedade Espírita de

Paris, para poder continuar o estudo do Espiritismo de maneira mais seguida e mais proveitosa.”

Por vezes a paixão cega, a ponto de fazer cometer singulares inconseqüências. Na passagem citada acima, o Rev. Pe. Nampon diz que “*nada é mais vazão de atrativo que essas publicações, cujo sucesso fabuloso, etc.*” Não percebe ele que essas duas proposições se destroem reciprocamente; uma coisa sem atrativo não poderia ter nenhum sucesso, porquanto só o terá com a condição de ter atrativo; com mais forte razão quando o sucesso é fabuloso.

Acrescenta que com o dinheiro gasto em Lyon com essas inépcias, facilmente teriam sido criados mais leitos nos hospícios de alienados daquela cidade, superlotados desde a invasão do Espiritismo. É verdade que seriam precisos trinta a quarenta mil leitos, só em Lyon, já que todos os espíritas são loucos. Por outro lado, visto que são *inépcias*, nenhum valor possuem. Por que, então, lhes dar as honras de tantos sermões, pastorais e brochuras? Quanto à questão do emprego de dinheiro, sabemos que em Lyon muita gente, por certo animada de maus sentimentos, havia dito que os dois milhões fornecidos por esta cidade aos cofres de São Pedro teriam dado mais pão a muitos operários infelizes durante o inverno, ao passo que a leitura dos livros espíritas lhes deu coragem e resignação para suportar sua miséria sem revolta.

O Pe. Nampon não é feliz em suas citações. Numa passagem de *O Livro dos Espíritos* ele nos faz dizer: “Há tanta distância entre a alma do animal e a alma do homem, *quanto entre a alma do homem e a alma de Deus.*” (N^o 597). Nós dissemos: *...quanto entre a alma do homem e Deus*, o que é muito diferente. A *alma de Deus* implica uma espécie de assimilação entre Deus e as criaturas corpóreas. Compreende-se a omissão de uma palavra por inadvertência ou erro tipográfico; mas não se acrescenta uma

palavra sem intenção. Por que essa adição, que desnatura o sentido do pensamento, senão para dar um tom materialista aos olhos dos que se contentarem em ler a citação sem a verificar no original? Um livro que apareceu pouco antes de *O Livro dos Espíritos*, e que contém toda uma teoria cosmogônica, faz de Deus um ser muito diversamente material, porque composto de todos os globos do Universo, moléculas do ser universal, que tem um estômago, come e digere, e do qual os homens são o mau produto de sua digestão; contudo, nem uma palavra foi dita para o combater: todas as cóleras se concentraram sobre *O Livro dos Espíritos*. Será, talvez, porque em seis anos chegou à décima edição e espalhou-se em todos os países do mundo?

Não se contentam em criticar: truncam e desnaturam as máximas para aumentar *o horror que deve inspirar essa abominável doutrina* e nos pôr em contradição conosco mesmo. É assim que diz o Pe. Nampon, citando uma frase da introdução de *O Livro dos Espíritos*, página XXXIII: “*Certas pessoas, dizei vós mesmos, entregando-se a esses estudos perderam a razão.*” Damos assim a impressão de reconhecer que o Espiritismo conduz à loucura, ao passo que, lendo todo o parágrafo XV, a acusação cai precisamente sobre aqueles que a lançam. É assim que, tomando um trecho da frase de um autor, poderíamos levá-lo à forca. Os mais sagrados autores não escapariam a essa dissecação. É com tal sistema que certos críticos esperam mudar as tendências do Espiritismo e fazer crer que ele preconiza o *aborto*, o *adultério*, o *suicídio*, quando demonstra peremptoriamente a sua criminalidade e as funestas conseqüências para o futuro.

O Pe. Nampon chega mesmo a apropriar-se de citações feitas com o objetivo de refutar certas idéias. “O autor – diz ele – às vezes chama Jesus-Cristo Homem-Deus; mas alhures (*O Livro dos Médiuns*, página 368), num diálogo com um *médium* que, tomando o nome de Jesus lhe dizia: “Eu não sou Deus, mas sou seu filho”, logo replica: “Então sois Jesus? Sim – acrescenta o Pe.

Nampon – Jesus é chamado Filho de Deus, mas na acepção ariana, não sendo, portanto, consubstancial com o Pai.”

Antes de mais, não era o *médium* que se fazia passar por Jesus, mas um Espírito, o que é muito diferente. A citação é feita precisamente para mostrar a velhacaria de certos Espíritos e prevenir os médiuns contra seus subterfúgios. Pretendeis que o Espiritismo negue a divindade do Cristo ou vistes tal proposição formulada em princípio? É, dizeis vós, a consequência de toda a doutrina. Ah! se entrarmos no terreno das interpretações, poderemos ir mais longe do que quereis. Se disséssemos, por exemplo, que o Cristo não tinha chegado à perfeição, que teve necessidade das provas da vida corpórea para progredir; que a sua paixão lhe tinha sido necessária para subir em glória, teríeis razão, porque dele não faríamos sequer *um Espírito puro*, enviado à Terra com missão divina, mas *um* simples mortal, a quem o sofrimento era necessário, a fim de progredir. Onde encontrais que tenhamos dito isto? Pois bem! aquilo que nunca dissemos, que jamais diremos, sois vós que dizeis.

Ultimamente temos visto, no parlatório de uma casa religiosa de Paris, a seguinte inscrição, impressa em letras grandes e afixada para a instrução de todos: “*Foi preciso que o Cristo sofresse para entrar na sua glória, e não foi senão depois de ter bebido a longos sorvos na torrente da tribulação e do sofrimento que foi elevado ao mais alto dos céus.*” (Salmo 109, v. 8.) É o comentário deste versículo, cujo texto é: “*Ele beberá no caminho a água da torrente e é por ali que erguerá a cabeça (De torrente in via bibet: propterea exultabit caput)*”²³. Se, pois, “*foi preciso que o Cristo sofresse para entrar na sua glória; se não pôde ser elevado ao mais alto dos céus senão pelas tribulações e pelo sofrimento*”, é que antes nem estava na glória nem no mais alto dos céus; por conseguinte não era Deus. Seus sofrimentos, pois, não aproveitavam somente à Humanidade, desde que necessários ao seu próprio adiantamento. Dizer que o Cristo tinha necessidade de

23 N. do T.: O comentário referido não corresponde ao salmo citado.

sofrer para elevar-se é dizer que não era perfeito antes de sua vinda. Não conhecemos protesto mais enérgico contra a sua divindade. Se tal é o sentido do versículo do salmo que se canta nas *vésperas*²⁴, todos os domingos cantam a não divindade do Cristo.

Com o sistema de interpretação vai-se muito longe, dizíamos nós. Se quiséssemos citar a de alguns concílios sobre este outro versículo: “*O Senhor está a vossa direita; ele destruirá os reis no dia de sua cólera*”, seria fácil provar que daí foi tirada a justificação do regicídio.

Diz ainda o Pe. Nampon: “A vida muda inteiramente de aspecto (com o Espiritismo). A imortalidade da alma reduz-se a uma permanência material, sem identidade moral, sem consciência do passado.”

É um erro. O Espiritismo jamais disse que a alma ficasse sem consciência do passado. Ela perde momentaneamente a sua lembrança durante a vida corpórea, mas “quando o Espírito volta à vida anterior (a vida espírita), diante dos olhos se lhe estende toda a sua vida pretérita. Vê as faltas que cometeu e que deram causa ao seu sofrer, assim como de que modo as teria evitado. Reconhece justa a situação em que se acha e busca então uma existência capaz de reparar a que acaba de transcorrer.” (*O Livro dos Espíritos*, nº 393). Uma vez que há lembrança do passado, consciência do ser, há, então, identidade moral; desde que a *vida espiritual* é a vida normal do Espírito, que as existências corpóreas não passam de pontos na vida espírita, a imortalidade não se reduz a uma *permanência material*. Como se vê, o Espiritismo diz exatamente o contrário. Desnaturando-o assim, o Pe. Nampon não tem a desculpa da ignorância, porque suas citações provam que leu, mas se equivoca ao truncar citações e ao fazê-lo dizer o contrário do que diz.

24 **N. do T.:** Na liturgia católica, a parte do ofício divino que ocorre à tarde, entre 15 e 18 horas. (Grifo nosso).

O Espiritismo é acusado por alguns de estribar-se no mais grosseiro materialismo, porque admite o perispírito, que tem propriedades materiais. É ainda uma falsa conseqüência, tirada de um princípio referido incompletamente. O Espiritismo jamais confundiu a *alma* com o *perispírito*, que não passa de um envoltório, como o corpo é um outro. Tivesse ela dez envoltórios e isto nada tiraria à sua essência imaterial. Já o mesmo não se dá com a doutrina adotada pelo concílio de Viena, no Dauphiné, na sua segunda sessão, em 3 de abril de 1312. Segundo essa doutrina, “a autoridade da Igreja ordena crer que a alma não passa da forma substancial do corpo; que não há idéias inatas e declara heréticos os que negarem a materialidade da alma.” Raul Fornier, professor de Direito ensina positivamente a mesma coisa em seus discursos acadêmicos, impressos em Paris em 1619, com aprovação e elogios de vários doutores em teologia.

É provável que o concílio, baseando-se nos fatos de numerosas manifestações espíritas visíveis e tangíveis, referidas nas Escrituras, manifestações que não deixam de ser materiais, pois ferem os sentidos, tenha confundido a alma com o envoltório fluídico ou perispírito, cuja distinção o Espiritismo demonstra. Sua doutrina é, pois, menos materialista que a do concílio.

“Mas abordemos sem hesitar o homem da França, que é o mais adiantado nesses estudos. *Para constatar a identidade do Espírito que fala*, é preciso, diz o Sr. Allan Kardec, *estudar sua linguagem*. Pois bem! Que seja! Conhecemos por seus escritos autênticos o pensamento certo e, conseqüentemente, a *linguagem* de São João, São Paulo, Santo Agostinho, Fénelon, etc. Como, pois, em vossos livros, ousais atribuir a esses grandes gênios pensamentos e sentimentos inteiramente contrários aos que ficaram para sempre consignados em suas obras?”

Assim, admitis que essas personagens em nada se enganaram; que tudo quanto escreveram é a expressão da verdade; que se hoje voltassem corporalmente deveriam ensinar tudo o que

ensinaram outrora; que, vindo como Espírito, não devem renegar nenhuma de suas palavras. Entretanto, Santo Agostinho olhava como heresia a crença na redondeza da Terra e nos antípodas. Sustentava a existência dos incubos e súcubos e acreditava na procriação pelo comércio dos homens com os Espíritos. Credes que a tal respeito e como Espírito não possa pensar de modo diverso do que pensava como homem e que hoje professasse essas doutrinas? Se suas idéias houveram de modificar-se em certos pontos, podem perfeitamente ter sido mudadas em outros. Se se enganou, logo ele, gênio incontestavelmente superior, por que vós mesmos não vos enganaríeis? Para respeitar a ortodoxia será preciso negar a Agostinho o direito, melhor dizendo, o mérito de retratar-se de seus erros?

“Atribuí a São Luís esta sentença ridícula, sobretudo em sua boca, contra a eternidade das penas: *Supor Espíritos incuráveis é negar a lei do progresso.*” (*O Livro dos Espíritos*, nº 1007).

Não é assim que ela é formulada. À pergunta: Haverá Espíritos que nunca se arrependam? respondeu São Luís: “Há os de arrependimento muito tardio; porém, pretender-se que nunca se melhorarão fora negar a lei do progresso e dizer que a criança não pode tornar-se homem.” A primeira forma poderia parecer ridícula. Por que, então, sempre truncar e desnaturar as frases? A quem pensam enganar? aos que apenas lerem esses comentários inexatos? Mas seu número é muito pequeno, perto dos que querem conhecer o fundo das coisas sobre as quais vós mesmos chamais a atenção. Ora, a comparação não pode senão favorecer o Espiritismo.

Nota – Para a edificação de todos, recomendamos a leitura da brochura intitulada: *Do Espiritismo, pelo Rev. Pe. Nampon, da Companhia de Jesus, Livraria Girard et Josserand, Lyon, place Bellecour, nº 30; Paris, rue Cassette, nº 5.* Rogamos também ler em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns* os textos completos, citados resumidamente ou deturpados na brochura acima referida.

Orçamento do Espiritismo

OU EXPLORAÇÃO DA CREDULIDADE HUMANA

Sob esse título, um antigo oficial reformado, ex-representante do povo na Assembléia Constituinte de 1848, publicou em Argel uma brochura, na qual, buscando provar que o objetivo do Espiritismo é uma gigantesca especulação, faz cálculos dos quais resultam para nós rendimentos fabulosos, que deixam muito para trás os milhões com que tão generosamente nos gratificou certo abade de Lyon (Vide a *Revista* de junho de 1862). Para pôr nossos leitores em condição de apreciarem esse interessante inventário, citamo-lo textualmente, bem como as conclusões do autor. Tal extrato dará uma idéia do que pode conter o restante da brochura, do ponto de vista da apreciação do Espiritismo.

“Sem nos determos na análise de todos os artigos que aparentemente dizem respeito às provas do neofitismo e à disciplina da Sociedade, chamamos a atenção do leitor para os artigos 15 e 16. Tudo está lá.

“Aí verá que, sob o *pretexto* de prover às despesas da Sociedade, cada membro titular paga: 1^o – uma entrada de 10 fr.; 2^o – uma quota anual de 24 fr.; e cada sócio livre paga uma quota de 20 fr. por ano.

“As quotas são pagas integralmente por ano, isto é, adiantadamente: o Sr. Allan Kardec toma suas precauções contra as deserções.

“Ora, pelo *entusiasmo* que se nota em toda parte pelo Espiritismo, cremos ser modesto contando apenas 3.000 sócios para Paris, tanto livres quanto titulares. Tais quotas, pois, montariam 63.000 fr. por ano, sem considerar as entradas que serviram para montar o negócio.

“Só contaremos por alto os lucros com a venda de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*. Devem ser consideráveis, pois não conhecemos nenhuma obra em *maior voga*, voga firmada no insaciável desejo que leva o homem a penetrar o mistério da vida futura.

“Mas, do que precede, ainda não mostramos a mais abundante fonte de lucros. Existe uma revista mensal espírita, publicada pelo Sr. Allan Kardec, coletânea indigesta que ultrapassa de muito as lendas maravilhosas da Antigüidade e da Idade Média, cuja assinatura anual é de 10 fr. para Paris, 12 fr. para as províncias e 14 fr. para o estrangeiro.

“Ora, qual dos numerosos adeptos do Espiritismo que, em falta de 10 fr. por ano (cerca de 90 centavos por mês) se privaria de sua parte de aparições, evocações, manifestações de Espíritos e de lendas? Não se pode pois contar, na França e no estrangeiro, menos de 30.000 assinantes da *Revista*, produzindo um total anual de 300.000 fr.

“Os quais, com as quotas de 63.000 fr.
dão um total de 363.000 fr.

“As despesas a deduzir são:

“1^o O aluguel da sala de sessões da Sociedade, salários dos secretários, do tesoureiro, auxiliares de serviços e bom número de médiuns. Julgamos estar acima da realidade calculando essas despesas em 40.000 fr.

“Preço de custo da *Revista*: Um número de 32 páginas não custa mais de 20 centavos; os doze números do ano custarão 2 fr. 40 c., que, repetidos 30.000 vezes, dão a cifra de 72.000 fr.

Total das despesas 112.000 fr.

Subtraindo esses gastos dos 363.000 fr., resta para o Sr. Allan Kardec um lucro anual líquido de 250.000 fr., sem contar o da venda de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*.

“Do jeito como marcha a epidemia, dentro de pouco tempo a França será espírita, *se já não o é de fato*; e como não se pode ser bom espírita se ao menos não se for sócio livre e assinante da *Revista*, é provável que em 20 milhões de habitantes, de que se compõe aquela metade, haja 5 milhões de sócios e igual número de assinantes da *Revista*. Conseqüentemente, a renda dos presidentes e vice-presidentes das sociedades espíritas será de 100 milhões por ano, e a do Sr. Allan Kardec, proprietário da *Revista* e soberano pontífice, 38 milhões.

“Se o Espiritismo ganhar a outra metade da França, esta renda será dobrada; e, se a Europa se deixar infestar, não será mais por milhões, mas por bilhões que deve ser contada.

“Quanta ingenuidade, espíritas! Que pensais dessa especulação baseada em vossa simplicidade? Acaso poderíeis imaginar que do jogo das mesas girantes pudessem sair semelhantes tesouros? E agora estais edificados pelo ardor com que fundam sociedades os propagadores da doutrina?

“Não têm razão os que dizem que a estupidez humana é uma mina inesgotável a ser explorada?”

“Examinando agora os meios postos em prática pelo Sr. Allan Kardec, sua habilidade como especulador será a única coisa que não poderá ser posta em dúvida.

“Sabe ele que, na onda do sucesso universal das mesas girantes, acha-se toda feita, e sem custar um centavo, a coisa mais difícil de se conseguir: *a publicidade*.

“Ora, em tais circunstâncias prometer desvendar, por meio das mesas girantes, os mistérios do porvir e da vida futura, era

dirigir-se a uma imensa clientela, ávida por esses mistérios e, conseqüentemente, disposta a escutar suas revelações. Depois, pensando que os cultos existentes podiam lhe tirar um bom número de adeptos, ele proclama a sua decadência. Lê-se em sua brochura *O Espiritismo na sua expressão mais simples* (pág. 15): ‘Do ponto de vista religioso, o Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma, a imortalidade, as penas e recompensas futuras; *mas independe de qualquer culto particular?*

“Esta doutrina, feita por encomenda para seduzir o número sempre crescente de homens que já não querem suportar nenhuma hierarquia social, não podia deixar de surtir os seus efeitos.

(*Observação* – Em vossa opinião, pois, há muitos para quem o jugo da religião é insuportável!)

“O que nos surpreende extremamente é que, autorizando a pregação do Espiritismo, não tenha visto o governo que essa audaciosa tentativa contém o germe da abolição de sua própria autoridade; porque, enfim, quando a epidemia tiver crescido ainda mais, não é possível que, por injunção dos Espíritos, seja decretada a abolição de uma autoridade que pode ameaçar a existência do Espiritismo?”

“Poder-se-ia, sem perigo, permitir as sociedades espíritas. Mas não seria uma medida sensata a interdição de suas publicações?”

“A seita ter-se-ia limitado ao recinto das sessões e provavelmente jamais ultrapassaria o impacto das representações de *Conus* ou de Robert-Houdin.

“Mas a lei é atéia, disse a filosofia moderna; e é em virtude desse paradoxo que um homem pôde proclamar a derrocada da autoridade da Igreja.

“Este exemplo, diga-se de passagem, demonstraria a olhos menos clarividentes a sabedoria dos legisladores da antigüidade, que não acreditavam pudesse a ordem material coexistir com a desordem moral, ligando tão intimamente, em seus códigos, as leis civis e as leis religiosas.

“Se estivesse no poder da Humanidade destruir as criações espirituais de Deus, o primeiro efeito do Espiritismo seria arrancar a *Esperança* do coração do homem.

“Que esperaria o homem na Terra, se adquirisse a convicção (não dizemos a prova) de que após a morte terá à sua disposição, e indefinidamente, várias existências corporais?

“Esse dogma, que outra coisa não é senão a metempsicose tirada de Pitágoras, não é capaz de enfraquecer no homem o sentimento do dever e a lhe fazer dizer aqui: *Para mais tarde os negócios sérios?* A caridade, tão fortemente recomendada pelo Cristo e pela Igreja, e da qual o próprio Espiritismo afeta fazer a pedra angular de seu edifício, não recebe um golpe mortal?

“Outro efeito do Espiritismo é transformar a fé, que é um ato de livre-arbítrio e de vontade, numa credulidade cega.

“Assim, para fazer triunfar a especulação do Espiritismo ou das mesas girantes, prega o Sr. Allan Kardec uma doutrina cuja tendência é *a destruição da fé, da esperança e da caridade.*

“A despeito disto, que se tranqüilize o mundo cristão, pois o Espiritismo não prevalecerá contra a Igreja. ‘Reconhecer-se-á todo o valor de um princípio religioso (como diz o Sr. bispo de Argel, em sua carta de 13 de fevereiro de 1863, aos vigários de sua diocese), porque basta por si só para vencer todas as hesitações, todas as oposições e todas as resistências.’

“Mas há verdadeiros espíritas? – Não o negaremos, enquanto um homem sentir que a esperança não se extinguiu em seu coração.

“Que, há, pois, no Espiritismo? Nada mais que especuladores e papalvos. E no dia em que a autoridade temporal compreender sua solidariedade com a autoridade moral e apenas se limitar a proibir as publicações espíritas, essa especulação imoral cairá para não mais se levantar.”

O jornal de Argel, *Akbbar*, de 28 de março de 1863, num artigo tão indulgente quanto a brochura, reproduzindo uma parte dos argumentos, conclui que está devidamente provado, por cálculos autênticos, que o Espiritismo nos dá atualmente uma renda positiva de 250.000 fr. por ano. O autor da brochura vê as coisas ainda mais largamente, pois suas previsões a elevam daqui a poucos anos a 38 milhões, isto é, a uma cifra superior à lista civil dos mais ricos soberanos da Europa. Certamente não nos daremos ao trabalho de combater cálculos que se refutam pelo próprio exagero, mas que provam uma coisa: o pavor que causa aos adversários a rápida propagação do Espiritismo, a ponto de os levar a dizer as maiores inseqüências.

Com efeito, admitamos por um instante a realidade dos números do autor: não seria o mais enérgico protesto contra as idéias atuais, que ruiriam no mundo inteiro ante a idéia emitida por um só homem, desconhecido até seis anos atrás? Não é reconhecer a força irresistível dessa idéia? Dizeis que ela tende a suplantiar a religião e, para o provar, a apresentais adotada brevemente por vinte milhões, depois por quarenta milhões de habitantes, só na França; depois exclamais: “Não, a religião não pode perecer.” Mas se vossas previsões se realizarem, que ficará para a religião? Façamos também uma pequena estatística das cifras, conforme o autor: na França, 36 milhões de habitantes; espíritas, 40 milhões; resta para os católicos menos 4 milhões, porque, em vossa opinião,

não se pode ser católico e espírita. Se a Igreja é tão facilmente derrubada por um indivíduo com a ajuda de uma idéia extravagante, não é reconhecer que repousa sobre uma base muito frágil? Dizer que pode ser comprometida por um absurdo é fazer pouco caso do poder de seus argumentos e confessar o segredo de sua própria fraqueza. Onde, então, sua base inquebrantável? Desejamos à Igreja um defensor mais forte e, sobretudo, mais lógico que o autor da brochura. Nada é mais perigoso do que um amigo imprudente.

Não se pensa em tudo. O autor não refletiu que, querendo nos denegrir, exalta a nossa importância, embora o meio que emprega vai justo contra seu objetivo. Sendo o dinheiro o deus de nossa época, àquele que o possuir em maior quantidade não faltam cortesãos, atraídos pela esperança do espólio. Os bilhões com que nos gratifica, longe de afastar de nós, poriam até os príncipes aos nossos pés. Que diria o autor se, considerando-se que não temos filhos, o fizéssemos nosso legatário de algumas dezenas de milhões? Acharia a fonte má? Isto seria capaz de fazê-lo dizer que o Espiritismo serve para alguma coisa.

Em sua opinião, uma das fontes de nossas rendas imensas é a Sociedade de Paris, que ele supõe ter ao menos 3.000 membros. Antes de mais, poderíamos perguntar-lhe com que direito vem imiscuir-se nos negócios particulares; mas passamos por cima. Já que se vangloria de tanta exatidão, e esta é necessária quando se quer provar com cifras, se ele se tivesse dado ao trabalho apenas de ler o relatório da Sociedade, publicado na *Revista* de junho de 1862, poderia ter feito uma idéia mais exata de seus recursos, e do que chama o orçamento do Espiritismo.

Colhendo as informações alhures, e não em sua imaginação, teria sabido que a Sociedade, classificada oficialmente entre as sociedades científicas, não é uma confraria nem uma congregação, mas simples reunião de pessoas que se ocupam do estudo de uma ciência nova, que aprofunda; que, longe de visar o

número, mais prejudicial do que útil aos trabalhos, ela o restringe em vez de o aumentar, pela dificuldade de admissões; que, em vez de 3.000 membros, jamais teve cem; que não retribui nenhum de seus funcionários, nem presidentes, vice-presidentes ou secretários; que não emprega nenhum médium pago e sempre se levantou contra a exploração da faculdade mediúnica; que jamais recebeu um centavo dos poucos visitantes que admite e nunca abriu suas portas ao público; que, fora dos sócios *contribuintes*, nenhum espírita lhe é tributário; que os membros honorários não pagam qualquer quota; que entre ela e as outras sociedades espíritas não existe nenhuma filiação ou solidariedade material; que o produto das cotas jamais passa pelas mãos do presidente; que toda despesa, por menor que seja, não pode ser feita sem a deliberação do comitê; enfim, que seu orçamento de 1862 foi fechado graças a uma reserva de 429 fr. 40 c.

Esse fraco resultado invalida a crescente importância do Espiritismo? Não; ao contrário, prova que a Sociedade de Paris não é uma especulação para ninguém. E quando o autor procura excitar a animosidade contra nós, dizendo aos adeptos que eles se arruinam em nosso proveito, eles simplesmente responderão que é uma calúnia, porque nada se lhes pede e eles nada pagam. Poder-se-ia dizer o mesmo de todo o mundo e não se poderia devolver a outros o argumento do autor, com cifras mais autênticas que as suas? Quanto aos trinta mil assinantes da *Revista* nós os desejamos. “Caluniai, caluniai – disse um autor – e sempre ficará alguma coisa.” Sim, certamente; sempre restará algo que, cedo ou tarde, recai sobre o caluniador.

Injúrias, calúnias, invenções manifestas, até a intromissão na vida privada, com vistas a lançar a desconsideração sobre um indivíduo e sobre uma numerosa classe de pessoas, essa brochura, que ultrapassou de muito todas as diatribes publicadas até hoje, tem todas as condições exigidas para ser levada à justiça. Não o fizemos, malgrado as solicitações que a respeito nos foram dirigidas, porque é uma sorte para o Espiritismo e não gostaríamos,

à custa de injúrias ainda maiores, que ela não tivesse sido publicada. Nossos adversários nada poderiam fazer de melhor para seu próprio descrédito, mostrando a que tristes expedientes se reduziram para nos atacar e a que ponto o sucesso das idéias novas os apavora. E, poderíamos dizer, os faz perder a cabeça.

O efeito dessa brochura foi provocar uma enorme gargalhada em todos os que nos conhecem, e estes são numerosos. Quanto aos que não nos conhecem, ela lhes deve inspirar um vivo desejo de conhecer esse Nababo improvisado, que recolhe milhões mais facilmente do que se recolhem moedas, e a quem basta lançar uma idéia para fazer aderir a população de todo um império. Ora, como, segundo o autor, ele só atrai os tolos, resulta que este império é composto de tolos, de alto a baixo da escala. A história da Humanidade não oferece nenhum exemplo de semelhante fenômeno. Tivesse o autor sido pago para tal resultado e não se teria saído melhor. Assim, não temos de que nos queixar²⁵.

Um Espírito Premiado nos Jogos Florais

Reproduzimos textualmente a carta seguinte, que nos foi enviada de Bordeaux, em 7 de maio de 1863:

“Caro Mestre,

“No dia 22 de abril passado recebi do Sr. T. Jaubert, vice-presidente do tribunal civil de Carcassonne, presidente honorário da Sociedade Espírita de Bordeaux, uma carta em que me informava que a *Academia dos Jogos Florais* de Toulouse havia

²⁵ Escrevem-nos da Argélia, e o damos com reserva, que o autor da brochura fez parte de um grupo espírita; que seu zelo pela sua causa o tinha alçado à presidência; mas que, mais tarde, por não ter querido renunciar a certos projetos desaprovados pelos outros membros, fora destituído.

julgado o mérito das poesias admitidas ao concurso de 1863. Sessenta e oito concorrentes inscreveram-se na modalidade fábula; duas fábulas se destacaram: uma obteve o primeiro prêmio (a Primavera); a outra foi elogiada em ata. Ora, essas duas peças, diz-me o Sr. Jaubert, são *ambas* de seu *Espírito familiar*.

“Como esse fato era capital para o Espiritismo, eu próprio quis ser testemunha. Dirigi-me, então, a Toulouse, com uma delegação da Sociedade Espírita de Bordeaux, para assistir à premiação do *Espírito batedor de Carcassonne*. Assistimos, pois, à sessão solene dos prêmios e, depois da leitura da fábula premiada, misturamo-nos aos aplausos do público da cidade e vimos, pelos sufrágios e pelas honras que colheram dos distintos membros da academia, desmoronar sob os seus aplausos a hidra do materialismo e, em seu lugar, surgir o dogma santo e consolador da imortalidade da alma.

“Ao vosso lado, caro mestre, não passamos de meros intérpretes do nosso honrado presidente, Sr. Jaubert. Ele nos encarregou de vos comunicar esse feliz acontecimento, sabendo como nós que ninguém poderá, com tanta sabedoria, lhe deduzir as conseqüências, para o tornar útil à causa que temos orgulho de servir sob vossa paternal direção.

“Aproveitamos esta ocasião para testemunhar nosso reconhecimento ao excelente e honrado Sr. Jaubert, pela acolhida cordial e simpática que ele fez à delegação da Sociedade de Bordeaux. Tais testemunhos de amizade são preciosos para nós e nos encorajam a marchar com perseverança na via penosa e laboriosa do apostolado, sem nos determos nos obstáculos que aí poderíamos encontrar. O Sr. Jaubert é um desses homens que podem servir de exemplo aos outros; é um verdadeiro espírita, simples, modesto e bom, cheio de dignidade e de abnegação; calmo e grave como tudo o que é grande; sem orgulho e sem entusiasmo, qualidades essenciais a todo homem que se faz apóstolo de uma

doutrina, e que liga seu nome às corajosas profissões de fé que envia aos fracos e aos tímidos.

“Consideramos o triunfo do Espírito no Capitólio de Toulouse como uma vitória para nossa santa e sublime doutrina. Deus quer calar os sorrisos de ironia e de incredulidade. É sem dúvida por isso que permitiu que os doutos jurados premiassem a alma de um morto. Que o 3 de maio seja, pois, gravado em letras de ouro nos fastos do Espiritismo. Ele cimenta o primeiro elo da solidariedade fraternal que une os vivos aos mortos: revelação esplêndida e sublime que aquece e vivifica as almas pela radiação da fé.

“Para todos os espíritas que assistiam àquela solenidade, como era bela a festa! Despreendendo o pensamento do mundo material, eles viam na sala dos Jogos Florais, volitando aqui e ali, grupos de Espíritos bons, que se felicitavam por essa vitória obtida por um de seus irmãos e, irradiando sobre todos, o Espírito Clemência Isaura, a fundadora desses novos Jogos Olímpicos, tendo nas mãos uma coroa flexível para depositar, no momento do triunfo, sobre a fronte do Espírito laureado.

“Se há na vida momentos de amargura, também os há de inefável felicidade. Isto quer dizer que em 3 de maio de 1863, em Toulouse, eu vi, ou antes, nós vimos um destes momentos que fazem esquecer as tribulações da vida terrena.

“Recebei, caro mestre, etc.

Sabô”

É, com efeito, um fato importante este que acaba de se passar em Toulouse, e todos compreenderão a emoção dos espíritas sinceros que assistiam àquela solenidade, pois compreendiam as suas conseqüências, emoção descrita em termos tão simples e tão tocantes na carta que se acaba de ler. É a

expressão da verdade sem fanfarrice, sem jactância e sem bravatas inúteis.

Algumas pessoas poderiam admirar-se de que o Sr. Jaubert não tenha confundido os adversários do Espiritismo, proclamando, durante a sessão, e perante a multidão, a verdadeira origem das fábulas premiadas. Se não o fez, a razão é muito simples: é que o Sr. Jaubert é um homem modesto, que não procura fazer ruído e que, acima de tudo sabe viver. Ora, entre os juízes provavelmente havia alguns que não partilhavam de suas idéias a respeito dos Espíritos. Seria, então, jogar-lhes publicamente na face uma espécie de desafio, um desmentido, procedimento indigno de um homem elegante, diremos melhor, de um verdadeiro espírita, que respeita todas as opiniões, mesmo as que não são suas. Que teria produzido esse arruído? Protestos da parte de alguns assistentes, talvez escândalo. O Espiritismo teria lucrado com isso? Não; teria comprometido sua dignidade. O Sr. Jaubert, assim como os numerosos espíritas que assistiam à cerimônia, deram, pois, prova de alta sabedoria, abstendo-se de qualquer demonstração pública. Era um sinal de deferência e de respeito, tanto para com a academia, quanto para com a assembléia. Provaram mais uma vez, nesta circunstância, que os espíritas sabem conservar a calma no sucesso, como perante as injúrias de seus adversários, e que não é da parte deles que se deve esperar o incitamento à desordem. O fato nada perde em importância, porque em breve será conhecido e aclamado em cem países diferentes.

Os negadores de boa ou de má-fé, porquanto os há uns e outros, por certo dirão que nada prova a origem dessas fábulas, e que o laureado, para servir aos interesses do Espiritismo, poderia ter atribuído aos Espíritos os produtos de seu próprio talento. Para isto há uma resposta muito simples: é a honorabilidade notória do caráter do Sr. Jaubert, que desafia qualquer suspeita de ter representado uma comédia indigna de sua seriedade e de sua posição. Quando os adversários nos opõem charlatães, que

simulam fenômenos espíritas nos palcos improvisados, nós lhes respondemos que o Espiritismo verdadeiro nada tem de comum com eles, assim como a verdadeira Ciência não tem relação com os prestidigitadores que se dizem físicos; aos que quiserem dar-se ao trabalho de estudá-lo, cabe fazer a diferença. Tanto pior para o julgamento dos que falam daquilo que não conhecem.

Não podendo ser posta em dúvida a questão da lealdade, resta saber se o Sr. Jaubert é poeta e se, de boa-fé, não teria tomado como dos Espíritos uma obra sua. Ignoramos se é poeta; mas, se tivesse o talento de Racine, o meio pelo qual obtém suas fábulas espíritas não pode deixar sombra de dúvida a respeito. É notório que todas as que obteve o foram pela tiptologia, isto é, pela linguagem alfabética das pancadas, e que a maioria tivera numerosas testemunhas, não menos dignas de fé que ele. Ora, para quem quer que conheça esse processo, é evidente que sua imaginação não poderia exercer a mínima influência. A autenticidade da origem é, pois, incontestável e a Academia de Toulouse poderia certificar-se assistindo a uma experiência.

Damos a seguir as duas fábulas premiadas.

O LEÃO E O CORVO

(Primeiro prêmio)

Percorria um leão seus domínios imensos,
 Por um nobre orgulho dominado;
 Sem raiva a devorar vassalos indefensos;
 Bom príncipe afinal, desde que bem jantado!
 E nunca andava só; de sua juba em volta
 Apressados se vêem lobos, tigres, panteras,
 Leopardos, javalis; uma faminta escolta;
 E até raposas longe das feras.
 Ora, o monarca quis certo dia
 Aos campônios falar e à corte com alegria:
 “ – Companheiros, sois vós apoio à minha glória
 E submissos fiéis a uma gula notória,

Por entender-me bem que viestes vós,
Que por graça de Deus sou rei! Ouvi-me a voz:
Eu poderia... Mas, por que o poder citar?"
Logo o leão sem se embarçar,
Qual melhor não fizera experiente advogado
Ou bom procurador de inteligência astuta,
Dos deveres falou nos encargos do Estado,
Dos pastores, dos cães, da nova carta arguta,
Do mal que muita vez dele um tolo afirmou;
E cheio de emoção, matreiro terminou:
"Se o meu palácio deixo é pra vos dar prazer;
Vossas mágoas falai; verei o que fazer;
Touros, ovelhas... ouvirei com bondade.
Eu espero; falai com toda a liberdade.
Pois que! Todo o reino aqui reputo,
Sem um só infeliz! Nenhuma queixa escuto!..."
Velho corvo então o interrompeu,
E já livre no ar respondeu:
"Satisfeitos os crês; seu silêncio te toca,
Grande rei!... É o terror o que lhes fecha a boca."

O OSSO PARA ROER

(Menção honrosa)

Ornado de um chapéu e com benevolência,
Um discípulo do extinto Vatel,
No pátio de seu grandioso hotel,
A seus cães ele dava audiência.
"Em vós, ele dizia, estou sempre a pensar;
Eu vos amo muito e é uma ação minha
Destinar-vos sobras da cozinha,
Este osso, este belo osso eu vou dar!
Mas só um vai gozar de meu grande favor;
Por justiça o darei ao mais merecedor.
Está aberto o concurso; atentai nos acertos."
Um cão d'água famoso e dentre os mais espertos,
De uma tropa canina era outrora o primeiro,
Logo o dono saudou como alegre rafeiro,
Passeou ante os demais de olhar triunfador,
Latiu, morto se fez, mostrou-se ao imperador.
Eis que um dogue exclamou: "Que importa tal jactância!

Da casa e sem cessar cuidado da vigilância.
 Senhor, não esqueçais que um ladrão imprudente
 Caiu, no ano passado, em meu dente.”
 Disse um cãozinho então: “Valente e sem censura,
 Anos, já faz uns dez, vos sirvo com finura;
 E sempre, para vós, com este pequeno saco,
 Só para vos comprar no empório um bom tabaco.”
 “ – Eu amo, uivou Tayant, a fanfarra sonora
 Já me vistes na caça entre os retardatários?
 Ao menos me deveis raposas, coelhos vários;
 Eu sou sóbrio e submisso; e nunca o que devora
 A perdiz encontrada no laço.”
 E o osso enfim quem roeu? Foi um bassê já baço!
 Como o teria feito, outrora, um deputado,
 E que sem mais rubor, fará de novo, então,
 Diante do chefe pois, ventre ao piso colado,
 Lambeu-lhe alegre os pés e... o fez abrir a mão.
 Vós, bassês dos Chefões, de condição notória,
 Eis, ó vis bajoulos, vossa história.

Considerações sobre o Espírito Batedor de Carcassonne

Se se teimasse em acreditar na influência dos conhecimentos pessoais do médium na produção dos versos premiados pela Academia de Toulouse, não se poderia dizer o mesmo com as coisas impossíveis materialmente de conhecer. Entre mil, o fato seguinte é uma resposta peremptória a essa objeção. Nós a colhemos de uma segunda carta do Sr. Sabò.

Diz ele: “No dia 4 de maio, tendo partido a delegação de Bordeaux, fiquei mais um dia em Toulouse e, numa visita que fiz ao Sr. Jaubert, este me propôs uma experiência que aceitei com imenso prazer, porquanto jamais o tinha visto operar. Uma pesada mesa de quatro pés se achava em seu quarto; colocamo-nos um em frente ao outro e, após algumas evoluções da mesa, que obedecia

ao seu comando, esta voltou à posição normal; então ele me pediu que evocasse *mentalmente* um Espírito. Eis as perguntas feitas por ele e as respostas dadas pelo Espírito.

P. – Poderíeis informar o vosso sexo?

Resp. – Feminino. (Era verdade).

P. – Com que idade deixastes a Terra?

Resp. – Aos 22 anos. (Também era verdade).

P. – Qual o vosso prenome?

Quando o Espírito indicou seis letras formando *Félici*, o Sr. Jaubert julgou adivinhar e disse: “Deve ser *Félicie* ou *Félicité*.” Sem responder à sua observação, pedi que continuasse. O Espírito indicou um *a*. Eu estava muito emocionado e o médium temeu uma mistificação. Tranqüilizado a respeito, tendo dito que o nome era mesmo *Félicia*, ele continuou.

P. – Que grau de parentesco vos ligava ao Sr. Sabò?

Resp. – Eu era sua esposa.

Desta vez o Sr. Jaubert se julgou bem mistificado, pois sabia que minha esposa ainda pertencia a este mundo. Não dissimulo e estava muito contente: eu acabava de apalpar, se assim posso dizer, a alma de minha cara Félicia. Então expliquei ao Sr. Jaubert, *o que ele ignorava*, que eu era viúvo e casado novamente com a irmã do Espírito que acabava de nos dar uma prova irrecusável da manifestação da alma. Ele estava tão feliz quanto eu com esse resultado, embora me tenha dito que obteve fatos desta natureza, ante os quais a incredulidade mais absoluta deverá render-se, quer queira, quer não. A quem me disse: “Isto é impossível”, responderei com o Sr. Jaubert: “Incrédulos! Procurai de boa-fé e encontrareis.”

Por nossa vez diremos a esses senhores que eles têm em boa reputação os *incrédulos absolutos*, crendo que se renderão à

evidência. Há os que nasceram incrédulos e morrerão incrédulos, não que não possam crer, mas porque não querem crer. Ora, não há pior cego que aquele que não quer ver. Ultimamente dizia um sábio oficial a um dos nossos amigos que lhe falava desses fenômenos: “Jamais acreditarei que uma mesa possa mover-se e levantar-se, a não ser impulsionada pelos músculos do operador. – Mas se vísseis uma mesa manter-se no espaço sem contato e sem ponto de apoio, que diríeis? – Iguamente não acreditaria, porque *sei* que é impossível.”

Acreditais, então, que os Espíritos batedores de Carcassonne e do mundo inteiro, sem exceção, jamais conseguirão vencer essas incredulidades absolutas e preconcebidas. O que há de melhor a fazer é deixá-los tranqüilos. Quando em mil pessoas, novecentas e noventa acreditarem – o que não tardará muito – que farão os dez outros? Como hoje, dirão ainda que só eles têm bom-senso e que é preciso internar como loucos os noventa e nove por cento da população. Deixemos-lhes, pois, esta inocente satisfação e prossigamos nosso caminho sem nos inquietarmos com os retardatários.

A expressão “*sei que é impossível*” lembra a seguinte anedota: Um embaixador holandês, conversando com o rei de Sião sobre particularidades da Holanda, dos quais o príncipe se informava, entre outras coisas lhe disse que, em seu país, a água de tal forma congelava na estação mais fria do ano, que os homens caminhavam sobre ela e que assim congelada, suportaria elefantes, se os houvesse. Ao que respondeu o rei: “Senhor embaixador, até aqui acreditei nas coisas extraordinárias que me contastes, porque vos tomava por um homem honrado e probo; mas agora estou certo de que mentis.” Não é o equivalente do “*sei que é impossível*”?

Dirão certos negadores que o fato relatado acima nada prova, porque se o médium ignorava a coisa, o Sr. Sabò a conhecia perfeitamente. É, pois, o seu pensamento que se reproduzia. Assim,

seria o pensamento do que não era médium que se refletia na mesa, tê-la-ia agitado de modo inteligente para fazê-la bater as pancadas indicadoras das letras que expressavam o seu pensamento e isto sem a sua vontade, sem a participação de suas mãos? Singular propriedade do pensamento! Só este fenômeno, admitida a vossa teoria, não seria prodigioso e digno da mais séria atenção? Por que, então, desdenhá-lo? Absorvei-vos na composição de um grão de poeira, calculais cuidadosamente as proporções de seus elementos e só tendes desdém para uma manifestação tão estranha do pensamento! Se um novo raio do espectro solar se separar, logo estudaís as suas propriedades, sua ação química, calculais seu ângulo de reflexão, seu poder refrativo; porém, se um raio do pensamento se isola, agita a matéria, reflete-se como a luz, isto não desperta a vossa atenção! Dizeis: “De que adianta nos ocuparmos com isto? É apenas o pensamento!”

Mas como explicareis, com essa teoria, os fatos tão numerosos das revelações, quer pela tiptologia, quer pela escrita, de coisas completamente ignoradas por todos os assistentes, e cuja exatidão foi constatada, entre outros o de Simon Louvet, relatado na *Revista* de março de 1863? Do pensamento de quem tal comunicação poderia ser reflexo, levando-se em conta que foi necessário recorrer a um jornal de seis anos antes para o verificar? Será mais simples admitir tivesse sido o pensamento do jornalista que o do Espírito Simon Louvet? Então tendes muito medo de serdes forçado a confessar que a alma sobrevive ao corpo! E a idéia de ser aniquilado depois da morte vos sorri muito mais que a de reviver em condições mais felizes e de encontrar no mundo dos Espíritos as afeições que tereis deixado na Terra! Se vos comprazeis na doce quietude de acabar para sempre no fundo da cova e de adormecer no seio da podridão do vosso corpo, que mal vos fazem os que pensam o contrário e por que os perseguir como inimigos do gênero humano? Na razão de vossa crença buscai fazer-lhes o mal; na razão da sua eles não vo-lo fazem, mesmo que sem isso talvez se sentissem vingados de vossas injúrias. Eis a condenação das conseqüências sociais de vossas doutrinas.

Não nos recusamos a crer, dizem alguns dentre vós, mas nada podemos ver; impedem-nos até o acesso às reuniões onde poderíamos convencer-nos, só admitindo a entrada de pessoas convictas. A entrada às reuniões vos é recusada por uma razão bem simples: é que não quereis fazer o necessário para vos esclarecerdes, nem seguir o caminho que vos é indicado; é que vindes às reuniões não para estudar fria e seriamente, mas com um sentimento hostil, com o pensamento de fazer prevalecer vossas idéias preconceituosas e que na maior parte do tempo aí trazeis a perturbação; que sem o respeito ao caráter privado, conquanto não secreto, das reuniões, procurais aí penetrar pela astúcia, para satisfazer a uma curiosidade inútil e buscar temas aos vossos sarcasmos e muitas vezes logo desnaturar o que tiverdes visto. Tais os motivos de vossa exclusão, que nunca seria por demais rigorosa, já que seríeis nocivos a uns e sem utilidade para vós. Os que quiserem instruir-se honestamente devem prová-lo por uma boa vontade paciente e perseverante, e os meios não lhes faltarão. Mas não se poderia ver essa boa vontade no desejo de submeter a coisa às suas exigências, em vez de se submeterem eles próprios às exigências da coisa. Dito isto, deixemos os negadores em paz, esperando chegue a hora em que possam ver a luz.

A primeira resposta dada pelo Espírito Félicia poderia, para certas pessoas, parecer uma contradição. Diz ela que é do sexo feminino e sabe-se que os Espíritos não têm sexo. É verdade que não têm sexo, mas sabe-se que para se fazerem reconhecer se apresentam sob a forma que os conhecemos em vida. Para seu antigo marido, Félicia é sempre uma mulher. Não podia, pois, se lhe apresentar sob outro aspecto, que lhe teria perturbado a lembrança. Há mais: quando este entrar no mundo dos Espíritos, encontrá-la-á como era na Terra, sem o que não a reconhecerá. Mas pouco a pouco se apagam os caracteres puramente físicos, para não deixar que subsistam senão os caracteres essencialmente morais. É assim que uma mãe encontra o filho em tenra idade, embora, na verdade,

já não seja uma criança. Acrescentemos ainda que os caracteres materiais são tanto mais persistentes quanto menos desmaterializados os Espíritos, isto é, menos elevados na hierarquia dos seres. Depurando-se, os traços da materialidade desaparecem à medida que o pensamento se desprende da matéria. Eis por que os Espíritos inferiores, ainda presos à Terra, são, no mundo invisível, mais ou menos o que eram em vida, com os mesmos gostos e as mesmas inclinações.

Sobre este capítulo faremos uma última observação; é quanto à qualificação de *batedor*, dada erroneamente, em nossa opinião, ao Espírito que se comunica com o Sr. Jaubert. Tal qualificação não convém, como dissemos alhures, senão aos Espíritos que podemos dizer batedores de profissão e que pertenciam sempre, pela pouca elevação de suas idéias e de seus conhecimentos, às categorias inferiores. Não se daria assim com este, que prova, ao mesmo tempo, a superioridade de suas qualidades morais e intelectuais. Para ele a tiptologia não é um divertimento; é um meio de transmissão do pensamento, do qual se serve por não ter encontrado em seu médium a faculdade necessária ao emprego de outro. Seu objetivo é sério, ao passo que o dos Espíritos batedores propriamente ditos é quase sempre fútil, quando não maléfico. Podendo a qualificação de Espírito batedor ser tomada em mau sentido, preferimos qualificá-los como *Espírito tiptor*, termo que se refere à linguagem da tiptologia.

Mediações sobre o Futuro

POESIA PELA SRA. RAOUL DE NAVERY

Lida na Sociedade Espírita de Paris, em 27 de março de 1863

Observação – Embora não tenhamos o hábito de publicar poesias que não sejam produtos mediúnicos já

constatados, por certo nossos leitores nos serão agradecidos por fazermos exceção ao seguinte trecho de inspiração, a bem dizer espontânea, de uma pessoa que, até pouco tempo atrás, ainda relegava as crenças espíritas como utópicas.

Quando da morte a mão, golpes multiplicando,
 Outrora, a nossa volta, o luto semeando,
 Só assim nos consolava a nos ferir o ouvido:
 “Se no túmulo dorme um ser muito querido
 “É que a alma da prisão do corpo libertou-se,
 “Do invólucro pesado a um outro etéreo e doce;
 “Retornando afinal à origem primitiva,
 “De Deus desfruta, então, a força e luz bem viva;
 “Nele reencontrareis, um dia, e com fervor,
 “Ao invés do amor terrestre um imortal amor!”
 Agora, não é mais tão longínqua esperança
 Que em nossos males um clarão incerto lança;
 Futuro já não é aos mortos esquecer:
 Perto de nós estão, sem vê-los, a nos ver,
 Sentindo-nos a fé e nossos sofrimentos;
 Mensageiros trazendo a nós santos alentos,
 A responderem do Alto ao que aqui cogitamos;
 Apertam suas mãos as nossas se aspiramos
 Beijos de sua boca; enquanto de outra esfera
 Alentam nosso amor ao mistério da espera.
 Ao evocá-los nós, quais ocultos enxames,
 Claridade e calor nos sopram em derrames;
 Eles vêm! E pra nós tudo muda e se colora;
 De ignotos mundos nós pressentimos a aurora;
 Nos ilumina a mente um fulgor sideral,
 E adoramos, então, num silêncio total
 Todo o poder de Deus por eles revelado.

Responde! Ô eternal Saber se nos é dado
 Ofensas Te fazer! ao romper, santamente,
 O véu que limitava o olhar da humana gente?
 Seguidores fiéis, vamos de alma tenaz
 Do Evangelho rasgar os textos divinais?
 De homens convictos, não! Corações de valor,
 Fazemos depois dele o que fez o Senhor:
 Nós cremos: – Operar milagres nós podemos,

Cenáculos de luz dos lares nós faremos,
O Espírito a invocar cujas línguas de fogo
A serviço de Deus os simples ponham, logo.

Lá dos confins do céu soprai, ventos celestes!
Para longe de nós tangei trevas agrestes;
Espalhai vossa luz, ó candelabros de ouro,
E que da arca sagrada aclarai o tesouro!
Ó raios do Sinai! Sarça do Horeb ardente!
Espíritos do bem, tende o poder na mente,
Espírito, qual sopro a que sentiu passar
Por sua pele Job, seus pêlos a eriçar;
Ó vós que, destruindo as almas exaltadas,
Martirizando enfim turbas amotinadas,
Na Idade Medieval, um atormentador
Gerou o sanguinário algoz inquisidor;
Vinde! Que há sede em nós de ensinosa mais ordeiros;
Da infância há tempo já rejeitamos os cueiros;
Pois já nos fazem falta os nomes e as verdades
Que nos velhos sermões não tinham claridades.

De inertes multidões marchamos, hoje, à frente,
Se a Verdade a fulgir em luz incandescente
Nos devora e de nós quer mártires fazer,
Morreremos sorrindo e sem a desdizer.
Precedemos o tempo; a expressar como os Magos
Homenagens a Deus com orações de afagos.
E bem sabemos que de nós assim dirão:
“Esses poetas, enfim, sonhando loucos são!”
Seja! que assim também com deslustrante imagem
Diziam de Jesus, na hora que a criadagem
Bordoada na face e vestes lhe desanca,
Lançando-lhe, sublime emblema, a toga branca.
Disse Paulo: “É loucura, então, sabedoria!”
Coragem sem cessar, busquemos na harmonia;
Indaguemos do morto os possantes segredos;
Afastemos de nós certos sentidos tredos;
Este mundo em que Deus suas regras nos prova,
Como às águias nos muda e sempre nos renova!
Firmes por seu Direito, e fortes no poder,
Abriremos ao mundo as fontes do saber.

Virá o dia, – e creio, está bem perto a aurora, –
 Que a humana multidão, cansada, não mais chora,
 Por saber aplacar dos corações a sede
 Com a onda que sacia e o pranto em fogo impede,
 Virá nos repetir num imenso lamento:
 “Dai-nos da luz a fé e da esperança o alento;
 “Dai-nos com vossa mão toda a unção da virtude
 “Que nos eleva a frente à terra em lassitude.
 “Nossos olhos sem luz face à poeira imunda,
 “Fazei-os enxergar claridade fecunda.
 “Pronunciai o *Epheta* misterioso do Cristo!
 “Transfigurai a carne ao Ser preso em registo!
 “Vivos, nos colocai, portanto, dentre a coorte
 “Dos que se vêm mostrar após a ação da morte!
 “Os sepulcros, ah, não! já túmulos não são,
 “Porém corações maus, e caiados, então.
 “Os mortos instruirão a nós como viver
 “A fim de obter de Deus possamos reviver!”

E nós, que no Senhor sentimo-nos aceitos
 Para habitar na Terra em locais mais perfeitos,
 Abraçamos o irmão sem qualquer formalismo,
 Em nome do Evangelho! À luz do Espiritismo!

Raoul de Navery

Dissertações Espíritas

CONHECER-SE A SI MESMO

(Sociedade Espírita de Sens, 9 de março de 1863)

O que muitas vezes impede que vos corrijaís de um defeito, de um vício, é, certamente, o fato de não perceberdes que o tendes. Enquanto vedes os menores defeitos do vizinho, do irmão, nem sequer suspeitais que tendes as mesmas faltas, talvez cem vezes maiores que as deles. Isto é conseqüência do orgulho, que vos leva, como a todos os seres imperfeitos, a não achar nada de bom senão em vós. Deveríeis analisar-vos um pouco

como se não fôsseis vós mesmos. Imaginai, por exemplo, que aquilo que fizestes ao vosso irmão, foi vosso irmão que vos fez. Colocai-vos em seu lugar: que faríeis? Respondei sem segundas intenções, pois acredito que desejais a verdade. Fazendo isto, estou certo de que muitas vezes encontrareis defeitos vossos que antes não havíeis notado. Sede francos convosco mesmos; travai conhecimento com o vosso carácter, mas não o estragueis, porque as crianças mimadas muitas vezes se tornam más e aqueles que as mimam em excesso são os primeiros a sentir os efeitos. Voltai um pouco o alforje onde são colocados os vossos e os defeitos alheios. Ponde os vossos à frente e os dos outros para trás e tende cuidado para não baixar a cabeça quando tiverdes vossa carga à frente.

La Fontaine

A AMIZADE E A PRECE

(Sociedade Espírita de Viena, Áustria – Traduzido do alemão)

Ao criar as almas Deus não estabeleceu diferença entre elas. Que esta igualdade de direitos entre elas sirva de princípio à amizade, que outra coisa não é senão a unidade nas tendências e nos sentimentos. A verdadeira amizade só existe entre os homens virtuosos, que se reúnem sob a proteção do Todo-Poderoso, para se encorajarem reciprocamente no cumprimento de seus deveres. Todo coração verdadeiramente cristão possui o sentimento da amizade. Ao contrário, esta virtude encontra no egoísmo das almas viciosas o escolho que, semelhante à semente caída sobre a rocha árida, a torna infecunda para o bem.

Cercai vossa alma com o muro protetor de uma prece cheia de fé, a fim de que o inimigo, seja interno ou externo, aí não possa penetrar.

A prece eleva o Espírito do homem para Deus, liberando-o de todas as inquietudes terrenas, transportando-o para um estado de tranqüilidade, de paz, que o mundo não lhe poderia

oferecer. Quanto mais confiante e fervorosa for a prece, melhor será ouvida e mais agradável a Deus. Quando a alma do homem, inteiramente penetrada de zelo santo, eleva-se para o céu na prece íntima e ardente, os inimigos *interiores*²⁶, isto é, as paixões do homem, e os inimigos exteriores, isto é, os vícios do mundo, são impotentes para forçar os muros que a protegem. Homens, orai a Deus com toda confiança, do fundo do coração, com fé e verdade!

O FUTURO DO ESPIRITISMO

(Lyon, 21 de setembro de 1862 – Médium: Sra. B...)

Perguntas-me qual será o futuro do Espiritismo e que lugar ocupará no mundo. Não ocupará somente um lugar, mas preencherá o mundo inteiro. O Espiritismo está no ar, no espaço, na Natureza. É a pedra angular do edifício social. Podes pressagiar o seu futuro por seu passado e seu presente. O Espiritismo é obra de Deus. Vós, homens, lhe destes um nome e Deus vos deu a razão quando chegou o tempo, porque o Espiritismo é a lei imutável do Criador. Desde que o homem teve inteligência Deus lhe inspirou o Espiritismo e, de época em época, enviou à Terra Espíritos adiantados, que ensaiaram em sua natureza corpórea a influência do Espiritismo. Se tais homens não triunfaram foi porque a inteligência humana ainda não se achava bastante aperfeiçoada; mas nem por isso desistiram de implantar a idéia, deixando atrás de si seus nomes e seus atos, quais marcos indicadores numa estrada, a fim de que o viajante pudesse achar seu caminho. Olha para trás e verás quantas vezes Deus já experimentou a influência espírita como melhoramento moral.

Que era o Cristianismo há dezoito séculos, senão Espiritismo? Só o nome é diferente, mas o pensamento é o mesmo. Apenas o homem, com o livre-arbítrio, desnaturou a obra de Deus.

26 N. do T.: Grifo nosso. Exteriores, no original, devido a provável falha de revisão no prelo.

A natureza foi preponderante e o erro veio implantar-se nessa preponderância. Depois, o Espiritismo esforçou-se por germinar, mas o terreno era inculco e a semente partiu-se, ferindo a fronte dos semeadores que Deus havia encarregado de espalhá-la. Com o tempo a inteligência cresceu, o campo pôde ser arroteado, porquanto se aproxima a época em que o terreno deve ser novamente semeado. Todos admitem que o Espiritismo se espalha; até os mais incrédulos o compreendem e, se não o confessam, e se fecham os olhos, é que a luz ofuscante do Espiritismo os cega. Mas Deus protege a sua obra, a sustenta com seu poderoso olhar, a encoraja, e logo todos os povos serão espíritas, porque aí se encontra a universalidade de todas as crenças.

O Espiritismo é o grande nivelador, que avança para aplanar todas as heresias. É conduzido pela simpatia, seguido pela concórdia, o amor, a fraternidade; avança sem abalos e sem revolução. Nada vem destruir, nada vem subverter na organização social: vem renovar tudo. Não vejas nisso uma contradição: tornando-se melhores, os homens cogitarão de leis melhores; compreendendo que o operário é da mesma essência que a sua, o patrão introduzirá leis mais amenas e mais sábias nas suas transações comerciais; as próprias relações sociais se transformarão muito naturalmente entre a fortuna e a mediocridade. Não podendo o Espírito constituir-se em herdeiro, sentirá o espírita que algo há de mais importante para si que a riqueza, libertando-se da idéia de acumular, que gera a cupidez e, certamente, o pobre ainda aproveitará essa diminuição do egoísmo. Não direi que não haja rebeldes a essas idéias e que todos devam crescer, fecundados universalmente pela onda do Espiritismo. Ainda existirão refratários e anjos decaídos, pois o homem tem o livre-arbítrio e, a despeito de não lhe faltarem conselhos, muitos deles, não vendo senão de seu ponto de vista, que restringe o horizonte da cupidez, não quererão render-se à evidência. Infelizes! Lamentai-os, esclarecei-os, pois não sois juízes e só Deus tem autoridade para lhes censurar a conduta.

Pelo futuro que vos mostro para o Espiritismo, podeis julgar da influência que ele exercerá sobre as massas. Como estais organizados, moralmente falando? Fizestes a estatística de vossos defeitos e de vossas qualidades? Os homens levianos e neutros povoam boa parte da Terra. Os benevolentes representam a maioria? É duvidoso; mas entre os neutros, isto é, entre os que estão com um pé na balança do bem e outro na do mal, muitos podem pôr os dois na bandeja da benevolência, que é o primeiro degrau que os pode conduzir rapidamente às regiões mais adiantadas. Ainda há no globo uma parcela de seres maus que, no entanto, tende a diminuir a cada dia. Quando os homens estiverem perfeitamente imbuídos da idéia de que a pena de talião é a lei imutável que Deus lhes inflige, lei muito mais terrível que vossas mais terríveis leis terrestres, bem mais apavorante e mais lógica que as chamadas eternas do inferno, em que não mais acreditam, temerão essa reciprocidade de penas e pensarão duas vezes antes de cometer um ato censurável. Quando, pela manifestação espírita, o criminoso puder prognosticar a sorte que o espera, recuará ante a idéia do crime, pois saberá que Deus tudo vê e que o crime, ainda que ficasse impune na Terra, um dia ele terá de pagar muito caro por essa impunidade. Então todos esses crimes odiosos, que de vez em quando vêm marcar indelevelmente a frente da Humanidade, desaparecerão para dar lugar à concórdia, à fraternidade que há séculos vos são apregoadas. Vossa legislação se abrandará na razão do melhoramento moral, e a escravidão e a pena de morte não permanecerão em vossas leis senão como lembrança das torturas da Inquisição. Assim regenerado, poderá o homem ocupar-se mais com seus progressos intelectuais; não mais existindo o egoísmo, as descobertas científicas, que muitas vezes exigem o concurso de várias inteligências, desenvolver-se-ão rapidamente, cada um dizendo: “Que importa aquele que produz o bem, contanto que o bem se produza!” Porque, com efeito, quem muitas vezes detém os vossos sábios em sua marcha ascendente para o progresso, senão o personalismo, a ambição de ligar seu nome à sua obra? Eis o futuro e a influência do Espiritismo nos povos da Terra.

(Um filósofo do outro mundo)

Nota Bibliográfica

Em nosso último número, ao nos referirmos ao jornal *Vérité de Lyon*, dissemos que em breve Bordeaux também teria sua *Revista Espírita*. Vimos uma prova dessa publicação, que terá como título *Ruche Spirite Bordelaise, Revue de l'enseignement des Esprits*, e promete um novo órgão sério para a defesa e propagação do Espiritismo. Tendo os seus diretores solicitado o nosso conselho, nós os formulamos numa carta que julgaram por bem colocar no alto do seu primeiro número, declarando quererem seguir em todos os pontos a bandeira da Sociedade de Paris. Sentimo-nos felizes com uma adesão que não pode senão estreitar, pela comunhão de idéias, os laços de união entre todos os espíritas sinceramente devotados à causa comum, sem segundas intenções pessoais.

A *Ruche Spirite bordelaise* aparece nos dias 1^o e 15 de cada mês, em cadernos de 16 páginas in-8^o, a partir de 1^o de junho de 1863, Preço: 6 francos por ano para a França e Argélia. Redação em Bordeaux, 44, rue des Trois-Conils.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

JULHO DE 1863

Nº 7

Dualidade do Homem Provada pelo Sonambulismo

Sem lembrar aqui os numerosos fenômenos que ressaltam do Espiritismo experimental, provando, à saciedade, a independência do Espírito e da matéria, chamaremos a atenção para um fato vulgar, do qual não se tem, ao que sabemos, tirado todas as conseqüências e que, no entanto, é susceptível de impressionar todo observador sério. Queremos falar do que se passa no sonambulismo natural ou artificial, nas estranhas faculdades que se desenvolvem nos catalépticos, no não menos estranho fenômeno da dupla vista, hoje perfeitamente comprovado, até pelos incrédulos, mas cuja causa não buscaram, embora valesse a pena. A seguinte carta, a nós dirigida por distinto médico do Tarn, prova por qual encadeamento de idéias um homem que reflete pode passar da incredulidade à crença, apenas com o auxílio do raciocínio e da observação feita com boa-fé.

“Senhor,

“Confundido na massa dos desconfiados e dos incrédulos, a leitura de *O Livro dos Espíritos* produziu em mim

vivíssima impressão. A doce satisfação que me ficou de sua leitura fez nascer o desejo muito natural de crer, sem qualquer restrição, em todos os ensinados pelos Espíritos nesse livro. A fim de alcançar tal objetivo desejava constatar por mim mesmo a realidade das comunicações, para o que envidei esforços por me tornar médium; como não o consegui, tive de parar as pesquisas. Cansado de viver na incerteza, resolvi reportar-me às observações alheias; mas, por natureza, como não me deixo facilmente convencer, sentia necessidade de conhecer, a fim de poder julgar de sua realidade. Depois de ter perlustrado os quatro primeiros anos da *Revista Espírita* e, principalmente, depois de haver notado com que precauções os numerosos fatos são ali relatados; depois de verificar que as manifestações dos Espíritos e suas comunicações são sempre constatadas por pessoas honradas, desinteressadas e dignas de fé, já não é possível conservar qualquer dúvida quanto à sua autenticidade.

“Todavia, uma vez admitidas as comunicações, cabia-me ainda fazer uma idéia do grau de confiança que se deveria conceder às revelações, sobretudo aquelas que constituem a base da filosofia espírita. Nessa apreciação, as chamas do inferno não me poderiam deter, a menos que negasse a bondade infinita de Deus. A diferença entre religiões também não criava obstáculos à minha lógica, considerando-se que, semeando o bem, o mais elementar bom-senso diz que não se pode colher o mal. Mas ainda me restava o ponto capital da reencarnação. Sobre isto o sonambulismo foi-me de grande valia e, se não resolve inteiramente a questão, em minha opinião a torna tão provável que seria preciso uma dose muito grande de má vontade para não a admitir. Antes de mais, se a existência da alma já não estivesse suficientemente demonstrada pelas manifestações e comunicações dos Espíritos, seria claramente provada pela visão a distância e através dos corpos opacos, que não se explica senão por este meio. Em seguida, e pondo de lado as faculdades da alma despreendida da matéria, tais como a visão a distância, a transmissão do pensamento, etc., o sonambulismo nos leva à descoberta no sensitivo de conhecimentos muito mais extensos que os que possui em vigília. Resulta deste fato que a alma

deve ser mais antiga que o corpo, porque, se criada ao mesmo tempo que este, não poderia ter conhecimentos diferentes dos adquiridos durante a existência do corpo.

“Mas, depois de ter constatado que a alma é mais antiga que o corpo, a gente não sente nenhuma repugnância em lhe conceder outras encarnações, porque se a existência atual não for o começo, nada prova que seja a última; ao contrário, tornam-se muito naturais e, mesmo, indispensáveis. Há mais: o sonâmbulo em estado de vigília geralmente não guarda nenhuma lembrança do que disse ou fez durante o sono; contudo, durante o sono reconhece sem dificuldade tudo quanto fez, não só durante os sonos precedentes, mas, também, em vigília. Não é o quadro exato da existência da alma em seus numerosos estados errantes e encarnados, com suas lembranças e esquecimentos?”

“Filho do povo, minha instrução, extremamente medíocre e adquirida por mim mesmo, remonta apenas a um terço de minha idade, que é de quarenta e dois anos. Assim, parece-me que uma pena, por menos experimentada que fosse, ressaltaria muito mais claramente, a esse propósito, as verdades que tentei descobrir. Entretanto, por mais imperfeitas que sejam estas comparações, bastaram para determinar minha convicção e eu me sentiria feliz se as julgásseis dignas de poder exercer a mesma influência sobre outros.

“Não obstante minha convicção seja de data muito recente, começou a produzir frutos e, independentemente das felizes modificações que já trouxe à minha maneira de ser, é para mim a fonte de mui suaves consolações. Essas mudanças felizes se devem unicamente ao conhecimento de vossas obras. Assim, senhor, eu rogo vos digneis aceitar o eterno reconhecimento daquele que, no futuro, deseja ser contado no número dos vossos mais fervorosos adeptos.”

A visão a distância, as impressões sentidas pelo sonâmbulo, conforme o meio que vai visitar, provam que uma parte de seu ser é transportada. Ora, desde que não é o seu corpo material, visível, que não mudou de lugar, só pode ser o corpo fluídico, invisível e sensível. Não é o fato mais patente da dupla existência corpórea e espiritual? Mas, sem falar desta singular faculdade, que não é geral, basta observar o que se passa nos mais vulgares sonâmbulos. A dualidade se manifesta de maneira não menos evidente, como observa o nosso correspondente, no fenômeno do esquecimento ao despertar. Não há ninguém que, tendo observado os efeitos magnéticos, não tenha constatado a instantaneidade de tal esquecimento. Um sonâmbulo fala, sua conversa é perfeitamente encadeada e racional; despertam-no de súbito, no meio de uma frase, até mesmo de uma palavra, que não chega a concluir; em seguida, se se lhe perguntar o que acaba de dizer, se se lhe lembrar a palavra começada, responderá que nada disse. Se o pensamento fosse produto da matéria cerebral, por que tal esquecimento, desde que a matéria está sempre lá e é sempre a mesma? Por que basta um instante para mudar o curso das idéias? Mas o que é ainda mais característico é a recordação perfeita, num novo sono, daquilo que foi dito e feito num sono precedente, às vezes com um ano de intervalo. Só este fato provaria que, ao lado da vida do corpo, há a vida da alma, e que a alma pode agir e pensar de maneira independente. Se pode manifestar tal independência durante a vida do corpo, do qual sofre mais ou menos os entraves, com mais forte razão o poderá, quando goza de sua inteira liberdade.

As conseqüências tiradas desses fenômenos por nosso correspondente para provar a anterioridade da alma e a pluralidade das existências são perfeitamente lógicas. Os fenômenos sonambúlicos, como tantos outros, parecem trazidos pela Providência para nos pôr na via do mistério do pensamento. No entanto, a Ciência não se digna levá-los em consideração; para os ver, não desviará os olhos de um pólipô, de um cogumelo ou de um

filete nervoso. É verdade que a alma não se mostra à ponta de um escalpelo, nem sob uma lupa; mas, como se julga a causa pelos efeitos, os efeitos da alma estão a todo instante sob os vossos olhos e não os olhais; caminharíeis cem léguas para observar um fenômeno astronômico sem utilidade prática, ao passo que só tendes sarcasmos e desdém quando se trata dos fenômenos da alma, que estão ao vosso alcance, e que interessam a toda a Humanidade, em seu presente e no seu futuro.

Se dificilmente a ciência oficial renuncia a seus preconceitos, seria injusto fazer cair a responsabilidade sobre todos os sábios. Entre eles manifesta-se um movimento de bom augúrio, em relação às idéias novas; as adesões individuais e tácitas são numerosas; mas, talvez, mais que outros, ainda temem pôr-se em evidência. Bastará que algumas sumidades ergam a bandeira para fazer calar os escrúpulos alheios, impor silêncio aos engraçadinhos e fazer refletirem os agressores interessados. É o que não tardaremos a ver.

Caráter Filosófico da Sociedade Espírita de Paris

Como resposta a certas calúnias que os adversários do Espiritismo se comprazem em despejar contra a Sociedade, julgamos por bem publicar os pedidos de admissão, formulados nas duas cartas seguintes, seguindo-as de algumas observações.

*Ao Senhor Presidente da
Sociedade de Estudos Espíritas de Paris*

“Senhor,

“Ser-me-ia permitido aspirar a ser admitido como membro da respeitável Sociedade que presidis?

“Também tive a felicidade de conhecer o Espiritismo e de experimentar, em toda a plenitude, a sua benéfica influência. Há muito tempo eu era vítima de sofrimentos físicos e, conseqüentemente, de sofrimento moral, que naturalmente se lhe segue, quando o pensamento não vê como compensação senão a dúvida e a incerteza. *O Livro dos Espíritos* entrou em minha casa como o salvador, cuja mão benfeitora nos tira do abismo, como o médico que cura instantaneamente.

“Li e compreendi; e logo o sofrimento moral deu lugar a uma imensa felicidade, ante a qual se extinguiu o sofrimento físico, porquanto, desde então, este não mais me apareceu senão como um efeito da vontade e da sabedoria divinas, que só nos envia males para nosso maior bem.

“Sob a influência desta crença benfazeja, meu estado físico já melhorou sensivelmente e espero que Deus complete sua obra, porque se hoje desejo o restabelecimento da saúde, não é mais, como outrora, para gozar a vida, mas para consagrá-la unicamente ao bem, isto é, empregá-la exclusivamente em marchar para o futuro, trabalhando com ardor e por todos os meios ao meu alcance para o bem de meus semelhantes e, particularmente, devotando-me à propagação da sublime doutrina que Deus, em sua infinita bondade, envia à pobre Humanidade para a regenerar.

“Glória seja, pois, rendida a Deus pela divina luz que, em sua misericórdia, ele se dignou enviar às suas cegas criaturas! E graças vos sejam dadas, senhor, a quem ele escolheu para lhes trazer o archote sagrado!”

“Senhor, se vos dignardes acolher o meu pedido, servos-ei profundamente reconhecido por sua transmissão aos vossos distintos colegas. Não tenho a honra de vos conhecer pessoalmente, pois o meu estado de saúde sempre me impediu de vos visitar; mas o Sr. Canu, meu amigo e vosso colega, responderá por mim.

“Recebei, senhor e caro mestre, a garantia de meus respeitosos sentimentos e de meu sincero devotamento.”

Hermann Hobach

“Senhor e venerado mestre,

“Confiante em vossa benevolência, venho dirigir-vos uma prece que, se acolhida favoravelmente, me cumulária de alegria. Já tive a honra de vos escrever, há algum tempo, com o duplo objetivo de vos exprimir os sentimentos, a bem dizer novos, que fez nascer em mim a leitura séria de *O Livro dos Espíritos*, e obedecer ao dever sagrado de agradecer ao homem venerado que estende a mão socorrista à coragem vacilante dos fracos deste mundo, em cujo número ainda me achava até bem pouco tempo, pela ignorância destes princípios sublimes que, enfim, designam ao homem uma tarefa a cumprir, de acordo com suas forças e faculdades.

“Destes a essa carta uma resposta cheia de amenidades, pela qual me convidáveis a vir, como ouvinte, assistir às sessões gerais da Sociedade. Essas sessões e a leitura de *O Livro dos Médiuns* só me deram mais força e coragem, inspirando-me o desejo de participar de uma sociedade fundada sobre os mesmos princípios que acabaram de afastar a perturbação, a falta de coordenação, o caos, que presidiam a todas as minhas ações. Eu chegara a supor que a chave do enigma da existência devia ser muito insignificante, pois meu espírito ainda não me havia feito compreender que, fora do mundo material que me cercava, havia um mundo espiritual, marchando concomitantemente como o nosso para o progresso.

“Assim, senhor, manifesto novamente a minha felicidade, se puder demonstrar perante o mundo inteiro dos incrédulos e dos cépticos, que a Doutrina Espírita operou em mim tão radical mudança na maneira de ser que, por certo, essa mudança poderia, sem qualquer exagero, ser qualificada de milagre, posto

que, abrindo-me os olhos para todo o bem que se pode fazer e não se faz, percebi, antes de tudo, um fim para a nossa vida atual e, depois, que sobrecarregado de faltas de toda espécie, vi, enfim, que a Providência não nos havia deixado faltar à tarefa, e que ao Espírito não bastava uma existência para se aperfeiçoar, trabalhando por dominar primeiro o corpo, para em seguida dominar-se a si próprio.

“Se julgardes conveniente receber-me, senhor, não obstante seja eu ainda muito jovem, como um dos membros da Sociedade Espírita, rogo-vos a bondade de apresentar meu pedido ao conselho e lhe afirmar a honra que me faria a Sociedade em me receber em seu seio; isto seria por mim apreciado com o sentimento do mais completo reconhecimento.

“Recebei, senhor, a certeza de minha profunda veneração.”

Paul Albert

Se tais cartas honram os seus autores, também honram a Sociedade à qual são dirigidas, e que vê com satisfação os que nela pedem para entrar, animados por tais sentimentos. São uma prova de que compreendem o objetivo exclusivamente moral a que a Sociedade se propõe, pois não são movidos por uma vã curiosidade que, aliás, não entraria em nossos propósitos satisfazer. A Sociedade só acolhe pessoas sérias, e cartas como estas, que acabam de ser relatadas, indicam o seu verdadeiro caráter. É de adeptos desta categoria que ela se sente feliz em recrutar e é a melhor resposta que pode dar aos detratores do Espiritismo, que se esforçam em apresentá-lo, bem como as suas congêneres dos Departamentos e do estrangeiro, que marcham sob a mesma bandeira, como focos perigosos para a razão e a ordem pública, ou como uma vasta especulação. Queira Deus que o mundo não tenha outras fontes de perturbação!

Como temos dito, o Espiritismo moderno terá a sua história, que será a das fases que terá percorrido, de suas lutas e de seus sucessos, de seus defensores, de seus mártires e de seus adversários, pois é preciso que a posteridade saiba de que armas se serviram para o atacar; é preciso, sobretudo, que ela conheça os homens de coração, que se devotaram à sua causa com inteira abnegação, completo desinteresse material e moral, a fim de que lhes possa pagar um justo tributo de reconhecimento. Para nós é uma grande alegria quando podemos inscrever um novo nome, glorioso por sua modéstia, coragem e virtudes, nestes anais onde se confundem o príncipe e o artesão, o rico e o pobre, homens de todos os países e de todas as religiões, porquanto não há para o bem senão uma casta, uma única seita, uma só nacionalidade e uma mesma bandeira: a da fraternidade universal.

A Sociedade Espírita de Paris, a primeira fundada e oficialmente reconhecida, aquela que, a bem dizer, deu o impulso, sob cuja égide se formaram tantos outros grupos e sociedades; que se tornou, pela força das coisas e por mais restrito que seja o número de seus membros, o centro do Movimento Espírita, desde que seus princípios são os da quase universalidade dos adeptos, esta Sociedade, dizíamos nós, também terá seus anais para a instrução daqueles aos quais preparamos o caminho, e para a confusão de seus caluniadores.

Não é somente ao longe que a calúnia lança o seu veneno, mas, até mesmo, às nossas portas. Ultimamente alguém nos disse que há muito tinha o maior desejo de assistir a algumas sessões da Sociedade, mas tinha sido impedido porque lhe haviam afirmado que devia pagar dez francos. Grande foi sua surpresa e, podemos dizer, também sua alegria, quando lhe dissemos que tal boato era fruto da malevolência; que desde que a Sociedade existe, jamais um ouvinte pagou um centavo; que não é imposta nenhuma obrigação pecuniária, sob qualquer forma e a qualquer título, nem como assinatura da *Revista Espírita*, nem como compra de livros;

que nenhum de nossos médiuns é retribuído e todos, sem exceção, dão seu concurso por puro devotamento à causa; que os membros titulares e associados são os únicos a participar nas despesas materiais; que os membros correspondentes e honorários não suportam nenhum encargo, limitando-se a Sociedade a prover as despesas correntes, tanto quanto possível restritas, e não acumulando dinheiro; que o Espiritismo é uma coisa inteiramente moral, que não pode, como todas as coisas santas, ser objeto de exploração, que sempre repudiamos verbalmente e por escrito; que, assim, só uma insigne malevolência é capaz de emprestar semelhantes idéias à Sociedade.

Acrescentaremos que o autor dessa informação officiosa disse haver pago os seus dez francos, o que prova que não era inocente ao eco de um falso boato. A Sociedade Espírita de Paris, por sua própria posição e pelo papel que desempenha, não deixará de ter mais tarde uma certa repercussão. É, pois, necessário aos nossos futuros irmãos que o seu objetivo e as suas tendências não sejam desnaturados pelas manobras da malevolência e, para isto, não bastam algumas refutações individuais, que só têm efeito no presente e se perdem na multidão. As retratações que se obtêm não passam de uma satisfação momentânea, cuja lembrança logo passará. É preciso um trabalho especial, autêntico e durável, e este trabalho se fará em tempo hábil. Enquanto isto, deixemos nossos adversários se desacreditarem por si mesmos e pela mentira: a posteridade os julgará.

Aparições Simuladas no Teatro

“Senhor,

“Os adversários do Espiritismo acabam de imaginar uma nova tática a fim de o combater. Consiste em fazer aparecer no palco espectros e fantasmas impalpáveis, os quais são apresentados como sendo os do Espiritismo. Tais aparições

ocorrem todas as noites na Sala Robin, no Boulevard du Temple. Ontem assisti à segunda representação, e não foi sem assombro que ouvi o Sr. Robin dizer aos seus espectadores que se propunha, com tais experiências, combater a estranha crença de certas pessoas, que imaginam que os Espíritos movimentam mãos e fazem as mesas girar.

“Por meu lado, senhor, jamais compreendi a analogia que possa existir entre essas imitações criadas pela física recreativa e as manifestações espíritas, que estão nas leis da Natureza. Assim, tais manobras pouco devem ser temidas pelos adeptos do Espiritismo. Entretanto, como não se deve deixar que a boa-fé do público seja surpreendida, julguei por bem comunicar tais fatos, a fim de que lhes consagreis um artigo especial na *Revista*, se achardes conveniente. E como tenho o hábito de agir às claras, e não na sombra, autorizo-vos a fazer desta carta o uso que vos aprouver.

“Recebei, etc.”

Simond

Estudante de Direito em Paris

Há algum tempo se fala de uma peça fantástica, montada no Teatro do Châtelet e onde, por um processo novo e secreto, fazem aparecer em cena sombras-fantasmas impalpáveis. Parece que o segredo foi descoberto, pois o Sr. Robin o explora neste momento. Como não o vimos, nada podemos dizer sobre o mérito da imitação; desejamos que seja menos grosseira que a imaginada pelo Sr. e pela Sra. Girroodd, americanos do Canadá (alguns traduzem: Girod de Saint-Flour), para simular a transmissão do pensamento através das paredes, e que deveria matar irremediavelmente os médiuns e os sonâmbulos. Desejamos, sobretudo, que sua invenção não lhe traga as mesmas conseqüências trazidas a estes últimos. Seja como for, o Sr. Simond tem toda razão de pensar que tais manobras não devem ser temidas

de modo algum, porquanto, pelo fato de se poder imitar uma coisa, não se segue que a coisa não exista; os falsos diamantes nada tiram do valor dos diamantes finos; as flores artificiais não impedem que haja flores naturais. Pretender provar que certos fenômenos não existem porque não podem ser imitados, seria exatamente como se aquele que fabrica champanhe com o pó de água de Seltz por isso pretendesse provar que o champanhe e a *preguiça*²⁷ só existem na imaginação. Jamais a imaginação foi mais engenhosa, mais hábil e mais espirituosa que a da dupla vista por Robert Houdin; e, contudo, isto de modo algum desacreditou o sonambulismo; ao contrário, porque, depois de terem visto a pintura, quiseram ver o original.

O casal Girroodd tinha a pretensão de matar os médiuns fazendo passar todos os fenômenos espíritas por escamoteações. Ora, como esses fenômenos são o pesadelo de certas pessoas, tinham colhido as adesões, *exibidas em seus prospectos*, de vários padres e bispos espiritofobos, satisfeitíssimos com a bordoadada dada no Espiritismo. Mas, em sua alegria, tais senhores não haviam refletido que os fenômenos espíritas vêm demonstrar a possibilidade dos fatos miraculosos; que se fosse possível provar que esses fenômenos não passam de golpes de esperteza, seria provar que o mesmo pode dar-se com os milagres; que, por conseguinte, desacreditar uns, seria desacreditar os outros. Jamais se pensa em tudo. Estando um pouco gastos os golpes do Sr. Girroodd, estes senhores farão agora causa comum com o Sr. Robin para as suas aparições?

O *Indépendance belge*, que não gosta do Espiritismo, não sabemos exatamente a razão, uma vez que este nunca lhe fez mal, falando desse novo truque cênico, em um número de junho, exclamava: “Eis naufragada a religião do Sr. Allan Kardec. Como o Espiritismo vai sair-se desta?” Notai que esta última pergunta tem

27 N. do T.: Grifo nosso. *Aí* no original. Mamíferos assim designados pela notável lentidão de seus movimentos.

sido feita muitas vezes por todos quantos pretenderam dar-lhe uma bordoadá, sem excetuar o abade Marouzeau, e nem por isso o Espiritismo se deu mal. Diremos ao *Indépendance* que é dar prova de completa ignorância supor repouse o Espiritismo em aparições, e que suprimi-las é o mesmo que suprimir a alma. Se o fato das aparições fosse dado oficialmente como uma invenção falsa, a religião sofreria mais que o Espiritismo, considerando-se que as três quartas partes dos mais importantes milagres não têm outro fundamento. A arte cênica é a arte da imitação por excelência, desde o frango de papelão até às mais sublimes virtudes, o que não significa que não se deva crer nos frangos verdadeiros, nem nas virtudes. Esse novo gênero de espetáculo, por sua singularidade, vai aguçá a curiosidade pública e será repetido em todos os teatros, porque redundará em dinheiro; fará falar do Espiritismo talvez mais ainda que os sermões, precisamente por causa da analogia que os jornais se empenharão em estabelecer. É preciso que nos persuadamos de que tudo quanto tende a preocupar a opinião conduz forçosamente ao exame, ainda quando não fosse por curiosidade, e é de tal exame que saem os adeptos. Os sermões o apresentam sob um aspecto sério e terrível, como um monstro invadindo o mundo e ameaçando a Igreja em seus fundamentos. Os teatros vão dirigir-se à multidão dos curiosos, de sorte que os que não freqüentam os sermões dele ouvirão falar no teatro, e os que não freqüentam os teatros ouvirão falar do Espiritismo no sermão. Como se vê, há para toda gente. É realmente uma coisa admirável ver por que meios as forças ocultas que dirigem esse movimento chegam a fazê-lo penetrar em toda parte, servindo-se justamente daqueles que o querem derrubar. É bem certo que, sem os sermões de um lado, e as facécias dos jornais do outro, a população espírita seria hoje dez vezes menos numerosa do que é.

Assim, dizemos que essas imitações, mesmo supondo-as tão perfeitas quanto possível, não podem causar nenhum prejuízo; dizemos, até, que são úteis. Com efeito, eis o Sr. Robin que, por meio de um processo qualquer, produz coisas surpreendentes

perante os espectadores, que ele afirma serem as mesmas do Espiritismo, produzidas pelos médiuns. Ora, entre os assistentes, mais de um se perguntará: “Uma vez que com o Espiritismo podemos fazer a mesma coisa, estudemos o Espiritismo, aprendamos a ser médium e poderemos ver em casa tanto quanto quisermos e sem pagar, aquilo que se vê aqui.” Neste número muitos reconhecerão o lado sério da questão e é assim que, mesmo sem o querer, servem aos que querem prejudicar.

O que receiam as pessoas sérias é que esses malabarismos enganem certas pessoas quanto ao verdadeiro caráter do Espiritismo. Sem dúvida, aí está o lado mau; mas esse inconveniente não tem importância, porque o número dos que se deixam enganar é mínimo. Aqueles mesmos que disserem: “É apenas isto!”, mais cedo ou mais tarde terão oportunidade de reconhecer que é outra coisa. Enquanto isto a idéia se espalha, as pessoas se familiarizam com a palavra que, sob manto burlesco, penetra em toda parte; pronunciam-no sem reserva e quando a palavra está por toda parte, a coisa está bem perto de aí estar.

Quer seja isto uma manobra dos adversários do Espiritismo, ou simplesmente uma combinação pessoal para reforçar a receita, é preciso convir que lhe falta habilidade. Haveria mais esperteza da parte dos Srs. Robin e consortes em negar qualquer paridade com o Espiritismo ou o magnetismo, porquanto, proclamando tal paridade, é reconhecer uma concorrência – e falamos de seu ponto de vista comercial – é dar vontade de ver essa concorrência e confessar que se pode passar sem os dois.

Já que estamos no capítulo das imbecilidades, eis uma, como já houve tantas outras. Lamentamos apresentá-la ao lado da dos Srs. Robin e Girroodd, mas é a analogia do resultado que a isto nos força. Aliás, considerando-se que os dignitários da Igreja não se julgaram abaixo deles ao patrocinar um prestidigitador contra o Espiritismo, não poderão escandalizar-se encontrando um sermão neste capítulo.

Um de nossos correspondentes escreve-nos de Bordeaux:

“Caro mestre, acabo de receber uma carta de minha irmã, que reside na pequena cidade de B... Ela se desesperava por não encontrar ninguém com quem pudesse conversar sobre o Espiritismo, quando os adversários de nossa amada doutrina vieram tirá-la do embaraço. Algumas pessoas, tendo dela ouvido falar vagamente, resolveram dirigir-se aos carmelitas para saber o que era. Estes, não contentes de os desviar, pregaram quatro sermões sobre o assunto, cujas principais conclusões são as seguintes:

“Os médiuns são possessos do demônio; não agem senão visando o interesse e só se servem de seu poder para o encontro de tesouros ocultos ou de objetos preciosos que estão perdidos; mas, ao contato de uma santa relíquia, vê-los-eis enrijecer-se e contorcer-se em terríveis convulsões.

“Os tempos preditos pelos evangelhos são chegados. Os médiuns nada mais são que os falsos profetas anunciados pelo Cristo; em breve terão por chefe o Anticristo. Farão milagres e prodígios admiráveis; por tal meio ganharão para a sua causa três quartos da população do globo, o que será o sinal do fim dos tempos, quando Jesus descerá sobre uma nuvem celeste e, de um sopro, os precipitará nas chamas eternas.

“A consequência desse estado de coisas é que toda a cidade ficou tumultuada; por toda parte se fala do Espiritismo; não se contentam com a explicação do padre, querem saber mais e minha irmã, que não via ninguém, em certos dias recebe mais de trinta visitas; ela as envia sempre a *O Livro dos Espíritos*, que em breve estará em todas as mãos, e muitos dos que já o têm dizem que isto não se parece absolutamente com o quadro que dele fez o pregador, e que é exatamente tudo ao contrário. Assim, agora

contamos com vários adeptos sérios, graças a esses sermões, sem os quais o Espiritismo não teria penetrado há tanto tempo nestas regiões afastadas.”

Não tínhamos razão de dizer que é ainda uma falta de habilidade, e não teríamos razão de bem-querer a adversários que trabalham tão bem por nós? Mas esta não é a última; esperamos a maior de todas, que coroará a obra. Há um ano cometeram uma muito grave, que evitamos revelar, porque deve ir até o fim, mas cujas conseqüências veremos um dia. Há cerca de dois anos perguntávamos a um de nossos guias espirituais por que meio o Espiritismo poderia penetrar no campo. Foi-nos respondido: “Pelos vigários. – *P.* Voluntária ou involuntariamente da parte deles? *Resp.* – A princípio involuntariamente; mais tarde, voluntariamente. Em breve farão uma propaganda cujo alcance não podeis antever. Não vos inquieteis com o que quer que seja: os Espíritos velam e sabem o que é necessário.”

Como se vê, a primeira parte da predição realiza-se o melhor possível. De mais a mais, todas as fases por que passou o Espiritismo nos têm sido anunciadas e todas as que ele deve ainda percorrer até a sua implantação definitiva no-lo são igualmente, e todos os dias se verifica o acontecimento.

É em vão que procuram desaconselhar Espiritismo, apresentando-o sob cores horrorosas. Como se vê, o efeito é completamente diverso do que esperam. Para dez pessoas desviadas, há cem que aderem. Isto prova que ele tem, por si mesmo, uma irresistível atração, sem falar da do fruto proibido. Isto nos traz à memória a seguinte anedota:

Certo dia um proprietário mandou trazer à sua casa um barril de excelente vinho; mas, como temia a infidelidade dos criados, afixou uma etiqueta em letras grandes: *Vinagre horroroso*. Ora, como o barril deixasse escapar algumas gotas, um dos

empregados teve a curiosidade de o provar com a ponta do dedo e achou que o vinagre era bom. Pouco a pouco a novidade se espalhou; e, porque cada um viesse experimentar, ao cabo de algum tempo o barril estava vazio. Como o proprietário dava à sua gente vinho de má qualidade para beber, eles diziam entre si: “Isto não vale o vinagre horrroso.”

Por mais que digam que o Espiritismo é vinagre, não farão que aqueles que o experimentem não o achem suave. Ora, os que o provarem dirão aos outros, e todos quererão prová-lo.

Quadro Mediúnico na Exposição de Constantinopla

O presidente da Sociedade Espírita de Constantinopla, membro honorário da Sociedade Espírita de Paris, escreve-nos o seguinte, em data de 22 de maio último:

“Caro senhor Allan Kardec e irmão espírita,

“Há muito tempo que me proponho vos dar minhas notícias, mas não creiais que, por isto, haja inércia na propaganda espírita; ao contrário, há mais atividade do que nunca. Crede que em toda parte, neste país inteiramente fanatizado e arregimentado nas seitas, o Espiritismo encontra obstáculos que talvez não existam em parte alguma, mas cujas raízes são tão vivas e tão produtivas que, a despeito de tudo, penetram pouco a pouco e acabarão por dar origem a brotos vigorosos, que nenhum poder humano poderá abater. Constantinopla já conta numerosos adeptos do Espiritismo e, posso afirmar, nas classes mais elevadas da sociedade. Apenas notei que cada um se recolhe em si, com medo de se comprometer.

“Permiti-me citar um fato que aqui se passa, e que denota até que ponto o Espiritismo se insinua: é que vários livreiros que adquiriram livros espíritas, notadamente *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, venderam-nos imediatamente; e a quem? nós o ignoramos, nós espíritas conhecidos e confessos aos olhos de todos. Temos certeza do fato, para o qual chamo a vossa atenção, porque, quando alguém dentre nós quer comprar vossas obras, o livreiro responde: “Eu as recebi e as vendi imediatamente.” Nós nos perguntamos quem monopoliza essas obras, tão logo são desencaixotadas, e isto a tal ponto que os nossos, quando as querem adquirir, já não as encontram?

“Eis agora uma outra notícia que, por certo, não vos interessará menos:

“Nosso amigo e irmão espírita Paul Lambardo, médium desenhista, do qual vos mandei algumas flores, executou uma aquarela representando um belo buquê de flores, entre as quais os amadores fazem referência principalmente a uma dália-papoula aveludada de um efeito magnífico; todas as demais flores, rosas, cravos, tulipas, lírios, camélias, margaridas, dormideiras, centáureas, amores-perfeitos, etc., são de uma finura e de um natural perfeitos. Incentivei-o a apresentar o quadro à Exposição Nacional Otomana, presentemente aberta, e o quadro foi admitido com esta inscrição:

DESENHO MEDIÚNICO

Executado por Paul Lambardo, de Constantinopla, a quem as artes do desenho e da pintura são completamente desconhecidos

“No momento o quadro figura de maneira notável no palácio da Exposição, à direita do lugar reservado aos quadros e gravuras. Seu preço foi fixado em 20 libras turcas ou 460 francos. Notai que se trata de um fato que pode ser constatado autenticamente por milhares de pessoas.

“Recebo cartas de vários pontos da Europa, da Ásia e da África, mas sou sóbrio de respostas, a não ser para encorajar o estudo sério e aprofundado de nossa grande e bela ciência; depois, sempre faço referência às vossas excelentes obras *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*.

“Temos sempre reuniões para as experiências físicas e para os estudos psicológicos. Conquanto as primeiras quase sempre nos fiquem, não as podemos abandonar completamente, em virtude de servirem para convencer certos incrédulos, que querem ver e tocar.

“Rogo apresentardes à Sociedade Espírita de Paris os respeitosos e fraternos cumprimentos de nossos irmãos espíritas de Constantinopla e, em particular, deste que também se diz vosso mui devotado irmão espírita.”

Repos Júnior,
Advogado

O fato significativo da exposição do quadro do Sr. Lambardo em Constantinopla, embora apresentado ostensivamente como produto mediúnico, é a contrapartida das fábulas espíritas premiadas nos Jogos Florais de Toulouse. Disseram alhures que se a Academia de Toulouse tivesse conhecido a origem dessas fábulas, tê-las-ia recusado. É fazer-lhe a mais grosseira injúria; é, além disso, esquecer que os materiais enviados a essas espécies de concurso não devem levar nenhuma assinatura, nem qualquer sinal que possa revelar o autor, sob pena de exclusão. Assim, o Sr. Jaubert também não podia apor a sua nem a de um Espírito, nem mesmo dizer que procediam de um Espírito, porque teria violado a lei do concurso, que reclama o mais absoluto segredo. É a resposta aos que acusam o Sr. Jaubert de ter feito uso da trapaça, silenciando sobre a procedência dessas fábulas. Seja como for, nos dois extremos da Europa uma sanção oficial é dada a produções de além-túmulo.

Bastariam semelhantes fatos para demonstrar a força irresistível do Espiritismo, se, além disso, ela não tivesse evidenciado a todos o que se passa aos nossos olhos, de alguns anos para cá, e pela inutilidade dos esforços que fazem para o combater. E por que são inúteis tais esforços? Porque, como temos dito, ele tem um caráter que o distingue de todas as doutrinas filosóficas: o de não ter um foco único, nem depender da vida de nenhum homem. Seu foco está em toda parte, na Terra e no espaço; e se lhe criam obstáculos num canto, ele surge noutra. Porque, como diz a Sociedade Espírita de Palermo, ele se afirma por fatos que cada um pode experimentar, e por uma teoria que tem suas raízes no senso íntimo de cada um. Para o abafar, não bastaria comprimir um ponto do globo, um vilarejo, uma cidade, nem mesmo um país, mas o globo inteiro. Ainda assim, seria apenas uma parada momentânea, porque a geração que surge traz em si a intuição das idéias novas que, mais cedo ou mais tarde, fará prevalecer. Vede o que se passa num país vizinho, onde põem sobre essas idéias uma redoma de chumbo e de onde, no entanto, elas escapam por todas as frestas.

Um novo Jornal Espírita na Sicília

É com satisfação que assinalamos o aparecimento de um novo órgão do Espiritismo em Palermo, na Sicília, publicado em língua italiana sob o título de *O Espiritismo, jornal de psicologia experimental*. A multiplicação de jornais especializados nesta matéria é um sinal inequívoco do terreno que ganham as idéias novas, a despeito, ou, melhor, em razão dos próprios ataques de que são objeto. Essas idéias, que em poucos anos se implantaram em todas as partes do mundo, contam na Itália numerosos e sérios representantes. É que, nessa pátria da inteligência, como em toda parte, quem quer que lhe sonde o alcance compreende que elas encerram todos os elementos do progresso, que são a bandeira sob a qual se abrigarão um dia todos os povos, e que só elas resolvem

os temíveis problemas do futuro, de maneira a satisfazer a razão. Nosso concurso simpático se estende naturalmente a todas as publicações dessa natureza, próprias a secundar nossos esforços na grande e laboriosa tarefa que empreendemos.

A carta seguinte, que acompanhou a remessa desse jornal, anuncia, ao mesmo tempo, a constituição de uma Sociedade Espírita em Palermo, sob o título de *Società Spiritista di Palermo*.

“Senhor,

“Uma nova sociedade espírita acaba de ser constituída aqui em Palermo, sob a presidência do Sr. Joseph Vassallo Paleólogo. Já tem o seu órgão publicitário: *O Espiritismo*, ou *Journal de psicologia experimental*, cujas duas primeiras edições acabam de surgir. Dignai-vos aceitar um exemplar que me permito vos oferecer, como àquele que tão bem mereceu da Humanidade pelo progresso das idéias morais sob o impulso providencial do Espiritismo.

“Aceitai, etc.

Assinado: Paolo Morello,

Professor de História e Filosofia da Universidade de Palermo

Cada número do jornal começa pela citação de alguns aforismos, em forma de epígrafe, tirados de *O Livro dos Espíritos* ou de *O Livro dos Médiuns*, por exemplo:

“Se o Espiritismo for um erro, cairá por si mesmo; se for uma verdade, nem mesmo todas as diatribes do mundo serão capazes de transformá-lo numa mentira.”

“É um erro acreditar que basta a certas categorias de incrédulos ver fenômenos extraordinários para se convencerem. Os que não admitem a alma ou o Espírito no homem não o podem

admitir fora do homem. Daí por que, negando a causa, negam o efeito.”

“As reuniões frívolas têm grave inconveniente para os neófitos que as assistem, por lhes darem uma falsa idéia do Espiritismo.”

Acrescentamos: e que, sem ser frívolas, não são realizadas com a ordem e a dignidade convenientes.

O primeiro número contém uma exposição de princípios, em forma de manifesto, do qual extraímos as seguintes passagens:

“Toda ciência repousa em dois pontos: os fatos e a teoria. Ora, conforme o que temos lido e visto, estamos em condições de afirmar que o Espiritismo possui os materiais e as qualidades de uma ciência; porque, de um lado, ele se afirma por fatos que lhe são peculiares e que resultam da observação e da experiência, absolutamente como qualquer outra Ciência experimental; e, por outro lado, ele se afirma por sua teoria, deduzida logicamente da observação dos fatos.

“Considerado do ponto de vista dos fatos ou da teoria, o Espiritismo não é concepção do cérebro humano, mas decorre da natureza mesma das coisas. Dada a criação das inteligências, assim como a existência espiritual, aquilo que recebeu o nome de Espiritismo apresenta-se como uma necessidade, da qual, nas condições atuais da Ciência e da Humanidade, pode-se ser testemunha antes que juiz; necessidade da qual resulta um fato complexo, que reclama ser estudado seriamente, antes de poder ser julgado. Cada um é livre de não o estudar, se tal estudo não lhe agrada, embora isto não confira a ninguém o direito de zombar dos que o estudam.

“A sociedade fundadora deste jornal nem pretende emitir uma crença, nem uma doutrina sua; como na sua convicção nada pertence menos à invenção humana que o Espiritismo, ela se propõe expor a Doutrina Espírita, e de modo algum impô-la. Aliás, ela se reserva inteira liberdade de exame e a mais completa independência de consciência na apreciação dos fatos, sem se deixar influenciar pela opinião de alguns indivíduos ou do que quer que seja. O que a torna responsável perante sua própria consciência, diante de Deus e dos homens, é a sinceridade dos fatos.”

Extraída do segundo número, a comunicação seguinte, assinada por Dante, testemunha a natureza dos ensinamentos dados a essa sociedade:

Os Médiuns e os Espíritos

Ninguém poderá tornar-se bom médium se não conseguir despojar-se dos vícios que degradam a Humanidade. Todos esses vícios têm sua origem no *egoísmo*; e como a negação do egoísmo é o amor, toda virtude se resume nesta palavra: *caridade*.

A caridade ensinada por este preceito: *Quod tibi non vis*, etc. Deus não só a gravou de modo indelével no coração do homem, como a sancionou por seu próprio fato, dando-nos o seu Filho por modelo de caridade e de abnegação. Se ela deve ser o guia de cada um, seja qual for a sua condição social, é, sobretudo, a condição *sine qua non* de todo bom médium.

Qualquer homem pode tornar-se médium. Mas a questão não é ser médium; trata-se de ser bom médium, o que depende das qualidades morais. É verdade que os Espíritos se comunicam com os homens em todas as condições, mas com a missão de os aperfeiçoar, se suas qualidades forem boas. Eles operam esse aperfeiçoamento submetendo-os às mais duras provas para os purificar, provas que o homem de bem suporta sem

desmentir o sentimento moral de sua consciência e sem se deixar desviar do bom caminho pela tentação. Àqueles cujas qualidades são más, os Espíritos se comunicam para os guiar pela mão e os levar a uma conduta mais conforme à razão e mais em harmonia com o objetivo para o qual deve tender todo homem persuadido de que sua existência neste mundo não passa de uma expiação. Quando há uma mistura do bem e do mal, os Espíritos provocam a melhora por processos intermediários.

Muitos serão abandonados por seus Espíritos, por não quererem compreender que a caridade é o único meio de progredir. E então, infeliz daquele que não tiver querido ouvir a voz da verdade! Deus perdoa ao ignorante, mas não ao que faz o mal conscientemente. O objetivo de nossa missão é o vosso melhoramento moral e o vosso dever é igualmente de vos melhorardes. Mas não espereis melhora de qualquer sorte sem a caridade.

O Poder da Vontade sobre as Paixões

(Extrato dos trabalhos da Sociedade Espírita de Paris)

Um rapaz de vinte e três anos, o Sr. A..., de Paris, que se iniciou no Espiritismo há apenas dois meses, captou o seu alcance com tal rapidez que, sem nada ter visto, o aceitou em todas as suas conseqüências morais. Dirão que isto não é de admirar da parte de um jovem, e não prova senão uma coisa: a leviandade e um entusiasmo irrefletido. Seja. Mas prossigamos. Esse moço irrefletido, como ele próprio reconhece, tinha um grande número de defeitos, dos quais o mais saliente era uma irresistível predisposição para a cólera, desde a infância. Pela menor contrariedade, pelas causas mais fúteis, quando entrava em casa e não encontrava imediatamente o que queria; se uma coisa não estivesse no seu lugar habitual; se o que tivesse pedido não estivesse pronto em um minuto, enfurecia-se e tudo quebrava. Era a tal

ponto que um dia, num paroxismo de cólera, explodindo contra a mãe, disse-lhe: “Vai-te embora, ou eu te mato!” Depois, esgotado pela superexcitação, caía sem consciência. Acrescente-se que nem os conselhos dos pais, nem as exortações da religião tinham podido vencer esse caráter indomável, compensado, aliás, por uma grande inteligência, uma instrução cuidadosa e os mais nobres sentimentos.

Dir-se-á que é o efeito de um temperamento bilioso-sanguíneo-nervoso; resultado do organismo e, por conseguinte, arrastamento irresistível. Resulta desse sistema que se, em seus desvarios, tivesse cometido um assassinato, seria perfeitamente desculpável, porque teria resultado de um excesso de bile. Resulta ainda que, a menos que modificasse o temperamento, que mudasse o estado normal do fígado e dos nervos, esse rapaz estaria predestinado a todas as funestas conseqüências da cólera.

– Conheceis um remédio para tal estado patológico? – Não, nenhum, a não ser que, com o tempo, a idade possa atenuar a abundância de secreções mórbidas. – Pois bem! o que não pode a Ciência, o Espiritismo o faz, não pela ação do tempo e em conseqüência de um esforço contínuo, mas instantaneamente. Bastaram alguns dias para fazer desse jovem um ser meigo e paciente. A certeza adquirida da vida futura, o conhecimento do objetivo da vida terrestre, o sentimento da dignidade do homem, revelada pelo livre-arbítrio, que o coloca acima do animal, a responsabilidade daí decorrente, o pensamento de que a maior parte dos males terrenos são a conseqüência de nossos atos, todas essas idéias, hauridas num estudo sério do Espiritismo, produziram em seu cérebro uma súbita revolução; pareceu-lhe que um véu foi retirado de seus olhos; a vida se lhe apresentou sob outra face. Então, certo de que tinha em si um ser inteligente, independente da matéria, disse de si para si: “Este ser deve ter uma vontade, ao passo que a matéria não a tem; portanto, ele pode dominar a matéria.” Daí este outro raciocínio: “O resultado de minha cólera foi tornar-me doente e infeliz, e ela não me dá o que me falta; logo

é inútil, já que não estou mais adiantado. Ela me produz mal e nenhum bem me dá em compensação; mais ainda: poderia impelir-me a atos repreensíveis, criminosos talvez.” – Ele quis vencer, e venceu. Desde então, mil ocasiões se apresentaram que, antes, o teriam enfurecido e ante as quais ele ficou impassível e indiferente, para grande estupefação de sua mãe. Sentia o sangue ferver e subir à cabeça, mas, por sua vontade, o fazia refluir, forçando-o a descer.

Um milagre não teria feito melhor. Mas o Espiritismo fez muitos outros, que nossa revista não bastaria para registrar, se quiséssemos relatar todos os que são do nosso conhecimento pessoal, atinentes a reformas morais dos mais inveterados hábitos. Citamos este como um exemplo notável do poder da vontade e, também, porque levanta um importante problema, que só o Espiritismo pode resolver.

O Sr. A... nos perguntava a respeito se seu Espírito era responsável por sua violência, ou se apenas sofria a influência da matéria. Eis a nossa resposta:

Vosso Espírito é de tal modo responsável que, quando o quisestes seriamente, controlastes o movimento sanguíneo. Assim, se o tivésseis querido antes, os acessos teriam cessado mais cedo e não teríeis ameaçado vossa mãe. Além disso, quem é que se encoleriza? O corpo ou o Espírito? Se os acessos viessem sem motivo, poder-se-ia crer que eram provocados pelo afluxo sanguíneo; mas, fútil ou não, tinham por causa uma contrariedade. Ora, evidentemente não era o corpo que estava contrariado, mas o Espírito, muito susceptível. Contrariado, o Espírito reagia sobre um sistema orgânico irritável, que não teria sido provocado se tivesse ficado em repouso. Façamos uma comparação. Tendes um cavalo feroso; se souberdes governá-lo, ele se submete; se o maltratardes, ele se enfurece e vos derruba. De quem a falta: vossa ou do cavalo?

Para mim, é evidente que vosso Espírito é naturalmente irascível; mas como cada um traz consigo o seu pecado original, isto

é, um resto das antigas inclinações, não é menos evidente que, em vossa precedente existência, tivésseis sido um homem de extrema violência, e que provavelmente tereis pago muito caro, talvez com a própria vida. Na erraticidade, vossas outras boas qualidades vos ajudaram a compreender vossos erros; tomastes a resolução de vos vencer e, para isto, lutar em uma nova existência. Mas se tivésseis escolhido um corpo débil e linfático, vosso Espírito, não encontrando nenhuma dificuldade, nada teria ganhado, o que para vós significaria ter de recomeçar. Eis por que escolhestes um corpo bilioso, a fim de ter o mérito da luta. Agora a vitória está alcançada. Vencestes o inimigo do vosso repouso e nada pode entrar o livre exercício de vossas boas qualidades. Quanto à facilidade com a qual aceitastes e compreendestes o Espiritismo, ela se explica pela mesma causa: éreis espírita há muito tempo; esta crença era inata em vós e o materialismo foi apenas o resultado da falsa direção dada às vossas idéias. Abafada inicialmente, a idéia espírita permaneceu em estado latente e bastou uma centelha para a despertar. Bendizei, pois, a Providência que permitiu que esta centelha chegasse em boa hora para deter uma inclinação que talvez vos tivesse causado amargos desgostos, ao passo que vos resta uma longa carreira a percorrer na estrada do bem.

Todas as filosofias se chocaram contra esses mistérios da vida humana, que pareciam insondáveis até que o Espiritismo lhes trouxe o seu facho. Em presença de tais fatos, ainda se pode perguntar para que serve ele? Estamos no direito de bem augurar o futuro moral da Humanidade quando ele for compreendido e praticado por todo o mundo.

Primeira Carta ao Padre Marouzeau

Senhor vigário,

Admirai-vos de que depois de dois anos eu não tenha respondido à vossa brochura contra o Espiritismo. Laborais em

erro, pois desde a sua aparição tenho tratado, em vários artigos de minha Revista, da maioria das questões que levantai. Bem sei que teríeis desejado uma resposta pessoal, uma contrabrochura; que eu tivesse tomado um a um os vossos argumentos, para vos dar o prazer da réplica. Ora, eu cometi o erro irreparável de nem mesmo vos citar; mas vossa modéstia, tenho certeza, não o considera um crime. Reparo hoje esta omissão, mas não penseis que seja para entabular convosco uma polêmica. Não; limito-me apenas a algumas reflexões simples e a vos explicar os meus motivos.

Antes de mais, dir-vos-ei que se não respondi diretamente à vossa brochura, foi porque me havíeis anunciado que ela deveria enterrar-nos vivos. Quis eu, então, aguardar o acontecimento e constato com prazer que não estamos mortos; que até o Espiritismo está um pouco mais vivaz que antes; que o número das sociedades se multiplica em todos os países; que por toda parte onde pregaram contra ele cresceu o número de adeptos; que tal crescimento está na razão da violência dos ataques. Não são hipóteses, mas fatos autênticos que, na minha posição e pela amplitude de minhas relações, ninguém melhor do que eu para o verificar. Além disso, constato que os indigentes aos quais os padres zelosos tinham proibido de receber vales de pão dados pelos espíritas caridosos, porque era o pão do diabo, não morreram por os haver comido; que os padeiros aos quais tinham dito para não os receber, porque o diabo lhes roubaria, não perderam um só; que os industriais aos quais, sempre por zelo evangélico, quiseram cortar os víveres, roubando-lhes as suas práticas, acharam uma compensação nos novos clientes, que lhes valeram o aumento do número de adeptos. Não tenho dúvida de que desaprovais esta maneira de atacar o Espiritismo, mas os fatos estão aí. Haveréis de convir que tais meios não são muito adequados para trazer à religião os que dela se afastam; o medo pode deter momentaneamente, mas é um laço frágil, que se desfaz na primeira oportunidade. Os únicos laços sólidos são os do coração, cimentados pela convicção; ora, a convicção não se impõe pela força.

Sabeis, senhor vigário, que a vossa brochura foi seguida de grande número de outras. A vossa tem, sobre muitas, um mérito: o da perfeita urbanidade. Quereis matar-nos polidamente e vos sou grato por isso. Mas em toda parte os argumentos são os mesmos, enunciados mais ou menos polidamente e num francês mais ou menos correto. Para as refutar todas, artigo por artigo, teria sido preciso que me repetisse sem cessar e, francamente, tenho coisas mais importantes a fazer. Ademais, isto não teria utilidade e ireis compreendê-lo.

Sou um homem positivo, sem entusiasmo, que tudo julga friamente. Raciocino de acordo com os fatos e digo: Já que os espíritas são mais numerosos que nunca, apesar da brochura do Sr. Marouzeau e de todas as outras, e malgrado todos os sermões e pastorais, é que os argumentos invocados não convenceram as massas, provocando efeito contrário. Ora, julgar do valor da causa por seus efeitos, creio que é lógica elementar. Desde então, para que os refutar? Já que nos servem, em vez de nos prejudicar, devemos abster-nos de lhes opor obstáculo. Vejo as coisas de um ponto de vista diverso do vosso, senhor vigário. Como um general que observa o movimento da batalha, julgo a força dos golpes, não o ruído que fazem, mas o efeito que produzem; é o conjunto que vejo. Ora, o conjunto é satisfatório; eis tudo o que é preciso. Assim, as respostas individuais não teriam utilidade. Quando trato de uma maneira geral das questões levantadas por algum adversário, não é para o convencer, coisa com que não me preocupo absolutamente, e ainda menos para o fazer renunciar à sua crença, que respeito quando sincera: é unicamente para a instrução dos espíritas e porque encontro um ponto a desenvolver ou a esclarecer. Refuto os princípios e não os indivíduos; os primeiros ficam e os indivíduos desaparecem, razão por que pouco me inquieto com personalidades que amanhã talvez não mais existam e das quais não mais se fale, seja qual for a importância que procurem dar-se. Vejo muito mais o futuro que o presente, o conjunto e as coisas importantes mais que os fatos isolados e secundários. Aos nossos olhos, reconduzir ao bem é a verdadeira conversão. Um homem

arrancado às suas más inclinações e reconduzido a Deus e à caridade *para com todos* pelo Espiritismo é, para nós, a mais útil vitória; é a que nos causa a maior alegria e agradecemos a Deus por no-la dar tantas vezes. Para nós a mais honrosa vitória não consiste em afastar um indivíduo de tal ou qual culto, desta ou daquela crença, pela violência ou pelo medo, mas de o subtrair do mal pela persuasão. Valorizamos, sobretudo, as convicções sinceras e não as obtidas pela força ou que são apenas aparentes.

É assim, por exemplo, que em vossa brochura perguntais quais os milagres que o Espiritismo pode invocar em seu favor. Respondi pela Revista no número de fevereiro de 1862, por meio do artigo intitulado: *O Espiritismo é provado pelos milagres?*, respondendo, ao mesmo tempo, a todos os que fizeram a mesma pergunta. Pedis milagres ao Espiritismo? Mas haverá um maior que sua incrível propagação, a despeito de todos os obstáculos, apesar dos ataques de que é objeto e, sobretudo, dos golpes tão terríveis que lhe desferistes? Não está aí um fato da vontade de Deus? “Não”, direis vós, “é a vontade do diabo.” Então haveréis de convir que a vontade do diabo é maior que a de Deus, e que é mais forte que a Igreja, visto que esta não o pode deter. Mas não é o único milagre que faz o Espiritismo; ele os faz todos os dias, trazendo os incrédulos a Deus, convertendo a Deus os que se entregam ao mal, dando-lhes a força de vencer as paixões más. Vós lhe pedis milagres! Mas o fato relatado acima, do jovem A... não é um? Por que a religião não fez, deixando que o Espiritismo o fizesse, isto é, o diabo? – Não está aí o que se chama um milagre. – Mas a Igreja não qualifica certas conversões de miraculosas? – Sim, mas são conversões de heréticos à fé católica. – De sorte que, para vós, a conversão do mal ao bem não é um milagre; preferiríeis um sinal material: a liquefação do sangue de um santo qualquer, a cabeça de uma estátua que se move numa igreja, uma aparição no céu, como a cruz de Migné. O Espiritismo não faz essas espécies de milagres; os únicos aos quais liga um valor infinito e dos quais faz a sua glória, são as transformações morais que opera.

Senhor vigário, o tempo urge e o espaço me falta; de outra vez direi ainda algumas palavras que vos poderão servir para a nova obra que preparais e que deve aniquilar para sempre o Espiritismo e os espíritas. Desejo-lhe melhor sorte que à primeira. Algumas passagens deste número talvez vos possam esclarecer quanto às dificuldades que tereis de superar para vencer.

Recebei, etc.

Allan Kardec

Expição Terrestre

MAX, O MENDIGO

Num vilarejo da Baviera, lá pelo ano de 1850, morreu um velho quase centenário, conhecido pelo nome de Pai Max. Ninguém conhecia ao certo sua origem, pois não tinha família. Desde quase meio século, acabrunhado por enfermidades que o impossibilitavam de ganhar a vida pelo trabalho, não tinha outros recursos senão a caridade pública, que dissimulava indo vender nas fazendas e nos castelos, almanaques e objetos miúdos. Tinham-lhe dado a alcunha de Conde Max e as crianças só o chamavam Senhor Conde, com o que sorria sem se melindrar. Por que esse título? Ninguém saberia dizer; já era hábito. Talvez fosse por causa de sua fisionomia e de suas maneiras, cuja distinção contrastava com seus andrajos. Vários anos depois de sua morte, apareceu em sonho à filha do proprietário de um dos castelos, onde era hospedado na cavalaria, pois não tinha domicílio. Ele lhe disse: “Obrigado por vos terdes lembrado do pobre Max em vossas preces, pois foram ouvidas pelo Senhor. Desejais saber quem sou eu, alma caridosa que vos interessais pelo infeliz mendigo. Vou satisfazer-vos; será para todos uma grande instrução.”

Relatou-lhe, então, o seguinte, mais ou menos nestes termos:

“Há um século e meio, aproximadamente, eu era um rico e poderoso senhor desta região, mas frívolo, orgulhoso e envaidecido de minha nobreza. Minha imensa fortuna só servia aos meus prazeres, e era apenas suficiente, porque eu era jogador, debochado, e passava a vida em orgias. Meus vassalos, que julgava criados para meu uso como animais de fazenda, eram oprimidos e maltratados para subvencionar as minhas prodigalidades. Eu ficava surdo às suas lamentações, como às de todos os infelizes e, em minha opinião, deviam sentir-se muito honrados de servir aos meus caprichos. Morri em idade pouco avançada, esgotado pelos excessos, mas sem ter passado por nenhuma infelicidade verdadeira. Ao contrário, tudo parecia sorrir-me, de sorte que, aos olhos de todos, eu era um dos felizardos do mundo. Minha posição me valeu funerais suntuosos; os estróinas lamentaram em mim o faustoso senhor, mas nem uma lágrima caiu em minha tumba, nem uma prece do coração foi dirigida a Deus por mim e minha memória foi maldita por todos aqueles cuja miséria eu tinha agravado. Ah! como é terrível a maldição daqueles que tornamos infelizes! Ela não cessou de retinir em meus ouvidos durante longos anos, que me pareciam uma eternidade! E, à morte de cada uma de minhas vítimas, era uma nova figura ameaçadora ou irônica que surgia diante de mim, a me perseguir sem trégua e sem que eu pudesse encontrar um canto escuro para me subtrair à sua vista. Nem um olhar amigo! Meus antigos companheiros de deboche, infelizes como eu, me fugiam e pareciam dizer com desdém: “Não podes mais pagar os nossos prazeres.” Oh! como eu teria pago caro um instante de repouso, um copo de água para estancar a sede causticante que me devorava! Mas eu não possuía mais nada e todo o ouro que havia semeado a mancheias na Terra não havia produzido uma única bênção! nem uma só, entendeis, minha filha?

“Enfim, acabrunhado pela fadiga, esgotado como um viajor extenuado que não vê o termo de sua rota, exclamei: “Meu Deus, tende piedade de mim! Quando terminará esta horrível situação?” Então uma voz, a primeira que ouvia desde que deixei a

Terra, me disse: “Quando quiseres. – Que devo fazer, grande Deus? respondi; dizei, eu me submeto a tudo. – É preciso que te arrependas; que te humilhes ante aqueles que humilhaste; pedir-lhes que intercedam por ti, porque a prece do ofendido que perdoa é sempre agradável ao Senhor.” Humilhei-me, pedi aos meus vassallos, aos meus servos, que estavam à minha frente, e cujas fisionomias, cada vez mais benevolentes, acabaram por desaparecer. Foi então para mim como uma nova vida; a esperança substituiu o desespero e agradei a Deus com todas as forças de minha alma. Em seguida a voz me disse: “Príncipe!” e eu respondi: “Não há aqui outro príncipe, senão o Deus Todo-Poderoso, que humilha os soberbos. Perdoai-me, Senhor, porque pequei; fazei de mim o servo de meus servos, se tal for a vossa vontade.”

“Alguns anos mais tarde nasci de novo, mas desta vez numa família de pobres aldeões. Meus pais morreram quando eu ainda era criança, e fiquei só no mundo sem apoio. Ganhei a vida como pude, ora como trabalhador braçal, ora como servente de fazenda, mas sempre honestamente, porque desta vez acreditava em Deus. Com a idade de quarenta anos, uma moléstia me paralisou todos os membros e vi-me forçado a mendigar durante mais de cinquenta anos nestas mesmas terras, das quais tinha sido dono absoluto; receber um pedaço de pão nas fazendas que tinham sido minhas e onde, por amarga ironia, me tinham apelidado de Senhor Conde; feliz muitas vezes por encontrar um abrigo na estrebaria do castelo que fora meu. Em meu sonho eu me deleitava em percorrer este mesmo castelo, onde reinara como déspota. Quantas vezes, em meus sonhos, me revi em meio a minha antiga fortuna! Tais visões me deixavam, ao despertar, um indefinível sentimento de amargura e de pesar; mas jamais um lamento escapou de minha boca. E, quando aprouve a Deus me chamar, eu o louvei por ter-me dado coragem de sofrer sem murmurar essa longa e penosa prova, cuja recompensa hoje recebo. E vós, minha filha, eu vos abençoo por terdes orado por mim.”

Observação – Recomendamos o caso aos que pretendem que os homens não teriam mais freio se não tivessem diante de si o espantoso das penas eternas. E perguntamos se a perspectiva de um castigo como o do Pai Max é menos eficaz para deter na via do mal que as torturas sem-fim, nas quais ninguém mais acredita.

Dissertações Espíritas

BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM FECHADOS OS OLHOS²⁸

(Sociedade Espírita de Paris, 19 de junho de 1863 – Médium: Sr. Vézy)

Nota – Esta comunicação foi dada a propósito de uma senhora cega, que assistia à sessão.

Meus bons amigos, não venho muito entre vós, mas hoje eis-me aqui. Por isso agradeço a Deus e aos Espíritos bons que vêm ajudar-vos a marchar pelo novo caminho. Por que me chamastes? Terá sido para que eu imponha as mãos sobre a pobre sofredora que está aqui e a cure? Ah! que sofrimento, bom Deus! Ela perdeu a vista e as trevas a envolveram. Pobre filha! Que ore e espere. Não sei fazer milagres, eu, sem que Deus o queira. Todas as curas que tenho podido obter e que vos foram assinaladas não as atribuais senão àquele que é o Pai de todos nós. Nas vossas aflições, volvi sempre para o céu o olhar e dizei do fundo do coração: “Meu Pai, cura-me, mas faze que minha alma enferma se cure antes que o meu corpo; que a minha carne seja castigada, se necessário, para que minha alma se eleve ao teu seio, com a brancura que possuía quando a criaste.” Após essa prece, meus amigos, que o bom Deus ouvirá sempre, dadas vos serão a força e a coragem e, quiçá, também a cura que apenas timidamente pedistes, em recompensa da vossa abnegação.

Contudo, uma vez que aqui me acho, numa assembléia onde principalmente se trata de estudos, dir-vos-ei que os que são

28 N. do T.: Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo VIII, item 20.

privados da vista deveriam considerar-se os bem-aventurados da expiação. Lembrai-vos de que o Cristo disse convir que arrancásseis o vosso olho se fosse mau, e que mais valeria lançá-lo ao fogo, do que deixar se tornasse causa da vossa condenação. Ah! quantos há no mundo que um dia, nas trevas, maldirão o terem visto a luz! Oh! sim, como são felizes os que, por expiação, vêm a ser atingidos na vista! Os olhos não lhes serão causa de escândalo e de queda; podem viver inteiramente a vida das almas; podem ver mais do que vós que tendes límpida a visão!... Quando Deus me permite descerrar as pálpebras a algum desses pobres sofredores e lhes restituir a luz, digo a mim mesmo: Alma querida, por que não conheces todas as delícias do Espírito que vive de contemplação e de amor? Não pedirias, então, que se te concedesse ver imagens menos puras e menos suaves, do que as que te é dado entrever na tua cegueira!

Oh! bem-aventurado o cego que quer viver com Deus. Mais ditoso do que vós que aqui estais, ele toca, ele vê as almas e pode alçar-se com elas às esferas espirituais que nem mesmo os predestinados da Terra logram divisar. Abertos, os olhos estão sempre prontos a causar a falência da alma; fechados, estão prontos sempre, ao contrário, a fazê-la subir para Deus. Crede-me, bons e caros amigos, a cegueira dos olhos é, muitas vezes, a verdadeira luz do coração, ao passo que a vista é, com freqüência, o anjo tenebroso que conduz à morte.

Agora, algumas palavras dirigidas a ti, minha pobre sofredora. Espera e tem ânimo! Se eu te dissesse: Minha filha, teus olhos vão abrir-se, quão jubilosa te sentirias! Mas, quem sabe se esse júbilo não ocasionaria a tua perda! Confia no bom Deus, que fez a ventura e permite a tristeza. Farei tudo o que me for consentido a teu favor; mas, a teu turno, ora e, ainda mais, pensa em tudo quanto acabo de te dizer.

Meus bons amigos: antes que me afaste, vós que aqui estais, recebei minha bênção; eu a dou a todos, aos loucos, aos sábios, aos crentes e aos infiéis desta assembléia. Que ela sirva a cada um de vós!

Vianney, cura d'Ars

Nota – Perguntamos se esta é a linguagem do demônio e se ofendemos o cura d'Ars atribuindo-lhe tais pensamentos. Uma camponesa sem instrução, sonâmbula natural, que vê muito bem os Espíritos, tinha vindo à sessão em estado sonambúlico. Não conhecia o cura d'Ars nem mesmo de nome e, entretanto, o viu ao lado do médium e lhe fez o retrato com perfeita exatidão.

O ARREPENDIMENTO

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sra. Costel)

O arrependimento sobe a Deus; agrada-lhe mais que o fumo dos sacrifícios e lhe é mais precioso que o incenso espalhado nos recintos sagrados. Semelhante às tempestades que varam o ar, purificando-o, o arrependimento é um sofrimento fecundo, uma força reativa e atuante. Jesus santificou sua virtude, e as lágrimas de Madalena se derramaram como orvalho nos corações endurecidos que ignoravam a graça do perdão. A soberana virtude proclamou o poder do arrependimento e os séculos repercutiram, enfraquecendo-o, a palavra do Cristo.

É chegada a hora em que o Espiritismo deve revigorar e vivificar a essência mesma do Cristianismo. Apagai, assim, por toda parte e para sempre, a cruel sentença que despoja a alma culpada de toda esperança. O arrependimento é uma virtude militante, uma virtude viril, que só os Espíritos adiantados ou os corações ternos podem sentir. O pesar momentâneo e causticante de uma falta não arrasta consigo a expiação que dá o conhecimento da justiça de Deus, justiça rigorosa em suas conclusões, que aplica a lei de talião à vida moral e física do homem e o castiga pela lógica dos fatos, todos decorrentes do bom ou do mau uso do livre-arbítrio.

Amai os que sofrem e assisti o arrependimento, que é a expressão e o sinal que Deus imprimiu na sua criatura inteligente, para a elevar e aproximar de si.

João, discípulo

OS FATOS REALIZADOS

(Sociedade Espírita de Paris, 26 de dezembro de 1862
– Médiun: Sr. d'Ambel)

Nota – Esta comunicação foi dada a propósito de um relatório feito à Sociedade sobre as novas sociedades espíritas que se formam em toda parte, na França e no estrangeiro.

Hoje o progresso se manifesta de maneira brilhante na crença e nas doutrinas regeneradoras que trazemos ao vosso mundo, para que, doravante, seja necessário constatá-lo. Cego é quem não vê a marcha triunfante de nossas idéias! Quando homens eminentes, oriundos das mais liberais funções, gente de ciência, de estudo, médicos, filósofos, jurisconsultos se lançam resolutamente à busca da verdade nas novas vias abertas pelo Espiritismo; quando a classe militante aí vem buscar consolações e novas forças, quem pois, entre os humanos, se julgaria bastante forte para opor uma barreira ao desenvolvimento desta nova ciência filosófica? Ultimamente dizia Lamennais, nesse estilo conciso e eloqüente a que vos habituastes, que o futuro estava no Espiritismo. Hoje tenho o direito de exclamar: Não está aí um fato realizado?

Com efeito, a estrada torna-se larga; o regato de ontem se transforma em rio e, a partir dos vales transpostos, seu curso majestoso sorrirá das frágeis eclusas e das tardias barricadas que alguns ribeirinhos atrasados tentarão estabelecer, a fim de entravar a sua marcha para o grande oceano do infinito. Pobre gente! em breve a corrente vos arrastará e logo vos ouviremos gritar, também vós: “É verdade! a Terra gira!”

Se as ondas de sangue derramado nas Américas não chamassem a atenção de todos os pensadores sérios e de todos os amigos da paz, cujo coração sangra ao relato dessas lutas sangrentas e fratricidas; se as nações mal estabelecidas não buscassem em toda a região encontrar a sua base normal; enfim, se as aspirações de todos não tendessem para o melhoramento material e moral, há tanto tempo perseguido, poder-se-ia negar a utilidade dos cataclismos morais, anunciados por alguns Espíritos iniciadores. Mas todos esses sinais característicos são muito aparentes para que não se reconheça a necessidade, a urgência de um novo farol, que ainda possa salvar o mundo em perigo.

Antigamente, quando o mundo pagão, minado pela mais completa desmoralização, vacilava em sua base, de todos os lados vozes proféticas anunciavam a próxima vinda de um redentor. Desde alguns anos não tendes ouvido, ó espíritas, as mesmas vozes proféticas? Ah! bem o sei: nenhum dentre vós o esqueceu. Pois bem! tende por certo que o tempo é chegado; e, como outrora na Judéia, gritemos juntos: “Glória a Deus no mais alto dos céus!”

Erasto

PERÍODOS DE TRANSIÇÃO NA HUMANIDADE

(Sociedade Espírita de Paris, 19 de junho de 1863

– Médium: Sr. Alfred Didier)

Os séculos de transição na história da Humanidade assemelham-se a vastas planícies semeadas de monumentos, misturados confusamente e sem harmonia. A harmonia mais pura, mais justa está no detalhe, e não no conjunto. Os séculos abandonados pela fé e pela esperança são páginas sombrias em que a Humanidade, trabalhada pela dúvida, se consome surdamente nas civilizações refinadas, para chegar a uma reação que, na maioria das vezes, as arrastava, para as substituir por outras civilizações. Os pesquisadores do pensamento, mais que os sábios, aprofundam em

nossa época, num ecletismo racional, esses misteriosos encadeamentos da história, essas trevas, essa uniformidade, lançadas como nevoeiros e nuvens espessas sobre civilizações até há pouco férteis e vivazes. Estranho destino dos povos! É quase ao nascer do Cristianismo, é nas cidades mais opulentas, sede dos maiores bispados do Oriente e do Ocidente, que começam as devastações da decadência; é no próprio meio da civilização, do esplendor inteligente das artes, das ciências, da literatura e dos sublimes ensinamentos do Cristo, que começa a confusão das idéias, as dissensões religiosas; é no próprio berço da Igreja romana, tomada de orgulho e soberba com o sangue dos mártires, que a heresia, gerada pelos dogmas supersticiosos e pelas hierarquias eclesiásticas, se insinua como serpente iminente, para morder o coração da Humanidade e lhe infiltrar nas veias, em meio a desordens políticas e sociais, o mais terrível e o mais profundo de todos os flagelos: a dúvida. Desta vez a queda é imensa; a fraqueza religiosa dos padres, unida aos heresiarcas fanáticos, tira toda a força à política, todo amor ao país, e a Igreja do Cristo torna-se humana, mas não mais humanitária. Creio ser inútil aqui me apoiar sobre relações apavorantes dessa época com a nossa. Vivendo ao mesmo tempo com as tradições do Cristianismo e com a esperança do futuro, as mesmas comoções sacodem a nossa velha civilização, as mesmas idéias se dividem e a mesma dúvida atormenta a Humanidade, sinais precursores da renovação social e moral que se prepara. Ah! orai, espíritas; vossa época atormentada e blasfema é uma rude época, que os Espíritos vêm instruir e encorajar.

Lamennais

SOBRE AS COMUNICAÇÕES DOS ESPÍRITOS

(Grupo Espírita de Sétif, Argélia)

Muitas vezes vos admirais ao ver faculdades mediúnicas, sejam físicas ou morais, que, em vossa opinião,

deveriam ser prova de mérito pessoal, em pessoas que, por seu caráter moral, estão colocadas abaixo de semelhante favor. Isto se prende à falsa idéia que fazeis das leis que regem tais coisas, e que quereis considerar como invariáveis. O que é invariável é o objetivo; os meios variam ao infinito, a fim de ser respeitada a vossa liberdade. Este possui uma faculdade; aquele, outra; um é levado pelo orgulho, outro pela cupidez, um terceiro pela fraternidade. Deus emprega as faculdades e as paixões de cada um, e as utiliza em suas respectivas esferas, fazendo sair o bem do próprio mal. Os atos do homem, que vos parecem tão importantes, para ele nada são; aos seus olhos, é a intenção que faz o mérito ou o demérito. Feliz, pois, aquele que é guiado pelo amor fraterno. A Providência não criou o mal: tudo foi feito em vista do bem. O mal só existe pela ignorância do homem e pelo mau uso que este faz das paixões, das tendências, dos instintos que adquiriu em contato com a matéria. Grande Deus! quando lhe tiverdes inspirado a sabedoria para ter em mão a direção desse poderoso móvel: a paixão, quantos males desaparecerão! quanto bem resultará dessa força, da qual hoje não conhece senão o lado mau, que é sua obra! Oh! continuai ardentemente vossa obra, meus amigos; que, enfim, a Humanidade entreveja a rota na qual deve pôr o pé, para alcançar a felicidade que lhe é dado adquirir neste globo!

Não vos admireis se as comunicações que vos dão os Espíritos elevados, apoiadas inteiramente na moral do Salvador, vo-la confirmando e a desenvolvendo, vos oferecem tantos pontos de contato e de similitude com os mistérios dos Antigos. É que os Antigos tinham a intuição das coisas do mundo invisível e do que deveria acontecer, e que muitos tinham por missão preparar os caminhos. Observai e estudaí cuidadosamente as comunicações que recebeis; aceitai o que a vossa razão não rejeitar; repeli o que a choca; pedi esclarecimentos sobre as que vos deixam na dúvida. Aí tendes a marcha a seguir para transmitir às gerações futuras, sem receio de ver desnaturadas as verdades, que separareis sem dificuldade de seu cortejo inevitável de erros.

Trabalhai, tornai-vos úteis aos vossos irmãos e a vós mesmos. Não podeis prever sequer a felicidade que o futuro vos reserva pela contemplação de vossa obra.

Santo Agostinho

Observação – Esta comunicação foi obtida por um jovem, médium sonâmbulo iletrado. Foi-nos enviada pelo Sr. Dumas, negociante de Sétif, membro da Sociedade Espírita de Paris, acrescentando que o sensitivo não conhece o sentido da maioria das palavras e nos transmitindo o nome de dez pessoas notáveis que assistiram à sessão. Os médiuns iletrados, que recebem comunicações acima de seu alcance intelectual, são muito numerosos. Acabam de mostrar-nos uma página verdadeiramente admirável, obtida em Lyon por uma senhora que não sabe ler nem escrever e não conhece uma palavra do que escreve; seu marido, que quase não sabe mais que ela, o decifra por intuição durante a sessão, mas no dia seguinte isto lhe é impossível. As pessoas a lêem sem muita dificuldade. Não está aí a aplicação destas palavras do Cristo: “Vossas mulheres e vossas filhas profetizarão e farão prodígios?” Não é um prodígio escrever, pintar, desenhar, fazer música e poesia quando não se o sabe? Pedis sinais materiais: Eilos. Dirão os incrédulos que é efeito da imaginação? Se assim fosse, seria preciso convir que tais pessoas têm a imaginação na mão, e não no cérebro. Ainda uma vez, uma teoria não é boa senão quando consegue explicar todos os fatos. Se um único fato vem contrariá-la, é que é falsa ou incompleta.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

AGOSTO DE 1863

Nº 8

Jean Reynaud e os Precursores do Espiritismo

Chegou nossa vez de lançar algumas flores sobre o túmulo, recentemente fechado, de um homem tão recomendável por seu saber quanto por suas eminentes qualidades morais, e ao qual – coisa rara – todos os partidos concordam em fazer justiça.

Jean Reynaud nasceu em Lyon em fevereiro de 1808 e morreu em Paris no dia 28 de junho de 1863. Não poderíamos dar uma idéia mais justa de seu caráter do que reproduzindo o breve necrológio que seu amigo, o Sr. Ernesto Legouvé, publicou no *Siècle* de 30 de junho de 1863.

“A democracia, a filosofia e, não temo dizer, a religião, acabam de sofrer uma imensa perda: Jean Reynaud morreu ontem, depois de uma curta moléstia. De qualquer ponto de vista que se julguem as suas doutrinas, sua obra, como sua vida, foi eminentemente religiosa; porque sua vida, como sua obra, foi um dos protestos mais eloqüentes contra o grande flagelo que nos

ameaça: o ceticismo sob todas as formas. Ninguém acreditou mais energicamente na personalidade divina, ninguém creu mais fortemente na personalidade humana, ninguém amou mais ardentemente a liberdade. O seu livro *Terra e Céu*, que desde o início abriu um sulco tão profundo, e cujo rastro irá marcando cada vez mais, respira tal sentimento do infinito, tal sentimento da presença divina, que se pode dizer que Deus palpita em cada uma de suas páginas! E como poderia ser de outro modo, quando aquele que as escreveu vivia sempre em presença de Deus! Bem o sabemos, todos nós que o conhecemos e amamos, e cujo mais belo título de honra é termos sido amados por tal homem. Era uma fonte de vida moral sempre a jorrar; não se podia aproximar dele sem se firmar melhor no bem; só a sua fisionomia era uma lição de honestidade, de honra, de devotamento; as almas pecadoras se perturbavam ante aquele claro olhar, como se estivessem diante do próprio olho da justiça. E tudo isto partiu! Partiu em plena força, quando tantas palavras úteis, tão grandes exemplos ainda podiam sair daquela boca, daquele coração!... Não choramos Reunaud apenas por nós; nós o choramos por nosso país inteiro.”

É. Legouvé

No mesmo jornal de 16 de julho, o Sr. Henri Martin deu detalhes mais circunstanciados sobre a vida e a obra de Jean Reynaud. Diz ele: “Educado na liberdade do campo por uma mãe de alma forte e terna, foi aí que adquiriu esses hábitos de intimidade com a Natureza, que jamais o deixaram, e desenvolveu esses órgãos robustos, com os quais, mais tarde, fazia vinte léguas de um fôlego e passava de geleira em geleira, de uma crista a outra dos Alpes, por estreitos precipícios onde não se aventuram os caçadores de cabrito montês. Seus estudos foram rápidos e fecundos. Manifestando desde a juventude o mais vivo gosto pelas letras e por todas as formas do belo, a princípio voltou as vistas para as ciências, feliz direção que lhe devia fornecer os alimentos e os instrumentos de seu pensamento e fazer do sábio o servidor útil do filósofo. Saído

na primeira fila da Escola Politécnica, era engenheiro de minas na Córsega quando eclodiu a revolução de julho. Voltou a Paris; ali o saint-simonismo acabava de prorromper; foi envolvido nesse grande e singular movimento, que então arrebatava tantas inteligências jovens, pela atração do dogma da perfectibilidade do gênero humano. Entretanto, a escola pretendeu tornar-se uma *igreja*. Jean Reynaud não a acompanhou, deixando o saint-simonismo pela democracia. Tratou de reconstituir um grupo e um centro de ação intelectual com os amigos que, como ele, da escola se haviam afastado. Pierre Leroux, Carnot e ele retomaram das mãos de Julien (de Paris) a *Revue Encyclopédique*; foi aí que Pierre Leroux publicou seu notável *Essai sur la doctrine du progrès continu* e Jean Reynaud o trecho tão admirável de *Infinité des cieux*, germe de seu grande livro *Terre et Ciel*. Em seguida, com Pierre Leroux, fundou a *Encyclopédie Nouvelle*, obra imensa, que ficou inacabada. O 24 de fevereiro arrancou o filósofo de seus pacíficos trabalhos para o lançar na política ativa. Presidente da comissão de altos estudos científicos e literários, depois Subsecretário de Estado no Ministério da Instrução Pública, elaborou com o ministro Carnot, um de seus mais antigos e mais constantes amigos, planos destinados a pôr a instrução pública no nível das instituições democráticas. Transferido da Instrução Pública para o Conselho de Estado, Jean Reynaud aí granjeou rapidamente uma autoridade que procedia tanto de seu caráter quanto de suas luzes e, por mais curta que tivesse sido a sua passagem no referido Conselho, deixou na memória dos homens mais eminentes uma impressão indelével.”

De todos os escritos de Jean Reynaud o que mais contribuiu para a sua popularidade foi, incontestavelmente, seu livro *Terre et Ciel*, embora a forma abstrata da linguagem não o ponha ao alcance de todos; mas a profundidade das idéias e a lógica das deduções o fizeram apreciado por todos os pensadores sérios e colocaram o autor na primeira fila dos filósofos espiritualistas. Essa obra pareceu à Igreja um perigo para a ortodoxia da fé; em consequência foi condenada e posta no Index pela cúria de Roma,

o que aumentou ainda mais o crédito de que já desfrutava e a tornou procurada com mais avidez. Na época em que a obra apareceu, cerca de 1840, ainda não se cogitava dos Espíritos; entretanto, Jean Reynaud parece ter tido, como, aliás, muitos outros escritores modernos, a intuição e o pressentimento do Espiritismo, do qual foi um dos mais eloqüentes precursores. Como Charles Fourier, ele admite o progresso infinito da alma e, como consequência de tal progresso, a necessidade da pluralidade das existências, demonstrada pelos diversos estados do homem na Terra.

Jean Reynaud nada tinha visto; colhera tudo de sua profunda intuição. O Espiritismo viu o que o filósofo apenas pressentira; desse modo, acrescentou a sanção da experiência à teoria puramente especulativa e, naturalmente, a experiência o levou a descobrir detalhes que a só a imaginação não podia entrever, mas que vêm completar e corroborar os pontos fundamentais. Como todas as grandes idéias que revolucionaram o mundo, o Espiritismo não despontou de súbito; germinou em mais de um cérebro, mostrou-se aqui e ali, pouco a pouco, como que para habituar os homens à idéia. Uma brusca aparição completa teria encontrado uma resistência muita viva: teria deslumbrado sem convencer. Aliás, cada coisa deve vir a seu tempo e toda planta deve germinar e crescer, antes de atingir seu completo desenvolvimento. Na política acontece a mesma coisa: não há revolução que não tenha sido demoradamente elaborada; e quem quer que, guiado pela experiência e pelo estudo do passado, siga atentamente essas preliminares, pode, quase infalivelmente e sem ser profeta, prever-lhe o desenlace. Foi assim que os princípios do Espiritismo moderno se mostraram parcialmente e sob diversas faces em várias épocas: no século passado, com Swedenborg; no começo deste século, na doutrina dos teósofos, que admitiam claramente as comunicações entre o mundo visível e o invisível; com Charles Fourier, que admite o progresso da alma pela reencarnação; com Jean Reynaud, que aceita o mesmo princípio, sondando o infinito,

com a Ciência à mão. Há cerca de doze anos, nas manifestações americanas, que tiveram tão grande repercussão e vieram provar as relações materiais entre mortos e vivos e, finalmente, na filosofia espírita que, reunindo esses diversos elementos em um corpo de doutrina, lhes deduziu as conseqüências morais. Quem diria, quando se ocupavam das mesas girantes, que desse entretenimento sairia toda uma filosofia? Quando esta filosofia apareceu, quem teria dito que em poucos anos ela daria a volta ao mundo e conquistaria milhões de aderentes? Hoje, quem poderia afirmar que ela disse a última palavra? Por certo que não o disse, porquanto, embora as bases fundamentais já estejam estabelecidas, ainda há muitos detalhes a elucidar e que virão a seu tempo. Depois, quanto mais se avança, mais se vê quanto são múltiplos os interesses que dizem respeito a todas as questões de ordem social. Assim, só o futuro pode desenvolver todas as suas conseqüências, ou, melhor dizendo, essas conseqüências se desenvolverão por si mesmas, pela força das coisas, porque no Espiritismo se encontra o que inutilmente se buscou alhures. Por isto mesmo seremos levados a reconhecer que só ele pode encher o vazio moral que se faz diariamente em torno do homem, vazio que ameaça a própria sociedade na sua base e que já começa a aterrorizar. Num dado momento o Espiritismo será a âncora de salvação. Mas não era preciso esperar esse momento para atirar a corda, assim como não se espera a época da colheita para semear. Em sua sabedoria, a Providência prepara as coisas devagar. Eis por que a idéia matriz tem tido, como dissemos, numerosos precursores que abriram caminho e prepararam o terreno para receber a semente, uns num sentido, outros, noutro, e um dia se reconhecerá por quais numerosos fios todas essas idéias parciais se ligam à idéia fundamental. Ora, como cada uma dessas idéias tem seus partidários, resulta em alguns uma predisposição muito natural para aceitar o complemento da idéia, pois cada uma dessas teorias preparou uma porção do terreno. Incontestavelmente, aí está uma das causas desta propagação, que toca as raias do prodígio e da qual a história das doutrinas filosóficas não oferece nenhum exemplo.

Os adversários já se espantam com a resistência que ele apresenta aos seus ataques. Mais tarde terão de ceder ante a força da opinião.

Entre os precursores do Espiritismo deve-se ainda colocar uma porção de escritores contemporâneos, cujas obras estão semeadas, talvez sem que disso tenham consciência, de idéias espíritas. Volumes e mais volumes teriam de ser escritos, se se quisesse recolher as inúmeras passagens em que se faz alusão mais ou menos direta à preexistência e a sobrevivência da alma, à sua presença entre os vivos, às suas manifestações, às suas peregrinações através de mundos progressivos, à pluralidade das existências, etc. Admitindo que tudo isto não seja, da parte de certos autores, senão um jogo de imaginação, nem por isso deixa a idéia de infiltrar-se menos no espírito das massas, onde fica latente até o momento em que será demonstrada como verdade. Haverá um pensamento mais espírita que o que se encerra na carta do Sr. Victor Hugo, sobre a morte da Sra. Lamartine, aclamada com entusiasmo pela maioria dos jornais, mesmo os que mais criticam a crença nos Espíritos? Eis a carta, que diz muito em poucas linhas:

“Hauteville-House, 23 de maio.

“Caro Lamartine,

“Uma grande desgraça vos atinge. Necessito pôr meu coração junto do vosso. Eu venerava aquela que amáveis. Vosso alto Espírito vê além do horizonte; percebeis distintamente a vida futura.

“Não é a vós que se precisa dizer: Esperai. Sois daqueles que sabem e esperam.

“Ela é sempre vossa companheira, invisível, *mas presente*. Perdestes a esposa, mas não a alma. Caro amigo, vivamos nos mortos.”

Victor Hugo

Não são apenas os escritores isolados que semeiam, aqui e ali, algumas idéias; é a própria Ciência que vem preparar os caminhos. O magnetismo foi o primeiro passo para o conhecimento da ação perispiritual, fonte de todos os fenômenos espíritas; o sonambulismo foi a primeira manifestação do isolamento da alma. A frenologia provou que o organismo cerebral é um teclado a serviço do princípio para a expressão de diversas faculdades; contrariamente à intenção de Gall, seu fundador, que era materialista, ela serviu para provar a independência do Espírito e da matéria. A homeopatia, provando o poder da ação da matéria espiritualizada, liga-se ao papel importante que representa o perispírito em certas afecções; ataca o mal em sua própria fonte, que está fora do organismo, cuja alteração é apenas consecutiva. Tal a razão pela qual a homeopatia triunfa numa imensidade de casos em que fracassa a medicina ordinária: mais que esta, ela leva em conta o elemento espiritualista, tão preponderante na economia, o que explica a facilidade com a qual os médicos homeopatas aceitam o Espiritismo e por que a maioria dos médicos espíritas pertence à escola de Hahnemann. Finalmente, até as recentes descobertas sobre as propriedades da electricidade, não há quem não tenha vindo trazer seu contingente na questão que nos ocupa, lançando a sua quota de luz sobre o que se poderia chamar a fisiologia dos Espíritos.

Não mais terminaríamos se quiséssemos analisar todas as circunstâncias, pequenas ou grandes, que de um século para cá vieram abrir a rota da filosofia nova. Veríamos as mais contraditórias doutrinas provocarem o desenvolvimento da idéia, os próprios acontecimentos políticos prepararem sua introdução na vida prática. Mas, de todas as causas, a mais preponderante é a Igreja, que parece predestinada fatalmente a impulsioná-lo.

Tudo lhe vem em auxílio; e se se conhecesse a inumerável quantidade de documentos que nos chegam de toda parte; se, como nós, se pudesse acompanhar essa marcha

providencial através do mundo, favorecida pelos acontecimentos menos esperados e que, à primeira vista, lhe pareceriam contrários, compreender-se-ia melhor ainda o quanto ela é irresistível e se surpreenderiam menos de nossa impassibilidade. É que vemos todos trabalhando para isso, por bem ou por mal, voluntária ou involuntariamente; é que vemos o objetivo e sabemos quando e como será alcançado; vemos o conjunto que avança, razão por que quase não nos inquietamos com algumas individualidades que marcham na contramão.

Por seus escritos Jean Reynaud foi, pois, um precursor do Espiritismo; também tinha sua missão providencial e devia abrir um sulco. Ser-lhe-ia útil depois da morte. Um eminente Espírito assim apreciou o acontecimento:

“Mais uma circunstância que vai redundar em benefício do Espiritismo. Jean Reynaud tinha feito o que devia fazer nesta última existência. Não falar de sua morte, de sua vida e, mais que nunca, de suas obras. Ora, falar de suas obras é por o pé na rota do Espiritismo. Muitas inteligências aprenderão nossa crença estudando esse filósofo que conquistou autoridade. Farão comparações e verão que não sois tão loucos como pretendem os que riem de vós e da vossa fé. Crede-me que tudo quanto Deus faz é bem feito. Ele será louvado por vossos próprios detratores, e sabeis que são estes que, sem o querer, trabalham mais para vos conseguir adeptos. Deixai agir, deixai gritar: tudo será conforme a vontade de Deus. Mais um pouco de paciência e a elite dos homens de inteligência e de saber se unirá a vós; e, diante de certas adesões ostensivas, a crítica terá de baixar a voz.”

Santo Agostinho

Nota – Ver adiante, nas dissertações, algumas comunicações de Jean Reynaud.

Pensamentos Espíritas em Vários Escritores

Extrato da *Viagem ao Oriente*, do Sr. de Lamartine

“Oh! digo-lhe eu, isto é uma outra questão. Ninguém mais do que eu geme e sofre do gemido universal da Natureza, dos homens e das sociedades. Ninguém confessa mais alto os enormes abusos sociais, políticos e religiosos. Ninguém deseja e espera mais uma reparação a esses males intoleráveis da Humanidade. Ninguém está mais convencido que esse reparador não pode ser senão divino! Se a isso chamais esperar um messias, eu o espero como vós e mais que vós suspiro por seu próximo aparecimento; como vós e mais que vós, vejo nas crenças abaladas do homem, no tumulto de suas idéias, na vida de seu coração, na depravação de seu estado social, nos repetidos abalos de suas instituições políticas, todos os sintomas de uma perturbação e, por conseguinte, de uma renovação próxima e iminente. Creio que Deus sempre se mostra no momento preciso, em que tudo quanto é humano é insuficiente, em que o homem confessa nada poder por si mesmo. O mundo está nisto. Creio, pois, num messias; não vejo o Cristo, que nada mais tem a nos dar em sabedoria, em virtude e em verdade; vejo aquele que o Cristo anunciou que viria após ele: este Espírito Santo sempre diligente, sempre assistindo o homem, sempre a lhe revelar, conforme os tempos e as necessidades, o que deve fazer e saber. Que este Espírito Divino se encarne num homem ou numa doutrina, num fato ou numa idéia, pouco importa, é sempre ele, homem ou doutrina, fato ou idéia. Creio nele, espero nele, aguardo a sua vinda e mais que vós, senhora, eu o invoco! Vedes, pois, que nos podemos entender e que nossas estrelas não são tão divergentes quanto esta conversa pôde vo-lo fazer pensar.” (1^o vol., página 176).

“A imaginação do homem é mais verdadeira do que se pensa; nem sempre se edifica com os sonhos, procedendo por

assimilações instintivas de coisas e imagens, que lhe dão resultados mais seguros e mais evidentes que a Ciência e a lógica. Exceto os vales do Líbano, as ruínas de Balbek, as margens do Bósforo em Constantinopla, e o primeiro aspecto de Damasco, do alto do Anti-Líbano, jamais encontrei um lugar, alguma coisa cuja primeira vista fosse para mim como uma lembrança!

“Vivemos duas vezes ou mil vezes? Nossa memória não será um espelho embaciado que o sopro de Deus pode limpar? ou temos em nossa imaginação o poder de pressentir e ver, antes que vejamos realmente? Questões insolúveis! (1º vol., página 327).

Observação – Em nosso artigo precedente sobre os precursores do Espiritismo, dissemos que se acham em muitos autores elementos esparsos desta doutrina. Os trechos acima são muito claros, para que haja necessidade de ressaltá-los.

Pelo fato de homens, como o Sr. Lamartine e outros, emitirem idéias espíritas em seus escritos, segue-se que adotem abertamente o Espiritismo? Não; na maior parte não o estudaram ou, se o fizeram, não ousam ligar seus nomes, tão conhecidos, a uma nova bandeira. Aliás, sua convicção é apenas parcial e, para eles, muitas vezes a idéia não passa de um relâmpago, originária de uma intuição vaga não formulada, não trabalhada em seu espírito; podem, pois, recuar ante um conjunto, do qual certas partes podem ofuscá-los e, mesmo, aterrorizá-los. Para nós não é menos o indício do pressentimento da idéia geral, que germina parcialmente nos cérebros de escol, e isto basta para provar a certos adversários que essas idéias não são assim tão desprovidas de senso quanto pretendem, já que partilhadas pelos mesmos homens cuja superioridade reconhecem. Reunindo e coordenando as idéias parciais de cada um, chegar-se-ia certamente a constituir a Doutrina Espírita completa, conforme os homens mais eminentes e mais acreditados.

Agradecemos ao nosso assinante de Joinville, que teve a gentileza de nos transmitir as duas passagens supracitadas, e seremos sempre muito reconhecidos às pessoas que, como ele, nos comunicarem o fruto de suas leituras.

Nota – Aproveitamos a ocasião para agradecer à pessoa que nos remeteu uma brochura, intitulada: *Dissertações sobre o dilúvio*. Como não se fez acompanhar de carta, não podemos agradecer diretamente. Uma olhadela na brochura nos convenceu de que o sistema muito original do autor está em contradição com os dados mais vulgares e mais positivos da ciência geológica que, digam o que disserem, têm o seu valor. Assim, seria fácil refutar a sua teoria por meio de observações, ao menos tão rigorosas quanto as suas.

Destino do Homem nos Dois Mundos

Por Hippolyte Renaud, antigo aluno da Escola Politécnica²⁹

A *Presse* de 27 de julho de 1862 fez a apreciação crítica da obra acima indicada. Ela se prende de maneira muito direta à Doutrina Espírita, de modo que nossos leitores nos agradecerão por reproduzi-la. Nós mesmos poderíamos ter feito a análise da obra, mas preferimos a de uma pessoa desinteressada na questão. Limitar-nos-emos a fazê-la seguir de algumas considerações. Diz o redator:

“Que de mais atraente para o espírito e mais refrescante para alma do que encontrar, na hora presente, um homem de fé sincera, verdadeira e profunda, um homem que crê e, no entanto, raciocina, e raciocina sem preconceitos, para buscar a verdade à luz de sua consciência? Tal é o Sr. Renaud. Nele as matemáticas e a Ciência não aniquilaram o sentimento nem turbaram as forças misteriosas que nos ligam ao infinito pela fé. O Sr. Renaud é um crente firme, convicto, mesmo um excelente cristão, se, aliás, existe um mau católico, do que não se defende; ao contrário.

²⁹ 1 vol. in-18. Preço: 2 fr.; Ledoyen; Palais-Royal. Não confundir com Jean Reynaud.

Sua razão esclarecida, não menos que seu coração afetuoso, lhe faz repelir para bem longe a idéia de um Deus vingador, ciumento e colérico, de um Deus que teria escolhido a cólera para ligar a criatura ao seu autor, um Deus que pune o filho pela falta do pai, coisa iníqua aos olhos da justiça humana.

O Deus do Sr. Renaud é um Deus de luz e de amor. A harmonia de sua obra infinita manifesta sua onipotência e sua bondade. O homem não é sua vítima, mas seu colaborador numa parte mínima, mas ainda gloriosa e proporcional às suas forças. Por que, então, o mal e como o explicar? O mal não vem de uma queda primitiva, que teria mudado todas as condições da vida humana; tem por causa o não cumprimento da lei de Deus e a desobediência do homem, fazendo mau uso do livre-arbítrio. Teríamos achado mais claro que o Sr. Renaud tivesse dito simplesmente que o homem começa pelo instinto, que só gradualmente pode desenvolver seus sentimentos superiores e sua inteligência. O homem-espécie, como todos os seres vivos, não pode de repente apoderar-se da plenitude de seu ser. Percorre evoluções sucessivas e normais. Sua infância social é caracterizada pelo domínio dos instintos; daí sua ignorância, sua miséria e sua brutalidade. À medida que se eleva na vida, pouco a pouco se desprende do limo dos primeiros anos. Cresce a inteligência, os sentimentos ganham força, começa a humanizar-se. Quanto mais o homem compreende, tanto mais se liga à lei, mais se torna religioso, concorrendo, de sua parte, para a harmonia geral. O sofrimento é uma advertência, um estimulante para se livrar do mal, para se retirar da sombra e marchar para a luz. Quanto mais progride, mais horror tem ao mundo do instinto, da luta, da violência e da guerra; quanto mais vê e compreende, melhor aspira ao mundo da paz e da ordem, ao império da razão, ao reino dos sentimentos elevados, que são a dignidade e a marca sagrada de sua espécie.

Daí resulta que, graças à Ciência, à indústria, ao incessante progresso da sociabilidade, o gênero humano tende a

constituir-se como o rei, ou, se se preferir um termo menos ambicioso, como o gerente de seu globo. Mas depois, e admitindo por um momento esta hipótese que, a bem dizer, parece tornar-se mais certa cada dia, não restará sempre por satisfazer esse desejo insaciado do homem, que não pode parar e limitar-se ao presente, por mais magnífico que seja?

Que me importa, afinal, vossa felicidade material e terrestre, se me deixa a alma vazia e alterada? A gente se sente tomada de um supremo tédio e de um grande desgosto, em presença de tal felicidade, que dura tão pouco.

Isto é verdade, responde o Sr. Renaud, e é aqui que ele triunfa. Iluminado pela Ciência, sua fé robusta nos destinos eternos do homem lhe mostra todo um futuro infinito de atividade consciente e de alegrias paradisíacas.

Ao primeiro despertar do pensamento, aos primeiros sobressaltos da alma, o homem eleva o olhar ao céu, interroga suas profundezas infinitas e busca qual pode ser o seu vínculo com o Universo que entrevê. Essa existência terrestre, tão curta e, muitas vezes, tão triste, não lhe basta. Sente que participa do infinito e, a todo preço, nele quer encontrar lugar. O homem tem horror ao nada, como a Natureza tem horror pelo vazio. Em vez de ficar sem ideal, ele se lançará desvairado em suas crenças mais estranhas. Daí tantas concepções paradisíacas mais ou menos loucas, mas que atestam essa necessidade absoluta e fundamental de se sentir ligado ao infinito, certo da imortalidade.

Conhece-se o paraíso dos budistas, os Campos Elíseos dos gregos, o paraíso dos selvagens, com suas florestas e prados abundantes em caça, o paraíso de Maomé, com suas delícias materiais e suas huris imaculadas. O paraíso católico, que coloca a Humanidade num estado de beatitude contemplativa infinita, é uma concepção em relação com as épocas cruéis, em que o

trabalho é punição e castigo, em que o sofrimento geral é tal que a resignação neste mundo e o repouso no outro puderam parecer a soberana sabedoria e o mais elevado ideal. Mas, sem sombra de dúvida, esta hipótese é inteiramente contraditória com as noções mais simples e mais claras da existência. Viver é ser; ser é agir com todas as forças de suas faculdades e de sua energia vital. Viver é aspirar e transformar-se incessantemente.

A metempsicose de Pitágoras, embora respeitando a idéia de atividade, é incompleta, por limitar a transformação a passagens nos organismos que vivem na face da Terra e não levar em conta a lei do progresso ascendente, que governa todas as coisas.

Segundo o Sr. Renaud, só há uma maneira racional de encarar esta questão da imortalidade. Para começar, o autor repele a concepção de que, após uma estação no mundo visível, lugar de provação, colocaria o homem no mundo invisível, o paraíso, no estado de beato contemplativo e mais que desinteressado de seus semelhantes e de sua obra terrestre. Que eleitos e que vivos senão esses seres despojados de todo desejo e de toda aspiração, de toda atividade fecunda, de todo interesse por seu passado e seus semelhantes, pelo Universo infinito, onde trabalharam, sentiram e pensaram!...

O Sr. Renaud repele igualmente esta hipótese de uma série indefinida de existências, quer na Terra, quer em outros globos. Esse gênero de imortalidade já possui uma grande vantagem sobre a primeira concepção, pois abre um campo indefinido à atividade humana. Os Srs. Jean Reynaud, Pierre Leroux, Henri Martin, Lamennais, abraçam mais ou menos esta idéia. Mas há um ponto capital que a destrói pela base: é a ausência da memória. De que me adianta uma imortalidade da qual não tenho consciência e que só Deus conhece? Para que minha imortalidade seja real, preciso é que, numa vida diferente da minha

vida atual, eu guarde a lembrança de minhas existências anteriores e tenha consciência da continuidade e da identidade de meu ser. Só assim sou verdadeiramente imortal, participando do infinito e consciente de meu papel no Universo. Não conhecemos nosso ser senão por suas manifestações; sua essência virtual nos escapa. Em que, pois, repugnaria à razão admitir que o nosso ser, cuja persistência aqui constatamos em suas modificações incessantes, persistisse eternamente? Apenas muda de forma e de órgãos conforme o meio que atravessa em suas sucessivas encarnações.

É assim que o Sr. Renaud chega a expor sua concepção, que satisfaz a esta condição essencial: conservar a memória. Além disso, é conforme à justiça e à onipotente bondade de Deus.

Não há vazio no Universo, como não há o nada. Ora, se o mundo visível está em toda parte, o mundo invisível não está em parte alguma, diz precisamente o Sr. Renaud, a menos que também não esteja em toda parte.

Nesta Terra o homem tem dois estados bem distintos. Em *vigília* ele se lembra geralmente de todos os seus atos e tem consciência de si mesmo; durante o *sono* perde a memória e a consciência. Conseqüentemente, por que não teria o homem dois distintos modos de existência, sempre ligados entre si, sempre unidos à vida da espécie e do planeta? Primeiro, a existência que conhecemos na Terra, depois outra existência de ordem mais elevada, na qual o indivíduo se organiza e se encarna por meio de fluidos imponderáveis, participa de maneira mais larga e mais extensa na vida do nosso turbilhão, conserva a memória de suas existências anteriores e possui plena consciência de seu papel e de sua função no Universo? A existência mundana ou visível está em relação com o sono? A existência transmudana ou etérea tem analogia com a vigília?

Nesta hipótese, a solidariedade do gênero humano, nas suas gerações presentes e futuras, aparece-nos completa e inteira.

Cada um de nós viveu, vive e viverá em diferentes épocas da vida da espécie nesta Terra, e no seu duplo modo visível e invisível. Cada um de nós aí nasce e daí sai, conforme a lei de número, peso e medidas que preside à harmonia dos mundos. Nossas diversas alternâncias são contadas como os dias e as estações. Cada um de nós renasce na Terra, toma sua classe na espécie e sua função no trabalho geral, consoante o seu valor e segundo a lei da ordem universal. É possível que cada um de nós passe pelos diversos estados e funções que nos apresenta o conjunto da espécie. Seguramente a mais absoluta justiça preside a essas transformações, como a mais harmoniosa ordem brilha na eterna criação, nas variadas combinações que caracterizam todo organismo e todo ser vivo. Renascemos para a vida etérea e dela saímos sob essas mesmas condições de ordem e de harmonia.

Tal a concepção do Sr. Renaud, que aqui não posso expor com todo o desenvolvimento desejável. É preciso recorrer ao seu livro, claro, simples, rápido, onde uma fé profunda, aliada a uma razão tão elevada quanto imparcial, prende constantemente o leitor sob o encanto de uma teoria de tal modo consoladora quanto religiosa e grandiosa. A livre espontaneidade do homem, sua solidariedade íntima e incessante com os semelhantes, com o seu globo, com o seu turbilhão, com o Universo, sua atividade cada vez mais progressiva, eficaz, irradiante, em harmonia com as leis divinas, uma cadeia infinita para sua eterna aspiração, a onipotência e a bondade de Deus justificadas, explicadas e glorificadas, o amor pelo vínculo entre Deus e o homem, eis o que ressalta deste opúsculo, o mais completo de todos os que foram escritos sob a inspiração desta grande palavra: “Os desejos do homem são as promessas de Deus.”

É. de Pompéry

Este artigo deu origem às duas cartas seguintes, igualmente publicadas na *Presse* de 31 de julho e 5 de agosto de 1862.

“Paris, 29 de julho de 1862.

“*Ao redator.*

“Senhor,

“Acabo de ler na *Presse* de ontem à tarde a seguinte passagem (artigo do Sr. de Pompéry, sobre a obra do Sr. Renaud):

“O Sr. Renaud repele a hipótese de uma série indefinida de existências, quer na Terra, quer em outros globos... Hipótese a que abraçam mais ou menos os Srs. Jean Reynaud, Pierre Leroux, Henri Martin, Lamennais... Há um ponto capital que a destrói pela base: é a ausência da memória. De que me adianta uma imortalidade da qual não tenho consciência e que só Deus conhece? Para que minha imortalidade seja real, preciso é que, numa vida diferente da minha vida atual, eu guarde a lembrança de minhas existências anteriores e tenha consciência da continuidade e da identidade de meu ser.

“Em minha opinião o Sr. Pompéry tem razão; uma metempsicose indefinida e sem memória não é a imortalidade. Mas, se tem razão quanto às idéias, equivoca-se quanto às pessoas. Dos quatro escritores citados, apenas um professou a doutrina que ele combate: é o Sr. Pierre Leroux, em seu livro *Humanité*. No que me concerne, já que ele me incluiu, embora sem títulos, para figurar ao lado de três filósofos célebres, devo dizer que não tenho outra opinião senão a que acaba de expressar acima o Sr. Pompéry.

“Quanto ao Sr. Jean Reynaud, de certo modo ele fez de tal opinião o coroamento de seu livro *Terre et Ciel*, onde apresenta a ausência de memória como condição das existências inferiores, e a memória readquirida e conservada para sempre como um atributo essencial da vida superior.

“Também não creio que o Sr. Lamennais, numa época qualquer de sua carreira, tenha, de algum modo, parecido inclinar-se

à idéia da transmigração inconsciente e indefinida. Ela era muito contrária a todas as suas tendências.

“Ser-vos-ei reconhecido, senhor redator-chefe, se vos dignardes acolher esta reclamação, e rogo aceiteis meus mais distintos sentimentos.”

Henri Martin

“Ao redator.

“Senhor,

“Ao tecer considerações sobre o livro do Sr. Renaud, disse eu, conforme este, que os Srs. Henri Martin, Jean Reynaud, Pierre Leroux e Lamennais não podiam, de acordo com os sistemas por eles adotados, admitir que o homem preservasse a memória em suas existências ulteriores. Isto não implica absolutamente que não estivesse, no pensamento desses filósofos, a idéia de que o homem conserva, em suas existências indefinidas, a identidade e a perpetuidade de seu ser por meio da memória.

“A reclamação do Sr. Henri Martin seria, pois, muito justa, do ponto de vista de sua intenção, o que constato com prazer. Resta saber agora se o Sr. Renaud, discutindo os sistemas de seus ilustres contraditores, não tem razão de concluir pela sua insuficiência. Aí está toda a questão, na qual não posso entrar. É preciso ver o debate no livro do Sr. Renaud, que, aliás, dá testemunho da mais alta simpatia por estes homens eminentes.

“Aceitai, etc.”

E. de Pompéry

Eis, pois, um debate travado seriamente num jornal, sem anedotas vulgares e tolas, sobre a questão da pluralidade das existências, uma das bases fundamentais da Doutrina Espírita, por

homens cujo valor intelectual não poderia ser contestado, o que prova não ser ela tão absurda quanto a alguns apraz dizer. Se se quiser aprofundar mesmo as idéias emitidas no artigo do Sr. de Pompéry, nele encontrarão as da Doutrina Espírita sobre este ponto; nada falta para as completar, a não ser as relações entre os mundos visível e invisível, de que não se cogita. Tão-somente pela força do raciocínio e da intuição, esses senhores, aos quais poderiam juntar-se muitos outros, tais como Charles Fourier e Louis Jourdan, chegaram ao ponto culminante do Espiritismo sem ter passado pela fieira intermediária. A única diferença entre eles e nós é que encontraram a coisa por si mesmos, ao passo que a nós foi revelada pelos Espíritos, aí estando, aos olhos de certa gente, o seu maior erro.

Ação Material dos Espíritos sobre o Organismo

O fato seguinte nos foi transmitido pelo Sr. A. Superchi, de Parma, membro honorário da Sociedade Espírita de Paris.

“Em nossa sessão de 23 de abril último, fiz o médium pôr a mão sobre o papel sem evocar nenhum Espírito. Logo que a mão começou a se mover, ele sentiu uma força estranha que o obrigou a manter o indicador levantado e duro, numa posição absolutamente anômala. O dedo estava singularmente frio. Não encontrando explicação para tal excentricidade, pedi a explicação ao Espírito. Respondeu: ‘Como sois esquecido! Não vos lembrais daquele que, em vida, assim escrevia? Tornei duro este dedo para vos dar uma prova de nossa autenticidade e de nosso poder.’ Era o Espírito de um irmão do médium, morto em Florença há mais de vinte anos. Tinha ferido o dedo ao quebrar uma garrafa, quando derramava o seu conteúdo, de tal modo que o dedo ficou anquilosado. Junto um desenho representando a posição da mão do médium.

“Um outro médium, ressentido por merecida mistificação, esforçava-se por provar que os fenômenos provinham do nosso próprio Espírito, concentrado não sei de que maneira. Um dia, conversando, tomou maquinalmente um lápis para desenhar algumas linhas, brincando; mas sua mão ficou imóvel, a despeito de todos os esforços. Por fim, pôs-se em movimento e escreveu estas palavras: ‘Quando eu não quiser, jamais poderás escrever o que quer que seja.’ Surpreendido, mas ao mesmo tempo ferido em seu amor-próprio, retomou o lápis, dizendo que não queria escrever e que veria se esse pretenso Espírito teria o poder de o obrigar. Apesar de sua resolução, a mão moveu-se rapidamente e escreveu: ‘Quando eu quiser, não poderás deixar de escrever.’”

Nos dois casos acima, a ação do Espírito sobre os órgãos é, como se vê, completamente independente da vontade. Desde logo se concebe que possa ser exercida espontaneamente, abstração feita de qualquer noção do Espiritismo. Com efeito, é o que provam muitas observações. Aqui ela ocorreu num dedo; alhures será sobre outro órgão e poderá traduzir-se por outros efeitos. Tal ação, temporária nesta circunstância, poderia adquirir certa duração e apresentar aparência patológica, que na realidade não existiria, e contra a qual seria ineficaz a terapêutica ordinária.

Considerado do ponto de vista das manifestações espíritas, esse fenômeno oferece notável prova de identidade. O Espírito, enquanto Espírito, incontestavelmente não tem o dedo anquilosado, mas a um médium vidente ele seria apresentado com tal enfermidade para ser reconhecido; ao que não era vidente, comunica por uns momentos a sua doença. Aqui ainda nos deparamos com a prova evidente de que o Espírito se identifica com o médium e se serve do corpo deste como se serviria do seu próprio corpo. Quer esta ação seja produzida por um Espírito malévolos, quer adquira certa duração, quer afete formas mais

características e excêntricas, e teremos a explicação da maioria dos casos de subjugação corporal atribuídos à loucura.

O fato seguinte, de natureza análoga, foi relatado por um membro da Sociedade de Paris, que o testemunhou numa cidade do interior.

“Vi”, disse ele, “um médium muito singular; é uma senhora ainda moça, que pede ao seu Espírito familiar lhe paralise, por exemplo, a língua; e logo não pode falar mais senão à maneira de um mudo, que se esforça por ser compreendido. A seu pedido, ele faz as mãos aderir uma à outra, de tal modo que é impossível separá-las; prende-a a uma cadeira até que ela peça para ser posta em liberdade. Pedi ao Espírito que a fizesse adormecer instantaneamente, e ele o fez: o médium adormeceu pela primeira vez, quase de imediato, sem o auxílio de ninguém. Foi nesse estado que julguei reconhecer a natureza desse Espírito, que me pareceu obsessor, porquanto, quando a senhora sofria, ou, ao menos, ficava muito agitada durante o sono, se eu lhe quisesse dar alguns passes magnéticos para acalmá-la, o Espírito a levava a me repelir duramente. Recomendei àquela senhora que não repetisse as experiências com muita freqüência.”

Quanto a nós, aconselhamos a que se abstinhasse totalmente, porque elas poderiam pregar-lhe uma peça. Torna-se evidente que um Espírito bom não se pode prestar a semelhantes coisas; delas fazer um jogo é pôr-se voluntariamente sob funesta dependência, *moral e fisicamente*, e só Deus sabe onde isto iria parar. Poderia resultar-lhe alguma subjugação corporal terrível, da qual lhe seria muito difícil, se não impossível, desembaraçar-se. Já é bastante que tais acidentes ocorram espontaneamente, sem que se sucedam quando provocados em excesso e apenas para satisfazer a uma vã curiosidade. Tais experiências não têm nenhuma utilidade para o melhoramento moral e podem acarretar os mais graves inconvenientes. Depois incriminariam o Espiritismo, quando não

deveriam acusar senão a imprevidência ou o orgulho dos que se julgam capazes de dirigir os Espíritos maus à sua vontade. Jamais os desafiamos impunemente. Não afirmamos que o Espírito em questão seja mau por natureza, mas o que é certo é que não pode ser adiantado, nem mesmo essencialmente bom, e que é sempre perigoso submeter-se a tal subordinação, cujo menor inconveniente seria a neutralização do livre-arbítrio. Dando acesso aos Espíritos dessa espécie, ficamos penetrados de seus fluidos, necessariamente refratários às influências dos Espíritos bons, que se afastam, se não nos esforçarmos para atraí-los, buscando no Espiritismo os meios de nos melhorarmos. *Uma vez penetrado por um fluido maléfico, o perispírito é como uma vestimenta impregnada de odor acre, que os mais deliciosos perfumes não podem fazer desaparecer.*

Ainda uma Palavra sobre os Espectros Artificiais e ao Sr. Oscar Comettant

A revista hebdomadária do *Siècle* de 12 de julho de 1863, trazia o seguinte parágrafo:

“Fora destas questões importantes, outras há, de ordem diversa, e que também não podem ser negligenciadas, entre as quais a questão tão expressiva dos espectros. Vistes os espectros? Há cerca de oito dias o espectro é o único assunto a distrair um pouco as conversas. Assim, cada teatro tem os seus, espectros de honestos velhacos que roubaram, pilharam, assassinaram e que retornam, sombras impalpáveis, a passear à meia-noite, no quinto ato de um drama fortemente planejado. Este segredo do espectro, ou, para falar a linguagem dos bastidores, este *truque*, dizem, tão caro a um inglês, é de uma simplicidade tão elementar, que todos os teatros têm tido seus espectros no mesmo dia, este mais caro que aquele. Depois do teatro o espectro passou ao salão, onde faz as alegres noitadas dos senhores e senhoras, excitadíssimos por essa amável espectromania. Eis uma diversão que chega na hora certa para

explicar muitos prodígios, e quero falar, sobretudo, dos prodígios do Espiritismo. Muito se tem falado desses espíritas que evocam os mortos, os quais, na intimidade, são mostrados a crentes apavorados. Com o auxílio de um simples truque, pode fazer-se a mesma tarefa sem passar por grande feiticeiro. Esta evocação geral dos espectros dá um golpe funesto no maravilhoso, hoje que está provado que não é mais difícil fazer aparecerem fantasmas do que pessoas em carne e osso. O próprio Sr. Home em pessoa já deve ter perdido setenta e cinco por cento da estima de suas numerosas admiradoras.

“O ideal vira pó ao toque do real. O real é o truque.”

Edmond Texier

Tínhamos razão em dizer, a propósito deste novo processo fantasmagórico, que os jornais não deixariam de falar do Espiritismo. Já o *Indépendance belge* tinha expressado sua viva satisfação, exclamando: “Como os espíritas vão se sair desta?” Diremos simplesmente a esses senhores que se informem de como se porta o Espiritismo. O que mais claramente ressalta desses artigos é, como sempre, a prova da mais completa ignorância do assunto que atacam. Efetivamente, é preciso não saber quase nada para crer que os espíritas se reúnem para fazer aparecerem fantasmas. Ora, o mais estranho é que jamais os vimos, nem mesmo nos teatros, embora, no dizer desses senhores, estejamos grandemente interessados na questão.

O Sr. Robin, o prestidigitador citado em nosso precedente artigo do mês de julho, vai mais longe: não é só o *Espiritismo* que ele pretende demolir, mas a própria Bíblia. Em sua alocução quotidiana aos seus espectadores, afirma que a aparição de Samuel a Saul se deu pelo mesmo processo que o seu. Não imaginávamos que a ciência da óptica estivesse tão adiantada naquela época, entre os hebreus, que não passavam por muito

cultos. Sendo assim, foi sem dúvida também por meio de algum *truque* que Jesus apareceu a seus discípulos.

Não produzindo os falsos espectros o resultado esperado, sem dúvida logo veremos surgir algum novo estratagema. Eles terão seu tempo, como tudo quanto tem como resultado apenas satisfazer a curiosidade; esse tempo talvez seja mais curto do que se pensa, porque a gente se cansa depressa do que nada deixa no espírito. Assim, os teatros farão bem os aproveitando, enquanto têm o privilégio de atrair a multidão pela sedução da novidade. Sua aparição sempre terá tido a vantagem de fazer falar do Espiritismo e de espalhar sua idéia. Como qualquer outro, era um meio de estimular muita gente a se inquirir da verdade.

Que diremos nós do folhetim do Sr. Oscar Comettant sobre o livro do Sr. Home, publicado no *Siècle* de 15 de julho de 1863? Nada, senão que é a melhor propaganda para fazer vender a obra, do que se aproveitará o Espiritismo. É útil que, de tempos em tempos, haja estas chicotadas, para despertar a atenção dos indiferentes. Se o artigo não é espírita nem espiritualista, é, ao menos, espirituoso? Deixamos a outros o cuidado de se pronunciarem.

Há, entretanto, algo de bom nesse artigo: é que o autor, a exemplo de vários de seus confrades, cai sem dó nem piedade sobre os que fazem profissão da faculdade mediúnica; censura com justa severidade os abusos daí resultantes, e assim contribui para os desacreditar, do que o Espiritismo sério não poderia lamentar-se, já que ele próprio repudia toda exploração deste gênero como indigna do caráter exclusivamente moral do Espiritismo e como um golpe ao respeito que se deve aos mortos. Erra o Sr. Comettant ao generalizar o que seria, quando muito, uma rara exceção e, sobretudo, identificar os médiuns com os prestidigitadores, os que deitam cartas, os ledores da sorte, os saltimbancos, porque viu saltimbancos tomar o nome de médiuns, como se vêem charlatães

se fazendo passar por médicos. Ele parece ignorar que há médiuns entre os membros das famílias das mais altas classes; que os há mesmo entre certos escritores de renome, tidos em grande estima por ele próprio e seus amigos; que é notório que a Sra. Émile de Girardin era um excelente médium. Teríamos curiosidade de saber se ele ousaria dizer-lhes na face que são farsistas.

Se os que assim falam se dessem ao trabalho de estudar antes de falar, saberiam que o exercício da mediunidade exige um profundo recolhimento, incompatível com a leviandade de caráter e a algazarra dos curiosos e que nada de sério se deve esperar nas reuniões públicas. O Espiritismo desaprova toda experiência de mera curiosidade, realizada com o propósito de diversão, pois que se não deve distrair com essas coisas. Os Espíritos, isto é, a alma dos que deixaram a Terra, dos nossos parentes e amigos, o que nada tem de divertido, vêm nos instruir e moralizar, e não distrair os ociosos; não vêm predizer o futuro, nem descobrir segredos ou tesouros ocultos; vêm ensinar-nos que há uma outra vida, e como nos devemos conduzir para nela sermos felizes, o que, para certa gente, é pouco recreativo. Mesmo que se não acredite na alma e na sobrevivência dos que nos foram caros, é sempre descabido expor ao ridículo essa crença, ainda que por respeito à sua memória. O Espiritismo também nos ensina que os Espíritos não estão às ordens de ninguém; que vêm quando querem e com quem querem; que quem quer que pretenda tê-los à sua disposição e os governar à vontade, pode, com toda a razão, passar por ignorante ou charlatão; que tanto é ilógico quanto irreverente admitir que os Espíritos sérios se submetam ao capricho do primeiro que chegue e os pretenda evocar, a qualquer hora e a tanto por sessão, para lhes fazer representar um papel de comparsa; que há mesmo um sentimento instintivo de repugnância ligado à idéia de que a alma do ser que se chora venha a troco de dinheiro. Por outro lado, é princípio consagrado pela experiência que os Espíritos não se comunicam facilmente, nem de boa vontade, por certos médiuns; que entre estes últimos os há absolutamente repulsivos a certos

Espíritos, o que se compreende facilmente quando se conhece a maneira pela qual se opera a comunicação, pela assimilação de fluidos. Pode, pois, entre o Espírito e o médium, haver atração ou repulsão, conforme o grau de afinidade simpática. A simpatia é fundada sobre as similitudes morais e a afeição. Ora, que simpatia pode ter o Espírito por um médium que só o chama por dinheiro?

Talvez digam que o Espírito vem para a pessoa que o chama e não pelo médium, que não passa de um instrumento. De acordo; mas nem por isso são menos necessárias as condições fluídicas, essencialmente modificadas pelos sentimentos morais e pelas relações pessoais entre o Espírito e o médium. Esta a razão por que não há um só médium que se possa vangloriar de comunicar-se indistintamente com todos os Espíritos, dificuldade capital para aquele que os quisesse explorar. Eis o que ensinamos ao Sr. Comettant, uma vez que o ignora, e que destrói as assimilações que ele pretende estabelecer. A mediunidade real é uma faculdade preciosa, que adquire tanto mais valor quanto mais é empregada para o bem e é exercida religiosamente e com total desinteresse, moral e material. Quanto à mediunidade *simulada ou abusiva, seja no que for*, nós a entregamos a todas as severidades da crítica. Seria ignorar os mais elementares princípios do Espiritismo imaginar que este se constitui o seu defensor e que a repressão legal de um abuso, caso ocorresse, fosse um choque. Nenhuma repressão poderia atingir os médiuns que não fizessem profissão de sua faculdade e não se afastassem da via moral que lhes é traçada pela doutrina. As armas que os abusos fornecem aos detratores, sempre ávidos em aproveitar as ocasiões para censurar, mesmo as inventar quando não existem, fazem ressaltar mais ainda, aos olhos dos espíritas sinceros, a necessidade de mostrar que não há nenhuma solidariedade entre a verdadeira doutrina e os que a parodiam.

Questões e Problemas

MISTIFICAÇÕES

Uma carta de Locarno contém a seguinte passagem:

“...Para mim a dúvida seria impossível, pois tenho uma filha, que é excelente médium, e meu próprio filho escreve. Mas, ah! ele recebeu tão cruéis mistificações, que seu desânimo me contagiou um pouco, sem, contudo, abalar nossa crença tão pura e consoladora, não obstante os pesares que experimentamos quando nos vemos enganados por respostas decepcionantes. Por que, então, permite Deus que os bem-intencionados sejam assim enganados por aqueles que os deveriam esclarecer?...”

Resposta – O mundo corpóreo, retornando ao mundo espírita pela morte, e o mundo espírita, fazendo o caminho inverso pela reencarnação, resulta que a população normal do espaço que circunda a Terra é composta de Espíritos provenientes da Humanidade terrestre. Sendo esta Humanidade uma das mais imperfeitas, não pode dar senão produtos imperfeitos, razão por que à sua volta pululam os Espíritos maus. Pela mesma razão, nos mundos mais adiantados, onde o bem reina sem limite, só há Espíritos bons. Admitindo isto, compreender-se-á que a intromissão, tão freqüente, dos Espíritos maus nas relações mediúnicas é inerente à inferioridade do nosso globo; aqui se corre o risco de ser vítima dos Espíritos enganadores, como num país de ladrões o de ser roubado. Não se poderia perguntar, também, por que permite Deus que pessoas honestas sejam despojadas por larápios, vítimas da malevolência e alvo de toda sorte de misérias? Perguntai antes por que estais na Terra, e vos será respondido que é porque não merecestes um lugar melhor, salvo os Espíritos que aqui estão em missão. É preciso, pois, sofrer-lhe as conseqüências e envidar esforços para dela sair o mais cedo possível. Enquanto isto, é necessário esforçar-se por se preservar das investidas dos Espíritos maus, o que só se consegue lhes fechando todas as brechas que

lhes poderiam dar acesso em nossa alma, a eles se impondo pela superioridade moral, a coragem, a perseverança e uma fé inabalável na proteção de Deus e dos Espíritos bons, no futuro que é tudo, ao passo que o presente nada é. Mas como ninguém é perfeito na Terra, ninguém se pode vangloriar, sem orgulho, de estar ao abrigo de suas malícias de maneira absoluta. Sem dúvida a pureza de intenções é importante; é a rota que conduz à perfeição, mas não é a perfeição e, ainda, pode haver, no fundo da alma, algum velho fermento. Eis por que não há um só médium que não tenha sido mais ou menos enganado.

A simples razão nos diz que os Espíritos bons não podem fazer senão o bem, pois, do contrário, não seriam bons, e que o mal só pode vir dos Espíritos imperfeitos. Portanto, as mistificações só podem provir de Espíritos levianos ou mentirosos, que abusam da credulidade e, muitas vezes, exploram o orgulho, a vaidade ou outras paixões. Tais mistificações têm o objetivo de pôr à prova a perseverança, a firmeza na fé e exercitar o julgamento. Se os Espíritos bons as permitem em certas ocasiões, não é por impotência de sua parte, mas para nos deixar o mérito da luta. A experiência que se adquire à sua custa sendo mais proveitosa, se a coragem diminuir, é uma prova de fraqueza que nos deixa à mercê dos Espíritos maus. Os Espíritos bons velam por nós, assistem-nos e nos ajudam, mas sob a condição de nos ajudarmos a nós mesmos. O homem está na Terra para a luta; precisa vencer para dela sair, senão fica nela.

INFINITO E INDEFINIDO

Escrevem-nos de São Petersburgo em 1^o de julho de 1863:

“...Em *O Livro dos Espíritos*, livro I, capítulo I, n^o 2, notei esta proposição *Tudo o que é desconhecido é infinito*. Parece-me que muitas coisas nos são desconhecidas sem que, por isto, sejam

infinitas. Como esse termo se encontra em todas as edições, pedi a explicação ao meu guia, que me respondeu ‘A palavra *infinito* aqui é um erro; o certo é *indefinido*.’ Que pensar disto?...”

Resposta – Estes dois termos, embora sinônimos no sentido geral, têm cada um uma acepção especial. A Academia assim os define:

Indefinido, cujo fim, ou limites não são ou não podem ser determinados. *Tempo indefinido*. *Número indefinido*. *Linha indefinida*. *Espaço indefinido*.

Infinito, que não tem começo nem fim, que é sem marcos e sem limites. *O espaço é infinito*. *Deus é infinito*. *A misericórdia de Deus é infinita*. Por extensão, diz-se daquilo que não se pode fixar limites, o termo e, por exagero, tanto no sentido físico quanto no moral, de tudo que é muito considerável em seu gênero. Diz-se particularmente para inumerável. *Uma duração infinita*. *A beatitude infinita dos eleitos*. *Astros situados a uma distância infinita*. *Eu vos agradeço infinitamente*. *Uma infinita variedade de objetos*. *Penas infinitas*. *Há um número infinito de autores que escreveram sobre este assunto*.

Daí resulta que a palavra *indefinido* tem um sentido mais particular e a palavra *infinito* tem um sentido mais geral; que o primeiro se diz de preferência a propósito das coisas materiais, e o segundo de coisas abstratas; é mais vago que o outro. O sentido mais geral da palavra *infinito* permite aplicá-lo em certos casos ao que não é senão *indefinido*, ao passo que o inverso não poderia ocorrer. Diz-se igualmente: uma duração infinita e uma duração indefinida; mas não se poderia dizer: Deus é indefinido, sua misericórdia é indefinida.

Sob este ponto de vista, o emprego da palavra *infinito* na frase supracitada não é abusivo e não constitui erro. Dizemos, além disso, que a palavra *indefinido* não expressaria a mesma idéia.

Desde que uma coisa seja desconhecida, tem para o pensamento a incerteza do infinito, se não absoluto, ao menos relativo. Por exemplo, não sabeis o que vos acontecerá amanhã: vosso pensamento erra no infinito; os acontecimentos é que são indefinidos; não sabeis quantas estrelas há: é um número indefinido, mas é também o infinito para a imaginação. No caso em tela, convinha, pois, empregar o termo que generaliza o pensamento, de preferência ao que lhe daria um sentido restritivo.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

SR. CARDON, MÉDICO, FALECIDO EM SETEMBRO DE 1862

(Sociedade de Paris – Médium: Sr. Leymarie)

O Sr. Cardon tinha passado uma parte de sua vida na marinha mercante, como médico de um baleeiro, e havia adquirido hábitos e idéias um pouco materialistas. Retirado para o vilarejo de J..., ali exercia a modesta profissão de médico rural. Desde algum tempo adquirira a certeza de que sofria uma hipertrofia do coração e, sabendo que tal doença é incurável, o pensamento da morte o mergulhava em sombria melancolia, da qual nada o podia distrair. Com cerca de dois meses de antecedência, predisse o seu fim em dia fixo; quando se viu perto de morrer, reuniu a família para lhe dar o último adeus. Sua esposa, sua mãe, seus três filhos e outros parentes estavam em volta de seu leito. No momento em que a esposa tentava erguê-lo, ele se prostrou, tornou-se de um azul lívido, os olhos fecharam e o deram por morto; a esposa colocou-se à frente para ocultar o espetáculo aos filhos. Após alguns minutos abriu os olhos; seu rosto, por assim dizer iluminado, tomou uma expressão de radiosa beatitude e exclamou: “Oh! meus filhos, como é belo! como é sublime! Oh! a morte! que benefício! que coisa suave! Eu estava morto e senti minha alma elevar-se bem alto; mas Deus me permitiu voltar para vos dizer: Não temais a morte; é a libertação... Não vos posso descrever a magnificência do que vi e as impressões de que me senti penetrado! Mas não o

compreenderíeis... Oh! meus filhos, conduzi-vos sempre de maneira a merecer essa inefável felicidade, reservada aos homens de bem; vivei segundo a caridade; se tiverdes alguma coisa, dai àqueles a quem falta o necessário... Querida esposa, deixo-te numa posição que não é feliz; devem-nos dinheiro, mas eu te suplico, não atormentes os que nos devem; se estiverem em dificuldades, espera que possam pagar, e aos que não puderem, faze o sacrifício: Deus te recompensará. E tu, meu filho, trabalha para sustentar tua mãe; sê sempre um homem honesto e guarda-te de fazer algo que possa desonrar nossa família. Toma esta cruz que vem de minha mãe; não a deixes e que ela te lembre sempre meus últimos conselhos... Meus filhos, ajudai-vos e sustentai-vos mutuamente; que a boa harmonia reine entre vós; não sede vãos, nem orgulhosos; perdoai aos vossos inimigos, se quiserdes que Deus vos perdoe.” Depois, tendo feito os filhos se aproximarem, estendeu as mãos para eles e acrescentou: “Meus filhos, eu vos abençôo.” E, desta vez, seus olhos se fecharam para sempre; mas seu rosto conservou uma expressão tão imponente que, até o momento em que foi enterrado, uma multidão numerosa o veio contemplar com admiração.

Esses interessantes detalhes nos foram transmitidos por um amigo da família, levando-nos a pensar que uma evocação poderia ser instrutiva para todos e, ao mesmo tempo, para o Espírito.

1. Evocação.

Resp. – Estou ao vosso lado.

2. Contaram-nos os vossos últimos instantes, os quais nos encheram de admiração. Teríeis a bondade de descrever, o melhor possível, o que vistes no intervalo do que se poderia chamar vossas duas mortes?

Resp. – Poderíeis compreender o que vi? Não sei, pois não encontraria expressões capazes de tornar compreensível o que vi durante os poucos instantes em que me foi possível deixar meus despojos mortais.

3. Dai-vos conta de onde estivestes? É longe da Terra, num outro planeta ou no espaço?

Resp. – O Espírito não conhece o valor das distâncias, tal como as considerais. Levado não sei por que agente maravilhoso, vi o esplendor de um céu como só nossos sonhos poderiam realizá-lo. Essa excursão através do infinito se fez de modo tão rápido que não posso precisar os instantes gastos por meu Espírito.

4. Atualmente desfrutais da felicidade que vislumbrastes?

Resp. – Não; bem queria poder fruí-la, mas Deus assim não me pode recompensar. Muitas vezes me revoltei contra os abençoados pensamentos ditados pelo coração, e a morte me parecia uma injustiça. Médico incrédulo, tinha adquirido na arte de curar um aversão contra a segunda natureza, que é o nosso movimento inteligente, divino; a imortalidade da alma era uma ficção própria para seduzir as naturezas pouco elevadas; a despeito disto, o vazio me aterrorizava, pois maldizia muitas vezes esse agente misterioso que fere sempre e sempre. A filosofia me desviara, sem me dar a compreender toda a grandeza do Eterno, que sabe repartir a dor e a alegria para o ensino da Humanidade.

5. Quando de vossa verdadeira morte, logo vos reconhecestes?

Resp. – Não; reconheci-me durante a transição feita por meu Espírito para percorrer lugares etéreos; mas, após a morte real, não; foram necessários alguns dias para o meu despertar.

Deus me havia concedido uma graça. Vou dizer-vos a sua razão:

Minha incredulidade inicial não mais existia; antes da morte eu já tinha acreditado, porquanto, depois de ter cientificamente sondado a matéria pesada que me fazia definir, eu só encontrara razões divinas. Elas me tinham inspirado, consolado,

e minha coragem era mais forte que a dor. Eu bendizia o que havia amaldiçoado; o fim me parecia a libertação. O pensamento de Deus é grande como o mundo! Oh! que suprema consolação na prece que dá enternecimentos inefáveis; ela é o elemento mais seguro de nossa natureza imaterial; por ela compreendi, acreditei firmemente, soberanamente, e é por isto que Deus, enxergando minhas abençoadas ações, houve por bem recompensar-me antes que se me fındasse a encarnação.

6. Poder-se-ia dizer que da primeira vez estáveis morto?

Resp. – Sim e não. Tendo deixado o corpo, naturalmente a carne se extinguiu; mas o Espírito, ao retomar a posse de minha morada terrena, fez voltasse ao corpo a vida que tinha sofrido uma transição, um sono.

7. Nesse momento sentíeis os laços que vos prendiam ao corpo?

Resp. – Sem dúvida. O Espírito tem um laço difícil de desatar, fazendo-se necessário um último estremecimento da carne para que retorne à sua vida natural.

8. Como se explica, durante a vossa morte aparente e no curso de alguns minutos, que vosso Espírito pudesse desprender-se instantaneamente e sem dificuldade, ao passo que a morte real foi seguida de uma perturbação de alguns dias? No primeiro caso, subsistindo mais que no segundo os laços entre a alma e o corpo, parece que o desprendimento deveria ser mais lento; e foi o contrário que se deu.

Resp. – Muitas vezes fizestes a evocação de um Espírito encarnado e recebestes respostas reais. Eu estava na situação desses Espíritos. Deus me chamava e seus servidores me tinham dito: “Vem...” Obedeci e agradeço a Deus a graça especial que ele se dignou de me fazer. Pude ver a infinitude de sua grandeza e dela me dar conta. Agradeço a vós por me terdes permitido, antes da morte

real, ensinar aos meus, a fim de que tenham boas e justas encarnações.

9. De onde vos vinham as belas e boas palavras que, por ocasião do vosso retorno à vida, dirigistes à vossa família?

Resp. – Eram o reflexo do que tinha visto e ouvido. Os Espíritos bons inspiravam-me a voz e davam vida ao meu rosto.

10. Que impressão julgais que a vossa revelação tenha causado nos assistentes e, de modo especial, nos vossos filhos?

Resp. – Extraordinária, profunda; a morte não é mentirosa e os filhos, por mais ingratos que possam ser, inclinam-se ante a partida dos que se vão. Se se pudesse perscrutar os seus corações junto a um túmulo entreaberto, só se sentiriam batidas de sentimentos verdadeiros, profundamente tocados pela mão secreta dos Espíritos que a todos ditam os pensamentos: Tremei, se estiverdes em dúvida; a morte é a reparação, a justiça de Deus; e eu vo-lo asseguro, malgrado os incrédulos, meus amigos e minha família acreditarão nas palavras que minha voz pronunciou antes de morrer. Eu era o intérprete de um outro mundo.

11. Dissestes que não desfrutais da felicidade que entrevistes. Sois infeliz?

Resp. – Não, pois acreditava antes de morrer, e isto na alma e na consciência. A dor aperta neste mundo, mas reedifica para o futuro espírita. Notai que Deus soube levar em conta as minhas preces e minha crença absoluta nele; estou no caminho da perfeição e chegarei ao fim que me foi permitido entrever. Oraí, meus amigos, por esse mundo invisível que preside aos vossos destinos; este intercâmbio fraterno é caridade; é uma poderosa alavanca, que põe em comunicação os Espíritos de todos os mundos.

12. Gostariéis de dirigir algumas palavras à vossa esposa e aos vossos filhos?

Resp. – Rogo a todos os meus que creiam em Deus, poderoso, justo, imutável; na prece que consola e alivia; na caridade, que é o ato mais puro da encarnação humana; que se lembrem que

se pode dar pouco: o óbolo do pobre é o mais meritório perante Deus, que sabe que um pobre dá muito dando pouco. É preciso que o rico dê muito e muitas vezes para merecer tanto quanto aquele.

O futuro é a caridade, a benevolência em todas as ações; é crer que todos os Espíritos são irmãos, jamais se prevalecendo de todas as vaidades pueris.

Família bem-amada, tereis rudes provas; mas sabei suportá-las corajosamente, pensando que Deus vos vê.

Dizei sempre esta prece:

Deus de amor e de bondade, que dás tudo e sempre, concede-nos essa força que não recua ante nenhum sofrimento; torna-nos bons, mansos e caridosos, pequenos pela fortuna, grandes pelo coração; que nosso Espírito seja espírita na Terra, para melhor te compreender e te amar.

Que teu nome, ó meu Deus, emblema de liberdade, seja o objetivo consolador de todos os oprimidos, de todos os que têm necessidade de amar, perdoar e crer.

Cardon

Dissertações Espíritas

ESPÍRITO JEAN REYNAUD

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sra. Costel)

Meus amigos, como esta nova vida é magnífica! Semelhante a uma torrente luminosa, arrasta no seu curso imenso as almas sequiosas do infinito! Após a ruptura dos laços carnis, meus olhos abarcaram os novos horizontes que me cercam e pude fruir das esplêndidas maravilhas do infinito. Passei das sombras da

matéria à aurora deslumbrante que anuncia o Todo-Poderoso. Estou salvo, não pelo mérito de minhas obras, mas pelo conhecimento do princípio eterno, que me fez evitar as máculas impressas pela ignorância na própria Humanidade. Minha morte foi abençoada; meus biógrafos a julgaram prematura. Ah! os cegos! Lamentarão alguns escritos nascidos da poeira e não compreenderão o quanto é útil, para a santa causa do Espiritismo, o pouco ruído que se faz em torno de meu túmulo semifechado. Minha obra estava terminada; meus antecessores abriram o caminho; eu havia alcançado este ponto culminante em que o homem deu o que tinha de melhor e onde não faz mais que recomeçar. Minha morte desperta a atenção dos letrados sobre a minha obra capital, que interessa à grande questão espírita, que eles fingem desconhecer e que em breve os enleará. Glória a Deus! Ajudado pelos Espíritos superiores, que protegem a nova doutrina, serei um dos batedores que assinalam a vossa estrada.

(Numa reunião familiar – Médiun: Sr. Charles V...)

O Espírito responde a esta reflexão: Vossa morte inesperada, em idade tão pouco avançada, surpreendeu a muita gente.

“Quem me diz que minha morte não foi um benefício para o Espiritismo, para o seu futuro, para as suas conseqüências? Notastes, meu amigo, a marcha que segue o progresso, o caminho que toma a fé espírita? Deus, primeiramente, deu provas materiais: dança das mesas, batidas e toda sorte de fenômenos; era para chamar a atenção; era um preâmbulo divertido. Para crer, os homens necessitam de provas palpáveis. Agora a coisa é completamente diferente. Após os fatos materiais, Deus fala à inteligência, ao bom-senso, à razão fria; já não se trata de manifestações de força, mas de coisas racionais, que devem convencer e até congraçar os incrédulos mais obstinados. E isto é apenas o começo. Notai bem o que vos digo: toda uma série de

fatos inteligentes, irrefutáveis, vão seguir-se, e o número dos adeptos da fé espírita, já tão grande, vai aumentar ainda mais. Deus vai conquistar as inteligências de escol, as sumidades do espírito, do talento e do saber. Será um raio luminoso a espalhar-se por toda a Terra, como um fluido magnético irresistível, impelindo os mais recalcitrantes à busca do infinito, ao estudo dessa admirável ciência, que nos ensina máximas tão sublimes. Todos vão agrupar-se em torno de vós e, abstração feita do diploma de gênio que lhes havia sido dado, vão fazer-se humildes e pequenos, para que aprendam e se convençam. Depois, mais tarde, quando estiverem bem instruídos e bem convencidos, servir-se-ão de sua autoridade e da notoriedade de seus nomes para impelir ainda mais longe e atingir os últimos limites da meta a que todos vos propusestes: a regeneração da espécie humana pelo conhecimento raciocinado e aprofundado das existências passadas e futuras. Eis a minha sincera opinião sobre o estado atual do Espiritismo.”

Jean Reynaud

(Bordeaux – Médium: Sra. C...)

Rendo-me com prazer ao vosso apelo, senhora. Sim, tendes razão: a bem dizer, a confusão espírita não existiu para mim (isto respondia ao pensamento da médium). Exilado voluntariamente em vossa Terra, onde deveria lançar a primeira semente séria das grandes verdades que, atualmente, envolvem o mundo, sempre tive consciência da pátria e logo me reconheci em meio aos meus irmãos.

P. – Agradeço-vos por terdes vindo. Mas não acreditava que meu desejo de conversar tivesse influência sobre vós. Deve haver, necessariamente, tão grande diferença entre nós, que só penso nisto com respeito.

Resp. – Obrigado, minha filha, por este bom pensamento. Mas, deveis saber também, seja qual for a distância

que entre nós se possa estabelecer quanto às provas acabadas, mais ou menos prontamente, mais ou menos felizmente, há sempre um laço poderoso a nos unir: a simpatia; e este laço vós o apertastes pelo vosso pensamento constante.

P. – Apesar de muitos Espíritos terem explicado suas primeiras sensações ao despertar, teríeis a bondade de me dizer o que experimentastes ao vos reconhecer, e como se operou a separação entre o Espírito e o corpo?

Resp. – Como para todos. Senti o momento da separação aproximar-se; contudo, mais feliz que muitos, não me causou angústia, posto que lhe conhecia os resultados, embora fossem ainda maiores do que eu pensava. O corpo é um entrave às faculdades espirituais e, sejam quais forem as luzes que se tenha conservado, são sempre mais ou menos abafadas pelo contato da matéria. Adormeci esperando um despertar feliz; o sono foi curto, a admiração imensa! Desdobrados aos meus olhos, os esplendores celestes brilhavam com toda a sua magnificência. Meu olhar maravilhado mergulhava nas imensidades desses mundos, cuja existência e habitabilidade eu afirmara. Era uma miragem que me confirmava a verdade de meus sentimentos. Por mais seguro que se julgue o homem ao falar, às vezes tem no fundo do coração momentos de dúvida, de incerteza; desconfia, se não da verdade que proclama, pelo menos dos meios imperfeitos que emprega para a demonstrar. Convencido da verdade que queria que admitissem, muitas vezes tive de combater contra mim mesmo, contra o desânimo de ver, de tocar, por assim dizer, a verdade, e de não poder torná-la palpável aos que teriam tanta necessidade de nela crer para marchar com segurança na estrada que devem seguir.

P. – Em vida professáveis o Espiritismo?

Resp. – Entre professar e praticar há uma grande diferença. Muita gente professa uma doutrina que não pratica; eu praticava e não professava. Assim como todo homem que segue as leis do Cristo é cristão, ainda que não as conhecesse, também todo

homem pode ser espírita, contanto que creia em sua alma imortal, em suas preexistências, em sua marcha progressiva incessante, em suas provas terrestres e nas abluções necessárias para se purificar. Eu acreditava nisto; era, pois, espírita. Compreendi a erraticidade, este laço intermediário entre as encarnações, esse purgatório onde o Espírito culpado se despoja de suas vestes sujas para se revestir de uma outra, em que o Espírito em progresso *tece* com cuidado a túnica que vai usar novamente e que deseja conservar pura. Como vos disse, compreendi e, sem professar, continuei a praticar.

Observação – Estas três comunicações foram obtidas por três médiuns diferentes, completamente estranhos entre si. Não temos nenhuma prova material da identidade do Espírito que se manifestou, mas, pela analogia dos pensamentos, pela forma da linguagem, podemos admitir, ao menos, a presunção de identidade. A expressão *tece com cuidado a túnica que vai usar novamente* é uma encantadora figura que pinta a solícitude com a qual o Espírito em progresso prepara a nova existência que o deve fazer progredir mais. Os Espíritos atrasados são menos cautelosos e, por vezes, fazem escolhas infelizes que os forçam a recomeçar.

MEDICINA HOMEOPÁTICA

(Sociedade Espírita de Paris, 13 de março de 1863 – Médiun: Sra. Costel)

Minha filha, venho dar um ensinamento médico aos espíritas. Aqui a Astronomia e a Filosofia têm eloqüentes intérpretes; a moral conta tantos escritores quantos médiuns. Por que a Medicina, em seu lado prático e fisiológico, seria negligenciada? Fui o criador da renovação médica, que hoje penetra até as fileiras dos sectários da antiga medicina. Ligados contra a homeopatia, por mais que lhe criassem diques sem número, por mais que lhe gritassem: “Não irás mais longe!”, a jovem medicina, triunfante, transpôs todos os obstáculos. O Espiritismo lhe será poderoso auxiliar; graças a ele, ela abandonará a tradição materialista que, durante tanto tempo, lhe retardou o

desenvolvimento. O estudo médico está inteiramente ligado à pesquisa das causas e dos efeitos espiritualistas; ela disseca os corpos e deve, também, analisar a alma. Deixai, pois, um velho médico justificar os fins e o objetivo da doutrina que propagou, e que vê estranhamente desfigurada neste mundo pelos praticantes, e no Além por Espíritos ignorantes que usurpam o seu nome. Gostaria que minha palavra ouvida tivesse o poder de corrigir os abusos que alteram a homeopatia, impedindo-a, assim, de ser tão útil quanto devia.

Se eu falasse num centro prático, onde os conselhos pudessem ser ouvidos com proveito, eu me levantaria contra a negligência de meus colegas terrestres, que desconhecem as leis primordiais do *Organon*, exagerando as doses e, sobretudo, não dando à trituração tão importante dos medicamentos, os cuidados que indiquei. Muitos esquecem que cem, e às vezes duzentos golpes, são absolutamente necessários à liberação do princípio médico apropriado a cada uma das plantas ou venenos que formam o nosso arsenal curador. Nenhum remédio é indiferente, nenhum medicamento é inofensivo; quando o diagnóstico mal observado o faz dar fora de propósito, ele desenvolve os germes da doença que era chamado a combater.

Mas eu me deixo arrastar por meu assunto e eis-me propenso a dar um curso de homeopatia a um auditório que não deve interessar-se por esta questão. Entretanto, não creio seja inútil iniciar os espíritas nos princípios fundamentais da ciência, a fim de os premunir contra as decepções que possam sofrer, quer da parte dos homens, quer mesmo da dos Espíritos.

Samuel Hahnemann

Observação – Esta observação foi motivada pela presença à sessão de um médico homeopata estrangeiro, que desejava a opinião de Hahnemann sobre o estado atual da ciência.

Faremos observar que ela foi dada através de uma jovem senhora que não fez estudos médicos, e à qual são estranhos, necessariamente, muitos termos especiais.

Correspondência

CARTA DO SR. T. JAUBERT, DE CARCASSONNE

O Sr. T. Jaubert, vice-presidente do Tribunal Civil de Carcassonne, envia-nos a seguinte carta, a propósito do título de membro honorário que lhe conferiu a Sociedade Espírita de Paris. A Sociedade agiu com acerto, ao dar ao Sr. Jaubert esse testemunho de simpatia e lhe provar quanto aprecia seu devotamento à causa do Espiritismo, sua modéstia e sua firmeza de caráter. Há posições que realçam ainda mais o mérito da coragem de opinião e qualidades que põem o homem acima da crítica. (Ver a *Revista* de junho de 1863: *Um Espírito premiado pela Academia de Jogos Florais*).

Moligt-les-Bains, 21 de julho de 1863

“Senhor presidente,

“Vossa carta e a ata constatando a minha admissão entre os membros honorários da Sociedade Espírita parisiense encontrou-me em Moligt, onde passo, no interesse de minha saúde, umas férias de vinte e nove dias. Devo dar-vos, *imediatamente*, a expressão de toda a minha gratidão.

“Creio na imortalidade da alma, na comunicação dos mortos com os vivos, como creio no Sol. Amo o Espiritismo como a mais legítima afirmação da lei de Deus: a lei do progresso. Confesso-o claramente, porque confessá-lo é fazer o bem. Aceitei o laurel da Academia de Toulouse como uma resposta retumbante aos que não querem ver nos ditados reais dos Espíritos senão percepções errôneas ou elucubrações ridículas. Recebo o título de

membro honorário da Sociedade, da qual sois o chefe, como o mais honrado entre os que obtenho das mãos dos homens. Ainda uma vez senhor, recebei, vós e todos os membros da Sociedade Parisiense, os meus mais sinceros agradecimentos.

“Vosso relato da sessão dos Jogos Florais interpretou fielmente os meus sentimentos e a minha conduta. Eu não podia expor-me a chocar o público e os meus juízes, caso declarasse que a fábula premiada era obra de meu Espírito familiar. Expressistes perfeitamente, na vossa *Revista*, o respeito que devo a mim próprio e à opinião alheia. Agora, se em todo esse caso eu não tomei a iniciativa a vosso respeito, se apenas respondo, é que teria sido preciso falar de mim e associar meu nome a um evento pelo qual me sinto feliz, sem dúvida, e que outros se têm dignado considerar como um sucesso.

“Hoje me sinto mais livre e é do mais profundo de meu coração que vos peço, senhor e caro mestre, aceitar a homenagem de meu reconhecimento, de minha simpatia e de minha mais distinta consideração.”

T. Jaubert,

Vice-Presidente do Tribunal de Carcassonne

A abundância de matérias nos força a adiar para o próximo número nossa *segunda carta ao Sr. Vigário Marouzeau*, bem como a resposta à pergunta que nos foi dirigida sobre a distinção a fazer entre *expição e prova*.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

SETEMBRO DE 1863

Nº 9

União da Filosofia e do Espiritismo

Nota – O artigo seguinte é a introdução a um trabalho completo que o autor, Sr. Herrensneider, se propõe fazer sobre a necessidade da aliança entre a Filosofia e o Espiritismo.

Desde que o Espiritismo se revelou na França, há cerca de dez ou doze anos, as comunicações incessantes dos Espíritos têm provocado em todas as classes da sociedade um movimento religioso benéfico, que importa encorajar e desenvolver. Com efeito, neste século o espírito religioso estava perdido, sobretudo entre as classes eruditas e inteligentes. O sarcasmo voltaireano aí tinha tirado o prestígio do Cristianismo; o progresso das ciências lhes havia feito reconhecer as contradições existentes entre os dogmas e as leis naturais, e as descobertas astronômicas tinham demonstrado a puerilidade da idéia que formavam de Deus os filhos de Abraão, de Moisés e do Cristo. O desenvolvimento das riquezas, as invenções maravilhosas das artes e da indústria, toda a civilização protestava, aos olhos da sociedade moderna, contra a renúncia ao mundo. Foi por causa desses numerosos motivos que a incredulidade e a indiferença se insinuaram nas almas, a negligência dos destinos eternos entorpeceu o nosso amor ao bem,

paralisou o nosso aperfeiçoamento moral e a paixão do bem-estar, do prazer, do luxo e das vaidades terrestres acabou por cativar quase toda a nossa ambição; mas, de repente, os mortos vieram nos lembrar que a nossa vida presente tem o seu dia seguinte, que nossos atos têm suas conseqüências fatais, inevitáveis, quando não sempre nesta vida, infalivelmente na vida futura.

Essa aparição dos Espíritos foi uma trovoada que fez tremer muita gente, à semelhança de certos móveis, postos em movimento sob o impulso de uma força invisível; à audição desses pensamentos inteligentes, ditados por meio de um telégrafo grosseiro; à leitura dessas páginas sublimes, escritas por nossas mãos distraídas, sob o impulso de uma direção misteriosa. Quantos corações batiam, tomados de medo súbito; quantas consciências atormentadas despertaram em merecidas angústias; quantas inteligências feridas de estupor! A renovação dessas relações com as almas dos mortos é e continuará um acontecimento prodigioso, que terá como conseqüência a regeneração, tão necessária, da sociedade moderna.

É que, quando a sociedade humana só tem por objetivo de atividade a prosperidade material e o prazer dos sentidos, mergulha no materialismo egoísta, aprecia todas as ações conforme os bens que delas retira, renuncia a todos os esforços que não levem a uma vantagem palpável, só estima os que têm posses e não respeita senão o poder que se impõe. Quando os homens só se preocupam com os sucessos imediatos e lucrativos, perdem o senso da honestidade, renunciam à escolha dos meios, desprezam a felicidade íntima, as virtudes privadas e deixam de se guiar conforme os princípios de justiça e de equidade. Numa sociedade lançada nessa direção imoral, o rico leva uma vida de moleza ignóbil, embrutecedora, e o deserdado aí arrasta uma vida dolorosa e monótona, da qual o suicídio parece ser o último lenitivo.

Contra semelhante disposição moral, pública e privada, a filosofia é impotente. Não que lhe faltem argumentos para provar a necessidade social de princípios puros e generosos; não que ela não possa demonstrar a iminência da responsabilidade final e estabelecer a perpetuidade de nossa existência; mas, em geral, os homens não têm tempo, nem gosto, nem espírito bastante circunspeto, para prestar atenção à voz da consciência e às observações da razão. As vicissitudes da vida, aliás, muitas vezes são demasiado imperiosas para que se decidam pelo exercício da virtude pelo simples amor do bem. Mesmo quando a filosofia tivesse sido o que realmente deveria ser – uma doutrina completa e certa – jamais teria podido provocar, somente por seu ensino, a regeneração social de maneira eficaz, uma vez que até hoje ela não pôde dar à autoridade de sua doutrina outra sanção que não fosse o amor abstrato do ideal e da perfeição.

É que aos homens é preciso, para os convencer da necessidade de se consagrarem ao bem, fatos que falem aos sentidos. É-lhes necessário o quadro impressionante de suas dores futuras, para que consintam em subir a ladeira funesta por onde seus vícios os arrastaram; faz-se mister que toquem com o dedo as desgraças eternas que, pela sua invigilância moral, para si mesmos preparam, a fim de compreenderem que a vida atual não é o objetivo de sua existência, mas o meio que lhes deu o Criador de trabalharem pessoalmente para a realização de seus destinos finais. Assim, foi por estes motivos que todas as religiões apoiaram seus mandamentos no terror do inferno e nas seduções das alegrias celestes. Mas desde que, sob o império da incredulidade e da indiferença religiosa, as populações se certificaram das conseqüências últimas de seus pecados, acabou por prevalecer uma filosofia fácil e inconstante, auxiliando o culto dos sentidos, dos interesses temporais e das doutrinas egoístas. Hoje, os homens esclarecidos, inteligentes e fortes afastam-se da Igreja e seguem suas próprias inspirações; falta-lhe a autoridade necessária para recuperar sua influência vinte vezes secular. Pode, pois, dizer-se que

a Igreja é tão impotente quanto a filosofia e que nem uma nem outra exercerão influência salutar senão sofrendo, cada uma em seu gênero, uma reforma radical.

Enquanto isto a Humanidade se agita, os acontecimentos se sucedem e a chegada das manifestações espíritas neste século culto, prático, suficiente e céptico, é, incontestavelmente, o evento mais considerável. Eis, pois, que se abre o túmulo à nossa frente, não como o fim de nossas penas e de nossas misérias terrestres; não como um abismo escancarado, onde são devorados as nossas paixões, os nossos prazeres e as nossas ilusões, mas antes como o pórtico majestoso de um novo mundo, onde uns colherão, mau grado seu, os frutos amargos que suas fraquezas lhes terão feito semear, enquanto outros, ao contrário, garantirão, por seu mérito, a passagem a esferas mais puras e mais elevadas. É, pois, o Espiritismo que nos revela nossos destinos futuros; quanto mais ele for conhecido, tanto mais ganhará em impulso e em extensão a regeneração moral e religiosa.

A união do Espiritismo com as ciências filosóficas nos parece, realmente, de magna necessidade para a felicidade humana e para o progresso moral, intelectual e religioso da sociedade moderna, porquanto já não estamos no tempo em que se podia afastar a ciência humana em benefício da fé cega. A ciência moderna é muito sábia, muito segura de si mesma e muito avançada no conhecimento das leis impostas por Deus à inteligência e à Natureza, para que a transformação religiosa possa ocorrer sem o seu concurso. Conhece-se perfeitamente a exigüidade relativa de nosso globo para conferir à Humanidade um lugar privilegiado nos desígnios providenciais. Aos olhos de todos, não passamos de um grão de poeira na imensidade dos mundos, e sabe-se que as leis que regem essa multidão indefinida de existências são simples, imutáveis e universais. Enfim, as exigências da certeza de nossos conhecimentos foram fortemente aprofundadas, para que uma doutrina nova possa surgir e manter-se em outra base que não seja

um misticismo tocante e inofensivo. Se o Espiritismo quiser estender seu império sobre todas as classes da sociedade, sobre os homens superiores e inteligentes, como sobre as almas delicadas e crentes, é preciso que se lance, sem reservas, na corrente do pensamento humano, e que, por sua superioridade filosófica, saiba impor à soberba razão o respeito de sua autoridade.

É esta ação independente dos adeptos do Espiritismo que compreendem perfeitamente os Espíritos elevados que se manifestam. Aquele que se designa sob o nome de Santo Agostinho dizia ultimamente: “Observai e estudaí com cuidado as comunicações que vos são dadas; aceitai o que a razão não repele, rejeitai o que a choça; pedi esclarecimentos sobre as que vos deixam em dúvida. Tendes aí a marcha a seguir, para transmitir às gerações futuras, sem receio de as ver desnaturadas, as verdades que deslindais sem esforço do seu cortejo inevitável de erros.”

Eis, em poucas palavras, o verdadeiro espírito do Espiritismo, o que a Ciência pode admitir sem interrogar, aquele que nos servirá para conquistar a Humanidade. Aliás, o Espiritismo nada tem a temer de sua aliança com a filosofia, porque repousa sobre fatos incontestáveis, que têm sua razão de ser nas leis da Criação. Cabe à Ciência estudar-lhe o alcance e coordenar os princípios gerais, consoante essa nova ordem de fenômenos. Pois é evidente que, desde que ela não tinha pressentido a existência necessária, no espaço que nos cerca, das almas dos mortos ou das destinadas a renascer, a Ciência deve compreender que sua filosofia primeira estava incompleta e que princípios primordiais lhe haviam escapado.

A filosofia, ao contrário, tem tudo a ganhar ao considerar seriamente os fatos do Espiritismo. Primeiro, porque estes são a sanção solene de seu ensinamento moral; e depois porque tais fatos provarão, aos mais endurecidos, o alcance fatal de seu mau comportamento. Mas, por mais importante que seja esta

justificação positiva de suas máximas, o estudo aprofundado das conseqüências, que se deduzem da constatação da existência sensível da alma no estado não encarnado, servir-lhe-á em seguida para determinar os elementos constitutivos da alma, sua origem, seus destinos, e para estabelecer a lei moral e a do progresso anímico sobre bases certas e inabaláveis. Além disso, o conhecimento da essência da alma conduzirá a filosofia ao conhecimento da essência das coisas e, mesmo, da de Deus, e lhe permitirá unir todas as doutrinas que a dividem num só e mesmo sistema geral, verdadeiramente completo. Enfim, esses diversos desenvolvimentos da filosofia, provocados por esta preciosa determinação da essência anímica, conduzi-la-ão infalivelmente sobre os traços dos princípios fundamentais da antiga cabala e da antiga ciência oculta dos hierofantes, de que a trindade cristã é o último raio luminoso que chegou até nós. É assim que, pela simples aparição das almas errantes, chegar-se-á, como temos todo direito de esperar, a constituir uma cadeia ininterrupta das tradições morais, religiosas e metafísicas da Humanidade antiga e moderna.

Este futuro considerável, que concebemos para a filosofia aliada ao Espiritismo, não parecerá impossível aos que tiverem alguma noção desta ciência, se considerarem a vacuidade dos princípios sobre os quais se fundam as diversas escolas e a impotência para elas disso resultante, de explicar a realidade concreta e viva da alma e de Deus. É assim que o materialismo imagina que os seres não passam de fenômenos materiais, semelhantes aos produzidos pelas combinações químicas, e que o princípio que os anima faz parte de um suposto princípio vital universal. De acordo com este sistema a alma individual não existiria e Deus seria um ser completamente inútil.

Por seu lado, os discípulos de Hegel imaginam que a idéia, esse fenômeno indisciplinado de nossa alma, seja um elemento em si, independente de nós; um princípio universal que se manifesta pela Humanidade e sua atividade intelectual, como

também pela Natureza e suas maravilhosas transformações. Esta escola nega, por conseguinte, a individualidade eterna de nossa alma, e a confunde num só todo, com a Natureza. Ela supõe que exista uma identidade perfeita entre o universo visível e o mundo moral e intelectual; que um e outro sejam o resultado da evolução progressiva e fatal da idéia primitiva, universal, numa palavra, do absoluto. Deus também não tem, neste sistema, nenhuma individualidade, nenhuma liberdade, e não se conhece pessoalmente. Ele só se percebeu a si mesmo, pela primeira vez, em 1810, por intermédio de Hegel, quando este o reconheceu na idéia absoluta e universal. (Histórico).

Enfim, nossa escola espiritualista, vulgarmente chamada eclética, considera a alma como sendo apenas uma força sem extensão e sem solidez, uma inteligência imperceptível no corpo humano e que, uma vez desembaraçada de seu envoltório, conservando sua individualidade e sua imortalidade, não existiria mais, nem no tempo, nem no espaço. Nossa alma, pois, seria um não sei quê, sem ligação com o que existe, e não ocuparia nenhum lugar determinado. Segundo este mesmo sistema, Deus não é mais perceptível. É o pensamento perfeito e não tem, igualmente, nem solidez, nem estabilidade, nem forma, nem realidade sensível; é um ser vazio. Sem a razão nós não poderíamos ter nenhuma intuição. Entretanto, quem são os que inventaram o ateísmo, o cepticismo, o panteísmo, o idealismo, etc.? São os homens de raciocínio, os inteligentes, os sábios! Os povos ignorantes, cujas sensações são os principais guias, jamais duvidaram de Deus, da alma e de sua imortalidade. Parece que só a razão é má conselheira!

Em conseqüência, fácil é nos convenceremos de que falta a essas doutrinas um princípio real, estável, vivo, da noção do ser real. Elas se movem num mundo *inteligível*, que não toca na realidade concreta. O vazio de seus princípios relaciona-se com o conjunto de seus sistemas e os torna tão sutis quanto vagos e estranhos à realidade das coisas. O próprio senso comum é

ultrajado, não obstante o talento e a prodigiosa erudição de seus aderentes. Mas o Espiritismo é ainda mais brutal em relação a eles, porque derruba todos os sistemas abstratos, opondo-lhes um fato único: a realidade substancial, viva e atual da alma não encarnada. Ele lha mostra como um ser pessoal, existindo no tempo e no espaço, embora invisível para nós; como um ser tendo o seu elemento sólido, substancial e sua força ativa e pensante. Ele nos mostra mesmo as almas errantes, comunicando-se conosco por sua própria iniciativa. É evidente que semelhante acontecimento deve derrubar todos os castelos de cartas e, de uma assentada, eliminar essas soberbas estruturas fantasiosas.

Mas, para aumentar a confusão, pode provar-se aos partidários dessas doutrinas complicadas que todo homem traz na própria consciência os elementos suficientes para demonstrar a existência da alma, tal como o Espiritismo o estabeleceu pelos fatos, de modo que seus sistemas não só são errados no seu ponto de chegada, mas, também, em seu ponto de partida. Assim, o mais sábio partido que resta a tomar por esses honrados sábios, é refazer completamente sua filosofia e consagrar seu profundo saber à fundação de uma ciência original, mais precisa e mais conforme à realidade.

É que, efetivamente, carregamos conosco quatro noções irreduzíveis, que nos autorizam a afirmar a existência de nossa alma, tal qual o Espiritismo no-la apresenta. Primeiramente, temos em nós o sentimento de nossa existência. Tal pensamento não pode revelar-se senão por uma impressão que recebemos de nós mesmos. Ora, nenhuma impressão se faz sobre um objeto privado de solidez e de extensão, de sorte que por um só fato de nossas sensações devemos inferir que temos em nós um elemento sensível, sutil, extenso e resistente, isto é, *uma substância*. Em segundo lugar, temos em nós a consciência de um elemento ativo, causal, que se manifesta em nossa vontade, em nosso pensamento e em nossos atos. Em conseqüência, é ainda evidente que possuímos em nós um segundo elemento: *uma força*. Portanto, pelo

simples fato de que sentimos e sabemos, devemos concluir que encerramos dois elementos constitutivos, força e substância, isto é, uma dualidade essencial, anímica.

Mas essas duas noções primitivas não são as únicas que levamos conosco. Ainda nos concebemos, em terceiro lugar, *uma unidade* pessoal, original, sempre idêntica a si mesma; e, em quarto lugar, *um destino* igualmente pessoal, porque todos nós procuramos a felicidade e as nossas próprias conveniências em todas as circunstâncias da vida. De maneira que, juntando essas duas novas noções, que constituem nosso duplo aspecto, às duas precedentes, reconhecemos que nosso ser encerra *quatro princípios* bem distintos: *sua dualidade de essência e sua dualidade de aspecto*.

Ora, como esses quatro elementos do conhecimento do nosso *eu*, que nos levam a nos afirmar pessoalmente, são noções independentes do corpo e não têm qualquer relação com o nosso envoltório material, é evidente e peremptório para todo espírito justo e não prevenido, que nosso ser depende de um princípio invisível, chamado Alma; e que esta alma existe como tal, desde que tem uma substância e uma força, uma unidade e um destino próprios e pessoais.

Tais são os quatro elementos primordiais de nossa individualidade anímica, dos quais cada um de nós traz em seu seio a noção e que nenhum homem poderia recusar. Em conseqüência, como dissemos, em todos os tempos a filosofia possuiu os elementos suficientes para o conhecimento da alma, tal como o Espiritismo no-la dá a conhecer. Se, pois, até o presente, a razão humana não conseguiu construir uma metafísica verdadeira e útil, que lhe tenha feito compreender que a alma deve ser considerada como um ser real, independente do corpo e capaz de existir por si mesma, substancial e virtualmente, no corpo e no espaço, é que ela desdenhou a observação direta dos fatos de consciência e que, em seu orgulho e em sua presunção, a razão foi posta em lugar e no lugar da realidade.

Conforme estas observações, pode compreender-se quanto importa à filosofia unir-se ao Espiritismo, pois deste tirará a vantagem de criar-se uma ciência original, séria e completa, fundada sobre o conhecimento da essência da alma e das quatro condições de sua realidade. Mas não é menos necessário ao Espiritismo aliar-se com a filosofia, porque só por ela poderá estabelecer a certeza científica dos fatos espíritas, que formam a base fundamental de sua crença, e daí tirar as importantes conseqüências que eles contêm. Sem dúvida, basta que o bom senso veja um fenômeno para crer em sua realidade, e muitos se contentam com isto; mas a Ciência muitas vezes teve motivos para duvidar do protesto do senso comum, para não se confiar nas impressões dos nossos sentidos e nas ilusões de nossa imaginação. O bom-senso não basta, pois, para estabelecer cientificamente a realidade da presença dos Espíritos à nossa volta. Para estar certo disto de maneira irrefutável, é preciso estabelecer racionalmente, de acordo com as leis gerais da criação, que sua existência é necessária por si mesma, e que sua presença invisível não é senão a confirmação dos dados racionais e científicos, tais como acabamos de indicar alguns, de maneira sumária. Assim, somente pelo método filosófico é possível chegar a esse resultado. Eis um trabalho necessário à autoridade do Espiritismo, e só a filosofia pode prestar-lhe esse serviço.

Em geral, seja em que empresa for, para triunfar é necessário aliar o conhecimento dos princípios à observação dos fatos. Nas circunstâncias particulares do Espiritismo, é ainda muito mais necessário proceder desta maneira rigorosa para chegar à verdade, porque nossa nova doutrina toca os nossos interesses mais caros e mais elevados, os que constituem a nossa felicidade presente e eterna. Por conseguinte, a união do Espiritismo e da Filosofia é da mais alta importância para o sucesso de nossos esforços e para o porvir da Humanidade.

F. Herrensneider

Questões e Problemas

SOBRE A EXPIAÇÃO E A PROVA

Moulins, 8 de julho de 1863

Senhor e venerado mestre,

Venho submeter à vossa apreciação uma questão que foi discutida em nosso pequeno grupo e não pudemos resolver por nossas próprias luzes; os próprios Espíritos que consultamos não responderam muito categoricamente para nos tirar da dúvida. Redigi uma pequena nota, que tomo a liberdade de vos remeter, na qual reuni os motivos de minha opinião pessoal, que difere da de vários colegas. A opinião destes últimos é que a expiação ocorre mesmo durante a encarnação, apoiando-se no fato de que tal expressão foi empregada em muitas comunicações e, notadamente, em *O Livro dos Espíritos*.

Apelo, pois, à vossa bondade, no sentido de dardes a vossa opinião sobre esta questão. Para nós vossa decisão será lei e cada um de nós sacrificará, com prazer, a sua maneira de ver, a fim de colocar-se sob a bandeira que plantastes e sustentais de maneira tão firme e tão sábia.

Recebei, senhor e caro mestre, etc.

T. T.

“Várias comunicações, dadas por Espíritos diferentes, qualificam indistintamente de *expições* ou de *provas* os males e as tribulações que formam o quinhão de cada um de nós, durante a encarnação na Terra. Resulta de tal aplicação que duas palavras, muito diversas em sua significação, teriam a mesma idéia, causando uma certa confusão, sem dúvida pouco importante para os Espíritos desmaterializados, mas que, entre os encarnados, dá lugar a discussões que seria bom fazer cessar, por meio de uma definição

clara e precisa e por explicações fornecidas pelos Espíritos superiores, as quais fixariam, de maneira irrevogável, este ponto da doutrina.

“Tomando primeiramente essas duas palavras em seu sentido absoluto, parece que *expição* seria o castigo, a pena imposta para o resgate de uma falta, com perfeito conhecimento, por parte do culpado punido, da causa desse castigo, isto é, da falta a expiar. Compreende-se que, neste sentido, a *expição* é sempre imposta por Deus.

“A *prova* não implica nenhuma idéia de reparação; pode ser voluntária ou imposta, mas não é a conseqüência rigorosa e imediata das faltas cometidas.

“A *prova* é um meio de constatar o estado de uma coisa, para reconhecer se é de boa qualidade. Assim, submete-se a uma *prova* um cordame, uma ponte, uma peça de artilharia, não por causa de seu estado anterior, mas para se certificar se estão adequadas ao serviço para o qual se destinam.

“Do mesmo modo e por extensão, chamaram de *provas da vida* ao conjunto de meios físicos ou morais que revelam a existência ou a ausência de qualidades da alma, que estabelecem sua perfeição ou os progressos por ela feitos para essa perfeição final.

“Parece, pois, lógico admitir que a *expição* propriamente dita, no sentido absoluto do termo, ocorra na vida espiritual, após a desencarnação ou morte corporal; que possa ser mais ou menos longa, mais ou menos penosa, conforme a gravidade das faltas; mas que é completa no outro mundo e termina sempre por um ardente desejo de obter uma nova encarnação, durante a qual as *provas* escolhidas ou impostas deverão ensinar à alma o progresso para a perfeição, que as suas faltas anteriores lhe impediram fossem realizadas.

“Assim, pois, não conviria admitir que haja *expição* na Terra, nem mesmo que possa existir excepcionalmente, porque seria preciso admitir, também, o conhecimento das faltas punidas. Ora, esse conhecimento só existe na vida de além-túmulo. A *expição*, sem tal conhecimento, seria uma barbárie inútil e não se conciliaria nem com a justiça, nem com a bondade de Deus.

“Durante a encarnação não se pode conceber senão *provas*, porquanto, sejam quais forem os males e as tribulações da Terra, é impossível considerá-los como podendo constituir uma *expição* suficiente para faltas de qualquer gravidade. É possível imaginar que um culpado, entregue à justiça dos homens, estaria bem punido se o condenassem a viver como a mais infeliz das criaturas? Não exageremos, pois, a importância dos males deste mundo para nos concedermos o mérito de os haver suportado. A *prova* consiste mais na maneira pela qual os males foram suportados do que na sua intensidade que, como a felicidade terrena, é sempre relativa para cada indivíduo.

“Os caracteres distintivos da *expição* e da *prova* são que a primeira é sempre imposta e sua causa deve ser conhecida por aquele que a sofre, enquanto a segunda pode ser voluntária, isto é, escolhida pelo Espírito, ou mesmo imposta por Deus, em falta de escolha. Além disso, ela pode ser concebida perfeitamente sem causa conhecida, visto não ser necessariamente a conseqüência de faltas passadas.

“Numa palavra: a *expição* cobre o passado; a *prova* abre o futuro.

“O número de julho da *Revista Espírita* contém um artigo intitulado: *Expição terrena*, que pareceria contrário à opinião emitida acima. Contudo, lendo-o atentamente, ver-se-á que a verdadeira *expição* se dá na vida espírita e que a posição ocupada por Max na sua última encarnação realmente não é senão o gênero

de *provas* que ele escolheu ou que lhe foram impostas, e das quais saiu vitorioso; mas que, durante toda essa encarnação, ignorando sua posição anterior, em nada poderia aproveitar uma expiação sem objetivo.

“Talvez esta seja mais uma questão de palavras que de princípios. Com efeito, já foi dito muitas vezes: ‘Não vos prendais às palavras; vede o fundo do pensamento.’ Em todo o caso, para nós que nos entendemos por meio de palavras, convém estarmos bem fixados no sentido que a elas ligamos.”

Resposta – A distinção estabelecida pelo autor da nota acima, entre o caráter da expiação e o das provas é perfeitamente justa. Entretanto, não poderíamos partilhar de sua opinião no que concerne à aplicação desta teoria à situação do homem na Terra.

A expiação implica necessariamente a idéia de um castigo mais ou menos penoso, resultado de uma falta cometida; a prova implica sempre a de uma inferioridade real ou presumida, porquanto, aquele que chegou ao ponto culminante a que aspira, não mais necessita de provas. Em certos casos, a prova se confunde com a expiação, isto é, a expiação pode servir de prova, e reciprocamente. O candidato que se apresenta para receber uma graduação, passa por uma prova. Se falhar, terá de recomeçar um trabalho penoso; esse novo trabalho é a punição da negligência que apresentou no primeiro; a segunda prova torna-se, assim, uma expiação. Para o condenado a quem se faz esperar um abrandamento ou uma comutação, se bem se conduzir, a pena é, ao mesmo tempo, uma expiação por sua falta e uma prova para sua sorte futura. Se, à sua saída da prisão, não estiver melhor, a prova é nula e um novo castigo desencadeará uma nova prova.

Considerando-se, agora, o homem na Terra, vemos que ele aí suporta males de toda a sorte, muitas vezes cruéis. Esses males têm uma causa. Ora, a menos que os atribuamos ao capricho

do Criador, somos forçados a admitir que a causa esteja em nós mesmos, e que as misérias que experimentamos não podem ser o resultado de nossas virtudes; portanto, têm sua fonte nas nossas imperfeições. Se um Espírito encarnar-se na Terra em meio à fortuna, honras e todos os prazeres materiais, poder-se-á dizer que sofre a prova do arrastamento; para o que cai na desgraça por sua má conduta ou imprevidência, é a expiação de suas faltas atuais e pode dizer-se que é punido por onde pecou. Mas que dizer daquele que, desde o nascimento, está em luta com as necessidades e as privações, que arrasta uma existência miserável e sem esperança de melhora, que sucumbe ao peso de enfermidades congênitas, sem nada ter feito, *ostensivamente*, para merecer tal sorte? Quer seja uma prova, ou uma expiação, a posição não é menos penosa e não seria mais justa do ponto de vista do nosso correspondente, porquanto, se o homem não se lembra da falta, também não se lembra de haver escolhido a prova. Tem-se, assim, de buscar alhures a solução da questão.

Como todo efeito tem uma causa, as misérias humanas são efeitos que devem ter uma causa; se esta não estiver na vida atual, deve estar numa vida anterior. Além disso, admitindo a justiça de Deus, tais efeitos devem ter uma relação mais ou menos íntima com os atos precedentes, dos quais são, ao mesmo tempo, castigo para o passado e prova para o futuro. São expiações no sentido de que são consequência de uma falta, e provas em relação ao proveito que delas se retira. Diz-nos a razão que Deus não pode ferir um inocente. Se, pois, formos feridos, é que não somos inocentes: o mal que sentimos é o castigo, a maneira por que o suportamos é a prova.

Mas acontece, muitas vezes, que a falta não se acha nesta vida. Então se acusa a justiça de Deus, nega-se a sua bondade, duvida-se mesmo de sua existência. Aí, precisamente, está a prova mais escabrosa: a dúvida sobre a divindade. Quem quer que admita um Deus soberanamente justo e bom deve dizer que ele não pode agir senão com sabedoria, mesmo naquilo que não compreendemos

e, se sofremos uma pena, é porque o merecemos; é, pois, uma expiação. O Espiritismo, pela grande lei da pluralidade das existências, levanta completamente o véu sobre o que esta questão deixava no escuro. Ele nos ensina que se a falta não foi cometida nesta vida, o foi numa outra e, deste modo, que a justiça de Deus segue o seu curso, punindo-nos por onde havíamos pecado.

A seguir vem a grave questão do esquecimento que, segundo o nosso correspondente, tira aos males da vida o caráter de expiação. É um erro. Dai-lhe o nome que quiserdes: jamais fareis que não sejam a consequência de uma falta. Se o ignorais, o Espiritismo vo-lo ensina. Quanto ao esquecimento das faltas em si, não tem as consequências que lhe atribuis. Temos demonstrado alhures que a lembrança precisa dessas faltas teria inconvenientes extremamente graves, uma vez que nos perturbaria, nos humilharia aos nossos próprios olhos e aos do próximo; trariam perturbação nas relações sociais e, por isto mesmo, entravaria o nosso livre-arbítrio. Por outro lado, o esquecimento não é tão absoluto quanto se supõe; ele só se dá na vida exterior de relação, no interesse da própria Humanidade; mas a vida espiritual não sofre solução de continuidade. Quer na erraticidade, quer nos momentos de emancipação, o Espírito se lembra perfeitamente e essa lembrança lhe deixa uma intuição que se traduz pela voz da consciência, que o adverte do que deve ou não deve fazer. Se não a escuta, é, pois, culpado. Além disso, o Espiritismo dá ao homem um meio de remontar ao seu passado, se não aos atos precisos, pelo menos aos caracteres gerais desses atos, que ficaram mais ou menos desbotados na vida atual. Das tribulações que suporta, das expiações e provas deve concluir que foi culpado; da natureza dessas tribulações, ajudado pelo estudo de suas tendências instintivas e apoiando-se no princípio de que a mais justa punição é a consequência da falta, ele pode deduzir seu passado moral; suas tendências más lhe ensinam o que resta de imperfeito a corrigir em si. A vida atual é para ele um novo ponto de partida; aí chega rico ou pobre de boas qualidades; basta-lhe, pois, estudar-se a si mesmo

para ver o que lhe falta e dizer: “Se sou punido, é porque pequei”, e a própria punição lhe dirá o que fez. Citemos uma comparação:

Suponhamos um homem condenado a tantos anos de trabalhos forçados, sofrendo um castigo especial mais ou menos rigoroso, de acordo com a sua falta; suponhamos, ainda, que ao entrar na cadeia perca a lembrança dos atos que para lá o conduziram. Poderá dizer: “Se estou na prisão, é que sou culpado, porquanto aqui não se põe gente virtuosa. Tratemos, pois, de ficar bom, para não voltarmos quando daqui sairmos.” Quer ele saber o que fez? Estudando a lei penal, saberá quais os crimes que para ali conduzem, porque ninguém é posto a ferros por uma levandade. Da duração e da severidade da pena, concluirá o gênero dos que deve ter cometido. Para ter uma idéia mais exata, terá apenas de estudar aqueles para os quais irá sentir-se instintivamente arrastado. Saberá, então, o que deve evitar daí em diante para conservar a liberdade, e a isso será ainda estimulado pelas exortações dos homens de bem, encarregados de o instruir e o dirigir no bom caminho. Se não o aproveitar, sofrerá as conseqüências. Tal a situação do homem na Terra, onde, tanto quanto o grilheta, não pode ter sido posto por suas perfeições, considerando-se que é infeliz e obrigado a trabalhar. Deus lhe multiplica os ensinamentos de acordo com o seu adiantamento; adverte-o incessantemente e chega mesmo a feri-lo, para o despertar de seu torpor, e aquele que persiste no endurecimento não pode desculpar-se com sua ignorância.

Em resumo, se certas situações da vida humana têm, mais particularmente, o caráter das provas, outras têm, de modo incontestável, o do castigo, e todo castigo pode servir de prova.

É um erro pensar que o caráter essencial da expiação seja o de ser imposta. Vemos diariamente na vida expiações voluntárias, sem falar dos monges que se maceram e se fustigam com a disciplina e o cilício. Nada há, pois, de irracional em admitir

que um Espírito, na erraticidade, escolha ou solicite uma existência terrena que o leve a reparar seus erros passados. Se tal existência lhe tivesse sido imposta, não teria sido menos justa, apesar da ausência momentânea da lembrança, pelos motivos acima desenvolvidos. As misérias da Terra são, pois, expiação, por seu lado efetivo e material, e provas, por suas conseqüências morais. Seja qual for o nome que se lhes dê, o resultado deve ser o mesmo: o melhoramento. Em presença de um objetivo tão importante, seria pueril fazer de um jogo de palavras uma questão de princípio. Isto provaria que se dá mais importância às palavras que à coisa.

Temos prazer de responder às perguntas sérias e elucidá-las, quando possível. A discussão é tanto mais útil com pessoas de boa-fé, que estudaram e querem aprofundar as coisas, pois é trabalhar para o progresso da ciência, quanto ociosa com os que julgam sem conhecer e querem saber sem se darem ao trabalho de aprender.

Segunda Carta ao Padre Marouzeau

(Vide o número de julho de 1863)

Senhor vigário,

Em minha carta precedente, dei os motivos que me levam a não responder a vossa brochura, artigo por artigo. Não os lembrarei, limitando-me a destacar algumas passagens.

Dizeis: “Concluímos de tudo isto que o Espiritismo deve limitar-se a combater o materialismo, a dar ao homem provas palpáveis de sua imortalidade, por meio de manifestações de além-túmulo bem constatadas; que, fora deste caso, tudo nele não passa de incerteza, trevas espessas, ilusões, um verdadeiro caos; que, como doutrina filosófico-religiosa, é apenas uma utopia, como tantas outras consignadas na História e da qual o tempo fará boa

justiça, a despeito do exército espiritual, de que vos constituístes comandante-em-chefe.”

Antes de mais, senhor vigário, haveis de convir que as vossas previsões praticamente não se realizaram e que o tempo não tem pressa em fazer justiça ao Espiritismo. Se este não sucumbiu, não o foi pela indiferença e pela negligência do clero e de seus partidários. Ataques não faltaram: brochuras, jornais, sermões, excomunhões fizeram fogo em toda a linha; nada faltou, nem mesmo o talento e o mérito incontestáveis de alguns campeões. Se, pois, sob tão formidável artilharia, as fileiras do Espiritismo aumentaram, ao invés de diminuir, é que o fogo virou fumaça. Ainda uma vez, diz-nos uma regra de lógica elementar que se julga uma força por seus efeitos; não pudeste deter a marcha do Espiritismo; portanto ele vai mais depressa que vós; e a razão disso é que ele vai à frente, enquanto vos arrastais na retaguarda, e o século tem pressa.

Examinando os diversos ataques dirigidos contra o Espiritismo, ressalta um ensinamento, ao mesmo tempo grave e triste; os que vêm do partido céptico e materialista são caracterizados pela negação, pela zombaria mais ou menos espirituosa, por brincadeiras geralmente tolas e vulgares, ao passo que — é lamentável dizer — é nos do partido religioso que se encontram as mais grosseiras injúrias, os ultrajes pessoais, as calúnias; é da cátedra que caem as palavras mais ofensivas; é em nome da Igreja que foi publicado o ignóbil e mentiroso panfleto sobre o pretenso orçamento do Espiritismo. Dei algumas amostras na *Revista* e não disse tudo, por deferência e porque sei que nem todos os membros do clero aprovam semelhantes coisas. É útil, entretanto, que mais tarde se saiba de que armas se serviram para combater o Espiritismo. Infelizmente, os artigos de jornais são fugazes como as folhas que os contêm; mesmo as brochuras têm uma existência efêmera e em alguns anos os nomes dos mais ardentes e dos mais biliosos antagonistas provavelmente estarão

esquecidos! Só há um meio de prevenir este efeito do tempo: é colecionar todas as diatribes, venham de que lado vierem, e fazer uma coletânea, que não será uma das páginas menos instrutivas da história do Espiritismo. Não me faltam documentos para esse trabalho e, lamento dizer, são publicações feitas em nome da religião que, até hoje, têm fornecido o mais forte contingente. Constató com prazer que a vossa brochura ao menos constitui exceção no que respeita à urbanidade, se não pela força dos argumentos.

Em vossa opinião, senhor vigário, tudo no Espiritismo não passa de incerteza, trevas espessas, ilusões, caos, utopias. Então confessais que não é muito perigoso, pois ninguém deverá compreendê-lo. O que é que a Igreja pode temer de uma coisa tão absurda? Se é assim, por que essa demonstração de forças? Vendo tão grande fúria, dir-se-ia que ela tem medo. De ordinário não se dá um tiro de canhão contra uma mosca que voa. Não há contradição em dizer, de um lado, que o Espiritismo é temível, que ameaça a religião e, do outro, que nada é?

No trecho supracitado noto, de passagem, um erro, certamente involuntário, pois não suponho que, a exemplo de alguns de vossos colegas, alterais conscientemente a verdade por necessidade de ofício. Dizeis: “A despeito do exército espiritual, do qual vos *constituístes* comandante-em-chefe.” Antes de mais, perguntarei o que entendeis por *exército espiritual*. É o exército dos Espíritos ou dos espíritas? A primeira interpretação vos levaria a dizer um absurdo; a segunda, uma falsidade, pois é notório que jamais me *constitui* chefe, seja do que for. Se os espíritas dão-me esse título, é por um sentimento espontâneo de sua parte, em razão da confiança que se dignaram de me conceder, ao passo que dais a entender que me impus e tomei essa iniciativa, coisa que nego formalmente. Aliás, se o sucesso da doutrina que professo me dá uma certa autoridade sobre os adeptos, é uma autoridade puramente moral, que não uso senão para lhes recomendar calma, moderação e abstenção de qualquer represália contra os que os

tratam mais indignamente, para lhes lembrar, numa palavra, a prática da caridade, mesmo para com os seus inimigos.

A parte mais importante deste parágrafo é aquela em que dizeis que o Espiritismo deve limitar-se a combater o materialismo e provar a imortalidade da alma por meio de manifestações de além-túmulo. Então o Espiritismo serve para alguma coisa! Se as manifestações de além-túmulo são úteis para destruir o materialismo e provar a imortalidade da alma, não é o diabo que se manifesta. Para chegar a essa prova que, segundo vós, ressalta dessas manifestações, é preciso que nelas se reconheçam os pais e os amigos. Portanto, os Espíritos que se comunicam são as almas dos que viveram. Assim, senhor vigário, estais em contradição com a doutrina professada por vários de vossos ilustres confrades, a saber, que *só o diabo pode comunicar-se*. É um ponto de doutrina ou uma opinião pessoal? No segundo caso, uma não tem mais autoridade que a outra; no primeiro, proclamais uma heresia.

Há mais: considerando-se que as comunicações de além-túmulo são úteis para combater a incredulidade sobre a base fundamental da religião – a existência e a imortalidade da alma; uma vez que o Espiritismo *deve* servir para tal fim, então é lícito a todos nós buscar na evocação o remédio para a dúvida que a religião, sozinha, não pôde vencer. Por conseguinte, é permitido a todo crente, a todo bom católico, mesmo a todo sacerdote servir-se da evocação para reconduzir ao aprisco as ovelhas tresmalhadas. Se o Espiritismo tem meios de dissipar dúvidas que a religião é incapaz de destruir, é porque oferece recursos que a religião não possui, pois, do contrário, não haveria um só incrédulo na religião católica. Por que, então, ela repele um meio eficaz de salvar as almas? Por outro lado, como conciliar a utilidade que reconheceis nas comunicações de além-túmulo com a proibição formal que a Igreja faz de evocar os mortos? Desde que é princípio rigoroso que não se pode ser católico sem se conformar escrupulosamente aos preceitos da Igreja; que o menor desvio de seus mandamentos é uma heresia, eis o senhor vigário bem e devidamente herético, pois declarais bom

aquilo que ela condena. Dizeis que o Espiritismo é apenas caos e incerteza; então sois muito mais claro? De que lado está a ortodoxia, já que uns pensam de um modo, e outros pensam o contrário? Como quereis que se esteja de acordo quando vós mesmos estais em contradição com as vossas palavras? Vossa refutação é intitulada: *Refutação completa da Doutrina Espírita do ponto de vista religioso*. Quem diz *completo*, diz absoluto; se a refutação é completa, não deve deixar nada subsistir; e eis que, do próprio ponto de vista religioso, reconheceis uma utilidade imensa àquilo que a Igreja proíbe! Haverá maior utilidade que reconduzir a Deus os incrédulos? Melhor teria sido intitular vossa brochura de: *Refutação da doutrina demoníaca da Igreja*. Aliás, não é a única contradição que eu poderia apontar. Mas, tranqüilizai-vos, pois não sois o único dissidente; de minha parte conheço bom número de eclesiásticos que não crêem mais do que vós na comunicação exclusiva do diabo; que se ocupam de evocações com toda segurança de consciência; que não acreditam mais do que eu nas penas irremissíveis e na danação eterna absoluta, pondo-se de acordo, desse modo, com mais de um Pai da Igreja, como vos será demonstrado mais tarde. Sim, muito mais sacerdotes do que se pensa encaram o Espiritismo de um ponto mais elevado; chocados com a universalidade das manifestações e com o espetáculo imponente desta marcha irresistível, nisso vêem a aurora de uma nova era e um sinal da vontade de Deus, ante a qual se inclinam em silêncio.

Dizeis, senhor vigário, que o Espiritismo deveria parar em tal ponto, e não ir além. Em tudo é preciso ser conseqüente consigo mesmo. Para que essas almas possam convencer os incrédulos de sua existência, é necessário que falem. Ora, podemos impedi-las de dizer o que querem? É culpa minha se vêm descrever sua situação, feliz ou infeliz, de modo diverso do que ensina a Igreja? se vêm dizer que já viveram e viverão ainda corporalmente? que Deus não é cruel, nem vingativo, nem inflexível, como o apresentam, mas bom e misericordioso? se, em todos os pontos do globo onde as chamam para se convencerem da vida futura, elas

dizem a mesma coisa? Enfim, é culpa minha se o quadro que fazem do futuro reservado aos homens é mais sedutor que o que ofereceis? se os homens preferem a misericórdia à danação? Quem fez a Doutrina Espírita? São suas palavras, e não a minha imaginação; são os próprios atores do mundo invisível, as testemunhas oculares das coisas de além-túmulo que a ditaram e ela só foi estabelecida sobre a concordância da imensa maioria das revelações feitas em todos os lados e a milhares de pessoas que eu jamais tinha visto. Em tudo isto não fiz senão recolher e coordenar metodicamente o ensino dado pelos Espíritos; sem levar em conta opiniões isoladas, adotei as do maior número, afastando todas as idéias sistemáticas, individuais, excêntricas ou em contradição com os dados positivos da Ciência.

Desses ensinamentos e de sua concordância, bem como da atenta observação dos fatos, ressalta que as manifestações espíritas nada têm de sobrenatural, mas, ao contrário, resultam de uma lei da Natureza, até hoje desconhecida, como o foram durante muito tempo as da gravitação, do movimento dos astros, da formação da Terra, da eletricidade, etc. Desde que essa lei está na Natureza, é obra de Deus, a menos que se diga que a Natureza é obra do diabo. Esta lei, explicando uma porção de coisas que, sem ela, seriam inexplicáveis, converteu tantos incrédulos à existência da alma que o fato propriamente dito das manifestações e a sua prova está no grande número de materialistas reconduzidos a Deus só pela leitura das obras, sem nada terem visto. Teria sido melhor que permanecessem na incredulidade, com risco de nem mesmo estarem na ortodoxia católica?

A Doutrina Espírita não é obra minha, mas dos Espíritos. Ora, se esses Espíritos são as almas dos homens, ela não pode ser obra do demônio. Se fosse minha concepção pessoal, vendo seu prodigioso sucesso eu não poderia senão felicitar-me; mas eu não me poderia atribuir o que não é meu. Não, ela não é obra de um só, homem ou Espírito, que, fosse quem fosse, não lhe poderia ter dado uma sanção suficiente; é obra de uma multidão de

Espíritos, e é isto que constitui a sua força, pois cada um pode receber a sua confirmação. O tempo, como dizeis, far-lhe-á boa justiça? Para tanto é preciso que deixe de ser ensinada, isto é, que os Espíritos deixassem de existir e de se comunicarem em toda a Terra; seria preciso, além disso, que ela deixasse de ser lógica e de satisfazer às aspirações dos homens. Acrescentais esperar que eu reconheça meu erro. Não o creio e, francamente, não são os argumentos de vossa brochura que me farão mudar de opinião, nem desertar do posto em que me colocou a Providência, no qual tenho todas as alegrias morais a que um homem pode aspirar neste mundo, vendo frutificar o que semeou. É uma felicidade muito grande e muito doce, eu vos asseguro, à vista dos que tornou felizes, de tantos homens arrancados ao desespero, ao suicídio, à brutalidade das paixões e reconduzidos ao bem. Uma só de suas bênçãos me paga largamente de todas as fadigas e de todos os insultos. Não está no poder de ninguém me arrancar esta felicidade; não a conheceis, visto que ma quereis tirar. Eu vo-la desejo de toda a minha alma; tentai e vereis.

Senhor vigário, eu vos concedo dez anos de prazo para ver o que então pensareis da doutrina.

Aceitai, etc.

Allan Kardec

O Écho de Sétif ao Sr. Leblanc de Prébois

Extraímos a passagem seguinte de um artigo publicado no *Écho de Sétif*, de 23 de julho de 1863, em resposta à brochura intitulada: *Orçamento do Espiritismo*, do qual falamos no número de junho último da *Revista Espírita*.

“Não damos tanta extensão à questão e, para que nos compreendamos melhor, vamos proceder por ordem:

“1º – Credes na imortalidade da alma e eu também. Eis-nos de acordo sobre este ponto.

“2º – Após a morte enviais minha alma a Deus e eu também. Segundo ponto sobre o qual estamos de acordo.

“3º – Chegando minha alma a Deus, pretendeis que ela fique em sua presença, ou vá para o inferno, ou, enfim, para o purgatório. Eis os três únicos lugares onde permitis que ela se movimente.

“Aqui já não estamos de acordo. Eu creio que Deus permite a uma alma viajar por toda parte. Vós lhe circunscreveis o espaço; eu o amplio.

“Dizei-me, leal e francamente, se pensais que vossa opinião seja mais bem fundada que a minha; dizei-me por que Deus impediria que minha alma viajasse depois da morte do corpo? Tendes alguma revelação a respeito? Tendes uma prova tirada apenas do raciocínio? Não o creio.

“Eu tenho uma: é o raciocínio que tiro do conhecido ao desconhecido. Deus criou leis imutáveis, que jamais se contradizem. Ora, na Natureza que me é conhecida vejo que tudo se move, tudo se agita, nada fica em repouso. Assim Deus o quer.

“Esta única verdade que toco, que sinto, me basta para provar que se dá a mesma coisa com os mundos que desconheço. Por vosso lado, dizei-me por que quereis que seja diferente.

“Se não contestais que minha alma possa mover-se depois da morte de meu corpo, se ela vive, sente, se pode comunicar-se com alguém, dizei-me por que jamais poderá comunicar-se com a vossa alma, ainda ligada ao vosso corpo; dai-me uma razão, uma razão plausível, pois do contrário eu a repilo.

“Se disserdes que vossa inteligência se recusa a crer nisto, é uma razão que não admito, porque há milhões de coisas que vossa inteligência recusará a crer e que, entretanto, acreditareis depois de as ter visto; tal o caso de São Tomé.

“Não me importo como credes e nisto não tenho o menor interesse. Só tenho um pedido a vos fazer: Eu vos suplico a ninguém insultar sem necessidade.

“Seja qual for o vosso mérito, há homens que vos equivalem no Espiritismo. Há os que querem ver, estudar, instruir-se; há os que viram coisas surpreendentes e lhes querem conhecer as causas antes de se pronunciarem. Pois bem! fazei como eles: estudai, tratai de encontrar. Depois, quando tiverdes encontrado, dai-nos a explicação clara e precisa do fenómeno. Eis o que valerá mais do que expressões mal sonantes. Tereis feito a Ciência dar um passo e acalmado as consciências alarmadas como a vossa. Eis, enfim, um belo papel a desempenhar!

“Antes de terminar, façamos uma única pergunta ao Sr. Leblanc de Prébois:

“Ele vendeu a sua brochura ou a publicou somente por amor à Humanidade?”

C***

Notas Bibliográficas

REVELAÇÕES SOBRE MINHA VIDA SOBRENATURAL

Por Daniel Dunglas Home³⁰

Esta obra é um relato puro e simples, sem comentários nem explicações, dos fenómenos mediúnicos produzidos pelo

30 Um vol. In-12; traduzido do inglês. Preço: 3 fr 50, e não 2 fr, como foi erroneamente anunciado no número precedente da *Revista*. Pelos Correios, 3 fr. 90.

Sr. Home. Esses fenômenos são muito interessantes para quem quer que conheça o Espiritismo e os possa explicar, mas, por si sós, são pouco convincentes para os incrédulos que, nem mesmo crendo no que vêem, acreditam menos ainda no que se lhes conta. É uma coletânea de fatos mais apropriada aos que sabem, do que aos que não sabem, instrutiva para os primeiros, simplesmente curiosa para os segundos. Nossa intenção não é examinar nem discutir aqui esses fatos, que responderiam a uma necessidade já satisfeita com os artigos que publicamos sobre o Sr. Home na *Revista Espírita* (fevereiro, março, abril e maio de 1858). Apenas diremos que a simplicidade do relato tem um cunho de verdade que não se poderia ignorar e que, para nós, não há nenhum motivo de suspeição de sua autenticidade. O que se lhe pode censurar é o excesso de monotonia e a absoluta ausência de conclusão e de dedução filosófica ou moral. São também muito freqüentes as incorreções de estilo; a tradução, sobretudo em certas partes, se afasta bastante do gênio da língua francesa. Se a dúvida é a primeira impressão naquele que não pode dar-se conta dos fatos, quem quer que tenha lido atentamente e compreendido as nossas obras, principalmente *O Livro dos Médiuns*, reconhecerá ao menos a sua possibilidade, porque terá a sua explicação.

Como se sabe, o Sr. Home é um médium de efeitos físicos de imenso poder. Uma particularidade notável é que ele reúne em si a necessária aptidão para obter a maioria dos fenômenos desse gênero, e isto num grau de certo modo excepcional. Embora a malevolência se tenha deleitado em atribuir-lhe uma porção de fatos apócrifos, ridículos pelo exagero, resta muito para justificar a sua reputação. Sua obra terá, sobretudo, a grande vantagem de separar o verdadeiro do falso.

Os fenômenos que ele produz nos transportam ao primeiro período do Espiritismo, o das mesas girantes, também chamado período da *curiosidade*, isto é, dos efeitos preliminares, que tinham por objetivo chamar a atenção sobre a nova ordem de

coisas e abrir caminho ao período filosófico. Esta marcha era racional, porquanto toda filosofia deve ser a dedução de fatos conscienciosamente estudados e observados, e a que não repousasse senão sobre idéias puramente especulativas não teria base. A teoria, portanto, devia resultar dos fatos, e as conseqüências filosóficas deviam resultar da teoria. Se o Espiritismo se tivesse limitado aos fenômenos materiais, uma vez satisfeita a curiosidade, teria sido apenas um modismo efêmero. Tem-se a prova disso pelas mesas girantes, que só tiveram o privilégio de divertir os salões durante alguns invernos. Sua vitalidade estava apenas na sua utilidade. Assim, a extensão prodigiosa que ele adquiriu data da época em que entrou na via filosófica. Foi somente a partir dessa época que ele tomou lugar entre as doutrinas.

A observação e a concordância dos fatos levaram à procura das causas; a procura das causas levou a reconhecer que as relações entre os mundos visível e invisível existem em virtude de uma lei. Uma vez conhecida, esta lei deu a explicação de uma imensidade de fenômenos espontâneos até então incompreendidos e reputados sobrenaturais, antes que se conhecessem as suas causas; estabelecidas as causas, esses mesmos fenômenos entraram na ordem dos fatos naturais e o maravilhoso desapareceu. A propósito, pode-se criticar, e com razão, o qualificativo de *sobrenatural* que o Sr. Home dá à sua vida em sua obra. Outrora, certamente ele teria passado por um taumaturgo; na Idade Média, se tivesse sido monge, tê-lo-iam feito um santo com o dom dos milagres; simples homem do povo, teria passado por feiticeiro e sido queimado; entre os pagãos, dele teriam feito um deus e lhe erigiriam altares. Mas, novos tempos, novos costumes. Hoje é um simples médium, predestinado pelo poder de sua faculdade a restringir o círculo dos prodígios, provando pela experiência que certos efeitos, ditos maravilhosos, não escapam das leis da Natureza.

Algumas pessoas temeram pela autenticidade de certos milagres, vendo-os cair no domínio público. Como o Sr.

Home partilhasse esse dom com uma multidão de outros médiuns, que também reproduziam tais fenômenos à vista de todo o mundo, realmente tornava-se impossível considerá-los como derivações das leis da Natureza, caráter essencial dos fatos miraculosos, a menos que se admita que fosse dado ao primeiro que chegasse o poder de subverter essas leis. Mas, que fazer? Não se pode impedir de ser aquilo que é; não se pode pôr sob o alqueire aquilo que não é privilégio de ninguém. É preciso, portanto, resignar-se a aceitar os fatos consumados, assim como foram aceitos o movimento da Terra e a lei de sua formação. Se o Sr. Home tivesse sido o único no gênero, morto ele, poderiam negar o que fez; mas como negar fenômenos tornados vulgares pela multiplicidade e pela perpetuidade dos médiuns, que surgem diariamente em milhares de famílias, em todos os pontos do globo? Ainda uma vez, quer queiram quer não, é preciso aceitar o que é e o que não se pode impedir.

Mas se certos fenômenos perdem em prestígio do ponto de vista miraculoso, ganham-no em autenticidade. A incredulidade a respeito dos milagres – forçoso é convir – está na ordem do dia e, por isto, a fé estava realmente abalada. Agora, em presença dos efeitos mediúnicos e graças à teoria espírita, que prova que tais efeitos estão na Natureza, a possibilidade desses efeitos está demonstrada e a incredulidade terá de se calar. A negação de um fato leva à negação de suas conseqüências. Será preferível negar um fato considerado miraculoso a admiti-lo como simples lei da Natureza? As leis da Natureza não são obra de Deus? A revelação de uma nova lei não é prova de seu poder? Será Deus menor por agir em virtude de suas leis do que as derogando? Aliás, serão os milagres atributo exclusivo do poder divino? A própria Igreja não nos ensina que “falsos profetas, suscitados pelo demônio, podem fazer milagres e prodígios que seduziriam até mesmo os eleitos?” Se o demônio pode fazer milagres, pode derogar as leis de Deus, isto é, desfazer o que Deus fez. Mas em parte alguma a Igreja diz que o demônio possa fazer leis para reger

o Universo. Ora, considerando-se que os milagres podem ser realizados por Deus e pelo demônio, e levando-se em conta que as leis são obra exclusiva de Deus, o Espiritismo, provando que certos fatos encarados como exceção são aplicações das leis da Natureza, atesta, por isso mesmo, muito mais o poder de Deus que os milagres, pois não atribui senão a Deus o que, na outra hipótese, poderia ser obra do demônio.

Dos fenômenos produzidos pelo Sr. Home ressalta outro ensinamento, e o seu livro vem provar o que temos dito muitas vezes sobre a insuficiência das manifestações físicas para, sozinhas, levarem a convicção a certas pessoas. É fato bem conhecido que muitas pessoas, embora testemunhassem as mais extraordinárias manifestações, não se deixaram convencer, porque não os compreendiam e por lhes faltar base para firmar um raciocínio, neles vendo apenas charlatanice. Por certo, se alguém fosse capaz de vencer a incredulidade por efeitos materiais, este seria o Sr. Home. Nenhum médium produziu um conjunto de fenômenos mais surpreendentes, nem em condições mais honestas e, contudo, hoje, bom número dos que o viram operando ainda o tratam como hábil prestidigitador. Para muitos ele faz coisas muito curiosas, mais curiosas que as realizadas por Robert Houdin; e eis tudo. Seria de parecer, no entanto, que em presença de fatos tão extraordinários, tornados notórios pelo número e pela qualidade das testemunhas, toda negação fosse impossível e que a França ia ser convertida em massa. Compreende-se que esses fenômenos fossem rejeitados, quando só ocorriam na América, dada a impossibilidade de serem vistos. Mas o Sr. Home veio mostrá-los à fina flor da sociedade e, mesmo aí, encontrou mais curiosos do que crentes, embora desafiasse toda suspeita baseada no charlatanismo. O que faltava a tais comunicações para convencer? Faltava-lhes a chave para serem compreendidas. Hoje não há um só espírita que, tendo estudado um pouco seriamente a ciência, não admita todos os fatos relatados no livro do Sr. Home, sem os ter visto, ao passo que, entre os que os viram, há mais de um incrédulo, como a provar

que aquilo que fala ao espírito e se apóia no raciocínio tem um poder de convicção que não possui o que fere apenas os olhos.

Segue-se que a vinda do Sr. Home tenha sido inútil? Certamente não. Dissemos e repetimos: ele apressou a eclosão do Espiritismo na França, pelo brilho que lançou sobre os fenômenos, mesmo entre os incrédulos, provando que não são cercados de mistérios, nem de fórmulas ridículas da magia, e que se pode ser médium sem ter ar de feiticeiro; enfim, pela repercussão que seu nome e o mundo que freqüentou deram à coisa. Sua vinda, pois, foi muito útil, ainda quando fosse apenas para dar ao Sr. Oscar Comettant oportunidade de falar e fazer o *espirituoso* artigo que se conhece, para o qual só faltou ao autor conhecer o que queria criticar, absolutamente como se um homem, que de música nada entendesse, quisesse criticar Mozart ou Beethoven. (Vide relato da obra do Sr. Home pelo Sr. Comettant, no *Siècle* de 15 de julho de 1863 e algumas palavras nossas na *Revista Espírita* do mês de agosto seguinte).

SERMÕES SOBRE O ESPIRITISMO

**Pregados na catedral de Metz, nos dias 27, 28 e 29 de maio de 1863,
pelo reverendo padre Letierce, da Companhia de Jesus.
Refutados por um espírita de Metz e precedidos de
considerações sobre a loucura espírita³¹.**

Embora não conheçamos pessoalmente o autor deste opúsculo, podemos dizer que é obra de um espírita esclarecido e sincero. Estamos contentes por ver a defesa do Espiritismo tomada por mãos hábeis, que sabem aliar a força do raciocínio à moderação, que é o apanágio da verdadeira força. Os argumentos dos adversários aí são combatidos com uma lógica à qual não sabemos qual outra poderiam opor, porque só há uma lógica séria, aquela cujas deduções nenhum lugar deixam à réplica, e

31 Brochura in-12. Preço: 1 fr.; pelo Correio: 1 fr 10 c. – Paris, Livraria Didier, 35, quai des Augustins; Ledoyen, palais-Royal; Metz, livraria Linden, 1, rue Pierre-Hardie.

achamos que a do autor está neste caso. Sem dúvida, com ou sem razão, sempre se pode replicar, porquanto há criaturas com as quais nunca se diz a última palavra, ainda que se tratasse de lhes provar que há sol ao meio-dia; mas não é destes que se trata de ter razão, pouco importando que estejam ou não convencidos de seu erro. Também não é a estes que nos dirigimos, mas ao público, juiz em última instância das causas boas ou más. Há no espírito das massas um bom-senso que pode falhar nos indivíduos isolados, mas cujo conjunto é como a resultante das forças intelectuais e do senso comum.

Em nossa opinião, a brochura em questão reúne as vantagens do fundo e da forma, isto é, à justeza do raciocínio alia a correção e a elegância do estilo, que jamais prejudica coisa alguma e torna a leitura de qualquer escrito mais atraente e mais fácil.

Não duvidamos que este escrito seja acolhido por todos os espíritas com a simpatia que merece. Nós o recomendamos com toda a confiança e sem restrições. Contribuindo para sua propagação, os espíritas prestarão serviço à causa.

Dissertações Espíritas

UMA MORTE PREMATURA

(Sociedade Espírita de Paris, 31 de julho de 1863 – Médiun: Sra. Costel)

Eis-me ainda no teatro do mundo, eu que me julgava para sempre amortalhada no meu véu de inocência e de juventude. O fogo da Terra salvou-me do fogo do inferno: assim pensava em minha fé católica e, se não ousava entrever os esplendores do paraíso, minha alma vacilante se refugiava na expiação do purgatório e eu orava, sofria, chorava. Mas quem dava à minha fraqueza a força de suportar as angústias? quem, nas longas noites de insônia e de febre dolorosa, se debruçava sobre o meu leito de martírio? quem me refrescava os lábios áridos? Éreis vós, meu anjo

guardião, cuja branca auréola me cercava; éreis também vós, caros Espíritos amigos, que vínheis murmurar em meu ouvido palavras de esperança e de amor.

A chama que consumiu meu débil corpo despojou-me do apego ao que passa; assim, morri já viva da verdadeira vida. Não conheci a perturbação e entrei serena e recolhida no dia radioso que envolve os que, depois de muito sofrimento, esperaram um pouco. Minha mãe, minha cara mãe, foi a última vibração terrestre que ressoou em minha alma. Como gostaria que ela se tornasse espírita!

Desliguei-me da árvore terrena como um fruto que amadurecesse antes do tempo. Mal tinha a florado para o demônio do orgulho, que fere as almas das infelizes arrastadas pelo sucesso brilhante e pela embriaguez da juventude. Bendigo a chama; bendigo os sofrimentos; bendigo a prova, que era uma expiação. Semelhante a esses leves fios brancos do outono, flutuo arrastada na corrente luminosa; já não são as estrelas de diamante que brilham em minha fronte, mas as estrelas de ouro do bom Deus.

Nota – Nossa intenção tinha sido evocar nessa sessão este Espírito, ao qual, sabíamos, muitos dentre nós eram simpáticos. Razões particulares nos haviam levado a adiar essa evocação, da qual não havíamos conversado com ninguém. Mas o Espírito, certamente atraído pelo nosso e pelo pensamento de vários membros, veio espontaneamente, sem ser chamado, ditar a encantadora comunicação acima.

O PURGATÓRIO

(Sociedade Espírita de Paris, 31 de julho de 1863
– Médium: Sr. Alfred Didier)

A religião católica nos mostra o purgatório como um lugar onde a alma, sofrendo terríveis expiações, alivia suas faltas e,

pela dor, pouco a pouco reivindica seus direitos ao sol da vida eterna. Imagem esplêndida! a mais verdadeira, a mais perfeita da grande trindade dogmática do inferno, do purgatório e do paraíso. Malgrado suas severidades desesperadoras, compreendeu a Igreja que era preciso um meio-termo entre a danação eterna e a felicidade eterna. Nessa estranha combinação, entretanto, ela confundiu o tempo infinito e progressivo, que é apenas um, com três situações limitadas e incompreensíveis. À religião, ou antes, ao ensino inteiramente humanitário e progressivo do Cristo, o Espiritismo adiciona os meios de realizar esta humanidade ideal. Nos desvios filosóficos de nossa época, há mais de um germe espírita; e tal filósofo céptico, que não aconselha para a felicidade definitiva da Humanidade senão o afastamento e a destruição de toda crença humana e divina trabalha mais do que se pensa para a tendência universal do Espiritismo. Somente é uma rota em que o céu pouco aparece, a existência futura quase não aparece, mas onde, pelo menos, a tranqüilidade material e, por assim dizer, egoística desta vida é compreendida com a clareza do legislador e, se não do santo, pelo menos de um filantropo humanitário.

Ora, no estado latente, a bem dizer, da vida extracorpórea, e que poderia ser chamada intravital, tratar-se-ia de saber se, com a medida de conhecimentos e de sagacidade clarividente que possuem os Espíritos superiores, o progresso universal é tão eficaz quanto o progresso terrestre. Esta questão, fundamental para o Espiritismo até o presente, é resolvida por detalhes que não satisfazem. Já não é apenas, como diz a Igreja, um lugar de expiação, mas um foco universal onde as almas que aí circulam receiam angustiadas ou aceitam esperançosas as existências que se lhes desvelam. Aí está, segundo nós, apenas o começo do que se chama o purgatório. A erraticidade, esta fase importante da vida da alma, não nos parece de modo algum explicada, nem mesmo mencionada pelos dogmas católicos.

Lamennais

A CASTIDADE

(Grupo de Orléans – Médiun: Sr. de Monvel)

De todas as virtudes de que o Cristo nos deixou o adorável exemplo, nenhuma foi mais indignamente esquecida pela triste Humanidade do que a castidade. E não falo apenas da castidade do corpo, de que certamente ainda se encontrariam na Terra numerosos exemplos, mas dessa castidade da alma, que jamais concebeu um pensamento, deixou escapar uma palavra susceptível de manchar a pureza da virgem ou da criança que a escuta.

O mal é tão universal, as ocasiões de perigo tão multiplicadas, que os pais, mesmo os verdadeiramente castos em seus atos e em suas palavras, não podem escapar à dolorosa certeza de que seus filhos não poderão, façam o que fizerem, subtrair-se ao funesto contágio. É-lhes necessário, por maior que seja a repugnância que apresentem, resignar-se eles mesmos a abrir os olhos dessas inocentes criaturas, ao menos para as preservar do perigo físico, já que é absolutamente impossível preservá-las do perigo moral; e, muitas vezes ainda, quando julgavam ter evitado o perigo, aparece algum escolho, cuja existência não haviam suspeitado e sobre o qual vem encalhar a pobre e inocente criança, que seu amor não pôde preservar da sujeira do vício.

Quantas palavras imprudentes, mesmo na mais seleta sociedade; quantas imagens e descrições, mesmo nos mais sérios livros, não vêm, sem que os pais o saibam, despertar, excitar ou mesmo satisfazer completamente essa curiosidade ávida, tão temível, da criança que não tem a menor consciência do perigo! Se o mal é difícil de evitar, mesmo nas classes mais esclarecidas da sociedade, que dizer das classes inferiores? E supondo que uma criança tenha tido a felicidade de escapar a isso no teto paterno, como protegê-la desse inevitável contato com os vícios que a oprimem diariamente?

Eis uma chaga muito profunda, muito perigosa, da qual todo homem, que conservou o senso moral no fundo do coração, deve sentir a mais imperiosa necessidade de expurgar da sociedade. O mal está arraigado em nossos corações, e muito tempo se escoará ainda antes que cada um de nós se tenha tornado bastante puro para apenas lhe suspeitar a gravidade. Um tal pensaria cometer falta séria se, ante uma criança, se permitisse a mínima palavra ambígua; no entanto, rodeado de pessoas maduras, sentirá prazer em contar piadas obscenas ou triviais que, diz ele, não fazem mal a ninguém. Não vê que a obscenidade é um mal tão imoral que mancha tudo quanto toca, mesmo o ar, cujas vibrações levarão longe o contágio. Diz-se que as paredes têm ouvidos e esta imagem nunca foi tão verdadeira quanto em semelhante matéria. A pura e santa castidade só estabelecerá definitivamente o seu reino na Terra quando toda criatura que pensa e fala tiver compreendido que jamais deve, em qualquer circunstância, nem escrever nem pronunciar uma palavra que a virgem mais pura não possa ouvir sem corar.

Direis que não tendes filhos e que não há uma só criança em vossa casa e, assim, não tendes nenhuma razão, no vosso entender, para vos constrangerdes. Mas se vós mesmos fôsseis puros, não vos sentiríeis constrangidos; e não tendes amigos que vos escutam, que o vosso exemplo excita e que talvez perderão, ante os filhos que não conheceis, a reserva que um resto de pudor lhes havia feito observar até então? Depois, é quase sempre às refeições que vosso espírito se deixa arrastar em ditos espirituosos que provocam o riso dos convivas; mas não vedes os serviçais que vos rodeiam, e vosso vizinho tem filhos! Não conheceis esse vizinho, nem seus filhos, e jamais sabereis o mal do qual fostes a causa; mas o mal – ficai certos – venha de onde vier, será sempre punido. Não só as paredes têm ouvidos: no ar que respirais há coisas que ainda não conheceis ou que não quereis conhecer.

Ninguém tem o direito de exigir de seus subalternos uma virtude que não pratica nem possui.

Basta uma única palavra impura para alterar a pureza de uma criança; basta uma única criança impura introduzida numa casa de educação pública para gangrenar toda uma geração de crianças que, mais tarde, se tornarão homens. Haverá um só homem sensato que ponha em dúvida a verdade patente e dolorosa deste fato? Ninguém duvida, ninguém ignora toda a extensão do mal que uma única palavra pode acarretar e, contudo, ninguém se julga obrigado a essa castidade da alma, que revolta todo pensamento obsceno, por mais disfarçado que seja e, mesmo, em certas circunstâncias, ninguém olha como estrita obrigação moral abster-se de pilhérias que deviam fazê-lo corar, se não se orgulhasse em não corar. Triste e vergonhoso orgulho!

Não é só a castidade que deveríamos respeitar nas crianças, mas, também, essa delicada candura a quem toda idéia de falsidade faz corar o rosto; e essa virtude é também muito rara. Mas quando se observa como é elevada a imensa maioria de nossos filhos, não nos devemos admirar muito. Para a maioria dos pais, os filhos, sobretudo em tenra idade, não passam de pequenas bonecas, com as quais se divertem, como se fossem um brinquedo. E o que as torna tão divertidas é que sua ingênua credulidade permite que se abuse de sua paciência, de manhã à noite, com pequenas mentiras, julgadas inocentes porque são feitas sem qualquer maldade e unicamente, como se diz, para rir. Ora, em sua verdadeira acepção, a palavra *inocente* significa: *que não prejudica*. Mas, ao contrário, que há de mais nocivo à candura de uma criança que esses pequenos e contínuos abusos de confiança, dos quais ela é inocente por um instante, mas só por um instante, para depois rir e se divertir, achando o maior prazer em imitar logo que pode?

Disso resulta muitas vezes que a criança mais cândida aprende a enganar tão depressa quanto aprende a falar e que, ao cabo de pouco tempo, é capaz de dar lições aos seus mestres.

Quase não se suspeita, sobretudo nessa idade, que muitas vezes uma causa insignificante possa mais tarde provocar deploráveis resultados. Os órgãos da inteligência, nas crianças muito jovens, são qual cera mole, apta a receber o molde do mais fraco objeto que a toca e, mesmo, deformá-lo, ainda que por um instante. E quando esta cera, a princípio tão fluida, vier a endurecer, a impressão ficará inapagável. É um erro crer-se que ela possa ser coberta por outras: só a marca primitiva ficará indelével; ao contrário, as impressões ulteriores é que deixarão apenas um traço fugaz, sob o qual a primeira aparecerá sempre.

Eis o que bem poucos jovens pais são capazes de sentir com bastante força para disso fazerem uma regra de conduta com seus filhos, sendo necessário que se lhes repita continuamente.

Cécile Monvel

O DEDO DE DEUS

(Thionville, 25 de dezembro de 1862 – Médiun: Dr. R...)

Nós vos demos a entrever a aurora da regeneração humana. Nisto, como em toda a marcha da Humanidade através das idades, deveis ver o dedo de Deus.

Já vo-lo dissemos muitas vezes: Tudo que acontece aqui na Terra, como tudo quanto se passa no Universo inteiro, está submetido a uma lei geral: a do *progresso*.

Inclinai-vos ante ela todos vós que, orgulhosos e soberbos, pretendéis colocar-vos acima dos desígnios do Todo-Poderoso! Buscai por toda parte a causa de vossas desgraças, como de vossos prazeres, e aí reconheceréis sempre o dedo de Deus.

Mas, direis, então o dedo de Deus é o fatalismo! Ah! guardai-vos de confundir essa palavra ímpia com as leis que a Providência vos impôs, essa mesma Providência que vos deve ter

deixado o *livre-arbitrio*, para, ao mesmo tempo, vos deixar o mérito de vossos atos, mas que lhes tempera o rigor por essa voz, tantas vezes desconhecida, que vos adverte do perigo a que vos expondes.

O fatalismo é a negação do dever, porquanto, sendo nossa sorte fixada previamente, não nos cabe mudá-la.

Em que se tornaria o mundo com essa horrível teoria, que abandonaria o homem às péfidas sugestões das piores paixões? Onde estaria o objetivo da criação? onde a razão de ser da ordem admirável que impera no Universo?

Ao contrário, o dedo de Deus é a punição sempre suspensa sobre a cabeça do culpado; é o remorso que corrói o coração, censurando-lhe os crimes a cada instante do dia; é o horrendo pesadelo que o tortura durante longas noites insones; é esse rastro sangrento que o segue em todos os lugares, como para reproduzir aos seus olhos, incessantemente, a imagem de sua malvadez; é a febre que atormenta o egoísta; são as perpétuas angústias do mau rico, que vê em todos que dele se aproximam espoliadores dispostos a lhe roubar um bem mal adquirido; é a dor que experimenta em sua última hora por não poder levar seus inúteis tesouros!

O dedo de Deus é a paz do coração reservada ao justo; é o suave perfume que vos repleta a alma após uma boa ação; é esse doce prazer que se experimenta sempre ao fazer o bem; é a bênção do pobre que se assiste; é o doce olhar de uma criança cujas lágrimas enxugamos; é a prece fervorosa de uma pobre mãe, a quem se proporcionou o trabalho que a deve arrancar da miséria; é, numa palavra, o contentamento consigo mesmo.

O dedo de Deus, enfim, é a justiça grave e austera, temperada pela misericórdia! o dedo de Deus é a esperança, que não abandona o homem em seus mais cruéis sofrimentos, que o

consola sempre e deixa entrever ao mais criminoso, a quem o arrependimento tocou, um recanto da morada celeste, do qual se julgava rejeitado para sempre!

Espírito familiar

O VERDADEIRO

(Thionville – Médium: Dr. R...)

Disse um poeta: “Nada é mais belo que o verdadeiro; só o verdadeiro é agradável.”

Reconheci neste verso uma das mais belas inspirações jamais dadas ao homem. O verdadeiro é a linha reta; e a luz, cujo esplendor não precisa ser velado pelos homens justos, cujo espírito é maravilhosamente predisposto a compreender seus imensos benefícios. Por que, na nossa sociedade atual, a luz custa tanto a ser percebida pela maioria dos homens? Por que o ensino da verdade é cercado de tantos obstáculos? É que até agora a Humanidade não fez progressos bastante marcados, desde a origem do Cristianismo. Desde o Cristo, seus ensinamentos tiveram de ser velados sob a forma de alegoria e de parábola e os que tentaram propagar a verdade não foram mais ouvidos que seu divino Mestre; é que a Humanidade devia progredir com sábia lentidão, para que sua marcha fosse mais segura; é que necessitava de um longo noviciado, para tornar-se apta a se conduzir por si mesma.

Mas tranquilizai-vos! O sol da regeneração, há muito tempo na sua aurora, não tardará a espalhar sobre vós a sua deslumbrante claridade; a verdadeira luz vos aparecerá e sua influência benfeitora estender-se-á a todas as classes da sociedade. Quantos, então, se surpreenderão por não terem acolhido mais cedo esta verdade, que data da mais remota antiguidade, e que um sentimento de orgulho lhes fez sempre caminhar ao lado sem a ver!

Ao menos desta vez não tereis de sofrer nenhum desses horríveis cataclismos, que parecem outras tantas balizas destinadas a marcar, através dos séculos, a marca da verdadeira luz. Mais bem instruídos, os homens compreenderão que as perturbações que deixam atrás de si uma esteira de fogo e sangue não se enquadrariam hoje nos nossos costumes, abrandados pela prática da caridade. Compreenderão, enfim, o alcance destas palavras sublimes, outrora proferidas pelo Cristo: “Paz aos homens de boa vontade!”

Não haverá outra guerra senão a que for feita às paixões más. Todos reunirão suas forças para expulsar o Espírito do mal, cujo reino desastroso apenas deteve, por longo tempo, o progresso da civilização. Todos se deterão no pensamento de que a verdadeira luz é a única conquista legítima, a única que devem ambicionar, a única que os poderá conduzir à felicidade.

À obra, pois, todos vós que tendes a bandeira do progresso! Não temais empunhá-la alta e firme, para que de todos os recantos do globo os homens possam acorrer e se acomodarem sob sua égide. Pedi ao nosso Pai celeste a força e a energia que vos são indispensáveis para esta grande obra; e, se aqui não puderdes gozar da felicidade de vê-la realizada, que, ao menos, ao morrer, leveis a convicção de que vossa existência foi útil a todos, e que a mais doce recompensa vos espera entre nós: a alegria de ter cumprido vossa missão para a maior glória de Deus.

Espírito familiar

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

OUTUBRO DE 1863

Nº 10

Reação das Idéias Espiritualistas

Há um século a sociedade vem sendo trabalhada pelas idéias materialistas, reproduzidas sob todas as formas, a traduzir-se na maioria das obras literárias e artísticas. A incredulidade estava na moda e era de bom-tom exhibir a negação de tudo, mesmo de Deus. A vida presente, eis o positivo; fora disto, tudo é quimera ou incerteza; vivamos, pois, o melhor possível, porque, depois, não sabemos o que virá. Tal era o raciocínio dos que pretendiam estar acima dos preconceitos e, por isso, se diziam *espíritos fortes*. É preciso convir que eram o maior número, dos que movimentavam a sociedade e tinham o encargo de a conduzir e cujo exemplo necessariamente deveria ter grande influência. O próprio clero sofria essa influência; a conduta, particular ou pública, de muitos de seus membros, em completo desacordo com os seus ensinamentos e os do Cristo, provava que não acreditavam no que pregavam, porque se tivessem acreditado firmemente na vida futura e nos castigos, teriam desprezado menos os interesses do Céu pelos da Terra.

Assim, tinham buscado todas as bases das instituições humanas na ordem das coisas materiais, acabando por reconhecer que faltava a essas instituições um sólido ponto de apoio, desde que

as que pareciam mais bem assentadas desabavam num dia de tempestade; que as leis repressivas mascaravam os vícios, mas não tornavam melhores os homens. Qual era este ponto de apoio? Eis a questão; mas buscavam, e alguns acabaram por crer que Deus bem podia estar para alguma coisa no Universo. Depois alguns espíritos fortes começaram a ter medo e, para não mais rir do futuro senão com os lábios, diziam: Pretendem que tudo acaba com a morte; mas, em última análise, o que sabem disso os que o afirmam? Afinal de contas, é apenas a sua opinião. Antes de Cristóvão Colombo também se acreditava que nada houvesse além do oceano. E se existisse, então, alguma coisa além do sepulcro? Seria interessante sabê-lo, porque, se houver algo, é preciso que todos passemos por isto, já que todos morreremos. Como se fica ali? Bem? Mal? A questão é importante e deve ser considerada. Mas se sobrevivemos, certamente não será o nosso corpo. Temos, assim, uma alma? Então a alma não seria uma quimera? Como será essa alma? de onde vem? para onde vai?

Daí uma vaga inquietação apoderou-se dos mais fanfarrões defronte da morte; trataram de procurar, de discutir; depois, reconhecendo que, fizessem o que fizessem, jamais estariam completamente bem na Terra, por vezes até muito mal, lançaram as vistas e as esperanças para o futuro. Todas as coisas extremas têm a sua reação, quando não estão na verdade; só a verdade é imutável. As idéias materialistas haviam chegado ao apogeu; então perceberam que não davam o que delas se esperava; que deixavam o vazio no coração; que abriam um abismo insondável, do qual recuavam com terror, como diante de um precipício; daí uma aspiração pelo desconhecido e, conseqüentemente, uma inevitável reação para as idéias espiritualistas, como única saída possível.

É tal reação que se manifesta desde alguns anos; mas o homem chegou a um dos pontos culminantes da inteligência. Ora, nessa idade em que a faculdade de compreender está adulta, não

mais pode ser conduzido como na infância ou na adolescência. O positivismo da vida lhe ensinou a procurar, dizemos mais, tornou-lhe necessário o porquê e o como de cada coisa, pois em nosso século matemático há necessidade de darmos conta de tudo, de tudo calcular, tudo medir, para saber onde pomos o pé. Até na abstração queremos a certeza, se não material, pelo menos moral; não basta dizer se uma coisa é boa ou má, quer-se saber porque o é, e se se tem ou não razão para prescrevê-la ou proibi-la; eis por que a fé cega não mais tem curso em nosso século raciocinador. Não se pede apenas que se tenha fé; desejam-na, hoje sentem sua sede, porque é uma necessidade; querem, porém, uma fé raciocinada. Discutir sua crença é uma exigência da época, à qual, bem ou mal, há que se resignar.

As idéias espiritualistas respondem bem às aspirações gerais, sendo preferidas ao cepticismo e à idéia do nada, porque se sabe, instintivamente, que estão certas, mas não satisfazem senão imperfeitamente, porque ainda deixam a alma na incerteza e são impotentes para dar, por si sós, a solução de uma multidão de problemas. O simples espiritualista está na posição de um homem que percebe o seu objetivo, mas ainda não sabe qual o caminho que a ele conduz e encontra escolhos no percurso. Eis por que, nestes últimos tempos, tão grande número de escritores e filósofos trataram de sondar esses misteriosos segredos, porque muitos sistemas foram criados visando a resolver inúmeros problemas que continuam sem solução. Sejam esses sistemas racionais, sejam absurdos, nem por isso deixam de testemunhar as tendências espiritualistas da época, das quais não mais se faz mistério, não se procura ocultar e das quais, ao contrário se gloriam, como outrora se gloriavam da sua incredulidade. Se nenhum desses sistemas chegou à verdade completa, é incontestável que vários se aproximaram ou afloraram, e que a discussão que se seguiu preparou o caminho, predispondo os espíritos para esse gênero de estudo.

Foi nestas circunstâncias, eminentemente favoráveis, que chegou o Espiritismo; mais cedo, ter-se-ia chocado contra o materialismo todo-poderoso; em tempo mais recuado, teria sido abafado pelo fanatismo cego. Ele se apresenta no momento em que o fanatismo, morto pela incredulidade que ele mesmo provocou, não mais lhe pode impor uma barreira séria e em que se está fatigado do vazio deixado pelo materialismo; no momento em que a reação espiritualista, provocada pelos próprios excessos do materialismo, se apodera de todos os espíritos, quando se está à procura das grandes soluções que interessam ao futuro da Humanidade. É, pois, neste momento que ele vem resolver esses problemas, não por hipóteses, mas por provas efetivas, dando ao Espiritismo o caráter positivo, único que convém à nossa época. Nele se encontra o que se busca e que não se encontrou alhures: eis por que o aceitam tão facilmente. Milhares de órgãos lhe abriram e continuam abrindo caminho, semeando pouco a pouco as idéias que ele professa. Não se deve crer que neste caso haja apenas obras sérias, lidas por um pequeno número de eruditos! Notai quanto, sob uma forma leve, a do romance ou do folhetim, abundam neste momento os pensamentos espíritas; por aí penetram em toda parte, mesmo nos que nele menos pensam. São outros tantos germes latentes que eclodem quando vier a grande luz, pois estarão familiarizados com as idéias novas.

Um dos princípios mais importantes do Espiritismo é, incontestavelmente, o da pluralidade das existências corpóreas, isto é, da reencarnação, que os cépticos confundem, por má-fé ou por ignorância, com o dogma da metempsicose. Sem este princípio nós nos chocamos com tantas dificuldades insolúveis na ordem moral e psicológica, que muitos filósofos modernos a ele foram conduzidos pela força do raciocínio, como a uma lei necessária da Natureza; tais são Charles Fourier, Jean Reynaud e muitos outros. Este princípio, hoje discutido abertamente por homens de grande valor, sem que, por isto, sejam espíritas, tem clara tendência a introduzir-se na filosofia moderna. Uma vez de posse dessa chave, a filosofia verá

abrir-se à sua frente horizontes novos e as dificuldades mais árduas serão aplainadas como que por encanto. Ora, ele não pode deixar de chegar a isto; para aí será conduzida pela força das coisas, porque a pluralidade das existências não é um sistema, mas uma lei da Natureza, que ressalta da evidência dos fatos.

Sem ser tão claramente formulado quanto em Fourier e Reynaud, nem apresentado como doutrina, o princípio da pluralidade das existências agora se acha numa porção de escritores e, daí, em todas as bocas, de modo que pode dizer-se que está na ordem do dia e tende a tomar lugar entre as crenças vulgares, embora, em muitas, preceda o conhecimento do Espiritismo. É uma conseqüência natural da reação espiritualista que se opera no momento, e à qual o Espiritismo vem dar um poderoso impulso. Para citações, teríamos dificuldade na escolha. Limitar-nos-emos à passagem seguinte, de um dos últimos romances da Sra. George Sand: *Mademoiselle de La Quintinie*, obra filosófica notável, posta no index pela cúria romana, bem como a *Revue des Deux Mondes*, que a publicou nos números de 1º e 15 de março, abril e maio de 1863. Trata-se de um sacerdote muito culpado, levado ao arrependimento, à reparação e à expiação terrestre pelos severos conselhos de um leigo que, entre outras coisas, lhe diz:

“Dizeis que passastes a idade das paixões!... Não, porque entraís na das vinganças e perseguições. Cuidado! Porém, seja qual for a vossa sorte entre nós, vereis claro um dia além da sepultura; e como não creio mais nos castigos sem-fim, do que nas provas sem fruto, eu vos anuncio que nós nos encontraremos num lugar qualquer, onde nos entenderemos melhor e nos amaremos, em vez de nos combatermos. Mas, também como vós, não creio na impunidade do mal e na eficácia do erro. *Creio que expiareis em outra existência o voluntário endurecimento do vosso coração, por meio de grandes dilacerações do sentimento.* No entanto, só vos cabe entrar na via direta da felicidade progressiva, pois estou certo de que tudo pode ser resgatado desde esta vida. A alma humana é dotada de

magníficas forças de arrependimento e de reabilitação. Isto não é contrário aos vossos dogmas, e vossa palavra de *contrição* diz muito.”

Num próximo artigo examinaremos a obra do Sr. Renan sobre a vida de Jesus e mostraremos que, apesar das aparências e sem que o autor o saiba, é ainda um produto da reação espiritualista. Por mais que o materialismo proclame o nada, em vão sacode o círculo da lógica e da consciência universal que o encerra; seus últimos gritos são abafados pela voz que lhe grita dos quatro cantos do mundo: “Temos uma alma imortal!” Mas a quem aproveitará a reação? É o que nos dirá um futuro não muito distante.

Enquanto se aguarda que falemos da obra do Sr. Renan, recomendamos com insistência aos nossos leitores uma pequena brochura, na qual a questão nos parece encarada de um ponto de vista muito racional, e que contém observações muito judiciosas sobre esta delicada questão. Seu título é: *Réflexions d'un orthodoxe de l'Église grecque sur la Vie de Jésus, par M. Renan.* (Didier et Cie. Preço, 50 centavos).

Enterro de um Espírita na Vala Comum

O Sr. Costeau, um de nossos irmãos em Espiritismo e membro da Sociedade de Paris, acaba de morrer. Foi enterrado em 12 de setembro de 1863 no cemitério de Montmartre. Era um homem de coração que o Espiritismo havia conduzido a Deus; sua fé no futuro era completa, sincera e profunda; era um simples calceteiro, que praticava a caridade por pensamento, palavras e obras, conforme seus minguados recursos, pois sempre achava meios de assistir os que tinham menos que ele.

Seria erro imaginar a Sociedade de Paris como uma reunião exclusivamente aristocrática, já que conta alguns proletários

em seu seio; ela acolhe todos os devotamentos à causa que sustenta, venham das altas ou das baixas camadas sociais; o grão-senhor e o artífice aí se dão as mãos fraternalmente. Há algum tempo, no casamento de um dos nossos colegas, também modesto trabalhador, estiveram presentes um alto dignitário estrangeiro e a princesa sua esposa, ambos membros da Sociedade, que não se haviam julgado diminuídos, vindo sentar-se lado a lado com os demais assistentes, embora o luxo da cerimônia, celebrada em obscura capela de opulenta paróquia, tivesse sido reduzida à sua expressão mais simples. É que o Espiritismo, sem sonhar com uma igualdade quimérica, sem confundir as classes, sem pretender fazer passar todos os homens para um mesmo nível social impossível, os faz apreciar do ponto de vista diverso do prisma fascinante do mundo. Ensina ele que o pequeno pode ter sido grande na Terra, que o grande pode tornar-se pequeno e que no reino celeste as posições terrenas não são levadas em conta. É assim que, destruindo logicamente os preconceitos sociais de casta e de cor, conduz à verdadeira fraternidade.

Nosso irmão Costeau era pobre; deixa uma viúva na pobreza e foi enterrado na vala comum, porta tão eficaz para conduzir ao céu quanto um suntuoso mausoléu. O Sr. d'Ambel, vice-presidente, e o Sr. Canu, secretário da Sociedade, presidiram ao cortejo fúnebre; ambos pronunciaram sobre a tumba palavras que causaram viva impressão na assistência e nos próprios coveiros, visivelmente comovidos, não obstante indiferentes a tais cerimônias. Eis a alocução do Sr. Canu:

“Caro irmão Costeau, há apenas alguns anos, muitos dentre nós – e confesso que eu era o primeiro – não teríamos visto ante este túmulo aberto senão o fim das misérias humanas e, depois, o nada, o terrível nada, isto é, nada de alma para merecer ou expiar e, conseqüentemente, nada de Deus para recompensar, castigar ou perdoar. Hoje, graças à nossa divina doutrina, aqui vemos o fim das provas, e para vós, caro irmão, cujos despojos

mortais restituímos à Terra, o triunfo de vossos labores e o começo da merecida recompensa pela vossa coragem, pela vossa resignação, pela vossa caridade, numa palavra, pelas vossas virtudes e, acima de tudo, vemos a glorificação de um Deus sábio, todopoderoso, justo e bom. Levai, pois, caro irmão, nossas ações de graças aos pés do Eterno, que se dignou dissipar à nossa volta as trevas do erro e da incredulidade, porque, ainda pouco tempo atrás, nesta circunstância, nós vos teríamos dito, com a fronte abatida e o coração desalentado: “Adeus, amigo, para sempre.” Hoje vos dizemos, com a fronte erguida e radiante de esperança, o coração cheio de coragem e amor: “Caro irmão, até mais ver; orai por nós.”

Alocução do Sr. d’Ambel:

“Senhoras, senhores e vós, caros colegas da Sociedade de Paris, é a segunda vez que conduzimos um de nossos companheiros à sua última morada. Aquele a quem vimos dizer adeus foi um desses obscuros lutadores que as dificuldades da vida sempre encontraram inquebrantável; apesar disso, a certeza absoluta por muito tempo lhe havia faltado. Assim, desde que o Espiritismo se lhe tornou conhecido, apressou-se em abraçar uma doutrina que lhe trazia a verdade, e cujos ensinamentos são tão próprios a consolar em suas provas os aflitos deste mundo. Modesto trabalhador, sempre cumpriu sua tarefa com a serenidade do justo; e a adversidade que o feriu tão cruelmente, sem que o soubéssemos, nos últimos dias de sua vida, abriu-lhe – ficai certos, todos que me ouvis – abriu-lhe uma carreira imediata de prosperidade e ventura.

“Ah! quanto lamento que nosso venerado mestre não esteja em Paris! Sua voz autorizada teria sido bem mais agradável que a minha ao irmão que perdemos e lhe teria prestado uma homenagem mais considerável que a que lhe pode prestar a minha obscuridade. Eu teria desejado dar aos funerais de nosso colega uma solenidade maior, mas fui prevenido muito tarde para

comunicar a todos os membros da Sociedade, presentes em Paris. Mas, por poucos que sejamos aqui, representamos a grande família espírita, que uma fé comum no futuro une de um extremo a outro do mundo; somos os delegados de vários milhões de adeptos, em cujo número vimos pedir, caro e lamentado colega, que contribuais, doravante, nos limites de vossas novas faculdades, para a propaganda de nossa magna doutrina que, em meio de vossas últimas e cruéis provas, vos sustentou tão energicamente. Ah! como disse tão eloqüentemente nosso caro presidente Allan Kardec nos funerais de nosso irmão Sanson, é que a fé espírita dá, nesses momentos supremos, uma força de que só se pode dar conta aquele que a possui, e esta fé o Sr. Costeau a possuía no mais alto grau.

“Caro Sr. Costeau, sabeis do vivo interesse que a Sociedade Espírita de Paris tinha por vós; ela lamentará sempre em vós um de seus membros mais assíduos, e é em seu nome, em nome de seu presidente, e em nome de vossa esposa e de vossa irmã inconsoláveis, que vos venho dizer, como nosso amigo Sr. Canu, não um adeus, mas um até logo, num mundo mais feliz. Que possais fruir, nesse onde agora vos achais, da felicidade que mereceis e vir nos estender a mão, quando chegar a nossa vez de nele entrar.

“Caros Espíritos do Srs. Jobard e Sanson, peço que acolhais o nosso colega Costeau e lhe faciliteis o acesso às vossas serenas regiões. Caros Espíritos, orai por ele, orai por nós. Assim seja.”

Após esta alocução, o Sr. d’Ambel pronunciou textualmente a prece pelos que acabam de morrer e que foi dita sobre o túmulo do Sr. Sanson (*Revista Espírita*, maio de 1862.)

O Sr. Vézy, um dos médiuns da Sociedade, cujo nome é conhecido dos nossos leitores pelas belas comunicações de Santo Agostinho, desceu à fossa e o Sr. d’Ambel fez em voz alta a

evocação do Sr. Costeau, que deu pelo Sr. Vézy a comunicação seguinte, cujos assistentes, inclusive os coveiros, ouviram a leitura com a *cabeça descoberta* e com profunda emoção. Realmente, era um espetáculo novo e comovente ouvir as palavras de um morto, colhidas no interior da própria tumba.

“Obrigado, meus amigos, obrigado. Minha sepultura ainda não está fechada e, no entanto, mais um segundo e a terra vai cobrir meus despojos. Mas, vós o sabeis, sob esta poeira minha alma não será enterrada: vai planar no espaço, para subir a Deus!

“Assim, como é consolador poder dizer ainda, malgrado o invólucro partido: “Oh! não, não estou morto! vivo a verdadeira vida, a vida eterna!”

“O enterro do pobre não é seguido por um grande número. Orgulhosas manifestações não ocorrem sobre o seu túmulo; e, contudo, amigos, crede-me, *a multidão imensa não falta aqui* e Espíritos bons seguiram convosco e com essas mulheres piedosas o corpo daquele que aqui está, deitado! Pelo menos todos acreditais e amais o bom Deus!

“Oh! certo que não! nós não morreremos porque o nosso corpo se aniquila, esposa bem-amada! Doravante estarei sempre ao teu lado, para te consolar e te ajudar a suportar a prova. A vida será rude para ti, mas, com a idéia da eternidade e do amor de Deus plenificando o teu coração, como te serão leves os sofrimentos!

“Parentes que amparais minha bem-amada companheira, amai-a, respeitai-a; sede para ela irmãos e irmãs. Não vos esqueçais de que na Terra todos vos deveis assistência, se quiserdes entrar na morada do Senhor.

“E vós, espíritas! irmãos amigos, obrigado por terdes vindo dizer-me adeus até esta morada de pó e de lama; mas sabeis, sabeis perfeitamente que minha alma vive para a imortalidade e que

irá algumas vezes vos pedir preces, que não me serão recusadas, para me ajudar a marchar nesta via magnífica que me abristes durante a vida.

“Adeus a todos que aqui estais; poderemos nos rever noutro lugar que não este túmulo. As almas me chamam ao seu encontro. Adeus! Orai pelos que sofrem. Até mais ver.”

Costeau

Depois de terminadas as últimas formalidades fúnebres, esses senhores foram fazer uma visita, no mesmo cemitério, ao túmulo de *Georges*, esse eminente Espírito que deu, por intermédio da Sra. Costel, as belas comunicações que os leitores muitas vezes têm admirado. Quando vivo o Sr. Georges era cunhado do Sr. d’Ambel. Lá, por intermédio do Sr. Vézy, recolheram as seguintes palavras:

“Embora não vivamos aqui (no local da inumação), gostamos de vir aqui, agradecer as preces que vindes fazer por nós e as flores que espalhais sobre os nossos túmulos.

“Como fizeram bem criando esse lugar de repouso e de prece! as almas podem conversar mais à vontade e melhor extravasam, nesses arroubos íntimos, os sentimentos que as animam: uma junto a um túmulo, a outra planando acima!

“Acabais de dizer adeus a um dos vossos amigos; agradeço por me não terdes esquecido. Eu estava convosco naquela multidão de Espíritos que se comprimiam junto ao túmulo que acabava de abrir-se e me sentia feliz ao ler em vossos corações a convicção e a fé. Misturei às vossas as minhas preces, e os Espíritos bem-aventurados as fizeram subir até Deus!

“A fé espírita, meus bons amigos, dará a volta ao mundo e acabará tornando sábios os loucos; penetrará até o

coração dos padres, que vistes há pouco sorrindo e vos causaram realmente uma dor... (alusão à maneira pela qual se realizou a cerimônia religiosa). O escândalo que fizeram sangrou os vossos corações, mas superastes a indignação pensando no bem que íeis espalhar na alma do vosso amigo. Ela está aqui, perto de mim e pede que vos agradeça em seu nome.

“Já vos disseram: o túmulo é a vida. Vinde algumas vezes à sombra do salgueiro, ao pé da cruz mortuária; em meio do silêncio, da calma, ouvireis uma harmonia divina; em meio às brisas escutareis os concertos de nossas almas, cantando Deus... a eternidade... depois alguns de nós se destacarão dos coros sagrados para vir instruir-vos sobre os vossos destinos. Aquilo que, até hoje, constituiu-se num mistério para vós, se desvendará pouco a pouco aos vossos olhos e podereis compreender o vosso começo e as vossas grandezas futuras.

“Marcai, pois, encontros aqui, vós que aspirais à sabedoria; aqui lereis as páginas da eternidade e o livro da vida estará sempre aberto para vós. Neste lugar calmo e de paz a voz do Espírito parece fazer-se ouvir melhor ao que quer instruir-se; toma proporções mágicas e sonoras e seus acentos penetram mais aquele sobre o qual ela quer agir.

“Trabalhai com zelo e fervor para a propaganda da idéia nova; eu vos ajudarei sem cessar; e se a tranquilidade da tumba amedrontar alguns, que saibam que os Espíritos bons se sentem felizes instruindo por toda parte.

“Adeus e obrigado! Como gostaria de poder comunicar ao mundo inteiro a fé de que estais repletos! mas, em verdade vos digo, o Espiritismo é a alavanca com a qual Arquimedes levantará o mundo!

“Algumas palavras a vós, meu irmão, particularmente, já que se apresenta a ocasião. Dizei à minha irmã que ame sempre

os deveres impostos por Deus, por mais pesados que sejam; dissei-lhe que ame a nossa mãe e me substitua junto a ela; dissei-lhe que vele por minha filha, sorria para o céu e encontre perfumes em todas as flores da Terra... A vós, meu irmão, aperto as duas mãos.”

Georges

De tudo isto resulta um duplo ensinamento. Poderia causar admiração que um Espírito tão vizinho da época da morte tenha podido exprimir-se com tanta lucidez; mas devemos lembrar que o Sr. Sanson foi evocado na câmara mortuária, antes de ser levado o corpo, e que deu, na ocasião, a bela comunicação que apareceu na *Revista*. Sua perturbação não durara senão algumas horas e, aliás, sabemos que o desprendimento é rápido nos Espíritos moralmente adiantados.

Por outro lado, por que o Sr. Vézy desceu à cova? Havia utilidade ou se tratava de simples encenação? Afastemos logo o segundo motivo, pois os espíritas sérios agem seriamente e religiosamente e não se prestam a exhibições; em tal momento teria sido uma profanação. Certamente a utilidade não era absoluta; aí é preciso ver um testemunho mais especial de simpatia, talvez em razão de o morto estar na vala comum. Aliás, sabe-se que o acesso a essas valas é mais fácil que o acesso às covas particulares, cuja entrada é estreita e o Sr. Vézy ali se achava mais comodamente para escrever.

Isto, entretanto, poderia ter sua razão de ser de um outro ponto de vista que, provavelmente, não veio à mente do Sr. Vézy. Sabe-se que a evocação facilita o desprendimento do Espírito e pode abreviar a duração da perturbação. Sabe-se, igualmente, que os laços que unem o Espírito ao corpo nem sempre são completamente partidos após a morte. Eis um notável exemplo:

Um rapaz tinha morrido acidentalmente de maneira muito infeliz. Sua vida tinha sido a de muitos jovens ricos,

desocupados, isto é, muito material. Comunicou-se espontaneamente por um médium de nosso conhecimento, que o tinha conhecido em vida, pedindo que o fossem evocar e orassem *em sua tumba*, para ajudar a romper os laços que o retinham ao corpo, do qual não conseguia desembaraçar-se. Evidentemente deve haver no caso uma ação magnética facilitada pela proximidade do corpo e aí talvez esteja uma causa que leva os amigos dos defuntos, instintivamente, a ir orar no local onde repousam seus corpos.

Inauguração do Retiro de Cempuis

Já falamos do retiro de Cempuis, perto de Grandvilliers, no Departamento do Oise, fundado pelo Sr. Prévost, membro da Sociedade Espírita de Paris. A construção está hoje terminada, bem como as instalações internas. Contíguo ao estabelecimento, embora formando uma construção isolada, há uma capela em estilo gótico, de aspecto monumental. A inauguração da capela ocorreu domingo, 19 de julho último, dia de São Vicente de Paulo, a quem é dedicada, numa cerimônia inteiramente consagrada à caridade, isto é, por uma distribuição de pão, vinho e carne aos pobres da paróquia. O Sr. Prévost pronunciou a respeito o discurso seguinte, que temos a satisfação de reproduzir:

“Senhores,

“Conheceis o motivo desta reunião; assim, não me estenderei sobre detalhes inúteis e que nada revelariam que já não saibais. A obra material está hoje praticamente realizada, graças à evidente proteção do Todo-Poderoso, que se dignou secundar os meus esforços. Estamos aqui em família, todos, e não o duvido, animados dos mesmos sentimentos por sua divina bondade. Unamo-nos, pois, num mesmo impulso de gratidão; oremos a ele, para que continue a nos assistir e a nos dar as luzes que nos faltam.

“Deus do Céu e da Terra, soberano senhor de todas as coisas, tem piedade de nossa fraqueza; eleva nossos corações para ti, a fim de que aprendamos a cumprir nossos deveres segundo tua vontade e para que todas as nossas ações estejam em consonância com a tua lei universal. Senhor, faze que nossa alma se encha de teu amor; que ela se deixe cativar pelo fogo sagrado da convicção e que prove sua fé por atos de verdadeira caridade. Todas as palavras, por melhores que sejam, se não forem seguidas de efeitos de benevolência para com as tuas criaturas, assemelham-se a uma bela árvore sem frutos.

“Ajuda-nos, pois, ó Poder Infinito, a superar os obstáculos que poderiam erguer-se ante os nossos passos e entrar o desejo de nos tornarmos úteis na missão para a qual nos escolheste; dá-nos a força necessária para a realizarmos com amor e sinceridade.

“Os bons socorros dados à velhice te são agradáveis, meu Deus, porque são atos de justiça; ela nos precedeu no caminho; o sulco que abriu foi regado com seu suor e nós lhe recolhemos os frutos. Hoje sua experiência é um campo já ceifado, mas onde ainda temos o que colher; é, pois, justo que recompensemos o seu sacrifício, assegurando-lhe o repouso após o trabalho. É um dever para nós, pois gostaríamos que o mesmo fosse feito conosco; mas para o realizar dignamente é-nos necessária a tua assistência, pois temos consciência da nossa fraqueza.

“É também em teu nome, Senhor, que aqui o órfão encontrará uma nova família; a criança abandonada crescerá entre nós ao suave calor do fogo divino com que favoreceste São Vicente de Paulo, a quem rogamos nos assistir, para que possamos realizar este ato mirados no seu exemplo.

“Espírito infinito, tudo está em ti, tudo é por ti, nada está fora de ti; os castigos, como as recompensas, nos vêm de tua

mão abençoada; conheces as nossas necessidades, somos teus filhos e nos entregamos à tua divina Providência.

“Os Espíritos bons que, sob o teu olhar paternal, presidem aos destinos da Terra, os anjos de guarda dos homens, mereceram tua confiança, Senhor; esperamos que, por ti, eles nos ajudem a conservar intacto o sublime código moral promulgado pelo Cristo, teu filho bem-amado. – Amai a Deus, disse-nos ele do alto da cruz, há dezoito séculos; amai-vos uns aos outros; amai o próximo como a vós mesmos; praticai a caridade para com todos e em todas as coisas. Eis a sua lei, Senhor, e essa lei é a tua; possa ela gravar-se em nossos corações e nos fazer ver irmãos em todos os nossos semelhantes, que, como nós, são teus filhos. Assim seja.”

“Meus amigos, meus irmãos, sigamos este grande exemplo, e tenhamos uma sincera fé em Deus; ele nos ajudará a suportar as conseqüências da má direção que o esquecimento dos deveres imprimiu à sociedade, em tempos já distantes de nós. Hoje muitas coisas entram na ordem prescrita pelo Criador; apesar do egoísmo que ainda domina um grande número, o amor fraterno é mais bem compreendido; os preconceitos de castas, de seitas e de nacionalidades se apagam pouco a pouco; a tolerância, uma das filhas da caridade evangélica, pouco a pouco faz desaparecerem os antagonismos que, por tanto tempo, têm dividido os filhos de um mesmo Deus; os sentimentos humanitários infiltram-se no coração das massas e já realizaram grandes coisas em diversos pontos da Terra. Na França, numerosas fábricas desativadas experimentaram recentemente os suaves efeitos deste amor do próximo. Esse arroubo para o sofrimento fala bem alto em favor de nosso país; é preciso ver aí a mão de Deus. É com alegria que vemos a primeira nação do mundo civilizado levar até as plagas mais longínquas os frutos desse amor da Humanidade, que só a verdadeira grandeza dá e que colheu no centro radiante da cruz, ajudada pelo luz do progresso, que obriga o homem a ser melhor para com o seu semelhante e a tornar-se melhor ele próprio.

“Espero, meus amigos, com o concurso de homens instruídos e benevolentes, formar depois uma biblioteca moral e instrutiva, anexa a este estabelecimento, onde cada um pode haurir os meios de se melhorar, tanto em relação ao espírito, quanto em relação ao coração.

“Agradeço-vos com toda sinceridade a todos vós, que acorrestes ao meu apelo, vindo oferecer, em comum, ações de graça à Divindade, em reconhecimento à inspiração por ela dada à fundação desta instituição.

“A partir de hoje, 19 de julho de 1863, esta capela, dedicada a São Vicente de Paulo, cuja suave e imortal imagem retrata em seus vitrais, lhe é publicamente consagrada por seu fundador, que, doravante, quer que ela seja considerada um lugar santo, um lugar de prece. Aqui Deus deve ser adorado e, perante o símbolo de seu amor pelos homens, ante essa venerável e grande figura do apóstolo da caridade cristã, devemos nos compenetrar de que o amor do próximo deve ser praticado por atos e deve estar no coração, e não nos lábios.

“Antes de nos separarmos, vamos repetir a oração dominical.

“Pai nosso, que estais no céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na Terra como no Céu. O pão nosso de cada dia dai-nos hoje. Perdoai as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores. Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Assim seja.”

Naquela ocasião o Sr. Prévost houve por bem remeter-nos, pessoalmente, a soma de 200 fr. para obras de beneficência, cujo emprego, infelizmente, não é difícil de encontrar.

A propósito do discurso acima, a Sociedade Espírita de Paris votou por unanimidade e por aclamação, a seguinte carta, que lhe foi dirigida:

“Senhor e mui caro colega,

“A Sociedade Espírita de Paris, da qual fazeis parte, ouviu com o mais vivo interesse a leitura do discurso que pronunciastes na inauguração da capela do retiro que fundastes em vossa propriedade de Cempuis. Tal discurso é a expressão dos nobres sentimentos que vos animam; é digno daquele que faz tão bom uso da fortuna adquirida pelo trabalho, e que não espera, para torná-la proveitosa aos infelizes, que a morte lha tenha tornado inútil, porque é em vida que vos impondes privações para fazer maior a vossa parte. A Sociedade sente-se honrada em contar entre os seus membros um adepto que faz uma aplicação tão cristã dos princípios da Doutrina Espírita; e decidiu, por unanimidade, vos transmitir oficialmente a expressão de sua viva e fraterna simpatia pela obra humanitária que empreendestes, e por vossa pessoa em particular.

“Recebei, etc.”

A fortuna do Sr. Prévost é inteiramente fruto de suas obras, o que lhe aumenta o mérito. Depois de ter sofrido o contragolpe das revoluções que lhe fizeram perder dinheiro, recuperou a fortuna por sua coragem e perseverança. Hoje, que chegou à idade do repouso, que poderia largamente dar-se ao luxo e aos prazeres da vida, contenta-se com o estritamente necessário e, ao contrário de muitos outros, não espera não precisar de mais nada para que seus irmãos em Jesus Cristo participem do seu supérfluo. Assim sua recompensa será bela e ele desfruta as primícias pelo prazer proporcionado pelo bem que faz.

Não obstante, aos olhos de certa gente o Sr. Prévost tem um grande defeito: ser espírita e professar a doutrina do

demônio. Seu discurso, porém, não é o de um ateu, nem mesmo de um deísta, mas de um cristão; sua própria moderação é uma prova de caridade, pois se absteve de maldizer o próximo e mesmo de fazer alusão aos que lhe impunham condições que a sua consciência não permitia aceitar.

Benfeitores Anônimos

O fato seguinte foi relatado pela *Patrie* do mês de abril último:

“O proprietário de uma casa na Rua du Cherche-Midi tinha permitido anteontem que o inquilino se mudasse sem saldar a conta, mediante reconhecimento da dívida. Mas enquanto carregavam os móveis o proprietário mudou de idéia e quis ser pago antes da retirada da mobília. O locatário se desesperava, sua esposa chorava e dois filhos em tenra idade imitavam a mãe. Um cavalheiro, condecorado com a Legião de Honra, passava no momento por aquela rua. Parou. Tocado por esse espetáculo desolador, aproximou-se do infeliz devedor e, tendo-se informado da quantia devida pelo aluguel, entregou-lhe duas cédulas e desapareceu, acompanhado pelas bênçãos daquela família, que salvava do desespero.”

No mês de julho, o jornal *L'Opinion du Midi*, de Nîmes, relatava outro caso do mesmo gênero:

“Acaba de passar-se um fato tão estranho, pelo mistério com que se realizou, quão tocante por seu objetivo e pela delicadeza do procedimento do seu autor.

“Há três dias anunciamos que um violento incêndio tinha consumido quase completamente a loja e as oficinas do Sr. Marteau, marceneiro em Nîmes. Contamos a dor desse infeliz em

presença de um sinistro que consumava sua ruína, pois o seguro que fizera era infinitamente inferior ao valor das mercadorias destruídas.

“Soubemos hoje que três carretas, contendo madeira de diversas qualidades e instrumentos de trabalho, foram levadas à frente da casa do Sr. Marteau e descarregadas em suas oficinas, semidevoradas pelas chamas.

“O responsável pela condução das carretas respondeu às interpelações de que era objeto, alegando a ignorância em que se achava, relativamente ao nome do doador, cuja vontade executava. Sustentou não conhecer a pessoa que o havia comissionado para transportar a madeira e as ferramentas à casa do Sr. Marteau, e nada saber fora dessa comissão. Retirou-se após ter descarregado as três viaturas.

“A alegria e a felicidade substituíram no Sr. Marteau o abatimento de que era impossível tirá-lo desde o dia do incêndio.

“Que o generoso desconhecido, que tão nobremente veio em socorro de um infortúnio que, sem ele, talvez tivesse sido irreparável, receba aqui os agradecimentos e as bênçãos de uma família que, desde hoje, lhe deve as mais doces consolações e, talvez, logo venha a lhe dever a prosperidade.”

O coração se tranqüiliza quando lemos fatos semelhantes que, de vez em quando, vêm fazer a contrapartida dos relatos de crimes e torpezas que os jornais estampam em suas colunas. Fatos como os acima relatados provam que a virtude não está inteiramente banida da Terra, como pensam certos pessimistas. Sem dúvida nela o mal ainda domina, mas quando se procura na sombra, percebe-se que, sob a erva daninha, há mais violetas, isto é, maior número de almas boas do que se pensa. Se elas surgem a intervalos tão espaçados, é que a verdadeira virtude não se põe em evidência, porque é humilde; contenta-se com os prazeres do

coração e a aprovação da consciência, ao passo que o vício se manifesta afrontosamente, em plena luz; faz barulho, porque é orgulhoso. O orgulho e a humildade são os dois pólos do coração humano: um atrai todo o bem; o outro, todo o mal; um tem calma; o outro, tempestade; a consciência é a bússola que indica a rota conducente a cada um deles.

O benfeitor anônimo, do mesmo modo que o que não espera a morte para dar aos que nada têm, é, incontestavelmente, o tipo do homem de bem por excelência; é a personificação da virtude modesta, aquela que não busca os aplausos dos homens. Fazer o bem sem ostentação é um sinal incontestável de grande superioridade moral, porque é preciso uma fé viva em Deus e no futuro, um alheamento da vida presente e uma identificação com a vida futura para esperar a aprovação de Deus, bem como renunciar à satisfação proporcionada pelo testemunho atual dos homens. O favorecido abençoa de coração a mão generosa e desconhecida que o socorreu, e essa bênção sobe ao céu muito mais que os aplausos da multidão. Aquele que leva em maior conta o sufrágio dos homens do que a aprovação de Deus mostra ter mais fé nos homens do que em Deus e que a vida presente tem mais valor que a vida futura. Se disser o contrário, age como se não acreditasse no que diz. Entre estes, quantos não fazem um favor senão com a esperança de que o favorecido venha proclamar o benefício do alto dos telhados! que em plena luz dão uma grande soma, mas na obscuridade não dariam uma simples moeda! Eis por que disse Jesus: “Os que fazem o bem com ostentação já receberam a sua recompensa.” Com efeito, àquele que busca a sua glorificação na Terra, Deus nada deve; só lhe resta receber o preço de seu orgulho.

Que relação tem isto com o Espiritismo? talvez perguntem certos críticos; quantos casos mais divertidos não contareis do que esta moral *enfadonha*? (*Jugement de la morale spirite*, do Sr. Figuier, IV vol., pág. 369). Tem relação à medida que o

Espiritismo, dando fé inabalável na bondade de Deus e na vida futura, graças a ele os homens que fizerem o bem pelo bem serão menos raros do que o são hoje; os jornais terão menos crimes e suicídios a registrar e mais atos da natureza dos que deram lugar a estas reflexões.

Espíritos Visitantes

FRANÇOIS FRANCKOWSKI

Certas pessoas imaginam que os Espíritos não vêm senão ao apelo que se lhes faz. É um erro do qual não comungam os que conhecem o Espiritismo, pois sabem que muitas vezes eles se apresentam espontaneamente, sem serem chamados, o que nos levou a dizer que mesmo que se proibisse a evocação dos Espíritos, não se poderia impedir que eles viessem. Mas, dirão, eles vêm porque praticais a mediunidade e porque chamais outros; se vos abstivésseis, não viriam. É outro grave erro e os fatos estão aí para provar quantas vezes os Espíritos se manifestaram pela visão, pela audição ou outra maneira qualquer, a pessoas que jamais tinham ouvido falar de Espiritismo. Não é, pois, contra os médiuns que se deveria lançar um mandado de interdição, mas contra os Espíritos, para que não se comuniquem, nem mesmo com a permissão de Deus.

Essas comunicações espontâneas têm um interesse muito mais surpreendente quando emanam de Espíritos que não são esperados nem conhecidos, e cuja identidade pode ser verificada mais tarde. Citamos um exemplo notável na história de Simon Louvet, contada na *Revista* de março de 1863. Eis outro fato não menos instrutivo, obtido por um médium de nosso conhecimento.

Apresenta-se um Espírito sob o nome de *François Franckowski* e dita o seguinte:

“O amor de Deus é o sentimento que resume todos os amores, todas as abnegações. O amor da pátria é um raio desse sublime sentimento. Pobre país meu! infeliz Polônia! quantas desgraças vieram abater-se sobre ti! quão terríveis são os crimes dos que se julgam civilizados e como serão castigados os infelizes que querem entravar a liberdade! Ó Deus! lança um olhar sobre este desgraçado país e faze graça aos que, inteiramente voltados à vingança, não pensam que tu os punirás do outro lado da vida. A Polônia é uma terra abençoada, porque dá origem a grandes devotamentos e nenhum de seus filhos é covarde. Deus ama os que esquecem de si mesmos para o bem de todos. É em recompensa do devotamento dos poloneses que ele fará a graça e seu jugo será quebrado. Morri vítima de nossos opressores, execrados por todos os nossos. Eu era jovem, tinha vinte e quatro anos; minha pobre mãe está morrendo de dor, por ter perdido tudo o que amava neste mundo: seu filho. Eu vos suplico, orai por ela, para que esqueça e perdoe o meu carrasco, pois sem esse perdão ela estará para sempre separada de mim... Pobre mãe! eu a revi apenas na manhã de minha morte e era tão horrível nos sentirmos separados!... Deus teve piedade de mim: eu não a abandono desde que pude me libertar do resto de vitalidade que ligava meu Espírito a meu corpo... Venho a vós porque sei que orareis por *ela*; ela que é tão boa, geralmente tão resignada e, no entanto, tão revoltada contra Deus desde que não estou mais lá!... É preciso que ela perdoe. Orai para que esse sublime perdão de uma mãe ao carrasco de seu filho venha acabar uma vida tão gloriosamente começada. Adeus! Orareis, pois não?”

François Franckowski

O médium jamais tinha ouvido falar de tal pessoa e julgava que talvez tivesse sido alvo de uma mistificação, quando, alguns dias depois, recebeu diversas peças de linho que tinha encomendado, enroladas num pedaço do *Petit Journal* de 7 de julho último. Maquinalmente o percorreu e, sob a rubrica de *Execuições capitais*, leu um artigo que começava assim:

“Encontramos curiosos detalhes sobre a execução de um jovem polonês, prisioneiro dos russos. Franckowsky era um rapaz de vinte e quatro anos. Ainda tem pais, que, inclusive tinham recebido licença para o visitar na prisão. Como não tinha sido pego de armas na mão, foi condenado à força pelo conselho de guerra. Assisti à execução e não posso pensar sem emoção nesse acontecimento terrível...”

Segue-se o relato detalhado da execução e dos últimos momentos da vítima, morta com a coragem do heroísmo.

Aos que negam as manifestações – e seu número diminui a cada dia – aos que atribuem as comunicações mediúnicas à imaginação, ao reflexo do pensamento, mesmo inconsciente, perguntamos donde podia vir ao médium a intuição do nome de Franckowsky, a idade de vinte e quatro anos, a mãe vindo ver o filho na prisão, do fato, numa palavra, que desconhecia de modo absoluto e do qual até duvidava, e cuja confirmação foi encontrar num pedaço de jornal que enrolava um pacote? E que o fragmento de jornal fosse exatamente o que contém o relato? Direis: “Sim, foi o acaso.” Que o seja, para vós, que não vedes em tudo senão o acaso; mas, e o resto?

Aos que pretendam proibir as comunicações sob o pretexto de que procedem do diabo, ou qualquer outro, perguntamos se existe algo de mais belo, mais nobre, mais evangélico que a alma desse filho que perdoa ao seu carrasco, que suplica à sua mãe que também o perdoe, que dá esse perdão como condição de salvação! E por que vem ele a esse médium, que não conhecia, mas a quem, mais tarde, dá irresistível prova de identidade? Para lhe pedir que ore, a fim de que sua mãe perdoe. E dizeis que isto é linguagem do demônio? Ah! como seria bom se todos os que falassem em nome de Deus o fizessem do mesmo modo! Tocariam mais corações do que com anátemas e maldições.

Proibição de Evocar os Mortos

Alguns membros da Igreja apóiam-se na proibição de Moisés para proscrever as comunicações com os Espíritos; mas se sua lei deve ser rigorosamente observada neste ponto, deve sê-lo igualmente sobre os demais. Por que seria boa em relação às evocações e má em outras partes? É preciso ser conseqüente; se, para certas coisas, reconhece-se que sua lei já não se harmoniza com os nossos costumes e a nossa época, não há razão para que não se dê o mesmo com a proibição das evocações. Aliás, é necessário nos reportarmos aos motivos que os levaram a fazer tal proibição, motivos que, então, tinham uma razão de ser, mas que, seguramente, hoje não mais subsistem. Quanto à pena de morte infringida a quem desrespeitasse essa proibição, forçoso é reconhecer que nisto Moisés era muito pródigo e que, na sua legislação draconiana, a severidade do castigo nem sempre era um indício da gravidade da falta. O povo hebreu era turbulento, difícil de conduzir e não podia ser domado senão pelo terror. Por outro lado, Moisés não tinha grande escolha nos seus meios de repressão; não dispunha de prisões, nem de casas de correção e seu povo não era passível de sofrer o medo de penas puramente morais; assim, ele não podia graduar sua penalidade como se faz nos nossos dias. Ora, por respeito à sua lei, seria preciso manter a pena de morte para todos os casos em que a aplicava? Aliás, por que ressuscitam esse artigo com tanta insistência, enquanto guardam silêncio sobre o começo do capítulo que proíbe aos sacerdotes a posse dos bens da Terra e de ter parte em qualquer herança, porque o próprio Senhor é a sua herança? (Deuteronomio, cap. XVIII).

Há duas partes distintas na lei de Moisés: a lei de Deus propriamente dita, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, apropriada aos costumes e ao caráter do povo; uma é invariável, a outra se modifica com o tempo.

A ninguém pode vir à mente que possamos ser governados pelos mesmos meios que os hebreus no deserto, assim como a legislação da Idade Média não poderia aplicar-se à França do século dezanove. Quem pensaria, por exemplo, em ressuscitar hoje este artigo da lei mosaica: “Se um boi fere com o chifre a um homem ou a uma mulher, e a pessoa morrer, o boi será lapidado sem remissão, ninguém comerá sua carne e seu dono será absolvido.” Ora, que diz Deus em seus mandamentos? “Não terás outro Deus senão eu; não tomarás o nome de Deus em vão; honra teu pai e tua mãe; não matarás; não cometerás adultério; não roubarás; não dirás falso testemunho; não cobiçarás os bens de teu próximo.” Eis uma lei que é de todos os tempos e de todos os países, e que, por isto mesmo, tem caráter divino; mas não trata da proibição de evocar os mortos, donde forçoso é concluir que tal proibição era simples medida disciplinar e circunstancial.

Mas Jesus não veio modificar a lei mosaica, e sua lei não é o código dos cristãos? Não disse ele: “Ouvistes o que foi dito aos Antigos tal ou qual coisa; eu, porém, vos digo outra coisa?” Ora, em parte alguma do Evangelho se faz menção da proibição de evocar os mortos; é um ponto muito grave para que o Cristo o tivesse omitido em suas instruções, embora tenha tratado de questões de ordem bem mais secundária. Ou se deve pensar, como um eclesiástico a quem tal objeção foi feita, que “Jesus se esqueceu de falar nisso?”

Como o pretexto da proibição de Moisés é inadmissível, eles se apóiam na desculpa de que a evocação é uma falta de respeito aos mortos, cujas cinzas não devem ser perturbadas. Quando essa evocação é feita religiosamente e com recolhimento, não se pode falar em desrespeito; mas há uma resposta peremptória a dar a tal objeção: é que os Espíritos vêm de boa vontade quando chamados e, mesmo, espontaneamente, sem serem chamados; manifestam satisfação por se comunicarem com os homens e freqüentemente se queixam do esquecimento em que

por vezes são deixados. Se fossem perturbados em sua quietude ou ficassem descontentes com o nosso apelo, eles o diriam ou não viriam. Se vêm, é porque isto lhes convém, pois não sabemos de ninguém que tenha o poder de constranger os Espíritos, seres impalpáveis, a se incomodarem, caso não o queiram, já que não os podemos prender ao corpo.

Alegam outra razão: as almas, dizem, estão no inferno ou no paraíso. As que estão no inferno dali não podem sair; as que estão no paraíso conservam-se em inteira beatitude e muito acima dos mortais para se ocuparem com eles. Resta as que estão no purgatório; mas estas são sofredoras e devem pensar antes de tudo em sua salvação. Portanto, se nenhuma delas pode vir, somente o diabo vem em seu lugar. No primeiro caso seria muito racional supor que o demônio, autor e instigador da primeira revolta contra Deus, em perpétua rebelião e não experimentando arrependimento nem pesar pelo que faz, fosse mais rigorosamente punido do que as pobres almas por ele arrastadas ao mal e que, muitas vezes, são apenas culpadas de uma falta temporária que lhes causam amargos remorsos. Longe disso: é exatamente o contrário que acontece. Essas almas infelizes são condenadas a sofrimentos atrozes, sem trégua nem mercê por toda a eternidade, sem um só instante de alívio e, durante esse tempo, o diabo, autor de todo o mal, goza de plena liberdade, corre o mundo recrutando vítimas, toma todas as formas, se permite todas as alegrias, faz traquinices, diverte-se até mesmo em interromper o curso das leis de Deus, já que pode fazer milagres. Na verdade, restaria às almas culpadas invejar a sorte do diabo. E Deus o deixa agir, sem nada dizer, sem lhe opor nenhum freio, sem permitir aos Espíritos bons que ao menos venham contrabalançar suas ações criminosas! De boa-fé, isto é lógico? e os que professam tal doutrina podem jurar, com a mão na consciência, que a poriam no fogo para sustentar que é a verdade?

O segundo caso também levanta uma dificuldade muito grande. Se as almas que estão na beatitude não podem deixar sua

venturosa morada para vir socorrer os mortais – o que, diga-se de passagem, seria uma felicidade muito egoísta – por que invoca a Igreja a assistência dos santos, que devem gozar da maior soma possível de beatitude? Por que diz ela aos fiéis que os invoquem nas doenças, nas aflições e para se preservarem dos flagelos? Por que, segundo ela, os santos, a própria Virgem, vêm mostrar-se aos homens e fazer milagres? Então eles deixam o Céu para vir à Terra? Se o podem deixar, por que outros não o poderiam?

Como os motivos alegados para justificar a proibição de se comunicar com os Espíritos não suportam um exame sério, é preciso que haja outro, não confessado. Este motivo bem poderia ser o temor de que os Espíritos, muito clarividentes, viessem esclarecer os homens sobre certos pontos e lhes dar a conhecer exatamente como se passam as coisas no outro mundo e as verdadeiras condições para ser feliz ou infeliz. Eis por que se diz a uma criança: “Não vá lá; existe um lobisomem”; e se diz aos homens: “Não chameis os Espíritos; são diabos.” Providência inútil, porquanto, mesmo que se proíba os homens de chamar os Espíritos, não se impedirá que os Espíritos venham aos homens, tirar a lâmpada de debaixo do alqueire.

Dissertações Espíritas

É PERMITIDO EVOCAR OS MORTOS, JÁ QUE MOISÉS O PROIBIU?

(Bordeaux – Médium: Sra. Collignon)

Nota – Esta comunicação foi dada num grupo espírita de Bordeaux, em resposta à pergunta acima. Antes de a conhecer, tínhamos feito o artigo precedente, sobre o mesmo assunto. A despeito disto, nós a publicamos, precisamente por causa da concordância das idéias. Muitas outras, em diversos lugares, foram obtidas no mesmo sentido, o que prova a concordância dos Espíritos a este respeito. Esta objeção cairá por si mesma, visto não ser mais sustentável do que as demais que se opõem às relações com os Espíritos.

Será o homem tão perfeito que julgue inútil medir suas forças? e sua inteligência tão desenvolvida que possa suportar toda a luz?

Quando Moisés trouxe aos hebreus uma lei que os pudesse tirar do estado de escravidão em que viviam e neles reavivar a lembrança de Deus, que haviam esquecido, viu-se obrigado a lhes graduar a luz de acordo com a sua vista, e a ciência conforme sua capacidade de entendimento.

Por que também não perguntais: Por que Jesus se permitiu refazer a lei? Por que disse: “Moisés vos disse: Olho por olho, dente por dente; eu, porém, vos digo: Fazei o bem aos que vós querem mal; bendizei os que vos amaldiçoam, perdoai os que vos perseguem?”

Por que disse Jesus: “Moisés disse: Aquele que quiser deixar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. Eu, porém, vos digo: Não separeis o que Deus uniu?”

Por quê? É que Jesus falava a Espíritos mais adiantados do que na encarnação em que se encontravam ao tempo de Moisés. É que é preciso adaptar a lição à inteligência do aluno. É que vós, que perguntais, que duvidais, ainda não chegastes ao ponto em que deveis estar e ainda não sabeis o que sereis um dia.

Por quê? Então perguntai a Deus por que criou a erva do campo, da qual o homem civilizado da Terra chegou a fazer seu alimento? por que fez árvores que só deveriam crescer em certos climas, em certas latitudes e que o homem conseguiu aclimatar por toda parte?

Moisés disse aos hebreus: “*Não evoqueis os mortos!*” como se diz às crianças: “*Não toqueis no fogo!*”

Não foi a evocação entre os egípcios, os caldeus, os moabitas e todos os povos da antiguidade que, pouco a pouco, tinha degenerado em idolatria? Eles não tiveram força de suportar a ciência e se queimaram; mas quis o Senhor preservar alguns homens, a fim de que pudessem servir e perpetuar seu nome e sua fé.

Os homens eram pervertidos e predispostos às evocações perigosos. Moisés preveniu o mal. O progresso deveria ser feito entre os Espíritos, como entre os homens; mas a evocação ficou conhecida e praticada pelos príncipes da Igreja. A vaidade e o orgulho são tão velhos quanto a Humanidade; assim, os chefes da sinagoga usavam a evocação e, muitas vezes, a usavam mal; por isso, muitas vezes se abateu sobre eles a cólera do Senhor.

Eis por que disse Moisés: “Não evocai os mortos.” Mas a própria proibição provava que a evocação era usual entre o povo e era ao povo que ele a proibia.

Deixai, pois, falar, os que perguntam por quê? Abri-lhes a história do globo, que cobrem com seus passos miúdos, e perguntai-lhes por que, depois de tantos séculos acumulados, patinam tanto e avançam tão pouco? É que sua inteligência não está bastante desenvolvida; é que a rotina os constringe; é que querem fechar os olhos, apesar dos esforços feitos para lhes abrir.

Perguntai-lhes por que Deus é Deus? Por que o Sol os ilumina?

Que estudem, que busquem, e na história da antiguidade verão por que Deus quis que tal conhecimento em parte desaparecesse, a fim de renascer com mais brilho, na época em que os Espíritos encarregados de o trazer tivessem mais força e não falhassem sob o seu peso.

Não vos inquieteis, meus amigos, com perguntas ociosas e objeções sem motivo que vos fazem. Fazei sempre o que acabais de fazer: perguntai e responderemos com prazer. A ciência é de quem a busca e surge para se mostrar a quem a procura. A luz ilumina os que abrem os olhos, mas as trevas se condensam para os que os querem fechar. Não é aos que perguntam que se deve recusar, mas aos que fazem objeções com o único objetivo de extinguir a luz ou porque não ousam encará-la. Coragem, meus amigos, estamos prontos para vos responder todas as vezes que isto se tornar necessário.

Simeão, por Mathieu

OS FALSOS DEVOTOS

(Reunião particular, 10 de março de 1863 – Médiun: Sra. Costel)

Minha lembrança acaba de ser evocada por meu retrato e meus versos. Duas vezes tocada em minha vaidade feminina e em meu amor-próprio, venho agradecer a vossa benevolência, esboçando em largos traços a silhueta dos falsos devotos, que são para a religião o que é para a sociedade a mulher pseudo-honesta. O assunto entra no âmbito de meus estudos literários, do qual *Lady Tartufe* exprimia uma nuance.

Os falsos devotos se consagram às aparências e traem a verdade; têm o coração seco e os olhos úmidos, a bolsa fechada e a mão aberta; falam de bom grado ao próximo, criticando-lhe as ações de maneira afetada, isto é, exagerando o mal e subestimando o mérito. Muito voltados à conquista dos bens materiais ou mundanos, agarram-se a tesouros imaginários, que a morte dispersa, e negligenciam os verdadeiros bens, que servem ao fim do homem e são a riqueza da eternidade. Os hipócritas da devoção são os répteis da natureza moral; vis, baixos, evitam as faltas castigadas pela vindita pública e na sombra cometem atos sinistros. Quantas famílias desunidas, espoliadas! quantas confianças traídas! quantas lágrimas e, mesmo, quanto sangue!...

A comédia é o inverso da tragédia. Atrás do celerado marcha o bufão, e os falsos devotos têm por acólitos seres ineptos, que só agem por imitação: à maneira dos espelhos, refletem a fisionomia de seus vizinhos. Tomam-se a sério, enganam-se a si próprios, a timidez os faz zombar daquilo em que não acreditam, exaltam o que duvidam, comungam com ostentação e acendem às escondidas pequenas velas, às quais atribuem muito mais virtude do que à santa hóstia.

Os falsos devotos são os verdadeiros ateus da virtude, da esperança, da Natureza e de Deus; negam o verdadeiro e afirmam o falso. A morte, todavia, os levará lambuzados de cosméticos e cobertos de ouropéis, que os disfarçam, e os lançará ofegantes em plena luz.

Delphine de Girardin

LONGEVIDADE DOS PATRIARCAS

(Sociedade Espírita de Paris, 11 de julho de 1862 – Médiun: Sr. A. Didier)

Que vos importa a idade dos patriarcas em geral, e a de Matusalém em particular? A Natureza, sabeí-o bem, jamais teve contra-senso e irregularidades; e se a máquina humana algumas vezes variou, jamais rechaçou por tanto tempo a destruição material: a morte. Como já vos disse, a Bíblia é um magnífico poema oriental, onde as paixões humanas são divinizadas, como as paixões que os gregos idealizavam, a exemplo das grandes colônias da Ásia Menor. Não há razão para associar concisão com a ênfase, clareza com difusão, a frieza do raciocínio e da lógica moderna com a exaltação oriental. Os querubins da Bíblia tinham seis asas, como o sabeis: quase monstros! O Deus dos judeus banhava-se em sangue; sabeis e quereis que os vossos anjos sejam os mesmos anjos e que o vosso Deus, soberanamente justo e bom, seja o mesmo Deus? Não alieis, pois, vossa análise poética moderna com a poesia mentirosa dos antigos judeus ou pagãos. A idade dos patriarcas é

uma figura moral, e não uma realidade; a autoridade, a lembrança desses grandes nomes, desses verdadeiros pastores de povos, enriquecidos de mistérios e de lendas que faziam irradiar em torno deles, existiam entre esses nômades supersticiosos e idólatras das lembranças. É provável que Matusalém tenha vivido muito tempo no coração de seus descendentes. Notai que na poesia oriental toda idéia moral é incorporada, encarnada, revestida de uma forma brilhante, radiante, esplêndida, contrariamente à poesia moderna, que desencarna, que rompe o envoltório para deixar escapar a idéia até o céu. A poesia moderna não só é expressa pelo brilho e pela cor da imagem, mas, também, pelo desenho firme e correto da lógica, numa palavra, pela idéia. Como quereis associar esses dois grandes princípios tão contrários? Quando lerdes a Bíblia sob as luzes do Oriente, em meio às imagens douradas, aos horizontes intermináveis e difusos dos desertos, das estepes, fazei correr a eletricidade que atravessa todos os abismos, todas as trevas, isto é, servi-vos da vossa razão e julgai sempre a diferença do tempo, das formas e das compreensões.

Lamennais

A VOZ DE DEUS

(Sociedade Espírita de Paris, 11 de julho de 1862
– Médium: Sr. Flammarion)

Ouvistes o ruído confuso do mar, retumbando quando o vento norte infla as ondas e elas se quebram, rugindo suas lâminas de prata sobre a praia? Ouvistes o fragor sonoro do raio nas nuvens sombrias ou o murmúrio da floresta ao sopro do vento do entardecer? Ouvistes nos recônditos da alma essa múltipla harmonia, que não fala aos sentidos senão para os atravessar e chegar até o ser pensante e amante? Se, pois, nem ouvistes nem compreendestes estas mudas palavras, não sois filhos da revelação e ainda não credes. A esses direi: “Saí da cidade nessa hora silenciosa, em que os raios estrelados descem do céu e, colhendo

em vós mesmos os pensamentos íntimos, contemplai o espetáculo que vos cerca e chegareis antes da aurora a partilhar a fé dos vossos irmãos.” Aos que já crêem na grande voz da Natureza, direi: “Filhos da nova aliança, é a voz do Criador e do conservador dos seres que fala no tumulto das ondas, no ribombar do trovão; é a voz de Deus que fala no sopro dos ventos. Amigos, escutai ainda, escutai algumas vezes, escutai muito tempo, escutai sempre, e o Senhor vos receberá de braços abertos.” Ó vós, que já ouvistes a sua potente voz aqui na Terra, vós a compreendereis melhor no outro mundo.

Galileu

O LIVRE-ARBÍTRIO E A PRESCIÊNCIA DIVINA

(Thionville, 5 de janeiro de 1863 – Médiun: Dr. R...)

Há uma grande lei que domina todo o Universo: a lei do Progresso. É em virtude dessa lei que o homem, criatura essencialmente imperfeita, deve, como tudo quanto existe em nosso globo, percorrer todas as fases que o separam da perfeição. Sem dúvida Deus sabe quanto tempo cada um levará para chegar ao fim; mas como todo progresso deve resultar de esforço tentado para o realizar, não haveria nenhum mérito se o homem não tivesse a liberdade de tomar este ou aquele caminho. Com efeito, o verdadeiro mérito não pode resultar senão de um trabalho operado pelo Espírito para vencer uma resistência mais ou menos considerável.

Como cada um ignora o número de existências consagradas ao seu adiantamento moral, ninguém pode prejudicar nesta grande questão, e é aí, sobretudo, que brilha de maneira admirável a infinita bondade de nosso Pai celeste que, nada obstante o livre-arbítrio que nos conferiu, semeou em nosso caminho postes indicadores que iluminam os desvios. É, pois, por um resquício de predominância de matéria que muitos homens se

obstinam em ficar surdos às advertências que lhes chegam de todos os lados, preferindo gastar em prazeres enganadores e efêmeros uma vida que lhes fora concedida para o progresso de seu Espírito.

Não se poderia afirmar, sem blasfêmia, que Deus tenha querido a infelicidade de suas criaturas, já que os infelizes expiam sempre, tanto numa vida anterior mal empregada, quanto por sua recusa em seguir o bom caminho, quando este lhe era claramente indicado.

Assim, depende de cada um abreviar a prova que deve sofrer. Para isto, guias seguros, bastante numerosos, lhe são concedidos, para que seja inteiramente responsável por sua recusa de seguir seus conselhos; e ainda neste caso, existe um meio certo de abrandar uma punição merecida, dando sinais de sincero arrependimento e recorrendo à prece, que jamais deixa de ser atendida, quando feita com fervor. O livre-arbítrio, pois, existe realmente no homem, mas com um guia: a consciência.

Vós todos que tendes acesso ao grande foco da nova ciência, não negligencieis de vos penetrar das eloqüentes verdades que ela vos revela, e dos admiráveis princípios que são a sua consequência; segui-os fielmente: é aí, sobretudo, que refulge o vosso livre-arbítrio.

Pensai, por um lado, nas consequências fatais que arrastareis para vós ao vos recusardes a seguir o bom caminho, bem como nas magníficas recompensas que vos aguardam, caso obedeçais às instruções dos Espíritos bons; é aí que luzirá, por sua vez, a presciência divina.

Os homens se esforçam inutilmente em buscar a verdade por todos os meios que julgam ter na Ciência; esta verdade que lhes parece escapar caminha sempre ao seu lado e os cegos não a percebem!

Espíritos sábios de todos os países, aos quais é dado levantar a ponta do véu, não negligenciéis os meios que vos são oferecidos pela Providência! Provocai nossas manifestações; fazei que delas se aproveitem sobretudo vossos irmãos menos favorecidos que vós; inculcai em todos os preceitos que vos chegam do mundo espiritual, e tereis bem merecido, porque havereis contribuído em larga escala para a realização dos desígnios da Providência.

Espírito familiar

O PANTEÍSMO

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sra. Costel)

O panteísmo, ou a encarnação do Espírito na matéria, da idéia na forma, é o primeiro passo do paganismo para a lei do amor, que foi revelada e pregada por Jesus. A Antiguidade, ávida de prazeres, enamorada da beleza exterior, quase não olhava além do que via; sensual, ardente, ignorava as melancolias que nascem da dúvida inquieta e das ternuras recalcadas; temia os deuses, cuja imagem suavizada colocava nos lares de suas residências; a escravidão e a guerra a roíam por dentro e a esgotavam por fora; em vão a Natureza sonora e magnífica convidava os homens a lhe compreender o esplendor; temiam-na ou a adoravam, como aos deuses. Os bosques sagrados participavam do terror dos oráculos, e nenhum mortal separava os benefícios de sua solidão das idéias religiosas que faziam palpitante a árvore e fremir a pedra.

O panteísmo tem duas faces, sob as quais convém estudá-lo. Primeiro, a separação infinita da natureza divina, fragmentada em todas as partes da Criação e se encontrando nos mais ínfimos detalhes, assim como na sua magnificência, isto é, uma confusão flagrante entre a obra e o obreiro. Em segundo lugar, a assimilação da Humanidade ou, antes, sua absorção na matéria. O panteísmo antigo encarnava as divindades; o moderno panteísmo

assimila o homem ao reino animal e faz surgirem as moléculas criadoras da ardente fornalha onde se elabora a vegetação, confundindo, assim, os resultados com o princípio.

Deus é a ordem, que a confusão humana não poderia perturbar. Tudo vem a propósito: a seiva às árvores e o pensamento aos cérebros; nenhuma idéia, filha do tempo, é abandonada ao acaso; ela tem sua fileira, um estreito parentesco que lhe dá a razão de ser, a liga ao passado e a exorta ao futuro. A história das crenças religiosas é a prova dessa verdade absoluta; nenhuma idolatria, nenhum sistema, nenhum fanatismo que não tenha tido sua poderosa e imperiosa razão de existir; todos avançavam para a luz, todos convergiam para o mesmo objetivo e todos virão confundir-se, como as águas dos rios longínquos, no vasto e profundo mar da unidade espírita.

Assim o panteísmo, precursor do catolicismo, trazia em si o germe da universalidade de Deus; inspirava aos homens a fraternidade para com a Natureza, essa fraternidade que Jesus lhes devia ensinar a praticar uns para com os outros; fraternidade sagrada, consolidada hoje pelo Espiritismo, que vitoriosamente estabelece comunicação entre os seres terrestres e o mundo espiritual.

Em verdade vos digo: a lei de amor expõe lentamente, e de maneira contínua, suas aspirais infinitas; é ela que, nos ritos misteriosos das religiões indianas, diviniza o animal, sagrando-o por sua fraqueza e por seus humildes serviços; é ela que povoava de deuses familiares os lares purificados; é ela que, em cada uma das crenças diversas, faz com que as gerações soletrem uma palavra do alfabeto divino. Mas somente a Jesus estava reservado proclamar a idéia universal que as resume todas. O salvador anunciou o amor e o tornou mais forte que a morte. Ele disse aos homens: “Amai-vos uns aos outros; amai-vos na dor, na alegria, no opróbrio; amai a Natureza, vossa primeira iniciadora; amai os animais, vossos humildes companheiros; amai o que começa, amai o que acaba.”

O Verbo do Eterno chama-se amor e abarca, numa inextinguível ternura, a Terra onde passais e os céus onde entrareis, purificados e triunfantes.

Lázaro

Notas Bibliográficas

O ESPIRITISMO RACIONAL

Pelo Sr. G.-H. Love, engenheiro³²

Este trabalho notável e consciencioso é obra de um distinto cientista, que se propôs tirar da própria Ciência e da observação dos fatos a demonstração da realidade das idéias espiritualistas. É uma peça adicional em apoio da tese que sustentamos acima. Mais ainda, porque é um primeiro passo, quase oficial, da Ciência, na via espírita; aliás, logo será seguido, e disto temos certeza, por outras adesões ainda mais retumbantes, que levarão os negadores e os adversários de todas as escolas a refletirem seriamente. Bastará citar o trecho seguinte para mostrar em que espírito é a obra concebida. Acha-se à página 331.

“Vê-se – e é indubitavelmente um sinal dos tempos – a seita espiritista, que já tive ocasião de mencionar, no § 15, tomar uma rápida expansão entre pessoas de todas as classes e das mais esclarecidas, sem contar o lamentável e saudosos Jobard, de Bruxelas, que se havia tornado um dos mais atentos campeões da nova doutrina.

“É fato que, examinando esta doutrina, seja mesmo na pequena brochura do Sr. Allan Kardec, *O que é o Espiritismo?* impossível é não notar o quanto é clara sua moral, homogênea, conseqüente consigo mesma, quanta satisfação dá ao espírito e ao coração. Ainda que lhe tirassem a realidade das comunicações com

32 Um volume in-12. 3 fr. 50 c., livreria Didier.

o mundo invisível, restar-lhe-ia sempre isto, e é muito, é o bastante para provocar numerosas adesões e explicar seu sucesso sempre crescente. Quanto às comunicações com o mundo invisível, creio ter demonstrado cientificamente que não só eram possíveis, mas deveriam ocorrer todos os dias durante o sono. A inspiração em vigília, cuja autenticidade ou natureza, de acordo com o que eu disse, é impossível pôr em dúvida, é, aliás, uma comunicação deste gênero, embora possa haver casos em que não seja senão o resultado de um maior grau de atividade do Espírito. Agora, que se constata que a comunicação se traduz por noções estranhas ao médium que as recebe, nada vejo aí que não seja eminentemente provável; em todo o caso, é uma questão que pode ser resolvida na ausência dos sábios, que cada médium, que tem a medida de seus conhecimentos no estado normal, e as pessoas de sua família e de seu convívio podem julgar melhor que ninguém, de tal sorte que se o Espiritismo todos os dias faz prosélitos fora da questão moral, é que aparentemente produz bastante médiuns para fornecer a prova de seu estado particular a quem quer que os deseje examinar sem idéias preconcebidas.

“A moral, tal qual a compreendo e a deduzi de noções científicas – não temo reconhecê-lo – tem numerosos pontos de contato com aquela transmitida pelos médiuns do Sr. Allan Kardec; também não estou longe de admitir que se nas páginas por eles escritas muitas há que não ultrapassam o alcance ordinário do espírito humano, inclusive o deles, deve havê-las, e as há, de um alcance tal que lhes seria impossível escrever outras idênticas nos seus momentos ordinários. Tudo isto não me leva menos a desejar que uma doutrina, que não oferece o menor perigo, mas, ao contrário, eleva o espírito e o coração tanto quanto é possível desejá-lo, no interesse da sociedade, se expanda diariamente cada vez mais. Porque, segundo o que tenho lido, calculo que é impossível ser espírita sem ser homem de bem e *bom cidadão*. Conheço poucas religiões das quais se possa dizer o mesmo.”

SERMÕES SOBRE O ESPIRITISMO

**Pregados na catedral de Metz nos dias 27, 28 e 29 de maio de 1863,
pelo reverendo padre Letierce, da Companhia de Jesus,
refutados por um espírita de Metz e precedidos de
considerações sobre a loucura espírita³³**

É sempre uma satisfação ver adeptos sérios entrarem na liça quando, à lógica da argumentação, aliam calma e moderação, da qual nunca nos devemos afastar, mesmo contra os que não usam os mesmos processos a nosso respeito. Cumprimentamos o autor deste opúsculo por ter sabido reunir essas duas qualidades em seu interessante e muito consciencioso trabalho que, não temos dúvida, será acolhido com a atenção que merece. A carta posta no início da brochura é um testemunho de simpatia que não poderíamos reconhecer melhor do que a transcrevendo textualmente, pois é uma prova da maneira pela qual ele compreende a doutrina, bem como os pensamentos seguintes, que toma por epígrafe:

“Cremos que haja fatos que não sejam visíveis ao olho, nem tangíveis à mão; que nem o microscópio, nem o escalpelo podem alcançar, por mais perfeitos que se os suponham; que igualmente escapem ao gosto, ao olfato e ao ouvido e que, no entanto, são susceptíveis de ser constatados com absoluta certeza (Ch. Jouffroy, prefácio dos *Esquisses de philosophie morale*, pág. 5).

“Não creiais em qualquer Espírito; experimentai se os Espíritos vêm de Deus.” (*Evangelho*).

“Senhor e caro mestre,

“Dignai-vos aceitar a dedicatória desta modesta defesa em favor do Espiritismo, deste grito de indignação contra os ataques dirigidos contra nossa sublime moral? Seria para mim o mais seguro testemunho de que estas páginas são ditadas por este espírito de moderação que diariamente admiramos em vossos escritos e que nos deveria guiar em todas as nossas lutas. Aceitai-a

33 Brochura in-18. – Preço: 1 fr.; pelo Correio, 1 fr. 10 c.; Paris: Didier & Cia, Ledoyen; – Metz: Linden, Verronnais, livreiros.

como singelo ensaio de um dos vossos recentes adeptos, como profissão de fé de um verdadeiro crente. Se meus esforços forem felizes, atribuirei o seu sucesso ao vosso elevado patrocínio; se minha voz incompetente não encontrar eco, ao Espiritismo não faltarão outros defensores e terei para mim, com a satisfação da consciência, a felicidade de ter sido aprovado pelo apóstolo imortal de nossa filosofia.”

Extraímos da brochura a passagem seguinte, de um dos sermões do reverendo padre Letierce, a fim de dar uma idéia da força de sua lógica.

“Nada há de chocante para a razão em admitir, num certo limite, a comunicação dos Espíritos dos mortos com os vivos; tal comunicação é perfeitamente compatível com a natureza da alma humana, encontrando-se numerosos exemplos no Evangelho e na *Vida dos santos*; mas eram santos, eram apóstolos. Para nós, pobres pecadores que, nos precipícios deslizantes da corrupção, não precisaríamos senão de uma mão socorrista para nos reconduzir ao bem, não é um sacrilégio, um insulto à justiça divina ir pedir aos Espíritos bons, que Deus espalhou à nossa volta, conselhos e preceitos para a nossa instrução moral e filosófica? Não é uma audácia ímpia pedir ao Criador que nos envie anjos de guarda para que nos lembrem incessantemente a observação de suas leis, a caridade, o amor aos nossos semelhantes e nos ensinar o que devemos fazer, na medida de nossas forças, para chegar o mais rapidamente possível a esse grau de perfeição que eles próprios atingiram?”

“Esse apelo que fazemos às almas dos justos, em nome da bondade de Deus, só é ouvido pelas almas dos maus, em nome das potências infernais. Sim, os Espíritos se comunicam conosco, mas são os Espíritos dos condenados; suas comunicações e seus preceitos, é verdade, são semelhantes aos que nos poderiam ditar os mais puros anjos; todos os seus discursos respiram as mais

sublimes virtudes, das quais as menores devem ser para nós um ideal de perfeição, que mal podemos atingir nesta vida. Mas é apenas uma armadilha para melhor nos atrair, um mel cobrindo o veneno com o qual o demônio quer matar nossa alma.

“Com efeito, as almas dos mortos, segundo Allan Kardec, são de três classes: as que chegaram ao estado de Espíritos puros, as que estão no caminho da perfeição e as almas dos maus. Por sua natureza, as primeiras não podem vir ao nosso apelo; seu estado de pureza torna impossível qualquer comunicação com as almas dos homens, encerradas em tão grosseiro envoltório; aliás, que viriam fazer na Terra? pregar exortações que não poderíamos compreender? As segundas têm muito a trabalhar para o seu aperfeiçoamento moral para perder tempo vindo conversar conosco; ainda não são as que nos assistem em nossas reuniões. O que é, então, que nos resta? Eu o disse, as almas dos condenados, e estas não precisam ser rogadas para vir; sempre dispostas a aproveitar o nosso erro e a nossa necessidade de instrução, dirigem-se em massa junto a nós, para com elas nos arrastar ao abismo onde as mergulhou a justa punição de Deus.”

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

NOVEMBRO DE 1863

Nº 11

União da Filosofia e do Espiritismo

Pelo Sr. M. Herrensneider – 2º artigo³⁴

O PRINCÍPIO DA DUALIDADE DA ESSÊNCIA DA ALMA E O SISTEMA ESPIRITUAL DO SR. COUSIN E DE SUA ESCOLA

No artigo anterior procuramos provar que se, em geral, os senhores livres-pensadores quisessem dar-se ao trabalho de examinar os motivos que lhes permitem afirmar-se, de dizer “eu”, chegariam ao conhecimento de sua dupla essência; convencer-se-iam de que sua alma é constituída de maneira a existir separadamente do corpo, tão bem quanto em seu envoltório, e compreenderiam a sua erraticidade quando, após a morte, ela tivesse deixado a sua matéria terrestre. De sorte que sua ciência, se fosse baseada sobre o verdadeiro princípio da constituição da alma, confirmaria os fatos espíritas, em vez de os contradizer com tanta persistência. Com efeito, nossa noção do *eu* compõe-se principalmente do sentimento e do conhecimento que temos de nós mesmos, e esses dois fenômenos íntimos, evidentes para todo o mundo, implicam peremptoriamente dois elementos distintos na

34 Vide a *Revista* de setembro de 1863.

alma: um passivo, sensível, extenso e sólido, que recebe as impressões; outro ativo, sem extensão e pensante, que os percebe. Em conseqüência, se possuímos, ao lado de um elemento virtual, um elemento resistente e permanente, diferente do nosso corpo, não podemos dissolver-nos pela morte; nossa imortalidade está provada e nossa preexistência é uma conseqüência natural. Nossos destinos, portanto, são independentes de nossa morada terrestre, e esta não passa de um episódio mais ou menos interessante para nós, conforme os acontecimentos que a enchem.

A dualidade da essência de nossa alma, de acordo com tais observações, é um princípio importante, pois nos instrui sobre a nossa existência real e imortal. Mas é um princípio tanto mais importante quanto é a fonte única em que haurimos a consciência certa de nossa individualidade, sendo assim a origem de nossa ciência, da qual não podemos duvidar, e sobre a qual repousa todo o resto dos nossos conhecimentos. Efetivamente, começamos todos por nos conhecer, antes de perceber o que nos rodeia; e medimos por nossa medida tudo o que examinamos e julgamos. Assim, é indispensável observar, para o estudo da verdade, que nosso saber parte de nós, para voltar a nós; que há um círculo formado por nós mesmos, que nos envolve e nos enlaça fraternalmente, mau grado nosso. Os filósofos atuais o ignoram e o sofrem sem se aperceberem. É ele que os ofusca, que os cega e os impede de olhar além e acima deles. Assim, teremos muitas oportunidades de constatar sua cegueira. Ao contrário, os Antigos conheciam esse círculo e sua influência misteriosa, pois simbolizavam a Ciência sob a figura de uma serpente mordendo a própria cauda, depois de ter-se dobrado sobre si mesma. Aos seus olhos isto significava que nosso saber parte de um ponto dado, faz a volta de nosso horizonte intelectual e retorna ao ponto de partida. Ora, se esse ponto de partida for elevado e o olhar for penetrante, o horizonte será largo e a ciência vasta; se, ao contrário, o solo for raso e a visão turva, o horizonte será restrito e limitada a inteligência das coisas. Desse modo, tais quais formos

pessoalmente, tal será o conjunto e o alcance dos nossos conhecimentos. Por este motivo torna-se evidente que a primeira condição da ciência individual é a de examinar-se a si mesmo, não só para distinguir suas qualidades, seus defeitos e seus vícios, mas, antes de tudo, para conhecer a constituição íntima do nosso ser e, depois, para elevar o nosso espírito e formar o nosso caráter.

Por conseguinte, a verdadeira ciência não é feita para cada um. Aquele que a aspira não só deve ter inteligência e instrução, mas, sobretudo, ser sério, sóbrio, prudente, e não se deixar levar pelo capricho da imaginação, por sua vaidade, seus interesses, sua suficiência. O que deve guiar o verdadeiro amante da verdade é um amor desinteressado por esse objetivo venerado; é a vontade enérgica e constante de jamais parar e de separar rigorosamente o joio do trigo. Quanto mais o homem possui, tanto mais é calmo e nobre e melhor saberá discernir as veredas que o conduzirão à verdade; quanto mais leviano, presunçoso ou apaixonado, tanto mais corromperá com seu hálito impuro os frutos que colherá na árvore da vida.

A primeira condição para chegar ao conhecimento das coisas é, pois, o caráter individual; é por esta razão que, na antiguidade, provas solenes precediam a toda iniciação. Hoje o saber é espalhado sem discernimento e cada um julga poder penetrá-lo; mas, também, mais que nunca a verdade é bem acolhida, enquanto as doutrinas mais estranhas encontram numerosos aderentes. Deveriam, pois, convencer-se de que os espíritos indiferentes, limitados pelas ciências exatas e naturais, levados pela imaginação, ou cheios de impertinência, são impróprios à pesquisa da verdade, e que seria mais prudente reservar esse nobre labor para alguns escolhidos. Entretanto, disposições mais sensatas hoje se manifestam *pelo advento do Espiritismo*; e, com efeito, os espíritas são homens bem-dispostos para a busca da verdade porque, separando-se do turbilhão geral que arrasta a sociedade, renunciaram por si mesmos às vaidades

mundanas, aos princípios superficiais dos livres-pensadores e à superstição oficial dos cultos reconhecidos. Dão prova de sadia independência, de um amor sincero da verdade e de uma tocante solicitude por seus interesses eternos. São estas as melhores disposições morais para abordar os graves problemas da alma, do mundo e da Divindade. Para nosso bem eterno, experimentemos entender-nos e seguir juntos as pegadas que nos conduzirão à via sagrada. Porque temos necessidade de nos ajudarmos reciprocamente para alcançar o objetivo que todos buscamos: o de nos esclarecer apenas sobre o que é real e durável.

Depois das disposições morais que acabamos de indicar, a coisa mais indispensável para bem se engajar na obra delicada da iniciação é o conhecimento do princípio da dualidade da essência da alma, porquanto é ele que constitui uma parte do misterioso segredo da Esfinge³⁵. É uma das chaves da Ciência e, sem a possuir, tornam-se inúteis todos os esforços para o atingir. Por si só, esse princípio da essência da alma encerra, como conseqüências, as noções consideráveis que desejamos adquirir, enquanto todos os princípios secundários até hoje descobertos não se elevam bastante para dominar o vasto horizonte dos conhecimentos humanos e para lhes abraçar todos os detalhes. Os princípios inferiores afastam os que deles se servem no dédalo de numerosos fatos que não esclarecem; e é pela insuficiência de seus princípios primordiais que os filósofos se transviaram e se perderam nas sutilezas arbitrárias de suas doutrinas incompletas. Fatalmente levaram a confusão onde acreditavam tocar a verdade. Nessas matérias, mais delicadas que difíceis, só o princípio verdadeiro espalha a luz, resolve facilmente todos os problemas e abre as portas secretas que conduzem ao mais distante santuário. Ora, já sabemos que levamos conosco esse princípio e que, para o descobrir, basta que nos estudemos, com calma e imparcialidade.

35 O outro princípio é a dualidade do aspecto das coisas, que encontraremos mais tarde.

Sabemos que esse princípio é a dualidade de nossa essência anímica, de sorte que não nos resta senão desenrolar o fio cuidadosamente, do qual temos o nó mais importante. Não obstante, à medida que avançarmos em nosso estudo psicológico, consultaremos os trabalhos de nossos mais ilustres filósofos, a fim de reconhecer onde falharam e em que ponto suas doutrinas confirmam as nossas próprias pesquisas.

Assim, como observamos acima, parece evidente que tudo quanto em nós se prende à ordem sensível depende da substância de nossa alma, porque é o seu elemento extenso e sólido que recebe todas as impressões exteriores e que se ressent de nossa atividade interior. Com efeito, nossa alma não poderia ser tocada de uma maneira qualquer, sem que, primeiro, apresentasse um obstáculo às oscilações do meio ambiente e, em seguida, às vibrações das emoções que nos afetam intimamente. Portanto, é essa maneira de ser muito natural que explica as nossas relações com tudo o que existe, com o que não somos, com o nosso *não-eu* moral, intelectual e físico, visível ou invisível. A solidez e extensão de nossa substância não devem, em princípio, ser rejeitadas. Entretanto, não é essa opinião que reina na Universidade e no Instituto. O espiritualismo a nega como absurda, sob o pretexto especioso de que a divisibilidade, que seria a sua conseqüência, implicaria a corruptibilidade da substância. Mas isto não passa de um mal-entendido, pois o que importa à corruptibilidade da natureza anímica é a simplicidade química de sua fluidez corporal e não a sua indivisibilidade mecânica, em falta da qual há mil maneiras de remediar, ao passo que, para ficar na verdade científica, é preciso evitar a admissão de um efeito sem causa, uma impressão possível sem resistência. Assim, a sensibilidade de nossa alma nada ensina à nossa escola espiritualista; liga gratuitamente os sentimentos à razão, atribui as sensações ao organismo material e não dá explicações sobre a conexão dessas diversas faculdades. *Eis uma das causas de sua impotência filosófica.*

Quanto a nós, a sensibilidade de nossa alma é a prova irrecusável da solidez e da extensão de sua substância, e é a noção dessas propriedades que nos abre um vasto campo de observação. Assim, de início, a extensão e a solidez substancial permitem à nossa alma tomar diferentes formas e encerrar o tipo de todos os órgãos que constituem nosso organismo corporal. Serve, assim, de origem e sustentáculo aos nossos nervos, aos nossos sentidos, ao nosso cérebro, às nossas vísceras, aos nossos músculos e ossos, permitindo que nos encarnemos por meio desta lei da mutabilidade das moléculas corporais, tão conhecida de nossos modernos fisiologistas. Nossos cientistas supõem apenas, e erradamente, em nossa opinião, que essa lei seja efeito de uma força misteriosa da matéria, que se renova, se absorve, se escoia e se forma por si mesma, pois a matéria é inerte e nada forma por sua própria iniciativa. Evidentemente esta mutabilidade é efeito da atividade instintiva de nossa dupla essência anímica, que se acha sob o nosso envoltório. A existência desta lei prova que a nossa encarnação está na ordem da Natureza, visto ser contínua e, ao cabo de uma série de anos, nosso corpo se renova regularmente. A formação do nosso revestimento material, e a nossa encarnação sucessiva explicam-se, muito naturalmente, desta maneira. Mas, além disso, essa substancialidade extensa de nossa alma nos faz compreender igualmente o laço existente entre ela e o nosso corpo, porquanto, não passando o nosso organismo visível de cobertura do nosso organismo substancial, tudo quanto é sentido por um deve repercutir necessariamente no outro. As emoções da substância da alma devem abalar o corpo e o estado deste deve afetar, inevitavelmente, suas próprias disposições morais e intelectuais. *Eis o primeiro ensinamento resultante da natureza concreta de nossa substância.*

O segundo ensinamento que daí retiramos é que a parte da substância de nossa alma, que não serve de tipo ao nosso organismo material, deve ser a base do nosso senso íntimo, daquele que recebe todas as nossas impressões morais e intelectuais, e que nos põe em contato com a própria substância divina, de sorte que

nossa substância recebe as impressões da irradiação de todas as existências e de todas as atividades possíveis e se acha entre a origem primeira de todas as nossas noções. É da mesma maneira que recebemos o conhecimento de nós mesmos. Porque se perguntarmos a um céptico como pode afirmar-se, sem a menor reserva responderá: “É que eu me sinto”, pois o próprio céptico não pode duvidar de suas sensações. Entretanto, sentir-se não é todo o nosso conhecimento: o céptico também não pode negar que sabe que se sente. Ora, a percepção do nosso sentimento é consequência de nossa atividade intelectual, o que prova que nossa alma não só é passiva, mas, também, ativa, tem vontade, percebe, pensa e é livre por sua própria iniciativa. Nossos próprios órgãos funcionam sem que tenhamos consciência, de sorte que se é forçado a atribuir à nossa alma um segundo elemento, um elemento ativo, virtual, isto é, uma força essencial, que está atenta quando nossa sensibilidade está desperta e que, por efeito de seu próprio movimento, percebe, pensa e reflete por meio do nosso órgão cerebral, age auxiliada por nossos membros e anima nosso organismo com um movimento involuntário. É pela presença em nossa alma dessa dupla ordem essencial: da ordem substancial passiva e sensível, e da ordem virtual ativa e pensante, que nós sentimos, sabemos e temos consciência de nossa própria personalidade, sem nenhum auxílio do mundo exterior.

Nossa força anímica é o nosso elemento espiritual por excelência, porque não tem, por si mesma, nem extensão nem solidez; só nos é conhecida por sua atividade. Desde que não quer, nem pensa, nem age, é como se não existisse; e se nossa alma não fosse substancialmente concreta, pela virtude de um outro elemento, nosso corpo não teria consistência e não passaria de um amontoado de pó; nem mesmo poderia existir na erraticidade, pois se perderia no nada, a menos que se admitisse, com o espiritualismo, um mistério impenetrável, que lhe permitisse existir sem ter extensão nem solidez, suposição que o Espiritismo e as leis naturais tornam completamente inadmissível. Entretanto, é nossa

força essencial que Leibniz considera como sendo nossa substância, sem levar em conta a sua natureza fugidia; e a escola espiritualista francesa o repete, a seu exemplo, sem se deter nessa confusão ilógica. Todavia, não basta chamar força a uma substância para que esta realmente o seja, e considerar essa substância imaginária como sendo o fundo de nosso ser, para que se saia do vazio das abstrações. Uma substância não é tal senão por seu estado concreto, sua extensão e sua solidez, por mais sutil que a queiramos conceber e é o que nossa escola espiritualista se compraz em passar em silêncio. *Eis aí uma outra causa de sua impotência moral e filosófica.*

Nossa força essencial é o princípio de nossa atividade; ela nos anima, mas não nos constitui. É o princípio de nossa vida, mas não o de nossa existência. Está por toda parte em nossa substância, espalha-se com ela em todo o nosso ser e dele recebe diretamente as impressões, sem o nosso concurso voluntário. É por esta íntima união de nossos dois elementos essenciais que nosso organismo funciona espontaneamente; que nossas sensações despertam a seguir nossa atenção e nos levam, sem outro intermediário, a perceber a causa de nossas impressões; que nossa consciência é um conjunto de sentimentos e de reflexões e que toda noção, seja qual for o seu objeto, exige que o sintamos e o saibamos. Desde então somente nós estamos certos de sua existência. É por este mesmo processo que temos conhecimento do Ser Supremo. Temos a sensação de sua presença por nosso senso íntimo, e nos explicamos esta sensação sublime por nossa razão, porque o ideal do verdadeiro, do bem e do belo está, inicialmente, em nosso coração, antes de nos entrar na cabeça. Os povos selvagens nisto não se enganam; não duvidam de Deus; apenas o imaginam conforme o nível de sua grosseira inteligência, ao passo que vemos nossos cientistas a querelar sobre a sua personalidade, porque nada pretendem admitir, a não ser pela força de seu raciocínio, e porque se debatem em abstrações, sem ponto de apoio na ordem sensível.

Tal a constituição de nossa alma. Ela se compõe de dois elementos bem distintos entre si e, não obstante, indissoluvelmente unidos; porque jamais e em parte alguma esses elementos se encontraram separadamente: toda substância tem sua força e toda força tem sua substância. Assim, esta dualidade se acha reunida na essência de tudo o que existe; está na matéria, na alma, em Deus. Nós o repetimos: esta distinção na unidade é necessariamente admissível, porque cada um desses elementos está bem caracterizado; porque têm suas propriedades respectivas e sua modalidade categórica; e porque é uma lei universal que um mesmo princípio não pode ter efeitos contrários, que qualidades que se excluem revelam outros tantos princípios particulares. Mas sua unidade não é menos peremptória, porque nenhuma função, nenhuma faculdade, nenhum fenômeno se produz em nós e alhures sem o concurso simultâneo desses dois elementos irreduzíveis.

É esta unidade na dualidade constante de nossa alma que nos explica ainda esse fenômeno psicológico importante, a saber: a espontaneidade instintiva de todas as nossas faculdades e de todas as nossas funções, assim como a formação do nosso caráter e da nossa natureza moral íntima. Efetivamente, nossas impressões se nos conservam e se reproduzem involuntariamente, de sorte que, como a substância é o elemento passivo e permanente de nossa alma, é preciso que se lhe atribua a propriedade de conservar as nossas sensações, de concretizá-las em si e de transmiti-las à atenção de nossa força essencial. Sendo essas impressões de toda espécie, forma-se em nós, por esta propriedade conservadora, uma ordem moral, intelectual e prática permanente, que se manifesta por nossa atividade instintiva e espontânea, que nos inspira os sentimentos e as idéias e guia os nossos atos sem o nosso concurso voluntário e, muitas vezes, à nossa revelia. Além disso, esses sentimentos e essas idéias adquiridas se agrupam em nossa alma e nos produzem novas idéias e novas imagens, que estávamos longe de esperar. As funções psicológicas de nossa

substância, unida à nossa força essencial, são, assim, multiplicadas e nos formam uma natureza moral, intelectual e prática espontânea, que é o fundo do nosso caráter, a origem de nossas disposições naturais. Desse modo, a nossa substância encerra, em estado latente, ou em potencial, como se exprime a escola, todas as nossas qualidades, todos os nossos conhecimentos, todos os nossos hábitos passados em estado permanente. Em conseqüência, a ela e à sua atividade instintiva é que se deve atribuir a memória, a imaginação, o espírito e os sentidos naturais, bem como a origem de nossas idéias e sentimentos.

Esta ordem substancial instintiva existe incontestavelmente em nossa alma. Cada um se reconhece uma natureza moral permanente, disposições intelectuais e hábitos próprios, que lhe facilitam a carreira e a conduta, se forem bons; ou que impede o sucesso e o arrasta em desvios deploráveis, se forem maus. Só os nossos filósofos não percebem, porque, não admitindo, como já fizemos notar, uma ordem psicológica substancial, condenam-se a atribuir tudo o que é resistente em nossa alma à influência da matéria, e a confundir tudo o que é sensível e vivo com a nossa inteligência. É verdade que Aristóteles reconhecia no homem uma ordem potencial, onde todas as nossas qualidades estão em potencial; mas o define mal e também a confunde com a matéria. Desde então, ninguém mais se ocupou dessa ordem especial, a não ser o Sr. Cousin. Mas este filósofo contemporâneo, não reconhecendo na alma senão a inteligência, só considerou a atividade espontânea, sem lhe buscar a origem no elemento permanente da nossa natureza anímica. Ele a designa como sendo a razão espontânea e instintiva, em oposição à razão refletida, sem se dar conta da contradição existente entre o instinto e a reflexão, qualidades que se excluem e que, evidentemente, não podem pertencer ao mesmo princípio! É por isso que o Sr. Cousin tira apenas conseqüências limitadas desta descoberta, razão pela qual a sua psicologia, como a sua escola, tornou-se uma ciência árida, ilógica e sem grande alcance.

Detenhamos agora o pensamento sobre o conjunto de observações que precedem, pois elas nos fizeram conhecer fenômenos psicológicos até hoje desconhecidos. Elas nos fizeram constatar em nossa alma a existência de duas ordens morais, intelectuais e práticas bem distintas e fortemente caracterizadas: uma se reportando perfeitamente às propriedades particulares de nossa substância, que são a permanência, a extensão e a solidez; a outra, as de nossa força essencial, que são a sua causalidade, sua inextensão e sua intermitência. A primeira é passiva, sensível, conservadora; a segunda é ativa, voluntária e refletida. A união íntima dos nossos dois elementos essenciais produz em nós, além disso, nossa tríplice atividade instintiva, que é o reflexo direto do estado verdadeiro de nossas qualidades e de nossos defeitos naturais.

Com efeito, de um lado, quanto mais sensível, delicada e conservadora for a nossa natureza substancial, e mais viva e enérgica a nossa atividade instintiva, tanto mais puros e elevados serão nossas idéias e sentimentos, justo o nosso bom-senso e fáceis e seguras a nossa memória e a nossa imaginação. Ao contrário, quanto menos aperfeiçoado for o nosso estado substancial, mais lentas e limitadas serão a nossa memória e a nossa imaginação, mais grosseiras as nossas idéias, mais vis os nossos sentimentos e mais obtuso o nosso senso comum. Mas, por outro lado, quanto mais enérgica, constante e flexível a nossa força causadora, mais fortes serão a nossa atenção, a nossa vontade, a nossa virtude e o nosso domínio sobre nós mesmos, mais alcance terão a nossa percepção, o nosso pensamento, o nosso juízo e a nossa razão e, enfim, maior a nossa habilidade e mais honrosa a nossa conduta, porque todas essas qualidades e faculdades derivam de nosso elemento virtual. Ao contrário, quanto mais mole, entorpecida ou rígida a nossa força essencial, tanto mais a nossa brutalidade e a nossa covardia moral e intelectual se manifestarão em plena luz. Desse modo, o nosso valor tanto depende do estado das qualidades e das propriedades de um, quanto do outro elemento de nossa alma.

Tal o quadro sumário que apresenta a constituição íntima de nossa essência anímica, e que nos revela a nossa dupla faculdade de nos sentir e de nos saber. Esse quadro no-la mostra, para começar, em sua unidade viva, pois descobrimos o duplo princípio de sua atividade e de sua passividade, de sua permanência e de sua causalidade, de sua existência no tempo e no espaço, e de sua independência própria e distinta de Deus, do mundo e de seu envoltório material. Ele no-la mostra depois na sua diversidade maravilhosa, pois reconhecemos a origem de suas qualidades e de suas faculdades, de suas funções e de seu organismo, nas propriedades respectivas de nossos elementos essenciais e em seu concurso recíproco. Entretanto, este quadro não passa de um primeiro esboço e, contudo, fácil é nele notar o método de observação rigorosa que seguimos e que é o mesmo que Bacon descobriu, que Descartes introduziu na psicologia, que a escola escocesa aplicou e que a escola espiritualista e eclética observou em toda a sua doutrina. Encontramo-nos, pois, no mesmo terreno que o de toda filosofia séria e, se muitas vezes estamos em desacordo com as nossas celebridades acadêmicas, é que não podemos deixar de crer que a maioria dos fatos de consciência foi por elas mal observados e mal explicados.

Com efeito, o ecletismo espiritualista nos reconhece três faculdades principais: a vontade, a sensação e a razão. Estas faculdades se distinguem do nosso corpo, que é sólido e extenso, de modo que possuímos, necessariamente, uma alma inextensa e espiritual. Feita esta consideração, o ecletismo não pergunta como a nossa alma deve ser constituída para ser sensível, nem se a vontade e a razão, que são ambas ativas, não são duas manifestações de um mesmo princípio virtual. São perguntas que não o inquietam. Ele apenas sustenta que, dessas três faculdades, só a vontade de fato nos pertence, pois só ela é o resultado de uma força substancial inextensa, que é o princípio primordial do nosso *eu*. Aos seus olhos, a sensibilidade não passa de efeito do choque resultante da ação que a força do mundo exterior exerce sobre a

nossa, por meio do nosso organismo. Mas, também, o ecletismo não pesquisa como a nossa força inextensa se liga ao nosso organismo, nem como, nesse isolamento inextenso, ela pode receber o choque, assim como não explica como podemos ser sensíveis. São pequenos mistérios que não poderiam detê-lo.

A razão, conforme o Sr. Cousin, é a faculdade soberana do conhecimento, mas é impessoal, isto é, não nos pertence, embora dela nos sirvamos. Dizer *minha* razão, segundo ele, é uma insensatez, pela mesma razão por que não se diz *minha* verdade. Tal motivo não nos parece muito concludente, mas, provavelmente, a falta é nossa. Com efeito, em seu sistema, a razão é o conjunto das verdades necessárias e universais, tais como os princípios da causalidade, da substância, da unidade, do verdadeiro, etc. A coleção destes princípios forma, pois, segundo ele, a razão divina, da qual participamos pela vontade inefável do Todo-Poderoso. Mas é aí que se deve crer sob palavra, pois não vimos precisamente como uma coleção de verdades, por mais universais que sejam, poderia constituir a razão divina e humana. Vulgarmente as verdades são leis e a razão é uma faculdade. Ora, eu vejo o Sol, mas jamais a faculdade de ver foi tomada pelo Sol, nem pelo menor de seus raios. Eis, pois, aí um novo mistério, a juntar aos precedentes; de sorte que, nessa doutrina, nada se explica por si, nada se liga e nossa alma aí só é representada como um conjunto heterogêneo de faculdades, de qualidades, de funções distintas, ligadas ao acaso, como folhas esparsas que tivessem sido reunidas num volume, sob o título pomposo de *Doutrina filosófica do século XIX*. O segundo prefácio da terceira edição dos *Fragments filosóficos* lhe trazem um resumo, interessante sob vários aspectos.

De acordo com estas considerações, podem julgar-se as causas que fazem da filosofia espiritualista oficial, apesar de suas boas intenções, uma doutrina bizarra e indigesta. Estaríamos mesmo autorizados a tratá-la mais duramente, se se perdessem de vista os eminentes serviços que ela prestou ao espírito francês,

desviando-o de um sensualismo imoral e de um cepticismo desesperador. Aí estavam, evidentemente, as principais preocupações do ilustre filósofo no começo de sua brilhante carreira; e, estudando suas obras notáveis, vê-se que Condillac e Kant foram seus principais adversários. Assim, esta luta é a parte mais importante de seus trabalhos. Ao contrário, seu próprio sistema nos parece muito defeituoso e sua moral, sua teodicéia e sua ontologia contêm numerosos pontos muito controvertidos. A verdade é uma flor tão delicada! o menor sopro do erro a emurchece em nossas mãos e a reduz a um pó pernicioso e ofuscante. É, sobretudo, no calor do combate ou na emoção da ambição que se torna difícil conservar a calma de espírito e a delicadeza do sentimento de evidência, de modo que o homem preocupado é facilmente arrastado a ultrapassar os limites da verdadeira sabedoria. Felizmente o Criador nos reservou fatos, circunstâncias, acontecimentos providenciais, bastante chocantes para nos reconduzir ao bom caminho. E, certamente, *as doutrinas e os fatos sobre os quais se funda o Espiritismo* estão neste número. Que os nossos grandes e sábios filósofos não o repilam sob o fútil pretexto de superstição. Que os estudem sem prevenção! Neles reconhecerão a natureza extensa e sólida de nossa alma, sua preexistência e sua perpetuidade. Nele encontrarão uma moral suave e salutar, apropriada a reconduzir todo o mundo ao bem. Se, então, seu espírito pedir para dele se dar conta, que se atirem francamente à obra, que examinem cientificamente os seus princípios e conseqüências. E, então, talvez *o princípio da dualidade da essência da alma* lhes apareça em todo o seu esplendor e em toda a sua força, porque, parece-nos, ele lança uma viva luz sobre os segredos íntimos do nosso ser. É o que continuaremos a examinar dentro de pouco tempo.

F. Herrensneider

Pastoral do Sr. bispo de Argel contra o Espiritismo

Em data de 18 de agosto último, o Sr. bispo de Argel publicou uma brochura dirigida aos senhores curas de sua diocese, sob o título de *Carta circular e pastoral sobre a superstição dita Espiritismo*. Citamos as passagens seguintes, acompanhadas de algumas observações.

“...Tínhamos pensado em adicionar modesta página a esses luminosos anais, exprobrando, das alturas do bom-senso e da fé, como o merece ser, o *Espiritismo*, que, tirado da mais velha e mais grosseira idolatria, vem abater-se sobre a Argélia. Pobre colônia! Após tão cruéis provas, ainda lhe era necessária uma deste gênero!”

Pobre colônia! com efeito, não seria ela muito mais próspera se, em vez de tolerarem e protegerem a religião dos nativos, houvessem transformado suas mesquitas e sinagogas em igrejas e não tivessem detido o zelo do proselitismo? É verdade que a guerra santa, guerra de extermínio como a das cruzadas, duraria ainda; que centenas de milhares de soldados teriam perecido; que, talvez, tivéssemos sido forçados a abandoná-la. Mas que é isto quando se trata do triunfo da fé! Ora, eis aqui um outro flagelo – o Espiritismo – que, em nome do Evangelho vem proclamar a fraternidade entre os diferentes cultos e cimentar a união, inscrevendo em sua bandeira: *Fora da caridade não há salvação*.

“Mas considerações diversas, senhor cura, nos detiveram até hoje. A princípio hesitávamos em revelar esta vergonha nova, que se vem somar a tantas misérias, exploradas com amarga ironia pelos inimigos de nossa cara e nobre Argélia. Por outro lado, sabemos que o *Espiritismo* quase não penetrou entre nós senão em certas cidades, onde os desocupados se contam em maior número; onde a curiosidade, incessantemente excitada, se repasta avidamente de tudo quanto se apresenta com caráter de novidade; onde a necessidade de brilhar e de se distinguir da multidão nem sempre é estranha, mesmo a inteligências de maior ou menor alcance, ao passo que o maior número de nossas pequenas cidades e do nosso campo o ignoram e, por certo, nada têm a perder com isto, até o nome bizarro e pretensioso de *Espiritismo*. Enfim, pensamos que tais

práticas jamais são destinadas a uma vida longa, porque a desilusão logo vem para os escândalos da imaginação, que morrem quase sempre de sua própria vergonha. Assim aconteceu com as trapalhices de Cagliostro e de Mesmer; assim se acalmou o furor das mesas girantes, sem deixar na retaguarda senão o ridículo de seus arrastamentos e de suas lembranças.”

Se o próprio nome do Espiritismo é desconhecido na maioria das pequenas cidades e nos campos da Argélia, a carta-circular do Sr. bispo de Argel, espalhada em profusão, é um excelente meio de torná-lo conhecido, excitando a curiosidade que, por certo, não será detida pelo temor do diabo. Tal foi o efeito, bem comprovado, de todos os sermões pregados contra o Espiritismo que, de notória publicidade, contribuíram poderosamente para multiplicar os adeptos. A circular do Sr. bispo de Argel terá efeito contrário? é mais que duvidoso. Lembramo-nos sempre desta palavra profética, tão bem realizada, de um Espírito a quem perguntávamos, há dois anos, por que meio o Espiritismo penetraria nos campos; ele nos respondeu: “Pelos padres. – Voluntária ou involuntariamente? – A princípio involuntariamente; mais tarde, voluntariamente.”

Lembramos ainda, quando da nossa primeira viagem a Lyon, em 1860, que os espíritas ali eram apenas algumas centenas. Naquele mesmo ano um sermão virulento foi pregado contra eles e nos escreveram: “Mais dois ou três sermões como este e logo seremos decuplicados.” Ora, como todos sabem, os sermões não têm faltado naquela cidade; e o que todos sabem, também, é que no ano seguinte havia cinco ou seis mil espíritas, contando-se mais de trinta mil deles dois anos mais tarde. Pobre cidade de Lyon! O que se sabe ainda é que a maioria dos adeptos se encontra entre os operários, que hauriram nesta doutrina a força para suportar pacientemente as rudes provas que atravessavam, sem buscar na violência e na espoliação o necessário que lhes faltava; é que hoje oram e crêem na justiça de Deus, já que não crêem na dos homens; é que compreendem a palavra de Jesus: “Meu reino não é deste mundo.” Dizei por que, com a vossa doutrina das penas eternas,

que preconizais como um freio indispensável, jamais contivestes qualquer excesso, ao passo que a máxima “Fora da caridade não há salvação” é onipotente! Queira Deus que jamais tenhais necessidade de vos colocardes sob sua égide! Mas se Deus ainda vos reservar dias nefastos, lembrai-vos de que aqueles mesmos a quem recusastes o pão da esmola, porque eram espíritas, serão os primeiros a partir convosco o seu pedaço de pão, porque compreendem esta palavra: “Perdoai aos vossos inimigos e fazei o bem aos que vos perseguem.”

Mas, então, que tem o Espiritismo de tão temível, uma vez que só se ocupa dos desocupados de algumas cidades? Desde que tais práticas jamais estão destinadas a uma vida muito longa? já que deve ter a sorte das trapalhices de Cagliostro, de Mesmer e das mesas girantes? Pelo que respeita a Cagliostro, é preciso deixá-lo fora da questão, considerando-se que o Espiritismo sempre lhe recusou qualquer solidariedade, mau grado a persistência de alguns adversários para vincular o seu ao nome do Espiritismo, como fazem com todos os charlatães e prestidigitadores. Quanto a Mesmer, é preciso estar muito pouco informado do que se passa para ignorar que o magnetismo está mais espalhado do que nunca, e que é hoje professado por notabilidades científicas. É verdade que agora pouco se ocupam das mesas girantes, mas é preciso convir que fizeram um belo caminho, pois foram o ponto de partida desta terrível doutrina, que causa tanta insônia a esses senhores. Elas foram o á-bê-cê do Espiritismo; se, pois, delas não mais se ocupam, é que não se precisa soletrar quando se sabe ler. Elas cresceram de tal maneira que não mais as reconhecereis.

Depois de ter falado de sua viagem à França, que alcançou pleno sucesso, acrescenta o Sr. bispo de Argel:

“Nossa primeira e incessante ocupação ao voltar era publicar uma instrução pastoral contra a superstição em geral e, em particular, contra a do *Espiritismo*, pois o *Evangelho segundo Renan* só nos entreteve durante oito dias.”

Convenhamos que se trata de singular confissão. A obra do Sr. Renan, que mina o edifício por sua base, e que teve tão grande repercussão, não preocupou Sua Eminência senão durante oito dias, ao passo que o Espiritismo absorve toda a sua atenção. Diz ele: “Chego a toda pressa e, embora acabrunhado das fadigas de uma longa viagem sem repouso, estou sempre pronto para o combate. Temos um novo e rude adversário no Sr. Renan, mas este pouco nos inquieta; marchemos direto contra o Espiritismo, pois é assunto mais urgente.” É uma grande honra para o Espiritismo, pois é reconhecer que é muito mais temível e não o pode ser senão com a condição de ser lógico. Se não tivesse nenhuma base séria, como o pretende o Sr. bispo, para que serviria esse aparato de forças? Já se viu dar tiros de canhão numa mosca que voa? Quanto mais violentos os meios de ataque, tanto mais exaltada é a sua importância. Eis por que não nos lastimamos.

“Soubemos, e não duvidamos, que verdadeiros cristãos, católicos sinceros imaginam poder associar Jesus-Cristo e Belial, os mandamentos da Igreja com os processos do Espiritismo.”

É um pouco tarde para vos aperceberdes, pois há três anos que o Espiritismo foi implantado e prospera na Argélia, onde não vai mal. Aliás, a brochura do Sr. Leblanc de Prébois, publicada em nome e para a defesa da Igreja, deve ter-vos informado que, segundo seus cálculos, hoje há na França vinte milhões de espíritas, isto é, a metade da população, e que em pouco tempo a outra metade será ganha. Ora, a Argélia faz parte da França³⁶.

Diz a circular, dirigindo-se aos curas da diocese:

“Caso se encontrem espíritas em suas paróquias, independentemente da condição de cada um, geralmente incrédulos, mulheres vaidosas, cabeças vazias, formando sempre o grosso dos cortejos supersticiosos, que o padre não vacile em lhes declarar que não há nenhuma transação possível entre o catolicismo e o Espiritismo; que, em suas experiências, *não pode haver senão uma destas três coisas*: astúcia da parte de uns, alucinação da parte de outros ou, o que é pior, uma intervenção diabólica.”

36 N. do T.: A Argélia deixou de ser colônia francesa em 1961.

Se não há transação possível, pior para o catolicismo do que para o Espiritismo, porque este ganha terreno diariamente, façam o que fizerem para o deter; e o que fará o catolicismo quando se realizar a previsão do Sr. Leblanc de Prébois? Se ele põe todos os espíritas à porta da Igreja, quem ficará lá dentro? Mas esta não é questão para o momento, que virá a seu tempo e lugar. O último trecho da frase tem grande alcance da parte de um homem como o bispo de Argel, que deve pesar o sentido de todas as suas palavras. Segundo ele, não há no Espiritismo senão uma destas três coisas: astúcia, alucinação ou, o que é pior, intervenção diabólica. Notai bem que não são as três coisas juntas, mas somente uma das três é possível. O prelado não parece estar certo de qual, pois a intervenção diabólica não passa da pior. Ora, se é astúcia e alucinação, não é nada de sério, e não há intervenção do diabo; se é obra do demônio, é algo de positivo e, desse modo, não há astúcia nem alucinação. Na primeira hipótese é preciso convir que fazer tanto barulho por uma simples trapaça ou uma ilusão é bater-se contra moinhos de vento, papel pouco digno da gravidade da Igreja; no segundo é reconhecer ao diabo um poder maior que o da Igreja, ou à Igreja uma imensa fraqueza, já que não pode impedir o diabo de agir, como nem ela mesma pôde, apesar de todos os exorcismos, dele livrar os possessos de Morzine.

“Nós lá estávamos, senhor cura, em nosso labor apostólico, quando recebemos numerosos artigos de jornais, brochuras, livros, e principalmente um discurso (o do Pe. Nampon), no qual, salvo as idéias gerais, encontramos a exposição muito clara de tudo quanto íamos dizer a seguir, a propósito do Espiritismo. Como não gostamos de refazer, sem necessidade, o que julgamos bem feito, nós vos exortamos a adquirir algumas destas obras e, pelo menos, um exemplar desse discurso, que vos esclarecerá suficientemente quanto aos processos, a doutrina e as conseqüências do Espiritismo.”

Estamos muito contentes por saber que a obra do Pe. Nampon é julgada pelos príncipes dos padres uma obra bem feita, de tal modo que, depois dela, não há nada melhor a fazer. É uma tranqüilidade para os espíritas saber que o reverendo padre esgotou

todos os argumentos e que nada pode ser acrescentado. Ora, como esses argumentos, longe de deter o avanço do Espiritismo, lhe recrutaram partidários, cabe aos seus antagonistas mostrar-se satisfeitos com tão pouco. Quanto a *esclarecer suficientemente* os senhores curas sobre a doutrina, não pensamos que textos alterados e truncados, dos quais o padre Nampon usou e abusou, como o demonstramos (*Revista* de junho de 1863), sejam apropriados a dar do Espiritismo uma idéia muito justa. É preciso faltar boas razões para usar semelhantes meios, que desacreditam a causa de quem deles se serve.

“Antes de tudo, não seria deplorável reencontrar na Argélia cristãos sérios que hesitassem em se pronunciar energeticamente contra o Espiritismo? uns sob o pretexto de que há nele algo de verdadeiro? outros porque viram materialistas obstinados voltar à crença na outra vida, através do Espiritismo? *Ilógica ingenuidade de ambos os lados!*”

Assim, nada representa levar à crença em Deus e na vida futura os *materialistas obstinados*; mesmo assim o Espiritismo não deixa de ser uma coisa má. Jesus, no entanto, disse que uma árvore má não pode dar bons frutos. Será, pois, um mau fruto dar a fé quem não a tem? Desde que não pudestes reconduzir esses incrédulos obstinados e o Espiritismo o conseguiu, qual a melhor das duas árvores? É evidente que sem o Espiritismo esses materialistas obstinados teriam continuado materialistas; e desde que o Sr. bispo quer a todo o vapor destruir o Espiritismo, que reconduz as almas a Deus, é que aos seus olhos é preferível que essas almas, que não foram reconduzidas pela Igreja, morram na incredulidade. Isto nos lembra aquelas palavras pronunciadas do púlpito de uma pequena cidade: “Prefiro que os incrédulos fiquem fora da Igreja a nela entrarem pelo Espiritismo.” De modo algum são palavras do Cristo, que disse: “Misericórdia quero, e não sacrifício.” E estas outras, pronunciadas alhures: “Prefiro ver os operários saindo embriagados do cabaré do que sabê-los espíritas.” Isto é demência. Não nos surpreenderíamos se um acesso de fúria contra o Espiritismo produzisse uma verdadeira loucura.

“Se, mau grado a voz da consciência, homens educados nos princípios do Cristianismo e, infelizmente, os tendo esquecido, negado de coração e combatido em seus livros, tentassem condescender com esses princípios, admitindo uma imortalidade da alma, um purgatório e um inferno completamente diferentes da imortalidade da alma, do purgatório e do inferno dos Evangelhos, e ganhassem, pelo Espiritismo, algo para a fé e para salvação, que cristão poderia acreditar, desde que apenas puseram no lugar as mais sacrílegas blasfêmias da crença?”

Em que o purgatório dos espíritas difere do dos Evangelhos, já que os Evangelhos nada dizem sobre ele? Dele falam tão pouco que os protestantes, que seguem a letra do Evangelho, não o admitem. Quanto ao inferno, o Evangelho está longe de haver colocado as caldeiras ferventes que nele coloca o catolicismo e de ter dito, como nos ensinaram na infância, e como pregaram há três ou quatro anos em Montpellier, que “os anjos retiram as tampas dessas caldeiras para que os eleitos se regozijem com a visão dos sofrimentos dos danados.” Eis um lado singular da beatitude dos bem-aventurados; não sabíamos que Jesus houvesse dito uma palavra a respeito. O Espiritismo, é verdade, não admite tais coisas; se isto é motivo de reprovação, que, então, seja reprovado!

“Far-lhes-eis compreender, igualmente, que o Espiritismo é a restauração das teorias pagãs, caídas no desprezo dos sábios, antes mesmo do aparecimento do Evangelho; que, introduzindo a *metempsicose*, ou transmigração das almas, ele mata a individualidade pessoal e reduz a nada a responsabilidade moral; que, destruindo a idéia do purgatório e do inferno eternamente pessoal, abre caminho a todas as desordens, a todas as imoralidades.”

Se algo foi tomado às teorias pagãs, certamente foi o quadro das torturas do inferno. Aliás, não vemos claramente como, depois de haver admitido um purgatório qualquer, neguemos a idéia do purgatório. Quanto à metempsicose dos Antigos, longe de a ter introduzido, o Espiritismo a tem combatido sempre, demonstrando-lhe a impossibilidade. Quando, pois, cessarão de fazer o Espiritismo dizer o contrário do que diz? A pluralidade das

existências, que ele admite, não como um sistema, mas como uma lei da Natureza provada pelos fatos, daquela difere essencialmente. Ora, contra uma lei da Natureza, que é necessariamente obra de Deus, não há sistema que possa prevalecer, nem anátemas que a possam anular, assim como não anularam o movimento da Terra e os períodos da criação. A pluralidade das existências, o renascimento, se se quiser, é uma condição inerente à natureza humana, como a de dormir, e necessária ao progresso da alma. É sempre lamentável quando uma religião se obstina em ficar na retaguarda dos conhecimentos adquiridos, porque chega o momento em que, ultrapassada pela onda irresistível das idéias, ela perde o seu crédito e a sua influência sobre todos os homens instruídos. Julgar-se comprometida pelas idéias novas é confessar a fragilidade de seu ponto de apoio; é pior ainda quando se alarma diante do que chama uma utopia. É uma coisa curiosa, realmente, ver os adversários do Espiritismo esgrimindo para dizer que é um sonho vazio, sem alcance e sem vitalidade, e incessantemente gritar fogo!

Segundo a máxima: “Reconhece-se a qualidade da árvore pelo seu fruto”, a melhor maneira de julgar as coisas é estudar os seus efeitos. Se, pois, como pretendem, a negação do inferno eternamente pessoal abre caminho a todas as desordens e a todas as imoralidades, segue-se que: 1^o – a crença nesse inferno abre caminho a todas as virtudes; 2^o – quem quer que se entregue a atos imorais não teme as penas eternas, e se não as teme é porque nelas não crê. Ora, quem deve nele crer melhor do que os que as ensinam? quem deve estar penetrado desse medo, impressionado pelo quadro dos tormentos sem fim, mais do que os que, noite e dia, são embalados nesta crença? Onde esta crença e este medo deveriam estar em toda a sua força? onde deveria haver mais moderação e moralidade, senão no próprio seio da catolicidade? Se todos os que professam esse dogma e dele fazem uma condição de salvação estivessem isentos de reproches, certamente suas palavras teriam mais peso; mas quando se vêem tão escandalosas desordens entre os mesmos que pregam o medo do inferno, forçoso é

concluir que não acreditam no que pregam. Como esperam convencer os que se inclinam à dúvida? Matam o dogma por seu próprio exagero e por seu exemplo. A julgar por seus frutos, o dogma das penas eternas não os dá bons, prova de que a árvore é má; e entre esses maus frutos é preciso colocar o imenso número de incrédulos que ele faz diariamente. A Igreja nele se agarra como numa corda de salvação, mas a corda está tão gasta, que em breve deixará o barco à deriva. Se alguma vez a Igreja periclitar, será pelo absolutismo de seus dogmas do inferno, das penas eternas e da supremacia que ela confere ao diabo neste mundo. Se não se pode ser católico sem acreditar nesse inferno e na danação eterna, forçoso é reconhecer, a partir de hoje, que o número dos verdadeiros católicos está singularmente reduzido, e que mais de um Pai da Igreja pode ser considerado como manchado de heresia.

“Não será inútil acrescentar, senhor cura, que a paz das famílias é gravemente perturbada pela prática do Espiritismo; que um grande número de cabeças por ele já perderam o senso e que as casas de alienados da América, Inglaterra e França regurgitam, desde já, por suas numerosas vítimas, de tal sorte que se o Espiritismo propagasse suas conquistas, seria necessário mudar o nome de sanatório para hospício.”

Se o Sr. bispo de Argel tivesse colhido seus ensinamentos alhures, e não em fontes interessadas, teria sabido o que são esses supostos loucos e não se teria rendido ao eco de uma história inventada pela má-fé, em que o ridículo ressalta do próprio exagero. Um primeiro jornal falou de quatro casos, que teriam sido constatados num hospício; outro jornal, citando o primeiro, elevou a cifra para quarenta; um terceiro, citando o segundo, elevou-a para quatrocentos e acrescenta que vão ampliar o hospício. Todos os jornais hostis repetem até não mais poder esta história. Depois o Sr. bispo de Argel, movido pelo zelo, retomando-a em sua base, a aumenta ainda mais, dizendo que as casas de alienados da França, Inglaterra e América *regurgitam* de vítimas da nova doutrina. Coisa curiosa! ele cita a Inglaterra, um dos países onde o Espiritismo é menos espalhado e onde certamente há menos adeptos do que na Itália, na Espanha e na Rússia.

Que uma brochura efêmera e sem importância, que um jornal pouco exigente quanto às fontes noticiosas que publica, adiantem um fato arriscado por necessidade de ofício, nada é de admirar, embora seja imoral; mas um documento episcopal, com caráter oficial, só deveria conter coisas de uma autenticidade de tal modo comprovada, que deveria escapar até à suspeita de inexatidão, ainda que involuntária.

Quanto à paz das famílias perturbadas pela prática do Espiritismo, não conhecemos senão aqueles casos em que mulheres, ludibriadas por seus confessores, foram instigadas a abandonar o lar para se subtraírem às influências demoníacas trazidas por seus maridos espíritas. Em contrapartida, numerosos são os exemplos de famílias outrora separadas, cujos membros se reconciliaram depois dos conselhos de seus Espíritos protetores e sob a influência da doutrina que, a exemplo de Jesus, prega a união, a concórdia, a doçura, a tolerância, o esquecimento das injúrias, a indulgência para com as imperfeições alheias e restabelece a paz onde reinava a cizânia. Ainda aqui é o caso de dizer que se julga a qualidade da árvore pelo seu fruto. É um fato confirmado que, quando há divisão das famílias, a cisão parte sempre do lado da intolerância religiosa.

A carta pastoral termina pela seguinte ordenação:

“Por estas razões, e invocado o Espírito Santo, prescrevemos e ordenamos o que se segue:

“Art. 1^o – A prática do Espiritismo ou a invocação dos mortos é proibida a todos e a cada um na diocese de Argel;

“Art. 2^o – Os confessores recusarão a absolvição a quem quer que não renuncie a toda participação, seja como médium, seja como adepto, seja como simples testemunha às sessões privadas ou públicas, ou, enfim, a uma operação qualquer do Espiritismo;

“Art. 3^o – Em todas as cidades da Argélia e nas paróquias rurais onde o Espiritismo se introduziu com algum brilho, os senhores curas lerão

publicamente esta epístola do púlpito, no primeiro domingo após o seu recebimento. Aliás, por toda parte ela será comunicada em particular, conforme as necessidades.

“Argel, 18 de agosto de 1863.”

É a primeira ordenação lançada com vistas a interditar oficialmente o Espiritismo numa localidade. É de 18 de agosto de 1863. Esta data marcará nos anais do Espiritismo, como a de 9 de outubro de 1860³⁷, dia para sempre memorável do auto-de-fé de Barcelona, ordenado pelo bispo dessa cidade. Como os ataques, as críticas e os sermões nada produziram de satisfatório, quiseram dar um golpe pela excomunhão oficial. Vejamos se o objetivo será mais bem atingido.

Pelo primeiro artigo, a ordenação é dirigida *a todos e a cada um* na diocese de Argel, isto é, a proibição de ocupar-se do Espiritismo é feita a todos os indivíduos sem exceção. Mas a população não se compõe apenas de católicos fervorosos; sem falar dos judeus, protestantes e muçulmanos, ela compreende todos os materialistas, panteístas, incrédulos, livres-pensadores, doutores e indiferentes, cujo número é incalculável; figuram no contingente nominal do catolicismo, porque nascidos e batizados nessa religião, mas, na realidade, eles mesmos abandonaram a Igreja; neste numero o Sr. Renan e tantos outros figuram na população católica. Assim, a ordenação não alcança todos os indivíduos, mas somente os que observam a mais estrita ortodoxia. Dar-se-á o mesmo em toda parte onde for feita semelhante proibição. Sendo, pois, materialmente impossível que uma interdição dessa natureza, venha de onde vier, atinja a população inteira, para um que for afastado do Espiritismo, haverá cem que dele continuarão se ocupando.

Depois põem de lado os Espíritos que vêm sem ser chamados, mesmo junto àqueles proibidos de os receber; que falam aos que não os querem ouvir; que passam através das paredes

37 **N. do T.:** O auto-de-fé de Barcelona ocorreu em 9 de outubro de 1861.

quando se lhes fecha a porta. Aí está a maior dificuldade, para a qual falta um artigo na ordenação acima. Esta diz respeito apenas aos católicos fervorosos. Ora, já o repetimos várias vezes, o Espiritismo vem dar fé aos que em nada crêem ou que estão em dúvida. Aos que têm uma fé inabalável e aos quais esta é suficiente, ele diz: “Guardai-a e procurai não vos afastar dela.” Nunca diz a alguém: “Deixai a vossa crença para vir a mim”, pois tem bastante a colher no campo dos incrédulos. Assim, a proibição não pode atingir aos que se dirigem ao Espiritismo e só alcança aqueles a quem ele não se dirige. Como disse Jesus, “não são os sadios que necessitam de médico.” Se estes últimos vêm a ele, sem que o Espiritismo os busque, é que neste encontram consolações e certezas que não encontraram em parte alguma; neste caso, não levarão em conta a proibição.

Eis quase três meses que foi dada esta ordenação e já podemos apreciar os seus efeitos. Desde o seu aparecimento, mais de vinte cartas nos foram enviadas da Argélia, todas confirmando os resultados previstos. Veremos o que há no próximo número.

Exemplos da Ação Moralizadora do Espiritismo

Chamamos a atenção dos que pretendem que, sem o temor das penas eternas, a Humanidade não teria mais freio, e que a negação do inferno eternamente *peçoal* abre caminho a todas as desordens e a todas as imoralidades. É o que nos mostram as três cartas que se seguem:

“Montreuil, 23 de agosto de 1863.

“Em março último eu ainda era o que se pode chamar, com toda a força do termo, ateu e materialista. Não poupava o chefe do grupo espírita de nossa pequena cidade, meu parente, de

piadas e sarcasmos; até lhe aconselhava o manicômio, mas ele opunha às minhas zombarias uma paciência estoíca.

“Na mesma época, durante a quaresma, um pregador falou do púlpito contra o Espiritismo. A circunstância excitou-me a curiosidade, pois não via bem o que a Igreja poderia ter a ver com o Espiritismo. Então me propus à leitura do livrinho *O que é o Espiritismo?* prometendo a mim mesmo não ceder tão facilmente quanto o haviam feito certos materialistas conversos e armei-me com todas as peças, persuadido de que nada poderia destruir a força de meus argumentos e não duvidando de modo algum de uma vitória completa.

“Mas, ó prodígio! ainda não havia chegado à quinquagésima página e já reconhecia a nulidade de minha pobre bateria *argumental*. Durante alguns minutos fiquei como que iluminado; uma súbita revolução operou-se em mim, e eis o que escrevia a meu irmão em 18 de junho:

“Sim, como dizes, minha conversão foi providencial; é a Deus que devo este sinal de grande benevolência. Sim, creio em Deus, em minha alma, em sua imortalidade após a morte. Antes disso tinha como filosofia uma certa firmeza de espírito, pela qual me punha acima das tribulações e dos acidentes da vida, mas me dobrei diante das numerosas torturas morais que me haviam infligido os pretensos amigos. A amargura de tais lembranças envenenou-me o coração. Ruminava mil projetos de vingança e, se não temesse para mim e para os meus a maldição pública, talvez tivesse dado a tais projetos uma funesta execução. Mas Deus me salvou. O Espiritismo levou-me prontamente a crer nas verdades fundamentais da religião, das quais a Igreja me havia afastado pelo quadro terrível das chamas eternas e por querer impor como artigos de fé dogmas que se acham em manifesta contradição com os atributos infinitos de Deus. Ainda me lembro do pavor que experimentei em 1814, aos sete anos de idade, quando da leitura desta passagem dos Pensamentos cristãos: “*E quando um danado*

tiver sofrido tantos anos quantos são os átomos no ar, as folhas nas florestas e os grãos de areia das praias do mar, tudo isto será contado como nada!!! E é a Igreja que ousa proferir semelhante blasfêmia! Que Deus lhe perdoe por isto!”

“Continuo minha carta, caro Eugênio, deixando à Igreja a propriedade do império infernal, sobre a qual nada tenho a reivindicar.

“A idéia que houvera feito de minha alma foi substituída pela dada pelos Espíritos. A pluralidade dos mundos, como a pluralidade das existências, não mais sendo postas em dúvida por mim, causam-me agora uma satisfação moral indefinível. A perspectiva do nada, frio e lúgubre, outrora me gelava o sangue nas veias; hoje me vejo, por antecipação, habitando um desses mundos mais adiantados moral, intelectual e fisicamente que o nosso planeta, enquanto aguardo chegar ao estado de Espírito puro.

“Para gozar dos benefícios de Deus e deles tornar-me digno, perdoei prontamente aos meus inimigos, àqueles que me fizeram sofrer intensas torturas morais, a todos enfim que me ofenderam e abjurei todo pensamento de vingança. Diariamente agradeço a Deus a alta benevolência que me testemunhou, fazendo-me sair de modo tão rápido do mau caminho onde me haviam lançado o ateísmo e o materialismo, e lhe peço que conceda o mesmo favor a todos os que, como eu, dele duvidaram e o negaram. Também lhe peço fazer que minha esposa, meus filhos, meu próximo, os parentes, os amigos e os inimigos, igualmente desfrutem das doçuras do Espiritismo. Enfim, peço por todos, por todas as almas sofredoras, para que Deus lhes deixe entrever que a sua bondade infinita não lhes fechou a porta do arrependimento. Também peço a Deus o perdão de minhas faltas e a graça de praticar a caridade em toda a sua amplitude.

“Encontro-me agora num estado de perfeita calma e de tranqüilidade quanto ao futuro. A idéia da morte não mais me

apavora, porque tenho a convicção inabalável de que minha alma sobreviverá ao corpo, e uma fé integral na vida futura. Contudo, um só pensamento me faz mal: o de abandonar na Terra seres que me são tão caros, com receio de os ver infelizes. Ah! este medo que comporta sua dor é muito natural, em virtude do egoísmo de que se acha impregnada a maior parte do nosso pobre mundo. Mas Deus me compreende; ele sabe que deposito toda a minha confiança inteiramente nele. Já experimentei a felicidade de rever nossa cara Laura em dezembro último, alguns dias depois de sua morte. Certamente é um efeito antecipado de sua bondade para comigo.

“Depois da data desta carta, meu caro senhor, meu bem-estar aumentou. Outrora, a menor contrariedade me irritava; hoje, minha paciência é realmente notável; sucedeu à violência e à exaltação. A vitória que ela conquistou nestes dias, numa prova deveras rude, vem em apoio à minha asserção. Por certo assim não teria sido em março último. É, sobretudo, em tais circunstâncias que a Doutrina Espírita exerce a sua salutar influência. Os que a criticam, a dizem cheia de seduções e não creio atenuar esse belo elogio achando-a cheia de delícias.

“Minha volta à religião causou aqui uma surpresa muito grande, porquanto, até então, eu ostentava o mais desenfreado materialismo. Por uma consequência muito lógica sou, por minha vez, vítima de zombarias e sarcasmos, que não me incomodam, pois, como dizeis muito judiciosamente, tudo isto resvala sobre o verdadeiro espírita, como a água sobre o mármore.

“Meu caro senhor, vou terminar minha carta, cuja prolixidade vos faria perder um tempo precioso. Aceitai a expressão de minha viva gratidão pela satisfação moral, a esperança consoladora e o bem-estar que me proporcionastes. Continuai vossa santa missão: Deus vos abençoou, senhor!”

Roussel (*Adolphe*)

Escrevente juramentado, antigo agente oficial de leilões

“P. S. No interesse do Espiritismo, podeis fazer desta carta, no todo ou em parte, o uso que bem entenderdes.”

Observação – Já publicamos várias cartas desta natureza, mas seriam necessários volumes e mais volumes para publicar todas as que recebemos no mesmo sentido e, fato não menos notável, é que em sua maioria vêm de pessoas que nos são inteiramente estranhas e não foram provocadas por nenhuma outra influência senão o ascendente da doutrina.

Eis, pois, um desses homens que são excomungados pelo bispo de Argel; um homem que, sem a Doutrina Espírita, teria morrido no ateísmo e no materialismo; que, caso se apresentasse para receber os sacramentos da Igreja, seria impiedosamente repellido. Então quem o trouxe a Deus? O temor das penas eternas? Não, porquanto foi justamente a teoria de tais penas que dela o haviam afastado. Quem, pois, teve o poder de acalmar a sua exaltação e dele fazer um homem meigo e inofensivo? de o fazer abjurar idéias de vingança para perdoar aos inimigos? Só o Espiritismo, porque nele hauriu uma fé inabalável no futuro; foi esta doutrina que quereis extirpar de vossa diocese onde, por certo, se acham muitas criaturas na mesma situação e que, em vossa opinião, é uma chaga vergonhosa para a colônia. A quem convencerão que teria sido melhor para esse homem ficar onde estava? Se se objetasse que é uma exceção, responderíamos com milhares de exemplos semelhantes; e, ainda que fosse uma exceção, redargüiríamos pela parábola das cem ovelhas, das quais uma se extraviou, levando o pastor a correr à sua procura. Recusando-lhe o Espiritismo, que lhe teríeis dado em troca, para operar naquele homem semelhante transformação? Sempre a perspectiva da danação eterna, a única, segundo imaginais, capaz de erradicar a desordem e a imoralidade. Enfim, quem o levou a estudar o Espiritismo? Uma camarilha de espíritas? Não, já que deles fugia; foi um sermão pregado contra o Espiritismo. Por que, então, foi convertido pelo Espiritismo e não pelo sermão? É que,

aparentemente, os argumentos do Espiritismo eram mais convincentes que os do sermão. Assim tem sido com todas as pregações análogas; assim será com a ordenação episcopal de Argel que, predizemos, terá um resultado completamente diverso daquele que esperam.

Ao autor desta carta diremos: “Irmão, esta espécie de confissão, que fazeis diante dos homens, é um grande ato de humildade; jamais há vergonha, mas grandeza, em reconhecer que se enganou e confessar os seus erros. Deus ama os humildes, pois é a eles que pertence o reino dos céus.”

A carta seguinte é exemplo não menos admirável dos milagres que o Espiritismo pode operar nas consciências; e, aqui, o resultado é ainda mais notável, pois não se trata de um homem do mundo, vivendo num meio esclarecido, cujas más inclinações podem ser contidas, se não pelo medo da vida futura, ao menos pelo da opinião, mas de um homem ferido pela justiça, de um condenado à reclusão numa penitenciária.

“Senhor,

“Tive a satisfação de ler, de estudar algumas de vossas excelentes obras tratando do Espiritismo, e o efeito desta leitura foi tal sobre o meu ser que julguei por bem me entreter convosco sobre o assunto; mas, para que bem possais compreender-me, creio ser necessário dar-vos a conhecer as circunstâncias em que me acho colocado.

“Tenho a infelicidade de ter sido condenado a seis anos de reclusão, justa conseqüência de minha conduta passada. Assim, não tenho direito de me queixar e, se o relato, é a bem da ordem.

“Há apenas um mês eu me julgava perdido para sempre. Por que hoje penso o contrário e por que a esperança inunda de luz o meu coração? Não será porque o Espiritismo,

desvendando-me a sublimidade de suas máximas, fez-me compreender que os bens terrenos nada valem? que a verdadeira felicidade só existe para os que praticam as virtudes ensinadas por Jesus-Cristo, virtudes que nos aproximam de Deus, nosso pai comum? Não será, também, porque, apesar de caído num estado de abjeção, não obstante desacreditado pela sociedade, posso esperar reabilitar-me de algum modo e, deste ponto de vista, preparar minha alma para uma vida melhor pela prática das virtudes e meu amor a Deus e ao próximo?

“Não sei se são bem estas as verdadeiras causas da mudança que em mim se operou; mas o que sei é que em todo o meu ser se passa algo que não posso definir. Estou com melhores disposições em face dos infelizes que, como eu, estão colocados sob a palmatória da sociedade. Tenho certa autoridade sobre uma centena deles e estou bem decidido a não usá-la senão para o bem. Minha posição moral parece-me menos penosa; considero meus sofrimentos como uma justa expiação e esta idéia me ajuda a suportá-la. Enfim, não é mais com sentimentos de ódio que considero a sociedade; rendo-lhe a justiça que lhe é devida.

“Tenho certeza de que são estas as causas que reagiram sobre o meu espírito e que, no futuro, farão de mim – acalento essa doce esperança – um homem amante e servo de Deus e do próximo, praticando a caridade e seus deveres. E a quem deverei render graças por esta feliz metamorfose, que de um homem mau terá feito um homem amante da virtude? Primeiramente a Deus, a quem devemos tudo referir, e em seguida aos vossos excelentes escritos. Assim, senhor, permiti vo-lo diga, esta carta tem por objetivo vos assegurar toda a minha gratidão.

“Mas por que minha educação espírita deve ficar inacabada? Sem dúvida Deus assim o quer; que se faça a sua vontade! Não vos deixarei ignorar, senhor, o nome da excelente criatura a quem devo o que sei agora: é o Sr. Benoît, que, tendo

notado em mim um desejo de reparar o meu passado, houve por bem iniciar-me na Doutrina Espírita; infelizmente vou perdê-lo, pois sua nova posição não mais lhe permitirá que me venha ver. É uma grande desdita para mim e não vo-la oculto, porque aos conselhos ele juntava o exemplo. Também ele deve o seu progresso à doutrina. Dizia-me: ‘Até que tivesse sido esclarecido pelo Espiritismo, tão logo terminava minha refeição ia para o café e lá, muitas vezes, não só me esquecia dos deveres para com a minha pequena família, mas ainda para com o meu patrão. O tempo que assim passava hoje emprego na leitura de livros espíritas, leitura que faço em voz alta, para que minha família também aproveite. E crede-me, acrescentava o Sr. Benoît, isto vale mais, é o começo da verdadeira, da única felicidade.’

“Peço-vos perdoeis a minha temeridade e, sobretudo, a extensão desta carta, e crede-me, etc.”

D...

Esse Sr. Benoît é um simples operário. Tinha sido instruído no Espiritismo por uma senhora da cidade, da qual havia falado ao prisioneiro. Este último, antes da partida de seu instrutor, a ela enviou a seguinte carta:

“Senhora,

“Por certo é grande temeridade de minha parte ousar vos dirigir estas linhas, mas conto com a vossa bondade para ser perdoado, principalmente em razão das causas que me levam a agir. Primeiro, tenho de vos agradecer, senhora, mas agradecer do mais profundo do coração, de toda a minha alma, pelo bem que me fizestes, permitindo que o Sr. Bennoît me instrísse no Espiritismo, esta sublime doutrina chamada a regenerar o mundo, e que tão bem sabe demonstrar ao homem o que deve a Deus, à família, à sociedade, a si mesmo; que, provando que nem tudo se

acaba nesta vida, o estimula e lhe dá meios de se preparar uma outra vida. Creio ter aproveitado os úteis ensinamentos que recebi, porque experimento um sentimento que me deixa com melhores disposições para com os meus semelhantes e me faz ter sempre o pensamento voltado para o céu. É um começo de fé? Eu o espero. Infelizmente o Sr. Benoît vai partir e, com ele, a esperança de me instruir.

“Sei que sois bondosa, que tendes pensado em continuar a me dar os meios de me esclarecer; eu vos suplico de joelhos que continueis a obra começada; ela vos será contada por Deus, pois tendes a esperança de fazer de um infeliz perdido nos vícios do mundo um homem virtuoso, um homem digno deste nome, de sua família e da sociedade. Esperando o dia em que, livre, poderei dar minhas provas, eu vos bendirei como meu Espírito nesta Terra; eu vos associarei às minhas preces e dia virá em que também poderei ensinar à minha família a vos bendizer, a vos venerar, pois lhe tereis devolvido um filho, um irmão honesto. É impossível ser de outra forma quando se serve a Deus sinceramente. Concluo, pois, senhora, pedindo que sejais, na Terra, meu Espírito bom e que me dirijais no bom caminho. O que fizerdes será contado como uma boa obra. Quanto a mim, prometo ser dócil aos vossos ensinamentos.

“Termino, etc.”

Observação – Simples operário, esse Sr. Benoît era um exemplo recente do efeito moralizador do Espiritismo e, por sua vez, já traz ao bom caminho uma alma transviada; devolve à família, à sociedade um homem honesto em vez de um criminoso, boa obra para a qual concorreu uma dama caridosa, desconhecida de ambos, mas animada do só desejo de fazer o bem. E tudo isto é feito na sombra, sem fausto, sem ostentação, e apenas com o testemunho da consciência.

Espíritas, eis desses milagres de que vos deveis orgulhar, que todos podeis operar e pelos quais não necessitais de nenhuma faculdade excepcional, pois basta o desejo de fazer o bem. Se o Espiritismo tem tal poder sobre as almas corrompidas, que não se deve esperar para a regeneração da Humanidade, quando se tiver convertido em crença comum e cada um o empregar em sua esfera de ação!

Vós todos que atirais pedras contra o Espiritismo e dizeis que ele enche as casas de alienados, dai, pois, em seu lugar algo que produza mais do que ele. Pelo fruto se conhece a qualidade da árvore. Julgai, pois, o Espiritismo pelos seus frutos e tratai de os produzir melhores; então sereis seguidos. Mais alguns anos e vereis muitos outros prodígios; não sinais no céu para ferir os olhos, como pediam os fariseus, mas prodígios no coração dos homens, dos quais o maior será fechar a boca dos detratores e abrir os olhos aos cegos, pois é preciso que se cumpram as predições do Cristo, e todas elas se cumprirão.

Novo Sucesso do Espírito de Carcassonne

O Espírito batedor de Carcassonne mantém sua reputação e prova, pelo sucesso que obtém nos diversos concursos em que se apresenta como candidato, o mérito incontestável de suas excelentes fábulas e poesias. Depois de haver conquistado o primeiro prêmio, a Rosa silvestre de ouro, na Academia dos Jogos Florais de Toulouse, acaba de obter uma medalha de bronze no concurso de Nîmes. O *Courrier de l'Aude* diz a respeito: “Esta distinção é tanto mais lisonjeira quando o concurso não se restringia às fábulas e poesias, mas abarcava todas as obras literárias.”

Por certo esse novo triunfo pressagia outros, para o futuro, pois é provável que esse Espírito continue por lá. Decididamente ele vem a tornar-se um temível concorrente. Que dirão os incrédulos? O que já disseram quando do sucesso de Toulouse: que o Sr. Joubert é um poeta que tem a fantasia de se esconder sob o manto de um Espírito. Mas os que conhecem o Sr. Joubert sabem que ele não é poeta; e ainda que o fosse, o modo de obtenção pela tiptologia, em presença de testemunhas, afasta qualquer dúvida, a menos que se suponha que ele se oculte, não sob a mesa, mas na mesa. Seja como for, fatos desta natureza não podem deixar de chamar a atenção de pessoas sérias e de apressar o momento em que as relações entre os mundos visível e invisível serão admitidas como uma das leis da Natureza. Reconhecida esta lei, a filosofia e a ciência entrarão necessariamente numa nova via. A Providência, que quer o triunfo do Espiritismo, porque o Espiritismo é uma das grandes etapas do progresso humano, emprega diversos meios para fazê-lo penetrar no espírito das massas, meios apropriados aos gostos e às disposições de cada um, visto como aquilo que convence a uns, não convence a outros. Aqui são os sucessos acadêmicos de um Espírito poeta; ali são fenômenos tangíveis provocados ou manifestações espontâneas; acolá são efeitos puramente morais; depois, curas que outrora teriam passado por miraculosas, confundindo a ciência vulgar; produções artísticas por pessoas estranhas às artes. Há os casos de obsessão e de subjugação que, provando a impotência da Ciência nessas espécies de afecções, levarão os sábios a reconhecer uma ação extramaterial. Finalmente, temos necessidade de acrescentar que os adversários da idéia espírita são, nas mãos da Providência, um dos mais poderosos meios de vulgarização? porque é bastante evidente que sem a repercussão de seus ataques, o Espiritismo estaria menos espalhado do que está. Deus, em os convencendo de sua impotência, quis que eles próprios servissem ao seu triunfo. (Vide a *Revista* de junho de 1863).

Pluralidade das Existências e dos Mundos Habitados

PELO DR. GELPKE

Devemos à gentileza de um dos nossos correspondentes de Bordeaux a interessante passagem que se segue, extraída de uma obra intitulada: *Exposição da grandeza da criação universal*, pelo Dr. *Gelpke*, publicada em Leipzig em 1817.

“...Se, pois, a construção de todos os mundos que brilham acima de nós pudesse ser submetida ao nosso exame, de que admiração não seríamos tomados, vendo a diversidade desses globos, cada um dos quais organizado de modo diverso do seu mais próximo vizinho na ordem da criação! E, como já disse, sendo incalculável o número dos mundos, sua construção também deve ser infinitamente diferente.

“Além disso, como de cada mundo depende a organização dos seres que o habitam, estes devem, tanto interna como externamente, diferir essencialmente em cada globo. Agora, se considerarmos a multiplicidade e a imensa variedade das criaturas em nossa Terra, onde nem mesmo uma folha se assemelha a outra, e se admitirmos uma tão grande variedade de criaturas em cada mundo, quão prodigiosa nos parecerá a multidão no incomensurável reino de Deus!

“Qual não será, pois, um dia, a plenitude de nossa felicidade, quando, *sob invólucros sempre mais perfeitos*, penetrarmos sucessivamente mais à frente os mistérios da criação e encontrarmos mundos sem-fim, povoando um espaço sem-fim! Então, quanto Deus não nos parecerá ainda mais adorável, ele que tirou tudo isso do nada, ele cuja bondade sem limites criou tudo isto apenas para a satisfação dos seres vivos e cuja sabedoria ordenou isto tudo de maneira tão admirável!

“Mas nossa residência e nossa conformação atuais podem proporcionar-nos tal felicidade? Para isto não necessitamos de outra morada, que nos coloque mais cedo no domínio da criação, e de um envoltório muito mais sutil e mais perfeito, que não entrave o nosso Espírito em seus progressos para a perfeição, e por meio do qual ele poderá ver, sem auxílio, no todo universal, muito além do que o podemos daqui com os nossos melhores instrumentos?”

“Mas por que o Criador não nos daria, *após vários degraus de existência*, um envoltório que, semelhante ao relâmpago, pudesse elevar-se de mundos a mundos, permitindo-nos, assim, olhar tudo de mais perto e, ao mesmo tempo, abarcar melhor o conjunto pelo pensamento? Quem ousaria duvidá-lo, quando vemos a brilhante borboleta nascer da lagarta, e á arvore deslumbrante de flores provir de um caroço! Se Deus assim desenvolve pouco a pouco a lagarta e no-la mostra esplendidamente transformada, se também desenvolve o germe por graus, quanto não nos fará progredir a nós homens, reis da Terra, e avançar na Criação!”

Pluralidade dos mundos habitados, pluralidade das existências, perispírito, progresso contínuo e infinito da alma, tudo está aí.

Dissertações Espíritas

A NOVA TORRE DE BABEL

(Sociedade de Paris, 6 de fevereiro de 1863 – Médiun: Sra. Costel)

O Espiritismo é o Cristianismo da idade moderna; deve restituir às tradições o seu sentido espiritualista. Outrora o Espírito se fazia carne; hoje a carne se faz Espírito para desenvolver a idéia gigantesca que deve renovar a face do mundo. Mas à festa da criação espírita sucederão a perturbação e o orgulho dos diversos

sistemas que, desprezando sábios ensinamentos, levantarão uma nova torre de Babel, obra de confusão, logo reduzida a nada, porque as obras do passado são o penhor do futuro e nada se dissipa do tesouro de experiências amontoadas pelos séculos. Espíritas, formai uma tribo intelectual; segui vossos guias mais docilmente do que fizeram os hebreus; nós também vimos livrar-vos do jugo dos filisteus e vos conduzir à Terra Prometida. Às trevas das primeiras idades sucederá a aurora e ficareis maravilhados ao compreender a lenta reflexão das idades anteriores sobre o presente. As lendas renascerão enérgicas como a realidade e adquirireis a prova da admirável unidade, garantia da aliança contraída por Deus com as suas criaturas.

São Luís

O VERDADEIRO ESPÍRITO DAS TRADIÇÕES

(Sétif, Argélia, 15 de outubro de 1863)

Abri as Escrituras Sagradas e a cada página encontrareis predições ou alegorias incompreensíveis para quem quer que não esteja ao corrente das revelações novas e que, para a maioria, foram interpretadas por seus comentadores de acordo com a opinião que professavam e, muitas vezes, com o seu próprio interesse. Mas tomando como guia a ciência que começastes a adquirir, podereis facilmente descobrir o sentido oculto que elas encerram.

Os antigos profetas eram todos inspirados por Espíritos elevados, mas que só lhes davam, em suas revelações, ensinamentos que só eram compreendidos por inteligências de escol, e cujo sentido não estivesse em oposição muito patente com o estado dos conhecimentos e dos preconceitos daquele tempo. Era necessário que fosse possível interpretá-los de maneira apropriada à inteligência das massas, para que estas não as rejeitassem, como não teriam deixado de fazer se essas predições estivessem em frontal oposição com as idéias gerais.

Hoje o nosso cuidado deve ser o de vos esclarecer completamente e, ao mesmo tempo, vos fazer compreender os paralelos existentes entre as nossas revelações e as dos Antigos. Temos outra tarefa a desempenhar: a de combater a mentira, a hipocrisia e o erro, tarefa muito difícil e muito árdua, mas cujo fim alcançaremos, pois tal é a vontade de Deus. Tende fé e coragem; Deus jamais encontra um obstáculo irresistível à sua vontade. Meios imprevistos serão empregados por suas ordens para vencer o gênio do mal, personificado agora pelos que deveriam marchar à frente do progresso e propagar a verdade, em vez de entravá-la pelo orgulho ou pelo interesse.

É preciso, pois, anunciar por toda parte, com confiança e segurança, o fim, que se avizinha, da escravidão, da injustiça e da mentira. Digo o fim que se avizinha porque os acontecimentos, embora devendo realizar-se com a sábia lentidão que a Providência imprime em suas reformas, com vistas a evitar as desgraças inseparáveis de uma grande precipitação, tenham seu curso num espaço de tempo mais próximo do que o esperam os que se atemorizam com os obstáculos que prevêm, e também num tempo mais breve do que o aguardado por aqueles que, por medo ou egoísmo, estão interessados na manutenção indefinida desse estado de coisas.

Sede, pois, ardentes na propaganda, mas prudentes diante dos vossos ouvintes, não apavorando as consciências timoratas e ignorantes. Só os egoístas não exigem a menor circunspeção nem vos devem inspirar qualquer medo. Tendes a ajuda de Deus; sua resistência, pois, será impotente contra vós; é preciso lhes mostrar sem equívoco o futuro terrível que os espera, por sua própria causa e por causa dos que se deixarem perverter por seu exemplo, pois cada um é responsável pelo mal que faz e por aquele do qual for a causa.

Santo Agostinho

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

DEZEMBRO DE 1863

Nº 12

Utilidade do Ensino dos Espíritos

Um publicista notável, por cujo caráter professamos a mais profunda estima, e cujas simpatias foram conquistadas pela filosofia espírita, mas para o qual a utilidade do ensino dos Espíritos não foi ainda demonstrada, escreve-nos o que se segue:

“...Creio que desde muito tempo a Humanidade estava de posse dos princípios que expusestes, princípios que aprecio e defendo sem o concurso das comunicações espíritas, o que não quer dizer, notai-o bem, que eu negue o auxílio das luzes divinas. Cada um de nós recebe esse auxílio num certo limite, conforme o seu grau de boa vontade, de amor ao próximo e, também, na medida da missão que tenha a cumprir durante sua passagem na Terra. Não sei se vossas comunicações vos puseram na posse de uma única idéia, de um só princípio que não tenha sido precedentemente exposto por uma série de filósofos e de pensadores que, desde Confúcio, até Platão, Moisés, Jesus-Cristo, Santo Agostinho, Lutero, Diderot, Voltaire, Condorcet, Saint-Simon e outros fizeram progredir o nosso humilde planeta. Não o creio e, se estiver enganado, ser-vos-ia muito reconhecido pelo empenho que tivésseis em demonstrar o meu erro. Notai bem

que não condeno vossos processos espíritos; penso que são inúteis para mim, etc...”

Meu caro senhor, vou responder em breves palavras à vossa pergunta. Não tenho o vosso talento nem a vossa eloquência, mas tentarei ser claro, não só para vós, mas para meus leitores, aos quais minha resposta poderá servir de ensino, razão por que o faço através de meu jornal.

Logo de início direi que, de duas uma: ou as comunicações com os Espíritos existem, ou não existem. Se não existem, *milhões* de pessoas que diariamente se comunicam com eles são vítimas de uma estranha ilusão e eu mesmo teria tido uma singular idéia ao atribuir-lhes algo cujo mérito poderia ter sido meu. Mas não vale a pena discutir tal ponto, já que não o contestais. Se essa comunicação existe, deve ter sua utilidade, porque Deus nada faz de inútil. Ora, essa utilidade ressalta não só desse ensino, mas ainda, e principalmente, das conseqüências desse ensino, como veremos daqui a pouco.

Dizeis que essas comunicações nada ensinam de novo além do que já foi ensinado por todos os filósofos, desde Confúcio, donde concluí que são inúteis. O provérbio: “Não há nada de novo debaixo do Sol” é perfeitamente certo, e Edouard Fournier o demonstrou claramente em sua interessante obra *Vieux neuf*. O que ele disse das obras da indústria é igualmente verdadeiro, em matéria filosófica, e isto pela razão muito simples de que as grandes verdades são de todos os tempos e em todos os tempos devem ter sido reveladas a homens de gênio. Mas porque um homem formulou uma idéia, segue-se que aquele que a formula depois dele seja inútil? Sócrates e Platão não enunciaram princípios de moral idênticos aos de Jesus? Deve-se, por isso, concluir que a doutrina de Jesus foi uma superfluidade? Se assim fosse, bem poucos trabalhos seriam de real utilidade, pois da maior parte pode dizer-se que um outro teve a mesma idéia e que basta a este

recorrer. Vós mesmo, meu caro senhor, que consagrais o vosso talento ao triunfo das idéias de progresso e de liberdade, que dizeis que cem outros já não tenham dito antes de vós? Vamos, por isso, concluir que vos deveríeis calar? Não o pensais. Confúcio, por exemplo, proclama uma verdade; depois um, dois, três, cem outros homens, vindo após ele, a desenvolvem, a completam e a apresentam sob outra forma, de modo que essa verdade, que tinha ficado nos arquivos da História e era privilégio de alguns eruditos, se populariza, se infiltra nas massas e acaba por tornar-se uma crença vulgar. Que teria acontecido às idéias dos filósofos antigos se elas não tivessem sido retomadas na sua base por escritores modernos? Quantos a conheceriam hoje? É assim que, por sua vez, cada um vem dar a sua martelada.

Suponhamos que os Espíritos nada de novo tenham ensinado; que não tenham revelado uma só verdade nova; numa palavra, que apenas hajam repetido as verdades professadas pelos apóstolos do progresso. Então nada significam esses princípios hoje ensinados pela voz do mundo invisível em todas as partes do mundo, na intimidade de todas as famílias, desde o palácio até a choupana? Nada representam esses milhões de marteladas diárias, a toda hora e em toda parte? Credes que as massas não estejam mais penetradas e impressionadas por tais verdades, venham de seus parentes ou amigos, ou das máximas de Sócrates e de Platão, que jamais leram ou que só conhecem de nome? Como podeis, meu caro senhor, desdenhar semelhante auxiliar, vós que combateis os abusos de toda sorte? Um auxiliar que bate em todas as portas, desafiando todas as ordens em contrário e todas as medidas inquisitoriais? Só este auxiliar – e um dia tereis a prova – vencerá todas as resistências, porque toma os abusos pela base, apoiando-se sobre a fé que se extingue e que ele vem consolidar.

Pregais a fraternidade em termos eloqüentes, e fazeis muito bem, pelo que vos admiro; mas o que é a fraternidade com o egoísmo? O egoísmo será sempre a pedra de tropeço para a

realização das mais generosas idéias, não faltando exemplos, antigos e recentes, em apoio a esta proposição. É preciso, pois, atacar o mal pela raiz e para isto combater o egoísmo e o orgulho, que fizeram e farão abortar os projetos mais bem concebidos. E como destruir o egoísmo sob o império das idéias materialistas, que concentram a ação do homem na vida presente? Para quem nada espera depois desta vida, a abnegação não tem nenhuma razão de ser; o sacrifício é um engodo, porque devemos aproveitar os curtos prazeres deste mundo. Ora, quem melhor que o Espiritismo dá essa fé inalterável?

Como chegou a triunfar da incredulidade de tão grande número e a domar tantas paixões más, senão pelas provas materiais que dá? E como pode dar estas provas sem as relações estabelecidas com os que já não se acham na Terra? Então de nada vale ter ensinado aos homens de onde vêm, para onde vão, e o futuro que lhes é reservado? A solidariedade que ensina já não é uma simples teoria, mas a conseqüência inevitável das relações existentes entre os mortos e os vivos, relações que fazem da fraternidade entre os vivos não só um dever moral, mas uma necessidade, porque corresponde ao interesse da vida futura.

As idéias de casta, os preconceitos aristocráticos, produtos do orgulho e do egoísmo, não foram em todos os tempos um obstáculo à emancipação das massas? Em princípio, bastará dizer aos privilegiados do berço e da fortuna: Todos os homens são iguais? O Evangelho foi suficiente para persuadir aos cristãos possuidores de escravos que estes últimos são seus irmãos? Ora, quem pode destruir esses preconceitos, quem nivela melhor essas cabeças do que a *certeza* de que nas últimas camadas da sociedade se acham seres que ocuparam o topo da escala social? que entre os nossos serviçais, entre aqueles a quem damos esmola, podem achar-se parentes, amigos, homens que nos comandaram? que, enfim, os que agora se encontram altamente colocados podem descer para o último degrau? Consistirá isto num ensino estéril para

a Humanidade? A idéia é nova? Não; mais de um filósofo a emitiu e pressentiu esta grande lei da justiça divina. Mas de nada vale dar-lhe a prova palpável, evidente? Muitos séculos antes de Copérnico, Galileu e Newton, a redondeza e o movimento da Terra tinham sido estabelecidos como princípios; esses sábios vieram demonstrar o que os outros apenas haviam suspeitado. Assim, há Espíritos que vêm provar as grandes verdades, deixadas como letra morta para o maior número, dando-lhes por base uma lei da Natureza.

Ah! meu caro senhor! se soubésseis, como eu, quantos homens que teriam sido entraves à realização das idéias humanitárias, mudaram a maneira de ver e hoje, graças ao Espiritismo, se tornaram campeões, não diríeis que o ensino dos Espíritos é inútil; vós o bendiríeis como a tábua de salvação da sociedade e apelaríeis com todas as vossas forças para a sua propagação. Foi o ensino dos filósofos que lhes faltou? Não, porque na maior parte são homens esclarecidos, para os quais os filósofos eram sonhadores, utopistas e eloqüentes; que digo eu? revolucionários. Era preciso tocar-lhes o coração e o que os tocou foram as vozes de além-túmulo, que se fizeram ouvir em seus próprios lares.

Por hoje, caro senhor, permiti-me ficar por aqui. A abundância de matéria me obriga a adiar a questão para o próximo número, a qual será considerada de outro ponto de vista.

O Espiritismo na Argélia

A propósito de nosso artigo do mês passado sobre a pastoral do Sr. bispo de Argel, várias pessoas nos perguntaram se lho havíamos remetido. Ignoramos se alguém se encarregou disto; quanto a nós, não o fizemos e eis a nossa razão:

Não temos a menor intenção de converter o Sr. bispo de Argel à nossa opinião. Ele poderia ter visto na remessa direta

daquele artigo uma espécie de bravata de nossa parte, o que não está em nosso caráter. Ainda uma vez, o Espiritismo deve ser aceito livremente e não violentar consciência alguma; deve atrair a si pela força de seu raciocínio, a todos acessível, e pelos bons frutos que dá; deve realizar esta palavra do Cristo: “Outrora o céu era tomado pela violência; hoje o é pela doçura.” De duas, uma: ou o Sr. bispo de Argel se restringe a falar do que sabe, ou não se restringe. No primeiro caso, por si mesmo deve pôr-se ao corrente da questão e não se limitar aos escritos que abundam neste sentido, se não quiser expor-se a cometer erros lamentáveis; no segundo caso, seria trabalho perdido querer abrir os olhos a quem os quer manter fechados.

É um grave erro acreditar que a sorte do Espiritismo dependa da adesão desta ou daquela individualidade; ele se apóia em base mais sólida: o assentimento das massas, nas quais a opinião dos menores pesa tanto quanto a dos maiores. Não é uma pedra única que faz a solidez de um edifício, pois uma pedra pode ser derrubada, mas o conjunto de todas as pedras que lhe servem de fundação. Numa questão de tão vasto interesse, a importância das individualidades, considerada em si mesma, de certo modo se apaga; cada uma traz o seu contingente de ação, mas se algumas faltam ao chamado, nem por isso sofre o conjunto.

Em sua opinião, o Sr. bispo de Argel julgou por bem fazer o que fez. Estava no seu direito; diremos mais: fez bem em fazê-lo, pois agiu conforme sua consciência. Se o resultado não corresponder à sua expectativa, é que se perdeu. Eis tudo. Não nos cabe modificar as suas idéias e, por este motivo, não havia por que lhe enviar nossa refutação. Não a escrevemos para ele, mas para a instrução dos espíritas de todos os países, a fim de os tranquilizar quanto às conseqüências de uma manobra que, provavelmente, terá imitadores. A medida, portanto, pouco importa em si mesma; o essencial era provar que nem esta nem outras podiam atingir o objetivo a que se propunham: o aniquilamento do Espiritismo.

Em princípio, em todas as nossas refutações jamais visamos os indivíduos, porque as questões pessoais morrem com as pessoas. O Espiritismo vê as coisas de mais alto; liga-se às questões de princípios, que sobrevivem aos indivíduos. Num dado tempo, todos os detratores atuais do Espiritismo estarão mortos; já que em vida não puderam deter o seu ímpeto, menos ainda poderão depois de mortos; ao contrário, mais de um, reconhecendo seu erro, secundará como Espírito o que havia combatido como homem, como fez o defunto bispo de Barcelona, que recomendamos às preces de todos os espíritas, conforme o desejo por ele expresso. Como vedes, mesmo antes de partir, alguns antagonistas já estão mortos moralmente! De todos os escritos que pretendiam pulverizar a doutrina, quantos sobreviveram? Um ou dois anos bastaram para pôr a maior parte no esquecimento, e os que fizeram mais alarido apenas acenderam um fogo de palha, já extinto, ou em processo de extinção. Mais alguns anos e já não se falará deles; serão procurados como raridades. Dá-se o mesmo com as idéias espíritas? Os fatos respondem à pergunta. É de presumir-se que, no rasto de seus autores, venham adversários mais temíveis, que terão razão contra o Espiritismo? É pouco provável, porque não é o talento, nem a boa vontade, nem a alta posição que faltam aos de hoje; eles são todo fogo e todo ardor; o que lhes faltam são argumentos que sobrelevem os do Espiritismo e, certamente, não é por falta de procurá-los. Ora, como a idéia espírita ganha partidários incessantemente, o número de adversários diminuirá proporcionalmente e estes se verão forçados a aceitar um fato consumado.

Aliás, já dissemos que o clero não é unânime em sua reprovação contra o Espiritismo. Conhecemos pessoalmente vários eclesiásticos muito simpáticos a esta idéia, aceitando todas as suas conseqüências. Eis uma prova bem característica no fato seguinte, bem recente, cuja autenticidade podemos garantir:

Num vagão de estrada de ferro achavam-se dois senhores, um cientista materialista e ateu extremado, e seu amigo, que, ao contrário, era muito espiritualista. Discutiam calorosamente, cada um sustentando sua opinião. Numa estação subiu um jovem padre, que a princípio escuta e logo depois participa da conversa. Dirigindo-se ao incrédulo, diz-lhe: “Parece, senhor, que em nada acreditais, nem mesmo em Deus? – Confesso que é verdade, senhor padre, e ninguém ainda conseguiu me provar que eu esteja em erro. – Pois bem, senhor, eu vos aconselho a ir aos espíritas para crerdes. – Como! senhor padre, sois justamente vós que me falais assim? – Sim, senhor, e digo isto porque é a minha convicção. Sei, por experiência, que quando a religião é impotente para vencer a incredulidade, o Espiritismo triunfa. – Mas que pensaria o vosso bispo se soubesse o que acabastes de dizer-me? – Pensaria o que quisesse, e eu o diria a ele próprio, pois tenho por hábito não ocultar o meu modo de pensar.”

Foi o próprio cientista que narrou o fato a um de seus amigos, do qual o colhemos.

Eis um outro não menos significativo. Um de nossos fervorosos adeptos, tendo ido visitar um de seus tios, cura de aldeia, encontrou-o ocupado a ler *O Livro dos Espíritos*. Transcrevemos textualmente o relato que ele nos deu da conversa.

“Pois quê! meu tio! ledes este livro e não temeis ficar danado? Não seria para o refutar em vossos sermões? – Ao contrário, esta doutrina me tranqüiliza quanto ao futuro, pois hoje compreendo muitos mistérios que não havia compreendido, mesmo no Evangelho. E tu, conheces isto? – Como não! se conheço! Sou espírita de coração e de alma; além disso, sou um pouco médium. – Então, meu caro sobrinho, chegamos a um acordo! Nunca nos tínhamos entendido sobre a religião e agora nos entendemos. Por que ainda não me tinhas falado disto? – Eu temia escandalizar-vos. – Outrora, com a tua incredulidade, tu me

escandalizavas muito mais. – Se eu era incrédulo, vós fostes a causa. – Como assim? – Não fostes vós que me educastes? E o que me ensinastes em matéria de religião? Sempre quisestes me explicar o que vós mesmos não compreendíeis; depois, quando vos questionava e não sabíeis responder, dizíeis: “Cala-te, infeliz! é preciso crer e não buscar compreender. Jamais passarás de um ateu.” Agora talvez eu vos pudesse ensinar. Assim, sou eu que me encarrego de instruir meu filho; ele tem dez anos e vos garanto que é mais crente do que eu naquela idade, entre as vossas mãos, e não receio que algum dia ele perca sua fé, porque compreende tudo tão bem quanto eu. Se vísseis como ele ora com fervor, como é dócil, laborioso, atento a todos os seus deveres, ficaríeis edificado. Mas dizei-me, meu tio, pregais o Espiritismo aos vossos paroquianos? – Vontade não me falta; mas haverás de compreender que isto é impossível. – Falais sempre a eles da fornalha do diabo, como em meu tempo? Posso dizer isto agora sem vos ofender: realmente aquilo nos fazia rir muito. Estou certo de que entre os vossos ouvintes não havia mais que três ou quatro beatas que acreditavam no que dizíeis; as mocinhas, geralmente muito tímidas, tão logo saíam do sermão iam fazer o “jogo do diabo.” Se esse medo tem tão pouco império sobre gente do campo, naturalmente supersticiosas, imaginai o que deve ser entre gente esclarecida. Ah! meu caro tio, é tempo de trocar as baterias, porque o tempo do diabo acabou. – Bem o sei, e o pior de tudo isto é que a maioria não crê mais em Deus do que no diabo, daí por que vão mais ao cabaré do que à igreja. Confesso-te que por vezes me sinto embaraçado para conciliar o dever com a minha consciência. Trato de buscar uma solução intermediária: falo mais de moral, dos deveres para com a família e a sociedade, apoiando-me no Evangelho e vejo que sou mais bem ouvido e compreendido. – Que resultado pensais que seria obtido, caso se lhes pregasse a religião sob a óptica do Espiritismo? – Fizeste a tua confissão e vou fazer a minha, falando de coração aberto. Estou convicto de que antes de dez anos não haverá um só incrédulo na paróquia e todos

serão pessoas honradas; o que lhes falta é fé. Neles a fé acabou e o seu cepticismo, não tendo por lastro o respeito humano, dado pela educação, tem algo de bestial. Eu lhes falo de moral, mas a moral sem a fé não tem base. O Espiritismo lhes dá essa fé, pois essas criaturas, a despeito da falta de instrução, têm muito bom-senso; raciocinam mais do que se imagina, mas são extremamente desconfiados, e essa desconfiança faz que queiram compreender antes de crer. Ora, para isto nada melhor do que o Espiritismo. – A conseqüência do que dizeis, meu tio, é que se esse resultado é possível numa paróquia, o é igualmente em outras. Se, pois, todos os curas da França pregassem apoiados no Espiritismo, a sociedade se transformaria em poucos anos. – É a minha opinião. – Pensais que isto aconteça um dia? – Eu o espero. – Quanto a mim, tenho certeza de que antes do fim do século se dará essa mudança. Dizei-me, meu tio, sois médium? – Psiu! (*baixinho*) Sim! – E o que vos dizem os Espíritos? – Dizem que... (Aqui o bom cura falou tão baixo que o sobrinho não conseguiu ouvir).

Dissemos que a pastoral do Sr. bispo de Argel não havia detido o ímpeto do Espiritismo naquela região. O resumo seguinte de duas cartas, entre muitas outras análogas, disto nos dá uma idéia:

“Caro e venerado mestre: ao confirmar-vos a minha carta anterior, por ocasião da circular do Sr. bispo de Argel, venho renovar os protestos invioláveis de afeição que unem todos os espíritas do nosso grupo à santa e sublime doutrina do Espiritismo, doutrina que jamais nos persuadirão de ser obra do diabo, por nos haver arrancado da dúvida e do culto da matéria, tornando-nos melhores uns para com os outros, mesmo para com os nossos inimigos, pelos quais oramos diariamente. Como no passado, continuamos nos reunindo e recebendo as instruções de nossos Espíritos protetores, que nos asseguram que tudo quanto se passa é para o melhor e segundo os desígnios da Providência. Todos nos dizem que estão próximos os tempos em que grandes mudanças

vão operar-se nas crenças, às quais o Espiritismo servirá de elo para levar todos os homens à fraternidade...”

Uma outra carta diz: “A pastoral do Sr. bispo de Argel forneceu ao nosso cura assunto para um sermão fulminante contra o Espiritismo, sobretudo em razão de sua eloquência. Engano-me, porque causou tão forte impressão sobre vários zombadores que estes, vendo o Espiritismo tomado a sério pela autoridade eclesiástica, se disseram que ali deveria haver algo de sério. Puseram-se então a estudá-lo e agora não riem mais e são dos nossos. Aliás, o número de espíritas continua a aumentar e vários novos grupos estão se formando.”

Toda a nossa correspondência é no mesmo sentido e não assinala uma só defecção, mas apenas alguns indivíduos que, por sua posição dependente da autoridade eclesiástica, vêem-se obrigados a não se porem em evidência, sem, contudo, deixarem de se ocupar do Espiritismo na intimidade ou no silêncio do gabinete. Pode-se impor atos exteriores, mas não dominar a consciência. A comunicação que se segue comprova que o ímpeto não diminuiu, seja da parte dos Espíritos, seja da parte dos homens:

“Sétif, 17 de setembro de 1863.

“Meus amigos, venho a vós cheio de alegria, vendo o Espiritismo fazer rápidos progressos, diariamente haurir novas forças, em meio aos entraves que lhe opõem. Essas forças não são apenas as do número, mas, também, da união, da fraternidade, da caridade. Tende, pois, confiança, esperança e coragem, marchando nesta santa via do progresso espírita, da qual nenhuma força humana vos desviará.

“Não obstante, esperai a luta e preparai-vos para a sustentar. Lá estão os inimigos a forjar-vos pesadas cadeias, com as quais vos esperam vencer e domar. Que farão contra a vontade de Deus, que vos protege? Os fundamentos de sua lei se elevarão, a

despeito de todas as dificuldades. Os servos do Todo-Poderoso estão cheios de ardor e zelo; não se deixarão abater; resistirão a todos os ataques; seguirão sua rota sempre e apesar de tudo; os entraves e as cadeias se quebrarão como se fossem de vidro.

“Eu vos digo, velai, orai, estendei a mão aos infelizes, abri os olhos que estão fechados; que vossos corações e vossos braços a todos se abram, sem exceção. Espíritas, vossa tarefa é bela! Que há de mais belo, de mais consolador que esse pacto de união entre os vivos e os mortos? Que imensos serviços nos poderemos prestar mutuamente! Por vossas preces a Deus, partidas do fundo do coração, muito podeis para o alívio das almas que sofrem e quão suave é o benefício ao coração de quem o pratica! Que tocante harmonia a das bênçãos que houverdes merecido! Ainda uma vez, orai elevando vossa alma ao céu e persuadi-vos de que cada uma de vossas preces será ouvida e atenuará uma dor.

Compreendi bem que quanto mais homens levardes a vos imitar, mais poderoso será o conjunto de vossas preces. Tomai os homens pela mão e conduzi-os ao verdadeiro caminho, onde aumentarão a vossa falange. Pregai a boa doutrina, a doutrina de Jesus, a que o Divino Mestre ensina em suas comunicações, que não fazem senão repetir e confirmar a doutrina dos Evangelhos. Os que viverem verão coisas admiráveis, eu vo-lo digo.

P. – É preciso responder a essa pastoral pela imprensa?

Resp. – Meu Deus! permiti-me dizer o que penso! Eles estabeleceram uma rota. Varrem-na, para que o povo passeie com mais comodidade e em maior número; assim, a multidão vem comprimir-se. Deveis compreender minha linguagem, um tanto enigmática. Vosso dever de espíritas é mostrar-lhes que abriram uma porta, ao invés de fechá-la.

Observação – Esta comunicação foi obtida por um operário, médium completamente iletrado e que mal assinava o nome. Depois que se tornou médium, escreve um pouco, mas com extrema dificuldade. Não se pode, assim, supor que a dissertação acima seja obra de sua imaginação.

Elias e João Batista

REFUTAÇÃO

Uma carta que nos foi enviada contém a seguinte passagem:

“Acabo de ter uma discussão com o cura daqui sobre a Doutrina Espírita. A propósito da reencarnação, pediu-me lhe dissesse qual dos corpos tomará o Espírito Elias no juízo final, anunciado pela Igreja, para se apresentar diante de Jesus Cristo; se será o primeiro ou o segundo. Não soube lhe responder. Ele riu e me disse que nós, os espíritas, não éramos fortes.”

Não sabemos qual dos dois provocou a discussão. Em todo o caso, é sempre uma imprudência engajar-se numa controvérsia quando não se sente força para a sustentar. Se a iniciativa partiu do nosso correspondente, lembrar-lhe-emos o que não cessamos de repetir, que “o Espiritismo se dirige aos que não crêem ou que duvidam, e não aos que têm uma fé e aos quais esta fé basta; que não diz a ninguém que renuncie às suas crenças para adotar as nossas”, e nisto ele é conseqüente com os princípios de tolerância e de liberdade de consciência que professa. Por este motivo não poderíamos aprovar as tentativas feitas por certas pessoas, para converter às nossas idéias o clero de qualquer comunhão. Repetiremos, pois, a todos os espíritas: Acolhei prontamente os homens de boa vontade; dai luz aos que a buscam, pois não tereis êxito com os que julgam possuí-la; não violenteis a fé de ninguém, nem a do clero, nem a dos laicos, já que vindes

semear em campo árido; ponde a luz em evidência, a fim de que a vejam os que quiserem ver; mostrai os frutos da árvore e dai a comer aos que têm fome, e não aos que se dizem fartos. Se membros do clero vierem a vós com intenções sinceras e sem pensamentos dissimulados, fazei por eles o que faríeis pelos vossos outros irmãos: instrui os que pedirem, mas não busqueis trazer à força os que imaginam que a sua consciência esteja empenhada em pensar de modo diverso do vosso; deixai-lhes a fé que têm, como quereis que vos deixem a vossa; mostrai-lhes, enfim, que sabeis praticar a caridade segundo Jesus. Se são os primeiros a atacar, temos o direito de responder e de refutar; se abrem a liça é permitido segui-los, sem, contudo, afastar-se da moderação, de que Jesus deu exemplo aos seus discípulos. Se os nossos adversários se afastarem por si mesmos, deve-se deixar-lhes esse triste privilégio, que jamais é prova da verdadeira força. Se de algum tempo para cá nós mesmos entramos no terreno da controvérsia, respondendo à altura a alguns membros do clero, forçoso é convir que a nossa polêmica nunca foi agressiva. Se não tivessem sido os primeiros a atacar, jamais seus nomes teriam sido pronunciados por nós. Sempre desprezamos as injúrias e os ataques de que fomos objeto, mas era nosso dever tomar a defesa dos nossos irmãos atacados e da nossa doutrina indignamente desfigurada, pois chegaram a dizer em pleno púlpito que ela pregava o adultério e o suicídio. Dissemos e repetimos, esta provocação é desastrada, porque leva forçosamente ao exame de certas questões, que teria sido melhor deixar adormecidas, porquanto, uma vez aberto o campo, não se sabe onde se vai parar. Mas o medo é mau conselheiro.

Posto isto, vamos tentar dar ao sr. cura supracitado a resposta à pergunta que ele fez. Todavia, não podemos deixar de notar que se o seu interlocutor não era tão forte quanto ele em teologia, ele mesmo não nos parece muito forte no Evangelho. Sua pergunta equivale à que foi levantada a Jesus pelos saduceus; ele não tinha senão que se referir à resposta de Jesus, que tomamos a liberdade de lembrar-lhe, já que não a sabe.

“Naquele dia aproximaram-se dele alguns saduceus, que dizem não haver ressurreição, e lhe perguntaram: Mestre, disse Moisés que se alguém morrer, não tendo filhos, seu irmão casará com a viúva e suscitará descendência ao falecido. Ora, havia entre nós sete irmãos: o primeiro, tendo casado, morreu, e não tendo descendência, deixou sua mulher a seu irmão; o mesmo sucedeu com o segundo, com o terceiro, até ao sétimo; depois de todos eles, morreu também a mulher. Portanto, na ressurreição, de qual dos sete será ela esposa? porque todos a desposaram. Respondeu-lhes Jesus: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus. Porque *na ressurreição nem casam nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu*. E quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus de mortos, e, sim, de vivos.”(São Mateus, 22:23 a 32).

Uma vez que os homens, depois da ressurreição, serão *como os anjos do céu* e estes não têm corpo carnal, mas um corpo etéreo e fluídico, então é porque não ressuscitarão em carne e osso. Se João Batista foi Elias é porque se trata da mesma alma, tendo tido duas vestimentas, deixadas na Terra em duas épocas diferentes; ele não se apresentará nem com uma nem com a outra, mas com o invólucro etéreo, apropriado ao mundo invisível. Se as palavras de Jesus não vos parecem bastante claras, lede as de São Paulo (que citamos mais adiante); elas são ainda mais explícitas. Duvidais que João Batista tenha sido Elias? Lede São Mateus, capítulo XI, versículos 13 a 15: “Porque todos os profetas e a Lei profetizaram até João. E, se o quereis reconhecer, *ele mesmo é o Elias que havia de vir*. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.” Aqui não há equívoco; os termos são claros e categóricos, e para não entender é preciso não ter ouvidos, ou querer fechá-los. Sendo estas palavras uma afirmação positiva, de duas uma: Jesus disse a verdade, ou enganou-se. Na primeira hipótese, a reencarnação é por ele atestada; na segunda, é lançar dúvida sobre todos os seus ensinamentos, porque, se ele se enganou num ponto, pode ter-se enganado em outros. Escolhei.

Agora, senhor cura, permiti que, por minha vez, vos dirija uma pergunta, que certamente vos será fácil responder.

Sabeis que o Gênesis, fixando seis dias para a Criação, não só da Terra, mas do Universo inteiro: Sol, estrelas, Lua, etc., não tinha contado com a Geologia e a Astronomia; que Josué não contara com a lei da gravitação universal. Parece-me que o dogma da ressurreição da carne não contou com a Química. É verdade que a Química é uma ciência diabólica, como todas as que fazem ver claro onde queriam que se visse turvo. Mas, seja qual for a sua origem, ela nos ensina uma coisa positiva: é que o corpo do homem, assim como todas as substâncias orgânicas animais e vegetais, é composto de elementos diversos, cujos princípios são o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono. Ela ainda nos ensina – e notai que é um resultado da experiência – que com a morte esses elementos se dispersam e entram na composição de outros corpos, de sorte que, ao cabo de certo tempo, o corpo inteiro é absorvido. É ainda constatado que o terreno onde sobejam as matérias animais em decomposição são os mais férteis e é na vizinhança dos cemitérios que os incrédulos atribuem a fecundidade proverbial dos jardins dos senhores curas de aldeia. Suponhamos, então, senhor cura, que batatas sejam plantadas nas proximidades de um sepulcro; essas batatas vão alimentar-se dos gases e sais provenientes da decomposição do corpo do morto; essas batatas vão servir para engordar galinhas que, por sua vez, as comereis e as saboreareis, de modo que o vosso próprio corpo será formado de moléculas do corpo do indivíduo morto, e que não deixarão de ser dele, embora tenham passado por intermediários. Então tereis em vós partes que pertenceram a outros. Ora, quando ressuscitardes ambos no dia do juízo, cada um com seu corpo, como fareis? Guardareis o que tendes do outro, ou o outro vos retomará o que lhe pertence? ou ainda tereis algo da batata ou da galinha? Pergunta no mínimo tão grave quanto a de saber se João Batista ressuscitará com o corpo de João ou o de Elias. Eu a faço na maior simplicidade; mas julgai do embaraço se, como isto é certo, tendes

em vós porções de centenas de indivíduos. Aí está, a bem dizer, a ressurreição da carne; outra, porém, é a do Espírito, que não leva consigo os seus despojos. Vede, a seguir, o que diz São Paulo.

Já que estamos no terreno das perguntas, eis outra, senhor cura, que ouvimos de incrédulos. Certamente é estranha ao assunto que nos ocupa, mas é suscitada por um dos fatos acima referidos. Segundo o Gênesis, Deus criou o mundo em seis dias e repousou no sétimo. É este repouso do sétimo dia que é consagrado pelo de domingo, e cuja estrita observação é uma lei canônica. Se, pois, como o demonstra a Geologia, esses seis dias, em vez de vinte e quatro horas, são alguns milhões de anos, qual será a duração do dia de repouso? Em termos de importância, esta pergunta vale bem as duas outras.

Não creiais, senhor cura, que estas observações sejam o resultado de um menosprezo às Santas Escrituras. Não, bem ao contrário; nós lhes rendemos, talvez, uma homenagem maior que a vossa. Considerando a forma alegórica, nós lhe buscamos o espírito que vivifica, nelas encontramos grandes verdades e por aí levamos os incrédulos a crer e a respeitá-las, ao passo que, apegando-se à letra que mata, fazem-nas dizer coisas absurdas e aumenta-se o número dos cépticos.

São Paulo, Precursor do Espiritismo

A comunicação seguinte foi obtida em sessão da Sociedade de Paris, ocorrida em 9 de outubro de 1863:

“Quantos dias se passaram, meus filhos, desde que tive a felicidade de entreter-me convosco! assim, é com grata satisfação que me encontro no seio da minha cara Sociedade de Paris.

“Com que vos entreterei hoje? A maior parte das questões morais foi tratada por penas hábeis; todavia, elas são de

tal modo do meu domínio e o seu campo é tão vasto que ainda encontrarei alguns fragmentos de verdade para respigar. Quanto ao mais, mesmo que eu apenas repetisse o que outros já disseram, talvez apareçam alguns novos ensinamentos, porque as boas palavras, como as boas sementes, produzem sempre bons frutos.

“Para nós, os livros santos são celeiros inesgotáveis, e o grande apóstolo Paulo, que por sua prédica poderosa tanto contribuiu para o estabelecimento do Cristianismo no passado, vos deixou monumentos escritos que servirão, não menos energicamente, à expansão do Espiritismo. Não ignoro que os vossos adversários religiosos invocam seu testemunho contra vós; mas, ficai certos, isto não impede que o ilustre iluminado de Damasco seja por vós e convosco. O sopro que corre em suas epístolas, a santa inspiração que anima os seus ensinamentos, longe de ser hostil à vossa doutrina, está, ao contrário, cheia de singulares previsões em vista do que acontece hoje. É assim que, na sua primeira epístola aos coríntios, ele ensina que, sem a caridade, não existe nenhum homem, ainda que fosse santo, profeta e transportasse montanhas, que se possa gabar de ser um verdadeiro discípulo de Nosso Senhor Jesus-Cristo. Como os espíritas, e antes dos espíritas, foi ele o primeiro a proclamar esta máxima que faz vossa glória: Fora da caridade não há salvação! Mas não é apenas por este único lado que ele se liga à doutrina que nós vos ensinamos e que hoje propagais. Com aquela sublime inteligência que lhe era própria, tinha previsto o que Deus reservava para o futuro e, notadamente, esta transformação, esta regeneração da fé cristã, que sois chamados a assentar profundamente no espírito moderno, já que descreve, na citada epístola, e de maneira indiscutível, as principais faculdades mediúnicas, por ele chamadas de dons abençoados do Espírito Santo.

“Ah! meus filhos, aquele santo doutor contempla, com uma amargura que não pode dissimular, o grau de aviltamento em que caiu a maior parte dos que falam em seu nome, e que

proclamam, *urbi et orbi*, que outrora Deus deu à Terra toda a soma de verdades que esta era capaz de receber. Não obstante, o apóstolo tinha exclamado em seu tempo que só havia uma ciência e profecias imperfeitas. Ora, aquele que se lastimava de tal situação sabia, por isto mesmo, que essa ciência e essas profecias um dia se aperfeiçoariam. Não está aí a condenação absoluta de todos os que incriminam o progresso? o mais rude golpe aos que pretendem que o Cristo e os apóstolos, os Pais da Igreja e, sobretudo, os reverendos casuístas da Companhia de Jesus, deram à Terra toda a ciência religiosa e filosófica à qual ela tinha direito? Felizmente o próprio apóstolo teve o cuidado de os desmentir antecipadamente.

“Meus caros filhos, para apreciar, no seu justo valor, os homens que vos combatem, não deveis senão estudar os argumentos de sua polêmica, suas palavras acerbas e os pesares que testemunham, como o reverendo Pailloux; que as fogueiras tenham sido extintas e que a Santa Inquisição não mais funcione *ad majorem Dei glorium*. Meus irmãos, tendes a caridade; eles, a intolerância, pelo que têm muito a lastimar-se. Eis por que vos convido a orar por esses pobres transviados, a fim de que o Espírito Santo, que eles tanto invocam, se digne, enfim, de lhes iluminar a consciência e o coração.”

François-Nicolas Madeleine

A esta notável comunicação juntaremos as seguintes palavras de São Paulo, tiradas da primeira epístola aos Coríntios:

“Mas alguém dirá: Como ressuscitarão os mortos? E com que corpo virão? Insensato! O que tu semeias não é vivificado, se primeiro não morrer. E, quando semeias, não semeias o corpo que há de nascer, mas o simples grão, como de trigo ou doutra qualquer semente. Mas Deus dá-lhe o corpo como quer e a cada semente, o seu próprio corpo. Nem toda carne é uma mesma carne; mas uma é carne dos homens, e outra, a carne dos animais, e outra, a das aves, e outra, a dos peixes.

“E há corpos celestes e corpos terrestres, mas uma é a glória dos celestes, e outra, a dos terrestres. Uma é a glória do Sol, e outra, a glória da Lua, e outra, a glória das estrelas; porque uma estrela difere em glória de outra estrela.

“Assim também a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo em corrupção, ressuscitará em incorrupção. Semeia-se em ignomínia, ressuscitará em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscitará com vigor. *Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual.*

“E, agora, digo isto, irmãos: que *carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus*, nem a corrupção herda a incorrupção.” (São Paulo, 1ª epístola aos Coríntios, capítulo XV, versículos 35 a 44 e 50).

Que pode ser este corpo *espiritual*, que não é o corpo animal, senão o corpo fluídico, cuja existência é demonstrada pelo Espiritismo – o perispírito – de que a alma é revestida após a morte? Com a morte do corpo o Espírito entra em perturbação; por um instante perde a consciência de si mesmo; depois recupera o uso de suas faculdades e renasce para a vida inteligente; numa palavra, *ressuscitará com o seu corpo espiritual.*

O último parágrafo, relativo ao juízo final, contradiz positivamente a doutrina da ressurreição da carne, pois diz: “*A carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus.*” Assim, os mortos não ressuscitarão com sua carne e seu sangue, nem terão necessidade de reunir seus ossos dispersos, mas terão seu corpo celeste, que não é o corpo animal. Se o autor do *Catecismo filosófico* tivesse meditado bem o sentido destas palavras, teria evitado fazer o intrincado cálculo matemático a que se entregou, para provar que todos os homens mortos desde Adão, ressuscitando em carne e osso, com seus próprios corpos, poderiam caber perfeitamente no vale de Josafá, sem muito incômodo³⁸.

38 *Catéchisme philosophique*, pelo abade Feller, tomo III, página 83.

Assim, São Paulo estabeleceu em princípio e em teoria o que hoje ensina o Espiritismo sobre o estado do homem após a morte.

Mas São Paulo não foi o único a pressentir as verdades ensinadas pelo Espiritismo. A Bíblia, os Evangelhos, os apóstolos e os Pais da Igreja dele estão cheios, de sorte que condenar o Espiritismo é negar as próprias autoridades sobre as quais se apóia a religião. Atribuir todos os seus ensinamentos ao demônio é lançar o mesmo anátema sobre a maioria dos autores sacros. O Espiritismo, pois, não vem destruir, mas, ao contrário, restabelecer todas as coisas, isto é, restituir a cada coisa o seu verdadeiro sentido.

Um Caso de Possessão

SENHORITA JÚLIA

Dissemos que não havia possessos no sentido vulgar do termo, mas subjugados. Queremos reconsiderar esta asserção, posta de maneira um tanto absoluta, já que agora nos é demonstrado que pode haver verdadeira possessão, isto é, substituição, embora parcial, de um Espírito encarnado por um Espírito errante. Eis um primeiro fato que o prova, apresentando o fenômeno em toda a sua simplicidade.

Várias pessoas se achavam um dia na casa de uma senhora, médium sonâmbula. De repente esta assumiu atitudes francamente masculinas, mudou a voz e, dirigindo-se a um dos assistentes, exclamou: “Ah! meu caro amigo, como estou contente por te ver!” Surpresos, perguntam o que isto significa. A senhora continua: “Como! meu caro, não me reconheces? Ah! é verdade; estou coberto de lama! Sou Carlos Z...” A este nome os assistentes se lembraram de um senhor, morto alguns meses antes, vitimado por um ataque de apoplexia, à beira de uma estrada; tinha caído num fosso, de onde lhe retiraram o corpo coberto de lama.

Declarou que, querendo conversar com seu velho amigo, aproveitou o momento em que o Espírito da senhora A..., a sonâmbula, estava afastado de seu corpo, para tomar-lhe o lugar. Com efeito, tendo-se repetido a cena vários dias seguidos, a Sra. A... de cada vez tomava as poses e maneiras habituais do Sr. Charles, apoiando-se no encosto da poltrona, cruzando as pernas, torcendo o bigode, passando os dedos pelos cabelos, de sorte que, salvo as roupas femininas, poder-se-ia crer estar diante do Sr. Charles. Contudo, não havia transfiguração, como vimos em outras circunstâncias. Eis algumas de suas respostas:

P. – Já que tomastes posse do corpo da Sra. A..., poderíeis nele permanecer?

Resp. – Não, mas vontade não me falta.

P. – Por que não o podeis?

Resp. – Porque seu Espírito está sempre ligado ao seu corpo. Ah! se eu pudesse romper esse laço, *eu lhe pregaria uma peça.*

P. – Que faz durante este tempo o Espírito da Sra. A...?

Resp. – Está aqui ao lado, olhando para mim e rindo por me ver em suas vestes.

Estas conversas eram muito divertidas. O Sr. Charles tinha sido um *bon vivant* e não desmentia seu caráter. Entregue à vida material, era pouco adiantado como Espírito, mas bom por natureza e benevolente. Apoderando-se do corpo da Sra. A..., não tinha qualquer intenção má, de sorte que aquela senhora nada sofria com a situação, a que se prestava de bom grado. É bom que se diga que ela não conhecera o Sr. Charles e não podia estar a par de suas maneiras. É ainda de notar que os assistentes não pensavam nele, a cena não foi provocada e ele veio espontaneamente.

Aqui a possessão é evidente e ressalta ainda melhor dos detalhes, cuja enumeração seria demasiado longa; mas é uma possessão inocente e sem inconvenientes. Já o mesmo não ocorre

quando se trata de um Espírito maléfico e mal-intencionado. Pode ter conseqüências tanto mais graves quanto mais tenazes são esses Espíritos, o que muitas vezes se torna difícil livrar o paciente, do qual fazem sua vítima. Eis um exemplo recente, que nós mesmos tivemos oportunidade de observar e que se constituiu em sério objeto de estudo para a Sociedade de Paris:

A senhorita Júlia, doméstica, nascida na Sabóia, com vinte e três anos, caráter muito afável, sem qualquer instrução, desde algum tempo era susceptível a acessos de sonambulismo natural, que duravam semanas inteiras. Nesse estado consagrava-se a seu trabalho habitual, sem que as pessoas estranhas desconfiassem de sua situação; seu trabalho era até mais cuidadoso; sua lucidez, notável; descrevia lugares e acontecimentos a distância com perfeita exatidão.

Há cerca de seis meses foi acometida de crises de caráter muito estranho, que sempre ocorriam no estado sonambúlico, o qual se tornara, de certo modo, seu estado normal. Contorcía-se e rolava pelo chão, como a se debater sob a opressão de alguém que a quisesse estrangular e, de fato, apresentava todos os sintomas do estrangulamento. Acabava vencendo esse ser fantástico, agarrava-o pelos cabelos, acabrunhava-o com golpes, injúrias e imprecações, apostrofando-o incessantemente com o nome de *Fredegunda*, infame regente, rainha impudica, criatura vil e manchada por todos os crimes, etc. Tripudiava como se a pisoteasse com raiva, arrancando-lhe as roupas e os adereços. Coisa bizarra, tomando-se ela própria por *Fredegunda*, golpeava-se repetidamente nos braços, no peito e no rosto, dizendo: “Toma! toma! é bastante infame *Fredegunda*? Queres sufocar-me, mas não o conseguirás; queres meter-te em *minha caixa*, mas eu te expulsarei dela.” Minha caixa era o termo de que se servia para designar o seu corpo. Nada poderia pintar melhor o acento frenético com o qual, rangendo os dentes, ela pronunciava o nome de *Fredegunda*, nem as torturas que sofria nesses momentos.

Um dia, para ver-se livre de sua adversária, tomou de uma faca e tentou ferir-se; foi detida a tempo, evitando-se um acidente. Coisa não menos notável é que jamais tomou qualquer dos presentes por Fredegunda; a dualidade era sempre nela mesma e era contra si mesma que dirigia o seu furor quando o Espírito estava nela, e contra um ser invisível quando dele ela se havia desembaraçado. Para os outros era meiga e benevolente, mesmo nos momentos de maior exasperação.

Essas crises, verdadeiramente aterradoras, muitas vezes duravam horas e se repetiam várias vezes por dia. Quando acabavam por vencer Fredegunda, esta caía num estado de prostração e de acabrunhamento de que só saía pouco a pouco, mas que lhe deixava uma grande fraqueza e dificuldade de falar. Sua saúde estava profundamente alterada; nada podia comer e por vezes ficava oito dias sem alimentar-se. Para ela as melhores iguarias tinham gosto horrível, levando-a a rejeitá-las. Dizia que era obra de Fredegunda, que a queria impedir de comer.

Dissemos acima que a moça não recebeu qualquer instrução. Em vigília jamais ouvira falar de Fredegunda, nem de seu caráter, nem do papel que representou. Ao contrário, em estado sonambúlico, sabe-o perfeitamente e diz ter vivido em seu tempo. Não era Brunehaut, como a princípio se supôs, mas outra pessoa, ligada à sua corte.

Outra observação, não menos importante, é que, quando começaram as crises, a senhorita Júlia jamais se havia ocupado de Espiritismo, cujo nome lhe era desconhecido. Ainda hoje, em vigília, ela lhe é estranha e nele não crê. Só o conhece no estado sonambúlico, e somente depois que começou a ser cuidada. Assim, tudo quanto disse foi espontâneo.

Diante de uma situação tão estranha, uns atribuem o estado dessa moça a uma afecção nervosa; outros a uma loucura de

caráter especial, opinião que, à primeira vista, tinha uma aparência de realidade. Declarou um médico que, no estado atual da Ciência, nada podia explicar semelhantes fenômenos, e que não via nenhum remédio. Todavia, pessoas experimentadas no Espiritismo reconhecem sem dificuldade que ela estava sob o império de uma subjugação das mais graves, e que lhe poderia ser fatal. Sem dúvida, quem não a tivesse visto senão nos momentos de crise e só tivesse considerado a estranheza de seus atos e palavras, teria dito que era louca e lhe haveria infligido o tratamento dos alienados que, sem sombra de dúvida, teria provocado uma loucura verdadeira; mas esta opinião deveria ceder diante dos fatos.

No estado de vigília sua conversa é a de uma pessoa de sua condição e em conformidade com a sua falta de instrução; sua inteligência chega a ser vulgar. Já no estado de sonambulismo o quadro se modifica completamente: nos momentos de calma ela raciocina com muito senso, justeza e verdadeira profundidade. Ora, seria loucura singular esta que aumentasse a dose de inteligência e de julgamento. Só o Espiritismo pode explicar essa aparente anomalia. No estado de vigília, sua alma ou Espírito está comprimido por órgãos que lhe não permitem senão um desenvolvimento incompleto; no estado de sonambulismo, a alma, emancipada, está em parte liberta de seus laços e goza da plenitude de suas faculdades. Nos momentos de crise, suas palavras e atos são excêntricos somente para os que não crêem na ação dos seres do mundo invisível. Vendo apenas o efeito, e não remontando à causa, eis por que todos os obsidiados, subjugados e possessos passam por loucos. Nos manicômios sempre houve, em todos os tempos, pretensos loucos dessa natureza e que seriam facilmente curados se não nos obstinásemos a neles ver apenas uma doença orgânica.

Como, porém, a senhorita Júlia não tivesse recursos, uma família de verdadeiros e sinceros espíritas concordou em tomá-la a seu serviço, mas, na sua situação, ela deveria ser muito mais um estorvo do que uma utilidade, e era preciso um verdadeiro

devotamento para cuidar dela. Mas essas pessoas foram bem recompensadas, primeiro pelo prazer de praticar uma boa ação, depois pela satisfação de haver contribuído poderosamente para a sua cura, hoje completa. Dupla cura, porque não só a senhorita Júlia se libertou, mas sua inimiga converteu-se a melhores sentimentos.

Eis o que testemunhamos numa dessas lutas terríveis, que não durou menos de duas horas, quando pudemos observar o fenômeno nos mínimos detalhes e no qual reconhecemos de imediato uma completa analogia com os dos possessos de Morzine³⁹.

A única diferença é que em Morzine os possessos se entregavam a atos contra os indivíduos que os contrariavam, e falavam do diabo que tinham em si, pois os haviam convencido de que era o diabo. Em Morzine a senhorita Júlia teria chamado Fredegunda de Diabo.

Num próximo artigo exporemos com detalhes as diversas fases desta cura e os meios empregados para tal fim; além disso, relataremos as notáveis instruções que os Espíritos deram a respeito, assim como as importantes observações que ensejaram, concernentes ao magnetismo.

Período de Luta

O primeiro período do Espiritismo, caracterizado pelas mesas girantes, foi o da *curiosidade*. O segundo foi o *período filosófico*, marcado pelo aparecimento de *O Livro dos Espíritos*. A partir deste momento o Espiritismo tomou um caráter completamente diverso. Entreviram-lhe o objetivo e o alcance e nele hauriram fé e consolação, sendo tal a rapidez de seu progresso que nenhuma

39 Ver *Instrução sobre os possessos de Morzine*, Revista Espírita de dezembro de 1862, janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863.

outra doutrina filosófica ou religiosa oferece exemplo semelhante. Mas, como todas as idéias novas, teve adversários tanto mais obstinados quanto maior era a idéia, porque nenhuma idéia grande pode estabelecer-se sem ferir interesses. É preciso que ocupe um lugar e as pessoas deslocadas não podem vê-la com bons olhos. Depois, ao lado das pessoas interessadas estão os que, por espírito de sistema e sem razões precisas, são adversários natos de tudo quanto é novo.

Nos primeiros anos, muitos duvidaram de sua vitalidade, razão por que lhe deram pouca atenção. Mas quando o viram crescer, a despeito de tudo, propagar-se em todas as fileiras da sociedade e em todas as partes do mundo, tomar o seu lugar entre as crenças e tornar-se uma potência pelo número de seus aderentes, os interessados na manutenção das idéias antigas alarmaram-se seriamente. Então uma verdadeira cruzada foi dirigida contra ele, dando início ao *período da luta*, de que o auto-de-fé de Barcelona, de 9 de outubro de 1861, de certo modo foi o sinal. Até então ele tinha sido alvo dos sarcasmos da incredulidade, que ri de tudo, principalmente do que não compreende, mesmo das coisas mais santas, e aos quais nenhuma idéia nova pode escapar: é o seu batismo de fogo. Mas os outros não riem: fitam-no com cólera, sinal evidente e característico da importância do Espiritismo. Desde então os ataques assumiram um caráter de violência inaudita. Foi dada a palavra de ordem: sermões furibundos, pastorais, anátemas, excomunhões, perseguições individuais, livros, brochuras, artigos de jornais, nada foi poupado, nem mesmo a calúnia.

Estamos, pois, em pleno período de luta, mas este não terminou. Vendo a inutilidade dos ataques a céu aberto, vão ensaiar a guerra subterrânea, que se organiza e já começa. Uma calma aparente vai ser sentida, mas é a calma precursora da tempestade; não obstante, à tempestade sucede a bonança.

Espíritas, não vos inquieteis, porque a saída não é duvidosa; a luta é necessária e o triunfo será mais retumbante. Disse e repito: vejo o fim; sei como e quando será alcançado. Se vos falo com tal segurança é que para tanto tenho razões, sobre as quais a prudência manda que me cale, mas vós as conhecereis um dia. Tudo quanto vos posso dizer é que virão poderosos auxiliares para fechar a boca de mais de um detrator. Contudo a luta será viva e se, no conflito, houver algumas vítimas de sua fé, que estas se rejubilem, como o faziam os primeiros mártires cristãos, dos quais muitos estão entre vós, para vos encorajar e dar o exemplo; que se lembrem destas palavras do Cristo: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus. Bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa. Exultai e alegrai-vos, pois grande é o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós.” [São Mateus, capítulo V, versículos 10, 11 e 12]⁴⁰.

Estas palavras não parecem ter sido ditas para os espíritas de hoje, como para os apóstolos de então? É que as palavras do Cristo têm isto de particular: são para todos os tempos, porque sua missão era para o futuro, como para o presente.

A luta determinará uma nova fase do Espiritismo e levará ao quarto período, que será o *período religioso*; depois virá o quinto, *período intermediário*, conseqüência natural do precedente, e que mais tarde receberá sua denominação característica. O sexto e último período será o da *regeneração social*, que abrirá a era do século vinte. Nessa época, todos os obstáculos à nova ordem de coisas determinadas por Deus para a transformação da Terra terão desaparecido. A geração que surge, imbuída das idéias novas, estará em toda a sua força e preparará o caminho da que há de inaugurar o triunfo definitivo da união, da paz e da fraternidade entre os homens, confundidos numa mesma crença, pela prática da lei

40 N. do T.: No original francês, por engano, constou o capítulo VI.

evangélica. Assim serão confirmadas as palavras do Cristo, já que todas devem ter cumprimento e muitas se realizam neste momento, porque os tempos preditos são chegados. Mas é em vão que, tomando a figura pela realidade, procurais sinais no céu: esses sinais estão ao vosso lado e surgem de todas as partes.

É notável que as comunicações dos Espíritos tenham tido um caráter especial em cada período: no primeiro eram frívolas e levianas; no segundo foram graves e instrutivas; a partir do terceiro eles pressentiram a luta e suas diferentes peripécias. A maior parte das que se obtém hoje nos diversos centros tem por objetivo prevenir os adeptos contra as intrigas de seus adversários. Assim, por toda parte são dadas instruções a este respeito, como por toda parte é anunciado um resultado idêntico. Tal coincidência, sobre este como sobre muitos outros pontos de vista, não é um dos fatos menos significativos. A situação se acha completamente resumida nas duas comunicações seguintes, cuja veracidade já foi reconhecida por muitos espíritas.

Instrução dos Espíritos

A GUERRA SURDA

(Paris, 14 de agosto de 1863)

“A luta vos espera, meus caros filhos; eis por que convido a todos a imitar os antigos lutadores, isto é, a cingir os rins. Os anos que vão seguir estão plenos de promessas, mas, também, de ansiedades. Não venho dizer: Amanhã será o dia da batalha! não, porque a hora do combate ainda não está fixada; mas venho vos advertir, a fim de que estejais prontos para qualquer eventualidade. Até agora o Espiritismo só encontrou uma rota fácil e quase florida, porque as injúrias e as zombarias que vos dirigem não têm nenhum alcance sério e ficaram sem efeito, ao passo que, doravante, os ataques que forem dirigidos contra vós terão um caráter totalmente diverso: eis que é chegada a hora em que Deus

vai fazer apelo a todos os devotamentos, em que vai julgar seus servidores fiéis, para dar a cada um a parte que tiver merecido. Não vos martirizarão corporalmente, como nos primeiros tempos da Igreja; não erguerão fogueiras homicidas, como na Idade Média, mas vos torturarão moralmente; armarão ciladas, armadilhas tanto mais perigosas quanto usarão mãos amigas; agirão na sombra; receberéis golpes, sem que saibais de onde partem, e sereis feridos em pleno peito pelas setas envenenadas da calúnia. Nada faltará às vossas dores; suscitarão defecções em vossas fileiras e os pretensos espíritas, perdidos pelo orgulho e pela vaidade, se prevalecerão de sua independência, exclamando: “Somos nós que estamos no reto caminho!”, a fim de que os vossos adversários natos possam dizer: “Vede como são unidos!” Tentarão semear o joio entre os grupos, provocando a formação de grupos dissidentes; cooptarão os vossos médiuns para fazê-los entrar no mau caminho ou para os desviar dos grupos sérios; empregarão a intimidação para uns, a captação para os outros; explorarão todas as fraquezas. Depois, não esqueçais que alguns viram no Espiritismo um papel a desempenhar, e um papel de primazia, que hoje experimentam mais de uma desilusão em sua ambição. Prometer-lhes-ão de um lado o que não puderem achar no outro. Depois, enfim, com dinheiro, tão poderoso em vosso século atrasado, não poderão encontrar comparsas para representar indignas comédias, visando a lançar o descrédito e o ridículo sobre a doutrina?

“Eis as provas que vos esperam, meus filhos, mas das quais saireis vitoriosos, se implorardes, do âmago do coração, o socorro do Todo-Poderoso. Eis por que eu vo-lo repito, de toda a minha alma: meus filhos, cerrai fileiras, permaneci alertas, porque é o vosso Gólgota que se ergue; e se nele não fordes crucificados em carne e osso, sê-lo-eis nos vossos interesses, nas vossas afeições, na vossa honra!

“A hora é grave e solene; para trás, então, todas as mesquinhas discussões, todas as preocupações pueris, todas as

questões ociosas e todas as vãs pretensões de preeminência e de amor-próprio; ocupai-vos dos grandes interesses que estão em vossas mãos e cujas contas o Senhor vos pedirá. Uni-vos para que o inimigo encontre vossas fileiras compactas e cerradas; tendes uma contra-senha sem equívoco, pedra de toque com o auxílio da qual podeis reconhecer os verdadeiros irmãos, pois esta fórmula implica abnegação e devotamento e resume todos os deveres do verdadeiro espírita.

“Coragem e perseverança, meus filhos! pensai que Deus vos olha e vos julga; lembrai-vos também de que os vossos guias espirituais não vos abandonarão enquanto vos acharem no caminho certo. Aliás, toda esta guerra só terá um tempo e se voltará contra os que julgavam criar armas contra a doutrina. O triunfo, e não mais o holocausto sangrento, irradiará do Gólgota espírita.

“Até logo, meus filhos; saúde a todos.

Erasto, discípulo de São Paulo, apóstolo.”

Uma das manobras previstas na comunicação acima, ao que nos informam, acaba de se realizar. Escrevem-nos que uma jovem, que tinha sido levada uma única vez a uma reunião, deixou a família sem motivo e retirou-se para a casa de uma pessoa estranha, de onde foi conduzida para um hospício de alienados, como acometida de loucura espírita, à revelia de seus pais, que só foram informados depois que a coisa estava feita. Ao cabo de vinte dias, tendo estes obtido autorização para ir vê-la, censuraram-na por os haver deixado. Então ela confessou que lhe haviam prometido dinheiro para simular a loucura. Até este momento foram infrutíferas as diligências para fazê-la sair.

Se é assim que recrutam os loucos espíritas, o meio é mais perigoso para os que o empregam do que para o Espiritismo. Reduzir-se a semelhantes expedientes para defender a própria causa é fornecer a mais evidente prova de que se está exausto de boas

razões. Diremos, pois, aos espíritas: Quando virdes semelhantes coisas, rejubilai-vos, em vez de vos inquietar, pois sinalizam um triunfo próximo. Aliás, uma outra circunstância vos deve ser motivo de encorajamento: é que nossas fileiras aumentam, não só em número, mas, também, em força moral; já vedes mais de um homem de talento tomar resolutamente a defesa do Espiritismo e, com mão vigorosa, levantar a luva atirada por nossos adversários. Escritos de lógica irresistível diariamente lhes mostram que nem todos os espíritas são loucos. Nossos leitores conhecem a excelente refutação dos sermões do reverendo padre Letierce, por um espírita de Metz. Eis agora a não menos interessante, dos espíritas de *Villenave de Rions* (Gironde), sobre os sermões do padre *Nicomède*. O *Vérité* de Lyon é conhecido por seus profundos artigos; o número de 22 de novembro, sobretudo, merece especial atenção. A *Ruche* de Bordeaux se enriquece de novos colaboradores, tão capazes quão zelosos. Enfim, se os agressores são numerosos, os defensores não o são menos. Assim, pois, espíritas, coragem, confiança e perseverança, porque tudo vai bem, conforme foi previsto.

A comunicação a seguir desenvolve uma das fases da grave questão de que acabamos de tratar e não pode deixar de prevenir os espíritas sobre as dificuldades que vão acumular-se neste período.

OS CONFLITOS

(Reunião particular, 25 de fevereiro de 1863 – Mèdium: Sr. d'Ambel)

Atualmente há uma recrudescência da obsessão, resultado da luta que, inevitavelmente, devem sustentar as idéias novas contra seus adversários encarnados e desencarnados. A obsessão, habilmente explorada pelos inimigos do Espiritismo, é uma das provas mais perigosas que ele terá de sofrer, antes de se assentar de maneira estável no espírito das populações; assim, deve ser combatida por todos os meios possíveis e, sobretudo, pela prudência e pela energia de vossos guias, espirituais e terrestres.

De todos os lados surgem médiuns com supostas missões, dizendo-se chamados a empunhar a bandeira do Espiritismo e plantá-la sobre as ruínas do velho mundo, como se viéssemos destruir, logo nós que viemos para construir. Não há individualidade, por medíocre que seja, que não tenha encontrado, como Macbeth, um Espírito para lhe dizer: “Tu também serás rei”, e que não se julgue escolhida para um apostolado muito particular. Há poucas reuniões íntimas, e até mesmo grupos familiares, que não tenham contado entre os seus médiuns ou seus simples crentes, uma alma bastante envaidecida para se julgar indispensável ao sucesso da grande causa, demasiado presunçosa para se contentar com o modesto papel de obreiro, trazendo a sua pedra ao edifício. Ah! meus amigos, quantas pessoas discutem e nada fazem!

Quase todos os médiuns iniciantes estão sujeitos a essa perigosa tentação. Alguns resistem, mas muitos sucumbem, ao menos por algum tempo, até que malogros sucessivos venham desiludi-los. Por que permite Deus uma prova tão difícil, a não ser para provar que o bem e o progresso jamais se estabelecem sem trabalho e sem luta, a fim de tornar o triunfo da verdade mais brilhante pelas dificuldades da peleja? E que querem certos Espíritos da erraticidade, fomentando a exaltação do amor-próprio e do orgulho entre as mediocridades encarnadas, senão entrar o progresso? Sem o querer, são os instrumentos da prova que porá em evidência os bons e os maus servos de Deus. A este, tal Espírito promete o segredo da transmutação dos metais, como a um médium de R...; a outro, como a M..., um Espírito revela pretensos acontecimentos que vão realizar-se, fixa as épocas, precisa as datas, nomeia os atores que devem concorrer ao drama anunciado; a um terceiro, um Espírito mistificador ensina a incubação dos diamantes; finalmente, a outros são indicados tesouros ocultos, prometem fortuna fácil, descobertas maravilhosas, glória, honrarias, etc.; numa palavra, todas as ambições e todas as cobiças dos homens são habilmente exploradas por Espíritos perversos. Eis por que, de todos os lados, vedes esses pobres obsidiados,

preparando-se para subir ao Capitólio, com uma gravidade e uma importância que entristecem o observador imparcial. Qual o resultado de todas essas promessas falaciosas? As decepções, os dissabores, o ridículo, por vezes a ruína, justa punição do orgulho presunçoso, que se julga chamado a fazer melhor que todo o mundo, desdenha os conselhos e desconhece os verdadeiros princípios do Espiritismo.

Tanto é a modéstia o apanágio dos médiuns escolhidos pelos Espíritos bons, quanto o orgulho, o amor-próprio e, digamos, a mediocridade são os distintivos dos médiuns inspirados pelos Espíritos inferiores; tanto os primeiros não se preocupam com as comunicações que recebem, quando estas se afastam da verdade, quanto os segundos mantêm contra todos a superioridade do que lhes é ditado, ainda que absurdos. Daí resulta que, conforme as palavras pronunciadas na Sociedade de Paris por seu presidente espiritual, São Luís, uma verdadeira *Torre de Babel* está prestes a edificar-se entre vós. Aliás, fora preciso ser cego ou iludido para não reconhecer que, à cruzada dirigida contra o Espiritismo pelos adversários natos de toda doutrina progressista e emancipadora, junta-se uma cruzada espiritual, dirigida por todos os Espíritos pseudo-sábios, falsos grandes homens, falsos religiosos e falsos irmãos da erraticidade, fazendo causa comum com os inimigos terrenos, por meio dessa multidão de médiuns por eles fanatizados, e aos quais ditam tantas elucubrações mentirosas. Mas vede o que resta de todas essas edificações, erigidas pela ambição, pelo amor-próprio e pela inveja; quantas não vistes desmoronar-se e quantas não o vereis ainda! Eu vo-lo digo, todo edifício que não se assenta sobre a base sólida da verdade cairá, porque só a verdade pode desafiar o tempo e triunfar de todas as utopias.

Espíritas sinceros, não vos amedronteis com esse caos momentâneo. Não está longe o tempo em que a verdade, desembaraçada dos véus com que a querem cobrir, sairá mais radiosa que nunca, e em que a sua claridade, inundando o mundo,

fará entrar na sombra seus obscuros detratores, postos em evidência durante alguns instantes para a sua própria confusão.

Assim, pois, meus amigos, tereis de vos defender não só contra os ataques e calúnias dos vossos adversários vivos, mas, também, contra as manobras ainda mais perigosas dos adversários da erraticidade. Fortalecei-vos em estudos sadios e, acima de tudo, pela prática do amor e da caridade, e retemperai-vos na prece. Deus sempre esclarece os que se consagram à propagação da verdade, quando agem de boa-fé e estão desprovidos de toda ambição pessoal.

Quanto ao mais, espíritas, que vos importam os médiuns que, apesar de tudo, não passam de instrumentos? O que deveis considerar é o valor e o alcance dos ensinamentos que vos são dados; é a pureza da moral que vos é ensinada; é a clareza e a precisão das verdades que vos são reveladas; é, enfim, ver se as instruções que vos dão correspondem às legítimas aspirações das almas de escol e se são conformes às leis gerais e imutáveis da lógica e da harmonia universais.

Como sabeis, os Espíritos imperfeitos, que representam um papel de apóstolo junto a seus obsidiados, não têm o menor escrúpulo em se fazerem passar pelos mais venerados nomes; assim, seria um contra-senso se eu, que sou um dos últimos e mais obscuros discípulos do *Espírito da Verdade*, me queixasse do abuso que alguns fizeram de meu modesto nome; repetirei, pois, incessantemente o que disse a meu médium, dois anos atrás: “Jamais julgueis uma comunicação em razão do nome pela qual é assinada, mas apenas por seu valor intrínseco.”

É urgente que vos resguardeis contra todas as publicações de origem suspeita, que pareçam ou possam parecer contrárias a todas as que não tiverem um estilo franco e claro, e tende por certo que algumas são elaboradas nos campos inimigos dos mundos visível ou invisível, visando a lançar entre vós os

podemos de discórdia. Cabe a vós não vos deixar apanhar; tendes todos os elementos necessários para as apreciar. Mas tende igualmente como certo que todo Espírito que a si mesmo se anuncia como um ser superior e, sobretudo, como de uma infalibilidade a toda a prova, é, ao contrário, o oposto do que anuncia tão pomposamente. Desde que o piedoso Espírito François-Nicolas Madeleine houve por bem aliviar-me de uma parte de meu fardo espiritual, pude considerar o conjunto da obra espírita e fazer a estatística moral dos obreiros que trabalham na vinha do Senhor. Ah! se tantos Espíritos imperfeitos se imiscuem na obra que perseguimos, tenho um pesar muito maior ao constatar que, entre os nossos melhores auxiliares da Terra, muitos vergaram ao peso da tarefa e, pouco a pouco, retomaram os atalhos de suas antigas fraquezas, de tal sorte que as grandes almas etéreas que os aconselhavam, foram, a partir de então, substituídas por Espíritos menos puros e menos perfeitos. Ah! sei que a virtude é difícil; mas não queremos, nem pedimos o impossível. Basta-nos a boa vontade, quando acompanhada do desejo de fazer o melhor. Em tudo, meus amigos, o relaxamento é pernicioso, porquanto muito será pedido aos que, depois de se terem elevado, por uma renúncia generosa à sua própria individualidade, caírem no culto da matéria e ainda se deixarem invadir pelo egoísmo e pelo amor de si mesmos. A despeito disto, oramos por eles e a ninguém condenamos, pois sempre devemos ter presente na memória este magnífico ensinamento do Cristo: “Que aquele que estiver sem pecado lhe atire a primeira pedra.”

Hoje vossas falanges crescem a olhos vistos e vossos partidários se contam aos milhões. Ora, em razão do número de adeptos, se insinuam sob falsas máscaras os falsos irmãos, do qual vos falou ultimamente o vosso irmão presidente. Não que eu vos venha recomendar para só abrires vossas fileiras aos cordeiros sem mácula e às novilhas brancas. Não; porque, mais que todos os outros, os pecadores têm direito de encontrar entre vós um refúgio contra suas próprias imperfeições. Mas aqueles a quem eu vos

aconselho que desconfieis são os hipócritas perigosos, aos quais, à primeira vista, se é tentado a conceder toda a confiança. Auxiliados por uma postura rígida, sob o olho observador das massas, conservam esse ar sério e digno, que leva os outros a dizerem deles: “Que criaturas respeitáveis!”, ao passo que, sob essa respeitabilidade aparente, por vezes se dissimulam a perfídia e a imoralidade. São afáveis, obsequiosos, cheios de amenidades; insinuam-se nos interiores; exploram com prazer a vida privada; escutam atrás das portas e se fazem de surdos para melhor ouvir; pressentem as inimizades, atizam-nas e as alimentam; vão aos campos opostos, questionando e interrogando sobre cada um. Que faz este? De que vive aquele? Quem é aquela pessoa? Conheceis sua família? Depois os vereis secretamente destilar na sombra as pequenas maledicências que puderam recolher, tendo o cuidado de as envenenar por melífluas calúnias. “São rumores – dizem – nos quais a gente não acredita”; mas acrescentam: “Não há fumaça sem fogo, etc., etc.”

A esses tartufos da encarnação, reuni os hipócritas da erraticidade e vereis, meus caros amigos, quanto tenho razão de vos aconselhar a agir, doravante, com extrema reserva e de vos guardar de toda imprudência e de todo entusiasmo irrefletido. Eu vo-lo disse, estais num momento de crise, dificultado pela malevolência, mas do qual saireis mais fortes com firmeza e perseverança.

O número dos médiuns é hoje incalculável e é deplorável ver que alguns se julgam os únicos chamados a distribuir a verdade ao mundo e se extasiam ante banalidades que consideram monumentos. Pobres iludidos, que se abaixam passando sob arcos triunfais, como se a verdade devesse esperar sua vinda para ser anunciada! Nem o forte, nem o fraco, nem o instruído, nem o ignorante tiveram esse privilégio exclusivo; foi por mil vezes desconhecidas que a verdade se espalhou, e é justamente por essa unanimidade que ela se fez reconhecida. Contai essas vozes, contai os que as escutam; contai, sobretudo, as que tocam o coração, se quiserdes saber de que lado está a verdade. Ah! se todos os médiuns

tivessem fé, eu seria o primeiro a me inclinar diante deles; mas eles não têm, na maior parte do tempo, senão fé em si mesmos, tão grande é o orgulho na Terra! Não, sua fé não é a que transporta montanhas e que faz andar sobre as águas! É o caso de repetir aqui esta máxima evangélica, que me serviu de tema, quando me fiz ouvir em meu começo entre vós: *muitos os chamados e poucos os escolhidos*.

Em suma, publicações à direita, publicações à esquerda, publicações por toda parte, pró e contra o Espiritismo, em todos os sentidos, sob todas as formas; críticas excessivas da parte de gente que dele nada sabe; sermões inflamados de pessoas que o temem; em suma, digo eu, o Espiritismo está na ordem do dia; revolve todo o cérebro, agita todas as consciências, privilégio exclusivo das grandes coisas; cada um pressente que ele traz em si o princípio de uma renovação, que uns chamam de suas promessas e outros temem. Mas, de tudo isto, que restará? Desta Torre de Babel que surgirá? Uma coisa imensa: a vulgarização da idéia espírita, e como doutrina, o que será verdadeiramente doutrinall! Esse conflito é inevitável, porque o homem é manchado de muito orgulho e egoísmo para aceitar, sem oposição, uma verdade nova qualquer; digo mesmo que esse conflito é necessário, porque é o atrito que consome as idéias falsas e faz ressaltar a força das que resistem. Em meio a esta avalanche de mediocridades, de impossibilidades e de utopias irrealizáveis, a verdade esplêndida desabrochará na sua grandeza e majestade.

Erasto

O DEVER⁴¹

(Sociedade Espírita de Paris, 20 de novembro de 1863
– Médiun: Sr. Costel)

O dever é a obrigação moral da criatura para consigo mesma, primeiro, e, em seguida, para com os outros. O dever é a

41 N. do T.: Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XVII, item 7.

lei da vida. Com ele deparamos nas mais ínfimas particularidades, como nos atos mais elevados. Quero aqui falar apenas do dever moral e não do dever que as profissões impõem.

Na ordem dos sentimentos, o dever é muito difícil de cumprir-se, por se achar em antagonismo com as atrações do interesse e do coração. Não têm testemunhas as suas vitórias e não estão sujeitas à repressão suas derrotas. O dever íntimo do homem fica entregue ao seu livre-arbítrio. O agulhão da consciência, guardião da probidade interior, o adverte e sustenta; mas, muitas vezes, mostra-se impotente, diante dos sofismas da paixão. Fielmente observado, o dever do coração eleva o homem; como determiná-lo, porém com exatidão? Onde começa ele? onde termina? O dever principia, para cada um de vós, exatamente no ponto em que ameaçais a felicidade ou a tranqüilidade do vosso próximo; acaba no limite que não desejais ninguém transponha com relação a vós.

Deus criou todos os homens iguais para a dor. Pequenos ou grandes, ignorantes ou instruídos, sofrem todos pelas mesmas causas, a fim de que cada um julgue em sã consciência o mal que pode fazer. Com relação ao bem, infinitamente vário nas suas expressões, não é o mesmo o critério. A igualdade em face da dor é uma sublime providência de Deus, que quer que todos os seus filhos, instruídos pela experiência comum, não pratiquem o mal, alegando ignorância de seus efeitos.

O dever é o resumo prático de todas as especulações morais; é uma bravura da alma que enfrenta as angústias da luta; é austero e brando; pronto a dobrar-se às mais diversas complicações, conserva-se inflexível diante das suas tentações. O homem que cumpre o seu dever ama a Deus mais do que as criaturas e ama as criaturas mais do que a si mesmo. É a um tempo juiz e escravo em causa própria.

O dever é o mais belo laurel da razão; descende desta como de sua mãe o filho. O homem tem de amar o dever, não porque preserve de males a vida, males aos quais a Humanidade não pode subtrair-se, mas porque confere à alma o vigor necessário ao seu desenvolvimento. O homem não pode desviar o cálice de suas provas; o dever é penoso em seus sacrifícios; o mal é amargo em seus resultados; mas essas dores, quase iguais, têm conclusões muito diferentes: uma é salutar como os venenos que restauram a saúde, a outra é nociva como os festins que arruinam o corpo.

O dever cresce e irradia sob mais elevada forma, em cada um dos estágios superiores da Humanidade. Jamais cessa a obrigação moral da criatura para com Deus. Tem esta de refletir as virtudes do Eterno, que não aceita esboços imperfeitos, porque quer que a beleza da sua obra resplandeça a seus próprios olhos.

Lázaro

SOBRE A ALIMENTAÇÃO DO HOMEM

(Sociedade de Paris, 4 de julho de 1862 – Médium: Sr. A. Didier)

O sacrifício da carne foi severamente condenado pelos grandes filósofos da antiguidade. O Espírito elevado revolta-se à idéia do sangue e, sobretudo, à idéia de que o sangue é agradável à Divindade. E notai bem que aqui não se trata absolutamente de sacrifícios humanos, mas tão-só de animais oferecidos em holocausto. Quando o Cristo veio anunciar a Boa Nova, não ordenou o sacrifício do sangue: ocupou-se unicamente do Espírito. Os grandes sábios da antiguidade igualmente tinham horror a estas espécies de sacrifícios e eles próprios só se alimentavam de frutos e raízes. Na Terra os encarnados têm uma missão a cumprir; têm um Espírito, que deve ser nutrido pelo Espírito, e um corpo, que deve ser alimentado pela matéria; mas a natureza da matéria influi sobre a espessura do corpo e, em consequência, sobre as

manifestações do Espírito, o que é facilmente compreensível. Os temperamentos bastante fortes para viver como os anacoretas fazem bem, porque o esquecimento da carne leva mais facilmente à meditação e à prece. Mas para viver assim, em geral seria necessária uma natureza mais espiritualizada que a vossa, o que é impossível com as condições terrestres. E como, antes de tudo, a Natureza jamais age com disparate, é impossível ao homem submeter-se impunemente a essas privações. Pode ser-se bom cristão e bom espírito e comer a seu gosto, contanto que seja razoável. É uma questão um tanto leviana para os nossos estudos, mas não menos útil e proveitosa.

Lamennais

Allan Kardec



Nota Explicativa⁴²

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da

42 Nota da Editora: Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

Revista Espírita (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo meticoloso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do

nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à conseqüência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por

consequente, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores Europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêm; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

Contém:

O relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., bem como todas as notícias relativas ao Espiritismo. – O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e o seu futuro. – A história do Espiritismo na Antigüidade; suas relações com o magnetismo e com o sonambulismo; a explicação das lendas e das crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

Publicada sob a direção
de
ALLAN KARDEC

*Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.*

ANO SÉTIMO – 1864

TRADUÇÃO DE EVANDRO NOLETO BEZERRA



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA



Sumário

SÉTIMO VOLUME – ANO DE 1864

JANEIRO

Aos Assinantes da *Revista Espírita* **13**

Estado do Espiritismo em 1863 **14**

Médiuns Curadores **19**

Um Caso de Possessão – *Srta. Júlia (2º artigo)* **26**

Conversas de Além-Túmulo – *Fredegunda* **34**

Inauguração de Vários Grupos e Sociedades Espíritas **39**

Questões e Problemas – *Progresso nas primeiras encarnações* **45**

Variedades:

Fontenelle e os Espíritos batedores **47**

Santo Atanásio, espírita sem o saber **49**

Extrato do Opinion nationale **51**

Um Espírito batedor no século XVI **52**

FEVEREIRO

O Sr. Home em Roma	53
Primeiras Lições de Moral da Infância	59
Um Drama Íntimo – <i>Apreciação moral</i>	63
O Espiritismo nas Prisões	66
Variedades:	
<i>Cura de uma obsessão</i>	69
<i>Manifestações de Poitiers</i>	70
Dissertações Espíritas:	
<i>Necessidade da encarnação</i>	72
<i>Estudos sobre a reencarnação</i>	75
Notas Bibliográficas:	
<i>Revista Espírita de Antuérpia</i>	83
<i>Reconhecemo-nos no céu</i>	85
<i>A lenda do homem eterno</i>	89

MARÇO

Da Perfeição dos Seres Criados	93
Um Médium Pintor Cego	102
Variedades:	
<i>Uma tentação</i>	106
<i>Manifestações de Poitiers</i>	109
<i>A jovem obsedada de Marmande (continuação)</i>	113

<i>Resumo da pastoral do Sr. bispo de Estrasburgo</i>	116
<i>Uma rainha médium</i>	118
<i>Participação espírita</i>	122
<i>O Sr. Home em Roma (conclusão)</i>	123
Instruções dos Espíritos:	
<i>Jacquard e Vaucanson</i>	124
<i>Objetivo final do homem na Terra</i>	128
Notas Bibliográficas – <i>Annali dello Spiritismo in Italia</i>	131
Necrológio – <i>Sr. P.-F. Mathieu</i>	133

ABRIL

Bibliografia – <i>Imitação do Evangelho</i>	135
Autoridade da Doutrina Espírita – <i>Controle universal do ensino dos Espíritos</i>	138
Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritas	147
Correspondência – <i>Sociedades de Antuérpia e de Marselha</i>	156
Instruções dos Espíritos:	
<i>Progressão do globo terrestre</i>	159
<i>A imprensa</i>	163
<i>Sobre a arquitetura e a imprensa, a propósito da comunicação de Guttemberg</i>	167
<i>O Espiritismo e a franco-maçonaria</i>	169
<i>Aos operários</i>	176

MAIO

- Teoria da Presciência **177**
- A Vida de Jesus, pelo Sr. Renan **185**
- Sociedade Espírita de Paris – *discurso de abertura*
do 7º ano social **192**
- A Escola Espírita Americana **200**
- Cursos Públicos de Espiritismo em Lyon e Bordeaux **206**
- Variedades:
- Manifestações de Poitiers* **211**
- Tasso e seu duende* **213**
- Instrução de Ciro a seus filhos no momento da morte* **216**
- Notas Bibliográficas:
- A guerra ao diabo e ao inferno* **218**
- Cartas aos ignorantes* **218**

JUNHO

- A Vida de Jesus, pelo Sr. Renan (2º artigo) **219**
- Relato Completo da Cura da Jovem Obsedada
de Marmande **228**
- Algumas Refutações:
- Conspirações contra a fé* **243**
- Uma instrução de catecismo* **245**
- O Espírito Batedor da Irmã Maria **252**

Variedades:

O Índex da cúria romana 259

Perseguições militares 260

Um ato de justiça 260

JULHO

Reclamação do abade Barricand 263

A religião e o Progresso 270

O Espiritismo em Constantinopla 278

Extrato do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro 286

Extrato do *Progrès Colonial*, Jornal da Ilha Maurício 290

Extrato da *Revista Espírita de Antuérpia* sobre a
cruzada contra o Espiritismo 292

Instruções dos Espíritos – *O castigo pela luz* 295

Notas Bibliográficas:

A educação materna 302

O Espiritismo na sua expressão mais simples – edição russa 304

AGOSTO

Novos Detalhes sobre os Possessos de Morzine 305

Suplemento ao Capítulo das Preces da
Imitação do Evangelho 314

Questões e Problemas – *Destruição dos
aborígenes do México* 325

Correspondência – *Resposta do redator do Vérité*
à reclamação do abade Barricand **331**

Conversas de Além-Túmulo – *Julienne-Marie, a mendiga* **332**

Notas Bibliográficas:

L’Avenir, Monitor do Espiritismo **338**

Cartas sobre o Espiritismo **339**

Os milagres de nossos dias **341**

Pluralidade dos mundos habitados **345**

SETEMBRO

Influência da Música sobre os Criminosos,
os Loucos e os Idiotas **347**

O Novo bispo de Barcelona **357**

Instruções dos Espíritos – *Os Espíritos na Espanha* **373**

Conversas de Além-Túmulo – *Um Espírito*
que se julga médium **379**

Estudos Morais – *Uma família de monstros* **381**

Variedades – *Suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo* **385**

Notas Bibliográficas:

Pluralidade dos mundos habitados **387**

A voz de além-túmulo **388**

OUTUBRO

O Sexto Sentido e a Visão Espiritual – *Ensaio teórico sobre os espelhos mágicos* **389**

Transmissão do Pensamento – *Meu fantástico* **403**

O Espiritismo na Bélgica **410**

Tiptologia Rápida e Inversa **414**

Um Criminoso Arrependido **416**

Estudos Morais:

A volta da fortuna **421**

Uma vingança **424**

Variedades:

Sociedade alemã dos pesquisadores de tesouros **426**

Um quadro espírita na exposição de Antuérpia **428**

NOVEMBRO

O Espiritismo é uma Ciência Positiva – *Alocução de Allan Kardec aos espíritos de Bruxelas e Antuérpia* **429**

Uma Lembrança de Existências Passadas **438**

Um Criminoso Arrependido (continuação) **444**

Conversas Familiares de Além-Túmulo – *Pierre Legay* **452**

Dissertações Espíritas – *Sobre os Espíritos que ainda se julgam vivos* **461**

Variedades:

Suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo **463**

Suicídio impedido pelo Espiritismo **465**

Periodicidade da *Revista Espírita* **469**

DEZEMBRO

Comunhão de Pensamentos – *A propósito da comemoração dos mortos* **473**

Sessão Comemorativa na Sociedade de Paris **481**

O Sr. Jobard e os Médiuns Mercenários – *Exemplo notável de concordância* **496**

Louis-Henri, o Trapeiro – *Estudo moral* **508**

Necrológio – *Morte do Sr. Bruneau* **519**

Variedades – *Comunicações pelo avesso* **525**

Notas Bibliográficas:

Como e por que me tornei espírita **526**

O mundo musical **531**

Auto-de-fé de Barcelona **533**

Comunicação Espírita – *A propósito da Imitação do Evangelho* **533**

Subscrição em Favor dos Queimados de Limoges **535**

Nota Explicativa **537**

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

JANEIRO DE 1864

Nº 1

Aos Assinantes da *Revista Espírita*

Para muitos de nossos leitores, cujo número aumentou consideravelmente este ano, a época de renovação das assinaturas da *Revista* é ocasião para testemunharem seu devotamento à causa e, no que nos concerne, demonstrarem sentimentos que nos tocam vivamente. As cartas contendo tais expressões são muito numerosas para que nos seja possível responder a cada uma em particular. Assim, nós lhes dirigimos, coletivamente, nossos sinceros agradecimentos pelas coisas obsequiosas que houveram por bem dizer-nos e pelos votos que fazem por nós e pelo futuro do Espiritismo. Nossa conduta passada lhes é uma garantia de que não nos desviaremos de nossa tarefa, por mais pesada que seja, e sempre nos encontrarão em plena atividade. Até hoje suas preces foram ouvidas, razão por que os convidamos a agradecer aos Espíritos bons que nos assistem e nos secundam da mais evidente maneira, afastando os obstáculos que poderiam entravar nossa marcha e nos mostrando, cada vez com mais clareza, o objetivo que devemos alcançar.

Durante muito tempo estivemos mais ou menos só, mas eis que, de todos os lados, novos lutadores entram na liça,

trabalhando com ardor, perseverança e abnegação que a fé proporciona, na defesa e na propagação de nossa santa doutrina, sem se deixarem abater pelos obstáculos e sem temerem a perseguição; em sua maioria eles viram a má vontade dobrar-se ante a sua firmeza. Que recebam, aqui, nossas sinceras felicitações, em nome de todos os espíritas presentes e futuros, na memória dos quais certamente viverão. Logo terão a satisfação de ver numerosos imitadores marchando em suas pegadas, porque o impulso, uma vez dado, não mais será detido; em breve, também, ver-se-ão sustentados por homens de autoridade, que empunharão corajosamente a causa do Espiritismo, que é a do progresso e do bem-estar material e moral da Humanidade.

Saudação cordial e fraterna aos irmãos em Espiritismo de todos os países.

Allan Kardec

Estado do Espiritismo em 1863

Para o Espiritismo, o ano que acaba de passar não foi menos fecundo que os precedentes, distinguindo-se, no entanto, por vários traços particulares. Mais que todos os outros, foi marcado pela violência de certos ataques, sinal característico cujo alcance a ninguém escapou. Todos dizem: Se se encolerizam, é porque têm medo; se têm medo, é que existe algo de sério.

Como, porém, está hoje bem constatado que essas agressões fizeram avançar o Espiritismo, em vez de o deter, naturalmente os ataques diminuirão com o tempo; mas não se deve subestimar esta calma aparente, nem crer que os inimigos do Espiritismo logo vão tirar partido; é, pois, necessário nos persuadirmos de que a luta não terminou, mas que haverá uma mudança de tática. Eis por que dizemos aos espíritas que velem

sem cessar sobre o que se passa à sua volta, e se lembrem do que dissemos no número de dezembro último, sobre o período da luta, a guerra surda e os conflitos; que não se surpreendam se o inimigo se insinua até em suas fileiras; Deus o permite para experimentar a fé, a coragem e a perseverança de seus verdadeiros servidores. Doravante a meta será procurar todos os meios possíveis de comprometer o Espiritismo, a fim de o desacreditar; induzir os grupos, sob a aparência de zelo e o pretexto de que devem ir avante, a se ocuparem de coisas estranhas ao objetivo da doutrina; a tratarem de questões políticas ou outras, capazes de provocar discussões irritantes e semear a divisão, tudo com o pretexto de pedirem o seu fechamento. A moderação dos espíritas é o que surpreende e mais contraria os adversários; tudo farão para os tirar de lá, até mesmo a provocação; mas eles saberão frustrar essas manobras por sua prudência, como já o fizeram em mais de uma ocasião, e não cair nas armadilhas que lhes estenderão; aliás, verão os instigadores se emaranharem em seus próprios fios, pois é impossível que, mais cedo ou mais tarde, não se deixem descobrir. Será um momento mais difícil a passar que o da guerra aberta, onde se vê o inimigo face a face; porém, quanto mais rude a prova, tanto maior será o triunfo.

Aliás, esta campanha tem tido imenso resultado: o de provar a impotência das armas dirigidas contra o Espiritismo; os homens mais capazes do partido contrário entraram na liça; todos os recursos da argumentação foram empregados e, não tendo sofrido o Espiritismo, cada um ficou convencido de que não se lhe podia opor nenhuma razão peremptória; a maior prova da falta de boas razões foi terem recorrido ao triste e ignóbil expediente da calúnia. Contudo, por mais que quisessem fazer o Espiritismo dizer o contrário do que diz, a doutrina aí está, escrita em termos tão claros que desafiam toda falsa interpretação, razão por que o odioso da calúnia recai sobre os que a empregam e os convence de sua impotência. Eis aí um fato considerável no ano que termina; e,

ainda mesmo que só tivéssemos obtido esse resultado, deveríamos nos dar por satisfeitos. Mas outros há, não menos positivos.

O ano de 1863 é marcado, sobretudo, pelo aumento do número de grupos e sociedades, formadas numa porção de localidades onde não os havia ainda, tanto na França quanto no estrangeiro, sinal evidente do número de adeptos e da difusão da doutrina. Paris, que havia ficado na retaguarda, finalmente cede ao impulso geral e começa a mover-se. Diariamente se formam reuniões particulares, com objetivo eminentemente sério e em excelentes condições. A Sociedade que presidimos vê com alegria multiplicarem-se à sua volta rebentos vivazes, capazes de espalhar a boa semente. Os grupos particulares, quando bem dirigidos, são muito úteis à iniciação de novos adeptos. Em razão da extensão de suas relações, a Sociedade principal, sendo o centro de convergência de todas as partes do mundo, não pode nem deve ocupar-se senão do desenvolvimento da ciência e das questões gerais, que absorvem todo o seu tempo; deve forçosamente abster-se de tudo quanto seja elementar e pessoal. Os grupos particulares vêm, assim, preencher a lacuna que, forçosamente, a Sociedade deixa na prática, razão por que esta encoraja e secunda com seus conselhos e seu apoio moral as pessoas que se dedicam a essa obra de propagação. Se, por alguns instantes, foi possível conceber um certo receio quanto aos efeitos de algumas dissidências na maneira de encarar o Espiritismo, existe um fato capaz de dissipá-lo completamente: é o número sempre crescente das Sociedades que, em todos os países, se colocam espontaneamente sob o patrocínio da de Paris e erguem a sua bandeira. É notório que a doutrina exposta em *O Livro dos Espíritos* é hoje o ponto para onde converge a imensa maioria dos adeptos; a máxima *Fora da caridade não há salvação* reuniu todos os que vêm o lado moral do Espiritismo, porque não há duas maneiras de o interpretar e ela satisfaz a todas as aspirações. Desde a constituição do Espiritismo em corpo de doutrina, já caíram muitos sistemas isolados e os poucos traços que ainda deixam não têm influência na opinião

geral. As sólidas bases em que ele se apóia triunfarão sem custo das divisões que os adversários não deixarão de suscitar, porque estes não contam com Espíritos que protejam sua obra e se servem dos próprios inimigos para garantirem o sucesso. Teria sido um fato sem precedentes pudesse uma doutrina ter se estabelecido sem dissidência e, se nos podemos admirar de algo, quanto ao Espiritismo, é ver formar-se a unidade tão prontamente.

Seja como for, o Espiritismo ainda não penetrou em toda parte e em muitos lugares mal é conhecido de nome. Os raros adeptos aí encontrados o atribuem a duas causas: a primeira, ao caráter das populações, muito absorvidas pelos interesses materiais; a segunda, à ausência de pregações contrárias. Eis por que apelam, com todas as suas forças, para sermões do gênero dos que foram pregados alhures, ou alguma manifestação ruidosa de hostilidade, que chame a atenção e desperte a curiosidade. Contudo, que tenham paciência: como é preciso que todos lá cheguem, os Espíritos saberão perfeitamente acudir com outros meios.

Mas o sinal mais característico do ano de 1863 foi o movimento que se produziu na opinião, concernente à Doutrina Espírita; é surpreendente a facilidade com que o princípio é aceito por pessoas que até há pouco o teriam repellido e levado ao ridículo. As resistências – falamos das que não são sistemáticas e interesseiras – diminuem sensivelmente. Citam-se vários escritores de boa-fé que fizeram luta renhida contra o Espiritismo, e que hoje, dominados por seu meio social, sem se confessarem vencidos, renunciam a uma luta que consideram inútil. É que a necessidade de uma transformação moral se faz sentir cada vez mais; a ruína do velho mundo é iminente, porque as idéias que ele preconiza já não estão à altura a que chegou a Humanidade inteligente. Tudo parece a ele conduzir e, na retaguarda, entrevêm vagamente novos horizontes; sente-se que é preciso algo melhor do que o que existe e o procuram inutilmente no mundo atual; alguma coisa circula no ar como uma corrente elétrica precursora e cada um espera; mas cada um também diz que não é a Humanidade que deve recuar.

Outro fato não menos significativo, que muitos notaram, e que é consequência do atual estado de espírito, é o prodigioso número de escritos, sérios ou ligeiros, feitos fora e, provavelmente, sem o conhecimento do Espiritismo, nos quais se encontram pensamentos espíritas. O princípio da pluralidade das existências, sobretudo, tem uma tendência manifesta a entrar na opinião das massas e na filosofia moderna; muitos pensadores a ele são conduzidos pela lógica dos fatos e em pouco esta crença se tornará popular; evidentemente, são os precursores da adoção do Espiritismo, cujas vias são assim preparadas e aplainado o caminho. Estas idéias são semeadas de diversos lados, em escritos que vão a todas as mãos, tornando cada vez mais fácil a sua aceitação.

O estado do Espiritismo, em 1863, pode ser assim resumido: ataques violentos; multiplicação de escritos a favor e contra; movimento nas idéias; notável extensão da doutrina, mas sem sinais exteriores capazes de produzir uma sensação geral; as raízes se estendem, crescem os rebentos, esperando que a árvore desenvolva os seus ramos. O momento de sua maturidade ainda não chegou.

No número das publicações que, neste último ano, vieram participar da luta e concorrer para a defesa do Espiritismo, colocamos em primeira linha os jornais *Ruche*, de Bordeaux, e *Vérité*, de Lyon, cujos redatores merecem o reconhecimento e o encorajamento de todos os verdadeiros espíritas, pela perseverança, devotamento e desinteresse de que deram provas. No centro espírita mais numeroso da França, e talvez do mundo inteiro, o *Vérité* veio firmar-se como um atleta temível, por seus artigos de uma lógica tão cerrada, que não deixam nenhuma margem à crítica. Ao que tudo indica, em breve o Espiritismo terá um novo e importante órgão na Itália, que, como os seus mais velhos da França, marchará de comum acordo com os grandes princípios da doutrina.

Médiuns Curadores

Um oficial de caçadores, espírita de longa data, e um dos numerosos exemplos de reformas morais que o Espiritismo pode operar, transmitiu-nos os seguintes detalhes:

“Caro mestre, aproveitamos as longas horas de inverno para nos entregarmos com ardor ao desenvolvimento de nossas faculdades mediúnicas. A tríade do 4^o caçadores, sempre unido, sempre vivo, inspira-se em seus deveres e ensaia novos esforços. Sem dúvida desejais conhecer o objeto de nossos trabalhos, a fim de saber se o campo que cultivamos não é estéril. Podereis julgá-lo pelos detalhes seguintes. Desde alguns meses nossos trabalhos têm como meta o estudo dos fluidos. Esse estudo desenvolveu em nós a mediunidade curadora; assim, agora a aplicamos com sucesso. Há alguns dias, uma simples emissão fluídica de cinco minutos com minha mão foi suficiente para tirar uma nevralgia violenta.

“Há vinte anos a Sra. P.. estava afetada por uma hiperestesia aguda ou exagerada sensibilidade da pele, moléstia que a retinha no quarto há quinze anos. Mora numa pequena cidade vizinha e, tendo ouvido falar de nosso grupo espírita, veio buscar alívio junto de nós. Partiu ao cabo de trinta e cinco dias, completamente curada. Durante esse tempo recebeu diariamente um quarto de hora de emissão fluídica, com o concurso de nossos guias espirituais.

“Ao mesmo tempo cuidávamos de um epilético, acometido por essa terrível enfermidade há vinte e sete anos. As crises se repetiam quase todas as noites, durante as quais sua mãe passava longas horas à sua cabeceira. Trinta e cinco dias bastaram para esta cura importante; e como aquela mãe estava feliz, levando o filho radicalmente curado! Nós nos revezávamos os três de oito em oito dias. Para a emissão fluídica, ora colocávamos a mão sobre a boca do estômago do doente, ora sobre a nuca, na raiz do

pESCOÇO. Cada dia o doente podia constatar uma melhora; nós mesmos, após a evocação e durante o recolhimento, sentíamos o fluido exterior nos invadir, passar em nós e se nos escapar dos dedos esticados e dos braços estendidos para o corpo do paciente que tratávamos.

“Neste momento oferecemos os nossos cuidados a um segundo epilético; desta vez a moléstia talvez seja mais rebelde, porque é hereditária. O pai deixou nos quatro filhos o germe desta afecção; enfim, com a ajuda de Deus e dos Espíritos bons, esperamos reduzi-la em todos eles.

“Caro mestre, reclamamos o socorro de vossas preces e das dos nossos irmãos de Paris. Para nós, esse concurso será um encorajamento e um estímulo aos nossos esforços. Depois, vossos Espíritos bons podem vir em nosso auxílio, tornar o tratamento mais salutar e abreviar a sua duração.

“Como bem podeis imaginar, só aceitamos como recompensa – e já deve ser bastante – a satisfação de ter feito o nosso dever e obedecido ao impulso dos Espíritos bons. O verdadeiro amor do próximo traz consigo uma alegria sem mescla e deixa em nós algo de luminoso, que encanta e eleva a alma. Assim, procuramos, tanto quanto nos permitem nossas imperfeições, compenetrarmo-nos dos deveres do verdadeiro espírita, que mais não são que a aplicação dos preceitos evangélicos.

“O Sr. G... de L... deve trazer-nos o seu cunhado, que um Espírito malfazejo subjugou há dois anos. Lamennais, nosso guia espiritual, encarrega-nos do tratamento dessa rebelde obsessão. Deus nos daria também o poder de expulsar os demônios? Se assim fosse, só teríamos de nos humilhar ante tão grande favor, em vez de nos orgulharmos. Quão maior ainda não seria para nós a obrigação de nos melhorarmos, para testemunhar o nosso reconhecimento e para não perdermos dons tão preciosos!”

Tendo sido lida esta interessante carta na Sociedade Espírita de Paris, na sessão de 18 de dezembro de 1863, um de nossos bons médiuns obteve a respeito, espontaneamente, as duas comunicações seguintes:

“Existindo no homem em diferentes graus de desenvolvimento, em todas as épocas a vontade tem servido tanto para curar quanto para aliviar. É lamentável sermos obrigados a constatar que, também, foi a fonte de muitos males, mas é uma das conseqüências do abuso que, muitas vezes, o ser faz do livre-arbítrio. A vontade desenvolve o fluido, seja animal, seja espiritual, porque, como sabeis agora, há vários gêneros de magnetismo, em cujo número estão o magnetismo animal e o magnetismo espiritual que, conforme a ocorrência, pode pedir apoio ao primeiro. Um outro gênero de magnetismo, muito mais poderoso ainda, é a prece que uma alma pura e desinteressada dirige a Deus.

“A vontade muitas vezes foi mal compreendida. Em geral aquele que magnetiza não pensa senão em manifestar sua força fluídica, derramar o seu próprio fluido sobre o paciente submetido aos seus cuidados, sem se preocupar se há ou não uma Providência que se interesse pelo caso tanto ou mais que ele. Agindo *só* não pode obter senão o que a sua força, sozinha, pode produzir, ao passo que os médiuns curadores começam por elevar sua alma a Deus e a reconhecer que, por si mesmos, nada podem. Fazem, por isto mesmo, um ato de humildade, de abnegação; então, confessando-se demasiado fracos, Deus, em sua solícitude, lhes envia poderosos socorros, que o primeiro não pode obter, já que se julga suficiente para a obra empreendida. Deus sempre recompensa a humildade sincera, elevando-a, ao passo que rebaixa o orgulho. Esse socorro que envia são os Espíritos bons, que vêm penetrar o médium de seu fluido benfazejo, o qual é transmitido ao doente. Também é por isto que o magnetismo empregado pelos médiuns curadores é tão potente e produz essas curas classificadas de miraculosas, e que são devidas simplesmente à natureza do fluido

derramado sobre o médium; enquanto o magnetizador ordinário se esgota, muitas vezes inutilmente, em dar passes, o médium curador infiltra um fluido regenerador pela simples imposição das mãos, graças ao concurso dos Espíritos bons. Mas esse concurso só é concedido à fé sincera e à pureza de intenção.”

Mesmer (Médium: Sr. Albert)

“Uma palavra sobre os médiuns curadores de que acabais de falar. Estão todos nas mais louváveis disposições; têm a fé que transporta montanhas, o desinteresse que purifica os atos da vida e a humildade que os santifica. Que perseverem na obra de beneficência que empreenderam; que bem se lembrem de que aquele que pratica as leis sagradas ensinadas pelo Espiritismo, aproxima-se constantemente do Criador. Que, ao empregarem sua faculdade, a prece, que é a vontade mais forte, seja sempre o seu guia, o seu ponto de apoio. Em toda a sua existência, o Cristo vos deu a mais irrecusável prova da vontade mais firme; mas era a vontade do bem e não a do orgulho. Quando por vezes dizia: *eu quero*, a palavra estava cheia de unção; seus apóstolos, que o cercavam, sentiam abrir-se o coração a esta santa palavra. A doçura constante do Cristo, sua submissão à vontade do Pai, sua perfeita abnegação, são os mais belos modelos da vontade que se possa propor para exemplo.”

(Paulo, apóstolo – Médium: Sr. Albert)

Algumas explicações farão compreender facilmente o que se passa nesta circunstância. Sabe-se que o fluido magnético ordinário pode dar a certas substâncias propriedades particulares ativas. Neste caso, age de certo modo como agente químico, modificando o estado molecular dos corpos; nada há, pois, de admirável que possa modificar o estado de certos órgãos; mas igualmente se compreende que sua ação, mais ou menos salutar, deve depender de sua qualidade; daí as expressões “bom ou mau

fluido; fluido agradável ou penoso.” Na ação magnética propriamente dita, é o fluido pessoal do magnetizador que é transmitido, e esse fluido, que não é senão o perispírito, sabe-se que participa sempre, mais ou menos, das qualidades materiais do corpo, ao mesmo tempo que sofre a influência moral do Espírito. É, pois, impossível que o fluido próprio de um encarnado seja de pureza absoluta, razão por que sua ação curativa é lenta, por vezes nula, por vezes até nociva, porque pode transmitir ao doente princípios mórbidos. Pelo fato de um fluido ser bastante abundante e enérgico para produzir efeitos instantâneos de sono, de catalepsia, de atração ou de repulsão, não se segue absolutamente que tenha as necessárias qualidades para curar; é a força que derruba, e não o bálsamo, que suaviza e restaura; assim, há Espíritos desencarnados de ordem inferior, cujo fluido pode mesmo ser muito maléfico, o que os espíritas a todo instante têm ocasião de constatar. *Só* nos Espíritos superiores o fluido perispiritual está despojado de todas as impurezas da matéria; está, de certo modo, *quintessenciado*; por conseguinte, sua ação deve ser mais salutar e mais imediata; é o fluido benfazejo por excelência. Visto que não pode ser encontrado entre os encarnados, nem entre os desencarnados vulgares, faz-se mister pedi-lo aos Espíritos elevados, como se vai procurar em regiões distantes os remédios que não encontramos em nossa terra. O médium curador pouco emite de seu próprio fluido; sente a corrente do fluido estranho que o penetra e ao qual serve de *conduto*; é com esse fluido que magnetiza, e aí está o que caracteriza o magnetismo espiritual e o distingue do magnetismo animal: um vem do homem; o outro, dos Espíritos. Como se vê, nada há nisso de maravilhoso, mas um fenômeno resultante de uma lei da Natureza, que não se conhecia.

Para curar pela terapêutica ordinária, não bastam os primeiros medicamentos que surgem; são precisos puros, não avariados ou adulterados, e convenientemente preparados. Pela mesma razão, para curar pela ação fluídica, os fluidos mais depurados são os mais salutaros; já que esses fluidos benfazejos são

os próprios fluidos dos Espíritos superiores, é o concurso destes últimos que se deve obter. Por isto a prece e a invocação são necessárias. Mas para orar e, sobretudo, orar com fervor, é preciso fé. Para que a prece seja ouvida, é preciso que seja feita com *humildade* e ditada por um real sentimento de *benevolência* e de *caridade*. Ora, não há verdadeira caridade sem devotamento, nem devotamento sem interesse. Sem estas condições o magnetizador, privado da assistência dos Espíritos bons, fica reduzido às suas próprias forças, muitas vezes insuficientes, ao passo que com o concurso deles, elas podem ser centuplicadas em poder e em eficácia. Mas não há licor, por mais puro que seja, que não se altere ao passar por um vaso impuro; dá-se o mesmo com o fluido dos Espíritos superiores, ao passar pelos encarnados. Daí, para os médiuns nos quais se revela essa preciosa faculdade, e que querem vê-la crescer e não se perder, a necessidade de trabalharem o seu melhoramento moral.

Entre o magnetizador e o médium curador há, pois, esta diferença capital: o primeiro magnetiza com o seu próprio fluido, e o segundo com o fluido depurado dos Espíritos; donde se segue que estes últimos dão o seu concurso a quem querem e quando querem; que podem recusá-lo e, por conseguinte, tirar a faculdade daquele que dela abusasse ou a desviasse de seu fim humanitário e caritativo, para dela fazer comércio. Quando Jesus disse aos apóstolos: *"Ide! expulsai os demônios, curai os enfermos"*, acrescentou: *"Dai de graça o que de graça recebestes."*

Os médiuns curadores tendem a multiplicar-se, como anunciaram os Espíritos, e isto em vista de propagar o Espiritismo, pela impressão que esta nova ordem de fenômenos não deixará de produzir nas massas, porquanto não há quem não ligue para a sua saúde, mesmo os maiores incrédulos. Desse modo, quando virem obter com o concurso dos Espíritos o que a Ciência não pode dar, forçoso será convir que há uma força fora do nosso mundo. Assim a Ciência será levada a sair da via exclusivamente material em que

ficou até hoje. Quando os magnetizadores antiespiritualistas ou antiespíritas virem que existe um magnetismo mais poderoso que o seu, serão forçados a remontar à verdadeira causa.

Importa, todavia, precaver-se contra o charlatanismo, que não deixará de tentar explorar em proveito próprio esta nova faculdade. Para isto, há um meio muito simples: lembrar-se de que não há charlatanismo desinteressado, e que o desinteresse absoluto, material e moral, é a melhor garantia de sinceridade. Se há uma faculdade dada por Deus com um objetivo santo, sem sombra de dúvida é esta, pois que exige imperiosamente o concurso dos Espíritos superiores, e este não pode ser adquirido pelo charlatanismo. É para que se fique bem edificado quanto à natureza toda especial desta faculdade que nós o descrevemos com alguns detalhes. Embora tenhamos podido constatar-lhe a existência por fatos autênticos, muitos dos quais passados sob os nossos olhos, pode dizer-se que ainda é rara, e só existe parcialmente nos médiuns que a possuem, seja por não terem todas as qualidades requeridas para possuí-la em sua plenitude, seja por estar ainda em começo. Eis por que, até hoje, os fatos não tiveram muita repercussão; mas não tardarão a tomar desenvolvimentos capazes de chamar a atenção geral. Dentro de poucos anos ela se revelará nalgumas pessoas predestinadas para isto, com uma força que triunfará de muitas obstinações. Mas não são os únicos fatos que o futuro nos reserva, e pelos quais Deus confundirá os orgulhosos e os convencerá de sua impotência. Os médiuns curadores são um dos mil meios providenciais para atingir este objetivo e acelerar o triunfo do Espiritismo. Compreende-se facilmente que esta qualificação não pode ser conferida aos médiuns escreventes, que obtêm receitas médicas de certos Espíritos.

Não encaramos a mediunidade curadora senão do ponto de vista fenomênico e como meio de propagação, e não como recurso habitual. Em próximo artigo trataremos de sua possível aliança com a Medicina e o magnetismo ordinários.

Um Caso de Possessão

SENHORITA JÚLIA

(2º artigo – Ver o número de dezembro de 1863)

Em nosso artigo anterior, descrevemos a triste situação dessa moça e as circunstâncias que nela provavam uma verdadeira possessão. Sentimo-nos feliz ao confirmar o que dissemos de sua cura, hoje completa. Depois de liberta de seu Espírito obsessor, os violentos abalos que tinha sofrido durante mais de seis meses haviam provocado grave perturbação em sua saúde. Agora está completamente recuperada, mas não saiu do estado sonambúlico, o que não a impede de consagrar-se aos seus trabalhos habituais. Vamos expor as circunstâncias dessa cura.

Várias pessoas haviam tentado magnetizá-la, mas sem muito sucesso, salvo uma leve e passageira melhora no seu estado patológico. Quanto ao Espírito, era cada vez mais tenaz, e as crises haviam atingido um grau de violência dos mais inquietadores. Teria sido necessário um magnetizador nas condições que indicamos no artigo precedente para os médiuns curadores, isto é, penetrando a doente com um fluido bastante puro para *eliminar* o fluido do Espírito mau. Se há um gênero de mediunidade que exige superioridade moral é, seguramente, o caso das obsessões, pois é preciso ter o direito de impor sua autoridade ao Espírito. Os casos de possessão, segundo o que é anunciado, devem multiplicar-se com grande energia daqui a algum tempo, a fim de que fique bem demonstrada a impotência dos meios empregados até agora para os combater. Até uma circunstância, da qual não podemos ainda falar, mas que tem certa analogia com o que se passou ao tempo do Cristo, contribuirá para desenvolver essa espécie de epidemia demoníaca. Não é duvidoso que surjam médiuns especiais com o poder de expulsar os Espíritos maus, como os apóstolos tinham o de expulsar os demônios, seja porque Deus sempre põe o remédio ao lado do mal, seja para dar aos incrédulos uma nova prova da existência dos Espíritos.

Para a senhorita Júlia, o magnetismo simples, como em todos os casos análogos, por mais enérgico que fosse, era insuficiente. Dever-se-ia agir simultaneamente sobre o Espírito obsessor, para o dominar, e sobre o moral da doente, perturbada por todos esses abalos; o mal físico era apenas consecutivo; era efeito, e não causa. Devia-se, pois, tratar a causa antes do efeito. Destruído o mal moral, o mal físico desapareceria por si mesmo. Mas para isto é preciso identificar-se com a causa; estudar com o maior cuidado e em todos os seus matizes o curso das idéias, para lhe imprimir tal ou qual direção mais favorável, porque os sintomas variam conforme o grau de inteligência do paciente, o caráter do Espírito e os motivos da obsessão, motivos cuja origem remonta quase sempre a existências anteriores.

O insucesso do magnetismo com a senhorita Júlia levou várias pessoas a tentar; neste número estava um jovem dotado de grande força fluídica, mas que, infelizmente, não tinha qualquer experiência e, sobretudo, os conhecimentos necessários em casos semelhantes. Ele se atribuía um poder absoluto sobre os Espíritos inferiores que, em sua opinião, não podiam resistir à sua vontade. Tal pretensão, levada ao excesso e baseada em sua força pessoal e não na assistência dos Espíritos bons, deveria provocar-lhe mais uma decepção. Só isto deveria ter bastado para mostrar aos amigos da mocinha que faltava a primeira das qualidades requeridas para que o socorro lhe fosse eficaz. Mas o que, acima de tudo, deveria tê-los esclarecido, é que ele professava, sobre os Espíritos em geral, uma opinião completamente falsa. Segundo ele, os Espíritos superiores são de natureza muito etérea para poderem vir à Terra comunicar-se com os homens e os assistir; isto só é possível aos Espíritos inferiores, em razão de sua natureza mais grosseira. Esta opinião, que não passa da doutrina da comunicação exclusiva dos demônios, cometia ele o grave erro de a sustentar diante da enferma, mesmo nos momentos de crise. Com esta maneira de ver, só devia contar consigo mesmo, e não podia invocar a única assistência capaz de ajudá-lo, assistência que, é

verdade, julgava poder dispensar. A conseqüência mais deplorável era para a doente, que ele desencorajava, tirando-lhe a esperança da assistência dos Espíritos bons. No estado de debilidade em que se achava o seu cérebro, tal crença, que dava todo poder ao Espírito obsessor, poderia tornar-se fatal para sua razão, e mesmo matá-la. Assim, ela repetia sem cessar, nos momentos de crise: “Louca... louca..., ele me põe louca... completamente louca... eu ainda não o sou, mas ficarei.” Falando de seu magnetizador, ela descrevia perfeitamente sua ação, dizendo: “Ele me dá a força do corpo, mas não a força do espírito.” Tal expressão era profundamente significativa e, no entanto, ninguém lhe dava importância.

Quando vimos a senhorita Júlia, o mal estava no seu apogeu e a crise que testemunhamos foi uma das mais violentas. Foi no próprio momento em que nos dedicávamos a levantar-lhe o moral e inculcar-lhe o pensamento de que ela *podia* dominar esse Espírito mau, com a assistência dos bons e de seu anjo-da-guarda, cujo apoio devia invocar. Foi nesse momento, dizíamos, que o jovem magnetizador, que se achava presente, por uma circunstância sem dúvida providencial, veio, sem qualquer provocação, afirmar e desenvolver sua teoria, destruindo por um lado o que fazíamos por outro. Tivemos de lhe expor com energia que praticava uma má ação e assumia a terrível responsabilidade da razão e da vida daquela infeliz mocinha.

Um fato dos mais singulares, que todos tinham observado, mas cujas conseqüências ninguém havia deduzido, produzia-se na magnetização. Quando se dava durante a luta com o Espírito mau, *só* este último absorvia todo o fluido, que lhe conferia mais força, enquanto a doente enfraquecia e sucumbia à sua ação nefasta. Devemos nos lembrar de que ela estava sempre em estado sonambúlico; conseqüentemente, via o que se passava, e foi ela mesma quem deu a explicação. Não viram no fato senão uma malícia do Espírito e contentavam-se em se absterem de magnetizar em tais momentos e ficarem como espectadores da luta. Com o conhecimento da natureza dos fluidos, é possível dar-se

conta facilmente desse fenômeno. Antes de mais, é evidente que, absorvendo o fluido para aumentar a força em detrimento da doente, o Espírito queria convencer o magnetizador da inutilidade de sua pretensão. Se havia malícia de sua parte, era contra o magnetizador, pois se servia da mesma arma com a qual este último pretendia vencê-lo. Pode dizer-se que lhe tomava o bastão das mãos. Não menos evidente era a sua facilidade de se apropriar do fluido do magnetizador, denotando uma afinidade entre esse fluido e o seu próprio, ao passo que fluidos de natureza contrária se teriam repellido, como água e óleo. Só este fato bastaria para demonstrar que havia outras condições a preencher. É, pois, um erro dos mais graves e, podemos dizer, dos mais funestos, não ver na ação magnética senão uma simples emissão fluídica, sem levar em conta a qualidade íntima dos fluidos. Na maioria dos casos, o sucesso repousa inteiramente nestas qualidades, como o êxito depende, na terapêutica, da qualidade do medicamento. Não seria demais chamar a atenção para este ponto capital, demonstrado, ao mesmo tempo, pela lógica e pela experiência.

Para combater a influência da doutrina do magnetizador, que já havia influenciado as idéias da doente, dissemos a esta: “Minha filha, tende confiança em Deus; olhai em volta. Não vede Espíritos bons? – É verdade, diz ela; vejo luminosos, que Fredegunda não ousa encarar. – Pois bem! são os que vos protegem e não permitirão que o Espírito mau triunfe; implorai sua assistência; orai com fervor; orai sobretudo por Fredegunda. – Oh! Por ela jamais o poderei. – Cuidado! vede como se afastam os Espíritos bons a estas palavras. Se quiserdes a sua proteção, é preciso merecê-la por vossos bons sentimentos, esforçando-vos principalmente para que sejais melhor que a vossa inimiga. Como quereis que eles vos defendam, se não valeis mais que ela? Pensai que em outras existências tereis censura a vos fazer; o que vos acontece é uma expiação; se quiserdes fazê-la cessar, será preciso que melhoreis e proveis vossas boas intenções, começando por vos mostrardes boa e caridosa para com os inimigos. A própria

Fredegunda será tocada e talvez fareis o arrependimento entrar no seu coração. Refleti. – Eu o farei. – Fazei-o logo e dizei comigo: ‘Meu Deus, eu perdôo a Fredegunda o mal que ela me fez; aceito-o como uma prova e uma expiação que mereci. Perdoai minhas próprias faltas, como eu perdôo as dela. E vós, Espíritos bons que me cercais, abri o seu coração a melhores sentimentos e me dai a força que me falta.’ Prometeis orar por ela todos os dias? – Prometo. – Está bem. Por meu lado, cuidarei de vós e dela; tende confiança. – Oh! Obrigado! algo me diz que isto logo vai acabar.”

Tendo dado conta dessa cena à Sociedade, foram transmitidas a respeito as seguintes instruções:

“O assunto de que vos ocupais comoveu os próprios Espíritos bons que, por sua vez, querem vir em auxílio desta moça com seus conselhos. Com efeito, ela apresenta um caso de obsessão muito grave; entre os que vistes e vereis ainda, pode-se pôr este no número dos mais sérios e, sobretudo, dos mais interessantes, pelas particularidades instrutivas já apresentadas e que ele vos oferecerá novamente.

“Como já vos disse, esses casos de obsessão se repetem freqüentemente e fornecerão dois assuntos distintos de utilidade, primeiro para vós, depois para os que as sofrerem.

“Primeiro para vós, porque, assim como vários eclesiásticos contribuíram poderosamente para difundir o Espiritismo entre os que lhe eram completamente estranhos, também esses obsedados, cujo número se tornará muito importante para que deles não se ocupem de maneira superficial, mas ampla e profunda, abrirão bastante as portas da Ciência para que a filosofia espírita possa com eles nela penetrar e ocupar, entre gente de ciência e os médicos de todos os sistemas, o lugar a que tem direito.

“Depois para eles porque, no estado de Espírito, antes de encarnar-se entre vós, eles aceitaram essa luta, que lhes acarreta a possessão que sofrem, tendo em vista o seu adiantamento; e essa luta, acreditai, faz sofrer cruelmente seu próprio Espírito que, quando seu corpo, de certo modo, não é mais seu, tem a perfeita consciência do que se passa. Conforme tiverem suportado essa prova, cuja duração lhes podereis abreviar poderosamente por vossas preces, terão progredido mais ou menos. Porque, ficai certos, a despeito dessa possessão, sempre momentânea, eles guardam suficiente consciência de si mesmos para discernirem a causa e a natureza de sua obsessão.

“Para esta que vos ocupa, é necessário um conselho. As magnetizações que lhe faz suportar o Espírito encarnado, de que falastes, lhe são funestas sob todos os aspectos. Aquele Espírito é sistemático. E que sistema! Quem não reporta todas as suas ações à maior glória de Deus e se envaidece das faculdades que lhe foram concedidas, será sempre confundido; os presunçosos serão rebaixados, muitas vezes neste mundo e, infalivelmente, no outro. Cuidai, pois, meu caro Kardec, para que essas magnetizações cessem completamente, ou os mais graves inconvenientes resultarão de sua continuação, não só para a moça, mas ainda para o imprudente, que pensa ter às suas ordens todos os Espíritos das trevas e se lhes impor como chefe.

“Digo que vereis esses casos de possessão e de obsessão se desenvolverem durante um certo tempo, porque são úteis ao progresso da Ciência e do Espiritismo. É por isso que os médicos e os sábios enfim abrirão os olhos e aprenderão que há doenças cujas causas não estão na matéria, não devendo, por isso, ser tratadas pela matéria. Esses casos de possessão vão igualmente abrir ao magnetismo horizontes totalmente novos e lhe fazer dar um grande passo à frente pelo estudo, até agora tão imperfeito, dos fluidos. Auxiliado por esses novos conhecimentos e por sua íntima aliança com o Espiritismo, ele obterá grandes coisas. Infelizmente, no magnetismo como na Medicina, durante muito tempo ainda

haverá homens que julgarão nada ter a aprender. Essas obsessões freqüentes terão, também, um lado muito bom, porque, penetrado pela prece e pela força moral, é possível fazê-las cessar e adquirir o direito de expulsar os Espíritos maus e, pelo melhoramento de sua conduta, cada um buscará adquirir o direito que o Espírito de Verdade, que dirige este globo, conferirá quando for merecido. Tende fé e confiança em Deus, que não permite que se sofra inutilmente e sem motivo.”

Hahnemann (Médium: Sr. Albert)

“Serei breve. Será muito fácil curar essa infeliz possessa. Os meios estavam implicitamente contidos nas reflexões há pouco emitidas por Allan Kardec. Não só é necessária uma ação material e moral, mas ainda uma ação puramente espiritual. Ao Espírito encarnado que, como Júlia, se acha em estado de possessão, é preciso um magnetizador experimentado e perfeitamente convicto da verdade espírita. Além disso, é necessário que seja de uma moralidade irrepreensível e sem presunção. Mas, para agir sobre o Espírito obsessor, faz-se mister a ação não menos enérgica de um Espírito bom desencarnado. Assim, pois, dupla ação: ação terrestre, ação extraterrestre; encarnado sobre encarnado, desencarnado sobre desencarnado; eis a lei. Se até agora essa ação não foi realizada, foi justamente para vos conduzir ao estudo e à experimentação desta interessante questão. É por isto que Júlia não se livrou mais cedo: ela devia servir para os vossos estudos.

“Isto vos demonstra o que, doravante, tereis de fazer, nos casos de possessão manifesta. É indispensável chamar em vosso auxílio o concurso de um Espírito elevado, desfrutando ao mesmo tempo de uma força moral e fluídica, como o excelente cura d’Ars; e sabeis que podeis contar com a assistência desse digno e santo Vianney. Quanto ao mais, nosso concurso é dado a todos os que nos chamarem em auxílio, com pureza de coração e fé verdadeira.

“Resumindo: Quando magnetizarem Júlia, será preciso proceder, inicialmente, pela fervorosa evocação do cura d’Ars e de outros Espíritos bons que se comunicam habitualmente entre vós, pedindo-lhes que atuem contra os Espíritos maus que perseguem essa jovem, e que fugirão diante de suas falanges luminosas. Também não esquecer que a prece coletiva tem uma força muito grande, quando feita por certo número de pessoas agindo em acordo, com uma fé viva e um ardente desejo de aliviar.”

Erasto (Médium: Sr. d’Ambel)

Estas instruções foram seguidas. Vários membros da Sociedade se entenderam para agir pela prece nas condições requeridas. Um ponto essencial era levar o Espírito obsessor a emendar-se, o que necessariamente deveria facilitar a cura. Foi o que se fez, evocando-o e lhe dando conselhos; ele prometeu não mais atormentar a senhorita Júlia e manteve a palavra. Um dos nossos colegas foi especialmente encarregado por seu guia espiritual de sua educação moral, com o que ficou satisfeito. Hoje esse Espírito trabalha seriamente por sua melhoria e pede uma nova encarnação para expiar e reparar suas faltas.

A importância do ensino, que decorre desse fato e das observações a que deu lugar, a ninguém escapará e cada um poderá nele haurir úteis instruções sobre a ocorrência. Uma observação essencial que o fato permitiu constatar e que se compreende sem dificuldade, é a influência do meio. É bem evidente que se o meio secunda por uma comunhão de vistas, de intenção e de ação, o doente se acha numa espécie de atmosfera homogênea de fluidos benfazejos, o que deve necessariamente facilitar e apressar o sucesso. Mas se houver desacordo, oposição; se cada um quiser agir à sua maneira, resultarão divergências, correntes contrárias que, forçosamente, paralisarão e, por vezes, anularão os esforços tentados para a cura. Os eflúvios fluídicos, que constituem a atmosfera moral, se forem maus, serão tão funestos a certos indivíduos quanto as emanções das regiões pantanosas.

Conversas de Além-Túmulo

FREDEGUNDA

Damos a seguir as duas evocações do Espírito Fredegunda, feitas na Sociedade, com um mês de intervalo, e que formam o complemento dos dois artigos anteriores sobre a possessão da senhorita Júlia. Embora não se manifestasse com sinais de violência, o Espírito escrevia com grande dificuldade e fatigava extremamente o médium, que chegou a ficar indisposto e cujas faculdades pareciam, de certo modo, paralisadas. Prevendo esse resultado, tivéramos o cuidado de não confiar essa evocação a um médium muito delicado.

Em outra circunstância, interrogado a respeito do Espírito Fredegunda, outro Espírito tinha dito que há muito tempo ela procurava reencarnar-se, mas que isto não lhe havia sido permitido, porque o seu objetivo não era ainda melhorar-se, mas, ao contrário, ter mais facilidade para fazer o mal, com o auxílio de um corpo material. Tais disposições deveriam tornar sua conversão muito difícil. Entretanto, esta não o foi tanto quanto se poderia temer, graças, sem dúvida, ao concurso benevolente de todas as pessoas que nela participaram, e talvez também porque era chegado o momento em que esse Espírito deveria entrar na via do arrependimento.

(16 de outubro de 1863 – Médium: Sr. Leymarie)

1. *Evocação.*

Resp. – Não sou Fredegunda. Que quereis de mim?

2. Então quem sois?

Resp. – Um Espírito que sofre.

3. Visto que sofreis, deveis desejar não mais sofrer. Nós vos assistiremos, pois lamentamos todos os que sofrem neste mundo e no outro; mas é necessário que nos secundeis e, para isto, é preciso que oreis.

Resp. – Agradeço-vos, mas não posso orar.

4. Nós vamos orar; isto vos auxiliará. Tende confiança na bondade de Deus, que sempre perdoa àquele que se arrepende.

Resp. – Creio em vós. Orai, orai; talvez eu me possa converter.

5. Mas não basta que oremos; é preciso que também oreis.

Resp. – Eu quis orar e não pude; tentarei agora com o vosso auxílio.

6. Dizei conosco: Meu Deus, perdoai-me, já que pequei. Arrependo-me do mal que fiz.

Resp. – Di-lo-ei depois.

7. Isto não é suficiente; é preciso escrever.

Resp. – Meu... (Aqui o Espírito é incapaz de escrever a palavra *Deus*. Só depois de muito encorajamento consegue terminar a frase, de modo irregular e pouco legível.)

8. Não basta dizer isto pró-forma. É preciso pensar e tomar a resolução de não mais fazer o mal; como vereis, logo sereis aliviada.

Resp. – Vou orar.

9. Se orastes sinceramente, não vos sentis melhor?

Resp. – Oh! sim!

10. Agora, dai-nos alguns detalhes sobre a vossa vida e as causas da vossa obstinação contra Júlia.

Resp. – Mais tarde... direi... mas hoje não posso.

11. Prometeis deixar Júlia em paz? O mal que lhe fazeis cai sobre vós e aumenta o vosso sofrimento.

Resp. – Sim, mas sou impelida por outros Espíritos piores do que eu.

12. É uma má desculpa, que dais para vos escusardes. Em todo o caso, deveis ter uma vontade e com a vontade sempre se pode resistir às más sugestões.

Resp. – Se eu tivesse tido vontade, não sofreria. Sou punida porque não soube resistir.

13. No entanto, mostrastes bastante vontade para atormentar Júlia. Como acabais de tomar boas resoluções, nós vos exortamos a nelas persistir e pedimos aos Espíritos bons que vos secudem.

Observação – Durante esta evocação, outro médium recebeu de seu guia espiritual uma comunicação, contendo, entre outras coisas, o seguinte: “Não vos inquieteis com as recusas que notais nas respostas deste Espírito: sua idéia fixa de reencarnar faz que repila toda solidariedade com o passado, embora não suporte muito os seus efeitos. É ela mesma a que foi indicada, mas não quer concordar consigo mesma.”

(13 de novembro de 1863)

14. *Evocação.*

Resp. – Estou pronta para responder.

15. Persististes na boa resolução em que estáveis da última vez?

Resp. – Sim.

16. Como vos achais?

Resp. – Muito bem, pois orei, estou mais calma e muito mais feliz.

17. Com efeito, sabemos que Júlia não foi mais atormentada. Já que podeis vos comunicar mais facilmente, quereis dizer por que vos obstináveis tanto contra ela?

Resp. – Há séculos eu não era lembrada e desejava que a maldição que cobre meu nome cessasse um pouco, a fim de que

uma prece, uma única, viesse consolar-me. Oro, creio em Deus; agora posso pronunciar seu nome e, por certo, é mais do que eu poderia esperar do benefício que me concedeis.

Observação – No intervalo da primeira à segunda evocação, o Espírito era chamado todos os dias por aquele de nossos colegas encarregado de o instruir. Um fato positivo é que, a partir desse momento, a senhorita Júlia deixou de ser atormentada.

18. É bastante duvidoso que o só desejo de obter uma prece tenha sido o móvel que vos levava a atormentar aquela moça; sem dúvida buscais ainda um paliativo para os vossos erros. Em todo o caso, não era um bom meio de atrair a compaixão dos homens.

Resp. – Contudo, se eu não tivesse atormentado Júlia, não teríeis pensado em mim e eu não teria saído do miserável estado em que languescia. Disso resultou uma instrução para vós e um grande bem para mim, pois me abristes os olhos.

19. [*Ao guia do médium*]. Foi mesmo Fredegunda que deu esta resposta?

Resp. – Sim, foi ela, um pouco auxiliada, é verdade, porque se humilhou. Mas este Espírito é muito mais adiantado em inteligência do que pensais; falta-lhe o progresso moral, cujos primeiros passos lhe ajudais a dar. Ela não vos disse que Júlia tirará grande proveito do que se passou para o seu avanço pessoal.

20. [*A Fredegunda*]. A senhorita Júlia vivia em vosso tempo? poderíeis dizer quem era ela?

Resp. – Sim. Era uma de minhas damas de companhia, chamada Hildegarda; uma alma sofredora e resignada, que fazia minha vontade. Sofreu o castigo de seus serviços muito humildes e muito complacentes a meu respeito.

21. Desejais uma nova encarnação?

Resp. – Sim, desejo. Ó meu Deus! sofri mil torturas e, se mereci uma pena muito justa, ah! é tempo para que eu possa,

com o auxílio de vossas preces, recomeçar uma existência melhor, a fim de me lavar das minhas antigas sujeiras. Deus é justo. Orai por mim. Até hoje eu tinha desconhecido toda a extensão de minha pena; tinha o olhar velado e como que uma vertigem. Mas agora vejo, compreendo, desejo o perdão do Senhor e o das minhas vítimas. Meu Deus, como é suave o perdão!

22. Dizei-nos algo de Brunchaut.

Resp. – Brunchaut!... Este nome me dá vertigem... Foi o grande erro de minha vida e senti o meu velho ódio despertar ao ouvir o seu nome!... Mas Deus me perdoará e doravante poderei escrever esse nome sem tremer. Mais feliz que eu, ela está reencarnada pela segunda vez, desempenhando um papel que desejo: o de irmã de caridade.

23. Estamos felizes com a vossa mudança; nós vos encorajaremos e sustentaremos com nossas preces.

Resp. – Obrigada! obrigada! Espíritos bons, Deus vos pagará por isto.

Observação – Um fato característico dos Espíritos maus é a impossibilidade em que muitas vezes se acham de pronunciar ou escrever o nome de Deus. Isto denota uma natureza má, sem dúvida, mas, ao mesmo tempo, um misto de medo e de respeito, que não sentem os Espíritos hipócritas, aparentemente menos maus. Estes últimos, longe de recuarem ante o nome de Deus, dele se servem afrontosamente para captar a confiança. São infinitamente mais perversos e mais perigosos que os Espíritos francamente maus. É nesta classe que são encontrados a maioria dos Espíritos fascinadores, dos quais é muito mais difícil desembaraçar-se do que dos outros, porque é do Espírito mesmo que eles se apossam, auxiliados por um falso semblante de saber, de virtude ou de religião, ao passo que os outros só se apossam do corpo. Um Espírito que, como o de Fredegunda, recua ante o nome de Deus, está muito mais próximo de sua conversão do que os que se cobrem com a máscara do bem. Dá-se o mesmo entre os homens, onde encontrais estas duas categorias de Espíritos encarnados.

Inauguração de Vários Grupos e Sociedades Espíritas

As reuniões espíritas que surgem são tão numerosas que nos seria impossível citar todas as boas palavras ditas a respeito, testemunhando os sentimentos excitados pela doutrina. O novo grupo que acaba de formar-se na ilha de Oléron é tanto mais digno de simpatia quanto o Espiritismo foi, nessas regiões, objeto de uma oposição muito viva. Transcrevemos uma das alocações que foram pronunciadas na ocasião, para provar como os espíritas respondem aos seus adversários.

DISCURSO DO PRESIDENTE DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE MARENNES

“Senhores e caros irmãos espíritas de Oléron,

“A extensão que diariamente toma o Espiritismo em nossa terra é a prova mais evidente da impotência dos ataques de que é objeto. É como diz o Sr. Allan Kardec: ‘De duas uma: ou é um erro, ou uma verdade. Se é um erro, cairá por si mesmo, como todas as utopias, que apenas têm existências efêmeras, e morrem por falta de base sólida, única que pode dar a vida; se é uma dessas grandes verdades que, pela vontade de Deus, devem ter lugar reservado na história do mundo e marcar uma era do progresso da Humanidade, nada deterá a sua marcha.’

“Aí está a experiência para mostrar em qual dessas duas categorias o Espiritismo deve ser classificado. A facilidade com que é aceito pelas massas, dizemos mais: a felicidade, a consolação, a coragem contra a adversidade, que se adquire nesta crença, a incrível rapidez de sua propagação, não são mostras de uma idéia sem valor. O mais excêntrico sistema pode fazer seita e reunir em torno de si alguns partidários, mas, semelhante a uma árvore sem raízes, se desfolha rapidamente e morre sem rebentos. É assim com o Espiritismo? Não; sabei-o tão bem quanto eu. Desde seu aparecimento, não cessou de crescer, a despeito dos ataques de que

foi objeto, e hoje cravou sua bandeira em todos os pontos do globo; seus partidários se contam aos milhões; e se se considerar o caminho feito nos últimos dez anos, através de um sem-número de obstáculos semeados em sua rota, pode julgar-se o que será daqui a dez anos, tanto mais quanto mais se aplainam os obstáculos, à medida que avança e aumenta o número de seus aderentes. Assim, pois, pode dizer-se, com o Sr. Allan Kardec, que o Espiritismo é hoje um fato consumado; a árvore criou raízes; não lhe resta senão desenvolver-se e tudo concorre para lhe ser favorável, porquanto, malgrado algumas borrascas, o vento é favorável ao Espiritismo. É preciso ser cego para não o reconhecer.

“Uma circunstância contribuiu poderosamente para a sua expansão: é que não é exclusivo de nenhuma religião; sua divisa: *Fora da caridade não há salvação*, pertence a todas; é, ao mesmo tempo, a bandeira da tolerância, da união e da fraternidade, em torno da qual todos podem reunir-se, sem abdicarem de sua crença particular. Começa-se a compreender que é um penhor de segurança para a sociedade. Quanto a mim, caros irmãos, vou mais longe e penso que concordareis comigo, quando digo: No momento em que todos os povos tiverem inscrito em sua bandeira *Fora da caridade não há salvação*, a paz do mundo será garantida e todos os povos viverão como irmãos. Será apenas um belo sonho? Não, senhores, é a promessa feita pelo Cristo e estamos na época de sua realização.

“Que somos nós, nós outros, no grande movimento que se opera? Somos obscuros operários que trazemos nossa pedra ao edifício; mas quando milhões de obreiros tiverem trazido milhões de pedras, o edifício estará concluído. Trabalhem, pois, com zelo e perseverança, sem nos desanimarmos com a pequenez do sulco que traçamos, pois numerosos sulcos se abrem à nossa volta. Permitti-me uma comparação que, embora material, corresponde a este pensamento. No começo das estradas de ferro, cada pequena localidade queria ter o seu ramal; cada um desses ramais pouco representavam em si mesmo; mas quando todos fossem reunidos, teríamos uma rede imensa, que hoje cobre o

mundo e derruba as barreiras dos povos. As estradas de ferro derrubaram as barreiras materiais; a palavra de ordem: *Fora da caridade não há salvação*, fará cair as barreiras morais; fará cessar, sobretudo, o antagonismo religioso, causa de tantos ódios e de conflitos sangrentos, porque, então, judeus, católicos, protestantes e muçulmanos se darão as mãos, adorando, cada um à sua maneira, o único Deus de misericórdia e de paz, que é o mesmo para todos.

“Como vedes, senhores e caros irmãos, o objetivo é grande. Restar-nos-ia examinar a organização de nossa pequena esfera, para transformá-la numa engrenagem útil ao conjunto. Para isto, nossa tarefa é facilitada pelas instruções que encontramos nas obras de nosso chefe venerado e que se tornaram, pode dizer-se, as obras clássicas da doutrina. Seguindo-as pontualmente, estamos certos de não nos transviarmos numa falsa rota, porque essas instruções são o fruto da experiência. Assim, que cada um medite cuidadosamente essas obras, pois nelas encontraremos tudo quanto nos é necessário; aliás, tenho certeza de que o apoio e os conselhos do mestre jamais nos faltarão. A nenhum de nós é permitido esquecer que, se a esperança e a fé penetraram a maioria de nossos corações, se muitos dentre nós fomos arrancados ao materialismo e à incredulidade, devemos-lo à sua coragem perseverante, ao seu zelo, que nem as calúnias, nem as diatribes, nem os ataques de toda sorte abalaram. Tendo sido o primeiro a compreender o imenso alcance do Espiritismo, desde então tudo sacrificou para lhe espalhar os benefícios entre os seus irmãos da Terra. Digamo-lo: evidentemente ele foi escolhido para esse grande apostolado, pois é impossível desconhecer que cumpre entre nós uma missão moralizadora. Eu vos proponho, senhores, votar-lhe os agradecimentos que todos os verdadeiros e sinceros espíritas lhe devem. Ao mesmo tempo, peçamos a Deus que continue a sustentá-lo num empreendimento em que ele é o único em condição de fazê-la frutificar completamente.

“Algumas palavras ainda, senhores, sobre o caráter desta reunião. A máxima que nos serve de guia é capaz de

tranqüilizar aqueles a quem o nome do Espiritismo poderia intimidar. Com efeito, que se pode temer de gente que faz do princípio da caridade para com todos, amigos e inimigos, a sua regra de conduta? E este princípio para nós é tão sério, que dele fazemos a condição expressa de nossa salvação. Não é a melhor garantia que podemos dar de nossas intenções pacíficas? Quem, pois, poderia ver com maus olhos, mesmo entre os que não compartilham de nossas crenças, pessoas que não pregam senão a tolerância, a união e a concórdia, e cujo único objetivo é reconduzir a Deus os que dele se afastam, combater o materialismo e a incredulidade que invadem a sociedade e ameaçam os seus fundamentos?

“Assim, dirigimo-nos aos que não crêem, pois o campo a ceifar é bastante vasto, como disse o Sr. Allan Kardec. Em virtude mesmo do princípio da caridade que nos serve de guia, guardemo-nos de ir perturbar qualquer consciência; acolhamos como irmãos os que vêm a nós, e procuremos não coagir ninguém em sua fé religiosa. Não vimos erguer altar contra altar, mas levantar um onde não existia nenhum. Os que acharem bons nossos princípios, os adotarão; os que os acharem maus, os deixarão de lado e nem por isso os consideraremos menos como irmãos; se nos atirarem a pedra, pediremos a Deus que lhes perdoe a falta de caridade e lhes recorde o Evangelho e o exemplo de Jesus-Cristo, que orava por seus algozes.

“Oremos, pois, caros irmãos, a fim de que Deus se digne estender sobre nós a sua misericórdia e perdoar as nossas faltas, como perdoamos aos que nos querem mal. Digamos todos, do fundo do coração:

“Senhor, Deus Todo-Poderoso, que ledes no fundo das almas e vedes a pureza de nossas intenções, dignai-vos sustentarnos na nossa obra e protegei nosso chefe; dai-nos a força de suportar com coragem e resignação, e como provas para a nossa fé e nossa perseverança, as misérias que a malevolência possa nos

suscitar; fazei que, a exemplo dos primeiros mártires cristãos, estejamos prontos para todos os sacrifícios, para vos provar a nossa submissão à vossa santa vontade. Aliás, que são os sacrifícios dos bens deste mundo quando se tem, como devem tê-lo todos os espíritas sinceros, a certeza dos bens imperecíveis da vida futura? Fazei, Senhor, que as preocupações da vida terrestre não nos desviem do caminho santo por onde nos conduzistes e dignai-vos nos enviar Espíritos bons para nos manterem na via do bem; que a caridade, que é a vossa e a nossa lei, nos torne indulgentes para com as faltas dos nossos irmãos; que ela abafe em nós todo sentimento de orgulho, de ódio, de inveja e de ciúme, e nos torne bons e benevolentes para com todos, a fim de que tanto preguemos pelo exemplo, quanto pela palavra.”

Os delegados de diversos grupos das localidades circunvizinhas se tinham reunido, nessa ocasião, com seus novos irmãos em crença. Vários outros discursos foram pronunciados, todos testemunhando um perfeito entendimento do verdadeiro espírito do Espiritismo. Lamentamos que a falta de espaço não nos permita citá-los, assim como uma notável comunicação obtida na sessão, assinada por *François-Nicolas Madeleine* que, em termos simples e tocantes, traça os deveres do verdadeiro espírita.

Em Lyon acaba de formar-se um novo grupo em condições especiais, que merecem ser assinaladas, como encorajamento e bom exemplo. Esta reunião tem duplo objetivo: a instrução e a beneficência. No que tange à instrução, ele se propõe dedicar uma parte menor que a geralmente dedicada às comunicações mediúnicas e, em contrapartida, consagrar uma maior às instruções orais, com vistas a desenvolver e explicar os princípios do Espiritismo. No que respeita à beneficência, a nova sociedade se propõe vir em auxílio das pessoas necessitadas, por meio de donativos de objetos comuns, tais como roupa branca, vestuários, etc. Além do que puder recolher, as senhoras que dela fazem parte dão sua quota de trabalho pessoal na confecção de roupas e em visitas aos pobres doentes. Um dos membros dessa sociedade nos

escreve a respeito: “Graças ao zelo da Sra. G..., em breve Lyon contará com mais uma reunião espírita. Tal reunião alcançará o objetivo a que se propõe? Só o futuro dirá. Se ainda é pouco numerosa, pelo menos conta com elementos devotados, cheios de fé e de caridade. Podemos fracassar no empreendimento, mas, ao menos, nossas intenções são boas. Bastará que a Sociedade de Paris, sob a égide da qual nos colocamos, nos aprove e nos ajude com seus conselhos, para que perseveremos, auxiliados por seu apoio moral.”

Este apoio jamais faltará a toda obra fundada segundo o verdadeiro espírito do Espiritismo, e que tenha por objetivo a realização do bem. A Sociedade de Paris sempre se rejubila ao ver a doutrina produzir bons frutos. Ela só declinará de qualquer solidariedade em relação a grupos ou sociedades que, desconhecendo o princípio de caridade e de fraternidade, sem o qual não há verdadeiros espíritas, vissem as outras reuniões com maus olhos, lhes atirassem pedras ou procurassem denegri-las sob um pretexto qualquer. A caridade e a fraternidade se reconhecem por suas obras, e não por palavras; é uma medida de apreciação que não enganará senão os que se cegam quanto ao seu próprio mérito, mas não a terceiros desinteressados; é a pedra de toque, pela qual se reconhece a sinceridade de sentimentos. E em Espiritismo, quando se fala de caridade, sabe-se que não se trata apenas daquela que dá, mas, também e sobretudo, da que esquece e perdoad, que é benevolente e indulgente, que repudia todo sentimento de ciúme e de rancor. Toda reunião espírita que não se fundasse sobre o princípio da verdadeira caridade, seria mais prejudicial que útil à causa, porque tenderá a dividir, em vez de unir; aliás, traria em si mesma o seu elemento destruidor. Assim, nossas simpatias pessoais serão sempre conquistadas por todas que provarem, por seus atos, o Espírito bom que as anima, porque os Espíritos bons não podem inspirar senão o bem.

No próximo número, falaremos das novas sociedades espíritas de Bruxelas, Turim e Esmirna, que igualmente se colocam sob o patrocínio da Sociedade de Paris.

Questões e Problemas

PROGRESSO NAS PRIMEIRAS ENCARNAÇÕES

Pergunta – Duas almas, criadas simples e ignorantes, que não conhecem o bem, nem o mal, vêm à Terra. Se, numa primeira existência, uma seguir o caminho do bem, e a outra o do mal, já que, de certo modo, é o acaso que as conduz, elas não merecem castigo nem recompensa. Essa primeira viagem terrestre não deve ter servido senão para dar a cada uma delas a consciência de sua existência, consciência que antes não tinham. Para ser lógico, seria preciso admitir que as punições e as recompensas só começariam a ser infligidas ou concedidas a partir da segunda encarnação, quando os Espíritos já soubessem distinguir entre o bem e o mal, experiência que lhes faltaria por ocasião de sua criação, mas que adquiririam por meio de sua primeira encarnação. Tal opinião tem fundamento?

Resposta – Embora esta pergunta já esteja resolvida pela Doutrina Espírita, vamos respondê-la, para a instrução de todos.

Ignoramos absolutamente em que condições se dão as primeiras encarnações da alma; é um desses princípios das coisas que estão nos segredos de Deus. Apenas sabemos que são criadas simples e ignorantes, tendo todas, assim, o mesmo ponto de partida, o que é conforme à justiça; o que sabemos ainda é que o livre-arbítrio só se desenvolve pouco a pouco e após numerosas evoluções na vida corpórea. Não é, pois, nem após a primeira, nem depois da segunda encarnação que a alma tem consciência bastante clara de si mesma, para ser responsável por seus atos; não é senão após a centésima, talvez após a milésima. Dá-se o mesmo com a criança, que não goza da plenitude de suas faculdades, nem um, nem dois dias após o nascimento, mas depois de anos. E, ainda, quando a alma goza do livre-arbítrio, a responsabilidade cresce em razão do desenvolvimento de sua inteligência; é assim, por exemplo, que um selvagem que come os seus semelhantes é menos

castigado que o homem civilizado, que comete uma simples injustiça. Sem dúvida os nossos selvagens estão muito atrasados em relação a nós e, no entanto, já se acham bem longe de seu ponto de partida. Durante longos períodos, a alma encarnada é submetida à influência exclusiva dos instintos de conservação; pouco a pouco esses instintos se transformam em instintos inteligentes ou, melhor dizendo, se equilibram com a inteligência; mais tarde, *e sempre gradualmente*, a inteligência domina os instintos. Só então é que começa a séria responsabilidade.

Além disso, o autor da pergunta comete dois erros graves: o primeiro é o de admitir que o acaso decida pelo bom ou mau caminho que o Espírito segue em seu princípio. Se houvesse acaso ou fatalidade, toda responsabilidade seria injusta. Como dissemos, o Espírito fica num estado inconsciente durante numerosas encarnações; a luz da inteligência não se faz senão aos poucos e a responsabilidade real só começa quando o Espírito age livremente e com conhecimento de causa.

O segundo erro é o de admitir que as primeiras encarnações humanas ocorrem na Terra. A Terra já foi, mas não é mais, um mundo primitivo; os mais atrasados seres humanos encontrados em sua superfície já se despojaram das primeiras fraldas da encarnação e os nossos selvagens estão em progresso, comparativamente ao que eram antes que seu Espírito viesse encarnar neste globo. Que se julgue agora o número de existências necessárias a esses selvagens para transpor todos os degraus que os separam da mais adiantada civilização; todos esses degraus intermediários se acham na Terra *sem solução de continuidade* e se pode segui-los observando as nuances que distinguem os diferentes povos; só o começo e o fim aí não se encontram; para nós o começo se perde nas profundezas do passado, que não nos é dado penetrar. Aliás, isto pouco importa, pois tal conhecimento em nada nos adiantaria. Não somos perfeitos, eis o que é positivo; sabemos que nossas imperfeições são o único obstáculo à nossa felicidade

futura; portanto, estudemo-nos, a fim de nos aperfeiçoarmos. No ponto em que estamos a inteligência está bastante desenvolvida para permitir ao homem julgar sensatamente o bem e o mal, e é também deste ponto que a sua responsabilidade é mais seriamente empenhada, já que não mais se pode dizer o que dizia Jesus: “Perdoai-lhes, Senhor, porque não sabem o que fazem.”

Variedades

FONTENELLE E OS ESPÍRITOS BATEDORES

Devemos à gentileza do Sr. Flammarion a comunicação de uma carta que lhe foi dirigida e que contém o seguinte relato:

Provavelmente vos imaginais, caro senhor, o primeiro astrônomo que se tenha ocupado de Espiritismo. Desenganai-vos. Há um século e meio Fontenelle fazia tipologia com a Srta. Letard, médium. Distraíndo-me esta manhã em folhear um velho manual epistolar, publicado há cinquenta anos por Philipon de la Madeleine, encontro uma carta da Srta. Launai, que foi mais tarde a Sra. Staal, dirigida da parte da duquesa do Maine ao secretário da Academia das Ciências, relativamente a uma aventura, da qual eis o resumo.

Em 1713 uma moça chamada Letard garantia manter comércio com os Espíritos, tal como Sócrates com o seu demônio. O Sr. Fontenelle foi ver a jovem e, porque deixasse transparecer algumas dúvidas sobre essa espécie de charlatanismo, a Sra. de Maine, que não duvidava, encarregou a Srta. Launai de lhe escrever a respeito.

Philipon de la Madeleine

Sobre o fato encontra-se a nota a seguir, numa edição das obras escolhidas de Fontenelle, publicada em Londres em 1761.

Uma jovem, chamada Srta. Letard, no começo do século excitou a curiosidade do público por um suposto prodígio. Todo o mundo a procurava e o Sr. Fontenelle, aconselhado pelo Duque de Orléans, também foi ver a maravilha. Foi a esse respeito que a Srta. Launai lhe havia escrito. – Eis a carta:

“A aventura da Srta. Letard faz menos barulho, senhor, que o testemunho que destes. Admiram-se, e talvez com certa razão, que o destruidor dos oráculos, que aquele que derrubou o tripé das sibilas, se tenha ajoelhado diante da Srta. Letard. Pois quê! dizem os críticos, esse homem que tornou bem evidentes as fraudes feitas a mil léguas de distância e mais de dois mil anos antes, foi incapaz de descobrir um ardil tramado sob os seus olhos! Os astutos pretendem que, como um bom pirrônico e achando tudo incerto, imaginais que tudo seja possível. Por outro lado, os devotos parecem muito edificadas com as homenagens que prestastes ao diabo; esperam que isto possa ir mais longe. Para mim, senhor, suspendo o julgamento até ser melhor esclarecida.”

Resposta do Sr. Fontenelle:

“Terei a honra, senhorita, de responder a mesma coisa que respondi a um de meus amigos, que me escreveu de Marly, no dia seguinte ao em que estive em casa do *Espírito*. Comuniquei-lhe que tinha ouvido ruídos, cuja mecânica desconhecia, mas que, para decidir, seria necessário um exame mais exato que aquele que eu havia feito, e o repetir. Não mudei de linguagem; mas, porque não decidi absolutamente que era um artifício, acusaram-me de crer que fosse um duende; e como o público não se detém na rota da prudência, disseram que eu havia dito. Não há grande mal nisso. Se me causaram danos, atribuindo-me um discurso que não fiz, deram-me a honra de chamar a atenção sobre mim, e uma mão lava a outra. Eu não julguei que, por ter desmerecido as velhas profetisas de Delfos, estivesse incitando a destruição de uma jovem viva, da qual só se tinha falado bem. Se, contudo, acham que faltei

ao meu dever, de outra vez empregarei um tom mais impiedoso e mais filosófico. Há muito tempo que censuram minha pouca severidade. É preciso que eu seja mesmo incorrigível, pois a idade, a experiência e as injustiças do mundo nada fazem. Eis, senhorita, tudo quanto vos posso dizer sobre o *Espírito*, ao qual fui atraído por uma carta que, suspeito com muito gosto, tenha sido por ele ditada, já que, afinal de contas, não estou longe de crer nisto. Assim, quando me vier um demônio familiar, eu vo-lo direi com mais graça e num tom mais engenhoso, mas não com mais sinceridade, que eu sou, etc.”

Observação – Como se vê, Fontenelle não se pronuncia pró nem contra, limitando-se a constatar o fato. Era a prudência, que falta à maioria dos negadores de nossa época, que dão a última palavra sobre aquilo que nem sequer se deram ao trabalho de observar, com o risco de receberem, mais tarde, o desmentido da experiência. Todavia, é evidente que ele se inclina pela afirmativa, coisa notável para um homem na sua posição e neste século de cepticismo por excelência. Longe de acusar a Srta. Letard de charlatanismo, reconhece que dela só falavam bem. É possível até que ele estivesse mais convencido do que deixava transparecer e, não fosse o medo do ridículo, tão poderoso naquela época, talvez não guardasse reserva. Contudo, era preciso que estivesse muito abalado para não dizer claramente que era uma trapaça. Ora, sobre este ponto sua opinião é importante. Afastada a questão do charlatanismo, torna-se evidente que a Srta. Letard era um médium espontâneo no gênero das irmãs Fox.

SANTO ATANÁSIO, ESPÍRITA SEM O SABER

A passagem seguinte, tirada de Santo Atanásio, patriarca de Alexandria, um dos pais da Igreja grega, parece ter sido escrita sob a inspiração das idéias espíritas de hoje:

“A alma não morre, mas o corpo morre quando dele ela se afasta. A alma é para si mesma seu próprio motor; o movimento

da alma é a sua vida. Mesmo quando está prisioneira no corpo e como que a ele ligada, ela não se amesquinha às suas estreitas proporções e aí não se encerra. Mas muitas vezes, quando o corpo jaz imóvel e como que inanimado, ela fica desperta por sua própria virtude; e, *saindo da matéria, não obstante a ela ainda ligada*, concebe, contempla existências além do globo terrestre; vê os santos desprendidos do envoltório dos corpos, vê os anjos e a eles ascende na liberdade de sua pura inocência.

“Inteiramente separada do corpo e quando aprouver a Deus tirar-lhe a cadeia que lhe é imposta, não terá ela, eu vos pergunto, uma visão muito mais clara de sua natureza imortal? Se hoje mesmo, e nos entraves da carne, ela já vive *uma vida completamente exterior*, viverá muito mais depois da morte do corpo, graças a Deus que, por seu Verbo, a fez assim. Ela compreende, abarca em si as idéias de eternidade, de infinito, pois é imortal. Assim como o corpo, que é mortal, não percebe senão o que é material e perecível, também a alma, que vê e medita as coisas imortais, é necessariamente imortal em si mesma e viverá sempre, porque os pensamentos e as imagens de imortalidade jamais a deixam e nela são como um foco vivo, que alimenta e assegura a sua imortalidade.”

(*Sanct. Athan. Oper., t. I, p. 32. – Villemain,*
Quadro da eloquência cristã no IV século)

Com efeito, não está aí uma descrição exata da irradiação exterior da alma durante a vida corporal, e de sua emancipação no sono, no êxtase, no sonambulismo e na catalepsia? O Espiritismo diz exatamente a mesma coisa, e o prova pela experiência.

Com as idéias esparsas contidas na Bíblia, nos Evangelhos e nos Pais da Igreja, sem falar dos escritores profanos, pode constituir-se toda a doutrina espírita moderna. Os

comentários feitos desses escritos geralmente o foram de um ponto de vista exclusivo e com idéias preconcebidas, e muitos só viram neles o que queriam ver ou lhes faltava a chave necessária para ver outra coisa; mas hoje o Espiritismo é a chave que dá o verdadeiro sentido das passagens mal compreendidas. Até o momento esses fragmentos são recolhidos parcialmente, mas dia virá em que homens de paciência e saber, e cuja autoridade não poderá ser desconhecida, farão deste estudo o objeto de um trabalho especial e completo, que projetará luz sobre todas essas questões, fazendo que todos se submetam, ante a evidência claramente demonstrada. Esse trabalho considerável – creio poder dizer – será obra de membros eminentes da Igreja, que receberão esta missão, porque compreenderão que a religião deve ser progressiva como a Humanidade, sob pena de ser ultrapassada, porque, como na política, há idéias retrógradas na religião. Em tal caso, não avançar é recuar. O que faz os incrédulos é precisamente o fato de a religião colocar-se fora do movimento científico e progressivo. Ela faz mais: declara este movimento obra do demônio e sempre o combateu. Disso resultou que a Ciência, sendo repelida pela religião, por sua vez repeliu a religião. Daí um antagonismo que não cessará senão quando a religião compreender que não só deve marchar com o progresso, mas ser um elemento do progresso. Todos acreditarão em Deus, quando ela não o apresentar em contradição com as leis da Natureza, que são obra sua.

EXTRATO DO *OPINION NATIONALE*

Num artigo político muito sério sobre a Polônia, assinado por Bonneau, publicado no *Opinion nationale* de 10 de novembro de 1863, lê-se a seguinte passagem:

“Que Francisco José evoque a sombra de sua avó, que peça conselhos a Maria Teresa, alma sofredora, perseguida pelos remorsos da Polônia dividida, e a luz se fará de repente aos seus olhos.”

Estas palavras dispensam comentários. Tínhamos razão de dizer, mais acima, que a idéia espírita atravessa tudo. A ela somos arrastados, mau grado nosso, e em breve ela transbordará.

UM ESPÍRITO BATEDOR NO SÉCULO XVI

Lê-se na *Histoire de saint Martial*, apóstolo das Gálias e, notadamente, da Aquitânia e do Limousin, pelo Rev. Pe. Bonaventure de Saint-Amable, carmelita descalço, 3^a parte, p. 752:

“No ano de 1518, no mês de dezembro, em casa de Pierre Juge, negociante em Limoges, um Espírito, durante quinze dias, fazia grande barulho, batendo nas portas, nas tábuas do assoalho e nas lajes, e mudava os utensílios de um lugar para outro. Vários religiosos ali foram dizer missa e velar à noite, com círios acesos e água benta, sem que ele tivesse querido falar. Um rapaz de dezesseis anos, natural de Ussel, que servia àquele negociante, confessou que o Espírito o havia molestado muitas vezes, em casa e em vários outros lugares, acrescentando que um parente seu, que o tinha feito herdeiro, havia morrido na guerra e tinha aparecido muitas vezes a vários de seus parentes e batido em sua irmã que, em conseqüência, faleceu três dias depois. Tendo o dito negociante Juge despedido o rapaz, todo esse barulho cessou.”

Evidentemente o jovem era médium inconsciente, de efeitos físicos, como sempre os houve. O conhecimento das leis que regem as relações do mundo visível com o mundo invisível faz todos esses fatos, supostamente maravilhosos, entrarem no domínio das leis naturais.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

FEVEREIRO DE 1864

Nº 2

O Sr. Home em Roma

Vários jornais reproduziram o seguinte artigo:

“O incidente da semana – escrevem de Roma, ao *Times* – é a ordem dada ao Sr. Home, o célebre médium, para deixar a cidade pontifícia em três dias.

“Convidado a apresentar-se à polícia romana, o Sr. Home passou por um interrogatório formal. Perguntaram-lhe quanto tempo pretendia passar em Roma; se se entregava às práticas do Espiritismo depois de sua conversão ao catolicismo, etc., etc. Eis algumas palavras trocadas na ocasião, tais quais o próprio Sr. Home registrou em suas notas particulares, e que ele transmite, ao que parece, com muita facilidade.

“– Depois de vossa conversão ao catolicismo, exercestes o poder de médium? – Nem depois, nem antes exerci tal poder, pois, como não depende de minha vontade, não posso dizer que o exerço. – Considerais esse poder como um dom da Natureza? – Eu o considero como um dom de Deus. – Que religião ensinam os Espíritos? – Isto depende. – Que fazeis para que eles

venham? – Respondi que nada fazia. Mas no mesmo instante, batidas repetidas e distintas foram ouvidas sobre a mesa onde escrevia o meu investigador. – Mas também fazeis as mesas se moverem? perguntou ele. No mesmo instante a mesa se pôs em movimento.”

“Pouco tocado por esses prodígios, o chefe da polícia convidou o mágico a deixar Roma em três dias. Abrigando-se, como era direito seu, sob a proteção das leis internacionais, o Sr. Home relatou o fato ao cônsul da Inglaterra, o qual obteve do Sr. Matteucci a garantia de que o célebre médium não seria incomodado e poderia continuar sua estada em Roma, desde que se abstivesse, durante esse tempo, de qualquer comunicação com o mundo espiritual. Coisa admirável! O Sr. Home aceitou a esta condição e assinou o compromisso que lhe exigiam. Como pôde comprometer-se a não usar um poder, cujo exercício independe de sua vontade? É o que não buscaremos penetrar.”

Não sabemos até que ponto a narrativa é exata, em todos os seus detalhes. Mas uma carta, escrita ultimamente pelo Sr. Home a uma senhora do nosso conhecimento parece confirmar o fato principal. Quanto às batidas ouvidas na ocasião, julgamos que se pode, sem receio, inclui-las entre as facécias a que nos habituaram os jornais pouco preocupados em aprofundar as coisas do outro mundo.

De fato o Sr. Home está em Roma neste momento; e, para ele, o motivo é muito honroso para que não o digamos, já que os jornais houveram por bem aproveitar a ocasião para o ridicularizar.

O Sr. Home não é rico e não teme dizer que deve buscar no trabalho os recursos para fazer face às despesas sob sua responsabilidade. Pensou em encontrá-los no talento natural que tem pela escultura, e para se aperfeiçoar nesta arte é que foi para

Roma. Com a notável faculdade mediúnica que possuí, poderia ser rico, muito rico mesmo, se a tivesse querido explorar. A mediocridade de sua posição é a melhor resposta ao epíteto de hábil charlatão, que lhe lançaram ao rosto. Mas ele sabe que essa faculdade lhe foi dada com um fim providencial, para os interesses de uma causa santa, e julgaria cometer um sacrilégio se a convertesse em profissão. Ele tem bem alto o sentimento dos deveres que ela lhe impõe para compreender que os Espíritos se manifestam pela vontade de Deus para reconduzir os homens à fé na vida futura, e não para se exibirem num espetáculo de curiosidades, em concorrência com os escamoteadores, ou para servirem à cupidez dos que pretendessem explorá-la. Aliás, ele também sabe que os Espíritos não estão às ordens nem aos caprichos de ninguém e, menos ainda, de quem quer que queira *exibir* seus atos e gestos a tanto por sessão. Não há um só médium no mundo que possa garantir a produção de um fenômeno espírita num dado momento, donde forçoso é concluir que a pretensão contrária dá prova de absoluta ignorância dos mais elementares princípios da ciência; sendo assim, toda suposição é permitida, porque se os Espíritos não responderem ao chamado, ou não fizerem *coisas muito admiráveis* para satisfazer os curiosos e sustentar a reputação do médium, é mesmo necessário encontrar um meio de as dar aos espectadores em troca de seu dinheiro, se não se quiser devolvê-lo.

Nunca repetiríamos em demasia: a melhor garantia de sinceridade é o desinteresse absoluto. Um médium é sempre forte quando pode responder aos que suspeitassem de sua boa-fé: “Quanto pagastes para vir até aqui?”

Ainda uma vez: a mediunidade séria não pode ser e jamais será uma profissão. Não só porque seria moralmente desacreditada, mas porque repousa sobre uma faculdade essencialmente móvel, fugidia e variável, que nenhum dos que a possuem hoje está certo de a possuir amanhã. Só os charlatães

estão sempre seguros de si mesmos. Outra coisa é um talento adquirido pelo estudo e pelo trabalho que, por isto mesmo, é uma propriedade, da qual é naturalmente permitido tirar partido. De modo algum a mediunidade está neste caso. Explorá-la é dispor de uma coisa da qual realmente não se é dono; é desviá-la de seu objetivo providencial; mais ainda: não é de *si próprio* que se dispõe, é dos Espíritos, das almas dos mortos, cujo concurso é posto a prêmio. Este pensamento repugna instintivamente. Eis por que em todos os centros sérios, onde se ocupam do Espiritismo santamente, religiosamente, como em Lyon, Bordeaux e tantos outros lugares, os médiuns exploradores seriam completamente desconsiderados.

Que aquele, pois, que não tem de que viver procure alhures os recursos e, se necessário, só consagre à mediunidade o tempo que materialmente a ela possa dedicar. Os Espíritos levarão em conta o seu devotamento e os seus sacrifícios, ao passo que, mais cedo ou mais tarde, punem os que esperam dela fazer um trampolim, seja pela retirada da faculdade, pelo afastamento dos Espíritos bons, pelas mistificações comprometedoras, seja por meios ainda mais desagradáveis, como o prova a experiência.

O Sr. Home sabe muito bem que perderia a assistência de seus Espíritos protetores se abusasse de sua faculdade. Sua primeira punição seria a perda da estima e da consideração de famílias honradas, onde é recebido como amigo e onde não seria chamado senão da mesma maneira que as pessoas que vão dar representações em domicílio. Quando de sua primeira estada em Paris, sabemos que certos círculos lhe fizeram ofertas muito vantajosas para dar sessões e que ele sempre recusou. Todos os que o conhecem e compreendem os verdadeiros interesses do Espiritismo aplaudirão a resolução que hoje toma. Por nossa conta pessoal nós lhe somos reconhecido pelo bom exemplo que dá.

Se insistimos novamente sobre a questão do desinteresse dos médiuns, é que temos razões de crer que a

mediunidade *fictícia e abusiva* é um dos meios de que se servem os inimigos do Espiritismo com vistas a desacreditá-lo e o apresentar como obra do charlatanismo. É necessário, pois, que todos os que se interessam vivamente pela causa da doutrina se dêem por advertidos, a fim de desmascarar as manobras fraudulentas, se houver, e mostrar que o Espiritismo verdadeiro nada tem de comum com as paródias que dele poderiam fazer, e que repudia tudo quanto se afaste do princípio moralizador, que é sua essência.

O artigo acima referido oferece vários outros assuntos de observação. O autor julga dever qualificar o Sr. Home de mágico; nada há nisto de mais ingênuo. Mas, um pouco adiante ele diz: “o célebre médium”, expressão empregada em relação a indivíduos que adquiriram uma triste celebridade. Onde, pois, as infrações e os crimes do Sr. Home? É uma injúria gratuita, não só a ele, mas a todas as pessoas respeitáveis e altamente colocadas, que o recebem e, assim, parecem patrocinar um homem de má fama.

A última frase do artigo é mais curiosa, porque encerra uma dessas contradições flagrantes com que, aliás, os nossos adversários pouco se inquietam. O autor se surpreende que o Sr. Home tenha consentido no compromisso que lhe impunham e pergunta como pôde ele prometer não fazer uso de um poder independente de sua vontade. Se ele quisesse sabê-lo, nós o remeteríamos ao estudo dos fenômenos espíritos, de suas causas e de seu modo de produção, e ele ficaria sabendo como o Sr. Home pôde assumir um compromisso que, ademais, não diz respeito às manifestações que ele obtém na intimidade, ainda que sob os ferrolhos da Inquisição. Mas parece que o autor não liga tanto, já que acrescenta: “É o que não buscaremos penetrar.” Por essas palavras, insidiosamente dá a entender que tais fenômenos não passam de embuste.

Todavia, a medida tomada pelo governo pontifício prova que este tem medo das manifestações ostensivas. Ora, não se

pode temer um jogo de habilidades. Esse mesmo governo interditaria os supostos físicos, que imitam muito essas manifestações? Não, certamente, porque em Roma permitem muitas outras coisas menos evangélicas. Por que, então, interdité-las ao Sr. Home? Por que querer expulsá-lo do país, se não passa de um prestidigitador? Dirão que é no interesse da religião; seja. Mas, então, essa religião é muito frágil, já que pode ser comprometida com tanta facilidade. Em Roma, como noutra lugar, os escamoteadores executam, com maior ou menor habilidade, o truque da garrafa encantada, na qual a água se transforma em todas as espécies de vinho, e o do chapéu mágico, no qual se multiplicam pães e outros objetos. Entretanto, não receiam que isto desacredite os milagres de Jesus-Cristo, pois é sabido que não passam de imitações. Se temem o Sr. Home, é que há de sua parte algo de sério e não truques habilidosos.

Tal a conseqüência que tirará todo homem que refletir um pouco. Não entra na cabeça de nenhuma pessoa sensata que um governo, que uma corte soberana, composta de homens que, com toda justiça, não passam por tolos, se apavorem com um mito. Esta reflexão – por certo não seremos os únicos a fazê-la – e os jornais que se apressaram em divulgar o incidente, com vistas a ridicularizá-lo, muito naturalmente vão provocá-la, de sorte que o resultado será, como o de tudo que já foi feito para matar o Espiritismo, o de popularizar a idéia. Assim um fato, aparentemente insignificante, terá, inevitavelmente, conseqüências mais graves do que tinham pensado. Não duvidamos que tenha sido suscitado para apressar a eclosão do Espiritismo na Itália, onde já conta numerosos representantes, mesmo no clero. Também não duvidamos que a cúria romana se torne, mais cedo ou mais tarde, e sem o querer, um dos principais instrumentos de propagação da doutrina nesse país, porque está no destino que seus próprios adversários devem servir para espalhar por toda parte aquilo que eles mesmos farão para a destruir. Cego, pois, quem nisto não ver o dedo da Providência. Sem contradita, será um dos

fatos mais consideráveis da história do Espiritismo, um dos que melhor atestam seu poder e sua origem.

Primeiras Lições de Moral da Infância

De todas as chagas morais da sociedade, o egoísmo parece a mais difícil de extirpar. Com efeito, ela o é tanto mais quanto mais alimentada pelos mesmos hábitos da educação. Tem-se a impressão que, desde o berço, a gente se esforça para excitar certas paixões que, mais tarde, se tornam uma segunda natureza, e nos admiramos dos vícios da sociedade, quando as crianças os sugam com o leite. Eis um exemplo que, como cada um pode julgar, pertence mais à regra do que à exceção.

Numa família de nosso conhecimento há uma menina de quatro a cinco anos, de rara inteligência, mas que tem os pequenos defeitos das crianças mimadas, ou seja, é um pouco caprichosa, chorona, teimosa, e nem sempre agradece quando lhe dão alguma coisa, o que os pais levam a peito corrigir, porque, fora desses pequenos defeitos, segundo eles, ela tem *um coração de ouro*, expressão consagrada. Vejamos como eles agem para lhe tirar essas pequenas manchas e conservar o ouro em sua pureza.

Certo dia trouxeram um doce à criança e, como de costume, lhe disseram: “Tu o comerás, se fores ajuizada.” Primeira lição de gulodice. Quantas vezes, à mesa, não acontece dizerem a uma criança que não comerá tal guloseima se chorar. Dizem: “Faze isto ou faze aquilo e terás creme”, ou qualquer outra coisa que lhe apeteça; e a criança é constrangida, não pela razão, mas tendo em vista a satisfação de um desejo sensual que incentivam. É ainda muito pior quando lhe dizem, o que não é menos freqüente, que darão a sua parte a uma outra. Aqui já não é só a gulodice que está em jogo, é a inveja. A criança fará o que lhe pedem, não só para ter, mas para que a outra não tenha. Querem lhe dar uma lição de

generosidade? Então dizem: “Dá esta fruta ou este brinquedo a alguém.” Se ela recusa, não deixam de acrescentar, para nela estimular um bom sentimento: “Eu te darei um outro.” Assim, a criança só se decide a ser generosa quando está certa de nada perder.

Um dia testemunhamos um fato bem característico neste gênero. Era uma criança de cerca de dois anos e meio, a quem tinham feito semelhante ameaça, acrescentando: “Nós o daremos ao irmãozinho e tu não comerás.” E, para tornar a lição mais sensível, puseram a porção no prato deste; mas o irmãozinho, levando a coisa a sério, comeu a porção. À vista disto, o outro ficou vermelho e não era preciso ser pai ou mãe para ver o lampejo de cólera e de ódio que brotou de seus olhos. A semente estava lançada; poderia produzir bom grão?

Voltemos à menina, da qual falamos. Como não levou em consideração a ameaça, sabendo por experiência que raramente a executavam, desta vez os pais foram mais firmes, pois compreenderam a necessidade de dominar esse pequeno caráter, e não esperar que a idade lhe tivesse feito adquirir um mau hábito. Diziam que é preciso formar as crianças desde cedo, máxima muita sábia e, para a pôr em prática, eis o que fizeram: “Eu te prometo – disse a mãe – que se não obedeceres, amanhã cedo darei o teu bolo à primeira criança pobre que passar.” Dito e feito. Desta vez não cederam e lhe deram uma *boa lição*. Assim, no dia seguinte de manhã, tendo sido avistada uma pequena mendiga na rua, fizeram-na entrar, obrigaram a filha a toma-la pela mão e ela mesma lhe dar o seu bolo. Acerca disto elogiaram a sua docilidade. Moralidade: a filha disse: Se eu soubesse disto teria tido pressa em comer o bolo ontem.” E todos aplaudiram esta resposta espirituosa. Com efeito, a criança tinha recebido uma forte lição, mas lição de puro egoísmo, da qual não deixará de aproveitar outra vez, pois agora sabe o que custa a generosidade forçada. Resta saber que frutos dará mais tarde esta semente, quando, com mais idade, a criança fizer

aplicação dessa moral em coisas mais sérias que um bolo. Sabem-se todos os pensamentos que este único fato pode ter feito germinar nessa cabecinha? Depois disto, como querem que uma criança não seja egoísta quando, em vez de nela despertar o prazer de dar e de lhe representar a felicidade de quem recebe, impõe-lhe um sacrifício como punição? Não é inspirar aversão ao ato de dar e àqueles que têm necessidade? Um outro hábito, igualmente freqüente, é o de castigar a criança mandando-a comer na cozinha com os empregados domésticos. A punição está menos na exclusão da mesa do que na humilhação de ir para a mesa dos criados. Assim se acha inoculado, desde a mais tenra idade, o vírus da sensualidade, do egoísmo, do orgulho, do desprezo aos inferiores, das paixões, numa palavra, que são, e com razão, consideradas como as chagas da Humanidade. É preciso ser dotado de uma natureza excepcionalmente boa para resistir a tais influências, produzidas na idade mais impressionável e onde não podem encontrar o contrapeso da vontade, nem da experiência. Assim, por pouco que aí se ache o germe das más paixões, o que é o caso mais comum, considerando-se a natureza da maioria dos Espíritos que encarnam na Terra, não pode senão desenvolver-se sob tais influências, ao passo que seria preciso espreitar-lhe os menores traços para os abafar.

Sem dúvida a falta é dos pais; mas, é bom dizer, muitas vezes estes pecam mais por ignorância do que por má-vontade. Em muitos há, incontestavelmente, uma censurável despreocupação, mas em outros a intenção é boa, é o remédio que nada vale, ou que é mal aplicado. Sendo os primeiros médicos da alma de seus filhos, deveriam ser instruídos, não só de seus deveres, mas dos meios de os cumprir. Não basta ao médico saber que deve procurar curar: é preciso saber como proceder. Ora, para os pais, onde os meios de instruir-se nesta parte tão importante de sua tarefa? Hoje se dá muita instrução à mulher, submetem-na a exames rigorosos, mas jamais exigiram de uma mãe que ela soubesse como agir para

formar o moral de seu filho. Ensinam-lhe receitas caseiras, mas não a iniciam nos mil e um segredos de governar os jovens corações. Assim, os pais são abandonados, sem guia, à sua iniciativa, razão por que tantas vezes enveredam por falsa rota; também recolhem, nas imperfeições dos filhos já crescidos, o fruto amargo de sua inexperiência ou de uma ternura mal entendida, e a sociedade inteira lhes recebe o contragolpe.

Considerando-se que o egoísmo e o orgulho são a fonte da maioria das misérias humanas, enquanto reinarem na Terra não se pode esperar nem a paz, nem a caridade, nem a fraternidade. É preciso, pois, atacá-los no estado de embrião, sem esperar que fiquem vivazes.

Podem o Espiritismo remediar esse mal? Sem nenhuma dúvida; e não vacilamos em dizer que é o único bastante poderoso para o fazer cessar, a saber: por um novo ponto de vista sob o qual faz encarar a missão e a responsabilidade dos pais; fazendo conhecer a fonte das qualidades inatas, boas ou más; mostrando a ação que se pode exercer sobre os Espíritos encarnados e desencarnados; dando a fé inabalável que sanciona os deveres; enfim, moralizando os próprios pais. Ele já prova sua eficácia pela maneira mais racional pela qual são educadas as crianças nas famílias verdadeiramente espíritas. Os novos horizontes que abre o Espiritismo fazem ver as coisas de modo bem diverso; sendo o seu objetivo o progresso moral da Humanidade, forçosamente deverá projetar luz sobre a grave questão da educação moral, fonte primeira da moralização das massas. Um dia compreenderão que este ramo da educação tem seus princípios, suas regras, como a educação intelectual, numa palavra, que é uma verdadeira ciência; talvez um dia, também, haverão de impor a toda mãe de família a obrigação de possuir esses conhecimentos, como impõem ao advogado a de conhecer o Direito.

Um Drama Íntimo

APRECIÇÃO MORAL

O *Monde illustré*, de 7 de fevereiro de 1863, conta o seguinte drama de família que, com justa razão, comoveu a sociedade de Florença. Assim começa o autor a sua narração:

“Eis a história. *Ele* era um velho de setenta e dois anos; *ela*, uma jovem de vinte. Haviam casado há três anos... Não vos revolteis! o velho conde, originário de Viterbo, era absolutamente sem família, o que é muito estranho para um milionário! Amália não era sem família, mas antes sem milhões. Para compensar as coisas, quase a tendo visto nascer, sabendo-a de bom coração e de espírito encantador, ele tinha dito à mãe: ‘Deixai-me paternalmente casar com Amália; durante alguns anos ela cuidará de mim; e depois...?’

“Fez-se o casamento. Amália compreende os seus deveres; cerca o velho dos mais assíduos cuidados e lhe sacrifica todos os prazeres de sua idade. Tendo o conde ficado cego e quase parálítico, ela passava longas horas do dia a lhe fazer companhia, leituras, a lhe contar tudo quanto o podia distrair e encantar. ‘Como sois boa, minha cara filha!’, exclamava ele muitas vezes, tomando-lhe as mãos e atraindo-a para depor sobre sua fronte o casto e doce beijo da ternura e do reconhecimento.

“Entretanto, um dia notou que Amália se afasta de sua pessoa; que, embora sempre assídua e cheia de solicitude, parece temer sentar-se ao seu lado. Uma suspeita lhe atravessa o espírito. Uma noite, quando ela fazia a leitura, ele lhe agarra o braço, a atrai para si e enlaça-lhe a cintura; então, soltando um grito terrível, cai desmaiado de emoção e de cólera aos pés da jovem! Amália perde a cabeça; lança-se para a escada, atinge o andar mais alto da casa, precipita-se pela janela e cai despedaçada. O velho não sobreviveu mais que seis horas a esta catástrofe.”

Haverão de perguntar que relação pode ter esta história com o Espiritismo. Vê-se aí a intervenção de alguns Espíritos maliciosos? – Essas relações estão nas deduções que o Espiritismo ensina a tirar das coisas aparentemente mais vulgares da vida. Enquanto o céptico ou o indiferente não vê num fato senão uma oportunidade para exercitar sua verve zombeteira, ou passa ao lado sem o notar, o espírita o observa e dele tira instrução, remontando às causas providenciais, sondando-lhes as conseqüências para a vida futura, conforme os exemplos que as relações de além-túmulo lhe oferecem da Justiça de Deus. No fato acima relatado, em vez de simples anedota divertida, entre o velho *ele* e a jovem *ela*, o Espiritismo vê duas vítimas. Ora, como o interesse pelos infelizes não se detém no limiar da vida presente, mas os segue na vida porvindoura, na qual acredita, ele pergunta se aí não há um duplo castigo para uma dupla falta e se ambos não foram punidos por onde pecaram. Vê um suicídio; e como sabe que esse crime é sempre punido, pergunta qual o grau de responsabilidade em que incorre aquele que o cometeu.

Vós que acreditais que o Espiritismo só se ocupa de duendes, de aparições fantásticas, de mesas girantes e de Espíritos batedores, se vos désseis ao trabalho de o estudar, saberíeis que ele toca em todas as questões morais. Esses Espíritos, que vos parecem tão ridículos, e que, entretanto, não passam das almas dos homens, dão a quem observa as suas manifestações a prova de que ele próprio é Espírito, momentaneamente ligado a um corpo; vê na morte não o fim da vida, mas a porta da prisão que se abre ao prisioneiro para o restituir à liberdade. Aprende que as vicissitudes da vida corporal são as conseqüências de suas próprias imperfeições, isto é, das expiações pelo passado e pelo presente, e provações para o futuro. Daí é naturalmente conduzido a não ver o cego acaso nos acontecimentos, mas a mão da Providência. Para ele a reta sentença: *A cada um segundo as suas obras* não só acha a sua aplicação no além-túmulo, mas, também, até mesmo na Terra. Eis por que tudo o que se passa à sua volta tem o seu valor, a sua

razão de ser; ele o estuda para dele tirar proveito e regular sua conduta com vistas ao futuro que, para ele, é uma realidade demonstrada. Remontando às causas dos infortúnios que o afligem, aprende a não mais acusar a sorte ou a fatalidade por tais desgraças, mas a si mesmo.

Não tendo esta digressão outro objetivo a não ser mostrar que o Espiritismo se ocupa de algo mais que de Espíritos batedores, voltemos ao nosso assunto. Já que o fato foi tornado público, é permitido apreciá-lo, levando-se em conta que não designamos ninguém nominalmente.

Se se examinar a coisa do ponto de vista puramente mundano, a maioria só verá nele a conseqüência muito natural de uma união desproporcionada e atirará no velho a pedra do ridículo como oração fúnebre; outros acusarão de ingratidão a jovem mulher que enganou a confiança do homem generoso que queria enriquecê-la. Mas, para o espírita, ela tem um lado mais sério, pois aí busca um ensinamento. Então perguntaremos se, na ação do velho, não haveria mais egoísmo que generosidade ao submeter uma moça, quase criança, à sua caducidade, por laços indissolúveis, numa idade em que, antes, deveria pensar no recolhimento, e não nos prazeres da vida? Se, impondo-lhe esse duro sacrifício, não era fazê-la pagar bem caro a fortuna que ele lhe prometera? Não há verdadeira generosidade sem desinteresse. Quanto à jovem, não podia aceitar esses laços senão com a perspectiva de os ver rompidos em breve, já que nenhum motivo de afeição a ligava ao velho. Havia, pois, cálculo de ambos os lados e esse cálculo foi frustrado; Deus não permitiu que nenhum deles o aproveitasse, infligindo a desilusão a um e a vergonha ao outro, que os mataram a ambos.

Resta a responsabilidade do suicídio, que jamais fica impune, mas que, muitas vezes, encontra circunstâncias atenuantes. A mãe da moça, para a encorajar a aceitá-lo, havia dito: “Com esta grande fortuna farás a felicidade do homem pobre que amares. Enquanto esperas, honra e respeita esse grande coração que quis

fazer-te sua herdeira, durante o tempo que lhe *restar* de vida.” Era tomá-la pelo lado sensível; mas, para fruir dos benefícios desse grande coração, que teria sido muito maior se a tivesse dotado sem interesse, era preciso especular sobre a duração de sua vida. A jovem errou ao ceder, mas a mãe errou mais em excitá-la e certamente é ela que incorrerá na maior parte da responsabilidade do suicídio da filha. Assim, aquele que se mata para escapar à miséria é culpado da falta de coragem e de resignação, mas, muito mais culpado ainda, é o causador primário desse ato de desespero. Eis o que o Espiritismo ensina, pelos exemplos que põe aos nossos olhos e aos daqueles que estudam o mundo invisível. Quanto à mãe, sua punição começa nesta vida: primeiro pela morte horrível da filha, cuja imagem talvez venha persegui-la e torturá-la de remorsos; depois, pela inutilidade do sacrifício que provocou, uma vez que a fortuna do marido, morto seis horas depois de sua mulher, vai para os colaterais afastados, e ela não a aproveitará.

Os jornais estão cheios de casos de todos os gêneros, louváveis ou censuráveis, que, como este que acabamos de referir, podem oferecer assuntos para estudos morais sérios; para os espíritas é uma mina inesgotável de observações e instruções. O Espiritismo lhes dá os meios de aí descobrir o que se passa desapercibido para os indiferentes e, mais ainda, para os cépticos, que só vêem os fatos picantes, sem lhes procurar nem as causas, nem as conseqüências. Para os grupos, é um elemento fecundo de trabalho, no qual os Espíritos protetores não deixarão de os auxiliar, dando a sua apreciação.

O Espiritismo nas Prisões

Na *Revista* de novembro de 1863 publicamos a carta de um condenado, detido numa penitenciária, como prova da influência moralizadora do Espiritismo. A carta a seguir, de um condenado em outra prisão, é mais um exemplo desta poderosa

influência. É de 27 de dezembro de 1863; transcrevemo-la textualmente, quanto ao estilo, corrigindo apenas os erros ortográficos.

“Senhor,

“Há poucos dias, quando me falaram pela primeira vez de Espiritismo e de revelação de além-túmulo, ri e disse que isto não era possível; falava como ignorante que sou. Alguns dias depois tiveram a bondade de me confiar, na horrível posição em que me acho agora, vosso bom e excelente *O Livro dos Espíritos*. A princípio, li algumas páginas com incredulidade, não querendo, ou melhor, não crendo nessa ciência. Enfim, pouco a pouco e sem me dar conta, por ele tomei gosto; depois levei a coisa a sério; então reli pela segunda vez o vosso livro, desta vez com outro espírito, isto é, com calma e com toda a pouca inteligência que Deus me deu. Senti despertar essa velha fé que minha mãe me tinha posto no coração e que cochilava há bastante tempo; senti o desejo de me esclarecer sobre o Espiritismo. A partir desse momento tive um pensamento bem decidido, o de me esclarecer, aprender, ver e depois julgar. Pus-me à obra com toda a crença que se pode ter e que é preciso ter com Deus e seu poder; desejava ver a verdade; orei com fervor e comecei as experiências; as primeiras foram nulas, sem resultado algum.

“Não me desencorajei, perseverei em minhas experiências e, palavra de honra! renovei minhas preces, que talvez não fossem bastante fervorosas, e me entreguei ao trabalho com toda a convicção de uma alma crente e que espera. Ao cabo de algumas noites, pois só posso fazer experiências à noite, senti, por cerca de dez minutos, tremores nas pontas dos dedos e uma leve sensação no braço, como se tivesse sentido correr um pequeno regato de água morna, que parava no punho. Eu estava então inteiramente recolhido, todo atenção e cheio de fé. Meu lápis traçou algumas linhas perfeitamente legíveis, mas não bastante corretas para descrever que estivesse sob o peso de uma alucinação.

Esperei então com paciência a noite seguinte para recomeçar as experiências e, desta vez, agradei a Deus de todo o coração, por ter obtido mais do que ousava esperar.

“A partir de então, de duas em duas noites entretenho-me com os Espíritos, que são bastante bons para responderem ao meu apelo e, em menos de dez minutos, respondem sempre com caridade. Escrevo meias-páginas, páginas inteiras, que somente minha inteligência não poderia fazer, porquanto, muitas vezes, são tratados filosófico-religiosos em que jamais pensei e, com mais forte razão, jamais os pus em prática; porque dizia a mim mesmo aos primeiros resultados: Não serás juguete de uma alucinação, ou da tua vontade? E a reflexão e o exame me provavam que eu estava muito longe da inteligência que havia traçado aquelas linhas. Baixei a cabeça; acreditava e não podia ir contra a evidência, a menos que estivesse completamente louco.

“Remeti duas ou três entrevistas à pessoa que fizera a caridade de me confiar o vosso bom livro, para que ela sancione se estou certo. Venho pedir-vos, senhor, vós que sois a alma do Espiritismo, o obséquio de permitir vos envie o que obtiver de sério em minhas conversas de além-túmulo, desde que o julgueis acertado. Se isto vos for agradável, eu vos enviarei as conversas de Verger, que assassinou o Arcebispo de Paris. Para bem me assegurar se era ele mesmo quem se manifestava, evoquei São Luís, que me respondeu afirmativamente, bem como outro Espírito, no qual tenho muita confiança, etc.....”

As conseqüências morais deste fato se deduzem por si mesmas. Eis um homem que tinha abjurado toda crença e que, atingido pela lei, é confundido com a escória da sociedade; mas este homem, no meio desse lodo moral, voltou à fé; vê o abismo em que caiu, arrepende-se e ah! ora com mais fervor que muita gente que exhibe devoção. Para isto bastou a leitura de um livro, onde encontrou elementos de fé que a sua razão pôde admitir, que reavivaram as suas esperanças e lhe fizeram compreender o futuro.

Além disso, é de notar-se que, a princípio, leu com prevenção e sua incredulidade só foi vencida pelo ascendente da lógica. Se tais resultados são produzidos por uma simples leitura, a bem dizer feita às escondidas, o que seria se a ela se pudesse aliar a influência das exortações verbais! É bem certo que na disposição de espírito em que hoje se acham esses dois homens (ver o fato relatado no número de novembro último), não só não se queixarão durante a sua detenção, como retornarão ao mundo decididos a nele viverem honestamente.

Já que esses dois culpados puderam ser reconduzidos ao bem pela fé que hauriram no Espiritismo, é evidente que, se tivessem essa fé previamente, não teriam cometido o mal. É, pois, do interesse da sociedade a propagação de uma doutrina de tão grande poder moralizador. É o que se começa a compreender.

Uma outra consequência a tirar do fato que acabamos de narrar é que os Espíritos não são detidos pelos ferrolhos e que vão até o fundo das masmorras levar suas consolações. Assim, não está no poder de ninguém impedir que eles se manifestem de uma ou de outra maneira; se não for pela escrita, será pela audição. Eles afrontam todas as proibições, riem-se de todas as interdições, transpõem todos os cordões sanitários. Conseqüentemente, que barreiras podem opor-lhes os inimigos do Espiritismo?

Variedades

CURA DE UMA OBSESSÃO

O Sr. Dombre, presidente da Sociedade Espírita de Marmande, manda-nos o seguinte:

“Com o auxílio dos Espíritos bons, em cinco dias livramos de uma obsessão muito violenta e perigosa uma mocinha de treze anos, em completo poder de um Espírito mau, desde 8 de

maio último. Diariamente, às cinco horas da tarde, sem falhar um só dia, ela tinha crises terríveis, de causar piedade. Esta menina reside num bairro afastado e os pais, que consideravam a doença como epilepsia, nem mesmo falavam do caso. Todavia, um dos nossos, que mora nas vizinhanças, foi informado e uma observação mais atenta dos fatos o levou a reconhecer facilmente a verdadeira causa. Seguindo o conselho de nossos guias espirituais, imediatamente nos pusemos à obra. A 11 deste mês, às oito horas da noite, começaram nossas reuniões com vistas a evocar o Espírito, moralizá-lo, orar pelo obsessor e pela vítima e a exercer sobre esta uma magnetização mental. As reuniões ocorriam todas as noites e na sexta-feira, 15, a menina sofreu a última crise. Não lhe resta senão a fraqueza da convalescença, conseqüência de tão longas e tão violentas convulsões, e que se manifesta pela tristeza, pela languidez e pelas lágrimas, como nos havia sido anunciado. Éramos informados diariamente, pelas comunicações dos Espíritos bons, das diversas fases da moléstia.

“Essa cura, encarada noutros tempos como milagre, por uns, e como feitiçaria, por outros, pelo qual, segundo a opinião, teríamos sido santificados ou queimados, produziu certa sensação na cidade.”

Cumprimentamos os nossos irmãos de Marmande pelo resultado que obtiveram naquela circunstância e sentimo-nos felizes ao ver que aproveitam os conselhos contidos na *Revista*, a propósito de casos análogos relatados ultimamente. Assim, puderam convencer-se da força da ação coletiva, quando dirigida por uma fé sincera e uma ardente caridade.

MANIFESTAÇÕES DE POITIERS

O *Journal de la Vienne*, de 21 de janeiro, narra o seguinte fato, que outras folhas reproduziram:

“Há cinco ou seis dias dá-se um fato de tal modo extraordinário na cidade de Poitiers, que se tornou assunto de

conversas e dos mais estranhos comentários. Todas as noites, a partir das seis horas, ruídos singulares são ouvidos numa casa da Rua Neuve-Saint-Paul, habitada pela senhorita de O..., irmã do Sr. conde de O... Segundo nos contaram, esses ruídos fazem o efeito de disparos de artilharia; violentos golpes parecem desferidos nas portas e postigos. A princípio atribuíram-lhe a causa a algumas brincadeiras de gaiatos ou de vizinhos mal-intencionados. Foi organizada uma vigilância das mais ativas. Ante a queixa da Srta. de O..., a polícia tomou as mais minuciosas medidas: agentes foram emboscados no interior e no exterior da casa. Não obstante, produziram-se as explosões e sabemos, de fonte segura, que um tal M..., marinheiro, durante a penúltima noite foi tomado de tal comoção que até hoje ainda não recobrou a consciência.

“Nossa cidade inteira se preocupa com esse inexplicável mistério. Os inquéritos até hoje feitos pela polícia não levaram a nenhum resultado. Cada um procura a chave deste enigma. Algumas pessoas iniciadas no estudo do Espiritismo pretendem que os Espíritos batedores são os autores de tais manifestações, às quais não seria estranho um famoso médium, que, no entanto, já não reside no bairro. Outros lembram que outrora existia um cemitério na Rua Neuve-Saint-Paul, e não precisamos dizer a que conjecturas se entregam a esse respeito.

“De todas essas explicações, não sabemos qual a melhor. A verdade é que a opinião está muito excitada com o caso e ontem à noite uma multidão considerável se havia reunido sob as janelas da casa de O..., obrigando a autoridade a requerer um piquete do 10^o batalhão de caçadores, para evacuar a rua. No momento em que escrevemos, a polícia e a guarda ocupam a casa.”

O relato desses fatos nos foi transmitido por várias correspondências particulares. Embora nada tenham de mais estranho que os fatos comprovados de manifestações ocorridas em diversas épocas e estejam nos limites do possível, convém

suspender o julgamento até mais ampla constatação, não do fato, mas da causa, pois não se deve imputar aos Espíritos tudo aquilo que não se compreende. Também é preciso desconfiar das manobras dos inimigos do Espiritismo e das armadilhas que podem estender, para tentar levá-lo ao ridículo pela excessiva credulidade de seus adeptos. Vemos com satisfação que os espíritas de Poitiers, nisto seguindo os conselhos contidos em *O Livro dos Médiuns*, e as advertências que temos feito na *Revista*, mantêm-se, até segunda ordem, numa prudente reserva. Se for uma manifestação, será provada pela ausência de toda causa material; se for uma charlatanice, os autores, como já fizeram tantas vezes, terão contribuído, sem o querer, para despertar a atenção dos indiferentes e provocar o estudo do Espiritismo. Quando fatos análogos se multiplicarem por todos os lados, como é anunciado, e quando em vão buscarem a causa neste mundo, haverão de convir que está no outro. Em qualquer circunstância os Espíritos provam sabedoria e moderação; é a melhor resposta a dar aos adversários.

Dissertações Espíritas

NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO

(Sociedade Espírita de Sens – Médiun: Sr. Percheron)

Quis Deus que o Espírito do homem fosse ligado à matéria para sofrer as vicissitudes do corpo, com o qual se identifica a ponto de iludir-se e de o tomar por si mesmo, quando não passa de sua prisão passageira; é como se um prisioneiro se confundisse com as paredes da cela. Os materialistas são muito cegos por não perceberem seu erro, porquanto, se quisessem refletir um pouco seriamente, veriam que não é pela matéria do corpo que se podem manifestar; concluiriam que, desde que a matéria desse corpo se renova continuamente, como a água de um rio, não é senão pelo Espírito que podem saber que são sempre eles mesmos.

Suponhamos que o corpo de um homem que pesasse sessenta quilos assimile, para a reparação de suas forças, um quilo de nova substância por dia, a fim de substituir a mesma quantidade de antigas moléculas de que se separa e que cumpriram o papel que deviam desempenhar na composição de seus órgãos; assim, ao cabo de sessenta dias a matéria desse corpo estaria renovada. Nesta hipótese, cujos números podem ser contestados, mas verdadeira em princípio, a matéria do corpo renovar-se-ia seis vezes por ano; portanto, o corpo de um homem de vinte anos já se teria renovado cem vezes; aos quarenta, duzentas e quarenta vezes; aos oitenta, quatrocentas e oitenta vezes. Mas o vosso Espírito se terá renovado? Não, pois tendes consciência de que sois sempre vós mesmos. É, pois, o vosso Espírito que constitui o vosso *eu*, e segundo o qual vós vos manifestais, e não o vosso corpo, que não passa de matéria efêmera e mutável.

Os materialistas e os panteístas dizem que as moléculas desagregadas depois da morte do corpo retornam à massa comum de seus elementos primitivos, o mesmo se dando com a alma, isto é, com o ser que pensa em vós; mas que sabem eles disso? Há uma massa comum de substância que pensa? Jamais o demonstraram, e é o que deveriam ter feito antes de afirmar. Da parte deles não passa de uma hipótese. Ora, se durante a vida do corpo as moléculas se desagregam centenas de vezes, não obstante o Espírito seja sempre o mesmo e conserve a consciência de sua individualidade, não é mais lógico supor que a natureza do Espírito não é passível de desagregar-se? Por que, então, se dissolveria após a morte do corpo, e não antes?

Após esta digressão, dirigida aos materialistas, volto ao meu assunto. Se Deus quis que suas criaturas espirituais fossem momentaneamente unidas à matéria, é, repito, para as fazer sentir e, a bem dizer, para que sofressem as necessidades que a matéria exige de seus corpos, no que respeita ao seu sustento e conservação. Dessas necessidades nascem as vicissitudes que vos

fazem sentir o sofrimento e compreender a comiserção que deveis ter por vossos irmãos na mesma posição. Esse estado transitório é, pois, necessário ao adiantamento do vosso Espírito, que, sem isto, ficaria estagnado. As necessidades que o corpo vos faz experimentar estimulam os vossos Espíritos e os forçam a buscar os meios de as prover; desse trabalho forçado nasce o desenvolvimento do pensamento. Constrangido a presidir aos movimentos do corpo para os dirigir, visando a sua conservação, o Espírito é conduzido ao trabalho material e daí ao trabalho intelectual, necessários um ao outro, pois a realização das concepções do Espírito exige o trabalho do corpo e este não pode ser feito senão sob a direção e o impulso do Espírito. Tendo assim o Espírito adquirido o hábito de trabalhar, e a ele constrangido pelas necessidades do corpo, o trabalho, por sua vez, se lhe torna uma necessidade; e quando, desprendido de seus laços, não tem mais de pensar na matéria, pensa em trabalhar em si mesmo para o seu adiantamento.

Agora compreendeis a necessidade para o vosso Espírito de estar ligado à matéria durante uma parte de sua existência, para não ficar estacionário.

Ten pai,

Percheron, assistido pelo Espírito Pascal

Observação – A estas observações, perfeitamente justas, acrescentaremos que, trabalhando para si mesmo, o Espírito encarnado trabalha para a melhoria do mundo em que habita, assim ajudando a sua transformação e o seu progresso material, que estão nos desígnios de Deus, de quem é o instrumento inteligente. Na sua sabedoria providente, quis a Providência que tudo se encadeasse na Natureza; que, todos, homens e coisas, fossem solidários. Depois, quando o Espírito houver realizado a sua tarefa e estiver suficientemente adiantado, gozará do fruto de suas obras.

ESTUDOS SOBRE A REENCARNAÇÃO

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Srta. A. C.)

I

Limites da reencarnação

A reencarnação é necessária enquanto a matéria domina o Espírito. Mas, desde que o Espírito encarnado chegou a dominar a matéria e a anular os efeitos de sua reação sobre o moral, a reencarnação não tem mais nenhuma utilidade nem razão de ser. Com efeito, o corpo é necessário ao Espírito para o trabalho progressivo até que, tendo chegado a manejar este instrumento à vontade, a lhe imprimir sua vontade, o trabalho esteja realizado. Então lhe é necessário outro campo para a sua marcha, ao seu adiantamento para o infinito; é-lhe necessário um outro círculo de estudos, onde a matéria grosseira das esferas inferiores seja desconhecida. Tendo se depurado e experimentado suas sensações, na Terra ou em globos análogos, está maduro para a vida espiritual e seus estudos. Havendo-se elevado acima de todas as sensações corporais, não mais tem nenhum desses desejos ou necessidades inerentes à corporeidade: é Espírito e vive pelas sensações espirituais, que são infinitamente mais deliciosas do que as mais agradáveis sensações corporais.

II

A reencarnação e as aspirações do homem

As aspirações da alma conduzem à sua realização, e esta realização se cumpre na reencarnação, enquanto o Espírito está no trabalho material. Explico-me. Tomemos o Espírito em seus primórdios na carreira humana: estúpido e bruto, sente, contudo, a chama divina em si, pois que adora um Deus, que materializa consoante a sua materialidade. Nesse ser, ainda vizinho do animal, há uma aspiração instintiva, quase inconsciente, para um estado menos inferior. Começa por desejar satisfazer seus apetites materiais e inveja os que vê num estado melhor que o seu; assim,

numa encarnação seguinte, ele mesmo escolhe, ou, antes, é *arrastado* a um corpo mais aperfeiçoado; e sempre, em cada uma de suas existências, deseja um melhoramento material; jamais se sentindo satisfeito, quer subir sempre, porque a aspiração à felicidade é a grande alavanca do progresso.

À medida que as sensações corporais se tornam maiores, mais aperfeiçoadas, suas sensações espirituais também despertam e crescem. Então começa o trabalho moral e a depuração da alma se une à aspiração do corpo para chegar ao estado superior.

Esse estado de igualdade de aspirações materiais e espirituais não é de longa duração; logo o Espírito se eleva acima da matéria e suas sensações não mais podem ser satisfeitas por ela; necessita mais; precisa de melhor; mas aí, tendo sido o corpo levado à perfeição sensitiva, não pode acompanhar o Espírito que, então, o domina e dele se desprende cada vez mais, como de um instrumento inútil; direciona todos os seus desejos, todas as suas aspirações para um estado superior; sente que as necessidades corporais que lhe eram um motivo de felicidade em suas satisfações, não são mais que um estorvo, um aviltamento, uma triste necessidade, da qual aspira libertar-se para gozar, sem entraves, de todas as venturas espirituais que presente.

III

Ação dos fluidos na reencarnação

Sendo os fluidos os agentes que movimentam o nosso aparelho corporal, também são eles os elementos de nossas aspirações, pois há fluidos corporais e fluidos espirituais, tendendo todos a elevar-se e a unir-se a fluidos da mesma natureza. Esses fluidos compõem o corpo espiritual do Espírito que, na condição de encarnado, age por meio deles sobre a máquina humana que lhe compete aperfeiçoar, pois tudo é trabalho na Criação, tudo concorre para o progresso geral.

O Espírito tem livre-arbítrio, e sempre busca o que lhe é agradável e o satisfaz. Se for um Espírito inferior e material, procura suas satisfações na materialidade e, então, dará impulso aos seus fluidos corporais, que dominarão, mas tenderão sempre a crescer e elevar-se materialmente. Assim, as aspirações desses encarnados serão materiais e, voltando à condição de Espírito, buscará nova encarnação, em que satisfará suas necessidades e desejos materiais; porque, notai bem, a aspiração corporal não pode pedir, como realização, senão uma nova corporeidade, ao passo que a aspiração espiritual não se prende senão às sensações do Espírito. A isto será solicitado por seus fluidos, que deixam que se materializassem; e como no ato da reencarnação os fluidos agem para atrair o Espírito no corpo que foi formado, havendo, portanto, atração e união dos fluidos, a reencarnação se opera em condições que darão satisfação às aspirações de sua existência precedente.

Há fluidos espirituais como fluidos materiais, se estes dominarem; mas, então quando o espiritual sobreleva o material, o Espírito, que julga de modo diferente, escolhe ou é atraído por simpatias diferentes; como necessita de depuração e a esta só chega pelo trabalho, as encarnações escolhidas lhe são mais penosas porque, depois de haver dado supremacia à matéria e a seus fluidos, deve constrangê-la, lutar contra ela e dominá-la. Daí essas existências tão dolorosas e que, muitas vezes, parecem injustamente infligidas a Espíritos bons e inteligentes. Estes fazem sua última etapa corporal e entram, ao sair deste mundo, nas esferas superiores, onde suas aspirações *superiores* encontrarão a sua realização.

IV

As afeições terrenas e a reencarnação

O dogma da reencarnação *indefinida* encontra oposições no coração do encarnado que ama, porquanto, em presença dessa infinidade de existências, produzindo novos laços em cada uma delas, ele pergunta com assombro em que se tornam as afeições particulares, e se estas não se fundem num único amor geral, o que

destruiria a persistência da afeição individual. Ele se pergunta se esta afeição individual não é apenas um meio de adiantamento e então o desânimo se insinua em sua alma, porque a verdadeira afeição experimenta a necessidade de um amor eterno, sentindo que ela não se cansará jamais de amar. O pensamento desses milhares de afeições idênticas lhe parece uma impossibilidade, mesmo admitindo faculdades maiores para o amor.

O encarnado que estuda seriamente o Espiritismo, sem idéia preconcebida para um sistema, de preferência a outro, sente-se arrastado à reencarnação pela justiça que resulta do progresso e do avanço do Espírito em cada nova existência; mas quando o estuda do ponto de vista das afeições do coração, duvida e se assusta, mau grado seu. Não podendo pôr de acordo esses dois sentimentos, diz a si mesmo que aí ainda há um véu a levantar e seu pensamento em trabalho atrai as luzes dos Espíritos para conciliar o coração com a razão.

Já o disse antes: a encarnação pára onde a materialidade é anulada. Mostrei como o progresso material a princípio havia aperfeiçoado as sensações corporais do Espírito encarnado; como o progresso espiritual, vindo a seguir, tinha contrabalançado a influência da matéria, subordinando-a enfim à sua vontade e que, chegado a esse grau de domínio espiritual, a corporeidade perdera sua razão de ser, pois o trabalho estava realizado.

Examinemos agora a questão da afeição sob os seus dois aspectos, material e espiritual.

Antes de tudo, o que é a afeição, o amor? Ainda a atração fluídica, atraindo um ser para outro, unindo-os num mesmo sentimento. Essa atração pode ser de duas naturezas diferentes, já que os fluidos são de duas naturezas. Mas para que a afeição persista eternamente, é preciso que seja espiritual e desinteressada; são precisos abnegação, devotamento e que nenhum sentimento pessoal seja o móvel deste arrastamento simpático. Desde que

nesse sentimento haja *personalidade*, há *materialidade*. Ora, nenhuma afeição material persiste nos domínios do Espírito. Desse modo, toda afeição que não resulta senão do instinto animal ou do egoísmo, se destrói com a morte terrestre; é assim que seres que se dizem amados são esquecidos após pouco tempo de separação! Vós os amastes por vós, e não por eles, que não existem mais, pois os esquecestes e os substituístes; procurastes consolo no esquecimento; eles se vos tornam indiferentes, porque não tendes mais amor.

Contemplai a Humanidade e vede quão poucas são as afeições verdadeiras na Terra! Assim, não se devem admirar tanto da multiplicidade das afeições aí contraídas. São em minoria relativa, mas existem, e as que são reais persistem e se perpetuam sob todas as formas, primeiro na Terra, depois continuam no estado de Espírito, numa amizade ou num amor inalterável, que só faz crescer e se elevar cada vez mais.

Vamos estudar esta verdadeira afeição: *a afeição espiritual*.

A afeição espiritual tem por base a afinidade fluídica espiritual que, atuando *só*, determina a simpatia. Quando é assim, é a alma que ama a alma e essa afeição só toma força pela manifestação dos sentimentos da alma. Dois Espíritos unidos espiritualmente se buscam e tendem sempre a aproximar-se; seus fluidos são atrativos. Se estiverem num mesmo globo, serão impelidos um para o outro; se separados pela morte terrena, seus pensamentos se unirão na lembrança e a reunião far-se-á na liberdade do sono; e quando a hora de uma nova encarnação soar para um deles, procurará aproximar-se de seu amigo, entrando no que é a sua filiação material, e o fará com tanto mais facilidade quanto seus fluidos *perispirituais materiais* encontrarão afinidades na matéria corporal dos encarnados que deram à luz o novo ser. Daí um novo aumento de afeição, uma nova manifestação de amor. Tal Espírito amigo que vos amou como pai, vos amará como filho, como irmão ou como amigo, e cada um desses laços aumentará de

encarnação em encarnação e se perpetuará de maneira inalterável quando, realizado o vosso trabalho, viverdes a vida do Espírito.

Mas esta verdadeira afeição não é comum na Terra e a matéria a vem retardar, anular-lhe os efeitos, conforme domine o Espírito. A verdadeira amizade, o verdadeiro amor, sendo espiritual, tudo que se refere à matéria não é de sua natureza e em nada concorre para a identificação material. A afinidade persiste, mas fica em estado latente até que, triunfando o fluido espiritual, o progresso simpático se efetue novamente.

Em síntese, a afeição espiritual é a única resistente no domínio do Espírito. Na Terra e nas esferas do trabalho corporal, concorre para o avanço moral do Espírito encarnado que, sob a influência simpática, realiza milagres de abnegação e de devotamento aos seres amados. Aqui, nas moradas celestes, ela é a completa satisfação de todas as aspirações e a maior felicidade que o Espírito possa desfrutar.

V

O progresso entravado pela reencarnação indefinida

Até aqui a reencarnação tem sido admitida de maneira muito prolongada; não se pensou que esse prolongamento da corporeidade, embora cada vez menos material, acarretava necessidades que deviam atrasar o progresso do Espírito. Com efeito, admitindo a persistência da geração nos mundos superiores, se atribuem ao Espírito encarnado necessidades corporais, dão-lhe deveres e ocupações ainda materiais, que o sujeitam e detêm o impulso dos estudos espirituais. Qual a necessidade desses entraves? Não pode o Espírito gozar das alegrias do amor sem sofrer as enfermidades corporais? Mesmo na Terra, esse sentimento existe por si mesmo, independente da parte material do nosso ser; por mais raros que sejam, há exemplos suficientes para provar que deve ser sentido, de modo mais geral, entre os seres mais espiritualizados.

A reencarnação proporciona a união dos corpos; o *amor puro*, apenas a união das almas. Os Espíritos se unem segundo afeições iniciadas em mundos inferiores, e trabalham juntos por seu progresso espiritual. Têm uma organização fluídica totalmente diferente da que era conseqüência de seu aparelho corporal, e seus trabalhos se exercem sobre os fluidos, e não sobre os objetos materiais. Vão a esferas que, também, realizaram seu período material e cujo trabalho humano ensejou a desmaterialização, esferas que, chegadas ao apogeu de seu aperfeiçoamento, também passaram por uma transformação superior que as torna apropriadas a experimentar outras modificações, mas num sentido inteiramente fluídico.

Agora compreendeis a imensa força do fluido, força que mal podeis constatar, mas que não vedes nem apalpais. Num estado menos pesado ao em que estais, tereis outros meios de ver, tocar, trabalhar esse fluido, que é o grande agente da vida universal. Por que, então, o Espírito ainda teria necessidade de um corpo para um trabalho que está fora das apreciações corporais? Dir-me-eis que esse corpo estará em relação com os novos trabalhos que o Espírito deverá realizar; mas, levando-se em conta que esses trabalhos serão completamente fluídicos e espirituais nas esferas superiores, por que lhe dar o embaraço das necessidades corporais, uma vez que a reencarnação determina sempre, como já disse, *geração e alimentação*, isto é, necessidades da matéria a satisfazer e, em contrapartida, entraves para o Espírito? Compreendei que o Espírito deve ser livre em seu vôo para o infinito; compreendei que, tendo saído das fraldas da matéria, aspira, como a criança, a marchar e a correr sem ser detido pelo zelo materno, e que essas *primeiras* necessidades da *primeira* educação da criança são supérfluas para a criança crescida, e insuportáveis para o adolescente. Não desejeis, pois, ficar na infância; olhai-vos como alunos que fazem os últimos estudos escolares e se dispõem a entrar no mundo, a nele ter a sua posição e a começar trabalhos de outro gênero, que seus estudos preliminares terão facilitado.

O Espiritismo é a alavanca que, de um salto, erguerá ao estado espiritual todo encarnado que, querendo bem compreendê-lo e o pôr em prática, se empenhará em dominar a matéria, a tornar-se seu senhor, a aniquilá-la; todo Espírito de boa vontade pode pôr-se em condição de passar, ao deixar este mundo, para um estado espiritual sem retorno terrestre. Falta-lhe apenas fé ou *vontade ativa*. O Espiritismo a oferece a *todos* os que o quiserem compreender em seu sentido moralizador.

Um Espírito protetor do médium

Observação – Esta comunicação não traz outra assinatura, o que prova que não é necessário ter tido um nome célebre na Terra para ditar boas coisas.

É de notar-se a analogia existente entre a comunicação de Sens, transcrita mais acima, e a primeira parte desta. Sem dúvida esta última é mais desenvolvida, mas a idéia fundamental sobre a necessidade da encarnação é a mesma. Citamos ambas para mostrar que os grandes princípios da doutrina são ensinados em toda parte e que é assim que se constituirá e se consolidará a unidade do Espiritismo. Essa concordância é o melhor critério da verdade. Ora, não passa despercebido que as teorias excêntricas e sistemáticas, ditadas por Espíritos pseudo-sábios são sempre circunscritas a um círculo estreito e individual, razão por que nenhuma prevaleceu, e também porque não são de temer, pois só têm uma existência efêmera, que se apaga como uma fraca luz ante a claridade do dia.

Quanto à última comunicação, seria supérfluo ressaltar seu alto alcance, como fundo e como forma. Pode resumir-se assim:

A vida do Espírito, considerada do ponto de vista do progresso, apresenta três períodos principais, a saber:

1^o – *Período material*, no qual a influência da matéria domina a do Espírito. É o estado dos homens que se entregam às

paixões brutais e carnisais, à sensualidade; cujas aspirações são exclusivamente terrestres, ligados aos bens temporais, ou refratários às idéias espirituais;

2º – *Período de equilíbrio*, no qual as influências da matéria e do Espírito se exercem simultaneamente; em que o homem, embora submetido às necessidades materiais, pressente e compreende o estado espiritual; em que trabalha para sair do estado corporal;

Nesses dois períodos o Espírito está sujeito à reencarnação, que se realiza nos mundos inferiores e médios.

3º – *Período espiritual*, no qual tendo o Espírito dominado completamente a matéria, não mais necessita da encarnação, nem do trabalho material, pois seu trabalho é inteiramente espiritual; é o estado dos Espíritos nos mundos superiores.

A facilidade com que certas pessoas aceitam as idéias espíritas, das quais, parece, têm a intuição, indica que pertencem ao segundo período; mas entre este e os outros há uma multidão de graus que o Espírito transpõe tanto mais rapidamente quanto mais próximo do período espiritual. É assim que, de um mundo material como a Terra, pode ir habitar um mundo superior, como Júpiter, por exemplo, se seu avanço moral e espiritual for suficiente para o dispensar de passar pelos graus intermediários. Depende, pois, do homem deixar a Terra sem retorno, como mundo de expiação e prova para ele, ou a ela não voltar senão em missão.

Notas Bibliográficas

REVISTA ESPÍRITA DE ANTUÉRPIA

Sob este título um novo órgão do Espiritismo acaba de surgir em Antuérpia, a partir de 1º de janeiro de 1864. Sabe-se que

a Doutrina Espírita fez rápidos progressos nessa cidade, onde se formaram numerosas reuniões, compostas de homens eminentes pelo saber e pela posição social. Em Bruxelas, por mais tempo refratária, a idéia nova também ganha terreno, como em outras cidades da Bélgica. Uma sociedade espírita, formada recentemente, houve por bem pedir-nos que aceitássemos a presidência de honra; é dizer em que caminho ela se propõe andar.

O primeiro número da nova *Revista* contém: um apelo aos espíritas de Antuérpia, dois artigos de fundo, um sobre *os adversários do Espiritismo*, outro sobre *o Espiritismo e a loucura*; e um certo número de comunicações mediúnicas, algumas das quais em língua flamenga, e tudo, temos satisfação de dizer, em perfeita conformidade de vista e de princípios com a Sociedade de Paris. Essa publicação não pode deixar de ser acolhida favoravelmente num país onde as idéias novas têm uma tendência manifesta a se propagarem se, como esperamos, se mantiver à altura da ciência, condição essencial do sucesso.

O Espiritismo cresce e diariamente vê novos horizontes se abrirem à sua frente, aprofundando questões que, em sua origem, apenas tinham aflorado. Conformando-se com o desenvolvimento das idéias, os Espíritos têm, por toda parte, em suas instruções, seguido esse movimento ascensional; ao lado das produções mediúnicas de hoje, as de outrora são pálidas e quase pueris, embora, então, fossem consideradas magníficas; há entre elas a diferença do ensino dado a escolares e a adultos; é que, à medida que o homem cresce, sua inteligência, como o seu corpo, exige alimento mais substancial. Toda publicação espírita, periódica ou não, que ficasse na retaguarda do movimento, necessariamente encontraria pouca simpatia e seria ilusão imaginar os leitores de hoje interessados por coisas elementares ou mediócras; por melhor que seja a intenção, toda recomendação seria impotente para lhes dar vida, se não a têm por si mesmas.

Para publicações deste gênero há outra condição de sucesso, ainda mais importante: a de marchar com a opinião da maioria. Na origem das manifestações espíritas, as idéias, ainda não fixadas pela experiência, provocaram muitas opiniões divergentes, que caíram perante observações mais completas, ou só contam com raros representantes. Sabe-se a que bandeira e a que princípios está hoje ligada a imensa maioria dos espíritas do mundo inteiro. Tornar-se eco de algumas opiniões atrasadas, ou seguir um atalho, é condenar-se previamente ao isolamento e ao abandono. Os que o fizerem de boa-fé são dignos de lástima; os que agirem com intenção premeditada de interpor obstáculos e semear a divisão, só colherão vergonha. Nem uns, nem outros, podem ser encorajados por aqueles que defendem de coração os verdadeiros interesses do Espiritismo.

Quanto a nós, pessoalmente, e à Sociedade de Paris, nossas simpatias e nosso apoio moral, como se sabe, são conquistados antecipadamente por todas as publicações, como por todas as reuniões, que forem úteis à causa que defendemos.

RECONHECEMO-NOS NO CÉU

Pelo Rev. padre Blot, da Companhia de Jesus¹

Um dos nossos correspondentes, o Dr. C..., nos indica este opúsculo e escreve o que se segue:

“Desde algum tempo, palavras que, como cristão e espírita, eu me abstenho de qualificar, têm sido pronunciadas muitas vezes por homens que receberam a missão de falar aos povos sobre caridade e misericórdia. Permitti-me, para suavizar as penosas impressões que elas vos devem ter causado, como a todo

1 Paris, 1863. 1 vol. pequeno in-18. – Preço: 1 fr. Livraria Poussielgue-Rusand, rue Cassette, no 27.

homem verdadeiramente cristão, que vos fale de um livrinho do Rev. padre Blot. Não penso que seja espírita, mas encontrei em sua obra o que, no Espiritismo, faz amar a Deus e esperar em sua misericórdia, além de diversas passagens que tocam muito de perto o que ensinam os Espíritos.”

Nele destacamos as passagens seguintes, que confirmam a opinião do nosso correspondente:

“No sétimo século, o papa São Gregório, o Grande, depois de haver contado que um religioso vira, ao morrer, os profetas vindo à sua frente, inclusive designando seus nomes, acrescentou: ‘Este exemplo nos faz compreender claramente quão grande será o conhecimento que teremos uns dos outros na vida incorruptível do céu, pois esse religioso, mesmo numa carne corruptível, reconheceu os santos profetas, que jamais tinha visto.’

“Os santos se vêem reciprocamente, como o exigem a unidade do reino e a unidade da cidade onde vivem, em companhia do próprio Deus. Revelam espontaneamente uns aos outros os seus pensamentos e afeições, como as pessoas de uma mesma casa, unidas por sincero amor. Entre os seus concidadãos do céu, conhecem até os que não conheceram na Terra, e o conhecimento das belas ações os leva a um conhecimento mais completo daqueles que as realizaram (Berti, *De theologicis disciplinis*).

“Perdestes um filho, uma filha? recebei os consolos que um patriarca de Constantinopla dirigia a um pai desolado. Esse patriarca não pode mais ser contado entre os grandes homens, nem entre os santos: é Fócio, o autor do cisma cruel que separa o Oriente e o Ocidente, mas suas palavras apenas provam que, sobre este ponto, os gregos pensam como os latinos. Ei-las: Se vossa filha vos aparecesse; se, pondo as suas mãos nas vossas e sua fronte jovial em vossa fronte, ela vos falasse, não faria a descrição do céu? Depois acrescentaria: Por que vos afligir, ó meu pai? estou no paraíso, onde a felicidade não tem limites. Vireis um dia com minha

mãe bem-amada e então constatareis que eu não disse demais deste lugar de delícias, pois a realidade está além de minhas palavras.”

Os Espíritos bons podem, pois, manifestar-se, ser vistos, tocar os vivos, falar com eles, descrever sua própria situação, vir consolar e fortificar os que amaram. Se podem falar e tomar a mão, por que não poderiam escrever? “Os gregos – diz o padre Blot – sobre este ponto pensam como os latinos.” Por que, então, hoje os latinos dizem que esse poder só é dado aos demônios para enganar os homens? A passagem seguinte é ainda mais explícita:

“São João Crisóstomo, numa de suas homilias sobre São Mateus, dizia a cada um de seus ouvintes: Desejais ver aquele que a morte vos levou? Levai a mesma vida que ele no caminho da virtude e em breve gozareis esta santa visão. Mas quereis vê-lo aqui mesmo? Oh! quem vo-lo impede? Isto vos é permitido e é fácil vê-lo, se fordes ajuizados; porque a esperança dos bens futuros é mais clara que a própria vista.”

O homem carnal não pode ver o que é puramente espiritual. Se, pois, pode ver os Espíritos, é que eles têm uma parte material, acessível aos seus sentidos; é o envoltório fluídico, que o Espiritismo designa sob o nome de perispírito.

Após uma citação de Dante sobre o estado dos bem-aventurados, o padre Blot acrescenta:

“Eis, pois, o princípio de solução para as objeções: No céu, *que é menos um lugar que um estado*, tudo é luz, tudo é amor.”

Assim, o céu não é um lugar circunscrito; é o estado das almas ditosas; por toda a parte onde forem felizes, estarão no céu, isto é, para elas tudo é luz, amor e inteligência. É o que dizem os Espíritos.

Fénelon, quando da morte do duque de Beauvilliers, seu amigo, escreveu à duquesa: “Não, só os sentidos e a imaginação

perderam o objetivo. Aquele que não podemos mais ver está, mais que nunca, conosco. Encontramo-lo sem cessar em nosso centro comum. Ele aí nos vê e nos proporciona verdadeiros socorros. Aí conhece melhor que nós as nossas enfermidades, ele que não mais tem as suas; e pede os remédios necessários à nossa cura. Para mim, que estava privado de o ver há tantos anos, eu lhe falo, eu lhe abro o meu coração.”

Fénelon ainda escrevia à viúva do duque de Chevreuse: “Unamo-nos de coração àquele a quem lamentamos; ele não se afastou de nós ao se tornar invisível; ele nos vê, nos ama, é tocado por nossas necessidades. Chegado felizmente ao porto, ora por nós que ainda estamos expostos ao naufrágio. Diz-nos com uma voz secreta: “Apressai-vos ao nosso encontro. Os Espíritos puros vêem, ouvem, amam sempre os verdadeiros amigos no seu centro comum. Sua amizade é imortal como sua fonte. Os incrédulos só amam a si mesmos; deveriam desesperar-se de perder os amigos para sempre; mas a amizade divina muda a sociedade visível numa sociedade de pura fé; ela chora, mas chorando, consola-se pela esperança de juntar-se a seus amigos no país da verdade e no seio do próprio amor.”

Para justificar o título de seu livro: *Reconhecemo-nos no céu*, o padre Blot cita grande número de passagens de escritores sacros, de aparições e de manifestações diversas, que provam a reunião, depois da morte, daqueles que se amaram, as relações existentes entre os mortos e os vivos, os auxílios que prestam *mutuamente* pela prece e pela inspiração. Em parte alguma fala da separação eterna, conseqüência da danação eterna, nem dos diabos, nem do inferno; ao contrário, mostra as almas mais sofredoras libertadas pela virtude do arrependimento e da prece, e pela misericórdia de Deus. Se o padre Blot lançasse anátema contra o Espiritismo, seria lançá-lo contra o seu próprio livro e contra todos os santos, cujo testemunho invoca. Sejam quais forem suas opiniões a esse respeito, diremos que se não o tivessem pregado senão nesse sentido, haveria menos incrédulos.

A LENDA DO HOMEM ETERNO

Pelo Sr. Armand Durantin²

O Espiritismo conquistou o seu lugar entre as crenças; se para alguns escritores é motivo de chacota, é de notar que entre os próprios que outrora o ridicularizavam, a zombaria baixou de tom diante do ascendente da opinião das massas, limitando-se a citar, sem comentários, ou com restrições mais comedidas, os fatos que a ele se referem. Outros, sem nele crer positivamente, e mesmo sem o conhecer a fundo, julgam a idéia muito importante para a transformarem em assunto de trabalhos de imaginação e de fantasia. Tal é, ao que nos parece, o caso da obra de que falamos. É um simples romance, baseado na crença espírita, apresentada do ponto de vista sério, mas ao qual podemos censurar alguns erros, oriundos, sem dúvida, de um estudo incompleto da matéria. O autor que quiser fantasiar um assunto histórico deve, antes de tudo, bem se penetrar da verdade do fato, a fim de não ficar à margem da História. Assim deverão fazer todos os escritores que quiserem tirar proveito da idéia espírita, seja para não serem acusados de ignorância do que falam, seja para conquistarem a simpatia dos adeptos, hoje bastante numerosos para pesar na balança da opinião e concorrer para o sucesso de toda obra que, direta ou indiretamente, diga respeito às suas crenças.

Feita esta reserva do ponto de vista da perfeita ortodoxia, a obra em questão não será menos lida com muito interesse pelos partidários, como pelos adversários do Espiritismo, e agradecemos ao autor a graciosa homenagem que houve por bem fazer-nos de seu livro, chamado a popularizar a idéia nova. Citaremos as passagens seguintes, que tratam mais especialmente da doutrina.

“À época em que o Sr. Boursonne (uma das principais personagens do romance) tinha perdido a esposa, uma doutrina

2 Um vol. in-12. Preço: 3 francos. Casa Dentu e na Livraria Central, boulevard des Italiens, n.º 24.

mística espalhava-se secretamente, lentamente, propagando-se na sombra. Contava ainda poucos adeptos, mas não aspirava nada menos a substituir os vários cultos cristãos. Para tornar-se uma religião poderosa só lhe falta a perseguição.

“Esta religião é o Espiritismo, tão eloqüentemente exposto pelo Sr. Allan Kardec em sua notável obra *O Livro dos Espíritos*. Um de seus mais convictos adeptos era o conde de Boursonne.

“Acrescentarei apenas algumas palavras sobre essa doutrina, a fim de que os incrédulos compreendam que o misterioso poder do conde era absolutamente natural.

“Os espíritas reconhecem Deus e a imortalidade da alma. Crêem que a Terra lhes é um lugar de transição e de provação. Segundo eles, a alma é inicialmente colocada por Deus num planeta de ordem inferior. Aí fica encerrada num corpo mais ou menos grosseiro, até tornar-se bastante depurada para emigrar para um mundo superior. É assim que, após longas migrações e numerosas provações, as almas chegam, enfim, à perfeição e são admitidas no seio de Deus. Depende, pois, do homem abreviar suas peregrinações e chegar mais prontamente junto do Senhor, melhorando rapidamente.

É uma crença do Espiritismo, crença tocante, que as almas mais perfeitas podem entreter-se com os Espíritos. Assim, segundo os espíritas, podemos conversar com os seres amados que perdemos, se nossa alma for bastante aperfeiçoada para os ouvir e saber-se fazer escutar.

“São, pois, as almas melhoradas, os homens mais perfeitos entre nós, que podem servir de intermediários entre o vulgo e os Espíritos; esses agentes, tão ridicularizados pelo cepticismo, tão admirados e invejados pelos crentes, chamam-se, em linguagem espírita, *médiuns*.

“Explicado isto uma vez por todas, notemos de passagem que a Doutrina Espírita conta hoje os seus adeptos aos milhares, sobretudo nas grandes cidades, e que o Conde de Boursoune era um dos médiuns mais poderosos.”

Temos aqui um primeiro erro grave. Se fosse preciso ser perfeito para comunicar-se com os Espíritos, muito poucos desfrutariam desse privilégio. Os Espíritos se manifestam mesmo àqueles que deixam muito a desejar, precisamente para os levar, por seus conselhos, a melhorar-se, conforme estas palavras do Cristo: “Não são os sadios que precisam de médico.” A mediunidade é uma faculdade inerente ao organismo, mais ou menos desenvolvida, conforme os indivíduos, que pode ser dada ao mais indigno, como ao mais digno, arriscando-se o primeiro a ser punido se não a aproveita ou dela abusa. A superioridade moral do médium assegura-lhe a simpatia dos Espíritos bons e o torna apto a receber instruções de ordem mais elevada; mas a facilidade de comunicar-se com os seres do mundo invisível, seja diretamente, seja por terceiros, é dada a cada um, visando o seu avanço. Eis o que o autor teria sabido se tivesse feito um estudo mais profundo da ciência espírita.

“A ciência moderna provou que tudo se encadeia. Assim, na ordem material, entre o infusório, último dos animais, e o homem, que é sua expressão mais elevada, existe uma cadeia de criaturas, melhoradas sucessivamente, como provam à saciedade as descobertas geológicas. Ora, os espíritas se perguntam por que não existiria a mesma harmonia no mundo espiritual; por que uma lacuna entre Deus e o homem, como o Sr. Le Verrier se perguntou como podia faltar um planeta em dado lugar do céu, considerando-se as leis harmoniosas que regem o nosso mundo incompreensível e ainda desconhecido.

“Foi guiado pelo mesmo raciocínio que levou o eminente diretor do Observatório de Paris à sua maravilhosa dedução, que os espíritas chegaram a reconhecer seres imateriais

entre o homem e Deus, antes de haverem tido a prova palpável, adquirida mais tarde.

Aqui, igualmente, há outro erro capital. O Espiritismo foi conduzido às suas teorias pela observação dos fatos, e não por um sistema preconcebido. O raciocínio de que fala o autor era racional, sem dúvida, mas não foi assim que as coisas se passaram. Os espíritas concluíram pela existência dos Espíritos porque estes se manifestaram *espontaneamente*; eles indicaram a lei que rege as relações entre o mundo visível e o invisível, porque observaram essas relações; admitiram a hierarquia progressiva dos Espíritos porque estes se lhes mostraram em todos os graus de adiantamento; adotaram o princípio da pluralidade das existências não só porque os Espíritos lho ensinavam, mas porque esse princípio resulta, como lei da Natureza, da observação dos fatos que temos sob os olhos. Em síntese, o Espiritismo nada admitiu a título de hipótese prévia; tudo em sua doutrina é o resultado da experiência. Eis tudo que temos repetido muitas vezes em nossas obras.

Julgamos útil trazer este aviso ao conhecimento das pessoas a quem possa interessar.

Ao receber qualquer carta o primeiro cuidado é ver a assinatura. Na ausência desta ou de designação suficiente, a carta é jogada imediatamente no cesto, sem ser lida, ainda que traga a menção: *Um dos vossos assinantes, um espírita*, etc. Estes últimos, tendo menos razões que os outros para guardarem o anonimato em relação a nós, por isso mesmo tornam suspeita a origem de suas cartas, razão por que nem mesmo lhes tomamos conhecimento, já que a correspondência autêntica é muito numerosa e suficiente para absorver a atenção. A pessoa encarregada de fazer a sua verificação tem instrução formal de rejeitar sem exame toda carta da natureza das de que falamos.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

MARÇO DE 1864

Nº 3

Da Perfeição dos Seres Criados

Por vezes pergunta-se se Deus não teria podido criar os Espíritos perfeitos, para lhes poupar o mal e todas as suas conseqüências.

Sem dúvida Deus o teria podido, já que é Todo-Poderoso; e se não o fez é que, em sua soberana sabedoria, julgou mais útil fosse de outro modo. Não compete ao homem perscrutar seus desígnios e, ainda menos, julgar e condenar suas obras. Desde que não pode admitir Deus sem o infinito das perfeições, sem a soberana bondade e a soberana justiça; desde que tem sob os olhos, incessantemente, milhares de provas de sua solícitude pelas criaturas, deve pensar que tal solícitude não poderia ter falhado na criação dos Espíritos. Na Terra o homem é como a criança, cuja visão limitada não vai além do estreito círculo do presente, e não pode julgar da utilidade de certas coisas. Deve, pois, inclinar-se ante o que ainda está acima de seu alcance. Todavia, tendo-lhe Deus dado a inteligência para se guiar, não lhe é vedado procurar compreender, detendo-se humildemente no limite que não pode transpor. Sobre todas as coisas mantidas no segredo de Deus, o homem não pode estabelecer senão sistemas mais ou menos

prováveis. Para julgar qual desses sistemas mais se aproxima da verdade, há um critério seguro: os atributos essenciais da Divindade. Toda teoria, toda doutrina filosófica ou religiosa que tendesse a destruir a mínima parte de um só desses atributos pecaria pela base e estaria, por isto mesmo, eivada de erro. De onde se segue que o sistema mais verdadeiro será aquele que melhor conciliar-se com esses atributos.

Sendo Deus todo sabedoria e todo bondade, não poderia ter criado o mal para contrabalançar o bem; se do mal tivesse feito uma lei necessária, teria voluntariamente enfraquecido o poder do bem, porquanto aquilo que é mau não pode senão alterar e enfraquecer o que é bom. Ele estabeleceu leis que são inteiramente justas e boas; o homem seria perfeitamente feliz se as observasse escrupulosamente; mas a menor infração a essas leis causa uma perturbação cujo contragolpe experimenta; daí todas as suas vicissitudes. É, pois, ele próprio, a causa do mal por sua desobediência às leis de Deus. Deus o criou livre de escolher seu caminho; o que tomou o mau caminho o fez por vontade própria e não pode acusar senão a si mesmo pelas conseqüências para si decorrentes. Pela destinação da Terra, só vemos Espíritos desta categoria, e é o que fez crer na necessidade do mal. Se pudéssemos abarcar o conjunto dos mundos, veríamos que os Espíritos que permaneceram no bom caminho percorrem as diversas fases de sua existência em condições completamente diferentes e que, desde que o mal não é geral, não poderia ser indispensável. Mas resta sempre a questão de saber por que Deus não criou os Espíritos perfeitos. Esta questão é análoga a esta outra: Por que a criança não nasce totalmente desenvolvida, com todas as aptidões, toda a experiência e todos os conhecimentos da idade viril?

Há uma lei geral que rege todos os seres da Criação, animados e inanimados: a lei do progresso. Os Espíritos são a ela submetidos pela força das coisas, sem o que a exceção teria perturbado a harmonia geral e Deus quis dar-nos um exemplo

sintetizado na progressão da infância. Desde que o mal não existe como necessidade na ordem das coisas, pois não é devido senão a Espíritos prevaricadores, a lei do progresso de modo algum os obriga a passar por esta fieira para chegar ao bem; ela só os obriga a passar pelo estado de inferioridade intelectual ou, por outras palavras, pela infância espiritual. Criados simples e ignorantes e, por isto mesmo imperfeitos, ou melhor, *incompletos*, devem adquirir por si mesmos e por sua própria atividade a ciência e a experiência que de início não podem ter. Se Deus os tivesse criado perfeitos, deveria tê-los dotado, desde o instante de sua criação, com a universalidade dos conhecimentos; tê-los-ia isentado de todo trabalho intelectual; mas, ao mesmo tempo, lhes teria tirado a atividade que devem desenvolver para adquirir, e pela qual concorrem, como encarnados e desencarnados, ao aperfeiçoamento material dos mundos, trabalho que não incumbe mais aos Espíritos superiores, encarregados somente de dirigir o aperfeiçoamento moral. Por sua própria inferioridade, tornam-se uma engrenagem essencial à obra geral da Criação. Por outro lado, se os tivesse criado infalíveis, isto é, isentos da possibilidade de fazer o mal, eles fatalmente teriam sido impelidos ao bem, como mecânicos bem preparados que fizessem automaticamente obras de precisão. Mas, então, não mais livre-arbítrio e, por conseguinte, não mais independência; assemelhar-se-iam a esses homens que nascem com a fortuna feita e se julgam dispensados de nada fazer. Submetendo-os à lei do progresso facultativo, quis Deus que tivessem o mérito de suas obras, a fim de terem direito à recompensa e desfrutarem a satisfação de haver conquistado suas próprias posições.

Sem a lei universal do progresso, aplicada a todos os seres, outra teria sido a ordem de coisas a estabelecer. Sem dúvida, Deus tinha a possibilidade. Por que não o fez? Teria feito melhor se tivesse agido de outro modo? Nesta hipótese, ter-se-ia enganado! Ora, se Deus pôde enganar-se, é que não é perfeito; se não é perfeito, não é Deus. Desde que não se o pode conceber sem a perfeição infinita, deve-se concluir que o que fez é o melhor; se

ainda não estamos aptos a compreender os seus motivos, por certo o poderemos mais tarde, num estado mais adiantado. Enquanto isto, se não podemos sondar as causas, podemos observar os efeitos e reconhecer que tudo no Universo é regido por leis harmônicas, cuja sabedoria e admirável providência confundem o nosso entendimento. Muito presunçoso, pois, seria aquele que pretendesse que Deus deveria ter regulado o mundo de outra maneira, pois isto significaria que, em seu lugar, teria feito melhor. Tais são os Espíritos, cujo orgulho e ingratidão Deus castiga, relegando-os a mundos inferiores, de onde só sairão quando, baixando a cabeça sob a mão que os fere, reconhecerem o seu poder. Deus não lhes impõe esse reconhecimento; quer que seja voluntário e fruto de suas observações, razão por que os deixa livres e espera que, vencidos pelo próprio mal que a si atraem, se voltem para Ele.

A isto respondem: “Compreende-se que Deus não tenha criado os Espíritos perfeitos; mas, se julgou conveniente submetê-los todos à lei do progresso, não teria podido, pelo menos, criá-los felizes, sem os sujeitar a todas as misérias da vida? A rigor, compreende-se o sofrimento para o homem, em vista de suas faltas; mas os animais também sofrem; entredevoram-se; os grandes comem os pequenos. Há alguns cuja vida não passa de longo martírio; como nós, têm o livre-arbítrio ou agiram de modo a receber o castigo divino?”

Tal, ainda, a objeção que por vezes fazem e à qual os argumentos acima podem servir de resposta. A despeito disto, juntaremos algumas considerações.

Sobre o primeiro ponto diremos que a felicidade completa é o resultado da perfeição. Já que as vicissitudes originam-se da imperfeição, criar Espíritos perfeitamente felizes fora criá-los perfeitos.

A questão dos animais exige alguns desenvolvimentos. É incontestável que eles têm um princípio inteligente. De que natureza é este princípio? Que relações tem com o do homem? É estacionário em cada espécie, ou progressivo ao passar de uma espécie a outra? Qual o seu limite de progresso? Marcha paralelamente com o homem, ou é o mesmo princípio que se elabora e ensaia a vida nas espécies inferiores para, mais tarde, receber novas faculdades e sofrer a transformação humana? São outras tantas questões até hoje insolúveis; e se o véu que cobre esse mistério ainda não foi levantado pelos Espíritos, é porque seria prematuro: o homem ainda não está maduro para receber toda a luz. É certo que vários Espíritos deram teorias a respeito, mas nenhuma tem um caráter bastante autêntico para ser aceita como verdade definitiva; assim, até nova ordem, não se pode considerá-las senão como sistemas individuais. Só a concordância pode dar-lhes a consagração, pois aí está o único e verdadeiro controle do ensino dos Espíritos. Eis por que estamos longe de aceitar como verdades irrecusáveis tudo quanto ensinam individualmente; um princípio, seja qual for, para nós só adquire autenticidade pela universalidade do ensinamento, isto é, por instruções idênticas, dadas em todos os lugares, por médiuns estranhos entre si e que não sofram as mesmas influências, notoriamente isentos de obsessões e assistidos por Espíritos bons e esclarecidos. Por Espíritos esclarecidos deve entender-se os que provam sua superioridade pela elevação do pensamento e pelo alto alcance de seus ensinamentos, jamais entrando em contradição e não dizendo nada que a lógica mais rigorosa não possa admitir. É assim que foram controladas as diversas partes da doutrina formulada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*. Tal não é ainda o caso da questão dos animais, razão por que não tomamos uma decisão. Até constatação mais séria, não se devem aceitar teorias que possam ser dadas a respeito, senão com muita reserva, e esperar sua confirmação ou sua negação.

Em geral, nunca haveria excesso de prudência em relação a teorias novas, sobre as quais poderíamos ter ilusões. Assim, quantas vimos, desde a origem do Espiritismo que, entregues prematuramente à publicidade, só tiveram uma existência efêmera! Assim será com todas as que apenas tiverem caráter individual e não houverem passado pelo controle da concordância. Em nossa posição, recebendo comunicações de perto de mil centros espíritas sérios, disseminados em diversos pontos do globo, estamos em condições de ver os princípios sobre os quais houve concordância. Foi esta observação que nos guiou até hoje e nos guiará igualmente nos novos campos que o Espiritismo é chamado a explorar. É assim que, desde algum tempo, notamos nas comunicações, vindas de vários lados, tanto da França quanto do estrangeiro, uma tendência para entrarem numa via nova, por meio de revelações de uma natureza toda especial. Essas revelações, dadas muitas vezes em palavras veladas, passaram despercebidas por muitos dos que as obtiveram; muitos outros se acreditaram os únicos a recebê-las; tomadas isoladamente, para nós não teriam valor, mas a sua coincidência lhes dá alto prestígio, devendo ser julgadas mais tarde, quando chegar o momento de serem entregues à luz da publicidade.

Sem essa concordância, quem poderia estar seguro de ter a verdade? A razão, a lógica, o raciocínio, sem dúvida são os primeiros meios de controle que devem ser usados; em muitos casos isto basta. Mas quando se trata de um princípio importante, da emissão de uma idéia nova, haveria presunção em crer-se infalível na apreciação das coisas. É, aliás, um dos caracteres distintivos da revelação nova o ser feita em toda parte e ao mesmo tempo; assim ocorreu com as diversas partes da doutrina. Aí está a experiência para provar que todas as teorias audaciosas, dadas por Espíritos sistemáticos e pseudo-sábios, sempre foram isoladas e localizadas; nenhuma se tornou geral nem pôde suportar o controle da concordância; várias, até, caíram no ridículo, prova evidente de que não estavam com a verdade. O controle universal é uma garantia para a futura unidade da doutrina.

Esta digressão afastou-nos um pouco do assunto, mas era útil para dar a conhecer de que maneira procedemos, no que respeita a teorias novas concernentes ao Espiritismo, que está longe de haver dado a última palavra sobre todas as coisas. Não as emitimos senão depois de terem recebido a sanção de que acabamos de falar, razão por que algumas pessoas, um tanto impacientes, surpreendem-se com o nosso silêncio em certos casos. Como sabemos que cada coisa virá a seu tempo, não cedemos a nenhuma pressão, venha de onde vier, pois conhecemos a sorte dos que querem ir muito depressa e têm em si mesmos e em suas próprias luzes uma excessiva confiança; não queremos colher um fruto antes que amadureça, mas – tenham certeza – quando estiver maduro, não o deixaremos cair.

Estabelecido este ponto, pouco nos resta dizer sobre a questão proposta, pois o ponto capital ainda não pôde ser resolvido.

Está provado que os animais sofrem. Mas é racional imputar esses sofrimentos à imprevidência do Criador ou a uma falta de bondade de sua parte porque a causa escapa à nossa inteligência, como a utilidade dos deveres e da disciplina escapa ao escolar? Ao lado desse mal aparente não se vê brilhar a sua solicitude pelas mais ínfimas criaturas? Não são os animais providos de meios de conservação apropriados ao ambiente em que devem viver? Não se vê sua pelagem desenvolver-se mais ou menos, conforme o clima? Seus órgãos de nutrição, suas armas ofensivas e defensivas proporcionadas aos obstáculos a vencer e aos inimigos a combater? Em presença de fatos tão multiplicados, cujas conseqüências só escapam ao olho do materialista, há fundamento em dizer que não existe Providência para eles? Não, certamente, embora nossa visão seja muito limitada para julgar a lei do conjunto. Nosso ponto de vista, restrito ao pequeno círculo que nos rodeia, só nos deixa ver irregularidades aparentes; mas, quando

nos elevarmos, pelo pensamento, acima do horizonte terreno, tais irregularidades se apagarão diante da harmonia geral.

O que mais choca nesta observação localizada é a destruição de uns seres pelos outros. Já que Deus prova a sua sabedoria e a sua bondade em tudo o que podemos compreender, forçoso é admitir que a mesma sabedoria presida ao que não compreendemos. Aliás, só exageramos a importância dessa destruição porque sempre a ligamos à matéria, consequência do estreito ponto de vista em que se coloca o homem. Em definitivo, só se destrói o envoltório; o princípio inteligente não é aniquilado; e o Espírito é tão indiferente à perda de seu corpo, quanto o homem à de sua roupa. Esta destruição dos invólucros temporários é necessária à formação e manutenção de novos envoltórios, que se constituem com os mesmos elementos, sem que o princípio inteligente seja atingido, quer nos animais, quer no homem.

Resta o sofrimento, que por vezes leva à destruição desse envoltório. O Espiritismo nos ensina e prova que o sofrimento no homem é útil ao seu avanço moral. Quem nos diz que o dos animais também não tenha utilidade? que não seja, na sua esfera e conforme certa ordem de coisas, uma causa de progresso? É verdade que isto não passa de hipótese, mas ao menos se apóia nos atributos de Deus: a justiça e a bondade, enquanto as outras são a sua negação.

Tendo a questão da criação dos seres perfeitos sido debatida em sessão da Sociedade Espírita de Paris, o Espírito Erasto ditou, a respeito, a seguinte comunicação:

SOBRE A NÃO-PERFEIÇÃO DOS SERES CRIADOS

(Sociedade Espírita de Paris, 5 de fevereiro de 1864

– Médium: Sr. d'Ambel)

Por que Deus não criou perfeitos todos os seres? Em virtude mesmo da lei do progresso. É fácil compreender a

economia desta lei. Aquele que marcha está no movimento, isto é, na lei da atividade humana; aquele que não progride, que por essência se acha estacionário, incontestavelmente não pertence à gradação ou à hierarquia humanitária. Explico-me, e me compreendereis facilmente. O homem que nasce numa posição mais ou menos elevada, acha em sua situação nativa um dado estado de ser. Pois bem! ele está certo de que se sua vida inteira se passasse nessa condição de ser, sem que lhe tivesse trazido modificações por sua ação ou pela de outrem, declararia que sua existência é monótona, enfadonha, fatigante, numa palavra, insuportável. Acrescento que ele teria perfeita razão, considerando-se que o bem só é bem relativamente ao que lhe é inferior. Isto é tão certo que se puserdes o homem num paraíso terrestre, num paraíso onde não se progrida mais, em dado tempo ele achará sua existência insustentável e aquela morada um impiedoso inferno. Daí resulta, de maneira absoluta, que a lei imutável dos mundos é o progresso ou o movimento para frente, isto é, todo Espírito que é criado está inevitavelmente submetido a essa grande e sublime lei da vida; conseqüentemente, tal é a própria lei humana.

Só existe um ser perfeito e não pode existir senão um: Deus! Ora, pedir ao Ser Supremo a criação de Espíritos perfeitos, seria pedir-lhe que criasse algo semelhante e igual a Ele. Formular semelhante proposição não será condená-la previamente? Ó homens! por que perguntar sempre a razão de ser de certas questões insolúveis ou acima do entendimento humano? Lembrai-vos sempre de que só Deus pode ficar e viver na sua imobilidade gigantesca. Ele é o supra-sumo de todas as coisas, o alfa e o ômega de toda a vida. Ah! crede, meus filhos, jamais busqueis erguer o véu que cobre esse grandioso mistério, que os maiores Espíritos da Criação não abordam sem estremecer. Quanto a mim, humilde pioneiro da iniciação, tudo quanto vos posso afirmar é que a imobilidade é um dos atributos de Deus, ou do Criador, e que o homem e tudo que é criado têm, como atributo, a mobilidade. Compreendei, se puderdes compreender, ou então esperai que

chegue a hora de uma explicação mais inteligível, isto é, mais ao alcance do vosso entendimento.

Não trato senão desta parte da questão, pois apenas quis provar que não tinha ficado estranho à vossa discussão. Sobre todo o resto, reporto-me ao que foi dito, já que todos me pareceram da mesma opinião. Daqui a pouco falarei de outros casos que foram assinalados (os casos de Poitiers).

Erasto

Um Médium Pintor Cego

Um de nossos correspondentes de Maine-et-Loire, o Dr. C..., transmitiu-nos o seguinte fato:

“Eis um curioso exemplo da faculdade mediúnica aplicada ao desenho, e que se manifestou vários anos antes que fosse conhecido o Espiritismo, e mesmo antes das mesas girantes. Três semanas atrás, estando em Bressuire, explicava o Espiritismo e as relações dos homens com o mundo invisível a um advogado amigo meu, que dele não conhecia patavina. Ora, eis o fato que ele me contou como tendo grande relação com o que eu lhe dizia. Em 1849, disse ele, fui com um amigo visitar o vilarejo de Saint-Laurent-sur-Sèvres e seus dois conventos, um de homens, outro de mulheres. Fomos recebidos da maneira mais cordial possível pelo Padre Dallain, superior do primeiro e que também tinha autoridade sobre o segundo. Depois de ter visitado os dois conventos, ele nos disse: ‘Agora, senhores, quero vos mostrar uma das coisas mais curiosas do convento das mulheres.’ Mandou trazer um álbum onde, com efeito, admiramos aquarelas de grande perfeição. Eram flores, paisagens e marinhas. ‘Esses desenhos, tão bem reunidos’, disse-nos ele, ‘foram feitos por uma de nossas jovens religiosas que é cega.’ E eis o que nos contou de um encantador buquê de rosas,

com um botão azul: ‘Há algum tempo, em presença do marquês de La Rochejaquelein e de vários outros visitantes, chamei a religiosa cega e pedi-lhe que se pusesse a uma mesa para desenhar alguma coisa. Diluíram as tintas, deram-lhe papel, lápis, pincéis, e ela imediatamente começou a pintar o buquê que vedes. Durante o trabalho colocaram várias vezes um corpo opaco, ora um papelão, ora uma prancheta, entre seus olhos e o papel, mas o pincel continuou a trabalhar com a mesma calma e a mesma regularidade. À observação de que o buquê estava um pouco franzino, ela disse: ‘Pois bem! vou fazer sair um botão da haste deste ramo.’ Enquanto trabalhava nessa correção, substituíram o carmim de que se servia pelo azul; ela não percebeu a mudança e é por isso que vedes um botão azul.

“O abade Dallain”, acrescenta o narrador, “era tão notável por sua ciência e sua grande inteligência quanto por sua elevada piedade. Não encontrei ninguém que me tivesse inspirado mais simpatia e veneração.”

Em nossa opinião este fato não prova, de modo evidente, uma ação mediúnica. Pela linguagem da jovem cega, é certo que via, do contrário não teria dito: “Vou fazer sair um botão da haste deste ramo.” Mas o que não é menos certo é que ela não via pelos olhos, já que continuava seu trabalho, malgrado o obstáculo que interpunham à sua frente. Agia com conhecimento de causa e não maquinalmente, como um médium. Parece, pois, evidente que fosse dirigida pela *segunda vista*; via pelos olhos da alma, abstração feita dos do corpo; talvez até mesmo estivesse, de maneira permanente, num estado de sonambulismo desperto.

Fenômenos análogos foram observados muitas vezes, mas as pessoas se contentavam em os achar surpreendentes. Sua causa não podia ser descoberta, porque, ligados essencialmente à alma, fazia-se necessário, primeiro, reconhecer a existência da alma. Mas, mesmo admitido, este ponto ainda não era suficiente: faltava

o conhecimento das propriedades da alma e o das leis que regem suas relações com a matéria. O Espiritismo, ao nos revelar a existência do perispírito, deu-nos a conhecer, se assim nos podemos exprimir, a fisiologia dos Espíritos. Por aí nos foi dada a chave de uma imensidão de fenômenos incompreendidos, qualificados, em falta de melhores razões, de *sobrenaturais* por uns, e de *bizarrias da Natureza* por outros. Pode a Natureza ter bizzarrias? Não, porque bizzarrias são caprichos. Ora, sendo a Natureza obra de Deus, Deus não pode ter caprichos, sem o que nada seria estável no Universo. Se há uma regra sem exceção, certamente é a que rege as obras do Criador; as exceções seriam a destruição da harmonia universal. Todos os fenômenos se ligam a uma lei geral e uma coisa não nos parece bizzarra senão porque só observamos de um único ponto, ao passo que, se considerássemos o conjunto, reconheceríamos que a irregularidade daquele ponto é apenas aparente e depende de nosso limitado ponto de vista.

Isto posto, diremos que o fenômeno de que se trata não é maravilhoso nem excepcional. É o que vamos tentar explicar.

No estado atual dos nossos conhecimentos, não podemos conceber a alma sem o seu invólucro fluídico, perispiritual. O princípio inteligente escapa completamente à nossa análise; só o conhecemos por suas manifestações, que se dão com o auxílio do perispírito. É pelo perispírito que a alma age, percebe e transmite. Desprendida do envoltório corporal, a alma ou Espírito ainda é um ser complexo. Ensina-nos a teoria, de acordo com a experiência, que a visão da alma, assim como todas as outras percepções, é um atributo do ser inteiro. No corpo é circunscrita ao órgão da visão, sendo-lhe preciso o concurso da luz; tudo quanto se acha no trajeto do raio luminoso o intercepta. Não é assim com o Espírito, para o qual não há obscuridade nem corpos opacos. A seguinte comparação pode ajudar a compreender esta diferença. A céu aberto, o homem recebe a luz por todos os lados; mergulhado no fluido luminoso, o horizonte visual se estende por

toda a volta. Se estiver encerrado numa caixa, na qual for feita uma pequena abertura, em seu redor tudo estará na obscuridade, salvo o ponto por onde lhe chega o raio luminoso. A visão do Espírito encarnado está neste último caso; a do Espírito desencarnado está no primeiro. Esta comparação é justa quanto ao efeito, mas não o é quanto à causa, porque a fonte de luz não é a mesma para o homem e para o Espírito, ou, melhor dizendo, não é a mesma luz que lhe dá a faculdade de ver.

Assim, a cega de que se trata via pela alma e não pelos olhos. Eis por que o anteparo colocado à frente do desenho não a incomodava mais do que incomodaria um vidente, ante os olhos do qual tivessem posto um cristal transparente. É também por isto que tanto podia desenhar de noite quanto de dia. Irradiando em torno dela, tudo penetrando, o fluido perispiritual levava a imagem, não à retina, mas à sua alma. Nesse estado, a visão abarca tudo? Não; ela pode ser geral ou especial, conforme a vontade do Espírito; pode ser limitada ao ponto onde ele concentra a sua atenção.

Mas, então, irão perguntar: por que ela não percebeu a substituição da cor? Primeiro pode ser que a atenção voltada para o lugar onde queria pôr a flor a tenha desviado da cor; aliás, é preciso considerar que a visão da alma não se opera pelo mesmo mecanismo que a visão corporal, e que, assim, há efeitos de que não nos poderíamos dar conta; depois, ainda é preciso notar que *nossas* cores são produzidas pela refração de *nossa* luz. Ora, sendo as propriedades do perispírito diferentes das de nossos fluidos ambientes, é provável que a refração aí não produza os mesmos efeitos; que as cores não tenham, para os Espíritos, as mesmas causas que para o encarnado. Assim ela podia, pelo pensamento, ver rosa o que nos parece azul. Sabe-se que o fenômeno da substituição das cores é muito freqüente na visão ordinária. O fato principal é o da visão bem constatada sem o concurso dos órgãos da visão. Como se vê, esse fato não implica ação mediúnica, mas, também, não exclui, em certos casos, a assistência de um Espírito

estranho. Essa jovem, pois, podia ou não ser médium, o que só um estudo mais atento teria podido revelar.

Uma pessoa cega que gozasse dessa faculdade seria um precioso objeto de observação. Mas, para tanto, teria sido necessário conhecer a fundo a teoria da alma, a do perispírito e, por conseguinte, o sonambulismo e o Espiritismo. Naquela época não se conheciam essas coisas; mesmo hoje, não seria nos meios onde as consideram como diabólicas que poderiam entregar-se a tais estudos. Também não é naqueles onde se nega a existência da alma que podem fazê-lo. Dia virá, sem dúvida, em que reconhecerão a existência de uma *física espiritual*, como começam a reconhecer a existência da *medicina espiritual*.

Variedades

UMA TENTACÃO

Conhecemos pessoalmente uma senhora, médium dotada de notável faculdade tiptológica: obtém facilmente e, o que é bastante raro, quase constantemente, coisas de precisão, como nome de lugares e de pessoas em diversas línguas, datas e fatos particulares, em presença dos quais a incredulidade foi confundida mais de uma vez. Essa senhora, inteiramente devotada à causa do Espiritismo, consagra todo o tempo disponível ao exercício de sua faculdade, com o objetivo de propaganda, e isto com um desinteresse tanto mais louvável quanto a sua posição de fortuna chega muito perto da mediocridade. Como o Espiritismo, para ela, é uma coisa séria, começa sempre por uma prece, dita com o maior recolhimento, para atrair o concurso dos Espíritos bons, rogar a Deus que afaste os maus, e termina assim: “Se eu for tentada a abusar, seja no que for, da faculdade que Deus houve por bem me conceder, peço-lhe que *ma retire*, antes que seja desviada de seu objetivo providencial.”

Certo dia, um rico estrangeiro – foi ele mesmo que nos narrou o fato – procurou essa senhora para lhe pedir que desse uma comunicação. Ele não tinha a menor noção do Espiritismo e ainda menos a crença. Pondo a carteira sobre a mesa, disse-lhe: “Senhora, eis aqui dez mil francos que vos dou, se disserdes o nome da pessoa em quem estou pensando.” Basta isto para mostrar onde chegava o seu conhecimento da doutrina. A respeito, fez-lhe a médium observações que todo espírita verdadeiro faria em semelhante caso. Mesmo assim, tentou, mas nada obteve. Ora, logo depois da partida desse senhor ela recebeu, para outras pessoas, comunicações muito mais difíceis e complicadas do que a que ele lhe havia pedido.

Para esse senhor o fato deveria ser, conforme lhe dissemos, uma prova da sinceridade e da boa-fé da médium, porque os charlatães sempre têm recursos à sua disposição, quando se trata de ganhar dinheiro. Mas do fato resultam vários ensinamentos de outra gravidade. Os Espíritos quiseram provar-lhe que não é com dinheiro que os fazem falar, quando não querem; além disso, provaram que se não tinham respondido à pergunta, não fora por impossibilidade da parte deles, já que disseram, depois, coisas mais difíceis a pessoas que nada ofereciam. A lição era maior ainda para o médium; era demonstrar-lhe sua absoluta impotência sem o concurso deles e lhe ensinar a humildade, porque, se os Espíritos tivessem estado às suas ordens, se bastasse a sua vontade para os fazer falar, era o caso de exercer o poder agora ou jamais.

Eis aí uma prova manifesta em apoio do que dissemos na *Revista* de fevereiro último, a propósito do Sr. Home, sobre a impossibilidade em que se acham os médiuns de contar com uma faculdade que poderia faltar-lhes no momento em que lhes fosse necessária. Aquele que possui um talento e que o explora está sempre certo de o ter à sua disposição, porque é inerente à sua pessoa; mas a mediunidade não é um talento; só existe pelo concurso de terceiros; se esses terceiros se recusam, não há mais

mediunidade. A aptidão pode subsistir, mas o seu exercício está anulado. Um médium sem a assistência dos Espíritos é como um violinista sem violino.

O senhor em questão admirou-se que, tendo vindo para se convencer, os Espíritos não se tivessem prestado para tanto; A isto lhe respondemos que, se pode ser convencido, sê-lo-á por outros meios, que nada lhe custarão. Os Espíritos não quiseram que ele pudesse dizer que fora convencido a peso de ouro, porque se o ouro fosse necessário para convencer, o que fariam os que não podem pagar? É para que a crença possa penetrar nos mais humildes redutos que a mediunidade não é um privilégio; acha-se em toda parte, a fim de que todos, pobres e ricos, possam ter a consolação de se comunicar com os parentes e amigos do além-túmulo. Os Espíritos não quiseram que ele fosse convencido dessa maneira, porque o barulho que isto tivesse provocado teria falseado sua própria opinião e a de seus amigos quanto ao caráter essencialmente moral e religioso do Espiritismo. Eles não o quiseram no interesse do médium e dos médiuns em geral, cuja cupidez esse resultado teria superexcitado, porquanto diriam que se tiveram êxito naquela circunstância, podiam tê-lo igualmente em outras. Não é a primeira vez que foram feitas ofertas semelhantes, que prêmios são oferecidos, mas sempre sem sucesso, levando-se em conta que os Espíritos não dão o seu concurso nem se entregam a quem paga melhor.

Se essa senhora tivesse tido êxito, teria aceitado ou recusado? Ignoramos, porque dez mil francos são bastante sedutores, sobretudo em certas posições. Em todo o caso, a tentação foi grande. E quem sabe se a recusa não teria sido seguida de um pesar, que lhe tivesse atenuado o mérito? Notemos que, em sua prece, ela pede a Deus que lhe retire sua faculdade antes que seja tentada a desviá-la de seu objetivo providencial. Pois bem! Sua prece foi atendida; a mediunidade lhe foi retirada para esse caso especial, a fim de lhe poupar o perigo da tentação e todas as

conseqüências lamentáveis que se lhe teriam seguido, primeiro para ela própria, e depois pelo efeito deletério que isto teria produzido.

Mas não é só contra a cupidez que os médiuns devem resguardar-se. Como os há em todas as camadas da sociedade, a maioria está acima desta tentação; mas há um perigo muito maior, pois a ele todos estão expostos: o orgulho, que põe a perder tão grande número. É contra esse escolho que as mais belas faculdades muitas vezes vêm aniquilar-se. O desinteresse material não tem proveito se não for acompanhado pelo mais completo desinteresse moral. Humildade, devotamento, desinteresse e abnegação são as qualidades do médium amado pelos Espíritos bons.

MANIFESTAÇÕES DE POITIERS³

Os fatos que noticiamos em nosso último número, sobre os quais havíamos deixado pendente a nossa opinião, parecem incluir-se definitivamente na esfera dos fenômenos espíritas. Um exame atento das circunstâncias de detalhes não os permite confundir com atos de malevolência ou de esperteza. Parece difícil que pessoas mal-intencionadas pudessem escapar à atividade da vigilância exercida pela autoridade e, sobretudo, que possam agir no momento mesmo em que são espreitadas, sob os olhos daqueles que as buscam, aos quais, certamente, não falta boa vontade para as descobrir.

Tinham feito exorcismos, mas depois de alguns dias de suspensão, os barulhos recomeçaram com outro caráter. Eis o que a propósito disse o *Journal de la Vienne*, em seus números de 17 e 18 de fevereiro:

“Recordam-se que no mês de janeiro último, fazendo a sua solene aparição em Poitiers, os Espíritos batedores foram acampar na Rua Saint-Paul, na casa situada perto da antiga igreja do mesmo nome; mas sua estada entre nós tinha sido de curta duração e tinha-se o direito de pensar que tudo estava acabado, quando,

3 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 537.

anteontem, os ruídos que tão fortemente haviam agitado a população se reproduziram com nova intensidade.

“Os diabos negros, pois, voltaram à casa da Srta. de O...; apenas não são mais Espíritos batedores, mas atiradores, agindo por meio de detonações formidáveis. Celebraremos sua festa no dia de Santa Bárbara, padroeira dos artilheiros. Sempre há os que se satisfazem com isto, as procissões de curiosos recomeçam e a polícia interroga todos os ecos para se guiar através do nevoeiro do outro mundo.

“Contudo, espera-se que desta vez se descubram os autores dessas mistificações de mau gosto e que a justiça saiba bem provar aos exploradores da credulidade humana que os melhores Espíritos não são os que fazem mais barulho, mas os que sabem calar e só falam o que convém.”

A. Piogear

“Voltamos sempre à Rua Saint-Paul, sem poder penetrar o *mistério infernal*.

“Quando interrogamos uma pessoa que passeia com um ar preocupado diante da casa da Srta. de O..., invariavelmente ela responde: ‘De minha parte nada ouvi, mas alguém me disse que as detonações eram muito fortes.’ O que não deixa de ser muito embaraçoso para a solução do problema.

“Entretanto, é certo que os Espíritos possuem algumas peças de artilharia, inclusive de grosso calibre, porque o barulho resultante tem uma certa violência e dizem que se assemelha ao produzido por pequenas bombas.

“Mas, de onde vêm? Impossível até agora determinar a sua direção. Não provêm do subsolo, já que tiros de pistola dados no porão não se ouvem no primeiro andar.

“É, pois, nas regiões superiores que devem ser apanhados e, contudo, todos os processos indicados pela Ciência ou pela experiência para atingir esse resultado foram impotentes.

“Dever-se-ia, então, concluir que os Espíritos possam impunemente atirar sua pólvora nos pardais e perturbar o repouso dos cidadãos sem que seja possível alcançá-los? Esta solução seria muito rigorosa; com efeito, por certos processos, ou em virtude de alguns acidentes de terreno, podem produzir-se efeitos que, à primeira vista, surpreendem, mas dos quais se admiram, mais tarde, por não haverem compreendido o mecanismo elementar. São sempre as coisas mais simples que escapam à apreciação do homem.

“Somos fortemente levados a crer que, se os atiradores do outro mundo neste momento têm ao seu lado os que riem, estão longe de ser inatingíveis. Que se convençam os mistificadores: os mistificados terão sua vez.”

A. Piogear

O Sr. Piogear parece se debater singularmente contra a evidência. Dir-se-ia que, sem o saber, uma dúvida se insinua em seu pensamento; que teme uma solução contrária às suas idéias; numa palavra, dá-nos a impressão dessas pessoas que, recebendo uma má notícia, exclamam: “Não, isto não; isto é impossível; não posso acreditar!” e que tapam os olhos para não ver, a fim de poderem afirmar que nada viram. Por um dos parágrafos acima, parece lançar dúvida sobre a própria realidade dos ruídos, porque, em sua opinião, todos aqueles a quem interroga dizem nada ter ouvido. Se ninguém ouviu, não compreendemos por que tanto rumor, pois não haveria mal-intencionados nem Espíritos.

Num terceiro artigo sem assinatura e que o jornal diz ser o último, ele dá, enfim, a solução desse problema. Se os interessados não a julgarem categórica, será sua falta e não dele.

“Desde algum tempo temos recebido cartas, em cada correio, quer de nossos assinantes, quer de pessoas estranhas ao Departamento, nas quais nos pedem informações mais circunstanciadas sobre as cenas cujo teatro é a casa de O... Dissemos tudo quanto sabíamos; repetimos em nosso jornal tudo quanto se diz em Poitiers a esse respeito. Já que nossas explicações não pareceram completas, eis, pela última vez, nossa resposta às perguntas que nos são dirigidas:

“É perfeitamente certo que ruídos *singulares* são ouvidos todas as noites, de seis horas à meia-noite, na Rua Saint-Paul, na casa de O... Esses ruídos assemelham-se aos produzidos por descargas sucessivas de uma espingarda de dois canos; abalam as portas, as janelas e os tabiques. Não se percebe luz nem fumaça; não se sente nenhum odor. Os fatos foram constatados pelas pessoas mais dignas de fé de nossa cidade e por inquéritos da polícia, a pedido da família do Sr. conde de O...

“Existe em Poitiers uma associação de espiritistas; mas, a despeito da opinião do Sr. D..., que nos escreve de Marselha, não veio ao pensamento de nenhum dos nossos concidadãos, muito espirituosos para isto, que os espíritas tivessem algo a ver com a *aparição dos fenômenos*. O Sr. H..., de Orange, acredita em causas físicas, em gases que se desprendem de um antigo cemitério, sobre o qual teria sido construída a casa de O... Mas a casa é construída sobre a rocha e não existe nenhum subterrâneo que com ela se comunique.

“Por nossa conta, pensamos que fatos estranhos e ainda inexplicados, há mais de um mês perturbando o repouso de uma família honrada, não ficarão sempre no estado de mistério. Cremos numa fraude muito habilidosa e esperamos ver em breve os fantasmas da Rua Saint-Paul entrando na polícia correcional.”

A JOVEM OBSEDADA DE MARMANDE

(Continuação)

No número anterior relatamos a notável cura obtida por meio da prece, pelos espíritas de Marmande, de uma mocinha obsedada dessa cidade. Uma carta posterior confirma o resultado da cura, hoje completa. O semblante da jovem, alterado por oito meses de torturas, retomou seu viço, seu bom aspecto e sua serenidade.

Seja qual for a opinião que se tenha, a idéia que se faça do Espiritismo, qualquer pessoa animada de sincero amor do próximo deve ter-se alegrado de ver a tranqüilidade voltar a essa família, e o contentamento substituir a aflição. É lamentável que o Sr. cura da paróquia não tenha julgado dever associar-se a esse sentimento, e que a circunstância lhe tenha fornecido o texto de um sermão pouco evangélico numa de suas prédicas. Suas palavras, ditas em público, são do domínio da publicidade. Se ele se tivesse limitado a uma crítica leal da doutrina conforme seu ponto de vista, disso não falaríamos; mas julgamos dever refutar os ataques dirigidos contra pessoas muito respeitáveis, por ele tratadas de saltimbancos, a propósito do fato acima.

Disse ele: “Assim, o primeiro *enraxate que vier* poderá, então, se for médium, evocar um membro de uma família honrada, enquanto ninguém da família poderá fazê-lo? Não acrediteis nestes absurdos, meus irmãos; isto é trapaça, é tolice. De fato, que vedes nessas reuniões? Carpinteiros, marceneiros, que sei mais?... Algumas pessoas me perguntaram se eu havia contribuído para a cura da moça. Não, respondi-lhes; nada tenho a ver com isto; não sou médico”.

“Não vejo nisso”, dizia aos parentes, “senão uma afecção orgânica da alçada da Medicina”, acrescentando que se tivesse julgado que as preces pudessem operar algum alívio, ele as teria feito desde muito tempo.

Se o Sr. cura não crê na eficácia das preces em caso semelhante, agiu bem em não as fazer. Daí se pode concluir que, como homem consciencioso, se os pais lhe tivessem vindo pedir missas pela cura da jovem, teria recusado o pagamento, porque, caso o aceitasse, ter-se-ia feito pagar por uma coisa que considerava sem valor. Os espíritas crêem na eficácia da prece pelos doentes e nas obsessões; oravam, curavam e nada cobravam; mais ainda: se os pais estivessem passando necessidades, eles os teriam assistido. Diz ele: “São charlatães e saltimbancos.” Desde quando se viu charlatães trabalhando de graça? Fizeram a doente usar amuletos? Fizeram sinais cabalísticos? Pronunciaram palavras sacramentais, atribuindo-lhes uma virtude eficaz? Não, pois o Espiritismo condena toda prática supersticiosa; oravam com fervor, em comunhão de pensamento; essas preces eram malabarismos? Aparentemente não; já que tiveram êxito, é porque foram ouvidas.

Que o Sr. cura trate o Espiritismo e as evocações de absurdos e tolices é direito seu, se tal é sua opinião; ninguém tem nada com isto. Mas quando, para denegrir as reuniões espíritas, diz que aí só se vêem carpinteiros, marceneiros, etc., não é apresentar essas profissões como degradantes e os que as exercem como gente desprezível? Então esqueceis, Sr. cura, que Jesus era carpinteiro e que seus apóstolos eram todos pobres artesãos ou pescadores. Será evangélico lançar do alto do púlpito o desdém sobre a classe dos trabalhadores que Jesus quis honrar, nascendo entre eles? Compreendestes o alcance de vossas palavras, quando dissestes: “O primeiro engraxate que vier poderá, então, se for médium, evocar um membro de uma família honrada?” Então desprezais esse pobre engraxate, quando limpa os vossos sapatos? Ora vejam! Porque sua posição é humilde não o achais digno de evocar a alma de uma nobre personagem? Então temeis que essa alma se macule, quando, para ela, se erguerem ao céu mãos enegrecidas pelo trabalho? Então credes que Deus faça diferença entre a alma do rico e a do pobre? Não disse Jesus: Amai o próximo como a vós mesmos? Ora, amar o próximo como a si mesmo é não fazer

nenhuma diferença entre si mesmo e o próximo; é a consagração do princípio: Todos os homens são irmãos, porque são filhos de Deus. Receberá Deus com mais distinção a alma do grande que a do pequeno? a do homem a quem fazeis um serviço pomposo, pago largamente, que a do infeliz, ao qual não concedeis senão as mais curtas preces? Falais do ponto de vista exclusivamente mundano e esqueceis que Jesus disse: “Meu reino não é deste mundo; lá não existem mais as distinções da Terra; lá os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos? Quando disse: “Há várias moradas na casa de meu pai”, significa que há uma para o rico e uma para o proletário? uma para o senhor e outra para o servo? Não; mas que há uma para o humilde e outra para o orgulhoso, pois ele disse: “Que aquele que quiser ser o primeiro no céu seja o servo de seus irmãos na Terra.” Então compete a esses a quem chamais profanos, vos lembrar o Evangelho?

Senhor cura, em qualquer circunstância tais palavras seriam pouco caridosas, sobretudo no templo do Senhor, onde só deveriam ser pregadas palavras de paz e de união entre todos os membros da grande família. No estado atual da sociedade são uma inabilidade, porque semeiam o fermento do antagonismo. Que tivésseis dito tais palavras numa época em que os servos, habituados a humilhar-se, se julgavam uma raça inferior, porque lho haviam dito, é compreensível; mas na França de hoje, em que todo homem honesto tem direito de levantar a cabeça, seja plebeu, seja patricio, é um anacronismo.

Se, como é provável, havia carpinteiros no auditório, marceneiros e engraxates, devem ter sido pouco tocados pelo sermão. Quanto aos espíritas, sabemos que pediram a Deus que perdoasse ao orador as suas palavras imprudentes, e que eles mesmos perdoaram ao que lhes dizia *Raca*. É o conselho que damos a todos os irmãos.

RESUMO DA PASTORAL DO SR. BISPO DE ESTRASBURGO

Citamos pura e simplesmente a passagem dessa pastoral concernente ao Espiritismo, sem comentários e reflexões. Ao dar sua opinião a respeito, do ponto de vista teológico, o Sr. bispo está no seu direito e, desde que só ataca a coisa e não as pessoas, nada há a dizer. Só haveria que discutir sua teoria, o que já foi feito tantas vezes, sendo supérfluo repetir-se, tanto mais quando não encontramos nenhum argumento novo. Nós a submetemos aos nossos leitores, a fim de que todos possam tomar conhecimento e tirar o proveito que bem entenderem.

“O demônio oculta-se de todas as formas possíveis, para eternizar sua conspiração contra Deus e os homens, para continuar sua obra de sedução. No paraíso ele se disfarçou de serpente; se for preciso, ou se puder contribuir para a realização de seus projetos, transformar-se-á em anjo de luz, como o provam mil exemplos consignados na História.

“Em época mais recente, o demônio chegou a retirar do arsenal do inferno armas usadas e cobertas de ferrugem, de que se havia servido em tempos mais recuados, particularmente no segundo e terceiro séculos, para combater o Cristianismo. As mesas girantes, os Espíritos batedores, as evocações, etc., são outros tantos artifícios, e Deus os permite para castigo dos homens ímpios, curiosos e levianos. Se os maus gênios, como o asseguram as santas Escrituras, saturam o ar; se se unem aos homens em seus corpos e em suas almas (vede o livro de Job e muitas outras passagens da Escritura); se podem fazer falar um pau, uma pedra, uma serpente, cabras, uma jumenta; se, perto do lago de Genesaré recebem, a seu próprio pedido, permissão de entrar em animais imundos, também lhes é possível falar por meio das mesas, escrever com o pé de uma mesa ou de uma cadeira, adotar a linguagem e imitar a voz dos mortos e ausentes, contar coisas que nos são desconhecidas ou que nos pareçam impossíveis, mas que, como Espíritos, podem ver e ouvir. Infelizes, pois, os insensatos, ociosos,

imprevidentes e criminosamente discretos, que buscam seu passatempo nesse malabarismo diabólico, que não temem recorrer a meios supersticiosos e proibidos, para chegarem ao conhecimento do futuro e de outros mistérios que o demônio ignora ou só conhece imperfeitamente! Quem ama o perigo perecerá no perigo; quem brinca com serpentes venenosas não escapará de seu dardo mortífero; quem se precipita nas chamas será reduzido a cinzas; quem busca a sociedade dos mentirosos e dos velhacos, necessariamente se tornará sua vítima. É um comércio com os anjos maus, ao qual os profetas do Antigo Testamento dão um nome que não se leva de boa vontade a um púlpito cristão. Quando se fazem essas evocações, o Espírito maligno bem poderá dizer, inicialmente, uma ou outra verdade, e falar conforme o desejo dos curiosos, a fim de lhes ganhar a confiança. Mas as pessoas impacientes de penetrar mistérios são seduzidas, deslumbradas; então se aproxima de seus lábios a taça envenenada; enchem-nas com toda a sorte de mentiras e de impiedades, despojam-nas de todos os princípios cristãos, de todos os sentimentos piedosos. Feliz o que percebe a tempo que caiu em mãos diabólicas e pode, com o auxílio de Deus, resistir aos laços com que ia ser carregado!...”

Enquanto os nossos antagonistas ficarem no terreno da discussão teológica, convidamos os irmãos que nos queiram escutar a abster-se de qualquer recriminação, porque a liberdade de opinião tanto deve existir para eles quanto para nós. O Espiritismo não se impõe: aceita-se; dá as suas razões e não acha mau que as combatam, desde que seja com armas leais, confiando no bom-senso do público para decidir. Se repousar na verdade, triunfará a despeito de tudo; se seus argumentos forem falsos, a violência não os tornará melhores. O Espiritismo não quer ser acreditado sob palavra; quer o livre exame; sua propaganda se faz dizendo: vede os prós e os contras; julgai o que melhor satisfaz o vosso julgamento, o que corresponde melhor às vossas esperanças e aspirações, o que mais vos toca o coração, e decidi-vos com conhecimento de causa.

Censurando nos adversários a inconveniência de palavras e o personalismo, os espíritas não devem incorrer na mesma falta; a moderação mostrou seu valor; nós os instamos a que não fujam disto. Em nome dos princípios espíritas e no interesse da causa, não nos solidarizamos com polêmicas agressivas e inconvenientes, venham de onde vierem.

Ao lado de alguns fatos lamentáveis, como o de Marmande, poderíamos citar um bom número de outros de caráter diverso, se não temêssemos contrariar os seus autores, razão por que só fazemos com a maior reserva.

Uma senhora que conhecemos pessoalmente, bom médium e, como o marido, fervorosa espírita, estava, há seis meses, à beira da morte; hauria na crença e na fé no futuro uma consoladora resignação nesse momento supremo, que via aproximar-se sem medo. A seu pedido, o cura da paróquia, ancião respeitável, lhe veio administrar os sacramentos. Disse ela: “Sabeis que somos espíritas. A despeito disto, dar-me-eis os sacramentos da Igreja? – Por que não? respondeu o bom cura; esta crença vos consola; torna-vos a ambos piedosos e caridosos. Não vejo mal nisso. Conheço *O Livro dos Espíritos*. Não direi que me tenha convencido em todos os pontos, mas contém a moral que todo cristão deve seguir e não vos censuro por o ler. Apenas se há Espíritos bons, também os há maus. É contra estes que vos deveis resguardar e vos empenhar em distinguir. Aliás, vede, minha filha, a verdadeira religião consiste na prece de coração e na prática das boas obras. Tendes fé em Deus, orais com fervor, assistis o vosso próximo tanto quanto podeis; posso, pois, vos dar a absolvição.”

UMA RAINHA MÉDIUM

Não teríamos tomado a iniciativa de publicar o fato seguinte; desde, porém, que foi reproduzido em diversos jornais, entre outros o *Opinion nationale* e o *Siècle*, de 22 de fevereiro de

1864, conforme o *Bulletin diplomatique*, não vemos motivo algum para nos abstermos.

“Uma carta procedente de pessoa bem informada revela que, recentemente, num conselho privado, onde era examinada a questão dinamarquesa, a rainha (Vitória) declarou que nada faria sem consultar o *príncipe Alberto*. E, com efeito, depois de se ter recolhido por algum tempo em seu gabinete, voltou dizendo que o príncipe se pronunciara contra a guerra. Esse fato, e *outros semelhantes* transpiraram e deram origem à idéia de que seria oportuno estabelecer uma regência.”

Tínhamos, pois, razão quando escrevemos que o Espiritismo tem adeptos até nos degraus dos tronos. Poderíamos ter dito: até nos tronos. Vê-se, porém, que os próprios soberanos não escapam à qualificação dada aos que acreditam nas comunicações de além-túmulo. Os espíritas, que são tratados como loucos, devem consolar-se por estarem em tão boa companhia. Assim, o contágio é muito grande, pois sobe tanto! Entre os príncipes estrangeiros sabemos de bom número que tem esta suposta fraqueza, pois alguns fazem parte da Sociedade Espírita de Paris. Como querem que a idéia não penetre a sociedade inteira, quando parte de todos os níveis da escala?

Por aí o Sr. cura de Marmande pode ver que não há médiuns só entre os engraxates.

O *Journal de Poitiers*, que relata o mesmo caso, o faz acompanhar desta reflexão:

“Cair assim no domínio dos Espíritos não é abandonar o das únicas realidades que têm direito de conduzir o mundo?”

Até certo ponto concordamos com a opinião do jornal, mas de outro ponto de vista. Para ele os Espíritos não são realidades, porque, segundo certas pessoas, só há realidade no que

se vê e se toca. Ora, sendo assim, Deus não seria uma realidade e, no entanto, quem ousaria dizer que ele não conduz o mundo? que não há acontecimentos providenciais para levar a um determinado resultado? Pois bem! os Espíritos são os instrumentos de sua vontade; inspiram os homens, solicitam-nos, mau grado seu, a fazerem tal ou qual coisa, a agirem num sentido e não em outro, e isto tanto nas grandes resoluções quanto nas circunstâncias da vida privada. Sob esse aspecto, portanto, não somos da opinião do jornal.

Se os Espíritos inspiram de maneira oculta, é para deixar ao homem o livre-arbítrio e a responsabilidade de seus atos. Se receber inspiração de um Espírito mau, pode estar *certo* de receber, ao mesmo tempo, a de um bom, pois Deus jamais deixa o homem sem defesa contra as más sugestões. Cabe a ele pesar e decidir conforme a sua consciência.

Nas comunicações ostensivas por via mediúnica não deve mais o homem renunciar ao livre-arbítrio; seria erro regular cegamente e sem exame todos os seus passos e atitudes pelo conselho dos Espíritos, porque existem os que ainda podem ter idéias e preconceitos da vida. Só os Espíritos superiores disso estão isentos. Os Espíritos dão seu conselho, sua opinião; em caso de dúvida, pode-se discutir com eles como se fazia quando eram vivos; então se pode avaliar a força de seus argumentos. Os Espíritos verdadeiramente bons jamais se recusam a isso; os que repelem qualquer exame, que exigem submissão absoluta, provam que contam pouco com a excelência de suas razões para convencer e devem ser tidos por suspeitos.

Em princípio, os Espíritos não nos vêm guiar como a uma criança; o objetivo de suas instruções é tornar-nos melhores, dar fé aos que não a têm e não *o de nos poupar o trabalho de pensar por nós mesmos.*

Eis o que não sabem os que criticam as relações de além-túmulo; acham-nas absurdas, porque as julgam conforme

suas idéias, e não consoante a realidade, que desconhecem. Também não se deve julgar as manifestações pelo abuso ou pelas falsas aplicações que delas possam fazer algumas pessoas, assim como não seria racional julgar a religião pelos maus sacerdotes. Ora, para saber se há boa ou má aplicação de uma coisa, deve-se conhecê-la, não superficialmente, mas a fundo. Se fordes a um concerto para saber se a música é boa e se os músicos a executam bem, antes de tudo é preciso saibais música.

Isto posto, pode servir de base para apreciar o fato de que se trata. Censurariam a rainha se ela tivesse dito: “Senhores, o caso é grave, permiti que me recolha um instante e peça a Deus que me inspire na resolução que devo tomar?” O príncipe não é Deus, é verdade; mas como ela é piedosa, é provável que tenha pedido a Deus que inspirasse a resposta do príncipe, o que dá no mesmo. Ela o fez agir como intermediário, em razão da afeição que lhe tem.

As coisas podem ainda ter-se passado de outra maneira. Se, em vida do príncipe, a rainha tinha o hábito de nada fazer sem o consultar, morto ele, ela pergunta a sua opinião como se ele estivesse vivo, e não *porque seja um Espírito*, pois, para ela, ele não está morto; está sempre ao seu lado; é seu guia, seu conselheiro officioso; não há entre ambos senão um corpo de menos. Se o príncipe vivesse, ela teria feito o mesmo; assim, não há nenhuma mudança em seu modo de agir.

Agora, era boa ou má a política do príncipe-Espírito? É o que não nos cabe examinar. O que devemos refutar é a opinião daqueles a quem parece bizarro, pueril, estúpido mesmo, que uma pessoa de bom-senso possa crer na realidade de quem não tem mais corpo, porque lhes agrada pensar que eles próprios, quando estiverem mortos, não serão mais absolutamente nada. A seus olhos a rainha não praticou um ato mais sensato do que se tivesse dito: “Senhores, vou interrogar minhas cartas, ou um astrólogo.”

Se esse fato é de somenos importância para a política, o mesmo não se dá do ponto de vista espírita, pela repercussão que teve. Sem dúvida a rainha podia abster-se de dar o motivo de sua ausência e que tal era o conselho do príncipe. Dizê-lo numa circunstância tão solene era, de certa forma, confessar publicamente a crença nos Espíritos e em suas manifestações, e reconhecer-se médium. Ora, quando tal exemplo vem de uma cabeça coroadada, pode bem encorajar a opinião dos que estão menos altamente colocados.

Só podemos admirar a fecundidade dos meios empregados pelos Espíritos para obrigar os incrédulos a falar do Espiritismo e fazer sua idéia penetrar em todas as camadas da sociedade. Nesta circunstância, eles são obrigados a criticar com cautela.

PARTICIPAÇÃO ESPÍRITA

Recebemos do Havre uma participação de falecimento com esta subscrição:

“Rogamos

“Que Deus Todo-Poderoso e misericordioso e os *Espíritos bons* se dignem acolhê-la favoravelmente.”

“A carta trazia a menção: ‘Munida dos sacramentos da Igreja’.”

É a primeira vez, ao menos do nosso conhecimento, que semelhante profissão de fé pública tenha sido feita em semelhante circunstância. Deve-se ser grato à família pelo bom exemplo que acaba de dar. Em geral poucas pessoas, à exceção dos parentes mais próximos, levam em conta o pedido, contido na participação, de orar pelo defunto. Estamos convencidos de que todos os espíritos, mesmo estranhos à família, que a tiverem

recebido, terão considerado como um dever cumprir o voto aí expresso. Para eles a prece não é uma fórmula banal; sabem a influência que exerce, no momento da morte, sobre o desprendimento da alma.

O SR. HOME EM ROMA

(Conclusão)

A ordem que tinha sido dada ao Sr. Home pelas autoridades pontifícias, de deixar Roma em três dias, tinha sido revogada, como vimos em nosso último número. Mas não se reprime o medo e mudaram de idéia; a licença de permanência foi retirada definitivamente, obrigando o Sr. Home, sob a acusação de feitiçaria, a partir imediatamente. É bom dizer que as batidas e o levantamento da mesa durante o interrogatório, que tínhamos relatado em forma dubitativa, pois não tínhamos certeza, são exatos. Isto devia ser um motivo a mais para pensar que o Sr. Home trazia consigo o diabo a Roma, onde jamais havia penetrado, ao que parece. Ei-lo, pois, bem e devidamente convicto, pelo governo romano, de ser um feiticeiro; não um feiticeiro para rir, mas um verdadeiro feiticeiro, pois, do contrário, não teriam levado a coisa a sério. Tivemos sob os olhos o longo interrogatório a que o submeteram, e a leitura, pela forma das perguntas, levou-nos involuntariamente aos tempos de Joana d'Arc; só faltava o desfecho comum da época para essas espécies de acusação. Os jornais brincalhões admiram-se de que no século dezenove ainda acreditem em feiticeiros. É que há pessoas que dormem o sono de Epimênides há quatro séculos. Aliás, como não acreditaria o povo, quando sua existência é atestada pela autoridade que a deve conhecer melhor, já que mandou queimar tanta gente? É preciso ser céptico como um jornalista para não se render a uma prova tão evidente. O que é mais surpreendente é que se façam reviver os feiticeiros nos espíritas, logo eles que vêm provar, com as peças nas mãos, que não há feiticeiros nem maravilhoso, mas apenas leis naturais.

Instruções dos Espíritos

JACQUARD E VAUCANSON

Nota – O Sr. Leymaric, nosso colega, tendo certo dia levantado mais cedo que de costume e levado por uma força involuntária, sentiu-se induzido a escrever e obteve a seguinte dissertação espontânea:

Uma geração de operários amaldiçoou meu nome. Tinham razão? Estavam errados? Ah! o futuro deveria responder.

Eu tinha uma idéia fixa: a de aperfeiçoar e, sobretudo, economizar, suprimindo algumas mãos; como Vaucanson, eu queria simplificar o tear, que tomava a criança em baixa idade para dela fazer um pária singular, pálida, mirrada, débil, ar abobalhado, de linguagem burlesca, e que formava uma população à parte em minha cidade natal.

Meu Espírito vivia em contínua tensão; eu dormia para achar, ao despertar, um novo plano; em vez de imagens e sentimentos, meu pensamento era uma engrenagem, um cilindro, molas, polias, alavancas; em meus sonhos aparecia-me o meu anjo-da-guarda, que punha em movimento todas as minhas inspirações, todas as obras das mãos do homem. Haviam dito com razão: “Os mecânicos são os poetas da matéria.” As mais belas máquinas saíram prontas e acabadas do cérebro de um operário; as noções de mecânica que ele não possui, criou-as de novo; a paciência e a imaginação são os seus únicos recursos. Na verdade é uma inspiração dos Espíritos bons, desprezada pelas academias ou cientistas de profissão; mas não é menos certo que se Arquimedes e Vaucanson são os gênios da mecânica, os Virgílios, se quiserdes, não passam dessa paciência, aliada a uma viva imaginação, que cria todas as descobertas com que se honra a Humanidade; e isto por quem? Por monges, ceramistas, cardadores de lã, pastores, marinheiros, um operário da seda, um ferreiro ignorante.

Humilde operário, eu não era um gênio, mas, como tantos outros, um predestinado, chamado a simplificar um tear que amputava os membros, abreviando a vida de milhares de crianças. Suprimi um suplício físico; servindo à indústria, servi ao gênero humano.

Deve-se admirar a Providência, que se serve do pobre Jacquard para transformar um tear que alimenta milhares, que digo eu? milhões de homens na Terra; e é um inseto, cujo túmulo assalaria, transforma e nutre dois quintos do globo. Deus não é um mecânico maravilhoso? Criou o bicho da seda, esse engenhoso artista, no qual fez encontrar o mais vasto problema de economia política. Que ensinamento para os orgulhosos e os indiferentes!

Questão de máquinas! terrível questão! Cada invenção arranca a ferramenta e o pão de populações inteiras; o inventor é, pois, um inimigo próximo e um benfeitor distante; decuplica o poder da arte e da indústria; multiplica o trabalho no futuro; merece bem da Humanidade, mas, também, não causa um mal no presente? O primeiro inventor da máquina de fiar destruiu o recurso de muita gente. Quem fiava a matéria bruta senão a mãe de família, a pastora, as velhas? Por mínimo que fosse o seu salário, ao menos as vestia, as fazia viver de alguma maneira.

Semelhantes aos inventores de verdades religiosas, políticas ou morais, os inventores de máquinas revolucionam a matéria; precursores do futuro, abrem violentamente seu caminho através dos interesses, espezinhando o passado; assim, esperando uma recompensa longínqua, são amaldiçoados por seus concidadãos.

Pobre Humanidade! És estúpida se te deténs, cruel se avanças. Conforme Deus, não deves ficar estacionária, se não quiseses perpetuar o mal; mas, para fazer o bem, és revolucionária a despeito de tudo.

E é por isto que neste tempo de transição Deus vos diz: Sede espíritas, isto é, profundamente imbuídos de iniciativa moral e desinteressada, isto é, prestes a todos os sacrifícios, a fim de que vossa assistência se realize.

Como o bicho da seda, rastejei penosamente, sustentado pelos Espíritos bons; como ele, construi o meu casulo, dando tudo o que tinha; como ele, meus contemporâneos me desprezaram; mas, também, como ele, o Espírito renasce das cinzas para viver verdadeiramente e admirar esse mecânico dos mundos, esse Deus de luz e de bondade, que quis mostrar à minha cidade natal esse Espírito de verdade que a vivifica e a consola.

Jacquard

Depois de lida esta comunicação na Sociedade de Paris, na sessão de 12 de fevereiro de 1864, evocou-se o Espírito Jacquard, ao qual foram dirigidas as perguntas que se seguem, com as seguintes respostas.

**(Sociedade Espírita de Paris, 12 de fevereiro de 1864
– Médiun: Sr. Leymarie)**

Pergunta – Sem dúvida já deveis ter dado comunicações em Lyon; no entanto, não me lembro de ter visto comunicações vossas. Como foi que viestes dar a dissertação, que acabamos de ler, ao Sr. Leymarie, em Paris, e não em um dos centros espíritas de Lyon? Por que o Sr. Leymarie foi, de certo modo, constrangido a levantar-se bem cedo para escrever a comunicação? Enfim, que pensais do Espiritismo em Lyon?

Resposta – É natural que me tenha comunicado tanto em Paris quanto em minha cidade natal, porque os pais do médium são lioneses e, particularmente, porque conheci o seu avô, que me prestou importante serviço em circunstância excepcional. E depois, o médium me foi designado pelo Espírito de seu avô, que realiza no mundo dos Espíritos uma missão idêntica à minha. E como essa

missão me deixa alguns instantes livres, julguei não abusar do sono do médium, cujo devotamento, como o de tantos outros, é dedicado à causa a que serve.

Também desejava que meus compatriotas tivessem notícias minhas pela *Revista Espírita*. Estando sempre junto a eles, partilhando de suas alegrias e tristezas, não cessando de lhes dizer: “Amái-vos e vos estimai”, eu queria, unindo a minha a outras vozes mais influentes, estimulá-los, nesse momento de desemprego e de dificuldade, a se prepararem contra as eventualidades, contra o inimigo.

Por Lyon podeis compreender o que pode o Espiritismo interpretado com bom-senso. Em que se tornaram as violências do passado, essas recriminações injustas, essas rebeliões que ensangüentaram a colméia lionesa? E esses cabarés, outrora testemunhas de cenas licenciosas, por que hoje se esvaziam? É que a família retomou seus direitos por toda parte onde penetrou o Espiritismo e se fez sentir a sua influência benéfica; e por toda parte os operários espíritas retornaram à esperança, à ordem, ao trabalho inteligente, ao desejo de bem fazer, à vontade de progredir.

Em meu tempo foi a minha invenção que, não mais tornando o tecelão escravo da máquina, pôde regenerar todo um mundo de trabalhadores; e, por sua vez, é o Espiritismo que transforma o espírito dessa população, dando-lhe a verdadeira iniciação à vida; é toda uma legião de Espíritos bons que vêm abrir os olhos à inteligência e ao amor corações até então pervertidos.

Hoje o Espiritismo entra em nova fase, pois é tempo das aspirações generosas. A burguesia, ainda submetida ao alto clero, fica como espectadora do combate pacífico que a idéia nova oferece ao *non possumus* do passado. E todos esperam o fim da batalha, a fim de se colocarem ao lado dos vencedores.

Assim, caros compatriotas, escutai e segui os conselhos de Allan Kardec: são os de vossos Espíritos protetores. É por eles que afastareis o perigo das colisões e, mesmo, das coalizões. Quanto mais humildes e sérios, tanto mais fortes sereis. Os arrogantes arriarão a bandeira diante da verdade que os ofuscará; é então que se dará a transformação espiritual dessa grande cidade, que todos amamos e que quer bem particularmente à Sociedade Espírita de Paris, por sua fé no futuro e as boas esperanças que soube realizar.

Jacquard

Na mesma sessão, enquanto Jacquard escrevia a comunicação que acabamos de ler, outro médium, o Sr. d'Ambel, obtinha outra sobre o mesmo assunto, assinada pelo Espírito Vaucanson.

OBJETIVO FINAL DO HOMEM NA TERRA

Outrora os homens eram atrelados à charrua e sacrificados em trabalhos gigantescos. A construção das muralhas da Babilônia, onde vários carros marchavam lado a lado, a edificação das Pirâmides e a instalação da Esfinge custaram mais de dez batalhas sangrentas. Mais tarde os animais foram subjugados juntamente com os homens e vimos, na jovem Lutécia, bois atrelados arrastarem o carro onde se refestelavam os reis indolentes da segunda raça.

Este preâmbulo tem por objetivo mostrar aos que nos ouvem, que todas as perguntas feitas neste simpático centro aos Espíritos têm sua solução, por um ou outro de nós. Esse caro Jacquard, essa glória do tear, esse artesão engenhoso que caiu como um valente soldado no campo de honra do trabalho, tratou um lado das questões econômicas que se ligam ao labor humanitário. Ele me pôs um pouco em causa; falando das modificações que eu tinha feito na arte do tecelão, chamou-me, a bem dizer, para fazer a

minha parte nesse concerto espiritual. Eis por que, encontrando entre vós um médium, como eu nascido na velha cidade dos Allobroges, esta rainha do Grésivaudan, dele me apodero com a permissão de seus guias habituais e venho completar por uma parte a exposição que meu ilustre amigo de Lyon vos deu por outro médium.

Em sua dissertação, aliás muito notável, ainda exprime certas queixas que, sob o inventor, descobrem o operário cioso de seu ganha-pão e temeroso do desemprego homicida; sente-se que o pai de família se apavora com a suspensão do trabalho, do qual depende a vida dos seus; adivinha-se o cidadão que freme ante o desastre que pode atingir a maioria de seus compatriotas. Na verdade esse sentimento é dos mais honrosos, mas denota um ponto de vista de certa estreiteza. Venho tratar da mesma questão que Jacquard, se não mais largamente que ele, ao menos de um ponto de vista mais geral. Contudo, devo constatar, para homenagear a quem de direito, que a generosa conclusão da comunicação de meu amigo resgata amplamente o lado defeituoso que assinalo.

O homem não foi feito para ficar como instrumento ininteligente de produções; por suas aptidões e seu lugar na Criação, por seu destino, é chamado a outra função, além da máquina, a um outro papel, que não o do cavalo de carrossel; deve, nos limites fixados por seu adiantamento, chegar a produzir cada vez mais intelectualmente e, enfim, emancipar-se desse estado de servilismo e de engrenagem sem inteligência, a que, durante tantas gerações, ficou escravizado. O operário é chamado a tornar-se engenheiro, a ver seus braços laboriosos substituídos por máquinas mais ativas, mais infatigáveis e mais precisas; o artesão deve tornar-se artista e conduzir o trabalho mecânico por um esforço do seu pensamento, e não mais por um esforço braçal. Aí está a prova irrecusável desta lei tão vasta do progresso, que rege todas as humanidades.

Agora que vos é permitido entrever, por uma escapadela na vida futura, a verdade dos destinos humanos; agora que estais convencidos de que esta existência não passa de um dos elos de vossa vida imortal, podeis exclamar: Que importa que cem mil indivíduos sucumbam, quando uma máquina foi descoberta para fazer o trabalho desses cem mil? Para o filósofo, que se eleva acima dos preconceitos e interesses terrenos, o fato prova, com muita singeleza, que o homem não estava mais em seu caminho, quando se consagrava a esse labor condenado pela Providência. Com efeito, é no âmbito de sua inteligência que o homem, doravante, deve fazer passar a grade e a charrua que fecundam; é unicamente por sua inteligência que poderá e deverá chegar ao melhor.

Rogo que não deis às minhas palavras um sentido por demais revolucionário; não! Mas deixai-lhes o sentido largo e superior, que comporta um ensinamento espírita, que se dirige a inteligências já avançadas e prontas a compreender todo o alcance de nossas instruções. Está provado que, se de hoje para amanhã, o artesão abandonasse o tear que o faz viver, sob pretexto de que, num dado momento, este seria substituído por um mecanismo ou qualquer outro invento, por certo seguiria uma via fatal e contrária a todas as lições dadas pelo Espiritismo.

Mas todas as nossas reflexões não têm senão um objetivo: demonstrar que ninguém deve gritar contra um progresso que substitui braços humanos por molas e engrenagens mecânicas. Além disso, é bom acrescentar que a Humanidade pagou largo preço à miséria e que, penetrando cada vez mais em todas as camadas sociais, a instrução tornará cada indivíduo mais e mais apto para funções inteligentemente chamadas liberais.

É difícil a um Espírito, que se comunica pela primeira vez a um médium, exprimir seu pensamento com muita clareza. Assim, relevareis o desconcerto de minha comunicação, cuja conclusão aqui está em duas palavras: O homem é um agente espiritual que deve chegar, num tempo não muito distante, a

submeter ao seu serviço e para todas as operações materiais a própria matéria, dando-lhe por único motor a inteligência, que desabrocha nos cérebros humanos.

Vaucanson

Notas Bibliográficas

ANNALI DELLO SPIRITISMO IN ITALIA

(Anais do Espiritismo na Itália)

Sob esse título, a Sociedade Espírita de Turim começou uma publicação mensal, da qual recebemos os dois primeiros números. O objetivo eminentemente sério que se propõe essa sociedade, o talento e as luzes de seus membros, fazem bem augurar da direção que será dada a este novo órgão da doutrina. Graças a isto, e em razão do que está escrito em língua nacional, o Espiritismo fará seu caminho na Itália, onde já conta numerosas simpatias. A sociedade e seu jornal arvoraram claramente a bandeira da Sociedade de Paris. A seguinte passagem, traduzida do primeiro número, é uma espécie de profissão de fé, que indica suficientemente o espírito que preside à redação.

“...Aquele, pois, que quiser entregar-se ao estudo do Espiritismo comece, antes de tentar experiências, por ler as obras que tratam da matéria e a estudá-las atentamente, para não fazer como o viajor que, atravessando um país desconhecido, sem guia nem conselhos, a cada passo corre o risco de perder-se. E porque outros já aplainaram o terreno, quer a razão que se esclareçam por seus estudos, a fim de aprenderem a maneira de distinguir os Espíritos bons dos maus, e para saber como se deve agir, a fim de livrar-se destes últimos, não se deixar levar por seus embustes, nem serem vítimas dos males que daí pudessem resultar.

“Para isto recomendam-se como da mais alta utilidade as obras escritas em francês por um infatigável e sábio espírita, o Sr.

Allan Kardec, nas quais não se sabe o que mais louvar: se a retidão das intenções e a grandeza da filosofia, ou a clareza do estilo. Entre essas obras, as principais e as primeiras a ler são *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*. No primeiro se acha a teoria filosófica revelada, como o afirma o autor, pelos Espíritos superiores; e no segundo um tratado completo da prática do Espiritismo e a maneira de adquirir, se possível, a faculdade mediúnica.

“Mas nenhuma destas obras está ainda traduzida em italiano. E mesmo que estivessem, sua extensão seria um obstáculo a muita gente que as quisesse abordar. O próprio autor sentiu esta dificuldade, razão por que resumiu a parte essencial de *O Livro dos Espíritos* num opúsculo intitulado: *O Espiritismo na sua expressão mais simples*, o qual foi traduzido em nossa língua e publicado em Turim. Pode dizer-se que essa tradução deu a volta em toda a península, tendo sido vendido grande número de exemplares em todas as cidades da Itália.

“Mas como o autor não fez um resumo de *O Livro dos Médiuns*, e enquanto esperamos que o livro completo possa ser traduzido em italiano, tivemos a idéia de publicar uma síntese que, se não pode comparar-se ao de Allan Kardec, ao menos contém as principais advertências de primeira necessidade para os que tencionam aplicar-se ao estudo do Espiritismo prático. Esperamos que seja suficiente para indicar o caminho a seguir para conseguir pôr-se em relação com os Espíritos bons e afastar os inferiores e perversos.

“Estudado com pureza de sentimento, o Espiritismo pode tornar-se fonte das mais doces consolações para todos os homens de bem e desejosos do progresso.”

Um novo jornal acaba de surgir em Bordeaux, sob o título de: *O Salvador dos Povos, jornal do Espiritismo, propagador da unidade fraterna*. Diretor-gerente: A. Lefraise. Aparece

semanalmente. O título promete muito e impõe grandes obrigações, pois hoje já não basta a etiqueta. Tornaremos a falar dele quando tivermos podido apreciar a maneira pela qual se justificará. Se vier trazer uma pedra útil ao edifício, se vier, como diz, unir em vez de dividir, se a verdadeira caridade de palavras e de ação é seu guia para seus irmãos em crença, se a sua polêmica com os adversários de nossa doutrina não se afastar dos limites da moderação e de uma discussão leal, será bem-vindo e seremos felizes de o encorajar e o apoiar.

Uma nova obra do Sr. Allan Kardec, mais ou menos do mesmo volume de *O Livro dos Espíritos*, está no prelo desde dezembro. Deveria aparecer em fevereiro, mas atrasos involuntários na impressão, e os cuidados que esta exige, não o permitiram. Tudo nos faz esperar que poderemos anunciar a sua venda no próximo número. Destina-se a substituir a obra anunciada sob o título: *As vozes do mundo invisível*, cujo plano primitivo foi radicalmente mudado.

Necrológio

SR. P.-F. MATHIEU

(Antigo farmacêutico-chefe do Exército, membro de
várias sociedades científicas)

Morto em 12 de fevereiro de 1864, o Sr. Mathieu era muito conhecido no mundo espírita parisiense, onde freqüentava várias reuniões, nas quais tomava parte ativa. Tinha-se ocupado dos fenômenos espíritas desde a sua origem; conhecemo-lo quando fazíamos nossos primeiros trabalhos preliminares. A natureza de seu espírito o levava à dúvida e, muito tempo depois de ele mesmo ter experimentado, por meio da prancheta, recusava-se a reconhecer a ação dos Espíritos. Depois suas idéias se modificaram

e, nos últimos tempos, já não se mostrava tão radicalmente contrário à reencarnação. O Sr. Mathieu só dificilmente admitia, e com o tempo, o que não estivesse em suas idéias. Mas não era um adversário sistemático e, embora não partilhasse inteiramente as doutrinas expostas em *O Livro dos Espíritos*, devemos render-lhe justiça, pois, em sua polêmica, jamais se afastou dos limites da mais perfeita conveniência. Sua doçura e a honorabilidade de seu caráter o fizeram estimar e lamentar por todos os que o conheceram. Morreu no momento em que dava a última mão a uma importante obra sobre os convulsionários, que os Srs. Didier & Cia acabam de editar.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

ABRIL DE 1864

Nº 4

Bibliografia

À VENDA

Imitação do Evangelho

SEGUNDO O ESPIRITISMO⁴

Contendo a explicação das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e sua aplicação às diversas circunstâncias da vida.

Por ALLAN KARDEC

Com esta epígrafe: “Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.”

Abstemo-nos de qualquer reflexão sobre esta obra, limitando-nos a extrair da introdução a parte que indica o seu objetivo.

“Podem dividir-se em quatro partes as matérias contidas nos Evangelhos: *os atos comuns da vida do Cristo; os milagres;*

⁴ Um vol. grande in-12. Livraria dos Srs. Didier & Cia, 35, quai des Grands-Augustins; Ledoyen, no Palais-Royal, no escritório da *Revista Espírita*. Preço: 3 fr. 50 c.

as predições; e o ensino moral. As três primeiras partes têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda parte se originaram das questões dogmáticas. Aliás, se o discutissem, nele teriam as seitas encontrado sua própria condenação, visto que, na maioria, elas se agarram mais à parte mística do que à parte moral, que exige de cada um a reforma de si mesmo. Para os homens, em particular, constitui aquele código uma regra de proceder que abrange todas as circunstâncias da vida privada e da vida pública, o princípio básico de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça. É finalmente e acima de tudo, o roteiro infalível para a felicidade vindoura, o levantamento de uma ponta do véu que nos oculta a vida futura. Essa parte é a que será objeto exclusivo desta obra.

“Toda a gente admira a moral evangélica; todos lhe proclamam a sublimidade e a necessidade; muitos, porém, assim se pronunciam por fé, confiados no que ouviram dizer, ou firmados em certas máximas que se tornaram proverbiais. Poucos, no entanto, a conhecem a fundo e menos ainda são os que a compreendem e lhe sabem deduzir as conseqüências. A razão está, em grande parte, na dificuldade que apresenta o entendimento do Evangelho que, para o maior número dos seus leitores, é ininteligível. A forma alegórica e o intencional misticismo da linguagem fazem que a maioria o leia por desencargo de consciência e por dever, como lêem as preces, sem as entender, isto é, sem proveito. Passam-lhes despercebidos os preceitos morais, disseminados aqui e ali, intercalados na massa das narrativas. Impossível, então, se lhes apanhar o conjunto e tomá-los para objeto de leitura e meditações especiais.

“É certo que tratados já se hão escrito de moral evangélica; mas, o arranjo em moderno estilo literário lhe tira a primitiva simplicidade que, ao mesmo tempo, lhe constitui o encanto e a autenticidade. Outro tanto cabe dizer-se das máximas destacadas e reduzidas à sua mais simples expressão proverbial. Desde logo, já não passam de aforismos, privados de uma parte do seu valor e interesse, pela ausência dos acessórios e das circunstâncias em que foram enunciadas.

“Para obviar a esses inconvenientes, reunimos, nesta obra, os artigos que podem compor, a bem dizer, um código de moral universal, sem distinção de culto. Nas citações, conservamos o que é útil ao desenvolvimento da idéia, pondo de lado unicamente o que se não prende ao assunto. Além disso, respeitamos escrupulosamente a tradução original de Sacy, assim como a divisão em versículos. Em vez, porém, de nos atermos a uma ordem cronológica impossível e sem vantagem real para o caso, grupamos e classificamos metodicamente as máximas, segundo as respectivas naturezas, de modo que decorram umas das outras, tanto quanto possível. A indicação dos números de ordem dos capítulos e dos versículos permite se recorra à classificação vulgar, em sendo oportuno.

“Esse, entretanto, seria um trabalho material que, por si só, apenas teria secundária utilidade. O essencial era pô-lo ao alcance de todos, mediante a explicação das passagens obscuras e o desdobramento de todas as conseqüências, tendo em vista a aplicação dos ensinamentos a todas as condições da vida. Foi o que tentamos fazer, com a ajuda dos Espíritos bons que nos assistem.

“Muitos pontos dos Evangelhos, da Bíblia e dos autores sacros em geral só são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais, por falta da chave que faculte se lhes apreenda o verdadeiro sentido. Essa chave está completa no Espiritismo, como já o puderam reconhecer os que o têm estudado seriamente e como todos, mais tarde, ainda melhor o reconhecerão. O

Espiritismo se nos depara por toda parte na antiguidade e nas diferentes épocas da Humanidade. Por toda parte se lhe descobrem os vestígios: nos escritos, nas crenças e nos monumentos. Essa a razão por que, ao mesmo tempo que rasga horizontes novos para o futuro, projeta luz não menos viva sobre os mistérios do passado.

“Como complemento de cada preceito, acrescentamos algumas instruções escolhidas, dentre as que os Espíritos ditaram em vários países e por diferentes médiuns. Se elas fossem tiradas de uma fonte única, houveram talvez sofrido uma influência pessoal ou a do meio, enquanto a diversidade de origens prova que os Espíritos dão indistintamente seus ensinamentos e que ninguém a esse respeito goza de qualquer privilégio.

“Esta obra é para uso de todos. Dela podem todos haurir os meios de conformar com a moral do Cristo o respectivo proceder. Aos espíritas oferece aplicações que lhes concernem de modo especial. Graças às relações estabelecidas, doravante e permanentemente, entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, que os próprios Espíritos ensinaram a todas as nações, já não será letra morta, porque cada um a compreenderá e se verá incessantemente compelido a pô-la em prática, a conselho de seus guias espirituais. As instruções que promanam dos Espíritos são verdadeiramente *as vozes do céu* que vêm esclarecer os homens e convidá-los *à imitação do Evangelho*.”

Autoridade da Doutrina Espírita

CONTROLE UNIVERSAL DO ENSINO DOS ESPÍRITOS⁵

Já abordamos esta questão em nosso último número, a propósito de um artigo especial (da perfeição dos seres criados); mas ela é de tal gravidade e tem conseqüências tão importantes

5 N. do T.: Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, introdução, item II.

para o futuro do Espiritismo, que julgamos dever tratá-la de maneira mais completa.

Se a Doutrina Espírita fosse de concepção puramente humana, não ofereceria por penhor senão as luzes daquele que a houvesse concebido. Ora, ninguém, neste mundo, poderia alimentar fundadamente a pretensão de possuir, com exclusividade, a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelaram se houvessem manifestado a um só homem, nada lhe garantiria a origem, porquanto fora mister acreditar, sob palavra, naquele que dissesse ter recebido deles o ensino. Admitida, de sua parte, sinceridade perfeita, quando muito poderia ele convencer as pessoas de suas relações; conseguiria sectários, mas nunca chegaria a congregar todo o mundo.

Quis Deus que a nova revelação chegasse aos homens por caminho mais rápido e mais autêntico. Incumbiu, pois, os Espíritos de levá-la de um pólo a outro, manifestando-se por toda parte, sem conferir a ninguém o privilégio de lhes ouvir a palavra. Um homem pode ser ludibriado, pode enganar-se a si mesmo; já não será assim, quando milhões de criaturas vêem e ouvem a mesma coisa. Constitui isso uma garantia para cada um e para todos. Ao demais, pode fazer-se que desapareça um homem; mas não se pode fazer que desapareçam as coletividades; podem queimar-se os livros, mas não se podem queimar os Espíritos. Ora, queimassem-se todos os livros e a fonte da doutrina não deixaria de conservar-se inexaurível, pela razão mesma de não estar na Terra, de surgir em todos os lugares e de poderem todos dessedentar-se nela. Faltem os homens para difundi-la: haverá sempre os Espíritos, cuja atuação a todos atinge e aos quais ninguém pode atingir.

São, pois, os próprios Espíritos que fazem a propagação, com o auxílio dos inúmeros médiuns que, também eles, os Espíritos, vão suscitando de todos os lados. Se tivesse havido unicamente um intérprete, por mais favorecido que fosse, o

Espiritismo mal seria conhecido. Qualquer que fosse a classe a que pertencesse, tal intérprete houvera sido objeto das prevenções de muita gente e nem todas as nações o teriam aceitado, ao passo que os Espíritos se comunicam em todos os pontos da Terra, a todos os povos, a todas as seitas, a todos os partidos, e todos os aceitam. O Espiritismo não tem nacionalidade e não faz parte de nenhum culto existente; nenhuma classe social o impõe, visto que qualquer pessoa pode receber instruções de seus parentes e amigos de alémtúmulo. Cumpra seja assim, para que ele possa conduzir todos os homens à fraternidade. Se não se mantivesse em terreno neutro, alimentaria as dissensões, em vez de apaziguá-las.

Nessa universalidade do ensino dos Espíritos reside a força do Espiritismo e, também, a causa de sua tão rápida propagação. Enquanto a palavra de um só homem, mesmo com o concurso da imprensa, levaria séculos para chegar ao conhecimento de todos, milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente em todos os recantos do planeta, proclamando os mesmos princípios e transmitindo-os aos mais ignorantes, como aos mais doutos, a fim de que não haja deserdados. É uma vantagem de que não gozara ainda nenhuma das doutrinas surgidas até hoje. Se o Espiritismo, portanto, é uma verdade, não teme o malquerer dos homens, nem as revoluções morais, nem as subversões físicas do globo, porque nada disso pode atingir os Espíritos.

Não é essa, porém, a única vantagem que lhe decorre da sua excepcional posição. Ela lhe faculta inatacável garantia contra todos os cismas que pudessem provir, seja da ambição de alguns, seja das contradições de certos Espíritos. Tais condições, não há negar, são um escolho, mas que traz consigo o remédio, ao lado do mal.

Sabe-se que os Espíritos, em virtude da diferença entre as suas capacidades, longe se acham de estar, individualmente considerados, na posse de toda a verdade; que nem a todos é dado

penetrar certos mistérios; que o saber de cada um deles é proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares mais não sabem do que muitos homens e até menos que certos homens; que entre eles, como entre estes, há presunçosos e pseudo-sábios, que julgam saber o que ignoram; sistemáticos, que tomam por verdades as suas idéias; enfim, que só os Espíritos da categoria mais elevada, os que já estão completamente desmaterializados, se encontram despidos das idéias e preconceitos terrenos; mas, também é sabido que os Espíritos enganadores não têm escrúpulo em tomar nomes que lhes não pertencem, para impingirem suas utopias. Daí resulta que, com relação a tudo o que seja fora do âmbito do ensino exclusivamente moral, as revelações que cada um possa receber terão caráter individual, sem cunho de autenticidade; que devem ser consideradas opiniões pessoais de tal ou qual Espírito e que imprudente fora aceitá-las e propagá-las levemente como verdades absolutas.

O primeiro controle é, sem contradita, o da razão, ao qual cumpre se submeta, sem exceção, tudo o que venha dos Espíritos. Toda teoria em manifesta contradição com o bom-senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura. Incompleto, porém, ficará esse exame em muitos casos, por efeito da falta de luzes de certas pessoas e das tendências de não poucas a tomar as próprias opiniões como juízes únicos da verdade. Assim sendo, que hão de fazer aqueles que não depositam confiança absoluta em si mesmos? Buscar o parecer da maioria e tomar por guia a opinião desta. De tal modo é que se deve proceder em face do que digam os Espíritos, que são os primeiros a nos fornecer os meios de consegui-lo.

A concordância no que ensinam os Espíritos é, pois, a melhor comprovação. Importa, no entanto, que ela se dê em determinadas condições. A mais fraca de todas ocorre quando um médium, a sós, interroga muitos Espíritos acerca de um ponto

duvidoso. É evidente que, se ele estiver sob o império de uma obsessão, ou lidando com um Espírito mistificador, este lhe pode dizer a mesma coisa sob diferentes nomes. Tampouco garantia alguma suficiente haverá na conformidade que apresente o que se possa obter por diversos médiuns, num mesmo centro, porque podem estar todos sob a mesma influência.

Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares.

Vê-se bem que não se trata aqui das comunicações referentes a interesses secundários, mas do que respeita aos mesmos princípios da doutrina. Prova a experiência que, quando um princípio novo tem de ser anunciado, isso se dá *espontaneamente* em diversos pontos ao mesmo tempo e de modo idêntico, se não quanto a forma, quanto ao fundo.

Se, portanto, aprouver a um Espírito formular um sistema excêntrico, baseado unicamente nas suas idéias e com exclusão da verdade, pode ter-se a certeza de que tal sistema conservar-se-á *circunscrito* e cairá, diante das instruções dadas de todas as partes, conforme os múltiplos exemplos que já se conhecem. Foi essa unanimidade que pôs por terra todos os sistemas parciais que surgiram na origem do Espiritismo, quando cada um explicava à sua maneira os fenômenos, e antes que se conhecessem as leis que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível.

Essa a base em que nos apoiamos, quando formulamos um princípio da doutrina. Não é porque esteja de acordo com as nossas idéias que o temos por verdadeiro. Não nos arvoramos, absolutamente, em árbitro supremo da verdade e a ninguém dizemos: “Crede em tal coisa, porque somos nós que vo-lo

dizemos.” A nossa opinião não passa, aos nossos próprios olhos, de uma opinião pessoal, que pode ser verdadeira ou falsa, visto não nos considerarmos mais infalíveis do que qualquer outro. Também não é porque um princípio nos foi ensinado que, para nós, ele exprime a verdade, mas porque recebeu a sanção da concordância.

Esse controle universal constitui uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. Aí é que, no porvir, se encontrará o critério da verdade. O que deu lugar ao êxito da doutrina exposta em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns* foi que em toda a parte todos receberam diretamente dos Espíritos a confirmação do que esses livros contêm. Se de todos os lados tivessem vindo os Espíritos contradizê-la, já de há muito haveriam aquelas obras experimentado a sorte de todas as concepções fantásticas. Nem mesmo o apoio da imprensa as salvaria do naufrágio, ao passo que, privadas como se viram desse apoio, não deixaram de abrir caminho e de avançar celeremente. É que tiveram o dos Espíritos, cuja boa vontade não só compensou, como também sobrepujou o malquerer dos homens. Assim sucederá a todas as idéias que, emanando quer dos Espíritos, quer dos homens, não possam suportar a prova desse confronto, cuja força a ninguém é lícito contestar.

Suponhamos praza a alguns Espíritos ditar, sob qualquer título, um livro em sentido contrário; suponhamos mesmo que, com intenção hostil, objetivando desacreditar a doutrina, a malevolência suscitasse comunicações apócrifas; que influência poderiam exercer tais escritos, desde que de todos os lados os desmentissem os Espíritos? É com a adesão destes que se deve garantir aquele que queira lançar, em seu nome, um sistema qualquer. Do sistema de um só ao de todos, medeia a distância que vai da unidade ao infinito. Que poderão conseguir os argumentos dos detratores, sobre a opinião das massas, quando milhões de vozes amigas, provindas do Espaço, se façam ouvir em todos os

recantos do Universo e no seio das famílias, a infirmá-los? A esse respeito já não foi a teoria confirmada pela experiência. Que é feito das inúmeras publicações que traziam a pretensão de arrasar o Espiritismo? Qual a que, sequer, lhe retardou a marcha? Até agora, não se considera a questão desse ponto de vista, sem contestação um dos mais graves. Cada um contou consigo, sem contar com os Espíritos.

De tudo isso ressalta uma verdade capital: a de que aquele que quisesse opor-se à corrente de idéias estabelecida e sancionada poderia, é certo, causar uma pequena perturbação local e momentânea; nunca, porém, dominar o conjunto, mesmo no presente, nem, ainda menos, no futuro.

Também ressalta que as instruções dadas pelos Espíritos sobre os pontos ainda não elucidados da Doutrina não constituirão lei, enquanto essas instruções permanecerem insuladas; que elas não devem, por conseguinte, ser aceitas senão sob todas as reservas e a título de esclarecimento.

Daí a necessidade da maior prudência em dar-lhes publicidade; e, caso se julgue conveniente publicá-las, importa não as apresentar senão como opiniões individuais, mais ou menos prováveis, porém, carecendo sempre de confirmação. Essa confirmação é que se precisa aguardar, antes de apresentar um princípio como verdade absoluta, a menos se queira ser acusado de leviandade ou de credulidade irrefletida.

Com extrema sabedoria procedem os Espíritos superiores em suas revelações. Não atacam as grandes questões da Doutrina senão gradualmente, à medida que a inteligência se mostra apta a compreender verdade de ordem mais elevada e quando as circunstâncias se revelam propícias à emissão de uma idéia nova. Por isso é que logo de princípio não disseram tudo, e tudo ainda hoje não disseram, jamais cedendo à impaciência dos

mais afoitos, que querem os frutos antes de estarem maduros. Fora, pois, supérfluo pretender adiantar-se ao tempo que a Providência assinou para cada coisa, porque, então, os Espíritos verdadeiramente sérios negariam o seu concurso. Os Espíritos levianos, pouco se preocupando com a verdade, a tudo respondem; daí vem que, sobre todas as questões prematuras, há sempre respostas contraditórias.

Os princípios acima não resultam de uma teoria pessoal: são consequência forçada das condições em que os Espíritos se manifestam. É evidente que, se um Espírito diz uma coisa de um lado, enquanto milhões de outros dizem o contrário algures, a presunção de verdade não pode estar com aquele que é o único ou quase o único de tal parecer. Ora, pretender alguém ter razão contra todos seria tão ilógico da parte dos Espíritos, quanto da parte dos homens. Os Espíritos verdadeiramente ponderados, se não se sentem suficientemente esclarecidos sobre uma questão, *nunca* a resolvem de modo absoluto; declaram que apenas a tratam do seu ponto de vista e aconselham que se guarde a confirmação.

Por grande, bela e justa que seja uma idéa, impossível é que desde o primeiro momento congregue todas as opiniões. Os conflitos que daí decorrem são consequência inevitável do movimento que se opera; eles são mesmo necessários para maior realce da verdade e convém se produzam desde logo, para que as idéias falsas prontamente sejam postas de lado. Os espíritas que a esse respeito alimentassem qualquer temor podem ficar perfeitamente tranqüilos: todas as pretensões insuladas cairão, pela força mesma das coisas, diante do enorme e poderoso critério da concordância universal.

Não será à opinião de um homem que se aliarão os outros, mas à voz unânime dos Espíritos; não será um homem, *nem nós, nem qualquer outro* que fundará a ortodoxia espírita; tampouco será um Espírito que se venha impor a quem quer que seja: será a

universalidade dos Espíritos que se comunicam em toda a Terra, por ordem de Deus. Esse o caráter essencial da Doutrina Espírita; essa a sua força, a sua autoridade. Quis Deus que a sua lei assentasse em base inamovível e por isso não lhe deu por fundamento a cabeça frágil de um só.

Diante de tão poderoso areópago, onde não se conhecem camarilhas, nem rivalidades ciosas, nem seitas, nem nações, é que virão quebrar-se todas as oposições, todas as ambições, todas as pretensões à supremacia individual; é que nos quebraríamos nós mesmos, se quiséssemos substituir os seus decretos soberanos pelas nossas próprias idéias. Só Ele decidirá todas as questões litigiosas, imporá silêncio às dissidências e dará razão a quem a tenha. Diante desse imponente acordo de todas *as vozes do Céu*, que pode a opinião de um homem ou de um Espírito? menos do que a gota d'água que se perde no oceano, menos do que a voz da criança que a tempestade abafa.

A opinião universal, eis o juiz supremo, o que se pronuncia em última instância. Formam-na todas as opiniões individuais. Se uma destas é verdadeira, apenas tem na balança o seu peso relativo. Se é falsa, não pode prevalecer sobre todas as demais. Nesse imenso concurso, as individualidades se apagam, o que constitui novo insucesso para o orgulho humano.

Já se desenha o harmonioso conjunto. Este século não passará sem que ele resplandeça em todo o seu brilho, de modo a dissipar todas as incertezas, porquanto daqui até lá potentes vozes terão recebido a missão de se fazerem ouvir, para congregar os homens sob a mesma bandeira, uma vez que o campo se ache suficientemente lavrado. Enquanto isso não se dá, aquele que flutue entre dois sistemas opostos pode observar em que sentido se forma a opinião geral; essa será a indicação certa do sentido em que se pronuncia a maioria dos Espíritos, nos diversos pontos em que se comunicam, e um sinal não menos certo de qual dos dois sistemas prevalecerá.

Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritas

Esta instrução é feita visando, sobretudo, pessoas que nenhuma noção possuem do Espiritismo, e às quais se quer dar uma idéia sucinta em poucas palavras. Nos grupos ou reuniões espíritas, onde se acham assistentes novatos, ela pode servir utilmente de preâmbulo às sessões, conforme as necessidades.

As pessoas estranhas ao Espiritismo, não compreendendo nem o seu objetivo nem os seus meios, quase sempre fazem dele uma idéia completamente falsa. O que lhes falta, sobretudo, é o conhecimento do princípio, a chave primeira do fenômeno; em falta disto, o que elas vêem e ouvem é sem proveito e sem interesse. É fato constatado pela experiência que a simples vista ou o relato dos fenômenos não basta para convencer. Aquele mesmo que testemunha fatos capazes de o confundir, fica mais admirado que convencido; quanto mais extraordinário lhe parece o efeito, tanto mais o suspeita. Um estudo prévio, sério, é o único meio de levar à convicção; muitas vezes mesmo isto basta para mudar inteiramente o curso das idéias. Em todo o caso, ele é indispensável para a inteligência dos mais simples fenômenos. Na falta de uma instrução completa, que não pode ser dada em algumas palavras, um resumo sucinto da lei que rege as manifestações bastará para fazer considerar a coisa sob sua verdadeira luz pelas pessoas ainda não iniciadas. É a primeira baliza que damos na breve instrução a seguir. Todavia, é necessária uma observação prévia.

Em geral os incrédulos são inclinados a suspeitar da boa-fé dos médiuns e supor o emprego de meios fraudulentos. Além de injuriosa em relação a certas pessoas, é preciso, antes de tudo, perguntar qual o interesse que estas poderiam ter em enganar e representar, ou fazer representar uma comédia. A melhor garantia

de sinceridade está no desinteresse absoluto, pois onde nada há a ganhar, o charlatanismo não tem razão de ser.

Quanto à realidade dos fenômenos, cada um pode constatar-la, se se colocar em condições favoráveis e se trazer à observação dos fatos a paciência, a perseverança e a imparcialidade necessárias.

1 – O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais decorrentes dessas relações.

2 – Os Espíritos não são, como muitas vezes os imaginam, seres à parte na Criação; são as almas dos que viveram na Terra ou em outros mundos. As almas ou Espíritos são, pois, uma só e mesma coisa; donde se segue que quem quer que creia na existência da alma, por isso mesmo crê na dos Espíritos.

3 – Geralmente fazem uma idéia muito falsa do estado dos Espíritos; eles não são, como alguns pensam, seres vagos e indefinidos, nem chamas, como fogos-fátuos, nem fantasmas como nos contos de aparições. São seres semelhantes a nós, tendo um corpo como o nosso, mas fluídico e invisível em estado normal.

4 – Quando a alma está unida ao corpo durante a vida, tem um envoltório duplo: um pesado, grosseiro e destrutível, que é o corpo; outro fluídico, leve e indestrutível, chamado *perispírito*. O perispírito é o laço que une a alma ao corpo; é por seu intermédio que a alma faz o corpo agir e percebe as sensações experimentadas pelo corpo.

5 – A morte é apenas a destruição do envoltório grosseiro; a alma abandona esse envoltório como quem deixa uma

roupa usada, ou como a borboleta, que deixa a sua crisálida. Mas conserva o seu corpo fluídico, ou perispírito.

A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui *o homem*; a alma e o perispírito, separados do corpo, constituem o ser chamado *Espírito*.

6 – A morte do corpo liberta o Espírito do envoltório que o prendia à Terra e o fazia sofrer; uma vez livre desse fardo, tem apenas o seu corpo etéreo, que lhe faculta percorrer o espaço e transpor distâncias com a rapidez do pensamento.

7 – O fluido que compõe o perispírito penetra todos os corpos e os atravessa, como a luz atravessa os corpos transparentes; nenhuma matéria lhe constitui obstáculo. É por isso que os Espíritos penetram em toda parte, nos lugares mais hermeticamente fechados. É uma idéia ridícula crer que entrem por uma pequena abertura, como o buraco de uma fechadura ou o tubo da chaminé.

8 – Os Espíritos povoam o espaço; constituem o mundo invisível que nos rodeia, em meio do qual vivemos, e com o qual estamos em contato incessante.

9 – Os Espíritos têm todas as percepções que tinham na Terra, mas em mais alto grau, porque suas faculdades não são amortecidas pela matéria; têm sensações que nos são desconhecidas; vêem e ouvem coisas que os nossos sentidos limitados não nos permitem ver nem ouvir. Para eles não há escuridão, salvo para aqueles cuja punição é ficarem temporariamente nas trevas. Todos os nossos pensamentos repercutem neles e aí lêem como num livro aberto, de sorte que aquilo que podemos ocultar a alguém, quando vivo, não o podemos mais, desde que ele é Espírito.

10 – Os Espíritos conservam as afeições sérias que tinham na Terra; sentem prazer em buscar os que os amaram, sobretudo quando atraídos pelo pensamento e pelos sentimentos afetuosos que lhes consagram, ao passo que são indiferentes para os que só lhes votam indiferença.

11 – Os Espíritos podem manifestar-se de muitas maneiras diferentes: pela visão, audição, tato, ruídos, movimentos de corpos, escrita, desenho, música, etc. Manifestam-se por meio de pessoas dotadas de uma aptidão especial para cada gênero de manifestação, e que se distinguem sob o nome de médiuns. É assim que se distinguem os médiuns videntes, falantes, audientes, sensitivos, de efeitos físicos, desenhistas, tiptologistas, escreventes, etc. Entre os médiuns escreventes há numerosas variedades, conforme a natureza das comunicações que são aptos a receber.

12 – Embora invisível para nós em estado normal, o perispírito não deixa de ser matéria etérea. Em certos casos o Espírito pode fazê-lo sofrer uma espécie de modificação molecular, que o torna visível e mesmo tangível; é assim que se produzem as aparições. Esse fenômeno não é mais extraordinário que o do vapor, invisível quando rarefeito, e que se torna visível quando condensado.

Os Espíritos que se tornam visíveis apresentam-se quase sempre sob a aparência que tinham em vida, o que permite sejam reconhecidos.

13 – É com o auxílio de seu perispírito que o Espírito agia sobre o seu corpo vivo; é ainda com esse mesmo fluido que se manifesta, agindo sobre a matéria inerte, produzindo ruídos, movimentos das mesas e outros objetos, que levanta, derruba ou transporta. Esse fenômeno nada tem de surpreendente se se considerar que, entre nós, os mais poderosos motores se acham nos fluidos mais rarefeitos e, mesmo, imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com o auxílio de seu perispírito que o Espírito faz que os médiuns escrevam, falem e desenhem. Não tendo corpo tangível para agir ostensivamente quando quer manifestar-se, serve-se do corpo do médium, de cujos órgãos se apodera, fazendo-os agir como se fosse seu próprio corpo, e isto pelo eflúvio fluídico, que sobre ele derrama.

14 – É pelo mesmo meio que o Espírito age sobre a mesa, quer para movê-la sem significação determinada, quer para fazê-la dar batidas inteligentes, indicando a letra do alfabeto, para formar palavras e frases, fenômeno designado sob o nome de *tiptologia*. Aí a mesa não passa de um instrumento, de que ele se serve, como do lápis para escrever. Dá-lhe uma vitalidade momentânea, pelo fluido com que a penetra, mas não se identifica com ela. As pessoas que, emocionadas, ao verem manifestar-se um ser que lhes é caro, beijam a mesa, cometem um ato ridículo, porque é absolutamente como se beijassem o bastão de que o amigo se serve para dar batidas. Acontece o mesmo com as que dirigem a palavra à mesa, como se o Espírito estivesse encerrado na madeira, ou como se esta se tivesse tornado Espírito.

Quando ocorrem comunicações por esse meio, é preciso imaginar o Espírito, não na mesa, mas ao lado, tal como em vida e como seria visto se, nesse momento, se tornasse visível. Dá-se o mesmo nas comunicações pela escrita; ver-se-ia o Espírito ao lado do médium, dirigindo-lhe a mão ou lhe transmitindo o pensamento por uma corrente fluídica.

Quando a mesa se afasta do solo e flutua no espaço sem ponto de apoio, o Espírito não a levanta pela força do braço, mas a envolve e a penetra de uma espécie de atmosfera fluídica, que neutraliza a ação da gravidade, como faz o ar com os balões e papagaios de papel. O fluido de que é penetrada lhe dá momentaneamente uma maior leveza específica. Quando cravada ao solo, está no caso da campânula pneumática, sob a qual se faz o

vácuo. São apenas comparações, para mostrar a analogia dos efeitos, e não a similitude absoluta das causas.

Depois disto, compreende-se que ao Espírito não é mais difícil levantar uma pessoa do que erguer uma mesa, transportar um objeto de um a outro lugar ou atirá-lo em qualquer parte. Esses fenômenos são produzidos pela mesma lei.

Quando a mesa persegue alguém, não é o Espírito que corre, pois pode ficar tranqüilamente no mesmo lugar, mas lhe dá o impulso por uma corrente fluídica, com o auxílio da qual a faz mover-se à vontade.

Quando as batidas são ouvidas na mesa ou alhures, o Espírito não bate com a mão, nem com um objeto qualquer; dirige um jato de fluido sobre o ponto de onde parte o ruído, produzindo o efeito de um choque elétrico. Modifica o ruído, como se pode modificar os sons produzidos pelo ar.

15 – Por estas poucas palavras pode ver-se que as manifestações espíritas, sejam de que natureza forem, nada têm de sobrenatural ou maravilhoso. São fenômenos que se produzem em virtude da lei que rege as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, lei tão natural quanto as da eletricidade, da gravitação, etc. O Espiritismo é a ciência que nos dá a conhecer essa lei, como a mecânica nos dá a conhecer a lei do movimento e a óptica a da luz. Estando na Natureza, as manifestações espíritas se não produzido em todas as épocas. O conhecimento da lei que as rege explica uma imensidão de problemas olhados como insolúveis. É a chave de uma porção de fenômenos explorados e amplificados pela superstição.

16 – Afastado completamente o maravilhoso, esses fenômenos nada mais têm que repugne à razão, porque vêm tomar lugar ao lado dos outros fenômenos naturais. Nos tempos de ignorância, todos os efeitos cujas causas não eram conhecidas eram

reputados sobrenaturais. As descobertas da Ciência têm restringido sucessivamente o círculo do maravilhoso; o conhecimento dessa nova lei vem reduzi-lo a nada. Aqueles, pois, que acusam o Espiritismo de ressuscitar o maravilhoso, provam, por isto mesmo, que falam do que não conhecem.

17 – Uma idéia mais ou menos geral entre pessoas que não conhecem o Espiritismo é crer que os Espíritos, apenas porque estão desprendidos da matéria, devem saber tudo e possuir a soberana sabedoria. Isto é um erro grave. Deixando seu invólucro corporal, não se despojam imediatamente de suas imperfeições; só com o tempo se depuram e se melhoram.

Sendo os Espíritos as almas dos homens, como há homens de todos os graus de saber e de ignorância, de bondade e de malvadez, também os há entre os Espíritos. Existem os que são levianos e brincalhões; os que são mentirosos, velhacos, hipócritas, maus e vingativos; outros, ao contrário, possuem as mais sublimes virtudes e o saber em grau desconhecido na Terra. Essa diversidade na qualidade dos Espíritos é um dos pontos mais importantes a considerar, pois explica a natureza boa ou má das comunicações que se recebem. É preciso que nos empenhemos em as distinguir.

Disto resulta que não basta dirigir-se a um Espírito qualquer para obter uma resposta justa para cada pergunta, pois o Espírito responderá conforme o que sabe e, muitas vezes, dará apenas a sua opinião pessoal, que pode estar certa ou errada. Se for prudente, confessará sua ignorância sobre o que não sabe; se leviano ou mentiroso, responderá a tudo, sem se preocupar com a verdade; se orgulhoso, dará sua idéia como verdade absoluta. É por isto que São João, o Evangelista, diz: *Não creiais em todo Espírito; antes, provai se os Espíritos são de Deus.*⁶ A experiência prova a sabedoria deste conselho. Seria, pois, imprudência e leviandade aceitar sem controle tudo o que vem dos Espíritos.

6 N. do T.: Vide I João, 4:1.

Os Espíritos só podem responder sobre o que sabem e, ainda, sobre o que lhes é permitido dizer, porquanto há coisas que não devem revelar, porque ainda não é dado ao homem tudo conhecer.

18 – Reconhece-se a qualidade dos Espíritos por sua linguagem. A dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de toda trivialidade, puerilidade ou contradição; transpira sabedoria, benevolência e modéstia; é concisa e sem palavras inúteis. A dos Espíritos inferiores, ignorantes ou orgulhosos é isenta dessas qualidades; o vazio das idéias aí é quase sempre compensado pela abundância de palavras.

19 – Outro ponto a considerar, igualmente essencial, é que os Espíritos são livres; comunicam-se quando querem e a quem lhes convém e, também, quando podem, pois têm as suas ocupações. Não estão às ordens e ao capricho de quem quer que seja, e a ninguém é dado fazê-los vir contra a sua vontade, nem a dizer o que querem calar. Daí por que ninguém pode afirmar que um Espírito qualquer virá a seu apelo em determinado momento, ou responderá a esta ou àquela pergunta. Dizer o contrário é provar absoluta ignorância dos princípios mais elementares do Espiritismo. Só o charlatanismo tem fontes infalíveis.

20 – Os Espíritos são atraídos pela simpatia, pela similitude dos gostos e dos caracteres, pela intenção que faz desejada a sua presença. Os Espíritos superiores não vão a reuniões fúteis, assim como um cientista da Terra não iria a uma assembléia de jovens estouvados. Diz o simples bom-senso que não pode ser de outro modo; ou, se por vezes aí vão, é para dar um conselho salutar, combater os vícios, tentar reconduzi-los ao bom caminho; se não são ouvidos, retiram-se. Seria fazer uma idéia completamente falsa pensar que Espíritos sérios se comprazem em responder a futilidades, a perguntas ociosas, que não provam afeição nem respeito por eles, nem sincero desejo de instruir-se e,

ainda menos, que possam vir dar espetáculo para divertir curiosos. Se não o fizeram em vida, não o farão depois de mortos.

21 – Do que precede, resulta que toda reunião espírita, para ser proveitosa, deve, como primeira condição, ser séria e recolhida; que tudo aí deve passar-se respeitosamente, religiosamente e com dignidade, caso se queira obter o concurso habitual dos Espíritos bons. É preciso não esquecer que se esses mesmos Espíritos aí se tivessem apresentado quando vivos, teriam tido por eles considerações às quais têm ainda mais direito depois da morte.

Em vão alegam a utilidade de certas experiências curiosas, frívolas e divertidas, para converter os incrédulos: o resultado é completamente oposto ao que se espera. O incrédulo, já disposto a zombar das mais sagradas crenças, não pode ver uma coisa séria naquilo de que fazem uma brincadeira; não pode ser levado a respeitar aquilo que não lhe é apresentado de modo respeitável. Assim, reuniões fúteis e levianas, dessas onde não há ordem, nem seriedade, nem recolhimento, ele sempre leva uma impressão má. O que, sobretudo, o pode convencer, é a prova da presença de seres cuja memória lhe é cara; é diante de suas palavras graves e solenes, de revelações íntimas que o vemos empalidecer e comover-se. Mas, justamente porque deve haver mais respeito, veneração, afeição à pessoa cuja alma se lhe apresenta, ele fica chocado, escandalizado de vê-la comparecer a uma assembléia irreverente, entre mesas que dançam e gracejos de Espíritos levianos. Por mais incrédulo que seja, sua consciência repele essa aliança entre o sério e o frívolo, o religioso e o profano, razão por que tacha tudo de hipocrisia, saindo, muitas vezes, menos convencido do que quando havia entrado.

As reuniões dessa natureza sempre fazem mais mal do que bem, porque afastam da doutrina mais pessoas do que atraem, sem contar que se expõem à crítica dos detratores, que aí acham fundados motivos para a zombaria.

22 – É erro fazer das manifestações físicas uma diversão. Se elas não têm a importância do ensino filosófico, têm sua utilidade, do ponto de vista dos fenômenos, porque são o á-bê-cê da ciência, do qual deram a chave. Embora hoje menos necessárias, ainda ajudam a convicção de certas pessoas. Mas não excluem, absolutamente, a ordem e o comedimento nas reuniões onde se fazem experiências. Se fossem sempre praticadas de maneira conveniente, convenceriam mais facilmente e produziriam, sob todos os aspectos, resultados muito melhores.

23 – Sem dúvida estas explicações são muito incompletas e, necessariamente, podem provocar numerosas perguntas. Mas não se deve perder de vista que isto não é um curso de Espiritismo. Tais quais são, bastam para mostrar a base sobre a qual ele repousa, o caráter das manifestações e o grau de confiança que podem inspirar, conforme as circunstâncias.

Quanto à utilidade das manifestações, ela é imensa, por suas conseqüências. Mas, ainda que só tivessem como resultado dar a conhecer uma nova lei da Natureza, demonstrar materialmente a existência da alma e a sua imortalidade, já seria muito, porque abriria uma larga via à filosofia.

Correspondência

SOCIEDADES DE ANTUÉRPIA E DE MARSELHA

Antuérpia, 27 de fevereiro de 1864.

Caro mestre, temos a honra de vos informar que acabamos de constituir em Antuérpia uma nova sociedade, sob a denominação de *Círculo Espírita Amor e Caridade*.

Como vereis pelo art. 2º do regulamento, nós nos colocamos sob o patrocínio da sociedade central de Paris, assim

como sob o vosso. Em consequência, declaramos congregar-nos à doutrina contida em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*.

Temos a firme vontade de trilhar o caminho dos verdadeiros espíritas; isto significa dizer que a caridade é o objetivo principal de nossas reuniões. A fim de que fiqueis bem convencido da sinceridade de nossos sentimentos, dignai-vos consultar o presidente espiritual de vossa sociedade; por mais fracos que, até agora, tenham sido os nossos esforços, estes não são sinceros e, sob tal ponto de vista, temos a convicção de que, para ele, já não somos estranhos.

Temos a honra de vos remeter, anexa, uma das comunicações obtidas em nosso círculo, por meio de um médium falante, para que possais julgar de nossas tendências... etc.

Observação – Com efeito, esta carta foi acompanhada por uma comunicação muito extensa, que testemunha o bom caminho em que se encontra essa sociedade.

No mesmo sentido recebemos outra carta, de parte da Sociedade Espírita de Marselha⁷.

Marselha, 21 de março de 1864.

Senhor Presidente,

Temos a honra de vos anunciar a formação de nossa nova sociedade, que toma o nome de *Sociedade Marselhesa de Estudos Espíritas*, e cuja autorização acaba de ser concedida pelo Sr. senador encarregado da administração do Departamento de Bouches-du-Rhône.

⁷ N. do T.: *Bruxelles* no original, embora Kardec esteja se referindo a Marselha.

Ajudados por vossos bons conselhos, caro mestre, faremos todos os esforços para marchar nas pegadas de nossos irmãos de Paris, cujo regulamento adotamos para a ordem de nossas sessões. Colocando-nos sob o patrocínio da respeitável Sociedade de Paris, como ela inscrevemos em nossa bandeira: *Fora da caridade não há salvação.*

O Sr. Dr. C..., nosso presidente, também terá a honra de vos escrever logo depois da inauguração.

No interesse da causa, senhor, nós vos rogamos a bondade de dar à nossa sociedade a publicidade que julgardes conveniente, a fim de congregar os adeptos sinceros.

Recebei, etc.

Já temos dito que entre as sociedades espíritas, que tanto se formam na França quanto no estrangeiro, o maior número declara colocar-se sob o patrocínio da Sociedade de Paris. Todas as cartas a nós dirigidas a propósito são concebidas no mesmo espírito que as publicadas acima. Essas adesões, dadas espontaneamente, atestam os princípios que prevalecem entre os espíritas, e a Sociedade de Paris não pode deixar de sensibilizar-se com essas marcas de simpatia, que provam a séria intenção de marchar sob a mesma bandeira. Isto não quer dizer que outras, que não fizeram essa declaração oficial, sigam outra orientação; longe disto. A correspondência que mantêm conosco é garantia suficiente de seus sentimentos e da boa direção de seus estudos. Um número muito grande de reuniões, aliás, não tem o caráter de sociedades propriamente ditas e, em grande parte, não passam de simples grupos. Fora das sociedades e dos grupos regulares, as reuniões de família, onde só recebem conhecimentos íntimos, são inumeráveis e se multiplicam diariamente, sobretudo nas classes elevadas.

Instruções dos Espíritos

PROGRESSÃO DO GLOBO TERRESTRE⁸

(Ditado espontâneo, integrando uma série de instruções sobre a teoria dos fluidos)

(Paris, 11 de novembro de 1863)

A progressão de todas as coisas leva necessariamente à *transsubstanciação*, e a mediunidade espiritual é uma das forças da Natureza que lá fará chegar mais rapidamente o nosso planeta, porque, como todos os mundos, deve sofrer a lei da transformação e do progresso. Não só o seu *pessoal humano*, mas todas as suas produções minerais, vegetais e animais, seus gases e seus fluidos imponderáveis, também devem aperfeiçoar-se e se transformar em substâncias mais depuradas. A Ciência, que já trabalhou esta questão tão interessante da formação deste mundo, reconheceu que ele não foi criado de uma palavra, como diz o Gênesis, numa sublime alegoria, mas que sofreu, numa longa sucessão de séculos, transformações que produziram camadas minerais de diversas naturezas. Seguindo a gradação dessas camadas, aparecem sucessivamente e se multiplicam as produções vegetais; mais tarde encontram-se traços dos animais, o que indica que somente nessa época os corpos organizados haviam encontrado a possibilidade de viver.

Estudando a progressão dos seres animados, como se fez com os minerais e os vegetais, reconhece-se que esses seres, a princípio moluscos, elevaram-se gradualmente na escala animal e que sua progressão acompanhou a das produções e a da depuração do solo; nota-se, ao mesmo tempo, o desaparecimento de certas espécies, desde que as condições físicas necessárias à sua vida não mais existem. Foi assim, por exemplo, que os grandes sáurios, monstros anfíbios, e os mamíferos gigantes, dos quais hoje só se encontram os fósseis, desapareceram completamente da Terra, com as condições de existência que as inundações lhes haviam

8 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 537.

criado. Sendo os dilúvios um dos meios de transformação da Terra, foram quase gerais, isto é, durante um certo período, causaram forte comoção no globo e assim determinaram produções vegetais e fluidos atmosféricos diferentes. Assim como todos os seres orgânicos, o homem apareceu na Terra quando nela pôde encontrar as condições necessárias à sua existência.

Aí pára a *criação material* que depende apenas das forças da Natureza; aí começa o papel do Espírito encarnado no homem para o trabalho, pois deve concorrer para a obra comum; trabalhando para si mesmo, o homem trabalha para a melhora geral. Assim, desde as primeiras raças, vemo-lo a cultivar a terra, fazê-la produzir para suas necessidades corporais e, desse modo, provocar transformações em seu solo, em seus produtos, em seus gases e em seus fluidos. Quanto mais se povoa a Terra, tanto mais os homens a trabalham, a cultivam, a saneiam, tanto mais abundantes e variados são os seus produtos; a depuração de seus fluidos pouco a pouco leva ao desaparecimento das espécies vegetais e animais venenosas e nocivas ao homem, que já não podem subsistir num ar muito depurado e muito sutil para a sua organização, e não mais lhes fornece os elementos necessários à sua manutenção. O estado sanitário do globo melhorou sensivelmente desde a sua origem; mas como ainda deixa muito a desejar, é indício de que melhorará ainda pelo trabalho e pela indústria do homem. Não é sem propósito que este é impelido a estabelecer-se nas regiões mais ingratas e mais insalubres; já tornou habitáveis regiões infestadas por animais imundos e miasmas deletérios; pouco a pouco as transformações que faz sofrer o solo levarão à depuração completa.

Pelo trabalho o homem aprende a conhecer e dirigir as forças da Natureza. Pode-se acompanhar na História o fio das descobertas e das conquistas do espírito humano e a aplicação delas feitas para as suas necessidades e satisfações. Mas seguindo essa fiação, deve-se notar também que o homem se delineou, desmaterializou-se; e se se quiser fazer um paralelo do homem de

hoje com os primeiros habitantes do globo, julgar-se-á do progresso já realizado; ver-se-á que quanto mais o homem progride, mais é estimulado a progredir, e que a progressão está na razão do progresso realizado. Hoje o progresso marcha em grande velocidade, arrastando forçosamente os retardatários.

Acabamos de falar do progresso *físico, material, inteligente*. Mas vejamos o progresso moral e a influência que deve ter sobre o primeiro.

O progresso moral despertou ao mesmo tempo que o desenvolvimento material, mas foi mais lento, porque, achando-se o homem em meio a uma criação exclusivamente material, tinha necessidades e aspirações em harmonia com o que o cercava. Avançando, sentiu o *espiritual* desenvolver-se e crescer em si, e, ajudado pelas influências celestes, começou a compreender a necessidade da direção inteligente do Espírito sobre a matéria; o progresso moral continuou o seu desenvolvimento e, em diferentes épocas, Espíritos adiantados vieram guiar a Humanidade e dar um maior impulso à sua marcha ascendente; tais são Moisés, os profetas, Confúcio, os sábios da antiguidade e o Cristo, o maior de todos, embora o mais humilde na Terra. O Cristo deu ao homem uma idéa maior de seu próprio valor, de sua independência e de sua personalidade espiritual. Mas sendo os seus sucessores muito inferiores a ele, não compreenderam a idéa grandiosa, que brilha em todos os seus ensinamentos; materializaram o que era espiritual; daí a espécie de *statu quo moral*, no qual a Humanidade se deteve. O progresso científico e inteligente continua a sua marcha; o progresso moral se arrasta lentamente. Não é certo que, desde o Cristo, se todos os que professaram sua doutrina a tivessem praticado, os homens se teriam poupado de muitos males e hoje estariam moralmente mais adiantados?

O Espiritismo vem acelerar o progresso, desvendando à Humanidade os seus destinos; e já vemos a sua força pelo número

de adeptos e a facilidade com que é compreendido. Vai provocar uma *transformação moral ativa* e, pela multiplicidade das comunicações mediúnicas, o coração e o Espírito de todos os encarnados serão trabalhados pelos Espíritos amigos e instrutores. Dessa instrução vai surgir um novo impulso científico, porquanto novas vias serão abertas à Ciência, que dirigirá suas pesquisas para as novas forças da Natureza, que se revelam; as faculdades humanas que já se desenvolvem, desenvolver-se-ão ainda mais pelo trabalho mediúnico.

Acolhido inicialmente pelas almas ternas e inconsoláveis pela perda de parentes e amigos, o Espiritismo o foi em seguida pelos infelizes deste mundo, cujo número é grande, e que têm sido encorajados e sustentados em suas provações por sua doutrina, ao mesmo tempo tão suave e confortadora; propagou-se, assim, rapidamente, e muitos incrédulos *admirados*, que a princípio o estudaram como curiosos, foram *convencidos* quando, por si mesmos, nele encontraram esperanças e consolações.

Hoje os sábios começam a inquietar-se e alguns deles o estudam seriamente e o admitem como *força natural* até agora desconhecida; aplicando a ele sua inteligência e seus conhecimentos já adquiridos, farão a Humanidade dar um imenso passo científico.

Mas os Espíritos não se limitam à instrução científica; seu dever é duplo e eles devem, sobretudo, cultivar a vossa moral. Ao lado dos estudos da Ciência, eles vos farão, e já fazem desde agora, trabalhar o vosso próprio *eu*. Os encarnados inteligentes e desejosos de progredir compreenderão que sua desmaterialização é a melhor condição para o estudo progressivo, e que sua felicidade presente e futura a isto está ligada.

Observação – É assim que o mundo, depois de haver alcançado um certo grau de elevação no progresso intelectual, vai entrar no período do progresso moral, cuja rota o Espiritismo lhe

abre. Esse progresso realizar-se-á pela força das coisas e levará naturalmente à transformação da Humanidade, pelo alargamento do círculo das idéias no seu sentido espiritual, e pela prática inteligente e raciocinada das leis morais, ensinadas pelo Cristo. A rapidez com que as idéias espíritas se propagam no próprio meio do materialismo, que domina a nossa época, é indício certo de uma pronta mudança na ordem das coisas. Basta para isto a extinção de uma geração, pois a que se ergue já se anuncia sob auspícios completamente diferentes.

A IMPRENSA

(Comunicação espontânea – Sociedade Espírita de Paris,
19 de fevereiro de 1864 – Médiun: Sr. Leymarie)

A imprensa foi inventada no século quinze. Como tantas outras invenções, conhecidas ou desconhecidas, foi preciso tomar a taça e beber o fel. Não venho a vós, espíritas, para contar meus dissabores e sofrimentos; porque naqueles tempos de ignorância e de tristeza, em que vossos pais tinham sobre o peito o pesadelo chamado feudalismo e uma teocracia cega e ciosa de seu poder, *todo homem de progresso tinha cabeça demais*. Quero apenas dizer-vos algumas palavras a respeito de minha invenção, de seus resultados e de sua afinidade espiritual convosco, com os elementos que fazem vossa força expansiva.

A revolução-mãe, que trazia em seus flancos o modo de expressão da Humanidade, despojando o pensamento humano do passado, de sua pele simbólica, é invenção da imprensa. Sob essa forma o pensamento mistura-se no ar, espiritualiza-se, será indestrutível. Senhora dos séculos futuros, alça seu vôo inteligente para ligar todos os pontos do espaço e, desde esse dia, domina a velha maneira de falar. Os povos primitivos necessitavam de monumentos representando um povo, montanhas de pedra dizendo aos que sabem ver: Eis minha religião, minha fé, minhas esperanças, minha poesia.

Com efeito, a imprensa substitui o hieróglifo; sua linguagem é acessível a todos, seus apetrechos são leves; é que um livro não pede senão um pouco de papel, um pouco de tinta, algumas mãos, ao passo que uma catedral exige várias vidas de um povo e toneladas de ouro.

Permiti, aqui, uma digressão. O alfabeto dos primeiros povos foi composto de pedaços de rocha, que o ferro não havia tocado. As pedras erguidas pelos Celtas também se encontram na Sibéria e na América. Eram lembranças humanas confusas, escritas em monumentos duráveis. O *galgal*⁹ hebreu, os *crombels*¹⁰, os dólmenes, os túmulos, mais tarde exprimiram palavras.

Depois vieram a tradição e o símbolo. Não mais bastando esses primeiros monumentos, criaram o edifício e a arquitetura tornou-se monstruosa; fixou-se como um gigante, repetindo às gerações novas os símbolos do passado. Tais foram os pagodes, as pirâmides, o templo de Salomão.

É o edifício que encerrava o verbo, essa idéia-mãe das nações. Sua forma e sua situação representavam todo um pensamento, e é por isso que todos os símbolos têm suas grandes e magníficas páginas de pedra.

A maçonaria é a idéia escrita, inteligente, pertencente a todos os homens unidos por um símbolo, tomando Iram por patrono e constituindo essa franco-maçonaria tão conspurcada, que trouxe em si o germe da liberdade. Ela soube semear seus monumentos e os símbolos do passado no mundo inteiro, substituindo a teocracia das primeiras civilizações pela democracia, esta lei da liberdade.

Depois dos monumentos teocráticos da Índia e do Egito, vêm suas irmãs, as arquiteturas grega e romana; depois o

9 N. do T.: Grifo nosso.

10 N. do T.: Grifo nosso.

estilo romano tão sombrio, representando o absoluto, a unidade, o sacerdote; as cruzadas nos trouxeram a ogiva e o senhor quer partilhar, esperando o povo que saberá tomar o seu lugar; o feudalismo vê nascer a comuna e a face da Europa muda, porque a ogiva destrona o românico; o pedreiro torna-se artista e poetisa a matéria; dá-se o privilégio da liberdade na arquitetura, porque então o pensamento só tinha esse modo de expressão. Quantas sedições escritas na fachada dos monumentos! É por isto que os poetas, os pensadores, os deserdados, tudo quanto era inteligente, cobriu a Europa de catedrais.

Como vedes, até o pobre Guttemberg, a arquitetura é a escrita universal. Por sua vez, a imprensa derruba o gótico; a teocracia é o horror do progresso, a conservação mumificada dos tipos primitivos; a ogiva é a transição da noite ao crepúsculo, em que cada um pode ler a pedra facilmente; mas a imprensa é o pleno dia, derrubando o manuscrito, exigindo um espaço mais vasto, que doravante nada poderá restringir.

Como o Sol, a imprensa fecundará o mundo com seus raios benfazejos; a arquitetura não representará mais a sociedade; será clássica e renascentista, e esse mundo de artistas, divorciados do passado, abre rudes brechas nas teogonias humanas, para seguir a rota traçada por Deus; deixa de ser simples artesão dos monumentos da renascença, para se tornar escultor, pintor, músico; a força da harmonia se consome em livros e, já no século dezesseis, é tão robusta, tão forte essa imprensa de Nuremberg, que é o advento de um século literário; é, ao mesmo tempo, Lutero, Jean Goujon, Rousseau, Voltaire; trava na velha Europa esse combate lento, mas seguro, que sabe reconstruir depois de haver destruído.

E agora que o pensamento está emancipado, qual o poder que poderia escrever o livro arquitetural de nossa época? Todos os bilhões de nosso planeta não bastariam e ninguém poderia reerguer o que está no passado e lhe pertence exclusivamente.

Sem desdenhar o grande livro da arquitetura, que é o passado e o seu ensino, agradeçamos a Deus que sabe, nas épocas propícias, pôr em nosso poder uma arma tão forte, que se torna o pão do Espírito, a emancipação do corpo, o livre-arbítrio do homem, a idéia comum a todos, a ciência, um *á-bê-cê* que fecunda a terra, tornando-nos melhores. Mas se a imprensa vos emancipou, a eletricidade vos fará verdadeiramente livres; é ela que destronará a imprensa de Guttemberg, para pôr em vossas mãos um poder muito mais temível, e isto em breve.

A ciência espírita, esta salvaguarda da Humanidade, vos ajudará a compreender a nova força de que vos falo. Guttemberg, a quem Deus deu uma missão providencial, sem dúvida fará parte da segunda, isto é, da que vos guiará no estudo dos fluidos.

Logo estareis prontos, caros amigos; não basta, porém, que sejais apenas espíritas fervorosos: também é preciso estudar, a fim de que tudo quanto vos foi ensinado sobre a eletricidade e os fluidos em geral seja para vós uma gramática sabida de cor. Nada é estranho à ciência dos Espíritos; quanto mais sólida a vossa bagagem intelectual, tanto menos vos surpreendereis com as novas descobertas. Devendo ser os iniciadores de novas formas de pensamento, deveis ser fortes e seguros de vossas faculdades espirituais.

Eu tinha, pois, razão de vos falar da minha missão, irmã da vossa. Sois os eleitos entre os homens. Os Espíritos bons vos dão um livro que dá a volta à Terra, mas, sem a imprensa, nada seríeis. Para vós, a obsessão que encobre a verdade aos homens desaparecerá; mas, repito, preparai-vos e estudai para serdes dignos do novo benefício e para saberdes mais inteligentemente que os outros, a fim de o espalhar e tornar aceito.

Guttemberg

Observação – Pela difusão das idéias, que tornou imperecíveis e que espalha aos quatro cantos do mundo, a imprensa produz uma revolução intelectual que ninguém pode ignorar. Porque esse resultado era entrevisto, ela foi, de início, qualificada por alguns de invenção diabólica; é uma relação a mais que ela tem com o Espiritismo, e da qual Guttemberg deixou de falar. De fato pareceria, a dar ouvidos a certa gente, que o diabo detém o monopólio das grandes idéias: todas as que tendem a fazer a Humanidade dar um passo lhe são atribuídas. Sabe-se que o próprio Jesus foi acusado de agir por intermédio do demônio que, na verdade, deve orgulhar-se de todas as boas e belas coisas que retiram de Deus para lhas atribuir. Não foi ele quem inspirou Galileu e todas as descobertas científicas que fizeram a Humanidade progredir? Conforme isto, seria preciso que ele fosse muito modesto para não se julgar o dono do Universo.

Mas o que pode parecer estranho é a sua falta de habilidade, pois não há um só progresso da Ciência que não tenha por efeito arruinar o seu império. É um ponto sobre o qual não pensaram bastante.

Se tal foi o poder desse meio de propagação inteiramente material, quão maior não será o do ensino dos Espíritos, comunicando-se em toda parte, penetrando onde o acesso aos livros está proibido, fazendo-se ouvir até pelos que não querem escutar! Que poder humano poderia resistir a tal força?

Esta notável dissertação provocou, no seio da Sociedade, as reflexões seguintes, da parte de um outro Espírito.

**SOBRE A ARQUITETURA E A IMPRENSA, A PROPÓSITO
DA COMUNICAÇÃO DE GUTTEMBERG
(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sr. A. Didier)**

O Espírito Guttemberg definiu muito poeticamente os efeitos positivos e tão universalmente progressivos da imprensa e o futuro da electricidade; entretanto, na qualidade de antigo construtor

de castelos, torreões, aterros e catedrais, permito-me expor certas teorias sobre o caráter e o objetivo da arquitetura medieval.

Todos sabem, e agora ilustres professores de arqueologia não ensinam, que a religião, a fé ingênua ergueram com o gênio do homem esses soberbos monumentos góticos, espalhados na superfície da Europa; e aqui, mais que nunca, a idéia expressa pelo Espírito Guttemberg, é cheia de elevação.

Contudo, julgamos por bem emitir a nossa opinião, não contra, mas a seu favor.

A idéia, essa luz da alma, centelha real que comunica a vontade e o movimento ao organismo humano, manifesta-se de diversas maneiras, quer pela arte, pela filosofia, etc. A arquitetura, essa arte elevada que, talvez, melhor exprima o natural e o gênio de um povo, foi consagrada, nas nações impressionáveis e crentes, ao culto de Deus e às cerimônias religiosas. A Idade Média, forte no feudalismo e na crença, teve a glória de fundar duas artes essencialmente diferentes em seu objetivo e sua consagração, mas que exprimem perfeitamente o estado de sua civilização: o castelo forte, habitado pelo senhor ou pelo rei; a abadia, o mosteiro e a igreja; numa palavra, a arte arquitetônica militar e a religiosa. Os romanos, essencialmente administradores, guerreiros, civilizadores, colonizadores universais, forçados que eram pela expansão de suas conquistas, jamais tiveram uma arquitetura inspirada por sua fé religiosa; só a avidez, o amor do ganho e do poder executivo, lhes fizeram construir esses formidáveis montes de pedra, símbolo de sua audácia e de sua capacidade intelectual. A poesia do Norte, contemplativa e nebulosa, aliada à suntuosidade da arte oriental, criou o gênero gótico, a princípio austero e pouco a pouco florido. Com efeito, vemos na arquitetura a realização das tendências religiosas e do despotismo feudal.

Essas ruínas famosas de tantas revoluções humanas, mais que o tempo, ainda se impõem por seu aspecto grandioso e

formidável. Parece que o século que as viu erguer-se era duro, sombrio e inexorável, como elas; mas daí não se deve concluir que a descoberta da imprensa, à força de desenvolver o pensamento, tenha simplificado a arte da arquitetura.

Não; a arte, que é uma parte da idéia, será sempre uma manifestação religiosa, política, militar, democrática ou principesca. A arte tem o seu papel, a imprensa o dela; sem ser exclusivamente especialista, não se deve confundir o objetivo de cada coisa; é preciso dizer apenas que não se devem misturar as diferentes faculdades e as diversas manifestações da idéia humana.

Robert de Luzarches

O ESPIRITISMO E A FRANCO-MAÇONARIA

(Sociedade Espírita de Paris, 25 de fevereiro de 1864)

Nota – Nesta sessão foram dirigidos agradecimentos ao Espírito Guttemberg, com o pedido de tomar parte em nossas conversas, quando julgasse conveniente.

Na mesma sessão, a presença de vários dignitários estrangeiros da Ordem Maçônica motivou a seguinte pergunta: *Que curso o Espiritismo pode encontrar na Franco-maçonaria?*

Várias dissertações foram obtidas sobre o assunto.

I

Senhor Presidente, agradeço o vosso amável convite. É a primeira vez que uma de minhas comunicações é lida na Sociedade Espírita de Paris e, espero, não será a última.

Talvez tenhais achado em minhas reflexões, um tanto longas sobre a imprensa, alguns pensamentos que não aprovais completamente. Mas, refletindo na dificuldade que sentimos ao nos pormos em relação com os médiuns e utilizar as suas faculdades,

havereis de passar de leve sobre certas expressões ou modo de dizer, que nem sempre dominamos. Mais tarde a eletricidade fará a sua revolução mediúnica, e como tudo será mudado na maneira de reproduzir o pensamento do Espírito, não mais encontrareis essas lacunas por vezes lamentáveis, sobretudo quando as comunicações são lidas diante de estranhos.

Falastes da franco-maçonaria, e tendes razão de nela esperar encontrar bons elementos. O que se pede a todo maçom iniciado? Crer na imortalidade da alma, no Divino Arquiteto e em seres benfeitores, devotados, sociáveis, dignos e humildes. Ali se pratica a igualdade na mais larga escala. Há, pois, nessas sociedades uma afinidade com o Espiritismo de tal modo evidente que salta aos olhos.

A questão do Espiritismo foi posta na ordem do dia em várias lojas e eis o resultado: leram volumosos relatórios muito complicados a este respeito, mas não o estudaram a fundo, o que fez que nisto, como em muitas outras coisas, discutissem um tema que não conheciam, julgando por ouvir dizer, mais do que pela realidade. Entretanto, muitos maçons são espíritas e trabalham bastante na propagação dessa crença. Todos escutam, e se o hábito diz: Não, a razão diz: Sim.

Esperai, então, porque o tempo é um aliciador sem igual; por ele as impressões se modificam e, necessariamente, no vasto campo dos estudos, abertos nas lojas, o estudo espírita entrará como complemento; isto já está no ar. Riram, falaram; não riem mais, meditam.

Assim, tereis um seminário espírita nessas sociedades essencialmente liberais. Por elas entrareis plenamente neste segundo período, que deve preparar os caminhos prometidos. Os homens inteligentes da maçonaria vos bendirão por sua vez, pois a moral dos Espíritos dará um corpo a esta seita tão comprometida, tão temida, mas que tem feito mais bem do que se pensa.

Tudo tem um parto laborioso, uma afinidade misteriosa; e se isto existe para o que perturba as camadas sociais, é muito mais verdadeiro para o que conduz o progresso moral dos povos.

Guttemberg (Médium: Sr. Leymarie)

II

Meu caro irmão em doutrina (o Espírito se dirige a um dos franco-maçons espíritas presentes na sessão), venho com alegria responder ao benévolo apelo que fazeis aos Espíritos que amaram e fundaram as instituições franco-maçônicas. Para consolidar essa instituição generosa, duas vezes derramei o meu sangue; duas vezes as praças públicas desta cidade ficaram tintas do sangue do pobre Jacques Molé. Caros irmãos, seria preciso dá-lo uma terceira vez? Direi com satisfação: não. Já vos foi dito: Quanto mais sangue, mais despotismo, mais carrascos! Uma sociedade de irmãos, de amigos, de homens cheios de boa vontade, que só desejam uma coisa: conhecer a verdade para fazer o bem! Eu ainda não me havia comunicado nesta assembléia. Enquanto falastes de ciência espírita, de filosofia espírita, cedi o lugar aos Espíritos que são mais aptos a vos dar conselhos sobre esses vários pontos e esperava pacientemente, sabendo que chegaria a minha vez. Há tempo para tudo, como há um momento para cada um. Assim, creio que soou a hora e é o momento oportuno. Posso, pois, dar-vos a minha opinião no que respeita ao Espiritismo e à franco-maçonaria.

As instituições maçônicas foram para a sociedade um encaminhamento à felicidade. Numa época em que toda idéia liberal era considerada um crime, os homens precisavam de uma força que, embora inteiramente submissa às leis, não fosse menos emancipada por suas crenças, por suas instituições e pela unidade de seu ensino. Nessa época a religião ainda era, não uma mãe consoladora, mas uma força despótica que, pela voz de seus ministros, ordenava, feria, fazia tudo se curvar à sua vontade; era

um assunto de pavor para quem quisesse, como livre-pensador, agir e dar aos homens sofredores alguma coragem e, no infortúnio, algum consolo moral. Unidos pelo coração, pela fortuna e pela caridade, nossos templos foram os únicos altares onde não se havia desconhecido o verdadeiro Deus, onde o homem ainda podia dizer-se homem, onde a criança podia esperar encontrar, mais tarde, um protetor, e o abandonado, amigos.

Vários séculos se passaram e cada um juntou algumas flores à coroa maçônica. Foram mártires, homens letrados, legisladores, que aumentaram a sua glória, tornando-se seus defensores e conservadores. No século dezenove vem o Espiritismo, com seu facho luminoso, dar a mão aos comendadores, aos rosa-cruzes, e com voz trovejante lhes grita: Vamos, meus irmãos; eu sou verdadeiramente a voz que se faz ouvir no Oriente e à qual o Ocidente responde, dizendo: Glória, honra, vitória aos filhos dos homens! Mais alguns dias e o Espiritismo terá transposto o muro que separa a maior parte do recinto do templo dos segredos; e, nesse dia, a sociedade verá florescer no seu seio a mais bela flor espírita que, deixando suas pétalas caírem, dará uma semente regeneradora da verdadeira liberdade. O Espiritismo fez progressos, mas no dia em que tiver dado a mão à franco-maçonaria, todas as dificuldades serão vencidas, todo obstáculo retirado, a verdade transparecerá e maior progresso moral será realizado; terá transposto os primeiros degraus do trono, onde logo deverá reinar.

A vós, saudação fraternal e amizade.

Jacques de Molé (Médium: Srta. Béguet)

III

Fiquei satisfeítíssimo em me juntar às discussões deste centro tão profundamente espiritualista, e venho a ele atraído por Guttemberg, como outro dia o fora por Jacquard.

A maior parte da dissertação do grande tipógrafo tratou da questão do ponto de vista do tear, e ele não viu nessa bela invenção senão o lado prático, material, utilitário. Ampliemos o debate e coloquemos a questão mais no alto.

Seria erro acreditar que a imprensa veio substituir a arquitetura, pois esta permanecerá para continuar seu papel historiógrafo, por meio de monumentos característicos, assinalados pelo espírito de cada século, de cada geração, de cada revolução humanitária. Não, dizemos bem alto, a imprensa nada veio derrubar; veio para completar, por sua obra especial, grande e emancipadora. Chegou na hora certa, como todas as descobertas que eclodem providencialmente aqui. Contemporâneo do monge que inventou a pólvora e que, por isso, revolucionou a velha arte das batalhas, Guttemberg trouxe uma nova alavanca à expansão das idéias. Não o esqueçamos: a imprensa não podia ter sua legítima razão de ser senão pela emancipação das massas e o desenvolvimento intelectual dos indivíduos. Sem essa necessidade a satisfazer, sem esse alimento, esse maná espiritual a distribuir, por muito tempo a imprensa ainda se teria debatido no vazio e não teria sido considerada senão um sonho de louco, ou uma utopia sem alcance. Não é assim que foram tratados os primeiros inventores, melhor dizendo, os primeiros que descobriram e constataram as propriedades do vapor? Fazei Guttemberg nascer nas ilhas Andaman e a imprensa aborta fatalmente.

A idéia, portanto, é a alavanca primordial que deve ser considerada. Sem a idéia, sem o trabalho fecundo dos pensadores, dos filósofos, dos ideólogos e, mesmo, dos monges sonhadores da Idade Média a imprensa teria ficado letra morta. Guttemberg pode, pois, acender mais de uma vela em honra aos dialéticos da escola, que fizeram germinar a idéia e burilar as inteligências. A idéia febril, que reveste uma forma plástica no cérebro humano, é e será sempre o maior motor das descobertas e das invenções. Criar uma necessidade nova no meio das sociedades modernas é abrir um novo caminho à idéia perpetuamente inovadora; é impelir o

homem inteligente à busca do que satisfaça essa nova necessidade da Humanidade. Eis por que, por toda parte onde a idéia for soberana, onde for acolhida com respeito, enfim, onde os pensadores forem honrados, o progresso para Deus está garantido.

A franco-maçonaria, contra a qual tanto gritaram, contra a qual a Igreja romana foi pródiga em anátemas, nem por isto, deixou de sobreviver, abrindo de par em par as portas de seus templos ao culto emancipador da idéia. Em seu seio todas as questões mais graves foram tratadas e, antes que o Espiritismo tivesse aparecido, os veneráveis e os grão-mestres sabiam e professavam que a alma é imortal e que os mundos visível e invisível se comunicam entre si. É aí, nesses santuários onde os profanos não eram admitidos, que os Swedenborg, os Pasqualis, os Saint-Martin obtiveram resultados fulminantes; é aí onde essa grande *Sofia*, essa etérea inspiradora, veio ensinar aos primogênitos da Humanidade os dogmas emancipadores, onde 1789 hauriu seus princípios fecundos e generosos; é aí onde, muito antes dos vossos médiuns contemporâneos, precursores da vossa mediunidade, grandes desconhecidos, tinham evocado e feito aparecerem os sábios da antigüidade e dos primeiros séculos desta era; é aí... Mas eu me detenho. O quadro restrito de vossas sessões, o tempo que se escoia, não me permitem alongar-me, como gostaria, sobre esse assunto interessante. A ele voltaremos mais tarde. Tudo quanto direi é que o Espiritismo encontrará no seio das lojas maçônicas uma falange numerosa e compacta de crentes, não de crentes efêmeros, mas sérios, resolutos e inabaláveis em sua fé.

O Espiritismo realiza todas as aspirações generosas e beneficentes da franco-maçonaria; sanciona as crenças que esta professa, dando provas irrecusáveis da imortalidade da alma; conduz a Humanidade ao objetivo que ela se propõe: a união, a paz, a fraternidade universal, pela fé em Deus e no futuro. Os espíritas sinceros de todas as nações, de todos os cultos e de todas as camadas sociais não se olham como irmãos? Entre eles não há uma verdadeira franco-maçonaria, com a só diferença de que, em vez de

secreta, é praticada aos olhos de todos? Homens esclarecidos, como os que possui, que põem suas luzes acima dos preconceitos de camarilhas e de castas, não podem ver com indiferença o movimento que esta nova doutrina, essencialmente emancipadora, produz no mundo. Repelir um elemento tão poderoso de progresso moral seria abjurar seus princípios e pôr-se ao nível de homens retrógrados. Não; tenho certeza de que não se deixarão desviar, pois vejo que, sob a nossa influência, vão chamar a si esta grave questão.

O Espiritismo é uma corrente irresistível de idéias, que deve ganhar todo o mundo: é apenas questão de tempo. Ora, seria desconhecer o caráter da instituição maçônica crer que esta possa se aniquilar e representar um papel negativo em meio ao movimento que impele a Humanidade para frente; crer, sobretudo, que ela apague o facho, como se temesse a luz.

Que fique bem claro que aqui falo da alta franco-maçonaria, e não dessas lojas feitas para a ilusão, onde mais se reúnem para comer e beber, ou para rir das perplexidades que inocentes experiências causam aos neófitos, do que para discutir questões de moral e de filosofia. Era mesmo necessário, para que a franco-maçonaria pudesse continuar sua vasta missão sem entraves, que houvesse, de espaço em espaço, de raio em raio, de meridiano em meridiano, templos fora do templo, lugares profanos fora dos lugares sagrados, falsos tabernáculos fora da arca. É nesses centros que, inutilmente, os adeptos do Espiritismo têm tentado se fazerem entendidos.

Em suma, a franco-maçonaria ensinou o dogma precursor do vosso e, em segredo, professou o que proclamais dos telhados. Como disse, voltarei a estas questões, caso o permitam os grandes Espíritos que presidem aos vossos trabalhos. Por ora, afirmo que a Doutrina Espírita pode perfeitamente unir-se à das grandes lojas do Oriente. Agora, glória ao Grande Arquiteto!

Vaucanson, um antigo franco-maçom.

(médium: Sr. d'Ambel)

AOS OPERÁRIOS

(Sociedade Espírita de Paris, 17 de janeiro de 1864
– Médiun: Sra. Costel)

Venho a vós, meus amigos, a vós que sois os experimentados e os proletários do sofrimento. Venho saudar-vos, bravos e dignos operários, em nome da caridade e do amor. Sois os bem-amados de Jesus, do qual fui amigo. Repousai na crença espírita, como repousei no seio do enviado divino. Operários, sois os eleitos na via dolorosa da provação, onde marchais com os pés sangrentos e o coração desalentado. Irmãos, esperai! Todo sofrimento traz consigo o seu salário; toda jornada laboriosa tem sua noite de repouso. Crede no futuro, que será vossa recompensa e não busqueis o esquecimento, que é ímpio. O esquecimento, meus amigos, é a embriaguez egoísta e brutal; é a fome para vossos filhos e o pranto para vossas esposas. O esquecimento é uma covardia. Que pensaríeis de um operário que, a pretexto de leve fadiga, abandonasse a oficina e interrompesse covardemente a jornada iniciada? Meus amigos, a vida é a jornada da eternidade; cumpri bravamente o seu labor; não sonheis com um repouso impossível; não adianteis a hora do relógio do tempo; tudo vem na hora certa: a recompensa da coragem e a bênção ao coração comovido, que se confia à eterna justiça.

Sede espíritas: tornar-vos-eis fortes e pacientes, porque aprendereis que as provas são uma segura garantia do progresso e que vos abrirão a entrada das mansões bem-aventuradas, onde bendireis os sofrimentos que vos terão aberto o seu acesso.

A vós todos, operários e amigos, minhas bênçãos. Assisto às vossas reuniões, porque sois os bem-amados daquele que foi,

João, o Evangelista.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

MAIO DE 1864

Nº 5

Teoria da Presciência¹¹

Como é possível o conhecimento do futuro? Compreende-se a possibilidade da previsão dos acontecimentos que devam resultar do estado presente; porém, não a dos que nenhuma relação guardem com esse estado, nem, ainda menos, a dos que são comumente atribuídos ao acaso. Não existem as coisas futuras, dizem; elas ainda se encontram no nada; como, pois, se há de saber que se darão? São, no entanto, em grande número os casos de predições realizadas, donde forçosa se torna a conclusão de que ocorre aí um fenômeno para cuja explicação falta a chave, porquanto não há efeito sem causa. É essa causa que vamos tentar descobrir e é ainda o Espiritismo, já de si mesmo chave de tantos mistérios, que no-la fornecerá, mostrando-nos, ao demais, que o próprio fato das predições não se produz com exclusão das leis naturais.

Tomemos, para comparação, um exemplo nas coisas usuais. Ele nos ajudará a compreender o princípio que teremos de desenvolver.

11 N. do T.: Vide *A Gênese*, capítulo XVI.

Suponhamos um homem colocado no cume de uma alta montanha, a observar a vasta extensão da planície em derredor. Nessa situação, o espaço de uma légua pouca coisa será para ele, que poderá facilmente apanhar, de um golpe de vista, todos os acidentes do terreno, de um extremo a outro da estrada que lhe esteja diante dos olhos. O viajor, que pela primeira vez percorra essa estrada, sabe que, caminhando, chegará ao fim dela. Constitui isso uma simples previsão da consequência que terá a sua marcha. Entretanto, os acidentes do terreno, as subidas e descidas, os cursos d'água que terá de transpor, os bosques que haja de atravessar, os precipícios em que poderá cair, as casas hospitaleiras onde lhe será possível repousar, os ladrões que o espreitam para roubá-lo, tudo isso independe da sua pessoa; é para ele o desconhecido, o futuro, porque a sua vista não vai além da pequena área que o cerca. Quanto à duração, mede-a pelo tempo que gasta em perلustrar o caminho. Tirei-lhe os pontos de referência e a duração desaparecerá. Para o homem que está em cima da montanha e que o acompanha com o olhar, tudo aquilo está presente. Suponhamos que esse homem desce do seu ponto de observação e, indo ao encontro do viajante, lhe diz: “Em tal momento, encontrarás tal coisa, serás atacado e socorrido.” Estará predizendo o futuro, mas, futuro para o viajante, não para ele, autor da previsão, pois que, para ele, esse futuro é presente.

Se, agora, sairmos do âmbito das coisas puramente materiais e entrarmos, pelo pensamento, no domínio da vida espiritual, veremos o mesmo fenômeno produzir-se em maior escala. Os Espíritos desmaterializados são como o homem da montanha; o espaço e a duração não existem para eles. Mas a extensão e a penetração da vista são proporcionadas à depuração deles e à elevação que alcançaram na hierarquia espiritual. Com relação aos Espíritos inferiores, aqueles são quais homens munidos de possantes telescópios, ao lado de outros que apenas dispõem dos olhos. Nos Espíritos inferiores, a visão é circunscrita, não só porque eles dificilmente podem afastar-se do globo a que se acham

presos, como também porque a grosseria de seus perispíritos lhes vela as coisas distantes, do mesmo modo que um nevoeiro as oculta aos olhos do corpo.

Bem se compreende, pois, que, de conformidade com o grau de sua perfeição, possa um Espírito abarcar um período de alguns anos, de alguns séculos, mesmo de muitos milhares de anos, porquanto, que é um século em face do infinito? Diante dele, os acontecimentos não se desenrolam sucessivamente, como os incidentes da estrada diante do viajor: ele vê simultaneamente o começo e o fim do período; todos os eventos que, nesse período, constituem o futuro para o homem da Terra são o presente para ele, que poderia então vir dizer-nos com certeza: Tal coisa acontecerá em tal época, porque essa coisa ele a vê como o homem da montanha vê o que espera o viajante no curso da viagem. Se assim não procede, é porque poderia ser prejudicial ao homem o conhecimento do futuro, conhecimento que lhe pearia o livre-arbítrio, paralisá-lo-ia no trabalho que lhe cumpre executar a bem do seu progresso. O se lhe conservarem desconhecidos o bem e o mal com que topará constitui para o homem uma prova.

Se tal faculdade, mesmo restrita, se pode contar entre os atributos da criatura, em que grau de potencialidade não existirá no Criador, que abrange o infinito? Para o Criador, o tempo não existe: o princípio e o fim dos mundos lhe são o presente. Dentro desse panorama imenso, que é a duração da vida de um homem, de uma geração, de um povo?

Entretanto, como o homem tem de concorrer para o progresso geral, como certos acontecimentos devem resultar da sua cooperação, pode convir que, em casos especiais, ele pressinta esses acontecimentos, a fim de lhes preparar o encaminhamento e de estar pronto a agir, em chegando a ocasião. Por isso é que Deus, às vezes, permite se levante uma ponta do véu; mas, sempre com fim útil, nunca para satisfação da vã curiosidade. Tal missão pode, pois,

ser conferida, não a todos os Espíritos, porquanto muitos há que do futuro não conhecem mais do que os homens, porém a alguns Espíritos bastante adiantados para desempenhá-la. Ora, é de notar-se que as revelações dessa espécie são sempre feitas espontaneamente e jamais, ou, pelo menos, muito raramente, em resposta a uma pergunta direta.

Pode também semelhante missão ser confiada a certos homens, desta maneira:

Aquele a quem é dado o encargo de revelar uma coisa oculta recebe, à sua revelia e por inspiração dos Espíritos que a conhecem, a revelação dela e a transmite maquinalmente, sem se aperceber do que faz. É sabido, ao demais, que, assim durante o sono, como em estado de vigília, nos êxtases da dupla vista, a alma se desprende e adquire, em grau mais ou menos alto, as faculdades do Espírito livre. Se for um Espírito adiantado, se, sobretudo, houver recebido, como os profetas, uma missão especial para esse efeito, gozará, nos momentos de emancipação da alma, da faculdade de abarcar, por si mesmo, um período mais ou menos extenso, e verá, como presente, os sucessos desse período. Pode então revelá-los no mesmo instante, ou conservar lembrança deles ao despertar. Se os sucessos hajam de permanecer secretos, ele os esquecerá, ou apenas guardará uma vaga intuição do que lhe foi revelado, bastante para o guiar instintivamente.

É assim que em certas ocasiões essa faculdade se desenvolve providencialmente, na iminência de perigos, nas grandes calamidades, nas revoluções, e é assim também que a maioria das seitas perseguidas adquire numerosos *videntes*. É ainda por isso que se vêem os grandes capitães avançar resolutamente contra o inimigo, certos da vitória; que homens de gênio, por exemplo, Cristóvão Colombo, caminham para uma meta, anunciando previamente, por assim dizer, o instante em que a alcançarão. É que eles viram essa meta, que, para seus Espíritos, deixou de ser o desconhecido.

Todos os fenômenos cuja causa era ignorada foram tidos à conta de maravilhosos. Uma vez conhecida a lei segundo a qual eles se realizam, eles entraram na ordem das coisas naturais. Nada, pois, tem de sobrenatural o dom da predição, mais do que uma imensidade de outros fenômenos. Ele se funda nas propriedades da alma e na lei das relações do mundo visível com o mundo invisível, que o Espiritismo veio dar a conhecer. Mas, como admitir a existência de um mundo invisível, se não se admite a alma, ou se não se admitir a sua individualidade depois da morte? O incrédulo que nega a presciência é conseqüente consigo mesmo; resta saber se o é com a lei natural.

A teoria da presciência talvez não resolva de modo absoluto todos os casos que se possam apresentar de revelação do futuro, mas não se pode deixar de convir em que lhe estabelece o princípio fundamental. Se não explica tudo, é pela dificuldade, para o homem, de colocar-se nesse ponto de vista extraterrestre; por sua própria inferioridade, seu pensamento, incessantemente arrastado para o atalho da vida material, muitas vezes é impotente para se destacar do solo. A esse respeito, certos homens são como filhotes de aves, cujas asas, demasiado fracas, não lhes permitem elevar-se no ar, ou como aqueles cuja vista é muito curta para ver ao longe, ou, enfim, como aqueles a quem falta um sentido para certas percepções. Entretanto, com alguns esforços e o hábito da reflexão, lá chegaram: os espíritas, mais facilmente que os outros, podem identificar-se com a vida espiritual, que compreendem.

Para compreendermos as coisas espirituais, isto é, para delas fazermos idéia tão clara como a que fazemos de uma paisagem que tenhamos ante os olhos, falta-nos em verdade um sentido, exatamente como ao cego de nascença falta um que lhe faculte compreender os efeitos da luz, das cores e da vista, sem o contato. Daí se segue que somente por esforço da imaginação e por meio de comparações com coisas materiais que nos sejam familiares chegamos a consegui-lo. As coisas materiais, porém, não

nos podem dar das coisas espirituais senão idéias muito imperfeitas, razão por que não se devem tomar ao pé da letra essas comparações e crer, por exemplo, que a extensão das faculdades perceptivas dos Espíritos depende da efetiva elevação deles, nem que eles precisem estar em cima de uma montanha ou acima das nuvens para abrangerem o tempo e o espaço.

Tal faculdade lhes é inerente ao estado de espiritualização, ou, se o preferirem, de desmaterialização. Quer isto dizer que a espiritualização produz um efeito que se pode comparar, se bem muito imperfeitamente, ao da visão de conjunto que tem o homem colocado sobre a montanha. Esta comparação objetivava simplesmente mostrar que acontecimentos pertencentes ainda, para uns, ao futuro, estão, para outros, no presente e podem assim ser preditos, o que não implica que o efeito se produza de igual maneira.

Portanto, para gozar dessa percepção, não precisa o Espírito transportar-se a um ponto qualquer do espaço. Pode possuí-la em toda a sua plenitude aquele que na Terra se acha ao nosso lado, tanto quanto se achasse a mil léguas de distância, ao passo que nós nada vemos além do nosso horizonte visual. Não se operando a visão, nos Espíritos, do mesmo modo, nem com os mesmos elementos que no homem, muito diverso é o horizonte visual dos primeiros. Ora, é precisamente esse o sentido que nos falece para o concebermos. O Espírito, ao lado do encarnado, é como o vidente ao lado do cego.

Devemos, além disso, ponderar que essa percepção não se limita ao que diz respeito à extensão; que ela abrange a penetração de todas as coisas. É, repetimo-lo, uma faculdade inerente e proporcionada ao estado de desmaterialização. A encarnação *amortece-a*, sem, contudo, a anular completamente, porque a alma não fica encerrada no corpo como numa caixa. O encarnado a possui, em razão do adiantamento de seu Espírito,

embora sempre em grau menor do que quando se acha completamente desprendido; é o que confere a certos homens um poder de penetração que a outros falece inteiramente; maior grandeza de visão moral; compreensão mais fácil das coisas extramateriais.

O Espírito encarnado não somente percebe, como também se lembra do que viu no estado de Espírito livre e essa lembrança é como um quadro que se lhe desenha na mente. Na encarnação, ele vê, mas vagamente, como através de um véu; no estado de liberdade, vê e concebe claramente. O princípio da visão não lhe é exterior, está nele; essa a razão por que não precisa da luz exterior. Por efeito do desenvolvimento moral alarga-se o círculo das idéias e da concepção; por efeito da desmaterialização gradual do perispírito, este se purifica dos elementos grosseiros que lhe alteravam a delicadeza das percepções, o que torna fácil compreender-se que a ampliação de todas as faculdades acompanha o progresso do Espírito.

O grau da extensão das faculdades do Espírito é que, na encarnação, o torna mais ou menos apto a conceber as coisas espirituais. Essa aptidão, todavia, não é corolário forçoso do desenvolvimento da inteligência; a ciência vulgar não a dá, tanto assim que há homens de grande saber tão cegos para as coisas espirituais, quanto outros o são para as coisas materiais; são-lhe refratários, porque não as compreendem, o que significa que *ainda* não progrediram em tal sentido, ao passo que outros, de instrução e inteligência vulgares, as apreendem com a maior facilidade, o que prova que já tinham de tais coisas uma intuição prévia.

A faculdade de mudar de ponto de vista e de olhar do alto não só dá a solução do problema da presciência; é, além disso, a chave da verdadeira fé, da fé sólida; é também o mais poderoso elemento de força e de resignação, porque daí a vida terrena, aparecendo como um ponto na imensidade, compreende-se o

pouco valor das coisas que, vistas debaixo, parecem tão importantes. Os incidentes, as misérias, as vaidades da vida diminuem à medida que se desdobra o imenso e esplêndido horizonte do futuro. O que assim vê as coisas deste mundo, pouco ou nada é atingido pelas vicissitudes e, por isto mesmo, é tão feliz quanto o pode ser na Terra. É, pois, de lamentar-se os que concentram seus pensamentos na estreita esfera terrestre, porque sentem, em toda a sua força, o contragolpe de todas as tribulações que, como tantos agulhões, os ferem incessantemente.

Quanto ao futuro do Espiritismo, os Espíritos, como se sabe, são unânimes em afirmar o seu triunfo próximo, a despeito dos obstáculos que lhe criem. Fácil lhes é essa previsão, primeiramente, porque a sua propagação é obra pessoal deles: concorrendo para o movimento, ou dirigindo-o, eles naturalmente sabem o que devem fazer; em segundo lugar, basta-lhes entrever um período de curta duração: vêem, nesse período, ao longo do caminho, os poderosos auxiliares que Deus lhe suscita e que não tardarão a manifestar-se.

Transportem-se os espíritas, embora sem serem Espíritos desencarnados, a trinta anos apenas para diante, ao seio da geração que surge; daí considerem o que se passa hoje com o Espiritismo; acompanhem-lhe a marcha progressiva e verão consumir-se em vãos esforços os que se crêem destinados a derrocá-lo. Verão que esses tais pouco a pouco desaparecem de cena e que, paralelamente, a árvore cresce e alonga cada dia mais as suas raízes.

Completaremos este estudo pelas referências que existem entre a presciência e a fatalidade. Enquanto isto, remetemos os leitores ao que, sobre o último ponto, foi dito em *O Livro dos Espíritos*, nº 851 e seguintes.

A Vida de Jesus, pelo Sr. Renan

Esta obra é hoje muito conhecida para que haja necessidade de fazer-lhe uma análise. Limitar-nos-emos, pois, a examinar o ponto de vista em que se colocou o autor e daí deduzir algumas conseqüências.

A comovente dedicatória à alma de sua irmã, que o Sr. Renan põe no topo do volume, apesar de muito curta é, em nossa opinião um trecho capital, pois é toda uma profissão de fé. Citamo-la integralmente, porque nos ensinará algumas observações importantes e de interesse geral.

À ALMA PURA DE MINHA IRMÃ HENRIETTE

Morta em Biblos, em 24 de setembro de 1861

“Lembras-te, do seio de Deus onde repousas, daqueles longos dias de Ghazir, onde, a sós contigo, eu escrevia essas páginas inspiradas pelos lugares que acabávamos de percorrer? Silenciosa a meu lado, relias cada folha e a recopiavas tão logo escrita, enquanto o mar, os vilarejos, as ravinas e montanhas se desdobravam aos nossos pés. Quando a luz sufocante abria espaço ao inumerável exército das estrelas, tuas perguntas finas e delicadas, tuas dúvidas discretas me reconduziam ao objeto sublime de nossos pensamentos comuns. Um dia me dizias que amarias este livro, primeiro porque tinha sido feito contigo, depois porque te agradava. Se, por vezes, temias para ele os mesquinhos julgamentos do homem frívolo, sempre estiveste convencida de que as almas verdadeiramente religiosas acabariam se agradando dele. Em meio a essas doces meditações, a morte nos feriu a ambos com sua asa; o sono da febre nos tomou à mesma hora; despertei só!... Agora dormes na terra de Adônis, junto da santa Biblos e das águas sagradas onde as mulheres dos mistérios antigos vinham misturar suas lágrimas. Revela-me, ó bom gênio, a mim que amavas, essas verdades que dominam a morte, impedindo temê-la e quase a fazendo amar.”

A menos que se suponha tenha o Sr. Renan representado uma comédia indigna, é impossível que tais palavras procedam da pena de um homem que crê no nada. Sem dúvida vêem-se escritores de talento maleável, jogar com as idéias e com as crenças mais contraditórias, a ponto de iludir os seus próprios sentimentos. É que, assim como o ator, possuem a arte da imitação. Para eles uma idéia não precisa ser artigo de fé; é um tema sobre o qual trabalham, por pouco que se preste à imaginação, e que ora adaptam de um modo, ora de outro, conforme o exijam as circunstâncias. Mas há assuntos aos quais o mais endurecido incrédulo não poderia tocar sem cometer uma profanação: tal é o da dedicatória do Sr. Renan. Em caso semelhante, um homem de coração preferirá abster-se a falar contra a sua convicção; estes não são daqueles assuntos que se escolhem para causar forte impressão.

Tomando as formas dessa dedicatória como expressão conscienciosa do pensamento do autor, aí se encontra mais que uma vaga idéia espiritualista. Com efeito, não é a alma perdida nas profundezas do espaço, absorvida em eterna e beatífica contemplação, ou em dores sem-fim; também não é a alma do panteísta, aniquilando-se no oceano da inteligência universal: é o quadro da alma individual, com a lembrança de suas afeições e ocupações terrenas, voltando aos lugares que habitou, junto às pessoas amadas. O Sr. Renan não falaria assim a um mito, a um ser abismado no nada. Para ele, a alma de sua irmã está ao seu lado; ela o vê, o inspira, interessa-se por seus trabalhos; há entre ambos permuta de pensamentos, comunicação espiritual; sem o suspeitar, ele faz, como tantos outros, uma verdadeira evocação. Que falta a essa crença para ser completamente espírita? A comunicação material. Por que, então, o Sr. Renan a repele, qualificando-a entre as crenças supersticiosas? Porque não admite o sobrenatural, nem o maravilhoso. Mas se reconhecesse o estado real da alma depois da morte, as propriedades de seu envoltório perispiritual, compreenderia que o fenômeno das manifestações espíritas não escapa das leis naturais, e que para isto não é necessário recorrer ao

maravilhoso; que, desde que o fenômeno deve ter-se produzido em todos os tempos e em todos os povos, tem sido fonte de uma imensidão de fatos erroneamente qualificados por uns de sobrenaturais e por outros atribuídos à imaginação; que a ninguém é dado o poder de impedir tais manifestações e que, em certos casos, é possível provocá-las.

Que faz, então, o Espiritismo, senão nos revelar uma nova lei da Natureza? Ele faz, em relação a uma certa ordem de fenômenos, o que, para outros, fez a descoberta das leis da eletricidade, da gravitação, da afinidade molecular, etc. Então a Ciência teria a pretensão de haver dito a última palavra da Natureza? Haveria algo mais surpreendente, mais maravilhoso em aparência do que se corresponder em alguns minutos com uma pessoa que se encontra a quinhentas léguas de distância? Antes do conhecimento da lei da eletricidade, tal fato teria passado por magia, feitiçaria, diabrura ou milagre. Sem dúvida nenhuma, mesmo um sábio, a quem houvessem contado o fato, o teria repellido e não lhe faltariam excelentes razões para demonstrar que era materialmente impossível. Impossível, talvez, conforme as leis então conhecidas, mas muito possível, segundo uma lei que não era conhecida. Por que, então, haveria mais possibilidade de comunicação instantânea com um ser vivo, cujo corpo está a quinhentas léguas, do que com a alma desse mesmo ser, que está ao nosso lado? É, dizem, porque não tem mais corpo. E quem vos diz que não o tem? É precisamente o contrário que o Espiritismo vem provar, demonstrando que se sua alma não tem mais o envoltório material, compacto, ponderável, tem um fluídico, imponderável, mas que não deixa de ser uma espécie de matéria; que esse envoltório, invisível em seu estado normal, em certas circunstâncias e por uma espécie de modificação molecular, pode tornar-se visível, como o vapor, pela condensação. Como se vê, isto não passa de um fenômeno muito natural, cuja chave dá o Espiritismo, pela lei que rege as relações entre o mundo visível e o mundo invisível.

Persuadido de que a alma de sua irmã, ou o seu Espírito, o que dá no mesmo, estava junto dele, o Sr. Renan a via e escutava, e deveria crer que essa alma fosse alguma coisa. Se alguém tivesse vindo dizer-lhe: Essa alma, cuja presença o vosso pensamento adivinha, não é um ser vago e indefinido; é um ser limitado e circunscrito por um corpo fluídico, invisível como a maioria dos fluidos; para ela a morte não passou da destruição de seu envoltório corporal, mas conservou o seu invólucro etéreo, indestrutível, de sorte que tendes ao vosso lado a vossa irmã, tal como era em vida, menos o corpo que deixou na Terra, como a borboleta deixa a sua crisálida; morrendo, apenas se despojou da vestimenta grosseira, que não mais lhe podia servir, que a retinha à superfície do solo, mas conservou a roupagem leve, que lhe permite transportar-se para onde queira, transpor o espaço com a rapidez do relâmpago; quanto ao aspecto moral, é a mesma pessoa, com os mesmos pensamentos, as mesmas afeições, a mesma inteligência, porém com percepções novas, mais vastas, mais sutis, uma vez que suas faculdades não mais são comprimidas pela matéria pesada e compacta, através da qual elas deviam transmitir-se. Dizei se este quadro tem algo de irracional. Provando que ele é real, o Espiritismo é assim tão ridículo quanto alguns o pretendem? Em última análise, que faz ele? Demonstra de maneira patente a existência da alma; provando que esta é um ser definido, dá um objetivo real às nossas lembranças e afeições. Se o pensamento do Sr. Renan não passava de um sonho, de uma ficção poética, o Espiritismo vem transformar essa ficção em realidade.

Em todos os tempos a filosofia é ligada à procura da alma, sua natureza, suas faculdades, sua origem e seu destino. Inúmeras teorias foram feitas a propósito, e a questão sempre ficou na incerteza. Por quê? Aparentemente porque nenhuma encontrou o nó do problema e não o resolveu de maneira bastante satisfatória para convencer a todos. O Espiritismo vem, por sua vez, dar a sua teoria. Apóia-se na psicologia experimental; estuda a alma, não só durante a vida, mas após a morte; observa-a em estado de

isolamento; ele a vê agir em liberdade, enquanto a filosofia ordinária só a vê em sua união com o corpo, submetida aos entraves da matéria, razão por que muitas vezes confunde a causa com o efeito. A filosofia se esforça por demonstrar a existência e os atributos da alma por fórmulas abstratas, ininteligíveis para as massas; o Espiritismo lhe dá provas palpáveis e, a bem dizer, a faz tocar com o dedo e a ver, exprimindo-se em termos claros, ao alcance de toda gente. A simplicidade de linguagem lhe tiraria o caráter filosófico, como o pretendem certos sábios?

A despeito disto, aos olhos de muita gente a filosofia espírita contém um erro grave, e tal erro se encerra numa única palavra. A palavra *alma*, mesmo para os incrédulos, tem algo de respeitável e imponente. Ao contrário, a palavra *Espírito* neles desperta idéias fantásticas de lendas, contos de fadas, fogos-fátuos, bichos-papões, etc. Admitem naturalmente que se possa crer na alma, embora eles mesmos não creiam, mas não podem compreender que, sensatamente, se possa acreditar nos Espíritos. Daí uma prevenção que os faz encarar esta ciência como pueril e indigna de sua atenção; julgando-a pela etiqueta, crêem-na inseparável da magia e da feitiçaria. Se o Espiritismo se tivesse abstido de pronunciar a palavra *Espírito* e se, em todas as circunstâncias a tivesse substituído pela palavra *alma*, a impressão para eles teria sido completamente outra. Com todo o rigor, esses profundos filósofos, esses livres-pensadores admitem que a *alma* de um ser que nos foi caro ouça os nossos lamentos e nos venha inspirar, mas não admitirão que o mesmo se dê com seu *Espírito*. O Sr. Renan pôde colocar no topo de sua dedicatória: *À alma pura de minha irmã Henriette*; não teria posto: *Ao Espírito puro*.

Por que, então, o Espiritismo se serviu da palavra *Espírito*? É um erro? Não, ao contrário. Primeiro porque, desde as primeiras manifestações e antes da criação da filosofia espírita, essa palavra já era usada; desde que se tratava de deduzir as

conseqüências morais dessas manifestações, havia utilidade em conservar uma denominação consagrada pelo uso, a fim de mostrar a conexão dessas duas partes da ciência. Além disso, era evidente que a prevenção ligada a essa palavra, circunscrita a uma categoria especial de pessoas, devia apagar-se com o tempo. O inconveniente era apenas momentâneo.

Em segundo lugar, se para certas pessoas o vocábulo *Espírito* era um palavrão, para as massas era um atrativo e deveria contribuir mais que o outro para popularizar a doutrina. Assim, pois, era preferível o maior número ao menor.

Um terceiro motivo é mais sério que os dois outros. As palavras *alma* e *Espírito*, embora sinônimas e empregadas indiferentemente, não exprimem exatamente a mesma idéia. A *alma* é, a bem dizer, o princípio inteligente, inatingível e indefinido como o pensamento. No estado dos nossos conhecimentos, não podemos concebê-lo isolado da matéria de maneira absoluta. O perispírito, não obstante formado de matéria sutil, dele faz um ser limitado, definido e circunscrito à sua individualidade espiritual, donde se pode formular esta proposição: *A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o HOMEM; a alma e o perispírito separados do corpo constituem o ser chamado ESPÍRITO.* Nas manifestações, pois, não é só a alma que se apresenta; está sempre revestida de seu envoltório fluídico; esse envoltório é o intermediário necessário, através do qual ela age sobre a matéria compacta. Nas aparições não é a alma que se vê, mas o perispírito, do mesmo modo que quando se vê um homem vê-se o seu corpo, e não o pensamento, a força, o princípio que o faz agir.

Em resumo, a *alma* é o ser simples, primitivo; o *Espírito* é o ser duplo; o *homem* é o ser triplo. Se se confundir o homem com suas roupas, teremos um ser quádruplo. Nas circunstâncias de que se trata, a palavra *Espírito* é a que melhor corresponde à coisa

expressa. Pelo pensamento representa-se um Espírito, mas não se representa uma alma.

Convencido de que a alma de sua irmã o via e o entendia, o Sr. Renan não podia supor que ela estivesse só no espaço. Uma simples reflexão deveria dizer-lhe que deve ocorrer o mesmo com todas as que deixam a Terra. As almas ou Espíritos assim espalhados na imensidade constituem o mundo invisível que nos cerca e em cujo meio vivemos, de sorte que esse mundo não é composto de seres fantásticos, de gnomos, de duendes, de demônios monstruosos, mas dos mesmos seres que formaram a Humanidade terrestre. Que há nisso de absurdo? O mundo visível e o mundo invisível assim se acham em perpétuo contato, daí resultando uma incessante reação de um sobre o outro; daí uma imensidade de fenômenos que entram na ordem dos fatos naturais. O Espiritismo moderno não os descobriu, nem os inventou; ele os estudou melhor e melhor os observou; procurou as suas leis e, por isso mesmo, as suprimiu da ordem dos fatos maravilhosos.

Os fatos que se prendem ao mundo invisível e às suas relações com o mundo visível, mais ou menos observados em todas as épocas, ligam-se à história de quase todos os povos e, sobretudo, à história religiosa. Eis por que em muitas passagens, escritores sacros e profanos fazem alusão a eles. É por falta de conhecimento dessas relações que tantas passagens ficaram ininteligíveis e foram interpretadas tão diversamente e tão falsamente.

É por esta mesma razão que o Sr. Renan equivocou-se tão singularmente quanto à natureza dos fatos relatados no Evangelho, quanto ao sentido das palavras do Cristo, seu papel e seu verdadeiro caráter, como o demonstraremos num próximo artigo. Estas reflexões, a que nos conduziram o seu preâmbulo, eram necessárias para apreciar as conseqüências por ele tiradas do ponto de vista em que se colocou.

Sociedade Espírita de Paris

DISCURSO DE ABERTURA DO SÉTIMO ANO SOCIAL –
1º DE ABRIL DE 1864

Senhores e caros colegas,

A Sociedade começa seu sétimo ano, o que é muito significativo em se tratando de uma ciência nova. Um fato de não menor importância é que ela seguiu constantemente uma marcha ascendente. Contudo, senhores, sabeis que é menos no sentido material que no sentido moral que se realiza o seu progresso. Não somente ela não abriu suas portas ao primeiro a chegar, como não solicitou que dela fizesse parte quem quer que fosse, antes visando circunscrever-se do que se expandir indefinidamente.

Com efeito, o número de membros ativos é uma questão secundária para toda sociedade que, como esta, não visa entesourar. Como não *busca subscritores*, não se prende à quantidade. Assim o exige a própria natureza de seus trabalhos, exclusivamente científicos, para os quais são necessários a calma e o recolhimento, e não o alvoroço da multidão.

O sinal de prosperidade da Sociedade, não está, pois, nem na cifra de seu pessoal, nem no montante de sua reserva bancária; está inteiramente na progressão de seus estudos, na consideração que conquistou, no ascendente moral que exerce lá fora, enfim no número de adeptos que aderem aos princípios que ela professa, sem que, por isso, dela participem. A esse respeito, senhores, sabeis que o resultado ultrapassou todas as previsões e, coisa notável! não é somente na França que ela exerce tal ascendente, mas no estrangeiro, porque, para os verdadeiros espíritas, todos os homens são irmãos, seja qual for a nação a que pertençam. Tendes a prova material disto no número de sociedades e grupos que, de diversos países, vêm colocar-se sob o seu patrocínio e lhe pedir conselhos. Isto é um fato notório e tanto mais característico quanto essa convergência para ela se faz

espontaneamente, pois não é menos notório que ela nem o provocou, nem o solicitou. É, pois, voluntariamente, que vêm colocar-se sob a bandeira que ela hasteou. A que se deve tudo isto? Suas causas são múltiplas; não é inútil examiná-las, porque isto entra na história do Espiritismo.

Uma das causas vem, naturalmente, do fato de que, sendo a primeira regularmente constituída, também foi a primeira a ampliar o círculo de seus estudos e a abraçar todas as partes da ciência espírita. Quando o Espiritismo mal saía do período da curiosidade e das mesas girantes, ela entrou resolutamente no período filosófico que, de certo modo, inaugurou. Por isso mesmo, logo centralizou a atenção da gente séria.

Mas isto para nada teria servido, se ela tivesse ficado alheia aos princípios ensinados pela generalidade dos Espíritos. Se apenas tivesse professado suas próprias idéias, jamais se teria imposto à imensa maioria dos adeptos de todos os países. A Sociedade representa os princípios formulados em *O Livro dos Espíritos*. Sendo esses princípios ensinados em toda parte, muito naturalmente se vincularam ao centro de onde aqueles partiam, ao passo que aqueles que se colocaram fora deste centro ficaram isolados, por não terem encontrado eco entre os Espíritos.

Repetirei aqui o que disse alhures, porque nunca seria demais repetir: A força do Espiritismo não reside na opinião de um homem, nem na de um Espírito; está na universalidade do ensino dado por estes últimos; o *controle universal*, como o *sufrágio universal*, resolverá no futuro todas as questões litigiosas; fundará a unidade da doutrina muito melhor do que um concílio de homens. Ficai certos, senhores, de que este princípio fará o seu caminho, como o *Fora da caridade não há salvação*, porque baseado na mais rigorosa lógica e na abdicação da personalidade. Não contrariará senão os adversários do Espiritismo e aqueles que só têm fé em suas luzes pessoais.

É por jamais se ter afastado dessa via traçada pela sã razão que a Sociedade de Paris conquistou o lugar que ocupa. Confiam nela, porque sabem que nada avança levemente, não impõe suas próprias idéias e, por sua posição, mais que ninguém, está habilitada a constatar o sentido em que se pronuncia aquilo que se pode justamente chamar o *sufrágio universal dos Espíritos*. Se alguma vez ela se colocasse ao lado da maioria, deixaria forçosamente de ser o ponto de ligação. O Espiritismo não cairia *porque tem seu ponto de apoio em toda parte*, mas a Sociedade cairia, se não tivesse o seu *por toda parte*. Com efeito, e por sua natureza excepcional, o Espiritismo também não repousa *numa sociedade*, como não se assenta num indivíduo; a de Paris jamais disse: *Fora de mim não há Espiritismo*; assim, se ela deixasse de existir, nem por isto o Espiritismo desviar-se-ia de seu curso, porque tem suas raízes na inumerável multidão de intérpretes dos Espíritos no mundo inteiro, e não numa reunião qualquer, cuja existência é sempre eventual.

Os testemunhos que a Sociedade recebe provam que ela é estimada e considerada, o que certamente é motivo para nos congratularmos. Se a causa primeira está na natureza de seus trabalhos, é justo acrescentar que o deve também ao bom conceito que de suas sessões levaram os numerosos estrangeiros que a visitaram; a ordem, a postura, a gravidade, os sentimentos de fraternidade que viram aí reinar os convenceram, mais que todas as palavras, de seu caráter eminentemente sério.

Tal é, senhores, a posição que, como fundador da Sociedade, eu tive que lhe assegurar; tal é, também, a razão pela qual jamais cedi a qualquer incitamento tendente a desviá-la do caminho da prudência. Deixei que dissessem e fizessem os impacientes de boa ou de má-fé; sabeis no que eles se tornaram, ao passo que a Sociedade ainda está de pé.

A missão da Sociedade não é fazer proselitismo, razão por que jamais convoca o público. O objetivo de seus trabalhos, como o indica seu título, é o progresso da ciência espírita. Para isto aproveita não só suas próprias observações, mas as feitas alhures; recolhe os documentos que lhe chegam de todas as partes; estuda-os, investiga-os e os compara, para lhes deduzir os princípios e tirar as instruções que espalha, mas não o faz irrefletidamente. É assim que seus trabalhos a todos aproveitam e, se conquistaram certa autoridade, é porque sabem que são feitos conscienciosamente, sem prevenção sistemática contra pessoas ou coisas.

Compreende-se, pois, que para atingir tal objetivo, é indiferente um número de membros mais ou menos considerável. O resultado seria obtido tão bem ou, melhor ainda, com uma dúzia do que com algumas centenas. Não visando a nenhum interesse material, não há por que buscar o número; sendo seu objetivo grave e sério, nada faz tendo em vista a curiosidade; enfim, como os elementos da ciência nada lhe ensinariam de novo, não perde tempo em repetir o que já sabe. Como dissemos, seu papel é trabalhar pelo progresso da ciência pelo estudo; não é junto dela que os que nada sabem vêm convencer-se, mas que os adeptos já iniciados vêm colher novas instruções; tal é o seu verdadeiro caráter. O que lhe é preciso, o que lhe é indispensável, são relações extensas, que lhe permitam ver do alto o movimento geral, para julgar do conjunto, a este se conformar e o dar a conhecer. Ora, ela possui tais relações, que vieram por si mesmas e aumentam diariamente, e tendes a prova disto pela correspondência.

O número de reuniões que se formam sob os seus auspícios e solicitam o seu patrocínio, pelos motivos expostos acima, é o fato mais característico do ano social que acaba de passar. Este fato não só é muito honroso para a Sociedade como tem uma importância capital, pois testemunha, ao mesmo tempo, a extensão da doutrina e o sentido no qual tende a estabelecer-se a unidade.

Os que nos conhecem sabem a natureza das relações que existem entre a Sociedade de Paris e as sociedades estrangeiras, mas é essencial que todo o mundo o saiba, para evitar os equívocos a que as alegações da malevolência poderiam dar lugar. Assim, não é supérfluo repetir: Que os espíritas não formam entre si nem uma congregação, nem uma associação; que entre as diversas sociedades não há nem solidariedade material, nem filiação oculta ou ostensiva; que não obedecem a nenhuma palavra de ordem secreta; que os que delas fazem parte são sempre livres para se retirarem, quando isto lhes convém; que se elas não abrem suas portas ao público, não é porque aí se passe algo de misterioso ou de oculto, mas porque não querem ser perturbadas pelos curiosos e importunos; longe de agir na sombra, ao contrário estão sempre prontas a submeter-se às investigações da autoridade legal e às prescrições que lhes forem impostas. A de Paris tem, sobre as outras, apenas autoridade moral, que conquistou por sua posição e por seus estudos e porque houveram por bem lha conferir. Dá os conselhos que exigem de sua experiência, mas não se impõe a nenhuma. A única palavra de ordem que dá, como sinal de reconhecimento entre os verdadeiros espíritas, é este: *Caridade para com todos, mesmo pelos nossos inimigos*. Declinaria, pois, de toda solidariedade moral com as que se afastassem deste princípio, que tivessem por móvel o interesse material, que, em vez de manter a união e a boa harmonia, tendessem a semear a divisão entre os adeptos, porque, por isso mesmo, elas se colocariam fora da doutrina.

A Sociedade de Paris não pode assumir a responsabilidade dos abusos que, por ignorância ou por outras causas, possam fazer do Espiritismo; ela não pretende, de forma alguma, cobrir com o seu manto os que os cometem; não pode nem deve tomar-lhes a defesa perante a autoridade, em caso de perseguição, porque seria aceitar o que a doutrina desaprova. Quando a crítica se dirige a tais abusos, nada temos a refutar, mas apenas respondemos: “Se vos désseis ao trabalho de estudar o

Espiritismo, saberíeis o que ele diz e não o acusaríeis daquilo que ele condena.” Assim, cabe aos espíritas sinceros evitar cuidadosamente tudo quanto possa dar lugar a uma crítica fundada; e certamente o conseguirão, se se aterem aos preceitos da doutrina. Não é porque uma reunião se intitula grupo, círculo ou sociedade espírita que, necessariamente deve ter a nossa simpatia; a etiqueta jamais foi garantia absoluta da qualidade da mercadoria. Mas, segundo a máxima: “Conhece-se a árvore pelo seu fruto”, nós a apreciamos em razão dos sentimentos que a animam, do móvel que a dirige, e a julgamos por suas obras.

A Sociedade de Paris se congratula quando pode inscrever, na lista de seus aderentes, reuniões que oferecem todas as garantias desejáveis de ordem, boas maneiras, sinceridade, devotamento e abnegação pessoal e os pode oferecer como modelos aos seus irmãos em crença.

A posição da Sociedade de Paris é, pois, exclusivamente moral e ela jamais ambicionou outra. Aqueles nossos antagonistas que pretendem que todos os espíritas são tributários; que ela se enriquece à sua custa, extorquindo-lhes dinheiro em seu proveito; que calculam seu lucro pelo número de adeptos, ou dão provas de má-fé ou da mais absoluta ignorância daquilo de que falam. Sem dúvida ela tem por si a consciência, mas tem a mais, para confundir a impostura, os seus arquivos, que testemunharão sempre a verdade, assim no presente como no futuro.

Sem desígnio premeditado e pela força das coisas, a Sociedade tornou-se um centro para onde convergem ensinamentos de toda natureza concernentes ao Espiritismo. Sob esse aspecto, ela se acha numa posição que poderíamos dizer excepcional, pelos elementos que possui para assentar a sua opinião. Melhor que ninguém, pode ela, pois, conhecer o estado real do progresso da doutrina em cada país e apreciar as causas locais que possam favorecê-la ou retardar o seu desenvolvimento.

Essa estatística não será um dos elementos menos preciosos da história do Espiritismo, permitindo, ao mesmo tempo, que se estudem as manobras de seus adversários e se calculem a extensão dos golpes desferidos para o derrubar. Bastaria esta observação para permitir prever o resultado definitivo e inevitável da luta, como se julga o desfecho de uma batalha pelo movimento dos dois exércitos.

A propósito, pode dizer-se com inteira verdade que estamos na primeira linha para observar, não só a tática dos homens, mas, também, a dos Espíritos. Com efeito, vemos da parte destes uma unidade de vistas e de plano sábia e providencialmente combinada, diante da qual devem quebrar-se, forçosamente, todos os esforços humanos, porque os Espíritos podem atingir os homens e os ferir, ao passo que escapam destes últimos. Como se vê, a partida é desigual.

A história do Espiritismo moderno será uma coisa realmente curiosa, porque será a da luta entre o mundo visível e o mundo invisível. Os Antigos teriam dito: *A guerra dos homens contra os deuses*. Será também a luta dos fatos, mas, sobretudo e forçosamente, a dos homens que neles tiverem representado um papel ativo, num como noutro sentido, de verdadeiros sustentáculos, como adversários da causa. É preciso que as gerações futuras saibam a quem deverão um justo tributo de reconhecimento; é preciso que consagrem a memória dos verdadeiros pioneiros da obra regeneradora e que não haja glórias usurpadas.

O que dará a essa história um caráter particular é que, em vez de ser feita, como muitas outras, dos anos ou dos séculos fora do tempo, com fé na tradição e na lenda, ela se faz à medida que os eventos acontecem, baseando-se em dados autênticos, o mais vasto e completo arquivo existente no mundo, que possuímos, proveniente de correspondência incessante, vinda de todos os países onde se implanta a doutrina.

Sem dúvida o Espiritismo, em si mesmo, não pode ser atingido pelas alegações mentirosas de seus adversários, com o auxílio das quais procuram deturpá-lo; contudo, poderiam dar falsa idéia de seus primórdios e de seus meios de ação, desnaturando os atos e o caráter dos homens que nele tiverem cooperado, se não se desse a contrapartida oficial. Esses arquivos serão, para o futuro, a luz que dissipará todas as dúvidas, a mina onde os comentadores futuros poderão colher com certeza. Como vedes, senhores, esse trabalho é de grande importância no interesse da verdade histórica; a nossa própria Sociedade nele está interessada, em razão da parte que ocupa no movimento.

Há um provérbio que diz: “A nobreza obriga.” A posição da Sociedade lhe impõe obrigações para conservar seu crédito e seu ascendente moral. A primeira é não se afastar, quanto à teoria, da linha seguida até hoje, pois já recolhe seus frutos; a segunda está no bom exemplo que deve dar, justificando, pela prática, a excelência da doutrina que professa. Sabe-se que este exemplo, provando a influência moralizadora do Espiritismo, é um poderoso elemento de propaganda e, ao mesmo tempo, o melhor meio de fechar a boca dos detratores. Um incrédulo, que da doutrina só conhece a filosofia, dizia que *com tais princípios o espírita necessariamente deveria ser um homem de bem*. Estas palavras são profundamente verdadeiras; mas, para serem completas, é preciso acrescentar que o verdadeiro espírita deve ser, necessariamente, bom e benevolente para com os seus semelhantes, isto é, praticar a caridade evangélica em sua mais vasta acepção.

É a graça que todos devemos pedir que Deus nos conceda, tornando-nos dóceis aos conselhos dos Espíritos bons que nos assistem. Peçamos igualmente a estes que continuem a nos proteger durante o ano que se inicia e que nos dêem a força de nos tornarmos dignos deles. É o meio mais seguro de justificar e conservar a posição que a Sociedade conquistou.

A Escola Espírita Americana

Algumas pessoas perguntam por que a Doutrina Espírita não é a mesma no antigo e no novo continentes e em que consiste a diferença. É o que tentaremos explicar.

Como se sabe, as manifestações ocorreram em todos os tempos, tanto na Europa quanto na América, e hoje, que nos damos conta da coisa, lembramos uma porção de fatos que tinham passado despercebidos, muitos dos quais consignados em escritos autênticos. Mas esses fatos eram isolados; nestes últimos tempos eles se produziram nos Estados Unidos numa escala bastante ampla para despertar a atenção geral dos dois lados do Atlântico. A extrema liberdade existente nesse país favoreceu a eclosão das idéias novas, e é por isto que os Espíritos o escolheram para primeiro teatro de seus ensinamentos.

Ora, acontece muitas vezes que uma idéia surge num país e se desenvolve em outro, como se vê nas ciências e na indústria. Sob esse aspecto, o gênio americano deu suas provas e nada tem a invejar à Europa; mas, se excede em tudo o que concerne ao comércio e às artes mecânicas, não se pode recusar à Europa o das ciências morais e filosóficas. Em consequência dessa diferença no caráter normal dos povos, o Espiritismo experimental ocupava seu espaço na América, enquanto a teoria e a filosofia encontravam na Europa elementos mais propícios ao seu desenvolvimento. Assim, foi lá que nasceu, conquistando, em poucos anos, o primeiro lugar. Ali os fatos inicialmente despertaram a curiosidade; porém, uma vez constatados e satisfeita a curiosidade, logo se cansaram das experiências materiais sem resultados positivos. Já o mesmo não ocorreu desde que se desdobraram as consequências morais desses mesmos fatos para o futuro da Humanidade. A partir daí o Espiritismo tomou posição entre as ciências filosóficas; marchou a passos de gigante, a despeito dos obstáculos que lhe foram suscitados, porque satisfazia

às aspirações das massas, porque prontamente compreenderam que vinha preencher um imenso vazio nas crenças e resolver o que até então parecia insolúvel.

A América foi, pois, o berço do Espiritismo, mas foi na Europa que ele cresceu e fez suas humanidades. Isto é motivo para a América ficar enciumada? Não, porque noutros pontos ela levou vantagem. Não foi na Europa que as máquinas a vapor surgiram? e não foi na América que encontraram a sua aplicação prática? A cada um o seu papel, conforme suas aptidões, e a cada povo o seu, segundo seu gênio particular.

O que particularmente distingue a escola espírita dita americana da escola européia é a predominância, na primeira, da parte fenomênica, à qual se ligam mais especialmente, e na segunda, a parte filosófica. A filosofia espírita da Europa espalhou-se prontamente, porque ofereceu, desde o princípio, um conjunto completo, mostrando o objetivo e ampliando o horizonte das idéias; incontestavelmente, é a que hoje prevalece no mundo inteiro. Até hoje os Estados Unidos pouco se afastaram de suas idéias primitivas; significará isto que, isolados, ficarão na retaguarda do movimento geral? Seria injuriar a inteligência desse povo. Aliás, os Espíritos lá estão para o impelir na via comum, ensinando ali o que ensinam alhures; triunfarão pouco a pouco das resistências que poderiam nascer do amor-próprio nacional. Se os americanos repelisses a teoria européia, porque vem da Europa, aceitá-la-ão quando surgir em seu meio, pela própria voz dos Espíritos; cederão ao ascendente, não da opinião de alguns homens, mas ao controle universal do ensino dos Espíritos, esse poderoso critério, como o demonstramos em nosso artigo sobre a *autoridade da doutrina espírita*; é apenas uma questão de tempo, principalmente quando houverem desaparecido as questões pessoais.

De todos os princípios da doutrina, o que encontrou mais oposição na América – e por América deve entender-se

exclusivamente os Estados Unidos – foi o da reencarnação. Pode mesmo dizer-se que é a única divergência capital, prendendo-se as outras mais à forma do que ao fundo, e isto porque ali os Espíritos não a ensinaram. Expliquemos as razões disto. Os Espíritos procedem em toda parte com sabedoria e prudência; para se fazerem aceitar, evitam chocar muito bruscamente as idéias preconcebidas. Não irão dizer de chofre a um muçulmano que Maomé é um impostor. Nos Estados Unidos o dogma da reencarnação teria vindo chocar-se contra os preconceitos de cor, tão profundamente arraigados naquele país; o essencial era fazer aceitar o princípio fundamental da comunicação do mundo visível com o mundo invisível; as questões de detalhe viriam a seu tempo. Ora, é indubitável que esse obstáculo acabará por desaparecer, e que um dos resultados da guerra civil será o gradativo enfraquecimento de preconceitos, verdadeira anomalia numa nação tão liberal.

Se, de maneira geral, a idéia da reencarnação ainda não é aceita nos Estados Unidos, ela o é individualmente por alguns, se não como princípio absoluto, ao menos com certas restrições, o que já é alguma coisa. Quanto aos Espíritos, sem dúvida julgando que o momento é propício, começam a ensinar com cautela em certos lugares e sem rodeios em outros. Uma vez levantada, a questão percorrerá longa distância. Aliás, temos sob os olhos comunicações já antigas, obtidas naquele país, nas quais, sem estar formalmente expressa, a pluralidade das existências é a consequência forçada dos princípios emitidos; aí se vê brotar a idéia. Assim, não há que duvidar que, em pouco tempo, o que hoje ainda se chama escola americana fundir-se-á na grande unidade que se estabelece por toda parte.

Como prova do que avançamos, citaremos o artigo seguinte, publicado no jornal *União*, de *San Francisco*, e um extrato da carta que o acompanhou.

“Senhor Allan Kardec,

“Embora não tenha a honra de ser vossa conhecida, tomo, como médium, a liberdade de vos enviar a notícia anexa, que esses senhores do jornal resumiram um pouco. Contudo, tal como está, muitas pessoas parecem desejar mais. Assim, todos os vossos livros se espalham e logo nossos livreiros terão de fazer novos pedidos...

“Recebei, etc.”

Pauline Boulay

NOTÍCIA SOBRE O ESPIRITISMO

“Basta exprimir em voz alta idéias que nem todos compreendem para se ser tachado de exaltado, extravagante e louco. Não é preciso ser uma literata para escrever o que nos ditam a alma e o coração.

“Um espírito forte dizia a uma senhora médium: – Como vós, que sois inteligente, podeis acreditar em Espíritos invisíveis e na pluralidade das existências? – Respondeu a dama: Talvez porque eu seja inteligente é que creio nisto; o que sinto me inspira mais confiança do que o que vejo, uma vez que o que vemos nos engana algumas vezes; o que sentimos jamais nos engana. Sois livre para não acreditar. Os que crêem na pluralidade das existências não são maus e são mais desinteressados que os que não crêem; os incrédulos os tratam de loucos, mas isto não prova que digam a verdade; ao contrário. Duvidar do poder de Deus é ofendê-lo; negar o que existe além do que podemos apalpar é um ultraje dirigido ao Criador.

“Temos o hábito, quando nos acontece algo de extraordinário, a atribuí-lo ao acaso. Pergunto: o que é o acaso? O nada, responde a voz da verdade. Ora, não podendo o nada

produzir algo, o que existe nos vem de uma fonte produtiva. Seria muito justo pensar que o que acontece independentemente de nossa vontade é obra da Providência, dirigida pelo Senhor de nossos destinos.

“Seja o que disserdes, seja o que façais, espíritos fortes, jamais destruireis esta doutrina, que sempre existiu. Como a ignorância das almas primitivas não lhes permite compreendê-la em toda a sua extensão, imaginam que depois desta vida tudo está acabado. É um erro! Nós, médiuns, mais ou menos adiantados, acabaremos por vos convencer.

“Não só o Espiritismo é uma consolação, mas ainda desenvolve a inteligência, destrói todo pensamento de egoísmo, de orgulho e de avareza, põe-nos em comunicação com os que nos são caros e prepara o progresso, progresso imenso que, insensivelmente, destruirá todos os abusos, as revoluções e as guerras.

“A alma tem necessidade de reencarnar para se aperfeiçoar; numa única vida material não pode aprender tudo quanto deve saber para compreender a obra do Todo-Poderoso. O corpo não passa de um envoltório passageiro, no qual Deus envia uma alma para se aperfeiçoar e sofrer as provas necessárias ao seu adiantamento e à realização da grande obra do Criador, a que somos chamados a servir, quando tivermos sofrido nossas provas e adquirido todas as perfeições. Todas as nossas celebridades contemporâneas são outras tantas almas que progrediram pela renovação das encarnações; muitas dentre elas são médiuns escreventes, gênios que trazem, em cada existência nova, os progressos da ciência e das artes.

“A lista dos homens de gênio aumenta todos os anos. São outros tantos guias que Deus coloca em nosso meio para nos esclarecer, nos instruir, numa palavra, nos ensinar o que ignoramos e que é absolutamente necessário que saibamos; eles nos mostram

a chaga social, procuram destruir os preconceitos, põem à luz e aos nossos olhos todo o mal produzido pelo egoísmo e pela ignorância. Esses gênios são animados por Espíritos superiores; fizeram mais pelo progresso e pela civilização que toda a vossa pirotecnia, e fazem derramar mais lágrimas de ternura e de reconhecimento que todos os vossos feitos de armas.

“Refleti, pois, seriamente no Espiritismo, homens inteligentes, pois nele encontrareis grandes ensinamentos. Não há charlatanismo nesta lei divina: tudo aí é belo, grande, sublime; ela apenas tende a conduzir-nos à perfeição e à verdadeira felicidade moral.

“O livro escrito pelos médiuns, ditado por Espíritos superiores e errantes, é um livro de alta filosofia e de uma instrução tão profunda quanto etérea; trata de tudo. É verdade que nem todos estão ainda preparados para esta crença e, para compreendê-la, é necessário que a alma já tenha reencarnado várias vezes.

“Quando todo o mundo compreender o Espiritismo, nossos grandes poetas serão mais apreciados e lidos com atenção e respeito. Todos os nossos literatos serão compreendidos por todos os povos e admirados sem inveja, porque serão conhecidas as causas e os efeitos.

“O estudo da Ciência é a mais nobre das ocupações; o Espiritismo é a sua divindade. Por ele associamo-nos ao gênio e, como disse um dos nossos cientistas, depois do homem de gênio vem o que sabe compreendê-lo.

A instrução faz do Espírito o que um hábil joalheiro faz da pedra bruta: dá-lhe o polimento, o brilho que encanta e seduz, realçando-lhe o valor.

A alma não tem forma propriamente dita; é uma espécie de luz que difere por sua intensidade, conforme o grau de

perfeição adquirida. Quanto mais a alma progride, tanto mais luminosa é a sua cor.

“Quando todos fordes médiuns, podereis entreter-vos com os Espíritos, como já o fazemos; eles vos dirão que são mais felizes que nós. Eles nos vêem, nos escutam, assistem às nossas reuniões, conversam com nossa alma durante o sono, transportam-se e penetram por toda parte onde Deus os envia.”

Pauline Boulay

Nota – O princípio da reencarnação acha-se igualmente num manuscrito que nos foi enviado de Montreal (Canadá), e do qual falaremos em breve.

Cursos Públicos de Espiritismo em Lyon e Bordeaux

Aqui não se trata, como poderiam supor, de uma demonstração aprobativa da doutrina, mas, ao contrário, de uma nova forma de ataque, sob um título atraente e algo enganador, pois aquele que, confiando no cartaz publicitário, lá fosse pensando assistir a lições de Espiritismo, ficaria muito desapontado. Os sermões estão longe de ter tido o resultado esperado; aliás, só se dirigem aos fiéis; depois exigem uma forma muito solene, excessivamente religiosa, ao passo que a tribuna de ensino permite atitudes mais livres, mais familiares; o orador eclesiástico faz abstração de sua condição de sacerdote: torna-se professor. Essa tática dará bons resultados? Só o futuro dirá.

O abade Barricand, professor da Faculdade de Teologia de Lyon, começou no Petit-Collège uma série de lições públicas sobre, ou melhor, contra o magnetismo e o Espiritismo. O jornal *Verité*, em seu número de 10 de abril de 1864, analisa uma

sessão consagrada ao Espiritismo e destaca várias asserções do orador; promete manter os leitores informados da continuação, ao mesmo tempo que se encarrega de refutar o que, não temos dúvida, fará maravilhosamente, a julgar por seu começo. A conveniência e a moderação de que deu prova até hoje em sua polêmica nos são garantia de que não se apartará dessa linha, mesmo que o seu contraditor dela se afaste.

Enquanto o abade Barricand ficar no terreno da discussão dos princípios da doutrina, estará no seu direito; não podemos censurá-lo por não ser de nossa opinião, de dizer e tentar provar que tem razão. Gostaríamos que o clero em geral fosse tão partidário do livre-exame quanto nós mesmos. O que está fora do direito de discussão são os ataques pessoais e, sobretudo, os personalismos malévolos; é quando, pelas necessidades de sua causa, um adversário desnatura os fatos e os princípios que quer combater, as palavras e os atos dos que os defendem. Semelhantes meios são sempre provas de fraqueza e testemunham a pouca confiança nos argumentos tirados da própria coisa. São esses desvios da verdade que devem ser destacados no caso, mas dentro dos limites da conveniência e da urbanidade.

O *Vérité* assim resume uma parte da argumentação do abade Barricand:

“Quanto aos espíritas, que são muito mais numerosos, igualmente me esforço por provar que hoje descem do pedestal pretensioso sobre o qual o Sr. Allan Kardec os entronizava em 1862. Com efeito, em 1861 o Sr. Kardec realizava uma viagem por toda a França, viagem da qual complacientemente dava contas ao público. Oh! senhores, então tudo corria de vento em popa; os adeptos dessa escola se contavam por trinta mil em Lyon, por dois ou três mil em Bordeaux, etc., etc. O Espiritismo parecia ter invadido toda a Europa! Ora, o que se passa em 1863? O Sr. Allan Kardec não faz mais viagens... nem relatórios enfáticos! É que,

provavelmente, constatou bom número de deserções e, para não desencorajar o que ainda possa restar de espíritas, por um estado pouco favorável, julgou prudente e correto abster-se. Perdão senhores, eu me engano: o Sr. Allan Kardec consagra algumas páginas de sua *Revista Espírita* (janeiro de 1864), dando-nos algumas informações gerais sobre a campanha de 1863. Mas aqui, não mais cifras ambiciosas! Ele se guarda e com razão!... O Sr. Allan Kardec se contenta em anunciar que o Espiritismo está sempre florescente, mais florescente que nunca. Como provas de apoio, cita a criação de dois novos órgãos da escola, o *Ruche* de Bordeaux, e o *Vérité* de Lyon; sobretudo o *Vérité* que, como ele diz, veio *postar-se como atleta temível, por seus artigos de uma lógica tão cerrada, que não deixam nenhuma margem à crítica*. Espero, senhores, vos demonstrar sexta-feira que o *Vérité* não é tão terrível quanto dizem.

“É fácil ao Sr. Allan Kardec fazer esta afirmação: O *Espiritismo está mais forte que nunca*, e citar como principal prova a criação do *Ruche* e do *Vérité*! Senhores, tudo comédia!... Esses dois jornais bem podem existir, sem que se deva concluir obrigatoriamente que o Espiritismo tenha dado um passo à frente... Se me objetardes que tais jornais têm despesas e que para as pagar são necessários assinantes ou a imposição de sacrifícios esmagadores, ainda responderei: Comédia!... Ao que dizem, a caixa do Sr. Allan Kardec é bem abastecida. Não é justo e racional que venha ajudar os seus discípulos?”

O redator do *Vérité*, Sr. Edoux faz acompanhar esta citação da seguinte nota: “Ao sair do curso, tivemos breve entrevista com o abade Barricand que, aliás, nos recebeu de maneira muito cortês. Nosso objetivo era oferecer-lhe uma coleção do *Vérité*, para lhe facilitar meios de falar à vontade.”

Veremos se o Sr. Barricand será mais feliz que seus confrades e se encontrará o que tantos outros buscaram inutilmente: argumentos esmagadores contra o Espiritismo. Mas,

para que tanto trabalho, desde que este está morrendo? Já que o abade Barricand o crê, deixemos-lhe essa doce crença, pois não será nem mais nem menos. Não temos nenhum interesse em dissuadi-lo. Apenas diremos que se não tem motivos mais sérios de convicção, que os que faz valer, suas razões não são muito concludentes e se todos os seus argumentos contra o Espiritismo têm a mesma força, podemos dormir tranquilos.

Causa admiração que um homem sério tire conseqüências tão arriscadas do que teríamos feito na viagem que realizamos o ano passado e se intrometa em nossos atos particulares a ponto de supor as razões que nos teriam levado a empreendê-la. De uma suposição ele tira uma conseqüência absoluta, o que não é lógica rigorosa, porquanto, se as premissas não forem certas, a conclusão não o poderá ser. Direis que isto não é responder; mas não temos a menor intenção de satisfazer a curiosidade de quem quer que seja. O Espiritismo é uma questão humanitária, seu futuro está nas mãos de Deus e não depende deste ou daquele passo do homem. Lamentamos que o Sr. abade Barricand o veja de um ponto de vista tão estreito.

Quanto a saber se nossa caixa está bem ou mal abastecida, parece-nos que calcular o que existe no bolso de alguém que não deu o direito de examiná-lo, poderia passar por indiscrição; fazer disto o texto de uma informação pública é profanar a vida privada; *supor* o uso que alguém deva ter feito do que se *supõe* que ele possua, pode, conforme as circunstâncias, chegar à calúnia.

Parece que o sistema do Sr. Barricand é proceder por suposições e insinuações. Com tal sistema, pode expor-se a receber desmentidos. Ora, nós lhe damos um formal desmentido a respeito de todas as alegações, suposições e deduções acima relatadas. Discuti tanto quanto quizerdes os princípios do Espiritismo, mas o que fazemos ou não fazemos, o que temos ou não temos, está fora de questão. Um curso não é uma diatribe; é uma exposição séria,

completa e conscienciosa do assunto de que se trata; se for contraditório, exige a lealdade argumentos pró e contra, a fim de que o público julgue de seu valor recíproco; às provas, é preciso opor provas mais preponderantes. É dar uma pobre idéia da força de seus próprios argumentos tentar lançar o descrédito sobre as pessoas. Eis como compreendemos um curso, sobretudo da parte de um professor de Teologia que, antes de tudo, deve procurar a verdade.

Bordeaux também tem seu curso público de Espiritismo, isto é, contra o Espiritismo, pelo reverendo padre Delaporte, professor da Faculdade de Teologia daquela cidade. O *Ruche* o anuncia nestes termos:

“Quarta-feira última, 13 do corrente, assistimos ao curso público de dogma, no qual o padre Delaporte tratava esta questão: *Da hipótese de uma nova religião revelada pelos Espíritos, ou o Espiritismo*. Não tendo concluído ainda o ilustre professor, seguiremos com atenção suas lições e delas daremos conta com a imparcialidade e a moderação de que um espírita jamais deve abdicar.”

O *Sauveur des peuples*, em seus números de 17 e 24 de abril, relata as duas primeiras lições e faz a sua crítica cerrada, o que não deve deixar de causar alguns embaraços ao orador. Assim, eis dois professores de teologia de incontestável talento que, nos dois principais centros do Espiritismo na França, empreendem contra ele uma nova guerra, altercando, nos dois pontos, com campeões que têm o que lhes responder. É que hoje se encontra aquilo que era mais raro há alguns anos: homens que estudaram seriamente e não temem se expor. Que sairá daí? Um primeiro resultado inevitável: o exame mais aprofundado da questão para todo o mundo; os que não leram, quererão ler; os que não viram, quererão ver. Um segundo resultado será o de fazê-lo tomar a sério por aqueles que nele ainda não vêem senão mistificação, pois os sábios

teólogos o julgam assunto digno de séria discussão pública. Um terceiro resultado, enfim, será calar o temor do ridículo, que ainda retém muita gente. Quando uma coisa é discutida publicamente por homens de valor, pró e contra, não se tem mais receio de dela falar.

Da cátedra religiosa a discussão naturalmente passará para a cátedra científica e filosófica. Esta discussão, pela nata dos homens inteligentes, terá por efeito esgotar os argumentos contraditórios, que não poderão resistir à evidência dos fatos.

Sem dúvida a idéa espírita está muito espalhada, embora, pode-se dizer, ainda como opinião individual. O que hoje se passa tende a lhe abrir espaço na opinião geral e, em pouco tempo, lhe assinalará um lugar oficial entre as crenças aceitas.

Aproveitamos com satisfação a oportunidade que nos é oferecida para dirigir felicitações e encorajamentos a todos os que, afrontando o medo, resolutamente chamam a si a causa do Espiritismo. Somos felizes por ver seu número crescer dia a dia. Que perseverem, e logo verão se multiplicarem os apoios; mas que se persuadam também de que a luta não terminou e que a guerra a céu aberto não é mais para temer. O inimigo mais perigoso é o que age na sombra, ocultando-se muitas vezes sob uma falsa máscara. Então diremos: Desconfiai das aparências; não julgueis os homens pelas palavras, mas pelos atos; temei, sobretudo, as armadilhas.

Variedades

MANIFESTAÇÕES DE POITIERS

Conforme nos disseram, os ruídos que tinham posto em alvoroço a cidade de Poitiers cessaram completamente, mas parece que os Espíritos barulhentos transportaram o teatro de suas proezas para as cercanias. Eis o que, a respeito, se lê no *Pays*:

“Os Espíritos batedores de Poitiers começaram a fazer escola e povoam os campos vizinhos. Escrevem de Ville-au-Moine, a 24 de fevereiro, ao *Courrier de la Vienne* (não confundir com o *Journal de la Vienne*, especial para a casa de O.):

“Senhor redator,

“Desde alguns dias nossa região está preocupada com a presença, em Bois-de-Doeuil, de Espíritos batedores que espalham o terror em nossas aldeias. A casa do Sr. Perroche é seu ponto de encontro: todas as noites, entre onze horas e meia-noite, o Espírito se manifesta por nove, onze ou treze pancadas, marcadas por duas e uma, e às seis da manhã, pelo mesmo barulho.

“Notai, senhor, que esses golpes são dados à cabeceira de uma cama onde se deita uma mulher, semimorta de pavor, que garante receber as comunicações de um tio de seu marido, morto em nossa cidade há um mês. Como é difícil acreditar nestas coisas, eu e vários de meus amigos quisemos conhecer a verdade e, para isto, fomos dormir em Bois-de-Doeuil, onde testemunhamos os fatos que nos haviam assinalado; vimos até agitar, no sentido longitudinal, o berço de uma criança, que parecia não estar em contato com ninguém.

“A princípio rimos da coisa, mas vendo que todas as precauções tomadas para descobrir um estratagema nenhum resultado tinham dado, retiramo-nos com mais estupor que vontade de rir.

“Se o barulho continuar, a casa do Sr. Perroche não será suficientemente grande para receber os curiosos que, de Marsais, Priaire, Migre, Doeuil e mesmo de Villeneuve-la-Comtesse, vêm aos bandos para lá passar a noite e tentar descobrir as profundezas desse mistério.

“Aceitai, etc.”

Não faremos sobre tais acontecimentos senão uma curta reflexão. Ao relatá-los, o *Journal de la Vienne* tinha anunciado reiteradamente que estavam na pista do ou dos engraçadinhos que causavam aquelas perturbações, e que não tardariam a prendê-los. Se não o conseguiram, não podem acusar a autoridade de negligência. Como é possível, numa casa ocupada de alto a baixo por seus agentes, que esses engraçadinhos pudessem continuar suas manobras em sua presença, sem que lhes fosse possível apanhá-los? É preciso convir que eles tinham, ao mesmo tempo, muita audácia e muita habilidade, desde que se safaram da força policial sem serem vistos. Além disso, é preciso que esse bando de espertalhões seja muito numeroso, pois fazem as mesmas brincadeiras em diversas cidades e a anos de intervalo, sem jamais serem surpreendidos; que o digam os casos da Rue des Grès e da Rue des Noyers, em Paris; das Grandes-Ventes, perto de Dieppe, e tantos outros, que também não chegaram a nenhum resultado. Como é que a polícia, que possui tão grandes recursos e despista os mais hábeis e os mais astutos malfeitores, não possa vencer a resistência de alguns barulhentos? Já refletiram sobre isto?

Aliás, esses fatos não são novos, como se pode ver pelo relato seguinte.

TASSO E SEU DUENDE

Escrevem-nos de São Petersburgo:

“Venerável mestre, tendo lido no primeiro número da *Revista Espírita* de 1864, o caso de um Espírito batedor do século dezesseis, lembrei-me de outro; talvez o julgueis digno de um pequeno lugar no vosso jornal. Tomo-o de uma notícia sobre a vida e o caráter de Tasso, escrita pelo Sr. Suard, secretário perpétuo da classe de língua e literatura francesas e inserido na tradução da *Jerusalém Libertada*, publicada em 1803.

“Após dizer que os sentimentos religiosos de Tasso, exaltados em consequência de sua disposição melancólica e das infelicidades resultantes, o levaram seriamente a convencer-se de que era objeto das perseguições de um diabrete que derrubava tudo em sua casa, roubava-lhe o dinheiro e tirava, de sobre a mesa e aos seus olhos, tudo quanto lhe era servido, acrescenta com o seu historiador: Eis a maneira pela qual o próprio Tasso lhe dá conta dessa perseguição:

“O irmão R... (comunica ele a um de seus amigos) trouxe-me duas cartas vossas, mas uma delas desapareceu assim que a li e creio que o duende a levou, tanto mais quanto era aquela em que faláveis dele. É um desses prodígios, dos quais tantas vezes fui testemunha no hospital, o que não permite duvidar que seja obra de algum mágico, e tenho muitas outras provas. Hoje mesmo retirou um pão de minha frente e noutra dia um prato de frutas.”

A seguir, queixa-se dos livros e papéis que lhe roubam e acrescenta: “Os que desapareceram enquanto eu não estava aqui, podem ter sido levados por homens que, penso, têm as chaves de todas as minhas caixetas, de sorte que nada mais tenho que possa proteger contra os atentados dos inimigos ou do diabo, a não ser a minha vontade, que jamais consentirá que algo me seja ensinado por ele ou seus sectários, nem a contrair familiaridade com ele ou seus magos.”

Em outra carta ele diz: “Tudo vai de mal a pior; esse diabo, que jamais me deixava, quer eu dormisse ou passasse, vendo que não conseguia de mim o acordo que desejava, tomou o partido de roubar abertamente o meu dinheiro.”

“De outra vez, continuava o autor da notícia, julgou que a Virgem Maria lhe aparecia, e o abade Serassi conta que numa doença que teve na prisão, Tasso se recomendou com tanto ardor

à Santa Virgem, que esta lhe apareceu e o curou. Tasso consagrou esse milagre num soneto.

“Continuando, o duende transformou-se em demônio mais afável, com quem Tasso pretendia conversar mais familiarmente e que lhe ensinava coisas maravilhosas. Todavia, pouco satisfeito com esse estranho comércio, Tasso atribuía sua origem à imprudência que cometera na juventude, de compor um diálogo onde se imaginava a conversar com um Espírito. ‘O que não teria eu querido fazer seriamente, ainda quando me tivesse sido possível’, concluiu.

“O Sr. Suard termina o relato dizendo: Não se pode evitar uma triste reflexão, ao pensar que foi aos trinta anos, depois de haver escrito uma obra imortal, que o infeliz foi escolhido para dar o mais deplorável exemplo da fraqueza do espírito.

“Mas vós, senhor, graças à luz do Espiritismo, podeis fazer outro julgamento e ver nestes fatos, estou certo, mais um elo na cadeia dos fenômenos espíritas que ligam os tempos antigos à época atual.”

Sem a menor dúvida os fatos que hoje se passam, perfeitamente comprovados e explicados, provam que Tasso podia achar-se sob o império de uma dessas obsessões que diariamente testemunhamos, e que nada têm de sobrenatural. Se ele tivesse conhecido a verdadeira causa não se teria com ela impressionado mais do que se o é atualmente; mas, naquela época, a idéia do diabo, das feiticeiras e dos mágicos estava em toda a sua força, e como, longe de a combater, buscavam entretê-la, ela podia reagir de modo lamentável sobre os cérebros fracos. Assim, é mais provável que Tasso não fosse mais louco do que o são os obsedados em nossa sociedade hodierna, aos quais são necessários cuidados morais e não medicamentos.

INSTRUÇÃO DE CIRO A SEUS FILHOS, NO MOMENTO DA MORTE

(Extraído da *Ciropédia*, de *Xenofonte*, liv. VIII, cap. VII)

Eu vos conjuro, meus filhos, em nome dos deuses de nossa pátria, a ter respeito um pelo outro, caso conserveis algum desejo de me agradar, pois imagino que não considereis como certo que eu não seja mais nada quando tiver cessado de viver. Até agora minha alma ficou oculta aos vossos olhos; mas por suas operações, reconhecíeis que ela existia.

Não notastes também de que terrores são atormentados os homicidas pelas almas dos inocentes que fizeram morrer, e que vinganças elas tomam desses ímpios? Pensais que o culto que se presta aos mortos teria sido mantido até hoje, caso se acreditasse que suas almas fossem destituídas de todo poder? Para mim, meus filhos, jamais pude persuadir-me de que a alma, que vive enquanto está num corpo mortal, se extinga desde que dele saiu, pois vejo que é ela que vivifica os corpos destrutíveis, enquanto os habita. Também jamais me pude convencer de que ela perca sua faculdade de raciocinar no momento em que se separa de um corpo incapaz de pensar; é natural crer que a alma, então mais pura e desprendida da matéria, goze plenamente de sua inteligência. Quando um homem está morto, vêem-se as diferentes partes que o compunham, unir-se aos elementos a que pertenciam: só a alma escapa aos olhares, quer durante sua estada no corpo, quer quando o deixa.

Sabeis que é durante o sono, imagem da morte, que mais a alma se aproxima da Divindade e que, nesse estado, muitas vezes prevê o futuro, sem dúvida porque, então, está inteiramente livre.

Ora, se estas coisas são como penso, e se a alma sobrevive ao corpo que abandona, fazei, em respeito à minha, o que vos recomendo; se eu estiver errado, se a alma ficar com o

corpo e perecer com ele, ao menos temei os deuses, que não morrem, que tudo vêem, que podem tudo, que sustentam no Universo essa ordem imutável, inalterável, invariável, cuja magnificência e majestade estão acima de qualquer expressão.

Que esse temor vos preserve de toda ação, de todo pensamento que ofenda a piedade ou a justiça... Mas sinto que minha alma me abandona; sinto-o pelos sintomas que de ordinário anunciam a nossa dissolução.

Observação – Um espírita teria bem pouco a acrescentar a essas notáveis palavras, dignas de um filósofo cristão e onde se acham admiravelmente descritos os atributos especiais do corpo e da alma: o corpo material, destrutível, cujos elementos se dispersam, para unir-se aos elementos similares e que, durante a vida, só age por impulso do princípio inteligente; depois a alma, sobrevivendo ao corpo, conservando sua individualidade e gozando das maiores percepções quando desprendida da matéria; a liberdade da alma durante o sono; enfim, a ação da alma dos mortos sobre os vivos.

Além disso, pode ainda notar-se a distinção feita entre os deuses e a Divindade propriamente dita. Os deuses não passavam de Espíritos, em diferentes graus de elevação, encarregados de presidir, cada um em sua especialidade, a todas as coisas deste mundo, na ordem moral e na ordem material. Os deuses da pátria eram os Espíritos protetores da pátria, como os deuses lares o eram da família. Os deuses, ou Espíritos superiores, não se comunicavam aos homens senão por meio de Espíritos subalternos, chamados *demônios*. O vulgo não ia além disto; mas os filósofos e os iniciados reconheciam um Ser Supremo, criador e ordenador de todas as coisas.

Notas Bibliográficas

A GUERRA AO DIABO E AO INFERNO, *a inabilidade do diabo, o diabo convertido*; por Jean de la Veuze. Brochura in-18, preço: 1 fr. – Bordeaux, Ferrel, livreiro. – Paris, Didier & Cie, 35, quai des Augustins; Ledoyen, Palais-Royal.

O autor, partindo do ponto que o Espiritismo é uma concepção do diabo, visando atrair a si o maior número de almas, traça-lhe um rápido esboço, desde as primeiras manifestações da América até os nossos dias, mostrando que o diabo errou os cálculos, pois salva as almas que estavam perdidas e deixa escaparem, desastrosamente, as que eram suas. Vendo isto, converteu-se, assim como parte de seus acólitos. É uma crítica espirituosa e alegre do papel que fazem o diabo representar nos últimos tempos, mas onde pensamentos sérios, profundos e de perfeita justeza ressaltam através de um tom jocoso.

Não temos a menor dúvida de que este pequeno livro será lido com prazer por muita gente.

CARTAS AOS IGNORANTES, *filosofia do bom-senso*; por V. Tournier. Brochura in-18, preço: 1 fr. – Dentu, Palais-Royal.

O autor, espírita fervoroso e esclarecido, reproduz em versos os princípios fundamentais da Doutrina Espírita, conforme *O Livro dos Espíritos*. Nós o cumprimentamos sinceramente pela intenção que presidiu ao seu trabalho. Seja qual for a forma sob a qual se apresente a Doutrina, é sempre um indício de vulgarização da idéia e outras tantas sementes espalhadas que frutificam mais ou menos, segundo a forma de que se acham revestidas. O essencial é que o fundo seja exato, como é o caso.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

JUNHO DE 1864

Nº 6

A Vida de Jesus, pelo Sr. Renan

(2º artigo – Vide o número de maio de 1864)

Este é um daqueles livros que não podem ser completamente refutados senão por outro. Precisaria ser discutido artigo por artigo. É uma tarefa que não empreenderemos, por tocar questões que não são de nossa alçada e de que muitos outros se encarregarão. Limitar-nos-emos ao exame das conseqüências tiradas pelo autor, do ponto de vista em que se colocou.

Há nesta obra, como em todas as obras históricas, duas partes bem distintas: o relato dos fatos e a apreciação dos fatos. A primeira é uma questão de erudição e de boa-fé; a segunda depende inteiramente da opinião pessoal. Dois homens podem concordar perfeitamente quanto a uma e diferir completamente quanto à outra.

É natural que a parte religiosa tenha sido atacada, já que é uma questão de crença, mas a parte histórica parece não ser invulnerável, a julgar pelas críticas dos teólogos, que não só lhe

contestam a apreciação, mas a exatidão de certos fatos. Deixaremos aos mais competentes do que nós o cuidado de decidir esta última questão. Entretanto, e sem nos constituirmos em juiz do debate, reconhecemos que certas críticas evidentemente são fundadas, mas que, sobre vários pontos importantes da História, as observações do Sr. Renan são perfeitamente justas. Entre as numerosas refutações que foram feitas ao seu livro, cremos dever assinalar a do padre *Gatry* como uma das mais lógicas e mais imparciais. Ele aí ressalta com muita clareza as contradições encontradas a cada passo¹².

Contudo, admitamos que o Sr. Renan em nada se tenha afastado da verdade histórica. Isto não implica a justeza de sua apreciação, porque ele fez esse trabalho em vista de uma opinião e com idéias preconcebidas. Estudou os fatos para neles buscar a prova dessa opinião, e não para formar uma opinião; naturalmente não viu senão o que lhe pareceu conforme à sua maneira de ver, não tendo visto o que lhe era contrário. Sua opinião é a sua medida; aliás, ele o diz nesta passagem de sua introdução, à página 5: “Ficarei satisfeito se, depois de ter escrito a vida de Jesus, me for dado *contar como entendo* a história dos apóstolos, o estado da consciência cristã durante as semanas que se seguiram à morte de Jesus, a formação do *ciclo lendário* da ressurreição, os primeiros atos da Igreja de Jerusalém, a vida de São Paulo, etc.” Pode haver diversas maneiras de apreciar um fato, mas o fato em si mesmo é independente da opinião. É, pois, uma história dos apóstolos *à sua maneira* que o Sr. Renan se propõe escrever, como escreveu, *à sua maneira*, a história da vida de Jesus. Acha-se ele nas condições de imparcialidade requeridas para que sua opinião faça lei? Que ele nos permita duvidar.

Persuadido de que estava certo, pôde agir, e cremos que o fez de boa-fé e que os erros materiais que lhe censuram não

12 Brochura in-18 – Preço: 1 fr.; Plon, 8, rue Garancière.

resultam de um desígnio premeditado de alterar a verdade, mas de uma falsa apreciação das coisas. Ele está na posição de um homem consciencioso, partidário exclusivo das idéias do antigo regime e que escrevesse uma história da Revolução Francesa. Seu relato poderá ser de escrupulosa exatidão, mas o julgamento que fizer dos homens e das coisas será o reflexo de suas próprias idéias; censurará o que outros aprovam. Em vão terá percorrido os lugares onde se desenrolaram os acontecimentos; os lugares lhe confirmarão os fatos, mas não lhe farão encará-los de outra maneira. Tal foi o Sr. Renan, percorrendo a Judéia com o Evangelho na mão; encontrou os traços do Cristo, de onde concluiu que o Cristo tinha existido, mas não viu o Cristo de maneira diversa da que o via antes. Onde não viu senão os passos de um homem, um apóstolo da fé ortodoxa teria percebido o selo da Divindade.

Sua apreciação decorre do ponto de vista em que se colocou. Defende-se do ateísmo e do materialismo, porque não crê que a matéria pense, porque admite um princípio inteligente, universal, repartido pelos indivíduos em dose mais ou menos forte. Em que se torna esse princípio inteligente após a morte de cada criatura? A crer na dedicatória do Sr. Renan à alma de sua irmã, aquela conserva sua individualidade e suas afeições. Mas se a alma conserva sua individualidade e suas afeições, há, então, um mundo invisível, inteligente e amante. Ora, desde que esse mundo é inteligente, não pode ficar inativo; deve representar um papel qualquer no Universo. Pois bem! A obra inteira é a negação desse mundo invisível, de toda inteligência ativa fora do mundo visível; por conseguinte, de todo fenômeno resultante da ação de inteligências ocultas, de toda relação entre os mortos e os vivos, donde se deve concluir que sua tocante dedicatória é uma obra da imaginação, suscitada pelo pesar sincero que sente pela perda da irmã, e que aí exprime mais seu desejo do que sua crença. Porque, se tivesse acreditado seriamente na existência individual da alma da irmã, na persistência de sua afeição por ele, na sua

solicitude, na sua inspiração, essa crença lhe teria dado idéias mais verdadeiras sobre o sentido da maior parte das palavras do Cristo.

Com efeito, o Cristo, preocupando-se com o futuro da alma, incessantemente faz alusão à vida futura, ao mundo invisível, que apresenta, conseqüentemente, como muito mais invejável que o mundo material e como devendo constituir o objetivo de todas as aspirações do homem. Para quem nada vê fora da Humanidade tangível, estas palavras: “Meu reino não é deste mundo; Há várias moradas na casa de meu Pai; Não busqueis tesouros da Terra, mas os do céu; Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”, e tantas outras, só devem ter um sentido quimérico. É assim que as considera o Sr. Renan. Diz ele: “A parte de verdade, contida no pensamento de Jesus, o tinha arrastado à *quimera* que o obscurecia. Contudo, não desprezemos esta quimera, que foi a casca grosseira do bulbo sagrado do qual vivemos. Este *fantástico reino do céu*, essa busca sem-fim de uma cidade de Deus, que sempre preocupou o Cristianismo em sua longa carreira, foi o princípio do grande instinto do futuro, que animou todos os reformadores, discípulos obstinados do Apocalipse, desde Joaquim de Flore, até o sectário protestante de nossos dias.” (Cap. XVIII, página 285, 1ª edição)¹³.

A obra do Cristo era toda espiritual. Ora, não crendo o Sr. Renan na espiritualização do ser, nem num mundo espiritual, naturalmente deveria tomar o oposto de suas palavras e o julgar do ponto de vista exclusivamente material. Um materialista ou um panteísta, julgando uma obra espiritual, é como um surdo julgando um trecho de música. Julgando o Cristo do ponto de vista em que se colocou, o Sr. Renan deve ter-se equivocado quanto às suas intenções e o seu caráter. A mais evidente prova disto se acha nesta estranha passagem de seu livro: “*Jesus não é um espiritualista, porquanto tudo para ele deságua numa realização palpável; ele não tem a mínima noção de uma alma separada do corpo.* Mas é um idealista

13 Todas as nossas citações são tiradas da 1ª edição.

completo; para ele a matéria não passa do sinal da idéia, e o real a expressão viva do que não aparece.” (Cap. VII, página 128).

Concebe-se o Cristo, fundador da doutrina espiritualista por excelência, não acreditando na individualidade da alma, da qual não tem a menor noção e, desse modo, não crendo na vida futura? Se não é espiritualista, é materialista e, conseqüentemente, o Sr. Renan é mais espiritualista que ele. Tais palavras não se discutem; bastam para indicar o alcance do livro, porque provam que o autor leu os Evangelhos, ou com muita leviandade, ou com um espírito tão prevenido que não viu o que salta aos olhos de todo o mundo. Pode admitir-se sua boa-fé, mas não se admitirá, por certo, a justeza de sua visão.

Todas as suas apreciações decorrem da idéia de que o Cristo só tinha em vista as coisas terrestres. Segundo ele, era um homem essencialmente bom, desinteressado dos bens deste mundo, costumes muito suaves, instrução limitada ao estudo dos textos sagrados, inteligência natural superior, a quem as disputas religiosas dos judeus deram a idéia de fundar uma doutrina. Nisto foi favorecido pelas circunstâncias, que soube explorar habilmente. Sem idéia preconcebida e sem plano definitivo, vendo que não teria êxito junto aos ricos, procurou seu ponto de apoio nos proletários, naturalmente animados contra os ricos; lisonjeando-os, deveria transformá-los em seus amigos. Se disse que o reino dos céus é para as crianças, foi para agradar às mães, que tomava por seu lado fraco e fazê-las partidárias. Assim, sob muitos aspectos, a religião nascente foi um movimento de mulheres e crianças. Numa palavra, nele tudo era cálculo e combinação e, auxiliado pelo amor do maravilhoso, triunfou. Aliás, não muito austero, porque amou muito Madalena, pela qual foi amado. Várias mulheres ricas proviam às suas necessidades. Ele e seus apóstolos eram folgazões e não desdenhavam os banquetes. Vede antes o que ele diz:

“Três ou quatro galiléias devotadas acompanhavam sempre o *jovem mestre* e disputavam o prazer de o escutar e dele cuidar, cada uma por sua vez. Traziam para a seita nova um elemento de entusiasmo e de maravilhoso, cuja importância já se apreende. Uma delas, Maria de Magdala, que celebrizou no mundo o nome de seu pobre vilarejo, parece ter sido uma pessoa muito exaltada. Segundo a linguagem da época, tinha sido possessa de sete demônios, isto é, tinha sido afetada de doenças nervosas, aparentemente inexplicáveis. Jesus, *por sua beleza* pura e suave, acalmou essa organização perturbada. Madalena lhe foi fiel até ao Gólgota e, no dia seguinte à sua morte, representou um papel de primeira ordem, por ter sido o elemento principal pelo qual se estabeleceu a fé na ressurreição, como veremos mais tarde. Joana, mulher de Cusa, um dos intendentos de Antipas, Suzana e outras, que ficaram desconhecidas, o seguiam sem cessar e o serviam. Algumas eram ricas e punham, *por sua fortuna*, o *jovem profeta em condição de viver* sem exercer o ofício que professara até então.” (Cap. IX, página 151).

“Jesus compreendeu bem depressa que o mundo oficial de seu tempo não se prestaria absolutamente para o seu reino. Ele tomou seu partido com extrema petulância. Deixando lá toda essa gente de coração empedernido e estreitos preconceitos, voltou-se para os simples. O reino de Deus é feito para as crianças e para os que se lhes assemelham; para os desprezados deste mundo, vítimas da arrogância social, que repele o homem bom, mas humilde... O puro *ebionismo*, isto é, que os pobres (*ebionin*) são os únicos a serem salvos e o reino dos pobres vai chegar, foi, pois, a doutrina de Jesus. (Cap. XI, página 178).

“Ele não apreciava os estados da alma senão na proporção do amor que aí se mistura. Mulheres com o coração cheio de lágrimas e dispostas por suas faltas aos sentimentos de humildade, estavam mais perto de seu reino do que as naturezas medíocres, as quais muitas vezes têm pouco mérito por não terem

falido. Por outro lado, concebe-se que essas almas ternas, achando em sua conversão à seita um meio fácil de reabilitação, a ele se ligavam com paixão.

“Longe de buscar atenuar os murmúrios provocados por seu desdém às suscetibilidades sociais do tempo, parecia ter prazer em os excitar. Jamais foi confessado mais altivamente esse desprezo do mundo, que é a condição das grandes coisas e da grande originalidade. Só perdoava ao rico quando este, por força de algum preconceito, era malvisto pela sociedade. Preferia claramente as pessoas de vida equívoca e de pouca consideração aos notáveis ortodoxos. Dizia: ‘Publicanos e *cortesãs* vos precederão no reino de Deus. Veio João; publicanos e *cortesãs* creram nele e, apesar disto, não vos convertestes.’ Compreende-se que a censura por não terem seguido o bom exemplo que lhes davam as *filhas do prazer* deveria ser cruel para gente que fazia profissão de austeridade e de uma moral rígida.

“Não tinha qualquer afetação exterior, nem dava mostras de severidade. Não fugia à alegria e ia de bom grado às festas de casamento. *Um de seus milagres foi feito para distrair as bodas de um vilarejo.* As bodas no Oriente se dão à noite. Cada um leva uma lâmpada; as luzes que vão e vêm têm um efeito muito agradável. Jesus gostava deste aspecto alegre e animado e daí tirava as suas parábolas. (Cap. XI, página 187).

“Os fariseus e os doutores gritavam, escandalizados. Diziam: Vede com que gente ele come! Jesus tinha, então, finas respostas, que exasperavam os hipócritas: Não são os sadios que precisam de médico.” (Cap. XI, página 185).

O Sr. Renan tem o cuidado de indicar, em notas de chamada, as passagens do Evangelho a que faz alusão, para mostrar que se apóia no texto. Não é a verdade das citações que se lhe contesta, mas a interpretação que lhes dá. É assim que a profunda máxima deste último parágrafo é travestida numa simples tirada

espiritiosa. Tudo se materializa no pensamento do Sr. Renan; em todas as palavras de Jesus nada vê além do terra-a-terra, porque ele próprio nada enxerga fora da vida material.

Depois de uma idílica descrição da Galiléia, de seu clima delicioso, de sua fertilidade luxuriante, do caráter doce e hospitaleiro de seus habitantes, dos quais faz verdadeiros pastores da Arcádia, acha, na disposição de espírito que daí devia resultar, a fonte do Cristianismo.

“Esta vida contente e facilmente satisfeita não levava ao grosseiro materialismo do nosso camponês, à grande alegria de uma normanda generosa, à pesada alegria dos flamengos. Ela se espiritualizava em sonhos etéreos, numa espécie de misticismo poético, confundindo o Céu e a Terra... A alegria fará parte do reino de Deus. Não é a filha dos humildes de coração, dos homens de boa vontade?”

“Toda a história do Cristianismo nascente tornou-se uma espécie de deliciosa pastoral. Um Messias em repasto de bodas, a cortesã e o bom Zaqueu chamados a seus festins, os fundadores do reino do céu, como um cortejo de paraninfos: eis o que a Galiléia ousou e fez aceitar.” (Cap. IV, pág. 67).

“Jesus foi dominado por um sentimento de admirável profundidade, bem como o grupo de *crianças alegres* que o acompanhavam e dele fez para a eternidade o verdadeiro criador da paz da alma, o grande consolador da vida.” (Cap. X, pág. 176).

“*Utopias de vida bem-aventurada, fundadas na fraternidade dos homens* e o culto puro do verdadeiro Deus preocupavam as almas elevadas e em toda parte produziam ensaios ousados, sinceros, mas de pouco futuro.” (Cap. X, pág. 172).

“No Oriente, a casa onde entra um estrangeiro torna-se, em seguida, um lugar público. O vilarejo inteiro aí se reúne; os

meninos a invadem; os criados se afastam; eles voltam sempre. Jesus não suportava que maltratassem esses ingênuos ouvintes; aproximava-os de si e os abraçava. As mães, encorajadas por tal acolhida, traziam-lhe seus bebês para que ele os tocasse... As mulheres e as crianças igualmente o adoravam...

“Assim, a religião nascente foi, sob vários aspectos, um movimento de mulheres e de crianças. Estes últimos o rodeavam à feição de uma jovem guarda para a inauguração de sua inocente realeza e lhe faziam pequenas ovações, que muito lhe agradavam, chamando-o filho de Davi, gritando: Hosana! e agitando palmas ao seu redor. Como Savanarola, talvez Jesus os fizesse servir de instrumento a missões piedosas. Ele estava bem à vontade para ver esses jovens apóstolos, que não o comprometiam, lançar-se à frente e conferir-lhe títulos que ele próprio não ousava tomar.” (Cap. XI, pág. 190).

Jesus é, desse modo, apresentado como um ambicioso vulgar, de paixões mesquinhas, que age às escondidas e não tem coragem de se confessar. Em falta de uma realeza efetiva, contenta-se com a mais inocente e menos perigosa que lhe conferem os meninos. A passagem seguinte dele faz um egoísta:

“Mas de tudo isto não resultou uma Igreja estabelecida em Jerusalém, nem um grupo de discípulos hierosolimitas. O encantador doutor, que a todos perdoava, contanto que o amassem, não podia achar muito eco nesse santuário de disputas vãs e sacrifícios antiquados.”

“Sua família parece não o ter amado e, por momentos, ele é duro para com ela. Como todos os homens exclusivamente preocupados com uma idéia, chegava a ter em pouca conta os laços de sangue... Logo, em sua audaciosa revolta contra a Natureza, devia ir ainda mais longe e o veremos espezinhando tudo quanto é do homem, o sangue, o amor, a pátria, não guardando ressentimento

senão para a idéia que se lhe apresentava como forma absoluta do bem e do verdadeiro.” (Cap. III, pág. 42 e 43).

Eis o que o Sr. Renan intitula: *Origens do Cristianismo*. Quem alguma vez teria acreditado que um grupo de pessoas alegres, um bando de mulheres, de cortesãs e de crianças, tendo à frente um idealista, que não possuía a menor noção da alma, pudesse, auxiliado por uma utopia, pela quimera de um reino celeste, mudar a face do mundo religioso, social e político? Em outro artigo examinaremos o modo pelo qual ele encara os milagres e a natureza da pessoa do Cristo.

Relato Completo da Cura da Jovem Obsedada de Marmande

(Vide os números de fevereiro e março de 1864)

O Sr. Dombre, de Marmande, enviou-nos o relato circunstanciado dessa cura, da qual já demos conhecimento aos leitores. Os detalhes que encerra são do mais alto interesse, do duplo ponto de vista dos fatos e da instrução. Como se verá, é, ao mesmo tempo, um curso de ensino teórico e prático, um guia para casos análogos e uma fonte fecunda de observações para o estudo do mundo invisível em geral, nas suas relações com o mundo visível.

Fui advertido – diz o Sr. Dombre em seu relatório – por um dos membros de nossa sociedade espírita, das crises violentas que todas as tardes, regularmente, no decurso dos últimos oito meses, sofria uma tal Tereza B...

Acompanhado do Sr. L..., médium, dirigi-me, em 11 de janeiro último, às quatro e meia da tarde, a uma casa vizinha à da doente, para tentar testemunhar a crise que, conforme ocorria

todos os dias, devia acontecer às cinco horas. Lá encontramos a jovem e sua mãe, conversando com os vizinhos. A meia hora logo passou. De repente, vimos a moça levantar-se, abrir a porta, atravessar a rua entrar em sua casa, seguida pela mãe, que a tomou e a colocou toda vestida na cama. Começaram as convulsões; o corpo se contorcia; a cabeça tendia a tocar os calcanhares; o peito ofegava; numa palavra: era desagradável à vista. Entrando eu e o médium na casa vizinha, perguntamos ao Espírito Louis David, guia espiritual do médium, se era uma obsessão ou um caso patológico. O Espírito respondeu:

“Pobre criança! Com efeito, ela se acha sob uma fatal influência, mesmo muito perigosa; vinde auxiliá-la. Obstinado e mau esse Espírito resistirá por muito tempo. Evitai, tanto quanto possível, que seja tratada por medicamentos, que lhe prejudicariam o organismo. A causa é toda moral. Tentai evocar esse Espírito; moralizai-o com delicadeza: nós vos auxiliaremos. *Que todas as almas sinceras que conheceis se reúnam para orar e combater a mui perniciosa influência desse Espírito maldoso.* Pobre pequena vítima do ciúme!”

Louis David

P. – Por que nome chamaremos este Espírito?

Resp. – Jules.

Evoquei-o imediatamente. O Espírito apresentou-se de modo violento, injuriando-nos, rasgando o papel e recusando responder a certas interpelações. Enquanto nos entretínhamos com o Espírito, o Sr. B..., médico, que tinha vindo examinar a crise, chegou junto de nós e disse com certo assombro: “É singular! De repente a menina deixou de se contorcer; agora está imóvel no leito, toda estendida.” – “Isto não me causa admiração”, disse-lhe eu, “porque o Espírito obsessivo está junto de nós neste momento.” Exortei o Sr. B... a voltar para a doente e continuamos a interpelar o Espírito que, em dado momento, não mais respondeu. O guia do

médium informou-nos que ele tinha ido continuar a sua obra, recomendando que não mais o evocássemos durante as crises, no interesse da menina, porque, voltando para ela com mais raiva, a torturava de modo mais intenso. No mesmo instante o médico entrou e nos informou que a crise recomeçava mais forte que nunca. Eu lhe fiz ler o aviso que acabava de nos ser dado e ficamos chocados com as coincidências, que não podiam deixar dúvidas quanto à causa do mal.

A partir dessa noite e sob recomendação dos Espíritos bons que nos assistem nos trabalhos espíritas, nós nos reuníamos todas as noites, até a cura completa.

No mesmo dia 11 de janeiro, recebemos a seguinte comunicação do Espírito protetor de nosso grupo:

“Guardiã vigilante da infância infeliz, venho associar-me aos vossos trabalhos, unir os meus aos vossos esforços para libertar esta mocinha das garras cruéis de um Espírito mau. O remédio está em vossas mãos; velai, evocai e orai sem jamais vos cansardes, até a cura completa.”

Pequena Cárta

Este Espírito, que toma o nome de *Pequena Cárta*, é o de uma jovem que conheci, morta na flor da idade e que, desde a mais tenra infância, tinha dado provas de grande angelitude e rara bondade.

A evocação do Espírito obsessivo só nos valeu as mais grosseiras e obscenas injúrias, que é inútil repetir. Nossas exortações e nossas preces resvalavam sobre ele, mas não surtiram o efeito desejado.

“Amigos, não desanimeis; ele se julga forte porque vos vê aborrecidos com a sua linguagem grosseira. Evitai pregar-lhe

moral neste momento. Conversai com ele familiarmente e em tom amigável, pois assim ganhareis a sua confiança e mais tarde podereis voltar a falar a sério com ele. Amigos, perseverança.”

Vossos Guias

Conforme a recomendação, tornamo-nos afáveis nas interpelações, às quais ele respondeu no mesmo tom.

No dia seguinte, 12 de janeiro, a crise foi tão longa e violenta que as dos dias precedentes; durou mais ou menos uma hora e meia. A menina erguia-se no leito, repelia o Espírito com força e lhe dizia: “Vai-te! vai-te!” O quarto da doente estava cheio de gente. Alguns de nós nos achávamos junto ao leito para observar atentamente as fases da crise.

Na reunião da noite recebemos a seguinte comunicação:

“Meus amigos, eu vos exorto a seguides, como tendes feito, passo a passo, esta obsessão que, para vós, é um fato novo. Vossas observações serão de grande utilidade, pois casos semelhantes, em que tereis de intervir, poderão multiplicar-se.

“Creio que esta obsessão, a princípio inteiramente física, será seguida de alguma obsessão moral, mas sem perigo. Logo vereis momentos de alegria em meio às torturas exercidas por esse Espírito mau. Reconhecê-los-eis pela presença e pela mão dos Espíritos bons. Se as torturas ainda durarem, notareis, depois da crise, a completa paralisação do corpo e, após essa paralisação, uma alegria serena e um êxtase que suavizarão a dor da obsessão.

“Observai bastante. Manifestar-se-ão outros sintomas e neles encontrareis novo material de estudo.

“O Senhor disse aos seus anjos: Ide levar minha palavra aos filhos dos homens. Ferimos a terra com a vara e esta gera prodígios. Curvai-vos, filhos: é a onipotência do Eterno que se vos manifesta.

Amigos, vigiai e orai; estamos junto de vós e do leito dos sofrimentos para secar as lágrimas.”

Pequena Cárta

Evocado, o Espírito Jules estava menos intratável do que na véspera; na verdade, respondemos às suas facécias com outras, o que lhe agradava. Antes de nos deixar, fizemos nos prometer ser menos duro em relação à sua vítima. “Tratarei de moderar-me”, disse ele; e como, por nossa vez, prometemos orar por ele, respondeu-nos: “Aceito, embora não conheça o valor desta mercadoria.”

P. [Ao Espírito]. Já que não conheceis a prece, quereis conhecê-la e escrever uma ditada por mim?

Resp. – Gostaria muito.

Ditado por nós, o Espírito escreveu a seguinte prece: “Ó meu Deus! prometo abrir minha alma ao arrependimento; fizeti penetrar no meu coração um raio de amor por meus irmãos, única coisa que pode purificar-me e, como garantia desse desejo, aqui faço a promessa de... (O fim da frase era: *Cessar minha obsessão*; mas o Espírito não escreveu estas três últimas palavras). Acrescentou: Alto! Quereis comprometer-me, sem me avisar. Cuidado! Não gosto de armadilhas. Andais muito depressa.” E como quiséssemos saber a origem de seu ciúme e de sua vingança, continuou: “Nunca mais me faleis da menina; apenas me afastaríeis de vós.”

A crise do dia 13 não durou mais que meia hora; a luta com o Espírito foi seguida de sorrisos de felicidade, de êxtase e de lágrimas de alegria; com os olhos muito abertos e juntando as duas

mãos, a menina erguia-se no leito e fitava o céu, como num quadro encantador. As predições da pequena Cárta realizaram-se em todos os pontos.

Na evocação ocorrida à noite, assim como nos dias anteriores, o Espírito Jules mostrou-se mais afável, mais submisso, e novamente prometeu moderar os seus ataques contra a menina, cuja história jamais quis contar; prometeu até mesmo orar.

Disse-nos o guia do médium: “Não confieis muito em suas palavras; podem ser sinceras, mas ele poderia estar querendo vos enganar para se livrar de vós. Ficai de guarda. Levai em consideração as suas promessas; se, mais tarde, tiverdes de o censurar, fazei-o com brandura, a fim de que ele sinta os bons sentimentos que tendes para com ele.

Louis David

No dia 14 a crise foi tão curta quanto na véspera e ainda menos viva. Foi igualmente seguida de êxtase e de manifestações de alegria. As lágrimas que corriam pelas faces da menina causavam nos assistentes uma emoção que não podiam ocultar.

Reunidos às oito horas da noite, como de costume, recebemos inicialmente a seguinte comunicação:

“Como deveis ter notado, operou-se hoje uma melhora sensível na menina. Devemos dizer que nossa presença influi bastante sobre o Espírito; nós lhe lembramos a promessa de ontem. A mocinha hauriu novos conhecimentos no êxtase e tentou repelir os ataques do obsessor. Na evocação de Jules, não useis de subterfúgios; evitai os detalhes que fatigam uns aos outros; sede francos e benevolentes com ele e o conquistareis mais cedo. Conforme pudemos notar nesta última crise, ele deu um grande passo à frente.”

Pequena Cárta

Evocação de Jules.

Resp. – Eis-me aqui, senhores.

P. – Quais as vossas disposições de hoje?

Resp. – São boas.

P. – Sentistes o efeito de nossas preces?

Resp. – Não muito.

P. – Perdoai à vossa vítima e sentireis uma satisfação que não conheceis; é o que sentimos no perdão das injúrias.

Resp. – Comigo é tudo ao contrário. Eu encontrava satisfação na vingança de uma injúria. A isto chamo pagar as dívidas.

P. – Mas o sentimento de ódio que conservais na alma é um sentimento desagradável que está longe de vos dar tranqüilidade.

Resp. – Se vos dissesse que é o apego, acreditaríeis em mim?

P. – Acreditamos. Não obstante, tende a bondade de explicar como conciliais esse apego com a vingança que praticais. Que era para vós o Espírito dessa criança numa outra existência, e que vos fez ela para merecer tanto rigor?

Resp. – Inútil que mo pergunteis. Já vo-lo disse: não me faleis dessa menina.

P. – Pois bem! não falemos mais nisso. Mas devemos vos felicitar pela mudança em vós operada; estamos felizes por isto.

Resp. – Faço progressos em vossa escola... Que vão dizer os outros?... Não me vaiar e protestar: Ah! tu te fazes eremita!

P. – Que vos importa seu escárnio, se tendes os louvores dos Espíritos bons?

Resp. – É verdade.

P. – Ora! Para provar aos Espíritos maus, vossos antigos companheiros, que rompeis completamente com eles, deveríeis perdoar completamente, a partir de hoje; mostrar-vos generoso e bom, deixando de modo absoluto a jovem pela qual nos interessamos.

Resp. – Impossível, meu caro senhor. *Isto não pode acontecer de maneira tão repentina; Deixai que me desfaça pouco a pouco do que me é uma necessidade.* Sabeis a que vos arriscaríeis se eu cessasse subitamente? a me ver voltar de súbito. Entretanto, quero vos prometer uma coisa: é poupar a menina e torturá-la amanhã menos que hoje. Mas imponho uma condição: a de não ser trazido aqui à força; quero vir livremente ao vosso apelo e, se faltar à minha palavra, consinto em perder este favor. Devo dizer-vos que tal mudança em mim é devida a essa figura radiosa que aí está, junto de vós, e que também vejo ao lado da cama da menina, todos os dias, no momento da luta. Sentimo-nos tocado, mesmo sem o querer; sem isto, vós e os santos teríeis dificuldades por alguns dias. (O Espírito referia-se à pequena Cárita).

P. – Então ela é bonita?

Resp. – Oh! sim, muito bela!

P. – Mas ela não está sozinha junto de vós durante as lutas?

Resp. – Oh! não! Há outros: os antigos *do corpo*, os amigos. Eles jamais sorriem; mas agora zombo muito deles.

Observação – O interrogador por certo queria falar dos outros Espíritos bons, mas Jules fazia alusão aos Espíritos maus, seus companheiros.

P. – Vamos! Antes de nos deixar, prometemos esta noite fazer uma prece por vós.

Resp. – Eu peço dez; *dizei-as de coração* e amanhã estareis contentes comigo.

P. – Pois bem! que sejam dez. E já que estais em tão boas disposições, quereis escrever de cor uma prece em três palavras, ditada por mim?

Resp. – De bom grado.

O Espírito escreveu: “Ó meu Deus, dai-me a força de perdoar.”

No dia 15 de janeiro a crise se deu, como sempre, às cinco horas da tarde, mas durou apenas um quarto de hora. A luta foi fraca e seguida de êxtase, sorrisos e lágrimas, que exprimiam alegria e felicidade.

Na reunião da noite, a pequena Cárita nos deu a comunicação seguinte:

“Meus caros protegidos, conforme havíamos previsto, o fenômeno espírita que se passa aos vossos olhos se modifica, melhora dia a dia, perdendo seu caráter de gravidade. Antes de mais, um conselho: Que seja para vós um tema de estudo, do ponto de vista das torturas físicas, e de estudos morais. Aos olhos do mundo não façais sinais exteriores; não digais palavras inúteis. Que vos importa o que hão de dizer? Deixai a discussão aos ociosos. Que o objetivo prático, isto é, a libertação desta menina e a melhora do Espírito que a obsidia, seja o elemento de vossas conversas íntimas e sérias; não faleis de cura em voz alta; pedi-a a Deus no recolhimento e na prece.

“Esta obsessão – sinto-me feliz em dizer – chega ao fim. O Espírito Jules melhorou sensivelmente. Também eu, com todo o meu poder, agi sobre o Espírito da menina, a fim de que essas duas naturezas tão opostas se tornassem mais compatíveis entre si. A combinação dos fluidos não oferecerá mais nenhum perigo real em relação ao organismo; o abalo que sentia esse corpo jovem ao contato fluídico desaparece sensivelmente. Vosso

trabalho não acabou; a prece de *todos* deve sempre preceder e seguir a evocação.”

Pequena Cárta

Após a evocação de Jules e a prece, na qual é qualificado de Espírito mau, diz ele:

“Eis-me aqui! Em nome da justiça, peço a reforma de certas palavras de vossa prece. Reformei os meus atos; reformai as qualificações que me dais.”

P. – Tendes razão; não erraremos mais. Hoje viestes sem constrangimento?

Resp. – Sim, vim livremente; cumpri minhas promessas.

P. – Agora que estais calmo e com bons sentimentos, concordais em nos confiar os motivos de vosso rigor em relação a essa menina?

Resp. – Por favor, deixai o passado. Quando o mal está cauterizado, para que revolver a ferida? Ah! sinto que o homem deve tornar-se melhor. Tenho horror ao meu passado e encaro o futuro com esperança. Quando uma boca de anjo vos diz: A vingança é uma tortura para quem a exerce; o amor é a felicidade para aquele que o prodigaliza, então esse fermento que azeda e seca o coração se extingue: é preciso amar.

Estais admirados de minhas palavras? Não são criação minha; foram-me ensinadas e tenho prazer em vo-las repetir. Ah! como seríeis felizes se, mesmo por um minuto, pudésseis perceber este anjo bom, radioso como o sol, suave como o orvalho refrescante que cai em gotículas finas sobre uma planta queimada pelo fogo do dia! Como vedes, não tenho dificuldade de falar: bebo na fonte.

“Um rápido golpe de vista em minha vida vagabunda:

“Nascido no seio da miséria, ligado ao vício, desde cedo experimentei os amores grosseiros da vida. Sorvi com o leite a poção envenenada que me ofereciam todas as paixões. Errei sem fé, sem lei, sem honra. Quando se tem de viver ao acaso, tudo é bom. A galinha do camponês, como o carneiro do castelão, servia-nos de refeição. A pilhagem era a minha ocupação, quando sem dúvida o acaso, pois não creio que a Providência cuide de semelhantes celerados, me tomou e me equipou. Orgulhoso da roupa batida, que substituía meus andrajos, e munido de uma alabarda, juntei-me a um bando de... maus companheiros, vivendo a expensas de um senhor cobarde que, por sua vez, distinguia-se pelo talhe sobre seus companheiros. Mas que nos importava, a nós, a fonte de onde corriam para as nossas mãos a moeda e as provisões! Não entrarei em detalhes sobre os fatos que me são pessoais: eles são maus, horríveis e indignos de serem contados. Compreendeis que, educado em semelhante escola, a gente possa tornar-se um homem de bem?

“Separado pela morte, o bando foi restabelecer-se no mundo dos Espíritos. Longe de evitar as ocasiões de fazer o mal, nós as buscávamos. Em meus passeios errantes, encontrei uma vítima a fazer e o fiz. O resto já sabeis.

“Orai também pelo bando, senhores, por favor! Muitas vezes vos admirais de que uma região contenha mais malfeitores que outras. É muito simples. *Não querendo separar-se, lançam-se sobre uma região como uma nuvem de gafanhotos: aos lobos, as florestas; aos pombos, os pombais.*

“Vivi esta existência terrena ao tempo de Luís XIII. Minha última experiência passou-se sob o Império. Fui guerrilheiro; o bacamarte e o chapéu cônico adornado com fitas me agradavam muito. Amava o perigo, o roubo e as ações arriscadas.

Triste gosto, direis; mas que fazer alhures? Estava habituado a viver nos bandos. Deveis estar admirados dessa mudança súbita: é a obra de um anjo.

“Nada vos prometo para amanhã. Julgar-me-eis por meus atos. Uma prece, por favor; por minha vez, vou fazer uma:

“Anjinho, abre tuas asas, levanta vôo para o trono do Senhor; pede-lhe o meu perdão, pondo a seus pés o meu arrependimento.”

Jules

P. – Já que estais em tão bom caminho, pedi a Deus pela pobre menina...

Resp. – Não posso... seria irrisão ou crueldade que o carrasco abraçasse sua vítima.

No dia seguinte, 16 de janeiro, a menina não teve crise, mas apenas um desconforto gástrico. Aos nossos olhos, havia-se operado a libertação.

Às oito horas da noite, respondendo ao nosso apelo, o Espírito Jules deu a seguinte comunicação:

“Meus amigos, permiti-me este nome. Eu, o Espírito obsessor, astuto e perverso; eu que, ainda há poucos dias, apodrecia no mal e nisso tinha prazer, vou, com o auxílio do anjo, vos pregar moral. Eu mesmo me encontro surpreso por esta mudança; pergunto-me se sou eu mesmo quem fala.

“Julgava que todo sentimento se tivesse apagado em minha alma; mas uma fibra ainda vibrava; o anjo a adivinhou e a tocou; começo a ver e a sentir. O mal me causa horror. Lancei o olhar sobre o meu passado e só vi crimes. Uma voz suave me disse: Espera; contempla a alegria e a felicidade dos Espíritos bons;

purifica-te; perdoa, em vez de te vingar; ama, ao invés de odiar. Também te amarei, eu, se quiseres amar, se te tornares melhor. Sinto-me comovido. Agora compreendo a felicidade que experimentarão os homens, quando souberem praticar a caridade.

“Mocinha, (dirigia-se à sua vítima, presente na sessão) tu, que eu havia escolhido para minha presa, como o abutre a doce pomba, ora por mim e que o nome do reprovado se apague da tua memória. Recebi o batismo do amor das mãos do Senhor e agora visto a roupa da inocência. Pobre menina, desejo que tuas preces, dirigidas ao Senhor em meu benefício, logo me livrem do remorso que me vai acompanhar como uma expiação justamente merecida.

“Meus amigos, tende a bondade de continuar, também, vossas preces por meus miseráveis companheiros, que me perseguem com a sua inveja maldosa, porque lhes escapo. Ainda ontem eu me perguntava o que eles dirão de mim; hoje eu lhes digo: Venci; meu passado está perdoado, pois soube arrepender-me. Fizei como eu, travai a batalha contra o mal, que vos mantém cativo nesse lugar de tormentos e de desespero; saí de lá vencedores. Se, como a vossa, a minha mão criminoso encharcou-se de sangue, ela vos levará a água santa da prece que lava os estigmas do reprovado. Meu Deus, perdão!

“Obrigado, meus amigos, pelo bem que me fizestes. Pedirei para ficar junto de vós, a partir de hoje, para assistir às vossas reuniões. Necessito beber na fonte pura, conselhos para viver uma nova existência, que rogarei a Deus, quando tiver sofrido a expiação de meu passado infame, que a consciência censura.”

Jules

A 17 de janeiro, conforme a promessa de Jules, a menina não sentiu qualquer mal-estar do estômago. A Pequena Cárita anunciou que ela sofreria uma prova moral, às cinco horas da tarde, durante alguns dias, ou durante o sono, prova que nada

teria de penoso para ela e cujos únicos sintomas seriam sorrisos e doces lágrimas, o que realmente aconteceu, durante dois dias. Nos dias seguintes houve a mais completa ausência do menor sinal de crise. Nem por isso deixamos de observar a menina e de orar.

Em 18 de fevereiro a Pequena Cárta nos ditou a seguinte instrução:

“Meus bons amigos, bani todo o medo; a obsessão está acabada e bem-acabada; uma ordem de coisas estranhas para vós, mas que logo vos parecerão naturais, talvez seja a consequência desta obsessão, mas não obra de Jules. Algumas explanações são aqui necessárias como ensinamento.

“Hoje, que conheceis a doutrina, a obsessão ou a subjugação do ser material se vos apresenta não como um fenômeno sobrenatural, mas simplesmente com um caráter diferente das doenças orgânicas.

“O Espírito que subjugava penetra o perispírito do ser sobre o qual quer agir. O perispírito do obsedado recebe como uma espécie de envoltório o corpo fluídico do Espírito estranho e, por esse meio, é atingido em todo o seu ser; o corpo material experimenta a pressão sobre ele exercida de maneira indireta.

“Causa admiração que a alma possa agir fisicamente sobre a matéria animada. Entretanto, é ela a autora de todos esses fatos. Ela tem por atributos a inteligência e a vontade; por sua vontade ela dirige, e o perispírito, de natureza semimaterial, é o instrumento do qual ela se serve.

“O mal físico é aparente, mas a combinação fluídica, que vossos sentidos não podem captar, esconde um número infinito de mistérios, que se revelarão com o progresso da doutrina, considerada do ponto de vista científico.

“Quando o Espírito abandona sua vítima, sua vontade não age mais sobre o corpo, mas a impressão que recebeu o perispírito pelo fluido estranho de que foi carregado, não se apaga de repente e continua ainda por algum tempo a influir sobre o organismo. No caso de vossa jovem doente: tristezas, lágrimas, langores, insônias, distúrbios vagos, tais são os efeitos que poderão produzir-se em consequência dessa libertação; mas, tranquilizai-vos, vós, a menina e sua família, pois essas consequências não representarão perigo para ela.

“O dever me chama, de maneira especial, a levar a bom termo o trabalho que iniciei convosco. Agora é preciso agir sobre o próprio Espírito da menina, por uma doce e salutar influência moralizadora.

“Quanto a vós, meus amigos, continuai a orar e a observar atentamente todos esses fenômenos; estudai sem cessar; o campo está aberto e é vasto. Dai a conhecer e fezei compreender todas as coisas, e pouco a pouco as idéias espíritas se insinuarão no Espírito de vossos irmãos, que o aparecimento da doutrina encontrou incrédulos ou indiferentes.”

Pequena Cárta

Observação – Devemos um justo tributo de elogios aos nossos irmãos de Marmande pelo tato, prudência e devotamento esclarecido de que deram prova nessa circunstância. Por este retumbante sucesso Deus lhes recompensou a fé, a perseverança e o desinteresse moral, já que não buscavam nenhuma satisfação ao amor-próprio; o mesmo não teria ocorrido se o orgulho tivesse ofuscado sua boa ação. *Deus retira seus dons a quem quer que não os use com humildade*; sob o império do orgulho, as mais eminentes faculdades mediúnicas se pervertem, alteram-se e se extinguem, porque os Espíritos bons retiram o seu concurso. As decepções, os dissabores, as desgraças efetivas desde esta vida, muitas vezes são a

conseqüência do desvio da faculdade de seu objetivo providencial. Poderíamos citar mais de um exemplo infeliz entre os médiuns que suscitavam as mais belas esperanças.

A tal respeito, nunca nos penetraríamos demasiadamente das instruções contidas na *Imitação do Evangelho*, n^{os} 285, 326 e seguintes, 333, 392 e seguintes.

Recomendamos às preces de todos os bons espíritas o Espírito obsessor Jules, acima citado, a fim de o fortalecer em suas boas resoluções e fazer que compreenda o que se ganha fazendo o bem.

Algumas Refutações

CONSPIRAÇÕES CONTRA A FÉ

A História haverá de registrar a lógica singular dos contraditores do Espiritismo, da qual vamos dar algumas amostras.

Do Departamento do Haute-Marne remetem-nos a pastoral do Sr. bispo de Langres, onde se nota a seguinte passagem:

“...E eis que os homens que se dizem amigos da Humanidade, da liberdade e do progresso, mas que, na realidade, a sociedade deve contar no número de seus mais perigosos inimigos, se esforçam, por todos os meios, para arrancar (a fé) do coração das populações cristãs. Porque, caríssimos irmãos, é nosso dever vos advertir, nós que somos encarregados de velar pela guarda de vossas almas, a fim de que os nossos avisos vos tornem prudentes e precavidos: Talvez jamais se tenha visto uma conspiração mais odiosa, mais vasta, mais perigosa e mais hábil, isto é, organizada de modo mais infernal contra a fé católica que a que hoje existe. Conspiração das sociedades secretas, que trabalham na sombra para aniquilar o catolicismo, como se isto

fosse possível; conspiração do protestantismo que, por uma propaganda ativa, busca insinuar-se por toda parte; conspiração dos filósofos racionalistas e anticristãos, que rejeitam, sem razão e contra toda razão, o sobrenatural e a religião revelada, e que se esforçam por fazer prevalecer no mundo letrado sua falsa e funesta doutrina; conspiração das sociedades espíritas que, pela prática supersticiosa da evocação dos Espíritos, entregam-se e incitam os outros a se consagrarem à pérfida maldade do espírito de mentira e de erro; conspiração de uma literatura ímpia ou corruptora; conspiração dos maus jornais e dos maus livros, que se propagam de modo assustador, à sombra de uma tolerância ou de uma liberdade louvada como progresso do século, como conquista do que chamam espírito moderno, e que não é senão um incitamento ao gênio do mal, um justo motivo de dor para uma nação católica, uma armadilha e um perigo muito evidente para todos os fiéis, seja qual for a classe a que pertençam, não suficientemente instruídos na religião, cujo número infelizmente é grande; conspiração, enfim, desse materialismo prático que não vê, não busca, não persegue senão o que diz respeito ao corpo e ao bem-estar físico; que não mais se ocupa da alma e de seu destino, como se não o houvesse, e cujo exemplo pernicioso seduz e arrasta facilmente as massas. Tais são, em resumo, caríssimos irmãos, os perigos que hoje corre a fé... etc.”

Estamos perfeitamente de acordo com o Sr. bispo no que toca as funestas conseqüências do materialismo; mas é surpreendente vê-lo confundir na mesma reprovação o materialismo, que nega a alma, o futuro, Deus e a Providência, com o Espiritismo, que vem combatê-lo e dele triunfa pelas provas materiais que dá da existência da alma, precisamente com o auxílio dessas mesmas evocações pretensamente supersticiosas. Será porque leva vantagem onde a Igreja é impotente? Partilharia o Sr. bispo da opinião de certo eclesiástico que dizia do púlpito: “Prefiro vos saber fora da Igreja a nela vos ver entrar pelo Espiritismo!” E deste outro que dizia: “Prefiro um ateu, que em nada crê, a um

espírita, que crê em Deus e na alma.” É uma opinião como outra qualquer e gostos não se discutem. Seja qual for a do Sr. bispo sobre este ponto, estimaríamos muito que ele respondesse às duas questões seguintes: “Como é que a Igreja, auxiliada pelos poderosos meios de ensino de que dispõe para fazer brilhar a verdade aos olhos de todos, não tem sido capaz de deter o materialismo, ao passo que o Espiritismo, nascido ontem, diariamente converte incrédulos endurecidos? – O meio pelo qual se atinge um objetivo é mais mau do que aquele com cujo auxílio não se o alcança?”

O Sr. bispo enumera uma série de conspirações, que se erguem ameaçadoras contra a religião; por certo não refletiu que, por esse quadro pouco tranquilizador para os fiéis, vai precisamente contra seu objetivo e pode até provocar nestes últimos deploráveis reflexões. A ouvi-lo, em pouco tempo os conspiradores seriam mais numerosos.

Ora, o que aconteceria num Estado se toda a nação conspirasse? Se a religião se vê atacada por tão numerosas coortes, isto não provaria em favor das simpatias que ela encontra. Dizer que a fé ortodoxa está ameaçada é confessar a fraqueza de seus argumentos. Se ela é fundada na verdade absoluta, não pode temer nenhum argumento contrário. Em tal caso, soar o alarme é completa falta de habilidade.

UMA INSTRUÇÃO DE CATECISMO

Num catecismo para crianças da diocese de Langres, por ocasião da pastoral acima referida, foi dada uma instrução sobre o Espiritismo, como assunto a ser tratado pelos alunos.

Eis a narração textual de um deles:

“O Espiritismo é obra do diabo, que o inventou. Entregar-se a isto é pôr-se em relação direta com o demônio.

Superstição diabólica! *Muitas vezes Deus permite essas coisas para reavivar a fé dos fiéis.* O demônio faz-se bom, faz-se santo; cita palavras das Escrituras sagradas.”

Esse meio de reanimar a fé nos parece muito mal escolhido.

“Tertuliano, que viveu no segundo século, conta que faziam falar as cabras e as mesas; é a essência da idolatria. Essas operações satânicas eram raras em certos países cristãos, mas hoje são muito comuns. Esse poder do demônio mostrou-se em todo o seu vigor com o advento do protestantismo.”

Eis crianças bem convencidas do grande poder do demônio. Não seria para temer que isto lhes fizesse duvidar um pouco do poder de Deus, quando se vê o primeiro tantas vezes levar a melhor sobre o segundo?

“O Espiritismo nasceu na América, no seio de uma família protestante chamada Fox. A princípio o demônio manifestou-se por pancadas que despertavam as pessoas em sobressalto; enfim, aborrecidos com as pancadas, procuraram o que podia ser. Um dia a filha do Sr. Fox pôs-se a dizer: Bate aqui, bate ali; e batiam onde ela queria.”

Sempre a excitação contra os protestantes! Assim, eis rapazes educados pela religião no ódio contra uma parte de seus concidadãos, muitas vezes contra membros da própria família! Felizmente o espírito de tolerância que reina em nossa época o contrabalança, sem o que veríamos a renovação de cenas sangrentas dos séculos passados.

“Esta heresia logo se vulgarizou e já conta quinhentos mil sectários. Os Espíritos invisíveis se permitem fazer toda a sorte de coisas. Ao simples pedido de um indivíduo, moviam-se mesas sobrecarregadas com centenas de livros; viam-se mãos sem corpo.

Eis o que se passou na América, e isto veio à França pela Espanha. Inicialmente o Espírito foi forçado por Deus e os anjos a dizer que era o diabo, a fim de não apanhar em suas armadilhas as pessoas honestas.”

Julgamo-nos bem ao corrente da marcha do Espiritismo, e jamais ouvimos dizer que tivesse chegado à França pela Espanha. Seria um ponto a retificar na história do Espiritismo?

Pela confissão dos adversários do Espiritismo, vê-se com que rapidez a idéia nova ganha terreno; uma idéia que, apenas despontada, conquista quinhentos mil partidários não é sem valor e prova o caminho que fará mais tarde; dez anos mais tarde um deles eleva a cifra a vinte milhões, só na França e prediz que em breve a heresia terá ganho os outros vinte milhões (Vide a *Revista Espírita* de junho de 1863). Mas, então, se todo o mundo é herético, que restará para a ortodoxia? Não seria o caso de aplicar a máxima: Quando todos estão errados, todos têm razão? Que teria respondido o instrutor, se uma criança insuportável de seu jovem auditório lhe tivesse feito a pergunta: “Como é possível que a primeira pregação de São Pedro só converteu três mil judeus, enquanto o Espiritismo, que é obra de satanás, fez imediatamente quinhentos mil adeptos? Será satanás mais poderoso do que Deus?” – Talvez ele lhe tivesse respondido: “É porque eram protestantes.”

“Satã diz que é um Espírito bom; mas é um mentiroso. Um dia quiseram que a mesa falasse; ela não quis responder; julgaram que a presença de eclesiásticos a impedia. Por fim, duas batidas vieram advertir que o Espírito lá estava. Perguntaram-lhe: – Jesus-Cristo é filho de Deus? – Não. – Reconheces a santa eucaristia? – Sim. – A morte de Jesus-Cristo aumentou os teus sofrimentos? – Sim.”

Então há padres que assistem a essas reuniões diabólicas. A criança insuportável poderia ter perguntado por que, quando vêm, não fazem o diabo fugir?

“Eis uma cena diabólica.” Assim dizia o Sr. Allan Kardec: “A velhacaria dos Espíritos mistificadores ultrapassa tudo quanto se possa imaginar. Havia dois Espíritos, um representando o bom, outro, o mau; ao cabo de alguns meses disse um: – Aborreço-me de vos repetir palavras melífluas, nas quais não penso. – Então és o Espírito do mal? – Sim. – Não sofres falando de Deus, da Virgem e dos santos? – Sim. – Queres o bem ou o mal? – O mal. – Não és o Espírito que falava há pouco? – Não. – Onde estás? – No inferno. – Sofres? – Sim. – Sempre? – Sim. – Estás submetido a Jesus-Cristo? – Não, a Lúcifer. – Ele é eterno? – Não. – Gostas do que tenho na mão? (eram medalhas da santa Virgem). – Não; julguei vos inspirar confiança; o inferno me reclama; adeus!”

O relato é muito dramático, sem dúvida, mas seria muito hábil quem provasse que temos algo a ver com isso. É triste ver a que expedientes são obrigados a recorrer para dar fé. Esquecem que essas crianças crescem e refletirão. A fé que repousa em tais provas tem razão de temer as conspirações.

“Acabamos de ver o Espírito do mal forçado a confessar que era o tal. Eis uma outra frase que o lápis do médium escrevia: ‘Se queres entregar-te a mim, alma, Espírito e corpo, satisfarei os teus desejos; se queres estar comigo, escreve teu nome por baixo do meu’; e escrevia: *Giefle* ou *Satã*. O médium tremia e não escrevia; tinha razão. *Todas* as sessões terminam por estas palavras: ‘*Queres aderir?*’ O demônio queria que fizessem um pacto com ele. Entrega-me a tua alma! disse um dia a alguém. – Quem és tu? responderam. – Sou o demônio. – Que queres? – Possuir-te. Não há purgatório; os celerados, os maus, tudo isto há no céu.”

Que dirão estes meninos quando testemunharem algumas evocações e, em vez de um pacto infernal, ouvirem os Espíritos dizer: “Amai a Deus acima de todas as coisas, e ao próximo como a vós mesmos; praticai a caridade ensinada pelo

Cristo; sede bons para com todos, mesmo com os vossos inimigos; orai a Deus e segui os seus mandamentos para serdes felizes neste mundo e no outro?”

“Todos esses prodígios, todas essas coisas extraordinárias vêm dos Espíritos das trevas. O Sr. Home, espírita fervoroso, nos diz que por vezes o solo vibra sob os seus pés, os aposentos estremecem, as pessoas se arrepiam; uma mão invisível nos apalpa os joelhos e os ombros; uma mesa pula. Perguntam: Estás aí? – Sim. – Dá provas disto. E a mesa se ergue duas vezes!”

Ainda uma vez, tudo isto é muito dramático; mas, entre os jovens ouvintes, certamente mais de um desejou vê-lo e não perderá a primeira oportunidade. Também se encontrarão mocinhas impressionáveis, de organização delicada que, ao menor comichão, julgarão sentir a mão do diabo e passarão mal.

“Todas essas coisas são ridículas. A santa Igreja, mãe de todos nós, faz-nos ver que isto não passa de mentira.”

Se tudo isto for ridículo e mentiroso, por que, então, dar tanta importância? Por que apavorar as crianças com quadros sem nenhuma realidade? Se há mentira, não é precisamente nesses quadros?

“Na evocação dos mortos, por exemplo, não se deve crer que sejam os nossos parentes que nos falam; é Satã quem fala e se dá por um morto. Certamente estamos em comunicação pela comunhão dos santos. Na vida dos santos temos exemplos de aparições de mortos; mas é um milagre da sabedoria divina e esses milagres são raros. Eis o que nos dizem: Algumas vezes os demônios se dão por mortos e, também, por santos.”

Algumas vezes não é sempre; portanto, pode acontecer que o Espírito que se comunica não seja um demônio.

“Eles podem fazer muitas outras coisas. Certo dia, um médium que não sabia desenhar reproduziu, com a mão conduzida por um Espírito, as imagens de Jesus-Cristo e da santa Virgem que, apresentadas a alguns de nossos melhores artistas, foram julgadas dignas de ser expostas.”

Ouvindo isto, um aluno bem poderia pensar: E se um Espírito pudesse conduzir-me a mão para fazer meu dever e ganhar um prêmio? Tentemos!

“Saul consultou a pitonisa de Endor e Deus permitiu que Samuel lhe aparecesse para dizer: Por que perturbas o meu repouso? Amanhã estarás comigo no túmulo. Nossos Sauis de salão bem que deveriam pensar nesta história. São Felipe de Néri nos diz: Se a santa Virgem vos aparecer, ou mesmo Nosso Senhor Jesus-Cristo, *cuspi-lhe no rosto*, pois seria apenas uma trapaça do demônio para vos induzir em erro.”

O que vem a ser a aparição de Nossa Senhora da Salette a duas pobres crianças? Conforme essa instrução de catecismo, deviam ter-lhe cuspidido no rosto.

“Nosso santo padre o papa Pio IX proibiu expressamente entregar-se a essas coisas. O Sr. bispo de Langres, e ainda muitos outros, fizeram o mesmo. Há perigo de morte: dois velhos se suicidaram porque os Espíritos lhes haviam dito que depois da morte gozariam de infinita ventura; perigo para a razão: vários médiuns enlouqueceram e numa casa de alienados contavam-se mais de quarenta indivíduos que o Espiritismo tornara loucos.”

Ainda não conhecemos a bula papal que proíbe expressamente de ocupar-se com estas coisas; caso existisse, o Sr. bispo de Langres e os outros não teriam deixado de mencioná-la. A história dos dois velhos, a que se faz alusão, é inexata; foi

provado, por documentos oficiais, registrados no tribunal e, notadamente por cartas por eles escritas antes da morte, que se suicidaram em consequência de perdas de dinheiro e do temor de cair na miséria (Vide a *Revista Espírita* de abril de 1863). A dos quarenta indivíduos confinados numa casa de alienados não é mais verídica. Seria muito constrangedor justificar tal história pelos nomes desses pretensos loucos, que um primeiro jornal fixou em quatro, um segundo em quarenta, um terceiro em quatrocentos e, por fim, um quinto dizia que trabalhavam na ampliação do hospício. Um instrutor de catecismo deveria colher seus dados históricos em outras fontes que não fossem as fofocas de jornais. As crianças a quem enunciam seriamente essas coisas as aceitam com confiança; mas, quanto maior a confiança, mais forte a reação contrária quando, mais tarde, souberem a verdade. Isto é dito em sentido geral e não exclusivamente para o Espiritismo.

Se analisamos este trabalho para meninos, fique bem entendido que não é a sua opinião que refutamos, mas aquela da qual a narração é um resumo. Se se investigasse com cuidado todas as instruções dessa natureza, ficaríamos menos admirados dos frutos recolhidos mais tarde. Para instruir a infância é preciso grande tato e muita experiência, porque é inimaginável o alcance que poderá ter uma única palavra imprudente que, como o joio, germina nessas jovens imaginações como em terra virgem.

Parece que os adversários do Espiritismo não acham que a idéia esteja bastante espalhada; dir-se-ia que, mau grado seu, são impelidos a inventar meios para difundi-la ainda mais. Depois dos sermões, cujo resultado é conhecido, não se podia achar um mais eficaz do que fazê-lo tema das instruções e deveres do catecismo. Os sermões atuam sobre a geração que se vai; as instruções predisõem a geração que chega. Assim, laboraríamos em erro se as encarássemos com desagrado.

O Espírito Batedor da Irmã Maria

A narrativa que segue está relatada numa carta, cujo original temos em mão e que transcrevemos textualmente.

“Viviers, 10 de abril de 1741.

“Ninguém no mundo, meu caro Noailles, melhor do que eu pode informar-vos de tudo quanto se passou na cela da Irmã Maria e se a descrição que fizestes nos expôs ao ridículo em nossa cidade; quero partilhá-lo convosco. A força da verdade vencerá sempre em mim o medo de passar por um visionário e um homem demasiado crédulo.

“Eis, pois, um pequeno relato de tudo o que vi e ouvi durante quatro noites que ali passei, e comigo mais de quarenta pessoas, todas dignas de fé. Só vos narrarei os fatos mais notáveis.

A 23 de março, dia da Anunciação, soube, pela voz pública, que há três dias, ouviam-se, todas as noites, grandes ruídos na cela da Irmã Maria; que as duas irmãs de São Domingos, que moram com ela tinham ficado tão apavoradas que mandaram chamar o Sr. Chambon, cura de Saint-Laurent, o qual tendo vindo àquela cela a uma hora da madrugada, ouvira os quadros batendo nas paredes, uma pia de água benta, de louça, mover-se com ruído, e uma cadeira de madeira, colocada no meio da cela, ser derrubada seis vezes. Confesso, senhor, que ao ouvir esse relato não deixei de zombar; as devotas renderam-se à minha crítica e, desde então, resolvi ir passar a noite seguinte na casa da Irmã Maria, convencido de que, em minha presença, tudo se passaria em silêncio ou eu descobriria a impostura. Com efeito, naquele mesmo dia, às nove horas da noite, dirigi-me àquela casa. Interroguei muitas irmãs, sobretudo a Irmã Maria, que me pareceu informada da causa de todos esses ruídos, mas ela não nos quis comunicar. Então, fiz uma busca minuciosa em seu quarto; olhei por cima e por baixo da cama; as paredes, os quadros, tudo foi examinado com muito

cuidado. Nada tendo descoberto que pudesse provocar todos esses ruídos, mandei que todos saíssem do quarto, com ordem de que ninguém entrasse senão eu. Posicionei-me no quarto vizinho, junto à lareira; deixei aberta a porta da cela e na soleira coloquei uma vela, de modo que via, do meu lugar, a um passo do leito, a cadeira que havia colocado e quase todo o quarto. Às dez horas os senhores d'Entrevaux e Archambaud vieram juntar-se a mim e, com eles, dois artesãos de nossa cidade.

“Cerca de onze e meia ouvi a cadeira mexer-se e logo acorri; ao encontrá-la caída, levantei-a, tomei uma segunda, que coloquei a maior distância do leito da doente, pois não queria perdê-la de vista. Os senhores d'Entrevaux e Archambaud tomaram a mesma precaução e, após um momento, nós a vimos mexer-se pela segunda vez; a pia de água benta, colocada no leito da Irmã Maria, mas a uma distância que ela não podia atingir, tiniu várias vezes e um quadro bateu três vezes na parede. Naquele momento fui falar com a nossa doente; encontrei-a extremamente oprimida e dessa opressão ela caiu num desfalecimento ou perdeu a consciência e o uso de todos os sentidos, que se reduziram à audição; eu próprio fui o seu médico; por meio de água de lavanda, em pouco tempo voltou a si. De quinze em quinze minutos ouvíamos o mesmo ruído e, achando sempre os quadros no mesmo estado, ordenei a esse barulhento, fosse quem fosse, que batesse três vezes o quadro na parede e invertesse a sua posição; logo fui obedecido. Um instante depois, ordenei-lhe que pusesse o quadro na posição anterior, recebendo uma segunda prova de sua submissão às minhas ordens.

“Como nada percebi de barulhento no quarto a não ser uma cadeira, dois quadros e uma pia de água benta, apossei-me de todos esses objetos; então o ruído deslocou-se para as imagens, que ouvimos mover-se várias vezes, e para um pequeno crucifixo pendurado à parede por um prego. Nada mais vimos ou ouvimos nessa noite; tudo ficou calmo e tranqüilo às cinco horas da manhã. Não fizemos segredo sobre tudo quanto tínhamos visto e ouvido e

vos deixo a pensar se não fui iludido em minha visão. Exortei os mais incrédulos a acreditar; lá fomos três noites seguidas e eis o que me pareceu mais surpreendente. Só vos relatarei certos fatos, pois seria muito longo se quisesse entrar em detalhes. Por ora deve bastar vos diga que os senhores Digoine, Bonfils, d'Entrevaux, Chambon, Faure, Allier, Aoust, Grange, Bouron, Bonnier, Fontènes, Robert e tantos outros os testemunharam.

“Tendo-se espalhado na cidade o boato de que a Irmã Maria podia ser a atriz dessa comédia, desde então modifiquei o bom conceito em que a tinha; quis mesmo suspeitar de fraude e, embora seja ela parálitica, segundo o testemunho de nosso médico e de todos que dela se aproximam e nos asseguram que há mais de três anos apenas movimenta a cabeça, presumi que ela pudesse agir e, com tal suposição, senhor, eis de que maneira me conduzi:

“Durante três dias consecutivos, às nove horas da noite, dirigi-me à casa da irmã. Preveni-a quanto aos expedientes que ia tomar para não ser enganado, em presença dos cinco ou seis senhores já citados. Fiz costurá-la em seu hábito; ela estava disposta e envolvida no leito como uma criança de um mês em seu berço. Tomei ainda dois papelotes, colocando-os em forma de cruz sobre o peito, de modo que não podia fazer qualquer movimento sem que a cruz se desfizesse.

“Nesse mesmo dia ela tinha revelado o mistério ao padre Chambon, que a dirige na ausência do Sr. bispo, e ao padre David, diretor de nosso seminário. O primeiro pediu-lhe e lhe permitiu que me informasse a causa de todos esses ruídos; então entrei na confidência e ela me informou que era uma alma sofredora, cujo nome indicou, e que vinha com a permissão de Deus para que aliviassem suas penas. Assim instruído e prevenido contra o erro, não deixei ninguém no quarto. Éramos oito naquela noite e todos determinados em nada acreditar. Por volta das onze horas os quadros e a pia de água benta se fizeram ouvir. Então o Sr. Digoine e eu nos fomos colocar à porta, com uma lâmpada à

mão; é preciso notar que a cela é pequena, que do meio eu podia alcançar as quatro paredes apenas estendendo os braços. Mal nos postamos e o quadro bateu na parede; corremos imediatamente, encontrando o quadro sem movimento e a doente na mesma situação; retomamos o nosso lugar e, tendo o quadro batido segunda vez, corremos à primeira pancada e vimos o quadro girar no ar e rodar sobre o leito. Coloquei-o na janela; um momento depois ele bateu três vezes, à vista de todos. Querendo cada vez mais me convencer da verdade contada pela Irmã Maria, ordenei ao Espírito sofredor que tomasse o crucifixo da parede e o pusesse no peito da doente; ele logo obedeceu. Todos os senhores que estavam comigo foram testemunhas. Ordenei-lhe que recolocasse o crucifixo no lugar e movesse a pia com força; também obedeceu; como, então, eu tivera o cuidado de pôr a pia à vista de todos, ouvimos o ruído e vimos o movimento. Não sendo tais sinais suficientes para me convencer, exigi novas provas. Coloquei uma mesa ao pé do leito da doente e disse a esse Espírito sofredor que de boa vontade lhe ofereceríamos votos e preces, mas sendo o sacrifício da missa o meio mais seguro para o alívio de suas penas, ordenei que desse tantas pancadas sobre a mesa quantas missas quisesse que fossem ditas para ele. Bateu no mesmo instante e contamos trinta e três pancadas. Então entramos em acordo para nos desobrigar daquela incumbência o quanto antes e, durante o tempo destinado para isto, os quadros, a pia e o crucifixo batiam ao mesmo tempo, com mais ruído que nunca.

“Eram duas horas da madrugada; mandei despertar o padre Chambon, que testemunhou tudo quanto lhe havíamos contado, pois em sua presença fizemos repetir as 33 batidas. O padre Chambon lhe ordenou que levasse o crucifixo para determinada cadeira; tão logo ouvimos uma pancada sobre esta, corremos e encontramos o crucifixo debaixo da cama, a um passo da cadeira. Pedi sucessivamente ao cônego Digoine, ao padre Chambon e ao Sr. Robert que se escondessem na cela para examinar se viam algo; ouviram duas vozes diferentes na cama da

doente, distinguindo a desta perfeitamente, que fazia várias perguntas; quanto à outra, não puderam discernir a resposta, pois se explicava em tom muito baixo e rápido. Informado por esses senhores, fui conferi-lo com a Irmã Maria, que confessou o fato.

“Propus àqueles senhores dizer um *De profundis* pelo alívio das penas dessa alma sofredora e, acabada a prece, a cadeira tombou, os quadros bateram e a pia zuniu. Disse a esse Espírito que íamos dizer cinco *Pater* e cinco *Ave* em honra das cinco chagas de Nosso Senhor, e lhe ordenava, como prova de que a prece lhe agradava, derrubar a cadeira uma segunda vez, mas com mais força. Mal nos ajoelhamos, a cadeira, colocada sob as nossas vistas e a dois passos, caiu para frente, levantou-se e caiu para trás.

“Vendo a docilidade desse Espírito e sua presteza em obedecer, julguei poder tentar tudo. Pus 40 moedas sobre a cama da doente e ordenei-lhe que as contasse. Imediatamente ouvimos contá-las num copo de vidro que eu havia colocado perto. Peguei a moeda e coloquei-a sobre a mesa; ordenei a mesma coisa e logo ele obedeceu. Pus um escudo de seis francos e mandei que com ele indicasse o número de missas que lhe são necessárias; bate 33 vezes com o escudo na parede. Faço entrar no quarto os senhores Digoine, Bonfils e d’Entrevaux, afastamos as cortinas do leito, colocamos a vela sobre este e mando o Espírito bater e nos designar o número de missas. Vemos, os quatro, a Irmã Maria sempre no mesmo estado, sem movimento e com os papelotes em forma de cruz, ainda dispostos, e contamos 33 batidas na parede. É de notar que no quarto vizinho, separado por esta parede, não havia viva alma; tínhamos tido o cuidado de afastar tudo quanto fizesse suscitar em nós a menor suspeita.

“Por fim, senhor, tentei uma nova via; escrevi estas palavras num papel: Eu te ordeno, alma sofredora, que nos digas quem és, tanto para nossa consolação quanto para a sustentação de nossa fé. Escreve, pois, o teu nome neste papel ou, pelo menos, faz nele uma marca para conhecermos a necessidade que tens de

nossas preces. Coloco este escrito debaixo da cama da doente, com um tinteiro e uma pena; um instante depois ouço a pia tilintar; acorremos todos ao ruído e, ao mesmo tempo, achamos o papel e o crucifixo sobre ele. Ordeno-lhe que ponha o crucifixo em seu lugar e marque o papel; então dissemos a ladainha da Virgem e, acabada a prece, encontramos o crucifixo em seu lugar e por baixo do papel duas cruces feitas com a pena. O padre Chambon, que estava muito perto do leito, ouviu o ruído da pena no papel. Eu poderia contar-vos muitos outros fatos igualmente surpreendentes, mas o detalhe me levaria muito longe.

“Sem dúvida perguntareis, caro senhor, o que penso desta aventura. Vou fazer minha profissão de fé. Em primeiro lugar estabeleço que o ruído que vi e ouvi tem uma causa. Os quadros, a cadeira, a pia, etc., são seres inanimados, que não podem mover-se por si mesmos. Qual, então, a causa que lhes deu movimento? Necessariamente, é preciso que seja natural ou sobrenatural; se for natural, não pode ser senão a Irmã Maria, pois havia apenas ela no quarto. Não se pode pretender que o ruído tenha sido produzido por molas; examinamos tudo com a máxima atenção, até desmontando os quadros, e se um simples cabelo tivesse respondido pela pia ou pela cadeira nós o teríamos percebido.

“Ora, eu digo que a Irmã Maria não é a causa; ela não quis, ou melhor, ela não nos pôde enganar. Será possível que uma menina em perfeito estado de santidade, uma jovem cuja vida é um milagre contínuo, pois está provado que há três anos não come, não bebe e que de seu corpo não tem saído, senão uma quantidade de pedras; que uma donzela que sofre há seis anos tudo quanto se pode sofrer e sempre com uma paciência admirável; que uma moça que só abre a boca para orar, deixando transparecer, em tudo o que diz, a mais profunda humildade, tenha querido nos enganar, impondo-se assim a todo um público, ao seu bispo, ao seu confessor e a uma multidão de sacerdotes que a interrogaram a respeito? Acho em tudo quanto ela diz uma coerência maravilhosa, jamais a menor contradição, caráter único da verdade, pois a mentira não se

sustentaria. Não creio que os mártires tenham sofrido mais do que esta santa; há épocas do ano em que o seu corpo é uma chaga só; vê-se saindo sangue e pus pelos ouvidos e, com muita freqüência, lhe arrancam vermes muito compridos, que saem pelas narinas; ela sofre e pede continuamente a Deus que a faça sofrer. Uma coisa maravilhosa é que todo ano, na quinzena da Páscoa, é tomada por um vômito de sangue; passado o vômito, a garganta fica desobstruída, ela recebe o santo viático e um instante depois se fecha totalmente; foi o que lhe aconteceu quarta-feira última.

“Em segundo lugar digo que ela não nos pôde enganar, pois está fora de estado de agir; como já disse, é paralítica e uma senhorita de nossa cidade ficou plenamente convencida quando lhe enterrou uma calibrosa agulha na coxa. Aliás, vedes as precauções que tomamos. Costuramo-la em seu hábito e muitas vezes com guarda à vista. Então não é ela. Quem é, então? Perguntais. A consequência é fácil de tirar de tudo quanto tenho a honra de vos dizer neste relato.

“*Assinado: † Abade de Saint-Ponc, cônego apresentador.*”

Observação – Há evidente analogia entre estes fatos e os do Espírito batedor de Bergzabern e de Dibbelsdorf, relatados na *Revista Espírita* de maio, junho, julho e agosto de 1858, salvo, neste, que o Espírito nada tinha de malévolos. São constatados por um homem cujo caráter não pode ser suspeito, e que não observou levemente. Se, como pretendem certas pessoas, só o diabo se manifesta, como viria junto de uma moça em estado de perfeição espiritual? Ora, é de notar que esta não era apavorada nem atormentada; ela própria sabia e as experiências constataram, que era uma alma sofredora. Se não é o diabo, então outros Espíritos podem comunicar-se?

Duas circunstâncias têm analogia particular como a que hoje vemos. Antes de mais, o primeiro pensamento é que haja fraude da parte da pessoa junto à qual se produzem os fenômenos,

a despeito das impossibilidades materiais que, por vezes, existem. Na situação física e moral dessa moça, não se compreende que a suspeita de uma encenação tenha podido entrar no espírito das outras religiosas.

O segundo fato é mais importante. Se alguns dos fenômenos ocorreram à vista das pessoas presentes, a maior parte deles se produziu quando elas estavam no quarto vizinho, de costas e na ausência de luz direta, como muitas vezes se tem observado em nossos dias. A que se deve isto? É o que não está ainda suficientemente explicado. Tendo esses fenômenos uma causa material, e não *sobrenatural*, poderia acontecer, como em certas operações químicas, que a luz difusa fosse mais favorável à ação dos fluidos de que se serve o Espírito¹⁴. A física espiritual ainda está na infância.

Variedades

O INDEX DA CÚRIA ROMANA

A data de 1º de maio de 1864 será marcada nos anais do Espiritismo, como a de 9 de outubro de 1861. Ela lembrará a decisão da sagrada congregação do *Index*, concernente às nossas obras sobre o Espiritismo. Se uma coisa surpreendeu os espíritas, é que tal decisão não tenha sido tomada mais cedo. Aliás, uma só é a opinião sobre os bons efeitos que ela deve produzir, já confirmados pelas informações que nos chegam de todos os lados. A essa notícia, a maioria dos livreiros se apressou em pôr essas obras mais em evidência. Alguns, mais timoratos, crendo numa proibição de sua venda, as retiraram das prateleiras, mas nem por isso deixam de vendê-las furtivamente. Tranqüilizaram-nos, fazendo-lhes observar que a lei orgânica diz que “Nenhuma bula, breve, decreto, mandato, provisão, assinatura servindo de provisão, nem outros

14 N. do T.: Parece que se dá exatamente o inverso: a luz difusa causa dissolução dos fluidos.

expedientes da cúria de Roma, *mesmo que só digam respeito aos particulares*, poderão ser recebidos, publicados, impressos nem de qualquer modo *executados* sem autorização do governo.”

Quanto a nós, esta medida, que é uma das que esperávamos, é um sinal que aproveitaremos, e que servirá de guia para os nossos trabalhos ulteriores.

PERSEGUIÇÕES MILITARES

Conta o Espiritismo numerosos representantes no exército, entre oficiais de todos os graus, que lhe constata a influência benfazeja sobre si mesmos e sobre os subalternos. Em algumas regiões, no entanto, entre os chefes superiores, encontra não negadores, mas adversários declarados, que interdita formalmente a seus subordinados de dele se ocuparem. Conhecemos um oficial que foi riscado do quadro de propostas para a Legião de Honra e outros que foram confinados por causa do Espiritismo. Temos aconselhado que se submetam sem murmúrio à disciplina hierárquica e que esperem pacientemente uma ocasião melhor, que não pode tardar, pois será levado pela força da opinião. Temos mesmo aconselhado a se absterem de toda manifestação espírita exterior, se preciso for, porque nenhum constrangimento pode ser exercido sobre sua crença íntima, nem lhes tirar as consolações e o encorajamento que nele haurem. Essas pequenas perseguições são provas para sua fé e servem ao Espiritismo, em vez de o prejudicar. Devem considerar-se felizes por sofrer um pouco por uma causa que lhes é cara. Não se orgulham de deixar um membro no campo de batalha pela pátria terrestre? Que são, pois, alguns dissabores e contrariedades suportados pela pátria eterna e pela causa da Humanidade?

UM ATO DE JUSTIÇA

Domingo, 3 de abril de 1864 foi um dia de grande festa para a comuna de Cempuis, perto de Grandvilliers (Oise). Milhares

de pessoas ali se achavam reunidas para uma tocante cerimônia, que deixará lembranças inapagáveis no coração de todos os presentes. O Sr. Prévost, nosso colega, membro da Sociedade Espírita de Paris, fundador do asilo de Cempuis e das sociedades de auxílio mútuo do bairro, foi o modesto herói. Um imenso cortejo, precedido pela banda de Grandvilliers, o conduziu à prefeitura, onde recebeu das mãos da autoridade departamental a medalha de honra de que se fez merecedor por seu devotamento à causa da humanidade sofredora. No discurso pronunciado na ocasião pelo delegado da prefeitura, destacamos a seguinte passagem:

“Senhores, se nesta revista sumária consegui que cada um fizesse a parte merecida que lhe cabe na consagração deste grande dia, que me seja permitido rejubilar-me convosco, como se fora a execução de um dever que, por todos os títulos, me era muito caro.

“É, pois, com indizível alegria e legítimo orgulho que todos verão sobre o nobre peito do Sr. Prévost este símbolo honorífico, que o Imperador aí quis ver ligar em seu nome, esperando – não o duvidemos – que a estrela de honra aí venha brilhar com sua mais viva luz.

“Antes de encerrar esta bela cerimônia, à qual a juventude está, de pleno direito, impaciente para substituir por sua alegre animação, façamos remontar a nossa alegria e a nossa gratidão até o seu autor augusto, o Imperador, bem como ao seu fiel intérprete, o Sr. prefeito de Oise.”

A Sociedade Espírita de Paris também se orgulha com a honra prestada a um de seus membros altamente reconhecidos. (Para detalhes sobre o asilo de Cempuis, vide a *Revista Espírita* de outubro de 1863).

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

JULHO DE 1864

Nº 7

Reclamação do Abade Barricand

O número da *Revista* do mês de junho já estava composto e impresso parcialmente quando nos chegou a seguinte carta, do abade Barricand, ao qual mandamos responder o que se segue adiante:

“Senhor.

“O Sr. Allan Kardec encarrega-me de acusar o recebimento da carta que lhe dirigistes, e de vos dizer que era supérfluo requerer a sua inserção na *Revista*. Bastaria que lhe tivésseis pedido uma retificação motivada e ele teria considerado como um dever de imparcialidade reconhecer o vosso direito. Como o número da *Revista* de 1º de junho já estava pronto quando da recepção de vossa carta, ela só poderá aparecer na edição seguinte.

“Recebei, etc.”

“Lyon, 19 de maio de 1864.

“Senhor,

“Acabo de ler na *Revista Espírita*, fascículo do mês de maio de 1864, um artigo no qual meu curso é de tal modo fantasiado e desfigurado que me vejo na obrigação de lhe dar uma resposta, para destruir a impressão desfavorável que o artigo deve ter deixado em vossos leitores, no tocante à minha pessoa e ao meu ensino.

“O artigo é intitulado: *Cursos públicos de Espiritismo em Lyon*. Jamais se viu tal designação figurar em nenhum de meus programas, e se alguém veio ao meu curso na crença de que assistiria a lições de Espiritismo, não foi, como insinuais, porque tivesse sido seduzido por um título *atraente e um pouco enganador*, mas unicamente porque não se deu ao trabalho de ler o que dizem nossos cartazes.

“Informais aos vossos leitores que o *jornal Vérité* destaca várias de nossas *asserções* e, além disso, que se encarregará de nos refutar; disto não temos dúvida, acrescentais, *pois, a julgar por seu começo, ele se desobrigará às maravilhas*. Mas não dais a conhecer essas asserções. É verdade que o nosso contraditor afirma *não ser necessário haver cursado teologia para tomar de uma pena*, e que não temerá enfrentar-nos usando *apenas as armas da razão e da fé em Deus, dadas pelo Espiritismo*;... que a *tese paradoxal que sustentamos não se discute*;... que *não nos faríamos de rogado para acompanhar o Espiritismo ao cemitério, mas que não devemos ter muita pressa em dobrar por finados*;... que, por sua própria conta, está em condições de alimentar, *por si mesmo e sem muito trabalho, essa criancinha que se chama Verdade*;... que *o sangue do futuro corre mais quente que nunca nas veias do espírita, e que ele tem a confiança íntima de que um dia nos será dado o tom definitivo do mais magnífico Te Deum*.

“Por certo o Sr. Allan Kardec se supõe em perfeitas condições de contestar os nossos argumentos e de prometer aos

seus leitores que, a julgar pelo começo, o diretor do *Vérité* se desobrigará maravilhosamente da tarefa que se impôs, de nos refutar. Mas é difícil acreditar que, fora da escola espírita, as pessoas tenham a mesma opinião; chegaríamos até mesmo a suspeitar que se o Sr. Diretor da *Revista Espírita* publicasse na íntegra, aos olhos de seus assinantes, o artigo em que o nosso antagonista aceita a luta, muitos deles teriam hesitado em considerá-lo como um princípio que promete uma refutação maravilhosa de nossas lições contra o Espiritismo.

“Mas talvez digais: o resumo que dá o *Vérité* de uma parte de vossa argumentação não a reproduz fielmente? Não, senhor, esse resumo não passa de uma paródia burlesca. Tudo aí é falsificado: nossa linguagem, nossas idéias e nosso raciocínio. Estas expressões arrogantes: *Julgo-me capaz de provar; pedestal pretensioso...; relatório enfático; cifras ambiciosas; tudo comédia; a caixa do Sr. Allan Kardec está bem abastecida e é justo que venha em auxílio de seus discípulos*, etc., jamais entraram em nossas lições e o Sr. Diretor do *Vérité* se teria poupado ao trabalho de no-las atribuir, se tivesse compreendido, ou querido compreender, o verdadeiro estado da questão que tratávamos à sua frente.

“Com efeito, de que se tratava? De dar a conhecer ao nosso auditório qual era, no final de 1862 e de 1863, a situação do Espiritismo em Lyon. Ora, para nos apoiarmos tão-somente em dados que nenhum espírita pode recusar, em vez de falar de vossas viagens e calcular o que pudesse conter vossa caixa, contentamo-nos em confrontar vossa brochura intitulada: *Viagem Espírita em 1862* e o *vosso artigo da Revista Espírita* (janeiro de 1864), no qual dais conta aos assinantes da situação do Espiritismo em 1863. Da diferença tão evidente de tom e de linguagem notados nesses dois documentos, julgamos dever concluir, não como nos faz dizer o *Vérité*, que o Espiritismo está morto ou agonizante, mas que sofre, ao menos em Lyon, de uma paralisação, se já não entrou num período de decadência. Em apoio a esta conclusão, lembramos as

confissões do diretor do *Vérité*, porque, enquanto o Sr. Allan Kardec afirma que em 1862 podiam-se contar, sem exagero, 25 a 30 mil espíritas lioneses, o Sr. Edoux não tem dificuldade em reconhecer que o seu número hoje não passa de dez mil. Ora, que outro nome, senão decadência, pode ser dado a tão notável diminuição?

“Parece-nos que nada é mais fácil do que apreender o verdadeiro sentido de tão simples argumentação e lhe fazer uma análise exata. Mas o Sr. Diretor do *Vérité*, em vez de limitar-se a reproduzir fielmente a nossa exposição, julgou que fosse mais interessante dar aos leitores uma bonita amostra de nosso curso, inserindo-a no seu jornal.

“E, contudo, é esse relato, onde cada linha põe a descoberto a falta de lógica e de sinceridade, que julgastes dar como fundamento a essas insinuações malévolas, que tendem a nos apresentar aos vossos leitores como um homem *que se imiscui nos vossos atos privados, que de uma simples suposição tira uma consequência absoluta; que calcula o que há no fundo de vossa caixa para disso fazer o texto de um ensinamento público.* Tais acusações, assacadas irrefletidamente e sem sombra de provas, caem por si mesmas. Conforme a palavra de um autor antigo basta divulgá-las para as refutar: *Vestra exposuisse refellisse est.*

“Ao concluir o vosso artigo, julgastes dever ensinar-nos como deve ser feito um curso de teologia. Por nossa vez, guardamo-nos de vos querer dar lições, mas que nos seja permitido, ao menos, vos dar um caridoso conselho, se quiserdes evitar muitos desmentidos, o de não aceitar mais, senão com certa desconfiança, os relatórios de vossos correspondentes, porque, tomando por empréstimo a linguagem de nosso bom La Fontaine, um amigo ignorante é mais perigoso que um inimigo sábio.

“Peço-vos, e se necessário exijo, a inserção integral desta resposta no vosso próximo número.

“Recebei os protestos de meus mais elevados sentimentos.”

A. Barricand,

Deão da Faculdade de Teologia

As palavras contra as quais reclama o abade Barricand são estas: “É fácil ao Sr. Allan Kardec fazer esta asserção: *O Espiritismo está mais forte que nunca*, e citar como principal prova a criação do *Ruche* e do *Vérité*! Senhores, tudo comédia!... Esses dois jornais bem podem existir, sem que se deva concluir obrigatoriamente que o Espiritismo haja dado um passo à frente... Se me objetardes que tais jornais têm despesas e que para as pagar são necessários assinantes ou a imposição de sacrifícios esmagadores, ainda responderei: Comédia!... Ao que dizem, a caixa do Sr. Allan Kardec é bem abastecida. Não é justo e racional que venha ajudar os seus discípulos?”

Elas são extraídas textualmente do jornal *Vérité* de 10 de abril de 1864. Apenas acrescentamos as reflexões muito naturais que elas sugeriram, dizendo que não reconhecemos em ninguém o direito de calcular o fundo de nossa bolsa, nem de prejudicar o uso que fizemos do que pensamos que possuímos e, ainda menos, de fazer disto o texto de um ensinamento público. (Vide a *Revista* do mês de maio.)

Sem investigar se o abade Barricand pronunciou as palavras que contesta, ou o equivalente, é de admirar não tenha ele, em primeiro lugar, pedido a retificação ao jornal do qual as tomamos por empréstimo. Esse jornal é de 10 de abril; aparece em Lyon todas as semanas e lhe é remetido. Ora, sua carta é de 19 de maio e, nesse intervalo, cinco números tinham aparecido. De duas, uma: estas palavras são justas, ou são falsas; se são falsas, é que o

redator, que declara no artigo haver assistido à lição do professor, as inventou. Então, como é que no mesmo artigo ele protesta contra a alegação de ser subvencionado por nós, dizendo que não necessita do auxílio de ninguém e pode andar sozinho? Ter-se-ia equivocado estranhamente. Como é que em presença dessa dupla asserção o abade Barricand tenha deixado passar mais de um mês sem protestar? Seu silêncio, quando não podia ignorá-lo, deve ter sido considerado por nós como um assentimento, pois é muito evidente que se tivessem sido retificadas no *Vérité*, nós não as teríamos reproduzido.

Em sua carta, o abade Barricand volta à tese que sustentou, relativa à pretensa decadência do Espiritismo, restringindo, no entanto, o alcance de suas expressões. Já que tal pensamento o tranqüiliza, deixamo-lo de boa vontade, pois não temos o menor interesse em dissuadi-lo. Assim, que ele tire da ausência de estipulações precisas sobre o número de espíritas as conclusões que quiser, o que não impedirá que as coisas sigam o seu curso. Pouco importa se os nossos adversários acreditem ou não no progresso do Espiritismo; ao contrário, quando menos acreditarem, menos dele se ocuparão e mais nos deixarão em paz. Far-nos-emos de mortos se isto lhes for agradável. A eles caberia não nos despertar; mas, enquanto vociferarem, fulminarem, anatematizarem, usarem de violências e de perseguições, não farão ninguém acreditar que estamos mortos e bem mortos.

Até agora o clero havia pensado que um meio de apavorar, no que respeita ao Espiritismo, fazendo que o repelissem, era exagerar o número de seus adeptos além da medida. Em quantos sermões, pastorais e publicações de todo o gênero estes não foram apresentados como invasores da sociedade e, por seu aumento, pondo a Igreja em perigo? Confirmamos o progresso das idéias espíritas, pois, melhor do que ninguém, estamos em condições de constatar; mas jamais caímos em cálculos hiperbólicos e nunca dissemos, como certo pregador, que só em

Bordeaux foram vendidos mais de 170.000 francos de nossos livros. Não fomos nós que dissemos que havia 20 milhões de espíritas na França, nem, como numa obra recente, 600 milhões no mundo inteiro, o que equivaleria a mais da metade da população total do globo. O resultado desses quadros foi completamente diverso do que esperavam. Ora, se quiséssemos proceder por indução, suspeitaríamos que o abade Barricand quisesse seguir uma tática contrária, atenuando os progressos do Espiritismo, em vez de os exaltar.

Seja como for, a estatística exata dos espíritas é uma coisa impossível, tendo em vista o número imenso de pessoas simpáticas à idéia e que não têm qualquer motivo para se porem em evidência, já que os espíritas não estão arregimentados como numa confraria. Grande seria o equívoco de quem tomasse por base o número de grupos oficialmente conhecidos, considerando-se que nem um milésimo dos adeptos os freqüentam. Conhecemos algumas cidades onde não há nenhuma sociedade regular e nas quais há mais espíritas que em outras, que contam diversas. Aliás, já dissemos que as sociedades não são uma condição necessária à existência do Espiritismo; algumas se formam hoje e encerram suas atividades amanhã, sem que sua marcha seja entravada no que quer que seja. *O Espiritismo é uma questão de fé e de crença, e não de associação.*

Quem quer que partilhe de nossas convicções a respeito da existência e da manifestação dos Espíritos e das conseqüências morais daí decorrentes, é espírita de fato, sem que haja necessidade de estar inscrito num registro ou matrícula, ou de receber um diploma. Basta uma simples conversa para dar a conhecer os que são simpáticos à idéia ou a repelem, e por aí se julga se ela ganha ou perde terreno.

A avaliação aproximada do número de adeptos repousa em relatórios íntimos, pois não existe qualquer base para o estabelecimento de uma cifra rigorosa, cifra, aliás, incessantemente

variável. Uma carta, por exemplo, vai nos revelar toda uma família espírita e, por vezes, várias famílias, de que não tínhamos nenhum conhecimento. Se o abade Barricand visse a nossa correspondência talvez mudasse de opinião; mas não nos preocupamos com isso.

A oposição feita a uma idéia está sempre na razão de sua importância. Se o Espiritismo fosse uma utopia, dele não se teriam ocupado, como de tantas outras teorias. A obstinação da luta é indício certo de que o levam a sério. Mas se há luta entre o Espiritismo e o clero, a História dirá quais foram os agressores. Os ataques e as calúnias de que foi objeto o forçaram a devolver as armas que lhe atiravam e a mostrar o lado vulnerável de seus adversários. Perseguindo-o, detiveram sua marcha? Não, certamente. Se o tivessem deixado em paz, nem o nome do clero teria sido pronunciado e talvez este tivesse vencido. Atacando-o em nome dos dogmas da Igreja, forçaram-no a discutir o valor das objeções e, por isto mesmo, a entrar num terreno que ele não tinha intenção de enveredar. A missão do Espiritismo é combater a incredulidade pela evidência dos fatos, reconduzir a Deus os que o desconheciam, provar o futuro aos que criam no nada. Então, por que hoje a Igreja lança mais anátemas sobre aqueles aos quais dá fé, do que quando em nada criam? Repelindo os que crêem em Deus e na alma pelo Espiritismo, é estrangê-los a buscar refúgio fora da Igreja. Quem primeiro proclamou que o Espiritismo era uma religião nova, com seu culto e seus sacerdotes, senão o clero? Onde se viu, até agora, o culto e os sacerdotes do Espiritismo? Se algum dia tornar-se uma religião, é o clero que o terá provocado.

A Religião e o Progresso

Hoje geralmente se pensa que a Igreja admite o fogo do inferno como um fogo moral e não como um fogo material. Tal é, pelo menos, a opinião da maioria dos teólogos e de muitos eclesiásticos esclarecidos. Contudo, é apenas uma opinião

individual, e não uma crença adquirida pela ortodoxia, pois, do contrário, seria universalmente professada. Pode julgar-se pelo seguinte quadro, que um pregador traçou do inferno, durante a última quaresma, em Montreuil-sur-Mer:

“O fogo do inferno é milhões de vezes mais intenso que o da Terra, e se um dos corpos que ali queimam sem se consumir viesse a ser lançado no nosso planeta, empestá-lo-ia de ponta a ponta!

“O inferno é uma vasta e sombria caverna, guarnecida de pregos pontiagudos, de lâminas de espadas afiadas, de navalhas bem cortantes, na qual são precipitadas as almas dos danados!”

Seria supérfluo refutar esta descrição; no entanto, poderíamos perguntar ao orador onde colheu um conhecimento tão preciso do lugar que descreve. Por certo não foi no Evangelho, onde não se trata de pregos, nem de espadas, nem de navalhas. Para saber se essas lâminas são bem afiadas e bem cortantes, é preciso tê-las visto e experimentado. Será que, novo Enéas ou Orfeu, ele próprio teria descido a essa caverna sombria que, aliás, muito se assemelha ao Tártaro dos pagãos? Além disso, ele deveria ter explicado a ação que pregos e navalhas poderiam ter sobre as almas e a necessidade de serem bem afiados e de boa têmpera. Já que conhece tão bem os detalhes interiores do local, também deveria ter dito onde está situado. Não é no centro da Terra, pois supõe a hipótese de um dos corpos que ela encerra ter sido lançado em nosso planeta. Então é no espaço? Mas a astronomia aí fixou o seu olhar muito antes, sem nada descobrir. É verdade que não olhou com os olhos da fé.

Seja como for, o quadro é feito para seduzir os incrédulos? É bastante duvidoso, pois é mais adequado para diminuir o número dos crentes.

Em contrapartida, citaremos o seguinte trecho de uma carta escrita de *Riom*, e relatada no jornal *Vérité*, em seu número de 20 de março de 1864:

“Ontem, para minha grande surpresa e satisfação, ouvi com os próprios ouvidos esta serena confissão da boca de um eloqüente pregador, em presença de numeroso e atônito auditório: *Não há mais inferno... o inferno não existe mais... foi substituído admiravelmente pelos fogos da caridade e do amor, que resgatam as nossas faltas!*

“Nossa divina doutrina (o Espiritismo) não está encerrada inteiramente nestas poucas palavras?”

É inútil dizer qual dos dois teve mais simpatias do auditório; mas o segundo poderia até ser acusado de heresia pelo primeiro. Outrora teria expiado, infalivelmente, na fogueira ou numa masmorra a audácia de haver proclamado que Deus não manda queimar as suas criaturas.

Esta dupla citação nos sugere as seguintes reflexões:

Se uns acreditam na materialidade das penas, enquanto outros a negam, necessariamente uns laboram em erro e outros têm razão.

Este ponto é mais capital do que parece à primeira vista, porque é o caminho aberto às interpretações numa religião fundada na unidade absoluta da crença e que, em princípio, repele a interpretação.

É bem certo que até hoje a materialidade das penas tem participado das crenças dogmáticas da Igreja. Por que, então, nem todos os teólogos lhe dão crédito? Como nem uns, nem outros o verificaram por si mesmos, o que leva alguns a ver apenas uma imagem onde outros vêem a realidade, senão *a razão* que, nos primeiros, supera a fé cega? Ora, a razão é o livre-exame.

Eis, pois, a razão e o livre-exame entrando na Igreja pela força da opinião. Poder-se-ia dizer, sem metáfora, pela porta do inferno; é a mão posta no santuário dos dogmas, não pelos leigos, mas pelo próprio clero.

Não se julgue esta uma questão de menor importância, pois contém em si o germe de toda uma revolução religiosa e de um imenso cisma, muito mais radical que o protestantismo, porque não ameaça apenas o catolicismo, mas o protestantismo, a Igreja grega e todas as seitas cristãs. Com efeito, entre a materialidade das penas e as penas puramente morais, há toda a distância do sentido próprio ao sentido figurado, da alegoria à realidade. Desde que se admitam as chamas do inferno como alegoria, torna-se evidente que as palavras de Jesus: “Ide ao fogo eterno” têm um sentido alegórico. Daí a consequência de que o mesmo deve acontecer com outras de suas palavras.

Mas a consequência mais grave é esta: Uma vez que se admita a interpretação sobre um ponto, não há motivo para a rejeitar sobre outros; é, pois, como dissemos, a porta aberta à livre discussão, um golpe mortal desferido no princípio absoluto da fé cega. A crença na materialidade das penas liga-se intimamente a outros artigos de fé, que lhe são corolários; transformada essa crença, as outras se transformarão pela força das coisas e, assim, gradualmente.

Já temos uma aplicação disto. Há poucos anos ainda, o dogma: *Fora da Igreja não há salvação*, estava em toda a sua força; o batismo era condição tão imperiosa, que bastava que o filho de um herético o recebesse clandestinamente e à revelia dos pais, para ser salvo, porquanto tudo que não fosse rigorosamente ortodoxo era irremissivelmente condenado. Mas, tendo a razão humana se levantado contra esses bilhões de almas votadas às torturas eternas, quando delas não dependera ser esclarecidas na verdadeira fé; contra essas inúmeras crianças que morrem antes de adquirir a

consciência de seus atos e que, nem por isso, são menos danadas, se a negligência ou a fé religiosa de seus pais as privou do batismo, a Igreja viu-se forçada, nesse ponto, a renunciar ao seu absolutismo. Hoje ela diz, ou, pelo menos, diz a maioria de seus teólogos, que essas crianças não são responsáveis pelas faltas dos pais; que a responsabilidade só começa no momento em que, tendo a possibilidade de se esclarecerem, o recusam e, por isto, estas crianças não são danadas por não haverem recebido o batismo; que o mesmo se dá com os selvagens e os idólatras de todas as seitas. Alguns vão mais longe: reconhecem que, pela prática das virtudes cristãs, isto é, *da humildade e da caridade*, pode-se ser salvo em todas as religiões, porque depende, também, da vontade de um hindu, de um judeu, de um muçulmano, de um protestante, quanto de um católico, viver cristãmente; que aquele que vive assim está na Igreja pelo espírito, mesmo que não o esteja pela forma. Não está aí o princípio: *Fora da Igreja não há salvação*, ampliado e transformado no *Fora da caridade não há salvação*? É precisamente o que ensina o Espiritismo e, contudo, é por isto que ele é declarado obra do demônio. Por que essas máximas seriam o sopro do demônio na boca dos espíritas e não na dos ministros da Igreja? Se a ortodoxia da fé está ameaçada, então não o é pelo Espiritismo, mas pela própria Igreja, porque ela sofre, mau grado seu, a pressão da opinião geral e porque, entre seus membros, encontram-se alguns que vêm as coisas de mais alto e nos quais a força da lógica leva a melhor a fé cega.

Talvez parecesse temerário dizer que a Igreja marcha ao encontro do Espiritismo; entretanto, é uma verdade que reconhecerão mais tarde. Avançando para o combater, nem por isso ela deixa, pouco a pouco, de lhe assimilar os princípios, mesmo sem o suspeitar.

Esta nova maneira de encarar a questão da salvação é grave. Posto acima da forma, o Espírito é um princípio eminentemente revolucionário na ortodoxia. Sendo reconhecida

possível a salvação fora da Igreja, a eficácia do batismo é relativa, e não absoluta: torna-se um símbolo. Não trazendo a criança não batizada a pena da negligência nem da má vontade dos pais, em que se torna a pena incorrida por todo o gênero humano pela falta do primeiro homem? em que se torna também o pecado original, tal qual o entende a Igreja?

Muitas vezes os maiores efeitos decorrem de pequenas causas. O direito de interpretação e de livre-exame, pueril na aparência, uma vez admitido na questão da materialidade das penas futuras, é um primeiro passo cujas conseqüências são incalculáveis, porque representa uma brecha na imutabilidade dogmática, e uma pedra arrancada arrasta outras. Forçoso é convir: a posição da Igreja é delicada. Todavia, só há um dos dois partidos a tomar: ficar estacionária, a despeito de tudo, ou ir para frente. Mas, então, não poderá escapar deste dilema: se se imobilizar de modo absoluto nos erros do passado, será infalivelmente superada, como já o é, pelo fluxo das idéias novas, depois isolada e, por fim, desmembrada, como o seria hoje, se tivesse persistido em expulsar do seu seio os que crêem no movimento da Terra, ou nos períodos geológicos da Criação; se entrar na via da interpretação dos dogmas transforma-se e aí entra pelo simples fato de renunciar à materialidade das penas e à necessidade absoluta do batismo.

O perigo de uma transformação, aliás, está clara e energicamente formulado na seguinte passagem de um opúsculo publicado pelo padre *Marin de Boylesve*, da Companhia de Jesus, sob o título de *O milagre e o diabo*, em resposta à *Revue des Deux-Mondes*.

“Há, entre outras, uma questão que, para a religião, é de vida ou de morte: a questão do milagre. A do diabo não é menos. Tirai o diabo, e o Cristianismo desaparece. Se o diabo não passar de um mito, a queda de Adão e o pecado original entrarão no domínio das fábulas. Por conseguinte a redenção, o batismo, a Igreja, o

Cristianismo, numa palavra, não têm mais razão de ser. Por isso a Ciência não poupa esforços para apagar o milagre e suprimir o diabo.”

Desse modo, se a Ciência descobrir uma lei da Natureza, que faça entrar nos fatos naturais um fato que é reputado miraculoso; se provar a anterioridade da raça humana e a multiplicidade de suas origens, todo o edifício se desmorona. Uma religião é muito frágil quando uma descoberta científica lhe é uma questão de vida e morte. Eis uma confissão desastrosa. Por nossa conta, estamos longe de partilhar das apreensões do padre Boylesve em relação ao Cristianismo. Dizemos que o Cristianismo, tal qual saiu da boca de Jesus, mas apenas tal qual saiu, é invulnerável, porque é a lei de Deus.

A conclusão é esta: Nada de concessão, sob pena de morrer. Esquece o autor de examinar se há mais chances de viver na imobilidade. Nossa opinião é que há menos e que é preferível viver transformado a não viver de modo algum.

Num e noutro caso, a cisão é inevitável. Pode mesmo dizer-se que já existe; a unidade doutrinária está rompida, pois não há acordo perfeito no ensino; uns aprovam o que outros censuram; uns absolvem o que outros condenam. Assim, vêem-se fiéis indo de preferência àqueles cujas idéias mais lhes convêm. Dividindo-se os pastores, o rebanho igualmente se divide. Dessa divergência a uma separação, a distância não é grande; um passo a mais e os que estão na vanguarda serão tratados como heréticos pelos que ficaram na retaguarda. Ora, eis o cisma estabelecido; aí está o perigo da imobilidade.

A religião, ou melhor, todas as religiões sofrem, mau grado seu, a influência do movimento progressivo das idéias. Uma necessidade fatal as obriga a se manterem no nível do movimento ascensional, sob pena de soçobram. Assim, todas têm sido

forçadas, de tempos em tempos, a fazer concessões à Ciência, a minimizar o sentido literal de certas crenças ante a evidência dos fatos. A que repudiasse as descobertas da Ciência e suas conseqüências, do ponto de vista religioso, mais cedo ou mais tarde perderia a sua autoridade e o seu crédito e aumentaria o número dos incrédulos. Se uma religião qualquer pode ser comprometida pela Ciência, a culpa não é da Ciência, mas da religião fundada sobre dogmas absolutos, em contradição com as leis da Natureza, que são leis divinas. Repudiar a Ciência é, pois, repudiar as leis da Natureza e, por isto mesmo, renegar a obra de Deus; fazê-lo em nome da religião seria pôr Deus em contradição consigo mesmo e fazê-lo dizer: Estabeleci leis para reger o mundo; mas não acrediteis nessas leis.

O homem não tem sido capaz, nas diferentes épocas, de conhecer todas as leis da Natureza. A descoberta sucessiva dessas leis constitui o progresso; daí, para as religiões, a necessidade de pôr suas crenças e seus dogmas em harmonia com o progresso, sob pena de receberem o desmentido dos fatos constatados pela Ciência. Só com esta condição uma religião é invulnerável. Em nossa opinião, a religião deveria fazer mais do que se pôr a reboque do progresso, que apenas acompanha constrangida e forçada; deveria ser uma sentinela avançada, porque é honrar a Deus proclamar a grandeza e a sabedoria de suas leis.

A contradição que existe entre certas crenças religiosas e as leis naturais fez a maioria dos incrédulos, cujo número aumenta à medida que se populariza o conhecimento dessas leis. Se fosse impossível o acordo entre a Ciência e a religião, não haveria religião possível. Proclamamos altamente a possibilidade e a necessidade desse acordo, porque, em nosso entender, a Ciência e a religião são irmãs para a maior glória de Deus e devem completar-se entre si, em vez de se desmentirem reciprocamente. Elas se estenderão as mãos, quando a Ciência não vir na religião nada de incompatível com os fatos demonstrados e a religião não mais tiver que temer a

demonstração dos fatos. O Espiritismo, pela revelação das leis que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, será o traço de união que lhes permitirá se olhem face a face, uma sem rir, a outra sem tremer. É pela concordância da fé e da razão que diariamente tantos incrédulos são reconduzidos a Deus.

O Espiritismo em Constantinopla

Sob esse título, o jornal de Constantinopla publicou, em março último, três artigos muito extensos sobre, ou melhor, contra o magnetismo e o Espiritismo que, naquela capital, têm muitos adeptos fervorosos. Como, em geral, fazemos em todas as críticas, em vão procuramos argumentos sérios, ao passo que vimos a prova evidente de que o autor fala de algo que desconhece, ou só conhece muito superficialmente; julga o Espiritismo pelas aparências, por ouvir-dizer, pela leitura de alguns fragmentos incompletos, pelo relato de alguns fatos excêntricos repudiados pelo próprio Espiritismo, o que lhe parece suficiente para proferir uma sentença. Como se vê, é uma nova demonstração da lógica dos nossos antagonistas. O que parece ter sido mais lido é o Sr. de Mirville, a magia do Sr. Dupotet e a vida do Sr. Home; mas da ciência espírita propriamente dita, não se vêem estudos, nem observações sérias.

Estamos longe de pretender que quem estude o Espiritismo deva necessariamente aprová-lo. Mas, se for de boa-fé, mesmo censurando não se afastará da verdade; não nos fará dizer o contrário do que dizemos, o que ocorrerá fatalmente se não souber tudo quanto dissemos. Só reconheceríamos como crítico sério aquele que, saindo das generalidades, aos nossos argumentos opusesse argumentos peremptórios e provasse, sem réplica possível, que os fatos sobre os quais nos apoiamos são falsos, inventados e radicalmente impossíveis. É o que ninguém ainda fez,

tanto o redator do jornal de Constantinopla quanto os outros. O Espiritismo tem sido atacado de todas as maneiras, com todas as armas que julgaram mais mortíferas; nada foi poupado para o aniquilar, nem mesmo a calúnia; não há o mais medíocre escritor que, num opúsculo ou folhetim, não se tenha jactado de lhe dar o golpe de misericórdia; entre os seus adversários encontram-se homens de real valor, que esmiuçaram até o fundo o arsenal das objeções, com ardor tanto maior quanto maior o interesse em o abafar. No entanto, a despeito do que tenham feito, não só ele ainda está de pé, mas se espalha, dia a dia, cada vez mais; implanta-se por toda parte; o número de seus adeptos cresce incessantemente. Isto é um fato notório. Que se deve concluir disto? É que nada lhe puderam opor de sério e concludente. Nosso contraditor de Constantinopla seria mais feliz? Duvidamos muito, se não tiver melhores argumentos a fazer valer. Seus artigos, longe de deter o movimento espírita no Oriente, só o pode favorecer, como aconteceu com todos do mesmo gênero, pois giraram exatamente no mesmo círculo; eis por que não nos preocupamos. Limitar-nos-emos a citar alguns trechos, que resumem a opinião do autor.

Não há uma só de suas objeções contra o Espiritismo que não encontre sua refutação em nossas obras. Se tivéssemos de refutar todos os absurdos atribuídos ao assunto, teríamos de nos repetir incessantemente, o que é inútil, pois, em última análise, não tendo essas críticas nenhum fundo sério, mais ajudam que prejudicam.

“Ao lado dos praticantes habilidosos, tais como o Sr. Dupotet, mágico, ou o Sr. Home, médium, vêm colocar-se operadores de uma ordem diferente, em cujas primeiras filas figura o Sr. Allan Kardec. Este pode ser apresentado como o modelo sobre o qual é calcado todo um quadro de espíritas, cuja boa-fé não poderia ser posta em dúvida.

“Como já dissemos, os espíritas de Constantinopla pertencem a essa escola literária e artística, que milita principalmente por seus escritos, dos quais a *Revista Espírita*, do Sr. Allan Kardec, é o tipo mais perfeito. São os adeptos desta categoria que estabeleceram a doutrina. A teoria dos Espíritos não tem mais nenhum segredo para eles; assim, na maioria das vezes desdenham recorrer aos processos materiais empregados pelos médiuns comuns. Têm manifestações diretas. Seu processo, tão simples quanto eles próprios, consiste em tomar um lápis comum, como o primeiro profano que chegasse, com o auxílio do qual são postos em relação imediata com os Espíritos e escrevem sob o seu ditado. Entre outras vantagens, este método lhes permite pôr de lado toda a modéstia e dar às suas próprias obras os mais exagerados louvores, cobrindo-se com o nome de seus supostos autores.

“Antes de crer na exatidão do médium escrevente *mecânico*, gostaríamos de ver um idiota escrever alguma bela página, tal como os Espíritos que agem por via mediúnica jamais ditaram. O médium *intuitivo* é mais aceitável; mas nos parece muito difícil que a experiência ensine a distinguir o pensamento do Espírito do do médium. Aliás, o papel representado por este último pode ser facilmente explicado. Na maioria dos casos ele é sincero e é antes a ele do que aos operadores da ordem dos senhores Home e Dupotet que se aplicaria com justeza a opinião emitida pelo Sr. conde de Gasparin. Quanto à opinião do Sr. de Mirville, aqui não há lugar para discuti-la, pois está perfeitamente provado que nenhum médium, pelo menos em Constantinopla, seja feiticeiro.

“Se tivéssemos de defender os espíritas contra acusações tão odiosas quanto as que aqui repelimos, bastaria, para demonstrar sua completa *inocência*, citar alguns dos ensinamentos dados pelos Espíritos.

“Os diferentes planetas que circulam no espaço são povoados como a nossa Terra. As *observações astronômicas* induzem

a pensar que os meios aonde vão os seus respectivos habitantes são bastante diversos para necessitar organizações corpóreas diferentes; mas o *perispírito* se acomoda à variedade dos tipos e permite ao Espírito que ele encobre encarnar na superfície de planetas diferentes.

“O estado moral, intelectual e físico desses mundos forma uma série progressiva, na qual a nossa Terra não ocupa a primeira, nem a última posição; ela é, contudo, um dos globos mais materiais e mais atrasados. Uns há onde o mal moral é desconhecido; onde as artes e as ciências chegaram a um grau de perfeição que não podemos compreender; onde a organização física não está sujeita aos sofrimentos, nem às doenças; onde *os homens* vivem em paz, sem se prejudicarem, isentos de pesares e de preocupações.

“*Com meus novos instrumentos, esta noite verei homens na Lua...*” diz, em algum lugar, o rei Afonso. Mais ditosos que ele, os espíritas os viram, mas não é justo que invejem a sorte dos lunáticos; pensamos que nada os impediria de gozar à vontade, a partir deste mundo.

“De tudo o que precede, vê-se a que se reduzem o maravilhoso e o sobrenatural do Espiritismo. Para os aniquilar, basta examinar todos os fatos que citamos, sem idéias preconcebidas e neles achar as mais repreensíveis práticas de feitiçaria, ou a ação de um fluido, cuja existência os cientistas negam. Para quem quiser se dar ao trabalho de assistir às suas sessões, sem se condenar a tomar os fatos que eles produzem pelo que dizem que são, os senhores Home e Dupotet, como todos os operadores da mesma ordem, serão, muito evidentemente, mistificadores interessados. Quando muito, suas operações serão comparáveis, quanto à habilidade, às do Sr. Bosco, mas este tem mais sinceridade, o que não permite levar mais longe a comparação entre eles.

“Muito diferente dos mágicos de que acabamos de falar, os médiuns da categoria do Sr. Allan Kardec, à qual pertencem, em geral, os espíritas de Constantinopla, são, ao contrário, mistificados. Todos os seus esforços tendem a tornar cada vez mais completa a mistificação de si próprios. A despeito de toda a boa vontade que se lhes tenha, é verdadeiramente impossível levar a sério qualquer de suas práticas. Todavia, é permitido lamentar que criaturas honestas assim passem a maior parte de seu tempo a se persuadirem de erros que, para eles, se tornam a realidade. Por mais inofensivos que, no fundo, possam parecer esses erros, não é menos certo que só podem produzir funestos resultados, pois tomam o lugar da verdade. É neste sentido que são condenáveis.”

Os próprios espíritas de Constantinopla se encarregaram de responder em dois artigos que o jornal publicou, em seus números de 21 e 22 de março último. Um é de um médium, que dá conta da maneira pela qual a sua faculdade se desenvolveu e triunfou sobre a sua incredulidade. O outro, que reproduzimos a seguir, é em nome de todos.

“Senhor redator,

“Vosso jornal acaba de publicar três longos artigos intitulados: *O Espiritismo em Constantinopla*, em consequência dos quais vimos pedir que vos digneis abrir espaço às linhas seguintes:

O VERDADEIRO ESPIRITISMO EM CONSTANTINOPLA

“A doutrina que se baseia na crença de um Deus infinitamente justo e infinitamente bom: o amor infinito; que indica como objetivo aos Espíritos, criados por esse mesmo Deus, o encaminhamento para a perfeição cada vez mais completa; e para castigo, no estado de Espírito, a perfeita percepção desse objetivo, com o pesar de dele se haver afastado, simultaneamente à necessidade de recomeçar esta marcha ascensional para novas

encarnações... A doutrina que ensina a moral mais pura, a mesma que o Cristo expôs por estas simples palavras: *Amai-vos uns aos outros...* Uma tal doutrina de amor, digamo-lo altivamente, pode muito bem se privar das manifestações que o autor dos artigos *O Espiritismo em Constantinopla*, depois de haver prometido explicá-los fora do Espiritismo, limita-se a qualificar de mistificações.

“Mas essas manifestações, hoje tão bem constatadas, e cuja prova se acha quase em cada página da história da Humanidade, Deus as permite continuamente, a fim de dar a todos a prova da solidariedade que existe entre os Espíritos encarnados e desencarnados; e isto a fim de que uns e outros se auxiliem mutuamente e que o ser espiritual, chamado à vida eterna, possa atingir mais facilmente e, sobretudo, mais seguramente, o objetivo providencial atribuído à Criação.

“Se os fatos dos quais decorrem semelhantes teorias, que são a base da Doutrina Espírita, podem ser tomados *por certas pessoas* como mistificações, pelo menos elas deveriam indicar as razões e, o que seria ainda melhor, apresentar outras *teorias mais racionais* e, sobretudo, mais verdadeiras.

“Agora, chamai a verdade *feitiçaria, magia, prestidigitação* e outros epítetos ainda mais ridículos e não impedireis que *esta verdade* se propague e estenda os seus raios benfazejos sobre todo o gênero humano.

“Eis por que o Espiritismo espalhou-se tão rapidamente em toda a face da Terra, apesar das críticas do gênero dos citados artigos, os quais não impedirão que os seus adeptos se contem por milhões.”

Os espíritas de Constantinopla

Dirigimos aos nossos irmãos espíritas de Constantinopla, tanto em nosso nome pessoal quanto no dos

membros da Sociedade de Paris, as sinceras felicitações que merece sua resposta, ao mesmo tempo digna e moderada. A carta seguinte, que a respeito nos escreve o Sr. Repos, advogado, presidente da Sociedade Espírita de Constantinopla, testemunha muito bem o devotamento à causa da doutrina, para que tomemos como um dever e sincero prazer a sua publicação, a fim de que os espíritas de todos os países saibam que na capital do Oriente existem irmãos com cuja fraternidade podem contar. Falando do Oriente, não devemos esquecer os de Esmirna; eles também se fazem merecedores de todas as suas simpatias.

“Constantinopla, 15 de junho de 1864.

“Caro mestre e mui honrado irmão em Espiritismo,

“Recebi em tempo vossa estimável carta de 8 de abril último, que me deu o maior prazer, assim como aos nossos irmãos espíritas, aos quais dei conhecimento em sessão.

“Associam-se a mim todos os espíritas de Constantinopla para, em conjunto, assegurarmos os nossos fraternos sentimentos a vós e a todos os espíritas que fazem parte da Sociedade de Paris. E agradecendo o encorajamento que nos dais, para nos ajudar a combater por nossa grande causa, fiquei persuadido de que não falharemos na tarefa que empreendemos, e que todos os nossos esforços se concentrarão para a propagação da verdade, do amor do bem e da emancipação intelectual dos outros homens, nossos irmãos em Deus, ainda que tivéssemos de sustentar as mais encarniçadas lutas contra os nossos inimigos. Se há homens bastante servis e bastante covardes para ousarem combater a verdade, também os há suficientemente independentes e corajosos para defendê-la, assim obedecendo aos sentimentos de justiça e de amor fraterno, que fazem do ser humano um verdadeiro filho de Deus.

“Foi com vivíssimo interesse que li os interessantes detalhes contidos em vossa citada carta, em relação ao progresso do Espiritismo na França e alhures. Esperamos que, no futuro, a idéia cresça cada vez mais e o desejamos ardentemente pelos nossos irmãos terrenos de todos os países e de todas as religiões.

“O jacto possante da revelação brota por todos os lados; cego quem não o vê, imprudente quem o nega, insensato quem o combate, buscando reprimi-lo na fonte; sua água pura e límpida não vem do trono eterno para se espalhar em suave e fecundo orvalho sobre a Terra inteira, que deve regenerar? Nenhuma força humana poderá, então, comprimi-la!... E, com efeito, não vemos que, desde que um jacto surge em qualquer parte, se alguém fizer esforços para o comprimir, logo se vêem milhares de jactos surgindo em todas as direções e em todos os degraus da escala social? Tanto é verdade que a vontade divina é onipotente e que, num dado momento, nenhum obstáculo se lhe pode opor, sob pena de ser derrubado e esmagado pelo carro deslumbrante da justiça e da verdade.

“Caro mestre, tenho grato dever a cumprir: o de vos cumprimentar, tanto em meu nome quanto no de todos os irmãos espíritas do Oriente, pela condenação sofrida por vossas obras pela santíssima inquisição do pensamento, quero dizer, a condenação do Índex. Rejubilai-vos, pois, com todos os nossos irmãos: se vossas obras levantaram grandes cóleras, estas não vos puderam ferir, servindo apenas para tornar ridículos os vossos contraditores e revelar as suas intenções ocultas. Tal julgamento já foi declarado nulo e sem valor pela opinião pública de todos os países.

“Provavelmente já recebestes os jornais de Constantinopla que vos enviei e nos quais se achavam a maioria dos artigos publicados contra o Espiritismo e os espíritas. Vistes as nossas duas pequenas respostas? Que pensais delas? Aqui produziram bom efeito e agora se fala do Espiritismo mais que

nunca. Esperamos pacientemente o que direis para nos ajudar a combater a fraude e a mentira, único apanágio dos inimigos de nossa bela doutrina.

“Aqui já começou a perseguição surda que anunciastes. Um dos nossos irmãos perdeu o emprego devido à sua qualidade de espírita; outros são perseguidos, ameaçados em seus mais caros interesses de família ou nos meios de subsistência, pelas manobras tenebrosas dos eternos inimigos da luz, que ousam dizer que o Espiritismo é obra do anjo-das-trevas! Se é assim que julgam sufocá-lo, enganam-se. Longe de deter, a perseguição faz crescer toda idéia que vem do alto; apressa sua eclosão e sua maturidade, porque é o adubo que a fecunda; prova a ausência de qualquer meio inteligente para combatê-la. O sangue dos mártires sufocou a idéia cristã?”

“Até a vista, caro mestre. Crede em minha dedicação muito sincera a vós e aos nossos irmãos espíritas de Paris, aos quais vos peço apresenteis os meus cumprimentos.”

B. Repos Filho,
Advogado

Extrato do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro

de 23 de setembro de 1863

CRÔNICA DE PARIS

A propósito dos espectros dos teatros, assim concluiu o correspondente, depois de haver feito o seu histórico:

“Assim, no próximo inverno, cada um poderá brindar seus amigos com o espetáculo, tornado popular, de alguns fantasmas e outras curiosidades sobrenaturais. À sobremesa

apagarão as velas e ver-se-ão aparecer, envoltos em seus sudários, os espectros modernos, substituindo as antigas canções que outrora cantavam nossos avós. Nos bailes, em vez de refrescos, desfilarão fantasmas. Que distração encantadora! Só de pensar a gente se arrepia.”

Depois o autor passa ao Espiritismo:

“Já que falamos de coisas sobrenaturais, não passaremos em silêncio *O Livro dos Espíritos*. Que título atraente! que mistérios não oculta! E se voltarmos ao ponto de partida, que caminho não percorreram essas idéias nos últimos anos! – No começo esses fenômenos, ainda não explicados, consistiam numa simples mesa posta em movimento pela imposição das mãos; hoje as mesas não se contentam mais em girar, saltar, erguer-se num pé, fazer mil piruetas; vão mais longe: falam! Quando digo: falam, é que têm um alfabeto próprio e, mesmo, vários. Basta dirigir-lhes uma pergunta e logo é dada a resposta por pequenas batidas seguidas, com o pé, ou por meio de um lápis que, seguro pela mão, põe-se a traçar, no papel, sinais, palavras, frases inteiras ditadas por uma vontade estranha e desconhecida. Então a mão se torna um simples instrumento, um mero porta-lápis, e o Espírito da pessoa fica completamente estranho a tudo o que se passa.

“O Espiritismo – é assim que chamam a ciência desses fenômenos – em poucos anos fez grandes progressos nos fatos e na prática; mas a teoria, em minha opinião, não fez o mesmo caminho, ficou estacionária e direi por quê.

“É incontestável, a menos que as pessoas que se ocupam dessa matéria não tenham interesse em se enganar e nos enganar, que os fatos existem. Não só se revelam por meio das mesas, mas, também, se nos apresentam todos os dias e a todas as horas. Excitam a admiração de todos, mas cada um fica nisto. Por exemplo:

“Duas pessoas concebem a mesma idéia ou se encontram simultaneamente na mesma palavra; alguém que não encontramos com freqüência e em quem acabamos de pensar apresenta-se inopinadamente; batem à nossa porta e, a despeito de nada vir de fora que nos indique a pessoa, adivinhamos quem é; uma carta com dinheiro nos chega num momento de urgência; e tantos outros casos freqüentes, tão numerosos e conhecidos de todo o mundo. Tudo isto pode ser atribuído ao acaso? Não; não pode ser o acaso em caso algum. E por que não seria uma comunicação fluídica, inapreciável à nossa organização material, enfim um sexto sentido de natureza mais elevada? Ninguém sabe onde reside a alma; ela não é visível, nem ponderável, nem tangível e, todavia, cheios de convicção como estamos, afirmamos a sua existência.

“Qual a natureza do agente elétrico? O que é o ímã?... E, contudo, os efeitos da eletricidade e do magnetismo estão sempre patentes aos nossos olhos. Estou convencido de que um dia se dará o mesmo com o Espiritismo, ou seja qual for o nome que a Ciência, em última instância, haja por bem lhe dar.

“Desde algum tempo tenho visto numerosos casos de catalepsia, de magnetismo, de Espiritismo e não posso conservar a menor dúvida a seu respeito; mas o que me parece mais difícil é poder explicá-los e os atribuir a esta ou àquela causa. Assim, é necessário proceder com prudência e reserva de opinião, abstendo-se de cair nos dois extremos: ou negar todos os fatos, ou submetê-los todos a uma teoria prematura.

“A existência dos fenômenos é incontestável; sua teoria ainda está por descobrir: eis hoje o estado da questão. Não se pode negar que haja algo de singular e digno de ser examinado nesta idéia que agitou o mundo inteiro e que reaparece com mais intensidade que nunca, nessa idéia que tem os seus órgãos periódicos, seus anais de observação e que tem emocionado os espíritos na Áustria, na Itália e na América, fazendo nascerem reuniões na França, país onde elas raramente se formam, e onde o governo dificilmente as tolera.

“Esta invasão geral, além de produzir uma viva impressão, tem altíssima importância. É necessário, pois, sem precipitação nem idéias preconcebidas, verificar esses fenômenos com boa-fé, até que venham a ser explicados, o que será feito um dia, se a Deus aprouver nos revelar a natureza desse agente misterioso.”

Como se vê, o autor não é muito adiantado; mas, pelo menos, não julga o que não sabe. Reconhece a existência dos fatos e sua causa primeira, mas desconhece seu modo de produção. Ignora os progressos da parte teórica da ciência e, a respeito, dá um conselho muito sábio: o de não fazer teorias arriscadas, como no começo dos fenômenos muitos se apressaram em fazer, em que cada um se desdobrava para os explicar à sua maneira. Assim, a maioria desses sistemas prematuros caiu por efeito de experiências ulteriores, que vieram contradizê-los. Hoje possuímos uma teoria racional, na qual *nenhum ponto foi admitido a título de hipótese*; tudo é deduzido da experiência e da observação atenta dos fatos. Pode dizer-se que, a tal respeito, o Espiritismo tem sido estudado à maneira das ciências exatas.

Negada ontem, esta ciência não disse tudo; ao contrário, ainda resta muita a aprender. Mas disse bastante para ser fixada em bases fundamentais e saber que esses fenômenos não saem da ordem dos fatos naturais. Foram qualificados como sobrenaturais e maravilhosos por falta de conhecimento da lei que os rege, como ocorreu com a maioria dos fenômenos da Natureza. Dando a conhecer esta lei, o Espiritismo restringe o círculo do maravilhoso, ao invés de o ampliar. Dizemos mais: ele lhe desfecha o último golpe. Os que falam de outro modo provam que não o estudaram.

Constatamos com satisfação que a idéia espírita faz sensíveis progressos no Rio de Janeiro, onde conta expressivo número de representantes, fervorosos e devotados. A pequena

brochura *O Espiritismo na sua expressão mais simples*, publicada em português, muito contribuiu para ali espalhar os verdadeiros princípios da doutrina.

Extrato do *Progrès Colonial*, Jornal da Ilha Maurício

de 28 de março de 1864

Ao Sr. Redator do Progrès Colonial.

“Senhor,

“Conhecendo o vosso liberalismo e também sabendo que vos ocupais de Espiritismo, queira fazer o obséquio de inserir em vosso próximo número a carta que vos envio, dirigida ao abade Régnon, deixando-vos a liberdade de fazer as reflexões que julgardes convenientes no interesse da verdade.

“Contando com a vossa imparcialidade, ousou pensar que abrireis as colunas do vosso jornal para todas as reclamações do gênero das que tenho a honra de vos enviar.

“Sou, senhor, vosso humilde servo.”

C.

Ao Sr. abade Régnon.

“Port-Louis, 26 de março de 1864.

“Senhor abade,

“Em vossa conferência de quinta-feira última (24 de março), atacastes o Espiritismo e quero crer que o tendes feito

de boa-fé, embora os argumentos de que vos servistes contra ele talvez não tenham sido de inteira exatidão.

“Para nós, espíritas convictos, é lamentável que os tendes ido colher fora da fonte de conhecimento positivo desta ciência. Estudando-o um pouco, teríeis sabido que repelimos, assim como vós, todas as comunicações emanadas de Espíritos grosseiros ou enganadores, que com a menor experiência são facilmente reconhecidos, e que nós nos fixamos apenas àqueles que se apresentam de maneira clara, racional e segundo as leis de Deus que, vós o sabeis, tanto quanto nós, em todos os tempos permitiu as manifestações espíritas. As santas Escrituras aí estão para provar.

“Aliás, não negais a existência dos Espíritos; ao contrário; apenas admitis a dos maus. Eis a diferença que existe entre nós.

“Temos certeza de que existem os bons e de que seus conselhos, quando seguidos – e todo verdadeiro espírita os segue – conduzem mais almas a Deus e dão mais prosélitos à religião do que pensais. Mas para compreender e praticar esta ciência, bem como todas as outras, é preciso, antes de mais, instruir-se e conhecê-la a fundo.

“Assim, senhor abade, eu vos aconselho, não só no vosso, mas no interesse de todos os que têm a felicidade de vos ouvir, a ler uma das principais obras que apareceram sobre o assunto, *O Livro dos Espíritos*, por estes ditada ao Sr. Allan Kardec, presidente da Sociedade Espírita de Paris, composta de gente séria e, em sua maioria, muito instruída.

“Aí vereis que somente os ignorantes se deixam enganar por falsos nomes e palavras mentirosas, e que *pelos frutos é muito fácil conhecer a árvore!* Aliás, terei necessidade de vos lembrar a 4ª epístola de São João, versículos 1, 2 e 3, sobre a maneira de experimentar os Espíritos?

“Sim, concordo, o Espiritismo é uma ciência que, assim como o que existe de melhor neste mundo, por vezes pode produzir grandes males, quando exercida por aqueles que não a estudaram e a praticam ao acaso. Como, então, julgá-la, homem prudente que sois, sem a conhecer?”

“E nossa bela religião cristã – em nome da qual tão grande número de insensatos, de ignorantes e até de celerados cometeram tantos crimes e fizeram derramar tanto sangue – também deve ser julgada pelas ações loucas ou criminosas desses infelizes?”

“Não, senhor abade, não é justo, nem racional fazer um julgamento temerário sobre coisas que, de início, não nos certificamos. Deixai a superfície, ide ao fundo pelo estudo; só então podereis tratá-las com conhecimento de causa e nós vos escutaremos com recolhimento, porque, então, sem dúvida estareis certo e não mais sorriremos dizendo baixinho: Ele fala do que ignora.”

Um espírita

Se o Espiritismo tem detratores, também tem defensores por toda parte, mesmo nas regiões mais afastadas. O autor desta carta publicou em folhetins, nesse mesmo jornal, um romance muito interessante, cuja base é o Espiritismo e que contribuiu poderosamente para difundir estas idéias naquela região. Voltaremos a este assunto mais tarde.

Extrato da *Revista Espírita de Antuérpia*

SOBRE A CRUZADA CONTRA O ESPIRITISMO

(Número de junho de 1863)

“Decididamente o Espiritismo é uma coisa horrível, porque jamais a Ciência, nem doutrina herética, nem o próprio ateísmo levantaram contra si tão forte comoção no seio da Igreja,

como o fez o Espiritismo. Todos os recursos imagináveis, laís ou não, foram postos em jogo, a princípio para o abafar e depois, quando demonstrada a impossibilidade de o destruir, para o desnaturar e o apresentar sobre o negro aspecto de pecados. Pobre Espiritismo! Ele só pedia um lugarzinho ao sol para fazer que o mundo gozasse, gratuitamente, de seus benefícios; não pedia a essas criaturas que, na qualidade de supostos discípulos do Cristo, do Homem-amor, presumem trazer a palavra caridade inscrita em letras brilhantes sobre suas vestes eclesiásticas; não lhes pedia senão conduzir ao bom caminho esses milhares de ovelhas que eles tinham sido incapazes de conservar; só lhes pedia o poder de secundá-los em sua obra de devotamento, curando por uma esperança legítima os pobres corações corroídos pela gangrena da dúvida, e esse pedido tão desinteressado, de intenção tão pura, foi respondido por um decreto de proscricção! Realmente vêem-se coisas estranhas neste mundo: os mensageiros oficiais da caridade condenam às penas eternas mais de nove décimos dos homens, porque escapam à sua influência, e condenam mais profundamente ainda os que querem salvar aqueles infelizes!

“Assim, sem a menor dúvida, o Espiritismo é algo muito culpável, tamanha é a maneira por que é combatido; mas é de causar admiração que uma doutrina tão perversa tenha caminhado tanto em tão curto lapso de tempo. Mas o que parece ainda mais notável é que esse abominável Espiritismo se tenha estabelecido tão solidamente e seja tão lógico; que todos os argumentos que lhe opõem, longe de o destruir e o reduzir a nada, longe mesmo de o abalar, ao contrário, todos vêm contribuir, por sua inanidade e manifesta impotência, para a sua propagação e solidificação. Com efeito, é pelos entraves que lhe quiseram suscitar que ele deve, em notável parte, a rapidez de sua extensão, não tendo sido desprezível o auxílio prestado pelas prédicas desenfreadas de certos adversários para a sua generalização. É assim na ordem das coisas: a verdade nada tem a temer de seus detratores e são esses mesmos que involuntariamente contribuem para fazê-la triunfar. O

Espiritismo é um imenso foco de calor e de luz, e quem soprar sobre esse braseiro, além de se queimar um pouco, não consegue outro resultado senão o reavivar ainda mais.

“Entretanto, pastorais e conferências parecem insuficientes para aniquilar o Espiritismo – e estamos longe de negar essa influência patente. Assim, a Congregação romana acaba de pôr no *Índex* todos os livros do Sr. Allan Kardec, livros que contêm o ensino universal dos Espíritos, aos quais todos nós, espíritas, estamos ligados. Que nos permitam fazer a respeito as duas reflexões seguintes: Os livros espíritas em questão encerram, em toda a sua pureza e com os desenvolvimentos que exige o estado atual do espírito humano, os ensinamentos e preceitos de Jesus, em quem os Espíritos reconhecem um Messias. Condenar esses livros e pô-los no *Índex* não é condenar as palavras do Cristo e, de certo modo, ali colocar os Evangelhos, que estão de acordo conosco? Parece-nos que sim, mas é verdade que não somos *infalíveis* como vós! Segunda reflexão: Esta medida que hoje tomam não é um tanto tardia? Por que esperaram tanto tempo? Além de ser mais ou menos inexplicável (a menos que se creia que o Espiritismo vos pareça de tal modo verdadeiro e que estejais de tal sorte persuadidos do seu triunfo, que durante muito tempo vacilastes em atacá-lo abertamente, e que um interesse pessoal deveras poderoso, já que não cometeremos a injúria de vos supor ultra-ignorantes, vos decidiu a fazê-lo), além de ser mais ou menos inexplicável, dizemos nós, ainda revela muita falta de habilidade. Com efeito, *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e a *Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo*, estão atualmente nas mãos de milhares de pessoas e duvidamos muito que a condenação da Congregação de Roma possa agora fazer achar mau e abjeto o que cada um julgou grande e nobre.

“Seja como for, os livros espíritas foram postos no *Índex*. Tanto melhor, porque muitos dos que ainda não os leram irão devorá-los. Tanto melhor! porque de dez pessoas que os

percorrem pelo menos sete se convencerão ou ficarão fortemente abaladas e desejosas de estudar os fenômenos espíritas; tanto melhor! porque os nossos próprios adversários, vendo seus esforços redundar em resultados diametralmente opostos aos que esperavam, ligar-se-ão a nós, se forem sinceros, desinteressados e possuírem as luzes que seu ministério comporta. Aliás, assim o quer a lei de Deus: nada no mundo pode ficar eternamente estacionário, pois tudo progride e a idéia religiosa deve seguir o progresso geral, se não quiser desaparecer.

“Que os nossos adversários continuem, então, a sua cruzada. Já puseram em jogo as pastorais, os sermões, os cursos públicos, as influências ocultas, algumas vezes aparentemente vitoriosas, por causa do estado dependente daqueles sobre os quais pesam tiranicamente; serviram-se do auto-de-fé, queimando publicamente nossos livros em Barcelona; só tendo podido queimar alguns exemplares, e estes se substituindo em número impressionante, por fim os puseram no *Índex*. Ah! não sendo mais tolerada a Inquisição, embora, sob uma forma ou outra, continue existindo, e ajudados pelas influências ocultas de que acabamos de falar, não lhes resta senão a excomunhão em massa de todos os espíritas, isto é, de uma notável fração de homens e, em particular, de uma considerável fração de cristãos (e só falamos dos espíritas confessos, pois inapreciável é o número dos que o são sem saber).”

Instruções dos Espíritos

O CASTIGO PELA LUZ

Nota – Numa das sessões da Sociedade Espírita de Paris, em que se havia discutido a questão da perturbação que geralmente se segue à morte, um Espírito se manifestou espontaneamente à Sra. Costel, dando a comunicação que se segue, e que não leva a sua assinatura:

“Que falais de perturbação? Por que essas palavras vãs? Sois sonhadores e utopistas. Ignorais perfeitamente as coisas de que vos pretendeis ocupar. Não, senhores, a perturbação não existe, salvo, talvez, em vossos cérebros. Estou tão recentemente morto quanto possível, e vejo claro em mim, em redor de mim, em toda parte... A vida é uma lúgubre comédia! Desastrados os que se retiram de cena antes de cair o pano... A morte é um terror, um castigo, um desejo, conforme a fraqueza ou a força dos que a temem, a afrontam ou a imploram. Para todos é uma amarga irrisão!... A luz me ofusca e penetra, como seta aguda, a sutileza de meu ser... Castigaram-me pelas trevas da prisão e pensaram castigar-me pelas trevas do túmulo, ou as sonhadas pelos supersticiosos católicos. Pois bem! sois vós, senhores, que sofreis a escuridão, e eu, o degradado social, paio acima de vós... Quero continuar eu!... Forte pelo pensamento, desdenho os avisos que ressoam à minha volta... Vejo claro... Um crime! é uma palavra! O crime existe por toda parte. Quando praticado por massas de homens, glorificam-no; em particular, é maldito. Absurdo!

“Não quero ser lamentado... nada peço... eu me basto e saberei bem lutar contra esta luz odiosa.”

Aquele que ontem era um homem

Tendo sido analisada esta comunicação na sessão seguinte, foi reconhecido, mesmo no cinismo da linguagem, um grave ensinamento e se viu na situação desse infeliz uma nova fase do castigo que aguarda os culpados. Com efeito, enquanto uns são mergulhados nas trevas ou no isolamento absoluto, outros suportam durante longos anos as angústias de sua última hora, ou ainda se julgam neste mundo; a luz brilha para este; seu Espírito goza da plenitude de suas faculdades; sabe perfeitamente que está morto e de nada se queixa; não pede qualquer assistência e ainda afronta as leis divinas e humanas. Escapará à punição? Não, mas a

justiça divina se realiza sob todas as formas, e o que constitui a alegria de uns, para outros é um tormento; essa luz é o seu suplício, contra o qual se obstina e, malgrado o seu orgulho, ele o confessa quando diz: “Eu me basto e saberei bem lutar contra essa luz odiosa”; e nessa outra frase: “A luz me ofusca e penetra, como seta aguda, a sutileza de meu ser.” Estas palavras: *sutileza de meu ser* são características; ele reconhece que seu corpo é fluídico e penetrável pela luz, da qual não pode escapar, e essa luz o trespassa como seta aguda.

Solicitados a dar sua apreciação sobre o assunto, nossos guias espirituais ditaram as três comunicações seguintes, que merecem séria atenção:

(Médium: Sr. A. Didier)

Há provações sem expiação, como há expiações sem provação. Evidentemente, na erraticidade, do ponto de vista das existências, os Espíritos estão inativos e à espera. Todavia, podem expiar, desde que o orgulho, a tenacidade formidável e a rebeldia de seus erros não os retenham no momento de sua ascensão progressiva. Tendes um exemplo terrível na última comunicação, relativamente ao criminoso que se debate contra a justiça divina que o persegue, depois da dos homens. Neste caso, então, a expiação, ou antes, o sofrimento fatal que os oprime, em vez de lhes aproveitar e de lhes fazer sentir a profunda significação de suas penas, os exalta na revolta e lhes faz soltar esses murmúrios que as Escrituras, em sua poética eloqüência, chamam *ranger de dentes*. Imagem por excelência! sinal do sofrimento abatido, mas insubmisso! perdida na dor, mas cuja revolta ainda é bastante grande para recusar reconhecer a verdade da pena e a verdade da recompensa!

Amiúde os grandes erros se prolongam quase sempre no mundo dos Espíritos; do mesmo modo, as grandes consciências

criminosas. Ser dono de si, a despeito de tudo, e pavonear-se diante do infinito, assemelha-se a essa cegueira do homem que contempla as estrelas e as toma por arabescos de um teto, como imaginavam os gauleses do tempo de Alexandre.

Existe o infinito moral! Miserável é aquele, ínfimo é aquele que, a pretexto de continuar as lutas e as bravatas abjetas da Terra, não vê mais longe no outro mundo do que aqui embaixo! A esse a cegueira, o desprezo dos outros, a egoísta e mesquinha personalidade e a interrupção do progresso! É certíssimo, ó homens, que há um acordo secreto entre a imortalidade de um nome puro, deixado na Terra, e a imortalidade que guardam realmente os Espíritos em suas provações sucessivas.

Lamennais

Observação – Para compreender o sentido desta frase: “Há provações sem expiação e expiações sem provação”, é necessário entender por *expiação* o sofrimento que purifica e lava as manchas do passado; depois da expiação, o Espírito está reabilitado. O pensamento de Lamennais é este: Conforme as vicissitudes da vida sejam ou não acompanhadas pelo arrependimento das faltas que as ocasionaram, do desejo de as tornar proveitosas para seu próprio melhoramento, haverá ou não expiação, isto é, reabilitação. Assim, os maiores sofrimentos podem não ter proveito para aquele que os suporta, se não o tornarem melhor, se não o elevarem acima da matéria, se não virem a mão de Deus, enfim, se não o fizerem dar um passo à frente, porquanto terão de recomeçar em condições ainda mais penosas. Deste ponto de vista, dá-se o mesmo com as penas sofridas depois da morte; o Espírito endurecido as sofre sem ser tocado pelo arrependimento. Eis por que as pode prolongar indefinidamente por sua própria vontade; é castigado, mas não repara as faltas.

(Médium: Sr. d'Ambel)

Se precipitarmos um homem nas trevas ou em ondas de luz o resultado não será o mesmo? Num e noutro caso, ele nada vê do que o cerca e se habituará muito mais rapidamente à sombra do que à tripla claridade elétrica, na qual pode estar submerso. Assim, o Espírito que se comunicou na última sessão exprime bem a verdade de sua situação, quando exclama: “Oh! eu saberei bem lutar contra esta luz odiosa!” Com efeito, essa luz é tanto mais terrível, tanto mais atroz que o trespassa completamente, tornando visíveis e aparentes seus mais secretos pensamentos. Eis um dos lados mais duros de seu castigo espiritual. Ele se acha, a bem dizer, internado na casa de vidro que pedia Sócrates, e aí está ainda um ensinamento, porque o que teria sido a alegria e o consolo do sábio torna-se a punição infamante e contínua do mau, do criminoso, do parricida, assustado em sua própria personalidade.

Compreendeis, meus filhos, a dor e o terror que devem oprimir aquele que, durante uma existência sinistra, se comprazia em arquitetar, em maquinar as mais tristes perversidades no fundo de seu ser, onde se refugiava como uma fera em sua toca, e que hoje se acha expulso desse refúgio íntimo, onde se subtraía aos olhares e à investigação dos contemporâneos? Agora sua máscara de impassibilidade lhe é arrancada e cada um de seus pensamentos se reflete sucessivamente em sua frente!

Sim, doravante nenhum repouso, nenhum asilo para esse formidável criminoso! Cada mau pensamento – e Deus sabe se sua alma os exprime – se trai fora e dentro de si, como num choque elétrico superior. Quer ocultar-se à multidão, e a luz odiosa o atravessa continuamente. Quer fugir, foge numa carreira ofegante e desesperada, através dos espaços incomensuráveis e, por toda parte, a luz! por toda parte os olhares que nele mergulham! e se precipita novamente, em busca da sombra, da noite, e a sombra e a

noite para ele não existem. Chama a morte em seu auxílio, mas a morte não passa de um nome vazio de sentido. O infeliz foge sempre! Marcha para a loucura espiritual, terrível castigo! dor horrível! onde se debaterá consigo mesmo para se desembaraçar de si próprio. Porque tal é a lei suprema além da Terra: é o culpado que se torna, para si mesmo, seu mais inexorável castigo.

Quanto tempo durará isto? Até a hora em que sua vontade, enfim vencida, curvar-se sob a pungente pressão do remorso, e em que sua fronte soberba humilhar-se perante suas vítimas apaziguadas e ante os Espíritos de justiça. E notai a alta lógica das leis imutáveis; nisto ele ainda cumprirá o que escrevia nessa arrogante comunicação, tão clara, tão lúcida e tão tristemente cheia de si, que deu sexta-feira última, desobrigando-se por um ato de sua própria vontade.

O Espírito protetor do médium

(Médium: Sr. Costel)

A justiça humana não faz acepção da individualidade dos seres que castiga. Medindo o crime pelo crime em si, fere indistintamente os que os cometeram, e a mesma pena atinge o culpado sem distinção de sexo e seja qual for a sua educação. A justiça divina procede de outro modo; as punições correspondem ao grau de adiantamento dos seres aos quais são aplicadas. A igualdade do crime não constitui igualdade entre os indivíduos; dois homens culpados no mesmo grau podem ser separados pela distância das provas, que mergulham um na opacidade intelectual dos primeiros círculos iniciadores, ao passo que o outro, os tendo ultrapassado, possui a lucidez que liberta o Espírito da perturbação. Então não são mais as trevas que castigam, mas a acuidade da luz espiritual; ela atravessa a inteligência terrena e o faz experimentar a angústia de uma chaga reavivada.

Os seres desencarnados perseguidos pela representação material de seu crime sofrem o choque da eletricidade física: sofrem pelos sentidos. Os que já estão desmaterializados pelo Espírito sentem uma dor muito superior, que aniquila nas suas vagas amargas a recordação dos fatos, para não deixar subsistir senão a ciência de suas causas.

O homem pode, pois, a despeito da criminalidade de suas ações, possuir um adiantamento interior, pois enquanto suas paixões o fazem agir como um bruto, suas faculdades afiadas o elevam acima da espessa atmosfera das camadas inferiores. A ausência de ponderação, de equilíbrio entre o progresso moral e o progresso intelectual, produz as anomalias muito freqüentes nas épocas de materialismo e de transição.

A luz que tortura o Espírito culpado é, pois, o raio que inunda de claridade os recônditos de seu orgulho e a lhe pôr a descoberto a inanidade de seu ser fragmentário. Eis os primeiros sintomas e as primeiras angústias da agonia espiritual, que anunciam a separação ou a dissolução dos elementos intelectuais materiais, que compõem a primitiva dualidade humana, e devem desaparecer na grande unidade do ser acabado.

Jean Reynaud

Observação – Recebidas simultaneamente, estas três comunicações se complementam, apresentando o castigo sob novo aspecto, eminentemente filosófico, um pouco mais racional que as chamas do inferno, com suas cavernas guarnecidas de navalhas. (Vide *A religião e o progresso*, neste número.) É provável que os Espíritos, querendo tratar a questão por um exemplo, tenham provocado, com esse objetivo, a comunicação espontânea do Espírito culpado.

Notas Bibliográficas

A EDUCAÇÃO MATERNA

Conselho às mães de família¹⁵

Este opúsculo é produto de instruções mediúnicas, formando um conjunto completo, ditadas à Sra. Collignon, de Bordeaux, por um Espírito que se assina *Étienne*, desconhecido da médium. Essas instruções, antes publicadas em artigos avulsos pelo jornal *Sauveur*, foram reunidas em brochura.

É com prazer que aprovamos esse trabalho sem reservas, tão recomendável pela forma quanto pelo fundo: estilo simples, claro, conciso, sem ênfase, nem palavras vazias de sentido; pensamentos profundos, lógica irreprochável, é bem a linguagem de um Espírito elevado, e não esse estilo verboso de Espíritos que julgam compensar o vazio das idéias pela abundância das palavras. Não tememos fazer estes elogios porque sabemos que a Sra. Collignon não os tomará para si e que seu amor-próprio não será superexcitado, assim como não se melindraria com a mais severa crítica.

Nesse escrito, a educação é encarada sob seu verdadeiro ponto de vista em relação ao desenvolvimento físico, moral e intelectual da criança, considerado desde o berço até o seu estabelecimento no mundo. As mães espíritas, melhor que todas as outras, apreciarão a sabedoria dos conselhos que encerra, razão por que lhes recomendamos como uma obra digna de toda a sua atenção.

A brochura é rematada por um pequeno poema, intitulado *O corpo e o Espírito*, também mediúnico, que mais de um autor de renome poderia assinar sem receio. Eis o seu começo:

15 Brochura in-8^o; Preço: 50 c.; pelo correio: 60 c. – Paris: Ledoyen, Palais-Royal, galerie d'Orléans, n^o 31. – Bordeaux: Ferret, livreiro, 15, Fossés-de-l'Intendance, e no escritório do jornal *Sauveur*, 57, cours d'Aquitaine.

Morfeu já mergulhara em sono os meus sentidos;
 Meu Espírito, então, nos sonhos mais garridos,
 Emancipar-se quis pelo espaço a bom gosto,
 Do seu corpo a fugir qual soldado do posto.
 Como aspira o detento a gemer nas algemas,
 Quis libertar-se pois das angústias extremas;
 Uma doce lembrança, um capricho, um mistério
 Levava-o a deixar da terra o amargo império?
 Dizer não saberia, e ele mesmo, ao regresso,
 Responde a essa questão nos termos em tropeço,
 Mas logo compreendi dessa astúcia o motivo
 E muito me zanguei, que a enganoso sou esquivo,
 “Ao menos me direis Espírito brioso
 “Que vistes nesses céus de belo e grandioso?
 “ – Eu para te agradecer, dizer-te algo é preciso
 “Senão o carcereiro em seu humor sem riso
 “Aplicaria ao preso o seu sermão brutal
 “E o mísero cativo estaria bem mal...
 “Sabe, pois... – Esperai. É bem a mesma história
 “Que vós me ides contar? – Oh! sim, e de memória
 “E sabe mais, no mundo espiritual, outrora
 “Parentes eu deixei, bons amigos que, agora,
 “Os queria rever: porque o exílio terrestre
 “Não é feito, bem sei, para um prazer campestre!
 “Aproveitando o sono enquanto preso ao leito
 “Meu corpo lá deixei e, *Espírito refeito*,
 “Eu transpus os degraus que separam os mundos,
 “Fazendo esse trajeto em quase dois segundos.
 “Convinha se apressar pois o menor atraso
 “Podia pôr-te em risco. Ah, se qualquer desazo
 “Levasse-me a olvidar-me em tão longo percurso.
 “Ao retornar, vê bem, em erro grave incurso,
 “Cadáver acharia em vez do corpo meu.
 “Sempre busco evitar do remorso o apogeu.
 “Sabia que ao ficar cometeria um crime,
 “Só Deus pode quebrar tão íntimo regime.
 “ – Muito obrigado, pois, Espírito querido,
 “Que eu teria sem vós certamente morrido
 “Ante o menor atraso... Ah! fé em corpo honrado,
 “Na cabeça o cabelo até sinto eriçado!”

O ESPIRITISMO NA SUA EXPRESSÃO MAIS SIMPLES

Por ALLAN KARDEC

Edição em língua russa

Impresso em Leipzig, por *Baer & Hermann* – Paris: Ledoyen, Palais-Royal; Didier & Cie., 35, quai des Augustins; e no escritório da *Revista Espírita*. – Preço: 20 centavos; pelos Correios: 25 centavos.

AVISO – O Dr. *Chauvaux*, presidente da Sociedade de Estudos Espíritas de Marselha, pede anunciemos que a sede da dita sociedade é na rue du Petit-Saint-Jean, 24, primeiro andar.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

AGOSTO DE 1864

Nº 8

Novos Detalhes sobre os Possessos de Morzine

Na *Revista Espírita* dos meses de dezembro de 1862, janeiro, fevereiro, março e maio de 1863, apresentamos um relato circunstanciado e uma apreciação da epidemia demoníaca de Morzine (Haute-Savoie), e demonstramos a insuficiência dos meios empregados para combatê-la. A despeito de o mal jamais ter cessado completamente, tinha havido uma espécie de interrupção. Vários jornais, bem como a nossa correspondência particular, assinalam o reaparecimento do flagelo com nova intensidade. O *Magnetiseur*, jornal de magnetismo animal, publicado em Genebra pelo Sr. Lafontaine, em seu número de 15 de maio de 1864, relata este caso:

“A epidemia demoníaca que, desde 1857, reina no burgo de Morzine e nos lugarejos vizinhos, situados entre as montanhas da Haute-Savoie, ainda provoca os seus estragos. O governo francês se inquieta com o caso, já que a Savoie lhe pertence. Enviou ao local homens especializados, inteligentes e capazes, inspetores de hospícios de alienados, etc., para estudar a

natureza e observar a marcha da doença. Estes tomaram algumas medidas, tentaram o deslocamento e transportaram as moças doentes para Chambéry, Annecy, Evian, Thonon, etc. Contudo, o resultado dessas tentativas não foi satisfatório; apesar do tratamento médico que julgaram conveniente, as curas foram pouco numerosas; e quando essas infelizes retornaram à região, recaíram no mesmo estado de sofrimento. Depois de, inicialmente, ter atingido as crianças e as mocinhas, a epidemia estendeu-se às mães de família e às mulheres idosas. Poucos homens lhe sentiram a influência; todavia, custou a vida de um. Esse infeliz meteu-se no estreito espaço entre o fogão e a parede, de onde garantia não poder sair; ali ficou um mês, sem se alimentar; morreu de esgotamento e de inanição, vítima de sua imaginação impressionável.

“Os enviados do governo francês fizeram relatórios, num dos quais o Sr. Constant, entre outras coisas, declarava que o pequeno número de curas realizado naquela população era devido ao magnetismo por mim empregado em Genebra, em moças e senhoras que me haviam trazido em 1858 e 1859.

“Nossos leitores sabem que o flagelo, atribuído pelos bons camponeses de Morzine e, o que é mais lamentável, por seus guias espirituais, *ao poder do demônio*, manifesta-se naqueles que são tomados por convulsões violentas, acompanhadas de gritos, de perturbações do estômago e de gestos da mais impressionante ginástica, sem falar dos juramentos e de outros processos escandalosos, de que os doentes se tornam culpados, tão logo constrangidos a entrar numa igreja.

“Conseguimos curar vários desses doentes, que não sofreram nenhum ataque enquanto moravam longe das influências desagradáveis do contágio e dos Espíritos feridos de sua região. Mas em Morzine o horrível mal não deixou de fazer estragos entre essa infeliz população; ao contrário, o número de suas vítimas foi

crescendo. Em vão prodigalizaram preces e exorcismos; em vão levaram os doentes para hospitais de várias cidades distantes; o flagelo, que em geral ataca mocinhas, cuja imaginação é mais viva, encarna-se sobre a sua presa, e as únicas curas constatadas são as operadas por nós, das quais fizemos um relato em nosso jornal.

“Enfim, esgotados os meios, quiseram tentar um grande golpe. monsenhor Maguin, bispo de Annecy, há pouco anunciou que iria a Morzine, tanto para crismar os habitantes que ainda não haviam recebido esse sacramento, quanto para descobrir os meios de vencer a terrível doença. A boa gente do vilarejo esperava maravilhas dessa visita.

“Ela ocorreu sábado, 30 de abril, e domingo, 1º de maio. Eis as circunstâncias que a assinalaram:

“Sábado, lá pelas quatro horas, o prelado aproximou-se da aldeia. Estava a cavalo, acompanhado por grande número de eclesiásticos. Tinham procurado reunir os doentes na Igreja; alguns tinham sido forçados a ir. Logo que o bispo pisou em terras de Morzine, diz uma testemunha ocular, as possessas, sentindo a sua aproximação, foram tomadas das mais violentas convulsões. Em especial, as que estavam confinadas na igreja, soltavam gritos e urros, que nada tinham de humano. Todas as jovens que, em diferentes épocas, tinham sido atingidas pela doença, a apresentaram novamente, e viram-se diversas, que há cinco anos não eram atingidas, vitimadas pelo mais aterrador paroxismo, pelas mais terríveis crises. O próprio bispo empalideceu ao ouvir os urros que acolheram a sua chegada. A despeito disto, continuou a avançar para a igreja, malgrado as vociferações de algumas doentes, que haviam escapado das mãos de seus guardas para se atirarem à sua frente e o injuriarem. Apeou à porta do templo e aí entrou com dignidade. Mal acabara de entrar, a desordem redobrou; deu-se, então, uma cena verdadeiramente infernal.

“As possessas, cerca de setenta, com um único rapaz, juravam, rugiam, pulavam em todos os sentidos; isto durou várias horas. Quando o prelado quis fazer o crisma, o furor recrudesceu, como se fosse possível. Tiveram de arrastá-las para junto do altar; sete ou oito homens viram-se forçados a conjugar os seus esforços para vencer a resistência de algumas; os policiais prestaram auxílio. O bispo devia partir às quatro horas; às sete da noite ainda estava na igreja, onde não puderam vencer a resistência de três doentes; conseguiram arrastar duas, ofegantes, espuma na boca, blasfêmias nos lábios, até os pés do prelado. A última resistiu a todos os esforços; vencido de fadiga e de emoção, o bispo viu-se obrigado a lhe negar a imposição das mãos; saiu da igreja tremendo, transtornado, as pernas cobertas de contusões recebidas das possessas, enquanto estas se debatiam sob sua bênção.

“Partiu do vilarejo, deixando aos habitantes boas palavras, mas sem lhes ocultar a impressão de profundo estupor que havia experimentado em presença de um mal, que não podia prefigurar tão grande. Terminou confessando que não se tinha sentido bastante forte para conjurar a chaga que tinha vindo curar e prometendo voltar o quanto antes, munido de maiores poderes.

“Não fazemos hoje nenhuma reflexão, limitando-nos a relatar esses fatos deploráveis. Talvez no próximo número relatemos todo o incômodo que em nós eles provocaram.”

Ch. Lafontaine

Eis o relato sucinto que o *Courrier des Alpes* fez de tais fatos, e que vários jornais reproduziram sem comentários:

“Em Annecy comenta-se muito um incidente, tão doloroso quanto imprevisto, que assinalou a excursão de monsenhor Maguin, nosso digno prelado. Todos conhecem a triste e singular doença que, há anos, aflige a comuna de Morzine, à qual não se sabe bem que nome dar; a Ciência aí se perde. Certo público

caracterizou essa doença, que acomete principalmente as mulheres, chamando de *possessos* os que por ela são atingidos. Com efeito, muitos habitantes da comuna estão convencidos de que um sortilégio foi lançado sobre essa localidade.

“Lembra-se, também, que em 1862, um certo número de pessoas vitimadas por essa estranha doença, que reproduz todos os efeitos da loucura furiosa, embora não lhe tendo o caráter, foram espalhadas em diversos hospitais, situados em vários pontos da França, e de lá voltaram curadas. Este ano a doença ganhou outras pessoas e, desde algum tempo, vem tomando proporções alarmantes.

“Foi nestas circunstâncias que monsenhor Maguin, movido apenas pela caridade, fez a sua turnê pastoral a Morzine, e foi no momento em que administrava o sacramento da confirmação que, de repente, uma crise se apoderou de certo número desses infelizes que assistiam à cerimônia ou dela participavam. Deu-se, então, um terrível escândalo. Os detalhes dessa cena são muito confrangedores para serem relatados.

“Limitar-me-ei a dizer que a administração superior comoveu-se com esse triste caso e que um destacamento de trinta homens de infantaria já foi enviado ao local; sei de boa fonte que esse destacamento será duplicado e comandado por um oficial superior, encarregado de meticolosas instruções. Escusado dizer que outras medidas serão tomadas, tais, por exemplo, o envio de médicos especialistas, encarregados de estudar a doença. A força armada terá por missão proteger as pessoas.”

A Ciência aí se perde é uma confissão de impotência. Então, o que é que farão os médicos? Já não os enviaram, e muito capacitados? Dizem que vão mandar especialistas. Mas, como estabelecer sua especialidade numa afecção cuja natureza não se conhece, e na qual a Ciência se perde? Concebe-se a especialidade

dos oculistas para as afecções dos olhos, dos toxicologistas nos casos de envenenamento. Mas aqui, em que categoria serão recrutados? Entre os alienistas? Muito bem, se for demonstrado que é uma afecção mental. Mas os próprios alienistas fracassaram; não estão de acordo quanto à causa nem quanto ao tratamento. Ora, já que a Ciência aí se perde, o que é uma grande verdade, os alienistas não são mais especialistas que os cirurgiões. É verdade que lhes vão agregar uma força armada, mas já empregaram esse expediente sem sucesso. Duvidamos muito que desta vez sejam mais bem-sucedidos.

Se, pois, a Ciência falha, é que não está com a verdade. Que há para admirar? Tudo revela uma causa moral, e enviam homens que só crêem na matéria; procuram na matéria e aí nada encontram. Isto prova sobejamente que não procuram onde é preciso. Se quiserem médicos mais especialistas, que os selecionem entre os espiritualistas, e não entre os materialistas; ao menos aqueles poderão compreender que possa haver algo fora do organismo.

A religião não foi mais feliz; usou suas munições contra os diabos, sem poder chamá-los à razão. Então os diabos são mais fortes, a menos que não sejam diabos. Seus constantes reveses, em casos semelhantes, provam uma de duas coisas: ou que ela não está com a verdade, ou que é vencida por seus inimigos.

O mais claro de tudo isto é que nada do que empregaram deu resultado e melhor resultado não obterão enquanto se obstinarem a não buscar a verdadeira causa onde ela está. Um estudo atento dos sintomas demonstra, como última evidência, que sua causa está na ação do mundo invisível sobre o mundo visível, ação que é a fonte de mais afecções do que se pensa, e contra as quais a Ciência falha pela razão de que combate o efeito e não a causa. Numa palavra, é o que o Espiritismo designa sob o nome de *obsessão*, levada ao mais alto grau, isto é, de *subjugação* e de

possessão. As crises são efeitos consecutivos; a causa é o ser obsessor. É, pois, sobre este ser obsessor que se deve agir, como se age sobre os vermes nas convulsões por eles ocasionadas.

Sistema absurdo, dirão. Absurdo para os que nada admitem fora do mundo tangível, mas muito positivo para os que constataram a existência do mundo espiritual e a presença de seres invisíveis à nossa volta; sistema, aliás, baseado na experiência e na observação, e não numa teoria preconcebida. A ação de um ser invisível malfazejo foi *constatada* numa imensidão de casos isolados, tendo completa analogia com os fatos de Morzine, donde é lógico concluir que a causa seja a mesma, uma vez que os efeitos são semelhantes; a diferença está apenas no número. Todos os sintomas, sem exceção, observados nos doentes daquela localidade, o foram em casos particulares de que falamos. Ora, desde que libertaram os doentes atingidos pelo mesmo mal, sem exorcismo, sem medicamentos e sem polícia, o que se fez alhures poderia ser feito em Morzine.

Se é assim, perguntarão, por que os recursos espirituais empregados pela Igreja são ineficazes? Eis a razão.

A Igreja acredita nos demônios, isto é, numa categoria de seres de natureza perversa, e votados eternamente ao mal, por conseguinte, imperfectíveis. Com esta idéia, ela não procura melhorá-los. O Espiritismo, ao contrário, reconheceu que o mundo invisível é composto de almas ou Espíritos dos homens que viveram na Terra e que, depois da morte, povoam o espaço; nesse número os há bons e maus, como entre os homens. Dos que se regozijavam em vida em praticar o mal, muitos ainda se comprazem em fazê-lo após a morte; mas, pelo fato de pertencerem à Humanidade, estão submetidos à lei do progresso e podem melhorar-se. Não são, pois, demônios, como o entende a Igreja, mas Espíritos imperfectos.

Sua ação sobre os homens se exerce, ao mesmo tempo, sobre o físico e o moral. Daí uma porção de afecções que não têm sede no organismo, loucuras aparentes refratárias a qualquer medicação. É um novo ramo da patologia, que se pode designar sob o nome de *patologia espiritual*. A experiência ensina a distinguir os casos desta categoria dos que pertencem à patologia orgânica.

Não nos propomos descrever o tratamento das afecções desse gênero, porque já foi indicado alhures. Limitar-nos-emos a lembrar que consiste numa tripla ação: a ação fluídica, que libera o perispírito do doente da opressão do perispírito do Espírito malévolos, o ascendente exercido sobre este último pela autoridade que sobre ele dá a superioridade moral, e a influência moralizadora dos conselhos que se lhe dá. A primeira não passa de acessório das duas outras; sozinha ela é insuficiente, porque, caso se consiga, momentaneamente, afastar o Espírito, nada o impede de voltar à carga. É a fazê-lo renunciar voluntariamente a seus maus propósitos que nos devemos empenhar, moralizando-o. É uma verdadeira educação a fazer, que exige tato, paciência, devotamento e, acima de tudo, uma fé sincera. Prova a experiência, pelos resultados obtidos, o poder deste meio; mas também demonstra que, em certos casos, é necessário o concurso simultâneo de várias pessoas, unidas na mesma intenção.

Ora, que faz a Igreja em semelhantes casos? Convicta de que trata com demônios incorrigíveis, não se ocupa absolutamente com a sua melhora; crê amedrontá-los e afastá-los por sinais, fórmulas e aparatos de exorcismo, de que eles se riem e se tornam mais excitados, redobrando a malícia, como sempre sucedeu quando tentaram exorcizar os lugares em que se produzem barulhos e perturbações. É fato confirmado pela experiência que os sinais e os atos exteriores nenhum poder exercem sobre eles, ao passo que se tem visto os mais endurecidos e perversos Espíritos cederem a uma pressão moral e voltarem aos bons sentimentos. Tem-se, então, a dupla satisfação de livrar o obsidiado e de reconduzir a Deus uma alma transviada.

Talvez perguntem por que os espíritas – já que estão convencidos da causa do mal e dos meios de o combater – não foram a Morzine para ali operar seus milagres? Em primeiro lugar, os espíritas não fazem milagres; a ação curativa que se pode exercer em semelhantes casos nada tem de maravilhoso, nem de sobrenatural; repousa numa lei da Natureza: a das relações entre o mundo visível e o mundo invisível, lei que, dando a razão de certos fenômenos incompreendidos, por falta de conhecimento, vem restringir os limites do maravilhoso, em vez de os alargar. Em segundo lugar, dever-se-ia perguntar se o seu concurso teria sido aceito; se não teriam encontrado uma oposição sistemática; se, longe de serem secundados, não teriam sido entravados pelos próprios que fracassaram; se não teriam sido insultados e maltratados por uma população superexcitada pelo fanatismo, acusados de feitiçaria junto aos próprios doentes e de agirem em nome do diabo, como se viram amostras em certas localidades. Nos casos individuais e isolados, os que se devotam ao alívio dos aflitos geralmente são auxiliados pela família e pela vizinhança, muitas vezes pelos próprios doentes, sobre o moral dos quais devem atuar, por meio de palavras boas e encorajadoras, que devem excitar a prece. Semelhantes curas não se obtêm instantaneamente. Os que as empreendem necessitam de calma e de profundo recolhimento. Nas circunstâncias atuais, essas condições seriam possíveis em Morzine? É mais que duvidoso. Quando vier o momento de deter o mal, Deus o proverá.

Aliás, os fatos de Morzine e sua continuação têm sua razão de ser, assim como as manifestações do mesmo gênero em Poitiers. Eles se multiplicarão, quer isolada, quer coletivamente, a fim de convencer da impotência dos meios até agora empregados para lhes pôr um termo, e para forçar a incredulidade a reconhecer, enfim, a existência de um poder extra-humano.

Para todos os casos de obsessão, de possessão e de quaisquer manifestações desagradáveis, chamamos a atenção sobre

o que, a respeito, diz *O Livro dos Médiuns*, capítulo da *obsessão*; sobre os artigos da *Revista* relativos a Morzine e referidos acima; sobre nossos artigos dos meses de fevereiro, março e junho de 1864, concernentes à jovem obsedada de Marmande; enfim, sobre os n^{os} 325 a 335 da *Imitação do Evangelho*. Aí encontrarão as instruções necessárias para se guiarem em circunstâncias análogas.

Suplemento ao Capítulo das Preces da *Imitação do Evangelho*

Vários assinantes lamentaram não ter encontrado, em nossa *Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo*, uma prece especial da manhã e da noite, para uso habitual.

Faremos notar que as preces contidas nessa obra não constituem um formulário que, para ser completo, deveria encerrar um número bem maior. Elas fazem parte das comunicações dadas pelos Espíritos; nós as reunimos no capítulo consagrado ao exame da prece, como agregamos a cada um dos outros capítulos as comunicações que lhes diziam respeito. Omitindo intencionalmente as da manhã e da noite, quisemos evitar que nossa obra tivesse um caráter litúrgico, razão por que nos limitamos às que têm relação mais direta com o Espiritismo, de modo que cada um poderá encontrar as outras entre as de seu culto particular. Todavia, para anuir ao desejo que nos é expresso, damos a seguir a que nos parece responder melhor ao objetivo que se propõe. Contudo a faremos preceder de algumas observações, para que melhor se compreenda o seu alcance.

Na *Imitação*, n^o 274, ressaltamos a necessidade das preces *inteligíveis*. Aquele que ora sem compreender o que diz, habitua-se a ligar mais valor às palavras do que aos pensamentos; para ele as palavras é que são eficazes, mesmo que o coração em nada tome parte. Assim, muitos se julgam desobrigados depois de

recitarem algumas palavras que os dispensam de se reformarem. É fazer da Divindade uma idéia estranha acreditar que ela se deixe pagar por palavras em vez de atos, que atestam uma melhora moral.

Eis, a respeito, a opinião de São Paulo:

“Se eu, pois, ignorar a significação da voz, serei estrangeiro para aquele que fala; e ele, estrangeiro para mim. – Porque, se eu orar em outra língua, o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera. – E se tu bendisseres apenas em espírito, como dirá o indouto o *amém* depois da tua ação de graças? visto que não entende o que dizes. – Porque tu, de fato, dás bem as graças, mas o outro não é edificado.” (São Paulo, 1ª Epístola aos Coríntios, capítulo 14, versículos, 11, 14, 16 e 17.)

É impossível condenar de maneira mais formal e mais lógica o uso das preces ininteligíveis. É de admirar-se que se haja levado em tão pouca conta a autoridade de São Paulo sobre este ponto, quando, sobre outros, é tantas vezes invocada. Outro tanto se poderia dizer da maioria dos escritores sacros, considerados como luzes da Igreja, cujos preceitos estão longe de ser postos em prática.

Uma condição essencial da prece é, pois, segundo São Paulo, ser inteligível, a fim de que possa falar ao nosso espírito. Para isto não basta que seja dita em língua compreensível para aquele que ora; há preces em língua vulgar que não dizem muito mais ao pensamento do que se o fossem em língua estranha, e que, por isso mesmo, não vão ao coração; as raras idéias que encerram muitas vezes são abafadas pela superabundância de palavras e pelo misticismo da linguagem.

A principal qualidade da prece é ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil, nem luxo de epítetos, que não passam de falsos adereços; cada palavra deve ter o seu alcance, despertar um pensamento, agitar uma fibra; numa palavra, deve

fazer refletir; só com esta condição a prece pode atingir o seu objetivo, do contrário não passa de ruído. Observai, também, com que ar distraído e com que volubilidade elas são ditas na maior parte do tempo. Vêm-se os lábios se movendo, mas, pela expressão da fisionomia e pelo tom da voz se reconhece um ato maquinal, puramente exterior, ao qual a alma fica indiferente.

O mais perfeito modelo de concisão em matéria de prece é, indubitavelmente, a *Oração dominical*, verdadeira obra-prima de sublimidade na sua simplicidade; sob a mais restrita forma, ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo. Contudo, em razão de sua própria brevidade, o sentido profundo, encerrado nas poucas palavras de que se compõe, escapa à maioria; os comentários feitos a respeito nem sempre estão presentes à memória, ou, mesmo, são desconhecidos pela maioria. Eis por que geralmente a dizem sem digerir o pensamento sobre as aplicações de cada uma de suas partes. Dizem-na como uma fórmula, cuja eficácia é proporcional ao número de vezes que é repetida. Ora, é quase sempre um dos números cabalísticos *três, sete ou nove*, tirados da antiga crença na virtude dos números, e ainda em uso nas operações de magia. Pensai ou não no que dizeis, mas repeti a prece tantas vezes, que isto basta. Enquanto o Espiritismo repele expressamente toda eficácia atribuída às palavras, aos sinais e às fórmulas, a Igreja se intromete indevidamente ao acusá-lo de ressuscitar as velhas crenças supersticiosas.

Todas as religiões antigas e pagãs tiveram sua língua sagrada, língua misteriosa, inteligível apenas aos iniciados, mas cujo sentido verdadeiro era oculto ao vulgo, que a respeitava tanto mais quanto menos a compreendia. Isto podia ser aceito na época da infância intelectual das massas; mas hoje, que estão espiritualmente emancipadas, as línguas místicas não têm mais razão de ser e constituem um anacronismo; querem ver tão claro nas coisas da religião quanto nas da vida civil; não se pede mais para crer e orar, mas se quer saber por que se crê e o que se pede orando.

O latim, de uso habitual nos primeiros tempos do Cristianismo, tornou-se para a Igreja a língua sagrada, e é por um resquício do antigo prestígio ligado a essas línguas, que a maioria dos que não o sabem recitam a oração dominical nessa língua, em vez de na sua própria. Dir-se-ia que ligam a isto tanto mais virtude quanto menos a compreendem. Por certo, não foi essa a intenção de Jesus quando a ditou, e tal não foi, igualmente, a de São Paulo, quando disse: “Se eu orar em outra língua, o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera.” Ainda se, por falta de inteligência, o coração orasse sempre, haveria apenas um mal menor; infelizmente, muitas vezes o coração não ora mais que o espírito. Se o coração realmente orasse, não se veria tanta gente, entre os que rezam muito, aproveitar tão pouco, não ser nem mais benevolente, nem mais caridosa, nem menos maledicente para com o próximo.

Feita esta ressalva, diremos que a melhor prece da manhã e da noite é, sem sombra de dúvida, a *Oração dominical*, dita com inteligência, de coração e não de lábios. Mas, para suprir o vácuo que a sua concisão deixa no pensamento, a ela acrescentamos, a conselho e com a assistência dos Espíritos bons, um desenvolvimento a cada proposição.

Conforme as circunstâncias e o tempo disponível, pode, pois, dizer-se a *Oração dominical* simples ou com os comentários. Também se podem acrescentar algumas das preces contidas na *Imitação do Evangelho*, tomadas entre as que não tenham um objetivo especial, por exemplo: a prece aos anjos-da-guarda e aos Espíritos protetores, nº 293; aquela para afastar os Espíritos maus, nº 297; para as pessoas que nos foram afeiçoadas, nº 358; para as almas sofredoras que pedem preces, nº 360, etc. Fique entendido que é sem prejuízo das preces especiais do culto ao qual se pertence por convicção, e ao qual o Espiritismo não manda renunciar.

Aos que nos pedem uma linha de conduta a seguir no que concerne às preces cotidianas, aconselhamos cada um a fazer sua própria coletânea, apropriada às circunstâncias em que se encontram, para si, para outrem ou para os que deixaram a Terra; de desenvolvê-las ou restringi-las, conforme a oportunidade.

Uma vez por semana, por exemplo, no domingo, pode-se consagrar a elas um tempo mais longo e dizer todas, seja em particular, seja em comum, se houver lugar, acrescentando algumas passagens da *Imitação do Evangelho* e a de algumas boas instruções, ditadas pelos Espíritos. Isto se dirige mais especialmente às pessoas repelidas pela Igreja por causa do Espiritismo, as quais se sentem, por isto mesmo, mais necessitadas de se unirem a Deus pelo pensamento.

Mas, salvo este caso, nada impede que os crentes, nos dias consagrados às cerimônias de seu culto, ali digam algumas das preces relacionadas com as crenças espíritas, ao mesmo tempo em que profere as suas. Isto não pode senão contribuir para elevar sua alma a Deus pela união do pensamento e das palavras. O Espiritismo é uma fé íntima; está no coração, e não nos atos exteriores; não impõe nenhuma que seja susceptível de escandalizar os que não partilham dessa crença; ao contrário, recomenda a sua abstenção, por espírito de caridade e de tolerância.

Em consideração e como aplicação das idéias precedentes, damos a seguir a *Oração dominical desenvolvida*. Se algumas pessoas julgassem que não era aqui o lugar para um documento desta natureza, nós lhes lembráramos que nossa *Revista* não é somente uma compilação de fatos, e que seu campo de ação abrange tudo quanto possa ajudar o desenvolvimento moral. Houve um tempo em que os casos de manifestações eram os únicos a interessar os leitores; mas hoje, que o objetivo sério e moralizador do Espiritismo é compreendido e apreciado, a maioria dos adeptos ali procura mais o que toca o coração do que o que agrada o espírito. É, pois, a estes, que nos dirigimos nesta

circunstância. Por esta publicação, sabemos ser agradável a um grande número, se não a todos. Só isto nos moveu, se outras considerações, sobre as quais devemos guardar silêncio, não nos tivessem determinado a fazê-lo neste momento, e não em outro.

ORAÇÃO DOMINICAL DESENVOLVIDA¹⁶

I. Pai Nosso, que estás no céu, santificado seja o teu nome!

Creemos em ti, Senhor, porque tudo revela o teu poder e a tua bondade. A harmonia do Universo dá testemunho de uma sabedoria, de uma prudência e de uma providência que ultrapassam todas as faculdades humanas. Em todas as obras da Criação, desde o raminho de erva minúscula e o inseto pequenino, até os astros que se movem no espaço, acha-se inscrito o nome de um ser soberanamente grande e sábio. Por toda parte se nos depara a prova de paternal solicitude. Cego, portanto, é aquele que te não reconhece nas tuas obras, orgulhoso aquele que te não glorifica e ingrato aquele que te não rende graças.

II. Venha o teu reino!

Senhor, destes aos homens leis plenas de sabedoria e que lhes dariam a felicidade, se eles as cumprissem. Com essas leis, fariam reinar entre si a paz e a justiça e mutuamente se auxiliariam, em vez de se maltratarem, como o fazem. O forte sustentaria o fraco, em vez de o esmagar. Evitados seriam os males, que se geram dos excessos e dos abusos. Todas as misérias deste mundo provêm da violação de tuas leis, porquanto nenhuma infração delas deixa de ocasionar fatais conseqüências.

Deste ao bruto o instinto, que lhe traça o limite do necessário, e ele maquinalmente se conforma; ao homem, no

16 N. do T.: Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XXVIII, item 3.

entanto, além desse instinto, deste a inteligência e a razão; também lhe deste a liberdade de cumprir ou infringir aquelas das tuas leis que pessoalmente lhe concernem, isto é, a liberdade de escolher entre o bem e o mal, a fim de que tenha o mérito e a responsabilidade das suas ações.

Ninguém pode pretextar ignorância das tuas leis, pois, com paternal providência, quiseste que elas se gravassem na consciência de cada um, sem distinção de cultos, nem de nações. Se as violam, é porque as desprezam.

Dia virá em que, segundo a tua promessa, todos as praticarão. A incredulidade, então, terá desaparecido. Todos te reconhecerão por soberano Senhor de todas as coisas, e o reinado das tuas leis será o teu reino na Terra.

Digna-te, Senhor, de apressar-lhe o advento, outorgando aos homens a luz necessária, que os conduza ao caminho da verdade.

III. Faça-se a tua vontade, assim na Terra como no Céu.

Se a submissão é um dever do filho para com o pai, do inferior para com o seu superior, quão maior não deve ser a da criatura para com o seu Criador! Fazer a tua vontade, Senhor, é observar as tuas leis e submeter-se, sem queixumes, aos teus decretos. O homem a ela se submeterá, quando compreender que és a fonte de toda a sabedoria e que sem ti ele nada pode. Fará, então, a tua vontade na Terra, como os eleitos a fazem no Céu.

IV. Dá-nos o pão de cada dia.

Dá-nos o alimento indispensável à sustentação das forças do corpo; mas, dá-nos também o alimento espiritual para o desenvolvimento do nosso Espírito.

O bruto encontra a sua pastagem; o homem, porém, deve o sustento à sua própria atividade e aos recursos da sua inteligência, porque o criaste livre.

Tu lhe hás dito: “Tirarás da terra o alimento com o suor da tua frente.” Desse modo, fizeste do trabalho, para ele, uma obrigação, a fim de que exercitasse a inteligência na procura dos meios de prover às suas necessidades e ao seu bem-estar, uns mediante o labor manual, outros pelo labor intelectual. Sem o trabalho, ele se conservaria estacionário e não poderia aspirar à felicidade dos Espíritos superiores.

Ajudas o homem de boa vontade que em ti confia, pelo que concerne ao necessário; não, porém, àquele que se compraz na ociosidade e desejara tudo obter sem esforço, nem àquele que busca o supérfluo.

Quantos e quantos sucumbem por culpa própria, pela sua incúria, pela sua imprevidência, ou pela sua ambição e por não terem querido contentar-se com o que lhes havias concedido! Esses são os artífices do seu infortúnio e carecem do direito de queixar-se, pois que são punidos naquilo em que pecaram. Mas, nem a esses mesmos abandonas, porque és infinitamente misericordioso. Estende-lhes as mãos para socorrê-los, desde que, como o filho pródigo, se voltem sinceramente para ti.

Antes de nos queixarmos da sorte, inquiramos de nós mesmos se ela não é obra nossa. A cada desgraça que nos chegue, cuidemos de saber se não teria estado em nossas mãos evitá-la. Consideremos também que Deus nos outorgou a inteligência para tirar-nos do lameiro, e que de nós depende o modo de a utilizarmos.

Pois que à lei do trabalho se acha submetido o homem da Terra, dá-nos coragem e forças para obedecer a essa lei. Dá-nos

também a prudência, a providência e a moderação, a fim de não perdermos o respectivo fruto.

Dá-nos, pois, Senhor, o pão de cada dia, isto é, os meios de adquirirmos, pelo trabalho, as coisas necessárias à vida, porquanto ninguém tem o direito de reclamar o supérfluo.

Se trabalhar nos é impossível, à tua divina providência nos confiamos.

Se está nos teus desígnios experimentar-nos pelas mais duras provações, a despeito dos nossos esforços, aceitamo-las como justa expiação das faltas que tenhamos cometido nesta existência, ou noutra anterior, porquanto és justo. Sabemos que não há penas imerecidas e que jamais castigas sem causa.

Preserva-nos, ó meu Deus, de invejar os que possuem o que não temos, nem mesmo os que dispõem do supérfluo, ao passo que a nós nos falta o necessário. Perdoa-lhes, se esquecem a lei de caridade e de amor do próximo, que lhes ensinaste.

Afasta, igualmente, do nosso espírito a idéia de negar a tua justiça, ao notarmos a prosperidade do mau e a desgraça que cai por vezes sobre o homem de bem. Já sabemos, graças às novas luzes que te aprouve conceder-nos, que a tua justiça se cumpre sempre e a ninguém excetua; que a prosperidade material do mau é efêmera, quanto a sua existência corpórea, e que experimentará terríveis reveses, ao passo que eterno será o júbilo daquele que sofre resignado.

V. Perdoa as nossas dívidas, como perdoamos aos que nos devem. – Perdoa as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos ofenderam.

Cada uma das nossas infrações às tuas leis, Senhor, é uma ofensa que te fazemos e uma dívida que contraímos e que

cedo ou tarde teremos de saldar. Rogamos-te que no-las perdoes pela tua infinita misericórdia, sob a promessa, que te fazemos, de empregarmos os maiores esforços para não contrair outras.

Tu nos impuseste por lei expressa a caridade; mas, a caridade não consiste apenas em assistirmos os nossos semelhantes em suas necessidades; também consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. Com que direito reclamaríamos a tua indulgência, se dela não usássemos para com aqueles que nos hão dado motivo de queixa?

Concede-nos, ó meu Deus, forças para apagar de nossa alma todo ressentimento, todo ódio e todo rancor. Faze que a morte não nos surpreenda guardando no coração desejos de vingança. Se te aprouver tirar-nos hoje mesmo deste mundo, faze que nos possamos apresentar, diante de ti, puros de toda animosidade, a exemplo do Cristo, cujos últimos pensamentos foram em prol dos seus algozes.

Constituem parte das nossas provas terrenas as perseguições que os maus nos infligem. Devemos, então, recebê-las sem nos queixarmos, como todas as outras provas, e não maldizer dos que, por suas maldades, nos rasgam o caminho da felicidade eterna, visto que nos disseste, por intermédio de Jesus: “Bem-aventurados os que sofrem pela justiça!” Bendigamos, portanto, a mão que nos fere e humilha, uma vez que as mortificações do corpo nos fortificam a alma e que seremos exalçados por efeito da nossa humildade. Bendito seja teu nome, Senhor, por nos teres ensinado que nossa sorte não está irrevogavelmente fixada depois da morte; que encontraremos, em outras existências, os meios de resgatar e de reparar nossas culpas passadas, de cumprir em nova vida o que não podemos fazer nesta, para nosso progresso.

Assim se explicam, afinal, todas as anomalias aparentes da vida. É a luz que se projeta sobre o nosso passado e o nosso

futuro, sinal evidente da tua justiça soberana e da tua infinita bondade.

VI. Não nos deixes entregues à tentação, mas livra-nos do mal.

Dá-nos, Senhor, a força de resistir às sugestões dos Espíritos maus, que tentem desviar-nos da senda do bem, inspirando-nos maus pensamentos.

Mas, somos Espíritos imperfeitos, encarnados na Terra para expiar nossas faltas e melhorar-nos. Em nós mesmos está a causa primária do mal e os Espíritos maus mais não fazem do que aproveitar os nossos pendores viciosos, em que nos entretêm para nos tentarem.

Cada imperfeição é uma porta aberta à influência deles, ao passo que são impotentes e renunciam a toda tentativa contra os seres perfeitos. É inútil tudo o que possamos fazer para afastá-los, se não lhes opusermos decidida e inabalável vontade de permanecer no bem e absoluta renúncia ao mal. Contra nós mesmos, pois, é que precisamos dirigir os nossos esforços e, se o fizermos, os Espíritos maus naturalmente se afastarão, ao passo que o bem os repele.

Senhor, ampara-nos em nossa fraqueza; inspira-nos, pelos nossos anjos guardiães e pelos Espíritos bons, a vontade de nos corrigirmos de todas as imperfeições a fim de obstartmos aos Espíritos maus o acesso à nossa alma.

O mal não é obra tua, Senhor, porquanto o manancial de todo o bem nada de mau pode gerar. Somos nós mesmos que criamos o mal, infringindo as tuas leis e fazendo mau uso da liberdade que nos outorgaste. Quando os homens as cumprirmos, o mal desaparecerá da Terra, como já desapareceu de mundos mais adiantados que o nosso.

O mal não constitui para ninguém uma necessidade fatal e só parece irresistível aos que nele se comprazem. Desde que temos vontade para o fazer, também podemos ter a de praticar o bem, pelo que, ó meu Deus, pedimos a tua assistência e a dos Espíritos bons, a fim de resistirmos à tentação.

VII. Assim seja.

Praza-te, Senhor, que os nossos desejos se efetivem. Mas, curvamo-nos perante a tua sabedoria infinita. Que em todas as coisas que nos escapam à compreensão se faça a tua santa vontade e não a nossa, pois somente queres o nosso bem e, melhor do que nós, sabes o que nos convém.

Dirigimos-te esta prece, ó Deus, por nós mesmos e também por todas as almas sofredoras, encarnadas e desencarnadas, pelos nossos amigos e inimigos, por todos os que solicitem a nossa assistência.

Para todos suplicamos a tua misericórdia e a tua bênção.

Nota – Aqui podem formular-se os agradecimentos que se queiram dirigir a Deus e o que se deseje pedir para si mesmo ou para outrem.

Questões e Problemas

DESTRUIÇÃO DOS ABORÍGENES DO MÉXICO¹⁷

Escrevem-nos de Bordeaux:

“Lendo no *Civilisateur*, de Lamartine, as cartas de Cristóvão Colombo sobre o estado do México no momento da descoberta, chamou-nos particularmente a atenção a seguinte passagem:

¹⁷ *Nota da Editora:* Ver “Nota Explicativa”, p. 537.

“A Natureza, diz Colombo, ali é tão pródiga que a propriedade não criou o sentimento de avareza ou de cupidez. Esses homens parecem viver numa idade de ouro, felizes e tranqüilos em meio de jardins abertos e sem limites, que não são nem cercados por fossos, nem divididos por paliçadas, nem defendidos por muros. Agem lealmente um para com o outro, sem lei, sem livros, sem juízes. Olham como um homem mau aquele que se compraz em prejudicar o outro. Este horror dos bons contra os maus parece ser toda a sua legislação.

“Sua religião é apenas o sentimento de inferioridade, de reconhecimento e de amor ao Ser Invisível que lhes havia prodigalizado a vida e a felicidade.

“Não há no Universo melhor nação nem melhor país; amam seus vizinhos como a si mesmos; têm sempre uma linguagem suave e graciosa e o sorriso da ternura nos lábios. Andam nus, é verdade, mas vestidos de candura e de inocência.”

“Conforme este quadro, esses povos eram infinitamente superiores, não só aos seus invasores, mas o seriam ainda hoje, em comparação aos povos dos países mais civilizados. Os espanhóis nada tomaram de suas virtudes e os contaminaram com os seus vícios; em troca de sua boa acolhida, não lhes trouxeram senão a escravidão e a morte. Esses infelizes foram, em grande parte, exterminados, e o pouco que deles resta perverteu-se ao contato dos conquistadores.

“Diante desses resultados, pergunta-se:

“Onde está o progresso, e que benefício moral colheu a Humanidade de tanto sangue derramado? Não teria sido melhor que a velha Europa ignorasse o Novo Mundo, tão feliz antes dessa descoberta?

“A essa pergunta, assim respondeu meu guia espiritual:

“Nós te responderíamos com prazer, se teu Espírito se achasse em condições de tratar, neste momento, de assunto tão sério, que exige alguns desenvolvimentos espiritual-filosóficos. Dirige-te a Kardec. Esta ordem de idéias já foi debatida, mas a ela voltarão de maneira mais lúcida do que poderias fazê-lo, porque sempre tens o espírito tenso e o ouvido à espreita. É uma consequência de tua posição atual e a ela te deves submeter.”

Disto resulta uma primeira instrução, a de que não basta ser médium, mesmo formado e desenvolvido, para obter à vontade comunicações sobre o primeiro assunto que surgir. Aquele fez suas provas, mas, no momento, seu próprio Espírito, fortemente e penosamente preocupado com outras coisas, não dispunha da calma necessária. É assim que mil circunstâncias podem opor-se ao exercício da faculdade mediúnica; nem por isso a faculdade deixa de subsistir, mas nada é, sem o concurso dos Espíritos, que lhe dão ou lhe recusam, conforme julgam conveniente, e isto, muitas vezes, no interesse do próprio médium.

Quanto à questão principal, eis a resposta obtida na Sociedade de Paris:

(8 de julho de 1864 – Médium: Sr. d'Ambel)

“Sob as aparências de uma certa bondade natural, e com costumes mais suaves que virtuosos, os incas viviam indolentemente, sem progredir nem se elevar. Faltava a luta a essas raças primitivas; e se batalhas sangrentas não os dizimavam; se uma ambição individual aí não exercia uma pressão soberana para lançar aquelas populações a guerras de conquistas, nem por isso eram menos atingidas pelo perigoso vírus que levava sua raça à extinção. Era preciso retemperar as fontes vitais desses incas degenerados, dos quais os astecas representavam a decadência fatal, que deveria ferir todos aqueles povos. A essas causas inteiramente fisiológicas,

se juntarmos as causas morais, notaremos que o nível das ciências e das artes ali tinha igualmente ficado em prolongada infância. Havia, pois, utilidade de pôr essas regiões pacíficas no mesmo nível das raças ocidentais. Hoje se julga a raça desaparecida, porque se fundiu com a família dos conquistadores espanhóis. Dessa raça cruzada surgiu uma nação nova e vivaz que, por um vigoroso impulso, não tardará a alcançar os povos do velho continente. Que resta de tanto sangue derramado? perguntam de Bordeaux. Primeiro, o sangue derramado não foi tão considerável quanto se poderia crer. Perante as armas de fogo e alguns soldados de Pizarro, toda a nação invadida se submeteu como se estivesse diante de semideuses, saídos das águas. É quase um episódio da mitologia antiga, e essa raça indígena é, sob vários aspectos, semelhante às que defendiam o Tosão de Ouro.”

A essa judiciosa explicação acrescentaremos algumas reflexões:

Do ponto de vista antropológico, a extinção das raças é um fato positivo. Do ponto de vista da filosofia, ainda é um problema. Do ponto de vista da religião, o fato é inconciliável com a justiça de Deus, se se admitir para o homem uma única existência corpórea a decidir o seu futuro para a eternidade. Com efeito, as raças que se extinguem são sempre raças inferiores às que as sucedem; podem ter na vida futura uma posição idêntica à das raças mais aperfeiçoadas? O simples bom-senso repele esta idéia, pois, do contrário, o trabalho que fazemos para nos melhorarmos seria inútil, e tanto faria ficarmos selvagens. A não-preexistência da alma implica forçosamente, para cada raça, a criação de novas almas, mais perfeitas, ao saírem das mãos do Criador, hipótese incompatível com o princípio de toda justiça. Ao contrário, tudo se explica se admitirmos um mesmo ponto de partida para todas e uma sucessão de existências progressivas.

Na extinção das raças, em geral só se leva em conta o ser material, o único que se destrói, enquanto se esquece o ser

espiritual, que é indestrutível e apenas muda de vestimenta, porque o primeiro não estava mais em relação com o seu desenvolvimento moral e intelectual. Suponhamos toda a raça negra destruída: não será destruída senão a vestimenta negra; mas o Espírito, que vive sempre, revestirá, inicialmente, um corpo intermediário entre o negro e o branco e, mais tarde, um corpo branco. É assim que o ser, colocado no último degrau da Humanidade, atingirá, num dado tempo, a soma das perfeições compatíveis com o estado do nosso globo.

Não convém perder de vista que a extinção das raças só alcança o corpo, em nada afetando o Espírito; este, longe de sofrer com isto, ganha um instrumento mais aperfeiçoado, provido de recursos cerebrais que respondem a um maior número de faculdades. O Espírito de um selvagem, encarnado no corpo de um cientista europeu, não seria mais sábio nem saberia o que fazer de seu instrumento, cujas fibras inativas se atrofiariam; o Espírito de um cientista, encarnado no corpo de um selvagem, aí seria como um grande pianista, ante um piano ao qual faltasse a maioria das cordas. Esta tese foi desenvolvida num artigo da *Revista* do mês de abril de 1862, sobre *a perfectibilidade da raça negra*.

A raça branca caucásica é, sem contradita, a que ocupa o primeiro lugar na Terra. Mas terá atingido o apogeu da perfeição? Todas as faculdades da alma estarão nela representadas? Quem ousaria dizê-lo? Suponhamos, então, que, progredindo continuamente, os Espíritos dessa raça acabassem não mais achando espaço físico: tal raça desapareceria para dar lugar a outra, de uma organização mais bem dotada. Assim o quer a lei do progresso. Já não se vêem, na raça branca, nuances bem marcantes, como desenvolvimento moral e intelectual? Podemos ficar certos de que os mais adiantados absorverão os outros.

O desaparecimento das raças opera-se de duas maneiras: numas, pela extinção natural, em conseqüência de

condições climáticas e do abastardamento, quando ficam isoladas; noutras, pelas conquistas e pela dispersão que resultam dos cruzamentos. Sabe-se que da raça negra e da raça branca saiu uma raça intermediária, muito superior à primeira, e que é como que um degrau para os Espíritos desta. Depois, a fusão do sangue dá lugar à aliança dos Espíritos, dos quais os mais avançados auxiliam o progresso dos outros. A respeito, quem pode prever as conseqüências da última guerra da China? as modificações que se vão produzir nesse país, por tanto tempo estagnado, os novos elementos fisiológicos e psicológicos levados para lá? Em alguns séculos talvez não seja mais reconhecível do que o México de hoje, comparado com o do tempo de Colombo.

Quanto aos indígenas do México, diremos, como Erasto, que neles havia costumes mais suaves que virtudes, e acrescentamos que, por certo, poetizaram em demasia a sua pretensa idade de ouro. Ensina-nos a história da conquista que se guerreavam entre si, o que não indica um grande respeito pelos direitos dos vizinhos. Sua idade de ouro era a da infância; hoje estão no entusiasmo da juventude; mais tarde atingirão a idade viril. Se ainda não possuem a virtude dos sábios, adquiriram a inteligência que a ela os conduzirá, quando estiverem maduros pela experiência. Mas são necessários séculos para a educação dos povos; ela não se opera senão pela transformação de seus elementos constitutivos. A França seria o que é hoje sem a conquista dos romanos? E os bárbaros se teriam civilizado se não tivessem invadido a Gália? A sabedoria gaulesa e a civilização romana, unidas ao vigor dos povos do Norte, fizeram o povo francês atual.

Sem dúvida é penoso pensar que o progresso, por vezes, precisa de destruição. Mas é preciso destruir os velhos casebres e substituí-los por casas novas, mais belas e mais cômodas. Aliás, é preciso levar em conta o estado atrasado do globo, onde a Humanidade está apenas no progresso material e intelectual. Quando entrar no do progresso moral e espiritual, as necessidades

morais suplantarão as necessidades materiais. Os homens serão governados segundo a justiça e não mais terão de reivindicar seu lugar à força; então a guerra e a destruição não mais terão razão de ser. Até lá, a luta é consequência de sua inferioridade moral.

Vivendo mais material que espiritualmente, o homem só encara as coisas do ponto de vista atual e material; por conseguinte, de um ponto limitado. Até agora, ignorou que o papel capital pertence ao Espírito; viu os efeitos, mas não conheceu as causas, razão por que, durante tanto tempo, extraviou-se nas ciências, nas suas instituições e nas suas religiões. O Espiritismo, ao ensinar-lhe a participação do elemento espiritual em todas as coisas do mundo, amplia o seu horizonte e muda o curso de suas idéias; abre a era do progresso moral.

Correspondência

RESPOSTA DO REDATOR DO *VÉRITÉ* À RECLAMAÇÃO DO ABADE BARRICAND

Caro Senhor Allan Kardec,

Faréis a gentileza de inserir algumas linhas no próximo número de vossa *Revista*?

Fiquei deveras surpreso ao abrir o último número do vosso jornal (julho de 1864) e aí encontrar uma carta assinada Barricand, na qual esse teólogo investe contra mim a propósito de um relato que publiquei sobre um de seus cursos antiespíritas (*Vérité* de 10 de abril de 1864).

As observações muito judiciosas, que fizestes acompanhar esse inqualificável e muito tardio protesto, certamente me teriam dispensado de o responder pessoalmente, se não tivesse temido que, aos olhos de alguns, o meu silêncio passasse por uma derrota ou um erro. Declaro com todas as letras que minha

consciência não poderia associar-se à grave censura que ele me fez de haver fantasiado, *falsificado* o curso de que se trata. Eu o afirmo perante Deus: Se nem sempre reproduzi as mesmas frases, as mesmas palavras pronunciadas por meu contraditor, continuo *convicto* de lhes haver dado o verdadeiro sentido.

Depois disto, que a alta inteligência do abade Barricand julgue a minha muito ínfima ou muito pesada para ter podido captar o verdadeiro tema de seu discurso, através de caminhos sinuosos, mas floridos, por onde passeou; que o abade Barricand tire desta premissa a indução que, em semelhante circunstância, não me é mais permitido afirmar nem infirmar; palavra de honra, é bem possível! Neste caso, e para ser fiel aos meus princípios de tolerância, eu quase consentiria em me censurar por haver defendido o *Vérité* e os outros jornais espíritas contra acusações ilusórias, nascidas de meu cérebro em delírio; em me bater no peito por haver compreendido que, em vez de dobrar a finados sobre as nossas cabeças, contentavam-se, ao que parece, em nos tomar o pulso.

Assim se apaziguará, espero, a ira do Sr. deão da Faculdade de Teologia; desse modo serão reabilitados, aos olhos do mundo, a sua pessoa e o seu ensino.

Aceitai, etc.

E. Edoux,
Diretor do Vérité

Conversas de Além-Túmulo

JULIENNE-MARIE, A MENDIGA

Na comuna da Villatte, perto de Nozai (Loire-Inférieure), havia uma pobre mulher chamada Julienne-Marie, velha, enferma,

e que vivia da caridade pública. Um dia caiu num pântano, de onde foi retirada pelo Sr. Aubert, habitante da região, que habitualmente lhe prestava socorro. Transportada ao seu domicílio, morreu pouco tempo depois, em consequência do acidente. Era opinião geral que ela quisera suicidar-se. No mesmo dia de seu falecimento o Sr. Aubert, que é espírita e médium, sentiu sobre toda a sua pessoa como que o roçar de alguém que estivesse ao seu lado, sem, todavia, explicar a sua causa. Quando soube da morte de Julienne-Marie, veio-lhe o pensamento de que talvez o seu Espírito tivesse vindo visitá-lo.

Seguindo o conselho de um de seus amigos, o Sr. Cheminant, membro da Sociedade Espírita de Paris, ao qual havia contado o que se passara, fez a evocação dessa mulher, com o objetivo de lhe ser útil, não sem antes se aconselhar com seus guias protetores, dos quais recebeu a seguinte resposta:

“Tu podes e isto lhe dará prazer, embora seja inútil o serviço que te propões prestar. Ela é feliz e inteiramente devotada aos que lhe foram compassivos. És um de seus bons amigos; ela quase não te deixa e, sem que o percebas, muitas vezes se entretém contigo. Mais cedo ou mais tarde os serviços prestados serão recompensados, se não pelo favorecido, por aqueles que por ele se interessam, antes e depois de sua morte. Quando o Espírito não teve tempo de se reconhecer, outros Espíritos simpáticos, em seu nome, testemunham todo o seu reconhecimento. Eis o que explica o que sentiste no dia de sua morte. Agora é ela quem te ajuda no bem que queres fazer. Lembra-te do que disse Jesus: ‘Aquele que se humilhar será exaltado.’ Terás a medida do serviço que ela te pode prestar, se, contudo, só lhe pedires assistência para ser útil a teu próximo.”

Evocação – Bondosa Julienne-Marie, sois feliz; eis tudo quanto eu queria saber. Isto não me impedirá de pensar em vós muitas vezes e de jamais vos esquecer em minhas preces.

Resp. – Tem confiança em Deus; inspira aos teus doentes uma fé sincera e triunfarás quase sempre. Não te ocupes jamais com a recompensa que disso virá, pois ela ultrapassará a tua expectativa. Deus sabe sempre recompensar como merece aquele que se dedica ao alívio de seus semelhantes e vota às suas ações um completo desinteresse. Sem isto, tudo não passa de ilusão e quimera. Antes de tudo é preciso ter fé, do contrário, nada. Lembra-te desta máxima e ficarás admirado dos resultados que obterás. Os dois doentes que curaste disso são a prova; nas circunstâncias em que se encontravam, com os remédios simples terias falhado.

Quando pedires a Deus permissão para que os Espíritos bons derramem sobre ti seus fluidos benfazejos, se o pedido não te fizer sentir um sobressalto involuntário, é que tua prece não foi bastante fervorosa para ser ouvida; ela só o será nas condições que te assinalo. É o que tens experimentado quando dizes do fundo do coração: “Deus Todo-Poderoso, Deus misericordioso, Deus de bondade sem limites, acolhei a minha prece e permiti que os Espíritos bons me assistam na cura de...; tende piedade dele, meu Deus, e restitui-lhe a saúde; sem vós nada posso. Que se faça a vossa vontade.”

Fizestes bem em não desprezar os humildes. A voz do que sofreu e suportou com resignação as misérias deste mundo é sempre ouvida; e, como vês, um serviço prestado sempre recebe a sua recompensa.

Agora, uma palavra a meu respeito; isto te confirmará o que foi dito acima.

O Espiritismo te explica minha linguagem como Espírito. Não preciso entrar em detalhes a respeito. Também creio ser inútil dar-te a conhecer a minha existência anterior. A posição em que me conhecestes na Terra deve fazer-te compreender e

apreciar minhas outras existências, que nem sempre foram irrepreensíveis. Votada a uma vida de miséria, enferma e não podendo trabalhar, mendiguei a vida toda. Não entesourei; na velhice minhas pequenas economias limitavam-se a uma centena de francos, que reservava para quando as pernas não me pudessem transportar. Deus julgou a minha provação e expiação suficiente e lhes pôs um termo, livrando-me, sem sofrimento, da vida terrena; porque eu não me suicidei, como a princípio pensaram. Caí fulminada à borda do pântano, no momento em que dirigia minha última prece a Deus. O declive do terreno foi a causa da presença de meu corpo na água. Não sofri; estou feliz por ter podido cumprir minha missão sem entraves e com resignação. Tornei-me útil, na medida de minhas forças e de minhas possibilidades, e evitei fazer mal ao próximo. Hoje recebo a recompensa e dou graças a Deus, nosso divino Senhor que, no castigo que inflige, suaviza a amargura fazendo-nos esquecer, durante a vida, as nossas antigas existências, e pondo em nosso caminho almas caridosas, para nos ajudarem a suportar o fardo de nossos erros passados.

Persevera também e, como eu, serás recompensado.

Agradeço-te as boas preces e o serviço que me prestaste. Jamais o esquecerei. Um dia nos reveremos e muitas coisas ser-te-ão explicadas; no momento seriam supérfluas. Basta saberes que te sou muito devotada, muitas vezes estou junto de ti e sempre que necessitares de mim, para o alívio dos que sofrem.

A pobrezinha **Julienne-Marie**

Tendo sido evocado na Sociedade de Paris, a 10 de junho de 1864 (médium: Sra. Patet), o Espírito Julienne-Marie ditou a seguinte comunicação:

Obrigado porque me admitistes em vosso meio, caro presidente; sentistes bem que minhas existências anteriores foram mais elevadas do ponto de vista social; e, se voltei para sofrer a

prova da pobreza, era para me punir de um vão orgulho, que me fazia repelir quem fosse pobre e miserável. Então sofri essa lei justa de talião, que me tornou a mais horrenda mendiga desta região; mas, como que para me provar a bondade de Deus, eu não era repelida por todos; isto era todo o meu medo. Suportei minha prova sem murmurar, pressentindo uma vida melhor, de onde não devia mais voltar a esta Terra de exílio e de calamidade. Que felicidade o dia em que nossa alma, ainda jovem, puder entrar na vida espiritual para rever os seres amados! porque, eu também, amei e sou feliz por ter encontrado os que me precederam. Obrigado a esse bom Aubert; ele me abriu a porta do reconhecimento; sem a sua mediunidade eu não lhe poderia agradecer e provar-lhe que minha alma não esquece as felizes influências de seu bom coração e recomendar-lhe que propague sua divina crença. Ele é chamado a recolher as almas transviadas; que se convença bem do meu apoio. Sim, eu lhe posso retribuir ao cêntuplo o que ele me fez, instruindo-o na via que seguis. Agradecei ao Senhor o me haver permitido que os Espíritos vos possam dar instruções para encorajar o pobre em suas penas e deter o rico em seu orgulho. Sabei compreender a vergonha que há em repelir um infeliz; que eu vos sirva de exemplo, a fim de que eviteis, como eu, de vir expiar as vossas faltas nessas dolorosas posições sociais, que vos colocam tão baixo e vos fazem a escória da sociedade.

Julienne-Marie

Observação – Este caso está cheio de ensinamentos para quem quer que medite as palavras deste Espírito nestas duas comunicações. Todos os grandes princípios do Espiritismo aí se acham reunidos. Desde a primeira, o Espírito revela a sua superioridade pela linguagem; como fada benfeitora, vem proteger aquele que não a rejeitou em seus farrapos de miséria. É uma aplicação destas máximas do Evangelho: “Os grandes serão humilhados e os pequenos serão exaltados; bem-aventurados os

humildes; bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados; não desprezeis os pequenos, pois quem é pequeno neste mundo talvez seja maior do que credes.” Que os que negam a reencarnação como contrária à justiça de Deus, expliquem a posição dessa mulher, condenada à infelicidade desde o nascimento, por suas enfermidades, se não por uma vida anterior!

Transmitida esta comunicação ao Sr. Aubert, ele obteve, por sua vez, a que segue, que vem confirmar a anterior:

P. – Boa Julienne-Marie, já que quereis ajudar-me com os vossos bons conselhos, a fim de me fazer progredir na via da nossa divina doutrina, tende a bondade de vos comunicardes comigo. Envidarei todos os esforços para tirar proveito dos vossos ensinamentos.

Resp. – Lembra-te da recomendação que te vou fazer e dela jamais te afastes. Sê sempre caridoso, na medida de tuas possibilidades; compreendes a caridade suficientemente tal qual deve ser praticada em todas as posições da vida terrena. Não preciso, pois, vir dar-te um ensinamento a respeito; serás tu mesmo o melhor juiz, seguindo, contudo, a voz da consciência, que jamais te enganará, quando a escutares sinceramente.

Não te iludas quanto às missões que tens a cumprir na Terra; pequenos e grandes têm a sua; a minha foi muito penosa, mas eu merecia semelhante punição, por minhas existências precedentes, conforme o confessei ao bom presidente da sociedade mãe de Paris, à qual todos vos reunireis um dia. Esse dia não está tão longe quanto pensas; o Espiritismo marcha a passos de gigante, a despeito de tudo quanto têm feito para o entravar. Marchai, pois, todos sem medo, fervorosos adeptos da doutrina, e vossos esforços serão coroados de sucesso. Pouco vos importe o que disserem de vós. Colocai-vos acima de uma crítica irrisória, que cairá sobre os adversários do Espiritismo.

Os orgulhosos! eles se julgam fortes e pensam abater-vos facilmente. Vós, meus bons amigos, ficai tranqüilos e não temais vos medir com eles. Eles são mais fáceis de vencer do que imaginais; muitos dentre eles têm medo e temem que a verdade, enfim, lhes venha ofuscar os olhos. Esperai; eles virão, por sua vez, ajudar no coroamento do edifício.

Julienne-Marie

Notas Bibliográficas¹⁸

L'AVENIR,

Monitor do Espiritismo

Durante muito tempo batalhamos quase sozinhos para sustentar a luta tramada contra o Espiritismo. Eis, porém, que surgiram campeões de diversos lados e entraram corajosamente na liça, como para dar um desmentido aos que pretendem que o Espiritismo se vai. Primeiro, o *Vérité*, em Lyon; depois, o *Ruche*, o *Sauveur* e a *Lumière*, em Bordeaux; a *Revue Spirite d'Anvers*, na Bélgica; os *Annales du Spiritisme en Italie*, em Turim. Temos a satisfação de dizer que todos empunham bravamente a bandeira, e provaram aos nossos adversários que achariam com quem contar. Se fazemos justos elogios à firmeza de que esses jornais deram prova, por suas refutações cheias de lógica, devemos, sobretudo, elogiá-los por não se terem afastado da moderação, que é o caráter essencial do Espiritismo e, ao mesmo tempo, a prova de sua verdadeira força; por não terem seguido os nossos antagonistas no terreno do personalismo e da injúria, sinal incontestável de fraqueza, porquanto não se chega a tal extremo senão quando se

¹⁸ Vide, mais adiante, os anúncios detalhados a respeito das diversas obras sobre o Espiritismo.

está necessitado de boas razões. Aquele que está de posse de argumentos sérios os faz valer; não os substitui ou se guarda de os enfraquecer por uma linguagem indigna de uma boa causa.

Em Paris, um recém-vindo se apresenta sob o título desprezioso de *Avenir, Moniteur du Spiritisme*. A maioria de nossos leitores já o conhece, bem como o seu redator-chefe, o Sr. d'Ambel, e o puderam julgar por suas primeiras armas. A melhor publicidade é provar o que se pode fazer; depois, o grande júri da opinião pronuncia o veredicto. Ora, não duvidamos que este lhe seja favorável, a julgar pela acolhida simpática recebida por ocasião de seu aparecimento.

A ele, pois, também as nossas simpatias pessoais, conquistadas previamente por todas as publicações susceptíveis de servir valiosamente à causa do Espiritismo; porque não poderíamos conscientemente apoiar, nem encorajar, aqueles que, pela forma ou pelo fundo, voluntariamente ou por imprudência, lhe fossem mais prejudiciais do que úteis, iludindo a opinião quanto ao verdadeiro caráter da doutrina, ou oferecendo combustível aos ataques e às críticas fundadas dos nossos inimigos. Em semelhante caso, a intenção não pode ser julgada pelo fato.

CARTAS SOBRE O ESPIRITISMO

Escritas aos eclesiásticos pela Sra. J. B., com esta epígrafe de circunstância, que é um sinal característico de nossa época

Tenho ainda muitas coisas a vos dizer, mas não o podeis suportar. Quando, porém, vier o Espírito de Verdade, ele vos ensinará toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. E quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo. (São João, 16:12, 13 e 8).

As reflexões que fizemos acima, a propósito do *Avenir*, não se aplicam apenas às folhas periódicas, mas às publicações de

qualquer outra natureza, volumes ou brochuras, cujo número se multiplica incessantemente, e cujos autores são igualmente campeões que participam da luta e trazem a sua pedra ao edifício. Saudação fraterna de boas-vindas a todos esses defensores, homens e mulheres que, sacudindo o jugo dos velhos preconceitos, içam a bandeira sem segunda intenção pessoal, sem outro interesse que o do bem geral e fazem retinir o grito libertador e emancipador da Humanidade: *Fora da caridade não há salvação!* Apenas pronunciado esse grito pela primeira vez e cada um compreendeu que encerrava toda uma revolução moral, desde há muito tempo pressentida e desejada, e que encontrou ecos simpáticos nas cinco partes do mundo. Foi saudado como a aurora de um futuro venturoso e, em poucos meses, tornou-se a contra-senha de todos os espíritas sinceros. É que, após uma luta tão grande e tão cruel contra o egoísmo, enfim deixava entrever o reino da fraternidade.

A brochura que aqui anunciamos é devida a uma senhora, membro da Sociedade Espírita de Paris, excelente médium, chefe de um grupo particular admiravelmente dirigido e a quem não se poderia censurar senão um excesso de modéstia, se excesso pudesse haver no bem. Se só assinou seu escrito por iniciais, por certo pensou que um nome desconhecido não é uma recomendação; além do mais, não tem a menor intenção de se apresentar como escritora. Mas nem por isso deixa de ter a coragem da opinião, que não é mistério para ninguém.

A Sra. J. B. é sinceramente católica, mas católica muito esclarecida, o que diz tudo. Sua brochura é escrita desse ponto de vista e, por isto mesmo, dirige-se principalmente aos membros do clero. É impossível refutar com mais talento, elegância na forma, moderação e lógica, os argumentos que uma fé exclusiva e cega contrapõe às idéias novas. Recomendamos esse interessante trabalho aos nossos leitores. Eles podem, sem receio, propagá-lo entre as pessoas que desconfiam da ortodoxia, e o dar em resposta aos ataques dirigidos contra o Espiritismo, do ponto de vista religioso.

OS MILAGRES DE NOSSOS DIAS

Por Aug. Bez

Sob esse título, o Sr. Aug. Bez, de Bordeaux, acaba de publicar o relato das manifestações de Jean Hillaire, médium extraordinário, cujas faculdades lembram, sob muitos aspectos, as do Sr. Home, chegando mesmo a ultrapassá-las em certos pontos.

O Sr. Home é um homem do mundo, de maneiras afáveis e cheias de urbanidade, que só se revelou à mais alta aristocracia. Jean Hillaire é um simples cultivador da Charente-Inférieure, pouco letrado, que vive do seu trabalho. Suas maiores excursões, ao que parece, foram de Sonnac, seu vilarejo, a Saint-Jean d'Angely e a Bordeaux; mas Deus, na repartição de seus dons, não leva em conta as posições sociais; quer que a luz se faça em todos os graus da escala, razão por que os concede aos grandes e aos pequenos.

A crítica e a calúnia odiosa não pouparam o Sr. Home. Sem consideração às altas personagens que o honraram com sua estima, que o receberam e ainda o recebem em sua intimidade, a título de comensal e amigo, a incredulidade zombeteira, que nada respeita, se deleitou em ridicularizá-lo, em apresentá-lo como vil charlatão e hábil prestidigitador, numa palavra, como um saltimbanco de fina educação. Não se deteve nem mesmo ante a idéia de que tais ataques atingiam a honorabilidade das mais respeitáveis pessoas, acusadas, por isso mesmo, de convivência com um suposto ilusionista. Dissemos a seu respeito que basta tê-lo visto para julgar que seria o mais desastrado charlatão, porque não tem atitudes audaciosas nem loquacidade, que se não coadunariam com a sua timidez habitual. Aliás, quem poderia dizer que alguma vez ele tivesse fixado preço às suas manifestações? O motivo que ultimamente o conduzia a Roma, de onde foi expulso, para ali se aperfeiçoar em escultura e desta tirar seus recursos, é o mais formal desmentido aos seus detratores. Mas que importa! Eles disseram que é um charlatão, e não querem dar o braço a torcer.

Os que conhecem Hillaire igualmente puderam convencer-se de que ele seria um charlatão ainda mais desastrado. Nunca seria demais repetir: o móvel do charlatanismo é sempre o interesse; onde não há nada a ganhar o charlatanismo não tem objetivo; onde teria a perder, seria uma estupidez. Ora, que proveito material tirou Hilário de suas faculdades? Muitas fadigas, uma grande perda de tempo, aborrecimentos, perseguições, calúnias. O que ganhou, e para ele não tem preço, foi uma fé viva em Deus, que antes não tinha, uma fé em sua bondade, na imortalidade da alma e na proteção dos Espíritos bons. Não é este, exatamente, o fruto visado pelo charlatanismo. Mas ele sabe, também, que essa proteção não se obtém senão se melhorando; é o que se esforça por fazer, e o que, também, não interessa aos charlatães. É, igualmente, o que o faz suportar com paciência as vicissitudes e as privações.

Em semelhantes casos, uma garantia de sinceridade está, pois, no absoluto desinteresse. Antes de acusar um homem de charlatanismo, é preciso perguntar que proveito pode tirar em enganar os outros, pois os charlatães não são tolos a ponto de nada ganhar e, ainda menos, de perder, ao invés de ganhar. Assim, os médiuns têm uma resposta peremptória a dar aos detratores, perguntando-lhes: *Quanto me pagaram* para fazer o que faço? Uma garantia não menos significativa e susceptível de causar viva impressão é a reforma de si mesmo. Só uma profunda convicção pode levar um homem a vencer-se, a desembaraçar-se do que tem de mau, a resistir aos perniciosos arrastamentos. Então, já não é apenas a faculdade que se admira, mas a pessoa que se respeita e se impõe à zombaria.

As manifestações obtidas por Hillaire são, para ele, uma coisa santa; considera-as como um favor de Deus. Os sentimentos que elas lhe inspiram estão resumidos nas seguintes palavras, extraídas do livro do Sr. Bez:

“O rumor desses novos fenômenos espalhou-se por toda parte com a rapidez do relâmpago. Todos os que, até então, ainda não haviam assistido a manifestações espíritas, ficaram mortos de vontade de ver. Mais que nunca, Hillaire foi assediado por pedidos e convites de toda sorte. Ofertas de dinheiro foram feitas por várias pessoas, a fim de o decidir a dar sessões em suas casas; mas Hillaire sempre teve a convicção profunda de que suas faculdades não lhe foram dadas senão visando à caridade, a fim de trazer a fé à alma dos incrédulos e, assim, arrancá-los ao materialismo, que os corrói sem piedade e os mergulha no egoísmo e no deboche. Desde que Deus lhe fez a graça de se servir dele para esclarecer os seus compatriotas; desde que manifestações de ordem tão elevada são produzidas por seu intermédio, o simples médium de Sonnac considerou sua mediunidade como puro sacerdócio e convenceu-se de que, no dia em que aceitasse a menor retribuição, suas faculdades lhe seriam retiradas ou entregues como um joguete aos Espíritos maus e levianos, que as utilizariam para fazer o mal ou mistificar todos aqueles que ainda cometessem a imprudência de a ele dirigir-se. E, não obstante, a posição pecuniária desse humilde instrumento se acha em estado muito precário. Sem fortuna, tem de ganhar o pão com o suor do rosto e, muitas vezes, a grande fadiga que experimenta quando se produzem algumas manifestações importantes, mina as forças que lhe são necessárias para manejar a pá e a enxada, dois instrumentos que, incessantemente, deve ter entre as mãos.”

Nos momentos de infortúnio, que tinham por objetivo experimentar sua fé e sua resignação, Hillaire, tal qual acontecera com Job, encontrou asilo e assistência nos amigos reconhecidos, que lhe deviam a consolação pelo Espiritismo. Isto é pôr à venda as manifestações dos Espíritos? Não, certamente. É um socorro que Deus lhe enviou, que podia e devia aceitar sem escrúpulo; sua consciência está em paz, porque não traficou com os dons que recebeu de graça; não vendeu as consolações aos aflitos, nem a fé que deu aos incrédulos. Quanto aos que lhe vieram em auxílio, cumpriram um dever de fraternidade, pelo que serão recompensados.

As faculdades de Hillaire são múltiplas; ele é médium vidente de primeira ordem, audiente, falante, extático e, além disso, escrevente. Obteve escrita direta e transportes notáveis. Várias vezes foi levantado e transpôs o espaço sem tocar o solo, o que não é mais sobrenatural do que ver erguer-se uma mesa. Todas as comunicações e todas as manifestações que obtém atestam a assistência dos Espíritos bons e sempre se dão em plena luz. Muitas vezes entra espontaneamente em sono sonambúlico, e é quase sempre neste estado que se produzem os mais extraordinários fenômenos.

A obra do Sr. Bez é escrita com simplicidade e sem exaltação. Não só o autor diz o que viu, como cita numerosas testemunhas oculares, a maioria das quais se interessou pessoalmente pelas manifestações; estes não teriam deixado de protestar contra inexatidões, sobretudo se lhes tivessem feito representar um papel contrário ao que se passou. O autor, justamente estimado e considerado em Bordeaux, não se teria exposto a receber semelhantes desmentidos. Pela linguagem se reconhece o homem consciencioso, que teria escrúpulo em alterar conscientemente a verdade. Aliás, não há um só desses fenômenos cuja possibilidade não seja demonstrada pelas explicações que se acham em *O Livro dos Médiuns*.

Esta obra difere da do Sr. Home; em vez de ser uma simples compilação de fatos, muitas vezes repetidos, sem deduções nem conclusões, encerra, sobre quase todos os que são relatados, apreciações morais e considerações filosóficas que dele fazem um livro ao mesmo tempo interessante e instrutivo, no qual se reconhece o espírita, não só convicto, mas esclarecido.

Quanto a Hillaire, felicitando-o por seu devotamento, nós o exortamos a jamais perder de vista que o que constitui o principal mérito do médium não é a transcendência de suas faculdades, que lhe podem ser retiradas a qualquer momento, mas

o bom uso que delas faz. Desse uso depende a continuação da assistência dos Espíritos bons, porque há uma grande diferença entre um médium bem-dotado e o que é bem assistido. O primeiro só excita a curiosidade; o segundo, ele próprio tocado no coração, reage moralmente sobre os outros, em razão de suas qualidades pessoais. Desejamos, tanto no seu próprio interesse quanto no da causa, que os elogios de amigos, geralmente mais entusiastas que prudentes, nada lhe tirem de sua simplicidade e de sua modéstia, e não o façam cair na armadilha do orgulho, que já perdeu tantos médiuns.

PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS

Estudo onde são expostas as condições de habitabilidade das terras celestes, discutidas do ponto de vista da Astronomia, da Fisiologia e da Filosofia Natural, por *Camille Flammarion*, adido ao Observatório de Paris. Um grosso volume in-12, com estampas astronômicas. Preço: 4 francos. – Edição de biblioteca, in-8, 7 francos. Livraria acadêmica de Didier & Cie., 35, quai des Augustins.

A falta de espaço nos obriga a adiar para o próximo número a apreciação crítica dessa importante obra.

Para as condições das obras acima, vide, mais adiante, a lista das *Obras diversas sobre o Espiritismo*.

Aviso

Excepcionalmente, e por força de circunstâncias particulares, as férias da Sociedade Espírita de Paris começarão este ano em 1^o de agosto. A Sociedade reabrirá suas sessões na primeira sexta-feira de outubro.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

SETEMBRO DE 1864

Nº 9

Influência da Música sobre os Criminosos, os Loucos e os Idiotas

A Revista musical do *Siècle*, exemplar de 21 de junho de 1864, continha o seguinte artigo:

“Sob o título: *Um órfão sob ferrolhos*, o Sr. de Pontécoulant acaba de publicar excelente notícia em favor de uma boa causa. Parece que o diretor de uma casa central de detenção concebeu a engenhosa idéia de introduzir a música nas celas dos condenados. Compreendeu que seu dever não era apenas punir, mas corrigir.

“Para agir com certeza sobre o caráter do prisioneiro, dorido pelo castigo, serviu-se da música. Começou por criar uma escola de canto. Os detentos que se haviam distinguido por sua boa conduta consideraram como uma recompensa fazer parte desse orfeão.

“A penitenciária se achava, assim, transformada. Dentre cerca de mil prisioneiros, escolheram cem, que foram chamados a

participar dos primeiros ensaios. O efeito foi muito grande sobre o moral desses infelizes. Uma infração dos regulamentos podia excluí-los da escola; puseram-se de acordo para respeitar as obrigações, que até então desdenhavam.

“A fim de fazer melhor compreender a importância que ligam à instituição desses coros, lembrarei que o silêncio lhes é imposto habitualmente. Eles pensam, mas não falam. Poderiam esquecer a sua língua, da qual não mais se servem momentaneamente. É compreensível que, em tais condições, esses trechos musicais, falados e cantados, lhes caíam como um maná do céu. É a ocasião de se reunirem, ouvir vozes, romper a solidão, comover-se, existir.

“Repito: os resultados são excelentes. De setenta cantores que compunham o orfeão, este ano, dezesseis foram indultados. Não é concludente?

“Esquecia-me de dizer que a experiência foi feita em Melun. É uma experiência a encorajar, um exemplo a seguir. Quem sabe se esses corações endurecidos talvez sintam se lhes fundir o gelo e possam ainda gostar de alguma coisa? Ensinando-lhes a cantar, lhes ensinam a não mais maldizer. Seu isolamento se povoa de seres, a cabeça se acalma e o trabalho pesado lhes parece menos duro. Cumprida a pena, muitas vezes reduzida pela aplicação e pela boa conduta, sairão transformados, e não pervertidos pelo ódio.

Um dia visitei a casa de saúde do Dr. B..., em companhia de um *alienista*. De passagem, dizia este:

– “As duchas! as duchas!... Conheço apenas as duchas e a camisa de força. É a panacéia... Todos os outros paliativos são insuficientes quando se está frente a frente com um louco furioso.

“Neste momento, gritos que partiam do fundo do jardim atraíram a nossa atenção.

– “Vede! Disse ele, percebo que um deles vai sofrer um dos dois suplícios, talvez mesmo os dois. Quereis que o sigamos? Vereis o efeito.

“O pobre coitado se debatia desesperadamente nas mãos dos guardas. Fazia ameaças e tinha os olhos em brasa. Tentar acalmá-lo parecia impossível sem recorrer aos grandes meios.

“De repente, ouviu-se uma voz na outra extremidade do jardim. Vinha de um pavilhão isolado, que parece ter surgido sozinho, com sua vinha virgem e suas parasitas caindo do telhado, num buquê de espinheiros em flor. A voz cantava a *romanza*¹⁹ de *Saulo*, da Desdêmona.

“Parei para escutar. Não sei se devo a impressão que senti à influência da atmosfera e do lugar, mas o que afirmo é que jamais, em tempo algum, me senti tão profundamente comovido. Soube depois que a cantora era uma dama do mundo, cujas desventuras lhe fizeram perder a razão.

“O louco furioso deteve-se subitamente, deixando de debater-se e de blasfemar.

– “A voz! a voz! disse ele... Psiu!

“E, aprumando o ouvido, caía em êxtase.

“Acalmara-se.

– “Muito bem! – observo ao *alienista* desapontado – que dizeis de vossa famosa teoria?

“Ele teria preferido ser feito em pedaços a desdizer a sua brutal afirmação. As pessoas sistemáticas são assim. Os fatos nada significam para elas. Tratam o que as contraria como uma

19 N. do T.: Grifo nosso.

exceção. Não tenteis combatê-las; têm idéia fixa e, quando tiverdes esgotado todos os argumentos, elas vos rirão na cara. Nada de concessões! estão ou não estão convencidas.

“Em vários hospícios de alienados, notadamente em Bicêtre, compreenderam o partido que poderiam tirar da música e dela se servem vitoriosamente. Ali as missas são cantadas pelos loucos. Salvo raros incidentes, tudo se realiza conforme o programa, sem que se tenha de reprimir o menor desvio.

“Há uma doença mais horrível que a loucura: quero falar do cretinismo. Os loucos têm seus momentos de lucidez; por vezes são afetados apenas por uma mania. Conversam razoavelmente sobre todos os assuntos, à exceção daqueles que os fazem divagar. Um se supõe de vidro e recomenda que o toquem com precaução; outro vos aborda e diz, mostrando um de seus vizinhos: ‘Vede bem este moreninho? Ele se julga o filho de Deus; mas o Cristo sou eu.’ Um terceiro vos convida para grandes caçadas, em seu esplêndido parque; ouve a matilha, os criados que o apóiam, as fanfarras que lhe respondem, a disputa dos cães pela comida; é feliz em seu sonho; é quase sempre um ambicioso, caído mais ou menos longe do objetivo visado. Todos os curáveis e incuráveis têm um ponto de referência para a sua imaginação.

“Mas os outros – os idiotas, os cretinos – que lhes resta? Estão agachados num canto de parede, sobre uma pedra, fisionomia embrutecida, como horrendas pilhas de carne, não tendo jamais um lampejo de inteligência e nem mesmo o instinto dos animais inferiores. Estão completamente perdidos de corpo e de alma, rebaixados em sua dignidade de homens, bastante degradados e tolhidos física e moralmente; têm ouvidos, mas não escutam; têm olhos, mas não vêem; seus sentidos estão extintos: são mortos vivos.

“Em vão tentaram ressuscitar alguma coisa neles, ora pelo rigor, ora pela doçura. Era para desesperar.

“Então vocalizaram notas em sua presença, até que as repetissem maquinalmente. Ensinaram-lhes a cantar motivos simples e curtos, que eles repetiam. Agora cantam. Para eles cantar é uma festa. Pelo canto mantêm o domínio sobre eles: é a sua punição ou a sua recompensa; obedecem; têm consciência de suas ações. Ocupam-nos nos mesmos trabalhos. Ei-los a caminho de uma espécie de reabilitação intelectual.

“Há regiões onde esta cruel enfermidade se reproduz incessantemente. Será o ar ou a água que a provoca?

“Certa manhã, depois de uma noite de caça laboriosa na vertente meridional dos Pirineus, eu tinha entrado na choupana de um pastor, para me refrescar. Aí encontrei o pai debilitado, a esposa macilenta e três meninos raquíticos, um dos quais enroscado num monte de palha apodrecida. Como eu examinasse esse desventurado imbecil, o pai me disse:

“Oh! este aí jamais viveu; nasceu como está. Aqui o cretinismo afeta um em três. Pago a minha dívida.

“Ele vos reconhece? perguntei.

“Nem a mim, nem aos irmãos; fica na posição em que o vedes. Só desperta desse torpor quando o Sol se põe e eu grito o rebanho, esparso no campo; então ele se agita, parece contente, como se algo feliz lhe sucedesse.

– “E a que atribuis esse movimento?

– “Não sei.

– “De que sinais vos servis?

– “Do refrão de todos os pastores.

– “Vejam; dissei o refrão, como se os animais estivessem voltando.

O velho dócil foi para a porta e, de pé, do lado de fora, com as mãos em posição de sopro, recomeçou o canto de chamada. Deu-se um fato estranho: o menino doente ergueu-se de um salto, soltando gritos inarticulados. Dava a impressão de querer falar. Expliquei que a música agia poderosamente sobre os seus nervos. O pai compreendeu e me disse com o seu sotaque característico:

– “Eu sei canções; eu lhas cantarei.

“Dois anos mais tarde tive oportunidade de rever essa pobre gente, a quem eu trazia uma cabra montês ferida.

“O menino se tornara dócil.

“Publiquei a história antes que pensassem em se servir da música como processo curativo em casos semelhantes. Meu relato foi tido à conta de fábula.

“O meio prático depois fez o seu caminho, com os cretinos e com os loucos, o que não impediu meu *alienista* de sustentar que nada supera a camisa de força e as duchas. Pelo menos esta é a sua convicção.”

Não sabemos se o autor do artigo, o Sr. Chadeuil, é antiespiritualista, mas o que é certo é que é antiespírita em alto grau, a julgar pelos sarcasmos que não poupa à crença nos Espíritos, quando se lhe deparou ocasião de fazê-lo em sua *Revista Musical*. Para negar uma doutrina baseada em fatos e aceita por milhões de pessoas, ele viu, observou e estudou? Informou-se escrupulosamente em todas as fontes? Seus próprios artigos testemunham ignorância daquilo de que fala. Em que, então, se apóia para afirmar que é uma crença ridícula? Em sua opinião pessoal, que acha ridícula a idéia de os Espíritos se comunicarem

com os homens, absolutamente como todas as idéias novas de alguma importância foram consideradas ridículas pelos homens, mesmo os mais capazes. Assim, e sem desconfiar, ele é a aplicação dessas notáveis e verídicas palavras de seu artigo:

“As pessoas sistemáticas são assim. Os fatos nada valem para elas. Tratam aquilo que as contraria como uma exceção. Não tenteis combatê-las; têm sua idéia fixa e, quando tiverdes esgotado todos os argumentos, elas vos rirão na cara.”

Não é sempre a história da trave e do argueiro no olho? É verdade que não sabemos se esta reflexão é dele ou do Sr. Pontécoulant. Em todo o caso, se ele a cita com elogio, é porque a aceita. Mas deixemos a opinião do Sr. Chaudéuil, que pouco nos importa, e vejamos o artigo em si mesmo, que constata um fato importante: a influência da música sobre os criminosos, os loucos e os idiotas.

Em todos os tempos tem-se reconhecido a influência salutar da música para o abrandamento dos costumes. Sua introdução entre os criminosos seria um progresso incontestável e só poderia dar resultados satisfatórios; ela move as fibras entorpecidas da sensibilidade e as predispõe a receber as impressões morais. Mas é suficiente? Não; é um labor em terra inculta, que necessita de sementeira de idéias próprias, capazes de causar uma profunda impressão sobre essas naturezas extraviadas. É preciso falar à alma, depois de haver amolecido o coração. O que lhes falta é a fé em Deus, em sua alma e no futuro; não uma fé vaga, incerta, incessantemente combatida pela dúvida, mas uma fé baseada na certeza, a única que pode torná-la inabalável. Sem dúvida a música pode predispor a isto, mas não a dá. Nem por isto deixa de ser um auxiliar, que não se pode negligenciar. Esta e muitas outras tentativas, que a Humanidade e a civilização não podem senão aplaudir, testemunham uma louvável solicitude pelo moral dos condenados; mas resta ainda atingir o mal na sua raiz.

Um dia será reconhecido toda a extensão do socorro que se pode haurir nas idéias espíritas, cuja influência já está provada pelas numerosas transformações que operam nas naturezas aparentemente mais rebeldes. Só os que se aprofundaram nesta doutrina e meditaram sobre as suas tendências e conseqüências inevitáveis, poderão compreender a força do freio que ela opõe aos arrastamentos perniciosos. O poder desta força resulta do fato de dirigir-se à própria causa desses arrastamentos, que é a *imperfeição do Espírito*, ao passo que a maior parte do tempo só a buscam na *imperfeição da matéria*. Como doutrina moral, o Espiritismo já não é hoje uma simples teoria: entrou na prática, ao menos para grande número dos que admitem os seus princípios. Ora, conforme o que se passa, e em face dos resultados produzidos, pode-se afirmar sem receio que a diminuição dos crimes e delitos será proporcional à sua vulgarização. É o que um futuro próximo se encarregará de demonstrar. Aguardemos que a experiência se faça em mais vasta escala, pois já se faz todos os dias individualmente. Disto a *Revista* já forneceu numerosos exemplos; limitar-nos-emos a lembrar as cartas de dois prisioneiros, publicadas nos números de novembro de 1863 e fevereiro de 1864.

Deixamos aos leitores o cuidado de apreciar o fato acima, relativo à loucura. Sem sombra de dúvida é a mais amarga crítica aos alienistas que só conhecem as duchas e a camisa de força. O Espiritismo vem projetar uma luz inteiramente nova sobre as doenças mentais, demonstrando a dualidade do ser humano e a possibilidade de agir isoladamente sobre o ser espiritual e sobre o ser material. O número sempre crescente de médicos que entram nessa nova ordem de idéias necessariamente provocará grandes modificações no tratamento dessas espécies de afecções. Abstração feita da idéia espírita propriamente dita, a constatação dos efeitos da música em semelhantes casos é um passo na via espiritualista, da qual os alienistas em geral se afastaram até hoje, para grande prejuízo dos doentes.

O efeito produzido sobre os idiotas e os cretinos é ainda mais característico. Quase sempre os loucos foram homens inteligentes; não se dá o mesmo com os idiotas e os cretinos, que parecem votados pela própria Natureza a uma nulidade moral absoluta. Ainda aqui o Espiritismo experimental vem projetar luz, ao provar, pelo isolamento do Espírito e do corpo, que são, geralmente, Espíritos desenvolvidos, e não atrasados, como se poderia supor, embora unidos a corpos imperfeitos. Em caso de igualdade de inteligência, a diferença entre o louco e o cretino é que o primeiro, ao nascer, é provido de órgãos cerebrais constituídos normalmente, mas que mais tarde se desorganizam, ao passo que o segundo é um Espírito encarnado num corpo, cujos órgãos, atrofiados desde o princípio, jamais lhe permitiram manifestar livremente o pensamento; está na situação de um homem forte e vigoroso a quem tivessem tirado a liberdade de movimentos. Para o Espírito, tal constrangimento é um verdadeiro suplício, porque não deixa de ter a faculdade de pensar e, como Espírito, sente a abjeção em que o coloca a sua enfermidade. Suponhamos, então, que em dado momento, por um tratamento qualquer, se possam desligar os órgãos: o Espírito recobriria a liberdade e o maior cretino se tornaria um homem inteligente. Seria como um prisioneiro saindo da prisão, ou como um bom músico em frente a um instrumento completo, ou, ainda, como um mudo, recobrando a palavra.

O que falta ao idiota não são, pois, as faculdades, mas as cordas cerebrais correspondentes a essas faculdades, para a sua manifestação. Na criança normalmente constituída, o exercício das faculdades do Espírito induz o desenvolvimento dos órgãos correspondentes, que nenhuma resistência oferecem. No idiota, a ação do Espírito é impotente para provocar um desenvolvimento que ficou em estado rudimentar, como um fruto abortado. Assim, a cura radical do idiota é impossível; tudo quanto se pode esperar é uma ligeira melhora. Para isto não se conhece nenhum tratamento

aplicável aos órgãos. É ao Espírito que se tem de dirigir. Estudando as faculdades, cujo germe se descobre, deve-se provocar o seu exercício por parte do Espírito; e este, então, superando a resistência, possibilitará que se obtenha uma manifestação, se não completa, ao menos parcial. Se há um meio externo de agir sobre os órgãos é, seguramente, a música. Ela consegue abalar essas fibras entorpecidas, como um grande ruído que chega aos ouvidos de um surdo. Com isto o Espírito se agita, como numa lembrança, e sua atividade, provocada, redobra esforços para vencer os obstáculos.

Para quem não vê no homem senão uma máquina organizada, sem levar em conta a inteligência que preside ao jogo desse organismo, tudo é obscuridade e problema nas funções vitais, tudo é incerteza no tratamento das afecções. Eis por que, na maioria das vezes, só se combate um lado do mal; mais ainda: tudo são trevas nas evoluções da Humanidade, tudo são ensaios nas instituições sociais; por isto, tantas vezes se anda em caminho errado.

Admiti, apenas a título de hipótese, a dualidade do homem, a presença de um ser inteligente independente da matéria, preexistente e sobrevivente ao corpo, já que este não passa de um invólucro temporário daquele, e tudo se explica. O Espiritismo, por meio de experiências positivas, faz desta hipótese uma realidade, ao revelar-nos a lei que rege as relações entre o Espírito e a matéria.

Zombai, pois, ó cépticos, da Doutrina Espírita, oriunda do fenômeno vulgar das mesas girantes, como a telegrafia elétrica surgiu das rãs dançantes de Galvani; mas sabeis que, negando os Espíritos, negais a vós mesmos, pois também zombaram das grandes descobertas.

O Novo bispo de Barcelona

Escrevem-nos da Espanha, em data de 1º de agosto de 1864:

“Caro mestre,

“Tomo a liberdade de vos enviar a nova pastoral que monsenhor Pantaleão, bispo de Barcelona, acaba de publicar no jornal *Diário de Barcelona*, de 31 de julho. Como podeis notar, ele quis marchar sobre o rastro de seu predecessor. Para mim, espírita sincero, perdôo os palavrões que nos dirige, mas não posso deixar de pensar que ele poderia empregar a ciência que possui de maneira mais proveitosa para o bem da fé e de seus semelhantes. Para citar apenas um exemplo, temos a todo instante o espetáculo dessas abomináveis touradas, nas quais os pobres animais, depois de terem passado a vida a serviço do homem, vêm morrer estripados nessas tristes arenas, para gáudio de uma população ávida de sangue, cujos maus instintos são desenvolvidos por esses jogos bárbaros.

“Eis contra o que deveríeis fulminar, monsenhor, e não contra o Espiritismo, que diariamente vos reconduz ao aprisco as ovelhas que havíeis perdido. Porque eu, que acreditava sinceramente em Deus, que reconhecia sua grandeza nos mais ínfimos detalhes da Natureza, antes de ser espírita não podia aproximar-me de uma igreja, tamanha era a discordância que os meus olhos viam entre os que se dizem os representantes de Deus na Terra e essa grande figura do Cristo, que o Evangelho nos mostra todo amor e abnegação. Sim, dizia a mim mesmo, Jesus se sacrifica por nós; faz sua entrada triunfal em Jerusalém, vestido de burel, montado num jumento; e vós, que vos dizeis seus representantes, vos cobris de seda, ouro e diamantes. É esse o desprezo das riquezas que o divino Messias pregava aos seus apóstolos? Não; e, no entanto, eu vo-lo confesso, monsenhor, desde que sou espírita pude entrar em vossas igrejas e nelas orar

com fervor, a despeito da música mundana, que aí toca árias de ópera; pude orar pensando que, entre todas essas pessoas reunidas, a algumas, talvez, essa pompa teatral fosse útil para elevar suas almas a Deus; então pude perdoar o vosso luxo e compreendê-lo num certo sentido. Bem vedes, assim, monsenhor, que não é sobre os espíritas que deveis trovejar; e se tendes em vista, como não duvido, apenas o bem do vosso rebanho, reconsiderai vossa maneira de ver o Espiritismo, que não nos recomenda senão o amor aos semelhantes, o perdão das injúrias, a doçura, a caridade e o amor, mesmo aos nossos próprios inimigos.

“Caro mestre, perdoai-me estas poucas linhas, que me foram sugeridas por esta nova pastoral. O Espiritismo veio reavivar a minha fé, explicando-me todas as misérias da vida que, até então, minha inteligência não pudera compreender. Sinceramente convencido de que trabalhamos para o nosso e para o progresso da Humanidade, não cessarei de propagar esta doutrina no meu círculo de relações, empregando, para tanto, uma convicção profunda e os meios que Deus me ofereceu.

“Dignai-vos receber, caro mestre, etc.”

Damos, a seguir, a tradução da pastoral do monsenhor bispo. Reproduzimo-la *in extenso*, para não enfraquecer o seu alcance. O monsenhor de Barcelona passa, com razão, por um homem de mérito; deve, portanto, ter reunido os mais poderosos argumentos contra o Espiritismo. Os nossos leitores julgarão se ele será mais feliz que os seus confrades, e se o golpe de misericórdia nos será dado do outro lado dos Pirineus. Limitamo-nos a acrescentar algumas observações.

“Nós, D. D. Pantaleão Monserra y Navarro, pela graça de Deus e da Santa Sé apostólica, bispo de Barcelona, cavaleiro da grã-cruz da Ordem Americana de Isabel, a Católica, do Conselho de Sua Majestade, etc.

“Aos nossos amados e fiéis diocesanos,

“O homem, posto na Terra como num lugar de trevas que o impede de ver as coisas colocadas numa ordem superior, não pode dar um passo para buscá-las, caso não seja esclarecido pela chama da fé. Se se separar desse guia, apenas tropeçará, caindo hoje no extremo da incredulidade, que tudo nega, e amanhã no da superstição, que em tudo crê. Nossa época, que pretende conduzir-se pela razão e pelos sentidos, não admitindo como verdade senão o que lhe mostram essas testemunhas falaciosas, vê-se atravessada por uma imensa corrente de idéias, arrastando, em consequência, a negação do sobrenatural e uma excessiva credulidade. Uma e outra são o produto do orgulho da inteligência humana, que se recusa a prestar uma atenção razoável à palavra revelada de Deus. A geração atual se vê obrigada a assistir a esse triste espetáculo que hoje nos dão os povos mais adiantados em ciência e em civilização. Os Estados Norte-Americanos, essa nação chamada modelo, e algumas partes da França, aí compreendida a colônia da Argélia²⁰, esforçam-se, desde algum tempo, ao estudo ridículo e à aplicação do Espiritismo, que, sob esse nome, vem ressuscitar as antigas práticas da necromancia, pela evocação dos Espíritos invisíveis, que repousam no lugar de seu destino, além do sepulcro, e os consultam para descobrir os segredos ocultos sob o véu que Deus estendeu entre o tempo e a eternidade.”

Observação – Se se é repreensível por manter relações com os Espíritos, seria preciso que a Igreja os impedisse de vir sem serem chamados, pois é notório que há um grande número de manifestações espontâneas, mesmo em pessoas que jamais ouviram falar do Espiritismo. Como as senhorinhas Fox, nos Estados Unidos, as primeiras que revelaram sua presença naquele país, foram postas no caminho das evocações, senão pelos Espíritos que a elas vieram manifestar-se, quando absolutamente neles não pensavam? Por que aqueles Espíritos deixaram o lugar que lhes fora designado além do sepulcro? Com ou sem a permissão de Deus?

20 **N. do T.:** *Alger* no original. Na verdade *Argélia* (Algérie), cuja capital é Argel.

O Espiritismo não brotou do cérebro de um homem como um sistema filosófico criado pela imaginação. *Se os Espíritos não se tivessem manifestado por si mesmos, não teria havido Espiritismo.* Se não se pode impedir que se manifestem, não se pode deter o Espiritismo, do mesmo modo que se não pode impedir um rio de correr, a menos que se lhe suprima a fonte. Pretender que os Espíritos não se manifestam é uma questão de fato e não de opinião. Contra a evidência não há contestação possível.

“Este desejo exagerado de tudo conhecer, por meios ridículos e reprovados, é apenas o fruto dessa necessidade, desse vazio que experimenta o homem, quando rejeitou tudo o que lhe foi proposto como verdade pela sua soberana legítima e infalível: a Igreja.”

Observação – Se o que essa soberana infalível propõe como verdade a Ciência demonstra ser um erro, é culpa do homem se o repele? A Igreja era infalível, quando condenava às penas eternas os que acreditavam no movimento da Terra e nos antípodas? quando ainda hoje condena os que crêem que a Terra não foi formada em seis dias vezes vinte e quatro horas? Para que a Igreja fosse acreditada sob palavra, seria necessário que nada ensinasse que pudesse ser desmentido pelos fatos.

“Num momento de ardor para tudo conhecer por si mesmo, ele repeliu como superstição essa mesma verdade, porque seu entendimento não a compreendia ou não concordava com as noções recebidas a propósito. Mais tarde, porém, julgou necessário o que havia desprezado; quis reabilitar-se na sua fé; examinou-a novamente e, conforme tal exame tenha sido feito por pessoas de imaginação viva, ou por outras de temperamento nervoso e irritável, admitiram, no seu sistema de crença, tudo quanto aquelas julgaram ver e ouvir dos Espíritos evocados, num momento de melancólica exaltação.”

Observação – Jamais havíamos pensado que a fé, isto é, a adoção ou a rejeição das verdades ensinadas pela Igreja, após o exame feito por aquele que sinceramente a ela queira voltar, fosse uma questão de temperamento. Se, por lhes dar preferência em relação às outras crenças, não se deve ser nervoso, nem irritável, nem ter a imaginação viva, há muita gente que será fatalmente excluída

em conseqüência de sua compleição. Cremos que neste século de progresso intelectual, a fé é uma questão de *compreensão*.

“Foi assim que se chegou a criar uma religião que, reproduzindo os desvios e as aberrações do paganismo, ameaça conduzir à loucura e ao mais imundo cinismo (*y al cinismo mas inmundo*) a sociedade ávida do maravilhoso.”

Observação – Eis mais um príncipe da Igreja que proclama, num ato oficial, que o Espiritismo é uma religião que se cria. É o caso de repetir aqui o que já dissemos a respeito: Se algum dia o Espiritismo se tornar uma religião, a Igreja terá sido a primeira a dar tal idéia. Em todo o caso, essa religião nova, caso venha a sê-lo, afastar-se-ia do paganismo pelo fato capital de que não admite um inferno localizado, com penas materiais, enquanto o inferno da Igreja, com suas labaredas, seus tridentes, suas caldeiras, suas lâminas de navalhas, seus pregos pontiagudos, que estraçalham os danados, e seus diabos que atijam o fogo, é uma cópia amplificada do Tártaro.

“Allan Kardec, o grande propagador desta seita de modernos iluminados, confessa-o em seu *O Livro dos Espíritos*, dizendo: ‘Que por vezes estes se comprazem em responder ironicamente e de maneira equívoca, que desconcerta os infelizes que os consultam.’ E, não obstante ele advirta da necessidade que há em discernir os Espíritos sérios dos superficiais, não nos pode dar as regras necessárias a esse discernimento, confissão que revela toda a vaidade e a falsidade do Espiritismo, com suas deploráveis conseqüências.”

Observação – Remetemos o Sr. bispo de Barcelona a *O Livro dos Médiuns* (capítulo XXIV, página 327).

“Se esse sistema, que estabelece monstruoso comércio entre a luz e as trevas, entre a verdade e o erro, entre o bem e o mal, numa palavra, entre Deus e Belial, não tem prosélitos na Espanha, há, com toda certeza, ardentes propagadores, e a metrópole de nossa diocese é o teatro escolhido para lançar mão de todos os meios que pode sugerir o Espírito de mentira e de perdição. A prova disto está na introdução fraudulenta que se opera, malgrado

o zelo manifestado pelas autoridades locais, de milhares de exemplares de *O Livro dos Espíritos*, escrito pelo pregador número um destas mentiras, Allan Kardec, e traduzido em espanhol.”

Observação – É muito difícil conciliar estas duas asserções, a saber: que o Espiritismo *não* tem prosélitos na Espanha, e que há, com toda certeza, ardorosos propagadores. Também não se compreende que, num país onde não há espíritas, *O Livro dos Espíritos* circule aos milhares.

“Lendo esta produção original, dissemos a nós mesmos: cada século tem as suas preocupações, seus erros favoritos; os erros do nosso são uma tendência a negar o que é invisível e a só buscar a certeza na matéria sensível. Não seria, pois, inacreditável, caso não o tivéssemos visto, que o século dezenove, tão rico em descobertas sobre as leis da Natureza, tão rico em observações e em experiências, tenha adotado os sonhos da magia e as aparições de Espíritos pela mera evocação de um simples mortal? Contudo, é isto! E esta nova heresia, importada, ao que parece, dos países idólatras pelos povos do novo mundo, invadiu o antigo e neste encontrou adeptos e partidários, a despeito da chama do Cristianismo, que ilumina há dezoito séculos e condena semelhantes bagatelas, malgrado o brilho que este espalhou em toda a sua superfície e, particularmente, sobre a Europa.”

Observação – Já que o monsenhor de Barcelona se admira de que o século dezenove aceite tão facilmente o Espiritismo, não obstante suas tendências positivas e as riquezas de suas descobertas no que concerne às leis da Natureza, nós lhe diremos que é precisamente a aptidão para essas descobertas que produz tal resultado. As relações entre o mundo visível e o mundo invisível são uma das grandes leis naturais, que ao século dezenove estava reservado desvelar ao mundo, bem como tantas outras leis. O Espiritismo, fruto da experiência e da observação, baseado em fatos positivos até agora incompreendidos, mal estudados e ainda pouco explicados, é a expressão dessa lei. Por isto mesmo vem destruir o fantástico, o maravilhoso e o sobrenatural, falsamente atribuídos a esses fatos, fazendo-os entrar na categoria dos fenômenos naturais. Como vem explicar o que era inexplicável, demonstra o que afirma e lhe dá a razão, não quer ser acreditado sob palavra; como provoca o exame, não quer ser aceito sem conhecimento de causa. É por tais motivos que

corresponde às idéias e tendências positivas do século. Sua fácil aceitação, longe de ser uma anomalia, é uma consequência de sua natureza, que lhe dá posição entre as ciências de observação. Se se tivesse cercado de mistérios e houvesse exigido a fé cega, tê-lo-iam repellido como um anacronismo.

Jovem ainda, encontra oposição, como todas as idéias novas de certa importância. Tem contra si:

1^o – Os que só crêem na matéria tangível e negam todo poder intelectual fora do homem;

2^o – Certos sábios que pensam que a Natureza não tem mais segredos para eles, ou que só a eles cabe descobrir o que ainda está oculto;

3^o – Os que, em todos os tempos, se empenharam em entrar a marcha ascendente do espírito humano, porque temiam que o desenvolvimento das idéias, fazendo ver bem claro, lhes prejudicasse o poder e os interesses;

4^o – Enfim, aqueles que, sem idéia preconcebida e não o conhecendo, julgam-no pelas deturpações com que o apresentam os seus adversários, visando a desacreditá-lo.

Esta categoria constitui a grande maioria dos opositores; mas diminui a cada dia, porque diariamente aumenta o número dos que estudam; as prevenções caem ante um exame sério e se ligam tanto mais à coisa sobre a qual reconhecem terem sido enganados. A julgar pelo caminho feito pelo Espiritismo em tão curto espaço de tempo, fácil é prever que em pouco tempo não terá contra si senão os antagonistas de idéias preconcebidas; e como estes formam uma pequena minoria, sua influência será nula. Eles próprios sofrerão a influência da massa e serão forçados a seguir a torrente.

A manifestação dos Espíritos não é apenas uma crença: é um fato. Ora, diante de um fato, a negação é sem valor, a menos que se prove que ele não existe, coisa que ninguém ainda demonstrou. Como em todos os pontos do globo a realidade do fato é constatada diariamente, crê-se no que se vê. É o que explica a impotência dos negadores para deter o movimento da idéia. Uma crença só é ridícula quando é falsa; já não o é, desde que repouse sobre uma coisa positiva. O ridículo é para o que se obstina em negar a evidência.

“Isto vos deve convencer, meus diletos filhos e irmãos, da necessidade que tem o homem de crer; e quando ele despreza as

verdadeiras crenças, abraça com entusiasmo até mesmo as falsas. Eis por que diz o profundo Pascal, num de seus pensamentos: ‘Os incrédulos são os homens mais propensos a crer em tudo.’ O Espírito das trevas toma os homens como joguete e instrumento de seus maus propósitos, servindo-se de sua vaidade, de sua credulidade, de sua presunção para deles fazer os propagadores e os apóstolos daquilo de que riam na véspera, do que qualificavam de invenção quimérica e de espantinho para as almas fracas.

“Não, meus irmãos, a verdadeira fé, a doutrina do Cristianismo, o ensino constante da Igreja, sempre reprovaram a prática dessas evocações, que levam a crer tenha o homem sobre os Espíritos um poder que só a Deus pertence. ‘Não está no poder de um mortal que as almas separadas dos corpos após a morte lhe revelem os segredos cobertos pelo véu do futuro.’ (Mat. 16:4).”

Observação – O Espiritismo também diz que aos Espíritos não é dado revelar o futuro, condenando formalmente o emprego de comunicações de além-túmulo como meio de adivinhação. Diz que os Espíritos vêm para nos instruir e nos melhorar, e não para nos ler a buena-dicha; diz ainda que ninguém pode constringer os Espíritos a vir falar quando não querem. É desnaturar maldosamente o objetivo pretender que ele faça necromancia. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXVI, pág. 386).

“Se a sabedoria divina tivesse julgado útil à felicidade e ao repouso do gênero humano instruí-lo sobre as relações entre o mundo dos Espíritos e o dos seres corpóreos, ela no-lo teria revelado de maneira que nenhum mortal pudesse ser enganado em suas comunicações; ter-nos-ia ensinado um meio para reconhecer quando nos tivessem dito a verdade, ou insinuado um erro, e não nos teria abandonado, para tal discernimento, à luz da razão, que é um clarão muito fraco para descobrir essas regiões que se estendem para além da morte.”

Observação – Desde que hoje Deus permite que existam tais relações, já que se deve admitir que nada acontece sem a permissão divina, é que julga útil à felicidade dos homens, a fim de dar-lhes a prova da vida futura, na

qual muitos não crêem mais, e porque o número sempre crescente dos incrédulos prova que, sozinha, a Igreja é impotente para os manter no aprisco. Deus lhes envia auxiliares nos Espíritos que se manifestam; repeli-los não é dar prova de submissão à sua vontade; renegá-los é desconhecer o seu poder; injuriá-los e maltratar seus intérpretes é agir como os judeus em relação aos profetas, o que fez com que Jesus derramasse lágrimas pela sorte de Jerusalém.

“Portanto, quando um miserável mortal, desvairado por sua imaginação, pretende dar-nos notícias sobre a sorte das almas do outro mundo; quando homens de limitada visão têm a audácia de querer revelar à Humanidade e ao indivíduo o seu destino indefectível no futuro, usurpam um poder que pertence a Deus, e do qual este não renuncia, a não ser para o bem da própria Humanidade e dos povos, advertindo-os ou os reprimindo por intermédio de enviados que, como os profetas, trazem consigo a prova de sua missão, nos milagres que operam e na realização constante do que eles anunciaram.”

Observação – Então renegais as predições de Jesus, já que não reconheceis no que acontece a realização do que ele anunciou. Que significam estas palavras: “Derramarei o Espírito sobre toda a carne; vossas mulheres e vossas filhas profetizarão, vossos mancebos terão visões e vossos velhos sonharão sonhos?”²¹

“Podemos considerar como visionários aqueles que, abandonando a verdade, e dando ouvidos a fábulas, querem que se escute como revelações os caprichos, os sonhos fantásticos de sua imaginação em delírio. Escrevendo a Timóteo, São Paulo previne aquele contra tudo isto, ele e as gerações futuras (I Tim., 4:7). O apóstolo já pressentia, dezoito séculos atrás, aquilo que, em nossa época, a incredulidade devia oferecer para encher, com alguma coisa, o vazio deixado na alma pela ausência da fé.”

Observação – Com efeito, a incredulidade é a chaga de nossa época; deixa na alma um imenso vazio. Por que, então, não a combate a Igreja? Por que é incapaz de manter os fiéis na fé? Meios materiais e espirituais não lhe faltam; não possui imensas riquezas, inumerável exército de pregadores, a instrução

21 N. do T.: Vide *Atos dos Apóstolos*, 2:17.

religiosa da juventude? Se seus argumentos não triunfam sobre a incredulidade, é que não são bastante peremptórios. O Espiritismo não vai fazer concorrência com ela: *faz o que a Igreja não faz*; dirige-se àqueles aos quais ela é impotente para reconduzir, e consegue lhes dar fé em Deus, na sua alma e na vida futura. Que dizer de um médico que, não podendo curar um doente, se opusesse a que este aceitasse os cuidados de outro médico que o pudesse salvar?

É verdade que ele não preconiza um culto à custa do outro, não lança anátema a ninguém, sem o que seria bem-vindo para aquele cuja causa exclusiva tivesse abraçado; mas é justamente por ser portador de uma contrasenha, à qual todos podem responder: “Fora da caridade não há salvação”, que ele vem fazer cessar o antagonismo religioso, que fez derramar mais sangue que as guerras de conquista.

“Depois de haver ensaiado a adivinhação e o sonambulismo pelo magnetismo animal, sem nada obter, senão a reprovação dos homens sensatos; depois de ter visto caírem em descrédito as mesas girantes, desenterraram o cadáver infecto desse Espiritismo, com o absurdo da transmigração das almas, desprezando os artigos do nosso símbolo, tais como os ensina a Igreja, quiseram substituí-los por outros que os anulam, admitindo uma imortalidade da alma, um purgatório e um inferno muito diferentes dos que nos ensina nossa fé católica.”

Observação – Isto é muito justo. O Espiritismo não admite um inferno onde há labaredas, tridentes, caldeiras e lâminas de navalhas; também não admite que seja uma felicidade para os eleitos levantar as tampas das caldeiras para aí ver fervendo os danados, talvez um pai, uma mãe ou um filho; não admite que Deus se compraza em ouvir, por toda a eternidade, os gritos de desespero de suas criaturas, sem ser tocado pelas lágrimas dos que se arrependem, nisto mais cruel que aquele tirano que mandou construir um respiradouro, pondo em comunicação as masmorras do palácio com o seu quarto de dormir, a fim de dar-se ao prazer de ouvir os gemidos de suas vítimas. Enfim, o Espiritismo não admite que a suprema felicidade consista numa contemplação perpétua, que seria uma perpétua inutilidade, nem que Deus tenha criado as almas para lhes dar apenas alguns anos, ou alguns dias de existência ativa e, em seguida, arrojá-las para sempre nas torturas ou numa inútil beatitude. Se esta é a pedra angular do

edifício, tem razão a Igreja para temer as idéias novas. Não é com tais crenças que ela tapará o abismo escancarado da incredulidade.

“Com isto, como disse muito a propósito o sábio bispo de Argel, tudo quanto os incrédulos puderam fazer foi mudar a face, para arrastar essa porção de crentes, cuja fé, simples e pouco esclarecida, facilmente se presta a tudo o que é extraordinário e, ao mesmo tempo, conseguir opor um novo obstáculo à conversão dessas almas sepultadas na indiferença religiosa que, vendo que querem reduzir o Cristianismo a um mosaico de superstições, acabaram blasfemando contra ele e o seu autor.”

Observações – Eis uma coisa muito singular! É o Espiritismo que impede a Igreja de converter as almas sepultadas na indiferença religiosa. Mas, então, por que ela não as converteu antes do aparecimento do Espiritismo? Nesse caso, ele é mais poderoso que a Igreja. Se os indiferentes se ligam a ele de preferência, é que, aparentemente, o que ele dá lhes convém mais.

“Para que os homens de pouca fé não se escandalizem lendo as doutrinas de *O Livro dos Espíritos*, e não creiam, um só instante, que elas estejam em harmonia com todos os cultos e com todas as crenças, inclusive a fé católica, como pretende Allan Kardec, nós lhes lembraremos que as Escrituras Santas as condenam como loucura, dizendo pela boca do Eclesiastes: ‘As adivinhações, os augúrios e os sonhos são coisas vãs, e o coração sofre essas quimeras; todas as vezes que não forem enviados pelo Altíssimo, desconfiai deles; porque os sonhos entristecem os homens e os que neles se apóiam são caídos.’ (Ecles., 36:5, 7.)²²

“Jesus-Cristo censura os seus discípulos por terem acreditado na visão de um fantasma, ao vê-lo andar sobre as águas, e não quer que se assegurem disto senão pelos sinais que lhes dá da realidade de sua pessoa. (Lucas, 24:39.)

22 **N. do T.:** Capítulo inexistente (36) em Eclesiastes. O espírito dessa passagem bíblica, embora sem corresponder exatamente à letra, pode ser encontrado em Jeremias, 27:9.

“Como intérpretes da palavra divina, a Igreja e os Santos Pais têm repellido constantemente esses meios enganadores, pelos quais se crê que os Espíritos se comunicam com os homens, e a razão esclarecida também os repele, pois, compreendendo que, por si só e sem o auxílio da fé, ela não pode abarcar as coisas nem as verdades que se referem ao passado na ordem sobrenatural. Como poderia atingir, por si mesma, num estado de transporte ou arrastada por uma imaginação ardente, aquilo que só se pode verificar de uma maneira, num lugar e em circunstâncias imprevistas?”

“Se, pois, em outras ocasiões, elevamos a voz contra esse materialismo ímpio e essa incredulidade sistemática, que nega a imortalidade da alma separada do corpo nos diferentes estados aos quais a divina justiça a destina para a eternidade, hoje nos vemos obrigados a protestar contra essa comunicação ativa, atribuída à evocação dos mortos, que pretende revelar o que só é perceptível à infinita penetração divina.

“Meus irmãos e meus diletos filhos, não vos deixeis arrastar por estas fábulas vãs, que encerram os erros e as preocupações dos povos bárbaros e ignorantes, e todas as invenções absurdas das criaturas cujo espírito, enfraquecido pela falta da verdadeira fé e pela superstição, abjuram a religião revelada pelo filho de Deus, degrada a razão humana e afasta a pureza da alma. Longe de nossos bem-amados diocesanos e, sobretudo, desses leitores, tidos, com justa razão, como esclarecidos e civilizados, de acreditarem nesses contos de sonhadores, tais como Allan Kardec, homens de imaginação exaltada e delirante! Longe de vós, pois, essa crença anticristã, que faz saírem dos túmulos os fantasmas, os Espíritos errantes; longe de vós essa superstição introduzida em nossa religião pelos pagãos convertidos ao Cristianismo, e que os escritos de seus sábios apologistas logo expulsaram.”

Observação – Os espíritas jamais fizeram os fantasmas saírem dos túmulos, e isto por uma razão muito simples: nos túmulos só existem os despojos mortais, que se destroem e não ressuscitam. Os Espíritos estão por toda parte no espaço, felizes por estarem livres e desembaraçados do corpo que os fazia sofrer, razão pela qual não se prendem aos seus restos, deles se afastando, em vez de o buscarem. O Espiritismo sempre repeliu a idéia de que as evocações fossem mais fáceis junto aos túmulos, de onde não se pode fazer sair o que lá não está. Só no teatro se vêem estas coisas.

“Tende cuidado para que vossos filhos, levados pela curiosidade juvenil, não leiam semelhantes produções e não se impressionem com as suas figuras, que têm feito perder o bom-senso a um bom número de pessoas, que hoje gemem nas casas de alienados, vítimas do Espiritismo.

“Envidai todos os esforços, meus filhos e meus irmãos, para conservar pura a doutrina que nos ensina o divino Mestre. Confiai e buscai apoio unicamente na sua santa palavra, no que concerne ao vosso futuro. E sabendo que é à Providência divina, sempre sábia, que cabe conduzir o homem através das vicissitudes desta vida, para experimentar a sua fé e avivar a sua esperança, sem querer sondar vossa sorte futura, buscai assegurá-la por meio das boas obras; são elas que certificam a vossa vocação de filhos de Deus, chamados à herança do Pai Celeste.”

Observação – Em vez de interferir na curiosidade dos filhos, não se estaria estimulando a dos pais, que esta pastoral não deixa de suscitar? Quanto à loucura, é sempre a mesma história, que começa a ser singularmente usada, e cujo resultado não foi mais feliz que o dos supostos fantasmas. Como são feitas experiências de todos os lados, ainda mais na intimidade das famílias do que em público, e encontrando-se os médiuns por toda parte, em todas as camadas da sociedade e em todas as idades, cada um saberá informar-se quanto ao verdadeiro estado de coisas; é por isto que os esforços feitos para desfigurar o Espiritismo não dão resultado. O número daqueles que falsas alegações conseguem ludibriar é muito fraco e, destes, querendo ver por si mesmos, muitos reconhecem a verdade. Como persuadir uma multidão de que é noite, quando todos podem ver que é dia claro? Esta faculdade de controle prático, dada a todos, é um dos caracteres especiais do Espiritismo; é o que constitui a sua força.

Já não se dá o mesmo com as doutrinas puramente teóricas, que podem ser combatidas pelo raciocínio. O Espiritismo baseia-se em fatos e observações que, incessantemente, cada um tem à mão.

Toda a argumentação do Sr. bispo de Barcelona assim se resume: As manifestações dos Espíritos são fábulas, imaginadas pelos incrédulos para destruir a religião; só se deve crer no que dizemos, porque somente nós estamos de posse da verdade; não examineis nada além, a fim de não serdes seduzidos.

“Para prevenir os perigos aos quais poderíeis sucumbir, e tendo em vista a autoridade divina que nos foi dada para vo-los assinalar e deles vos afastar, de conformidade com a faculdade que nos é reconhecida pelo artigo 3º da última concordata, e de acordo com o que foi previsto pelos cânones sagrados e as leis do reino, relativas aos erros que temos assinalado e combatido, condenamos *O Livro dos Espíritos*, traduzido em espanhol sob o título de *El Libro de los Espíritus*, de Allan Kardec, como incurso nos artigos 8º e 9º da ordenação promulgada em virtude da prescrição, para este efeito, do concílio de Trento. Proibimos a sua leitura a todos os nossos diocesanos, sem exceção, e lhes ordenamos que entreguem a seus curas os respectivos exemplares que lhes caírem nas mãos, para que nos sejam enviados com a máxima segurança possível.

“Dado em nossa santa visita de Mataro, a 27 de julho de 1864.”

Pantaleão, bispo de Barcelona,
Por ordem de S. E. S. monsenhor bispo,
Don Lazaro Bauluz, *secretário*

A proibição feita pelo bispo de Barcelona a todos os seus diocesanos, sem exceção, de se ocuparem do Espiritismo, é plagiada na do bispo de Argel. Duvidamos muito que ela tenha mais sucesso, embora seja na Espanha, porquanto nesse país, como alhures, as idéias fermentam, mesmo sob o abafador e, talvez, por causa do abafador, que as mantém em estufa quente. O auto-de-fé

de Barcelona apressou a sua eclosão. O efeito visado dessa solenidade aparentemente não correspondeu à expectativa, desde que não o repetiram; mas a execução, que já não ousam fazer em público, querem fazê-la em particular. Convidando seus administrados a lhe remeter todos os livros espíritas que lhes caírem à mão, monsenhor Pantaleão certamente não teve em vista colecioná-los. Ele lhes interdita evocar os Espíritos, o que é um direito seu; mas em sua pastoral esqueceu uma coisa essencial: proibir que os Espíritos entrem na Espanha.

Ele se admira de que o Espiritismo crie raízes tão facilmente no século dezenove. Devem admirar-se ainda mais de ver neste século a ressuscitação de usos e costumes da Idade Média. E, o que é mais surpreendente ainda, é que se encontrem pessoas, aliás instruídas, que compreendem tão pouco a natureza e a força da idéia, para crer que se lhe possa deter o caminho, como se retém um fardo de mercadorias na fronteira.

Vós vos queixais, monsenhor, de que os incrédulos e os indiferentes fiquem surdos à voz dos pastores da Igreja, ao passo que se submetem à do Espiritismo. É que eles são mais tocados pelas palavras de caridade, de encorajamento e de consolação do que pelos anátemas. Crêem reconduzi-los por imprecensões, como a pronunciada ultimamente pelo abade de Villemayor-de-Ladre, contra um pobre mestre-escola que se atreveu a contrariá-lo? Eis esta fórmula canônica, relatada pela *Correspondência* de Madrid, de junho de 1864, junto à qual a famosa imprecção de Camille é quase doçura. O poeta colocou-a na boca de uma pagã, mas não se atreveu a pô-la na de uma cristã.

“Maldito seja Auguste Vincent; malditas as roupas que o cobrem, a terra em que pisa, a cama onde dorme, a mesa em que come; malditos sejam o pão e todos os outros alimentos de que se nutre, a fonte onde bebe e todos os líquidos que toma.

“Que a terra se abra e ele seja enterrado neste momento; que tenha Lúcifer à sua direita. Ninguém possa falar com ele, sob pena de serem todos excomungados, mesmo para lhe dizer adeus; malditos sejam também seus campos, sobre os quais não cairá mais água, para que nada lhe produzam; maldita seja a água em que ele monta, a casa em que mora e as propriedades que possui.

“Malditos também sejam seus pais, os filhos que tem ou tiver, que serão em pequeno número e maus; eles irão mendigar e ninguém lhes dará esmola; e, se lhas derem, que não a possam comer. Ainda mais: que sua mulher fique viúva agora, seus filhos órfãos e sem pai.”

É bem num templo cristão que se fizeram ouvir tão horríveis palavras? É bem um ministro do Evangelho, um representante de Jesus-Cristo que as pronunciou? que, por uma injúria pessoal, vota um homem à execração de seus semelhantes, a danação eterna e a todas as misérias da vida, ele, seu pai, sua mãe, seus filhos presentes e futuros, e tudo o que lhe pertence? Jesus jamais utilizou semelhante linguagem, ele que orava por seus algozes e que disse: “Perdoai aos vossos inimigos”; que diariamente nos faz repetir, na Oração Dominical: “Senhor, perdoai nossas ofensas, assim como perdoamos aos que nos têm ofendido.” Quando pronuncia a maldição contra os escribas e fariseus, chama sobre estes a cólera de Deus? Não; mas lhes prediz as desgraças que os aguardam.

E vos admirais, monsenhor, dos progressos da incredulidade! Antes vos deveríeis admirar de que, em pleno século dezenove, a religião do Cristo seja tão mal compreendida pelos que são encarregados de ensiná-la. Não fiquéis, pois, surpreso se Deus envia seus Espíritos bons para lembrarem o sentido verdadeiro de sua lei. Eles não vêm para destruir o Cristianismo, mas para libertá-lo das falsas interpretações e dos abusos que nele introduziram os homens.

Instruções dos Espíritos

OS ESPÍRITOS NA ESPANHA

(Barcelona, 13 de junho de 1864 – Médiun: Sra. J.)

Venho junto a vós para que tenhais a bondade de me recomendar a Deus em vossas preces, porque sofro e desejo que as caridosas almas encarnadas tenham compaixão de um pobre Espírito que pede perdão a Deus. Por muito tempo entreguei-me ao mal; hoje, porém, venho dizer aos Espíritos que o fazem: Cessai, almas impuras, as vossas iniquidades; cessai de ser incrédulas e de levar uma vida errante, tal qual a vossa; cessai de fazer o mal, porque Deus diz aos Espíritos bons: “Ide e purificai essas almas perversas, que jamais conheceram o bem; é preciso que cesse o mal, porque estão próximos os tempos em que a Terra deve ser melhorada. Para que ela seja melhor, é preciso que as almas maculadas, que diariamente vêm povoá-la, se purifiquem, a fim de habitar novamente a Terra, melhores e mais caridosas.”

É o que disse Deus a seus Espíritos bons. E eu, que era um dos mais cruéis na obsessão, hoje venho dizer aos que fazem o que eu fazia: Almas transviadas, segui-me; pedi perdão a Deus e a essas almas puras que vos estendem o braço; implorai, e Deus vos perdoará; mas perdoai também, e arrependei-vos. O perdão é tão doce! Ah! se o conhecêsseis, não demoraríeis um instante em vos retirardes do lodaçal do mal onde vos atolais; voaríeis imediatamente aos braços dos anjos que estão junto de vós. Cessai, cessai, irmãos, arrependei-vos.

Meus amigos, permiti que eu vos dê esse nome, embora não me conheçais. Sou um desses Espíritos que tudo fizeram, exceto o bem; mas a cada pecado, misericórdia; e, já que Deus me concede o perdão e os anjos me chamam de irmão, espero que vós, que praticais a caridade, orareis por mim, pois tenho de passar por provas muito duras; mas elas são merecidas.

P. – Há muito tempo que enveredaste pelo bem?

Resp. – Não, meus amigos; há pouco tempo, pois sou o Espírito obsessor da menina de Marmande. Sou Jules; venho pedir às almas caridosas que orem por mim e dizer aos meus antigos companheiros: “Parai! Não façais mais mal, porque Deus perdoa aos pecadores arrependidos; arrependei-vos e sereis absolvidos. Venho trazer-vos as palavras de paz; recebei do anjo aqui presente o santo batismo, como eu o recebi.”

Eu vos deixo, caros amigos, recomendando não me esqueçais em vossas boas preces. Adeus.

Jules

Tendo perguntado ao Espírito se o da Pequena Cárita, sua protetora, o acompanhava, respondeu afirmativamente. Pedimos a esse Espírito bom que dissesse algumas palavras a respeito das obsessões que há tanto tempo combatemos. Eis o que nos disse:

“Meus amigos, as obsessões que atormentam essas pobres almas encarnadas são muito dolorosas, sobretudo para os médiuns, que desejam servir-se de suas faculdades para fazer o bem, e não o podem, porque Espíritos malvados se abateram sobre eles e não lhes dão paz; mas é preciso esperar que essas obsessões cheguem a seu termo. Orai muito, pedi a Deus, a própria bondade, se digne abreviar vossos sofrimentos e vossas provações. Evocai, almas queridas, esses Espíritos transviados; orai por eles; moralizai-os; pedi conselhos aos Espíritos bons. Estais bem acompanhados; não tendes junto a vós diversas dessas almas etéreas, que velam por vós, vos protegem e procuram fazer-vos progredir, a fim de que chegueis perto de Deus? Nisto está a sua tarefa; trabalham incessantemente para vos preparar o caminho, que jamais acaba. Se não estais libertos, meus caros amigos, talvez ainda não estejais bastante purificados para a tarefa que vos impusestes. Escolheste

livremente a vossa provação e deveis vos esforçar por levá-la a bom termo, porque os Espíritos vos guiam e vos sustentam para vos ajudar a terminar a vida terrestre santamente, depurando-vos pela expiação do sofrimento e pela caridade.

“Adeus, caros amigos. Deixo-vos, pedindo a Deus por vós e por esses pobres obsedados e lhe peço que sejais sempre protegidos pelos Espíritos purificados do vosso grupo. (Vide a *Revista* de fevereiro, março e junho de 1864: Cura da jovem obsedada de Marmande).”

Pequena Cárta

Eis dois Espíritos que violaram a ordem e transpuseram os Pirineus sem permissão, não levando em conta a pastoral do monsenhor Pantaleão e, mais ainda, sem terem sido chamados ou evocados. É verdade que a pastoral ainda não tinha aparecido; agora veremos se eles serão menos audaciosos. Poder-se-ia dizer que, se não os chamaram nessa reunião, estavam habituados a fazê-lo em outras e que, encontrando a porta aberta, aproveitaram para entrar; mas não tardará, se é que já não o fizeram, a vê-los se introduzirem, lá como alhures, como em Poitiers, por exemplo, entre pessoas que jamais ouviram falar de Espiritismo e mesmo entre os que, escrupulosos observadores da pastoral, lhes fechem a entrada de suas casas, a despeito dos manda-chuvas.

Já que tais Espíritos se permitiram essa afronta, perguntaremos ao Sr. bispo o que há de ridículo no fato e onde o *cinismo imundo* que, em sua opinião, é fruto do Espiritismo: uma jovem de Marmande, que nem ela, nem os pais pensavam nos Espíritos, que, talvez, nem neles acreditassem, é acometida, de um ano para cá, de uma doença terrível, bizarra, ante a qual a Ciência é impotente. Alguns espíritas crêem reconhecer a ação de um Espírito mau; tentam sua cura sem medicamentos, pela prece e pela

evocação desse Espírito mau. Em cinco dias, não só lhe restabelecem a saúde, mas conduzem o Espírito mau ao bem. Onde está o mal? onde o absurdo? Depois, esse mesmo Espírito vem a Barcelona, sem que o chamem, pedir preces para completar a sua purificação; dá-se como exemplo e exorta seus antigos companheiros a renunciarem ao mal; o Espírito bom que o acompanha prega a moral evangélica. Ainda aí, que há de ridículo e de imundo? O que é ridículo, dizeis, é acreditar na manifestação dos Espíritos. Mas, que são esses dois seres que acabam de comunicar-se? Um efeito da imaginação? Não, pois não pensavam neles, nem no fato de que acabam de falar. Quando tiverdes morrido, monsenhor, vereis as coisas de outro modo e rogaremos a Deus que vos esclareça, como fez com o vosso predecessor, hoje um dos protetores do Espiritismo em Barcelona.

Entre as comunicações por ele dadas à Sociedade Espírita de Paris, eis a primeira que, não obstante já publicada nesta *Revista*, será reproduzida para a edificação dos que não a conhecem (Vide a *Revista* de agosto de 1862: Morte do bispo de Barcelona; e, quanto aos detalhes do auto-de-fé, os números de novembro e dezembro de 1861).

“Auxiliado pelo vosso chefe espiritual (São Luís) pude vir ensinar-vos com o meu exemplo e vos dizer: Não repilais nenhuma das idéias anunciadas, porque um dia, um dia que durará e pesará como um século, essas idéias amontoadas clamarão como a voz do anjo: Caim, que fizestes de teu irmão? Que fizestes de nosso poder, que devia consolar e elevar a Humanidade? O homem que voluntariamente vive cego e surdo de espírito, como outros o são do corpo, sofrerá, expiará e renascerá para recomeçar o labor intelectual que a sua preguiça e o seu orgulho o levaram a evitar; e essa voz terrível me disse: Queimaste as idéias, e as idéias te queimarão. Orai por mim. Orai, porque é agradável a Deus a prece que lhe é dirigida pelo perseguido em benefício do perseguidor.

“Aquele que foi bispo e que não passa de um penitente.”

Os Espíritos não se detêm em Barcelona; Madri, Cadiz, Sevilha, Múrcia e muitas outras cidades recebem suas comunicações, às quais deu o auto-de-fé um novo impulso, aumentando o número de adeptos. Sem ter o dom de profecia, podemos dizer com certeza que, em menos de meio século, toda a Espanha será espírita.

[Múrcia (Espanha), 28 de junho de 1864]

Pergunta a um Espírito protetor – Poderíeis falar do estado das almas encarnadas em mundos superiores ao nosso?

Resposta – Como ponto de comparação com o vosso, tomo um mundo sensivelmente mais adiantado, onde a crença em Deus, na imortalidade da alma, na sucessão das existências para alcançar a perfeição, são outras tantas verdades reconhecidas e compreendidas por todos, onde a comunicação dos seres corpóreos com o mundo oculto é, por isso mesmo, muito fácil. Ali os seres são menos materiais que em vossa Terra, e não se acham sujeitos a todas as necessidades que vos pesam; formam a transição entre os corpóreos e os incorpóreos. Lá não há barreiras separando os povos, nem guerras; todos vivem em paz, praticando entre si a caridade e a verdadeira fraternidade; as leis humanas ali são inúteis; cada um traz consigo a consciência, que é o seu tribunal. O mal é raro e mesmo esse mal seria quase o bem para vós. Em relação a vós eles seriam perfeitos, mas ainda estão bem longe da perfeição divina; necessitam, ainda, de várias encarnações em diversos orbes, para completarem a purificação. Aquele que na Terra vos parece perfeito seria considerado como um revoltado e um criminoso no mundo de que vos falo. Vossos grandes sábios ali seriam os últimos ignorantes.

Nos mundos superiores as produções da Natureza nada têm de comum com as do vosso globo; tudo ali é apropriado à

organização menos material dos habitantes. Não é pelo suor do rosto e pelo trabalho manual que tiram o alimento. O solo produz naturalmente o que lhes é necessário. Contudo não estão inativos, mas suas ocupações são bem diferentes das vossas. Não tendo que prover às necessidades do corpo acodem às do Espírito; compreendendo cada um por que foi criado, estão positivamente seguros de seu futuro e trabalham sem trégua o seu próprio melhoramento e a purificação de sua alma.

Ali a morte é considerada um benefício. O dia em que a alma deixa o seu invólucro é um dia feliz. Sabe-se aonde se vai; passa-se primeiro, para ir mais longe esperar os pais, os amigos e os Espíritos simpáticos, deixados para trás.

Terra de paz, morada feliz, onde as vicissitudes da vida material são desconhecidas, onde a tranqüilidade da alma não é perturbada pela ambição, nem pela sede de riquezas, felizes os que te habitam! Eles alcançam o fim que perseguem há tantos séculos; vêem, sabem, compreendem; regozijam-se em pensar no futuro que os espera e trabalham com mais ardor para chegar mais prontamente.

Um Espírito protetor

Esta comunicação nada oferece que já não tenha sido dito sobre os mundos adiantados; mas não é menos interessante ver a concordância que se estabelece no ensino dos Espíritos nos diversos pontos do globo. Com tais elementos, como não se haveria de dar a unidade da doutrina?

Até agora, estando constituídos os pontos fundamentais da doutrina, os Espíritos têm pouca coisa nova a dizer; não os podem senão repetir em outros termos, desenvolver e comentar os mesmos assuntos, o que estabelece certa uniformidade em seus ensinamentos. Antes de abordar novas questões, deixam às que estão resolvidas o tempo de se identificarem com o

pensamento. Mas, à medida que o momento é propício para dar um passo à frente, vemo-los abordar novos assuntos que, mais cedo, teriam sido prematuros.

Conversas de Além-Túmulo

UM ESPÍRITO QUE SE JULGA MÉDIUM

A Sra. Gaspard, amiga da Sra. Delanne, era uma fervorosa espírita; seu pesar era não ser médium; teria desejado sobretudo ser médium vidente. Desde longa data sofria muito de um aneurisma. Em 2 de julho último, durante a noite, a ruptura desse aneurisma provocou-lhe a morte súbita. A Sra. Delanne ainda não tinha sido informada do evento quando, de dia, ouviu pancadas em diversas partes do quarto; a princípio não prestou grande atenção, mas a persistência dos golpes fez pensasse que algum Espírito queria comunicar-se. Como é excelente médium, tomou do lápis e escreveu o que se segue:

Oh! boa Sra. Delanne, como me fizestes esperar! Corri para vos contar minha nova faculdade: sou médium vidente. Vi meu caro Emílio, minhas crianças, todos, minha mãe, a mãe do Sr. Gaspard. Oh! como ele vai sentir-se feliz quando souber! Obrigado meu Deus, por tão grande favor!

P. – Sois vós mesma, Sra. Gaspard, que me falais neste momento?

Resp. – Como! não me vedes? Há muito tempo estou perto de vós. Estava impaciente porque não me respondíeis. Vamos! vireis, não? Agora é a vossa vez. E, depois, isto vos fará bem; iremos passear, agora que me sinto bem. Oh! como se é feliz, ao rever aqueles a quem se ama! Foi o que me curou. Como o bom Deus é bom e como cumpre suas promessas quando se é fiel aos seus mandamentos! – Hem, meu Emílio! e dizer que meu pobre pai ainda vai falar que estou louca! Isso não tem importância; mesmo

assim lho direi. – Vamos partir? É preciso levar vossa mãe, pois isto lhe fará bem. Pobre mulher! ela tem um ar tão bom!

P. – Vamos partir, Sra. Gaspard; eu vos sigo. Vamos mesmo à vossa casa em Châtillon? Dizei-me o que vedes ou, melhor, o que lá se passa no momento.

Resp. – Coisas singulares!

Dito isto, o Espírito se foi e a Sra. Delanne nada mais pôde obter.

Para a compreensão desta última parte da comunicação, diremos que, desde algum tempo, as duas amigas haviam planejado um passeio na casa de campo da Sra. Gaspard, em Châtillon. Surpreendida por uma morte súbita, a Sra. Gaspard não se dá conta de sua posição e ainda se julga viva; como vê os Espíritos que lhe são caros, imagina haver-se tornado vidente; é uma particularidade notável da transição da vida corpórea à vida espiritual. Além disso, achando-se livre do sofrimento, a Sra. Gaspard crê-se curada e vem renovar seu convite à Sra. Delanne. Contudo, nela as idéias são confusas, pois vem avisá-la por meio de golpes em torno dela, sem compreender que não seria advertida desta maneira se estivesse viva.

A Sra. Delanne logo compreende a singularidade da posição, mas, não lhe querendo tirar as ilusões, a convida a ver o que se passa em Châtillon. O Espírito para ali se transporta e talvez tenha sido chamado à realidade por alguma circunstância imprevista, já que exclama: “Coisas singulares!”, e interrompe a comunicação.

Aliás, a ilusão durou pouco. A partir do dia seguinte a Sra. Gaspard já estava completamente desprendida e ditou excelente comunicação, dirigida ao marido e aos amigos, congratulando-se por haver conhecido o Espiritismo, que lhe proporcionara uma morte isenta das angústias da separação.

Estudos Morais

UMA FAMÍLIA DE MONSTROS

Escrevem de Brunswick ao *Pays*:

“Uma camponesa das cercanias de Lutter acaba de dar à luz uma criança com todas as aparências de um macaco, pois seu corpo é quase inteiramente coberto de pelos negros e cerrados, e nem mesmo o rosto está isento dessa estranha vegetação.

“Casada há doze anos, e embora admiravelmente conformada, essa infeliz senhora ainda não deu à luz um só filho que não fosse acometido de enfermidades mais ou menos horríveis.

“Sua filha mais velha, de dez anos, é completamente corcunda e a fisionomia parece copiada, traço por traço, da de Polichinelo. Seu segundo filho é um menino de sete anos; ele é aleijado das pernas. O terceiro, que vai completar cinco anos, é surdo-mudo e idiota. Enfim a quarta, de dois anos e meio, é completamente cega.

“Qual pode ser a causa desse estranho fenômeno? Eis um ponto que a Ciência deve esclarecer.

“O pai é um homem perfeitamente constituído e tem todas as aparências da mais robusta saúde e nada pode explicar a espécie de fatalidade que pesa sobre a sua raça.”

(*Moniteur* de 29 de julho de 1864)

“Eis um ponto”, diz o jornal, “que a Ciência deve esclarecer.” Há muitos outros pontos diante dos quais a Ciência fica impotente, sem contar os de Morzine e de Poitiers. A razão disto é muito simples: é que ela se obstina em buscar as causas

apenas na matéria, só levando em conta as leis que conhece. A respeito de certos fenômenos ela está na posição em que se encontraria se não tivesse saído da física de Aristóteles, se tivesse desconhecido a lei da gravitação ou a da eletricidade. Por onde esteve a religião, quando desconhecia a lei do movimento dos astros? Onde estão ainda hoje os que desconhecem a lei geológica da formação do globo?

Duas forças partilham o mundo: o Espírito e a matéria. O Espírito tem as suas leis, como a matéria tem as dela. Ora, reagindo incessantemente uma sobre a outra, resulta que certos fenômenos materiais têm como causa a ação do Espírito e que umas não podem ser perfeitamente compreendidas se as outras não forem levadas em conta. Fora das leis tangíveis há uma outra que desempenha no mundo um papel capital: a que estabelece as relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Quando a Ciência reconhecer a existência desta lei, nela encontrará a solução de uma multidão de fenômenos, contra os quais se choca inutilmente.

As monstrosidades, como todas as enfermidades congênicas, por certo têm uma causa fisiológica, que é da alçada da ciência material; mas, supondo que esta venha descobrir o segredo desses desvios da Natureza, restará sempre o problema da causa primeira e a conciliação do fato com a justiça de Deus. Se a Ciência disser que isto não lhe concerne, o mesmo não poderá dizer a religião. Quando a Ciência demonstra a existência de um fato, incumbe à religião o dever de aí procurar a prova da soberana sabedoria. Alguma vez já terá ela sondado, do ponto de vista da divina equidade, o mistério dessas existências anômalas? dessas fatalidades que parecem perseguir certas famílias, sem causas atuais conhecidas? Não, porque sente a sua impotência e se apavora com essas questões perigosas para seus dogmas absolutos. Até agora tinham aceitado o fato sem ir mais longe; mas hoje pensam, refletem, querem saber; interrogam a Ciência, que procura nas

fibras e fica muda; interrogam a religião, que responde: Mistério impenetrável!

Pois bem! o Espiritismo vem desvendar esse mistério e dele fazer sair a deslumbrante justiça de Deus; prova que essas almas deserdadas desde o nascimento neste mundo já viveram e expiam, em corpos diferentes, suas faltas passadas. A observação o demonstra e a razão diz, porquanto não se poderia admitir que fossem castigadas ao sair das mãos do Criador, quando ainda nada haviam feito.

Tudo bem, dirão, para o ser que nasce assim. Mas, e os pais? essa mãe que dá à luz seres desgraçados? que é privada da alegria de ter um único filho que lhe faça honra e que possa mostrar com orgulho? A isto responde o Espiritismo: Justiça de Deus, expiação, provação para sua ternura materna, pois é uma prova bem grande só ver em torno de si, pequenos monstros, em vez de crianças graciosas. E acrescenta: Não há uma só infração às leis de Deus que, mais cedo ou mais tarde, não tenha suas funestas conseqüências, na Terra ou no mundo dos Espíritos, nesta ou numa vida seguinte. Pela mesma razão, não há uma só vicissitude da vida que não seja a conseqüência e a punição de uma falta passada, e assim será para cada um, enquanto não se tiver arrependido, expiado e reparado o mal que fez; retorna à Terra para expiar e reparar; cabe a ele melhorar-se bastante para a ela não mais voltar *como condenado*. Muitas vezes Deus se serve daquele que é punido para punir outros; é assim que os Espíritos dessas crianças, como punição, devendo encarnar em corpos disformes, são, sem o saber, instrumentos de expiação para a mãe que os deu à luz. Essa justiça distributiva, proporcionada à duração do mal, é preferível à das penas eternas, irremissíveis, que fecham a todos, e para sempre, o caminho do arrependimento e da reparação.

Lido o fato acima na Sociedade Espírita de Paris, como assunto de estudo filosófico, um Espírito deu a seguinte explicação:

(Sociedade de Paris, 29 de julho de 1864)

Se pudésseis ver as forças ocultas que fazem mover o vosso mundo, compreenderíeis como tudo se encadeia, das menores às maiores coisas; compreenderíeis, sobretudo, a ligação íntima que existe entre o mundo físico e o mundo moral, esta grande lei da Natureza; veríeis a multidão de inteligências que presidem a todos os fatos e os utilizam para que sirvam à realização dos propósitos do Criador. Suponde-vos um instante ante uma colméia, cujas abelhas fossem invisíveis; o trabalho que veríeis realizar-se diariamente vos causaria admiração e, talvez, exclamásteis: Singular efeito do acaso! Pois bem! realmente estais em presença de um ateliê imenso, conduzido por inumeráveis legiões de operários, para vós invisíveis, dos quais uns não passam de trabalhadores manuais, que obedecem e executam, enquanto outros comandam e dirigem, cada um em sua esfera de ação, proporcionada ao seu desenvolvimento e ao seu adiantamento e, assim, pouco a pouco, até a vontade suprema, que tudo impulsiona.

Assim se explica a ação da Divindade nos mais insignificantes detalhes. Como os soberanos temporais, Deus tem seus ministros, e estes, agentes subalternos, engrenagens secundárias do grande governo do Universo. Se, num país bem administrado, o último casebre sente os efeitos da sabedoria e da solicitude do chefe de Estado, como não deve a infinita sabedoria do Altíssimo estender-se aos menores detalhes da Criação!

Não creiais, pois, que essa mulher, de que acabais de falar, seja vítima do acaso ou de uma cega fatalidade. Não; o que lhe acontece tem sua razão de ser – ficai bem convencidos. Ela é castigada em seu orgulho; desprezou os fracos e os enfermos; foi dura para com os seres caídos em desgraça, dos quais desviava os olhos com repulsa, em vez de envolvê-los num olhar de comiseração; envaideceu-se da beleza física de seus filhos, à custa de mães menos favorecidas; mostrava-os com orgulho, porque aos

seus olhos a beleza do corpo tinha mais valor que a beleza da alma; assim, neles desenvolveu vícios, que lhes retardaram o avanço, em vez de desenvolver as qualidades do coração. É por isso que Deus permitiu que, em sua existência atual, ela só tivesse filhos disformes, a fim de que a ternura maternal a ajudasse a vencer sua repugnância pelos infelizes. Para ela isto é uma punição e um meio de adiantamento; mas nessa própria punição brilham, ao mesmo tempo, a justiça e a bondade de Deus, que castiga com uma das mãos, mas incessantemente dá ao culpado, com a outra, os meios de se resgatar.

Um Espírito protetor

Variedades

SUICÍDIO FALSAMENTE ATRIBUÍDO AO ESPIRITISMO

O *Moniteur* de 6 de agosto estampa o seguinte artigo, que o *Siècle* reproduziu no dia seguinte:

“Ontem, quinta-feira, às duas horas da tarde, um jovem de apenas dezenove anos, filho de um médico, suicidou-se em seu domicílio, na Rua dos Mártires, com um tiro de pistola na boca.

“A bala fraturou-lhe a cabeça. A morte, porém, não foi instantânea: conservou a razão por alguns momentos e, às perguntas que lhe eram feitas, respondia que, salvo o desgosto que ia causar ao pai, não sentia nenhum pesar pelo que havia feito. Depois foi tomado de delírio e, a despeito dos cuidados de que o rodearam, morreu na mesma noite, depois de uma agonia de cinco horas.

“Dizem que desde algum tempo esse infeliz rapaz nutria idéias de suicídio, presumindo-se, *com ou sem razão*, que o estudo do Espiritismo, ao qual se entregara com ardor, não tinha sido estranho à sua fatal resolução.”

Por certo esta notícia fará o seu passeio nos jornais, como outrora a dos quatro supostos loucos de Lyon, repetida cada vez com o acréscimo de um zero, tamanha a avidez com que os nossos adversários buscam as ocasiões para criticar o Espiritismo. A verdade não tarda a ser conhecida, mas, que importa! espera-se que de uma pequena calúnia espalhada, sempre reste alguma coisa. Sim, dela algo resta: uma mancha sobre os caluniadores. Quanto à Doutrina, não se nota que tenha sofrido por isto, já que prossegue sua marcha ascendente.

Nossos cumprimentos ao diretor do *Avenir*, Sr. d'Ambel, por seu empenho em informar-se da verdadeira causa do acontecimento. Eis o que diz ele a respeito, no número de 11 de agosto de 1864:

“Confessamos que a leitura dessa pasquinada mergulhou-nos na mais profunda estupefação. É impossível não protestar contra a leviandade com que o órgão oficial acolheu semelhante acusação. O *Espiritismo* é completamente estranho ao ato desse moço infeliz. Nós, que somos vizinhos do local do sinistro, sabemos perfeitamente que tal não foi a causa desse espantoso suicídio. É com a maior reserva que devemos indicar a verdadeira causa dessa catástrofe. Mas, enfim, a verdade é a verdade, e nossa doutrina não pode permanecer sob o golpe de tal imputação.

“Desde muito tempo esse jovem, que apresentam como ardoroso estudioso de nossa doutrina, tinha fracassado várias vezes nos *exames de proficiência exigidos ao fim do curso secundário*²³. O estudo lhe era tão antipático quanto a profissão paterna; em breve ele deveria submeter-se a novo exame. Mas foi em consequência de uma viva discussão com o pai que, temendo ser reprovado mais uma vez, tomou e executou a fatal resolução.

23 N. do T.: Grifos nossos. No original: *baccalauréat*.

“Acrescentamos que se realmente tivesse conhecido o *Espiritismo*, nossa doutrina o teria detido na queda fatal, ao mostrar-lhe todo o horror que nos inspira o suicídio e todas as conseqüências terríveis que tal crime arrasta consigo. (Vide *O Livro dos Espíritos*, pág. 406 e seguintes).”

Notas Bibliográficas

PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS

Pelo Sr. Camille Flammarion

Nossos leitores se lembram de uma brochura, sob o mesmo título, publicada pelo Sr. Flammarion, da qual demos notícia, com o devido elogio que ela merece, na *Revista Espírita* de janeiro de 1863. O sucesso do opúsculo levou o autor a desenvolver a mesma tese numa obra mais completa, onde a questão é tratada com todos os desenvolvimentos que comporta, do ponto de vista da Astronomia, da Fisiologia e da Filosofia Natural.

Nesta obra é feita abstração do Espiritismo, do qual não se fala e, por isto mesmo, tanto se dirige aos incrédulos quanto aos crentes. Como, porém, a pluralidade dos mundos habitados se liga intimamente à Doutrina Espírita, é muito importante vê-la consagrada pela Ciência e pela Filosofia. Sob esse aspecto, a extraordinária e sábia obra tem seu lugar marcado na biblioteca dos espíritas.

É sob o mesmo ponto de vista, isto é, fora da revelação dos Espíritos, que será tratada a importante questão da *pluralidade das existências*, numa obra ora no prelo, editada pelos Srs. Didier & Cie. O nome do autor, conhecido no mundo científico, é uma garantia de que o seu livro estará à altura do assunto.

A VOZ DE ALÉM-TÚMULO

**Jornal do Espiritismo, publicado em Bordeaux,
sob a direção do Sr. Aug. Bez**

Eis a quarta publicação periódica espírita que aparece em Bordeaux, e que temos a satisfação de incluir nas reflexões que fizemos em nosso último número, sobre as publicações do mesmo gênero. De longa data conhecemos o Sr. Bez como um dos firmes sustentáculos da causa. Sua bandeira é a mesma que a nossa e temos fé em sua prudência e moderação. É, pois, mais um órgão que vem somar sua voz às que defendem os verdadeiros princípios da doutrina. Que seja bem-vindo!

Fomos informados de que em breve Marselha também terá o seu jornal espírita.

A multiplicação desses jornais especiais sugeriu-nos importantes reflexões em seu interesse, mas a falta de espaço obriga-nos a adiar o assunto para o próximo número.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

OUTUBRO DE 1864

Nº 10

O Sexto Sentido e a Visão Espiritual

ENSAIO TEÓRICO SOBRE OS ESPELHOS MÁGICOS

Dá-se o nome de *espelhos mágicos* a objetos, geralmente de reflexos brilhantes, tais como gelo, placas metálicas, garrafas, vidros, etc., nos quais certas pessoas vêem imagens que lhes projetam acontecimentos afastados, passados, presentes e, por vezes, futuros, e as põem em condição de responder às perguntas que lhes são dirigidas. O fenômeno não é excessivamente raro. Os espíritos fortes os tacham de crença supersticiosa, efeito da imaginação, charlatanismo, como tudo o que não podem explicar pelas leis naturais conhecidas; o mesmo se dá com todos os efeitos sonambúlicos e mediúnicos. Mas se o fato existe, sua opinião não poderia prevalecer contra a realidade, e se é mesmo forçado a admitir a existência de uma nova lei, ainda não observada.

Até agora não nos estendemos sobre este assunto, a despeito dos numerosos fatos que nos eram relatados, porque temos por princípio não afirmar senão o que podemos dar conta, já que é nosso hábito, tanto quanto possível, dizer o como e o porquê das coisas, isto é, juntar ao relato uma explicação racional.

Mencionamos o fato com o testemunho de pessoas sérias e respeitáveis; mas, admitindo a possibilidade do fenômeno e, mesmo, a sua realidade, ainda não tínhamos visto com suficiente clareza a que lei podia ligar-se para ficar em condições de dar-lhe uma solução. Daí por que nos abstermos. Além disso, os relatos que tínhamos à vista podiam estar carregados de exagero; faltavam, sobretudo, certos detalhes de observação, os únicos que podem ajudar a fixar as idéias. Agora que vimos, observamos e estudamos, podemos falar com conhecimento de causa.

Inicialmente vamos relatar, de modo sumário, os fatos que testemunhamos. Não pretendemos convencer os incrédulos; queremos apenas tentar esclarecer um ponto ainda obscuro da ciência espírita.

Durante a excursão espírita que fizemos este ano, tendo ido passar alguns dias na casa do Sr. de W..., membro da Sociedade Espírita de Paris, no cantão de Berna, na Suíça, este último nos falou de um camponês das cercanias, torneiro de profissão, que goza da faculdade de descobrir fontes e de ver num copo as respostas às perguntas que lhe fazem. Para a descoberta das fontes, algumas vezes ele se transporta aos lugares, servindo-se da varinha usada em semelhantes casos; outras vezes, sem se deslocar, serve-se de seu copo e dá as indicações necessárias. Eis um notável exemplo de sua lucidez:

Na propriedade do Sr. de W... havia um conduto de águas muito extenso; mas, em razão de certas causas locais, acharam melhor que a captação da água fosse mais próxima. A fim de poupar, na medida do possível, escavações inúteis, o Sr. de W... recorreu ao descobridor de fontes. Este, sem deixar o seu quarto, lhe disse, olhando o seu copo: “No percurso dos tubos existe uma outra fonte; está a tantos pés de profundidade, abaixo do décimo quarto tubo, a partir de tal ponto.” A coisa foi encontrada tal qual ele o havia indicado. A ocasião era muito favorável para ser

aproveitada, no interesse de nossa instrução. Então fomos à casa desse homem, com o Sr. e a Sra. de W.. e duas outras pessoas. Algumas informações por ele dadas não deixam de ser úteis.

Trata-se de um homem de sessenta e quatro anos, bem alto, magro, de boa saúde, embora aleijado e andando com dificuldade. É protestante, muito religioso e faz suas leituras habituais da Bíblia e de livros de preces. Sua enfermidade, conseqüente a uma doença, data da idade de trinta anos. Foi nessa época que a faculdade se lhe revelou. Diz que foi Deus que lhe quis dar uma compensação. Sua fisionomia é expressiva e alegre, o olhar vivo, inteligente e penetrante. Só fala o dialeto alemão da região e não entende uma palavra de francês. É casado e pai de família; vive do produto de alguns pedaços de terra e de seu trabalho pessoal, de modo que, sem estar folgado, não passa por necessidades.

Quando pessoas desconhecidas se apresentam em sua casa para o consultar, seu primeiro movimento é de desconfiança; perscruta de certo modo as suas intenções e, por pouco favorável que seja essa impressão, responde que só se ocupa de fontes e recusa qualquer experiência com o copo. Nega-se, sobretudo, a responder a perguntas que tenham por objetivo a cupidez, tais a busca de tesouros, as especulações arriscadas, ou a realização de algum propósito mau; numa palavra, a todas as que possam chocar a lealdade e a delicadeza. Diz que Deus lhe retiraria a faculdade, caso se ocupasse dessas coisas. Quando alguém lhe é apresentado por pessoas de conhecimento, ou desperte a sua simpatia, logo sua fisionomia se torna aberta e benevolente. Se o motivo pelo qual se o interroga for sério e útil, ele se interessa e condescende nas buscas; mas se as perguntas forem fúteis e de mera curiosidade, ou se a ele se dirigem como a um ledor de buena-dicha, não responde.

Graças à presença e à recomendação do Sr. de W.. tivemos a felicidade de ser bem recebido por ele, não tendo senão que demonstrar satisfação pela sua cordial acolhida e boa vontade.

Esse homem revela a mais completa ignorância no que concerne ao Espiritismo; não tem a menor idéia dos médiuns, nem das evocações, das intervenções dos Espíritos ou da ação fluídica. Para ele, sua faculdade está nos nervos, numa força que não sabe explicar, nem jamais buscou compreender, porque, quando lhe pedimos que dissesse de que maneira via em seu copo, pareceu-nos que era a primeira vez que sua atenção era despertada para tal ponto. Isto, para nós, era coisa essencial; não foi senão depois de algumas perguntas sucessivas que chegamos a compreender ou, melhor, a destrinçar o seu pensamento.

Seu copo é um copo comum para água, vazio, mas é sempre o mesmo; só tem essa serventia e não deveria utilizar outro. Na previsão de um acidente, foi-lhe indicado onde podia encontrar outro copo para substituí-lo. Havendo conseguido um, guarda-o de reserva. Quando o interroga, segura-o na palma da mão e olha no seu interior; se o copo for colocado na mesa, nada vê. Quando fixa o olhar no fundo, parece que os olhos se velam por um instante, mas logo retomam seu brilho habitual; então, olhando alternativamente para o copo e para os interlocutores, fala como de costume, dizendo o que vê, respondendo às perguntas de maneira simples, natural e sem ênfase. Em suas experiências não faz invocação, não emprega sinais cabalísticos nem pronuncia fórmulas ou palavras sacramentais. Quando lhe fazem uma pergunta, ele concentra a atenção e a vontade no assunto proposto, olhando no fundo do copo, onde se formam instantaneamente as imagens das pessoas e das coisas relativas ao tema de que se ocupa. Quanto às pessoas, descreve-as do ponto de vista físico e moral, como o faria um sonâmbulo lúcido, de maneira a não deixar nenhuma dúvida quanto à sua identidade. Também descreve, com maior ou menor precisão, lugares que não conhece, destruindo, assim, a idéia de que aquilo que vê seja produto da sua imaginação. Quando disse ao Sr. de W... que a fonte estava a tantos pés abaixo do décimo quarto tubo, por certo não podia tomá-lo do seu próprio cérebro. Para se

tornar mais inteligível, ele se serve, em caso de necessidade, de um pedaço de giz, com o qual traça, na mesa, pontos, círculos, linhas de vários tamanhos, indicando as pessoas e os lugares de que fala, sua posição relativa, etc., de modo a não ter senão que as mostrar quando volta a elas, dizendo: É este que faz tal coisa, ou é em tal ponto que tal coisa se passa.

Certo dia uma senhora o interrogava quanto à sorte de uma mocinha, raptada por ciganos há mais de quinze anos, sem que, desde então, jamais tivessem tido notícias suas. Partindo, à maneira dos sonâmbulos, do local onde a coisa se dera, seguia os traços da menina que, dizia, via no copo, e que, segundo ele, tinha seguido pelas bordas de uma grande água, isto é, o mar. Afirmou que vivia e descreveu sua situação, sem, contudo, ser capaz de precisar o local de sua residência, pois ainda não havia chegado o momento de ser devolvida à sua mãe; que, antes, seria preciso se realizassem certas coisas que especificou, e que uma circunstância fortuita levasse a mãe a reconhecer a filha. A fim de melhor precisar a direção a seguir para encontrá-la, pediu que de outra vez lhe trouxessem uma carta geográfica. O mapa lhe foi mostrado em nossa presença, no dia de nossa visita; mas, porque não tivesse nenhuma noção de geografia, foi preciso explicar-lhe o que representava o mar, os rios, as cidades, as estradas e as montanhas. Então, pondo o dedo sobre o ponto de partida, indicou o caminho que levava ao lugar em questão. Embora houvesse decorrido algum tempo desde a primeira consulta, recordou-se perfeitamente de tudo quanto havia dito e foi o primeiro a falar da mocinha, antes mesmo que o interrogassem.

Como a questão ainda não fora esclarecida, nada podemos prejudicar quanto ao resultado de suas previsões. Diremos apenas que, em relação às circunstâncias passadas e conhecidas, ele tinha visto com total precisão. Citamos o caso apenas como exemplo de sua maneira de ver.

Pelo que nos respeita pessoalmente, também pudemos constatar a sua lucidez. Sem pergunta prévia e, mesmo, sem que pensássemos no caso, ele nos falou espontaneamente de uma afecção que nos faz sofrer há algum tempo, cujo termo fixou. E, coisa notável, esse termo é o mesmo indicado pela sonâmbula, Sra. Roger, que tínhamos consultado sobre o assunto, seis meses antes.

Ele não nos conhecia nem de vista, nem de nome; e embora lhe fosse difícil compreender a natureza dos nossos trabalhos, em razão de sua ignorância, indicou claramente, por meio de circunlóquios, imagens e expressões à sua maneira, o seu objetivo, as suas tendências e os resultados inevitáveis. Sobretudo este último ponto parecia interessá-lo vivamente, pois repetia sem cessar que a coisa deveria realizar-se, que a ela estávamos destinado desde o nascimento, e que nada se lhe poderia opor. Por si mesmo falou da pessoa chamada a continuar a obra depois da nossa morte, dos obstáculos que certos indivíduos procuravam lançar em nosso caminho, das rivalidades ciumentas e das ambições pessoais; designou de maneira inequívoca os que podiam utilmente nos secundar e aqueles dos quais devíamos desconfiar, voltando sempre sobre uns e outros com certa obstinação; por fim entrou em detalhes circunstanciados de perfeita justeza, tanto mais notáveis quanto a maioria deles não eram provocados por nenhuma pergunta, coincidindo, em todos os pontos, com as revelações muitas vezes feitas por nossos guias espirituais, para o nosso governo.

Esse gênero de pesquisas escapava totalmente dos hábitos e dos conhecimentos desse homem, como ele próprio o dizia. Várias vezes repetiu: “Digo aqui muitas coisas que não diria a outros, porque não compreenderiam; mas *ele* (designando-nos) me compreende perfeitamente.” Com efeito, havia coisas intencionalmente ditas em meias palavras, só inteligíveis para nós. Vimos no fato uma marca especial da benevolência dos Espíritos bons que, por esse meio novo e inesperado, quiseram

confirmar as instruções que nos haviam dado em outras circunstâncias e, ao mesmo tempo, oferecer-nos um assunto de observação e de estudo.

Para nós, está comprovado que este homem é dotado de uma faculdade especial e que, realmente, ele vê. Vê sempre certo? Esta não é a questão; basta que tenha visto muitas vezes para constatar a existência do fenômeno. A infalibilidade não é dada a ninguém na Terra, já que aqui ninguém goza da perfeição absoluta. Como vê ele? Eis o ponto essencial, que só pode ser deduzido pela observação.

Em conseqüência de sua falta de instrução e dos preconceitos do meio em que sempre viveu, está imbuído de certas idéias supersticiosas, que mistura com os seus relatos. É assim, por exemplo, que acredita na influência dos planetas sobre o destino das criaturas e na dos dias felizes e infelizes. Conforme o que tinha visto de nós, deveríamos ter nascido não sabemos sob que signo; deveríamos abster-nos de empreender coisas importantes em certo dia da Lua. Não tentamos dissuadi-lo, o que certamente não conseguiríamos e só teria servido para perturbá-lo. Mas o fato de ele ter algumas idéias falsas não constitui motivo para negar a faculdade que possui, como a presença do joio num monte de trigo não significa ausência de grãos de boa qualidade. Do mesmo modo, porque nem sempre um homem vê certo, não se segue absolutamente que não veja.

Quando mais ou menos se deu conta do fim e dos resultados de nossos trabalhos, perguntou muito seriamente e com certa ansiedade ao ouvido do Sr. de W... se por acaso teríamos encontrado o sexto livro de Moisés. Ora, segundo uma tradição popular em algumas localidades, Moisés teria escrito um sexto livro, contendo novas revelações e a explicação de tudo o que há de obscuro nos cinco primeiros. Conforme a mesma tradição, o livro será descoberto um dia. Se alguma coisa pode dar a chave de todas

as alegorias das *Escrituras*, é, seguramente, o Espiritismo, que, assim, realizaria a idéia vinculada ao pretenso sexto livro de Moisés. É muito singular que esse homem haja concebido tal idéia.

Um exame atento dos fatos acima demonstra completa analogia entre esta faculdade e o fenômeno designado sob o nome de *segunda vista*, *dupla vista* ou *sonambulismo desperto*, e que é descrito em *O Livro dos Espíritos*, cap. VIII: *Emancipação da alma*, e em *O Livro dos Médiuns*, cap. XIV. Ela tem, pois, o seu princípio na propriedade irradiante do fluido perispiritual que, em certos casos, permite à alma perceber coisas a distância, ou seja, a *emancipação da alma*, que é uma lei da Natureza. Não são os olhos que vêem; é a alma que, por seus raios, atingindo um ponto dado, exerce sua ação exteriormente e sem o concurso dos órgãos corporais. Esta faculdade é muito mais comum do que se pensa e se apresenta com graus de intensidade e de aspectos muito diversos, conforme os indivíduos: nuns ela se manifesta pela percepção permanente ou acidental, mais ou menos clara, das coisas afastadas; noutros, pela simples intuição dessas mesmas coisas; em outros, enfim, pela transmissão do pensamento. É de notar que muitos a possuem sem o suspeitar e, sobretudo, sem se darem conta; ela é inerente ao seu ser, e lhes parece tão natural como a faculdade de ver pelos olhos; muitas vezes, mesmo, confundem as duas percepções. Se se lhes perguntar como vêem, na maioria das vezes não sabem explicar melhor do que explicariam o mecanismo da visão ordinária.

O número de pessoas que gozam espontaneamente dessa faculdade é muito considerável, de modo que ela independe de um aparelho qualquer. O copo de que esse homem se serve é um acessório que só lhe é útil por hábito, pois constatamos que em várias circunstâncias ele descrevia as coisas sem o olhar. Pelo que nos concerne, notadamente falando de indivíduos, ele os indicava com o giz, por sinais característicos de suas qualidades e de sua posição. Era, sobretudo, sobre esses sinais que ele falava, olhando a mesa, sobre a qual parecia ver tão bem quanto no copo, que

apenas olhava; mas, para ele, o copo é necessário, e eis como o podemos explicar:

A imagem que ele observa forma-se nos raios do fluido perispiritual, que lhe transmitem a sua sensação; concentrando-se sua atenção no fundo do copo, para aí dirige os raios fluídicos e, muito naturalmente, a imagem aí se concentra, como se se concentrasse sobre um objeto qualquer: num copo de água, numa garrafa, numa folha de papel, num mapa ou num ponto vago do espaço. É um meio de fixar o pensamento e o circunscrever, e estamos convencidos de que quem quer que exerça tal faculdade com o auxílio de um objeto material verá igualmente bem com um pouco de exercício e com a firme vontade de o dispensar.

Contudo, admitindo-se, o que ainda não está provado, que o objeto possa agir sobre certas organizações, à maneira dos excitantes, de modo a provocar o desprendimento fluídico e, em consequência, o isolamento do Espírito, há um fato capital, adquirido pela experiência: é que não existe nenhuma substância especial que, a tal respeito, desfrute de uma propriedade exclusiva. O homem em questão só vê num copo vazio, seguro na palma da mão; não pode ver noutro copo e nem mesmo em seu próprio copo, desde que colocado de outro modo. Se a propriedade fosse inerente à substância e à forma do objeto, por que dois objetos, da mesma natureza e da mesma forma, não a possuiriam para o mesmo indivíduo? Por que o que tem efeito sobre um não o teria sobre outro? Por que, enfim, tantas pessoas possuem essa faculdade sem o concurso de nenhum aparelho? É, como dissemos, porque a faculdade é inerente ao indivíduo, e não ao copo. A imagem forma-se nele mesmo, ou, melhor, nos raios fluídicos que dele emanam. A bem dizer, o copo não oferece senão o reflexo dessa imagem: é um efeito, e não uma causa. Tal a razão por que nem todos vêem no que se convencionou chamar *espelhos mágicos*. Para isto não basta a visão *corporal*; é necessário ser dotado da faculdade chamada *dupla vista*, que seria designada, mais

apropriadamente, *visão espiritual*. E isto é tão verdadeiro que certas pessoas vêem perfeitamente com os olhos fechados.

A *visão espiritual* é, na realidade, o *sexto sentido* ou *sentido espiritual*, de que tanto se falou e que, como os demais sentidos, pode ser mais ou menos obtuso ou sutil. Ele tem como agente o fluido perispiritual, como a visão corporal tem por agente o fluido luminoso. Assim como a irradiação do fluido luminoso leva a imagem dos objetos à retina, a irradiação do fluido perispiritual leva à alma certas imagens e certas impressões. Esse fluido, como todos os outros, tem seus efeitos próprios, suas propriedades *sui generis*.

Sendo o homem composto de Espírito, perispírito e corpo, durante a vida as percepções e sensações se produzem, ao mesmo tempo, pelos sentidos orgânicos e pelo *sentido espiritual*; depois da morte os sentidos orgânicos são destruídos, mas, restando o perispírito, o Espírito continua a perceber pelo sentido espiritual, cuja sutileza aumenta em razão do desprendimento da matéria. O homem em que tal sentido é desenvolvido, goza, assim, por antecipação, de uma parte das sensações do Espírito livre. Embora amortecido pela predominância da matéria, nem por isto o sentido espiritual deixa de produzir sobre todos os homens uma multidão de efeitos reputados maravilhosos, por falta de conhecimento do princípio.

Estando na Natureza, já que se prende à constituição do Espírito, essa faculdade existiu em todos os tempos; mas, como todos os efeitos cuja causa é desconhecida, a ignorância a atribuía a causas sobrenaturais. Os que a possuíam em grau eminente podiam dizer, saber e fazer coisas acima do alcance vulgar; dentre estes, uns eram acusados de pactuar com o diabo; qualificados de feiticeiros, eram queimados vivos, enquanto outros foram beatificados, como tendo o dom dos milagres, quando, na realidade, tudo se reduzia à aplicação de uma lei natural.

Voltemos aos *espelhos mágicos*. A palavra *magia*, que outrora significava *ciência dos sábios*, perdeu sua significação primitiva devido ao abuso que dela fizeram a superstição e o charlatanismo. Está hoje desacreditada com razão e cremos difícil reabilitá-la, por achar-se, desde então, ligada à idéia das operações cabalísticas, dos formulários de feiticeiros, dos talismãs e de uma imensidão de práticas supersticiosas, condenadas pela sã razão. Declinando de toda solidariedade com essas pretensas ciências, o Espiritismo deve evitar apropriar-se de termos que possam falsear a opinião no que lhe diz respeito. No caso de que se trata, a qualificação de *mágico* é tão imprópria quanto a de *feiticeiros*, atribuída aos médiuns. A designação desses objetos sob o nome de *espelhos espirituais* parece-nos mais exata, porque lembra o princípio em virtude do qual se produzem os efeitos. À nomenclatura espírita podemos, pois, juntar os nomes de *visão espiritual*, *sentido espiritual* e *espelhos espirituais*.

Posto que a natureza, a forma e a substância desses objetos são coisas indiferentes, compreende-se que indivíduos dotados da *visão espiritual* vejam na borra de café, na clara dos ovos, na palma das mãos e nas cartas o que outros vêem num copo de água, dizendo, por vezes, coisas certas. Esses objetos e suas combinações não têm qualquer significado; são apenas um meio de fixar a atenção, um pretexto para falar, a bem dizer um suporte, pois é de notar que, no caso, o indivíduo apenas os olha, apesar de julgar faltar-lhe algo, se não os tiver à frente; ficaria desorientado, como ficaria o nosso homem, caso não tivesse o seu copo na mão; teria dificuldade para falar, como certos oradores que nada sabem dizer se não estiverem em seu lugar habitual, ou se não tiverem na mão um caderno, embora não o leiam.

Mas se há algumas pessoas sobre as quais esses objetos produzem o efeito de *espelhos espirituais*, há também muita gente que, não tendo outra faculdade senão a de ver pelos olhos, e possuir a linguagem convencional afetada a esses sinais, iludem os

outros ou a si mesmos; depois a igualmente numerosa multidão dos charlatães, que exploram a credulidade. Só a superstição pôde consagrar o uso de tais processos, como meio de adivinhação e de uma porção de outros, que não têm mais valor, atribuindo uma virtude a palavras, uma significação a sinais materiais, a combinações fortuitas, sem qualquer ligação necessária com o objeto da pergunta ou do pensamento.

Dizendo que com a ajuda de tais processos certas pessoas podem, às vezes, dizer verdades, não é nosso propósito reabilitá-las na opinião pública, mas mostrar que as idéias supersticiosas por vezes têm sua origem num princípio verdadeiro, desnaturado pelo abuso e pela ignorância. O Espiritismo, ao tornar conhecida a lei que rege as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, destrói, por isso mesmo, as idéias falsas que se tinham feito sobre tais relações, como a lei da eletricidade destruiu, não o raio, mas as superstições engendradas pela ignorância das verdadeiras causas do raio.

Em síntese, a visão espiritual é um dos atributos do Espírito e constitui uma das percepções do sentido espiritual; por conseguinte, é uma lei da Natureza.

Sendo o homem um Espírito encarnado, possui os atributos do Espírito e, portanto, as percepções do sentido espiritual.

Em estado de vigília essas percepções geralmente são vagas, difusas e, por vezes, até insensíveis e inapreciáveis, porque amortecidas pela atividade preponderante dos sentidos materiais. Todavia, pode dizer-se que toda percepção extracorpórea é devida à ação do sentido espiritual que, no caso, supera a resistência da matéria.

Em estado de sonambulismo natural ou magnético, de hipnotismo, de catalepsia, de letargia, de êxtase e, mesmo, no sono

ordinário, estando os sentidos corporais momentaneamente adormecidos, o sentido espiritual se desenvolve com mais liberdade.

Toda causa exterior tendente a entorpecer os sentidos corporais provoca, por isto mesmo, a expansão e a atividade do sentido espiritual.

As percepções pelo sentido espiritual não estão isentas de erro, desde que o Espírito encarnado pode ser mais ou menos adiantado e, conseqüentemente, mais ou menos apto a julgar as coisas sensatamente e compreendê-las, e porque ainda sofre a influência da matéria.

Uma comparação fará melhor compreender o que se passa nesta circunstância. Na Terra, aquele que tem melhor visão pode ser enganado pelas aparências. Por muito tempo o homem acreditou no movimento do Sol. Necessitava da experiência e das luzes da Ciência para mostrar-lhe que era joguete de uma ilusão. Assim, há Espíritos pouco adiantados, encarnados ou desencarnados, que ignoram muitas coisas do mundo invisível, como sucede, aliás, com certos homens inteligentes, que ignoram muitas coisas da Terra; a visão espiritual só lhes mostra o que sabem e não basta para lhes dar os conhecimentos que lhes faltam; daí as aberrações e as excentricidades que se nota com tanta freqüência nos *videntes* e nos extáticos, sem contar que sua ignorância os põe, mais que outros, à mercê dos Espíritos enganadores, que lhes exploram a credulidade e, mais ainda, o seu orgulho. Eis por que haveria imprudência em aceitar suas revelações sem controle. Não se deve perder de vista que estamos na Terra, num mundo de expiação, onde abundam os Espíritos inferiores e onde os Espíritos realmente superiores são exceções. Nos mundos adiantados dá-se exatamente o contrário.

As pessoas dotadas de visão espiritual podem ser consideradas médiuns? Sim e não, conforme as circunstâncias. A

mediunidade consiste na intervenção dos Espíritos; o que se faz por si mesmo não é um ato mediúnico. Aquele que possui a visão espiritual vê pelo seu próprio Espírito e nada implica a necessidade do concurso de um Espírito estranho; ele não é médium porque vê, mas por suas relações com outros Espíritos. Conforme sua natureza boa ou má, os Espíritos que o assistem podem facilitar ou entravar sua lucidez, lhe fazer ver coisas justas ou falsas, o que também depende do objetivo a que se propõe e da utilidade que possam apresentar certas revelações. Aqui, como em todos os outros gêneros de mediunidade, as questões fúteis e de curiosidade, as intenções não sérias, os objetivos cúpidos e interesseiros, atraem os Espíritos levianos, que se divertem à custa das pessoas excessivamente crédulas e se comprazem em mistificá-las. Os Espíritos sérios só intervêm nas coisas sérias, e *o vidente mais bem dotado nada verá se não lhe for permitido responder ao que perguntam, ou ser perturbado por visões ilusórias, a fim de punir os curiosos indiscretos.* Embora possua sua própria faculdade, e por mais transcendente que ela seja, nem sempre é livre para usá-la à vontade. Muitas vezes os Espíritos lhe dirigem o emprego e, se dela abusa, será o primeiro punido pela intromissão dos Espíritos maus.

Resta um ponto importante a esclarecer: o da previsão de acontecimentos futuros. Compreende-se a visão das coisas presentes, a visão retrospectiva do passado; mas como pode a visão espiritual dar a certos indivíduos o conhecimento do que ainda não existe? Para não nos repetirmos, aludimos ao nosso artigo do mês de maio de 1864, sobre a *teoria da presciência*, onde a questão é tratada de maneira completa. Apenas acrescentaremos algumas palavras. Em princípio, o futuro é oculto ao homem por motivos tantas vezes já expostos; só excepcionalmente lhe é revelado e, além disso, ele é mais *pressentido* do que *predito*. Para o conhecer, Deus não deu ao homem nenhum meio certo. É, pois, em vão que este emprega, para tal finalidade, uma imensidão de processos inventados pela superstição, e que o charlatanismo explora em seu proveito. Se, por vezes, entre os ledores de buena-dicha,

profissionais ou não, alguns são dotados da visão espiritual, é de notar que vêem no passado e no presente com uma frequência muito maior que no futuro. Seria, pois, uma imprudência confiar de maneira absoluta em suas predições e, em conseqüência, regular sua conduta.

Transmissão do Pensamento

MEU FANTÁSTICO

Sob este último título, lê-se na *Presse littéraire* de 15 de março de 1854 o artigo seguinte, assinado por *Émile Deschamps*:

“Se o homem só acreditasse no que compreende, não acreditaria em Deus, nem em si mesmo, nem nos astros que rolam sobre sua cabeça, nem na erva que cresce sob seus pés.

“Milagres, profecias, visões, fantasmas, prognósticos, pressentimentos, coincidências sobrenaturais, etc., que se deve pensar de tudo isto? Os espíritos fortes saem dessa enrascada com duas palavras: *mentira* ou *acaso*. Nada mais cômodo. As almas supersticiosas saem-se bem, ou não se saem. Prefiro muito mais essas almas àqueles espíritos. Com efeito, é preciso ter imaginação para que se possa tê-la doente, ao passo que basta ser eleitor e assinante de dois ou três jornais industriais para saber muito sobre isto e crer tão pouco quanto Voltaire. E, depois, prefiro a loucura à tolice, a superstição à incredulidade; mas, o que prefiro acima de tudo é a verdade, a luz, a razão; busco-as com uma fé viva e um coração sincero; examino todas as coisas e tomo o partido de não ter preconceito por coisa alguma.

“Vejamos. Quê! o mundo material e visível está cheio de mistérios impenetráveis, de fenômenos inexplicáveis, e não se haveria de querer que o mundo intelectual, que a *vida da alma*, que já é um milagre, também tivessem seus fenômenos e seus mistérios!

Por que tal pensamento bom, tal fervorosa prece, tal outro desejo não teriam o poder de produzir ou suscitar certos acontecimentos, bênçãos ou catástrofes? Por que não existiriam causas morais, como existem causas físicas, das quais não nos damos conta? E por que *os germes de todas as coisas* não seriam depositados e fecundados *na terra do coração e da alma*, para despontarem mais tarde sob a forma palpável dos fatos? Ora, quando Deus, em raras circunstâncias, e para alguns de seus filhos, julga por bem levantar a ponta do véu eterno e espalhar sobre suas fronteiras um raio fugidivo do archote da presciência, devemos abster-nos de gritar que é absurdo e, assim, de blasfemar contra a luz e a própria verdade.

“Eis uma reflexão que tenho feito muitas vezes: Foi dado às aves e a certos animais prever e anunciar a tempestade, as inundações, os terremotos. Diariamente os barômetros nos dizem o tempo que fará amanhã; e o homem não poderia, por meio de um sonho, de uma visão, de um sinal qualquer da Providência, ser advertido algumas vezes de algum acontecimento futuro, que interesse à sua alma, à sua vida, à sua eternidade? Então o Espírito também não tem a sua atmosfera, cujas variações possa pressentir? Enfim, seja qual for a miséria do maravilhoso neste século muito positivo, haveria ainda charme e utilidade em suprimi-lo, se todos aqueles que lhe refletem fracos clarões levassem a um foco comum todos esses raios divergentes; se cada um, depois de ter conscienciosamente interrogado suas recordações, redigisse de boa-fé e depositasse nos arquivos uma ata circunstanciada do que experimentou, do que lhe adveio de sobrenatural e de miraculoso. Talvez um dia se encontre alguém que, analisando os sintomas e os acontecimentos, consiga recompor, em parte, *uma ciência perdida*. Em todo o caso, comporia um livro que valeria muitos outros.

“Quanto a mim, aparentemente sou o que se chama uma pessoa impressionável, porque tive de tudo isto em minha vida, aliás tão obscura. Sou o primeiro a apresentar o meu tributo,

convicto de que esta visão interior tem sempre uma espécie de interesse. Todo o maravilhoso que vos dou, leitores, por menor que seja, passou-se em minha vida real. Desde que sei ler, registro no papel tudo quanto me acontece de sobrenatural. São memórias de um gênero singular.

.....

“No mês de fevereiro de 1846 eu viajava pela França. Chegando a uma rica e grande cidade, fui dar um passeio em frente às belas lojas de que está repleta. Começou a chover; abriguei-me numa elegante galeria; de repente fiquei imóvel; meus olhos não conseguiam desviar-se da figura de uma jovem, sozinha atrás de uma vitrina de jóias. Conquanto muito bela, não foi sua beleza que me fascinou. Não sei que interesse misterioso, que laço inexplicável dominava e prendia todo o meu ser. Era uma simpatia súbita e profunda, sem qualquer conotação sensual, mas de uma força irresistível, como o *desconhecido* em todas as coisas. Fui empurrado como uma máquina para a loja, por um poder sobrenatural. Comprei alguns pequenos objetos e paguei, dizendo: Obrigado, senhorita *Sara*. A jovem olhou-me com um ar algo surpreso. – É de causar admiração, continuei, que um estranho saiba o vosso nome, um dos vossos nomes; mas se quiserdes *pensar atentamente em todos os vossos nomes*, eu os direi sem vacilar. Faríeis isto? – Sim, senhor, respondeu ela, meio risonha, meio trêmula. – Pois bem! continuei, *olhando-a fixamente no rosto*, chamai-vos *Sara, Adèle, Benjamine N...* – Está certo, replicou ela; e depois de alguns segundos de estupor começou a rir livremente, e eu vi que ela pensava que eu tivesse obtido tais informações na vizinhança, o que me divertiu. Mas eu, convicto de que não sabia uma palavra de tudo isso, fiquei perplexo com esta adivinhação instantânea.

“No dia seguinte, e em muitos outros, acorri à bela loja; minha adivinhação se renovava a cada momento. Eu lhe pedia que pensasse em algo, sem mo dizer, e quase imediatamente eu lia em

sua face o pensamento não explicado. Pedia-lhe que escrevesse, sem que eu visse, algumas palavras com o lápis; depois de olhá-la um minuto, eu escrevia as mesmas palavras e na mesma ordem. Lia no seu pensamento como num livro aberto e ela não lia no meu: eis a minha superioridade. Mas ela me impunha suas idéias e emoções. Se pensasse seriamente num objeto; se repetisse intimamente as palavras do escrito, logo eu adivinhava tudo. O mistério estava entre o seu e o meu cérebro, e não entre minhas faculdades de intuição e as coisas materiais. Seja como for, havia-se estabelecido entre nós uma relação tanto mais íntima quanto mais pura.

“Uma noite escutei junto ao ouvido uma forte voz, que me gritava: Sara está doente, muito doente! Corri à sua casa; um médico a velava e esperava uma crise. Na véspera à noite Sara tinha voltado com febre ardente; o delírio tinha continuado durante toda a noite. O médico chamou-me à parte e me disse que estava muito receoso. Dessa peça eu via em cheio o rosto de Sara e minha intuição, vencendo a inquietação, fez com que eu dissesse baixinho ao médico: Doutor, quereis saber de que imagens está ocupado o seu sono febril? Neste momento ela se crê na grande Ópera de Paris, onde jamais estive, e uma dançarina, entre outras ervas, corta uma planta de cicuta e lha atira dizendo: É para ti. O médico pensou que eu delirasse. Alguns minutos depois a doente despertou pesadamente e suas primeiras palavras foram: ‘Oh! como a Ópera é bonita! mas, por que esta cicuta, que me atira a bela ninfa?’ O médico ficou estupefato. Uma poção, que incluía cicuta, foi administrada a Sara que, em poucos dias, ficou curada.”

Os exemplos de transmissão do pensamento são muito freqüentes, não, talvez, de maneira tão característica quanto no fato acima, mas sob formas diversas. Quantos fenômenos assim se passam diariamente aos nossos olhos, que são como os fios condutores da vida espiritual, e aos quais, no entanto, a Ciência não se digna conceder a menor atenção! Por certo, nem todos os que os repelem são materialistas; muitos admitem uma vida espiritual, mas

sem relações diretas com a vida orgânica. No dia em que essas relações forem reconhecidas como lei fisiológica, ver-se-á realizar-se um imenso progresso, porquanto só então a Ciência terá a chave de uma porção de efeitos aparentemente misteriosos, que prefere negar, por não os poder explicar à sua maneira e com os seus meios, limitados às leis da matéria bruta.

Ligação íntima da vida espiritual e da vida orgânica durante a existência terrena; destruição da vida orgânica e persistência da vida espiritual após a morte; ação do fluido perispiritual sobre o organismo; reação incessante do mundo invisível sobre o mundo visível e reciprocamente: tal é a lei que o Espiritismo vem demonstrar, e que abre à Ciência e ao homem moral, horizontes completamente novos.

Por qual lei da fisiologia puramente material poder-se-iam explicar os fenômenos do gênero do relatado acima? Para que o Sr. Deschamps pudesse ler tão claramente no pensamento da moça, era preciso um intermediário entre ambos, um laço qualquer. Quem bem refletir sobre o artigo precedente reconhecerá que esse laço é a irradiação fluídica, que dá a visão espiritual, visão que não é obstada pelos corpos materiais.

Sabe-se que os Espíritos não necessitam de linguagem articulada. Compreendem-se sem o auxílio da palavra, apenas pela transmissão do pensamento, que é a linguagem universal. Por vezes isto também se dá entre os homens, porque os homens são Espíritos encarnados e, por esta razão, gozam, em maior ou menor grau, dos atributos e das faculdades do Espírito.

Mas, então, por que a moça não lia o pensamento do Sr. Deschamps? Porque num a visão espiritual estava desenvolvida; no outro, não. Segue-se que ele pudesse ver tudo, ler nos espelhos espirituais, por exemplo, ou ver a distância, à maneira dos sonâmbulos? Não, porque sua faculdade podia estar desenvolvida

apenas num sentido especial, e parcialmente. Podia ler com a mesma facilidade o pensamento de todo o mundo? Não o diz, mas é provável que não, pois pode existir, de indivíduo a indivíduo, relações fluídicas que facilitam essa transmissão e não existir do mesmo indivíduo para uma outra pessoa. Ainda não conhecemos senão imperfeitamente as propriedades desse fluido universal, agente tão poderoso e que desempenha tão grande papel nos fenômenos da Natureza. Conhecemos o princípio, e já é muito para nos darmos conta de muitas coisas; os detalhes virão a seu tempo.

Tendo sido o fato acima comunicado à Sociedade de Paris, um Espírito deu a respeito a seguinte instrução:

(Sociedade Espírita de Paris, 8 de julho de 1864 – Médium: Sr. A. Didier)

Os ignorantes – e como os há! – ficam cheios de dúvidas e de inquietação quando ouvem falar de fenômenos espíritas. Segundo eles, a face do mundo está transtornada; a intimidade do coração, dos sentimentos e a virgindade do pensamento são lançadas através do mundo e entregues à mercê do primeiro que vier. Com efeito, o mundo estaria mudado singularmente e a vida privada não estaria protegida atrás da personalidade de cada um, se todos os homens pudessem ler no espírito uns dos outros.

Um ignorante nos diz com muita ingenuidade: Mas a justiça, as perseguições da polícia, as operações comerciais, governamentais, poderiam ser consideravelmente revistas, corrigidas, esclarecidas, etc., com o auxílio desses processos. Os erros estão muito espalhados. A ignorância tem isto de particular: faz esquecer completamente o objetivo das coisas, para lançar o espírito inculto numa série de incoerências.

Razão tinha Jesus ao dizer: “Meu reino não é deste mundo”, o que também significava que neste mundo as coisas não se passam como no seu reino. O Espiritismo, que em tudo e por

tudo é o espiritualismo do Cristianismo, pode igualmente dizer aos ambiciosos e aos terroristas ignorantes, que o seu grande objetivo não é dar pilhas de ouro a um e deixar a consciência de um ser fraco à mercê de um ser mais forte, e de aliar a força e a fraqueza num duelo eternamente inevitável, prestes a acontecer; não. Se o Espiritismo proporciona satisfações, são as da calma, da esperança e da fé; se às vezes adverte por pressentimentos, ou pela visão adormecida ou desperta, é que os Espíritos sabem perfeitamente que uma ação caridosa particular não transtornará a superfície do globo. Aliás, se se observar a marcha dos fenômenos, o mal aí tem uma parte mínima. A ciência funesta parece relegada nos alfarrábios dos velhos alquimistas, e se Cagliostro voltasse, certamente não viria armado da varinha mágica ou do frasco encantado com que se apresentava, mas com sua força elétrica, comunicativa, espiritualista e sonambúlica, força que todo ser superior possui em si e que, ao mesmo tempo, toca o coração e o cérebro.

Como eu dizia ultimamente (o Espírito faz alusão a outra comunicação), a adivinhação era o maior dom de Jesus. Destinados a se tornarem superiores, como Espíritos, pedimos a Deus uma parte dos raios que concedeu a certos seres privilegiados, que facultou a mim mesmo e que eu poderia ter espalhado mais judiciosamente.

Mesmer

Observação – Não há uma só das faculdades concedidas ao homem da qual este não possa abusar, em virtude de seu livre-arbítrio. Não é a faculdade que é má em si, mas o uso que dela se faz. Se os homens fossem bons, nenhuma seria de temer, porque ninguém as usaria para o mal. No estado de inferioridade em que ainda se acham os homens na Terra, a penetração do pensamento, se fosse geral, seria, talvez, uma das mais perigosas, porque se tem muito a esconder, e muitos podem abusar. Mas, sejam quais forem os inconvenientes, se ela existe é um fato que se deve aceitar, por

bem ou por mal, pois não se pode suprimir um efeito natural. Deus, porém, que é soberanamente bom, mede a extensão dessa faculdade pela nossa fraqueza. Ele no-la mostra de vez em quando, para fazer-nos compreender melhor a nossa essência espiritual e nos advertir de trabalhar a nossa depuração, para não termos de temê-la.

O Espiritismo na Bélgica

Cedendo às insistentes solicitações de nossos irmãos espíritas de Bruxelas e de Antuérpia, fizemos-lhes uma rápida visita este ano e temos a satisfação de dizer que trouxemos a mais favorável impressão do desenvolvimento da doutrina naquele país. Ali encontramos maior número de adeptos do que esperávamos, devotados e esclarecidos. A acolhida simpática que nos foi feita naquelas duas cidades deixou-nos uma lembrança que jamais se apagará, e contamos os momentos ali passados no número dos mais agradáveis para nós. Não podendo enviar nossos agradecimentos a cada um em particular, gostaríamos que os recebessem aqui coletivamente.

Retornando a Paris, encontramos uma mensagem dos membros da Sociedade Espírita de Bruxelas, a qual nos tocou profundamente. Conservamo-la preciosamente como um testemunho de sua simpatia, mas eles compreenderão facilmente os motivos que nos impedem de publicá-la em nossa *Revista*. Entretanto, há uma passagem que nos impõe o dever de levar ao conhecimento de nossos leitores, porque o fato revelado diz mais que longas frases sobre a maneira pela qual certas pessoas compreendem o objetivo do Espiritismo. Está assim concebida:

“Comemorando vossa viagem à Bélgica, nosso grupo decidiu fundar um leito de criança na creche de Saint Josse Tennoode.”

Para nós, nada podia ser mais lisonjeiro do que semelhante testemunho. A fundação de uma obra de beneficência, em memória de nossa visita, é uma prova de grande estima, que nos honra muito mais do que as mais brilhantes recepções que pudessem lisonjear o amor-próprio de quem lhe é objeto, mas a ninguém aproveitam e não deixam qualquer traço útil.

Antuérpia se distingue por um maior número de adeptos e de grupos. Mas lá, como em Bruxelas e, aliás, em toda parte, os que participam de reuniões de certo modo oficiais e regularmente constituídas, estão em minoria. As relações sociais e as opiniões emitidas nas conversas provam que as simpatias pela doutrina se estendem muito além dos grupos propriamente ditos. Se nem todos os habitantes são espíritas, ali a idéia não encontra oposição sistemática; dela se fala como de uma coisa natural e não riem. Como os adeptos, em geral, pertencem ao alto comércio, nossa chegada foi novidade na bolsa e monopolizou a conversação, sem mais importância do que se se tratasse da chegada de uma carga de mercadorias.

Vários grupos são compostos de número limitado de membros e se designam por um título especial e característico; é assim que um se intitula: *A Fraternidade*, outro *Amor e Caridade*, etc. Acrescentemos que esses títulos não são para eles insígnias banais, mas divisas que se esforçam por justificar.

O grupo *Amor e Caridade*, por exemplo, tem por objetivo especial a caridade material, sem prejuízo das instruções dos Espíritos, que, de certo modo, constituem a parte acessória. Sua organização é muito simples e dá excelentes resultados. Um dos membros tem o título de *esmoler*, nome que corresponde perfeitamente às suas funções de distribuir socorros a domicílio; por diversas vezes os Espíritos já indicaram nomes e endereços de pessoas necessitadas. O nome *esmoler* voltou, assim à sua significação primitiva, da qual se havia singularmente desviado.

Esse grupo possui um médium típtólogo excepcional e dele faremos objeto de um artigo especial.

Aqui só fazemos constatar os bons elementos, que fazem bem augurar do Espiritismo nesse país, onde só há pouco criou raízes, o que não quer dizer que certos grupos dali não tenham tido, como em outros lugares, desavenças e decepções inevitáveis, quando se trata do estabelecimento de uma idéia nova. No começo de uma doutrina, sobretudo tão importante quanto o Espiritismo, é impossível que todos os que se declaram seus partidários lhe compreendam o alcance, a gravidade e as conseqüências. Deve-se, pois, esperar desvios da rota em pessoas que só lhe vêem a superfície, ambições pessoais, aquelas para quem o Espiritismo é mais um meio que uma sincera convicção, sem falar de gente que toma todas as máscaras para se insinuar, visando a servir os interesses dos adversários; porque, assim como o hábito não faz o monge, o nome de espírita não faz o verdadeiro espírita. Mais cedo ou mais tarde esses espíritas fracassados, cujo orgulho ficou vivaz, causam nos grupos atritos penosos e suscitam entraves, dos quais sempre se triunfa com perseverança e firmeza. São provações para a fé dos espíritas sinceros.

A homogeneidade e a comunhão de pensamentos e sentimentos são, para os grupos espíritas, como para quaisquer outras reuniões, a condição *sine qua non* de estabilidade e de vitalidade. É para tal objetivo que devem tender todos os esforços, e compreende-se que é tanto mais fácil atingi-lo quanto menos numerosas as reuniões. Nas grandes reuniões é quase impossível evitar a intromissão de elementos heterogêneos que, mais cedo ou mais tarde, aí semeiam a cizânia. Nas pequenas reuniões, onde todos se conhecem e se estimam, onde se está como em família, o recolhimento é maior, a intrusão dos mal-intencionados mais difícil. A diversidade dos elementos de que se compõem as grandes reuniões torna-as, por isso mesmo, mais vulneráveis à surda intriga dos adversários.

É preferível, pois, que haja numa cidade cem grupos de dez a vinte adeptos, dos quais nenhum se arroga a supremacia sobre os outros, a uma sociedade única, que reunisse todos os partidários. Esse fracionamento em nada prejudicará a unidade dos princípios, desde que a bandeira seja única e todos marchem para o mesmo objetivo. É o que parece ter sido perfeitamente compreendido por nossos irmãos de Antuérpia e de Bruxelas.

Em síntese, nossa viagem à Bélgica foi fértil em ensinamentos no interesse do Espiritismo, pelos documentos que recolhemos e que serão, oportunamente, postos em proveito de todos.

Não esquecemos uma das mais honrosas menções ao grupo espírita de Douai, que visitamos de passagem, e um particular testemunho de gratidão pela acolhida que ali nos dispensaram. É um grupo familiar, onde a doutrina espírita evangélica é praticada em toda a sua pureza. Ali reinam a mais perfeita harmonia, a benevolência recíproca, a caridade em pensamentos, palavras e ações; ali se respira uma atmosfera de fraternidade patriarcal, isenta de eflúvios malfazejos, onde os Espíritos bons devem comprazer-se tanto quanto os homens; por isso, as comunicações retratam a influência desse meio simpático. Deve-se à sua homogeneidade e aos escrupulosos cuidados nas admissões, jamais haver sido perturbado por dissensões e desavenças por que os outros sofreram; é que todos os que dele fazem parte são espíritas de coração e nenhum procura fazer prevalecer a sua personalidade. Os médiuns aí são relativamente muito numerosos; todos se consideram como simples instrumentos da Providência, isentos de orgulho, sem pretensões pessoais, e se submetem humildemente e sem melindres ao julgamento sobre as comunicações que recebem, prontos a destruí-las se forem consideradas más.

Um poema encantador foi obtido em nossa intenção e após a nossa partida. Agradecemos ao Espírito que o ditou e ao seu

intérprete; conservamo-lo como preciosa lembrança. São desses documentos que não podemos publicar e que só aceitamos a título de incentivo.

Temos a satisfação de dizer que esse grupo não é o único nestas condições favoráveis e de ter podido constatar que as reuniões verdadeiramente sérias, aquelas em que cada um procura melhorar-se, de onde a curiosidade foi banida, as únicas que merecem a qualificação de *espíritas*, multiplicam-se diariamente. Oferecem em pequena escala o que poderá vir a ser a sociedade, quando o Espiritismo, bem compreendido e universalizado, formar a base das relações mútuas. Então os homens nada mais terão a temer uns dos outros; a caridade fará reinar entre eles a paz e a justiça. Tal será o resultado da transformação que se opera, cujos efeitos a geração futura começará a sentir.

Tiptologia Rápida e Inversa

Dissemos que um dos grupos espíritas de Antuérpia possui um médium tiptólogo dotado de uma faculdade especial. Eis em que ela consiste.

A indicação das letras se faz por meio de batidas do pé da mesinha, mas com uma rapidez que quase alcança a da escrita e tal que os que as escrevem por vezes têm dificuldade de acompanhar; os golpes se sucedem como os do telégrafo elétrico em ação. Vimos fazer um ditado de vinte linhas em menos de quinze minutos. Mas, sobretudo, o que é singular é que o Espírito dita quase sempre ao avesso, começando pela última letra. Pelo mesmo processo o médium obtém respostas a perguntas mentais e em línguas que lhe são estranhas. O médium também é psicógrafo e, neste caso, escreve igualmente pelo avesso com a mesma facilidade. A primeira vez que se produziu o fenômeno, os assistentes, não encontrando sentido nas letras recolhidas,

pensaram numa mistificação; só depois de atenta observação é que descobriram o sistema empregado pelo Espírito. Talvez não passe de uma fantasia deste último; mas, como todas as suas comunicações são muito sérias, deve-se concluir que, no caso, há uma intenção séria.

Independentemente da rapidez com a qual os golpes se sucedem, a maneira de proceder ainda torna muito mais breve a operação. Servem-se de uma mesinha de três pés; o alfabeto é dividido em três séries: a 1^a, do *a* ao *b*; a 2^a do *i* ao *p*; a 3^a do *q* ao *z*. Cada pé da mesinha corresponde a uma série de letras e bate o número de golpes necessários para designar a letra desejada, começando pela primeira da série. Por exemplo: para indicar o *t*, em vez de 20 batidas o pé encarregado da 3^a série apenas bate 4. Três pessoas se posicionam junto à mesinha, uma para cada pé, enunciando a letra indicada em sua série, que, para ela, é um pequeno alfabeto, sem que tenha de se preocupar com as outras. Várias pessoas inscrevem as letras à medida que são indicadas, a fim de poder controlar, em caso de erro. O hábito de ler pelo avesso muitas vezes lhes permite adivinhar o fim de uma palavra ou de uma frase começada, como se faz no processo ordinário; o Espírito confirma, se for o caso, e passa adiante.

Esta divisão das letras, aliada à cooperação de três pessoas que não se podem entender, à rapidez do movimento e à indicação das letras em sentido inverso, torna a fraude materialmente impossível, bem como a reprodução do pensamento individual. A palavra *reproduction* (reprodução), por exemplo, será, então, escrita desta maneira: *noitcudorper*, e terá sido soletrada por três pessoas diferentes em alguns segundos, a saber: *noi* pela 2^a, *t* pela 3^a; *c* pela 1^a; *u* pela 3^a; *d* pela 1^a; *o* pela 2^a; *r* pela 3^a; *p* pela 2^a; *e* pela 1^a; *r* pela 3^a.

De todos os aparelhos imaginados para constatar a independência do pensamento do médium, nenhum supera este processo. É verdade que, para isto, é necessária a influência de um

médium especial, porque as duas pessoas que o assistem não são responsáveis pela rapidez do movimento.

Este processo, em última análise, só tem utilidade real para a convicção de certas pessoas, e como constatação de um fenômeno mediúnico notável, porquanto nada pode suprir a facilidade das comunicações escritas.

Um Criminoso Arrependido²⁴

Durante a visita que acabamos de fazer aos espíritos de Bruxelas, deu-se o seguinte fato em nossa presença, numa reunião íntima de sete ou oito pessoas, a 13 de setembro.

Solicitou-se a uma senhora médium que escrevesse, sem que se tivesse feito qualquer evocação especial. Assaltada por extraordinária agitação, e depois de haver rasurado violentamente o papel, escreve em caracteres muito grossos estas palavras:

“Arrependo-me! arrependo-me! Latour.”

Surpreendidos com a inesperada comunicação, de modo algum provocada, visto que ninguém pensara nesse infeliz, cuja morte até então era ignorada por uma parte dos assistentes, dirigimos ao Espírito palavras de conforto e comiseração, fazendo-lhe em seguida esta pergunta:

– Que motivo vos levou a manifestar-vos aqui, de preferência a outro lugar, quando não vos evocamos?

Responde o médium de viva voz:

“Vi que, almas compassivas, teríeis piedade de mim, ao passo que outros me evocavam mais por curiosidade que por caridade, ou de mim se afastavam horrorizados.”

24 N. do T.: Vide *O Céu e o Inferno*, 2ª parte, capítulo VI (Jacques Latour).

Depois começou por uma cena indescritível, que não durou mais de meia hora. O médium, juntando os gestos e a expressão da fisionomia à palavra, deixava patente a identificação do Espírito com a sua pessoa; às vezes, esses gestos de cruel desespero desenhavam vivamente o seu sofrimento; o tom da sua voz era tão compungido, as súplicas tão veementes, que ficávamos profundamente comovidos. Alguns estavam mesmo aterrorizados com a superexcitação do médium, mas sabíamos que a manifestação de um ente arrependido, que implora piedade, nenhum perigo poderia oferecer. Se ele buscou os órgãos do médium, é que melhor desejava patentear a sua situação, a fim de que mais nos interessássemos pela sua sorte, e não como os Espíritos obsessores e possesores, que visam apoderar-se dos médiuns para os dominar. Tal manifestação lhe fora talvez permitida não só em benefício próprio, como também para edificação dos circunstantes.

Ei-lo a exclamar:

“Oh! sim, piedade... muito necessito dela... Não sabeis o que sofro... Não o sabeis, e não podereis compreendê-lo. É horrível! A guilhotina!... Que vale a guilhotina comparada a este sofrimento de agora? Nada! – é um instante. Este fogo que me devora, sim, é pior, porque é uma morte contínua, sem tréguas nem repouso... sem-fim!... E as minhas vítimas, ali estão ao redor, a mostrar-me os ferimentos, a perseguir-me com seus olhares...

“Aí estão, e vejo-as todas... todas... sem poder fugir-lhes! E este mar de sangue?! E este ouro manchado de sangue? Tudo aí está!... tudo... e sempre ante meus olhos! E o cheiro de sangue... Não o sentis? Oh! Sangue e sempre sangue! Ei-las que imploram, as pobres vítimas, e eu a feri-las sempre... sempre... impiedosamente!... O sangue inebria-me... Acreditava que depois da morte tudo estaria

terminado, e assim foi que afrontei o suplício e afrontei o próprio Deus, renegando-O!... Entretanto, quando me julgava aniquilado para sempre, que terrível despertar... oh! sim, terrível, cercado de cadáveres, de espectros ameaçadores, os pés atolados em sangue!!... Acreditava-me morto, e estou vivo! Vivo para rever tudo isto! para o ver incessantemente!... Horrendo! horrendo! mais horrendo que todos os suplícios da Terra! Ah! se todos os homens pudessem saber o que há para além da vida, saberiam também quanto custam as conseqüências do mal! Certo não haveria mais assassínios, nem criminosos, nem malfeitores! Eu só quisera que todos os assassinos pudessem ver o que eu vejo e sofro...

“Oh! então não mais o seriam, porque é horrível este sofrimento! Bem sei que o mereci, oh! meu Deus, porque também não tive compaixão das minhas vítimas; repelia as mãos súplices quando imploravam que as poupasse... Sim, fui cruel, decerto, matando-as covardemente para roubá-las! E fui ímpio, e fui blasfemo também, renegando o vosso sacratíssimo nome... *Quis enganar-me, porque eu queria persuadir-me de que vós não existíeis...* Meu Deus, eu sou grande e criminoso! Agora o compreendo. Mas... não tereis piedade de mim?... Vós sois Deus, isto é, a bondade, a misericórdia! Sois onipotente! Piedade, Senhor, Piedade! Eu vo-lo peço, não sejais inexorável; libertai-me destes olhares odiosos, destes espectros horríveis... deste sangue... das minhas vítimas... *olhares que, quais punhaladas, me varam o coração.*

“Vós outros, que aqui estais, que me ouvís, sede bondosos, almas caritativas. Sim, eu o vejo, sei que tendes piedade de mim, não é verdade? Haveis de orar por mim...

“Oh! eu vo-lo suplico, não me abandoneis como fiz outrora aos outros. Pedireis a Deus que me tire este horrendo espetáculo de ante os olhos, e Ele vos ouvirá porque sois bons... Imploro, orai por mim.”

Os assistentes, sensibilizados, dirigiram-lhe palavras de conforto e consolação. Deus, disseram-lhe, não é inflexível; apenas exige do culpado um arrependimento sincero, aliado à vontade de reparar o mal praticado. Uma vez que o vosso coração não está petrificado e que lhe pedis o perdão dos vossos crimes, a sua misericórdia baixará sobre vós. Preciso é, pois, que persevereis na boa resolução de reparar o mal que fizestes. Certo, não podeis restituir às vítimas as vidas que lhes arrancastes, mas, se o impetrardes com fervor, Deus permitirá que as encontreis em uma nova encarnação, na qual lhes podereis patentear tanto devotamento quanto o mal que lhes fizestes. E quando a reparação lhe parecer suficiente, para logo entrareis na sua santa graça. Assim, a duração do vosso castigo está nas vossas mãos, dependendo de vós o abreviá-lo. Comprometemo-nos a auxiliar-vos com as nossas preces e invocar para vós a assistência dos Espíritos bons. Vamos pronunciar em vossa intenção a prece que se contém na *Imitação do Evangelho*, referente aos Espíritos sofredores e arrependidos. Não pronunciaremos a que se refere aos Espíritos maus, porque desde que vos arrependeis, que implorais, que renunciáis ao mal, não passais para nós de um Espírito infeliz e não mau.

Feita essa prece, o Espírito continua, depois de breves instantes de calma:

“Obrigado, meu Deus!... Oh! obrigado! Tivestes piedade de mim... Eis que se afastam os espectros... Não me abandoneis, enviai-me os vossos Espíritos bons para me sustentarem... Obrigado...”

Depois desta cena o médium fica alquebrado, abatido, os membros lassos por algum tempo. A princípio, apenas tem vaga idéia do que se há passado, mas pouco a pouco vai-se lembrando de algumas das palavras que pronunciou sem querer, reconhecendo que não era ele quem falara.

No dia seguinte, em nova reunião, o Espírito tornou a manifestar-se, reencetando a cena da véspera, porém por minutos apenas, e isso com a mesma gesticulação expressiva, posto que menos violenta. Depois, tomado de agitação febril, escreveu:

“Grato às vossas preces. Experimento já uma sensível melhora. Foi tal o fervor com que orei, que Deus me concedeu um momentâneo alívio; não obstante, terei de ver ainda as minhas vítimas... Ei-las! Ei-las! Vedes este sangue?...” (Repetiu-se a prece da véspera. O Espírito continua dirigindo-se ao médium.)

“Perdoai o ter-me apossado de vós. Obrigado pelo alívio que proporcionais aos meus sofrimentos. Perdoai o mal que vos causei, mas eu tenho necessidade de me comunicar, e só vós o podeis...”

“Obrigado! obrigado! Já sinto algum alívio, posto não tenha atingido o fim das provações. As minhas vítimas voltarão dentro em breve. Eis a punição a que fiz jus, mas Deus meu, sede indulgente.

“Orai todos vós por mim, tende piedade.”

Latour

Observação – Conquanto não tenhamos prova material da identidade do Espírito que se manifestou, também não temos motivo para duvidar. Em todo o caso, evidentemente é um Espírito muito culpado, mas arrependido, terrivelmente infeliz e torturado pelo remorso. Sob este aspecto, a comunicação é muito instrutiva, porque não se pode menosprezar a profundidade e o elevado alcance de algumas palavras que ela encerra; além disso, oferece um dos aspectos do mundo dos Espíritos castigados, acima do qual, entretanto, se vislumbra a misericórdia de Deus. A alegoria mitológica das Eumênides não é, assim, tão ridícula quanto se pensa, e os demônios, carrascos oficiais do mundo invisível, que os

substituem na crença moderna, são menos racionais, com seus chifres e seus tridentes, do que essas vítimas, elas próprias servindo para o castigo do culpado.

Admitindo a identidade desse Espírito, talvez se admirem de uma mudança assim tão imediata em seu estado moral. É que, como fizemos notar em outra ocasião, muitas vezes há mais recursos num Espírito brutalmente mau, do que no que é dominado pelo orgulho, ou que oculta seus vícios sob o manto da hipocrisia. Este pronto retorno a melhores sentimentos indica uma natureza mais selvagem que perversa, à qual só faltou uma boa direção. Comparando sua linguagem com a de outro criminoso, citado na *Revista* de julho de 1864, sob o título de: *Castigo pela luz*, é fácil ver qual dos dois é mais adiantado moralmente, a despeito da diferença de instrução e de posição social; um obedecia a um instinto natural de ferocidade, a uma espécie de superexcitação, enquanto o outro trazia na perpetração de seus crimes a calma e o sangue-frio de lenta e perseverante combinação e, depois da morte, ainda afrontava o castigo com orgulho. Sofre, mas não quer submeter-se, ao passo que o outro é domado imediatamente. Assim, pode prever-se qual dos dois sofrerá por mais tempo.

Estudos Morais

A VOLTA DA FORTUNA

Lê-se no *Siècle* de 5 de junho de 1864:

“O Sr. X..., berlinense, possuía imensa fortuna. Seu pai, ao contrário, em conseqüência de vários reveses, tinha caído em extrema miséria e se vira forçado a recorrer à generosidade do filho. Este repeliu duramente a súplica do ancião que, para não morrer de fome, teve de recorrer à intervenção da justiça. O Sr. X... foi condenado a fornecer ao pai uma pensão alimentar. Mas, antes,

havia tomado suas precauções: prevendo que parte de seus rendimentos poderia ser confiscada, caso se recusasse a pagar a pensão, resolveu ceder a fortuna a um tio paterno.

“O infeliz pai viu-se privado de sua última esperança. Protestou que a cessão era fictícia e que o filho tinha recorrido a ela para escapar à execução da sentença. Mas teria que o provar; o velho, porém, não dispunha de condições para intentar um processo custoso, já que lhe faltavam as coisas essenciais à vida.

“Um acontecimento imprevisto veio mudar tudo. O tio morreu subitamente, sem deixar testamento. Como não tivesse família, a fortuna reverteu, de direito, ao parente mais próximo, isto é, ao seu irmão.

“Compreende-se o resto. Hoje os papéis estão invertidos. O pai está rico e o filho pobre. O que, sobretudo, deve aumentar o desespero deste último é que não pode invocar o fato de uma cessão fictícia, pois a lei interdita formalmente esse gênero de transação.”

Dir-se-ia que se sempre fosse assim com o mal, melhor seria compreendida a justiça do castigo; sabendo o culpado por que é punido, saberia do que se deve corrigir.

Os exemplos de castigos imediatos são menos raros do que se pensa. Se se remontasse à fonte de todas as vicissitudes da vida, ver-se-ia, aí, quase sempre, a conseqüência natural de alguma falta cometida. A cada instante recebe o homem terríveis lições, das quais, infelizmente, bem poucos tiram proveito. Enceguecido pela paixão, não vê a mão de Deus, que o fere; longe de acusar-se por seus próprios infortúnios, põe a culpa na fatalidade e na má sorte; irrita-as muito mais do que se arrepende. Aliás, não nos surpreenderíamos se o filho, do qual se fala acima, em vez de ter reconhecido seus erros para com o pai, em lugar de lhe ter dispensado melhores sentimentos, passasse a lhe dedicar maior

animosidade. Ora, o que pede Deus ao culpado? O arrependimento e a reparação *voluntária*.

Para o animar a isto multiplica à sua volta, durante a vida inteira, todas as formas de advertências: desgraças, decepções, perigos iminentes; numa palavra, tudo o que é próprio a fazê-lo refletir. Se, a despeito disto, seu orgulho resiste, não é justo que seja punido mais tarde? É grave erro pensar que o mal possa ficar impune, uma ou outra vez, na vida atual. Se se soubesse tudo quanto acontece ao mau, aparentemente o mais próspero, ficar-se-ia convencido da verdade de que não há uma única falta nesta vida, uma só inclinação má, dizemos mais, um só mau pensamento que não tenha sua contrapartida. Daí a consequência que, se o homem aproveitasse os avisos que recebe, se se arrependesse e reparasse desde esta vida, teria satisfeito à justiça de Deus e não mais teria de expiar, nem de reparar, seja no mundo dos Espíritos, seja em nova existência. Se há, pois, os que nesta vida sofrem o passado de sua precedente existência, é que devem pagar uma dívida que não saldaram. Se o filho em questão morrer na impenitência, sofrerá, primeiramente, no mundo dos Espíritos, o castigo do remorso; sofrerá moralmente o que fez sofrer materialmente; será um Espírito infeliz, porque terá violado a lei que lhe dizia: Honra teu pai e tua mãe. Mas Deus, que é soberanamente bom e, ao mesmo tempo, soberanamente justo, permitirá que ele reencarne para reparar; talvez lhe dê o mesmo pai e, em sua bondade, lhe poupe a humilhante lembrança do passado; mas o culpado trará consigo a intuição das resoluções que tiver tomado, a vontade de fazer o bem, ao invés do mal; será a voz da consciência que lhe ditará a conduta. Depois, quando retornar ao mundo dos Espíritos, Deus lhe dirá: Vem a mim, meu filho, tuas faltas estão apagadas. Mas, se falhar nessa nova prova, terá de recomeçar, até que se tenha despojado inteiramente do homem velho.

Deixemos, pois, de ver nas misérias que sofremos pelas faltas de uma existência anterior um mistério inexplicável e

digamos que de nós depende evitá-las, obtendo nosso perdão desde esta vida. Depois de saldar nossas dívidas, Deus não nos fará pagá-las segunda vez; mas se permanecermos surdos às suas advertências, então exigirá até o último ceutil, ainda que após vários séculos ou milhares de anos. Para isto não exige vãos simulacros, mas a reforma radical do coração. A morada dos eleitos só é aberta aos Espíritos purificados; qualquer mácula lhes interdita o acesso. Cada um pode pretendê-lo; compete a todos fazer o que a isto for necessário e lá chegar, mais cedo ou mais tarde, conforme seus esforços e sua vontade. Mas jamais dirá Deus a alguém: Não te purificarás!

UMA VINGANÇA

Escrevem de Marselha:

“O Sr. X..., um dos mais distintos negociantes de nossa cidade e por todos estimado, acaba de dar um tiro de pistola no vigário de Saint-Barnabé. Segunda-feira última o Sr. X... ficou sabendo, através de uma carta anônima, que sua esposa mantinha relações íntimas com aquele padre. Deram-lhe os mais minuciosos detalhes, que não deixavam margem a dúvidas quanto à magnitude de sua infelicidade. Chegou em casa, fez um inquérito junto aos empregados: camareira, criados, jardineiro, cocheiro, etc; todos confessaram o que sabiam. A intriga já durava quinze meses. O Sr. X... era alvo da zombaria de todo o quarteirão e o único a não suspeitar de coisa alguma. Foi depois desse inquérito que atirou contra o vigário.” (*Siècle* de 7 de junho de 1864.)

Quem é mais culpado neste triste caso? A mulher, o marido ou o padre? A mulher que, seduzida por piedosos sofismas, provavelmente se julgava desculpada pelo quilate do cúmplice e se tranqüilizara pela esperança de uma absolvição fácil? O marido que, cedendo a uma reação de indignação, não pôde dominar sua cólera? Ou o padre que, de sangue-frio, com premeditação, violou seus

votos, abusou de seu caráter, iludiu a confiança para lançar a desordem, o desespero e a desunião numa família honrada? A consciência pública pronunciou o seu veredicto. Mas, excetuando-se o fato material, há considerações da mais alta gravidade.

Uma filosofia de consciência elástica poderia, talvez, encontrar uma desculpa no arrastamento das paixões e se limitasse a censurar os votos imprudentes. Admitamos, se quiserem, não uma escusa, mas uma circunstância atenuante aos olhos dos homens carnavais e não ficará menos um abuso de confiança e do ascendente que o culpado hauria de sua qualidade; o fascínio que exercia sobre a vítima, protegido no seu hábito sagrado: aí está a falta, aí está o crime que, se não fosse punido pela justiça dos homens, sê-lo-ia certamente pela de Deus.

Ora, quinze meses eram mais que suficientes para dar-lhe tempo de refletir e de voltar ao sentimento de seus deveres. Que fazia ele no intervalo? Ensinava à juventude as verdades da religião; pregava as virtudes do Cristo, a castidade de Maria, a eternidade das penas contra os pecadores; absolvía ou retinha as faltas alheias, conforme seu próprio julgamento. E ele, o refratário aos mandamentos de Deus, que condenam o que ele fazia, era o dispensador infalível da inflexível severidade ou da misericórdia de Deus! É um caso isolado? Ah! a História de todos os tempos aí está a provar o contrário. Aqui fazemos abstração do indivíduo, para não ver senão um princípio que dá lugar à incredulidade e mina secretamente o elemento religioso. O poder absolutório do sacerdote, dizem, independe de sua conduta pessoal. Seja; não discutiremos este ponto, embora pareça estranho que um homem que, por suas infâmias, merece o inferno, possa abrir ou fechar as portas do paraíso a quem lhe aprouver, quando muitas vezes os excessos lhe tiram completamente a lucidez das idéias. Se o temor das penas eternas não detém na via do mal e na violação dos mandamentos de Deus aqueles que os preconizam, é que eles próprios nelas não crêem. A primeira condição para inspirar confiança seria pregar pelo exemplo.

Variedades

SOCIEDADE ALEMÃ DOS PESQUISADORES DE TESOUROS

Em vários jornais franceses e estrangeiros lê-se o artigo seguinte:

“Os espíritas acabam de recrutar novos adeptos na Alemanha. Um certo médico de Zittau, chamado Berthelen, autor de um opúsculo sobre as *mesas girantes*, organizou uma sociedade que se intitula: *Associação dos pesquisadores de tesouros*, e que tem por objetivo explorar o solo das localidades passíveis de conter tesouros enterrados. As operações da empresa são conduzidas por uma sonâmbula das mais lúcidas, Sra. Louise Ebermann, e começaram por escavações cotidianas, executadas em hora fixa, em meio a uma plantação de fumo, onde se acharia oculta a soma de 400.000 táleres (1.500.000 francos). A sociedade conta apenas sete ou oito membros participantes dos trabalhos e, até o momento, suas operações se limitam a fazer preces em comum e a revolver, com certo cerimonial, a terra retirada do solo, onde esperam descobrir o bendito tesouro.”

É realmente curioso ver o empenho de certos jornais em reproduzir tudo quanto, em sua opinião, possa lançar descrédito sobre o Espiritismo. O menor acontecimento infeliz ou ridículo, e ao qual, com ou seu razão, se acha associada a palavra *espírita*, é imediatamente repetida por toda parte, com variantes mais ou menos engenhosas, sem preocupação com a verdade. Até as pasquinadas mais inverossímeis são aceitas com uma seriedade verdadeiramente cômica. Com a aparição dos espectros nos teatros, todos repetem sem trégua que o Espiritismo foi a pique, e que os seus maiores truques foram, enfim, descobertos; é só um charlatão, um saltimbanco ou um ledor de buena-dicha julgarem por bem enfarpelar-se com o nome de espíritas e logo os adversários os assinalam como um dos representantes da doutrina. Que resultou de tudo isto? Repercussão do nome; daí o desejo de conhecer a

coisa; ridículo para os gracejadores, que falam levemente do que não sabem; ódio caído sobre os caluniadores e, em consequência, aumento do número de adeptos sérios, os únicos que contam entre os espíritas.

O artigo acima pertence à categoria de que acabamos de falar. O autor a si mesmo se desmente, dizendo que as pesquisas são feitas com o auxílio de uma sonâmbula das mais lúcidas; não é, pois, com o auxílio dos Espíritos. Em que se baseia para dizer que é uma associação de espíritas? Porque o fundador da sociedade escreveu um opúsculo sobre as mesas girantes, segue-se que seja espírita? De modo algum, porquanto, à época das mesas girantes ainda se estava no á-bê-cê da ciência; e, aliás, se ele conhecesse o Espiritismo, saberia que os Espíritos não podem favorecer nenhuma pesquisa de tal natureza.

Desde que se conhece o sonambulismo as criaturas o têm empregado na descoberta de tesouros, mas, até agora, ninguém conseguiu senão gastar dinheiro em escavações inúteis, como outrora os que procuravam a pedra filosofal. Predizemos a mesma sorte à nova empresa. Quando se soube que os Espíritos podiam comunicar-se, um primeiro pensamento, aliás muito natural, foi o de que eles pudessem servir utilmente às especulações de toda natureza; mas não tardou a se reconhecer que, neste ponto, só se obtinham mistificações. Para isto havia uma causa: foram os próprios Espíritos que a indicaram. Assim, não há hoje um só espírita esclarecido que perca seu tempo em perseguir tais quimeras, porque todos sabem que Deus não dá aos homens semelhante meio de enriquecer e, por esta razão, não permite aos Espíritos revelações deste gênero.

É, pois, abusivamente, que o autor do artigo colocou a associação alemã dos pesquisadores de ouro sob o patrocínio do Espiritismo. Não é entre os que só vêem nos Espíritos servos da ambição, da cupidez e dos interesses materiais que a doutrina

recruta seus adeptos, mas entre os que a consideram como uma causa de melhoramento moral.

Para mais ampla instrução a respeito, remetemos o leitor a *O Livro dos Médiuns*, capítulo XXVI, *Perguntas que se podem fazer aos Espíritos*; nº 291, *Perguntas sobre os interesses morais e materiais*; nº 294, *Perguntas sobre as invenções e descobertas*; nº 295, *Perguntas sobre tesouros ocultos*.

UM QUADRO ESPÍRITA NA EXPOSIÇÃO DE ANTUÉRPIA

Durante nossa estada em Antuérpia, fomos visitar a exposição de pintura, onde admiramos obras verdadeiramente notáveis de pintores nacionais; ali vimos, com extremo prazer, figurar com muita honra dois quadros de nosso colega da Sociedade de Paris, Sr. Wintz, 63, rue de Clichy: *Retour des vaches* (A volta das vacas) e *Clair de Lune* (Luar). Mas o que particularmente nos chamou a atenção foi um gênero de pintura exposto num folheto sob o título de *Cena de interior de camponeses espíritas*. Num interior de fazenda, três indivíduos em costume flamengo, estão sentados em volta de um enorme cepo, sobre o qual põem as mãos, na atitude dos que fazem mover as mesas. Pela fisionomia atenta e concentrada, reconhece-se que levam a coisa a sério. Outras personagens, homens, mulheres e crianças, estão diversamente agrupadas, umas espreitando com ansiedade o primeiro movimento da enorme massa, outras sorrindo com um ar de cepticismo. Essa pintura, cuja execução tem o seu mérito, é original e verdadeira. Se excetuarmos o quadro *mediúnico* que, como tal, figurava na exposição de artes de Constantinopla (Vide a *Revista* de julho de 1863), é a primeira vez que o Espiritismo figura tão claramente confessado nas obras de arte. É um começo.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

NOVEMBRO DE 1864

Nº 11

O Espiritismo é uma Ciência Positiva

ALOCUÇÃO DO SR. ALLAN KARDEC AOS ESPÍRITAS DE
BRUXELAS E ANTUÉRPIA, EM 1864

Publicamos esta alocução a pedido de grande número de pessoas que nos testemunharam o desejo de conservá-la, e porque ela tende a fazer considerar o Espiritismo sob um aspecto de certo modo novo. A *Revista Espírita* de Antuérpia reproduziu-a integralmente.

Senhores e caros irmãos espíritas,

Apraz-me dar-vos este título, porque, embora eu não tenha o privilégio de conhecer todas as pessoas presentes nesta reunião, quero crer que aqui estamos em família e todos em comunhão de pensamentos e de sentimentos. Mesmo admitindo que nem todos os assistentes fossem simpáticos às nossas idéias, não os confundiria menos no sentimento fraterno que deve animar os verdadeiros espíritas para com todos os homens, sem distinção de opinião.

Não obstante, é aos nossos irmãos de crença que me dirijo mais especialmente, para exprimir-lhes a satisfação que sinto de me achar entre eles e de oferecer-lhes, em nome da Sociedade de Paris, a saudação de fraternidade espírita.

Eu já havia tido a prova de que o Espiritismo conta, nesta cidade, numerosos adeptos sérios, devotados e esclarecidos, compreendendo perfeitamente o objetivo moral e filosófico da doutrina; sabia que aqui encontraria corações simpáticos, e isto foi motivo determinante para que eu correspondesse ao insistente e grato convite que me foi feito por vários dentre vós, de aqui fazer uma pequena visita este ano. A acolhida tão amável e cordial que recebi fará que leve de minha estada a mais agradável lembrança.

Certamente eu teria o direito de envaidecer-me pela acolhida que me tem sido dispensada nos diferentes centros que visito, se não soubesse que esses testemunhos se dirigem muito menos ao homem do que à doutrina, da qual sou humilde representante, e devem ser consideradas como uma profissão de fé, uma adesão aos nossos princípios. É assim que os encaro, no que me concerne pessoalmente.

Aliás, se as viagens que faço de vez em quando aos centros espíritas só devessem ter como resultado a satisfação pessoal, eu as consideraria inúteis e delas me absteria. Mas, além de contribuírem para estreitar os laços de fraternidade entre os adeptos, também têm a vantagem de fornecer-me elementos de observação e de estudo, jamais perdidos para a doutrina. Independentemente dos fatos que possam servir ao progresso da ciência, aí recolho os materiais da história futura do Espiritismo, os documentos autênticos sobre o movimento da idéia espírita, os elementos mais ou menos favoráveis ou contrários que ela encontra, conforme as localidades, a força ou a fraqueza e as manobras de seus adversários, os meios de combater estes últimos, o zelo e o devotamento de seus verdadeiros defensores.

Entre estes últimos, devem colocar-se em posição de destaque todos os que militam pela causa com coragem, perseverança, abnegação e desinteresse, sem segunda intenção pessoal, que buscam o triunfo da doutrina pela doutrina, e não pela satisfação de seu amor-próprio; enfim, aqueles que, por seu exemplo, provam que a moral espírita não é uma palavra vã, e se esforçam por justificar esta notável afirmação de um incrédulo: *Com uma tal doutrina, não se pode ser espírita sem ser homem de bem.*

Não há centro espírita onde eu não tenha encontrado um número mais ou menos grande desses pioneiros da obra, desses arroteadores de terreno, desses lutadores infatigáveis que, sustentados por uma fé sincera e esclarecida, pela consciência de cumprir um dever, não desanimam ante nenhuma dificuldade, encarando seu devotamento como dívida de reconhecimento pelos benefícios morais que receberam do Espiritismo. É justo fiquem perdidos para os nossos descendentes os nomes daqueles de que se honra a doutrina e que um dia não possam ser inscritos no panteão espírita?

Infelizmente, ao lado destes por vezes se acham pessoas de má índole, os impacientes da causa, que, não calculando o alcance de suas palavras e de seus atos, podem comprometê-la; os que, por zelo irrefletido, por idéias intempestivas e prematuras, sem o querer fornecem armas aos nossos adversários. Depois vêm aqueles que, não considerando o Espiritismo senão pela superfície, *sem serem tocados no coração*, por seu próprio exemplo dão uma falsa idéia de seus resultados e de suas tendências morais.

Eis aí, sem sombra de dúvida, o maior escolho com que se deparam os sinceros propagadores da doutrina, pois muitas vezes vêm a obra, que tão penosamente esboçaram, desfeita justamente por aqueles que os deveriam secundar. Está provado que o Espiritismo é mais entravado pelos que o compreendem mal do que pelos que não o compreendem absolutamente, e, mesmo,

pelos inimigos declarados. E é de notar que os que o compreendem mal geralmente têm a pretensão de o compreender melhor que os outros; e não é raro ver neófitos que, ao cabo de alguns meses, pretendem dar lições àqueles que adquiriram experiência em estudos sérios. Tal pretensão, que denuncia o orgulho, é uma prova evidente da ignorância dos verdadeiros princípios da doutrina.

Contudo, que os espíritas sinceros não desanimem: é o resultado do momento de transição por que vivemos. As idéias novas não podem estabelecer-se de repente e sem obstáculos; como lhes é preciso varrer as idéias antigas, forçosamente encontram adversários que as combatem e as repelem, sem falar nas criaturas que as tomam em sentido contrário, que as exageram ou desejam acomodá-las a seus gostos e opiniões pessoais. Mas chega o momento em que as idéias contraditórias caem por si mesmas, uma vez conhecidos e compreendidos os verdadeiros princípios pela maioria. Já vedes o que sucedeu com todos os sistemas isolados, surgidos na origem do Espiritismo; todos caíram ante a observação mais rigorosa dos fatos, ou só ainda encontram alguns desses partidários tenazes que, em tudo, se aferram às suas idéias primitivas, sem darem um passo à frente. A unidade se fez na crença espírita com muito mais rapidez do que se esperava. É que os Espíritos, em todos os pontos, vieram confirmar os princípios verdadeiros, de sorte que hoje, entre os adeptos do mundo inteiro, há uma opinião predominante que, se ainda não goza da unanimidade absoluta, é, incontestavelmente, a da imensa maioria. Donde se segue que aquele que quiser marchar na contramão desta opinião, encontrando pouco ou nenhum eco, condena-se ao isolamento. Aí está a experiência para o demonstrar.

Para remediar o inconveniente que acabo de assinalar, isto é, para prevenir as conseqüências da ignorância e das falsas interpretações, é preciso maior empenho na vulgarização das idéias justas e na formação de adeptos esclarecidos, cujo número crescente neutralizará a influência das idéias errôneas.

Minhas visitas aos centros espíritas, naturalmente, têm por objetivo principal auxiliar os nossos irmãos em crença em suas tarefas. Assim, eu as aproveito para lhes dar instruções que possam necessitar, como desenvolvimento teórico ou aplicação prática da doutrina, tanto quanto me é possível fazê-lo. Como é sério o fim dessas visitas, e exclusivamente no interesse da doutrina, não busco ovações, que nem são do meu gosto, nem do meu caráter. Minha maior satisfação é encontrar-me com amigos sinceros, devotados, com os quais nos podemos entreter sem constrangimento e esclarecer-nos mutuamente, por uma discussão amistosa, em que cada um traz o contributo de suas próprias observações.

Nessas excursões não vou pregar aos incrédulos; jamais convoco o público para catequizá-lo, pois não vou fazer propaganda; só compareço a reuniões de adeptos nas quais meus conselhos são desejados e possam ser úteis; eu os dou de bom grado aos que julgam deles necessitar; abstenho-me de dá-los aos que se julgam bastante esclarecidos para os dispensar. Numa palavra, só me dirijo aos homens de boa vontade.

Se, excepcionalmente, se insinuassem nessas reuniões pessoas atraídas somente pela curiosidade, ficariam desapontadas, porquanto aí nada encontrariam que as pudesse satisfazer; e, caso estivessem animadas de sentimento hostil ou desabonador, o caráter eminentemente grave, sincero e moral da assembléia e dos assuntos nela tratados tiraria qualquer pretexto plausível para a sua malevolência. Tais são os pensamentos que exprimo nas diversas reuniões às quais sou chamado para assistir, a fim de que não se equivoquem quanto às minhas intenções.

Afirmei no início que eu não era senão o representante da doutrina. Algumas explicações sobre o seu verdadeiro caráter naturalmente chamarão vossa atenção para um ponto essencial que, até agora, não foi considerado suficientemente. Na verdade, vendo a rapidez dos progressos desta doutrina, haveria mais glória em

dizer-me seu criador; meu amor-próprio aí encontraria o seu salário; mas não devo fazer minha parte maior do que ela é; longe de o lamentar, eu me felicito, porque, então, a doutrina não passaria de uma concepção individual, que poderia ser mais ou menos justa, mais ou menos engenhosa, mas que, por isso mesmo, perderia sua autoridade. Poderia ter partidários, talvez fizesse escola, como muitas outras, mas certamente não teria adquirido, em alguns anos, o caráter de universalidade que a distingue.

Eis um fato capital, senhores, que deve ser proclamado bem alto. Não, o Espiritismo não é uma concepção individual, um produto da imaginação; não é uma teoria, um sistema inventado para a necessidade de uma causa; tem sua fonte nos fatos da própria Natureza, em fatos positivos, que se produzem a cada instante sob os nossos olhos, mas cuja origem não se suspeitava. É, pois, resultado da observação; numa palavra, uma ciência: a ciência das relações entre o mundo visível e o mundo invisível; ciência ainda imperfeita, mas que se completa todos os dias por novos estudos e que, tende certeza, ocupará o seu lugar ao lado das ciências *positivas*. Digo *positivas*, porque toda ciência que repousa sobre fatos é uma ciência positiva, e não puramente especulativa.

O Espiritismo nada inventou, porque não se inventa o que está na Natureza. Newton não inventou a lei da gravitação; esta lei universal existia antes dele. Cada um a aplicava e lhe sentia os efeitos, embora não a conhecessem.

O Espiritismo, por sua vez, vem mostrar uma nova lei, uma nova força da Natureza: a que reside na ação do Espírito sobre a matéria, lei tão universal quanto a da gravitação e da eletricidade, conquanto ainda desconhecida e negada por certas pessoas, como o foram todas as outras leis na época de suas descobertas. É que os homens geralmente têm dificuldade em renunciar às suas idéias preconcebidas e, por amor-próprio, custa-lhes reconhecer que estavam enganados, ou que outros tenham podido encontrar o que eles mesmos não encontraram.

Mas, afinal, como esta lei repousa sobre fatos, e contra os fatos não há negação que possa prevalecer, terão de render-se à evidência, como os mais recalcitrantes o fizeram quanto ao movimento da Terra, a formação do globo e os efeitos do vapor. Por mais que acusem os fenômenos de ridículos, não podem impedir a existência daquilo que é.

Assim, o Espiritismo procurou a explicação dos fenômenos de uma certa ordem e que, em todos os tempos, se produziram de maneira espontânea. Mas, sobretudo, o que o favoreceu nessas pesquisas é que lhe foi dado, até certo ponto, o poder de produzi-los e de provocá-los. Encontrou nos médiuns instrumentos adequados a tal efeito, como o físico encontrou na pilha e na máquina elétrica os meios de reproduzir os efeitos do raio. É fácil compreender que isto não passa de uma comparação; não pretendo estabelecer uma analogia.

Mas há aqui uma consideração de alta importância: é que, em suas pesquisas, ele não procedeu por via de hipóteses, como o acusam; não supôs a existência do mundo espiritual para explicar os fenômenos que tinha sob as vistas; procedeu por meio da análise e da observação; *dos fatos remontou à causa e o elemento espiritual se lhe apresentou como força ativa; só o proclamou depois de havê-lo constatado.*

Como força e como lei da Natureza, a ação do elemento espiritual abre, assim, novos horizontes à Ciência, dando-lhe a chave de uma imensidão de problemas incompreendidos. Mas, se a descoberta de leis puramente materiais produziu revoluções materiais no mundo, a do elemento espiritual nele prepara uma revolução moral, pois muda totalmente o curso das idéias e das crenças mais arraigadas; mostra a vida sob outro aspecto; mata a superstição e o fanatismo; desenvolve o pensamento, e o homem, em vez de arrastar-se na matéria, de circunscrever sua vida entre o nascimento e a morte, eleva-se ao

infinito; sabe donde vem e para onde vai; vê um objetivo para o seu trabalho, para os seus esforços, uma razão de ser para o bem; sabe que nada do que adquire na Terra, em saber e moralidade, lhe é perdido, e que seu progresso continua indefinidamente no além-túmulo; sabe que há sempre um futuro para si, sejam quais forem a insuficiência e a brevidade da existência presente, ao passo que a idéia materialista, circunscrevendo a vida à existência atual, dá-lhe como perspectiva o nada, que não tem por compensação sequer a duração, que ninguém pode aumentar à vontade, já que podemos cair amanhã, em uma hora, e então o fruto dos nossos labores, de nossas vigílias, dos conhecimentos adquiridos estarão para nós perdidos para sempre, muitas vezes sem termos tido tempo de desfrutá-los.

O Espiritismo, repito, ao demonstrar, não por hipótese, mas por fatos, a existência do mundo invisível e o futuro que nos aguarda, muda completamente o curso das idéias; dá ao homem a força moral, a coragem e a resignação, porque não mais trabalha apenas pelo presente, mas pelo futuro; sabe que se não gozar hoje, gozará amanhã. Demonstrando a ação do elemento espiritual sobre o mundo material, amplia o domínio da Ciência e, por isto mesmo, abre nova via ao progresso material. Então terá o homem uma base sólida para o estabelecimento da ordem moral na Terra; compreenderá melhor a solidariedade que existe entre os seres deste mundo, já que esta solidariedade se perpetua indefinidamente; a fraternidade deixa de ser palavra vã; ela mata o egoísmo, em vez de por ele ser morta e, muito naturalmente, o homem imbuído destas idéias a elas conformará suas leis e suas instituições sociais.

O Espiritismo conduz inevitavelmente a esta reforma. Assim, pela força das coisas, realizar-se-á a revolução moral que deve transformar a Humanidade e mudar a face do mundo, e isto tão-só pelo conhecimento de uma nova lei da Natureza, que dá outro curso às idéias, uma finalidade a esta vida, um objetivo às aspirações do futuro, fazendo encarar as coisas de outro ponto de vista.

Se os detratores do Espiritismo – falo dos que militam pelo progresso social, dos escritores que pregam a emancipação dos povos, a liberdade, a fraternidade e a reforma dos abusos – conhecessem as verdadeiras tendências do Espiritismo, seu alcance e seus inevitáveis resultados, em vez de ridicularizá-lo, como fazem, de interpor incessantemente obstáculos no seu caminho, nele vissem a mais poderosa alavanca para chegar à destruição dos abusos que combatem, em vez de lhe serem hostis, o aclamariam como um socorro providencial. Infelizmente, na sua maioria, crêem mais em si do que na Providência. Mas a alavanca age sem eles e a despeito deles, e a força irresistível do Espiritismo será tanto mais bem constatada quanto mais ele tiver de combater. Um dia dirão deles, o que não será para a sua glória, o que eles próprios dizem dos que combateram o movimento da Terra e dos que negaram a força do vapor. Todas as negações, todas as perseguições não impediram que estas leis naturais seguissem seu curso, assim como os sarcasmos da incredulidade não impedirão a ação do elemento espiritual, que é, também, uma lei da Natureza.

Considerado desta maneira, o Espiritismo perde o caráter de misticismo que lhe censuram os detratores, justamente aqueles que menos o conhecem. Não é mais a ciência do maravilhoso e do sobrenatural ressuscitada: é o domínio da natureza enriquecida por uma lei nova e fecunda, uma prova a mais do poder e da sabedoria do Criador; são, enfim, os limites recuados dos conhecimentos humanos.

Tal é, em resumo, senhores, o ponto de vista sob o qual se deve encarar o Espiritismo. Nesta circunstância, qual foi o meu papel? Nem o de inventor, nem o de criador. Vi, observei, estudei os fatos com cuidado e perseverança; coordenei-os e lhes deduzi as conseqüências: eis toda a parte que me cabe. Aquilo que fiz, outro poderia ter feito em meu lugar. Em tudo isto fui simples instrumento dos pontos de vista da Providência, e dou graças a Deus e aos Espíritos bons por se terem dignado servir-se de mim.

É uma tarefa que aceitei com alegria, e da qual me esforcei por tornar-me digno, pedindo a Deus me desse as forças necessárias para realizá-la segundo a sua santa vontade. No entanto, a tarefa é pesada, mais pesada do que possam imaginá-la; e se tem para mim algum mérito, é que tenho a consciência de não haver recuado perante nenhum obstáculo e nenhum sacrifício. Será a obra da minha vida até meu último dia, porque, na presença de um objetivo tão importante, todos os interesses materiais e pessoais se apagam como pontos diante do infinito.

Termino esta alocução, senhores, dirigindo sinceras felicitações aos nossos irmãos da Bélgica, presentes ou ausentes, cujo zelo, devotamento e perseverança contribuíram para a implantação do Espiritismo neste país. Estou convicto de que as sementes plantadas nos grandes centros de população, como Bruxelas, Antuérpia, etc., não foram lançadas em solo estéril.

Uma Lembrança de Existências Passadas

Num artigo biográfico sobre *Méry*, publicado pelo *Journal littéraire* de 25 de setembro de 1864, encontra-se a seguinte passagem:

“Há teorias singulares, que para ele são convicções.

“Assim, ele crê firmemente que já viveu várias vezes; lembra-se das mínimas circunstâncias de suas existências precedentes e as detalha com entusiasmo, com uma certeza tal que impõe autoridade.

“Assim, foi um dos amigos de Virgílio e de Horácio, conheceu Augusto Germânico, fez a guerra nas Gálias e na Germânia. Era general e comandava as linhas romanas quando

estas atravessaram o Reno. Reconhecia nas montanhas lugares onde havia acampado, os vales de campos de batalha onde combateu. Lembra-se de conversas em casa de Mecenas, que são o terno objeto de seus pesares. Chamava-se Minius.

“Um dia, na sua vida atual, estava em Roma e visitava a biblioteca do Vaticano. Foi recebido ali por jovens noviços, vestidos em longas roupas escuras, que se puseram a lhe falar no latim mais puro. *Méry* era bom latinista, no que tange à teoria e às coisas escritas, mas ainda não havia experimentado conversar familiarmente na língua de Juvenal. Ouvindo esses romanos de hoje, admirando esse magnífico idioma, tão bem harmonizado com os monumentos, com os costumes da época em que era usado, teve a impressão de que um véu lhe caía dos olhos; pareceu-lhe que ele próprio havia conversado, em outros tempos, com amigos que se serviam dessa linguagem divina. Frases feitas e impecáveis fluíam de seus lábios; encontrou imediatamente a elegância e a correção; enfim, falou latim como fala francês; teve em latim o espírito que tem em francês. Nada disso se podia fazer sem aprendizagem e, se não tivesse sido um súdito de Augusto, se não tivesse atravessado aquele século de todos os esplendores, não teria improvisado uma ciência, impossível de adquirir em algumas horas.

“Outra passagem sua na Terra foi nas Índias, razão por que as conhece bem. Por isso, quando publicou a *Guerre du Nizam*, nenhum de seus leitores terá duvidado que ele não tivesse morado muito tempo na Ásia. Suas descrições são vivas, seus quadros são originais, toca com o dedo detalhes tais que é impossível não tenha visto o que conta, pois aí está o cunho da verdade.

“Pretende ter entrado naquele país com uma expedição muçulmana, em 1035. Lá viveu cinquenta anos, passou belos dias e ali se fixou para não mais sair. Era poeta, mas menos letrado que em Roma e em Paris. A princípio guerreiro, depois sonhador, guardou na alma as imagens impressionantes das margens do rio

sagrado e dos ritos hindus. Tinha várias moradas, na cidade e no campo, orou nos templos dos elefantes, conheceu a civilização avançada de Java, viu de pé as esplêndidas ruínas que assinala e que ainda se conhece tão pouco.

“É preciso ouvi-lo contar esses poemas, pois são verdadeiros poemas essas lembranças à maneira de Swedenborg. Ele é muito sério, não o duvideis. Não é uma mistificação arranjada à custa dos ouvintes, mas uma realidade de que ele consegue convencer-vos.

“E suas doutrinas sobre a História, que possui admiravelmente! E suas anedotas tão finas, que projetam nova luz sobre tudo quanto tocam! E seus relatos, que são romances, que quase nos fazem chorar, depois de não termos podido conter o riso! Tudo isto faz de Méry um dos homens mais maravilhosos dos tempos em que viveu e, mesmo, daqueles em que sua alma errante aguardava sua vez para entrar num corpo e novamente fazer que dela falassem as gerações sucessivas.”

Pierre Dangeau

O autor do artigo não acompanha este fato de nenhuma reflexão. Depois de ter exaltado o alto mérito de Méry e sua grande inteligência, foi inconseqüente ao tachá-lo de louco. Se, pois, Méry é um homem de bom-senso, de alto valor intelectual; se a crença de já ter vivido é nele uma convicção; se essa convicção não é produto de um sistema de sua maneira de ver, mas o resultado de uma lembrança retrospectiva e de um fato material, a coisa não é de chamar a atenção de todo homem sério? Vejamos a que conseqüências incalculáveis este simples fato nos conduz.

Se Méry já viveu, isto não deve constituir uma exceção, porquanto as leis da Natureza são as mesmas para todos e, assim, todos os homens também devem ter vivido; se já vivemos, por certo não é o corpo que renasce, mas o princípio inteligente, a

alma, o Espírito. Temos, pois, uma alma. Uma vez que Méry conservou a lembrança de várias existências, e desde que os lugares lhe recordam o que viu outrora, com a morte do corpo a alma não se perde no todo universal; conserva, pois, a sua individualidade, a consciência do seu *eu*.

Lembrando-se Méry do que foi há dois mil anos, em que se tornou sua alma no intervalo? Precipitou-se no oceano do infinito ou se perdeu nas profundezas do espaço? Não; sem isto ela não reencontraria sua individualidade de outrora. Então deve ter ficado na esfera da atividade terrestre, vivendo a vida espiritual, em nosso meio ou no espaço que nos rodeia, até retomar um novo corpo. Não sendo Méry único no mundo, deve haver em torno de nós uma população inteligente, invisível.

Renascendo para a vida corporal, depois de um intervalo mais ou menos longo, a alma renasce no estado primitivo? como alma nova? ou aproveita as idéias adquiridas em suas existências anteriores? A lembrança retrospectiva resolve a questão por um fato: Se Méry tivesse perdido as idéias adquiridas, não teria reconhecido a língua que falava outrora; a visão dos lugares nada lhe teria recordado.

Mas se já vivemos, por que não reviveríamos ainda? Por que esta existência seria a última? Se renascemos com o desenvolvimento intelectual realizado, a intuição que trazemos das idéias adquiridas é um fundo que ajuda a aquisição de novas idéias, que torna o estudo mais fácil. Se, numa existência, o homem for apenas um matemático pela metade, precisará de menos trabalho para ser um matemático completo. É uma consequência lógica. Se se tornou mais ou menos bom, se se corrigiu de alguns defeitos, terá menos dificuldade para tornar-se ainda melhor, e assim por diante.

Nada do que adquirimos em inteligência, em saber e em moralidade fica perdido; quer morramos jovens ou velhos, quer tenhamos ou não tempo de aproveitá-lo na existência presente,

colheremos os seus frutos em existências subseqüentes. As almas que animam os franceses civilizados de hoje podem, então, ser as mesmas que animavam os bárbaros francos, ostrogodos, visigodos, os gauleses selvagens, os conquistadores romanos, os fanáticos da Idade Média, mas que, a cada existência, deram um passo à frente, apoiadas nos passos precedentes, e que progredirão ainda. Eis, pois, resolvido o grande problema da Humanidade, contra o qual se chocaram tantos filósofos! está resolvido pelo simples fato da pluralidade das existências. Mas quantos problemas hão de encontrar a sua solução na solução deste! Que horizontes novos isto não abre! É toda uma revolução nas crenças e nas idéias.

Assim raciocinará o pensador sério, o homem refletido. Um fato é um ponto de partida, do qual tira conseqüências. Ora, quais são os pensamentos que o caso de Méry desperta no autor do artigo? Ele próprio os resume nestas palavras: “Há teorias singulares, que para ele são convicções.”

Mas se esse autor vê em tudo isto apenas uma coisa bizarra, pouco digna de sua atenção, não se dá o mesmo com todo o mundo. Alguém encontra em seu caminho um diamante bruto que, por lhe desconhecer o valor, não se digna apanhar, enquanto outra pessoa saberá apreciá-lo e tirar proveito.

Hoje as idéias espíritas se produzem sob todas as formas; estão na ordem do dia e, sem querer confessá-las, a imprensa as registra e as semeia em profusão, crendo que apenas enriquece suas colunas de facécias. Não é impressionante que todos os adversários da idéia, sem exceção, trabalhem sem trégua para a sua propagação? Gostariam de falar o que a força das coisas os arrasta a falar. Assim o quer a Providência – para os que crêem na Providência.

Dirão que raciocinamos sobre um fato isolado, incapaz de fazer lei, porquanto, se a pluralidade das existências fosse uma condição inerente à Humanidade, por que nem todos os homens se

recordam, como Méry? A isto respondemos: Dai-vos ao trabalho de estudar o Espiritismo e o sabereis. Não repetiremos, pois, o que cem vezes foi demonstrado em relação à inutilidade da lembrança, para aproveitar a experiência adquirida nas existências precedentes e o perigo dessa lembrança para as relações sociais.

Mas há outra causa para esse esquecimento, de certo modo fisiológica, devida, ao mesmo tempo, à materialidade do nosso envoltório e à identificação do nosso Espírito pouco adiantado com a matéria. À medida que o Espírito se depura, os laços materiais são menos tenazes, o véu que obscurece o passado menos opaco; assim, a faculdade da lembrança retrospectiva segue o desenvolvimento do Espírito. O fato é raro em nossa Terra, porque a Humanidade ainda é muito material; mas seria erro supor que Méry seja um exemplo único. De vez em quando Deus permite que um Méry se apresente, a fim de trazer aos homens o conhecimento da grande lei da pluralidade das existências, a única que explica a origem de suas qualidades boas ou más, mostra-lhe a justiça das misérias que aqui suporta e lhe traça a rota do futuro.

A inutilidade da lembrança para aproveitar o passado é o que custam mais a compreender os que não estudaram o Espiritismo; para os espíritas é uma questão elementar. Sem repetir o que já foi dito a respeito, a seguinte comparação poderá facilitar o seu entendimento.

O aluno percorre a série de classes, desde a oitava até a filosofia. O que aprendeu na oitava lhe serve para aprender o que ensinam na sétima. Suponhamos agora que no fim da oitava tenha perdido toda a lembrança do tempo passado nesta classe; nem por isto seu Espírito será menos desenvolvido e dotado de conhecimentos adquiridos; apenas não se lembrará nem onde nem como os adquiriu, mas, em face do progresso realizado, estará apto a aproveitar as lições da sétima. Imaginemos, ainda, que na oitava tenha sido preguiçoso, colérico, indócil, mas que, tendo sido

castigado e moralizado, seu caráter se tenha modificado, tornando-se laborioso, doce e obediente; levará essas qualidades para a nova classe, que lhe parecerá ser a primeira. De que lhe serviria saber que foi fustigado pela preguiça, se agora já não é preguiçoso? O essencial é que chegue na sétima melhor e mais capaz do que era na oitava. Assim será de classe em classe.

Pois bem! o que não acontece ao escolar, nem ao homem nos diferentes períodos de sua vida, existe para ele de uma existência a outra: eis toda a diferença; mas o resultado é exatamente o mesmo, embora em maior escala.

(Vide outro exemplo de lembrança do passado relatado na *Revista Espírita* de julho de 1860).

Um Criminoso Arrependido²⁵

(Continuação)

(Passy, 4 de outubro de 1864 – Médiun: Sr. Rul.)

Nota – O médium tivera a intenção de evocar Latour desde o momento do suplício. Tendo perguntado a seu guia espiritual se poderia fazê-lo, este respondeu que esperasse lhe fosse indicado o momento. Somente no dia 3 de outubro a autorização foi dada, após ter lido o artigo da *Revista*, que fazia referência ao caso.

P. – Ouvistes as minhas preces?

Resp. – Sim; ouvi-as e vo-las agradeço, não obstante a minha perturbação.

Fui evocado quase imediatamente depois da minha morte, porém não pude manifestar-me logo, de modo que muitos

25 N. do T.: Vide *O Céu e o Inferno*, 2ª parte, capítulo VI – Jacques Latour (continuação).

Espíritos levianos tomaram-me o nome e a vez. Aproveitei a estada em Bruxelas do Presidente da Sociedade de Paris e comuniquei-me, com a aquiescência de Espíritos superiores.

Voltarei a manifestar-me na Sociedade, a fim de fazer revelações que serão um começo de reparação às minhas faltas, podendo também servir de ensinamento a todos os criminosos que me lerem e meditarem na exposição dos meus sofrimentos. É somente sobre o Espírito dos homens fracos ou das crianças que a narrativa de penas infernais pode produzir efeitos terroristas. Ora, um grande malfeitor não é um espírito pusilânime, e o temor da polícia é para ele mais real que a descrição dos tormentos do inferno. Eis por que todos os que me lerem ficarão comovidos com as minhas palavras e com os meus padecimentos, que não são ficções. Não há um só padre que possa dizer que viu o que tenho visto, porque tenho assistido às torturas dos danados. Mas, quando eu vier dizer: – “Eis o que se passou após a minha morte, a morte do corpo; eis a minha enorme decepção ao me reconhecer vivo, ao contrário do que supunha e tinha tomado pelo termo dos suplícios, quando era o começo de outras torturas, aliás indescritíveis!” – então, mais de um se deterá à borda do precipício em que ia despenhar-se, e cada um dos desgraçados, desviados por mim da senda criminoso, concorrerá para o resgate das minhas faltas. É assim que do próprio mal sai o bem, e que a vontade de Deus se manifesta em toda parte, na Terra como no espaço.

Foi-me permitido libertar-me do olhar das minhas vítimas transformadas em carrascos, a fim de comunicar convosco; ao deixar-vos, entretanto, tornarei a vê-las e só esta idéia me causa tal sofrimento que eu não poderia descrevê-lo. Sou feliz quando me evocam, porque assim deixo o meu inferno por alguns instantes.

Orai sempre ao Senhor por mim, pedi-lhe que me liberte do olhar das minhas vítimas.

Sim, oremos juntos. A prece faz tanto bem... Estou mais aliviado; não sinto tão pesado o fardo que me acabrunha. Vejo um resquício de esperança luzindo-me aos olhos e, contrito, exclamo: Bendita a mão do Senhor e seja feita a sua vontade!

J. Latour

O guia espiritual do médium dita o seguinte:

“Não tome os primeiros gritos do Espírito que se arrepende como sinal infalível de suas resoluções. Ele pode estar de boa-fé em suas promessas, porque a primeira impressão que sente ao se ver no mundo dos Espíritos é de tal modo fulminante que, ao primeiro testemunho de caridade que recebe de um Espírito encarnado, ele se entrega às expansões do reconhecimento e do arrependimento. Mas, por vezes, a reação é igual à ação e, em muitas outras, esse Espírito culpado, que ditou a um médium tão boas palavras, pode voltar à sua natureza perversa, às suas tendências criminosas. Como uma criança que ensaia os primeiros passos, precisa de ajuda para não cair.”

No dia seguinte o Espírito Latour foi evocado novamente.

O médium – Em vez de pedir a Deus para vos furtar ao olhar das vossas vítimas, eu vos convido a pedir a Ele que vos dê a força necessária para suportardes essa tortura expiatória.

Latour – Eu preferiria livrar-me de tais olhares. Se soubésseis quanto sofro... O homem mais insensível comover-se-ia vendo impressos na minha fisionomia, como que a fogo, os sofrimentos de minha alma. Farei, entretanto, o que me aconselhais, pois compreendo ser esse um meio de expiar um pouco mais rapidamente as minhas faltas. É qual dolorosa operação que viesse curar um corpo gravemente adoentado. Ah! Pudessem ver-me os culpados da Terra, e ficariam apavorados das

conseqüências de seus crimes, desses crimes que, ignorados dos homens, são, no entanto, vistos pelos Espíritos. Como a ignorância é fatal para tanta gente!

Que responsabilidade assumem os que recusam instrução às classes pobres da sociedade! Acreditam que com polícia e soldados se previnem crimes... Que grande erro! Se dobrassem ou quadruplicassem o número de agentes da autoridade, os mesmos crimes seriam cometidos, porque é preciso que os Espíritos maus encarnados cometam crimes.

Eu me recomendo à vossa caridade.

Observação – Sem dúvida é por um resquício de preconceitos terrenos que diz Latour: “É preciso que os Espíritos maus encarnados cometam crimes.” Seria a fatalidade nas ações dos homens, doutrina que a todos desculparia. Aliás, é muito natural que ao sair de semelhante existência, o Espírito não compreenda ainda a liberdade moral, sem a qual o homem estaria ao nível dos animais. Causa admiração que ele não diga coisas ainda piores.

A comunicação seguinte, do mesmo Espírito, foi obtida espontaneamente em Bruxelas, pela Sra. C..., o mesmo médium que havia servido de instrumento à cena relatada no número de outubro.

“Nada mais receeis de mim; estou mais tranqüilo, embora ainda padeça. Vendo o meu arrependimento, Deus teve compaixão de mim. Agora *sofro por causa desse arrependimento, que me demonstra a enormidade dos meus crimes.* Bem aconselhado na vida, eu não teria jamais praticado todo esse mal, mas, sem repressão, obedeci cegamente aos meus instintos. Se todos os homens pensassem mais em Deus, ou, antes, se nele acreditassem, tais faltas não seriam cometidas.

“Falha é, porém, a justiça dos homens; uma falta muita vez passageira leva o homem ao cárcere, que não deixa de ser um foco de perversão. Daí sai ele completamente corrompido pelos maus exemplos e conselhos. Dado porém que a sua índole seja boa e forte para se não corromper, ainda assim, de lá saído, ele vai encontrar fechadas todas as portas, retraídas todas as mãos, indiferentes todos os corações! Que lhes resta pois? O desprezo, a miséria, o abandono e o desespero, se é que o assistem boas resoluções de se corrigir. Então a miséria o leva aos extremos, e assim é que também ele se toma de desprezo por seu semelhante, assim é que o odeia e perde a noção do bem e do mal, por isso que repellido se encontra, a despeito das suas boas intenções. Para angariar o necessário, rouba, mata às vezes, e depois... depois o executam! Meu Deus, ao ser presa novamente das minhas alucinações, sinto que a vossa mão se estende por sobre mim; sinto que a vossa bondade me envolve e protege.

“Obrigado, meu Deus! na próxima existência empregarei toda a minha inteligência no socorro aos desgraçados que sucumbiram, a fim de os preservar da queda. Obrigado a vós que não desdenhais de comunicar comigo; nada receeis, pois bem o vedes, eu não sou mau. Quando pensardes em mim, não vos figureis o meu retrato pelo que de mim vistes, mas o de uma alma angustiada que agradece a vossa indulgência.

“Adeus; evocai-me ainda e orai a Deus por mim.”

Latour

Observação – O Espírito faz alusão ao temor que sua presença inspirava ao médium.

“Sofro, diz ele ainda, por esse arrependimento, que me mostra a enormidade de minhas faltas.” Há nisto um pensamento profundo. Realmente, o Espírito não compreende a gravidade de seus erros senão quando se arrepende; o arrependimento traz o pesar, o remorso, sentimento doloroso, que é a transição do mal

para o bem, da doença moral para a saúde moral. É para se furtarem a isto que os Espíritos perversos se tornam inflexíveis à voz da consciência, como os doentes que repelem o remédio que os deve curar. Procuram iludir-se e atordoar-se, persistindo no mal. Latour chegou a um período em que o endurecimento acaba por ceder; o remorso entrou em seu coração; seguiu-se o arrependimento; compreende a extensão do mal que fez; vê a sua abjeção e sofre com isto. Eis por que diz: “Sofro por esse arrependimento.” Em sua existência precedente, deveria ter sido pior que nesta, porquanto, se se tivesse arrependido como o fez agora, sua vida teria sido melhor. As resoluções tomadas agora influirão sobre sua existência terrestre futura; a que acaba de deixar, por mais criminosa que tenha sido, marcou-lhe uma etapa de progresso. É mais que provável que, antes de começá-la, ele fosse, na erraticidade, um desses Espíritos maus, rebeldes, obstinados no mal, como se vêem tantos.

Muitas pessoas perguntaram que proveito poder-se-ia tirar das existências passadas, já que não se lembram do que foram, nem do que fizeram.

Esta questão está completamente resolvida, levando-se em conta que, se o mal que praticamos estivesse apagado, e se dele não restasse traço algum em nossos corações, sua lembrança seria inútil, uma vez que com eles não mais temos de nos preocupar. Quanto àquilo de que não nos corrigimos completamente, nós o conhecemos por nossas tendências atuais; é para estas que devemos concentrar toda a nossa atenção. Basta saber o que somos, sem que seja necessário saber o que fomos.

Durante a vida, quando se considera a dificuldade da reabilitação do mais arrependido dos culpados, da reprovação de que é objeto, deve-se agradecer a Deus por ter lançado um véu sobre o passado. Se Latour tivesse sido condenado em tempo hábil, e mesmo se tivesse sido absolvido, seus antecedentes levariam a sociedade a rejeitá-lo. A despeito do seu arrependimento quem o

teria admitido na intimidade? Os sentimentos que hoje manifesta como Espírito nos fazem esperar que, na próxima existência terrena, será um homem de bem, estimado e considerado. Mas supõe que se saiba quem foi Latour: a reprovação ainda o perseguirá. O véu lançado sobre o passado abre-lhe a porta da reabilitação; poderá sentar-se sem temor e sem desonra entre as mais distintas pessoas. Quantos não gostariam, fosse qual fosse o preço, de apagar da memória dos homens certos anos de sua existência!

Que se encontre, então, uma doutrina que melhor se concilie com a justiça e a bondade de Deus! Aliás, esta doutrina não é uma teoria, mas um resultado da observação. Não foram os espíritos que a imaginaram; eles viram e observaram as diversas situações em que se apresentam os Espíritos; procuraram a sua explicação, da qual saiu a doutrina. Se a aceitaram é porque ela resulta dos fatos e lhes pareceu mais racional que todas as concebidas até hoje sobre o futuro da alma.

Latour foi evocado muitas vezes, o que era muito natural. Mas, como sucede em casos semelhantes, houve muitas comunicações apócrifas, e os Espíritos levianos não perderam essa ocasião. A própria situação de Latour se opunha a que se pudesse manifestar quase simultaneamente em tantos pontos ao mesmo tempo. Tal ubiqüidade só é privilégio dos Espíritos superiores.

As comunicações que referimos são mais autênticas? Pensamos que sim e o desejamos, sobretudo para o bem desse Espírito. Em falta dessas provas materiais, que constata a identidade de modo absoluto, como muitas vezes são obtidas, pelo menos temos provas morais, que tanto resultam das circunstâncias em que ocorrem as manifestações, quanto da concordância. Sobre as comunicações que conhecemos, oriundas de fontes diversas, pelo menos três quartas partes concordam quanto ao fundo; entre as outras algumas não resistem a um exame, tão evidente é o erro

de situação, em flagrante contradição com o que nos ensina a experiência sobre o estado dos Espíritos no mundo espiritual.

Seja como for, não se pode recusar àquelas que citamos um alto ensino moral. O Espírito pode ter sido, deve mesmo ter sido ajudado em suas reflexões e, sobretudo, na escolha das expressões, por Espíritos mais adiantados. Mas, em casos semelhantes, estes últimos só assistem na forma, e não no fundo, e jamais põem o Espírito inferior em contradição consigo mesmo. Em Latour puderam poetizar a forma do arrependimento, mas não o teriam levado a exprimir o arrependimento contra a sua vontade, porque o Espírito tem o seu livre-arbítrio; nele viam o germe dos bons sentimentos, razão por que o ajudaram a exprimi-los, contribuindo, dessa maneira, para desenvolvê-los, ao mesmo tempo que para ele atraíram a comiseração.

Há algo de mais comovente, de mais moral, susceptível de impressionar mais vivamente, do que o quadro desse grande criminoso arrependido, a manifestar desespero e remorso? que, em meio às torturas, perseguido pelo olhar incessante de suas vítimas, eleva o pensamento a Deus para implorar misericórdia? Não está aí um salutar exemplo para os culpados? Tudo é sensato em suas palavras; tudo é natural em sua situação, enquanto a que lhe é atribuída por certas comunicações é ridícula. Compreende-se a natureza de suas angústias; elas são racionais, terríveis, embora simples e sem encenação fantasmagórica. Por que se não teria arrependido? Por que não haveria nele uma corda sensível e vibrante? Está precisamente aí o lado moral de suas comunicações; é a inteligência que tem da situação; são os pesares, as resoluções, os projetos de reparação que são eminentemente instrutivos. Que haveria de extraordinário no fato de ter-se arrependido sinceramente antes de morrer? que tivesse dito antes o que dissera depois?

Aos olhos da maioria de seus semelhantes, um retorno

ao bem antes de sua morte teria passado por uma fraqueza. Sua voz de além-túmulo é a revelação do futuro que os aguarda. Está absolutamente certo quando diz que o seu exemplo é mais adequado a reconduzir os culpados que as perspectiva das chamas do inferno e, mesmo, o patíbulo. Por que, então, não o daria nas prisões? Isto levaria mais de um a refletir, conforme temos vários exemplos. Como, porém, acreditar nas palavras de um morto, quando se crê que, após a morte, tudo está acabado? Contudo, dia virá em que se reconhecerá esta verdade: que os mortos podem vir e instruir os vivos.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

PIERRE LEGAY, O GRAND-PIERROT

(Paris, 16 de agosto de 1864 – Médiun: Sra. Delanne)

Pierre Legay era um rico cultivador um pouco interesseiro, falecido há dois anos e parente da Sra. Delanne. Era conhecido na região pela alcunha de *Grand-Pierrot*.

A conversa seguinte mostra um dos ângulos mais interessantes do mundo invisível, o dos Espíritos que ainda se julgam vivos. Foi obtida pela Sra. Delanne, que a comunicou à Sociedade de Paris. O Espírito se exprime exatamente como o fazia em vida; a própria trivialidade da linguagem é uma prova de identidade. Tivemos de suprimir algumas expressões que lhe eram familiares, por causa de sua crueza.

Diz a Sra. Delanne: “Desde algum tempo ouvíamos batidas à nossa volta; presumindo que pudesse ser um Espírito, pedimos-lhe se desse a conhecer. Ele logo escreveu: Pierre Legay, cognominado Grand-Pierrot.

P. – Eis-vos, então, em Paris, Grand-Pierrot, vós que

tínheis tanta vontade de vir aqui?

Resp. – Estou aqui, meu caro amigo; vim só, já que *ela* veio sem mim. E, contudo, eu lhe dissera tanto que me prevenisse... mas, enfim, aqui estou. Estava aborrecido, porque não me deram atenção.

Observação – O Espírito alude à mãe da Sra. Delanne, que desde algum tempo tinha vindo morar em Paris, na casa de sua filha. Ele a designa por um epíteto que lhe era habitual e que substituímos por *ela*.

P. – Sois vós que bateis à noite?

Resp. – Onde quereis que eu vá? Não posso deitar-me em frente à porta.

P. – Então vos deitais em nossa casa?

Resp. – Mas, evidentemente. Ontem fui passear convosco (ver as iluminações). Vi tudo. Ah! como aquilo é bonito! Ainda bem! Pode dizer-se que fizeram belas coisas. Asseguro-vos que estou muito contente; não lamento o meu dinheiro.

P. – Por que caminho viestes a Paris? Então pudestes abandonar as vossas paragens?

Resp. – Mas, com os diabos! eu não posso cavar e estar aqui. Estou muito contente por ter vindo. Perguntais como vim; mas vim pela estrada de ferro.

P. – Com quem estáveis?

Resp. – Bem, palavra de honra! eu não os conhecia.

P. – Quem vos deu o meu endereço? Dizei, também, de onde vinha a simpatia que tínheis por mim.

Resp. – Mas quando fui à casa *dela* (a mãe da Sra. Delanne) e não a encontrei, perguntei ao guarda onde ela estava. Ele me disse que estava aqui: então eu vim. E, depois, vede, meu amigo, gosto de vós porque sois um bom rapaz; agradastes-me, sois

franco e eu gosto de todas essas crianças. Vede, quando se gosta dos parentes também se gosta das crianças.

P. – Dizei-me o nome da pessoa que guarda a casa de minha sogra, já que ela tem as chaves no bolso.

Resp. – Quem lá encontrei? Mas foi o pai Colbert, que me disse que ela lhe havia dito que prestasse atenção.

P. – Vedes aqui o meu sogro, papai Didelot?

Resp. – Como quereis que o veja, se não está aqui? Sabeis perfeitamente que ele morreu.

(2ª conversa, 18 de agosto de 1864)

Tendo ido passar o dia em Châtillon, o Sr. e a Sra. Delanne ali fizeram a evocação de Pierre Legay.

P. – Então, viestes a Châtillon?

Resp. – Mas eu vou sigo por toda parte.

P. – Como viestes aqui?

Resp. – Sois engraçados! Vim na vossa viatura.

P. – Não vos vi pagar a passagem!

Resp. – Subi com Marianne e depois vossa mulher. Pensei que a tínheis pago. Estava na parte superior; nada me pediram. Não pagastes? Por que o condutor não reclamou?

P. – Quanto custou a passagem de trem de Ligny a Paris?

Resp. – Na estrada de ferro não é a mesma coisa. Fui a pé de Tréveray a Ligny; depois tomei o comboio e paguei ao condutor.

P. – Foi mesmo ao condutor que pagastes?

Resp. – A quem querieis que eu tivesse pago? Mas, meu primo, então acreditais que eu não tenha dinheiro? Há muito tempo havia reservado dinheiro para vir. Não é por eu não ter pago a passagem que devem pensar que não tenho dinheiro. Sem isto eu não teria vindo.

P. – Mas não me respondestes quanto gastastes no percurso em estrada de ferro de Nançois-le-Petit até Paris.

Resp. – Mas, b... paguei como os outros. Dei 20 francos e me devolveram 3 francos e sessenta centavos. Vede quanto é.

Observação – A soma de 16 fr. e 40 c. é, de fato, a marcada no *guia de preços* da estrada de ferro, o que ignorava o casal Delanne.

P. – Quanto tempo levastes na estrada de ferro de Nançois a Paris?

Resp. – Tanto quanto os outros. Não fizeram a locomotiva funcionar mais depressa para mim do que para os demais. Aliás, eu não podia achar o tempo longo; jamais tinha viajado de trem e pensava que Paris era muito mais longe. O que me espanta mais é essa velhaca (a sogra do Sr. D...), que aí vem tantas vezes. Por Deus! estou contente de poder correr convosco. Apenas muitas vezes não respondeis. Compreendo: vossos negócios vos sobrecarregam muito. Ontem não ousei regressar convosco pela manhã (a casa comercial onde o Sr. D... está empregado) e fui visitar o cemitério de Montmartre, creio; não é assim que o chamais? Precisais dizer-me os nomes para que possa contá-los quando lá voltar. (Com efeito, o Sr. e a Sra. Delanne tinham ido pela manhã ao cemitério de Montmartre).

P. – Visto que nada vos prende à região, pensais em partir logo?

Resp. – Só depois de ter visto tudo, já que estou aqui. E, depois, palavra de honra, eles bem podem mexer um pouco os outros (seus filhos); farão como quiserem. *Quando eu não estiver*

mais aqui, terão de passar sem mim. Que dizeis, primo?

P. – O que achais do vinho de Paris? e da comida?

Resp. – Não é melhor do que aquele que vos fiz beber (O Espírito faz alusão a uma circunstância em que fez o Sr. D.. beber vinho engarrafado há vinte e cinco anos); contudo não é mau. Quanto à comida, tanto faz; muitas vezes como pão ao vosso lado. Não gosto de sujar um prato; não vale a pena, quando não estamos habituados. Por que fazer cerimônias?

P. – Então onde dormis? não notei vosso leito.

Resp. – Chegando, Marianne foi a um quarto escuro; pensei que fosse para mim; deitei-me lá. Falei várias vezes a todos.

P. – Em vossa idade, não temeis ser atropelado nas ruas de Paris?

Resp. – Ah! meu primo, o que mais me aborrece são esses tais de carros; por isso, não deixo as calçadas.

P. – Há quanto tempo estais em Paris?

Resp. – Sabeis perfeitamente que cheguei quinta-feira última; creio que há oito dias.

P. – Como não vi vossa mala, se precisardes de roupa branca não vos constringeis.

Resp. – Tomei duas camisas; é o bastante; quando estiverem sujas, eu voltarei para casa; gostaria de não vos incomodar.

P. – Quereis dizer o que vos disse o pai Colbert antes de vossa partida para Paris?

Resp. – Ele está na casa de Marianne há um bom tempo. Vendendo-a, quis ainda ficar por lá. Diz que não perturba, pois a guarda.

P. – Dissestes ontem que não víeis meu sogro Didelot,

porque ele morreu. Como, então, vedes tão bem o pai Colbert, que também está morto há pelo menos trinta anos?

Resp. – Ah! perguntais o que ignoro; não havia refletido nisto. O que é certo é que ele lá está bem tranqüilo; mais não vos posso dizer.

Observação – O pai Colbert era o antigo proprietário da casa da mãe da Sra. Delanne. Parece que desde sua morte ficou na casa, da qual se constituiu guarda, e que, também ele, se julga ainda vivo. Assim, esses dois Espíritos, Colbert e Pierre Legay, se vêem e conversam como se ainda pertencessem a este mundo, não se dando conta de sua situação.

(3^a conversa, 19 de agosto de 1864)

P. – [Ao guia espiritual do médium]. Gostaríamos que désseis algumas instruções a respeito do Espírito Legay, e dizer-nos se já é tempo de fazer que compreenda sua verdadeira situação.

Resp. – Sim, meus filhos, desde ontem ele está perturbado, por causa de vossas perguntas; tudo para ele é confuso quando quer saber, pois ainda não reclama a proteção de seu anjo-da-guarda.

P. – [A Legay]. Estais aqui?

Resp. – Sim, meu primo, mas tudo isto é muito estranho. Não sei o que isto quer dizer. Não te vás sem mim, Marianne.

P. – Refletistes no que pedimos que ontem dissésseis a respeito do pai Colbert, que vistes vivo, quando, na verdade, ele está morto?

Resp. – Não posso saber como isto acontece. Apenas já ouvi dizer que havia aparições. Por Deus! creio que ele é um dos tais. Digam, contudo, o que quiserem: eu o vi perfeitamente. Mas estou cansado; preciso de um pouco de tranqüilidade.

P. – Credes em Deus e fazeis vossas preces diárias?

Resp. – Juro que sim; se isto não faz bem, não me pode fazer mal.

P. – Credes na imortalidade da alma?

Resp. – Oh! isto é diferente. Não posso pronunciar-me sobre isto; duvido.

P. – Se eu vos desse uma prova da imortalidade da alma, acreditaríeis?

Resp. – Oh! então os parisienses conhecem tudo? Só peço isto. Como fareis?

P. – [Ao guia do médium]. Podemos fazer a evocação do pai Colbert, para lhe provar que está morto?

Resp. – Não precisa ir tão depressa; trouxe-o de volta suavemente. Depois este outro Espírito vos fatigará muito esta noite.

P. – [A Legay]. Onde estais colocado, que não vos vejo?

Resp. – Não me vedes?! Ah! isto é demais! Então estais cego?

P. – Dai-vos conta da maneira por que nos falais, já que fazeis minha mulher escrever?

Resp. – Eu? juro que não.

(Várias perguntas novas foram dirigidas ao Espírito e ficaram sem resposta. Evocaram seu anjo-da-guarda, e um dos guias do médium respondeu o que se segue).

“Meus amigos, sou eu que venho responder, pois o anjo-da-guarda deste pobre Espírito não está com ele; só virá quando ele próprio o chamar e rogar ao Senhor que lhe conceda a luz. Posto ainda estivesse sob o império da matéria e não quisesse escutar a voz de seu anjo-da-guarda, este se afastou dele, já que

teimava em ficar estacionário. Com efeito, não era ele que te fazia escrever; falava como de hábito, persuadido de que o escutáveis; mas era seu Espírito familiar que te conduzia a mão. Para ele, conversava com teu marido; tu escrevias e tudo isto lhe parecia muito natural. Mas as vossas últimas perguntas e vossos pensamentos o levaram a Tréveray; está perturbado; orai por ele e mais tarde o chamareis; ele voltará depressa. Orai por ele; nós oraremos convosco.”

Já vimos alguns exemplos de Espíritos que se julgavam ainda vivos. Pierre Legay nos mostra essa fase da vida dos Espíritos da mais característica maneira. Os que se acham neste caso parecem ser mais numerosos do que se pensa; em vez de constituírem exceção, de oferecerem uma variedade no castigo, seria quase uma regra, um estado normal para os Espíritos de certa categoria. Assim, teríamos à nossa volta não só os Espíritos que têm consciência da vida espiritual, mas uma multidão de outros que, a bem dizer, vivem uma vida semimaterial, se julgam ainda neste mundo, continuam a vagar ou pensam consagrar-se às suas ocupações terrenas. Entretanto, seria um equívoco assimilá-los em tudo aos encarnados, porque se nota em suas atitudes e em suas idéias algo de vago e de incerto, que não é peculiar à vida corporal; é um estado intermediário, que nos dá a explicação de certos efeitos nas manifestações espontâneas e de certas crenças antigas e modernas.

Um fenômeno que pode parecer mais bizarro e não deixa de fazer sorrir os incrédulos é o dos objetos materiais que o Espírito julga possuir. Compreende-se que Pierre Legay se imagine subindo no trem, porque a estrada de ferro é uma coisa real, existe; mas compreende-se menos que ele creia ter dinheiro e pago a sua passagem.

Esse fenômeno encontra sua solução nas propriedades do fluido perispiritual e na teoria das criações fluídicas, princípio importante que dá a chave de muitos mistérios do mundo invisível.

Seja pela vontade, seja pelo pensamento, o Espírito opera no fluido perispiritual, que não passa de uma concentração do fluido cósmico ou elemento universal, uma transformação parcial que produz o objeto que deseja. Tal objeto é para nós uma aparência, mas para o Espírito é uma realidade. É assim que um Espírito, desencarnado recentemente, um dia apresentou-se numa reunião espírita a um médium vidente, com um cachimbo na boca, fumando. À observação que lhe fizeram, de que aquilo não era conveniente, respondeu: “Que quereis! tenho de tal modo o hábito de fumar que não posso dispensar meu cachimbo.” O que era mais singular é que o cachimbo soltava fumaça; não, naturalmente, para os assistentes, mas para o vidente.

Tudo deve estar em harmonia no mundo espiritual, como no mundo material; aos homens corporais, são precisos objetos materiais; aos Espíritos, cujo corpo é fluídico, são necessários objetos fluídicos; os objetos materiais não lhes serviriam, assim como os objetos fluídicos não serviriam aos homens corporais. Querendo fumar, o Espírito fumador criaria um cachimbo que, para ele, tinha a realidade de um cachimbo de barro. Legay queria dinheiro para pagar a passagem: seu pensamento criou a soma necessária. Para ele há realmente dinheiro, mas os homens não poderiam contentar-se com a moeda dos Espíritos. Assim se explicam as vestimentas com que se cobrem à vontade, as insígnias que usam, as diferentes aparências que podem assumir, etc.

As propriedades curativas dadas ao fluído pela vontade também se explicam por esta transformação. O fluido modificado age sobre o perispírito que lhe é similar e esse perispírito, intermediário entre o princípio material e o princípio espiritual, reage sobre a economia, na qual representa importante papel, embora ainda desconhecido pela Ciência.

Há, pois, o mundo corporal visível com os objetos materiais, e o mundo fluídico, invisível para nós, com os objetos

fluídicos. É de notar que os Espíritos de ordem inferior e pouco esclarecidos operam essas criações sem se darem conta da maneira por que neles se produz tais efeitos; eles não o podem explicar, como um ignorante da Terra é incapaz de explicar o mecanismo da visão, nem um camponês dizer como cresce o trigo.

As formações fluídicas ligam-se a um princípio geral, que será ulteriormente objeto de um desenvolvimento completo, quando tiver sido suficientemente elaborado.

O estado dos Espíritos na situação de Pierre Legay levanta várias questões. A que categoria pertencem precisamente os Espíritos que ainda se julgam vivos? A que se deve esta particularidade? A uma falta de desenvolvimento intelectual e moral? Muitos que são inferiores dão-se conta perfeitamente de seu estado e a maior parte dos que temos visto nesta situação não é dos mais atrasados. É uma punição? Talvez o seja para alguns, como para Simon Louvet, do Havre, o suicida da torre de Francisco I que, durante cinco anos, estava na apreensão da queda (*Revista Espírita* do mês de março de 1863); mas muitos outros não são infelizes e não sofrem, como testemunha Pierre Legay. (Vide como resposta a dissertação que se segue).

Dissertações Espíritas²⁶

SOBRE OS ESPÍRITOS QUE AINDA SE JULGAM VIVOS

(Sociedade de Paris, 21 de julho de 1864 – Médiun: Sr. Vézy)

Já vos falamos muitas vezes das diversas provas e expiações; mas diariamente não descobris novas? Elas são infinitas, como o são os vícios da Humanidade. Como vos estabelecer a sua

26 **N. do T.:** Embora o título *Dissertações Espíritas* não conste no original, Allan Kardec o registrou no sumário, razão por que o repomos em seu devido lugar.

nomenclatura? E, contudo, vindes reclamar por um fato e eu vou tentar instruir-vos.

Nem tudo é provação na existência. A vida do Espírito continua, como já vos foi dito, desde o nascimento até o infinito; para alguns a morte não passa de simples acidente, que em nada influi sobre o destino daquele que morre. Uma telha caída, um ataque de apoplexia, uma morte violenta, muitas vezes apenas separam o Espírito de seu envoltório material; mas o invólucro perispiritual conserva, pelo menos em parte, as propriedades do corpo que acaba de sucumbir. Se eu pudesse, num dia de batalha, abrir-vos os olhos que possuíis, mas dos quais não podeis fazer uso, veríeis muitas lutas continuando, muitos soldados se atirando ainda ao assalto, defendendo e atacando os redutos; ouvi-los-íeis até soltando hurras e gritos de guerra, em meio ao silêncio, e sob o véu lúgubre que se segue a um dia de carnificina. Terminado o combate, voltam a seus lares, para abraçar os velhos pais, as velhas mães, que os esperam. Para alguns, esse estado às vezes dura muito; é uma continuidade da vida terrestre, um estado misto entre a vida corporal e a vida espiritual. Por que, se foram simples e honestos, sentiriam o frio da tumba? Por que passariam bruscamente da vida à morte, da claridade do dia à noite? Deus não é injusto e deixa aos pobres de espírito esse prazer, esperando que vejam seu estado pelo desenvolvimento das próprias faculdades, e que possam passar calmamente da vida material à vida real do Espírito.

Consolai-vos, pois, vós que tendes pais, mães, irmãos ou filhos que se extinguiram sem luta. Talvez lhes seja permitido ainda que seus lábios se aproximem de vossas fronteiras. Enxugai as lágrimas: o pranto vos é doloroso e eles se admiram vendo que chorais; cercam com os braços o vosso pescoço e vos pedem que lhes sorriam. Sorri, pois, a esses invisíveis e orai para que troquem o papel de companheiros pelo de guias; para que abram as suas asas espirituais, que lhes permitirão adejar no infinito e vos trazer as suas suaves emanações.

Notai bem que não vos digo que todas as mortes repentinas fazem o Espírito cair nesse estado. Não; mas não há um só cuja matéria não tenha de lutar com o Espírito que volta a si. Houve o duelo, a carne rasgou-se, o Espírito se obscureceu no momento da separação e, na erraticidade, reconheceu a verdadeira vida.

Agora vou dizer-vos algumas palavras sobre aqueles para os quais este estado é uma provação. Oh! como ele é penoso! eles se julgam vivos e bem vivos, possuindo um corpo capaz de sentir e deleitar-se com os prazeres da Terra; porém, quando suas mãos os querem tocar, eles se desvanecem; quando querem aproximar os lábios de uma taça ou de uma fruta, os lábios se aniquilam; vêem, querem tocar, mas não podem sentir nem tocar. Que bela imagem oferece o paganismo desse suplício, ao apresentar Tântalo com sede e com fome e jamais podendo tocar os lábios na fonte de água, que sussurra ao seu ouvido, ou no fruto, que parece maduro para ele! Há maldições e anátemas nos gritos desses infelizes! Que fizeram para suportar tais sofrimentos? Perguntai a Deus: é a lei, que foi escrita por ele. Quem mata a espada morrerá pela espada; quem profanou o próximo, por sua vez será profanado. A grande lei de talião estava escrita no livro de Moisés e ainda está no grande livro da expiação.

Orai, pois, incessantemente pelos que chegam à hora final; seus olhos se fecharão; dormirão no espaço como dormiram na Terra e, ao despertar, encontrarão não mais um juiz severo, mas um pai compassivo, a assinalar-lhes novas obras e novos destinos.

Santo Agostinho

Variedades

SUICÍDIO FALSAMENTE ATRIBUÍDO AO ESPIRITISMO

Conforme o *Sémaphore* de Marselha, de 29 de setembro, vários jornais se empenharam em reproduzir o seguinte fato:

“Anteontem à noite, uma casa da Rua Paradis foi teatro de doloroso acontecimento. Um industrial que tem naquela rua uma loja de lâmpadas, deu cabo à própria vida, empregando, para executar sua fatal resolução, forte dose de um dos mais enérgicos venenos.

“Eis em que circunstância ocorreu o suicídio:

“Desde algum tempo, esse industrial dava sinais de certo distúrbio do cérebro, talvez em parte produzido pelo abuso de licores fortes, mas, sobretudo, pela prática do Espiritismo, esse flagelo moderno, que já fez tantas vítimas nas grandes cidades, e que agora ameaça exercer sua ação maléfica até nos campos. Não obstante a sua boa clientela, que lhe assegurava um trabalho frutífero, X... não estava muito bem de negócios e, por vezes, tinha dificuldade para efetuar seus pagamentos. Em consequência, seu humor era geralmente sombrio e seu caráter rabugento.”

O artigo constata que o indivíduo abusava de licores fortes e que seus negócios não iam bem, circunstâncias que muitas vezes ocasionaram acidentes cerebrais e levaram ao suicídio. Entretanto, o autor do artigo não admite essas causas senão como possíveis ou acessórias, na circunstância de que se trata, enquanto atribui o acontecimento, *sobretudo, à prática do Espiritismo.*

A carta seguinte, que nos foi escrita de Marselha, resolve a questão e ressalta a boa-fé do redator:

“Caro mestre,

“A *Gazette du Midi* e o *Sémaphore* de Marselha, de 29 de setembro, publicaram um artigo sobre o envenenamento voluntário de um industrial, atribuído à prática do Espiritismo. Tendo conhecido pessoalmente esse infeliz, que era da mesma loja maçônica que eu, sei de maneira positiva que ele *jamaiz se ocupou de Espiritismo e nunca tinha lido qualquer obra ou publicação sobre esta*

matéria. Autorizo-vos a usar o meu nome, pois estou pronto a provar a veracidade do que avanço; se for necessário, todos os meus irmãos e os melhores amigos do defunto consideram um dever certificá-lo. Oxalá tivesse ele conhecido e compreendido o Espiritismo, pois nele teria encontrado a força de resistir às funestas inclinações que o conduziram àquele ato insensato.

“Aceitai, etc.”

Chavaux,

Doutor em Medicina, rue du Petit-Saint-Jean

SUICÍDIO IMPEDIDO PELO ESPIRITISMO

Escrevem-nos de Lyon, em 3 de outubro de 1864:

“Conheceis a reputação do capitão B... É um homem de fé ardente, de convicção comprovada; dele já falastes em vossa *Revista*. Há algum tempo achava-se nas margens do rio Saône, em companhia de um advogado, espírita como ele. Prolongando o passeio, aqueles senhores entraram num restaurante para almoçar e logo viram outro viajante, entrando no mesmo estabelecimento. O recém-chegado falava alto, ordenava o prato com brusquidão e parecia querer monopolizar o pessoal do restaurante. Vendo esse sem-cerimônia, o capitão disse em voz alta algumas palavras um pouco severas ao recém-vindo. De repente sentiu-se tomado de estranha tristeza. O Sr. B... é médium audiente; ouve distintamente a voz de seu filho, do qual recebe freqüentes comunicações, murmurando ao seu ouvido: ‘O homem tão rude que estais vendo vai suicidar-se. Vem aqui fazer sua última refeição.’

“O capitão levanta-se precipitadamente, dirige-se ao desordeiro e lhe pede perdão por ter externado tão alto o seu pensamento. Depois o arrasta para fora do estabelecimento e lhe diz: ‘Senhor, ides suicidar-vos.’ Houve grande estupefação da parte do indivíduo, ancião de setenta e seis anos, que lhe respondeu:

‘Quem vos pode revelar semelhante coisa?’ – ‘Deus’, respondeu o Sr. B... Depois, começou a falar-lhe docemente e com bondade sobre a imortalidade da alma e, reconduzindo-o a Lyon, o entreteve sobre o Espiritismo e de tudo quanto em casos tais Deus pode inspirar, a fim de encorajar e consolar.

“O velho contou-lhe sua história. Antigo ortopedista, tinha sido arruinado por um sócio infiel. Ficando doente, viu-se forçado a ficar longo tempo no hospital; mas, uma vez curado, sua saúde o atirou no olho da rua, sem nenhum recurso. Foi recolhido por uma pobre operária, criatura sublime que, durante meses seguidos, o alimentou, sem a isto ser obrigada por nenhum laço que não fosse a piedade. Mas o medo de lhe continuar sendo um fardo o havia impellido ao suicídio.

“O capitão foi ver a digna mulher, encorajou-a, ajudou-a; mas quando se tem de viver, o dinheiro acaba depressa e ontem todo o parco mobiliário da operária teria sido vendido se alguns espíritas não tivessem resgatado os poucos móveis de seu único quarto, pois, desde que passou a alimentar o velho, há um ano, a casa de penhores havia apreendido colchões, cobertores, etc. A penhora foi suspensa graças aos bons corações, tocados por esse generoso devotamento. Mas não é tudo: é preciso continuar até que o velho tenha conseguido um refúgio junto às irmãs de caridade. A respeito, Cárita fez-me escrever uma comunicação, que vos remeto, com toda a expressão de nosso reconhecimento, a vós, caro senhor, que nos tornastes espíritas. Quanto a mim, não esqueço que me convidastes a ir ter convosco, quando voltardes.”

Eis a comunicação:

Apelo aos bons corações.

“O Espiritismo, esta estrela do Oriente, não vem somente abrir-vos as portas da Ciência. Faz mais que isto: é um amigo que vos conduz uns aos outros, para vos ensinar o amor ao

próximo e, sobretudo, a caridade. Não esta esmola degradante, que procura na bolsa a menor moeda para lançar na mão do pobre, mas a doce mansuetude do Cristo, que conhecia o caminho onde se encontra o infortúnio oculto.

“Meus bons amigos, encontrei em meu caminho uma destas misérias de que a História não fala, mas de que o coração se lembra, quando testemunhou tão rudes provas. É uma pobre mulher; é mãe; tem um filho desempregado há vários meses; além disso, alimenta uma infeliz operária, como ela. E, como se não bastasse, um velho vem diariamente encontrá-la à hora do almoço, quando há o que comer. Mas no dia em que falta o necessário, as duas pobres mulheres, criaturas admiráveis pela caridade, dão a sua refeição aos dois homens, o velho e o jovem, sob a alegação de que, estando com fome, comeram antes. Vi isto repetir-se muitas vezes; vi o velho, num momento de desespero, vender sua última roupa, e querer, por insigne ato de loucura, dar o último adeus à vida, antes de partir para o mundo invisível, onde Deus vos julga a todos.

“Vi a fome imprimir suas marcas nesses deserdados do bem-estar social, mas as mulheres oraram a Deus com fervor, e foram ouvidas. Já pôs irmãos, espíritas, sobre os seus passos, e quando a caridade chama, os corações devotados respondem. As lágrimas do desespero já secaram; só resta a angústia do amanhã, o fantasma ameaçador do inverno, com seu cortejo de geadas, de gelo e de neve. Eu vos estendo a mão em favor deste infortúnio. Os pobres, amigos, são envidados de Deus. Vêm dizer-vos: Nós sofremos; Deus o quer; é o nosso castigo e, ao mesmo tempo, um exemplo para a nossa melhora. Vendo-nos tão infelizes, vosso coração se enternece, vossos sentimentos se dilatam, aprendeis a amar e a lamentar o infeliz. Socorrei-nos, a fim de que não murmuremos e, também, para que Deus vos sorria dos píncaros de seu belo paraíso.

“Eis o que disse a pobre em seus farrapos; eis o que repete o anjo-da-guarda que vos vela e o que vos repito, simples mensageira da caridade, intermediária entre o Céu e vós.

“Sorride ao infortúnio, ó vós que sois tão ricamente dotados de todas as qualidades do coração; ajudai-me em minha tarefa; não deixeis fechar-se esse santuário de vossa alma, onde mergulhou o olhar de Deus. E um dia, quando entrardes na mãe-pátria, quando, com o olhar incerto e o passo inseguro, buscardes o vosso caminho através da imensidade, eu vos abrirei a porta do templo de par em par, onde tudo é amor e caridade, e vos direi: Entrai, meus amados, eu vos conheço!”

Cárita

A quem farão acreditar seja esta a linguagem do diabo? Foi a voz do diabo que se fez escutar ao ouvido do capitão, sob o nome de seu filho, para adverti-lo que o velho ia suicidar-se e, ao mesmo tempo, manifestar-lhe pesar por haver dito palavras que o deviam ferir? Conforme a doutrina que um partido busca fazer prevalecer, segundo a qual só o diabo se comunica, esse capitão deveria ter repellido como satânica a voz que lhe falava; disso teria resultado o suicídio do velho, o mobiliário das pobres operárias teria sido vendido e elas talvez tivessem morrido de fome.

Entre os donativos que recebemos em sua intenção, há um que devemos mencionar, embora sem nomear o autor. Estava acompanhado da seguinte carta:

“Senhor Allan Kardec,

“Soube por um parente, que o obtive de vós, o relato da bela ação, verdadeiramente cristã, realizada por uma pobre operária de Lyon, em benefício de um velho infeliz. O parente também me mostrou um apelo muito eloqüente em seu favor, por um Espírito que se dá o nome de Cárita. À sua pergunta, se nele eu

reconhecia a linguagem do demônio, respondi que os nossos melhores santos não falariam melhor. É minha opinião, e foi por isso que tomei a liberdade de pedir-lhe uma cópia.

“Senhor, não passo de um pobre padre, mas vos envio o óbolo da viúva, em nome de Jesus-Cristo, para essa brava e digna mulher. Anexo, encontrareis a módica soma de cinco francos, lamentando não poder dar mais. Peço o favor de silenciar o meu nome.

“Dignai-vos aceitar, etc.”

Abade X...

Periodicidade da *Revista Espírita*

SUAS RELAÇÕES COM OUTROS JORNAIS ESPECIAIS

O desejo de ver a *Revista* aparecer duas vezes por mês ou todas as semanas, mesmo à custa do aumento da assinatura, já nos foi manifestado várias vezes. Somos muito sensível a esse testemunho de simpatia, mas é impossível, pelo menos até nova ordem, mudar o nosso modo de publicidade. O primeiro motivo está na multiplicidade dos trabalhos resultantes de nossa posição, cuja extensão é difícil imaginar. Estamos rigorosamente com a verdade, dizendo não haver para nós um só dia de repouso absoluto e que, a despeito de toda a nossa atividade, é-nos materialmente impossível bastar a tudo. Duplicando ou quadruplicando nossa publicação mensal, compreendemos que a maioria dos assinantes teria tempo de lê-la; contudo, para nós, isto seria em prejuízo dos trabalhos mais importantes, que nos resta fazer.

O segundo motivo está na natureza mesma de nossa *Revista*, que não é propriamente um jornal, mas o complemento e

o desenvolvimento de nossas obras doutrinárias. Nela a forma periódica permite-nos introduzir mais variedade que num livro e aproveitar as atualidades. Aí vêm agrupar-se, conforme as circunstâncias e a oportunidade, os fatos mais interessantes, as refutações, as instruções dos Espíritos; nela se desenham as diferentes fases do progresso da ciência espírita; enfim, nela vêm ensaiar-se, sob forma dubitativa, as teorias novas, que só podem ser aceitas depois de haverem recebido a sanção do controle universal.

Numa palavra, a *Revista* é uma obra pessoal, cuja responsabilidade assumimos sozinho, e pela qual não devemos, nem queremos ser entravado por nenhuma vontade estranha; foi concebida segundo um plano determinado para concorrer ao objetivo que devemos atingir. Se fosse transformada numa folha hebdomadária, perderia seu caráter essencial. A própria natureza de nossos trabalhos opõe-se a que entremos em detalhe acerca das preocupações e vicissitudes do jornalismo. Eis por que a *Revista Espírita* deve permanecer tal qual é. Dar-lhe-emos continuidade enquanto sua existência, sob esta forma, nos for demonstrada necessária. Aliás, mudando o seu modo de publicação, daríamos a impressão de querer fazer concorrência com os novos jornais publicados sobre a matéria, o que não poderia entrar em nossa mente.

Por sua periodicidade mais freqüente, esses jornais preenchem a lacuna assinalada; pela diversidade dos assuntos que podem tratar, e que entram no seu quadro, pelo número dos espíritas esclarecidos e de talento que neles podem fazer ouvir a sua voz, enfim pela difusão da idéia sob diferentes formas, podem prestar grandes serviços à causa. São outros tantos campeões que militam pela doutrina, cujos órgãos temos a satisfação de ver multiplicando. Sempre apoiaremos os que marcharem francamente numa via útil, os que não se fizerem instrumentos de camarilhas, nem de ambições pessoais e, finalmente, os que se conduzirem segundo os grandes princípios da moral espírita. Sentimo-nos

felizes de encorajá-los e ajudá-los com nossos conselhos, se julgarem necessários. Mas aí se limita a nossa cooperação. Declaramos não ter solidariedade material com nenhum jornal, sem exceção. Por conseguinte, nenhum é publicado por nós, nem sob nosso patrocínio efetivo; deixamos a cada um a responsabilidade de suas publicações. Quando os pedidos de assinatura por sua conta são dirigidos à direção da *Revista*, nós os encaminhamos aos jornais a título de boa confraternidade, sem nisso ver qualquer interesse, nem mesmo a comissão normal dos intermediários, que não aceitaríamos, ainda que nos fosse oferecida.

Julgamos por bem explicar o estado real das coisas, para edificação dos que pensam que certos jornais espíritas estão ligados por interesse à nossa *Revista*. Sem dúvida todos têm um interesse comum, porque tendem para o mesmo objetivo que nós. A esse título, todos se devem recíproca benevolência, pois, do contrário, dariam um desmentido à sua qualificação de jornais espíritas, embora cada um atue na esfera de sua atividade e de seus meios, e sob sua própria responsabilidade. A doutrina só terá a ganhar em dignidade e em crédito com a sua independência, ao passo que o acordo de vistas e de princípios existente entre eles e a *Revista* nada teria de admirável da parte dos que emanassem da mesma fonte. Quando outra publicação periódica se fizer por nossa iniciativa e com o nosso concurso efetivo, nós o diremos abertamente.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

DEZEMBRO DE 1864

Nº 12

AVISO – Este número contém um suplemento. Tem 52 páginas, em vez de 32, inclusive o índice geral.

Comunhão de Pensamentos

A PROPÓSITO DA COMEMORAÇÃO DOS MORTOS

No dia 2 de novembro de 1864, a Sociedade Espírita de Paris reuniu-se pela primeira vez, com vistas a oferecer uma piedosa lembrança a seus colegas e irmãos espíritas já falecidos. Naquela ocasião, o Sr. Allan Kardec discorreu sobre o princípio da *comunhão de pensamentos*, como se vê no discurso seguinte:

Caros irmãos e irmãs espíritas,

Estamos reunidos, neste dia consagrado pelo uso à comemoração dos mortos, para darmos àqueles irmãos nossos que deixaram a Terra um testemunho particular de simpatia, para continuarmos as relações de afeição e de fraternidade que existiam entre eles e nós, quando eram vivos, e para invocarmos sobre eles a bondade do Todo-Poderoso. Mas, por que nos reunirmos? Por que nos desviarmos de nossas ocupações? Não podemos fazer em

particular o que cada um de nós propõe fazer em comum? Não o fazemos individualmente pelos nossos? Não o podemos fazer todos os dias e a cada hora? Qual, então, a utilidade de assim nos reunirmos num dia determinado? É sobre este ponto, senhores, que me proponho tecer algumas considerações.

A benevolência com que foi acolhida a idéia desta reunião é uma primeira resposta a essas diversas questões; é o sinal da necessidade que sentimos de estar juntos numa comunhão de pensamentos.

Comunhão de pensamentos! Comprendemos bem todo o alcance desta expressão? É permitido duvidá-lo, pelo menos no que respeita ao maior número. O Espiritismo, que nos explica tantas coisas pelas leis que revela, ainda vem explicar a causa e a força dessa situação do espírito.

Comunhão de pensamento quer dizer pensamento comum, unidade de intenção, de vontade, de desejo, de aspiração. Ninguém pode desconhecer que o pensamento é uma força; mas uma força puramente moral e abstrata? Não: do contrário não se explicariam certos efeitos do pensamento e, ainda menos, a comunhão de pensamento. Para compreendê-lo, é preciso conhecer as propriedades e a ação dos elementos que constituem nossa essência espiritual, e é o Espiritismo que no-las ensina.

O pensamento é o atributo característico do ser espiritual; é ele que distingue o espírito da matéria; sem o pensamento o espírito não seria espírito. A vontade não é um atributo especial do espírito; é o pensamento chegado a um certo grau de energia; é o pensamento transformado em força motriz. É pela vontade que o espírito imprime aos membros e ao corpo movimentos num determinado sentido. Mas se tem a força de agir sobre os órgãos materiais, quanto maior não deve ser essa força sobre os elementos fluídicos que nos rodeiam! O pensamento atua

sobre os fluidos ambientes, como o som age sobre o ar; esses fluidos nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode, pois, dizer-se com toda a verdade que há nesses fluidos ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Uma assembléia é um foco onde irradiam pensamentos diversos; é como uma orquestra, um coro de pensamentos, onde cada um produz a sua nota. Disto resulta uma imensidão de correntes e de eflúvios fluídicos, dos quais cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro musical cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Mas, assim como há raios sonoros harmônicos ou discordantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto for harmônico, a impressão é agradável; se discordante, a impressão será penosa. Ora, para isto, não é necessário que o pensamento seja formulado em palavras; a irradiação fluídica não deixa de existir, quer seja ou não expressa. Se todas forem benéficas, os assistentes experimentarão um verdadeiro bem-estar e se sentirão à vontade; mas se se misturarem alguns pensamentos maus, produzirão o efeito de uma corrente de ar gelado num meio tépido.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que se experimenta numa reunião simpática; aí reina uma espécie de atmosfera moral salubre, onde se respira à vontade; daí se sai reconfortado, porque aí nos impregnamos de eflúvios fluídicos salutares. Assim também se explicam a ansiedade e o mal-estar indefinível que se sente num meio antipático, onde os pensamentos malévolos provocam, a bem dizer, correntes fluídicas malsãs.

A comunhão de pensamentos produz, pois, uma sorte de efeito físico que reage sobre o moral; só o Espiritismo poderia fazê-lo compreender. O homem o sente instintivamente, já que

procura as reuniões onde sabe encontrar essa comunhão. Nessas reuniões homogêneas e simpáticas haure novas forças morais; poder-se-ia dizer que aí recupera as perdas fluídicas perdidas diariamente pela irradiação do pensamento, como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material.

Essas considerações, senhores e caros irmãos, parecem afastar-nos do objetivo principal de nossa reunião e, contudo, elas nos conduzem diretamente a ele. As reuniões que têm por objeto a comemoração dos mortos repousam sobre a comunhão de pensamentos. Para compreender a sua utilidade, era necessário bem definir a natureza e os efeitos desta comunhão.

Para a explicação das coisas espirituais, por vezes me sirvo de comparações muito materiais e, talvez mesmo, um tanto forçadas, que nem sempre devem ser tomadas ao pé da letra. Mas é procedendo por analogia, do conhecido para o desconhecido, que chegamos a perceber, ao menos aproximadamente, do que escapa aos nossos sentidos; é a essas comparações que a Doutrina Espírita deve, em grande parte, ter sido tão facilmente compreendida, mesmo pelas mais vulgares inteligências, ao passo que se eu tivesse ficado nas abstrações da filosofia metafísica, ainda hoje só teria sido partilhada por algumas inteligências de escol. Ora, desde o princípio importava que ela fosse aceita pelas massas, porque a opinião destas exerce uma pressão que acaba fazendo lei e triunfando das mais tenazes oposições. Eis por que me esforcei em simplificá-la e torná-la clara, a fim de pô-la ao alcance de todos, mesmo com o risco de certa gente contestar-lhe o título de filosofia, porque não é suficientemente abstrata e porque saiu do nevoeiro da metafísica clássica.

Aos efeitos que acabo de descrever, relativos à comunhão de pensamentos, junta-se um outro, que é sua consequência natural, e que importa não perder de vista: é a força que adquire o pensamento ou a vontade pelo conjunto dos

pensamentos ou vontades reunidos. Sendo a vontade uma força ativa, essa força é multiplicada pelo número de vontades idênticas, como a força muscular é multiplicada pelo número de braços.

Firmado esse ponto, concebe-se que nas relações que se estabelecem entre os homens e os Espíritos possa haver, numa reunião onde reine perfeita comunhão de pensamentos, uma força atrativa ou repulsiva, que nem sempre possui o indivíduo isolado. Se, até o presente, as reuniões muito numerosas são menos favoráveis, é pela dificuldade de obter uma perfeita harmonia de pensamentos, resultante da imperfeição humana na Terra. Quanto mais numerosas as reuniões, mais aí se misturam elementos heterogêneos, que paralisam a ação dos bons elementos e que são como os grãos de areia numa engrenagem. Tal não se dá nos mundos mais adiantados e esse estado de coisas mudará em nosso planeta, à medida que os homens se tornarem melhores.

Para os espíritas, a comunhão de pensamentos tem um resultado ainda mais especial. Temos visto o efeito desta comunhão de homem a homem; prova-nos o Espiritismo que ele não é menor dos homens aos Espíritos, e reciprocamente. Com efeito, se o pensamento coletivo adquire força pelo número, um conjunto de pensamentos idênticos, tendo o bem por objetivo, terá mais força para neutralizar a ação dos Espíritos maus; também vemos que a tática destes últimos é levar à divisão e ao isolamento. Sozinho, um homem pode sucumbir, ao passo que se sua vontade for corroborada por outras vontades poderá resistir, conforme o axioma: *A união faz a força*, axioma verdadeiro, tanto do ponto de vista moral, quanto do físico.

Por outro lado, se a ação dos Espíritos malévolos pode ser paralisada por um pensamento comum, é evidente que a dos Espíritos bons será secundada; sua influência salutar não encontrará obstáculos; seus eflúvios fluídicos, não sendo detidos por correntes contrárias, espalhar-se-ão sobre todos os assistentes,

precisamente porque todos os terão atraído pelo pensamento, não cada um em proveito pessoal, mas em benefício de todos, conforme a lei de caridade. Descerão sobre eles como línguas de fogo, para nos servirmos de uma admirável imagem do Evangelho.

Assim, pela comunhão de pensamentos os homens se assistem entre si e, ao mesmo tempo, assistem os Espíritos e são por estes assistidos. As relações entre os mundos visível e invisível não são mais individuais, mas coletivas e, por isto mesmo, mais poderosas em proveito das massas e dos indivíduos. Numa palavra, estabelecem a solidariedade, que é a base da fraternidade. Cada qual trabalha para todos, e não apenas para si; e trabalhando para todos, cada um aí encontra a sua parte. É o que o egoísmo não compreende.

Todas as reuniões religiosas, seja qual for o culto a que pertençam, são fundadas na comunhão de pensamentos; com efeito, é aí que podem e devem exercer a sua força, porque o objetivo deve ser a libertação do pensamento das amarras da matéria. Infelizmente, a maioria se afasta deste princípio à medida que a religião se torna uma questão de forma. Disto resulta que cada um, fazendo seu dever consistir na realização da forma, se julga quites com Deus e com os homens, desde que praticou uma fórmula. Resulta ainda que cada um vai aos lugares de reuniões religiosas com um pensamento pessoal, por sua própria conta e, na maioria das vezes, sem nenhum sentimento de confraternidade em relação aos outros assistentes; fica isolado em meio à multidão e só pensa no céu para si mesmo.

Por certo não era assim que o entendia Jesus, ao dizer: Quando duas ou mais pessoas estiverem reunidas em meu nome, aí estarei entre elas. Reunidos em meu nome, isto é, com um pensamento comum; mas não se pode estar reunido em nome de Jesus sem assimilar os seus princípios, sua doutrina. Ora, qual é o princípio fundamental da doutrina de Jesus? A caridade em

pensamentos, palavras e ações. Mentem os egoístas e os orgulhosos, quando se dizem reunidos em nome de Jesus, porque Jesus não os conhece por seus discípulos.

Chocadas por esses abusos e desvios, há pessoas que negam a utilidade das assembléias religiosas e, em consequência, a das edificações consagradas a tais assembléias. Em seu radicalismo, pensam que seria melhor construir asilos do que templos, uma vez que o templo de Deus está em toda parte e em toda parte Ele pode ser adorado; que cada um pode orar em sua casa e a qualquer hora, enquanto os pobres, os doentes e os enfermos necessitam de lugar de refúgio.

Mas, porque cometeram abusos, porque se afastaram do reto caminho, devemos concluir que não existe o reto caminho e que tudo quanto se abusa seja mau? Não, certamente. Falar assim é desconhecer a fonte e os benefícios da comunhão de pensamentos, que deve ser a essência das assembléias religiosas; é ignorar as causas que a provocam. Concebe-se que os materialistas professem semelhantes idéias, já que em tudo fazem abstração da vida espiritual; mas da parte dos espiritualistas e, melhor ainda, dos espíritas, seria um contra-senso. O isolamento religioso, assim como o isolamento social, conduz ao egoísmo. Que alguns homens sejam bastante fortes por si mesmos, largamente dotados pelo coração, para que sua fé e caridade não necessitem ser revigoradas num foco comum, é possível; mas não é assim com as massas, por lhes faltar um estimulante, sem o qual poderiam se deixar levar pela indiferença. Além disso, qual o homem que poderá dizer-se bastante esclarecido para nada ter a aprender no tocante aos seus interesses futuros? bastante perfeito para abrir mão dos conselhos da vida presente? Será sempre capaz de instruir-se por si mesmo? Não; a maioria necessita de ensinamentos diretos em matéria de religião e de moral, como em matéria de ciência. Incontestavelmente, tais ensinamentos podem ser dados em toda parte, sob a abóbada do céu, como sob a de um templo; mas por que os

homens não haveriam de ter lugares especiais para as questões celestes, como os têm para as terrenas? Por que não teriam assembléias religiosas, como têm assembléias políticas, científicas e industriais? Isto não impede as edificações em proveito dos infelizes. Dizemos, ademais, que haverá menos gente nos asilos, quando os homens compreenderem melhor seus interesses do céu.

Se as assembléias religiosas – falo em geral, sem aludir a nenhum culto – muitas vezes se têm afastado de seu objetivo primitivo principal, que é a comunhão fraterna do pensamento; se o ensino ali ministrado nem sempre tem acompanhado o movimento progressivo da Humanidade, é que os homens não progredem todos ao mesmo tempo. O que não fazem num período, fazem em outro; à proporção que se esclarecem, vêem as lacunas existentes em suas instituições, e as preenchem; compreendem que o que era bom numa época, em relação ao grau de civilização, torna-se insuficiente numa etapa mais avançada, e restabelecem o nível. Sabemos que o Espiritismo é a grande alavanca do progresso em todas as coisas; marca uma era de renovação. Saibamos, pois, esperar, não exigindo de uma época mais do que ela pode dar. Como as plantas, é preciso que as idéias amadureçam, para que seus frutos sejam colhidos. Saibamos, além disso, fazer as necessárias concessões às épocas de transição, porque na Natureza nada se opera de maneira brusca e instantânea.

Em razão do motivo que hoje nos reúne, senhores e caros irmãos, julguei oportuno aproveitar a circunstância para desenvolver o princípio da comunhão de pensamentos, do ponto de vista do Espiritismo. Sendo o nosso objetivo unir-nos em intenção para oferecer, em comum, um testemunho particular de simpatia aos nossos irmãos falecidos, poderia ser útil chamar nossa atenção quanto às vantagens da reunião. Graças ao Espiritismo, compreendemos a força e os efeitos do pensamento coletivo; melhor explicamos o sentimento de bem-estar que experimentamos num meio homogêneo e simpático; mas igualmente sabemos que

se dá o mesmo com os Espíritos, porque eles também recebem os eflúvios de todos os pensamentos benevolentes que, como numa nuvem de perfume, se elevam para eles. Os que são felizes experimentam a maior alegria neste concerto harmonioso; os que sofrem sentem-se mais aliviados; cada um de nós em particular ora, de preferência, por aqueles que o interessam ou que mais estima. Façamos que aqui todos tenham sua parte nas preces que dirigimos a Deus.

Sessão Comemorativa na Sociedade de Paris

No início da sessão uma prece especial para a circunstância substituiu a invocação geral, que serve de introdução às sessões ordinárias. Ela foi assim concebida:

Glória a Deus, soberano senhor de todas as coisas!

Senhor, pedimos que espalheis vossa santa bênção sobre esta Assembléia.

Nós vos glorificamos e vos agradecemos porque vos aprouve esclarecer nosso caminho pela divina luz do Espiritismo.

Graças a esta luz, a dúvida e a incredulidade desapareceram do nosso espírito e também desaparecerão deste mundo; a vida futura é uma realidade e marchamos sem incerteza para o porvir que nos está reservado.

Sabemos de onde viemos e para onde vamos, e por que estamos na Terra.

Conhecemos a causa de nossas misérias e compreendemos que tudo é sabedoria e justiça em vossas obras.

Sabemos que a morte do corpo não interrompe a vida do Espírito, mas que lhe abre a verdadeira vida; que não destrói nenhuma afeição sincera; que os que nos são caros não estão perdidos para nós e que os encontraremos no mundo dos Espíritos. Sabemos que enquanto esperamos, eles estão ao nosso lado; que nos vêem e nos ouvem e podem continuar suas relações conosco.

Ajudai-nos, Senhor, a espalhar entre os nossos irmãos da Terra, que ainda estão na ignorância, os benefícios desta santa crença, porque ela acalma todas as dores, dá consolação aos aflitos, coragem, resignação e esperança nas maiores amarguras da vida.

Dignai-vos estender vossa misericórdia sobre nossos irmãos falecidos e sobre todos os Espíritos que se recomendam às nossas preces, seja qual for a crença que tenham tido na Terra.

Fazei que o nosso pensamento benevolente leve alívio, consolação e esperança aos que sofrem.

A seguir o Presidente dirige a seguinte alocução aos Espíritos:

Caros Espíritos de nossos antigos colegas: *Jobard, Sanson, Costeau, Hobach e Poudra*:

Convidando-vos a esta reunião comemorativa, nosso objetivo não é apenas vos dar uma prova de nossa lembrança, que, como sabeis, é sempre cara à nossa memória; viemos, sobretudo, felicitar-vos pela posição que ocupais no mundo dos Espíritos e agradecer as excelentes instruções que, de vez em quando, nos vindes dar desde a vossa partida.

A Sociedade se rejubila por vos saber felizes; ela se honra por vos haver contado entre os seus membros, e de vos contar agora entre os seus conselheiros do mundo invisível.

Apreciamos a sabedoria de vossas comunicações e seremos sempre felizes todas as vezes que julgardes por bem vir participar de nossos trabalhos.

A esse testemunho de gratidão associamos todos os Espíritos bons que, habitual ou eventualmente, vêm trazer-nos o tributo de suas luzes: *João Evangelista, Erasto, Lamennais, Georges, François-Nicolas Madeleine, Santo Agostinho, Sonnet, Baluze, Vianney – o cura d’Ars, Jean Raynaud, Delphine de Girardin, Mesmer* e os que apenas tomam a qualificação de *Espírito*.

Devemos um particular tributo de reconhecimento ao nosso guia e presidente espiritual, que na Terra foi São Luís. Nós lhe agradecemos por ter-se dignado a tomar a nossa sociedade sob o seu patrocínio e pelas marcas evidentes de proteção que nos tem dado. Nós lhe rogamos, igualmente, que nos assista nesta circunstância.

Nosso pensamento se estende a todos os adeptos e apóstolos da nova doutrina, que deixaram a Terra, em especial aos que nos são pessoalmente conhecidos, a saber: N. N...

A todos aqueles a quem Deus permite nos venham ouvir, dizemos:

Caros irmãos em crença, que nos precedestes no mundo dos Espíritos: unimo-nos em pensamento para vos dar um testemunho de simpatia e atrair sobre vós as bênçãos do Todo-Poderoso.

Nós lhe agradecemos a graça que ele vos fez de serdes esclarecidos pela luz da verdade antes de deixardes a Terra, porque esta luz vos guiou à entrada na vida espiritual. A fé e a confiança em Deus, que ela vos deu, vos preservaram da perturbação e das angústias que acompanham a separação daqueles a quem afligem a dúvida e a incredulidade.

Ela vos deu a coragem e a resignação nas provas da vida terrestre; mostrou o objetivo e a necessidade do bem, as conseqüências inevitáveis do mal, e agora colheis os seus frutos.

Deixastes a Terra sem pesar, sabendo que íeis encontrar bens infinitamente mais preciosos que aqueles que aqui deixastes; vós a deixastes com a firme certeza de reencontrar os objetos de vossas afeições e de poder voltar, em Espírito, para sustentar e consolar os que ficavam na retaguarda. Enfim, estais no mundo dos Espíritos, como num país que vos era conhecido antecipadamente.

Estamos muito felizes por ter visto nossas crenças confirmadas por todos aqueles dentre vós que vieram comunicar-se; nenhum veio dizer que tinha sido iludido em suas esperanças e que estávamos equivocados sobre o futuro. Ao contrário, todos disseram que o mundo invisível tinha esplendores indescritíveis, e que suas expectativas tinham sido ultrapassadas.

A vós, que gozais agora da felicidade de ter tido fé, e que recebeis a recompensa de vossa submissão à lei de Deus, vinde em auxílio dos nossos irmãos da Terra que ainda se encontram nas trevas. Sede os missionários do Espírito de Verdade, para o progresso da Humanidade e para o cumprimento dos desígnios do Altíssimo.

Nosso pensamento não se limita aos nossos irmãos em Espiritismo; todos os homens são irmãos, seja qual for a sua crença.

Se fôssemos exclusivos, nem seríamos espíritas, nem cristãos. É por isto que incluímos em nossas preces, em nossas exortações e em nossas felicitações, conforme o estado em que se achem, todos os Espíritos aos quais nossa assistência pode ser útil, tenham ou não partilhado de nossas crenças quando encarnados.

O conhecimento do Espiritismo não é indispensável à felicidade futura, porque não tem o privilégio de fazer eleitos. É um

meio de chegar mais facilmente e com mais segurança ao objetivo, pela fé raciocinada que dá e pela caridade que inspira; ilumina o caminho, e o homem, não seguindo mais às cegas, marcha com mais segurança; por ele se compreende melhor o bem e o mal, pois dá mais força para praticar um e evitar o outro. Para ser agradável a Deus, basta observar suas leis, isto é, praticar a caridade, que as resume todas. Ora, a caridade pode ser praticada por todo o mundo. Despojar-se de todos os vícios e de todas as inclinações contrárias à caridade é, pois, a condição essencial da salvação.

Após esta alocução, preces especiais, em parte tiradas da *Imitação do Evangelho* (números 355 e seguintes), foram ditas para cada categoria de Espíritos, com a designação dos nomes daqueles a quem eram dedicadas. A série terminou pela *Oração Dominical* desenvolvida. (Ver a *Revista* de agosto de 1864)

Em seguida os médiuns se puseram à disposição dos Espíritos que quiseram manifestar-se. Não foi feita nenhuma evocação particular.

Damos, a seguir, as principais comunicações recebidas.

I. Meus filhos, uma estreita comunhão liga os vivos aos falecidos. A morte continua a obra esboçada e não rompe os laços do coração. Esta certeza enriquece o tesouro de amor derramado na Criação.

Os progressos humanos obtidos a preço de sacrifícios dolorosos e de hecatombes sangrentas aproximam o homem do Verbo Divino e o fazem soletrar a palavra sagrada que, saída dos lábios de Jesus, reanimou a Humanidade desfalecida. O amor é a lei do Espiritismo; ele dilata o coração e faz amar ativamente aqueles que desaparecem na vaga penumbra do túmulo.

O Espiritismo não é um som vão, saído dos lábios mortais e que um sopro pode levar; é a fé forte e severa, proclamada por Moisés no Sinai, lei afirmada pelos mártires, ébrios de esperança, lei discutida pelos filósofos inquietos e que, finalmente, os Espíritos vêm proclamar.

Espíritas! o grande nome de Jesus deve flutuar como uma bandeira acima de vossos ensinamentos. Antes que existísseis, o Salvador levava a revelação em seu seio, e sua palavra, medida prudentemente, indicava cada uma das etapas que hoje percorreis. Os mistérios ruidão ao sopro profético que faz vibrar as vossas inteligências, como outrora as muralhas de Jericó.

Uni-vos pela intenção, como o fazeis nesta reunião abençoada. A ardente eletricidade desprendida do coração preenche a distância que nos separa e dissipa os vapores da dúvida, do personalismo e da indiferença, que muitas vezes obscurecem a faculdade espiritual.

Amai e orai por vossas obras.

João Evangelista (Médium: Sra. Costel)

II. Meus bons amigos, vossas preces e vosso recolhimento atraíram para junto de vós numerosos Espíritos, aos quais fizestes muito bem. Uma reunião como a vossa tem uma força de atração de tal modo eficaz que as vibrações de vosso pensamento comoveram todos os pontos do espaço. Uma multidão de irmãos vossos, pouco adiantados ou em sofrimento, seguiu os Espíritos superiores; antes de vos ter ouvido, estavam sem fé; agora esperam e crêem. Unidas às minhas, suas vozes saberão, doravante, vos abençoar; eles vos sabem fortes diante das provações; como vós, quererão merecer a vida eterna, a vida de Deus.

Não esqueceste ninguém, caro presidente. No que me toca pessoalmente, estou orgulhoso pelo bom acolhimento que meu nome recebeu entre os antigos discípulos. Sempre ouvi dizer que um curioso, escutando à porta, jamais ouviu alguém elogiá-lo; e, contudo, somos testemunhas invisíveis; nosso número é infinito; o que ouvimos, contrariamente à moda terrena, é o perdão, a prece, a benevolência; é a prática da caridade, a mais nobre das divisas.

Possa o vosso exemplo espalhar-se como um eco amado, a fim de que todos os Espíritos em sofrimento, em qualquer parte, possam ouvir palavras que poderão guiá-los para as verdades eternas!

Diz-se que Paris é uma cidade de ruído e de esquecimento; os místicos pretendem que seja uma Babilônia moderna. Protesto bem alto, porquanto Paris é a cidade dos pensamentos laboriosos, das idéias fecundas e dos nobres sentimentos. É a cidade que irradia sobre o Universo; haverá de ensinar sempre os grandes princípios, as grandes abnegações e as sólidas virtudes.

Antes de tudo, vede nela a grande cidade, principalmente neste dia, em que cada um tem uma lágrima para seus caros ausentes; ela pôs de lado sua vida múltipla para ir recolher-se nas necrópoles, e esse rio humano, silencioso, refletido, vai orar sobre os restos dos que lhe foram caros; e ante esse piedoso cortejo, o próprio incrédulo é tomado de respeito.

Diz-se que Paris não é espírita. Procurai uma cidade no Universo, onde o mais modesto túmulo seja mais venerado, mais florido. É que a cidade das grandes realizações sente melhor as perdas dolorosas; suas lágrimas são sinceras e nada concede à aparência. Por certo Paris é uma cidade de prazeres para certa gente, mas é, também, a cidade do trabalho e das idéias para o maior número. Não é materialista por natureza. É ela que dá a luz espírita ao Universo, e esta luz lhe voltará aumentada, depurada. Todos os povos virão buscar entre vós as verdades do Espiritismo, preferíveis aos fúteis e vãos prazeres e às exhibições, que nada deixam ao espírito.

Há no ar uma idéia racional, aprovada por todas as pessoas progressistas: a de que todos deviam saber ler. Por mais

bela que seja, nossa doutrina encontra um obstáculo na ignorância. Assim o nosso dever, de todos nós espíritas, é diminuir o número de nossos irmãos ignorantes, a fim de que *O Livro dos Espíritos* não se torne letra morta para tantos párias. Trabalhar em espalhar a instrução nas massas é, ao mesmo tempo, abrir caminho ao Espiritismo e destruir o elemento do fanatismo; é diminuir outro tanto o arrastamento da ignorância; é criar homens que viverão e morrerão bem.

Realizado este grande ato de caridade, não terei mais a dor de ver voltarem, neste dia dos mortos, tantos Espíritos atrasados, que pedem reencarnação para saber e para realizar a missão prometida às suas novas faculdades. E tais Espíritos, tornados inteligentes, poderão, por sua vez, ir a outros mundos ensinar e dar o pão da vida, o saber que os torna dignos de Deus.

Legiões de ignorantes vos imploram: são os vossos mortos; não esqueçais o que eles pedem. Vossas preces lhes serão úteis, mas vossas ações são chamadas a lhes prestar um serviço mais essencial.

Adeus, irmãos. Vosso devotado condiscípulo,

Sanson (Médium: Sr. Leymarie)

III. Dia de felicidade para os Espíritos do Senhor, que se reúnem para dirigir a Deus preces pelos Espíritos, porque esta santa comunhão de pensamentos se reproduz, também, nas regiões superiores! Oh! sim, felizes os pobres deserdados que compreenderem o objetivo de nossas preces, proferidas para lhes apressar o progresso! Graças ao Espiritismo, muitos já entraram na via do arrependimento e puderam melhorar. É esta graça descida sobre a Terra que lhes abriu o coração aos pesares e lhes deu a esperança de vir um dia para junto de nós. Obrigado a vós todos, espíritas cristãos, por haverdes pedido a Deus e conseguido que

podéssemos vir dizer-vos: Coragem! Os Espíritos que vêm agradecer-vos este bom pensamento o aproveitaram e hoje se sentem muito felizes.

Direi, em particular, a meu bom amigo Canu: Alegrai-vos ao saber que o vosso amigo Hobach se encontra aqui, rodeado de Espíritos amigos e protetores que, atraídos pela simpatia, vêm elevar suas almas ao Criador, porquanto tudo vem dEle e a Ele deve voltar. Procuremos, pois, as reuniões sinceras, a fim de aproveitar os ensinamentos que aí são dados, e que os invisíveis e os encarnados possam progredir para o infinito, isto é, para o Ser Supremo, que nos criou para o bem e a marcha progressiva de suas obras. Sim, mil vezes obrigado, pois leio em todos os corações os sentimentos dos que nos amaram particularmente; mas, também, que os que choram enxuguem suas lágrimas, porque virão encontrar-nos num mundo melhor, onde a lei de justiça reina soberana, já que ali ela emana de Deus.

Hobach (Médium: Sra. Patet)

IV. Amigos e irmãos em Espiritismo, estais reunidos neste dia para endereçar ao Senhor votos e preces pelos Espíritos que vos são caros e que aqui cumpriram a sua missão. Dentre eles, meus amigos, muitos realizaram essa tarefa dignamente e receberam a recompensa de seu trabalho nessa vida de expiação e de miséria. Oh! meus caros espíritas, esses velam por vós; eles vos protegem e hoje participam dos vossos votos e súplicas que dirigis ao nosso Pai comum. Na maioria estão entre vós, felizes por verem o recolhimento em que estais neste momento solene.

Mas é, sobretudo, para os Espíritos que não compreenderam sua missão neste mundo de passagem que deveis elevar os vossos pensamentos e as vossas preces. Oh! esses necessitam que corações amigos e almas compassivas lhes dêem uma lembrança, uma prece, mas uma prece sincera, que suba até o

trono do Eterno! Ah! quantos desses Espíritos são desamparados, esquecidos, mesmo pelos que deveriam neles mais pensar; até por parentes muito próximos! É que estes, meus amigos, não são espíritas; não conhecem o efeito que sobre o Espírito pode produzir a ação da prece. Não: eles não conhecem a caridade, não acreditam noutra existência após esta, crêem que a morte nada deixa depois de si.

Quantos se dirigem, nestes dias de luto, com o coração frio e seco, aos túmulos dos que conheceram! Vão até lá, mas por hábito, por conveniência; sua alma não sente nenhuma esperança; nem mesmo pensam que essas almas, às quais vêm cumprir um dever, lá estejam, perto deles, aguardando uma prece vinda do coração.

Oh! meus amigos, supri com vossas preces o que não fazem os vossos irmãos. Eles não vêm na morte senão os despojos – o corpo – e esquecem que a alma vive sempre. Orai, porque vossas preces serão ouvidas pelo Altíssimo.

Um Espírito que também pede parte de vossas preces.

Lalouze (Médium: Sra. Lampérière)

V. Caros amigos, quantas ações de graças não vos devemos em troca de vossas boas e generosas preces!

Oh! sim, somos reconhecidos por tanto devotamento, tanta caridade. Em tempo algum preces tão calorosas, tão fervorosas foram escutadas e levadas nas brancas asas dos Espíritos puros ao trono divino. Em tempo algum os homens compreenderam melhor a utilidade da prece em comum, cuja força moral pesa sobre os Espíritos imperfeitos que vêm, cada vez que vos reunis, haurir em vosso foco generoso e fraternal. Porque aí não há distinção; os pequenos, os deserdados da Terra são recebidos por vós como os grandes, como os príncipes; orai pelo

pobre, como pelo rico. Oh! fraternidade divina, cresci sempre, até atingirdes o sublime regenerador, enviado para conduzir os homens no caminho reto, do qual se haviam afastado há tantos séculos!

Batei e abrir-se-vos-á, dizia Jesus; pedi e dar-se-vos-á. Sim, fustigai as vossas paixões e o raio da caridade divina inundará a vossa alma. Pedi a fé e ela vos virá. Pedi paciência e ela vos será concedida. Em suma, pedi todas as virtudes necessárias para vos despojardes do velho homem, que deve desaparecer para sempre para dar lugar ao homem de bem.

Sou um Espírito desconhecido para vós e apropriei-me desta mão graças à caridade de São José.

(Médium: Sr. Lampérière)

VI. Minha caríssima esposa, tenho visto teus suspiros, tuas lágrimas. Sempre a chorar! Também tenho visto tuas preces; permite que as agradeça. Vamos, querida amiga, consola-te. Como vês, perturbas a minha felicidade. Consola-te, pois, porque és mais feliz que muitas outras: tens irmãos que te amam, felizes por te verem vir entre eles. Vê, minha filha, o quanto és abençoada entre todas.

Não tenho senão que vos louvar, meus irmãos, pela boa acolhida que em toda parte é dispensada à minha esposa. Agradeço-vos por tudo o que fazeis por ela... e também por mim, por me terdes chamado hoje!... Fui dos primeiros a sustentar e propagar com todas as minhas forças esta santa doutrina. Ah! se eu tivesse sabido o que sei e vejo agora! Crede, crede, é tudo o que vos posso dizer. Fazei tudo para ensiná-la e para atrair a vós os corações. Nada é mais belo, nada é tão verdadeiro quanto o que ensinam os vossos livros.

Costeau (Médium: Srta. Béguet)

VII. Obrigado a todos, bem-amados irmãos, por vossa boa lembrança e por vossas preces. Obrigado a vós, caro presidente, pela feliz iniciativa que tomastes, fazendo orar por todos, numa mesma comunhão de idéias e pensamentos. Sim, estamos todos aqui; ouvimos, felizes, vossas preces sinceras, dirigidas ao Pai de misericórdia, em favor de cada um de nós. Sim, estamos felizes porque a prece feita com sinceridade sobe a Deus e dEle recebemos a força necessária para combater as más influências que os Espíritos levianos procuram fazer sentir aos que trabalham com energia para a obra santa. Essas preces foram para nós como um apelo solene, e nós nos achamos todos reunidos ao vosso lado. De longe, como de perto, acorremos a esse feliz apelo. É desejável que vosso exemplo seja seguido por todos os centros sérios, porque essas preces, feitas com tanta sinceridade e desinteresse, sobem a Deus como santos eflúvios e jorram sobre cada um de nós. Obrigado mais uma vez, meus amigos; embora o meu nome não tenha sido pronunciado, vedes que aqui estou. Isto vos deve provar que somos felizes e numerosos.

A mãe de um membro honorário de vossa Sociedade,

Aimée Brédard, de Bordeaux (*Médium: Sra. Delanne*)

VIII. Meus bons amigos, após as preces que acabais de ouvir, e às quais vos associastes com todas as veras, eu teria preferido ver cada um de vós se retirar no piedoso silêncio que a prece vos deixa no coração. Elevastes vossas almas a Deus, por todos os que partiram da Terra; estabelecestes suaves lembranças com o passado e, neste presente, não vos sentis mais fortes? Há pouco não sentistes, enquanto vossas almas subiam ao céu num ímpeto comum, o hálito quente de outras almas, misturando suas preces às vossas? Não vos impregnastes delas? Por que não vos recolher nesse perfume silencioso de além-túmulo, em vez de pedir as nossas vozes? Viver com esses doces pensamentos decorrentes dos eflúvios sagrados da prece não é felicidade bastante?

Mas compreendo que não vos basta essa linguagem muda. Os zéfiros tépidos não são suficientes para o coração amoroso que pede aos ecos uma voz que responde à sua voz. Eu vos perdôo esse desejo, aliás muito justo. Por que não podia cada um de vós gozar um segundo de benefício que lhe concede sua nova fé, de se comunicar com os que lhes são caros, através dos médiuns?

Mas, quão numerosa é vossa assembléia, para a pequena quantidade de mãos que podem escrever! Dentre os vossos amigos, quais os felizardos que podem dizer que escutarão suas vozes? Vejo aqui um número de Espíritos muito mais considerável do que o de encarnados; eles se comprimem em volta de cada um dos nossos intermediários: Georges, Sanson, Costeau, Jobard, Dauban, Paul, Émile, e cem outros, cujos nomes não posso dizer, aqui se encontram e gostariam de falar convosco. Reprimo seus impulsos e digo a todos que serei o intermediário entre eles e vós; eles o querem e vós, caros amigos, não o desejais também? Tratarei de ser pai para uns e mãe para outros; ainda para outros um filho, uma filha, um esposo, uma esposa, e para todos um amigo, um irmão que vos ama e que gostaria que vossos corações, reunidos num só, formassem um só pensamento, uma só alma, respondendo a esta comunhão de espírito, concentrada em meu pensamento e em minha alma.

Ah! vossos caros mortos não esperaram este dia para vir a cada um de vós; a todo instante não o sentis se espremendo ao vosso lado, a vos dar, por essa voz que chamais de consciência, os segredos castos e divinos do dever? Não os sentis se aproximarem mais de vós nas vossas horas de tristeza e de desfalecimento? Eles vos dizem: Coragem! e sobretudo a vós, espíritas, eles vos mostram o céu e as inumeráveis estrelas que rolam no firmamento, em sinal de aliança entre o Senhor e vós.

Não, meus caros amigos, eles não vos deixam pelo pensamento. A tí, mãe, tua filha vem dizer: Eu parti primeiro, como

se desprende do tronco vigoroso o galho que a tempestade quebra, mas vivo ainda de tua seiva e de teu amor na imensidade; e neste rosário de pérolas que minha alma carrega, não há algumas esmeraldas que me vieram de ti?

Paí, ouço teu filho dizer-te: Parti para voltar e te ajudar, em tua prece, a amar melhor a Deus. Parti para que tua fronte não se inclinasse diante do grande dispensador de todas as coisas. Ele quis lembrar-se a ti, fazendo-te ouvir as modulações de além-túmulo da voz de teu filho.

Irmão, ouço o teu irmão contar-te os folguedos de outrora, as lutas, as alegrias, os sofrimentos. Estou no além, diz ele, mas não estou morto. Eu te preparei o caminho: nele há mais glória que na Terra. Lança fora teu manto de púrpura e veste o manto de burel para fazer a viagem. O Senhor ama mais a pobreza do que a riqueza.

Ouçó doces suspiros responderem aos vossos sussurros: os do amante respondendo à amante; os do esposo à esposa. Bela harmonia!

Rejubilai-vos, pois! Quantas lágrimas felizes! Quantos impulsos tocantes! Esposa, senti vossas mãos apertadas pelas mãos invisíveis de vossos esposos; a esta hora eles vêm renovar o juramento de vos amarem sempre; vêm dizer-vos o que eu mesmo disse: que a morte não rompe os laços do coração e que as uniões se continuam no além-túmulo.

Como eu gostaria de nomear cada um desses mortos queridos; mas não o posso! Escutai vós mesmos as suas vozes. Cada um de vós as reconhecerá no concerto sagrado que sobe ao Céu. Juntas, cantam um hino de ação de graças ao Senhor.

Santo Agostinho (Médium: Sr. E. Vézzy)

IX. Não podendo o meu médium prestar o seu concurso a todos os Espíritos, venho em lugar de um Espírito que talvez tivesse desejado comunicar-se. Nesta reunião especialmente dedicada aos ausentes, quero vos dar alguns conselhos sobre a maneira de proceder para obter respostas realmente emanadas dos Espíritos chamados.

Há aqui muitos médiuns e muitos Espíritos desejosos de se comunicarem. Contudo, poucos poderão fazê-lo, porque não terão tido tempo de estabelecer a comunicação fluídica com eles. A identidade das comunicações é coisa difícil de estabelecer, e raramente podeis estar perfeitamente seguros dessa identidade. Entretanto, se quisésseis prestar um pouco de ajuda aos Espíritos, preparando-vos previamente para as evocações, haveria mais amíúde identidade real. Os fluidos devem ser sempre similares; sem essa similitude não há comunicação possível. Mas vós, médiuns, possuíis muitos fluídos diversos; dentre estes, alguns poderiam ser utilizados pelos Espíritos, se lhes fosse dado tempo para os influenciar.

Geralmente chama-se este ou aquele à queima-roupa, sem o ter chamado pelo pensamento, sem lhe haver oferecido o seu aparelho fluídico, sem lhe ter deixado tempo de o dispor para repercutir em uníssonos os seus próprios pensamentos. Credes fazer o bem agindo assim? Não, porque eles são obrigados a servir-se dos vossos Espíritos familiares como intermediários e, naturalmente, não podeis reconhecê-los de maneira tão positiva; assim, reduzi-vos apenas a constatar pensamentos por vezes muito diversos dos que tinham em vida, sem nenhuma particularidade que vos revele uma identidade. Crede-me, quando quiserdes evocar, pensai algum tempo antes naqueles que desejais chamar, a fim de lhes oferecerdes melhores meios de se comunicarem pessoalmente.

Falo em nome de todos os que são da família e amigos do meu médium, e venho agradecer ao Presidente as palavras

cheias de sinceridade que pronunciou para todos. Por certo há felicidade em unir-se a tantos desejos e vontades benevolentes; e nós todos, Espíritos inclinados ao bem e Espíritos instrutores, consideramos um dever cumprir as missões que nos são confiadas por ele e por todos os corações espíritas. (Vide mais adiante).

Um Espírito (Médium: Srta. A. C.)

O Sr. Jobard e os Médiuns Mercenários

EXEMPLO NOTÁVEL DE CONCORDÂNCIA

Uma sonâmbula médium, que pretende ser adormecida pelo Espírito Jobard, dizia ter recebido uma comunicação dirigida a um outro médium, a quem aconselhava cobrar as consultas dos ricos e dá-las gratuitamente aos pobres e aos operários. O Espírito lhe indicava o emprego do dia, sem poupar elogios a suas eminentes faculdades e a sua alta missão. Tendo alguém levantado dúvidas sobre a autenticidade dessa comunicação, e sabendo que o Espírito Jobard se manifesta freqüentemente na Sociedade, pediu-nos que a submetêssemos a um controle.

Para maior segurança, dirigimos imediatamente a seis médiuns estas simples palavras: “Perguntai ao Espírito Jobard se ele ditou à Sra. X..., em sonambulismo magnético, uma comunicação por um outro médium, que o estimula a explorar a sua faculdade. Precisaríamos desta resposta para amanhã.” Tivemos o cuidado de não os prevenir desta espécie de concurso, de modo que cada um se julgou o único chamado a resolver a questão.

Contávamos com a elevação do Espírito Jobard para se prestar à circunstância, e não se ofender ou se impacientar com esta pergunta, que lhe devia ser dirigida quase simultaneamente de seis pontos diferentes.

No dia seguinte recebemos as respostas abaixo, que fizemos acompanhar de algumas reflexões.

(20 de outubro de 1864 – Médiun: Sr. Leymarie)

Pois quê! então, caros amigos, meu nome serve de escudo a toda espécie de gente! Há muito tempo habituei-me a esses plagiadores desonestos que, sucessivamente, me fazem assumir todas as cores, como se eu fosse um camaleão; tomam-me por um palerma. Entretanto, minha vida passada, meus trabalhos e as numerosas provas de identidade, dadas à Sociedade Espírita de Paris, afastam qualquer equívoco quanto aos meus sentimentos. Sou o mesmo, seja como Espírito encarnado, seja como Espírito livre, e minha missão junto a todos vós, meus amigos, é de devotamento e, sobretudo, de desinteresse.

O Espiritismo é uma ciência positiva; os fatos sobre os quais se assenta ainda não estão completos. Mas tende paciência, vós que sabeis esperar, e esta ciência, que nada inventou, já que é uma força da Natureza, provará, aos menos clarividentes, que seu objetivo, todo moral, é a regeneração da Humanidade e que, fora de todas as ciências especulativas, seu ensino é o oposto do materialismo, que procede por hipótese. Proceder com análise, estabelecer fatos para remontar às causas, proclamar o elemento espiritual, depois da constatação, tal é a sua maneira de agir, clara e sem rodeios; é a linha reta, a que deve ser o guia de todo espírita convicto.

Rejeito, pois, o joio do trigo, todos os interesses mesquinhos, os devotamentos pela metade, os compromissos imorais, que são a chaga de nossa fé.

Desde que vos dizeis espíritas, tenho o direito de vos perguntar o que sois, o que quereis ser. Pois bem! se tendes fé, sois, antes de tudo, caridosos. Aos vossos olhos, todos os encarnados sofrem uma provação; como espectadores, assistis a muitos

desfalecimentos e, nesse rude combate da vida, no qual os vossos irmãos buscam a luz, vosso dever, de privilegiados que vistes e sabeis, é dar generosamente o que Deus também vos distribuiu com generosidade.

Médiuns, não vos deveis orgulhar, *porque a mão que dispensa pode retirar-se de vós*. Quando, por vosso intermédio, um Espírito vem consolar, encorajar, ensinar, deveis estar feliz e agradecer a Deus, que vos permite ser a boa fonte, onde os que têm sede vêm saciar-se. Mas esta água não vos pertence, pois pertence a todos: não a podeis vender, nem ceder, porque este domínio não é deste mundo. Queríeis que vos expulsásseis, como aos vendedores do templo?

Ricos ou pobres, acorrei e pedi: cada um de vós tem seu sofrimento secreto; os andrajos de um tornar-se-ão a púrpura de outro numa nova existência, e é por isto que a mediunidade não é usurária: diante dela todos os encarnados são iguais.

Olhai à vossa volta: são ricos, são pobres os que fazem profissão do dom providencial? Eles vendem a ciência dos Espíritos, e o óbolo que recolhem é a gangrena do seu espiritualismo. Fizeram bem em dizer espiritualismo, porque, como sabeis, os espíritas reprovam toda venda moral; a venalidade não é o seu caso. Repelimos do nosso seio todas essas escórias vergonhosas, que fazem rir os assistentes introduzidos em sua loja.

Quanto a mim, caro mestre, respondi àqueles ou àqueles que querem comerciar com o meu nome que, por mais palerma que eu pudesse ser, jamais o seria bastante para apor minha assinatura em escritos falsificados, atribuídos ao vosso devotado,

Jobard

(Médium: Sra. Costel)

Venho reclamar e protestar contra o abuso que fazem do meu nome. Os pobres de espírito – e os há muito entre os Espíritos – têm o hábito lamentável de apossar-se de nomes que lhes sirvam de passaporte junto a médiuns orgulhosos e crédulos.

Certamente eu não ficaria muito à vontade para defender a nobreza de meu pobre nome, sinônimo de ingênuo. Contudo, espero tê-lo colocado bem alto no julgamento dos que me conheceram para temer solidarizar-me com as banalidades imputadas à minha assinatura. É, pois, apenas por amor à verdade que protesto não haver adormecido nenhuma sonâmbula, nem exaltado nenhum médium. Comunico-me muito raramente, pois tenho muita coisa a aprender para servir de guia e instrutor dos outros.

Em princípio, reprovo a exploração da mediunidade, por uma razão muito simples: não gozando o médium de sua faculdade senão de maneira *intermitente e incerta, jamais pode algo prejudicar ou se fundar sobre ela*. Assim, erram as pessoas pobres quando abandonam a profissão para exercerem a mediunidade no sentido lucrativo do vocábulo. A pretexto de desempenharem uma *missão*, muitas delas abandonam o lar, do qual desertam por orgulhosas satisfações e pela importância passageira que lhes concede a curiosidade mundana. Espero que esses médiuns se enganem de boa-fé; mas, enfim, eles se equivocam. A mediunidade é um dom sagrado e íntimo, que não pode ter um consultório aberto. *Os médiuns muito pobres para se consagrarem ao exercício de sua faculdade devem subordiná-la ao trabalho que os faz viver*. Com isto nada perderá o Espiritismo: ao contrário, muito ganhará em dignidade.

Não quero desencorajar ninguém, nem frustrar nenhuma boa vontade, mas convém que nossa cara doutrina esteja ao abrigo de toda acusação perniciosa. Não se deve suspeitar da mulher de César; tampouco dos espíritas.

Eis o que é dito, e desejo que não reste a menor dúvida quanto às palavras do vosso velho amigo,

Jobard

(Médium: Sr. Rul.)

Como poderiam crer que aquele que, em todas as suas comunicações, recomendou a caridade e o desinteresse, hoje viria contradizer-se?

É uma provação para a sonâmbula e eu a aconselho a não se deixar seduzir pelos Espíritos maus que, por esta pequena especulação de além-túmulo, querem lançar o descrédito sobre os médiuns em geral e, em particular, sobre este de que se trata. Creio não ser necessário fazer de novo minha profissão de fé. Não é àquele que, encarnado, tantas vezes enganado, sempre teve por regra de conduta a retidão e a lealdade, que se podem atribuir semelhantes comunicações! Ele seria feliz se, à maneira do que se faz com certas mercadorias da Terra, se pudessem opor sobre as comunicações de além-túmulo o selo que constata a identidade do autor.

Ainda não estais bastante adiantados, mas, em falta do selo, servi-vos de vossa razão, que não vos pode enganar; e desafio todos os Espíritos, por mais numerosos que sejam, que me façam passar, aos olhos de meus antigos confrades, por mais tolo do que sou. Adeus.

Jobard

(Médium: Sr. Vézy)

Por que, ainda, tanta tolice entre os que crêem de boa-fé? E dizer que se se lhes põe diante dos olhos os verdadeiros princípios da coisa, eles mudam de repente e tornam-se mais incrédulos do que São Tomé!

Ide dizer àquela cara senhora que jamais me comuniquei com ela. Ela vos dirá: é possível, e em vossa presença dará a impressão de que concorda convosco. Mas, no seu foro íntimo, dirá que sois insensatos. Proibir um louco de fazer loucuras é ser mais louco do que ele mesmo, dizem. Entretanto, seria preciso achar um remédio para curar tantos pobres de espírito que se desgarram sozinhos, convencidos que estão de ser guiados por maravilhas.

Na verdade, meu caro presidente, julgais-me capaz de escrever as frivolidades que vos leram? Então seria realmente o caso de me aplicar o nome que eu tinha, por ter ousado escrever semelhantes bobagens. O Espiritismo não se ensina a tanto por lição. *Que aquele que não pode levar nossas palavras a seus irmãos senão em detrimento do próprio salário, fique em casa e peça à sua ferramenta ou à sua agulha que continue lhe dando o pão quotidiano.* Mas identificar-se com quem dá espetáculos é patinar no domínio da exploração ou do charlatanismo. Que aquele que é pobre e sente coragem para tornar-se apóstolo de nossa doutrina se escude na sua fé e na sua coragem, pois a Providência virá na hora dar-lhe o pão que lhe falta; mas não estenda a mão pelos serviços que prestar, porque seremos os primeiros a gritar: Retira-te daqui, mendigo, e deixa o lugar aos que podem fazer o trabalho. *Sempre encontramos bastantes homens de boa vontade para desempenhar a tarefa que lhes pedimos.*

Mulheres ou homens que deixais a roda de fiar ou as ferramentas para vos tornardes pregador ou médium e pedis um salário: só o orgulho vos guia. Quereis um pouco de glória em torno de vosso nome: o metal só tem reflexos vis, que o tempo enferruja, enquanto a verdadeira glória tem mais esplendor na abnegação. Prefiro Malfilatre, Gilbert e Moreau, cantando sua agonia num leito de hospital, ao poeta mendicante, que, para preservar o luxo em torno de seu leito de morte, vende o próprio coração. Os desinteressados serão mais bem recompensados; uma

felicidade duradoura os espera e seus nomes serão tanto mais poderosos quanto mais lágrimas tiverem derramado e mais suor e poeira coberto suas fronte.

Isto é tudo quanto vos posso dizer a respeito, caro presidente, e aproveito a ocasião que se me apresenta para vos apertar a mão e reiterar todos os meus votos e meus sinceros sentimentos. Conservai sempre a coragem e a energia na tarefa que vos impusestes. Fazei calar os invejosos e os maledicentes que vos cercam por esta firmeza e simplicidade que vos assenta tão bem. Hoje é preciso ser positivo; não vos deixeis arrastar à pesquisa da Lua quando a Terra está aos vossos pés e que nesta tendes com que completar o vosso trabalho. Há materiais em abundância em torno de vós. Provai vossas teorias pelos fatos, e que vossos exemplos não se apoiem em teoremas algébricos, que nem todos poderiam compreender, mas sobre axiomas matemáticos. Uma criança sabe que dois e dois são quatro. *Deixai correr na frente os que têm pernas compridas; eles quebrarão o pescoço e é inútil que os acompanheis na queda.* Apressemo-nos com prudência; o mundo ainda é novo e os homens dispõem de tempo para se instruírem.

O Sol se põe ao entardecer porque a obscuridade se faz necessária para compreendermos o seu brilho. Por vezes a verdade se veste de trevas para não ofuscar os que a olham muito de frente.

P. – Dissestes que jamais vos comunicastes com aquela senhora. Contudo, ela afirma que a magnetizastes!

Resp. – Pobre mulher! ela atribui a seres inteligentes o que só a tolice pode ditar, ou então algumas palavras muito boas e muito simples a grandes oráculos. É uma doença que não se deve contrair; tem sede nos nervos e se cura pela prudência e por duchas frias.

(Médium: Sra. Delanne)

Saudações fraternais a todos, meus bons amigos, que trabalhai com ardor para esclarecer a Humanidade. É preciso que redobreis a atenção, porque, neste momento, uma incrível revolução se opera entre os desencarnados. Também tendes entre eles adversários que se empenham em vos suscitar entraves, mas Deus vela por sua obra. Ele vos colocou como cabeça um chefe vigilante, dotado de sangue-frio, perspicácia e uma vontade enérgica para vos fazer vencer os obstáculos que os vossos inimigos visíveis e invisíveis erguem a cada instante aos vossos passos. Por isso ele não se enganou lendo esta comunicação; ele bem compreendeu que Jobard não podia falar assim, nem aprovar semelhante linguajar. Não, meus amigos, o Espiritismo não deve ser explorado por espíritas sinceros e de boa-fé. *Pregais contra os abusos desta natureza, que desacreditam a religião; portanto, não podeis praticar o que condenais*, porque afastais aqueles que o vosso desinteresse poderia trazer a vós.

Alguma vez já refletistes seriamente nas funestas conseqüências das reuniões pagas? Compreendi bem que se Allan Kardec autorizasse semelhantes idéias, por seu silêncio ou sua aprovação tácita, em dois anos o Espiritismo estaria exposto a uma multidão de exploradores, e essa coisa santa e sagrada seria desacreditada pelo charlatanismo. Eis a minha opinião. Assim, repilo hoje, como sempre, toda idéia de especulação, seja qual for o pretexto, que entravasse a doutrina, em vez de ajudá-la.

Empenhai-vos, no momento e antes de tudo, a reformar os homens por vossos ensinamentos e exemplos. Que vosso desinteresse e vossa moderação falem tão alto que nenhum de vossos adversários possa vos censurar. Estando cada um de vós colocado em posições diferentes, deveis trabalhar conforme vossas forças: Deus não pede o impossível. Tende confiança n'Ele, e deixai que cada coisa venha a seu tempo. Se Ele tivesse querido que o

Espiritismo marchasse mais rapidamente, teria enviado mais cedo os grandes Espíritos que estão encarnados e que surgirão quase ao mesmo tempo em todos os pontos do globo, quando chegar o tempo. Enquanto esperais, preparai os caminhos com prudência e sabedoria.

Coragem, caro presidente, cada dia as rédeas se tornam mais difíceis. Mas aqui estamos para vos sustentar e Deus vela por vós.

Jobard

(Médium: Sr. d'Ambel)

Ora, ora! isto vos admira! Mas há tantos bobos no mundo dos Espíritos, como entre vós – e não vos estou ofendendo – que um bobo pôde dar a outro a comunicação sonambúlica em questão.

Quanto ao médium, é preciso inquietar-se tanto? Deixai o tempo passar: é um grande reformador. Os que põem à venda sua mediunidade fazem como certas pessoas que, abrindo um baralho a seus consulentes, dizem: “Eis um homem da cidade, ou um homem do campo; há uma carta em caminho, eis o ás de ouro.” Quem sabe se, nalguns, não é uma volta ao passado, um resquício de antigos hábitos? Pois bem! tanto pior para os que caem nesta difícil situação. Não lucrarão e lamentarão que um dia hajam tomado o caminho errado.

Tudo quanto vos posso dizer é que, estando completamente alheio a esse comércio, bem o sabeis, lavo as mãos e lamento a pobre Humanidade, porque ainda recorre a tais expedientes.

Adeus,

Jobard.

OBSERVAÇÕES

A necessidade de desinteresse nos médiuns de tal modo passou a ser um princípio, que teria sido supérfluo publicar o fato acima, se ele não oferecesse, além da questão principal, um notável exemplo de coincidência e uma prova manifesta de identidade, pela similitude de pensamentos e o cunho de originalidade que, de modo geral, caracterizam todas as comunicações do nosso antigo colega Jobard. É a tal ponto que quando ele se manifesta espontaneamente na Sociedade, é raro que, desde as primeiras linhas, não se adivinhe o autor. Assim, não se levantou nenhuma dúvida quanto à autenticidade das que acabamos de referir, ao passo que, nas que nos haviam pedido para controlar, a fraude salta aos olhos de quem quer que conheça a linguagem e o caráter do Sr. Jobard, bem como os princípios que ele havia professado constantemente, como homem e como Espírito. Teria sido irracional admitir que subitamente ele tivesse mudado em benefício dos interesses materiais de um indivíduo. Que trapaça desastrada!

Quanto à questão do desinteresse, seria inútil repetir tudo quanto foi dito sobre esse ponto, e que se encontra admiravelmente resumido nas respostas do Sr. Jobard. Apenas acrescentaremos uma consideração, que não é sem importância.

Certos médiuns exploradores julgam salvar as aparências fazendo-se pagar apenas pelos ricos, ou só aceitando uma contribuição voluntária. Em primeiro lugar, isto não deixa de ser um ofício, a exploração de uma coisa santa, e um lucro tirado do que se recebe gratuitamente. Quando Jesus e seus apóstolos ensinavam e curavam, não mercadejavam suas palavras, nem os seus cuidados, embora não tivessem renda para viver. Por outro lado, esta maneira de operar não é garantia de sinceridade nem afasta a suspeita de charlatanismo. Certos médicos e certos negociantes de artigos agem com segundas intenções no campo da filantropia, os primeiros dando consultas gratuitas, e os segundos

vendendo com prejuízo, ou quase de graça. Em algumas ocasiões, a gratuidade é um meio de atrair a clientela produtiva.

Existe, porém, outra consideração, ainda mais poderosa. Por que sinal reconhecer o que pode ou não pagar? A aparência por vezes é enganosa e, muitas vezes, uma roupa limpa oculta miséria maior que a blusa de um operário. Então é preciso declinar sua pobreza, seus títulos à caridade, ou exibir um atestado de indigência? Aliás, quem diz que o médium, mesmo admitindo de sua parte a maior sinceridade, terá a mesma solicitude para o que não paga, ou paga menos, do que para o que paga generosamente, e que não dará a cada um conforme o seu dinheiro? Que, se um rico e um pobre a ele se dirigissem ao mesmo tempo, não receberia primeiro o rico, que apenas tinha em vista satisfazer à vã curiosidade, enquanto o pobre, que talvez esperasse suprema consolação, seria atendido mais tarde? Sem o querer, sua consciência estará em luta com a tentação da preferência; será levado a olhar melhor para o que paga, ainda mesmo que lhe atrasasse com desdém uma moeda de outro, como se faz com um mercenário, enquanto olhará com indiferença os poucos centavos que lhe apresentar timidamente o pobre envergonhado. Tais sentimentos são compatíveis com o Espiritismo? Não é manter entre o rico e o pobre essa demarcação humilhante, que já fez tanto mal, e que o Espiritismo deve fazer desaparecer, provando a igualdade do rico e do pobre perante Deus? pois Deus não mede os raios de seu sol pela fortuna, nem a esta pode subordinar mais consolações do coração que as prodigalizadas aos homens pelos Espíritos bons, seus mensageiros.

Pensando bem, se houvesse uma escolha a fazer, preferiríamos o médium que cobrasse sempre, porque ao menos não há hipocrisia; sabe-se imediatamente com quem se está tratando.

Além do mais, a multiplicidade sempre crescente dos médiuns em todas as camadas da sociedade e no seio da maioria

das famílias, tira à mediunidade remunerada toda utilidade e toda razão de ser. Essa multiplicidade matará a exploração pelo sentimento de repulsa que a ela se liga.

Chamam-nos a atenção para o encerramento das atividades de um antigo e numeroso grupo espírita de província, organizado com propósitos interesseiros. O chefe desse grupo, bem como a família, tinha deixado de lado suas obrigações, sob o enganoso pretexto de devotamento à causa, à qual queria consagrar todo o seu tempo. Sua bolsa estaria garantida com os recursos que esperava tirar do Espiritismo. Infelizmente, a exploração da mediunidade está de tal modo desacreditada na província que, na maior parte das cidades, quem dela faz uma profissão, ainda que tivesse as mais transcendentales faculdades, não inspiraria a menor confiança; aí seria muito malvisto e todos os grupos sérios lhe fechariam as portas. A especulação não correspondeu à expectativa e consta que o chefe desse grupo teria se queixado, junto aos seus freqüentadores, pelas dificuldades por que passava, pedindo-lhes auxílio. Responderam-lhe que, se estava em apuros, a culpa era sua; que tinha errado em fechar a sua oficina para viver do Espiritismo e cobrar pelas instruções que os Espíritos lhe davam de graça; o médium refutou e pôs a culpa nos Espíritos. Dos nove médiuns presentes, aos quais a questão foi apresentada, oito receberam comunicações censurando sua maneira de agir; só uma o aprovou: era a de sua esposa. Submetendo-se de bom grado ao conselho dos Espíritos, o chefe do grupo anunciou que a partir daquele momento seu grupo estaria fechado. Por certo teria sido mais prudente escutar os conselhos que, desde muito tempo, lhe eram dados por amigos sinceros do Espiritismo.

Um outro grupo, em condições mais ou menos idênticas, aos poucos foi sendo abandonado por seus freqüentadores e, finalmente, forçado a se dissolver.

Assim, eis dois grupos que sucumbem sob a pressão da opinião. Escrevem-nos que o parágrafo da *Imitação do Evangelho*,

número 392 e seguintes, por certo não é estranho a esse resultado. Aliás, é impossível que todo espírita sincero, compreendendo a essência e os verdadeiros interesses da doutrina, se torne defensor e suporte de um abuso que, inevitavelmente, tenderia a desacreditá-la. Nós os exortamos a desconfiar das armadilhas que os inimigos do Espiritismo lhes tentassem estender a tal propósito. Sabe-se que em falta de boas razões para o combater, uma de suas táticas é buscar arruiná-lo por si mesmo. Assim, vê-se com que ardor espreitam as ocasiões de o surpreender em falta ou em contradição consigo mesmo. É por isto que os Espíritos nos dizem, sem cessar, que vigiemos e nos mantenhamos em guarda.

Quanto a nós, não ignoramos que nossa persistência em combater o abuso de que falamos não fizeram nossos amigos os que viram no Espiritismo uma matéria explorável, nem os que os sustentam. Mas, que nos importa a oposição de alguns indivíduos! Defendemos um princípio verdadeiro, e nenhuma consideração pessoal nos fará recuar ante o cumprimento de um dever. Nossos esforços tenderão sempre a preservar o Espiritismo da usurpação e da venalidade; o momento presente é o mais difícil, mas, à medida que a doutrina for mais bem compreendida, essa usurpação será menos temível, pois a opinião das massas lhe oporá uma barreira intransponível. O princípio do desinteresse, que satisfaz ao mesmo tempo o coração e a razão, terá sempre as mais numerosas simpatias, e o fará triunfar, pela força das coisas, sobre o princípio da especulação.

Louis-Henri, o Trapeiro

ESTUDO MORAL

Lê-se no *Siècle* de 12 de outubro de 1864:

“Numa horrível mansarda da passagem Saint-Pierre, em Clichy, vivia um homem chamado Louis-Henri, de sessenta e

quatro anos, mas parecendo ter oitenta. Tinha descido ao último degrau da vida social. Diziam que outrora tinha sido belo e perdulário; que havia transtornado muitas cabeças femininas e levado a existência em alta velocidade.

“Com efeito, por momentos lhe escapavam maneiras de falar características da sociedade refinada, e em sua casa viam-se duas deliciosas miniaturas, representando encantadoras mulheres. O círculo desses medalhões há muito tinha sido vendido e a pintura tinha-se tornado muito apagada para que dela se pudesse tirar proveito.

“Louis-Henri exercia o ofício de trapeiro. Mas era tão fraco, tão alquebrado, tão trêmulo, que não recolhia quase nada. Deitava-se sobre imundícies, que lhe serviam de leito, sem ao menos tirar os trapos. Outros trapeiros, quase tão pobres quanto ele, se cotizavam para lhe dar alguns alimentos, tais como casca de pão e restos de cozinha, provenientes de suas cestas. Estava coberto de chagas e roído de vermes. Já por várias vezes, diz o *Opinion nationale*, os soldados da brigada de Clichy tinham feito uma coleta entre si, a fim de pagar banhos sulfurosos àquele infeliz. Ele não sabia o paradeiro de sua família e havia esquecido o próprio nome. Só se recordava dos prenomes Louis-Henri.

“Desde alguns dias, o leproso, como o chamavam, não mais fora visto. Um odor infecto, que escapava de seu tugúrio, atraiu a atenção dos locatários; estes avisaram o comissário de polícia que, assistido pelo Dr. Massart, dirigiu-se ao local e mandou abri-lo por um serralheiro. Entre as imundícies, encontraram, corroídos pelos ratos, os restos decompostos do trapeiro, que se extinguiu em meio às suas enfermidades e males.”

Eis aí um triste revés da sorte e uma prova de que a justiça divina nem sempre espera a vida futura para agir sobre o culpado. Dizemos culpado por hipótese, porque uma tal degradação não pode ser senão o resultado do vício no seu mais alto grau. O

homem mais rico e mais altamente colocado pode tombar na última categoria da escala social; mas conservará a dignidade, se nele a honra não for abafada na mais profunda miséria.

Presumindo que a vida desse homem pudesse oferecer um ensinamento, a Sociedade de Paris julgou dever evocá-lo, na expectativa de, ao mesmo tempo, lhe ser útil.

(Sociedade de Paris, 28 de julho de 1864 – Médiun: Sr. Vézzy)

Pergunta – Os detalhes que lemos de vossa vida e vossa morte nos interessaram, primeiro por vós, porque todos os que sofrem têm direito às nossas simpatias; e, depois, para nossa instrução. Seria útil, do ponto de vista moral, reconhecer como e por que causas, de uma existência que parece ter sido brilhante, caístes em tal abjeção, e qual a vossa situação atual? Rogamos a um Espírito bom que vos assista na comunicação que nos derdes.

I. *Resposta* – Não paguei bastante minha dívida de sofrimentos na Terra, para que me sejam concedidas algumas horas de lucidez no além-túmulo? É por que meu corpo está infecto e corroído pelos vermes, em disputa com a podridão que o dilacera, que meu Espírito está perturbado? Deixai que me reconheça um pouco.

A vós, que conheceis as leis divinas da imigração das almas, não preciso explicar o porquê desse estado abjeto a que descí. Todavia, desde que tal me é *ordenado*, vou contar-vos minha história... Aliás, uma anedota no meio de vossas sábias discussões e de vossos sérios argumentos causará diversão. Tendes aqui um certo público e isto os distrairá mais que a vossa moral e a vossa filosofia. Começo, pois.

Observação – Nesse dia a Sociedade tinha uma sessão geral, isto é, daquelas em que são admitidos uns tantos ouvintes estranhos. É a isto que o Espírito faz alusão.

Por que vos calaria o nome que tinha e que, sobretudo em meus últimos anos, eu mesmo parecia ter esquecido completamente? Não adivinhastes que a imundície que me arrasava era a única causa de meu silêncio a respeito? Eu fingia esquecer. Chamo-me... mas não; não quero jogar lama sobre os fraques e vestidos de seda e veludo dos que foram meus parentes e meus amigos, com os quais vivi durante a juventude e que ainda vivem. Também não quero que algumas velhas damas, que mudaram de residência, passando do toucador para o oratório, vejam no medalhão, que ainda conservam, pendurado nos lambris de suas alcovas, sob as vestes de galante gentil-homem, o infeliz abandonado. Para umas, morri na América, durante as guerras que se seguiram ao despertar de seus povos; para outras, fui dos últimos a morrer nas escaramuças sanguinolentas da Vandéia, gritando: Viva o Rei!

Não toquemos nesses louros, sobre os quais repouso em seus corações!... Morri para todas há muito tempo!... Também morri para ela!... Ah! Não gracejamos aqui!... Sim, para ti estou bem morto! morto para a eternidade! E, contudo, na Terra, quantas horas de êxtase e de arrebatamento não passamos! Quantas vezes teu olhar encontrou o meu olhar, meus sorrisos o teu sorriso! Não vives ainda senão para me mostrar tuas rugas e teus cabelos brancos. Mas quando chegar tua vez, em que serás tocada pela morte, não te verei mais!... Não!... Não!... Maldição! Ouço vozes que me gritam: Maldito!... Não, não, não a verei mais. Para ela, um dia a luz e o brilho; para mim, a noite e as trevas! Arranquei as asas do anjo na Terra, mas suas lágrimas lhe devolverão a pureza, e o perdão de Deus lhe concederá asas brancas de serafim.

Ah! por que a mocidade joga assim com o seu coração? Por que colher todas as flores à sua passagem, para depois as espezinhar? Entretanto, quando seu coração fala a linguagem da alma a uma outra alma, não mente. Por que é necessário que o sopro das paixões impuras a envelheça e atire seu corpo no

esterco?... Deixai que também derrame algumas lágrimas: elas são doces para os que sofrem!

Como gostaria de retornar à minha vida de outrora, para utilizar melhor as horas da juventude! Oh! como gostaria de possuir o meu coração de vinte anos! Eu o daria por inteiro a um coração irmão do meu; daria minha alma inteirinha a uma alma irmã da minha e, nas minhas aspirações, pediria a Deus que nos fizesse sentir todas as alegrias do céu!... Mas está feito. Por que minhas lágrimas e meus pesares? Homem degradado, que sonhas? Tudo está perdido para quem não soube aproveitar o tempo que lhe foi dado! Tudo está perdido para o miserável que não tirou proveito das qualidades que possuía!

Ó vós que me ouvís; sim, este que vos fala era dotado de belas faculdades. Para que lhe serviram? Para enganar com astúcia e conhecimento de causa! para cometer crimes! Mais tarde eu abafava os remorsos na orgia para não ouvir os gritos da consciência. Era gentil-homem; manejava a palavra e a espada com audácia; as mulheres me chamavam de refinado, acariciando-me a fronte e os cabelos em sua alcova, enquanto os homens me chamavam de invencível e de bravo! Orgulho!... Por que essas lembranças de outros tempos? Desgraça!... danação!... Vejo sangue em volta de mim! Por que esta espada, que usei para ferir, não se voltou contra meu peito?... Entre esses mortos, vedes este cadáver?... É meu filho!... Ironia!... Eis a consequência dos costumes de uma sociedade na qual riem de tudo!... Era eu o culpado e sabia que era meu filho? Sabia que a amante abandonada há vinte anos jogaria em meu caminho um fruto adúlterino, que eu não reconhecia e que viria disputar uma presa ao novo don Juan?... E queríeis que não tivesse esquecido meu nome depois de tais crimes? Ah! para mim a taça de vergonha e de infâmia! Eu devia morrer como morri, na imundícia. Sinto o frio do túmulo! sinto os vermes que me roem! Mas nada disto me faz sofrer tanto quanto a vista desta enorme ferida, feita por minha espada... Meu filho,

graça! se teu pai não te deu o nome, riscou o seu do mundo; se te deu a morte, também morreu na lama. Ah! abre-me teus braços; ensina a teu pai o caminho de Deus pelo perdão.

Que lúgubre história! Ao tomar esta mão para escrever, pensava que ia reencontrar meus sorrisos de outrora! Don Juan! Então é o meio em que me encontro que me penetra e me transforma?... Por que me evocastes? Por que me retirastes da noite para me mostrar um pouco de luz e, em seguida, lançar-me nas trevas? Por minha vez vos interrogo; respondi-me.

P. – Nós vos chamamos para vos ser úteis, e porque nos condoemos com os vossos sofrimentos. Que podemos fazer por vós?

Resp. – Ai! que sei eu? Cabe-vos instruir-me. Não me lanceis na obscuridade... Despertastes mortos; eu os vejo na noite; tenho medo!

P. – Oraremos por vós.

Resp. – Ah! orai. Dizem que a prece faz tanto bem aos que sofrem!

P. – Quereis assinar o vosso nome?

Resp. – Não, não! orai por mim.

Alguns dias depois outro médium, o Sr. Rul, de Passy, fez em particular a evocação do mesmo Espírito, dele obtendo as três comunicações seguintes. Julgamos supérfluo reproduzir os conselhos dados pelo médium ao Espírito; são os de um espírita sincero, animado de verdadeira caridade para com os seus irmãos sofredores.

II. Sim, orai por mim, porque as preces de vossos irmãos já me fizeram bem. Se soubésseis o que é o sofrimento de um desencarnado! Se pudésseis ler em meu semblante espiritual as marcas das paixões que o sulcaram, séreis tomado de piedade e

vossa mão fraternal, apertando a minha, sentiria a febre que me agita. Como sofro, desde que fui evocado pelo vosso presidente! Reconheço a justiça divina. Só, errando entre os mortos, pensava ser o único a conhecer os meus sofrimentos, e eis que em plena luz da publicidade sou chamado para fazer a confissão de meus erros! Oh! quantos erros a paixão me fez cometer! Não disse tudo ao vosso irmão; o pudor, a vergonha, me retinham; preferia não ter revelado as confissões que fiz e apagar esses caracteres indelévels, que me punham no pelourinho de vossas consciências. Mas oraram por mim e hoje reconheço o bem que me fizeram vossos corações caridosos; e para melhor merecer a vossa compaixão, porque sois espíritos, o que quer dizer indulgentes e compassivos, admito não ter recuado diante de nenhuma perversidade para satisfazer minhas paixões. Não cometi nenhum dos crimes punidos pela lei dos homens; contudo, os vícios que vossa sociedade tolera e desculpa, sobretudo quando se tem nome e fortuna, estão sujeitos à jurisdição divina, que jamais os deixa impunes. Eu os expiei cruelmente na Terra; caí no último grau da miséria, do aviltamento e do desprezo, eu que outrora brilhava e fazia invejosos e ciumentos, e o castigo me perseguiu no além-túmulo. Não matei como um vil assassino; não roubei, porque o meu orgulho de gentil-homem se teria revoltado à só idéia de ser confundido com os criminosos; e, no entanto, matei, salvaguardando a honra, segundo o mundo; levei a ruína, a vergonha e o desespero às famílias, e me chamavam o felizardo, o homem de sorte! Quantas vítimas clamam por vingança em volta de mim! Oh! por quanto tempo carregarei o fardo desses crimes! Orai por mim, porque sofro a ponto de sentir minha alma se partir!

Obrigado, obrigado, caro irmão. Quero dar-te o nome que me dás; agradeço tuas lágrimas, pois me aliviaram; agradeço a tua prece, pois atraiu para junto de mim Espíritos cheios de glória, que me dizem: Espera, tu que foste tão culpado; espera na misericórdia de Deus, que perdoa a todos os seus filhos que se arrependem. Persevera nas boas resoluções e serás mais forte para suportar teus sofrimentos.

Obrigado a ti, que me tiras do nevoeiro que me envolvia. Possa eu te provar um dia que o reconhecimento de teu irmão é para a eternidade!

III. O remorso me persegue; sofro muito, mas compreendo a necessidade de sofrer; compreendo que a impureza só se pode tornar pura depois de transformada ao contato do fogo.

Os Espíritos bons me dizem que espere, e eu espero; que ore, e orei; mas preciso de um amigo que me dê a mão para me sustentar e me impedir de sucumbir sob o meu fardo, que é muito pesado. Sê para mim esse irmão caridoso, esse amigo devotado. Escutarei teus conselhos; orarei contigo; prosternar-me-ei contigo aos pés do Eterno.

Quantas vezes vi minha espada tinta do sangue de um de meus irmãos! Fui implacável em minhas vinganças, e quando o agulhão da carne, a vaidade e o desejo de triunfar sobre os meus rivais me exaltavam, eu precisava da vitória a qualquer preço. Triste vitória! manchada pelas mais baixas paixões. Era cruel quando meu orgulho estava excitado; sim, fui um grande culpado, mas quero tornar-me um filho do Senhor. Por isto vim dizer-te: Sê meu irmão para me ajudar a purificar-me. Irmãos, oremos juntos.

IV. Obrigado, obrigado, irmão. Estou sob a impressão das palavras que acabas de pronunciar. Estou mais forte; vejo o objetivo e, sem tentar medir a distância que dele me separa, digo com os meus botões: Chegarei, porque quero, e tenho confiança nos Espíritos bons, que me dizem que espere. Na Terra jamais duvidei do sucesso, quando fazia o mal; como poderei duvidar, quando hoje quero fazer o bem?

Obrigado, irmão, por tua caridade, por tuas boas preces, por teus ensinamentos, pois deles tiro minha força e sinto crescer o meu arrependimento. Se o arrependimento duplica o sofrimento, sei que esse tratamento não durará mais que um tempo

e que a felicidade me espera após a depuração. Quero, então, sofrer, sofrer muito, para merecer ser feliz mais rapidamente dessa felicidade que gozam os Espíritos radiantes, que vejo perto de ti.

Até breve, irmão, pois vejo que tens um outro Espírito sofredor para consolar e fortalecer em seu arrependimento. Pensa em mim; em tua prece da noite estarei junto de ti.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

É evidente que esse Espírito está no bom caminho, há nele uma luta de bom augúrio, pois só pede para ser esclarecido.

Entretanto, suas idéias se ressentem de certos preconceitos. Como muita gente que neles imaginam encontrar uma desculpa, ele se prende à sociedade. Mas, o que é que torna má a sociedade, senão as pessoas viciosas? Sem dúvida a sociedade deixa muito a desejar, no que diz respeito às instituições; mas desde que nela se encontram criaturas honestas, cumpridoras de seus deveres, todos poderiam fazer o mesmo, já que ela não força ninguém a fazer o mal. Era a sociedade que obrigava Louis-Henri a abandonar aquela mulher e seu filho? Se não reconheceu este, por que o perdeu de vista, sem se inquietar com sua existência? Foram os preconceitos sociais que o impediram de dar seu nome àquela mulher? Não, porque tinha como móvel apenas suas paixões. Era a instrução que lhe faltava? Não, pois pertencia à classe alta. A sociedade não é culpada para com ele; ela nada lhe recusou, já que em tudo o favorecera. Ele, pois, é que foi culpado para com a sociedade, porque agiu livremente, voluntariamente e com conhecimento de causa. Quem lançou seu filho no caminho dos excessos? O acaso? Não: a Providência, a fim de que o remorso, que mais tarde experimentaria, servisse ao seu adiantamento.

A verdadeira chaga da sociedade, a causa primeira de todas as desordens, é a incredulidade. A negação do princípio espiritual, a crença no nada depois da morte, as idéias materialistas,

numa palavra, altamente preconizadas por homens influentes, infiltram-se na juventude, que as suga, por assim dizer, com o leite. O homem que só acredita no presente quer gozar a qualquer preço e é conseqüente consigo mesmo, pois nada espera além da tumba; como não espera nada, nada teme. Se Louis-Henri tivesse tido fé em sua alma e no futuro, teria compreendido que a vida corporal é fugidia e precária e dela não teria feito o seu único objetivo; sabendo que nada do que aqui se adquire é perdido, ter-se-ia preocupado com sua sorte futura, ao passo que agiu como alguém que dissipa o capital e joga sua última carta.

Quantas desordens, quantas misérias, quantos crimes têm sua fonte nesta maneira de encarar a vida! Quais os primeiros culpados? Os que a erigem em dogma, em crença, zombando e tratando como loucos os que acreditam que nem tudo está na matéria e no mundo visível. Louis-Henri não foi bastante forte para resistir a essa corrente de idéias; sucumbiu, vítima de suas paixões, que encontravam uma justificação no materialismo, ao passo que uma fé sólida e raciocinada lhe teria posto um freio mais poderoso que todas as leis repressivas, incapazes de alcançar todos as ações más. O Espiritismo dá esta fé, razão por que opera tão numerosas transformações morais.

As três últimas comunicações confirmam a primeira, obtida por outro médium; evidentemente, o cerne do pensamento é o mesmo. Aí se nota o progresso operado nesse Espírito, e nela podemos colher mais de um ensinamento.

Na primeira, fazendo a confissão de suas faltas, ainda não há arrependimento sério, nem resolução tomada; quase protesta por ter sido evocado.

Na segunda, diz: “Como sofro desde que fui evocado por vosso presidente!”. Estas palavras justificariam o dito de certas pessoas, que pretendem que os mortos são perturbados quando se

os evoca? Não, certamente; primeiro, porque só vêm quando lhes convém; em segundo lugar porque, em sua maioria, testemunham satisfação por serem chamados, quando o são por um sentimento simpático e benevolente. Certos culpados só vêm com repugnância e, neste caso, não são constrangidos pela evocação, mas por Espíritos superiores, tendo em vista o seu adiantamento. Sua repugnância é a do criminoso conduzido a um tribunal. A evocação dos Espíritos culpados, tendo como objetivo e resultado a sua melhora, a contrariedade momentânea que lhes causa é vantajosa para eles, porquanto, ao excitá-los ao arrependimento, abreviam os sofrimentos que suportam no mundo dos Espíritos. Seria, então, mais caridoso deixá-los apodrecer na abjeção em que se acham, do que dali os tirar? O sofrimento que disso resulta é semelhante ao que o médico faz passar o doente, para o curar. Tirei da lama um homem embrutecido: ele protestará. Dá-se o mesmo com os Espíritos.

Nas comunicações desse Espírito encontra-se um pensamento análogo ao que exprimia Latour sobre o sofrimento causado pelo arrependimento. Explicamos a causa desse sentimento (número de novembro de 1864); é o mesmo que levou este a dizer: “Sofro desde que fui evocado, e o remorso me persegue; sofro muito.” É, pois, o remorso que o faz sofrer, mas é esse remorso que o deve salvar, e foi a evocação que o provocou. Mas ele acrescenta estas palavras notáveis: “Compreendo a necessidade de sofrer; compreendo que a impureza só se torna pura depois de transformada ao contato do fogo.” E mais adiante: “Se o arrependimento duplica o sofrimento, sei que esse sofrimento apenas durará um tempo, e que a felicidade me aguarda após a depuração.” Esta certeza o faz dizer: “Quero sofrer, sofrer muito, para mais depressa ser feliz.” Depois disto, é de admirar que um Espírito escolha terríveis provações em nova existência? Não está no caso de um doente que se resigna a uma operação dolorosa para ficar bom? ou no de um homem que se expõe a todos os perigos, que suporta todas as misérias, todas as fadigas e todas as

privações, com vistas a adquirir a fortuna ou a glória? Nada há, pois, de irracional, no princípio da livre escolha das provas da vida. Para aproveitá-la, a condição não é recuar. Ora, é recuar não as suportar com coragem e resignação.

Qual será a sorte de Louis-Henri numa nova existência? Como expiou cruelmente suas faltas em sua última existência, e como no estado de Espírito é sincero o seu arrependimento e sérias as suas boas resoluções, é provável que seja posto em condições de reparar os erros, fazendo o bem. Mas como pagou sua dívida de sofrimentos corporais, não terá mais de passar pelas mesmas vicissitudes.

É o que lhe auguramos e, por isso, oramos por ele.

Necrológio

MORTE DO SR. BRUNEAU

A Sociedade Espírita de Paris acaba de perder um de seus membros na pessoa do Sr. Bruneau, falecido a 13 de novembro de 1864, aos setenta anos, cuja morte o *Opinion nationale* anuncia nestes termos:

“A morte atinge em cheio os membros sobreviventes da missão são-simoniana no Egito. Depois de Enfantin, de Lambert Bey, temos hoje a deplorar a perda do Sr. Bruneau, antigo coronel de artilharia, que fundou naquele país a escola de cavalaria, enquanto Lambert Bey, seu genro, organizou uma escola politécnica. O Sr. Bruneau morreu como homem livre, cheio de esperanças no progresso físico, intelectual e moral, cheio de fé nas doutrinas religiosas e sociais da juventude.”

Antigo aluno da Escola Politécnica, o Sr. Bruneau era membro da Sociedade Espírita de Paris há vários anos. Ignoramos

a fé que tinha no futuro das doutrinas religiosas e sociais de sua juventude, mas sabemos que tinha confiança absoluta no futuro do Espiritismo, do qual era adepto fervoroso e esclarecido. Havia adquirido uma fé inabalável na vida futura e nas reformas humanitárias, que são a sua conseqüência. Acrescentaremos que seus colegas puderam apreciar suas excelentes qualidades, sua extrema modéstia, sua benevolência e sua caridade. Comunicou-se na Sociedade poucos dias depois de sua morte, e deu prova da elevação de seu Espírito pela justeza e profundidade de suas apreciações. Para ele o mundo invisível não teve nenhuma surpresa, pois o compreendia antecipadamente. Assim, veio nos confirmar tudo o que a doutrina nos ensina a respeito. Reencontrou com alegria os parentes, amigos e colegas que o haviam precedido e que o aguardavam em sua chegada entre eles.

A Sociedade Espírita de Paris estava representada nas exéquias do Sr. Bruneau por uma delegação de vinte membros. Teríamos considerado um dever exprimir naquela ocasião os sentimentos da Sociedade; como, porém, sabíamos que a família não era simpática às nossas idéias, julgamos por bem abster-nos de qualquer manifestação. O Espiritismo não se impõe; quer ser aceito livremente; daí porque respeita todas as crenças e, por espírito de tolerância e de caridade, evita o que possa chocar as opiniões contrárias às suas.

Aliás, o justo tributo de elogios e pesares, que não lhe pôde ser pago ostensivamente, ante um público indiferente ou hostil, o foi com muito mais recolhimento no seio da Sociedade. Na sessão seguinte às exéquias, foi pronunciada uma alocução, e todos os seus colegas se uniram de coração às preces que foram ditas em sua intenção.

Na sessão da Sociedade consagrada à memória do Sr. Bruneau, o Sr. Allan Kardec proferiu o seguinte discurso:

Senhores e caros irmãos espíritas,

Um de nossos colegas acaba de deixar a Terra para entrar no mundo dos Espíritos. Consagrando-lhe especialmente esta sessão, cumprimos para com ele um dever de confraternidade, ao qual, não tenho dúvida, cada um de nós se associará de coração e por santa comunhão de pensamentos.

O Sr. Bruneau fazia parte da Sociedade desde 1^o de abril de 1862. Membro do comitê, ele era, como o sabeis, muito assíduo às nossas sessões. Todos pudemos apreciar a doçura de seu caráter, sua extrema benevolência, sua simplicidade e sua caridade. Não há um infortúnio assinalado na Sociedade, em favor do qual não tenha ele trazido a sua oferenda. Sua morte nos revelou outra qualidade eminente que ele possuía: a modéstia. Jamais alardeou seus títulos, que o recomendavam como homem de saber. Uma circunstância fortuita me dera a conhecer que era antigo aluno da Escola Politécnica, mas todos nós ignorávamos que tivesse sido coronel de artilharia e desempenhado uma missão superior no Egito, onde fundou uma escola de cavalaria, ao mesmo tempo que seu genro, Lambert Bey, ali fundava uma escola politécnica. Nós o conhecíamos como um espírita sincero, devotado e esclarecido; e, embora se calasse sobre os seus títulos, não escondia suas opiniões.

Estas circunstâncias, senhores, nos tornam sua memória ainda mais cara, e não duvidamos que tenha encontrado, no mundo dos Espíritos, uma posição digna de seu mérito.

O Sr. Bruneau tinha sido um dos membros ativos da escola são-simoniana, detalhe que os jornais que anunciaram sua morte tiveram o cuidado de destacar, embora tivessem evitado dizer que ele morreu na crença espírita.

Não vamos discutir aqui os princípios da escola são-simoniana. Contudo, o início do artigo do *Opinion nationale* nos leva involuntariamente a fazer uma comparação. Ali está dito: “A morte

atinge em cheio os membros da missão são-simoniana no Egito; depois de Enfantin, de Lambert Bey, temos hoje a deplorar a perda do Sr. Bruneau, etc.” Durante alguns anos o são-simonismo brilhou intensamente, quer pela singularidade de algumas de suas doutrinas, quer pelos homens eminentes ligados a ele; sabe-se, porém, quão passageiro foi esse brilho. Por que, então, uma existência tão efêmera, se estava de posse da verdade filosófica?

Por vezes a verdade é lenta para propagar-se; mas, desde que começa a despontar, cresce sem cessar e não perece, porque a verdade é eterna, e é eterna porque emana de Deus. Só o erro é perecível, porque vem dos homens. O progresso é a lei da Humanidade. Ora, a Humanidade não pode progredir senão à medida que descobre a verdade. Uma vez feita a descoberta, está adquirida e inquebrantável. Que teoria poderia hoje prevalecer contra a lei do movimento dos astros, da formação da Terra e tantas outras? A filosofia só é mutável porque é o produto de sistemas criados pelos homens; só terá estabilidade quando tiver adquirido a precisão da verdade matemática. Se, pois, um sistema, uma teoria, uma doutrina qualquer, filosófica, religiosa ou social, marchar para o declínio, é prova certa de que não está com a verdade absoluta. Em todas as religiões, sem excetuar o Cristianismo, o elemento divino é imperecível; o elemento humano cai, se não estiver em harmonia com a lei do progresso; mas como o progresso é incessante, resulta que, nas religiões, o elemento humano deve modificar-se, sob pena de perecer; só o elemento divino é invariável. Vede-o na lei mosaica: as tábuas do Sinai estão de pé, tornando-se cada vez mais o código da Humanidade, enquanto o resto já fez seu tempo.

Não podendo a verdade absoluta estabelecer-se senão sobre as ruínas do erro, forçosamente encontra antagonistas entre os que, vivendo do erro, têm interesse em combater a verdade e, por isto mesmo, lhe fazem uma guerra obstinada; mas ela logo conquista as simpatias das massas desinteressadas. Foi assim com a

doutrina são-simoniana? Não. Como prática ela viveu; só sobreviveu como teoria simpática e crença individual no pensamento de alguns de seus antigos adeptos. Mas, como o constata o *Opinion nationale*, levando diariamente alguns de seus representantes, não está longe o tempo em que todos terão desaparecido; então, ela só viverá na História. Donde se deve concluir que não possuía toda a verdade e não correspondia a todas as aspirações.

Isto quer dizer que todas as seitas e escolas que caem estejam no falso absoluto? Não; ao contrário, em sua maior parte, elas entreviram uma ponta da verdade; mas a soma das verdades que possuíam não era bastante grande para sustentar a luta contra o progresso e não se acharam à altura das necessidades da Humanidade. Aliás, em geral as seitas são muito exclusivas e, por isto mesmo, estacionárias. Disto resulta que as que puderam marcar uma etapa do progresso em certa época, acabam se distanciando e se extinguem pela força das coisas. Entretanto, sejam quais forem os erros sob os quais sucumbiram, sua passagem não foi inútil: agitaram as idéias, tiraram o homem do entorpecimento, levantaram questões novas que, mais bem elaboradas e libertas do espírito de sistema e de exagero, mais tarde recebem a sua solução. Entre as idéias que semeiam, só as boas frutificam e renascem sob outra forma; o tempo, a experiência e a razão fazem justiça às outras.

O erro de quase todas as doutrinas sociais, apresentadas como a panacéia dos males da Humanidade, é o de apoiar-se exclusivamente nos interesses materiais. Disto resulta que a solidariedade que buscam estabelecer entre os homens é frágil como a vida corporal; os laços de confraternidade, não tendo raízes no coração e na fé no futuro, rompem-se ao menor choque do egoísmo.

O Espiritismo se apresenta em condições completamente diversas. Está com a verdade? Nós o cremos; mas

nossas bases são melhores que as dos outros? Os motivos que nos levam a nele crer são muito simples; eles ressaltam, ao mesmo tempo, da causa e dos efeitos. Como causa, tem a seu favor não ser uma concepção humana, produto de um sistema pessoal, o que é capital. Não há um só de seus princípios – e quando digo um só não faço nenhuma exceção – que não seja baseado na observação dos fatos. *Se um só dos princípios do Espiritismo fosse o resultado de uma opinião individual, este seria o seu lado vulnerável.* Mas desde que nada avança que não seja sancionado pela experiência dos fatos, e que os fatos estão nas leis da Natureza, deve ser imutável como essas leis, porque por toda parte e em todos os tempos encontrará sua sanção e sua confirmação e, mais cedo ou mais tarde, é preciso que, diante dos fatos, todas as crenças se inclinem.

Com efeito, ele corresponde a todas as aspirações da alma; satisfaz, ao mesmo tempo, ao espírito, à razão e ao coração; preenche o vazio deixado pela dúvida; dá uma base, uma razão de ser à solidariedade, pela ligação que estabelece entre o presente e o futuro; enfim, assenta em base sólida o princípio de igualdade, de liberdade e de fraternidade. É, assim, o pivô sobre o qual se apoiarão todas as reformas sociais sérias. Ele próprio apoiando-se nos fatos e nas leis da Natureza, sem mistura de teorias humanas, não se arrisca a afastar-se do elemento divino. Assim, oferece o espetáculo, único na história de uma doutrina que, em alguns anos, implantou-se em todos os pontos do globo e cresce sem cessar; que liga todas as crenças religiosas, ao passo que as outras são exclusivas e permanecem fechadas num círculo circunscrito de adeptos.

Tais são, em poucas palavras, as razões sobre as quais se apoia a nossa fé na verdade e na estabilidade do Espiritismo. Esperamos que nosso antigo colega e sempre irmão Bruneau tenha a bondade de nos dizer como encara a questão, hoje que a pode considerar de um ponto mais elevado.

Nota – A comunicação do Sr. Bruneau correspondeu plenamente à nossa expectativa. Ela se liga, assim como as que foram obtidas nesta sessão, a

um conjunto de questões que serão tratadas ulteriormente; por isso adiamos a sua publicação.

Variedades

COMUNICAÇÕES PELO AVESSE

(Antuérpia, 1º de novembro de 1864)

O omsitiripsE sov anisne saud sednarg sedadrev: a aicnêtsixe ed mu sueD e a edadilatromi ad amla. OdnitraP sessed siod soipícirp, euq oã es airedop ritimda uo ratiejer mu mes o ortuo, es-agehc olep selpmis oinícoicar a riurtsed o oigítserp osohlivaram e rop sezev oirbmos moc euq es mezarpmoc me racrec atse anirtuod. ArO, olep otaf odatatsnoc ad edadilatromi ad amla, es-agehc à oãsulcnoc otium selpmis ed euq somos sodot sotirípsE. SóV, sotirípsE sodanracne, otsi é, sodanoisirpa me ossov oirótlodne onerret odamahc oproc e sodagerracne rop sueD arap sedriugesrep amu oãssim ed euq áj somed atnoc oa onarebos ziuuj, mifne, sodot, soviv e sotrom, somiugesrep o omsem ovitejbo: a oãçiefrep. É rop ossi euq siarit oa omsitiripsE odot retárac ocitsátnaf e larutanerbos arap o racoloc an medro ad iel larutan.

SetnA ed ritrap, amu amitlú oãçadnemocer: oã sov sieugitaf etnemadaisamed e, an arief-atrauq, iezaf amu aob ecerpt solep sotrom, adahnapmoca ed mu ota ed edadirac.

ÉtA everb.

Demos acima um curioso exemplo da escrita tiptológica inversa, da qual falamos no número de outubro último. Notar-se-á que não são apenas as palavras que são ditadas pelo avesso, mas os parágrafos inteiros; de sorte que é preciso começar pela última letra de cada parágrafo. Deixamos aos nossos leitores o cuidado da tradução.

Notas Bibliográficas

COMO E POR QUE ME TORNEI ESPÍRITA

Por J.-B. Borreau, de Niort²⁷

O autor conta como foi levado a crer na existência dos Espíritos, em suas manifestações e em sua intervenção nas coisas deste mundo, e isto muito tempo antes que se cogitasse do Espiritismo. Foi conduzido por uma série de acontecimentos, quando de maneira alguma pensava neles. Nas experiências que fazia com objetivo muito diverso, o mundo dos Espíritos se lhe apresentou pelo seu lado pior, é verdade, mas, enfim, apresentou-se como parte ativa. O Sr. Borreau o encontrou sem querer, absolutamente como os que, buscando a pedra filosofal, encontraram no fundo de suas retortas novos corpos que não procuravam, e que enriqueceram a Ciência, se não se enriqueceram eles próprios.

O relato detalhado e circunstanciado do Sr. Borreau é, ao mesmo tempo interessante, porque verdadeiro, e muito instrutivo pelos ensinamentos que ressaltam para quem quer que, não se detendo na superfície das coisas, busque as deduções e as conseqüências que podem ser tiradas dos fatos.

O Sr. Borreau é um grande magnetizador. Por si mesmo tinha constatado a força do agente magnético e a espantosa lucidez de certos sonâmbulos, que vêem a distância com tanta precisão quanto com os olhos, e cuja visão não é detida nem pela obscuridade, nem pelos corpos opacos. Para ele tais fenômenos tinham sido a prova palpável da existência, no homem, de um princípio inteligente independente da matéria. Seu desejo ardente era propagar esta Ciência nova; mas, desesperançado de vencer a incredulidade, teve a idéia de ferir as imaginações por um fato

27 Brochura in-8º Preço: 2 fr. — Niort: todas as livrarias; Paris: Didier & Cie, 35, quai des Augustins; Ledoyen, Palais-Royal.

retumbante, ante o qual poderiam cair todas as denegações e as mais obstinadas dúvidas.

Diz ele: desde que a visão dos sonâmbulos tudo penetra, pode penetrar as camadas terrestres. A descoberta ostensiva de algum tesouro enterrado seria um fato patente, que não deixaria de fazer muito ruído e impor silêncio aos zombadores, porque não se zomba diante de tesouros.

É a história de suas tentativas que os R. Borreau conta na sua brochura, tentativas penosas, perigosas, que muitas vezes lhe fizeram crer na vitória e que, após vinte anos, só levaram a decepções e mistificações. Um dos episódios mais comoventes é o da cena terrível que ocorreu, quando, fazendo escavações num campo da Vandéia, numa noite escura, ao pé de pedras druídicas, e em meio a sombrias giestas, no momento em que julgava tocar o objetivo, a sonâmbula, no paroxismo do êxtase e da superexcitação, caiu inanimada, como que fulminada por um raio, não dando mais sinal de vida e apresentando rigidez cadavérica. Julgaram-na morta e tiveram de a transportar, com muitas dificuldades, através de ravinas e rochas, numa noite escura. Só depois de várias léguas daí é que ela começou a voltar a si, sem ter consciência do que se havia passado. Este insucesso não desencorajou o perseverante pesquisador, a despeito de uma porção de outros incidentes, não menos dramáticos, que muitas vezes surgiam de permeio, como que para adverti-lo da inutilidade e do perigo de suas tentativas.

Foi durante o curso de suas experiências que a existência dos Espíritos lhe foi revelada de maneira patente, quer pela sonâmbula, que os via e conversava com eles, quer por mais de cinquenta casos de *escrita direta*, cuja origem não podia ser posta em dúvida. Esses Espíritos se apresentavam ora sob aspectos pavorosos, provocando na sonâmbula crises terríveis, que a força magnética do Sr. Borreau não conseguia acalmar, ora sob a aparência de Espíritos benevolentes que vinham encorajá-lo a

continuar suas pesquisas, sempre prometendo sucesso, mas cujo termo sempre retardavam. Persistir em tais condições, devemos dizê-lo, era representar um jogo muito perigoso e incorrer em grave responsabilidade. Acrescentemos que os Espíritos prescreviam muitas novenas, das quais o Sr. Borreau acabou por se cansar, achando que ficava muito caro, o que o levou a esta reflexão: as preces ditas por ele mesmo podiam ser igualmente eficazes e nada custariam.

Hoje, que o Espiritismo veio esclarecer todas essas questões, cada um dos parágrafos da brochura poderia dar lugar a um comentário instrutivo, mas dois números inteiros de nossa *Revista* não seriam suficientes. Talvez um dia empreendamos esse trabalho. Enquanto isto, qualquer pessoa versada no conhecimento dos princípios do Espiritismo poderá tirar suas próprias conclusões. Para tanto, remetemos o leitor ao capítulo XXVI de *O Livro dos Médiuns* e, notadamente, aos §§ 294 e 295, bem como às reflexões que acompanham o artigo sobre a sociedade alemã dos pesquisadores de tesouros, publicada na *Revista* de outubro de 1864.

Diz o Sr. Borreau que o seu único objetivo era vencer a incredulidade a respeito do magnetismo. Contudo, embora não tenha tido sucesso, o magnetismo e o sonambulismo não deixaram de fazer o seu caminho. A despeito da oposição sistemática de alguns cientistas, os fenômenos dessa ordem hoje passaram ao estado de fatos e são aceitos pela massa e por grande número de médicos; as curas magnéticas são admitidas até no mundo oficial; algumas pessoas, por espírito de oposição, ainda os contestam, mas já não riem, tanto é certo que o que é verdade mais cedo ou mais tarde deve triunfar.

O êxito das tentativas do Sr. Borreau não era, pois, necessário. Ele não atingiu o objetivo a que se propunha, porque um fato isolado não pode fazer lei, e aos incrédulos não teriam faltado razões para o atribuir a qualquer outra causa que não a

verdadeira. Dizemos mais: o êxito teria sido deplorável para o magnetismo.

Um princípio novo só se torna aceito pela multiplicidade dos fatos. Ora, a possibilidade para alguém descobrir um tesouro implicaria tal possibilidade para todo o mundo. Para melhor se convencer, cada um teria querido experimentar. Nada mais natural, pois teriam podido enriquecer tão fácil e tão prontamente! Os preguiçosos aí teriam achado o seu salário e os ladrões também, já que a lucidez não se deteria ante o direito de propriedade. A cupidez, já chegada ao estado de flagelo, não precisava desse novo estimulante. A Providência não o quis; mas como o magnetismo é uma lei da Natureza, triunfou pela força das coisas. Sua propagação se deve, sobretudo, à sua força curativa, o que denota um fim humanitário, e não egoísta, como o é necessariamente o atrativo do ganho. Os inúmeros fatos de cura, que se repetem em todos os pontos do globo, fizeram mais para acreditá-lo do que o teria feito a descoberta do maior tesouro, ou mesmo as mais curiosas experiências, já que todo o mundo pode aproveitar os seus benefícios, ao passo que não há tesouros para todos e a própria curiosidade se cansa. Jesus fez mais prosélitos curando doentes do que pelo milagre das bodas de Caná. Dá-se o mesmo com o Espiritismo: aqueles que ele traz a si pela consolação estão para os que recruta pela curiosidade na proporção de 100 para 1.

Essas tentativas, embora infrutíferas do ponto de vista material, deixaram de ter proveito para o Sr. Borreau? Eis o que ele mesmo diz a respeito:

“Todas essas reflexões de tal modo haviam ensombrado o meu Espírito, habitualmente tão alegre, que me tornei, durante o resto da viagem, triste, pensativo e injusto, a ponto de lamentar ter dado guarida, no pensamento, a essa idéia fixa que me tinha lançado em todas as tribulações desses caminhos

desconhecidos. Que ganhei com isto? perguntava-me com amargura. O conhecimento, é verdade, de um mundo que ignorava e a possibilidade de me pôr em contato com os seres que o compõem. Mas, depois de tudo, esse mundo, assim como o nosso, deve ter seus Espíritos bons e maus. Quem me dá a certeza de que, malgrado o interesse que parece nos trazer, e todas as suas belas e benevolentes palavras, aquele que parece ter-se imposto a nós só tenha boas intenções e o poder, como o diz, de nos conduzir ao brilhante êxito que sonhei e que, talvez, não me tenha inspirado senão para me seduzir e me induzir em erro?”

Então nada representa a constatação do mundo invisível, a coisa que interessa no mais alto grau o futuro da Humanidade inteira, pois toda ela deve chegar aí? Não é um imenso resultado a descoberta dessa pedra angular de todos os problemas, contra os quais a filosofia se tem chocado até hoje? Não é um insigne favor ter sido um dos primeiros chamados a esse conhecimento? Não é um grande serviço prestado à causa do magnetismo, involuntariamente é verdade, ter fornecido à sua custa uma nova prova, entre mil outras, da impossibilidade de ter êxito em semelhantes casos e de desviar os que fossem tentados a fazer tais ensaios e alimentar esperanças quiméricas? Foi a esse resultado que chegaram as laboriosas pesquisas do Sr. Borreau; se não encontrou um tesouro para esta vida, encontrou outro mil vezes mais precioso para a outra, porquanto, o que tivesse encontrado na Terra, forçosamente o deixaria, quando dela partisse, ao passo que levará consigo um tesouro imperecível. Está satisfeito com isto? Nós o ignoramos.

Seja como for, não podemos deixar de estabelecer um paralelo entre este fato e o velho da fábula, que disse aos seus três filhos que havia um tesouro oculto no campo que lhes deixava de herança. Então dois deles se puseram a cavar, cada um sua porção; mas nada de tesouro. O terceiro, mais sábio, lavrou a sua com cuidado, tão bem que ao cabo de um ano ela lhe rendeu muito. Daí a máxima: “Trabalhai, envidai esforços; o essencial é o que menos

falta.” O Espírito fez como o velho e, em nossa opinião, o Sr. Borreau encontrou o verdadeiro tesouro.

Nossa crítica em nada atinge a pessoa do Sr. Borreau, que conhecemos de longa data, e temos como digno de estima em todos os sentidos. Simplesmente quisemos mostrar a moralidade que ressalta de suas experiências, em proveito da Ciência e de cada um em particular. Desse ponto de vista, sua brochura é eminentemente instrutiva e, ao mesmo tempo, interessante, pelos notáveis fenômenos que constata. Daí por que a recomendamos aos nossos leitores.

O MUNDO MUSICAL

Jornal Popular e Internacional de Belas-Artes e de Literatura

Tal é o título de um novo jornal que se publica em Bruxelas, no formato dos grandes jornais, sob a direção dos Srs. Malibran e Roselli, nomes que são, ao mesmo tempo, um programa e uma recomendação para a especialidade dessa folha. Não é como órgão das artes que vamos apreciá-lo; deixamos este ponto a outros mais competentes que nós e que o julgam à altura de seu título. Com efeito, não poderia ser confundido com essas folhas levianas que, sob a insígnia da literatura, dão a seus leitores mais facécias que fundo e, muitas vezes, mais espaços em branco que texto. O *Mundo Musical* é um jornal sério, onde todas as questões de seu programa são tratadas de maneira substancial e por mãos hábeis. Esta consideração é importante para nós.

Esse jornal é um primeiro passo da imprensa independente no caminho do Espiritismo. Sem se apresentar como órgão e como propagador da doutrina fez este raciocínio judicioso:

“Verdadeiro ou falso, o Espiritismo ocupou um lugar entre os fatos da atualidade que preocupam a opinião. As tempestades que provoca num certo mundo mostram que não é sem importância; sua propagação, malgrado os ataques do clero,

prova que não é um fogo de palha; pelo número de seus aderentes, já se torna uma potência, com a qual, cedo ou tarde, se há de contar. Se for um erro, cairá por si mesmo; se for uma verdade, é inevitavelmente uma revolução nas idéias e nada se lhe poderia opor. Numa e noutra destas duas alternativas, devemos, a título de informação, pôr os nossos leitores ao corrente do estado da questão. Em nossa opinião, falar disto ou de outra coisa seria melhor do que divulgar a crônica escandalosa dos bastidores e dos salões.

“Para pôr nossos leitores em condições de julgar com conhecimento de causa, tomamos a maioria de nossas citações dos escritos que fazem fé entre os adeptos desta doutrina; mas, como não devemos nem queremos forçar a opinião de ninguém, nem a favor, nem contra, admitimos a controvérsia, desde que não se afaste dos limites de uma discussão proveitosa e honesta. Mantendo-nos no terreno da imparcialidade, cada um é livre em suas convicções. As opiniões favoráveis ou contrárias, que venham a ser formuladas em certos artigos, devem ser consideradas como opiniões pessoais dos seus respectivos autores e em nada comprometem a responsabilidade do jornal.”

Tal é o resumo do programa que nos foi apresentado e que só podemos aplaudir. Seria desejável que este exemplo tivesse imitadores na imprensa; o que censuramos nesta não é a discussão dos nossos princípios, mas a crítica cega e sistematicamente malévola, que deles fala sem os conhecer e os desnatura de maneira pouco leal. Os jornais que entrarem francamente nesta via, longe de com isto perder, só poderão ganhar materialmente, porque os espíritas hoje formam uma massa de leitores cada vez mais preponderante, e cuja simpatia irá naturalmente para o seu lado.

Sob esse aspecto, o *Mundo Musical* merece seu encorajamento.

Nota – O *Mundo Musical* aparece aos domingos, desde o dia 1^o de outubro de 1864. Preço da assinatura: 4 francos por ano para a Bélgica; 10

francos para a França. Pode-se assiná-lo a partir do dia 1^o de cada mês: em *Bruxelas*, no escritório do jornal, rue de l'Écuyer, 18; em Paris, na agência do jornal, rue de Buffaut, 9.

Uma sociedade foi formada para a exploração desse jornal, com capital de 60.000 francos, divididos em 2.400 ações de 25 fr. cada uma.

AUTO-DE-FÉ DE BARCELONA

Fotografia de um desenho do local, representando a cerimônia do auto-de-fé dos livros espíritas em Barcelona, com resumo da ata escrita pelo Sr. Allan Kardec.

Preço: 1 fr. 25 c., *franco* para a França e Argélia; porte e embalagem 1 fr. 50 c.

No escritório da *Revista Espírita*.

Comunicação Espírita

A PROPÓSITO DA IMITAÇÃO DO EVANGELHO

(Bordeaux, maio de 1864. Grupo de São João – Médiun: Sr. Rul.)

Acaba de aparecer um novo livro; é uma luz mais brilhante que vem clarear a vossa marcha. Há dezoito séculos, por ordem de meu Pai, vim trazer a palavra de Deus aos homens de boa vontade. Esta palavra foi esquecida pela maioria dos homens, e a incredulidade, o materialismo vieram abafar o bom grão que eu tinha depositado em vossa Terra. Hoje, por ordem do *Eterno*, os Espíritos bons, seus mensageiros, vêm a todos os pontos do globo fazer ouvir a trombeta retumbante. Escutai suas vozes; são destinadas a vos mostrar o caminho que conduz aos pés do Pai celestial. Sede dóceis aos seus ensinamentos; os tempos preditos são chegados; todas as profecias serão cumpridas.

Pelos frutos se conhece a árvore. Vede quais são os frutos do Espiritismo: casais onde a discórdia tinha substituído a harmonia voltaram à paz e à felicidade; homens que sucumbiam ao peso de suas aflições, despertados pelos acordes melodiosos das vozes de além-túmulo, compreenderam que seguiam o caminho errado e, envergonhados de suas fraquezas, arrependeram-se e pediram força ao Senhor para suportarem as suas provações.

Provações e expiações, eis a condição do homem na Terra. Expição do passado, provações para o fortalecer contra a tentação, para desenvolver o Espírito pela atividade da luta, habituá-lo a dominar a matéria e prepará-lo para as alegrias puras que o esperam no mundo dos Espíritos.

Há muitas moradas na casa de meu Pai, disse-lhes eu há dezoito séculos. O Espiritismo veio tornar compreensíveis estas palavras. E vós, meus bem-amados, trabalhadores que suportais o calor do dia, que credes ter de vos lamentar da injustiça da sorte, abençoai vossos sofrimentos; agradecei a Deus, que vos dá meios de quitar as dívidas do passado. Orai, não com os lábios, mas com o coração melhorado, a fim de que possais ocupar melhor lugar na casa de meu Pai. Como sabeis, os grandes serão humilhados, mas os pequenos e os humildes serão exaltados.

O Espírito de Verdade

Observação – Sabe-se que não levamos em consideração o nome dos seres que se comunicam, sobretudo os que se apresentam sob nomes venerandos. Não garantimos mais esta assinatura do que muitas outras, limitando-nos a entregar esta comunicação à apreciação de todo espírito esclarecido. Diremos, contudo, que não se pode negar a elevação do pensamento, a nobreza e a simplicidade das expressões, a sobriedade da linguagem e a ausência de toda superfluidade. Se se compara às que são dadas na *Imitação do Evangelho* (prefácio e capítulo III: *O Cristo Consolador*), e que levam a mesma assinatura, embora obtidas por médiuns diferentes e em épocas diversas, nota-se entre elas uma

analogia impressionante de tom, de estilo e de pensamentos, que acusam uma origem única. Para nós, dizemos que *pode ser* do *Espírito de Verdade*, porque é digna dele, enquanto temos visto massas assinadas por este nome venerado ou o de Jesus, cuja prolixidade, verbosidade, vulgaridade, por vezes mesmo a trivialidade das idéias, traem a origem apócrifa aos olhos dos menos clarividentes. Só uma *fascinação* completa pode explicar a cegueira dos que se deixam apanhar, quando não, também, o orgulho de julgar-se infalível e intérprete privilegiado dos Espíritos puros, orgulho sempre punido, mais cedo ou mais tarde, pelas decepções, mistificações ridículas e por desgraças reais nesta vida. À vista desses nomes venerados, o primeiro sentimento do médium modesto é o da dúvida, porque não se julga digno de tal favor.

Subscrição em Favor dos Queimados de Limoges

Conforme anunciamos no último número da *Revista*, esta subscrição encerrou-se em 1^o de dezembro. O montante alcançou 255 francos.

Faremos notar que a Sociedade se achava em férias no momento do desastre, razão por que a subscrição só pôde ser aberta na reabertura de seus trabalhos e anunciada na *Revista* do mês de outubro. Nessa época, cada um já se tinha apressado em deitar suas ofertas nos vários centros de subscrição, o que explica a modicidade da cifra obtida que, para a subscrição ruanesa, se havia elevado a 2833 francos. Como a quase totalidade dos subscritores guardou o anonimato, não publicamos lista nominativa. A despeito disto, mencionaremos a que inscreveu 50 fr. sob o título de *Produto da jornada de um fotógrafo de província*, com recomendação de silenciar até o nome da cidade. A subscrição será entregue em nome da *Sociedade Espírita de Paris*.

Allan Kardec



Nota Explicativa²⁸

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da

28 Nota da Editora: Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

Revista Espírita (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo metuculoso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonía de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga,

pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza

constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chegar-se à conseqüência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por

consequente, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores Europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

Contém:

O relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., bem como todas as notícias relativas ao Espiritismo. – O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e o seu futuro. – A história do Espiritismo na Antigüidade; suas relações com o magnetismo e com o sonambulismo; a explicação das lendas e das crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

Publicada sob a direção
de
ALLAN KARDEC

*Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.*

ANO OITAVO – 1865

TRADUÇÃO DE EVANDRO NOLETO BEZERRA



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA



Sumário

OITAVO VOLUME – ANO DE 1865

JANEIRO

Aos Assinantes da *Revista Espírita* **13**

Vista de Olhos sobre o Espiritismo em 1864 **14**

Nova Cura de uma Jovem Obsedada de Marmande **18**

Evocação de um Surdo-Mudo Encarnado **38**

Variedades:

O perispírito descrito em 1805 **41**

Um novo ovo de Saumur **42**

Notas Bibliográficas:

Pluralidade das existências da alma **44**

O médium evangélico **47**

Alfabeto espírita **49**

Instruções dos Espíritos – Sociedade Espírita de Antuérpia **50**

FEVEREIRO

Temor da Morte	55
Perpetuidade do Espiritismo	61
Espíritos Instrutores da Infância – Criança afetada de mutismo	66
Mediunidade na Infância	69
Questões e Problemas – Obras-primas por via mediúnica	71
O Ramanenjana	78
Poesia Espírita – Inspiração de um ex-incrédulo a propósito de <i>O Livro dos Espíritos</i>	86
Discurso de Victor Hugo junto ao Túmulo de uma Jovem	88
Notas Bibliográficas:	
<i>La Luce</i> – Jornal do Espiritismo em Bolonha (Itália)	93
<i>O Mundo Musical</i> – Jornal da Literatura e das Belas-Artes	95

MARÇO

Onde é o Céu?	97
Necrológio:	
<i>Sra. viúva Foulon</i>	108
<i>O Doutor Demeure</i>	118
O Processo Hillaire	122
Notas Bibliográficas – <i>Um anjo do Céu na Terra</i>	133

ABRIL

- Destruição dos Seres Vivos uns pelos Outros **137**
Um Sermão sobre o Progresso **140**
Extrato de um *Journal de Saint-Jean d'Angely* **144**
Correspondência de Além-Túmulo **150**
Poder Curativo do Magnetismo Espiritual – Espírito
Doutor Demeure **157**
Conversas Familiares de Além-Túmulo – Pierre Legay,
dito Grand-Pierrot (cont.) **162**
Manifestações Espontâneas de Marselha **168**
Poesias Espíritas – O Espiritismo **171**
Enterro Espírita **174**
Notas Bibliográficas:
Confusão no império de Satã **177**
Eco de além-túmulo (Jornal Espírita de Marselha) **177**
Concordância da fé e da razão **177**

MAIO

- Questões e Problemas – Manifestação do
Espírito dos animais **179**
Considerações sobre os Ruídos de Poitiers – Extraídas do
Journal de la Vienne **185**
Conversas de Além-Túmulo – O *Doutor Vignal* **190**

Correspondência – Cartas do Sr. Salgues, de Angers	194
Manifestações Diversas – Curas – Chuvas de Bombons – Carta do Sr. Delanne	197
Variedades – <i>O tabaco e a loucura</i>	202
Dissertações Espíritas:	
<i>Idéias preconcebidas</i>	205
<i>Deus não se vinga</i>	207
<i>A verdade</i>	209
<i>Estudo sobre a mediunidade</i>	211
<i>Progresso intelectual</i>	214
<i>Da seriedade nas reuniões</i>	216
<i>Imigração dos Espíritos Superiores na Terra</i>	217
<i>Sobre as criações fluídicas</i>	219

JUNHO

Relatório da Caixa do Espiritismo – Apresentado pelo Sr. Allan Kardec à Sociedade Espírita de Paris	221
O Espiritismo de Alto a Baixo da Escala	231
Os Espíritos na Espanha – Cura de uma obsedada em Barcelona	235
Os Dois Espiões	244
Nova Tática dos Adversários do Espiritismo	254
Variedades – <i>Carta de Dante ao Sr. Thiers</i>	260

JULHO

- Ária e Letra do Rei Henrique III **263**
- Gontran, Vencedor das Corridas de Chantilly **275**
- Teoria dos Sonhos **281**
- Questões e Problemas:
- Cura moral dos encarnados* **285**
- Sobre a morte dos espíritas* **288**
- Estudos Morais – *A comuna de Koenigsfeld, mundo futuro em miniatura* **290**
- Variedades – *Manifestações espontâneas diversas* **293**
- Dissertações Espíritas – *O cardeal Wiseman* **296**
- Notas Bibliográficas:
- O que é o Espiritismo?* **300**
- O Céu e o Inferno* **301**
- A Vida de Germaine Cousin* **301**
- União Espírita Bordelense* **302**
- Ária e letra do rei Henrique III* **302**

AGOSTO

- O que Ensina o Espiritismo **303**
- Abade Dégenettes, Médiun **311**
- Manifestações de Fives, perto de Lille (Norte) **318**
- Problema Psicológico – *Dois irmãos idiotas* **322**
- Variedades – *Epitáfio de Benjamim Franklin* **326**

Notas Bibliográficas – *O Manual de Xéfolius* **327**

Dissertações Espíritas:

A chave do céu **336**

A fé **341**

SETEMBRO

Mediunidade Curadora **343**

Cura de uma Fratura pela Magnetização Espiritual **352**

Alucinação nos Animais nos Sintomas da Raiva **359**

Uma Explicação – *A propósito da revelação do Sr. Bach* **367**

Um Egoísta – *Estudo espírita moral* **374**

Notas Bibliográficas:

O Céu e o Inferno **377**

Conversas Familiares sobre o Espiritismo:

Pela Sra. Émilie Collignon (de Bordeaux) **382**

OUTUBRO

Novos Estudos sobre os Espelhos Mágicos ou Psíquicos **383**

Partida de um Adversário do Espiritismo para o
Mundo dos Espíritos **394**

Os Irmãos Davenport **411**

Exéquias de um Espírita **425**

Variedades – *Vossos filhos e vossas filhas profetizarão* **427**

NOVEMBRO

- A Sociedade Espírita de Paris aos Espíritas da França
e do Estrangeiro **431**
- Alocução – na Reabertura das Sessões da
Sociedade de Paris **432**
- Crítica a Propósito dos Irmãos Davenport (2º art.) **438**
- Poesia Espírita – *Um fenômeno* (fábula) **441**
- O Espiritismo no Brasil – Extraído do *Diário da Bahia* **442**
- O Espiritismo e a Cólera **444**
- Um Novo Nabucodonosor **453**
- O Patriarca José e o Vidente de Zimmerwald **463**
- Dissertações Espíritas – O repouso eterno **467**
- Notas Bibliográficas:
- O Evangelho segundo o Espiritismo* (3ª edição) **469**
- A “Gazette du Midi” perante o Espiritismo* **470**

DEZEMBRO

- Abri-me! – Apelo de Cárita **471**
- Subscrição em Benefício dos Pobres de Lyon e das
Vítimas da Cólera **474**
- Romances Espíritas – “*Espírita*”, por Théophile
Gautier e “*A Dupla Vista*”, por Élie Berthet **474**
- Modo de Protesto de um Espírita contra os
Ataques de certos Jornais **482**

Como o Espiritismo vem sem ser Procurado – Jovem
camponesa, médium inconsciente **486**

Um Camponês Filósofo **489**

Espíritos de Dois Sábios Incrédulos a seus Antigos
Amigos da Terra **497**

Dissertações Espíritas – *Estado social da mulher* **506**

Nota Explicativa **513**

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

JANEIRO DE 1865

Nº 1

Aos Assinantes da *Revista Espírita*

A *Revista Espírita* dá início ao seu oitavo ano. Já é um período bastante longo quando se trata de idéia nova e, ao mesmo tempo, um desmentido aos que prediziam a morte prematura do Espiritismo. Como nos anos anteriores, a época de renovação de assinaturas é, para a maioria dos leitores que se dirigem diretamente a nós, a ocasião para reiterarem a expressão de seu reconhecimento pelos benefícios da doutrina. Não podendo responder a cada um em particular, pedimos-lhes aceitem aqui nossos sinceros agradecimentos pelos testemunhos de simpatia que houveram por bem nos dar nesta circunstância. Se a doutrina faz bem, se consola os aflitos, se fortalece os fracos e levanta a coragem abatida, é a Deus, em primeiro lugar, que se deve agradecer, antes que ao seu servidor, e, depois, aos grandes Espíritos, que são os verdadeiros iniciadores da idéia e os diretores do movimento. Nem por isto nos sentimos menos tocados, e profundamente, pelos votos que nos são dirigidos, para que a força de ir até o fim de nossa tarefa nos seja conservada. É o que nos esforçamos por merecer por nosso zelo e devotamento, que não faltarão, a fim de remeter a obra, tão adiantada quanto possível, às mãos daquele que nos deve um dia substituir, e executar com maior força o que ficar inacabado.

Vista de Olhos sobre o Espiritismo em 1864

O Espiritismo progrediu ou perdeu força? Esta questão interessa tanto aos seus partidários, quanto aos adversários. Os primeiros afirmam que cresceu; os outros, que declina. Quais os que se iludem? Nem uns, nem outros; porque os que proclamam sua decadência sabem muito bem por que assim agem, e o provam a cada instante pelos temores que manifestam e a importância que lhe concedem. Alguns, entretanto, agem de boa-fé; têm em si tal confiança que, por terem feito uma grande jogada, dizem com ar sério: O Espiritismo está morto! ou, melhor: Deve estar morto!

Os espíritas apoiam-se em dados mais positivos, em fatos que eles próprios podem constatar. Por nossa posição, podemos julgar ainda melhor o movimento do conjunto e nos sentimos felizes em afirmar que a doutrina ganha terreno incessantemente em todas as classes da sociedade, e que o ano de 1864 não foi menos fecundo que os outros em bons resultados. Em falta de outros indícios, nossa *Revista* já seria uma prova material do estado da opinião a respeito das idéias novas. Um jornal especial que chega ao seu oitavo ano de existência e que, a cada ano, vê aumentar o número de seus assinantes em notável proporção; que, desde a sua fundação, viu três vezes esgotadas as coleções dos anos anteriores, não prova a decadência da doutrina que sustenta, nem a indiferença de seus adeptos. Até o mês de dezembro recebeu novas assinaturas para o ano findo, e o número de inscritos em 1º de janeiro de 1865 já é um quinto mais considerável do que era na mesma época do ano anterior.

Isto é um fato material, por certo não categórico para os estranhos, mas que, para nós, é tanto mais significativo porque não solicitamos assinaturas a ninguém, e não as impomos como condição em nenhuma circunstância. Não há, pois, *nenhuma* que

seja forçada, ou resulte de uma condescendência particular. Além disso, não bajulamos ninguém para obter sua adesão à nossa causa; deixamos que as coisas sigam o seu curso natural, dizendo-nos que se nossa maneira de ver e fazer não for boa, nada poderia fazê-la prevalecer. Sabemos perfeitamente que, por não havermos incensado certos indivíduos, os afastamos de nós e eles se voltaram para o lado donde vinha o incenso. Mas, que nos importa! Para nós, as pessoas sérias são mais úteis à causa, e não olhamos como sérios aqueles que são atraídos pela isca do amor-próprio, como mais de um a experimentou. Não os queremos; lamentamos que tenham dado mais valor à fumaça das palavras que à sinceridade. Temos consciência de que, em toda a nossa vida, jamais devemos algo à adulação ou à intriga. Por isso não fizemos fortuna, e não é com o Espiritismo que iríamos começá-la.

Louvamos com felicidade os fatos realizados, os serviços prestados, mas jamais, por antecipação, os serviços que podem ser prestados, ou mesmo que se prometem prestar: inicialmente, por princípio e, depois, porque só temos uma confiança medíocre no valor real do comércio sacado do orgulho. Eis por que jamais negociamos. Quando deixamos de aprovar, não censuramos; guardamos silêncio, a menos que o interesse da causa nos force a rompê-lo.

Aqueles, pois, que vêm a nós o fazem livre e voluntariamente, atraídos apenas pela idéia que lhes convém, e não por uma solicitação qualquer, ou por nosso mérito pessoal, que é questão secundária, considerando-se que, fosse qual fosse esse mérito, não poderia dar valor a uma idéia que não o tivesse. Por isto dizemos que os testemunhos que recebemos se dirigem à idéia, e não à nossa pessoa, e seria tola presunção de nossa parte se disso nos envaidecêssemos. Do ponto de vista da doutrina, esses testemunhos nos vêm, em sua maior parte, de pessoas que jamais vimos, muitas vezes a quem jamais escrevemos e a quem, por certo, jamais seríamos o primeiro a escrever. Eis por que, afastada toda

idéia de cooptação ou de camarilha, dizemos que a situação da *Revista* tem uma significação particular, como indício do progresso do Espiritismo, e foi só por isto que dela falamos.

Além disso, o ano viu nascerem vários órgãos da idéia: O *Sauveur des peuples*, a *Lumière*, a *Voix d'outre-tombe*, em Bordeaux; o *Avenir*, em Paris; o *Médium évangelique*, em Toulouse; o *Monde musical*, em Bruxelas, que, sem ser um jornal especial, trata a questão do Espiritismo com seriedade. Com toda certeza, se os fundadores de tais publicações tivessem crido a idéia em declínio, não se teriam aventurado em semelhantes empreitadas.

Em 1864 o progresso ainda está marcado pelo aumento do número de grupos e sociedades espíritas, que se formaram numa porção de localidades onde não os havia, tanto na França como no estrangeiro. A cada instante recebemos o aviso da criação de um novo centro. Esse número é ainda muito maior do que parece, pela quantidade de reuniões íntimas e de família, sem qualquer caráter oficial. Contra essas reuniões, os rigores de uma oposição sistemática se mostram impotentes, mesmo que fossem inquisitoriais, como na Espanha, onde, no entanto, elas existem em mais de trinta cidades e em casa de pessoas das classes mais elevadas.

Ao lado desses indícios materiais, há o que se revela pelas relações sociais. Hoje é raro encontrar gente que não conheça o Espiritismo, pelo menos de nome e, quase por toda parte, encontram-se os que lhe são simpáticos. Mesmo os que nele não crêem falam com mais reserva, podendo cada um constatar quanto diminuiu o espírito zombeteiro, que dá lugar, geralmente, a uma discussão mais racional. Exceto alguns gracejos da imprensa e alguns sermões mais ou menos acerbos, os ataques violentos e apaixonados são incontestavelmente mais raros. É que os próprios negadores, ao repelirem a idéia, sofrem, mau grado seu, o seu ascendente e começam a compreender que ela conquistou seu lugar

na opinião; a maioria, aliás, encontra seus adeptos em suas fileiras e entre seus amigos, que podem zombar na intimidade, mas que não ousam injuriar publicamente. Ademais, cada um notou sob quantas formas a maior parte das idéias espíritas são hoje reproduzidas na literatura, de maneira séria, sem que a palavra seja pronunciada. Nunca se tinham visto tantas produções desse gênero como nestes últimos tempos. Quer seja convicção ou fantasia da parte dos escritores, não deixa de ser um sinal da vulgarização da idéia, porquanto, se a exploram, é com o pensamento de que ela encontrará eco.

Entretanto, o progresso está longe de ser uniforme. Em certas localidades ainda é mantido em xeque pelos preconceitos ou por uma força oculta, mas muitas vezes aparece quando menos se espera. É que, em muitos lugares, há mais partidários do que se pensa, mas que não se põem em evidência; tem-se a prova disto pela venda das obras, que ultrapassa de muito o número dos espíritas conhecidos. Basta, então, que uma pessoa tenha a coragem da opinião para que o progresso, de latente, se torne ostensivo. Deve ter sido assim em Paris que, por muito tempo, ficou na retaguarda de algumas cidades de província. Desde dois anos atrás, mas, sobretudo, há um ano, o Espiritismo aqui se desenvolveu com surpreendente rapidez. Hoje os grupos declarados são numerosos e as reuniões privadas inumeráveis. Certamente não há exagero em avaliar-se o número dos aderentes em cem mil, de alto a baixo da escala.

Em resumo, é incontestável o progresso durante o ano que acaba de findar-se, se considerarmos o conjunto e não as localidades isoladamente. Embora não se tenha manifestado por nenhum sinal retumbante, nem por qualquer acontecimento excepcional, é evidente que a idéia se infiltra cada vez mais no espírito das massas e sempre com mais força. Contudo, não se deve concluir que o período de luta haja terminado. Não; nossos adversários não se dão por vencidos tão facilmente. Assestam

novas baterias no silêncio, razão por que nos devemos manter em guarda. Sobre isto diremos algumas palavras num próximo artigo.

Nova Cura de uma Jovem Obsedada de Marmande

Transmite-nos o Sr. Dombre o relato seguinte de uma nova cura das mais notáveis, obtida pelo círculo espírita de Marmande. Malgrado sua extensão, julgamos dever publicá-lo de uma só vez, em razão do alto interesse que ele apresenta e para que se possa melhor captar o encadeamento dos fatos. Pensamos que os leitores não terão motivos para se queixarem de nós. Suprimimos apenas alguns detalhes que não nos pareceram de importância capital. Os ensinamentos decorrentes são numerosos e sérios e lançam nova luz sobre essa questão de atualidade e sobre esses fenômenos, que tendem a multiplicar-se. Considerando-se a extensão do artigo, adiamos as considerações para o próximo número, a fim de lhes dar os desenvolvimentos necessários.

Senhor Allan Kardec,

É com uma força nova e uma confiança em Deus, corroborada pelos fatos que, entusiasmando-me sem me assombrar, venho fazer-vos o relato de uma cura de obsessão, notável sob vários aspectos. Oh! bem cego é quem nisto não veja o dedo de Deus! Todos os princípios da sublime doutrina do Espiritismo aí se acham confirmados: a individualidade da alma, a intervenção dos Espíritos no mundo corporal, a expiação, o castigo e a reencarnação são demonstrados de maneira surpreendente nos fatos com que vos vou entreter. Como já vos exprimi, lamento ser obrigado a vos falar de mim, do papel que me coube nesta circunstância, como instrumento de que Deus se dignou servir-se para ferir os olhos. Deveria passar em silêncio os fatos relacionados comigo? Julguei que não. Estais encarregado de controlar, estudar,

analisar os fatos e espalhar a luz: os mínimos detalhes devem, pois, ser levados ao vosso conhecimento. Deus, que lê no fundo dos corações, sabe que não fui movido pela vã satisfação do amor-próprio; aliás, não ignoro que aquele que, por privilégio é chamado a fazer qualquer bem, logo é reduzido à impotência se, por algum instante, desconhece a intervenção divina: feliz mesmo se não for castigado!

Vamos ao relato dos fatos.

Desde os primeiros dias de setembro de 1864, não se falava, em certo bairro da cidade, senão das crises convulsivas experimentadas por uma moça, Valentine Laurent, de treze anos. Essas crises, que se repetiam várias vezes por dia, eram de tal violência que cinco homens, que a continham pela cabeça, pelos braços e pelas pernas, tinham dificuldade de mantê-la em seu leito. Ela encontrava bastante força para os agitar e, algumas vezes, até a se desprender de suas mãos. As mãos, então, se agarravam a tudo; camisas, vestidos, cobertas da cama eram rasgadas prontamente; os dentes desempenhavam um papel muito ativo em seus furores, apavorando com razão as pessoas que a cercavam. Se não a tivessem contido, ela teria partido a cabeça na parede e, malgrado os esforços e as precauções, não ficou isenta de cortes e contusões.

Não lhe faltaram os recursos da arte. Quatro médicos a viram sucessivamente; porções de éter, pílulas, medicamentos de toda natureza: ela tomava tudo sem repugnância; as sanguessugas atrás das orelhas, os vesicatórios nas coxas também não foram poupados, mas sem sucesso. Durante as crises, o pulso era perfeitamente regular; depois das crises, nem a menor lembrança dos sofrimentos, das convulsões, mas muito espanto ao ver a casa cheia de gente e seu leito cercado de homens ofegantes, alguns dos quais lamentavam uma camisa ou um colete rasgado.

O cura de X..., paróquia situada a dois ou três quilômetros de Marmande, gozando na região, entre certas pessoas,

de uma celebridade recente, como curador de toda espécie de males, foi consultado pelo pai da jovem. O cura, sem dar explicações sobre a natureza do mal, lhe deu *gratuitamente* um pouco de pó branco para a doente tomar; em seguida, ofereceu-se para rezar uma missa Mas, ah! nem o pó, nem a missa preservaram a jovem Valentine de quatorze crises no dia seguinte, o que jamais lhe havia acontecido.

Tanto insucesso nos cuidados de toda sorte necessariamente deveriam ter originado, no espírito do vulgo, idéias supersticiosas. Com efeito, as comadres falavam alto de malefícios e sortilégios lançados sobre a moça.

Durante esse tempo e no silêncio da intimidade, consultamos nossos guias espirituais sobre a natureza dessa moléstia. Eis o que nos responderam:

“É uma obsessão das mais graves, cujo caráter mudará muitas vezes de fisionomia. Agi friamente, com calma; observai, estudai e chamaí Germaine.”

A esta primeira evocação, este Espírito não poupou injúrias e mostrou grande repugnância em responder às nossas interpelações. Até então, nenhum de nós tinha entrado na casa da doente e, antes de intervir, queríamos deixar a família esgotar todos os meios que a sua solicitude podia inspirar. Só quando a impotência da Ciência e da Igreja foi constatada é que exortamos o pai desesperado a vir assistir à nossa reunião para saber a verdadeira causa do mal de sua filha, e o remédio moral a lhe oferecer. Essa primeira sessão ocorreu em 16 de setembro de 1864. Antes da evocação de Germaine, nossos guias nos deram a seguinte instrução:

“Procedei com muito cuidado, muita observação e muito zelo. Tratareis com um Espírito mistificador, que alia a astúcia e a habilidade hipócrita a um caráter muito mal. Não cesseis

de estudar, de trabalhar pela moralização desse Espírito e de orar com essa finalidade. Recomendai aos pais que, em presença da filha, evitem qualquer manifestação de temor por seu estado; ao contrário, eles devem fazê-la consagrar-se às suas ocupações habituais e, sobretudo, não serem ásperos para com ela. Que lhe digam, principalmente, que não há feiticeiros: isto é muito importante. O cérebro jovem e maleável recebe as impressões com muita facilidade e seu moral poderia sofrer com isto; que não a deixem entreter-se com pessoas susceptíveis de lhe contar histórias absurdas, que dão às crianças idéias falsas e, por vezes, perniciosas. Que os próprios pais se tranqüilizem: a prece sincera é o único remédio que deve libertar a garota.

Nós vo-lo dissemos, espíritas, o Espírito Germaine tem habilidade; ele arranjará sempre crenças ridículas, rumores que circulem em volta da mocinha; procurará dar-vos o troco. Tirai partido do caso: a obsessão apresentar-se-á sob novas fases. Ficai advertidos; pensai que deveis trabalhar com perseverança e seguir com inteligência os mínimos detalhes que vos porão no rastro das manobras do Espírito. Não vos fieis na calma. Se as crises são os efeitos mais chocantes nas obsessões, há outras conseqüências muito mais perigosas. Desconfiai do idiotismo e da infantilidade num obsedado que, como neste caso, não sofre fisicamente. As obsessões são tanto mais perigosas quanto mais ocultas; muitas vezes são puramente morais. Este não raciocina, aquele perde a lembrança do que disse, do que fez. Entretanto, não se deve julgar muito precipitadamente e tudo atribuir à obsessão. Repito: estudai, discerni, trabalhai seriamente; não espereis tudo de nós; ajudar-vos-emos, pois trabalhamos em acordo, mas não repouseis, crendo que tudo vos será revelado.”

Evocação de Germaine – Eis-me aqui.

P. – Tendes algo a nos dizer, em continuação à nossa última conversa?

Resp. – Não, nada, senhores.

P. – Sabeis que nos tratastes com muita aspereza?

Resp. – Também me falais muito mal.

P. – Nós vos demos conselhos. Refletistes neles?

Resp. – Sim, muito, juro. Minhas reflexões foram sensatas. Admito que eu estava louca; delirava, mas eis-me calma.

P. – Muito bem! Quereis dizer-nos por que torturais essa menina?

Resp. – Inútil voltar ao assunto; seria muito longo para vos contar. Imagino que isto aqui não seja um tribunal; que não serei obrigada a me sentar no banco dos réus e responder ao questionário.

P. – Não, absolutamente; estais completamente livre; é o interesse que nos leva, por vós e pela menina, a perguntar por que motivo sério ou por que capricho vos entregais a esses ataques.

Resp. – Dizeis capricho? Ah! deveríeis desejar que não passasse de um capricho; porque, sabeis, o capricho é instável e acaba.

P. – Estais realmente calma?

Resp. – Bem o vedes.

P. – Sim, em aparência; mas não disfarçais os vossos sentimentos?

Resp. – Não venho vos estender armadilhas, pois não preciso disto.

P. – Quereis afirmá-lo perante os Espíritos que nos cercam...?

Resp. – Não ponhamos outras pessoas entre nós. Se devemos conversar ou tratar de algo, que seja de vós para mim. Não gosto da intervenção de terceiros.

P. – Muito bem! acreditamos em vossa boa-fé, e...

Resp. – É por isto que deveríeis vos contentar com esta garantia. Aliás, eu vos obriguei a me acreditar, se fizerdes resistência; não me faltarão provas para vos convencer de minha sinceridade.

Germaine

Ao ouvir o nome de *Germaine*, o pai da obsedada exclamou, estupefato: *Oh! é engraçado!* E, ao se retirar, repetia várias vezes: *É engraçado!*

(Isto será explicado mais tarde).

No dia seguinte, 17 de setembro, dirigi-me pela primeira vez à casa daquela família, com o desejo de ser testemunha de um ataque do Espírito. Fui servido na medida do possível. Valentine estava em crise; entrei com as pessoas do quarteirão, que se precipitavam na casa.

Estendida no leito, vi uma jovem magnífica, robusta para a sua idade, e contida por oito ou dez braços vigorosos, como descrevi acima. Só a cabeça estava livre, agitando-se e açoitando o ar, em todos os sentidos, com sua cabeleira solta. A boca entreaberta deixava ver duas fileiras de dentes brancos e, sobretudo, ameaçadores. O olhar estava completamente perdido, e as duas pupilas, das quais só se viam os bordos, estavam alojadas no ângulo do lado do nariz. Acrescente-se a isto uma espécie de grito selvagem, e imaginai o quadro.

Observei um instante a força das sacudidas e, inclinando-me sobre o rosto da mocinha, pus a mão direita sobre sua fronte e a esquerda sobre o peito; cessaram imediatamente os movimentos e os esforços convulsivos e a cabeça pousou, calma, sobre o travesseiro. Dirigi os dedos da mão direita à boca, que se entreabriu e logo um sorriso se esboçou em seus lábios; as duas

grandes pupilas negras retomaram seu lugar no meio do olho; àquela figura satânica sucedeu o mais gracioso semblante. A jovem manifestou seu espanto ao ver tanta gente à sua volta, dizendo que não estava doente; eram sempre suas primeiras palavras depois das crises. Elevei minha alma a Deus e senti sob as pálpebras duas lágrimas de entusiasmo e reconhecimento.

Isto acabava de se passar na manhã do dia 17. Como as crises se sucedessem com mais freqüência à tarde, por volta das cinco horas, voltei; os ataques, porém, tinham ocorrido antes da hora habitual e já haviam terminado. Às sete horas retornei à minha casa para jantar. Mal cheguei, vieram avisar-me que a menina estava numa crise terrível. Fui para lá imediatamente. Depois de segurar com uma mão os dois braços dela, perto dos punhos, disse aos homens que a seguravam: Soltai-a. Depois, com a outra mão sobre o seu peito, viram que se acalmava de repente; a seguir, levando a mão ao seu rosto, fiz lhe voltasse o sorriso e seus olhos retomaram o estado normal. Havia-se produzido o mesmo efeito da manhã. Fiquei junto à jovem uma parte da noite; ela não teve crises, mas dormia agitada; sua fisionomia tinha algo de convulsivo; via-se-lhe o branco dos olhos e ela parecia sofrer moralmente. Gesticulava, falava distintamente e exclamava em tom enérgico e comovido: *Vai-te! vai-te!... Oh! a vilã!... E a criança... e a criança... nos rochedos... nos rochedos.* A essa agitação sucedia uma espécie de êxtase: chorava e retomava com acento plangente: *Ab! tu sofres os tormentos do inferno!... e eu, queres fazer-me sofrer sempre!... sempre! sempre!...* E estendendo os braços no ar e tentando erguer-se: *Pois bem! leva-me, leva-me!*

A cada instante o pai soltava uma exclamação: *Oh! é engraçado!* E a mãe acrescentava: *Aí há mistério.* A partir de uma hora da madrugada, a menina dormiu calmamente até o dia raiar.

Essas agitações, essas censuras, esses êxtases, esse choro se repetiam diariamente após os ataques violentos do Espírito e duraram até muito tarde nas noites de 18, 19 e 20 de

setembro. Todos os dias eu me dirigia para junto da doente, instalando-me, por assim dizer, em sua casa. Em minha presença nada se manifestava; mas, tão logo eu partia, produzia-se nova crise; então, eu voltava e a acalmava. Isto durou vários dias. Certamente era um fenômeno digno de atenção que tais crises fossem mitigadas de súbito apenas com a imposição das mãos. Havia rumores na cidade e matéria para estudo sério. Entretanto, lamentei não ter visto nenhum dos quatro médicos, que haviam tratado a menina, vir observá-la.

Durante todo esse tempo, notei na garota, ora uma alegria um tanto exagerada, ora uma espécie de parvoíce. O pai e a mãe não achavam esses ares naturais, o que justificava a previsão de nossos guias.

No dia 21 de setembro, o pai e a mocinha foram comigo à sessão. No começo, nossos guias nos disseram: Chamai Germaine; pedi-lhe que fique junto de vós, e dissei-lhe isto:

“Germaine, sois nossa irmã; essa jovem é também nossa e vossa irmã. Se outrora alguma ação funesta vos ligou e fez pesar sobre ambas a justiça divina, podeis comover o juiz supremo. Apelai à sua infinita misericórdia; pedi-lhe vossa graça, como a pedimos por vós; tocai o Senhor por vossa prece fervorosa e vosso arrependimento. É em vão que buscais calma aos vossos remorsos e um refúgio na vingança; é em vão que procurais vossa justificação, acabrunhando-a ao peso de vossa acusação. Voltai, pois, à nossa voz; perdoai e sereis perdoadas, não busqueis enganar-nos; não creias que apenas a aparência da franqueza possa seduzir-nos; sejam quais forem os meios que empregardes, nós os conhecemos e vos oporemos nossa força e nossa vontade. Que vosso coração, engeguedido pelo sofrimento e pelo ódio, se abra à piedade e ao perdão. Não deixaremos de orar ao Eterno e aos Espíritos bons, seus mensageiros fiéis, que derramem sobre vós a consolação e o benefício. O que queremos, Germaine, é vos livrar

de vossos sofrimentos. Sempre sereis acolhida por nós como uma irmã; sereis socorrida. Assim, não nos considereis como inimigos, pois queremos a vossa felicidade; não sejais surda às nossas palavras; ouvi nossos conselhos e em pouco conhecereis a paz da consciência. O remorso terá fugido para longe de vós, o arrependimento terá tomado o seu lugar. Os Espíritos bons vos acolherão como a uma ovelha perdida que terão encontrado; os maus imitarão vosso exemplo. Nesta família onde provocais a maldição, só falarão bem de vós; haverá reconhecimento; essa mocinha também orará por vós e, se o ódio vos desune, um dia o amor vos reunirá.

“Sempre se é infeliz quando se está sedento de vingança; não mais repouso para o que odeia. O que perdoa está perto de amar; a felicidade e a tranqüilidade substituem o sofrimento e a inquietação. Vinde, Germaine, vinde unir-vos a nós por vossas preces. Queremos que, a exemplo de Jules¹ e de outros Espíritos que, como vós, viviam no mal, ficai perto de nós, sob feliz proteção de nossos guias. Estais só; sede a filha adotiva desta família que ora ao Eterno pelos que sofrem e ensina a todos a amá-lo para serem felizes. Se vos obstinardes na crueldade para com esta menina, prolongareis e agravareis os vossos sofrimentos, e ouvireis a maldição da mocinha e dos que a cercam.

“Merecei, pois, dos vossos irmãos a amizade que vos oferecem do fundo do coração; cessai essas torturas, donde vos retirais semimorta. Crede em nossa palavra; crede, sobretudo, nos conselhos dos Espíritos bons que nos guiam e, particularmente, nos da *Pequena Cárita*. Não sereis surda a essa prece. Dai-nos por prova que acolheis a nossa oferta, a paz e o sono tranqüilo à menina durante alguns dias. Vamos orar por vós e não cessaremos de pedir o fim de todos os vossos males.”

1 Espírito obsessor da jovem Thérèse B., de Marmande. (Vide *Revista Espírita* de junho de 1864.)

Chamamos Germaine e lemos o que acabava de ser ditado.

P. – Ouvistes bem e compreendestes os votos que acabamos de exprimir?

Resp. – Sim. Estou mesmo admirada de todas essas promessas; não mereço tanto. Mas sou um Espírito desconfiado e não ousa nelas crer. Veremos se vossas preces me darão a calma de que estou privada há tanto tempo. É verdade, estou só e não conheço senão *aquela que procura estraçalhar-me*². Veremos.

P. – Não vedes Espíritos bons ao vosso lado?

Resp. – Sim; mas nada espero, a não ser de vós.

P. – Pois bem! em troca do bem que vos queremos fazer, não poderíeis cessar de fazer o mal, de atormentar?...

Resp. – E eu sou a única causa desse mal? Ela contribui tanto quanto eu. Dizeis atormentar? Nós lutamos, nós nos atacam; a culpabilidade é partilhada. Ela foi minha cúmplice. Não vejo por que faríeis pesar apenas sobre mim a responsabilidade por esses atos violentos, pelos quais também sou vítima.

P. – Entretanto, a mocinha não vos vai procurar; e se a atormentais, é porque quereis. Tendes o vosso livre-arbítrio.

Resp. – Quem vos disse? Estais equivocados. Uma fatalidade nos liga.

P. – Muito bem! contai-nos tudo.

Resp. – Não posso. Aqui não se goza de inteira liberdade... Sou franca.

P. – Vamos, Germaine! Vamos orar por vós. Até outra vez!

Terminando, nossos guias nos disseram:

2 A continuação do relato fará se compreendam estas últimas palavras.

“Durante estes dias, reuni-vos tão numerosos quanto possível. Ocupai-vos mais particularmente dela. Vossa franqueza e vosso zelo a seu respeito a tocarão, e os resultados que buscamos, assim o esperamos, serão rápidos, graças a esta medida.

O dia 22 passou sem crise. Reunimo-nos à noite, como de costume.

Evocação de Germaine – P. – Muito bem, Germaine! Acreditais em nossa afeição por vós?

Resp. – Tenho direito de duvidar; dificilmente o pária acredita no ósculo fraterno, que lhe dão de passagem. Estou habituada a ver o desdém e o desprezo me perseguindo.

P. – Deus quer que nos amemos uns aos outros.

Resp. – Não conheço isto. Aqui, aquele a quem o remorso persegue ou oprime é um inimigo, uma serpente da qual se foge atirando-lhe pedra. Credes que isto não seja revoltante para o maldito? Ele se torna, por instinto, inimigo de todos; a paixão e o ódio o cegam. Infeliz do que cai nas garras desse abutre.

P. – Nós, Germaine, vos queremos amar e vos estendemos a mão.

Resp. – Por que não me falaram assim mais cedo? Há, no entanto, corações generosos no mundo que habito. Então eu lhes causava medo? Por que jamais me disseram: És nossa irmã e podes partilhar a nossa sorte? Ainda tenho o veneno na alma, sobretudo quando penso no passado. O crime merece uma pena, mas a punição foi muito grande: parecia que tudo caía sobre mim, para me esmagar. Nesses momentos desconhece-se Deus, a gente o blasfema, nega-o, revolta-se contra ele e os seus, quando se está abandonado.

Observação – Este último raciocínio do Espírito é resultado da superexcitação em que se acha, mas acaba de levantar uma questão importante. “Por que, no mundo onde estou, não me falaram como vós?” Em razão de a ignorância do futuro fazer parte

momentaneamente do castigo de certos culpados. Somente quando vencido o seu endurecimento é que lhes fazem entrever um raio de esperança, como alívio às suas penas; é preciso que voluntariamente voltem os olhos para Deus. Mas os Espíritos bons não os abandonam; esforçam-se por lhes inspirar bons pensamentos; espreitam os menores sinais de progresso e, desde que vêem neles brotar o germe do arrependimento, provocam instruções que, esclarecendo-os, podem conduzi-los ao bem. Essas instruções lhes são dadas pelos Espíritos em tempo oportuno; também podem sê-lo pelos encarnados, a fim de mostrar a solidariedade que existe entre o mundo visível e o mundo invisível. No caso de que se trata, era útil à reabilitação de Germaine que o perdão lhe viesse da parte dos que se queixavam dela, o que era, ao mesmo tempo, um mérito para estes últimos. Esta a razão pela qual a intervenção dos homens é requisitada para a melhora e o alívio dos Espíritos sofredores, sobretudo nos casos de obsessão. Seguramente a dos Espíritos bons lhes poderia bastar, mas a caridade dos homens para com seus irmãos da erraticidade é para eles próprios um meio de avanço que Deus lhes reservou.

P. – O Espírito Jules, que vedes perto de nós, era também um criminoso, sofredor e infeliz?...

Resp. – Minha posição foi pior para mim. Citei tudo quanto pode afligir a alma; dissei quanto o veneno queima as entranhas: eu experimentei tudo; e o mais cruel para mim era estar só, abandonada, maldita. Não inspirei piedade a ninguém. Compreendeis a raiva que transborda de meu coração? Sofri muito! *eu não podia morrer; o suicídio não me era possível;* e sempre à minha frente o mais sombrio futuro! Jamais vi despontar um clarão; nenhuma voz me disse: Espera! Então gritei: “Raiva, vingança! A mim as vítimas! ao menos terei companheiras de sofrimento. Não é a primeira vez que a menina sente a minha opressão.”³

3 Com efeito, os pais nos disseram que a criança, aos seis anos de idade, tinha passado por crises, das quais não se podia dar conta.

Observação – Se se perguntasse por que Deus permite que Espíritos maus saciem sua raiva nos inocentes, diremos que não há sofrimento imerecido, e aquele que hoje é inocente e sofre, por certo ainda tem alguma dívida a pagar. Esses Espíritos maus servem, neste caso, de instrumento à expiação. Além disso, sua malevolência é uma provação para a paciência, a resignação e a caridade.

P. – Agradecei a Deus por vos ter feito sofrer tanto; esses sofrimentos são a expiação que vos purificou.

Resp. – Agradecer a Deus! pedis muito; sofri demais! Era preferível o inferno àquilo que eu suportava. Como me ensinaram, os danados sofrem, choram e gritam juntos; eles podem debater-se e lutar entre si; eu estava só. Oh! é horrível! Descrevendo estas coisas, fico com vontade de blasfemar e de me lançar sobre a presa. Não creiais entrar-me, pondo entre mim e ela um anjo sorridente. Lutarei com todos, seja quem for.

P. – Seja qual for o sentimento que vos agita, só vos oporemos a calma, a prece e o amor.

Resp. – O que mais me agrada é que me falais sem me injuriar, sem me repelir e quereis fazer-me esperar. Oh! não esperéis que me entregue imediatamente; tenho medo da decepção. Depois de ter feito tão belas promessas, tão belas que ainda não posso acreditar, iríeis abandonar-me? Oh! o que seria de mim, então? E refleti: Por que essa consolação tão tardia? e por que vós? Seria uma cilada oculta? Olha! não sei o que crer, o que fazer. Na verdade isto me parece estranho, surpreendente.

Observação – Prova a experiência, realmente, que as palavras duras e malévolas são um meio inadequado para se desembaraçar dos Espíritos maus; elas os irritam, o que os levam a obstinar-se ainda mais.

P. – Germaine, escutai-me. Vou explicar o que vos surpreende. Desde alguns anos, a imortalidade, a individualidade e a relação das almas com os que ainda estão na Terra nos têm sido demonstradas de maneira a não deixar margem a nenhuma dúvida. O Espiritismo – eis o nome desta nova doutrina – prescreve a seus adeptos que amem e socorram seus irmãos. Somos espíritas e, por amor a duas irmãs que sofrem, vós e a menina vossa vítima, viemos

a vós para vos oferecer nosso coração e o socorro de nossas preces. Compreendeis agora?

Resp. – Não muito. Raciocinais como jamais ouvi. Deveis, pois, vos ocupar com os que vivem como vós e em vosso meio, e com os Espíritos que sofrem como eu? É um trabalho que deve ter o seu mérito.

P. – Se tendes ocasião para nos julgar sinceros, quereis prometer que serão boas as vossas disposições para com a mocinha?

Resp. – Boas *na medida em que tereis sido bons comigo*. Eu vos julgo todos sinceros; vossa linguagem me leva a acreditar; mas ainda duvido. Tirai-me esta dúvida e sou vossa. Esforçar-me-ei por fazer o que vos vou prometer; à medida que se apagar a dúvida, o mal enfraquecerá e, partida a dúvida, terá cessado o mal na menina. Infeliz de quem brincar comigo! ela morrerá estrangulada. Uma vítima espera a sua graça, que depende de vós, ou o golpe que lhe desferirei na cabeça. Não é uma ameaça para vos intimidar, mas uma advertência de que o ódio e a raiva me cegariam. Chegastes a tempo; talvez ela já estivesse morta. Já que nem sempre podemos conversar juntos, dissei aos vossos amigos que vivem onde vivo, que continuem a conversa; que não me repilam, embora minhas maldades não tenham cessado. Porque não me empenhei absolutamente e não podeis exigir mais do que prometi.

Pedimos aos nossos guias que dispensassem boa acolhida a Germaine. Eles responderam:

“Antes de tudo ela é nossa irmã muito amada, tanto mais que tem sofrido muito. Vinde, Germaine. Se jamais uma mão amiga apertou a vossa, aproximai-vos: nós vos estenderemos as nossas. Só a vossa felicidade nos preocupa. Em nós sempre encontrareis irmãos, a despeito da fraqueza de que ainda vos sentis capaz. Nós vos lamentaremos e não vos condenaremos. Entrai em vossa família, a felicidade nos sorri. Entre nós não correm as

lágrimas amargas; a alegria substitui a dor; e o amor, o ódio. Irmã, vossas mãos!”

Vossos Guias

Não houve crise no dia 23, como a da véspera. À noite a mocinha foi com seu pai à sessão, para ouvir Germaine, pela qual já mostrava muito interesse.

Nossos guias nos disseram:

“Começai vossos trabalhos pela evocação de Germaine; ela o deseja muito. Deveis provar-lhe que ela vos preocupa especialmente. Evitai tudo quanto possa parecer esquecimento e indiferença, a fim de afastar todas as suas dúvidas. Lembrai que seus ataques apenas se interromperam temporariamente. Sede prudentes; sede felizes sem amor-próprio e sem orgulho; sobretudo, sede fervorosos em vossas preces. Se ela manifestar o desejo de conversar demoradamente, mesmo que toda a noite, não regateis o tempo.”

Vossos Guias

Evocação de Germaine.

Resp. – Eis-me aqui, muito mais calma. Quero ser justa; creio ser um dever para convosco. Também vedes que agi como o havia dito. As boas relações fazem os bons amigos. Falai-me, pois, já que sois vossas amigas. É tão estranho e tão novo para mim que me permitireis deliciar-me com uma conversa onde o ódio será substituído pelo... ia dizer amor, e não o conheço! Dizei-me o que devo fazer para amar e ser amada, eu, a pobre miserável Germaine, envelhecida pela desgraça, pelo opróbrio e pelo crime!... Entre vós batizam? Eis uma neófito.”

– O batismo que pedis, Jeanne⁴, já o recebestes, respondi-lhe; está no vosso arrependimento, em vossa resolução de marchar por um novo caminho.

4 N. do T.: Não seria Germaine?

O dia 24 de setembro foi tão calmo quanto o precedente.

Na reunião da noite chamamos Germaine.

P. – Germaine, nós vos agradecemos...

Resp. – “Não faleis disto, porque me deixais envergonhada. Eu é que me devo inclinar e pedir graça. Devo-te uma grande reparação, pobre menina! A vida de que gozam os Espíritos é eterna. Deus pôs à minha frente os meios e o tempo para reparar os danos causados pela cegueira da paixão. Tranqüiliza-te; ora algumas vezes pela infeliz Germaine, a criminosa que, hoje arrependida, te pede perdão. Esquece, pobre menina, tuas dores e quem as causou. Lembra-te apenas de que agora ela deseja ser tua amiga. Não é mais a mesma Germaine; a prece que fizeram em minha intenção tornou-me a alma mais limpa; extinguiu-se minha sede de vingança. A lembrança de meu infame passado será minha expiação. Minha prece, junto à vossa, suavizará o remorso que me tortura. Obrigado a vós todos, que me chamastes à senda da verdade e do bem, quando eu estava perdida nas profundezas do vício e da impenitência.

“Agora acredito em vós; a dúvida desapareceu. Amo-vos e vos agradeço por me haverdes salvo e curado; também vos agradeço por esta pobre menina, a quem restituísteis a saúde e a vida.

“Posso dizer-me feliz, por estar entre os Espíritos bons, que consolam e fortalecem por sua moral doce e persuasiva. Não mais estou só; a despeito de toda a perversidade de minha alma, eles me admitiram em sua bem-aventurada família. Sou a doente, eles são meus guardiães. Faltam-me expressões para vos dizer tudo o que sinto.

“Dizei-me todos, sobretudo tu, pobre filha, que me perdoais. Preciso ouvir esta palavra sair de teu coração. Por favor, dai-me esta consolação.”

A jovem Valentine lhe disse: “Sim, Germaine, eu vos perdôo; mais ainda: eu vos amo!”

– “E nós também, disse eu logo, nós vos amamos como a uma irmã.”

Germaine continuou:

“E eu também começo a amar. A quem devo esta transformação? Àqueles a quem injuriei e que, malgrado todo o horror que eu lhes devia inspirar, tiveram piedade de mim e me chamaram sua irmã, provando que não me enganavam.

“Sim, abris-me o caminho do futuro feliz. Estava pobre a abandonada e agora vivo entre os que têm muito; não posso mais me lastimar. Os Espíritos bons dizem que vão preparar-me para as provações que sofrerei infalivelmente; e, munida desta força, descerei ao meio das criaturas terrenas. Já não será para semear a morte ao meu redor, mas para amar e merecer sua benevolência e amizade.

“Terei muito a dizer, mas não quero ser importuna. Oremos; parece que isto me fará bem.

“Deus, Todo-Poderoso, eterno, misericordioso, ouve minha prece. Perdoa minhas blasfêmias, perdoa meus desvios. Eu não conhecia o caminho que leva ao reino do justo. Meus irmãos da Terra me fizeram conhecê-lo; meus irmãos Espíritos para ele me conduzem. Que a justiça infinita siga seu curso para a pobre Germaine; agora ela sofrerá sem se lastimar; nem um só murmúrio sairá de sua boca. Reconheço tua grandeza e tua bondade de pai para os teus bem-aventurados servos, que vieram me tirar do caminho do vício. Que minha prece suba a ti; que os anjos que te servem e cercam teu trono possam um dia acolher-me em seu meio, como o fizeram estes Espíritos bons. Hoje o compreendo: só a virtude conduz à felicidade. Fazei graça, ó meu Deus, aos que,

como eu, ainda sofrem. Concedei à menina que torturei as doçuras e as virtudes que fazem a felicidade na Terra.”

Germaine

“Foi-vos dito: Ajuda-te, e o céu te ajudará; Os Espíritos que vos guiam não farão o trabalho que o dever vos impõe; mas, conforme houverdes trabalhado, eles abreviarão, tanto quanto puderem, a tarefa encetada sob a bandeira da caridade imortal. Agi, pois, sem desfalecimento e sem fraqueza; que vossa fé se fortaleça, e um dia, talvez, vos pergunteis donde vos vem essa força. Trabalhai pela moralização de vossos irmãos encarnados e a dos Espíritos atrasados; não vos contenteis em pregar as consolações do Espiritismo; mostrai-lhe a grandeza e o poder por vossos atos; é a melhor refutação que podereis opor aos vossos adversários. As palavras voam e os atos fortificam e levantam. Que a felicidade que entrar na família em companhia da jovem doutrina seja devida aos cuidados e à caridade dos sinceros adeptos. Sede confiantes, mas sem orgulho, do que vos acontecer, sem o que os frutos que daí deveis retirar serão perdidos para vós.”

Vossos Guias

Observação – Como se vê, os Espíritos não são inativos nem indiferentes em relação aos Espíritos sofredores, que é preciso trazer ao bem. Mas quando a intervenção dos homens pode ser útil, eles lhes deixam a iniciativa e o mérito, salvo para secundá-los com seus conselhos e seus encorajamentos.

A partir de 25 de setembro, seguindo os conselhos de nossos guias, adormeci a jovem Valentina todos os dias pelo sono magnético, para expurgá-la completamente da ação dos maus fluidos que a tinham envolvido e fortalecer o seu organismo. Desde sua libertação, ela experimentava mal-estar, distúrbios gástricos, pequenos espasmos nervosos, conseqüência inevitável da obsessão.

Observação – Para que teria servido o magnetismo, se a causa tivesse subsistido? Primeiramente, teria sido preciso destruir a causa, antes de atacar os efeitos, ou, pelo menos, agir sobre ambos simultaneamente.

Um tanto mimada pelos cuidados e carícias que lhe tinham prodigalizado, a menina tornara-se caprichosa e voluntariosa, e só com repugnância consentia em ser adormecida. Um dia até se recusou e fui-me embora. Ao chegar em casa, vieram avisar-me que ela tivera uma crise. “Bem, exclamei, é uma punição de Germaine.” Voltei imediatamente e encontrei a menina agitando-se na cama. Essa crise não era tão violenta quanto as precedentes, mas apresentava as mesmas características. Acalmei-a como nas outras. Algumas horas depois teve uma segunda, que eu mesmo interrompi.

À noite nós nos reunimos. Germaine veio sem ser chamada; disse que tinha querido dar uma lição à menina e adverti-la de que, quando não fosse razoável, far-lhe-ia sentir a sua presença. Além disso, lhe deu conselhos muito bons e fez sentir aos pais os inconvenientes de ceder aos caprichos dos filhos.

À fase da cura e da conversão do Espírito, sucedeu a das revelações tocantes ao drama, do qual a obsessão violenta da jovem Valentine era o desenlace. Por mais interessante e comovedora que seja esta parte do relato, suprimimos alguns detalhes, estranhos, até certo ponto, ao nosso tema, além de tratarmos de assuntos contemporâneos, cuja lembrança penosa ainda está presente e tiveram por testemunhas interessadas pessoas ainda vivas. Nós os resumimos para as conclusões que deles devemos tirar. Pelos mesmos motivos, dissimulamos os nomes próprios, que nada acrescentariam à instrução que ressalta desta história.

Dessas revelações feitas na intimidade, fora do grupo, e por meio de um outro médium, resulta que Germaine é a avó do Sr. Laurent, o pai da jovem obsedada Valentine. Ela tinha uma filha, que teve dois filhos, dos quais um é o próprio Sr. Laurent; o outro foi assassinado por sua avó, que o lançou num barranco, em baixo dos rochedos de... Por esse homicídio, foi condenada a dez anos de

reclusão, que sofreu na prisão de C... Dá as mais minuciosas indicações sobre todos esses fatos, precisando com exatidão os nomes, lugares e datas, de modo a não deixar qualquer dúvida quanto à sua identidade. Esses detalhes íntimos, só conhecidos pelo Sr. Laurent e sua mulher, foram por eles confirmados. Para melhor deixar-se reconhecer pelo neto, designou-o por seu apelido, ignorado pelo médium e só lhe falou em dialeto, como o fazia em vida.

Não havia, pois, como se enganar: Germaine era mesmo a avó de Laurent, a condenada por infanticídio. Quanto à sua filha, cujo filho foi assassinado, é hoje a filha de Laurent, a jovem Valentine, que vem ainda atormentar por uma cruel obsessão. Ela explicou a causa do ódio que lhe votara. Tinha havido luta entre elas como Espíritos, e essa luta continuou quando uma delas reencarnou. Um fato veio confirmar esta asserção: são as palavras que a mocinha pronunciou durante o sono. Como é compreensível, seus pais a tinham deixado sempre ignorar o que se passara na família. As palavras: *A criança! a criança! nos rochedos! nos rochedos!* evidentemente resultavam da lembrança que seu Espírito conservava no estado de desprendimento.

“Muito bem! disse eu ao pai de Valentine, estais bem convencido de que é o Espírito de vossa avó? – Oh! senhor, respondeu ele, já me havia convencido disto antes desta conversa. O nome de Germaine e as palavras de Valentine, durante suas crises, não me deixavam a menor dúvida a respeito; eu o disse logo à minha mulher. Ainda mais, quando me falastes do Espiritismo e das reencarnações, ocorreu-me a idéia de que minha mãe estava encarnada em Valentine.”

Assim se explicam as repetidas exclamações de Laurent: “É engraçado!” e as de sua mulher: “Aí há mistério!”

Evocação de um Surdo-Mudo Encarnado

O Sr. Rul, membro da Sociedade de Paris, transmite-nos o fato que se segue. Disse ele:

“Em 1862 conheci um jovem surdo-mudo de doze ou treze anos. Desejoso de fazer uma observação, perguntei aos meus guias protetores se me seria possível evocá-lo. Como a resposta fosse afirmativa, fiz o rapaz vir ao meu quarto e o instalei numa poltrona, com um prato de uvas, que ele se pôs a chupar com ardor. Por meu lado, sentei-me a uma mesa. Orei e fiz a evocação, como de costume. Ao cabo de alguns instantes minha mão tremeu e escrevi: Eis-me aqui.

“Olhei o menino: estava imóvel, os olhos fechados, calmo, adormecido, com o prato sobre os joelhos; cessara de comer. Dirigi-lhe as seguintes perguntas:

P. – Onde estás agora?

Resp. – Em vosso quarto, em vossa poltrona.

P. – Queres dizer por que és surdo-mudo de nascença?

Resp. – É uma expiação de meus crimes passados.

P. – Que crimes cometeste?

Resp. – Fui parricida.

P. – Podes dizer se tua mãe, *a quem amas tão ternamente*, não teria sido, como teu pai ou tua mãe, na existência de que falas, o objeto do crime que cometeste?

“Em vão esperei a resposta; minha mão ficou imóvel. Levantei de novo os olhos para o menino; acabava de despertar e comia as uvas com apetite. Tendo, então, pedido aos guias que me explicassem o que acabava de se passar, foi-me respondido:

“Ele deu as informações que desejas e Deus não permitiu que te desse outras.”

“Não sei como os partidários da comunicação exclusiva dos demônios nos explicariam o fato. Para mim, conclui que, desde que Deus por vezes nos permite evocar um Espírito encarnado, permite-nos igualmente em relação aos desencarnados, quando o fazemos com o espírito de caridade.”

Observação – Por nosso lado, faremos uma outra observação a respeito. Aqui, a prova de identidade resulta do sono provocado pela evocação, e da cessação da escrita no momento de despertar. Quanto ao silêncio guardado sobre a última pergunta, prova a utilidade do véu lançado sobre o passado. Com efeito, suponhamos que a mãe atual desse menino tenha sido sua vítima em outra existência, e que este tenha querido reparar seus erros pela afeição que lhe testemunha; a mãe não seria dolorosamente afetada se soubesse que o filho foi seu assassino? sua ternura por ele não seria alterada? Foi-lhe permitido revelar a causa de sua enfermidade como assunto de instrução, a fim de nos dar uma prova a mais de que as aflições daqui têm uma causa anterior, quando tal causa não esteja na vida atual, e que assim tudo é conforme à justiça; mas o resto era inútil e poderia ter chegado aos ouvidos da mãe. Por isto os Espíritos o despertaram, no momento em que, talvez, fosse responder. Mais tarde explicaremos a diferença que existe entre a posição desse menino e a de Valentine, do relato precedente.

Além disso, o fato prova um ponto capital: não é somente depois da morte que o Espírito recobra a lembrança de seu passado. Pode dizer-se que não a perde jamais, mesmo na encarnação, porquanto, durante o sono do corpo, quando goza de certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que sofre, e que sofre justamente; a lembrança não se

apaga senão durante a vida exterior de relação. Mas, em falta de uma lembrança precisa, que lhe poderia ser penosa e prejudicar suas relações sociais, haure novas forças nos instantes de emancipação da alma, se os soube aproveitar.

Deve-se concluir do fato que todos os surdos-mudos tenham sido parricidas? Seria uma conseqüência absurda, porque a justiça de Deus não está circunscrita em limites absolutos, como a justiça humana. Outros exemplos provam que esta enfermidade resulta, por vezes, do mau uso que o indivíduo tenha feito da faculdade da palavra. Pois que! exclamarão, será justa uma mesma expiação para duas faltas tão diferentes na sua gravidade? Mas os que assim raciocinam ignoram que a mesma falta oferece infinitos graus de culpabilidade, e que Deus mede a responsabilidade pelas circunstâncias? Aliás, quem sabe se esse menino, supondo seu crime sem escusas, não sofreu duro castigo no mundo dos Espíritos, e seu arrependimento e desejo de reparar não reduziram a expiação terrena a uma simples enfermidade? Admitindo, a título de hipótese, já que o ignoramos, que sua mãe atual tenha sido sua vítima, caso não conservasse para com ela a resolução tomada de reparar sua falta pela ternura, por certo o esperaria um castigo mais terrível, seja no mundo dos Espíritos, seja em nova existência. A justiça de Deus nunca falha e, por ser às vezes tardia, nada perde por esperar; mas Deus, em sua bondade, jamais condena de maneira irremissível, e sempre deixa aberta a porta do arrependimento. Se o culpado demora a aproveitá-lo, sofrerá por mais tempo. Assim, dele sempre depende abreviar os seus sofrimentos. A duração do castigo é proporcional à duração do endurecimento. É assim que a justiça de Deus se concilia com sua bondade e seu amor por suas criaturas.

Variedades

O PERISPÍRITO DESCRITO EM 1805

Extraído da obra alemã: *Os fenômenos místicos da vida humana*, por Maximilien Perty, Professor da Universidade de Berna – Leipzig e Heidelberg, 1861.

Sob o título de “*Aparição real de minha mulher após sua morte*” – Chemnitz, 1804 – o doutor Woetzel publicou um livro que causou grande sensação nos primeiros anos deste século. O autor foi atacado em vários escritos, principalmente por Wieland, que o leva ao ridículo na *Euthanasia*. Durante uma doença de sua mulher, Woetzel tinha pedido a esta última que lhe aparecesse após sua morte; ela lho prometeu. Mais tarde, porém, a rogo do marido, ela se desligou da promessa. Todavia, algumas semanas depois de sua morte, um vento violento pareceu soprar no quarto, embora estivesse fechado; a luz quase se apagou; uma pequena janela na alcova abriu-se e, a despeito da fraca claridade que reinava, Woetzel viu a forma de sua mulher, a dizer-lhe em voz doce: “Charles, sou imortal; um dia nos reveremos.” A aparição e estas palavras consoladoras se repetiram mais tarde, uma segunda vez. A mulher mostrou-se de vestido branco, com o mesmo aspecto que tinha antes de morrer. Um cão que não se havia mexido quando da primeira aparição, agitou-se e descreveu um círculo, como se estivesse em redor de uma pessoa conhecida.

Numa segunda obra sobre o mesmo assunto (Leipzig, 1805), o autor fala de convites que lhe teriam sido dirigidos para desmentir todo o assunto, “pois, do contrário, muitos sábios seriam forçados a renunciar ao que, até então, tinham julgado como opiniões verdadeiras e justas, e porque a superstição aí encontraria um alimento.” Mas ele já havia pedido ao conselho da Universidade de Leipzig que lhe permitisse prestar juramento a respeito. O autor desenvolve sua teoria. Segundo ele, “a alma, depois da morte, seria envolvida por um corpo etéreo, luminoso, por meio do qual poderia tornar-se visível; que poderia usar outras vestimentas, por

cima desse envoltório luminoso; que a aparição não tinha agido sobre o seu sentido interior, mas unicamente sobre os sentidos exteriores.”

Como se vê, só falta a esta explicação a palavra *perispírito*. Contudo, Woetzel se equivoca quando julga que a aparição só atua sobre os sentidos exteriores, e não sobre o sentido interior. Sabe-se hoje que é o contrário que ocorre. Mas talvez ele tivesse querido dizer que estava perfeitamente desperto, e não em estado de sonho, o que, provavelmente, lhe teria feito pensar que havia percebido a aparição apenas pela visão corporal, uma vez que não conhecia as propriedades do fluido perispiritual, nem o mecanismo da *visão espiritual*.

Aliás, lendo-se a erudita obra do Sr. Pezzani, sobre a *Pluralidade das Existências*, tem-se a prova de que o conhecimento do *corpo espiritual* remonta à mais alta antigüidade, e que só o nome de *perispírito* é moderno. São Paulo o descreveu em sua primeira epístola aos Coríntios, capítulo XV. Woetzel o reconheceu apenas pela força do raciocínio. Tendo-o estudado nos numerosos fatos que observou, o Espiritismo descreveu as suas propriedades e deduziu as leis de sua formação e de suas manifestações.

Quanto ao que se refere ao cão, nada há nisto de surpreendente. Diversos fatos parecem provar que certos animais sentem a presença dos Espíritos. Na *Revista Espírita* de junho de 1860, citamos um exemplo que tem notável analogia com o de Woetzel. Não está mesmo provado positivamente que não os possam ver. Nada haveria de impossível que, em certas circunstâncias, por exemplo, os cavalos que se assustam e se recusam, obstinadamente, a avançar sem motivo conhecido, sofram o efeito de uma influência oculta.

UM NOVO OVO DE SAUMUR

Ao que parece, Saumur é fecunda em maravilhas ovíparas. Lembrem-se de que em setembro último, uma galinha,

nativa dessa cidade e domiciliada na Rua da Visitação, punha ovos miraculosos, sobre cuja casca viam-se, em relevo e claramente desenhados, objetos de santidade e inscrições. Isto fez grande sensação em certos meios, e excitou a verve trocista dos incrédulos. O *Echo saumurois*, entre outros, divertiu-se bastante com a coisa. A multidão dirigiu-se ao local; a autoridade comoveu-se e sugeriram que um agente de polícia tomasse conta da galinha, para esperar o acontecimento. Não repetiremos o espirituoso relato, nem a menos judiciosa explicação, dadas pelo *Sauveur des peuples*, de Bordeaux, de 18 de setembro de 1864, ao qual remetemos nossos leitores para os detalhes circunstanciados do caso.

Ultimamente, um dos nossos assinantes de Saumur nos remeteu um outro ovo fenomenal, originário da mesma cidade, pedindo que examinássemos bem a fanfarrice que ele apresenta, conquanto não houvesse desenhos, nem inscrições. Não que ele acreditasse num prodígio, mas, ao contrário, para ter nossa opinião, a fim de a contrapor às pessoas muito crédulas em matéria de milagres, porque parece que, depois do que se havia passado, esse ovo também tinha produzido uma certa sensação no público. Não sabemos se é da mesma galinha. Eis do que se trata:

O ovo apresenta na ponta uma excrescência, em forma de cordão grosso, enrolado sobre si mesmo, da mesma natureza que a casca e aderente em toda a sua extensão, que é de 6 a 7 centímetros. Basta conhecer a formação dos ovos para se dar conta desse fenômeno. Sabe-se que o ovo é formado, inicialmente, de uma simples membrana, semelhante a uma bexiga, na qual se desenvolvem a clara e a gema, germe e alimento do futuro pinto. Por vezes alguns são postos neste estado. Antes da postura, essa película se cobre de uma camada de carbonato de cálcio, que forma a casca. No caso de que se trata, não sendo o conteúdo suficiente para encher a membrana vesicular, resultou que a parte vazia, formando o gargalo da bexiga, ficou contraída, rebatendo-se e se enrodilhando sobre o próprio corpo do ovo. O depósito calcário,

formado depois, endureceu-o todo, o que deu origem a essa excrescência anormal. Se toda a capacidade se tivesse enchido, o ovo teria sido monstruoso para um ovo de galinha, porque teria cerca de 10 centímetros em seu maior diâmetro, ao passo que tem uma dimensão ordinária.

Que relação pode ter tudo isto com o Espiritismo? Absolutamente nenhuma. Se dele falamos, é porque seus detratores quiseram associar seu nome no primeiro caso, não sabemos bem a que título, a não ser, conforme seu hábito, o de procurar todas as ocasiões de o ridicularizar, mesmo nas coisas que lhe são mais estranhas. Quisemos provar uma vez mais que os espíritas não são tão crédulos quanto dizem. Desde que um fenômeno insólito se apresente, eles procuram antes de tudo a explicação no mundo tangível, e não envolvem os Espíritos em tudo quanto é extraordinário, porque sabem em que limites e segundo que leis sua ação se exerce.

Notas Bibliográficas

PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS DA ALMA,

Por ANDRÉ PEZZANI, Advogado na Corte Imperial de Lyon.

Esta obra, anunciada há algum tempo e esperada com impaciência, acaba de aparecer na livraria dos Srs. Didier & Cie⁵. Todos os que conhecem o autor, sua vasta erudição, seu espírito judicioso de análise e de investigação, não duvidam que esta grave questão da pluralidade das existências fosse por ele tratada de acordo com a sua importância. Sentimo-nos felizes ao dizer que ele não falhou em sua tarefa. Entretanto, não se empenhou bastante em demonstrar, pelo seu próprio raciocínio, essa grande lei da Humanidade, embora se devotando a ela. Por mais douto que seja,

⁵ Um vol. in-8º à venda. Preço: 6 fr. – No prelo, ed. In-12. Preço: 3 fr.

é modesto, muito modesto mesmo, o que raramente é corolário do saber; diz que sua opinião pessoal pouco pesaria na balança, razão que o levou a apoiar-se mais nas dos outros que na sua. Ele quis demonstrar que esse princípio tinha sido entrevisto pelos maiores gênios de todos os tempos; que é encontrado em todas as religiões, por vezes clara e categoricamente formulado, muitas vezes velado sob a alegoria; que, implicitamente, é a fonte primeira de uma imensidade de dogmas. Prova, por documentos autênticos, que a teoria da imortalidade e da progressão da alma fazia parte do ensino secreto só reservado aos iniciados nos mistérios. Nesses tempos recuados ele poderia ter utilidade, como o demonstra, ao ocultar do vulgo certas verdades que as massas não estavam maduras para compreender, e que as teriam deslumbrado, sem as esclarecer. Sua obra é, pois, rica em citações, desde os livros sagrados dos hindus, dos persas, dos judeus, dos cristãos; os filósofos gregos, os neoplatônicos, as doutrinas druídicas, até os escritores modernos: Charles Bonnet, Ballanche, Fourier, Pierre Leroux, Jean Raynaud, Henri Martin, etc.; e, como conclusão e última expressão, os livros espíritas.

Nesse vasto panorama, ele passa em revista todas as opiniões, as diversas teorias sobre a origem e os destinos da alma. A doutrina da metempsicose animal é aí tratada largamente e de maneira nova. Demonstra que a pluralidade das existências humanas a precedeu e que a transmigração em corpos de animais não passa de uma derivação alterada, e não o princípio. Era a crença reservada ao vulgo, incapaz de compreender as altas verdades abstratas, e como freio às paixões. A encarnação nos animais era uma punição, uma espécie de inferno visível, atual, que devia impressionar mais que o temor de um castigo moral num mundo espiritual. Eis o que a respeito diz Timeu de Locres, que Cícero garante ter sido o mestre de Platão:

“Se alguém é vicioso e viola as regras do Estado, é preciso que seja punido pelas leis e pelas censuras; deve-se, ainda,

apavorá-lo com o medo do inferno, pelo temor das penas contínuas, dos castigos, e pelos terrores e punições inevitáveis, que são reservadas aos infelizes criminosos no interior da Terra.

“Louvo muito o poeta jônico (Homero) por haver tornado os homens religiosos por fábulas antigas e úteis. Porque, assim como curamos os corpos com remédios mais drásticos, se não cedem a remédios mais suaves, assim reprimimos as almas por discursos falsos, se não se deixarem levar pelos verdadeiros. É pela mesma razão que se devem estabelecer penas passageiras, baseadas na crença da transmigração das almas. De sorte que as almas dos homens tímidos passem, depois da morte, por corpos de mulheres expostas ao desprezo e às injúrias; as almas dos assassinos, por corpos de animais ferozes, para aí receber sua punição; as dos impudicos pelo corpo dos porcos e javalis; as dos inconstantes e dos levianos pelos dos pássaros que voam nos ares; as dos preguiçosos, dos indolentes, dos ignorantes e dos loucos pela forma dos animais aquáticos. É a deusa Nêmesis quem julga todas essas coisas, no segundo período, isto é, no círculo da segunda região em torno da Terra, com os demônios, vingadores dos crimes, que são os inquisidores terrenos das ações humanas, e a quem o Deus condutor de todas as coisas conferiu a administração do mundo cheio de deuses, de homens e de outros animais que foram produzidos segundo a imagem excelente da forma improdizida e eterna.”

Ressalta daí e de vários outros documentos que a maioria dos filósofos professava ostensivamente a metempsicose animal, como um meio, já que eles próprios não criam, e tinham uma doutrina secreta, mais racional sobre a vida futura. Tal parece ter sido, também, o sentimento de Pitágoras que, como se sabe, não é o autor da metempsicose; foi apenas o seu propagador na Grécia, depois de a ter encontrado entre os hindus. Aliás, a encarnação na animalidade não passava de uma punição temporária de alguns milhares de anos, mais ou menos conforme a culpabilidade, uma

espécie de prisão da qual a alma, ao sair, entrava na humanidade. A encarnação animal não era, pois, uma condição absoluta, aliando-se, como se vê, à reencarnação humana. Era uma sorte de espantalho para os simples, muito mais que um artigo de fé entre os filósofos. Assim como se diz às crianças: “Se fordes más, o lobo vos comerá”, os Antigos diziam aos criminosos: “Tornar-vos-eis lobos.”

A doutrina da pluralidade das existências, emancipada das fábulas e dos erros dos tempos de ignorância, tende hoje, de maneira evidente, a entrar na filosofia moderna, abstração feita do Espiritismo moderno, porque os pensadores sérios aí encontram a única solução possível dos maiores problemas da moral e da vida humana. A obra do Sr. Pezzani vem, pois, muito a propósito, projetar a luz da História sobre essa importante questão; ela poupará pesquisas laboriosas, difíceis e muitas vezes impossíveis a muita gente. O autor não a escreveu do ponto de vista do Espiritismo, que nela só figura de maneira acessória e como ensinamento; escreveu-a do ponto de vista filosófico, de maneira a abrir as portas que lhe teriam sido fechadas, se tivesse imprimido a essa obra a etiqueta de uma crença nova. É o complemento da *Pluralidade dos mundos habitados*, do Sr. Flammarion, que, por seu lado, vulgarizou um dos grandes princípios de nossa doutrina, sem dela falar expressamente.

Voltaremos à obra do Sr. Pezzani, servindo-nos de várias de suas citações.

O MÉDIUM EVANGÉLICO

Novo jornal espírita de Toulouse⁶

O último mês do ano que acaba de passar viu nascer um novo órgão do Espiritismo, o que vem corroborar nossas

⁶ O *Médium Evangélico* aparece aos sábados, desde 15 de dezembro. – Preço: Toulouse, 8 fr. por ano; 6 meses: 4 fr. 50. – Departamentos, 9 fr. e 50. – Assinaturas: Em Toulouse, rue de la Pomme, 34; em Paris, boulevard St.-Germain, 68.

reflexões contidas no artigo anterior sobre o estado do Espiritismo em 1864. Conforme seu início e a carta que seu diretor houve por bem escrever-nos antes de sua publicação, devemos contar com um novo campeão para a defesa dos verdadeiros princípios da doutrina, isto é, dos que hoje são sancionados pelo grande controle da concordância. Que seja, pois, bem-vindo.

Esperando que o tenhamos podido julgar por suas obras, diremos que se o ditado: *Nobreza obriga* for verdadeiro, com mais forte razão pode dizer-se que o *título obriga*. O de *Médium Evangélico* é todo um programa e um belo programa, que impõe grandes obrigações, mas que, no entanto, pode entender-se de duas maneiras. Poderia significar que o jornal ocupar-se-á principalmente de controvérsias religiosas, do ponto de vista dogmático, ou que, compreendendo o objetivo essencial do Espiritismo, que é a moralização, será redigido conforme o espírito evangélico, que é sinônimo de caridade, tolerância e moderação. No primeiro caso não o seguiremos, porque o próprio interesse da doutrina exige extrema reserva no desenvolvimento de suas conseqüências, e porque muitas vezes recuamos, quando queremos ir muito depressa: “Não adianta correr; é preciso partir na hora certa.” No segundo, estaremos inteiramente com ele. Eis, aliás, um extrato de sua profissão de fé, posta no alto do primeiro número:

“O jornal que empreendemos fundar, sob o título de *Médium Evangélico*, tem por objetivo enveredar por caminhos novos, com os quais o mundo hoje se preocupa, quero dizer, nas vias do Espiritismo. Este jornal nos pareceu necessário em Toulouse, na hora em que os espíritas já não se contam entre nós, na hora em que seus numerosos grupos aumentam cada vez mais. Com efeito, a publicidade será um meio de fazer melhor conhecer o resultado dos trabalhos desses diversos grupos e de torná-los mais úteis à grande causa do progresso moral *ao qual nos convidam todos os nossos destinos*.”

“Todavia, a fim de não flutuar ao sabor do vento da doutrina, nesses atalhos ainda difíceis, julgamos dever arvorar um estandarte, sob cujos auspícios queremos sincera e resolutamente marchar, certos de que o grande princípio da renovação moral está onde não há mais gregos, nem romanos, isto é, judeus, protestantes, católicos, mas uma grande família, unida pelos laços da fraternidade e tendendo para um objetivo comum, na sua carreira ofegante através das solidões misteriosas da vida. Esse estandarte vós o conheceis. Não é a cruz de ouro, filha do orgulho e dos vãos pensamentos dos homens, mas a cruz de madeira, filha do devotamento e do sacrifício e, por que não dizer? filha da verdadeira caridade”

Lamentamos que a falta de espaço nos impeça de citar integralmente a profissão de fé. Mas, por certo, teremos oportunidade de voltar ao assunto.

ALFABETO ESPÍRITA

Para ensinar a ser feliz

Sob esse título, o nosso mui honrado irmão em Espiritismo, Sr. Delhez, de Viena, Áustria, cujo zelo pela causa da doutrina é infatigável, acaba de publicar um opúsculo em língua alemã, contendo parcialmente a tradução francesa a respeito. É uma interessante coletânea de comunicações mediúnicas em prosa e verso, obtidas na Sociedade Espírita de Viena, sobre diferentes assuntos de moral, dispostas em ordem alfabética. O opúsculo é encontrado em Viena, na casa do autor, Singerstrasse, 7, e em todas as livrarias. Preço: 1 florim. O Sr. Delhez é o tradutor de *O Livro dos Espíritos* em língua alemã.

Instruções dos Espíritos

(Sociedade Espírita de Antuérpia)

I

Reconheci a grandeza e a misericórdia de Deus para com todos os seus filhos. A voz do Altíssimo se fez ouvir! Inclinaivos e sede humildes, porque o poder do Senhor é grande. A Terra inteira deve vibrar sob sua mão misericordiosa, e os que se submeterem às suas leis serão abençoados, como outrora Abraão, que marchava para uma terra desconhecida, porque a voz do Eterno falava em seu coração.

O Altíssimo vos sustentará, a vós que marchais sob o seu olhar paternal, humildes e crentes. Deixai que vos tratem como pobres de espírito, e o Deus forte vos atrairá a si por sua graça; sede firmes trabalhando em sua vinha, e desprezai o desdém dos ímpios, porque o Eterno vos tocou com sua mão protetora. Sede corajosos e marchai sem saber onde ele vos conduz; ele protege os que apoiam a própria fraqueza em sua força. O Criador é grande; admirai-o em suas obras.

O Espiritismo espalha-se na Terra, semelhante ao orvalho benfazejo da noite que refresca uma terra muito seca. Ele espargirá em vossas almas o orvalho celeste; vossos corações, pela unção da graça divina, produzirão bons frutos, e vossos trabalhos proclamarão sua glória e sua grandeza.

Deus é onipotente, e quando conduzia por sua força o braço de Moisés, as tábuas da lei não abalaram a Terra? Que temeis? Deus vos abandonou à vossa fraqueza, quando deu sua força a Moisés? O Altíssimo não enviou o maná do deserto? Será menos misericordioso para convosco do que foi para com os filhos de Israel, deixando que vossos corações se ressequem pela ignorância?

Deus é tão justo quanto grande! Apoiar-se nele e ele vos inundará de sua graça. Vossos corações abrir-se-ão e se tornarão asilo da fé e da caridade; porque a caridade brilhou na Terra e o Altíssimo vos tocou com sua mão benfeitora.

Coragem, espíritas! o Deus forte vos olha. Que vossos corações sejam as tábuas onde ele inscreve suas leis, e que nada de impuro manche o templo do Eterno, a fim de que vos torneis dignos de pregar seus mandamentos. Não temais andar nas trevas, quando a luz divina vos conduz.

Os tempos designados pelo Todo-Poderoso são chegados; as trevas desaparecerão da Terra dando lugar aos raios divinos que inundarão vossas almas, se não repelirdes a voz de Deus.

A força do Altíssimo derramar-se-á sobre o seu povo, e seus filhos o bendirão entoando louvores pela pureza de seus corações. Que nada vos detenha, que nada vos desanime; sede firmes na obra de Deus. Sede todos filhos de uma grande família, e que o olhar do vosso Pai Celeste vos conduza e faça frutificarem os vossos trabalhos.

II

Aproxima-se o reino do Cristo; os precursores o anunciam; as guerras surdas aumentam; os Espíritos encarnados se agitam ao sopro impuro do príncipe das trevas: o demônio do orgulho, que lança o seu fogo, semelhante à cratera de um vulcão em atividade. O mundo invisível levanta-se ante a cruz; toda a hierarquia celeste está em marcha para o combate divino. Espíritas, erguei-vos; dai a mão aos vossos irmãos, os apóstolos da fé, a fim de que sejais fortes perante o exército tenebroso que vos quer engolir. Curvai-vos diante da cruz: é a vossa salvaguarda no perigo, o penhor da vitória. A luta está recheada de perigos, não vo-lo escondemos; mas os combates são necessários para tornar mais retumbante e mais sólido o triunfo da fé, e para que se cumpram estas palavras do Cristo: As portas do inferno não prevalecerão contra ela.

III

O homem só é bastante forte quando sente a sua fraqueza; tudo pode empreender sob o olhar de Deus. Sua força moral cresce em razão de sua confiança, porque sente necessidade de dirigir-se ao Criador para pôr sua fraqueza ao abrigo das quedas a que a imperfeição humana o pode arrastar. Aquele que põe sua vontade na de Deus pode enfrentar impunemente o Espírito do mal, sem se julgar temerário. Se o Ser Supremo permite a luta entre o anjo e o demônio, é para dar à criatura oportunidade para triunfar e sacrificar-se nos combates. Quando São Paulo sentiu vibrar em si a voz de Deus, exclamou: “Tudo posso naquele que me fortalece.”⁷. E o maior pecador tornou-se o mais zeloso apóstolo da fé. Abandonado à fraqueza de sua natureza ardente e apaixonada, Santo Agostinho sucumbe; torna-se forte aos olhos de Deus, que sempre dá força a quem a pede para resistir ao mal. Mas, em sua cegueira, o homem julga-se poderoso por si mesmo e, deixando de recorrer a Deus, cai no abismo cavado pelo amor-próprio. Coragem, pois, porquanto, por mais forte que seja o Espírito que barra o caminho, apoiado na cruz nada tendes a temer; ao contrário, tereis tudo a ganhar para a vossa alma, que crescerá sob o raio divino da fé. Deixai-vos conduzir através das tempestades e chegareis ao termo de vossa marcha, onde Jesus vos espera.

Todo homem necessita de conselhos. Infeliz aquele que se julga bastante forte por suas próprias luzes, porque terá numerosas decepções. O Espiritismo está cheio de escolhos, mesmo nos grupos, e, com mais forte razão, no isolamento. O medo excessivo que tendes, de ser enganados, é um bem para vós, porque foi a vossa salvaguarda em mais de uma circunstância. Contudo, vossas comunicações necessitam de controle; não bastam algumas apreciações. É por isso que vossos Espíritos protetores vos aconselharam que vos dirigísseis ao chefe espírita, a fim de serdes fixados sobre o seu valor.

7 N. do T.: Filipenses, 4:13.

É preciso provar pela união que todos os adeptos sérios trabalham juntos na vinha do Senhor, que vai estender seus ramos sobre o mundo inteiro. Quanto mais se unirem os obreiros, mais depressa será formada a grande cadeia espírita e, também, mais depressa a família humana será inundada pelos eflúvios divinos da fé e da caridade, que regenerarão as almas sob o poder do Criador.

Que cada um de vós leve sua pedra ao edifício na medida de suas forças; mas se cada um quiser construir à sua vontade, sem levar em conta as instruções que temos dado e que formam a sua base; se não houver compreensão entre vós; se não tiverdes um ponto de ligação, então fareis uma torre de Babel. Nós vos mostramos este ponto: que cada um faça dele o seu objetivo único; nós vos demos estes sinal: que cada qual o inscreva em sua bandeira; então vos reconheceréis todos e vos estendereis as mãos. Mas Deus dispersará os presunçosos que não tiverem ouvido a sua voz; cegará os orgulhosos, que se julgam bastante fortes por si mesmos; e os que se afastarem do caminho que lhes é traçado, perder-se-ão no deserto.

Espíritas, sede fortes de coragem, de perseverança e de firmeza, mas humildes de coração, segundo o preceito do Evangelho e Jesus vos conduzirá através das tormentas e abençoará os vossos trabalhos.

Cada luta suportada corajosamente sob o olhar de Deus é uma prece ardente, que sobe a Ele qual incenso puro e de agradável odor. Se bastasse formular palavras para se dirigir a Deus, os indolentes teriam apenas de tomar um livro de preces para satisfazer a obrigação de orar. O trabalho, a atividade da alma são a única boa prece que a purifica e a faz crescer.

Fénelon

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

FEVEREIRO DE 1865

Nº 2

Temor da Morte⁸

O homem, seja qual for a escala de sua posição social, desde selvagem tem o sentimento inato do futuro; diz-lhe a intuição que a morte não é a última fase da existência e que aqueles cuja perda lamentamos não estão perdidos para sempre. A crença no futuro é intuitiva e infinitamente mais generalizada do que a do nada. Como é possível que ainda se encontre, entre os que crêem na imortalidade da alma, tanto apego às coisas da Terra, e tão grande temor da morte?

Este temor é um efeito da sabedoria da Providência e uma conseqüência do instinto de conservação comum a todos os seres vivos. Ele é necessário enquanto o homem não estiver bastante esclarecido sobre as condições da vida futura, como contrapeso ao arrastamento que, sem esse freio, o levaria a deixar prematuramente a vida terrestre e a negligenciar o trabalho terreno que deve servir ao seu próprio adiantamento.

8 N. do T.: Vide *O Céu e o Inferno*, 1ª parte, capítulo II.

Assim é que, nos povos primitivos, o futuro é uma vaga intuição, mais tarde tornada simples esperança e, finalmente, uma certeza, mas ainda atenuada por secreto apego à vida corporal.

À proporção que o homem compreende melhor a vida futura, o temor da morte diminui; mas, ao mesmo tempo, compreende melhor a sua missão na Terra, lhe aguarda o fim com mais calma, mais resignação, e sem medo. A certeza da vida futura dá-lhe outro curso às idéias, outro objetivo ao trabalho; antes dela, nada que se não prenda ao presente; depois dela tudo pelo futuro, sem desprezo do presente, porque sabe que aquele depende da boa ou má direção deste. A certeza de reencontrar seus amigos depois da morte, de reatar as relações que tivera na Terra, de não perder um só fruto do seu trabalho, de engrandecer-se incessantemente em inteligência, perfeição, dá-lhe paciência para esperar e coragem para suportar as fadigas transitórias da vida terrestre. A solidariedade entre vivos e mortos faz-lhe compreender a que deve existir na Terra, onde a fraternidade e a caridade têm desde então um fim e uma razão de ser, no presente como no futuro.

Para libertar-se do temor da morte é mister poder encará-la sob o seu verdadeiro ponto de vista, isto é, ter penetrado pelo pensamento o mundo invisível e deste fazer uma idéia tão exata quanto possível, o que denota da parte do Espírito encarnado um tal ou qual desenvolvimento e aptidão para desprender-se da matéria. Nos que não são suficientemente avançados, a vida material ainda prevalece sobre a vida espiritual. Apegando-se às aparências, o homem não distingue a vida além do corpo, esteja embora na alma a vida real; aniquilado aquele, tudo se lhe afigura perdido, desesperador. Se, em vez de concentrar o pensamento na roupagem externa, o dirigisse para a fonte mesma da vida, sobre a alma, que é o ser real e sobrevivente a tudo, lamentaria menos a perda do corpo, fonte de tantas misérias e dores. Para isso, porém, necessita o Espírito de uma força só adquirível na maturidade.

O temor da morte decorre, portanto, da noção insuficiente da vida futura, embora denote também a necessidade de viver e o receio de que a destruição do corpo seja o fim de tudo. É, ainda, provocado pelo secreto desejo da sobrevivência da alma, velado ainda pela incerteza.

Esse temor decresce à proporção que a certeza aumenta, e desaparece quando esta é completa.

Eis aí o lado providencial da questão. Era prudente não deslumbrar o homem cuja razão ainda não fosse bastante forte para suportar a perspectiva, muito positiva e muito sedutora, de um futuro que o teria feito negligenciar o presente, necessário ao seu adiantamento material e intelectual.

Este estado de coisas é entretido e prolongado por causas puramente humanas, que o progresso fará desaparecer. A primeira é o aspecto sob o qual é apresentada a vida futura, aspecto que poderia contentar as inteligências pouco desenvolvidas, mas que não conseguiria satisfazer a razão esclarecida dos pensadores refletidos. Assim, dizem estes: “Desde que nos apresentam como verdades absolutas princípios contestados pela lógica e pelos dados positivos da Ciência, é que eles não são verdades.” Daí, a incredulidade de uns e a crença dúbia de um grande número. A vida futura é-lhes uma idéia vaga, antes uma probabilidade do que certeza absoluta; acreditam, desejariam que assim fosse, mas apesar disso exclamam: “Se, todavia, assim não for! O presente é positivo, ocupemo-nos dele primeiro, que o futuro por sua vez virá.”

E, depois, acrescentam, definitivamente que é a alma? É um ponto, um átomo, uma faísca, uma chama? Como se sente, vê ou percebe? É que a alma não lhes parece uma realidade efetiva, mas uma abstração. Os entes que lhes são caros, reduzidos ao estado de átomos no seu modo de pensar, estão perdidos, e não têm mais aos seus olhos as qualidades pelas quais se lhes fizeram

amados; não podem compreender o amor de uma faísca nem o que a ela possamos ter, e eles próprios dão-se por satisfeitos com a perspectiva de se transformarem em mônadas. Justifica-se assim a preferência ao positivismo da vida terrestre, que algo possui de mais substancial, sendo considerável o número dos que se deixam dominar por este pensamento.

Outra causa de apego às coisas terrenas, mesmo nos que mais firmemente crêem na vida futura, é a impressão do ensino que relativamente a ela se lhes há dado desde a infância.

Convenhamos que o quadro esboçado pela religião, sobre o assunto, é nada sedutor e ainda menos consolatório. De um lado, contorções de condenados a expiarem em torturas e chamas eternas os erros de uma vida efêmera e passageira. Os séculos sucedem-se aos séculos e não há para tais desgraçados sequer o lenitivo de uma esperança e, o que mais atroz é, não lhes aproveita o arrependimento. De outro lado, as almas combalidas e aflitas do purgatório aguardam a intercessão dos vivos que orarão ou farão orar por elas, sem nada fazerem de esforço próprio para progredirem. Estas duas categorias compõem a imensa maioria da população de além-túmulo. Acima delas, paira a limitada classe dos eleitos, gozando, por toda a eternidade, da beatitude contemplativa. Esta inutilidade eterna, preferível sem dúvida ao nada, não deixa de ser de uma fastidiosa monotonia. É por isso que se vê, nas figuras que retratam os bem-aventurados, figuras angélicas onde mais transparece o tédio que a verdadeira felicidade.

Este estado não satisfaz nem as aspirações nem a instintiva idéia de progresso, única que se afigura compatível com a felicidade absoluta. Custa crer que, só por haver recebido o batismo, o selvagem ignorante – de senso moral obtuso – esteja ao mesmo nível do homem que atingiu, após longos anos de trabalho, o mais alto grau de ciência e moralidade práticas. Menos concebível ainda é que a criança falecida em tenra idade, antes de ter

consciência de seus atos, goze dos mesmos privilégios somente por força de uma cerimônia na qual a sua vontade não teve parte alguma.

Estes raciocínios não deixam de preocupar os mais fervorosos crentes, por pouco que meditem. Não dependendo a felicidade futura do trabalho progressivo na Terra, a facilidade com que se acredita adquirir essa felicidade, por meio de algumas práticas exteriores, e a possibilidade até de a comprar a dinheiro, sem regeneração do caráter e costumes, dão aos gozos do mundo o melhor valor. Mais de um crente considera, no seu foro íntimo, que assegurado o seu futuro pelo preenchimento de certas fórmulas, ou por dádivas póstumas, que de nada o privam, seria supérfluo impor-se sacrifícios ou quaisquer incômodos por outrem, uma vez que se consegue a salvação trabalhando cada qual por si.

Seguramente, nem todos pensam assim, havendo mesmo muitas e honrosas exceções; mas não se poderia contestar que assim pensa o maior número, sobretudo das massas pouco esclarecidas, e que a idéia que fazem das condições de felicidade no outro mundo não entretenha o apego aos bens deste, encorajando o egoísmo.

Acrescentemos ainda a circunstância de tudo nas usanças concorrer para lamentar a perda da vida terrestre e temer a passagem da Terra ao céu. A morte é rodeada de cerimônias lúgubres, mais próprias a infundirem terror do que a provocarem esperança. Se descrevem a morte, é sempre com aspecto repelente e nunca como sono de transição; todos os seus emblemas lembram a destruição do corpo, mostrando-o horrendo e descarnado; nenhum simboliza a alma desembaraçando-se radiosa dos grilhões terrestres. A partida para esse mundo mais feliz só se faz acompanhar do lamento dos sobreviventes, como se acontecesse a maior desgraça aos que se vão. Dizem-lhes eternos adeuses, como

se jamais devessem revê-los. Lastima-se por eles a perda dos gozos mundanos, como se não fossem encontrar maiores gozos no além-túmulo. Que desgraça, dizem, morrer tão jovem, rico e feliz, tendo a perspectiva de um futuro brilhante! A idéia de um futuro melhor apenas toca de leve o pensamento, porque não tem nele raízes. Tudo concorre, assim, para inspirar o terror da morte, em vez de infundir esperança. Sem dúvida que muito tempo será preciso para o homem se desfazer desses preconceitos, mas lá chegará à medida que a sua fé se for firmando, a ponto de conceber uma idéia mais sensata da vida espiritual.

A Doutrina Espírita muda inteiramente a maneira de encarar o futuro. A vida futura não é mais uma hipótese, mas uma realidade; o estado das almas depois da morte não é mais um sistema, mas resultado da observação. O véu está levantado; o mundo invisível nos aparece em toda a sua realidade prática; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa, são os próprios habitantes desse mundo que nos vêm descrever sua situação. Nós aí os vemos em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da felicidade e da desgraça; assistimos a todas as peripécias da vida de além-túmulo. Aí está para os espíritas a razão da calma com que encaram a morte, da serenidade de seus últimos instantes na Terra. O que os sustenta não é só a esperança, é a certeza; sabem que a vida futura é apenas a continuação da vida presente em melhores condições, e a esperam com a mesma confiança com que aguardam o nascer do sol, após uma noite de tempestade. Os motivos desta confiança estão nos fatos de que são testemunhas, e no acordo desses fatos com a lógica, a justiça e a bondade de Deus, e as aspirações íntimas do homem.

Demais, a crença vulgar coloca as almas em regiões apenas acessíveis ao pensamento, onde se tornam de alguma sorte estranhas aos vivos; a própria Igreja põe entre umas e outras uma barreira intransponível, declarando rotas todas as relações e

impossível qualquer comunicação. Se as almas estão no inferno, perdida é toda a esperança de as rever, a menos que lá se vá ter também; se estão entre os eleitos, vivem completamente absortas em contemplativa beatitude. Tudo isso interpõe entre mortos e vivos uma distância tal que faz supor eterna a separação, e é por isso que muitos preferem ter, junto de si, embora sofrendo, os entes caros, antes que vê-los partir, ainda mesmo que para o céu. E a alma que estiver no céu será realmente feliz vendo, por exemplo, arder eternamente *seu filho, seu pai, sua mãe ou seus amigos?*

Para os espíritas a alma não é mais uma abstração; tem um corpo etéreo, que dela faz um ser definido, que o pensamento abarca e concebe; já é muito para fixar idéias sobre sua individualidade, aptidões e percepções. A lembrança dos que nos são caros repousa sobre algo de real. Não mais são representadas como chamas fugidias, que nada lembram ao pensamento, mas sob uma forma concreta, que no-las mostra melhor como seres vivos. Depois, em vez de estarem perdidas nas profundezas do espaço, estão à nossa volta; o mundo visível e o mundo invisível estão em perpétuas relações e se assistem mutuamente. Não mais sendo permitida a dúvida sobre o futuro, o temor da morte não tem mais razão de ser; encaramo-la com sangue-frio, como uma libertação, como a porta da vida, e não como a do nada.

Perpetuidade do Espiritismo

Num artigo precedente, falamos dos incessantes progressos do Espiritismo. Tais progressos serão duráveis ou efêmeros? É um meteoro que reluz com brilho passageiro, como tantas outras coisas? É o que vamos examinar em poucas palavras.

Se o Espiritismo fosse uma simples teoria, uma escola filosófica baseada numa opinião pessoal, nada lhe garantiria a estabilidade, porque poderia agradar hoje e não agradar amanhã;

num dado tempo poderia não estar mais em harmonia com os costumes e o desenvolvimento intelectual, caindo, então, como todas as coisas fora de moda, que ficam a reboque do movimento; enfim, poderia ser substituído por algo melhor. Dá-se o mesmo com todas as concepções humanas, todas as legislações, todas as doutrinas puramente especulativas.

O Espiritismo apresenta-se em condições inteiramente diversas, como tantas vezes temos feito observar. Repousa sobre um fato, o da comunicação entre o mundo visível e o invisível. Ora, um fato não pode ser anulado pelo tempo, como uma opinião. Sem dúvida ainda não é admitido por todos; mas, que importam as negações de alguns, quando ele é constatado todos os dias por milhões de indivíduos, cujo número cresce incessantemente, e que não são nem mais tolos nem mais cegos do que os outros? Chegará, pois, o momento em que não encontrará mais negadores do que os agora existentes para o movimento da Terra.

Quantas oposições não levantaram este último fato! Por muito tempo não faltaram aos incrédulos aparentes boas razões para o contestar. Diziam eles: “Como crer na existência dos antípodas, caminhando de cabeça para baixo? E se a Terra gira, como pretendem, como acreditar que nós mesmos estejamos, de vinte e quatro em vinte e quatro horas, nessa posição incômoda, sem nos apercebermos? Nesse estado, não mais poderíamos ficar ligados à Terra, a não ser que quiséssemos marchar contra um teto, com os pés no ar, à guisa de moscas. E, depois, em que se tornariam os mares? A água não derrama quando se inclina o vaso? A coisa é simplesmente *impossível*, portanto é absurda, e Galileu é um louco.”

Sendo, porém, um fato essa coisa absurda triunfou de todas as razões contrárias e de todos os anátemas. Que faltava para admitir a sua possibilidade? o conhecimento da lei natural sobre a qual repousa. Se Galileu se tivesse contentado em dizer que a Terra

gira, até agora ainda não acreditariam nele. Mas as negações caíram ante o conhecimento do princípio.

Dar-se-á o mesmo com o Espiritismo. Já que repousa sobre um fato material, existente em virtude de uma lei explicada e demonstrada, que lhe tira todo caráter sobrenatural e maravilhoso, é imperecível. Os que negam a possibilidade das manifestações estão no mesmo caso dos que negavam o movimento da Terra. A maioria nega a causa primeira, isto é, a alma, sua sobrevivência ou sua individualidade, não sendo, pois, surpreendente que neguem o efeito. Julgam pelo simples enunciado do fato e o declaram absurdo, como outrora declaravam absurda a crença nos antípodas. Mas, que pode sua opinião contra um fenômeno constatado pela observação e demonstrado por uma lei da Natureza? Sendo o movimento da Terra um fato puramente científico, sua constatação não estava ao alcance do vulgo; foi preciso aceitá-lo sobre a fé nos cientistas. Mas o Espiritismo tem, além disso, o poder de ser constatado por todo o mundo, o que explica a sua tão rápida propagação.

Toda descoberta nova de alguma importância tem conseqüências mais ou menos graves; a do movimento da Terra e da lei de gravitação que rege esse movimento teve resultados incalculáveis. A Ciência viu abrir-se à sua frente um novo campo de exploração e não se poderiam enumerar todas as descobertas, invenções e aplicações que lhes foram a conseqüência. O progresso da Ciência ensejou o da indústria, e o progresso da indústria mudou a maneira de viver, os hábitos, numa palavra todas as condições de ser da Humanidade. O conhecimento das relações do mundo visível e do mundo invisível tem conseqüências ainda mais diretas e mais imediatamente práticas, porque está ao alcance de todas as individualidades e a todos interessa. Devendo cada homem necessariamente morrer, ninguém pode ficar indiferente àquilo que acontecerá depois de sua morte. Pela certeza que o Espiritismo dá do futuro, muda a maneira de ver e influi sobre a moralidade.

Sufocando o egoísmo, modificará profundamente as relações sociais de indivíduo a indivíduo e de povo a povo.

Muitos reformadores de pensamentos generosos formularam doutrinas mais ou menos sedutoras; mas, em sua maioria, elas só triunfaram como seitas, temporárias e circunscritas. Foi assim e sempre será assim com as teorias puramente sistemáticas, porque, na Terra, não é dado ao homem conceber alguma coisa completa e perfeita. O Espiritismo, ao contrário, apoiando-se não numa idéia preconcebida, mas sobre fatos patentes, está protegido contra essas flutuações e não poderá senão crescer, à medida que esses fatos forem vulgarizados, mais bem conhecidos e melhor compreendidos. Ora, nenhuma potência humana poderia impedir a vulgarização de fatos que cada um pode constatar; constatados os fatos, ninguém poderá impedir as conseqüências deles resultantes. Estas conseqüências são aqui uma revolução completa nas idéias e na maneira de ver as coisas deste mundo e do outro. Antes que o século tenha passado ela será realizada.

Mas, dirão, ao lado dos fatos tendes uma teoria, uma doutrina; quem vos diz que essa teoria não sofrerá variações? que em alguns anos a de hoje será a mesma?

Sem dúvida ela pode sofrer modificações em seus detalhes, em conseqüência de novas observações; mas, uma vez adquirido, o princípio não pode variar e, menos ainda, ser anulado; eis o essencial. Desde Copérnico e Galileu tem-se calculado melhor o movimento da Terra e dos astros, mas o fato do movimento ficou com o princípio.

Dissemos que o Espiritismo é, antes de tudo, uma ciência de observação; é o que faz sua força contra os ataques de que é objeto e dá aos seus adeptos uma fé inquebrantável. Todos os raciocínios que lhe opõem caem diante dos fatos, e esses raciocínios têm tanto menos valor aos seus olhos quanto mais os

sabem interessados. Em vão lhe dizem que isto não é, ou é outra coisa. Respondem: Não podemos negar a evidência. Se apenas existisse uma, poder-se-ia pensar numa ilusão; mas quando milhões de indivíduos vêem a mesma coisa, em todos os países, conclui-se logicamente que são os negadores que se iludem.

Se os fatos espíritas não tivessem como resultado senão satisfazer à curiosidade, por certo só causariam uma preocupação momentânea, como tudo o que é inútil; mas as conseqüências que deles decorrem tocam o coração, tornam felizes, satisfazem as aspirações, preenchem o vazio minado pela dúvida, projetam luz sobre a temível questão do futuro; ainda mais, neles se vê uma causa poderosa de moralização para a sociedade; elas têm, pois, um grande interesse. Ora, não se renuncia facilmente ao que é uma fonte de felicidade. Certamente não é com a perspectiva do nada, nem com a das chamas eternas que afastarão os espíritas de suas crenças.

O Espiritismo não se apartará da verdade e nada terá a temer das opiniões contraditórias, enquanto sua teoria científica e sua doutrina moral forem uma dedução dos fatos escrupulosa e conscienciosamente observados, sem preconceitos nem sistemas preconcebidos. É diante de uma observação mais completa, que todas as teorias prematuras e arriscadas, surgidas na origem dos fenômenos espíritas modernos, caíram e vieram fundir-se na imponente unidade que hoje existe, e contra a qual não se obstinam senão raras individualidades, que diminuem dia a dia. As lacunas que a teoria atual pode ainda conter encher-se-ão da mesma maneira. O Espiritismo está longe de haver dito a última palavra, quanto às suas conseqüências, mas é inquebrantável em sua base, porque esta base está assentada nos fatos.

Que os espíritas, pois, nada receiem: o futuro lhes pertence; que deixem os adversários se debaterem sob a opressão da verdade, que os ofusca, porque toda denegação é impotente contra a evidência que, inegavelmente, triunfa pela própria força

das coisas. É uma questão de tempo, e neste século o tempo marcha a passos de gigante, sob o impulso do progresso.

Espíritos Instrutores da Infância

CRIANÇA AFETADA DE MUTISMO

Uma senhora nos transmitiu o seguinte fato:

“Uma de minhas filhas tem um menino de três anos que, desde o nascimento, lhe tem causado as mais vivas inquietações. Restabelecida sua saúde em fins de agosto último, apenas andava e só dizia *papá, mamã*; o restante de sua linguagem não passava de uma mistura de sons inarticulados. Há cerca de um mês, depois de infrutíferas tentativas para que o filho pronunciasse as palavras mais usuais, tentativas sempre repetidas sem sucesso, minha filha deitou-se muito triste com essa espécie de mutismo, muito desolada porque seu marido, capitão de longo curso, quando retornasse de uma ausência que já durava mais de um ano, não acharia mudança na maneira de falar do filho. Contudo, ela foi despertada às cinco horas da manhã pela voz da criança, que articulava distintamente as letras A, B, C, D, que jamais lhe tinham tentado fazer pronunciar. Acreditando sonhar, sentou-se na cama; inclinando a cabeça para o berço, o rosto perto do da criança, que dormia, ouviu-a repetir em voz alta, por diversas vezes, as letras A, B, C, acentuando cada uma por um leve movimento de cabeça, após o que pronunciava a letra D de forma bem carregada.

“Às seis horas, quando entrei em seu quarto, a criança ainda dormia, mas a mãe, feliz e emocionada por ter ouvido o filho pronunciar essas letras, não mais retomara o sono. Ao despertar o pequeno, e desde então, em vão tentamos fazê-lo dizer essas letras, que jamais tinha ouvido dizer, quando as disse no sono, pelo menos nesta vida; contudo, todos os nossos ensaios fracassaram. Mesmo ainda hoje ele diz A, B, mas nos foi impossível obter para o C e o

D mais que dois sons, um da garganta, outro do nariz, que de modo algum lembram as duas letras que queríamos que ele dissesse.

“Não é a prova de que esse menino já viveu? Paro aqui, pois não me sinto bastante instruída para ousar concluir. Preciso aprender ainda, ler muito tudo quanto trata do Espiritismo, não para me convencer: O Espiritismo responde a tudo, ou, pelo menos, a quase tudo; mas, repito, senhor, não sei bastante. Ainda o saberei; não me falta o desejo. Deus, que não me abandonou nestes dezessete anos de viuvez; Deus, que me ajudou a educar os filhos e os encaminhar na vida; Deus, em que tenho fé, proverá o que me falta, porque nele espero e lhe peço de todo o coração para que permita aos Espíritos bons que me esclareçam e me guiem para o bem. Orai também por mim, senhor, pois estou em comunhão de pensamento convosco e, acima de tudo, desejo marchar no bom caminho.”

Este fato é, sem sombra de dúvida, o resultado de conhecimentos adquiridos anteriormente. Se há uma aptidão inata, é a que se revela espontaneamente durante o sono do corpo, quando nenhuma circunstância poderia tê-la feito desenvolver-se no estado de vigília. Se as idéias fossem um produto da matéria, por que uma idéia nova iria surgir quanto a matéria estivesse entorpecida, ao passo que não só é nula, mas impossível de exprimir quando os órgãos estão em plena atividade? A causa primeira, pois, não pode estar na matéria. É assim que, a cada passo, o materialismo se choca contra problemas cuja solução é incapaz de dar. Para que uma teoria seja verdadeira e completa, é preciso que não seja desmentida por nenhum fato. O Espiritismo não formula nenhuma prematuramente, a menos que seja a título de hipótese, caso em que se guarda de dá-la como verdade absoluta, mas apenas como assunto de estudo. Essa a razão por que marcha com segurança.

No caso de que se trata, é, pois, evidente que não tendo o Espírito aprendido em vigília o que diz durante o sono, forçoso

é que tenha aprendido algures; desde que não foi nesta vida, deve ter sido em outra e, ainda, numa existência terrestre, na qual falava francês, já que pronuncia letras francesas. Como explicarão o fato os que negam a pluralidade das existências ou a reencarnação na Terra?

Mas resta saber como é que o Espírito, desperto, não possa dizer o que articula no sono? Eis a explicação dada por um Espírito à Sociedade de Paris.

(24 de novembro de 1864 – Médiun: Sra. Cazemajour)

É uma inteligência que poderá ainda ficar velada por algum tempo, pelo sofrimento material da reencarnação na qual o Espírito teve muita dificuldade em se submeter e que, momentaneamente, aniquilou as suas faculdades. Mas o seu guia o ajuda com terna solicitude a sair desse estado pelos conselhos, o encorajamento e *as lições* que lhe dá, durante o sono do corpo, lições que não são perdidas e que se *acharão vivazes* quando essa fase de entorpecimento houver passado, e que será determinada por um choque violento, uma emoção extrema. Para isso é necessária uma crise desse gênero. Deve-se estar atento para isto, mas não temer a idiotia, pois não é o caso.”

Há aqui um ensinamento importante e, até certo ponto, novo: o da primeira educação dada a um Espírito encarnado por um Espírito desencarnado. Sem dúvida certos sábios desdenhariam o fato como muito pueril e sem importância; nele não veriam senão uma bizarrice da Natureza, ou o explicariam por uma superexcitação cerebral, que dilata momentaneamente as faculdades, pois é assim que explicam todas as faculdades mediúnicas. Por certo seria concebível, em alguns casos, a exaltação numa pessoa adulta, cuja imaginação sobe pelo que vê ou pelo que ouve, mas não se compreenderia o que pudesse sobreexcitar o cérebro de uma criança de três anos, que dorme. Eis, pois, um fato

inexplicável por essa teoria, ao passo que encontra solução natural e lógica pelo Espiritismo. O Espiritismo não desdenha nenhum fato, por mais insignificante que seja em aparência; ele os espreita, observa-os e os estuda todos. É assim que progride a ciência espírita, à medida que os fatos se apresentam para atestar ou completar sua teoria. Se a contradisserem, ele lhes busca outra explicação.

Uma carta de 30 de dezembro de 1864, escrita por um amigo da família, contém o seguinte:

“Uma crise” – disseram os Espíritos – “determinada por um choque violento, uma emoção extrema livrará a criança do entorpecimento de suas faculdades. Os Espíritos disseram a verdade; a crise ocorreu por um choque violento, e eis de que maneira. A criança deu causa a que sua avó sofresse um tombo terrível, no qual por pouco não partiu a cabeça, esmagando a criança. Desde esse trauma o menino surpreende os pais a todo instante, pronunciando frases inteiras, como esta: “Cuidado mamã, para não cair.”

A articulação das letras durante o sono do garoto era, muito evidentemente, um efeito mediúnico, pois resultava do exercício que o Espírito lhe fazia fazer. Numa sessão posterior da Sociedade, em que absolutamente não se ocupavam do caso em questão, foi dada espontaneamente a seguinte dissertação, vindo confirmar e desenvolver o princípio desse gênero de mediunidade.

Mediunidade na Infância

(Sociedade de Paris, 6 de janeiro de 1865 – Médiun: Sr. Delanne)

Depois de ter sido preparado pelo anjo-da-guarda, começam a se estabelecerem no Espírito que vem encarnar, isto é, que vem sofrer novas provações em vista do seu melhoramento, os

laços misteriosos que o unem ao corpo, a fim de manifestar a sua ação terrestre. Aí está todo um estudo, sobre o qual não me estenderei; só falarei do papel e da disposição do Espírito, durante o período da infância no berço.

A ação do Espírito sobre a matéria, nesse tempo de vegetação corpórea, é pouco sensível. Assim, os guias espirituais desvelam-se em aproveitar esses instantes, em que a parte carnal não obriga a participação inteligente do Espírito, a fim de preparar este último e encorajá-lo em suas boas resoluções, das quais sua alma está impregnada.

É nesses momentos de desprendimento que o Espírito, saindo da perturbação que teve de passar para a encarnação presente, compreende e se lembra dos compromissos contraídos para o seu adiantamento moral. É então que os Espíritos protetores vos assistem e ajudam a vos reconhecerdes. Assim, estudai a fisionomia da criancinha que dorme; muitas vezes o vereis “sorrindo aos anjos”, como se diz vulgarmente, expressão mais justa do que se pensa. Com efeito, sorri aos Espíritos que o cercam e o devem guiar.

Vede esse pequeno acordado. Ora ele olha fixamente, parecendo reconhecer seres amigos; ora balbucia palavras, e seus gestos alegres parecem dirigir-se a rostos amados. E como Deus jamais abandona as suas criaturas, mais tarde esses mesmos Espíritos lhe darão boas e salutares instruções, seja durante o sono, seja por inspiração, em estado de vigília. Daí podeis ver que todos os homens possuem, ao menos em germe, o dom da mediunidade.

A infância propriamente dita é uma longa série de efeitos mediúnicos, e se crianças um pouco mais velhas, quando o Espírito adquiriu mais força, por vezes não temessem as imagens das primeiras horas, poderíeis constatar muito melhor esses efeitos.

Continuai a estudar e, diariamente, como crianças grandes, vossa instrução aumentará, se não vos obstinardes em fechar os olhos ao que vos cerca.

Um Espírito protetor

Questões e Problemas

OBRAS-PRIMAS POR VIA MEDIÚNICA

Por que os Espíritos dos grandes gênios que brilharam na Terra não produzem obras-primas por via mediúnica, como fizeram em vida, desde que nada perderam em inteligência?

Esta questão é, ao mesmo tempo, uma daquelas cuja solução interessa à ciência espírita, como tema de estudo, e uma objeção oposta por certos negadores à realidade das manifestações. Dizem estes últimos: “Estas obras fora do comum seriam uma prova de identidade adequada para convencer os mais recalcitrantes, ao passo que os produtos mediúnicos assinados pelos mais ilustres nomes quase não se elevam acima da vulgaridade. Até agora não se cita nenhuma obra capital que possa mesmo aproximar-se das dos grandes literatos e dos grandes artistas.” E acrescentam alguns: “Quando eu vir o Espírito Homero dar uma nova *Ilíada*, o de Virgílio uma nova *Eneida*, o de *Corneille* um novo *Cid*, o de Beethoven uma nova sinfonia em *lá*; ou quando um sábio, como Laplace, resolver um desses problemas inutilmente procurados, como a quadratura do círculo, por exemplo, então poderei crer na realidade dos Espíritos. Mas como quereis que neles creia, quando vejo darem seriamente, sob o nome de Racine, poesias que um aluno do quarto ano corrigiria; atribuir a Béranger versos que não passam de finais mal rimados, insossos e sem espírito, ou imputar a Voltaire e Chateaubriand uma linguagem de cozinheira?”

Há nesta objeção um lado sério: é o que contém a última parte, mas que não denota menos a ignorância dos primeiros princípios do Espiritismo. Se os que a fazem não julgassem antes de o haver estudado, poupar-se-iam a um trabalho inútil.

Como se sabe, a identidade dos Espíritos é uma das grandes dificuldades do Espiritismo prático. Só pode ser constatada de maneira positiva para os Espíritos contemporâneos, cujo caráter e hábitos são conhecidos. Então eles se revelam por uma multidão de particularidades, nos fatos e na linguagem, que não podem deixar qualquer dúvida. São esses cuja identidade nos interessa mais, por laços que a eles nos unem. Muitas vezes um sinal, uma palavra basta para atestar a sua presença, e essas particularidades são tanto mais significativas, quanto mais similitude há na série de conversas familiares que se tem com os Espíritos. Além disso, é preciso considerar que quanto mais próximos de nós pela época de sua morte terrestre, menos estão os Espíritos despojados do caráter, dos hábitos e das idéias pessoais que no-los fazem reconhecer.

Já não é assim com os Espíritos que, de certo modo, só são conhecidos através da História. Para esses não existe nenhuma prova material de identidade; pode haver presunção, mas não certeza absoluta da personalidade. Quanto mais afastados de nós os Espíritos pela época em que viveram, menor essa certeza, considerando-se que suas idéias e seu caráter podem ter-se modificado com o tempo. Em segundo lugar, os que chegaram a uma certa elevação formam famílias similares pelo pensamento e pelo grau de adiantamento, cujos membros todos estão longe de nos ser conhecidos. Se um deles se manifesta, fá-lo-á sob um nome nosso conhecido, como sinal de sua categoria. Se se evoca Platão, por exemplo, é possível que responda ao apelo; mas, se não o puder, um Espírito da mesma categoria responderá por ele; será o seu pensamento, mas não a sua individualidade. Eis o que importa estarmos bem compenetrados.

Aliás, os Espíritos superiores vêm para instruir-nos; sua identidade absoluta é questão secundária. O que eles dizem é bom ou mau, racional ou ilógico, digno ou indigno de sua assinatura? Eis toda a questão. No primeiro caso, aceita-se; no segundo, rejeita-se como apócrifa.

Aqui se apresenta o grande escolho da intromissão dos Espíritos levianos ou ignorantes, que se enfeitam de grandes nomes para fazerem aceitar suas tolices e utopias. Nesse caso, a distinção exige tato, observação e, quase sempre, conhecimentos especiais. Para julgar uma coisa é preciso ter competência. Como aquele que não é versado em literatura e poesia podia apreciar as qualidades e os defeitos das comunicações deste gênero? A ignorância, neste caso, por vezes toma por verdades sublimes a ênfase, os floreios de linguagem, as palavras sonoras, que cobrem o vazio das idéias; não pode identificar-se com o gênio particular do escritor, para julgar o que pode ou não pode ser dele. Assim, muitas vezes vêem-se médiuns, lisonjeados por receberem versos assinados por Racine, Voltaire ou Béranger, não sentirem nenhuma dificuldade em julgá-los autênticos, por mais detestáveis que sejam, sendo uma felicidade quando não se aborrecem contra os que se permitem pô-los em dúvida.

Temos, pois, como perfeitamente justa a crítica que se lança a semelhantes coisas, porque abunda em nossa razão. O erro não está no Espiritismo, mas nos que aceitam com muita facilidade o que vem dos Espíritos. Se os que disso fazem uma arma contra a doutrina a tivessem estudado, saberiam o que ela admite e não lhe imputariam o que repele, nem os exageros de uma credulidade cega e irrefletida. O erro é ainda maior quando se publicam, sob nomes conhecidos, coisas indignas da origem que lhes é atribuída; é dar razão à crítica fundada e prejudicar o Espiritismo. É necessário que se saiba que o Espiritismo racional absolutamente não patrocina essas produções, nem assume a responsabilidade das publicações feitas com mais entusiasmo do que prudência.

A incerteza a respeito da identidade dos Espíritos, em certos casos, e a freqüência da intromissão dos Espíritos levianos provam alguma coisa contra a realidade das manifestações? De modo algum, pois o fato das manifestações é tão bem provado pelos Espíritos inferiores quanto pelos superiores. A abundância dos primeiros prova a inferioridade moral do nosso globo e a necessidade de trabalhar pela nossa melhora, para dele sairmos o mais rápido possível.

Resta, agora, a questão principal: Por que os Espíritos dos homens de gênio não produzem obras-primas pela via mediúnica?

Antes de tudo, é preciso ver a utilidade das coisas. Para que serviria isto? Para convencer os incrédulos, dizem. Mas, quando se os vê resistindo à mais palpável evidência, uma obra-prima não lhes provaria melhor a existência dos Espíritos, porque a atribuiriam, como todas as produções mediúnicas, à superexcitação cerebral. Um Espírito familiar, um pai, uma mãe, um filho, um amigo, que vêm revelar circunstâncias desconhecidas do médium, dizer essas palavras que vão ao coração prova muito mais que uma obra-prima, que poderia sair de seu próprio cérebro. Um filho, cujo pai o pranteia, e que vem atestar a sua presença e a sua afeição, não convence melhor do que se Homero viesse fazer uma nova *Iliada*, ou Racine uma nova *Fedra*? Por que, então, lhes pedir habilidades, que espantariam mais do que convenceriam, quando eles se revelam por milhares de fatos íntimos, ao alcance de todo o mundo? Os Espíritos buscam convencer as massas, e não tal ou qual indivíduo, porque a opinião das massas faz lei, enquanto os indivíduos são unidades perdidas na multidão. Eis por que pouco se preocupam com os obstinados que os querem importunar. Sabem perfeitamente que, mais cedo ou mais tarde, terão de curvar-se ante a força da opinião. Os Espíritos não se submetem ao capricho de ninguém; para convencer empregam os meios que querem, conforme os indivíduos e as circunstâncias.

Tanto pior para os que não se contentam com isto; sua vez chegará mais tarde. Daí por que dizemos também aos adeptos: Ligai-vos aos homens de boa vontade, porque não falhareis; mas não percais vosso tempo com os cegos que não querem ver, nem com os surdos que não querem ouvir. Agir assim é faltar com a caridade? Não, pois para estes será apenas um adiamento. Enquanto perdeis o tempo com eles, negligenciais dar consolações a uma porção de gente necessitada e que aceitaria com alegria o pão da vida que lhes oferecêsseis. Além disso, pensai que os refratários, que resistem às vossas palavras e às provas que lhes dais, cederão um dia sob o ascendente da opinião que se formará em redor deles. Seu amor-próprio sofrerá menos com isto.

A questão das obras-primas também se liga ao mesmo princípio que rege as relações dos encarnados com os desencarnados. Sua solução depende do conhecimento deste princípio. Eis as respostas dadas a respeito na Sociedade Espírita de Paris.

(6 de janeiro de 1865 – Médiun: Sr. d'Ambel)

Há médiuns que, por suas aquisições anteriores, por seus estudos particulares na existência que hoje percorrem, acham-se mais aptos, quando não mais úteis que outros. Aqui a questão moral não é levada em conta: é simplesmente uma questão de capacidade intelectual. Mas não se deve ignorar que a maior parte desses médiuns não são devotados e que muitos recebem dos Espíritos comunicações de ordem elevada, que só a eles aproveitam. Mais de uma obra-prima da literatura e das artes é produto de uma mediunidade inconsciente; sem isto, de onde viria a inspiração? Afirmar corajosamente que as comunicações recebidas por Delphine de Girardin, Auguste Vaquerie e outros estavam à altura do que se tinha o direito de esperar dos Espíritos que se comunicavam por eles. Nessas ocasiões, infelizmente muito raras no Espiritismo, as almas dos que queriam comunicar-se

tinham à mão bons, excelentes instrumentos, ou, melhor, médiuns cuja capacidade cerebral forneciam todos os elementos de palavras e de pensamentos necessários à manifestação dos Espíritos inspiradores. Ora, na maior parte das circunstâncias em que os Espíritos se comunicam – os grandes Espíritos, bem entendido – estão longe de ter sob a mão elementos suficientes para a emissão de seus pensamentos na forma, com a fórmula que eles lhe teriam dado quando vivos. É isso um motivo para não receber suas instruções? Por certo, não! Porque se algumas vezes a forma deixa a desejar, o fundo é sempre digno do signatário das comunicações. Quanto ao mais, são querelas de palavras. A comunicação existe ou não existe? Eis o essencial. Se existe, que importa o Espírito e o nome que este toma? Se não se acredita nisto, importa ainda menos com ela se preocupar. Os Espíritos tratam de convencer; quando não o conseguem, é um inconveniente sem importância; é simplesmente porque o encarnado ainda não está pronto para ser convencido. Todavia, estou bem à vontade para aqui afirmar que, em cem indivíduos de boa-fé, que experimentam por si ou por médiuns que lhes são estranhos, mais de dois terços tornam-se partidários sinceros da Doutrina Espírita, porquanto, nesses períodos excepcionais, a ação dos Espíritos não se circunscreve apenas ao ato do médium, mas se manifesta por mil aspectos materiais ou espirituais sobre o próprio evocador.

Em suma, nada é absoluto, e sempre chegará uma hora mais fecunda, mais produtiva que a hora precedente. Eis, em poucas palavras, minha resposta à pergunta feita pelo vosso presidente.

Erasto

(20 de janeiro de 1865 – Médium: Srta. M. C.)

Perguntais por que os Espíritos que na Terra brilharam por seu gênio, não dão aos médiuns comunicações à altura de suas produções terrenas, quando, de preferência, deveriam dá-las

superiores, já que o tempo decorrido desde sua morte deve ter sido acrescentado às suas faculdades. Eis a razão.

Para se fazer ouvir, é preciso que os Espíritos atuem sobre instrumentos que estejam ao nível de sua ressonância fluídica. Que pode fazer um bom músico com um instrumento detestável? Nada. Ah! muitos médiuns, se não a maior parte, são para nós instrumentos muito imperfeitos. Compreendi que em tudo é necessário similitude, tanto nos fluidos espirituais quanto nos fluidos materiais. Para que os Espíritos avançados possam se vos manifestar, necessitam de médiuns capazes de vibrar em uníssono; do mesmo modo, para as manifestações físicas, é preciso que os encarnados possuam fluidos materiais da mesma natureza que os dos Espíritos errantes, tendo ainda ação sobre a matéria.

Assim, Galileu só se manifestará realmente a um astrônomo capaz de o compreender e transmitir sem erro os seus dados astronômicos; Alfred de Musset e outros poetas terão necessidade de um médium que ame e compreenda a poesia; Beethoven, Mozart procurarão músicos dignos de poder transcrever seus pensamentos musicais; os Espíritos instrutores que vos desvendam os segredos da Natureza, segredos pouco conhecidos, ou ainda ignorados, precisam de médiuns que já compreendam certos efeitos magnéticos e que tenham estudado bem a mediunidade.

Compreendi isto, meus amigos; refleti que não encomendais uma roupa ao chapeleiro, nem vossas cabeleiras ao alfaiate. Deveis compreender que necessitamos de bons intérpretes, e que alguns de nós, por não encontrar esses intérpretes, se recusem à comunicação. Mas, então, o lugar é ocupado. Não vos esqueçais de que os Espíritos levianos são em grande número, e que aproveitam as vossas faculdades com tanto mais facilidade quanto muitos dentre vós, envaidecidos pelas assinaturas notáveis, pouco se inquietam em se informarem na fonte verdadeira e

confrontarem o que obtêm com o que deveriam ter obtido. Regra geral: quando quiserdes um calculador, não vos dirijais a um dançarino.

Um Espírito protetor

Observação – Esta comunicação apóia-se num princípio verdadeiro, que resolve perfeitamente a questão do ponto de vista científico; contudo, não deve ser tomada num sentido muito absoluto. À primeira vista, esse princípio parece contradizer os fatos tão numerosos de médiuns que tratam de assuntos fora de seus conhecimentos, e pareceria implicar, para os Espíritos superiores, a possibilidade de não se comunicarem senão a médiuns que estivessem à sua altura. Ora, isto só se deve entender quando se trata de trabalhos especiais e de uma importância excepcional. Concebe-se que se Galileu quiser tratar de uma questão científica, se um grande poeta quiser ditar uma obra poética, tenham necessidade de um instrumento que responda ao seu pensamento, o que não quer dizer que, para outras coisas, uma simples questão de moral, por exemplo, um bom conselho a dar, não poderão fazê-lo por um médium que não seja cientista, nem poeta. Quando um médium trata com facilidade e superioridade assuntos que lhe são estranhos, é um indício de que seu Espírito possui um desenvolvimento inato e faculdades latentes, fora da educação que recebeu.

O Ramanenjana

Os *Anais da propagação da fé*, de setembro de 1864, em seu número 216, contêm o relato minucioso dos acontecimentos ocorridos em Tananarive (Madagáscar), no decorrer do ano de 1863, entre outros o da morte do rei Radama II. Aí encontramos o seguinte relato:

O mais grave dos fatos ocorridos em Tananarive em 1863 é, incontestavelmente, a morte de Radama II. Antes, porém, de narrar o fim trágico desse infeliz príncipe, é necessário lembrar outro fato que não teve menor repercussão que o primeiro, testemunhado por mais de duzentos mil homens, e que pode ser encarado como o prelúdio ou o precursor do atentado cometido contra a pessoa real do infortunado Radama. Quero falar do *Ramanenjana*.

O que é o Ramanenjana?

Esta palavra, que significa *tensão*, exprime uma estranha doença que, de início, se manifestou ao sul de Emirne. Dela se teve conhecimento em Tananarive cerca de um mês antes. A princípio era apenas um vago rumor que circulava entre o povo. Assegurava-se que numerosos grupos de homens e mulheres, acometidos por uma afecção misteriosa, subiam do sul para a capital, para falar ao rei, da parte de sua mãe (a defunta rainha). Dizia-se que tais grupos se encaminhavam em pequenas jornadas, acampando cada noite nos vilarejos e engrossando, ao longo do caminho, com todos os recrutas que fazia na sua passagem.

Mas ninguém teria imaginado que o Ramanenjana estivesse tão perto da cidade real, quando, de repente, fez sua primeira aparição alguns dias antes do Domingo de Ramos.

Eis o que a respeito nos escrevem:

“No momento em que o julgávamos ainda muito afastado, o Ramanenjana, ou Ramenabé, como outros também o chamam, veio estourar como uma bomba. Não há rumor na cidade senão de convulsões e convulsionários: existem por todos os lados; avalia-se seu número em mais de dois mil. Neste momento eles acampam em Machamasina, campo de Marte situado próximo à capital. A algazarra que fazem é tal que nos impede de dormir. Julgai como deve ser forte, para que a uma légua de distância possa chegar até aqui e perturbar o sono!

“Na terça-feira santa havia uma grande revista em Soanerana. Quando os tambores deram o toque de reunir, eis que mais de mil soldados deixaram bruscamente as fileiras e começaram a dançar o Ramanenjana. Por mais que os chefes gritassem, esbravejassem e ameaçassem, tiveram de renunciar à passagem da revista.”

Caráter do Ramanenjana

Esta doença age especialmente sobre os nervos, neles exercendo uma pressão tal que logo provoca convulsões e alucinações, das quais apenas se dá conta do ponto de vista da ciência.

Os que são atingidos sentem, inicialmente, violentas dores na cabeça, na nuca e depois no estômago. Ao cabo de algum tempo começam os acidentes convulsivos; é então que os vivos entram em comunicação com os mortos: vêem a rainha Ranavalona, Radama I, Andrian Ampoinemerina e outros, que lhes falam e lhes dão incumbências. A maior parte dessas mensagens é dirigida a Radama II.

Os Ramanenjana parecem especialmente enviados para a velha Ranavalona, para dar a entender a Radama que ele deve voltar ao antigo regime, fazer cessar a prece, expulsar os brancos, interditar os porcos na cidade santa, etc., etc; caso contrário, grandes desgraças o ameaçam, e que ela o renegará como seu filho.

Um outro efeito dessas alucinações é que a maior parte dos que lhes são vítimas imaginam-se carregando pesados fardos que levam na comitiva dos mortos; imaginam ter à cabeça uma caixa de sabão, um cofre, um colchão, fuzis, chaves, talheres de prata, etc., etc.

Esses fantasmas precisam andar em disparada, pois os infelizes que estão às suas ordens fazem um esforço danado para

os seguir, a despeito de irem sempre em passo de corrida. Também é preciso, tão logo recebam a sua missão de além-túmulo, que se ponham a sapatear, a gritar, a pedir graça, agitando a cabeça e os braços, sacudindo as extremidades do lambá ou o pedaço de pano que lhes cobre o rosto. Depois, ei-los se atirando, sempre gritando, dançando, saltando e se agitando em convulsões. Seu grito mais comum é: *Ekala!* e este outro: *Izabay maikia!* “estamos com pressa!” Geralmente uma multidão os acompanha cantando, batendo palmas e tocando tambor; dizem que é para os superexcitar ainda mais e apressar o fim da crise, como se vê o cavaleiro hábil afrouxar as rédeas de seu corcel fogoso e, longe de procurar retê-lo, o instigar, com a voz de comando e a espora, até que este, tremendo sob a mão que o conduz, ofegante, coberto de suor, acabe parando por si mesmo, esgotado de fadiga e sem forças.

Ainda que essa doença acometa especialmente os escravos, é certo dizer que não poupa ninguém. É assim que um filho de Radama e de Maria, sua concubina, de repente se viu atormentado por alucinações do Ramanenjana; e ei-lo a gritar, a se agitar, a dançar e a correr como os outros. No primeiro momento de pavor, o próprio rei se pôs a persegui-lo; mas, nessa corrida precipitada, feriu-se ligeiramente na perna, o que o levou a dar ordem de sempre ter um cavalo selado, em caso de novo acidente.

As corridas desses energúmenos nada têm de bem determinado; uma vez impelidos não sei por que força irresistível, eles se espalham no campo, uns para um lado, outros para outro. Antes da Semana Santa dirigiam-se aos túmulos, onde dançavam e ofereciam uma moeda.

Mas no próprio Dia de Ramos – singular coincidência – uma nova moda foi criada entre eles: ir à parte baixa da cidade, cortar uma cana-de-açúcar; levam-na triunfalmente sobre os ombros e vêm depositá-la sobre a pedra sagrada de Mahamasin, em

honra a Ranavalona. Aí dançam, agitam-se com todas as contorções e convulsões de hábito; depois depõem a cana e uma moeda, e voltam correndo, dançando, saltando, tal como chegaram.

Alguns levam uma garrafa de água à cabeça, para beber e se borrifar; e, coisa surpreendente! a despeito de tanta agitação e evoluções convulsivas, a garrafa mantém-se em equilíbrio; dir-se-ia pregada e grudada no crânio.

Escrevem-nos ainda que uma nova fantasia acaba de apoderar-se deles: exigem que todos tirem o chapéu por onde quer que passem.

Infeliz de quem se recusar obedecer a essa injunção, por mais absurda que seja! Disso já resultou mais de uma luta, que o pobre Radama julgou poder prevenir impondo uma multa de 150 fr. aos recalcitrantes. Para não infringir a prescrição real, a maioria dos brancos tomou o partido de só sair sem chapéu. Um dos nossos padres viu-se exposto a um caso muito mais grave: tratava-se nada menos do que fazê-lo tirar a batina, pois o *Ramanenjana* pretendia que a cor preta o ofuscava. Felizmente o padre pôde escapar e entrar em casa, sem ser obrigado a despojar-se das vestes sacerdotais.

Os acessos dos convulsionários não são contínuos. Depois de fazerem seus trejeitos diante da pedra sagrada, pedra sobre a qual fazem subir o herdeiro do trono para o apresentar ao povo, muitos deles vão atirar-se à água, subindo depois tranqüilamente para repousarem até nova crise.

Algumas vezes outros caem de esgotamento, no caminho ou na via pública, adormecem e se levantam curados. Há os que adoecem dois ou três dias antes de se libertarem completamente. Em muitos o mal é mais tenaz e por vezes dura cerca de quinze dias.

Durante o acesso, o indivíduo atingido pelo Ramanenjana não reconhece ninguém. Quase não responde às perguntas que lhe dirigem. Depois do acesso, se se lembra de alguma coisa, é vagamente e como num sonho.

Uma particularidade bastante notável é que, em meio às evoluções mais ofegantes, as mãos e os pés ficam frios como gelo, enquanto o resto do corpo está banhado em suor e a cabeça em ebulição.

Agora, qual pode ser a causa dessa doença singular? Aqui todos concordam inteiramente entre si; vários o atribuem pura e simplesmente ao demônio, que, como antes, se havia revelado nas mesas girantes, pensantes, etc. Daí por que, pouco preocupados de saudar essa diabólica majestade, muitos se resignaram a andar sem chapéu.

ESTUDO SOBRE O FENÔMENO DO RAMANENJANA

Seria de causar admiração se o nome do Espiritismo não tivesse sido misturado neste caso. Ainda bem que seus adeptos não foram acusados de provocar os fenômenos. O que não teriam dito se esses pobres malgaxes tivessem lido *O Livro dos Espíritos!* Não teriam deixado de afirmar que ele lhes tinha virado a cabeça. Quem, pois, sem o Espiritismo, lhes ensinou a crer nos Espíritos, na comunicação dos vivos com as almas dos mortos? É que o que está na Natureza se produz tão bem no selvagem quanto no homem civilizado, no ignorante como no sábio, no vilarejo quanto na cidade. Como há Espíritos em toda parte, as manifestações ocorrem em todos os lugares, mas com esta diferença: nos homens próximos da Natureza, o orgulho do saber ainda não embotou as idéias intuitivas, que aí estão vivazes e em toda a sua ingenuidade. Eis por que neles não se encontra a incredulidade erigida em sistema. Eles podem julgar mal as coisas, em virtude da pobreza de sua inteligência; mas a crença no mundo lhes é inata e entretida pelos fatos que testemunham.

Tudo prova, pois, que lá, como em Morzine, esses fenômenos são o resultado de uma obsessão, ou possessão coletiva, verdadeira epidemia de Espíritos maus, como se produziu ao tempo do Cristo e em muitas outras épocas. Cada população deve fornecer ao mundo invisível ambiente Espíritos similares que, do espaço, reagem sobre essas mesmas populações, das quais, devido à sua inferioridade, conservaram os hábitos, as inclinações e os preconceitos. Os povos selvagens e bárbaros estão, pois, cercados por uma massa de Espíritos ainda selvagens e bárbaros, até que o progresso os tenha levado a se encarnarem num meio mais adiantado. É o que resulta da comunicação abaixo.

Depois de lido o relato acima numa reunião íntima, um dos guias espirituais da família ditou espontaneamente o seguinte:

(Paris, 12 de janeiro de 1865 – Médium: Sra. Delanne)

Esta noite eu vos ouvi ler os fatos de obsessão ocorridos em Madagáscar. Se o permitis, darei minha opinião a respeito.

Observação – O Espírito não tinha sido evocado. Lá estava, pois, em meio à sociedade, escutando sem ser visto o que aí se dizia. É assim que, sem nos darmos conta, incessantemente temos testemunhas invisíveis de nossas ações.

Essas alucinações, como as chama o corresponde do jornal, não passam de uma obsessão, embora de caráter diferente do das que conheceis. Aqui é uma obsessão coletiva, produzida por uma plêiade de Espíritos atrasados que, tendo conservado suas antigas opiniões políticas, vêm tentar perturbar os seus compatriotas, por meio dessas manifestações, a fim de que estes últimos, tomados de pavor, não ousem apoiar as idéias de civilização que começam a implantar-se nesses países onde o progresso começa a despontar.

Os Espíritos obsessores que impelem essa pobre gente a tantas manifestações ridículas são os dos antigos malgaxes, furiosos, repito, por verem os habitantes dessas regiões admitindo as idéias de civilização, que alguns Espíritos adiantados, encarnados, têm a missão de implantar entre eles. Assim, muitas vezes os ouvis repetir: “Nada de preces, abaixo os brancos, etc.” É para vos fazer compreender que são antipáticos a tudo quanto possa vir dos europeus, isto é, do centro intelectual.

Essas manifestações, dadas à vista de todo um povo, não são uma grande confirmação dos vossos princípios? São produzidas mais para a sanção dos vossos trabalhos do que para essa populaça semi-selvagem.

As possessões de Morzine têm um caráter mais particular, ou, melhor dizendo, mais restrito. Podem estudar-se no local as fases de cada Espírito. Observando os detalhes, cada individualidade oferece um estudo especial, ao passo que as manifestações de Madagáscar têm a espontaneidade e o caráter nacional. É toda uma população de antigos Espíritos atrasados, que vêm com despeito sua pátria sofrer a influência do progresso. Não tendo progredido, eles próprios buscam entrar a marcha da Providência.

Comparativamente, os Espíritos de Morzine são mais adiantados. Conquanto brutos, julgam mais sensatamente que os malgaxes; discernem o bem do mal, pois sabem reconhecer que a forma da prece nada é, mas que o pensamento é tudo. Aliás, mais tarde vereis, pelos estudos que fizerdes, que eles não são assim tão atrasados quanto parecem à primeira vista. Aqui é para mostrar que a Ciência é impotente para curar esses casos por meios materiais; ali é para atrair a atenção e confirmar o princípio.

Poesia Espírita

INSPIRAÇÃO DE UM EX-INCRÉDULO A PROPÓSITO
DE O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Pelo Dr. Niéger

27 de dezembro de 1864

Tal aquele que um dia, em naufrágio encontrado,
Nos destroços do barco em desespero, a nado,
Sem força ante a fadiga e a esperança a perder
De a seu país chegar e nunca mais rever,
Lembra-se então de orar, que a fé sua alma afaga;
Quando súbito emerge um clarão sobre a vaga
De uma terra ignorada acesso lhe indicando,
O náufrago cansado, esforços redobrando,
Rapidamente alcança a margem protetora,
E agradecido a Deus antes de tudo ele ora,
Sentindo, assim, que a fé lhe renasce com ardor,
Obedecer-Lhe a lei promete ao Salvador!

Isso eu senti um dia, o vosso livro ao ler,
Senti no coração coragem renascer.
Muito tempo ocupado em buscar os segredos
Da vida corporal que contava nos dedos,
Mas nada de apanhar-lhe as causas e a razão
Que pareciam sempre escapar-me à visão.
Vosso livro ao me abrir mais novos horizontes
Para os trabalhos meus fez surgir outras fontes.
Aí vi que tinha feito errada rota então,
E dúvida não mais, só fé no coração.
De fato, o homem que sai das mãos do Criador,
Não pode ser lançado aqui ao desamor,
Pois uma santa lei por Deus mesmo outorgada,
A reger o Universo inteiro é destinada!
Progresso é o nome seu, para bem a cumprir
Os homens, entre si, procurem se reunir.

Que cenários de luz, que páginas sinceras
Nesse livro que aborda o homem das priscas eras,
Que mostra antes de tudo os primeiros humanos,
Colhendo o bem-estar sem trabalhos insanos!

A guiá-lo da vida a tão belo proscênio,
 Somente o instinto, sim! E só mais tarde o gênio.
 Do homem nascerá esse fogo sagrado,
 E o espírito do bem sempre muito inspirado,
 Do demônio vencido as cadeias quebrando
 A partir de então irá mais sendas devassando.
 Lá, sobre um frágil barco, ousados marinheiros
 Afrontam vagalhões quais valentes guerreiros
 A lançarem-se ao mar... E vaga antes temida
 A desafio tal recua enfim batida.
 Além, da águia a imitar o vôo audacioso,
 Vê-se o homem a ensaiar assalto aos céus, brioso!
 Mais longe de um rochedo, em sua audácia incrível,
 Na imensidão do céu perscruta o indefinível;
 Do Universo sem-fim ele descobre a lei,
 E do mundo se faz em breve o único rei!

Nem aí se detém seu incrível ardor:
 Em um tubo reter o impalpável vapor,
 Que avança então montando esse dragão de fogo;
 As mais rudes ações não são mais do que um jogo
 Do gênio em tudo a expor sua marcha devida,
 Onde reinava a morte ele faz nascer vida.
 Parecia que aqui o seu vôo ele finda;
 Mas inflexível lei lhe exige mais ainda,
 E veremos da terra esse senhor então
 De uma nuvem espessa arrancar o trovão,
 Em dócil instrumento alterar seu furor,
 E de um poste fazer humilde servidor!

Limites pois não há para o saber humano.
 Para o cosmo fez Deus do homem um soberano;
 A ele cabe encontrar por esforços constantes
 Do corpo e da alma os bens sublimes e brilhantes.
 E que ele descartando a rota assaz batida,
 Descortine afinal a luz desconhecida
 Já por tão longo tempo oculta ao seu olhar.
 Busquemos do progresso o lábaro elevar;
 Abordemos e já a trilha e vasta messe
 Ao nosso esforço aberta... Ante o amor e ante a prece:

Que normas divinas em nosso pavilhão!
Prossigamos enfim em fraterna união.
Se for preciso um dia em luta sucumbirmos,
Nós rogamos, Senhor, que ao menos ao cairmos
A coragem na fé nossos filhos, assim,
Inspires a cumprir a tua lei, enfim.

Discurso de Victor Hugo junto ao Túmulo de uma Jovem

Embora esta tocante oração fúnebre tenha sido publicada por diversos jornais, encontra lugar igualmente nesta *Revista*, em razão da natureza dos pensamentos que encerra, cujo alcance todos poderão compreender. O jornal do qual a tomamos dá conta da cerimônia fúnebre nos seguintes termos:

“Uma triste cerimônia reunia, quinta-feira última, uma multidão dolorosamente comovida no cemitério dos independentes, em Guernesey. Inumavam uma jovem, que a morte viera surpreender em meio às alegrias da família, e cuja irmã se casara dias antes. Era uma moçoila feliz, a quem um dos filhos do grande poeta, Sr. François Hugo, havia dedicado o décimo quarto volume de sua tradução de Shakespeare; ela morreu na véspera do lançamento desse volume.

“Como acabamos de dizer, a assistência era numerosa nesses funerais, numerosa e simpática, e é com viva emoção, com lágrimas que a amizade derramava, que ela ouviu as palavras de adeus, pronunciadas sobre esse túmulo tão prematuramente aberto, pelo ilustre exilado de Guernesey, pelo próprio Victor Hugo.

“Eis o discurso pronunciado pelo poeta:

“Em algumas semanas ocupamo-nos de duas irmãs: casamos uma e sepultamos a outra. Eis o perpétuo tremor da vida. Inclinem-nos, meus irmãos, ante o severo destino.

“Inclinemo-nos com esperança. Nossos olhos não foram feitos para chorar, mas para ver; nosso coração não foi feito para sofrer, mas para crer. A fé numa outra existência nasce da faculdade de amar. Não o esqueçamos: nesta vida inquieta e apaziguada pelo amor, é o coração quem crê. O filho conta encontrar a seu pai; a mãe não consente em perder para sempre o filho. Esta recusa do nada é a grandeza do homem.

“O coração não pode errar. A carne é um sonho; ela se dissipa. Se esse desaparecimento fosse o fim do homem, tiraria à nossa existência toda sanção. Não nos contentamos com esta fumaça que é a matéria; precisamos de uma certeza. Quem quer que ame, sabe e sente que nenhum dos pontos de apoio do homem está na Terra. Amar é viver além da vida. Sem esta fé, nenhum dom perfeito do coração seria possível; amar, que é o objetivo do homem, seria o seu suplício. O paraíso seria o inferno. Não! digamos bem alto, a criatura amante exige a criatura imortal. O coração necessita da alma.

“Há um coração neste féretro, e esse coração está vivo. Neste momento ele escuta minhas palavras.

“Emily de Putron era o doce orgulho de uma família respeitável e patriarcal. Seus amigos e parentes tinham por deleite sua graça e por festa seu sorriso. Ela era como uma flor de alegria a desabrochar na casa. Desde o berço era cercada de todas as ternuras; cresceu feliz e, recebendo felicidade, dava felicidade; amada, amava. Ela acaba de partir.

“Para onde foi? Para a sombra? Não.

“Nós é que estamos na sombra. Ela está na aurora.

“Ela está na glória, na verdade, na realidade, na recompensa. Essas jovens mortas, que não fizeram nenhum mal na vida, são bem-vindas do túmulo, e sua cabeça se ergue suavemente fora da sepultura, para uma coroa misteriosa. Emily de Putron foi

buscar no céu a serenidade suprema, complemento das existências inocentes. Ela se foi: juventude, para a eternidade; beleza, para o ideal; esperança, para a certeza; amor, para o infinito; pérola, para o oceano; Espírito, para Deus.

“Vai, alma!

“O prodígio desta grande partida celeste, que chamam morte, é que os que partem não se afastam. Estão num mundo de claridade, mas assistem, como testemunhas enternecidas, ao nosso mundo de trevas. Estão no alto, e muito perto. Ó, quem quer que sejais, que vistes desaparecer na tumba um ente querido, não vos julgueis abandonados por ele. Está sempre lá. Está ao vosso lado mais que nunca. A beleza da morte é a presença. Presença inexprimível das almas amadas, sorrindo aos nossos olhos em lágrimas. O ser chorado desapareceu, mas não partiu. Não mais percebemos o seu rosto suave... Os mortos são os invisíveis, mas não estão ausentes.

“Rendamos justiça à morte. Não sejamos ingratos para com ela. Ela não é, como se diz, um aniquilamento, uma cilada. É um erro acreditar que tudo se perde na obscuridade desta fossa aberta. Aqui tudo reaparece. O túmulo é um lugar de restituição. Aqui a alma retoma o infinito; aqui ela readquire a sua plenitude; aqui entra na posse de sua misteriosa natureza; liberta-se do corpo, liberta-se da necessidade, liberta-se do fardo, liberta-se da fatalidade. A morte é a maior das liberdades. É, também, o maior dos progressos. A morte é a ascensão de tudo o que viveu em grau supremo. Ascensão fascinante e sagrada. Cada um recebe o seu aumento. Tudo se transfigura na luz e pela luz. Aquele que na Terra só foi honesto torna-se belo; o que foi apenas belo torna-se sublime; o que só foi sublime torna-se bom.

“E agora, eu que falo, por que estou aqui? o que é que trago a esta fossa? com que direito venho dirigir a palavra à morte? Quem sou eu? Nada. Engano-me, sou alguma coisa. Sou um

proscrito. Exilado pela força ontem, exilado voluntário hoje. Um proscrito é um vencido, um caluniado, um perseguido, um ferido do destino, um deserddado da pátria. Um proscrito é um inocente sob o peso de uma maldição. Sua bênção deve ser boa. Eu abençôo este túmulo.

“Abençôo o ser nobre e gracioso que está nesta fossa. No deserto encontram-se oásis; no exílio encontram-se almas. Emily de Putron foi uma dessas encantadoras almas encontradas. Venho pagar-lhe a dívida do exílio consolado. Eu a abençôo na profundidade da sombra. Em nome das aflições sobre as quais ela resplandeceu docemente, em nome das provações do destino, para ela acabadas, para nós continuadas; em nome de tudo o que ela esperou outrora e de tudo o que obtém hoje, em nome de tudo o que ela amou, abençôo esta morte, abençôo-a na sua grandeza, na sua juventude, na sua ternura, na sua vida e na sua morte; abençôo-a na sua branca túnica sepulcral, na sua missão que deixa desolada, no seu caixão, que sua mãe encheu de flores e que Deus vai encher de estrelas!”

A estas notáveis palavras não falta absolutamente senão a palavra *Espiritismo*. Elas não expressam somente uma crença vaga na alma e em sua sobrevivência; ainda menos o frio nada, sucedendo à atividade da vida, enterrando para sempre sob o seu manto de gelo o Espírito, a graça, a beleza, as qualidades do coração; também não é a alma abismada neste oceano do infinito, que se chama o todo universal; é bem o ser real, individual, presente em nosso meio, sorrindo aos que lhe são caros, vendo-os, escutando-os, falando-lhes pelo pensamento. Que de mais belo, de mais verdadeiro que estas palavras: “Amar é viver além da vida. Sem esta fé, nenhum dom perfeito do coração seria possível; amar, que é o objetivo do homem, seria o seu suplício. O paraíso seria o inferno. Não! digamos bem alto, a criatura amante exige a criatura imortal. O coração necessita da alma.” Que idéia mais justa da morte, do que esta: “O prodígio desta grande partida celeste, que

chamam morte, é que os que partem não se afastam. Estão num mundo de claridade, mas assistem, como testemunhas enternecidas, ao nosso mundo de trevas... Estão no alto, e muito perto. Ó, quem quer que sejais, que vistes desaparecer na tumba um ente querido, não vos julgueis abandonados por ele. Está sempre lá. Está ao vosso lado mais que nunca. É um erro acreditar que tudo se perde na obscuridade desta fossa aberta. Aqui tudo reaparece. O túmulo é um lugar de restituição. Aqui a alma retoma o infinito; aqui ela readquire a sua plenitude.”

Não é exatamente o que ensina o Espiritismo? Mas aos que pudessem julgar-se vítimas de uma ilusão, ele vem aliar à teoria a sanção do fato material, pela comunicação dos que partiram, com os que ficam. Que há, pois, de tão desarrazoado em crer que esses mesmos seres, que estão ao nosso lado com um corpo etéreo, possam entrar em relação conosco?

Ó vós, cépticos, que rides de nossas crenças, rides, então, dessas palavras do poeta-filósofo, cuja alta inteligência reconheceis! Direis que é um alucinado? que é louco quando crê na manifestação dos Espíritos? É louco quem escreveu: “Tenhamos compaixão dos punidos. Ah! que somos nós mesmos? que sou eu, eu que vos falo? Que sois vós, vós que me escutais? De onde viemos? É bem certo que nada fizemos antes de nascer? A Terra não deixa de assemelhar-se a uma masmorra. Quem sabe se o homem não é um reincidente da justiça divina? Olhai a vida de perto; ela é feita assim para que se sinta a punição em toda parte.” (*Os Miseráveis*, 7^o volume, livro VII, capítulo 1^o). – Não está aí a preexistência da alma, a reencarnação na Terra; a Terra mundo de expiação? (Vide a *Imitação do Evangelho*, números 27, 46, 47).

Vós que negais o futuro, que estranha satisfação é a vossa de vos comprazerdes ao pensamento do aniquilamento do vosso ser, daqueles a quem amastes! Oh! tendes razão de temer a morte, porquanto, para vós, é o fim de todas as vossas esperanças.

Tendo sido lido o discurso acima na Sociedade de Paris, na sessão de 27 de janeiro de 1865, o Espírito da jovem *Emily de Putron*, que, por certo, o escutava e partilhava da emoção da assistência, manifestou-se espontaneamente pela Sra. Costel e ditou as seguintes palavras:

“As palavras do poeta correram como um sopro sonoro sobre esta assembléa; fizeram estremecer os vossos Espíritos; evocaram minha alma, que ainda flutua incerta no éter infinito!

“Ó, poeta, revelador da vida, bem conheces a morte, pois não coroas com ciprestes aqueles a quem choras, mas prendes às suas fronteiras as frágeis violetas da esperança! Passei rápida e ligeira, apenas a florando as comoventes alegrias da vida; ao final do dia fui arrebatada sobre o trêmulo raio que morria no seio das ondas.

“Ó minha mãe, minha irmã, minhas amigas, grande poeta! não choreis mais; ficai atentos! O murmúrio que roça os vossos ouvidos é o meu; o perfume da flor pendente é o meu suspiro. Misturo-me à grande vida para melhor penetrar o vosso amor. Somos eternos; o que não teve começo não pode acabar, e o teu gênio, ó poeta, semelhante ao rio que corre para o mar, encherá a eternidade com o poder que é força e amor!

Emily”

Notas Bibliográficas

LA LUCE

Giornale dello Spiritismo in Bologna (Itália)

O Espiritismo conta um novo órgão na Itália. **A Luz**, *Jornal do Espiritismo em Bolonha*, aparece em edições mensais. (10 fr. por ano para a Itália). Eis a tradução de seu programa:

“Surgiu a aurora de um grande dia e já resplandece nos céus. O Espiritismo, este fato surpreendente, e para muitos incrível, fez sua aparição em todas as partes do mundo e marcha com força irresistível. Hoje seus adeptos se contam por milhões e estão espalhados em toda parte.

“Importantes obras e numerosos jornais especiais, devidos a inteligências de escol, são publicados sobre essa sublime filosofia, principalmente na França, onde muitas sociedades dela se ocupam. Várias cidades da Itália também fazem reuniões espíritas; em Nápoles e em Turim existem muitas sociedades científicas; a desta última cidade publica o excelente jornal *Anais do Espiritismo em Turim*.

“Os que ignoram os princípios desta nova ciência em vão se esforçam em ridicularizá-la e fazer passar seus aderentes por sonhadores e alucinados. As comunicações entre o mundo invisível e o mundo corpóreo estão na natureza das coisas; existiram em todos os tempos, razão por que se encontram seus traços em todos os povos e em todas as épocas. Essas comunicações, hoje mais gerais, mais espalhadas, patentes para todos, têm um objetivo: Os Espíritos vêm anunciar que os tempos preditos pela Providência para uma manifestação universal são chegados; eles têm por missão instruir os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade.

“É em vão que se agitam os fariseus da época, que a incredulidade se arma de um soberbo sorriso: eles não deterão a estrela do Espiritismo. Quanto mais ela avança, mais cresce sua força e vem abater o orgulhoso materialismo, que ameaça invadir todas as classes da sociedade.

“Se, pois, nos centros mais inteligentes, nas maiores cidades, nas capitais, há vários anos estudam com interesse esse

fenômeno que, fora das leis da ciência vulgar, se manifestam por todos os lados, é que reconheceram a sua realidade e neles viram a ação de uma vontade livre e inteligente.

“O jornal *A Luz* foi fundado com o objetivo de propagar esta nova ciência, apoiando-se nas mais instrutivas obras especiais, entre as quais colocamos em primeira linha as de Allan Kardec, o douto presidente da Sociedade Espírita de Paris, que nos fornecerão a matéria da parte filosófica, e a teoria da parte experimental. *Estudo e boa vontade* são as duas condições necessárias para chegar por si mesmo a experimentar. Na segunda parte, nosso jornal conterà os ditados dos Espíritos: uns sobre a mais consoladora filosofia e a mais pura moral, e os outros, não obstante familiares, serão escolhidos entre os mais adequados a inspirar a fé, o amor e a esperança. Além disso, passando em revista as obras e jornais espíritas, publicaremos todos os fatos susceptíveis de interessarem os nossos leitores. Nenhuma discussão será iniciada com pessoas que não conheçam os princípios do Espiritismo.

“A fé e a coragem tornarão menos penoso o nosso dever e mais fácil o caminho para chegar à verdade.”

O Mundo Musical

JORNAL DA LITERATURA E DAS BELAS-ARTES

Publicado sob direção dos Srs. *Malibran* e *Roselli*. Administrador:
Sr. *Vauchez*. Escritório em Bruxelas, rue de la Montagne, 51

Esse jornal, do qual demos notícia em nosso número de dezembro de 1864, acaba de constituir-se em sociedade em comandita, com o capital de 60.000 fr., dividido em 2.400 ações de 25 francos cada uma. Juros de 6% ao ano; parte do dividendo anual de 40% sobre o lucro. Aparece aos domingos, formato dos grandes jornais. – Preço da assinatura: para a Bélgica, 4 fr. por ano; 10

centavos o número; para a França, 10 fr. por ano. Assinaturas em Paris: 8 rue Ribouté.

As simpatias desse jornal pelo Espiritismo o recomendam a todos os adeptos. Cada número contém um excelente artigo sobre a doutrina. Embora sejamos completamente alheios à sua direção, a administração da *Revista Espírita* encarrega-se, por pura cortesia, de receber assinaturas e subscrições de ações.

Correspondência – Obrigado ao espírita anônimo de São Petersburgo que nos enviou 50 fr. para a pobre operária de Lyon, a pedido de Cárita. Se os homens não sabem o seu nome, Deus o sabe.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

MARÇO DE 1865

Nº 3



Onde é o Céu?⁹

Em geral, a palavra *céu* designa o espaço indefinido que circunda a Terra, e mais particularmente a parte que está acima do nosso horizonte. Vem do latim *coelum*, formada do grego *coilos*, côncavo, porque o céu parece uma imensa concavidade. Os Antigos acreditavam na existência de muitos céus superpostos, de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas e tendo a Terra por centro. Girando essas esferas em torno da Terra, arrastavam consigo os astros que se achavam em seu circuito.

Essa idéia, provinda da deficiência de conhecimentos astronômicos, foi a de todas as teogonias, que fizeram dos céus, assim escalados, os diversos degraus da bem-aventurança: o último deles era abrigo da suprema felicidade. Segundo a opinião mais comum, havia sete céus e daí a expressão – *estar no sétimo céu* – para exprimir perfeita felicidade. Os muçulmanos admitem nove céus, em cada um dos quais se aumenta a felicidade dos crentes. O astrônomo Ptolomeu¹⁰ contava onze e denominava ao último Empíreo¹¹ por causa da luz brilhante que nele reina. É este ainda

9 N. do T.: Vide *O Céu e o Inferno*, 1ª parte, capítulo III.

10 Ptolomeu viveu em Alexandria, Egito, no segundo século da era cristã.

11 Do grego, *pur* ou *pyr*, fogo.

hoje o nome poético dado ao lugar da beatitude eterna. A teologia cristã reconhece três céus: o primeiro é o da região do ar e das nuvens; o segundo, o espaço em que ficam os astros, e o terceiro, para além deste, é a morada do Altíssimo, a habitação dos que o contemplam face a face. É conforme a esta crença que se diz que S. Paulo foi alçado ao terceiro céu.

As diferentes doutrinas relativamente ao paraíso repousam todas no duplo erro de considerar a Terra centro do Universo, e limitada a região dos astros. É além desse limite imaginário que todas têm colocado a residência afortunada e a morada do Todo-Poderoso. Singular anomalia que coloca o Autor de todas as coisas, Aquele que as governa a todas, nos confins da Criação, em vez de no centro, donde o seu pensamento poderia, irradiante, abranger tudo!

A Ciência, com a lógica inexorável da observação e dos fatos, levou o seu archote às profundezas do Espaço e mostrou a nulidade de todas essas teorias. A Terra não é mais o eixo do Universo, porém um dos menores astros que rolam na imensidade; o próprio Sol mais não é do que o centro de um turbilhão planetário; as estrelas são outros tantos e inumeráveis sóis, em torno dos quais circulam mundos sem conta, separados por distâncias apenas acessíveis ao pensamento, embora se nos afigure tocarem-se. Neste conjunto grandioso, regido por leis eternas – reveladoras da sabedoria e onipotência do Criador – a Terra não é mais que um ponto imperceptível e um dos planetas menos favorecidos quanto à habitabilidade. E, assim sendo, é lícito perguntar por que Deus faria da Terra a única sede da vida e nela degradaria as suas criaturas prediletas? Mas, ao contrário, tudo anuncia a vida por toda parte e a Humanidade é infinita como o Universo. Revelando-nos a Ciência mundos semelhantes ao nosso, Deus não podia tê-los criado sem intuito, antes deve tê-los povoado de seres capazes de os governar.

As idéias do homem estão na razão do que ele sabe; como todas as descobertas importantes, a da constituição dos

mundos deveria imprimir-lhes outro curso; sob a influência desses conhecimentos novos, as crenças se modificaram; o Céu foi deslocado e a região estelar, sendo ilimitada, não mais lhe pode servir. Onde está ele, pois? E ante esta questão emudecem todas as religiões.

O Espiritismo vem resolvê-las demonstrando o verdadeiro destino do homem. Tomando-se por base a natureza deste último e os atributos divinos, chega-se a uma conclusão.

O homem compõe-se de corpo e Espírito: o Espírito é o ser principal, racional, inteligente; o corpo é o invólucro material que reveste o Espírito temporariamente, para preenchimento de sua missão na Terra e execução do trabalho necessário ao seu adiantamento. O corpo, usado, destrói-se e o Espírito sobrevive à sua destruição. Privado do Espírito, o corpo é apenas matéria inerte, qual instrumento privado da mola que o faz agir; sem o corpo, o Espírito é tudo: a vida, a inteligência. Em deixando o corpo, torna ao mundo espiritual, de onde havia saído para reencarnar.

Existem, portanto, dois mundos: o *corporal*, composto de Espíritos encarnados; e o *espiritual*, formado dos Espíritos desencarnados. Os seres do mundo corporal, devido mesmo à materialidade do seu envoltório, estão ligados à Terra ou a qualquer globo; o mundo espiritual ostenta-se por toda parte, em redor de nós como no Espaço, sem limite algum designado. Em razão mesmo da natureza fluídica do seu envoltório, os seres que o compõem, em lugar de se locomoverem penosamente sobre o solo, transpõem as distâncias com a rapidez do pensamento. A morte do corpo é a ruptura dos laços que os retinham cativos.

Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas dotados de aptidão para tudo conhecerem e para progredirem, em virtude do seu livre-arbítrio. Pelo progresso adquirem novos conhecimentos, novas faculdades, novas percepções e,

consequentemente, novos gozos desconhecidos dos Espíritos inferiores; eles vêem, ouvem, sentem e compreendem o que os Espíritos atrasados não podem ver, sentir, ouvir ou compreender. A felicidade está na razão direta do progresso realizado, de sorte que, de dois Espíritos, um pode não ser tão feliz quanto o outro, unicamente por não possuir o mesmo adiantamento intelectual e moral, sem que por isso precisem estar, cada qual, em lugar distinto. Ainda que juntos, pode um estar em trevas, enquanto que tudo resplandece para o outro, tal como um cego e um vidente que se dão as mãos: este percebe a luz da qual aquele não recebe a mínima impressão. Sendo a felicidade dos Espíritos inerente às suas qualidades, haurem-na eles em toda parte em que se encontram, seja à superfície da Terra, no meio dos encarnados, ou no Espaço.

Uma comparação vulgar fará compreender melhor esta situação. Se se encontrarem em um concerto dois homens, um, bom músico, de ouvido educado, e outro, desconhecedor da música, de sentido auditivo pouco delicado, o primeiro experimentará sensação de felicidade, enquanto o segundo permanecerá insensível, porque um compreende e percebe o que nenhuma impressão produz no outro. Assim sucede quanto a todos os gozos dos Espíritos, que estão na razão da sua sensibilidade. O mundo espiritual tem esplendores por toda parte, harmonias e sensações que os Espíritos inferiores, submetidos à influência da matéria, não entrevêem sequer, e que somente são acessíveis aos Espíritos purificados.

O progresso nos Espíritos é o fruto do próprio trabalho; mas, como são livres, trabalham no seu adiantamento com maior ou menor atividade, com mais ou menos negligência, segundo sua vontade, acelerando ou retardando o progresso e, por conseguinte, a própria felicidade. Enquanto uns avançam rapidamente, outros permanecem estagnados, durante longos séculos, nas fileiras inferiores. São eles, pois, os próprios autores da sua situação, feliz ou desgraçada, conforme estas palavras do Cristo: *A cada um segundo as suas obras.* Todo Espírito que se atrasa não

pode queixar-se senão de si mesmo, assim como o que se adianta tem o mérito exclusivo do seu esforço; aos seus olhos, a felicidade conquistada tem maior apreço.

A suprema felicidade só é compartilhada pelos Espíritos perfeitos, ou, por outra, pelos Espíritos puros, que não a conseguem senão depois de haverem progredido em inteligência e moralidade. O progresso intelectual e o progresso moral raramente marcham juntos, mas o que o Espírito não consegue em dado tempo, alcança em outro, de modo que os dois progressos acabam por atingir o mesmo nível. Eis por que se vêem muitas vezes homens inteligentes e instruídos pouco adiantados moralmente, e vice-versa.

A encarnação é necessária ao duplo progresso moral e intelectual do Espírito: ao progresso intelectual pela atividade obrigatória do trabalho; ao progresso moral pela necessidade recíproca dos homens entre si. A vida social é a pedra de toque das boas ou más qualidades. A bondade, a maldade, a doçura, a violência, a benevolência, a caridade, o egoísmo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má-fé, a hipocrisia, numa palavra, tudo que constitui o homem de bem ou o perverso tem por móvel, por alvo e por estímulo as relações do homem com os seus semelhantes. Para o homem que vivesse insulado não haveria vícios nem virtudes; preservando-se do mal pelo insulamento, o bem de si mesmo se anularia.

Uma só existência corporal é manifestamente insuficiente para o Espírito adquirir todo o bem que lhe falta e eliminar o mal que lhe sobra. Como poderia o selvagem, por exemplo, em uma só encarnação nivelar-se moral e intelectualmente ao mais adiantado europeu? É materialmente impossível. Deve ele, pois, ficar eternamente na ignorância e barbaria, privado dos gozos que só o desenvolvimento das faculdades pode proporcionar-lhe? O simples bom-senso repele tal suposição, que seria não somente a negação da justiça e bondade

divinas, mas das próprias leis evolutivas e progressivas da Natureza. Mas Deus, que é soberanamente justo e bom, concede ao Espírito tantas encarnações quantas as necessárias para atingir seu objetivo – a perfeição. Em cada existência nova traz o Espírito o que adquiriu nas anteriores, em aptidões, conhecimentos intuitivos, inteligência e moralidade. Cada existência é assim um passo avante no caminho do progresso, a menos que, por preguiça, negligência ou obstinação no mal, não a aproveite, caso em que deve recomeçar. Dele, portanto, depende aumentar ou diminuir o número de suas encarnações, sempre mais ou menos penosas e laboriosas.

No intervalo das existências corporais o Espírito torna a entrar no mundo espiritual, onde é feliz ou desgraçado segundo o bem ou o mal que fez. Uma vez que o estado espiritual é o estado definitivo do Espírito e o corpo espiritual não morre, deve ser esse também o seu estado normal. O estado corporal é transitório e passageiro. É no estado espiritual sobretudo que o Espírito colhe os frutos do progresso realizado pelo trabalho da encarnação; é também nesse estado que se prepara para novas lutas e toma as resoluções que há de pôr em prática na sua volta à Humanidade.

A reencarnação pode dar-se na Terra ou em outros mundos. Há entre os mundos alguns mais adiantados onde a existência se exerce em condições menos penosas que na Terra, física e moralmente, mas onde também só são admitidos Espíritos chegados a um grau de perfeição relativo ao estado desses mundos.

A vida nos mundos superiores já é uma recompensa, visto nos acharmos isentos, aí, dos males e vicissitudes terrenos. Onde os corpos, menos materiais, quase fluídicos, não mais são sujeitos às moléstias, às enfermidades, e tampouco têm as mesmas necessidades. Excluídos os Espíritos maus, gozam os homens de plena paz, sem outra preocupação além da do adiantamento pelo trabalho intelectual. Reina lá a verdadeira fraternidade, porque não há egoísmo; a verdadeira igualdade, porque não há orgulho, e a

verdadeira liberdade por não haver desordens a reprimir, nem ambiciosos que procurem oprimir o fraco. Comparados à Terra, esses mundos são verdadeiros paraísos, quais pousos ao longo do caminho do progresso conducente ao estado definitivo. Sendo a Terra um mundo inferior destinado à purificação dos Espíritos imperfeitos, está nisso a razão do mal que aí predomina, até que praza a Deus fazer dela morada de Espíritos mais adiantados.

É assim que o Espírito, progredindo gradualmente à medida que se desenvolve, chega ao apogeu da felicidade; porém, antes de ter atingido a culminância da perfeição, goza de uma felicidade relativa ao seu progresso. A criança também frui os prazeres da infância, mais tarde os da mocidade, e finalmente os mais sólidos, da maturidade.

A felicidade dos Espíritos bem-aventurados não consiste na ociosidade contemplativa, que seria, como temos dito muitas vezes, uma eterna e fastidiosa inutilidade. A vida espiritual em todos os seus graus é, ao contrário, uma constante atividade, mas atividade isenta de fadigas. A suprema felicidade consiste no gozo de todos os esplendores da Criação, que nenhuma linguagem humana jamais poderia descrever, que a imaginação mais fecunda não poderia conceber. Consiste também na penetração de todas as coisas, na ausência de sofrimentos físicos e morais, numa satisfação íntima, numa serenidade d'alma imperturbável, no amor que envolve todos os seres, por causa da ausência de atritos pelo contacto dos maus, e, acima de tudo, na contemplação de Deus e na compreensão dos seus mistérios revelados aos mais dignos. A felicidade também existe nas tarefas cujo encargo nos faz felizes. Os Espíritos puros são os Messias ou mensageiros de Deus pela transmissão e execução das suas vontades. Preenchem as grandes missões, presidem à formação dos mundos e à harmonia geral do Universo, tarefa gloriosa a que se não chega senão pela perfeição. Os da ordem mais elevada são os únicos a possuírem os segredos de Deus, inspirando-se no seu pensamento, de que são diretos representantes.

As atribuições dos Espíritos são proporcionadas ao seu progresso, às luzes que possuem, às suas capacidades, experiência e grau de confiança inspirada ao Senhor soberano. Nem favores, nem privilégios que não sejam o prêmio ao mérito; tudo é medido e pesado na balança da estrita justiça. As missões mais importantes são confiadas somente àqueles que Deus julga capazes de as cumprir e incapazes de desfalecimento ou comprometimento. E enquanto que os mais dignos compõem o supremo conselho, sob as vistas de Deus, a chefes superiores é cometida a direção de turbilhões planetários, e a outros conferida a de mundos especiais. Vêm, depois, pela ordem de adiantamento e subordinação hierárquica, as atribuições mais restritas dos prepostos ao progresso dos povos, à proteção das famílias e indivíduos, ao impulso de cada ramo de progresso, às diversas operações da Natureza até aos mais ínfimos pormenores da Criação. Neste vasto e harmonioso conjunto há ocupações para todas as capacidades, aptidões e esforços; ocupações aceitas com júbilo, solicitadas com ardor, por serem um meio de adiantamento para os Espíritos que ao progresso aspiram.

A encarnação é inerente à inferioridade dos Espíritos, deixando de ser necessária desde que estes, transpondo-lhe os limites, ficam aptos para progredir no estado espiritual, ou nas existências corporais de mundos superiores, que nada têm da materialidade terrestre. Da parte destes a encarnação é voluntária, tendo por fim exercer sobre os encarnados uma ação mais direta e tendente ao cumprimento da missão que lhes compete junto dos mesmos. Desse modo aceitam abnegadamente as vicissitudes e sofrimentos da encarnação.

Ao lado das grandes missões confiadas aos Espíritos superiores, há outras de importância relativa em todos os graus, concedidas a Espíritos de todas as categorias, podendo afirmar-se que cada encarnado tem a sua, isto é, deveres a preencher a bem dos seus semelhantes, desde o chefe de família, a quem incumbe o progresso dos filhos, até o homem de gênio que lança às sociedades

novos germens de progresso. É nessas missões secundárias que se verificam desfalecimentos, prevaricações e renúncias que prejudicam o indivíduo sem afetar o todo.

Todas as inteligências concorrem, pois, para a obra geral, qualquer que seja o grau atingido, e cada uma na medida das suas forças, seja no estado de encarnação ou no espiritual. Por toda parte a atividade, desde a base ao ápice da escala, instruindo-se, coadjuvando-se em mútuo apoio, dando-se as mãos para alcançar o zênite.

Assim se estabelece a solidariedade entre o mundo espiritual e o corporal, ou, em outros termos, entre os homens e os Espíritos, entre os Espíritos libertos e os cativos. Assim se perpetuam e consolidam, pela purificação e continuidade de relações, as verdadeiras simpatias e nobres afeições.

Por toda parte, a vida e o movimento: nenhum canto do infinito despovoado, nenhuma região que não seja incessantemente percorrida por legiões inumeráveis de Espíritos radiantes, invisíveis aos sentidos grosseiros dos encarnados, mas cuja vista deslumbra de alegria e admiração as almas libertas da matéria. Por toda parte, enfim, há uma felicidade relativa a todos os progressos, a todos os deveres cumpridos, trazendo cada um consigo os elementos de sua felicidade, decorrente da categoria em que se coloca pelo seu adiantamento.

Das qualidades do indivíduo depende-lhe a felicidade, e não do estado material do meio em que se encontra, podendo a felicidade, portanto, existir em qualquer parte onde haja Espíritos capazes de a gozar. Nenhum lugar lhe é circunscrito e assinalado no Universo. Onde quer que se encontrem, os Espíritos podem contemplar a majestade divina, porque Deus está em toda parte.

Entretanto, a felicidade não é pessoal: Se a possuíssemos somente em nós mesmos, sem poder reparti-la com

outrem, ela seria tristemente egoísta. Também a encontramos na comunhão de idéias que une os seres simpáticos. Os Espíritos felizes, atraindo-se pela similitude de gestos e sentimentos, formam vastos agrupamentos ou famílias homogêneas, no seio das quais cada individualidade irradia as qualidades próprias e satura-se dos eflúvios serenos e benéficos emanados do conjunto. Os membros deste, ora se dispersam para se darem à sua missão, ora se reúnem em dado ponto do Espaço a fim de se prestarem contas do trabalho realizado, ora se congregam em torno dum Espírito mais elevado para receberem instruções e conselhos.

Embora os Espíritos estejam por toda parte, os mundos são focos onde de preferência se reúnem, em virtude da analogia existente entre eles e os que os habitam. Em torno dos mundos adiantados abundam Espíritos superiores, como em torno dos atrasados pululam Espíritos inferiores. Cada globo tem, de alguma sorte, sua população própria de Espíritos encarnados e desencarnados, alimentada em sua maioria pela encarnação e desencarnação dos mesmos. Esta população é mais estável nos mundos inferiores, pelo apego deles à matéria, e mais flutuante nos superiores. Destes últimos, porém, verdadeiros focos de luz e felicidade, Espíritos se destacam para mundos inferiores a fim de neles semear os germens do progresso, levar-lhes consolação e esperança, levantar os ânimos abatidos pelas provações da vida. Por vezes também se encarnam para cumprir com mais eficácia a sua missão.

Nessa imensidade ilimitada, onde está o Céu? Em toda parte. Nenhum contorno lhe traça limites. Os mundos adiantados são as últimas estações do seu caminho, que as virtudes franqueiam e os vícios interditam. Ante este quadro grandioso que povoa o Universo, que dá a todas as coisas da Criação um fim e uma razão de ser, quanto é pequena e mesquinha a doutrina que circunscreve a Humanidade a um ponto imperceptível do espaço, que no-la mostra começando em dado instante para acabar igualmente com

o mundo que a contém, não abrangendo mais que um minuto na Eternidade!

Como é triste, fria e glacial essa doutrina quando nos mostra o resto do Universo, durante e depois da Humanidade terrestre, sem vida, nem movimento, qual vastíssimo deserto imerso em profundo silêncio! Como é desesperadora a perspectiva dos eleitos votados à contemplação perpétua, enquanto a maioria das criaturas padece tormentos sem-fim! Como lacera os corações sensíveis a idéia dessa barreira entre mortos e vivos! As almas ditosas, dizem, só pensam na sua felicidade, como as desgraçadas, nas suas dores. Admira que o egoísmo reine sobre a Terra, quando no-lo mostram no Céu?

Oh! quão mesquinha se nos afigura essa idéia da grandeza, do poder e da bondade de Deus! Quanto é sublime a idéia que dEle fazemos pelo Espiritismo! Quanto a sua doutrina engrandece as idéias e amplia o pensamento! Mas, quem diz que ela é verdadeira? A Razão primeiro, a Revelação depois, e, finalmente, a sua concordância com os progressos da Ciência. Entre duas doutrinas, das quais uma amesquinha e a outra exalta os atributos de Deus; das quais uma só está em desacordo e a outra em harmonia com o progresso; das quais uma se deixa ficar na retaguarda enquanto a outra caminha, o bom-senso diz de que lado está a verdade. Que, confrontando-as, consulte cada qual a consciência, e uma voz íntima lhe falará por ela. Pois bem, essas aspirações íntimas, são a voz de Deus, que não pode enganar os homens.

Mas, então, por que Deus não lhes revelou de princípio toda a verdade? Pela mesma razão por que se não ensina à infância o que se ensina aos de idade madura. A revelação limitada foi suficiente a certo período da Humanidade, e Deus a proporciona gradativamente ao progresso e às forças do Espírito. Os que recebem hoje uma revelação mais completa são *os mesmos Espíritos* que tiveram dela uma partícula em outros tempos e que de então por diante se engrandeceram em inteligência.

Antes de a Ciência ter revelado aos homens as forças vivas da Natureza, a constituição dos astros, o verdadeiro papel da Terra e sua formação, poderiam eles compreender a imensidade do Espaço e a pluralidade dos mundos? Teriam podido identificar-se com a vida espiritual? conceber depois da morte uma vida feliz ou infeliz senão num lugar circunscrito e sob uma forma material? Não; compreendendo mais pelos sentidos do que pelo raciocínio, o Universo era demasiado vasto para seu cérebro; era preciso reduzi-lo a menores proporções para acomodá-lo ao seu ponto de vista, correndo o risco de ampliá-lo mais tarde. Uma revelação parcial tinha sua utilidade; então era razoável, mas hoje insuficiente. O erro é daqueles que, não levando em conta o progresso das idéias, crêem poder governar homens maduros quais se fossem crianças.

A. K.

Nota – Este artigo, bem como o do número precedente sobre o *temor da morte*, são extraídos da nova obra que o Sr. Allan Kardec publicará proximamente¹². Os dois fatos a seguir vêm confirmar este quadro do céu.

Necrológio

SRA. VIÚVA FOULON

Em sua seção de artigos necrológicos, de 13 de fevereiro de 1865, o jornal *Siècle* publicou a nota seguinte, também reproduzida pelo jornal do Havre e pelo de Antibes:

“Uma artista querida e estimada no Havre, a viúva Foulon, hábil miniaturista, faleceu em Antibes no dia 3 de fevereiro, onde tinha ido buscar, num clima mais suave, o restabelecimento da saúde, alterada pelo trabalho e pela idade.”

12 N. do T.: *O Céu e o Inferno*.

Tendo conhecido pessoalmente e muito intimamente a Sra. Foulon, sentimo-nos felizes por poder completar a justa, mas muito breve notícia acima. Nisto cumprimos um dever de amizade e, ao mesmo tempo, prestamos uma merecida homenagem a virtudes ignoradas e a um salutar exemplo para todo o mundo e para os espíritas em particular, que aqui colherão preciosos ensinamentos.

Como artista, a Sra. Foulon tinha um talento notável. Suas obras, justamente apreciadas em muitas exposições, lhe valeram numerosas recompensas honoríficas. Eis aí um mérito, sem dúvida, mas que nada tem de excepcional. O que, sobretudo, a fazia amada e estimada, o que torna sua memória cara a todos os que a conheceram, é a amenidade de seu caráter; são suas qualidades privadas, cuja extensão só podiam apreciar os que conheciam sua vida íntima. Porque, como todos aqueles nos quais é inato o sentimento do bem, ela não os ostentava e nem mesmo os suspeitava. Se há alguém sobre quem o egoísmo não tinha domínio, era ela, sem dúvida; talvez jamais o sentimento de abnegação pessoal fosse levado mais longe; sempre pronta a sacrificar o repouso, a saúde e os interesses por aqueles a quem podia ser útil, sua vida foi uma longa série de dedicações, assim como não foi, desde a juventude, senão um longo rosário de rudes e cruéis provas, diante das quais sua coragem, sua resignação e sua perseverança jamais faliram. Reveses de fortuna só lhe deixaram o talento como único recurso; foi somente com os pincéis, dando lições ou fazendo retratos, que educou uma numerosa família e assegurou honrosa posição a todos os seus filhos. É preciso ter conhecido sua vida íntima para saber tudo o que suportou de fadigas e privações, todas as dificuldades contra as quais teve de lutar para atingir o seu objetivo. Mas, ah! sua vista, fatigada pelo trabalho cativante da miniatura, extinguiu-se dia a dia; mais algum tempo e a cegueira, já muito avançada, teria sido completa.

Quando a Sra. Foulon tomou conhecimento da Doutrina Espírita, alguns anos atrás, para ela foi como um rastro de

luz. Pareceu-lhe que um véu se levantava sobre algo que não lhe era desconhecido, mas de que tinha apenas vaga intuição. Então o estudou com ardor, mas, ao mesmo tempo, com essa lucidez de espírito, essa justeza de apreciação, que era peculiar à sua alta inteligência. É preciso conhecer todas as perplexidades de sua vida, perplexidades que tinham sempre por móvel, não ela própria, mas os seres que lhe eram caros, para compreender todas as consolações que ela hauriu nesta sublime revelação, que lhe dava uma fé inabalável no futuro e lhe mostrava o nada das coisas terrenas. Sem o respeito devido às coisas íntimas, quão grandiosos ensinamentos saíram do último período dessa vida tão fecunda em emoções! Por isso, não lhe faltou a assistência dos Espíritos bons. As instruções e os ensinamentos que eles tiveram o prazer de prodigalizar a essa alma de escol formam uma coletânea das mais edificantes, mas toda íntima, da qual tivemos, mais de uma vez, a felicidade de ser o agente provocador. Assim, sua morte foi digna de sua vida. Ela viu sua chegada sem nenhum temor penoso: para ela era a libertação dos laços terrenos que devia abrir-lhe essa vida espiritual bem-aventurada, com a qual se havia identificado pelo estudo do Espiritismo.

Morreu com calma, porque tinha consciência de ter cumprido a missão que havia aceitado ao vir à Terra, de ter cumprido escrupulosamente seus deveres de esposa e de mãe de família. Porque também tinha, durante a vida, abjurado todo ressentimento contra aqueles dos quais podia lastimar-se e que a tinham pago com ingratidão; que sempre tinha pago o mal com o bem, perdoando-os ao deixar a vida, confiando na bondade e na justiça de Deus. Enfim, morreu com a serenidade que dá uma consciência pura, e a certeza de estar menos separada de seus filhos que durante a vida corporal, já que poderá, doravante, estar com eles em Espírito, seja qual for o ponto do globo em que se achem, ajudá-los com seus conselhos e os cobrir com a sua proteção. Agora, qual a sua sorte no mundo em que se encontra? Os espíritas já o pressentem. Mas deixemos que ela mesma relate as suas impressões.

Como se viu, ela morreu em 3 de fevereiro; recebemos a notícia no dia 6 e nosso primeiro desejo foi o de nos entretermos com ela, se fosse possível. No momento estávamos acometido de grave moléstia, o que explica algumas de suas palavras. É de notar que o médium não a conhecia e ignorava as particularidades de sua vida, da qual ela fala espontaneamente. Eis sua primeira comunicação, dada em 6 de fevereiro:

(6 de fevereiro de 1865 – Médium: Sra. Cazemajour)¹³

Estava certa de que teríeis a idéia de me evocar logo depois da minha morte e estava pronta a vos responder, pois não conheci a perturbação. Só os que têm medo são envolvidos por suas espessas trevas.

Pois bem, meu amigo, agora estou feliz. Estes pobres olhos que se haviam enfraquecido e só me deixavam a lembrança dos prismas que tinham colorido minha juventude com seu brilho cintilante, abriram-se aqui e reencontram os esplêndidos horizontes que alguns de vossos grandes artistas idealizam em suas vagas reproduções, mas cuja realidade majestosa, severa e, contudo, cheia de encantos, é moldada na mais completa realidade.

Apenas há três dias estou morta, e sinto que sou artista. Minhas aspirações para o ideal da beleza na arte mais não eram que a intuição de uma faculdade que eu tinha estudado e adquirido em outras existências e que se desenvolveram na última. Mas, que devo fazer para reproduzir uma obra-prima digna da cena que comove o espírito, quando se chega na região da luz? Pincéis! pincéis! Provarei ao mundo que a arte espírita é o coroamento da arte pagã, da arte cristã que periclita, e que só ao Espiritismo está reservada a glória de fazê-la reviver em todo o seu brilho no vosso mundo deserdado.

13 **N. do T.:** 5 de fevereiro, conforme o original. A data certa, porém, é 6 de fevereiro, como consta acima.

Basta para a artista. É a vez da amiga.

Por que, boa amiga (Sra. Allan Kardec), vos afetar assim pela minha morte? Sobretudo vós, que conheceis as decepções e as amarguras de minha vida, deveríeis, ao contrário alegrar-vos por ver que agora não mais devo beber a taça amarga das dores terrenas, que esvaziei até o fim. Crede-me: os mortos são mais felizes que os vivos; pranteá-los é duvidar da veracidade do Espiritismo. Tende certeza de que me vereis novamente; parti primeiro, porque minha tarefa na Terra havia terminado; cada um tem a sua a cumprir aí e, quando a vossa estiver acabada, vireis repousar um pouco junto a mim, para recomeçar em seguida, se necessário, levando-se em conta que não está na Natureza ficar inativo. Cada um tem suas tendências e a elas obedece; é uma lei suprema que prova o poder do livre-arbítrio. Assim, boa amiga, indulgência e caridade, pois todos necessitamos, reciprocamente, seja no mundo visível, seja no invisível. Com esta divisa, tudo vai bem.

Não me mandastes parar. Sabeis que converso longamente pela primeira vez! Mas eu vos deixo; é a vez do meu excelente amigo, Sr. Kardec. Quero agradecer-lhe as afetuosas palavras que ele houve por bem dirigir à amiga que o precedeu no túmulo; porque nós quase partimos juntos para o mundo onde me encontro, meu amigo! (Tínhamos adoecido no dia 31 de janeiro). Que teria dito a bem-amada companheira dos vossos dias, se os Espíritos bons nisto não tivessem posto boa ordem? então ela teria chorado e gemido! eu o compreendo. Mas, também, é preciso que ela vele para que não vos exponhais novamente ao perigo, antes que tenhais acabado o vosso trabalho de iniciação espírita, sem o que vos arriscais a chegar cedo demais entre nós e, como Moisés, só ver a Terra Prometida de longe. Mantende-vos em guarda, pois é uma amiga que vos previne.

Agora me vou. Volto para junto de meus caros filhos; depois vou ver, além dos mares, se minha ovelha viajante finalmente chegou ao porto, ou se é joguete da tempestade. Que os

Espíritos bons a protejam; vou juntar-me a eles para isto. Voltarei a conversar convosco, pois, como lembrais, sou uma faladora infatigável. Adeus, pois, bons e caros amigos. Até breve.

Viúva Foulon

Observação – A ovelha viajante é uma de suas filhas, que reside na América e que acabava de fazer longa e penosa viagem.

Não se teme a morte senão pela incerteza do que se passa nesse momento supremo e pelo que será de nós no além. Nem sempre a crença vaga na vida futura é suficiente para acalmar o temor do desconhecido. Todas as comunicações que têm por objetivo iniciar-nos nos detalhes e nas impressões da passagem tendem a dissipar esse medo, ao nos familiarizarem e identificarem com a transição que em nós se opera. Deste ponto de vista, as da Sra. Foulon e as do Dr. Demeure, que vêm a seguir, são eminentemente instrutivas. Sendo a situação dos Espíritos depois da morte essencialmente variável, conforme a diversidade das aptidões, das qualidades e do caráter de cada um, somente pela multiplicidade dos exemplos é que se pode chegar a conhecer o estado real do mundo invisível.

(8 de fevereiro de 1865)

Espontânea – Eis-me aqui entre vós, bem mais cedo do que pensava e felicíssima por vos rever, sobretudo agora que estais melhor e que em breve, assim espero, estareis completamente restabelecido. Mas quero que me dirijais as perguntas que vos interessam; responderei melhor. Sem isto, arrisco-me a falar convosco sem uma seqüência lógica, e é necessário que falemos de coisas puramente sérias. Não é, meu bom mestre espírita?

P. – Cara Sra. Foulon, estou muito contente com a comunicação que destes outro dia, e com a promessa de continuar nossas conversas. Eu vos reconheci perfeitamente na comunicação; ali faláveis de coisas ignoradas do médium, e que não podiam vir

senão de vós; depois, vossa linguagem afetuosa a nosso respeito é bem a de vossa alma amorosa. Mas há em vossa linguagem uma segurança, um aprumo, uma firmeza que não conhecia em vossa vida. Sabeis que a este respeito eu me permiti mais de uma admoestação em certas circunstâncias.

Resp. – É verdade. Mas desde que me vi gravemente doente, recobrei a firmeza de espírito, perdida pelos desgostos e vicissitudes que, por vezes me tinham tornado medrosa quando encarnada. Disse de mim para mim: Tu és espírita; esquece a Terra; prepara-te para a transformação de teu ser e antevê, pelo pensamento a senda luminosa que tua alma deve seguir, ao deixar o corpo, e que a conduzirá, feliz e liberta, às esferas celestes onde viverás doravante.

Dir-me-eis que era um tanto presunçoso de minha parte contar com a felicidade perfeita ao deixar a Terra; mas eu tinha sofrido tanto que devia ter expiado minhas faltas desta existência e das precedentes. Esta intuição não me havia enganado; foi ela que me deu coragem, calma e firmeza nos últimos instantes. Essa firmeza naturalmente aumentou quando vi, depois de morta, a realização das minhas esperanças.

P. – Tende a bondade de descrever agora vossa passagem, o despertar e as primeiras impressões sentidas.

Resp. – Sofri, mas meu Espírito foi mais forte do que o sofrimento material, que o desprendimento o fazia experimentar. Encontrei-me, *após o supremo suspiro*, em estado de síncope, sem a menor consciência de minha situação, não pensando em nada, e numa vaga sonolência, que não era o sono do corpo nem o despertar da alma. Fiquei assim bastante tempo; depois, como se saísse de um longo desfalecimento, despertei pouco a pouco entre irmãos que não conhecia. Eles me prodigalizaram cuidados e carícias; mostraram-me um ponto no espaço que parecia uma estrela brilhante e me disseram: “É para lá que virás conosco; não pertences mais à Terra.” Então recobrei a memória; apoiei-me neles e, como um grupo gracioso que se lança para esferas

desconhecidas, mas com a certeza de lá encontrar a felicidade... subimos, subimos, e a estrela crescia. Era um mundo feliz, um mundo superior, onde vossa boa amiga vai, enfim, encontrar o repouso. Quero dizer o repouso em relação às fadigas corporais que suportei e às vicissitudes da vida terrena, mas não a indolência do Espírito, porque a atividade do Espírito é um prazer.

P. – Deixastes definitivamente a Terra?

Resp. – Deixo aqui muitos seres que me são caros para abandoná-la definitivamente. A ela voltarei, portanto, mas como Espírito, pois tenho uma missão a cumprir junto aos meus netos. Aliás, sabeis perfeitamente que nenhum obstáculo se opõe a que os Espíritos que estacionam nos mundos superiores à Terra venham visitá-la.

P. – Parece que a posição em que estais pode enfraquecer vossas relações com os que deixastes aqui.

Resp. – Não, meu amigo; o amor aproxima as almas. Crede-me, pode-se estar na Terra mais próximo dos que atingiram a perfeição do que daqueles que a inferioridade e o egoísmo fazem rodopiar em torno da esfera terrestre. A caridade e o amor são dois motores de poderosa atração. São o laço que cimenta a união das almas ligadas uma a outra, laços persistentes, apesar da distância e dos lugares. Só há distâncias para os corpos materiais; ela não existe para os Espíritos.

P. – Conforme o que dissestes na comunicação anterior, sobre os vossos instintos de artista e o desenvolvimento da arte espírita, eu pensava que, numa nova existência, seríeis um dos primeiros intérpretes.

Resp. – Não. É como guia e Espírito protetor que devo dar provas ao mundo da possibilidade de fazer obras-primas na arte espírita. As crianças serão médiuns pintores e, na idade em que não se fazem senão esboços informes, elas pintarão, não as coisas da Terra, mas coisas dos mundos onde a arte atingiu toda a sua perfeição.

P. – Que idéia fazeis agora de meus trabalhos relativos ao Espiritismo?

Resp. – Acho que tendes encargo de almas e que o fardo é difícil de carregar; mas vejo o objetivo e sei que o atingireis. Ajudar-vos-ei, se possível, com meus conselhos de Espírito, a fim de que possais superar as dificuldades que vos serão suscitadas, induzindo-vos a tomar certas medidas adequadas a ativar, enquanto viverdes, o movimento renovador ao qual o Espiritismo conduz. Vosso amigo Demeure, unido ao Espírito de Verdade, vos prestará um concurso mais útil ainda; ele é mais sábio e mais sério do que eu; mas, como sei que a assistência dos Espíritos bons vos fortalece e sustenta em vosso labor, crede que o meu vos será assegurado sempre e em toda parte.

P. – Poder-se-ia deduzir de algumas de vossas palavras que não me dareis uma cooperação muito ativa à obra do Espiritismo.

Resp. – Enganai-vos. Mas eu vejo tantos outros Espíritos mais capazes do que eu para tratar desta importante questão, que um invencível sentimento de timidez me impede, agora, de vos responder conforme o vosso desejo. Talvez isto aconteça; terei mais coragem e ousadia, mas antes é preciso que os conheça melhor. Morri há somente quatro dias; ainda estou sob o encanto do deslumbramento que me rodeia. Não compreendeis, meu amigo? Não consigo expressar as novas sensações que experimento. Tive de violentar-me para subtrair-me da fascinação que sobre o meu ser exercem as maravilhas que admiro. Não posso senão bendizer e adorar a Deus em suas obras. Mas isto passará: os Espíritos me asseguram que logo estarei acostumada com todas essas magnificências, e que então poderei, com minha lucidez de Espírito, tratar todas as questões relativas à renovação terrestre. Depois pensai, sobretudo neste momento, que tenho uma família para consolar. O entusiasmo invadiu-me a alma, e espero que tenha passado um pouco para vos entreter com o Espiritismo sério, e não com o Espiritismo poético, que não é bom para os homens: não o compreenderiam.

Adeus; até breve. De vossa boa amiga, que vos ama e sempre vos amará, pois é a vós, mestre, que ela deve a única consolação durável e verdadeira que experimentou na Terra.

Viúva Foulon

Observação – Todo espírita sério e esclarecido facilmente tirará destas comunicações os ensinamentos que delas ressaltam. Só chamaremos a atenção para dois pontos. O primeiro é que este exemplo mostra a possibilidade de não mais se encarnar na Terra e passar daqui a um mundo superior, sem ser por isto separado dos seres afeiçoados que aqui deixamos. Aqueles, pois, que temem a reencarnação, por causa das misérias da vida podem destas se libertar, fazendo o que é preciso, isto é, trabalhando pelo seu melhoramento. Quem não quiser vegetar nas classes inferiores, deve instruir-se e trabalhar para subir de grau.

O segundo ponto é a confirmação desta verdade: depois da morte estamos menos separados dos seres que nos são caros do que durante a vida. Há alguns dias apenas a Sra. Foulon, retida pela idade e pela enfermidade numa pequena cidade do sul, não tinha a seu lado senão uma parte da família. Como a maioria dos filhos e dos amigos estava longe, obstáculos materiais se opunham a que os pudesse ver tão freqüentemente quanto uns e outros o teriam desejado. O grande afastamento tornava mesmo a correspondência rara e difícil para alguns. Tão-logo desembaraçada de seu pesado envoltório vai ao encontro de cada um e, sem afadigar-se, transpõe distâncias com a rapidez da eletricidade, os vê, assiste às suas reuniões íntimas, envolve-os com a sua proteção e pode, através da mediunidade, entreter-se com eles a cada instante, como quando viva. E dizer que a este pensamento consolador há gente que prefira uma separação indefinida!

Nota – Recebemos muito tarde para poder reproduzir o interessante e minucioso artigo necrológico, publicado no *Journal du Havre* de 10 de fevereiro. Infelizmente, nosso número já estava composto e completo, pronto para ser impresso.

O DOUTOR DEMEURE

Morto em Albi (Tarn), em 26 de janeiro de 1865

Mais uma alma de escol acaba de deixar a Terra! O Sr. Demeure era um médico homeopata muito distinto em Albi. Seu caráter, tanto quanto o seu saber, tinham lhe granjeado a estima e a veneração de seus concidadãos. Só o conhecemos por meio de sua correspondência e da de seus amigos, mas bastou para nos revelar toda a grandeza e toda a nobreza de seus sentimentos. Sua bondade e sua caridade eram inesgotáveis e, malgrado a idade avançada, nenhuma fadiga o impedia de ir socorrer os pobres doentes. O preço das visitas era a menor de suas preocupações; preocupava-se mais com os desgraçados do que com aqueles que sabia que podiam pagar, porque, como dizia, em sua falta estes últimos sempre poderiam arranjar outro médico. Aos primeiros, não somente dava os remédios gratuitamente, mas muitas vezes provia às suas necessidades materiais, o que, algumas vezes, é o mais útil dos medicamentos. Pode dizer-se que era o Cura d'Ars da Medicina.

O Sr. Demeure havia abraçado com ardor a Doutrina Espírita, na qual encontrara a chave dos mais graves problemas, cuja solução pedira em vão à Ciência e a todas as filosofias. Seu Espírito profundo e investigador fê-lo compreender imediatamente todo o seu alcance, de tal modo que se tornou um de seus mais zelosos propagadores. Embora jamais nos tivéssemos visto, dizia-nos em uma de suas cartas que estava convicto de que não éramos estranho um ao outro e que havia relações anteriores entre nós. Sua prontidão em vir até nós assim que morreu, sua solicitude por nós e os cuidados que nos dispensou na circunstância em que nos achávamos no momento, o papel que parece chamado a desempenhar, parecem confirmar esta previsão, que ainda não pudemos verificar.

Soubemos de sua morte em 30 de janeiro, e nosso primeiro pensamento foi o de nos entretermos com ele. Eis a

comunicação que nos deu naquela mesma noite, através da Sra. Cazemajour, médium:

“Eis-me aqui. Ainda em vida prometi a mim mesmo, desde que estivesse morto, que viria, se possível, apertar a mão do meu caro mestre e amigo Allan Kardec.

“A morte havia dado à minha alma esse pesado sono, que se chama letargia; mas o pensamento velava. Sacudi esse torpor funesto, que prolonga a perturbação que segue a morte, despertei e, de um salto, fiz a viagem.

“Como estou feliz! Já não sou velho nem enfermo; meu corpo era apenas um disfarce imposto; sou jovem e belo, belo dessa eterna juventude dos Espíritos, cujas rugas não mais sulcam o rosto, cujos cabelos não embranquecem sob a ação do tempo. Sou leve como o pássaro que em vôo rápido atravessa o horizonte de vosso céu nebuloso; admiro, contemplo, bendigo, amo e me inclino, átomo que sou, ante a grandeza, a sabedoria, a ciência de nosso Criador, ante a grandeza das maravilhas que me cercam.

“Estava junto de vós, caro e venerado amigo, quando o Sr. Sabò falou em fazer a minha evocação, e eu o segui.

“Sou feliz; estou na glória! Oh! quem poderia jamais descrever as esplêndidas belezas da terra dos eleitos: os céus, os mundos, os sóis, seu papel no grande concerto da harmonia universal? Pois bem! eu tentarei, meu mestre; vou fazer o seu estudo e virei depor junto a vós a homenagem de meus trabalhos de Espírito, que antecipadamente vos dedico. Até logo.”

Demeure

Observação – As duas comunicações seguintes, dadas em 1º e 2 de fevereiro, são relativas à doença que nos acometeu subitamente em 31 de janeiro. Embora sejam pessoais, nós as publicamos porque provam que o Dr. Demeure é tão bom como

Espírito quanto o era como homem e porque oferecem, além disso, um ensinamento. É um testemunho de gratidão, que devemos à solicitude de que fomos objeto de sua parte, nessa circunstância:

“Meu bom amigo, tende confiança em nós e muita coragem. Esta crise, não obstante fatigante e dolorosa, não será longa e, com os cuidados prescritos, podereis, conforme os vossos desejos, completar a obra, de que a vossa existência foi o principal objetivo. No entanto, sou aquele que está sempre junto de vós, com o Espírito de *Verdade*, que me permite tomar a palavra em seu nome, como o último de vossos amigos vindos entre os Espíritos! Eles me fazem as honras das boas-vindas. Caro mestre, como estou feliz por ter morrido a tempo para estar com eles neste momento! Se tivesse morrido mais cedo, talvez vos pudesse ter evitado esta crise que eu não previa; havia pouquíssimo tempo que estava desencarnado para me ocupar de outra coisa que não fosse o espiritual. Mas agora velarei por vós. Caro mestre, é vosso irmão e amigo que é feliz de ser Espírito para estar junto de vós e vos prodigalizar cuidados na vossa moléstia. ‘Ajuda-te, e o céu te ajudará.’ Ajudai, pois, os Espíritos bons nos cuidados que vos dispensam, submetendo-vos estritamente às suas prescrições.

“Faz muito calor aqui; este carvão é fatigante. Enquanto estiverdes doente, não o queimeis; ele continua a aumentar a vossa opressão; os gases que dele se desprendem são deletérios.”

Vosso amigo, Demeure

“Sou eu, Demeure, o amigo do Sr. Kardec. Venho dizer-lhe que estava ao seu lado quando lhe ocorreu o acidente, que poderia ter sido funesto sem uma intervenção eficaz, para a qual tive a felicidade de contribuir. Segundo minhas próprias observações e informações que colhi em boa fonte, para mim é evidente que, quanto mais cedo se der a sua desencarnação, tanto mais cedo se dará a sua reencarnação, a fim de poder completar a sua obra. Contudo, é preciso que ele dê, antes de partir, uma última

demão nas obras que devem completar a teoria doutrinária, da qual é o iniciador; e ele se tornará culpado de homicídio voluntário se, por excesso de trabalho, contribuir para a falência de sua organização, que o ameaça de uma súbita partida para os nossos mundos. Não se deve ter receio em dizer-lhe toda a verdade, para que se guarde e siga rigorosamente as nossas prescrições.”

Demeure

A comunicação seguinte foi recebida em Montauban, em 1^o de fevereiro, no círculo dos amigos espíritas que ele tinha naquela cidade:

“Antoine Demeure. Não estou morto para vós, meus bons amigos, mas para os que, como vós, não conhecem esta santa doutrina, que reúne os que se amaram na Terra e que tiveram os mesmos pensamentos e os mesmos sentimentos de amor e caridade.

“Sou feliz; mais feliz do que podia esperar, porquanto gozo de rara lucidez entre os Espíritos desprendidos da matéria há tão pouco tempo. Tende coragem, meus bons amigos; doravante estarei junto a vós e não deixarei de vos instruir sobre muitas coisas que ignoramos quando ligados à nossa pobre matéria, que nos oculta tantas magnificências e tantos prazeres. Orai pelos que estão privados dessa felicidade, pois não sabem o mal que fazem a si mesmos.

“Hoje não me delongarei muito, mas vos direi que não me acho completamente estranho neste mundo dos invisíveis. A mim parece que sempre o habitei. Aqui estou feliz, porque vejo os meus amigos e posso comunicar-me com eles sempre que o deseje.

“Não choreis, meus amigos; fariéis que lamentasse vos haver conhecido. Deixai correr o tempo e Deus vos conduzirá à esta morada, onde todos devemos nos reunir. Boa-noite, meus amigos: que Deus vos console; aqui estou junto a vós.”

Demeure

Observação – A situação do Sr. Demeure, como Espírito, é bem a que podia deixar pressentir sua vida tão dignamente e tão utilmente realizada. Mas um outro fato não menos instrutivo ressalta de suas comunicações: é a atividade que ele demonstra, quase imediatamente depois da morte, para ser útil. Por sua alta inteligência e por suas qualidades morais, pertence à ordem dos Espíritos muito adiantados; ele é muito feliz, mas sua felicidade não está na inação. Há poucos dias, cuidava dos doentes como médico e, apenas desencarnado, desvela-se em ir cuidá-los como Espírito. Algumas pessoas perguntarão: Que se ganha em estar no outro mundo, se ali não se goza de repouso? A isto lhes perguntaremos, para começar, se nada significa não mais ter preocupações, nem necessidades, nem as enfermidades da vida, ser livre e poder, sem afadigar-se, percorrer o espaço com a rapidez do pensamento, ir ver os amigos a qualquer hora, seja qual for a distância em que se encontrem? Depois acrescentamos: Quando estiverdes no outro mundo, nada vos forçará a fazer seja o que for; sereis perfeitamente livres para ficar numa ociosidade beata, tanto tempo quanto quiserdes; mas logo vos cansareis dessa ociosidade egoísta e pedireis uma ocupação. Então vos será respondido: Se vos aborreceis por nada fazerdes, buscai vós mesmos algo fazer; as ocasiões de ser útil não faltam no mundo dos Espíritos, como não faltam entre os homens. É assim que a atividade espiritual não é um constrangimento; é uma necessidade, uma satisfação para os Espíritos que procuram as ocupações segundo seus gostos e aptidões, e escolhem de preferência as que possam ajudar o seu adiantamento.

O Processo Hillaire

Uma questão sobre a qual havíamos guardado um silêncio facilmente compreensível, acaba de ter um desfecho que a põe no domínio público. Tendo sido publicada por vários jornais das localidades vizinhas, desde então julgamos oportuno dela falar, a fim de prevenir as falsas interpretações da malevolência em

relação à Doutrina Espírita, e provar que essa doutrina não encobre com seu manto nada que seja repreensível. Aliás, como nosso nome está envolvido no assunto, não é inútil que se conheça a nossa maneira de ver. Esse assunto diz respeito ao médium Hillaire, de Sonnac (Charente- Inférieure), com o qual já tivemos ocasião de entreter os nossos leitores.

Hillaire é um homem moço, casado e pai de família, simples trabalhador, quase analfabeto. A Providência o dotou de notável faculdade mediúnica, muito ampla, cujos detalhes podem ser lidos na obra do Sr. Bez, intitulada: *Os milagres de nossos dias*, e que tem várias analogias com a do Sr. Home. Naturalmente, essa faculdade despertou a atenção para ele; ela lhe havia conquistado uma celebridade local e, ao mesmo tempo, lhe valido a simpatia de uns e a aversão de outros. Os elogios um tanto exagerados de que era objeto nele produziram sua má influência habitual. Os sucessos do Sr. Home subiram-lhe um pouco à cabeça, como o atestam as cartas que nos escreveu. Sonhava com um teatro maior do que o seu vilarejo. Contudo, apesar de suas instâncias para que o fizéssemos vir a Paris, jamais lhe quisemos dar a mão. Certamente, se nessa providência tivéssemos visto uma utilidade qualquer, tê-lo-íamos favorecido; mas estávamos convencidos, de acordo com as idéias e o caráter que lhe conhecíamos, de que ele não era capaz de representar um papel preponderante, e isso em seu próprio interesse. Aliás, muito recentemente tivéramos um triste exemplo dessas ambições que empurram para a capital e acabam em cruéis decepções. Elevando-o sobre um pedestal, prestaram-lhe um mau serviço. Sua missão era local; num raio limitado, sobre uma certa população, podia prestar grandes serviços à causa do Espiritismo, com o auxílio dos notáveis fenômenos que se produziam sob sua influência; ele os prestou propagando as idéias espíritas na região, mas os poderia prestar ainda maiores se se tivesse limitado à sua modesta esfera, sem abandonar o trabalho de que vivia e se, com mais prudência, o tivesse podido conciliar com o exercício da mediunidade. Infelizmente para ele, a importância que se atribuía o tornava pouco acessível aos conselhos da experiência; como muita

gente, os teria aceitado de bom grado se fossem concordes com as suas idéias, das quais suas cartas nos davam provas! Vários indícios nos fizeram prever sua queda, mas estávamos longe de suspeitar por que causa se daria. Apenas nossos guias espirituais nos advertiram algumas vezes para agir com ele com grande circunspeção e resguardar a nossa autoridade, evitando, sobretudo, fazê-lo vir a Paris.

Por muita presunção de um lado e muita fraqueza do outro, ele aniquilou sua missão no momento em que ela poderia ganhar o seu maior brilho. Cedendo a deploráveis arrastamentos e, talvez, como somos levados a crer, a pérfidas insinuações, manejadas com habilidade, ele cometeu uma falta, em razão da qual deixou a região e da qual, mais tarde, teve de prestar contas à justiça. O Espiritismo, longe de sofrer com isto, como se vangloriavam os nossos adversários, saiu são e salvo desta prova, como logo se verá. Nem é preciso dizer que se empenhavam em fazer passar todas as manifestações do infeliz Hillaire como insignes trapaças.

Nesta triste questão, o lesado, um dos que mais o tinham aclamado ao tempo de sua glória passageira e o tinha acobertado com o seu patrocínio, escreveu-nos após a fuga dos culpados, para nos dar conta detalhada dos fatos e pedir o nosso e o concurso de nossos correspondentes, a fim de que os prendessem. Ele termina dizendo: “É preciso tirar-lhes todos os recursos, a fim de os obrigar a voltar à França e os mandar castigar pela justiça dos homens, esperando que a desse Deus de misericórdia os *castigue* também, pois causam um grande prejuízo ao Espiritismo. Esperando uma resposta de vossa mão, vou pedir a Deus para que sejam descobertos. Sou todo vosso, vosso irmão em Deus, etc.”

Eis a resposta que lhe demos, sem suspeitar que ela se tornaria uma das peças do processo:

Senhor,

Retornando de longa viagem que acabo de fazer, encontrei a carta que me escrevestes a propósito de Hillaire. Deploro tanto quanto qualquer outro esta triste história, da qual, entretanto, o Espiritismo não pode receber nenhum ataque, já que não poderia ser responsabilizado pelos atos dos que o compreendem mal. Quanto a vós, o mais prejudicado nesta circunstância, compreendo vossa indignação e o primeiro momento de exaltação que vos deve ter agitado, mas espero que a reflexão tenha dado mais calma ao vosso espírito. Se fordes realmente espírita, deveis saber que devemos aceitar com resignação todas as provas que a Deus aprouver enviar-nos e que são, elas mesmas, expiações que merecemos por nossas faltas passadas. Não é orando a Deus, como fazeis, para nos vingar daqueles de quem temos de nos queixar, que adquirimos o mérito das provas que Ele nos manda; muito ao contrário, perdemos os seus frutos e atraímos outras ainda maiores. Não é uma contradição de vossa parte dizer que orais ao *Deus de misericórdia* para que os culpados sejam presos, a fim de serem entregues à justiça dos homens? Dirigir-Lhe semelhantes preces é uma ofensa, quando necessitamos, em maior ou menor grau, de sua misericórdia para nós mesmos, esquecendo que ele disse: *Sereis perdoados como tiverdes perdoado aos outros*. Tal linguagem não é cristã, nem espírita, porquanto, a exemplo do Cristo, o Espiritismo nos ensina a indulgência e o perdão das ofensas. É uma bela ocasião para mostrardes grandeza e magnanimidade e provardes que estais acima das misérias humanas. Desejo que não a deixeis escapar.

Pensais que esta questão prejudicará o Espiritismo. Repito que ele nada sofrerá com isto, em que pese o ardor dos adversários em explorar esta circunstância em seu proveito. Se o devesse prejudicar, seria apenas um efeito local e momentâneo e nisso tereis vossa parte de responsabilidade, pelo ardor com que o divulgastes. Tanto por caridade, quanto pelo interesse que dizeis ter pela doutrina, deveríeis ter feito todo o possível para evitar o

escândalo, ao passo que, pela repercussão que lhe destes, fornecestes armas aos inimigos. Os espíritas sinceros vos teriam sido gratos por vossa moderação, e Deus vos teria levado em conta esse bom sentimento.

Lamento que tendes podido pensar que eu servisse, fosse no que fosse, aos vossos desejos vindicativos, tomando providências para entregar os culpados à justiça. Era enganar-vos singularmente quanto ao meu papel, ao meu caráter e à minha compreensão dos verdadeiros interesses do Espiritismo. Se, como dizeis, sois realmente meu irmão em Deus, crede-me, implorai sua clemência e não a sua cólera, porque aquele que chama a cólera sobre outrem corre o risco a fazê-la cair sobre si mesmo.

Tenho a honra de vos saudar cordialmente, com a esperança de vos ver voltar a idéias mais dignas de um espírita sincero.

A. K.

Eis, agora, o relato que nos foi enviado:

“Iniciado sexta-feira, o caso Hillaire terminou sábado à meia-noite. Retirando Vitet sua queixa no momento em que ia ser pronunciado o julgamento, sua esposa foi inocentada. Só Hillaire ficava sob a clava da justiça. O ministério público concluiu pela culpabilidade e exigiu a aplicação dos artigos 336, 337, 338, etc., do Código Penal. O Tribunal, *declinando* de sua competência no que respeita à apreciação *de todos os transportes e outros fatos mediúnicos*, fazendo aplicação do artigo 463, condenou Hillaire a um ano de prisão e pagamento das custas processuais. Aos nossos olhos, esse julgamento é uma justa aplicação da lei escrita, embora tenha sido considerado um tanto severo por pessoas que absolutamente não são espíritas.

“Se fomos testemunhas do desenrolar de tristes torpezas a que podem conduzir as fraquezas humanas, por outro

lado assistimos a um belo espetáculo, quando ouvimos ser proclamada solenemente a ortodoxia da moral espírita; quando, durante a suspensão e à saída das audiências, ouvimos estas palavras, repetidas em público: ‘Devemos invejar a felicidade daqueles cuja fé os põe constantemente em presença daqueles a quem amaram, e dos quais o próprio túmulo não os pode mais separar.’

“Com efeito, vede esta multidão, que logo este pretório não poderá conter. Aí se comprimem membros de todas as posições sociais, desde a mais ínfima até a mais elevada. Pensais que esses homens vêm simplesmente assistir aos vulgares debates de uma torpe questão na polícia correccional? Ao vexame de dois infelizes que confessaram e narraram todas os detalhes de sua falta? Oh! não. O caso em questão tem um alcance muito alto. O Espiritismo está em jogo; vêm ouvir as revelações que um inquérito de três meses terá trazido contra a nova doutrina; vêm gozar o ridículo que não deixará de cair sobre esses pobres alucinados; mas suas esperanças pouco caridosas foram ludibriadas pela sabedoria do tribunal.

“O presidente começa por proclamar a mais absoluta liberdade de consciência; recomenda a todos o respeito pela crença religiosa de cada um; ele próprio marcha até o fim nesse caminho. Apresenta-se o momento de ler a carta de nosso mestre a Vitet (carta citada acima); toma-a e, depois de lê-la, observa reconhecer nela uma voz digna dos primeiros Pais da Igreja; que jamais foi pregada mais bela moral em mais bela linguagem.

“Vinte testemunhas foram unânimes quanto à veracidade dos transportes; nenhum manifestou a mais leve suspeita. Daí a declaração de incompetência do tribunal. Somente Vitet e seu criado Muson contestaram a marcha miraculosa; mas no mesmo instante lhes foi contraposto os autos do depoimento, redigido nesse mesmo dia por Vitet, escrito do próprio punho e trazendo a sua e a assinatura de Muson. Dois membros de nossa

sociedade foram ouvidos. O presidente não temeu, por causa de seus depoimentos, provocar discussão sobre certos pontos da doutrina; um e outro responderam perfeitamente e venceram, para satisfação de todos os espíritas.

“O advogado de Hillaire foi muito breve – e nem podia deixar de ter sido – no que se referia especialmente ao chefe da acusação. Mas sobre a doutrina, os seus ensinamentos, as suas conseqüências, os seus progressos no mundo; sobre a perseverança desses homens da localidade, pelo menos, dizia ele, nossos iguais em ciência, em inteligência, em moralidade, em posição social; sobre os fatos publicados diariamente na imprensa; sobre a multiplicidade das obras, dos jornais especiais, ele sempre falou com eloqüência e convicção. Seu último golpe foi a leitura de uma carta do Sr. Jaubert. Nessa carta o citado senhor refere que ele mesmo e seus amigos, ocupando-se de manifestações físicas, *viram e viram bem*, tanto à luz das lâmpadas quanto à luz do dia, fatos análogos aos obtidos por Hillaire, dos quais dá conta nos mínimos detalhes. Essa leitura, seguida em tom solene da profissão de fé do próprio Sr. Jaubert, magistrado, vice-presidente com funções no tribunal civil da capital de um Departamento, comoveu todo o auditório. (*O Journal de Saint-Jean d'Angely*, de 12 de fevereiro, analisa essa notável defesa. Ver também a *Revue de l'Ouest*, de Niort, de 18 de fevereiro).

“Em seu requerimento, o ministério público difama o acusado. Quanto aos fatos das manifestações, explica-os por meios vulgares; cada um, diz ele, pode produzi-los em seus salões à vontade, com a maior facilidade: basta a menor habilidade. Cita fatos mediúnicos históricos, para os quais conclui pela alucinação. No que concerne à doutrina, sempre foi digno e respeitoso para com os sectários dedicados. Sobretudo aplaudiu calorosamente a coragem, a sinceridade e a boa-fé das testemunhas que vieram afirmar sua crença, sem serem detidas nem pelo temor dos sarcasmos e das piadas, nem por seus interesses materiais, que com isto podem ser prejudicados.”

O Espiritismo não apenas saiu incólume desta prova, como dela saiu com as honras da guerra. É verdade que o julgamento não proclamou absolutamente a realidade das manifestações de Hillaire, mas as pôs fora de causa por sua declaração de incompetência; por isto mesmo não as declarou fraudulentas. Quanto à doutrina, ali obteve um notável sufrágio. Para nós é o ponto essencial, porque o Espiritismo está menos nos fenômenos materiais do que em suas conseqüências morais. Pouco nos importa que neguem fatos, constatados diariamente em todos os pontos da Terra. Não está longe o dia em que todos serão forçados a se renderem à evidência; o principal é que a doutrina daí resultante seja reconhecida como digna do Evangelho, sobre o qual se apóia. Certamente o sr. juiz substituto não é espírita; ao que saibamos, o presidente também não o é. Mas estamos felizes por constatar que sua opinião pessoal nada retira à sua imparcialidade.

Os elogios feitos às testemunhas são uma homenagem brilhante prestada à coragem da opinião e à sinceridade das crenças. Devíamos a esses firmes sustentáculos de nossa fé um testemunho especial. Apressamo-nos em o dar, por meio da mensagem seguinte, que lhes remetemos:

Paris, 21 de janeiro de 1865.

Do Sr. Allan Kardec aos espíritas devotados no caso Hillaire.

Caros irmãos em Espiritismo,

Venho, em meu nome pessoal e no da Sociedade Espírita de Paris, pagar um justo tributo de elogios a todos quantos, na triste circunstância que nos afligiu, sustentaram sua fé e defenderam a verdade com coragem, dignidade e firmeza. Um brilhante e solene testemunho lhes foi prestado pelos órgãos da justiça; o de seus irmãos em crença não lhes podia faltar. Pedi a sua lista, tão exata e completa quanto possível, a fim de inscrever seus nomes ao lado dos que bem mereceram do Espiritismo. Não é para

lhes conferir uma publicidade que lhes feriria a modéstia e que, aliás, na hora que passa, é mais prejudicial do que útil; mas nosso século está tão preocupado que é esquecido. É preciso que a memória dos devotamentos verdadeiros, puros de qualquer pensamento preconcebido de interesse, não se perca para os que vierem depois de nós. Os arquivos do Espiritismo lhes dirão os que têm direito legítimo ao seu reconhecimento.

Aproveito esta ocasião, caros irmãos, para me entreter um instante convosco a respeito do que nos preocupa.

À primeira vista, podiam temer-se as conseqüências deste caso para o Espiritismo. Como o sabeis, jamais me inquietei com ele, porque, em todo o caso, não podia produzir senão uma emoção local e momentânea; porque a nossa doutrina, assim como a religião, não pode ser responsabilizada pelas faltas dos que não a compreendem. É em vão que os nossos adversários se esforçam em apresentá-la como nociva e imoral; seria necessário provar que ela provoque, desculpe ou justifique um só ato repreensível, ou que ao lado de seus ensinamentos ostensivos, ela os tenha secretos, sob os quais a consciência possa abrigar-se. Mas como no Espiritismo tudo se passa à luz do dia e ele não prega senão a moral do Evangelho, à prática da qual tende a conduzir os homens que dela se afastam, só uma intenção malévola lhe poderia imputar tendências perniciosas. Levando-se em conta que cada um pode julgar por si mesmo os seus princípios, altamente proclamados e claramente formulados em obras ao alcance de todos, só a ignorância ou a má-fé os podem desnaturar, como fizeram com os primeiros cristãos, acusados de todas as desgraças e de todos os acidentes que se sucediam em Roma, e de corromper os costumes. Com o Evangelho na mão, o Cristianismo só podia sair vitorioso de todas essas acusações e da luta terrível investida contra ele. Assim se dá com o Espiritismo, que também tem como bandeira o Evangelho. Para sua justificação, basta-lhe dizer: Vede o que ensino, o que recomendo e o que condeno. Ora, o que é que condeno? Todo ato contrário à caridade, que é a lei ensinada pelo Cristo.

O Espiritismo não está apenas na crença na manifestação dos Espíritos. O erro dos que o condenam é crer que só consista na produção de fenômenos estranhos, e isto porque, não se dando ao trabalho de estudá-lo, só lhe vêem a superfície. Esses fenômenos só são estranhos para os que lhes não conhecem a causa. Mas, quem quer que os aprofunde, neles não vê senão os efeitos de uma lei, de uma força da Natureza que não se conhecia e que, por isto mesmo, não são maravilhosos, nem sobrenaturais. Esses fenômenos provam a existência dos Espíritos, que mais não são que as almas dos que viveram, provando, por conseguinte, a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo, a vida futura com todas as suas conseqüências morais. A fé no futuro, assim apoiada em provas materiais, torna-se inabalável e triunfa sobre a incredulidade. Daí por que, quando o Espiritismo tornar-se crença de todos, não haverá mais incrédulos, nem materialistas, nem ateus. Sua missão é combater a incredulidade, a dúvida, a indiferença; não se dirige aos que têm uma fé, e a quem esta fé é suficiente, mas aos que em nada crêem, ou que duvidam. Não diz a ninguém que deixe a sua religião; respeita todas as crenças, quando sinceras. Aos seus olhos a liberdade de consciência é um direito sagrado; se não a respeitasse, faltaria ao seu primeiro princípio, que é a caridade. Neutro entre todos os cultos, será o laço que os reunirá sob uma mesma bandeira – o da fraternidade universal. Um dia eles se darão as mãos, em vez de se anatematizarem.

Longe de serem a parte essencial do Espiritismo, os fenômenos não passam de um acessório, um meio suscitado por Deus para vencer a incredulidade, que invade a sociedade; ele está, sobretudo, na aplicação de seus princípios morais. É nisto que se reconhecem os espíritas sinceros. Os exemplos de reforma moral provocada pelo Espiritismo já são bastante numerosos para que se possa julgar dos resultados que produzirá com o tempo. É preciso que sua força moralizadora seja bem grande para triunfar sobre os hábitos inveterados pela idade, e da leviandade da juventude.

O efeito moralizador do Espiritismo tem, pois, por causa primeira o fenômeno das manifestações, que deu a fé. Se esses fenômenos fossem uma ilusão, como o pretendem os incrédulos, seria preciso abençoar uma ilusão que dá ao homem a força de vencer as más inclinações.

Mas, se ainda se vêem, depois de dezoito séculos, tanta gente que professa o Cristianismo e o pratica tão pouco, é de admirar que em menos de dez anos todos os que crêem no Espiritismo dele não tenham tirado o proveito desejável? Nesse número, há os que apenas viram o fato material das manifestações, nos quais foi mais excitada a curiosidade do que tocado o coração. Eis por que nem todos os espíritas são perfeitos. Isto nada tem de surpreendente em seu começo; e se uma coisa deve espantar, é o número de reformas operadas neste curto intervalo. Se nem sempre o Espiritismo triunfa sobre os maus arrastamentos de maneira completa, um resultado parcial não deixa de ser um progresso, que deve ser levado em conta; e como cada um de nós tem seu lado fraco, isto nos deve tornar indulgentes. O tempo e as novas existências acabarão o que está começado; felizes os que se pouparem novas provas!

Hillaire pertence a essa classe que o Espiritismo, de certo modo, não faz senão aflorar; eis por que faliu. A Providência o havia dotado de notável faculdade, com o auxílio da qual fez muito bem. Poderia fazer ainda muito mais se, por fraqueza, não tivesse corrompido sua missão. Não podemos condená-lo, nem absolvê-lo; só a Deus cabe julgá-lo por não haver cumprido a tarefa até o fim. Possa a expiação que sofre e uma guinada séria sobre si mesmo merecer a Sua clemência!

Irmãos, estendamos-lhe uma mão caridosa e oremos por ele.

Notas Bibliográficas

UM ANJO DO CÉU NA TERRA¹⁴

Eis o testemunho dado sobre esta obra na *Sociedade Espírita de Paris*, por nosso colega Sr. Feyteau, advogado:

Sob esse título, o Sr. Benjamin Mossé escreveu um livro cheio de poesia, no qual, sob o duplo ponto de vista, a caridade é progressivamente ensinada pelos mais tocantes fatos. O assunto deste pequeno poema em prosa começa no Céu, desenvolve-se na Terra e termina no Céu, onde começou.

Os anjos, os arcanjos, os querubins e os serafins, todos os seres sagrados – são expressões do Sr. Mossé – estão reunidos e cantam louvores ao Altíssimo, que os reuniu para lhes dar a missão de ir entre as almas da Terra, a fim de as reconduzir ao caminho do bem, do qual as desviam incessantemente os apetites e as paixões terrenas.

Um desses anjos, o mais puro, foi o único a ficar depois da partida de todos os outros. Esse anjo é *Zadécia*. Prostrada aos pés do trono do Eterno, implora para si o favor de uma exceção à regra geral, imposta aos seus irmãos; dizia, suplicante: “Senhor, escuta a minha prece, antes que eu obedeça à tua voz! Vou descer à Terra, segundo a tua vontade. Deixo com pesar, já que ordenas, a felicidade com a qual nos inundas; vou falar disto aos habitantes da morada inferior; vou inspirar-lhes a esperança, para os sustentar em sua marcha penosa. Mas digna-te conceder às minhas súplicas a graça que te imploro! Permite, ó meu Deus, que afastada de teu palácio, jamais esqueça as suas delícias! Permite que o envoltório de que me vou revestir jamais sirva de obstáculo a meus vãos para ti! Que eu fique sempre senhora de mim mesma; que nada de impuro

14 Por Benjamin Mossé, rabino de Avignon. Um vol. in-12; preço: 3 fr. 50. – Avignon, Livraria Bonnet Filho.

jamais venha alterar minha nobreza! Permite, Senhor, que minha ausência da mansão bem-aventurada não tenha longa duração! Permite que minha missão seja cumprida prontamente; que eu aqueça à minha chama um coração generoso; que o cativo com meus encantos esse coração já abençoado por tua mão; que meu amor o eleve, o aperfeiçoe, complete a sua virtude, a fim de que receba minhas inspirações, aceite a minha mensagem e se torne para a Humanidade uma consolação, uma luz, e que então eu possa, ó meu Deus, voltar à minha celeste morada, feliz por ter deixado na Terra um nobre continuador de minha missão, animado por meu olhar, adorando minha imagem e sempre se elevando para mim, a fim de haurir em meu seio a força de continuar sua obra, para cuja realização eu lhe prodigalizei o encorajamento de meu amor, até a hora em que, por tua vontade, ele vier encontrar-me e receber em meus braços, aos pés de teu trono, tuas bênçãos eternas.”

“Exalto a tua prece, minha filha! respondeu-lhe a voz divina. Vai, vai sem temor, levar aos homens os tesouros de tua chama. O fogo que te anima nada perderá em santidade na Terra, onde tua passagem será rápida, onde uma alma digna de ti já tomou um invólucro terrestre para cumprir a grande missão que lhe queres confiar. Tão ardente quanto pura, ela se enobrecerá com teu amor; será santificada por tua presença, pelos laços que a unirão ao teu destino imortal. Nessa união que abençôo antecipadamente, essa alma receberá tua missão, da qual se resgatará como tu mesma.

Então subirás novamente às regiões supremas, de onde velarás sobre teu esposo bem-amado da Terra, que se tornará, terminada sua tarefa, teu esposo bem-amado no Céu!”

A essas palavras, Zadécia desceu radiosa das moradas infinitas para o meio dos homens; osculou a fronte do menino que mais tarde deveria atrair a si pelo matrimônio; depois, submetendo-se às condições necessárias da existência terrestre, envolveu-se numa forma material, na qual devia brilhar a sua beleza e resplandecerem suas virtudes e seus encantos!

É nestas condições particularmente abençoadas que a alma de Zadécia empreende sua missão, cuja primeira fase é a sua encarnação na criatura que uma jovem mãe dolorosamente deu à luz. Na segunda fase de sua missão, Zadécia é um anjo de inocência, e sua beleza, que irradia como emanção divina, purifica tudo que dela se aproxima. Na terceira fase, Zadécia é o anjo de resignação pela paciência com que suporta os sofrimentos físicos. Na quarta, é anjo de piedade pelos exemplos de caridade e abnegação que dá. Na quinta, é o anjo do amor, pela afeição simpática que se desenvolve entre ela e o jovem Azariel. Na sexta, é o anjo do amor conjugal por sua união com Azariel. Na sétima, é o anjo do amor maternal. A oitava fase, enfim, é a sua volta ao Céu, deixando na Terra o esposo e a filha, para continuar sua obra de santificação.

Indubitavelmente, esses diferentes quadros contêm exemplos edificantes e são de leitura atraente; mas o triunfo por demais previsto de Zadécia sobre todas as provas a que está submetida em sua encarnação lhe tira esse caráter de ensinamento útil, que não pode resultar realmente senão dos esforços da luta. Esta situação em que se acha Zadécia, ao deixar o Céu, de conservar a pureza e a incorruptibilidade dos anjos, quase não desperta interesse por ela além da atração que deu o autor pela forma e expressão dos pensamentos, nas etapas de sua viagem à Terra. Por isso, depois de ter lido este livro e lhe concedendo o justo tributo de elogios que merecem o estilo e o conjunto verdadeiramente harmonioso do enredo, é de lamentar que o autor pareça estranho aos princípios reais da natureza dos Espíritos, e jamais ter pensado em se dar conta da influência que eles exercem sobre as diversas condições sociais da Humanidade, pelo melhoramento progressivo que desenvolvem em suas várias encarnações.

Há uma preocupação natural em o homem sério, seja porque aos múltiplos clarões da filosofia ele perscrute as peripécias da vida humana, seja porque com o archote das religiões sonde as

misteriosas profundezas da morte: chegar a uma conclusão que o esclareça sobre seu verdadeiro destino, mostrando-lhe a via que deve seguir. Sem dúvida esta via nem sempre é a verdadeira, mas cada um segue o sulco traçado pela charrua da vontade no campo do pensamento, segundo tenha empregado bons ou maus princípios. Para uns, sistemas preconcebidos lhes tomam lugar de verdades; deles fazem uma lei, consumindo-se em discussões para a impor e fazê-la prevalecer. Para outros, é o próprio Deus que têm a pretensão de traduzir, interpretar e comentar de tantas maneiras e em tantos debates tumultuosos, quando não sangrentos, que os textos sagrados da palavra divina ficam enterrados nos escombros de suas disputas.

Se o livro do Sr. Mossé não revela a preocupação que aí gostaríamos de ver sobre a natureza dos Espíritos, pelo menos não revela nenhuma das que a excluem ou a combatem. Diremos mesmo que mais se aproxima, do que dela se afasta, e que, com mais um passo, marchariam em uníssono, porque tendem para um fim comum: a prática da caridade como condição da vida bem-aventurada. É, pois, um bom livro que o Espiritismo deve acolher, como um aliado, que pode tornar seu irmão.

Feyteau, advogado

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

ABRIL DE 1865

Nº 4

Destruição dos Seres Vivos uns pelos Outros¹⁵

A destruição recíproca dos seres vivos é, dentre as leis da Natureza, uma das que, à primeira vista, menos parecem conciliar-se com a bondade de Deus. Pergunta-se por que teria Ele criado a necessidade de os seres vivos mutuamente se destruírem, para se alimentarem uns à custa dos outros.

Para quem apenas vê a matéria e restringe à vida presente a sua visão, há de isso, com efeito, parecer uma imperfeição na obra divina; daí a conclusão que tiram os incrédulos que, não sendo Deus perfeito, não há Deus. É que, em geral os homens apreciam a perfeição de Deus do ponto de vista humano; medindo-lhe a sabedoria pelo juízo que dela formam, pensam que Deus não poderia fazer coisa melhor do que eles próprios fariam. Não lhes permitindo a curta visão, de que dispõem, apreciar o conjunto, não compreendem que um bem real possa decorrer de um mal aparente. Só o conhecimento do princípio espiritual,

15 N. do T.: Vide *A Gênese*, de Allan Kardec, capítulo III, itens 20 a 24.

considerado em sua verdadeira essência, e o da grande lei de unidade, que constitui a harmonia da Criação, pode dar ao homem a chave desse mistério e mostrar-lhe a sabedoria providencial e a harmonia, exatamente onde apenas vê uma anomalia e uma contradição. Dá-se com esta verdade o mesmo que se dá com uma imensidão de outras; o homem não é apto a sondar certas profundezas senão quando seu Espírito chega a um suficiente grau de maturidade.

A verdadeira vida, tanto do animal como do homem, não está no invólucro corporal, do mesmo modo que não está no vestuário. Está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo. Esse princípio necessita do corpo, para se desenvolver pelo trabalho que lhe cumpre realizar sobre a matéria bruta. O corpo se consome nesse trabalho, mas o Espírito não se gasta; ao contrário, sai dele cada vez mais forte, mais lúcido e mais apto. Que importa, pois, que o Espírito mude mais ou menos freqüentemente de envoltório?! Não deixa por isso de ser Espírito. É precisamente como se um homem mudasse cem vezes no ano as suas vestes. Não deixaria por isso de ser homem.

Por meio do incessante espetáculo da destruição, ensina Deus aos homens o pouco caso que devem fazer do envoltório material e lhes suscita a idéia da vida espiritual, fazendo que a desejem como uma compensação.

Objetar-se-á: não podia Deus chegar ao mesmo resultado por outros meios, sem constranger os seres vivos a se entredestruírem? Bem atrevido aquele que pretendesse penetrar os desígnios de Deus! Desde que na sua obra tudo é sabedoria, devemos supor que esta não existirá mais num ponto do que noutros; se não o compreendemos assim, devemos atribuí-lo à nossa falta de adiantamento. Contudo, devemos tentar buscar-lhe a razão, tomando por bússola este princípio: *Deus há de ser infinitamente justo e sábio*. Procuremos, portanto, em tudo, a sua justiça e a sua sabedoria.

Uma primeira utilidade, que se apresenta de tal destruição, utilidade, sem dúvida, puramente física, é esta: os corpos orgânicos só se conservam com o auxílio das matérias orgânicas, matérias que só elas contêm os elementos nutritivos necessários à transformação deles. Como instrumentos de ação para o princípio inteligente, precisando os corpos ser constantemente renovados, a Providência faz que sirvam ao seu mútuo entretenimento. Eis por que os seres se nutrem uns dos outros. Mas, então, é o corpo que se nutre do corpo, sem que o Espírito se aniquile ou altere. Fica apenas despojado do seu envoltório.

Há também considerações morais de ordem elevada.

É necessária a luta para o desenvolvimento do Espírito. Na luta é que ele exercita suas faculdades. O que ataca em busca do alimento e o que se defende para conservar a vida usam de habilidade e inteligência, aumentando, em conseqüência, suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe; mas, em realidade, que foi o que o mais forte ou o mais destro tirou ao mais fraco? A veste de carne, nada mais; ulteriormente, o Espírito, que não morreu, tomará outra.

Nos seres inferiores da Criação, naqueles a quem ainda falta o senso moral, em os quais a inteligência ainda não substituiu o instinto, a luta não pode ter por móvel senão a satisfação de uma necessidade material. Ora, uma das mais imperiosas dessas necessidades é a da alimentação. Eles, pois, lutam unicamente para viver, isto é, para fazer ou defender uma presa, visto que nenhum móvel mais elevado os poderia estimular. É nesse primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida.

Quando a alma atingiu o grau de maturidade necessário à sua transformação, recebe de Deus novas faculdades: o livre-arbítrio e o senso moral, numa palavra a centelha divina, que dão novo curso às suas idéias e a dotam de novas aptidões e percepções. Mas as novas faculdades morais de que é dotada só se desenvolvem gradualmente, pois nada é brusco na Natureza.

No homem, há um período de transição em que ele mal se distingue do bruto. Nas primeiras idades, domina o instinto animal e a luta ainda tem por móvel a satisfação das necessidades materiais. Mais tarde, contrabalançam-se o instinto animal e o sentimento moral; luta então o homem, não mais para se alimentar, porém, para satisfazer à sua ambição, ao seu orgulho, à necessidade, que experimenta, de dominar. Para isso, ainda lhe é preciso destruir. Todavia, à medida que o senso moral prepondera, desenvolve-se a sensibilidade, diminui a necessidade de destruir, acaba mesmo por desaparecer, por se tornar odiosa. O homem ganha horror ao sangue.

Contudo, a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito, pois, mesmo chegando a esse ponto, que parece culminante, ele ainda está longe de ser perfeito. Só à custa de muita atividade adquire conhecimento, experiência e se despoja dos últimos vestígios da animalidade. Mas, nessa ocasião, a luta, de sangrenta e brutal que era, se torna puramente intelectual. O homem luta contra as dificuldades, não mais contra os seus semelhantes.

Nota – Como se vê, esta explicação se prende à grave questão do futuro dos animais. Nós a trataremos proximamente e a fundo, porque nos parece suficientemente elaborada e cremos que se pode, desde já, considerá-la como resolvida em princípio, pela concordância do ensino.

Um Sermão sobre o Progresso

Escrevem-nos de Montauban:

Passou-se nestes dias um fato interessante em nossa cidade, que impressionou diversamente a população. Um pregador protestante, o Sr. Rewile, capelão do rei da Holanda, num discurso

pronunciado perante duas mil pessoas, revelou-se claramente partidário das idéias novas. Sentimo-nos felizes ao ouvir, pela primeira vez, estas sublimes verdades proclamadas do alto de um púlpito cristão, e desenvolvidas com um talento e uma eloquência excepcionais. Por mais que se tenha saído bem, os fanáticos se apressaram em conferir-lhe o título de anticristo. Lamento não poder transmitir o sermão inteiro, mas vou tentar analisar algumas de suas passagens.

“O orador tinha tomado por texto: “Não vim destruir a lei e os profetas, mas dar-lhes cumprimento. Amai-vos de todo o vosso coração, de toda a vossa alma, de todo o vosso entendimento, e ao vosso próximo como vós mesmos.”

“Conforme o Sr. Rewile, a missão do Cristo entre os homens foi uma missão de caridade e de espiritualidade; sua doutrina parecia, pois, estar em oposição à dos judeus, cujo princípio era a “observância estrita da lei”, princípio que engendraria o egoísmo. Mas a expressão *dar cumprimento* explica essa aparente contradição, porque significa completar, tornar mais perfeita. Ora, substituir o egoísmo pela caridade e o culto da matéria pela espiritualidade, era dar cumprimento, completar a lei. Em vão o Cristo tentou fazer essa nação romper as cadeias da matéria, elevando o seu pensamento e fazendo-a encarar seu destino de mais alto; jamais pôde ela compreender a profundidade de sua moral. Assim, quando ele quis atacar os abusos de toda sorte, as práticas exteriores e abrandar os rigores da lei mosaica, foi acusado e covardemente condenado. Os judeus esperavam um Messias conquistador que, armado de um cetro de ferro, lhes desse em partilha o poder temporal, e não compreendiam o que havia de grande, de sublime naquele que, com um fraco caniço na mão, vinha trazer à Humanidade, como penhor de sua força espiritual, a lei do amor e da caridade.

“Mas os desígnios de Deus sempre se realizam, a despeito de todas as resistências. Se os judeus, como obreiros de má vontade, recusaram-se a trabalhar na vinha, nem por isso a Humanidade marchou e marchará menos, arrastando em sua passagem tudo o que constitui obstáculo para chegar ao progresso. A Igreja cristã, sob pena de decadência, deve seguir esta marcha ascendente, porque *a Humanidade não foi feita para a Igreja, mas a Igreja para a Humanidade*. Infeliz de quem resistir, pois será pulverizado pela mão do progresso. O progresso não foi feito para responder pelo futuro?

“Que os filhos do século dezenove, contrariamente à conduta dos judeus antigos, compreendam e realizem sua obra! Já não experimentam esse tremor involuntário, que agita todas as inteligências de escol e que as impele espontaneamente para a conquista das idéias espiritualistas, única garantia de felicidade para a Humanidade? Por que, sem espiritualidade, há apenas a matéria, e sem liberdade não há apenas escravidão? *Por que, pois, resistir por mais tempo a esses nobres impulsos da alma e atribuir ao demônio esses novos sinais dos tempos modernos? Por que, antes, não ver aí as inspirações dos mensageiros celestes de um Deus de amor e de caridade, anunciando-nos a renovação da Humanidade?*

“Que a Igreja cristã volte ao espírito. Com efeito, que é a Igreja sem o espírito, senão um cadáver, verdadeiro cadáver na acepção da palavra?... Quem tiver ouvidos que ouça! A verdadeira Igreja, nestes dias críticos, tem o direito de contar com seus filhos... Vamos, de pé e à obra! que cada um cumpra o seu dever. Deus o quer! Deus o quer!

“Se o Cristo veio para dar cumprimento, isto é, para completar a lei pela prática do amor de Deus e dos homens, é que considerava esse preceito como resumindo a perfeição humana. A lei de amor de Deus e dos homens é, como ensina o próprio Cristo, uma lei de primeira ordem, à qual estão subordinadas todas as outras. É necessário, pois, praticá-la na sua mais larga acepção, a

fim de se aproximar dele e, conseqüentemente, de Deus, do qual foi a mais alta expressão na Terra. Para amar a Deus é preciso amar a verdade, o belo, o bem; sentir-se transportado interiormente para esses atributos da perfeição moral; mas é preciso também amar a seus irmãos, seus semelhantes, em quem Deus se reflete no que há de verdadeiro, de belo, de bem.

“Por que o Cristo amou a Humanidade até dar a vida por ela? Porque sendo também a mais alta expressão da perfeição humana, sentiu no mais alto grau os efeitos dessa lei de amor de Deus e dos homens, e a praticou de maneira sublime... Praticar a caridade, amar, é marchar a passos largos no caminho da verdade, do belo, do bem; é ir a Deus! Amar é viver; é ir para a imortalidade!”

Segundo o que me foi relatado, o Sr. Rewile teria abordado com sucesso a questão das manifestações, nas duas conferências dadas aos alunos da Faculdade. Teria respondido vitoriosamente a todas as objeções. Lamento não ter podido ouvi-lo nesta circunstância tão interessante.

Observação – Bem tinham dito os Espíritos que o Espiritismo iria encontrar defensores nas próprias fileiras de seus adversários. Um tal discurso na boca de um ministro da religião, e pronunciado do alto do púlpito, é um acontecimento grave. Esperemos ver outros, porque o exemplo da coragem de opinião é contagioso. As idéias novas também não tardarão a encontrar campeões confessos na alta ciência, na literatura e na imprensa; aí já desfrutam de mais simpatia do que se pensa. Só o primeiro passo é que custa. Até hoje pode dizer-se que, com exceção dos órgãos especiais do Espiritismo, que não se dirigem à massa do público indiferente, só os nossos adversários tiveram a palavra, e Deus sabe se a usaram! Agora a luta começa. Que dirão quando virem nomes justamente honrados e estimados saírem de suas fileiras, empunhando abertamente a bandeira da doutrina? Está dito que tudo se cumprirá.

Extrato do *Journal de Saint-Jean d'Angely*

de 5 de março de 1865

Sociedade de Estudos Espíritas de Saint-Jean d'Angely

GOLPE DE VISTA SOBRE O ESPIRITISMO E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

Existe uma harmonia secreta e contínua entre o mundo visível e o mundo dos Espíritos. Esta harmonia, suas manifestações possíveis, eis, incontestavelmente, uma das grandes questões de nossa época. É a que nos propomos tratar nas colunas deste jornal.

Dirigimo-nos a todos, sem dúvida, porém mais particularmente àqueles cujas ocupações diárias impedem, nas grandes obras, o estudo seguido dos fatos tão comoventes que, assinalados de um a outro extremo do Universo, são proclamados e atestados pelos homens mais esclarecidos; demonstrar a possibilidade desses fatos pela revelação de leis naturais até agora desconhecidas; despojá-las do epíteto irônico de pretensos milagres, com que os queriam diminuir aos olhos dos que não sabem mais sobre isto, iniciá-los no conhecimento da doutrina daí resultante, dela deduzindo as conseqüências tão consoladoras que traz consigo, eis o nosso objetivo.

Falam de milagres. Se há um, incompreensível aos nossos olhos, é o da frieza e da indiferença, reais ou simuladas, de homens inteligentes e probos, em presença das manifestações que surgem em todos os recantos do mundo e publicados diariamente em profusão.

Se a reprodução daquilo que tantos outros viram só resultasse na satisfação de uma curiosidade infantil, ou não tivesse por resultado senão o emprego de momentos que não pudessem ser mais bem empregados, oh! então compreenderíamos o desdém e as leviandades de linguagem.

Já não pode ser assim quando pensamos que se trata não apenas do mais importante objetivo de nossa existência, a solução, pela prova palpável da imortalidade de nossas almas, da questão há tanto tempo discutida de nossos destinos futuros, mas, também e sobretudo, que se trata do chamado, pela convicção dessas grandes verdades, dos que delas se afastam para o cumprimento de seus deveres para com Deus, para com os semelhantes e para consigo mesmos.

Vede um pouco: sois membro de um júri; testemunhas que não conheceis, que jamais vistes, vêm afirmar o fato mais inverossímil, o assassinato de um pai pelo filho, ou de um filho pelo pai; acreditais e condenais o miserável autor de semelhante crime, e fazeis bem. Mas sondemos a questão com a mão na consciência. Se esse infeliz tivesse acreditado num Deus poderoso e justo e soubesse, desde muito tempo, que seu ato horrível acarretaria infalivelmente merecida punição numa outra existência, não teria recuado diante da realização de seu crime? Não, não pensastes nisto. Como nós, direis: Sim, a crença, mas a crença firme e sem restrição, a crença absoluta, nas penas e recompensas numa outra vida, onde cada um receberá conforme suas obras terrenas, eis o freio que deve ser mais difícil de quebrar; e ainda tendes razão.

Para a quase totalidade, infelizmente, essas crenças são *desconhecidas* do grande problema da moralização universal.

Parai um pouco! – grita-me o maior número – deixamos de estar de acordo; há muito tempo nossa inteligência e os nossos estudos nos deram a conhecer a solução que indicais. Para nós, vossas pretensas novas provas são inúteis: *somos e temos sido sempre crentes*.

Tal a linguagem em que se apóia o comum dos mortais.

Dizeis que sempre acreditastes; pelo menos é o que assegurais. Tanto melhor para vós, senhores; se for preciso

confessar, não o duvidamos; recebei nossas sinceras felicitações; seríamos verdadeiramente felizes se pudéssemos afirmar outro tanto. Francamente, concordamos que, a despeito do favor de todas as boas condições que contribuíram para engrandecer a nossa mente, restava-nos muito caminho a percorrer, para fazer tanto quanto vós. Quantos de nossos irmãos, com mais forte razão ficaram na retaguarda, privados que estavam, por suas posições sociais, das vantagens do estudo e, por vezes, dos bons exemplos?

Sim, a fé esta morta: todos os doutores da lei o confessam e gemem por isto. Apesar de seus esforços, jamais a incredulidade foi mais profunda, mais geral. Segui um pouco esta longa fila de homens que, como dizem, acabam de conduzir um dos seus à sua última morada, e ouvireis noventa e cinco por cento a repetir: *Mais um que chega ao fim de suas penas*. Tristes palavras; triste e grandíssima prova, ao mesmo tempo, da insuficiência dos meios hoje empregados para a propagação da única e verdadeira felicidade que os homens podem desfrutar em nossa Terra, para a propagação da fé.

Deus seja louvado! um novo farol brilha para todos. Abaixo o privilégio! Espaço aos homens de boa vontade! Sem esforços da inteligência, sem estudos difíceis e custosos, o mais humilde, o menos instruído pode contemplar a luz divina, caso queira, como todos os seus irmãos. Só não a verão os que não quiserem ver.

Se é assim, repetimos, os homens mais honrados, mais instruídos, cujos nomes citaremos por falanges, dão o testemunho mais autêntico. Se é assim, dizemos nós, por que se empenhar em pôr a luz debaixo do alqueire? Por que, já que não sentimos a sua necessidade, rejeitar sem exame fenômenos cujo conhecimento e apreciação podem, se não sempre, pelo menos muitas vezes, deter a criatura nos despenhadeiros fatais, onde vicejam a dúvida e a incredulidade? Por que, em todos os casos e por tão pouco, pode

reerguer pela esperança as coragens prestes a succumbir ao peso do infortúnio?

Eis os benefícios que, pelo exemplo, tão facilmente podem ser espalhados à nossa volta, mas que a indiferença, tanto quanto a opposição, podem retardar o seu progresso e a sua difusão.

A. Chaigneau

D.-M.-P.

(Continua)

Observação – Nossa previsão, emitida no artigo anterior, a propósito do sermão de Montauban, começa a realizar-se. Eis um jornal não pertencente aos quadros do Espiritismo e que hoje acolhe o que, certamente, não teria feito há um ano, não o relato dos fatos, mas artigos de fundo, desenvolvendo os princípios da doutrina. E de quem são esses artigos? de um desconhecido? de um ignorante? Não; são de um médico que desfruta na região de uma reputação de saber justamente merecida e de uma consideração devida à suas eminentes qualidades. Mais um exemplo que terá imitadores.

Sabemos de mais de um jornal que não teria repugnância em falar favoravelmente do Espiritismo, que dele falaria mesmo de bom grado, não fosse o temor de desagradar a certos leitores e comprometer seus próprios interesses. Esse temor poderia ser legítimo há algum tempo, mas hoje já não o é. De alguns anos para cá a opinião mudou muito em relação ao Espiritismo; não é mais uma coisa desconhecida; dele se fala em toda parte e já não riem tanto; A idéa vulgarizou-se a tal ponto que, se algo há de espantoso é ver a imprensa indiferente a uma questão que preocupa as massas e que conta os seus partidários por milhões em todos os países do mundo e nas camadas mais esclarecidas da sociedade; é, sobretudo, ver homens inteligentes criticá-la sem dela

saber a primeira palavra. É, então, uma questão fútil essa que suscita a cólera de todo um partido? esse partido se inquietaria se nela não visse senão um mito sem consequência? Dela riria; mas desde que se irrita, que tropeja, que acende os seus autos-de-fé, na expectativa de matar a idéia, é que existe algo de sério. Ah! se todos os que se dizem representantes do progresso se dessem ao trabalho de aprofundar a questão, é provável que não a tratariam com tanto desdém.

Seja como for, não é nosso objetivo fazer aqui a sua apologia. Apenas queremos constatar um fato hoje comprovado, o de que a idéia espírita tem seu lugar reservado entre as doutrinas filosóficas; que constitui uma opinião, cujos representantes se multiplicam de tal modo que os adversários são os primeiros a proclamá-la. A consequência natural disto é que os jornais que forem francamente simpáticos a esta causa terão as simpatias de seus aderentes, e estes são bastante numerosos para compensar amplamente as poucas defecções que pudessem experimentar, se é que experimentariam.

Do ponto de vista da idéia espírita, o público se divide em três categorias: os partidários, os indiferentes e os antagonistas. Está provado que as duas primeiras constituem a imensa maioria; os partidários os procurarão por simpatia; os indiferentes ficarão satisfeitos por encontrar numa discussão imparcial os meios de se esclarecerem sobre aquilo que ignoram. Quanto aos antagonistas, a maior parte se contentará em não ler os artigos que lhes não convenham, mas, por este motivo, não renunciarão a um jornal que lhes agrade sob outros aspectos, por suas tendências políticas, sua redação, seus folhetins, ou a variedade de notícias diversas. Aliás, os adversários natos do Espiritismo têm seus jornais especiais. Em suma, é certo que, no estado atual da opinião, com isto mais ganhariam do que perderiam.

Dirão, sem dúvida, e com razão, que a convicção não se encomenda, e que um jornal, assim como um indivíduo, não pode

abraçar idéias que não sejam as suas. Isto é muito justo, mas não impede a imparcialidade. Ora, até hoje, salvo pequeníssimas exceções, os jornais têm aberto suas colunas, tão amplamente quanto possível, à crítica, aos ataques, à difamação mesma, contra uma numerosa classe de cidadãos, lançando sem escrúpulo o ridículo e o desprezo sobre as pessoas, enquanto se mantêm fechados impiedosamente à defesa. Quantas vezes a lei não assegurou resposta a direitos que foram ignorados! Dever-se-ia, então, recorrer a medidas de exceção, intentar processos? Estes teriam sido aos milhares nos últimos dez anos. Perguntamos: Há imparcialidade, justiça, da parte das folhas que, incessantemente, proclamam a liberdade de pensamento, a igualdade de direitos e a fraternidade? Compreende-se a refutação de uma doutrina com a qual não se compartilha, a discussão raciocinada e de boa-fé de seus princípios; mas o que nem é justo, nem leal, é desnaturá-la e fazê-la dizer o contrário do que diz, com vistas a desacreditá-la. Ora, é o que fazem diariamente os adversários do Espiritismo. Admitir a defesa depois do ataque, a retificação das inexatidões, não seria esposar-lhe os princípios, mas apenas imparcialidade e lealdade. Um jornal poderia mesmo ir mais longe; sem renunciar às suas convicções e com toda reserva de suas opiniões pessoais, poderia admitir a discussão dos prós e dos contras e, assim, colocar seus leitores em condições de julgar uma questão que vale bem a pena, pela repercussão que ela alcança dia a dia.

Devemos, pois, elogios à imparcialidade do jornal que acolhe os artigos do Sr. Chaigneau. Devemo-los, também, ao autor que, como um dos primeiros, entra na arena da publicidade oficial, para aí sustentar a nossa causa, com a autoridade de um homem de ciência. O artigo referido acima é apenas a introdução de seu trabalho; o número de 12 de março contém a abertura da matéria: é uma exposição cientificamente racional do histórico do Espiritismo moderno. Lamentamos que sua extensão não nos permita reproduzi-lo.

Correspondência de Além-Túmulo

ESTUDO MEDIÚNICO

Para a compreensão do fato principal de que se trata, extraímos a passagem seguinte da carta de um de nossos assinantes; é, além disso, uma simples e tocante expressão das consolações que os aflitos haurem no Espiritismo:

“Permiti vos diga o quanto o Espiritismo me tem aliviado, ao dar-me a certeza de rever num mundo melhor um ser que amei com um amor sem limites, um irmão querido, morto na flor da idade. Como é consolador o pensamento de que aquele cuja morte pranteamos muitas vezes está perto de nós, sustentando-nos quando estamos acabrunhados sob o peso da dor, alegrando-se quando a fé no futuro nos deixa entrever um encontro certo! Iniciado há alguns anos nos admiráveis preceitos do Espiritismo, tinha aceitado todas as suas verdades e me esforçava por viver aqui de maneira a apressar o meu adiantamento. Minhas boas resoluções tinham sido tomadas muito sinceramente; confesso, todavia, que não possuindo os elementos necessários para fortalecer e sustentar minha crença na comunicação dos Espíritos, pouco a pouco me havia habituado, não a rejeitá-la, mas a encará-la com mais indiferença. É que a desgraça até então me era desconhecida. Hoje, que a Deus aprouve enviar-me uma prova dolorosa, hauri no Espiritismo preciosas consolações e sinto necessidade de vo-lo agradecer muito particularmente, como o primeiro propagador desta santa doutrina.

“Não sendo a doutrina do Espiritismo uma simples hipótese, mas apoiando-se em fatos patentes e ao alcance de todo o mundo, as consolações que proporciona consistem não apenas na certeza de rever as pessoas amadas, mas, também e sobretudo, na possibilidade de corresponder-se com elas e delas obter salutarens ensinns.”

Assim convicto, o irmão vivo escreveu ao irmão morto a seguinte carta, solicitando a resposta através de um médium:

N..., 14 de março de 1865

Meu irmão bem-amado,

É-me impossível dizer-te quanto fiquei feliz ao ler a carta que me enviaste através do médium de S... Comuniquei-a aos nossos pobres pais, a quem muito afligiste, ao deixá-los de maneira tão inesperada. Eles me pediram que te escrevesse novamente, que te pedisse novos detalhes sobre tua existência atual, a fim de poderem crer, por provas que darás facilmente, na realidade do ensino dos Espíritos. Mas, antes de tudo, acerca-te deles, inspira-lhes a resignação e a fé no futuro; consola-os, pois necessitam ser consolados, alquebrados que estão por um golpe tão inesperado. Quanto a mim, ó meu irmão bem-amado, serei sempre feliz quando te for permitido dar as tuas notícias. Hoje venho pedir-te novos detalhes sobre a tua moléstia, tua morte e teu despertar no mundo dos Espíritos.

Quais os Espíritos que vieram receber-te no limiar do mundo invisível? Reviste o nosso avô? Ele é feliz? Reviste e reconheceste nossos parentes, mortos antes de ti, mesmo os que não havias conhecido na Terra? Assististe ao teu sepultamento? Que impressão sentiste? Peço-te que me dês alguns detalhes sobre essa triste cerimônia, que não permitam aos nossos pais duvidarem de tua identidade. Poderias dizer se algum membro de nossa família se tornará médium? Não desejarias comunicar-te através de um de nós?

Não posso compreender que não queiras continuar teus estudos de música, que cultivavas com tanto ardor na Terra; para nós seria uma doce consolação se quisesses terminar, através de um médium, os salmos que começaste a musicar em Paris.

Pudeste constatar o vazio imenso causado por tua morte no coração de todos nós. Suplico-te que inspires a teus pais a coragem necessária para não sucumbirem nesta terrível prova; sê muitas vezes com eles e dá notícias tuas. Quanto a mim, Deus sabe quanto chorei. Apesar de minha crença no Espiritismo, há momentos em que não posso acostumar-me à idéia de não mais te rever na Terra, e em que daria a vida para poder apertar-te ao coração.

Adeus, meu nobre amigo. Pensa algumas vezes naquele cujos pensamentos estão constantemente dirigidos para ti, e que fará o possível para ser julgado digno de um dia estar reunido a ti.

Abraço-te e te aperto ao coração.

Teu irmão devotado, B...

Nota – Em precedente comunicação dada aos pais, através de outro médium, tinha sido dito que o jovem não queria continuar seus estudos musicais no mundo dos Espíritos.

RESPOSTA DO IRMÃO MORTO AO IRMÃO VIVO

Eis-me aqui, meu bom irmão; mas és muito exigente. Mesmo com a melhor boa vontade não posso responder, numa só evocação, às numerosas perguntas que me diriges. Então não sabes que por vezes é muito difícil aos Espíritos transmitir o pensamento através de certos médiuns pouco aptos a receber claramente, em seu cérebro, a impressão fotográfica dos pensamentos de certos Espíritos e que, desnaturando-os, lhes dão um cunho de falsidade, que leva os interessados à negação mais formal das manifestações? Isto é muito pouco lisonjeiro e entristece profundamente os que, em falta de instrumentos adequados, são impotentes para dar suficientes sinais de identidade.

Crê-me, bom irmão, evoca-me em família. Com um pouco de boa vontade e alguns ensaios perseverantes, tu mesmo poderás conversar comigo à vontade. Estou quase sempre perto de ti, porque sei que és espírita e tenho confiança em ti. É certo que a simpatia atrai a simpatia e que não se pode ser expansivo com um médium que a gente vê pela primeira vez. Entretanto, esforçar-me-ei por satisfazer-te.

Minha morte, que te aflige, era o termo do cativeiro de minha alma. Teu amor, tua solicitude, tua ternura tinham tornado doce o meu exílio na Terra. Mas, nos meus mais belos momentos de inspiração musical, eu voltava o olhar para as regiões luminosas, onde tudo é harmonia, absorvo em escutar os acordes longínquos da melodia celeste que me inundava em doces vibrações. Quantas vezes eu me extasiei nesses devaneios arrebatadores, aos quais devia o sucesso de meus estudos musicais, que continuo aqui! Seria um erro extraordinário acreditar que a aptidão individual se perde no mundo espírita; ao contrário, ela se aperfeiçoa, para em seguida levar esse aperfeiçoamento aos planetas onde esses Espíritos são chamados a viver.

Não choreis mais, vós todos, bem-amados pais! Para que servem as lágrimas? Para enfraquecer, para desencorajar as almas. Parti primeiro, mas vireis encontrar-me. Esta certeza não é bastante poderosa para vos consolar? A rosa, que exalou seus perfumes no carvalho, morre como eu, depois de ter vivido pouco, juncando o solo de pétalas murchas. Mas, por sua vez, o carvalho morre e tem a sorte da rosa que chorou e cujas cores vivas se harmonizam com sua sombria folhagem.

Ainda algum tempo e vireis a mim; então cantaremos o cântico dos cânticos e louvaremos a Deus em suas obras. Juntos seremos felizes se vos resignardes à provação que vos aflige.

Aquele que foi teu irmão na Terra e te ama sempre,

B...

Vários ensinamentos importantes ressaltam desta comunicação. O primeiro é a dificuldade do Espírito para se exprimir com o auxílio do instrumento que lhe é dado. Conhecemos pessoalmente esse médium, que há muito tempo vem dando provas de força e de flexibilidade da faculdade, sobretudo no que respeita às evocações particulares. É o que se pode chamar um médium seguro e bem assistido. De onde provém, então, esse impedimento? É que a facilidade das comunicações depende do grau de afinidade fluídica existente entre o Espírito e o médium. Assim, cada médium é mais ou menos apto a receber a impressão ou a *impulsão* do pensamento de tal ou qual Espírito; pode ser um bom instrumento para um e mau para outro, e este fato em nada desmerece as suas qualidades, pois a condição é mais orgânica do que moral. Assim, pois, os Espíritos buscam de preferência os instrumentos com os quais vibram em uníssono; impor-lhes o primeiro que aparecer e crer que deles possam servir-se indiferentemente, seria a mesma coisa que obrigar um pianista a tocar violino: em virtude de saber música, deve ser capaz de tocar todos os instrumentos.

Sem esta harmonia, a única que pode levar à assimilação fluídica, *tão necessária na tiptologia quanto na escrita*, as comunicações ou são impossíveis, ou incompletas, ou falsas. Em falta do Espírito, que não se pode ver, se não puder manifestar-se livremente, não faltarão outros, sempre prontos a aproveitar a ocasião, e que pouco se importam com a verdade do que dizem. Esta assimilação fluídica por vezes é completamente impossível entre certos Espíritos e certos médiuns; outras vezes, e é o caso mais ordinário, só se estabelece gradualmente e com o tempo, o que explica por que os Espíritos que se manifestam habitualmente a um médium o fazem com mais facilidade, e por que as primeiras comunicações quase sempre atestam uma certa dificuldade e são menos explícitas.

Está, pois, demonstrado, tanto pela teoria quanto pela experiência, que não há mais médiuns universais para as evocações,

como não os há aptos a todos os gêneros de manifestações. Aquele que pretendesse receber à vontade e no momento certo as comunicações de todos os Espíritos e, por conseguinte, satisfazer aos legítimos desejos de todos os que querem entreter-se com os seres que lhes são caros, ou daria prova de radical ignorância dos princípios mais elementares da ciência, ou de charlatanismo e, em todo o caso, de uma presunção incompatível com as qualidades essenciais de um bom médium. Pôde-se acreditar nisto em certo tempo, mas hoje os progressos da ciência teórica e prática demonstram, em princípio, a sua impossibilidade. Quando um Espírito se comunica pela primeira vez a um médium, sem qualquer dificuldade, isto se deve a uma afinidade fluídica excepcional ou anterior, entre o Espírito e seu intérprete.

É, pois, um erro impor um médium ao Espírito que se quer invocar. É preciso deixar-lhe a escolha de seu instrumento. Mas, indagarão, como fazer quando só se tem um médium, o que é muito freqüente? Primeiro, se contentar com o que se tem e abster-se do que não se tem. Não está no poder da ciência espírita mudar as condições normais das manifestações, assim como não cabe à química mudar as da combinação dos elementos.

Contudo, há aqui um meio de atenuar a dificuldade. Em princípio, quando se trata de uma evocação nova, o médium deve sempre evocar o seu guia espiritual, previamente, e indagar se ela é possível. Em caso afirmativo, perguntar ao Espírito evocado se encontra no médium a aptidão necessária para receber e transmitir seu pensamento. Se houver dificuldade ou impossibilidade, pedir-lhe que o faça através do guia do médium ou ser por ele assistido. Neste caso, o pensamento do Espírito chega de segunda mão, isto é, depois de ter atravessado dois meios. Compreende-se, então, quanto importa que o médium seja bem assistido, porque se o for por um Espírito obsessor, ignorante ou orgulhoso, a comunicação será alterada. Aqui, as qualidades pessoais do médium forçosamente representam um papel importante, pela natureza dos

Espíritos que atrai a si. Os médiuns mais indignos podem dispor de poderosas faculdades; os mais seguros, porém, são os que a essa força juntam as melhores simpatias no mundo invisível. Ora, *de modo algum* essas simpatias garantem os nomes mais ou menos imponentes dos Espíritos que assinam as comunicações recebidas por via mediúnica.

Esses princípios fundamentam-se ao mesmo tempo na lógica e na experiência. As próprias dificuldades que revelam provam que a prática do Espiritismo não deve ser tratada levemente.

Outro fato ressalta igualmente da comunicação acima: é a confirmação do princípio de que os Espíritos inteligentes prosseguem na vida espiritual os trabalhos e estudos que empreenderam na vida corporal.

É por isso que damos preferência, nas comunicações que publicamos, àquelas de onde pode sair um ensinamento útil.

Quanto à carta do irmão vivo ao seu irmão morto, é uma ingênua e tocante expressão da fé sincera na sobrevivência da alma, na presença dos seres que nos são caros e da possibilidade de continuar com estes as relações de afeição, que a eles nos uniam.

Sem dúvida os incrédulos rirão daquilo que, aos seus olhos, é uma pueril credulidade. Por mais que façam, o nada que preconizam jamais terá encanto para as massas, porque parte o coração e aniquila as mais santas afeições; gela, em vez de aquecer; apavora e desespera, em vez de fortalecer e consolar.

Como suas diatribes contra o Espiritismo têm por eixo a doutrina apavorante do nada, não se deve admirar da sua impotência em desviar as massas das novas idéias. Entre uma doutrina desesperadora e outra consoladora, a escolha da maioria não poderia ser duvidosa.

Depois da horrível catástrofe da igreja de Santiago do Chile, em 1864, nela encontraram uma caixa de cartas, nas quais os fiéis depositavam as missivas que dirigiam à Santa Virgem. Poder-se-ia estabelecer uma paridade entre o fato que excitou a verve dos zombadores e a carta acima? Seguramente, não. Contudo, o erro não era dos que acreditavam na possibilidade de corresponder-se com o outro mundo, mas dos que exploravam essa crença, respondendo às cartas previamente seladas. Há poucas superstições que não tenham seu ponto de partida numa verdade desnaturada pela ignorância. Acusado de as ressuscitar, o Espiritismo vem, ao contrário, reduzi-las ao seu justo valor.

Poder Curativo do Magnetismo Espiritual

ESPÍRITO DOUTOR DEMEURE

Em nosso artigo do mês anterior sobre o Dr. Demeure, prestamos uma justa homenagem às suas eminentes qualidades como homem e como Espírito. O fato seguinte é uma nova prova de sua benevolência, constatando, ao mesmo tempo, o poder curativo da magnetização espiritual.

Escrevem-nos de Montauban:

Vindo aumentar o número de nossos amigos invisíveis, que nos cuidam da moral e do físico, quis o Espírito do bom pai Demeure manifestar-se desde os primeiros dias por um benefício. A notícia de sua morte ainda não era conhecida dos nossos irmãos de Montauban, quando empreendeu espontânea e diretamente a cura de um deles por meio do magnetismo espiritual, apenas pela ação fluídica. Vedes que ele não perdia tempo e, como Espírito, continuava, como dizeis, sua obra de alívio da Humanidade sofredora. Entretanto, há aqui uma importante distinção a fazer. Certos Espíritos continuam a dedicar-se às suas ocupações

terrenas, sem terem consciência de seu estado, sempre se julgando vivos; é próprio dos Espíritos pouco adiantados, ao passo que o Sr. Demeure se reconheceu imediatamente e age voluntariamente como Espírito com a consciência de, neste estado, ter maior força.

Tínhamos ocultado à Sra. G..., médium vidente e sonâmbula muito lúcida, a morte do Sr. Demeure, para poupar sua extrema sensibilidade, e o bom doutor, por certo nos penetrando o pensamento, tinha evitado manifestar-se a ela. No dia 10 de fevereiro último, estávamos reunidos a convite de nossos guias que, diziam, queriam aliviar a Sra. G... de uma entorse de que sofria cruelmente desde a véspera. Não sabíamos mais que isto, e estávamos longe de aguardar a surpresa que nos reservavam. Tão logo caiu em sonambulismo, a dama soltou gritos lancinantes, mostrando o pé. Eis o que se passava:

A Sra. G... via um Espírito curvado sobre sua perna, mas sua fisionomia ficava oculta; realizava fricções e massagens, exercendo de vez em quando uma tração longitudinal sobre a parte doente, absolutamente como teria feito um médico. A manobra era tão dolorosa que a paciente por vezes vociferava e fazia movimentos desordenados. Mas a crise não durou muito; ao cabo de dez minutos toda a marca de entorse havia desaparecido, não mais edema, o pé havia recobrado sua aparência normal. A Sra. G... estava curada.

Quando se pensa que para curar completamente uma afecção desse gênero, os mais dotados magnetizadores e os mais experientes, sem falar da medicina oficial, que ainda não chegou a uma solução, é necessário um tratamento cuja duração nunca é inferior a trinta e seis horas, consagrando três sessões por dia, com uma hora de duração cada uma, esta cura em dez minutos, pelo fluido espiritual, pode bem ser considerada como instantânea, com tanto mais razão, como diz o próprio Espírito numa comunicação que encontrareis a seguir, quanto era de sua parte uma primeira experiência feita com vistas a uma aplicação posterior, em caso de êxito.

Entretanto, o Espírito ficava sempre desconhecido do médium, persistindo em não mostrar suas feições; dava mesmo a impressão de querer fugir, quando, de um salto só, nossa doente, que minutos antes não podia dar um passo, se lança no meio do quarto para pegar e apertar a mão de seu médico espiritual. Dessa vez o Espírito virou-se para ela, deixando sua mão na dela. Neste momento a Sra. G... solta um grito e cai desfalecida no parquet: acabava de reconhecer o Sr. Demeure no Espírito curador. Durante a síncope recebeu os cuidados diligentes de vários Espíritos simpáticos. Enfim, readquirida a lucidez sonambúlica, conversou com os Espíritos, trocando com eles calorosos apertos de mão, notadamente com o Espírito do doutor, que respondia a seus testemunhos de afeição penetrando-a de um fluido reparador.

Não é uma cena impressionante e dramática? Dir-se-ia que todas as personagens representavam seu papel na vida humana. Não é uma prova entre mil de que os Espíritos são seres perfeitamente reais, tendo um corpo e agindo como faziam na Terra? Estávamos felizes por encontrar nosso amigo espiritualizado, com seu excelente coração e sua delicada solicitude. Durante a vida ele tinha sido médico da médium; conhecia sua extrema sensibilidade e a tinha conduzido como se fora sua própria filha. Esta prova de identidade, dada àqueles a quem o Espírito amava, não é admirável e capaz de fazer encarar a vida futura sob seu aspecto mais consolador?

Eis a comunicação recebida do Sr. Demeure, no dia seguinte a esta sessão:

“Meus bons amigos, estou ao vosso lado e vos amo sempre, como no passado. Que felicidade poder comunicar-me com os que me são caros! Como fui feliz, ontem à noite, por me tornar útil e aliviar nosso caro médium vidente! É uma experiência que me servirá e que porei em prática no futuro, toda vez que se apresentar uma ocasião favorável. Hoje seu filho está muito doente,

mas espero que logo o curaremos; tudo isto lhe dará coragem para perseverar no estudo do desenvolvimento de sua faculdade. (Com efeito, o filho da Sra. G... foi curado de uma angina diftérica, com medicação homeopática prescrita pelo Espírito).

“Daqui a algum tempo poderemos dar-vos ocasião de testemunhar fenômenos que ainda não conheceis, e que serão de grande utilidade para a ciência espírita. Serei feliz em poder contribuir para essas manifestações, que me teriam dado tanto prazer de ver quando vivo; mas, graças a Deus, hoje as assisto de maneira muito particular e que me prova evidentemente a verdade do que se passa entre vós. Crede, meus bons amigos, sinto sempre um verdadeiro prazer em tornar-me útil aos semelhantes, ajudando-os a propagar estas belas verdades, que devem mudar o mundo, trazendo-o a melhores sentimentos. Adeus, meus amigos; até logo.”

Antoine Demeure

Não é curioso ver um Espírito, já instruído na Terra, fazer como Espírito estudos e experiências para adquirir mais habilidade no alívio de seus semelhantes? Há nesta confissão uma louvável modéstia que denota o verdadeiro mérito, ao passo que os Espíritos pseudo-sábios geralmente são presunçosos.

O último número da *Revista* cita uma comunicação do Sr. Demeure, como tendo sido dada em Montauban em 1^o de fevereiro; foi em 26 de janeiro que ele a ditou. Em minha opinião esta data tem uma certa importância, porque foi o dia seguinte ao de sua morte. No segundo parágrafo ele diz: “Gozo de rara lucidez entre os Espíritos desprendidos da matéria há tão pouco tempo.” Realmente, essa lucidez prova um rápido desprendimento, só compatível com os Espíritos moralmente muito adiantados.

Observação – A cura reportada acima é um exemplo da ação do magnetismo espiritual puro, sem qualquer mescla com o

magnetismo humano. Por vezes os Espíritos se servem de médiuns especiais, como condutores de seu fluido. São esses os *médiuns curadores* propriamente ditos, cuja faculdade apresenta graus muito diversos de energia, conforme sua aptidão pessoal e a natureza dos Espíritos que os assistem. Conhecemos em Paris uma pessoa acometida há oito meses de exostoses no quadril e no joelho, que lhe causam grandes sofrimentos e a obrigam a ficar acamada. Um de seus amigos, rapaz dotado desta preciosa faculdade, prodigalizou-lhe cuidados pela simples imposição das mãos sobre a cabeça, durante alguns minutos, e pela prece, que o doente acompanhava com fervor edificante. No momento este último apresentava uma crise muito dolorosa, análoga à que sentia a Sra. G..., logo seguida de uma calma perfeita. Então ele sentia a impressão de várias mãos, que massageavam e estiravam a perna, que se via alongar-se de 10 a 12 centímetros. Nele já há uma melhora muito sensível, pois começa a andar; mas a antiguidade e a gravidade do mal necessariamente tornam a cura mais difícil e mais demorada que a de uma simples entorse.

Faremos observar que a mediunidade curadora ainda não se apresentou, ao que sabemos, com caracteres de generalidade e de universalidade, mas, ao contrário, restrita como aplicação, isto é, o médium tem uma ação mais poderosa sobre certos indivíduos do que sobre outros, e não cura todas as doenças. Compreende-se que assim deva ser, quando se conhece o papel capital que representam as afinidades fluídicas em todos os fenômenos mediúnicos. Algumas pessoas somente o gozam acidentalmente e para um determinado caso. Seria, pois, um erro acreditar que, pelo fato de se ter obtido uma cura, mesmo difícil, podem ser obtidas todas, em virtude de o fluido próprio de certos doentes ser refratário ao fluido do médium; a cura é tanto mais fácil quanto mais naturalmente se opera a assimilação dos fluidos. Também é surpreendente ver algumas pessoas, frágeis e delicadas, exercerem uma ação poderosa sobre indivíduos fortes e robustos. É que, então, essas pessoas são bons condutores do fluido espiritual, ao passo que homens vigorosos podem ser péssimos

condutores. Têm apenas o seu fluido pessoal, fluido humano, que jamais tem a pureza e o poder reparador do fluido depurado dos Espíritos bons.

De acordo com isto, compreendem-se as causas maiores que se opõem a que a mediunidade curadora se torne uma profissão. Para que isso ocorra, seria preciso ser dotado de uma faculdade universal. Ora, só os Espíritos encarnados da mais elevada ordem poderiam possuí-la nesse grau. Ter essa presunção, mesmo exercendo-a com desinteresse e por pura filantropia, seria uma prova de orgulho que, por si só, seria um sinal de inferioridade moral. A verdadeira superioridade é modesta; faz o bem sem ostentação e apaga-se, em vez de procurar o brilho; o famoso vai buscá-la e a descobre, ao passo que o presunçoso corre atrás da fama que muitas vezes lhe escapa. Jesus dizia aos que havia curado: “Ide, dai graças a Deus e não faleis disto a ninguém.” É uma grande lição para os médiuns curadores.

Lembraremos aqui que a mediunidade curadora está exclusivamente na ação fluidica mais ou menos instantânea; que não se deve confundi-la nem com o magnetismo humano, nem com a faculdade que têm certos médiuns de receber dos Espíritos a indicação de remédios. Estes últimos são apenas *médiuns receitistas*¹⁶, como outros são médiuns poetas ou desenhistas.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

PIERRE LEGAY, DITO GRAND-PIERROT

(Continuação – Vide a Revista de novembro de 1864)

Pierre Legay, parente da Sra. Delanne ofereceu-nos o singular espetáculo de um Espírito que, dois anos depois de morto, julgava-se ainda vivo, dedicava-se aos seus negócios, viajava de

16 N. do T.: No original: *médiuns médicaux*.

carro, pagava sua passagem em estradas de ferro, visitava Paris pela primeira vez, etc. Publicamos hoje a conclusão desse estado, que seria difícil de compreender se não nos reportássemos aos detalhes dados na *Revista* de novembro de 1864.

Inutilmente o Sr. e a Sra. Delanne haviam tentado demover seu parente do erro; seu guia espiritual lhes tinha dito que esperassem, pois o momento ainda não era chegado.

Nos primeiros dias de março último, fizeram a seguinte pergunta a seu guia:

Depois da última visita de Pierre Legay, mencionada na *Revista Espírita*, não pudemos obter nenhuma resposta dele. Dissestes, a respeito, que quando chegasse o momento, ele próprio nos daria suas impressões. Pensais que o possa agora?

Resp. – Sim, meus filhos; a hora é chegada. Ele vos poderá responder e vos fornecerá vários assuntos de estudos e de ensinamentos. Deus tem suas razões.

P. – [A Pierre Legay] Caro amigo, estás aqui?

Resp. – Sim, meu amigo.

P. – Vedes o meu objetivo vos evocando hoje?

Resp. – Sim, pois tenho, junto a mim, amigos que me instruíram sobre tudo quanto se passa de admirável neste momento na Terra. Meu Deus, como é estranho tudo isto!

P. – Dizeis que tendes amigos, que vos cercam e vos instruem. Podeis dizer quem são?

Resp. – Sim, são amigos; mas não os conheci senão depois que *despertei*. Sabeis que *dormi*? Chamo dormir o que chamais morrer.

P. – Podeis dizer o nome de alguns desses amigos?

Resp. – Tenho constantemente ao meu lado um homem, que antes deveria chamar um anjo, pois é tão afável, tão bom, tão belo que julgo que todos os anjos devam ser como ele. E, depois, tem Didelot (o pai da Sra. Delanne), que também está aqui. Em seguida vossos pais, meu amigo. Oh! como são bons! Ah! – como tudo isso é engraçado – encontro também nossa irmã superiora. Ela é sempre a mesma; não mudou. Mas como tudo isto é curioso!

Nota – A irmã que o Espírito designa residia na comuna de Treveray, e havia dado as primeiras instruções à Sra. Delanne. Ela só se manifestou uma vez, três anos antes.

Olha! Também vós, *jardineiro!* (nome familiar dado a um tio da Sra. Delanne, que jamais se havia manifestado). Mas como eu sou tolo! Estamos em casa de vossa sobrinha. Pois bem! estou contente de vos ver. Isto me deixa à vontade, porque, palavra de honra! sou transportado não sei como desde algum tempo; vou mais rápido que por estrada de ferro e percorro o espaço sem poder me dar conta como. Sois como eu, Didelot? Ele parece achar tudo isto natural, como se já estivesse habituado. Aliás, ele o faz há mais tempo que eu (morreu há seis anos) e compreendo que esteja menos surpreso. Ah! como tudo isto é engraçado! muito engraçado! Dizei-me, vós sabeis, meu primo, convosco estou à vontade. Pois bem! Dizei-me, então, com franqueza, o que é que se chama *morrer?*

Sr. Delanne – Meu amigo, chama-se morrer deixar na Terra o corpo grosseiro, a fim de dar à alma a libertação que ela precisa para entrar na vida real, a grande vida do Espírito. Sim, estais nela, caro amigo, nesse mundo ainda desconhecido por muitos homens da Terra. Eis-vos saído da letargia ou entorpecimento que se segue à separação entre o corpo e a alma. Vedes vosso anjo-da-guarda, amigos que vos cercam; foram eles

que vos trouxeram entre nós, para vos provar a imortalidade e a individualidade de vossa alma. Orgulhai-vos e sede feliz, porque, como agora vedes, a morte é a vida. Eis, também, porque atravessais o espaço com a rapidez do relâmpago e podeis conversar conosco em Paris, como se tivésseis um corpo material como o nosso. Não tendes mais esse corpo; agora só tendes um envoltório fluídico e leve, que não mais vós retém à Terra.

Pierre Legay – Singular expressão: *morrer!* Mas, então, dai um outro nome ao momento em que a alma deixa seu corpo na Terra, porque tal instante não é o da morte... Eu me lembro... Mal me havia desembaraçado dos laços que me retinham ao corpo e meus sofrimentos, ao invés de diminuírem, só fizeram aumentar. Via meus filhos, disputando cada um para ter a parte que lhes cabia. Via-os sem cuidarem das terras que eu lhes deixara, então, *me punha a trabalhar* ainda com mais força do que nunca. Estava lá, lamentando ver que não me compreendessem; portanto, *eu não estava morto*. Asseguro-vos que experimentava os mesmos temores e as mesmas fadigas que quando tinha o meu corpo e, contudo, não mais o tinha. Explicai-me isto. Se é assim que se morre, é uma maneira engraçada de morrer. Dizei-me vossa idéia sobre isto e depois vos direi a minha, porque agora estes bons amigos têm a bondade de mo dizer. Vamos, meu primo, dizei a vossa idéia.

Sr. Delanne – Meu amigo: Como vos disse, quando os Espíritos deixam o corpo, são envolvidos num segundo corpo; este é fluídico; jamais o abandonam. Pois bem! É com esse corpo que julgáveis trabalhar, como em vida do outro. Podeis depurar esse corpo semimaterial pelo vosso desenvolvimento moral; e se a palavra *morte* não vos convém para precisar esse momento, chamai-o *transformação*, se quiserdes. Se tivestes de sofrer coisas que vos foram penosas, é que vós mesmos, em vida, talvez vos tenhais apegado demais às coisas materiais, negligenciando as espirituais, que interessam vosso futuro. (Ele estava muito interessado). É um pequeno castigo que Deus vos impôs para

resgatar vossas faltas, facultando-vos os meios de vos instruídes e abrídes os olhos à luz.

Pierre Legay – Pois bem! meu caro, não é a este momento que se deve dar o nome de transformação, porque o Espírito não se transforma tão depressa se não for imediatamente auxiliado a se reconhecer pela prece, nem esclarecido quanto à sua verdadeira posição, quer, como acabo de dizer, orando por ele, quer evocando-o. É por isso que *há tantos Espíritos, como o meu, que ficam estacionários*. Para o Espírito da categoria do meu, há *transição*, mas não *transformação*; ele não se apercebe do que lhe acontece. Eu arrastei, ou antes, julguei arrastar meu corpo com a mesma dificuldade e os mesmos males que sobre a Terra. Quando me desprendi de meu corpo, sabeis o que experimentei? Pois bem! aquilo que se experimenta depois de uma queda que atordoia por um momento, ou, melhor dizendo, depois de um desfalecimento, do qual nos fazem recobrar os sentidos com vinagre. *Despertei* sem reparar que o corpo me havia deixado. Vim a Paris, onde estou, pensando mesmo aqui estar em carne e osso e não me poderíeis ter convencido do contrário *se de fato eu não estivesse morto*.

Sim, morre-se, mas não no momento em que se deixa o corpo; é no momento em que o Espírito, *percebendo sua verdadeira posição*, é tomado de uma vertigem, não compreende mais o que lhe dizem, não vê mais as coisas que lhe explicam da mesma maneira; então se perturba. Vendo que não mais o compreendem, procura, e, como o cego que é ferido subitamente, pede um guia que, naturalmente, não vem de chofre. É necessário que permaneça algum tempo nas trevas, onde tudo é confuso para ele; está perturbado; é preciso que o desejo o impila com ardor a pedir a luz, que só lhe será concedida depois de terminada a agonia e chegada a hora da libertação. Pois bem, meu primo, é quando o Espírito se acha nesse momento que é *o momento da morte*, porque não sabe

mais se reconhecer. É preciso, repito, que se seja ajudado pela prece para sair desse estado e é também quando é chegada a hora da libertação que se pode empregar a palavra *transformação* para os Espíritos de minha ordem.

Oh! obrigado por vossas boas preces, obrigado, meu amigo. Sabeis quanto vos amava e vos amarei ainda muito mais agora. Continuai com vossas boas preces pelo meu adiantamento. Obrigado ao homem que soube divulgar essas grandes verdades santas, das quais tantos outros antes dele não se dignaram de ocupar-se. Sim, obrigado por terdes associado meu nome a tantos outros. Oraram por mim lendo algumas linhas que eu vos tinha vindo dar. Obrigado, também, a todos quantos oraram por mim; hoje, graças à prece, cheguei a compreender o seu alcance. Por minha vez, tentarei ser útil a todos.

Eis o que tinha a vos dizer e ficai tranqüilos. Hoje não tenho mais dinheiro a lamentar, mas, ao contrário, tenho todo o meu tempo a vos dar.

Não vos deve surpreender muito esta mudança? Pois bem! doravante será assim, pois agora vejo muito claro, lá e de longe.

Pierre Legay

Observação – O novo estado em que se encontra Pierre Legay, cessando de se julgar neste mundo, pode ser considerado como um segundo despertar do Espírito. Esta situação se prende à grande questão da *morte espiritual*, que está em estudo neste momento. Agradecemos aos espíritas que, tendo em vista o nosso relato, oraram por esse Espírito. Podem ver que ele se apercebeu disto e achou-se bem.

Manifestações Espontâneas de Marselha

Neste momento as manifestações de Poitiers têm a sua contrapartida em Marselha. Deve-se concluir que os assim chamados brincalhões, que perturbaram a primeira cidade, sem serem descobertos, transportaram-se para a segunda, onde também não o são? É de convir que são mistificadores muito hábeis, para assim frustrar as investigações da polícia e de todos quantos estão interessados em descobri-los.

A *Gazette du Midi*, de 5 de março, dá a respeito esta breve notícia:

“Durante o dia de sexta-feira, o bairro Chave estava em alvoroço, e no boulevard deste nome numerosos grupos estacionavam perto da casa 80. Corria o rumor de que naquela casa passavam-se cenas estranhas, que tinham posto em fuga os moradores do imóvel enfeitado. Diziam que fantasmas passeiam por ali; a certa hora são ouvidos ruídos estranhos e mãos invisíveis fazem móveis, louças e objetos de cozinha se entrechocarem. Foi necessária a intervenção da polícia para manter a ordem no seio desses grupos, que aumentavam a cada instante. A propósito, o que há de razoável para dizer, parece, é que a casa de que se trata talvez não ofereça toda a solidez requerida, sobre um terreno minado pelas águas. Alguns estalos ouvidos, transformados pelo medo em jogos de bruxaria, terão gerado rumores que não tardarão a dissipar-se.”

Cauvière

Eis o relato circunstanciado que nos é transmitido pelo Dr. Chavaux, de Marselha, em data de 14 de março:

“Há cerca de quinze dias, tive a honra de vos dar alguns detalhes sobre as manifestações que, há mais de um mês, se produzem na casa nº 80 do Boulevard Chave. Não vos dizia senão o que tinha ouvido dizer; hoje venho dizer o que eu mesmo vi e ouvi.

“Tendo obtido permissão de visitar a casa, dirigi-me sexta-feira, 10 de março, ao apartamento do primeiro andar, ocupado pela Sra. A... e suas duas filhas, uma de oito anos e outra de dezesseis. A uma hora em ponto houve uma forte detonação na mesma casa, seguida de nove outras, no espaço de três quartos de hora. À segunda detonação, que me pareceu partir do interior do quarto onde estávamos, vi formar-se um leve vapor, depois um cheiro muito pronunciado de pólvora se fez sentir. Tendo entrado a Sra. R... no momento da oitava detonação, disse que havia um cheiro de pólvora. Isto me agradou, porque provava que a minha imaginação não era responsável por nada.

“Segunda-feira, 13, fui novamente à casa, às oito e meia da noite. Às nove horas ouviu-se a primeira detonação e, no espaço de uma hora, trinta e oito. Disse a Sra. C...: ‘Se esses ruídos são produzidos por Espíritos, que façam ainda dois, totalizando quarenta.’ No mesmo instante foram ouvidas duas detonações, uma após a outra, com um barulho assustador. Entreolhamo-nos com surpresa e mesmo com pavor. A Sra. C... disse ainda: ‘Começo a compreender que há Espíritos neste caso; para me convencer completamente, gostaria que os Espíritos batessem ainda dez vezes, o que perfará cinquenta.’ As dez detonações ocorreram em menos de quinze minutos.

“Algumas vezes esses ruídos têm a força de um tiro de canhão de pequeno calibre, dado numa casa; as portas e janelas são abaladas, bem como as paredes e o soalho; os objetos pendurados às paredes são vivamente agitados. Dir-se-ia que a casa, abalada de todos os lados, fosse cair; mas não há nada. Depois do tiro não há

a menor fenda; nada está danificado e tudo volta à calma ordinária. Esses disparos ora se dão a intervalos de um a cinco minutos, ora se sucedem até seis vezes, golpe sobre golpe. A polícia fez uma batida, mas nada descobriu.

“Eis, caro mestre, toda a verdade e a mais exata verdade.

“Aceitai, etc.”

Chavaux, D.M.P.,
24, rue du Petit Saint-Jean

Uma outra carta, de 17 de março, contém o seguinte:

“Ontem passamos parte da noite na casa do Boulevard Chave. A reunião era composta de sete pessoas. As detonações começaram às onze horas e, no intervalo de dez minutos, contamos vinte e duas. Podemos compará-los às de um canhão pequeno; podiam-se ouvi-las a uma grande distância da casa. Essa casa encontra-se em excelentes condições de solidez, contrariamente ao que diz a *Gazette du Midi*.

“Disseram-me que ontem à noite ocorreram quatro detonações numa outra casa da mesma avenida, e que eram mais fortes que as primeiras.

“Recebei, etc.”

Carrier

Dirão que a causa é inteiramente natural: vê-se fumaça, sente-se o cheiro de pólvora, e não adivinhais o meio empregado pelos mistificadores? – Parece-nos que mistificadores que se servem da pólvora para produzir, durante mais de um mês, semelhantes detonações no próprio apartamento onde se encontram as testemunhas, que têm a complacência de as repetir

conforme o desejo que lhes é expresso, não devem estar nem muito longe, nem muito escondidos. Por que, então, não foram descobertos? – Mas, então, de onde vem esse cheiro de pólvora? – Isto é outra questão, que será tratada a seu tempo. Enquanto se espera, os ruídos são um fato e o fato tem uma causa. Vós os atribuíis à malevolência? Então procurai os mal-intencionados.

Poesias Espíritas

O ESPIRITISMO

O Espiritismo é o desenvolvimento do Evangelho, a extensão e a expansão da vida.

Verdade, é pois! sua sombra querida
 Vem sustentar, encorajar meus cantos,
 E penetrar de prazer sem medida
 A feliz vaga de meus sonhos tantos.

Como uma luz refletida em minha alma,
 De seu Espírito raios risonhos
 Enchem meus dias de fulgente calma,
 Enchem-me as noites de encantados sonhos.

Então dos céus eu invoco as idades,
 Seu sopro puro traz-me uma lembrança,
 E do presente as nevuosidades
 Dissipa ante um futuro de esperança.

“Criança – ele diz – a terra abandonando,
 “Antigos dias de novo acharás;
 “Ao lado teu, quem foi teu pai te amando,
 “Nos corações amores eternais.

Marie-Caroline Quillet
 Membro da Sociedade dos Escritores

Pont-l'Éveque (Calvados).

A Sra. Quillet, autora da *Eglantine solitaire*, acaba de publicar um encantador livrinho com o título de *Une heure de poésie*¹⁷, que será apreciado por todos os amantes dos bons versos. Sendo a obra estranha à Doutrina Espírita, posto não lhe sendo absolutamente contrária, sua apreciação escapa da especialidade de nossa *Revista*. Limitar-nos-emos a dizer que a autora prova uma coisa: pode-se ter espírito e crer nos Espíritos, contrariamente à opinião de alguns de seus confrades em literatura.

A Sra. Quillet nos escreve o que segue, a respeito de uma das comunicações da Sra. Foulon, publicada no número de março.

“A Sra. Foulon imagina que os homens não compreenderiam a poesia do Espiritismo. Deve ter razão do seu ponto de vista luminoso. Sem dúvida os poetas sentem suas asas pesadas pelas trevas de nossa atmosfera. Mas o instinto, a dupla vista de que são dotados, vêm auxiliar-lhes a inteligência. Eu creio que cada um é chamado, conforme suas aptidões, ao grande trabalho da renovação terrestre: os poetas, os filósofos, por inspiração dos Espíritos; os mártires, os trabalhadores, pelo gênio dos filósofos e pelo canto dos poetas. É verdade que esses cantos não passam de um suspiro; mas no exílio dos suspiros formam a base e o complemento do concerto.”

Em apoio dessas palavras ela junta as seguintes estrofes:

AOS POETAS

Despertaí vós, apóstolos e poetas;
Às predições do tempo daí ouvido.
Está cheio o ar do sopro dos profetas,
E o hosana é então nos ventos retinido.

17 Um vol. in-18. Preço: 3 fr. Livraria Delahais, em Pont-l'Éveque.

Há no Sinai nuvens sem claridades;
 O Etna a rugir ao horror dos fogaréus;
 Porém o Eterno afasta as tempestades,
 E sobre a terra enche de luz os céus.

Pois da parábola a verdade luz;
 Seu brilho puro nos tocando a fronte,
 De um novo dia o seu clarão traduz,
 E cujos raios para a fé são fonte.

A fé, o amor, o vero sol das almas
 Empresta aos mais obscuros a claridade;
 E de seu disco alimenta as palmas,
 Para o trabalho e para a caridade.

Vinde vós todos, mártires, aos cantos;
 Abri a voz a estranhos lutadores.
 Aos ventos todos, nos altos recantos,
 Plantaí do Cristo a humilde cruz das dores.

A Sra. Quillet está certa quando diz que cada um é chamado a concorrer para a obra da renovação terrestre. Ninguém contesta a influência da poesia, mas ela se engana quanto ao pensamento da Sra. Foulon, quando esta diz: “O entusiasmo invadiu-me a alma e espero que não seja muito tarde para vos entreter com o Espiritismo sério, e não com o Espiritismo poético, que não é bom para os homens. Estes não o compreenderiam.” O Espírito não entende por *Espiritismo poético* as idéias espíritas traduzidas pela poesia, mas o Espiritismo ideal, produto de uma imaginação entusiasta; e por *Espiritismo sério* o Espiritismo científico, apoiado nos fatos e na lógica, que melhor convém à natureza positiva dos homens de nossa época, o que constitui objeto de nossos estudos.

Enterro Espírita

Sob este título, o *Monde musical* de Bruxelas, de 5 de março de 1865, descreve nos seguintes termos as exéquias da Sra. Vauchez, mãe de um dos nossos excelentes irmãos em Espiritismo:

“Os irmãos Vauchez, nossos amigos e colaboradores, perderam sua mãe há alguns dias. Os cuidados com que, ultimamente, um e outro cercaram essa dama respeitável eram o sinal e o efeito de uma ternura que não vem ao caso descrever.

“Os dois irmãos são espíritas. Reunidos a amigos que têm a mesma crença, acompanharam o corpo da mãe até o túmulo. Ali, o filho mais velho exprimiu, em palavras tão simples quanto justas, ao Espírito de sua mãe, que, na sua fé espírita, estava presente e os ouvia, a tristeza que essa separação produzia entre eles, ainda mesmo que, de outra parte, estivessem persuadidos de que ela entrava numa vida melhor, não deixaria de comunicar-se com eles e os inspiraria, fortalecendo-os continuamente na via do bem. Repetiu a certeza de que seus votos de agonizante seriam realizados pela consagração a duas boas obras, afora as despesas economizadas no enterro, puramente civil e sem qualquer cerimonial. Esses votos são: que seja feita uma fundação em favor da creche de Saint-Josse-ten-Noode, e um abono assistencial em favor da velhice desamparada.

“Depois desta espécie de conversa entre o filho e a alma de sua mãe, o Sr. Herezka, um dos amigos espíritas da família, exprimiu em versos, com a mesma simplicidade, algumas palavras, cuja reprodução dará a conhecer uma parte do que há de bom e de bem numa crença que, diariamente e em toda parte, se torna a de um maior número de homens, que se conta entre pessoas instruídas. Eis as palavras do Sr. Herezka à alma da defunta:

Já aberta está a grande cova,
 Logo esta tumba atra e sutil
 Será de teu despojo a alcova;
 Mas, livre então do fardo vil,
 Irás planando pelo espaço,
 Seguindo do progresso o traço.

Basta de dúvida, de dor!
 Do mal quebraste já a prisão,
 Deixa em teu corpo o desamor,
 E só o bem no coração.
 Somente o amor e a caridade
 Te guiem pela eternidade!

Leva aos irmãos dos outros mundos
 Os nossos votos fraternais;
 Dize-lhes que seres fecundos,
 Maduros frutos eternos,
 Têm-nos mostrado lá do etéreo,
 Da morte o seu grácil mistério.

Dize-lhes! “Lá vossos amigos
 “Contra a ignorância inda orgulhosa
 “Vão dar combate aos seus perigos;
 “Por causa assim tão gloriosa,
 “Eis vos invocam com ardor,
 “Dai-lhes, Espíritos, amor!

Vinde acalmar nossos tormentos,
 Oh! vinde os céus fazer-nos ver
 Em nossos desfalecimentos;
 E a nossos olhos resplender
 Qualquer centelha celestial
 Que emane de fonte imortal.

Após estas palavras, os irmãos Vauchez e seus amigos se retiraram sem ruído, sem ostentação, sem emoção dolorosa, como se tivessem vindo acompanhar alguém que empreende uma longa viagem, em todas as condições desejáveis de bem-estar e

segurança. Mesmo sem ser espírita, tomamos parte no cortejo. Aqui não passamos do narrador de um fato: a cerimônia tão tocante quanto notável pela simplicidade e pela sinceridade da crença e das intenções.

Roselli

A Sra. Vauchez sucumbiu após trinta e dois anos de uma doença que há vinte anos a retinha no leito. Aceitara com alegria as crenças espíritas e nelas tinha haurido grandes consolações em seus longos e cruéis sofrimentos. Nós a vimos por ocasião de nossa última viagem a Bruxelas e ficamos edificadas com sua coragem, resignação e confiança na misericórdia de Deus.

Eis as primeiras palavras que ditou aos filhos pouco depois de ter exalado o último suspiro:

“O véu que ainda nos cobre o mundo extraterrestre acaba de ser levantado para mim. Vejo, sinto, vivo! Deus Todo-Poderoso, obrigada! Vós, meus guias, meus anjos da guarda e protetores, obrigada! Vós, meus filhos, tu, minha filha, resignação, pois sois espíritas; não me pranteeis: vivo a vida eterna, vivo na luz etérea; vivo e não sofro mais; minhas dores cessaram, minha prova terminou. Obrigado a vós, meus amigos, por terdes pensado em evocar-me logo; fizeti-o muitas vezes. Eu vos assistirei e estarei convosco.

“Deus teve piedade de meus sofrimentos. Oh! meus amigos, como é bela a vida da alma, quando desprendida da matéria! Espíritos bons velam por vós; tornai-vos dignos de sua proteção. Neste momento estou assistida por vosso protetor, o bom São Vicente de Paulo.”

Marguerite Vauchez

Notas Bibliográficas

CONFUSÃO NO IMPÉRIO DE SATÃ

Por L.-A. G. Salgues (de Angers)

Brochura pequena in-8^o, de 150 páginas. – Angers, Lemesle & Cia. – Paris, Dentu, Palais-Royal. – Preço: 2 francos.
(Posteriormente trataremos desta obra)

Provas dadas ao fanatismo religioso, de que os Espíritos não são demônios, em resposta às entrevistas sobre os Espíritos, do padre jesuíta Xavier Pailloux. Digressão histórica por ele provocada e demonstração que *Satã e o inferno* dos *satanistas* são um mito. Seguidas de dados dos Espíritos sobre o estado póstumo do homem e impressão após a morte.

ECO DE ALÉM-TÚMULO

Jornal espírita, publicado em Marselha, sob a direção do Sr. Gilet, aparecendo aos domingos. Escritório em Marselha, Boulevard Chave, n^o 81. – Preço: 10 fr. por ano.

O jornal traz no alto a divisa: *Fora da caridade não há salvação*. Sentimo-nos felizes por lhe ver empunhar uma bandeira que é a marca de ligação de todos os espíritas sinceros. Seguindo sem desvio a rota que indica, tem-se certeza de que não se extraviará. Assim como dissemos a propósito do *Médium Evangélico* de Toulouse, a nobreza obriga. Conta, assim, o Espiritismo, um órgão a mais numa das principais cidades da França.

CONCORDÂNCIA DA FÉ E DA RAZÃO

Pela Sr.^a J.-B.

Dedicado ao Clero

Brochura in-8^o de 100 páginas – Paris, Didier & Cia – Preço: 1 fr. 50 c.

Esta brochura é do mesmo autor das *Cartas sobre o Espiritismo, escritas aos eclesiásticos*. Esta última obra trata mais

especialmente da questão religiosa; sentimo-nos felizes por constatar que o autor o faz com notável poder de lógica, aliando, ao mesmo tempo, louvável moderação em suas refutações. Num estilo elegante e escoreito, diz as maiores verdades sem ferir a ninguém. É o melhor meio de persuadir. Nós a recomendamos aos nossos leitores, que aí colherão excelentes argumentos.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

MAIO DE 1865

Nº 5

Questões e Problemas

MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO DOS ANIMAIS

Escrevem-nos de Dieppe:

“...Parece-me, caro senhor, que chegamos a uma época em que se devem realizar coisas incríveis. Não sei o que pensar de um dos mais estranhos fenômenos que acaba de ocorrer em minha casa. Nos tempos de cepticismo em que vivemos, dele não ousaria falar a ninguém, temendo que me tomassem por alucinado. Mas, caro senhor, com risco de trazer aos vossos lábios o sorriso da dúvida, quero contar-vos o fato. Aparentemente fútil, no fundo, talvez seja mais sério do que se poderia pensar.

“Meu pobre filho, falecido em Boulogne-sur-Mer, onde continuava os estudos, tinha ganhado de um de seus amigos uma linda galga, que adestramos com extremo cuidado. Na sua espécie era a mais adorável criaturinha que se pudesse imaginar. Nós a queríamos como se ama tudo o que é belo e bom. Ela nos compreendia pelo gesto, pelo olhar. Tal era a expressão dos seus olhos que parecia fosse nos responder quando lhe dirigíamos a palavra.

“Depois da morte de seu jovem dono, a pequena Mika (era o seu nome) foi trazida para Dieppe e, conforme seu hábito, dormia bem agasalhada aos pés de minha cama. No inverno, quando o frio castigava muito, ela se levantava, dava um gemido baixinho de extrema doçura, o que era sua maneira habitual de formular um pedido e, compreendendo o que ela desejava, eu permitia que viesse pôr-se ao meu lado. Então ela se estendia como possível entre seus panos, com o focinho em meu pescoço, que usava como travesseiro, entregando-se ao sono como os felizes da Terra, recebendo meu calor, transmitindo-me o seu, o que aliás não me desagradava. Comigo a pobre pequenina passava dias felizes. Mil coisas boas não lhe faltavam. Mas, em setembro último, adoeceu e morreu, malgrado os cuidados do veterinário a quem a confiei. Muitas vezes falávamos dela, minha mulher e eu, e a lamentávamos quase como se fora um filho amado, tanto ela tinha sabido, pela doçura, pela inteligência e por seu apego fiel, cativarnos a afeição.

“Ultimamente, pelo meio da noite, estando deitado mas não dormindo, ouço partir dos pés de meu leito aquele gemidinho que soltava a pequena galga, quando queria alguma coisa. Fiquei de tal modo impressionado que estendi o braço fora do leito, como se a quisesse atrair para mim e julguei mesmo que ia sentir suas carícias. Ao me levantar de manhã, contei o fato à minha mulher, que me disse: ‘Ouvi a mesma voz, não uma, mas duas vezes. Parecia vir da porta de meu quarto. Meu primeiro pensamento foi que nossa pobre cadelinha não estava morta e que, escapando da casa do veterinário, que dela se teria apropriado graças à sua gentileza, queria voltar à nossa casa.’

“Minha pobre filha doente, que tem sua caminha no quarto da mãe, afirma que também ouviu. Apenas lhe pareceu que a voz não partia da porta de entrada, mas do próprio leito de sua mãe, que é pertinho da porta.

“Devo dizer-vos, caro senhor, que o quarto de minha mulher fica acima do meu. Esses sons estranhos viriam da rua, como pensa minha mulher, que não partilha de minhas convicções espíritas? É impossível. Vindos da rua, esses sons tão suaves não teriam chegado ao meu ouvido, pois estou de tal modo acometido de surdez que, mesmo no silêncio da noite, sou incapaz de ouvir o barulho de um carro que passa. Nem sequer escuto o trovão durante uma tempestade. Por outro lado, se o som da voz viesse da rua, como explicar a ilusão de minha esposa e de minha filha, que julgaram ouvi-lo vindo de um ponto oposto, da porta de entrada, por minha mulher, do leito desta por minha filha?

“Confesso, caro senhor, que embora esses fatos se reportem a um ser privado de razão, me fazem refletir singularmente. Que pensar disto? Nada ousou decidir e não posso me estender muito a respeito; mas eu me pergunto se o princípio imaterial, que, como nos homens, deve sobreviver nos animais, não adquiriria, em certo grau, a faculdade de comunicação, como a alma humana. Quem sabe? Conhecemos todos os segredos da Natureza? Evidentemente não. Quem explicará a lei das afinidades? quem explicará as leis da repulsão? Ninguém. Se a afeição, que é do domínio do sentimento, como o sentimento é do domínio da alma, possui em si uma força atrativa, que haveria de admirável que um pobre animalzinho em estado imaterial se sinta arrastado para onde o leva sua afeição? Mas, perguntarão, como admitir o som da voz? E se ele foi ouvido uma, duas vezes, por que não todos os dias? Esta objeção pode parecer séria. Todavia, seria uma insensatez pensar que esse som não possa produzir-se fora de certas combinações de fluídos que, reunidos, agem num sentido qualquer, como em química se produzem certas eferescências, certas explosões, em consequência da mistura de tais ou quais elementos? Se essa hipótese tem ou não fundamento, não a discuto; direi apenas que pode estar nas coisas possíveis e, sem ir muito longe, acrescentarei que constato um fato apoiado num tríplice testemunho e que se o fato se produziu é porque pôde produzir-se.

Além disso, esperemos que o tempo nos esclareça; talvez não tardemos a ouvir falar de fenômenos da mesma natureza.”

Nosso honrado correspondente age com sabedoria ao não decidir a questão categoricamente. De um único fato, que ainda não passa de uma probabilidade, ele não tira uma conclusão absoluta. Constata, observa, aguardando que a luz se faça. Assim o quer a prudência. Os fatos deste gênero ainda não são bastante numerosos, nem suficientemente provados para deles deduzir-se uma teoria, afirmativa ou negativa. A questão do princípio e do fim do Espírito dos animais apenas começa a destrinchar, e o fato de que se trata a ela se liga essencialmente. Se não for uma ilusão, pelo menos constata o vínculo de afinidade existente entre o Espírito dos animais, ou, melhor, de certos animais e o do homem. Aliás, parece positivamente provado que há animais que vêem os Espíritos e por estes são impressionados; temos referido vários exemplos na *Revista*, entre os quais o do *Espírito e o cãozinho*, no número de junho de 1860. Se os animais vêem os Espíritos, evidentemente não é pelos olhos do corpo. Portanto, eles também têm uma espécie de visão espiritual.

Até agora a Ciência não fez senão constatar as relações fisiológicas entre o homem e os animais. Ela nos mostra, no físico, todos os elos da cadeia dos seres sem solução de continuidade. Mas entre o princípio espiritual dos dois Espíritos havia um abismo. Se os fatos psicológicos, melhor observados, vêm lançar uma ponte sobre esse abismo, será um novo passo para a unidade da escala dos seres e da Criação. Não é por meio de sistemas que se poderá resolver esta grave questão, mas pelos fatos. Se o deve ser um dia, só o Espiritismo, criando a *psicologia experimental*, poderá lhe fornecer os meios. Em todo o caso, se existem pontos de contato entre a alma animal e alma humana, este não pode ser, do lado da primeira, senão da parte dos animais mais adiantados. Um fato importante a constatar é que, entre os seres do mundo espiritual, jamais se fez menção de que existissem Espíritos de animais. Disso

pareceria resultar que aqueles não conservam a sua individualidade após a morte, mas, por outro lado, a pequena galga, que se teria manifestado, pareceria provar o contrário.

De acordo com isto, vê-se que a questão ainda está pouco adiantada, e que não se deve apressar a sua solução. Tendo sido lida a carta acima na Sociedade de Paris, a respeito foi dada a seguinte comunicação:

(Paris, 21 de abril de 1865¹⁸ – Médiun: Sr. E. Vézzy)

Esta noite vou abordar uma grave questão, falando-vos das relações que podem existir entre a animalidade e a Humanidade. Mas neste recinto, quando, pela primeira vez, minhas instruções vos ensinam a solidariedade de todas as existências e as afinidades que existem entre elas, elevou-se um murmúrio numa parte desta assembléia, e eu me calei. Deveria fazer o mesmo hoje, malgrado vossas perguntas? Não, porque, enfim, vejo que entraís no caminho que vos indicava.

Mas não basta apenas crer no progresso incessante do Espírito, embrião na matéria, desenvolvendo-se ao passar pela peneira do mineral, do vegetal e do animal, para chegar à *humanimalidade*, onde começa a ensaiar-se apenas a alma que se encarnará, orgulhosa de sua tarefa, na *Humanidade*. Entre essas diferentes fases existem laços importantes, que é necessário conhecer, e que chamarei *períodos intermediários* ou *latentes*; porque é aí que se operam as transformações sucessivas. Mais tarde eu vos falarei dos laços que unem o mineral ao vegetal, o vegetal ao animal. Já que um fenômeno que vos causa admiração nos leva aos laços que ligam o animal ao homem, vou entreter-vos com estes últimos.

18 N. do T.: 1845 no original. É evidente que Kardec se refere ao ano de 1865.

Entre os animais domésticos e os homens as afinidades são produzidas pelas cargas fluídicas que vos cercam e sobre eles recaem. É um pouco a Humanidade que se distingue sobre a animalidade, sem alterar as cores de uma ou de outra. Daí esta superioridade inteligente do cão sobre o instinto brutal do animal selvagem e é somente a essa causa que poderão ser devidas essas manifestações que vos acabam de ler. Assim, não se enganaram ouvindo um grito alegre do animal reconhecido pelos cuidados de seu dono, o qual veio, antes de passar ao estado intermediário de um desenvolvimento a outro, trazer-lhe uma lembrança. A manifestação, portanto, pode ocorrer, mas é passageira, porque o animal, para subir um degrau, precisa de um trabalho latente, que aniquila, em todos, qualquer sinal exterior de vida. Esse estado é a crisálida espiritual, onde se elabora a alma, perispírito informe, não tendo nenhuma figura reprodutiva de traços, irrompendo num estado de maturidade para deixar escapar, nas correntes que a arrastam, os germes de almas que aí se originam. Assim, pois, ser-nos-ia difícil falar-vos dos Espíritos de animais do espaço: eles não existem; ou, melhor, sua passagem é tão rápida como se nula fosse e, no estado de crisálida, não poderiam ser descritos.

Já sabeis que nada morre da matéria que sucumbe. Quando um corpo se dissolve, os diversos elementos de que é composto reclamam a parte que lhe deram: oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono voltam ao seu foco primitivo para alimentar outros corpos. Dá-se o mesmo com a parte espiritual: os fluidos organizados espirituais tomam, de passagem, cores, perfumes, instintos, até a constituição definitiva da alma.

Compreendeis bem? Talvez eu precisasse explicar-me melhor, mas, para terminar esta noite, e não vos deixar supor o impossível, eu vos asseguro que o que é do domínio da inteligência animal não pode ser reproduzido pela inteligência humana, isto é, que o animal, seja qual for, não pode expressar seu pensamento pela linguagem humana; suas idéias são apenas rudimentares. Para

ter a possibilidade de exprimir-se, como faria o Espírito de um homem, precisaria de idéias, conhecimentos e um desenvolvimento que não tem, que não pode ter. Tende, pois, como certo, que nem o cão, nem o gato, nem o burro, nem o cavalo, nem o elefante podem manifestar-se por via mediúnica. Só os Espíritos chegados ao grau da Humanidade podem fazê-lo, e ainda em razão de seu adiantamento, porquanto o Espírito de um selvagem não vos poderá falar como o de um homem civilizado.

Observação – Estas últimas reflexões do Espírito foram motivadas pela citação, feita na sessão, de pessoas que pretendiam ter recebido comunicações de diversos animais. Como explicação do fato precitado, sua teoria é racional e concorda, no fundo, com a que hoje prevalece nas instruções dadas na maioria dos centros. Quando tivermos reunido documentos suficientes, resumi-los-emos num corpo de doutrina metódico, que será submetido ao controle universal. Até lá, são apenas balizas postas no caminho, para o esclarecer.

Considerações sobre os Ruídos de Poitiers¹⁹

Extraídas do *Journal de la Vienne*, de 22 de novembro de 1864

Conhece-se a lógica dos adversários do Espiritismo. A passagem seguinte, de um artigo assinado por David, de Thiais, fornece uma amostra.

“Amigo leitor,

“Como eu, deveis ter em vosso escritório uma pequena brochura (in-8^o) do Sr. Boreau, de Niort, cujo título – *Como e por que me tornei espírita* – traz o *fac-símile do autógrafo da escrita direta de um Espírito familiar*.

19 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 513.

“É a mais curiosa das histórias: a de um homem sincero, convicto, amante das coisas elevadas, mas que diviniza suas ilusões e incessantemente corre atrás dos sonhos, crendo captar a realidade. Perseguido com Jeanne, a sonâmbula, um tesouro enterrado num antigo campo de batalha da Vandéia, ele encontra, em vez do ouro que lhe é prometido, Espíritos trapaceiros, malévolos, temíveis, que quase matam de terror a sua companheira e o expõem às mais dolorosas angústias. De repente ele se torna espírita, como se as aparições que o obsediam reproduzissem os milagres da lâmpada maravilhosa e, ao mesmo tempo, lhe prodigalzassem todos os bens do corpo e da alma.

“É preciso que a ficção seja uma das maiores necessidades do gênio humano, para que semelhantes crenças se tornem possíveis.

“Há aí gênios *farsistas*, que zombam; Espíritos cruéis, que ameaçam e batem; Espíritos grosseiros, com a boca sempre a injuriar, e a gente se pergunta o que eles vêm fazer aqui, já que a morte não os burilou em seu temível crisol.

“Aí também se entretêm com parelhas e quadrinhas de um bom anjo, que não trouxe do céu os segredos de sua poesia, mostrando o quanto uma idéia preconcebida nos leva longe no caminho das ilusões.

“Em matéria de Espiritismo, o Sr. Boreau tem a fé ingênua do homem simples; chega mesmo a gostar dos que o batem e o molestam. Nada temos a dizer quanto a isto, tanto mais quanto sua brochura contém páginas muito divertidas, provando que pode dispensar facilmente os Espíritos exteriores, pois o seu lhe deve bastar muito bem.

“Diremos apenas que os fatos que ele relata não são de ontem. A gente ainda se recorda da emoção que se apoderou da

cidade de Poitiers, quando da formidável artilharia ouvida na Rua Saint-Paul, no ano passado. Uma longa procissão de curiosos rodou durante oito dias em volta dessa casa assombrada pelo demônio; a polícia ali estabeleceu o seu quartel-general e cada um espreitou o voejar dos Espíritos, na esperança de surpreender os segredos do outro mundo; mas só viram fogo. Os Espíritos só se revelam aos crentes fazendo todo o barulho do mundo. (*Revista Espírita*, fevereiro, março e maio de 1864).

“Coisa estranha, leitor! essas paragens parecem ter o monopólio desta raça barulhenta e zombeteira.

“Gorre, célebre médico alemão, morto em 1836, ensina no tomo III de sua *Mística* – pelo menos é o que diz Guillaume d’Auvergne, bispo de Paris, falecido em 1249 – que, pelo mesmo tempo, um Espírito batedor se havia introduzido numa casa do dito bairro de Saint-Paul, em Poitiers, e que ali jogava pedras e quebrava os vidros.

“Pierre Marmois, professor de teologia em nossa universidade, autor do *Flagellum maleficorum*, conta o que se passava, em 1447, na Rua Saint-Paul, numa casa na qual certo Espírito, entregando-se às suas evoluções ordinárias, lançava pedras, mudava os móveis de lugar, quebrava os vidros e até batia nas pessoas, embora delicadamente, sem que fosse possível descobrir como atuava.

“Conta-se que naquela ocasião Jean Delorme, então cura de Saint-Paul, homem muito instruído e de grande probidade, veio, acompanhado de algumas pessoas, visitar o teatro dessas estranhas proezas e, munido de velas bentas e acesas, água benta e água gregoriana, percorreu todos os aposentos da casa, aspergindo-os e exorcizando-os.

“Mas todos os exorcismos foram impotentes; nenhum diabo se mostrou. Contudo, a partir daquele momento, o Espírito maligno deixou de se manifestar²⁰.”

“Assim, com alguns séculos de distância, os mesmos fenômenos espíritas se repetem três vezes na mesma cidade e no mesmo bairro. Mas, que se deve concluir disto? *Absolutamente nada*. Com efeito, não há qualquer conseqüência importante a tirar de um ruído vão, de brincadeiras pueris, de fatos lamentáveis que, evidentemente, não podem ser atribuídos aos Espíritos, corpos imponderáveis que, pairando sobre o mundo, devem escapar às enfermidades humanas, aproximando-se incessantemente da luz e da bondade de Deus.

“Aliás, esta questão não está em discussão. Cada um é livre de escolher os seus Espíritos, de os adorar à sua maneira, de lhes emprestar uma virtude, um poder, um caráter conforme às suas aspirações. Somente preferimos, aos gênios um tanto materiais da escola moderna, as criações encantadoras, nascidas da poesia dos dias antigos e que, marchando fraternalmente com o homem no limite dos dois mundos, lhes davam tão docemente a mão, para os aproximar das fontes da vida imortal e da felicidade sem-fim.

“Para nós, nenhum Espírito batedor valerá essas adoráveis imagens pintadas pelo gênio de Ossian sobre as nuvens vaporosas do Norte, cujas harpas melancólicas ainda fazem vibrar tão bem as fibras mais íntimas do coração. Quando a alma levanta vôo, tem o cuidado de aliviar suas asas e repele tudo quanto as pode tornar mais pesadas.”

Somos reconhecidos ao autor deste artigo por nos haver dado a conhecer esse fato notável, que ignorávamos, do mesmo fenômeno, reproduzido na mesma localidade com intervalo de vários séculos. Sem o suspeitar, ele não podia servir

20 Vide a brochura do Sr. Bonsergent, na Biblioteca Imperial.

melhor à nossa causa, porque desta repetição ele pretende tirar um argumento contra as manifestações. Parece-nos que em boa lógica, quando um fato é único e isolado, não se lhe pode deduzir conseqüência absoluta, já que pode ser devido a uma causa accidental, ao passo que, quando se repete em condições idênticas, é que depende de uma causa constante; em outras palavras, de uma lei. Buscar essa lei é dever de todo observador sério, porque ela pode levar a descobertas importantes.

Que, apesar da duração, do caráter especial e das circunstâncias acessórias dos ruídos de Poitiers, algumas pessoas tenham persistido em os atribuir à malevolência, compreende-se até certo ponto; porém, quando se repetem pela terceira vez, na mesma rua, com vários séculos de distância, haverá, por certo, matéria para reflexão, porque, se há mal-intencionados, é pouco provável que em tão longo intervalo tenham escolhido precisamente o mesmo lugar para teatro de suas façanhas. Entretanto, que concluir disto? Diz o autor: *Absolutamente nada*. Assim, de um fato que emociona toda uma população, várias vezes repetido, não há nenhuma conseqüência importante a tirar! Realmente, é uma lógica muito singular! “São ruídos vãos, *divertimentos pueris* que, *evidentemente*, não podem ser atribuídos aos Espíritos, corpos imponderáveis que, pairando sobre o mundo, devem escapar às enfermidades humanas, aproximando-se *incessantemente* da luz e da bondade de Deus.” Então o Sr. David crê nos Espíritos, já que descreve os seus atributos com tanta precisão. Onde hauriu tais conhecimentos? Quem lhe disse que os Espíritos são tais quais ele os imagina? Tê-los-á estudado para decidir assim tão categoricamente a questão? Diz ele que os Espíritos “devem escapar às enfermidades humanas”; às enfermidades corporais, sem dúvida; mas às enfermidades morais, também? Então ele crê que o homem perverso, o assassino, o bandido, o mais vil dos malfeitores e ele estarão no mesmo nível quando forem Espíritos? De que lhes terá servido ser honestos durante a vida, desde que, após a morte, sê-lo-ão como se o tivessem sido? Uma vez que os

Espíritos se aproximam incessantemente da luz e da bondade de Deus, o que é mais verdadeiro do que talvez creia o autor, então houve um tempo em que eles estavam longe, porque, para se aproximar de um objetivo, é preciso que dele se tenha afastado. Onde o ponto de partida? Só pode estar no oposto da perfeição, isto é, na imperfeição. Seguramente não são Espíritos perfeitos que se divertem com semelhantes coisas. Mas se os há imperfeitos, que há de espantoso que cometam malícias? Do fato de planarem sobre o mundo, segue-se que dele não se possam aproximar? Seria supérfluo levar mais longe essa refutação. Sendo mais ou menos equivalentes todos os argumentos dos nossos adversários, nem mesmo teríamos refutado este artigo, não fosse o precioso documento que encerra e pelo qual novamente agradecemos ao autor.

Conversas de Além-Túmulo

O DOUTOR VIGNAL

(Sociedade de Paris, 31 de março de 1865 – Médium: Sr. Desliens)

Por certo nossos leitores se lembram dos interessantes estudos sobre o Espírito de pessoas vivas, publicados na *Revista* de janeiro e março de 1860, e aos quais se haviam submetido os Srs. conde de R... e o Dr. Vignal. Este último, afastado há vários anos, faleceu em 27 de março de 1865. Na véspera do enterro, perguntamos a um sonâmbulo muito lúcido, que via bem os Espíritos, se o enxergava. Disse ele: “Vejo um cadáver, no qual se opera um trabalho extraordinário. Dir-se-ia uma massa que se agita, e como algo que faz esforços para se libertar dela, mas que tem dificuldade em vencer a resistência. Não distingo forma de Espírito bem determinada.” No dia 31 de março o Dr. Vignal foi evocado na Sociedade de Paris. O mesmo sonâmbulo assistia, adormecido, à sessão durante a evocação. Viu-o e o descreveu perfeitamente, enquanto se comunicava com o médium de sua escolha.

Dizemos *de sua escolha* porque a experiência demonstra o inconveniente de impor um médium ao Espírito, que pode não encontrar nele as condições necessárias para se comunicar livremente. Quando se faz pela primeira vez a evocação de um Espírito, convém que todos os médiuns presentes se ponham à sua disposição e esperem que se manifeste por um deles. Nesta sessão havia onze médiuns.

P. – Caro Sr. Vignal, todos os vossos antigos colegas da Sociedade de Paris guardaram de vós a melhor lembrança, e eu, em particular, a das excelentes relações, que não se descontinuaram entre nós. Chamando-vos ao vosso meio, tivemos por objetivo, antes de tudo, dar-vos um testemunho de simpatia; e ficaremos muito felizes se quizerdes ou se puderdes vir conversar conosco.

Resp. – Caro amigo e digno mestre, vossa boa lembrança e vossos testemunhos de simpatia me sensibilizam bastante. Se hoje posso vir a vós e assistir, livre e desprendido, a esta reunião de todos os nossos bons amigos e irmãos espíritas, é graças ao vosso bom pensamento e à assistência que vossas preces me trouxeram. Como dizia com justeza meu jovem secretário, eu estava muito impaciente para me comunicar; desde o começo desta noite empreguei todas as minhas forças espirituais para dominar este desejo. Vossas conversas e as graves questões que discutistes, interessando-me vivamente, tornaram minha espera menos penosa. Perdoai, caro amigo, mas eu precisava manifestar o meu reconhecimento.

Nota – Desde que se tratou do Sr. Vignal, o médium sentiu, efetivamente, a influência desse Espírito, que desejava comunicar-se por ele.

P. – Antes de mais, dissei como vos achais no mundo dos Espíritos. Ao mesmo tempo, tende a bondade de descrever o trabalho da separação, vossas sensações nesse momento e dizer ao cabo de quanto tempo recobrades a razão.

Resp. – Estou tão feliz quanto se pode ser, quando a gente vê se confirmarem plenamente todos os pensamentos secretos, que se pode ter emitido sobre uma doutrina consoladora e reparadora. Sou feliz! sim, porque agora vejo sem qualquer obstáculo desdobrar-se à minha frente o futuro da ciência e da filosofia espíritas.

Mas afastemos por hoje essas digressões inoportunas. Virei novamente vos entreter a respeito, sabendo que minha presença vos dará tanto prazer quanto eu mesmo experimento em vos visitar.

O desligamento foi muito rápido; mais rápido do que meu pouco mérito permitia esperar. Fui ajudado poderosamente por vosso concurso, e vosso sonâmbulo vos deu uma idéia muito clara do fenômeno da separação, para que eu insista na mesma tecla. Era uma sorte de oscilação descontínua, uma espécie de arrebatamento em dois sentidos opostos. O Espírito triunfou, já que aqui estou. Não deixei o corpo completamente senão no momento em que foi depositado na terra. Vim convosco.

P. – Que pensais do serviço que foi feito nos vossos funerais? Julguei um dever estar presente. Naquele momento estáveis bastante desprendido para vê-lo, e as preces que eu disse por vós (não ostensivas, naturalmente) chegaram até vós?

Resp. – Sim. Como vos disse, vossa assistência tudo fez em parte e eu vim convosco, abandonando completamente minha velha crisálida. As coisas materiais pouco me tocam; aliás, vós o sabeis. Eu só pensava na alma e em Deus.

P. – Lembrai-vos de que a pedido vosso, cinco anos atrás, em fevereiro de 1860, fizemos um estudo sobre vós, quando ainda estáveis vivo? Naquele momento vosso Espírito desprendeu-se para vir conversar conosco. Podeis descrever-nos, tanto quanto possível, a diferença existente entre o vosso desprendimento atual e o de então?

Resp. – Sim, certamente; eu me lembro. Mas que diferença entre o meu estado de então e o de hoje! então a matéria ainda me constringia com a sua malha inflexível. Eu queria me desligar de maneira mais absoluta e não podia. Hoje sou livre. Um vasto campo, o do desconhecido, abre-se à minha frente e, com a vossa ajuda e a dos Espíritos bons, aos quais me recomendo, espero avançar e me penetrar o mais rapidamente possível dos sentimentos que devo experimentar e dos atos que preciso realizar para subir o caminho da prova e merecer o mundo das recompensas. Que majestade! Que grandeza! é quase um sentimento de assombro que domina, porquanto, fracos como somos, queremos fixar as sublimes claridades.

P. – De outra vez estimaremos muito continuar esta conversa, quando quiserdes regressar entre nós.

Resp. – Respondi sucintamente e sem seqüência às vossas diversas perguntas. Não exigis ainda muito de vosso fiel discípulo, pois não estou inteiramente livre. Conversar, conversar ainda seria minha felicidade; meu guia modera meu entusiasmo e já pude apreciar bastante a sua bondade e sua justiça, para me submeter inteiramente à sua decisão, por mais pesar que eu sinta em ser interrompido. Consolo-me pensando que poderei vir muitas vezes assistir incógnito às vossas reuniões. Falarei convosco algumas vezes; amo-vos e quero prová-lo. Mas outros Espíritos mais adiantados que eu reclamam prioridade e eu deveria apagar-me ante os que houveram por bem permitir ao meu Espírito dar livre curso à torrente de pensamentos que eu havia acumulado.

Deixo-vos, amigos, e devo agradecer duplamente, não só a vós, espíritas, que me chamastes, mas também a este Espírito que permitiu que eu tomasse o seu lugar e que, em vida, usava o nome ilustre de Pascal.

Aquele que foi e será sempre o mais devotado de vossos adeptos.

Dr. Vignal

Nota – Com efeito, o Espírito Pascal deu em seguida a comunicação publicada adiante, sob o título de *O Progresso intelectual*.

Correspondência

CARTAS DO SR. SALGUES, DE ANGERS

Aos nos enviar o seu opúsculo *A confusão do Império de Satã*, anunciado em nosso último número, o Sr. Salgues teve a gentileza de anexar a carta seguinte, que temos o prazer de publicar com sua autorização. Como nós, cada um apreciará os sentimentos nela expressos.

Angers, 9 de março de 1865.

Senhor e caro irmão em Deus,

É sob a impressão causada pela leitura das comunicações dos Espíritos da Sra. Foulon e do Dr. Demeure (*Revista Espírita* – março de 1865), que tenho a honra de vos escrever para exprimir todo o prazer que nelas encontrei e, posso dizer, muito interesse, que de regra é o produto de vossa pena.

Acabo de vos enviar uma pequena brochura, rogando que a aceiteis. Para vós e para todos os meus leitores será uma obra muito modesta; mas um velho de oitenta anos, com a vista arruinada por excesso de trabalho e de estudos e, por isto, não podendo retocar o que escreve, como gostaria, deve contar com a indulgência do público.

Os adversários católicos da pneumatologia alimentam nos fanáticos apostólicos a opinião de que os Espíritos são demônios, de que Satã é uma realidade, prejudicando, assim, o desenvolvimento das boas doutrinas, como resultado das preciosas

lições, tão morais e tão consoladoras, desses supostos duendes. É em vão que as pessoas sensatas negam estes últimos, por uma simples rejeição persistente. Convém provar aos demonófobos, com detalhes circunstanciados, que laboram em erro; que o inferno dos cristãos é um mito. Foi o que me levou a escrever este opúsculo, sem a pretensão de ocupar o lugar de um escritor.

Na condição de assinante das publicações espíritas de Bordeaux, acabo de enviar um exemplar de meu livro a cada um de seus autores. Deveria ser de outro modo convosco, senhor, cujas produções leio sempre com interesse desde a sua aparição? Todavia, pensareis que o faça com timidez, já que fui adversário, não dos *espíritas*, muito *honrados* para mim, mas do Espiritismo; não de uma maneira absoluta, mas por arrastamento, devendo, entretanto, repelir na ocasião uma linguagem que me atribuíam por *abuso* de minha assinatura. Assim, acabei por interditar-me toda crítica, querendo ser amigo de todos. Desejo apenas observar, aproximar, comparar, esperar, aprender e julgar no silêncio do gabinete. Hoje ainda creio que estamos longe de tudo saber, que em Espiritismo, como em espiritualismo, haveria lugar para *discutir* com os Espíritos certas questões de doutrina, mas hoje me dou por satisfeito. Com paciência chegaremos todos ao mesmo fim, à felicidade absoluta e à vida eterna.

Aliás, creio que por toda parte o *Espiritismo* faz felizes; é vossa obra gloriosa e eu me aplico a fazer ler o mais possível os escritos que hoje tanto se espalham, para restabelecer a moralidade e os sentimentos religiosos, levados na via mais racional. Os homens sensatos devem, pois, fazer votos *comigo* para que Deus vos conceda longos dias, em perfeita saúde. Creio que ele também se manifestou a meu respeito por meio de três Espíritos que, sem que neles eu pensasse, e em diferentes lugares, me disseram que eu viveria muito tempo, o que já data de sete ou oito anos. Talvez seja porque sempre fiz propaganda com zelo, sem descanso, desde 1853

que, a despeito da visão, muito sacrificada, tenho força, energia, leveza física e vivacidade juvenil, pois minha idade não é deduzida por meu aspecto.

Quereis, pois, aceitar, senhor e caro irmão, o penhor de minha alta consideração e minhas cordiais saudações.

Salgues

Uma segunda carta do Sr. Salgues, de 11 de abril de 1865, contém a seguinte passagem:

“Um anúncio de meu opúsculo foi feito por um jornal ao qual eu enviei um exemplar. Tive de censurar o autor por me ter chamado de *adversário implacável do Espiritismo*. Sob a impressão dos dados há pouco fornecidos a Victor Hennequin por um Espírito mau, combati de boa-fé a doutrina das encarnações; mas, depois de haver reconhecido grande número de incoerências *espiritualistas*, do mesmo modo que notei no Espiritismo certos detalhes que não cativavam minha confiança, acabei por me limitar à observação minuciosa, esperando com paciência o dia em que, com uma natureza mais perfeita, eu pudesse reconhecer a verdade a respeito de nosso destino após a vida na matéria. Com relação aos fatos e às comunicações espíritas, basta-me, por hora, ter assegurada uma segunda vida em estado espiritual.”

RESPOSTA

Meu caro senhor,

Recebi a carta que vos dignastes escrever-me, bem como a brochura que a acompanhava, pelo que peço aceiteis meus sinceros agradecimentos. Ainda não tive tempo de tomar conhecimento da obra, mas não duvido que destes trabalho aos nossos antagonistas. A questão do demônio é o último cavalo de batalha em que se agarram; mas esse cavalo está impossibilitado de

locomover-se e a corda dessa tábua de salvação está tão gasta que não tardará a romper-se e deixar o barco à deriva.

Fico satisfeito, senhor, pelos excelentes sentimentos que me testemunhais, e por encontrar em vós uma moderação e uma imparcialidade que atestam a elevação do vosso Espírito. Confesso que o contrário é que me surpreenderia, e é para mim uma grande felicidade ver que eu tinha sido induzido em erro por falsas aparências. Se divergimos em alguns pontos da doutrina, vejo com verdadeira satisfação que um grande princípio nos une, este: Fora da caridade não há salvação.

Recebei, caro senhor, as fraternais saudações do vosso muito dedicado,

Allan Kardec

Manifestações Diversas – Curas; Chuvvas de Bombons

CARTA DO SR. DELANNE

Nosso colega, Sr. Delanne, escreve-nos em data de 2 de abril de 1865:

Caríssimo mestre,

Revi nossos irmãos de Barcelona. Lá, como na França, a doutrina se propaga, os adeptos são zelosos e fervorosos. Num grupo que visitei, vi dignos êmulos desse caro Sr. Dombre, de Marmande. Constatei a cura completa de uma senhora, atacada por terrível obsessão, que já durava no mínimo quinze anos, muito antes que se falasse de Espíritos. Médicos, padres, exorcismos, tudo fora empregado inutilmente. Hoje essa mãe de família voltou aos

seus, que não cessam de dar graças a Deus por tão miraculosa cura. Bastaram dois meses para obter esse resultado, tanto pela evocação do obsessor, quanto pela influência de preces coletivas e simpáticas.

Numa outra sessão foi feita a evocação do Espírito que, há oito anos, obsedia um operário chamado Joseph, agora em vias de cura. Nunca me havia emocionado tão penosamente senão quando presenciei as dores do paciente no momento da evocação. A princípio calmo, de repente é tomado de sobressaltos, de espasmos e de tremores nervosos. Colhido por seu inimigo invisível, agita-se em horríveis convulsões; o peito infla, o doente sufoca e, depois, retomando a respiração, ele se retorce como uma serpente, rola no chão, ergue-se de um salto e se bate na cabeça. Só pronunciava palavras entrecortadas, sobretudo a palavra: *Não! não!* O médium, que é uma senhora, estava em prece; toma da pena e eis que o invisível, deixando sua presa por um instante, apodera-se de sua mão e a teria maltratado, se o tivessem deixado.

Há quinze dias que evocam esse Espírito da pior espécie; jamais ele quis dizer o motivo de sua vingança. Premido por mim com perguntas, enfim confessou que esse Joseph lhe havia roubado aquela a quem ama. Nós lhe fizemos compreender que se não o quisesse mais atormentar e mostrasse o menor sinal de arrependimento, Deus lhe permitiria revê-la. – Por ela, diz ele, farei tudo. – Pois bem! então dissei: Meu Deus, perdoai minhas faltas. – Depois de hesitar, ele nos disse: “Vou tentar; mas ai dele se não me fizerdes vê-la!” E escreveu: “Meu Deus, perdoai minhas faltas.” O momento era crítico; que ia acontecer? Consultados, os guias disseram: Fizestes bem em pôr toda a vossa confiança em Deus e em nós; tendes a chave para trazê-lo a vós. Ele verá mais tarde aquela a quem ama; nada temais. É uma promessa que deveis aproveitar, a fim de que ele seja reconduzido ao bem. Depois desta cena, Joseph, esgotado como um lutador, extenuado de fadiga, se ressentia da terrível possessão de seu inimigo invisível. Então o Sr.

B..., operando enérgicos passes magnéticos, termina por acalmá-lo completamente. Queira Deus que esta cura seja tão estrondosa quanto a precedente.

Eis a que se aplicam esses caros irmãos! Quanta energia, quanta convicção, quanta coragem não são precisas para fazer semelhantes curas! Somente a fé, a esperança e, sobretudo, a caridade podem vencer tão grandes obstáculos e afrontar com tamanha temeridade uma malta de tão terríveis adversários. Saí dali exausto!

Alguns dias mais tarde eu assisti em Carcassonne a emoções de outro gênero. Visitei o Sr. presidente Jaubert. Disse-me ele: Temos numerosos casos de transportes desde algum tempo. Vou levar-vos à senhorita que é objeto dessas manifestações. Como se de propósito, a moça estava indisposta; o estômago estava intumescido, a ponto de não poder afivelar o vestido. Consultados os guias, a sessão foi adiada para o dia seguinte, às oito horas da noite. O Sr. C..., capitão reformado, houve por bem colocar seu salão à nossa disposição. É uma grande peça vazia, apenas atapetada. Como toda decoração, só dispõe de um espelho sobre a lareira, uma cômoda e cadeiras; nada de quadros, cortinas ou forro de papel nas paredes: um verdadeiro apartamento de rapaz. Éramos ao todo nove pessoas, todos adeptos convictos.

Assim que entramos, uma chuva de bombons caiu com estrondo num ângulo do aposento! Seria difícil falar-vos da minha emoção, porquanto a honorabilidade dos assistentes, aquela sala vazia e escolhida, tudo parecia preparado de propósito pelos Espíritos para tirar qualquer dúvida, nada havendo que pudesse fazer suspeitar uma manobra fraudulenta. Apesar desse prodígio, eu não deixava de olhar, de perscrutar as paredes com o olhar e lhes perguntar se não eram cúmplices de um conchavo qualquer.

A médium doente toma seu lápis e escreve: “Dize a Delanne que ponha sua mão na boca de teu estômago e essa inflamação desaparecerá. Orai antes.” Eis-nos todos em prece. Eu estava na extremidade da sala quando, em meio ao recolhimento geral, uma nova chuva de bombons se produziu no ângulo oposto àquele de onde partira na primeira vez. Julgai de nossa alegria. Aproximei-me da doente; o inchaço era muito maior que na véspera. Impus a mão e o edema desapareceu como por encanto. Estou curada, disse ela. Seu vestido, bastante apertado, tornou-se muito folgado. Todos constataram o fato. Unimo-nos em pensamento para agradecer aos Espíritos bons por tanta bondade. Então se sucedeu uma terceira chuva de bombons. Em minha vida jamais esquecerei estes fatos. Aqueles senhores estavam encantados, mais por mim do que por eles, habituados a essas formas de manifestações. Cada um deles possui alguns objetos trazidos pelos Espíritos. O Sr. Jaubert afirmou ter visto sua mesa virar-se e se erguer várias vezes sem o concurso das mãos; seu chapéu levado de um a outro canto da sala. Um fato análogo de cura instantânea igualmente se produziu há alguns meses, sob a mão do Sr. Jaubert.

A senhorita médium é, além disso, sonâmbula muito lúcida; estando adormecida, eu lhe disse: “Quereis acompanhar-me a Paris? – Sim. – Tende a bondade de ir à minha casa. – Vejo vossa esposa, disse ela; ela me agrada; está deitada e lê.” Descreveu o apartamento com perfeita exatidão. Eis a conversa que teve com minha mulher: “Senhora, não sabeis que o vosso marido está conosco? – Não, mas dizei a ele que me escreva. – Vede! eu não tinha visto vosso filho; ele é gentil. Vossa senhora me diz que tem outro filho, também muito gentil. – Pedi-lhe que vos diga sua idade. – Ele tem nove meses. – Exatamente.”

Como eu sabia que havia reunião em vossa casa, pedi-lhe que vos fosse ver. Ela não ousava entrar, tamanha era a quantidade de gente e de grandes Espíritos. Ela vos detalhou muito bem, caro presidente, assim como vários de nossos colegas.

Observação – Antes de mais, prestemos um justo tributo de elogios aos nossos irmãos de Barcelona, por seu zelo e devotamento. Como diz o Sr. Delanne, para realizar tais coisas é preciso coragem e perseverança, que somente a fé e a caridade podem dar. Que aqui recebam o testemunho de fraterna simpatia da Sociedade de Paris.

Os fatos de Carcassonne farão sorrir os incrédulos, que não deixarão de dizer que é a representação de uma comédia; caso contrário, dirão, seriam milagres, e o tempo dos milagres já passou. Respondemos-lhe que não há nisto nenhum milagre, mas simples fenômenos naturais, cuja teoria compreenderão quando quiserem se dar ao trabalho de os estudar, razão por que não nos esforçamos para lhos explicar. Quanto à comédia, seria preciso saber em benefício de quem foi representada. Certamente a prestidigitação pode operar coisas igualmente surpreendentes, até mesmo a cura de uma inchação simulada por uma bexiga cheia. Mas, ainda uma vez, em benefício de quem? Sempre se é forte quando se pode opor a uma acusação de charlatanismo o mais absoluto desinteresse; já não seria o mesmo se estivesse em jogo a mais leve suspeita de interesse material. E, depois, quem representaria essa comédia? Uma jovem de boa família, que não se exhibe em espetáculo, que nem dá sessões em sua casa, nem na cidade, e não busca falar de si, o que não é o caso dos charlatães; um vice-presidente de Tribunal; honrados negociantes; oficiais recomendáveis e recebidos na melhor sociedade; uma tal suspeita pode atingi-los? Dirão que é no interesse da doutrina e para fazer adeptos. Mas nem por isso deixa de ser uma fraude, indigna de pessoas que se respeitam. Aliás, seria um meio singular assentar uma doutrina sobre a habilidade em enganar, por meio de gente honesta. Mas os nossos contraditores não olham isto de tão perto, em matéria de contradições; a lógica é a menor de suas preocupações.

Contudo, há uma importante observação a fazer aqui. Quem assistia à sessão, da qual dá conta o Sr. Delanne? Havia

incrédulos a quem queriam convencer? Não, nenhum. Todos eram adeptos que já tinham testemunhado esses fatos várias vezes. Teriam, pois, escamoteado pelo prazer de enganar a si mesmos. Por mais que digais, senhores, os Espíritos empregam tantas maneiras diferentes para atestar sua presença que, em definitivo, os que riem não estarão do nosso lado. Podeis julgá-lo pelo número sempre crescente de seus partidários. Se tivésseis encontrado um só argumento sério, não o teríeis omitido; mas caís precisamente sobre os charlatães e os exploradores, que o Espiritismo desacredita e com os quais declara nada ter em comum; nisto nos secundais, em vez de nos prejudicar. Assinalai a fraude, onde quer que a encontreis: é só o que pedimos. Jamais nos vistes tomar-lhes a defesa, nem sustentar os que, por sua falta, tiveram problemas com a justiça ou transgrediram a lei. Todo espírita sincero, que se cinge aos limites dos deveres que lhe traça a doutrina, concilia a consideração e o respeito, e nada tem a temer.

Variedades

O TABACO E A LOUCURA

Lê-se no *Sième* de 15 de abril de 1865:

“Os casos de paralisia e de alienação mental aumentam na França, em razão direta da produção do imposto sobre o tabaco. De 1812 a 1832, os recursos trazidos ao orçamento pelo imposto sobre o tabaco elevaram-se a 28 milhões, e os hospícios de alienados contavam 8000 dementes. Hoje, a cifra do imposto alcança 180 milhões e contam-se 44.000 alienados ou paralíticos nos hospitais especializados.

“Esses paralelos, fornecidos pelo Sr. Jolly na última sessão da Academia de Ciências, devem fazer refletir os amantes dos vapores nicotinizados. O Sr. Jolly terminou seu estudo por esta frase ameaçadora para a geração atual: O emprego imoderado do

tabaco, sobretudo do cachimbo, ocasiona uma debilidade no cérebro e na medula espinhal, de onde resulta a loucura.”

Se ainda fosse preciso refutar, depois de tudo quanto foi dito, as alegações dos que pretendem que o Espiritismo entulha as casas de alienados, as cifras forneceriam um argumento sem réplica, porque não só repousam sobre um fato material e um princípio científico lógico, mas constataam que o crescimento do número de alienados remonta a mais de vinte anos antes que se cogitasse do Espiritismo. Ora, não é lógico admitir que o efeito tenha precedido a causa. Os espíritas não estão preservados das causas materiais que podem perturbar o cérebro, como dos acidentes capazes de quebrar braços e pernas. Não é, pois, de admirar que haja espíritas entre os loucos. Mas, ao lado das causas materiais, há causas morais; é contra estas que os espíritas têm um poderoso preservativo em suas crenças. Desse modo, se um dia for possível ter uma estatística exata, conscienciosa e feita sem prevenção, dos casos de loucura devidos a causas morais, ver-se-á incontestavelmente o seu número diminuir com o desenvolvimento do Espiritismo. Diminuirá também o número dos casos ocasionados pelos excessos e abuso de bebidas alcoólicas, mas não impedirá a febre ardente, acompanhada de delírio, e muitas outras causas de distúrbios da razão.

É notório que tais homens de letras de renome morram loucos em consequência do uso imoderado do absinto, cujos efeitos deletérios sobre o cérebro e a medula espinhal estão hoje demonstrados. Se esses homens se tivessem ocupado do Espiritismo, não teriam deixado de responsabilizar a doutrina por isto. Quanto a nós, não tememos afirmar que se dela se tivessem ocupado *seriamente*, teriam sido mais moderados em tudo, e não se teriam expostos a essas tristes consequências da intemperança. Um paralelo semelhante ao que faz o Dr. Jolly poderia, talvez com tanta ou mais razão, ser feita entre a proporção de alienados e o consumo de absinto.

Mas eis uma outra causa posta em evidência pelo *Siècle* de 21 de abril, no fato seguinte:

Lê-se no *Droit*: “Joséphine-Sophie D..., de dezenove anos, operária polidora de metais, reside como os pais na Rua Bourbon-Villeneuve. Dedicase com ardor incrível à leitura de romances que encerram as publicações ditas populares, de cinco centavos. Os sentimentos exagerados, os caracteres escandalosos, os acontecimentos inverossímeis, de que geralmente essas obras estão cheias, influem de maneira deplorável sobre sua inteligência. Ela se julgava chamada aos mais altos destinos. Seus pais, embora numa posição um tanto difícil tinham feito todos os sacrifícios possíveis para lhe dar instrução; entretanto, não passavam aos seus olhos de pobres criaturas, incapazes de compreendê-la e de se elevarem até a esfera a que ela aspirava.

“Desde há muito tempo Sophie D... entregava-se a esses pensamentos romanescos. Vendo, enfim, que nenhum ser espiritual se ocupava dela e que sua vida devia transcorrer, como a das outras operárias, em meio ao trabalho e aos cuidados da família, resolveu pôr fim aos seus dias, por certo na expectativa de que seus sonhos se realizariam num outro mundo.

“Ontem pela manhã, como se admirassem de não a ver aparecer à hora em que devia se dirigir ao trabalho, sua jovem irmã foi chamá-la. Abrindo a porta foi tomada de uma agitação nervosa, ao ver a irmã enforcada: pendurara-se no gancho que guarnecia a trave da cama. Chamou os pais, que acorreram e se apressaram em cortar a corda; contudo, todas as tentativas para chamar a filha à vida foram infrutíferas.”

Eis, pois, um caso de loucura e de suicídio causado por aqueles mesmos que acusam o Espiritismo de entupir as casas de alienados. Os romances podem, pois, exaltar a imaginação a tal ponto que a razão fique perturbada? Poder-se-ia citar bom número

de casos semelhantes, sem contar os loucos produzidos pelo temor do diabo sobre os espíritos fracos. Mas surgiu o Espiritismo e cada um se apressou em dele fazer o bode expiatório de suas próprias faltas.

Dissertações Espíritas

(Lyon, novembro de 1863 – Médiun: Sr. X...)

I

IDÉIAS PRECONCEBIDAS

Temos-vos dito muitas vezes que investiguem as comunicações que vos são dadas, submetendo-as à análise da razão, e que não tomeis sem exame as inspirações que vêm agitar o vosso Espírito, sob a influência de causas por vezes muito difíceis de constatar pelos encarnados, entregues a distrações sem-número.

As idéias puras que, por assim dizer, flutuam no espaço (segundo a idéia platônica), levadas pelos Espíritos, nem sempre podem alojar-se sozinhas e isoladas no cérebro dos vossos médiuns. Muitas vezes encontram o lugar ocupado por idéias preconcebidas, que se espalham com o jacto da inspiração, perturbando-o e transformando-o de maneira inconsciente, é verdade, mas algumas vezes de maneira bastante profunda para que a idéia espiritual se ache, assim, inteiramente desnaturalada.

A inspiração encerra dois elementos: o pensamento e o calor fluídico destinado a excitar o Espírito do médium, dando-lhe o que chamais a verve da composição. Se a inspiração encontrar o lugar ocupado por uma idéia preconcebida, da qual o médium não pode ou não quer desligar-se, nosso pensamento fica sem intérprete e o calor fluídico se gasta em estimular uma idéia que não é nossa. Quantas vezes em vosso mundo egoísta e apaixonado temos trazido o calor e a idéia! Desdenhais a idéia, que vossa

consciência deveria fazer-vos reconhecer e vos apoderais do calor, em benefício de vossas paixões terrenas, por vezes dilapidando o bem de Deus em proveito do mal. Assim, quantas contas terão de prestar um dia todos os advogados das causas equivocadas!

Sem dúvida seria desejável que as boas inspirações pudessem sempre dominar as idéias preconcebidas. Mas, então, entravariamos o livre-arbítrio da vontade do homem e, assim, este último escaparia à responsabilidade que lhe pertence. Mas se somos apenas os conselheiros auxiliares da Humanidade, quantas vezes nos devemos felicitar, quando nossa idéia, batendo à porta de uma consciência estreita, triunfa da idéia preconcebida e modifica a convicção do inspirado! Entretanto, não se deveria crer que nosso auxílio mal-empregado não traísse um pouco o mau uso que dele podem fazer. A convicção sincera encontra acentos que, partidos do coração, chegam ao coração; a convicção simulada pode satisfazer as convicções apaixonadas, vibrando em uníssono com a primeira, mas traz um frio particular que deixa a consciência malsatisfeita e revela uma origem duvidosa.

Quereis saber de onde vêm os dois elementos da inspiração mediúnica? A resposta é fácil: a idéia vem do mundo extraterrestre – é a inspiração própria do Espírito. Quanto ao calor fluídico da inspiração, nós o encontramos e o tomamos em vós mesmos; é a parte quintessenciada do fluido vital em emanação; algumas vezes nós a tomamos do próprio inspirado, quando este é dotado de certo poder fluídico, ou mediúnico, como dizeis; na maioria das vezes nós o tomamos em seu ambiente, na emanação de benevolência, de que está mais ou menos cercado. É por isto que se pode dizer com razão que a simpatia torna eloqüente.

Se refletirdes atentamente nestas causas, encontrareis a explicação de muitos fatos que a princípio causam admiração, mas dos quais cada qual possui uma certa intuição. Só a idéia não bastaria ao homem, se não se lhe desse o poder de exprimi-la. O

calor é para a idéia o que o perispírito é para o Espírito, o que o vosso corpo é para a alma. Sem o corpo a alma seria impotente para agitar a matéria; sem o calor, a idéia seria impotente para comover os corações.

A conclusão desta comunicação é que jamais deveis abdicar de vossa razão, ao examinardes as inspirações que vos são submetidas. Quanto mais o médium tem idéias adquiridas, mas é ele susceptível de idéias preconcebidas, mais deve fazer tábula rasa de seus próprios pensamentos, abandonar as influências que o agitam e dar à sua consciência a abnegação necessária a uma boa comunicação.

II

DEUS NÃO SE VINGA

O que precede não passa de um preâmbulo destinado a servir de introdução a outras idéias. Falei-vos de idéias preconcebidas, mas há outras além das que vêm das inclinações do inspirado; há as que são consequência de uma instrução errônea, de uma interpretação acreditada num tempo mais ou menos longo, que tiveram sua razão de ser numa época em que a razão humana estava insuficientemente desenvolvida e que, passadas ao estado crônico, só podem ser modificados por esforços heróicos, sobretudo quando têm para si a autoridade do ensino religioso e de livros reservados. Uma destas idéias é esta: *Deus se vinga*. Que um homem, ferido em seu orgulho, em sua pessoa ou em seus interesses, se vingue, isto se concebe; embora culpado tal vingança está dentro dos limites das imperfeições humanas. Mas um pai que se vingue nos filhos levanta a indignação geral, porque cada um sente que um pai, encarregado da tarefa de criar os seus filhos, pode corrigir-lhes os erros e os defeitos por todos os meios ao seu alcance, mas a vingança lhe é interdita, sob pena de tornar-se estranho a todos os direitos da paternidade.

Sob o nome de vindita pública, a sociedade que desaparece vingava-se dos culpados; a punição infligida, muitas vezes cruel, não passava de vingança sobre as más ações do homem perverso; ela não se preocupava absolutamente com a reabilitação desse homem, deixando a Deus o cuidado de o punir ou de o perdoar. Bastava-lhe ferir pelo terror, que julgava salutar, os futuros culpados. A sociedade que surge não pensa mais assim; se ainda não age em vista da reeducação do culpado, ao menos compreende o que a vingança contém de odioso por si mesma; salvaguardar a sociedade contra os ataques de um criminoso lhe basta e, ajudada pelo temor de um erro judiciário, em breve a pena capital desaparecerá dos vossos códigos.

Se hoje a sociedade se julga muito forte em frente a um culpado para se deixar tomar pela cólera e dele vingar-se, como quereis que Deus, participando de vossas fraquezas, se deixe tomar por um sentimento irascível e fira por vingança um pecador chamado ao arrependimento? Crer na cólera divina é um orgulho da Humanidade, que se imagina pesar bastante na balança divina. Se a planta do vosso jardim não se desenvolve a contento, ireis encolerizar-vos e vos vingar dela? Não; se puderdes a soergueris, apoiá-la-eis em estacas e, se necessário, a transplantareis, mas não vos vingareis. Assim faz Deus.

Vingar-se, Deus? que blasfêmia! que amesquinamento da grandeza divina! quanta ignorância da distância infinita que separa o Criador da criatura! Quanto esquecimento de sua bondade e de sua justiça! Deus viria, numa existência em que não vos resta nenhuma lembrança dos vossos erros passados, fazer-vos pagar muito caro as faltas cometidas numa época apagada em vosso ser! Não, não! Deus não age assim; ele entrava o impulso de uma paixão funesta, corrige o orgulho inato por uma humildade forçada, retifica o egoísmo do passado pela urgência de uma necessidade presente, que leva a desejar a existência de um sentimento que o homem nem conheceu, nem experimentou. Como pai, corrige, mas, também como pai, Deus não se vinga.

Guardai-vos dessas idéias preconcebidas de vingança celeste, detritos perdidos de um erro antigo. Guardai-vos dessas tendências fatalistas, cuja porta está aberta para vossas doutrinas novas e que vos conduziriam diretamente ao quietismo oriental. A parte de liberdade do homem já não é bastante grande para diminuí-la ainda mais por crenças errôneas; quanto mais sentirdes vossa liberdade, sem dúvida maior será a vossa responsabilidade e tanto mais os esforços de vossa vontade vos conduzirão adiante, na senda do progresso.

Pascal

III

A VERDADE

A verdade, meu amigo, é uma dessas abstrações para as quais tende o Espírito humano incessantemente, sem jamais poder atingi-la. É preciso que ele tenda para ela, é uma das condições do progresso, mas, pela simples razão da imperfeição de sua natureza, ele não poderia alcançá-la. Seguindo a direção que segue a verdade em sua marcha ascendente, o Espírito humano está na via providencial, mas não lhe é dado ver o seu termo.

Compreender-me-ás melhor quando souberes que a verdade é, como o tempo, dividida em duas partes, pelo momento inapreciável que se chama o presente, a saber: o passado e o futuro. Assim, há duas verdades: a verdade relativa e a verdade absoluta; a verdade relativa é o que é; a verdade absoluta é o que deveria ser. Ora, como o que deveria ser sobe por graus até a perfeição absoluta, que é Deus, segue-se que, para os seres criados e seguindo a rota ascensional do progresso, não há senão verdades relativas. Mas, do fato de uma verdade relativa não ser imutável, não se segue que seja menos sagrada para o ser criado.

Vossas leis, vossos costumes, vossas instituições são essencialmente perfectíveis e, por isto mesmo, imperfeitas; mas suas imperfeições não vos liberam do respeito que lhes deveis. Não é permitido adiantar-se ao tempo e fazer leis fora das leis sociais. A Humanidade é um ser coletivo que deve marchar, se não em seu conjunto, ao menos por grupos, para o progresso do futuro. Aquele que se destaca da sociedade humana para avançar como criança perdida, sofre sempre na vossa Terra a pena devida à sua impaciência. Deixai aos iniciadores inspirados pelo Espírito de Verdade, o cuidado de proclamar as leis do futuro, submetendo-se à do presente. Deixai a Deus, que mede vossos progressos pelos esforços que tendes feito para vos tornardes melhores, o cuidado de escolher o momento que julgar útil para uma nova transição, mas jamais vos esquivéis a uma lei senão quando for derrogada.

Porque o Espiritismo foi revelado entre vós, não creiais num cataclismo das instituições sociais; até agora ele tem realizado uma obra subterrânea e inconsciente para aqueles que foram os seus instrumentos. Hoje que ele vem à tona e surge à luz, nem por isso a marcha do progresso deve ser de lenta regularidade. Desconfiai dos Espíritos impacientes, que vos impelem para as sendas perigosas do desconhecido. A eternidade que vos é prometida deve levar-vos a ter piedade das ambições tão efêmeras da vida. Sede reservados até em suspeitar, muitas vezes, da voz dos Espíritos que se manifestam.

Lembra-vos disto: O Espírito humano move-se e se agita sob a influência de três causas, que são: a *reflexão*, a *inspiração* e a *revelação*. A *reflexão* é a riqueza de vossas lembranças, que agita voluntariamente. Nela, o homem encontra o que lhe é rigorosamente útil, para satisfazer às necessidades de uma posição estacionária. A *inspiração* é a influência dos Espíritos extraterrestres, que se misturam mais ou menos às vossas próprias reflexões para vos compelir ao progresso; é a intromissão do melhor na insuficiência da passagem, uma força nova que se junta a uma força adquirida,

para vos levar mais longe que o presente, a prova irrecusável de uma causa oculta que vos impulsiona para frente, e sem a qual permaneceríeis estacionários. Porque é regra física e moral que o efeito não poderia ser maior que sua causa, e quando isto acontece, como no progresso social, é que uma causa ignorada, não percebida, juntou-se à causa primeira de vosso impulso. A *revelação* é a mais elevada das forças que agitam o Espírito do homem, porque vem de Deus e só se manifesta por sua vontade expressa; ela é rara, por vezes mesmo inapreciável, algumas vezes evidente para o que a experimenta a ponto de sentir-se involuntariamente tomado de santo respeito. Repito, ela é rara e dada ordinariamente como recompensa à fé sincera, ao coração devotado; mas não tomeis como revelação tudo quanto vos pode ser dado como tal. O homem se vangloria da amizade dos grandes, os Espíritos exibem uma permissão especial de Deus, que muitas vezes lhes falta. Algumas vezes fazem promessas que Deus não ratifica, porque só ele sabe o que é e o que não é preciso.

Eis, meu amigo, tudo quanto posso dizer-te sobre a verdade. Humilha-te perante o grande Ser, por quem tudo vive e se move na infinidade dos mundos, que seu poder governa; medita que se nEle se acha toda a sabedoria, toda justiça e todo poder, nEle também se acha toda a verdade.

Pascal

ESTUDO SOBRE A MEDIUNIDADE

(Sociedade de Paris, 7 de abril de 1865 – Médiun: Sr. Costel)

Não se devem erigir em sistemas os ditados mal concebidos e mal expressos, que desnaturam totalmente a inspiração mediúnica, se é que esta tenha existido. Deixo a outros o cuidado de explicar a teoria do progresso, porque é inútil que todos os médiuns tratem do mesmo assunto. Vou ocupar-me da mediunidade, esse tema inesgotável de pesquisas e estudos.

A mediunidade é uma faculdade inerente à natureza do homem; nem é uma exceção, nem um favor, e faz parte do grande conjunto humano. Como tal está sujeita às variações físicas e às desigualdades morais; sofre o temível dualismo do instinto e da inteligência. Possui seus gênios, sua multidão e suas anomalias.

Jamais se devem atribuir aos Espíritos – e por estes eu me refiro aos que são elevados – esses ditados sem fundo e sem forma, que aliam à sua nulidade o ridículo de serem assinados por nomes ilustres. A mediunidade séria só investe em cérebros providos de uma instrução suficiente ou, pelo menos, provados pelas lutas passionais. Os melhores médiuns são os únicos a receber o afluxo espiritual; os outros sofrem tão-somente o impulso fluídico material, que lhes movimenta as mãos, sem fazer que sua inteligência produza algo que já não disponha em estado latente. É preciso encorajá-los a trabalhar, mas não iniciar o público em suas elucubrações.

As manifestações espíritas devem ser feitas com a maior reserva; se for indispensável acumular, para a dignidade pessoal, todas as provas de uma perfeita boa-fé em torno das experiências físicas, pelo menos importa preservar as comunicações espirituais do ridículo, que muito facilmente se prendem às idéias e aos sistemas assinados irrisoriamente por nomes célebres, que são e continuarão sempre estranhos a essas produções. Não ponho em dúvida a lealdade das pessoas que, recebendo o choque elétrico, o confundem com a inspiração mediúnica. A Ciência tem seus pseudo-sábios, a mediunidade os seus falsos médiuns, na ordem espiritual, bem entendido.

Tento estabelecer aqui a diferença que existe entre os médiuns inspirados pelos fluidos espirituais e os que não agem senão pelo impulso fluídico corporal, isto é, os que vibram intelectualmente e aqueles cuja ressonância física só leva à produção confusa e inconsciente de suas próprias idéias, ou de idéias vulgares e sem alcance.

Existe, pois, uma linha de demarcação muito nítida entre os médiuns escreventes: uns obedecendo à influência espiritual, que só os leva a escrever coisas úteis e elevadas; outros, sofrendo a influência fluídica material que age sobre seus órgãos cerebrais, como os fluidos físicos agem sobre a matéria inerte. Esta primeira classificação é absoluta, mas admite uma porção de variedades intermediárias. Aqui indico os principais traços de um estudo importante, que outros Espíritos completarão. Somos os pioneiros do progresso terrestre, e solidários uns com os outros. Na falange espírita formamos o núcleo do futuro.

Georges

Observação – A frase na qual o Espírito diz que deixa a outros o cuidado de explicar a teoria do progresso, é motivada por diversas perguntas que tinham sido propostas sobre o assunto na sessão. Quando diz que a mediunidade é um tema inesgotável de pesquisas e estudos, está perfeitamente certo.

Embora o estudo desta parte integrante do Espiritismo esteja longe de ser completa, já estamos longe do tempo em que se acreditava que bastasse receber um impulso mecânico para se dizer médium e se julgar apto a receber comunicações de todos os Espíritos. Isto equivaleria a pensar que o primeiro que tocasse uma pequena ária ao piano devesse ser necessariamente um excelente músico. O progresso da ciência espírita, que diariamente se enriquece com novas observações, mostra-nos a quantas causas diferentes e influências delicadas, que não se suspeitava, são submetidas as relações inteligentes com o mundo espiritual. Os Espíritos não podiam ensinar tudo ao mesmo tempo; mas, como hábeis professores, à medida que as idéias se desenvolvem, entram em maiores detalhes e desdobram os princípios que, dados prematuramente, não teriam sido compreendidos e teriam confundido o nosso pensamento.

A mediunidade exige, pois, um estudo sério da parte de quem quer que veja no Espiritismo uma coisa séria. À medida que os verdadeiros mecanismos desta faculdade forem mais bem conhecidos, estaremos menos expostos às decepções, porque saberemos o que ela pode dar e em que condições poderá fazê-lo. Quanto mais houver pessoas esclarecidas sobre este ponto, menos vítimas haverá do charlatanismo.

PROGRESSO INTELECTUAL

(Sociedade de Paris, 31 de março de 1865 – Médium: Sr. Desliens)

Nada se perde neste mundo, não só na matéria, onde tudo se renova incessantemente, aperfeiçoando-se segundo leis imutáveis aplicadas a todas as coisas pelo Criador, como, também, no domínio da inteligência. A Humanidade é semelhante a um homem que vivesse eternamente e adquirisse continuamente novos conhecimentos.

Isto não é uma imagem, mas uma realidade, porque o Espírito é imortal; somente o corpo, envoltório ou vestimenta do Espírito, cai quando gasto e é substituído por outro. A própria matéria sofre modificações. À medida que o Espírito se depura, adquire novas riquezas e merece, se assim me posso exprimir, uma roupagem mais luxuosa, mais agradável, mais cômoda, para empregar vossa linguagem terrena.

A matéria se sublima e se torna cada vez mais leve, sem jamais desaparecer completamente, pelo menos nas regiões médias; quer como corpo, quer como perispírito, ela acompanha sempre a inteligência e lhe permite, por este ponto de contato, comunicar-se com seus inferiores, seus iguais e seus superiores, para instruir, meditar e aprender.

Dissemos que nada se perde em a Natureza. Acrescentamos: nada é inútil. Tudo, das criaturas mais perigosas até os venenos mais sutis, têm a sua razão de ser. Quantas coisas

havia sido julgadas inúteis ou prejudiciais e cujas vantagens foram reconhecidas mais tarde! Outro tanto se dá com as que não compreendeis. Sem tratar a fundo a questão, apenas direi que as coisas nocivas vos obrigam a atenção e a vigilância que exercitam a inteligência, ao passo que se o homem nada tivesse a temer, abandonar-se-ia à preguiça, em prejuízo de seu desenvolvimento. Se a dor ensina a gemer, gemer é um ato de inteligência.

Deus, sem dúvida, como objetam alguns, poderia vos ter poupado das provações e dificuldades, que vos parecem supérfluas; mas se os obstáculos vos são opostos, é para despertar em vós os recursos adormecidos; é para impulsionar os tesouros da inteligência, que ficariam enterrados no vosso cérebro, se uma necessidade, um perigo a evitar não vos viesse forçar a velar por vossa conservação.

O instinto nasce; a inteligência o segue, as idéias se encadeiam e está inventado o raciocínio. Se raciocino, julgo, bem ou mal, é verdade, mas é raciocinando errado que se aprende a reconhecer a verdade; quando se é enganado várias vezes, acaba-se acertando; e esta verdade, esta inteligência, obtidas por tanto trabalho, adquirem um preço infinito e vos faz considerar a sua posse como um bem inestimável. Temeis ver se perderem descobertas que fizestes; que fazeis, então? Instruí vossos filhos, vossos amigos; desenvolveis sua inteligência, a fim de nela semear e fazer frutificar o que adquiristes a preço de esforços intelectuais. É assim que tudo se encadeia, que o progresso é uma lei natural e que os conhecimentos humanos, acrescidos paulatinamente, se transmitem de geração em geração. Que, depois disto, vos venham dizer que tudo é matéria! Em sua maioria, os materialistas não repelem a espiritualidade senão porque, sem isto, precisariam mudar o gênero de vida, atacar os seus erros, renunciar aos seus hábitos. Seria muito custoso, razão por que acham mais cômodo tudo negar.

DA SERIEDADE NAS REUNIÕES

(Sociedade de Paris, 17 de março de 1865 – Médium: Sr. Desliens)

Como já tendes provas, a atitude séria dos membros de um grupo choca os estranhos que assistem às sessões com a intenção de as expor ao ridículo; muda-lhes a vontade de zombar em respeito involuntário e, do respeito ao estudo sério, por conseguinte à fé, a transição é insensível. Aliás, aqueles que não saem convencidos dessas reuniões, delas levam ao menos uma impressão favorável; e, se não se aliam a vós imediatamente, deixam de fazer parte de vossos adversários obstinados. Eis uma primeira razão que vos deve convencer a serdes sérios e recolhidos. Com efeito, que quereis que pensem os que saem de uma reunião onde os assuntos mais dignos de respeito são tratados com leviandade e inconseqüência? Embora os espíritas que assim procedem estejam longe de ser mal-intencionados, não são menos prejudiciais: não em relação ao futuro, mas ao rápido desenvolvimento da doutrina. Se apenas se tivessem realizado reuniões sérias, conduzidas de maneira conveniente, a doutrina estaria ainda muito mais adiantada, se bem que já o esteja bastante. Agir assim não é agir como verdadeiros espíritas, nem no interesse da doutrina, porque os adversários aproveitam-se disso para ridicularizá-la. É, pois, um dever dos que lhe compreendem a importância não prestar apoio a reuniões dessa natureza.

Não é somente à doutrina que prejudicam, mas, também, a si próprios, porquanto, se toda boa ação traz consigo a recompensa, toda ação leviana deixa atrás de si uma impressão deplorável, por vezes seguida de uma punição física, cuja menor consequência pode ser a suspensão da mediunidade ou, pelo menos, a impossibilidade de comunicar-se com os Espíritos bons.

É preciso ser sério, não apenas com os Espíritos benevolentes e esclarecidos, que vêm dar sábias instruções, e que o vosso pouco recolhimento afastaria, mas, ainda, com os Espíritos

sofredores ou malévolos, que vêm, uns vos pedir consolações, outros vos mistificar. Direi mesmo que é principalmente com estes últimos que se requer gravidade, embora temperada pela benevolência. É o melhor meio de lhes impor e os manter a distância, compelindo-os ao respeito. Se vos rebaixardes até a familiaridade com os que vos são inferiores, moral e intelectualmente, não tardareis a ser vítimas de sua influência perversa, que se traduz, inicialmente, por mistificações e, mais tarde, por cruéis e tenazes obsessões.

Mantende-vos em guarda; adaptai vossa linguagem conforme a dos Espíritos que se comunicam em vossos grupos, mas que a seriedade e a benevolência jamais sejam excluídas. Não repilais os que se vos apresentam sob aparências imperfeitas. Talvez prefirais sempre comunicações sensatas, sobre as quais não vos seja necessário exercitar o vosso sentimento e o vosso julgamento para lhes conhecer o valor, mas considerai que o julgamento só se desenvolve pelo exercício. Todas as comunicações têm sua utilidade para os que delas sabem tirar proveito; uma mistificação reconhecida e prevenida pode agir com mais eficácia sobre as vossas almas, fazendo-vos perceber melhor os pontos a reforçar, do que instruções que vos contentaríeis em admirar sem as pôr em prática.

Trabalhai com coragem e sinceridade, e o Espírito do Senhor será convosco.

Moki

IMIGRAÇÃO DE ESPÍRITOS SUPERIORES NA TERRA

(Sociedade Espírita de Paris, 7 de outubro de 1864
– Médium: Sr. Delanne)

Nesta noite vos falarei das imigrações de Espíritos adiantados que vêm encarnar-se em vossa Terra. Esses novos mensageiros já tomaram o cajado do peregrino; já se espalham aos

milhares em vosso globo; por toda parte estão dispostos em grupos e em séries, pelos Espíritos que dirigem o movimento de transformação. A Terra já se agita ao sentir em seu seio aqueles que outrora ela viu passar através de sua Humanidade nascente. Ela se regozija em os rever, porque pressente que vêm para conduzi-la à perfeição, tornando-se guias dos Espíritos ordinários, que precisam ser encorajados por bons exemplos.

Sim, grandes mensageiros estão entre vós; são eles que se tornarão os sustentáculos da geração futura. À medida que o Espiritismo cresce e se desenvolve, Espíritos de ordem cada vez mais elevada virão sustentar a obra, em razão das necessidades da causa. Deus espalhou suportes para a doutrina; eles surgirão no tempo e no lugar. Assim, sabeis esperar com firmeza e confiança; tudo o que foi predito acontecerá, como diz o livro santo, até um *iota*.

Se a transformação atual, como acaba de dizer o mestre, levantou as paixões e fez surgir a escória dos Espíritos encarnados e desencarnados, também despertou o desejo ardente numa multidão de Espíritos de posição superior nos mundos dos turbilhões solares, de virem novamente servir aos desígnios de Deus para esse grande acontecimento.

Eis por que eu dizia há pouco que a imigração dos Espíritos superiores se operava em vossa Terra para ativar a marcha ascendente de vossa Humanidade. Assim, redobrai de coragem, de zelo, de fervor pela causa sagrada. Ficai sabendo que nada deterá a marcha progressiva do Espiritismo, porquanto poderosos protetores continuarão vossa obra.

Mesmer

SOBRE AS CRIAÇÕES FLUÍDICAS

(Sociedade de Paris, 14 de outubro de 1864 – Médiun: Sr. Delanne)

Falei, em poucas palavras, sobre os grandes mensageiros enviados entre vós para realizar sua missão de progresso intelectual e moral em vosso globo.

Se, nessa ordem, o movimento se desenvolve e assume proporções que notais a cada dia, um outro se realiza, não só no mundo dos Espíritos que deixaram a matéria, mas também importante na ordem material. Quero falar das leis de depuração fluídica.

O homem não só deve elevar sua alma pela prática da virtude, mas deve, também, depurar a matéria. Cada indústria fornece seu contingente a esse trabalho, porque cada indústria produz misturas de toda espécie; essas espécies liberam fluidos que, mais depurados, vão juntar-se na atmosfera a fluidos mais similares, que se tornam úteis às manifestações dos Espíritos de que faláveis há pouco.

Sim, os objetos procriados instantaneamente pela vontade, que é o mais rico dom do Espírito, são colhidos nos fluidos semimateriais, análogos à constituição semimaterial do corpo chamado perispírito, dos habitantes da erraticidade. Eis por que, com esses elementos, eles podem criar objetos conforme o seu desejo.

O mundo dos invisíveis é como o vosso. Em vez de ser material e grosseiro, é fluídico, etéreo, da natureza do perispírito, que é o verdadeiro corpo do Espírito, haurido nesses meios moleculares, como o vosso se forma de coisas mais palpáveis, tangíveis, materiais.

O mundo dos Espíritos não é o reflexo do vosso; o vosso é que é uma imagem grosseira e muita imperfeita do reino de além-túmulo.

As relações entre esses dois mundos sempre existiram. Mas hoje é chegado o momento em que todas essas afinidades vos serão desvendadas, demonstradas e tornadas palpáveis.

Quando compreenderdes as leis das relações entre os seres fluídicos e os que conheceis, a lei de Deus estará próxima de ser executada; porque cada encarnado compreenderá sua imortalidade e, a partir de então, não apenas se tornará um ardente trabalhador da grande causa, mas, também, um digno servidor de suas obras.

Mesmer

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

JUNHO DE 1865

Nº 6

Relatório da Caixa do Espiritismo

APRESENTADO PELO SR. ALLAN KARDEC À SOCIEDADE
ESPÍRITA DE PARIS, EM 5 DE MAIO DE 1865

Senhores e caros colegas,

Há algum tempo anunciei que vos daria novas explicações sobre a caixa do Espiritismo. O começo de um novo ano social naturalmente me oferece essa ocasião. Nesta exposição lamento ter de falar de mim, o que sempre faço o menos possível; mas nesta circunstância não me poderia esquivar, razão por que vos rogo, antecipadamente, que me desculpeis.

Lembrarei sumariamente o relatório que, sobre o mesmo assunto, eu vos submeti há dois anos.

No mês de fevereiro de 1860 foi posto à minha disposição um donativo de 10.000 francos para empregá-lo à vontade, no interesse do Espiritismo. Naquela época a Sociedade não tinha sede própria, resultando em graves inconvenientes. A extensão que começava a tomar a doutrina reclamava um local

especial reservado, não só para as sessões, mas para a recepção de visitantes, cada vez mais numerosos, tornando-se indispensável a presença permanente de alguém na própria sede da sociedade. Escolhi este local, que reunia as vantagens da conveniência e da posição central. Aliás, a escolha não foi fácil, considerando-se a necessidade de dependências apropriadas à sua destinação, aliada à excessiva carestia do aluguel. O preço de locação do imóvel, incluindo as contribuições, é de 2.930 francos. Não podendo a Sociedade suportar tal encargo e pagando apenas 1.200 francos, restavam 1.730 francos, aos quais se devia prover. Ao destinar o donativo feito, quer na compra do material, quer no pagamento do excedente do aluguel, não nos afastávamos das intenções do doador, pois o empregávamos no interesse da doutrina. Hoje se compreende perfeitamente quanto foi útil dispor deste centro, para onde convergem tantas relações e, além disso, quanto era necessário que eu tivesse uma pousada. Todavia – devo lembrar – não há para mim nenhuma vantagem em residir neste local, pois tenho outro apartamento, que nada me custa e onde me seria mais agradável morar, e isto com tanto mais razão quando essa dupla residência, longe de ser um alívio, é uma agravação de encargos, como logo demonstrarei.

Esta soma de 10.000 francos constituiu, pois, o primeiro fundo da caixa do Espiritismo, caixa que, como sabeis, é objeto de contabilidade especial e não se confunde com meus negócios pessoais. Esse fundo deveria bastar para completar, mais ou menos, o aluguel durante os seis anos do arrendamento, conforme conta detalhada que apresentei da última vez. Ora, o contrato expira dentro de um ano e a soma chega ao fim.

É verdade que o capital da caixa foi aumentado de várias quantias. Está assim constituído:

1º – Donativo de fevereiro de 1860	10.000 fr.
2º – Abono de empréstimo feito em época anterior no interesse do Espiritismo	600 fr.
3º – Donativo feito em 1862	500 fr.
4º – Outro donativo feito em setembro de 1864	1000 fr.
5º – Outro donativo feito em outubro de 1864	<u>2000 fr.</u>
Total	14.100 fr.

Tendo estas duas últimas quantias destino especial, na verdade só 11.100 francos estão reservados para o aluguel e não serão suficientes.

Mas o aluguel não é a única despesa que incumbe ao Espiritismo. Não me refiro às obras de beneficência, que são uma coisa à parte, da qual falaremos em breve. Abordo outro lado da questão, e é aqui que reclamo a vossa indulgência, pela necessidade em que estou de falar de mim.

Muito se falou do lucro que eu retirava de minhas obras. Seguramente, nenhuma pessoa séria acredita em meus milhões, a despeito da afirmação dos que diziam saber de boa fonte que eu levava uma vida principesca, tinha carruagens de quatro cavalos e que em minha casa eu só pisava em tapetes de Aubusson. Aliás, o que quer que tenha dito o autor da brochura que conheceis, provando, por cálculos hiperbólicos, que meu orçamento das receitas ultrapassa a lista civil do mais poderoso soberano da Europa (38 milhões, *Revista* de junho de 1862 e junho de 1863), o que, diga-se de passagem, testemunharia um desenvolvimento verdadeiramente miraculoso da doutrina, há um fato mais autêntico que esses cálculos: é que jamais pedi qualquer coisa a alguém, ninguém jamais me deu algo para mim pessoalmente; nenhuma coleta de *um centavo qualquer* veio prover

às minhas necessidades; numa palavra, *não vivo a expensas de ninguém*, porquanto, das somas que me foram voluntariamente confiadas no interesse do Espiritismo, nenhuma parcela foi desviada em meu proveito; contudo, é de ver-se a que cifras elas alcançam.

Minhas imensas riquezas proviriam, então, de minhas obras espíritas. Embora estas obras tenham tido um sucesso inesperado, basta ter um pouco de familiaridade com os negócios de livraria, para saber que não é com livros filosóficos que se amontoam milhões em cinco ou seis anos, quando sobre a venda só se tem o direito autoral de alguns centavos por exemplar. Mas, muito ou pouco, sendo esse produto o fruto do meu trabalho, ninguém tem o direito de intrometer-se no emprego que dele faço; ainda mesmo que se elevasse a milhões, ninguém tem nada a ver com isto, desde que a compra de livros, assim como a assinatura da *Revista*, é facultativa e não se impõe *em nenhuma circunstância*, nem mesmo para assistir às sessões da Sociedade. Falando comercialmente, estou na posição do todo homem que recolhe o fruto de seu trabalho; corro o risco de todo escritor, que tanto pode triunfar, quanto fracassar.

Mesmo não tendo, neste particular, nenhuma conta a prestar, creio útil à própria causa a que me devotei, dar algumas explicações.

Antes de mais, direi que minhas obras não são propriedade exclusiva minha, o que me obriga a comprá-las de meu editor e pagá-las como um livreiro, à exceção da *Revista*, da qual conservei os direitos; que o lucro se acha singularmente diminuído pelas dívidas incobráveis e pelas distribuições gratuitas, feitas no interesse da Doutrina, a pessoas que, sem isto, delas estariam privadas. Um cálculo muito fácil prova que o preço de dez volumes perdidos ou doados, que nem por isso deixo de pagar, é suficiente para absorver o lucro de cem volumes. Isto seja dito a título de

informação e entre parênteses. Somando tudo e feito o balanço, resta, contudo, alguma coisa. Imaginai a cifra que quiserdes; o que faço dela? Isto é o que mais preocupa certa gente.

Quem quer que outrora tenha visto o nosso interior e o veja hoje, pode atestar que nada mudou em nossa maneira de viver, desde que me ocupo de Espiritismo; é tão simples agora como o era antigamente, porque uma vida suntuosa não está nos nossos gostos. Então é certo que os meus lucros, por maiores que sejam, não servem para nos dar os prazeres do luxo. Não temos filhos, portanto não é para eles que economizamos; nossos herdeiros indiretos são, em sua maioria, mais ricos do que nós; seria ingenuidade que me esgotasse trabalhando para eles. Então teria eu a mania de entesourar para ter o prazer de contemplar meu dinheiro? Creio que meu caráter e meus hábitos jamais permitiriam que se fizesse tal suposição. Os que me atribuem semelhantes idéias conhecem muito pouco meus princípios em matéria de Espiritismo, já que me julgam tão apegado aos bens da Terra. O que pretendem? Desde que isto não me aproveita, quanto mais fabulosa for a soma, mais embaraçosa será a resposta. Um dia saberão a cifra exata, bem como o seu emprego detalhado, e os fazedores de histórias pouparão a imaginação; hoje eu me limito a alguns dados gerais para pôr um freio a suposições ridículas. Para tanto devo entrar nalguns detalhes íntimos, mas que são necessários, e para os quais vos peço perdão.

Sempre tivemos do que viver, muito modestamente é verdade, mas o que teria sido pouco para certa gente nos bastava, graças a nossos gostos e hábitos de ordem e economia. À nossa pequena renda vinha juntar-se, como suplemento, o produto das obras que publiquei antes do Espiritismo e o de um modesto emprego, que me vi forçado a deixar quando os trabalhos da Doutrina absorveram todo o meu tempo.

Na propriedade que possuo, e que me fica como saldo daquilo que a má-fé não me pôde arrancar, podíamos viver tranqüilamente e longe da agitação dos negócios. Tirando-me da obscuridade, o Espiritismo veio lançar-me em novo caminho; em pouco tempo vi-me arrastado num movimento que estava longe de prever. Quando concebi a idéia de *O Livro dos Espíritos*, minha intenção era não me pôr em evidência e ficar desconhecido; mas, prontamente ultrapassado, isto não me foi possível: tive de renunciar aos meus gostos de insulamento, sob pena de abdicar da obra empreendida e que crescia prodigiosamente; foi preciso seguir seu impulso e tomar-lhe as rédeas. Se meu nome tem agora alguma popularidade, seguramente não fui eu que o procurei, pois é notório que nem a devo à propaganda, nem à camaradagem da imprensa, e que jamais aproveitei de minha posição e de minhas relações para me lançar no mundo, quando isto me teria sido fácil. Mas, à medida que a obra crescia, um horizonte mais vasto se desdobrava à minha frente, recuando os seus limites; compreendi então a imensidão de minha tarefa e a importância do trabalho que me restava fazer para completá-la. Longe de me apavorarem, as dificuldades e os obstáculos redobram minha energia; vi o objetivo e resolvi atingi-lo com a assistência dos Espíritos bons. Sentia que não tinha tempo a perder e não o perdi nem em visitas inúteis, nem em cerimônias ociosas; foi a obra de minha vida: a ela dei todo o meu tempo, sacrifiquei meu repouso, minha saúde, porque o futuro estava escrito diante de mim em caracteres irrecusáveis. Fi-lo por meu próprio impulso, e minha mulher, que nem é mais ambiciosa, nem mais interesseira do que eu concordou plenamente com meus pontos de vista e me secundou em minha tarefa laboriosa, como o faz ainda, por um trabalho muitas vezes acima de suas forças, sacrificando sem pesar os prazeres e distrações do mundo, aos quais sua posição de família a tinham habituado.

Sem nos afastarmos de nosso gênero de vida, nem por isso esta posição excepcional deixou de nos criar menos

dificuldades, às quais somente os meus recursos não me permitiriam prover. Seria difícil imaginar a multiplicidade das despesas que ela suscita e que, sem isso, eu teria evitado. A necessidade de residir em dois locais diferentes é, como já disse, um acréscimo de gastos, pela obrigação de ter um duplo mobiliário, sem contar uma porção de despesas miúdas exigidas por essa dupla habitação e as perdas que resultam de meus interesses materiais, negligenciados em razão dos trabalhos que absorvem todo o meu tempo. Não é uma queixa que articulo, visto que minhas ocupações atuais são voluntárias, mas um fato que constato em resposta aos que afirmam que tudo é lucro para mim no Espiritismo. Quanto aos gastos especiais decorrentes de minha posição, seria impossível enumerá-los; mas se se considerar que tenho anualmente mais de oitocentos francos de despesas em porte de cartas, independentemente das viagens, da necessidade de me associar a alguém para me secundar, e outros pequenos gastos, compreender-se-á que não exagero ao dizer que minhas despesas anuais, que têm crescido sem cessar, hoje estão mais que triplicadas. Pode-se fazer uma idéia aproximada de quanto se elevou este excedente em oito anos, considerando a média de 6000 francos por ano. Ora, ninguém contestará a utilidade destas despesas para o sucesso da Doutrina que, evidentemente, teria enlanguescido, se eu tivesse permanecido no meu retiro, sem ver ninguém e sem as numerosas relações que mantenho diariamente. E, contudo, é o que eu teria sido obrigado a fazer, se nada me tivesse vindo em auxílio.

Pois bem, senhores! o que me proporcionou esse suplemento de recursos foi o produto de minhas obras. E o digo com satisfação, pois foi com o meu próprio trabalho, com o fruto de minhas vigílias que provi, pelo menos em maior parte, às necessidades materiais do estabelecimento da Doutrina. Assim, eu trouxe uma larga cota-parte à caixa do Espiritismo. Quis Deus que ele encontrasse em si mesmo seus primeiros meios de ação. No princípio, eu lamentava que minha pouca fortuna não me permitisse fazer o que queria fazer pelo bem da causa; hoje aí vejo

o dedo da Providência e a realização dessa predição tantas vezes repetida pelos Espíritos bons: Não te inquietes com coisa alguma; Deus sabe o que te é preciso e saberá provê-lo.

Se eu tivesse empregado o produto de minhas obras no aumento de meus prazeres materiais, teria sido em prejuízo do Espiritismo; não obstante, ninguém teria tido o direito de me censurar, porque eu era bem senhor de dispor à vontade daquilo que só devia a mim mesmo; mas, porque me privava antes, também podia privar-me depois; aplicando-o na obra, creio que ninguém achará que seja dinheiro mal-empregado e os que ajudam a propagar as obras não poderão dizer que trabalham para me enriquecer.

Prover o presente não era tudo: era necessário pensar no futuro e preparar uma fundação que, depois de mim, pudesse ajudar aquele que me substituirá na grande tarefa que terá de cumprir. Esta fundação, sobre a qual devo calar-me ainda, liga-se à propriedade que possuo, e é em vista disto que aplico uma parte de meus produtos em melhorá-la. Como estou longe dos milhões com que me gratificaram, e a despeito de minhas economias, duvido muito que meus recursos pessoais me permitam dar a esta fundação o complemento que em vida lhe queria destinar. Mas, desde que sua realização está nos planos de meus guias espirituais, se eu mesmo não a fizer, é provável que um dia ou outro isto seja feito. Enquanto espero, elaboro os projetos no papel.

Longe de mim, senhores, o pensamento de tirar a menor vaidade do que acabo de vos expor. Foi preciso a perseverança de certas diatribes para me engajar, embora a contragosto, para romper o silêncio sobre alguns fatos que me dizem respeito. Mais tarde, todos quantos a malevolência aprovou desnaturar serão trazidos à luz por documentos autênticos; mas o tempo dessas explicações ainda não chegou. A única coisa que me importava no momento era que fôsseis esclarecidos sobre o

destino dos fundos que a Providência fez passar às minhas mãos, seja qual for a sua origem. Não me considero senão como depositário, mesmo daqueles que ganho e, com mais forte razão, dos que me são confiados e dos quais prestarei contas rigorosas. Resumo, dizendo: para mim não necessito; significa dizer que deles não tiro proveito.

Resta-me ainda falar, senhores, da caixa de beneficência. Sabeis que ela se formou, sem desígnio premeditado, por algumas quantias depositadas em minhas mãos para obras de caridade, mas sem aplicação especial, às quais junto as que, de vez em quando, se acham sem emprego determinado. O primeiro donativo feito com este objetivo foi o de uma quantia de 200 francos, enviados no dia 20 de agosto de 1863. No ano seguinte, em 17 de agosto de 1864, a mesma pessoa me remeteu idêntica soma de 200 francos. Em 1º de setembro, durante minha viagem, outra pessoa me enviou 100 francos. Quando das subscrições publicadas na *Revista*, várias pessoas juntaram às suas remessas quantias de menor importância, com emprego facultativo. Recentemente, em 28 de abril último, alguém me remeteu 500 francos. O total das receitas elevou-se hoje a 1317 francos. O total das despesas, em auxílios diversos, donativos ou empréstimos ainda não reembolsados, eleva-se a 1060 francos. Atualmente restam-me em caixa 257 francos.

Alguém me perguntava um dia, sem curiosidade, é claro, e por mero interesse pela causa, o que eu faria de um milhão, se o tivesse. Respondi-lhe que hoje o seu emprego seria totalmente diferente do que teria feito no início. Outrora eu teria feito propaganda por uma larga publicidade; agora reconhecia que isto teria sido inútil, pois os nossos adversários se haviam encarregado disto à sua custa. Não pondo então grandes recursos à minha disposição, os Espíritos quiseram provar que o Espiritismo só devia o seu sucesso a si mesmo, à sua própria força, e não ao emprego de meios vulgares.

Hoje, que o horizonte se ampliou, sobretudo que o futuro se desdobrou, fazem-se sentir necessidades de ordem completamente diversa. Um capital como o que supondes receberia um emprego mais útil. Sem entrar em detalhes, que seriam prematuros, direi simplesmente que uma parte serviria para converter minha propriedade numa casa especial de retiro espírita, cujos habitantes recolheriam os benefícios de nossa doutrina moral; a outra constituiria uma renda *inalienável*, destinada: 1^o – a manter o estabelecimento; 2^o – a assegurar uma existência a quem me suceder e aos que o ajudarem em sua missão; 3^o – a prover às necessidades correntes do Espiritismo, sem recorrer aos produtos eventuais, como sou obrigado a fazer, já que a maior parte dos recursos assenta-se em meu trabalho, que terá um termo.

Eis o que eu faria; mas se esta satisfação não me for dada, pouco me importa que seja concedida a outros. Aliás, de um modo ou de outro, sei que os Espíritos que dirigem o movimento proverão a todas as necessidades em tempo hábil; eis por que absolutamente não me inquieto com isto e me ocupo com o que, para mim, é essencial: a conclusão dos trabalhos que me restam por terminar. Feito isto, partirei quando a Deus aprouver chamar-me.

É de admirar que certas personagens altamente colocadas, e notoriamente simpáticas à idéia espírita, não tomem abertamente, e oficialmente, a causa em questão. Dirão que seria o seu dever, uma vez que o Espiritismo é uma obra essencialmente moralizadora e humanitária. Esquecem que tais pessoas, por sua própria posição, mais que outras têm de lutar contra preconceitos que só o tempo fará desaparecer, e que cairão ante o ascendente da opinião. Digamos, ademais, que o Espiritismo ainda se encontra em estado de esboço e que não disse a última palavra; os princípios gerais estão assentados, mas só lhes entrevêem as conseqüências, que não são e *nem podem* ser ainda claramente definidos. Até agora não passa de uma doutrina filosófica, cuja aplicação deve ser aguardada para as grandes questões de interesse geral. Só então é

que muitas pessoas compreenderão o seu verdadeiro alcance e utilidade e poderão pronunciar-se com conhecimento de causa. Até que o Espiritismo tenha completado sua obra, o bem que faz é limitado; não podendo ser senão uma crença individual, uma adesão oficial seria prematura e impossível. Aí, sim, muitos dos que hoje o consideram como uma coisa fútil, mudarão forçosamente a maneira de ver e serão levados, pela própria força das coisas, a fazer dele um estudo sério. Deixemo-lo, pois, crescer e não peçamos que seja homem antes de ter sido criança. Não peçamos à infância o que só a idade viril pode dar.

A. K.

Nota – Esta exposição tinha sido feita apenas para a Sociedade; mas, tendo sido pedida por unanimidade a sua inserção na *Revista*, julgamos por bem aquiescer a esse desejo.

O Espiritismo de Alto a Baixo da Escala

Nada ensinamos de novo aos nossos irmãos em crença, nem aos nossos adversários, dizendo que o Espiritismo invade todas as camadas da sociedade. As duas cartas que aqui citamos têm por objetivo principal realçar a similitude de sentimentos que a doutrina suscita nos dois pólos extremos da escala social, em indivíduos que não têm nenhum contato, que jamais vimos e que, no entanto, se encontram no mesmo terreno, sem outro guia a não ser a leitura das obras. Um é um dignitário do império russo, e o outro um simples pastor da Touraine.

Eis a primeira das cartas;

Senhor,

Desde 23 de outubro último formou-se em nossa cidade um grupo espírita sob a proteção do apóstolo São Pedro.

Considerando que sois nosso mestre em Espiritismo, julgo um dever, senhor, como presidente deste grupo, dar-vos esta informação.

O objetivo principal a que nos propomos é o alívio dos Espíritos sofredores, tanto encarnados quanto desencarnados. Nossas reuniões ocorrem duas vezes por semana. Procuramos alcançar a unidade de pensamento e, para o conseguir, cada assistente, durante toda a sessão, guarda o mais recolhido silêncio. A pergunta feita aos Espíritos é lida em voz alta e cada um de nós, mentalmente, pede ajuda a seu anjo da guarda, a fim de obter uma resposta verdadeira. Em nossas evocações tratamos, na maioria das vezes, com Espíritos de ordem inferior, Espíritos obsessores; e como conhecemos, por experiência, a eficácia da prece em comum, a ela quase sempre recorremos para esclarecer e aliviar esses infelizes. Nosso grupo possui muitos médiuns, mas, habitualmente, só dois ou três escrevem em cada sessão. Temos, além disso, um médium audiente e vidente, e um magnetizador. Prometem-nos um médium desenhista, mas, como jamais o vimos, não posso apreciar a sua faculdade. Nosso grupo já se compõe de quarenta membros.

Há várias outras reuniões espíritas em São Petersburgo, mas não possuem regulamentos. Nosso grupo é o primeiro a ser regularmente organizado e esperamos que, com a ajuda de Deus, nosso exemplo seja seguido.

Estimo muito poder dizer-vos que, enfim, apareceu a primeira brochura espírita na Rússia, impressa em São Petersburgo, com autorização da censura: é minha resposta a um artigo que o arcepreste Sr. Debolsky inseriu no jornal *Radougaf* (Arco-íris). Até agora nossa censura só permitia a publicação de artigos contra o Espiritismo, mas nunca a favor. Pensei que a melhor refutação fosse a tradução de vossa brochura *O Espiritismo na sua expressão mais simples*, que mandei inserir naquele jornal.

Permitiríeis, senhor, que eu vos enviasse as comunicações mais importantes que pudéssemos obter, sobretudo as que viessem em apoio da verdade e da sublimidade de nossa doutrina?

Quereis aceitar, etc.

General A. de B...

A postura desse grupo, o objetivo de total caridade a que se propõem, são as melhores provas de que o ali o Espiritismo é compreendido em sua verdadeira essência e encarado por seu lado mais sério e mais eminentemente prático; nada de curiosidade, nada de perguntas inúteis, mas a aplicação da doutrina no que tem de mais elevado. Uma pessoa que muitas vezes assistiu a essas reuniões nos disse que a gente fica edificado com a gravidade, o recolhimento e o sentimento de verdadeira piedade que as presidem.

A carta seguinte não nos foi escrita, mas ao presidente de um dos grupos espíritas de Tours. Transcrevemo-la literalmente, salvo a ortografia, que foi corrigida:

Caro Sr. Rebondin e irmão em Deus,

Perdoai, caro senhor, se tomo a liberdade de vos escrever. Há muito tempo eu tinha a intenção de o fazer, para vos agradecer a boa acolhida que me destes o ano passado, proporcionando-me o prazer de assistir duas vezes às vossas sessões. Provavelmente não vos lembrais de mim; mas vou dizer-vos quem sou. Vim ver-vos com meu antigo patrão, Sr. T...; eu era seu pastor há onze anos; hoje ele acaba de se casar e os parentes de sua esposa, percebendo que eu me ocupava de Espiritismo – um estudo diabólico, segundo eles – tanto fizeram que ele se viu forçado a nos despedir. Sofri muito com esta separação, caro senhor, mas quero seguir as máximas de nossa santa doutrina; meu

dever é orar por todos os infelizes que ofendem o divino Mestre de todos nós.

Tenho feito todos os esforços, desde que conheci a doutrina, para fazer adeptos; se encontrei obstáculos, tive a satisfação de ter levado muitas pessoas ao conhecimento do Espiritismo, que explica todas as provações que sofremos nesta Terra de amarguras e de misérias. Oh! como é doce ser espírita e praticar suas virtudes! Para mim é minha única felicidade. Vós, caro senhor, o mais devotado à santa causa, espero que não me recusareis um lugar em vosso coração. Sou tão feliz por vos conhecer, acolhestes-me tão bem! Já fui duas vezes a Tours, com meus dois amigos que estudam o Espiritismo, com intenção de assistir às vossas sessões, mas fiquei sabendo que vossas reuniões não se realizavam mais aos domingos. Tende a bondade de me dizer se vos reunis sempre nesse dia e permiti que me reúna a vós, com os meus amigos, a fim de participarmos em nosso bem espiritual; dar-nos-íeis a maior felicidade. Conto com a vossa amizade, esperando o dia em que serei tão feliz por estarmos reunidos para praticar o amor e a caridade.

Do vosso amigo, que vos ama e saúda fraternalmente,

Pierre Houdée, pastor

Vê-se que não é preciso um diploma para compreender a doutrina. É que, malgrado seu elevado alcance, ela é tão clara e tão lógica que chega sem custo a todas as inteligências, condição sem a qual nenhuma idéia pode popularizar-se. Toca o coração: eis o seu maior segredo, e há um coração no peito do proletário, como no do grão-senhor. O grande, como o pequeno, tem suas dores, suas amarguras, suas chagas morais, para as quais pede bálsamo e consolações, que um e outro encontram na certeza do futuro, porque são iguais na dor e perante a morte, que tanto ferem o rico quanto o pobre. Duvidamos muito que consigam dar à doutrina do

demônio e das chamas eternas bastante atrativo para a suplantar. Esse mesmo pastor fazia muitas vezes, após a sua jornada de trabalho, duas léguas para ir a Tours assistir a uma reunião espírita, e outro tanto para retornar. Quando falamos do *elevado alcance* da Doutrina e das consolações que proporciona, falamos uma linguagem incompreendida para os que crêem que o Espiritismo está inteiramente numa mesa que gira, ou num fenômeno mais ou menos autêntico, que reúne curiosos, mas que é perfeitamente entendido por quem quer que não se tenha detido na superfície nem dê ouvidos a boatos, e cujo número é grande.

Os Espíritos na Espanha

CURA DE UMA OBSEDADA EM BARCELONA

Sob o primeiro título publicamos, em setembro de 1864, um artigo no qual estava provado, por fatos autênticos, que, para os Espíritos, não havia Pirineus, e que eles até se riam dos autos-de-fé. A carta do Sr. Delanne, publicada em nosso último número, é uma nova prova. Aí se menciona sumariamente a cura de uma obsessão, devida ao zelo e à perseverança de alguns espíritas sinceros e devotados de Barcelona. Enviaram-nos o relato detalhado dessa cura, que julgamos por bem publicar, assim como a carta que a acompanhava:

Senhor e caro mestre,

Tivemos o privilégio de ter conosco o nosso caro irmão em crença Sr. Delanne, e lhe demos informações de nossos fracos trabalhos, bem como de nossos esforços para proporcionar alívio a alguns pobres pacientes, que Deus se dignou pôr em nossas mãos. Entre estes havia uma mulher que, durante 15 anos, foi vítima de uma obsessão das mais cruéis, e que Deus nos permitiu curar. Certamente não era nossa intenção mencioná-la, porque trabalhamos em silêncio, sem nos quereremos atribuir qualquer

mérito. Mas, como o Sr. Delanne nos disse que o relato dessa cura talvez servisse de estímulo a outros crentes que, como nós, se devotariam a essa obra de caridade, não vacilamos em vo-lo enviar. Bendizemos a mão do Senhor, que nos permite saborear o fruto de nossos trabalhos e já nos dá aqui a sua recompensa.

Durante a Semana Santa foram pregados vários sermões contra o Espiritismo, dos quais um se destacava pelos absurdos. O pregador indagava aos fiéis se eles ficariam satisfeitos em saber que as almas de seus parentes renasciam em corpos de boi, de jumento, de porco ou outro animal qualquer. Eis, diz ele, o Espiritismo, meus caros irmãos; ele é perfeito para o espírito leviano dos franceses, mas não para vós, espanhóis, sérios demais para o admitir e nele acreditar.

Aceitai,

J. M. F.

Casada em 1850, Rose N... foi acometida, poucos dias após o casamento, de ataques espasmódicos, que se repetiam com muita freqüência e com violência, até engravidar. Durante a gravidez nada experimentou, mas, depois do parto, os mesmos acidentes se renovavam; muitas vezes as crises duravam três ou quatro horas, durante as quais ela fazia toda sorte de extravagâncias e eram precisas três ou quatro pessoas para dominá-la. Entre os médicos chamados, uns diziam que era uma doença nervosa; outros, que era loucura. O mesmo sintoma se repetia em cada gravidez, isto é, os acidentes cessavam durante a gestação e recomeçavam após o parto.

Isto já durava vários anos. O pobre casal estava cansado de consultar a uns e outros e a fazer uso de remédios que não davam o menor resultado. Essa gente simples estava no limite da paciência e dos recursos, pois, algumas vezes, a mulher ficava meses

inteiros sem poder dedicar-se aos trabalhos domésticos. Por vezes sentia ligeira melhora, que fazia supor uma cura, mas, após algumas semanas de trégua, o mal reaparecia com terrível recrudescência.

Como algumas pessoas os persuadissem de que um mal tão rebelde deveria ser obra do demônio, eles recorreram aos exorcismos e a paciente se dirigiu a um santuário distante vinte léguas, de onde voltou aparentemente tranqüila; mas, ao cabo de alguns dias o mal voltou com nova intensidade. Ela partiu para outro retiro, onde permaneceu quatro meses, durante os quais ficou tão tranqüila que a julgaram curada. Voltou, então, à sua família, alegre por se ver, enfim, livre da cruel doença; contudo, após algumas semanas, suas esperanças novamente foram por água a baixo, já que os acessos voltaram com mais força que nunca. Marido e mulher estavam desesperados.

Foi em julho último, 1864, que um de nossos amigos e irmão em crença nos deu conhecimento do fato, propondo que tentássemos aliviar, se não curar, essa pobre perseguida, pois a julgava tomada de uma obsessão das mais cruéis. Na ocasião a doente estava sendo submetida a tratamento magnético, que lhe havia proporcionado um certo alívio; mas o magnetizador, embora espírita, não tinha meios de evocar o Espírito obsessor, por falta de médiuns e, apesar de sua vontade, não podia produzir o efeito desejado. Aceitamos com interesse essa oportunidade de fazer uma boa obra. Reunimos vários adeptos sinceros e mandamos trazer a doente.

Bastaram alguns minutos para reconhecermos a causa da moléstia de Rose. Era, com efeito, uma obsessão das mais terríveis. Tivemos muito trabalho para fazer o obsessor vir ao nosso chamado. Ele foi muito violento, respondeu algumas palavras incoerentes e logo se atirou enfurecido sobre sua vítima, provocando-lhe violenta crise, logo acalmada pelo magnetizador.

Na segunda sessão, ocorrida poucos dias depois, pudemos reter por mais tempo o Espírito obsessor, que, no entanto, se mostrou sempre rebelde e muito cruel para com sua vítima. A terceira evocação foi mais feliz; o obsessor conversou familiarmente conosco; fizemo-lo compreender todo o mal que fazia, perseguindo essa infeliz mulher, mas ele não queria confessar seus erros e dizia que a fazia pagar *uma velha dívida*. Na quarta evocação orou conosco e se queixou por ter sido trazido a nós contra sua vontade; queria vir, mas de moto próprio. Foi o que fez na sessão seguinte. Pouco a pouco, a cada nova evocação, exercíamos maior domínio sobre ele e acabamos por fazê-lo renunciar ao mal que, desde a quarta sessão, vinha diminuindo; na nona, tivemos a satisfação de ver as crises cessarem. De cada vez uma magnetização de 12 a 15 minutos acalmava totalmente Rose e a deixava num estado de perfeita tranqüilidade.

Desde o mês de agosto – há nove meses, portanto – a doente não teve mais crises, e suas ocupações não foram interrompidas. Apenas uma vez ou outra ela sofria ligeiros abalos, em consequência de alguma contrariedade que não podia dominar; mas eram como relâmpagos sem tempestade, praticamente para lhe demonstrar que não devia esquecer os bons hábitos que tinha contraído para com Deus e os seus semelhantes. É preciso dizer também que ela contribuiu poderosamente para a cura, por sua fé, seu fervor e sua confiança no Criador, e pela moderação de um caráter naturalmente irritável. Tudo isto contribuiu para que o obsessor se enchesse de coragem, pois não a tinha bastante para tomar resolutamente o bom caminho; temia as provações que teria de sofrer para merecer o perdão. Mas, graças a Deus, e com o poderoso auxílio de nossos bons guias, já está no bom caminho e faz tudo o que pode para ser perdoado. Hoje, é ele que dá bons conselhos àquela a quem perseguiu por tanto tempo e que é agora robusta e alegre, como se nada tivera. Contudo, de oito em oito dias ela vem submeter-se a uma magnetização e, de vez em

quando, evocamos seu antigo perseguidor, para o fortalecer em suas boas resoluções. Eis a sua última comunicação, dada em 19 de abril de 1865:

Eis-me aqui. Venho agradecer vossa boa perseverança para comigo. Sem vós, sem esses Espíritos bons e benevolentes, aqui presentes, eu jamais teria conhecido a felicidade que agora sinto; ainda me arrastaria no mal, na miséria. Oh! sim, miséria, porque não se pode ser mais infeliz do que eu era; sempre a fazer o mal e sempre desejoso de o fazer! Quantas vezes, ah! vos disse que não sofria! Só agora vejo quanto sofria. Neste mesmo instante ainda sinto esses sofrimentos, mas não como antes; hoje é o arrependimento e não a incessante vontade de fazer o mal. Oh, não! que o Deus de bondade dele me preserve e que eu seja fortalecido para não mais recair na pena. Oh! não mais essas torturas; não mais esses males causticantes que não deixam à alma nenhum momento de repouso. Isto é bem o inferno, que está com aquele que faz o mal, como eu fazia.

Fiz o mal por ressentimento, por vingança, por ambição! O que lucrei com isto? Ai! repellido pelos Espíritos bons, não os podia compreender quando se aproximavam de mim e eu escutava suas vozes, porque não me era permitido vê-los. Não! hoje Deus permitiu; é por isto que sinto um bem-estar que jamais experimentei; porque, a despeito de sofrer bastante, entrevejo o futuro e suporto meus sofrimentos com paciência e resignação, pedindo perdão a Deus e assistência aos Espíritos bons para aquela a quem persegui por tanto tempo. Que ela me perdoe; dia virá, e talvez não custe, em que lhe poderei ser útil.

Termino agradecendo e vos pedindo que continueis a me favorecer com as vossas preces e com a amizade que me testemunhastes, e me perdoando pelo trabalho que vos dei. Oh! obrigado, obrigado! Não podeis saber quanto o meu Espírito é grato pelo bem que me fizestes. Rogai a Deus que me perdoe e aos

Espíritos bons para que estejam comigo, a fim de me ajudarem e me fortalecerem. Adeus.

Pedro

Depois desta comunicação recebemos o seguinte de nossos guias espirituais:

A cura chega ao fim. Agradecei a Deus que se dignou acolher vossas preces e se servir de vós para que um inimigo obstinado se tivesse tornado hoje um amigo; porque, tende certeza, um dia esse Espírito fará tudo o que for possível por essa pobre família, que por tanto tempo atormentou. Mas vós, caros filhos, não abandoneis o perseguidor, nem a perseguida; ambos ainda precisam de vossa assistência; um para o sustentar no bom caminho que tomou; evocando-o algumas vezes, aumentareis a sua coragem; a outra, para dissipar totalmente o fluido malsão que a envolveu tanto tempo; de vez em quando fazei-lhe uma abundante magnetização, sem o que ela ainda se acharia exposta à influência de outros Espíritos malévolos, pois sabeis que estes não faltam e vós o lamentaríeis. Coragem, pois; acabai, completai vossa obra e preparai-vos para as que ainda vos estão reservadas. Sede firmes; vossa tarefa é espinhosa, é verdade, mas, também, se não vos dobrardes, como será grande a vossa recompensa!

Vossos guias

Não basta relatar fatos mais ou menos interessantes; o essencial é deles tirar uma instrução, sem o que não têm proveito. É pelos fatos que o Espiritismo se constituiu em ciência e em doutrina; mas, se não nos tivéssemos limitado senão a constatá-los e a registrá-los, não estaríamos mais adiantados que no primeiro dia. No Espiritismo, como em toda ciência, sempre há algo a aprender. Ora, é pelo estudo, pela observação e pela dedução dos fatos que se aprende. É por isso que, quando é o caso, fazemos seguir os que citamos das reflexões que nos sugerem, quer venham

confirmar um princípio conhecido, quer sirvam de elemento a um princípio novo. Em nossa opinião, é o meio de cativar a atenção das pessoas sérias.

Uma primeira observação a fazer sobre a carta relatada acima é que, a exemplo dos que compreendem a doutrina em sua pureza, seus adeptos fazem abnegação de todo amor-próprio; não se exibem e nem procuram brilhar; fazem o bem sem ostentação e sem se vangloriarem das curas que obtêm, porque sabem que não as devem ao seu talento, nem ao seu mérito pessoal, e que Deus lhes pode retirar esse favor quando lhe aprouver; não buscam clientela nem reputação; encontram sua recompensa na satisfação de ter aliviado um aflito e não no vão sufrágio dos homens. É o meio de granjear o apoio dos Espíritos bons, que deixam o orgulho aos Espíritos orgulhosos.

Os casos de cura como este, como os de Marmande e outros não menos meritórios, sem dúvida são um encorajamento; são, também, excelentes lições práticas, que mostram a que resultados se pode chegar pela fé, pela perseverança e por uma sábia e inteligente direção; mas o que não deixa de ser um bom ensinamento é o exemplo da modéstia, da humildade e do completo desinteresse moral e material. Nos centros animados de tais sentimentos é que se obtêm esses resultados maravilhosos, porque aí se é verdadeiramente forte contra os Espíritos maus. Não é menos notável que desde que o orgulho aí penetre, que o bem não se faça exclusivamente pelo bem e que aí se busque a satisfação do amor-próprio, a força declina.

Notemos, igualmente, que é nos centros verdadeiramente sérios que se fazem os mais sinceros adeptos, porque os assistentes são tocados pela boa impressão que recebem, ao passo que nos centros levianos e frívolos só se é atraído pela curiosidade, que nem sempre é satisfeita. É compreender o verdadeiro objetivo da doutrina empregá-la a fazer o bem aos desencarnados, como aos

encarnados; convenhamos que é pouco recreativo para certa gente, mas é mais meritório para os que a isso se devotam. Assim, estamos satisfeitos por ver se multiplicarem os centros que se entregam a esses trabalhos úteis; as criaturas aí se instruem prestando serviço, e os assuntos de estudo aí não faltam. São os mais sólidos sustentáculos da doutrina.

Não é um fato muito característico ver, nas duas extremidades da Europa, no norte da Rússia e no sul da Espanha, reuniões espíritas animadas pelo mesmo pensamento de fazer o bem, agindo sob o impulso dos mesmos sentimentos de caridade para com os seus irmãos? Não é o indício da irresistível força moral da doutrina, que vence todos os obstáculos e não conhece barreiras?

Na verdade, é preciso ser muito desprovido de boas razões para combatê-la, quando se está reduzido aos tristes expedientes utilizados pelo pregador de Barcelona, acima citado; seria perder tempo refutá-los; só há que lamentar os que se deixam ir a semelhantes aberrações, que provam a mais cega ignorância, ou a mais insigne má-fé. Disso, porém, não resulta uma instrução menos importante. Suponhamos que a mulher Rose tivesse acreditado nas asserções do pregador e que tivesse repellido o Espiritismo; o que teria acontecido? Não se teria curado; teria caído na miséria, por não poder trabalhar; ela e o marido talvez tivessem amaldiçoado a Deus, ao passo que agora o bendizem, e o Espírito mau não se teria convertido ao bem. Do ponto de vista teológico, são três almas redimidas pelo Espiritismo, e que o pregador teria deixado que se perdessem.

Vendo os primeiros sintomas, compreende-se que a Ciência tenha podido enganar-se, porque tinham todos os caracteres de um caso patológico. Todavia, não era nada disso. Só o Espiritismo podia descobrir a sua verdadeira causa e a prova é que a Ciência, com seus remédios, foi impotente durante longos

anos, ao passo que, em alguns dias, ele triunfou sem medicamentos, unicamente pela moralização do ser perverso, que era o seu autor. O fato aí está, e milhares de fatos semelhantes. Que dizem os incrédulos? É o acaso, a força da Natureza; a doente devia curar-se. E certos padres? dizemos certos padres intencionalmente, porque nem todos pensam da mesma forma. Essa mulher foi curada pelo demônio, e teria sido melhor para a salvação de sua alma que tivesse ficado doente. A mulher Rose não é desta opinião; como por isto agradece a Deus e não ao demônio, ora e faz boas obras, absolutamente não julga comprometida a sua salvação; em segundo lugar, ela prefere ter sido curada e trabalhar para alimentar os filhos a vê-los morrer de fome. Em nossa opinião, Deus é fonte de todo bem.

Mas se o diabo é o verdadeiro ator em todos os casos de obsessão, donde vem a impotência dos exorcismos? É um fato positivo que, não só em semelhantes casos o exorcismo sempre falhou, mas que as cerimônias desse gênero sempre se fizeram seguir de recrudescência no mal; Morzine ofereceu memoráveis exemplos. O diabo é, pois, mais poderoso que Deus, já que resiste aos seus ministros, aos que lhe opõem coisas santas? E, contudo, quem os espíritas invocam? a quem solicitam apoio? A Deus. Por que triunfam com a mesma assistência, quando os outros falham? Eis a razão:

Em primeiro lugar, o retorno do obsessivo ao bem e, por conseguinte, a cura do doente – e isto é um fato material – provam que não é um demônio, mas um Espírito mau, susceptível de melhorar-se. Em segundo lugar, no exorcismo só lhe contrapõem palavras e sinais materiais, na virtude dos quais acreditam, mas que o Espírito não leva em nenhuma conta: irritam-no, ameaçam-no, amaldiçoam-no e o condenam às chamas eternas; querem domá-lo pela força, mas, como é inatingível, ele ri e vos escapa, querendo provar que é mais forte que vós. Pelo Espiritismo falam-lhe com doçura, procuram fazer que nele vibre a corda do

sentimento e lhe mostram a misericórdia de Deus; fazem-lhe entrever a esperança e o conduzem suavemente ao bem. Eis todo o segredo.

O fato acima apresenta um caso particular, o da suspensão das crises durante a gravidez. De onde vem isto? Que a Ciência o explique, se puder. Eis a razão dada pelo Espiritismo: A doença não era loucura, nem uma afecção nervosa; a cura é a prova disto: era bem uma obsessão. O Espírito obsessor exercia uma vingança; Deus o permitia para servir de provação e de expiação à mãe e, além disso, porque, mais tarde, a cura desta devia levar à melhora do Espírito. Mas as crises, durante a gestação, podiam prejudicar a criança; Deus queria mesmo que a mãe fosse punida pelo mal que fizera, mas não queria que o ser inocente que trazia no ventre sofresse por isto. É por tal motivo que, durante esse tempo, foi retirada toda liberdade de ação aos seus perseguidores.

Como o Espiritismo explica coisas para quem quiser estudar e observar! Quantos horizontes abrirá à Ciência, quando esta levar em conta o elemento espiritual! Como estão longe de compreendê-lo os que só o vêem nas manifestações curiosas!

Os Dois Espiões

Um dos nossos correspondentes de São Petersburgo nos envia a tradução de um artigo publicado contra o Espiritismo, num jornal religioso daquela cidade: *Doukhownaia Beceda* (Exercícios religiosos). É um relato feito por dois jovens de Moscou, os Srs.***, que, em novembro último, se apresentaram em nossa casa, aparentando fazer parte da melhor sociedade, dizendo-se muito simpáticos ao Espiritismo, tendo sido recebidos com a consideração devida à sua qualidade de estrangeiros. Nada absolutamente em suas palavras e maneiras traía a intenção que os movia; era preciso que assim fosse para representarem seu papel e

realizarem a missão de que estavam encarregados. Por certo nossos adversários da França nos habituaram a relatos que não brilham pela exatidão, mas, justiça lhes seja feita: ao que saibamos, nenhum deles levou tão longe a calúnia. Isto teria sido difícil num jornal francês, porque a lei protege contra tais abusos, mas também porque muitas testemunhas oculares viriam constatar a verdade. Mas, a seiscentas léguas, num país estrangeiro e numa língua desconhecida aqui, isto era mais fácil. Devemos aos numerosos adeptos da Rússia uma refutação desse ignóbil panfleto, cujos autores são ainda mais repreensíveis por terem abusado da confiança que tinham buscado inspirar. Introduzindo-se sob falsas aparências, como emissários de um partido, numa casa particular e numa reunião muito privada, jamais aberta ao público e onde só se é admitido mediante recomendação, para dar publicidade a um relatório desfigurado e ultrajante, colocam-se abaixo dos espíões, porquanto estes, pelo menos, prestam conta exata do que viram. É lamentável, ainda, seja em nome da religião que se façam semelhantes coisas, por as julgarem necessárias à sua sustentação. Não é por tais meios que algum dia aniquilarão o Espiritismo; fazem-no crescer pelo ódio que lhe devotam. Deu-se o mesmo com o Cristianismo no seu início; perseguindo-o, seus adversários trabalharam pela sua consolidação. Mas naquela época não havia publicidade e a calúnia podia ser alimentada por muito tempo. Hoje a verdade vem à tona prontamente, e, quando dizem que uma coisa é negra, ainda que de forma mecânica, cada um pode achar ao seu lado a prova de que é branca e o odioso da calúnia recai sobre seus autores.

As reflexões do jornal são as de todos os detratores que têm a mesma opinião. Foram refutadas tantas vezes que seria inútil a elas voltar. Não obstante, citaremos a seguinte passagem:

“Os espíritas estarão, efetivamente, em comunicação direta com o mundo dos Espíritos, a tal ponto que as mais altas personagens e as mais sagradas acorram ao seu apelo *ad libitum*, à

vontade dos médiuns, como ao toque de uma sineta? Não há aqui charlatanismo e grosseira patifaria, não da parte dos Espíritos, que Allan Kardec ensina tão bem a distinguir, mas da parte do próprio chefe dessa nova seita, tão sedutora para a imaginação de seus adeptos inexperientes? Duas cartas anexas, de Paris, vindas de pessoas *dignas de fé*, mas que não quiseram identificar-se, podem dar uma resposta suficiente a essa delicada questão.”

O Espiritismo jamais disse que os Espíritos, quaisquer que sejam, venham à vontade de um médium qualquer; ao contrário, diz que eles não estão às ordens de ninguém; que vêm quando querem e podem. Faz mais, pois demonstra as causas materiais que se opõem a que um Espírito se manifeste ao primeiro que chegar.

Se a comunicação dos Espíritos não passa de uma idéia sem fundamento e de uma comédia, só uma pessoa devia ter o seu monopólio. Como é que a realidade do fato é constatada há anos por milhões de indivíduos de todas as classes e idades, em todos os países? Então todo mundo representa a comédia, dos príncipes aos plebeus, e isto em proveito de quem? O que é ainda mais bizarro é que essa comédia leva os incrédulos a Deus e faz orar os que zombavam da prece. Jamais se viu uma escamoteação produzir resultados tão sérios.

Quanto às cartas dos dois emissários, seria supérfluo assinalar as tolas e grosseiras injúrias que encerram; bastará que citemos alguns erros materiais para mostrar a fé que merece seu relatório sobre o resto.

À hora convencionada fomos nos recomendar a Allan Kardec. Ele reside numa dessas passagens constantemente tomadas pela multidão. Um cartaz em grandes letras anuncia que é lá que se realizam os mistérios do Espiritismo.

Ao pé da escada há um pequeno letreiro, com estas palavras: *Revista Espírita, 2ª andar*, porque lá está a direção do jornal, e sendo todo jornal sujeito ao público, deve indicar seu domicílio. Abaixo está escrito: *Sala de cursos*, porque a sala das sessões era primitivamente destinada a cursos diversos, que jamais se realizaram desde que habitamos o local. Nada há ali que anuncie a realização de quaisquer mistérios. É uma primeira invenção desses senhores tão dignos de fé.

Eram cinco horas da tarde. Estava escuro e o espírita não tinha fogo. Por corredores tortuosos fomos introduzidos em seu gabinete.

Os visitantes jamais são introduzidos em nosso gabinete, mas num salão de recepção que, por certo, não é o de um palácio, mas onde os que não o acham digno estão perfeitamente livres para não voltar.

Depois de nos ter convidado para nos assentarmos, continuou a conversar com um rapaz desconhecido para nós. As palavras deste último nos levaram a compreender que era um médium recente e se achava obsidiado pela força impura que lhe dava respostas sob a máscara de Espíritos puros; que a princípio as respostas são veladas por uma inocência perfeita, mas em seguida o diabo se traía pouco a pouco. A voz, o ar estupefato do jovem, tudo denotava uma violenta agitação. O espírita respondeu que a pureza moral da vida e a moderação eram necessárias para se comunicar com os Espíritos, e assim por diante; que no começo o médium é ordinariamente perseguido pelos Espíritos maus, mas que depois chegam os bons. O tom desse discurso era o de um mestre ou preceptor. *Não há dúvida* de que tudo isto não passava de uma comédia representada em nossa presença.

Esse rapaz, nós nos lembramos, era um simples operário que vinha pedir-nos conselhos, como acontece muitas vezes. *Continuamos* nossa conversa com ele porque, aos nossos olhos, um operário honesto tem direito a tanto mais consideração quanto mais humilde a sua posição. É possível que estas idéias não sejam as daqueles senhores, mas eles lá chegarão quando, numa outra existência, se acharem na condição daqueles a quem hoje tratam com tanta altivez. Quanto à comédia que, *não há dúvida*, eles representaram, é muito singular que fosse preparada para eles, já que não os esperávamos. À sua chegada o moço estava só; como *continuamos* a conversa, é que a tínhamos começado. Ambos, então, representamos uma comédia. Em todo o caso, ela nada tinha de muito interessante, e quando se faz tanto, faz-se algo melhor.

Graças a uma obscuridade interessante, o mestre não era visível. Dirigiu-se a nós com uma pergunta que sondava nossa crença no Espiritismo, seu desenvolvimento em Moscou, e assim

por diante. Procedia com muita reserva até que soube do nosso desejo. Trouxeram uma lâmpada; então vimos diante de nós um senhor bem corpulento, idoso, de fisionomia bastante amável, olhos singulares que, à primeira vista, pareciam trespassar o indivíduo, para, logo depois, mostrarem um certo ar sonhador. Por muito tempo fitei seus olhos, notáveis no mais alto grau, em seu semblante comum.

Não sei por que atraí sua atenção, de sorte que me perguntou, várias vezes, se eu não era médium. Provando nossa conversa *os nossos conhecimentos de Espiritismo*, ele começou a tornar-se mais comunicativo.

Vê-se qual era o conhecimento deles sobre o Espiritismo e, sobretudo, sua sinceridade. Se, por uma linguagem astuciosa, pensaram nos enganar, eles é que representavam a comédia.

Pôs-se a falar em termos obscuros da alma e dos Espíritos; a princípio sua voz era calma, mas terminou seu discurso com uma ênfase singular. Tendo-lhe perguntado como ele distingue os Espíritos bons dos maus, respondeu que previamente submetiam cada Espírito à prova; *se o Espírito não contradissesse as opiniões morais e religiosas dos espíritas, anotavam-no como Espírito puro*. À minha pergunta: Por que ele só se ocupava da solução das questões morais e não tocava nem nas científicas, nem nas *políticas* – pergunta que o contrariou visivelmente – respondeu algo deste gênero: Os Espíritos não se metem nisto.

Geralmente a política é o terreno perigoso sobre o qual os falsos irmãos procuram trazer os espíritas. Segundo eles, a moral é coisa muito banal e muito vulgar; isto é assunto muito repisado; é necessário o positivo. Um indivíduo condecorado que, sob falsa aparência, se havia introduzido num grupo de operários, em Lyon, onde também se encontravam alguns militares, fez esta pergunta: “O que pensam os Espíritos de Henrique V?” A resposta dos Espíritos e dos assistentes não lhe deu vontade de continuar nem de voltar.

Depois de certa *hesitação*, ele nos *permitiu* assistir à reunião dos espíritas sexta-feira à noite. Pretendiam questionar um coronel da guarda, médium há pouco falecido. Dissemos-lhe adeus. A noite de sexta-feira me interessa e vos darei conta de tudo que vir e ouvir. No entanto, dizem que tomam cem francos por cada sessão. Se for verdade, evidentemente não poderei ver nem ouvir. *Sacrificarei dez francos*, não mais. Paris, 2/14 de novembro de 1864.

Independentemente de nossos bem conhecidos princípios, claramente formulados em nossas obras, em relação à exploração do Espiritismo sob uma forma qualquer, mais de seis mil ouvintes, que foram admitidos às sessões da Sociedade Espírita de Paris, desde a sua fundação em 1º de abril de 1858, podem dizer se alguma vez um só deles pagou alguma coisa como contribuição obrigatória ou *facultativa*; mesmo se foi imposto a quem quer que seja, como condição de admissão, a compra de um único livro ou a assinatura da Revista. Quando se explora o público, a escolha não é difícil; visa-se o número. A *hesitação*, portanto, não seria concebível para admitir esses senhores; em vez de permitir que viessem, teriam sido solicitados a vir. Só por estas palavras eles se traem; mas não pensam em tudo.

Já que tinham ouvido falar que eram cobrados supostos cem francos por pessoa, e que consentiriam em pagar apenas dez, como é que não se certificaram disso antes? Era muito natural, necessário mesmo, no-lo perguntar, para não serem pegos de surpresa na chegada. Há aqui uma insinuação pérfida, mas desastrada. No relato que a seguir fazem da sessão a que assistiram, não falam de pagamento. Ora, tendo dito que *sacrificariam* dez francos, dão a entender que não lhes custou mais. Recuaram ante uma afirmação; mas disseram de si para si: “Lancemos a idéia; sempre restará alguma coisa.” Mas quando não há nada, nada pode restar, a não ser a vergonha para o mentiroso.

Aliás, não é a primeira vez que a malevolência e a inveja empregam tal meio com vistas a desacreditar a Sociedade perante a opinião pública. Ultimamente, em Nantes, um indivíduo informava que as entradas aí custavam cinco francos por cabeça. Seria singular que depois de oito anos de existência ainda não se saiba se ela cobra 100 francos ou 5 francos. Na verdade, é preciso estar bem engeguecido pela vontade de prejudicar a ponto de crer que o público possa ser enganado sobre um fato tão material, que diariamente recebe um desmentido, tanto pelas pessoas que a eles assistem, quanto pelos princípios que ela professa e que são formulados sem equívoco em nossos escritos.

Entretanto, dessa calúnia ressalta uma instrução. Desde que os nossos adversários pensam poder desacreditar a Sociedade, dizendo que exige uma contribuição dos visitantes, é que eles consideram como mais honroso nada cobrar. Ora, uma vez que ela nada exige; que em vez de visar ao número dos audientes, o restringe tanto quanto possível, é que não especula com eles; assim, corta pela base toda suspeita de charlatanismo.

A circunstância do coronel que devia ser evocado nos deu a pista da sessão à qual assistiram aqueles senhores. O fato de não encontrarmos seus verdadeiros nomes na lista do dia prova que se apresentaram com nomes falsos. Isto era muito fácil de verificar, porque aquele era um dia de sessão particular reservada aos membros da Sociedade, à qual só tinham sido admitidos quatro ou cinco estrangeiros, de passagem em Paris. Enviando-nos os seus nomes verdadeiros, nosso correspondente nos informa que são filhos de um alto funcionário eclesiástico russo.

Sexta-feira passada, às oito horas da noite, dirigimo-nos à sessão da Sociedade espírita. Chegamos cedo; os membros ainda não eram numerosos, de sorte que pudemos examinar minuciosamente o ambiente. Um enorme salão continha várias fileiras de cadeiras. Ao lado de uma das paredes achava-se uma mesa coberta com uma toalha verde, em redor da qual estavam cadeiras para os principais membros da Sociedade. Sobre a mesa havia um monte de papéis brancos e uma porção de lápis apontados; nada mais. Acima da mesa pendia a imagem do Senhor abençoando.

Uma investigação tão minuciosa e levada até ao exame dos papéis é um tanto indiscreta da parte de pessoas que se dizem gentis-homens e admitidas por cortesia numa casa particular e a uma reunião que nada tem de pública.

Não há absolutamente nada suspenso acima da mesa. Perto da parede há uma estatueta de São Luís, em costume de rei, presidente espiritual da Sociedade, e que aqueles senhores, ao que parece tomaram pelo Cristo.

As paredes eram ocupadas por quadros singulares. Examinei-os detalhadamente. O maior, pintado a óleo, representa um caixão de defunto, com correntes caídas em volta; uma

paisagem extravagante, com plantas fantásticas, rodeava o caixão. Uma inscrição explica que o quadro foi pintado por *Allan Kardec*.

Esse quadro alegórico é o de que falamos na Revista de novembro de 1862. Não há correntes nem plantas de nenhuma espécie. Em baixo há uma legenda explicativa, com esta inscrição aposta ao próprio quadro, e em evidência: “Pintura mediúnica. Quadro alegórico do advento e do triunfo do Espiritismo; pintado pelo Sr. V..., *jovem aluno de farmácia*, sem qualquer conhecimento de pintura nem de desenho. Lyon.” Não sabemos como esses senhores puderam ver nessas palavras que o quadro foi pintado por Allan Kardec. Isto dá a medida da exatidão de seu relatório e da confiança que o resto merece.

Mais longe, toda uma série de quadros ou desenhos, não sei bem como os chamar, feitos por diversas pessoas, sob a influência dos Espíritos. Impossível dizer a impressão que esses quadros produziram em mim. Examinei-me, examinei-me severamente e achei que a disposição de meu espírito naquele momento era perfeitamente tranqüila, cheia de sangue-frio, de sorte que a impressão que experimentei ao ver aqueles quadros era independente de minha imaginação. Os quadros ou desenhos representam uma insólita reunião de linhas, pontos, círculos, uma reunião original que não tem qualquer semelhança com o que quer que seja. Todos têm um certo gênero particular, que lhes pertence em comum, mas completamente indefinível. Dir-se-ia que nada há de particular nesses pontos e linhas e, contudo, a impressão que deixam é das mais desagradáveis, semelhante a um fatigante pesadelo. Numa palavra, aqueles desenhos em nada se parecem com os que já tendes visto e para mim são repugnantes.

Nessa coleção de desenhos mediúnicos acham-se: a casa de Mozart, publicada na Revista de agosto de 1858, e que todos conhecem; uma cabeça do Cristo, feita no México, de um tipo admirado por todos os peritos; um outro Cristo, coroado de espinhos, modelado em argila na Sociedade Espírita de Madrid, de notável execução; duas soberbas cabeças de mulher em perfil grego, desenhadas na Sociedade Espírita de Constantinopla; uma paisagem a bico-de-pena, pelo Sr. Jaubert, vice-presidente do Tribunal de Carcassonne e que

qualquer artista consumado assinaria, etc. Eis as linhas e os pontos que perturbaram os olhos daqueles senhores de maneira tão desagradável e repugnante. Seríamos realmente tentados a crer que um Espírito maligno os fascinou, de modo a fazê-los ver tudo pelo avesso, a fim de tornar seu relato mais pitoresco.

Enfim, os membros da Sociedade se reúnem em número de cerca de setenta. Como nas sociedades verdadeiras, também havia secretários. Inicialmente leram um capítulo do Evangelho; depois o protocolo da sessão precedente. Confesso que não havia meio de escutar sem rir as diversas informações. Em Lyon, por exemplo, um Espírito dizia tolices, razão pela qual determinaram a sua exclusão do número dos Espíritos de boa conduta.

Em seguida leram o necrológio do coronel espírita que devia ser evocado durante essa sessão. Antes ele era são-simonista. Allan Kardec disse à Sociedade que lhe faria perguntas sobre as relações do Espiritismo e do são-simonismo. Um dos assistentes quis fazer algumas perguntas, mas o mestre declarou que os outros não deviam *intrrometer-se* naquilo que não fossem solicitados.

Eu esperava sempre que trouxessem *o aparelho* que devia escrever, mas me enganava. Allan Kardec *tocon a campainha* e, na antecâmara, apareceu um rapaz com cara de *larápio*, numa palavra, pronto a dizer de cor, por um quarto de rublo e até mesmo por meia libra, toda sorte de absurdos. Disseram-nos que era um médium.

Aqui já não se trata de simples inexatidões: é o cinismo da injúria e do ultraje. Basta citar tais palavras para os desacreditar. Na França seus autores teriam sido levados aos tribunais. No que respeita a inexatidões, diremos apenas que, desde que a Sociedade existe, *jamaís* houve campainha em seu escritório; por conseguinte, não podíamos tocá-la. Os ouvidos desses senhores tiniram, como seus olhos faiscaram, ao olharem os desenhos e a estatueta de São Luís.

O público, na maioria composto de velhos, era característico; quase metade era de semiloucos. Os jovens, extasiados e desgrenhados, seguiam atentamente os movimentos do médium. Ali havia crentes tão obstinados, que era até um pecado rir deles; não se podia senão lamentá-los.

Parece que mentir é um pecado menor. É verdade que certas pessoas pensam que toda mentira, feita com boas intenções, é desculpável. Ora, para alguns, denegrir o Espiritismo é excelente motivo.

Que respondeu o Espírito? Respondeu pela tagarelice de Allan Kardec, que se pode admirar em suas obras.

O Espírito de que se trata é o do Sr. Bruneau, membro da Sociedade Espírita, antigo aluno da Escola Politécnica e coronel de artilharia, falecido recentemente. Pode-se ver a ata de sua evocação na Revista de dezembro de 1864.

Allan Kardec *propôs evocar uma criança são-simonista.*

Naquele dia havia oito médiuns à mesa, e não um. Como se acabava de evocar o Sr. Bruneau, que tinha sido são-simonista, e que, a respeito, se havia falado desta doutrina, seu antigo chefe, o Pai Enfantin, comunicou-se espontaneamente, e sem ser evocado, por um dos médiuns e participou da discussão. Foi, pois, o *Pai Enfantin* que o fiel narrador tomou por uma criança são-simonista²¹.

Quanto a nós, ficamos tão aborrecidos quanto enojados com o aspecto de toda *essa gente*. Levantamo-nos e fomos embora. Assim terminou nossa visita espírita. A despeito de tudo, não me posso dar conta se é *patifaria ou loucura*. Mas, chega! Paris, 9/21 de novembro de 1864.

O redator do jornal acrescenta:

A pessoa que nos forneceu essas duas cartas interessantes as termina com a seguinte observação: “O relato

21 **N. do T.:** Parece que o missivista, por não compreender bem o francês, confundiu a palavra *enfant* (criança) com *Père Enfantin* (nome próprio).

consciosos da testemunha ocular é muito importante, ainda mesmo que nem tudo explique. É por esta razão que pensamos que o extrato atual não será desprovido de utilidade para as pessoas demasiado crédulas em matéria de comunicação com os Espíritos.”

As reflexões provocadas por fatos desta natureza estão resumidas no artigo seguinte.

Nova Tática dos Adversários do Espiritismo

Jamais uma doutrina filosófica dos tempos modernos causou tanta emoção quanto o Espiritismo e nenhuma foi atacada com tamanha obstinação. É prova evidente de que lhe reconhecem mais vitalidade e raízes mais profundas que nas outras, já que não se toma de uma picareta para arrancar um pé de erva. Longe de se apavorarem, os espíritas devem regozijar-se com isto, pois prova a importância e a verdade da doutrina. Se esta não passasse de uma idéia efêmera e sem consistência, de uma mosca que voa, não a atacariam com tanta violência; se fosse falsa, haveriam de combatê-la com argumentos sólidos, que já teriam triunfado sobre ela. Mas, desde que nenhum dos que lhe opõem foi capaz de detê-la, é que ninguém encontrou o seu calcanhar de Aquiles. Contudo, nem faltaram boa vontade nem talento aos seus antagonistas.

Neste vasto torneio de idéias, onde o passado entra em liça com o futuro, e que tem por campo fechado o mundo inteiro, o grande júri é a opinião pública; ela escuta os prós e os contras, julga o valor dos meios de ataque e de defesa e se pronuncia pelo que dá melhores razões. Se um dos dois campeões emprega armas desleais, é condenado por antecipação. Ora, existirão armas mais desleais que a mentira, a calúnia e a traição? Recorrer a semelhantes meios é confessar-se *vencido pela lógica*; a causa que se reduz a tais expedientes é uma causa perdida; não será um homem, nem alguns

homens que pronunciarão a sua sentença: é a Humanidade, que a força das coisas e a consciência do bem arrastam para o que é mais justo e mais racional.

Vide, na história do mundo, se uma única idéia grande e verdadeira deixou de triunfar, o que quer que tenham feito para entravá-la. A esse respeito o Espiritismo nos apresenta um fato inaudito e sem paralelo: o da rapidez de sua propagação. Essa rapidez é tal que os próprios adversários ficam estupefatos; por isso o atacam com o furor alucinado dos combatentes que perdem o sangue-frio e se deixam ferir por suas próprias armas.

Entretanto, a luta está longe de terminar; ao contrário, é de esperar que tome maiores proporções e um outro caráter. Seria por demais prodigioso e incompatível com o estado atual da Humanidade que uma doutrina, que traz em si o germe de toda uma renovação, se estabelecesse pacificamente em alguns anos. Ainda uma vez, não nos lamentemos; quanto mais rude for a luta, mais estrondoso será o triunfo. Ninguém duvida que o Espiritismo cresceu pela oposição que lhe fizeram; deixemos, pois, essa oposição esgotar os seus recursos: ele crescerá mais ainda quando ela tiver revelado sua própria fraqueza a todos os olhos. O campo de combate do Cristianismo nascente era circunscrito; o do Espiritismo se estende por toda a superfície da Terra. O Cristianismo não pôde ser abafado sob ondas de sangue; cresceu com seus mártires, como a liberdade dos povos, porque era uma verdade. O Espiritismo, que é o Cristianismo apropriado ao desenvolvimento da inteligência e isento dos abusos, crescerá do mesmo modo sob a perseguição, porque ele também é uma verdade.

A força aberta é reconhecida impotente contra a idéia espírita, mesmo nos países onde ela é exercida com toda liberdade; aí está a experiência para o atestar. Comprimindo a idéia num ponto, fazem-na brotar de todos os lados; uma compreensão geral

levaria a uma explosão. Contudo, nossos adversários não renunciaram; enquanto esperam, recorrem a outra tática: a das manobras surdas.

Já tentaram muitas vezes, e o farão ainda, comprometer a doutrina, impelindo-a por uma via perigosa ou ridícula, para a desacreditar. Hoje é semeando a divisão de modo sub-reptício, lançando o pomo de discórdia, na expectativa de fazer germinar a dúvida e a incerteza nos espíritos, provocar o desânimo, verdadeiro ou *simulado* e levar a perturbação moral entre os adeptos. Mas não são adversários confessos que assim agiriam. O Espiritismo, cujos princípios têm tantos pontos de semelhança com os do Cristianismo, também deve ter os seus Judas, para que tenha a glória de sair triunfando dessa nova prova. Por vezes o dinheiro é o argumento que substitui a lógica. Não se viu uma mulher confessar ter recebido 50 francos para simular loucura, depois de haver assistido a uma única reunião espírita?

Não é, pois, sem razão que, na *Revista* de março de 1863, publicamos o artigo sobre os *falsos irmãos*; aquele artigo não agradou a todos; alguns queriam que fôssemos mais claros, que abrissemos os olhos dos outros, apertando-nos a mão em sinal de aprovação como se fôssemos tolos. Mas que importa! Nosso dever é premunir os espíritas sinceros contra as armadilhas que lhes são estendidas. Quanto aos que nos abandonaram, para os quais esses princípios eram muito rigorosos, neste como em vários outros pontos, é que sua simpatia era superficial e não do fundo do coração, não havendo nenhuma razão para nos prendermos a eles. Temos que nos ocupar com coisas mais importantes que a sua boa ou má vontade a nosso respeito. O presente é fugidio; amanhã não existirá mais; para nós nada é; o futuro é tudo, e é para o futuro que trabalhamos. Sabemos que as simpatias verdadeiras nos seguirão; as que estão à mercê de um interesse material não concretizado ou de um amor-próprio insatisfeito, não merecem este nome.

Quem quer que ponha o seu ponto de vista fora da estreita esfera do presente não é mais perturbado pelas mesquinhas intrigas que se agitam à sua volta. É o que nos esforçamos para fazer, e é o que aconselhamos aos que querem ter a paz da alma neste mundo. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. II, nº 15).

Como todas as idéias novas, a idéia espírita não podia deixar de ser explorada por gente que, não tendo alcançado êxito em nada por má conduta ou por incapacidade, estão à espreita do que é novo, na esperança de aí encontrar uma mina mais produtiva e mais fácil; se o sucesso não corresponde à sua expectativa, não o atribuem a si mesmos, mas à coisa, que declaram má. Tais pessoas só têm de espíritas o nome. Melhor do que ninguém, pudemos ver essa manobra, tendo sido muitas vezes o alvo dessas explorações, às quais não quisemos dar a mão, o que não nos valeu amigos.

Voltemos ao nosso assunto. O Espiritismo, repetimos, ainda tem de passar por rudes provas e é aí que Deus reconhecerá seus verdadeiros servidores, por sua coragem, firmeza e perseverança. Os que se deixarem abalar pelo medo ou por uma decepção são como esses soldados, que só têm coragem nos tempos de paz e recuam ao primeiro tiro. Entretanto, a maior prova não será a perseguição, mas o conflito das idéias que será suscitado, com cujo auxílio esperam romper a falange dos adeptos e a imponente unidade que se faz na doutrina.

Esse conflito, embora provocado com má intenção, venha dos homens ou dos Espíritos maus, é, contudo, necessário e, ainda que causasse uma perturbação momentânea em algumas consciências fracas, terá por resultado definitivo a consolidação da unidade. Como em todas as coisas, não se deve julgar os pontos isolados, mas ver o conjunto. É útil que todas as idéias, mesmo as mais contraditórias e as mais excêntricas, venham à luz; provocam o exame e o julgamento, e, se forem falsas, o bom-senso lhes fará justiça. Cairão forçosamente ante a prova decisiva do controle

universal, como já caíram tantas outras. Foi esse grande critério que fez a unidade atual; será ele que a concluirá, porque é o crivo que deve separar o bom do mau grão, e a verdade brilhará mais quando sair do crisol isenta de todas as escórias. O Espiritismo ainda está em ebulição; deixemos, pois, que a espuma suba à superfície e se derrame: ele apenas ficará mais depurado. Deixemos aos adversários a alegria maligna e pueril de soprar o fogo para provocar essa ebulição, porque, sem o querer, eles apressam a sua depuração e o seu triunfo e eles próprios se queimarão no fogo que acendem. Deus quer que tudo seja útil à causa, mesmo aquilo que é feito com a intenção de prejudicá-la.

Não esqueçamos que o Espiritismo não está acabado; ainda não fez senão fincar balizas. Mas, para avançar com segurança, deve fazê-lo gradualmente, à medida que o terreno estiver preparado para o receber, e bastante consolidado para nele pôr o pé com segurança. Os impacientes, que não sabem esperar o momento propício, comprometem a colheita como comprometem a sorte das batalhas.

Entre os impacientes, sem dúvida alguns há de muito boa-fé e que gostariam que as coisas andassem ainda mais depressa; assemelham-se a essas criaturas que julgam adiantar o tempo adiantando o relógio. Outros, não menos sinceros, são impelidos pelo amor-próprio a serem os primeiros a chegar; semeiam antes da estação e apenas colhem frutos malogrados. Infelizmente, ao lado destes existem outros que empurram o carro a mil por hora, na esperança de vê-lo tombar.

Compreende-se que certos indivíduos, que queriam ter sido os primeiros, nos censurem por termos ido rápido demais; que outros, por motivos contrários, nos reprochem por termos ido muito devagar; mas o que é menos explicável é, por vezes, ver essa dupla censura feita pelo mesmo indivíduo, o que não é dar prova de muita lógica. Quer sejamos aguilhoados por ir à direita ou à

esquerda, nem por isso deixaremos de seguir, como temos feito até agora, a linha que nos foi traçada, na ponta da qual está o objetivo que queremos alcançar. Iremos para frente ou esperaremos, apressaremos o passo ou nos retardaremos, conforme as circunstâncias, e não segundo a opinião deste ou daquele.

O Espiritismo marcha em meio a adversários numerosos que, não o tendo podido tomar à força, tentam tomá-lo pela astúcia; insinuam-se por toda parte, sob todas as máscaras e até nas reuniões íntimas, na esperança de aí surpreender um fato ou uma palavra que muitas vezes terão provocado, e que esperam explorar em seu proveito. Comprometer o Espiritismo e torná-lo ridículo, tal é a tática, com o auxílio da qual esperam desacreditá-lo a princípio, para mais tarde terem um pretexto para mandar interditar, se possível, o seu exercício público. É a armadilha contra a qual devemos nos precaver, porque é estendida de todos os lados, e na qual, sem o querer, são apanhados os que se deixam levar pelas sugestões dos Espíritos enganadores e mistificadores.

O meio de frustrar essas maquinações é seguir o mais exatamente possível a linha de conduta traçada pela doutrina; sua moral, que é a sua parte essencial, é inatacável, não se dá ensejo a nenhuma crítica fundada e a agressão se torna mais odiosa. Achar os espíritas em falta e em contradição com seus princípios seria uma boa sorte para os seus adversários; assim, vede como se empenham em acusar o Espiritismo de todas as aberrações e de todas as excentricidades pelas quais não poderia ser responsável. A doutrina não é ambígua em nenhuma de suas partes; é clara, precisa, categórica nos mínimos detalhes; só a ignorância e a má-fé podem enganar-se sobre o que ela aprova ou condena. É, pois, um dever de todos os espíritas sinceros e devotados repudiar e desaprovar abertamente, em seu nome, os abusos de todo gênero que pudessem comprometê-la, a fim de não lhes assumir a responsabilidade. Pactuar com os abusos seria acumpliar-se com eles e fornecer armas aos adversários.

Os períodos de transição são sempre difíceis de passar. O Espiritismo está nesse período; atravessa-o com tanto menos dificuldade quanto mais os seus adeptos forem prudentes. Estamos em guerra; lá está o inimigo a espiar, prestes a explorar o menor passo em falso em seu proveito, e disposto a meter o pé na lama, se o puder.

Contudo, não nos apressemos em lançar pedras e suspeições com muita leviandade, sobre aparências que poderiam ser enganosas; a caridade, aliás, faz da moderação um dever, mesmo para os que estão contra nós. A sinceridade, todavia, mesmo em seus erros, tem atitudes de franqueza com as quais não é possível equivocar-se, e que a falsidade jamais simulará completamente, porquanto, mais cedo ou mais tarde, deixa cair a máscara. Deus e os Espíritos bons permitem que ela se traia por seus próprios atos. Se uma dúvida atravessa o Espírito, deve ser apenas um motivo para se guardar reserva, o que pode ser feito sem faltar às conveniências.

Variedades

CARTA DE DANTE AO SR. THIERS

Sob esse título lê-se no *Charivari* de 20 de maio de 1865:

Florença, 20 de maio de 1865.

“Senhor e caro confrade,

“Eu não podia ficar indiferente às festividades que iam celebrar em minha honra e, tendo minha sombra pedido e obtido licença de oito dias, venho assistir à inauguração do monumento que me é consagrado. É, pois, de Florença que vos dirijo esta carta, ainda sob a emoção que me causou a cerimônia que acabo de

testemunhar. Se tomo esta liberdade, senhor e caro confrade, é porque julgo estar em condição de vos fornecer informações que vos serão de alguma utilidade.

“Não obstante morto há cinco séculos, não deixei de continuar a seguir com a mesma atenção e o mesmo patriotismo a marcha dos acontecimentos que interessam ao futuro da Itália. Sabeis tão bem quanto eu de quantas vicissitudes tenho sido testemunha; também podeis fazer uma idéia de quantas dores meu coração foi assoberbado..”

(Seguem-se longas reflexões sobre os negócios da Itália e as opiniões do Sr. Thiers. Não as reproduzimos pelo duplo motivo de que são estranhas ao nosso assunto e porque a política está fora dos planos deste jornal. A carta termina assim:)

“Se, pois, como me afirmaram, em breve deveis empreender viagem à Itália, tende a bondade de passar por Florença e vir conversar alguns instantes com minha estátua. Ela terá coisas muito interessantes a vos dizer.

“Com esta esperança, senhor e caro confrade, rogo aceiteis a certeza de..., etc.”

Dante Alighieri

Por cópia, conforme Pierre Véron

A julgar pelos artigos que o *Charivari* publicou mais de uma vez sobre o assunto, duvidamos muito que o Sr. Pierre Véron seja simpático à idéia espírita. Assim, não se deve ver nessa carta mais que um simples produto da imaginação apropriado à circunstância, a menos que o Espírito Dante tenha vindo ditá-la à revelia do autor. Ela é muito espirituosa para que ele não a desaprove, mas só deve ser apreciada em seu conjunto, porque perde muito se for fracionada.

Era um pensamento engenhoso fazer intervir, mesmo ficticiamente, o Espírito Dante nessa ocasião. Salvo alguns pequenos detalhes, um espírita não teria falado de outro modo. Para nós não é duvidoso que Dante, a menos que tenha reencarnado, pudesse ter assistido a essa imponente manifestação, atraído pela poderosa evocação de todo um povo irmanado num mesmo pensamento. Se, naquele momento, o véu que oculta o mundo espiritual aos olhos dos encarnados pudesse ser levantado, que imenso cortejo de grandes homens teria sido visto planando no espaço e misturado à multidão para aplaudir a regeneração da Itália! Que belo assunto para um pintor ou um poeta inspirado pela fé espírita!

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

JULHO DE 1865

Nº 7

Ária e Letra do Rei Henrique III

O *Grand Journal* de 4 de junho de 1865 relata o seguinte fato:

“Todos os editores e amantes da música de Paris conhecem o Sr. N. G. Bach, aluno de Zimmermann, primeiro prêmio de piano do Conservatório, no concurso de 1819, um dos nossos mais estimados e mais honrados professores de piano, bisneto do grande Sebastian Bach, cujo nome ilustre porta com dignidade.

“Informado por nosso amigo comum Sr. Dollingen, administrador do *Grand Journal*, de que o apartamento do Sr. N. G. Bach tinha sido teatro de um verdadeiro prodígio na noite de 5 de maio último, pedi a Dollingen que me levasse à casa do Sr. Bach, e fui acolhido no nº 8 da Rua Castellane com fina cortesia. Creio ser inútil acrescentar que foi depois de ter obtido autorização expressa do herói desta história maravilhosa que me permito contá-la aos meus leitores.

“No dia 4 de maio último, o Sr. Léon Bach, que é um curioso dublê de um artista, trouxe a meu pai uma espineta admiravelmente esculpida. Depois de longas e minuciosas pesquisas, o Sr. Bach descobriu, numa prancha interna, o inventário do instrumento; data do mês de abril de 1564 e foi fabricada em Roma.

“O Sr. Bach passou uma parte do dia na contemplação de sua preciosa espineta. Ao deitar-se pensava nela e, quando o sono vinha cerrar-lhe as pálpebras, ainda pensava no instrumento.

“Não é, pois de admirar que tenha tido o seguinte sonho:

“No mais profundo de seu sono, o Sr. Bach viu aparecer à cabeceira do leito um homem com longa barba, sapatos arredondados na ponta e com grandes laços em cima, um calção muito grande, um gibão de mangas justas com aberturas no alto, um grande colarinho e com um chapéu pontudo e de abas largas.

“Essa personagem curvou-se diante do Sr. Bach e narrou o seguinte:

“A espineta que possuí me pertenceu. Muitas vezes me serviu para distrair meu senhor, o rei Henrique III. Quando ele era muito jovem, compôs uma ária com letra, que gostava de cantar e que eu lhe tocava muitas vezes. Ele compôs a ária e a letra em lembrança de uma mulher que encontrou numa caçada e pela qual se apaixonou. Afastaram-na dele; diz-se que foi envenenada e o rei sofreu uma grande dor. Toda vez que estava triste cantarolava esta *romanzá*²². Então, para o distrair eu tocava em minha espineta uma sarabanda de minha composição, que ele apreciava muito. Assim eu associava sempre esses dois trechos e não deixava de tocar um após o outro. Vou fazer-te ouvi-los:

22 N. do T.: Grifo nosso.

“Então o homem do sonho aproximou-se da espineta, deu alguns acordes e cantou a ária com tanta expressão que o Sr. Bach acordou em pranto. Acendeu uma vela, olhou a hora, constatou que eram duas da madrugada e não tardou a dormir novamente.

“É aqui que começa o extraordinário.

“Pela manhã, ao despertar, o Sr. Bach ficou muito surpreso ao encontrar sobre a cama uma página de música, preenchida com uma escrita muito fina e notas microscópicas. Foi com dificuldade que o Sr. Bach, auxiliado pelo binóculo, já que é bastante míope, conseguiu reconhecer-se em meio a esses rabiscos.

“Um instante depois, o neto de Sebastian sentou ao piano e decifrou o trecho. A romança, a letra e a sarabanda estavam exatamente conformes às que o homem do sonho lhe fizera ouvir durante o sono!

“Ora, o Sr. Bach não é sonâmbulo; jamais escreveu um único verso em sua vida e as regras da versificação lhe são completamente estranhas.

“Eis o refrão e as três quadras tais quais as copiamos do manuscrito. Conservamos a sua ortografia que, diga-se de passagem, de modo algum é familiar ao Sr. Bach.

Perdi aquela
 Por quem tanto amor nutria;
 Ela é tão bela
 Tinha por mim cada dia
 Novo favor
 De anseio ter.
 Sem ela, oh! dor,
 Quero morrer!

Numa caçada longe, ainda matina,
 Eu a avistei pela primeira vez,
 Imaginei um anjo na campina,
 Então senti-me o mais feliz dos reis.

Daria, sim, meu reino para revê-la
Ainda que fosse por um breve instante;
Numa cabana humilde ao lado dela
Para sentir meu coração pulsante.

Enclausurada e triste, oh! minha linda,
Últimos dias seus longe de mim.
Ela não sente mais que a pena é finda;
E quanto a mim, ai, ai! sofrendo assim.

Nesta canção lamentosa, como na sarabanda alegre, que a segue, a ortografia musical não é menos arcaica que a ortografia literária. As *claves* são feitas de modo diverso daquelas dos nossos dias. O baixo é escrito num tom e o canto em outro. O Sr. Bach teve a delicadeza de me fazer ouvir os dois trechos, que são de uma melodia simples, ingênua e penetrante. Aliás, nossos leitores não tardarão a poder julgá-los com conhecimento de causa. Estão nas mãos dos grandes gravadores e aparecerão no correr desta semana no editor Legouix, no Boulevard Poissonière, nº 27.

“O jornal da *Estoile* nos informa que o rei Henrique III teve uma grande paixão por Maria de Clèves, marquesa de Isles, morta na flor da idade, numa abadia, no dia 15 de outubro de 1574. Não seria ‘a pobre, bela e triste enclausurada’ a que aludem os versos? O mesmo jornal também nos diz que um músico italiano, chamado Baltazarini, veio à França nessa época e foi um dos favoritos do rei. Teria a espineta pertencido a Baltazarini? Foi o Espírito deste quem escreveu a romança e a sarabanda? – Mistério que não ousamos aprofundar.”

Albéric Second

Depois da letra, o *Grand Journal* inseriu a música, que lamentamos não poder reproduzir aqui; mas como atualmente se acha à venda, será fácil aos amadores adquiri-la. (Ver as notas bibliográficas).

O Sr. Albéric Second termina o seu relato por estas palavras:

“Mistério que não ousamos aprofundar!” E por que não o ousais? Eis um fato cuja autenticidade vos é demonstrada, como vós mesmo reconheceis, e, porque diz respeito à vida misteriosa de além-túmulo, não ousais pesquisar-lhe a causa! Tremeis ao olhá-la de frente! Então, mau grado vosso, temeis os fantasmas ou receais adquirir a prova de que nem tudo acaba com a vida do corpo? É verdade que para um céptico, que nada vê e em nada crê além do presente, essa causa é muito difícil de encontrar. Entretanto, por isto mesmo, porque o fato é mais estranho e parece afastar-se das leis conhecidas, deve tanto mais fazer refletir, pelo menos despertar a curiosidade. Dir-se-ia realmente que certas pessoas têm medo de ver muito claro, porque teriam de convencer-se de que se enganaram. Vejamos, contudo, as deduções que todo homem sério pode tirar deste fato, abstração feita de qualquer idéia espírita.

O Sr. Bach recebe um instrumento, cuja antiguidade constata, o que lhe causa grande satisfação. Preocupado com esta idéia, é natural que esta lhe provoque um sonho; vê um homem em costumes da época, tocando aquele instrumento e cantando uma ária da época; a rigor, nada aí que não possa ser atribuído à imaginação superexcitada pela emoção e pela lembrança da véspera, sobretudo num músico. Mas aqui o fenômeno se complica; a ária e a letra não podem ser uma reminiscência, pois os Sr. Bach não as conhecia. Quem, então, lhas revelou, se o homem que lhe apareceu não passa de um ser fantástico, sem vitalidade? Que a imaginação sobreexcitada faça reviver na memória coisas esquecidas, compreende-se; mas teria o poder de nos dar idéias novas? de nos ensinar coisas que não sabemos? que jamais soubemos? com as quais jamais nos ocupamos? Aí estaria um fato gravíssimo e que valeria a pena ser examinado, porquanto seria a

prova de que o Espírito age, percebe e concebe independentemente da matéria. Passemos por cima, se se quiser. Estas considerações são de uma ordem tão elevada e tão abstrata que nem a todos é dado perscrutá-las, nem mesmo de sobre elas deter o pensamento.

Vamos ao fato mais material, o mais positivo, o dessa música escrita com a letra. Seria um produto da imaginação? A coisa aí está, palpável, sob os olhos. É aqui que se faz indispensável um exame escrupuloso das circunstâncias. Para não nos lançarmos no campo das hipóteses, digamos, antes de ir mais longe, que o Sr. Bach, que não tínhamos a honra de conhecer, deu-se ao trabalho de nos vir ver e submeter o original da peça em questão. Assim, pudemos colher de seus lábios todos os ensinamentos necessários para esclarecer nossa opinião, ao mesmo tempo que ele retificava nalguns pontos o relato do jornal.

Tudo se passou no sonho exatamente como está indicado; mas não foi na mesma noite que o papel foi trazido. No dia seguinte o Sr. Bach procurava lembrar-se da ária que tinha ouvido; pôs-se à espineta e conseguiu compor a música, embora imperfeitamente. Cerca de três semanas depois, o mesmo indivíduo lhe apareceu novamente; desta vez, cantou a música e a letra e disse que ia dar-lhe um meio para as fixar na memória. Foi então que, ao despertar, encontrou o papel na cama. Tendo-se levantado, decifrou a ária no seu instrumento e reconheceu que era mesmo a que tinha ouvido, bem como a letra, das quais só lhe havia restado uma lembrança confusa.

Reconheceu também o papel, por lhe pertencer; era uma folha dupla de papel de música comum, sobre uma das faces do qual ele havia escrito, pessoalmente, várias coisas. Esse papel, como muitos outros, estava numa secretária fechada, posta num outro aposento da casa. Assim, seria preciso que alguém o tivesse tirado de lá para colocá-lo na cama, enquanto ele dormia. Ora, em

casa dele, ninguém do seu conhecimento poderia tê-lo feito. Quem poderia ter sido? Eis o mistério terrível, que o Sr. Albéric Second não ousa aprofundar.

Foi na face em branco da folha que ele encontrou a ária, composta *segundo o método e os sinais do tempo*. As palavras são escritas com extrema precisão, cada sílaba colocada exatamente sob a nota correspondente. O todo está escrito a lápis. A escrita é muito fina, mas muito clara e muito legível; a forma das letras é característica: é a que se vê nos manuscritos da época.

O Sr. Bach não era céptico, nem materialista e, ainda menos, ateu; mas, como muita gente, pertencia à numerosa classe dos indiferentes, muito pouca preocupada com as questões filosóficas. Só conhecia o Espiritismo de nome. Aquilo que acabava de testemunhar despertou sua atenção; longe de não ousar aprofundar o mistério, disse de si para si: aprofundemo-lo. Leu obras espíritas, começou a perceber e foi com o objetivo de ter mais amplas informações que nos honrou com sua visita. Hoje o fato não tem mais mistérios para ele e lhe parece muito natural; além disso, está muito feliz com a fé e os novos conhecimentos que a circunstância lhe permitiu adquirir. Eis o que ganhou.

Sabe perfeitamente que nem a música, nem a letra, podiam vir dele; não duvidava que lhe tivessem sido ditadas pela personagem que lhe havia aparecido; mas se perguntava quem as tinha podido escrever, ou se não poderia ter sido ele mesmo em estado sonambúlico, conquanto jamais tivesse sido sonâmbulo. A coisa era possível, mas, admitindo-a, apenas provava melhor a independência da alma, como todos os fatos desse gênero, tão curiosos e tão numerosos e com os quais, no entanto, a Ciência jamais se preocupou. Uma particularidade parece destruir esta opinião, a de que a escrita não guarda nenhuma relação com a do Sr. Bach; seria preciso, no estado sonambúlico, que ele mudasse sua

letra habitual para tomar a do século dezesseis, o que não é presumível. Seria brincadeira de alguém de sua casa? Mas, admitindo tal intenção, ele tem certeza de que ninguém tinha os conhecimentos necessários para a executar. Ora, se ele, que sonhara, tinha apenas uma lembrança insuficiente para transcrever a letra e a música, como uma pessoa estranha se teria recordado melhor? O cuidado com o qual a coisa estava escrita teria, aliás, exigido muito tempo e requerido uma grande habilidade prática.

Outro ponto importante a esclarecer era o fato histórico dessa primeira paixão do rei, a que nenhuma história faz menção, e que lhe teria inspirado esse cântico melancólico. Tendo o filho do Sr. Bach se dirigido a um de seus amigos adido à biblioteca imperial, a fim de saber se existiria algum documento a respeito, foi-lhe respondido que, se o existisse, só poderia ser no jornal da *Estoile*, que se publicava na época. Pesquisas feitas imediatamente levaram à descoberta da passagem acima relatada. A mãe de Henrique III, temendo o domínio que aquela mulher, de um espírito superior, pudesse exercer sobre o seu filho, a fez enclausurar e depois matar. O rei não se conformou com essa perda, da qual conservou profunda magoa durante a toda a vida. Não é singular que esse canto relate precisamente um fato ignorado de todos e, por conseguinte, do Sr. Bach, e que mais tarde se ache confirmado por um documento da época, escondido numa biblioteca? Esta circunstância tem uma importância capital, pois prova de maneira irrecusável que a letra não pode ser uma composição do Sr. Bach, nem de nenhuma pessoa da casa. Toda suposição de fraude cai diante desse fato material.

Só o Espiritismo podia dar a chave desse fato, pelo conhecimento da lei que rege as relações do mundo corporal com o mundo espiritual. Aí nada existe de maravilhoso nem de sobrenatural. Todo o mistério está na existência do mundo invisível, composto das almas que viveram na Terra, e que não

interrompem suas relações com os sobreviventes. Mostrei a alguém, ignorante de eletricidade, que se pode corresponder a duzentas léguas em alguns minutos, e isto lhe parecerá miraculoso; explicai a lei da eletricidade e ele achará a coisa muito natural. Dá-se o mesmo com todos os fenômenos espíritas.

Numa sessão da Sociedade Espírita de Paris, à qual assistia o Sr. Bach, o Espírito que lhe havia aparecido deu as explicações seguintes sobre o fato que acabamos de relatar.

(Sociedade Espírita de Paris, 9 de junho de 1865 – Médiun: Sr. Morin)

P. – [Ao guia espiritual do médium]. Podemos chamar o Espírito que se manifestou ao Sr. Bach?

Resp. – Meu filho, a grave questão que levou a essa manifestação espontânea é muito natural. Deve ser resolvida esta noite, a fim de não deixar qualquer dúvida sobre a maneira pela qual a música foi feita. O Espírito está aí e responderá muito claramente às perguntas que lhe forem dirigidas.

P. – [Ao Espírito que se manifestou ao Sr. Bach]. Já que quisestes vir até nós, antecipando-se ao nosso apelo, nós vos seremos reconhecidos se nos derdes a explicação do fenômeno que se produziu por vossa intervenção. Também desejaríamos saber por que o Sr. Bach foi escolhido de preferência para esta manifestação e que participação teve na produção do fenômeno?

Resp. – Agradeço a benevolência com que me acolheis entre vós. Compreendo a importância que dais a esse fato, que, entretanto, não vos deve espantar, já que esse gênero de manifestação é hoje quase geral e conhecido por muita gente.

Inicialmente, respondo à vossa primeira pergunta. O Sr. Bach foi escolhido por duas razões: a primeira é a simpatia que me une a ele; a segunda é toda no interesse da Doutrina Espírita. Situado como está no mundo, sua idade, sua longa carreira tão honradamente exercida, suas relações com a imprensa e o mundo

erudito, dele fizeram o melhor instrumento para dar publicidade a fatos que, até hoje, só eram impressos em jornais espíritas. Já vos disseram muitas vezes que era chegado o dia em que o Espiritismo, conquistando imunidade em toda parte onde há raciocínio, lógica e bom-senso, seria aceito mesmo nos jornais que o denegriam.

Quanto à segunda questão: sim, tendes razão de procurar saber, a fim de não serdes vítimas de equívocos. O transporte – pois é um transporte – foi feito e dele participa o Espírito, que sou eu, e o Sr. Bach, no sonho puro e só em relação com os Espíritos.

Nota – Esta última frase tem sua explicação no artigo adiante, sobre os sonhos.

Eu trouxe ao Sr. Bach o papel de música, que obtive numa peça vizinha de seu quarto, e então a música foi escrita pelo próprio Espírito Bach, que se serviu de seu corpo como meio de transmissão. Eu escrevi a letra, que conhecia. A obra assim feita pode ser considerada como complemento espiritual, visto como o Sr. Bach, em seu sonho, estava quase que completamente desmaterializado.

P. – Qualquer pessoa dotada de mediunidade teria servido nesta circunstância?

Resp. – Não, certamente, porque se o Sr. Bach não tivesse reunido todas as qualidades requeridas, é provável que nem ele nem eu tivéssemos sido escolhidos para essa propagação.

P. – Como se serviu o Sr. Bach de seu corpo para escrever a música? Tê-lo-ia feito em estado de sonambulismo?

Resp. – Eu disse que ele se tinha servido de seu corpo como meio de transmissão, porque seu Espírito ainda está encarnado e não pode agir como Espírito desencarnado. O Espírito encarnado só pode servir-se de seus membros, e não do

seu perispírito, pois é o mesmo perispírito que mantém o Espírito ligado ao corpo.

P. – Podeis dizer quem compôs a letra?

Resp. – Se tivesse sido eu, minha grande dose de orgulho lhe guardaria a honra. Mas não; expliquei-me claramente, dizendo: “Escrevi a letra, que conhecia.” Essa letra, assim como a música, são, realmente, como vos foi dito, composição e inspiração própria de meu então senhor, o rei Henrique.

P. – Seria indiscrição pedir que nos esclarecêsseis sobre a vossa personalidade e nos dissêsseis o que éreis sob Henrique III?

Resp. – Nunca há indiscrição, desde que esteja em jogo um ensinamento moral. Responderei que, tendo partido de minha terra, que era Florença, vim à França e fui introduzido na corte por uma princesa que, tendo-me ouvido cantar, quis agradar ao delfim, pois que ainda o era, fazendo que ouvisse o pobre trovador. O prazer foi tão vivo que resolveram pôr-me à sua disposição, e eu fiquei muito tempo junto a ele a título de músico, mas, na realidade, como amigo; porque ele me quis muito e eu lhe fiz bem. Tendo morrido antes dele, adquiri então a certeza de seu apego a mim, pelo pesar que sentiu com a minha perda. Meu nome foi pronunciado aqui: eu era Baltazarini.

A Sra. Delanne, que assistia à sessão, recebia pela audição respostas idênticas às que eram dadas ao Sr. Morin. No dia seguinte, em sua casa, ela escreveu a comunicação seguinte, que confirma e completa a de Baltazarini.

“Quando é chegada a hora, Deus se serve de todos os meios para fazer penetrar a ciência divina em todas as classes da sociedade. Seja qual for a opinião que se professe em relação às idéias novas, cada um deve servir à causa, ainda que à sua revelia, no meio onde está colocado. Tendo o Espírito Bach vivido sob Henrique III, e tendo sido ligado à pessoa do rei, como amigo

íntimo, gostava apaixonadamente de ouvir esses versos e, sobretudo, a música. Preferia a espineta aos outros instrumentos; é por isso que o Espírito que lhe apareceu, e que é mesmo o de Baltazarini, serviu-se desse instrumento, a fim de trazer o Espírito Bach à época em que vivia e lhe mostrar, bem como à Ciência, que a doutrina da reencarnação é confirmada todos os dias por novas provas. O fato da música só teria sido insuficiente para forçar o Sr. Bach a buscar a luz imediatamente. Precisava de um fenômeno do qual não se pudesse dar conta por si mesmo, uma participação completamente inconsciente. Ele devia preconizar a doutrina, contando o fato presente, procurando esclarecer-se quanto à maneira pela qual se tinha produzido, pedindo a todas as inteligências que com ele e de boa-fé buscassem a verdade. Por sua idade respeitável, sua honrosa posição, sua reputação no mundo e na imprensa literária, é uma das primeiras balizas plantadas no mundo rebelde, porque não se pode suspeitar de sua boa-fé, nem o tratar como louco, como não se pode negar a autenticidade da manifestação.

Aliás, ficai convencidos de que tudo isto tinha sua razão de ser. Vedes que a imprensa absteve-se de comentários e, contudo, o artigo foi produzido por um não-crente, um gracejador da Ciência que, só ela, pode dar uma explicação racional do fato mencionado. Deus tem seus desígnios; lança a semente divina no coração quando o julga conveniente. Esse fato terá mais repercussão do que supondes; trabalhai sempre em silêncio e esperai com confiança.

Nós vos temos dito muitas vezes: não vos inquieteis. Deus saberá suscitar no tempo e no lugar homens e fatos que virão levantar os obstáculos e vos confirmar que as bases da doutrina receberam sua sanção pelo Espírito de Verdade. O Espiritismo cresce e se desenvolve; os galhos da árvore abençoada e gigantesca já se estendem por todas as partes do globo. Diariamente o Espiritismo ganha novos adeptos em todas as classes e novas falanges vêm engrossar as fileiras dos desencarnados. Quanto mais

diffíceis se tornarem os vossos trabalhos, tanto maior será a assistência dos Espíritos bons.

São Bento

Gontran, Vencedor das Corridas de Chantilly

O fato seguinte, bem como o da romança de Henrique III, que acabamos de relatar, é igualmente tirado do *Grand Journal*, de 4 de junho de 1865, no qual não forma, com o precedente, senão um só e mesmo artigo, assinado por *Albéric Second*.

“Os que nos dão a honra de nos ler sabem, não há dúvida, que professamos um cepticismo radical a respeito do Espiritismo, dos espíritas e dos médiuns. – Mostrai-nos os fatos, dizíamos aos que se esforçavam por nos converter às suas teorias e às suas doutrinas. E considerando que não nos davam nenhuma prova concludente, persistimos na negação e na zombaria.

“Antes de mais, quem assina estas crônicas é um escritor de boa-fé; assim, julga-se obrigado a não pôr a luz sob o alqueire. Que tirem do seu relato as ilações que quiserem, não é problema seu. Semelhante a um presidente de tribunal, vai limitar-se a reproduzir os fatos num rápido resumo, imparcial, deixando aos leitores o trabalho de pronunciar um veredicto à vontade.”

Depois deste preâmbulo, que é o de um homem leal, como seria de desejar que fossem todos os nossos antagonistas, narra o autor, na forma espirituosa que lhe é familiar, que um de seus amigos, achando-se em casa de um médium, perguntou se um Espírito poderia designar qual seria o vencedor das próximas corridas de Chantilly. O médium que é, ao que se diz, uma camponesa recentemente vinda das montanhas do Jura, o que vale

dizer pouco letrada e pouco afeita aos hábitos do esporte, tendo evocado o Espírito de um dos nossos mais célebres desportistas, obteve pelas batidas a designação das letras, formando o nome de *Gontran*.

“Existe, pois, perguntou o Sr. Albéric Second, um cavalo com este nome entre os concorrentes inscritos? – A bem da verdade, nada sei, respondeu seu amigo; mas se o houver, podeis contar que é nele que apostarei.

“Ora, domingo último era 28 de maio. O *Derby* de Chantilly foi corrido nesse dia e o vencedor foi *Gontran*, da coudelaria do major Fridolin (pseudônimo hípico dos Srs. Charles Laffitte e Nivière).

“Os fatos que acabo de relatar são conhecidos de grande número de pessoas no mundo da Bolsa. O Sr. Émile T. foi amplamente recompensado pelo resultado de sua confiança absoluta nas predições da camponesa do Jura, e os seus amigos que partilharam sua fé igualmente tiveram bom lucro. – E dizer que vosso servo perdeu uma tão rara ocasião de ganhar, com toda certeza e sem esforço, 1000 ou 1500 luízes, que teriam sido bem-vindos! Não é muita estupidez?”

Fatos desta natureza não são os que melhor servem à causa do Espiritismo; primeiro, porque são muito raros e, em segundo lugar, porque falseariam o seu espírito, fazendo crer que a mediunidade é um meio de adivinhação. Se tal idéia fosse plausível, ver-se-ia uma multidão de indivíduos consultando os Espíritos, como se consultam as cartas, e os médiuns seriam transformados em ledores de buena-dicha. É então que se teria razão de invocar contra eles a lei de Moisés, que fere de anátema “os adivinhos, os encantadores e os que têm o espírito de Píton.” É para evitar esse grave inconveniente, que seria muito prejudicial à doutrina, que sempre nos levantamos contra a mediunidade exploradora.

Não repetiremos o que foi dito cem vezes e largamente desenvolvido, sobre a perturbação que acarretaria o conhecimento do futuro, oculto ao homem pela sabedoria divina; o Espiritismo não está destinado a fazê-lo conhecer; os Espíritos vêm para nos tornar melhores e não para no-lo revelar ou nos indicar os meios de ganhar dinheiro *com toda certeza* e sem esforço, como diz o herói da aventura, ou ocupar-se dos nossos interesses materiais, colocados pela Providência sob a salvaguarda de nossa inteligência, de nossa prudência, de nossa razão e de nossa atividade. Assim, todos os que, *de desígnio premeditado*, julgarem encontrar no Espiritismo um novo elemento de especulação, *a qualquer título*, equivocam-se; as mistificações ridículas e, por vezes, a ruína em vez da fortuna, têm sido o fruto de seu engano. Eis o que todos os espíritas sérios devem esforçar-se em propagar, se querem servir utilmente à causa. Temos dito sempre aos que sonharam com fortunas colossais pelo concurso dos Espíritos, sob o especioso pretexto de que a sensação que tal acontecimento produziria, tornaria todo mundo crente; que, se tivessem êxito, desfeririam um golpe funesto na doutrina, excitando a cupidez em vez do amor ao bem. É por isto que as tentativas desse gênero, encorajadas por Espíritos mistificadores, sempre foram seguidas de decepções.

Há alguns anos, alguém nos escrevia de Hamburgo, porque, tendo perdido no jogo e se achando sem recursos para partir, teve a idéia de dirigir-se a um Espírito, que lhe indicou um número, no qual pôs o seu último florim, ganhou e saiu da dificuldade. A pessoa nos convidava a publicar o fato na *Revista*, como prova da intervenção dos Espíritos. Supondo a ação de um Espírito em tal circunstância, ela não via a severa lição que lhe era dada, pelo próprio fato de que lhe forneciam os meios de ir-se embora e que a tirara de um mau passo. Na verdade era conhecer-nos muito pouco, ou nos supor bastante leviano para nos julgar capaz de preconizar semelhante fato como meio de propaganda, pois esta teria sido feita em nome das casas de jogo, e não do Espiritismo. Teria sido realmente curioso ver-nos fazer a apologia

dos Espíritos que favorecem os jogadores e, particularmente, o roubo, porque, ganhar *com toda certeza*, seja com cartas marcadas, seja por uma *indicação* qualquer é uma verdadeira fraude.

Um indivíduo que não era espírita – apressemo-nos em dizê-lo – mas que absolutamente não negava a intervenção dos Espíritos, um dia veio fazer-nos uma proposta singular. Disse ele:

“As casas de jogo são profundamente imorais; o meio de as suprimir é provar que se pode lutar seguramente contra elas. Encontrei uma nova combinação, um meio infalível de fazê-las explodir todas. Quando se virem arruinadas e impossibilitadas de resistir, serão forçadas a fechar e o mundo estará livre dessa chaga, que é o roubo organizado. Mas para isto é preciso certo capital que, oh! estou longe de possuir. Não poderíeis indicar, por meio dos Espíritos, alguém a quem me possa dirigir com segurança? Imaginai o efeito que isto produzirá, quando se souber que é pelos Espíritos que tão grande resultado é obtido! Quem está livre de crer nisto? Os mais incrédulos, os mais obstinados deverão render-se à evidência. Como vedes, meu objetivo é muito moral e eu não me aborreceria se na ocasião tivesse o conselho dos Espíritos sobre a minha combinação.”

– Sem consultar os Espíritos, posso facilmente vos dar a opinião deles. Eis o que eles vos responderiam: “Achais que o ganho nas bancas de jogo é ilícito e que é um roubo organizado. Para remediar o mal quereis, por um meio infalível, apoderar-vos desse dinheiro mal-adquirido; em outros termos, quereis roubar o ladrão, o que não é mais moral. Temos outro meio de chegar ao resultado que propondes: em vez de fazer ganharem os jogadores, arruiná-los o mais possível, a fim de os desencorajar. Os desastres causados por esta paixão fizeram fechar mais casas de jogo do que poderiam fazê-lo os jogadores mais felizes. É o excesso do mal que faz abrir os olhos e conduz a reformas salutares, nisto como em todas as coisas. Quanto a propagar a crença no Espiritismo, temos

igualmente meios mais eficazes e, sobretudo, mais morais: é o bem que ele faz, as consolações que proporciona e a coragem que dá nas aflições. Assim, diríamos a todos os que tomam a peito o progresso da doutrina: Quereis servir utilmente à causa? fazer uma propaganda realmente proveitosa? Mostrai que o Espiritismo vos tornou melhores; fazei que em vos vendo transformados, cada um possa dizer: Eis os milagres desta crença; é, pois, uma boa coisa. Mas, se ao lado de uma profissão de fé de crentes, vos virem sempre viciosos, ambiciosos, odientos, cúpidos, invejosos ou debochados, dareis razão aos que perguntam para que serve o Espiritismo. A verdadeira propaganda de uma doutrina essencialmente moral se faz tocando o coração, e não visando a bolsa. Eis por que favorecemos a uns e frustramos os cálculos de outros.”

Voltemos a Gontran. Os casos de previsão desse gênero, embora tendo exemplos, são, todavia, muito raros e podem ser encarados como excepcionais; aliás são *sempre* fortuitos e *jamaiz* o resultado de um cálculo premeditado. Quando ocorrem, devem ser aceitos como fatos isolados; mas bem louco e imprudente seria quem se fiasse em sua realização.

Não se deve confundir estas espécies de revelações com as previsões que por vezes dão os Espíritos dos grandes acontecimentos futuros, sobre cuja realização podem nos fazer pressentir no interesse geral. Isto tem sua utilidade para nos manter alerta e nos exortar a marchar no bom caminho. Mas as predições em dia certo, ou com excessivo caráter de precisão, devem ser tidas sempre por suspeitas.

No caso em tela, o pequeno fato tinha a sua utilidade; era o meio, talvez o único, de chamar a atenção de certas pessoas para a idéia dos Espíritos e sua intervenção no mundo, muito mais que para um fato sério; isto é preciso para todos os caracteres. Nesse número, alguns simplesmente terão dito: “É singular!” mas

outros terão querido aprofundar a coisa e a terão encarado pelo lado sério e verdadeiramente útil. Ainda que houvesse apenas um em dez, seriam outros tantos elementos de ganho e de propaganda à causa. Quanto aos demais, a idéia semeada em seu espírito germinará mais tarde.

Relatando o fato, já que mereceu grande publicidade, quisemos ressaltar as suas conseqüências; mas não o teríamos feito sem comentários e a título de simples anedota. O Espiritismo é uma mina inesgotável de assuntos de observação e de estudo por suas inumeráveis aplicações.

Diz o autor do artigo no preâmbulo: “Mostrai-nos fatos.” Por certo ele imagina que os Espíritos obedecem a ordens e que os fenômenos são obtidos à vontade, como as experiências num laboratório ou como os truques de escamoteação. Ora, não é assim que acontece. Aquele que quer fenômenos não deve pedir que lhos tragam, mas procurá-los, observá-los e aceitar os que se apresentam. Esses fenômenos são de duas naturezas: os que são produto dos médiuns propriamente ditos e que, até certo ponto, podem ser provocados, e os fenômenos espontâneos. Estes últimos têm, para os incrédulos, a vantagem de não serem suspeitos de preparação; são numerosos e se apresentam sob uma variedade infinita de aspectos, tais como: aparições, visões, pressentimentos, dupla vista, ruídos insólitos, algazarra, perturbações, obsessões, etc. O caso do Sr. Bach pertence a esta categoria e o de Gontran à primeira. Para quantos queiram convencer-se seriamente, os fatos não faltam e aquele que os pede talvez os tenha testemunhado mais de uma vez sem o suspeitar; erra, porém, a maioria por querer fatos à sua maneira, a hora marcada, e não se contentar com os que a Providência põe sob os nossos olhos. A incerteza da obtenção desses fenômenos e a impossibilidade de os provocar à vontade são provas de sua realidade, porque se fossem produto do charlatanismo ou de meios fraudulentos, jamais faltariam. O que falta a certas pessoas não são fatos, mas paciência e vontade de buscar e estudar os que se apresentam.

Teoria dos Sonhos

É realmente estranho que um fenômeno tão vulgar quanto o dos sonhos tenha sido objeto de tanta indiferença da parte da Ciência, e que ainda se esteja a perguntar a causa dessas visões. Dizer que são produtos da imaginação não é resolver a questão; é uma dessas palavras com o auxílio da qual querem explicar o que não compreendem e que nada explicam. Em todo o caso, a imaginação é um produto do entendimento. Ora, como não se pode admitir entendimento nem imaginação na matéria bruta, é preciso que se creia que a alma nisto entra em alguma coisa. Se os sonhos ainda são um mistério para a Ciência, é que ela se obstinou em fechar os olhos para a causa espiritual.

Procura-se a alma nos refolhos do cérebro, enquanto ela se ergue a cada instante à nossa frente, livre e independente, numa imensidão de fenômenos inexplicáveis tão-só pelas leis da matéria, notadamente nos sonhos, no sonambulismo natural e artificial e na dupla vista a distância; não nos fenômenos raros, excepcionais, sutis, que exigem pacientes pesquisas do sábio e do filósofo, mas nos mais vulgares; lá está ela, parecendo dizer: Olhai e me vereis; estou aos vossos olhos e não me vedes; vistes-me muitas e muitas vezes; vedes-me todos os dias; até as crianças me vêem; o sábio e o ignorante, o homem de gênio e o idiota me vêem, e não me reconheceis.

Mas há pessoas que parecem ter medo de olhá-la de frente, e de adquirir a prova de sua existência. Quanto aos que a procuram de boa-fé, até hoje lhes faltou a única chave com a qual a teriam reconhecido. Esta chave o Espiritismo acaba de dar pela lei que rege as relações entre o mundo corporal e o mundo espiritual. Auxiliado por esta lei e pelas observações sobre que se apóia, ele dá dos sonhos a mais lógica explicação jamais fornecida; demonstra que o sonho, o sonambulismo, o êxtase, a dupla vista, o pressentimento, a intuição do futuro, a penetração do pensamento

não passam de variantes e de graus de um mesmo princípio: a emancipação da alma, mais ou menos desprendida da matéria.

Em relação aos sonhos, dá ele conta precisa de todas as variedades que apresentam? Não, ainda não; possuímos o princípio, e já é muito; os que podemos explicar por-nos-ão no caminho dos outros; sem dúvida ainda nos faltam alguns conhecimentos, que adquiriremos mais tarde. Não há uma única ciência que, de um salto, tenha desenvolvido todas as suas conseqüências e aplicações; elas não poderão completar-se senão por observações sucessivas. Ora, nascido ontem, o Espiritismo está como a Química nas mãos dos Lavoisier e dos Berthollet, seus primeiros criadores; estes descobriram as leis fundamentais. As primeiras balizas fincadas puseram na via de novas descobertas.

Entre os sonhos uns há que têm um caráter de tal modo positivo que, racionalmente, não poderiam ser atribuídos apenas a um jogo da imaginação; tais são aqueles nos quais se adquire, ao despertar, a prova da realidade do que se viu, e em que absolutamente não se pensava. Os mais difíceis de explicar são os que nos apresentam imagens incoerentes, fantásticas, sem realidade aparente. Um estudo mais aprofundado do singular fenômeno das criações fluídicas sem dúvida nos porá no caminho.

Esperando, eis uma teoria que parece avançar um passo na questão. Não a damos como absoluta, mas como fundada na lógica e podendo ser objeto de estudo. Ela nos foi dada por um dos nossos melhores médiuns, em estado de sonambulismo muito lúcido, por ocasião do fato seguinte:

Instado pela mãe de uma jovem a lhe dar notícias da filha, que estava em Lyon, ele a viu deitada e adormecida, e descreveu com exatidão o apartamento em que se achava. Essa jovem, de dezesseis anos, era médium escrevente; a mãe perguntou se ela tinha aptidão para tornar-se médium vidente. Esperai, disse o sonâmbulo, é preciso que eu siga o rasto de seu Espírito, que

neste momento não está no corpo. Ela está aqui, na villa Ségur, na sala onde estamos, atraída pelo vosso pensamento; ela vos vê e vos escuta. Para ela é um sonho, do qual não se recordará ao despertar.

Pode-se, acrescenta ele, dividir os sonhos em três categorias, caracterizadas pelo grau da lembrança que resta no estado de desprendimento no qual se acha o Espírito. São:

1º – Os sonhos provocados pela ação da matéria e dos sentidos sobre o Espírito, isto é, aqueles em que o organismo representa um papel preponderante pela união mais íntima entre o corpo e o Espírito. Deles nos lembramos claramente e, por pouco desenvolvida que seja a memória, conservamos uma impressão durável.

2º – Os sonhos que podem ser chamados *mistos*. Participam ao mesmo tempo da matéria e do Espírito. O desprendimento é mais completo. Deles nos lembramos ao acordar, para os esquecer quase que instantaneamente, a menos que alguma particularidade venha despertar a sua lembrança.

3º – Os sonhos *etéreos* ou puramente *espirituais*. São produzidos apenas pelo Espírito, que está desprendido da matéria, tanto quanto o pode estar durante a vida do corpo. Deles não nos recordamos; ou, se restasse uma vaga lembrança do que sonhamos, nenhuma circunstância poderia trazer à memória os incidentes do sono.

O sonho atual dessa jovem pertence à terceira categoria. Ela não se lembrará dele. Foi conduzida aqui por um Espírito muito conhecido do mundo espírita lionês e, mesmo, do mundo espírita europeu (o sonâmbulo-médium descreve o Espírito Cárita). Ele a trouxe com o objetivo de que ela conserve, se não uma lembrança precisa, um pressentimento do bem que se pode haurir de uma crença firme, pura e santa, e do bem que se pode fazer aos outros, fazendo-o a si mesmo.

Ela diz à mãe que, caso se lembrasse tão bem em seu estado normal quanto se lembra agora de suas encarnações precedentes, não demoraria muito tempo no estado estacionário em que está, pois vê claramente e pode avançar sem hesitação, ao passo que no estado ordinário temos uma venda sobre os olhos. Ela diz aos assistentes: “Obrigado por vos terdes ocupado de mim.” Depois beija sua mãe. Como é feliz! acrescenta o médium, terminando, como é feliz com este sonho, do qual não se lembrará, mas que, nem por isso, deixará de lhe causar uma impressão salutar! São esses sonhos inconscientes que proporcionam essas sensações indefiníveis de contentamento e felicidade, de que não nos damos conta, e que são um antegozo daquilo de que desfrutam os Espíritos felizes.

Deduz-se daí que o Espírito encarnado pode sofrer transformações que modificam suas aptidões. Um fato que talvez não tenha sido suficientemente observado vem em apoio da teoria acima. Sabe-se que o esquecimento ao acordar é um dos caracteres do sonambulismo. Ora, do primeiro grau de lucidez o Espírito passa, por vezes, a um grau mais elevado, *que é diferente do êxtase*, e no qual adquire novas idéias e percepções mais sutis. Saindo deste segundo grau para entrar no primeiro, não se lembrará do que disse, nem do que viu; depois, passando deste grau para o estado de vigília, há um novo esquecimento. Uma coisa a notar é que há lembrança do grau superior ao grau inferior, enquanto há esquecimento do grau inferior para o superior.

É, pois, bem evidente que entre os dois estados sonambúlicos de que acabamos de falar, passa-se algo análogo ao que ocorre entre o estado de vigília e o primeiro grau de lucidez; que o que se passa influi sobre as faculdades e as aptidões do Espírito. Dir-se-ia que do estado de vigília ao primeiro grau o Espírito é despojado de um véu; que do primeiro ao segundo grau é despojado de um segundo véu. Não mais existindo esses véus nos graus superiores, o Espírito vê o que está abaixo e se lembra;

descendo a escala, os véus se refazem sucessivamente e lhe ocultam o que está acima, fazendo que deles perca a lembrança. Às vezes a vontade do magnetizador pode dissipar esse véu *fluidico* e restituir a lembrança.

Como se vê, há uma grande analogia entre esses dois estados sonambúlicos e as diversas categorias de sonhos descritos acima. Parece-nos mais que provável que, num caso e noutro, o Espírito se ache numa situação idêntica. A cada degrau que sobe, eleva-se acima de uma camada de névoa; sua visão e suas percepções são mais claras.

Questões e Problemas

CURA MORAL DOS ENCARNADOS

Muitas vezes vemos Espíritos de natureza má cederem muito prontamente sob a influência da moralização e se melhorarem. Podemos agir do mesmo modo sobre os encarnados, mais com muito mais trabalho. Por que a educação moral dos Espíritos desencarnados é mais fácil que a dos encarnados?

Esta pergunta foi motivada pelo seguinte fato. Um rapaz, cego há doze anos, tinha sido recolhido por um espírita devotado, empenhado em curá-lo pelo magnetismo, pois os Espíritos haviam dito que a cura era possível. Mas o rapaz, em vez de se mostrar reconhecido pela bondade de que era objeto, e sem a qual teria ficado sem asilo e sem pão, só teve ingratidão e mau procedimento, dando provas do pior caráter.

Consultado a respeito, respondeu o Espírito São Luís:

“Como muitos outros, esse jovem é punido por onde pecou e suporta a pena de sua má conduta. Sua enfermidade não é incurável, e uma magnetização espiritual, praticada com zelo,

devotamento e perseverança, certamente teria êxito, auxiliada por um tratamento médico destinado a corrigir seu sangue viciado. Já haveria uma sensível melhora em sua visão, que ainda não está completamente extinta, se os maus fluidos de que está cercado e saturado não opusessem um obstáculo à penetração dos bons fluidos que, de certo modo, são repelidos. No estado em que se encontra, a ação magnética será impotente, enquanto não se desembaraçar, por sua vontade e sua melhoria, desses fluidos perniciosos.

“É, pois, uma cura moral que se deve obter, antes de buscar a cura física. Só um retorno sério sobre si mesmo poderá tornar eficazes os cuidados de seu magnetizador, que os Espíritos bons se desvelarão em secundar. Caso contrário, deve-se esperar que perca o pouco de luz que lhe resta e que sofra novas e mais terríveis provações.

“Agi, pois, sobre ele como fazeis com os Espíritos maus desencarnados, que quereis reconduzir ao bem. Ele não está sob a ação de uma obsessão: é sua natureza que é má e, além disso, perverteu-se no meio onde viveu. Os Espíritos maus que o assediam só são atraídos pela similitude existente entre eles; à medida que se melhorar, eles se afastarão. Só então a ação magnética terá toda a sua eficácia. Dai-lhe conselhos; explicai-lhe sua posição; que várias pessoas sinceras se unam em pensamento para orar, a fim de atrair para ele influências salutares. Se as aproveitar, não tardará a lhes experimentar os bons efeitos, pois será recompensado por um mais sensível na sua posição.”

Esta instrução nos revela um fato importante, o do obstáculo oposto pelo estado moral, em certos casos, à cura dos males físicos. A explicação acima é de uma lógica incontestável, mas não poderia ser compreendida pelos que só vêem em toda parte a ação exclusiva da matéria. No caso em tela, a cura moral do paciente encontrou sérias dificuldades; foi o que motivou a pergunta acima, proposta na Sociedade Espírita de Paris.

Foram obtidas seis respostas, todas concordando perfeitamente entre si. Citaremos apenas duas, para evitar repetições inúteis. Escolhemos aquelas em que a questão é tratada com mais desenvolvimento.

I

Como o Espírito desencarnado vê manifestamente o que se passa e os exemplos terríveis da vida, compreende com tanto mais rapidez o que o estimula a crer ou a fazer. Esta a razão por que não é raro vermos Espíritos desencarnados dissertarem sabiamente sobre questões que, em vida, estavam longe de os comover.

A adversidade amadurece o pensamento. Esta expressão é verdadeira sobretudo para os Espíritos desencarnados, que vêm de perto as conseqüências de sua vida passada.

A negligência e o preconceito, ao contrário, triunfam nos Espíritos encarnados; as seduções da vida e, mesmo, os seus desenganos, dão-lhes uma misantropia ou uma completa indiferença pelos homens e pelas coisas divinas. A carne lhes faz esquecer o Espírito; uns, essencialmente honestos, fazem o bem evitando o mal, por amor do bem, mas a vida de sua alma é quase nula; outros, ao contrário, consideram a vida como uma comédia e esquecem seu papel de homens; outros, enfim, completamente embrutecidos e no último degrau da espécie humana, nada vendo além, não pressentindo mesmo nada, entregam-se, como animais, aos crimes bárbaros e esquecem sua origem.

Assim, uns e outros, pela própria vida, são arrastados, ao passo que os Espíritos desencarnados vêm, escutam e se arrependem com mais boa vontade.

Lamennais (Médium: Sr. A. Didier)

II

Quantos problemas e questões a resolver antes que seja realizada a transformação humanitária conforme as idéias espíritas! a da educação dos Espíritos encarnados, do ponto de vista moral, está neste número. Os desencarnados estão desembaraçados dos laços da carne e não mais lhe sofrem as condições inferiores, ao passo que os homens, acorrentados numa matéria imperiosa do ponto de vista pessoal, se deixam arrastar pelo estado das provas no qual estão mergulhados. É em razão da diferença entre as diversas situações que se deve atribuir a dificuldade que experimentam os Espíritos iniciadores e os homens encarregados de melhorarem rapidamente e em algumas semanas, as criaturas que lhes são confiadas. Os Espíritos, ao contrário, aos quais a matéria já não opõe suas leis, nem mais fornece meios de satisfazer seus maus apetites e que, por conseguinte, não têm mais desejos insaciáveis, são mais aptos a aceitar os conselhos que lhes são dados. Talvez respondam com esta pergunta, que tem sua importância: Por que não ouvem os conselhos de seus guias do espaço e esperam os ensinamentos dos homens? Porque é necessário que os dois mundos, visível e invisível, reajam um sobre o outro e que a ação dos humanos seja útil aos que viveram, como a ação da maior parte destes é benéfica aos que vivem entre vós. É uma dupla corrente, uma dupla ação, igualmente satisfatória para esses dois mundos, que estão unidos por tantos laços.

Eis o que julgo dever responder à pergunta levantada por vosso presidente.

Erasto (Médium: Sr. d'Ambel)

SOBRE A MORTE DOS ESPÍRITAS

Desde algum tempo a morte tem levado bem grande número de espíritas fervorosos e dedicados, cujo concurso podia ter sido útil à causa. Qual a conseqüência a tirar deste fato?

Esta pergunta foi motivada pela morte recente do Sr. Geoffroy, de Saint-Jean d'Angely, membro honorário da Sociedade Espírita de Paris.

(Sociedade de Paris, 26 de maio de 1865 – Médiun: Sra. B...)

Como acaba de dizer o vosso presidente, um grande número de adeptos de nossa bela doutrina deixou o vosso mundo ultimamente. Não os lamenteis; depois de haverem feito os primeiros sulcos nesse campo que ides arrotear, foram repousar algumas horas, a fim de se prepararem para um novo trabalho; foram retemperar sua alma viril nessa fonte de vida e de progresso que, cada vez mais, deve derramar em vossa Terra suas ondas benfazejas. Em breve, novos atletas surgirão em campo com novas forças e uma caridade mais perfeita. Porque a alma que entreviu os esplendores da eterna verdade não pode recuar; mas, fiel à atração divina que a quer aproximar do foco da justiça, da ciência e do amor, segue seu caminho sem mais se desviar.

Oh! meus amigos, como é bela esta morada que vos está preparada! Tornai-vos dignos dela o quanto antes; libertai-vos, pois, dessas susceptibilidades indignas, que muitas vezes ainda se encontram em vosso meio; são resquícios das raízes do orgulho, tão difíceis de extirpar do vosso mundo e, contudo, foi para o destruir que o Cristo veio entre vós; porque enquanto ele subsistir entre os humanos, estes não poderão alcançar a felicidade.

Meus amigos, há dezoito séculos que vos pregam a admirável doutrina do Cristo, e ela ainda não foi compreendida; mas o Espiritismo, vindo vos ensinar a desenvolver vossas faculdades intelectuais e a lhes dar uma boa direção, abre uma era nova em que se preencherá a lacuna que existia no ensino primitivo.

Assim, estudai de maneira séria e digna de tão grave assunto; mas, sobretudo, modificai o que há em vós de imperfeito, porque o mestre diz a todos: “Tornai-vos perfeitos, como perfeito

é vosso pai celestial.” Então vossa alma depurada se elevará gloriosa para as esplêndidas regiões onde o mal não tem mais acesso e onde tudo é harmonia.

São Luís

Estudos Morais

A COMUNA DE KOENIGSFELD, MUNDO FUTURO EM MINIATURA

Lê-se no *Galneur de Colmar*:

“A comuna de Koenigsfeld, perto de Villingen, na Floresta Negra, conta cerca de 400 habitantes e forma um estado modelo em miniatura. Há cinqüenta anos, data da existência dessa comuna, jamais aconteceu a um habitante qualquer se envolver com a polícia; nunca houve casos de delitos ou de crimes; durante cinqüenta anos jamais houve hasta pública ou nasceu um filho natural. Nunca foi aberto um processo nessa comuna. Também ali não se encontram mendigos.”

Tendo sido lida na Sociedade de Paris, esta interessante nota deu motivo à seguinte comunicação espontânea:

“É belo ver a virtude num centro restrito e pobre; lá todos se conhecem, todos se vêem e a caridade é simples e grande. Não é o exemplo mais impressionante da solidariedade universal essa pequena comuna? Não é em menor escala o que um dia será o resultado da verdadeira caridade, quando esta for praticada por todos os homens? Tudo está aí, espíritas: a caridade, a tolerância. Entre vós, a não ser o socorro ao infortúnio, que é praticado, as relações inteligentes, isentas de inveja, de ciúme e de dureza, o são sempre.”

Lamennais (Médium: Sr. A. Didier)

Qual a causa da maior parte dos males da Terra, senão o contato incessante dos homens maus e perversos? O egoísmo mata a benevolência, a condescendência, a indulgência, o devotamento, a afeição desinteressada e todas as qualidades que fazem o encanto e a segurança das relações sociais. Numa sociedade de egoístas não há segurança para ninguém, porque cada um, apenas buscando o próprio interesse, sacrifica sem escrúpulo o do vizinho. Muitas criaturas se julgam perfeitamente honestas, porque incapazes de assassinar e de roubar nas estradas; mas será que aquele que, por cupidez e severidade, causa a ruína de um indivíduo e o impele ao suicídio, reduzindo toda uma família à miséria, ao desespero, não é pior que um assassino e um ladrão? Assassina em fogo brando; e porque a lei não o condena e os semelhantes aplaudem sua maneira de agir e sua habilidade, crê-se isento de censuras e marcha de frente erguida! Assim os homens estão sempre desconfiados uns dos outros; sua vida é uma ansiedade perpétua; se não temem o ferro, nem o veneno, são alvo das chicanas, da inveja, do ciúme, da calúnia, numa palavra, do assassinato moral. Que seria preciso fazer para cessar esse estado de coisas? Praticar a caridade. Tudo está aí, como diz Lamennais.

A comuna de Koenigsfeld oferece-nos em miniatura o que será o mundo quando for regenerado. O que é possível em pequena escala sê-lo-á em grande? Duvidar disto seria negar o progresso. Dia virá em que os homens, vencidos pelos males gerados pelo egoísmo, compreenderão que seguem caminho errado, e quer Deus que eles o aprendam à própria custa, porque lhes deu o livre-arbítrio. O excesso do mal lhes fará sentir a necessidade do bem e eles se voltarão para este lado, como para a única âncora de salvação. Quem os levará a isto? A fé séria no futuro, e não a crença no nada depois da morte; a confiança num Deus bom e misericordioso, e não o temor dos suplícios eternos.

Tudo está submetido à lei do progresso; os mundos também progridem, física e moralmente; mas se a transformação da Humanidade deve esperar o resultado da melhora individual, se

nenhuma causa vier acelerar essa transformação, quantos séculos, quantos milhares de anos não serão ainda precisos? Tendo a Terra chegado a uma de suas fases progressivas basta não mais permitir aos Espíritos atrasados de aqui reencarnarem, de modo que, à medida que se forem extinguindo, Espíritos mais adiantados venham tomar o lugar dos que partem, para que em uma ou duas gerações o caráter geral da Humanidade seja mudado.

Suponhamos, pois, que em vez de Espíritos egoístas, a Humanidade seja, num dado tempo, formada de Espíritos imbuídos de sentimentos de caridade: em vez de buscarem prejudicar-se, eles se ajudarão mutuamente, viverão felizes e em paz. Não mais ambição de povo a povo e, portanto, não mais guerras; não mais soberanos governando ao seu bel-prazer, a justiça em vez do arbítrio, portanto não mais revoluções; não mais os fortes esmagando ou explorando o fraco; equidade *voluntária* em todas as transações, portanto não mais querelas e chicanas. Tal será o estado do mundo depois de sua transformação. De um mundo de expiação e de provas, de um lugar de exílio para os Espíritos imperfeitos, tornar-se-á um mundo feliz, um local de repouso para os Espíritos bons; de um mundo de punição, será um mundo de recompensa.

A comuna de Koenigsfeld compõe-se incontestavelmente de Espíritos adiantados, ao menos moralmente, se não cientificamente, e que praticam entre si a lei de caridade e de amor ao próximo; esses Espíritos se reúnem por simpatia nesse recanto bendito da Terra para aí viver em paz, esperando que o possam fazer em toda a sua superfície. Suponhamos que alguns Espíritos trapalhões, egoístas e maus aí venham encarnar-se; em breve semearão a perturbação e a confusão; ver-se-ia restabelecer-se, como alhures, as querelas, os processos, os delitos e os crimes. Assim seria o estado da Terra, depois de sua transformação, se Deus a abrisse ao acesso dos Espíritos maus. Progredindo a Terra, aí estariam deslocados e por isso irão expiar seu endurecimento e burilar sua educação moral em mundos menos adiantados.

Variedades

MANIFESTAÇÕES ESPONTÂNEAS DIVERSAS

Uma carta de um dos nossos correspondentes contém o seguinte relato:

...Começo por uma recordação de minha infância, que jamais esqueci, embora remonte a uma época já bem afastada.

Em 1819 ou 1820, falou-se muito em Saumur de uma aparição a um oficial da guarnição da cidade. Aquele oficial, hospedado na casa de uma família distinta, deitou-se pela manhã para repousar de uma noite insone. Algumas horas depois, abrindo os olhos, percebeu uma sombra no quarto, vestida de branco. Julgando uma brincadeira de um de seus camaradas, levantou-se para ir ao brincalhão. A sombra recuou à sua frente, deslizou para alcova e desapareceu. A porta, que ele havia fechado para não ser incomodado, ainda estava fechada, e uma mocinha da casa, doente há algum tempo, acabava de morrer naquele mesmo instante.

O fato, que resvala no Espiritismo, lembrou a um de seus camaradas, Sr. de R..., tenente de cavalaria, um sonho extraordinário que tivera há muito tempo e que então deu a conhecer.

Estando na guarnição de Versalhes, o Sr. R... sonhou que via um homem cortando a garganta e recolhendo o sangue num vaso. Levantou-se às cinco horas da manhã, muito preocupado com o sonho e dirigiu-se ao quartel de cavalaria; estava em serviço. Seguindo uma rua ainda deserta, percebeu um grupo de pessoas examinando algo com muita atenção. Aproximou-se e soube que um homem acabava de se matar e, coisa extraordinária, disseram-lhe que tinha feito correr o sangue numa tina, cortando o pescoço. O Sr. de R... reconheceu nas feições desse homem aquele mesmo que tinha visto durante a noite, no sonho.

Eu só soube desses fatos por ouvir dizer, e não conheci nenhum dos oficiais. Eis outros, que me são quase pessoais:

Minha mãe era uma mulher de uma piedade verdadeira e esclarecida, que na maioria das vezes só se manifestava por uma ardente caridade, como o ordena o Espiritismo, mas sem qualquer caráter supersticioso e impressionável. Muitas vezes me contou esta lembrança de sua juventude. Quando moça, tinha uma amiga muito doente, ao lado da qual passava parte das noites, para lhe prestar cuidados. Uma noite em que caía de fadiga, o pai da doente insistiu para que fosse repousar, prometendo-lhe que se a filha piorasse iria preveni-la. Minha mãe cedeu e deitou-se, depois de ter trancado bem o quarto. Cerca de duas horas da manhã foi despertada pelo contato de dois dedos gelados sobre o ombro. Ficou vivamente impressionada e não conseguiu mais dormir. Então se vestiu para ir à sua querida doente, e já ia abrir a sua porta quando bateram na porta da casa. Era um empregado que vinha comunicar-lhe a morte de sua amiga, que acabava de expirar.

Certo dia do ano de 1851 eu percorria a galeria de quadros e retratos da família do magnífico castelo de C..., conduzido pelo Dr. B..., que tinha sido médico da família. Parei algum tempo em frente ao retrato de um homem de quarenta e poucos anos, vestido, tanto quanto posso lembrar, com um costume azul, colete listrado de vermelho e preto e calças cinzentas. O Sr. B... se aproximou de mim e disse: “Eis como vi o conde de C..., quinze dias depois de sua morte.” Pedi uma explicação e eis o que me foi respondido: “Certa noite, na bruma, mais ou menos quinze dias depois da morte do Sr. de C..., eu saía do quarto da senhora condessa. Para sair, eu devia seguir um longo corredor, no qual se abria a porta do gabinete do Sr. de C... Quando cheguei em frente daquela porta, ela se abriu e o Sr. de C... saiu, avançou para mim e marchou ao meu lado até a porta de saída.

O Sr. de B... atribuiu o fato a uma alucinação. Mas, em todo o caso, ela se teria prolongado muito, porque penso que no fim do corredor havia outra peça a atravessar antes da saída.

Enfim, eis um fato que me é inteiramente pessoal.

Em 1829, creio, em Hagueneau, na Alsácia, eu era encarregado da direção de uma enfermaria de convalescentes, que nos enviava a numerosa guarnição de Strasburgo, então muito atacada por febres intermitentes. No número dos doentes eu tinha um jovem tocador de tambor que, todas as noites, depois de meia-noite, sentia alguém deslizar em seu leito, agarrá-lo e morder-lhe o peito à altura da mama esquerda. Os seus camaradas de quarto me disseram que nos últimos oito dias eram despertados por seus gritos; que ao se aproximarem dele o encontravam agitado, apavorado e só podiam acalmá-lo depois de explorar com a ponta do sabre e constatar que não havia ninguém, nem debaixo da cama, nem nas cercanias. Encontrei o jovem soldado com o peito um tanto inchado e doloroso do lado esquerdo, e então atribuí seu estado à ação desta causa física sobre a sua imaginação; mas o efeito só se produzia por alguns instantes em cada vinte e quatro horas. Produziu-se ainda algumas vezes, depois não mais ouvi falar do caso...

Observação – Sabe-se quão numerosos são os fatos desse gênero; o Espiritismo os admite, porque lhes dá a única explicação racional possível. Por certo haverá, nesse número, alguns que, a rigor, poderiam ser atribuídos ao que se convencionou chamar de alucinação, ou a uma preocupação do Espírito; mas já não poderia ser assim quando são seguidos de uma ação material. São tanto mais importantes quanto mais reconhecida sua autenticidade, e não podem, como dissemos num artigo precedente, ser levados à conta de habilidades.

Dissertações Espíritas

O CARDEAL WISEMAN

O *Patrie* de 18 de março de 1865 relatava o seguinte:

“O cardeal Wiseman, que acaba de morrer na Inglaterra, acreditava no Espiritismo. É o que prova o fato seguinte, citado pelo *Spiritualist magazine*.

“Um bispo tinha interditado a atuação de dois membros de sua Igreja, por causa de sua tendência ao Espiritismo. O cardeal suspendeu essa interdição e permitiu que os dois sacerdotes prosseguissem seus estudos e servissem como médiuns, dizendo-lhes: ‘Eu mesmo creio firmemente no Espiritismo, e não poderia ser um bom membro da Igreja se tivesse a menor dúvida a respeito’.”

Este artigo tinha sido lido e comentado numa reunião espírita em casa do Sr. Delanne, mas hesitavam em fazer a evocação do cardeal quando este se manifestou espontaneamente pelas duas comunicações seguintes:

I

Vosso desejo de me evocar me trouxe a vós e estou contente por vir dizer-vos, meus irmãos bem-amados, que na Terra eu era, sim, um espírita convicto. Tinha vindo com essas aspirações, que não pudera desenvolver, mas me sentia feliz por vê-las desenvolvidas por outros. Eu era espírita porque o Espiritismo é o caminho reto que conduz ao verdadeiro objetivo e à perfeição; eu era espírita porque reconhecia no Espiritismo a realização de todas as profecias, desde o começo do mundo até os nossos dias; eu era espírita porque esta doutrina é o desenvolvimento da religião, o esclarecimento dos mistérios e a marcha da Humanidade inteira para Deus, que é a unidade; eu era espírita porque compreendi que

esta revelação vinha de Deus e que todos os homens sérios deviam ajudar sua marcha, a fim de um dia todos poderem se dar as mãos socorristas; enfim eu era espírita porque o Espiritismo não lança anátema sobre ninguém e que, a exemplo do Cristo, nosso divino modelo, estende os braços a todos, sem distinção de classes e de culto. Eis por que eu era espírita cristão.

Ó meus irmãos bem-amados! que graça imensa concede o Senhor aos homens em lhes enviando esta luz divina, que lhes abre os olhos e lhes faz ver de maneira irrecusável que além do túmulo existe mesmo uma outra vida e que, em vez de temer a morte, quando se viveu segundo os desígnios de Deus, deve-se abençoá-la quando vem libertar um de nós das pesadas cadeias da matéria.

Sim, essa vida, que se prega constantemente de maneira tão assustadora, existe; mas nada tem de penosa para as almas que, na Terra, observaram as leis do Senhor. Sim, lá se encontram aqueles a quem amamos na Terra; é a mãe bem-amada, uma terna mãe que vos vem felicitar e receber; são amigos que vos vêm ajudar a vos reconhecerdes em vossa verdadeira pátria, e que vos mostram todos os encantos da vida verdadeira, em relação aos quais os da Terra não passam de tristes imagens.

Perseverai, meus irmãos bem-amados, em marchar na via abençoada do Espiritismo; que para vós ele não seja uma palavra vã; que as manifestações que recebeis vos ajudem a subir o rude calvário da vida, a fim de que, chegados ao cume, possais colher os frutos de vida que vos tiverdes preparado.

É o que desejo a vós todos, que me escutais, e a todos os meus irmãos em Deus. Aquele que foi o cardeal Wiseman.

(Médium: Sra. Delanne)

II

Meus amigos, por que eu não viria a vós? Os sentimentos expressos quando eu estava em vossa Terra e que devem ser os de todos os servos de Deus e da verdade, devem ser para todo espírita convicto a garantia de que usarei da graça que o Senhor me concede, de vir instruir e guiar meus irmãos.

Oh! sim, meus amigos, é com satisfação e reconhecimento por aquele a quem tudo devemos, que vos venho exortar, vós que tendes a felicidade de ser admitidos entre os Obreiros do Senhor, de perseverar na via em que estais empenhados; se não é a única, pelo menos é a melhor, porque se uma parte da Humanidade pode alcançar a sua salvação com a fé cega, sem cair nas ciladas e nos perigos que ela oferece, com mais forte razão aqueles cuja fé tem por base a razão e o amor de Deus, que vos fazemos conhecer tal qual é, devem chegar a conquistar a vida eterna no seio desse mesmo Deus.

Filhos, inclinai-vos, curvai a cabeça, porque o vosso Deus, vosso pai, vos abençoa. Glorificai-o e amai-o na eternidade!

Oremos juntos.

*Wiseman, assistido por Santo Agostinho
(Médium: Sr. Erambert, de Aix)*

Estas duas comunicações foram ditadas simultaneamente, o que explica a assistência de Santo Agostinho na última. Enquanto Wiseman fazia um dos médiuns escrever, Santo Agostinho fazia escrever o outro, ao qual transmitia o pensamento do cardeal. Muitas vezes vêem-se Espíritos pouco adiantados, ou ainda perturbados, que não podem exprimir-se sem a ajuda de um Espírito mais elevado; mas aqui não é o caso: Wiseman é bastante desprendido para exprimir suas próprias idéias.

As duas comunicações a seguir foram obtidas no dia 24 de março, na Sociedade de Paris, sem evocação, após a leitura das precedentes. A quarta é uma apreciação dos fatos acima, pelo Espírito Lamennais:

III

Meus amigos: venho confirmar minha comunicação de segunda-feira. Estou feliz por vir a um meio onde teria muito a dizer e onde estou certo de ser compreendido. Oh! sim, será uma grande felicidade para mim ver desenvolver-se, sob os olhos do mestre, os progressos da doutrina santa e regeneradora, que deve conduzir o mundo inteiro a seu destino divino.

Amigos, uni vossos esforços na obra que nos é confiada e sede reconhecidos pelo papel que o Criador de todas as coisas vos conferiu. Jamais poderíeis fazer bastante para reconhecer a graça que ele vos concede; mas ele levará em conta a vossa boa vontade, a vossa fé, a vossa caridade e o vosso amor pelos vossos irmãos. Bendizei-o, amai-o, e tereis a vida eterna.

Oremos juntos, meus caros amigos.

Wiseman

(Médium: Sr. Erambert, de Aix)

IV

A religião espiritualista – é preciso não esquecer – é a alma do Cristianismo. Em meio do materialismo, do culto protestante e católico, o cardeal Wiseman ousou proclamar a alma antes do corpo, o espírito antes da letra. Esses tipos de audácia são raros nos dois cleros e, com efeito, é um espetáculo insólito o ato de fé do cardeal Wiseman. Aliás, seria estranho que um Espírito tão culto, tão elevado quanto o do eminente cardeal tivesse visto no Espiritismo uma fé rebelde aos ensinamentos da mais pura moral cristã;

nós, espíritas, nunca aplaudiríamos bastante a essa confiança afastada de todo respeito humano, de todo escrúpulo mundano. Não é um encorajamento a voz de um agonizante tão distinto? Não é um aviso para o futuro? Uma promessa de que, com a boa vontade tão pregada pelo Evangelho, só há uma verdade contida na prática da caridade e na crença na imortalidade da alma? Outras vozes não menos sagradas proclamam diariamente nossa verdade imortal. É um *hosana* sublime que cantam os homens visitados pelo Espírito, *hosana* tão puro, tão entusiasta quanto o das almas visitadas por Jesus.

Nós mesmos, almas em sofrimento, não afastamos de nós a lembrança que nos chega, e no purgatório que padecemos, escutemos as vozes dos que nos fazem ver o além.

Lamennais

(*Médium: Sr. A. Didier*)

Notas Bibliográficas

O Que é o Espiritismo?, por Allan Kardec. Nova edição revista e consideravelmente aumentada. In-12, com quase 200 páginas. Preço: 1 fr.; pelo correio: 1 fr. 20c.

As matérias desta nova edição estão assim divididas:

Capítulo I: *Pequena Conferência*. Primeiro diálogo: *o crítico*. Segundo diálogo: *o céptico*. – Espiritismo e Espiritualismo. – Dissidências. – Fenômenos espíritas simulados. – Impotência dos detratores. – O maravilhoso e o sobrenatural. – Oposição da Ciência. – Falsas explicações dos fenômenos. – Não basta que os incrédulos vejam para que se convençam. – Origem das idéias espíritas modernas. – Meios de comunicação. – Médiuns interesseiros. – Médiuns e feiticeiros. – Diversidade dos Espíritos.

– Utilidade prática das manifestações. – Loucura, suicídio, obsessão. – Esquecimento do passado. – Elementos de convicção. – Sociedade Espírita de Paris. – Interdição do Espiritismo. – Terceiro diálogo: *O Padre*. Objeções em nome da religião.

Capítulo II: *Noções elementares de Espiritismo*. – Espíritos. – Comunicação com o mundo invisível. – Fim providencial das manifestações espíritas. – Médiuns. – Escolhos dos médiuns. – Qualidades dos médiuns. – Charlatanismo. – Identidade dos Espíritos. – Contradições. – Conseqüências do Espiritismo.

Capítulo III: *Solução de alguns problemas pela Doutrina Espírita*. – Pluralidade dos mundos. – A alma. – O homem durante a vida terrena. – O homem depois da morte.

No prelo, para aparecer em 1^o de agosto:

O Céu e o Inferno, ou *A Justiça Divina segundo o Espiritismo*, por Allan Kardec. 1 grosso vol. in-12. Preço: 3 fr. 50c.; pelo correio: 4 fr.

A Vida de Germaine Cousin, de Pibrac, bem-aventurado na caridade, dada mediunicamente por ela própria à Srta. M. S., num grupo familiar. Brochura in-12. Preço: 1 fr.; pelo correio: 1 fr. 10c. Toulouse, nas principais livrarias.

A vida de Germaine Cousin é, ao mesmo tempo, edificante e dramática, mas, também, eminentemente interessante pelos numerosos fatos mediúnicos que encerra, e que, sem o Espiritismo, seriam inexplicáveis ou maravilhosos. Os fenômenos, dos quais somos testemunhas em nossos dias, provam pelo menos a sua possibilidade. Todas as pessoas que não tenham uma idéia

preconcebida da negação e, sobretudo, os espíritas, lerão essa brochura com interesse.

União Espírita Bordelense. Bordeaux contava quatro publicações espíritas periódicas: *La Ruche, le Sauveur, La Lumière e la Voix d'Outre-tombe*. Como *La Lumière e le Sauveur* estavam sob a mesma direção, na realidade havia apenas três, que acabam de fundir-se numa única publicação, sob o título de *União Espírita Bordelense* e sob a direção do Sr. A. Bez, diretor da *Voix d'Outre-tombe*. Cumprimentamos esses senhores pela medida que adotaram e que os nossos adversários se equivocariam se a tomassem como indício de decadência da doutrina. Fatos muito mais concludentes aí estão para provar o contrário.

Os materiais do Espiritismo, embora muito numerosos, rolam num círculo mais ou menos uniforme; daí a falta de variedade suficiente e, para o leitor que os queria receber a todos, uma carga muito onerosa, sem compensação. A nova folha bordelense só poderá ganhar com esta fusão, em todos os pontos de vista, e fazemos votos por sua prosperidade. Lemos com prazer, nos primeiros números, uma ótima refutação aos artigos do Sr. *Fumeaux* sobre a iniquidade e os flagelos do Espiritismo, bem como um interessantíssimo relato de uma nova cura em Marmande. (Ver a seguir em obras diversas).

Ária e letra compostas pelo rei Henrique III, em 1574, e reveladas num sonho em 1865 ao Sr. N. C. Bach; Legouix, editor, 27, boulevard Poissonnière, Paris. Preço marcado: 3 fr.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

AGOSTO DE 1865

Nº 8

O que Ensina o Espiritismo

Há criaturas que perguntam quais são as conquistas novas que devemos ao Espiritismo. Em razão de não haver dotado o mundo com uma nova indústria produtiva, como o vapor, concluem que nada produziu. A maior parte dos que fazem tal pergunta, por não se terem dado ao trabalho de o estudar, só conhecem o Espiritismo de fantasia, criado para as necessidades da crítica, e que nada tem de comum com o Espiritismo sério. Não é, pois, de admirar que perguntem qual pode ser o seu lado útil e prático. Tê-lo-iam descoberto se o tivessem ido buscar em sua fonte, e não nas caricaturas que dele fizeram os que têm interesse em denegri-lo.

Numa outra ordem de idéias, ao contrário, alguns impacientes acham a marcha do Espiritismo muito lenta para o seu gosto. Admiram-se de que ainda não tenha sondado todos os mistérios da Natureza, nem abordado todas as questões que parecem ser de sua alçada; gostariam de vê-lo diariamente ensinar coisas novas, ou enriquecer-se com alguma descoberta recente. E, porque ainda não resolveu a questão da origem dos seres, do princípio e do fim de todas as coisas, da essência divina e de

algumas outras da mesma importância, concluem que não saiu do á-bê-cê, que não entrou na verdadeira via filosófica e que se arrasta em lugares-comuns, já que prega incessantemente a humildade e a caridade. “Até hoje, dizem, o Espiritismo nada nos ensinou de novo, porque a reencarnação, a negação das penas eternas, a imortalidade da alma, a gradação através de períodos da vitalidade intelectual, o perispírito não são descobertas espíritas propriamente ditas; então é preciso marchar para descobertas mais verdadeiras e mais sólidas.”

A propósito, julgamos por bem apresentar algumas observações, que também não serão novidades, pois há coisas que é útil repetir sob diversas formas.

É verdade que o Espiritismo nada inventou de tudo isto, porque somente as verdades verdadeiras são eternas e, por isto mesmo, devem ter germinado em todas as épocas. Mas não é alguma coisa havê-las tirado, se não do nada, ao menos do esquecimento? de um germe ter feito uma planta vivaz? de uma idéia individual, perdida na noite dos tempos, ou abafada sob os preconceitos, ter feito uma crença geral? ter provado o que estava no campo das hipóteses? ter demonstrado a existência de uma lei naquilo que parecia excepcional e fortuito? de uma teoria vaga ter feito uma coisa prática? de uma idéia improdutiva ter tirado aplicações úteis? Nada é mais verdadeiro que o provérbio: “Nada existe de novo debaixo do sol.” E até esta verdade não é nova. Assim, não há uma só descoberta cujos vestígios e o princípio não se encontrem nalguma parte. À vista disso, Copérnico não teria o mérito de seu sistema, porque o movimento da Terra tinha sido suspeitado antes da era cristã. Se a coisa era tão simples, dever-se-ia encontrá-la. A história do ovo de Cristóvão Colombo será sempre uma eterna verdade.

Além disso, é incontestável que o Espiritismo ainda tem muito a nos ensinar. É o que não temos cessado de repetir, pois jamais pretendemos que ele tenha dito a última palavra. Mas do que

ainda resta fazer, segue-se que não tenha ainda saído do á-bê-cê? As mesas girantes foram o seu alfabeto; e, depois, ao que nos parece, tem dado alguns passos; parece mesmo que deu passos bem grandes em alguns anos, se o compararmos às outras ciências, que levaram séculos para chegar ao ponto em que estão. Nenhuma chegou ao apogeu de um salto só; elas avançam, não pela vontade dos homens, mas à medida que as circunstâncias apontam novas descobertas. Ora, ninguém tem o poder de comandar essas circunstâncias, e a prova disto é que, todas as vezes que uma idéia é prematura, aborta, para reaparecer mais tarde, em tempo oportuno.

Mas em falta de novas descobertas, os homens de ciência nada terão a fazer? A Química não será mais a Química se diariamente não descobrir novos corpos? Os astrônomos serão condenados a cruzar os braços por não encontrarem novos planetas? E assim em todos os outros ramos das ciências e da indústria. Antes de procurar coisas novas, não se deve fazer a aplicação daquilo que se sabe? É precisamente para dar aos homens tempo de assimilar, de aplicar e de vulgarizar o que sabem, que a Providência põe um freio na marcha para frente. Aí está a História para nos mostrar que as ciências não seguem uma marcha ascendente contínua, ao menos ostensivamente. Os grandes movimentos que revolucionam uma idéia não se operam senão em intervalos mais ou menos distanciados. Assim, não há estagnação, mas elaboração, aplicação e frutificação daquilo que se sabe, o que é sempre progresso. Poderia o Espírito humano absorver incessantemente novas idéias? A própria terra não precisa de um tempo de repouso antes de reproduzir? Que diriam de um professor que diariamente ensinasse novas regras aos seus alunos, sem lhes dar tempo para se exercitarem nas que aprenderam, de com elas se identificarem e de as aplicarem? Então Deus seria menos providente e menos hábil que um professor? Em todas as coisas as idéias novas devem apoiar-se nas idéias adquiridas; se estas não forem suficientemente elaboradas e consolidadas no cérebro,

se o espírito não as assimilou, as que aí se querem implantar não criam raízes: semeia-se no vazio.

Acontece a mesma coisa com o Espiritismo. Os adeptos aproveitaram de tal modo o que ele até hoje ensinou, que nada mais tenham a fazer? São mais caridosos, desprovidos de orgulho, desinteressados e benevolentes para com os seus semelhantes? Terão moderado as paixões, abjurado o ódio, a inveja e o ciúme? Enfim, são tão perfeitos que de agora em diante seja supérfluo pregar-lhes a caridade, a humildade, a abnegação, numa palavra, a moral? Essa pretensão, por si só, provaria quanto ainda necessitam dessas lições elementares, que alguns consideram fastidiosas e pueris. Entretanto, somente com o auxílio dessas instruções, se as aproveitarem, é que poderão elevar-se bastante para se tornarem dignos de receber um ensinamento superior.

O Espiritismo contribui para a regeneração da Humanidade: isto é um fato constatado. Ora, não podendo essa regeneração operar-se senão pelo progresso moral, resulta que seu objetivo essencial, providencial, é o melhoramento de cada um; os mistérios que pode nos revelar são a parte acessória, porquanto, ao nos abrir o santuário de todos os conhecimentos só estaremos mais adiantados para o nosso estado futuro se formos melhores. Para nos admitir no banquete da suprema felicidade, Deus não pergunta o que sabemos, nem o que possuímos, mas o que valemos e o bem que fizemos. Portanto, é acima de tudo pelo seu melhoramento individual que todo espírita sincero deve trabalhar. Só aquele que dominou suas más tendências aproveitou realmente o Espiritismo e receberá a sua recompensa. É por isto que os Espíritos bons, por ordem de Deus, multiplicam suas instruções e as repetem até à saciedade; só um orgulho insensato pode dizer: não preciso de mais. Só Deus sabe quando serão inúteis, e só a ele cabe dirigir o ensino de suas mensagens e de o proporcionar ao nosso adiantamento.

Contudo, vejamos se, fora do ensinamento puramente moral, os resultados do Espiritismo são tão estéreis quanto pretendem alguns.

1º – Antes de mais ele dá, como todos sabem, a prova patente da existência e da imortalidade da alma. Não é uma descoberta, é verdade, mas é por falta de provas sobre este ponto que há tantos incrédulos ou indiferentes quanto ao futuro; é provando o que não passava de teoria que ele triunfa sobre o materialismo e previne suas funestas conseqüências para a sociedade. Tendo mudado em certeza a dúvida quanto ao futuro, o Espiritismo opera toda uma revolução nas idéias, cujos resultados são incalculáveis. Se aí se limitasse exclusivamente o resultado das manifestações, quão imensos seriam esses resultados!

2º – Pela firme crença que desenvolve, exerce poderosa ação sobre o moral do homem; impele-o ao bem, consola-o nas aflições, dá-lhe força e coragem nas provações da vida e lhe desvia do pensamento o suicídio.

3º – Retifica todas as idéias falsas que se tivessem sobre o futuro da alma, sobre o céu, o inferno, as penas e recompensas; destrói radicalmente, pela irresistível lógica dos fatos, os dogmas das penas eternas e dos demônios; numa palavra, descobre-nos a vida futura e no-la mostra racional e conforme à justiça de Deus. É ainda uma coisa que tem muito valor.

4º – Dá a conhecer o que se passa no momento da morte; este fenômeno, até hoje insondável, não mais tem mistérios; as menores particularidades dessa passagem tão temível são hoje conhecidas. Ora, como todos morrem, este conhecimento interessa a todo o mundo.

5º – Pela lei da pluralidade das existências, abre um novo campo à filosofia; o homem sabe de onde vem, para onde vai e com que objetivo está na Terra. Explica a causa de todas as

misérias humanas, de todas as desigualdades sociais; dá as próprias leis da Natureza como base dos princípios de solidariedade universal, de fraternidade, de igualdade e de liberdade, que só se assentavam na teoria. Enfim, projeta luz sobre as mais árduas questões da metafísica, da psicologia e da moral.

6º – Pela teoria dos fluidos perispirituais, torna conhecido o mecanismo das sensações e das percepções da alma; explica os fenômenos da dupla vista, da vista a distância, do sonambulismo, do êxtase, dos sonhos, das visões, das aparições, etc.; abre novo campo à Fisiologia e à Patologia.

7º – Provando as relações existentes entre o mundo corporal e o mundo espiritual, mostra neste último uma das forças ativas da Natureza, um poder inteligente e dá a razão de uma porção de efeitos atribuídos a causas sobrenaturais, e que alimentaram a maior parte das idéias supersticiosas.

8º – Revelando o fato das obsessões, faz conhecer a causa, até aqui desconhecida, das numerosas afecções, sobre as quais a Ciência se havia enganado em prejuízo dos doentes, e dá os meios de os curar.

9º – Dando-nos a conhecer as verdadeiras condições da prece e seu modo de ação; revelando-nos a influência recíproca dos Espíritos encarnados e desencarnados, ensina-nos o poder do homem sobre os Espíritos imperfeitos para os moralizar e os arrancar aos sofrimentos inerentes à sua inferioridade.

10º – Tornando conhecida a magnetização espiritual, que era desconhecida, abre novo caminho ao magnetismo e lhe traz um novo e poderoso elemento de cura.

O mérito de uma invenção não está na descoberta de um princípio, quase sempre conhecido anteriormente, mas na aplicação desse princípio. Sem dúvida a reencarnação não é uma

idéia nova, como o perispírito descrito por São Paulo sob o nome de corpo espiritual também não o é, e nem mesmo a comunicação com os Espíritos. O Espiritismo, que não se gaba de ter descoberto a Natureza, procura cuidadosamente todos os traços que pode encontrar da anterioridade de suas idéias e, quando os encontra, apressa-se em o proclamar, como prova em apoio ao que avança. Aqueles, pois, que invocam essa anterioridade visando depreciar o que ele faz, vão contra o seu objetivo e agem desastradamente, porque isto levaria à suspeição de uma idéia preconcebida.

A descoberta da reencarnação e do perispírito não pertence, pois, ao Espiritismo; é coisa resolvida. Mas, até ele, que proveito a Ciência, a moral, a religião haviam tirado desses dois princípios, ignorados pelas massas e ficados em estado de letra morta? Ele não só os expôs à luz, os provou e faz reconhecer como leis da Natureza, mas os desenvolveu e faz frutificar; deles já fez saírem numerosos e fecundos resultados, sem os quais não se poderia compreender uma infinidade de coisas; diariamente ele nos faz compreender outras novas e estamos longe de haver esgotado esta mina. Considerando-se que esses dois princípios eram conhecidos, por que ficaram improdutivos por tanto tempo? Por que, durante tantos séculos, todas as filosofias se chocaram contra tantos problemas insolúveis? É que eram diamantes brutos, que deviam ser lapidados. É o que faz o Espiritismo. Ele abriu uma nova via à filosofia ou, melhor dizendo, criou uma nova filosofia, que diariamente ocupa seu lugar no mundo. Então estes resultados são de tal modo nulos que devemos apressar a marcha para descobertas mais verdadeiras e mais sólidas?

Em resumo, de um certo número de verdades fundamentais, esboçadas por alguns cérebros de escol e conservadas, em sua maioria, como que em estado latente, uma vez que foram estudadas, elaboradas e provadas, de estéreis que eram tornaram-se uma mina fecunda, de onde saíram uma multidão de princípios secundários e aplicações, e abriram um vasto campo à

exploração, novos horizontes à Ciência, à filosofia, à moral, à religião e à economia social.

Tais são, até hoje, as principais conquistas devidas ao Espiritismo, e não temos feito mais do que indicar os pontos culminantes. Supondo que devessem limitar-se a isto, já nos poderíamos dar por satisfeitos, e dizer que uma ciência nova, que dá tais resultados em menos de dez anos, não pode ser acusada de nulidade, porque toca em todas as questões vitais da Humanidade e traz aos conhecimentos humanos um contingente que não é para desdenhar. Até que esses únicos pontos tenham recebido todas as aplicações de que são susceptíveis, e que os homens os tenham aproveitado, ainda se passará muito tempo, e os espíritas que os quiserem pôr em prática para si próprios e para o bem de todos, não ficarão desocupados.

Esses pontos são outros tantos focos de onde irradiarão inumeráveis verdades secundárias, que se trata de desenvolver e aplicar, o que se faz todos os dias, porque diariamente se revelam fatos que levantam uma nova ponta do véu. O Espiritismo deu sucessivamente e em alguns anos todas as bases fundamentais do novo edifício. Cabe agora aos seus adeptos pôr em obra esses materiais, antes de pedir outros novos. Deus saberá bem lhos fornecer, quando tiverem acabado sua tarefa.

Dizem que os espíritas só sabem o á-bê-cê do Espiritismo. Seja. Que aprendamos, então, a silabar esse alfabeto, o que não será o caso de um dia, porque, mesmo reduzido a estas proporções, passará muito tempo antes de haver esgotado todas as cominações e colhido todos os frutos. Não restam mais fatos a explicar? Aliás, os espíritas não devem ensinar esse alfabeto aos que o ignoram? Já lançaram a semente em toda parte onde poderiam fazê-lo? Não resta mais incrédulos a convencer, obsedados a curar, consolações a dar, lágrimas a enxugar? Há fundamento em dizer que nada mais se deve fazer quando não se terminou a tarefa,

quando ainda restam tantas chagas a fechar? São nobres ocupações que valem bem a vã satisfação de as saber um tanto mais e um pouco mais cedo que os outros.

Saibamos, pois, soletrar o nosso alfabeto antes de querer ler fluentemente no grande livro da Natureza. Deus saberá bem no-lo abrir, à medida que avançarmos, mas não depende de nenhum mortal forçar sua vontade, antecipando o tempo para cada coisa. Se a árvore da Ciência é muito alta para que possamos atingi-la, esperemos, para sobrevoá-la, que as nossas asas estejam crescidas e solidamente pregadas, para não virmos a ter a sorte de Ícaro.

Abade Dégenettes, Médium

ANTIGO CURA DE NOTRE-DAME DES VICTOIRES, EM PARIS

O fato seguinte foi tirado textualmente da obra intitulada: *Mês de Maria*, pelo abade Défossés:

Eis como se produziu no mundo, *de maneira sobrenatural e celeste, a obra divina da arquiconfraria do santíssimo e imaculado Coração de Maria*. Deixemos ainda a palavra ao Sr. Dégenettes. Quem melhor do que ele poderia contar-nos o que se passou?

“A arquiconfraria nasceu em 3 de dezembro de 1836. Muitas pessoas que só julgam pelas aparências, *nos chamam o seu fundador. Não podemos deixar passar este preconceito sem o combater e o destruir; não somos o seu fundador*. Só a Deus a honra e a glória. Não tínhamos nenhuma das disposições de espírito nem de coração que nos pudessem preparar para isto. Devemos confessar, pedindo perdão a Deus e a Maria que, embora filho de Maria, habituado desde tenra idade a amá-la, a venerá-la como a mais terna das mães, nada compreendíamos da devoção de seu santo coração, que até

evitávamos de nele pensar. Acrescentamos ainda que um santo religioso, o padre Maccarty, tendo pregado um dia em nossa igreja das missões estrangeiras sobre o santo coração de Maria, não recolhemos de seu sermão nenhum sentimento que desse o nosso sufrágio ordinário à eloquência do pregador, mas só desgosto, tão grande era o orgulho de nossa prevenção, por ter ele tratado de um assunto que pensávamos não ser mais útil aos outros do que a nós. Tal foi nossa disposição constante até o dia 3 de dezembro de 1836, festa de São Francisco Xavier.

“Naquele dia, às nove horas da manhã, eu começava a santa missa ao pé do altar da santa Virgem, que depois consagramos ao seu santíssimo e imaculado Coração, e que é hoje o altar da arquiconfraria. Eu estava no primeiro versículo do salmo *Judica me*, quando um pensamento veio apoderar-se de meu espírito: era o pensamento da inutilidade de meu ministério nessa paróquia; ele não me era estranho e eu tinha muitas ocasiões de o conceber e de o recordar; mas naquela circunstância ele me feriu mais vivamente que de ordinário. Como não era o lugar nem o tempo para dele me ocupar, fiz todos os esforços possíveis para o afastar de meu espírito. Não tive sucesso e parecia-me sempre ouvir uma voz, que vinha de meu íntimo e me dizia: *Nada fazes, teu ministério é nulo. Vê, estás aqui há quatro anos; que ganhaste? Tudo está perdido, este povo não tem mais fé. Por prudência deverias retirar-te!*...

“A despeito de todos os meus esforços para repelir este pensamento infeliz, ele se obstinou de tal modo que absorveu todas as faculdades de meu espírito, a ponto de eu ler e recitar preces sem mais compreender o que dizia. A violência que eu me tinha feito me havia fatigado e eu experimentava uma transpiração das mais abundantes. Fiquei nesse estado até o começo do cânone da missa. Depois de haver recitado o *Sanctus*, parei um instante, procurando restabelecer minhas idéias; aterrorizado com o estado de meu espírito, disse-me: ‘Meu Deus, em que estado estou? Como vou oferecer o divino sacrifício? Não tenho bastante liberdade de

espírito para consagrar. Ó meu Deus, livrai-me desta distração.’ Tão logo proferi estas palavras, ouvi distintamente estas outras, pronunciadas de maneira solene: *Consagra tua paróquia ao santíssimo e imaculado Coração de Maria*. Mal ouvidas estas palavras, que não me feriam os ouvidos, mas apenas ressoavam dentro de mim, recobrei imediatamente a calma e a liberdade de espírito. A fatal impressão que me tinha agitado tão violentamente logo se apagou e dela não me restou nenhum traço. Dei seguimento aos santos mistérios sem nenhuma lembrança de minha precedente distração.

“Após minha ação de graças, examinei a maneira pela qual tinha oferecido o santo sacrifício. Só então me lembrei de que tivera uma distração, embora não passasse de uma lembrança confusa e, por alguns instantes, vi-me obrigado a pesquisar qual teria sido o seu objeto. Tranqüilizei-me, dizendo: ‘Não pequei; eu não estava livre.’ Perguntei-me como essa distração havia cessado e a lembrança das palavras que ouvira se me apresentou ao espírito. Esse pensamento me feriu com uma espécie de terror. Procurei negar a possibilidade do fato, mas minha memória confundia os raciocínios que eu me objetava. Batalhei comigo mesmo durante dez minutos. Dizia de mim para mim: *Se parasse nisto, expor-me-ia a uma grande desgraça; ela afetaria meu moral e eu poderia tornar-me visionário*.

“Fatigado por esse novo combate, tomei meu partido e disse: *Não posso deter-me nesse pensamento; ele teria conseqüências deploráveis; aliás, é uma ilusão; tive uma longa distração durante a missa, eis tudo. O essencial para mim é não ter pecado. Não quero mais pensar nisto*. Apoiei as mãos no genuflexório sobre o qual estava ajoelhado. No mesmo instante, e ainda não me tinha levantado (estava só na sacristia), ouvi pronunciar bem distintamente: *Consagra tua paróquia ao santíssimo e imaculado Coração de Maria*. Torno a cair de joelhos e minha primeira impressão foi um momento de estupefação. Eram as mesmas palavras, o mesmo som, a mesma maneira de as ouvir. Durante alguns instantes tentei não acreditar; *ao menos queria*

duvidar e não o podia mais. Eu tinha ouvido, *não podia ocultá-lo a mim mesmo.* Um sentimento de tristeza tomou conta de mim; as inquietudes que acabavam de atormentar o meu espírito apresentaram-se de novo. Em vão tentei expulsar todas essas idéias; eu me dizia: *É ainda uma ilusão, fruto do abalo dado em teu cérebro pela primeira impressão que ressentiste; não ouviste, não pudeste ouvir,* mas o sentido íntimo me dizia: *Não podes duvidar; ouviste duas vezes.*

“Tomei a decisão de não me ocupar com o que acabava de acontecer, de tentar esquecer. Mas estas palavras: *Consagra tua paróquia ao santíssimo e imaculado Coração de Maria,* se me apresentavam incessantemente ao espírito. Para me livrar da impressão que me fatigava, cedi exausto e me disse: *É sempre um ato de devoção à santa Virgem, que pode ter um bom efeito; tentemos.* Meu consentimento não era livre; era exigido pela fadiga do meu espírito. Entrei em meu apartamento. Para me livrar desse pensamento, pus-me a compor o estatuto de nossa associação. Tão logo pus mãos à obra o assunto se esclareceu aos meus olhos e os estatutos não tardaram a ser redigidos. Eis a verdade, e não a dissemos nas primeiras edições de nosso manual; até a ocultamos ao venerável diretor de nossa consciência. Até aquele dia a mantínhamos em segredo, mesmo para os amigos mais íntimos; *não ousávamos desvendá-lo; e hoje que a divina misericórdia assinalou tão autenticamente sua obra pelo estabelecimento, pela prodigiosa propagação da arquiconfraria e, sobretudo, pelos frutos admiráveis que ela produz, minha consciência me obriga a revelar este fato.* É glorioso – dizia o arcanjo Rafael a Tobias – é glorioso revelar as obras de Deus, a fim de que todos reconheçam que só a ele pertencem louvor, honra e glória.”

O fato de mediunidade auditiva é aqui extremamente evidente. A quem negasse que seja um efeito mediúnico e o considerasse como miraculoso, responderíamos que o caráter do milagre é de ser excepcional e acima das leis da Natureza, e que jamais se pensou em dar essa qualidade aos fenômenos que se

produzem diariamente; a reprodução é indício certo de que existem em virtude de uma lei e que, por conseguinte, não saem da ordem natural. Ora, os fatos análogos ao do abade Dégenettes estão no número dos mais vulgares, entre os da mediunidade; as comunicações por via auditiva são excessivamente numerosas.

Se, pois, conforme a opinião de alguns, o demônio é o único agente dos efeitos mediúnicos, seria de concluir, para ser conseqüente, que a fundação da dita arquiconfraria é uma obra do demônio, porquanto, em boa lógica, a analogia absoluta dos efeitos implica a da causa.

Um ponto muito embaraçoso para os partidários do demônio é a reprodução incessante de todos os fenômenos mediúnicos no seio do próprio clero e das comunidades religiosas, e a perfeita similitude de uma porção de efeitos considerados santos, com os que são reputados diabólicos. Assim, forçoso é convir que os Espíritos maus não são os únicos com o poder de manifestar-se, pois, do contrário, a maioria dos santos não passariam de possessos, considerando-se que muitos só deveram sua beatificação a fatos do gênero dos que hoje se produzem entre os médiuns. Eles se safam da dificuldade dizendo que os Espíritos bons só se comunicam à Igreja, ou que só à Igreja cabe distinguir o que vem de Deus ou do diabo. Seja; é uma razão como qualquer outra, que fica para a apreciação de cada um, mas que exclui a doutrina da comunicação exclusiva dos demônios.

Nosso colega Sr. Delanne, que houve por bem nos transmitir o fato acima, juntou a comunicação seguinte, do abade Dégenettes, obtida pela Sra. Delanne:

“Meus caros filhos, respondo com alegria ao vosso apelo; darei de bom grado os detalhes que desejais conhecer, porque hoje estou ligado à grande falange dos Espíritos que têm por missão conduzir os homens no caminho da verdade.

“Quando eu estava na Terra, trabalhava de corpo e alma para reconduzir os homens a Deus, mas tinha apenas uma idéia muito fraca da importância desta grande lei, pela qual todos os homens chegarão ao progresso. A matéria impõe graves entraves, e nossos instintos muitas vezes paralisam os esforços de nossa inteligência. Quando, pois, de minha *audição*, eu não sabia bem em que pensar; mas vendo que a voz continuava a fazer-se ouvir, concluí por um milagre. Apesar disso, considerava-me como um verdadeiro instrumento, e tudo quanto obtive por esta intercessão me confirmava essa idéia. Pois bem! de fato eu tinha sido um instrumento; mas não havia milagre; eu era um dos homens designados para trazer uma das primeiras pedras à doutrina, fornecendo a prova das comunicações espirituais.

“Estão próximos os tempos em que vos serão dados grandes desenvolvimentos concernentes às coisas chamadas *mistérios*, e que deviam sê-lo até o presente, porque os homens ainda não estavam aptos a compreendê-las. Oh! mil vezes feliz os que hoje compreendem esta bela e invejável missão de propagar a doutrina da revelação e mostrar um Deus bom e misericordioso!

“Sim, meus caros filhos, quando eu estava exilado na Terra possuía o precioso dom da mediunidade; mas, eu vo-lo repito, não sabia me dar conta disto. A partir do momento em que aquela voz falou ao meu coração, reconheci mais especialmente e mais visivelmente a proteção de Maria em todas as minhas ações, mesmo as mais simples, e se ocultei aos meus superiores o que antes se havia passado comigo, ainda foi *pelos conselhos dessa mesma voz*, que me fazia compreender que não havia chegado a hora de fazer aquela revelação. Eu tinha o pressentimento e como uma vaga intuição da renovação que se opera; compreendia que a revelação *não devia vir da Igreja*, mas que um dia a Igreja seria forçada a apoiá-la por todos os fatos a que dá o nome de milagre e que atribui a causas sobrenaturais.

“Continuarei de outra vez, meus filhos. Que a paz do Senhor esteja em vossas almas e vos proporcione um sono tranqüilo.

P. – Devemos enviar ao Sr. Allan Kardec esta comunicação e os fatos que a provocaram?

Resp. – Eu não vos disse que era um dos propagadores da doutrina? Meu nome não tem grande valor, mas não vejo por que não vos autorizaria a fazê-lo. Aliás, não é a primeira vez que me comunico; podeis, pois, transmitir ao mestre minhas simples instruções, ou, antes, meus simples relatos.

Dégenettes’

Observação – Com efeito, o abade Dégenettes comunicou-se várias vezes, espontaneamente, e ditou palavras dignas da elevação de seu Espírito.

Tanto quanto nos lembramos, foi ele que, num sermão pregado na igreja de Notre-Dame des Victoires, contou o seguinte fato: Uma pobre operária sem trabalho veio orar na igreja. Ao sair encontrou um senhor que a abordou e lhe disse: “Buscai trabalho; ide a tal endereço, procurai a sra. fulana; ela vos conseguirá um.” A pobre mulher agradeceu e se dirigiu ao local indicado, onde realmente encontrou a pessoa em questão, à qual narrou o que acabava de acontecer. A senhora lhe disse: “Não sei quem vos poderia ter dado o meu endereço, porque não pedi empregada. Entretanto, como tenho algo para mandar fazer, vou encarregá-la disto.” A pobre mulher, avistando um retrato no salão, respondeu: “Olhai, senhora, este é o senhor que me mandou à vossa casa”, e apontou o retrato. “Impossível – disse a senhora – esse retrato é de meu filho, morto há três anos.” Respondeu a operária: “Não sei como isto se deu, mas o reconheço perfeitamente.”

O Sr. abade Dégenettes acreditava, pois, na aparição das almas após a morte, com a aparência que tinham em vida. Os

fatos deste gênero não são insólitos e deles temos numerosos exemplos. Não é presumível que o abade Dégenettes tivesse relatado este do púlpito sem provas autênticas. Sua crença neste ponto, junta à que lhe chegou pessoalmente, vem em apoio do que ele disse de sua missão atual, de propagar a Doutrina dos Espíritos.

Um fato como o último referido deveria necessariamente passar por maravilhoso. Só o Espiritismo, pelo conhecimento das propriedades do perispírito, poderia dar-lhe uma explicação racional. Prova, por isto mesmo, a possibilidade da aparição do Cristo aos apóstolos, após a sua morte.

Manifestações de Fives, perto de Lille (Norte)

Lê-se no *Indépendant de Douai*, de 6 e 8 de julho de 1865, o relato seguinte, dos fatos que acabam de se passar em Fives;

I

“Há cerca de quinze dias, na Rua do Prieuré, em Fives, passam-se fatos ainda inexplicáveis e causam uma profunda sensação em todo o bairro. A certos intervalos, no pátio de duas casas dessa rua, cai uma saraivada de projéteis que quebram vidraças, por vezes atingem os moradores, sem que se possa descobrir nem o lugar de onde partem, nem a pessoa que os atira. As coisas chegaram a tal ponto que um dos dois locatários teve de proteger suas janelas com grade, temeroso de ser abatido.

“No início os interessados espreitavam, mas depois recorreram à polícia que, durante vários dias, exerceu a mais ativa vigilância. Isto não impediu que pedaços de tijolos, carvão de pedra, etc., caíssem abundantemente nos dois pátios. Até um agente recebeu um projétil nos rins, no momento em que

procurava explicar a um de seus camaradas a parábola que as pedras descreviam antes de cair.

“O vidraceiro, substituindo os vidros quebrados na véspera por pedaços de tijolo, foi igualmente atingido nas costas. Logo se precipitou, jurando conhecer o autor desses atos repreensíveis, mas não foi mais feliz que os outros.

“Desde alguns dias constata-se notável diminuição no volume dos projéteis, mas são mais numerosos, de sorte que a emoção continua. Entretanto, esperam em breve descobrir o que há de misterioso nesse caso singular.

II

“Os fenômenos bizarros que se produzem na Rua do Prieuré, em Fives, desde quinta-feira, 14 de junho, e dos quais já tínhamos falado, desde sábado entraram numa nova fase, diz o jornal de onde extraímos o primeiro relato.

“Não se trata mais de projéteis atirados de fora com um barulho extraordinário contra portas e janelas e, muito menos violentamente, contra as pessoas.

“Eis o que se passa agora numa das duas casas de que se falou, pois a outra está em perfeito sossego.

“No sábado caíram no pátio oito vinténs e cinco moedas de dois centavos belgas. A dona da casa, vendo ao mesmo tempo vários móveis se mexerem e cadeiras sendo derrubadas, vai chamar pessoas da vizinhança. Levantam as cadeiras; por várias vezes elas caem de novo. Ao mesmo tempo vêem-se no jardim os tamancos, deixados na entrada pela servente, pular em cadência, como se estivessem nos pés de uma pessoa que dançasse.

“Ao anoitecer, um calendário posto em cima de uma lareira saltou e rodopiou no ar; sapatos colocados no chão também saltaram e caíram de borco.

“Vindo a noite, o dono da casa, Sr. M..., resolveu vigiar.

“Apenas só, ouviu um barulho: era um candelabro que caía sobre a lareira; enquanto se levantava, uma concha rolou por terra; abaixou-se para a apanhar; outro candelabro lhe caiu nas costas. Essas artimanhas duraram uma parte da noite.

“Durante esse tempo a empregada, que dorme nos altos, gritou por socorro. Encontraram-na tão apavorada que não puderam duvidar de sua sinceridade quando afirmou que lhe haviam batido. Fizeram-na descer e deitar-se num gabinete vizinho; logo ouviram seus lamentos e até os golpes que recebia.

“Esta moça ficou doente e teve de voltar para a casa dos pais.

“Na manhã de domingo e no dia seguinte ainda caíram vinténs e centavos belgas no pátio.

“À tarde a Sra. X... saiu com uma de suas amigas, depois de ter vistoriado toda a casa e sem nada encontrar fora de ordem.

“A porta foi fechada cuidadosamente. Ninguém podia entrar. Ao voltar, a Sra. X... encontrou desenhado sobre a cama um grande 8, com meias e xales que estavam guardados num armário.

“À noite, com o marido, o sobrinho e um pensionista, que com ela constituem toda a gente da casa, fez inspeção em todos os aposentos. Na manhã do dia seguinte, ao subir ao quarto outrora ocupado pela empregada, encontrou sobre o leito um desenho esquisito, formado com bonés e, na parte inferior da escada, doze

degraus cobertos com paletós de seu marido, do sobrinho e do pensionista, estendidos e cobertos por um chapéu.

“Terça-feira pela manhã ainda caiu no pátio um centavo belga. Tinham intenção de o dar aos pobres, assim como as moedas caídas dois dias antes. Mas eis que o estojo onde estavam guardados saltou de um aposento a outro e o dinheiro desapareceu, assim como a chave da secretária.

“Varrendo a sala de jantar, subitamente viram duas facas se fincarem no soalho e outra no teto.

“De repente uma chave caiu no pátio. Era a da porta da rua; depois veio a da secretária; em seguida vieram os xales, os lenços, enrolados e em nós, que tinham desaparecido há algum tempo.

“À tarde foi visto na cama do Sr. M... uma roda feita com roupas e no celeiro um desenho do mesmo gênero, formado por um velho capote enrolado e uma canastra.

“Todos estes fatos, bem como os de que falamos sábado, são atestados por pessoas da casa, cujo caráter está longe de ser levado ao exagero ou à ilusão. Parecem mais singulares ainda porque a vizinhança é bem habitada e porque uma vigilância ativa e incessante foi exercida nas últimas três semanas.

“Pode imaginar-se o quanto as pessoas da casa sofrem com esse estado de coisas. Depois de terem tapado as janelas do lado do pátio, resolveram abandonar as peças onde se produziam os fatos que relatamos e agora estão, de certo modo, acampadas em dois ou três aposentos, esperando o fim de seus aborrecimentos.”

Pela crônica: *Th. Denis*

Como se vê, esses fatos têm certa analogia com os de Poitiers, do Boulevard Chave, em Marselha, das ruas des Grès e Noyers, em Paris, de Hoerd, perto de Estrasburgo, e de uma

porção de outras localidades. Em toda parte surpreenderam a mais ativa vigilância e burlaram as investigações da polícia. Graças à sua multiplicação, terminarão por abrir os olhos. Se só se produzissem num único lugar, seríamos levados a atribuí-los a uma causa local; mas, quando se sucedem em pontos tão afastados e em diferentes épocas, forçoso é reconhecer que a causa está no mundo invisível, já que não a encontramos no nosso. Em presença de fatos tão multiplicados e, por conseguinte, com testemunhas tão numerosas, a negação é quase impossível, de modo que vemos as notícias se limitarem, geralmente, a meros relatos.

Os Espíritos anunciaram que manifestações de toda natureza iam produzir-se em todos os pontos. Com efeito, se examinarmos o que se passa desde algum tempo, veremos que são fecundos em recursos que atestam sua presença. Os incrédulos pedem fatos; os Espíritos lhes fornecem a todo instante, com um valor tanto maior quanto não são provocados e se produzem sem o concurso da mediunidade ordinária e, na maior parte do tempo, entre pessoas estranhas ao Espiritismo. Parece que os Espíritos lhes dizem: Acusais os médiuns de conivência, de prestidigitação, de alucinações; nós vos damos fatos que não são suspeitos. Se depois disto ainda não credes, é que quereis fechar os olhos e os ouvidos.

As manifestações de Fives, ademais, nos são atestadas pelo Sr. Mallet, de Douai, oficial superior e homem de ciência, que se informou de sua realidade nos próprios locais e junto a pessoas interessadas. Podemos, pois, garantir a sua perfeita exatidão.

Problema Psicológico

DOIS IRMÃOS IDIOTAS

Numa família de operários de Paris encontram-se duas crianças acometidas de idiotia. Até a idade de 5 ou 6 anos desfrutavam de todas as suas faculdades intelectuais, relativamente

bem desenvolvidas. A menos que seja provocada por uma causa acidental, a idiotia nas crianças resulta quase sempre de uma parada no desenvolvimento dos órgãos, manifestando-se, por conseguinte, desde o nascimento. Além disso, o que é de notar aqui é o fato de duas crianças atingidas pela mesma enfermidade em condições idênticas.

Podendo esse duplo fenômeno ser objeto de estudo interessante, do ponto de vista psicológico, o Sr. Desliens, um dos membros da Sociedade de Paris, foi introduzido na família por um amigo, a fim de poder dar contas à Sociedade. Eis o resultado de suas observações:

Disse ele: “Quando o pai soube do objetivo de minha visita passou a um gabinete, de onde voltou trazendo nos braços um ser que, por suas feições, mais se parecia a um animal do que a um foco de inteligência. Trouxe igualmente um segundo no mesmo estado de embrutecimento, mas com aparências físicas mais humanas. Nenhum som inteligível escapava da boca desses infelizes; gritinhos agudos, grunhidos roucos são suas únicas manifestações ruidosas. Quase sempre um riso bestial lhes anima a fisionomia. O mais velho chama-se Alfred, e o segundo, Paulin.

Alfred, atualmente com dezessete anos, nasceu com toda a sua inteligência, que se manifestou mesmo com certa precocidade. Aos três anos falava convenientemente e compreendia os menores sinais. Teve então uma ligeira doença, depois da qual perdeu o uso da palavra e as faculdades mentais. Os tratamentos médicos apenas levaram ao esgotamento das forças vitais, hoje traduzido por um raquitismo absoluto.

“Este ser, que de um homem nem mesmo guarda a aparência, tem, contudo, sentimento; ama a seus pais e a seu irmão, e sabe manifestar simpatia ou repulsão por aqueles que o cercam. Compreende tudo quanto lhe dizem; olha com olhos brilhantes e

inteligentes; procura incessantemente, mas sem resultado, responder quando lhe falam de coisas que o interessam. Tem um medo invencível da morte e não pode ver um carro fúnebre sem procurar esconder-se. Certo dia, tendo sua tia lhe dito, por brincadeira, que o envenenaria se ele continuasse a ser mau, compreendeu tão bem que durante mais de um ano se negou a receber qualquer alimento de sua mão, embora tenha um apetite extraordinário.

“Do ponto de vista corporal, Paulin, de 15 anos, tem uma aparência mais humana. Traz no rosto embrutecido a marca de um idiotismo absoluto. Contudo ama, limitando-se a isto suas manifestações exteriores. Também nasceu com toda a razão, que conservou integral até os seis anos. Gostava muito do irmão. A essa idade adoeceu e passou pelas mesmas fases do mais velho. Ultimamente foi acometido por uma doença de largo curso, depois da qual parece compreender melhor o que lhe dizem. O cura e os padres da paróquia fizeram a família saber que havia possessão do demônio e que era preciso exorcizar os meninos. Os pais hesitaram. Contudo, fatigados com a insistência daqueles senhores, e temendo perder o auxílio que recebiam por causa dos filhos, concordaram. Mas, então, aqueles senhores sustentaram que, de fato, teria havido possessão numa época anterior, mas que hoje já não se tratava disto e que nada mais havia a fazer. É preciso dizer, em louvor aos pais, que sua ternura por essas infortunadas criaturas jamais foi desmentida e que elas têm sido constantemente objeto dos mais afetuosos cuidados.”

Os senhores eclesiásticos renunciaram sabiamente ao exorcismo, que só teria levado a um fracasso. As crianças não apresentam nenhum dos caracteres da obsessão, no sentido do Espiritismo, e tudo prova que a causa do mal é puramente patológica. Em ambos a idiotia se produziu em conseqüência de uma doença que, indubitavelmente, ocasionou a atrofia dos órgãos da manifestação do pensamento. Mas é fácil ver, por trás desse véu,

que existe um pensamento ativo, que encontra um obstáculo invencível à sua livre emissão. A inteligência dessas crianças, durante os primeiros anos, nelas prova Espíritos adiantados, que mais tarde se acharam contidos em laços muito apertados para que pudessem manifestar-se. Num envoltório em condições normais teriam sido homens inteligentes; e quando a morte os tiver libertado de seus entraves, recobrarão o livre uso de suas faculdades.

“Esse constrangimento imposto ao Espírito deve ter uma causa moral, providencial e essa causa deve ser justa, já que Deus é a fonte de toda justiça. Ora, como esses meninos nada fizeram nesta existência que pudesse merecer um castigo qualquer, é preciso admitir que pagam a dívida de uma existência anterior, a menos que se negue a justiça de Deus. Eles nos oferecem uma prova da necessidade da reencarnação, essa chave que resolve tantos problemas e que, diariamente, projeta luz sobre tantas questões ainda obscuras. (Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. V, nº 6: Causas anteriores das aflições terrenas).²³

A respeito do assunto, foi dada a seguinte comunicação na Sociedade de Paris, no dia 7 de julho de 1865. (Médium: Sr. Desliens).

“A perda da inteligência nos dois idiotas a que nos referimos é, certamente, explicável do ponto de vista científico. Cada um deles teve uma curta doença; pode-se, pois, concluir com razão que os órgãos cerebrais foram afetados. Mas por que esse acidente ocorreu após a manifestação evidente de todas as suas faculdades, contrariamente ao que, em geral, se passa na idiotia? Repito: toda perturbação da inteligência ou das funções orgânicas pode ser explicada fisiologicamente, seja qual for a causa primeira, considerando-se que o Criador estabeleceu leis para as relações entre a inteligência e os órgãos de transmissão, leis que não podem

²³ **N. do T.:** No original, por engano, consta o nº 66, em vez do 6. (Em *O Evangelho segundo o Espiritismo* consta apenas o subtítulo: “Causas anteriores das aflições”.)

ser derogadas. A perturbação dessas relações é uma consequência mesma dessas leis, e pode ferir o culpado por suas faltas anteriores: aí está a expiação.

“Por que esses dois seres foram feridos juntos? Porque participaram da mesma vida; como estavam ligados durante a provação, devem estar reunidos na vida de expiação.

“Por que sua inteligência a princípio se manifestou, ao contrário do que geralmente acontece em casos semelhantes? Do ponto de vista da intenção providencial, é uma das mil nuances da expiação, que tem sua razão de ser para o indivíduo, mas cujo motivo muitas vezes seria difícil de sondar, por isso mesmo que é individual. É preciso aí ver, também, um desses fatos que diariamente vêm confirmar, pela observação atenta, as bases da Doutrina Espírita, e sancionar, pela evidência, os princípios da reencarnação.

“Não vos esqueçais, também, de que os pais têm sua parte no que aqui se passa. Sua ternura para com esses seres, que não lhes oferecem nenhuma compensação, é uma grande prova. Devem ser felicitados por não haverem falido, porque essa compensação que não encontram no mundo, encontrá-la-ão mais tarde. Dizei a vós mesmos que os cuidados e a afeição que prodigalizam a esses dois pobres seres bem poderiam ser uma reparação em relação a eles, reparação que o estado de necessidade da família torna ainda mais meritório.”

Moki

Variedades

EPITÁFIO DE BENJAMIM FRANKLIN

Um de nossos assinantes de Joinville (Haute-Marne) escreve-nos o seguinte:

“Sabendo da boa acolhida que é reservada a todos os documentos que têm alguma relação com a Doutrina Espírita, apresso-me em vos dar conhecimento de uma passagem da biografia de Franklin, extraída da *Mosaïque* de 1839, página 287. Ela prova mais uma vez que, em todas as épocas, homens superiores tiveram a intuição das verdades espíritas. A crença desse grande homem na reencarnação e na progressão da alma se revela toda inteira nalgumas linhas seguintes, formando o epitáfio que ele compôs para si mesmo. Está assim concebido:

“Aqui repousa, entregue aos vermes, o corpo de Benjamim Franklin, impressor, como a capa de um velho livro cujas folhas foram arrancadas, e cujo título e douração se apagaram. Mas nem por isto a obra ficará perdida, pois, como acredito, reaparecerá em nova e melhor edição, revista e corrigida pelo autor.”

Um dos principais cidadãos de que mais se honram os Estados Unidos, era, pois, reencarnacionista. Não só acreditava em seu renascimento na Terra, como julgava aqui voltar melhorado por seu trabalho pessoal. É exatamente o que diz o Espiritismo. Se se recolhessem todos os testemunhos esparsos em milhares de escritos em favor desta doutrina, reconhecer-se-ia quanto ela teve raízes entre os pensadores de todas as épocas, e menos admiradas ficariam as pessoas da facilidade com que é hoje acolhida, porque se pode dizer que jaz latente na consciência do maior número. Esses pensamentos, semeados aqui e ali, eram fagulhas precursoras do fogo que devia brilhar mais tarde e mostrar aos homens o seu destino.

Notas Bibliográficas

O MANUAL DE XÉFOLIUS

Este livro é uma nova prova da fermentação das idéias espíritas, muito tempo antes que se cogitasse dos Espíritos. Mas

aqui já não se trata de alguns pensamentos esparsos, mas de uma série de instruções que se diriam calcadas sobre a doutrina atual ou, pelo menos, hauridas na mesma fonte. Essa obra, atribuída a Félix de Wimpfen, guilhotinado em 1793, parece ter sido publicada por volta de 1788. A princípio só foram impressos sessenta exemplares para alguns amigos, conforme aviso colocado no início e, por conseguinte, era excessivamente raro. Eis o texto do prefácio, que traz a data de 1788 e cuja forma, bastante ambígua, bem poderia ser uma maneira de dissimular a personalidade do autor.

“Se eu dissesse de que maneira me caiu nas mãos a obra que hoje entrego ao público, o extraordinário que encerra essa história não satisfaria mais o leitor do que pode inquietá-lo o meu silêncio e eu nada acrescentaria ao preço inestimável do presente que lhe faço. Surpresa e preocupada por esta singularidade, li com uma espécie de desconfiança; mas logo as conjecturas foram abafadas pela admiração. Encontrei o que nenhum filósofo jamais nos havia oferecido, um sistema completo. Senti meu espírito apoiar-se, fixar-se sobre uma base que lhe era em tudo correspondente; senti minha alma elevar-se e crescer; senti meu coração abrasar-se de um novo amor por meus semelhantes; minha imaginação foi ferida por um respeito mais profundo pelo autor de todas as coisas. Vi o porquê de tantos assuntos de murmúrios contra a sabedoria eterna. Encontrando-me melhor e mais feliz, pensei que não era por acaso que eu tinha sido escolhida, e que a Providência me havia determinado para ser o instrumento da publicação desse manual, apropriado a todos os cultos, que ele respeita, a todas as idades, que ele instrui, a todos os estados, que ele consola, do monarca ao mendigo. O sentimento e a razão me levaram a partilhar com meus irmãos as encorajadoras esperanças, as pacíficas resignações, os impulsos para a perfeição, de que me acho penetrada. Fortificada por uma felicidade que até então me era desconhecida, enfrento sem medo o ridículo a que me irão expor os espíritos fortes pela fraqueza e, de antemão, lhes perdôo os pesares com que talvez queiram pagar a felicidade à qual convido o leitor e que, mais cedo ou mais tarde, será sua partilha.”

Um de nossos colegas da Sociedade Espírita de Paris, que mora em Gray, na Haute-Saône, há pouco tempo encontrou esta obra sobre sua mesa; jamais ficou sabendo como e por quem foi trazida, já que não conhece ninguém que o possa ter feito, nem compreendeu o motivo para que alguém se ocultasse. Entre as pessoas que ele frequenta, nenhuma fez alusão a isto em conversa, nem pareceu ter conhecimento do livro, quando dele falou. Tocado pessoalmente pelas idéias que a obra encerra, ele no-lo comunicou em sua última viagem a Paris. Tendo sido publicada uma edição mais recente pela Livraria Hachette²⁴, apressamo-nos em adquiri-lo. Seu título, que infelizmente nada diz, deve ter contribuído para o deixar ignorado pelo público. Cremos que os espíritas nos serão gratos de tirá-lo do esquecimento, chamando a sua atenção. Nada melhor podemos fazer do que citar algumas de suas passagens:

“Partimos todos do mesmo ponto para chegar à mesma circunferência por raios diferentes; e é da diversidade *dos tipos que temos usado* que provém a diversidade das inclinações dos homens para o seu primeiro protótipo. Quanto às inclinações dos que já usaram vários, elas têm tantas causas diferentes e tantos matizes que, se as quiséssemos indicar, nós nos perderíamos no infinito. Contentar-me-ei, pois, em dizer que, enquanto girarmos apenas no círculo das vaidades, sempre nos assemelharemos; mas aquele que entrou em suas leis não poderá conceber como pôde cometer certas ações tão pouco semelhantes e tão contrárias ao que é atualmente.” (pág. 87).

“O homem não passa de um protótipo disforme ou débil senão quando abusou criminosamente da força e da beleza daquele que acaba de deixar, porque depois que fazemos a sua experiência, somos privados das vantagens de que abusamos, para nos afastarmos da felicidade e da salvação, e recebermos o que delas nos pode aproximar novamente. Se, pois, foi a beleza, *renascemos feios, disformes*; se a saúde, fracos, doentios; se as

24 Um vol. In-12. Preço: 2 fr. 50; pelo correio: 2 fr. 80.

riquezas, pobres, desprezados; se as grandezas, escravos, humilhados; enfim, tais como o jogo das leis universais no-lo mostra, já na Terra, alguns exemplos constantes naqueles que, depois de haverem abusado dos bens passageiros ou de convenção, para ultrajar os seus irmãos, tornaram-se para estes objetos de desprezo e piedade.” (pág. 89).

“Quando julgamos das penas que merecem um crime, podemos variar na medida das punições. Mas todos concordamos que o crime deve ser punido. Estaremos igualmente de acordo para concordar que os castigos, que de um mau sujeito fariam um cidadão, seriam preferíveis à barbárie de o supliciar eternamente e inutilmente, para si e para os outros, e que não podendo a Onipotência ser ameaçada, ofendida, perturbada, não pode querer vingar-se; que, assim, tudo quanto experimentamos é apenas para *nos esclarecer e nos modificar*; mas o preço inestimável que liga o homem a objetos de toda sorte não o faz pensar menos que só precisa de um poder infinito para proporcionar o castigo ao delito do qual se tornou culpado contra si. E em sua louca paixão, imagina que Deus não deixará de vingar-se, como ele se vingaria, se fosse Deus, ao passo que outros procuram persuadir-se de que o Céu não toma nenhum conhecimento de seus crimes; mas é assim que deve raciocinar a maioria dos delinqüentes, cada um tomando por base os seus diversos interesses.” (pág. 134).

“Se não houvessem limitado o Universo ao nosso pequeno globo, a um Elíseo, a um Tártaro, todo cercado de velas, teriam sido mais justos para com Deus e para com os homens.

“Não sabes o que fazer desse tirano de Roma que, depois de inumeráveis crimes, morreu lamentando não haver cometido todos aqueles que ainda se encontram na lista. Não podendo fazê-lo passar aos Elíseos, inventas Fúrias, o Tártaro e o precipitas num abismo de penas eternas. Mas quando souberes que aquele tirano, assassinado na flor da idade, não cessou de viver; que passou pelas condições mais abjetas; *que foi punido pela lei de talião*;

que sofreu sozinho tudo quanto fez sofrerem os outros; quando souberes que, *instruído pela desgraça, esse grande mestre do homem*, modificado pelos sofrimentos, desenganado, esclarecido sobre tudo que o afastava do bom caminho; aquele coração no qual abundavam o erro e os vícios, e que vomitava os crimes *que as leis universais fizeram servir para a modificação e salvação de uma grande quantidade de nossos irmãos*; quando souberes, digo, que aquele mesmo coração é hoje asilo da verdade, das mais suaves e harmoniosas virtudes, quais serão teus sentimentos para com ele?” (pág. 131).

“Quando os homens imaginaram um Deus vingativo, fizeram-no à sua imagem. O homem se vinga, ou porque se julga lesado ou para provar que não se deve brincar com ele, isto é, que só se vinga por avareza e por medo, crendo só se vingar por um sentimento de justiça. Ora, cada um sabe a que excessos podem levar-nos nossas paixões discordantes. Mas o Eterno, inacessível aos nossos ataques, o Eterno, tão bom quanto justo, só exerce sua justiça na mesma medida da sua bondade. Tendo a sua bondade nos criado para um destino feliz, ele ordenou justamente a natureza das coisas de maneira: 1^o – que nenhum crime fique impune; 2^o – que, mais cedo ou mais tarde, a punição se torne *uma luz para o infrator* e para vários outros; 3^o – que não podemos alterar nem infringir nossas leis sem cair num mal proporcional à nossa infração e à luxação moral do grau atual de nossa modificação.” (pág. 132).

“Quanto mais avançares, mais encantos encontrarás na prece do amor, porque é pelo amor que seremos felizes e porque, sendo o amor o laço dos seres, teu bom gênio reagirá sobre ti. *Esse companheiro invisível é talvez o amigo que julgas ter perdido*, ou esse outro tu mesmo, que pensas existir apenas em teu desejo; um momento ainda e estarás com ele e com todos os que terás amado bem, ou que terias amado preferentemente, se os tivesses conhecido.” (pág. 265).

“Quando uma injustiça ou uma maldade despertar em ti o sentimento de indignação, antes de raciocinares sobre essa injustiça ou essa maldade, raciocina teu sentimento, a fim de que não se transmude em cólera. Diz a ti mesmo: é para suportar isto que necessito de sabedoria; *não seria uma velha dívida que pago?* Se me deixar perturbar, não tardarei a cair. Não estamos todos sob a mão do grande Obreiro e não sabe ele melhor que eu o instrumento de que deve servir-se? Que conselhos eu daria ao meu amigo se o visse na minha posição? Não lhe traria à memória a gradação dos seres? não lhe perguntaria se uma planta silvestre produz frutos tão bons quanto uma árvore enxertada? se gostaria de continuar tão atrasado quanto o perverso, a fim de poder assemelhar-se a ele? se o golpe que acaba de receber não cortou um elo que desconhecia ou que ele próprio não tinha força de romper? Não terminaria eu por fixar o seu olhar sobre esta felicidade eterna, preço do complemento de uma harmonia na qual só fazemos progressos à medida que nos esclarecemos e nos destacamos dos miseráveis interesses de onde nascem os choques contínuos e nos elevamos acima do finito?” (pág. 310).

Estas citações dizem bastante para dar a conhecer o espírito dessa obra e tornar supérfluo qualquer comentário. Tendo perguntado ao guia de um dos nossos médiuns, Sr. Desliens, quanto à possibilidade de evocar o Espírito do autor, ele respondeu: “Sim, certamente, e com muito mais facilidade, porque não é a sua primeira comunicação. Vários médiuns já foram dirigidos por ele em diversas circunstâncias. Mas deixo a ele mesmo o encargo de se explicar. Ei-lo.”

Depois de evocado e interrogado quanto às fontes onde teria haurido as idéias contidas em seu livro, o Espírito deu a seguinte comunicação (29 de junho de 1865):

“Considerando-se que lestes uma obra cujo mérito não é apenas meu, deveis saber que o bem da Humanidade e a instrução dos meus irmãos foram o objetivo de meus mais caros desejos.

Equivale a dizer que venho com prazer vos dar as informações que esperais de mim. Já compareci diversas vezes às sessões da Sociedade, não só como espectador, mas como instrutor; e não vos admireis do que avanço, quando vos disser, como já o sabeis, que os Espíritos tomam, em suas comunicações, o *nome-tipo* do grupo a que pertencem. Assim, tal Espírito que assina Santo Agostinho não será o Espírito Santo Agostinho, mas um ser da mesma ordem, chegado ao mesmo grau de perfeição. Isto posto, sabeis que fui, quando na vida do corpo, um desses *médiuns inconscientes que se revelam freqüentemente em vossa época*. Por que falei de chofre, e de maneira que parece prematura? É o que vos vou dizer:

“Para cada aquisição do homem, nas ciências físicas ou morais, diversas balizas, a princípio menosprezadas e repelidas para depois triunfarem, tiveram de ser plantadas a fim de insensivelmente preparar os Espíritos para os movimentos futuros. Toda idéia nova, fazendo, sem precedente, sua entrada no mundo que se costuma chamar sábio, quase não tem chance de êxito, em razão do espírito de partido e das oposições sistemáticas dos que o compõem. Entregar-se a novas idéias, cujo sabedoria entretanto reconhecem, é para eles uma humilhação, porque seria confessar sua fraqueza e provar a insanidade de seus sistemas particulares. Preferem negar por amor-próprio, por respeito humano, por ambição mesmo, até que a evidência os force a admitir que estão errados, sob pena de se verem cobertos do ridículo que tinham querido lançar sobre os novos instrumentos da Providência.

“Foi assim em todos os tempos; também foi com o Espiritismo. Não fiquéis, pois, admirados por encontrar em épocas anteriores ao grande movimento espiritualista, diversas manifestações isoladas, cuja concordância com as da hora presente prova, mais uma vez, a intervenção da Onipotência em todas as descobertas que a Humanidade erroneamente atribui a um gênio humano particular.

“Sem dúvida, cada um tem seu próprio gênio; mas, reduzido às próprias forças, que faria? Quando um homem, dotado de inteligência capaz de propagar novas instituições com alguma chance de sucesso, aparece na Terra ou alhures, é escolhido pela hierarquia dos seres invisíveis encarregados pela Providência de velar pela manifestação da nova invenção, a fim de receber a inspiração dessa nova descoberta e trazer, progressivamente, os incidentes que devem assegurar o seu êxito.

“Dizer-vos o que me levou a escrever esse livro, manifestação verdadeira de minha individualidade, ter-me-ia sido impossível no tempo de minha encarnação. Agora vejo claramente que fui instrumento, em parte passivo, do Espírito encarregado de me dirigir para o *ponto harmonioso*, sobre o qual eu me devia modelar para adquirir a soma das perfeições que me era dado alcançar na Terra.

“Há duas espécies de perfeições bem distintas uma da outra: as *relativas*, que são inspiradas pelo guia do momento, guia ainda muito longe de estar no topo da escada das perfectibilidades, mas apenas ultrapassando seus protegidos, em razão da compreensão de que são capazes; e a perfeição absoluta que, para mim, ainda não passa de uma aspiração velada, razão por que a ignoro e à qual se chega pela sucessão das perfeições relativas.

“Em cada mundo que percorre, a alma adquire novos sentidos morais, que lhe permitem conhecer coisas de que não fazia a mínima idéia. Dizer-vos o que fui? que posição ocupo na escala dos seres? Para quê? Que utilidade teria para mim um pouco de glória terrestre?... Prefiro conservar a doce lembrança de ter sido útil aos semelhantes na medida de minhas forças e continuar aqui a tarefa que Deus, em sua bondade, me havia imposto na Terra.

“Instruí-me instruindo os outros. Aqui faço o mesmo. Apenas vos direi que faço parte dessa categoria de Espíritos que designais pelo nome genérico de São Luís.”

P. – Poderíeis dizer-nos: 1^o – se, em vossa última encarnação éreis a pessoa designada no prefácio da reedição de vossa obra, sob o nome de Félix de Wimpfen? 2^o – se fazíeis parte da seita dos teósofos, cujas opiniões se aproximavam muito das nossas; 3^o – se deveis reencarnar em breve e fazer parte da falange de Espíritos destinada a acabar o grande movimento a que assistimos. O Sr. Allan Kardec tem a intenção de dar a conhecer o vosso livro e ficaria satisfeito se tivesse a vossa opinião a respeito.

Resp. – Não; não fui Félix de Wimpfen, crede-me. Se o tivesse sido não hesitaria em vo-lo dizer. Ele foi meu amigo, bem como diversos outros filósofos do século dezoito; também partilhei de seu fim cruel. Mas, repito, meu nome ficará desconhecido e me parece inútil dá-lo a conhecer.

Certamente fui um teósofo, sem partilhar do entusiasmo que distinguiu alguns dos partidários daquela escola.

Tive relações com os principais dentre eles e, como pudestes ver, minhas idéias eram em tudo conformes às deles.

Estou inteiramente submetido aos decretos da Providência, e se lhe aprouver mandar-me de novo a esta Terra para continuar a me purificar e esclarecer, eu bendirei sua bondade. Aliás, é um desejo que formulei e cuja realização espero ver em breve.

Vindo o conhecimento de meu livro apoiar as idéias espíritas, só posso aprovar o nosso caro presidente por ter pensado nisto. Mas talvez ele não seja o primeiro instigador dessa diligência e, de minha parte, estou certo de que alguns Espíritos de meu conhecimento contribuíram para pô-lo entre suas mãos e para lhe inspirar as intenções que tomou a esse respeito.

Quando me evocades especialmente eu me farei reconhecer; mas se vier vos instruir como no passado, não reconheceréis em mim senão um dos Espíritos da ordem de *São Luís*.

Dissertações Espíritas

A CHAVE DO CÉU

(Sociedade de Montreuil-sur-Mer, 5 de janeiro de 1865)

Quando se considera que tudo vem de Deus e a ele retorna, é impossível não perceber, na generalidade das criações divinas, o laço que as une entre si e as submete a um trabalho de avanço comum e, ao mesmo tempo, a um trabalho de progresso particular. Também não se pode desconhecer que a lei de solidariedade, daí resultante, não nos obriga a sacrifícios gratuitos de toda sorte, uns para com os outros. Aliás, é de notar que Deus nos mostrou em tudo uma primeira aplicação, por ele mesmo, dos princípios primordiais que estabeleceu. Assim, pela solidariedade, encontra-se esse princípio expresso na sensibilidade de que fomos dotados, sensibilidade que nos leva a compartilhar dos males alheios, lhes ter compaixão e a os aliviar.

Isto não é tudo. Os profetas e o divino Messias Jesus nos deram o exemplo de uma segunda aplicação do princípio de solidariedade, ao consagrarem o amor do homem pelo homem, inicialmente por meio de cerimônias simbólicas, depois pela autoridade de seu ensino, para em seguida proclamarem como um dever necessário e rigoroso a prática da caridade, que é a expressão da solidariedade. A caridade é o ato de nossa submissão à lei de Deus; é o sinal de nossa grandeza moral; é a chave do céu. Assim, é da caridade que vos quero falar. Considerá-la-ei apenas sob um único lado: o lado material; e a razão disto é simples: é o lado que menos agrada ao homem.

Nem os cristãos, nem os espíritas, ninguém negou o princípio, ou, melhor, a lei da solidariedade; mas procuraram esquivar-se de suas conseqüências, e para isto invocaram mil pretextos. Citarei alguns deles.

As coisas do coração ou do espírito, dizem, têm um preço infinitamente superior ao das coisas materiais; por conseguinte, consolar aflições por palavras boas ou conselhos sábios vale infinitamente mais que consolar por socorros materiais. Seguramente, senhores, tendes razão se a aflição de que falais tem uma causa moral, se encontra sua razão numa ferida do coração; mas se for a fome, o frio, a doença, numa palavra, se causas materiais as provocaram, bastarão vossas doces palavras para acalmá-las? vossos bons conselhos, vossas sábias opiniões para curá-las? Permitireis que eu duvide. Se Deus, colocando-vos na Terra, tivesse esquecido de prover o alimento para o vosso corpo, teríeis encontrado o seu equivalente nos socorros espirituais que ele vos concede? Mas Deus não é o homem, é a sabedoria eterna e a bondade infinita. Ele vos impôs um corpo de lama, mas proveu às necessidades desse corpo fertilizando os vossos campos e fecundando os tesouros da terra; aos socorros espirituais que se dirigem à vossa alma, juntou os socorros materiais reclamados por vosso corpo. Desde então, e porque o egoísmo talvez tenha despojado o pobre de sua parte na herança terrena, com que direito vos julgais quites para com ele? Porque a justiça humana o excluiu do número dos usufrutuários dos bens temporais, vossa caridade não encontraria uma justiça mais equitativa a lhe fazer?

Um ilustre pensador deste século não temia assim exprimir-se em sua memorável profissão de fé: “Cada abelha tem direito à porção de mel necessária à sua subsistência; e se entre os homens a alguns falta o necessário, é que a justiça e a caridade desapareceram do meio deles.” Por mais excessiva que vos possa parecer esta linguagem, não contém menos uma grande verdade, verdade talvez inacessível à compreensão de muitos de vós, mas evidente para nós, Espíritos que, mais tocados pelos efeitos, porque os abraçamos em seu conjunto, vemos as causas que os produzem.

Ah! diz este, ninguém mais que eu lamenta as penas e as privações cruéis do verdadeiro pobre, do pobre cujo trabalho, insuficiente para a manutenção da família, não lhe traz, em troca

das fadigas, nem a alegria de alimentar os seus, nem a esperança de os tornar felizes; mas eu consideraria um caso de consciência estimular, por cegas liberalidades, a preguiça ou o mau procedimento. Aliás, considero a caridade como indispensável à salvação do homem; apenas a impossibilidade de descobrir as necessidades reais em meio a tantas necessidades simuladas, parece justificar a minha abstenção.

A impossibilidade de descobrir as necessidades reais, tal é, meu amigo, a vossa justificação. E, contudo, esta justificação jamais seria sancionada por vossa consciência e não quero outra prova senão a vossa confissão; porque, do direito que teria o verdadeiro pobre à vossa esmola – e lhe reconheceis esse direito – desse direito, digo eu, decorre para vós o dever de o procurar. Procurai-o? A impossibilidade vos detém. Como, então! a caridade não tem limites, é infinita como Deus, do qual emana, e não admite nenhuma impossibilidade! Sim, algo vos detém: é o egoísmo, e Deus, que sonda os corações e os bolsos, Deus o descobrirá facilmente sob os falaciosos pretextos com que o velais. Podeis enganar o mundo, conseguireis enganar momentaneamente a vossa consciência, mas jamais enganareis a Deus. Em cem anos, em mil anos, aparecereis novamente na Terra; sem dúvida aí vivereis, despojados de vossa opulência presente e curvados sob o peso da indigência. Pois bem! eu vos declaro: recebereis do rico o desprezo e a indiferença que, vós mesmos ricos, outrora tereis mostrado pelo pobre. Diz-se que a nobreza obriga; a solidariedade obriga ainda mais. Quem se subtrai a esta lei perde todos os seus benefícios. Eis por que vós, que tereis guardado o fundo egoísta de vossa natureza, sofrereis, por vossa vez, o desprezo do egoísmo.

Escutai esta tirada de Rousseau:

Diz ele: “Para mim sei que todos os pobres são meus irmãos e que não posso, sem uma injustificável dureza, lhes recusar o fraco socorro que me pedem. Na maior parte são vagabundos, concordo; mas conheço demais as penas da vida para ignorar por

quantas desgraças o homem honesto pode encontrar-se reduzido em sua sorte. E como poderia eu estar seguro de que o desconhecido que me vem implorar assistência em nome de Deus, talvez não seja esse homem honesto, prestes a perecer de miséria, e que minha recusa vai reduzir ao desespero? Quando a esmola que se lhe dá não fosse para eles um socorro real, seria ao menos um testemunho de que se é solidário com as suas penas, um abrandamento à dureza da recusa, uma espécie de saudação que se lhes faz.”

É um filho de Genebra, senhores, que fala da sorte; é um filósofo dessedentado nas fontes secas do século dezoito que teme ignorar o homem honesto dentre os desconhecidos que estendem a mão e que dá a todos. Ele dá a todos porque todos são seus irmãos: ele o sabe! Sabeis menos que ele, senhores? Não ousou acreditar.

Mas em que medida deveis dar, ou, antes, qual é nos vossos bens a parte que vos pertence e a parte que pertence aos pobres? Vossa parte, senhores, é o necessário, nada mais que o necessário, e não a deveis exagerar. Em vão vos prevalecereis de vossa posição, dos encargos dela decorrentes, das obrigações de luxo que ela exige; tudo isto diz respeito ao mundo, e se quereis viver para o mundo não avançareis senão com o mundo, não ireis mais depressa que o mundo. Em vão ainda alegareis, para justificar vossos hábitos de indolência, um trabalho ao qual não se entrega o pobre, e que, praticado em vossa casa e por vós, vos torna beneficiários de maior bem-estar. Em vão alegareis isto, porque todo homem é consagrado ao trabalho, ou por ele, ou pelos outros, porque a incúria de seu vizinho não o absolveria do abandono em que o teriam deixado.

Do vosso patrimônio, como do vosso trabalho, só uma coisa vos é permitido tirar em vosso proveito: o necessário; o resto cabe aos pobres. Eis a lei. Não nego que esta lei comporte temperamentos, em certos casos e em dadas circunstâncias; mas

diante da luz, diante da verdade, diante da justiça divina, ela não comporta mais.

E a família, que será dela? Estamos quites com ela desde que socorremos os chamados pobres? Não, evidentemente, senhores, porquanto, desde que reconheceis a necessidade de vos despojar pelos pobres, trata-se de fazer uma escolha e estabelecer uma hierarquia. Ora, vossas mulheres e vossos filhos são os vossos primeiros pobres; a eles, pois, deveis dar a vossa primeira esmola. Velai pelo futuro de vossos filhos; preocupai-vos em lhes preparar dias calmos e tranqüilos em meio a esse vale de lágrimas; deixai-lhes mesmo em depósito uma pequena herança, que lhes permita continuarem o bem que haveis começado: isto é legítimo. Mas jamais lhes ensineis a viver egoisticamente e a olhar como deles o que é de todos. Antes e depois deles, os autores de vossos dias, os que vos alimentaram e guardaram, os que protegeram vossos primeiros passos e guiaram vossa adolescência – vosso pai e vossa mãe – têm direito à vossa solicitude. Depois vêm as almas que Deus vos deu como irmãos segundo a carne; depois os amigos do coração; depois todos os pobres, a começar pelos mais miseráveis.

Como vedes, eu vos concedo temperamentos e estabeleço uma hierarquia conforme aos instintos do vosso coração. Entretanto, tomai cuidado para não favorecer demasiadamente a uns com exclusão dos outros. É pela partilha eqüitativa de vossos benefícios que mostrareis a vossa sabedoria, e é ainda por essa partilha que cumprireis a lei de Deus em relação aos vossos irmãos, que é a lei de solidariedade.

“A justiça, diz Lamennais, é a vida; a caridade também é a vida, mas uma vida mais bela e mais doce.”

Sim, a caridade é uma bela e doce vida, é a vida dos santos, é a *chave do céu*.

Lacordaire

A FÉ

(Grupo Espírita de Douai, 7 de junho de 1865)

A fé paira sobre a Terra, buscando um refúgio onde se abrigar e um coração para esclarecer! Aonde irá?... A princípio entrará na alma do homem primitivo e impor-se-á; colocará um véu momentâneo sobre a razão que começa a desenvolver-se e cambaleia nas trevas do Espírito. Conduzi-lo-á através das idades de simplicidade e se fará senhora pelas revelações. Mas, não estando ainda o raciocínio bastante maduro para discernir o que é justo do que é falso, para julgar o que vem de Deus, ela arrastará o homem fora do reto caminho, tomando-o pela mão e pondo-lhe uma venda nos olhos. Muitos desvios: tal deve ser a divisa da fé cega que, entretanto, durante muito tempo teve a sua utilidade e a sua razão de ser.

Esta virtude desaparece quando a alma, pressentindo que pode ver pelos próprios olhos, a afasta e não mais quer marchar senão com a razão. Esta a ajuda a se desfazer das crenças falsas, que havia adotado sem exame. Nisto ela é boa; mas o homem, encontrando em seu caminho muitos mistérios e verdades obscuras, quer desvendá-los e se extravia. Seu julgamento não pode acompanhá-la; quer ir muito depressa, mas em tudo a progressão deve ser insensível. Assim, não tem mais a fé que repeliu; não tem mais a razão que quis ultrapassar. Então faz como a borboleta temerária, queimando as asas na luz e se perdendo em desvios impossíveis. Daí saiu a má filosofia que, buscando muito, fez tudo desmoronar e nada substituiu.

Estava aí o momento da transformação; o homem não era mais o crente cego e ainda não era o crente raciocinando a crença: era a crise universal tão bem representada pelo estado da crisálida.

Graças à procura durante a noite, a claridade jorra, e muitas almas transviadas, encontrando apenas a luz obscurecida por tantos desvios inúteis e retomando como guias seus condutores eternos – a fé e a razão – fazem-nos marchar à sua frente, a fim de que, reunidos, seus dois clarões os impeçam de se perderem uma segunda vez. Elas fazem assentar a fé sobre as bases sólidas da razão, ela própria ajudada pela inspiração.

É vossa época, meus amigos; segui o caminho, Deus está no fim.

Demeure

Aviso

Como nos anos anteriores, as sessões da Sociedade Espírita de Paris serão suspensas no período de 1^o de agosto a 1^o de outubro.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

SETEMBRO DE 1865

Nº 9

Mediunidade Curadora

Escrevem-nos de Lyon em 12 de julho de 1865:

“Caro Senhor Kardec,

“Na qualidade de espírita, venho recorrer à vossa gentileza e pedir alguns conselhos relativamente à prática da mediunidade curadora pela imposição das mãos. Um simples artigo a respeito na *Revista Espírita*, contendo alguns desenvolvimentos, seria acolhido, tenho certeza, com grande interesse, não só pelos que, como eu, se ocupam desta questão com ardor, mas ainda por muitos outros a quem a leitura poderia inspirar o desejo de também dela se ocuparem. Lembro-me sempre das palavras de uma sonâmbula que eu tinha formado. Eu a mandava visitar, durante o sono magnético, uma doente a distância, e à minha pergunta como poderia curá-la, disse ela: Há alguém em seu vilarejo que o poderia. É fulano. Ele é médium curador, mas *nada sabe disto*.

“Não sei até que ponto essa faculdade é especial; cabe a vós apreciá-la, mais do que a qualquer outro. Mas se realmente o for, quanto seria desejável que sobre esse ponto chamásseis a

atenção dos espíritos. Todos os que vos lessem, mesmo fora de nossas opiniões, não poderiam sentir qualquer repugnância em experimentar uma faculdade que só reclama fé em Deus e oração. Que de mais geral e mais universal? Não se trata mais de Espiritismo e, nesse terreno, cada um pode conservar suas convicções. Quantas irmãs de caridade, quantos bons curas do campo, quantos milhares de pessoas piedosas, ardentes pela caridade, poderiam ser médiuns curadores! É o que sonho em todas as religiões, em todas as seitas. Essa faculdade, esse presente divino da bondade do Criador, em vez de ser o apanágio de alguns, cairia, se assim me posso exprimir, no domínio público, já que é aceita em toda parte. Seria um belo dia para os que sofrem, e os há tanto!

“Mas, para exercitar essa faculdade, independentemente de uma fé viva e da prece, há condições a reunir, procedimentos a seguir, a fim de que sua atuação seja a mais eficaz possível. Qual a parte do médium na imposição das mãos? Qual a dos Espíritos? É preciso empregar a vontade, como nas operações magnéticas, ou limitar-se a orar, deixando a influência oculta agir à vontade? Essa faculdade é, realmente, especial ou acessível a todos? O organismo aí representa um papel? e que papel? Essa faculdade é desenvolvível? e em que sentido?”

“É aqui que vossa longa experiência, vossos estudos sobre as influências fluídicas, o ensino dos Espíritos elevados que vos assistem e, enfim, os documentos que recolheis de todos os recantos do globo vos podem permitir esclarecer-nos e instruir-nos; ninguém como vós está colocado nessa posição única. Estou certo de que todos os que se ocupam desta questão desejam vossos conselhos tanto quanto eu, e creio fazer-me o intérprete de todos. Que mina fecunda é a mediunidade curadora! Aliviar-se-á ou curar-se-á o corpo e, pelo alívio ou pela cura, encontrar-se-á o caminho do coração, onde muitas vezes a lógica havia falhado. Quantos recursos possui o Espiritismo! Como é rico de meios a que está

chamado a servir! Não deixemos nenhum improdutivo; que tudo concorra para o elevar e espalhar. Para tanto nada poupareis, senhor Kardec; e depois de Deus e dos Espíritos bons, o Espiritismo vos deve o que é. Já tendes uma recompensa neste mundo pela simpatia e pela afeição de milhões de corações que oram por vós, sem contar a verdadeira recompensa que vos espera num mundo melhor.

“Tenho a honra, etc.”

A. D.

O que nos pede nosso honrado correspondente é nada menos que um tratado sobre a matéria. A questão foi esboçada em *O Livro dos Médiuns* e em muitos artigos da *Revista*, a propósito dos casos de curas e de obsessões; está resumida em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, a propósito das preces pelos doentes e dos médiuns curadores. Se um tratado regular e completo ainda não foi feito, isto se deve a duas causas: a primeira é que, malgrado toda atividade que desenvolvemos em nossos trabalhos, é-nos impossível fazer tudo ao mesmo tempo; a segunda, que é mais grave, está na insuficiência das noções que a respeito se possuem. O conhecimento da mediunidade curadora é uma das conquistas que devemos ao Espiritismo; mas o Espiritismo, que começa, ainda não pode ter dito tudo; não pode, de um só golpe, mostrar-nos todos os fatos que abarca; diariamente os mostra novos, dos quais decorrem novos princípios, que vêm corroborar ou completar os que já conhecíamos, mas precisamos de tempo material para tudo. A mediunidade curadora deveria ter a sua vez; embora parte integrante do Espiritismo, ela é, por si só, toda uma ciência, porque se liga ao magnetismo, e não só abarca todas as doenças propriamente ditas, mas todas as variedades, tão numerosas e tão complexas, das obsessões, que, por seu turno, também influem sobre o organismo. Não é, pois, em poucas palavras que se pode desenvolver um assunto tão vasto. Nele trabalhamos, como em

todas as outras partes do Espiritismo; mas como aí nada queremos introduzir por nossa própria conta e que seja hipotético, procedemos pela via da experiência e da observação. Como os limites deste artigo não nos permitem dar-lhe o desenvolvimento que comporta, resumimos alguns dos princípios fundamentais que a experiência consagrou.

1. – Os médiuns que obtêm indicações de remédios, da parte dos Espíritos, não são aquilo que chamamos médiuns curadores, pois não curam por si mesmos; são simples médiuns escreventes, que têm uma aptidão mais especial que outros para esse gênero de comunicações e que, por esta razão, podem ser chamados *médiuns consultores*, como outros são médiuns poetas ou desenhistas. A mediunidade curadora é exercida pela ação direta do médium sobre o doente, com o auxílio de uma espécie de magnetização de fato ou de pensamento.

2. – Quem diz *médium* diz *intermediário*. Há uma diferença entre o magnetizador propriamente dito e o médium curador: o primeiro magnetiza com seu fluido pessoal, e o segundo com o fluido dos Espíritos, ao qual serve de condutor. O magnetismo produzido pelo fluido do homem é o *magnetismo humano*; o que provém do fluido dos Espíritos é o *magnetismo espiritual*.

3. – O fluido magnético tem, pois, duas fontes bem distintas: os Espíritos encarnados e os Espíritos desencarnados. Essa diferença de origem produz uma grande diferença na qualidade do fluido e nos seus efeitos.

O fluido humano está sempre mais ou menos impregnado das impurezas *físicas e morais* do encarnado; o dos Espíritos bons é necessariamente mais puro e, por isto mesmo, tem propriedades mais ativas, que levam a uma cura mais rápida. Mas, passando através do encarnado, pode alterar-se, como acontece com a água límpida ao passar por um vaso impuro, e como sucede

com todo remédio, se permanecer num vaso sujo, perdendo, em parte, suas propriedades benéficas. Daí, para todo verdadeiro médium curador, a necessidade *absoluta* de trabalhar a sua depuração, isto é, o seu melhoramento moral, segundo o princípio vulgar: limpai o vaso antes de vos servirdes dele, se quiserdes ter algo de bom. Só isto basta para mostrar que não é qualquer um que pode ser médium curador, na verdadeira acepção da palavra.

4. – O fluido espiritual será tanto mais depurado e benfazejo quanto mais o Espírito que o fornece for mais puro e mais desprendido da matéria. Concebe-se que o dos Espíritos inferiores deva aproximar-se do do homem e possa ter propriedades *maléficas*, se o Espírito for impuro e animado de más intenções.

Pela mesma razão, as qualidades do fluido humano apresentam matizes infinitos, conforme as qualidades *físicas e morais* do indivíduo. É evidente que o fluido emanado de um corpo malsão pode inocular princípios mórbidos no magnetizado. As qualidades morais do magnetizador, isto é, a pureza de intenção e de sentimento, o desejo ardente e desinteressado de aliviar o semelhante, aliados à saúde do corpo, dão ao fluido um poder reparador que pode, em certos indivíduos, aproximar-se das qualidades do fluido espiritual.

Seria, pois, um erro considerar o magnetizador como simples máquina de transmissão fluídica. Nisto, como em todas as coisas, o produto está na razão do instrumento e do agente produtor. Por estes motivos, seria imprudência submeter-se à ação magnética do primeiro desconhecido. Abstração feita dos conhecimentos práticos indispensáveis, o fluido do magnetizador é como o leite de uma nutriz: salutar ou insalubre.

5. – Sendo o fluido humano menos ativo, exige uma magnetização continuada e um verdadeiro tratamento, por vezes muito longo. Gastando o seu próprio fluido, o magnetizador se

esgota, pois dá de seu próprio elemento vital; é por isto que ele deve, de vez em quando, recuperar suas forças. O fluido espiritual, mais poderoso, em face de sua pureza, produz efeitos mais rápidos e, muitas vezes, quase instantâneos. Como esse fluido não é o do magnetizador, resulta que a fadiga é quase nula.

6. – O Espírito pode agir diretamente, sem intermediário, sobre um indivíduo, como foi constatado em muitas ocasiões, seja para o aliviar e o curar, se possível, seja para produzir o sono sonambúlico. Quando age por um intermediário, é o caso da *mediunidade curadora*.

7. – O médium curador recebe o influxo fluídico do Espírito, ao passo que o magnetizador haure tudo de si mesmo. Mas os médiuns curadores, na estrita acepção do termo, isto é, aqueles cuja personalidade se apaga completamente diante da ação espiritual, são extremamente raros, porque essa faculdade, elevada ao mais alto grau, requer um conjunto de qualidades morais, raramente encontradas na Terra; só estes podem obter, pela imposição das mãos, essas curas instantâneas que nos parecem prodigiosas. Pouquíssimas pessoas podem pretender este favor. Sendo o orgulho e o egoísmo as principais fontes das imperfeições humanas, daí resulta que os que se vangloriam de possuir esse dom, que por toda parte vão enaltecendo as curas maravilhosas que fizeram, ou que dizem ter feito, que buscam a glória, a reputação ou o lucro, estão nas piores condições para o obter, porque essa faculdade é privilégio *exclusivo da modéstia, da humildade, do devotamento e do desinteresse*. Jesus dizia àqueles a quem havia curado: Ide dar graças a Deus e não o digais a ninguém.

8. – Sendo, pois, a mediunidade curadora pura uma exceção aqui na Terra, resulta quase sempre uma ação simultânea do fluido espiritual e do fluido humano; ou seja: os médiuns curadores são todos mais ou menos magnetizadores, razão por que

agem conforme os processos magnéticos. A diferença está na predominância de um ou de outro fluido, e na maior ou menor rapidez da cura. Todo magnetizador pode tornar-se médium curador, se *souber* fazer-se assistir por Espíritos bons. Neste caso os Espíritos lhe vêm em ajuda, derramando sobre ele seu próprio fluido, que pode decuplicar ou centuplicar a ação do fluido puramente humano.

9. – Os Espíritos vêm aos que querem; não os pode constranger nenhuma vontade; eles se rendem à prece, se esta for fervorosa, sincera, mas nunca por injunção. Disto resulta que a vontade não pode dar a mediunidade curadora e ninguém pode ser médium curador com desígnio premeditado. Reconhece-se o médium curador pelos resultados que obtém, e não *por sua pretensão de o ser*.

10. – Mas se a vontade é ineficaz quanto ao concurso dos Espíritos, é onipotente para imprimir ao fluido, espiritual ou humano, uma boa direção e uma energia maior. No homem indolente e *distraído*, a corrente é fraca, a emissão é lenta; o fluido espiritual pára nele, mas sem que o aproveite. No homem de vontade enérgica, a corrente produz *o efeito de uma ducha*. Não se deve confundir a vontade enérgica com a obstinação, porque esta é sempre uma consequência do orgulho ou do egoísmo, ao passo que o mais humilde pode ter *a vontade do devotamento*.

A vontade é ainda onipotente para dar aos fluidos as qualidades especiais apropriadas à natureza do mal. Este ponto, que é capital, liga-se a um princípio ainda pouco conhecido, mas que está em estudo: o das criações fluídicas e das modificações que o pensamento pode produzir na matéria. O pensamento, que provoca uma emissão fluídica, pode operar certas transformações, moleculares e atômicas, como se vêem ser produzidas sob a influência da eletricidade, da luz ou do calor.

11. – A prece, que é um pensamento, quando fervorosa, ardente e feita com fé, produz o efeito de uma magnetização, não só reclamando o concurso dos Espíritos bons, mas dirigindo sobre o doente uma corrente fluídica salutar. A respeito chamamos a atenção para as preces contidas em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, pelos doentes ou pelos obsediados.

12. – Se a mediunidade curadora pura é privilégio das almas de escol, a possibilidade de abrandar certos sofrimentos, mesmo de curar certas doenças, ainda que de maneira não instantânea, é dada a todos, sem que haja necessidade de ser magnetizador. O conhecimento dos processos magnéticos é útil em casos complicados, mas não indispensável. Como a todos é dado apelar aos Espíritos bons, orar e *querer* o bem, muitas vezes basta impor as mãos sobre uma dor para a acalmar; é o que pode fazer qualquer pessoa, se trazer a fé, o fervor, a vontade e a confiança em Deus. É de notar que a maioria dos médiuns curadores inconscientes, os que absolutamente não se dão conta de sua faculdade e que por vezes são encontrados nas mais humildes posições, e em gente privada de qualquer instrução, recomendam a prece e se socorrem orando. Apenas sua ignorância lhes faz crer na influência de tal ou qual fórmula; às vezes até misturam práticas evidentemente supersticiosas, às quais se deve conferir o valor que merecem.

13. – Mas porque se obteve resultados satisfatórios, uma ou mais vezes, seria temerário considerar-se médium curador e daí concluir que se pode vencer toda espécie de mal. Prova a experiência que, na acepção restrita da palavra, entre os mais bem-dotados não há médiuns curadores universais. Este terá restituído a saúde a um doente e nada produzirá sobre outro; aquele terá curado um mal num indivíduo, mas não curará o mesmo mal outra vez, na mesma pessoa ou em outra; enfim, aquele outro terá a faculdade hoje e não mais a terá amanhã, podendo recuperá-la

mais tarde, conforme as afinidades ou as condições fluídicas em que se encontre.

14. – A mediunidade curadora é uma *aptidão* inerente ao indivíduo, como todos os gêneros de mediunidade; mas o resultado efetivo dessa aptidão independe de sua vontade. Incontestavelmente ela se desenvolve pelo exercício e, sobretudo, pela prática do bem e da caridade; como, porém, não poderia ter a fixidez, nem a pontualidade de um talento adquirido pelo estudo e do qual se é sempre senhor, jamais poderia tornar-se uma profissão. Seria, pois, abusivamente que alguém se anunciasse ao público como médium curador. Estas reflexões não se aplicam aos magnetizadores, porque a força está neles e estão livres para a utilizar.

15. – É um erro acreditar que os que não partilham de nossas crenças não teriam a menor repugnância em experimentar esta faculdade. A mediunidade curadora *racional* está intimamente ligada ao Espiritismo, já que repousa essencialmente sobre o concurso dos Espíritos. Ora, os que não crêem nos Espíritos, nem na alma, e, ainda menos, na eficácia da prece, não poderiam colocar-se nas condições requeridas, pois isto não é coisa que se possa experimentar maquinalmente. Entre os que crêem na alma e em sua imortalidade, quantos ainda hoje não recuariam de pavor ante um apelo aos Espíritos bons, por medo de atrair o demônio, e ainda acreditam de boa-fé que todas essas curas sejam obra do diabo? O fanatismo é cego; não raciocina. Por certo nem sempre será assim, mas ainda passará muito tempo antes que a luz penetre em certos cérebros. Enquanto se espera, façamos o maior bem possível com o auxílio do Espiritismo; façamo-lo mesmo aos nossos inimigos, ainda que tivéssemos de ser pagos com ingratidão, pois é o melhor meio de vencer certas resistências e de provar que o Espiritismo não é assim tão negro como alguns o pretendem.

Cura de uma Fratura pela Magnetização Espiritual

Sem dúvida nossos leitores se lembram do caso de cura quase instantânea de uma entorse operada pelo Espírito Dr. Demeure, poucos dias depois de sua morte e que relatamos na *Revista* do mês de março último, bem como a descrição da cena tocante ocorrida naquela ocasião. Esse bondoso Espírito acaba de revelar sua boa vontade por uma cura ainda mais maravilhosa, na mesma pessoa. Eis o que nos escreveram de Montauban, em 14 de julho de 1865:

O Espírito Dr. Demeure acaba de nos dar uma nova prova de sua solicitude e de seu profundo saber. Eis em que ocasião:

Na manhã de 26 de maio último, a Sra. Maurel, nossa médium vidente e escrevente mecânico, sofreu uma queda desastrosa e quebrou o antebraço, um pouco abaixo do cotovelo.

Essa fratura, complicada por distensões no punho e no cotovelo, estava bem caracterizada pela crepitação dos ossos e inchaço, que são os sinais mais certos.

Sob a impressão da primeira emoção produzida pelo acontecimento, os pais da Sra. Maurel iam procurar o primeiro médico que surgisse quando esta, retendo-os, tomou de um lápis e escreveu mediunicamente com a mão esquerda: “Não procureis um médico; eu me encarrego disto. Demeure.” Então esperaram com confiança.

Conforme as indicações do Espírito, pequenas faixas e um aparelho foram imediatamente confeccionados e colocados. Em seguida foi feita uma magnetização espiritual praticada pelos Espíritos bons, que ordenaram um repouso temporário.

Na noite do mesmo dia, alguns adeptos, convocados pelos Espíritos, se reuniram em casa da Sra. Maurel que, adormecida por um médium magnetizador, não demorou a entrar em estado sonambúlico. Então o Dr. Demeure continuou o tratamento que havia iniciado pela manhã, agindo mecanicamente sobre o braço fraturado. Sem outro recurso aparente senão sua mão esquerda, nossa doente logo já tinha tirado o primeiro aparelho, deixando apenas as faixas, quando se viu insensivelmente e sob a influência da atração magnética espiritual, o membro tomar diversas posições, próprias para facilitar a redução da fratura. Parecia, então, ser objeto de toques inteligentes, sobretudo no ponto onde devia efetuar-se a soldadura dos ossos; depois se alongava, sob a ação de trações longitudinais.

Após alguns instantes dessa magnetização espiritual, a Sra. Maurel procedeu sozinha à consolidação das faixas e a uma nova aplicação do aparelho, que consistia em duas tabuinhas ligadas entre si e ao braço por meio de uma correia. Tudo, pois, se passara como se hábil cirurgião tivesse, ele mesmo, operado visivelmente; e, coisa curiosa, ouvia-se durante o trabalho essas palavras que, sob a opressão da dor, escapavam da boca da paciente: “Não aperteis tanto!... Vós me maltratais!...” Ela via o Espírito do doutor e era a ele que se dirigia, suplicando ter cuidado com a sua sensibilidade. Era, pois, um ser invisível para todos, exceto para ela, que lhe fazia apertar o braço, servindo-se inconscientemente de sua própria mão esquerda.

Qual era o papel do médium magnetizador durante esse trabalho? Aos nossos olhos parecia inativo; com a mão direita, apoiada no ombro da sonâmbula, contribuía com sua parte para o fenômeno, pela emissão dos fluidos necessários à sua realização.

Na noite de 27 para 28, tendo a Sra. Maurel desarranjado seu braço em consequência de uma posição falsa, tomada durante o sono, manifestou-se uma febre alta, pela primeira

vez. Era urgente remediar esse estado de coisas. Assim, reuniram-se novamente no dia 28 e, uma vez declarado o sonambulismo, foi formada a cadeia magnética, a pedido dos Espíritos bons. Depois de vários passes e diversas manipulações, em tudo semelhantes aos descritos acima, o braço foi recolocado em bom estado, não sem ter a pobre senhora experimentado cruéis sofrimentos. A despeito do novo acidente, o membro já se ressentia do efeito salutar produzido pelas magnetizações anteriores; aliás, o que se segue o prova. Momentaneamente desembaraçado das tabuinhas, o antebraço repousava sobre almofadas, quando, de repente, levantou-se alguns centímetros em posição horizontal, dirigindo-se suavemente da esquerda para a direita e vice-versa; depois baixou obliquamente e foi submetido a uma nova tração. A seguir os Espíritos se puseram a girá-lo em todos os sentidos, fazendo, de vez em quando, trabalhar direito as articulações do cotovelo e do punho. Tais movimentos automáticos imprimidos a um braço fraturado, inerte, contrários a todas as leis conhecidas da gravidade e da mecânica, só podiam ser atribuídas à ação fluídica. Se não se tivesse certeza da existência dessa fratura, bem como dos gritos lancinantes dessa infeliz mulher, confesso que eu teria tido muita dificuldade em admitir o fato, um dos mais curiosos que a Ciência pode registrar. Assim, posso dizer, com toda sinceridade, que me sinto feliz por ter podido testemunhar semelhante fenômeno.

Nos dias 29, 30 e 31 seguintes as magnetizações espirituais sucessivas, acompanhadas de manipulações variadas de mil maneiras, acarretaram sensível melhora no estado geral de nossa doente; diariamente o braço adquiria novas forças. Sobretudo o dia 31 deve ser assinalado, como marcando o primeiro passo para a convalescença. Naquela noite dois Espíritos, que se faziam notar pelo brilho de sua irradiação, assistiam nosso amigo Demeure. Pareciam dar-lhe conselhos, que este se apressava em pôr em prática. Um deles, até, de vez em quando se punha à obra e, por sua doce influência, produzia sempre um alívio instantâneo. Pelo fim da noite as tabuinhas foram definitivamente abandonadas, restando

apenas as faixas para sustentar o braço e mantê-lo em determinada posição. Devo acrescentar que, além disso, um aparelho de suspensão vinha aumentar a solidez das ataduras. Assim, no sexto dia após o acidente, e malgrado a lamentável recaída accidental do dia 27, a fratura estava em tal via de cura, que o emprego dos meios usados pelos médicos durante trinta ou quarenta dias tinha se tornado inútil. A 4 de junho, dia fixado pelos Espíritos bons para a redução definitiva dessa fratura complicada por distensões, reunimo-nos à noite. Mal entrara em sonambulismo, a Sra. Maurel começou a desenrolar as faixas que envolviam seu braço, imprimindo-lhe um movimento de rotação tão rápido que dificilmente o olho seguia os contornos da curva descrita. A partir desse momento passou a servir-se do braço, como habitualmente. Estava curada.

No fim da sessão houve uma cena tocante, que merece ser relatada. Os Espíritos bons, em número de trinta, no começo formavam uma cadeia magnética paralela à que nós próprios formávamos. Tendo a Sra. Maurel se colocado, pela mão direita, em comunicação direta, sucessivamente, com cada dois Espíritos, recebia a ação benfazeja de uma dupla corrente fluídica energética, já que se punha no interior das duas cadeias. Radiosa de satisfação aproveitava a ocasião para agradecer efusivamente ao poderoso concurso que tinham prestado à sua cura. Por sua vez, recebia encorajamento para perseverar no bem. Terminado isto, ela experimentou suas forças de mil modos; apresentando o braço aos assistentes, fazia-os tocar nas cicatrizes da soldadura dos ossos; apertava-lhes a mão com força, anunciando-lhes com alegria a cura operada pelos Espíritos bons. Ao despertar, vendo-se livre em todos os movimentos, desfaleceu, dominada por profunda emoção!...

Quando se foi testemunha de tais fatos não se pode deixar de os proclamar em voz alta, pois merecem chamar a atenção das pessoas sérias.

Por que, então, no mundo inteligente se encontra tanta resistência em admitir a intervenção dos Espíritos sobre a matéria? Por que há pessoas que crêem na existência e na individualidade do Espírito, e lhes recusam a possibilidade de manifestar-se? É porque não se dão conta das faculdades *físicas* do Espírito, que se lhes afigura imaterial de maneira absoluta. Ao contrário, a experiência demonstra que, por sua própria natureza, ele age diretamente sobre os fluidos imponderáveis e, por conseguinte, sobre os fluidos ponderáveis, e mesmo sobre os corpos tangíveis.

Como procede um magnetizador ordinário? Suponhamos, por exemplo, que queira agir sobre um braço. Concentra sua ação sobre esse membro e, por um simples movimento dos dedos, executado a distância e em todos os sentidos, agindo absolutamente como se o contato da mão fosse real, dirige uma corrente fluídica sobre o ponto visado. O Espírito não age de outro modo; sua ação fluídica se transmite de perispírito a perispírito, e deste ao corpo material. O estado de sonambulismo facilita consideravelmente essa ação, graças ao desprendimento do perispírito, que melhor se identifica com a natureza fluídica do Espírito, e sofre, então, a influência magnética espiritual, elevada ao seu maior poder.

A cidade inteira ocupou-se desta cura, obtida sem o concurso da ciência oficial, e cada um dá a sua opinião. Uns pretenderam que o braço não se quebrou; mas a fratura tinha sido bem e devidamente constatada por numerosas testemunhas oculares, entre outras o Dr. D..., que visitou a doente durante o tratamento. Outros disseram: “É muito surpreendente!” e ficaram nisto. Inútil acrescentar que alguns afirmaram que a Sra. Maurel tinha sido curada pelo demônio. Se ela não estivesse entre mãos profanas, nisso teriam visto um milagre. Para os espíritas, que se dão conta do fenômeno, aí vêem muito simplesmente a ação de uma força natural, até agora desconhecida, e que o Espiritismo veio revelar aos homens.

Observações – Se há fatos espíritas que, até certo ponto, poderiam ser atribuídos à imaginação, como o das visões, por exemplo, neste já não seria o mesmo. A Sra. Maurel não sonhou que tivesse quebrado o braço, como também não sonharam as diversas pessoas que acompanharam o tratamento; as dores que sentia não eram alucinação; sua cura em oito dias não é uma ilusão, pois se serve do seu braço. O fato brutal está aí, ante o qual devemos necessariamente nos inclinar. Confunde a Ciência, é verdade, porque, no estado atual dos conhecimentos, parece impossível. Mas não foi sempre assim que se revelaram novas leis? É a rapidez da cura que vos espanta? A Medicina, contudo, não descobriu inúmeros agentes mais ativos do que os que conhecia para apressar certas curas? Nos últimos tempos não achou os meios de cicatrizar certas feridas quase instantaneamente? Não encontrou o de ativar a vegetação e a frutificação? Por que não teria um para ativar a soldadura dos ossos? Então conheceis todos os agentes da Natureza e Deus não tem mais segredos para vós? Não há mais lógica em negar hoje a possibilidade de uma cura rápida do que havia, no século passado, de negar a possibilidade de fazer em algumas horas o caminho que se gastavam dez dias para percorrer. Direis que este meio não está na farmacopéia, e é verdade; mas antes que a vacina nele fosse inscrita, seu inventor não foi tratado como louco? Os remédios homeopáticos também lá não se acham, o que não impede que os médicos homeopatas se encontrem em toda parte e curem. Aliás, como aqui não se trata de uma preparação farmacêutica, é mais que provável que esse meio de cura não figure por muito tempo na ciência oficial.

Mas, dirão, se os médicos vêm exercer sua arte depois de mortos, vão fazer concorrência aos médicos vivos; é bem possível; entretanto, que se tranquilizem estes últimos; se eles lhes arrancam algumas práticas, não é para os suplantarem, mas para lhes provar que não estão absolutamente mortos, e lhes oferecer o concurso desinteressado aos que se dignarem em aceitá-lo. Para melhor fazê-los compreender, mostram-lhes que, em certas circunstâncias, pode-se passar sem eles. Sempre houve médicos e

os haverá sempre; apenas os que aproveitarem as novidades que lhes trouxerem os desencarnados terão uma grande vantagem sobre os que ficarem na retaguarda. Os Espíritos vêm *ajudar o desenvolvimento da ciência humana*, e não suprimi-la.

Na cura da Sra. Maurel, um fato que talvez surpreenda ainda mais que a rapidez da soldadura dos ossos, é o movimento do braço fraturado, que parece contrariar todas as leis conhecidas da dinâmica e da gravidade. Contrário ou não, o fato aí está; desde que existe, tem uma causa; desde que se repete, está submetido a uma lei. Ora, é essa lei que o Espiritismo nos vem dar a conhecer pelas propriedades dos fluidos perispirituais. Aquele braço, submetido apenas às leis da gravidade, não poderia erguer-se; imaginai-o, porém, mergulhado num líquido de densidade muito maior que a do ar; fraturado como está, sustentado por esse líquido que lhe diminui o peso, aí poderá mover-se sem dificuldade e até erguer-se sem o menor esforço. É assim que num banho de imersão, o braço, que parece muito pesado fora d'água, parece muito leve dentro dela. Substituí o líquido por um fluido que goze das mesmas propriedades e tereis o que se passa no caso presente, fenômeno que repousa sobre o mesmo princípio que o das mesas e das pessoas que se mantêm no espaço sem ponto de apoio. Esse fluido é o fluido perispiritual, que o Espírito dirige à vontade, e cujas propriedades modifica pela simples ação da vontade. Na circunstância presente, deve-se, pois, imaginar o braço da Sra. Maurel mergulhado num meio fluídico que produz o efeito do ar sobre os balões.

A respeito, alguém perguntava se, na cura dessa fratura, o Espírito Dr. Demeure teria agido com ou sem o concurso da eletricidade e do calor.

A isto respondemos que a cura foi produzida, neste como em todos os casos de cura, pela magnetização espiritual, pela ação do fluido emanado do Espírito; que esse fluido, não obstante

etéreo, não deixa de ser matéria; que pela corrente que lhe imprime, o Espírito pode com ele impregnar e saturar todas as moléculas da parte doente; que pode modificar suas propriedades, como o magnetizador modifica as da água e lhe dá uma virtude curativa apropriada às necessidades; que a energia da corrente está na razão do número, da *qualidade* e da *homogeneidade* dos elementos que compõem a corrente das pessoas chamadas a fornecer seu contingente fluídico. Essa corrente provavelmente ativa a secreção que deve produzir a soldadura dos ossos, assim produzindo uma cura mais rápida do que quando entregue a si mesma.

Agora a eletricidade e o calor desempenham um papel nesse fenômeno? Isto é tanto mais provável quanto o Espírito *não curou por milagre*, mas por uma aplicação mais judiciosa das leis da Natureza, em virtude de sua clarividência. Se, como a Ciência é levada a admitir, a eletricidade e o calor não são fluidos especiais, mas modificações ou propriedades de um fluido elementar universal, devem fazer parte dos elementos constitutivos do fluido perispiritual. Sua ação, no caso presente, está, pois, implicitamente compreendida, absolutamente como quando se bebe vinho, necessariamente se bebe água e álcool.

Alucinação nos Animais nos Sintomas da Raiva

Um dos nossos colegas transmitiu à Sociedade o extrato seguinte de um relatório lido na Academia de Medicina pelo Dr. H. Bouley, sobre os sintomas da raiva no cão.

“No período inicial da raiva e quando a doença está completamente declarada, há, nas intermitências, uma espécie de delírio no cão, que se pode chamar delírio rábico, do qual Youatt foi o primeiro a falar e a descrever perfeitamente.

“Esse delírio caracteriza-se por movimentos estranhos, que denotam que o animal doente vê objetos e ouve barulhos, que só existem naquilo que se tem pleno direito de chamar a sua imaginação. Com efeito, ora o animal se mantém imóvel, atento, como se estivesse à espreita; depois, de repente, atira-se e morde no ar, como faz o cão sadio que quer apanhar uma mosca no vôo. Outras vezes, furioso e uivando, atira-se contra a parede, como se tivesse ouvido, do outro lado, ruídos ameaçadores.

“Raciocinando por analogia, é-se autorizado a admitir que são sinais de verdadeiras alucinações. Entretanto, quem não estivesse prevenido não daria importância a esses sintomas, que são muito fugazes, bastando, para desaparecerem, que se faça ouvir a voz do dono. Então vem um momento de repouso; os olhos se fecham lentamente, a cabeça pende, as patas dianteiras parecem desaparecer sob o corpo e o animal está prestes a cair. Mas, de repente, se ergue e novos fantasmas vêm assediá-lo; olha em torno de si com selvagem expressão, abocanha como se quisesse pegar um objeto ao alcance dos dentes e se lança, na extremidade da corrente, ao encontro de um inimigo que só existe na sua imaginação.”

Esse fenômeno, minuciosamente observado pelo autor da memória, parece denotar que nesse momento o cão é atormentado pela visão de algo invisível para nós. É uma visão real ou uma criação fantástica de sua imaginação, em outras palavras, uma alucinação? Se for uma alucinação, certamente não é pelos olhos do corpo que vê, pois não são objetos reais; se forem seres fluídicos ou Espíritos, também não causam nenhuma impressão sobre o sentido da visão, e, assim, é por uma espécie de visão espiritual que ele os percebe. Num e noutro caso, gozaria de faculdade análoga, até certo ponto, à que possui o homem. A Ciência ainda não se tinha aventurado a dar uma *imaginação* aos animais. Ora, da imaginação a um princípio independente da matéria a distância não é grande, a menos que se admita que a matéria bruta: a madeira, a pedra, etc., possa ter imaginação.

Todos os fenômenos de visão são atribuídos pela Ciência à imaginação superexcitada. Não obstante, por vezes têm-se visto crianças em tenra idade, que ainda não sabem falar, correr atrás de um ser invisível, sorrir-lhe, estender-lhe os braços e querer agarrá-lo. Em comparação com a raiva, este fato não tem grande semelhança com o do cão acima citado? A criança ainda não pode dizer o que vê, mas as que começam a falar dizem, positivamente, que vêem seres invisíveis para os assistentes. Viram-nas descrever os avós falecidos, que elas não haviam conhecido. Concebe-se a superexcitação numa pessoa preocupada por uma idéia, mas não é, seguramente, o caso de uma criancinha. A imaginação sobreexcitada poderá despertar uma lembrança; o medo, a afeição, o entusiasmo poderão criar imagens fantásticas, é possível; sob o império de certas crenças, uma pessoa exaltada imaginará ver aparecer um ser que lhe é caro, a Virgem e os santos, ainda se admite; mas, como explicar, só por estas causas, o fato de uma criança de três a quatro anos descrever sua avó, que nunca viu? Seguramente não pode ser o produto de uma lembrança, nem da preocupação, nem de uma crença qualquer.

Digamos de passagem, e como corolário do que precede, que a mediunidade vidente parece ser freqüente, e mesmo geral, nas criancinhas. Nossos anjos-da-guarda viriam, assim, conduzir-nos, como pela mão, até o limiar da vida, para nos facilitar a entrada e nos mostrar sua ligação com a vida espiritual, a fim de que a transição de uma a outra não seja muito brusca. À medida que a criança cresce e pode fazer uso das próprias forças, o anjo-da-guarda se vela à sua vista, para deixá-la ao livre-arbítrio. Parece dizer-lhe: “Vim acompanhar-te até o navio, que te vai transportar pelo mar do mundo; agora, parte; voa com tuas próprias asas; mas, do alto do céu, velarei por ti; pensa em mim e em tua volta lá estarei para te receber.” Feliz aquele que, durante a travessia, não esquece seu anjo-da-guarda!

Voltemos ao assunto principal, que nos levou a essa digressão. Desde que se admita uma imaginação no cão, poder-se-ia dizer que a doença da raiva o superexcita a ponto de lhe provocar alucinações. Mas numerosos exemplos tendem a provar que o fenômeno das visões tem ocorrido em certos animais, no estado mais normal, sobretudo no cão e no cavalo; pelo menos é nestes que se tem observado mais. Raciocinando por analogia, pode supor-se que assim suceda com o elefante e com animais que, por sua inteligência, mais se aproximam do homem. É certo que o cão sonha; muitas vezes, durante o sono, já foram vistos fazendo movimentos que simulam a corrida; gemer ou manifestar contentamento. Seu pensamento está, pois, ativo, livre e independente do instinto propriamente dito. Que faz ele, o que pensa e o que vê nos seus sonhos? É o que, infelizmente, não nos pode dizer; mas o fato lá está.

Até agora quase não nos havíamos preocupado com o princípio inteligente dos animais e, ainda menos, com sua afinidade com a espécie humana, a não ser do ponto de visto exclusivo do organismo material. Hoje procuramos conciliar seu estado e seu destino com a justiça de Deus; mas a respeito apenas foram feitos sistemas mais ou menos lógicos, nem sempre de acordo com os fatos. Se a questão ficou indecisa por tanto tempo, é que nos faltavam, como para muitas outras, elementos necessários para compreendê-la. O Espiritismo, que dá a chave de tantos fenômenos incompreendidos, mal observados ou despercebidos, não pode deixar de facilitar a solução desse grave problema, ao qual não se deu toda a atenção que merece, porque é uma solução de continuidade nos elos que ligam todos os seres, e no conjunto harmonioso da Criação.

Por que, então, o Espiritismo não resolveu imediatamente a questão? Seria o mesmo que perguntar por que um professor de física não ensina aos alunos, desde a primeira lição, as leis da eletricidade e da óptica. Ele começa pelos princípios

fundamentais da ciência, pelos que devem servir de base para a compreensão dos outros princípios, reservando para mais tarde a explicação das leis subseqüentes. Assim procedem os grandes Espíritos que dirigem o movimento espírita; em boa lógica começam pelo começo e esperam que estejamos suficientemente instruídos num ponto, antes de abordar outro. Ora, qual devia ser o ponto de partida de seu ensino? A alma humana. Cabe a nós convencer de sua existência e de sua imortalidade; a nós compete dar a conhecer seus verdadeiros atributos e o destino que, de início, era preciso a ela ligar. Numa palavra, precisávamos compreender nossa alma, antes de procurar compreender a dos animais. O Espiritismo já nos ensinou bastante sobre a alma e suas faculdades; diariamente nos ensina mais e projeta luz sobre algum ponto novo. Mas quanto ainda resta a explorar!

À medida que o homem avança no conhecimento de seu estado espiritual, sua atenção é despertada para todas as questões que lhe dizem respeito, e a dos animais não é das menos interessantes; apreende melhor as analogias e as diferenças; busca explicar o que vê; tira conseqüências; ensaia teorias, sucessivamente desmentidas ou confirmadas por novas observações. É assim que, pelos esforços de sua própria inteligência, pouco a pouco se aproxima do objetivo. Nisto, como em todas as coisas, os Espíritos não nos vêm libertar do trabalho das pesquisas, porque o homem deve fazer uso de suas faculdades; ajudam-no, dirigem-no, o que já é muito, mas não lhe dão a ciência acabada. Uma vez no caminho da verdade, os Espíritos lha vêm revelar claramente, para fazer calar as incertezas e aniquilar os falsos sistemas. Mas, enquanto o homem espera, seu Espírito preparou-se para melhor compreendê-la e aceitá-la; e quando ela se mostra, não o surpreende; já estava no fundo do pensamento.

Vede a marcha que seguiu o Espiritismo. Veio surpreender os homens de improviso? Não, certamente. Sem falar nos fatos que se produziram em todas as épocas, ele está na

Natureza, como a eletricidade e, do ponto de vista do princípio, vinha preparando sua chegada há um século. Swedenborg, Saint-Martin, os teósofos, Charles Fourier, Jean Reynaud e tantos outros, sem esquecer Mesmer, que deu a conhecer a força fluídica de Puységur, o primeiro a observar o sonambulismo, todos levantaram uma ponta do véu da vida espiritual; todos giraram em torno da verdadeira luz e dela mais ou menos se aproximaram; todos prepararam os caminhos e predispueram os Espíritos, de sorte que o Espiritismo não teve, por assim dizer, senão que completar o que havia sido esboçado. Eis por que conquistou, quase instantaneamente, tão numerosas simpatias. Não falamos das outras causas múltiplas que lhe vieram em auxílio, provando que certas idéias já não eram compatíveis com o nível do progresso humano, e fizeram pressentir o advento de uma nova ordem de coisas, porque a Humanidade não pode ficar estacionária. Dá-se o mesmo com todas as grandes idéias que mudaram a face do mundo; nenhuma veio deslumbrar como um relâmpago. Cinco séculos antes do Cristo, Sócrates e Platão já não haviam lançado a semente das idéias cristãs?

Um outro motivo tinha feito adiar a solução relativa aos animais. Essa questão toca em preconceitos há muito enraizados, e que teria sido imprudente chocar de frente, razão por que os Espíritos não o fizeram. A questão é apresentada hoje; agita-se em diversos pontos, mesmo fora do Espiritismo; os desencarnados nela tomam parte, conforme suas idéias pessoais; essas várias teorias são discutidas, examinadas; uma imensidão de fatos, como o que trata este artigo, e que outrora teriam passado despercebidos, hoje chamam a atenção, em razão dos próprios estudos preliminares que têm sido feitos. Sem adotar esta ou aquela opinião, a gente se familiariza com a idéia de um ponto de contato entre a animalidade e a Humanidade; e, quando vier a solução definitiva, seja qual for o sentido em que ocorra, deverá apoiar-se sobre argumentos peremptórios, que não darão margem a qualquer

dúvida. Se a idéia for verdadeira, terá sido pressentida; se for falsa, é que se terá encontrado algo mais lógico para pôr em seu lugar.

Tudo se liga, tudo se encadeia, tudo se harmoniza na Natureza. O Espiritismo veio dar uma idéia-mãe e pode ver-se quão fecunda é esta idéia. Antes da luz que ele lança sobre a psicologia, ter-se-ia dificuldade em crer que pudessem surgir tantas considerações a propósito de um cão raivoso.

Depois que o relatório do Sr. Bouley foi lido na Sociedade de Paris, um Espírito deu a respeito a seguinte comunicação.

**(Sociedade Espírita de Paris, 30 de junho de 1865 –
Médium: Sr. Desliens)**

Existe a visão no cão e em alguns outros animais, nos quais fenômenos semelhantes aos descritos pelo Sr. Bouley possam produzir-se? Para mim a questão não padece dúvida. Sim; o cão e o cavalo vêem ou sentem os Espíritos. Nunca testemunhastes a repugnância que, por vezes, manifestam esses animais, ao passarem num local onde ignoravam tivesse sido enterrado um corpo humano? Certamente direis que seus sentidos podem ser despertados pelo odor particular dos corpos em putrefação; então, por que passam indiferentes ao lado do cadáver enterrado de um outro animal? Por que se diz que o cão presente a morte? Nunca vistes cães uivando sob as janelas de uma pessoa agonizante, quando esta lhe era desconhecida? Não vedes, também, fora da excitação da raiva, diversos animais se recusarem a obedecer à voz do dono, recuarem amedrontados ante um obstáculo que lhes parece barrar a passagem, e se enfurecerem? e depois passarem tranqüilamente pelo mesmo sítio que lhes inspirava terror, como se o obstáculo tivesse desaparecido? Tem-se visto animais salvarem seus donos de um perigo iminente, recusando-se a percorrer o caminho onde estes teriam podido sucumbir. Os fatos de visões

nos animais se encontram na Antiguidade e na Idade Média, bem como em nossos dias.

Assim, não há dúvida de que os animais vêem os Espíritos. Aliás, dizer que eles têm imaginação não é lhes conceder um ponto de semelhança com o Espírito humano? e o instinto não é neles a inteligência rudimentar, apropriada às suas necessidades, antes que tenha passado pelos cadinhos modificadores, que a devem transformar e dar-lhe novas faculdades? O homem também tem instintos, que o fazem agir de maneira inconsciente, no interesse de sua conservação; porém, à medida que nele se desenvolvem a inteligência e o livre-arbítrio, o instinto se enfraquece, para dar lugar à razão, porque esse guia cego lhe é menos necessário.

O instinto, que está em todo o seu vigor no animal, perpetuando-se no homem, onde se perde pouco a pouco, certamente é um traço de união entre as duas espécies. A sutileza dos sentidos no animal, como no selvagem e no homem primitivo, suprimindo nuns e noutros a ausência ou a insuficiência do senso moral, é outro ponto de contato. Enfim, a visão espiritual que, com toda evidência, lhes é comum, embora em graus muito diversos, também vem diminuir a distância que parece erguer entre eles uma barreira intransponível. Contudo, nada conclusivo de maneira absoluta, mas observai atentamente os fatos, porque somente dessa observação a verdade brotará um dia para vós.

Moki

Observação – Este conselho é muito sábio, pois, evidentemente apenas nos fatos é que se pode assentar uma teoria sólida; fora disso só haverá opiniões e sistemas. Quando constatados, os fatos são argumentos sem réplica, cujas consequências, mais cedo ou mais tarde, terão de ser aceitas. Foi o princípio que serviu de base à Doutrina Espírita, e é o que nos leva a dizer que o Espiritismo é uma ciência de observação.

Uma Explicação

A PROPÓSITO DA REVELAÇÃO DO SR. BACH

Sob o título de *Carta de um desconhecido*, assinada por Bertelius, o *Grand Journal* de 18 de junho de 1865, traz a seguinte explicação do fato relatado na *Revista Espírita* de julho último, relativa à ária do rei Henrique III, revelada em sonho ao Sr. Bach. O autor se apóia exclusivamente no sonambulismo, e parece fazer abstração completa da intervenção dos Espíritos. Embora, sob esse ponto de vista, difiramos de sua maneira de ver, sua explicação não deixa de ser menos sabiamente racional; e se não é, em nossa opinião exata em todos os pontos, contém idéias incontestavelmente verdadeiras e dignas de atenção.

Contra certos magnetizadores ditos *fluidistas*, que não vêem em todos os efeitos magnéticos senão a ação de um fluido material, sem levar a alma em conta, o Sr. Bertelius faz esta representar o papel capital. Ele a apresenta no seu estado de emancipação e de desprendimento da matéria, gozando de faculdades que não possui em estado de vigília. É, pois, uma explicação do ponto de vista completamente espiritualista, se não inteiramente espírita, o que já é alguma coisa para a afirmação da possibilidade do fato por outras vias que não a da materialidade pura, e isto num jornal importante.

É de notar que neste momento se produz, entre os negadores do Espiritismo, uma espécie de reação, ou, antes, formase uma terceira opinião, que pode ser considerada como uma transição. Hoje muitos reconhecem a impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria, mas ainda não podem decidir-se a admitir a intervenção dos Espíritos. Procuram sua causa na ação exclusiva da alma encarnada, agindo independentemente dos órgãos materiais. Incontestavelmente é um passo que se deve considerar como uma primeira vitória sobre o

materialismo. Da ação independente e isolada da alma, durante a vida, a esta mesma ação depois da morte, a distância não é grande; para aí serão levados pela evidência dos fatos, e pela impossibilidade de tudo explicar apenas com o auxílio do Espírito encarnado.

Eis o artigo publicado no *Grand Journal*:

“Contando, no penúltimo número do *Grand Journal*, o fato singular ocorrido com o Sr. G. Bach, fazeis estas perguntas: ‘A espineta pertenceu a Baltazarini? – Foi o Espírito Baltazarini quem escreveu a *romanza* e a sarabanda? – Mistério que não ousamos aprofundar.’

“Por favor: por que um homem, que estimo julgar livre de preconceitos, recua diante da pesquisa da verdade? Mistério! – dizeis vós. – Não, senhor; não há mistério. Há uma simples faculdade, com que Deus dotou certos homens, como dotou outros com uma bela voz, com o gênio poético, com o espírito de cálculo, com uma perspicácia rara, faculdades que a educação pode despertar, desenvolver, melhorar. Em contrapartida, existe uma infinidade de outras faculdades conferidas ao homem, e que a civilização, o progresso e a educação aniquilam, em vez de favorecer o seu desenvolvimento.

“Não é verdade, por exemplo, que os povos selvagens têm uma sensibilidade auditiva que não possuímos? que aplicando o ouvido no chão, distinguem o passo de um homem, ou de vários homens, de um cavalo ou de vários cavalos, de um animal selvagem a grande distância?

“Também não é verdade que eles medem o tempo com precisão, sem ampulheta, sem relógio? que dirigem com segurança sua marcha através de florestas virgens, ou suas canoas nos rios e no mar, olhando as estrelas, sem o concurso da bússola e sem

qualquer noção de Astronomia? – Enfim não é verdade que curam suas doenças sem médicos? que sabem tratar as picadas dos animais mais venenosos com ervas simples, que distinguem em meio a tantas outras, e acham aos seus pés? Não se sabe que curam as mais perigosas feridas com terra argilosa? E não podem, como me dizia tão judiciosamente, nos confins dos Estados Unidos, um chefe Pele-Vermelha, que o Grande Ser sempre pôs o remédio ao lado do mal?

“Estas verdades tornaram-se banais de tanto repetidas; mas delas se servem alguns para disfarçar a sua ignorância; outros – a maioria – para aí colher matérias para contradições. É tão fácil tomar ares de espírito forte negando tudo! e tão difícil explicar a obra de Deus, cujo segredo buscamos nos livros, quando encontraríamos sua solução na Natureza! Eis o grande livro aberto a todas as inteligências; mas nem todas são feitas para decifrar esses mistérios, porque aí uns lêem através de suas prevenções ou seus preconceitos, e outros através de sua insuficiência ou seu orgulho de sábio.

“Servi-vos dos meios mais simples para aprofundar os mistérios da Natureza, e encontrareis a solução, até os limites impostos à inteligência humana por uma inteligência superior.

“Dissestes que o Sr. Bach não é sonâmbulo. Que sabeis disto, e que sabe ele próprio? Afirmo que o Sr. Bach é sonâmbulo, mesmo sem jamais ter tido a honra de o encontrar e sem o conhecer. Nele o sonambulismo ficou em estado latente; foi necessário um acontecimento excepcional, uma sensação muito viva e muito persistente, uma emoção que compreenderão todos os que amam a curiosidade e o saber, para revelar a si mesmo uma faculdade da qual deve ter tido alguns exemplos, que ficaram despercebidos em sua vida, mas dos quais sem dúvida hoje se lembrará, se quiser interrogar o seu passado e refletir.

“De acordo com o que nos informastes, o Sr. Bach empregou uma parte do dia na contemplação de sua preciosa espineta; descobriu o inventário do instrumento (abril de 1564). ‘Ao deitar-se pensava nela; e quando o sono lhe veio cerrar as pálpebras, ainda pensava no instrumento.’

“O sonâmbulo procede por graus. – Quando quiserdes que ele veja o que se passa em Londres, por exemplo, deveis mencionar que o pondez numa carruagem, que toma uma estrada de ferro, que embarca e atravessa o mar (então, muitas vezes, sente náuseas), que desembarca, retoma a estrada de ferro e, finalmente, chega ao termo de sua viagem.

“O Sr. Bach seguiu a marcha habitual aos sonâmbulos. Tinha virado, revirado, desmontado e examinado detalhadamente a sua espineta; estava cheio desta idéia e, mentalmente, sem nisso pensar, deve ter dito consigo mesmo: ‘A quem pode ter pertencido esse instrumento?’ A corrente magnética – os espíritos fortes não negarão tal corrente – estabeleceu-se entre ele e o instrumento. Adormeceu e caiu no sono natural e, a seguir, passou naturalmente ao estado de sonambulismo. Então procurou, vasculhou no passado e se pôs em comunicação mais íntima com a espineta; deve tê-la virado, sacudido, posto a mão onde pousara a do antigo proprietário do instrumento, há três séculos; e, interrogando o passado, o que é infinitamente mais fácil que ver o futuro, achou-se em contato com esse ser que não mais existe. Ele o viu com as suas vestes habituais, executando a ária que tantas vezes o instrumento tocou; ouviu a letra tantas vezes acompanhada e, arrastado por essa força magnética que se chama eletricidade, o Sr. Bach a escreveu, com a própria mão, tão bem quanto hoje se transmite a Lyon um telegrama escrito por vossa mão, com a vossa própria letra. O Sr. Bach escreveu no estado de sonambulismo, repito-o, essa ária e essa letra que jamais tinha ouvido; e, superexcitado por uma emoção muito viva, despertou banhado em lágrimas.

“Gritareis que é impossível. – Pois bem! escutai este fato: – Eu mesmo enviei uma sonâmbula à Inglaterra; ela realizou a viagem, não no sono sonambúlico, mas numa condição que não era o estado inteiramente natural, nem o de sonambulismo completo. – Apenas lhe ordenei que todas as noites dormisse o tempo necessário, naturalmente, e que escrevesse o que deveria fazer para chegar ao resultado que devia alcançar em sua viagem. – Ela não sabia uma palavra de inglês. Não conhecia ninguém. O caso que a preocupava era grave... Ela realizou sua viagem, escreveu todas as noites consultas sobre o que devia fazer, as pessoas que devia ver, os endereços onde as devia encontrar. Seguiu textualmente e ao pé da letra as indicações que se tinha dado, foi à casa de pessoas que não conhecia e das quais jamais ouvira falar e que eram justamente as que tudo podiam... E o fez tão bem que ao cabo de oito dias, um caso que teria exigido anos sem esperança de chegar ao fim, foi resolvido para a sua completa satisfação, e minha sonâmbula voltou depois de ter realizado maravilhas. – No estado natural essa mulher extraordinária é apenas uma pessoa comum.

“Notai este fato: sua letra no sono é completamente diferente da escrita habitual. Foram escritas palavras em inglês, língua que ela não conhece. Conversa comigo em italiano e, acordada, não seria capaz de dizer duas palavras nesse idioma.

“Assim, o próprio Sr. Bach escreveu e anotou, com a própria mão, a ária de Henrique III, embora talvez não reconhecesse sua letra. E o que é mais surpreendente, é que deve duvidar de suas faculdades magnéticas, como a minha sonâmbula que, a esse respeito, é de uma incredulidade tão radical que não se pode falar de magnetismo em sua presença, sem que ela se apresse em declarar que é uma insensatez acreditar nisto.

“E talvez ainda, conquanto não o digais, o Sr. Bach não tinha papel nem tinta. Em Londres minha sonâmbula encontrou sobre a mesa as indicações desejadas escritas a lápis; ela não tinha

lápiz!... Estou certo de que ela foi vasculhar no hotel, encontrou o lápis de que precisava e o trouxe para o seu quarto, com essa exatidão, essas precauções, essa leveza vaporosa, quase sobrenatural, comum nos sonâmbulos.

“Eu vos poderia citar fatos mais surpreendentes que o do Sr. Bach. Mas por hoje basta. Hesito mesmo em vos enviar estas notas, escritas ao sabor da pena.

“Há vinte anos que magnetizo, mas ocultei, mesmo aos meus melhores amigos, o resultado de minhas descobertas. É tão fácil tachar um homem de loucura! Há tanta gente interessada em pôr a luz debaixo do alqueire! E, acima de tudo, forçoso é dizer, há tantos charlatães que abusaram do magnetismo que seria necessária uma coragem sobre-humana para declarar que dele se ocupa. Seria melhor proclamar que se assassinou pai e mãe do que confessar que se acredita no magnetismo.

“Regra geral, entretanto: não creiais nunca, jamais! em experiências públicas, nos falsos sonâmbulos, que dão consultas mediante dinheiro, e oráculos como as sibilas antigas, que agem e falam à menor ordem e a qualquer hora, diante de um público numeroso, como um autômato habilmente fabricado. É charlatanismo! Nada é mais caprichoso, teimoso, volúvel, birrento e rancoroso que um sonâmbulo. Uma ninharia lhe paralisa as faculdades de segunda vista; uma bagatela o faz mentir por malícia; um nada o perturba e o faz mudar de rumo, e isto se compreende. Há algo mais susceptível que uma corrente elétrica?

“Eu me afastei de um hábil cientista, o Dr. E..., muito conhecido em Londres, com o qual iniciei minhas primeiras experiências magnéticas, justamente porque sempre considerei como grave falta o abuso do magnetismo. Empolgado pelos resultados miraculosos que obtínhamos, um dia ele quis enxertar o sistema frenológico no magnetismo. Pretendia que, tocando certas

saliências da cabeça, o sonâmbulo apresentava a sensação da qual aquela saliência era sede. Tocando o local presumível do canto, o paciente cantava; o da gulodice, ele mastigava no vazio, dizendo que tal comida tinha este ou aquele sabor. E assim por diante.

“Considerarei que era levar a experiência longe demais e, sobre um fato real – o sonambulismo – assentar uma ciência problemática: a frenologia. Eu queria ampliar o domínio das descobertas magnéticas, mas não abusar delas, como geralmente se faz.

“Tive a irreverência de declarar ao meu professor que ele se desviava e que eu defendia ser dever de todos quantos conhecem os fenômenos magnéticos se levantarem contra todas essas experiências, cujo único objetivo é satisfazer uma curiosidade ignorante, explorar algumas fraquezas humanas e não o de alcançar um resultado prático para a Humanidade, e útil a todos.

“Mas é mais difícil do que se pensa manter-se nesses limites honestos, quando se chegou a resultados maravilhosos. Os mais fortes magnetizadores se deixam arrastar e, fenômeno ainda mais maravilhoso, quando se chega a ponto de exigir sempre experiências públicas de seu paciente, este parece se perturbar, não tem mais esse imprevisto, essa lucidez, essa clarividência que o distinguiam; torna-se uma máquina automática, que responde sobre um tema dado e cujas faculdades se empobrecem até desaparecerem.

“Infelizmente, pessoas que não ousariam tentar uma simples experiência de física recreativa, que se confessam incapazes de executar o menor truque de prestidigitação, jamais hesitam, sem preparação e sem o menor estudo prévio, em fazer experiências magnéticas.

“Ah! se eu não temesse mergulhar os leitores do vosso *Grand Journal* num sono menos interessante, porém mais

barulhento que o de meus sonâmbulos, eu vos entreteria em breve com fatos eminentemente curiosos... Mas antes é preciso saber que acolhida dareis a esta primeira carta; é o que sábado ficarei sabendo, ao rebentar o lacre de meu exemplar.

Bertellius

Um Egoísta

ESTUDO ESPÍRITA MORAL

No dia 10 de janeiro de 1865, um dos nossos correspondentes de Lyon nos transmitiu o seguinte relato:

Numa localidade vizinha, conhecíamos um indivíduo, cujo nome omitimos, para não sermos maledicentes e porque o nome nada tem com o fato. Era espírita e, sob o domínio dessa crença se melhorou, embora não a tivesse aproveitado tanto quanto poderia tê-lo feito, devido à sua inteligência. Vivia com uma velha tia, que o amava como filho, e que não poupava trabalhos nem sacrifícios por seu caro sobrinho. Por economia era a boa mulher que cuidava da casa. Até aí tudo muito natural; o que o era menos é que o sobrinho, jovem e em boa forma, a deixava fazer trabalhos acima de sua força, sem que jamais lhe acudisse à idéia poupar-lhe marchas penosas para a sua idade, o transporte de fardos e coisas semelhantes. Na casa não mudava um móvel de lugar, como se tivesse criados às suas ordens; e mesmo que previsse algum penoso serviço excepcional, arranjava um pretexto para se abster, temeroso de que lhe pedissem um auxílio, que não poderia recusar. Entretanto, havia recebido várias lições a respeito, poder-se-ia dizer afrontas, capazes de fazer refletir um homem de coração; mas era insensível. Um dia em que a tia se extenuava rachando lenha, lá estava ele sentado, fumando tranqüilamente o seu cachimbo. Entrou um vizinho e, vendo isto, lançou um olhar de desprezo sobre o rapaz e disse: “Isto é trabalho para homem, e não para mulher.” Depois, tomando o machado, pôs-se a rachar a lenha,

enquanto o outro olhava. Era estimado como um homem decente e de boa conduta, mas porque seu caráter não tivesse amenidade nem perseverança, não era apreciado e a maioria dos amigos se haviam afastado. Nós, espíritas, nos afligíamos por essa dureza de coração e dizíamos que um dia ele pagaria muito caro por isso.

A previsão realizou-se ultimamente. Devo dizer que, em conseqüência dos esforços que fazia, a velha senhora foi acometida por uma hérnia muito grave, que a fazia sofrer muito, mas que ela tinha coragem para não se lamentar. Durante esses últimos frios, provavelmente querendo esquivar-se a um trabalho penoso, o sobrinho saiu cedo e não voltou. Ao atravessar uma ponte, foi atingido pela queda de uma viatura e arrastado por uma encosta; morreu duas horas depois.

Quando fomos informados do fato, quisemos evocá-lo, e eis o que nos foi respondido por um dos nossos guias:

“Aquele a quem quereis chamar não poderá comunicar-se antes de algum tempo. Venho responder por ele e vos dizer o que quereis saber; mais tarde ele vo-lo confirmará. Neste momento ele está muito perturbado pelos pensamentos que o agitam. Vê a tia e a doença que ela contraiu em conseqüência das fadigas corporais e da qual ela morrerá. É isto que o atormenta, pois se considera como o seu assassino. E o é, com efeito, já que lhe podia poupar o trabalho que será a causa de sua morte. Para ele é um remorso pungente que o perseguirá por muito tempo, até que tenha reparado a sua falta. Ele queria fazê-lo; não deixa a tia, mas seus esforços são inúteis e, então, se desespera. É preciso, para o seu castigo, que a veja morrer devido à sua negligência egoísta, porque sua conduta é uma variedade do egoísmo. Orai por ele, a fim de que possa manter o arrependimento, que mais tarde o salvará.”

P. – Nosso caro guia poderia dizer-nos se não lhe serão levados em conta outros defeitos de que se corrigiu por causa do Espiritismo e se sua posição não se abrandou?

Resp. – Sem nenhuma dúvida, essa melhora lhe é levada em conta, pois nada escapa ao olhar perscrutador da divina Providência. Mas eis de que maneira cada boa ou má ação tem suas conseqüências naturais, inevitáveis, conforme estas palavras do Cristo: “A cada um segundo as suas obras.” Aquele que se corrigiu de algumas faltas se poupa da punição que elas teriam acarretado e, ao contrário, recebe o prêmio das qualidades que as substituíram; mas não pode escapar às conseqüências dos defeitos que ainda ficaram. Assim, não é punido senão na proporção e conforme a gravidade destes últimos; quanto menos os tiver, melhor a sua posição. Uma qualidade não resgata um defeito; diminui o número destes e, por conseguinte, a soma das punições.

Os defeitos dos quais se corrigem primeiro, são os mais fáceis de ser extirpados, e aquele do qual se libertam mais dificilmente é o egoísmo. Julgam ter feito bastante porque moderaram a violência do caráter, se resignaram à sorte ou se livraram de alguns maus hábitos; sem dúvida é algo que aproveita, mas não impede de pagarem o tributo de depuração pelo resto.

Meus amigos, o egoísmo é o que melhor se vê nos outros, porque sentimos o seu contragolpe e porque o egoísta nos fere; mas o egoísta encontra em si mesmo sua satisfação, razão por que dele não se apercebe. O egoísmo é sempre uma prova de securra do coração; estiola a sensibilidade para os sofrimentos alheios. O homem de coração, ao contrário, sente esse sofrimento e se emociona; é por isto que se sacrifica para os poupar ou os mitigar nos outros, porque gostaria que fizessem o mesmo por ele. Assim, é feliz quando evita uma pena ou um sofrimento a alguém; *tendo-se identificado com o mal de seu semelhante, experimenta um alívio real quando não mais existe o mal.* Contai com o seu reconhecimento se lhe prestardes serviço; mas do egoísta não espereis senão a ingratião; o reconhecimento em palavras nada lhe custa, mas em ação o fatigaria e lhe perturbaria o repouso. Só age por outro quando forçado, e jamais espontaneamente; seu apego está na

razão do bem que espera das pessoas, e isto algumas vezes mau grado seu. O rapaz de quem falamos certamente gostava da tia e se teria revoltado se lhe tivessem dito o contrário; contudo, sua afeição não chegava a ponto de fatigar-se por ela; de sua parte não era um desígnio premeditado, mas uma repulsa instintiva, consequência de seu egoísmo nato. A luz que não soubera achar em vida, hoje lhe aparece e ele lamenta não ter aproveitado melhor os ensinamentos que recebeu. Orai por ele.

O egoísmo é o verme roedor da sociedade, é mais ou menos o de cada um de vós. Em breve eu vos darei uma dissertação, na qual ele será encarado sob seus diversos matizes; será um espelho; olhai-o com cuidado, para ver se não percebeis num canto qualquer um reflexo de vossa personalidade.

Vosso guia espiritual

Notas Bibliográficas

(À VENDA)

O CÉU E O INFERNO, OU A JUSTIÇA DIVINA SEGUNDO O ESPIRITISMO

Contendo: o exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, as penas e recompensas futuras, os anjos e os demônios, as penas eternas, etc.; seguido de numerosos exemplos acerca da situação real da alma durante e depois da morte.

POR ALLAN KARDEC

Como não nos cabe fazer o elogio, nem a crítica desta obra, limitamo-nos a dar a conhecer o seu objetivo, pela reprodução de um extrato do prefácio.

“O título desta obra indica claramente o seu objetivo. Aí reunimos todos os elementos próprios para esclarecer o homem sobre o seu destino. Como nos nossos outros escritos sobre a

Doutrina Espírita, aí nada introduzimos que seja produto de um sistema preconcebido, ou de uma concepção pessoal, que não teria nenhuma autoridade: tudo aí é deduzido da observação e da concordância dos fatos.

“*O Livro dos Espíritos* contém as bases fundamentais do Espiritismo; é a pedra angular do edifício; todos os princípios da doutrina aí estão expostos, até os que devem constituir o seu coroamento; mas era necessário lhe dar desenvolvimentos, deduzir-lhe todas as conseqüências e todas as aplicações, à medida que se desdobravam pelo ensino complementar dos Espíritos e por novas observações. Foi o que fizemos em *O Livro dos Médiuns* e em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, em pontos de vista especiais; é o que fazemos nesta obra sob um outro ponto de vista, e é o que faremos sucessivamente nas que nos restam publicar, e que virão a seu tempo.

“As idéias novas só frutificam quando a terra está preparada para as receber. Ora, por terra preparada não se deve entender algumas inteligências precoces, que só dariam frutos isolados, mas um certo conjunto na predisposição geral, a fim de que não só dê frutos mais abundantes, mas que a idéia, encontrando maior número de pontos de apoio, encontre menos oposição, e seja mais forte para resistir aos seus antagonistas. *O Evangelho segundo o Espiritismo* já era um passo avante; *O Céu e o Inferno* é mais um passo cujo alcance será facilmente compreendido, porque toca ao vivo certas questões; mas não podia vir mais cedo.

“Se se considerar a época em que veio o Espiritismo, reconhecer-se-á sem custo que veio em tempo oportuno, nem muito cedo, nem muito tarde. Mais cedo, teria abortado, porque, não sendo numerosas as simpatias, teria sucumbido sob os golpes dos adversários; mais tarde, teria perdido a ocasião favorável de se produzir; as idéias poderiam ter tomado outro curso, do qual teria

sido difícil desviá-las. Era preciso deixar às velhas idéias o tempo de se gastarem e provar a sua insuficiência, antes de apresentar outras novas.

“As idéias prematuras abortam porque não se está maduro para as compreender e porque ainda não se faz sentir uma mudança de posição. Hoje é evidente para todos que se manifesta um grande movimento na opinião; formidável reação se opera, no sentido progressivo, contra o espírito estacionário ou retrógrado da rotina; os satisfeitos da véspera são os impacientes do dia seguinte. A Humanidade está no trabalho de parto; há qualquer coisa no ar, uma força irresistível que a impele para frente; ela está como um jovem saído da adolescência, que entrevê novos horizontes sem os definir, e se livra das fraldas da infância. Vê-se algo de melhor, alimentos mais sólidos para a razão; mas esse melhor ainda está no vago; buscam-no; todos trabalham nisto, do crente ao incrédulo, do operário ao cientista. O Universo é um vasto canteiro; uns demolem, outros reconstroem; cada um talha uma pedra para o novo edifício, do qual só o grande arquiteto possui o plano definitivo, e cuja economia só será compreendida quando suas formas começarem a se desenhar acima da superfície do solo. Foi o momento que a soberana sabedoria escolheu para o advento do Espiritismo.

“Os Espíritos que presidem ao grande movimento regenerador agem, pois, com mais sabedoria e previdência do que o fariam os homens, porque abarcam a marcha geral dos acontecimentos, ao passo que nós só vemos o círculo limitado do nosso horizonte. Estando chegados os tempos da renovação, conforme os desígnios divinos, era preciso que, em meio às ruínas do velho edifício e para não perder a coragem, o homem entivesse as bases da nova ordem de coisas; era preciso que o marinheiro percebesse a estrela polar, que o deve guiar ao porto.

“A sabedoria dos Espíritos, que se mostrou no surgimento do Espiritismo, revelado quase instantaneamente em toda a Terra, na época mais propícia, não é menos evidente na ordem e na gradação lógicas das revelações complementares sucessivas. Não depende de ninguém constranger sua vontade a tal respeito, porque eles não medem seus ensinamentos ao sabor da impaciência dos homens. Não nos basta dizer: ‘Gostaríamos de ter tal coisa’ para que ela fosse dada; e ainda menos nos convém dizer a Deus: ‘Julgamos que é chegado o momento para nos dardes tal coisa; nós nos julgamos bastante adiantados para a receber’, porque seria dizer-lhe: ‘Sabemos melhor que vós o que convém fazer.’ Aos impacientes os Espíritos respondem: ‘Começai primeiro por saber bem, compreender bem e, sobretudo, por bem praticar o que sabeis, a fim de que Deus vos julgue dignos de aprender mais; depois, quando chegar o momento, saberemos agir e escolheremos os nossos instrumentos.’

“A primeira parte desta obra, intitulada *Doutrina*, contém o exame comparado das diversas crenças sobre o céu e o inferno, os anjos e os demônios, as penas e as recompensas futuras; o dogma das penas eternas aí é encarado de maneira especial e refutado por argumentos tirados das próprias leis da Natureza, e que demonstram não só o seu lado ilógico, já assinalado centenas de vezes, mas a sua impossibilidade material. Com as penas eternas caem, naturalmente, as conseqüências que se acreditava delas poder tirar.

“A segunda parte encerra numerosos exemplos em apoio da teoria, ou, melhor, que serviram para estabelecer a teoria. Colhem sua teoria na diversidade dos tempos e lugares onde foram obtidas, porquanto, se emanassem de uma única fonte, poderiam ser consideradas como produto de uma mesma influência. Além disso, colhem-na na sua concordância com o que diariamente se obtém em toda parte onde se ocupam das manifestações espíritas

de um ponto de vista sério e filosófico. Esses exemplos poderiam ter sido multiplicados ao infinito, pois não há centro espírita que não os possa fornecer em notável contingente. Para evitar repetições fastidiosas, tivemos de fazer uma escolha entre os mais instrutivos. Cada um desses exemplos é um estudo em que todas as palavras têm o seu alcance para quem quer que as medite com atenção, porque de cada lado jorra uma luz sobre a situação da alma depois da morte, e a passagem, até então tão obscura e tão temida, da vida corporal à vida espiritual. É o guia do viajor, antes de entrar num país novo. A vida de além-túmulo aí se desdobra sob todos os seus aspectos, como um vasto panorama; cada um aí colherá novos motivos de esperança e de consolação, e novos suportes para firmar a fé no futuro e na justiça de Deus.

“Nesses exemplos, em sua maioria tomados de fatos contemporâneos, dissimulamos os nomes próprios, sempre que o julgamos útil, por motivos de conveniência fáceis de apreciar. Aqueles a quem tais exemplos podem interessar os reconhecerão facilmente. Para o público, nomes mais ou menos conhecidos e, por vezes, muito obscuros, nada teriam acrescentado à instrução que deles se pode tirar.

Eis os títulos dos capítulos:

PRIMEIRA PARTE. Doutrina. I – O porvir e o nada. II – Temor da morte. III – O céu. IV – O inferno. V – Quadro comparativo do inferno pagão e do inferno cristão. VI – O purgatório. VII – Doutrina das penas eternas. VIII – As penas futuras segundo o Espiritismo. IX – Os anjos. X – Os demônios. XI – Intervenção dos demônios nas modernas manifestações. XII – É proibido evocar os mortos?

SEGUNDA PARTE. *Exemplos.* I – A passagem. II – Espíritos felizes. III – Espíritos em condições medianas. IV –

Espíritos sofredores. V – Suicidas. VI – Criminosos arrependidos. VII – Espíritos endurecidos. VIII – Expições terrestres.

CONVERSAS FAMILIARES SOBRE O ESPIRITISMO

Pela Sra. Émilie Collignon (de Bordeaux)

Temos a satisfação e o dever de chamar a atenção dos nossos leitores para esta brochura, que apenas anunciamos no último número, e que inscrevemos com prazer entre os livros recomendados. É uma exposição completa, embora sumária, dos verdadeiros princípios da doutrina, em linguagem familiar, ao alcance de todos, e sob uma forma atraente. Fazer a análise desta produção seria fazer a de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*. Assim, não é por conter idéias novas que recomendamos esse opúsculo, mas como um meio de propagar a doutrina.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

OUTUBRO DE 1865

Nº 10

Novos Estudos sobre os Espelhos Mágicos ou Psíquicos

O VIDENTE DA FLORESTA DE ZIMMERWALD

Na *Revista Espírita* de outubro de 1864 fizemos um meticoloso relato das observações que acabávamos de fazer sobre um camponês do cantão de Berna, que possui a faculdade de ver, num copo de vidro, as coisas distantes. Novas visitas que lhe fizemos este ano nos permitiram completar as observações e retificar, em certos pontos, a teoria que havíamos dado dos objetos vulgarmente designados sob o nome de *espelhos mágicos*, mais exatamente chamados *espelhos psíquicos*. Como antes de tudo buscamos a verdade e não temos a pretensão de ser infalível, quando acontece nos enganarmos não hesitamos em o reconhecer. Não conhecemos nada mais ridículo do que se aferrar a uma opinião errônea.

Para a compreensão do que se segue, e a fim de evitar repetições, rogamos aos nossos leitores que se reportem ao artigo precitado, que contém uma nota detalhada sobre o vidente em questão e sua maneira de operar.

Apenas lembraremos que se dá o nome de *espelhos mágicos* a objetos de diversas formas e naturezas, quase sempre de reflexo brilhante, tais como copos de beber, garrafas, vidros, placas metálicas, nos quais certas pessoas vêem coisas ausentes. Convencido por uma observação atenta de que essa faculdade não é senão a *dupla vista*, ou seja, a *visão espiritual* ou *psíquica*, independente da visão orgânica, e considerando-se que essa faculdade existe sem o concurso de qualquer objeto, havíamos concluído, de maneira muito absoluta, pela inutilidade desses objetos, pensando que o hábito de os utilizar apenas os tornava necessários, e que todo indivíduo, *vidente* com o seu concurso, poderia ver perfeitamente bem sem eles, caso tivesse vontade. Ora, é aí que está o erro, como vamos demonstrar.

Daremos previamente um relato sucinto dos novos fatos observados, porque servem de base às instruções a que os mesmos deram motivo.

Assim, tendo voltado à casa daquele homem, acompanhado do Sr. comandante de W., que gentilmente nos serviu de intérprete, logo ele se ocupou de nossa saúde; descreveu com facilidade e perfeita exatidão a sede, a causa e a natureza do mal, indicando os remédios necessários.

Em seguida, sem ser provocado por nenhuma pergunta, falou de nossos trabalhos, de seu objetivo e seus resultados, no mesmo sentido que no ano anterior, sem, contudo, ter conservado qualquer lembrança do que havia dito; mas aprofundou muito mais o assunto, cujo alcance parecia compreender melhor. Entrou em detalhes circunstanciados sobre a marcha atual e futura da doutrina que nos ocupa, sobre as causas que devem levar a este ou aquele resultado, sobre os obstáculos que nos serão suscitados e os meios de os superar, sobre as pessoas que nela representam ou devem representar um papel pró ou contra, aquelas sobre cujo devotamento e sinceridade se pode contar ou

não, descrevendo-as física e moralmente, de maneira a provar que as via perfeitamente. Numa palavra, deu-nos uma instrução longamente desenvolvida e logicamente motivada, tanto mais notável porque confirma, em todos os pontos, e completa, sob certas relações, as dos nossos Espíritos protetores. As partes cuja exatidão estávamos em condições de apreciar não podiam deixar dúvida quanto à sua clarividência. Tendo tido com ele várias entrevistas, cada vez voltava ao mesmo assunto, confirmava-o ou o completava, sem jamais se contradizer, mesmo no que havia dito no ano anterior, de que as entrevistas atuais pareciam ser a continuação.

Sendo essa instrução absolutamente pessoal e confidencial, abstemo-nos de relatá-la em detalhes. Mencionamo-la por causa do fato importante que dela ressalta e que relatamos a seguir. Sem dúvida é de grande interesse para nós, mas nosso objetivo principal, voltando a ver esse homem, era fazer novos estudos sobre sua faculdade, no interesse da ciência espírita.

Um fato que constatamos é que não se pode constranger sua lucidez; vê o que se lhe apresenta e o descreve, mas não se pode fazer que veja à vontade o que se deseja, nem aquilo em que se pensa, embora leia os pensamentos. Na sessão principal que nos foi dedicada, em vão tentamos chamar sua atenção para outros assuntos; apesar de seus esforços, declarou nada ver no copo.

Quando trata de um assunto, é possível fazer-lhe perguntas que lhe dizem respeito, mas é inútil interrogá-lo sobre a primeira que surgir. E, contudo, muitas vezes lhe ocorre passar bruscamente do assunto que o ocupa a outro completamente estranho; depois volta ao primeiro. Quando se lhe pergunta a razão, responde que diz o que vê, e que isto não depende dele.

Vê *espontaneamente* as pessoas ausentes, quando estas se ligam diretamente àquilo que é objeto de seu exame, mas não de

outro modo. Seu ponto de partida é o interrogador, sua pessoa, sua residência; daí se desdobram os fatos consecutivos. Também foi inutilmente que tentamos a seguinte experiência. Um dos nossos amigos de Paris, que acabava de nos escrever, desejava que o consultássemos a respeito da doença da filha. Nós lhe entregamos a carta, dizendo-lhe que a pusesse na palma da mão, sob o fundo do copo, pensando que a irradiação do fluido facilitaria a visão da pessoa. Ele nada fez: ao contrário, o reflexo branco do papel o incomodava; disse que a pessoa estava muito longe e, contudo, alguns instantes antes acabava de descrever, com perfeita exatidão e detalhes minuciosos, um indivíduo no qual absolutamente não pensávamos, bem como o local onde mora, e isto a uma distância quatro vezes maior. Mas esta pessoa estava envolvida no assunto que nos dizia respeito, ao passo que a outra lhe era completamente estranha. A sucessão dos acontecimentos o conduzia para um, e não para o outro.

Por conseguinte, sua lucidez não é flexível nem manejável, e absolutamente não se presta ao capricho do interrogador. Não está, pois, de modo algum, apto a satisfazer os que a ele viessem apenas por curiosidade. Aliás, como ele lê no pensamento, seu primeiro cuidado é ver a intenção do visitante, caso não o conheça; se a intenção não for séria, se perceber que o objetivo não é moral nem útil, recusa-se a falar e despede quem quer que lhe venha pedir que leia a sorte ou faça perguntas fúteis ou indiscretas. Numa palavra, é um vidente sério, e não um adivinho.

Como dissemos o ano passado, sua clarividência se aplica principalmente às fontes e aos cursos d'água subterrâneos. Só acessoriamente e por condescendência se ocupa de outras coisas.

É de uma ignorância absoluta, mesmo sobre os princípios mais elementares das ciências, mas tem muito senso

natural e, devido à sua lucidez, muitas vezes supre a falta de conhecimentos adquiridos. Eis um exemplo.

Um dia, em nossa presença, alguém o interrogava sobre a possibilidade da existência de uma fonte mineral em certa localidade. Não há, diz ele, porque o terreno não é propício. Nós lhe fizemos ver que a origem das fontes por vezes está muito afastada do lugar onde se mostram, e se infiltram através de camadas terrestres. É verdade, replicou; mas há regiões onde as camadas são horizontais e outras onde são verticais. Neste de que esse senhor fala, elas são verticais e aí está o obstáculo. De onde lhe vinha essa idéia da direção das camadas terrestres, logo a ele que não tem a mínima noção de Geologia?

Nós o observamos cuidadosamente durante todo o curso de suas operações, e eis o que notamos:

Uma vez sentado, toma o seu copo, segura-o como descrevemos em nosso artigo anterior, olha alternativamente o fundo do copo e os assistentes e, durante cerca de um quarto de hora, fala de coisas sem importância, depois do que aborda o assunto principal. Nesse momento seus olhos, naturalmente vivos e penetrantes, ficam semicerrados, embaciam-se e se contraem; as pupilas desaparecem para o alto, deixando ver apenas o branco. De vez em quando, quando fixa alguém, as pupilas se mostram em parte ligeiramente, para de novo desaparecerem totalmente; e, contudo, olha sempre o fundo do copo ou as linhas que traça a giz. Ora, é bem evidente que, nesse estado, não é pelos olhos que vê. Salvo esta particularidade, nada há nele de sensivelmente anormal; fala com simplicidade, sem ênfase, como no estado ordinário, e não como um inspirado.

Na noite em que tivemos a nossa principal sessão, pedimos, através de um médium escrevente, instruções aos Espíritos bons sobre os fatos que acabávamos de testemunhar.

P. – Que se deve pensar das revelações espontâneas que hoje nos fez o vidente da floresta?

Resp. – Quisemos dar-vos uma prova da faculdade desse homem. Havíamos preparado o assunto de que ele devia tratar; por isto não pôde responder às outras perguntas que lhe fizestes. O que vos falou era apenas a nossa opinião. Ficastes admirado do que vos disse; falava por nós sem o saber e, neste momento, não sabe mais o que disse, como já não se lembra do que falou o ano passado, pois o seu raio de inteligência não chega até lá. Ao falar, nem mesmo compreendia o alcance do que dizia; falava melhor do que o teria feito o médium aqui presente, temeroso de ir muito longe. Eis por que dele nos servimos, por ser um instrumento mais dócil para as instruções que vos queríamos dar.

P. – Ele falou de um indivíduo que, segundo a descrição física e moral que dele fez, e por sua posição, parecia ser tal personagem. Poderíeis dizer se é, realmente, a que quis designar?

Resp. – Ele disse o que deveis saber.

Observação – É, pois, evidente que à faculdade natural desse homem se alia a mediunidade, ao menos acidentalmente, se não de maneira permanente; ou seja, a lucidez lhe é pessoal e não uma questão de Espíritos, mas os Espíritos podem dar a essa lucidez a direção que lhes convém, num caso determinado, inspirar-lhe o que deve dizer e só o deixar dizer aquilo que for preciso. Ele é, pois, conforme a necessidade, *médium inconsciente*.

A faculdade de ver a distância e através dos corpos opacos só nos parece extraordinária, incompreensível, porque constitui um sentido de que não gozamos no estado normal. Estamos exatamente como os cegos de nascença, que não compreendem que se possa conhecer a existência, a forma e as propriedades dos objetos sem os tocar; ignoram que o fluido luminoso é o intermediário que nos põe em relação com os objetos afastados e nos traz a sua imagem. Sem o conhecimento das

propriedades do fluido perispiritual, não compreendemos a visão sem o concurso dos olhos; a tal respeito somos verdadeiros cegos. Ora, a faculdade de ver a distância, com o auxílio do fluido perispiritual, não é mais maravilhosa e miraculosa que a de ver os astros a milhões de léguas, com o auxílio do fluido luminoso²⁵.

P. – Teríeis a bondade de dizer se o copo de que este homem se serve lhe é verdadeiramente útil? se igualmente não poderia ver em outro copo, num objeto qualquer, ou mesmo sem objeto, caso o quisesse? se a necessidade ou a especialidade do copo não seria um efeito do hábito, que lhe faz crer não poder dispensá-lo? Enfim, se a presença do copo é necessária, que ação exerce tal objeto sobre a sua lucidez?

Resp. – Estando o seu olhar concentrado no fundo do copo, o *reflexo brilhante* age primeiramente sobre os olhos, depois sobre o sistema nervoso, provocando uma espécie de semi-sonambulismo ou, mais exatamente, de sonambulismo desperto, no qual o Espírito, desprendido da matéria, adquire a clarividência, ou visão da alma, que chamais segunda vista.

Existe uma certa relação entre a forma do fundo do copo e a forma exterior ou a disposição de seus olhos. É por isto que ele não encontra facilmente os que reúnem as condições necessárias. (vide artigo do mês de outubro de 1864). Embora aparentemente os copos vos sejam semelhantes, há no poder refletor e no modo de irradiação, segundo a forma, a espessura e a qualidade, nuances que não podeis apreciar, e que são adequadas ao seu organismo individual.

25 Neste momento o *Siècle* publica, sob o título de *A dupla vista*, um interessantíssimo romance-folhetim de Élie Berthet. Na hora atual vem a propósito. Há cerca de dois anos o Sr. Xavier Saintine tinha publicado no *Constitutionnel*, sob o título de *A segunda vista*, uma série de fatos baseados na pluralidade das existências e nas relações espontâneas que se estabelecem entre vivos e mortos. É assim que a literatura ajuda a vulgarização das idéias novas. Aí só falta a palavra *Espiritismo*.

Para ele, portanto, o copo é um meio de desenvolver e de fixar sua lucidez. É-lhe realmente necessário, porque nele, *não sendo permanente o estado de lucidez*, necessita ser provocado; outro objeto não o poderia substituir, e esse mesmo copo, que sobre ele produz esse efeito, nada produziria sobre outra pessoa, mesmo vidente. Os meios de provocar essa lucidez variam conforme os indivíduos.

CONSEQÜÊNCIAS DA EXPLICAÇÃO PRECEDENTE

Eis-nos no ponto principal a que nos propusemos. A explicação precedente parece resolver a questão com perfeita clareza. Tudo está nestas palavras: *A lucidez não é permanente neste homem*. O copo é um meio de a provocar, pela ação da irradiação sobre o sistema nervoso. Mas é preciso que o modo de irradiação esteja em relação com o organismo. Daí a variedade dos objetos que podem produzir tal efeito, conforme os indivíduos predispostos a sofrê-los. Disto resulta que:

1^o – Para aqueles em que a visão psíquica é espontânea ou permanente, o emprego de agentes artificiais é inútil; 2^o – esses agentes são necessários quando a faculdade necessita ser superexcitada; 3^o – devendo esses agentes ser apropriados ao organismo, o que tem ação sobre uns nada produz sobre outros.

Certas particularidades de nosso vidente encontram sua razão de ser nesta explicação.

A carta colocada debaixo do copo, em vez de o facilitar, o perturbava, porque mudava a natureza do reflexo que lhe é próprio.

Dissemos que ele, ao começar, fala de coisas sem importância, enquanto olha o corpo. É que a ação não é instantânea, e essa conversa preliminar, sem objetivo aparente, dura o tempo necessário à produção do efeito.

Assim como o estado lúcido não se desenvolve senão gradualmente, não cessa de repente. É a razão pela qual esse homem ainda continua vendo alguns instantes depois de ter deixado de olhar em seu copo, o que nos tinha levado a supor que o objeto fosse inútil. Mas como, de certo modo, o estado lúcido é artificial, de vez em quando ele recorre ao copo para o manter.

Até certo ponto compreende-se o desenvolvimento da faculdade por um meio material; mas como a imagem de uma pessoa distante pode apresentar-se num copo? Só o Espiritismo pode resolver este problema, pelo conhecimento que dá da natureza da alma, de suas faculdades, das propriedades de seu invólucro perispiritual, de sua irradiação, de seu poder emancipador e de seu desprendimento do envoltório corporal. No estado de desprendimento, a alma desfruta de percepções que lhe são próprias, sem o concurso dos órgãos materiais; a visão é um atributo do ser espiritual; vê por si mesmo, sem o auxílio dos olhos, como ouve sem o concurso do ouvido; *se os órgãos dos sentidos fossem indispensáveis às percepções da alma, seguir-se-ia que, depois da morte, não tendo mais a alma esses órgãos, seria surda e cega.* O desprendimento completo, que ocorre após a morte, produz-se parcialmente durante a vida, e é então que se manifesta o fenômeno da visão espiritual, ou, em outras palavras, da dupla vista ou segunda vista, ou da visão psíquica, cujo poder se estende tão longe quanto a irradiação da alma.

No caso de que se trata, a imagem não se forma na substância do vidro; é a própria alma que, por sua irradiação, percebe o objeto no local onde se encontra. Mas como, nesse homem, o copo é o agente provocador do estado lúcido, a imagem lhe aparece muito naturalmente na direção do copo. É absolutamente como aquele que precisa de um óculo de alcance para ver ao longe o que não pode distinguir a olho nu; a imagem do objeto não está nos vidros da luneta, mas na direção dos vidros, que lhe permitem vê-la. Tirei-lhe o instrumento e ele nada mais

verá. Prosseguindo a comparação, diremos que, assim como aquele que tem uma boa vista não necessita de lunetas, o que goza naturalmente da visão psíquica não precisa de meios artificiais para provocá-la.

Há alguns anos, um médico descobriu que, pondo entre os olhos, na base do nariz, uma rolha de garrafa, uma bola de cristal ou de metal brilhante, e fazendo convergirem os raios visuais para esse objeto durante algum tempo, a pessoa entrava numa espécie de estado cataléptico, durante o qual se manifestavam algumas das faculdades que se notam em certos sonâmbulos, entre outras a insensibilidade e a visão a distância, através dos corpos opacos, e que esse estado cessava pouco a pouco, após a retirada do objeto. Evidentemente era um efeito magnético, produzido por um corpo inerte.

Que papel fisiológico desempenha o reflexo brilhante nesse fenômeno? É o que se ignora. Mas, se essa condição é necessária na maioria dos casos, constatou-se que não o é sempre, e que o mesmo efeito é produzido em certos indivíduos com o auxílio de objetos foscos.

Este fenômeno, ao qual se deu o nome de *hipnotismo*, fez ruído nos meios científicos. Experimentaram. Uns tiveram sucesso, outros fracassaram, como devia ser, pois nem todos os pacientes tinham a mesma aptidão. Certamente valia a pena estudar a coisa, fosse ainda excepcional; mas – é lamentável dizer – desde que perceberam que era uma porta secreta pela qual o magnetismo e o sonambulismo iriam penetrar, sob uma outra forma e um outro nome, no santuário da ciência oficial, não mais se cogitou de hipnotismo. (Vide a *Revista Espírita* de janeiro de 1860).

Entretanto, jamais a Natureza perde os seus direitos. Se as leis são desconhecidas por algum tempo, muitas vezes volta à carga e as apresenta sob formas tão variadas que, mais cedo ou

mais tarde, obriga a abrir os olhos. O Espiritismo é prova disto; por mais que o neguem, o denigram, o repilam, ele bate em todas as portas de cem maneiras diferentes e, por bem ou por mal, penetra naqueles mesmos que dele não querem ouvir falar.

Comparando este fenômeno com aquele que nos ocupa, e principalmente com as explicações dadas acima, nota-se, nos efeitos e nas causas, uma analogia surpreendente, donde se pode tirar a seguinte conclusão: os corpos vulgarmente chamados *espelhos mágicos* não passam de agentes hipnóticos, infinitamente variados em suas formas e em seus efeitos, segundo a natureza e o grau das aptidões.

Isto posto, não seria impossível que certas pessoas, dotadas espontânea e acidentalmente dessa faculdade, sofressem, sem que o soubessem, a influência magnética de objetos exteriores, sobre os quais maquinalmente fixam os olhos. Por que o reflexo da água, de um lago, de um pântano, de um ribeirão, mesmo de um *astro*, não produziria o mesmo efeito que um copo ou uma garrafa, sobre certas organizações convenientemente predispostas? Mas isto não passa de uma hipótese que precisa da confirmação da experiência.

Aliás, este fenômeno não é uma descoberta moderna. É encontrado, mesmo em nossos dias, nos povos mais atrasados, tanto é certo que o que está na Natureza tem o privilégio de ser de todos os tempos e lugares. A princípio aceitam-no como um fato: a explicação vem depois, com o progresso, e à medida que o homem avança no conhecimento das leis que regem o mundo.

Tais as conseqüências que parecem decorrer logicamente dos fatos observados.

Partida de um Adversário do Espiritismo para o Mundo dos Espíritos

Escrevem-nos de V...:

“Há algum tempo morreu um eclesiástico nas nossas vizinhanças. Era um adversário declarado do Espiritismo, mas não um desses adversários furibundos, como se vêem tantos, que suprem a falta de boas razões pela violência e pela injúria. Era um homem instruído, de inteligência superior. Combatia-o com talento, sem acrimônia e sem se afastar das conveniências. Infelizmente para ele, e a despeito de todo o seu saber e incontestável mérito, só lhe pôde opor os lugares-comuns ordinários e, para o derrubar, não encontrou nenhum desses argumentos que levam ao espírito das massas uma convicção irresistível. Sua idéia fixa, ou pelo menos a que buscava fazer prevalecer, era que o Espiritismo só teria um tempo; que sua rápida propagação não passava de um entusiasmo passageiro, e que cairia como todas as idéias utópicas.

“Tivemos a idéia de o evocar em nosso pequeno círculo. Sua comunicação nos pareceu instrutiva, sob vários aspectos, razão por que nós vo-la remetemos. Em nossa opinião ela traz um selo incontestável de identidade.

“Eis a comunicação:

P. – [Ao guia do médium]. Teríeis a bondade de dizer se podemos fazer a evocação do Sr. abade D...?

Resp. – Sim; ele virá. Mas, embora persuadido da realidade de vossos ensinamentos, de que a morte o convenceu, ainda tentará provar-vos a inutilidade dos vossos esforços para os espalhar de maneira séria. Ei-lo pronto a apoiar-se em dissensões momentâneas suscitadas por alguns irmãos que se extraviaram, para vos provar a insanidade de vossa doutrina. Escutai-o; sua linguagem vos fará conhecer a maneira por que lhe deveis falar.

Evocação – Caro Espírito D..., esperamos que, com a ajuda de Deus e dos Espíritos bons, vos digneis comunicar-vos conosco. Como podeis ver, todo sentimento de curiosidade está longe de nosso pensamento. Provocando esta conversa, nosso objetivo é dela tirar uma instrução proveitosa para nós e, talvez, também para vós. Ser-vos-emos, pois, reconhecidos pelo que nos quiserdes dizer.

Resp. – Tendes razão de me chamar, mas vos enganais supondo que eu pudesse recusar-me a vir até vós. Ficai certos de que meu título de adversário do Espiritismo não é motivo para que eu guarde silêncio; tenho boas razões para falar.

Minha vinda é uma confissão, uma afirmação dos vossos ensinamentos. Eu o sei e o reconheço. Estou convencido da realidade das manifestações que hoje experimento, mas não é uma razão para que lhe reconheça a excelência, nem que admita como certo o objetivo a que vos propondes. Sim, os Espíritos se comunicam, e não apenas os *demônios*, como ensinamos, e por cálculo. É inútil que me estenda a respeito, pois conheceis tão bem quanto eu as razões que nos levam a agir assim. Certamente, os Espíritos de todas as espécies se comunicam; disto sou uma prova, porquanto, embora não tenha a veledade de me crer um ser superior, quer por meus conhecimentos, quer por minha moralidade, tenho bastante consciência de meu valor para me estimar acima dessas categorias de Espíritos sujeitos à expiação das mais vis imperfeições. Não sou perfeito; como qualquer um, cometi faltas. Mas – reconheço com orgulho – se fui um homem de partido, fui, ao mesmo tempo, um homem de bem, no verdadeiro sentido da palavra.

Escutai-me, pois. Os padres podem estar equivocados em vos combater. Não sei o que reserva o futuro e não entrarei em

discussão se há ou não fundamento em sua oposição, verdadeiramente sistemática; mas, também, examinando com cuidado todas as conseqüências de uma aceitação, não podeis deixar de reconhecer que causaríeis a sua ruína social ou, pelo menos, uma transformação tão absoluta, que todo privilégio, toda separação dos outros homens a rigor seriam aniquiladas. Ora, não se renuncia com alegria no coração a uma realeza tão invejável, a um prestígio que eleva acima do comum, a riquezas que, por serem materiais, não são menos necessárias à satisfação do padre quanto à do homem comum. Pelo Espiritismo, não mais oligarquia clerical; o padre não é ninguém e é qualquer um; o padre é o homem de bem que ensina a verdade aos seus irmãos; é o operário caridoso que ergue seu companheiro *caído*. Vosso sacerdócio é a fé; vossa hierarquia, o mérito; vosso salário, Deus! é grande! é belo! Mas, é preciso dizer, mais cedo ou mais tarde é a ruína, não do homem, que só pode ganhar com esses ensinamentos, mas da família clerical. Não se renuncia de boa vontade, repito, às honras, ao respeito que se está habituado a colher. Tendes razão, eu o quero! e, contudo, não posso desaprovar nossa atitude frente ao vosso ensino; digo *nostra*, porque ainda é minha, apesar de tudo o que vejo e de tudo o que podereis dizer-me.

Admitamos vossa doutrina firmada; ei-la escutada, por toda parte estendendo suas ramificações, no seio do povo como nas classes ricas, no artesão como no literato. *Este último é que vos prestará o concurso mais eficaz*; mas que resultará de tudo isto? Em minha opinião, ei-lo:

Já se operam divisões entre vós. Existem duas grandes seitas entre os espíritas: os espiritualistas da escola americana e os espíritas da escola francesa. Mas consideremos apenas esta última. É uma? Não. Eis, de um lado, os *puristas* ou *kardecistas*, que não admitem nenhuma verdade senão depois de um exame atento e da concordância com todos os dados; é o núcleo principal, mas não é

o único; diversos ramos, depois de se terem infiltrado nos grandes ensinamentos do centro, se separam da mãe comum para formar seitas particulares; outros, não inteiramente destacados do tronco, emitem opiniões subversivas. Cada chefe de oposição tem seus aliados; os campos ainda não estão delineados, mas se formam e logo rebentará a cisão. Eu vos digo, o Espiritismo, assim como as doutrinas filosóficas que o precederam, não poderia ter uma longa duração. Foi e cresceu, mas agora está no topo e já começa a descer. Sempre faz alguns adeptos, mas, como o são-simonismo, como o fourierismo, como os teósofos, cairá, talvez para ser substituído, mas cairá, creio firmemente.

Contudo, seu princípio existe: os Espíritos; mas, também, não tem os seus perigos? Os Espíritos inferiores podem comunicar-se: é a sua perda. Os homens são, antes de tudo, dominados por suas paixões, e os Espíritos de que acabo de falar estão habituados a excitá-los. Como há mais imperfeições do que qualidades em nossa Humanidade, é evidente que o Espírito do mal triunfará, e que se o Espiritismo algo pode, certamente será a invasão de um flagelo terrível para todos.

Dito isto, concludo que, bom em essência, é mau por seus próprios resultados e, então é prudente rejeitá-lo.

O médium – Caro Espírito, se o Espiritismo fosse uma concepção humana, eu teria a mesma opinião que a vossa; mas se vos é impossível negar a existência dos Espíritos, também não podeis ignorar, no movimento dirigido pelos seres invisíveis, a mão poderosa da Divindade. Ora, a menos que negueis os vossos próprios ensinamentos, quando estáveis na Terra, não podereis admitir que a ação do homem possa ser um obstáculo à vontade de Deus, seu criador. De duas, uma: ou o Espiritismo é uma obra de invenção humana e, como toda obra humana, sujeita à ruína; ou é obra de Deus, a manifestação da sua vontade e, neste caso, nenhum obstáculo poderia impedi-lo e nem mesmo retardar o seu

desenvolvimento. Se, pois, reconheceis que existem Espíritos, e que esses Espíritos se comunicam para nos instruir, isto não pode estar fora da vontade divina, porque, então, existiria ao lado de Deus um poder independente, que destruiria sua qualidade de todopoderoso e, por conseguinte, de Deus. O Espiritismo não poderia ser arruinado pelo fato de algumas dissensões que os interesses humanos poderiam gerar em seu seio.

Resp. – Talvez tendes razão, meu jovem amigo (o médium era um rapaz), mas mantenho o que disse. Cesso toda discussão a respeito. Estou à vossa disposição para qualquer pergunta que queirais fazer, isto à parte.

O médium – Pois bem! já que o permitis, sem insistir sobre um assunto que talvez vos fosse penoso prosseguir no momento, rogaríamos que nos descrevésseis vossa passagem desta para a vida em que estais, dizer se ficastes perturbado e se, na vossa posição atual, vos podemos ser úteis.

Resp. – Mau grado meu, não posso deixar de reconhecer a excelência desses princípios que ensinam ao homem o que é a morte e que lhe fazem ter afeição por seres que lhe são totalmente desconhecidos. Mas... enfim, meu caro jovem, vou responder à vossa pergunta. Não quero abusar do vosso tempo e satisfarei o vosso desejo em poucas palavras.

Confessarei, pois, que no momento de morrer estava apreensivo. Era a matéria que me levava a lamentar esta existência? era a ignorância do futuro? não vo-lo ocultarei, eu tinha medo! Perguntais se eu estava perturbado; como o entendeis? Se quereis dizer que a ação violenta da separação me mergulhou numa espécie de letargia moral, da qual saí como de um sono penoso, sim, fiquei perturbado; mas se entendeis uma perturbação nas funções da inteligência: a memória, a consciência de si mesmo, não. Entretanto, a perturbação existe para certos seres; talvez também

para mim, embora não o creia. Mas o que creio é que, geralmente, esse fenômeno não deve ocorrer imediatamente após a morte. É verdade que fiquei surpreso ao ver a existência do Espírito tal qual ensinai, mas isto não é perturbação. Eis como entendo a perturbação, e em que circunstâncias a experimentalia.

Se eu não estivesse seguro da verdade de minha crença; se a dúvida tivesse entrado em minha alma a respeito do que então acreditei; se uma modificação brusca se operasse em minha maneira de ver, aí eu teria ficado perturbado. Mas minha opinião é que tal perturbação não deve ocorrer logo depois da morte. Se creio no que me diz a razão, ao morrer o ser deve ficar tal qual era antes de passar... só mais tarde, quando o isolamento, a mudança que se opera gradualmente à sua volta, modificam suas opiniões, quando seu ser experimenta um abalo moral que faz vacilar sua segurança primitiva, é que começa realmente a perturbação.

Perguntais se me podeis ser útil em alguma coisa. Minha religião me ensina que a prece é boa; vossa crença diz que é útil. Então orai por mim e tende certeza de meu reconhecimento. Apesar da dissidência que existe entre nós, não ficarei menos satisfeito por vir conversar algumas vezes convosco.

Abade D...

Nosso correspondente tinha razão ao dizer que essa comunicação é instrutiva. Ela o é, com efeito, sob muitos aspectos, e nossos leitores apreenderão facilmente os graves ensinamentos que dela ressaltam, sem que tenhamos necessidade de os assinalar. Aí vemos um Espírito que, em vida, tinha combatido nossas doutrinas e esgotado contra ela todos os argumentos que seu profundo saber pudera lhe fornecer; sábio teólogo, é provável que não tenha desprezado nenhum. Como Espírito há pouco desencarnado, reconhecendo as verdades fundamentais sobre as quais nos apoiamos, nem por isso persiste menos em sua oposição, e isto

pelos mesmos motivos. Ora, é incontestável que, se mais lúcido no seu estado espiritual, tivesse encontrado argumentos mais peremptórios para nos combater, os teria feito valer. Longe disto, parece ter medo de enxergar muito claro e, contudo, pressente uma modificação em suas idéias. Ainda imbuído das idéias terrenas, a elas liga todos os seus pensamentos; o futuro o assusta, razão por que não ousa encará-lo.

Responder-lhe-emos como se ele tivesse escrito, em vida, o que ditou depois da morte. Dirigimo-nos tanto ao homem quanto ao Espírito, assim respondendo aos que partilham sua maneira de ver e que nos poderiam opor os mesmos argumentos.

Assim lhe diremos:

Senhor abade, embora tenhais sido nosso adversário declarado e militante na Terra, nenhum de nós o tem assim, nem hoje, nem quando éreis vivo, primeiro porque nossa fé faz da tolerância uma lei e, aos nossos olhos todas as opiniões são respeitáveis, quando sinceras. A liberdade de consciência é um dos nossos princípios; nós a queremos para os outros, como a desejamos para nós. Só a Deus cabe julgar a validade das crenças e nenhum homem tem o direito de anatematizar em nome de Deus. A liberdade de consciência não tira o direito de discussão e de refutação, mas a caridade ordena não amaldiçoar ninguém. Em segundo lugar, não vos queremos menos por isto, porque vossa oposição não trouxe nenhum prejuízo à doutrina; servistes à causa do Espiritismo sem o saber, como todos os que o atacam, ajudando a torná-lo conhecido e provando, sobretudo em razão do vosso mérito pessoal, a insuficiência das armas que empregam para o combater.

Permiti-me, agora, discutir algumas de vossas proposições.

Sobretudo uma me parece pecar, em alto grau, contra a

lógica. É aquela em que dizeis que “*O Espiritismo, bom por essência, é mau por seus resultados.*” Parece que esquecestes a máxima do Cristo, tornada proverbial pela força da verdade: “Uma árvore boa não pode dar maus frutos.” Não se compreenderia que uma coisa boa *em sua própria essência* pudesse ser perniciosa.

Dizeis noutra parte que o perigo do Espiritismo está na manifestação dos Espíritos maus que, em proveito do mal, explorarão as paixões dos homens. Era uma das teses que sustentáveis em vida. Mas, ao lado dos Espíritos maus, há os bons, que excitam ao bem, ao passo que, segundo a doutrina da Igreja, o poder de comunicar-se só é dado aos demônios. Se, pois, achais o Espiritismo perigoso, porque admite a comunicação dos Espíritos maus, ao lado dos bons, a doutrina da Igreja, se fosse verdadeira, ainda seria muito mais perigosa, porque só admite a dos maus.

Aliás, não foi o Espiritismo quem inventou a manifestação dos Espíritos, nem é causa de sua comunicação. Ele apenas constata um fato, que se produziu em todos os tempos, porque está em a Natureza. Para que o Espiritismo deixasse de existir, seria preciso que os Espíritos deixassem de se manifestar. Se essa manifestação oferece perigos, não se deve acusar o Espiritismo, mas a Natureza. A ciência da eletricidade será a causa dos prejuízos ocasionados pelo raio? Não, certamente; ela dá a conhecer a causa do raio e ensina os meios de o desviar. Dá-se o mesmo com o Espiritismo: torna conhecida a causa de uma influência perniciosa, que age sobre o homem à sua revelia, e lhe indica os meios de dela se proteger, ao passo que se a ignorasse sofrê-la-ia e a ela se exporia sem suspeitar.

A influência dos Espíritos maus faz parte dos flagelos a que o homem está exposto na Terra, como as doenças e os acidentes de toda sorte, porque está num mundo de expiação e de prova, onde deve trabalhar por seu adiantamento moral e

intelectual. Mas Deus, em sua bondade, ao lado do mal sempre põe o remédio; deu ao homem a inteligência para o descobrir; é a isto que conduz o progresso das ciências. O Espiritismo vem indicar o remédio a um desses males; ensina que para a ele se subtrair e neutralizar a influência dos Espíritos maus, é preciso tornar-se melhor, domar os maus pendores, praticar as virtudes ensinadas pelo Cristo: a humildade e a caridade. Então é a isto que chamais maus resultados?

A manifestação dos Espíritos é um fato positivo, reconhecido pela Igreja. Ora, hoje a experiência vem demonstrar que os Espíritos são as almas dos homens, razão pela qual há tantos imperfeitos. Se o fato vem contradizer certos dogmas, o Espiritismo não é mais responsável que a Geologia, por ter demonstrado que a Terra não foi feita em seis dias. O erro desses dogmas é não estarem de acordo com as leis da Natureza. Por essas manifestações, como pelas descobertas da Ciência, quer Deus reconduzir o homem a crenças mais verdadeiras. Repelir o progresso é, pois, desconhecer a vontade de Deus; atribuí-lo ao demônio é blasfemar contra Deus. Querer, por bem ou por mal, manter uma crença que se opõe à evidência e fazer de um princípio reconhecido como falso a base de uma doutrina é escorar uma casa num esteio carcomido; pouco a pouco o esteio se quebra e a casa cai.

Dizeis que a oposição da Igreja ao Espiritismo tem sua razão de ser e a aprovais, porque causaria a ruína do clero, cuja separação do comum dos mortais seria aniquilada. Dizeis: “Com o Espiritismo, não mais oligarquia clerical; o padre não é ninguém e é qualquer um; é o homem de bem que ensina a verdade a seus irmãos; é o operário caridoso que ergue seu companheiro caído; vosso sacerdote é a fé; vossa hierarquia, o mérito; vosso salário, Deus! é grande! é belo! Mas não se renuncia com alegria no coração a uma realeza, a um prestígio que vos eleva acima do comum, ao respeito, às honras que se está habituado a colher, a riquezas que, por serem materiais, não são menos necessárias à satisfação do padre quanto à do homem ordinário.”

Pois quê! então o clero seria movido por sentimentos tão mesquinhos? Desconheceria a tal ponto estas palavras do Cristo: “Meu reino não é deste mundo”, que sacrificaria o interesse da verdade à satisfação do orgulho, da ambição e das paixões mundanas? Então não acreditaria nesse reino prometido por Jesus-Cristo, desde que a ele prefere o da Terra. Assim, teria seu ponto de apoio no céu, apenas em aparência, e para se dar prestígio, mas na verdade para salvaguardar seus interesses terrenos! Preferimos crer que se tal for o móvel de alguns de seus membros, não é o sentimento da maioria; se assim não fosse, seu reino estaria bem próximo de acabar, e vossas palavras seriam sua sentença, porque o reino celeste é o único eterno, ao passo que os da Terra são frágeis e sem estabilidade.

Ides muito longe, Sr. abade, em vossas previsões sobre as conseqüências do Espiritismo; mas longe do que eu em meus escritos. Sem vos acompanhar neste terreno, direi simplesmente, porque cada um o pressente, que o resultado inevitável será uma transformação da sociedade; ele criará uma nova ordem de coisas, novos hábitos, novas necessidades; modificará as crenças, as relações sociais; fará à moral o que fazem, do ponto de vista material, todas as grandes descobertas da indústria e das ciências. Essa transformação vos assusta e é por isso que, ao pressenti-la, vós a afastais do pensamento; quereríeis não crer nela; numa palavra, fechais os olhos para não ver, e os ouvidos para não ouvir. Dá-se o mesmo com muitos homens na Terra. Entretanto, se essa transformação estiver nos desígnios da Providência, realizar-se-á, façam o que fizerem; será preciso suportá-la, quer queiram quer não e a ela se dobrar, como os homens do antigo regime tiveram de sofrer as conseqüências da Revolução, que também negavam e declaravam impossível, antes que se tivesse realizado. A quem lhes houvesse dito que em menos de um quarto de século todos os privilégios seriam abolidos; que um menino não seria mais coronel ao nascer; que não mais se compraria um regimento como uma boiada; que o soldado poderia tornar-se marechal e o último

plebeu, ministro; que todos os direitos seriam iguais para todos e que o fazendeiro teria voz igual em todos os negócios de seu rincão, ao lado do seu senhor, eles teriam balançado os ombros de incredulidade e, contudo, se um deles tivesse adormecido e despertado, como Epimênides, quarenta anos mais tarde, julgaria encontrar-se num outro mundo.

É o temor do futuro que vos faz dizer que o Espiritismo terá apenas um tempo; procurai vos iludir, quereis prová-lo a vós mesmos e acabais crendo de boa-fé, porque isto vos tranqüiliza. Mas que razão apresentais? A menos concludente de todas, como é fácil demonstrar.

Ah! se provásseis terminantemente que o Espiritismo é uma utopia, que repousa sobre um erro material *de fato*, sobre uma base falsa, ilusória, sem fundamento, então teríeis razão. Mas, ao contrário, afirmais a existência do princípio e, além disso, a excelência desse princípio; reconheceis, e convosco a Igreja, a realidade do fato material sobre o qual repousa: o das manifestações. Tal fato pode ser destruído? Não, como não se pode aniquilar o movimento da Terra. Uma vez que está na Natureza, produzir-se-á sempre. Esse fato, outrora incompreendido, porém mais bem estudado e mais compreendido hoje, traz *em si mesmo* conseqüências inevitáveis. Se não o podeis destruir, sois forçado a lhe sofrer as conseqüências. Segui-o passo a passo em suas ramificações e chegareis fatalmente a uma revolução nas idéias. Ora, uma mudança nas idéias leva forçosamente a uma mudança na ordem das coisas. (Vide *O que é o Espiritismo?*).

Por outro lado, o Espiritismo não dobra as inteligências ao seu jugo; não impõe uma crença cega; quer que a fé se apóie na compreensão. É sobretudo nisto, Sr. abade, que diferimos na maneira de ver. Ele deixa a cada um inteira liberdade de exame, em virtude do princípio de que, sendo a verdade *uma*, mais cedo ou mais tarde deve prevalecer sobre o que é falso, e que um princípio

fundado no erro cai pela força das coisas. Entregues à discussão, as idéias falsas mostram seu lado fraco e se apagam ante o poder da lógica. Essas divergências são inevitáveis, porque ajudam a depuração e a solidez da idéia fundamental; e é preferível que se produzam desde o começo, pois a doutrina verdadeira dela se livrará mais cedo. É por isso que sempre dissemos aos adeptos: Não vos inquieteis com as idéias contraditórias, que podem ser emitidas ou publicadas. Vede quantas já morreram no nascedouro! quantos escritos dos quais não mais se fala! O que buscamos? O triunfo, a qualquer custo, de nossas idéias? Não, mas o da verdade. Se, no número das idéias contrárias, algumas forem mais verdadeiras que as nossas, elas prevalecerão e deveremos adotá-las; se forem falsas, não poderão suportar a prova decisiva do controle do ensino universal dos Espíritos, único critério da idéia que sobreviverá.

A comparação que estabeleceis entre o Espiritismo e outras doutrinas filosóficas carece de exatidão. Não foram os homens que fizeram do Espiritismo o que ele é, nem que farão o que será mais tarde; são os Espíritos por seus ensinamentos. Os homens apenas o põem em ação e coordenam os materiais que lhes são fornecidos. Esse ensino ainda não está completo e não se deve considerar o que deram até hoje senão como as primeiras balizas da ciência. Pode-se compará-lo às quatro operações em relação às matemáticas, e ainda estamos nas equações do primeiro grau. Daí por que muita gente ainda não lhe compreende a importância, nem o alcance. Mas os Espíritos regulam seu ensino à vontade e de ninguém depende fazê-los ir mais depressa ou mais devagar do que eles querem; eles não acompanham os impacientes, nem vão a reboque dos retardatários.

O Espiritismo não é obra *de um só Espírito*, nem *de um só homem*; é obra *dos Espíritos* em geral. Segue-se daí que a opinião de um Espírito sobre um princípio qualquer não é considerada pelos espíritas senão como opinião individual, que pode ser justa

ou falsa, e só tem valor quando sancionada pelo ensino da maioria, dado em diversos pontos do globo. Foi esse ensino universal que fez o que ele é e que fará o que ele será. Diante desse poderoso critério caem, necessariamente, todas as teorias particulares que fossem produto de idéias sistemáticas, quer de um homem, quer de um Espírito isoladamente. Sem dúvida uma idéia falsa pode agrupar *à sua volta* alguns partidários, mas jamais prevalecerá contra a que é ensinada em toda parte.

O Espiritismo, que mal acaba de nascer, mas que já levanta questões da mais alta gravidade, necessariamente põe em efervescência uma porção de imaginações. Cada um vê a coisa de seu ponto de vista. Daí a diversidade dos sistemas surgidos em seu começo, a maioria dos quais já tombados ante a força do ensino geral. Dar-se-á o mesmo com todos os que não estiverem com a verdade, porquanto, ao ensino divergente de um Espírito, dado por um médium, opor-se-á sempre o ensino uniforme de milhões de Espíritos, dado por milhões de médiuns. Eis a razão pela qual certas teorias excêntricas viveram apenas alguns dias e não saíram do círculo onde nasceram. Privadas de sanção, não encontram na opinião das massas nem ecos nem simpatias e se, além disso, chocam a lógica e o bom-senso, provocam um sentimento de repulsa, que lhes precipita a queda.

O Espiritismo possui, pois, um elemento de estabilidade e de unidade, tirado de sua natureza e de sua origem, e que não é próprio de nenhuma das doutrinas filosóficas de concepção puramente humana; é o escudo contra o qual sempre virão quebrar-se todas as tentativas feitas para o derrubar ou o dividir. Essas divisões nunca poderão ser senão parciais, circunscritas e momentâneas.

Falais de seitas que, em vossa opinião, dividem os espíritas, donde concluíis pela ruína próxima de sua doutrina. Mas esqueceram todas as que dividiram o Cristianismo, desde o seu

nascimento, que o ensangüentaram, que ainda o dividem e cujo número, até hoje, não se eleva a menos de trezentos e sessenta. Contudo, malgrado as profundas dissidências sobre os dogmas fundamentais, o Cristianismo ficou de pé, prova de que é independente dessas questões de controvérsia. Por que quereríeis que o Espiritismo, que se liga pela própria base aos princípios do Cristianismo, e que só é dividido em questões secundárias, que dia a dia se esclarecem, sofresse com a divergência de algumas opiniões pessoais, quando tem um ponto de ligação tão poderoso: o controle universal?

Assim, estivesse hoje o Espiritismo dividido em vinte seitas, o que não é nem será, disto não se tiraria nenhuma consequência, porque é o trabalho de parto. Se fossem suscitadas divisões por ambições pessoais, por homens dominados pela idéia de se fazerem chefes de seita, ou de explorar a idéia em proveito de seu amor-próprio ou de seus interesses, indubitavelmente seriam as menos perigosas. As publicações pessoais *morrem* com os indivíduos, e se os que tiverem querido elevar-se não tiverem por si a verdade, suas idéias morrerão com eles e, talvez, antes deles. Mas a verdade verdadeira não poderá morrer.

Estais certo, senhor abade, dizendo que haverá ruínas no Espiritismo, mas não como entendeis. Essas ruínas serão as de todas as opiniões errôneas que entram em ebulição e surgem. Se todas estiverem em erro, cairão todas: isto é inevitável; mas se houver uma só verdadeira, infalivelmente subsistirá.

Duas divisões bem marcadas, e às quais se poderia realmente dar o nome de seitas, se haviam formado há alguns anos sobre o ensino de dois Espíritos que, disfarçando-se com nomes venerados, tinham captado a confiança de algumas pessoas. Hoje não se trata mais disto. Diante de quem tombaram? Diante do bom-senso e da lógica das massas, de um lado, e diante do ensino geral dos Espíritos, em concordância com essa mesma lógica.

Contestareis o valor desse mesmo ensino universal pela razão de que os Espíritos, não sendo mais que a alma dos homens, estão igualmente sujeitos ao erro? Mas estaríeis em contradição convosco mesmo. Não admitis que um concílio geral tenha mais autoridade que um concílio particular, porque é mais numeroso? que sua opinião prevalece sobre a de cada padre, de cada bispo, e mesmo sobre a do papa? Que a maioria faz lei em todas as assembléias dos homens? E não queríeis que os Espíritos, que governam o mundo sob as ordens de Deus, também tivessem os seus concílios, as suas assembléias? O que admitis nos homens como sanção da verdade, recusais aos Espíritos? Então esqueceis que se, entre eles, os há inferiores, não é a esses que Deus confia os interesses da Terra, mas aos Espíritos superiores, que transpuseram as etapas da Humanidade, e cujo número é incalculável? E como nos transmitem as instruções da maioria? É pela voz de um só Espírito, ou de um só homem? Não, mas, como disse, pela de milhões de Espíritos e milhões de homens. É num único centro, numa cidade, num país, numa casta, num povo privilegiado como outrora os israelitas? Não: é em toda parte, em todos os países, em todas as religiões, em casa dos ricos e em casa dos pobres. Como queríeis que a opinião de alguns indivíduos, encarnados ou desencarnados, pudesse prevalecer sobre esse conjunto formidável de vozes? Acreditai-me, senhor abade, essa sanção universal vale bem a de um concílio ecumênico.

O Espiritismo é forte justamente porque se apóia sobre essa sanção, e não em opiniões isoladas. Proclama-se imutável no que hoje ensina, e diz que nada mais tem a ensinar? Não, porque até hoje seguiu, e seguirá no futuro, o ensino progressivo que lhe for dado, e nisto ainda está para ele uma causa de força, pois jamais se deixará distanciar pelo progresso.

Esperai ainda um pouco, senhor abade, e antes de um quarto de século vereis o Espiritismo cem vezes menos dividido do que hoje é o Cristianismo, após dezoito séculos.

Das flutuações que notastes nas sociedades ou reuniões espíritas, concluístes equivocadamente pela instabilidade da doutrina. O Espiritismo não é uma teoria especulativa, fundada sobre uma idéia preconcebida; é uma questão de fato e, por conseguinte, de convicção pessoal. Quem quer que admita o fato e suas conseqüências é espírita, sem que precise fazer parte de uma sociedade. Pode-se ser perfeito espírita sem isto. O futuro do Espiritismo está em seu próprio princípio, princípio imperecível, porque está na Natureza e não nas reuniões, muitas vezes formadas em condições pouco favoráveis, compostas de elementos heterogêneos e, conseqüentemente, subordinadas a uma porção de eventualidades.

As sociedades são úteis, mas nenhuma é indispensável; e se todas deixassem de existir, o Espiritismo não prosseguiria menos sua marcha, visto como não é em seu seio que se forma o maior número de convicções. Elas são muito mais para os crentes que aí buscam centros simpáticos, do que para os incrédulos. As sociedades sérias e bem dirigidas são úteis principalmente para neutralizar a má impressão daquelas onde o Espiritismo é mal apresentado ou é desfigurado. A Sociedade de Paris não faz exceção à regra, porque não se arroga nenhum monopólio. Ela não consiste no maior ou menor número de seus membros, mas na idéia-mãe que representa. Ora, essa idéia é independente de toda reunião constituída e, aconteça o que acontecer, o elemento propagador não deixará de subsistir. Pode, pois, dizer-se que a Sociedade de Paris está em qualquer parte onde se professem os mesmos princípios, do Oriente ao Ocidente, e que se morresse materialmente a idéia sobreviveria.

O Espiritismo é uma criança que cresce, cujos primeiros passos naturalmente são vacilantes; mas, como as crianças precoces, cedo faz pressentir a sua força. É por isto que certas pessoas se assustam e gostariam de o sufocar no berço. Se se apresentasse como um ser tão débil quanto o supondes, não teria

causado tanta emoção, nem levantado tantas animosidades, e vós mesmo não teríeis procurado combatê-lo. Deixai, então, a criança crescer e vereis o que dará o adulto.

Predissestes o seu fim próximo; mas inumeráveis encarnados e desencarnados também fizeram o seu horóscopo, num outro sentido. Escutai, pois, as suas previsões, que se sucedem ininterruptamente há dez anos, e se repetem em todos os pontos do globo.

“O Espiritismo vem combater a incredulidade, que é o elemento dissolvente da sociedade, substituindo a fé cega, que se extingue, pela fé raciocinada, que vivifica.

“Ele traz o elemento regenerador da Humanidade e será a bússola das gerações futuras.

“Como todas as grandes idéias renovadoras, deverá lutar contra a oposição dos interesses que fere e das idéias que derruba. Suscitar-lhe-ão todos os entraves; contra ele empregarão todas as armas, leais e desleais, que julgarão próprias para derrubá-lo. Seus primeiros passos serão semeados de urzes e espinhos. Seus adeptos serão difamados, ridicularizados, vítimas da traição, da calúnia e da perseguição; terão dissabores e decepções. Feliz aqueles cuja fé não tiver sido abalada nesses dias nefastos; que tiverem sofrido e combatido pelo triunfo da verdade, porque serão recompensados por sua coragem e perseverança.

“Não obstante, o Espiritismo continuará sua marcha através das ciladas e dos escolhos; é inabalável como tudo o que está na vontade de Deus, porque se apóia sobre as próprias leis da Natureza, que são as eternas leis de Deus, ao passo que tudo quanto for contrário a essas leis cairá.

“Pela luz que projeta sobre os pontos obscuros e controversos das Escrituras, conduzirá os homens à unidade de crença.

“Dando as próprias leis da Natureza por base aos princípios de igualdade, liberdade e fraternidade, fundará o reino da verdadeira caridade cristã, que é o reino de Deus na Terra, predito por Jesus-Cristo.

“Muitos ainda o repelem porque não o conhecem ou não o compreendem; mas quando reconhecerem que realiza as mais caras esperanças do futuro da Humanidade, aclamá-lo-ão e, assim como o Cristianismo encontrou um suporte em São Paulo, ele encontrará defensores entre os adversários da véspera. Da multidão surgirão homens de escol, que empunharão a sua causa e, pela autoridade de sua palavra, imporão silêncio aos detratores.

“A luta ainda durará muito tempo, porque as paixões, sobreexcitadas pelo orgulho e pelos interesses materiais, não podem acalmar-se subitamente. Mas essas paixões se extinguirão com os homens, e não passará o fim deste século sem que a nova crença tenha conquistado um lugar preponderante entre os povos civilizados, e do século próximo datará a era da regeneração.”

Os Irmãos Davenport

Os irmãos Davenport, que neste momento cativam a atenção em tão alto grau, são dois jovens de vinte e quatro e vinte e cinco anos, nascidos em Buffalo, no Estado de Nova Iorque, e que se apresentam em público como médiuns. Todavia, sua faculdade é limitada a efeitos exclusivamente físicos, dos quais o mais notável consiste em se fazerem amarrar com cordas de maneira inextrincável e se acharem desatados instantaneamente, por uma força invisível, malgrado todas as precauções tomadas para garantir que são incapazes de o fazer eles próprios. A isto juntam outros fenômenos mais conhecidos, como o transporte de objetos no espaço, o toque espontâneo de instrumentos de música, a aparição de mãos luminosas, a apalpação por mãos invisíveis, etc.

Os Srs. Didier, editores de *O Livro dos Espíritos*, acabam de publicar uma tradução de sua biografia, contendo o relato minucioso dos efeitos que produzem e que, salvo as cordas, têm pontos muito numerosos de semelhança com os do Sr. Home. A emoção que a presença deles causou na Inglaterra e em Paris dá a essa obra um poderoso interesse de atualidade. Seu biógrafo inglês, o Dr. Nichols – não foram eles que escreveram o livro, mas lhe forneceram os documentos – limitou-se ao relato dos fatos, sem explicações. Os editores franceses tiveram a feliz idéia de juntar à sua publicação, para compreensão das pessoas estranhas ao Espiritismo, nossos dois opúsculos: *Resumo das leis dos fenômenos espíritas* e *O Espiritismo na sua expressão mais simples*, além de numerosas notas explicativas no corpo do texto²⁶. Assim, encontrarão nessa obra as informações que desejarem sobre a atuação desses senhores e em cujos detalhes não podemos entrar, pois temos de encarar a questão de outro ponto de vista.

Apenas diremos que sua aptidão para produzir esses fenômenos se revelou desde a infância, de maneira espontânea. Durante vários anos percorreram as principais cidades da América setentrional, onde adquiriram certa reputação. Pelo mês de setembro de 1864 vieram à Inglaterra, onde produziram viva sensação. Sucessivamente foram aclamados, denegridos, ridicularizados e mesmo injuriados pela imprensa e pelo público. Notadamente em Liverpool, foram objeto da mais insigne malevolência, a ponto de verem comprometida a sua segurança pessoal. Sobre eles as opiniões se dividiram; segundo alguns, não passavam de hábeis charlatães; conforme outros, eram de boa-fé e podia-se admitir uma causa oculta para seus fenômenos; mas, em suma, ali conquistaram muito poucos prosélitos à idéia espírita propriamente dita. Naquele país, essencialmente religioso, o bom-senso natural repelia o pensamento de que seres espirituais viessem revelar sua presença por exibições teatrais e proezas admiráveis.

26 Vide o Boletim bibliográfico.

Sendo ali pouco conhecida a filosofia espírita, o público confundiu o Espiritismo com essas representações, delas fazendo uma opinião mais contrária do que favorável à doutrina.

É verdade que na França o Espiritismo começou pelas mesas girantes, mas em condições muito diferentes. Tendo a mediunidade se revelado imediatamente em grande número de pessoas, de todas as idades e de ambos os sexos, e nas famílias mais respeitáveis, os fenômenos se produziram em condições que excluía qualquer pensamento de charlatanismo; cada um pôde certificar-se por si mesmo, na intimidade e por observações repetidas, da realidade dos fatos, aos quais se ligou um interesse poderoso quando, saindo dos efeitos puramente materiais, que nada diziam à razão, viram as conseqüências morais e filosóficas deles decorrentes. Se, em vez disto, esse gênero de mediunidade primitiva tivesse sido privilégio de alguns indivíduos isolados, e que tivesse sido preciso comprar a fé nos palcos improvisados, há muito que não se cogitaria mais dos Espíritos. A fé nasce da impressão moral. Ora, tudo que é susceptível de produzir uma má impressão, a repele em vez de a provocar. Haveria hoje muito menos incrédulos, em relação ao Espiritismo, se os fenômenos sempre tivessem sido apresentados de maneira séria. O incrédulo, naturalmente predisposto à zombaria, não pode ser levado a tomar a sério o que está cercado de circunstâncias que nem impõem respeito nem confiança. Não se dando ao trabalho de aprofundar, a crítica forma sua primeira opinião sobre uma primeira aparência desfavorável e confunde o bom e o mau numa mesma reprovação. Muito poucas convicções se formaram nas reuniões de caráter público, ao passo que a imensa maioria saiu das reuniões íntimas, cuja notória honorabilidade de seus membros podia inspirar toda confiança e desafiar qualquer suspeita de fraude.

Na última primavera, e depois de ter explorado a Inglaterra, os irmãos Davenport vieram a Paris. Algum tempo antes de sua chegada, uma pessoa veio ver-nos, da parte deles, para nos

pedir que os apoiássemos em nossa *Revista*. Mas sabe-se que não nos entusiasmos facilmente, mesmo pelas coisas que conhecemos e, com mais forte razão, pelas que não conhecemos. Assim, não pudemos prometer um concurso antecipado, já que temos por hábito só falar com conhecimento de causa. Na França, onde só eram conhecidos pelos relatos contraditórios dos jornais, a opinião, como na Inglaterra, estava dividida a seu respeito. Não podíamos, pois, formular prematuramente, nem uma censura, que poderia ter sido injusta, nem uma aprovação, da qual se teriam podido prevalecer. Por isto nos abstivemos.

Ao chegarem, foram morar no pequeno castelo de Gennevilliers, perto de Paris, onde permaneceram vários meses, não informando o público de sua presença. Ignoramos os motivos dessa abstenção. Nos últimos tempos deram algumas sessões particulares, de que os jornais noticiaram de um modo mais ou menos pitoresco. Enfim, foi anunciada sua primeira sessão pública para 12 de setembro na sala Hertz. Conhece-se o resultado deplorável dessa sessão que, em escala menor, repetiu as cenas tumultuosas de Liverpool, e na qual um dos espectadores, pulando para o palco, quebrou o aparelho desses senhores, mostrou uma tábua e exclamou: “Eis o truque.” Esse ato, inqualificável num país civilizado, levou a confusão ao cúmulo. Não tendo terminado a sessão, devolveram o dinheiro ao público. Mas como tinham sido dados muitos bilhetes de favor, e o caixa constatasse um déficit de setecentos francos, ficou provado que setenta assistentes gratuitos tinham saído com dez francos a mais no bolso, sem dúvida para se indenizarem dos gastos do deslocamento.

A polêmica que se estabeleceu a respeito dos irmãos Davenport oferece vários pontos instrutivos, que vamos examinar.

A primeira pergunta que os próprios espíritas se fizeram é esta: Esses senhores são ou não são médiuns? Todos os fatos relatados em sua biografia entram no círculo das

possibilidades mediúnicas, porque efeitos análogos, notoriamente autênticos, muitas vezes foram obtidos sob a influência de médiuns sérios. Se os fatos, por si mesmos, são admissíveis, as condições nos quais se produzem, é preciso convir, se prestam à suspeição. A que choca logo à primeira vista é a necessidade da obscuridade que, evidentemente, facilita a fraude; mas isto não seria uma objeção razoável. Os efeitos mediúnicos absolutamente nada têm de sobrenatural; todos, sem exceção, são devidos à combinação dos fluidos próprios do Espírito e do médium; esses fluidos, embora imponderáveis, não deixam de ser matéria sutil. Há, pois, aí uma causa e um efeito de certo modo materiais, o que sempre nos fez dizer que os fenômenos espíritas, por se basearem nas leis da Natureza, nada têm de miraculosos. Como tantos outros fenômenos, só nos pareceram miraculosos porque não se conheciam suas leis. Hoje conhecidas essas leis, desaparecem o sobrenatural e o maravilhoso, dando lugar á realidade. Assim, não há um só espírita que se atribua o dom dos milagres; é o que saberiam os críticos, se se dessem ao trabalho de estudar aquilo de que falam.

Voltando à questão da obscuridade, sabe-se que em química há combinações que não podem operar-se à luz; que ocorrem composições e decomposições sob a ação do fluido luminoso. Ora, sendo todos os fenômenos espíritas, como dissemos, o resultado de combinações fluídicas, e sendo esses fluidos matéria, nada haveria de admirar que, em certos casos, o fluido luminoso fosse contrário a essa combinação.

Uma objeção mais séria é a pontualidade com a qual os fenômenos se produzem, em dias e horas certos e à vontade. Esta submissão ao capricho de certos indivíduos é contrária a tudo quanto se sabe da natureza dos Espíritos, e a repetição facultativa de um fenômeno qualquer sempre foi considerada, e em princípio deve ser considerada, como legitimamente suspeita, *mesmo em caso*

de desinteresse e, com mais forte razão, quando se trata de exibições públicas, feitas com fins especulativos, e às quais repugna à razão pensar que Espíritos possam submeter-se.

A mediunidade é uma *aptidão natural* inerente ao médium, como a faculdade de produzir sons é inerente a um instrumento; mas, assim como se precisa de um músico para que um instrumento toque uma ária, necessita-se de Espíritos para que um médium produza *efeitos mediúnicos*. Os Espíritos vêm quando querem e *quando podem*, donde resulta que o médium mais bem dotado por vezes nada obtém; é como um instrumento sem músico. É o que se vê todos os dias; é o que acontecia ao Sr. Home, que muitas vezes ficava meses inteiros sem nada produzir, a despeito de seu desejo, ainda que em presença de um soberano.

Assim, resulta da própria essência da mediunidade – e se pode estabelecer como princípio *absoluto* – que um médium *jamais está seguro* de obter um efeito determinado qualquer, já que *isto não depende dele*; afirmar o contrário seria provar completa ignorância dos mais elementares princípios da ciência espírita. Para *prometer* a produção de um fenômeno a hora certa, é preciso dispor de meios materiais que não vêm dos Espíritos. É este o caso dos irmãos Davenport? Nós o ignoramos. Aos que acompanharam as suas experiências cabe fazer seu julgamento.

Falaram de desafios, de entradas para jogos, propostas a quem fizesse as melhores mágicas. Os Espíritos não são fazedores de mágicas e jamais um médium sério entrará em luta com alguém e, ainda menos, com um prestidigitador. Este dispõe de meios próprios; o outro é o instrumento passivo de uma vontade estranha, livre, independente. Se o prestidigitador diz que faz mais que os médiuns, deixai-o fazer. Ele tem razão, pois age infalivelmente; diverte o público: é sua função; vangloria-se: é seu papel; faz a sua propaganda: é uma necessidade da posição. O

médium sério, sabendo que não tem nenhum mérito pessoal no que faz, é modesto; não pode envaidecer-se daquilo que não é produto de seu talento, nem prometer o que de si não depende.

Contudo, os médiuns fazem algo mais. Por seu intermédio os Espíritos bons inspiram a caridade e a benevolência para com todos; ensinam os homens a se olharem como irmãos, sem distinção de raças nem de seitas, a perdoar aos que lhes dizem injúrias, a vencer as más inclinações, a suportar com paciência as misérias da vida, a encarar a morte sem medo, pela certeza da vida futura; consolam os aflitos, encorajam os fracos e dão esperança aos que não acreditavam.

Eis o que não ensinam nem as mágicas dos prestidigitadores, nem as dos Srs. Davenport.

Assim, as condições inerentes à mediunidade não poderiam prestar-se à regularidade e à pontualidade, que são a condição indispensável das sessões a hora certa, onde é preciso satisfazer o público, custe o que custar. Se, no entanto, os Espíritos se prestassem a manifestações desse jaez, o que não seria radicalmente impossível, desde que os há de todos os graus possíveis de adiantamento, não poderiam ser, em todo o caso, senão Espíritos de baixa classe, porque seria extremamente absurdo pensar que Espíritos, por pouco elevados que fossem, viessem divertir-se fazendo exhibições. Mas, mesmo nesta hipótese, o médium não deixaria de estar à mercê de tais Espíritos, que podem deixá-lo no momento em que sua presença fosse mais necessária, e fazer falhar a representação ou a consulta. Ora, como antes de tudo é preciso contentar o que paga, se os Espíritos faltam, tratam de os dispensar; com um pouco de habilidade é fácil enganar alguém. É o que acontece muitas vezes a médiuns dotados inicialmente de faculdades reais, mas insuficientes para o objetivo que se propõem.

De todos os fenômenos espíritas, os que mais se prestam à imitação são os efeitos físicos. Ora, não obstante as manifestações reais tenham um caráter distintivo e só se produzam em condições especiais bem determinadas, a imitação pode chegar perto da realidade, a ponto de iludir as pessoas, sobretudo as que não conhecem as leis dos fenômenos verdadeiros. Mas, pelo fato de se poder imitá-los, seria tão ilógico concluir que não existem, quanto pretender que não há diamantes verdadeiros, porque os há falsos.

Não fazemos aqui nenhuma aplicação pessoal; enunciamos os princípios fundados na experiência e na razão, de onde tiramos esta consequência: só um exame escrupuloso, feito com perfeito conhecimento dos fenômenos espíritas, pode permitir a distinção entre a trapaça e a mediunidade real. E acrescentamos que a melhor de todas as garantias é o respeito e a consideração que se ligam à pessoa do médium, sua moralidade, sua notória honorabilidade, seu desinteresse absoluto, material e moral. Em tais circunstâncias, ninguém negaria que as qualidades do indivíduo constituem um precedente que impressiona favoravelmente, porque afastam até a suspeita de fraude.

Não julgamos os Srs. Davenport e longe de nós pôr em dúvida a sua honorabilidade. Mas, à parte as qualidades morais, de que não temos nenhum motivo para suspeitar, é preciso confessar que eles se apresentam em condições pouco favoráveis para oficializar seu título de médiuns, e que é no mínimo com grande leviandade que certos críticos se apressaram em os qualificar de apóstolos e de sumo-sacerdotes da doutrina. O objetivo de sua viagem à Europa está claramente definido nesta passagem de sua biografia:

“Creio, sem cometer erro, que foi no dia 27 de agosto que os irmãos Davenport deixaram Nova Iorque, trazendo em sua companhia, por causa de uma debilidade sobrevinda ao Sr. William

Davenport, um ajudante na pessoa do Sr. William Fay, que não deve ser confundido com o Sr. H. Melleville Fay, que, segundo não sei que gênero de autoridade, ao que se diz, foi descoberto no Canadá, tentando produzir manifestações semelhantes, ou, ao menos, que se assemelhavam às dos irmãos americanos. Eram acompanhados pelo Sr. Palmer, muito conhecido como *empresário e intermediário* no mundo dramático e lírico, e a quem, graças à sua experiência, foi confiada a parte material e econômica do empreendimento.”

Está, pois, comprovado que foi uma empresa conduzida por um empresário e intermediário de negócios dramáticos. Os fatos relatados na biografia estão, ao que nos disseram, nas possibilidades mediúnicas; a idade e as circunstâncias em que começaram a manifestar-se afastam o pensamento de embuste. Tudo, pois, tende a provar que esses rapazes eram realmente médiuns de efeitos físicos, como se encontram muitos em seu país, onde a exploração dessa faculdade tornou-se hábito e nada tem de chocante para a opinião pública. Teriam ampliado suas faculdades naturais, como fazem outros médiuns exploradores, para aumentar o seu prestígio e suprir a falta de flexibilidade dessas mesmas faculdades? É o que não podemos afirmar, pois não temos nenhuma prova. Mas, admitindo a integridade de suas faculdades, diremos que se iludiram quanto ao acolhimento que lhe dispensou o público europeu – apresentadas sob forma de espetáculo de curiosidade – e em condições tão contrárias aos princípios do Espiritismo filosófico, moral e religioso. Os espíritas sinceros e esclarecidos, que aqui são numerosos, sobretudo na França, não os podiam aclamar em tais condições, nem os considerar apóstolos, mesmo supondo perfeita sinceridade da parte deles. Quanto aos incrédulos, cujo número também é grande, e que ainda ocupam as primeiras posições na imprensa, a ocasião de exercerem sua verve trocista era muito bela para que a deixassem escapar. Assim, aqueles senhores se

expuseram à mais larga crítica, dando a cada um o direito que se espera ao comprar o bilhete de um espetáculo qualquer. Ninguém duvida que se eles se tivessem apresentado em condições mais sérias, outra teria sido a acolhida; teriam fechado a boca dos detratores. Um médium é forte quando pode dizer corajosamente: “Quanto vos custou vir aqui, e quem vos forçou a vir? Deus me deu uma faculdade e pode me retirar quando lhe aprouver, como me pode tirar a visão ou a palavra. Só a utilizo para o bem, no interesse da verdade, e não para satisfazer a curiosidade ou servir aos meus interesses; dela só recolho o trabalho do devotamento; nem mesmo procuro a satisfação do amor-próprio, pois não depende de mim. Considero-a como uma coisa santa, porque me põe em relação com o mundo espiritual e me permite dar a fé aos incrédulos e consolo aos aflitos. Consideraria como um sacrilégio traficar com ela, porque não me julgo no direito de vender a assistência dos Espíritos, que vêm gratuitamente. Visto que dela não tiro qualquer proveito, não tenho, pois, nenhum interesse em vos iludir.” O médium que assim pode falar é forte, repetimos. É uma resposta irretorquível, e que sempre impõe respeito.

Nesta circunstância, a crítica foi mais que maléfica; foi injusta e injuriosa, englobando na mesma reprovação todos os espíritas e todos os médiuns, aos quais não poupou os mais ultrajantes epítetos, sem pensar até que ponto feria e atingia as mais respeitáveis famílias. Não lembraremos expressões que só desonram os que as proferem. Todas as convicções sinceras são respeitáveis; e todos vós, que incessantemente proclamais a liberdade de consciência como um direito natural, ao menos a respeitai nos outros. Discuti as opiniões: é direito vosso; mas a injúria sempre foi o pior dos argumentos, e nunca o de uma boa causa.

Nem toda a imprensa é solidária com esses desvios do decoro. Entre os críticos, em relação aos irmãos Davenport, uns há

em que o espírito não exclui as conveniências, nem a moderação, e que são justos. A que vamos citar ressalta justamente o lado fraco de que falamos. É tirada do *Courrier de Paris du Monde illustré*, número de 16 de setembro de 1865, e assinada por *Neuter*.

“Uma primeira objeção parecia-me suficiente para demonstrar que os bons rapazes, que deram uma sessão pública na sala Hertz, eram hábeis nos exercícios aos quais os mundos superiores ficavam completamente estranhos. Tiro esta objeção da *própria regularidade com que exploravam seu pretenso poder miraculoso*. Como! garantiam que eram Espíritos que vinham manifestar-se em público em seu proveito, e eis que os irmãos Davenport tratavam esses Espíritos que, afinal de contas, não são seus empregados, com tanta sem-cerimônia quanto um diretor de teatro, ditando regras às suas coristas! Sem perguntar aos seus comparsas sobrenaturais se o dia lhes convinha, se não estavam cansados, se o calor não os incomodava, marcavam uma data fixa, uma hora determinada, e era preciso que os seres fluídicos se deslocassem naquela data, entrassem em cena naquela hora, executassem suas facécias musicais com a precisão de um músico, a quem o seu café-concerto outorga um cachê de alguns vinténs!

“Francamente, era fazer *do mundo espírita uma idéia muito mesquinha*, no-lo apresentar assim como povoado de gênios por encomenda, de duendes assalariados, que iam à cidade a um sinal do patrão. Pois quê! nenhuma folga para esses figurantes *supra-terrestres!* Enquanto uma simples inchação dá ao mais humilde comediante o direito de mudar o espetáculo, as almas da trupe Davenport eram escravas, a quem era interdito tirar pequenas férias. Vale a pena morar em planetas fantásticos para ser reduzido a esse grau de escravidão?

“E para que tarefa eram convocadas essas almas infelizes do além? Para fazer passar suas mãos – mãos de almas! – através da fresta de um armário! *Para as aviltar a ponto de se exibirem*

como saltimbancos! para as constranger a fazer malabarismos com violões, esses instrumentos grotescos, que nem mesmo querem os trovadores que cantam nas praças, com os olhos em moedas de cinco centavos!...”

Com efeito, não é pôr o dedo na ferida? Se o Sr. Neuter tivesse sabido que o Espiritismo diz exatamente a mesma coisa, embora de maneira menos espirituosa, não teria dito: “Mas isto não é Espiritismo!” absolutamente como vendo um curandeiro, diz: “Isto não é Medicina.” Ora, assim como nem a Ciência nem a religião são solidárias com os que delas abusam, o Espiritismo não se solidariza com os que lhe tomam o nome. A má impressão do autor vem, pois, não da pessoa dos irmãos Davenport, mas das condições nas quais se colocam perante o público e da idéia ridícula que dão do mundo espiritual as experiências feitas em tais condições, que chocam a própria incredulidade, por ver aquele mundo explorado e levado à força nos palcos improvisados. Essa foi a impressão da crítica em geral, que a traduziu em termos mais ou menos polidos, e será a mesma toda vez que os médiuns não forem capazes de respeitar a crença que professam.

O insucesso dos irmãos Davenport é um feliz acontecimento para os adversários do Espiritismo, que, no entanto, precipitam-se ao cantar vitória, ridicularizando, desafiando e gritando que seus adeptos estão mortalmente feridos, como se o Espiritismo estivesse personificado nos irmãos Davenport. O Espiritismo não está personificado em ninguém; está em a Natureza, e de ninguém depende travar-lhe a marcha, porque os que tentam fazê-lo trabalham pelo seu avanço. O Espiritismo não consiste em se fazer amarrar por cordas, nem nesta ou naquela experiência física; jamais tendo patrocinado esses senhores, nem os apresentando como pilares da doutrina, que nem mesmo conhecem, nenhum desmentido recebe de sua desventura. Seu fracasso não depõe contra o Espiritismo, mas contra os exploradores do Espiritismo.

De duas, uma: ou são hábeis prestidigitadores, ou são verdadeiros médiuns. Se são charlatães, devemos ser gratos a todos os que ajudam a desmascará-los; a propósito, devemos agradecimentos particulares ao Sr. Robin, por prestar em tudo isto notável serviço ao Espiritismo, que só poderia sofrer caso as suas fraudes se tivessem propagado. Todas as vezes que a imprensa assinalou abusos, explorações ou manobras capazes de comprometer a doutrina, os espíritas sinceros, longe de se lamentarem, aplaudiram. Se são verdadeiros médiuns, não podem servir utilmente à causa, pois as condições em que se apresentam são susceptíveis de produzir uma impressão desfavorável. Num e noutro caso o Espiritismo não tem nenhum interesse em tomar-lhes a defesa.

Agora, qual será o resultado de todo esse escândalo?
Ei-lo:

A crônica, que nesses dias de calor tropical estava de folga, ganha um assunto que se apressa em segurar para encher suas colunas, carentes de acontecimentos políticos, de notícias teatrais ou de salões.

O Sr. Robin aí encontra, para seu teatro de prestidigitação, uma excelente publicidade, que explorou com muita habilidade, que lhe desejamos seja muito frutuosa, porque todos os dias ele fala dos Espíritos e do Espiritismo.

Com isto a crítica perde um pouco de consideração, pela excentricidade e pela incivilidade de sua polêmica.

Os mais prejudicados, materialmente falando, talvez sejam os Srs. Davenport, cuja especulação se acha singularmente comprometida.

Quanto ao Espiritismo, evidentemente é quem mais lucrará. Seus adeptos o compreendem tão bem que absolutamente

não se emocionam com o que se passa e esperam o resultado com confiança. Na província, onde são, mais que em Paris, vítimas das zombarias dos adversários, contentam-se em lhes responder: Esperai, e em pouco tempo vereis que estará morto e enterrado.

Antes de mais, o Espiritismo ganhará com isto uma imensa popularidade e se tornará conhecido, ao menos de nome, por uma porção de gente que dele nunca tinha ouvido falar. Mas, nesse número, muitos não se contentam com o nome; sua curiosidade é excitada pela salva dos ataques; querem saber o que há nesse doutrina, supostamente tão ridícula; irão à fonte, e quando virem que apenas lhes deram uma paródia, dirão a si mesmos que a coisa não é tão má assim. Assim, pois, o Espiritismo ganhará por ser mais bem compreendido, mais bem julgado e mais bem apreciado.

Ganhará ainda pondo em evidência os adeptos sinceros e devotados, com os quais se pode contar, e os distinguir dos adeptos de fachada, que da doutrina só tomam as aparências ou a superfície. Seus adversários não deixarão de explorar a circunstância, para suscitar divisões ou defecções, reais ou simuladas, com a ajuda das quais esperam arruinar o Espiritismo. Depois de terem fracassado por todos os outros meios, é seu supremo e último recurso, mas que não lhes propiciará melhor êxito, porque só destacarão do tronco os galhos mortos, que não davam nenhuma seiva. Privado dos ramos paralíticos, o tronco será mais vigoroso.

Estes resultados, e vários outros, que nos abstermos de enumerar, são inevitáveis e não nos surpreenderíamos se os Espíritos bons tivessem provocado todo esse reboliço apenas para lá chegarem mais depressa.

Exéquias de um Espírita

A alocução seguinte foi por mim pronunciada nas exéquias do Sr. Nant, um dos nossos colegas da Sociedade de Paris, em 23 de setembro de 1865. Publicamo-la a pedido da família e porque, nas circunstâncias relatadas no artigo anterior, ela mostra onde está a verdadeira doutrina.

“Senhores e caros colegas da Sociedade de Paris, e vós todos, nossos irmãos em crença, aqui presentes:

“Há apenas um mês, vínhamos a este mesmo lugar, render as nossas últimas homenagens a um dos nossos antigos colegas, o Sr. Dozon²⁷. A partida de um outro irmão aqui nos traz hoje. Membro da Sociedade, o Sr. Nant também acaba de entregar à terra seus despojos mortais, para revestir o brilhante envoltório dos Espíritos. Vimos, conforme expressão consagrada, dizer-lhe o último adeus? Não, pois sabemos que a morte não passa de uma entrada na verdadeira vida, uma separação corporal de alguns instantes, e que o vazio que deixa no lar é apenas aparente.

“Ó doce e santa crença, que sempre nos mostra ao nosso lado os seres que nos são caros! Mesmo que fosse uma ilusão, deveria ser abençoada, porque enche o coração de inefável consolação! Mas, não; não é uma esperança vã, é uma realidade, atestada diariamente pelas relações que se estabelecem entre os mortos e os vivos, segundo a carne. Bendita seja, pois, a ciência que nos mostra o túmulo como o limiar da libertação, e nos ensina a olhar a morte de frente e sem terror!

“Oh! meus irmãos! Lamentemos aqueles que o véu da incredulidade ainda cega; é para eles que a morte tem terríveis apreensões! Para os sobreviventes, é mais que uma separação, é a eterna destruição dos seres mais caros. Para quem vê aproximar-se

27 Sr. Dozon, autor das *Revelações de Além-túmulo*, 4 vol. in-12; morto em Passy (Paris), em 1^o de agosto de 1865.

a última hora, é o abismo do nada, que se abre à sua frente! pensamento horrível, que legitima as angústias e os desesperos.

“Que diferença para aquele que, não só acredita na vida futura, mas a compreende e com ela se identifica! Já não marcha com ansiedade para o desconhecido, mas com confiança para a nova via que se abre à sua frente; já entrevê, e conta com sangue-frio, os minutos que dela ainda o separam, como o viajante, que se aproxima do termo do caminho, e sabe que, à sua chegada, vai encontrar repouso e receber os abraços dos amigos.

“Tal foi o Sr. Nant. Sua vida tinha sido a do homem de bem por excelência; sua morte, a do justo e do verdadeiro espírita. Sua fé aos ensinamentos de nossa doutrina era sincera e esclarecida; nela hauriu imensas consolações durante a vida, resignação nos sofrimentos que a terminaram e uma calma radiosa nos últimos instantes. Ofereceu-nos um exemplo admirável da morte consciente; seguiu com lucidez os progressos da separação, que se operou sem abalos e, quando sentiu partir-se o último laço, abençoou os assistentes; depois, tomando as mãos do neto, criança de dez anos, as colocou sobre os olhos, para ele próprio os fechar. Alguns segundos depois exalava o último suspiro, exclamando: Ah! eu o vejo!

“Neste momento seu neto, tomado de violenta emoção, foi subitamente adormecido pelos Espíritos. Em seu êxtase, viu a alma do avô, acompanhada por uma multidão de outros Espíritos, elevar-se no espaço, mas preso ainda ao invólucro corpóreo pelo cordão fluídico.

“Assim, à medida que se fechavam sobre ele as portas da vida terrena, abriam-se à sua frente as do mundo espiritual, cujos esplendores entrevia.

“Ó sublime e tocante espetáculo! que não tinha por testemunhas os que a esta hora gracejam da ciência que nos revela tão consoladores mistérios! Eles a teriam saudado com respeito, em

vez de a ridicularizar. Se lhe atiram a ironia e a injúria, perdoemos-lhes: é que não a conhecem e vão procurá-la onde não se encontra.

“Para nós, rendamos graças ao Senhor, que se dignou rasgar aos nossos olhos o véu que nos separa da vida futura, porquanto a morte só parece terrível aos que nada vêem no Além. Ensinando ao homem de onde vem, para onde vai e por que está na Terra, o Espiritismo dotou-o com um imenso benefício, pois lhe dá coragem, resignação e esperança.

“Caro Sr. Nant, nós vos acompanhamos em pensamento no mundo dos Espíritos, onde ides recolher o fruto de vossas provações terrestres e das virtudes de que destes o exemplo. Recebei nosso adeus, até o momento em que nos for permitido aí nos reunirmos.

“Sem dúvida revistes o nosso irmão que vos precedeu há pouco, o Sr. Dozon, e que, certamente vos acompanha neste momento. Unimo-nos a ele, em pensamento, na prece que por vós vamos dirigir a Deus.”

(Aqui é dita a prece pelas pessoas que acabam de deixar a Terra, e que se acha em *O Evangelho segundo o Espiritismo*).

Nota – No momento de imprimir este número, soubemos que o Sr. Nant, consoante disposição testamentária, legou 2.000 francos para serem applicados na propagação do Espiritismo.

Variedades

VOSSOS FILHOS E VOSSAS FILHAS PROFETIZARÃO

O Sr. Delanne, que muitos de nossos leitores já conhecem, tem um filho de oito anos. Esse menino, que a todo instante ouve falar de Espiritismo em sua família, e que muitas

vezes assiste às reuniões dirigidas por seu pai e sua mãe, foi, assim, iniciado muito cedo na doutrina, muitas vezes surpreendendo pela justeza com que raciocina seus princípios. Isto nada tem de espantoso, pois é apenas o eco das idéias com que foi embalado. Também não é o objetivo deste artigo: é apenas para entrar no assunto do fato que vamos relatar e tem seu propósito nas circunstâncias atuais.

As reuniões do Sr. Delanne são graves, sérias, e conduzidas com perfeita ordem, como devem se todas aquelas nas quais se quer colher frutos. Embora as comunicações escritas nelas ocupem o primeiro lugar, aí também se cuida de manifestações físicas e tiptológicas, mas como ensinamento e jamais como objeto de curiosidade. Dirigidas com método e recolhimento, e sempre apoiadas em algumas explicações teóricas, estão, pela impressão que produzem, habilitadas a levar à convicção.

É em tais condições que as manifestações físicas são realmente úteis. Falam ao Espírito e impõem silêncio à zombaria. A gente se sente em presença de um fenômeno, cuja profundidade se entrevê, e que afasta até a idéia da brincadeira. Se estes tipos de manifestações, de que tanto se tem abusado, fossem sempre apresentados dessa maneira, e não como divertimento e pretexto para perguntas fúteis, a crítica não as teria acusado de charlatanice. Infelizmente, muitas vezes deram ensejo a isto.

O filho do Sr. Delanne muitas vezes se associava a essas manifestações e, influenciado pelo bom exemplo, as considerava como coisa séria.

Um dia se encontrava com uma pessoa de suas relações e brincava no pátio da casa com sua priminha, de cinco anos, dois meninos, um de sete, outro de quatro anos. Uma senhora que morava no térreo os compeliu a entrar em sua casa e lhes deu bombons. As crianças, como se pode imaginar, não se fizeram rogadas.

A senhora perguntou ao filho do Sr. Delanne:

P. – Como te chamas, meu filho?

Resp. – Eu me chamo Gabriel, senhora.

P. – Que faz teu pai?

Resp. – Senhora, meu pai é espírita.

P. – Não conheço esta profissão.

Resp. – Mas, senhora, não é uma profissão. Meu pai não é pago para isto; ele o faz com desinteresse e para fazer o bem aos homens.

P. – Menino, não sei o que queres dizer.

Resp. – Como! Jamais ouvistes falar das mesas girantes?

P. – Muito bem, meu amigo, gostaria que teu pai estivesse aqui para as fazer girar.

Resp. – É inútil, senhora; eu mesmo tenho o poder de as fazer girar.

P. – Então, queres experimentar e me fazer ver como se procede?

Resp. – Com muito gosto, senhora.

Dito isto, ele se senta ao pé da mesinha da sala e faz sentar os seus três amiguinhos; e eis os quatro, gravemente pondo as mãos em cima. Gabriel fez uma evocação em tom muito sério e com recolhimento. Mal terminou, e para grande estupefação da senhora e das crianças, a mesinha ergueu-se e bateu com força.

– Perguntai, senhora, quem vem responder pela mesa.

A vizinha interroga e a mesa soletra as palavras: teu pai. A mulher torna-se pálida de emoção. E continua: Pois bem! dizei, meu pai, se devo enviar a carta que acabo de escrever? – A mesa responde: Sim, sem falta. – Para provar que realmente és tu, meu

pai, que estás aqui, poderias dizer-me há quantos anos estás morto? – Logo a mesa bate oito pancadas bem acentuadas. Era justamente o número de anos. – Poderias dizer o teu nome e o da cidade em que morrestes? – A mesa soletra os dois nomes.

As lágrimas jorraram dos olhos daquela senhora que, consternada por esta revelação e dominada pela emoção, não pôde mais continuar.

Seguramente este fato desafia toda suspeita de preparação do instrumento, de idéia preconcebida e de charlatanismo. Também não se podem pôr os dois nomes soletrados à conta do acaso. Duvidamos muito que esta senhora tivesse recebido tal impressão numa das sessões dos Srs. Davenport, ou qualquer outra do mesmo gênero. Aliás, não é a primeira vez que a mediunidade se revela em crianças, na intimidade das famílias. Não é a realização daquelas palavras proféticas: *Vossos filhos e vossas filhas profetizarão?* (Atos dos Apóstolos, 2:17).

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

NOVEMBRO DE 1865

Nº 11

A Sociedade Espírita de Paris aos Espíritas da França e do Estrangeiro

Caríssimos e mui honrados irmãos em crença,

Uma circunstância recente forneceu aos nossos adversários ocasião para repetirem contra nossa doutrina certos ataques que, pela violência, ultrapassaram tudo quanto tinha sido feito até hoje, e para despejarem sobre os seus adeptos o sarcasmo, a injúria e a calúnia. A opinião de algumas pessoas pode ter sido desviada por algum instante, mas os protestos, verbais ou escritos, foram tão gerais, que já voltam atrás. Todos vós compreendestes que o Espiritismo está assentado em bases inabaláveis para receber qualquer ataque, e esse motim não poderá senão popularizá-lo e fazê-lo mais bem compreendido.

É próprio de todas as grandes verdades receber o batismo da perseguição. As animosidades que o Espiritismo levanta são a prova de sua importância, porquanto, se o julgassem sem valor, com ele não se preocupariam. No conflito que acaba de ser levantado, todos os espíritas guardaram a calma e a moderação, que

são os sinais da verdadeira força; todos suportaram o choque com coragem e ninguém duvidou do resultado. Ficai, pois, convencidos de que esta atitude, ao mesmo tempo digna e firme, oposta às invectivas e à acrimônia da linguagem de nossos antagonistas, não deixa de fazer refletir e ter grande peso sobre a opinião. O público imparcial não se engana; mesmo sem tomar o fato e a causa por um ou por outro, uma secreta simpatia a atrai para aquele que, na discussão, sabe conservar sua dignidade; a comparação lhe é sempre vantajosa. Assim, estes últimos acontecimentos conquistaram numerosos partidários ao Espiritismo.

Nesta circunstância, a Sociedade de Paris sente-se feliz ao oferecer a todos os seus irmãos da França e do estrangeiro suas felicitações e seus sinceros agradecimentos. Nas novas lutas que poderão ocorrer, ela conta com eles, como eles podem contar com ela.

Recebei, senhores e caros irmãos, a certeza de nosso inteiro e afetuoso devotamento.

*Pelos membros da Sociedade, o Presidente,
Allan Kardec*

(Votada por unanimidade na sessão de 27 de outubro de 1865).

Alocução

**NA REABERTURA DAS SESSÕES DA SOCIEDADE DE PARIS,
EM 6 DE OUTUBRO DE 1865**

Senhores e caros colegas,

No momento de retomar o curso de nossos trabalhos, é para todos nós, e para mim em particular, uma grande satisfação nos encontrarmos todos reunidos. Sem dúvida vamos reencontrar

nossos bons guias espirituais; façamos votos para que, graças ao seu concurso, este ano seja fecundo em resultados. Permiti que vos dirija nesta ocasião algumas palavras de circunstância.

Depois de nossa separação, fez-se um grande ruído a propósito do Espiritismo. A bem dizer, só tive conhecimento ao retornar, porque apenas alguns ecos chegaram até mim em meio à minha solidão nas montanhas.

A respeito não entrarei em detalhes, que hoje seriam supérfluos. Quanto à minha apreciação pessoal, vós a conheceis pelo que disse na *Revista*. Apenas acrescentarei uma palavra: é que tudo vem confirmar minha opinião sobre as conseqüências do que se passou. Sinto-me feliz por ver que esta apreciação é compartilhada pela grande maioria, se não pela unanimidade dos espíritas, de que tenho provas diárias em minha correspondência.

Um fato evidente ressalta da polêmica encetada por ocasião dos irmãos Davenport: é a absoluta ignorância das críticas em relação ao Espiritismo. A confusão que eles estabeleceram entre o Espiritismo sério e a charlatanice por certo pode induzir, momentaneamente, algumas pessoas em erro, mas é notório que a própria excentricidade de sua linguagem levou muita gente a indagar o que ele tem de justo, e grande foi sua surpresa ao encontrar coisa completamente diversa de passes de mágica. Como já disse, o Espiritismo só tem a ganhar com isso, por ser mais bem conhecido e melhor apreciado. Esta circunstância, que está longe de ser obra do acaso, incontestavelmente apressará o desenvolvimento da doutrina. Pode-se dizer que é um esforço sobre-humano, cujo alcance não tardará a fazer-se sentir.

Aliás, em breve o Espiritismo entrará numa nova fase que, forçosamente, chamará a atenção dos mais indiferentes, e o que acaba de passar-se aplanará os caminhos. Então se realizará aquela palavra profética do abade D..., cuja comunicação citei na

Revista: “Os literatos serão os vossos mais poderosos auxiliares.” Eles já o são, sem o querer; mais tarde sê-lo-ão voluntariamente. Preparam-se circunstâncias que precipitarão este resultado, e é com segurança que digo que nestes últimos tempos os negócios do Espiritismo avançaram mais do que se poderia imaginar.

Desde nossa separação soube muitas coisas, senhores. Porque não penseis que durante esta interrupção de nossos trabalhos eu tenha ido gozar as doçuras do *far niente*. É verdade que não visitei centros espíritas, mas nem por isto vi menos ou deixei de observar. Assim, trabalhei muito.

Os acontecimentos marcham com rapidez, e como os trabalhos que me restam terminar são consideráveis, devo apressar-me, a fim de estar pronto em tempo oportuno. Em face da grandeza e da gravidade dos acontecimentos que tudo faz pressentir, os incidentes secundários são insignificantes; as questões passam, mas as coisas capitais permanecem.

Assim, não se deve ligar às coisas senão uma importância relativa; no que me concerne pessoalmente, devo afastar de minhas preocupações o que é apenas secundário, pois poderia retardar-me ou me desviar do objetivo principal. Este objetivo se desenha cada vez mais claramente, e o que apreendi nessas reuniões foi, sobretudo, os meios de o atingir mais seguramente e de superar os obstáculos.

Deus me guarde da presunção de me julgar o único capaz, ou mais capaz do que outros, ou o único encarregado de realizar os desígnios da Providência. Não; longe de mim tal pensamento. Neste grande movimento renovador, tenho minha parte de ação. Assim, só falo do que me diz respeito; mas o que posso afirmar sem jactância é que, no papel que me incumbe, não me faltam coragem nem perseverança. Jamais falhei; mas hoje, que vejo a rota iluminar-se com uma claridade maravilhosa, sinto que as

forças cresceram. Jamais duvidei; mas hoje, graças às novas luzes que a Deus aprouve dar-me, estou certo, e digo a todos os nossos irmãos, com mais segurança do que nunca: Coragem e perseverança, porque um retumbante sucesso coroará os nossos esforços.

Malgrado o estado próspero do Espiritismo, seria enganar-se redondamente imaginar que de agora em diante ele vai marchar sem entraves. Ao contrário, deve-se esperar novas dificuldades, novas lutas. Assim, ainda teremos momentos penosos a atravessar, porque nossos adversários não se dão por vencidos e disputarão o terreno palmo a palmo. Mas é nos momentos críticos que se conhecem os corações sólidos, os devotamentos verdadeiros. É então que as convicções profundas se distinguem das crenças superficiais ou simuladas. Na paz não há mérito em ter coragem. Neste momento nossos chefes invisíveis contam com seus soldados e as dificuldades para eles são um meio de pôr em evidência aqueles sobre os quais podem apoiar-se. Também é para nós um meio de saber quem realmente está conosco ou contra nós.

A tática dos nossos adversários, nunca seria demais repetir, é neste momento procurar dividir os adeptos, lançando de permeio os pomos de discórdia, excitando os desfalecimentos verdadeiros ou simulados; e, é preciso dizer, eles têm como auxiliares certos Espíritos que se vêem perturbados pelo advento de uma fé que deve unir os homens num sentimento comum de fraternidade. Assim, esta palavra de um de nossos guias é perfeitamente certa: O Espiritismo põe em revolução o mundo visível e o mundo invisível.

Desde algum tempo os nossos adversários têm em mira as sociedades e as reuniões espíritas, onde semeiam em profusão os fermentos da discórdia e do ciúme. Homens de pouca visão, enceguecidos pela paixão, julgam ter conquistado uma grande

vitória, porque conseguiram causar algumas perturbações numa localidade, como se o Espiritismo estivesse enfeudado num lugar qualquer, ou encarnado em alguns indivíduos! Ele está em toda parte, na Terra e nas regiões etéreas; que, pois, o alcancem nas profundezas do espaço! O movimento está dado, não pelos homens, mas pelos Espíritos prepostos por Deus; é irresistível porque é providencial. Não é, pois, uma revolução humana, que se possa deter pela força material. Assim, quem se julgará capaz de o travar, porque atira um pedregulho debaixo da roda? pigmeu na mão de Deus, será levado pelo turbilhão.

Que todos os espíritas sinceros se unam, pois, numa santa comunhão de pensamento, para enfrentar a tempestade; que todos os que estão compenetrados da grandeza do objetivo ponham de lado as pueris questões acessórias; que façam calar as susceptibilidades do amor-próprio, para ver apenas a importância do resultado para o qual a Providência conduz a Humanidade.

Encaradas as coisas deste elevado ponto de vista, em que se torna a questão dos irmãos Davenport? Contudo, mesmo esta circunstância, embora muito secundária, é uma advertência salutar; impõe deveres especiais a todos os espíritas, e a nós em particular. Como se sabe, o que falta aos que confundem o Espiritismo com o charlatanismo é saber o que é o Espiritismo. Sem dúvida poderão sabê-lo pelos livros, quando se derem ao trabalho. Mas, o que é a teoria ao lado da prática? Não basta dizer que a doutrina é bela; é preciso que aqueles que a professam mostrem a sua aplicação. Cabe, pois, aos adeptos devotados à causa, provar o que ela é, por sua maneira de agir, quer em particular, quer nas reuniões, evitando com o máximo cuidado tudo que pudesse dar ensejo à malevolência e produzir nos incrédulos uma impressão desfavorável. Quem quer que se encerre nos limites dos princípios da doutrina poderá ousadamente desafiar a crítica e jamais incorrerá na censura da autoridade, nem nas severidades da lei.

A Sociedade de Paris, colocada em evidência mais que qualquer outra, deve dar o exemplo. Sentimo-nos todos felizes ao dizer que ela jamais faltou aos seus deveres e ter podido constatar a boa impressão produzida por seu caráter eminentemente sério, pela gravidade e pelo recolhimento que presidem às suas reuniões. É um motivo a mais para ela evitar escrupulosamente até as aparências do que poderia comprometer a reputação que adquiriu. Incumbe a cada um de nós velar por isso, no próprio interesse da causa; é preciso que a qualidade de membro, ou de médium, lhe prestem seu concurso, quer a título de confiança ou de consideração. Conto, pois, com a cooperação de todos os nossos colegas, cada um no limite de seu poder. Não se deve perder de vista que as questões pessoais devem apagar-se ante a questão de interesse geral. As circunstâncias em que vamos entrar são graves, repito, e cada um de nós terá sua missão, grande ou pequena. Por isso devemos pôr-nos em condições de a cumprir, pois nos serão pedidas contas. Peço me perdoeis esta linguagem um tanto austera na retomada de nossos trabalhos, mas é ditada pelas circunstâncias.

Senhores, em nossa primeira reunião um dos nossos colegas falta corporalmente à chamada; durante nossa separação, o Sr. Naut, pai de nossa boa e excelente espírita, a Sra. Breul, retornou ao mundo dos Espíritos, de onde, esperamos, se dignará vir até nós. Durante seus funerais, nós lhe rendemos um justo tributo de simpatia, que julgamos dever renovar hoje, e seremos felizes se, daqui a pouco, ele quiser dirigir-nos algumas palavras e, no porvir, juntar-se aos Espíritos bons, que nos ajudam com seus conselhos.

Peçamos-lhes, senhores, que nos continuem a assistir.

Crítica a Propósito dos Irmãos Davenport

(2º artigo)

A agitação causada pelos irmãos Davenport começa a acalmar-se. Após a saraivada lançada pela imprensa contra eles e o Espiritismo, restam apenas alguns atiradores que, aqui e ali, queimam os últimos cartuchos, à espera de que outro assunto venha alimentar a curiosidade pública. De quem será a vitória? O Espiritismo está morto? É o que não tardarão a saber. Suponhamos que a crítica tenha matado os Srs. Davenport, o que não nos diz respeito; que resultado teria isto? O que dissemos em nosso artigo anterior. Em sua ignorância do que é o Espiritismo, ela atirou sobre aqueles senhores, exatamente como um caçador que atira num gato pensando atirar numa lebre: o gato morreu, mas a lebre corre sempre.

Dá-se o mesmo com o Espiritismo, que não foi nem podia ser atingido pelos golpes que caíam de lado. A crítica, pois, equivocou-se, o que teria evitado facilmente se se tivesse dado ao trabalho de verificar a etiqueta. Contudo, não lhes faltaram avisos; alguns escritores até confessaram a influência das refutações que lhes chegavam de todos os lados, e isto da parte das *mais honradas pessoas*. Isto não lhes deveria ter aberto os olhos? Mas, não; haviam se embrenhado por um caminho e não queriam recuar; era preciso ter razão, custasse o que custasse. Muitas dessas refutações nos foram dirigidas; todas se distinguem por uma moderação que contrasta com a linguagem dos nossos adversários e, em sua maioria, são de perfeita justeza de apreciação. Certamente ninguém pretendeu impor sua opinião àqueles senhores; mas a imparcialidade sempre impõe um dever admitir as retificações para pôr o público em condições de julgar os prós e os contras. Ora, como é mais cômodo ter razão quando se fala sozinho, pouquíssimas dessas publicações viram a luz da publicidade. Quem

sabe mesmo se a maior parte foi lida? Então é preciso ser grato aos jornais que se mostraram menos exclusivos. Neste número está o *Journal des Pyrénées-Orientales* que, em seu número de 8 de outubro, contém a seguinte carta:

“Perpignan, 5 de outubro de 1865.

“Senhor Gerente,

“Não venho me lançar na polêmica; apenas solicito de vossa eqüidade que me permita, uma única vez, responder aos vivos ataques contidos na *carta parisiense*, publicada no último número de vosso jornal, contra os espíritas e o Espiritismo.

“Como os verdadeiros católicos, os verdadeiros espíritas não dão espetáculo público; estão penetrados do respeito de sua fé, aspiram ao progresso moral de todos e sabem que não é nos teatros de feira que se fazem prosélitos.

“Eis o que concerne aos irmãos Davenport.

“Haveria muito a dizer para refutar os erros do autor desses ataques irônicos; apenas direi que, tendo Deus dado ao homem o livre-arbítrio, atentar contra sua liberdade de crer, de pensar é colocar-se acima de Deus e, por conseguinte, um enorme pecado do orgulho.

“Dizer que esta nova ciência fez imensos progressos, que muitas cidades contam grande número de adeptos, que têm suas sedes, seus presidentes, e que suas reuniões incluem homens cultos, eminentes por sua posição na sociedade civil e militar, na advocacia, na magistratura, não é confessar que o Espiritismo está baseado na verdade?

“Se o Espiritismo não passa de um erro, por que se ocupam tanto com ele? O erro tem apenas uma duração efêmera,

é um fogo-fátuo, que dura algumas horas e desaparece. Se, ao contrário, é uma verdade, por mais que façais, nem o podereis destruir nem o deter. A verdade é como a luz: só os cegos lhe negam a beleza.

“Dizem também que o Espiritismo provocou casos de alienação mental. Direi isto: o Espiritismo não causou mais loucura que o Cristianismo e os demais cultos, que não podem ser responsabilizados pelos casos de idiotismo que se encontram muitas vezes entre os praticantes das diversas religiões; os espíritos transtornados estão sujeitos à exaltação e à perturbação. Deixemos, pois, de uma vez por todas, esse último argumento no arsenal das armas fora de uso.

“Termino esta resposta dizendo que o Espiritismo nada vem destruir, a não ser a crença nos castigos eternos. Ele fortalece a nossa fé em Deus; torna evidente que a alma é imortal e que o Espírito se depura e progride pelas reencarnações; prova-nos que as diferentes posições sociais têm sua razão de ser; ensina-nos a suportar nossas provações, sejam quais forem; enfim, demonstra-nos que um só caminho nos leva a Deus: o amor do bem, a caridade!

“Aceitai, Senhor Gerente, meus agradecimentos e minhas atenciosas saudações.

“Tenho a honra de ser o vosso servo.”

Breux

Todas as refutações que temos sob os olhos, e que foram dirigidas aos jornais, protestam contra a confusão que fizeram entre o Espiritismo e as sessões dos Srs. Davenport. Se, pois, a crítica persiste em prestar-lhe solidariedade, é porque quer.

Nota – Num outro artigo, que a falta de espaço nos obriga a adiar para o próximo número, examinaremos as

proposições mais importantes que ressaltam da polêmica suscitada a propósito dos Srs. Davenport.

Poesia Espírita

UM FENÔMENO

Fábula

Por uma noite assim dessas primaveris,
 Em que brilham nos céus as estrelas gentis,
 E que bons burgueses da cidade
 Falavam, caminhando e com tranqüilidade,
 Por espaçosas avenidas.
 Cada qual a seu turno as vistas estendidas
 Do solo aos campos celestiais,
 Sem dúvida pensais
 Que os assuntos de seus discursos
 Eram sobre o poder eternal, sem magia,
 E que os corpos submetem às leis sãs harmonia?
 Não: eles davam outros cursos
 Aos pensamentos seus; da bolsa à cotação,
 Das colheitas ao preço, eram toda a atenção
 Em que se nutria sua alma,
 Quando um deles disse, sem calma,
 Qual sob ação de súbito estupor:
 “Que vejo? Pode ser? uma estrela em fulgor?
 Ora se eleva... ora descendo!”
 E esfregando os olhos: “Que digo,
 Uma estrela... Pois creio, em minha fé, comigo,
 Salvo que seja um sonho e nele esteja crendo;
 Uma, duas ou três, quatro estrelas nos céus
 Movem-se e dançam em silêncio;
 Mistério estranho, a noite vence-o
 Com prazer ocultando-o nos seus véus!”
 E dos burgueses a alma atônita acompanha
 Suas fases fenomenais,
 Que em vão, para o explicar, se afadiga demais;
 Aí só do acaso a artimanha.
 Marcham, e entre os cordéis que lhes tocam na fronte

A sustentar pelo ar a cada papagaio
Quando de uma luz de ensaio
Ao sopro de uma brisa insonte;
E da criançada, autora enfim desse esplendor,
Perto dela riam com amor.

Que disseram depois dessa dupla surpresa,
Logo após seus desencantos?
Que pelos céus tais fogos tantos
Mero artifício são, obra se singeleza,
Para tolos levar a tão grandes espantos.
O horizonte também em púrpura se inflama,
E envolve a noite então de luz misteriosa;
Qual se de um meteoro a chama
Na escuridão dos céus resplandece radiosa;
Que uma estrela cadente em seus vivos anéis
Queira os campos do éter rasgar,
Estes burgueses bons, de olhos e braços no ar,
Vão tentar achar seus cordéis.

Se a verdade tem sempre alguma imitação,
Cabe-nos distinguir, e por comparação,
Toda a verdade da intrujice.
O ceticismo vão leva à charlatanice
Ante fatos que são da lei eterna até.
E para julgar bem qualquer causa ou efeito
Possa um cético ser aceito:
Se com modéstia, – e boa-fé.

C. Dombre, de Marmande

O Espiritismo no Brasil

EXTRATO DO DIÁRIO DA BAHIA

Sob o título de *A Doutrina Espírita*, o *Diário da Bahia* de 26 e 27 de setembro de 1865 contém dois artigos, que não passam da tradução em português dos que foram publicados há seis anos pelo Dr. Déchambre, na *Gazette médicale* de Paris.

Acabava de aparecer a segunda edição de *O Livro dos Espíritos* e é dessa obra que o Sr. Déchambre faz um relato semiburlesco. Mas, a propósito, ele prova historicamente, e por citações, que o fenômeno das mesas girantes é mencionado em Teócrito, sob o nome de *Koskeinomantéia*, adivinhação pelo *crivo*, porque então se serviam de crivo para esse gênero de operação, e daí conclui, com a lógica ordinária dos nossos adversários, que não sendo um fenômeno novo, não tem qualquer fundo de realidade. Para um homem de ciências positivas – forçoso é convir – aí está um argumento singular. Lamentamos que a erudição do Sr. Déchambre não lhe tivesse permitido remontar ainda mais alto, porque o teria encontrado no antigo Egito e nas Índias. Um dia voltaremos a esse artigo, que tínhamos perdido de vista e que faltava à nossa coleção. Enquanto esperamos, apenas perguntamos ao Sr. Déchambre: deve-se rejeitar a medicina e a física modernas, porque seus rudimentos se encontram de permeio às práticas supersticiosas da Antiguidade e da Idade Média? Se a sábia química de hoje não teve o seu berço na alquimia, e a astronomia o seu na astrologia judiciária? Por que então os fenômenos espíritas que, em última análise, não passam de fenômenos naturais, cujas leis não se conheciam, também não se encontrariam nas crenças e práticas antigas?

Como esse artigo foi reproduzido pura e simplesmente, sem comentários, nada prova, da parte do jornal brasileiro, uma hostilidade sistemática contra a doutrina. É mesmo provável que não a conhecendo, julgou nele achar uma apreciação exata. O que o provaria foi a sua pressa em inserir, no número seguinte, de 28 de setembro, a refutação que os espíritas da Bahia lhe dirigiram, e que estava assim concebida:

“Senhor redator,

“Como sois de boa-fé, no que concerne à doutrina do Espiritismo, rogamos que também vos dignéis publicar no *Diário*

uma passagem de *O Livro dos Espíritos*, do Sr. Allan Kardec, já na décima terceira edição, a fim de que vossos leitores possam apreciar, em seu justo valor, a reprodução que fizestes de um artigo da *Gazette médicale* de Paris, escrito há mais de seis anos, pelo Dr. Déchambre, contra essa mesma doutrina, na qual se reconhece que o dito médico não foi fiel nas citações, que fez, de *O Livro dos Espíritos*, visando depreciar essa doutrina.

“Somos, senhor redator, vossos amigos reconhecidos,

Luís Olímpio Teles de Menezes
José Álvares do Amaral
Joaquim Carneiro de Campos”

Segue, como resposta e refutação, um extrato muito extenso da introdução de *O Livro dos Espíritos*.

Com efeito, as citações textuais das obras espíritas são a melhor refutação das deturpações que certos críticos fazem sofrer a doutrina. A doutrina se justifica por si mesma, razão por que não sofre com isso. Não se trata de convencer os seus adversários de que ela é boa, o que, na maioria das vezes, é tempo perdido, porquanto, em boa justiça, têm inteira liberdade de achá-la má, mas simplesmente de provar que ela diz o contrário do que a fazem dizer. Cabe ao público imparcial julgar, pela comparação, se ela é boa ou má. Ora, como ela recruta incessantemente novos partidários, a despeito de tudo quanto puderam fazer, é prova de que não desagrada a todo o mundo, e que os argumentos que lhe opõem são impotentes para desacreditá-la. Pode-se ver por esse artigo que ela não tem nacionalidade e dá a volta ao mundo.

O Espiritismo e a Cólera

Sabe-se de que acusações eram vítimas os primeiros cristãos em Roma. Não havia crimes de que não fossem capazes,

nem desgraças públicas que, no dizer de seus inimigos, eles não fossem os autores voluntários ou a causa involuntária, porque sua influência era perniciosa. Dentro de alguns séculos ter-se-á dificuldade em crer que espíritos fortes do século dezanove tenham tentado ressuscitar essas idéias no que concerne aos espíritas, declarando-os autores de todas as perturbações da sociedade, comparando sua doutrina à peste e estimulando a sua perseguição. Isto é história impressa; estas palavras foram despejadas de mais de uma cátedra evangélica; mas o que é mais surpreendente, é que são encontradas nos jornais, que dizem falar em nome da razão e se arvoram em campeões de todas as liberdades e, em particular, da liberdade de consciência. Já possuímos uma coleção assaz curiosa, de amenidades desse gênero, que nos propomos mais tarde reunir num volume, para maior glória de seus autores e para edificação da posteridade. Assim, seremos gratos aos que nos ajudarem a enriquecer essa coleção, enviando-nos tudo o que, em seu conhecimento, apareceu ou aparecerá a respeito. Comparando esses documentos da história do Espiritismo com os da história dos primeiros séculos da Igreja, ficar-se-á surpreso de neles encontrar pensamentos e expressões idênticos. Aí só falta uma coisa: as feras do circo, o que já é um progresso.

Sendo, pois, o Espiritismo uma peste eminentemente contagiosa, uma vez que, segundo seus adversários, invade com terrível rapidez todas as classes da sociedade, tem certa analogia com a cólera. Assim, neste último levante, certos críticos o chamaram jocosamente de *Spirito-morbus*, e nada haveria de surpreendente se o acusassem de haver importado o flagelo; porque é notável que dois campos diametralmente opostos se dêem as mãos para o combater. Em um, ao que nos disseram, cunharam uma medalha com a efígie de São Bento, que basta usar para se preservar do contágio espírita. Não se diz se esse meio cura os que são atingidos pelo mal.

Realmente há uma analogia entre o Espiritismo e a cólera: é o medo que um e outro causam a certa gente. Mas

consideremos a coisa de um ponto de vista mais sério. Eis o que nos escreveram de Constantinopla:

“...Os jornais vos informaram do rigor com que o terrível flagelo acaba de assolar nossa cidade e seus arredores, posto atenuasse seus efeitos desastrosos. Algumas pessoas, que se dizem bem informadas, elevam o número de coléricos mortos a setenta mil, e outros a cerca de cem mil. A verdade é que fomos rudemente provados, e podeis imaginar as dores e o luto geral de nossas populações. É principalmente nestes tristes momentos dessa horrenda epidemia que a fé e a crença espíritas dão coragem; acabamos de dar a mais verídica das provas. Quem sabe se não devemos a essa calma da alma, a essa persuasão da imortalidade, a essa certeza das existências sucessivas, em que os seres são recompensados segundo seu mérito e seu grau de adiantamento; quem sabe, digo eu, se não é por essas crenças, bases de nossa bela doutrina, que nós todos, espíritas de Constantinopla que, como sabeis, somos bastante numerosos, devemos ter sido preservados do flagelo que se espalhou e ainda se espalha à nossa volta! Digo isto tanto mais quanto foi constatado, aqui e alhures, que o medo é o prenúncio mais perigoso da cólera, como a ignorância infelizmente se torna uma fonte de contágio...”

Repos Filho, advogado

Certamente seria absurdo acreditar que a fé espírita fosse um diploma de garantia contra a cólera. Mas, como está cientificamente reconhecido, o medo, ao mesmo tempo enfraquecendo o moral e o físico, torna as pessoas mais impressionáveis e mais susceptíveis de serem acometidas pelas doenças infecciosas; evidente, assim, que toda causa tendente a fortalecer o moral é um preservativo. Isto hoje é tão bem compreendido que se evita, tanto quanto possível, quer nos relatórios, quer nas disposições materiais, aquilo que possa ferir a imaginação por seu aspecto lúgubre.

Sem dúvida os espíritas podem morrer de cólera, como todo o mundo, porque seu corpo não é mais imortal que o dos outros e porque, quando chegar a hora, é preciso partir, seja por esta ou por outra causa. A cólera é uma das causas que não tem como particularidade senão levar maior número de pessoas ao mesmo tempo, o que produz mais sensação. Parte-se em massa, em vez de individualmente – eis toda a diferença. Mas a certeza que têm do futuro e, sobretudo, o conhecimento desse futuro, que corresponde a todas as aspirações e satisfaz à razão, fazem que absolutamente não lamentem a Terra, onde se consideram em exílio passageiro. Enquanto em presença da morte o incrédulo só vê o nada, ou pergunta o que vai ser de si, o espírita *sabe* que, se morrer, apenas será despojado de um invólucro material, sujeito aos sofrimentos e às vicissitudes da vida, mas será sempre *ele*, com um corpo etéreo, inacessível à dor; que gozará de percepções novas e de maiores faculdades; que vai encontrar aqueles a quem amou e que o esperam no limiar da verdadeira vida, da vida imperecível. Quanto aos bens materiais, sabe que deles não mais necessitará, e que os prazeres que proporcionam serão substituídos por outros mais puros e mais invejáveis, que não deixam em seu rasto nem amarguras nem pesares. Assim, abandona-os sem dificuldade e com alegria, lamentando os que, ficando na Terra, ainda irão precisar deles. É como aquele que, tornando-se rico, abandona seus trajes velhos aos infelizes. Por isso, ao deixar os amigos, lhes diz: não me lastimeis; não choreis minha morte; antes me felicitai, por estar livre das preocupações da vida e por entrar num mundo radioso, de onde vos esperarei.

Quem quer que tenha lido e meditado nossa obra *O Céu e o Inferno segundo o Espiritismo* e, sobretudo, o capítulo sobre o *temor da morte*, compreenderá a força moral que os espíritas haurem em sua crença, diante do flagelo que dizima as populações.

Segue-se daí que devam negligenciar as precauções necessárias em casos semelhantes e baixar a cabeça ante o perigo? De modo algum: tomarão todas as cautelas exigidas pela prudência

e uma higiene racional, porque não são fatalistas e porque, se não temem a morte, sabem que não devem procurá-la. Ora, não levar em conta as medidas sanitárias que os podem preservar seria verdadeiro suicídio, cujas conseqüências conhecem muito bem para a elas se exporem. Consideram como um dever velar pela saúde do corpo, porque a saúde é necessária para a realização dos deveres sociais. Se buscam prolongar a vida corporal, não é por apego à Terra, mas para ter mais tempo para progredir, melhorar-se, depurar-se, despojar-se do velho homem e adquirir mais soma de méritos para a vida espiritual. Mas, se a despeito de todos os cuidados, devem sucumbir, tomam o seu partido sem queixa, sabendo que todo progresso traz os seus frutos, que nada do que se adquire em moralidade e em inteligência fica perdido, e que se não desmereceram aos olhos de Deus, serão sempre melhores no outro mundo do que neste, ainda mesmo que ali não ocupem o primeiro lugar. Apenas dizem: Vamos um pouco mais cedo aonde iríamos um pouco mais tarde.

Crê-se que com tais pensamentos não se esteja nas melhores condições de tranqüilidade de espírito recomendada pela Ciência? Para o incrédulo ou para o que duvida, a morte tem todos os seus terrores, porque perde tudo e nada espera. Que pode dizer um médico materialista para acalmar nos doentes o medo de morrer? Nada do que certo dia um deles dizia a pobre coitado que tremia à simples palavra cólera: “Ah! enquanto não se está morto, há esperança; depois, em última análise, só se morre uma vez e logo tudo passa; quando se está morto, *tudo está acabado*; não se sofre mais.” Tudo está acabado quando se está morto, eis o supremo consolo que ele dá.

Ao contrário, o médico espírita diz ao que vê a morte à sua frente: “Meu amigo, vou empregar todos os recursos da Ciência para vos restabelecer a saúde e vos conservar o maior tempo possível; espero que sejamos bem-sucedidos. Mas a vida do homem está nas mãos de Deus, que nos chama quando terminado nosso

tempo de prova na Terra; se a hora de vossa libertação tiver chegado, rejubilai-vos, como o prisioneiro que vai sair da prisão. A morte nos desembaraça do corpo que nos faz sofrer e nos restitui à verdadeira vida, vida isenta de perturbações e misérias. Se deveis partir, não penseis que estejais perdido para os vossos parentes e amigos que ficaram. Não, não estareis menos no meio deles; vê-los-eis e os ouvireis melhor do que podeis fazê-lo neste momento. Vós os aconselhareis, os dirigireis, os inspirareis para o bem. Se, pois, aprouver a Deus vos chamar a Ele, agradecei-lhe por vos restituir a liberdade; se prolongar a vossa estada aqui, agradecei-lhe ainda por vos dar tempo de concluir a vossa tarefa. Na dúvida, submetei-vos sem murmurar à sua santa vontade.”

Tais palavras não são propícias a trazer serenidade à alma, e esta serenidade não secunda a eficácia dos remédios, enquanto a perspectiva do nada mergulha o moribundo na ansiedade do desespero?

Além desta influência moral, o Espiritismo tem outra mais material. Sabe-se que os excessos de todo gênero são uma das causas que mais predis põem para a epidemia reinante. Assim, os médicos recomendam sobriedade em tudo, prescrição salutar, à qual muita gente tem dificuldade de se submeter. Admitindo que o façam, é sem dúvida um ponto importante, mas é de crer-se que uma abstenção momentânea possa reparar instantaneamente as desordens orgânicas causadas por abusos inveterados, degenerados em hábito, que consumiram o corpo e, por isto mesmo, o tornaram acessível aos *miasmas deletérios*?²⁸ Fora da cólera, não se sabe quanto

28 **N. do T.:** *Grifos nossos*. Isto se aplica particularmente às doenças infecto-contagiosas, cuja manifestação é facilitada pela queda da imunidade celular, que tem, como parte de sua gênese, o depauperamento do organismo, provocado pelos excessos de toda ordem, de que a síndrome da imunodeficiência adquirida – AIDS – é um dos exemplos mais patentes. Embora utilizando terminologia em voga na época, Allan Kardec captou perfeitamente o espírito da questão; seu pensamento, também neste campo, é judicioso e pleno de atualidade.

é pernicioso o hábito da intemperança nos climas tórridos, e naqueles onde a febre amarela é endêmica? Pois bem! o espírita – por efeito de suas crenças e da maneira pela qual encara o objetivo da vida presente e o resultado da vida futura – modifica profundamente os seus hábitos; em vez de viver para comer, come para viver; não pratica nenhum excesso; não vive como cenobita. Assim, usa de tudo, mas não abusa de nada. Isto deve ser, com certeza, uma consideração preponderante a acrescentar à que faz valer o nosso correspondente de Constantinopla.

Eis, pois, um dos resultados desta doutrina, sobre a qual a incredulidade lança a injúria e o sarcasmo; que ridiculariza, tacha de loucura e, segundo ela, traz perturbação à sociedade. Guardai vossa incredulidade, se ela vos apraz, mas respeitai uma crença que torna felizes e melhores os que a possuem. É loucura acreditar que nem tudo se acaba com a vida? que depois da morte vivemos uma vida melhor, isenta de preocupações? que voltamos ao meio daqueles a quem amamos? que ao morrer não somos mergulhados nas chamas eternas, sem esperança de sair, o que equivaleria ao nada, nem perdidos na ociosa e beatífica contemplação do infinito? Ah! quisera Deus fossem loucos todos os homens! Haveria entre eles muito menos crimes e suicídios.

Numerosas comunicações foram dadas sobre a cólera; várias o foram na Sociedade de Paris ou no nosso círculo íntimo. Reproduzimos apenas duas, fundidas numa só, para evitar as repetições, e porque resumem o pensamento dominante da maioria.

(Sociedade de Paris – Médiuns: Srs. Desliens e Morin)

Já que a cólera é uma questão de atualidade e cada um traz o seu remédio para rechaçar o terrível flagelo, eu me permitirei, se o quiserdes, dar também a minha opinião, embora me pareça pouco provável que tenhais de temer os doentes de maneira cruel.

Entretanto, como é bom que na ocasião não faltem os meios, ponho minha pouca luz à vossa disposição.

Dizem que essa afecção não é imediatamente contagiosa, e os que se acham numa localidade onde ela se alastra, não devem temer cuidar dos doentes.

Não existe remédio universal contra essa moléstia, seja preventivo, seja curativo, considerando-se que o mal se complica de uma porção de circunstâncias que ora se devem ao temperamento dos indivíduos, ora ao seu estado moral e aos seus hábitos, ora às condições climáticas, o que faz que tal remédio dê resultado em certos casos e não em outros. Pode dizer-se que a cada período de invasão e conforme as localidades, o mal deve ser objeto de estudo especial e requer uma medicação diferente. É assim, por exemplo, que em 1832 e 1849 o gelo e o remédio caseiro puderam curar numerosos casos de cólera em certas regiões, mas deram resultados negativos em outras épocas e em países diferentes. Há, pois, uma imensidão de remédios bons, mas nenhum que seja específico. É essa diversidade nos resultados que tem confundido, e ainda confundirá por muito tempo a Ciência, e faz que nós mesmos não possamos dar um remédio aplicável a todo o mundo, porque a natureza do mal não o comporta. Há, contudo, regras gerais, frutos da observação, das quais importa não se afastar.

O melhor preservativo consiste nas precauções de higiene sabiamente recomendadas em todas as instruções dadas a respeito; passam pela limpeza, pelo afastamento de toda causa de insalubridade e dos focos de infecção, e pela abstenção de todos os excessos. A par disto, deve evitar-se a mudança de hábitos alimentares, a não ser para coibir as coisas debilitantes. É preciso evitar também os resfriados, as transições bruscas de temperatura e abster-se, salvo necessidade absoluta, de toda medicação violenta que possa trazer perturbação à economia.

Em casos semelhantes, sabeis que o medo, muitas vezes, é pior que o mal. Infelizmente o sangue-frio não se impõe; mas vós, espíritas, não precisais de nenhum conselho sobre este ponto, pois encarais a morte sem pestanejar e com a calma dada pela fé.

Em caso de ataque, importa não negligenciar os primeiros sintomas. O calor, a dieta, uma transpiração abundante, as fricções, a água de arroz, acrescida de algumas gotas de láudano, são medicamentos pouco custosos e cuja ação é muito eficaz, se aí vierem juntar-se a energia moral e o sangue-frio. Como muitas vezes é difícil conseguir o láudano na ausência de médico, pode-se substituí-lo, em caso de urgência, por qualquer outra composição calmante, especialmente pelo suco de alface, empregado em dose fraca. Aliás, basta ferver algumas folhas de alface em água de arroz.

A confiança em si e em Deus é, em tais circunstâncias, o primeiro elemento da saúde.

Agora, que a vossa saúde material está em segurança, permiti-me pensar em vosso temperamento espiritual, ao qual uma epidemia de outro gênero parece querer atacar. Nada temais desse lado; o mal só poderia atingir os seres a quem falta a verdadeira vida espiritual, porquanto, embora vivos, na verdade já estão mortos. Ao contrário, todos os que se devotarem à doutrina, para sempre e sem segundas intenções, nela colherão novas forças, para fazer frutificar os ensinamentos cuja transmissão consideramos um dever. Seja qual for, a perseguição é sempre útil; torna conhecidos os corações sólidos e, se alguns galhos mal presos se destacarem do tronco, os jovens rebentos, amadurecidos pelas lutas nas quais triunfarão, haverão de tornar-se homens sérios e prudentes. Assim, pois, muita coragem; marchai intemoratos na via que vos é traçada, e contaí com aquele que, na medida de suas forças, jamais vos faltará.

Doutor Demeure

Um Novo Nabucodonosor

Escrevem-nos de Charkow (Rússia):

Escrevendo-vos, Sr. presidente, ousou esperar que o Espiritismo talvez venha lançar alguma luz sobre um fato, até hoje inexplicável, e que me parece oferecer um poderoso interesse. Colhi-o de testemunha ocular, parente próximo da pessoa em questão. Eis o que me contou.

Todos os membros da família R... se faziam notados pela originalidade do caráter e por suas inclinações. Mas aqui falarei apenas dos dois irmãos Alexandre e Voldemar. O que impressionava neste último eram os olhos, cuja impressão é impossível descrever. Criança brincávamos juntos; longe de ser poltrão, eu não podia, entretanto, suportar o seu olhar. Fiz a observação a meu pai, que me confessou experimentar, olhando-o, o mesmo sentimento de perturbação, e me aconselhou que o evitasse. Parece que Voldemar não era o favorito da família. Quando chegou à idade dos estudos sérios, os dois irmãos foram estudar na universidade de Kazan. Voldemar não tardou em deixar estupefatos mestres e colegas pelas atitudes fora do comum; muitas vezes se vangloriava em presença do irmão, que tinha escolhido para alvo de suas zombarias. Mas seus sucessos não duraram muito. Aos dezesseis anos, morreu nos braços do irmão. É deste último que vamos nos ocupar.

Embora em menor grau, Alexandre também possuía, em seus olhos negros, esse magnetismo fascinante, que tanto chocava em seu irmão; também não tinha suas brilhantes qualidades; mas isto não o impedia de ter muito espírito e de aprender com facilidade. A morte do irmão causou-lhe tal impressão que se tornou outro homem. Seis semanas depois, ficou sem abrir os olhos, deixou de se pentear, de se lavar, e não quis, sob nenhum pretexto, mudar de roupa, de modo que a roupa branca e o costume apodreciam-lhe no corpo e caíam em frangalhos.

Então sua mãe o levou para o campo. Um tio que não morava longe conseguiu que ela lhe confiasse o sobrinho por algum tempo, prometendo fazê-lo esquecer todas as suas fantasias. Com efeito, disse-lhe com muita severidade que se ele se atrevesse a manter semelhante atitude em sua casa, não teria escrúpulos quanto aos meios de o corrigir. Alexandre logo se tornou perfeitamente razoável; não ofereceu qualquer resistência às ordens do tio, mas escreveu secretamente à mãe, suplicando-lhe viesse livrá-lo de seu carrasco. A mãe atendeu logo ao seu desejo. Mas, uma vez longe do tio, as bizarrices recomeçaram cada vez mais. Entre outras coisas, exigia que tocassem os sinos da Igreja, quando se sentava à mesa. Pensaram num distúrbio do cérebro e o puseram numa casa de saúde de Kazan. Coisa estranha! Ainda desta vez mudou completamente. Nada em sua conduta, em suas palavras, denotava um cérebro doente. Os médicos pensaram numa intriga familiar e não o observaram mais de perto.

Certa noite, vendo que todos dormiam, pôs o barrete e vestiu o avental de um dos médicos, saiu do quarto, passou perto do porteiro sem ser reconhecido, ganhou a rua e andou cerca de 30 quilômetros²⁹ a pé, até sua fazenda. Entrou numa espécie de choupana, que servia de galinheiro, tirou toda a roupa e, pondo-se no meio da peça, declarou que dois metros quadrados³⁰ de terreno eram suficientes para a vida de um homem, e que de nada precisava. Sua mãe, de joelhos, em vão suplicou que mudasse de idéia; em vão tentaram persuadi-lo de que ao menos permitisse fazer um teto na sua choupana, mas ele permaneceu inflexível; quis ao seu lado apenas uma velha criada, que jamais o deixara e que tinha por ele uma fidelidade e um apego de cão. Seu pai, vendo que nada dava resultado, ordenou a todos os seus camponeses que deixassem o lugar e fossem estabelecer-se a 7 quilômetros dali. Ele próprio partiu, apelidando o vilarejo de “Aldeia Perdida.” Então

29 **N. do T.:** No original, 30 *verstas*, antiga medida itinerária russa equivalente a 1.067 metros.

30 **N. do T.:** No original, 2 *toesas*, medida equivalente a seis pés, cerca de 2 metros.

quiseram pôr a propriedade sob tutela. Nomearam comissões, mas Alexandre era sempre prevenido a tempo e se vestia, embora sem usar as roupas de baixo; depois vinha encontrar as pessoas. A todas as perguntas respondia com bom-senso, com uma justeza que nada deixava a desejar, e o fazia tão bem que a comissão, imaginando ao chegar que se tratava de um louco, retirava-se desapontada.

Isto se passava em 1842 e, até agora, Alexandre está sempre no mesmo estado. Mantém-se de pé, completamente despido, num casebre sem portas nem janelas, exposto a todos os ventos e onde, no inverno, o frio chega a 30^º abaixo de zero. Alimenta-se de um pouco de geléia de uva, que lhe trazem uma vez por dia, numa tigela de barro; atiram-na com uma colher e ele a apanha no ar, à maneira dos animais, dos quais adotou o rugido, pois não mais se serve da palavra humana. À força de manter a cabeça inclinada, não pode mais erguê-la; seus pés atingiram uma largura desmesurada e não pode mais andar. Algumas vezes, à noite, cai prostrado, permitindo que o cubram com uma pele de carneiro. Seu aspecto, aliás, nada apresenta de extraordinário, exceto os olhos. Nem é gordo nem magro; sua fisionomia estampa sofrimento. Uma vez lhe perguntaram a razão de sua conduta bizarra. Respondeu: “Não me faleis nisto, é uma falta de vontade.” Não conseguiram mais. Que entendia ele por falta de vontade? Era um voto?... Às vezes pronuncia o nome do irmão morto; outras vezes exclama: “Quando isto terminará?” Não segue nenhuma das regras impostas por sua religião. Tinham mandado seus cabelos a um célebre sonâmbulo de Londres; foi respondido que “*era a doença de Nabucodonosor.*”

E, contudo, ele não é louco! O que há de mais extraordinário é que ao lado dessa existência puramente bestial, há nele uma vida intelectual, pois se interessa por tudo o que se passa no mundo; manda trazer muitos jornais e, como sua casa é escura, permitiu construírem uma espécie de barraca ao lado do seu casebre. Era aí que outrora, durante horas inteiras, sua mãe lia para ele. Agora que ela está morta, foi substituída por uma leitora contratada.

A comissão encarregada de investigar o caso obteve os seguintes detalhes que, no fundo, apenas o embrulharam. D***, colega de Alexandre R... na universidade, depôs que, quando estavam juntos, pôde observar que ele estava muito apaixonado pela mulher de um farmacêutico; era uma criatura de rara beleza e, além disso, muito virtuosa. Diariamente Alexandre montava a cavalo, para ter o prazer de passar em frente às suas janelas e vê-la, às vezes, de longe, limitando-se a isto os seus amores. Contudo, vinham trazer-lhe todos os dias e à mesma hora, uma carta lacrada; e se houvesse alguém em seu quarto, ele se apressava em escondê-la numa gaveta. Persuadido de que fossem bilhetes amorosos, D*** não se interessava muito em lhes conhecer o conteúdo. Mais tarde, quando começaram as pesquisas, só encontraram duas cartas (havia queimado as demais), supondo-se que eram do número das que recebia na universidade. A primeira era mais ou menos vazada nestes termos: “Ontem me aconteceu uma coisa estranha. Eu voltava de nossa Suíça Russa (nome de um passeio nos arredores de Kazan) e atravessava o campo de Ars, quando ouvi gritar: Socorro! Também gritei e, precipitando-me para o lado de onde vinham os gritos, cheguei perto de um cemitério cercado. Vi aparecer em cima da cerca um rapaz que me agradecia vivamente a minha intervenção, dizendo que tinha sido atacado por ladrões; mas, ouvindo uma voz, fugiram. (Uma fábrica de tecidos estava situada no campo de Ars; como o trabalho tinha sido suspenso por algum tempo e os operários não encontrassem meios para ganhar o pão, entregaram-se ao roubo). Tomamos juntos o caminho da cidade, estabelecendo-se entre nós uma conversa muito interessante e animada. Não posso dizer-te aqui do que se tratava, mas direi quando nos encontrarmos.

“Enfim chegamos à casa do meu desconhecido e aí passei toda a tarde. Ao dizer adeus agradeceu-me ainda uma vez, sem, contudo, convidar-me a vir vê-lo em casa; apenas indicou-me um lugar onde passeava todos os dias a uma hora certa e onde, se eu quisesse, poderia vê-lo. O que há de estranho é que, de volta à minha casa, não me foi possível lembrar nem a rua, nem a casa que

acabara de deixar e, no entanto, conheço perfeitamente a cidade onde moro há quatro anos. Proponho-me ir ver o meu desconhecido no lugar indicado; tentarei introduzir-me em sua casa e, por certo, dessa vez me lembrarei.” Não havia assinatura.

Eis a segunda carta, que dá seqüência à precedente. Apenas é muito mais curta: “Vi o meu desconhecido no lugar indicado; convidou-me a vir à sua casa; passamos juntos a tarde inteira, mas, de volta à minha casa, esqueci por completo, mais uma vez, a rua e a casa.” Nada de assinatura. Examinando a letra atentamente, julgaram encontrar grande semelhança com a de um de seus camaradas. Mas quando as leram a este último, ele se pôs a rir, declarando que jamais havia escrito semelhantes coisas.

Aqui param todas as pesquisas. Supõe-se que haja nisto um grande mistério, e apenas três pessoas o podem saber. Primeiro sua mãe, depois a velha criada que não o deixava nunca e, finalmente, sua irmã. As duas primeiras estão mortas, a terceira mora com o marido no mesmo vilarejo que Alexandre. Vai vê-lo diariamente e ali passa três ou quatro horas seguidas. De que podem falar? Seu irmão esquece os rugidos para falar uma linguagem humana, voltando a ser racional? é o que ninguém sabe. O que há de singular é que esse fato tão extraordinário é muito pouco conhecido; jamais foi publicado por qualquer jornal e, no entanto, se passa bem perto de Kazan, cidade onde há uma universidade, cientistas e médicos. É verdade que no começo fizeram pesquisas, mas parece que desanimaram muito depressa. Contudo, que vasto campo para a observação da Ciência, sem falar do lado psicológico! É um fato atual, que cada um pode constatar.

O Espiritismo, que explica tanta coisa, poderia dar a solução desse estranho fenômeno? Não ousou pedir-vos uma resposta por escrito, já que o vosso tempo é muito precioso; apenas espero que se considerardes o fato digno do vosso exame, possais dar a vossa opinião na *Revista Espírita*, que aqui recebemos.

Aceitai, etc.

Uma coisa ressalta evidentemente desse relato: esse jovem não é louco, na acepção científica do termo; goza da plenitude da razão, quando quer. Mas qual pode ser a causa de semelhante excentricidade, nessa idade? Acreditamos que ainda se passará muito tempo antes que a Ciência a encontre, com seus recursos puramente materiais. Entretanto, existe algo mais além de simples mania: é a assimilação da voz e dos gestos dos animais. Tem-se visto, é verdade, criaturas abandonadas nas florestas, desde tenra idade, vivendo com as feras, adotando seus gritos e costumes por imitação; mas aqui não é o caso. O jovem fez estudos sérios, vivem em suas terras, no meio de um vilarejo; está em contato diário com seres humanos; não se trata, pois, de uma questão de hábito e de isolamento.

É, disse o sonâmbulo de Londres, a doença de Nabucodonosor. Mas que doença é esta? A história desse rei não é uma lenda? É possível que um homem se transforme em fera? Entretanto, se se confrontar o relato bíblico com o fato atual de Alexandre R..., notar-se-á entre eles mais de um ponto de semelhança. Compreende-se que o que se passa hoje pode ter-se passado em outros tempos, e que o rei da Babilônia tenha sido atingido por um mal semelhante. Se, pois, aquele rei, dominado por uma influência análoga, deixou seu palácio, como Alexandre R... o seu castelo; se viveu e gritou como ele, à maneira das feras, poder-se-ia dizer, na linguagem alegórica da época, que se tinha transmudado em fera. É verdade que isto destrói o milagre; mas quantos milagres caem hoje ante as leis da Natureza, que se descobrem todos os dias! A religião só tem a ganhar se aceitar como natural um fato que era repelido como maravilhoso. Quando os adversários do Espiritismo dizem que ele ressuscita o sobrenatural e a superstição, provam que lhe ignoram as primeiras palavras, já que ele vem, ao contrário, provar que certos fatos, reputados misteriosos, não passam de efeitos naturais.

Lido esse relato na Sociedade de Paris, como tema de estudo, pediu-se a um médium que evocasse os Espíritos que pudessem dar sua explicação. Foram obtidas as três comunicações seguintes: uma do irmão morto, Voldemar; a segunda do Espírito protetor dos dois irmãos; a terceira, do guia espiritual de outro médium.

(Sociedade Espírita de Paris, 13 de outubro de 1865

– Médium: Sr. Desliens)

I

Eis-me aqui!... Que quereis?... Com que direito vos imiscuis em negócios de família e todos íntimos!... Sabei que ninguém jamais me ofendeu em vão, e temei incorrer em minha cólera, se buscardes penetrar um segredo que não vos pertence! Quereis ter a chave das razões que levam meu irmão a fazer semelhantes tolices?... Sabei que toda a causa reside em mim, que o puni desta maneira pela falta de fé, com que se tornou culpado a meu respeito. Um elo nos unia, elo terrível, elo da morte!... Que sofra, pois, a pena por uma falta que não poderia encontrar graça em mim!... Meu cúmplice na ação, devia seguir-me no suplício. Por que hesitou?... Hoje sofre a pena de suas hesitações.

Não podendo constrangê-lo a seguir-me, pelo menos imediatamente, empreguei a força magnética, que possuo em grau extremo, para obrigá-lo a abandonar a sua vontade e o seu ser ao meu livre-arbítrio. Ele sofre nessa posição!... tanto melhor! cada um de seus gemidos interiores me causa uma agitação de sombria satisfação.

Estais contentes com a minha urbanidade? achais suficientes as minhas explicações?... Não; quereis moralizar-me... Mas quem sois vós para me fazer pregações? sois padre? não. Pois

bem! a que título quereis que vos escute? Nada quero ouvir e volto ao lugar que não devia ter deixado. Ele compreende seus males neste momento; talvez sua vontade reaja sobre a matéria! Infelizes de vós se o fizerdes escapar ao meu domínio!

Voldemar R...

II

Não tenteis, pelo menos agora, obrigar esse pobre insensato a vos ouvir; não poderia fazê-lo e vossas palavras apenas excitariam sua raiva brutal. Venho em seu lugar dar-vos algumas explicações que lançarão um pouco de luz sobre o drama sombrio de que esses dois seres foram os atores em outra existência. Neste momento o expiam, sofrendo as conseqüências das ações criminosas, em cujos detalhes eu não poderia entrar hoje. Sabei apenas que, dessas duas individualidades, Alexandre foi, sob outro nome e noutra época, subordinado de Voldemar, numa condição social que podereis presumir por algumas palavras do relato que lestes. Meditai a passagem em que se diz que Alexandre exigia que tocassem o sino no começo de suas refeições, e estareis no caminho. Subordinado, como vos disse, a Voldemar, sob a instigação deste cometeu diversas ações, cuja responsabilidade ambos carregam hoje, e que são a fonte de seus sofrimentos.

Alexandre era e é ainda um caráter fraco e vacilante, quando uma causa qualquer dava a alguém o domínio sobre ele; para os outros era altivo, déspota, brutal. Em suma, estava sob o domínio do irmão. O que os dois fizeram é o que o futuro vos dirá na seqüência deste estudo. Passemos aos resultados.

Prometeram jamais se trair nem se abandonar. Além disso, Voldemar se reservou tripudiar, com toda a sua vontade poderosa, sobre o infeliz cúmplice. Vistes que ele o tinha tomado como alvo de suas zombarias, na fase de existência que percorreram juntos. Dotados de inteligência pouco comum, esses dois seres haviam formado anteriormente, pela associação de suas

inclinações más, uma temível liga contra a sociedade. Voldemar foi levado por um desígnio da Providência, que assim preparava o caminho da renovação desses dois seres. Dominado por sua promessa, Alexandre queria seguir o irmão no túmulo, mas sua afeição por uma pessoa, da qual se falou no relato, e a fadiga de um jugo que suportava a duras penas, fez tomasse a resolução de lutar. O irmão não o podia matar materialmente, mas o matou moralmente, envolvendo-o num emaranhado de influências que determinaram a cruel obsessão, cujas conseqüências conheceis.

O sonâmbulo que designou essa afecção sob o nome de *doença de Nabucodonosor* não estava tão longe da verdade quanto se podia crer, porque Nabucodonosor não passava de um obsedado, convencido de se ter transformado em fera. É, pois, uma obsessão que, como sabeis, não exclui a ação da inteligência e não a aniquila de maneira fatal. É um dos casos mais notáveis, cujo estudo só poderá ser proveitoso a todos. Nesta noite ele nos arrastaria muito longe, pelos desenvolvimentos que reclama. Limitar-me-ei a esta exposição, pedindo-vos ao mesmo tempo reunir vossas forças espirituais para evocar Voldemar. Como o teme com razão, em sua ausência o irmão recobra a energia e pode libertar-se. Eis por que lhe repugna deixá-lo e sobre ele exerce uma ação magnética contínua.

O guia de ambos,

Paulowitch

III

(Médium: Sra. Delanne)

Meus irmãos bem-amados, certos fatos referidos nas Escrituras são olhados, por muita gente, como fábulas para crianças. Desdenharam-nos, porque não os compreenderam e recusaram-lhes dar fé. No entanto, liberto da forma alegórica, o fundo é verdadeiro e só o Espiritismo poderia dar-lhe a chave. Vai produzir-se de diversas naturezas, não só nos espíritas, mas em

todo o mundo e por toda a Terra, forçando os cientistas a estudar, e é então que poderão convencer-se, a despeito do que digam alguns, que o Espiritismo ensina o novo, porque é por ele que se terá a explicação do que ficou inexplicado até hoje. Não se vos disse que a obsessão ia se ornar de novas formas? Este é um exemplo.

A punição de Nabucodonosor não é uma fábula. Ele não foi, como dissestes muito judiciosamente, transmudado em fera; mas estava, como no caso que vos ocupa neste momento, privado por algum tempo do livre exercício de suas faculdades intelectuais, e isto em condições que o assemelhavam à fera, fazendo do poderoso déspota objeto de piedade para todos. Deus o tinha ferido no seu orgulho.

Todas estas questões se ligam às do fluido e do magnetismo. Nesse rapaz há obsessão e subjugação; tem grande lucidez no estado de Espírito, e seu irmão exerce sobre ele uma influência magnética irresistível; atrai-o facilmente fora do corpo, quando uma pessoa amiga e simpática lá não está para o reter; sofre quando desprendido; para ele também é uma punição, e é então que solta rugidos ferozes.

Não vos apresseis, pois, em condenar o que está escrito nos livros sagrados, como faz a maioria dos que só vêem a letra e não o espírito. Diariamente vos esclareceis mais e novas verdades se desdobrarão aos vossos olhos, pois estais longe de ter esgotado todas as aplicações do que sabeis em Espiritismo.

São Bento

Resulta desta explicação eminentemente racional, que esse jovem está sob o império de uma obsessão, ou, melhor, de uma terrível subjugação, semelhante à que sofreu o rei Nabucodonosor. Isto destrói a justiça de Deus, que tinha punido esse monarca orgulhoso? De modo algum, pois sabemos que as obsessões são, ao mesmo tempo, provações e castigos. Assim,

Deus podia puni-lo, pondo-o sob o jugo de um Espírito malfazejo, que o constrangesse a agir como uma fera, sem, por isto, metamorfoseá-lo em animal. A primeira dessas punições é natural e se explica pelas leis das relações entre o mundo visível e o mundo invisível; a outra é antinatural, fantástica e não se explica; uma se apresenta, em nossos dias, como uma realidade, sob as diversas formas da obsessão; a outra só se acha nos contos de fadas. Enfim, uma é aceitável pela razão, enquanto a outra não.

Do ponto de vista do Espiritismo, o fato oferece importante tema de estudo. A obsessão aí se apresenta sob um aspecto novo quanto à forma e quanto à causa determinante, mas que nada tem de surpreendente, depois do que nos tem sido dado ver diariamente. Muita razão tem São Bento, quando diz que estamos longe de haver esgotado todas as aplicações do Espiritismo, nem compreendido tudo quanto ele nos pode explicar. Tal como é, apresenta-nos uma rica mina a explorar, auxiliado pelas leis que nos dá a conhecer. Antes de dizer que está estacionário, saibamos, pois, tirar proveito do que nos ensina.

O Patriarca José e o Vidente de Zimmerwald

Um dos nossos assinantes de Paris escreve o seguinte:

“Lendo o número da *Revista Espírita* do mês de outubro, reporteime a uma passagem da Bíblia, que assinala um fato análogo à mediundiade do vidente da floresta de Zimmerwald. Ei-lo:

“Quando os irmãos de José saíram da cidade, e como ainda não haviam caminhado muito, José chamou o intendente de sua casa e lhe disse: Correi atrás dessa gente; parai-os e dizei-lhes:

Por que retribuís o bem com o mal? – A taça que roubastes é aquela em que meu Senhor bebe, e *da qual se serve para adivinhar*. Fizestes uma ação muito má.

“Quando os irmãos de José foram trazidos à sua presença, ele lhes disse:

“Por que agistes assim comigo? Ignorais que ‘ninguém me iguala na *ciência de adivinhar as coisas ocultas*?’ (Gênesis, 44:15).³¹

“O gênero de mediunidade que assinalais existia, pois, entre os egípcios e os judeus.”

C.,

Advogado

Com efeito, nada é mais positivo. José possuía a arte de adivinhar, isto é, de ver as coisas ocultas, servindo-se, para isto, de uma taça de beber, como o vidente de Zimmerwald se serve de seu copo. Se a mediunidade é uma faculdade demoníaca, eis um dos personagens mais venerados da antiguidade sacra convicto de agir pelo demônio. Se agisse por Deus, e os nossos médiuns pelo demônio, então o demônio faz o mesmo que Deus e, por conseguinte, o iguala em poder. Admiram-se de ver homens graves sustentarem semelhante tese, que aniquila sua própria doutrina.

31 N. do T.: Allan Kardec serviu-se, em todas as suas obras, da tradução de Lemaitre de Sacy, até hoje a versão francesa mais importante da Bíblia e uma das mais confiáveis do planeta. No Brasil, as versões protestantes mais recentes, sobretudo as ditas “atualizadas” de João Ferreira de Almeida, nem sempre têm se mantido fiéis aos trechos originais, notadamente quando suprimem, adaptam ou modificam palavras e expressões que possam confirmar os ensinamentos espíritas. O versículo acima, do Gênesis de Moisés, mereceu a seguinte versão de Almeida: “Que é isso que fizestes? Não sabíeis como eu que tal homem é capaz de adivinhar?” Assim descaracterizado, o versículo perde muito de sua força. No caso, é da mediunidade que ele trata.

O Espiritismo, pois, nem descobriu, nem inventou os médiuns, mas descobriu as leis da mediundade, e a explica. Assim, é a verdadeira chave para a compreensão do Antigo e do Novo Testamentos, onde abundam os fatos deste gênero. Foi por falta dessa chave que se fizeram tantos comentários contraditórios, que nada explicam. A incredulidade ia crescendo incessantemente na direção desses fatos e invadia a própria Igreja. Doravante serão admitidos como fenômenos naturais, pois se reproduzem em nossos dias por leis conhecidas. Temos, assim, razão de dizer que o Espiritismo é uma ciência positiva, que destrói os últimos vestígios do maravilhoso.

Suponhamos que se tivessem perdido os livros dos Antigos, que nos explicam a teogonia pagã ou mitológica: compreender-se-ia hoje o sentido das inumeráveis inscrições que se descobrem diariamente, e que se referem mais ou menos diretamente a essas crenças? Compreender-se-iam o destino, os motivos de estrutura da maioria dos monumentos, cujos restos contemplamos? Saber-se-ia o que representa a maior parte das estátuas e baixos-relevos? Não, certamente. Sem o conhecimento da mitologia, todas as coisas para nós seriam letra morta, como a escritura cuneiforme e os hieróglifos egípcios. A mitologia é, pois, a chave com a ajuda tal qual reconstruiremos a história do passado, por meio de um fragmento de pedra, como Cuvier, com um osso, reconstruía um animal antidiluviano. Porque já não cremos nas fábulas das divindades pagãs, devemos negligenciar ou desprezar a mitologia? Quem emitisse tal pensamento seria tratado de bárbaro.

Pois bem! o Espiritismo, como crença na existência e na manifestação das almas, e como meio de com elas entreter-se; o magnetismo como meio de cura; e o sonambulismo, assim como a dupla vista, eram muito espalhados na antiguidade e se misturaram a todas as teogonias, mesmo à teogonia judaica, e mais tarde à cristã; aí é feita alusão a uma porção de monumentos e inscrições

que nos restam. Abarcando ao mesmo tempo o magnetismo e o sonambulismo, o Espiritismo é um farol para a Arqueologia e para o estudo da antiguidade. Estamos mesmo convencidos de que é uma fonte fecunda para a compreensão dos hieróglifos, porque essas crenças eram muito espalhadas no Egito, e seu estudo fazia parte dos mistérios ocultos ao vulgo. Eis alguns fatos em apoio dessa asserção.

Um de nossos amigos, sábio arqueólogo que reside na África, e que é, ao mesmo tempo, um espírita esclarecido, há alguns anos encontrou nos arredores de Sétif uma inscrição tumular, cujo sentido era absolutamente ininteligível sem o conhecimento do Espiritismo.

Lembramo-nos de ter visto no Louvre, há bastante tempo, uma pintura egípcia, representando um indivíduo deitado e adormecido, e um outro de pé, com os braços e os dedos dirigidos para o primeiro, sobre o qual fixava o olhar, na atitude exata de um homem que desse passes magnéticos. Dir-se-ia um desenho calcado na pequena vinheta que o Sr. barão du Potet punha outrora no frontispício de seu *Journal du Magnétisme*. Para qualquer magnetizador, não havia o menor equívoco quanto ao tema desse quadro; para quem quer que não tivesse conhecido o magnetismo, não fazia sentido. Só o fato provaria, se não houvesse uma porção de outros, que os antigos egípcios sabiam magnetizar, e que se entregavam ao magnetismo mais ou menos como nós. Então isto fazia parte de seus costumes, já que se achava consagrado num monumento público. Sem o magnetismo moderno, que nos dá a chave de certas alegorias, não o saberíamos.

Uma outra pintura egípcia, igualmente no Louvre, representava uma múmia de pé, envolvida por ataduras; um corpo da mesma forma e tamanho, mas sem faixas, destacava-se pela metade, como se sáísse da múmia, e um outro indivíduo, posto à

frente, parecia atraí-lo a si. Então não conhecíamos o Espiritismo e nos perguntávamos o que aquilo podia significar.

Hoje é claro que essa pintura alegórica representa a alma separando-se do corpo, conservando a aparência humana, e cujo desprendimento é facilitado pela ação de outra pessoa encarnada ou desencarnada, exatamente como nos ensina o Espiritismo.

Não creiais no Espiritismo, se vo-lo apraz; admiti que seja uma quimera: ninguém vo-lo impõe; estudaí-o como estudaíeis a mitologia, a título de simples ensinamento, mesmo rindo da credulidade humana, e vereis que horizontes ele vos abrirá, por pouco sério que sejais.

Dissertações Espíritas

O REPOUSO ETERNO

(Sociedade de Paris, 13 de outubro de 1865 – Médium: Sr. Leymarie)

Quando deixei o invólucro terreno, pronunciaram vários discursos sobre o meu túmulo, impregnados todos pela mesma idéia. Sonnez, meu amigo, ides gozar do repouso eterno. Alma, dizia o padre, repousai na contemplação divina. Amigo, repetia o terceiro, dorme em paz, após uma vida de tantas realizações. Enfim, era o repouso eterno contínuo, que ressaltava do fundo de tantos adeuses comoventes.

O repouso eterno! Que entendiam por esta expressão e pelas mesmas palavras continuamente repetidas, cada vez que um homem desaparecia na Terra e ia para o desconhecido?

Ah! meus amigos, dizeis que repousamos. Estranho erro! compreendeis o repouso à vossa maneira. Olhai ao redor de

vós: existe repouso? Neste momento as árvores vão despojar-se de seus envoltórios encantadores; tudo geme nesta estação; a Natureza parece preparar-se para a morte e, no entanto, se se procurar, achar-se-á a vida em preparação sob essa morte aparente; tudo se depura nesse grande laboratório terrestre: a seiva e a flor, o inseto e o fruto, tudo que deve adornar e fecundar.

Esta montanha, que parece ter uma imobilidade eterna, não repousa. As moléculas infinitas que a compõem realizam um trabalho enorme; umas tendem a se agregar, outras a se separar; e essa lenta transformação inicialmente causa espanto e depois admiração ao pesquisador que acha em tudo instintos diversos e mistérios a explorar. E se a Terra assim se agita em suas entranhas, é que esse grande cadinho elabora e prepara o ar que respirais, os gases que devem sustentar a Natureza inteira. É que ela imita os milhões de planetas que percebeis no espaço, e cujos movimentos diários, o trabalho contínuo, obedecem à vontade soberana. Sua evolução é matemática, e se encerram outros elementos além dos que vos fazem agir, ide! crede-o, esses elementos trabalham a sua depuração, a sua perfeição.

Sim, a sua perfeição; porque é a palavra eterna. A perfeição é o objetivo e, para alcançá-lo, átomos, moléculas, seiva, minerais, árvores, animais, homens, planetas e Espíritos se empenham nesse movimento geral, que é admirável por sua diversidade, pois é harmonia. Todas as tendências visam ao mesmo objetivo, e esse objetivo é Deus, centro de toda atração.

Depois de minha partida da Terra, minha missão não está realizada. Busco e trabalho todos os dias; meu pensamento alargado abarca melhor o poder dirigente; sinto-me melhor fazendo o bem e, como eu, legiões inumeráveis de Espíritos preparam o futuro. Não acrediteis no repouso eterno! Os que pronunciam tais palavras não lhes compreendem o vazio. Vós

todos que ouvis, podeis aniquilar o pensamento, forçá-lo ao repouso? Oh! não; a vagabunda procura e procura sempre e não desagrada aos amáveis e úteis charlatães, que negam o Espírito e o seu poder. O Espírito existe, nós o provamos e o provaremos melhor quando chegar a hora. Nós lhes ensinaremos, a esses apóstolos da incredulidade, que o homem não é o nada, uma agregação de átomos reunidos ao acaso e destruídos da mesma forma. Nós lhes mostraremos o homem radiante por sua vontade e seu livre-arbítrio, senhor de seus destinos e elaborando na geena terrena o poder da ação necessária a outras vidas, a outras provas.

Sonnez

Notas Bibliográficas

NO PRELO, PARA APARECER EM ALGUNS DIAS:

O Evangelho segundo o Espiritismo por Allan Kardec

3ª edição

REVISTA, CORRIGIDA E MODIFICADA

Esta edição foi objeto de um remanejamento completo da obra. Além de algumas adições, as principais alterações consistem numa classificação mais metódica, mais clara e mais cômoda das matérias, o que torna sua leitura e as buscas mais fáceis.

A “*Gazette du Midi*” perante o Espiritismo

A PROPÓSITO DOS IRMÃOS DAVENPORT

ESTUDO FILOSÓFICO

Por Ernest ALTONY

Brochura in-8^o. Preço: 1 fr.; pelo Correio: 1 fr. 20. – Marselha, livraria Mengelle, 32 *bis*, rue Longue-des-Capucins

Venda em benefício das famílias vítimas da cólera. Para receber a brochura basta enviar 1 fr. 20 c. em selos postais ao Sr. Altony, na livraria do Sr. Mengelle, em Marselha.

Aviso

O Sr. Ledoyen, livreiro em Paris (Palais-Royal) retirou-se dos negócios. Como não tem sucessor, todos os pedidos de assinatura ou outros que lhe forem dirigidos serão considerados sem efeito.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

DEZEMBRO DE 1865

Nº 12

Abri-me!

APELO DE CÁRITA

Escrevem-nos de Lyon:

“...O Espiritismo, esse grande traço de união entre todos os filhos de Deus, abriu-nos tão vastos horizontes que podemos olhar, de um a outro ponto, todos os corações esparsos que as circunstâncias colocaram no Oriente e no Ocidente, e os ver vibrar a um só apelo de Cárita. Ainda me lembro da profunda emoção que senti quando, no ano passado, a *Revista Espírita* nos dava conta da impressão produzida em todas as partes da Europa por uma comunicação desse bondoso Espírito. Por certo se poderá dizer tudo quanto se queira contra o Espiritismo: é uma prova de que ele cresce, pois geralmente não se atacam as pequenas causas, mas os grandes efeitos. Aliás, a que se assemelham esses ataques? À cólera de uma criança que atirasse pedras ao oceano, para o impedir de murmurar. Os detratores do Espiritismo quase não suspeitam que, denegrindo a doutrina, pagam todas as despesas de uma propaganda que dá aos que a lêem vontade de conhecer esse temível inimigo, que tem como palavra de ordem: Fora da caridade não há salvação...”

Esta carta estava acompanhada da seguinte comunicação, ditada pelo Espírito *Cárta*, a eloqüente e graciosa pedinte, que os bons corações conhecem tão bem.

(Lyon, 8 de novembro de 1865)

“Faz frio, chove, o vento sopra muito forte; abri-me.

“Fiz uma longa viagem através do país da miséria e volto com o coração mortificado, os ombros sobrecarregados pelo fardo de todas as dores. Abri-me bem depressa, meus amados, vós que sabeis que a caridade só bate à vossa porta quando encontra muitos infelizes em seu caminho. Abri o vosso coração para receber as minhas confidências; abri a vossa bolsa para enxugar as lágrimas de meus protegidos e escutai-me com essa emoção que a dor faz subir de vossa alma aos vossos lábios. Oh! vós que sabeis o que Deus reserva, e que muitas vezes chorais essas lágrimas de amor que o Cristo chamava o orvalho da vida celeste, abri-me!... Obrigada! eu entrei.

“Parti esta manhã; chamavam-me de todos os lados. O sofrimento tem a voz tão vibrante que um único apelo é suficiente. Minha primeira visita foi para dois pobres velhos: marido e mulher. Viveram ambos esses longos dias em que o pão escasseia, o sol se esconde e falta trabalho aos braços valentes que o chamam; sepultaram a miséria no lar da dignidade e ninguém pôde adivinhar que muitas vezes o dia transcorria sem trazer seu pão quotidiano. Depois chegou a idade, os membros se enrijeceram, os olhos ficaram velados e o patrão, que fornecia trabalho, disse: Nada mais tenho a fazer. Entretanto, a morte não veio; a fome e o frio são os visitantes habituais, diários, da pobre morada. Como responder a essa miséria? Proclamando-a? Oh, não! Há feridas que não se curam arrancando o aparato que as cobre. O que acalma o coração é uma palavra de consolo, dita por uma voz amiga que adivinhou, com sua alma, o que lhe ocultaram aos olhos. Para esses pobres, abri-me!

“E, depois, vi uma mãe repartir seu único pedaço de pão com os três filhinhos; e como o naco era muito pequeno, nada guardou para si. Vi a lareira apagada, o pobre catre; vi os membros tiritantes envolvidos em farrapos; vi o marido entrar em casa sem ter encontrado trabalho; enfim, vi o filho caçula morrer sem socorro, porque o pai e a mãe são espíritas e tiveram que sofrer humilhações das obras de beneficência.

“Vi a miséria em toda a sua horrenda chaga; vi os corações se atrofiarem e a dignidade extinguir-se sob o verme roedor da necessidade de viver. Vi criaturas de Deus renegarem sua origem imortal, porque não compreendiam a provação. Vi, enfim, o materialismo crescer com a miséria e em vão gritei: Abri-me! eu sou a caridade; venho a vós com o coração cheio de ternura; não choreis mais, eu venho vos consolar. Mas o coração dos infelizes não me escutou: suas entranhas tinham muita fome!

“Então me aproximei de vós, meus bons amigos, de vós que me escutastes, de vós que sabeis que Cárita pede esmola para os pobres e vos disse: Abri-me!

“Acabo de vos contar o que vi em minha longa jornada e, eu vos suplico, tendes para os meus pobres um pensamento, uma palavra, uma doce lembrança, a fim de que à noite, à hora da prece, eles não adormeçam sem agradecer a Deus, porque lhes sorristes de longe. Sabeis que os pobres são a pedra de toque que Deus envia à Terra para experimentar vossos corações. Não os repilais, a fim de que, um dia, quando tiverdes transposto o limiar que conduz ao espaço, Deus vos reconheça pela pureza de vossos corações e vos admita na morada dos eleitos! – Cárita.”

É com alegria que nos fazemos intérpretes da boa Cárita, esperando que ela não tenha dito em vão: Abri-me! Se bate à porta com tanta insistência, é que o inverno aí bate por seu lado.

Subscrição

EM BENEFÍCIO DOS POBRES DE LYON E DAS VÍTIMAS DA CÓLERA

Aberta no escritório da *Revista Espírita*

Este ano uma causa de sofrimento veio juntar-se aos rigores do inverno, que avança a passos largos. Sem dúvida, jamais a solicitude da autoridade se mostrou mais inteligente e mais previdente do que nesta última invasão do flagelo, em relação aos atingidos; prontidão e sábia distribuição dos socorros médicos e outros, nada faltou. É uma justiça que cada um se apraz em lhe render. Assim, graças às medidas tomadas, seus efeitos desastrosos foram rapidamente circunscritos; mas deixa em seu rasto traços cruéis de sua passagem nas famílias pobres, e os mais lastimáveis não são os que sucumbem. É sobretudo aí que a caridade privada se faz necessária.

O estado das somas recebidas e sua distribuição estão submetidos ao controle da Sociedade Espírita de Paris.

Romances Espíritos

ESPÍRITA, POR THÉOPHILE GAUTIER — *A DUPLA VISTA*, POR ÉLIE BERTHET

Quem diz romance, diz obra de imaginação. É da própria essência do romance representar um assunto fictício, quanto aos fatos e personagens. Mas nesse mesmo gênero de produções, há regras de que o bom-senso não permite afastar-se e que, aliadas às qualidades do estilo, constituem o seu mérito. Se os detalhes não forem verdadeiros em si mesmos, ao menos devem ser verossímeis e de perfeito acordo com o meio onde se passa a ação.

Nos romances históricos, por exemplo, é de rigor a manutenção estrita da coloração local, e há anacronismos que não seriam toleráveis. O leitor deve poder transportar-se, pelo

pensamento, aos tempos e lugares de que se fala e deles fazer uma idéia justa. Aí estava o grande talento de Walter Scott; lendo-o, encontramos-nos em plena Idade Média. Se ele tivesse atribuído os fatos e gestos de Francisco I a Luís XI, ou mesmo se tivesse feito falar este rei e os personagens de sua corte como no tempo da renascença, nem o mais belo estilo teria sido capaz de resgatar tais erros.

Acontece a mesma coisa nos romances de costumes. Seu mérito está na variedade dos quadros, porque seria o cúmulo do ridículo emprestar a um súdito espanhol os hábitos e o caráter de um inglês.

À primeira vista, o romance parece ser o gênero mais fácil. Consideramo-lo mais difícil que a História, embora menos sério. O historiador tem o quadro traçado pelos fatos, dos quais não pode afastar-se uma linha; o romancista deve tudo criar; mas muitos pensam que basta um pouco de imaginação e de estilo para fazer um bom romance. É um grave erro; é preciso muita instrução. Para fazer a sua *Notre-Dame de Paris*, Victor Hugo devia conhecer sua velha Paris arqueológica tão bem quanto a sua Paris moderna.

Pode-se fazer romances sobre o Espiritismo, como sobre todas as coisas. Dizemos mesmo que o Espiritismo, quando for conhecido e compreendido em toda a sua essência, fornecerá às letras e às artes fontes inesgotáveis de poesias encantadoras. Mas por certo não será para os que só o vêem nas mesas girantes, nas cordas dos irmãos Davenport ou nas trapaças dos charlatães. Como nos romances históricos ou de costumes, é indispensável conhecer a fundo a tela sobre a qual se quer bordar, a fim de não se cometer disparates, que seriam outras tantas provas de ignorância; tal o músico que produz variações sobre um tema musical e é reconhecido pelas adições da fantasia. Aquele, pois, que não estudou a fundo o Espiritismo, em seu espírito, em suas tendências, em suas máximas, tanto quanto em suas formas materiais, é tão inapto para fazer um romance espírita de algum

valor, quanto o teria sido Lesage de fazer Gil Blas, se não tivesse conhecido a história e os costumes da Espanha.

Para isto é, pois, necessário ser espírita crente e fervoroso? De modo algum; basta ser verídico, e não se o pode ser sem saber. Para fazer um romance árabe por certo não é preciso ser muçulmano, mas é indispensável conhecer bastante a religião muçulmana, seu caráter, seus dogmas e suas práticas, bem como os costumes daí decorrentes, para não fazer agir e falar os africanos como cavalheiros franceses. Mas há os que julgam ser suficiente, para dar o cunho da raça, prodigalizar a torto e a direito os nomes de *Alá*, de *Fátima* e de *Zulema*, pois é mais ou menos tudo quanto sabem do islamismo. Numa palavra, não é preciso ser muçulmano, mas estar impregnado do espírito muçulmano, como para fazer uma obra espírita, ainda que fantástica, deve-se estar impregnado do espírito do Espiritismo. Enfim, é preciso que, lendo um romance espírita, os espíritas possam reconhecer-se, como os árabes deverão reconhecer-se num romance árabe e poder dizer: é isto. Mas nem uns, nem outros se reconhecerão se usarem disfarces; seu autor terá feito uma obra grotesca, exatamente como se um pintor pintasse mulheres francesas em costumes chineses.

Essas reflexões nos são sugeridas a propósito do romance-folhetim que neste momento o Sr. Théophile Gautier publica no grande *Moniteur*, sob o título de *Espírita*. Não temos a honra de conhecer pessoalmente o autor; não sabemos quais as suas convicções ou seus conhecimentos a respeito do Espiritismo; sua obra, que ainda está debutando, não permite ver a sua conclusão. Diremos apenas que se ele não encarasse o seu assunto senão sob um único ponto de vista – o das manifestações – desprezando o lado filosófico e moral da doutrina, não corresponderia à idéia geral e complexa que o seu título abarca, muito embora o nome *Espírita* seja o de um de seus personagens. Se os fatos que ele imagina, para a necessidade da ação, não se encerrassem nos limites traçados pela experiência; se os apresentasse como se passando em condições inadmissíveis, sua obra faltaria

com a verdade e faria supor que os espíritas crêem nas maravilhas dos contos das *Mil e uma Noites*. Se atribuísse aos espíritas práticas e crenças que estes *desaprovam*, ela não seria imparcial e, sob esse ponto de vista, não seria uma obra literária séria.

A Doutrina Espírita não é secreta, como a da maçonaria. Não tem mistérios para ninguém e se expõe à luz da publicidade; ela não é mística, nem abstrata, nem ambígua, mas clara e ao alcance de todos; nada tendo de alegórico, nem pode ser motivo de equívocos, nem de falsas interpretações; diz claramente o que admite e o que não admite; os fenômenos cuja possibilidade reconhece não são sobrenaturais nem maravilhosos, mas fundados nas leis da Natureza, de sorte que nem faz milagres, nem prodígios. Aquele, pois, que não a conhece, ou que se engana quanto às suas tendências, é porque não quer dar-se ao trabalho de a conhecer. Esta clareza e esta vulgarização dos princípios espíritas, que contam aderentes em todos os países e em todas as classes da sociedade, são a mais peremptória refutação às diatribes de seus adversários, porque não há uma só de suas alegações errôneas que não encontre uma resposta categórica. O Espiritismo não pode senão ganhar em ser conhecido, e é o que trabalham, sem o querer, os que julgam aniquilá-lo por ataques desprovidos de qualquer argumento sério. Os desvios de conveniência na linguagem produzem um efeito inteiramente contrário ao que se propõe; o público os aprecia, e não é em favor dos que se permitem a tanto; quanto mais violenta a agressão, tanto mais gente é levada a se informar da verdade, e isto até mesmo nas fileiras da literatura hostil. A calma dos espíritas diante desse motim; o sangue-frio e a dignidade que conservaram em suas respostas, fazem com a acrimônia dos antagonistas um contraste que choca até os indiferentes e lançaram incertezas nas fileiras opostas, que hoje contam algumas deserções.

O romance espírita pode ser considerado como uma transição passageira entre a negação e a afirmação. É preciso coragem real para afrontar e desafiar o ridículo que se liga às idéias novas, mas essa coragem vem com a convicção. Mais tarde –

estamos convencidos – das fileiras de nossos adversários da imprensa sairão campeões sérios da doutrina.

Quando as tendências da obra do Sr. Théophile Gautier estiverem mais bem delineadas, far-lhe-emos nossa apreciação do ponto de vista da verdade espírita.

As reflexões acima naturalmente se aplicam às obras do mesmo gênero sobre o magnetismo e o sonambulismo. Ultimamente a *dupla vista* forneceu ao Sr. *Élie Berthet* assunto para um romance muito interessante, publicado pelo *Siècle*, e que, ao talento de escritor, alia o mérito da exatidão. Incontestavelmente o autor deve ter feito um estudo sério dessa faculdade; para descrevê-la como o faz, é preciso ter visto e observado. Não obstante, poder-se-ia censurar-lhe um certo exagero na extensão que dá em alguns casos. Outro erro, em nossa opinião, é apresentá-la como uma doença. Ora, uma faculdade natural, seja ela qual for, pode coincidir com um estado patológico, mas, por si só, não é uma doença, e a prova disto é que uma porção de pessoas dotadas da dupla vista no mais alto grau, gozam de perfeita saúde. A heroína é aqui uma jovem tuberculosa e cataléptica: esse o seu verdadeiro mal. A faculdade de que goza causou desgraça pelos enganos que se seguiram, razão por que deplora o dom funesto que recebeu. Mas esse dom só foi *funesto* por ignorância, inexperiência e imprudência dos que dele se serviram desastrosamente. Deste ponto de vista não há uma só de nossas faculdades que não possa tornar-se um presente funesto, pelo mau uso ou pelas falsas aplicações que dela possam fazer.

Feitas estas ressalvas, diremos que o fenômeno é descrito com perfeição. É bem essa visão da alma desprendida, que não conhece distâncias, que penetra a matéria como um raio de luz penetra os corpos transparentes, e que é a prova patente e visível da existência e da independência do princípio espiritual; é bem mais o quadro da estranha transfiguração que se opera no êxtase, dessa prodigiosa lucidez que confunde por sua precisão em certos casos,

e que desorienta pelas ilusões que às vezes produz. Nos atores do drama, é a pintura mais verdadeira dos sentimentos que agitam os crentes, os incrédulos, os indecisos e os aturdidos. Há um médico que flutua entre o cepticismo e a crença, mas, como homem de bom-senso, que não crê que a Ciência tenha dito a última palavra, observa, estuda e constata os fatos. Sua conduta durante as crises da jovem atesta sua prudência. Há também o descrédito dos exploradores, que aí são justamente fustigados.

O autor teria feito uma obra incompleta se tivesse negligenciado o lado moral da questão. Seu objetivo não é excitar a curiosidade com fatos extraordinários, mas lhes deduzir as conseqüências úteis e práticas. Entre outros, um episódio prova que ele compreendeu perfeitamente esta parte de seu programa.

A jovem vidente descobre num subterrâneo importantes papéis, que devem pôr termo a um grave processo de família. Descreve os lugares e as circunstâncias com minúcias. As escavações, feitas conforme suas indicações, provam que viu muito bem. Encontram os papéis e o processo é anulado. Notemos de passagem que ela fez essa descoberta espontaneamente, atraída pelo interesse que liga à família e não por solicitações. O título principal consistia de uma carta em estilo antigo, da qual faz a leitura *textual e completa* com tanta facilidade quanto se a tivesse sob os olhos. É aí, sobretudo, que sua faculdade nos parece um pouco exagerada.

Mais adiante ela vê outro subterrâneo, onde estão imensos tesouros, cuja origem explica. Para lá chegar é preciso atravessar outro jazigo, cheio de restos humanos, restos mortais de numerosas vítimas dos tempos do feudalismo. Até aí, nada que não seja provável; o que não o é absolutamente, é que as almas dessas vítimas aí tenham ficado encerradas há séculos e possam erguer-se ameaçadoras ante os que viessem perturbar seu sombrio repouso, à busca de um tesouro; aí está o fantástico. Se fossem os carrascos, nada de surpreendente. Sabemos, por numerosos exemplos, que tal

é, muitas vezes, o castigo *temporário* dos culpados condenados a ficar no mesmo lugar e em presença de seus crimes, até que, tocados pelo arrependimento, elevem o pensamento a Deus, para implorar sua misericórdia. Mas aqui são as vítimas inocentes que seriam punidas, o que não é racional.

O proprietário do castelo, velho avaro, atraído pela descoberta dos papéis, quer continuar as escavações. Elas são difíceis, perigosas para os operários, mas nada o detém. Em vão a vidente lhe suplica que renuncie; prediz que, se persistir, sobrevirá desgraça. Aliás, acrescenta ela, não o conseguireis. – Então esses tesouros não existem? diz o avaro. – Existem tais quais os descrevi, garanto; mas, ainda uma vez, lá não chegareis. – E quem mo impedirá? – As almas que estão no jazigo que é preciso atravessar.

O velho avaro, céptico endurecido, admitia perfeitamente a vista extracorpórea da moça, mesmo sem compreender bem, porque acabava de ter uma prova à sua custa: a dos papéis encontrados, embora não correspondessem às suas pretensões no processo; mas acreditava mais no dinheiro que nas forças invisíveis. E continua: Com que direito se oporão? Esses tesouros me pertencem, já que estão em minha propriedade. – Não; um dia serão facilmente descobertos por quem deve desfrutá-los; mas não é a vós que estão destinados. Por isso não o conseguireis. Repito: se persistirdes, sobrevirá uma desgraça.

Eis o lado essencialmente moral, instrutivo e verdadeiro do relato. Essas palavras parecem tomadas de *O Livro dos Médiuns*, no artigo sobre o concurso dos Espíritos para a descoberta dos tesouros: “Se a Providência destina tesouros ocultos a alguém, esse os achará *naturalmente*; de outra forma, não.” (Capítulo XXVI, nº 295.) Com efeito, não há exemplo de que Espíritos ou sonâmbulos tenham facilitado tais descobertas, assim como a recuperação de heranças, e todos os que, embalados por esta esperança, fizeram semelhantes tentativas, perderam tempo e

dinheiro. Tristes e cruéis decepções aguardam os que firmam a esperança de enriquecimento por semelhantes meios. Não é missão dos Espíritos favorecer a cupidez e nos proporcionar riqueza sem trabalho, o que não seria justo nem moral. Sem dúvida o sonâmbulo lúcido vê, mas o que lhe é permitido ver, e os Espíritos podem, conforme as circunstâncias e por ordem superior, obliterar a sua lucidez, ou interpor obstáculos à realização das coisas que não estão nos desígnios da Providência. No caso de que se trata, foi permitido encontrar os papéis, que deviam pôr um termo às dissensões de família, e não para achar tesouros, que só serviriam para a satisfação da cupidez. Eis por que o velho avaro pereceu, vítima de sua obstinação.

As terríveis peripécias do drama imaginado pelo Sr. Élie Berthet não são tão fantásticas quanto se poderia imaginar. Lembram as mais reais, sofridas pelo Sr. Borreau, de Niort, em pesquisas da mesma natureza, e cujo emocionante relato se acha em sua brochura, intitulada: *Como e por que me tornei espírita*. (Vide nosso relato na *Revista* de dezembro de 1864.)

Uma outra instrução, não menos importante, ressalta do livro do Sr. Élie Berthet. A moça viu coisas positivas, e em outra circunstância grave engana-se, atribuindo um crime a uma pessoa inocente. Que conseqüência daí tira o autor? É a negação da faculdade? Não, pois que, ao lado disto, ele a prova e chega a esta conclusão, justificada pela experiência: a mais comprovada lucidez não é infalível e nela não se poderia confiar de maneira absoluta, sem controle. A visão, pela alma, de coisas que o corpo não pode ver, prova a existência da alma; já é um resultado muito importante. Mas ela não é dada para a satisfação das paixões humanas.

Por que, então, a alma, em seu estado de emancipação, não vê sempre certo? É que, sendo o homem ainda imperfeito, sua alma não pode gozar das prerrogativas da perfeição. Conquanto isolada, ela participa das influências materiais, até sua completa depuração. Sendo assim com as almas desencarnadas ou Espíritos,

com mais forte razão com as que ainda estão ligadas à vida corporal. Eis o que faz conhecer o Espiritismo aos que se dão ao trabalho de o estudar.

Modo de Protesto de um Espírita contra os Ataques de certos Jornais

Um de nossos correspondentes nos escreve o seguinte:

“Eis o que escrevi, há dois anos, ao Sr. Nefftzer, diretor do jornal *Le Temps*:

“Eu era assinante de vosso jornal, cujas tendências e opiniões me eram simpáticas. É, pois, com pesar que não prossigo a assinatura. Permitti vos dê os motivos. Em vosso número de 3 de junho, vos esforçáveis em lançar o ridículo sobre o Espiritismo e os espíritas, narrando uma história mais ou menos autêntica, sem citar nomes, datas e lugares, o que é cômodo. Procuráveis estabelecer, tema hoje obrigatório dos materialistas, incomodados imensamente pelo Espiritismo, que essa crença leva à loucura. Sem dúvida, espíritos fracos, já tendo tendências para uma perturbação das faculdades cerebrais, puderam perder a cabeça inteiramente, ao se ocuparem do Espiritismo, como lhes teria acontecido sem isto, e como acontece aos que se ocupam de Química, de Física ou de Astronomia, e mesmo a escritores que não acreditam nos Espíritos. Também não nego que não haja charlatães que exploram o Espiritismo, porque qual a ciência que possa escapar ao charlatanismo? Não temos charlatães literários, industriais, agrícolas, militares, políticos, sobretudo destes últimos? Mas concluir daí contra o Espiritismo em geral é pouco lógico e pouco sensato. Antes de lançar uma acusação dessa natureza, seria preciso, ao menos, conhecer a coisa de que se fala; no mais das vezes, porém, é a menor preocupação de quem escreve. Cortam e decidem a torto e a direito, o que é mais fácil do que aprofundar e aprender.

“Se alguma vez experimentardes grandes desgraças, vivas dores, crede-me, senhor, estudai o Espiritismo; somente nele encontrareis a consolação e as verdades que vos farão suportar vossos desgostos, vossos desenganos ou vossos desesperos, o que será preferível ao suicídio. Que nos querieis dar mais que esta bela e consoladora filosofia cristã? O culto dos interesses materiais, do bezerro de ouro? É talvez o que convém ao temperamento da generalidade dos felizardos de hoje, mas é preciso outra coisa para os que não mais querem o fanatismo, a superstição, as práticas ridículas e grosseiras da Idade Média, nem o ateísmo, o panteísmo e a incredulidade sistemática dos séculos dezoito e dezenove.

“Permiti-me, senhor, vos aconselhar a ser mais prudente em vossas diatribes contra o Espiritismo, porque hoje elas se dirigem, só na França, a algo em torno de trezentas ou quatrocentas mil pessoas.”

Blanc de Lalésie

Proprietário em Genouilly, perto de Joncy (Saône-et-Loire)

“Há poucos dias os jornais nos informaram da morte do filho único do Sr. Nefftzer. Não sei se essa desgraça o terá feito lembrar-se de minha carta.

“Acabo de enviar ao Sr. Émile Aucante, administrador do jornal *Univers illustré*, a seguinte carta:

“Há dezoito meses sou assinante do *Univers illustré* e, desde essa época, quase não há números em que o vosso cronista, sob o pseudônimo de Gérôme, não tenha julgado útil, para ocupar sua pena, zombar do Espiritismo e dos espíritas de todos os modos possíveis. Até aí essa diversão, um tanto fastidiosa por sua freqüência, é muito inocente: O Espiritismo não vai mal por isto. Mas o Sr. Gérôme, sem dúvida percebendo que pouco se inquietam com suas pilhérias, muda de linguagem e, no número de 7 de outubro, trata todos os espíritas, em bloco, de idiotas; da zombaria passa à injúria e não teme insultar milhares de pessoas tão

instruídas, tão esclarecidas e tão inteligentes quanto ele, porque crêem ter uma alma imortal e pensam que essa alma, numa outra vida, será recompensada ou punida conforme seus méritos ou deméritos. O Sr. Gérôme não tem semelhantes preconceitos. Irra! Sem dúvida crê que come, bebe, reproduz sua espécie, nem mais nem menos do que meu cachorro ou meu cavalo. Rendo-lhe meus cumprimentos.

“Se o Sr. Gérôme se dignasse receber um conselho, eu me permitiria exortá-lo a só falar de coisas que conhece e a calar-se em relação às que não conhece ou, pelo menos, a estudá-las, o que lhe seria fácil, com sua alta e incontestável inteligência. Ele aprenderia aquilo que certamente nem desconfia: que o Espiritismo é o Cristianismo desenvolvido, e que as manifestações dos Espíritos são de todos os tempos e nada representam para a doutrina, que não deixaria de existir, com ou sem manifestações.

“Mas, por que falo de Espíritos a um homem que só acredita no seu e talvez ignore se tem uma alma? Que o Sr. Gérôme seja envolvido na bandeira do materialismo, do panteísmo ou do paganismo – este último seria melhor, porque nele ao menos se acreditava na existência da alma e da vida futura – pouco importa! Mas que ele saiba, respeitando-se a si mesmo, respeitar a crença de seus leitores. É evidente que não me seria possível continuar dando dinheiro para me deixar insultar; se essas injúrias continuarem, deixarei de ser vosso assinante...”

O Sr. de Lalésie é modesto ao avaliar o número de espíritas da França em trezentos ou quatrocentos mil. Teria podido dobrar esta cifra sem cometer exagero e ainda estaria muito abaixo dos cálculos do autor de uma brochura que pretendia pulverizar-nos e a elevava a vinte milhões. Aliás, um recenseamento exato dos espíritas é coisa impossível, uma vez que não estão arregimentados, nem formam uma corporação, uma afiliação ou uma congregação, cujos membros são registrados e podem ser contados.

O Espiritismo é uma crença. Quem quer que creia na existência e na sobrevivência das almas e na possibilidade das relações entre os homens e o mundo espiritual, é espírita, e muitos o são intuitivamente, sem jamais terem ouvido falar de Espiritismo nem de médiuns. É-se espírita por convicção, como outros são incrédulos; para isto, não basta fazer parte de uma sociedade, e a prova é que nem a milésima parte dos adeptos freqüentam as reuniões. Para fazer a sua contagem não há nenhum registro-matrícula a consultar; seria preciso fazer um inquérito junto a cada indivíduo e lhe perguntar o que pensa. Através da conversa se descobrem, todos os dias, pessoas simpáticas à idéia e que, só por isto, são espíritas, sem que haja necessidade de possuir diploma ou de fazer um ato público qualquer. Seu número cresce diariamente; o fato é constatado por nossos próprios adversários, que reconhecem com pavor que esta crença invade todas as camadas da sociedade, de alto a baixo da escala. É, pois, uma opinião com a qual se deve contar hoje, e que tem a particularidade de não se circunscrever a uma classe, nem a uma casta, nem a uma seita, nem a uma nação, nem a um partido político. Tem representantes em toda parte, nas letras, nas artes, nas ciências, na Medicina, na magistratura, na ordem dos advogados, no exército, no comércio, etc.

Na França o número de espíritas seguramente ultrapassa de muito o dos assinantes de todos os jornais de Paris. É evidente que eles entram em notável parte entre os mesmos assinantes. É, pois, a estes que pagam que os senhores jornalistas dizem injúrias. Ora, como diz com razão o Sr. de Lalésie, não é agradável dar seu dinheiro para ser ridicularizado e injuriado. Por isto cancelou a assinatura dos jornais onde se via maltratado em sua crença, e ninguém deixará de achar muito lógica sua maneira de agir.

Significa dizer que para agradar os espíritas os jornais devem adotar suas idéias? Absolutamente. Todos os dias eles discutem opiniões de que não partilham, mas não injuriam os que as professam. Esses escritores não são judeus e, no entanto, não se

permitted lançar o anátema e o desprezo sobre os judeus em geral, nem ridicularizar sua crença. Por que isto? Porque, dizem, deve-se respeitar a liberdade de consciência. Por que, então, não existiria essa liberdade para os espíritas? Não são cidadãos como todo o mundo? Reclamam exceções e privilégios? Só pedem uma coisa: direito de pensar como entenderem. Os que inscrevem em sua bandeira: Liberdade, igualdade, fraternidade, queriam então criar na França uma classe de párias?

Como o Espiritismo vem sem ser Procurado

JOVEM CAMPONESA MÉDIUM INCONSCIENTE

É um fato constatado pela experiência que os Espíritos agem sobre as pessoas mais estranhas às idéias espíritas, mau grado seu. Já citamos vários exemplos nesta revista. Não conhecemos um só gênero de mediunidade que não se tenha revelado espontaneamente, mesmo o da escrita. Como explicariam o fato seguinte os que atribuem essas manifestações ao efeito da imaginação ou da fraude?

Neste tempo de epidemia moral, a cidadezinha de E..., no Departamento do Aube, tinha sido favorecida para ser preservada do flagelo do Espiritismo. O próprio nome dessa obra satânica jamais havia ferido o ouvido de seus tranquilos habitantes, graças, sem dúvida, ao cura do lugar, que julgara por bem não pregar contra. Mas quem conta sem seu hóspede, conta duas vezes; não contaram com os Espíritos, que não precisam de permissão. Ora, eis o que aconteceu há cerca de quatro meses.

Naquele vilarejo há uma mocinha de dezessete anos, quase iletrada, filha de um pobre e honesto cultivador; diariamente ela vai trabalhar nos campos. Voltando certo dia à sua choupana foi tomada de completa perturbação; depois, teve a idéia de

escrever, ela que não escrevia desde que saíra da escola. Escrever o quê? Não sabia nada, mas queria escrever. Outra idéia não menos bizarra veio-lhe à mente, a de procurar um lápis, embora soubesse perfeitamente que não havia nenhum em sua cabana, e nem mesmo uma folha de papel.

Enquanto procurava dar-se conta da incoerência de suas idéias, esforçando-se por afastá-las, avistou na lareira um tição carbonizado; sentiu uma atração irresistível para o pegar, mas, guiada por uma força invisível, avançou para a parede caiada. De repente seu braço ergueu-se maquinalmente e traçou na parede, em caracteres bem legíveis, esta frase: “Arranja papel e penas para corresponder-te com os Espíritos.”

E, coisa singular, embora jamais tivesse ouvido falar de manifestação de Espíritos, não ficou surpresa com o que acabava de se passar. Preveniu seu pai, que falou do caso a um amigo, humilde camponês como ele, mas dotado de grande perspicácia. Este veio com prudência constatar o fato; depois, como espírita experiente, embora tão ignorante do assunto quanto a moça, fez perguntas ao Espírito que se tinha manifestado e que assina o nome de um general russo. Este último os convidou a se dirigirem aos espíritos de Troyes para ter instruções mais completas, o que fizeram. Desde então a jovem é médium escrevente e, além disso, obtém efeitos físicos muito notáveis. Formou-se um grupo espírita no vilarejo, e eis como o Espiritismo vem, gostem ou não, sem ser solicitado.

A carta de nosso correspondente, relatando este fato, termina dizendo: “Não se diria que, quanto mais os trocistas se empenham em enganar-se a si próprios, a Providência, como se os quisesse confundir, faz jorrar diariamente manifestações que desafiam todas as negações e todas as interpretações da incredulidade?”

A propósito, a Sociedade de Paris recebeu a seguinte comunicação:

(Sociedade de Paris, 27 de novembro de 1865 – Médiun: Sr. Morin)

O poder de Deus é infinito, e ele se serve de todos os meios para fazer triunfar uma doutrina que está em tudo. Passou-se aqui um duplo fenômeno, cuja explicação tentarei vos dar.

A jovem camponesa foi subitamente envolvida por um fluído poderoso que a obrigou a abandonar momentaneamente suas ocupações diárias. Antes da manifestação do fenômeno, houve a preparação da paciente, que foi magnetizada e levada, pela vontade do Espírito, a procurar um instrumento que sabia não existir na casa. Quando se curvava sobre a lareira para retirar o carvão, que devia substituir o lápis ausente, apenas realizava um movimento que lhe era imprimido pelo Espírito. Nem era o seu instinto, nem a sua inteligência, que agia, mas o próprio Espírito, que se servia da jovem como de um instrumento apropriado ao seu fluído. Até aí ela não era, propriamente falando, médium; só depois do primeiro aviso ela escreveu e realmente se tornou médium, não sendo mais dominada pelo Espírito que a forçava a agir. A partir desse momento a mediunidade tornou-se semimecânica, isto é, ela sabia e compreendia o que escrevia, mas não podia explicá-lo verbalmente. Depois os efeitos físicos se manifestaram com tal força que toda idéia de embuste devia ser excluída. Nada tinha vindo demonstrar essa aptidão para os efeitos físicos, antes dos primeiros fenômenos. Se esses efeitos tivessem sido os primeiros a revelar a mediunidade, poderiam ter sido desnaturados pela superstição. O homem que, como um espírito consumado, fazia as perguntas ao Espírito, era, ele próprio, conduzido por uma força da mesma natureza que a que impelia o médium a escrever. Esta força, cuja origem ele não podia compreender, dobrava o seu poder evocativo, unindo o seu desejo de saber à lembrança das baladas supersticiosas, que faziam falar e aparecer a alma dos mortos. Só um estudo sério dos princípios da doutrina pode fazer que esses novos adeptos compreendam o lado real, positivo e natural da coisa, afastando o que aí pudessem ver de sobrenatural e de maravilhoso.

Eis, pois, os dois principais atores desses fatos que, mau grado seu, representaram o seu papel. No que se passou, serviram de instrumentos tanto mais potentes quanto eram ignorantes e sem idéias preconcebidas.

Como vedes, meus amigos, tudo concorre para fazer resplandecer a luz, e os mais iletrados podem dar lições aos mais sábios.

(O guia do médium)

Um Camponês Filósofo

Decididamente o Espiritismo invade os campos. Os Espíritos querem provar sua existência tomando seus instrumentos em toda parte, mesmo fora do círculo dos adeptos, o que destrói qualquer suposição de conivência. Acabamos de ver a doutrina implantada num vilarejo do Aube, entre simples cultivadores, por uma manifestação espontânea. Eis um fato ainda mais notável, sob outro ponto de vista. O Sr. Delanne, nosso colega, escreve-nos o que segue:

“...Durante as poucas horas que passei no vilarejo onde educam meu filho, um vinhateiro me deu duas brochuras que havia publicado sob esse título: *Idéias filosóficas naturais e espontâneas sobre a existência em geral, a partir do princípio absoluto até o fim dos fins, da causa primeira até o infinito*, pelo pai Chevelle, de Joinville (Haute-Marne): A primeira tem por objeto *Deus, os anjos, a alma do homem, a alma animal ou instintiva; a segunda: as forças físicas, os elementos, a organização, o movimento*³².

32 Duas brochuras, grande in-12. Preço: 1 fr. cada, na casa do autor, em Joinville (Haute-Marne); em Bar-le-Duc, na casa Numa Rolin. – O autor anuncia que completará seu trabalho com cinco outras brochuras, que farão, ao todo, um volume.

“Conforme esse título pomposo e os graves assuntos que abarca, pensareis tratar-se de um homem que empalideceu sobre os livros durante toda a sua vida. Desenganai-vos; esse filósofo metafísico é um humilde artesão, um verdadeiro filósofo de tamancos, pois vai, pelos vilarejos, vender legumes e outros produtos agrícolas.”

Eis algumas passagens de seu prefácio:

“Empreendi esta obra porque pensei que seria de alguma utilidade para o público. O homem se deve aos seus semelhantes; não é sua condição viver isolado e a sociedade tem direito de reclamar de cada indivíduo a comunicação de seus conhecimentos; o egoísmo é um vício intolerável.

“A obra é inteiramente minha; não fui ajudado nem secundado por ninguém; nada copiei de alguém; é o fruto das meditações de toda a minha vida... Numerosas dificuldades se opuseram à execução de minha empresa; não as dissimulei. Para mim a miséria era a pior de todas; ela me impedia de agir, não me deixando tempo; sempre a suporrei sem me lamentar; tinha aprendido o segredo de viver feliz sem fortuna, e esse segredo é sempre o meu melhor recurso.

“...Dei minhas idéias, porque as escrevi à medida que me vinham, naturalmente, espontaneamente, conforme me chegavam pela reflexão e pela meditação.

“...Em filosofia não se demonstram todas as existências por cálculos matemáticos; não se medem os Espíritos com um metro e não se os olham ao microscópio.

“...Não se deve esperar encontrar em meu livro um estilo requintado, extremamente brilhante. Não fiz cursos; apenas fui à escola de meu vilarejo. Quando a gente aprendia as preces em latim e recitava bem o catecismo, já se era sábio o bastante.

“...Naqueles tempos, era-se extremamente instruído quando se sabia fazer as quatro operações; vinham procurar-nos para medir os campos. Com dez anos eu era o primeiro da escola e meu velho pai sentia-se orgulhoso ao ver que vinham me procurar para achar o lugar onde deviam plantar um marco, ou escrever um bilhete ou recibo.

“Tenho, pois, o direito de pedir desculpas aos leitores, pela trivialidade de minha linguagem: não aprendi as regras da retórica e creio que o título de minha obra convém: Idéias naturais.

“Íamos à escola de Todos os Santos até a Páscoa, e ficávamos em férias da Páscoa até Todos os Santos. Mas como meu pai, por mais pobre que fosse, não tinha medo de gastar alguns vinténs para me comprar livros, eu aprendia muito mais nos seis meses de férias, do que esquecia nos seis meses de aula.”

Eis agora alguns fragmentos do capítulo sobre Deus:

“Deus é o único que pode dizer: Eu sou aquele que é; é um e é tudo; tudo existe dele, nele e por ele e nada pode existir sem ele e fora dele; Ele é uno e, todavia, produziu o múltiplo e o divisível, um e outro ao infinito... Se eu pudesse bem definir Deus, eu seria deus; mas não pode haver dois deuses.

“Deus é um todo infinito, indivisível, eterno, imutável; não tem limites no pequeno nem no grande... Um minuto e cem mil anos ou cem mil séculos são a mesma coisa para Deus; a eternidade não admite partilha; para ele não há passado nem futuro, *é um eterno presente; para Deus o passado ainda é e o futuro já é*; ele vê todos os tempos de uma vez; *não há ontem nem amanhã*; e, falando de seu filho, disse: eu vos gerei hoje.

“A eternidade não se mede, como não se mede o infinito do espaço; são dois abismos onde não podemos chegar senão pela abstração, e aí nos perderíamos se os quiséssemos penetrar; são florestas virgens sem atalhos. Em lá chegando, somos forçados a parar.

“Deus não pode dispensar-se de criar; seria apenas um Deus sem ação se não criasse e sua glória só seria para si próprio. Monotonia impossível. Deus cria eternamente; o começo da Criação, tomado no infinito, deve continuar ao infinito.

“...Era preciso que criasse inteligências livres, porquanto, qual seria a existência dos seres que pensam, se não lhes fosse permitido pensar livremente? Onde estaria a glória de Deus, se suas criaturas não fossem livres de julgar dele? Seria o mesmo que ter ficado só; a adoração que elas lhe rendessem não passaria de uma quimera, de uma comédia dirigida para ele e por ele; ele teria sido o único espectador e o único ator.

“Para a glória de Deus, então, teria sido uma necessidade absoluta que as inteligências tivessem sido criadas absolutamente livres, com direito de julgar seu autor, de se conduzirem, no bem ou no mal, como quisessem. Era preciso que o mal fosse permitido para que o bem existisse; é impossível que um seja conhecido sem que se veja o outro.

“Mas, ao mesmo tempo que Deus dá o livre-arbítrio às inteligências, também lhes dá esse foro íntimo, esse sentimento intelectual de sua liberdade de pensar, esse ato do espírito livre, que chamamos consciência, tribunal individual que adverte cada existência livre do valor de sua ação. Ninguém faz o mal sem o saber; só a vontade faz o pecado.

“Também temos razões para presumir que os Espíritos ou anjos têm alguma parte no governo universal, pois foi recebido como dogma de fé que os homens são guardados pelos anjos e que cada um de nós tem seu anjo-guarda.

“As inteligências, ou Espíritos desprendidos da matéria, bem podem ter, algumas vezes, influência sobre o espírito do homem. Quantas pessoas tiveram revelações que se realizaram, como Joana d’Arc e tantas outras de que falam os livros de História que li e que se podem encontrar. Mas não preciso saber de memória para lhes citar as passagens; busco as revelações em mim mesmo, e não alhures.

“Até o momento que minha irmã mais velha morreu de cólera em Midrevay (Vosges), eu não tinha ouvido falar da existência de cólera em parte alguma. Não fazia a menor idéia de que minha irmã estivesse doente; eu a tinha visto mais saudável que nunca, não havendo, pois, qualquer motivo para me preocupar com ela. Eu a vi em sonho em minha casa, em Joinville: – ‘Meu Joseph, venho dizer-te que morri; sabes que sempre te amei muito, e eu mesma quis trazer-te a notícia de minha volta ao outro mundo.’ No dia seguinte o carteiro trouxe uma carta anunciando a morte de minha irmã.

“Ao receber a carta tarjada de negro, disse à minha mulher: ‘Conheces o sonho que te contei ontem; quem sabe não esteja aqui a realidade?’ Eu não me enganava.

“Algumas vezes tive visões, às quais só dei atenção quando se realizaram, mesmo que muito tempo depois. Nesses momentos eu não dormia; estava bem desperto, trabalhando. Isto me aconteceu umas três ou quatro vezes no curso de minha vida; delas só me lembro vagamente, mas tenho certeza. Não sou o único que tenha tido revelações mentais; outros provarão que tenho razão, o que talvez já foi provado.

“A alma animal não pode ser senão individual e, por conseguinte, indecomponível; portanto, a alma animal não morre. Já pensaram nela antes de mim e foi isto que motivou a doutrina da metempsicose. Se existe a metempsicose, só poderia ser entre indivíduos da mesma espécie: a alma vital ou animal de um mamífero não pode passar a uma árvore.

“No que concerne à inteligência humana, é impossível que ela passe ao corpo de um animal; aí não poderia agir, pois a constituição física do animal não pode servir de habitação à inteligência humana, embora hajam assegurado que demônios se uniram e possuíram animais. Não posso acreditar que, em semelhantes organizações, eles possam fazer algo de razoável; já não lhes seria possível falar; não poderiam aniquilar o instinto, que agiria sempre, por bem ou por mal; é uma das leis estabelecidas pelo Criador; estas seriam indignas dele se se pudesse interrogá-las, se fosse possível modificá-las. Os feixes nervosos, ou, como dissemos acima, as estações telegráficas desta espécie não podem ser dirigidas pela inteligência.

“Nestes últimos tempos tem-se falado muito do Espiritismo; algumas pessoas me dizem que este capítulo tem muitas relações com ele. Mas se assim é, será por puro acaso, pois é uma obra que jamais li, e da qual jamais ouvi falar uma só frase.”

Eis agora as reflexões do autor sobre a Criação:

“Todos os geólogos, todos os naturalistas estão de acordo que os dias de Deus não eram como os nossos, que são regulados pelo Sol. Com efeito, os dias de Deus na Criação não podiam ser regulados pelo Sol, porque, segundo os textos das Escrituras Sagradas, o Sol ainda não tinha sido criado, ou não aparecia; daí a palavra que nas santas escrituras, na linguagem em que estas foram escritas, tanto significa dia quanto significa tempo. Assim, o erro bem pode ser dos tradutores, que deveriam ter dito em seis tempos, em vez de em seis dias; e, depois, por que quereríamos fazer os dias de Deus tão curtos quanto os nossos, ele que é eterno?

“Não que eu queira dizer que Deus não pudesse ter criado o mundo em seis dias, cada um de vinte e quatro horas, e que cada um desses anos valesse centenas de milhares de nossos anos. Se eu quisesse entendê-lo assim, estaria em contradição comigo mesmo, porque, em meu primeiro volume, eu disse que um minuto, cem mil anos ou cem mil séculos eram a mesma coisa para Deus.

“Embora Deus só tenha disposto de um dia para cada criação indicada no Gênesis, entre cada um desses dias talvez houvesse milhões de anos e, mesmo, de séculos.

“Quando se examinam as camadas da terra e como foram formadas, chamamos essas diferentes revoluções de épocas; as provas físicas lá estão, pois esses depósitos não ocorreram em vinte e quatro horas.

“Querem tomar muito ao pé da letra as Escrituras Santas; elas são verdadeiras, mas é preciso saber compreendê-las. Não se trata de fazer como esses israelitas que se deixaram degolar, não ousando defender-se porque era dia de sábado. Se quisessem matar-me num domingo, eu não aguardaria segunda-feira para me defender. Só há sete dias na semana para nós; Deus não tem senão um dia ao todo, e esse dia não tem começo nem fim; para o nosso bem ele quer que repousemos um dia por semana, mas jamais repousa, nunca dorme e sua ação é incessante.

“Nossos dias não passam do aparecimento e do desaparecimento do outro que nos alumia; quando o Sol se deita para nós, levanta-se para outros povos; em todas as horas do dia ou da noite ele se ergue, brilha no zênite ou se deita. E quando as neves, os gelos e as geadas nos fazem ficar ao pé do fogo, há outros povos que colhem flores e frutas. E, depois, só há um mundo, só há um Sol; todas as estrelas que vemos são sóis que iluminam os mundos como o nosso, e talvez mais perfeitos que o nosso. Deus é o autor de todos esses mundos e de muitos outros que não vemos; assim, os seis dias da Criação são seis épocas que duraram mais ou menos tempo, e que foram chamados dias para se porem ao alcance de nossa maneira de ver.”

Lemos com atenção as duas brochuras do pai Chevelle, e certamente deveríamos contradizê-lo em vários pontos. Mas as citações que acabamos de fazer não provam menos idéias de alto alcance filosófico e que não são desprovidas de certo caráter de originalidade. Sua obra é uma pequena enciclopédia, porque aí ele trata um pouco de tudo, mesmo das coisas usuais. Anuncia para mais tarde um *Manual do Herborista Médico*, ou *Tratamento das doenças pelo emprego de plantas medicinais indígenas*.

De onde lhe vêm todas essas idéias? Sem dúvida ele leu: isto é evidente. Mas sua posição não lhe permitia ler muito e, aliás, precisava de uma aptidão especial para aproveitar essas leituras e

tratar de assuntos tão abstratos. Viram-se poetas naturais saindo da classe operária, mas é mais raro ver saírem metafísicos sem estudos prévios, e ainda menos da classe dos cultivadores. O pai Chevelle apresenta, no seu gênero, um fenômeno análogo ao desses pastores calculistas, que confundiram a Ciência. Não está aí um sério assunto de estudo? São fatos. Ora, como todo efeito tem uma causa, os sábios procuraram esta causa? Não, porque teria sido preciso sondar as profundezas da alma. E os filósofos espiritualistas? Faltava-lhes a chave, única que lhes podia dar a solução.

A esta questão o cepticismo responde: Bizarria da Natureza; resultado da organização cerebral. O Espiritismo diz: Inteligências largamente desenvolvidas em existências anteriores e que, nada tendo perdido do que haviam adquirido, se refletem na existência atual, servindo tal aquisição de base para novas aquisições.

Mas por que essas inteligências, que deveriam ter brilhado numa esfera social elevada, estão hoje relegadas às classes mais inferiores? Outro problema não menos insolúvel sem a chave fornecida pelo Espiritismo. Diz este: provas ou expiações voluntárias escolhidas por essas mesmas inteligências que, em vista de seu adiantamento moral, quiseram nascer num meio ínfimo, fosse por humildade, fosse para adquirir conhecimentos práticos que lhes serão aproveitados em outra existência. A Providência permite que assim seja para sua própria instrução e para a dos homens, pondo estes no caminho da origem das faculdades pela pluralidade das existências.

Tendo sido referidos na Sociedade Espírita de Paris, estes fatos ensejaram a seguinte comunicação:

(Sociedade de Paris, 10 de novembro de 1865 – Médiun: Sra. Breul)

Meus caros amigos, na leitura feita por vosso presidente, de diversos fatos relatados por vosso irmão Delanne, vistes que um notável trabalho filosófico foi dado a lume por um

simples camponês dos Vosges. Não é aqui o lugar para constatar quantos prodígios se realizam neste momento, a fim de chocar os incrédulos e os sábios do mundo? para confundir esses homens que julgam ter o monopólio da Ciência, e nada querem admitir fora de suas concepções mesquinhas, limitadas pela matéria?

Sim, neste tempo de preparação para a renovação humanitária que os Espíritos do Senhor devem realizar, pode-se reconhecer cada vez mais a verdade destas palavras do Cristo, que os homens pouco compreenderam: *“Graças te dou, meu Pai, Senhor do céu e da terra, por haveres ocultado estas coisas aos sábios e aos poderosos e por as teres revelado aos pequeninos.”*³³

Quando digo sábios, não falo desses homens modestos que, infatigáveis pioneiros da Ciência, fazem a Humanidade avançar, descobrindo-lhe as maravilhas que revelam a bondade e o poder do Criador; mas dos que, enfatuados de seu saber, crêem com muito gosto que não pode existir aquilo que eles não descobriram, patrocinaram e publicaram. Esses serão castigados em seu orgulho, e Deus já permite que sejam confundidos pela superioridade dos trabalhos intelectuais, que saem da pena de homens que estão longe de usar o barrete de doutor.

Como ao tempo do Cristo, que quis honrar e resgatar o trabalhador, escolhendo nascer entre artesãos, os anjos do Senhor agora recrutam seus auxiliares entre os corações simples e honestos, entre homens de boa vontade que exercem as mais humildes profissões.

Compreendi, pois, amigos, que o orgulho é o maior inimigo do vosso adiantamento, e que a humildade e a caridade são as únicas virtudes que agradam a Deus e atraem para o homem esses divinos eflúvios que o ajudam a progredir e dele o fazem aproximar.

Luis de França

Espíritos de Dois Sábios Incrédulos a seus Antigos Amigos da Terra

Quando os mais incrédulos, os mais obstinados transpõem o limiar da vida corporal, são forçados a reconhecer que vivem sempre; que são Espíritos, pois não são mais carnis e, conseqüentemente, há Espíritos; que esses Espíritos se comunicam com os homens, desde que o fazem entre si. Mas a sua apreciação do mundo espiritual varia em razão de seu desenvolvimento moral, de seu saber ou de sua ignorância, da elevação ou da abjeção de sua alma. Quando encarnados, os dois Espíritos de que falamos pertenciam à classe dos homens de ciência e de alta inteligência. Ambos eram incrédulos por natureza; mas, homens esclarecidos, sua incredulidade era compensada por eminentes qualidades morais. Assim, uma vez no mundo dos Espíritos, prontamente encararam as coisas em seu verdadeiro ponto de vista e reconhecem seu erro. Sem dúvida, nada há nisto de extraordinário e que não se veja todos os dias; se publicamos suas primeiras impressões, é por causa do seu lado eminentemente instrutivo. Ambos morreram faz pouco tempo. O primeiro, o Sr. M. L., era cirurgião do hospital B..., e cunhado do Sr. A. Véron, membro da Sociedade Espírita de Paris. O segundo, Sr. Gui, era um sábio economista, amigo íntimo do Sr. Colliez, outro membro da Sociedade.

Inutilmente o Sr. Véron havia tentado trazer o cunhado às idéias espiritualistas; ao morrer, tornou-se mais acessível às suas instruções. Eis uma das primeiras comunicações que dele recebeu:

(Paris, 5 de outubro de 1865 – Médiun: Sr. Desliens)

Meu caro cunhado, uma vez que estamos, a bem dizer, na intimidade, e desde que não receio tomar o lugar de alguém que

vos pudesse ser mais útil que eu, venho com prazer ao vosso apelo, já que me solicitastes.

Não esperéis, desde hoje, ver-me desdobrar todas as minhas faculdades espirituais. Sem dúvida eu poderia tentá-lo, e talvez com mais sucesso do que quando era vivo; mas a minha presunção orgulhosa está muito longe de mim, e se me julgava uma *sumidade* na Terra, aqui sou muito pequeno. Quanta gente que eu desdenhava e cuja proteção e ensinamentos me sinto feliz por encontrar hoje! Os ignorantes daqui de baixo muitas vezes são os sábios lá do alto; e quanto à nossa ciência, que julga tudo saber e nada quer admitir fora de suas decisões, é ilusória e limitada!

Ó orgulho humano! Por força do hábito, quanto tempo ainda ficarás nesta Terra, onde, depois de tantos séculos, o espírito de rotina bloqueia o progresso em sua marcha incessante? “Não conheço o fato; ele está fora de meus conhecimentos; portanto não existe.” Tal o nosso raciocínio aqui em baixo. É que, se o admitíssemos, ou, ao menos, se estudássemos esse fato, resultado de leis desconhecidas, teríamos de renunciar a sistemas errôneos, apoiados em grandes nomes que constituem nossa glória e, pior ainda, obrigados a confessar que nos enganamos.

Não, nós outros negadores encontramos um Galileu universal que nos vem dizer: Eu sou Espírito, estou vivo, fui homem e, vós mesmos, ó homens, fostes Espíritos e vos tornareis como eu, até que, por uma sucessão de encarnações, estejais depurados para subir outros degraus da escala infinita dos mundos... E nós negamos!

Mas, como dizia Galileu, após suas retratações: “E, contudo, se move”, o Espiritismo nos vem dizer: “E, contudo, os Espíritos estão aqui, manifestam-se e nenhuma negação poderia derrubar um fato.” O fato brutal existe; nada se pode contra ele. O tempo, esse grande educador, fará justiça de tudo, varrendo uns, instruindo outros.

Sede dos que se instruem. Fui ceifado na idade madura do meu orgulho e sofri a pena de minhas negações. Evitai minha queda, e que minhas faltas sejam proveitosas aos que imitam meu raciocínio passado, a fim de fugir do abismo de trevas donde vossos cuidados me retiraram.

Como vedes, ainda há perturbação em minha linguagem. Mais tarde poderei falar-vos com mais lógica. Sede indulgentes para com a minha juventude espiritual.

M... L...

Lida esta comunicação na Sociedade de Paris, o Espírito comunicou-se espontaneamente, ditando o seguinte:

(Sociedade de Paris, 20 de outubro de 1865 – Médiun: Sr. Desliens)

Caro senhor Allan Kardec: Permitti a um Espírito, que os vossos estudos levaram a considerar o ser, a existência e Deus sob seu verdadeiro ponto de vista, vos testemunhe o seu reconhecimento. Nesta Terra ignorei vosso nome e vossos trabalhos. Talvez, se me tivessem falado de um e dos outros, eu tivesse usado de minha verve trocista, como fazia com todas as coisas tendentes a provar a existência de um espírito distinto do corpo. Eu estava cego: perdoai-me. Hoje, graças a vós, graças aos ensinamentos que os Espíritos espalharam e vulgarizaram por vossa mão, sou outro ser, tenho consciência de mim mesmo e vejo a minha meta. Quanto reconhecimento não vos devo, a vós e ao Espiritismo! Quem quer que me tenha conhecido e hoje lê o que é a expressão de meu pensamento, exclamará: “Este não pode ser o que conhecemos, aquele materialista radical, que nada admitia fora dos fenômenos brutos da Natureza.” Sem dúvida e, contudo, sou eu mesmo.

Meu caro cunhado, a quem devo sinceros agradecimentos, disse que cheguei a bons sentimentos em pouco tempo. Agradeço-lhe a amenidade a meu respeito; mas sem dúvida

ele ignora quão longas são as horas de sofrimento resultante da inconsciência de se ser!... Eu acreditava no nada e fui punido por um nada fictício. Sentir-se ser e não poder manifestar seu ser; *julgar-se disseminado em todos os restos esparsos que forma o corpo*, tal foi minha posição durante mais de dois meses!... dois séculos!... Ah! as horas de sofrimento são longas; e se não se tivessem ocupado de me tirar dessa lamentável atmosfera de niilismo, se não me tivessem constrangido a vir a essas reuniões de paz e amor, onde eu não compreendia, não via e não ouvia, mas onde fluidos simpáticos agiam sobre mim e me despertavam, pouco a pouco, de meu pesado torpor espiritual, onde estaria eu ainda? meu Deus!... Deus!... que doce nome a pronunciar por quem, durante tanto tempo, empenhou-se em negar esse pai tão grande e tão bom! Ah! meus amigos, moderai-me, porque hoje só temo uma coisa: tornar-me fanático dessas crenças que teria repellido como vis desatinos, se outrora tivessem vindo ao meu conhecimento!...

Nada direi hoje sobre os trabalhos de que vos ocupais; ainda estou muito novo, muito ignorante para ousar aventurar-me em vossas sábias dissertações. Já o sinto mas não sei! Apenas vos direi isto, porque sei: Sim, os fluídos têm uma influência enorme como ação curadora, se não corporal, de que nada sei, pelo menos espiritual, porque experimentei a sua ação. Eu vos disse e repito com alegria e reconhecimento: eu ia, constrangido por uma força invencível, sem dúvida a de meu guia, às reuniões espíritas. Eu não via, nada ouvia e, contudo, uma ação fluídica, que eu não podia atinar, curou-me espiritualmente.

Agradeço de boa vontade a todos que adquiriram direitos eternos ao meu reconhecimento, tirando-me do caos onde eu havia caído, e vos peço, meus amigos, a bondade de me permitir vir assistir em silêncio às vossas sábias assembleias, pondo mais tarde minhas fracas luzes científicas à vossa disposição.

M... L...

Pergunta – Poderíeis dizer-nos, assistido por vosso guia, como pudestes reconhecer tão prontamente os vossos erros terrestres, ao passo que bom número de Espíritos, a quem não se poupa cuidados espirituais, ficam tanto tempo sem compreender os conselhos que lhes são dados?

Resposta – Caro senhor, agradeço-vos a pergunta que houvestes por bem dirigir-me e que penso poder resolver eu mesmo, com a assistência de meu guia.

Sem dúvida podeis ver uma anomalia em minha transformação, pois, como dizeis, há seres que, malgrado todos os sentimentos agem em seu favor, ficam muito tempo sem se deixar abrir os olhos. Não querendo abusar de vossa benevolência, dir-vos-ei em poucas palavras:

O Espírito que resiste à ação dos que agem sobre ele é *novo em relação às noções morais*. Pode ser um indivíduo instruído, mas completamente ignorante em relação à caridade e à fraternidade; numa palavra, desprovido de espiritualidade. *É-lhe necessário aprender a vida da alma que, mesmo no estado de Espírito, lhe foi rudimentar*. Para mim foi completamente diferente. Digo-vos que sou velho, em face de vossa vida, embora bastante jovem na eternidade. Tive noções de moral; acreditava na espiritualidade, que em mim ficou latente, porque um de meus pecados capitais, o orgulho, precisava dessa punição.

Eu, que tinha conhecimento da vida da alma numa existência anterior, fui condenado a deixar-me dominar pelo orgulho e a esquecer Deus e o princípio eterno que residia em mim... Ah! crede-o, só há uma espécie de cretinismo; o idiota que, conservando sua alma, não pode manifestar sua inteligência, é talvez menos lamentável do que aquele que, possuindo toda a sua inteligência, cientificamente falando, perdeu sua alma por algum tempo. É um idiotismo truncado, mas muito penoso.

M... L...

O outro Espírito, Sr. Gui, manifestou-se espontaneamente à Sociedade no dia da sessão especial, comemorativa dos mortos. Como dissemos, o Sr. Colliez, que o tinha conhecido particularmente, limitara-se a inscrevê-lo na lista dos Espíritos recomendados às preces. Embora suas opiniões fossem completamente diferentes das que tinha em vida, o Sr. Colliez o reconheceu pela forma da linguagem e, antes mesmo que fosse lida a sua assinatura, ele disse que deveria ser o Sr. Gui...

(Sociedade de Paris, 1º de novembro de 1865 – Médiun: Sr. Leymarie)

Senhores... Permitti-me empregar esta expressão comum, mas pouco fraterna. Sou um recém-vindo, um recruta inesperado, e sem dúvida meu nome jamais feriu os ouvidos dos espíritas fervorosos. Contudo, nunca é tarde demais e quando cada família chora um ausente amado, venho a vós para vos exprimir meu arrependimento muito sincero.

Cercado de voltairianos, vivendo e pensando como eles, trazendo conforme a necessidade o meu óbolo e o meu trabalho para a propagação das idéias liberais e progressivas, acreditei fazer o bem; porque todo o mundo diz, mas nem todos o fazem. Assim, agi, e vos peço para não esquecerdes os homens de ação. Em sua esfera, eles sacudiram esse torpor de tantos séculos que, a bem dizer, tinha velado o futuro. Rasgando o véu, nós também tínhamos afastado a noite, o que é muito, quando o inimigo intolerante está à porta e busca riscar de preto cada raio de luz. Quantas vezes procuramos em nós mesmos a solução desta questão: “Ah! se os mortos pudessem falar!” Reflexão profunda, absorvente, que nos matava na idade das desilusões, quando todo homem marcado por um acaso aparente tornava-se uma luz na multidão.

Aí está a família!... jovens fronte candidas pedem os nossos beijos de esperança, e nada podemos dar, porque esta esperança nós a selamos sob uma grande pedra muito fria, que

chamamos *incredulidade*. Mas hoje creio, venho a vós cheio de esperança e fé, dizer-vos: “Espero no futuro, creio em Deus; os Espíritos de Béranger, de Royer-Collard, de Casimir Perrier... não me desmentirão.”

A vós que desejais o progresso, que quereis a luz, direi: Os mortos falam, falam todos os dias; mas, cegos que sois e que éramos! presentis a verdade sem afirmá-la abertamente; como Galileu, vós vos dizeis todas as noites: “E, contudo, ela gira!” mas baixais os olhos ante o ridículo, o respeito à coisa julgada!

Vós todos que éreis meus fiéis, que semanalmente me concedíeis vossa tarde, sabeis em que me tornei.

Sábios que perscrutais os segredos da Natureza, perguntastes à folha morta, ao pé de erva, ao inseto, à matéria em que se tornavam no grande concerto dos mortos terrenos? Perguntastes as suas funções de mortos? pudestes inscrever em vossos alfarrábios esta grande lei da Natureza, que parece destruir-se anualmente para reviver esplêndida e soberba, lançando o desafio da imortalidade aos vossos pensamentos passageiros e mortais?

Doutor sábio, que diariamente inclinais a fronte preocupada sobre as doenças misteriosas que destroem os corpos humanos de maneira múltipla, por que tantos suores pelo futuro, tanto amor pela família, tanta previdência para assegurar a honorabilidade de um nome, pela fortuna e pela moralidade de vossos filhos, tanto respeito pela virtude de vossas companheiras?

Homens de progresso, que trabalhais constantemente para transformar as idéias e as tornar mais belas, por que tantos cuidados, vigílias e decepções, se essa lei eterna do progresso absorve todas as vossas faculdades e as decuplica, a fim de prestar homenagem ao movimento geral de harmonia e de amor, ante o qual vos inclinais?

Ah! meus amigos, quem quer que sejais na Terra: mecânicos, legisladores profundos, políticos, artistas, ou todos vós que inscreveis em vossa bandeira: *Economia política*, crede-me, vossos trabalhos desafiam a morte; todas as vossas aspirações a rejeitam como uma negação e quando, por vossas descobertas e vossa inteligência, deixastes um traço, uma lembrança, uma honorabilidade sem mácula, desafiastes a morte, como tudo o que vos cerca! oferecestes um sacrifício ao poder criador e, como a Natureza, a matéria, como tudo que vive e quer viver, vencestes a morte. Como eu outrora, como tantos outros, vos retemperais no aniquilamento do corpo que é a vida, ides para o Eterno para vencer a eternidade!...

Mas não a vencereis, porque ela é vossa amiga. O Espírito é a eternidade, o eterno, e eu vo-lo repito: tudo o que morre fala de vida e de luz. A morte fala ao vivo; os mortos vêm falar. Só eles têm a chave de tudo, e é por eles que vos prometo outras explicações.

Gui

(Sociedade Espírita de Paris, 17 de novembro de 1865
– Médiun: Sr. Leymarie)

Fugiram da epidemia e, neste pânico singular, quantas falências morais, quantas defecções vergonhosas! É que a morte se torna a mais violenta expiação para todos os que violam as leis da mais estrita equidade. A morte é o desconhecido para a fé vacilante. As religiões diversas, com o paraíso e o inferno, não puderam firmar-se naqueles que possuem a abnegação, em vão ensinada pelos bens terrenos; nenhum ponto de referência, nada de bases certas; difusão no ensino divino: isto não é certeza. Assim, salvo algumas exceções, que terror, que falta de caridade, que egoísmo nesse salve-se-quem-puder geral dos satisfeitos! Crer em Deus, estudar sua vontade nas afirmações inteligentes, estar certo de que as leis da existência estão subordinadas a leis superiores divinas, que tudo medem com justiça, que dispensam a todos, em diversas existências, o sofrimento, a alegria, o trabalho, a miséria e a fortuna,

é, parece-me, o que buscam todas as sábias pesquisas, todas as interrogações da Humanidade. Ter a sua certeza não é a verdadeira força em tudo? Se o corpo esgotado dá liberdade ao Espírito, a fim de que este viva segundo as aptidões fluídicas que são a sua essência, se esta verdade se torna palpável, evidente como um raio de sol; se as leis que encadeiam matematicamente as diversas fases da existência terrena e extraterrena, ou da erraticidade, tornam-se para nós tão claramente demonstradas quanto um problema algébrico, então não teríeis em mão o segredo tanto procurado, o porquê de todas as vossas objeções, a explicação racional da fraqueza dos vossos profundos estudos em economia política, fraqueza terrificante para a teoria, porque a prática destrói em um dia o trabalho da vida de um homem?

É por isso, amigos, que venho suplicar-vos que leiais *O Livro dos Espíritos*; não vos detenhais na letra, mas possuí-lhe o espírito. Pesquisadores inteligentes, encontrareis novos elementos para modificar o vosso e o ponto de vista dos homens que vos estudam. Certos da pluralidade das existências, encarareis melhor a vida; definindo-a melhor, sereis fortes. Homens de letras, plêiade pobre e bendita dareis à Humanidade uma semente tanto mais séria quão verdadeira. E quando virem os fortes, os sábios crer e ensinar as máximas fortes e consoladoras amar-se-ão melhor e não fugirão mais ao suposto mal invisível; a vontade de todos, homogeneidade poderosa, destruirá todas essas fermentações gasosas envenenadas, única fonte das epidemias.

O estudo dos fluidos, feito de um outro ponto de vista, transformará a Ciência; observações novas alumiarão a estrada fecunda de nossos jovens estudantes, que não mais irão, como orgulhosos, mostrar ao estrangeiro a sua intolerância de linguagem e a sua ignorância; não serão mais o escárnio da Europa, porque os mortos amados lhes terão dado a fé e esta religião do Espírito, que primeiro moraliza, para depois elevar às regiões serenas do saber e da caridade.

Dissertações Espíritas

ESTADO SOCIAL DA MULHER

(Sociedade de Paris, 20 de outubro de 1865 – Médium: Sr. Leymarie)

Meus amigos, na época em que vivia entre vós acontecia-me muitas vezes fazer sérias reflexões sobre a sorte da mulher.

Meus numerosos e laboriosos estudos sempre deixaram um momento para esses assuntos amados. Toda noite, antes de dormir, eu orava por essas pobres irmãs tão infelizes e tão desprezadas, implorando a Deus por dias melhores e pedindo às idéias um meio qualquer de fazer progredirem as desclassificadas. Por vezes, em sonho, eu as via livres, amadas, estimadas, tendo uma existência legal e moral na sociedade, na família, cercadas de respeito e de cuidados; eu as via transfiguradas. E esse espetáculo era tão consolador que eu despertava chorando. Mas ah! a triste realidade então me aparecia em sua lúgubre verdade e por vezes eu perdia a esperança de que chegassem melhores dias.

Esses dias chegaram, meus amigos. Há poucos entre vós que, intuitivamente, não sintam o direito da mulher; muitos o negam de fato, embora o reconheçam mentalmente. Mas não é menos verdadeiro que há para ela esperança e alegria em meio a profundas misérias e desilusões espantosas.

Alguns dias atrás, prestando atenção a uma roda de senhoras distintas pela posição, pela beleza e pela fortuna, eu me dizia: Estas são todas perfume; foram amadas e aduladas. Como devem amar! como devem ser boas mães, esposas encantadoras, filhas respeitadas! sabem muito, amam e dão muito. Que erro estranho!... Todos esses rostos frescos mentiam, sob sorrisos estereotipados; tagarelavam, falavam de roupas, de corridas, de modas; falavam com graça encantadora, com malícia, mas não se

ocupavam dos filhos, nem dos maridos, nem de questões literárias, nem dos nossos gênios, nem de seu país, nem da liberdade! Ah! belas cabeças, mas cérebros... nada! Aves encantadoras, esbeltas, elegantes; é da etiqueta; sua pretensão: agradar, tocar em tudo e nada conhecer. O vento leva sua tagarelice e não deixa traços; nem são filhas, nem esposas, nem mães. Ignoram seu país, seu passado, seus sofrimentos, sua grandeza. Confiou os filhos a uma mercenária! A felicidade íntima é uma ficção. São fascinantes borboletas, com belas asas... mas, depois...

Também atentei para um grupo de jovens operárias. Que sabiam elas, logo elas? Nada... como as outras... nada da vida, nada do dever, nada da realidade! Invejavam, eis tudo. Deram-lhes o direito de se compreenderem, de se estimarem, de se respeitarem? Fizeram-nas compreender Deus, sua grandeza, sua vontade? Não, mil vezes não!... A Igreja lhes ensina o luxo; trabalham para o luxo e é ainda o luxo que bate à sua mansarda, dizendo: Abri-me; eu sou a fita, a renda, a seda, os bons pratos, os vinhos delicados. Abri, e sereis bela; tereis todas as fantasias, todos os deslumbramentos!... É por isso que tantas, entre elas, são a vergonha de suas famílias!

Cérebros amáveis, que vos divertis com o Espiritismo, poderíeis dizer-me qual a panacéia que inventastes para purificar a família, para lhe dar vida? Eu o sei, em questões de moral sois indulgentes; muitas frases, gemidos pelos povos que caem, pela falta de educação das massas; mas, para levantar moralmente a mulher, que fizestes? Nada... Grandes senhores da literatura, quantas vezes espezinhastes as santas leis de respeito à mulher, que tanto enalteceis! Ah! desconheceis a Deus e desprezais profundamente a mulher, isto é, a família e o futuro da nação!

E é nela e por ela que se deverão elaborar os graves problemas sociais do porvir! O que sois incapazes de fazer, bem o sabeis, o Espiritismo fará e dará à mulher esta fé robusta que remove montanhas, fé que lhes ensina seu poder e seu valor, tudo

quanto Deus promete por sua doçura, sua inteligência, sua vontade poderosa. Compreendendo as leis magníficas desenvolvidas por *O Livro dos Espíritos*, nenhuma entre elas quererá entregar o seu corpo e sua alma; filha de Deus, ela amará em seus filhos a visita do Espírito criador; quererá saber para ensinar aos seus; amará seu país e saberá a sua história, a fim de iniciar seus filhos nas grandes idéias progressivas. Serão mães e médicas, conselheiras e mentoras; numa palavra, serão mulheres segundo o Espiritismo, isto é, o futuro, o progresso e a grandeza da pátria em sua mais larga expressão.

Baluze

(Continuação – 27 de outubro de 1865)

Na minha última comunicação, meus amigos, eu vos tinha mostrado as mulheres sob dois aspectos, acrescentando que a instrução numas e a ignorância noutras haviam produzido resultados negativos. Todavia, há sérias exceções que parecem desafiar a regra. Há moças que sabem estudar e tirar proveito do que ensinam os mestres. Estas nem são vãs nem levianas; sua constante distração não é uma bijuteria nem uma fita! Alimentadas por lições fortes e sérias, gostam do que engrandece o espírito, o que lhes dá a calma íntima, essa calma dos fortes e das naturezas generosas.

No casamento prevêem a família; reclamam e fazem promessas pelo filho bem-amado, não para o abandonar e o atirar aos cuidados interesseiros, mas para lhe sacrificar suas vidas inteiras. O recém-nascido é o centro de tudo; para ele, o primeiro pensamento; para ele, as carícias e as preces ardentes, as noites insones, os dias muito curtos, nos quais se preparam os mil detalhes que serão o bem-estar do novo encarnado. A criança é o estudo, o amor sob mil formas. O esposo torna-se amável; esquece o rude labor da jornada ou as distrações mundanas para amparar os primeiros passos da criança e dar uma forma às suas primeiras sílabas. Respeito, pois, as exceções exemplares, que sabem desafiar

a tentação e fugir dos prazeres para se devotarem e viver como mães divinamente inteligentes.

Humildes e pobres operárias; corações ulcerados, que amais a vossa única esperança: vosso filho! Haveria muito a dizer de vossa abnegação, do vosso profundo sentimento do dever, da vossa mansuetude em face dos aborrecimentos de cada dia!

Nada vos desanima para consolar o anjinho; para vós ele é a força e o trabalho, esse sublime egoísmo que vos faz sacrificar noite e dia.

Mas se a religião, ou antes, os diversos cultos unidos à instrução não puderam destruir no rico e no pobre essa tendência geral para mal viver e ignorar o objetivo da vida, é que nem os cultos nem a instrução souberam, até hoje, impressionar vivamente a infância. Falam-lhe constantemente de interesses inimigos. Os pais que lutam contra as necessidades da vida se explicam ante esses corações jovens com uma cínica crueza. Apenas têm a percepção das primeiras palavras, já sabem que se pode ser colérico, violento, e que o interesse pessoal é o pivô em torno do qual gira cada indivíduo. Essas primeiras impressões os exploram largamente... Doravante, religião e instrução serão palavras vãs, se não contribuírem para aumentar o bem-estar e a fortuna!

E quando levamos a todas as direções o pensamento espírita, pensamento que desperta todas as paixões generosas, pensamento que dá uma certeza como um problema matemático, riem-nos na cara! Pretensos liberais montam-se em pernas de pau para nos achar ridículos e ignorantes. Não sabemos escrever... não temos estilo!... somos modelos de inépcia, loucos... bons para meter num hospício. E os apóstolos do livre-pensamento com muito gosto empurrariam a autoridade, com o auxílio do Código Penal, a perseguir esses iluminados, que rebaixam o bom-senso público!

Felizmente a opinião das massas não pertence a um jornal, nem a um escritor; ninguém tem mais direito a ter mais

espírito e bom-senso do que os outros, e nestes tempos em que simples folhetinistas pretendem rachar de alto a baixo os teólogos, os filósofos, o gênio sob todas as formas, o bom-senso na sua mais alta expressão, acontece que cada um quer saber por si mesmo. Corre-se sempre aos homens e às coisas dos quais pior se fala; e, depois de ter lido e escutado, põe-se de lado todos os panfletos insolentes, todas as insinuações malévolas, para render homenagem à verdade, que impressiona todos os espíritos.

E é por isto que o Espiritismo se engrandece sob os vossos golpes. As famílias nos aceitam e nos bendizem. Um pai laborioso, caso tenha um filho verdadeiramente espírita, não o verá, como no passado, desertar de casa para se tornar um crítico intolerante. Não será ele que arruinará a família, venderá a consciência e renegará as leis sagradas do respeito devido à mulher, à criança. Sabe que Deus existe; conhece as leis fluídicas do Espírito e a existência da alma com todas as suas admiráveis conseqüências. É um homem sério, probo, fraternal, caridoso, e não um fantoche bem-educado, traidor da vida, de Deus, dos amigos, dos pais e de si mesmo.

As mães serão realmente mães; penetradas do espírito do Espiritismo serão a salvaguarda das filhas amadas. Ensinando-lhes o magnífico papel de que estão chamadas a desempenhar, dar-lhes-ão a consciência de seu valor. O destino do homem lhes pertence de direito e, para cumprir o dever, é preciso que se instruem, a fim de prepararem dignamente o filho que Deus envia. Saber não será mais o corolário dos desejos desenfreados e de vontades vergonhosas, mas, muito ao contrário, o complemento da dignidade e do respeito à sua pessoa. Contra tais mulheres, que poderão as tentações e as paixões desregradas? Como escudo, terão Deus e o direito e, além disso, essa aquisição superior, que nos vem das coisas superiores.

Ora, o que é a mulher, senão a família, e o que é a família, senão a nação? Tais mulheres, tal povo. Queremos, pois,

criar o que destruístes pelos extremos. A Idade Média tinha apequenado a mulher pela superstição. Vós, senhores livres-pensadores, pelo cepticismo!... Nem um nem outro são bons! Primeiro moralizamos; depois alforriamos a mulher, para instruí-la. Vós quereis instruí-la sem a moralizar!

É por isto que a geração atual vos escapa, e logo as mães de família não serão mais uma exceção.

Baluze

Allan Kardec



Nota Explicativa³⁴

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que*

³⁴ **Nota da Editora:** Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

é o *Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo metuculoso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonía de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da

fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar

apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chegasse à conseqüência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na

mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores Europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

Contém:

O relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., bem como todas as notícias relativas ao Espiritismo. – O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e o seu futuro. – A história do Espiritismo na Antigüidade; suas relações com o magnetismo e com o sonambulismo; a explicação das lendas e das crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

Publicada sob a direção
de
ALLAN KARDEC

*Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.*

ANO NONO – 1866

TRADUÇÃO DE EVANDRO NOLETO BEZERRA



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA



Sumário

NONO VOLUME – ANO DE 1866

JANEIRO

- As Mulheres têm Alma? **13**
- Considerações Sobre a Prece no Espiritismo **18**
- Necrológio – *Morte do Sr. Didier* **24**
- Correspondência – *Carta do Sr. Jaubert* **30**
- A Jovem Cataléptica da Suábia – *Estudo psicológico* **34**
- Poesias Espíritas – *Alfred de Musset* **44**
- O Espiritismo tem Lugar Reservado na Filosofia e nos
Conhecimentos Usuais **49**

FEVEREIRO

- O Espiritismo Segundo os Espíritas – Extraído
do jornal *Discussion* **55**
- Curas de Obsessões **62**

O Naufrágio do <i>Borysthène</i>	67
Antropofagia	72
A Espineta de Henrique III	76
Os Ratos de Équihen	84
Novo e Definitivo Enterro do Espiritismo	87
Os Qüiproquós	91
Nota Bibliográfica	96

MARÇO

Introdução ao Estudo dos Fluidos Espirituais	97
O Espiritismo e a Magistratura – <i>Perseguições judiciais contra o Espiritismo</i> – Cartas de um Juiz de Instrução	111
A Lei Humana – <i>Instrução do Espírito Bonnamy, pai</i>	120
Mediunidade Mental	124
Notas Bibliográficas:	
<i>Espírita</i> – por Théophile Gautier	130
<i>A Mulher do Espírita</i> – por Ange de Kéraniou	135
<i>Forças Naturais Desconhecidas</i> – por Hermès	136

ABRIL

Revelação	139
O Espiritismo sem os Espíritos	150

O Espiritismo Independente	157
O Dia de Carlos Magno no Colégio de Chartres	163
Uma Visão de Paulo I	167
O Despertar do Sr. de Cosnac	172
Pensamentos Espíritas – <i>Poesia do Sr. Eugène Nus</i>	175
Carta do Sr. F. Blanchard ao Jornal <i>Liberté</i>	176
Notas Bibliográficas:	
<i>Sou Espírita?</i> – por Sylvain Alquié	177
<i>Carta aos Srs. Diretores e Redatores dos Jornais Antiespíritas</i>	
– por A. Grelez	177
<i>Filosofia Espírita</i> – por Augustin Babin	178
<i>O Guia da Felicidade, ou Deveres Gerais do Homem por amor</i>	
<i>a Deus</i> – pelo mesmo	178
<i>Noções de Astronomia Científica, Psicológica e Moral</i>	
– pelo mesmo	178

MAIO

Deus Está em Toda Parte	179
A Visão de Deus	183
Uma Ressurreição	186
Conversas de Além-Túmulo:	
<i>O abade Laverdet</i>	189
<i>Um pai negligente com os filhos</i>	193

Lembrança Retrospectiva de um Espírito **196**
Necrológio – *Morte do Dr. Cailleux, de Montrenil-sur-Mer* **200**

Dissertações Espíritas:

Instruções para o Sr. Allan Kardec **209**

Aquiescência à prece **212**

O Espiritismo obriga **216**

JUNHO

Monomania Incendiária Precoce – *Estudo moral* **221**

Tentativa de Assassinato do Imperador da Rússia
– *Estudo psicológico* **229**

Um Sonho Instrutivo **235**

Visão Retrospectiva das Várias Encarnações de
um Espírito – *Sono dos Espíritos* **239**

Questões e Problemas – *Está no ar* **243**

Poesias Espíritas:

Para teu livro **245**

A lagarta e a borboleta **247**

Dissertações Espíritas:

Ocupações dos Espíritos **248**

Suspensão da assistência dos Espíritos **252**

O trabalho **254**

Notas Bibliográficas:

Os Evangelhos Explicados – pelo Sr. Roustaing **257**

La Voce di Dio **260**

JULHO

Projeto de Caixa Geral de Socorro e outras
Instituições para os Espíritas **261**

Estatística da Loucura **276**

Morte de Joseph Méry **285**

Questões e Problemas:

Identidade dos Espíritos nas comunicações particulares **292**

Qualificação de santo aplicada a certos Espíritos **297**

*Visão retrospectiva das existências do Espírito –
a propósito do Dr. Cailleux* **299**

Poesia Espírita – *A prece pelos Espíritos* **301**

AGOSTO

Maomé e o Islamismo **303**

Os Profetas do Passado **317**

Criações Fantásticas da Imaginação – *As visões da
Sra. Cantianille B...* **321**

Questões e Problemas:

Filhos, guias espirituais dos pais **329**

Comunicação com os seres que nos são caros **331**

Perfectibilidade dos Espíritos **333**
Variedades – *A rainha Vitória e o Espiritismo* **336**

Poesias Espíritas:

Méry, o sonhador **337**
A prece da morte pelos mortos **338**

Nota Bibliográfica:

Cantata espírita **342**

SETEMBRO

Os Irmãos Davenport em Bruxelas **343**
O Espiritismo só pede para ser Conhecido **358**
Extrato do *Progrès Colonial* da Ilha Maurício **364**
Fenômenos Apócrifos **366**
Cabelos Esbranquiçados sob a Impressão de um Sonho **377**
Variedades – *Mediunidade de vidência nas crianças* **382**

OUTUBRO

Os Tempos são Chegados **385**
O Zuavo Curador do Campo de Châlons **415**

NOVEMBRO

- Maomé e o Islamismo (2º artigo) **429**
Sonambulismo Mediúnico Espontâneo **449**
Considerações Sobre a Propagação da
Mediunidade Curadora **461**
Subscrição em Favor dos Inundados **472**

DEZEMBRO

- O Lavrador Thomas Martin e Luís XVIII **473**
O Príncipe de Hohenlohe, Médiun Curador **493**
Variedades:
Senhorita Dumesnil, jovem atraente **503**
Revista da imprensa relativa ao Espiritismo **508**
Santo Agostinho, Acusado de Cretinice **518**
Notas Bibliográficas:
Novos Princípios de Filosofia Médica, pelo
Dr. Chauvet, de Tours **520**
Os Dogmas da Igreja do Cristo, explicados pelo
Espiritismo, por A. Boltinn **521**
Necrológio – *Sra. Dozon* – *Sr. Fournier-Duplan*
– *Sr. d'Ambel* **523**
Aviso **525**
Nota Explicativa **527**



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

JANEIRO DE 1866

Nº 1



As Mulheres têm Alma?

As mulheres têm alma? Sabe-se que a coisa nem sempre foi tida por certa, pois, ao que se diz, foi posta em deliberação num concílio. A negação ainda é um princípio de fé em certos povos. Sabe-se a que grau de aviltamento essa crença as reduziu na maior parte dos países do Oriente. Embora hoje, nos povos civilizados, a questão esteja resolvida em seu favor, o preconceito de sua inferioridade moral perpetuou-se a tal ponto que um escritor do século passado, cujo nome não nos vem à memória, assim definia a mulher: “Instrumento de prazer do homem”, definição mais muçulmana que cristã. Desse preconceito nasceu a sua inferioridade legal, ainda não apagada de nossos códigos. Durante muito tempo elas aceitaram essa submissão como uma coisa natural, tão poderosa é a força do hábito. Dá-se o mesmo com os que, votados à servidão de pai a filho, acabam por se julgar de natureza diversa da dos seus senhores.

Não obstante, o progresso das luzes resgatou a mulher na opinião. Muitas vezes ela se afirmou pela inteligência e pelo gênio e a lei, conquanto ainda a considerasse menor, pouco a pouco afrouxou os laços da tutela. Pode-se considerá-la como emancipada

moralmente, se não o é legalmente. É a este último resultado que ela chegará um dia, pela força das coisas.

Ultimamente lia-se nos jornais que uma jovem senhorita de vinte anos acabava de defender o bacharelado com pleno sucesso perante a faculdade de Montpellier. Dizia-se que era o quarto diploma concedido a uma mulher. Ainda não faz muito tempo foi agitada a questão de saber se o grau de bacharel podia ser conferido a uma mulher. Embora a alguns isto parecesse uma monstruosa anomalia, reconheceu-se que os regulamentos sobre a matéria não faziam menção às mulheres e, assim, elas não se achavam excluídas legalmente. Depois de terem reconhecido que elas tinham alma, lhes reconheceram o direito à conquista dos graus da Ciência, o que já é alguma coisa. Mas a sua libertação parcial é apenas resultado do desenvolvimento da urbanidade, do abrandamento dos costumes ou, se quiserem, de um sentimento mais exato da justiça; é uma espécie de concessão que lhes fazem e, é preciso que se diga, que lhes regateiam o mais possível.

Hoje, pôr em dúvida a alma da mulher seria ridículo; mas outra questão muito séria sob outro aspecto, aqui se apresenta, e cuja solução só pode ser estabelecida se a igualdade de posição social entre o homem e mulher for um direito natural, ou uma concessão feita pelo homem. Notemos, de passagem, que se esta igualdade não passar de uma concessão do homem por condescendência, aquilo que ele der hoje pode ser retirado amanhã, e que tendo para si a força material, salvo algumas exceções individuais, em massa ele sempre levará vantagem. Ao passo que se essa igualdade estiver na Natureza, seu reconhecimento será o resultado do progresso e, uma vez reconhecido, será imprescritível.

Teria Deus criado almas masculinas e femininas, fazendo estas inferiores àquelas? Eis toda a questão. Se assim fosse, a inferioridade da mulher estaria nos decretos divinos e nenhuma lei humana poderá transgredi-los. Tê-las-ia, ao contrário, criado

iguais e semelhantes? Nesse caso as desigualdades, baseadas na ignorância e na força bruta, desaparecerão com o progresso e o reinado da justiça.

Entregue a si mesmo, o homem não podia estabelecer a respeito senão hipóteses mais ou menos racionais, mas sempre questionáveis. Nada no mundo poderia dar-lhe a prova material do erro ou da verdade de suas opiniões. Para se esclarecer, seria preciso remontar à fonte, pesquisar nos arcanos do mundo extracorpóreo, que não conhece. Estava reservado ao Espiritismo resolver a questão, não mais pelos raciocínios, mas pelos fatos, quer pelas revelações de além-túmulo, quer pelo estudo que diariamente pode fazer sobre o estado das almas depois da morte. E, coisa capital, esses estudos não são o fato nem de um só homem, nem das revelações de um só Espírito, mas o produto de inúmeras observações idênticas, feitas todos os dias por milhares de indivíduos, em todos os países, e que assim receberam a sanção poderosa do controle universal, sobre o qual se apóiam todas as doutrinas da ciência espírita. Ora, eis o que resulta dessas observações.

As almas ou Espíritos não têm sexo. As afeições que os unem nada têm de carnal e, por isto mesmo, são mais duráveis, porque fundadas numa simpatia real e não são subordinadas às vicissitudes da matéria.

As almas se encarnam, isto é, revestem temporariamente um envoltório carnal, para elas semelhante a uma pesada vestimenta, de que a morte as desembaraça. Esse invólucro material, pondo-as em contato com o mundo material, nesse estado elas concorrem ao progresso material do mundo que habitam; a atividade a que são obrigadas a desenvolver, seja para a conservação da vida, seja para alcançarem o bem-estar, auxilia-lhes o avanço intelectual e moral. A cada encarnação a alma chega mais desenvolvida; traz novas idéias e os conhecimentos adquiridos nas

existências anteriores. Assim se efetua o progresso dos povos; os homens civilizados de hoje são os mesmos que viveram na Idade Média e nos tempos de barbárie, e que progrediram; os que viverem nos séculos futuros serão os de hoje, porém mais avançados, intelectual e moralmente.

Os sexos só existem no organismo; são necessários à reprodução dos seres materiais. Mas os Espíritos, sendo criação de Deus, não se reproduzem uns pelos outros, razão pela qual os sexos seriam inúteis no mundo espiritual.

Os Espíritos progredem pelos trabalhos que realizam e pelas provas que devem sofrer, como o operário se aperfeiçoa em sua arte pelo trabalho que faz. Essas provas e esses trabalhos variam conforme sua posição social. Devendo os Espíritos progredir em tudo e adquirir todos os conhecimentos, cada um é chamado a concorrer aos diversos trabalhos e a sujeitar-se aos diferentes gêneros de provas. É por isso que, alternadamente, nascem ricos ou pobres, senhores ou servos, operários do pensamento ou da matéria.

Assim se acha fundado, sobre as próprias leis da Natureza, o princípio da igualdade, pois o grande da véspera pode ser o pequeno do dia seguinte e reciprocamente. Desse princípio decorre o da fraternidade, visto que, em nossas relações sociais, reencontramos antigos conhecimentos, e no infeliz que nos estende a mão pode encontrar-se um parente ou um amigo.

É com o mesmo objetivo que os Espíritos se encarnam nos diferentes sexos; aquele que foi homem poderá renascer mulher, e aquele que foi mulher poderá nascer homem, a fim de realizar os deveres de cada uma dessas posições, e sofrer-lhes as provas.

A Natureza fez o sexo feminino mais fraco que o outro, porque os deveres que lhe incumbem não exigem igual força

muscular e seriam até incompatíveis com a rudeza masculina. Nela a delicadeza das formas e a finura das sensações são admiravelmente apropriadas aos cuidados da maternidade. Aos homens e às mulheres, são, pois, atribuídos deveres especiais, igualmente importantes na ordem das coisas; são dois elementos que se completam um pelo outro.

Sofrendo o Espírito encarnado a influência do organismo, seu caráter se modifica conforme as circunstâncias e se dobra às necessidades e exigências que lhe impõe esse mesmo organismo. Esta influência não se apaga imediatamente após a destruição do envoltório material, assim como não perde instantaneamente os gostos e hábitos terrenos. Depois, pode acontecer que o Espírito percorra uma série de existências no mesmo sexo, o que faz que, durante muito tempo, possa conservar, no estado de Espírito, o caráter de homem ou de mulher, cuja marca nele ficou impressa. Somente quando chegado a um certo grau de adiantamento e de desmaterialização é que a influência da matéria se apaga completamente e, com ela, o caráter dos sexos. Os que se nos apresentam como homens ou como mulheres, é para nos lembrar a existência em que os conhecemos.

Se essa influência se repercute da vida corporal à vida espiritual, o mesmo se dá quando o Espírito passa da vida espiritual à vida corporal. Numa nova encarnação ele trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito; se for avançado, será um homem avançado; se for atrasado, será um homem atrasado. Mudando de sexo, sob essa impressão e em sua nova encarnação, poderá conservar os gostos, as inclinações e o caráter inerentes ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes que se notam no caráter de certos homens e de certas mulheres.

Não existe, pois, diferença entre o homem e a mulher, senão no organismo material, que se aniquila com a morte do

corpo; mas quanto ao Espírito, à alma, ao ser essencial, imperecível, ela não existe, porque não há duas espécies de almas. Assim o quis Deus em sua justiça, para todas as suas criaturas. Dando a todas um mesmo princípio, fundou a verdadeira igualdade. A desigualdade só existe temporariamente no grau de adiantamento; mas todas têm direito ao mesmo destino, ao qual cada uma chega por seu trabalho, porque Deus não favoreceu ninguém à custa dos outros.

A doutrina materialista coloca a mulher numa inferioridade natural, da qual só é elevada pela boa vontade do homem. Com efeito, segundo essa doutrina, a alma não existe ou, se existe, extingue-se com a vida ou se perde no todo universal, o que vem a dar no mesmo. Assim, só resta à mulher a sua fraqueza corporal, que a põe sob a dependência do mais forte. A superioridade de algumas não passa de uma exceção, de uma bizzarria da Natureza, de um jogo de órgãos, e não poderia fazer lei. A doutrina espiritualista vulgar reconhece a existência da alma individual e imortal, mas é impotente para provar que não há diferença entre a do homem e a da mulher e, por conseguinte, uma superioridade natural de uma sobre a outra.

Com a Doutrina Espírita, a igualdade da mulher não é mais uma simples teoria especulativa; já não é uma concessão da força à fraqueza, mas um direito fundado nas próprias leis da Natureza. Dando a conhecer essas leis, o Espiritismo abre a era da emancipação legal da mulher, como abre a da igualdade e da fraternidade.

Considerações Sobre a Prece no Espiritismo

Cada um é livre de encarar as coisas à sua maneira, e nós, que reclamamos esta liberdade para nós, não podemos recusá-la aos outros. Mas, do fato de uma opinião ser livre, não se segue

que não se possa discuti-la, examinar o lado forte e o fraco, pesar suas vantagens e inconveniências.

Dizemos isto a propósito da negação da utilidade da prece, que algumas pessoas queriam erigir em sistema, para disto fazerem a bandeira de uma escola dissidente. Essa opinião pode assim resumir-se:

“Deus estabeleceu leis eternas, a que todos os seres estão submetidos; nada lhe podemos pedir e não temos de agradecer-lhe nenhum favor especial; portanto, é inútil orar.

“Como a sorte dos Espíritos está traçada, é inútil orar por eles. Eles não podem mudar a ordem imutável das coisas; então é inútil pedir-lhes.

“O Espiritismo é uma ciência puramente filosófica; não só não é uma religião, como não deve ter nenhum caráter religioso. Toda prece dita nas reuniões tende a manter a superstição e a hipocrisia religiosa.”

A questão da prece já foi discutida bastante, de modo que é inútil repetir aqui o que se sabe a respeito. Se o Espiritismo proclama a sua utilidade, não é por espírito de sistema, mas porque a observação permitiu constatar a sua eficácia e o modo de ação. Desde que, pelas leis fluídicas, compreendemos o poder do pensamento, igualmente compreendemos o poder da prece, que é, ela também, um pensamento dirigido para um fim determinado.

Para algumas pessoas, a palavra *prece* só desperta a idéia de pedido; é grave erro. Em relação à Divindade é um ato de adoração, de humildade e de submissão, que não se pode recusar sem desconhecer o poder e a bondade do Criador. Negar a prece a Deus é reconhecer Deus como um fato, mas é recusar-se a lhe prestar homenagem; é, ainda, uma revolta do orgulho humano.

Em relação aos Espíritos, que mais não são que as almas de nossos irmãos, a prece é uma identificação de pensamentos, um testemunho de simpatia. Repeli-la é repelir a lembrança dos seres que nos são caros, porque essa lembrança simpática e benévola é, por si mesma, uma prece. Aliás, sabe-se que os que sofrem a reclamam com insistência, como um alívio às suas penas; se a pedem, é que dela necessitam. Recusá-la é recusar um copo d'água ao infeliz que está com sede.

Além da ação puramente moral, o Espiritismo nos mostra na prece um efeito de certo modo material, resultante da transmissão fluídica. Em certas moléstias sua eficácia é constatada pela experiência, conforme demonstra a teoria. Rejeitar a prece é, pois, privar-se de poderoso auxiliar para o alívio dos males corporais.

Vejamos agora qual seria o resultado dessa doutrina, e se ela tem alguma chance de prevalecer.

Todos os povos oram, dos selvagens aos homens civilizados; a isso são levados pelo instinto, e é o que os distingue dos animais. Sem dúvida oram de maneira mais ou menos racional, mas, enfim, oram. Os que, por ignorância ou presunção, não praticam a prece, formam no mundo insignificante minoria.

A prece é, pois, uma necessidade universal, independente das seitas e das nacionalidades. Depois da prece, se estávamos fracos, sentimo-nos mais fortes; se tristes, sentimo-nos mais consolados. Abolir a prece é privar o homem de seu mais poderoso apoio moral na adversidade. Pela prece ele eleva sua alma, entra em comunhão com Deus, identifica-se com o mundo espiritual, *desmaterializa-se*, condição essencial de sua felicidade futura; sem a prece, seus pensamentos ficam na Terra, ligam-se cada vez mais às coisas materiais. Daí um atraso no seu adiantamento.

Contestando um dogma, não nos pomos em oposição com a seita que o professa; negando a eficácia da prece, ferimos o sentimento íntimo da quase unanimidade dos homens. O Espiritismo deve as numerosas simpatias que encontra às aspirações do coração, e nas quais as consolações hauridas na prece entram com larga parte. Uma seita que se fundasse sobre a negação da prece, privar-se-ia do principal elemento de sucesso, a simpatia geral, porque, em vez de aquecer a alma, ela a congelaria; ao invés de a elevar, ela a rebaixaria. Se o Espiritismo deve ganhar em influência, é aumentando a soma de satisfações que proporciona. Aqueles que querem o novo no Espiritismo, seja a que preço for, para ligar seu nome a uma bandeira, que se esforcem para dar mais que ele; mas não é dando menos que o suplantarão. A árvore despojada de seus frutos saborosos e nutritivos será sempre menos atraente que a que deles está repleta. É em virtude do mesmo princípio que sempre temos dito aos adversários do Espiritismo: O único meio de o matar é dar algo de melhor, de mais consolador, que explique mais e mais satisfaça. É o que ninguém ainda fez.

Pode-se, pois, considerar a rejeição da prece, por parte de alguns crentes nas manifestações espíritas, como uma opinião isolada que pode ligar algumas individualidades, mas que jamais ligará a maioria. Seria erro imputar tal doutrina ao Espiritismo, pois ele ensina exatamente o contrário.

Nas reuniões espíritas, a prece predispõe ao recolhimento, à gravidade, condição indispensável, como se sabe, para as comunicações sérias. Significa dizer que devem ser transformadas em assembléias religiosas? Absolutamente. O sentimento religioso não é sinônimo de sectário de uma religião; deve-se mesmo evitar o que poderia dar às reuniões este último caráter. É com esse objetivo que temos desaprovado constantemente as preces e os símbolos litúrgicos de um culto qualquer. Não se deve esquecer que o Espiritismo tem em vista a aproximação das diversas comunhões; já não é raro ver nessas

reuniões confraternizarem representantes de diferentes cultos, razão por que nenhum deve arrogar-se a supremacia. Que cada um em particular ore como entender; é um direito de consciência; mas numa assembleia fundada sobre o princípio da caridade, deve-se abster de tudo quanto pudesse ferir as susceptibilidades e contribuisse para manter um antagonismo que, ao contrário, é preciso esforçar-se para fazer desaparecer. Preces especiais no Espiritismo não constituem um culto distinto, desde que não sejam impostas e cada um seja livre de dizer as que lhe convém; mas elas têm a vantagem de servir para todos e não chocar ninguém.

O mesmo princípio de tolerância e respeito pelas convicções alheias nos leva a dizer que toda pessoa razoável, que uma circunstância conduz ao templo de um culto de cujas crenças não partilha, deve abster-se de todo sinal exterior que pudesse escandalizar os assistentes; que ela deve, em caso de necessidade, sacrificar aos usos de pura forma, que em nada podem comprometer sua consciência. Que Deus seja adorado num templo de uma maneira mais ou menos lógica: isto não é motivo para escandalizar os que acham boa essa maneira.

Dissemos que o Espiritismo, dando ao homem uma certa soma de satisfações e provando um certo número de verdades, não poderia ser substituído senão por alguma coisa que desse mais e provasse mais que ele. Vejamos se isto é possível.

O que dá autoridade à doutrina é o fato de seus princípios não resultarem de uma idéia preconcebida ou de uma opinião pessoal; todos, sem exceção, resultam da observação dos fatos; só pelos fatos é que o Espiritismo chegou a conhecer a situação e as atribuições dos Espíritos, assim como as leis, ou melhor, uma parte das leis que regem suas relações com o mundo visível; isto é um ponto capital. Continuando a nos apoiar na observação, fazemos filosofia experimental e não especulativa. Para combater as teorias do Espiritismo, não basta, pois, dizer que são

falsas: é preciso opor-lhe fatos, cuja solução ele fosse impotente para dar. E mesmo neste caso ele se manterá sempre no nível, porque será contrário à sua essência obstinar-se numa idéia falsa, e sempre se esforçará por preencher as lacunas que possam apresentar-se, pois não tem a pretensão de ter chegado ao apogeu da verdade absoluta. Esta maneira de encarar o Espiritismo não é nova; pode-se vê-la em todos os tempos, formulada em nossas obras. Desde que o Espiritismo não se declara estacionário nem imutável, assimilará todas as verdades que forem demonstradas, venham de onde vierem, ainda que de seus antagonistas, e jamais ficará na retaguarda do progresso real. Assimilará essas verdades, dizemos, mas apenas quando forem claramente demonstradas, e não porque agradaria a alguém dá-las como tais, quer por seus desejos pessoais, quer como produto de sua imaginação. Estabelecido este ponto, o Espiritismo apenas perderia se se deixasse distanciar de uma doutrina que desse mais que ele; nada teria a temer das que dessem menos e restringissem o que constitui sua força e sua principal atração.

Se o Espiritismo ainda não disse tudo, há, não obstante, uma certa soma de verdades adquiridas pela observação e que constituem a opinião da imensa maioria dos adeptos; e se essas verdades hoje passaram ao estado de fé, para nos servirmos de uma expressão empregada ironicamente por alguns, não foi por nós, nem por ninguém, nem mesmo por nossos Espíritos instrutores que assim foram postas e, menos ainda, impostas, mas pela adesão de todo o mundo, pois cada um é livre de as constatar.

Se, pois, se formasse uma seita em oposição às idéias consagradas pela experiência e geralmente admitidas em princípio, não poderia conquistar as simpatias da maioria, cujas convicções chocasse. Sua existência efêmera extinguir-se-ia com seu fundador, talvez mesmo antes ou, pelo menos, com os poucos adeptos que tivesse podido reunir. Suponhamos o Espiritismo dividido em dez, em vinte seitas: a que tiver a supremacia e mais vitalidade será

naturalmente a que dará maior soma de satisfações morais, que encherá o maior número de vazios da alma, que se fundará nas provas mais positivas, e que melhor se porá em uníssonos com a opinião geral.

Ora, tomando como ponto de partida todos esses princípios na observação dos fatos, o Espiritismo não pode ser derrubado por uma teoria; mantendo-se constantemente no nível das idéias progressistas, não poderá ser ultrapassado; apoiando-se no sentimento da maioria, satisfaz as aspirações do maior número; fundado sobre essas bases, é imperecível, porque aí está a sua força.

Aí também está a causa do insucesso das tentativas feitas para lhe interporem obstáculos. No caso do Espiritismo há idéias profundamente antipáticas à opinião geral e esta as repele instintivamente. Construir sobre tais idéias, como ponto de apoio, um edifício ou esperanças quaisquer, é pendurar-se desastrosamente em galhos podres. Eis a que estão reduzidos os que, não tendo podido derrubar o Espiritismo pela força, tentam derrubá-lo por si mesmo.

Necrológio

MORTE DO SR. DIDIER, LIVREIRO-EDITOR

O Espiritismo acaba de perder um de seus adeptos mais sinceros e dedicados, na pessoa do Sr. Didier, morto sábado, 2 de dezembro de 1865. Era membro da Sociedade Espírita de Paris desde a sua fundação em 1858 e, como se sabe, editor de nossas obras sobre a doutrina. Na véspera assistia à sessão da Sociedade, e no dia seguinte, às seis horas da tarde, morria subitamente numa estação de ônibus, a alguns passos de seu domicílio, onde, felizmente se achava um de seus amigos, que o mandou transportar para casa. Suas exéquias realizaram-se terça-feira, 5 de dezembro.

O *Petit Journal*, anunciando a sua morte, acrescentou: “Nestes últimos tempos, o Sr. Didier havia editado as obras do Sr. Allan Kardec e tinha-se tornado, *por polidez de editor*, ou por convicção, um adepto do Espiritismo.”

Não pensamos que a mais requintada polidez obrigue um editor a esposar as opiniões de seus clientes, nem que deva tornar-se judeu, por exemplo, porque editasse as obras de um rabino. Tais restrições não são dignas de um escritor sério. Como qualquer outra, o Espiritismo é uma crença que conta mais de um livreiro em suas fileiras. Por que seria mais estranho que um livreiro fosse espírita do que católico, protestante, judeu, são-simonista, fourierista ou materialista? Quando, pois, os senhores livres-pensadores admitirão a liberdade de consciência para todo o mundo? Por acaso teriam eles a singular pretensão de explorar a intolerância em proveito próprio, depois de havê-la combatido nos outros? As opiniões espíritas do Sr. Didier eram conhecidas e ele jamais fez mistério, pois muitas vezes as discutia com os incrédulos. Sua convicção era profunda e de longa data, e não, como o supõe o autor do artigo, uma questão de circunstância ou uma polidez de editor. Mas é tão difícil a esses senhores, para quem a Doutrina Espírita está inteirinha no armário dos irmãos Davenport, concordar que um homem de notório valor intelectual creia nos Espíritos! Todavia, é preciso que se acostumem a essa idéia, pois há muitas outras que eles não imaginam e das quais não tardarão a ter a prova.

O *Grand Journal* o relata nestes termos:

“Morreu também o Sr. Didier, editor que publicou muitos livros, belos e bons, na sua modesta loja do quai des Grands-Augustins. Nestes últimos tempos o Sr. Didier era adepto – e o que mais vale ainda – um fervoroso editor de livros espíritas. O pobre homem deve saber agora o que pensar das doutrinas do Sr. Allan Kardec.”

É triste ver que nem mesmo a morte é respeitada pelos senhores incrédulos, que perseguem com os seus deboches os mais honrados adeptos, inclusive no além-túmulo. O que, em vida, pensava o Sr. Didier da doutrina? Um fato lhe provava a impotência dos ataques de que ela é objeto: é que, no momento de sua morte, ele imprimia a 14ª edição de *O Livro dos Espíritos*. Que pensa ele agora? é que haverá grandes desapontamentos e mais de uma defecção entre os seus antagonistas.

O que poderíamos dizer nesta circunstância acha-se resumido na alocação seguinte, pronunciada na Sociedade de Paris, em sua sessão de 8 de dezembro.

Senhores e caros colegas,

Mais um dos nossos acaba de partir para a pátria celeste! Nosso colega, Sr. Didier, deixou na terra seus despojos mortais para revestir o envoltório dos Espíritos.

Embora desde muito tempo e por diversas vezes sua frágil saúde tenha posto sua vida em perigo, e conquanto para nós, espíritas, a idéia da morte nada tenha de assustadora, seu fim, chegado tão inopinadamente, no dia imediato ao em que assistia à nossa sessão, causou entre nós todos profunda emoção.

Há nesta morte, por assim dizer fulminante, um grande ensinamento, ou melhor, uma grande advertência: é que nossa vida se mantém por um fio, que pode romper-se quando menos esperamos, pois muitas vezes a morte chega sem avisar. Assim adverte os sobreviventes para que estejam sempre preparados para responder ao chamado do Senhor e prestar conta do emprego da vida que Ele nos deu.

Se bem que, pessoalmente, o Sr. Didier não tomasse parte muito ativa nos trabalhos da Sociedade, onde raramente usava da palavra, não deixava de ser um dos membros mais considerados,

por sua ancianidade como membro fundador, por sua assiduidade e, sobretudo, por sua posição, sua influência e os incontestáveis serviços que prestou à causa do Espiritismo, como propagador e como editor. As relações que manteve com ele durante sete anos permitiram-me apreciar a sua retidão, a sua lealdade e as suas capacidades especiais. Sem dúvida, como cada um de nós, tinha suas pequenas imperfeições, que não agradavam a todos, por vezes, mesmo, uma certa rudeza, com a qual era preciso familiarizar-se, mas que nada tirava de suas eminentes qualidades; e o mais belo elogio que se lhe pode fazer é dizer que, em negócios, podia-se ir com ele de olhos fechados.

Comerciante, devia encarar as coisas comercialmente, mas não o fazia com mesquinhez e parcimônia. Era grande, generoso, sem avareza nas suas operações; o atrativo do ganho não o teria levado a empreender uma publicação que não lhe conviesse, por mais vantajosa que fosse. Numa palavra, o Sr. Didier não era o negociante de livros, a calcular seu lucro centavo por centavo, mas o editor inteligente, justo apreciador, consciencioso e prudente, tal qual era preciso para fundar uma casa séria como a sua. Suas relações com o mundo culto, pelo qual era amado e estimado, tinham desenvolvido suas idéias e contribuído para dar à sua livraria acadêmica o caráter grave que dela fez uma casa de primeira ordem, menos pela cifra dos negócios do que pela especialidade das obras que explorava, e pela consideração comercial que, merecidamente, desfrutava há longos anos.

No que me concerne, congratulo-me por tê-lo encontrado em meu caminho, o que, sem dúvida, devo à assistência dos Espíritos bons; e digo com toda sinceridade que nele o Espiritismo perde um apoio e eu um editor, tanto mais precioso quanto, entrando perfeitamente no espírito da doutrina, tinha verdadeira satisfação em propagá-la.

Algumas pessoas ficaram surpresas porque não tomei da palavra em seu enterro. Os motivos de minha abstenção são muito simples.

Antes de mais, direi que a família, não me tendo manifestado desejo, eu não sabia se isto lhe seria ou não agradável. O Espiritismo, que aos outros censura impor-se, não deve incorrer na mesma condenação; jamais se impõe; espera que venham a ele.

Além disso, eu previa que a assistência seria numerosa e que, no número, se encontrariam muitas pessoas pouco simpáticas, ou mesmo hostis, às nossas crenças. Naquele momento solene, além de ter sido pouco conveniente vir chocar publicamente convicções contrárias, isto poderia fornecer aos nossos adversários um pretexto para novas agressões. Neste tempo de controvérsia, talvez tivesse sido uma ocasião de dar a conhecer a doutrina; mas não teria sido esquecer o piedoso motivo que nos reunia? Faltar com o devido respeito à memória daquele que acabávamos de saudar em sua partida? Era sobre um túmulo aberto que convinha contra-atacar? Haveréis de convir, senhores, que o momento teria sido mal escolhido. O Espiritismo ganhará sempre mais com a estrita observação das conveniências do que perderá em deixar escapar uma ocasião de se mostrar. Ele sabe que não precisa de violência; visa ao coração: seus meios de sedução são a doçura, a consolação e a esperança; é por isto que encontra cúmplices até nas fileiras inimigas. Sua moderação e seu espírito conciliador nos põem em relevo *por contraste*; não percamos essa preciosa vantagem. Busquemos os corações aflitos, as almas atormentadas pela dúvida: seu número é grande; lá estarão os nossos mais úteis auxiliares; com eles faremos mais prosélitos do que com anúncios publicitários e encenações.

Sem dúvida eu poderia ter-me limitado a generalidades e fazer abstração do Espiritismo. Mas tal reticência, de minha parte, poderia ter sido interpretada como medo ou uma espécie de

negação dos nossos princípios. Em semelhante circunstância só posso falar sem rodeios ou calar-me; foi esse último partido que tomei. Se se tivesse tratado de um discurso comum e sobre um assunto banal, outra teria sido minha atitude. Mas aqui o que eu pudesse ter dito deveria ter um caráter especial.

Poderia ter-me ainda limitado à prece que se acha em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, pelos que acabam de deixar a Terra e que, em semelhantes casos, produz sempre uma sensação profunda. Mas aqui se apresentaria um outro inconveniente. O eclesiástico que acompanhou o corpo ao cemitério ficou até o fim da cerimônia, contrariamente aos hábitos ordinários; ouviu com redobrada atenção o discurso do Sr. Flammarion e talvez esperasse, em razão das opiniões muito conhecidas do Sr. Didier e de suas relações com o Espiritismo, por alguma manifestação mais explícita. Depois das preces que acabava de dizer e que, em sua alma e consciência eram suficientes, vir em sua presença dizer outras, que são toda uma profissão de fé, um resumo dos princípios que não são os seus, teria parecido uma bravata, que não está no espírito do Espiritismo. É possível que algumas pessoas não se tivessem contrariado vendo o efeito do conflito tácito que daí poderia resultar: era o que as simples conveniências me mandavam evitar. As preces que cada um de nós disse em particular, e que podemos dizer entre nós, serão tão proveitosas ao Sr. Didier, se ele as necessitar, quanto se tivessem sido feitas com ostentação.

Crede bem, senhores, que eu tenho no coração, tanto quanto qualquer outro, os interesses da doutrina e que, quando faço ou não faço uma coisa, é com madura reflexão e depois de ter pesado as conseqüências.

Nossa colega, Sra. R..., veio da parte de alguns assistentes solicitar-me que tomasse a palavra. Pessoas que não conhecia, acrescentou ela, acabavam de dizer-lhe que tinham vindo ao cemitério na expectativa de me ouvir. Sem dúvida era muito

lisonjeiro para mim, mas, da parte de tais pessoas, era enganar-se redondamente quanto ao meu caráter pensar que um excitante do amor-próprio pudesse animar-me a falar para satisfazer a curiosidade dos que tinham vindo por outro motivo que não o de render homenagem à memória do Sr. Didier. Por certo essas pessoas ignoram que, se me repugna impor-me, também não gosto de me exhibir. É o que a Sra. R... lhes devia ter respondido, acrescentando que ela me conhecia e me estimava bastante para estar certa de que o desejo de me pôr em evidência não teria qualquer influência sobre mim.

Em outras circunstâncias, senhores, eu teria considerado um dever, teria ficado feliz ao prestar ao nosso colega um público testemunho de afeição em nome da Sociedade, representada em suas exéquias por um grande número de seus membros. Mas como os sentimentos estão mais no coração que na demonstração, sem dúvida cada um de nós já lho havia prestado do foro íntimo. Neste momento em que estamos reunidos, paguemos-lhe entre nós o tributo do nosso pesar, da estima e da simpatia que ele merece e esperemos que ele se digne voltar entre nós, como no passado, e continuar, como Espírito, a tarefa espírita que havia empreendido como homem.

Correspondência

CARTA DO SR. JAUBERT

“Eu vos peço, meu caro Sr. Kardec, inserir a carta seguinte no próximo número da vossa Revista. Certamente sou pouca coisa, mas, enfim, tenho a minha apreciação e a imponho à vossa modéstia. Por outro lado, quando se trava a batalha, quero provar que estou sempre em atividade, com minhas dragonas de lâ.”

Jaubert

Sem a obrigação que nos é imposta, em termos tão precisos, compreender-se-ão os motivos que nos teriam impedido de publicar esta carta. Nós nos teríamos contentado em conservá-la como um honroso e precioso testemunho e juntá-la às numerosas causas de satisfação moral que nos vêm sustentar e encorajar em nosso rude labor, e compensar as tribulações inseparáveis de nossa tarefa. Mas, por outro lado, posta de lado a questão pessoal, neste tempo de exaltação contra o Espiritismo, os exemplos de coragem de opinião são tanto mais influentes quando partem do mais alto. É útil que a voz dos homens de coração, dos que, por seu caráter, suas luzes e sua posição impõem respeito e confiança, se façam ouvir; e se ela não puder dominar os clamores, tais protestos não ficarão perdidos nem no presente nem no futuro.

Carcassonne, 12 de dezembro de 1865.

Senhor e caro mestre,

Não quero deixar findar o ano de 1865 sem lhe render graça por todo o bem que fez ao Espiritismo. Nós lhe devemos a *Pluralidade das existências da alma*, por André Pezzani; a *Pluralidade dos mundos habitados*, por Camille Flammarion: dois gêmeos que mal nascem e já dão passos tão largos no mundo filosófico.

Nós lhe devemos um livro, pequeno por suas páginas, mas grande por seus pensamentos; a simplicidade nervosa de seu estilo o disputa à severidade de sua lógica. Contém em germe a teologia do futuro; tem a calma da força e a força da verdade. Eu gostaria que o volume intitulado *O Céu e o Inferno* fosse editado aos milhões de exemplares. Perdoai-me este elogio: vivi muito para ser entusiasta e tenho horror à bajulação.

O ano de 1865 nos dá *Espírita*, novela fantástica. A literatura se decide a fazer invasão em nosso domínio. O autor não tirou do Espiritismo todos os ensinamentos que ele encerra. Põe em destaque a idéia capital, essencial: a demonstração da alma imortal pelos fenômenos. Os quadros do pintor me pareceram deslumbrantes; não posso resistir ao prazer de uma citação.

“*Espírita*, a amante de Guy de Malivert, ignorada na Terra, acaba de morrer. Ela mesma descreve suas primeiras sensações.

“O instinto da Natureza ainda lutava contra a destruição. Mas logo cessou essa luta inútil; e, num fraco suspiro, minha alma exalou-se de meus lábios.

“Palavras humanas não podem descrever a sensação de uma alma que, liberta de sua prisão corporal, passa desta à outra vida, do tempo à eternidade e do finito ao infinito. Meu corpo imóvel e já revestido dessa brancura mate, entregue à morte, jazia no leito fúnebre, cercado de religiosas em prece, e dele eu estava tão destacada quanto o pode estar a borboleta de sua crisálida, casulo vazio, despojo informe, para abrir suas jovens asas à luz desconhecida e subitamente revelada. A uma intermitência de sombra profunda havia sucedido um deslumbramento de esplendor, um alargamento de horizonte, um desaparecimento de todo limite e de todo obstáculo, que me inebriava de um júbilo indizível. Explosões de sentidos novos me faziam compreender os mistérios impenetráveis ao pensamento e aos órgãos terrestres. Desembaraçada dessa argila, submetida às leis da gravidade que até há pouco me tornavam mais pesada, eu me lançava com uma celeridade louca no éter insondável. As distâncias não existiam mais para mim e meu simples desejo me levava onde eu queria estar. Traçava grandes círculos, num vôo mais rápido que a luz, através do azul indefinido dos espaços, como se quisesse me apossar da imensidade, cruzando com uma multidão de almas e de Espíritos.”

E a tela se desenrola sempre mais esplêndida. Ignoro se, no fundo da alma, o Sr. Théophile Gautier é espírita; mas, com certeza, ele serve aos materialistas, aos descrentes a bebida salutar em taças de ouro magnificamente cinzeladas.

Eu ainda bendigo o ano de 1865 pelas grandes cóleras que ele encerrava em seus flancos. Ninguém se engane com isto: os

irmãos Davenport são menos causa do que pretexto para a cruzada. Soldados de todos os uniformes apontaram contra nós os seus canhões. Que provaram, então? A força e a resistência da cidadela sitiada. Conheço um jornal do sul muito propalado, muito estimado que, com todo o direito, enterra o Espiritismo uma vez por mês, e isto há bastante tempo; conseqüentemente, o Espiritismo ressuscita pelo menos doze vezes por ano. Vereis que eles o tornarão imortal de tanto o matar.

Agora não tenho mais senão os meus votos de Ano-Novo. Os primeiros são para vós, senhor e caro mestre, pela vossa felicidade, pela vossa obra tão valentemente empreendida e tão dignamente perseguida.

Faço votos pela união íntima de todos os espíritas. Vi com pesar algumas nuvens leves caindo em nosso horizonte. Quem nos amará se não nos soubermos amar? Como dizeis muito bem no último número de vossa *Revista*: “*Quem quer que creia na existência e na sobrevivência das almas, e na possibilidade das relações entre os homens e o mundo espiritual, é espírita.*” Que esta definição permaneça, e sobre este terreno sólido estaremos sempre de acordo. E agora, se detalhes da doutrina, mesmo importantes, por vezes nos dividem, discutamo-los, não como fraticidas, mas como homens que só têm um objetivo: o triunfo da razão e, pela razão, a busca do verdadeiro e do belo, o progresso da Ciência, a ventura da Humanidade.

Ficam os meus mais ardentes votos, os mais sinceros; eu os dirijo a todos os que se dizem nossos inimigos: que Deus os ilumine!

Adeus, senhor; recebei para vós e para todos os nossos irmãos de Paris a certeza de meus sentimentos afetuosos e de minha distinta consideração.

T. Jaubert,
Vice-Presidente do Tribunal

Qualquer comentário sobre esta carta seria supérfluo; apenas acrescentaremos uma palavra: é que homens como o Sr. Jaubert honram a bandeira que carregam. Sua apreciação tão judiciosa sobre a obra do Sr. Théophile Gautier nos dispensa do relato que dela nos propúnhamos fazer este mês. Nós a lembraremos no próximo número.

A Jovem Cataléptica da Suábia

ESTUDO PSICOLÓGICO

Sob o título de *Segunda vista*, vários jornais reproduziram o seguinte fato, entre outros o *Patrie* de 26 e o *Evénement* de 28 de novembro.

“Espera-se em Paris a chegada próxima de uma jovem, originária da Suábia, cujo estado mental apresenta fenômenos que deixam muito longe as trapaças dos irmãos Davenport e outros espíritas.

“Com dezesseis anos e meio, Louise B... mora com seus pais, proprietários-cultivadores no lugar chamado Bondru (Seine-et-Marne), onde se estabeleceram depois de haver deixado a Alemanha.

“Em consequência de violento pesar, causado pela morte de sua irmã, Louise caiu num sono letárgico, que durou cinquenta e seis horas. Após esse lapso de tempo despertou, não para a vida real e normal, mas para uma existência estranha, que se resume nos fenômenos seguintes:

“Louise perdeu subitamente a sua vivacidade e a sua alegria, embora sem sofrer, mas caindo numa espécie de beatitude, que se alia à mais profunda calma. Durante o dia inteiro fica imóvel numa cadeira, respondendo apenas por monossílabos às perguntas

que lhe são feitas. Chegada a noite, cai num estado cataléptico, caracterizado pela rigidez dos membros e a fixidez do olhar.

“Neste momento as faculdades e os sentidos da jovem adquirem uma sensibilidade e um alcance que ultrapassam os limites fixados ao poder humano. Não somente ela possui o dom da segunda vista, mas também o da segunda audição, isto é, ouve palavras proferidas perto de si, como as que são pronunciadas num local mais ou menos afastado, para o qual concentra sua atenção.

“Nas mãos da cataléptica, cada objeto adquire para ela uma imagem dupla. Como todo mundo, tem o sentimento da forma e da aparência exterior do objeto; além disso, vê distintamente a representação de seu interior, isto é, o conjunto das propriedades que possui e os usos a que se destina na ordem da criação.

“Num grande número de plantas, de amostras metálicas e mineralógicas, submetidas à sua inconsciente apreciação, assinalou virtudes latentes e inexploradas, que reportam o pensamento às descobertas dos alquimistas da Idade Média.

“Louise experimenta efeito análogo em relação ao aspecto das pessoas com as quais entra em comunicação pelo contato das mãos. Ela as vê ao mesmo tempo tais quais são e tais quais foram em idade menos avançada. Os sinais de envelhecimento e de doença desaparecem aos seus olhos e, se alguém perdeu algum membro, para ela é como se ainda subsistisse.

“A jovem camponesa pretende que, protegida contra todas as modificações da ação vital exterior, *a forma corporal continua integralmente reproduzida pelo fluido nervoso.*

“Transportada a lugares onde se acham túmulos, Louise vê e descreve da maneira que acabamos de referir, as pessoas cujos despojos foram confiados à terra. Então sofre espasmos e crises

nervosas, do mesmo modo que quando se aproxima dos locais onde existem água e metais, seja qual for a profundidade do solo em que se encontrem.

“Quando a jovem Louise passa da vida ordinária a esse modo de vida, que se pode chamar superior, parece que um espesso véu cai de seus olhos.

“Para ela a Criação, explicada de maneira nova, representa objeto de inexaurível admiração e, embora iletrada encontra, para exprimir seu entusiasmo, comparações e imagens verdadeiramente poéticas.

“Nenhuma preocupação religiosa se mistura a essas impressões. Os pais, longe de achar nesses fenômenos insólitos motivo de especulação, ocultam-nos com o maior cuidado. Se se decidem a trazer, sem ruído, a mocinha a Paris, é porque essa superexcitação constante do sistema nervoso exerce sobre seus órgãos uma influência destrutiva e ela definha a olhos vistos. Os médicos que dela cuidam opinaram que a levassem à capital, tanto para reclamar o auxílio dos mestres na arte de curar, quanto para submeter à Ciência fatos que escapam da esfera ordinária de suas investigações, e cuja explicação ainda não foi encontrada.”

Diz o autor do artigo que os fenômenos apresentados por essa jovem deixam muito longe as trapaças dos irmãos Davenport e outros espíritas. Se esses fenômenos são reais, que relações podem ter com malabarismos? Por que essa comparação entre coisas desiguais, e dizer que uma ultrapassa a outra? Com intenção de lançar uma pequena maldade contra o Espiritismo, o autor anuncia, sem o querer, uma grande verdade, em apoio do que quer denegrir; proclama um fato essencialmente espírita, que o Espiritismo reconhece e aceita como tal, ao passo que jamais tomou os Srs. Davenport sob seu patrocínio e, ainda menos, os apresentou como adeptos e apóstolos. É o que esses senhores

jornalistas saberiam, se tivessem levado em conta os inúmeros protestos que lhes chegaram de toda parte contra a assimilação que pretenderam estabelecer entre uma doutrina essencialmente moral e filosófica e exhibições teatrais.

A explicação desse fenômeno, dizem, ainda não foi dada pela ciência oficial; isto é certo. Mas, para a ciência espírita, há muito tempo isto não é mais mistério. Contudo, não faltam meios de esclarecer. Os casos de catalepsia, de dupla vista e de sonambulismo natural, com as estranhas faculdades que se desenvolvem nesses diversos estados, não são raros. Por que a Ciência ainda está à procura de sua explicação? É que a Ciência se obstina em buscá-la onde não está, onde jamais a encontrará: nas propriedades da matéria.

Eis um homem que vive: pensa, raciocina; um segundo depois morre; não dá mais nenhum sinal de inteligência. Então havia nele, enquanto pensava, algo que já não existe, pois não pensa mais. O que pensava nele? Dizeis que é a matéria. Mas a matéria continua sempre lá, intacta, sem uma parcela a menos. Por que, então, pensava há poucos instantes e agora não pensa mais? – É porque está desorganizada; sem dúvida as moléculas se desagregaram; talvez se tenha rompido uma fibra; um nada se desarranjou e o movimento intelectual parou. – Eis assim o gênio, as maiores concepções humanas à mercê de uma fibra, de um átomo imperceptível, e perdidos os esforços de toda uma vida de labor! De todo esse mobiliário intelectual, adquirido a duras penas, nada resta; a mais vasta inteligência não passa de pêndulo bem montado que, uma vez deslocado, só serve como ferro velho! É pouco lógico e pouco encorajador; com tal perspectiva, sem dúvida seria melhor cuidar apenas de comer e beber. Mas, enfim, é um sistema.

Segundo vós, a alma é apenas uma hipótese. Mas essa hipótese não se torna realidade em casos análogos ao da jovem em

questão? Aqui a alma se mostra a descoberto; não a percebeis, mas a vedes pensar e agir isoladamente do envoltório material; transporta-se para longe; vê e ouve, apesar do estado de insensibilidade dos órgãos. Pode-se explicar só pelos órgãos fenômenos que se passam fora de sua esfera de ação? E nisto não está a prova da independência da alma? Como, pois, não reconhecê-la por sinais tão evidentes? É que, para isto, seria preciso admitir a intervenção da alma nos fenômenos patológicos e fisiológicos, que, assim, deixariam de ser exclusivamente materiais. Ora, como reconhecer um elemento espiritual nos fenômenos da vida, quando, constantemente, se tem dito o contrário? É o que não podem decidir, pois seria preciso admitir que se haviam enganado; e é duro, para certos amores-próprios, receberem um desmentido da própria alma que negaram. Assim, desde que ela se mostra em qualquer parte com muita evidência, logo se apressam em cobri-la com um alqueire e não se ouve mais falar no assunto. Assim sucedeu com o hipnotismo e tantas outras coisas. Queira Deus que assim não aconteça com Louise B... Para liquidar a questão, dizem que esses fenômenos são ilusões, e que seus promotores são loucos ou charlatães.

Tais são as razões que fizeram negligenciar o estudo tão interessante e tão fecundo em resultados morais dos fenômenos psico-fisiológicos; tal é, também, a causa da repulsa do materialismo pelo Espiritismo, que repousa inteiramente nas manifestações ostensivas da alma, durante a vida e depois da morte.

Mas, dirão, o partido religioso, fustigado pelo materialismo, deve acolher com ardor os fenômenos que vêm derrubar a incredulidade pela evidência. Por que, então, em vez de os transformar em arma, os repele? É que a alma é uma indiscreta, que vem apresentar-se em condições muito diversas do estado em que no-la mostram, e sobre o qual construíram todo um sistema; teriam de voltar a crenças que dizem imutáveis; depois ela vê bem claro; assim, era preciso interditar-lhe a palavra. Mas não contaram

com a sua sutileza: ela não pode ser encerrada como um pássaro numa gaiola; se lhe fecham uma porta, ela abre mil outras. Hoje ela se faz ouvir em toda parte, para dizer de um a outro extremo do mundo: eis o que somos. Muito hábeis serão os que a impedirem.

Voltemos ao nosso assunto. A jovem em questão oferece o fenômeno, muito comum em casos semelhantes, da extensão das faculdades. Essa extensão, diz o artigo, atinge um alcance que ultrapassa os limites fixados ao poder humano. Deve-se distinguir aqui duas ordens de faculdades: as faculdades perceptivas, isto é, a visão e a audição, e as faculdades intelectuais. As primeiras são postas em atividade pelos agentes exteriores, cuja ação repercute no interior; as segundas constituem o pensamento que irradia do interior para o exterior. Inicialmente falemos das primeiras.

No estado normal, a alma percebe por intermédio dos sentidos. Aqui a jovem percebe o que está fora do alcance da vista e do ouvido; vê no interior das coisas, penetra os corpos opacos, descreve o que se passa longe; portanto, vê de outro modo que não pelos olhos e ouve de outra forma que não pelo ouvido, e isto num estado em que o organismo é acometido de insensibilidade. Se se tratasse de um fato único, excepcional, poder-se-ia atribuí-lo a um capricho da Natureza, a uma espécie de monstruosidade; mas é muito comum. Mostra-se de maneira independente, embora em graus diferentes, na maior parte dos casos de catalepsia, na letargia, no sonambulismo natural e artificial, e mesmo em numerosos indivíduos que têm todas as aparências de estado normal. Produz-se, pois, em virtude de uma lei. Como a Ciência, que leva suas investigações ao movimento de atração do mais insignificante grão de poeira, tenha negligenciado um fato tão capital?

O desenvolvimento das faculdades intelectuais é ainda mais extraordinário. Eis uma jovem, uma camponesa analfabeta, que não só se exprime com elegância, com poesia, mas em quem se

revelam conhecimentos científicos sobre coisas que não aprendeu e – circunstância não menos singular – isto ocorre num estado particular, ao sair do qual tudo é esquecido: volta a ser tão ignorante quanto antes. Entrando no estado extático, a lembrança lhe volta com as mesmas faculdades e os mesmos conhecimentos; para ela são duas existências distintas.

Se, conforme a escola materialista, são produto direto dos órgãos; se, para nos servirmos da expressão desta escola, “o cérebro secreta o pensamento, como o fígado secreta a bile”, então também secreta *conhecimentos acabados*, sem o concurso de um professor. É uma propriedade que ainda não se conhecia nesse órgão. Nessa mesma hipótese, como explicar esse desenvolvimento intelectual extraordinário, essas faculdades transcendentais, alternadamente possuídas, perdidas e recobradas quase instantaneamente, enquanto o cérebro é sempre o mesmo? Não está aí a prova patente da dualidade do homem, da separação do princípio material e do princípio espiritual?

Aí, nada ainda de excepcional: esse fenômeno é tão comum quanto o da extensão da visão e da audição. Como este último, depende, pois, de uma lei. São essas leis que o Espiritismo procurou e a observação lhe deu a conhecer.

A alma é o ser inteligente; nela está a sede de todas as percepções e de todas as sensações; ela sente e pensa por si mesma; é individual, distinta, perfectível, preexistente e sobrevivente ao corpo. O corpo é o seu invólucro material: é o instrumento de suas relações com o mundo visível. Durante sua união com o corpo, ela percebe por meio dos sentidos, transmite seu pensamento com a ajuda do cérebro; separada do corpo, percebe diretamente e pensa mais livremente. Tendo os sentidos um alcance circunscrito, as percepções recebidas por seu intermédio são limitadas e, de certo modo, amortecidas; recebidas sem intermediário, são indefinidas e de uma sutileza surpreendente, porque ultrapassa, não a força

humana, mas todos os produtos de nossos meios materiais. Pela mesma razão, o pensamento transmitido pelo cérebro se peneira, a bem dizer, através desse órgão. A grosseria e os defeitos do instrumento a paralisam e em parte a abafam, como certos corpos transparentes absorvem uma parte da luz que os atravessa. Obrigada a servir-se do cérebro, a alma é como um músico muito bom, diante de um instrumento imperfeito. Livre desse incômodo auxiliar, desdobra todas as suas faculdades.

Tal é a alma durante a vida e depois da morte. Para ela há, portanto, dois estados: o de encarnação ou de constrangimento, e o de desencarnação ou de liberdade; em outras palavras: o da vida corporal e o da vida espiritual. A vida espiritual é a vida normal, permanente da alma; a vida corporal é transitória e passageira.

Durante a vida corporal, a alma não sofre constantemente o constrangimento do corpo, e aí está a chave dos fenômenos físicos, que só nos parecem estranhos porque nos transportam para fora da esfera habitual de nossas observações. Qualificaram-nos de sobrenaturais, embora, na realidade, estejam submetidos a leis perfeitamente naturais, porque essas leis nos eram desconhecidas. Hoje, graças ao Espiritismo, que deu a conhecer essas leis, desapareceu o maravilhoso.

Durante a vida exterior de relação, o corpo necessita de sua alma ou Espírito por guia, a fim de o dirigir no mundo; mas nos momentos de inatividade do corpo, a presença da alma não é mais necessária; dele se desprende, sem, contudo, deixar de a ele se prender por um laço fluídico, que a ele o chama, tão logo se fizer necessária a sua presença. Nesses momentos recobra parcialmente a liberdade de agir e de pensar, da qual só desfrutará completamente depois da morte do corpo, quando deste estará completamente separada. Esta situação foi espiritualmente e muito veridicamente descrita pelo Espírito de uma pessoa viva, que se comparava a um balão cativo, e por um outro, o Espírito de um

idiota vivo, que dizia ser como um pássaro, amarrado pela pata. (*Revista Espírita*, junho de 1860).

Esse estado, que chamamos *emancipação da alma*, ocorre normalmente e periodicamente durante o sono. Só o corpo repousa para recuperar as perdas materiais; mas o Espírito, que nada perdeu, aproveita essa pequena trégua para se transportar para onde queira. Além disso, tal estado também ocorre toda vez que uma causa patológica, ou simplesmente fisiológica, produz a inatividade total ou parcial dos órgãos da sensação e da locomoção. É o que se passa na catalepsia, na letargia, no sonambulismo. O desprendimento ou, se se quiser, a liberdade da alma, é tanto maior quanto mais absoluta a inércia do corpo. É por essa razão que o fenômeno adquire seu maior desenvolvimento na catalepsia e na letargia. Nesse estado, a alma não percebe mais pelos sentidos materiais, mas, se assim nos podemos exprimir, pelo *sentido psíquico*; é por isso que suas percepções ultrapassam os limites ordinários; seu pensamento age sem a intercessão do cérebro, razão por que desdobra faculdades mais transcendentais que no estado normal. Tal é a situação da jovem B...; também ela diz, e com razão, que “quando passa da vida ordinária a esse modo de vida superior, parece-lhe que um espesso véu cai de seus olhos.” Tal é, também, a causa do fenômeno da *segunda vista*, que não é senão a visão direta pela alma; da visão a distância, que resulta do transporte da alma ao lugar que ela descreve; da lucidez sonambúlica, etc.

“Quando Louise B... vê pessoas vivas, os sinais de envelhecimento desaparecem, e se alguém perdeu algum membro, para ela é como se ainda subsistisse; a forma corporal continua integralmente *reproduzida pelo fluido nervoso*.” Se ela visse simplesmente o corpo, vê-lo-ia tal qual é; o que ela vê é o envoltório fluídico; o corpo material pode ser amputado: o perispírito não o é; o que aqui se designa por *fluido nervoso* não é senão o *fluido perispiritual*.

Ela vê também os que estão mortos; então lhes resta alguma coisa. Que vê ela? Não pode ser o corpo, que não mais existe; no entanto, os vê com uma forma humana, a que possuíam em vida. O que ela vê é a alma, revestida de seu corpo fluídico ou perispírito. Portanto, as almas sobrevivem ao corpo e, assim, não são seres abstratos, centelhas, chamas, sopros perdidos na imensidade do reservatório comum, mas seres reais, distintos, circunscritos, individuais. Se tanto vê os mortos como os vivos, é porque os vivos têm, como os mortos, o mesmo corpo fluídico imperecível, ao passo que o grosseiro envoltório material se dissolve com a morte. Ela não vê almas perdidas nas profundezas infinitas do espaço, mas em meio a nós, o que prova a existência do mundo invisível que nos rodeia, e em cujo meio vivemos sem o suspeitar.

Tais revelações não levam a refletir seriamente? Quem pôde dar tais idéias a essa moça? A leitura de obras espíritas? Mas ela não sabe ler. A convivência com os espíritas? Ela nunca ouviu falar deles. É, pois, espontaneamente que ela descreve todas essas coisas. É produto de sua imaginação? Mas ela não é a única: milhares de videntes disseram e dizem a mesma coisa todos os dias, o que a Ciência nem desconfia. Ora, é desse concurso universal de observações que o Espiritismo deduziu a teoria.

Em vão a Ciência buscará a solução desses fenômenos, enquanto fizer abstração do elemento espiritual, pois aqui está a chave de todos esses pretensos mistérios. Que ela admita, ainda que a título de hipótese, e tudo se explicará sem dificuldade.

Observações desta natureza, sobre pacientes como Louise B..., exigem muito tato e prudência. Não se deve perder de vista que, nesse estado de excessiva susceptibilidade, a menor comoção pode ser funesta; a alma, feliz por estar despreendida do corpo, a este se prende apenas por um fio, que um nada pode romper para sempre. Em casos semelhantes, experiências feitas sem cautela podem *matar*.

Poesias Espíritas

ALFRED DE MUSSET

O Sr. Timothée Trimm publicou, no *Petit Journal* de 23 de outubro de 1865, estrofes que um de seus amigos lhe havia ofertado, como tendo sido ditadas mediunicamente por Alfred de Musset a uma senhora de seu conhecimento, porque a loucura do Espiritismo ganha até os amigos desses senhores, que não ousam publicamente mandá-los para o hospício, sobretudo quando esses amigos são, como no caso, homens de notória inteligência, postos à testa da alta indústria artística. Sem dúvida em atenção a esse amigo, ele não denegriu tanto a procedência desses versos; contentou-se em os enquadrar numa fantasiosa encenação semiburlesca. Entre outras coisas dizia:

“Nada invento; constato. Num castelo dos arredores de Paris, mandaram vir o autor de *Kolla* e de *A taça e os lábios...* a uma mesa. Pediram versos!!!... inéditos. Um secretário espírita sentou-se à carteira encantada; diz ter escrito sob o ditado de um imortal... e eis o que mostrou à assistência.”

Na verdade, esses versos não foram obtidos num castelo dos arredores de Paris, nem por uma mesa, mas pela escrita ordinária; também não haviam chamado Alfred de Musset. Aos olhos do escritor, a idéia de trazer o poeta a uma mesa tinha, sem dúvida, algo de mais trivial em relação ao Espiritismo. Eis como as coisas se passaram.

A Sra. X... é uma mulher do mundo, instruída como todas as que receberam educação, mas absolutamente não é poetisa. É dotada de poderosa faculdade mediúnica, psicográfica e vidente e, em muitas ocasiões, deu provas irrecusáveis da identidade dos Espíritos que se comunicam por seu intermédio. Tendo ido passar a bela estação com o marido, também fervoroso espírita, num chalezinho em meio às dunas do Departamento do

Nord, uma noite se achava em seu balcão, sob magnífico luar, contemplando a abóbada celeste e a vasta extensão das dunas, num solene silêncio, que só era interrompido pelos ladridos do cão da casa, circunstância a notar, porque dão aos versos um cunho de atualidade. De repente ela se sentiu agitada, como que envolvida por um fluido e, sem desígnio premeditado, foi levada a tomar de uma pena; escreveu de um jacto, sem rasura nem hesitação, em alguns minutos, os versos em questão, com a assinatura de Alfred de Musset, no qual absolutamente não pensava. Nós os reproduzimos na íntegra. Era 1º de setembro de 1865.

Pobre Espírito, eis-te aí, assim,
 Contemplando o dia e a noite, enfim,
 A triste duna,
 Não tendo pra te desfadar,
 Senão esse cão que vem uivar
 À luz da *luna*.

Quando te vejo só e agitada,
 Erguer para a abóbada estrelada
 Úmido olhar,
 Os tristes dias vêm-me à lembrança
 Que eu maldizia sem esperança
 De algo encontrar.

Tal quanto em ti, sofrendo estou certo,
 Em chama neste imenso deserto
 Meu coração;
 Como pérola do mar no fundo,
 Um grito d'alma por todo o mundo
 Busquei em vão.

Para a minha cabeça esfriar,
 Sob o céu da Itália a viajar
 Vivo em seguida;
 Têm-me visto Florença e Veneza,
 Entre moças de colo em nueza,
 Encher a vida.

Por vezes o fraco pescador
Em me vendo, qual criança, de dor,
Chorar na praia,
E parando, cheio de piedade,
Esquecer as redes que à metade
O mar espraia.

Pobre menino, vem até nós;
Pondo-o em seus joelhos com terna voz
Lhe estanca o choro,
Te levaremos a teu passeio
Nas *terras* plenas de bom recreio
Lá onde eu moro.

Se nestes versos pra ti assim,
Ainda preso e apesar de mim
Esta feitura,
É para sábios que zombam fundo,
Trazer de minh'alma do outro mundo,
A assinatura.

Alfred de Musset

Publicando esses versos, o *Petit Journal* fez várias alterações que lhes desnaturam o sentido e se prestam ao ridículo. Na primeira estrofe, 6º verso, em vez de: *Au clair de lune*, ele pôs: *Au clair de la lune*, o que estropia o verso e o torna grotesco.

A segunda estrofe foi suprimida, o que rompe o encadeamento da idéia.

Na terceira, 2º verso, em vez de: *Ce grand désert*, que pinta a localidade, pôs: *Le grand désert*.

Na sexta, 5º verso, em vez de: *Dans les terres pleines d'amour*, que tem sentido, pôs: *Dans les serres pleines d'amour*, que não o tem.

Tendo sido pedidas essas retificações, é lamentável que o *Petit Journal* se tenha recusado a inseri-las. Entretanto, o autor do artigo disse: “Nada invento; constato.”

A propósito do romance do Sr. Théophile Gautier, intitulado *Espírita*, o mesmo Espírito ditou ao médium as estrofes seguintes, no dia 2 de dezembro de 1865:

Eis-me aqui outra vez. Embora ter, Senhora,
Jurado aos deuses que não rimaria mais.
É muito triste ofício o que imprimir faz
As obras de um autor que vem do além agora.

Fui para longe de vós, mas, Espírito afável
Arrisca-se a falar de nós com almo sorriso.
Eu penso que ele sabe além do que é preciso,
E que tenha encontrado a sua alma agradável.

Uma alma do outro mundo! É estranho realmente;
Eu mesmo já me ri quando aí me encontrava;
Porém ao informar que não acreditava,
Teria a me salvar um anjo clemente.

Que amado eu o teria, à noite, na janela,
Apoiada na mão a fronte em palidez,
Quando a sondar, em pranto, esse *grande talvez*,
Do espaço a percorrer a fúlgida aquarela!

Amigos, que esperais de um século sem crença?
Quando espremerdes pois vosso mais belo fruto,
O homem sempre achará seu tumular reduto
Se, para o sustentar, a esperança é indefensa.

Mas meus versos, dirão, para eles não são.
Que me importa, aliás, a censura é vulgar!
Disso quando era vivo, eu não quis me ocupar;
Hoje, eu riria, enfim, com mais forte razão.

Alfred de Musset

Eis a opinião sobre estes versos de um dos redatores do *Monde illustré*, Sr. Júnior, que não é espírita. (Vide o *Monde illustré* de 16 de dezembro de 1865).

“O Sr. T. Gautier recebeu de uma senhora uma poesia assinada por Alfred de Musset, e que se poderia intitular: *A uma dama espírita, que me havia pedido versos para o seu álbum*. Evidentemente aquela dama pretendia, já que se trata de Espiritismo, de ter sido a intermediária, o médium obediente, cuja mão traçou os versos, ditados por Alfred de Musset, morto já há alguns anos.

“Até aí tudo muito simples, porque, desde que se perscruta o infinito, todos os que acreditam no Espiritismo se voltam para vós e vos inundam de comunicações mais ou menos interessantes. Mas os versos assinados por Musset são tais que, aquele ou aquela que os traçou é um poeta de primeira ordem. É o jeito de Musset, sua linguagem encantadora, sua desenvoltura de cavalheiro, seu charme e seu estilo gracioso. Não é excessivo como o pastiche, não é intencional nem forçado; e se pensais que um mestre como T. Gautier se engana, é preciso que o quadro seja admiravelmente imitado. O lado curioso é que o honrado Sr. Charpentier, editor das obras completas de Musset, ao qual mandaram ler esses versos encantadores, que espero em breve vos comunicar, pôs-se a gritar: ‘Pega o ladrão!’

“Por certo presumis que não creio numa só palavra de tudo quanto narram os Allan Kardec e os Delaage, mas isto me perturba e me irrita; vejo-me constrangido a supor que esses versos são inéditos, são do poeta das *Noites* – o que é muito admissível, porque, enfim, sob que pretexto a dama em questão teria estes versos em sua gaveta? – ou então um poeta legítimo teria inventado esta mistificação, e os poetas não perdem assim as suas cópias. Qual, então, a solução possível? – Ouço daqui um homem *prático* dizer-me: ‘Meu caro senhor, quereis uma solução? Ela está em

vossa imaginação, que exagera o alcance e a excelência desses versos; eles são bonitos e nada mais; e o primeiro médium um pouco pedante que conhece bem o seu Musset, fará outro tanto.”

Senhor homem prático, tendes razão; isto ocorre em noventa e nove por cento dos casos. Mas se soubésseis a que ponto tenho o sangue-frio! Li esses versos, mas ainda não lhos posso mostrar; li, reli ainda, e garanto que o próprio Gautier, o grande lingüista, o grande escultor do *Poema da mulher*, não faria melhor Musset que este.”

Observação – Há uma circunstância que o autor não leva em conta, e que tira toda possibilidade de que tais versos tenham sido feitos por Musset em vida: são as atualidades e as alusões às coisas presentes. Quanto ao médium, nem é poetisa, nem mulher pedante e, além disso, sua posição no mundo afasta qualquer suspeita de fraude.

O Espiritismo tem Lugar Reservado na Filosofia e nos Conhecimentos Usuais

Neste momento publica-se importante obra que interessa à Doutrina Espírita no mais alto grau, e cuja análise do seu prospecto nos fará melhor conhecê-la.

“**Novo Dicionário Universal**, panteão literário e enciclopédia ilustrada, por *Maurice Lachâtre*, com o concurso de cientistas, artistas e escritores, conforme os trabalhos de *Allan Kardec, Ampère, Andral, Arago, Audouin, Balbi, Becquerel, Berzelius, Biot, Brongnard, Burnouf, Chateaubriand, Cuvier, Flourens, Gay-Lussac, Guizot, Humboldt, Lamartine, Lamennais, Laplace, Magendie, Michelet, Ch. Nodier, Orfila, Payen, Raspail, de Sacy, J. B. Say, Thiers, etc., etc.*

Dois magníficos volumes in-4^o grande, de três colunas, ilustrados com vinte mil figuras, gravadas em madeira, intercaladas no texto. – Dois fascículos semanais, de 10 centavos cada. – Cada fascículo contém 95.768 letras, isto é, matéria da metade de um volume in-8^o. A obra contém 200 fascículos por volume e não custará mais que 40 francos. Esta obra, o mais gigantesco empreendimento literário de nossa época, contém a análise de mais de 400.000 obras, e pode ser considerada, com justiça, como o mais vasto repertório de conhecimentos humanos. O *Novo Dicionário Universal* é o mais exato, o mais completo e o mais progressivo de todos os dicionários, o único que abarca em seus desenvolvimentos todos os dicionários especiais da língua usual, da linguagem poética, dos sinônimos, da linguagem antiga, das dificuldades gramaticais, da teologia, das religiões, seitas e heresias, das festas e cerimônias de todos os povos, da mitologia, do magnetismo, do Espiritismo, das doutrinas filosóficas e sociais, da história da biografia, das ciências, da Física, da Química, da História natural, da Astronomia, das invenções, da Medicina, da Geografia, da marinha, da jurisprudência, da economia política, da franco-maçonaria, da agricultura, do comércio, da economia doméstica, do governo doméstico, etc., etc. – Paris, *Docks de la librairie*, boulevard Sébastopol.”

Esta obra conta no momento vinte mil subscritores.

Devemos fazer notar, inicialmente, que se o nosso nome se acha à testa dos autores, cujas obras foram consultadas, foi a ordem alfabética que assim o quis, e não a preeminência.

Todos os termos especiais do vocabulário espírita se acham nesse vasto repertório, não como uma simples definição, mas com todos os desenvolvimentos que comportam, de sorte que seu conjunto formará um verdadeiro tratado do Espiritismo. Além disso, toda vez que uma palavra possa levar a uma dedução filosófica, a idéia espírita é cotejada, como ponto de comparação.

Concebida num espírito de imparcialidade, a obra não apresenta a idéa espírita, nem qualquer outra, como verdade absoluta; deixa livre o leitor para aceitá-la ou rejeitá-la, mas dá a este os meios de apreciá-la, apresentando-a com escrupulosa exatidão, e não truncada, alterada ou prejudgada. Limita-se a dizer: sobre tal ponto uns pensam de tal maneira; o Espiritismo o explica de outro modo.

Um dicionário não é um tratado especial sobre uma matéria, no qual o autor desenvolve sua opinião pessoal; é uma obra de pesquisas, destinado a ser consultado, e que se dirige a todas as opiniões. Se aí se procura uma palavra, é para saber o que realmente significa e não para ter a apreciação do redator, que pode ser justa ou falsa. Um judeu e um muçulmano devem nele encontrar a idéa judaica ou muçulmana reproduzida exatamente, o que não implica em esposar essa idéa. O dicionário não tem de decidir se ela é boa ou má, absurda ou racional, porque o que é aprovado por uns, pode ser censurado por outros; apresentando-a na sua integralidade, não lhe assume a responsabilidade. Se se tratar de uma questão científica, que divide os sábios, por exemplo, da homeopatia e da alopatia, ele tem por missão dar a conhecer os dois sistemas, mas não preconizar um em detrimento do outro. Tal deve ser o caráter de um dicionário *enciclopédico*; só nesta condição deve ser consultado com proveito, em todos os tempos e por todo o mundo. Com a universalidade ele adquire a perpetuidade.

Tal é, e tal deveria ser o sentimento que presidiu a parte que concerne ao Espiritismo. Que os críticos emitam sua opinião em obras especiais, nada melhor; é seu direito. Mas um dicionário é um terreno neutro, onde cada coisa deve ser apresentada sob suas verdadeiras cores, e onde se deve poder colher toda espécie de informações, com a certeza de aí encontrar a verdade.

Em tais condições, tendo o Espiritismo achado lugar numa obra tão importante e tão popular quanto o *Novo Dicionário Universal*, tem lugar reservado entre as doutrinas filosóficas e os

conhecimentos habituais; seu vocabulário, já aceito pelo uso, recebeu sua consagração e, doravante, nenhuma obra do mesmo gênero poderá omiti-lo sem ser incompleto. Aí está ainda uma das produções do ano de 1865, que o Sr. vice-presidente Jaubert esqueceu de mencionar na sua lista de resultados deste ano.

Corroborando as observações acima, e como amostra da maneira pela qual as questões espíritas são tratadas nesta obra, citaremos a explicação que se acha no verbete **alma**. Depois de haver desenvolvido longamente, imparcialmente as diferentes teorias da alma, segundo Aristóteles, Platão, Leibniz, Descartes e outros filósofos, que não podemos reproduzir por causa de sua extensão, o artigo termina assim:

“**Conforme a Doutrina Espírita**, a alma é o princípio inteligente que anima os seres da Criação e lhes dá o pensamento, a vontade e a liberdade de agir. Ela é imaterial; individual e imortal; mas sua essência íntima é desconhecida; não a podemos conceber de modo algum isolada da matéria, senão como uma abstração. Unida ao envoltório fluídico etéreo ou *perispírito*, ela constitui o *ser espiritual* concreto, definido e circunscrito chamado *Espírito* (Vide *Espírito*, *perispírito*). Por metonímia, muitas vezes empregam-se as palavras *alma* e *Espírito* uma pela outra; diz-se: as almas sofredoras e os Espíritos sofredores; as almas felizes e os Espíritos felizes; evocar a alma ou o Espírito de alguém; mas a palavra *alma* desperta antes a idéia de um princípio, de uma coisa abstrata, e a palavra *Espírito* a de uma individualidade.

“Unido ao corpo material pela encarnação, o Espírito constitui o *homem*, de modo que no homem há três coisas: a *alma* propriamente dita, ou princípio inteligente; o *perispírito*, ou envoltório fluídico da alma; o *corpo*, ou invólucro material. Assim, a alma é um ser simples; o Espírito um ser duplo, composto da alma e do perispírito; o homem, um ser triplo, composto da alma, do perispírito e do corpo. Separado do Espírito, o corpo é uma

matéria inerte; separado da alma, o perispírito é uma matéria fluídica, sem vida e sem inteligência. A alma é o princípio da vida e da inteligência; foi, pois, equivocadamente que algumas pessoas pretenderam que, dando à alma um envoltório fluídico semimaterial, o Espiritismo dela fazia um ser material.

“A origem primeira da alma é desconhecida, porque o princípio das coisas está nos segredos de Deus, e porque não é dado ao homem, no seu atual estado de inferioridade, tudo compreender. Sobre este ponto só se podem formular sistemas. Segundo uns, a alma é uma criação espontânea da Divindade; segundo outros, é a própria emanção, uma porção, uma centelha do fluido divino. Eis um problema sobre o qual não se podem estabelecer senão hipóteses, pois há razões a favor e contra. À segunda opõe-se, todavia, esta fundada objeção: Sendo Deus perfeito, se as almas fossem porções da Divindade, deveriam ser perfeitas, em virtude do axioma de que a parte é da mesma natureza que o todo; desde então, não se compreenderia que as almas fossem imperfeitas e tivessem necessidade de se aperfeiçoar. Sem se deter nos diversos sistemas relativos à natureza íntima e à origem da alma, o Espiritismo a considera na espécie humana; constata, em razão de seu isolamento e de sua ação independente da matéria, durante a vida e depois da morte, sua existência, seus atributos, sua sobrevivência e sua individualidade. Sua individualidade ressalta da diversidade que existe entre as idéias e as qualidades de cada uma no fenômeno das manifestações, diversidade que para cada uma acusa uma existência própria.

“Um fato não menos capital ressalta igualmente da observação: é que a alma é essencialmente progressiva e adquire incessantemente, em saber e em moralidade, pois que são vistas em todos os graus de desenvolvimento. Segundo o ensino unânime dos Espíritos, ela é criada *simples e ignorante*, isto é, sem conhecimentos, sem consciência do bem e do mal, com igual aptidão para um e para outro e para tudo adquirir. Sendo a Criação incessante e para

toda a eternidade, há almas chegadas ao topo da escala, enquanto outras surgem para a vida; mas, tendo todas o mesmo ponto de partida, Deus não cria umas melhor dotadas que outras, o que é conforme à soberana justiça. Presidindo uma perfeita igualdade à sua formação, elas progridem mais ou menos rapidamente, em virtude de seu livre-arbítrio e conforme o seu trabalho. Assim, Deus deixa a cada uma o mérito e o demérito de seus atos, e a responsabilidade cresce à medida que se desenvolve o senso moral. De sorte que, de duas almas criadas ao mesmo tempo, uma pode chegar ao objetivo mais depressa que a outra, se trabalhar mais ativamente por sua melhoria; mas as que ficaram na retaguarda chegarão igualmente, embora mais tarde e depois de rudes provas, porque Deus não interdita o futuro a nenhum de seus filhos.

“A encarnação da alma num corpo material é necessária ao seu aperfeiçoamento; pelo trabalho necessário à existência corporal, desenvolve-se a inteligência. Não podendo adquirir, numa única existência, todas as qualidades morais e intelectuais que a devem conduzir ao objetivo, ela aí chega passando por uma série ilimitada de existências, quer na Terra, quer em outros mundos, em cada uma das quais dá um passo na via do progresso e se despoja de algumas imperfeições. Em cada existência traz a alma o que adquiriu nas existências precedentes. Assim se explica a diferença existente nas aptidões inatas e no grau de aditamento das raças e dos povos (Vide *Espírito, reencarnação*).”

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

FEVEREIRO DE 1866

Nº 2



O Espiritismo Segundo os Espíritas

EXTRAÍDO DO JORNAL *DISCUSSION*

Impresso em Bruxelas, o jornal hebdomadário político e financeiro *Discussion* não é uma dessas folhas levianas que, pelo fundo e pela forma, visam ao divertimento do público frívolo. É um jornal sério, acreditado principalmente no mundo financeiro e que se acha no seu undécimo ano¹. Sob o título: *O Espiritismo segundo os espíritas*, o número de 31 de dezembro de 1865 contém o seguinte artigo:

“*Espíritas* e *Espiritismo* são agora duas palavras bem conhecidas e freqüentemente empregadas, conquanto fossem ainda ignoradas apenas há alguns meses. Entretanto, a maioria das pessoas que delas se servem estão a perguntar o que exatamente significam, porque, embora cada um faça essa pergunta a si mesmo, ninguém a manifesta, pois todos querem passar por capazes de matar a charada.

1 Redação em Bruxelas, 17, Montagne de Sion; Paris, 31, rue Bergère. – Preço para a França, 12 fr. por ano; 7 fr. por semestre. Cada número de oito páginas grande in-fólio: 25 centavos.

“Algumas vezes, contudo, a curiosidade intriga a ponto de trazer a pergunta aos lábios e, conforme o desejo, cada um vos esclarece.

“Alguns pretendem que o Espiritismo é o truque do armário dos irmãos Davenport; outros afirmam que não passa da magia e da feitiçaria de outrora, que querem reabilitar sob um novo nome. Segundo as comadres de todos os bairros, os espíritas entretêm conversas misteriosas com o diabo, com o qual fizeram um compromisso prévio. Enfim, lendo-se os jornais, fica-se sabendo que todos os espíritas são loucos ou, pelo menos, deixam-se iludir por certos charlatães chamados *médiuns*. Esses charlatães vêm, com ou sem armário, dar representações a quem os queira pagar e, para tornar mais verossímil suas trapaças, dizem operar sob a influência oculta dos Espíritos de além-túmulo.

“Eis o que eu tinha aprendido nestes últimos tempos. Considerando a discordância dessas respostas, resolvi, para me esclarecer, ir ver o diabo, ainda que me vencesse, ou me deixar enganar por um médium, mesmo que tivesse de perder a razão. Lembrei-me então, muito a propósito, de um amigo que suspeitava fosse espírita, e fui procurá-lo, a fim de me proporcionar meios de satisfazer a minha curiosidade.

“Comuniquei-lhe as diversas opiniões que eu havia recolhido e expus o objetivo de minha visita. Mas meu amigo riu muito do que chamava a minha ingenuidade e me deu, mais ou menos, a seguinte explicação:

“O Espiritismo não é, como se crê vulgarmente, uma receita para fazer as mesas dançar ou para executar truques de escamoteação, e é um equívoco que nisto cada um queira encontrar o maravilhoso.

“O Espiritismo é uma Ciência ou, melhor dizendo, uma Filosofia espiritualista, que ensina a moral.

“Não é uma Religião, pois não tem dogmas, nem culto, nem sacerdotes, nem artigos de fé; é mais que uma filosofia, porque sua doutrina é estabelecida sobre a prova certa da imortalidade da alma. É para fornecer esta prova que os espíritas evocam os Espíritos de além-túmulo.

“Os médiuns são dotados de uma faculdade natural, que os torna aptos a servir de intermediários aos Espíritos e a produzir com eles os fenômenos que passam por milagres ou por prestidigitação, aos olhos de quem quer que lhes ignore a explicação. Mas a faculdade mediúnica não é privilégio exclusivo de certos indivíduos; é inerente à espécie humana, embora cada um a possua em diferentes graus, ou sob diferentes formas.

“Assim, para os que conhecem o Espiritismo, todas as maravilhas de que acusam esta doutrina não passam de fenômenos de ordem física, isto é, de efeitos cuja causa reside nas leis da Natureza.

“Entretanto, os Espíritos não se comunicam com os vivos unicamente com o objetivo de lhes provar a sua existência: eles ditaram e desenvolvem todos os dias a filosofia espiritualista.

“Como toda filosofia, esta tem o seu sistema, que consiste na revelação das leis que regem o Universo e na solução de um grande número de problemas filosóficos, diante dos quais, até agora, a Humanidade impotente foi obrigada a inclinar-se.

“É assim que o Espiritismo demonstra, entre outras coisas, a natureza da alma, seu destino, a causa de nossa existência na Terra; desvenda o mistério da morte; dá razão dos vícios e virtudes do homem; diz o que são o homem, o mundo, o Universo; enfim, faz o quadro da harmonia universal, etc.

“Este sistema repousa em provas lógicas e irrefutáveis que têm, elas próprias, por árbitro de sua verdade, fatos palpáveis e

a mais pura razão. Assim, em todas as teorias que expõe, age como a Ciência e não avança um ponto senão quando o precedente esteja completamente certificado. O Espiritismo não impõe a confiança porque, para ser aceito, não precisa senão da autoridade do bom-senso.

“Uma vez estabelecido este sistema, dele se deduz, como consequência imediata, um ensinamento moral.

“Esta moral não é outra senão a moral cristã, a moral que está escrita no coração de todo ser humano; e é de todas as religiões e de todas as filosofias, pertencendo, por isso mesmo, a todos os homens. Mas, isenta de todo fanatismo, de toda superstição, de todo espírito de seita ou de escola, resplandece em toda a sua pureza.

“É a esta pureza que ela deve toda a sua grandeza e toda a sua beleza, de sorte que é a primeira vez que a moral nos aparece revestida de um brilho tão majestoso e tão esplêndido.

“O objetivo de toda moral é ser praticada; mas esta, sobretudo, considera tal condição como absoluta, porque chama espíritas não os que aceitam seus preceitos, mas os que põem as suas regras em ação.

“Dizer quais são as suas doutrinas? Aqui não pretendo ensinar, já que o enunciado das máximas me conduziria, necessariamente, ao seu desenvolvimento.

“Apenas direi que a moral espírita nos ensina a suportar a desgraça sem a desprezar, a fruir a felicidade sem a ela nos apegarmos; ela nos rebaixa sem nos humilhar, e nos eleva sem nos envaidecer; coloca-nos acima dos interesses materiais, sem por isto os marcar com o aviltamento, porque nos ensina, ao contrário, que todas as vantagens com que somos favorecidos são outras tantas forças que nos são confiadas e por cujo emprego somos responsáveis para conosco e para com os outros.

“Vem, então, a necessidade de especificar esta responsabilidade, as penas ligadas à infração do dever e as recompensas de que desfrutaram os que obedeceram. Mas, também aí, as asserções não são tiradas senão dos fatos e podem verificar-se até a perfeita convicção.

“Tal é esta filosofia, onde tudo é grande, porque aí tudo é simples; onde nada é obscuro, porque tudo é provado; onde tudo é simpático, porque cada questão interessa intimamente a cada um de nós.

“Tal é esta ciência que, projetando viva luz sobre as trevas da razão, de repente desvenda os mistérios que julgávamos impenetráveis, recuando até o infinito o horizonte da inteligência.

“Tal é esta doutrina, que pretende tornar felizes, melhorando-os, todos os que concordam em segui-la, e que, enfim, abre à Humanidade uma estrada segura para o progresso moral.

“Tal é, finalmente, a loucura de que estão acometidos os espíritas e a feitiçaria que praticam.”

“Assim, sorrindo, terminou meu amigo que, a meu pedido, agendou um encontro para, juntos, participarmos de algumas reuniões espíritas onde, às experiências, se alia o ensino.

“Voltando para casa, lembrei o que havia dito, concordando com todo o mundo, contra o Espiritismo, antes de nem sequer conhecer o significado desta palavra, e essa lembrança encheu-me de amarga confusão.

“Então pensei que, malgrado os severos desmentidos infligidos ao orgulho humano pelas descobertas da ciência moderna, quase não pensávamos, na época de progresso em que vivemos, em tirar proveito dos ensinamentos da experiência; e que estas palavras escritas por Pascal, há duzentos anos, ainda por

muitos séculos serão de rigorosa exatidão: ‘É uma doença natural ao homem crer que possui a verdade diretamente; é por isto que está sempre disposto a negar aquilo que lhe é incompreensível.’”

A. Briquel

Como se vê, o autor deste artigo quis apresentar o Espiritismo sob sua verdadeira luz, isento das distorções com que a crítica o constrange, numa palavra, tal como o admitem os espíritas, e sentimo-nos felizes ao dizer que o conseguiu perfeitamente. Com efeito, é impossível resumir a questão de maneira mais clara e precisa. Devemos, também, felicitar a direção do jornal que, com aquele espírito de imparcialidade que gostaríamos de ver em todos os que fazem profissão de liberalismo e se apresentam como apóstolos da liberdade de pensar, acolheu uma profissão de fé tão explícita.

Aliás, suas intenções a respeito do Espiritismo estão claramente formuladas no artigo seguinte, publicado no número de 28 de janeiro:

Como ouvimos falar do Espiritismo

“O artigo sobre o Espiritismo, publicado em nosso número de 31 de dezembro, provocou numerosas perguntas, com o fito de saber se nos propomos tratar posteriormente desta questão e se nos transformamos em seu porta-voz. A fim de evitar qualquer equívoco, torna-se necessária uma explicação categórica. Eis nossa resposta:

“O *Discussion* é um jornal aberto a todas as idéias progressistas. Ora, o progresso não pode ser feito senão pelas idéias novas que, de vez em quando, vêm mudar o curso das idéias preconceituosas. Repeli-las porque destroem aquelas em que fomos acalentados, é, aos nossos olhos, faltar à lógica. Sem nos tornarmos apologistas de todas as elucubrações do espírito humano, o que não

seria mais racional, consideramos como um dever de imparcialidade pôr o público em condições de as julgar. Para tanto, basta apresentá-las tais quais são, sem tomar, prematuramente, partido pró ou contra; porque, se forem falsas, não será a nossa adesão que as tornará justas, e se forem justas, nossa desaprovação não as tornará falsas. Em tudo, é a opinião pública e o futuro que se pronunciam em última instância. Contudo, para apreciar o lado forte e o fraco de uma idéia, é preciso conhecê-la em sua essência, e não tal qual a apresentam os interessados em combatê-la, no mais das vezes truncada e desfigurada. Se, pois, expusermos os princípios de uma teoria nova, não queremos que os seus autores ou os seus partidários possam censurar-nos por lhes fazermos dizer o contrário do que dizem. Agir assim não é assumir a sua responsabilidade: é dizer o que é e reservar a opinião de todo o mundo. Destacamos a idéia em toda a sua verdade. Se for boa, fará o seu caminho e nós lhe teremos aberto a porta; se for má, teremos fornecido os meios para ser julgada com conhecimento de causa.

“É assim que procederemos em relação ao Espiritismo. Seja qual for a maneira de ver a seu respeito, ninguém pode esconder a extensão que ele tomou em alguns anos. Pelo número e pela qualidade de seus partidários conquistou lugar entre as opiniões aceitas. As tempestades que provoca, a obstinação com que o combatem em certo meio, são, para os menos clarividentes, o indício de que ele encerra algo de grave, já que causa perturbação em tanta gente. Que pensem dele o que quiserem; é, incontestavelmente, uma das grandes questões na ordem do dia. Assim, não seríamos conseqüentes com o nosso programa se o passássemos em silêncio. Nossos leitores têm o direito de pedir que lhes informemos o que é essa doutrina, que provoca tão grande celeuma; é nosso interesse satisfazê-los, e nosso dever fazê-lo com imparcialidade. Pouco lhes importa nossa opinião pessoal sobre a coisa; o que esperam de nós é um relato exato dos fatos e das atitudes de seus partidários, sobre os quais possam formar sua própria opinião. Como procederemos? É muito simples: iremos à

própria fonte; faremos pelo Espiritismo o que fazemos pelas questões de política, de finanças, de ciência, de arte ou de literatura; ou seja, para isto encarregaremos homens especiais. As questões de Espiritismo serão, pois, tratadas por espíritas, como as de Arquitetura por arquitetos, a fim de que não nos qualifiquem de cegos discorrendo sobre as cores e que não nos apliquem estas palavras de Fígaro: Precisavam de um calculista e tomaram um dançarino.

“Em suma, o *Discussion* não se arvora como órgão, nem como apóstolo do Espiritismo; abre a ele as suas colunas, como a todas as idéias novas, sem pretender impor essa opinião aos seus leitores, sempre livres de a controlar, de a aceitar ou de a rejeitar. Deixa aos seus redatores especiais inteira liberdade de discutir os princípios, cuja responsabilidade só eles assumem. Mas o que repelirá sempre, no interesse de sua própria dignidade, é a polêmica agressiva e pessoal.”

Curas de Obsessões

Escrevem-nos de Cazères, em 7 de janeiro de 1866:

“Eis um segundo caso de obsessão, que levamos a bom termo durante o mês de julho passado. A obsidiada tinha vinte e dois anos e gozava de perfeita saúde. Apesar disto, de repente foi tomada por um acesso de loucura. Os pais a trataram com médicos, mas inutilmente, pois o mal, em vez de desaparecer, tornava-se cada vez mais intenso, a ponto de ser impossível contê-la durante as crises. Vendo isto, os pais, a conselho dos médicos, obtiveram sua admissão numa casa de alienados, onde seu estado não experimentou qualquer melhora. Nem eles nem a doente jamais se haviam ocupado com o Espiritismo, que nem sequer conheciam. Mas tendo ouvido falar da cura de Jeanne R..., de que vos falei, vieram procurar-nos para saber se poderíamos fazer alguma coisa

por sua filha infeliz. Respondemos nada poder afirmar antes de conhecer a verdadeira causa do mal. Nossos guias, consultados na primeira sessão, disseram que a jovem era subjugada por um Espírito muito rebelde, mas que acabaríamos por reconduzi-lo ao bom caminho, e que a cura resultante nos daria a prova da verdade dessa afirmação. Em conseqüência, escrevi aos pais, distantes 35 km de nossa cidade, dizendo que sua filha seria curada e que a cura não demoraria muito, sem, contudo, precisar a época.

“Evocamos o Espírito obsessor durante oito dias seguidos e ficamos bastante felizes por mudar suas más disposições e fazê-lo renunciar a atormentar a vítima. Com efeito, a doente ficou curada, como haviam anunciado os guias.

“Os adversários do Espiritismo repetem incessantemente que a prática desta doutrina conduz ao hospício. Pois bem! Nós lhes podemos dizer, nesta circunstância, que o Espiritismo dele fez sair aqueles que lá haviam entrado.”

Entre mil outros, este fato é uma nova prova da existência da *loucura obsessiva*, cuja causa é inteiramente distinta da loucura patológica, e ante a qual a Ciência falhará enquanto se obstinar em negar o elemento espiritual e sua influência sobre a economia. Aqui o caso é bem evidente: eis uma jovem, a tal ponto apresentando os caracteres da loucura que os médicos se enganaram, e que é curada a léguas de distância, por pessoas que jamais a viram, sem nenhum medicamento ou tratamento médico, unicamente pela moralização do Espírito obsessor.

Há, pois, Espíritos obsessores, cuja ação pode ser perniciosa à razão e à saúde. Não é certo que se a loucura tivesse sido ocasionada por uma lesão orgânica qualquer, esse meio teria sido impotente? Se se objetasse que essa cura espontânea pode ser devida a uma causa fortuita, responderíamos que se tivéssemos de citar apenas um fato, sem dúvida seria temerário daí deduzir a

afirmação de um princípio tão importante; mas os exemplos de curas semelhantes são muito numerosos. Não são privilégio de um indivíduo e se repetem todos os dias em diversas regiões, sinais indubitáveis de que repousam numa lei da Natureza.

Citamos várias curas desse gênero, notadamente nos meses de fevereiro de 1864 e janeiro de 1865, que contêm duas relações completas eminentemente instrutivas. Eis outro fato, não menos característico, obtido no grupo de Marmande.

Num vilarejo a algumas léguas desta cidade, havia um camponês acometido por uma loucura de tal modo furiosa, que perseguia as pessoas a golpes de forcado, para as matar, e que, em falta de pessoas, atacava as aves domésticas. Corria incessantemente pelos campos e não voltava mais para casa. Sua presença era perigosa; assim, foi fácil obter autorização para o internar na casa de alienados de Cadillac. Não foi sem vivo pesar que a família se viu obrigada a tomar esse partido. Antes de o levar, tendo um de seus parentes ouvido falar das curas obtidas em Marmande, em casos semelhantes, foi procurar o Sr. Dombre e lhe disse: “Senhor, disseram-me que curais os loucos; por isso vim vos procurar.” Depois contou-lhe de que se tratava, acrescentando: “Como vedes, dá tanta pena separar-nos desse pobre J..., que antes quis ver se não havia um meio de o impedir.”

“Meu bravo homem, disse-lhe o Sr. Dombre, não sei quem me dá esta reputação; é verdade que algumas vezes consegui recuperar a razão de pobres insensatos, mas isto depende da causa da loucura. Embora não vos conheça, verei se vos posso ser útil.” Tendo ido imediatamente com o indivíduo à casa do seu médium habitual, obteve de seu guia a certeza de que se tratava de grave obsessão, mas que com perseverança ela chegaria a bom termo. Então disse ao camponês: “Esperai ainda alguns dias antes de levar o vosso parente a Cadillac; vamos ocupar-nos do caso; voltai de dois em dois dias para dizer-nos como ele se acha.”

Nesse mesmo dia puseram-se em ação. Inicialmente, como em casos semelhantes, o Espírito mostrou-se pouco tratável; pouco a pouco acabou por se humanizar e, finalmente, renunciou a atormentar aquele infeliz. Um fato muito particular é que declarou não ter qualquer motivo de ódio contra aquele homem; que, atormentado pela necessidade de fazer o mal, havia-se ligado a ele como a qualquer outro; que agora reconhecia estar errado e pedia perdão a Deus. O camponês voltou dois dias depois, e disse que o parente estava mais calmo, mas ainda não tinha voltado para casa e se ocultava nas sebes. Na visita seguinte, ele tinha voltado, mas estava sombrio e se mantinha afastado; já não procurava bater em ninguém. Alguns dias depois, ia à feira e fazia seus negócios habituais. Assim, bastaram oito dias para o trazer ao estado normal, e isto sem nenhum tratamento físico. É mais que provável que se o tivessem encerrado com loucos, ele teria perdido a razão completamente.

Os casos de obsessão são tão freqüentes que não há nenhum exagero em dizer que nos hospícios de alienados, mais da metade só têm da loucura a aparência e que, por isto mesmo, a medicação vulgar é impotente.

O Espiritismo nos mostra na obsessão uma das causas perturbadoras da economia e, ao mesmo tempo, dá-nos o meio de a remediar: eis um de seus benefícios. Mas como foi reconhecida essa causa, senão pelas evocações? Assim, as evocações servem para alguma coisa, digam o que disserem os seus detratores.

É evidente que os que não admitem a alma individual, nem a sua sobrevivência, ou que, admitindo-a, não se dão conta do estado do Espírito após a morte, devem olhar a intervenção de seres invisíveis, em tais circunstâncias, como uma quimera; mas o fato brutal do mal e das curas lá está. Não poderiam ser levadas à conta da imaginação as curas operadas a distância, em pessoas que jamais foram vistas, sem o emprego de nenhum agente material. A

doença não pode ser atribuída à prática do Espiritismo, desde que atinge até os que nele não acreditam, e também a crianças, que dele não fazem qualquer idéia. Contudo, aqui nada há de maravilhoso, mas efeitos naturais, que existiram em todos os tempos, que então não eram compreendidos, e que se explicam do modo mais simples, agora que se conhecem as leis em virtude das quais se produzem.

Não se vêem, entre os vivos, seres maus atormentando outros mais fracos, até os deixar doentes e mesmo matá-los, e isto sem outro motivo senão o desejo de fazer o mal? Há dois meios de restituir a paz à vítima: subtraí-la à autoridade de sua brutalidade, ou neles desenvolver o sentimento do bem. O conhecimento que agora temos do mundo invisível no-lo mostra povoado dos mesmos seres que viveram na Terra, uns bons, outros maus. Entre estes últimos, uns há que ainda se comprazem no mal, em consequência de sua inferioridade moral, e que ainda não se despojaram de seus instintos perversos; estão em meio a nós, como quando vivos, com a única diferença que, em vez de ter um corpo material visível, tem-no fluídico invisível; mas não deixam de ser os mesmos homens, com o senso moral pouco desenvolvido, buscando sempre ocasiões de fazer o mal, encarniçando-se sobre as vítimas que conseguem submeter à sua influência. De obsessores encarnados que eram, tornam-se obsessores desencarnados, tanto mais perigosos porque agem sem ser vistos. Afastá-los pela força não é coisa fácil, visto que não se lhes pode apreender o corpo. O único meio de os dominar é o ascendente moral, com cuja ajuda, pelo raciocínio e sábios conselhos, consegue-se torná-los melhores, ao que são mais acessíveis no estado de Espírito que no estado corporal. Desde o instante em que são levados a renunciar voluntariamente aos tormentos que provocam, o mal desaparece, quando causado pela obsessão. Ora, compreende-se que nem são as duchas, nem os remédios administrados ao doente que podem agir sobre o Espírito obsessor. Eis todo o segredo dessas curas, para as quais não há palavras sacramentais, nem fórmulas cabalísticas:

conversa-se com o Espírito desencarnado, moraliza-se-o, educa-se-o, como se teria feito quando ele estava encarnado. A habilidade consiste em se saber tomá-lo pelo seu caráter, em dirigir com tato as instruções que lhe são dadas, como o faria um instrutor experimentado. Toda a questão se reduz a isto: Há ou não Espíritos obsessores? A resposta está no que dissemos acima: Os fatos materiais lá estão.

Por vezes perguntam por que permite Deus que os Espíritos maus atormentem os vivos. Com tanto mais razão poder-se-ia perguntar por que permite que os vivos se atormentem entre si. Perdem-se muito de vista a analogia, as relações e a conexão existentes entre o mundo corporal e o mundo espiritual, que se compõem dos mesmos seres em dois estados diferentes. Aí está a chave de todos esses problemas reputados sobrenaturais.

Não nos devemos admirar mais das obsessões do que das doenças e de outros males que afligem a Humanidade; fazem parte das provas e das misérias devidas à inferioridade do meio, onde nossas imperfeições nos condenam a viver, até que estejamos suficientemente melhorados para merecer dele sair. Os homens sofrem aqui as conseqüências de suas imperfeições, porquanto, se fossem mais perfeitos, aqui não estariam.

O Naufrágio do *Borysthène*

Por certo a maioria dos nossos leitores leu nos jornais a comovente notícia do naufrágio do *Borysthène*, nas costas da Argélia, no dia 15 de dezembro de 1865. Extraímos a passagem seguinte do relato de um passageiro que escapou do desastre, publicado no *Siècle* de 26 de janeiro.

“...No mesmo instante, um estalo terrível, indefinível, se fez ouvir, acompanhado de abalos tão violentos, que eu caí.

Depois ouvi um marinheiro gritar: ‘Meu Deus! estamos perdidos! orai por nós!’ Acabávamos de bater num rochedo e o navio abriu-se; ouvia-se o borbulhar da água que entrava no porão. Os soldados, que se deitavam na ponte, safam-se na confusão, não importa onde, soltando gritos horríveis; os passageiros, seminus, atiram-se para fora dos camarotes; as pobres mulheres se agarravam a todo o mundo, suplicando que as salvassem. Rogavam a Deus aos gritos; despediam-se. Um negociante engatilha a pistola e quer estourar o cérebro: arrancam-lhe a arma.

“Os abalos continuavam; o sino de bordo tocava alarme, mas o vento rugia de modo tão terrível que o sino não era ouvido a cinqüenta metros. Eram gritos, urros, preces; era não sei que de horroroso, de lúgubre, de medonho. Jamais vi, jamais li cena tão horrível, tão pungente. Estar ali, cheio de vida, de saúde, em face de uma morte que se julga certa, é uma morte terrível!

“Naquele momento supremo e indescritível, o vigário, Sr. Moisset, deu a todos a sua bênção. A voz cheia de lágrimas desse pobre padre, recomendando a Deus duzentos e cinqüenta infelizes, que o mar ia devorar, revolveia todas as entranhas.”

Não há um grande ensinamento nessa espontaneidade da prece, em face de um perigo iminente? No meio dessa multidão empilhada no navio, certamente havia incrédulos, que antes quase não pensavam em Deus nem em sua alma, e eis que, em presença de uma morte tida como certa, voltam o olhar para o Ser Supremo, como para a única tábua de salvação. É que no momento em que se ouve soar a última hora, involuntariamente o coração mais endurecido se pergunta o que vai ser dele. O doente, em seu leito, espera até o último momento, razão por que afronta todo poder sobre-humano; e quando a morte o fere, no mais das vezes já perdeu a consciência de si mesmo. Num campo de batalha há uma superexcitação que faz esquecer o perigo; e, depois, nem todos são atingidos e se tem alguma chance de escapar; mas no meio do oceano, quando o seu navio está sendo tragado, só se espera o

socorro desta Providência que se havia esquecido, e à qual o ateu está prestes a pedir um milagre. Mas, ai! passado o perigo, quantos não dão graças ao acaso e à sua boa sorte! ingratidão que, cedo ou tarde, pagarão muito caro. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XXVII, nº 8).

Em semelhante circunstância, qual o pensamento do espírita sincero? Diz ele: “Sei que devo esforçar-me por conservar a vida corporal; farei, pois, tudo quanto estiver em meu poder para escapar ao perigo, porque, se me entregasse voluntariamente, seria um suicídio; mas se aprover a Deus ma retirar, que importa que seja de uma maneira ou de outra, um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde! A morte não me traz nenhum temor, porque sei que apenas o corpo morre e que é a entrada na verdadeira vida, a do Espírito livre, onde encontrarei todos os que me são caros.” Entrevê, pelo pensamento, o mundo espiritual, objetivo de suas aspirações, do qual só alguns instantes ainda o separam, e que a morte do corpo, que o retinha na Terra, vai enfim lhe dar acesso; alegra-se, em vez de afligir-se, como o prisioneiro, que vê se abrirem as portas de sua prisão. Só uma coisa o entristece: deixar aqueles que ama; mas se consola pela certeza de que não os abandonará e que estará mais vezes e mais facilmente junto deles do que em vida, que poderá vê-los e protegê-los. Se, ao contrário, escapou do perigo, dirá: “Já que Deus ainda me deixa viver na Terra, é que minha tarefa ou minhas provas ainda não acabaram. O perigo que corri é um aviso que Deus me dá, para estar preparado desde o primeiro momento, procedendo de modo que o seja nas melhores condições possíveis.” Depois lhe agradecerá o sursis concedido e se esforçará em aproveitá-lo para o seu adiantamento.

Um dos episódios mais curiosos desse drama é o fato daquele passageiro que queria estourar os miolos, dando-se morte certa, ao passo que, correndo o risco do naufrágio, podia surgir um socorro inesperado. Que móvel poderia levá-lo àquele ato insano? Muitos dirão que tinha perdido a cabeça, o que era possível; mas talvez se tivesse movido, mau grado seu, por uma intuição da qual

não se dava conta. Embora não tenhamos nenhuma prova material da verdadeira explicação, que é dada a seguir, o conhecimento das relações que subsistem entre as diferentes existências, pelo menos lhe dá um alto grau de probabilidade.

As duas comunicações seguintes foram dadas na sessão da Sociedade de Paris, realizada em 12 de janeiro.

I

A prece é o veículo dos fluidos espirituais mais poderosos, e que são como um bálsamo salutar para as feridas da alma e do corpo. Atrai todos os seres para Deus e, de certo modo, faz a alma sair da espécie de letargia na qual está mergulhada quando esquece seus deveres para com o Criador. Dita com fé, provoca nos que a ouvem o desejo de imitar os que oram, porque o exemplo e a palavra também levam fluidos magnéticos de grande força. As que foram ditas pelo padre no navio naufragado, com o acento da convicção mais tocante e da mais santa resignação, tocaram o coração de todos aqueles infelizes, que julgavam chegada a sua última hora.

Quanto ao homem que queria suicidar-se em face da morte certa, a idéia lhe veio de uma repulsa instintiva pela água, porque é a terceira vez que morre dessa maneira e suportou alguns momentos de angústias terríveis. Naquele momento, teve a intuição de suas desventuras passadas, que se projetaram vagamente em seu espírito: por isso queria acabar diferentemente. Duas vezes afogou-se voluntariamente, arrastando consigo toda a família. A impressão confusa que lhe tinha ficado dos sofrimentos suportados lhe davam o temor desse gênero de morte.

Orai por aqueles infelizes, meus bons amigos; a prece de várias pessoas forma um feixe que sustenta e fortifica a alma pela qual é feita; dá-lhe força e resignação.

São Bento (médiun: Sra. Delanne)

II

Não é raro ver pessoas que, desde muito tempo não haviam pensado em orar, fazê-lo quando ameaçadas de um perigo iminente e terrível. De onde, então, pode vir essa propensão instintiva a aproximar-se de Deus nos momentos críticos? Do mesmo pendor que nos leva a nos aproximar de alguém que sabemos poder defender-nos, quando estamos em grande perigo. Então as doces crenças dos primeiros anos, as sábias instruções, os piedosos conselhos dos pais vêm como um sonho à memória desses homens vacilantes que, pouco antes, achavam Deus muito longe deles, ou negavam a utilidade de sua existência. Esses espíritos fortes, tornados pusilânimes, sentem tanto mais as angústias da morte quanto mais tempo ficaram sem acreditar em nada. Pensavam não ter necessidade de Deus e se podiam bastar. Deus, para lhes fazer sentir a *utilidade* de sua existência, permitiu que fossem expostos a um fim terrível, sem esperança de serem ajudados por nenhum socorro humano. Então se lembram que outrora oraram, e que a prece dissipa as tristezas, faz suportar os sofrimentos com coragem e suaviza os últimos momentos do agonizante.

Tudo isto aparece a esse homem em perigo; tudo isto o incita a orar novamente àquele a quem orou na infância. Então se submete e ora a Deus do mais íntimo do coração, com uma fé viva que toca as raias do desespero, para lhe perdoar seus desvarios passados. Nessa hora suprema já não pensa em todas as vãs dissertações sobre a existência de Deus, pois não mais duvida. Nesse momento crê e aí está uma prova de que a prece é uma necessidade da alma; que, se não tivesse resultado, pelo menos a aliviaria e, por isto mesmo, deveria ser repetida mais vezes; mas, felizmente, tem uma ação mais positiva e é reconhecido, como vos foi demonstrado, que a prece tem para todos uma imensa utilidade, tanto para os que a fazem, quanto para aqueles aos quais se aplica.

O que eu disse só é verdadeiro para o maior número. Porque, ah! alguns não recuperam a fé na hora extrema; que, com o vazio na alma, pensam que vão abismar-se no nada e, por uma espécie de frenesi, eles próprios querem precipitar-se. Esses são os mais infelizes, e vós, que sabeis toda a utilidade e todos os efeitos da prece, orai sobretudo por eles.

André (médiun: Sr. Charles B.)

Antropofagia²

Lê-se no *Siècle* de 26 de dezembro de 1865:

“O almirantado inglês acaba de dirigir uma circular às cidades marítimas que transportam armamentos para a Oceania, na qual anuncia que, desde algum tempo, nota-se entre os habitantes das ilhas do grande oceano uma recrudescência da antropofagia. Nessa circular, exorta os capitães de navios mercantes a tomarem todas as precauções necessárias para evitar que sua tripulação seja vítima desse horroroso costume.

“Desde cerca de um ano a tripulação de quatro navios foi devorada pelos antropófagos das Novas-Hébridas, da baía de Jervis ou da Nova Caledônia, e todas as medidas devem ser tomadas para evitar a repetição de tão cruéis desgraças.”

Eis como o jornal *Le Monde* explica esse recrudescimento da antropofagia:

“Tivemos a cólera, a epizootia, a varicela; os legumes, os animais, estão doentes. Eis uma epidemia mais dolorosa ainda, que o almirantado inglês nos dá a conhecer: os selvagens da Oceania, ao que se diz, exacerbam-se na antropofagia. Vários casos horríveis chegaram ao conhecimento dos lordes do almirantado. A tripulação de vários navios ingleses desapareceu. Ninguém duvida

2 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 527.

que nossas autoridades marítimas também tomem medidas, porque dois navios franceses foram atacados, os tripulantes tomados e devorados pelos selvagens. O espírito se detém diante desses horrores, dos quais foram impotentes para triunfar todos os esforços de nossa civilização. Quem sabe de onde vêm essas criminosas inspirações?

“Que palavra de ordem foi dada a todos esses pagãos, disseminados em centenas e milhares de ilhas nas imensidades dos mares do Sul? Sua paixão monstruosa, apaziguada por um momento, reaparece a ponto de chamar a repressão, de inquietar as potências da Terra. É um desses problemas cuja solução só o dogma católico pode dar. Em certos momentos o Espírito das trevas age com toda a liberdade. Antes dos acontecimentos graves ele se agita, impele suas criaturas, sustenta-as e as inspira. Grandes acontecimentos se preparam. A revolução crê chegada a hora de proceder ao coroamento do edifício; recolhe-se para a luta suprema, ataca-se à pedra angular da sociedade cristã. A hora é grave e parece que a Natureza inteira presente e prevê a sua gravidade.”

Admiramos de não ver, entre as causas do agravamento da ferocidade nos selvagens, figurar o Espiritismo, esse bode expiatório de todos os males da Humanidade, como foi outrora o Cristianismo em Roma. Talvez aí esteja implicitamente compreendido, como sendo, segundo uns, obra do Espírito das trevas. “Só o dogma católico, diz *Le Monde*, pode dar a explicação desse problema.” Não vemos muita clareza na explicação que ele dá, nem o que tem de comum o espírito revolucionário da Europa com esses bárbaros. Até achamos nesse dogma uma complicação da dificuldade.

Os antropófagos são homens: ninguém jamais o duvidou. Ora, não admitindo o dogma católico a preexistência da alma, mas a criação de uma alma nova ao nascimento de cada

corpo, resulta que nalgum lugar Deus cria almas de comedores de homens e aqui almas capazes de se tornarem santos. Por que esta diferença? É um problema cuja solução a Igreja jamais deu e, contudo, é uma pedra angular essencial. Conforme sua doutrina, a recrudescência da antropofagia não se pode explicar senão assim: é que neste momento a Deus apraz criar um maior número de almas antropófagas, solução pouco satisfatória e, sobretudo, pouco conseqüente com a bondade de Deus.

A dificuldade aumenta se se considerar o futuro dessas almas. Em que se tornam depois da morte? Serão tratadas do mesmo modo que as que têm consciência do bem e do mal? Isto não seria justo nem racional. Com o seu dogma a Igreja, em vez de explicar, fica num impasse, do qual não pode sair senão apelando para o mistério, que não precisa ser compreendido, espécie de *non possumus* que corta pela raiz as questões embaraçosas.

Pois bem! esse problema que a Igreja não pode resolver, o Espiritismo encontra sua solução mais simples e racional na lei da pluralidade das existências, à qual todos os seres estão submetidos, e em virtude da qual progredim. Assim, as almas dos antropófagos estão perto de sua origem, suas faculdades intelectuais e morais ainda são obtusas, pouco desenvolvidas e, por isso mesmo, nelas dominam os instintos animais.

Mas essas almas não estão destinadas a ficar perpetuamente nesse estado inferior, que as privaria para sempre da felicidade das almas mais adiantadas; crescem em raciocínio, esclarecem-se, depuram-se, instruem-se e melhoram em existências sucessivas. Revivem nas raças selvagens, enquanto não ultrapassarem os limites da selvageria. Chegadas a um certo grau, deixam esse meio para encarnar-se numa raça um pouco mais adiantada; desta a uma outra e assim por diante, sobem em grau, em razão dos méritos que adquiriram e das imperfeições de que se despojaram, até que tenham atingido o grau de perfeição de

que é susceptível a criatura. A via do progresso não está fechada a nenhuma, de tal sorte que a mais atrasada pode aspirar à suprema felicidade. Mas umas, em virtude do seu livre-arbítrio, que é o apanágio da Humanidade, trabalham com ardor por sua depuração e por sua instrução, em se despojar dos instintos materiais e das fraldas da origem, porque, a cada passo que dão para a perfeição vêm mais claro, compreendem melhor e são mais felizes. Essas avançam mais prontamente, gozam mais cedo: eis a sua recompensa. Outras, sempre em virtude de seu livre-arbítrio, demoram-se no caminho, como estudantes preguiçosos e de má vontade, ou como operários negligentes; chegam mais tarde, sofrem mais tempo: eis a sua punição ou, se quiserem, o seu inferno. Assim se confirma, pela pluralidade das existências progressivas, a admirável lei de unidade e de justiça que caracteriza todas as obras da Criação. Comparai esta doutrina à da Igreja, sobre o passado e o futuro das almas e vede qual a mais racional, a mais conforme à justiça divina e que melhor explica as desigualdades sociais.

A antropofagia é, seguramente, um dos mais baixos graus da escala humana na Terra, porque o selvagem que não come mais o seu semelhante já está em progresso. Mas de onde vem a recrudescência desse instinto bestial? É de notar, antes de mais, que é apenas local e que, em suma, o canibalismo desapareceu em grande parte da Terra. É inexplicável sem o conhecimento do mundo invisível e de suas relações com o mundo visível. Pelas mortes e nascimentos, eles se alimentam incessantemente um do outro. Ora, os homens imperfeitos não podem fornecer ao mundo invisível almas perfeitas, e as almas perversas, encarnando-se, não podem fazer senão homens maus. Quando as catástrofes e flagelos se apoderam ao mesmo tempo de grande número de homens, há uma chegada em massa no mundo dos Espíritos. Devendo essas mesmas almas reviver, em virtude da lei da Natureza, e para o seu adiantamento, as circunstâncias podem igualmente trazê-las em massa para a Terra.

O fenômeno de que se trata depende, pois, simplesmente da encarnação accidental, nos meios ínfimos, de um maior número de almas atrasadas, e não da malícia de Satã, nem da palavra de ordem dada aos povos da Oceania. Ajudando o desenvolvimento do senso moral dessas almas, durante sua permanência na Terra – e esta é a missão dos homens civilizados – elas melhoram; e quando retomarem uma nova existência corporal, com vistas ao seu progresso, ainda serão homens menos maus do que eram, mais esclarecidos, de instintos menos ferozes, porque o progresso realizado jamais se perde. É assim que gradualmente se realiza o progresso da Humanidade.

Le Monde está com a verdade, dizendo que se preparam grandes acontecimentos. Sim, uma transformação se elabora na Humanidade. Já se fazem sentir os primeiros abalos do parto; o mundo corporal e o mundo espiritual se agitam, porque é a luta entre o que acaba e o que começa. Em proveito de quem será essa transformação? Sendo o progresso a lei providencial da Humanidade, ela não se pode dar senão em benefício do progresso. Mas os grandes partos são laboriosos; não é sem abalos e sem grandes rasgões no solo que se extirpam dos terrenos a limpar as ervas daninhas, que têm longas e profundas raízes.

A Espineta de Henrique III

O fato seguinte é a continuação da interessante história da *Ária e letra do rei Henrique III*, relatada na Revista de julho de 1865. Desde então o Sr. Bach tornou-se médium escrevente; mas pratica pouco, devido à fadiga resultante. Só o faz quando incitado por uma força invisível, que se traduz por viva agitação e tremor da mão, porque, então, a resistência é mais penosa que o exercício. É mecânico no mais absoluto sentido da palavra e não tem consciência nem lembrança do que escreve. Um dia em que se achava nessa disposição, escreveu esta quadra:

O rei Henrique dá essa grande espineta
A Baldazzarini, um bom músico então.
E se ela não é boa, elegante, completa
Ao menos trate-a bem, por justa gratidão.

A explicação destes versos, que para o Sr. Bach não tinham sentido, lhe foi dada em prosa.

“O rei Henrique, meu senhor, que me deu a espineta que possuis, tinha escrito uma quadra num pedaço de pergaminho e a mandara pregar no estojo; certa manhã ele ma enviou. Alguns anos mais tarde, tendo de fazer uma viagem, e temendo, já que eu levava minha espineta para fazer música, que o pergaminho fosse arrancado e se perdesse, tirei-o; e para não perdê-lo, coloquei-o num pequeno nicho, à esquerda do teclado, onde ainda se encontra.”

A espineta é a origem dos pianos atuais, na sua maior simplicidade, e se tocava da mesma maneira. Era um pequeno cravo de quatro oitavas, de aproximadamente um metro e meio de comprimento por quarenta centímetros de largura, e sem pés. As cordas, no interior, eram dispostas como nos pianos, e tocadas por meio de teclas. Era transportada à vontade, acondicionada num estojo, como se faz com os baixos e os violoncelos. Para utilizá-la, era posta numa mesa ou sobre um X móvel.

O instrumento estava então em exposição no museu retrospectivo, nos Champs-Élysées, onde não era possível fazer a busca indicada. Quando ela lhe foi devolvida, o Sr. Bach, juntamente com o filho, apressou-se em rebuscar todos os cantos, mas inutilmente, de sorte que a princípio pensou tratar-se de uma mistificação. Entretanto, para nada ter a censurar-se, desmontou-a completamente e descobriu, à esquerda do teclado, entre duas pranchetas, um intervalo tão estreito que nele não se podia introduzir a mão. Explorou esse recanto, cheio de poeira e de teias de aranha, e daí retirou um pedaço de pergaminho dobrado,

enegrecido pelo tempo, com trinta e um centímetros de comprimento por sete e meio de largura, sobre o qual estava escrita a quadra seguinte, em caracteres da época, bastante grandes:

Eu, Henrique Terceiro, entrego esta espineta
A Baltasarini, meu músico feliz,
Quanto ao som, o que importa aqui é minha meta:
Dar-lha como lembrança e tê-la como eu quis.

Henrique

Esse pergaminho é perfurado nos quatro cantos por furos que, evidentemente, são os dos pregos que serviram para fixá-lo na caixa. Além disso, tem nas bordas uma porção de furos alinhados e regularmente espaçados, que parecem ter sido feitos por preguinhos. Foi exposto na sala de sessões da Sociedade, e todos tivemos o prazer de o examinar, bem como a espineta, na qual o Sr. Bach tocou e cantou a ária e a letra a que nos referimos, e que, como se sabe, lhe foram reveladas em sonho.

Os primeiros versos ditados reproduziam, como se vê, o mesmo pensamento que os do pergaminho, dos quais são a tradução em linguagem moderna, e isto antes que estes últimos fossem descobertos.

O terceiro verso é obscuro e contém, sobretudo, a palavra *ma*, que parece não ter qualquer sentido e não se ligar à idéia principal, e que, no original, está enquadrada num filete. Inutilmente procuramos a sua explicação, e o próprio Sr. Bach não o sabia. Estando um dia em casa deste último, teve ele, espontaneamente e em minha presença, uma comunicação de Baldazzarini, dada em nossa intenção, vazada nestes termos:

“Amico mio,

Estou contente contigo; escrevestes esses versos em minha espineta; minha promessa está realizada e agora estou

tranqüilo (Alusão a outros versos ditados ao Sr. Bach e que Baldazzarini lhe tinha dito que escrevesse no instrumento). Quero dizer uma palavra ao sábio presidente que vem te visitar:

Allan Kardec, ó tu, cujos úteis trabalhos
 Instruem cada dia a novos bons obreiros
 Não nos trazes jamais quaisquer princípios falhos;
 Que os Espíritos bons aclarem teus roteiros.
 Preciso é pois lutar, enfim contra a ignorância
 Dos que sábios se crêem da Terra por jactância.
 Não te abatas porém; a tarefa é de dores;
 Mas fácil quando o foi aos bons propagadores?

“O rei zombava de meu sotaque em seus versos; eu sempre dizia *ma*, em vez de *mas*. *Adio, amico*.”

Baldazzarini

Assim foi dada, sem pergunta prévia, a explicação daquele *ma*. É o vocábulo italiano que significa *mas*, intercalado por brincadeira, pelo qual o rei designava Baldazarinni que, como muitos de sua nação, o pronunciava muitas vezes. Assim o rei, dando aquela espineta ao seu músico, lhe disse: Se não é boa, se *soa mal*, ou se *ma* (Baldazzarini) a julga muito simples, de pouco valor, que a guarde em seu estojo, como lembrança minha.”

A palavra *ma* está enquadrada num filete, como se entre parênteses. Certamente por muito tempo teríamos procurado esta explicação, que não podia ser reflexo do pensamento do Sr. Bach, já que ele próprio não a compreendia. Mas o Espírito viu que necessitávamos dela para completar o nosso relato e aproveitou a ocasião para no-la dar, sem que tivéssemos pensado em lha solicitar, porque, quando o sr. Bach se pôs a escrever, nós ignorávamos, assim como ele, qual era o Espírito que se comunicava.

Restava uma importante questão a resolver, a de saber se a escrita do pergaminho era realmente da mão de Henrique III.

O Sr. Bach se dirigiu à Biblioteca Imperial para compará-la com a dos manuscritos originais. De início encontraram alguns que não tinham perfeita similitude, mas apenas um mesmo tipo de letra. Com outras peças a identidade era absoluta, tanto para o corpo da escrita, quanto para a assinatura. Essa diferença provinha de que a caligrafia do rei era variável, circunstância que logo será explicada.

Assim, não podia haver dúvida quanto a autenticidade dessa peça, embora certas pessoas, que professam uma incredulidade radical em relação às coisas ditas sobrenaturais, tenham pretendido que não passava de uma imitação muito exata. Ora, observaremos que aqui não se trata de uma escrita mediúcnica, dada pelo Espírito do rei, mas de um manuscrito original, escrito pelo próprio rei, em vida, e que nada tem de mais maravilhoso do que aqueles que circunstâncias fortuitas fazem descobrir diariamente. O maravilhoso, se maravilhoso existe, está apenas na maneira pela qual sua existência foi revelada. É bem certo que se o Sr. Bach se tivesse contentado em dizer que o tinha encontrado *por acaso* em seu instrumento, não teriam levantado nenhuma objeção.

Estes fatos tinham sido relatados em sessão da Sociedade, de 19 de janeiro de 1866, à qual assistia o Sr. Bach. O Sr. Morin, membro da Sociedade, médium sonâmbulo muito lúcido e que, em seu sono magnético, vê perfeitamente os Espíritos e com eles se entretém, assistia à sessão em estado de sonambulismo. Durante a primeira parte da sessão, consagrada a leituras diversas, à correspondência e ao relato dos fatos, o Sr. Morin, com quem não se ocupavam, parecia em conversa mental com seres invisíveis; ele lhes sorria e trocava com eles apertos de mãos. Quando chegou sua vez de falar, pediram-lhe que designasse os Espíritos que via e rogasse a eles que nos transmitissem, por seu intermédio, o que nos quisessem dizer para nossa instrução. Não lhe foi dirigida uma única pergunta direta. Só mencionamos sumariamente alguns fatos passados, para dar uma idéia do aspecto da sessão e para chegar ao assunto principal que aqui nos ocupa.

Nomeá-los todos, disse ele, seria impossível, pois seu número é muito grande; aliás, há muitos que não conheceis, e que vêm para se instruir. A maioria deles queria falar, mas cedem o lugar aos que, no momento, têm coisas mais importantes a dizer.

Para começar, está ao nosso lado o nosso antigo colega, o último que partiu para o mundo dos Espíritos, o Sr. Didier, que não falta a nenhuma de nossas sessões e que vejo exatamente como em vida, com a mesma fisionomia; dir-se-ia que está aqui com o seu corpo material; apenas não tosse mais. Dá-me conta de suas impressões, de sua opinião sobre as coisas atuais, e me encarrega de vos transmitir suas palavras.

Em seguida vem um rapaz, que se suicidou recentemente em circunstâncias excepcionais e cuja situação descreve, o qual apresenta uma fase, de certo modo nova, do estado de certos suicidas após a morte, em razão das causas determinantes do suicídio e da natureza de seus pensamentos.

Depois vem o Sr. B..., fervoroso espírita, morto há alguns dias, em consequência de uma operação cirúrgica, e que tinha haurido em sua crença e na prece a força para suportar corajosamente e com resignação seus longos sofrimentos. “Que reconhecimento, diz ele, não devo ao Espiritismo! Sem ele certamente teria posto fim às minhas torturas e seria como esse jovem infeliz que acabais de ver. A idéia do suicídio me veio algumas vezes, mas sempre a repeli. Sem isto, como teria sido triste a minha sorte! Hoje sou feliz, oh! muito feliz, e agradeço aos nossos irmãos, que me assistiram com suas preces cheias de caridade. Ah! se soubessem quão doces e salutares eflúvios a prece do coração derrama sobre os sofrimentos!”

“Mas, então, onde me conduzem? continua o sonâmbulo; num abrigo miserável! Lá está um homem ainda jovem, que morre do peito... a miséria é completa: nada para se

aquecer, nada para comer! Sua esposa, esgotada de fadiga e de privações, não pode mais trabalhar... Ah! o último triste recurso!... não tem mais cabelos... cortou-os e vendeu para obter alguns centavos!... Quantos dias isto os fará viver?... É horroroso!”

Solicitado se pode indicar o domicílio dessa pobre gente, disse: “Esperai!” Depois parece escutar o que lhe dizem; toma um lápis e escreve um nome, com indicação da rua e número. Feita a verificação na manhã seguinte, tudo foi achado perfeitamente exato.

Refeito da emoção e voltando seu Espírito ao local da sessão, ele ainda falou de várias outras pessoas e de diversas coisas, que foram para os nossos guias espirituais assunto de instruções de elevado alcance, e que teremos ocasião de referir de outra vez.

De repente exclama: “Mas aqui há Espíritos de toda espécie! Alguns foram príncipes, reis! Um deles avança; tem o rosto longo e pálido, uma barbicha pontuda, uma espécie de gorro encimado por uma centelha. Ele me pede que vos diga:

‘O pergaminho de que falastes e que tendes sob os olhos foi mesmo escrito por minha mão, mas, a respeito, eu vos devo uma explicação.

‘Em meu tempo não se escrevia com tanta facilidade quanto hoje, sobretudo os homens de minha posição. Os materiais eram menos adequados e menos aperfeiçoados; a escrita era mais lenta, mais grossa, mais pesada; por isso refletia melhor as impressões da alma. Como sabeis, meu humor não era uniforme e, conforme eu estivesse em boa ou má disposição, minha escrita mudava de caráter. É o que explica a diferença que se nota nos meus manuscritos que restam. Quando escrevi esse pergaminho para o meu músico, enviando-lhe a espineta, estava num daqueles momentos de satisfação. Se procurardes em meus manuscritos aqueles cuja letra se assemelha à deste, reconheceréis, pelos

assuntos tratados, que eu devia estar num desses bons momentos e aí tereis outra prova de identidade.”

Por ocasião da descoberta deste escrito, do qual falou o *Grand Journal* em seu número de 14 de janeiro, o mesmo jornal estampa o artigo seguinte, em seu exemplar de 21 de janeiro:

“Esgotemos a questão de correspondência, mencionando a carta da Sra. condessa de Martino, relativa à espineta do Sr. Bach. A condessa está persuadida de que o correspondente sobrenatural do Sr. Bach é um impostor, visto que devia assinar *Baldazzarini* e não *Baltazzarini*, que é italiano macarrônico.”

Primeiramente faremos notar que essa chicana a propósito da ortografia de um nome próprio é sofrivelmente pueril, e que o epíteto de *impostor*, em falta do correspondente invisível, no qual não acredita a senhora condessa, cai sobre um homem honrado, o que não é de muito bom-gosto. Em segundo lugar, Baldazzarini, simples músico, espécie de trovador, bem podia não dominar a língua italiana em sua pureza, numa época em que não se dava tanta importância à instrução. Contestariam a identidade de um francês que escrevesse em francês macarrônico, e não se vê gente incapaz de escrever corretamente o próprio nome? Por sua origem, Baldazzarini não devia estar muito acima do macarronismo. Mas essa crítica cai diante de um fato: é que os franceses, pouco familiarizados com as nuances da ortografia italiana, ouvindo pronunciar esse nome, naturalmente o escrevem à francesa. O próprio rei Henrique III, na quadra encontrada e citada acima, o escreve simplesmente *Baltasarini*, embora não seja um ignorante. Assim foi com os que enviaram ao *Grand Journal* o relato do fato em questão. Quanto ao músico, nas diversas comunicações que ditou ao Sr. Bach, e das quais temos em mãos vários originais, assinou *Baldazzarini* e, às vezes, *Baldazzarrini*, como se pode confirmar; a falta, pois, não é dele, mas dos que, por ignorância, afrancesaram seu nome, nós em primeiro lugar.

É realmente curioso ver as puerilidades a que se apegam os adversários do Espiritismo, prova evidente da escassez de boas razões.

Os Ratos de Équihen

Um dos nossos assinantes de Boulogne-sur-Mer manda-nos o seguinte, em data de 24 de dezembro de 1865:

“Há alguns dias fiquei sabendo que em Équihen, vilarejo de pescadores, perto de Boulogne, em casa de um tal L..., fazendeiro muito rico, passavam-se fatos com o caráter de manifestações físicas espontâneas, e que lembram os de Grandes-Ventes, perto de Dieppe, de Poitiers, de Marselha, etc. Todos os dias, em torno das sete horas da noite, pancadas e rolamentos muito barulhentos são ouvidos no soalho. Um armário fechado a chave se abre de repente e as roupas que contém são lançadas no meio do quarto; as camas, sobretudo a da filha da casa, são bruscamente desfeitas várias vezes seguidas.

Embora a população estivesse longe de se ocupar de Espiritismo e, mesmo, de saber do que se trata, pensaram que o autor desse tumulto, cuja causa as pesquisas e uma vigilância muito minuciosa foram incapazes de descobrir, bem poderia ser um irmão do tal L..., antigo militar, morto há dois anos na Argélia. Parece que tinha recebido dos parentes a promessa que, se morresse em serviço, mandariam trazer o corpo para Équihen. Como a promessa não foi cumprida, supunham que fosse o Espírito desse irmão que, diariamente e há seis semanas, viesse perturbar a casa e todo o vilarejo.

O clero incomodou-se com os fenômenos; quatro curas da localidade e das circunvizinhanças, depois cinco redentoristas e três ou quatro religiosas, vieram para exorcizar o

Espírito, mas inutilmente. Vendo que não conseguiam fazer cessar o barulho, aconselharam o tal L... a partir para a Argélia, a fim de buscar o corpo do irmão, o que fez imediatamente. Antes da partida, esses senhores fizeram com que toda a família se confessasse e comungasse; depois disseram que era preciso dizer missas, sobretudo uma missa cantada, depois missas rezadas diariamente. Celebrada a primeira, os redentoristas se encarregaram das outras. Recomendaram expressamente às senhoras L... que abafassem aqueles ruídos e dissessem a todos quantos viessem informar-se se a coisa continuava, que o barulho era provocado pelos *ratos*. E acrescentaram: É preciso que vos guardeis de propagar essas coisas, pois isto seria uma grave ofensa a Deus, e porque existe uma seita que procura destruir a religião; que se ela soubesse o que se passa, não deixaria de tirar partido, a fim de a prejudicar, pelo que a família seria responsável perante Deus; que era uma infelicidade que a coisa já se tivesse espalhado. A partir desse momento as portas foram hermeticamente fechadas, a cancela do pátio cuidadosamente trancada a chave e a entrada interdita a todos os que viessem todas as noites ouvir o barulho. Mas se puseram chaves em todas as portas, não as puderam colocar em todas as línguas, e os *ratos* agiram tão bem que eram ouvidos num raio de dez léguas. Engraçadinhos disseram ter visto os ratos roendo a roupa, mas não as atirar para fora, nem abrir portas fechadas a chave. É que, diziam eles, provavelmente são ratos de uma nova espécie, trazidos por algum navio estrangeiro. Esperamos com impaciência que os mostrem ao público.”

O mesmo fato nos é relatado por dois outros correspondentes. Disso ressalta uma primeira consideração, a de que esses senhores do clero, que eram numerosos, e que tinham interesse em descobrir uma causa vulgar, não teriam deixado de assinalá-la, caso existisse, e, sobretudo, não teriam prescrito a pequena mentira dos *ratos*, sob pena de incorrer no desagrado de Deus. Reconheceram, pois, a intervenção de um poder oculto. Mas, então, por que o exorcismo é sempre impotente em semelhantes

casos? Para isto há, antes de mais, uma razão peremptória: é que o exorcismo se dirige aos *demônios*; ora, como os Espíritos obsessores e batedores não são demônios, mas seres humanos, o exorcismo não tem influência sobre eles. Em segundo lugar, o exorcismo é um anátema e uma ameaça que irrita o Espírito malfeitor, e não uma instrução capaz de o tocar e o conduzir ao bem.

Na circunstância presente, aqueles senhores reconheceram que podia ser o Espírito do irmão morto na Argélia, sem o que não teriam aconselhado que fossem buscar o seu corpo, a fim de cumprir a promessa que lhe fora feita; não teriam recomendado missas, que não podiam ser ditas em favor dos demônios. Em que se torna, pois, a doutrina dos que pretendem que só os demônios podem manifestar-se e que tal poder é negado às almas dos homens? Se um Espírito humano pôde fazê-lo no caso de que se trata, por que não o faria em outros? Por que um Espírito bom e benevolente não se comunicaria senão pela violência, para ser lembrado pelos que o amaram e lhes dar sábios conselhos?

É preciso ser conseqüente consigo mesmo. Dizei sem rodeios, de uma vez por todas, que são sempre os demônios, sem exceção: a gente acreditará no que quiser; ou, então, reconheci que os Espíritos são as almas dos homens, e que no número, há bons e maus que podem comunicar-se.

Aqui se apresenta uma questão especial do ponto de vista espírita. Como os Espíritos podem exigir que seus corpos fiquem de preferência num lugar a outro? Os Espíritos de certa elevação não se prendem absolutamente a isto; mas os menos adiantados não são tão desprendidos da matéria, a ponto de não ligar importância às coisas terrenas, de que o Espiritismo oferece numerosos exemplos. Mas aqui o Espírito pode ser solicitado por outro motivo, o de lembrar ao irmão que ele faltou à sua promessa, negligência que este não podia se desculpar pela falta de recursos,

já que era rico. Talvez tivesse pensado consigo mesmo: “Ah! meu irmão está morto; não irá fazer a sua reclamação, e será uma grande despesa a menos.”

Ora, suponhamos que o irmão, fiel aos seus compromissos, desde logo tivesse ido à Argélia, mas não encontrasse o corpo, dada a confusão inevitável em tempo de guerra, e tivesse trazido outro corpo, que não o do seu parente: este último não teria ficado menos satisfeito, porque o dever moral fora cumprido. Os Espíritos nos dizem sem cessar: O pensamento é tudo; a forma nada é e não nos prendemos a ela.

Novo e Definitivo Enterro do Espiritismo

Quantas vezes já disseram que o Espiritismo estava morto e enterrado! Quantos escritores já se gabaram de lhe haver dado o golpe de misericórdia, uns porque tinham dito palavrões temperados com sal grosso, outros porque haviam descoberto um charlatão enfarpelando-se com o nome de espírita, ou alguma imitação grosseira de um fenômeno! Sem falar de todos os sermões, pastorais e brochuras da mesma fonte, de onde o menor julgava ter lançado o raio, o aparecimento dos espectros nos teatros foi saudado com um hurra! em toda a linha. “Temos o segredo desses espíritas”, diziam sem trégua os jornais, pequenos e grandes, desde Perpignan até Dunquerque; “jamais eles se erguerão dessa bordoadada!” Os espectros passaram e o Espiritismo ficou de pé. Depois vieram os irmãos Davenport, apóstolos e sumos-sacerdotes do Espiritismo, que eles não conheciam e que nenhum espírita conhecia. Aí, ainda, o Sr. Robin teve a glória de salvar, pela segunda vez, a França e a Humanidade, tocando muito bem os negócios de seu teatro. A imprensa teceu coroas a esse corajoso defensor do bom-senso, a esse sábio que havia descoberto as

astúcias do Espiritismo, como o Sr. Dr. Jobert (de Lamballe) tinha descoberto o segredo do músculo estalante. Contudo, os irmãos Davenport partiram sem as honras da guerra; o músculo estalante fez água e o Espiritismo vai sempre muito bem. Evidentemente isto prova uma coisa: é que ele não consiste nem nos espectros do Sr. Robin, nem nas cordas e nos tambores bascos dos Srs. Davenport, nem no músculo pequeno perônio³. É, pois, mais um golpe que falha. Mas desta vez, eis o bom, o verdadeiro, e é impossível que o Espiritismo se levante: são o *Événement*, o *Opinion nationale* e o *Grande Journal* que nos informam e o *afirmam*. Uma coisa muito estranha é que o Espiritismo se apraz em reproduzir todos os fatos que lhe opõem e que, segundo seus adversários, devem matá-lo. Se os julgasse muito perigosos, ele os calaria. Eis de que se trata:

“O célebre ator inglês Sothem acaba de escrever a um jornal de Glasgow uma carta que dá o último golpe no Espiritismo. Esse jornal o censurava por atacar sem a menor consideração os irmãos Davenport e os adeptos das influências ocultas, depois de ele próprio ter dado sessões de Espiritismo na América, sob o nome de Sticart, que então era o seu pseudônimo de teatro. O Sr. Sothem confessa perfeitamente ter mostrado muitas vezes aos seus amigos que era capaz de executar todas as habilidades dos espíritas e mesmo ter feito proezas ainda mais maravilhosas; mas jamais suas experiências foram executadas fora de um pequeno círculo de amigos e conhecidos. Jamais fez que alguém pagasse um vintém qualquer; ele próprio cobria as despesas de suas experiências, depois das quais ele e os amigos se reuniam num alegre jantar.

“Com o concurso de um americano muito ativo, obteve os mais curiosos resultados: aparição de fantasmas, ruído de

3 Vide a *Revista Espírita* de junho de 1859: O músculo estalante. O *Moniteur* e outros jornais anunciaram, há algum tempo, que o Sr. Dr. Jobert (de Lamballe) tinha sido acometido de alienação mental e atualmente se encontra numa casa de saúde. Esse triste acontecimento certamente não se deve à sua crença nos Espíritos.

instrumentos, assinaturas de Shakespeare, mãos invisíveis passando pelos cabelos dos espectadores e lhes aplicando tapas, etc., etc.

“O Sr. Sothem sempre disse que todas essas mágicas resultavam de combinações engenhosas, de habilidade e de astúcia, sem que os Espíritos do outro mundo nelas tomassem qualquer parte.

“Em suma, o célebre artista declara que desafia os Hume, os Davenport e todos os espíritas do mundo, a fazerem alguma manifestação que ele não possa superar.

“Ele jamais pretendeu fazer profissão de sua habilidade, mas apenas confundir os velhacos, que ultrajam a religião e roubam o dinheiro do público, fazendo-o crer que têm um poder sobrenatural, que mantêm relações com o outro mundo, que podem evocar as almas dos mortos. O Sr. Sothem não faz rodeios para dizer sua opinião; diz as coisas por seus nomes; chama um gato de gato e os Rollets... de vigaristas.”

Os Srs. Davenport tinham contra si duas coisas que os nossos adversários reconheceram: as exhibições teatrais e a exploração. Credo de boa-fé – pelo menos gostamos de assim pensar – que o Espiritismo consiste em malabarismos da parte dos Espíritos, os adversários esperavam que os espíritas fossem tomar partido por esses senhores; ficaram um pouco desapontados quando os viram, ao contrário, condenar esse gênero de manifestações como prejudicial aos princípios da doutrina, e demonstrar que é ilógico admitir que os Espíritos estejam a toda hora às ordens do primeiro que chegar querendo servir-se deles para ganhar dinheiro. Certos críticos até fizeram, de moto-próprio, valer este argumento contra os Srs. Davenport, sem suspeitar que defendiam a causa do Espiritismo. A idéia de pôr os Espíritos em cena e fazê-los servir de comparsas com vistas ao interesse, provocou um sentimento geral de aversão, quase de repulsa,

mesmo nos incrédulos, que se disseram: “Não cremos nos Espíritos; mas se os há, não é em tais condições que devem mostrar-se; e devemos tratá-los com mais respeito.” Não acreditavam em Espíritos vindo a tanto por sessão e nisto tinham completa razão; donde se pode concluir que a exibição de coisas extraordinárias e a exploração são os piores meios de fazer prosélitos. Se o Espiritismo patrocinasse tais coisas, este seria o seu lado fraco; seus adversários o compreendem tão bem, que é sobre este que não perdem nenhuma ocasião de ferir, crendo atingir a doutrina. O Sr. Gêrôme, do *Univers illustré*, respondendo ao Sr. Blanc de Lalésie (ver nossa Revista de dezembro), que o censurava por falar do que não conhecia, disse: “Praticamente estudei o Espiritismo com os irmãos Davenport, e isto me custou 15 francos. É verdade que os irmãos Davenport hoje trabalham a preços mais suaves: por 3 ou 5 francos pode-se ver suas farsas; preços de Robin, ainda bem!”

O autor do artigo sobre a jovem cataléptica da Suábia, que não é espírita (vide o número de janeiro), tem o cuidado de ressaltar, como prova de confiança nesses fenômenos extraordinários, que os pais não pensam absolutamente em tirar partido das estranhas faculdades de sua filha.

A exploração da idéia espírita é, pois, um motivo de descrédito. Os espíritas condenam a especulação, e é por isto que se tem o cuidado de apresentar o ator Sothem como completamente desinteressado, na expectativa de torná-lo um argumento vitorioso. É sempre essa idéia que o Espiritismo só vive de fatos maravilhosos e de trapaças.

Que a crítica bata quanto queira nos abusos; que desmascare os truques e as astúcias dos charlatães. O Espiritismo, que não usa nenhum método secreto e cuja doutrina é toda moral, não poderá senão ganhar em se ver livre dos parasitas que dele fazem um degrau e dos que lhe desnaturam o caráter.

O Espiritismo teve como adversários homens de real valor, em saber e em inteligência, que contra ele empregaram, sem sucesso, todo um arsenal de argumentação. Vejamos se o ator Sothem terá mais êxito que os outros para o enterrar. Ele o estaria há muito tempo se tivesse repousado nos absurdos que lhe atribuem. Se, pois, depois de haver matado o charlatanismo e desacreditado as práticas ridículas, ele existe sempre, é que há nele algo de mais sério, que não foi possível atingir.

Os Qüiproquós

A avidez com que os detratores do Espiritismo aproveitam as menores notícias, que julgam ser-lhe desfavoráveis, os expõe a singulares enganos. Sua pressa em as publicar é tal que não têm tempo em lhes verificar a exatidão. Aliás, para que tanto esforço! a verdade do fato é uma questão secundária, contanto que dela ressalte o ridículo. Por vezes essa precipitação tem seus inconvenientes e, em todo o caso, atesta uma leviandade que está longe de aumentar o valor da crítica.

Outrora os saltimbancos eram simplesmente chamados *escamoteadores*; caindo o vocábulo em descrédito, foi substituído por *prestidigitadores*, mas que ainda lembrava muito o jogador de copos. O célebre Conte, parece-nos, foi o primeiro que se adornou com o título de *físico* e que obteve o privilégio, sob a Restauração, de pôr em seus anúncios e nos letreiros de seu teatro: *Físico do rei*. Desde então, até mesmo o mais medíocre escamoteador que percorria feiras se intitulava de *físico*, *professor de Física*, etc., maneira, como qualquer outra, de atirar pó nos olhos de certo público que, não sabendo mais, os coloca de boa-fé no mesmo nível dos físicos da Faculdade de Ciências. Certamente a arte da prestidigitação tem feito imensos progressos, e não se pode contestar a alguns que a praticam com brilho, conhecimentos especiais, um talento real e um caráter honrado; mas não passa da arte de produzir ilusões,

com maior ou menor habilidade, e não de uma ciência séria, com seu lugar no Instituto.

O Sr. Robin adquiriu neste gênero uma celebridade para a qual não contribuiu pouco o papel que ele desempenhou no caso dos irmãos Davenport. Esses senhores, com ou sem razão, pretenderam que operavam com o auxílio dos Espíritos; de sua parte era um novo meio de excitar a curiosidade, saindo dos lugares-comuns? Não é aqui o lugar de examinar a questão. Seja como for, só pelo fato de se dizerem agentes dos Espíritos, os que não o admitem de forma alguma protestarão. O Sr. Robin, como homem hábil em tirar proveito da coisa, não perde a oportunidade; declara produzir os mesmos efeitos por simples passes de mágica. Julgando que os Espíritos estão mortos, a crítica canta vitória e o proclama vencedor.

Mas o entusiasmo é cego e por vezes comete estranhas gafes. Há muitos Robins no mundo, como há muitos Martins. Eis que um Sr. Robin, professor de Física, acaba de ser eleito membro da Academia de Ciências. Não há mais dúvida: só pode ser o Sr. Robin, o físico do boulevard du Temple, o rival dos irmãos Davenport, que toda noite judia dos Espíritos em seu teatro; e sem mais ampla informação, um jornal sério, o *Opinion nationale*, em seu folhetim de sábado, 20 de janeiro, publica o seguinte artigo:

“Há algo de errado nos acontecimentos da semana? Entretanto, havia em seu número alguns bastante curiosos. Por exemplo, a eleição de Charles Robin para a Academia de Ciências. Há muito tempo defendíamos aqui a sua candidatura; mas pregavam bem alto contra ela em mais de um lugar. O fato é que esse nome de Robin tem algo de diabólico. Lembrai-vos de Robin des Bois. O herói das *Memórias do Diabo* não se chamava Robin? Esse Sr. Robin, que amarrou o guizo no pescoço dos Davenport, é um físico tão sábio quanto amável. O guizo cresceu, cresceu; tornou-se maior e mais retumbante que o grande sino de

Notre-Dame. Os pobres farsistas, atordoados pelo ruído que faziam, viram-se obrigados a fugir *para a América*, mas a própria América não os quer mais. Grande vitória do bom-senso; derrota do sobrenatural! Ele contava tomar uma desforra da Academia de Ciências, e fez esforços heróicos para excluir esse inimigo, esse positivista, esse descrente ilustre que se chama Charles Robin. E eis que no próprio seio de uma Academia tão bem pensante, o sobrenatural ainda é debatido. Charles Robin vai sentar-se à esquerda do Sr. Pasteur. E já não estamos no tempo das doces fábulas, no tempo feliz e saudoso em que o cajado do pastor se impunha a Robin carneiro!”

Ed. About

Para quem a mistificação? Seríamos realmente tentados a crer que algum Espírito maligno conduziu a pena do autor do artigo.

Eis um outro quiproquó que, por ser menos divertido, não prova menos a leviandade com que a crítica acolhe, sem exame, tudo que julga contrário ao Espiritismo, obstinando-se, a despeito de tudo quanto foi dito, a encarnar nos irmãos Davenport; de onde conclui que tudo quanto for um revés para esses senhores, também o é para a doutrina, que não é mais solidária com os que lhe tomam o nome, do que a verdadeira física com aqueles que usurpam o nome de físico.

Vários jornais apressaram-se em reproduzir o artigo seguinte, conforme o *Messenger franco-américain*. Entretanto eles deveriam, melhor que ninguém, saber que nem tudo que é impresso é palavra do Evangelho:

“Os pobres irmãos Davenport não podiam escapar ao ridículo que espera os charlatães de toda espécie. Acreditados e louvados nos Estados Unidos, onde durante muito tempo exploraram, depois descobertos e ridicularizados na capital da

França, menos fácil para sofrer o *embuste*, era preciso que recebessem, na mesma sala de suas grandes façanhas em Nova Iorque, o último desmentido que mereciam.

“Esse desmentido acaba de lhes ser dado publicamente por seu antigo comparsa, o Sr. Fay, na sala do Cooper Institute, sábado à noite, em presença de numerosa assembléia.

“Ali o Sr. Fay desvendou tudo, os segredos do famoso armário, o segredo das cordas e dos nós e de todos os malabarismos, por tanto tempo empregados com sucesso. Comédia humana! E dizer que há gente séria e instruída, que admirou e defendeu os irmãos Davenport e que chamou de *Espiritismo* farsas que talvez fossem toleradas no carnaval!”

Não nos cabe tomar a defesa dos Srs. Davenport, cujas exhibições sempre condenamos, como contrárias aos princípios da sã Doutrina Espírita. Mas, seja qual for a opinião que se faça a seu respeito, devemos dizer, a bem da verdade, que foi um erro inferir desse artigo que estivessem em Nova Iorque e ali tivessem sido ridicularizados. Sabemos de fonte segura que, deixando Paris, voltaram à Inglaterra, onde ainda se acham no momento. O Sr. Fay, que teria revelado seus segredos, não é o seu cunhado William Fay, que os acompanha, mas um tal H. Melleville Fay, que produzia efeitos semelhantes na América, e do qual se fala em sua biografia, com a recomendação de não os confundir. Nada há de admirável que esse senhor, que lhes fazia concorrência, tenha julgado conveniente aproveitar sua ausência para lhes pregar uma peça e os desacreditar em proveito próprio. Nessa luta ao fenômeno não se poderia ver Espiritismo. É o que dá a entender o fim do artigo, por esta frase: “E dizer que há gente séria (...), que chamou de *Espiritismo* farsas que talvez fossem toleradas no carnaval!” Essa exclamação tem o ar de uma censura dirigida aos que confundem coisas tão disparatadas.

Os irmãos Davenport forneceram aos detratores do Espiritismo ocasião ou pretexto para um formidável levante, em presença do qual ele ficou de pé, calmo e impassível, continuando sua rota sem se inquietar com o barulho que faziam à sua volta. Um fato digno de nota é que seus adeptos, longe de se amedrontarem, foram unânimes em considerar essa efervescência como eminentemente útil à sua causa, certos de que o Espiritismo só tem a ganhar por ser conhecido. A crítica caiu sem dó nem piedade sobre os irmãos Davenport, neles julgando matar o Espiritismo. Se este não gritou, é porque não se sentiu ferido. O que ela matou foi precisamente o que ele condena e desaprova: a exploração, as exhibições públicas, o charlatanismo, as manobras fraudulentas, as imitações grosseiras de fenômenos naturais, que se produzem em condições completamente diversas, o abuso de um nome que representa uma doutrina toda moral, de amor e de caridade. Depois desta rude lição, acreditamos que seria temerário tentar a sorte por semelhantes meios.

É verdade que disso resultou uma certa confusão momentânea no espírito de algumas pessoas, uma espécie de hesitação muito natural nas que só ouviram a censura lançada com parcialidade, sem separar o verdadeiro do falso; mas deste mal saiu um grande bem: o desejo de conhecer, que não pode redundar senão em proveito da doutrina.

Obrigado, pois, à crítica por ter feito, com a ajuda dos poderosos meios de que dispõe, o que os espíritas não o teriam podido por si mesmos; ela adiantou a questão de alguns anos, e mais uma vez convenceu seus adversários de sua impotência. Aliás, o caso Davenport foi um assunto tão repisado, que ao público parece tão enfadonho quanto o grito de Lambert. É tempo que a crônica encontre um novo tema para explorar.

Nota Bibliográfica

A propósito de nosso artigo do mês passado sobre o *Dicionário Universal*, muitas pessoas nos pediram informações sobre o modo de subscrição e pagamento. Eis a nota que, a propósito, nos foi dada pela direção.

Preço de cada fascículo de 8 páginas: 10 c. Publicam-se dois fascículos por semana. – Remessas pelo Correio somente em séries de 40 fascículos, ao preço de 4 fr. em Paris, 5 fr. para os Departamentos e 6 fr. para o estrangeiro. – Pode-se fazer a subscrição para um número qualquer de séries, bastando, para isso, enviar o montante ao diretor, 38, boulevard Sébastopol, em Paris. A primeira série está à venda; a segunda logo estará disponível. – As pessoas que desejam receber a obra em fascículos devem dirigir-se às livrarias de sua localidade.

ERRATA

No número de janeiro, carta do Sr. Jaubert, em vez de *todos os uniformes*, leia-se: todos uniformes; em vez de *assiégjée*, leia-se *assiégée* (sitiado).

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

MARÇO DE 1866

Nº 3

Introdução ao Estudo dos Fluidos Espirituais

I

Os fluidos espirituais representam importante papel em todos os fenômenos espíritas, ou melhor, são o princípio mesmo desses fenômenos. Até agora nos limitamos a dizer que tal efeito resultava de uma ação fluídica; mas esse dado geral, suficiente no início, deixa de o ser quando se quer pesquisar os detalhes. Sabiamente os Espíritos limitaram seu ensinamento no princípio; mais tarde, chamaram a atenção para a grave questão dos fluidos, e não foi num centro único que a abordaram, mas praticamente em todos eles.

Mas os Espíritos não nos vêm trazer esta ciência, como nenhuma outra, já pronta; eles nos põem no caminho e nos fornecem os materiais, cabendo a nós estudá-los, observá-los, analisá-los, coordená-los e deles nos servirmos. Foi o que fizeram para a constituição da doutrina e agiram da mesma forma em relação aos fluidos. É do nosso conhecimento que em milhares de locais

diversos eles esboçaram seu estudo; em toda parte encontramos alguns fatos, algumas explicações, uma teoria parcial, uma idéia; mas em parte alguma um trabalho completo de conjunto. Por que isto? Impossibilidade da parte deles? Não, certamente, pois o que teriam podido fazer como homens, com mais forte razão o poderão como Espíritos. Mas, como dissemos, é porque eles não vêm de modo algum nos libertar do trabalho da inteligência, sem o qual nossas forças, ficando inativas, se estiolariam; acharíamos mais cômodo que eles trabalhassem por nós.

Assim, o trabalho foi deixado ao homem; mas sendo limitados a sua inteligência, a sua vida e o seu tempo, a nenhum é dado elaborar tudo o que é necessário para a constituição de uma ciência. Eis por que não há uma só que seja, em todas as suas peças, obra de um só homem; nenhuma descoberta que o seu primeiro inventor tenha levado à perfeição. A cada edifício intelectual, vários homens e várias gerações trouxeram seu contingente de pesquisas e de observações.

Dá-se o mesmo com a questão que nos ocupa, cujas diversas partes foram tratadas separadamente, depois coligidas num corpo metódico, quando puderam ser reunidos materiais suficientes. Esta parte da ciência espírita mostra desde já que não é uma concepção sistemática individual, de um homem ou de um Espírito, mas o produto de múltiplas observações, que tiram sua autoridade da concordância existente entre elas.

Pelo motivo que acabamos de exprimir, não poderíamos pretender que esta seja a última palavra. Como temos dito, os Espíritos graduam os seus ensinamentos e os proporcionam à soma e à maturidade das idéias adquiridas. Assim, não se poderia duvidar que, mais tarde, eles pusessem novas observações no caminho; mas desde já há elementos suficientes para formar um corpo que, posteriormente e de modo gradual, será completado.

O encadeamento dos fatos nos obriga a tomar nosso ponto de partida de mais alto, a fim de proceder do conhecido para o desconhecido.

II

Tudo se liga na obra da Criação. Outrora se consideravam os três reinos como inteiramente independentes entre si, e teriam rido de quem pretendesse encontrar uma correlação entre o mineral e o vegetal, entre o vegetal e o animal. Uma observação atenta fez desaparecer a solução de continuidade, provando que todos os corpos formam uma cadeia ininterrupta, de tal sorte que os três reinos não subsistem, na realidade, senão pelos caracteres gerais mais marcantes; mas nos seus limites respectivos eles se confundem, a ponto de se hesitar em saber onde termina um e começa o outro, e em qual deles certos seres devem ser colocados. Tais são, por exemplo, os zoófitos, ou animais-plantas, assim chamados porque contêm, ao mesmo tempo, elementos do animal e da planta.

Acontece a mesma coisa no que concerne à composição dos corpos. Durante muito tempo os quatro elementos serviram de base às ciências naturais; caíram diante das descobertas da química moderna, que reconheceu um número indeterminado de corpos simples. A Química nos mostra todos os corpos da Natureza formados desses elementos combinados em diversas proporções. É da infinita variedade dessas combinações que nascem as inumeráveis propriedades dos diferentes corpos. É assim, por exemplo, que uma molécula de gás oxigênio e duas de gás hidrogênio, combinadas, formam a água. Na sua transformação em água, o oxigênio e o hidrogênio perdem suas qualidades próprias; propriamente falando, não há mais oxigênio, nem hidrogênio, mas água. Decompondo a água, encontram-se novamente os dois gases, nas mesmas proporções. Se, em vez de uma molécula de oxigênio, houver duas, isto é, duas de cada gás,

não será mais água, mas um líquido muito corrosivo. Bastou, pois, uma simples mudança na proporção de um dos elementos para transformar uma substância salutar numa substância venenosa. Por uma operação inversa, se os elementos de uma substância deletéria, o arsênico, por exemplo, forem simplesmente combinados em outras proporções, sem adição ou supressão de nenhuma outra substância, ela se tornará inofensiva, ou mesmo salutar. Há mais: várias moléculas reunidas, de um mesmo elemento, gozarão de propriedades diferentes, conforme o modo de agregação e as condições do meio em que se encontram. O *ozônio*, recentemente descoberto no ar atmosférico, é um exemplo. Reconheceu-se que essa substância mais não é que o oxigênio, um dos principais constituintes do ar, num estado particular que lhe dá propriedades distintas do oxigênio propriamente dito. O ar não deixa de ser formado por oxigênio e azoto, mas suas qualidades variam conforme contenha maior ou menor quantidade de oxigênio no estado de ozônio.

Estas observações, que parecem estranhas ao nosso assunto, não obstante a ele se ligam de maneira direta, como se verá mais tarde; elas são, além disso, essenciais como pontos de comparação.

Essas composições e decomposições se obtêm artificialmente e em pequena escala nos laboratórios, mas se operam em grande escala e espontaneamente no grande laboratório da Natureza. Sob a influência do calor, da luz, da eletricidade, da umidade, um corpo se decompõe, seus elementos se separam, outras combinações se operam e novos corpos se formam. Assim, a mesma molécula de oxigênio, por exemplo, que faz parte do nosso corpo, após a destruição deste entra na composição de um mineral, de uma planta ou de um corpo animado. Em nosso corpo atual acham-se, portanto, as mesmas parcelas de matéria, que foram partes constituintes de uma porção de outros corpos.

Citemos um exemplo para tornar a coisa mais clara.

Um pequeno grão é posto na terra, brota, cresce e torna-se uma grande árvore que, anualmente, dá folhas, flores e frutos. Quer dizer que esta árvore se achava inteirinha no grão? Seguramente não, porque contém uma quantidade de matéria muito mais considerável. Donde, pois, lhe veio essa matéria? Dos líquidos, dos sais, dos gases que a planta extraiu da terra e do ar, que se infiltraram em seu caule e, pouco a pouco, lhe aumentaram o volume. Mas nem na terra nem no ar se encontram madeira, folhas, flores e frutos. É que esses mesmos líquidos, sais e gases, no ato de absorção, se decompueram; seus elementos sofreram novas combinações, que os transformaram em seiva, lenho, casca, folhas, flores, frutos, essências voláteis, etc. Essas mesmas partes, por sua vez, vão destruir-se, decompor-se; seus elementos, misturar-se de novo na terra e no ar; recompor as substâncias necessárias à frutificação; ser reabsorvidos, decompostos e, mais uma vez, transformados em seiva, lenho, casca, etc. Numa palavra, a matéria não sofre aumento nem diminuição; transforma-se e, em consequência dessas transformações sucessivas, a proporção das diversas substâncias, em quantidade, é sempre suficiente para as necessidades da Natureza.

Suponhamos, por exemplo, que uma dada quantidade de água seja decomposta, no fenômeno da vegetação⁴, para fornecer oxigênio e hidrogênio necessários à formação das diversas partes da planta; é uma quantidade de água que existe a menos na massa; mas essas partes da planta, quando de sua decomposição, vão liberar o oxigênio e o hidrogênio que elas encerravam, e esses gases, combinando-se entre si, vão reconstituir uma quantidade de água equivalente à que havia desaparecido.

Um fato que é oportuno assinalar aqui, é que o homem, que pode executar artificialmente as composições e decomposições

4 N. do T.: No original: *phénomène de la végétation*.

que se operam espontaneamente na Natureza, é impotente para reconstituir o menor corpo organizado, ainda que fosse um pé de erva ou uma folha morta. Depois de ter decomposto um mineral, pode recompô-lo em todas as suas peças, tal qual era antes; mas quando separou os elementos de uma parcela de matéria vegetal ou animal, não pode reconstitui-la e, menos ainda, dar-lhe a vida. Seu poder se detém na matéria inerte: o princípio da vida está na mão de Deus.

A maioria dos corpos simples são chamados *ponderáveis*, porque lhes podemos medir o peso, e este está na razão da soma das moléculas contidas num dado volume. Outros são ditos *imponderáveis*, porque para nós não têm peso e, seja qual for a quantidade em que se acumulem em outro corpo, não lhe aumentam o peso. Tais são: o calórico⁵, a luz, a eletricidade, o fluido magnético ou do ímã; este último não passa de uma variedade da eletricidade. Conquanto imponderáveis, nem por isso esses fluidos deixam de ter um grande poder. O calórico divide os corpos mais duros, os reduz a vapor e dá aos líquidos evaporados uma força de expansão irresistível. O choque elétrico quebra árvores e pedras, curva barras de ferro, funde os metais, atira ao longe enormes massas. O magnetismo dá ao ferro um poder de atração capaz de sustentar pesos consideráveis. A luz não possui esse gênero de força, mas exerce uma ação química sobre a maioria dos corpos; sob sua influência operam-se incessantemente composições e decomposições. Sem a luz, os vegetais e os animais se estiolam, os frutos não têm sabor nem coloração.

III

Todos os corpos da Natureza, minerais, vegetais, animais, animados ou inanimados, sólidos, líquidos ou gasosos, são, pois, formados dos mesmos elementos, combinados de maneira a

5 **N. do T.:** Allan Kardec valia-se da teoria do calor, em voga no século XIX, segundo a qual o *calórico* seria o fluido responsável pelos fenômenos térmicos.

produzir a infinita variedade dos diferentes corpos. Hoje a Ciência vai mais longe; suas investigações pouco a pouco a conduzem à grande lei da unidade. Agora é geralmente admitido que os corpos reputados simples não passam de modificações, de transformações de um elemento único, princípio universal designado sob os nomes de *éter, fluido cósmico ou fluido universal*, de tal sorte que, segundo o modo de agregação das moléculas desse fluido, e sob a influência de circunstâncias particulares, adquire propriedades especiais, que constituem os corpos simples; estes, combinados entre si em diversas proporções, formam, como dissemos, a inumerável variedade de corpos compostos. Segundo esta opinião, o calórico, a luz, a eletricidade e o magnetismo também não passariam de modificações do fluido primitivo universal. Assim esse fluido, que com toda probabilidade é imponderável, seria ao mesmo tempo o princípio dos fluidos imponderáveis e dos corpos ponderáveis.

A Química nos faz penetrar na constituição íntima dos corpos; mas, experimentalmente falando, não vai além dos corpos considerados simples; seus meios de análise são impotentes para isolar o elemento primitivo e determinar a sua essência. Ora, entre esse elemento em sua pureza absoluta e o ponto onde pára as investigações da Ciência, o intervalo é imenso. Raciocinando por analogia, chega-se à conclusão de que entre esses dois pontos extremos, esse fluido deve sofrer modificações que escapam aos nossos instrumentos e aos nossos materiais. É nesse campo novo, até aqui vedado à exploração, que vamos tentar penetrar.

IV

Até agora só se tinham idéias muito incompletas sobre o mundo espiritual ou invisível. Imaginavam-se os Espíritos como seres fora da Humanidade; os anjos também eram criaturas à parte, de uma natureza mais perfeita. Quanto ao estado das almas depois da morte, os conhecimentos não eram mais positivos. A opinião mais geral fazia deles seres abstratos, dispersos na imensidade e não

tendo mais relações com os vivos, a não ser que estivessem, segundo a doutrina da Igreja, nas beatitudes do céu ou nas trevas do inferno. Além disso, como as observações da Ciência não vão além da matéria tangível, resulta um abismo entre o mundo corporal e o mundo espiritual, que parecia excluir toda comparação. É este abismo que novas observações e o estudo de fenômenos ainda pouco conhecidos vêm encher, ao menos em parte.

O Espiritismo nos ensina, de saída, que os Espíritos são as almas dos homens que viveram na Terra; que progridem incessantemente, e que os anjos são essas mesmas almas ou Espíritos chegados a um estado de perfeição que os aproxima da Divindade.

Em segundo lugar, ensina-nos que as almas passam alternadamente do estado de encarnação ao de erraticidade; que neste último estado elas constituem a população invisível do globo, ao qual ficam ligadas até que tenham adquirido o desenvolvimento intelectual e moral que comporta a natureza deste globo, depois do que o deixam, passando a um mundo mais adiantado.

Pela morte do corpo, a Humanidade corporal fornece almas ou Espíritos ao mundo espiritual; pelos nascimentos, o mundo espiritual alimenta o mundo corporal; há, pois, transmutação incessante de um no outro. Esta relação constante os torna solidários, pois são os mesmos seres que entram no nosso mundo e que dele saem alternadamente. Eis um primeiro traço de união, um ponto de contato, que já diminui a distância que parecia separar o mundo visível do mundo invisível.

A natureza íntima da alma, isto é, do princípio inteligente, fonte do pensamento, escapa completamente às nossas investigações; mas agora se sabe que a alma é revestida de um envoltório ou corpo fluídico, que dela faz, depois da morte do corpo material, como antes, um ser distinto, circunscrito e

individual. A alma é o princípio espiritual considerado isoladamente; é a força atuante e pensante, que não podemos conceber isolada da matéria senão como uma abstração. Revestida de seu envoltório fluídico, ou perispírito, a alma constitui o ser chamado *Espírito*, como quando está revestida do envoltório corporal, constitui o homem. Ora, se bem que no estado de Espírito goze de propriedades e de faculdades especiais, não deixou de pertencer à Humanidade. Os Espíritos são, pois, seres semelhantes a nós, já que cada um de nós se torna Espírito após a morte do corpo, e cada Espírito se torna homem pelo nascimento.

Esse envoltório *não é a alma*, pois não pensa: é apenas uma vestimenta; sem a alma, o perispírito, assim como o corpo, é uma matéria inerte privada de vida e de sensações. Dizemos *matéria*, porque, com efeito, o perispírito, embora de natureza etérea e sutil, não deixa de ser matéria, como os fluidos imponderáveis e, além disso, *matéria da mesma natureza e da mesma origem que a mais grosseira matéria tangível*, como logo veremos.

A alma não reveste o perispírito apenas no estado de Espírito; é inseparável desse envoltório, que a segue na encarnação, como na erraticidade. Na encarnação, é o laço que a une ao envoltório corporal, o intermediário com cujo auxílio age sobre os órgãos e percebe as sensações das coisas exteriores. Durante a vida, o fluido perispiritual identifica-se com o corpo, penetrando todas as suas partes; com a morte, dele se desprende; privado da vida o corpo se dissolve, mas o perispírito, sempre unido à alma, isto é, ao princípio vivificante, não perece; apenas a alma, em vez de dois envoltórios, conserva apenas um: o mais leve, o que está mais em harmonia com o seu estado espiritual.

Embora esses princípios sejam elementares para os espíritas, era útil lembrá-los para a compreensão das explicações subseqüentes e a ligação das idéias.

V

Algumas pessoas contestaram a utilidade do envoltório perispiritual da alma e, em conseqüência, a sua existência. A alma, dizem, não precisa de intermediário para agir sobre o corpo; e, uma vez separada do corpo, é um acessório supérfluo.

A isto respondemos, primeiro, que o perispírito não é uma criação imaginária, uma hipótese inventada para chegar a uma solução; sua existência é um fato constatado pela observação. Quanto à sua utilidade, quer durante a vida, quer depois da morte, é preciso admitir que, desde que existe, é que serve para alguma coisa. Os que lhe contestam a utilidade são como um indivíduo que, não compreendendo as funções de certas engrenagens num mecanismo, concluísem que só servem para complicar desnecessariamente a máquina. Não vê que se a menor peça fosse suprimida, tudo seria desorganizado. Quantas coisas, no grande mecanismo da Natureza, parecem inúteis aos olhos do ignorante e, mesmo, de certos cientistas, que de boa-fé acreditam que se tivessem sido encarregados da construção do Universo, o teriam feito melhor!

O perispírito é uma das engrenagens mais importantes da economia. A Ciência o observou em alguns de seus efeitos e, sucessivamente, tem sido designado sob o nome de fluido vital, fluido ou influxo nervoso, fluido magnético, eletricidade animal, etc., sem se dar conta precisa de sua natureza, de suas propriedades e, ainda menos, de sua origem. Como envoltório do Espírito após a morte, foi suspeitado desde a mais alta antiguidade. Todas as teogonias atribuem aos seres do mundo invisível um corpo fluídico. São Paulo diz em termos precisos que renascemos com um *corpo espiritual* (1^a epístola aos Coríntios, 15:35 a 44 e 50).

Dá-se o mesmo com todas as grandes verdades baseadas nas leis da Natureza, e das quais, em todas as épocas, os

homens de gênio tiveram a intuição. É assim que, desde antes de nossa era, hábeis filósofos tinham suspeitado a redondeza da Terra e seu movimento de rotação, o que nada tira ao mérito de Copérnico e de Galileu, sendo mesmo de presumir-se que estes últimos hajam aproveitado as idéias de seus predecessores. Graças a seus trabalhos, o que não passava de uma teoria individual, de uma teoria incompleta e sem provas, *desconhecida das massas*, tornou-se uma verdade científica, prática e popular.

A doutrina do perispírito está no mesmo caso; o Espiritismo não foi o primeiro a descobri-lo. Mas, assim como Copérnico para o movimento da Terra, ele o estudou, demonstrou, analisou, definiu e dele tirou fecundos resultados. Sem os estudos modernos mais completos, esta grande verdade, como muitas outras, ainda estaria no estado de letra morta.

VI

O perispírito é o traço de união que liga o mundo espiritual ao mundo corporal. O Espiritismo no-los mostra em relação tão íntima e tão constante, que de um ao outro a transição é quase insensível. Ora, assim como na Natureza o reino vegetal se liga ao reino animal por seres *semivegetais* e *semi-animais*, o estado corporal se liga ao estado espiritual não só pelo princípio inteligente, que é o mesmo, mas ainda pelo envoltório fluídico, ao mesmo tempo *semimaterial* e *semi-espiritual*, desse mesmo princípio. Durante a vida terrena, o ser corporal e o ser espiritual estão confundidos e agem em acordo; a morte do corpo apenas os separa. A ligação destes dois estados é tal, e eles reagem um sobre o outro com tanta força, que dia virá em que será reconhecido que o estudo da história natural do homem não poderia ser completo sem o estudo do envoltório perispiritual, isto é, sem pôr um pé no domínio do mundo invisível.

Esse paralelo é ainda maior quando se observa a origem, a natureza, a formação e as propriedades do perispírito, observação que decorre naturalmente do estudo dos fluidos.

VII

É sabido que todas as matérias animais têm como princípios constituintes o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono, combinados em diferentes proporções. Ora, como dissemos, esses mesmos corpos simples têm um princípio único, que é o fluido cósmico universal. Por suas diversas combinações eles formam todas as variedades de substâncias que compõem o corpo humano, o único de que aqui falamos, embora seja o mesmo em relação aos animais e às plantas. Disto resulta que o corpo humano não passa, na realidade, de uma espécie de concentração, de uma condensação ou, se quiserem, de uma solidificação do fluido universal, como o diamante é uma solidificação do gás carbônico. Com efeito, suponhamos a desagregação completa de todas as moléculas do corpo: recuperaremos o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono; em outros termos, o corpo será volatilizado. Esses quatro elementos, voltando ao seu estado primitivo por uma nova e mais completa decomposição – se os nossos meios de análise o permitissem – dariam o fluido cósmico. Sendo esse fluido o princípio de toda a matéria, ele mesmo é matéria, embora num completo estado de eterização.

Passa-se um fenômeno análogo na formação do corpo fluídico, ou perispírito: é, igualmente, uma condensação do fluido cósmico em torno de um foco de inteligência, ou *alma*. Mas aqui a transformação molecular se opera diferentemente, porque o fluido conserva sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. O corpo perispiritual e o corpo humano têm, pois, sua fonte no mesmo fluido; um e outro são matéria, conquanto em dois estados diferentes. Assim, tivemos razão de dizer que o perispírito é da mesma natureza e da mesma origem que a mais grosseira matéria.

Como se vê, nada há de sobrenatural, já que o perispírito se liga, por seu princípio, às coisas da Natureza, das quais não passa de uma variedade.

Sendo o fluido universal o princípio de todos os corpos da Natureza, animados e inanimados e, por conseguinte, da terra, das pedras, razão tinha Moisés quando disse: “Deus formou o corpo do homem do limo da terra.” Isto não quer dizer que Deus tomou terra, petrificou-a e com ela modelou o corpo do homem, como se modela uma estátua com argila e como acreditaram os que tomam as palavras bíblicas ao pé da letra; mas, sim, que o corpo era formado dos mesmos princípios ou elementos que o limo da terra.

Moisés acrescenta: “E lhe deu uma alma *vivente*, feita à sua *semelhança*.” Ele faz, assim, uma distinção entre a alma e o corpo; indica que ela é de natureza diferente, que não é matéria, mas espiritual e imaterial como Deus. Diz: uma alma *vivente*, para especificar que nela *só* está o princípio da vida, ao passo que o corpo, formado da matéria, por si mesmo não vive. Estas palavras: *à sua semelhança*, implicam uma *similitude* e não uma *identidade*. Se Moisés houvesse considerado a alma como uma *porção* da Divindade, teria dito: Deus o anima dando-lhe uma alma tirada de sua própria substância, como disse que o corpo tinha sido tirado da terra.

Estas reflexões são uma resposta às pessoas que acusam o Espiritismo de materializar a alma, porque lhe dá um envoltório semimaterial.

VIII

No estado normal, o perispírito é invisível aos *nostros olhos* e impalpável ao nosso tato, como o são uma infinidade de fluidos e de gases. Entretanto, a invisibilidade, a impalpabilidade, e mesmo a imponderabilidade do fluido perispiritual não são absolutas; é por isso que dizemos *no estado normal*. Em certos casos é possível que ele sofra uma condensação maior, ou uma

modificação molecular de natureza especial, que o torna momentaneamente visível ou tangível; é assim que se produzem as aparições. Sem que haja aparição, muitas pessoas sentem a impressão fluídica dos Espíritos pela sensação do tato, o que é indício de uma natureza material.

Seja qual for a maneira pela qual se opera a modificação atômica do fluido, não há coesão como nos corpos materiais; a aparência se forma e se dissipa instantaneamente, o que explica as aparições e as desapareições súbitas. Sendo as aparições o produto de um fluido material invisível, tornado visível em consequência de uma mudança momentânea na sua constituição molecular, não são mais sobrenaturais do que os vapores que, de modo alternado, fazem-se visíveis ou invisíveis pela condensação ou pela rarefação. Citamos o vapor como ponto de comparação, sem pretender que haja similitude de causa e efeito.

IX

Algumas pessoas criticaram a qualificação de *semimaterial* dada ao perispírito, dizendo que uma coisa é matéria ou não o é. Admitindo que a expressão seja imprópria, seria preciso recorrer a ela, em falta de um termo especial para exprimir esse estado particular da matéria. Se existisse um mais apropriado à coisa, os críticos deveriam tê-lo indicado. Filosoficamente falando, e por sua essência íntima, o perispírito é matéria, como acabamos de ver; ninguém poderia contestá-lo. Mas não tem as propriedades da matéria tangível, tal como se a concebe vulgarmente; não pode ser submetido à análise química, porquanto, embora tenha o mesmo princípio que a carne e o mármore, na realidade nem é carne nem mármore. Por sua natureza etérea, pertence, ao mesmo tempo, à materialidade por sua substância, e à espiritualidade por sua impalpabilidade, de sorte que o vocábulo *semimaterial* não é mais ridículo que *semiduplo* e tantos outros, porque também se pode dizer que uma coisa é dupla ou não o é.

X

Como princípio elementar do Universo, o fluido cósmico assume dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, que se pode considerar o primitivo estado normal, e o de materialização ou ponderabilidade, que é, de certa maneira, consecutivo àquele. O ponto intermediário é o da transformação do fluido em matéria tangível. Mas, ainda aí, não há transição brusca, porquanto podem considerar-se os nossos fluidos imponderáveis como um termo médio entre os dois estados.

Cada um desses dois estados dá lugar, naturalmente, a fenômenos especiais: ao segundo pertencem os do mundo visível e ao primeiro os do mundo invisível. Uns, os chamados *fenômenos materiais*, são da alçada da Ciência propriamente dita; os outros, qualificados de *fenômenos espirituais*, porque se ligam à existência dos Espíritos, são da competência do Espiritismo. Mas há entre eles numerosos pontos de contato, que servem para mútuo esclarecimento e, como dissemos, o estudo de uns não poderia ser completo sem o estudo dos outros.

É à explicação desses últimos que conduz o estudo dos fluidos, de que faremos, ulteriormente, assunto para um trabalho especial.

O Espiritismo e a Magistratura

PERSEGUIÇÕES JUDICIAIS CONTRA O ESPIRITISMO CARTAS DE UM JUIZ DE INSTRUÇÃO

Como temos dito muitas vezes, o Espiritismo conta em suas fileiras mais de um magistrado, não só na França, como na Itália, Espanha, Bélgica, Alemanha e na maioria dos países estrangeiros. A maior parte dos detratores da doutrina, que julga ter o privilégio do bom-senso, trata de insensatos os que não partilham

de seu cepticismo a respeito das coisas espirituais – não dizemos *sobrenaturais* porque o Espiritismo não as admite – admira-se que homens de inteligência e de valor incorram em semelhante erro. Os magistrados não são livres de ter sua opinião, sua fé, sua crença? Não há entre eles católicos, protestantes, livres-pensadores, franco-maçons? Quem, pois, poderia incriminar os que são espíritas? Não estamos mais no tempo em que teriam cassado, talvez queimado, o juiz que tivesse ousado afirmar publicamente que é a Terra que gira.

Coisa estranha! há gente que gostaria de fazer reviver esse tempo para os espíritas. No último levante não vimos homens que se diziam apóstolos da liberdade de pensamento, os apontar à vindita da lei como malfeitores, excitar as populações a ir-lhes ao encalço, estigmatizá-los e lhes atirar injúrias à face, nas folhas públicas e nos panfletos? Foi um momento de verdadeira raiva, e não de brincadeira que, graças ao tempo em que vivemos, exalou-se em palavras. Foi necessária toda a força moral de que se sentem animados os espíritas, toda a moderação, de que os próprios princípios da doutrina fazem uma lei, para manter a calma e o sangue-frio em tal circunstância e abster-se de represálias, que poderiam ter sido lamentáveis. Esse contraste chocou todos os homens imparciais.

Então o Espiritismo é uma associação, uma filiação tenebrosa, perigosa para a sociedade, obediente a uma palavra de ordem? seus adeptos fizeram um pacto entre si? Só a ignorância e a má-fé podem avançar tais absurdos, já que sua doutrina não tem segredos para ninguém e eles agem à luz do dia. O Espiritismo é uma filosofia como qualquer outra, que se aceita livremente, se convém, ou se rejeita, se não convém; que repousa numa fé inalterável em Deus e no futuro e que só obriga moralmente seus aderentes a uma coisa: considerar todos os homens como irmãos, *sem aceção de crença*, e fazer o bem, mesmo aos que nos fazem mal. Por que, então, não poderia um magistrado dizer-se abertamente seu partidário e declará-la boa, se a julga boa, como pode dizer-se

partidário da filosofia de Aristóteles, de Descartes ou de Leibnitz? Temeriam que sua justiça sofresse por isto? que isto o tornasse muito indulgente para os adeptos? Algumas observações aqui encontram naturalmente o seu lugar.

Num país como o nosso, onde as opiniões e as religiões são livres por lei, seria uma monstruosidade perseguir um indivíduo porque acredita nos Espíritos e em suas manifestações. Se, pois, um espírita fosse chamado em juízo, não seria por causa de sua crença, como se fazia em outros tempos, mas porque teria cometido uma infração à lei. É, pois, a falta que seria punida, e não a crença; e se fosse culpado seria passível das penas da lei. Para incriminar a doutrina é preciso verificar se ela encerra algum princípio ou máxima que *autorizaria* ou *justificaria* a falta. Se, ao contrário, aí se achasse algo censurável ou instruções em sentido oposto, a doutrina não poderia ser responsável pelos que não a compreendem ou não a praticam. Pois bem! que analisem a Doutrina Espírita com imparcialidade e desafiamos que aí encontrem uma só palavra sobre a qual se possam apoiar para cometer um ato qualquer repreensível aos olhos da moral, ou a respeito do próximo, ou mesmo que possa ser interpretado como mal, porque tudo aí é claro e sem equívoco.

Quem quer que se conforme aos preceitos da doutrina não poderia, pois, estar sujeito a perseguições judiciais, a menos que nele se persiga a própria crença, o que entraria nas perseguições contra a fé. Ainda não temos conhecimento de perseguições desta natureza na França, nem mesmo no estrangeiro, salvo a condenação, seguida do auto-de-fé, de Barcelona, embora fosse uma sentença do bispo, e não do tribunal civil, e onde apenas se queimaram livros. Com efeito, sob que pretexto perseguiriam pessoas que só pregam a ordem, a tranqüilidade, o respeito às leis? que praticam a caridade, não só entre si, como nas seitas exclusivas, mas para com todo o mundo? cujo objetivo principal é trabalhar o seu próprio melhoramento moral? que, contra os inimigos, abjuram

todo sentimento de ódio e de vingança? Homens que professam tais princípios não podem ser perturbadores da sociedade; certamente não são eles que a levarão à desordem, o que fez um comissário de polícia dizer que se todos os seus subordinados fossem espíritas ele poderia fechar sua repartição.

Em semelhantes casos, a maior parte das perseguições tem por objetivo o exercício ilegal da Medicina, ou acusações de charlatanismo, prestidigitação ou fraude, por meio da mediunidade. Primeiramente diremos que o Espiritismo não pode ser responsável por indivíduos que indevidamente se fazem passar por médiuns, assim como a verdadeira ciência não é responsável pelos escamoteadores que se dizem físicos. Um charlatão pode, pois, dizer que opera com o auxílio dos Espíritos, como um prestidigitador diz que opera com a ajuda da física. É um meio como qualquer outro de jogar poeira nos olhos; tanto pior para os que se deixam enganar. Em segundo lugar, condenando o Espiritismo a exploração da mediunidade, como contrária aos princípios da doutrina, do ponto de vista moral e, além disso, demonstrando que ela não deve, nem pode, ser um ofício ou uma profissão, todo médium que não tira de sua faculdade qualquer proveito *direto* ou *indireto*, *ostensivo* ou *dissimulado*, afasta, por isso mesmo, até a suspeita de fraude ou de charlatanismo; desde que não é atraído por nenhum interesse material, a trapaça não teria sentido. O médium que compreende o que há de grave e santo num dom dessa natureza julgaria profaná-lo fazendo-o servir a coisas mundanas, para si e para os outros, ou se dele fizesse um objeto de divertimento e de curiosidade. Respeita os Espíritos como gostaria que o respeitassem, quando for Espírito, e deles não faz alarde. Ademais, sabe que a mediunidade não pode ser um meio de adivinhação; que não pode fazer descobrir tesouros, heranças, nem facilitar êxito nas coisas aleatórias; jamais será um ledor de buenadicha, nem por dinheiro, nem por nada; daí por que jamais terá alterações com a justiça. Quanto à mediunidade curadora, ela existe, é certo; mas está subordinada a condições restritivas, que

excluem a possibilidade de consultório aberto, sem suspeitas de charlatanismo. É uma obra de devotamento e de sacrifício, e não de especulação. Exercida com desinteresse, prudência e discernimento, e encerrada nos limites traçados pela doutrina, não pode cair sob os golpes da lei.

Em resumo o médium, segundo os desígnios da Providência e a visão do Espiritismo, seja artífice ou príncipe, pois os há nos palácios e nas choupanas, recebeu um mandato que cumpre religiosamente e com dignidade; vê em sua faculdade apenas um meio para glorificar a Deus e servir ao próximo, e não um instrumento para servir aos seus interesses ou satisfazer a sua vaidade; faz-se estimar e respeitar por sua simplicidade, modéstia e abnegação, o que não sucede com os que dele buscam fazer um trampolim.

Ao punir com severidade os médiuns exploradores, os que abusam de uma faculdade real, ou *simulam uma faculdade que não têm*, a justiça não atinge a doutrina, mas o abuso. Ora, o Espiritismo verdadeiro e sério, que não vive de abuso, com isto só poderá ganhar em consideração e não tomaria sob seu patrocínio os que apenas desviam a opinião pública por conta própria. Tomando a defesa para si, ele assumiria a responsabilidade do que eles fazem, porque esses tais não são verdadeiramente espíritas, ainda quando fossem realmente médiuns.

Enquanto não perseguirem num espírita, ou nos que se fazem passar por tais, senão os atos repreensíveis aos olhos da lei, o papel do defensor é discutir o ato em si mesmo, abstração feita da crença do acusado; seria grave erro procurar justificar o ato em nome da doutrina. Ao contrário, deve empenhar-se em demonstrar que ela lhe é estranha. Então o acusado cai no direito comum.

Um fato incontestável é que, quanto mais extensos e variados são os conhecimentos de um magistrado, tanto mais apto

é este para apreciar os fatos sobre os quais é chamado a pronunciar-se. Num caso de medicina legal, por exemplo, é evidente que aquele que não for totalmente estranho à ciência poderá melhor julgar o valor dos argumentos da acusação e da defesa, do que outro que lhe ignora os mais elementares princípios. Num caso onde o Espiritismo estivesse em questão, e hoje que ele está na ordem do dia, pode apresentar-se, incidentalmente, como principal ou como acessório numa porção de casos, há um interesse real para os magistrados em saber ao menos o que ele é, sem que, por isso, sejam tidos por espíritas. Num dos casos precitados, incontestavelmente saberiam melhor discernir o abuso da verdade.

Infiltrando-se o Espiritismo cada vez mais nas idéias, e tendo já um lugar reservado entre as crenças reveladas, não está longe o tempo em que não será mais permitido a nenhum homem esclarecido ignorar, exatamente, o que é essa doutrina, do mesmo modo que hoje não pode ignorar os primeiros elementos das ciências. Ora, como ele toca em todas as questões científicas e morais, compreender-se-á melhor uma porção de coisas que, à primeira vista, aí pareciam estranhas. É assim, por exemplo, que o médico aí descobrirá a verdadeira causa de certas afecções, que o artista colherá numerosos temas de inspiração, que será em muitas circunstâncias uma fonte de luz para o magistrado e para o advogado.

É neste sentido que o aprecia o Sr. Jaubert, o honrado vice-presidente do tribunal de Carcassonne. Nele é mais que um conhecimento adicionado aos que possui, é uma questão de convicção, pois lhe compreende o alcance moral. Embora jamais tenha ocultado sua opinião a esse respeito, convencido de estar certo e da força moralizadora da doutrina, hoje que a fé se extingue no cepticismo, ele quis dar-lhe o apoio da autoridade do seu nome, no momento mesmo em que ela era atacada com mais violência, afrontando resolutamente a zombaria e mostrando aos seus adversários o pouco caso que faz de seus sarcasmos. Em sua

posição e dadas as circunstâncias, a carta que nos pediu que publicássemos, e que inserimos no número de janeiro último, é um ato de coragem, do qual todos os espíritas sinceros guardarão preciosa lembrança. Ela marcará na História o estabelecimento do Espiritismo.

A carta seguinte, que igualmente estamos autorizados a publicar, tem lugar reservado ao lado da do Sr. Jaubert. É uma dessas adesões explícitas e motivadas, à qual a posição do autor dá tanto mais peso quanto é espontânea, já que não tínhamos a honra de conhecer esse senhor. Ele julga a doutrina tão-só pela impressão das obras, pois nada tinha visto. É a melhor resposta à acusação de inépcia e de trapaça lançada indistintamente contra o Espiritismo e seus aderentes.

21 de novembro de 1865.

“Senhor,

“Permiti-me, como novo e fervoroso adepto, testemunhar-vos todo o meu reconhecimento por me terdes iniciado, pelos vossos escritos, à ciência espírita. Por curiosidade, li *O Livro dos Espíritos*; mas, após uma leitura atenta, a admiração, depois a mais inteira convicção sucederam em mim a uma desconfiada incredulidade. Com efeito, a doutrina que dele decorre dá a mais lógica solução, a mais satisfatória para a razão, de todas as questões que tão seriamente preocuparam os pensadores de todos os tempos, para definir as condições da existência do homem nesta Terra e determinar seus fins últimos. Esta admirável doutrina é, incontestavelmente, a sanção da mais pura e da mais fecunda moral, a exaltação demonstrada da justiça, da bondade de Deus e da obra sublime da criação, assim como *a base mais segura e mais firme da ordem social*.

“Não testemunhei as manifestações espíritas, mas este elemento de prova, de modo algum contrário aos ensinamentos de

minha religião (a religião católica), não é necessário à minha convicção. Antes de mais, basta-me encontrar na ordem da Providência a razão de ser da desigualdade das condições nesta Terra, numa palavra, a razão de ser do mal material e do mal moral.

“Com efeito, minha razão admite plenamente, como justificando a existência do mal material e moral, a alma saindo simples e ignorante das mãos do Criador, enobrecida pelo livre-arbítrio, progredindo por provas e expiações sucessivas e não chegando à soberana felicidade senão adquirindo a plenitude de sua essência etérea, pela libertação completa das constrictões da matéria, que, alterando as condições da beatitude, deve ter servido para o seu adiantamento.

“E, nesta ordem de idéias, que de mais racional que os Espíritos, nas diversas fases de sua depuração progressiva, se comuniquem entre si, de um a outro mundo, encarnado ou invisível, para se esclarecerem, se ajudarem mutuamente, concorrerem reciprocamente para o seu avanço, facilitarem suas provas e entrarem na via reparadora do arrependimento e da volta a Deus! Que de mais racional, digo eu, que numa tal continuidade, um tal fortalecimento dos laços de família, de amizade e de caridade que, unindo os homens em sua passagem por esta Terra, devem, como último objetivo, reuni-los um dia numa só família no seio de Deus!

“Que traço de união sublime: o amor partindo do céu, para abraçar com o seu sopro divino a Humanidade inteira, povoando o imenso Universo, e a reconduzir a Deus para fazê-la participar da beatitude eterna, do qual este amor é a fonte! Que de mais digno da sabedoria, da justiça e da bondade infinita do Criador! Que grandiosa idéia da obra cuja harmonia e imensidade o Espiritismo revela, ao levantar uma ponta do véu que ainda não permite ao homem penetrar-lhe todos os segredos! Quanto os homens não tinham restringido sua incomensurável grandeza, encerrando a Humanidade num ponto imperceptível, perdido no

espaço, e não concedendo senão a pequeno número de eleitos a felicidade eterna reservada a todos! Assim, rebaixaram o divino artífice às proporções ínfimas de suas percepções, das aspirações tirânicas, vingativas e cruéis inerentes às suas imperfeições.

“Enfim, basta à minha razão encontrar nesta santa doutrina a serenidade da alma, coroando uma existência conformada às tribulações providenciais de uma vida honestamente preenchida pelo cumprimento de seus deveres e pela prática da caridade, a firmeza na sua fé, pela solução das dúvidas que restringem as aspirações para Deus e, finalmente, esta plena e inteira confiança na justiça, na bondade e na misericordiosa e paternal solicitude de seu Criador.

“Dignai-vos, senhor, contar-me no número dos vossos irmãos em Espiritismo, e aceitar, etc.”

Bonnamy, juiz de instrução

Uma comunicação dada pelo Espírito do pai do Sr. Bonnamy provocou a carta seguinte. Não reproduzimos essa comunicação por causa de seu caráter íntimo e pessoal, mas a seguir publicamos outra, que é de interesse geral.

“Senhor e caro mestre, mil vezes obrigado por ter tido a bondade de evocar meu pai. Há tanto tempo que não ouvia essa voz amada! Extinta para mim há tantos anos, ela revive hoje! Assim se realiza o sonho de minha imaginação entristecida, sonho concebido sob a impressão de nossa separação dolorosa. Que doce, que consoladora revelação, tão cheia de esperanças para mim! Sim, vejo meu pai e minha mãe no mundo dos Espíritos, velando por mim, prodigalizando-me o benefício dessa ansiosa solicitude com que me cercavam na Terra. Minha santa mãe, em sua terna preocupação pelo futuro, penetrando-me com seu eflúvio simpático para me levar a Deus e mostrar-me o caminho das verdades eternas, que para mim cintilavam num longínquo nebuloso!

“Como eu seria feliz se, conforme o desejo expresso por meu pai, de se comunicar novamente, sua comunicação pudesse ser julgada útil ao progresso da ciência espírita, e entrar na ordem dos ensinamentos providenciais reservados à obra! Assim eu encontraria, em vosso jornal, os elementos de instruções espíritas, por vezes misturados às doçuras das conversas familiares. É um simples voto, bem o compreendeis, caro mestre; levo em grande conta as exigências da missão que vos incumbe, para fazer de tal voto uma prece.

“Dou plena autorização à publicação de minha carta. De boa vontade levarei meu grão de areia à inauguração do edifício espírita; feliz se, ao contato de minha convicção profunda, as dúvidas de alguns se dissipassem e se os incrédulos pensassem em refletir mais seriamente!

“Permiti-me, caro mestre, dirigir-vos algumas palavras de simpatia e de encorajamento por vosso duro labor. O Espiritismo é um farol providencial, cuja luz deslumbrante e fecunda deve abrir todos os olhos, confundir o orgulho dos homens, comover todas as consciências; sua irradiação será irresistível. E que tesouros de consolação, de misericórdia e de amor, de que sois o distribuidor!

“Aceitai, etc.”

Bonnamy

A Lei Humana

INSTRUÇÃO DO ESPÍRITO BONNAMY, PAI

A lei humana, como todas as coisas, está submetida ao progresso; progresso lento, insensível, mas constante.

Por mais admiráveis que sejam, para certas pessoas, as legislações antigas dos gregos e dos romanos, são muito inferiores às que governam as populações adiantadas de vossa época! – Com efeito, que vemos na origem de todos os povos? – Um código de usos e costumes tirando a sua sanção da força e tendo por motor o mais absoluto egoísmo. Qual o objetivo de todos os legisladores primitivos? – Destruir o mal e seus instrumentos, para maior paz da sociedade. Preocupam-se com o criminoso? – Não. – Ferem-no para o corrigir e lhe mostrar a necessidade de uma conduta mais moderada em relação aos seus concidadãos? Têm em vista o seu melhoramento? – De modo algum; é exclusivamente para preservar a sociedade de seus ataques, sociedade egoísta, que rejeita impiedosamente de seu seio tudo quanto possa perturbar a sua tranqüilidade. Assim, todas as repressões são excessivas e a morte é, geralmente, a pena mais aplicada.

Isto é concebível quando se considera a ligação íntima que existe entre a lei e o princípio religioso. Ambos avançam concordes para um objetivo único, amparando-se mutuamente.

Consagra a religião os prazeres materiais e todas as satisfações dos sentidos? A lei dura e excessiva fere o criminoso para livrar a sociedade de um hóspede importuno. A religião se transforma, consagra a vida da alma e sua independência da matéria? Ela reage imediatamente sobre a legislação, demonstra-lhe a responsabilidade que lhe incumbe, no futuro, do violador da lei. Daí a assistência do ministro, seja qual for, nos últimos momentos do condenado. Ainda o ferem, mas já se preocupam com este ser que não morre inteiramente com o seu corpo, e cuja parte espiritual vai receber o castigo que os homens infligiram ao elemento material.

Na Idade Média e desde a era cristã, a legislação recebe do princípio religioso uma influência cada vez mais notável. Ela perde pouco de sua crueldade, mas seus móveis, ainda absolutos e cruéis, mudaram completamente de direção.

Assim como a ciência, a filosofia e a política, a jurisprudência tem suas revoluções, que não se devem operar senão lentamente, para serem aceitas pela generalidade dos seres a quem interessam. Uma nova instituição, para dar frutos, não deve ser imposta. A arte do legislador é preparar os espíritos de maneira a fazê-la desejar e considerar como um benefício... Todo inovador, por melhores que sejam as boas intenções que o animem, por mais louváveis os seus desígnios, será considerado como um déspota, cujo jugo é preciso sacudir, se quiser impor-se, ainda mesmo que por benefícios. – Por seu princípio, o homem é essencialmente livre e quer aceitar sem constrangimento. Daí as dificuldades que encontram os homens muito avançados para o seu tempo; daí as perseguições com que são esmagados. Vivendo no futuro, com um século ou dois de avanço sobre a massa de seus contemporâneos, não podem senão fracassar e quebrar-se contra a rotina refratária.

Na Idade Média, portanto, já se preocupavam com o futuro do criminoso. Pensavam em sua alma e, para levá-la ao arrependimento, amedrontavam-na com os castigos do inferno, com as chamas eternas que, por um arrastamento culposo, lhe infligiria um Deus infinitamente justo e infinitamente bom!

Não podendo elevar-se à altura de Deus, os homens, para se engrandecer, o rebaixavam às suas mesquinhas proporções! Inquietavam-se com o futuro do criminoso! pensavam em sua alma, não por ela própria, mas em virtude de uma nova transformação do egoísmo, que consistia em pôr a consciência em repouso, reconciliando o pecador com o seu Deus.

Pouco a pouco, no coração e no pensamento de um pequeno número, a iniquidade de semelhante sistema pareceu evidente. Eminentemente espíritos tentaram modificações prematuras, mas que, no entanto, deram fruto, estabelecendo precedentes sobre os quais se baseia a transformação que hoje se realiza em todas as coisas.

Sem dúvida por muito tempo ainda, a lei será repressiva e castigará os culpados. Ainda não chegamos ao momento em que só a consciência da falta será o mais cruel castigo de quem a cometeu. Mas, como vedes todos dias, as penas se abrandam; tem-se em vista a moralização do ser; criam-se instituições para preparar a sua renovação moral; tornam a sua desonra útil a si próprio e à sociedade. O criminoso não será mais a fera a ser expurgada do mundo a qualquer preço; será a criança extraviada cujo raciocínio, falseado pelas más paixões e pela influência de um meio perverso, deve ser corrigido!

Ah! o magistrado e o juiz não são os únicos responsáveis e os únicos a agir neste caso. Todo homem de coração, príncipe, senador, jornalista, romancista, legislador, professor e artesão, todos devem pôr a mão na obra e trazer o seu óbolo para a regeneração da Humanidade.

A pena de morte, vestígio infamante da crueldade antiga, desaparecerá pela força das coisas. A repressão, necessária no estado atual, abrandar-se-á paulatinamente e, em algumas gerações, a única condenação, a colocação fora da lei de um ser inteligente, será o último grau da infâmia, até que, de transformação em transformação, a consciência de cada um fique como único juiz e carrasco do criminoso.

E a quem se deverá todo esse trabalho? Ao Espiritismo que, desde o começo do mundo, age por suas revelações sucessivas, como mosaísmo, cristianismo e espiritismo propriamente dito! – Por toda parte, em cada período, sua benéfica influência brilha a todos os olhos, e ainda há seres bastante cegos para não o reconhecer, bastante interessados para o derrubar e negar a sua existência! Ah! esses devem ser lamentados, porque lutam contra uma força invencível: o dedo de Deus!

Mediunidade Mental

Um dos nossos correspondentes nos escreve de Milianah (Argélia):

“...A propósito do desprendimento do Espírito, que se opera em todo o mundo durante o sono, meu guia espiritual me exercita em vigília. Enquanto o corpo está entorpecido, o Espírito se transporta para longe, visita as pessoas e os locais que aprecia, e a seguir volta sem esforço. O que me parece mais surpreendente é que, enquanto estou como em catalepsia, tenho consciência desse desprendimento. Exercito-me também no recolhimento, o que me proporciona a agradável visita de Espíritos simpáticos, encarnados e desencarnados. Este último estudo só ocorre durante a noite, cerca de duas ou três horas e quando o corpo, repousado, desperta. Fico alguns instantes à espera, como depois de uma evocação. Então sinto a presença do Espírito por uma impressão física e logo surge em meu pensamento uma imagem que me faz reconhecê-lo. Estabelece-se um diálogo mental, como na comunicação intuitiva, e esse gênero de conversa tem algo de adoravelmente íntimo. Muitas vezes meu irmão e minha irmã encarnados me visitam, às vezes acompanhados por meu pai e minha mãe, do mundo dos Espíritos.

“Há poucos dias tive a vossa visita, caro mestre, e pela doçura do fluido que me penetrava, eu julgava que fosse um dos nossos bons protetores celestes. Imaginai a minha alegria ao reconhecer em meu pensamento, ou, antes, em meu cérebro, como o próprio timbre de vossa voz. Lamennais nos deu uma comunicação a esse respeito e deve encorajar os meus esforços. Eu não vos poderia dizer do encanto que dá esse gênero de mediunidade. Se tiverdes junto a vós alguns médiuns intuitivos, habituados ao recolhimento e à tensão de espírito, eles podem ensaiar também. Evoca-se e, em vez de escrever, conversa-se, exprimindo bem as idéias, sem verborragia.

“Muitas vezes meu guia me fez a observação de que eu tinha um Espírito sofredor, um amigo que vem instruir-se ou buscar consolações. Sim, o Espiritismo é um benefício inapreciável; abre vasto campo à caridade, e aquele que está inspirado de bons sentimentos, se não pode vir em socorro de seu irmão materialmente, sempre o pode espiritualmente.”

Esta mediunidade, à qual damos o nome de *mediunidade mental*, por certo não é própria para convencer os incrédulos, porque nada tem de ostensiva, nem desses efeitos que chocam os sentidos; é toda para a satisfação íntima de quem a possui. Mas também é preciso reconhecer que ela se presta muito à ilusão e que é o caso de desconfiar das aparências. Quanto à existência da faculdade, não se poderia pô-la em dúvida; pensamos mesmo que deve ser a mais freqüente, porque é considerável o número das pessoas que, em estado de vigília, sofrem a influência dos Espíritos e recebem a inspiração de um pensamento, que sentem não ser o seu. A impressão agradável ou penosa que por vezes se sente à vista de alguém que se vê pela primeira vez; o pressentimento que se tem da aproximação de uma pessoa; a penetração e a transmissão do pensamento são outros tantos efeitos que se prendem à mesma causa e constituem uma espécie de mediunidade, que se pode dizer universal, pois cada um lhe possui, ao menos, os rudimentos. Mas para experimentar seus efeitos marcantes é necessário uma aptidão especial ou, melhor, um grau de sensibilidade mais ou menos desenvolvido conforme os indivíduos. A esse título, como temos dito desde longo tempo, todos são médiuns, e Deus não deserdou ninguém da preciosa vantagem de receber os salutares eflúvios do mundo espiritual, que se traduzem de mil maneiras diferentes. Mas as variedades que existem no organismo humano não permitem a todo o mundo obter efeitos idênticos e ostensivos.

Tendo sido discutida esta questão na Sociedade de Paris, foram dadas as seguintes instruções sobre o assunto, por diversos Espíritos:

I

O sentido espiritual pode ser desenvolvido, como diariamente se vê desenvolver-se uma aptidão por um trabalho constante. Ora, sabeis que a comunicação do mundo incorpóreo com os vossos sentidos é constante; ela se dá a cada hora, a cada minuto, pela lei das relações espirituais. Que os encarnados ousem negar aqui uma lei da própria Natureza!

Acabam de dizer-vos que os Espíritos se vêem e se visitam uns aos outros durante o sono, e disto tendes muitas provas. Por que quereis que isto não ocorresse em vigília? Os Espíritos não têm noite. Não; constantemente estão ao vosso lado; eles vos vigiam; vossos familiares vos inspiram, vos suscitam pensamentos, vos guiam; falam-vos e vos exortam; protegem os vossos trabalhos, ajudam-vos a elaborar os vossos desígnios formados pela metade, vossos sonhos ainda indecisos; tomam nota de vossas boas resoluções, lutam quando lutais. Lá estão esses bons amigos, no começo de vossa encarnação; eles vos riem no berço, vos esclarecem nos estudos; depois se imiscuem em todos os atos de vossa passagem aqui na Terra; oram quando vos vêem em preparo para ir encontrá-los.

Oh! não, jamais negueis vossa assistência diária! jamais negueis vossa mediunidade espiritual, porque blasfemais Deus e sereis tachados de ingratidão pelos Espíritos que vos amam.

H. Dozon (Médium: Sr. Delanne)

II

Sim, esse gênero de comunicação espiritual é mesmo uma mediunidade, como, aliás, tendes ainda outros a constatar, no curso de vossos estudos espíritas. É uma espécie de estado cataléptico, muito agradável para quem lhe é objeto; proporciona todas as alegrias da vida espiritual à alma prisioneira, que aí

encontra um encanto indefinível, que gostaria de experimentar sempre. Mas é preciso voltar de qualquer modo; e, semelhante ao prisioneiro ao qual permitem tomar ar num pátio, a alma entra constringida na célula humana.

É uma mediunidade muito agradável está que permite a um Espírito encarnado ver seus velhos amigos, poder conversar com eles, comunicar-lhes suas impressões terrestres e poder expandir o coração no seio de amigos discretos, que não buscam o ridículo no que lhes confiais, mas antes vos dar bons conselhos, se vos forem úteis. Esses conselhos, dados assim, têm mais peso para os médiuns que os recebe, pois o Espírito que lhos dá, a ele se mostrando, deixou uma impressão profunda em seu cérebro e, por este meio, gravou melhor em seu coração a sinceridade e o valor desses conselhos.

Esta mediunidade existe em estado inconsciente em muitas pessoas. Sabeis que há sempre perto de vós um amigo sincero, sempre pronto a sustentar e a encorajar aquele cuja direção lhe é confiada pelo Todo-Poderoso. Não, meus amigos, este apoio jamais vos faltará. Cabe a vós saber distinguir as boas inspirações entre todas as que se chocam no labirinto de vossas consciências. Sabendo compreender o que vem do vosso guia, não vos podeis afastar do reto caminho que deve seguir toda alma que aspira à perfeição.

Espírito protetor (Médium: Sra. Causse)

III

Já vos foi dito que a mediunidade se revelaria por diferentes formas. Esta que o vosso Presidente qualificou de *mental* está bem designada. É o primeiro grau da mediunidade vidente e falante.

O médium falante entra em comunicação com os Espíritos que o assistem; fala com eles; seu espírito os vê, ou melhor, os adivinha; apenas não faz senão transmitir o que lhe dizem, ao passo que o médium mental pode, se for bem formado, dirigir perguntas e receber repostas, sem intermédio da pena ou do lápis, mais facilmente que o médium intuitivo, pois aqui o Espírito do médium, estando mais desprendido, é um intérprete mais fiel. Mas para isto é necessário um ardente desejo de ser útil, trabalhar em vista do bem com um sentimento puro de todo pensamento de amor-próprio e de interesse. De todas as faculdades mediúnicas, é a mais sutil e a mais delicada: basta o menor sopro impuro para a manchar. Só nestas condições é que o médium mental obterá provas da realidade das comunicações. Em pouco vereis surgir entre vós médiuns falantes que vos surpreenderão por sua eloquência e por sua lógica.

Esperai, pioneiros que tendes pressa de ver vossos trabalhos crescendo; novos obreiros virão reforçar vossas fileiras e este ano verá terminar-se a primeira grande fase do Espiritismo e começar outra não menos importante.

E vós, caro mestre, que Deus abençoe os vossos trabalhos; que vos sustente e nos conserve o favor especial que nos concedeu, permitindo-nos vos guiar e vos sustentar em vossa tarefa, que é também a nossa.

Como Presidente Espiritual da Sociedade de Paris, velo por ela e por cada um de seus membros em particular, rogando ao Senhor que espalhe sobre vós todas as suas graças e as suas bênçãos.

São Luís (Médium: Sra. Delanne)

IV

Seguramente, meus amigos, a mediunidade, que consiste em conversar com os Espíritos, como pessoas que vivem a vida material, desenvolver-se-á mais à medida que o desprendimento do Espírito se efetuar com mais facilidade, pelo hábito do recolhimento. Quanto mais avançados moralmente forem os Espíritos encarnados, maior será esta facilidade de comunicações. Assim como dizeis, ela não será de uma importância muito grande do ponto de vista da convicção a dar aos incrédulos, mas tem para aquele que lhe é objeto uma grande doçura e o ajuda a desmaterializar-se cada vez mais. O recolhimento, a prece, este ímpeto da alma junto ao seu Autor, para lhe exprimir seu amor e seu reconhecimento, e também reclamar o seu auxílio, são os dois elementos da vida espiritual; são eles que derramam na alma esse orvalho celeste que ajuda o desenvolvimento das faculdades que aí estão em estado latente. Então, como são infelizes os que dizem que a prece é inútil porque não muda os desígnios de Deus! Sem dúvida, as leis que regem as diversas ordens de fenômenos não serão perturbadas ao bel-prazer deste ou daquele, mas a prece não terá por efeito senão melhorar o indivíduo que, por esse ato, eleva o pensamento acima das preocupações materiais; por isso ele não deve negligenciá-la.

É pela renovação parcial dos indivíduos que a sociedade acabará por ser regenerada, e Deus sabe se ela o necessita!

Ficais revoltados quando pensais nos vícios da sociedade pagã, ao tempo em que o Cristo veio trazer sua reforma humanitária; mas em vossos dias os vícios, por serem velados sob formas mais marcadas de polidez e de urbanidade, não deixam de existir menos. Não têm magníficos templos como os da Grécia antiga, mas, aí! têm o coração da maior parte dos homens e causam entre eles os mesmos danos que ocasionavam entre os que

precederam a era cristã. Não é, pois, sem grande utilidade que os Espíritos vieram lembrar os ensinamentos dados há dezoito séculos, porquanto, os tendo esquecido ou mal compreendido, não os podeis aproveitar e os espalhar segundo a vontade do divino crucificado.

Agradecei, pois, ao Senhor, vós todos que fostes chamados a cooperar na obra dos Espíritos, e que vosso desinteresse e vossa caridade jamais enfraqueçam, porque é nisto que se reconhecem entre vós os verdadeiros espíritas.

Luís de França (Médium: Sra. Breul)

Notas Bibliográficas

ESPÍRITA

História fantástica, por Théophile Gautier

Na Revista de dezembro último dissemos algumas palavras sobre esse romance, aparecido em folhetins no *Moniteur universel* e que hoje está publicado em um volume. Lamentamos que o espaço não nos permita fazer-lhe uma análise mais detalhada e, sobretudo, citar algumas de suas passagens, cujas idéias são incontestavelmente bebidas na própria fonte do Espiritismo; como, certamente, a maior parte dos nossos leitores já o leu, o relato detalhado seria supérfluo. Diremos apenas que a parte consagrada ao fantástico é certamente um pouco grande e que não se deve tomar todos os fatos ao pé da letra; não se trata, absolutamente, de um tratado de Espiritismo. A verdade está no fundo das idéias e pensamentos, que são essencialmente espíritas e narrados com uma delicadeza e uma graça encantadoras, muito mais que nos fatos, cuja possibilidade por vezes é contestável. Embora romance, esta obra não deixa de ter grande importância, primeiro pelo nome do autor, e porque é a primeira obra capital saída dos escritores da

imprensa, onde a idéia espírita é afirmada sem rodeios, e surgida no momento em que parecia um desmentido lançado na onda de ataques dirigidos contra esta idéia. A forma mesma do romance tinha sua utilidade; certamente era preferível, como transição, à forma doutrinária, de estilo severo. Graças a uma leveza aparente, penetrou em toda parte e, com ele, a idéia.

Embora Théophile Gautier seja um dos autores favoritos da imprensa, esta foi, contrariamente a seus hábitos, de uma sobriedade parcimoniosa a respeito desta última obra. Não sabia se devia louvá-lo ou censurá-lo. Censurar Théophile Gautier, um amigo, um confrade, um escritor amado do público; dizer que tinha feito uma obra absurda era coisa difícil; louvar a obra era enaltecer a idéia; guardar silêncio a respeito de um nome popular teria sido uma afronta. A forma romanesca levantou o embaraço; permitiu dizer que o autor tinha feito uma bela obra de imaginação, e não de convicção. Falaram, mas falaram pouco. É assim que com a própria incredulidade há acomodações. Notou-se uma coisa muito singular: no dia em que a obra apareceu em volume, havia em todos os livrheiros cartazes expostos no exterior; alguns dias depois todos os cartazes haviam desaparecido.

Nos discretos e raros noticiários dos jornais, encontram-se confissões significativas, sem dúvida saídas por descuido da pena do escritor. No *Courrier du Monde illustré* de 16 de dezembro de 1865, lê-se o seguinte:

“É preciso crer, sem duvidar, sem professar a doutrina, sem mesmo ter sondado muito essas insondáveis questões de Espiritismo e sonambulismo, que o poeta Théophile Gautier, só pela intuição de seu gênio poético, acertou na mosca, fugiu com o dinheiro do caixa e encontrou o abre-te Sésamo das evocações misteriosas, porque o romance que publicou em folhetins no *Moniteur*, sob o título de *Espírita*, agitou violentamente todos os que se ocupam dessas perigosas questões. A emoção foi imensa e,

para lhe avaliar todo o alcance, somos obrigados a percorrer, como o fazemos, os jornais da Europa inteira.

“Toda a Alemanha espírita levantou-se como um só homem, e como todos os que vivem na contemplação de uma idéia só têm olhos e ouvidos para ela, um dos órgãos mais sérios da Áustria pretende que o imperador encomendou a Théophile Gautier esse prodigioso romance, a fim de desviar a atenção da França das questões políticas. Primeira asserção, cujo alcance não exagero. A segunda asserção chocou-me por causa de seu lado fantástico.

“Segundo a folha alemã, o poeta da *Comédie de la Mort*, muito agitado em consequência de uma visão, teria adoecido gravemente e sido levado para Genebra. Ali, dominado pela febre, teria sido forçado a guardar o leito durante várias semanas, vítima de estranhos pesadelos, de alucinações luminosas, joguete constante de Espíritos errantes. Pela manhã teriam encontrado ao pé da cama as folhas esparsas de seu manuscrito *Espírita*.

“Sem atribuir à inspiração que guiou a pena do autor de *Avatar* uma fonte tão fantástica, cremos firmemente que uma vez entrado em seu assunto, o escritor do *Roman de la Momie* ter-se-ia extasiado com essas visões, e que no paroxismo terá traçado essa descrição admirável do céu, que é uma de suas mais belas páginas.

“A correspondência que deu origem à publicação de *Espírita* é extremamente curiosa. Lamentamos que um sentimento de conveniência não nos tenha permitido pedir cópia de uma das cartas recebidas pelo poeta dos *Émaux et camées*.”

Aqui não fazemos crítica literária, senão poderíamos achar de duvidoso bom-gosto a espécie de catálogo de que se prevalece o autor para colocar em seu artigo, que, aliás, nos parece pecar um pouco por falta de clareza. Confessamos não ter

compreendido a frase sobre o dinheiro do caixa⁶; contudo ela é citada textualmente. Isto talvez se deva à dificuldade de explicar onde o célebre romancista hauriu semelhantes idéias, e como ousou apresentá-las sem rir. Mas o que é mais importante é a confissão da sensação produzida por essa obra na Europa inteira. É preciso, pois, que a idéia espírita esteja bem vivaz e bem espalhada; não é, pois, um aborto frustrado. Quantas pessoas são colocadas pelos nossos adversários, de uma penada, na categoria dos cretinos e dos idiotas! Felizmente seu julgamento não é definitivo. Os Srs. Jaubert, Bonnamy e muitos outros recorrem da sentença.

O autor qualifica essas questões de perigosas. Mas, segundo ele e seus irmãos de cepticismo, são quimeras ridículas. Ora, o que uma quimera pode ter de perigoso para a sociedade? De duas, uma: há ou não há no fundo de tudo isto algo de sério. Se nada há, onde o perigo? Se no princípio se tivesse dado ouvidos a todos os que declararam perigosas a maior parte das grandes verdades que hoje brilham, onde o progresso? A verdade não tem perigos senão para os poltrões, que não ousam encará-la de frente, e para os *interesseiros*.

Um fato menos grave, que vários jornais se apressaram em reproduzir, como se fosse provado, é que o imperador teria encomendado esse *prodigioso* romance para desviar a atenção da França das questões políticas. Evidentemente não passa de uma suposição, porquanto, admitindo a realidade dessa origem, não é presumível que a tivessem divulgado. Mas essa própria suposição é uma confissão da força da idéia espírita, pois reconhecem que um soberano, o maior político de nossos dias, pôde julgá-la adequada para produzir semelhante resultado. Se tal pudesse ter sido o pensamento que presidiu à execução dessa obra, parece-nos que a coisa seria supérflua, porque apareceu justamente no momento em

6 N. do T.: No original: *manger la grenouille*, expressão idiomática que, em nossa língua, corresponde a *fugir com o dinheiro do caixa*.

que os jornais disputavam a primazia de chamar atenção, pelo barulho que faziam a propósito dos irmãos Davenport.

O que há de mais claro em tudo isto é que os detratores do Espiritismo não podem explicar a prodigiosa rapidez do progresso da idéia, a despeito de tudo quanto fazem para o deter. Não podendo negar o fato, que cada dia se torna mais evidente, empenham-se em procurar a causa em toda parte onde não está, na esperança de lhe atenuar o alcance.

Num artigo intitulado: *Livros de hoje e de amanhã*, assinado por **Émile Zola**, o *Événement* de 16 de fevereiro dá um resumo muito exíguo do assunto da obra em questão, acompanhado das seguintes reflexões:

“Ultimamente o *Moniteur* deu uma novela fantástica de Théophile Gautier: *Espírito*, que a livraria Charpentier acaba de publicar em um volume.

“A obra é para a maior glória dos Davenport. Ela nos faz passear no país dos Espíritos, mostra-nos o invisível, revela-nos o desconhecido. O jornal oficial deu os boletins do outro mundo.

“Mas eu desconfio da fé de Théophile Gautier. Ele tem uma bonomia irônica que cheira a incredulidade a uma légua. Suspeito que ele entrou no invisível pelo único prazer de descrever a seu modo horizontes imaginários.

“No fundo, ele não acredita numa palavra das histórias que conta, mas se deleita em contá-las e os leitores gostarão de ler. Tudo é, pois, para o melhor, na melhor das incredulidades possíveis.

“Não importa o que escreva, Théophile Gautier é sempre escritor pitoresco e poeta original. *Se acreditasse no que diz, seria perfeito, e isto talvez fosse uma pena.*

Quantas pessoas repelem as crenças espíritas, não pelo temor de se tornarem perfeitas, mas simplesmente pelo de serem obrigadas a emendar-se! Os Espíritos lhes causam medo porque falam do outro mundo e este tem terrores para elas. É por isto que tapam os olhos e os ouvidos.

A MULHER DO ESPÍRITA

Por Ange de Kéraniou

Sobre esta obra o *Evénement* de 19 de fevereiro traz o seguinte artigo, assinado, como o precedente, por Zola:

“Decididamente, os romancistas de curta imaginação nestes tempos de produção incessante, vão recorrer ao Espiritismo para encontrar assuntos novos e bizarros. Em meu último artigo falei do *Espírita*, de Théophile Gautier; hoje venho anunciar o lançamento, pela casa Lemer, da *Mulher do Espírita*, por Ange de Kéranion.

“Talvez o Espiritismo venha fornecer ao gênio francês o maravilhoso necessário a toda epopéia bem condicionada.

“Os Davenport nos terão assim trazido um dos elementos do poema épico que a literatura francesa ainda espera.

“O livro do Sr. Kéraniou é um tanto verboso; não se sabe se ridiculariza ou fala sério; mas é cheio de detalhes curiosos que dele fazem uma obra interessante para folhear.

“O Conde Humbert de Luzy, um espírita emérito, uma espécie de Anticristo, que faz as mesas dançar, casou-se com uma jovem a quem, naturalmente, inspira um medo horrível.

“A jovem mulher, era de esperar, quer arranjar um amante. É aqui que a história se torna verdadeiramente original. Os Espíritos assumem o papel de guarda de honra do marido e, em

duas ocasiões, em circunstâncias desesperadoras, salvam essa honra com o auxílio de aparições e tremores de terra.

“Se eu fosse casado, tornar-me-ia espírita.”

Decididamente a idéia espírita faz sua entrada na imprensa pelo romance. Aí entra enfeitada: a verdade nua e crua chocaria esses senhores. Só conhecemos esta nova obra pelo artigo acima e, assim, nada podemos dizer. Apenas constataremos que o autor desta crítica, talvez sem lhe ter visto o alcance, enuncia uma grande e fecunda verdade, a de que a literatura e as artes encontrarão no Espiritismo uma rica mina a explorar. Nós o dissemos há muito tempo: um dia haverá a *arte espírita*, como houve a arte pagã e a arte cristã. Sim, o poeta, o literato, o pintor, o escultor, o músico, o próprio arquiteto colherão a mancheias, nesta nova fonte, temas de sublime inspiração quando tiverem *explorado* alhures, e não no fundo de um armário. Théophile Gautier foi o primeiro a entrar na liça por uma obra capital, cheia de poesia; sem dúvida terá imitadores.

“Talvez o Espiritismo vá fornecer os elementos do poema épico que a literatura francesa ainda espera.” Já não seria um resultado tão forte para desdenhar. (Vide *Revista Espírita* de dezembro de 1860: A arte espírita, a arte pagã e arte cristã).

FORÇAS NATURAIS DESCONHECIDAS⁷

Por Hermès

Este não é mais romance. É uma refutação, do ponto de vista da Ciência, das críticas dirigidas contra os fenômenos espíritas, a propósito dos irmãos Davenport, e da assimilação que pretendem estabelecer entre esses fenômenos e as artimanhas da prestidigitação. O autor leva em conta o charlatanismo, que desliza

⁷ Brochura in-18. Preço: 1 fr. – Livraria Didier.

em tudo, e as condições desfavoráveis nas quais se apresentaram os Davenport, condições que não procura justificar; examina os próprios fenômenos, abstração feita das pessoas, e fala com a autoridade de um especialista. Aceita o desafio lançado por uma parte da imprensa nesta circunstância, e estigmatiza suas excentricidades de linguagem, que traduz à luz do bom-senso, mostrando até que ponto ela se afastou de uma discussão leal. Podemos não partilhar o sentimento do autor sobre todos os pontos, mas não deixamos de dizer que o seu livro é uma refutação difícil de contestar; por isso a imprensa em geral silenciou sobre o assunto. Contudo, o *Evénement* de 1^o de fevereiro o relatou nestes termos:

“Tenho em mãos um livro que deveria ter aparecido no outono passado. Trata dos Davenport. O livro, assinado pelo pseudônimo de ‘Hermès’, tem por título: *Forças naturais desconhecidas*, e pretende que devíamos aceitar o armário e os dois irmãos, porque nossos sentidos são débeis e não podemos explicar tudo na Natureza. Inútil dizer que o livro foi editado pela livraria Didier.

“Eu não falaria destas folhas que se enganam de estação, se não contivessem um violento requisitório contra a imprensa parisiense inteira. O Sr. Hermès narra seus fatos claramente aos redatores do *Opinion*, do *Temps*, da *France*, do *Fígaro*, do *Petit Journal*, etc. Eles foram insolentes e cruéis e sua má-fé só não foi maior que a sua tolice. Se não compreendiam não deviam falar. Ignorância, falsidade, grosseria, esses jornalistas cometeram todos os crimes.

“O Sr. Hermès é muito duro. Louis Ulbach é chamado ‘o homem dos óculos’, injúria atroz. Edmond About, que havia perguntado qual a diferença entre os médiuns e o Dr. Lapommerais, recebeu o troco largamente. O Sr. Hermès declara ‘que não é de admirar que certos amadores de trocadilhos tenham

arrastado à flor do solo o nome de seu gracioso contraditor.’ Sentis toda a delicadeza desse jogo de palavras?

“O Sr. Hermès acaba por confessar que vive num jardim retirado e que só se preocupa com a verdade. Seria preferível que vivesse na rua e que tivesse toda a calma e toda a caridade cristã da solidão.”

Não é curioso ver esses senhores dar lições *teóricas* de *calma e de caridade cristã* àqueles a quem injuriam gratuitamente e achar mal que lhes respondam? E, contudo, não censurarão o Sr. Hermès por falta de moderação, desde que, por excesso de consideração, não cita nenhum nome próprio. É verdade que as citações, assim grupadas, formam um buquê muito pouco gracioso. De quem é a falta se esse buquê não exala um perfume de urbanidade e de bom-gosto? Para ter direito de se queixar de algumas apreciações um tanto severas, seria preciso não as provocar.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

ABRIL DE 1866

Nº 4

Revelação⁸

No sentido litúrgico, a revelação implica uma idéia de misticismo e de maravilhoso. O materialismo a repele naturalmente, porque ela supõe a intervenção de poderes e de inteligências extra-humanas. Fora da negação absoluta, muitas pessoas fazem hoje estas perguntas: Houve ou não uma revelação? A revelação é necessária? Trazendo aos homens a verdade integral, a revelação não teria por efeito impedi-los de fazer uso das suas faculdades, pois que lhes pouparia o trabalho da investigação? Essas objeções nascem da falsa idéia que se faz da revelação. Tomemo-la inicialmente em sua acepção mais simples, para segui-la até seu ponto mais alto.

Revelar é tornar conhecida uma coisa que não o é; é ensinar a alguém aquilo que não sabe. Deste ponto de vista, há para nós uma revelação por assim dizer incessante. Qual o papel do professor diante dos seus alunos, senão o de um revelador? O professor lhes ensina o que eles não sabem, o que não

8 N. do T.: Esboço do capítulo 1, de *A Gênese*, que Allan Kardec preparava: *Caráter da revelação espírita*.

teriam tempo, nem possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a Ciência é obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que trazem, cada qual, o seu contingente de observações aproveitáveis àqueles que vêm depois. O ensino é, portanto, na realidade, a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feitas por homens que as conhecem a outros que as ignoram e que, se assim não fora, as teriam ignorado sempre. Seria lógico deixar que eles mesmos procurassem essas verdades? esperar que tivessem inventado a mecânica para lhes ensinar a servir-se do vapor? Não se poderia dizer que, em lhes revelando o que outros acharam, impede-se o exercício de suas faculdades? Não é, ao contrário, apoiando-se no conhecimento das descobertas anteriores que chegam a novas descobertas? Dar a conhecer ao maior número possível a maior soma possível de verdades conhecidas é, pois, provocar a atividade da inteligência em vez de abafá-la e impelir ao progresso. Sem isto o homem ficaria estacionário.

Mas o professor não ensina senão o que aprendeu: é um revelador de segunda ordem; o homem de gênio ensina o que descobriu por si mesmo: é o revelador primitivo; traz a luz que pouco a pouco se vulgariza. Que seria da Humanidade sem a revelação dos homens de gênio, que aparecem de tempos a tempos?

Mas, quem são esses homens de gênio? E, por que são homens de gênio? Donde vieram? Que é feito deles? Notemos que na sua maioria revelam, ao nascer, faculdades transcendentais e alguns conhecimentos inatos, que com pouco trabalho desenvolvem. Pertencem realmente à Humanidade, pois nascem, vivem e morrem como nós. Onde, porém, adquiriram esses conhecimentos que não puderam aprender durante a vida? Dir-se-á, com os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, não teriam mais mérito que um legume maior e mais saboroso do que outro.

Dir-se-á, como certos espiritualistas, que Deus lhes deu uma alma mais favorecida que a do comum dos homens? Suposição igualmente ilógica, pois que tacharia Deus de parcial. A única solução racional do problema está na preexistência da alma e na pluralidade das vidas. O homem de gênio é um Espírito que tem vivido mais tempo; que, por conseguinte, adquiriu e progrediu mais do que aqueles que estão menos adiantados. Encarnando, traz o que sabe e, como sabe muito mais do que os outros e não precisa aprender, é chamado homem de gênio. Mas seu saber é fruto de um trabalho anterior e não resultado de um privilégio. Antes de renascer, era ele, pois, Espírito adiantado: reencarna para fazer que os outros aproveitem do que já sabe, ou para adquirir mais do que possui.

Os homens progridem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços de sua inteligência; mas, entregues às próprias forças, só muito lentamente progrediriam, se não fossem auxiliados por outros mais adiantados, como o estudante o é pelos professores. Todos os povos tiveram homens de gênios, surgidos em diversas épocas, para dar-lhes impulso e tirá-los da inércia.

Desde que se admite a solicitude de Deus para com as suas criaturas, por que não se há de admitir que Espíritos capazes, por sua energia e superioridade de conhecimento, de fazerem que a Humanidade avance, encarnem pela vontade de Deus, com o fim de ativarem o progresso em determinado sentido? Por que não admitir que eles recebam missões, como um embaixador as recebe do seu soberano? Tal o papel dos grandes gênios. Que vêm eles fazer, senão ensinar aos homens verdades que estes ignoram e ainda ignorariam durante largos períodos, a fim de lhes dar um ponto de apoio mediante o qual possam elevar-se mais rapidamente? Esses gênios, que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando longo traço luminoso sobre a Humanidade, são missionários ou, se o quiserem, messias. Se só ensinassem aos homens o que estes já soubessem, sua presença

seria completamente inútil. O que de novo ensinam aos homens, quer na ordem física, quer na ordem moral, são *revelações*. Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, pode, com mais forte razão, suscitá-los para as verdades morais, que constituem elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos cujas idéias atravessam os séculos.

No sentido especial da fé religiosa, os reveladores são mais particularmente designados sob o nome de *profetas* ou *messias*. Todas as religiões tiveram seus reveladores e estes, embora longe estivessem de conhecer toda a verdade, tinham uma razão de ser providencial, porque eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam e aos quais eram relativamente superiores. Apesar dos erros de suas doutrinas, não deixaram de agitar os espíritos e, por isso mesmo, de semear os germes do progresso, que mais tarde haviam de desenvolver-se, ou se desenvolverão à luz brilhante do Cristianismo.

É, pois, injusto se lhes lance anátema em nome da ortodoxia, porque dia virá em que todas essas crenças tão diversas na forma, mas que repousam realmente sobre um mesmo princípio fundamental – Deus e a imortalidade da alma – se fundirão numa grande e vasta unidade, logo que a razão triunfe dos preconceitos.

Infelizmente, as religiões hão sido sempre instrumentos de dominação; o papel de profeta há tentado as ambições secundárias e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias, que, valendo-se do prestígio deste nome, exploram a credulidade em proveito do seu orgulho, da sua ganância, ou da sua indolência, achando mais cômodo viver à custa dos iludidos. A religião cristã não pôde evitar esses parasitas. A tal propósito, chamamos particularmente a atenção para o capítulo XXI de *O Evangelho segundo o Espiritismo*: “*Haverá falsos cristos e falsos profetas.*”

A linguagem simbólica de Jesus favoreceu singularmente as interpretações mais contraditórias; esforçando-se em lhe deturpar o sentido, cada um julgou aí encontrar a sanção de seus pontos de vista pessoais, muitas vezes até a justificação das doutrinas mais contraditórias ao espírito de caridade e de justiça, que é a sua base. Aí está o abuso que desaparecerá pela força mesma das coisas, sob o império da razão. Não é disto que nos vamos ocupar aqui. Apenas constatamos as duas grandes revelações sobre as quais se apóia o Cristianismo: a de Moisés e a de Jesus, porque tiveram uma influência decisiva na Humanidade. O islamismo pode ser considerado como um derivado de concepção humana do mosaísmo e do Cristianismo. Para acreditar a religião que queria fundar, Maomé teve que se apoiar sobre uma pretensa revelação divina.

Haverá revelações diretas de Deus aos homens? É uma questão que não ousaríamos resolver, nem afirmativamente, nem negativamente, de maneira absoluta. O fato não é radicalmente impossível, porém, nada nos dá dele prova certa. O que não padece dúvida é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se imbuem do seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertencem e o grau a que chegaram de saber, esses podem tirar dos seus próprios conhecimentos as instruções que ministram, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, mesmo dos mensageiros diretos de Deus, os quais, falando em nome de Deus, têm sido às vezes tomados pelo próprio Deus.

As comunicações deste gênero nada têm de estranho para quem conhece os fenômenos espíritos e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela simples inspiração, pela audição da palavra, pela visibilidade dos Espíritos instrutores, nas visões e aparições, quer em sonho, quer em estado de vigília, do que há muitos exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos.

É, pois, rigorosamente exato dizer-se que quase todos os reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes. Daí, entretanto, não se deve concluir que todos os médiuns sejam reveladores, nem, ainda menos, intermediários diretos da Divindade ou dos seus mensageiros.

Só os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas, sabe-se hoje que nem todos os Espíritos são perfeitos e que existem muitos que se apresentam sob falsas aparências, o que levou S. João a dizer: “Não acrediteis em todos os Espíritos; vede antes se os Espíritos são de Deus.” (*Epíst. 1^a, 4:4.*)

Pode, pois, haver revelações sérias e verdadeiras, como as há apócrifas e mentirosas. O caráter essencial da revelação divina é o da *eterna verdade*. Toda revelação eivada de erros ou sujeita a modificação não pode emanar de Deus, porque Deus não pode enganar conscientemente nem se enganar. É assim que a lei do Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, enquanto que as outras leis mosaicas, fundamentalmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu. Com o abrandamento dos costumes do povo, essas leis por si mesmas caíram em desuso, ao passo que o Decálogo ficou sempre de pé, como farol da Humanidade. O Cristo fez dele a base do seu edifício, abolindo as outras leis. Se estas fossem obra de Deus, seriam conservadas intactas. O Cristo e Moisés foram os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo e nisso está a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana careceria de tal poder.

Uma nova e importante revelação se opera na época atual e mostra a possibilidade de nos comunicarmos com os seres do mundo espiritual. Não é novo, sem dúvida, esse conhecimento; mas ficara até aos nossos dias, de certo modo, como letra morta, isto é, sem proveito para a Humanidade. A ignorância das leis que

regem essas relações o abafara sob a superstição; o homem era incapaz de tirar daí qualquer dedução salutar; estava reservado à nossa época desembaraçá-lo dos acessórios ridículos, compreender-lhes o alcance e fazer surgir a luz destinada a clarear o caminho do futuro.

Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, comunicando-nos com eles *não saíamos fora da Humanidade*, circunstância capital a considerar-se. Os homens de gênio, que foram fachos da Humanidade, vieram do mundo dos Espíritos e para lá voltaram, ao deixarem a Terra. Desde que os Espíritos podem comunicar-se com os homens, esses mesmos gênios podem dar-lhes instruções sob a forma espiritual, como o fizeram sob a forma corpórea. Podem instruir-nos, depois de terem morrido, tal qual faziam quando vivos; apenas, são invisíveis, ao invés de serem visíveis; essa a única diferença. Não devem ser menores do que eram a experiência e o saber que possuem e, se a palavra deles, como homens, tinha autoridade, não na pode ter menos, somente por estarem no mundo dos Espíritos.

Mas, nem só os Espíritos superiores se manifestam; fazem-no igualmente os de todas as categorias, e preciso era que assim acontecesse, para nos iniciarmos no que respeita ao verdadeiro caráter do mundo espiritual, apresentando-se-nos este por todas as suas faces. Daí resulta serem mais íntimas as relações entre o mundo visível e o mundo invisível e mais evidente a conexidade entre os dois. Vemos assim mais claramente donde procedemos e para onde iremos. Esse o objetivo essencial das manifestações. Todos os Espíritos, pois, qualquer que seja o grau de elevação em que se encontrem, alguma coisa nos ensinam; cabe-nos, porém, a nós, visto que eles são mais ou menos esclarecidos, discernir o que há de bom ou de mau no que nos digam e tirar, do ensino que nos dêem, o proveito possível. Ora, todos, quaisquer que sejam, nos podem ensinar ou revelar coisas que ignoramos e que sem eles não saberíamos.

Os grandes Espíritos encarnados são, sem contradita, individualidades poderosas, mas de ação restrita e lenta propagação. Viesse um só dentre eles, embora fosse Elias ou Moisés, revelar, nos tempos modernos, aos homens, as condições do mundo espiritual, quem provaria a veracidade das suas asserções, nesta época de cepticismo? Não o tomariam por sonhador ou utopista? Mesmo que fosse verdade absoluta o que dissesse, séculos se escoariam antes que as massas humanas lhe aceitassem as idéias. Deus, em sua sabedoria, não quis que assim acontecesse; quis que o ensino fosse dado pelos *próprios Espíritos*, não por encarnados, a fim de que aqueles convencessem da sua existência a estes últimos e quis que isso ocorresse por toda a Terra simultaneamente, quer para que o ensino se propagasse com maior rapidez, quer para que, coincidindo em toda parte, constituísse uma prova da verdade, tendo assim cada um o meio de convencer-se a si próprio. Tais o objetivo e o caráter da revelação moderna.

Os Espíritos não se manifestam para libertar do estudo e das pesquisas o homem, nem para lhe transmitir, inteiramente pronta, nenhuma ciência. Com relação ao que o homem pode achar por si mesmo, eles o deixam entregue às suas próprias forças. Isso sabem-no hoje perfeitamente os espíritas. De há muito, a experiência há demonstrado ser errôneo atribuir-se aos Espíritos todo o saber e toda a sabedoria e supor-se que baste a quem quer que seja dirigir-se ao primeiro Espírito que se apresente para conhecer todas as coisas. Saídos da Humanidade, eles constituem uma de suas faces. Assim como na Terra, no plano invisível também os há superiores e vulgares; muitos deles, pois, científica e filosoficamente, sabem menos do que certos homens; eles dizem o que sabem, nem mais, nem menos. Do mesmo modo que os homens, os Espíritos mais adiantados podem instruir-nos sobre maior porção de coisas, dar-nos opiniões mais judiciosas, do que os atrasados. Pedir o homem conselhos aos Espíritos não é entrar em entendimento com potências sobrenaturais; é tratar *com seus iguais*, com aqueles mesmos a quem ele se dirigiria neste mundo; a seus

parentes, seus amigos, ou a indivíduos mais esclarecidos do que ele. Disto é que importa se convençam todos e é o que ignoram os que, não tendo estudado o Espiritismo, fazem idéia completamente falsa da natureza do mundo dos Espíritos e das relações com o além-túmulo.

Qual, então, a utilidade dessas manifestações, ou, se o preferirem, dessa revelação, uma vez que os Espíritos não sabem mais do que nós, ou não nos dizem tudo o que sabem?

Primeiramente, como já o declaramos, eles se abstêm de nos dar o que podemos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, há coisas cuja revelação não lhes é permitida, porque o grau do nosso adiantamento não as comporta. Afora isto, as condições da nova existência em que se acham lhes dilatam o círculo das percepções: eles vêem o que não viam na Terra; libertos dos entraves da matéria, isentos dos cuidados da vida corpórea, apreciam as coisas de um ponto de vista mais elevado e, portanto, mais são; a perspicácia de que gozam abrange mais vasto horizonte; compreendem seus erros, retificam suas idéias e se desembaraçam dos prejuízos humanos.

É nisto que consiste a superioridade dos Espíritos com relação à humanidade corpórea e daí vem a possibilidade de serem seus conselhos, segundo o grau de adiantamento que alcançaram, mais judiciosos e desinteressados do que os dos encarnados. O meio em que se encontram lhes permite, ao demais, iniciar-nos nas coisas que ignoramos, relativas à vida futura e que não podemos aprender no meio em que estamos. Até ao presente, o homem apenas formulara hipóteses sobre o seu porvir; tal a razão por que suas crenças a esse respeito se fracionaram em tão numerosos e divergentes sistemas, desde o niilismo até as concepções fantásticas do inferno e do paraíso. Hoje, são as testemunhas oculares, os próprios atores da vida de além-túmulo que nos vêm dizer em que se tornaram e só eles o podiam fazer. Suas manifestações,

consequentemente, serviram para dar-nos a conhecer o mundo invisível que nos rodeia e do qual nem suspeitávamos e só esse conhecimento seria de capital importância, dado mesmo que nada mais pudessem os Espíritos ensinar-nos.

Uma comparação vulgar fará compreender ainda melhor a situação.

Parte para destino longínquo um navio carregado de emigrantes. Leva homens de todas as condições, parentes e amigos dos que ficam. Vem-se a saber que esse navio naufragou. Nenhum vestígio resta dele, nenhuma notícia chega sobre a sua sorte. Acredita-se que todos os passageiros pereceram e o luto penetra em todas as suas famílias. Entretanto, a tripulação inteira, sem faltar um único homem, foi ter a uma ilha desconhecida, abundante e fértil, onde todos passam a viver ditosos, sob um céu clemente. Ninguém, todavia, sabe disso. Ora, um belo dia, outro navio aporta a essa terra e lá encontra sãos e salvos os náufragos. A feliz nova se espalha com a rapidez do relâmpago. Exclamam todos: “Não estão perdidos os nossos amigos!” E rendem graças a Deus. Não podem ver-se uns aos outros, mas correspondem-se; permutam demonstrações de afeto e, assim, a alegria substitui a tristeza.

Tal a imagem da vida terrena e da vida de além-túmulo, antes e depois da revelação moderna. A última, semelhante ao segundo navio, nos traz a boa-nova da sobrevivência dos que nos são caros e a certeza de que a eles nos reuniremos um dia. Deixa de existir a dúvida sobre a sorte deles e a nossa. O desânimo se desfaz diante da esperança.

Mas, outros resultados fecundam essa revelação. Achando madura a Humanidade para penetrar o mistério do seu destino e contemplar, a sangue-frio, novas maravilhas, permitiu Deus fosse erguido o véu que ocultava o mundo invisível ao mundo visível. Nada têm de extra-humanas as manifestações; é a

humanidade espiritual que vem *conversar* com a humanidade corporal e dizer-lhe:

“Nós existimos, logo o nada não existe; eis o que somos e o que sereis; o futuro vos pertence, como a nós. Caminhais nas trevas, vimos clarear-vos o caminho e traçar-vos o roteiro; andais ao acaso, vimos apontar-vos a meta. A vida terrena era, para vós, tudo, porque nada víeis além dela; vimos dizer-vos, mostrando a vida espiritual: a vida terrestre nada é. A vossa visão se detinha no túmulo, nós vos desvendamos, para lá deste, um esplêndido horizonte. Não sabíeis por que sofreis na Terra; agora, no sofrimento, vedes a justiça de Deus. O bem nenhum fruto aparente produzia para o futuro. Doravante, ele terá uma finalidade e constituirá uma necessidade; a fraternidade, que não passava de bela teoria, assenta agora numa lei da Natureza. Sob o domínio da crença de que tudo acaba com a vida, a imensidade é o vazio, o egoísmo reina soberano entre vós e a vossa palavra de ordem é: ‘Cada um por si.’ Com a certeza do porvir, os espaços infinitos se povoam ao infinito, em parte alguma há o vazio e a solidão; a solidariedade liga todos os seres, aquém e além da tumba. É o reino da caridade, sob a divisa: ‘Um por todos e todos por um.’ Enfim, ao termo da vida, dizíeis eterno adeus aos que vos são caros; agora, dir-lhes-eis: Até breve!”

Tais, em resumo, os resultados da revelação nova, que veio encher o vácuo que a incredulidade cavara, levantar os ânimos abatidos pela dúvida ou pela perspectiva do nada e imprimir a todas as coisas uma razão de ser. Carecerá de importância esse resultado, apenas porque os Espíritos não vêm resolver os problemas da Ciência, dar saber aos ignorantes e aos preguiçosos os meios de se enriquecerem sem trabalho? Nem só, entretanto, à vida futura dizem respeito os frutos que o homem deve colher dela. Ele os saboreará na Terra, pela transformação que estas novas crenças hão de necessariamente operar no seu caráter, nos seus gostos, nas suas tendências e, por conseguinte, nos hábitos e nas relações sociais.

Pondo fim ao reino do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, elas preparam o do bem, que é o reino de Deus.

Assim, a revelação tem por objetivo pôr o homem na posse de certas verdades, que ele não podia adquirir por si mesmo, e isto visando ativar o progresso. Essas verdades em geral se limitam a princípios fundamentais, destinados a pô-lo no caminho das pesquisas, e não a conduzi-lo pela mão; são balizas que lhe mostram o objetivo, cabendo-lhe a tarefa de as estudar e lhes deduzir as aplicações. Longe de o libertar do trabalho, são novos elementos fornecidos à sua atividade.

O Espiritismo sem os Espíritos

Ultimamente vimos uma seita tentar formar-se, arvorando como bandeira: *A negação da prece*. Acolhida em seu início por um sentimento geral de reprovação, nem chegou a viver. Os homens e os Espíritos se uniram para repelir uma doutrina que era, ao mesmo tempo, uma ingratidão e uma revolta contra a Providência. Isto não era difícil, porque, melindrando o sentimento íntimo da imensa maioria, trazia em si o seu princípio destruidor. (*Revista* de janeiro de 1866).

Eis agora uma outra que se ensaia em novo terreno. Tem por divisa: *Nada de comunicação dos Espíritos*. É muito singular que esta opinião seja hoje preconizada por alguns dos que outrora exaltaram a importância e a sublimidade dos ensinamentos espíritas, e que se vangloriavam do que eles próprios recebiam como médiuns. Terá mais chance de sucesso que a precedente? É o que vamos examinar em poucas palavras.

Esta doutrina, se é que se pode dar tal nome a uma opinião restrita a alguns indivíduos, fundamenta-se nos seguintes dados:

“Os Espíritos que se comunicam não passam de Espíritos ordinários, que, até hoje, não nos ensinaram nenhuma verdade nova, e que provam a sua incapacidade não saindo das banalidades da moral. O critério que se pretende estabelecer sobre a concordância de seu ensino é ilusório, por força de sua insuficiência. Cabe ao homem sondar os grandes mistérios da Natureza e submeter o que eles dizem ao controle de sua própria razão. Como suas comunicações nada nos podem ensinar, proscrevemo-las de nossas reuniões. Discutiremos entre nós; buscaremos e decidiremos, em nossa sabedoria, os princípios que devem ser aceitos ou rejeitados, sem recorrer ao assentimento dos Espíritos.”

Notemos que não se trata de negar o fato das manifestações, mas de estabelecer a superioridade do julgamento do homem, ou de alguns homens, sobre o dos Espíritos; numa palavra, de desvincular o Espiritismo do ensino dos Espíritos, pois as instruções destes últimos estariam abaixo do que pode a inteligência humana.

Esta doutrina conduz a uma singular conseqüência, que não daria uma idéia exata da superioridade da lógica do homem sobre a dos Espíritos. Graças a estes últimos, sabemos que os da ordem mais elevada pertenceram à humanidade corporal, que ultrapassaram há muito tempo, como o general ultrapassou a classe do soldado de onde saiu. Sem os Espíritos, ainda acreditaríamos que os anjos são criaturas privilegiadas e os demônios criaturas predestinadas ao mal por toda a eternidade. “Não, dirão, porque houve homens que combateram essa idéia.” Seja; mas que eram esses homens, senão Espíritos encarnados? Que influência teve sua opinião isolada sobre a crença das massas? Perguntai ao primeiro que aparecer se conhece ao menos de nome a maioria desses grandes filósofos. Ao passo que os Espíritos, vindo a toda a superfície da Terra, manifestar-se ao mais humilde como ao mais poderoso, a verdade propagou-se com a rapidez do relâmpago.

Os Espíritos podem dividir-se em duas categorias: os que, chegados ao ponto mais elevado da escala, deixaram definitivamente os mundos materiais, e os que, pela lei da reencarnação ainda pertencem ao turbilhão da humanidade terrena. Admitamos que só estes últimos tenham o direito de comunicar-se com os homens, o que é uma interrogação: nesse número há os que, em vida, foram homens esclarecidos, cuja opinião fez autoridade, e que seria uma ventura consultá-los se ainda fossem vivos. Ora, da doutrina acima resultaria que esses mesmos homens superiores tornaram-se nulidades ou mediocridades, ao passarem para o mundo dos Espíritos, incapazes de nos darem instrução de algum valor, ao passo que se inclinariam respeitosamente diante deles se se apresentassem em carne e osso nas mesmas assembléias onde se recusam a escutá-los como Espíritos. Disso resulta ainda que Pascal, por exemplo, não é mais uma luz desde que é Espírito; mas que, se reencarnasse num Pedro ou num Paulo, necessariamente com o mesmo gênio, já que nada teria perdido, seria um oráculo. Esta conseqüência é de tal modo rigorosa, que os partidários deste sistema admitem a reencarnação como uma das maiores verdades. Enfim, é preciso inferir que os que colocam – supomos que de muito boa-fé – sua própria inteligência muito acima da dos Espíritos, serão, eles mesmos, nulidades ou mediocridades, cuja opinião não terá valor, de sorte que seria preciso crer no que dizem enquanto estão vivos, e não crer amanhã, quando estiverem mortos, ainda mesmo quando viessem dizer a mesma coisa e, menos ainda, se viessem dizer que se enganaram.

Sei que se opõem à grande dificuldade da constatação da identidade. Essa questão já foi amplamente tratada, de modo que é supérfluo a ela voltar. Certamente não podemos saber, por uma prova material, se o Espírito que se apresenta sob o nome de Pascal é realmente o do grande Pascal. Que nos importa, se diz boas coisas! Cabe a nós pesar o valor de suas instruções, não a forma da linguagem, que se sabe marcada, muitas vezes, pela inferioridade do instrumento, mas pela grandeza e pela sabedoria

dos pensamentos. Um grande Espírito que se comunica por um médium pouco letrado é como um hábil calígrafo que se serve de uma pena ruim; no conjunto a escrita terá o sinete do seu talento, mas os detalhes da execução, que não dependem dele, serão imperfeitos.

Jamais disse o Espiritismo que era preciso fazer abnegação de seu julgamento e submeter-se cegamente ao dizer dos Espíritos; são os próprios Espíritos que nos dizem passar todas as suas palavras pelo cadinho da lógica, ao passo que certos encarnados dizem: “Não creiais senão no que dizemos, e não acrediteis no que dizem os Espíritos.” Ora, como a razão individual está sujeita a erro, e o homem, muito geralmente, é levado a tomar sua própria razão e suas idéias como a única expressão da verdade, aquele que não tem a orgulhosa pretensão de se julgar infalível a refere à apreciação da maioria. Por isto é tido como abdicando da sua opinião? De modo algum; está perfeitamente livre de crer que só ele tenha razão contra todos, mas não impedirá a opinião do maior número de prevalecer e de ter, em definitivo, mais autoridade que a opinião de um só ou de alguns.

Examinemos agora a questão sob outro ponto de vista. Quem fez o Espiritismo? É uma concepção humana pessoal? Todo o mundo sabe o contrário. O Espiritismo é o resultado do ensino dos Espíritos, de tal sorte que, sem as comunicações dos Espíritos, não haveria Espiritismo. Se a Doutrina Espírita fosse uma simples teoria filosófica nascida de um cérebro humano, não teria senão o valor de uma opinião pessoal; saída da universalidade do ensino dos Espíritos, tem o valor de uma obra coletiva, e é por isto mesmo que em tão pouco tempo ela se propagou por toda a Terra, cada um recebendo por si mesmo, ou por suas relações íntimas, instruções idênticas e a prova da realidade das manifestações.

Pois bem! é em presença deste resultado patente, material, que se tenta erigir em sistema a inutilidade das

comunicações dos Espíritos. Convenhamos que se elas não tivessem a popularidade que adquiriram, não as atacariam, e que é a prodigiosa vulgarização dessas idéias que suscita tantos adversários ao Espiritismo. Os que hoje rejeitam as comunicações não se assemelham a essas crianças ingratas que negam e desprezam os pais? Não é a ingratidão para com os Espíritos, a quem devem o que sabem? Não é servir-se do que eles ensinaram para os combater, voltar contra eles, contra seus próprios pais, as armas que nos deram? Entre os Espíritos que se manifestam não está o Espírito de um pai, de uma mãe, dos seres que nos são mais caros, dos quais se recebem essas tocantes instruções que vão diretamente ao coração? Não é a eles que devemos ter sido arrancados da incredulidade, das torturas da dúvida sobre o futuro? E é quando se goza do benefício que se desconhece a mão do benfeitor?

Que dizer dos que, tomando sua opinião pela de todo o mundo, afirmam seriamente que, agora, não querem comunicações em parte alguma? Estranha ilusão! que um olhar lançado em torno deles baste para fazer desvanecer-se. Por seu lado, que devem pensar os Espíritos que assistem às reuniões onde se discute se se devem condescender em os escutar, ou se se deve, ou não, excepcionalmente, permitir-lhes a palavra para agradar os que têm a fraqueza de se prenderem às suas instruções? Sem dúvida lá se acham Espíritos ante os quais se cairia de joelhos se, nesse momento, eles se apresentassem à vista. Já pensaram no preço que podia ser pago por tal ingratidão?

Tendo os Espíritos a liberdade de comunicar-se, independentemente do seu grau de saber, resulta que há uma grande diversidade no valor das comunicações, como nos escritos, num povo onde todo mundo tem a liberdade de escrever e onde, por certo, nem todas as produções literárias são obras-primas. Segundo as qualidades individuais dos Espíritos, há, pois, comunicações boas pelo fundo e pela forma; outras que são boas

pelo fundo e más pela forma; outras, enfim, que nada valem, nem pelo fundo, nem pela forma. Cabe-nos escolher. Rejeitá-las em bloco, porque algumas são más, não seria mais racional do que proscrever todas as publicações, só porque há escritores que produzem banalidades? Os melhores escritores, os maiores gênios, não têm partes fracas em suas obras? Não se fazem seleções do que produzem de melhor? Façamos o mesmo em relação às produções dos Espíritos; aproveitemos o que há de bom e rejeitemos o que é mau; mas, para arrancar o joio, não arranquemos o bom grão.

Consideremos, pois, o mundo dos Espíritos como uma réplica do mundo corporal, como uma fração da Humanidade, e digamos que não devemos desdenhar de ouvi-los, agora que estão desencarnados, pois não o teríamos feito quando encarnados; estão sempre em nosso meio, como outrora; apenas estão atrás da cortina, e não à frente: eis toda a diferença.

Mas, perguntarão, qual o alcance do ensino dos Espíritos, mesmo no que há de bom, se não ultrapassa o que os homens podem saber por si mesmos? É bem certo que não nos ensinam mais nada? No seu estado de Espírito não vêem o que não podemos ver? Sem eles, conheceríamos seu estado, sua maneira de ser, suas sensações? Conheceríamos, como hoje conhecemos, esse mundo onde talvez estejamos amanhã? Se esse mundo não tem para nós os mesmos terrores, se encaramos sem pavor a passagem que a ele conduz, não é a eles que o devemos? Esse mundo está completamente explorado? Diariamente ele não nos revela uma nova face? e nada é saber aonde se vai e o que se pode ser ao sair daqui? Outrora lá entrávamos tateando e estremecendo, como num abismo sem fundo; agora esse abismo é resplandecente de luz e nele se entra contente. E ainda ousam dizer que o Espiritismo nada nos ensinou? (*Revista Espírita*, agosto de 1865: “O que ensina o Espiritismo”).

Sem dúvida, o ensino dos Espíritos tem seus limites. Só se lhe deve pedir o que pode dar, o que está na sua essência, no seu

objetivo providencial, e ele dá muito a quem sabe buscar. Mas, tal como é, já fizemos todas as suas aplicações? Antes de lhe pedir mais, sondamos as profundezas dos horizontes que nos descortina? Quanto ao seu alcance, ele se afirma por um fato material, patente, gigantesco, inaudito nos fastos da História: é que apenas em sua aurora, já revoluciona o mundo e abala as forças da terra. Que homem teria tal poder?

O Espiritismo contribui para a reforma da Humanidade pela caridade. Não é, pois, de admirar que os Espíritos preguem a caridade sem cessar; eles a pregarão ainda por muito tempo, enquanto ela não houver extirpado o egoísmo e o orgulho do coração dos homens. Se alguns acham as comunicações inúteis, porque repetem incessantemente as lições de moral, devem ser cumprimentados, pois são bastante perfeitos para delas não mais necessitarem; mas devem pensar que os que não têm tanta confiança em seu próprio mérito e tomam a peito o se melhorarem não se cansam de receber bons conselhos. Não busqueis, pois, lhes tirar esse consolo.

Esta doutrina tem chances de prevalecer? Como dissemos, as comunicações dos Espíritos fundaram o Espiritismo. Repeli-las depois de as haver aclamado, é querer sapar o Espiritismo pela base, arrancar seus alicerces. Tal não pode ser o pensamento dos espíritas sérios e devotados, porque seria absolutamente como aquele que se dissesse cristão negando o valor dos ensinamentos do Cristo, sob o pretexto de que sua moral é idêntica à de Platão. É nessas comunicações que os espíritas encontraram alegria, consolação, esperança; é por elas que compreenderam a necessidade do bem, da resignação, da submissão à vontade de Deus; é por elas que suportam com coragem as vicissitudes da vida; é por elas que não há mais separação real entre eles e os objetos de suas mais ternas afeições. Não é enganar-se com o coração humano crer que ele possa renunciar a uma crença que faz a felicidade!

Repetimos aqui o que dissemos a propósito da prece: Se o Espiritismo deve ganhar em influência, é aumentando a soma das satisfações morais que proporciona. Que os que o acham insuficiente tal qual é se esforcem por dar mais que ele; mas não será dando menos, tirando o que faz o seu charme, a força e a popularidade que o suplantarão.

O Espiritismo Independente

Uma carta que nos foi escrita há tempos falava do projeto de dar a uma publicação periódica o título de *Jornal do Espiritismo Independente*. Sendo essa o corolário da do *Espiritismo sem os Espíritos*, vamos, evidentemente, tentar colocar a questão no seu verdadeiro terreno.

Antes de mais, o que é o Espiritismo independente? Independente de quê? Uma outra carta o diz claramente: é o Espiritismo liberto, não só da tutela dos Espíritos, mas de toda direção ou supremacia pessoal, de toda subordinação às instruções de um chefe, cuja opinião não pode fazer lei, considerando-se que não é infalível.

Isto é a coisa mais fácil do mundo: existe de fato, uma vez que o Espiritismo, proclamando a liberdade absoluta de consciência, não admite nenhum constrangimento em matéria de crença, nem jamais contestou a alguém o direito de crer à sua maneira em matéria de Espiritismo, como em qualquer outra coisa. Deste ponto de vista, nós mesmos nos achamos perfeitamente independente e queremos aproveitar esta independência. Se há subordinação, ela é, pois, inteiramente voluntária; mais ainda, não é subordinação a um homem, mas a uma idéia, que se adota porque convém, que sobrevive ao homem se é justa, que cai com ele ou antes dele se é falsa.

Para nos libertarmos das idéias alheias é preciso, necessariamente, que tenhamos as nossas próprias idéias; naturalmente a gente procura fazer que estas prevaleçam, sem o que as guardaríamos para nós; proclamamo-las, sustentamo-las, defendemo-las, porque cremos sejam a expressão da verdade; porque admitimos a boa-fé, e não o único desejo de derrubar o que existe. O objetivo é congregar maior número possível de partidários; e aquele que não admite chefe se faz, ele mesmo, chefe de seita, buscando subordinar os outros às suas próprias idéias. Aquele que diz, por exemplo: “Não devemos mais receber instruções dos Espíritos”, não emite um princípio absoluto? Não exerce uma pressão sobre os que as querem, desviando-os de as receber? Se funda uma reunião nesta base, deve excluir os partidários das comunicações, porque, se estes últimos constituíssem maioria, a tornariam lei. Se os admite e recusa obtemperar aos seus desejos, atenta contra a liberdade que têm de a reclamar. Que inscreva em seu programa: “Aqui não se dá a palavra aos Espíritos” e, então, os que desejem ouvi-los se conformarão à ordem e não se apresentarão.

Sempre dissemos que uma condição essencial de toda reunião espírita é a homogeneidade, sem o que haverá dissensão. Quem fundasse uma na base da rejeição das comunicações estaria no seu direito; se aí só admitir os que pensam com ele, faz bem, mas não tem o direito de dizer que, porque não o quer, ninguém o deve querer. Certamente é livre para agir como entender; mas, se quer a liberdade para si, deve querê-la para os outros; já que defende suas idéias e critica as dos outros, se for conseqüente consigo mesmo, não deve achar ruim que os outros defendam as suas e critiquem as dele.

Geralmente muitos esquecem que, acima da autoridade do homem, outra há, à qual quem quer que se faça representante de uma idéia não pode subtrair-se: é a de todo o mundo. A opinião geral é a suprema jurisdição, que sanciona ou derruba o edifício dos

sistemas; ninguém pode livrar-se da subordinação que ela impõe. Esta lei não é menos onipotente no Espiritismo. Quem quer que fira o sentimento da maioria e a abandone deve esperar ser por ela abandonado. Aí está a causa do insucesso de certas teorias e de certas publicações, abstração feita do mérito intrínseco destas últimas, sobre a qual por vezes se tem ilusão.

Não se deve perder de vista que o Espiritismo não está submetido a um indivíduo, nem a alguns indivíduos, nem a um círculo, nem mesmo a uma cidade, mas que seus representantes estão no mundo inteiro e que entre eles há uma opinião dominante profundamente acreditada; julgar-se forte contra todos, porque se tem o apoio de seu grupo, é expor-se a grandes decepções.

Há duas partes no Espiritismo: a dos fatos materiais e a de suas conseqüências morais. A primeira é necessária como prova da existência dos Espíritos, de modo que foi por ela que os Espíritos começaram; a segunda, dela decorrente, é a única que pode levar à transformação da Humanidade pelo melhoramento individual. O melhoramento é, pois, o objetivo essencial do Espiritismo. É para ele que deve tender todo espírita sério. Tendo deduzido essas conseqüências das instruções dos Espíritos, definimos os deveres que impõe esta crença; o primeiro deles inscrevemos na bandeira do Espiritismo: *Fora da caridade não há salvação*, máxima aclamada, em seu aparecimento, como a luz do futuro, e que logo deu a volta ao mundo, tornando-se a palavra de ligação de todos quantos vêem no Espiritismo algo mais que um fato material. Por toda parte foi acolhida como o símbolo da fraternidade universal, como penhor de segurança nas relações sociais, como a aurora de uma nova era, onde devem extinguir-se os ódios e as dissensões. Compreende-se tão bem a sua importância, que já se colhem seus frutos; entre os que a tomaram como regra de conduta, reinam a simpatia e a confiança, que fazem o encanto da vida social. Em todo espírita de coração vê-se um irmão com o qual a gente se sente feliz de encontrar, porque sabe que aquele que pratica a caridade não pode fazer nem querer o mal.

Foi, pois, por nossa autoridade privada que promulgamos esta máxima? E ainda que o tivéssemos feito, quem poderia encontrá-la má? Não; ela decorre do ensino dos Espíritos, e eles mesmos a colheram nos do Cristo, onde está escrita com todas as letras, como pedra angular do edifício cristão, mas onde ficou enterrada durante dezoito séculos. O egoísmo dos homens não se dispunha a fazê-la sair do esquecimento e torná-la explícita, porque teria sido pronunciar sua própria condenação; preferiram buscar sua própria salvação nas práticas mais cômodas e menos desagradáveis. E, contudo, todo o mundo havia lido e relido o Evangelho e, com pouquíssimas exceções, ninguém tinha visto esta grande verdade relegada a segundo plano. Ora, eis que, pelo ensino dos Espíritos, ela se tornou subitamente conhecida e compreendida por todos. Quantas outras verdades encerra o Evangelho e que surgirão a seu tempo! (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XV).

Inscrevendo no frontispício do Espiritismo a suprema lei do Cristo, nós abrimos o caminho do *Espiritismo cristão*; temos, pois, motivos para desenvolver os seus princípios, bem como os caracteres do verdadeiro espírita sob esse ponto de vista.

Que outros possam fazer melhor que nós; não iremos contra, porque jamais dissemos: “Fora de nós não há verdade.” Nossas instruções, pois, são para os que as acham boas; são aceitas livremente e sem constrangimento; traçamos uma rota e a segue quem quer; damos conselhos aos que no-los pedem, e não aos que julgam deles não precisar; não damos ordens a ninguém, pois não temos qualidades para tanto.

Quanto à supremacia, ela é toda moral e na adesão dos que partilham nossa maneira de ver; não estamos investidos, mesmo por aqueles, de nenhum poder oficial; não solicitamos nem reivindicamos nenhum privilégio; não nos conferimos nenhum título, e o único que tomaríamos com os partidários de nossas idéias é o de irmão em crença. Se nos consideram como seu chefe,

é devido à posição que nos dão nossos trabalhos, e não em virtude de uma decisão qualquer. Nossa posição é a que qualquer um de nós poderia tomar antes de nós; nosso direito, o que tem todo mundo de trabalhar como entende e de correr o risco do julgamento do público.

De que autoridade incômoda entendem libertar-se os que querem o Espiritismo independente, uma vez que não há poder constituído nem hierarquia vedando a porta a quem quer que seja, e levando-se em conta que não temos sobre eles nenhuma jurisdição e que, se lhes aprouver afastar-se de nossa rota, ninguém poderá constrangê-los a nela entrar? Alguma vez já nos fizemos passar por profeta ou messias? Levariam eles a sério os títulos de sumo-sacerdote, de soberano pontífice, mesmo de papa, com que a crítica se deleitou em nos gratificar? Não só jamais os tomamos, como os espíritas jamais no-los deram. – É do ascendente de nossos escritos? O campo lhes está aberto, como a nós, para cativarem a simpatia do público. Se há pressão, ela não vem de nós, mas da opinião geral que põe o seu veto naquilo que não lhe convém e porque ela própria sofre o ascendente do ensino geral dos Espíritos. É, pois, a estes últimos que, em última análise, se deve atribuir o estado de coisas, e é talvez o que faz que não mais os queiram escutar. – É das instruções que damos? Mas ninguém é forçado a se submeter a elas. – Devem lamentar-se de nossa censura? Jamais citamos alguém, a não ser para elogiar, e nossas instruções são dadas sob forma geral, como desenvolvimento de nossos princípios, para uso de todos. Se, aliás, são más, se nossas teorias são falsas, em que isto os pode ofuscar? O ridículo, se ridículo há, será para nós. Levam tão a sério os interesses do Espiritismo, que temem vê-los periclitarem em nossas mãos? – Somos absolutos demais em nossas idéias? Somos um cabeça dura com quem nada se pode fazer? Ah! meu Deus! cada um tem os seus pequenos defeitos; temos o de não pensar ora branco, ora preto; temos uma linha traçada e dela não nos desviaremos para agradar a quem quer que seja. É provável que sejamos assim até o fim.

É nossa fortuna que invejem? Onde os nossos castelos, as nossas equipagens e os nossos lacaios? Certamente, se tivéssemos a fortuna que nos atribuem, não seria dormindo que ela teria vindo e muitas pessoas amontoam milhões, num labor menos rude. – Que fazemos, então, do dinheiro que ganhamos? Como não pedimos contas a ninguém, a ninguém temos que as dar; o que é certo é que não serve para os nossos prazeres. Quanto a empregar para pagar agentes e espíões, devolvemos a calúnia à sua origem. Temos que nos ocupar com coisas mais importantes do que saber o que faz este ou aquele. Se fazem bem, não devem temer nenhuma investigação; se fazem mal, isso é lá com eles. Se há os que ambicionam a nossa posição, é no interesse do Espiritismo ou no deles? Que a tomem, pois, com *todos os seus encargos*, e provavelmente não acharão que seja uma sinecura tão agradável quanto supõem. Se acham que conduzimos mal o barco, quem os impedia de tomar o leme antes de nós? e quem os impede ainda hoje? – Lamentam-se de nossas intrigas para fazermos partidários? Nós esperamos que venham a nós, pois não vamos procurar ninguém; nem sequer corremos atrás dos que nos deixam, porque sabemos que não podem entravar a marcha das coisas; sua personalidade se apaga diante do conjunto. Por outro lado, não somos bastante presunçoso para crer que seja por nossa pessoa que se ligam a nós; evidentemente é pela idéia de que somos o representante. É, pois, a esta idéia que reportamos os testemunhos de simpatia que hão por bem nos dar.

Em suma, o Espiritismo independente seria aos nossos olhos uma insensatez, porque a independência existe de fato e de direito e não há disciplina imposta a ninguém. O campo de exploração está aberto a todos; o juiz supremo do torneio é o público; a palma é para quem sabe conquistá-la. Tanto pior para os que caem antes de atingir a meta.

Falar dessas opiniões divergentes que, em última análise, se reduzem a algumas individualidades, e em parte alguma

formam corpo, não será, talvez digam algumas pessoas, ligar a isto muita importância, assustar os adeptos fazendo-os crer em cisões mais profundas do que realmente o são? não é, também, fornecer armas aos inimigos do Espiritismo?

É precisamente para prevenir esses inconvenientes que disto falamos. Uma explicação clara e categórica, que reduz a questão ao seu justo valor, é mais adequada para assegurar do que para amedrontar os adeptos; eles sabem como proceder e aí encontram argumentos para a réplica. Quanto aos adversários, já exploraram o fato muitas vezes, e foi por terem exagerado o seu alcance que é útil mostrar como a coisa funciona. Para mais ampla resposta, remetemos o leitor ao artigo da *Revista* de outubro de 1865.

O Dia de Carlos Magno no Colégio de Chartres

Este ano o Colégio de Chartres teve a idéia de associar uma conferência literária à solenidade do banquete do dia de Carlos Magno. Dois alunos de filosofia sustentaram uma controvérsia cujo assunto era o *Espiritismo*. Eis o relato feito pelo *Journal de Chartres*, de 11 de março de 1866:

Para fechar a sessão, dois alunos de filosofia, os Srs. Ernest Clément e Gustave Jumentié propõem-se examinar, num diálogo vivo e animado, uma questão que hoje tem o privilégio de apaixonar muitas cabeças: queremos falar do *Espiritismo*.

“J. censura ao seu companheiro, sempre tão jovial, um ar sombrio e pensativo, que o faz parecer um autor de melodramas, e lhe pergunta de onde pode provir tão grande mudança.

“C. responde que perdeu a cabeça numa doutrina sublime, o Espiritismo, que veio confirmar de modo irrefutável a

imortalidade da alma e as outras concepções da filosofia espiritualista. Não é uma quimera, como pretende seu interlocutor; é um sistema apoiado em fatos autênticos, tais como as mesas girantes, os médiuns, etc.

“Certamente, responde J., não serei tão insensato, meu pobre amigo, para discutir contigo sobre loucos devaneios, de que todo mundo hoje está completamente desiludido. E quando não se faz mais que rir na cara dos espíritas, não irei, por uma vã disputa, dar às vossas idéias mais peso do que merecem e lhes fazer a honra de uma reputação séria. As admiráveis experiências dos Davenport demonstraram qual era a vossa força e a fé que era preciso ter em vossos milagres. Mas, felizmente, eles receberam a justa punição de sua patifaria; depois de alguns dias de um triunfo usurpado, foram forçados a voltar à sua pátria, e mais uma vez provamos que do Capitólio à rocha Tarpéia não há senão um passo.

“Bem vejo, diz C... por sua vez, que não és partidário do progresso. Deverias, ao contrário, apiedar-te da sorte desses infelizes. Em seu começo todas as ciências tiveram os seus detratores. Não vimos Fulton repellido pela ignorância e tratado como louco? Não vimos também Lebon, desconhecido em sua pátria, morrer miseravelmente sem ter desfrutado de seus trabalhos? E, contudo, hoje a superfície dos mares é sulcada por barcos a vapor e o gás espalha em toda parte a sua viva luz.

“J. Sim, mas essas invenções repousavam em bases sólidas; a Ciência era o guia desses gênios e devia forçar a posteridade mais esclarecida a reparar os erros de seus contemporâneos. Mas quais são as invenções dos espíritas? Qual o segredo de sua ciência? Todos puderam admirar e aplaudir o engenhoso mecanismo de sua varinha...

“C. Ainda gracejas? Entretanto eu te disse: há entre os adeptos do Espiritismo gente muito honrada, pessoas cuja convicção é profunda.

“J. É pura verdade. Mas, o que é que isto prova? Que o bom-senso não é uma coisa tão comum quanto se pensa, e que, como disse o poeta da Razão:

Um tolo sempre acha um mais tolo que o admira.

“C. Boileau não teria falado assim se tivesse visto as mesas girantes. Que dizes a isto?

“J. Que jamais consegui mover a menor mesinha.

“C. É porque és um profano; para mim, jamais uma mesa resistiu. Fiz girar uma que pesava 200 quilos, com pratos, travessas, garrafas...

“J. Tu me farias tremer pela mesa do dia de Carlos Magno se o apetite dos convivas não a tivesse prudentemente desguarnecido...

“C. Não te falo dos chapéus. Mas eu lhes imprimiria uma poderosa rotação ao mais leve contato.

“J. Não me admiro se tua pobre cabeça tenha virado com eles.

“C. Mas, enfim, pilhérias não são razões; são o argumento da impotência. Nada provas, não refutas nada.

J. É que tua doutrina não passa de um nada, de uma quimera, de um gás incolor, impalpável – prefiro o gás de iluminação – uma exalação, um vapor, uma fumaça. – Palavra de honra, minha escolha está feita, prefiro a do Champagne. – Ó Miguel Cervantes! por que nasceste dois séculos mais cedo? É ao teu imortal Dom Quixote que cabe reduzir o Espiritismo a pó. Ele brandiu sua lança valorosa contra os moinhos de vento. E, contudo, eles giravam muito bem! Como teria rachado de alto a baixo os armários falantes e sonantes? E tu, seu fiel escudeiro,

ilustre Sancho Pança, é a tua filosofia profunda, é a tua moral sublime que seria a única capaz de destrinchar essas graves teorias.

“C. Por mais que digais, senhores filósofos, negais o Espiritismo porque não sabeis o que fazer com ele, porque ele vos embaraça.

“J. Oh! ele não me causa nenhum embaraço, e bem sei o que faria se tivesse voz no capítulo. Espíritas, magnetistas, sonâmbulos, armários, mesas falantes, chapéus girantes, com as cabeças que sombreiam, eu os mandaria todos passar uma temporada... no hospício.”

“Algumas pessoas ficarão admiradas, talvez escandalizadas, de ver os alunos do colégio de Chartres abordarem, sem outras armas além da anedota, uma questão que se intitula *a mais séria dos tempos modernos*. Francamente, depois da aventura recentíssima dos irmãos Davenport, pode-se censurar a juventude por se divertir com essa mistificação? É a idade sem piedade.

“Poder-se-ia, sem dúvida, voltando a uma de suas frases de empréstimo, ensinar a esses rapazes astuciosos que as grandes descobertas muitas vezes passam pela rocha Tarpéia antes de chegar ao Capitólio, e que, para o Espiritismo, o dia da reabilitação talvez não esteja longe. Os jornais já nos anunciam que um músico de Bruxelas, que também é espírita, pretende estar em contato com os Espíritos de todos os compositores mortos; que nos vai transmitir suas inspirações, e que em breve teremos obras *verdadeiramente* póstumas dos Beethoven, dos Mozart, dos Weber, dos Mendelssohn...! Pois bem! seja; esses estudantes são de boa composição: quiseram rir, riram; quando for tempo de pedir desculpas, pedirão.”

Ignoramos com que objetivo permitiram fosse tratada essa questão numa solenidade de colégio; duvidamos, no entanto, que seja por simpatia pelo Espiritismo, e com vistas a propagá-lo

entre os alunos. Alguém dizia a respeito que isto parecia com certas conferências em uso em Roma, nas quais há o advogado de Deus e o advogado do diabo. Seja como for, é preciso convir que os dois campeões não eram muito fortes; sem dúvida teriam sido mais eloqüentes se conhecessem melhor o assunto que, como se vê, quase não o estudaram, a não ser em artigos de jornais a propósito dos irmãos Davenport. O fato não deixa de ter sua importância; porém, se o objetivo foi desviar a juventude do estudo do Espiritismo, duvidamos muito que tenha sido atingido, porque os jovens são curiosos. Até agora o nome do Espiritismo não tinha transposto senão clandestinamente a porta dos colégios, e aí só era pronunciado aos cochichos. Ei-lo agora oficialmente instalado nos bancos, onde fará o seu caminho. Já que a discussão é permitida, terão que estudar; é tudo o que pedimos. A esse propósito as reflexões do jornal são extremamente judiciosas.

Uma Visão de Paulo I⁹

O czar Paulo I, que então era apenas o grão-duque Paulo, encontrando-se numa reunião com alguns amigos, em Bruxelas, onde falavam de fenômenos considerados sobrenaturais, narrou o seguinte fato¹⁰:

“Uma tarde, ou antes, uma noite, eu estava nas ruas de São Petersburgo, com Kourakin e dois criados. Ficamos muito tempo a conversar e a fumar e nos veio a idéia de sair do palácio, incógnitos, para ver a cidade ao luar. Não fazia frio e os dias se alongavam; era um desses momentos mais suaves de nossa primavera, tão pálida em comparação com as do Sul. Estávamos alegres; não pensávamos em nada de religioso, nem mesmo sério, e Kourakin me dizia mil anedotas sobre os raros transeuntes que

9 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 527.

10 Extraído do *Grand Journal*, de 3 de março de 1866 e tirado de uma obra do Sr. Hortensius de Saint Albin, intitulada: *O Culto de Satã*.

encontrávamos. Eu andava à frente, embora um dos nossos me precedesse; Kourakin ficava alguns passos atrás e o outro doméstico nos seguia um pouco mais longe. A lua estava clara, a ponto de se poder ler uma carta, e as sombras, por oposição, eram longas e espessas.

“Ao virar uma rua percebi, no vão de uma porta, um homem alto e magro, envolto num manto, como um espanhol, com um chapéu militar desabado sobre os olhos. Parecia esperar, e desde que passamos à sua frente, saiu de seu refúgio e se postou à minha esquerda, sem dar uma palavra, sem fazer um gesto. Era impossível distinguir seus traços; apenas os seus passos, esbarrando nas lajes, produziam um som estranho, semelhante ao de uma pedra que bate em outra. A princípio fiquei admirado com esse encontro; depois, pareceu-me que todo o lado que ele quase tocava se esfriava pouco a pouco. Senti um calafrio glacial penetrar meus membros e, voltando-me para Kourakin, disse-lhe:

“Eis um singular companheiro que temos! – Que companheiro? perguntou ele. – Mas este que marcha à minha esquerda e que faz muito barulho, creio.

“Kourakin abriu os olhos espantados e garantiu-me que à minha esquerda não via ninguém. – Como! não vês à minha esquerda um homem com manto, entre mim e a parede? – Vossa Alteza toca a própria parede e não há lugar para ninguém entre vós e a parede.

“Estirei um pouco o braço e, com efeito, senti a pedra. Contudo, o homem lá estava, sempre marchando com o mesmo passo de martelo, regulado pelo meu. Então o examinei atentamente e vi brilhar sob o chapéu, de forma singular, como disse, o olho mais cintilante que jamais encontrei. Este olho me olhava, me fascinava; eu não podia fugir de seu raio. Ah! disse eu a Kourakin, não sei o que sinto, mas é estranho!

“Eu tremia, não de medo, mas de frio. Pouco a pouco sentia o coração tomado por uma impressão que nada pode traduzir. Meu sangue congelava nas veias. De repente uma voz cavernosa e melancólica saiu desse manto que ocultava a sua boca e me chamou pelo nome: ‘Paulo!’ Respondi maquinalmente, impelido não sei por que força: ‘Que queres?’ – ‘Paulo!’ repetiu ele. E desta vez o acento era mais afetuoso e mais triste ainda. Nada repliquei, esperei, ele me chamou de novo e em seguida parou simplesmente. Fui constrangido a fazer o mesmo. ‘Paulo! pobre Paulo! pobre príncipe!’

Virei-me para Kourakin, que também havia parado. ‘Ouves?’ perguntei-lhe – ‘Nada absolutamente, senhor; e vós?’ Quanto a mim eu escutava; o lamento ainda ressoava aos meus ouvidos. Fiz um esforço imenso e perguntei a esse ser misterioso quem era e o que queria. ‘Pobre Paulo! quem sou eu? Sou aquele que se interessa por ti. O que quero? quero que não te ligués muito a este mundo, pois aí não ficarás muito tempo. Vive como justo, se desejares morrer em paz; e não desprezes o remorso: é o suplício mais pungente das grandes almas.’

“Retomou seu caminho, olhando-me sempre com aquele olho que parecia destacar-se da cabeça e, assim como eu tinha sido forçado a parar como ele, fui forçado a andar como ele. Não me falou mais, nem senti vontade de lhe dirigir a palavra. Eu o seguia, pois era ele quem dirigia a marcha, e essa corrida durou ainda mais de uma hora, em silêncio, sem que eu pudesse dizer por onde havia passado. Kourakin e os lacaios não chegavam. Olhai-o sorrindo: ele ainda pensa que sonhei tudo isto.

“Finalmente, nós nos aproximamos da Grande Praça, entre a ponte do Neva e o Palácio dos Senadores. O homem foi direto para um ponto dessa praça, seguido por mim, bem entendido, onde se deteve. ‘Paulo, adeus. Não me verás aqui, nem em outros lugares.’ Depois, como se lhe tivesse tocado, seu chapéu

ergueu-se de leve, sozinho; então eu distingui facilmente o seu rosto. Recuei, mau grado meu: era o olho de águia, era a fronte trigueira, o sorriso severo de meu avô Pedro, o Grande. Antes que me recobrasse da surpresa, de meu terror, ele havia desaparecido.

“É nesta mesma praça que a imperatriz manda erigir o monumento célebre, que logo causará admiração em toda a Europa, e que representa o czar Pedro a cavalo. Um imenso bloco de granito é a base desta estátua. Não fui eu quem designou à minha mãe aquele lugar, escolhido, ou melhor, adivinhado previamente pelo fantasma. E confesso que aí encontrando essa estátua, não sei que sentimento apoderou-se de mim. *Tenho medo de ter medo*, apesar de o príncipe Kourakin querer persuadir-me de que eu sonhei acordado, passeando pelas ruas. Lembro-me dos mínimos detalhes desta visão, pois foi uma visão, insisto em sustentar. Parece-me que ainda estou lá. Retornei ao palácio, alquebrado como se tivesse feito uma longa caminhada e literalmente gelado do lado esquerdo. Precisei de várias horas para me aquecer num leito muito quente e debaixo de cobertores.”

Mais tarde o grão-duque Paulo lamentou ter falado desta aventura e se esforçou por fazê-la passar como pilhéria, mas as preocupações que ela lhe causou fizeram pensar que ela continha algo de sério.

Depois de lido este fato na Sociedade de Paris, mas sem intenção de fazer qualquer pergunta a respeito, um dos médiuns, espontaneamente e sem evocação, obteve a comunicação seguinte:

(Sociedade de Paris, 9 de março de 1866 – Médiun: Sr. Morin)

Na nova fase em que entrastes, com a chave dada pelo Espiritismo, ou revelação dos Espíritos, tudo deve explicar-se, pelo menos o que estais aptos a compreender.

A existência da mediunidade vidente foi a primeira de todas as faculdades conferidas ao homem para se corresponder com o mundo invisível, causa de tantos fatos até hoje deixados sem explicação racional. Com efeito, retornai às diferentes idades da Humanidade, e observai com atenção todas as tradições que chegaram até vós, e por toda parte, nas que vos precederam, encontrareis seres que, através da visão, foram postos em relação com o mundo dos Espíritos.

Em todos os tempos, em todos os povos, as crenças religiosas se estabeleceram sobre as revelações de visionários ou médiuns videntes.

Muito pequenos por si mesmos, os homens sempre foram assistidos por aqueles invisíveis que os tinham precedido na erraticidade e que, obedientes à lei de reciprocidade universal, lhes vinham trazer, por comunicações muitas vezes inconscientes, os conhecimentos por eles adquiridos, e lhes traçar a conduta a seguir para descobrir a verdade.

Como disse, a primeira das faculdades mediúnicas foi a visão. Quantos adversários não encontrou ela entre os interessados de todos os tempos! Mas não se deveria inferir de minha linguagem que todas as visões sejam resultado de comunicações reais; muitas se devem à alucinação de cérebros enfraquecidos ou resultam de um complô urdido para servir a um cálculo ou satisfazer ao orgulho.

Crede-me, o médium vidente é, de todos, o mais impressionável; o que se viu grava-se melhor no espírito. Quando o vosso grão-duque¹¹, fanfarrão e vão como a maior parte dos de sua raça, viu aparecer-lhe o seu avô, pois era mesmo uma visão, que tinha sua razão de ser na missão que Pedro, o Grande, tinha aceitado em favor de seu neto, e que consistia em o conduzir e

11 Vários russos assistiam à sessão na qual esta comunicação foi dada. Sem dúvida foi o que motivou a expressão: *Vosso grão-duque*.

inspirar, desde esse instante a mediunidade foi permanente no duque e só o medo do ridículo o impediu de contar todas as visões ao seu amigo.

A mediunidade vidente não era a única que ele possuía; também tinha a intuição e a audição. Mas, muito imbuído dos princípios de sua primeira educação, recusou-se a tirar proveito das sábias advertências que lhe davam seus guias. Foi pela audição que teve a revelação de seu fim trágico. Desde essa época, seu Espírito progrediu muito. Hoje não temeria mais o ridículo de crer na visão e, por isto, vem dizer:

“Graças aos meus caros instrutores espirituais e à observação dos fatos, creio na manifestação dos Espíritos, na sobrevivência da alma, na eterna onipotência de Deus, na progressão constante para o bem dos homens e dos povos e me tenho por muito honrado que uma de minhas puerilidades tenham provocado uma dissertação onde tenho tudo a ganhar e vós nada a perder.”

Paulo

O Despertar do Sr. de Cosnac

Nosso colega da Sociedade de Paris, Sr. Leymarie, tendo ido fazer uma viagem a Corrèze, aí se entretinha freqüentemente sobre o Espiritismo, recebendo várias comunicações mediúnicas, entre as quais a que damos abaixo, e que, certamente, não podia estar em seu pensamento, pois ignorava se um dia qualquer tinha havido no mundo um indivíduo chamado Cosnac. Essa comunicação é notável porque pinta a posição singular de um Espírito que, desde dois séculos e meio não se julgava vivo, embora se achasse sob a impressão das idéias e da visão das coisas de seu tempo, sem se aperceber quanto tudo tinha mudado desde então.

(Tulle, 7 de março de 1866)

Há dois séculos e meio que, inconsciente de minha posição, vejo sem cessar o castelo-forte de meus antepassados, os fossos profundos, o senhor de Cosnac sempre ligado ao seu rei, ao seu nome, às suas lembranças de grandeza; há pajens e valetes por toda parte; homens de armas partindo para uma expedição secreta. Sigo todos esses movimentos, todo esse ruído; ouço os gemidos dos prisioneiros e dos colonos, dos servos temerosos, que passam humildemente em frente à casa do senhor; e tudo isto não passa de um sonho!...

Hoje meus olhos se abriram para ver tudo ao contrário o meu sonho secular! Vejo uma grande habitação burguesa, mas sem linhas de defesa; tudo está calmo. As grandes árvores desapareceram; dir-se-ia que uma mão de fada transformou a residência feudal e a paisagem agreste que a cerca. Por que essa mudança?... Então o nome que trago desapareceu e com ele o bom velho tempo?... Ai! é preciso perder os meus sonhos, os meus desejos, as minhas ficções, porque um novo mundo acaba de me ser revelado! Outrora bispo, orgulhoso de meus títulos, de minhas alianças, conselheiro de um rei, não admitia senão nossas personalidades, senão um Deus criando raças privilegiadas, a quem o mundo pertencia de direito, senão um nome que devia perpetuar-se e, como base desse sistema, a compressão e o sofrimento para o servo e para o artesão.

Algumas palavras puderam despertar-me!... Uma atração involuntária (outrora eu teria dito diabólica) atraiu-me para aquele que escreve. Ele discutiu com um padre que emprega, para defender a Igreja, todos os argumentos que outrora eu repetia, enquanto ele se serve de palavras novas, que explica simplesmente e – devo confessar? é seu raciocínio que permite que meus olhos vejam e meus ouvidos escutem.

Para ele eu percebo as coisas tais quais são e, o que é mais estranho, depois de ter seguido em mais de um lugar onde ele defende o Espiritismo, eu volto ao sentimento de minha existência como Espírito; aprecio melhor, defino melhor as grandes leis do verdadeiro e do justo; rebaixo o meu orgulho, causa da catarata que me turvou a razão, meu juízo, durante dois séculos e meio e, contudo, vide a força do hábito, do orgulho de raça!... apesar da mudança radical operada nos bens de meus avós, nos costumes, nas leis e no governo; malgrado as conversas do médium que transmite meu pensamento, a despeito de minha visita aos grupos espíritas de Paris, e mesmo aos dos Espíritos que se preparam para a emigração para mundos adiantados, ou para reencarnações terrenas, foram-me necessários oito dias de reflexão para me render à evidência.

Nesse longo combate entre um passado desaparecido e o presente que nos empurra para as grandes esperanças, minhas resistências caíram, uma a uma, como as velhas armaduras quebradas de nossos antigos cavaleiros. Venho fazer ato de fé ante a evidência, e eu, *de Cosnac*, antigo bispo, afirmo que vivo, sinto, julgo. Esperando minha reencarnação, preparo minhas armas espirituais; sinto Deus em toda parte e em tudo; não sou um demônio, recuso meu orgulho de casta e em meu envoltório fluídico rendo homenagem ao Deus criador, ao Deus de harmonia que chama a si todos os seus filhos, a fim de que, depois de vidas mais ou menos acidentadas, cheguem purificados nas esferas etéreas onde esse Deus tão magnânimo os fará gozar da suprema sabedoria.

De Cosnac

Nota – O penúltimo arcebispo de Sens chamava-se Joseph-Marie-Victoire *de Cosnac*; tinha nascido em 1764, no castelo *de Cosnac*, no Limousin e aí morreu em 1843. O *Boletim da Sociedade Arqueológica de Sens*, tomo 7, página 301, diz que ele era o décimo

primeiro prelado que sua família tinha dado à Igreja. Assim, nada há de impossível que um bispo desse nome tenha existido no começo do século dezessete.

Pensamentos Espíritas

POESIA DO SR. EUGÈNE NUS

As estrofes seguintes são tiradas da obra *Os Dogmas Novos*, do Sr. Eugène Nus. Embora não seja uma obra mediúnica, certamente nos irão agradecer a sua reprodução por causa dos pensamentos aí expressos de modo tão gracioso. Sob o título de *Os Grandes Mistérios*, o mesmo autor publicou ultimamente uma outra obra notável, a que nos reportaremos e na qual se acham todos os princípios fundamentais da Doutrina Espírita, como solução racional.

Ó amados mortos, que esta terra
Vos vê, conosco misturados,
Mostrai-nos que mistério encerra:
Aonde viveis, mortos amados?

Globos que brilhais a povoar o espaço,
Irmãs desta terra, estrelas dos céus,
Qual de vós me dá no além um regaço,
Destino de sombra ou de glória véus?
E qual de vós tem recebido as almas
Daqueles que amava e os tenho perdido?
De vós branco raio e de luzes calmas,
Sobre o meu ser a sonhar tem descido?

Ligados, então, à sorte da terra
Quer pelo destino ou seu bem-estar,
São eles levados ao que ela encerra
De justo no instante de retornar?
Ou mais perto ainda, Almas invisíveis,
Que estando entre nós buscais nos servir,
Concórdia pregando aos seres sensíveis,
Chorando por quem é surdo em ouvir?

Mistério profundo o da alma infinita!
Já faz quanto tempo eu te busco em vão.
De pálida fronte a vida me agita
Sem poder achar de Deus a razão.

Ó mortos queridos, onde estejais!
Vinde vós a mim perto ou longe até;
Vossa oculta voz já cedi demais;
E vosso calor aqueceu-me a fé.

Ó amados mortos, que esta terra
Vos vê, conosco misturados,
Mostrai-nos que mistério encerra:
Aonde viveis, mortos amados?

Carta do Sr. F. Blanchard ao Jornal *Liberté*

Pedem-nos a inserção da carta seguinte, dirigida ao Sr. redator-chefe do jornal *Liberté*.

“Senhor,

“Sem dúvida é preciso preencher as colunas de um jornal, mas quando esse *adorno* está cheio de insultos dirigidos aos que não pensam como os vossos redatores, pelo menos o que escreveu essa mediocridade a respeito dos irmãos Davenport, número de segunda-feira, é permitido achar mau dar o seu dinheiro aos que não temem vos tratar de tolo, ignorante, etc. Ora, eu sou espírita e dou graças a Deus. Assim, quando vencer minha assinatura de vosso jornal, ficai certo de que não será renovada.

“Vossa folha traz um título sublime; não mintais, pois, a esse título e sabeí que essa palavra implica o respeito às opiniões de cada um. Não esqueçais, sobretudo, que *Liberdade* e *Espiritismo* é absolutamente a mesma coisa. Essa sinonímia vos espanta? Lede, estudai essa doutrina que vos parece tão negra; então podereis

prestar um serviço à *Verdade* e à *Liberdade*, que empunhais tão alto, mas que ofendeis.”

Florentin Blanchard, livreiro, em Marennes

“P. S. – Se minha assinatura não vos parecer muito legível, a chancela que fecha esta carta vos elucidará.”

Notas Bibliográficas

SOU ESPÍRITA? – por Sylvain Alquié, de Toulouse; brochura in-12, preço: 50 c. Toulouse, livraria Caillol et Baylac, 34, rue de la Pomme

O autor, novo adepto, só conhecia o Espiritismo pelas diatribes dos jornais a propósito dos irmãos Davenport, quando o primeiro artigo publicado pelo jornal *Discussão* (Vide a *Revista Espírita* de fevereiro de 1866), lhe tendo caído sob os olhos, no café, fê-lo ver sob outra luz e o levou a estudar. São essas impressões que ele descreve em sua brochura; passa em revista os raciocínios que o levaram à crença, a cada um dos quais pergunta: *Sou espírita?* Sua conclusão é resumida no último capítulo por estas simples palavras: *Eu sou espírita*. Escrita com elegância, clareza e convicção, esta brochura é uma profissão de fé sabiamente raciocinada; merece as simpatias de todos os adeptos sinceros, aos quais consideramos um dever recomendá-la, lamentando que a falta de espaço nos impeça de justificar a nossa apreciação por meio de algumas citações.

CARTA AOS SRS. DIRETORES E REDATORES DOS JORNAIS ANTIESPÍRITAS

Por A. Grelez, oficial de administração aposentado. Brochura in-8º ;
preço: 50 c. – Paris, Bordeaux, nas principais livrarias

Esta carta, ou melhor, estas cartas, datadas de Sétif (Argélia), foram publicadas pela *União Espírita Bordelense*, em seus números 34, 35 e 36. É uma exposição clara e sucinta dos princípios da doutrina, em resposta às diatribes de certos

jornalistas, cujas falsas e injustas apreciações o autor refuta em termos educados. Ele não se gaba de os converter, mas essas refutações, multiplicadas nas brochuras baratas, têm a vantagem de esclarecer as massas sobre o verdadeiro caráter do Espiritismo e mostrar que ele encontra defensores sérios em toda parte, que não precisam senão do raciocínio para combater os seus adversários. Devemos, pois, agradecimentos ao Sr. Grelez e felicitações à *União Espírita Bordelense* por haver tomado a iniciativa desta publicação.

FILOSOFIA ESPÍRITA extraída do divino

O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec;

Por Augustin Babin, de Cognac. 1 vol. In-12 de 200 páginas; preço: 1 fr.

O GUIA DA FELICIDADE, ou *Deveres gerais do homem por amor a Deus*;

Pelo mesmo. Brochura in-12 de 100 páginas; preço: 60 c.

NOÇÕES DE ASTRONOMIA científica, psicológica e moral,
pelo mesmo.

Brochura in-12 de 100 páginas; preço: 75 c. – Angoulême,

Livraria Nadaud et Cie., 26, muralha Desaix.

Faremos notar que o epíteto de *divino* é dado a *O Livro dos Espíritos* pelo autor, e não por nós. Caracteriza a maneira pela qual ele encara a questão. O Sr. Babin é um espírita de velha data, que leva a doutrina a sério, do ponto de vista moral. Essas três obras são fruto de uma convicção profunda, inalterável e ao abrigo de toda flutuação. Não é um entusiasta, mas um homem que hauriu no Espiritismo tantas forças, consolações e felicidade, que considera como um dever ajudar a propagar uma crença que lhe é cara. Seu zelo é ainda mais meritório, porque totalmente desinteressado. Declara pôr os seus livros no domínio público, com a condição de neles nada ser mudado nem ter o preço aumentado. Houve por bem colocar à nossa disposição uma centena de exemplares, para distribuição gratuita, pelo que lhe rogamos aceitar os nossos mui sinceros agradecimentos.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

MAIO DE 1866

Nº 5

Deus Está em toda parte

Como é que Deus, tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, pode imiscuir-se em detalhes ínfimos, preocupar-se com os menores atos e os menores pensamentos de cada indivíduo? Tal é a pergunta que muitas vezes se faz.

Em seu estado atual de inferioridade, só dificilmente os homens podem compreender Deus infinito, porque eles próprios são finitos, limitados, razão por que o imaginam finito e limitado como eles mesmos; representando-o como um ser circunscrito, dele fazem uma imagem à sua semelhança. Pintando-o com traços humanos, nossos quadros não contribuem pouco para alimentar este erro no espírito das massas, que nele mais adoram a forma que o pensamento. É para o maior número um soberano poderoso, sobre um trono inacessível, perdido na imensidade dos céus, e porque suas faculdades e percepções são restritas não compreendem que Deus possa ou haja por bem intervir diretamente nas menores coisas.

Na incapacidade em que se acha o homem de compreender a essência mesma da Divindade, desta não pode fazer

senão uma idéia aproximada, auxiliado por comparações necessariamente muito imperfeitas, mas que podem, ao menos, mostrar-lhe a possibilidade do que, à primeira vista, lhe parece impossível.

Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar todos os corpos. É evidente que cada molécula desse fluido produzirá sobre cada molécula da matéria com a qual está em contato uma ação idêntica à que produziria a totalidade do fluido. É o que a Química nos mostra a cada passo.

Sendo *ininteligente*, esse fluido age mecanicamente apenas pelas forças materiais. Mas se supusermos esse fluido dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, ele agirá, não mais cegamente, mas com discernimento, com vontade e liberdade; verá, ouvirá e sentirá.

As propriedades do fluido perispiritual dele podem dar-nos uma idéia. Ele não é inteligente por si mesmo, desde que é matéria, mas é o veículo do pensamento, das sensações e das percepções do Espírito. É em consequência da sutileza desse fluido que os Espíritos penetram em toda parte, perscrutam os nossos pensamentos, vêem e agem a distância; é a esse fluido, chegado a um certo grau de depuração, que os Espíritos superiores devem o dom da ubiqüidade; basta um raio de seu pensamento dirigido para diversos pontos para que eles possam aí manifestar sua presença simultaneamente. A extensão dessa faculdade está subordinada ao grau de elevação e de depuração do Espírito.

Mas sendo os Espíritos, por mais elevados que sejam, criaturas limitadas em suas faculdades, seu poder e a extensão de suas percepções não poderiam, sob esse aspecto, aproximar-se de Deus. Contudo, eles nos podem servir de ponto de comparação. O que o Espírito não pode realizar senão num limite restrito, Deus, que é infinito, o realiza em proporções infinitas. Há, ainda, esta

diferença: a ação do Espírito é momentânea e subordinada às circunstâncias, enquanto a de Deus é permanente; o pensamento do Espírito só abarca um tempo e um espaço circunscritos, ao passo que o de Deus abarca o Universo e a eternidade. Numa palavra, entre os Espíritos e Deus há a distância do finito ao infinito.

O fluido perispiritual não é o pensamento do Espírito, mas o agente e o intermediário desse pensamento. Como é o fluido que o transmite, dele está, de certo modo, impregnado; e na impossibilidade em que nos achamos de isolar o pensamento, ele não parece fazer senão um com o fluido, assim como o som parece ser um com o ar, de sorte que podemos, a bem dizer, materializá-lo. Do mesmo modo que dizemos que o ar se torna sonoro, poderíamos, tomando o efeito pela causa, dizer que o fluido tornasse inteligente.

Seja ou não seja assim o pensamento de Deus, isto é, quer ele aja diretamente ou por intermédio de um fluido, para facilitar a nossa compreensão vamos representar este pensamento sob a forma concreta de um fluido inteligente, enchendo o Universo infinito, penetrando todas as partes da Criação: a Natureza inteira está mergulhada no *fluido divino*; tudo está submetido à sua ação inteligente, à sua providência, à sua solicitude; nenhum ser, por mais ínfimo que seja, que dele não esteja, de certo modo, saturado.

Assim, estamos constantemente em presença da Divindade. Não há uma só de nossas ações que possamos subtrair ao seu olhar; nosso pensamento está em contato com o seu pensamento e é com razão que se diz que Deus lê nos mais profundos recônditos do nosso coração; *estamos nele como ele está em nós*, segundo a palavra do Cristo. Para entender sua solicitude sobre as menores criaturas, ele não tem necessidade de mergulhar seu olhar do alto da imensidade, nem deixar *sua morada de glória*, pois

essa morada está em toda parte. Para serem ouvidas por ele, nossas preces não precisam transpor o espaço, nem serem ditas com voz retumbante, porque, incessantemente penetrados por ele, nossos pensamentos nele repercutem.

A imagem de um fluido inteligente universal evidentemente não passa de uma comparação, mais própria a dar uma idéia mais justa de Deus que os quadros que o representam sob a figura de um velho de longas barbas, envolto num manto. Não podemos tomar nossos pontos de comparação senão nas coisas que conhecemos; é por isto que dizemos diariamente: o olho de Deus, a mão de Deus, a voz de Deus, o sopro de Deus, a face de Deus. Na infância da Humanidade o homem toma estas comparações ao pé da letra; mais tarde seu espírito, mais apto a apreender as abstrações, espiritualiza as idéias materiais. A de um fluido universal inteligente, penetrando tudo, como seria o fluido luminoso, o fluido calórico, o fluido elétrico ou quaisquer outros, se fossem inteligentes, tem o objetivo de fazer compreender a possibilidade, para Deus, de estar em toda parte, de ocupar-se de tudo, de velar pelo pé de erva como pelos mundos. Entre ele e nós a distância foi suprimida; compreendemos sua presença, e este pensamento, quando a ele nos dirigimos, aumenta a nossa confiança, porque não podemos dizer mais que Deus esteja muito longe e seja muito grande para se ocupar de nós. Mas este pensamento, tão consolador para o humilde, para o homem de bem, é terrível para o mau e para o orgulhoso endurecidos, que a ele esperavam subtrair-se em favor da distância, e que, doravante, sentir-se-ão sob o domínio de seu poder.

Para o princípio da soberana inteligência, nada impede admitir um centro de ação, um foco principal irradiando sem cessar, inundando o Universo com os seus eflúvios, como o Sol com a sua luz. Mas onde está esse foco? É provável que não esteja mais fixado num ponto determinado do que a sua ação. Se simples Espíritos têm o dom da ubiqüidade, em Deus esta faculdade não

deve ter limites. Enchendo Deus o Universo, poder-se-ia admitir, a título de hipótese, que esse foco não necessita transportar-se, e que *se forme* em todos os pontos onde sua soberana vontade julgue conveniente produzir-se, donde se poderia dizer que está em toda parte e em parte alguma.

Diante desses problemas insondáveis, nossa razão deve humilhar-se. Deus existe: é indubitável; é infinitamente justo e bom: é sua essência; sua solicitude se estende a tudo: nós o compreendemos agora; incessantemente em contato com ele, podemos orar a ele com a certeza de sermos ouvido; ele não pode querer senão o nosso bem, razão por que devemos confiar nele. Eis o essencial; para o resto, esperemos que sejamos dignos de o compreender.

A Visão de Deus¹²

Se Deus está em toda parte, por que não o vemos? Vê-lo-emos quando deixarmos a Terra? Também são perguntas que se formulam todos os dias.

A primeira é fácil responder. Por serem limitadas as percepções dos nossos órgãos visuais, elas os tornam inaptos à visão de certas coisas, mesmo materiais. Alguns fluidos nos fogem totalmente à visão e aos instrumentos de análise. Vemos os efeitos da peste, mas não vemos o fluido que a transporta; vemos os corpos em movimento sob a influência da força de gravitação, mas não vemos essa força.

Os nossos órgãos materiais não podem perceber as coisas de essência espiritual. Unicamente com a visão espiritual é que podemos ver os Espíritos e as coisas do mundo imaterial. Somente a nossa alma, portanto, pode ter a percepção de Deus.

12 N. do T.: Vide *A Gênese*, capítulo II, itens 31 a 37.

Dar-se-á que ela o veja logo após a morte? A esse respeito, só as comunicações de além-túmulo nos podem instruir. Por elas sabemos que a visão de Deus constitui privilégio das mais depuradas almas e que bem poucas, ao deixarem o envoltório terrestre, se encontram no grau de desmaterialização necessária a tal efeito. Algumas comparações vulgares o tornarão facilmente compreensível.

Uma pessoa que se ache no fundo de um vale, envolvido por densa bruma, não vê o Sol. Entretanto, pela luz difusa, percebe que está fazendo sol. Se se dispõe a subir a montanha, à medida que for ascendendo, o nevoeiro se irá tornando mais claro, a luz cada vez mais viva. Contudo, ainda não verá o Sol. Quando começa a percebê-lo ainda está velado, pois basta o mais leve vapor para enfraquecer o seu brilho. Só depois que se haja elevado acima da camada brumosa e chegado a um ponto onde o ar esteja *perfeitamente límpido*, ela o contemplará em todo o seu esplendor.

Dá-se outro tanto com aquele que tivesse a cabeça envolta por vários véus. A princípio não vê absolutamente nada; a cada véu que se retira, distingue um clarão cada vez mais nítido; apenas quando desaparece o último véu é que percebe as coisas claramente.

Também se dá o mesmo com um licor carregado de matérias estranhas; de começo fica turvo; a cada destilação sua transparência aumenta até que, estando completamente depurado, adquire perfeita limpidez e não apresenta nenhum obstáculo à visão.

Assim é com a alma. O envoltório perispirítico, conquanto nos seja invisível e impalpável, é, com relação a ela, verdadeira matéria, ainda grosseira demais para certas percepções. Ele, porém, se espiritualiza, à medida que a alma se eleva em moralidade. As imperfeições da alma são como véus que

obscurecem sua visão. Cada imperfeição de que ela se desfaz é um véu a menos; todavia, só depois de se haver depurado completamente é que goza da plenitude das suas faculdades.

Sendo Deus a essência divina por excelência, unicamente os Espíritos que atingiram o mais alto grau de desmaterialização o podem perceber em todo o seu esplendor. Pelo fato de não o verem, não se segue que os Espíritos imperfeitos estejam *mais distantes dele do que os outros*; esses Espíritos, como os demais, como todos os seres da Natureza, se encontram mergulhados no fluido divino, do mesmo modo que nós o estamos na luz; os cegos também estão mergulhados na luz e, contudo, não a vêem. As imperfeições são véus que ocultam Deus à visão dos Espíritos inferiores. Quando o nevoeiro se dissipar, vê-lo-ão resplandecer. Para isso, não lhes é preciso subir, nem procurá-lo nas profundezas do infinito. Desimpedida a visão espiritual das belas morais que a obscureciam, eles o verão de todo lugar onde se achem, mesmo da Terra, porquanto Deus está em toda parte.

O Espírito só se depura com o tempo, sendo as diversas encarnações o alambique em cujo fundo deixa de cada vez algumas impurezas. Com o abandonar o seu invólucro corpóreo, os Espíritos não se despojam instantaneamente de suas imperfeições, razão por que, depois da morte, não vêem a Deus mais do que o viam quando vivos; mas, à medida que se depuram, têm dele uma intuição mais clara. Não o vêem, mas compreendem-no melhor; a luz é menos difusa. Quando, pois, alguns Espíritos dizem que Deus lhes proíbe respondam a uma dada pergunta não é que Deus lhes apareça, ou dirija a palavra, para lhes ordenar ou proibir isto ou aquilo, não; eles, porém, o sentem; recebem os eflúvios do seu pensamento, como nos sucede com relação aos Espíritos que nos envolvem em seus fluidos, embora não os vejamos.

Nenhum homem, conseguintemente, pode ver a Deus com os olhos da carne. Se essa graça fosse concedida a alguns, só

o seria no estado de êxtase, quando a alma se acha tão despreendida dos laços da matéria que torna possível o fato durante a encarnação. Tal privilégio, aliás, exclusivamente pertenceria a almas de eleição, encarnadas em missão, que não em expiação. Mas, como os Espíritos da mais elevada categoria refulgem de ofuscante brilho, pode dar-se que Espíritos menos elevados, encarnados ou desencarnados, maravilhados com o esplendor de que aqueles se mostram cercados, suponham estar vendo o próprio Deus. É como quem vê um ministro e o toma pelo seu soberano.

Sob que aparência se apresenta Deus aos que se tornaram dignos de vê-lo? Será sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana, ou como um foco de resplendente luz? A linguagem humana é impotente para dizê-lo, porque não existe para nós nenhum ponto de comparação capaz de nos facultar uma idéia de tal coisa. Somos quais cegos de nascença a quem procurassem inutilmente fazer compreendessem o brilho do Sol. A nossa linguagem é limitada pelas nossas necessidades e pelo círculo das nossas idéias; a dos selvagens não poderia descrever as maravilhas da civilização; a dos povos mais civilizados é extremamente pobre para descrever os esplendores dos céus, a nossa inteligência muito restrita para os compreender e a nossa vista, por muito fraca, ficaria deslumbrada.

Uma Ressurreição

O *Concorde*, jornal de Versalhes, de 22 de fevereiro de 1866, relata o episódio seguinte, de uma história publicada em folhetim, sob o título de: *Na Córsega, desenho à pena*.

Uma jovem tinha uma velha tia que lhe servia de mãe e à qual dedicava uma ternura filial. A tia adoeceu e morreu. Afastaram a jovem, mas esta se plantou à porta da câmara mortuária, chorando e orando. De repente julgou ouvir um grito

fraco e como um gemido surdo. Abriu a porta precipitadamente e viu a tia, que havia afastado o lençol com que a tinham coberto, e lhe fazia sinal para que se aproximasse. Então lhe disse com voz débil e fazendo um esforço supremo: “Savéria, há pouco eu estava morta... sim, morta... Vi o Senhor... Ele me permitiu voltar um instante a esta Terra, para te dizer um último adeus, fazer uma última recomendação.”

Então lhe renovou um conselho muito importante, que lhe tinha dado alguns dias antes, e do qual dependia o seu futuro. Tratava-se de guardar segredo absoluto sobre um fato, cuja divulgação devia provocar uma dessas terríveis vinganças tão comuns naquela região. Tendo a sobrinha prometido conformar-se à vontade da tia, esta acrescentou: “Agora posso morrer, pois Deus te protegerá como me protege nesta hora, porquanto, indo embora, não sentirei o desgosto de deixar atrás de mim uma vingança a saciar-se num rio de sangue e de maldições... Adeus, pobre filha, eu te abençôo.” Depois destas palavras, expirou.

Um dos nossos correspondentes, que conhece pessoalmente o autor, perguntou-lhe se o relato era fruto da sua imaginação. “Não, respondeu ele, é a pura verdade. Colhi o fato da boca da própria Savéria, quando eu estava na Córsega. Citei suas próprias palavras e ainda omiti certos detalhes, temendo que me acusassem de exagero.”

Os fatos desta natureza não são sem exemplo; citamos um notabilíssimo na *Revista* de agosto de 1863, sob o título de *O Sr. Cardon, médico*. Eles são a prova evidente da existência e da independência da alma, porque se o princípio inteligente fosse inerente à matéria, extinguir-se-ia com ela. A questão é saber se, por um ato da vontade, a alma pode entrar momentaneamente na posse do corpo que acaba de deixar.

Não se deve assimilar o fato acima, nem o do médico Cardon, ao estado letárgico. A letargia é uma suspensão accidental

da sensibilidade nervosa e do movimento que oferece a imagem da morte, mas que não é a morte, pois não há decomposição e os letárgicos viveram longos anos após o seu despertar. A vitalidade, por estar latente, não se acha menos em toda a sua força e a alma não está mais destacada do corpo que no sono ordinário. Na morte verdadeira, ao contrário, a matéria se desorganiza, a vitalidade se extingue, o perispírito se separa; o trabalho da dissolução começa antes mesmo que a morte se tenha efetivado. Enquanto ela não se consuma, pode haver retornos passageiros à vida, como os que citamos, *mas sempre de curta duração*, considerando-se que a vontade pode retardar por alguns instantes a separação definitiva do perispírito, mas é impotente para deter o trabalho da dissolução, quando chegado o momento. Sejam quais forem as aparências exteriores, pode-se dizer que todas as vezes que houver retorno à vida, é que não houve morte na aceção patológica do termo. Quando a morte é completa, esses retornos são impossíveis, pois a isto se opõem as leis fisiológicas.

Nas circunstâncias de que falamos, podia-se, pois, racionalmente admitir que a morte não se tivesse consumado. Tendo sido o fato relatado na Sociedade de Paris, o guia de um dos nossos médiuns habituais deu-lhe a explicação seguinte, que reproduzimos com toda reserva, como uma coisa possível, mas não materialmente provada, e a título de observação.

(Sociedade Espírita de Paris, 2 de março de 1866 – Médiun: Sr. Morin)

No caso que é objeto de vossa discussão, há um fato positivo, o da morta que falou à sua sobrinha. Resta saber se esse fato é do domínio material, isto é, se houve retorno momentâneo à vida corporal, ou se é de ordem espiritual; é esta última hipótese que é verdadeira, porque a velha tia estava realmente morta. Eis o que se passou:

Ajoelhada à porta da câmara mortuária, a jovem sofreu um impulso irresistível, que a levou para junto do leito da tia que,

como disse, estava realmente morta. Foi a ardente vontade do Espírito dessa mulher que provocou o fenômeno. Sentindo-se morrer sem poder fazer a recomendação tão vivamente desejada, ela pediu a Deus, numa última e suprema prece, que pudesse dizer à sobrinha o que lhe desejava dizer. Já estando feita a separação, o fluido perispiritual, ainda impregnado de seu desejo, envolveu a jovem e a arrastou para junto de seus despojos. Ali, por uma permissão de Deus, ela tornou-se médium vidente e audiente; viu e ouviu a tia, falando e agindo, não com o corpo, mas por meio do perispírito ainda aderido ao corpo. Portanto, houve visão e audição espirituais e não materiais.

A recomendação da tia, feita em tal momento e em circunstâncias que pareciam uma ressurreição, devia impressionar a jovem mais vivamente e fazê-la compreender melhor toda a importância. Embora já a tivesse feito em vida, queria levar a certeza de que sua sobrinha a isto se conformaria, para evitar as desgraças que teriam resultado de uma indiscrição. Sua vontade não pôde fazer reviver seu corpo, contrariando as leis da Natureza, mas foi capaz de dar ao seu invólucro fluídico as aparências de seu corpo.

Ebelman

Conversas de Além-Túmulo

O ABADE LAVERDET

O Sr. Laverdet era um dos pastores da Igreja francesa e coadjutor do abade Châtel. Era um homem de grande saber e que, pela elevação de seu caráter, gozava da estima dos que o conheceram. Morreu em Paris, no mês de novembro último. Um de seus mais íntimos amigos, o Sr. Monvoisin, o eminente pintor de história, espírita fervoroso, tendo desejado dele receber algumas palavras de além-túmulo, pediu-nos que o evocássemos. A

comunicação que ele deu tem para o seu amigo e para o seu irmão um selo incontestável de identidade, razão por que cedemos ao desejo expresso por esses dois senhores de a publicar, e isto com tanto mais vontade quanto ela é instrutiva sob mais de um aspecto.

(Sociedade de Paris, 5 de janeiro de 1866 – Médiun: Sr. Desliens)

Evocação – Vosso amigo, Sr. Monvoisin, informou-me hoje de vossa morte e, embora não tivéssemos tido o prazer de vos conhecer pessoalmente, conhecíamos a vossa reputação pela parte que tomastes na formação da Igreja francesa. A estima que gozáveis a justo título e o estudo que fizestes do Espiritismo antes de morrer, aliados ao desejo de vosso amigo e de vosso irmão, nos dão o de nos entretermos convosco, se Deus o permitir. Ficaremos contentes se quiserdes comunicar as vossas impressões como Espírito, seja pela reforma religiosa na qual trabalhastes e as causas que estancaram o seu progresso, seja sobre a Doutrina Espírita.

Resposta – Caro senhor, estou feliz, muito feliz pela boa lembrança de meu caro amigo Sr. Monvoisin. Graças a ele hoje posso, nesta honrada assembléia, expressar minha admiração pelo homem cujos sábios estudos levaram a felicidade a todos os corações deserdados e feridos pela injustiça dos homens. Reformador eu mesmo, mais que qualquer outro estou em posição de apreciar toda a prudência, toda a sabedoria de vossa conduta, caro senhor e mestre, se me permitirdes que vos dê este título.

Pouco satisfeito com as tendências gerais do clero ortodoxo, com a sua maneira parcimoniosa de espalhar a luz devida a todos, eu quis, de concerto com o abade Châtel, estabelecer um ensino sob novas bases, levando o título de religião, mas em relação com as necessidades gerais das classes pobres. Inicialmente nosso objetivo foi louvável, mas nosso empreendimento pecava pela base, por seu título, que era tal que deviam antes vir a nós para pregar peça à religião estabelecida, do que por convicção íntima. Logo o

reconhecemos, mas, muito fáceis, aceitamos com entusiasmo as crianças que rejeitavam outros padres, por falta de instrução suficiente ou das necessárias formalidades.

O Espiritismo procede de modo inteiramente diverso; é firme e prudente; não visa ao número, mas à qualidade dos adeptos. É um ensino sério e não uma especulação.

Nossa reforma, que desde o início era completamente desinteressada, logo foi considerada, sobretudo pelo abade Châtel, como um meio de enriquecer. Esta foi a principal causa de sua ruína. Não tínhamos bastantes elementos de resistência e, é preciso dizê-lo, infelizmente não dispúnhamos de intrigas suficientes para levar tal empresa a bom termo. O primeiro primaz francês não teve sucessor. Eu não tentei apresentar-me como chefe de uma seita, da qual tinha sido um dos fundadores de segunda ordem, porque, em primeiro lugar, eu não aprovava todas as tendências do abade Châtel, tendências que o caro homem expiou e ainda expia no mundo dos Espíritos. Por outro lado, minha simplicidade se repugnava com isto; abster-me e por isto hoje me sinto feliz.

Quando novamente me vieram propor a retomada da obra interrompida, a leitura de vossas obras, caro senhor, já havia lançado profundas raízes em mim. Compreendi que se tratava não só de modificar a forma do ensino, mas ainda o próprio ensino. Por sua natureza, nossa reforma não podia necessariamente ter senão um tempo; fundada sobre uma idéia imutável, sobre uma concepção humana, inteiramente desenvolvida e limitada em seu início, devia, mesmo com todas as chances de sucesso, achar-se logo ultrapassada pelas sementes progressistas, cuja germinação hoje vemos.

O Espiritismo não tem esta falta; marcha com o progresso, é o próprio progresso e não poderia ser ultrapassado por aquele que o precede constantemente. Aceitando todas as

idéias novas fundadas sobre a razão e a lógica, desenvolvendo-as e fazendo surgirem outras desconhecidas, seu futuro está assegurado. Permitti-me, caro senhor, vos agradecer em particular o prazer que experimentei ao estudar os sábios ensinamentos publicados sob os vossos cuidados. Meu espírito, perturbado pelo desejo de saber o que ocultavam todos os mistérios da Natureza, foi ferido, à sua leitura, pela mais viva luz.

Sei que, por modéstia, repelis todo elogio pessoal; também sei que esses ensinamentos não são concepção vossa, mas a reunião das instruções de vossos guias. Não obstante, não é menos à vossa prudente reserva, à vossa habilidade em apresentar cada coisa a seu tempo, à vossa sábia lentidão, à vossa moderação constante, que o Espiritismo deve, depois de Deus e dos Espíritos bons, gozar da consideração que lhe conferem. A despeito de todas as diatribes, de todos os ataques ilógicos e grosseiros, não deixa de ser hoje uma opinião que fez lei e que é aceita por numerosas pessoas sensatas e sérias, e ao abrigo de suspeitas. É uma obra do futuro; está sob a égide do Onipotente, e o concurso de todos os homens superiores e inteligentes lhe será conquistado, desde que conheçam suas verdadeiras tendências, desfiguradas pelos seus adversários.

Infelizmente o ridículo é uma arma poderosa neste país de progresso! Inúmeras pessoas esclarecidas se recusam a estudar certas idéias, mesmo em segredo, quando foram estigmatizadas por piadas ridículas. Mas há coisas que afrontam todos os obstáculos; o Espiritismo é uma delas e sua hora de vitória logo soará. Congregará em torno de si toda a França, toda a Europa inteligente, e bem tolos e confusos serão os que ainda ousarem levar à conta da imaginação fatos reconhecidos por inteligências excepcionais.

Quanto ao meu estado pessoal, presentemente é satisfatório; dele, pois, nada vos direi; apenas chamarei vossa

atenção e vossas preces para o meu antigo colega, o abade Châtel. Orai por ele. Mais tarde seu espírito transviado, mas elevado, poderá ditar-vos sábias instruções. Agradeço novamente a vossa benevolência para comigo e ponho-me à vossa disposição, se vos puder ser útil, seja no que for.

Abade Laverdet

UM PAI NEGLIGENTE COM OS FILHOS

Charles-Emmanuel **Jean** era um artesão bom e de caráter suave, mas dado à embriaguez desde a juventude. Tinha sido tomado de viva paixão por uma jovem de suas relações, e que inutilmente pedira em casamento. Ela o tinha sempre repellido, dizendo que jamais esposaria um bêbado. Casou-se com outra, da qual teve vários filhos; mas, absorvido pela bebida, não se preocupou com a educação deles, nem com o seu futuro. Morreu pelos idos de 1823, sem que soubessem em que se havia tornado. Um dos filhos seguiu os passos do pai; partiu para a África e dele não se ouviu mais falar. O outro era de natureza completamente diversa; sua conduta foi sempre regular. Entrando cedo no aprendizado, fez-se amado e estimado pelos patrões como operário qualificado, laborioso, ativo e inteligente. Por seu trabalho e suas economias, conquistou uma posição honrada na indústria e educou de maneira muito conveniente uma numerosa família. É hoje um espírito fervoroso e devotado.

Certo dia, numa conversa íntima, exprimia o pesar por não ter podido assegurar aos filhos uma fortuna independente; procuramos tranquilizar a sua consciência, felicitando-o, ao contrário, sobre a maneira pela qual havia cumprido seus deveres de pai. Como é bom médium, rogamos que pedisse uma comunicação, sem fazer apelo a um Espírito determinado. Escreveu:

“Sou eu, Charles-Emmanuel.”

É meu pai, disse ele. Pobre pai! não é feliz.

O Espírito continua: Sim, o mestre tem razão; fizeste mais por teus filhos do que eu por ti, por isso tenho uma tarefa rude a cumprir. Bendiz a Deus, que te deu o amor da família.

Pergunta [Pelo Sr. Allan Kardec] – Donde vinha vossa inclinação pela bebida?

Resposta – Um hábito de meu pai, que eu herdei. É uma provação que eu devia ter combatido.

Observação – Realmente, seu pai tinha o mesmo defeito, mas não é exato dizer que era um hábito que ele havia herdado; ele simplesmente cedeu à influência do mau exemplo. Não se herdam vícios de caráter, como se herdam malformações congênicas. O livre-arbítrio tudo pode sobre os primeiros e nada sobre os segundos.

P. – Qual a vossa posição atual no mundo dos Espíritos?

Resp. – Estou incessantemente à procura de meus filhos e daquela que tanto me fez sofrer; daquela que sempre me rejeitou.

P. – Deveis ter um consolo no vosso filho Jean, que é um homem honrado e estimado, e que ora por vós, embora pouco vos tivésseis ocupado dele.

Resp. – Sim, eu sei; ele tem feito e o faz ainda; eis por que me é permitido falar convosco. Estou sempre perto dele, tentando aliviar suas fadigas; é a minha missão; ela só terminará com a vinda de meu filho para junto de nós.

P. – Em que situação vos encontrastes como Espírito, depois que morrestes?

Resp. – A princípio não me julgava morto; bebia sem cessar; via Antoinette, que eu queria alcançar e que me fugia.

Depois procurava meus filhos, que amava a despeito de tudo, e que minha mulher não queria dar. Então me revoltava, reconhecendo a minha insignificância e a minha impotência, e Deus me condenou a velar por meu filho Jean, que jamais morrerá por acidente, porque em toda parte e sempre eu o salvo de uma morte violenta.

Observação – Com efeito, o Sr. Jean escapou muitas vezes, como por milagre, de perigos iminentes; por pouco não se afogou, não se queimou, não foi esmagado nas engrenagens de um motor e não explodiu com uma máquina a vapor; na juventude foi enforcado por acaso e sempre um socorro inesperado o salvava no momento mais crítico, o que se deve, conforme tudo indica, à vigilância exercida pelo pai.

P. – Dissestes que Deus vos *condenou* a velar pela segurança de vosso filho. Não vejo nisto uma punição; já que o amais isto deve ser, ao contrário, uma satisfação para vós. Muitos Espíritos são encarregados da guarda dos encarnados, dos quais são protetores, e esta é uma tarefa de que se sentem felizes em realizar.

Resp. – Sim, mestre. Eu não devia ter abandonado meus filhos, como fiz. Então a lei de justiça me condena a reparar. Não o faço a contragosto; sinto-me feliz de o fazer por amor de meu filho; *mas a dor que ele experimentaria nos acidentes de que o salvo, sou eu quem suporta*; se ele devesse ser perfurado por dez balas eu sentiria o mal que ele suportaria se a coisa se realizasse. Eis a justa punição que eu atraí, não cumprindo junto dele meus deveres de pai quando vivo.

P. [Pelo Sr. Jean] – Vedes meu irmão Numa, e podeis dizer onde está? (O que se entregara à bebida e cuja sorte era ignorada).

Resp. – Não, não o vejo; procuro-o. Tua filha Jeanne o viu nas costas da África, cair no mar. Eu não estava lá para o socorrer; não o podia.

Observação – A filha do Sr. Jean, num momento de êxtase, de fato o tinha visto cair no mar, na época de seu desaparecimento.

A punição deste Espírito oferece esta particularidade: ele sente as dores que deve poupar ao filho. Compreende-se, então, que a missão seja penosa. Mas como não se queixa, a considera justa reparação e isto não diminui a sua afeição por ele, a expiação lhe é proveitosa.

Lembrança Retrospectiva de um Espírito

(Comunicação espontânea – Tulle, 26 de fevereiro de 1866
– Médium: Sr. Leymarie)

Sabeis, meus amigos, de que lugar é datada minha comunicação? De uma garganta perdida, onde as casas disputaram suas fiadas nas dificuldades acumuladas pela Criação. Na vertente de colinas quase a pique, serpenteiam ruas dispostas em andares, ou, melhor, penduradas aos flancos dos rochedos. Pobres moradas, que abrigaram muitas gerações; em cima dos telhados se acham jardins, onde os pássaros cantam sua prece. Quando as primeiras flores anunciam belos dias cheios de ar e de sol, essa música parece sair das camadas aéreas; o habitante dobra e trabalha o ferro, e a usina e seu ruído discordante casam seu ritmo áspero e barulhento à harmonia dos pequenos artistas do bom Deus.

Mas acima dessas casas irregulares, desordenadas, originais, deslocadas, existem altas montanhas de uma verdura sem-par; a cada passo o viandante vê alargar-se o horizonte; os vilarejos, as igrejas parecem sair do abismo, e esse panorama estranho, selvagem, mutável, se perde ao longe, dominado por montanhas coroadas de neve.

Mas eu esquecia: sem dúvida deveis perceber uma fita prateada, clara, caprichosa, transparente como um espelho: é o rio Corrèze. Ora encaixado entre rochedos, é silencioso e grave; ora se escapa alegre, risonho, através dos prados, dos salgueiros e dos olmeiros, oferecendo sua taça aos lábios de numerosos rebanhos e sua transparência benfeitora às brincadeiras dos banhistas; ele purifica a cidade, que divide graciosamente.

Amo esta terra, com suas velhas moradas, seu campanário gigantesco, sua ribeira, seu barulho, sua coroa de castanheiros; eu a amo porque aí nasci, porque tudo que lembro ao vosso espírito benevolente faz parte das lembranças de minha última encarnação. Parentes amados, amigos sinceros sempre me cercaram de ternos cuidados; ajudaram o meu adiantamento espiritual. Chegado às grandezas, eu lhes devia meus sentimentos fraternos; meus trabalhos os honravam, e quando venho visitar, como Espírito, a cidade de minha infância, não deixo de subir ao Puy-Saint-Clair, a última morada dos cidadãos de Tulle, para saudar os restos terrenos dos Espíritos amados.

Estranha fantasia! O cemitério está a cinqüenta pés acima da cidade; em toda a volta o horizonte é infinito. A gente está só entre a Natureza, seus prestígios e Deus, o rei de todas as grandezas, de todas as esperanças. Nossos avós tinham querido aproximar os mortos amados de sua verdadeira morada, para lhes dizer: Espíritos! despendei-vos! o ar ambiente vos chama. Saí resplendentes de vossa prisão, a fim de que o espetáculo encantador desse horizonte imenso vos prepare para as maravilhas, que estais chamados a contemplar. Se tiveram esse pensamento, eu o aprovo, pois a morte não é tão lúgubre quanto a querem pintar. Não é para os espíritas a verdadeira vida, a separação desejada, a bem-vinda do exilado nos grupos da erraticidade, onde ele vem estudar, aprender e preparar-se para novas provas?

Em alguns anos, em vez de gemer, de cobrir-se de negro, esta separação será uma festa para os Espíritos encarnados, quando o morto tiver cumprido seus deveres espíritas em toda a aceção da palavra; mas chorarão, gemerão pelo terrícola egoísta, que jamais praticou a caridade, a fraternidade, todas as virtudes, todos os deveres tão bem enunciados em *O Livro dos Espíritos*.

Depois de ter falado dos mortos, permiti-me falar dos vivos? Eu me apego muito a todas as esperanças, e meu país, onde há tanto a fazer, bem merece votos sinceros.

O progresso, esse nivelador inflexível, é lento, é verdade, em se implantar nas regiões montanhosas, mas sabe a tempo impregnar-se nos hábitos, nos costumes; afasta uma a uma as oposições para, enfim, deixar entrever clarões novos a esses párias do trabalho, cujo corpo, sempre vergado sobre uma terra ingrata, é tão rude quanto o traçado dos sulcos.

A natureza vigorosa desses bravos habitantes espera a redenção espiritual. Eles não sabem o que seja pensar, julgar sensatamente e utilizar todos os recursos do espírito; só o interesse os domina em toda a sua rudeza e o alimento pesado e comum se presta a essa esterilidade do espírito. Vivendo afastados do ruído da política, das descobertas científicas, são como bois, ignorantes de sua força, prestes a aceitar o jugo e, tangidos pelo agulhão, vão à missa, ao cabaré, ao vilarejo, não por interesse, mas por hábito, dormindo às prédicas, saltando aos sons desafinados de uma gaita, soltando gritos insensatos e obedecendo brutalmente aos movimentos da carne.

O padre se guarda bem de mudar esses velhos usos e costumes; fala da fé, dos mistérios, da paixão, do diabo sempre, e essa mistura incoerente acha um eco sem harmonia nas cabeças dessa brava gente que faz votos, peregrinações com pés descalços e se entrega aos mais estranhos costumes supersticiosos.

Assim, quando uma criança é doentia, pouco expansiva, sem inteligência, logo a levam a um vilarejo chamado Saint-Pao (dizei Saint-Paul); inicialmente é mergulhada numa água privilegiada, mas que se paga; depois a fazem sentar numa bigorna benta e um ferreiro, armado de um pesado martelo, bate vigorosamente na bigorna. Dizem que a comoção experimentada pelos golpes repetidos cura infalivelmente o paciente. Chama-se a isto forjar à Saint-Pao. As mulheres que sofrem do baço também vão banhar-se nessa água miraculosa e se fazer forjar. Julgai por este exemplo em cem o que é o ensino dos vigários desta região.

Entretanto, tomai esse bruto e falai de interesse; logo o camponês manhoso, prudente como um selvagem, se defende com apurmo e confunde o mais astuto juiz. Fazei um pouco de luz em seu cérebro, ensinai-lhe os primeiros elementos de ciência, e tereis homens verdadeiros, fortes em saúde, espíritos viris e cheios de boa vontade. Que as estradas de ferro cruzem esta região e logo tereis um solo generoso com vinho, frutos deliciosos, grão escolhido, trufa perfumada, castanhas delicadas, a vide ou o cogumelo sem igual, bosques magníficos, minas de carvão inesgotáveis, ferro, cobre, gado de primeira ordem, ar, verdura, paisagens esplêndidas.

E quando tantas esperanças não pedem senão para se espalhar, quando tantas outras regiões estão, como essa, numa prostração mortal, desejamos que, em todos os corações, em todos os recantos perdidos deste mundo, penetre *O Livro dos Espíritos*. Só a doutrina que ele encerra será capaz de mudar o espírito das populações, arrancando-as à pressão absurda dos que ignoram as grandes leis da erraticidade, e que querem imobilizar a crença humana num dédalo, onde eles próprios têm tanta dificuldade em se reconhecer. Trabalhem, pois, todos com ardor nesta renovação desejada, que deve derrubar todas as barreiras e criar o fim prometido à geração que logo nos virá.

Observação – O nome de Baluze é conhecido dos nossos leitores pelas excelentes comunicações que muitas vezes ele dita ao seu compatriota e médium de predileção, o Sr. Leymarie. Foi durante uma viagem deste último à sua terra que lhe deu a comunicação acima. Baluze, erudito historiógrafo, nascido em Tulle em 1630, morto em Paris em 1718, publicou grande número de obras apreciadas; foi bibliotecário de Colbert. Sua biografia (Dicionário de Feller) diz “que o mundo das letras lamentaram nele um sábio profundo e seus amigos um homem afável e benfeitor.” Há em Tulle um cais com o seu nome. O Sr. Leymarie, que ignorava a história de Saint-Pao, informou-se e teve a certeza de que essas práticas supersticiosas ainda estão em uso.

Necrológio

MORTE DO DOUTOR CAILLEUX

Presidente do Grupo Espírita de Montreuil-sur-Mer

O Espiritismo acaba de perder um de seus mais dignos e mais fervorosos adeptos na pessoa do Sr. Dr. Cailleux, morto sexta-feira, 20 de abril de 1866. Não podemos render mais brilhante homenagem à sua memória do que reproduzindo um dos artigos publicados a respeito pelo *Journal de Montreuil*, de 5 de abril.

“Um homem de bem acaba de expirar em meio à dor geral. O Dr. *Cailleux*, Doutor em Medicina há quase trinta anos, membro do Conselho Municipal, Membro da Associação de Beneficência, médico dos pobres, médico das epidemias, morreu sexta-feira última, às sete horas da noite.

“Segunda-feira, uma grande multidão, composta de todas as classes da sociedade, o conduziu à sua última morada. O silêncio religioso que reinou em todo o percurso do cortejo fúnebre dava a essa triste e imponente cerimônia o caráter de uma

manifestação pública. Esse simples caixão, seguido de perto de três mil pessoas, em lágrimas ou mergulhadas em muda dor, teria tocado os mais duros corações. Era toda uma cidade que acorria a prestar os últimos deveres a um de seus mais caros habitantes; era toda uma população que queria conduzir até o cemitério aquele que tantas vezes por ela se havia sacrificado.

“Os pobres que o Sr. Cailleux tantas vezes havia cumulado de benefícios mostraram que tinham um coração reconhecido. Um grande número de operários tomou das mãos dos carregadores o caixão de seu benfeitor, considerando uma glória levar até o cemitério esse precioso fardo..

“As pontas da mortalha eram seguradas pelo Sr. Lecomte, 1^o Adjunto; pelo Sr. Cosyn, 1^o Conselheiro Municipal; pelo Sr. Hacot, membro da Associação de Beneficência, e pelo Sr. Delplanque, médico e Conselheiro Municipal. À frente do cortejo marchava o Conselho Municipal, precedido pelo Prefeito, Sr. Emile Delhomel. Na assembléia notavam-se o Sr. Charbonnier, Sub-prefeito; o Sr. Martinet, Procurador Imperial; o Sr. Comandante da Praça, todas as notabilidades da cidade e os médicos das localidades vizinhas.

“Um grande número de soldados da guarnição, que o Sr. Cailleux havia tratado na Santa Casa de Misericórdia, tinha obtido a graça de assistir ao enterro e se havia apressado em misturar-se à multidão.

“Ao chegar ao cemitério, um operário rompeu a multidão e, parando diante do túmulo, pronunciou com voz comovida, em meio ao silêncio geral, estas poucas palavras: ‘Homem de bem, que fostes o benfeitor dos pobres e que morrestes vítima de vossa sublime dedicação, recebei nossos últimos adeuses; vossa lembrança ficará eternamente em nossos corações.’ Depois destas palavras, ditadas por um sentimento de reconhecimento, a multidão retirou-se em religioso recolhimento.

A tristeza que reinava em todos os semblantes bem mostrava que imensa perda acabava de sofrer a cidade de Montreuil.

“Com efeito, o Sr. Cailleux, por suas numerosas qualidades, tinha sabido conquistar a estima universal. Toda a sua vida não tinha sido mais que uma longa série de atos de devotamento; trabalhou até o último dia sem querer jamais repousar e, terça-feira última, ainda foi visitar vários doentes no campo. Quando lhe falavam de sua idade avançada e o aconselhavam a descansar de suas numerosas fadigas, de boa vontade teria respondido como Arnaud: ‘Tenho toda a eternidade para repousar.’ Cada hora de sua vida foi consagrada a cuidar dos doentes, a consolar os aflitos; não vivia para si, mas para os semelhantes, e toda a sua existência pode resumir-se nestas três palavras: *Caridade, Devotamento, Abnegação*.

“Nos últimos tempos, quando a epidemia alastrou-se em Étapes e nos vilarejos circunvizinhos, o Dr. Cailleux dedicou-se de corpo e alma aos doentes, percorrendo as aldeias infestadas, visitando os pobres, cuidando de uns, socorrendo outros e a todos levando consolações. Assim visitou mais de 800 doentes, entrando nas habitações menos salubres, sentando-se à cabeceira dos moribundos e ele próprio lhes administrando os remédios, sem jamais se queixar, mantendo, ao contrário, um humor sempre constante e uma alegria providencial. O doente que o visse já estava meio curado por esse humor jovial, sempre acompanhado de uma palavra que fazia rir.

“Oito dias antes de sua morte, o Sr. Cailleux foi visitar seus doentes de Berck, Lefaux, Camiers e Étapes, consagrando o turno da noite aos doentes da cidade: eis o que era para ele a obra de um único dia!

“Tanta abnegação ia ser-lhe funesta e ele devia ser a última vítima do flagelo. No dia 20 de março começou a apresentar forte diarreia... Ia repousar quando o chamaram para um doente do

campo. Malgrado os conselhos amigos, partiu dizendo: ‘Não quero expor um doente por minha falta; se ele morresse, eu seria o responsável. Não faço senão cumprir o meu dever.’ Quando voltou à noite, com mau tempo, apareceram novos sintomas da doença. Pôs-se na cama, o mal aumentou, no dia seguinte a moléstia estava declarada e sexta-feira ele expirava...

“Fica-se horrorizado quando se pensa nas dores terríveis que deve sentir um homem que, conhecendo sua posição, se vê morrer. O próprio Sr. Cailleux indicava o tratamento a seguir a dois de seus confrades, que acorreram pressurosos para o assistir. Sabia perfeitamente que não se curaria. Dizia ele: ‘Se a melhora não se fizer sentir logo, em doze horas não existirei mais.’ Via-se morrer, sentia a força vital diminuir e extinguir-se pouco a pouco, sem poder deter essa marcha para a tumba. Seus últimos momentos foram calmos e serenos e eu não saberia chamar melhor esta morte que o repouso no Senhor. *Beati qui moriuntur in Domino.*

“Algumas horas antes de sua morte perguntaram-lhe que remédio deviam empregar. ‘A ciência humana empregou todos os remédios que estavam em seu poder. Agora só Deus pode deter o mal; é preciso confiar em sua divina Providência.’ – Então se curvou sobre o leito e, com os olhos fixados para o céu, como que antegozando a beatitude celeste, expirou sem dor, sem um grito, calma e docemente.

“Homem de bem, cuja vida inteira foi um longo devotamento, trabalhastes nesta terra; agora gozais da recompensa que Deus reserva aos que sempre observaram sua lei. Enquanto o egoísmo corria aos borbotões na Terra, excedíeis em abnegação e caridade. Visitar os pobres, socorrer os doentes, consolar os aflitos, eis qual foi a vossa obra. Oh! quantas famílias não vos abençoaram! quantos pais a quem salvastes os filhos durante a última epidemia! quantas crianças iam ser órfãs e que arrebatastes ao flagelo

destruidor! quantas famílias salvas por vosso devotamento vieram, segunda-feira, de várias léguas para vos acompanhar à vossa última morada e chorar sobre o vosso túmulo!

“Vossa vida foi sempre pura e sem mácula; vossa morte foi heróica; soldado da caridade, sucumbistes salvando vossos irmãos da morte, perecesteis golpeado pelo flagelo que combatíeis. Esse glorioso devotamento ia receber sua recompensa e em breve a cruz de honra, que tínheis ganho tão nobremente, ia brilhar em vosso peito... Mas Deus tinha sobre vós outros desígnios; ele vos preparava uma recompensa mais bela que o galardão dos homens, ele vos preparava a felicidade que reserva aos seus servos fiéis. Vossa alma levantou vôo a mundos superiores onde, desembaraçada deste pesado invólucro material, liberta de todos os laços que, na Terra, pesam sobre nós, goza agora da perfeição e da felicidade que a esperavam.

“Nesse dia de felicidade, não nos esqueçais; pensai nos numerosos amigos que deixastes na Terra e que vossa separação mergulha em profunda dor. Praza aos céus que um dia nós vos encontremos no paraíso para aí gozar de uma felicidade eterna!... É esta esperança que nos consola e que nos dará forças para suportar a vossa ausência com paciência...”

A. J.

Por cópia conforme: *Jules Duval*

Que me permitam, como complemento deste artigo, citar alguns fragmentos do magnífico discurso fúnebre, pronunciado há um ano por Victor Hugo.

(Segue um trecho desse discurso, que publicamos na *Revista* de fevereiro de 1865).

Certamente não são os apóstolos do *niilismo* que escrevem tais palavras.

A carta pela qual nos informam deste evento contém a seguinte passagem:

“O Sr. Cailleux, Doutor em Medicina, presidente do Grupo Espírita de Montreuil, acaba de morrer, vítima de seu devotamento durante o surto de cólera que devastou nossa terra. Morreu como espírita convicto e, por esta razão, o clero da cidade houve por bem lhe recusar sepultura eclesiástica; mas, como vereis pelo exemplar do jornal que vos envio, toda a população rendeu solene homenagem às suas virtudes. Não obstante, a família tentou convencer a diocese para que um serviço fúnebre fosse cantado na igreja, embora tenha havido apenas um enterro civil. Conseguiram e o serviço foi realizado quinta-feira, 5 de abril.

“O Espiritismo sofre grande perda com a morte do Sr. Cailleux, e estou persuadido de que todos os meus irmãos em crença associar-se-ão aos meus legítimos pesares. Graças ao seu devotamento e ao seu zelo esclarecido, a doutrina fez tão rápidos progressos, quer em nossos campos, quer na cidade, contando-se às centenas os espíritas que vivem em seus arredores.

“O Conselho Municipal da cidade de Montreuil decidiu, por unanimidade, atendendo a proposta do Sr. Prefeito, que será erigido à custa da cidade um monumento público, como homenagem a ser prestada à memória deste grande homem de bem.”

“Enviaram-nos o seguinte extrato de uma comunicação dada por ele aos seus colegas de Montreuil. Dela só foi suprimido o que trata de coisas pessoais:

“...Voltais à minha morte. Pois bem! ela foi útil à nossa causa porque despertou a atenção adormecida de numerosas almas privadas da verdade e, por conseguinte, de vida. Toda coisa que desaparece sempre deixa um vazio no lugar que ocupava; mas, bem o sabeis, esse vazio é apenas aparente; só existe para os que têm a visão *limitada*, já que se acha cheio por outra parte. Assim, nada

perdeis, repito, com a minha morte; ao contrário, com ela muito ganhareis, não que eu tenha feito, durante minha vida corporal, prodígios de caridade próprios a salientar a doutrina que junto professamos, mas porque, fiel aos princípios espíritas, fui objeto de manifestações hostis, que necessariamente deveriam provocar demonstrações contrárias. Na Terra jamais as coisas sucedem de outra maneira; o bem e o mal não se chocam cada vez que se encontram?

“Resulta, pois, de tudo isto que nesta hora entrais numa fase nova, que nossos bons guias haviam preparado há muito tempo para seus ensinamentos. Mas, de decomposição de vossa sociedade, nada, se persistirdes sempre nos sentimentos de que vos vejo animados neste momento. Sabeis qual a minha recompensa? É ver a felicidade relativa que experimentais pela Doutrina, pela qual eu me mostrei, em todas as circunstâncias, zeloso campeão. Para vós é difícil conceber uma alegria mais pura. Que são, ao lado dela, as alegrias grosseiras do vosso mundo? Que são as honras sob as quais escondeis as misérias de vossas almas? Que são os prazeres que buscais para perturbar vossos tristes retornos? Que é tudo isto em comparação com o que sinto? Nada! menos que fumaça.

“Perseverai em vossos sentimentos, perseverai até a morte.

“Vi que tendes o propósito de vos organizar regularmente; é uma medida sábia. A fraqueza deve precaver-se sempre contra as ciladas e surpresas do espírito do mal. Ah! o espírito do mal! não é Satã. Ele é encontrado a cada passo no mundo onde vos acotovelais. Regulai, pois, a ordem em vossas sessões, em vossas evocações, em vossos estudos. Ligai-vos uns aos outros pelos laços voluntários da caridade, da benevolência e da submissão. Eis a melhor maneira de colher frutos abundantes e doces.”

Eis a primeira comunicação que ele deu na Sociedade de Paris:

(13 de abril de 1866 – Médiun: Sr. Morin)

Evocação

Caro e venerado Dr. Cailleux,

Em vossa vida nós vos apreciávamos como espírita fervoroso e devotado. Chamado sem dúvida pela Providência a fim de implantar a doutrina em vossa região, empunhastes a bandeira altiva e firmemente, afrontando sem desfalecimentos os sarcasmos e a perseguição; assim, o sucesso coroou vossos esforços. Não é somente o irmão em crença que hoje vimos saudar em sua partida da Terra, mas o homem de bem, o que não só pregou o Espiritismo por suas palavras, mas que soube fazê-lo amado e respeitado por seu exemplo e pela prática das virtudes cristãs. Recebei, pois, aqui a expressão de nossas mais vivas simpatias e a esperança de que vos disponhais a vir algumas vezes ao nosso meio, associar-vos aos nossos trabalhos.

Resposta – Eis-me aqui, obrigado. – Há pouco faláeis das tendências inerentes ao organismo humano. Observam-se mais especialmente as que se devem aos maus instintos, porque os homens são sempre levados a se guardar do que lhes pode ser prejudicial ou lhes causar algum embaraço; mas as tendências para o bem muitas vezes passam despercebidas aos olhos da sociedade, porque é muito mais difícil encontrar e mostrar a violeta do que o espinho.

Não vos surpreendais se começo assim. Como dizíeis há pouco, o Espírito é o único responsável por seus atos; não pode escusar-se, atribuindo sua falta a Deus; não. Os bons e os maus sentimentos são o resultado de conquistas anteriores. Em minha vida, levado por instinto para o bem, para o alívio de meus irmãos em Deus, declino a honra de todos os vossos louvores, porque não tive dificuldade em seguir o caminho que me traçava o coração; não tive luta a sustentar contra os instintos contrários; apenas me deixei ir suavemente pela vocação de meu gosto, que me dizia bem

alto: “Marcha! estás no bom caminho.” E a satisfação moral de todo o meu ser inteligente era tão grande que certamente eu era tão feliz quanto o avaro, que satisfaz sua paixão pelo ouro contemplando-o e acariciando-o. Eu vo-lo repito, não tenho mérito neste particular; todavia, agradeço vossas boas palavras, que não são ouvidas em vão por aqueles a quem são dirigidas. Por mais elevados que sejam, os Espíritos sempre sentem a felicidade de um pensamento simpático.

Não tardei a voltar da emoção muito natural, resultante da passagem da vida material à vida dos Espíritos, mas a profunda convicção de entrar num mundo mais vivo ajudou-me a voltar a mim mesmo. Não posso melhor comparar minha passagem da vida à morte senão a um desmaio sem sofrimento e sem fadiga. Despertei do outro lado ao suave toque fluídico de meus queridos pais e amigos espirituais. Em seguida vi meus pobres despojos mortais e os bendisse pelos seus belos e leais serviços, porquanto, dócil à minha vontade, em minha vida não tive lutas sérias a sustentar entre o meu Espírito e a minha matéria. Foi, pois, com satisfação que acompanhei ao campo de repouso o meu pobre corpo, que me tinha ajudado a impedir que muitos de meus co-encarnados fizessem essa viagem, que absolutamente não a teriam encarado como eu.

Perdôo a todos que, de uma maneira ou de outra, julgaram fazer-me mal. Quanto aos que se recusaram a orar por mim no templo consagrado, serei mais caridoso que a caridade que pregam: oro por eles. É assim que se deve fazer, meus bons irmãos em crença. Crede-me, e perdoai aos que lutam contra vós, pois não sabem o que fazem.

Doutor Cailleux

Observação – As primeiras palavras desta comunicação provam que o Espírito estava presente e havia assistido às discussões da sessão. Com efeito, discutiu-se um fato notável de *instinto incendiário precoce* numa criança de quatro anos e meio,

relatado pelo *Salut public* de Lyon. O fato, que forneceu assunto para um estudo importante, será publicado no próximo número.

Notamos também que o Dr. Cailleux não se serve dos preâmbulos ordinários dos Espíritos que acabam de deixar a Terra. Vê-se logo que não é um fazedor de frases, nem de cumprimentos. Diz *obrigado* e pensa que esta palavra basta para tornar compreensível o seu pensamento e que com ela se deve contentar; depois entra bruscamente no assunto, como um homem que se acha em seu terreno e não quer perder tempo com palavras inúteis; fala como se não tivesse havido nenhuma interrupção em sua existência. Dir-se-ia que o Sr. Cailleux de Montreuil tivesse vindo visitar a Sociedade de Paris.

Se declina do mérito de seus atos, é certamente por modéstia; os que fazem o bem sem esforço chegaram a um grau de adiantamento que lhes torna natural; se não têm mais de lutar hoje, lutaram em outras circunstâncias; a vitória foi alcançada. Os que têm de combater tendências más ainda estão em luta; mais tarde o bem não lhes custará nenhum esforço, pois o farão sem pensar. Por ter vencido mais cedo, o mérito não existe menos.

O doutor Cailleux é um desses homens que, como o doutor *Demeure* e tantos outros, honram a doutrina que professam e dão o mais retumbante desmentido aos detratores do Espiritismo.

Dissertações Espíritas

INSTRUÇÕES PARA O SR. ALLAN KARDEC

(Paris, 23 de abril de 1866 – Médiun: Sr. Desliens)

Enfraquecendo dia a dia a saúde do Sr. Allan Kardec, em consequência dos trabalhos excessivos a que não pode bastar, vejo-me na obrigação de lhe repetir novamente o que já lhe disse muitas vezes: Necessitais de repouso; as forças humanas têm

limites, que o vosso desejo de ver progredir o ensino muitas vezes vos leva a infringir; laborais em erro, porquanto, assim agindo, não apressareis a marcha da doutrina, mas arruinareis vossa saúde e vos colocais na impossibilidade material de concluir a tarefa que viestes desempenhar na Terra. Vossa doença atual não é senão o resultado de um dispêndio incessante de forças vitais, que não deixa à reparação o tempo de se refazer e um aquecimento do sangue produzido pela absoluta falta de repouso. Nós vos sustentamos, sem dúvida, mas desde que não desfaçais o que fizemos. De que serve correr? Não vos dissemos muitas vezes que cada coisa viria a seu tempo e que os Espíritos prepostos ao movimento das idéias saberiam fazer surgir circunstâncias favoráveis quando chegasse o momento de agir?

Quando cada espírita guarda suas forças para a luta, pensais que seja vosso dever esgotar as vossas? – Não. Em tudo deveis dar o exemplo e arregaçar as mangas no momento do perigo. Que faríeis se vosso corpo debilitado não mais permitisse ao vosso espírito servir-se das armas que a experiência e a revelação vos puseram nas mãos? – Crede-me, consagrai-vos mais tarde às grandes obras destinadas a completar o trabalho esboçado em vossas primeiras publicações; vossas tarefas correntes e algumas pequenas brochuras urgentes têm com que absorver o vosso tempo e devem ser os únicos objetos de vossas preocupações atuais.

Não vos falo apenas em meu próprio nome; sou aqui o delegado de todos esses Espíritos, que contribuíram tão poderosamente para a propagação do ensinamento por suas sábias instruções. Eles vos dizem, por meu intermédio, que essa demora, que julgais prejudicial ao futuro da doutrina, é uma medida necessária sob mais de um ponto de vista, seja porque certas questões não estão ainda completamente elucidadas, seja para preparar os Espíritos a melhor assimilá-las. É preciso que outros tenham preparado o terreno, que certas teorias tenham provado a sua insuficiência e gerado um vazio maior. Numa palavra, o

momento não é oportuno; poupai-vos, pois, porque quando chegar o tempo, todo o vosso vigor de corpo e de espírito vos será necessário. Até aqui o Espiritismo foi objeto de muitas diatribes, levantou muitas tempestades! Credes que todo o movimento será apaziguado, todos os ódios serão acalmados e reduzidos à impotência? Desiludi-vos; o cadinho depurador ainda não removeu todas as impurezas; o futuro vos reserva outras provas e as últimas crises não serão menos penosas para suportar.

Sei que vossa situação particular vos suscita uma porção de trabalhos secundários, que absorvem a maior parte do vosso tempo. As perguntas de toda sorte vos acabrunham e considerais um dever respondê-las tanto quanto possível. Farei aqui o que sem dúvida não ousaríeis fazer vós mesmo: dirigindo-me à generalidade dos espíritas, eu lhes pedirei, no interesse mesmo do Espiritismo, que vos poupem toda sobrecarga de trabalho capaz de absorver instantes que deveis consagrar quase exclusivamente à conclusão da obra. Se vossa correspondência com isto sofre um pouco, o ensinamento lucrará. Às vezes é necessário sacrificar as satisfações particulares ao interesse geral. É uma medida urgente, que todos os adeptos sinceros saberão compreender e aprovar.

A imensa correspondência que recebeis é para vós uma fonte preciosa de documentos e de informações; ela vos esclarece quanto à verdadeira marcha e sobre os progressos reais da doutrina; é um termômetro imparcial; aí colheis, além disso, satisfações morais que, mais de uma vez, sustentou vossa coragem, vendo a adesão que vossas idéias encontram em todos os pontos do globo. Neste ponto, a superabundância é um bem e não um inconveniente, mas com a condição de secundar os vossos trabalhos, e não de os entravar, vos criando um acréscimo de ocupações.

Bom senhor Demeure, agradeço os vossos sábios conselhos. Graças à resolução que tomei de, salvo em casos excepcionais, me fazer substituir, a correspondência comum pouco sofre agora e não sofrerá mais no futuro. Mas que fazer com mais de quinhentas cartas em atraso, a despeito de toda a minha boa vontade, que não consigo pôr em dia?

Resp. – É preciso, como se diz em linguagem comercial, passá-las em bloco a conta de lucros e perdas. Anunciando esta medida na *Revista*, vossos correspondentes saberão como proceder; compreenderão a necessidade e a encontrarão justificada, sobretudo pelos conselhos que precedem. Repito: seria impossível que as coisas continuassem assim por mais tempo; tudo sofreria com isto, e vossa saúde e a doutrina. Em caso de necessidade, é preciso saber fazer os sacrifícios indispensáveis. Doravante, tranqüilo sobre este ponto, podereis consagrar-vos mais livremente aos vossos trabalhos obrigatórios. Eis o que vos aconselha aquele que será sempre vosso amigo devotado.

Demeure

Anuindo a este sábio conselho, rogamos aos nossos correspondentes com os quais estamos em atraso há muito tempo, que aceitem nossas desculpas e o nosso pesar por não ter podido responder em detalhe, e como teríamos desejado, às suas bondosas cartas. Queiram por gentileza receber aqui coletivamente a expressão de nossos sentimentos fraternais.

AQUIESCÊNCIA À PRECE

(Paris, abril de 1866 – Médium: Sra. D...)

Imaginais quase sempre que o que pedis na prece deve realizar-se por uma espécie de milagre. Esta crença errônea é a fonte de uma imensidade de práticas supersticiosas e de muitas decepções. Também conduz à negação da eficácia da prece. Porque

vosso pedido não é acolhido da maneira por que o entendeis, concluis que era inútil e então, por vezes, murmurais contra a justiça de Deus. Pensam outros que tendo Deus estabelecido leis eternas, às quais todos os seres estão submetidos, não as pode derogar para anuir aos pedidos que lhe são feitos. É para vos premunir contra o erro, ou melhor, contra o exagero destas duas idéias que me proponho vos dar algumas explicações sobre o modo de aquiescência à prece.

Há uma verdade incontestável: Deus não altera nem suspende para *ninguém* o curso das leis que regem o Universo. Sem isto a ordem da Natureza seria incessantemente perturbada pelo capricho do primeiro que chegasse. É, pois, certo que toda prece que não pudesse ser atendida senão por uma derrogação destas leis ficaria sem efeito. Tal seria, por exemplo, a que tivesse por objetivo a volta à vida de um homem realmente morto, ou o restabelecimento da saúde se a desordem do organismo é irremediável.

Não é menos certo que nenhuma atenção é dada aos pedidos fúteis ou inconsiderados. Mas ficai persuadidos de que toda prece pura e desinteressada é ouvida e que é sempre levada em conta a intenção, mesmo quando Deus, em sua sabedoria, julgasse a propósito não a atender; é sobretudo então que deveis dar prova de humildade e de submissão à sua vontade, dizendo a vós mesmos que melhor do que vós ele sabe o que vos pode ser útil.

Há, sem dúvida, leis gerais a que o homem está fatalmente submetido; mas é erro crer que as menores circunstâncias da vida estejam fixadas de antemão de maneira irrevogável; se assim fosse, o homem seria uma máquina sem iniciativa e, por conseguinte, sem responsabilidade. O livre-arbítrio é uma das prerrogativas do homem; desde que é livre para ir à direita ou à esquerda, de agir conforme as circunstâncias, seus movimentos não são regulados como os de uma máquina. Conforme faz ou não

faz uma coisa e conforme a faz de uma maneira ou de outra, os acontecimentos que disso dependem seguem um curso diferente; visto que são subordinados à decisão do homem, não estão submetidos à fatalidade. Os que são fatais são os que são independentes de sua vontade; mas, todas as vezes que o homem pode reagir em virtude de seu livre-arbítrio, não há fatalidade.

O homem tem, pois, um círculo, dentro do qual pode mover-se livremente. Esta liberdade de ação tem por limites as leis da Natureza, que ninguém pode transpor; ou, melhor dizendo, esta liberdade, na esfera da atividade em que se exerce, faz parte dessas leis; é necessária e é por ela que o homem é chamado a concorrer para a marcha geral das coisas; e como ele o faz livremente, tem o mérito do que fez de bem e o demérito do que fez de mal, de sua indolência, de sua negligência, de sua inatividade. As flutuações que sua vontade pode imprimir aos acontecimentos da vida de modo algum perturbam a harmonia universal, pois essas mesmas flutuações faziam parte das provas que incumbem ao homem na Terra.

No limite das coisas que dependem da vontade do homem, Deus pode, pois, sem derogar suas leis, anuir a uma prece, quando é justa, e cuja realização pode ser útil; mas acontece muitas vezes que ele julga a sua utilidade e a sua oportunidade de modo diverso que nós, razão por que nem sempre aquiesce. Se lhe aprouver atendê-la, não é modificando seus decretos soberanos que o fará, mas por meios que não saem da ordem geral, se assim nos podemos exprimir. Os Espíritos, executores de sua vontade, são então encarregados de provocar as circunstâncias que devem levar ao resultado desejado. Quase sempre esse resultado requer o concurso de algum encarnado; é, pois, esse concurso que os Espíritos preparam, inspirando os que devem nele cooperar o pensamento de uma ação, incitando-os a ir a um ponto e não a um outro, provocando encontros propícios que parecem devidos ao acaso. Ora, o acaso não existe nem na assistência que se recebe, nem nas desgraças que se experimenta.

Nas aflições, a prece não só é uma prova de confiança e de submissão à vontade de Deus, que a escuta, se for pura e desinteressada, mas ainda tem por efeito, como sabeis, estabelecer uma corrente fluídica que leva longe, no espaço, o pensamento do aflito, como o ar leva os acentos de sua voz. Este pensamento repercute nos corações simpáticos ao sofrimento e estes, por um movimento inconsciente e como atraídos por um poder magnético, dirigem-se para o lugar onde sua presença pode ser útil. Deus, que quer socorrer aquele que o implora, sem dúvida poderia fazê-lo por si mesmo, instantaneamente, mas, como eu disse, *ele não faz milagres*, e as coisas devem seguir seu curso natural; ele quer que os homens pratiquem a caridade, socorrendo-se uns aos outros. Por seus mensageiros, o lamento que encontra eco é levado até ele e lá os Espíritos bons insuflam um pensamento benévolo. Embora provocado, este pensamento deixa ao homem toda a sua liberdade, por isto mesmo que sua fonte é desconhecida; nada o constrange; ele tem, por conseguinte, todo o mérito da espontaneidade, se ceder à voz íntima que nele faz apelo ao sentimento do dever, e todo o demérito se resistir, porque dominado por uma indiferença egoísta.

P. – Há casos, como num perigo iminente, em que a assistência deve ser imediata. Como pode chegar em tempo hábil, se é preciso esperar a boa vontade de um homem, e se essa boa vontade falta subitamente por força do livre-arbítrio?

Resp. – Não deveis esquecer que os anjos-da-guarda, os Espíritos protetores, cuja missão é velar pelos que lhes são confiados, os seguem, a bem dizer, passo a passo. Não lhes podem poupar as apreensões dos perigos, que fazem parte de suas provações; mas se as conseqüências do perigo podem ser evitadas, como o previram antes, não esperam o último momento para preparar o socorro. Se, por vezes, dirigem-se aos homens de má vontade, é visando procurar despertar neles bons sentimentos, mas não contam com eles.

Quando, numa posição crítica, uma pessoa se acha, como que de propósito, para vos assistir, e exclamais que “é a

Providência que a envia”, dizeis uma verdade bem maior do que muitas vezes supondes.

Se há casos prementes, outros que o são menos exigem certo tempo para trazer um concurso de circunstâncias favoráveis, sobretudo quando é preciso que os Espíritos triunfem, pela inspiração, da apatia das pessoas cuja cooperação é necessária para o resultado a obter. Essas demoras na realização do desejo são provas para a paciência e a resignação; depois, quando chega a realização do que se desejou, é quase sempre por um encadeamento de circunstâncias tão naturais que absolutamente nada denuncia uma intervenção oculta, nada afeta a mais leve aparência de maravilhoso; as coisas parecem arranjar-se por si mesmas.

Isto deve ser assim pelo duplo motivo de que os meios de ação não se afastam das leis gerais e, em segundo lugar, que se a assistência dos Espíritos fosse muito evidente, o homem se fiaria neles e habituar-se-ia a não contar consigo mesmo. Essa assistência deve ser compreendida por ele por pensamento, pelo senso moral, e não pelos sentidos materiais; sua crença deve ser o resultado de sua fé e de sua confiança na bondade de Deus. Infelizmente, porque não viu o dedo de Deus fazer um milagre para ele, muitas vezes esquece aquele a quem deve sua salvação para glorificar o acaso.

Um Espírito protetor

O ESPIRITISMO OBRIGA

(Paris, abril de 1866 – Médium: Sra. B...)

O Espiritismo é uma ciência essencialmente moral. Desde logo, os que se dizem seus adeptos não podem, sem cometer uma grave inseqüência, subtrair-se às obrigações que ele impõe. Essas obrigações são de duas sortes:

A primeira concerne ao indivíduo que, ajudado pelas claridades intelectuais que a doutrina espalha, pode compreender

melhor o valor da cada um de seus atos, sondar melhor todos os refulgos de sua consciência, apreciar melhor a infinita bondade de Deus, *que não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva*; e, para lhe deixar a possibilidade de erguer-se de suas quedas, deu-lhe uma longa série de existências sucessivas, em cada uma das quais, levando a pena de suas faltas passadas, pode adquirir novos conhecimentos e novas forças, fazendo-o evitar o mal e praticar o que é conforme à justiça, à caridade. Que dizer daquele que, esclarecido quanto aos seus deveres para com Deus, para com seus irmãos, permanece orgulhoso, cívico e egoísta? Não parece que a luz o tenha eneguecido, porque não estava preparado para recebê-la? Desde então marcha nas trevas, não obstante em meio à luz; só é espírita de nome. A caridade fraterna dos que vêm realmente deve esforçar-se por curá-lo dessa cegueira intelectual; mas, para muitos dos que se lhe assemelham, será preciso a luz que o túmulo traz, porque seu coração está muito preso aos gozos materiais e seu espírito não está maduro para receber a verdade. Em uma nova encarnação eles compreenderão que os planetas inferiores como a Terra não passam de uma espécie de escola mútua, onde a alma começa a desenvolver suas faculdades, suas aptidões, para em seguida as aplicar ao estudo dos grandes princípios de ordem, de justiça, de amor e de harmonia, que regem as relações das almas entre e si, e as funções que desempenham na direção do Universo; eles sentirão que, chamada a uma tão alta dignidade, qual a de se tornar mensageira do Altíssimo, a alma humana não deve aviltar-se, degradar-se ao contato dos prazeres imundos da volúpia, das ignóbeis cobiças da avaréza, que subtrai de alguns filhos de Deus o gozo dos bens que deu a todos; compreenderão que o egoísmo, nascido do orgulho, cega a alma e a faz violar os direitos da justiça, da Humanidade, desde que gera todos os males que fazem da Terra uma estação de dores e de expiações. Instruídos pelas duras lições da adversidade, seu espírito será amadurecido pela reflexão, e seu coração, depois de ter sido massacrado pela dor, tornar-se-á bom e caridoso. É assim que o que vos parece um mal por vezes é necessário para reconduzir os endurecidos. Esses pobres

retardatários, regenerados pelo sofrimento, esclarecidos por esta luz interior, que se pode chamar o batismo do Espírito, velarão com cuidado sobre si mesmos, isto é, sobre os movimentos de seu coração e o emprego de suas faculdades, para os dirigir conforme as leis da justiça e da fraternidade. Compreenderão não apenas que eles próprios são obrigados a melhorar-se, cálculo egoísta que impede atingir o objetivo visado por Deus, mas que a segunda ordem de obrigações do espírita, decorrendo necessariamente da primeira e a completando, é a do exemplo, que é o melhor dos meios de propagação e de renovação.

Com efeito, aquele que está convencido da excelência dos princípios que lhe são ensinados, e a eles conformar a sua conduta, princípios que lhe devem proporcionar uma felicidade duradoura, não pode, se estiver verdadeiramente animado desta caridade fraterna, que está na essência mesma do Espiritismo, senão desejar que sejam compreendidos por todos os homens. Daí a obrigação moral de conformar sua conduta com sua crença e ser um exemplo vivo, um modelo, como o Cristo o foi para a Humanidade.

Vós, frágeis centelhas partidas do eterno foco do amor divino, certamente não podeis pretender uma tão vasta irradiação quanto à do Verbo de Deus encarnado na Terra, mas, na vossa esfera de ação, podeis espalhar os benefícios do bom exemplo. Podeis fazer amar a virtude, cercando-a do charme dessa benevolência constante, que atraí, cativa e mostra, enfim, que a prática do bem é coisa fácil, promove a felicidade íntima da consciência que se colocou sob sua lei, pois ela é a realização da vontade divina, que nos fez dizer por seu Cristo: *Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial.*

Ora, o Espiritismo é a verdadeira aplicação dos princípios da moral ensinada por Jesus, e é apenas com o objetivo de fazê-la por todos compreendida, a fim de que, por ela, todos

progridam mais rapidamente, que Deus permite esta universal manifestação do Espírito, vindo explicar o que vos parecia obscuro e vos explicar toda a verdade. Vem, como o Cristianismo bem compreendido, mostrar ao homem a absoluta necessidade de sua renovação interior pelas conseqüências mesmas que resultam de cada um de seus atos, de cada um de seus pensamentos; porque nenhuma emanção fluídica, boa ou má, escapa do coração ou do cérebro do homem sem deixar uma marca em algum lugar. O mundo invisível que vos cerca é para vós *esse Livro de Vida*, onde tudo se inscreve com uma incrível fidelidade, e a *balança da Justiça Divina* não é senão uma figura, a exprimir que cada um de vossos atos, de vossos sentimentos, é, de certo modo, o peso que carrega vossa alma e a impede de se elevar, ou o que traz o equilíbrio entre o bem e o mal.

Feliz aquele cujos sentimentos partem de um coração puro; espalha em seu redor como uma suave atmosfera, que faz amar a virtude e atrai os Espíritos bons; seu poder de irradiação é tanto maior quanto mais humilde for, isto é, mais desprendido das influências materiais que atraem a alma e a impedem de progredir.

As obrigações que impõe o Espiritismo são, pois, de natureza essencialmente moral; são uma conseqüência da crença; cada um é juiz e parte em sua própria causa; mas as claridades intelectuais a quem realmente quer *conhecer-se a si mesmo* e trabalhar em sua melhoria são tais que amedrontam os pusilânimes, razão por que é rejeitado por tão grande número. Outros tratam de conciliar a reforma que sua razão lhes demonstra ser uma necessidade, com as exigências da sociedade atual. Daí uma mistura heterogênea, uma falta de unidade, que faz da época atual um estado transitório. É muito difícil à vossa pobre natureza corporal despojar-se de suas imperfeições para revestir o homem novo, isto é, o homem que vive segundo os princípios de justiça e de harmonia determinados por Deus; não obstante, com esforços perseverantes lá chegareis, porque as obrigações impostas à

consciência, quando estiver suficientemente esclarecida, têm mais força do que jamais terão as leis humanas, baseadas no constrangimento de um obscurantismo religioso que não suporta o exame. Mas se, graças às luzes do alto, fordes mais instruídos e compreenderdes mais, também deveis ser mais tolerantes e não empregar, como meio de propagação, senão o raciocínio, pois toda crença sincera é respeitável. Se vossa vida for um belo modelo, em que cada um possa encontrar bons exemplos e sólidas virtudes, onde a dignidade se alia a uma graciosa amenidade, regozijai-vos, porque tereis, em parte, compreendido a que obriga o Espiritismo.

Luís de França

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

JUNHO DE 1866

Nº 6

Monomania Incendiária Precoce

ESTUDO MORAL

Lê-se no *Salut public* de Lyon, de 23 de fevereiro de 1866:

“A questão médico-legal da monomania homicida e da monomania incendiária, diz o *Moniteur judiciaire*, foi agitada e ainda o será muitas vezes, conforme toda a probabilidade, diante dos tribunais e das cortes de apelação.

“A propósito da monomania incendiária, podemos citar uma criança de Lyon, atualmente com quatro anos e meio, filho de honestos operários da seda, domiciliados em Guillotièrre, que parece trazer, no último grau, o instinto do incêndio. Apenas seus olhos se abriam à luz e a visão das chamas parecia alegrá-lo. Aos dezoito meses sentia prazer em acender fósforos; aos dois anos punha fogo nos quatro cantos de um colchão e destruía em parte o modesto mobiliário de seus pais. Hoje, às reprimendas que lhe fazem, só responde com ameaças de incêndio, e ainda na semana passada tentava, com um pouco de palha e pedaços de papel, incendiar a alcova onde dormem seus pais.

“Deixemos aos especialistas o cuidado de pesquisar as causas de tal monomania. Se ela não desaparecesse com a idade, que sorte estaria reservada ao infeliz que por ela é atingido?”

O autor do artigo diz que deixa aos *especialistas* o cuidado de pesquisar as causas de tal monomania. De que especialistas quer falar? Dos médicos em geral, dos alienistas, dos sábios, dos frenologistas, dos filósofos ou dos teólogos? Cada um deles vai encarar a questão do ponto de vista de suas crenças materialistas, espiritualistas ou religiosas. Os materialistas, negando todo princípio inteligente distinto da matéria, são incontestavelmente os menos aptos a resolvê-la de maneira completa. Fazendo do organismo a única fonte das faculdades e das tendências, reduzem o homem a uma máquina movida fatalmente por uma força irresistível, sem livre-arbítrio e, por conseguinte, sem responsabilidade moral de seus atos. Com um tal sistema, todo criminoso pode desculpar-se com sua constituição, pois dele não dependeu fazê-la melhor. Numa sociedade onde tal princípio fosse admitido como verdade absoluta, não haveria culpados, moralmente falando, e seria tão ilógico levar os homens à justiça quanto os animais.

Não falamos aqui senão das conseqüências sociais das doutrinas materialistas; quanto à sua impotência para resolver todos os problemas morais, ela está suficientemente demonstrada. Dir-se-á, com alguns, que as tendências são hereditárias, como os vícios de constituição? Opor-se-lhes-iam os inumeráveis fatos em que os pais mais virtuosos têm filhos instintivamente viciosos, e reciprocamente. No caso que nos ocupa, é notório que a criança não herdou sua monomania incendiária de nenhum membro da família.

Sem dúvida os espiritualistas reconhecerão que essa tendência se deve a uma imperfeição da alma ou Espírito, mas não deixarão de ser detidos por dificuldades insuperáveis, apenas com

os elementos que hoje se possuem. E a prova de que os dados atuais da Ciência, da Filosofia e da Teologia não fornecem nenhum princípio sólido para a solução dos problemas desta natureza, é que não há um só que seja bastante evidente, suficientemente racional para ligar a maioria, e que se está reduzido às opiniões individuais, todas divergentes umas das outras.

Os teólogos que admitem como artigo de fé a criação da alma no nascimento de cada corpo, são, talvez, os mais embaraçados para conciliarem essas perversidades nativas com a justiça e a bondade de Deus. Conforme sua doutrina, eis, pois, uma criança concebida com instinto incendiário, votada, desde a sua formação, ao crime e a todas as suas conseqüências, para a vida presente e para a vida futura! Como há crianças instintivamente boas e más, então Deus criou almas boas e outras más? É a conseqüência lógica. Por que essa parcialidade? Com a doutrina materialista o culpado se desculpa com a sua organização; com a da Igreja, pode apegar-se a Deus, dizendo que não é sua falta se ele o criou com defeitos.

É de admirar que haja pessoas que renegam Deus quando o mostram injusto e cruel em seus atos, parcial para com as suas criaturas? É a maneira pela qual a maior parte das religiões o representa que faz os incrédulos e os ateus. Se dEle sempre se tivesse feito um quadro em todos os pontos conciliável com a razão, não haveria incrédulos; é por não poder aceitá-lo tal qual o fazem, que tanta gente procura fora dele a explicação das coisas.

Todas as vezes que a Teologia, pressionada pela inexorável lógica dos fatos, se acha num impasse, refugia-se atrás destas palavras: “Mistério incompreensível!” Pois bem! A cada dia vemos levantar-se uma ponta do véu do que outrora era mistério, e a questão que nos ocupa está neste número.

Esta questão está longe de ser pueril e seria erro aí não ver senão um fato isolado, ou, se quiserem, uma anomalia, uma

bizarrice da Natureza, sem conseqüência. Ela toca em todas as questões de educação e de moralização da Humanidade e, por isto mesmo, nos mais graves problemas de economia social. É pesquisando a causa primeira dos instintos e das inclinações inatas que se descobrirão os meios mais eficazes de combater os maus e desenvolver os bons. Quando esta causa for conhecida, a educação possuirá a mais poderosa alavanca moralizadora que jamais teve.

Não se pode negar a influência do meio e do exemplo sobre o desenvolvimento dos bons e dos maus instintos, porque o contágio moral é tão manifesto quanto o contágio físico. Contudo, essa influência não é exclusiva, pois se vêem seres perversos nas mais honradas famílias, ao passo que outros saem puros do lameiro. Há, pois, incontestavelmente, disposições inatas, e se tivéssemos dúvida, o fato que nos ocupa disso seria uma prova irrecusável. Assim, eis uma criança que, antes de saber falar, se compraz à vista da destruição pelo fogo; que, aos dois anos, incendia voluntariamente um mobiliário, e que, aos quatro anos, compreende de tal modo o que faz, que responde às reprimendas com ameaças de incêndio.

Ó vós todos, médicos e sábios que pesquisais com tanta avidez os menores casos patológicos insólitos, para deles fazer objeto de vossas meditações, por que não estudais com o mesmo cuidado esses fenômenos estranhos que se pode, com razão, qualificar de patologia moral! Por que não vos inteirais deles, nem lhes descobris a fonte! Com isto a Humanidade ganharia, pelo menos tanto quanto pela descoberta de um filete nervoso. Infelizmente, a maioria dos que não desdenham ocupar-se com essas questões o fazem partindo de uma idéia preconcebida, à qual tudo querem sujeitar: o materialismo às leis exclusivas da matéria, o espiritualismo à idéia que faz da natureza da alma, conforme suas crenças. Antes de concluir, o mais sensato é estudar todos os sistemas, todas as teorias, com imparcialidade, e ver o que resolve melhor e mais logicamente o maior número de dificuldades.

A diversidade das aptidões intelectuais e morais inatas, independentes da educação e de toda aquisição na vida presente é um fato notório: é o conhecido. Partindo desse fato para chegar ao desconhecido, diremos que se a alma for criada ao nascimento do corpo, torna-se evidente que Deus cria almas de todas as qualidades. Ora, sendo tal doutrina inconciliável com o princípio da soberana justiça, forçosamente deve ser afastada. Mas se a alma não for criada ao nascimento do indivíduo, é que existia antes. Com efeito, é na preexistência da alma que se encontra a única solução possível e racional da questão e de todas as anomalias aparentes das faculdades humanas. As crianças que instintivamente têm aptidões transcendentais para uma arte ou uma ciência, que possuem certos conhecimentos sem os haver aprendido, como os calculadores naturais, como aqueles aos quais a música, ao nascer, parece familiar; esses lingüistas natos, como uma senhora da qual teremos, mais tarde, ocasião de falar e que, aos nove anos, dava lições de grego e de latim aos seus irmãos, e aos doze lia e traduzia o hebraico, devem ter aprendido estas coisas em algum lugar; já que não foi nesta existência, deve ter sido em outra.

Sim, o homem já viveu, não uma, mas talvez mil vezes; em cada existência suas idéias se desenvolveram; adquiriu conhecimentos, dos quais traz a intuição na vida seguinte, e que o ajudam a adquirir novas. Dá-se outro tanto com o progresso moral. Os vícios de que se desfez não aparecem mais; os que conservou se reproduzem até que deles se tenha corrigido definitivamente.

Numa palavra, o homem nasce tal qual se fez ele próprio. Os que viveram mais, adquiriram mais e aproveitaram melhor são mais adiantados que os outros; tal é a causa da diversidade dos instintos e das aptidões que se notam entre eles; tal é, também, a razão pela qual vemos, na Terra, selvagens, bárbaros e homens civilizados. A pluralidade das existências é a chave de uma imensidão de problemas morais e é por não haver conhecido este princípio que tantas questões ficaram insolúveis.

Que o admitam apenas a título de hipótese, se quiserem, e verão aplinar-se todas essas dificuldades.

O homem civilizado chegou a um ponto em que não mais se contenta com a fé cega; quer dar-se conta de tudo, saber o porquê e o como de cada coisa; preferirá, pois, uma filosofia que explica, à que nada explica. Aliás, a idéia da pluralidade das existências, como todas as grandes verdades, germina numa porção de cérebros, fora do Espiritismo; e como satisfaz à razão, não está longe o tempo em que será posta entre as leis que regem a Humanidade.

Que dirão agora da criança objeto deste artigo? Seus instintos atuais se explicam por seus antecedentes. Nasceu incendiário, como outros nasceram poetas e artistas, porque, sem a menor dúvida, foi incendiário em outra existência e lhe conservou o instinto.

Mas então, perguntarão, se cada existência é um progresso, na presente o progresso é nulo para ele.

Isto não é uma razão. De seus instintos atuais não se deve concluir que o progresso seja nulo. O homem não se despoja subitamente de todas as suas imperfeições. Essa criança provavelmente teria outras, que a tornavam pior do que é hoje. Ora, ainda que só tivesse avançado um passo, mesmo que tivesse apenas o arrependimento e o desejo de melhorar-se, seria sempre um progresso. Se esse instinto nele se manifesta de maneira tão precoce e para desde cedo chamar a atenção sobre as suas tendências, a fim de que os pais e os que forem encarregados de sua educação se empenhem em reprimi-las antes que se desenvolvam. Talvez ele mesmo tenha pedido que assim fosse, e de nascer numa família honrada, pelo desejo de progredir.

É uma grande tarefa para seus pais, pois é uma alma extraviada que lhes é confiada para ser conduzida ao reto caminho,

e grande seria sua responsabilidade se não o fizessem, com esse objetivo, tudo quanto estivesse em seu poder. Se seu filho ficasse doente, cuidariam dele com solicitude. Devem olhá-lo como atacado por uma moléstia moral grave, que requer cuidados não menos assíduos.

De acordo com todas essas considerações, cremos sem vaidade que os Espíritos são os melhores especialistas em tal circunstância, porque se dedicam ao estudo dos fenômenos morais e os apreciam, não segundo idéias pessoais, mas conforme leis naturais.

Tendo sido esse fato apresentado à Sociedade de Paris como tema de estudo, foi feita aos Espíritos a seguinte pergunta:

Qual a origem do instinto incendiário precoce nesta criança, e quais seriam os meios de o combater pela educação?

Foram dadas quatro respostas concordantes. Citaremos apenas as duas seguintes.

(Sociedade de Paris, 13 de abril de 1866 – Médiun: Sr. Br...)

I

Perguntais qual foi a existência dessa criança que mostra uma inclinação tão precoce para a destruição e, particularmente, para o incêndio. Ai! seu passado é horrível e suas tendências atuais vos dizem bastante o que ele pôde fazer. Veio para expiar, e deve lutar contra seus instintos incendiários. É uma grande provação para os pais, que estão constantemente sob os golpes de suas más ações, e não sabem como reprimir essa funesta inclinação. O conhecimento do Espiritismo lhes seria um poderoso auxílio, e Deus, em sua misericórdia, lhes concederá esta graça, porque é só por este conhecimento que se pode esperar melhorar esse Espírito.

Esta criança é uma prova evidente da anterioridade da alma à encarnação presente. Como vedes, esse estranho estado moral desperta a atenção e faz refletir. Deus se serve de todos os meios para vos fazer chegar ao conhecimento da verdade relativamente à vossa origem, vossa progressão e vosso fim.

Um Espírito

(Médium: Srta. Lat...)

II

O Espiritismo já representou um grande papel no vosso mundo, mas o que vistes é apenas o prelúdio do que estais chamados a ver. Quando a Ciência emudece diante de certos fatos e a religião também não pode resolver, o Espiritismo lhe vem dar a solução. Quando a Ciência falta aos vossos sábios, eles deixam a causa de lado, por falta de explicações suficientes. Em muitas circunstâncias as luzes do Espiritismo lhes poderiam ser de grande valia, notadamente neste caso de monomania incendiária. Para eles é um gênero de loucura, porque encaram todas as monomanias como loucura. Eis um grande erro. Aqui a Medicina nada tem a fazer; é aos espíritas que cabe agir.

É inadmissível para vós que essa inclinação para destruir pelo fogo date da presente existência; é preciso remontar mais alto e ver nas inclinações perversas dessa criança um reflexo de seus atos anteriores.

Além disso, ele é impelido pelos mesmos que foram suas vítimas, porquanto, para satisfazer à sua ambição, não recuou diante do incêndio, nem diante do sacrifício dos que lhe podiam fazer obstáculo. Numa palavra, está sob a influência de Espíritos que ainda não lhe perdoaram os tormentos que os fez sofrer. Esperam a vingança.

Tem como prova sair vitorioso da luta; mas Deus, em sua soberana justiça, colocou o remédio ao lado do mal. Com

efeito, esse remédio está em sua tenra idade e na boa influência do meio onde se acha. Hoje a criança nada pode no momento; cabe aos pais velar. Mais tarde ele próprio deverá vencer, e enquanto não for senhor de sua posição a luta se perpetuará. Seria preciso que fosse educado nos princípios do Espiritismo; aí colheria a força e, compreendendo a sua prova, teria mais vontade para triunfar.

Espíritos bons, encarregados de esclarecer os encarnados, volvei o olhar para esse pobre ser, cujo castigo é justo; ide a ele, ajudai-o, dirigi os seus pensamentos para o Espiritismo, a fim de que triunfe mais depressa e a luta seja vantajosa para ele.

Um Espírito

Tentativa de Assassinato do Imperador da Rússia

ESTUDO PSICOLÓGICO

Sob o título de *Notícias da Rússia – correspondência de São Petersburgo – o Indépendance belge* de 30 de abril dá um relato detalhado das circunstâncias que seguiram o atentado de que o czar foi objeto. Além disso, fala de certos indícios precursores do crime e contém a respeito a seguinte passagem:

“Conta-se que o governador de São Petersburgo, príncipe Souwouroff, tinha recebido uma carta anônima, assinada N.N.N., na qual alguém lhe oferecia, mediante certas indicações, desvendar um mistério importante, pedindo uma resposta na *Gazeta da Polícia*. A resposta apareceu; está assim concebida: ‘A chancelaria do general governador convida N.N.N. a vir amanhã, entre onze e duas horas, para dar certas explicações.’ Mas o anônimo não apareceu; enviou uma segunda carta, anunciando que era muito tarde e não estava mais livre para vir.

“O convite foi reiterado dois dias após o atentado, mas sem resultado

“Enfim, como último indício, algumas pessoas acabam de se lembrar que três semanas antes do atentado o jornal alemão *Die Gartenlaube* publicou o relato de uma *sessão espírita*, realizada em Heildelberg, na qual o *Espírito Catarina II* anunciava que o imperador Alexandre estava ameaçado por um grande perigo.

“Difícilmente se explica, depois de tudo isto, como a polícia russa não pôde ser instruída a tempo do crime que se preparava. Essa polícia, que custa muito caro, e que inunda de espíões inúteis todos os nossos círculos e assembléias públicas, não só foi incapaz de descobrir a tempo o complô, mas até de cercar o soberano com a sua vigilância, o que é elementar e de toda necessidade, sobretudo com um príncipe que sai quase sempre só, seguido de seu canzarrão; que faz passeios a pé nas horas matinais, sem estar acompanhado por um ajudante de ordem. No próprio dia do atentado, encontrei o imperador na Rua Millonaia, às nove horas e meia da manhã; estava completamente só e saudava com afabilidade os que o reconheciam. A rua estava quase deserta e os agentes de polícia muito raros.”

O que é, sobretudo, notável nesse artigo é a menção, sem comentário, do *aviso dado pelo Espírito Catarina II, numa sessão espírita*. Teriam posto este fato no número dos indícios precursores, se se tivessem considerado as comunicações espíritas como trapanças ou ilusões? Numa questão tão grave, teriam evitado fazer intervir uma crença considerada como ridícula. É uma nova prova da reação que se opera na opinião, a respeito do Espiritismo.

Temos de analisar o fato do atentado de outro ponto de vista. Sabe-se que o imperador deveu a sua salvação a um jovem camponês chamado Joseph Kommissaroff que, achando-se à sua passagem, desarmou o braço do assassino. Sabe-se, também, os

favores de toda natureza com que este último foi cumulado: foi nobilitado e as dádivas que recebeu lhe asseguram uma fortuna considerável.

O jovem se dirigia a uma capela, situada do outro lado do Neva, por ocasião de seu aniversário natalício; nesse momento começava o degelo e, porque a circulação estivesse interrompida, ele teve de renunciar ao seu projeto. Em decorrência desse fato, ficou na outra margem do rio e encontrou-se na passagem do imperador, que saía do jardim de verão. Tendo-se misturado à multidão, percebeu um indivíduo que tentava aproximar-se, e cujas atitudes lhe pareceram suspeitas; seguiu-o e, tendo-o visto tirar uma pistola do bolso e apontá-la para o imperador, teve a presença de espírito de lhe bater no braço, o que fez a arma disparar para o ar.

Que feliz acaso, dirão certas pessoas, que justo no momento o degelo tenha impedido Kommissaroff de atravessar o Neva! Para nós, que não acreditamos no acaso, mas que tudo está submetido a uma direção inteligente, diremos que estava nas provas do czar correr aquele perigo (Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXV, *Prece num perigo iminente*), mas, não tendo ainda chegado sua hora, Kommissaroff havia sido escolhido para impedir a consumação do crime, e as coisas, que parecem efeito do acaso, estavam combinadas para levar ao resultado desejado.

Os homens são os instrumentos inconscientes dos desígnios da Providência. É por eles que ela os realiza, sem que haja necessidade de recorrer a prodígios. Basta a mão invisível que os dirige e nada sai da ordem das coisas naturais.

Se é assim, dirão, o homem não passa de uma máquina, e suas ações são fatais. — Absolutamente, porque se for solicitado a fazer uma coisa, a isto não é constrangido; não deixa de conservar o livre-arbítrio, em virtude do qual pode fazê-la ou não, e a mão que o conduz fica invisível, precisamente para lhe deixar mais

liberdade. Assim Kommissaroff podia muito bem não ceder ao impulso oculto que o dirigia para a passagem do imperador; podia ficar indiferente, como tantos outros, à vista do homem suspeito; enfim, poderia ter olhado para outro lado no momento em que este último tirava a pistola do bolso. – Mas, então, se tivesse resistido a esse impulso, o imperador teria sido morto? – Também não; os desígnios da Providência não estão à mercê do capricho de um homem. A vida do imperador devia ser preservada; em falta de Kommissaroff, teria sido por outro meio; uma mosca poderia picar a mão do assassino, levando-o a fazer um movimento involuntário; uma corrente fluídica dirigida sobre ele poderia ter-lhe provocado uma ofuscação. Apenas se Kommissaroff não tivesse escutado a voz íntima que o guiava mau grado seu, teria perdido o benefício da ação que estava incumbido de realizar: eis tudo o que teria resultado. Mas se a hora fatal tivesse soado para o czar, nada poderia tê-lo preservado. Ora, os perigos iminentes que corremos têm por objetivo preciso mostrar-nos que nossa vida prende-se por um fio, que pode romper-se no momento em que menos pensamos e, assim, advertir-nos para estarmos sempre prontos para partir.

Mas, por que esse jovem camponês, e não um outro? Para quem quer que não veja nos acontecimentos um simples jogo do acaso, cada coisa tem sua razão de ser. Devia, pois, haver um motivo na escolha daquele rapaz e, ainda quando esse motivo nos fosse desconhecido, a Providência nos dá bastantes provas de sua sabedoria, para não duvidar que tal escolha tinha sua utilidade.

Tendo sido a questão apresentada como objeto de estudo, numa reunião espírita realizada em casa de uma família russa que residia em Paris, um Espírito deu a seguinte explicação:

(Paris, 1º de maio de 1866 – Médiun: Sr. Desliens)

Mesmo na existência do ser mais ínfimo, nada é deixado ao acaso. *Os principais acontecimentos de sua vida são*

determinados por sua provação: os detalhes são influenciados por seu livre-arbítrio; mas o conjunto da situação foi previsto e combinado antecipadamente por ele próprio e por aqueles que Deus escolheu para sua guarda.

No caso que aqui nos ocupa, as coisas se passaram segundo o curso ordinário. Sendo esse moço já avançado e inteligente, escolheu como provação nascer em condição miserável, depois de ter ocupado uma alta posição social; estando já desenvolvidas a sua inteligência e a sua moralidade, pediu uma condição humilde e obscura para destruir as últimas sementes do orgulho que nele havia deixado o espírito de casta. Escolheu livremente, mas Deus e os Espíritos bons se reservaram recompensá-lo na primeira manifestação de *devotamento desinteressado* e vedes em que consiste sua recompensa.

Resta-lhe agora, em meio às honrarias e à fortuna, conservar intacto o sentimento de humildade, que foi a base de sua nova encarnação; por isso, ainda é uma prova e uma dupla prova, na sua qualidade de homem e na sua qualidade de pai. Como homem, deve resistir ao arrebatamento de uma alta e súbita fortuna; como pai, deve preservar os filhos da arrogância dos novos-ricos. Pode criar-lhes uma posição admirável; pode aproveitar sua posição intermediária para deles fazer homens úteis ao seu país. Plebeus de nascimento, nobres pelo mérito de seu pai, poderão, como muitos dos que encarnam presentemente na Rússia, trabalhar poderosamente pela fusão de todos os elementos heterogêneos, pelo desaparecimento do elemento servil que, entretanto, durante muito tempo não poderá ser destruído de modo radical.

Nesta elevação há, sem dúvida, uma recompensa, mas ainda há uma prova. Sei que na Rússia o mérito recompensado encontra mercê diante dos grandes; mas lá, como alhures, o novo-rico orgulhoso e cheio de si é vítima das zombarias; torna-se o

joguete de uma sociedade que em vão se esforça por imitar. O ouro e as grandezas não lhe deram a elegância e o espírito do mundo. Desprezado e invejado por aqueles em cujo meio nasceu, muitas vezes é isolado e infeliz no meio de seu fausto.

Como vedes, nem tudo é agradável nessas ascensões súbitas, sobretudo quando atingem tais proporções. Para esse jovem, esperamos, em razão de suas excelentes qualidades, que saberá gozar em paz as vantagens que lhe proporcionou sua ação, e evitar as pedras de tropeço que poderiam retardar sua marcha no caminho do progresso.

Moki

Observação – Em falta de provas materiais sobre a exatidão dessa explicação, devemos convir que ela é eminentemente racional e instrutiva; e como o Espírito que a deu sempre se distinguiu pela gravidade e alto alcance de suas comunicações, consideramos esta como tendo todos os caracteres da probabilidade.

Com efeito, a nova posição de Kommissaroff é muito arriscada para ele, e seu futuro depende da maneira pela qual sofrerá esta prova, cem vezes mais perigosa que as desgraças materiais às quais a gente se resigna por força, ao passo que é bem mais difícil resistir às tentações do orgulho e da opulência. Quanta força ele não tiraria do conhecimento do Espiritismo e de todas as verdades que ensina!

Mas, como se pôde notar, as vistas da Providência não param naquele jovem. Sofrendo sua prova, e pelo próprio fato da prova, ele pode, pelo encadeamento das circunstâncias, tornar-se um elemento de progresso para o seu país, ajudando a destruição dos preconceitos de casta. Assim, tudo se liga no mundo, pelo concurso das forças inteligentes que o dirigem; nada é inútil, e as menores coisas em aparência podem conduzir aos maiores

resultados, e isto *sem derogar as leis da Natureza*. Se pudéssemos ver o mecanismo que nos ocultam a nossa natureza material e a nossa inferioridade, de que admiração não seríamos transportados! Mas se não o podemos ver, o Espiritismo, revelando essas leis, no-lo faz compreender pelo pensamento, e é por aí que nos eleva, aumenta nossa fé e nossa confiança em Deus, e combate vitoriosamente a incredulidade.

Um Sonho Instrutivo

Durante a última doença que tivemos no mês de abril de 1866, estávamos sob o império de uma sonolência e de um arrebatamento quase contínuos; nesses momentos sonhávamos constantemente coisas insignificantes, às quais não prestávamos a mínima atenção. Mas na noite de 24 de abril a visão ofereceu um caráter tão particular que ficamos vivamente impressionados.

Num lugar que nada lembrava à nossa memória e que se parecia com uma rua, havia uma reunião de indivíduos que conversavam; nesse número só alguns nos eram conhecidos em sonho, mas sem que os pudéssemos designar pelo nome. Considerávamos a multidão e procurávamos captar o assunto da conversa quando, de repente, apareceu no canto de uma muralha, uma inscrição em letras pequenas, brilhantes como fogo, e que nos esforçamos por decifrar. Estava assim concebida: *“Descobrimos que a borracha enrolada sob a roda faz uma légua em dez minutos, desde que a estrada...”* Enquanto procurávamos o fim da frase, a inscrição apagou-se pouco a pouco e nós acordamos. Temendo esquecer estas palavras singulares, apressamo-nos em as transcrever.

Qual podia ser o sentido dessa visão, que nada, absolutamente, em nossos pensamentos e em nossas preocupações podia ter provocado? Não nos ocupando nem de invenções, nem de pesquisas industriais, isto não podia ser um reflexo de nossas

idéias. Depois, que podia significar essa *borracha* que, enrolada sob uma roda, fazia uma légua em dez minutos? Era a revelação de alguma nova propriedade dessa substância? Seria ela chamada a representar um papel na locomoção? Queriam pôr-nos no caminho de uma descoberta? Mas, então, por que se dirigir a nós, e não a homens especiais, em condições de fazer os estudos e as experiências necessárias? Contudo, o sonho era muito característico, muito especial, para ser arrolado entre os sonhos de fantasia; devia ter um objetivo; qual? É o que procurávamos inutilmente.

Durante o dia, tendo tido ocasião de consultar o Dr. Demeure sobre a nossa saúde, aproveitamos para lhe pedir que nos dissesse se o sonho apresentava algo de sério. Eis o que ele respondeu:

“Os numerosos sonhos que vos assediaram nestes últimos dias são o resultado do próprio sofrimento que experimentais. Toda vez que há enfraquecimento do corpo, há tendência para o desprendimento do Espírito; mas quando o corpo sofre, o desprendimento não se opera de maneira regular e normal; o Espírito é incessantemente chamado ao seu posto; daí uma espécie de luta, de conflito entre as necessidades materiais e as tendências espirituais; daí, também, interrupções e misturas que confundem as imagens e as transformam em conjuntos bizarros e desprovidos de sentido. O caráter dos sonhos se liga, mais do que se pensa, à natureza da doença. É um estudo a fazer, e os médicos aí encontrarão muitas vezes diagnósticos preciosos, quando reconhecerem a ação independente do Espírito e o papel importante que representa na economia. Se o estado do corpo reage sobre o Espírito, por seu lado o estado do Espírito influi poderosamente sobre a saúde e, em certos casos, é tão útil agir sobre o Espírito quanto sobre o corpo. Ora, muitas vezes a natureza dos sonhos pode ser um indício do estado do Espírito. Repito que é um estudo a fazer, negligenciado até hoje pela Ciência,

que não vê em toda parte senão a ação da matéria e não leva em nenhuma conta o elemento espiritual.

“O sonho que me revelais, do qual guardastes uma lembrança tão nítida, parece-me pertencer a outra categoria. Ele contém um fato notável e digno de atenção; certamente foi motivado, mas presentemente eu não vos poderia dar uma explicação satisfatória; só poderia dar-vos a minha opinião pessoal, de que não estou muito seguro. Tomarei minhas informações em boa fonte, e amanhã vos comunicarei o que tiver aprendido.”

No dia seguinte ele nos deu esta explicação:

“O que vistes no sonho que me encarreguei de vos explicar não é uma dessas imagens fantásticas, provocadas pela doença; é, realmente, uma manifestação, não de Espíritos *desencarnados*, mas de Espíritos *encarnados*. Sabeis que no sono podemos nos encontrar com pessoas conhecidas ou desconhecidas, mortas ou vivas. Foi este último caso que se deu naquela circunstância. Os que vistes são *encarnados* que, de forma isolada e sem se conhecerem, ocupam-se de invenções tendentes a aperfeiçoar os meios de locomoção, anulando, tanto quanto possível, o excesso de despesa causada pelo desgaste dos materiais hoje em uso. Uns pensaram na borracha, outros em outros materiais; mas o que há de particular é que *quiseram chamar a vossa atenção*, como assunto de estudo psicológico, sobre a reunião, num mesmo local, de Espíritos de diversos homens, perseguindo o mesmo objetivo. A descoberta não tem relação com o Espiritismo; é apenas o conciliábulo dos inventores que vos quiseram mostrar, e a inscrição não tinha outra finalidade senão especificar, aos vossos olhos, o objetivo principal de sua preocupação, pois há alguns que procuram outras aplicações para a borracha. Ficai persuadido de que assim o é muitas vezes, e que quando vários homens descobrem ao mesmo tempo, quer uma nova lei, quer um novo corpo, em diferentes pontos do globo, seus Espíritos

estudaram a questão em conjunto, durante o sono e, ao despertar, cada um trabalha por seu lado, tirando proveito do fruto de suas observações.

“Notai bem que aí estão idéias de *encarnados*, e que nada prejulgam quanto ao mérito da descoberta. Pode ser que de todos esses cérebros em ebulição saia algo de útil, como é possível que só saiam quimeras. Desnecessário dizer que seria inútil interrogar os Espíritos a respeito; sua missão, como dissestes em vossas obras, não é poupar ao homem o trabalho das pesquisas, trazendo-lhe invenções acabadas, que seriam outros tantos estímulos à preguiça e à ignorância. Nesse grande torneio da inteligência humana, cada um aí entra por conta própria e a vitória é do mais hábil, do mais perseverante, do mais corajoso.”

P. – Que pensar das descobertas atribuídas ao acaso? Algumas não são fruto de nenhuma pesquisa?

Resp. – Bem sabeis que não existe acaso; as coisas que vos parecem as mais fortuitas têm sua razão de ser, pois se deve contar com as inumeráveis inteligências ocultas que presidem a todas as partes do conjunto. Se for chegado o momento de uma descoberta, seus elementos são divulgados por essas mesmas inteligências; vinte homens, cem homens passarão ao lado sem a notar; um só fixará a atenção. O fato, insignificante para a multidão, para ele é um rastro de luz; encontrá-lo não era tudo, o essencial era saber empregá-lo. Não foi o acaso que o pôs sob os olhos, mas os Espíritos bons que lhe disseram: Olha, observa e aproveita, se queres. Depois ele mesmo, nos momentos de liberdade de seu Espírito, durante o sono do corpo, pôde ser posto no caminho e, ao despertar, instintivamente, dirige-se ao local onde deve encontrar a coisa que, por sua inteligência, está chamado a fazer frutificar.

Não; não há acaso: tudo é inteligente na Natureza.

Visão Retrospectiva das Várias Encarnações de um Espírito

SONO DOS ESPÍRITOS

Pelo Dr. Cailleux

(Sociedade Espírita de Paris, 11 de maio de 1866 – Médium: Sr. Morin)

Vosso bom acolhimento e as boas preces que fizestes em minha intenção obrigam-me a vos agradecer vivamente e vos assegurar o meu eterno devotamento. Desde a minha entrada na verdadeira vida, bem depressa me familiarizei com todas as novidades, com as suaves exigências de minha situação atual. Hoje me chamam de todos os lados, não como antigamente, para cuidar de corpos doentes, mas para trazer alívio às doenças da alma. A tarefa a desempenhar é suave e, com mais rapidez do que outrora chegava à cabeceira dos doentes, hoje atendo ao apelo das almas sofredoras. Posso mesmo, e isto nada tem de estranho para mim, transportar-me quase instantaneamente de um ponto a outro, com a mesma facilidade com que meu pensamento vai de um a outro assunto. O que é singular para mim é que eu o possa fazer!...

Meus bons amigos, devo vos falar de um fato espiritual que me acontece, e que venho submeter ao vosso julgamento, para que me ajudeis a reconhecer o meu erro, caso me tenha enganado em minhas apreciações a respeito. Médico em minha última encarnação, como sabeis, me entreguei com ardor aos estudos de minha profissão. Tudo quanto a ela se referia era para mim um assunto de observação. Devo dizer, sem orgulho, que tinha adquirido alguns conhecimentos, talvez em razão de nem sempre ter seguido ao pé da letra o caminho traçado pela rotina. Muitas vezes buscava no moral o que pudesse trazer uma perturbação no físico; talvez seja por isto que eu conhecesse um pouco melhor a minha profissão do que certos colegas. Enfim, eis o fato: há alguns dias senti uma espécie de torpor apoderar-se de meu Espírito e, a despeito de conservar a consciência do meu *eu*,

senti-me transportado no espaço; chegado a um lugar que para vós não tem nome, encontrei-me numa reunião de Espíritos que, em vida, tinham conquistado alguma celebridade pelas descobertas que haviam feito.

Lá, não fiquei pouco surpreendido ao reconhecer nesses antigos de todas as idades, nesses nomes de todas as épocas, uma semelhança perispiritual comigo. Perguntei-me o que tudo aquilo significava; dirigi-lhes as perguntas que me sugeria a minha posição, mas minha surpresa foi ainda maior, ouvindo-me responder a mim mesmo. Voltei-me, então, para eles e vi que estava só.

Eis as minhas deduções...

Dr. Cailleux

Nota – Tendo parado aí, o Espírito continuou na sessão seguinte.

A questão dos fluidos, que constitui o fundo dos vossos estudos, representou um papel muito grande no fato que eu vos assinalava na última sessão. Hoje vos posso explicar melhor o que se passou e, em vez de vos dizer quais eram as minhas conjecturas, posso dizer o que me revelaram os bons amigos que me guiam no mundo dos Espíritos.

Quando meu Espírito sofreu uma espécie de entorpecimento, eu estava, a bem dizer, magnetizado pelo fluido de meus amigos espirituais; por uma permissão de Deus, daí devia resultar uma satisfação moral que, dizem eles, é a minha recompensa e, além disso, um encorajamento para marchar num caminho que segue o meu Espírito desde um bom número de existências.

Eu estava, pois, adormecido num sono magnético-espiritual; vi o passado formar-se num presente fictício; reconheci

individualidades que haviam desaparecido ao longo do tempo, ou, melhor, que tinham sido apenas um indivíduo. Vi um ser começar uma obra médica; um outro, mais tarde, continuar a obra esboçada pelo primeiro, e assim por diante. Cheguei a ver em menos tempo do que levo a vos dizer, de idade em idade, formar-se, crescer e tornar-se ciência, o que, no princípio, não passava dos primeiros ensaios de um cérebro ocupado em estudos para o alívio da Humanidade sofredora. Vi tudo isto e só me reconheci quando cheguei ao último desses seres que, sucessivamente, haviam trazido um complemento à obra. Aí tudo se desvanece e torno-me o Espírito ainda atrasado do vosso pobre doutor. Ora, eis a explicação. Não vo-la dou para me envaidecer; longe disso; mas, antes, para vos fornecer um assunto de estudo, falando-vos do sono espiritual que, sendo elucidado por vossos guias, só me pode ser útil, pois assisto a todos os vossos trabalhos.

Nesse sono vi os diferentes corpos que meu Espírito animou desde um certo número de encarnações, e todos trabalharam a ciência médica sem jamais se afastarem dos princípios que o primeiro havia elaborado. Esta última encarnação não era para aumentar o saber, mas simplesmente para praticar o que ensinava a minha teoria.

Com tudo isto fico sempre vosso devedor; mas, se o permitirdes, virei pedir-vos lições e, algumas vezes, dar minha opinião pessoal sobre certas questões.

Dr. Cailleux

ESTUDO

Há aqui um duplo ensinamento: primeiramente há o fato da magnetização de um Espírito por outros Espíritos, e do sono daí resultante; e, em segundo lugar, da visão retrospectiva dos diferentes corpos que ele animou.

Há, pois, para os Espíritos uma espécie de sono, o que é um ponto de contato a mais entre o estado corporal e o estado espiritual. Trata-se aqui, é verdade, de um sono magnético; mas existiria para eles um sono natural semelhante ao nosso? Isto nada teria de surpreendente, quando se vêem ainda Espíritos de tal modo identificados com o estado corporal que tomam seu corpo fluídico por um corpo material, que crêem trabalhar como o faziam na Terra e que sofrem fadiga. Se sentem fadiga, devem experimentar a necessidade de repouso, e podem crer que se deitam e que dormem, como acreditam que trabalham e viajam em estrada de ferro. Dizemos que eles crêem, para falar do nosso ponto de vista; porque tudo é relativo e em relação à sua natureza fluídica a coisa é tão real quanto o são para nós as coisas materiais.

Apenas os Espíritos de ordem inferior têm semelhantes ilusões; quando menos adiantados, mais o seu estado se aproxima do estado corporal. Ora, este não pode ser o caso do Dr. Cailleux, Espírito avançado, que se dá conta perfeitamente de sua situação. Mas não é menos verdade que teve consciência de um entorpecimento análogo ao sono, durante o qual viu suas diversas individualidades.

Um membro da Sociedade explica o fenômeno desta maneira: No sono humano, só o corpo repousa, mas o Espírito não dorme. Deve dar-se o mesmo no estado espiritual; o sono magnético, ou outro, não deve afetar senão o corpo espiritual ou perispírito, e o Espírito deve achar-se num estado relativamente análogo ao do Espírito encarnado durante o sono do corpo, isto é, conservar a consciência de seu ser. As diferentes encarnações do Dr. Cailleux, que seus guias espirituais queriam fazê-lo ver para sua instrução, puderam apresentar-se a ele como lembrança, da mesma maneira que as imagens se oferecem nos sonhos.

Esta explicação é perfeitamente lógica; foi confirmada pelos Espíritos que, provocando o relato do Dr. Cailleux, quiseram dar-nos a conhecer uma nova fase da vida de além-túmulo.

Questões e Problemas

ESTÁ NO AR

(Paris, 13 de maio de 1866 – Médium: Sr. Tail...)

P. – Quando alguma coisa é presentida pelas massas, geralmente se diz que está no ar. Qual a origem desta expressão?

Resp. – Sua origem, como a de uma porção de coisas de que não nos damos conta e que o Espiritismo vem explicar, está no sentimento íntimo e intuitivo da realidade. A expressão é mais verdadeira do que se pensa.

Esse presentimento geral à aproximação de algum acontecimento grave tem duas causas: a primeira vem das massas inumeráveis de Espíritos que incessantemente percorrem o espaço e que têm conhecimento das coisas que se preparam; em consequência de sua desmaterialização estão mais aptos a seguir o seu curso e lhe prever o desfecho. Esses Espíritos *roçam* incessantemente a Humanidade, comunicando-lhe os seus pensamentos pelas correntes fluídicas que ligam o mundo corporal ao mundo espiritual. Embora não os vejais, seus pensamentos vos chegam como o aroma das flores ocultas na folhagem, e vós os assimilais sem perceber. O ar está literalmente rasgado por essas correntes fluídicas, que por toda parte semeiam a idéia, de tal sorte que a expressão *está no ar* não só é uma figura, mas positivamente verdadeira. Certos Espíritos são mais especialmente encarregados pela Providência de transmitir aos homens o presentimento das coisas *inevitáveis*, com vistas a lhes dar um secreto aviso, e eles cumprem essa missão espalhando-se entre as criaturas. São como vozes íntimas, que retinem no seu foro interior.

A segunda causa deste fenômeno está no desprendimento do Espírito encarnado durante o repouso do corpo. Nesses momentos de liberdade ele se mistura aos Espíritos semelhantes, àqueles com os quais tem mais afinidade; penetra-se

de seus pensamentos, vê o que não pode ver com os olhos do corpo, relata a sua intuição ao despertar, como de uma idéia que lhe é toda pessoal. Isto explica como a mesma idéia surge ao mesmo tempo em cem lugares diferentes e em milhares de cérebros.

Como sabeis, certos indivíduos são mais aptos que outros para receber o influxo espiritual, quer pela comunicação direta dos Espíritos estranhos, quer pelo desprendimento mais fácil de seu próprio Espírito. Muitos gozam, em graus diversos, da segunda vista, ou visão espiritual, faculdade muito mais comum do que pensais, e que se revela de mil maneiras; outros conservam uma lembrança mais ou menos nítida do que viram nos momentos de emancipação da alma. Em consequência desta aptidão, têm noções mais precisas das coisas; não é neles um simples pressentimento vago, mas a intuição, e nalguns o conhecimento da própria coisa, cuja realização prevêem e anunciam. Se se lhes pergunta como sabem, a maior parte não saberia explicar; uns dirão que uma voz interior lhes falou, outros que tiveram uma visão reveladora, e outros, enfim, que o sentem sem saber como. Nos tempos de ignorância, e aos olhos das pessoas supersticiosas, passam por adivinhos e feiticeiros, quando são apenas pessoas dotadas de mediunidade espontânea e inconsciente, faculdade inerente à natureza humana, e que nada tem de sobrenatural, mas que são incapazes de compreender os que nada admitem fora da matéria.

Essa faculdade existiu em todos os tempos, mas é de notar que se desenvolve e se multiplica sob o império de circunstâncias que incrementam a atividade do espírito, nos momentos de crise e quando da aproximação dos grandes acontecimentos. As revoluções, as guerras, as perseguições de partidos e de seitas sempre fizeram nascer um grande número de videntes e inspirados, que foram qualificados de iluminados.

Dr. Demeure

Observação – As relações do mundo corporal com o mundo espiritual nada têm de surpreendente, se se considerar que esses dois mundos são formados dos mesmos elementos, isto é, dos mesmos indivíduos, que passam alternadamente de um ao outro. Tal qual é hoje entre os encarnados da Terra, será amanhã entre os desencarnados do espaço, e reciprocamente. O mundo dos Espíritos, portanto, não é um mundo à parte, é a própria Humanidade despojada de seu invólucro material, e que continua sua existência sob uma nova forma e com mais liberdade.

As relações desses dois mundos, em contato incessante, fazem parte, pois, das leis naturais. A ignorância da lei que os rege foi a pedra de tropeço de todas as filosofias; é por falta de seu conhecimento que tantos problemas ficaram insolúveis. O Espiritismo, que é a ciência dessas relações, nos dá a única chave que os pode resolver. Graças a ele, quantas coisas já não são mistérios!

Poesias Espíritas

PARA TEU LIVRO

(Sociedade de Paris, 11 de maio de 1866 – Médium: Sr. V...)

Breve, criança, irás deixar
 O teto que te viu nascer,
 P'ra correr mundo e enfrentar
 Seus riscos, e talvez morrer
 Sem ter chegado ao teu destino.
 Ante o fugir à nossa instância,
 Tal como outrora, escuto o trino
 Da voz que te guiou na infância.

Ai, ai! meu filho, em teu caminho
 Logo talvez dificuldade
 Te ferirá a mão com espinho,
 Que venenoso de verdade
 Fará coxear teu pé ferido,

Mais de uma vez em tua sina.
Que importa, então! Mais longe erguido,
Seguirás luz que te ilumina,
A marchar sempre, sempre avante;
Sem tua pátria achar perdida,
Teu lugarejo, o lar distante,
E morrer sem chorar a vida,
Se tinhas que perdê-la um dia,
Pregando a todos por doutrina
A caridade, a fé mais pia,
Deveres só da lei divina;
Em toda parte erradicando
Falso saber, orgulho, egoísmo,
Que amortalhar estão tentando
O berço-luz do Espiritismo;
Em repetindo isso que a voz
De todos invisíveis mundos
Parece revelar-te a sós
Em seus murmúrios tão profundos;
Sofrendo um século grosseiro,
Que junta o insulto à injúria forte
Quando te chama feiticeiro,
Simples ledor da boa sorte;
Em perdoando-lhe o desdém,
Vai procurando, pela prece,
Os seus amigos pô-los bem
Em sua santa e humilde messe.

E eu disse: Parte, filho, adeus;
Tua tarefa é difícilima,
Mas crê e espera em teu bom Deus,
Ele a fará talvez fácilima.

Um Espírito poeta

Na sessão seguinte, de 18 de maio, o mesmo médium escreveu espontaneamente o seguinte:

Resposta a uma crítica a meus versos: *Para o teu livro*, feita um tanto levemente, sexta-feira última, por um desconhecido que aqui não vejo esta noite.

Numa misteriosa mata,
 Oculta na folhagem nata
 De lilás, todos os anos
 Na primavera ufanos
 Trinos se escutam de graciosa
 Toutinegra em canção chorosa.
 Do bosque vizinho
 Cada manhã vêm suaves
 Se colocar bem perto dela
 P'ra ouvir melhor o que revela
 Voz tão terna e acentuada,
 Com perfeição modulada,
 Com graça pura e indefinida.
 A multidão quase incontida
 Aplaudia a nobre diva
 Quando surge outro conviva,
 Um melro de plumagem negra
 De raiva a assobiar se alegre
 A monótona canção
 Que admirava sem razão.
 A toutinegra silencia,
 E diz-lhe, rindo, com ironia:
 Assobiais tão bem, tão bem deveis cantar.
 Não será um prazer então vos escutar?
 E o melro sem resposta, alou-se, foi-se embora.
 Por que? Adivinhai... Adeus! Vos deixo agora.

Alfred de Musset

A LAGARTA E A BORBOLETA

(Fábula do Espírito batedor de Carcassonne)

Paciente, a trabalhar num ramo de jasmim,
 Tremia uma lagarta, ao ver chegar-lhe o fim,
 Dizia: “Eu estou bem adoentada,
 Já nem digiro a folha de salada;
 Que pena tanta couve e apetite não tendo;
 E a pouco e pouco eu morrendo;
 Como é triste morrer! Bem melhor não nascer.
 Convém sem queixas me submeter;
 Outras depois de mim sulcarão terra preta.

– Mas tu não morrerás, diz-lhe uma borboleta;
Pois se me lembro bem, na mesma plantação
Contigo já vivi, sou tua irmã então;
Prepara-te o futuro um destino feliz;
Talvez um mesmo amor unir-nos Deus o quis.
Espera!... pois do sono é rápida a passagem.
Crisálida serás como eu em branda aragem;
Como eu poderás, com tão brilhantes cores,
Sorver o perfume das flores.”

A velha respondeu: “Impostura, impostura!
Nada fará mudar, eu sei, leis da Natura;
O espinheiro jamais poderá ser jasmim.
Em meus pobres anéis, juntas frágeis assim,
Que artista poderá neles asas fixar?

Louca, segue o teu caminhar.

– Lagarta, tens razão; limitado é o possível,
Exclama um caracol, em seus cornos, prazível.”
Zomba um sapo. Um vespão, cujo dardo se avulta,
A bela borboleta insulta.

.....
.....
Não; nem sempre é verdade o que ostenta luz farta
Sois cegos por obstinação,
Negando aos mortos alma, ó doutos sem razão,
Assemelhai-vos à lagarta.

Dissertações Espíritas

OCUPAÇÕES DOS ESPÍRITOS

(Sociedade de Paris, 16 de fevereiro de 1866 – Médium: Sr. Leymarie)

Fostes tão bons para comigo, senhores, tão corteses para com um recém-vindo, que ainda vos venho pedir alguns instantes de atenção.

Desde minha estada no mundo dos Espíritos, estou em condições de transmitir algumas observações que aproveitei, pois me dão a faculdade todo-poderosa de mudar completamente

minhas idéias adquiridas na última encarnação. Vou, pois, se mo permitirdes, comunicar algumas dessas reflexões, sugeridas pelas falsas idéias de certos detratores do Espiritismo.

Não é raro ouvir de todos os detratores: Mas os que fizeram a descoberta espírita bem poderiam informar-nos sobre o trabalho dos Espíritos, entrados na posse dessa famosa erraticidade. Têm um corpo correspondente ao nosso ou um corpo fluídico? Têm a ciência infusa? Sabem mais do que nós? Então, por que tanta comunicação terra-a-terra, num francês ordinário ao alcance de todo mundo? Mas o primeiro que chegar pode dizer outro tanto!...

E ainda acrescentam: mas esses Espíritos farsistas a que ginásticas se entregam em seus trapézios eternos? De que vivem? Com que se divertem? Mas se estão no ar ambiente, ocupados em nos ver fazer as coisas, não devem achar divertidas todas as nossas ações vis, todos os nossos pensamentos ridículos. Talvez estejam na contemplação eterna. E se vêem Deus, como é a Divindade? Que idéia podem nos dar de sua grandeza? Ai! Irrisão! repetem eles. E dizer que há gente que se diz sensata e acredita em todas essas quimeras!

Eu ouvia repetir essas idéias e, como os outros, ria ou lamentava amargamente os adeptos de uma doutrina que, segundo nós, levava à loucura. Muitas vezes me perguntei a razão de semelhante aberração mental no século dezenove.

Um dia encontrei-me livre como todos os meus irmãos terrenos e, chegando a este mundo, que me fizera dar de ombros tantas vezes, eis o que vi:

Conforme as faculdades adquiridas na Terra, os Espíritos buscam o meio que lhes é próprio, a menos que, não podendo estar desprendidos, estejam na noite, nada vendo nem ouvindo, nessa terrível espera que é bem o verdadeiro inferno do Espírito.

A faculdade que tem o Espírito desprendido de ir a qualquer parte por um simples efeito de sua vontade, permite que encontre um meio, onde suas faculdades possam desenvolver-se pelos contrastes e pelas diferenças das idéias. Quando da separação do Espírito e do corpo, é-se conduzido por almas simpáticas junto àqueles que vos esperam, prevendo a vossa chegada.

Naturalmente, fui acolhido por amigos tão incrédulos quanto eu. Mas como neste mundo tão ridicularizado, todas as virtudes estão em evidência, todos os méritos se manifestam, todas as reflexões são bem recebidas, todos os contrastes se transformam numa difusão de luzes. Chamado pela curiosidade a visitar grupos numerosos que preparam outras encarnações, estudando todos os lados que deve elucidar o Espírito destinado a voltar à Terra, fiz uma grande idéia da reencarnação.

Quando um Espírito se prepara para uma nova existência, submete suas idéias às decisões do grupo a que pertence. Este discute; os Espíritos que o compõem vão aos grupos mais avançados ou à Terra; procuram entre vós elementos de aplicação. O Espírito aconselhado, fortificado, esclarecido sobre todos os pontos poderá, doravante, se quiser, seguir seu caminho sem protestar. Terá em sua peregrinação terrena uma multidão de Espíritos invisíveis, que não o perderão de vista; tendo participado em seus trabalhos preparatórios, eles aplaudem os seus resultados, os esforços a vencer, a sua vontade firme que, dominando a matéria, lhe permitiu trazer aos outros encarnados um contingente de quitação e de amor, isto é, o bem, segundo as grandes instruções, segundo Deus, que as dita em todas as afirmações da Ciência, da vegetação, de todos os problemas, enfim, que são a luz do Espírito, quando sabe resolvê-las num sentido racional.

Pertencendo ao grupo de alguns sábios que se ocupam de economia política, aprendi a não desprezar nenhuma das faculdades de que tanto ri outrora; compreendi que o homem,

muito inclinado ao orgulho, recusa-se a admitir, mesmo sem estudo, tudo o que é novo e fora do seu gênero de espírito. Também me disse que muitos de meus antigos amigos seguiam caminho errado, tomando a sombra pela realidade. Todavia, segui o conjunto dos trabalhos da Humanidade, onde nada é inútil. Compreendi mesmo a grande lei da igualdade e da equidade que Deus derramou em todo o elemento humano e me disse que aquele que em nada crê, e que, não obstante faz o bem e ama os seus semelhantes, sem esperança de remuneração, é um Espírito nobre, muito mais nobre que muitos dos que, prevendo outra vida e crendo no progresso do Espírito, esperam uma recompensa. Enfim, aprendi a ser tolerante, vendo essas legiões de Espíritos entregues a tantos trabalhos diversos, multidão inteligente que pressente Deus e procura coordenar todos os elementos do futuro. Disse-me que o homem, esse pigmeu, é de tal modo orgulhoso que se ama e se adora, desprezando os outros, em vez de entregar-se aos grandes instintos e, sobretudo, às idéias sãs e conscienciosas que ensina a vida futura, desenvolvidas pelas idéias espiritualistas e, principalmente, pelo Espiritismo, esta lei magnífica que cada dia mais fortifica a solidariedade do mundo terrestre e o da erraticidade. É ele que vos inicia em nossos pensamentos, em nossas esperanças, em tudo quanto preparamos para o vosso adiantamento, para o fim desejado da geração que logo deve emigrar para as regiões superiores.

Obrigado. Até outra vez.

Gui...

Observação – Este Espírito, do qual demos notável comunicação na *Revista* de dezembro de 1865, era, em vida, um distinto economista, mas imbuído das idéias materialistas, e um dos zombadores do Espiritismo. Todavia, como era um homem adiantado intelectual e moralmente e buscasse o progresso, não demorou em reconhecer o seu erro e seu maior desejo foi trazer

seus amigos ao caminho da verdade. Foi na intenção destes que ditou várias comunicações. Por mais profunda e lógica que seja esta, vê-se que o mundo dos Espíritos ainda não lhe é perfeitamente conhecido. Equivoca-se quando diz que a geração atual em breve deve emigrar para as regiões superiores. Sem dúvida, no grande movimento regenerador que se opera, uma parte dessa geração deixará a Terra por mundos mais adiantados; mas, como a Terra regenerada será, ela própria, mais adiantada do que o é, muitos acharão uma recompensa aqui reencarnando. Quanto aos endurecidos, que aí são uma chaga, como estariam deslocados e constituiriam um entrave ao progresso, por perpetuarem o mal, terão de esperar em mundos mais atrasados que a luz se faça para eles. É o que resulta da generalidade das instruções dadas a respeito pelos Espíritos.

SUSPENSÃO DA ASSISTÊNCIA DOS ESPÍRITOS

(Douai, 13 de outubro de 1865)

Num grupo modelo, que punha em prática os deveres espíritas, notava-se com surpresa que certos Espíritos de escol, freqüentadores habituais, desde algum tempo se abstinham de dar instruções, o que motivou a seguinte pergunta:

P. – Por que os Espíritos elevados, que habitualmente nos assistem, comunicam-se mais raramente conosco?

Resp. – Caros amigos, há duas causas para este abandono de que vos queixais. Em primeiro lugar não é um abandono; é apenas um afastamento momentâneo e necessário. Sois como escolares que, bem instruídos e bem *dotados* de repetições preliminares, são obrigados a fazer os seus deveres sem o concurso dos professores; buscam na memória; espreitam um sinal, espiam uma palavra de socorro: nada vem, nada *deve* vir.

Esperais nossos encorajamentos, nossos conselhos sobre a vossa conduta, sobre as vossas determinações: nada vos

satisfaz, porque nada vos deve satisfazer. Fostes contemplados com ensinamentos sábios, afetuosos, encorajamentos freqüentes, cheios de amenidade e de verdadeira sabedoria; tivestes inúmeras provas de nossa presença, da eficácia da nossa ajuda; a fé vos foi dada, comunicada; vós a tomastes, raciocinastes, adotastes; numa palavra, como o escolar, fostes *dotados* para o *dever*. É preciso fazê-lo sem erros, com os vossos próprios recursos, e não mais com o nosso concurso. Onde estaria o vosso mérito? Não poderíamos senão repetir incessantemente a mesma coisa. Cabe-vos agora aplicar o que vos ensinamos. É preciso voar com as próprias asas e marchar sozinho.

Em dado momento, Deus fornece uma arma e uma força a cada homem, a fim de que estes continuem a vencer novos perigos. O momento em que uma força nova se lhe revela é sempre para ele uma hora de alegria, de entusiasmo. Então a fé ardente aceita toda dor sem analisá-la, porque o amor não conta as penas; mas depois destas instantaneidades, que são a festa, é preciso o trabalho, e o trabalho só. A alma acalmou-se, o coração abrandou-se e eis que chegam a luta e a provação; eis o inimigo; é preciso agüentar o choque; é o momento decisivo. Então, que o amor vos transporte e vos faça desprezar a Terra! É preciso que o vosso coração fique vitorioso dos vis instintos do egoísmo e do abatimento; é a prova.

Desde muito tempo vos temos advertido que teríeis necessidade de estreitar os vossos laços, de vos unir, de vos fortalecer para a luta. O momento é chegado, e nele já estais. Como ireis sustentá-la? Nada mais podemos fazer, do mesmo modo que o professor não pode soprar a composição ao aluno. Ganhará o prêmio? Isto depende do proveito que tiver extraído das lições que recebeu. Assim é convosco. Possuis um código de instruções suficientes para vos conduzir até um determinado ponto. Lede novamente essas instruções, meditai-as e não peçais outras antes de as ter aplicado seriamente, pois só nós somos os juizes; e quando

chegardes ao ponto em que elas forem insuficientes, em relação ao vosso progresso moral, nós bem saberemos dar-vos outras.

A segunda razão desta espécie de isolamento de que vos queixais é esta: muitos de vossos conselheiros simpáticos têm, junto a outros homens, missões análogas às que, de início, quiseram desempenhar junto a vós; e essa quantidade de evocações de que são objeto muitas vezes os desviam de serem assíduos em vosso grupo. Vossa amiga Madalena desempenha longe um mandato difícil, e suas solitudes, estando junto a vós, alcançam também aqueles a quem ela se sacrifica para salvar. Mas todo o vosso mundo vos voltará; em dado momento reencontrareis os vossos amigos reunidos como outrora, no mesmo pensamento de simpático concurso junto aos seus protegidos. Aproveitai esse tempo para o vosso melhoramento, a fim de que, quando vierem, eles possam dizer: estamos contentes convosco.

Pamphile, Espírito protetor

Observação – Esta comunicação é uma resposta aos que se queixam da uniformidade do ensino dos Espíritos. Se refletirmos no número de verdades que nos ensinaram, veremos que nos oferecem vastíssimo campo à meditação, até que as tenhamos assimilado e deduzido todas as suas aplicações. Que diriam de um doente que diariamente pedisse um novo remédio ao seu médico, sem seguir as suas prescrições? *Se os Espíritos não nos ensinam novidades todos os dias, com o auxílio da chave que nos puseram nas mãos, e das leis que nos revelaram, por nós mesmos aprendemos novidades todos os dias, explicando o que, para nós, era inexplicável.*

O TRABALHO

(Extraído do jornal espírita italiano *La Voce di Dio*
– Traduzido do italiano)

A medida do trabalho imposto a cada Espírito, encarnado ou desencarnado, é a certeza de ter realizado

escrupulosamente a missão que lhe foi confiada. Ora, cada um tem uma missão a cumprir: este, numa grande escala, aquele em escala menor. Entretanto, relativamente, as obrigações são todas iguais e Deus vos pedirá conta do óbolo posto em vossas mãos. Se ganhastes uma vantagem, se dobrastes a soma, certamente cumpristes o vosso dever, porque obedecestes à ordem suprema. Se, em vez de ter aumentado este óbolo o tivésseis perdido, é certo que teríeis abusado da confiança que o vosso Criador tinha depositado em vós; por isso, sereis tratado como um ladrão, porque tomastes e não restituístes; longe de aumentar, dissipastes. Ora, se, como acabo de dizer, cada criatura é obrigada a receber e dar, quanto mais, espíritas, tendes de obedecer a essa lei divina, tanto mais esforço deveis fazer para cumprir este dever perante o Senhor, que vos escolheu para partilhar seus trabalhos e vos convidou à sua mesa. Pensai, meus irmãos, que o dom que vos é dado é um dos soberanos bens de Deus. Não vos envaideçais por isto, mas envidai todos os esforços para merecer este alto favor. Se os títulos que poderíeis receber de um grande da Terra, se os seus favores são algo de belo aos vossos olhos, tanto mais vos deveríeis sentir felizes com os dons do senhor dos mundos; dons incorruptíveis e imperecíveis, que vos elevam acima de vossos irmãos e para vós serão a fonte de alegrias puras e santas!

Mas quereis ser os seus únicos possuidores? Como egoístas, quereíeis guardar só para vós tanta felicidade e alegria? Oh! não; fostes escolhidos como depositários. As riquezas que brilham aos vossos olhos não são vossas, mas pertencem a todos os vossos irmãos em geral. Deveis, pois, aumentá-las e distribuí-las. Como o bom jardineiro que conserva e multiplica suas flores, e vos apresenta no rigor do inverno as delícias da primavera; como no triste mês de novembro nascem rosas e lírios, assim estais encarregados de semear e cultivar em vosso campo moral, flores de todas as estações, flores que desafiarão o sopro do aquilão e o vento sufocante do deserto; flores que, uma vez desabrochadas em

seus pedicelos, não passarão nem jamais murcharão; mas, brilhantes e vivazes, serão o emblema da verdura e das cores eternas. O coração humano é um solo fértil em afeição e em doces sentimentos, um campo cheio de sublimes aspirações, quando cultivado pelas mãos da caridade e da religião.

Oh! não reserveis apenas para vós esses pedúnculos sobre os quais crescem sempre tão doces frutos! Oferecei-os aos vossos irmãos, convidai-os a vir saborear, sentir o perfume de vossas flores, a aprender a cultivar os vossos campos. Nós vos assistiremos, encontraremos regatos frescos que, correndo suavemente, darão força às plantas exóticas, que são os germes da terra celeste. Vinde! trabalharemos convosco, partilharemos vossa fadiga, a fim de que também possais acumular esses bens e deles fazer participar outros irmãos, em caso de necessidade. Deus nos dá e nós, reconhecidos por seus dons, os multiplicamos o mais possível. Deus nos incumbe da nossa própria melhoria e da dos outros; cumprimos nossas obrigações e santificaremos sua vontade sublime.

Espíritas, é a vós que me dirijo. Preparamos o vosso campo; agora agi de maneira que todos que necessitarem possam fruir largamente. Lembrai-vos de que todos os ódios, todos os rancores, todas as inimizades devem desaparecer diante de vossos deveres: instruir os ignorantes, assistir os fracos, ter compaixão dos aflitos, defender os inocentes, lastimar os que estão no erro e perdoar aos inimigos. Todas essas virtudes devem crescer em abundância no vosso campo, e deveis implantá-las nos dos vossos irmãos. Recolhereis uma ampla colheita e sereis abençoados por vosso Pai, que está nos céus!

Meus caros filhos, quis dizer-vos todas essas coisas, a fim de vos encorajar a suportar com paciência todos aqueles que, inimigos da nova doutrina, buscam vos denegrir e vos afligir. Deus

está convosco, não o duvideis. A palavra de nosso Pai celeste desceu ao vosso globo, como no dia da Criação. Ele vos envia uma nova luz, luz cheia de esplendor e de verdade.

Aproximai-vos, ligai-vos estreitamente a ele e segui corajosamente o caminho que se abre à vossa frente.

Santo Agostinho

Notas Bibliográficas

OS EVANGELHOS EXPLICADOS

Pelo Sr. Roustaing¹³

Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com a ajuda de comunicações ditadas pelos Espíritos. É um trabalho considerável e que tem, para os espíritas, o mérito de não estar, em nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*. As partes correspondentes às que tratamos em *O Evangelho segundo o Espiritismo* o são em sentido análogo. Aliás, como nos limitamos às máximas morais que, com raras exceções, geralmente são claras, elas não poderiam ser interpretadas de diversas maneiras; por isso jamais foram assunto de controvérsias religiosas. Foi por esta razão que por aí começamos, a fim de ser aceito sem contestação, esperando, quanto ao resto, que a opinião geral estivesse mais familiarizada com a idéia espírita.

¹³ Os Quatro Evangelhos, seguidos dos mandamentos explicados em espírito e em verdade pelos evangelistas, assistidos pelos apóstolos. Recolhidos e coordenados por J.-B. Roustaing, advogado na corte imperial de Bordeaux, antigo bastonário. – 3 vols. In-12. – Preço: 10 fr. 50. – Paris, Librairie centrale, 24, boulevard des Italiens. – Bordeaux, todos os livreiros.

O autor desta nova obra julgou dever seguir outro caminho; em vez de proceder por gradação, quis atingir o fim de um salto. Assim, tratou certas questões que não tínhamos julgado oportuno abordar ainda e das quais, por consequência, lhe deixamos a responsabilidade, bem como aos Espíritos que as comentaram. Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular nossa marcha pelo desenvolvimento da opinião, até nova ordem não daremos às suas teorias nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de as sancionar ou as contraditar. Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todo o caso, necessitam da sanção do controle universal, e, até mais ampla confirmação, não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita.

Quando tratarmos destas questões, fá-lo-emos categoricamente. Mas é que então teremos recolhido documentos bastante numerosos nos ensinos dados *de todos os lados* pelos Espíritos, a fim de poder falar afirmativamente e ter a certeza de estar *de acordo com a maioria*; é assim que temos feito, toda vez que se trata de formular um princípio capital. Já dissemos cem vezes: Para nós a opinião de um Espírito, seja qual for o nome que traga, tem apenas o valor de uma opinião individual; nosso critério está na concordância universal, corroborada por uma lógica rigorosa, para as coisas que não podemos controlar com os próprios olhos. De que nos serviria dar prematuramente uma doutrina como verdade absoluta se, mais tarde, devesse ser combatida pela generalidade dos Espíritos?

Dissemos que o livro do Sr. Roustaing não se afasta dos princípios de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*. Nossas observações assentam sobre a aplicação desses mesmos princípios à interpretação de certos fatos. É assim, por exemplo, que ele dá ao Cristo, em vez de um corpo carnal, um corpo fluídico

concretizado, tendo todas as aparências da materialidade, e dele faz um *agêneré*. Aos olhos dos homens que então não tivessem podido compreender sua natureza espiritual, deve ter passado *em aparência*, expressão incessantemente repetida no curso de toda a obra, para todas as vicissitudes da Humanidade. Assim se explicaria o mistério de seu nascimento: Maria não teria tido senão as aparências da gravidez. Este ponto, posto como premissa e pedra angular, é a base sobre a qual ele se apóia para a explicação de todos os fatos extraordinários ou miraculosos da vida de Jesus.

Sem dúvida nada há nisso de materialmente impossível para quem quer que conheça as propriedades do invólucro perispiritual. Sem nos pronunciarmos a favor ou contra essa teoria, diremos que ela é, pelo menos, hipotética, e que se um dia fosse reconhecida errônea, faltando a base, o edifício desabaria. Esperamos, pois, os numerosos comentários que ela não deixará de provocar da parte dos Espíritos, e que contribuirão para elucidar a questão. Sem a prejudicar, diremos que já foram feitas sérias objeções a essa teoria, e que, em nossa opinião, os fatos podem perfeitamente ser explicados sem sair das condições da humanidade corporal.

Estas observações, subordinadas à sanção do futuro, em nada diminuem a importância desta obra, que, ao lado de coisas duvidosas, em nosso ponto de vista, encerra outras incontestavelmente boas e verdadeiras, e será consultada com proveito pelos espíritas sérios.

Se o fundo de um livro é o principal, a forma não é para desdenhar e também concorre com algo para o sucesso. Acharmos que certas partes são desenvolvidas muito extensamente, sem proveito para a clareza. A nosso ver, se a obra se tivesse limitado ao estritamente necessário, poderia ter sido reduzida a dois, ou mesmo a um só volume, com isso ganhando em popularidade.

LA VOCE DI DIO

*A Voz de Deus, jornal ditado pelos Espíritos,
na Sociedade de Scordia, Sicília*¹⁴

A Itália conta uma nova publicação espírita periódica. Esta é exclusivamente consagrada ao ensino dos Espíritos. Com efeito, o primeiro número só contém produções mediúnicas, inclusive o prefácio e o discurso preliminar. Eis a lista dos assuntos tratados nesse número:

Prefácio, conselhos dados à Sociedade para a formação do jornal. – Discurso preliminar, assinado por Santo Agostinho. – Alegoria sobre o Espiritismo. – Reverberação da alma. – Previsões. – Arrependimento de um Espírito sofredor, conversa. – O trabalho. – A morte do Cristo. – A prece coletiva. Resposta a uma pergunta feita.

Todas essas comunicações trazem uma marca incontestável de superioridade, do ponto de vista da moral e da elevação dos pensamentos. Delas se pode fazer uma idéia por aquele sobre *O Trabalho*, que publicamos acima.

Os Espíritos terão, pois, *o seu jornal* e certamente não faltarão redatores. Mas, assim como entre os encarnados, aí os há de todos os graus de mérito. Contamos com o julgamento dos *editores* para uma escolha rigorosa entre essas produções de além-túmulo, que só terão a ganhar em clareza e interesse se, conforme as circunstâncias, forem acompanhadas de alguns comentários.

Allan Kardec

¹⁴ Pequeno in-8^o, edição mensal. – Preço para a Itália: 6 fr. por ano; 3 fr. por seis meses. Um número: 60 centavos. – Endereço: Al signor Dr. Giuseppe Modica, in Scordia (Sicília).

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

JULHO DE 1866

Nº 7

Projeto de Caixa Geral de Socorro e outras Instituições para os Espíritas

Num dos grupos espíritas de Paris um médium recebeu, ultimamente, a seguinte comunicação do Espírito de sua avó:

“Meu caro filho, vou falar-te um instante das questões de caridade que te preocupavam esta manhã quando ias ao trabalho.

“As crianças que são entregues a amas mercenárias; as mulheres pobres que são forçadas, abdicando do pudor que lhes é caro, a servir nos hospitais de material experimental aos médicos e aos estudantes de Medicina, são duas grandes chagas que todos os bons corações devem aplicar-se em curar, e isto não é impossível. Que os espíritas façam como os católicos, contribuindo com alguns centavos por semana e capitalizando esses recursos, de modo a chegarem a fundações sérias, grandes e verdadeiramente eficazes. A caridade que alivia um mal presente é uma caridade santa, que encoraja com todas as minhas forças; mas a caridade que se perpetua nas fundações imortais, destinada a aliviar as misérias, é a

caridade inteligente e que me tornaria feliz ao vê-la posta em prática.

“Gostaria que um trabalho fosse elaborado visando a criar, inicialmente, um primeiro estabelecimento de proporções restritas. Quando se tivesse visto o bom resultado dessa primeira criação, passar-se-ia a outra, que seria aumentada pouco a pouco, como Deus quer que seja aumentada, porque o progresso se realiza em marcha lenta, sábia, calculada. Repito que o que proponho não é difícil; não haveria um só espírita verdadeiro que ousasse faltar ao apelo para o alívio de seus semelhantes, e os espíritas são bastante numerosos para formar, pelo acúmulo de algumas moedas por semana, um capital suficiente para um primeiro estabelecimento destinado a mulheres doentes, que seriam cuidadas por mulheres e que então deixariam de ocultar seus sofrimentos para salvar o seu pudor.

“Entrego estas reflexões às meditações das pessoas benevolentes que assistem à sessão e estou bem convicta de que elas darão bons frutos. Os grupos da província se congregariam prontamente a uma idéia tão bela e, ao mesmo tempo, tão útil e tão paternal. Aliás seria um monumento do valor moral do Espiritismo, tão caluniado, hoje e ainda por muito tempo, encarniçadamente.

“Eu disse que a caridade local é boa, aproveita a um indivíduo mas não eleva o espírito das massas como uma obra durável. Não seria belo que se pudesse repelir a calúnia, dizendo aos caluniadores: ‘Eis o que fizemos. Reconhece-se a árvore pelo fruto; uma árvore má não dá bons frutos e uma boa árvore não os dá maus.’

“Pensai também nas pobres crianças que saem dos hospitais e que vão morrer em mãos mercenárias, dois crimes simultâneos: o de entregar a criança desarmada e fraca, e o crime daquele que a sacrificou sem piedade. Que todos os corações

elevem seus pensamentos para as tristes vítimas da sociedade imprevidente, e que se esforcem por encontrar uma boa solução para as salvar de suas misérias. Deus quer que se tente, e dá os meios de o alcançar; é preciso agir. Triunfa-se quando se tem fé, e a fé transporta montanhas. Que o Sr. Kardec trate a questão em seu jornal e vereis como será aclamada com calor e entusiasmo.

“Eu disse que era preciso um monumento material que atestasse a fé dos espíritas, como as pirâmides do Egito atestam a vaidade dos faraós; mas, em vez de fazer loucuras, fazei obras que levem o selo do próprio Deus. Todo mundo deve compreender-me; não insisto.

“Retiro-me, meu caro filho. Como vês, tua boa avó ama sempre os seus filhotes, como te amava quando eras pequenino. Quero que tu os ames como eu, e que penses em encontrar uma boa organização. Poderás, se o quiseres; e, se necessário, nós te ajudaremos. Eu te abençôo.”

Marie G...

A idéia de uma caixa central e geral de socorro, formada entre os espíritas, já foi concebida e manifestada por homens animados de excelentes intenções. Mas não basta que uma idéia seja grande, bela e generosa; antes de tudo é preciso que seja exequível. Certamente temos dado mostras suficientes de nosso devotamento à causa do Espiritismo, para não ser suspeito de indiferença a seu respeito. Ora, é precisamente em razão de nossa própria solicitude que procuramos nos resguardar contra o entusiasmo que cega. Antes de empreender uma coisa, é preciso friamente calcular-lhe os prós e os contras, a fim de evitar reveses sempre deploráveis, que não deixariam de ser explorados por nossos adversários. O Espiritismo só deve marchar com segurança, e quando põe o pé num lugar deve estar seguro de pisar terreno firme. Nem sempre a vitória é do mais apressado, mas com muito

mais probabilidade daquele que sabe esperar o momento propício. Há resultados que não podem ser senão obra do tempo e da infiltração da idéia no espírito das massas. Saibamos, pois, esperar que a árvore esteja formada, antes de lhe pedir uma colheita abundante.

Desde muito tempo nós vos propúnhamos tratar a fundo esta questão, para a colocar em seu verdadeiro terreno e premunir contra as ilusões de projetos mais generosos do que sensatos, e cujo insucesso teria conseqüências lamentáveis. A comunicação relatada acima, e sobre a qual houveram por bem pedir a nossa opinião, nos fornece uma ocasião muito natural. Examinaremos, pois, tanto o projeto de centralização dos recursos, quanto o de algumas outras instituições e estabelecimentos especiais para o Espiritismo.

Antes de tudo convém dar-se conta do estado real das coisas. Sem dúvida os espíritas são muito numerosos, e seu número cresce sem cessar. Sob esse aspecto oferece um espetáculo único, o de uma propagação inaudita na história das doutrinas filosóficas, porque não há uma só, sem excetuar o Cristianismo, que tenha congregado tantos partidários em tão poucos anos. Isto é um fato notório, que confunde os próprios antagonistas. E o que não é menos característico, é que essa propagação, em vez de fazer-se num centro único, opera-se simultaneamente em toda a superfície do globo e em milhares de centros. Disso resulta que os adeptos, a despeito de serem muito numerosos, ainda não formam uma aglomeração compacta.

Essa dispersão, que à primeira vista parece uma causa de fraqueza, é, ao contrário, um elemento de força. Cem mil espíritas disseminados numa região fazem mais pela propagação da idéia do que se estivessem amontoados numa cidade. Cada individualidade é um foco de ação, um germe que produz rebento; por sua vez, cada rebento produz mais ou menos e os ramos se

reúnem pouco a pouco e cobrem a região mais prontamente do que se a ação partisse de um ponto único; é absolutamente como se um punhado de grãos fosse lançado ao vento, em vez de serem postos todos juntos no mesmo buraco. Além disso, por esta quantidade de pequenos centros a doutrina é menos vulnerável do que se tivesse um só, contra o qual seus inimigos poderiam assestar todas as suas forças. Um exército primitivamente compacto, dispersado pela força ou por outra causa qualquer, é um exército perdido. Aqui o caso é completamente diferente: a disseminação dos espíritas não é um caso de dispersão, mas um estado primitivo tendendo à concentração, para formar uma vasta unidade. A primeira está no fim; a segunda no seu nascimento.

Àqueles, pois, que se queixam do seu isolamento numa localidade, respondemos: Ao contrário, agradecei ao céu por vos haver escolhido como pioneiros da obra em vossa região. Cabe a vós lançar as primeiras sementes; talvez não germinem imediatamente; talvez não recolhereis os frutos; talvez mesmo tenhais de sofrer em vosso labor, mas pensai que não se prepara uma terra sem trabalho e ficai certos de que, mais cedo ou mais tarde, o que tiverdes semeado frutificará. Quanto mais ingrata a tarefa, mais mérito tereis, ainda que somente abrisseis caminho aos que vierem depois de vós.

Certamente, se os espíritas devessem ficar sempre no estado de isolamento, seria uma causa permanente de fraqueza; mas a experiência prova a que ponto a doutrina é vivaz e sabe-se que por um ramo abatido há dez que renascem. Sua generalização, pois, é uma questão de tempo. Ora, por mais rápida que seja a sua marcha, ainda é preciso tempo suficiente e, enquanto se trabalha a obra, é preciso saber esperar que o fruto esteja maduro antes de o colher.

Esta disseminação momentânea dos espíritas, essencialmente favorável à propagação da doutrina, é um obstáculo

à execução de obras coletivas de certa importância, pela dificuldade, se não mesmo pela impossibilidade, de reunir num mesmo ponto elementos suficientemente numerosos.

Dirão que é precisamente para remediar esse inconveniente, para apertar os laços de confraternidade entre os membros isolados da grande família espírita, que se propôs a criação de uma caixa central de socorro. Na verdade é um pensamento grande e generoso, que seduz à primeira vista; mas já se refletiu nas dificuldades de execução?

Uma primeira questão se apresenta. Até onde se estenderia a ação dessa caixa? Limitar-se-ia à França, ou compreenderia os outros países? Há espíritas em todo o globo. Não são nossos irmãos os de todos os países, de todas as castas e de todos os cultos? Se, pois, a caixa recebesse contribuições de espíritas estrangeiros, o que aconteceria infalivelmente, teria o direito de limitar sua assistência a uma única nacionalidade? Poderia, conscienciosamente e caridosamente, perguntar ao que sofre se é russo, polonês, alemão, espanhol, italiano ou francês? A menos que faltasse ao seu título, ao seu objetivo, ao seu dever, deveria estender sua ação do Peru à China. Basta pensar na complicação da máquina administrativa de uma tal empresa para ver quanto ela é quimérica.

Supondo que se circunscrevesse à França, não seria menos uma administração colossal, um verdadeiro ministério. Quem quereria assumir a responsabilidade de uma tal gerência de fundos? Para uma gestão dessa natureza não bastariam a integridade e o devotamento: seria necessária uma alta capacidade administrativa. Admitamos, contudo, vencidas as primeiras dificuldades; como exercer um controle eficaz sobre a extensão e a realidade das necessidades, sobre a sinceridade da qualidade de espírita? Semelhante instituição logo veria surgirem adeptos, ou que se dizem como tais, aos milhões, mas não seriam estes que

alimentariam a caixa. Do momento em que esta existisse, julgá-las inesgotável, e em breve ela se veria impossibilitada de satisfazer a todas as exigências de seu mandato. Fundada em tão vasta escala, consideramo-la como impraticável, e por nossa conta pessoal não lhe daríamos a mão.

Além disso, não seria de temer que ela encontrasse oposição à sua própria constituição? O Espiritismo apenas nasce e ainda não está, por toda parte, em estado de perfeição espiritual para que se julgue ao abrigo de suposições malevolentes. Não poderiam enganar-se quanto às suas intenções numa operação desse gênero? supor que, sob uma capa, oculte outro objetivo? numa palavra, fazer assimilações de que seus adversários alegariam exceção de justiça, para excitar a desconfiança contra si? Por sua natureza, o Espiritismo não é e nem pode ser uma filiação, nem uma congregação. Deve, pois, no seu próprio interesse, evitar tudo quanto lhe desse tal aparência.

Então é preciso que, por medo, o Espiritismo fique estacionário? Não é agindo, dirão, que ele mostrará o que é, que dissipará as desconfianças e frustrará a calúnia? Sem nenhuma dúvida; mas não se deve pedir à criança o que exige as forças da idade viril. Longe de servir ao Espiritismo, seria comprometê-lo e expô-lo aos golpes e às gargalhadas dos adversários e misturar seu nome a coisas quiméricas. Certamente ele deve agir, mas no limite do possível. Deixemos-lhe, pois, tempo para adquirir as forças necessárias e então dará mais do que se pensa. Ele nem mesmo está completamente constituído em teoria; como querem que dê o que só pode ser resultado do complemento da doutrina?

Aliás há outras considerações que importa levar em conta.

O Espiritismo é uma crença filosófica e basta simpatizar com os princípios fundamentais da doutrina para ser

espírita. Falamos dos espíritas convictos, e não dos que lhe tomam a máscara, por motivos de interesse ou outros, igualmente inconfessáveis. Esses não fazem número; neles não há nenhuma convicção; hoje se dizem espíritas, na esperança de aí encontrar vantagens; amanhã serão adversários, se não encontrarem o que procuravam; ou então se farão de vítimas de seu devotamento fictício, e acusarão os espíritas de ingratidão por não os sustentar. Não seriam os últimos a explorar a caixa geral, para se indenizarem de especulações frustras ou repararem desastres causados por sua incúria ou sua imprevidência, e a lhe atirarem a pedra, se ela não os satisfaz. Não é para admirar, pois todas as opiniões contam com semelhantes auxiliares e vêem a representação de semelhantes comédias.

Há também a massa considerável dos espíritas de intuição; os que o são pela tendência e a predisposição de suas idéias, sem estudo prévio; os indecisos, que ainda flutuam, esperando os elementos de convicção que lhes são necessários. Podemos, sem exagero, avaliá-los em um quarto da população. É o grande reservatório onde se recrutam os adeptos, mas ainda não contam no número.

Entre os espíritas reais – os que constituem o verdadeiro corpo dos aderentes – há certas distinções a fazer. Em primeira linha deve-se colocar os adeptos de coração, animados de uma fé sincera, que compreendem o objetivo e o alcance da doutrina e lhe aceitam todas as conseqüências para si mesmos; seu devotamento é a toda prova e sem segunda intenção; os interesses da causa, que são os da Humanidade, lhes são sagrados e jamais os sacrificam a uma questão de amor-próprio ou de interesse pessoal. Para eles o lado moral não é simples teoria: esforçam-se por pregar pelo exemplo; não só têm a coragem de sua opinião: disto fazem uma glória e, se necessário, sabem pagar com sua pessoa.

Em seguida vêm os que aceitam a idéia como filosofia, porque lhes satisfaz à razão, mas cuja fibra moral não é suficientemente tocada para compreender as obrigações que a doutrina impõe aos que a assimilam. O homem velho está sempre lá e a reforma de si mesmos lhes parece uma tarefa por demais pesada; mas como não estão menos firmemente convencidos, entre eles encontram-se propagadores e defensores zelosos.

Depois há as pessoas levianas, para quem o Espiritismo está todo inteiro nas manifestações. Para estes é um fato, e nada mais; o lado filosófico passa despercebido; o atrativo da curiosidade é o seu principal móvel: extasiam-se perante um fenômeno e ficam frios diante de uma consequência moral.

Finalmente, há o número ainda muito grande dos espíritas mais ou menos sérios, que não puderam colocar-se acima dos preconceitos e do que dirão, contidos pelo temor do ridículo; aqueles que considerações pessoais ou de família, com interesses por vezes respeitáveis a gerir, de algum modo são forçados a manter-se afastados. Todos esses, numa palavra, que por uma causa ou por outra, boa ou má, não se põem em evidência. A maior parte não desejaria mais do que se confessar, mas não ousam ou não o podem. Isto virá mais tarde, à medida que virem outros fazê-lo e que não houver perigo; serão os espíritas de amanhã, como outros são os da véspera. Todavia, não se pode exigir muito deles, porque é preciso uma força de caráter que não é dada a todos, para enfrentar a opinião em certos casos. É preciso, pois, levar em conta a fraqueza humana. O Espiritismo não tem o privilégio de transformar subitamente a Humanidade e se nos podemos admirar de alguma coisa, é do número de reformas que ele já operou em tão pouco tempo; enquanto nuns, onde ele encontra o terreno preparado, entra, por assim dizer, de uma vez, noutros só penetra gota-a-gota, conforme a resistência que encontra no caráter e nos hábitos.

Todos esses adeptos contam no número, e por mais imperfeitos que sejam, são sempre úteis, embora em limites restritos. Até nova ordem, se só servissem para diminuir as fileiras da oposição, já seria alguma coisa. É por isso que não se pode desdenhar nenhuma adesão sincera, mesmo parcial.

Mas, quando se trata de uma obra coletiva importante, onde cada um deve trazer seu contingente de ação, como seria a de uma caixa geral, por exemplo, convém ter em mente essas considerações, porque a eficácia do concurso que se pode esperar está na razão da categoria à qual pertencem os adeptos. É bem evidente que não se pode contar muito com os que não levam a sério o lado moral da doutrina e, ainda menos, com os que não ousam mostrar-se.

Restam, pois, os adeptos da primeira categoria. Destes, certamente, tudo se pode esperar; são soldados de vanguarda, não esperando, na maioria das vezes, senão serem chamados, quando se trata de dar prova de abnegação e de devotamento. Mas numa cooperação financeira, cada um contribui conforme os seus recursos e o pobre só pode dar o seu óbolo. Aos olhos de Deus este óbolo tem grande valor, mas para as necessidades materiais tem apenas o seu valor intrínseco. Desfalcando todos aqueles cujos meios de subsistência são limitados, aqueles mesmos que só pensam no dia de hoje, o número dos que poderiam contribuir um pouco largamente e de maneira eficaz é relativamente restrito.

Uma observação ao mesmo tempo interessante e instrutiva é a da proporção dos adeptos segundo as categorias. Essa proporção variou sensivelmente e se modifica em razão dos progressos da doutrina. Mas neste momento pode ser avaliada, aproximadamente, da maneira seguinte: 1ª categoria – espíritas completos, de coração e devotamento: 10%; 2ª categoria – espíritas incompletos, buscando mais o lado científico que o lado moral: 25%; 3ª categoria – espíritas levianos, os que só se interessam pelos

fatos materiais: 5% (esta proporção era inversa há dez anos); 4ª categoria – espíritas não confessos ou que se ocultam: 60%.

Relativamente à posição social, pode-se fazer duas classes gerais: de um lado, aqueles cuja fortuna é independente; do outro, os que vivem de seu trabalho. Em 100 espíritas da primeira categoria, há em média 5 ricos contra 95 trabalhadores; na segunda, 70 ricos e 30 trabalhadores; na terceira, 80 ricos e 20 trabalhadores; na quarta, 99 ricos e 1 trabalhador.

Desse modo, seria ilusão pensar que em tais condições uma caixa geral pudesse satisfazer a todas as necessidades, quando a do mais rico banqueiro não seria suficiente. Não bastariam alguns milhares de francos anualmente, mas milhões.

De onde vem essa diferença na proporção entre os ricos e os que não o são? A razão é muito simples: os aflitos encontram no Espiritismo um imenso consolo, que os ajuda a suportar o fardo das misérias da vida; dá-lhes a razão dessas misérias e a certeza de uma compensação. Não é, pois, surpreendente que, gozando mais benefício, o apreciem mais e o tomem mais a peito que os felizes do mundo.

Admiram-se de que, quando semelhantes projetos vieram à tona, não nos tivéssemos apressado em os apoiar e patrocinar. É que, antes de tudo, nos apegamos a idéias positivas e práticas; para nós o Espiritismo é uma coisa muito séria, para o comprometer prematuramente em caminhos onde pudesse encontrar decepções. De nossa parte, não há nisso nem indiferença, nem pusilanimidade, mas prudência, e sempre que estiver maduro para ir à frente, não ficaremos na retaguarda. Não que nos atribuamos mais perspicácia do que aos outros; mas como a nossa posição nos permite a visão de conjunto, podemos julgar o forte e o fraco talvez melhor do que os que se acham num círculo restrito. Aliás, damos a nossa opinião e não pretendemos impô-la a ninguém.

O que acaba de ser dito a respeito da criação de uma caixa geral e central de socorro, aplica-se naturalmente aos projetos de fundação de estabelecimentos hospitalares e outros. Ora, aqui a utopia é ainda mais evidente. Se é fácil lançar um projeto sobre o papel, o mesmo não se dá quando se chega às vias e meios de execução. Construir um edifício *ad hoc* já é muito; e quando estivesse pronto, seria preciso provê-lo de pessoal suficiente e *capaz*, e depois assegurar a sua manutenção, porque tais estabelecimentos custam muito e nada rendem. Não são apenas grandes capitais que se exigem, mas grandes rendimentos. Admitindo-se, contudo, que à força de perseverança e de sacrifícios se chegasse a criar um pequeno modelo, quão mínimas não seriam as necessidades a que poderia satisfazer, em relação à massa e à disseminação dos necessitados em um vasto território! Seria uma gota d'água no oceano; e, se há tantas dificuldades para um só, mesmo em pequena escala, seria muito pior se se tratasse de os multiplicar. Na realidade, o dinheiro assim empregado não adiantaria, pois, senão a alguns indivíduos, ao passo que, judiciosamente repartido, ajudaria a viver um grande número de infelizes.

Seria um modelo, um exemplo; seja. Mas, por que se esforçar por criar quimeras, quando as coisas existem prontas, montadas, organizadas, com meios mais poderosos do que jamais disporão os particulares? Esses estabelecimentos deixam a desejar; há abusos, não correspondem a todas as necessidades, isto é evidente e, contudo, se os comparamos ao que eram há menos de um século, constatamos uma imensa diferença e um progresso constante; cada dia vemos a introdução de um melhoramento. Não se poderia, pois, duvidar que com o tempo novos progressos fossem realizados pela força das coisas. As idéias espíritas devem, infalivelmente, apressar a reforma de todos os abusos, porque, melhor que outras, penetram os homens com o sentimento de seus deveres. Por toda parte onde se introduzem, os abusos caem e o progresso se realiza. Devemos, pois, nos empenhar em as espalhar: aí está a coisa possível e prática, a verdadeira alavanca, alavanca

irresistível, quando tiver adquirido a força suficiente pelo desenvolvimento completo dos princípios e pelo número dos aderentes sérios.

A julgar do futuro pelo presente, pode-se afirmar que o Espiritismo terá levado à reforma de muitas coisas muito antes que os espíritas tenham podido acabar o primeiro estabelecimento do gênero desse de que falamos, se algum dia o empreendessem, mesmo que tivessem de dar um centavo por semana. Por que, então, consumir energias em esforços supérfluos, em vez de concentrá-las num ponto acessível e que seguramente deve conduzir ao objetivo? Mil adeptos ganhos à causa e espalhados em mil locais diferentes apressarão mais a marcha do progresso do que um edifício.

O Espiritismo, diz o Espírito que ditou a comunicação acima, deve firmar-se e mostrar o que é por um monumento durável, erguido à caridade. Mas de que serviria um monumento à caridade, se a caridade não estiver no coração? Ele ergue um mais durável que um monumento de pedra: é a doutrina e suas conseqüências para o bem da Humanidade. É nisto que cada um deve trabalhar com todas as suas forças, porque durará mais que as pirâmides do Egito.

Pelo fato de esse Espírito se enganar, segundo nós, sobre tal ponto, isto nada lhe retira de suas qualidades; incontestavelmente está animado de excelentes sentimentos. Mas um Espírito pode ser muito bom, sem ser um apreciador infalível de todas as coisas. Nem todo bom soldado é, necessariamente, um bom general.

Um projeto de realização menos quimérica é o da formação de sociedades de socorros mútuos entre os espíritas de uma mesma localidade. Mas, ainda aqui, não se pode escapar a algumas das dificuldades que assinalamos: a falta de aglomeração e

a cifra ainda restrita daqueles com os quais se pode contar para um concurso efetivo. Outra dificuldade vem da falsa assimilação que fazem dos espíritas e de certas classes de indivíduos. Cada profissão apresenta uma delimitação claramente marcada. Pode-se facilmente estabelecer uma sociedade de socorros mútuos entre gente de uma mesma profissão, entre os de um mesmo culto, porque se distinguem por algo de característico, e por uma posição de certo modo oficial e reconhecida. Assim não se dá com os espíritas que, como tais, não são registrados em parte alguma e cuja crença não é constatada por nenhum diploma. Há-os em todas as classes da sociedade, em todas as profissões, em todos os cultos, e em parte alguma constituem uma classe distinta. Sendo o Espiritismo uma crença fundada numa convicção íntima, *da qual não se devem contar a ninguém*, quase que só se conhecem os que se põem em evidência ou freqüentam os grupos, e não o número muito mais considerável dos que, sem se ocultar, não participam de nenhuma reunião regular. Eis, por que, apesar da certeza de que os adeptos são numerosos, muitas vezes é difícil chegar a uma cifra bastante, quando se trata de uma operação coletiva.

Com respeito às sociedades de socorros mútuos, apresenta-se uma outra consideração. O Espiritismo não forma, nem deve formar classe distinta, já que se dirige a todos; por seu princípio mesmo deve estender sua caridade indistintamente, sem inquirir da crença, porque todos os homens são irmãos; se fundar instituições de caridade exclusivas para os seus adeptos, será forçado a perguntar a quem reclama assistência: “Sois dos nossos? Que provas nos dais? Se não, nada podemos fazer por vós.” Assim, mereceria a censura de intolerância, que dirige aos outros. Não; para fazer o bem, o espírita não deve sondar a consciência e a opinião e, ainda que tivesse à sua frente um inimigo de sua fé, mas infeliz, deve vir em seu auxílio nos limites de suas faculdades. É agindo assim que o Espiritismo mostrará o que é e provará que vale mais do que o que lhe opõem.

As sociedades de socorros mútuos multiplicam-se por todos os lados e em todas as classes de trabalhadores. É uma excelente instituição, prelúdio do reino da fraternidade e da solidariedade, de que se sente necessidade; aproveitam aos espíritas que delas fazem parte, como a todo o mundo. Por que, então, fundá-las só para eles e excluir os outros? Que ajudem a propagá-las, porque são úteis; que, para as tornar melhores, nelas façam penetrar o elemento espírita, nelas penetrando eles próprios, pois isso seria mais proveitoso para eles e para a doutrina. Em nome da caridade evangélica, inscrita em sua bandeira, em nome dos interesses do Espiritismo, nós os intimamos a evitar tudo quanto pudesse estabelecer uma barreira entre eles e a sociedade. Enquanto o progresso moral tende a diminuir as que dividem os povos, o Espiritismo não as deve erguer; é de sua essência penetrar em toda parte; sua missão, melhorar tudo o que existe. O Espiritismo falharia se se isolasse.

Deve a beneficência ficar individual e, neste caso, sua ação não será mais limitada do que se for coletiva? A beneficência coletiva tem vantagens incontestáveis e, bem longe de desestimulá-la, nós a encorajamos. Nada mais fácil do que praticá-la em grupos, recolhendo por meio de cotizações regulares ou de donativos facultativos os elementos de um fundo de socorro. Mas, então, agindo num círculo restrito, o controle das verdadeiras necessidades é fácil; o conhecimento que delas se pode ter permite uma distribuição mais justa e mais proveitosa; com uma soma módica, bem distribuída e dada *de propósito*, pode-se prestar mais serviços reais que com uma grande soma dada sem conhecimento de causa e, a bem dizer, ao acaso. É, pois, necessário dar-se conta de certos detalhes se não se quiser gastar inutilmente seus recursos. Ora, compreende-se que tais cuidados seriam impossíveis se se operasse em vasta escala. Aqui, nada de complicação administrativa, nada de pessoal burocrático; algumas pessoas de boa vontade, e eis tudo.

Por conseguinte, não podemos senão encorajar com todas as nossas forças a beneficência coletiva nos grupos espíritas. Nós a conhecemos em Paris, na província e no estrangeiro, fundadas, se não exclusivamente, ao menos principalmente com esse objetivo, e cuja organização nada deixa a desejar. Lá, membros dedicados vão aos domicílios inquirir dos sofrimentos e levar o que às vezes vale mais que os socorros materiais: as consolações e os encorajamentos. Honra a eles, pois bem merecem do Espiritismo! Se cada grupo agir assim em sua esfera de atividade, todos juntos realizarão maior soma de bem do que o faria uma caixa central quatro vezes mais rica.

Estatística da Loucura

O *Moniteur* de 16 de abril de 1866 continha o relatório quinquenal, dirigido ao Imperador pelo Ministro da Agricultura, Comércio e Trabalhos Públicos, sobre o estado da alienação mental na França. Muito extenso, sábia e conscienciosamente feito, esse relatório é uma prova da solicitude com que o Governo trata essa grave questão humanitária. Os preciosos documentos que encerra atestam uma observação atenta. Eles nos interessam bastante, porque são um desmentido formal e autêntico às acusações lançadas pelos adversários do Espiritismo, por eles designado como causa preponderante da loucura. Dele extraímos as passagens mais salientes.

Na verdade esses documentos constataam um crescimento considerável do número de alienados; mas se verá que nisto o Espiritismo é completamente estranho. Esse número, que nos asilos especiais era, em 1835, de 10.539, se achava, em 1861, em 30.229; é um aumento de 19.700 em 26 anos, ou seja, uma média de 750 por ano, como resulta do quadro seguinte (em 1º de janeiro):

1835 ...	10.539	1844 ...	16.255	1853 ...	23.795
1836 ...	11.091	1845 ...	17.089	1854 ...	24.524
1837 ...	11.429	1846 ...	18.013	1855 ...	24.896
1838 ...	11.982	1847 ...	19.023	1856 ...	25.485
1839 ...	12.577	1848 ...	19.570	1857 ...	26.305
1840 ...	13.283	1849 ...	20.231	1858 ...	27.028
1841 ...	13.887	1850 ...	20.061	1859 ...	27.878
1842 ...	15.280	1851 ...	21.353	1860 ...	28.761

Além disso, o relatório constata este fato capital: o aumento foi progressivo de ano a ano, de 1835 a 1846 e, desde então, foi decrescendo, como indica o quadro abaixo:

Período de 1836 a 1841, crescimento anual de	5,04%
Período de 1841 a 1846, crescimento anual de	5,94%
Período de 1846 a 1851, crescimento anual de	3,71%
Período de 1851 a 1856, crescimento anual de	3,87%
Período de 1856 a 1861, crescimento anual de	3,14%

“Diz o Sr. Ministro que, em face dessa desaceleração, também verificada nas admissões, como estabelecerei mais adiante, é provável que o crescimento verdadeiramente excepcional de nossos asilos em breve seja detido.

“O número de doentes que podiam abrigar convenientemente os nossos asilos era, em fins de 1860, de 31.550. O efetivo dos doentes mantidos na mesma época se elevava a 30.239. Em consequência, o número de lugares disponíveis era apenas de 1231.

“Do ponto de vista da natureza de sua enfermidade, os doentes em tratamento em 1º de janeiro de cada um dos anos 1856-1861 (únicos anos para os quais a distinção foi feita) assim se classificam:

Anos	Loucos	Idiotas	Cretinos
1856	22.602	2.840	43
1857	23.283	2.976	46
1858	23.851	3.134	43

1859	24.395	3.443	40
1860	25.147	3.577	37
1861	26.450	3.746	43

“O fato notável deste quadro é o aumento considerável, em relação aos loucos, do número de idiotas tratados nos asilos. Em cinco anos ele foi de 32%, ao passo que, no mesmo intervalo, o efetivo de loucos elevou-se apenas de 14%. Essa diferença é a consequência da admissão em nossos asilos de um grande número de idiotas que antes ficavam no seio das famílias.

“Dividido por sexo, o efetivo da população total dos asilos oferece, cada ano, um excedente numérico do sexo feminino sobre o masculino. Eis as cifras constatadas para os doentes presentes no fim de cada um dos anos de 1854-1860:

Anos	Sexo masculino	Sexo feminino
1854	12.036	12.860
1855	12.221	13.264
1856	12.632	13.673
1857	12.930	14.098
1858	13.392	14.486
1859	13.876	14.885
1860	14.582	15.657

“A média anual, calculada para este período de seis anos, é, para 100 doentes, de 51,99 mulheres e 48,10 homens. Esta desproporção entre os dois sexos, que se repete anualmente, desde 1842, com ligeiras diferenças, é muito notável em presença da superioridade numérica, bem constatada, do sexo masculino nas admissões, onde se contam 52,91 homens para 100 doentes admitidos. É devida, como foi explicado na publicação precedente, à maior mortalidade destes últimos e, além disso, porque sua permanência no asilo é notavelmente menos longa que a das mulheres.

“A partir de 1856 os doentes em tratamento nos asilos foram classificados de acordo com as chances de cura que seu

estado parecia oferecer. As cifras a seguir resumem os fatos constatados para a categoria dos loucos em tratamento no dia 1º de janeiro de cada ano:

Anos	Presumidos curáveis	Presumidos incuráveis	Total
—			—
1856	4.404	18.198	22.602
1857	4.389	18.894	23.283
1858	4.266	19.585	24.851
1859	4.613	19.782	24.395
1860	4.499	19.648	25.147

“Assim, mais de quatro quintos dos loucos mantidos em nossos asilos não oferecem nenhuma chance de cura. Esse triste resultado é a conseqüência da incúria ou da ternura cega da maioria das famílias, que só se separam o mais tarde possível de seus alienados, isto é, quando seu mal inveterado não deixa qualquer esperança de cura.

“Sabe-se com cuidado os médicos de nossos asilos de alienados, no momento da admissão de um doente, procuram determinar a causa de sua loucura, a fim de poder chegar a atacar o mal em seu princípio e aí aplicar o remédio apropriado à sua natureza. Por mais escrupulosas, por mais conscienciosas que sejam essas investigações médicas, é preciso não esquecer que seus resultados estão longe de equivaler a fatos suficientemente estabelecidos. Com efeito, não repousam senão em apreciações cuja exatidão pode sofrer em diferentes circunstâncias. Em primeiro lugar a extrema dificuldade de descobrir entre as várias influências sofridas pela razão do doente, a causa decisiva, aquela da qual saiu a alienação. Mencionemos em seguida a repugnância das famílias em fazer ao médico confidências completas. Talvez se tenha de levar em conta, igualmente, a tendência atual da maioria dos médicos em considerar as causas morais como inteiramente secundárias e acidentais, para, de preferência, atribuir o mal a causas puramente físicas.

“É com base nessas observações que vou abordar o exame dos quadros relativos às causas presumíveis de alienação dos 38.988 doentes, admitidos de 1856 a 1860.

“A loucura se produz com mais freqüência sob a influência de causas físicas do que de causas morais? Eis os fatos colhidos sobre este ponto, abstração feita da hereditariedade, para os loucos admitidos em cada um dos cinco anos do período de 1856 a 1860:

Ano	Causas físicas	Causas morais
1856	2.730	1.724
1857	3.213	2.171
1858	3.202	2.217
1859	3.277	1.986
1860	3.444	2.259
	-----	-----
Totais	15.866	10.357

“Conforme estas cifras, em 1.000 casos de loucura, 607 foram atribuídos a causas físicas e 393 a causas morais. A loucura, portanto, se produziria muito mais freqüentemente sob influências físicas. Esta observação é comum a ambos os sexos, com a diferença, todavia, de que para as mulheres o número de casos cuja origem é atribuída a causas morais é relativamente mais elevado do que para os homens.

“Os 15.866 casos em que a loucura pareceu provocada por uma causa física, se decompõem da seguinte forma:

Efeito da idade (demência senil)	2.098
Nudez e miséria	1.008
Onanismo e abusos venéreos	1.026
Excessos alcoólicos	3.455
Vício congênito	474
Doenças próprias da mulher	1.592
Epilepsia	1.498

Outras doenças do sistema nervoso	1.136
Golpes, quedas, lesões, etc.	398
Doenças diversas	2.866
Outras causas físicas	1.164
Total	15.866

“Quanto aos fenômenos de ordem moral, os que parecem produzir a loucura com mais freqüência são: primeiro, os pesares domésticos e a exaltação dos sentimentos religiosos; a seguir vêm os reveses da fortuna e a ambição não concretizada. Quanto ao mais, eis a enumeração detalhada dos 10.357 casos de loucura, assinalados como consequência imediata dos diversos incidentes da vida moral:

Excesso de trabalho intelectual	358
Pesares domésticos	2.549
Desgostos resultantes da perda da fortuna	851
Tristeza resultante da perda de um ente querido	803
Pesares resultantes da ambição insatisfeita	520
Remorso	102
Cólera	123
Alegria	31
Pudor ferido	69
Amor	767
Ciúme	456
Orgulho	368
Acontecimentos políticos	123
Passagem súbita da vida ativa à inativa e vice-versa	82
Isolamento e solidão	115
Prisão simples	113
Prisão em regime celular	26
Nostalgia	78
Sentimentos religiosos levados ao excesso	1.095
Outras causas morais	1.728
Total	10.357

“Em suma, abstração feita da hereditariedade, resulta das observações colhidas sobre os doentes admitidos em nossos

asilos de alienados, durante o período de 1856 a 1860 que, de todas as causas que concorrem para provocar a loucura, a mais comum é a embriaguez. Vêm a seguir os pesares domésticos, a idade, as doenças de diversos órgãos, a epilepsia, a exaltação religiosa, o onanismo e as privações de toda sorte.

“O quadro seguinte dá o número de paralíticos, epiléticos, surdos-mudos, escrofulosos e os acometidos de papeira, entre os doentes admitidos pela primeira vez de 1856 a 1860:

	Loucos	Idiotas/cretinos
Paralíticos	3.775	69
Epiléticos	1.763	347
Surdos-mudos	133	61
Escrofulosos	381	146
Acometidos de papeira	123	32

“A loucura se complica com paralisia muito mais na mulher. Entre os epiléticos há mais homens que mulheres, mas em proporção menos forte.

“Se se pesquisar agora, distinguindo os sexos, em que proporções se produzem as curas anualmente, em relação ao número de doentes tratados, obtém-se os seguintes resultados:

Anos	Homens	Mulheres	Ambos os sexos
1854	8,93%	8,65%	8,79%
1855	8,92%	8,81%	8,86%
1856	8,00%	7,69%	7,83%
1857	8,11%	7,45%	7,62%
1858	8,02%	6,74%	7,37%
1859	7,69%	6,71%	7,19%
1860	7,05%	6,95%	7,00%

“Vê-se que, se a loucura é curável, o número proporcional das curas é ainda muito restrito, a despeito dos melhoramentos de toda natureza levados ao tratamento dos

doentes e as acomodações dos asilos. De 1856 a 1860 a proporção média das curas foi, para os loucos de ambos os sexos, reunidos, de 8,24%. É apenas o duodécimo. Essa proporção seria muito mais elevada se as famílias não cometessem o grave erro de não se separar de seus alienados senão quando a doença já fez progressos inquietantes.

“Um fato digno de nota é que o número proporcional de homens curados excede, anualmente, o das mulheres. Em 100 loucos tratados, de 1856 a 1860, contaram-se em média 8,69 curas para os homens e apenas 7,81 para as mulheres, ou seja, cerca de um nono a mais para os alienados do sexo masculino.

“Entre os 13.687 loucos saídos depois da cura, de 1856 a 1860, há somente 9.789 para os quais foi possível determinar as diversas influências que tinham ocasionado sua afecção mental. Eis o resumo das indicações colhidas sob este ponto de vista:

Curados		
Causas físicas	5.253
Causas morais	4.536
Total	<u>9.789</u>

“Representando por mil esse número total, acha-se que, em 536 doentes curados, a loucura tinha sobrevindo em decorrência de causas físicas, e em 464 em consequência de influências morais. Essas proporções numéricas diferem muito sensivelmente das precedentemente constatadas, no que concerne às admissões de 1856 a 1860, onde se contaram, em 1.000 admitidos, apenas 393 doentes cuja loucura tinha uma causa moral. De onde resulta que, nesta categoria de doentes, as curas obtidas teriam sido relativamente mais numerosas que entre aqueles cuja loucura teve uma causa física.

“Cerca de metade dos casos curados, para os quais a causa do mal foi colhida, devia-se às seguintes circunstâncias:

embriaguez – 1.738; pesares domésticos – 1.171; doenças diversas – 761; doenças próprias da mulher – 723; exaltação dos sentimentos religiosos – 460.

“Em 1.522 doentes curados, constatou-se uma predisposição hereditária. É uma proporção de 15% em relação à cifra dos loucos curados.”

Logo de início resulta desses documentos que o aumento da loucura, constatado a partir de 1835, é de perto de vinte anos anterior ao aparecimento do Espiritismo na França, onde não se ocuparam das mesas girantes, e mais como entretenimento do que como coisa séria, senão depois de 1852, e da parte filosófica somente depois de 1857. Em segundo lugar, esse aumento seguiu, ano a ano, uma marcha ascendente, de 1835 a 1846; de 1847 a 1861 ele foi diminuindo de ano para ano; e a diminuição foi mais forte de 1856 a 1861, precisamente no período em que o Espiritismo tomava o seu desenvolvimento. Ora, era precisamente naquela época que se publicavam brochuras e os jornais se apressavam em repetir que as casas de alienados estavam atulhadas de loucos espíritas, a tal ponto que várias tinham sido obrigadas a aumentar as suas construções; que aí se contavam, ao todo, mais de quarenta mil. Como podia aí haver mais de 40.000, quando o relatório constata uma cifra máxima de 30.339? A que fonte mais segura que a da autoridade aqueles senhores colheram os seus dados? Provocavam uma enquete: ei-la feita tão minuciosamente quanto possível, e se vê se ela lhes dá razão.

O que igualmente ressalta do relatório é o número de idiotas e de cretinos, que entra com uma parte considerável no cômputo geral, e o aumento anual deste número, que, evidentemente, não pode ser atribuído ao Espiritismo.

Quanto às causas predominantes da loucura, elas foram, como se vê, minuciosamente estudadas e, contudo, o

Espiritismo aí não figura nem nominalmente, nem por alusão. Teria passado despercebido se, como pretendem alguns, tivesse, ele só, enchido as casas de alienados?

Não pensamos que se atribua ao ministro o pensamento de ter querido poupar os espíritas, abstendo-se de os mencionar, se tivesse lugar para o fazer. Em todo o caso, certas cifras viriam recusar qualquer parte preponderante do Espiritismo no estado das coisas. Se fosse de outro modo, as causas morais predominariam em número sobre as causas físicas, enquanto é o contrário que se dá. A cifra dos alienados considerados incuráveis não seria quatro a cinco vezes mais forte que a dos doentes presumivelmente curáveis, e o relatório não diria que os quatro quintos dos loucos mantidos nos hospícios não oferecem nenhuma chance de cura.

Finalmente, em face do desenvolvimento que toma cada dia o Espiritismo, o ministro não diria que, em razão da desaceleração que se produziu, é provável que o aumento verdadeiramente excepcional na população dos asilos em breve seja detido.

Em suma, esse relatório é a resposta mais peremptória que se pode dar aos que acusam o Espiritismo de ser uma causa preponderante de loucura. Aqui não são hipóteses nem raciocínios, mas cifras autênticas, opostas a cifras fantásticas, fatos materiais contrapostos a alegações mentirosas de seus detratores, interessados em o desacreditar na opinião pública.

Morte de Joseph Méry

Um homem de talento, inteligência de escol, poeta e literato distinto, o Sr. Joseph Méry morreu em Paris no dia 17 de junho de 1866, com sessenta e sete anos e meio de idade.

Conquanto não fosse adepto confesso do Espiritismo, pertencia à numerosa classe dos que se podem chamar *espíritas inconscientes*, isto é, naqueles em que as idéias fundamentais do Espiritismo existem no estado de intuição. A esse título, e sem sair de nossa especialidade, podemos consagrar-lhe algumas linhas, que não serão inúteis à nossa instrução.

Seria supérfluo repetir aqui as informações que a maioria dos jornais publicaram, por ocasião de sua morte, sobre sua vida e suas obras. Reproduziremos apenas a seguinte passagem da notícia do *Siècle* (19 de junho), porque é uma justa homenagem prestada ao caráter do homem. Depois de ter enumerado seus trabalhos literários, assim o descreve o autor do artigo: “Joseph Méry era pródigo na conversação; palestrador brilhante, improvisador de estâncias e de rimas, semeava ditos espirituosos e paradoxos com uma verve infatigável; e, particularidade que o honra, jamais deixou de ser benevolente para com todos. É um dos mais belos elogios que se pode fazer a um escritor.”

Dissemos que o Sr. Méry era espírita por intuição. Ele não só acreditava na alma e na sua sobrevivência, no mundo espiritual que nos cerca, mas na pluralidade das existências; nele essa crença era o resultado de *lembranças*. Estava persuadido de ter vivido em Roma sob Augusto, na Alemanha, nas Índias, etc. Certos detalhes estavam presentes tão bem à sua memória que ele descrevia com exatidão lugares que jamais tinha visto. É a esta faculdade que o autor do artigo precitado faz alusão, quando diz: “Sua imaginação inesgotável criava as regiões que não tinha visto, adivinhava os costumes, descrevendo os habitantes com uma fidelidade tanto mais maravilhosa porque *a possuía mau grado seu*.”

Citamos os fatos mais notáveis que lhe dizem respeito no número da *Revista* de novembro de 1864, reproduzindo sob o título de *Lembranças de existências passadas*, o artigo biográfico publicado pelo Sr. Dangeau, no *Journal littéraire* de 25 de setembro

de 1864, e que acompanhamos de algumas reflexões. Essa faculdade era perfeitamente conhecida de seus confrades em literatura. Que pensavam disto? Para alguns não passava de *singular* efeito da imaginação. Como, porém, o Sr. Méry era um homem estimado, de caráter simples e reto, que sabiam incapaz de uma impostura – a exatidão de certas descrições locais tinha sido reconhecida – e não se podia racionalmente tachá-la de loucura, muitos diziam que aí podia haver algo de verdadeiro; por isso esses fatos foram lembrados num dos discursos pronunciados junto ao seu túmulo. Ora, se tivessem considerado como aberrações de seu espírito, teriam passado em silêncio. É, pois, em presença de um imenso concurso de ouvintes, da elite da literatura e da imprensa, numa circunstância grave e solene, uma das que mais impõem respeito, que foi dito que o Sr. Méry se lembrava de ter vivido em outras épocas e o provava por fatos. Isto não pode deixar de suscitar reflexões, tanto mais que, fora do Espiritismo, muitas pessoas adotam a idéia da pluralidade das existências como a mais racional. Sendo os fatos desta natureza concernentes ao Sr. Méry uma das notáveis particularidades de sua vida e tendo tido repercussão por ocasião de sua morte, não poderão senão acreditá-lo.

Ora, quais são as conseqüências dessa crença, abstração feita do Espiritismo? Se admitirmos que já vivemos uma vez, podemos e até devemos ter vivido várias vezes, e podemos reviver depois desta existência. Se revivemos várias vezes, não pode ser com o mesmo corpo; logo, há em nós um princípio inteligente independente da matéria e que *conserva sua individualidade*. Como se vê, é a negação das doutrinas materialistas e panteístas. Este princípio ou alma, *revivendo na Terra*, desde que pode conservar a intuição de seu passado, não pode perder-se no infinito depois da morte, como se crê vulgarmente; deve, no intervalo de suas existências corpóreas, ficar no meio humanitário; devendo retomar novas existências nesta mesma humanidade, não deve perdê-la de vista; deve seguir as suas peripécias. Eis, pois, o mundo espiritual que nos cerca, no meio do qual vivemos. Nesse mundo

naturalmente se acham os nossos parentes e amigos, que devem continuar a interessar-se por nós, como nos interessamos por eles e que não estão perdidos para nós, já que existem e podem estar perto de nós. Eis no que chegam forçosamente a crer; eis as conseqüências a que são levados os que admitem o princípio da pluralidade das existências; eis no que acreditava Méry. Que faz a mais o Espiritismo? Chama *Espíritos* esses mesmos seres invisíveis e diz que estando em nosso meio, podem manifestar sua presença e comunicar-se com os encarnados. Quando o resto foi admitido, isto é assim tão despropositado?

Como se vê, a distância que separa o Espiritismo da crença íntima de muitas pessoas é bem pouca coisa. O fato das manifestações não passa de acessório e da confirmação prática do princípio fundamental admitido em teoria. Por que, então, alguns dos que admitem a base repelem o que deve servir de prova? Pela falsa idéia que fazem disto. Mas os que se dão ao trabalho de o estudar e o aprofundar, logo reconhecem que estão mais próximo do Espiritismo do que pensavam e que a maior parte deles são espíritos sem o saber: só lhes falta o nome. Eis por que se vêem tantas idéias espíritas emitidas a todo instante por aqueles mesmos que rejeitam o termo, e por que certas pessoas aceitam tão facilmente essas mesmas idéias. Quando se trata de uma questão de palavra, está-se muito próximo do entendimento.

Tocando em tudo, o Espiritismo entra no mundo por uma infinidade de portas. Uns a ele são trazidos pelo fato das manifestações; outros, pela desgraça que os atinge e contra a qual acham nessa crença a única consolação verdadeira; outros, ainda, pela idéia filosófica e religiosa; finalmente, outros pelo princípio da pluralidade das existências. Méry, contribuindo para acreditar esse princípio num certo mundo, talvez faça mais pela propagação do Espiritismo do que se fosse abertamente espírita confesso.

É precisamente no momento em que esta grande lei da Humanidade vem afirmar-se por fatos e pelo testemunho de um

homem honrado, que, por seu lado, a cúria romana vem desautorizá-la, pondo no índice a *Pluralidade das existências da alma*, de Pezzani (Jornal *Le Monde*, 22 de junho de 1866); inevitavelmente esta medida terá por efeito provocar o seu exame. A pluralidade das existências não é uma simples opinião filosófica; é uma *lei da Natureza*, que nenhum anátema pode impedir de ser e com a qual a Teologia, mais cedo ou mais tarde, deverá pôr-se de acordo. A pressa em condenar, em nome da Divindade, uma lei que, como todas as que regem o mundo, é obra da Divindade, é um tanto exagerada. É muito de temer que em breve não suceda com essa condenação o que aconteceu com a que lançaram contra o movimento da Terra e os períodos de sua formação.

A seguinte comunicação foi obtida na Sociedade de Paris, no dia 22 de junho de 1866, pelo médium Sr. Desliens:

Pergunta – Sr. Méry, não tínhamos a vantagem de vos conhecer senão pela reputação; mas os vossos talentos e a merecida estima de que éreis cercado nos levam a esperar encontrar, nas conversas que manteremos convosco, uma instrução que aproveitaremos e nos deixará felizes, todas as vezes que quiserdes vir entre nós.

As perguntas que hoje desejaríamos vos dirigir, se a época recente de vossa morte vos permitir responder, são estas:

1º – Como se realizou vossa passagem desta à outra vida e quais as vossas impressões ao entrar no mundo espiritual?

2º – Em vida tínheis conhecimento do Espiritismo? O que pensáveis dele?

3º – O que dizem de vossas lembranças de existências anteriores é exato? Que influência essas lembranças exerceram sobre vossa vida terrena e os vossos escritos?

Julgamos supérfluo perguntar se sois feliz em vossa nova posição; a bondade do vosso caráter e vossa honorabilidade nos levam a esperar isto.

Resposta – Senhores, estou extremamente tocado pelo testemunho de simpatia que haveis por bem me dar, e que se encerra nas palavras do vosso honrado presidente. Sinto-me feliz por atender ao vosso apelo, pois minha situação atual me afirma a realidade de um ensinamento cuja intuição eu trazia ao nascer, e também porque pensais no que resta de Méry, o romancista, no futuro de minha parte íntima e viva, em minha alma, enfim, ao passo que meus numerosos amigos pensavam, sobretudo, ao me deixar, na personalidade que os abandonava. Lançavam-me seu último adeus, desejando que a terra me fosse leve! Que resta de Méry para eles?... Um pouco de poeira e obras sobre cujo mérito não sou chamado a pronunciar-me... De minha vida nova, nem uma palavra!

Lembraram minhas teorias como uma das singularidades de meu caráter, a imposição de minhas convicções como um efeito magnético, um charme que desapareceria com a minha ausência; mas do Méry que sobreviveu ao corpo, desse ser inteligente que hoje dá conta de sua vida de ontem e que pensa em sua vida de amanhã, que disseram?... Nada!... nem mesmo pensaram... O romancista tão alegre, tão triste, por vezes tão divertido, partiu; deram-lhe uma lágrima, uma lembrança! Em oito dias nele não pensarão mais, e as peripécias da guerra farão esquecer a volta do pobre exilado à sua pátria.

Insensatos! há muito diziam: “Méry está doente; enfraquece, fica velho.” Como se enganavam!... eu ia para a juventude; crede; a criança que chora ao entrar na vida é que avança para a velhice; o homem maduro que morre reencontra a juventude eterna além da sepultura!

A morte foi para mim uma doçura inefável. Meu pobre corpo, castigado pela doença, sofreu as derradeiras convulsões e tudo foi dito; mas meu Espírito saía pouco a pouco de suas fraldas e planava, ainda prisioneiro e já aspirando ao infinito!... Fui libertado sem perturbação, sem abalo; não tive surpresa, porque o túmulo não mais tinha véu para mim. Abeirei-me de uma margem conhecida; sabia que amigos devotados me esperavam na praia, pois não era a primeira vez que eu fazia essa viagem.

Como eu dizia aos meus ouvintes admirados, conheci a Roma dos Césares; comandi como conquistador subalterno nessa Gália que habitava recentemente como cidadão; ajudei a conquistar a vossa pátria, a subjugar os vossos bravos antepassados, depois parti para retemperar minhas forças na fonte da vida intelectual, para escolher novas provas e novos meios de progresso. Vi as bordas do Ganges e as dos rios da China; assimilei civilizações tão diferentes da vossa e, contudo, tão grandes, tão avançadas em seu gênero. Vivi na zona tórrida e nos climas temperados; estudei os costumes daqui e de lá; sucessivamente guerreiro, poeta, escritor, filósofo e sempre sonhador...

Esta última existência foi para mim uma espécie de resumo de todas as que a precederam. Adquiri há pouco; ainda ontem gastava os tesouros acumulados numa série de existências, de observações e de estudos.

Sim, eu era espírita de coração e de espírito, se não de raciocínio. A preexistência para mim era um fato, a reencarnação uma lei, o Espiritismo uma verdade. Quanto às questões de detalhe, confesso de boa-fé não ter ligado a elas grande importância. Acreditava na sobrevivência da alma, na pluralidade de suas existências, mas jamais tentei aprofundar se ela podia, depois de haver deixado seu corpo mortal, manter, livre, relações com os que ainda estão ligados à cadeia. Ah! Victor Hugo disse com acerto: “A Terra não é senão a penitenciária do céu!...” Por vezes quebra-se a

sua corrente, mas para a retomar. Seguramente não se sai daqui senão deixando aos guardas o cuidado de, chegado o momento, desatar os laços que nos prendem à provação.

Estou feliz, muito feliz, porque tenho a consciência de ter bem vivido!

Perdoai-me, senhores, é ainda Méry, o sonhador, que vos fala; e permiti que volte a uma reunião onde me sinto à vontade. Deve haver o que aprender convosco e, se me quiserdes receber no número de vossos ouvintes invisíveis, é com felicidade que ficarei entre vós, escutando, instruindo-me e falando, se se me apresentar ocasião.

J. Méry

Questões e Problemas

IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS NAS COMUNICAÇÕES PARTICULARES

Por que os Espíritos evocados por um sentimento de afeição muitas vezes se recusam a dar provas certas de sua identidade?

Compreende-se todo o valor ligado às provas de identidade da parte dos Espíritos que nos são caros; esse sentimento é muito natural e parece, desde que os Espíritos podem manifestar-se, que lhes deve ser muito fácil atestar a sua personalidade. A falta de provas materiais, sobretudo para certas pessoas que não conhecem o mecanismo da mediunidade, isto é, a lei das relações entre os Espíritos e os homens, é uma causa de dúvida e de cruel incerteza. Embora tenhamos tratado várias vezes desta questão, vamos examiná-la novamente, para responder a algumas perguntas que nos são dirigidas.

Nada temos a acrescentar ao que foi dito sobre a identidade dos Espíritos que vêm unicamente para a nossa

instrução e que deixaram a Terra há algum tempo. Sabe-se que ela não pode ser atestada de maneira absoluta e que se deve limitar a julgar o valor da linguagem.

A identidade só pode ser constatada com certeza para os Espíritos partidos recentemente, cujo caráter e hábitos se refletem em suas palavras. Nestes a identidade se revela por mil particularidades de detalhe. Algumas vezes a prova ressalta de fatos materiais, característicos, mas na maioria das vezes, de nuances da própria linguagem e de uma porção de pequenos nada que, por serem pouco salientes, não são menos significativos.

Muitas vezes as comunicações deste gênero encerram mais provas do que se pensa e que se descobrem com mais atenção e menos prevenções. Infelizmente, na maior parte do tempo não se contentam com que o Espírito quer ou pode dar; querem provas à sua maneira; ou lhe pedem que diga ou faça tal coisa, lembre um nome ou um fato, num momento dado, sem pensar nos obstáculos que, por vezes, a isto se opõem, e paralisam a sua boa vontade. Depois, obtido o que se deseja, muitas vezes querem mais; acham que não é ainda bastante concludente; depois de um fato, pedem outro e mais outro. Numa palavra, nunca são suficientes para convencer. É então que o Espírito, muitas vezes fatigado por essa insistência, cessa completamente de se manifestar, esperando que a convicção chegue por outros meios. Mas muitas vezes, também, sua abstenção lhe é imposta por uma vontade superior, como punição ao solicitante muito exigente, e também como prova para a sua fé, porquanto, se por algumas decepções e por não obter o que quer, viesse a abandonar os Espíritos, esses por sua vez o abandonariam, deixando-o mergulhado nas angústias e torturas da dúvida, felizes quando seu abandono não tem conseqüências mais graves.

Mas, numa imensidade de casos, as provas materiais de identidade são independentes da vontade do Espírito, e do desejo que este tem de as dar. Isto se deve à natureza, ou ao estado do

instrumento pelo qual se comunica. Há na faculdade mediúnica uma variedade infinita de nuances, que tornam o médium apto ou impróprio à obtenção de tais ou quais efeitos que, à primeira vista, parecem idênticos e que, no entanto, dependem de influências fluídicas diferentes. O médium é como um instrumento de cordas múltiplas: não pode dar som pelas cordas que faltam. Eis um exemplo notável:

Conhecemos um médium que se pode classificar entre os de primeira ordem, tanto pela natureza das instruções que recebe, quanto por sua aptidão em se comunicar com quase todos os Espíritos, sem distinção. Diversas vezes, nas evocações particulares, obteve provas irrecusáveis de identidade, pela reprodução da linguagem e do caráter de pessoas que jamais tinha conhecido. Há algum tempo, fez para uma pessoa que acabava de perder subitamente vários filhos, a evocação de um destes últimos, uma menina. A comunicação refletia perfeitamente o caráter da criança e era tanto mais satisfatória quanto respondia a uma dúvida do pai sobre a sua posição como Espírito. No entanto, de certo modo as provas eram apenas morais; o pai achava que outro filho teria podido dizer o mesmo; queria alguma coisa que só a filha pudesse dizer; admirava-se, sobretudo, de que o chamasse *pai*, em vez do apelido familiar que lhe dava, e que não era um nome francês, conforme a idéia de que se ela dizia uma palavra, podia dizer outra. Tendo o pai perguntado a razão, eis a resposta que, a respeito, deu o guia do médium:

“Conquanto inteiramente desprendida, vossa filhinha não está em condição de vos fazer compreender a razão pela qual não pode fazer o médium exprimir os termos que conheceis e que ela lhe sopra. Ela obedece a uma lei em se comunicando, mas não compreende bastante para explicar o seu mecanismo. A mediunidade é uma faculdade cujas nuances variam infinitamente, e os médiuns que de ordinário tratam de assuntos filosóficos não obtêm senão raramente, e sempre espontaneamente, essas

particularidades que fazem reconhecer a personalidade do Espírito de maneira evidente. Quando os médiuns desse gênero pedem uma prova de identidade, no desejo de satisfazer o evocador, as fibras cerebrais, tensas por seu próprio desejo, já não são bastante maleáveis para que o Espírito as faça mover-se à sua vontade. Daí se segue que as palavras características não podem ser reproduzidas. O pensamento fica, mas a forma não mais existe. Nada há, pois, de surpreendente que vossa filha vos tenha chamado *pai*, em vez de vos dar a qualificação familiar que esperáveis. Por um médium especial obtereis resultados que vos satisfarão; basta ter um pouco de paciência.”

Alguns dias depois, achando-se esse senhor no grupo de um dos nossos associados, obteve de outro médium, pela tiptologia, e em presença do primeiro, não só o nome que desejava, sem que tivesse pedido especialmente, mas outros fatos de notável precisão. Assim, a faculdade do primeiro médium, por mais desenvolvida e flexível que fosse, não se prestava a esse gênero de produção mediúnica. Podia reproduzir as palavras que são a tradução do pensamento transmitido, e não termos que exigem um trabalho especial; daí por que o conjunto da comunicação refletia o caráter e a forma das idéias do Espírito, mas sem sinais materiais característicos. Um médium não é um instrumento próprio a todos os efeitos; assim como não se encontram duas pessoas inteiramente semelhantes no físico e no moral, não há dois médiuns cuja faculdade seja absolutamente idêntica.

É de notar que as provas de identidade vêm quase sempre espontaneamente, no momento em que menos se pensa, ao passo que são dadas raramente quando pedidas. Capricho da parte do Espírito? Não; há uma causa material. Ei-la:

As disposições fluídicas que estabelecem as relações entre o Espírito e o médium oferecem nuances de extrema delicadeza, inapreciáveis aos nossos sentidos e que variam de um

momento a outro no mesmo médium. Muitas vezes um efeito que não é possível num instante desejado, sê-lo-á uma hora, um dia, uma semana mais tarde, porque as disposições ou a energia das correntes fluídicas terão mudado. Acontece aqui como na fotografia, onde uma simples variação na intensidade ou na direção da luz é suficiente para favorecer ou impedir a reprodução da imagem. Um poeta fará versos à vontade? Não; precisa de inspiração. Se não estiver em disposição favorável, por mais que perscrute o cérebro, nada obterá. Perguntai-lhe por quê? Nas evocações, o Espírito deixado à vontade se prevalece das disposições que encontra no médium, aproveita o momento propício; mas quando essas disposições não existem, não pode mais que o fotógrafo, na ausência da luz. Portanto, nem sempre pode, mau grado seu desejo, satisfazer instantaneamente a um pedido de provas de identidade. Eis por que é preferível esperá-las a solicitá-las.

Além disso, é preciso considerar que as relações fluídicas que devem existir entre o Espírito e o médium jamais se estabelecem completamente desde a primeira vez; a assimilação não se faz senão com o tempo e gradualmente. Daí resulta que, inicialmente, o Espírito sempre experimenta uma dificuldade que influi na clareza, na precisão e no desenvolvimento das comunicações; mas, quando o Espírito e o médium estão habituados um ao outro; quando seus fluidos estão identificados, as comunicações se dão naturalmente, porque não há mais resistências a vencer.

Por aí se vê quantas considerações devem ser levadas em conta no exame das comunicações. É por falta de o fazer e de conhecer as leis que regem esses tipos de fenômenos que muitas vezes se pede o que é impossível. É absolutamente como se alguém, que não conhecesse as leis da eletricidade, se admirasse que o telégrafo pudesse experimentar variações e interrupções e concluísse que a eletricidade não existe.

O fato da constatação da identidade de certos Espíritos é um acessório no vasto conjunto dos resultados que o Espiritismo abarca; mesmo que tal constatação fosse impossível, nada prejudicaria contra as manifestações em geral, nem contra as conseqüências morais daí decorrentes. Seria preciso lamentar os que privassem das consolações que ela proporciona, por não ter obtido uma satisfação pessoal, pois isto seria sacrificar o todo à parte.

QUALIFICAÇÃO DE SANTO APLICADA A CERTOS ESPÍRITOS

Num grupo de província, tendo-se apresentado um Espírito sob o nome de “São José, santo, três vezes santo”, isto deu ensejo a que se fizesse a seguinte pergunta:

Um Espírito, mesmo canonizado em vida, pode dar-se a qualificação de santo, sem faltar à humildade, que é um dos apanágios da verdadeira santidade e, invocando-o, permite que lhe dêem esse título? O Espírito que o toma deve, por esse fato, ser tido por suspeito?

Um outro Espírito respondeu:

“Deveis rejeitá-lo imediatamente, pois equivaleria a um grande capitão que se vos apresentasse exibindo pomposamente seus numerosos feitos de armas, antes de declinar o seu, ou a um poeta que começasse por se gabar de seus talentos. Veríeis nessas palavras um orgulho despropositado. Assim deve ser com homens que tiveram algumas virtudes na Terra e que foram julgados dignos de canonização. Se se apresentarem a vós com humildade, crede neles; se vierem se fazendo preceder de sua santidade, agradecei e nada perdereis. O encarnado não é santo porque foi canonizado: só Deus é santo, porque só ele possui todas as perfeições. Vede os Espíritos superiores, que conheceis pela sublimidade de seus ensinamentos: eles não ousam dizer-se santos; qualificam-se simplesmente de Espíritos de verdade.”

Esta resposta demanda algumas retificações. A canonização não implica a santidade no sentido absoluto, mas simplesmente um certo grau de perfeição. Para alguns a qualificação de santo tornou-se uma espécie de título banal, fazendo parte integrante do nome, para os distinguir de seus homônimos, ou que lhes dão por hábito. Santo Agostinho, São Luís, São Tomé, podem, pois, antepor o nome santo à sua assinatura, sem que o façam por um sentimento de orgulho, que seria tanto mais descabido em Espíritos superiores que, melhor que os outros, não fazem nenhum caso das distinções dadas pelos homens. Dar-se-ia o mesmo com os títulos nobiliárquicos ou as patentes militares. Seguramente aquele que foi duque, príncipe ou general na Terra não o é mais no mundo dos Espíritos e, no entanto, assinando, poderão tomar essas qualificações, sem que isto tenha conseqüência para o seu caráter. Alguns assinam: aquele que, quando vivo na Terra, foi o duque de tal. O sentimento do Espírito se revela pelo conjunto de suas comunicações e por sinais inequívocos em sua linguagem. É assim que não nos podemos enganar sobre aquele que começa por se dizer: “São José, santo, três vezes santo.” Só isto bastaria para revelar um Espírito impostor, adornando-se com o nome de São José. Assim, ele pôde ver, graças ao conhecimento dos princípios da doutrina, que sua velhacaria não encontrou ingênuos no círculo onde quis introduzir-se.

O Espírito que ditou a comunicação acima é, pois, muito absoluto no que concerne à qualificação de santo e não está certo quando diz que os Espíritos superiores se dizem simplesmente *Espíritos de verdade*, qualificação que não passaria de um orgulho disfarçado sob outro nome, e que poderia induzir em erro, se tomado ao pé da letra, porque nenhum se pode vangloriar de possuir a verdade absoluta, nem a santidade absoluta. A qualificação de *Espírito de verdade* não pertence senão a um só, e pode ser considerada como nome próprio; está especificada no Evangelho. Aliás, esse Espírito se comunica raramente e apenas em

circunstâncias especiais. Devemos pôr-nos em guarda contra os que se adornam indevidamente com esse título: são fáceis de reconhecer, pela prolixidade e pela vulgaridade de sua linguagem.

VISÃO RETROSPECTIVA DAS EXISTÊNCIAS DO ESPÍRITO

A propósito do Dr. Cailleux

Um dos nossos correspondentes de Lyon nos escreve o seguinte:

“Fiquei surpreso que o Espírito Cailleux tenha sido posto em estado magnético para ver desdobrar-se à sua frente o quadro de suas existências passadas (*Revista* de junho de 1866). Isto parece indicar que o Espírito em questão não as conhecia; porque vejo em *O Livro dos Espíritos* que “Depois da morte, a alma vê e apreende num golpe de vista suas passadas migrações.” (Cap. VI, nº 243). Este fato não parece implicar uma contradição?”

Não há aí nenhuma contradição, pois, ao contrário, o fato vem confirmar a possibilidade, para o Espírito, de conhecer suas existências passadas. *O Livro dos Espíritos* não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão apresentar as bases e os pontos fundamentais, que se devem desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. Diz, em princípio, que depois da morte a alma vê suas migrações passadas, mas não diz nem quando, nem como, isto se dá; são detalhes de aplicação, que são subordinados às circunstâncias. Sabe-se que nos Espíritos atrasados a visão é limitada ao presente, ou pouco mais, como na Terra; ela se desenvolve com a inteligência e à medida que adquirem o conhecimento de sua situação. Aliás, não se deveria crer, mesmo nos Espíritos mais adiantados, como o Sr. Cailleux, por exemplo, que tão logo entrem no mundo espiritual, todas as coisas lhe apareçam subitamente, como numa mudança de decoração à vista,

nem que tenham constantemente sob os olhos o panorama do tempo e do espaço. Quanto às suas existências anteriores, eles as vêem em lembrança, como vemos, pelo pensamento, o que éramos e fazíamos nos anos anteriores, as cenas de nossa infância, as posições sociais que ocupamos. Essa lembrança é mais precisa ou confusa, às vezes nula, conforme a natureza do Espírito e segundo a Providência julga a propósito apagá-la ou reavivá-la, como recompensa, punição ou instrução. É um grande erro acreditar que as aptidões, as faculdades e as percepções são as mesmas em todos os Espíritos. Como na encarnação, eles têm percepções morais e as que podem ser chamadas materiais, que variam conforme os indivíduos.

Se o doutor Cailleux tivesse dito que os Espíritos não podem ter conhecimento de suas existências passadas, aí estaria a contradição, porque seria a negação de um princípio admitido. Longe disto, ele afirma o fato; apenas as coisas nele se passaram de maneira diferente do que nos outros, sem dúvida por motivos de utilidade para ele; para nós é um motivo de ensinamento, pois nos mostra um dos lados do mundo espiritual. O Sr. Cailleux estava morto há pouco tempo; suas existências passadas, portanto, podiam não se retratar ainda claramente à sua memória. Notemos, além disso, que aqui não era uma simples lembrança; era a própria visão das individualidades que ele tinha animado, a imagem de suas antigas formas perispirituais, que a ele se apresentavam. Ora, o estado magnético no qual ele se encontrou provavelmente era necessário à produção do fenômeno.

O Livro dos Espíritos foi escrito no começo do Espiritismo, numa época em que se estava longe de ter feito todos os estudos práticos que foram feitos depois. As observações ulteriores vieram desenvolver e completar os princípios cujo germe havia lançado, e é mesmo digno de nota que, até hoje, elas apenas as confirmaram, sem jamais as contradizerem nos pontos fundamentais.

Poesia Espírita

A PRECE PELOS ESPÍRITOS

(Sociedade de Paris, 4 de maio de 1866 – Médium: Sr. V...)

Estou muito tocado, ó filho, por te achar
Às minhas ordens pois, e em prece a me invocar,
E ativo reprovar a lógica falaz
E os argumentos vãos de uma seita mordaz,
Que o Espírito supõe só cumprir um dever
Em vindo à tua voz, bem feliz de o poder,
Submisso a tua lei, fugir e deixar logo
A morada do mundo em que se vive a rogo,
De ultrapassar enfim infinitos recantos
Que entristecem bem mais que por mortos os prantos.
Grandes nomes eis pois e com frases pomposas.
Mas se vem revelar coisas maravilhosas
Dos mundos em menção, abrir os horizontes
Dos tempos, e ensinar lições em longas fontes,
Todo o princípio e fim de tua alma imortal,
Da grandeza de Deus, seu poder eternal,
A justiça infinita e seu sublime amor,
Em paga, tu dirás, nobre gracejador,
Se ele um dia rogar-te uma pequena prece,
Exigente será se às vezes se aborrece
Só por ter de pagar pequenino favor,
És visto, suplicante, anular o pudor
E tanto mendigar como um pobre mendigo,
Suspitar pelo pão que nutre a vida, o trigo?
Oh! crê-me, caro filho, é três vezes desgraça!
Aquele pois que então olvida a dor que passa
E as lágrimas cruéis deste mundo invisível,
Ouvindo a nossa voz permanece insensível,
E de joelhos não vem
Por nós orar também.

Casimir Delavigne

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

AGOSTO DE 1866

Nº 8

Maomé e o Islamismo

Algumas vezes, sobre os homens e as coisas, há opiniões que se acreditam e passam ao estado de coisas aceitas, por mais errôneas que sejam, porque se acha mais fácil as aceitar completamente acabadas. Assim acontece com Maomé e sua religião, da qual quase que só se conhece o lado legendário. Além disso, o antagonismo das crenças, quer por espírito de partido, quer por ignorância, empenhou-se em fazer ressaltar os pontos mais acessíveis à crítica, muitas vezes deixando intencionalmente na sombra as partes mais favoráveis. Quanto ao público imparcial e desinteressado, é preciso dizer em sua defesa que faltaram elementos indispensáveis para julgar por si mesmo. As obras que o poderiam ter esclarecido, escritas numa linguagem apenas conhecida de alguns cientistas, eram-lhe inacessíveis; e como, em última análise, não havia para ele nenhum interesse direto, acreditou sob palavra naquilo que lhe diziam, sem perguntar mais. Disto resultou que sobre o fundador do islamismo se fizeram idéias muitas vezes falsas ou ridículas, baseadas em preconceitos, que não encontravam nenhum corretivo na discussão.

Os trabalhos perseverantes e conscienciosos de alguns sábios orientistas modernos, tais como Caussin de Perceval, na França, o doutor W. Muir, na Inglaterra, G. Weil e Sprenger, na Alemanha, hoje permitem encarar a questão sob sua verdadeira luz¹⁵. Graças a eles, Maomé nos aparece completamente diverso dos contos populares. O lugar considerável que sua religião ocupa na Humanidade e sua influência política hoje fazem deste estudo uma necessidade. Durante muito tempo a diversidade das religiões foi uma das principais causas de antagonismo entre os povos. No momento em que elas têm uma tendência manifesta para se aproximarem, fazendo desaparecerem as barreiras que as separam, é útil conhecer, em suas crenças, o que pode favorecer ou retardar a aplicação do grande princípio de fraternidade universal. De todas as religiões, o islamismo é a que, à primeira vista, parece encerrar os maiores obstáculos a essa aproximação. Desse ponto de vista, como se vê, o assunto não poderia ser indiferente aos espíritas, razão pela qual julgamos dever tratá-lo aqui.

Sempre se julga mal uma religião quando se toma como ponto de partida exclusivo suas crenças pessoais, porque então é difícil justificar-se um sentimento de parcialidade na apreciação dos princípios. Para lhe compreender o forte e o fraco é preciso vê-la de um ponto de vista mais elevado, abarcar o conjunto de suas causas e de seus efeitos. Se nos reportarmos ao meio onde ela surgiu, aí encontraremos quase sempre, se não uma justificativa completa, ao menos uma razão de ser. É necessário, sobretudo, penetrar-se do pensamento inicial do fundador e dos motivos que o guiaram. Longe de nós a intenção de absolver Maomé de todas as suas faltas, nem sua religião de todos os erros que chocam o mais vulgar bom-senso. Mas a bem da verdade devemos dizer que também seria pouco lógico julgar essa religião conforme o que dela fez o fanatismo, como o seria julgar o Cristianismo segundo a

15 O Sr. Barthélemy Saint-Hilaire, do Instituto, resumiu esses trabalhos numa interessante obra, intitulada: *Maomé e o Alcorão*. 1 vol. In-12. – Preço: 3 fr. 50 c. Livraria Didier.

maneira por que alguns cristãos o praticam. É bem certo que, se os muçulmanos seguissem em espírito o Alcorão, que o Profeta lhes deu por guia, seriam, sob muitos aspectos, completamente diferentes do que são. Entretanto esse livro, apesar de tão sagrado para eles, que só o tocam com respeito, que o lêem e relêem sem cessar, que até o sabem de cor os mais fervorosos, quantos o compreendem? Comentam-no, mas do ponto de vista das idéias preconcebidas, de cujo afastamento fariam um caso de consciência, aí não vendo, portanto, senão o que querem ver. Aliás, a linguagem figurada permite aí encontrar tudo o que se quer, e os sacerdotes, que lá como alhures, governam pela fé cega, não buscam descobrir o que lhes pudesse embaraçar. Não é, pois, junto aos doutores da lei que se deve inquirir do espírito da lei de Maomé. Os cristãos também têm o Evangelho, muito mais explícito que o Alcorão, como código de moral, o que não impede que em nome desse mesmo Evangelho, que manda amar até os inimigos, tenham torturado e queimado milhares de vítimas, e que de uma lei toda de caridade tenham feito uma arma de intolerância e de perseguição. Pode-se exigir que povos ainda semibárbaros façam uma interpretação mais justa de suas escrituras sagradas do que o fazem os cristãos civilizados?

Para apreciar a obra de Maomé é preciso remontar à sua fonte, conhecer o homem e o povo ao qual ele dera a missão de regenerar, e só então se compreende que, para o meio onde ele vivia, seu código religioso era um progresso real. Lancemos, primeiro, uma vista d'olhos sobre a região.

Em tempos imemoriais a Arábia era povoada por uma multidão de tribos, quase todas nômade, e perpetuamente em guerra umas contra as outras, suprimindo pela pilhagem a pouca riqueza que proporcionava um trabalho penoso, sob um clima abrasador. Os rebanhos eram seus principais recursos; algumas tribos se davam ao comércio, que era feito por caravanas, partindo anualmente do Sul, para ir à Síria ou à Mesopotâmia. Sendo quase

inacessível o centro dessa quase ilha, as caravanas pouco se afastavam do litoral; as principais seguiam o Hidjaz, região que forma, nas margens do mar Vermelho, estreita faixa de quinhentas léguas de extensão, separada do centro por uma cadeia de montanhas, prolongamento das da Palestina. A palavra árabe *Hidjaz* significa barreira e se dizia da cadeia de montanhas que ladeia essa região e a separa do resto da Arábia. O Hidjaz e o Iêmen ao sul, são as partes mais férteis; o centro não passa de um vasto deserto.

Essas tribos haviam estabelecido mercados para onde se dirigiam de todas as partes da Arábia; lá se regulavam os negócios comuns; as tribos inimigas trocavam os seus prisioneiros de guerra e muitas vezes decidiam as suas diferenças por arbitragem. Coisa singular, essas populações, por mais bárbaras que fossem, apaixonavam-se pela poesia. Nesses lugares de reunião e durante os intervalos de lazer, deixados pelos cuidados dos negócios, havia disputa entre os poetas mais hábeis de cada tribo; o concurso era julgado pelos assistentes e, para uma tribo, era uma grande honra conquistar a vitória. As poesias de mérito excepcional eram transcritas em letras de ouro e pregadas nos muros sagrados da Caaba, em Meca, de onde lhes veio o nome de *Moudhabbat*, ou poemas dourados.

Como para ir a esses mercados anuais e deles voltar com segurança era preciso certo tempo, havia quatro meses do ano em que os combates eram interditos e nos quais não se podia perturbar as caravanas e os viajantes. Combater durante esses meses reservados era olhado como um sacrilégio, que provocava as mais terríveis represálias.

Os pontos de estação das caravanas, que paravam nos lugares onde encontravam água e árvores, tornaram-se centros onde, pouco a pouco, formaram-se cidades, das quais as duas principais, no Hidjaz, são Meca e Yathrib, hoje Medina.

A maior parte dessas tribos pretendia descender de Abraão, razão por que esse patriarca era tido em grande honra entre eles. Sua língua, por suas relações com o hebraico, atestava, com efeito, uma comunidade de origem entre o povo árabe e o povo judeu. Mas não parece menos certo que o sul da Arábia tenha tido seus habitantes nativos.

Entre essas populações havia uma crença, tido como certa, de que a famosa fonte de Zemzem, no vale do Meca, era a que tinha feito jorrar o anjo Gabriel, quando Agar, perdida no deserto, ia perecer de sede com seu filho Ismael. A tradição referia igualmente que Abraão, tendo vindo ver seu filho exilado, havia construído com suas próprias mãos, não longe dessa fonte, a *Caaba*, casa quadrada, de nove côvados de altura por trinta e dois de comprimento e vinte e dois de largura¹⁶. Esta casa, religiosamente conservada, tornou-se um lugar de grande devoção, que faziam um dever visitar e que foi transformada em templo. As caravanas aí paravam naturalmente e os peregrinos aproveitavam sua companhia para viajar com mais segurança. Foi assim que a peregrinação a Meca existia desde tempos imemoriais. Maomé não fez senão consagrar e tornar obrigatório um uso estabelecido. Para tanto teve um objetivo político, que veremos mais tarde.

Num dos ângulos externos do templo estava incrustada a famosa *pedra negra*, trazida dos céus, dizem, pelo anjo Gabriel, para marcar o ponto onde deviam começar os giros em que os peregrinos deviam fazer sete vezes ao redor da Caaba. Pretendem que, na origem, esta pedra era de uma brancura deslumbrante, mas que os toques dos pecadores a enegreceram. No dizer dos viajantes que a viram, ela não tem mais de seis polegadas de altura por oito de comprimento. Pareceria um simples pedaço de basalto, ou talvez um aerólito, o que explicaria sua origem celeste, segundo as crenças populares.

16 O côvado equivale a cerca de 45 centímetros. É uma medida natural das mais antigas, que tinha por base a distância entre o cotovelo e a extremidade dos dedos.

Construída por Abraão, a Caaba não tinha porta que a fechasse e era ao nível do solo. Destruída pela irrupção de uma torrente lá pelo ano 150 da era cristã, foi reconstruída e elevada acima do solo, para abrigá-la de semelhantes acidentes. Cerca de cinquenta anos mais tarde, um chefe de tribo do Iêmen aí pôs uma cobertura de estofos preciosos e colocou uma porta com fechadura para pôr em segurança as dádivas valiosas acumuladas incessantemente pela piedade dos peregrinos.

A veneração dos árabes pela Caaba e o território que a circundava era tão grande que não tinham ousado aí construir habitações. Essa área tão respeitada, chamada Haram, compreendia todo o vale do Meca, cuja circunferência é de cerca de quinze léguas. A honra de guardar esse templo venerado era muito cobiçada; as tribos a disputavam e o mais das vezes essa atribuição era um direito de conquista. No século quinto, Cossayy, chefe da tribo dos coraicitas, quinto antepassado de Maomé, tendo-se tornado senhor do Haram e tendo sido investido do poder civil e religioso, mandou construir seu palácio ao lado da Caaba, permitindo aos de sua tribo que ali se estabelecessem. Assim foi fundada a cidade de Meca. Parece ter sido ele o primeiro que colocou uma cobertura de madeira na Caaba. A Caaba está hoje na área de uma mesquita, e Meca é uma cidade de aproximadamente quarenta mil habitantes, depois de ter tido, ao que se diz, cem mil.

No princípio, a religião dos árabes consistia na adoração de um Deus único, a cujas vontades o homem deve submeter-se completamente. Essa religião, que era a de Abraão, chamava-se *Islã* e os que a professavam diziam-se *muçulmanos*, isto é, submissos à vontade de Deus. Mas, pouco a pouco o puro Islã degenerou em grosseira idolatria; cada tribo teve os seus deuses e os seus ídolos, que defendia com exagero pelas armas, para provar a superioridade de seu poder. Muitas vezes estas foram, entre outras, as causas ou o pretexto de guerras longas e encarniçadas.

A fé de Abraão, apesar do respeito que conservavam por sua memória, havia desaparecido entre esses povos, ou pelo menos tinha sido de tal modo desfigurada que na realidade não mais existia. A veneração pelos objetos considerados sagrados tinha caído no mais absurdo fetichismo; o culto da matéria tinha substituído o do espírito; atribuía-se um poder sobrenatural aos objetos mais vulgares consagrados pela superstição, a uma imagem, a uma estátua. Tendo o pensamento abandonado o princípio pelo seu símbolo, a piedade não passava de uma série de práticas exteriores minuciosas, das quais a menor infração era encarada como um sacrilégio.

Contudo, ainda se encontravam em certas tribos alguns adoradores do Deus único, homens piedosos que praticavam a mais inteira submissão à sua vontade suprema e repeliam o culto dos ídolos; eram chamados *Hanyfes*. Eram os verdadeiros muçulmanos, os que tinham conservado a fé pura do Islã; mas eram pouco numerosos e sem influência sobre o espírito das massas. Desde muito tempo colônias judias se haviam estabelecido no Hydjaz e tinham conquistado um certo número de prosélitos ao judaísmo, principalmente entre os hanyfes. O Cristianismo também aí teve os seus representantes e propagadores nos primeiros séculos de nossa era, mas nem uma nem outra dessas duas crenças aí produziram raízes profundas e duráveis. A idolatria tinha se tornado a religião dominante; convinha melhor, por sua diversidade, à independência turbulenta e à divisão infinita das tribos, que a praticavam com o mais violento fanatismo. Para triunfar dessa anarquia religiosa e política, era preciso um homem de gênio, capaz de impor-se por sua energia e firmeza, bastante hábil para participar dos costumes e do caráter desses povos, e cuja missão fosse revelada aos seus olhos pelo prestígio de suas qualidades de profeta. Este homem foi Maomé.

Maomé nasceu em Meca no dia 27 de agosto de 570 d.C., no ano dito do elefante. Não era, como se crê vulgarmente,

um homem obscuro. Ao contrário, pertencia a uma família poderosa e considerada da tribo dos coraicitas, uma das mais importantes da Arábia, e a que então dominava em Meca. Fazem-no descender em linha reta de Ismael, filho de Abraão e de Agar. Seus últimos antepassados, Cossayy, Abd-Menab, Hachim e Abd-el-Moutalib, seu avô, se haviam ilustrado por eminentes qualidades e altas funções que tinham desempenhado. Sua mãe, Amina, era de nobre família coraicita e descendia também de Cossayy. Tendo seu pai Abd-Allah morrido dois meses antes de seu nascimento, ele foi educado com muita ternura por sua mãe, que o deixou órfão com a idade de seis anos; depois por seu avô Abd-el-Moutalib, que se afeiçoou muito a ele e se comprazia muitas vezes em lhe predizer altos destinos, mas que, ele próprio, morreu dois anos depois.

Não obstante a posição que tinha ocupado sua família, Maomé passou a infância e a juventude num estado vizinho ao da miséria; sua mãe lhe havia deixado por toda herança um rebanho de carneiros, cinco camelos e uma fiel escrava negra, que o havia cuidado e pela qual ele conservou sempre um vivo apego. Depois da morte de seu avô, foi acolhido pelos tios, cujos rebanhos pastoreou até a idade de vinte anos; acompanhou-os também em suas expedições guerreiras contra outras tribos; mas, sendo de humor suave e pacífico, nelas não tomava parte ativa, sem, contudo, fugir ou temer o perigo, limitando-se a ir apanhar suas flechas. Quando chegou ao apogeu da glória, gostava de lembrar que Moisés e Davi, ambos profetas, tinham sido pastores como ele.

Tinha o espírito meditativo e sonhador; seu caráter, de uma solidez e maturidade precoces, aliados a uma extrema retidão, a um perfeito desinteresse e a costumes irrepreensíveis, lhe granjearam tal confiança da parte de seus companheiros que o designavam pelo sobrenome de *El-Amin*, “o homem seguro, o homem fiel.” E, conquanto jovem e pobre, convocavam-no às assembléias da tribo para os negócios mais importantes. Fazia parte de uma associação formada entre as principais famílias coraicitas,

tendo em vista prevenir as desordens da guerra, proteger os fracos e lhes fazer justiça. Vangloriava-se de ter concorrido para isto e, nos últimos anos de sua vida, sempre se via ligado pelo juramento que, neste sentido, havia prestado na mocidade. Dizia que estava pronto a responder ao apelo que lhe fizesse o homem mais obscuro em nome desse juramento, e que não queria, pelos mais belos camelos da Arábia, faltar à fé que jurara. Por esse juramento os associados juravam, diante de uma divindade vingadora, que tomariam a defesa dos oprimidos e se bateriam pela punição dos culpados enquanto houvesse uma gota de água no oceano.

Quanto ao físico, Maomé era fortemente constituído e de estatura pouco acima da média; a cabeça muito grande; a fisionomia, marcada de suave gravidade, era agradável sem ser bela e transpirava calma e tranqüilidade.

Com a idade de vinte e cinco anos casou-se com sua prima Cadija, rica viúva, no mínimo quinze anos mais velha que ele, cuja confiança havia conquistado pela inteligente probidade que desenvolvera na condução de uma de suas caravanas. Era uma mulher superior. Essa união, que durou vinte e quatro anos e só terminou pela morte de Cadija, aos sessenta e quatro anos, foi constantemente feliz. Maomé tinha, então, quarenta e nove anos e essa perda lhe causou profunda dor.

Depois da morte de Cadija seus costumes mudaram. Desposou várias mulheres; teve doze ou treze em casamentos legítimos e, ao morrer, deixou nove viúvas. Incontestavelmente isto foi um erro capital, cujas lamentáveis conseqüências veremos mais tarde.

Até os quarenta anos sua vida pacífica nada oferece de extraordinário. Só um fato o tirou um instante da obscuridade; tinha, então, trinta e cinco anos. Os coraicitas resolveram reconstruir a Caaba, que ameaçava desabar. Só com muito trabalho

se apaziguaram, pela repartição dos trabalhos, as contendas suscitadas pela rivalidade das famílias que nela queriam participar. Esses conflitos ressurgiram com extrema violência quando se tratou de recolocar a famosa pedra negra. Ninguém queria ceder seu direito, os trabalhos tinham sido interrompidos e de todos os lados corriam às armas. Por proposta do decano concordaram em aceitar a decisão da primeira pessoa que entrasse na sala das deliberações: foi Maomé. Logo que o viram, cada um gritou: “*EL-Amin! El-amin!* o homem seguro e fiel.” E esperavam o seu julgamento. Por sua presença de espírito resolveu a dificuldade. Tendo lançado o manto no chão, nele pôs a pedra e pediu a quatro dos principais chefes facciosos que o tomassem, cada um por uma ponta, e o levantassem, todos juntos, até à altura que a pedra devia ocupar, isto é, a quatro ou cinco pés acima do solo. Então a tomou e a colocou com suas próprias mãos. Os assistentes se declararam satisfeitos e a paz foi restabelecida.

Maomé gostava de passear sozinho nos arredores de Meca e, anualmente, durante os meses sagrados de trégua, retirava-se para o monte Hira, numa gruta estreita, onde se entregava à meditação. Tinha quarenta anos quando, num de seus retiros, teve uma visão durante o sono. O anjo Gabriel lhe apareceu, mostrando-lhe um livro e ordenando que o lesse. Três vezes Maomé resistiu a essa ordem, e só para escapar ao constrangimento exercido sobre ele é que consentiu em o ler. Ao despertar disse ter sentido “que um livro tinha sido escrito em seu coração.” O sentido dessa expressão é evidente; significa que havia tido a inspiração de um livro. Mais tarde, porém, ela foi tomada ao pé da letra, como muitas vezes acontece com as coisas ditas em linguagem figurada.

Um outro fato prova a que erros de interpretação podem conduzir a ignorância e o fanatismo. Em algum lugar do Alcorão diz Maomé: “Não abrimos teu coração e não tiramos o fardo de teus ombros?” Estas palavras, relacionadas com um acidente ocorrido a Maomé quando era criança, deram lugar à

fábula, acreditada entre os crentes e ensinada pelos sacerdotes como um fato miraculoso, de que dois anjos abriram o ventre do menino e tiraram de seu coração uma mancha negra, sinal do pecado original. Deve-se acusar Maomé por esses absurdos, ou os que não o compreenderam? Dá-se o mesmo com uma imensidade de contos ridículos, sobre os quais o acusam de ter apoiado sua religião. Eis por que não vacilamos em dizer que um cristão esclarecido e imparcial está em melhores condições de dar uma sã interpretação do Alcorão do que um muçulmano fanático.

Seja como for, Maomé foi profundamente perturbado em sua visão, que se apressou a contar à sua mulher. Tendo voltado ao monte Hira, presa da mais viva agitação, julgou-se possuído por Espíritos malignos e, para escapar ao mal que temia, ia precipitar-se do alto de um rochedo, quando uma voz, vinda do céu, se fez ouvir e lhe disse: “Ó Maomé! tu és o enviado de Deus; sou o anjo Gabriel.” Então, levantando os olhos, viu o anjo sob forma humana, desaparecendo, pouco a pouco, no horizonte. Esta nova visão não fez senão aumentar a sua perturbação; comunicou-a a Cadija, que se esforçou por o acalmar; mas, pouco segura de si mesma, foi procurar seu primo Varaka, ancião afamado por sua sabedoria e convertido ao Cristianismo, que lhe disse: “Se o que acabas de dizer-me é verdade, teu marido foi visitado pelo grande *Námous*, que outrora visitou Moisés; ele será o profeta deste povo. Anunciai a ele, e que se tranqüilize.” Algum tempo depois Varaka, tendo encontrado Maomé, fez que lhe contasse suas visões e lhe repetisse as palavras que havia dito à sua mulher, acrescentando: “Tratar-te-ão como impostor; expulsar-te-ão; combater-te-ão violentamente. Que eu possa viver até essa hora para te assistir nessa luta!”

O que resulta deste e de muitos outros fatos é que a missão de Maomé não foi um cálculo premeditado de sua parte; estava confirmada por outros, mas ainda não o estava por ele; demorou muito tempo para persuadir-se disto; mas desde que o

ficou, tomou-a muito a sério. Para ele próprio se convencer, desejava uma nova aparição do anjo que, segundo uns, demorou dois anos e, segundo outros, seis meses. É a esse intervalo de incerteza e de hesitação que os muçulmanos chamam o *fitreb*. Durante todo esse tempo seu espírito foi presa de perplexidades e dos mais vivos temores. Parecia-lhe que ia perder a razão, e era também a opinião de alguns que o cercavam. Era sujeito a desfalecimentos e sínopes, que os autores modernos atribuíram, sem outras provas além de sua opinião pessoal, a ataques de epilepsia, e que antes poderiam ser o efeito de um estado extático, cataléptico ou sonambúlico espontâneo. Nesses momentos de lucidez extracorpórea, muitas vezes se produziam, como se sabe, fenômenos estranhos, dos quais o Espiritismo se dá conta perfeitamente. Aos olhos de certa gente, ele devia passar por louco; outros viam nesses fenômenos, para eles singulares, algo de sobrenatural, que colocava o homem acima da Humanidade. “Quando se admite a ação da Providência nos negócios humanos, diz o Sr. Barthélemy Saint-Hilaire, não se pode deixar de a encontrar, também, nessas inteligências dominadoras que aparecem de longe em longe para esclarecer e conduzir o restante dos homens.”

O Alcorão não é uma obra escrita por Maomé, com a cabeça fria e de maneira continuada, mas o resumo feito por seus amigos das palavras que pronunciava quando estava inspirado. Nesses momentos, dos quais não era senhor, ele caía num estado extraordinário e muito assustador; o suor corria-lhe da frente; seus olhos tornavam-se vermelhos de sangue, soltava gemidos e, no mais das vezes, a crise terminava por uma síncope que durava mais ou menos tempo, o que por vezes lhe acontecia em meio à multidão, e mesmo quando montado em seu camelo, tanto quanto em casa. A inspiração era irregular e instantânea, e ele não podia prever o momento em que seria dominado.

Segundo o que hoje conhecemos desse estado por uma multidão de exemplos análogos, é provável que, sobretudo no princípio, ele não tivesse consciência do que dizia, e que se suas palavras não tivessem sido recolhidas, teriam ficado perdidas; mais tarde, porém, quando tomou a sério seu papel de reformador, é evidente que falava mais com conhecimento de causa e misturasse às inspirações o produto de seus próprios pensamentos, conforme os lugares e as circunstâncias, as paixões ou os sentimentos que o agitavam, tendo em vista o objetivo que queria atingir, acreditando, talvez de boa-fé, falar em nome de Deus.

Esses fragmentos isolados, recolhidos em diversas épocas, em número de 114, formam no Alcorão outros tantos capítulos chamados *suratas*; ficaram esparsos durante sua vida, e só depois de sua morte foram reunidos oficialmente num corpo de doutrina, pelos cuidados de Abu-Becr e de Omar. Dessas inspirações súbitas, recolhidas à medida que ocorriam, resultou uma falta absoluta de ordem e de método; os mais disparatados assuntos aí são tratados a esmo, muitas vezes na mesma *surata*, e apresentam tal confusão e tão numerosas repetições que uma leitura seguida é penosa e fastidiosa para quem quer que não seja um fiel.

Segundo a crença vulgar, tornada artigo de fé, as páginas do Alcorão foram escritas no céu e trazidas prontas a Maomé pelo anjo Gabriel, porque numa passagem se diz: “Teu Senhor é poderoso e misericordioso, e o Alcorão é uma revelação do Senhor do Universo. O Espírito fiel (o anjo Gabriel) o trouxe do Alto e o depositou em teu coração, ó Maomé, para que fosses apóstolo.” Maomé se exprime da mesma maneira em relação ao livro de Moisés e ao Evangelho; diz (*surata III*, versículo 2): “Ele fez descer do Alto o Pentateuco e o Evangelho, para servir de direção aos homens”, querendo dizer por isso que esses dois livros tinham sido inspirados por Deus a Moisés e a Jesus, como lhe havia inspirado o Alcorão.

Suas primeiras prédicas foram secretas durante dois anos, e nesse intervalo ele se ligou a uma centena de adeptos entre os membros de sua família e seus amigos. Os primeiros convertidos à nova fé foram Cadija, sua mulher; Ali, seu filho adotivo, de dez anos; Zeid, Varaka e Abu-Becr, seu mais íntimo amigo, que devia ser o seu sucessor. Tinha quarenta e dois anos quando começou a pregar publicamente e desde esse momento realizou-se a predição que lhe havia feito Varaka. Sua religião, fundada na unidade de Deus e na reforma de certos abusos, sendo a ruína da idolatria e dos que dela viviam, os coraicitas, guardas da Caaba e do culto nacional, levantaram-se contra ele. A princípio o trataram de louco; depois o acusaram de sacrilégio; amotinaram o povo; perseguiram-no e a perseguição tornou-se tão violenta que, por duas vezes, seus partidários tiveram de buscar refúgio na Abissínia. Entretanto, aos ultrajes ele sempre opunha a calma, o sangue-frio e a moderação. Sua seita crescia e seus adversários, vendo que não a podiam reduzir pela força, resolveram desacreditá-la pela calúnia. A zombaria e o ridículo não lhe foram poupados. Como se viu, os poetas eram numerosos entre os árabes; manejavam a sátira habilmente e seus versos eram lidos com avidez; era o meio empregado pela crítica mal-intencionada e não deixavam de a empregar contra ele. Como ele resistisse a tudo, seus inimigos, enfim, recorreram aos complôs para o matar e ele só escapou pela fuga ao perigo que o ameaçava. Foi então que se refugiou em *Yathrib*, depois chamada *Medina* (*Medinet-en-Nabi*, cidade do Profeta), no ano 622, e é dessa época que data a *Hégira*, ou era dos muçulmanos. Ele tinha mandado antecipadamente, a essa cidade, em pequenas tropas para não provocar suspeitas, todos os seus partidários de Meca, retirando-se por último, com Abu-Becr e Ali, seus discípulos mais devotados, quando soube que os outros estavam em segurança.

Dessa época data também para Maomé uma nova fase em sua existência; de simples profeta que era, foi constrangido a fazer-se guerreiro.

(Continua no próximo número)

Os Profetas do Passado

Uma obra intitulada *Os profetas do passado*, por Barbey d'Aurévilly, encerra o elogio de Joseph de Miastre e de Bonald, porque ficaram ultramontanos durante toda a vida, ao passo que Chateaubriand aí é censurado e Lamennais insultado e apresentado sob aspecto odioso.

A passagem seguinte mostra com que espírito o livro é concebido:

“Neste mundo, onde o espírito e o corpo estão unidos por um mistério indissolúvel, *o castigo corporal tem sua razão espiritual de existir*, porque o homem não tem a missão de desdobrar a Criação. Pois bem! se em vez de queimar os escritos de Lutero, *cujas cinzas caíram na Europa como uma semente*, tivessem *queimado o próprio Lutero*, o mundo estaria salvo pelo menos por um século. Queimado Lutero, vão gritar; mas não me atenho essencialmente à fogueira, desde que o erro seja *suprimido* na sua manifestação do momento e em sua manifestação contínua, isto é, *o homem* que o disse ou escreveu e que o chama verdade. É muito para os cordeiros da anarquia, *que não balem senão a liberdade!* Um homem de gênio, o mais positivo que viveu desde Maquiavel e que absolutamente não era católico, mas, ao contrário, um tanto liberal, dizia, com a brutalidade de uma decisão necessária: “Minha política é *matar dois homens*, quando necessário, para salvar três.” Ora, *matando Lutero*, não são três homens que se salvariam à custa de dois: eram milhares de homens à custa de um só. Aliás, há mais que a economia do sangue dos homens: há o respeito da consciência e da inteligência do gênero humano. Lutero falseava uma e outra. Depois, quando há um ensinamento e uma fé social – era, então, o catolicismo – é preciso defendê-los e protegê-los, sob pena de perecer, um dia ou outro, como sociedade. Daí tribunais e instituições para conhecerem delitos contra a fé e o ensino. *A Inquisição é, pois, de necessidade lógica em qualquer sociedade.*”

Se os princípios que acabamos de citar não passassem de opinião pessoal do autor dessa obra, não haveria por que se preocupar com muitas outras excentricidades. Mas ele não fala apenas em seu nome, e o partido do qual ele se faz órgão, não as desaprovando, ao menos lhe dá uma adesão tácita. Aliás, não é a primeira vez que, em nossos dias, essas mesmas doutrinas são preconizadas publicamente e é bem certo que elas ainda constituem a opinião de certa classe de pessoas. Se não se comove bastante, é que a sociedade tem muita consciência de sua força para se assustar. Cada um compreende que tais anacronismos prejudicam, antes de tudo, aos que os cometem, porque cavam mais profundamente o abismo entre o passado e o presente; esclarecem as massas e as mantêm despertas.

Como se vê, o autor não disfarça o seu pensamento e não toma precauções oratórias; não vai por quatro caminhos: “Teria sido necessário queimar Lutero; teria sido preciso queimar todos os fautores de heresias, para maior glória de Deus e salvação da religião.” É claro e preciso. É triste para uma religião fundar a sua autoridade e estabilidade em semelhantes expedientes; é mostrar pouca confiança em seu ascendente moral. Se a sua base é a verdade absoluta, deve desafiar todos os argumentos contrários; como o Sol, basta que se mostre para dissipar as trevas. Toda religião que vem de Deus nada tem a temer do capricho nem da malícia dos homens; haure sua força no raciocínio; e se estivesse no poder de um homem derrubá-la, de duas uma: ou não seria obra de Deus, ou esse homem seria mais lógico do que Deus, já que seus argumentos prevaleceriam contra os de Deus.

O autor teria preferido antes queimar Lutero que os seus livros, porque, diz ele, *as cinzas destes caíram sobre a Europa como uma semente*. É de convir, pois, que os auto-de-fé de livros aproveitam mais à idéia que se quer destruir do que a prejudicam. Eis aí uma grande e profunda verdade constatada pela experiência. Por isso, queimar o homem lhe parece mais eficaz, porque, em sua opinião, é deter o mal na fonte. Mas, então, ele acredita que as

cinzas do homem sejam menos fecundas que as dos livros? Refletiu em todos os rebentos que produziram as cinzas de quatrocentos mil heréticos queimados pela Inquisição, sem contar o número muito maior dos que pereceram em outros suplícios? Os livros queimados dão apenas cinzas; mas as vítimas humanas dão sangue, produzindo marcas indeléveis que caem sobre os que o derramam. Foi desse sangue que saiu a febre de incredulidade que atormenta o nosso século, e se a fé se extingue é que a quiseram cimentar pelo sangue, e não pelo amor de Deus. Como amar um Deus que faz queimar os seus filhos? Como crer em sua bondade, se a fumaça das vítimas é incenso que lhe é agradável? Como crer em seu poder infinito, se precisa do braço do homem para fazer prevalecer a sua autoridade pela destruição?

Dirão que isto não é religião, mas abuso. Se tal fosse, com efeito, a essência do Cristianismo, nada haveria a invejar ao paganismo, mesmo quanto aos sacrifícios humanos, e o mundo quase não teria ganho com a troca. Sim, certamente é abuso; mas quando o abuso é obra de chefes que têm autoridade, que dela fazem uma lei e a apresentam como a mais santa ortodoxia, não é de admirar se, mais tarde, que as massas pouco esclarecidas confundam o todo na mesma reprovação. Ora, foram precisamente os abusos que engendraram as reformas, e os que os preconizaram colhem o que semearam.

É de notar que nove décimos das trezentas e sessenta e tantas seitas que dividiram o Cristianismo desde a sua origem tiveram por objetivo aproximar-se dos princípios evangélicos, sendo racional concluir que, se dele não se tivessem afastado, essas seitas não se teriam formado. E com que armas as combateram? Sempre com o ferro, o fogo, as proscricções e as perseguições; tristes e pobres meios de convencer! Foi no sangue que as quiseram abafar. Em falta de raciocínio, a força pôde triunfar dos indivíduos, destruí-los, dispersá-los, mas não pôde aniquilar a idéia. É por isto que, com algumas variantes, nós as vemos reaparecer incessantemente, sob outros nomes ou sob novos chefes.

Como se viu, o autor desse livro é favorável aos remédios heróicos. Entretanto, como teme que a idéia de queimar faça *gritar* no século em que estamos, declara “não se ater essencialmente à fogueira, contanto que o erro seja *suprimido* na sua manifestação do momento e na sua manifestação contínua, isto é, *o homem* que o disse ou escreveu, e que o chama verdade.” Assim, desde que o homem desapareça, pouco lhe importa a maneira. Sabe-se que os recursos não faltam: o fim justifica os meios. Eis para a manifestação *do momento*; mas, para que o erro seja destruído na sua manifestação *contínua*, é preciso, necessariamente, que desapareçam todos os aderentes que não tiverem querido render-se de boa vontade. Vê-se que isto nos leva longe. Aliás, se o meio é duro, é infalível para se desembaraçarem de qualquer oposição.

No século em que estamos, tais idéias não podem deixar de ser importações e reminiscências de existências precedentes. Quantos aos *cordeiros que balem a liberdade*, é ainda um anacronismo, uma lembrança do passado; com efeito, outrora só podiam *balar*; mas hoje os cordeiros tornaram-se aríetes: não balem mais a liberdade; eles a tomam.

Vejamos, no entanto, se queimando Lutero teriam detido o movimento, do qual ele foi o instigador. O autor não parece muito certo disto, pois diz: “O mundo estaria salvo, ao menos por *um século*.” Um século de prazo, eis tudo o que teriam ganho! E por quê? Eis a razão.

Se os reformadores só exprimissem as suas idéias pessoais, não reformariam absolutamente nada, porque não encontrariam eco. Um homem só é impotente para agitar as massas se estas forem inertes e não sentirem em si vibrar alguma fibra. É de notar que as grandes renovações sociais jamais chegam bruscamente; como as erupções vulcânicas, são precedidas por sintomas precursores. As idéias novas germinam, estão em eferescência numa porção de cabeças; a sociedade é agitada por uma espécie de estremecimento, que a põe à espera de alguma coisa.

É nesses momentos que surgem os verdadeiros reformadores, que assim se vêem como representantes, não de uma idéia individual, mas de uma idéia coletiva, vaga, à qual o reformador dá uma forma precisa e concreta, e só triunfa porque encontra espíritos prontos a recebê-la. Tal era a posição de Lutero. Mas Lutero não foi o primeiro, nem o único promotor da reforma. Antes dele houve apóstolos como Wicklef, João Huss, Jerônimo de Praga; estes dois últimos foram queimados por ordem do concílio de Constança; os hussitas, perseguidos com rigor após uma guerra encarniçada, foram vencidos e massacrados. Destruíram os homens, mas não a idéia, que foi retomada mais tarde sob outra forma e modificada em alguns detalhes por Lutero, Calvino, Zwingle, etc., donde é permitido concluir que, se tivessem queimado Lutero, isto para nada teria servido e nem mesmo dado um século de prazo, porque a idéia da reforma não estava somente na cabeça de Lutero, mas na de milhares de cabeças, de onde deveriam sair homens capazes de a sustentar. Teria sido apenas um crime a mais, sem proveito para a causa que o tivesse provocado; tanto isto é verdade que, quando uma corrente de idéias novas atravessa o mundo, nada poderá detê-la.

Lendo tais palavras, dir-se-iam escritas durante a febre das guerras religiosas, e não nos tempos em que se julgam as doutrinas com a calma da razão.

Criações Fantásticas da Imaginação

AS VISÕES DA SRA. CANTIANILLE B...

L'Événement de 19 de junho de 1866 contém o seguinte artigo:

“Fatos estranhos, ainda inexplicados, produziram-se o ano passado em Auxerre e agitaram a população. Os partidários do Espiritismo neles viram manifestações de sua doutrina e o clero os

considerou como novos exemplos de possessão; falaram de exorcismos, como se os belos tempos das Ursulinas de Loundon tivessem voltado. A pessoa em torno da qual se fazia todo esse barulho chamava-se Cantianille B... Um vigário da catedral de Sens, o abade Thorey, autorizado por seu bispo, constatou essas aparentes derrogações às leis naturais. Hoje esse eclesiástico publica, sob o título de *Relações maravilhosas da senhora Cantianille B... com o mundo sobrenatural*, o resultado de suas observações. Ele nos traz uma prova de seu trabalho e é com prazer que dele destacamos um trecho, curioso sob vários aspectos.

Em seu prefácio o autor, depois de haver exposto o plano do livro, acrescenta:

“Que o meu leitor, ao percorrer estas páginas, não precipite o seu julgamento; sem dúvida esses fatos lhe parecerão incríveis, mas eu lhe peço lembrar-se de *que afirmamos sob juramento*, Cantianille e eu, a verdade desses fatos. No relato a seguir, nada de exagerado nem inventado à vontade; tudo aí é perfeitamente exato.

“Aliás esses fatos, essas manifestações prodigiosas do mundo superior se repetem todos os dias e todas as vezes que o desejo. Pedimos que não nos acreditem sob nossa simples afirmação; ao contrário, rogamos encarecidamente que os estudem; que se façam reuniões de homens competentes, que desejem apenas a verdade e dispostos a buscá-la lealmente. Todas essas maravilhas se reproduzirão à sua frente e tantas vezes quantas necessárias para os convencer. Assumimos um compromisso.

“Possam os espíritos de idéias largas considerar este livro como uma boa noval!”

No correr da obra, Cantianille B... conta como se tornou membro e presidente de uma sociedade de Espíritos, em 1840, durante sua estada num convento de religiosas:

“Ossian (Espírito de segunda ordem), tendo vindo, como de hábito, buscar-me no convento, logo me vi transportada ao meio da reunião. Colocou-me sobre um trono, onde os aplausos mais barulhentos acolheram a minha aparição.

“Fizeram-me proferir o juramento ordinário: Juro ofender a Deus por todos os meios possíveis e não recuar diante de nada para fazer triunfar o inferno sobre o céu. Amo a Satã! Odeio a Deus! Quero a queda do céu e o reino do inferno!...

“Depois disto, cada um veio felicitar-me e encorajar-me para me mostrar forte nas provas que me restavam suportar. Prometi.

“Esses gritos, esse tumulto, esse desvelo de cada um, a música e os feixes de luz que clareavam a sala, tudo me eletrizava, me inebriava! Então gritei com voz forte: ‘Estou pronta; não temo vossas provas; ides ver se sou digna de ser dos vossos.’ Logo cessou todo ruído, toda luz desapareceu. ‘Marcha’, disse-me uma voz. Sem dúvida avancei por um estreito corredor, pois sentia de cada lado como que duas muralhas, e estas pareciam aproximar-se cada vez mais. Pensei que ia sufocar e o terror apoderou-se de mim. Quis voltar; mas, no mesmo instante, senti-me nos braços de Ossian. Ele exerceu sobre todo o meu corpo uma pressão tão viva que soltei um grito penetrante. ‘Cala-te, disse-me ele, ou estarás morta.’ O perigo restituiu-me a coragem...

“Não, não gritarei mais; não, não recuarei.” E fazendo um esforço sobre-humano, transpus de um salto o longo corredor, que se tornava cada vez mais escuro e estreito. Apesar de meus esforços, meu espanto redobrava e eu talvez fosse fugir, quando, de repente, faltando terra sob meus pés, caí num abismo cuja profundidade não podia avaliar. Fiquei um instante atordoada nessa queda, sem, contudo, perder a coragem. Um pensamento infernal acabava de me atravessar o espírito. ‘Ah! eles querem me apavorar!...

Verão se temo os demônios...’ E logo me levantei para procurar uma saída. Mas... eis que de todos os lados apareceram chamas!... Aproximavam-se de mim como para me queimar...

“E, no meio desse fogo, os Espíritos gritando, urrando, que terror!

“Para que me queres? perguntei a Ossian.

“– Quero que sejas a presidente de nossa associação... Quero que nos ajudes a odiar a Deus; quero que jures ser nossa, por nós e conosco, em toda parte e para sempre!”

“Tão logo fiz estas promessas o fogo apagou-se subitamente.

“Não me fujas, disse-me ele, eu te trago a felicidade e a grandeza. Olha.” Achei-me em meio aos associados, no meio da sala, que haviam embelezado em minha ausência. – Um repasto suntuoso foi servido.

“Aí me deram o lugar de honra; e, no fim, quando todos estavam esquentados pelo vinho e pelos licores e superexcitados pela música, fui nomeada presidente.

“Aquele que me havia entregue ressaltou nalgumas palavras a coragem que eu tinha mostrado nessas provas terríveis e, em meio de mil bravos, aceitei o título fatal de presidente.

“Eu estava, assim, à testa de vários milhares de pessoas atentas ao menor sinal. – Não tive senão um pensamento: merecer sua confiança e sua submissão. Infelizmente, fui muito bem sucedida.”

O autor tem razão ao dizer que os partidários do Espiritismo podem ver nesses fatos manifestações de sua doutrina. É que, com efeito, o Espiritismo, para os que o estudaram alhures

que não na escola dos senhores Davenport e Robin, é a revelação de um novo princípio, de uma nova lei da Natureza, que nos dá a razão daquilo que, em falta de melhor, convencionou-se atribuir à imaginação. Esse princípio está no mundo extracorpóreo, intimamente ligado à nossa existência. Aquele que não admite a alma individual e independente da matéria, rejeitando a causa *a priori*, não pode explicar os seus efeitos. E, contudo, esses efeitos estão incessantemente aos nossos olhos, inumeráveis e patentes; seguindo-os passo a passo em sua filiação, chega-se à fonte. É o que faz o Espiritismo, procedendo sempre por via de observação, remontando do efeito à causa, e jamais pela teoria preconcebida.

Eis um ponto capital, sobre o qual nunca insistiríamos em demasia. O Espiritismo não tomou como ponto de partida a existência dos Espíritos e do mundo invisível, a título de suposição gratuita, salvo para provar mais tarde essa existência, mas na observação dos fatos, e dos fatos constatados concluiu pela teoria. Esta observação o levou a reconhecer não só a existência da alma como ser principal, pois que nela residem a inteligência e as sensações, e sobrevive ao corpo, mas que se passam fenômenos de ordem particular na esfera da atividade da alma, encarnada ou desencarnada, fora da percepção dos sentidos. Como a ação da alma se liga essencialmente à do organismo durante a vida, é um campo de exploração vasto e novo aberto à psicologia e à fisiologia, e no qual a Ciência achará o que inutilmente procura há tanto tempo.

Assim o Espiritismo encontrou um princípio profundo, o que não quer dizer que tudo possa explicar. O conhecimento das leis da eletricidade deu a explicação dos efeitos do raio. Ninguém tratou esta questão com mais saber e lucidez do que Arago e, contudo, nesse fenômeno tão vulgar do raio, há efeitos que ele declara, em que pese a sua sapiência, não poder explicar, por exemplo, o dos relâmpagos bifurcados. Nega-os por isto? Não, porque tem muito bom-senso e, aliás, não pode negar um fato. Que

faz ele? Diz: observemos e esperemos estar mais adiantados. O Espiritismo não age de outro modo; confessa sua ignorância sobre aquilo que não sabe e, esperando sabê-lo, busca e observa.

As visões da Sra. Cantianille pertencem a essa categoria de questões sobre as quais, de certo modo, não se pode, até mais ampla informação, senão tentar uma explicação. Cremos achá-la no princípio das criações fluidicas pelo pensamento.

Quando as visões têm por objeto uma coisa positiva, real, cuja existência é constatada, sua explicação é muito simples: a alma vê, por efeito de sua irradiação, o que os olhos do corpo não podem ver. Não tivesse o Espiritismo explicado senão isto e já teria levantado o véu sobre muitos mistérios. Mas a questão se complica quando se trata de visões que, como as da Sra. Cantianille, são puramente fantásticas. Como pode a alma ver o que não existe? De onde vêm essas imagens que, para os que as vêem, têm toda aparência de realidade? Dizem que são efeitos da imaginação. Seja; mas esses efeitos têm uma causa. Em que consiste esse poder da imaginação? Como e sobre o que age ela? Se uma pessoa medrosa, ao ouvir um ruído de camundongos durante a noite, for tomada de terror e imagine ouvir passos de ladrões; se tomar uma sombra ou uma forma vaga por um ser vivo que a persegue, aí estão verdadeiros efeitos da imaginação; mas, nas visões do gênero das de que se trata aqui, existe algo mais, porque já não é apenas uma idéia falsa, é uma imagem com suas formas e cores, tão claras e tão precisas que poderiam ser desenhadas; e, contudo, não passam de ilusão! De onde vem isto?

Para nos darmos conta do que se passa nessa circunstância, é preciso sairmos do nosso ponto de vista exclusivamente material, e penetrar, pelo pensamento, no mundo incorpóreo, identificar-nos com a sua natureza e com os fenômenos especiais que devem passar-se num meio inteiramente diverso do nosso. Estamos aqui em baixo na posição de um espectador que se

admira de um efeito cênico, porque não lhe compreende o mecanismo; mas, se for atrás dos bastidores, tudo lhe será explicado.

Em nosso mundo, tudo é matéria tangível. No mundo invisível tudo é, se assim nos podemos exprimir, *matéria intangível*, isto é, intangível para nós que apenas percebemos por órgãos materiais, mas tangível para os seres desse mundo, que percebem por sentidos espirituais. Tudo é fluídico nesse mundo, homens e coisas, e as coisas fluídicas aí são tão reais, relativamente, quanto o são para nós as coisas materiais. Eis um primeiro princípio.

O segundo princípio está nas modificações que o pensamento faz sofrer o elemento fluídico. Pode-se dizer que o modela à vontade, como modelamos uma porção de terra para dela fazer uma estátua; apenas sendo a terra uma matéria compacta e resistente, para a manipular é preciso um instrumento resistente, enquanto a matéria etérea sofre sem esforço a ação do pensamento. Sob essa ação, ela é susceptível de revestir todas as formas e todas as aparências. É assim que se vêem os Espíritos ainda pouco desmaterializados apresentar-se como tendo na mão os objetos que tinham em vida, revestir-se com as mesmas roupas, usando os mesmos ornamentos e tomando, à vontade, as mesmas aparências. A rainha de Oude, cuja entrevista publicamos na Revista de março de 1858, sempre se via com suas jóias e dizia que estas jamais a haviam deixado. Para isto basta-lhes um ato do pensamento, sem que, o mais das vezes, se dêem conta da maneira pela qual a coisa se opera, como entre os vivos muita gente anda, vê e ouve sem poder dizer como e por quê. Tal estava ainda o Espírito do zuavo de Magenta (Revista de julho de 1859), que dizia ter seu mesmo traje e que, quando lhe perguntavam onde o tinha obtido, pois o seu havia ficado no campo de batalha, respondia: Isto é com meu alfaiate. Citamos vários fatos deste gênero, entre outros o do homem da tabaqueira (agosto de 1859) e o de Pierre Legay (novembro de 1864), que pagava seu lugar no ônibus. Essas criações fluídicas por vezes podem revestir, para os vivos,

aparências momentaneamente visíveis e tangíveis, porque se devem, na realidade, a uma transformação da matéria etérea. O princípio das criações fluídicas parece ser uma das leis mais importantes do mundo incorpóreo.

A alma encarnada, gozando parcialmente em seus momentos de emancipação das faculdades do Espírito livre, pode produzir efeitos análogos. Aí pode estar a causa das visões ditas fantásticas. Quando o Espírito está fortemente imbuído de uma idéia, seu pensamento pode criar-lhe uma imagem fluídica que, para ele, tem todas as aparências da realidade, tão bem quanto o dinheiro de Pierre Legay, embora a coisa não exista por si mesma. Tal é, sem dúvida, o caso em que se encontrou a Sra. Cantianille. Preocupada com o relato que lhe fizeram do inferno, dos demônios e de suas tentações, dos pactos pelos quais eles se apoderam das almas, das torturas dos danados, seu pensamento lhe criou um quadro fluídico, que só tinha realidade para ela.

Pode-se classificar na mesma categoria as visões da Irmã Elmerich, que afirmava ter visto todas as cenas da Paixão e encontrado o cálice no qual Jesus havia bebido, bem como outros objetos análogos aos em uso no culto atual, que certamente não existiam naquela época e dos quais, no entanto, fazia uma descrição minuciosa. Dizendo que tinha visto tudo isto, agia com boa-fé, porque realmente tinha visto pelos olhos da alma, mas uma imagem fluídica, criada pelo seu pensamento.

Todas as visões têm seu princípio nas percepções da alma, como a vista corporal tem a sua na sensibilidade do nervo óptico; mas elas variam em sua causa e em seu objeto. Quanto menos desenvolvida é a alma, tanto mais é susceptível de criar ilusão sobre o que vê; suas imperfeições a tornam sujeita ao erro. As mais desmaterializadas são aquelas cujas percepções são mais extensas e mais justas; todavia, por mais imperfeitas que sejam, suas faculdades não são menos úteis para estudar. Se esta explicação não

oferece uma certeza absoluta, ao menos tem um caráter evidente de probabilidade. Prova, sobretudo, uma coisa: que os espíritas não são tão crédulos quanto o pretendem seus detratores e não baixam a cabeça a tudo quanto parece maravilhoso. Para eles, portanto, nem todas as visões são artigos de fé; mas, sejam o que forem, ilusões ou verdades, são *efeitos* que não poderiam ser negados. Eles os estudam e deles procuram dar-se conta, sem a pretensão de tudo saber e de tudo explicar. Não afirmam uma coisa senão quando está demonstrada pela evidência. Desse modo, aceitar tudo seria tão incoseqüente quanto tudo negar.

Questões e Problemas

FILHOS, GUIAS ESPIRITUAIS DOS PAIS

Tendo perdido um filho de sete anos, e tendo-se tornado médium, uma mãe teve por guia o próprio filho. Um dia ela lhe fez a seguinte pergunta:

Caro e bem-amado filho, um espírita, amigo meu, não compreende e nem admite que tu possas ser o guia espiritual de tua mãe, já que ela existia antes de ti e, indubitavelmente, deve ter tido um guia, nem que fosse durante o tempo em que tivemos a felicidade de ter-te ao nosso lado. Podes dar-nos algumas explicações?

Resposta do Espírito da criança – Como quereis aprofundar tudo quanto vos parece incompreensível? Mesmo aquele que vos parece mais adiantado no Espiritismo está apenas nos primeiros elementos desta doutrina e não sabe mais que este ou aquele, que vos parece a par de tudo e capaz de vos dar explicações. – Eu existi muito tempo antes de minha mãe e, em outra existência, ocupei uma posição eminente por meus conhecimentos intelectuais.

Mas um imenso orgulho se havia apoderado de meu Espírito, e durante várias existências consecutivas fui submetido à mesma provação, sem dela poder triunfar, até chegar à existência em que estava junto de vós. Mas como já era adiantado e minha partida devia servir ao vosso progresso, a vós tão atrasados na vida espírita, Deus me chamou antes do fim de minha carreira, considerando minha missão junto a vós mais proveitosa como Espírito do que como encarnado.

Durante minha última estada na Terra, minha mãe teve o seu anjo-da-guarda junto a ela, mas temporariamente, porque Deus sabia que era eu que devia ser o seu guia espiritual e que eu a traria mais eficazmente na via de que ela estava tão afastada. Esse guia, que ela tinha então, foi chamado a uma outra missão, quando vim tomar seu lugar junto a ela.

Perguntai aos que sabeis mais adiantados do que vós, se esta explicação é lógica e boa, pois é possível que me engane ao expressar a minha opinião pessoal. Enfim, isto vos será explicado, se perguntardes. Muitas coisas que ainda vos são ocultas vos parecerão claras mais tarde. Não queirais aprofundar muito, porque dessa aparente preocupação nasce a confusão de vossas idéias. Tende paciência; assim como um espelho embaciado por um sopro ligeiro pouco a pouco se clarifica, vosso espírito tranqüilo e calmo atingirá esse grau de compreensão necessário ao vosso adiantamento.

Coragem, pois, bons pais; marchai com confiança, e um dia bendireis a hora da provação terrível que vos trouxe à via da felicidade eterna, e sem a qual ainda teríeis muitas existências infelizes a percorrer.

Observação – Essa criança era de uma precocidade intelectual rara para sua idade. Mesmo gozando saúde, parecia pressentir seu fim próximo; gostava dos cemitérios, e sem jamais

ter ouvido falar do Espiritismo, em que seus pais não acreditavam, muitas vezes perguntava se, quando se está morto, não se podia voltar para os que se tinha amado; aspirava a morte como uma felicidade e dizia que quando morresse sua mãe não devia afligir-se, porque voltaria para junto dela. Com efeito, foi a morte de três filhos em alguns dias que levou os pais a buscar uma consolação no Espiritismo. Essa consolação eles a encontraram largamente e sua fé foi recompensada pela possibilidade de conversar a cada instante com os filhos, pois em muito pouco tempo a mãe tornou-se excelente médium, tendo até o próprio filho como guia, Espírito que se revela por grande superioridade.

COMUNICAÇÃO COM OS SERES QUE NOS SÃO CAROS

Por que todas as mães que choram seus filhos, e que ficariam felizes se com eles se comunicassem, muitas vezes não o podem? Por que a visão deles lhes é recusada, mesmo em sonho, não obstante seu desejo e suas preces ardentes?

Além da falta de aptidão especial que, como se sabe, não é dada a todos, por vezes há outros motivos, cuja utilidade a sabedoria da Providência aprecia melhor que nós. Essas comunicações poderiam ter inconvenientes para as naturezas muito impressionáveis; certas pessoas poderiam delas abusar e a elas se entregar com um excesso prejudicial à saúde. A dor, em semelhante caso, sem dúvida é natural e legítima; mas algumas vezes é levada a um ponto desarrazoado. Nas pessoas de caráter fraco, muitas vezes essas comunicações tornam mais viva a dor, em vez de a acalmar, razão por que nem sempre lhes é permitido receber, mesmo por outros médiuns, até que se tenham tornado mais calmas e bastante senhoras de si para dominar a emoção. A falta de resignação, em semelhante caso, é quase sempre um motivo de retardamento.

Depois, é preciso dizer que a impossibilidade de comunicar com os Espíritos que mais se ama, quando se o pode

com outros, é muitas vezes uma prova para a fé e a perseverança e, em certos casos, uma punição. Aquele a quem esse favor é recusado deve, pois, dizer-se que sem dúvida mereceu; cabe-lhe procurar a causa *em si mesmo*, e não atribuí-la à indiferença ou ao esquecimento do ser lamentado.

Finalmente, há temperamentos que, não obstante a força moral, poderiam sofrer o exercício da mediunidade com certos Espíritos, mesmo simpáticos, conforme as circunstâncias.

Admiremos em tudo a solicitude da Providência, que vela sobre os mínimos detalhes, e saibamos submeter-nos à sua vontade sem murmurar, porque ela sabe melhor que nós o que nos é útil ou prejudicial. Ela é para nós como um bom pai, que nem sempre dá a seu filho o que ele deseja.

Dão-se as mesmas razões no que concerne aos sonhos. Os sonhos são as lembranças do que a alma viu no estado de desprendimento, durante o sono. Ora, essa lembrança pode ser interdita. Mas aquilo de que não nos lembramos não está, por isto, perdido para a alma; as sensações experimentadas durante as excursões que ela faz no mundo invisível, deixam ao despertar impressões vagas; e não referimos pensamentos e idéias cuja origem muitas vezes não suspeitamos. Podemos, pois, ter visto durante o sono os seres aos quais nos afeioamos, com os quais nos entretemos e não lhes guardar a lembrança. Então dizemos que não sonhamos.

Mas se o ser lamentado não pode manifestar-se de uma maneira ostensiva qualquer, nem por isso estará menos junto aos que o atraem por seu pensamento simpático. Ele os vê, ouve as suas palavras e, muitas vezes, adivinhamos a sua presença por uma espécie de intuição, uma sensação íntima, algumas vezes até por certas impressões físicas. A certeza de que não está no nada; de que não está perdido nas profundezas do espaço, nem nos abismos do

inferno; de que é mais feliz, agora isento dos sofrimentos corporais e das tribulações da vida; de que o veremos, depois de uma separação momentânea, mais belo, mais resplandecente, sob seu envoltório etéreo imperecível, e não sob a pesada carapaça carnal – eis a imensa consolação que recusam os que crêem que tudo acaba com a vida; e é o que dá o Espiritismo.

Em verdade, não se compreende o encanto que se pode encontrar em se comprazer na idéia do nada para si mesmo e para os seus, e a obstinação de certas pessoas em repelir até a esperança de que pode ser diferente, e os meios de adquirir a sua prova. Diga-se a um doente agonizante: “Amanhã estareis curado, vivereis ainda muitos anos, alegre, saudável”, ele aceitará o augúrio com alegria; o pensamento da vida espiritual, indefinida, isenta de enfermidades e preocupações da vida, não é muito mais satisfatória?

Pois bem! o Espiritismo dela não dá apenas a esperança, mas a certeza. É por isto que os espíritas consideram a morte completamente diferente da maneira por que o fazem incrédulos.

PERFECTIBILIDADE DOS ESPÍRITOS

(Paris, 3 de fevereiro de 1866 - Grupo do Sr. Lat... – Médium: Sr. Desliens)

P. – Se, conforme o Espiritismo, os Espíritos ou almas se melhoram indefinidamente, devem tornar-se infinitamente aperfeiçoados ou puros. Chegados a esse grau, por que não são iguais a Deus? Isto não se coaduna com a justiça.

Resp. – O homem é uma criatura realmente singular! Sempre acha o seu horizonte muito limitado; quer compreender tudo, tudo captar, conhecer tudo! Quer penetrar o insondável e despreza o estudo do que lhe toca imediatamente; quer compreender Deus, julgar seus atos, fazê-lo justo ou injusto; diz como queria que ele fosse, sem suspeitar que ele é tudo isto e mais ainda!... Mas, verme miserável, alguma vez compreendeste de maneira absoluta algo do que te cerca? Sabes por qual lei a flor se

colora e se perfuma aos beijos vivificantes do Sol? Sabes como nasce, como vives e porque teu corpo morre?... – Tu vês fatos, mas, para ti, as causas ficam envoltas num véu impenetrável e querias julgar o princípio de todas as causas, a causa primeira, Deus, enfim! – Há muitos outros estudos mais necessários ao desenvolvimento de teu ser, que merecem toda a tua atenção!...

Quando resolves um problema de álgebra não vais do conhecido ao desconhecido e, para compreender Deus, esse problema insolúvel desde tantos séculos, queres dirigir-te a ele diretamente! Então possuis todos os elementos necessários para estabelecer uma tal equação? Não te falta algum documento para julgar teu Criador em última instância? Não vais crer que o mundo seja limitado a esse grão de poeira, perdido na imensidade dos espaços, onde te agitas mais imperceptível que o menor dos infusórios de que o Universo é uma gota d'água? – Entretanto, raciocinemos e vejamos por que, conforme teus conhecimentos atuais, Deus seria injusto não se deixando jamais alcançar por sua criatura.

Em todas as ciências há axiomas ou verdades irrecusáveis, que se admitem como bases fundamentais. As ciências matemáticas e, em geral, todas as ciências, são baseadas no axioma de que a parte jamais poderia igualar o todo. O homem, criatura de Deus, conforme esse princípio, jamais poderia alcançar aquele que o criou.

Suponde que um indivíduo deva percorrer uma estrada de extensão infinita; de uma *extensão infinita*, pesai bem a expressão. É esta a posição do homem em relação a Deus, considerado o seu fim.

Dir-me-eis que, por pouco que se avance, a soma dos anos e dos séculos de marcha permitirá atingir o fim. Aí está o erro!... O que fizerdes num ano, num século, num milhão de

séculos, será sempre uma quantidade finita; um outro espaço igual não vos permitirá fornecer senão uma quantidade igualmente finita, e assim por diante. Ora, para o mais noviço matemático, uma soma de quantidades finitas jamais poderia formar uma quantidade infinita. O contrário seria absurdo e, neste caso, poder-se-ia medir o infinito, o que o faria perder sua qualidade de infinito. — O homem progredirá sempre e incessantemente, mas em quantidade finita; a soma de seus progressos não será jamais senão de uma perfeição finita, que não poderia alcançar a Deus, o infinito em tudo. Não há, pois, injustiça da parte de Deus em que suas criaturas jamais o possam igualar. A natureza de Deus é um obstáculo intransponível a um tal fim do Espírito; sua justiça também não poderia permiti-lo, porque se um Espírito alcançasse a Deus, seria o próprio Deus. Ora, se dois Espíritos são tais que tenham ambos um poder infinito sob todos os aspectos e um seja idêntico ao outro, eles se confundirão num só e não haverá mais que um Deus; um deveria, pois, perder a sua individualidade, o que seria uma injustiça muito mais evidente do que não poder alcançar um fim infinitamente distanciado, mesmo dele se aproximando constantemente. Deus faz bem o que faz e o homem é muito pequeno para se permitir pesar as suas decisões.

Moki

Observação — Se há um mistério insondável para o homem, é o princípio e o fim de todas as coisas. A visão do infinito lhe dá vertigem. Para o compreender, são necessários conhecimentos e um desenvolvimento intelectual e moral que ainda está longe de possuir, malgrado o orgulho que o leva julgar-se chegado ao topo da escala humana. Em relação a certas idéias, está na posição de uma criança que quisesse fazer cálculo diferencial e integral antes de saber as quatro operações. À medida que avançar para a perfeição, seus olhos se abrirão à luz e o nevoeiro que os cobre se dissipará. Trabalhando seu melhoramento presente, chegará mais cedo do que se perdendo em conjecturas.

Variedades

A RAINHA VITÓRIA E O ESPIRITISMO

Lê-se no *Salut public* de Lyon, de 3 de junho de 1866, nas notícias de Paris:

“Durante sua curta estada em Paris, lorde Granville dizia a alguns amigos que a rainha Vitória se mostrava mais preocupada do que jamais se vira em qualquer época de sua vida, a respeito do conflito austro-prussiano. Acrescentava o nobre lorde, presidente do conselho privado de S. M. britânica, que a rainha acreditava obedecer à voz do defunto príncipe Alberto, nada poupando para evitar uma guerra que atearia fogo na Alemanha inteira. Foi sob essa impressão, que não a deixa, que escreveu várias vezes ao rei da Prússia, bem como ao imperador da Áustria e que também teria dirigido uma carta autógrafa à imperatriz Eugênia, suplicando-lhe juntar seus esforços aos dela em favor da paz.”

Este fato confirma o que publicamos na *Revista Espírita* de março de 1864, sob o título de *Uma rainha médium*. Ali era dito, de acordo com uma correspondência de Londres, reproduzida por vários jornais, que a rainha Vitória se entretinha com o Espírito príncipe Alberto e tomava seus conselhos em certas circunstâncias, como o fazia em vida deste último. Remetemos a esse artigo para os detalhes do fato e para as reflexões a que deu causa. Aliás, podemos afirmar que a rainha Vitória não é a única cabeça coroada ou próxima da realeza, que simpatiza com as idéias espíritas, e todas as vezes que dissemos que a doutrina tinha aderentes até nos mais altos graus da escala social, em nada exageramos.

Muitas vezes têm perguntado por que os soberanos, convictos da verdade e da excelência desta doutrina, não consideravam um dever apoiá-la abertamente com a autoridade de seu nome. É que os soberanos talvez sejam os homens menos livres; mais que simples particulares, estão submetidos às exigências

do mundo e obrigados, *por razões de Estado*, a certas cautelas. Não nos permitiríamos citar a rainha Vitória, a propósito do Espiritismo, se outros jornais não houvessem tomado a iniciativa; e, porque não houve para o fato nem desmentidos, nem reclamações, julgamos poder fazê-lo sem inconveniente. Sem dúvida, dia virá em que os soberanos poderão confessar-se espíritas, como se confessam protestantes, católicos gregos ou romanos. Esperando, sua simpatia não é tão estéril quanto se poderia crer, porque, em certos países, se o Espiritismo não é entravado e perseguido oficialmente, como o era o Cristianismo em Roma, deve-o a altas influências. Antes de ser oficialmente protegido, deve contentar-se em ser tolerado, aceitar o que lhe dão e não pedir muito, com medo de nada obter. Antes de ser carvalho, não passa de caniço, e se o caniço não se quebra, é que se dobra ao vento.

Poesias Espíritas

MÉRY, O SONHADOR

(Grupo do Sr. L..., 4 de julho de 1866 – Médium: Sr. Vavasour)

Em vossa margem recém-nato
 Uma mulher vi com recato
 Dizer ao ver meu despertar:
 Seu doce sono não turbar,
 Ele sonha; e eu nascia apenas!
 Mais tarde, nas planícies plenas
 Florido trevo desfolhava,
 A dizer que Méry sonhava;
 E quando a pobre mãe se estanca
 A me assentar na pedra branca
 Que guarda a borda do riacho,
 Ela dizia ainda, eu acho:
 Meu filho sonha. No colégio,
 Por ódio ou por desprezo régio!
 Amigos foram para longe,
 Deixando-me só como um monge,

A sonhar. E quando a inquietude
Do mal manchou-me a juventude,
A turba me apontava o dedo
Dizendo: É Méry, deve cedo
Sonhar ainda. E então, prudente,
Quase a meio caminho rente
Fui julgado como escritor,
É em vão, diziam com humor,
Que ele evoca a poesia
Em seus versos, é a fantasia
Que em seu apelo vem. Méry,
Que quer que faça, é só Méry.
E quando a derradeira prece
Benzesse o que pó se fizesse,
Atento em meu sepulcro, ouvi
Um termo só, repito-o aqui:
Sonhador! Ah, sim, sobre a terra
Sonhei; que algum mal isto encerra?
Um sonho que não terminou,
E ao qual, aqui, reinício dou.

J. Méry

A PRECE DA MORTE PELOS MORTOS

(Sociedade de Paris, 13 de julho de 1866 – Médiun: Sr. Vavasour)

Dos tempos ao fremir os séculos se vão
Com os bens das estações, passam sem compaixão,
E a morte então passou mas sem bater à porta
Que escondia o tesouro e em segredo o transporta;
A vida! Ó morte! A mão que tua mão dirige
Cansada de bater, ela amanhã te exige
Teus golpes suspender? Tua fome incontida
Ainda quer perturbar o banquete da vida?
Mas, se vens sem cessar, qualquer hora do dia,
Buscar mortos em nós para a tua estadia,
O Universo é tão pouco a teus fundos abismos,
Ou sem fundo é teu caos a tão cruéis sadismos.
Ó morte! Vês chorar a virgem sem chorar,
E as flores secas tu que a deviam ornar,

Sem permitir-lhe a fronte a coroa cingir
 De rosas e de lis que o esposo deu-lhe a rir.
 Não escutas, ó morte! o grito da criança,
 Que impiedosa vens ferir sem esperança
 De sua própria mãe deixá-la conhecer
 Que a ela dava o céu dando a terra ao nascer.
 Não escutas, ó morte! a este velho que em vida
 Implora-te um favor, à hora da partida,
 E a seu filho abraçar e à filha abençoar,
 Pra tranqüilo dormir da vida ante o cessar.
 Mas, cruel! diz-me tu que os mortos vêm ser
 Os que saem de cá para a outras margens ter?
 Assim sofrerão sempre os tormentos da Terra
 Em plena eternidade, e a prece o que ela encerra
 Não poderia enfim dulcificar-lhe um dia?
 E a morte respondeu: Na morada sombria
 Onde, livre, instalei meu tenebroso império,
 A prece é poderosa e é Deus que a inspira sério
 Aos entregues a mim. À tarde, ao retornar,
 Em meu sangrento trono em pompa vou sentar,
 Miro a amplidão dos céus e sou eu a primeira
 Por meus mortos a prece a recitar inteira.
 Escuta, filho, escuta: “Ó Deus onipotente,
 Lá dos céus sobre mim, sobre eles, faz clemente
 O teu piedoso olhar. Que um raio de esperança
 Os lugares aclare onde a dor nos alcança.
 Faze-nos ver, ó Deus! A terra do perdão,
 Essa margem sem fim, essa vasta extensão,
 Dos eleitos da terra, ou seja a pátria eterna
 Onde a todos criaste a vida sempiterna;
 Faze cada um de nós, ante a tua vontade,
 Com respeito inclinar-se; em face à majestade
 De teus desígnios, pois, prosternado te adore;
 Se curve ante teu nome, e ainda erguendo-se ore,
 Exclamando: Senhor! Se me houvestes banido
 Da morada terrena, assim me haveis punido
 Dos mortos no reduto, eu posso confessar
 Ter merecido mais; batei-me sem cessar,
 Senhor, e eu sofrerei sem murmúrio velado
 E meus olhos jamais tão bem terão chorado
 Para lavar de todo a mancha tenebrosa
 Que sempre no presente atém-se vergonhosa.

Vossos golpes terei, levarei minha cruz
 Sem jamais maldizer da prova a que fiz jus,
 E quando derdes fim à minha justa prova
 Se derdes tu, Senhor, ao ser que se renova
 Os bens que ele perdeu na amarga soledade,
 O ar puro, a brisa, o sol, a própria liberdade,
 O ter repouso e paz diante de vós, Senhor,
 Comprometo-me a orar por mim mesmo e em favor
 De meus pobres irmãos ao peso quase eterno
 De um sofrer que os retém presos ao próprio inferno;
 Às suas sombras, pois, do outro lado a chorar,
 A minha assim lhes diz, então, ao se afastar:
 Coragem, meus irmãos, vós que ficais aqui,
 Eu cumprirei nos céus, o que vos prometi.”

Casimir Delavigne

Já publicamos outros trechos de poesias obtidas por esse médium, nos números de junho e julho, sob os títulos de *A teu livro* e *A prece pelos Espíritos*. O Sr. Vavas seur é um médium versificador na acepção da palavra, porque só muito raramente obtém comunicações em prosa e, embora muito letrado e conhecedor das regras de poesia, de si mesmo jamais fez versos. Mas, dirão, o que sabeis a respeito e quem vos diz que aquilo que supondes obter mediunicamente não será produto de sua composição pessoal? Nós o acreditamos, primeiro porque ele o afirma e porque o temos por incapaz de mentir; em segundo lugar porque a mediunidade, sendo nele completamente desinteressada, nenhuma razão teria de se dar a um esforço inútil e de representar uma comédia indigna de um caráter honrado. Sem dúvida a coisa seria mais evidente e, sobretudo, mais extraordinária se ele fosse completamente analfabeto, como se vê em certos médiuns, mas os conhecimentos que possui não infirmariam a sua faculdade, desde que demonstrada por outras provas.

Que expliquem por que, por exemplo, se ele quiser compor algo de si mesmo, um simples soneto, nada obtém, ao passo que, sem o buscar, e sem desígnio premeditado, escreve

trechos de grande fôlego, de um jacto, mais rapidamente e mais correntemente do que se escreveria prosa, sobre um assunto improvisado, no qual não pensava? Qual o poeta capaz de semelhante proeza, que se repete quase diariamente? Não poderíamos duvidá-lo, porque os trechos que citamos, e muitos outros, foram escritos sob os nossos olhos, na Sociedade e em diferentes grupos, em presença de uma assembléia muitas vezes numerosa. Que todos os malabaristas, que pretendem descobrir os pretensos cordéis dos médiuns, imitando mais ou menos grosseiramente alguns efeitos físicos, venham, então, disputar com certos médiuns escreventes e tratar, mesmo em simples prosa, instantaneamente, sem preparação nem retoque, o primeiro assunto surgido e as mais abstratas questões! É uma prova a que nenhum detrator não quis ainda submeter-se.

A propósito, recordamo-nos de que, há seis ou sete anos, um escritor e jornalista, cujo nome por vezes figura na imprensa entre os zombadores do Espiritismo, veio nos procurar, dando-se por médium *intuitivo* e oferecendo seu concurso à Sociedade. Dissemos-lhe que, antes de aceitar sua *obsequiosa* oferta, precisávamos conhecer a extensão e a natureza de sua faculdade; em consequência, nós o convocamos para uma sessão particular de ensaio, na qual se encontravam quatro ou cinco médiuns. Tão logo estes tomaram do lápis, começaram a escrever com tal rapidez que o deixou estupefato; rabiscou três ou quatro linhas com fortes rasuras, alegou dor de cabeça, o que perturbava a sua faculdade. Prometeu voltar e não o vimos mais. Ao que parece, os Espíritos só o assistem com a cabeça fresca e em seu gabinete.

É verdade que se viram improvisadores, como o finado Eugène de Pradel, cativar os ouvintes pela sua naturalidade. Admiraram-se de que nada tivessem publicado. A razão é muito simples: é que o que seduzia a audição não era suportável à leitura; não passava de um arranjo de palavras saídas de uma fonte abundante, onde brilhavam, excepcionalmente, alguns traços

espirituosos, mas cujo conjunto era vazio de pensamentos sérios e profundos, e semeado de incorreções revoltantes. Não nos referimos à censura que se possa fazer aos versos, embora obtidos com quase tanta rapidez quanto os improvisos verbais. Se fossem fruto de um trabalho pessoal, seria uma singular humildade da parte do autor atribuir o mérito a outros, e não a si, privando-se da honra que daí poderia tirar.

Apesar de a mediunidade do Sr. Vasseur ser recente, ele já possui uma coletânea bem importante de poesias de real valor, que pretende publicar. Apressar-nos-emos em anunciar essa obra tão logo apareça, pois não temos dúvida de que será lida com interesse.

Nota Bibliográfica

CANTATA ESPÍRITA

Letra do Sr. Herczka e música do Sr. Armand Toussaint, de Bruxelas, com acompanhamento de piano.

Esse fragmento não é dado como produção mediúnica, mas como obra de um artista inspirado por sua fé espírita. As pessoas competentes que ouviram a sua execução, concordam em lhe atribuir um mérito real, digno do assunto. Temos dito muitas vezes que, bem compreendido, o Espiritismo será uma fecunda mina para as artes, de onde a poesia, a pintura, a escultura e a música tirarão novas inspirações. Haverá a arte espírita, como houve a arte pagã e a arte cristã.

(Venda em benefício dos pobres. Preço líquido: 1 fr. 50 c., franco para a França, 1 fr. 60 c. — Bruxelas, sede da Sociedade Espírita, 51, rue de la Montagne. — Paris, no escritório da *Revista*).

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

SETEMBRO DE 1866

Nº 9

Os Irmãos Davenport em Bruxelas

Os irmãos Davenport acabam de passar algum tempo na Bélgica, onde deram pacificamente suas representações. Temos numerosos correspondentes nesse país, mas não nos consta, nem por informação destes, nem pelos jornais, que tais senhores ali tenham sido alvo das cenas lamentáveis que ocorreram em Paris. Será que os belgas dariam lições de urbanidade aos parisienses? Poder-se-ia crê-lo, comparando as duas situações. O que é evidente é que em Paris havia uma opinião formada, uma cabala organizada contra eles; e a prova disso é que os atacaram antes de saber o que iam fazer, antes mesmo que tivessem começado. Vaiar os que fracassam, os que não cumprem o que anunciam, é um direito comprado em toda parte, quando se paga a entrada. Mas, escarnecê-los, insultá-los, maltratá-los, quebrar seus instrumentos, antes mesmo que entrem em cena, é o que não se permitiria o último saltimbanco da feira. Seja qual for a maneira por que se considere esses senhores, tais procedimentos não têm desculpa num povo civilizado.

De que os acusavam? De se fazerem passar por médiuns? De pretenderem operar com a ajuda dos Espíritos? Se, da

parte deles, era um meio fraudulento para excitar a curiosidade do público, quem tinha o direito de se queixar? – Os espíritas, que podiam achar ruim a exibição de uma coisa lamentável. Ora, quem se queixou? Quem denunciou o escândalo, a impostura e a profanação? Precisamente os que não crêem nos Espíritos. Todavia, entre os que mais alto gritam que eles não existem, que fora do homem nada há, alguns acabam, graças às manifestações, se não por crer, ao menos por temer que haja alguma coisa. O medo de que os irmãos Davenport viessem prová-lo muito claramente desencadeou contra eles verdadeira cólera; se tivessem certeza de que eles não passavam de hábeis prestidigitadores, não haveria razão para temerem o primeiro escamoteador que surgisse. Sim, estamos convictos de que o medo de os ver triunfar foi a causa principal dessa hostilidade, que precedeu o seu aparecimento em público e preparou os meios de fazer abortar o seu primeiro espetáculo.

Mas os irmãos Davenport não passavam de um pretexto; não era à sua pessoa que visavam, mas ao Espiritismo, ao qual pensavam que eles pudessem dar uma sanção, e que, para grande pesar de seus antagonistas, frustra os efeitos da malevolência, pela prudente reserva de que jamais se afastou, apesar de tudo quanto fizeram para dela fazê-lo sair. Para muitas pessoas, é um verdadeiro pesadelo. Era preciso conhecê-lo muito pouco para crer que aqueles senhores, colocando-se em condições que ele desaprova, lhe pudessem servir de auxiliares. Contudo, serviram à sua causa, mas dele fazendo falar na ocasião e, sem o querer, a crítica lhe deu a mão, provocando o exame da doutrina. É de notar que todo o arruído feito em torno do Espiritismo é obra desses mesmos que o queriam abafar. O que quer que tenham feito contra ele, este jamais gritou; os adversários é que gritaram, como se já se julgassem mortos.

Extraímos do *Office de publicité*, jornal de Bruxelas, que dizem ter uma tiragem de 25.000 exemplares, as passagens

seguintes de dois artigos publicados nos números de 8 e 22 de julho último, sobre os irmãos Davenport, bem como duas cartas de refutação, lealmente inseridas no mesmo jornal. Apesar de um tanto gasto, o assunto não deixa de ter seu lado instrutivo.

CRÔNICA BRUXELENSE

“É bem certo que tudo acontece e que não se deve dizer: ‘Desta água não beberei.’ Se me tivessem dito que algum dia eu veria o armário dos irmãos Davenport ou esses ilustres feiticeiros, eu teria sido capaz de jurar que isto jamais aconteceria, pois basta que me digam que alguém é feiticeiro para me tirar toda curiosidade a seu respeito. O sobrenatural e a feitiçaria não têm inimigo mais obstinado do que eu. Eu não iria ver um milagre quando o mostrassem de graça: essas coisas me inspiram a mesma aversão que os bezerros de duas cabeças, as mulheres de barba e todos os monstros; acho idiotas os Espíritos batedores e as mesas inteligentes, e não há superstição que me faça fugir para o fim do mundo. Julgai se, com tais disposições, eu teria ido engrossar a multidão no caso dos irmãos Davenport, quando os diziam em comércio regular com os Espíritos! Também confesso que não me teria vindo a idéia de desmascarar a trapaça, de quebrar o seu armário e provar que realmente eles não eram feiticeiros, pois me parece que, assim, eu teria dado a prova de que eu mesmo tinha acreditado em suas pompas e em seus prodígios. Ter-me-ia parecido infinitamente mais simples afastar, logo de início, essa suposta feitiçaria e supor que, tendo enganado a tanta gente, deveriam ser criaturas muito hábeis em seus exercícios. Quanto a compreender, eu não me teria dado a esse trabalho. Para quê, desde que os Espíritos aí não tomam parte? E se tivesse havido muitos pobres Espíritos no outro mundo para neste virem fazer o papel de comparsas, *para quê, ainda?*”

“Li com muita atenção, embora tivesse em que empregar melhor o meu tempo, a maior parte dos livros usados

pelos espíritas e aí encontrei tudo quanto era necessário para satisfazer a necessidade de uma religião nova, mas não com que me converter a essa velha novidade. Consultados todos os Espíritos, cujas respostas são citadas, nada disseram que não tivesse sido dito antes deles e em melhores termos do que as repetiram. Ensinaríamos que é preciso amar o bem e detestar o mal, que a verdade é o contrário da mentira, que a alma é imortal, que o homem deve tender incessantemente a tornar-se melhor e que a vida é uma provação, coisas todas já sabidas há milhares de anos, e para a revelação das quais era inútil evocar tantos mortos ilustres e até personagens que, por mais célebres que sejam, jamais existiram. Não falo mesmo do Judeu-Errante; mas, imaginai que eu vá evocar Dom Quixote e que ele volte; isto não seria divertido ao máximo?

“Eu não tinha mais que uma objeção a respeito dos irmãos Davenport, já que não passavam de hábeis prestidigitadores. Esta objeção se resume nisto: *afastado com muito gosto todo o Espiritismo, e de comum acordo*, seus exercícios bem podiam não passar de um divertimento medíocre. É provável que não me tivesse vindo a idéia de ir vê-los se, feita a oferta graciosa de ir até lá, eu não tivesse considerado que a crônica obriga, que nem tudo são rosas na vida e que o cronista deve ir aonde vai o público e aborrecer-se um pouco, com direito à desforra. Resolvido a fazer as coisas em consciência, inicialmente fui de dia à sala do *Círculo Artístico e Literário*, onde se ocupavam na montagem do famoso armário. Vi-o ainda incompleto, à luz do dia, e despojado de toda a sua “poesia”. Se as ruínas precisam da solidão e das sombras da noite, os truques dos prestidigitadores necessitam da luz do gás, da multidão crédula e da distância. Mas os irmãos Davenport são bons jogadores e jogam as cartas à mesa. Podia-se ver, e entrava quem quisesse. Um empregado ianque montava o armário com tranqüilidade; os violões, os pandeiros, as cordas, as campainhas lá estavam, de mistura com cofres, roupas, pedaços de tapetes, telas de embalagem; tudo ao abandono, à mercê de qualquer um e como desafio à curiosidade. Isto parecia dizer: Virai, revirai, examinai, procurai, investigai, fazei alguma coisa! nada sabereis.

“Nada há mais de insolentemente simples que o armário. É um armário para roupa branca, para vestuários, e que absolutamente não tem o aspecto de ser feito para alojar Espíritos. Pareceu-me de nogueira; na frente tem três portas, em vez de duas e se me afigura danificado pelas viagens que fez ou pelos ataques que sofreu. Dei uma olhadela, não muito de perto, porquanto, por mais aberto que estivesse, imaginei que um móvel tão misterioso devia cheirar a mofo, como a espineta mágica na qual escondiam Mozart em criança.

“Declaro formalmente que, a menos de aí pôr minhas roupas, eu não saberia o que fazer do armário dos irmãos Davenport. Cada qual no seu ofício. Eu o revi à noite, isolado sobre o estrado, diante da rampa: já tinha um aspecto monumental. A sala estava cheia, como jamais estive nos dias em que Mozart, Beethoven e seus intérpretes bancavam as despesas da noite. O mais belo público que se pode ter: os mais amáveis, os mais espirituosos, as mais belas mulheres de Bruxelas, depois os conselheiros da Corte de Cassação, presidentes políticos, judiciários e literários; todas as academias, senadores, ministros, representantes, jornalistas, artistas, empreiteiros de construção, marceneiros, *“que eram como um buquê de flores!”* O honrado Sr. Rogier, ministro dos negócios estrangeiros, estava naquele sarau, onde lhe fazia companhia um antigo presidente da Câmara, o Sr. Vervoort que, desiludido das grandezas humanas, só conservou a presidência do Círculo, aliás uma realeza encantadora. À vista disto, senti-me completamente seguro. Um de nossos melhores pintores, o Sr. Robie, fez eco ao meu pensamento, dizendo-me: ‘Vedes! A Áustria e a Prússia podem bater-se quanto queiram. Contanto que a crise européia não perturbe o nosso ministro dos negócios estrangeiros, a Bélgica pode dormir em paz.’ Isto me pareceu peremptório, vós mesmo o julgareis e, sabendo que o Sr. Rogier assistiu sorridente ao sarau dos irmãos Davenport, podeis dormir tranquilamente. É o que tendes melhor a fazer.

“Vi todos os exercícios dos irmãos Davenport *e de modo algum procurei compreender o seu mistério*. Tudo quanto posso dizer, sem pensar o mínimo em lhes diminuir o sucesso, é que não me é possível sentir o menor prazer nestas coisas. Elas não me interessam. Em minha presença amarraram os irmãos Davenport; dizem que os amarraram muito bem; depois puseram farinha em suas mãos e os trancaram no armário, baixaram a luz do gás e ouvi um grande ruído de violões, de campainhas e de pandeiros no armário. De repente o armário abriu-se: um pandeiro rolou até os meus pés, brusca e violentamente, e os irmãos Davenport apareceram, desamarrados, saudando o público e sacudindo a farinha que haviam posto em suas mãos. Aplaudiram muito. Aí está!

– Enfim, como explicais isto?

– Há pessoas no Círculo que o explicam muito bem. Quanto a mim, por mais que deite os bofes pela boca, absolutamente não sinto vontade de o explicar. Eles se desamarraram, eis tudo; e a mágica da farinha foi feita com habilidade. Acho os preparativos demorados, o ruído enfadonho e tudo pouco divertido. E nada de espírito, nem no singular, nem no plural.

– Assim, não acreditais?

– Não; creio no aborrecimento que senti.

– E o Espiritismo? não acreditais nele?

– Isto é pergunta de Sganarello a Don Juan. Logo ireis perguntar se creio no espírito mau. Responderei como Don Juan, que acredito que dois e dois são quatro e que quatro e quatro são oito. Ainda não sei se, vendo o que se passa na Alemanha e alhures, não seria forçado a fazer reservas.

– Então sois ateu?

– Não. Sem modéstia, sou o homem mais religioso da Terra.

– Assim, acreditais em Deus, na imortalidade da alma, na...

– Creio. É a minha felicidade e a minha esperança.

– E tudo isto se concilia convosco: quatro e quatro são oito!

– Precisamente. Tudo está aí. *O turco é uma bela língua.*

– Então ides à missa?

– Não. Mas não vos impeço de ir lá.

O pássaro no galho, o verme brilhando na erva, os globos no espaço e meu coração cheio de adoração me cantam a missa noite e dia. Amo a Deus apaixonadamente e sem temor. Que quereis que, com isso, eu faça das religiões e de outras variedades do *davenportismo*?¹⁷

– E o Espiritismo? e Allan Kardec?

– Creio que o Sr. Allan Kardec, que faria muito melhor se usasse o seu nome verdadeiro, é tão bom cidadão quanto vós e eu. Sua moral não difere da moral comum, que me basta. Quanto às suas revelações, gosto tanto quanto do armário dos Davenport, com ou sem violões. Li as revelações dos Espíritos; seu estilo não vale o de Bossuet e, salvo citações feitas das obras dos homens ilustres, é pesado e por vezes banal. *Eu não gostaria de escrever como o mais forte do grupo*: meu diretor me diria que o macarrão é bom, mas que dele não se deve abusar. O Espiritismo tem sobrenatural e

17 N. do T.: *Grifo nosso*. Alusão aos irmãos Davenport.

dogmas e eu desconfio desse bloco enfarinhado. Já havia dito isto há cinco anos, falando da doutrina, pois se trata de uma doutrina: aí há de tudo para *improvisar* uma religião nova. Seria melhor ser simplesmente religioso e ater-se às revelações do Universo.

“Vejo esta religião despontando. Já é uma seita, e considerável; não podeis imaginar o número e a seriedade das cartas que já recebi, por ter abordado o Espiritismo ultimamente. Ele tem os seus fanáticos, terá os seus intolerantes, seus sacerdotes, porque o dogma se presta à ação intermediária, uma vez que os Espíritos têm classes e preferências. Assim que esse novo dogma conquistar dez por cento dos crentes, veremos o seu clero. Eu o creio destinado a herdar do catolicismo, tendo em vista os seus aspectos sedutores. Esperai apenas que os espertos aí se misturem, e os profetas e os evocadores privilegiados surgirão através do mistério da coisa, que é suave e poética, como as ervas daninhas num campo de trigo.

Eis duas cartas que foram dirigidas. Vêm de pessoas leais, ingênuas e convictas; é por isto que as publico.

“Ao Sr. Bertram.

“Há quatro anos eu era o que se pode chamar um franco-retardatário. Católico sincero, acreditava nos milagres, no diabo, na infalibilidade papal. Assim, eu teria aceito sem discutir a Encíclica de Pio IX¹⁸, com todas as suas conseqüências na ordem política.

“Mas, perguntareis, para que serve esta confissão de um desconhecido? Palavra de honra, Sr. Bertram, vou informar-vos,

18 **N. do T.:** Alusão à encíclica *Quanta cura* (1864), que condenava o liberalismo, o socialismo e o naturalismo. Pio IX (1792-1878) foi um dos papas que por mais tempo estiveram à testa da Igreja Católica. Seu pontificado durou trinta e dois anos, incluindo todo o período em que Allan Kardec codificou o Espiritismo.

mesmo sob o risco de excitar a vossa verve trocista ou *de vos fazer fugir até o fim do mundo*.

“Um dia vi, em Antuérpia, uma mesinha, vulgarmente chamada mesa falante, que me respondeu a uma pergunta mental em meu idioma natal, desconhecido dos assistentes; entre estes havia espíritos fortes, maçons que não acreditavam em Deus, nem na alma. A coisa lhes deu a refletir, leram com avidez as obras espíritas de Allan Kardec; fiz como eles, sobretudo quando vários sacerdotes me asseguraram que tais fenômenos eram obra exclusiva do... demônio. Não lamentei o tempo que isto me custou; muito ao contrário. Nesses livros não só achei a solução racional e muito natural do fenômeno acima, mas uma saída para muitas questões, para muitos problemas que eu me questionava de longa data. Aí encontrastes matéria para uma religião nova; mas, Sr. Bertrand, acreditais que haveria grande mal nisto, se fosse o caso? O catolicismo corresponde de tal modo às necessidades de nossa sociedade que não possa ser revigorado, nem substituído vantajosamente? Ou acreditais que a Humanidade possa dispensar toda crença religiosa? O liberalismo proclama belos princípios, mas é, em grande parte, céptico e materialista. Nessas condições jamais ligaria as massas a si, tampouco o catolicismo ultramontano. Se o Espiritismo um dia for chamado a tornar-se uma religião, será a religião natural, bem desenvolvida e bem compreendida, e esta, certamente, não é nova. É, como dizeis, uma velha novidade; mas é, também, um terreno neutro, onde todas as opiniões, tanto políticas quanto religiosas, um dia poderão dar-se as mãos.

“Seja como for, desde que me tornei espírita, algumas más línguas me acusam de me haver tornado livre-pensador. É verdade que a partir de então, assim como os espíritos fortes, de que falava acima, não creio mais no sobrenatural, nem no diabo; mas, em compensação, acreditamos um pouco mais em Deus, na imortalidade da alma, na pluralidade das existências; filhos do século dezenove, percebemos uma estrada segura e por ela

queremos impulsionar o carro do progresso, em vez de o retardar. Vedes, pois, que o Espiritismo tem ainda seu lado bom, já que pode operar tais mudanças. E agora, para voltar aos irmãos Davenport, seria erro fugir às experiências, ou concluir de modo preconceituoso contra elas, em virtude de serem novas. Quanto mais extraordinários os fatos, mais merecem ser observados conscienciosamente, e sem idéias preconcebidas, porquanto, quem poderia vangloriar-se de conhecer todos os segredos da Natureza? Nunca vi os irmãos Davenport, mas li o que a imprensa francesa escreveu sobre eles e fiquei admirado da má-fé posta no caso. Os amadores poderão ler com proveito o livro *Forças naturais desconhecidas*, de Hermès (Paris, Didier, 1865); é uma refutação do ponto de vista da Ciência, das críticas dirigidas contra eles. Se é verdade que aqueles senhores não se apresentam como espíritas, nem conhecem a doutrina, não há por que o Espiritismo lhes tomar a defesa. Tudo o que se pode dizer é que fatos semelhantes aos por eles produzidos são possíveis em virtude de uma lei natural hoje conhecida e pela intervenção de Espíritos inferiores. Apenas até aqui estes fatos ainda não se tinham produzido em condições tão pouco favoráveis, em horas fixas e com tanta regularidade.

“Espero, senhor, que acolhais estas observações desinteressadas e lhes deis hospitalidade em vosso jornal. Possam elas contribuir para elucidar uma questão mais interessante para os vossos leitores do que poderíeis supor.

“Vosso Assinante,

H. Vanderyst”

“Ei-la publicada! não me acusarão de pôr “a luz sob o alqueire.”

“Antes de mais, não tenho alqueire; depois, sem qualquer gracejo, não vejo aqui muita luz. Jamais fiz objeção à moral do Espiritismo; ela é pura. Os espíritas são honestos e

caridosos: seus donativos para as creches mo provaram. Se se apegam aos seus Espíritos superiores e inferiores, nisso não vejo inconveniente. É uma questão entre o seu instinto e a sua razão.

“Há um pós-escrito na carta. Ei-lo:

“Permiti chame a vossa atenção para a obra que acaba de ter a honra do Índice: *Pluralidade das Existências da Alma*, de Pezzani, advogado, onde essa questão é tratada fora da revelação espírita.”

“Passemos à outra carta:

(Segue-se uma segunda carta no mesmo sentido que a precedente, e que termina assim):

“Estou convicto de que, no dia em que a imprensa se dispuser a desenvolver tudo quanto o Espiritismo encerra de belo, o mundo fará progressos imensos, moralmente. Tornar claro ao homem que cada um traz em si a verdadeira religião, *a consciência*, deixá-lo em presença de si mesmo para responder por seus atos diante do Ser Supremo, que coisa importante! Não seria matar o materialismo, que faz tanto mal no mundo? Não seria uma barreira contra o orgulho, a ambição, a inveja, coisas que tornam infelizes os homens? Ensinar ao homem que deve fazer o bem para merecer sua recompensa? Certamente há homens que estão convencidos de tudo isto, mas quantos em relação à generalidade? E tudo isto se pode ensinar ao homem. De minha parte, evoquei meu pai e, conforme as resposta que obtive, a dúvida não é mais possível.

“Se eu tivesse a felicidade de manejar a pena como vós, trataria o Espiritismo como chamado a nos inculcar uma moral suave e agradável. Meu primeiro artigo teria por título: *O Espiritismo, ou a destruição de todo fanatismo. A queda dos jesuítas e de todos os que vivem da credulidade humana*. Colhem-se todas essas idéias no excelente livro de Allan Kardec. Como eu gostaria que

tivésseis minha maneira de encarar o Espiritismo! Como faríeis bem à moral! Mas, meu caro Bertram, como pudestes encontrar sobrenatural e feitiçaria no Espiritismo? Não acho mais extraordinário em nos comunicarmos com nossos parentes e amigos passados ao outro mundo, por meio do fluido que nos põe em contato com eles, do que nos comunicarmos com os irmãos deste globo a distâncias fabulosas por meio do fio elétrico!”

Tudo publicado sem observação e sem comentário, para provar apenas que o Espiritismo tem, na Bélgica, partidários ardentes em sua fé. Positivamente a seita faz progressos, e logo o catolicismo terá de contar com ela.

“A imprensa parisiense não agiu de má-fé com os irmãos Davenport; o que ela faz ver bem é que estes não mais exibem pretensões ao sobrenatural. Ao menos que eu saiba, já não dão exhibições a cinqüenta francos por cabeça. Entretanto, creio que as pessoas que quisessem pagar seu lugar por esse preço não seriam mal recebidas. Para concluir, afirmo que seus exercícios não me parecem feitos para exercer grande influência sobre o futuro das sociedades humanas.”

Bertram

Depois das duas cartas que se acaba de ler, não teremos muita coisa a dizer sobre o artigo. Sua moderação contrasta com a acrimônia da maioria dos que outrora foram escritos sobre o mesmo assunto. Ao menos o autor não contesta aos espíritas o direito de ter uma opinião, que ele respeita, embora não a compartilhe. Ao contrário de certos apóstolos do progresso, reconhece que a liberdade de consciência é para todos; já é alguma coisa. Concorde mesmo que os espíritas têm coisas boas e são de boa-fé. Enfim, constata os progressos da doutrina e confessa que ela tem um lado sedutor. Assim, faremos apenas ligeiras observações.

O Sr. Bertram nos considera tão bom cidadão quanto ele, e nós lhe agradecemos. Mas acrescenta que fariamos muito bem em usar o nosso nome verdadeiro. Por nosso lado permitimo-nos perguntar-lhe por que assina seus artigos como *Bertram*, em vez de *Eugène Landois*, o que nada tira de suas qualidades pessoais, pois sabemos que ele é o principal organizador da creche de Saint-Josse-Tennoode, da qual se ocupa com louvável solicitude.

Se o Sr. Bertram tivesse lido os livros espíritas com tanta atenção quanto o diz, saberia se os espíritas são tão simplórios para evocar o Judeu-Errante e Dom Quixote; saberia o que o Espiritismo aceita e o que condena; não afetaria apresentá-lo como uma religião, porque, da mesma maneira, todas as filosofias seriam religiões, desde que é de sua essência discutir as bases mesmas de todas as religiões: Deus e a natureza da alma. Compreenderia, finalmente, que se algum dia o Espiritismo se tornasse uma religião, não poderia tornar-se intolerante sem renegar seu princípio, que é a fraternidade universal, sem distinção de seita e de crença; sem abjurar sua divisa: *Fora da caridade não há salvação*, o símbolo mais explícito do amor ao próximo, da tolerância e da liberdade de consciência. Ele jamais disse: *“Fora do Espiritismo não há salvação.”* Se uma religião se apoiasse no Espiritismo com exclusão desses princípios, não seria mais Espiritismo.

O Espiritismo é uma doutrina filosófica que toca em todas as questões humanitárias. Pelas profundas modificações que traz às idéias, faz encarar as coisas de outro ponto de vista. Daí, para o futuro, inevitáveis modificações nas relações sociais; é uma mina fecunda onde as religiões, como as ciências, como as instituições civis, colherão elementos de progresso. Mas, porque toca em certas crenças religiosas, não constitui um culto novo, como não é um sistema particular de política, de legislação ou de economia social. Seus templos, suas cerimônias e seus sacerdotes estão na imaginação de seus detratores e dos que temem vê-lo tornar-se religião.

O Sr. Bertram critica o estilo dos Espíritos e coloca o seu muito acima; é direito seu e não lho disputaremos. Também não lhe contestamos que a moral dos Espíritos nada de novo nos ensina. Isto prova uma coisa: os homens são apenas mais culpados por praticá-la tão pouco. É, pois, de admirar que Deus, em sua solicitude, lhas repita sob todas as formas? Se, a tal respeito, o ensino dos Espíritos é inútil, o do Cristo o era igualmente, pois que ele não fez senão desenvolver os mandamentos do Sinai; os escritos de todos os moralistas também são inúteis, pois apenas repetem a mesma coisa em outros termos. Com tal sistema, quanta gente cujos trabalhos seriam inúteis, sem aí incluir os cronistas que, por sua condição, nada devem inventar.

Não resta dúvida de que a moral dos Espíritos é tão velha quanto o mundo, o que nada tem de surpreendente, porquanto, não sendo a moral senão a lei de Deus, esta lei deve ser de toda eternidade e a criatura nada pode acrescentar à obra do Criador. Mas não há nada de novo no modo de ensinar? Até agora o código de moral só tinha sido promulgado por algumas individualidades; foi reproduzido em livros que nem todo mundo lê ou compreende. Pois bem! hoje esse mesmo código é ensinado, não mais por alguns homens, mas por milhões de Espíritos, que foram homens, em todos os países, em cada família e, a bem dizer, a cada indivíduo. Credes que aquele que tiver sido indiferente à leitura de um livro, que tiver tratado as máximas que ele encerra como lugares-comuns, não ficará diversamente impressionado se seu pai, sua mãe ou um ser que lhe é caro e que respeita, lhe vem dizer, mesmo num estilo inferior ao de Bossuet: “Não estou perdido para ti, como pensavas; estou ao teu lado, vejo-te e te escuto; conheço-te melhor do que quando estava vivo, porque leio o teu pensamento. Para ser feliz no mundo onde estou, eis a regra de conduta a seguir; tal ação é boa e tal outra é má, etc.” Como vedes, é um ensino direto ou, se preferirdes, um novo meio de publicidade, tanto mais eficaz quanto vai direto ao coração; que nada custa; que se dirige a todos, ao pequeno como ao grande, ao

pobre como ao rico, ao ignorante como ao sábio, e desafia o despotismo humano que lhe queria opor uma barreira.

Mas, direis, isto é possível? Não será uma ilusão? Essa dúvida seria natural se tais comunicações só fossem feitas a um único homem privilegiado, pois nada provaria que não se engane; mas, quando milhares de indivíduos as recebem semelhantes, diariamente e em todos os países do mundo, é racional pensar que todos sejam alucinados? Se o ensino do Espiritismo fosse relegado nas obras espíritas, não teria conquistado a centésima parte dos adeptos que possui. Esses livros apenas resumem e coordenam esse ensino; mas o que constitui o seu sucesso é que cada um encontra em seu íntimo a confirmação do que eles encerram.

Só haverá motivo para dizer-se que o ensino moral dos Espíritos é supérfluo quando se tiver provado que os homens são bastante *bons* para os dispensar. Até lá não é de admirar vê-los repetidos sob todas as formas e em todos os tons.

Direis, Sr. Bertram: – Que me importa que haja ou não Espíritos! É possível que isto vos seja indiferente, mas não é assim com todos. É absolutamente como se dissésseis: “Que me importa que haja habitantes na América, e que o cabo elétrico venha prová-lo!” Cientificamente é algo que prova o mundo invisível; moralmente, é muito. O fato de os Espíritos povoarem o espaço, que se julgava desabitado, é a descoberta de todo um mundo, a revelação do futuro e do destino do homem, uma revolução nas crenças. Ora, se a coisa existe, nenhuma negação poderá impedi-la de existir. Seus resultados inevitáveis bem merecem que com ela a gente se preocupe. Sois homem de progresso e repelis um elemento do progresso? um meio de melhorar a Humanidade, de consolidar a fraternidade entre os homens? uma descoberta que conduz à reforma dos abusos sociais, contra os quais clamais incessantemente? Credes em vossa alma imortal e não vos preocupais absolutamente em saber em que ela

se tornará, em que se tornaram vossos parentes e amigos? Francamente, isto é pouco racional. Direis que não é no armário dos irmãos Davenport que o encontrareis; de acordo. Jamais dissemos que aquilo fosse Espiritismo. Todavia, esse mesmo armário, precisamente por que, certo ou errado, aí fizeram intervirem os Espíritos, fez falar muito dos Espíritos, mesmo aos que neles não acreditavam. Daí as pesquisas, os estudos, que não teriam sido feitos se esses senhores se tivessem apresentado como meros prestidigitadores. Se os Espíritos não estavam em seu armário, bem podiam provocar esse meio de fazer uma porção de gente sair de sua indiferença. Vedes que vós mesmo, sem que vos désseis conta, fostes levado a semear a idéia entre os vossos numerosos leitores, o que não teríeis feito sem esse famoso armário.

Quanto às verdades novas que ressaltam das revelações espíritas, fora da moral, recomendamos o artigo publicado na *Revista* de janeiro de 1865, sob o título de *O que ensina o Espiritismo*.

O Espiritismo só pede para ser Conhecido

É um fato comprovado que desde que a crítica se voltou contra o Espiritismo, mostrou a mais completa ignorância de seus princípios, mesmo daqueles mais elementares. Ela o provou superabundantemente, fazendo-o dizer precisamente o contrário do que ele diz, atribuindo-lhe idéias diametralmente opostas às que ele professa. Como, para ela, o Espiritismo é considerado uma fantasia, disse consigo mesma: “Ele deve dizer e pensar tal coisa.” Numa palavra, ela o julgou pelo que imaginou pudesse ele ser, e não pelo que é realmente. Sem dúvida, lhe era muito fácil esclarecer-se; mas, para isto, era preciso ler, estudar aprofundar uma doutrina toda filosófica, analisar o pensamento, sondar o alcance das palavras. Ora, eis aí um trabalho sério, que não é do gosto de

todo o mundo, muito fatigante mesmo para alguns. A maioria dos escritores, encontrando nos escritos de alguns de seus confrades um julgamento acabado, de acordo com suas idéias cépticas, aceitaram o fundo sem maior exame, limitando-se a lhes fantasiar algumas variantes na forma. Foi assim que as mais falsas idéias se propagaram, quais ecos na *imprensa*, e daí a uma parte do público.

Isto, entretanto, não poderia ter senão um tempo. A Doutrina Espírita, que nada tem de oculto, que é clara, precisa, sem alegorias nem ambigüidades, sem fórmulas abstratas, deveria acabar sendo mais bem conhecida. A própria violência com a qual era atacada devia provocar o seu exame. Foi o que aconteceu e provoca a reação que hoje se nota. Isto não quer dizer que todos os que a estudam, mesmo seriamente, devam tornar-se seus apóstolos; não, certamente. Mas é impossível que um estudo atento, feito sem idéia preconcebida, ao menos não atenua a prevenção que se tinha concebido, se não a dissipar completamente. Era evidente que a hostilidade de que era objeto o Espiritismo deveria levar a esse resultado. É por isto que jamais nos preocupamos a tal respeito.

Porque o Espiritismo faz menos ruído neste momento, algumas pessoas imaginam que há uma estagnação em sua marcha progressiva; mas não levam elas em nenhuma conta a reviravolta que se opera na opinião pública? Será uma conquista insignificante ser visto com menos maus olhos? Desde o começo o Espiritismo congregou rodos aqueles em que essas idéias estavam, a bem dizer, em estado de intuição; teve apenas que se mostrar para ser aceito com entusiasmo. É o que explica seu rápido crescimento numérico. Hoje, que colheu o que estava maduro, age sobre a massa refratária; o trabalho é mais demorado; os meios de ação são diferentes e apropriados à natureza das dificuldades, mas, pelas flutuações da opinião, sente-se que essa massa se abala sob os golpes dos Espíritos, que a ferem incessantemente de mil maneiras. Por ser menos aparente, o progresso não é menos real; é como o de um edifício que se eleva com rapidez e que parece parar quando se trabalha no interior.

Quanto aos espíritas, o primeiro momento foi o do entusiasmo. Mas um estado de superexcitação não pode ser permanente; ao movimento expansivo exterior, sucedeu um estado mais calmo; a fé também é viva, mas é mais fria, mais racional e, por isto mesmo, mais sólida. A efervescência deu lugar a uma satisfação íntima mais suave, cada dia mais bem apreciada, pela serenidade que proporciona a inabalável confiança no futuro.

Hoje, pois, o Espiritismo começa a ser julgado de outro ponto de vista. Não o acham mais tão estranho e tão ridículo, porque o conhecem melhor; os espíritas já não são apontados com o dedo, como animais curiosos; se muitas pessoas ainda repelem o fato das manifestações, que podem conciliar com a idéia que fazem do mundo invisível, não mais contestam o alcance filosófico da doutrina; nova ou velha a sua moral, não deixa de ser uma doutrina moral, que não pode senão estimular ao bem os que a professam. É o que reconhece quem quer que julgue com conhecimento de causa. Agora, tudo quanto censuram nos espíritas é a crença destes na comunicação dos Espíritos; mas lhes relevam essa pequena fraqueza em favor do resto. Sobre este ponto os Espíritos se encarregarão de mostrar se existem.

O artigo do Sr. Bertram, de Bruxelas, acima citado, parece-nos a expressão do sentimento que tende a se propagar no mundo dos zombadores e se desenvolverá à medida que o Espiritismo for mais conhecido. O artigo seguinte é no mesmo sentido, mas revela uma convicção mais completa. É o extrato do *Soleil* de 5 de maio.

“Ao mesmo tempo que apareciam *Os Apóstolos*, do Sr. Ernest Renan, o Sr. J.-B. Roustaing, adepto esclarecido do Espiritismo, publicava na livraria central uma obra considerável, intitulada *Os Quatro Evangelhos*, seguidos dos mandamentos explicados em espírito e em verdade pelos evangelistas, assistidos pelos apóstolos.

“A massa dos parisienses quase não conhece, em matéria de Espiritismo, senão as falcatruas de alguns escamoteadores, que em vão tentaram abusar da credulidade de um público incrédulo. Esses charlatães foram vaiados, o que é muito bem feito; mas os espíritas, cheios de ardor e de fé, não deixaram de continuar suas experiências e sua rápida propaganda.

“Em Paris as coisas mais sérias são tratadas do mesmo modo que as coisas mais fúteis. É aqui que, na maioria dos casos, se pergunta se se trata de um deus, de uma mesa, ou de uma bacia. As experiências primárias tentadas entre duas xícaras de chá, por algumas mulheres adúlteras e alguns jovens pretensiosos, bastaram à curiosidade dos parisienses. Se a mesa fingia que girava, riam muito; se, ao contrário, a mesa não se movia, riam ainda mais. E é assim que a questão era aprofundada. A coisa se dava de outra maneira entre a população mais sensata da província. O menor resultado animava os prosélitos, excitava-lhes o ardor. O Espírito de seus parentes correspondia à sua expectativa, e cada um deles, conversando com a alma de seu pai e de seu irmão defuntos, estava convencido de haver levantado o véu da morte que, doravante, não lhes podia aterrorizar.

“Se alguma vez houve uma doutrina consoladora, certamente é esta: a individualidade conservada além do túmulo, a promessa formal de uma outra vida, que é realmente a continuação da primeira. A família subsiste, a afeição não morre com a pessoa; não há separação. Cada noite, no sul e no oeste da França, as reuniões espíritas atentas tornam-se mais numerosas. Oram, evocam, crêem. Gente que não sabe escrever, escreve; sua mão é dirigida pelo Espírito.

“O Espiritismo não representa um perigo social, razão por que o deixam espalhar-se sem lhe opor barreiras. Se o Espiritismo fosse perseguido, teria os seus mártires, como o babismo na Pérsia.

“Ao lado das respostas mediúnicas mais sérias, encontram-se indicações e conselhos que provocam riso. O autor de *Os Quatro Evangelhos*, Sr. Roustaing, advogado na corte imperial de Bordeaux, antigo bastonário, nem é um ingênuo, nem um brincalhão; contudo, no seu prefácio se encontra a seguinte comunicação:

“É chegado o momento em que te debes pôr em condição de entregar esta obra à publicidade. Não te fixamos limites; emprega com sabedoria e medida as tuas horas, a fim de poupar tuas forças... A publicação pode ser começada *a partir do mês de agosto próximo*; a partir desta data, trabalha o mais prontamente possível, mas sem ultrapassar as forças humanas, de tal maneira que a publicação esteja terminada no mês de agosto de 1866.”

Assinados: Moisés, Mateus, Marcos, Lucas, João
Assistidos pelos Apóstolos

“O leitor fica surpreendido por não ver Moisés, Mateus, Lucas e João levar seu conselho até ao fim e acrescentar: Mandarás imprimir a obra na casa Lavertujon, 7, rue des Treilles, em Bordeaux, e a exporás na Librairie centrale, 24, boulevard des Italiens, em Paris.

“A gente também pára um instante nessa passagem que diz ao autor para *não ultrapassar as forças humanas*. Então o autor as teria ultrapassado, sem essa palavra paternal dos senhores Moisés, Mateus, Marcos e João?

“O Sr. Renan, sem tocar inicialmente no Espiritismo, faz numerosas alusões a essa nova doutrina, cuja importância parece não desconhecer. O autor dos *Apóstolos* lembra (pág. 8) uma passagem capital de São Paulo que estabelece: 1^o – a realidade das aparições; 2^o – a longa duração das aparições. Só uma vez, no curso de sua obra, o Sr. Renan dá um tranco nos espíritas. Diz ele à página 22, segunda nota:

“Para conceber a possibilidade de semelhantes ilusões, basta lembrar as cenas de nossos dias, em que pessoas reunidas reconhecem unanimemente ouvir ruídos sem realidade, e isto com perfeita boa-fé. A espera, o esforço da imaginação, a disposição a crer, por vezes complacências inocentes, explicam alguns desses fenômenos que não são produto direto da fraude. Essas complacências, em geral, vêm de pessoas convictas, animadas de um sentimento de benevolência, que não querem que a sessão acabe mal e desejosas de tirar do embaraço os donos da casa. Quando se crê no milagre, sempre se ajuda sem o perceber. A dúvida e a negação são impossíveis nessas espécies de reuniões. Seria penoso para os que crêem e para os que vos convidaram. Eis por que tais experiências, que dão resultado diante de um pequeno grupo, geralmente falham perante um público pagante e falham sempre ante as comissões científicas.”

“Aqui, como alhures, faltam boas razões ao livro do Sr. Renan. De estilo suave e encantador, substituindo a lógica pela poesia, os *Apóstolos* deveriam intitular-se os *Últimos Abencérges*. As referências a documentos inúteis, as falsas provas de que a obra está sobrecarregada lhe dão todas as aparências da puerilidade com a qual foi concebida. Não há com que se enganar.

“Conta o Sr. Renan que Maria de Magdala, chorando junto ao túmulo, teve uma visão, uma simples visão. – Quem lho disse? – Ela acreditou ouvir uma voz. – Como sabe que realmente não a ouviu? – Todas as afirmações contidas na obra têm mais ou menos a mesma força.

“Se os espíritas não têm a oferecer como explicação senão sua boa-fé, o Sr. Renan nem mesmo tem esse recurso.

“Aqui não podemos expor o livro do Sr. Roustaing; não temos o direito de o discutir, nem o de ver onde ele nos conduz. Aliás, não seria o lugar para entrar em considerações que o leitor não busca em nossas colunas. A obra é séria, o estilo é claro e firme.

O autor não cometeu a asneira ordinária dos comentadores, que muitas vezes são mais obscuros que o próprio texto que querem esclarecer.

“O Espiritismo, que tinha o seu catecismo, terá de agora em diante seus códigos anotados e seu curso de jurisprudência. Só lhe faltará a prova do martírio.”

Aurélien Scholl

Extrato do *Progrès Colonial* da Ilha Maurício

COMUNICAÇÃO ESPÍRITA

Não é somente em nossos países que os jornais, não diremos ainda que simpatizam, mas se humanizam com o Espiritismo, ao qual começam a conceder o direito de cidadania. Lê-se no *Progrès colonial*, jornal de Port-Louis, Ilha Maurício, em data de 15 de junho de 1866:

“Todos os dias recebemos duas ou três destas comunicações espíritas. Mas se nos abstermos de as reproduzir até agora é porque ainda não estamos em condições de consagrar um lugar a essa coisa extraordinária chamada Espiritismo. Que os nossos leitores, curiosos por natureza, tenham um pouco de paciência: não esperarão muito. Se publicamos este pequeno escrito assinado *Lázaro*, é que se trata desse pobre Georges, morto e enterrado tão desgraçadamente.

“Senhor,

“Li hoje uma correspondência inserida em vosso jornal, assinada “Uma testemunha ocular”, relatando a maneira pela qual enterraram o cadáver do infelizmente G. Lemeure.

“Desde muito tempo, senhor, eu sabia perfeitamente que se a miséria não é um vício, pelo menos é uma das maiores calamidades que há no mundo; mas o que eu não queria admitir é que os homens adorassem o bezerro de ouro a tal ponto que não mais respeitem tudo quanto há de mais solene, de maior e mais sagrado para nós: a morte!...

“Assim, pobre Georges, dotado de caráter ameno, honesto e modesto, condenado a viver na maior penúria, suportando as provas deste mundo com coragem e mesmo com alegria, sempre pronto a prestar serviços ao próximo, foste morrer assim isolado, longe dos que te amavam, que talvez te lamentassem; e ainda é necessário, para humilhar tua sombra, que homens, que irmãos te cavem um buraco na terra, só, só com o nada! como se tua pobreza te tornasse indigno de partilhar, como os teus semelhantes, um terreno sagrado. Além disto, não te fizeram sequer a caridade de um caixão, de quatro tábuas! Ainda és muito feliz, pensa esta *boa humanidade*, por repousares na terra úmida e fria, esquecido de todos! Aliás, que lhes importa que teu corpo lá apodreça, sem que um amigo venha aí derramar uma lágrima, lançar uma flor, trazer uma lembrança?

“Paro aqui, pois ainda estou indignado por não terem cumprido nem mesmo as formalidades estabelecidas em semelhante ocasião para com os infelizes. Em todos os países civilizados, dão-se aos parentes ou amigos de uma pessoa morta, encontrada pelas autoridades, vinte e quatro horas para que venham reconhecê-la e a reclamem. Se ao fim desse prazo ninguém veio, então a depositam em terreno santo, observando sempre as atenções devidas à morte. Mas aqui abstêm-se de semelhantes formalidades e se contentam, se não tendes com que pagar as despesas do caixão, em vos jogar num canto qualquer, como um animal, e vos cobrir com dois ou três punhados de pó.

“Repito, senhor, a miséria é um grande flagelo.”

Fenômenos Apócrifos¹⁹

O fato seguinte é relatado pelo *Événement* de 2 de agosto de 1866:

“Desde alguns dias os habitantes do bairro vizinho da igreja de Saint-Médard estavam muito perturbados por um fato singular, misterioso, que dava lugar aos mais lúgubres relatos e comentários.

“Estão fazendo demolições em torno da igreja; a maior parte das casas demolidas tinha sido construída no local de um cemitério, ao qual se liga a história dos supostos milagres que, no começo do século dezoito, motivaram um decreto do governo que, em 27 de janeiro de 1733, ordenava o fechamento desse cemitério, sobre cuja porta foi encontrado, no dia seguinte, este epigrama:

De ordem do rei... proibido a Deus
Fazer milagres neste lugar.

“Ora, as casas respeitadas pela marreta do demolidor eram, todas as noites, devastadas por uma chuva de pedras, às vezes muito grandes, que quebravam os vidros das janelas e caíam sobre os telhados, que destruíam.

“Apesar das mais enérgicas pesquisas, ninguém foi capaz de descobrir de onde vinham os projéteis.

“Não deixaram de dizer que os mortos do cemitério, perturbados em seu repouso pelas demolições, assim manifestavam o seu descontentamento. Mas gente menos crédula, naturalmente pensando que essas pedras, que continuavam a cair todas as noites, fossem lançadas por um ser vivo, foram reclamar a intervenção do Sr. Cazeaux, comissário de polícia, que mandou organizar uma vigilância por seus agentes.

¹⁹ Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 527.

“Enquanto a exerciam, as pedras não apareceram, mas assim que a cessaram, recaíram ainda mais abundantes.

“Não se sabia o que fazer para penetrar esse mistério, quando a senhora X..., proprietária de uma casa na rua Censier, veio declarar ao comissário que, assustada com o que se passava, havia consultado uma sonâmbula.

“Ela me revelou, disse a declarante, que as pedras eram lançadas por uma moça afetada de um mal da cabeça. Precisamente a minha criada Félicie F..., de dezesseis anos, sofre de herpes nesta parte do corpo.

“Embora não ligasse a menor importância a esta indicação, o comissário consentiu em interrogar Félicie e dela obteve uma confissão completa. Agindo sob a inspiração de um Espírito que lhe apareceu, desde alguns meses tinha acumulado num sótão grande quantidade de pedras e, cada noite, levantava-se para atirar uma parte – pela janela do sótão – sobre as casas vizinhas.

“Suspeitando que a jovem fosse alienada, o comissário a enviou à Prefeitura, para que aí fosse examinada por médicos especialistas.”

Prova este caso que se deve evitar atribuir a uma causa oculta todos os fatos desse gênero e que, quando existe uma causa material, sempre se chega a descobri-la, o que nada prova contra a possibilidade de uma outra origem em certos casos, que não podem ser julgados senão pelo conjunto de circunstâncias, como o de Poitiers. A menos que a causa oculta seja demonstrada pela evidência, a dúvida é o partido mais sábio, sendo conveniente manter reserva. É preciso desconfiar, sobretudo, das armadilhas estendidas pela malevolência, que se deleita em mistificar os espíritas. A idéia fixa da maior parte dos antagonistas é que o Espiritismo está inteiramente nos efeitos físicos e sem isto não pode viver; que a fé dos espíritas não tem outro objetivo, razão por

que imaginam matar o Espiritismo desacreditando-o em seus efeitos, quer *simulando-os*, quer os *inventando* em condições ridículas. Sua ignorância do Espiritismo faz que, sem o perceber, atinjam o lado capital da questão, que é o ponto de vista moral e filosófico.

Alguns, entretanto, conhecem muito bem esse lado da doutrina. Mas como ele é inatacável, lançam-se sobre o outro, mais vulnerável, e que se presta mais facilmente à trapaça. Eles querem, custe o que custar, fazer passar os espíritas por admiradores crédulos e supersticiosos do fantástico, aceitando tudo de olhos fechados. Para eles é um grande desapontamento não os ver extasiados ao menor fato que tenha qualquer laivo de sobrenatural e de os encontrar, em relação a certos fenômenos, mais *cépticos* do que os que não conhecem o Espiritismo. Ora, é precisamente porque o conhecem que sabem o que é possível e o que não o é, e não vêm em tudo a ação dos Espíritos.

No fato relatado acima, é muito curioso ver a verdadeira causa revelada por uma sonâmbula. É a consagração do fenômeno da lucidez. Quanto à moça que diz ter agido sob o impulso de um Espírito, é certo que não foi o conhecimento do Espiritismo que lhe deu esta idéia. De onde lhe veio? É bem possível que se tenha encontrado sob o império de uma obsessão que, como sempre, foi tomada por loucura. Se for assim, não será com remédios que a curarão. Em semelhante caso, têm-se visto muitas vezes pessoas a falar espontaneamente dos Espíritos, porque os vêem, e então dizem que estão alucinadas.

Nós a supomos de boa-fé, porque não temos nenhuma razão de a suspeitar; mas, infelizmente, há fatos susceptíveis de gerar a desconfiança. Lembramo-nos de uma mulher que simulou loucura ao sair de uma reunião espírita onde havia sido admitida *a instâncias suas, a única a que tinha assistido*. Conduzida imediatamente a um hospício, confessou depois que havia recebido cinquenta francos para representar essa comédia. Era a época em que

procuravam propagar a idéia de que os hospícios regorgitavam de espíritas. Essa mulher se deixou seduzir pela atração do dinheiro; outras podem ceder a outras influências. Não pretendemos que este seja o caso da moça; apenas quisemos mostrar que quando se quer denegrir uma coisa todos os meios são bons; para os espíritas é uma razão a mais de se guardarem, observando tudo escrupulosamente. Aliás, se tudo o que se trama às ocultas prova que a luta não terminou e que é preciso redobrar a vigilância e a firmeza, também prova que nem todo mundo olha o Espiritismo como uma quimera.

Ao lado da guerra surda, há a guerra a céu aberto, feita mais geralmente pela incredulidade zombeteira. Evidentemente esta se modificou. Os fatos que se multiplicam, a adesão de pessoas, de cuja boa-fé e razão não se pode suspeitar, a impassibilidade dos espíritas, sua calma e moderação em presença das tempestades levantadas contra eles, deram em que refletir. Diariamente a imprensa registra fatos espíritas. Se, nesse número, os há verdadeiros, outros são, evidentemente, inventados pelas necessidades da causa da oposição. Não negam mais os fenômenos, mas procuram torná-los ridículos pelo exagero. É uma tática muito inofensiva, porque hoje, em certas matérias, não é difícil fazer a parte da inverossimilhança. Os jornais da América nada ficam a dever nas invenções a esse respeito, e os nossos se apressam em os repetir. É assim que, em sua maioria, reproduziram a seguinte história, no correr de março último:

“ESTADOS UNIDOS – Executaram um homem em Cleveland (Ohio), o Dr. Hughes, que, no momento de morrer, fez um discurso, atestando um espírito de firmeza e de lucidez extraordinária. Aproveitou a ocasião para fazer uma dissertação sobre a utilidade e a justiça da pena de morte, que não durou menos de meia hora. Essa penalidade da morte, disse ele, é simplesmente ridícula. Qual a vantagem de tirar-me a vida? Nenhuma. Certamente não será o meu exemplo que desviará outros do crime.

Será que me lembro de ter atirado com uma pistola? De tudo não guardo a menor lembrança. Posso admitir que a lei de Ohio me fira justamente, mas, ao mesmo tempo, digo que ela é louca e vã.

“Se pretendeis que esta corda, amarrada em meu pescoço e apertada até que eu morra, tenha por efeito prevenir o assassinato, digo que o vosso pensamento é louco e vão, porquanto, no estado de espírito em que se achava John W. Hughes quando assassinou, não há exemplo na Terra que pudesse ter impedido um homem, fosse quem fosse, de fazer o que fiz. Inclino-me perante a lei estadual, com o pensamento de que é um assassinio tão inútil quanto cruel tirar-me a vida. Espero que meu suplício não fique como um exemplo da pena de morte, mas como um argumento que prova a sua inanidade.

“Em seguida Hughes fez um exame de consciência e se estendeu longamente sobre a religião e a imortalidade da alma. Positivamente, nessas graves matérias, suas doutrinas não são ortodoxas, mas ao menos atestam um sangue-frio singular. Também falou do espiritualismo ou, antes, do Espiritismo. Sei, disse ele, por minha própria experiência, que há entre os que saem da vida e os que ficam, comunicações incessantes. Hoje vou sofrer a suprema penalidade legal, mas, ao mesmo tempo, tenho certeza de que estarei convosco depois de minha execução, como aqui me encontro agora.

“Meus juízes e meus carrascos me verão sempre diante de seus olhos, e vós mesmos, que viestes aqui para me ver morrer, não há um só que não me reveja em carne e osso, vestido de negro, como estou, levando meu próprio luto prematuro, tanto durante seu sono quanto nas horas de suas ocupações diárias. – Adeus, senhores, espero que nenhum de vós faça o que eu fiz; mas se houver algum que se ache no estado mental em que eu mesmo estava quando cometi o crime, por certo não será a lembrança deste dia que o impedirá. Adeus.”

“Depois desta arenga, o alçapão caiu e o doutor Hughes ficou pendurado. Mas suas palavras tinham produzido uma profunda impressão sobre a assistência, do que resultaram singulares efeitos. Eis o que hoje encontramos a respeito no *Herald* de Cleveland:

“Estando no cadafalso e com a corda no pescoço, o doutor Hughes disse que estaria com os que o ouviam, tão bem após a sua morte como antes, e que parece ter levado a peito cumprir sua palavra. Entre as pessoas que o tinham visitado em sua cela antes da execução, achava-se um honesto açougueiro alemão. Esse homem, desde a sua entrevista com o condenado, não tem no cérebro senão o Dr. Gughes. Tem incessantemente diante dos olhos, noite e dia, a qualquer hora, prisões, patíbulos, homens enforcados. Não dorme mais, não come, já não cuida da família nem dos negócios, e ontem à noite esta visão quase o matou.

“Acabava de entrar em seu estábulo para tratar dos animais, quando viu de pé, junto de seu cavalo, o Dr. Hughes, vestido com a mesma roupa negra que usava ao deixar nosso planeta, e parecendo gozar de excelente saúde. O pobre açougueiro soltou um grito terrível, um urro do outro mundo, e caiu para trás.

“Correram, ergueram-no; tinha o olhar desvairado, a face lívida, os lábios trêmulos e, com voz ofegante, perguntou, ao recobrar os sentidos, se o Dr. Hughes ainda estava lá. Dizia ter acabado de vê-lo e, se não estava mais no estábulo, não podia estar longe. Foi a custa de grandes esforços que o acalmaram e o levaram para casa. A visão o perseguiu sempre e, conforme as últimas notícias, ainda estava num estado de agitação que nada podia acalmar.

“Mais eis o que é ainda mais curioso. O açougueiro não é o único a quem o Dr. Hughes tem aparecido depois de morto. Dois dias após a sua execução, todos os detentos o viram, com os

próprios olhos, entrar na prisão e percorrer os corredores. Tinha o ar perfeitamente natural: estava vestido de negro, como no patíbulo; muitas vezes passava a mão pelo pescoço e, ao mesmo tempo, deixava escapar da boca um som gutural, que sibiliava entre os dentes. Subiu as escadas que levam à cela, entrou, sentou-se e pôs-se a escrever versos. Eis o que contaram os presos, e nada no mundo os teria persuadido de que tinham sido joguetes de uma ilusão.”

Este fato não deixa de ter o seu lado instrutivo pelas palavras do paciente. É verdadeiro quanto ao assunto principal; mas como o narrador, em sua última alocução resolveu falar do *Espiritualismo* ou *Espiritismo*, julgou por bem enriquecer seu relato com as aparições, que só existiram no bico de sua pena, exceto a primeira, ao açougueiro, que parece ser real.

– *Tom, o cego*, não é um conto de fantasmas, mas um fenômeno de inteligência inacreditável. Tom é um jovem negro de dezessete anos, cego de nascença, supostamente dotado de um instinto musical maravilhoso. O *Harpers Weekly*, jornal ilustrado de Nova Iorque, consagra-lhe longo artigo, do qual extraímos as seguintes passagens:

“Não havia dois anos que ele traduzia pelo canto tudo o que lhe feria o ouvido, e tal era a justeza e a facilidade com que captava um motivo que, ouvindo as primeiras notas de um canto, podia executar sua parte. Logo começou a acompanhar, fazendo segunda voz, embora jamais os tivesse ouvido, mas um instinto natural lhe revelava que algo de semelhante devia cantar-se.

“Aos quatro anos ouviu um piano pela primeira vez. À chegada do instrumento, estava, como de hábito, brincando no pátio. A primeira vibração das teclas o atraiu ao parlatório (salão). Permitiram-lhe que manejasse as teclas, simplesmente para satisfazer sua curiosidade e não lhe recusar o inocente prazer de

fazer um pouco de ruído. Uma vez, de meia-noite ao amanhecer, ele ficou no salão onde tinha aprendido a entrar. O piano não tinha sido fechado e as moças da casa foram despertadas pelos sons do instrumento. Para seu grande espanto, ouviram Tom tocando um de seus trechos e de manhã ainda o encontram ao piano. Então lhe permitiram tocar quanto quisesse. Ele fez progressos tão rápidos e tão admiráveis que o piano se fez eco de tudo o que ele ouvia. Desenvolveu, assim, novas e prodigiosas faculdades, até então desconhecidas no mundo musical, e cujo monopólio parece que Deus tinha reservado a Tom. Ele tinha menos de cinco anos quando, depois de uma tempestade, compôs uma música que intitulou: *O que me dizem o vento, o trovão e a chuva.*

“Em Filadélfia, setenta professores de música assinaram uma declaração que assim termina: ‘De fato, sob qualquer forma de exame musical, execução, composição e improvisação, ele demonstrou um poder e uma capacidade que o colocam entre os mais admiráveis fenômenos, cuja lembrança foi guardada pela história da música. Os abaixo-assinados pensam que é impossível explicar esses prodigiosos resultados por qualquer das hipóteses que podem fornecer as leis da arte ou da Ciência.’

“Hoje ele toca a mais difícil música dos grandes autores com uma delicadeza de toque, um poder e uma expressão raramente ouvidos. É na próxima primavera que ele deve ir à Europa.”

Eis a explicação dada a respeito pelo Sr. Morin, médium, numa reunião espírita de Paris, em casa da princesa O..., em 13 de março de 1866, e à qual assistíamos. Ela pode servir de guia em todos os casos análogos.

“Não vos apresseis muito em crer na vinda do famoso músico negro cego. Suas aptidões musicais são muito exaltadas pelos grandes propagadores de novidades, que não são avaros em

fatos imaginários, destinados a satisfazer a curiosidade dos assinantes. É preciso que desconfieis muito das reproduções e, sobretudo, dos empréstimos, reais ou supostos, que fazem os vossos jornalistas aos seus colegas de além-mar. Muitos balões de ensaio são lançados visando fazer cáírem os espíritas na armadilha, e na esperança de arrastar o Espiritismo e seus adeptos no domínio do ridículo. Assim, ponde-vos em guarda e jamais comenteis um fato sem, previamente, vos terdes bem informado, e sem haver pedido a opinião de vossos guias.

“Não podeis imaginar todas as astúcias empregadas pelos grandes fanfarrões das idéias novas, para chegar a surpreender um equívoco, uma falta, um absurdo palpável, cometido pelos Espíritos ou seus prosélitos demasiado confiantes. Por todos os lados são estendidas *armadilhas aos espíritas*; todos os dias aí trazem aperfeiçoamentos; grandes e pequenos estão à espreita, e o dia em que pudessem surpreender o chefe em erro, as mãos no saco do ridículo, seria o mais belo de sua vida. Têm tal confiança em si, que se regozijam por antecipação; mas há um velho provérbio que diz: ‘Não se deve vender a pele do urso antes de tê-lo matado.’ Ora, o Espiritismo, sua besta negra, ainda está de pé e bem poderia fazê-los usar os sapatos antes de se deixar atingir. É de cabeça baixa que um dia virão queimar incenso ante o altar da verdade que, em tempo próximo, será reconhecido por todo o mundo.

“Aconselhando-vos a vos manterdes em reserva, não pretendo que os fatos e gestos atribuídos a esse cego sejam impossíveis, mas neles não se deve crer antes de os ter visto e, sobretudo, de os ter ouvido.”

Ebelmann

Um tal prodígio, mesmo deixando larga parte ao exagero, seria a mais eloqüente defesa em favor da reabilitação da

raça negra, num país onde o preconceito de cor está tão arraigado; e se não pode ser explicado pelas leis conhecidas da Ciência, sê-lo-ia de maneira mais clara e mais racional pela da reencarnação, não de um negro num negro, mas de um branco num negro, porque uma faculdade instintiva tão precoce não poderia ser senão uma lembrança intuitiva de conhecimentos adquiridos numa existência anterior.

Mas, então, perguntarão, seria uma retrogradação do Espírito passar da raça branca à raça negra? Retrogradação de posição social, sem dúvida, o que se vê todos os dias, quando, de rico se renasce pobre, ou de mestre se renasce servo, mas não retrogradação do Espírito, pois teria conservado suas aptidões e aquisições. Esta posição ser-lhe-ia uma prova ou uma expiação; talvez, ainda, uma missão, a fim de provar que essa raça não é votada pela natureza a uma inferioridade absoluta. Aqui raciocinamos na hipótese da realidade do fato e para os casos análogos que pudessem apresentar-se.

Os dois fatos seguintes são da mesma fábrica e não necessitam de outro comentário além do que acaba de ser dado. O primeiro, relatado pelo *Soleil* de 19 de julho, é considerado de origem americana; o segundo, tirado do *Événement* do mês de abril, é abertamente parisiense. Sem sombra de dúvida, são os espíritas que se mostrarão mais incrédulos e mais endurecidos. Quanto aos outros, a curiosidade bem poderia levar mais de um a conhecer a causa que dizem produzir tantas maravilhas.

“Os Espíritos batedores e outros parece que fixaram domicílio em Taunton, escolhendo para teatro de suas proezas a casa de um infeliz médico da cidade. O porão, os corredores, os quartos, a cozinha e até as águas-furtadas do doutor são assombradas durante a noite pelas sombras de todos os que ele enviou para um mundo melhor. São gritos, lamentos, imprecções, ironias atroztes, conforme o espírito das sombras, que às vezes não

tem sombra de espírito.

– Tua última poção me matou, diz uma voz cavernosa.

– Alopata, grita uma voz mais jovem, tu não vales mesmo um homeopata.

– Eu sou a tua vítima número 299, a última de todas, salmodia uma outra aparição. Trata ao menos de fazer uma cruz quando chegares a 300.

“E assim por diante. A vida do infeliz médico não é mais suportável.”

A outra anedota é também espirituosa:

“Foi domingo à noite, durante terrível tempestade, cujas devastações foram enumeradas pelos jornais de ontem. Debaixo da chuva e dos relâmpagos, uma caleche descia a Avenida de Neuilly; dentro se achavam quatro pessoas; tinham jantado numa casa muito agradável e hospitaleira, perto do parque de Neuilly e, animados pela noite agradável e despreocupados da tempestade, os quatro viajantes se entregavam a uma conversa um tanto leviana.

“Falavam de mulheres, dizendo mal delas e até mesmo as caluniando um pouco. O nome de uma jovem foi posto em causa e alguém emitiu dúvidas quanto à nacionalidade da vítima, insinuando que seguramente não tinha vindo à luz em Nanterre.

“De repente, um trovão fez estremecer as portinholas, um relâmpago iluminou toda a carruagem e a chuva açoitava os vidros quase os quebrando. Ao clarão do raio, os quatro viajantes *viram*, então, de pé, à sua frente, na viatura, um quinto viajante, ou, melhor, uma viajante – era uma mulher, vestida de branco, um espectro, um anjo. A aparição se desvaneceu com o relâmpago;

depois, como se o fantasma tivesse querido protestar contra a calúnia que dirigiam à jovem ausente, uma chuva de flores de laranjeira caiu sobre os quatro companheiros de viagem e os cobriu com uma neve perfumada.

“Havia, é verdade, um médium entre os quatro viajantes.

“Nada vos obriga a dar crédito a esta história inverossímil e, de minha parte, não creio nela um traidor; palavra. Foi um dos quatro viajantes quem ma contou e ma afirma. Ela me pareceu original, eis tudo!”

Cabelos Esbranquiçados sob a Impressão de um Sonho

Lê-se no *Petit Journal* de 14 de maio de 1866:

O Sr. Émile Gaboriau, comentando o fato atribuído àquele marido que teria assassinado a esposa sonhando, conta no *Pays* o dramático episódio que se vai ler:

“Mas eis que é mais forte e devo dizer que acredito no fato, cuja autenticidade me foi afirmada sob juramento, pelo herói em pessoa.

“O herói, meu camarada de colégio, é um engenheiro de cerca de trinta anos, homem de espírito e de talento, de caráter metódico e temperamento frio.

“Como percorresse a Bretanha há dois anos, teve de passar a noite num albergue isolado, a algumas centenas de metros de uma mina, que pretendia visitar no dia seguinte.

“Estava cansado. Foi cedo para a cama e não custou a dormir.

“Logo sonhou. Acabavam de o pôr à frente da exploração dessa mina vizinha.

“Vigiava os operários, quando chegou o proprietário.

“Esse homem, brutal e mal-educado, o censurou por ficar fora e de braços cruzados, quando devia estar no interior, ocupado em traçar o plano.

– Está bem! eu desço, respondeu o jovem engenheiro.

“Com efeito desceu, percorreu as galerias e elaborou uma planta.

“Terminada a tarefa, entrou num cesto que o devia trazer para fora. Um cabo enorme servia para içar esse cesto.

“A mina era extraordinariamente profunda e o engenheiro calculou que a ascensão duraria bem um quarto de hora; assim, instalou-se o mais comodamente possível.

“Já subia há dois ou três minutos quando, erguendo os olhos por acaso, julgou ver que o cabo ao qual estava suspensa a sua vida, estava cortado a alguns pés acima de sua cabeça, muito alto para que pudesse alcançar a ruptura.

“Logo de início seu pavor foi tal que quase desmaiou. Depois tentou recompor-se, tranqüilizar-se. Não se teria enganado, visto mal? Foi preciso apelar energicamente a toda a sua coragem para ousar olhar novamente.

“Não; não se tinha enganado. O cabo se havia rompido por alguma lasca de rocha e, lentamente, mas visivelmente, se

desembaraçava. Naquele ponto não tinha espessura maior que uma polegada.

“O infortunado sentiu-se perdido. Um frio mortal o gelou até a medula. Quis gritar; impossível. Aliás, para quê? agora estava na metade do caminho.

“No fundo, numa profundidade vertiginosa, percebia, menos brilhantes que vermes luzindo na grama, as lâmpadas dos operários.

“No alto, a abertura do poço se lhe afigurava tão estreita que parecia não ter o diâmetro do gargalo de uma garrafa.

“E subia sempre, e um a um, os fios de cânhamo rebentavam-se.

“E nenhum meio de evitar a queda horrível, porque – ele o via e sentia perfeitamente – o cabo se romperia antes que o cesto atingisse o alto.

“Tal era a sua angústia mortal, que teve a idéia de abreviar o suplício, precipitando-se.

“Hesitava, quando o cesto chegou à flor do solo. Estava salvo. Foi soltando um grito formidável que saltou em terra.

“Este grito o despertou. A horrível aventura não passara de um sonho. Mas estava num estado lamentável, banhado de suor, respirando com dificuldade, incapaz do menor movimento.

“Enfim, pôde tocar a campainha e vieram socorrê-lo. Mas as pessoas do albergue quase se recusavam a reconhecê-lo. Seus cabelos negros estavam grisalhos.

“Ao pé da cama se achava, desenhado por ele, a planta dessa mina que ele não conhecia. A planta era de exatidão maravilhosa.”

Não temos outra garantia da autenticidade desse fato senão o relato acima. Sem nada prejudicar a respeito, diremos que tudo quanto relata está dentro do possível. A planta da mina, traçada pelo engenheiro durante o sono, não é mais surpreendente que os trabalhos que executam certos sonâmbulos.

Para a fazer exata, foi preciso que a visse. Já que não a viu com os olhos do corpo, viu-a com os olhos da alma. Durante o sono, seu Espírito explorou a mina: a planta é a prova material. Quanto ao perigo, é evidente que nada havia de real; não passou de um pesadelo. O que é mais singular é que, sob a impressão de um perigo imaginário, seus cabelos se tenham tornado brancos.

Este fenômeno se explica pelos laços fluídicos que transmitem ao corpo as impressões da alma, quando esta dele está afastada. A alma não se dava conta dessa separação; seu corpo perispiritual lhe fazia o efeito de seu corpo material, como acontece muitas vezes após a morte com certos Espíritos que ainda se julgam vivos e se imaginam entregues às suas ocupações habituais. Não obstante vivo, o Espírito do engenheiro se achava numa situação análoga; tudo era tão real em seu pensamento como se estivesse em seu corpo de carne e osso. Daí o sentimento de pavor que experimentou, vendo-se prestes a ser precipitado no abismo.

De onde veio esta imagem fantástica? Ele mesmo criou, pelo pensamento, um quadro fluídico, uma cena da qual era o ator, exatamente como a Sra. Cantianille e a Irmã Elmérich, das quais falamos em nosso número precedente. A diferença provém da natureza das preocupações habituais. Naturalmente o engenheiro pensava nas minas, ao passo que a Sra. Cantianille, em seu convento, pensava no inferno. Por certo ela se julgava em estado de pecado mortal, por alguma infração à regra, cometida por

instigação dos demônios; exagerava-lhe as conseqüências e já se via em seu poder. Estas palavras: “Eu apenas consegui muito bem merecer a sua confiança” provam que sua consciência não estava tranqüila. Aliás, a descrição que ela faz do inferno tem algo de sedutor para certas pessoas, pois os que consentem em blasfemar Deus, louvar o diabo e têm a coragem de afrontar o medo das chamas, são recompensados por prazeres inteiramente mundanos. Nesse quadro foi possível notar-se um reflexo das provas maçônicas, que sem dúvida lhe tinham sido mostradas como o vestibulo do inferno. Quanto à Irmã Elmérich, suas preocupações são mais suaves; ela se compraz na beatitude e na veneração das coisas santas. Por isso suas visões são a sua reprodução.

Na visão do engenheiro, há, pois, duas partes distintas: uma, real e positiva, constatada pela exatidão da planta da mina; outra, puramente fantástica: a do perigo que correu. Esta talvez seja efeito da lembrança de um acidente real dessa natureza, do qual teria sido vítima em sua precedente existência. Pôde ser provocada como advertência para tomar as precauções necessárias. Estando encarregado da direção da mina, depois de semelhante alerta, não negligenciará as medidas de prudência.

Eis um exemplo da impressão que se pode conservar das sensações experimentadas numa outra existência. Não sabemos se já o citamos noutra parte; não tendo tempo para verificar, recordamo-lo com risco de fazer uma repetição, porque vem em apoio do que acabamos de dizer.

Uma senhora do nosso conhecimento pessoal tinha sido educada num pensionato de Ruão. Quando as alunas saíam para ir à igreja ou para passear, essa senhora era tomada, num certo ponto da rua, por uma comoção e por uma apreensão extraordinárias; parecia-lhe que ia ser precipitada num abismo. Isto se repetia cada vez que passava por aquele lugar e por todo o tempo em que esteve naquele pensionato. Havia deixado Ruão há mais de vinte anos, mas, tendo ali retornado há poucos anos, teve a

curiosidade de ir rever a casa que tinha habitado; ao passar pela mesma rua experimentou a mesma sensação. Mais tarde, tendo-se tornado espírita, o fato lhe voltou à memória, pediu a sua explicação e lhe foi respondido que, outrora, naquele lugar, havia muralhas com fossos profundos, cheios de água; que ela fazia parte de um grupo de senhoras que concorreram para a defesa da cidade contra os ingleses e que todas tinham sido precipitadas nos fossos e ali perecido. O fato é relatado na história de Ruão.

Assim, depois de séculos, a terrível impressão dessa catástrofe ainda não se havia apagado de seu Espírito. Se ela não tinha mais o mesmo corpo carnal, tinha sempre o mesmo corpo fluídico ou perispiritual, que havia recebido a primeira impressão e reagia sobre seu corpo atual. Assim, um sonho poderia lhe retrair a imagem e produzir uma emoção semelhante à do engenheiro.

Quantas coisas nos explica o grande princípio da perpetuidade do Espírito e do laço que une o Espírito à matéria! Talvez jamais os jornais, negando o Espiritismo, relataram tantos fatos em apoio das verdades que ele proclama.

Variedades

MEDIUNIDADE DE VIDÊNCIA NAS CRIANÇAS

Um dos nossos correspondentes nos escreve de Caen:

“Ultimamente eu estava no hotel Saint-Pierre, em Caen; tomava um copo de cerveja enquanto lia um jornal. A filhinha da casa, creio com cerca de quatro anos, estava sentada na escada e comia cerejas. Não percebia que eu a via e parecia entregue numa conversa com seres invisíveis, aos quais oferecia cerejas. Tudo o indicava: sua fisionomia, seus gestos, as inflexões da voz. Ora se virava bruscamente, dizendo: Tu, tu não as terás; não és gentil. – Eis para ti, dizia a uma outra. – Então, o que é que me atiras? dizia

a uma terceira. Dir-se-ia rodeada por outras crianças; ora se levantava, estendia as mãos, oferecendo o que tinha; ora seus olhos seguiam objetos invisíveis para mim, que a entristeciam ou a faziam dar gargalhadas. Esta pequena cena durou mais de meia hora e a conversa só terminou quando a menina percebeu que eu a observava. Sei que muitas vezes as crianças se divertem em *apartes* deste gênero, mas aqui era completamente diferente; a fisionomia e as maneiras refletiam impressões reais, que não eram as de um jogo representado. Eu pensava, sem dúvida, que era um médium vidente ainda verde, e me dizia que se todas as mães de família fossem iniciadas nas leis do Espiritismo, aí colheriam numerosos casos de observação e se explicariam muitos fatos que passam despercebidos, e cujo conhecimento lhes seria útil para a direção de seus filhos.”

É lamentável que o nosso correspondente não tenha tido a idéia de interrogar essa menina sobre as pessoas com as quais ela conversava. Teria podido assegurar-se se a conversa realmente tinha ocorrido com seres invisíveis e, neste caso, daí poderia ter saído uma instrução tanto mais importante porque, sendo o nosso correspondente um espírita muito esclarecido, poderia dirigir utilmente as perguntas. Seja como for, muitos outros fatos provam que a mediunidade de vidência é muito comum, se não mesmo geral, nas crianças, e isto é providencial. Ao sair da vida espiritual, os guias da criança vêm conduzi-la ao porto de embarque para o mundo terrestre, como vêm buscá-la em seu retorno. Mostram-se a elas nos primeiros tempos, a fim de que a transição não seja muito brusca; depois se apagam pouco a pouco, à medida que a criança cresce e pode agir em virtude de seu livre-arbítrio. Então a deixam às suas próprias forças, desaparecendo aos seus olhos, mas sem a perder de vista. A filhinha em questão, em vez de ser, como pensa o nosso correspondente, um médium vidente ainda verde, bem poderia estar em seu declínio, e não mais gozar desta faculdade para o resto da vida. (Vide a Revista de fevereiro de 1865: *Espíritos instrutores da infância*).

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

OUTUBRO DE 1866

Nº 10

Os Tempos são Chegados²⁰

Os tempos marcados por Deus são chegados, dizem-nos de todos os lados, nos quais grandes acontecimentos vão realizar-se para a regeneração da Humanidade.

Em que sentido devem ser entendidas essas palavras proféticas? Para os incrédulos não têm a menor importância. Aos seus olhos não passam da expressão de uma crença pueril sem fundamento. Para a maioria dos crentes elas têm algo de místico e de sobrenatural, que lhes parece ser o precursor da perturbação das leis da Natureza. Estas duas interpretações são igualmente errôneas: a primeira, por implicar na negação da Providência e porque os fatos realizados provam a veracidade dessas palavras; a segunda, por não anunciar a perturbação das leis da Natureza, mas a sua realização. Procuremos-lhes, pois, o sentido mais racional.

Tudo é harmonia na obra da Criação, tudo revela uma providência que não se desmente nem nas menores, nem nas maiores coisas. Em primeiro lugar, devemos afastar toda idéia de capricho inconciliável com a sabedoria divina; em segundo lugar, se

20 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 527.

nossa época está marcada pela realização de certas coisas, é que elas têm sua razão de ser na marcha geral do conjunto.

Isto posto, diremos que o nosso globo, como tudo o que existe, está submetido à lei do progresso. Progride fisicamente pela transformação dos elementos que o compõem, e moralmente pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam. Esses dois progressos se seguem e marcham paralelamente, porque a perfeição da habitação está em relação com o habitante. Fisicamente, o globo sofreu transformações, constatadas pela Ciência, e que sucessivamente o tornaram habitável por seres cada vez mais aperfeiçoados; moralmente a Humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo que se opera a melhoria do globo, sob o império das forças materiais, os homens a isso concorrem pelos esforços de sua inteligência: saneiam regiões insalubres, tornam mais fáceis as comunicações e a terra mais produtiva.

Esse duplo progresso se realiza de duas maneiras: uma lenta, gradual e insensível; outra por mudanças mais bruscas, em cada uma das quais se opera um movimento ascensional mais rápido, que marca, por caracteres distintos, os períodos progressivos da Humanidade. Esses movimentos, subordinados *nos detalhes* ao livre-arbítrio dos homens, são de certo modo fatais em seu conjunto, porque estão submetidos a leis, como os que se operam na germinação, no crescimento e na maturação das plantas, considerando-se que o objetivo da Humanidade é o progresso, não obstante a marcha retardatória de algumas individualidades. Eis por que o movimento progressivo algumas vezes é parcial, isto é, limitado a uma raça ou a uma nação, outras vezes geral. O progresso da Humanidade se efetua, pois, em virtude de uma lei. Ora, como todas as leis da Natureza são a obra eterna da sabedoria e da presciência divinas, tudo quanto seja efeito dessas leis é o resultado da vontade de Deus, não de uma vontade acidental e caprichosa, mas de uma vontade imutável. Então, quando a

Humanidade está madura para transpor um degrau, pode-se dizer que os tempos marcados por Deus são chegados, como se pode dizer também que em tal estação eles chegaram para a maturação dos frutos e para a colheita.

Pelo fato de o movimento progressivo da Humanidade ser inevitável, porque está na Natureza, não se segue que Deus a isso seja indiferente, e que, depois de ter estabelecido leis, tenha entrado em inação, deixando as coisas ir sozinhas. Suas leis são eternas e imutáveis, sem dúvida, mas porque sua própria vontade é eterna e constante e seu pensamento anima todas as coisas sem interrupção; seu pensamento, que tudo penetra, é a força inteligente e permanente que mantém tudo na harmonia; se esse pensamento deixasse de agir um só instante, o Universo seria como um relógio sem o pêndulo regulador. Deus vela incessantemente pela execução de suas leis, e os Espíritos que povoam o espaço são seus ministros encarregados dos detalhes, conforme as atribuições relativas ao seu grau de adiantamento.

O Universo é, ao mesmo tempo, um mecanismo incomensurável, conduzido por um número não menos incomensurável de inteligências, um imenso governo em que cada ser inteligente tem sua parte da ação, sob o olhar do soberano Senhor, cuja vontade *única* mantém a *unidade* por toda parte. Sob o império desse vasto poder regulador, tudo se move, tudo funciona numa ordem perfeita; o que nos parece perturbações são movimentos parciais e isolados, que só nos parecem irregulares porque nossa visão é circunscrita. Se pudéssemos abarcar o seu conjunto, veríamos que essas são apenas aparentes e que se harmonizam no todo.

A previsão dos movimentos progressivos da Humanidade nada tem de surpreendente para os seres desmaterializados, que vêem o fim para onde tendem todas as coisas, alguns dos quais possuem o pensamento direto de Deus, e

que julgam, pelos movimentos parciais, o tempo no qual poderá realizar-se um movimento geral, como se julga previamente o tempo necessário para uma árvore dar frutos, como os astrônomos calculam a época de um fenômeno astronômico pelo tempo requerido por um astro para fazer a sua revolução.

Mas, certamente, nem todos os que anunciam tais fenômenos, os autores de almanaques que predizem os eclipses e as marés, por exemplo, estão em condições de fazer os cálculos necessários. Não passam de ecos. Assim, há Espíritos secundários, cuja vista é limitada, e que apenas repetem o que aos Espíritos superiores *aprove* lhes revelar.

A Humanidade realizou até agora incontestáveis progressos. Por sua inteligência, os homens chegaram a resultados jamais atingidos em relação às ciências, às artes e ao bem-estar material; resta-lhes ainda uma imensidão a realizar: é fazer reinar entre si a caridade, a fraternidade e a solidariedade, para assegurar o seu bem-estar moral. Não o podiam com suas crenças, nem com suas instituições antiquadas, resquícios de uma outra idade, boas numa certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, tendo dado o que comportavam, seriam hoje um ponto de parada. Tal uma criança estimulada por móveis, impotentes quando ela chega à idade madura. Já não é apenas o desenvolvimento da inteligência que é necessário aos homens, é a elevação do sentimento e, para tanto, é preciso destruir tudo quanto neles pudesse excitar o egoísmo e o orgulho.

Tal o período em que agora vão entrar, e que marcará uma das fases principais da Humanidade. A fase que neste momento se elabora é o complemento necessário do estado precedente, como a idade viril é o complemento da juventude; ela podia, pois, ser prevista e predita por antecipação, e é por isto que se diz que os tempos marcados por Deus são chegados.

Neste tempo não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a um país, a um povo, a uma raça; é um movimento universal, que se opera no sentido do *progresso moral*. Uma nova ordem de coisas tende a se estabelecer e os homens que a ela são mais opostos nela trabalham mau grado seu; a geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, achar-se-á animada de idéias e sentimentos completamente diversos da geração presente, que desaparece a passos de gigante. O velho mundo estará morto e viverá na História, como hoje os tempos medievais, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas.

Aliás, cada um sabe que a ordem de coisas atual deixa a desejar. Depois de haver, de certo modo, esgotado o bem-estar material, que é produto da inteligência, chega-se a compreender que o complemento desse bem-estar não pode estar senão no desenvolvimento moral. Quanto mais se avança, mais se sente o que falta, sem, contudo, poder ainda o definir claramente: é o efeito do trabalho íntimo que se opera para a regeneração; tem-se desejos, aspirações que são como o pressentimento de um estado melhor.

Mas uma mudança tão radical quanto a que se elabora não pode realizar-se sem comoção; há luta inevitável entre as idéias, e quem diz luta, diz alternativa de sucesso e de revés. Entretanto, como as idéias novas são as do progresso e o progresso está nas leis da Natureza, estas não deixam de triunfar sobre as idéias retrógradas. Desse conflito nascerão, forçosamente, perturbações temporárias, até que o terreno esteja livre dos obstáculos que se opõem à construção do novo edifício social. É, pois, da luta das idéias que surgirão os graves acontecimentos anunciados, e não de cataclismos, ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais eram conseqüência do estado de formação da Terra; hoje não são mais as entranhas do globo que se agitam, são as da Humanidade.

A Humanidade é um ser coletivo, no qual se operam as mesmas revoluções morais que em cada ser individual, mas com esta diferença: umas se realizam de ano a ano, e as outras de século em século. Quem as seguir em suas evoluções através dos tempos verá a vida das diversas raças marcada por períodos que dão a cada época uma fisionomia particular.

Ao lado dos movimentos parciais há um movimento geral, que dá impulso à Humanidade inteira; mas o progresso de cada parte do conjunto é relativo ao seu grau de adiantamento. Tal seria uma família composta de vários filhos, dos quais o mais jovem está no berço e o mais velho com dez anos, por exemplo. Em dez anos, o mais velho terá vinte e será um homem; o mais jovem terá dez e, embora mais adiantado, será ainda uma criança; mas, por sua vez, se tornará homem. Dá-se o mesmo com as diversas frações da Humanidade; os mais atrasados avançam, mas não atingem de um salto o nível dos mais adiantados.

Tornando-se adulta, a Humanidade tem novas necessidades, aspirações mais largas, mais elevadas; compreende o vazio das idéias com que foi embalada, a insuficiência das instituições para a sua felicidade; não mais encontra no estado de coisas as satisfações legítimas a que se sente chamada. Eis por que sacode as fraldas e se lança, impelida por uma força irresistível, para as margens desconhecidas, à descoberta de novos horizontes menos limitados. E é no momento em que se encontra muito confinada em sua esfera material, onde a vida intelectual transborda, onde se expande o sentimento da espiritualidade, que homens, pretensos filósofos, esperam encher o vazio pelas doutrinas do niilismo e do materialismo! Estranha aberração! Esses mesmos homens que pretendem empurrá-la para frente, esforçam-se por circunscrevê-la no estreito círculo da matéria, de onde aspira a sair; fecham-lhe o aspecto da vida infinita, e lhe dizem, mostrando-lhe o túmulo: *Nec plus ultra!*

Como dissemos, a marcha progressiva da Humanidade se opera de duas maneiras: uma gradual, lenta, insensível, se se consideram as épocas mais próximas, que se traduz por sucessivas melhoras nos costumes, nas leis, nos usos, e não se percebe senão com o tempo, como as mudanças que as correntes de água trazem à superfície do globo; a outra, por um movimento relativamente brusco, rápido, semelhante ao de uma torrente rompendo seus diques, que lhe faz transpor em alguns anos o espaço que teria levado séculos a percorrer. É então um cataclismo moral que, em alguns instantes, devora as instituições do passado, e ao qual sucede uma nova ordem de coisas, que se assenta pouco a pouco, à medida que a calma se restabelece e se torna definitiva.

Para quem vive bastante para abarcar os dois aspectos da nova fase, parece que um mundo novo saiu das ruínas do antigo; o caráter, os costumes, os usos, tudo é mudado. É que, com efeito, homens novos, ou, melhor, regenerados, surgiram. As idéias varridas pela geração que se extingue deram lugar a idéias novas, na geração que se ergue.

Foi a um desses períodos de transformação ou, se quiserem, de *crescimento moral*, que chegou a Humanidade. Da adolescência passa à idade viril; o passado já não pode bastar às suas novas aspirações, às suas novas necessidades; não pode mais ser conduzida pelos mesmos meios; não mais se permite ilusões e sortilégios: sua razão amadurecida exige alimentos mais substanciais. O presente é por demais efêmero; sente que seu destino é mais vasto e que a vida corporal é muito restrita para a encerrar toda inteira. Eis por que ela mergulha o olhar no passado e no futuro, a fim de aí descobrir o mistério de sua existência e haurir uma segurança consoladora.

Quem quer que haja meditado sobre o Espiritismo e suas conseqüências e não o tenha circunscrito à produção de alguns fenômenos, compreende que ele abre à Humanidade uma nova via

e lhe desdobra os horizontes do infinito. Iniciando-os nos mistérios do mundo invisível, mostra-lhe seu verdadeiro papel na Criação, papel *perpetuamente ativo*, tanto no estado espiritual quanto no estado corporal. O homem não marcha mais às cegas: sabe de onde vem, para onde vai e por que está na Terra. O futuro se lhe mostra em sua realidade, isento dos preconceitos da ignorância e da superstição; já não é uma vaga esperança: é uma verdade palpável, tão certa para ele quanto a sucessão dos dias e das noites. Sabe que seu ser não está limitado a alguns instantes de uma existência, cuja duração está submetida ao capricho do acaso; que a vida espiritual não é interrompida pela morte; que já viveu, que reviverá ainda e que de tudo que adquire em perfeição pelo trabalho, nada fica perdido; encontra em suas existências anteriores a razão do que é hoje, e do que hoje a si faz, pode concluir o que será um dia.

Com o pensamento de que a atividade e a cooperação individuais na obra geral da civilização são limitadas à vida presente, *que nada se foi e nada se será*, que interessa ao homem o progresso ulterior da Humanidade? Que lhe importa que no futuro os povos sejam mais bem governados, mais ditosos, mais esclarecidos, melhores uns para os outros? Uma vez que disso não tira nenhum proveito, para ele esse progresso não está perdido? De que lhe serve trabalhar para os que vierem depois, se jamais os deverá conhecer, se são seres novos que, eles também, pouco depois, entrarão no nada? Sob o império da negação do futuro individual, tudo se reduz, forçosamente, às mesquinhas proporções do momento e da personalidade.

Mas, ao contrário, que amplitude dá ao pensamento do homem a *certeza* da perpetuidade de seu ser espiritual! que força, que coragem, não haure ele contra as vicissitudes da vida material! Que de mais racional, de mais grandioso, de mais digno do Criador que esta lei, segundo a qual a vida espiritual e a vida corporal não passam de dois modos de existência, que se alternam para a realização do progresso! Que de mais justo e mais consolador que

a idéia dos mesmos seres progredindo sem cessar, primeiro através das gerações de um mesmo mundo e, depois, de mundo em mundo, até a perfeição, sem solução de continuidade! Assim, todas as ações têm um objetivo, porquanto, trabalhando para todos, trabalha-se para si, e reciprocamente, de tal sorte que o progresso individual e o progresso geral jamais são estéreis; aproveitam às gerações e às individualidades futuras, que outra coisa não são que as gerações e as individualidades passadas, chegadas a um mais alto grau de adiantamento.

A vida espiritual é a vida normal e eterna do Espírito e a encarnação é apenas uma forma temporária de sua existência. Salvo a vestimenta exterior, há, pois, identidade entre os encarnados e os desencarnados; são as mesmas individualidades sob dois aspectos diversos, ora pertencendo ao mundo visível, ora ao mundo invisível, encontrando-se ora num, ora noutro, concorrendo, num e noutro, para o mesmo objetivo, por meios apropriados à sua situação.

Desta lei decorre a da perpetuidade das relações entre os seres; a morte não os separa, não põe termo às suas relações simpáticas e nem aos seus deveres recíprocos. Daí a *solidariedade* de todos para cada um, e de cada um para todos; daí, também, a *fraternidade*. Os homens só viverão felizes na Terra quando esses dois sentimentos tiverem entrado em seus corações e em seus costumes, porque, então, a eles sujeitarão suas leis e suas instituições. Será este um dos principais resultados da transformação que se opera.

Mas, como conciliar os deveres da solidariedade e da fraternidade com a crença de que a morte torna os homens para sempre estranhos uns aos outros? Pela lei da perpetuidade das relações que ligam todos os seres, o Espiritismo funda esse duplo princípio sobre as próprias leis da Natureza; disto faz não só um dever, mas uma necessidade. Pela lei da pluralidade das existências

o homem se liga ao que está feito e ao que será feito, aos homens do passado e aos do futuro; não mais poderá dizer que nada tem de comum com os que morrem, pois uns e outros se encontram incessantemente, neste e no outro mundo, para subirem juntos a escada do progresso e se prestarem mútuo apoio. A fraternidade não está mais circunscrita a alguns indivíduos, que o acaso reúne durante uma vida efêmera; é perpétua como a vida do Espírito, universal como a Humanidade, que constitui uma grande família, cujos membros, em sua totalidade, são solidários uns com os outros, *seja qual for a época em que tenham vivido.*

Tais são as idéias que ressaltam do Espiritismo, e que ele suscitará entre todos os homens, quando estiver universalmente espalhado, compreendido, ensinado e praticado. Com o Espiritismo a fraternidade, sinônimo da caridade pregada pelo Cristo, não é mais uma palavra vã; tem a sua razão de ser. Do sentimento da fraternidade nasce o da reciprocidade e dos deveres sociais, de homem a homem, de povo a povo, de raça a raça. Destes dois sentimentos bem compreendidos sairão, forçosamente, as mais proveitosas instituições para o bem-estar de todos.

A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social. Mas não haverá fraternidade real, sólida e efetiva se não for apoiada em base inabalável; esta base é a fé; não a fé em tais ou quais dogmas particulares, que mudam com os tempos e os povos e se atiram pedras, porque, anatematizando-se, entretêm o antagonismo; mas a fé nos princípios fundamentais que todo o mundo pode aceitar: *Deus, a alma, o futuro, o progresso individual indefinido, a perpetuidade das relações entre os seres.* Quando todos os homens estiverem convictos de que Deus é o mesmo para todos, que esse Deus, soberanamente justo e bom, nada pode querer de injusto, que o mal vem dos homens e não dele, olhar-se-ão como filhos de um mesmo pai e se darão as mãos. É esta fé que dá o Espiritismo e que, de agora em diante, será o pivô sobre o qual se moverá o gênero humano, sejam quais forem sua

maneira de adorar e suas crenças particulares, que o Espiritismo respeita, mas das quais não deve se ocupar. Somente desta fé pode sair o verdadeiro progresso moral, porque só ela dá uma sanção lógica aos direitos legítimos e aos deveres; sem ela, o direito é o que é dado pela força; o dever, um código humano imposto pela violência. Sem ela que é o homem? um pouco de matéria que se dissolve, um ser efêmero que apenas passa; o próprio gênio não é senão uma centelha que brilha um instante, para extinguir-se para sempre; por certo não há nisto muito para o erguer aos seus próprios olhos. Com tal pensamento, onde estão, realmente, os direitos e os deveres? qual o objetivo do progresso? Somente esta fé faz o homem sentir sua dignidade pela perpetuidade e pela progressão de seu ser, não num futuro mesquinho e circunscrito à personalidade, mas grandioso e esplêndido; seu pensamento o eleva acima da Terra; sente-se crescer, pensando que tem seu papel no Universo, e que esse Universo é o seu domínio, que um dia poderá percorrer, e que a morte não fará dele uma nulidade, ou um ser inútil a si mesmo e aos outros.

O progresso intelectual realizado até hoje nas mais vastas proporções é um grande passo, e marca a primeira fase da Humanidade, mas, apenas ele, é impotente para a regenerar. Enquanto o homem for dominado pelo orgulho e pelo egoísmo, utilizará sua inteligência e seus conhecimentos em benefício de suas paixões e de seus interesses pessoais, razão por que os aplica no aperfeiçoamento dos meios de prejudicar os outros e de se destruírem mutuamente. Só o progresso moral pode assegurar a felicidade dos homens na Terra, pondo um freio nas más paixões; somente ele pode fazer reinarem a concórdia, a paz, a fraternidade. É ele que derrubará a barreira dos povos, que fará caírem os preconceitos de casta e calar os antagonismos de seitas, ensinando os homens a se olharem como irmãos, chamados a se ajudarem mutuamente, e não a viverem uns à custa dos outros. É ainda o progresso moral, aqui secundado pelo progresso da inteligência, que confundirá os homens numa mesma crença, estabelecida sobre

verdades eternas, não sujeitas à discussão e, por isto mesmo, por todos aceitas. A unidade de crença será o laço mais poderoso, o mais sólido fundamento da fraternidade universal, em todos os tempos quebrada pelos antagonismos religiosos, que dividem os povos e as famílias, que fazem ver no próximo inimigos que é preciso fugir, combater, exterminar, em vez de irmãos que devem ser amados.

Tal estado de coisas supõe uma mudança radical no sentimento das massas, um progresso geral que não poderia realizar-se senão saindo do círculo das idéias estreitas e terra-a-terra, que fomentam o egoísmo. Em diversas épocas, homens de escol procuraram impelir a Humanidade nessa via; mas, ainda muito jovem, a Humanidade ficou surda, e seus ensinamentos foram como a boa semente caída sobre a pedra. Hoje ela está madura para lançar suas vistas mais alto do que o fez, a fim de assimilar idéias mais largas e compreender o que não havia compreendido. A geração que desaparece levará consigo os seus preconceitos e os seus erros; a geração que surge, temperada numa fonte mais depurada, imbuída de idéias mais justas, imprimirá ao mundo o movimento ascensional, no sentido do progresso moral, que deve marcar a nova fase da Humanidade. Esta fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis, pelas idéias grandes e generosas que vêm à tona e que começam a encontrar eco. É assim que se vê fundar-se uma porção de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob o impulso e pela iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais diariamente se impregnam de um sentimento mais humano. Os preconceitos de raça se enfraquecem, os povos começam a olhar-se como membros de uma grande família; pela uniformidade e facilidade dos meios de transação, suprimem as barreiras que os dividem de todas as partes do mundo, reúnem-se em comícios universais para os torneios pacíficos da inteligência. Mas faltam a essas reformas uma base para se desenvolverem, para se completarem e se consolidarem, uma

predisposição moral mais geral para frutificarem e se fazerem aceitas pelas massas. Isto não é menos um sinal característico do tempo, o prelúdio do que se realizará em mais vasta escala, à medida que o terreno se tornar mais propício.

Um sinal não menos característico do período em que entramos, é a reação evidente que se opera no sentido das idéias espiritualistas, uma repulsa instintiva contra as idéias materialistas, cujos representantes se tornam menos numerosos ou menos absolutos. O espírito de incredulidade que se havia apoderado das massas, ignorantes ou esclarecidas, e as tinha feito repelir, com a forma, o próprio fundo de toda crença, parece ter sido um sono, ao sair do qual se experimenta a necessidade de respirar um ar mais vivificante. Involuntariamente, onde se fez o vazio procura-se algo, um ponto de apoio, uma esperança.

Neste grande movimento regenerador, o Espiritismo tem um papel considerável, não o Espiritismo ridículo, inventado pela crítica zombeteira, mas o Espiritismo filosófico, tal qual o compreende quem quer que se dê ao trabalho de procurar a amêndoa dentro da casca. Pelas provas que ele traz das verdades fundamentais, preenche o vazio que a incredulidade faz nas idéias e nas crenças; pela certeza que dá de um futuro conforme à justiça de Deus e que a mais severa razão pode admitir, ele tempera as amarguras da vida e previne os funestos efeitos do desespero. Tornando conhecidas novas leis da Natureza, o Espiritismo dá a chave de fenômenos incompreendidos e problemas até agora insolúveis, e mata, ao mesmo tempo, a incredulidade e a superstição. Para ele não há sobrenatural nem maravilhoso; tudo se realiza no mundo em virtude de leis imutáveis. Longe de substituir um exclusivismo por outro, arvora-se como campeão absoluto da liberdade de consciência; combate o fanatismo sob todas as formas e o corta pela raiz, proclamando a salvação para todos os homens de bem, e a possibilidade, para os mais imperfeitos, de chegarem, por seus esforços, pela expiação e pela reparação, à perfeição, pois

só ela conduz à suprema felicidade. Ao invés de desencorajar o fraco, encoraja-o, mostrando-lhe o fim que pode atingir.

Não diz: *Fora do Espiritismo não há salvação*, mas, com o Cristo: *Fora da caridade não há salvação*, princípio de união, de tolerância, que congregará os homens num sentimento comum de fraternidade, em vez de os dividir em seitas inimigas. Por este outro princípio: *Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade*, destrói o império da fé cega, que aniquila a razão, da obediência passiva, que embrutece; emancipa a inteligência do homem e levanta o seu moral.

Conseqüente consigo mesmo, não se impõe; diz o que é, o que quer, o que dá e espera que a ele venham livremente, voluntariamente; quer ser aceito pela razão, e não pela força. Respeita todas as crenças sinceras e não combate senão a incredulidade, o egoísmo, o orgulho e a hipocrisia, que são as chagas da sociedade e os mais sérios obstáculos ao progresso moral; mas não lança o anátema a ninguém, nem mesmo aos seus inimigos, porque está convencido de que o caminho do bem está aberto aos mais imperfeitos e que, mais cedo ou mais tarde, nele entrarão.

Se imaginarmos a maioria dos homens imbuídos desses sentimentos, facilmente poderemos figurar as modificações que trarão às relações sociais: caridade, fraternidade, benevolência para todos, tolerância para todas as crenças, tal será sua divisa. É o fim para o qual, evidentemente, tende a Humanidade, o objeto de suas aspirações, de seus desejos, sem que se dê muita conta dos meios de as realizar; ela ensaia, hesita, mas é detida pelas resistências ativas ou pela força da inércia dos preconceitos, das crenças estacionárias e refratárias ao progresso. São essas resistências que devem ser vencidas e isto será a obra da nova geração. Se seguirmos o curso atual das coisas, reconheceremos que tudo parece predestinado a lhe abrir a estrada; ela terá por si o duplo poder do número e das idéias, além da experiência do passado.

Assim, a nova geração marchará para a realização de todas as idéias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento a que tiver chegado. O Espiritismo, marchando para o mesmo objetivo e realizando seus planos, eles se encontrarão no mesmo terreno, não como concorrentes, mas como auxiliares, prestando-se mútuo apoio. Os homens de progresso encontrarão nas idéias espíritas uma poderosa alavanca e o Espiritismo encontrará nos homens novos espíritos inteiramente dispostos a acolhê-lo. Nesse estado de coisas, que poderão fazer os que quisessem opor obstáculos?

Não é o Espiritismo que cria a renovação social, é a maturidade da Humanidade que faz desta renovação uma necessidade. Por seu poder moralizador, por suas tendências progressivas, pela amplidão de suas vistas, pela generalidade das questões que abrange, o Espiritismo é, mais que qualquer outra doutrina, apto a secundar o movimento regenerador, razão por que é seu contemporâneo. Veio no momento em que podia ser útil, porque também para ele os tempos são chegados; mais cedo, teria encontrado obstáculos intransponíveis; inevitavelmente teria sucumbido, porque os homens, satisfeitos com o que tinham, ainda não sentiam a necessidade do que ele traz. Hoje, nascido com o movimento das idéias que fermentam, encontra o terreno preparado para recebê-lo. Cansados da dúvida e da incerteza, apavorados com o abismo que se abre diante deles, os espíritos o acolhem como uma tábua de salvação e uma suprema consolação.

Dizendo que a Humanidade está madura para a regeneração, isto não quer dizer que todos os indivíduos o sejam no mesmo grau, mas muitos têm, por intuição, o germe das idéias novas, que as circunstâncias farão eclodir; então eles se mostrarão mais adiantados do que se pensava, e seguirão com ardor o impulso da maioria.

Há, entretanto, os que são refratários por natureza, mesmo entre os mais inteligentes e que, certamente, jamais se

ligarão, pelo menos nesta existência, uns de boa-fé, por convicção, outros por interesse. Aqueles cujos interesses materiais estão ligados ao estado presente das coisas, e que não são bastante adiantados para dele fazer abnegação, que o bem geral toca menos que o seu bem pessoal, não podem ver sem apreensão o menor movimento reformador; para eles a verdade é uma questão secundária ou, melhor dito, a verdade está toda inteira no que não lhes causa nenhuma perturbação; aos seus olhos, todas as idéias progressivas são subversivas, razão por que lhes votam um ódio implacável e lhes fazem uma guerra encarniçada. Muito inteligentes para não ver no Espiritismo um auxiliar dessas idéias e os elementos da transformação, que temem porque não se sentem à sua altura, esforçam-se para o abater; se o julgassem sem valor e sem alcance, com ele não se preocupariam. Aliás já o dissemos: “Quanto maior é uma idéia, mais adversários encontra, e pode medir-se a sua importância pela violência dos ataques de que ela é objeto.”

O número dos retardatários sem dúvida ainda é grande, mas que podem contra a onda que sobe, senão lançar-lhe algumas pedras? Essa onda é a geração que surge, enquanto eles desaparecem com a geração que vai a largos passos. Até lá defenderão o terreno palmo a palmo. Há, pois, uma luta inevitável, mas desigual, porque é a do passado decrépito, que cai em farrapos, contra o futuro juvenil; da estagnação contra o progresso; da criatura contra a vontade de Deus, porque os tempos por ele marcados são chegados.

Nota – As reflexões que precedem são o desenvolvimento das instruções dadas pelos Espíritos sobre o mesmo assunto, num grande número de comunicações, seja a nós, seja a outras pessoas. A que publicamos a seguir é o resumo de várias conversas que tivemos, através de dois dos nossos médiuns habituais, em estado de sonambulismo extático, e que, ao despertarem, não conservam nenhuma lembrança. Coordenamos

metodicamente as idéias, a fim de lhes dar mais seqüência, suprimindo todos os detalhes e acessórios supérfluos. Os pensamentos foram reproduzidos rigorosamente, e as palavras também são textuais, tanto quanto foi possível recolhê-las pela audição.

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A REGENERAÇÃO DA HUMANIDADE²¹

(Paris, abril de 1866 – Médium: Srs. M. e T., em sonambulismo)

Os acontecimentos se precipitam com rapidez, de modo que não vos dizemos mais, como outrora: “Os tempos estão próximos”; agora dizemos: “Os tempos são chegados.”

Por estas palavras não entendais um novo dilúvio, nem um cataclismo, nem uma perturbação geral. Convulsões parciais do globo ocorreram em todas as épocas e ainda se produzem, porque inerentes à sua constituição, mas são sinais dos tempos.

Entretanto, tudo quanto está predito no Evangelho deve realizar-se e se cumpre neste momento, como reconheceréis mais tarde. Mas não tomeis os sinais anunciados senão como figuras, dos quais é preciso captar o espírito, e não a letra. Todas as *Escrituras* encerram grandes verdades sob o véu da alegoria, e é porque os exegetas se apegaram à letra que se extraviaram. Faltou-lhes a chave para a compreensão de seu verdadeiro sentido. Esta chave está nas descobertas da Ciência e nas leis do mundo invisível, que o Espiritismo vos vem revelar. Doravante, com o auxílio desses novos conhecimentos, o que era obscuro torna-se claro e inteligível.

Tudo segue a ordem natural das coisas e as leis imutáveis de Deus não serão alteradas. Assim, não vereis milagres, nem prodígios, nem nada de sobrenatural, no sentido vulgar ligado a estas palavras.

21 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 527.

Não olheis o céu para aí buscar sinais precursores, pois não os vereis e os que vo-los anunciam vos enganarão; mas olhai em torno de vós, entre os homens; é aí que os encontrareis.

Não sentis como um vento que sopra na Terra e agita todos os Espíritos? O mundo está à espera e como tomado por um vago pressentimento à aproximação da tempestade.

Contudo, não acrediteis no fim do mundo material; a Terra progrediu desde a sua transformação; deve progredir ainda, e não ser destruída. Mas a Humanidade chegou a um de seus períodos de transformação e a Terra vai elevar-se na hierarquia dos mundos.

Não é, pois, o fim do mundo material que se prepara, mas o fim do mundo moral; é o velho mundo, o mundo dos preconceitos, do egoísmo, do orgulho e do fanatismo que se desmorona; cada dia leva consigo os seus destroços. Tudo acabará para ele com a geração que se vai, e a geração nova erguerá o novo edifício que as gerações seguintes consolidarão e completarão.

De mundo de expiação, a Terra está fadada a tornar-se um dia um mundo feliz, e nela habitar será uma recompensa, ao invés de uma punição. O reinado do bem aí deve suceder o do mal.

Para que os homens sejam felizes na Terra, é necessário que esta só seja povoada de Espíritos bons, encarnados e desencarnados, que não quererão senão o bem. Sendo chegado esse tempo, uma grande emigração se realiza neste momento entre os que a habitam; os que fazem o mal pelo mal e *não são tocados* pelo sentimento do bem por não serem dignos da Terra transformada, dela serão excluídos, porque aí trariam novamente a perturbação e a confusão e seriam um obstáculo ao progresso. Irão expiar seu endurecimento nos mundos inferiores, para onde levarão os conhecimentos adquiridos e terão por missão fazê-los progredir. Serão substituídos na Terra por Espíritos melhores, que farão reinar entre eles a justiça, a paz e a fraternidade.

Já dissemos que a Terra não deve ser transformada por um cataclismo, que aniquilaria subitamente uma geração. A geração atual desaparecerá gradualmente, e a nova a sucederá, sem que nada seja mudado na ordem natural das coisas. Tudo se passará, pois, exteriormente, como de hábito, com uma única diferença, mas esta diferença é capital: uma parte dos Espíritos que aí se encarnavam não mais encarnarão. Numa criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e devotado ao mal que tivesse encarnado, será um Espírito mais adiantado e *devotado ao bem*. Trata-se, pois, muito menos de uma nova geração corporal que de uma nova geração de Espíritos. Assim, os que esperavam ver a transformação operar-se por efeitos sobrenaturais e maravilhosos ficarão decepcionados.

A época atual é de transição; os elementos das duas gerações se confundem. Colocados em ponto intermediário, assistis à partida de uma e à chegada da outra, e cada um já se assinala no mundo pelos caracteres que lhes são próprios.

As duas gerações que sucedem uma à outra têm idéias e pontos de vista opostos. Pela natureza das disposições morais, mas, sobretudo, das disposições *intuitivas e inatas*, é fácil distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo.

Devendo fundar a era do progresso moral, a nova geração se distingue por uma inteligência e uma razão geralmente precoces, aliadas ao sentimento *inato* do bem e das crenças espiritualistas, o que é sinal indubitável de certo grau de progresso anterior. Não será composta exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas daqueles que, tendo já progredido, estão predispostos a assimilar todas as idéias progressivas, e aptos a secundar o movimento regenerador.

Ao contrário, o que distingue os Espíritos atrasados é, primeiro, a revolta contra Deus pela negação da Providência e de todo poder superior à Humanidade; depois, a propensão *instintiva*

às paixões degradantes, aos sentimentos antifraternos do egoísmo, do orgulho, do ódio, do ciúme, da cupidez, enfim, a predominância do apego a tudo o que é material.

Tais os vícios de que a Terra deve ser expurgada pelo afastamento dos que se recusam a emendar-se, porque são incompatíveis com o reinado da fraternidade e porque os homens de bem sempre sofrerão com o seu contato. A Terra ficará livre deles e os homens marcharão sem entraves para o futuro melhor, que lhes está reservado aqui, como prêmio por seus esforços e por sua perseverança, esperando que uma depuração ainda mais completa lhes abra a entrada dos mundos superiores.

Por esta emigração de Espíritos não se deve entender que todos os Espíritos retardatários serão expulsos da Terra e relegados a mundos inferiores. Muitos, ao contrário, a ela voltarão, porque muitos cederam ao arrastamento das circunstâncias e do exemplo; neles a casca era pior que a essência. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos preconceitos do mundo corporal, a maioria verá as coisas de maneira completamente diferente do que quando vivos, do que tendes numerosos exemplos. Nisto são ajudados pelos Espíritos benevolentes, que por eles se interessam e que se desvelam em os esclarecer e em lhes mostrar o falso caminho que seguiram. Por vossas preces e exortações, vós mesmos podeis contribuir para sua melhoria, porque há solidariedade perpétua entre os mortos e os vivos.

Aqueles, pois, poderão voltar, com o que serão felizes, pois isto será uma recompensa. Que importa o que tiverem sido ou feito, se forem animados de melhores sentimentos! Longe de serem hostis à sociedade e ao progresso, serão auxiliares úteis, porque pertencerão à nova geração.

Assim, só haverá uma exclusão definitiva para os Espíritos rebeldes por natureza, aqueles que o orgulho e o egoísmo,

mais que a ignorância, tornam-se surdos à voz do bem e da razão. Mas, mesmo estes não estão votados a uma inferioridade perpétua, e dia virá em que repudiarão o seu passado e abrirão os olhos à luz.

Orai, pois, por esses endurecidos, a fim de que se emendem enquanto é tempo, pois o dia da expiação está próximo.

Infelizmente, por desconhecer a voz de Deus, a maioria persistirá em sua cegueira e sua resistência marcará o fim de seu reino por lutas terríveis. Em seu desvario, eles próprios cavarão a sua ruína; impelirão à destruição, que engendrará uma porção de flagelos e calamidades, de sorte que, sem o querer, apressarão o advento da era da renovação.

E como se a destruição não marchasse bastante depressa, ver-se-ão os suicídios multiplicando-se em proporção nunca vista, até entre as crianças. A loucura jamais terá ferido maior número de homens que, mesmo antes da morte, serão riscados do número dos vivos. São estes os verdadeiros sinais dos tempos. E tudo isto se realizará pelo encadeamento das circunstâncias, assim como dissemos, sem que em nada sejam derogadas as leis da Natureza.

Todavia, através da nuvem sombria que vos envolve, e em cujo seio brame a tempestade, já vedes surgirem os primeiros raios da era nova! A fraternidade assenta os seus fundamentos em todos os pontos do globo e os povos se estendem as mãos; a barbárie se familiariza ao contato da civilização; os preconceitos de raças e de seitas, que derramaram rios de sangue, se extinguem; o fanatismo e a intolerância perdem terreno, enquanto a liberdade de consciência introduz-se nos costumes e se torna um direito. Por toda parte fermentam as idéias; vê-se o mal e experimentam-se os remédios, mas muitos marcham sem bússola e se perdem nas utopias. O mundo está num imenso processo de gestação, que durará um século. Nesse trabalho, ainda confuso, vê-se, no entanto,

dominar uma tendência para um objetivo: o da unidade e da uniformidade que predis põem à fraternização.

São ainda sinais do tempo. Mas, enquanto os outros são os da agonia do passado, estes últimos são os primeiros vagidos da criança que nasce, os precursores da aurora que o próximo século verá levantar-se, porque, então, a nova geração estará em toda a sua força. Tanto a fisionomia do século dezanove difere da do século dezoito, sob certos pontos de vista, quanto a do século vinte será diferente da do dezanove, sob outros pontos de vista.

Um dos caracteres distintivos da nova geração será a fé *inata*; não a fé exclusiva e cega, que divide os homens, mas a fé raciocinada, que esclarece e fortifica, que os une e os confunde num comum sentimento de amor a Deus e ao próximo. Com a geração que se extingue desaparecerão os últimos vestígios da incredulidade e do fanatismo, igualmente contrários ao progresso moral e social.

O Espiritismo é o caminho que conduz à renovação, porque destrói os dois maiores obstáculos que a ela se opõem: a incredulidade e o fanatismo. Dá uma fé sólida e esclarecida; desenvolve todos os sentimentos e todas as idéias que correspondem às vistas da nova geração. Por isto é como que inato e em estado de intuição no coração de seus representantes. A era nova vê-lo-á, pois, crescer e prosperar pela força mesma das coisas. Tornar-se-á a base de todas as crenças, o ponto de apoio de todas as instituições.

Mas, daqui até lá, quantas lutas terá ainda de sustentar contra os seus dois maiores inimigos: a incredulidade e o fanatismo, que, coisa bizarra, se dão as mãos para o abater! Eles pressentem seu futuro e sua ruína, razão por que o temem, pois já o vêem plantar, sobre as ruínas do velho mundo egoísta, a bandeira que deve unir todos os povos. Na divina máxima: *Fora da caridade não*

há salvação, lêem sua própria condenação, porque é o símbolo da nova aliança fraternal proclamada pelo Cristo.²² Ela se lhes mostra como as palavras fatais do festim de Baltazar. E, contudo, deviam bendizer esta máxima, porque os garante contra todas as represálias da parte dos que perseguem. Mas não, uma força cega os impele a rejeitar a única coisa que os poderia salvar!

Que poderão eles contra o ascendente da opinião que os repudia? O Espiritismo sairá triunfante da luta, não o duvideis, porque, estando nas leis da Natureza é, por isto mesmo, imperecível. Vede por que multidão de meios a idéia se espalha e penetra em toda parte; crede bem que esses meios não são fortuitos, mas providenciais; aquilo que, à primeira vista, pareceria dever prejudicá-lo, é precisamente o que ajuda a sua propagação.

Logo verá surgirem campeões altamente reconhecidos entre os homens mais considerados e mais acreditados, que o apoiarão com a autoridade de seu nome e de seu exemplo, e imporão silêncio aos seus detratores, porque não ousarão tratá-los de loucos. Esses homens o estudam no silêncio e se mostrarão quando chegar o momento propício. Até lá, convém que se mantenham afastados.

Logo também vereis as artes aí beber, como numa fonte fecunda, e traduzir seus pensamentos e os horizontes que descobre pela pintura, a música, a poesia e a literatura. Já vos foi dito que haveria um dia a arte espírita, como houve a arte pagã e a arte cristã, e é uma grande verdade, porque os maiores gênios nele se inspirarão. Em breve vereis os seus primeiros esboços, e mais tarde ele ocupará o lugar que deve ter.

Espíritas, o futuro é vosso e de todos os homens de coração e devotamento. Não vos assusteis com os obstáculos, pois nenhum deles poderá entrar os desígnios da Providência.

22 Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XV.

Trabalhai sem descanso e agradecei a Deus por vos ter colocado na vanguarda da nova falange. É um posto de honra que vós mesmos pedistes, e do qual vos deveis tornar dignos por vossa coragem, perseverança e devotamento. Ditosos os que sucumbirem nesta luta contra a força; mas a vergonha será, no mundo dos Espíritos, para os que sucumbirem pela fraqueza ou pela pusilanimidade. Aliás, as lutas são necessárias para fortificar a alma; o contato do mal faz apreciar melhor as vantagens do bem. Sem as lutas que estimulam as faculdades, o Espírito deixar-se-ia arrastar por uma indiferença funesta ao seu adiantamento. As lutas contra os elementos desenvolvem as forças físicas e a inteligência; as lutas contra o mal desenvolvem as forças morais.

Observações – 1^o – A maneira pela qual se opera a transformação é muito simples e, como se vê, é toda moral e em nada se afasta das leis da Natureza. Por que, então, os incrédulos repelem essas idéias, já que nada têm de sobrenatural? É que, segundo eles, a lei de vitalidade cessa com a morte do corpo, ao passo que para nós ela prossegue sem interrupção; eles restringem sua ação e nós a estendemos. Eis por que dizemos que os fenômenos da vida espiritual não saem das leis da Natureza. Para eles o sobrenatural começa onde acaba a apreciação pelos sentidos.

2^o – Quer os Espíritos da nova geração sejam novos Espíritos melhores, quer os antigos Espíritos melhorados, o resultado é o mesmo. Desde o instante que trazem melhores disposições, é sempre uma renovação. Os Espíritos encarnados formam, assim, duas categorias, conforme suas disposições naturais: de uma parte, os Espíritos retardatários que partem; de outra, os Espíritos progressistas que chegam. O estado dos costumes e da sociedade estará, pois, num povo, numa raça ou no mundo inteiro, na razão do das duas categorias que tiver a preponderância.

Para simplificar a questão, consideremos um povo, num grau qualquer de adiantamento, e composto de vinte milhões de almas, por exemplo. Fazendo-se a renovação dos Espíritos à medida das extinções, isoladas ou em massa, necessariamente houve um momento em que a geração dos Espíritos retardatários ultrapassava em número a dos Espíritos progressistas, que apenas contavam raros representantes sem influência, e cujos esforços para fazer predominar o bem e as idéias progressistas estavam paralisados. Ora, partindo uns e chegando outros, após um dado tempo as duas forças se equilibram e sua influência se contrabalança. Mais tarde, os recém-chegados são maioria e sua influência torna-se preponderante, conquanto ainda entravada pela dos primeiros; estes, continuando a diminuir, enquanto os outros se multiplicam, acabarão por desaparecer. Chegará, então, o momento em que a influência da nova geração será exclusiva.

Assistimos a esta transformação, ao conflito que resulta da luta das idéias contrárias, que procuram implantar-se. umas marcham com a bandeira do passado, outras com a do futuro. Se se examinar o estado atual do mundo, reconhecer-se-á que, tomada em seu conjunto, a Humanidade terrestre ainda está longe do ponto intermediário, em que as forças se contrabalançam; que os povos, considerados isoladamente, estão a uma grande distância uns dos outros, nesta escada; que alguns alcançam este ponto, mas nenhum ainda o ultrapassou. Aliás, a distância que o separa dos pontos extremos está longe de ser igual em duração, e uma vez transposto o limite, o novo caminho será percorrido com tanto mais rapidez, quanto uma imensidão de circunstâncias o virão aplainar.

Assim se realiza a transformação da Humanidade. Sem a emigração, isto é, sem a partida dos Espíritos retardatários, que não devem voltar, ou que só voltarão depois de se terem melhorado, nem por isto a Humanidade terrena ficará indefinidamente estacionária, porque os Espíritos mais atrasados

por sua vez progridem; mas, teriam sido precisos séculos, talvez milhares de anos, para atingir o resultado que meio século bastará para realizar.

Uma comparação vulgar fará se compreenda melhor ainda o que se passa nessa circunstância. Suponhamos um regimento, em sua grande maioria composto de homens turbulentos e indisciplinados: estes provocarão incessantes desordens, que a severidade da lei penal muitas vezes terá dificuldade em reprimir. Esses homens são os mais fortes, porque mais numerosos; sustentam-se, encorajam-se e se estimulam pelo exemplo. Os poucos bons não têm influência; seus conselhos são desprezados; são ultrajados, maltratados pelos outros e sofrem este contato. Não é a imagem da sociedade atual?

Imaginemos que tais homens sejam retirados do regimento, um a um, cem a cem, e substituídos por igual número de bons soldados, mesmo pelos que tiverem sido expulsos, mas que se tenham emendado seriamente: ao cabo de algum tempo ter-se-á sempre o mesmo regimento, mas transformado; a boa ordem nele terá sucedido a desordem. Dar-se-á o mesmo com a Humanidade regenerada.

As grandes partidas coletivas não apenas terão como objetivo ativar as saídas, mas transformar mais rapidamente o espírito da massa, desembaraçando-a das más influências, e dar maior ascendente às idéias novas.

Eis por que muitos partem, a despeito de suas imperfeições, a fim de se retemperarem numa fonte mais pura, porque estão maduros para esta transformação. Se tivessem ficado no mesmo meio e sob as mesmas influências, teriam persistido em suas opiniões e em sua maneira de ver as coisas. Basta uma estada no mundo dos Espíritos para lhes abrir os olhos, porque aí vêem o que não podiam ver na Terra. O incrédulo, o fanático, o absolutista

poderão, assim, voltar com idéias *inatas* de fé, de tolerância e de liberdade. Em seu regresso, encontrarão as coisas mudadas e sofrerão o ascendente do novo meio onde nascerem. Em vez de fazer oposição às idéias novas, serão seus auxiliares.

Assim, a regeneração da Humanidade não necessita absolutamente da renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação em suas disposições morais. Esta modificação se opera em todos os que a isto forem predispostos, quando subtraídos à influência perniciosa do mundo. Nem sempre os que voltarem serão outros Espíritos, mas, muitas vezes, os mesmos Espíritos, pensando e sentindo diversamente.

Quando essa melhora é isolada e individual, passa despercebida e não tem influência ostensiva no mundo. Outro será o efeito, quando operada simultaneamente em grandes massas, porque, então, conforme as proporções, em uma geração as idéias de um povo ou de uma raça poderão ser modificadas profundamente.

É o que se nota quase sempre depois dos grandes abalos que dizimam as populações. Os flagelos destruidores só destroem o corpo, mas não atingem o Espírito; ativam o movimento de vaivém entre o mundo corporal e o mundo espiritual e, em conseqüência, o movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados.

É um desses movimentos gerais que se opera neste momento, e que deve desencadear o remanejamento da Humanidade. A multiplicidade das causas de destruição é um sinal característico dos tempos, porque deve apressar a eclosão dos novos germes. São as folhas de outono que caem, e às quais sucederão novas folhas, cheias de vida, pois a Humanidade tem as suas estações, como os indivíduos as suas idades. As folhas mortas da Humanidade caem, levadas pela ventania, para renascer mais

vivazes, sob o mesmo sopro de vida, que não se extingue, mas se purifica.

Para o materialista, os flagelos destruidores são calamidades sem compensação, sem resultados úteis, porquanto, segundo ele, *aniquilam os seres sem retorno*. Mas para o que sabe que a morte apenas destrói o envoltório, eles não têm as mesmas conseqüências e não lhe causam o menor pavor, porque compreende o seu objetivo e sabe também que os homens não perdem mais morrendo em conjunto do que isoladamente, uma vez que, de uma ou de outra maneira, é preciso sempre lá chegar.

Os incrédulos rirão destas coisas e as tratarão como quimeras. Mas, digam o que disserem, não escaparão à lei comum; cairão por sua vez, como os outros e, então, o que acontecerá? Dizem: *nada*. Mas viverão, a despeito de si mesmos, e um dia serão forçados a abrir os olhos.

Nota – A comunicação seguinte nos foi dirigida durante a viagem que acabamos de fazer, da parte de um de nossos caros protetores invisíveis. Embora tenha um caráter pessoal, também se liga à grande questão que acabamos de tratar, e que a confirma. Por isso é colocada aqui. As pessoas perseguidas em razão de suas crenças espíritas nela encontrarão úteis encorajamentos.

“Paris, 1^o de setembro de 1866.

“Já faz bastante tempo que não me mostro em vossas reuniões, dando uma comunicação assinada com o meu nome. Não julgueis, caro mestre, que seja por indiferença ou por esquecimento, mas eu não via necessidade de manifestar-me e deixava a outros mais dignos o cuidado de vos dar instruções úteis. Entretanto lá estava e seguia com o maior interesse os progressos desta cara Doutrina, à qual devo a felicidade e a calma dos últimos anos de minha vida. Eu lá estava, e o meu bom amigo, o Sr. T... vos deu mais de uma vez a certeza, durante as suas horas de sono e de

êxtase. Ele inveja minha felicidade e também aspira a vir para o mundo que habito agora, quando o contempla brilhando no céu estrelado e refere o seu pensamento às suas rudes provas.

“Eu também as tive muito penosas. Graças ao Espiritismo eu as suportei sem me queixar e as bendigo agora, pois lhes devo o meu adiantamento. Que ele tenha paciência. Dizei-lhe que para cá virá um dia, mas que antes ainda deve voltar à Terra, para vos ajudar na inteira realização de vossa tarefa. Mas, então, como tudo estará mudado! Imaginar-vos-ei ambos num mundo novo.

“Meu amigo, enquanto puderdes, repousai o espírito e o cérebro fatigados pelo trabalho; reuni forças materiais, pois em breve muito tereis que gastar. Os acontecimentos, que de agora em diante vão suceder-se com rapidez, vos chamarão à liça. Sede firme de corpo e de espírito, a fim de estardes em condições de lutar com vantagem. Então será preciso trabalhar sem descanso. Mas, como já vos disseram, não estareis só para levar o fardo; auxiliares sérios aparecerão, quando for tempo. Escutai, pois, os conselhos do bom doutor Demeure e evitai toda fadiga inútil ou prematura. Aliás, lá estaremos para vos aconselhar e advertir.

“Desconfiai dos dois partidos extremos que agitam o Espiritismo, quer para o prender ao passado, quer para precipitar sua corrida para frente. Temperai os ardores prejudiciais e não vos deixeis sofrer pelas tergiversações dos timoratos, ou, o que é mais perigoso, mas que infelizmente é muito verdadeiro, pelas sugestões dos emissários inimigos.

“Marchai com passo firme e seguro, como tendes feito até agora, sem vos inquietar com o que digam à direita ou à esquerda, seguindo a inspiração dos vossos guias e da vossa razão, e não vos arriscareis fazer sair dos trilhos o carro do Espiritismo. Muitos empurram esse carro cobiçado, para precipitarem sua

queda. Cegos e presunçosos! ele passará, apesar dos obstáculos, e não deixará no abismo senão os seus inimigos e os que o invejam, embaraçados por terem servido ao seu triunfo.

“Os fenômenos vão surgir de todos os lados, sob os mais variados aspectos, e já surgem. Mediunidade curadora, moléstias incompreensíveis, efeitos físicos inexplicáveis pela Ciência, tudo se reunirá num futuro próximo, para assegurar nossa vitória definitiva, para a qual concorrerão novos defensores.

“Mas, quantas lutas ainda a sustentar e, também, quantas vítimas! não sangrentas, sem dúvida, mas feridas em seus interesses e em suas afeições. Mais de um desfalecerá ao peso das inimizades, desencadeadas contra tudo quanto leve o nome de espírita. Mas, também, ditosos os que tiverem conservado sua firmeza na adversidade! Por isto serão bem recompensados, mesmo aqui, materialmente. As perseguições são as provas da sinceridade de sua fé, de sua coragem e de sua perseverança. A confiança que tiverem posto em Deus não será vã. Todos os sofrimentos, todos os vexames, todas as humilhações que tiverem suportado pela causa serão títulos, dos quais nenhum será perdido. Os Espíritos bons velam por eles e os contam, e saberão bem separar os devotamentos sinceros das dedicações artificiais. Se a roda da fortuna os trair momentaneamente e os lançar no pó, logo os erguerá mais alto que nunca, dando-lhes a consideração pública e destruindo os obstáculos amontoados em seu caminho. Mais tarde se regozijarão por terem pago seu tributo à causa, e quanto maior esse tributo, mais bela será sua parte.

“Nesses tempos de provas será preciso que prodigalizeis a todos vossa força e vossa firmeza; a todos serão precisos encorajamentos e conselhos. Também se faz necessário fechar os olhos sobre as defecções dos tíbios e dos covardes. Por vossa própria conta, também tereis muito a perdoar...

“Mas eu paro aqui, porque se posso adivinhar o conjunto dos acontecimentos, nada me é permitido precisar. Tudo quanto vos posso dizer é que não sucumbiremos na luta. Podem cercar a verdade com as trevas do erro, mas é impossível sufocá-la. Sua chama é imortal e, cedo ou tarde, aparecerá.”

Viúva E...

Nota – Adiamos para o próximo número a continuação do nosso estudo sobre Maomé e o Islamismo, porque, pelo encadeamento das idéias e a compreensão das deduções, era útil que fosse precedido do artigo acima.

O Zuavo Curador do Campo de Châlons

Lê-se no *Écho de l'Aisne*, de 1º de agosto de 1866:

“Não se fala em nossa terra senão das maravilhas realizadas no campo de Châlons por um jovem zuavo espírita, que diariamente faz novos milagres.

“Numerosos comboios de doentes se dirigem a Châlons e, coisa incrível, um bom número deles volta curado.

“Nestes últimos dias um paralítico, vindo de carro, depois de ter sido visto pelo ‘jovem espírita’ achou-se radicalmente curado e voltou para casa galhardamente a pé.

“Quem puder explique estes fatos, que tocam ao prodígio; sempre há os que são exatos e afirmados por grande número de pessoas inteligentes e dignas de fé.”

Renaud

Este artigo é reproduzido textualmente pela *Presse illustrée* de 6 de agosto. O *Petit Journal*, de 17 de agosto, narra o fato nestes termos:

“Depois de ter visitado o quartel imperial, que penso já tendeis descrito aos vossos leitores, isto é, a morada mais adequada e, ao mesmo tempo, mais simples que pode ter um soberano, mesmo que apenas por alguns dias, passei a noite a correr à procura do zuavo magnetizador.

“Simple músico, esse zuavo é, há três meses, o herói do campo e dos arredores. É um homenzinho magro, moreno, de olhos profundamente encovados; uma verdadeira fisionomia de monge maometano. Dele contam coisas incríveis e sou forçado a não falar senão do que contam, porque, há vários dias, por ordem superior, teve ele que interromper as sessões públicas que dava no “hôtel de la Meuse”. Vinham de dez léguas, um de cada vez; ele recebia vinte e cinco a trinta doentes ao mesmo tempo, e à sua voz, ao seu olhar, ao seu toque, pelo menos dizem, subitamente os surdos ouviam, os mudos falavam, os coxos se iam, muletas sob os braços.

“Tudo isto é verdade? Nada sei. Conversei uma hora com ele. Chama-se Jacob, é um simples borgonhês, exprime-se com facilidade, deu-me a impressão dos mais convencidos e dos mais inteligentes. Sempre recusou qualquer espécie de remuneração e nem mesmo gosta de agradecimentos. Ademais, prometeu-me um manuscrito que lhe foi ditado por um Espírito. Inútil dizer que vos falarei dele assim que o receber, se, contudo, o *Espírito* tiver espírito.”

René de Pont-Jest

Enfim, o *Écho de l'Aisne*, depois de haver citado o fato em seu número de 1^o de agosto, comenta-o da seguinte maneira, no número de 4 do mesmo mês:

“No número de quarta-feira última, dissestes que em nossa terra não se falava de outra coisa, senão das curas realizadas no campo de Châlons por um jovem zuavo espírita.

“Creio fazer bem em vos pedir que o reprima, porque um verdadeiro exército de doentes se dirige diariamente para o campo; os que voltam satisfeitos animam outros a imitá-los; ao contrário, os que nada ganharam, não param de censurar e de escarnecer.

“Entre essas duas opiniões extremas, há uma prudente reserva, que “bom número de doentes” devem tomar como regra de conduta, como guia do que podem fazer.

“Essas ‘curas maravilhosas’, esses ‘milagres’, como os chamam o comum dos mortais, nada têm de maravilhoso, nada de miraculoso.

“Ao primeiro contato, causam admiração porque não são comuns; mas como nada do que se realiza não deixa de ter uma causa, foi preciso procurar o que produz tais fatos, e a *Ciência os explicou*.

“As impressões morais vivas sempre tiveram a faculdade de agir sobre o ‘sistema nervoso’; – as curas obtidas pelo zuavo espírita não se operam senão sobre as moléstias deste sistema. Em todas as épocas, na Antiguidade como nos tempos modernos, têm sido assinaladas curas tão-só pela força da influência da imaginação, influência constatada por grande número de fatos; – nada, há, pois de extraordinário em que hoje as mesmas causas produzam os mesmos resultados.

“É, pois, somente aos doentes do ‘sistema nervoso’ que é possível ‘ir ver e esperar’.”

Antes de qualquer outro comentário, faremos uma ligeira observação sobre este último artigo. O autor constata os fatos e os explica à sua maneira. Em sua opinião, essas curas *nada têm de maravilhoso ou de miraculoso*. Sobre este ponto estamos perfeitamente de acordo: o Espiritismo diz claramente que não faz *milagres*; que todos os fatos, *sem exceção*, que se produzem pela influência mediúnica, são devidos a uma força natural e se realizam em virtude de uma lei tão natural quanto a que faz transmitir um telegrama para o outro lado do Atlântico em alguns minutos. Antes da descoberta da lei da eletricidade, semelhante fato teria passado pelo milagre dos milagres.

Suponhamos por um instante que Franklin, ainda mais iniciado do que o era sobre as propriedades do fluido elétrico, tivesse lançado um fio metálico através do oceano e estabelecido uma correspondência instantânea entre a Europa e a América, sem lhe indicar o processo; que teriam pensado dele? Incontestavelmente teriam gritado milagre; ter-lhe-iam atribuído um poder sobrenatural; aos olhos de muita gente ele teria passado por feiticeiro e por ter o diabo às suas ordens. O conhecimento da lei da eletricidade reduziu esse suposto prodígio às proporções dos efeitos naturais. Assim com uma porção de outros fenômenos.

Mas são conhecidas todas as leis da Natureza? a propriedade de todos os fluidos? Não é possível que um fluido desconhecido, como por tanto tempo foi a eletricidade, seja a causa de efeitos inexplicados e produza, sobre a economia, resultados impossíveis para a Ciência, com o auxílio dos meios limitados de que dispõe? Pois bem! aí está todo o segredo das curas mediúnicas, ou, melhor, não há segredo, pois o Espiritismo só tem segredos para os que não se dão ao trabalho de o estudar. Essas curas têm muito simplesmente por princípio uma ação fluídica dirigida pelo pensamento e pela vontade, em vez de o ser por um fio metálico. Tudo está em conhecer as propriedades desse fluido, as condições em que pode agir, e o saber dirigir. Ademais, é preciso um

instrumento *humano* suficientemente provido desse fluido, e apto a lhe dar a energia suficiente.

Esta faculdade não é privilégio de um indivíduo; porque está na Natureza, muitos a possuem, mas em graus muito diferentes, como todo o mundo a de ver, embora mais ou menos longe. No número dos que dela são dotados, alguns agem com conhecimento de causa, como o zuavo Jacob; outros à sua revelia, e sem se dar conta do que neles se passa; sabem que curam, e eis tudo. Perguntai-lhes como, e nada sabem. Se são supersticiosos, atribuirão seu poder a uma causa oculta, à virtude de algum talismã ou amuleto que, na realidade, para nada servem. Dá-se o mesmo com todos os médiuns inconscientes, e seu número é grande. Inúmeras pessoas são, elas próprias, a causa primeira dos efeitos que as surpreendem e que não sabem explicar. Entre os negadores mais obstinados muitos são médiuns sem o saber.

Diz o jornal em questão: “As curas obtidas pelo zuavo espírita não se operam senão sobre as moléstias do sistema nervoso; são devidas à influência da imaginação, constatada por grande número de fatos; houve dessas curas na Antiguidade, como nos tempos modernos; assim, nada têm de extraordinário.”

Dizendo que o Sr. Jacob só curou afecções nervosas o autor se adianta um tanto levemente, porque os fatos contradizem essa afirmação. Mas admitamos que seja assim; essas espécies de afecções são inumeráveis e precisamente destas em que a Ciência é, o mais das vezes, forçada a confessar a sua impotência. Se, por um meio qualquer, dela se pode triunfar, não é um resultado importante? Se este meio estiver na influência da imaginação, que importa? por que negligenciar? Não é melhor curar pela imaginação do que não curar absolutamente? Contudo, parece-nos difícil que só a imaginação, ainda que excitada no mais alto grau, possa fazer andar um paralisado e retificar um membro anciloso. Em todo o caso, uma vez que, segundo o autor, curas de doenças

nervosas em todos os tempos foram obtidas por influência da imaginação, os médicos são menos desculpáveis por se obstinarem em empregar meios impotentes, quando a experiência lhes mostra outros eficazes. Sem o querer, o autor os ataca.

Mas, diz ele, o Sr. Jacob não cura todo o mundo. – É possível e mesmo certo. Mas, o que isto prova? Que ele não tem um poder curador universal. O homem que tivesse tal poder seria igual a Deus, e o que tivesse a pretensão de o possuir não passaria de um tolo presunçoso. Ainda que curasse apenas quatro ou cinco doentes em dez, reconhecidos incuráveis pela Ciência, já bastaria para provar a existência da faculdade. Há muitos médicos que possam fazer tanto?

Há muito tempo conhecemos pessoalmente o Sr. Jacob como médium escrevente e propagador zeloso do Espiritismo; sabíamos que havia feito alguns ensaios parciais de mediunidade curadora, mas parece que esta faculdade teve nele um desenvolvimento rápido e considerável durante sua estada no campo de Châlons. Um dos nossos colegas da Sociedade de Paris, o Sr. Boivinet, que reside no Departamento do Aisne, houve por bem nos enviar um relatório muito circunstanciado dos fatos que são de seu conhecimento pessoal. Seus profundos conhecimentos de Espiritismo, aliados a um caráter isento de exaltação e de entusiasmo, permitiram-lhe apreciar as coisas judiciosamente. Seu testemunho tem, pois, para nós, todo o valor de um homem honrado, imparcial e esclarecido, e seu relatório toda a autenticidade desejável. Temos, assim, os fatos atestados por ele como constatados, como se nós mesmos os tivéssemos testemunhado pessoalmente. A extensão desses documentos não nos permite publicá-los por inteiro nesta revista, mas nós os coordenamos para os utilizar posteriormente, limitando-nos por hoje a citar algumas de suas passagens essenciais:

“...Com o intuito de bem justificar a confiança que depositastes em mim, informei-me, por mim mesmo e também por

peças absolutamente honradas e dignas de fé, das curas bem constatadas, operadas pelo Sr. Jacob. Aliás, essas pessoas não são espíritas, o que tira às suas afirmações toda suspeita de imparcialidade em favor do Espiritismo.

“Reduzo de um terço as apreciações do Sr. Jacob quanto ao número dos doentes por ele recebidos; mas parece que estou aquém, talvez muito aquém da verdade, estimando esta cifra em 4.000, sobre os quais um quarto foi curado e três quartos aliviados. A afluência era tal que a autoridade militar se inquietou, interditando as visitas futuras. Sei pelo próprio chefe da estação que o trem de ferro transportava diariamente massas de doentes ao campo.

“Quanto à natureza das doenças sobre as quais exerceu mais particularmente a sua influência, é-me impossível dizê-lo. São, sobretudo, os enfermos que se dirigiram a ele e, por conseguinte, são eles que figuram em maior número entre seus *clientes satisfeitos*; mas muitos outros aflitos poderiam apresentar-se a ele com sucesso.

“Foi assim que em Chartères, vilarejo bem próximo daquele em que habito, vi e revi um homem de cerca de cinquenta anos que, desde 1856, vomitava tudo o que comia. No momento em que foi ver o zuavo, tinha partido muito doente e vomitava pelo menos três vezes ao dia. Vendo-o, o Sr. Jacob lhe disse: ‘Estais curado!’ e, durante a sessão, convidou-o a comer e beber. O pobre camponês, dominando sua apreensão, comeu e bebeu e não se sentiu mal. Há mais de três semanas que não sente o menor mal-estar. A cura foi instantânea. Inútil acrescentar que o Sr. Jacob não o fez tomar qualquer medicamento, nem lhe prescreveu nenhum tratamento. Somente a sua ação fluídica, como uma comoção elétrica, tinha bastado para restituir os órgãos ao seu estado normal.”

Observação – Esse homem é dessas naturezas rudes, que se exaltam muito pouco. Se, pois, uma só palavra tivesse bastado

para superexcitar sua imaginação a ponto de curar instantaneamente uma gastrite crônica, seria preciso convir que o fenômeno fosse ainda mais surpreendente que a cura, e bem merecesse alguma atenção.

A filha do dono do “hôtel de la Meuse”, em Mourmelon, doente do peito, estava tão fraca a ponto de não poder deixar o leito. O zuavo a convidou a levantar-se, o que ela fez imediatamente; para estupefação dos numerosos espectadores, desceu a escada *sem ajuda* e foi passear no jardim com seu novo médico. Desde esse dia a moça passa bem. Não sou médico, mas não creio que esta seja uma doença nervosa.

“O Sr. B..., gerente de pensão, que dá pulos à idéia da intervenção dos Espíritos no assunto, contou-me que uma senhora, há muito doente do estômago, tinha sido curada pelo zuavo e que, desde então, tinha engordado notavelmente, cerca de vinte libras.”

Observação – Esse senhor, que se exaspera à idéia da intervenção dos Espíritos, não ficaria muito contrariado, quando, estando morto, seu próprio Espírito pudesse vir assistir as pessoas que lhe são caras, curá-las e lhes provar que ele não está perdido para elas?

“Quanto aos enfermos propriamente ditos, os resultados por eles obtidos são mais estupefacientes, porque o olho aprecia imediatamente os resultados.

“Em Treloup, vilarejo situado a 7 ou 8 quilômetro daqui, um velho de setenta anos estava entravado e nada podia fazer. Deixar sua cadeira era quase impossível. A cura foi completa e instantânea. Ontem ainda me falavam do caso. Pois bem! diziam-me, eu o vi, o pai Petit; *ele ceifava!*

“Uma mulher de Mourmelon tinha a perna tolhida, imobilizada; o joelho estava à altura do estômago. Agora anda e passa bem.

“No dia em que o zuavo foi interdito, um pedreiro percorreu exasperado o Mourmelon, dizendo que queria enfrentar os que impediam o médium de *trabalhar*. Esse pedreiro tinha os dois punhos voltados para o interior dos braços. Hoje os seus punhos se movem como os nossos e ganha dois francos a mais por dia.

“Quantas pessoas chegaram *carregadas* e puderam voltar sozinhas, tendo recuperado o uso de seus membros durante a sessão!

“Uma criança de cinco anos, trazida de Reims, que nunca tinha andado, andou imediatamente.

“O fato seguinte foi, a bem dizer, o ponto de partida da faculdade do médium, ou, pelo menos, o exercício público dessa faculdade, tornada notável:

“Chegando a Ferté-sous-Jouarre, e dirigindo-se para o campo, o regimento de zuavos estava reunido na praça pública. Antes de dispersar os soldados, a banda executa um trecho musical. No número dos espectadores achava-se uma menina num carrinho, empurrado pelos pais. A menina foi apontada ao zuavo por um de seus camaradas. Terminada a música, ele se encaminha para ela e, dirigindo-se aos pais, lhes pergunta: Então esta menina é doente? – Ela não pode andar, responderam-lhe. Há dois anos tem na perna um aparelho ortopédico. – Tirai, então, o aparelho; ela não precisa mais dele. Isto foi feito, não sem alguma hesitação, e a menina andou. Então foram ao café e o pai, louco de alegria, queria que o homem dos refrescos trouxesse todo o seu estoque, para que os zuavos bebessem.

Agora vou dizer como o médium procedia, isto é, vou relatar uma sessão, à qual não assisti, mas que me foi detalhada por vários doentes.

“O zuavo faz entrarem os doentes. As dimensões do local determinam o seu número. Assim, ao que afirmam, teve de

transferir-se do ‘hôtel de l’Europe’, onde não podia admitir senão dezoito pessoas, por vez, para o ‘hôtel de la Meuse’, onde era possível admitir vinte e cinco a trinta. Entram. Os que moram nas regiões mais afastadas são geralmente convidados a vir primeiro. Certas pessoas querem falar: ‘Silêncio! diz ele; os que falarem eu os... ponho na rua!’ Ao cabo de dez a quinze minutos de silêncio e de imobilidade geral, ele se dirige a alguns doentes, raramente interroga, mas lhes diz o que sofrem. Depois, caminhando ao longo da grande mesa, em torno da qual estão sentados os doentes, fala a todos, mas sem ordem; toca-os, mas sem gestos que lembrem os dos magnetizadores; depois despede todos, dizendo a uns: ‘Estais curados; ide embora;’ a outros: ‘Curareis sem nada fazer; apenas tendes fraqueza;’ a alguns, mais raramente: ‘Nada posso por vós.’ Querem agradecer e ele responde *muito militarmente*, que nada há que agradecer e põe os clientes para fora. Às vezes lhes diz: ‘É à Providência que deveis dirigir os vossos agradecimentos.’

“No dia 7 de agosto uma ordem do marechal veio interromper o curso das sessões. Logo após a interdição, e visto a enorme afluência dos doentes em Mourmelon, tiveram de empregar a respeito do médium um meio sem precedentes. Como não havia cometido nenhuma falta e observava a disciplina com muito rigor, não podiam prendê-lo. Contrataram um plantonista para o seguir a toda parte e impedir que alguém se aproximasse dele, fosse quem fosse.

“Disseram-me que todas essas curas seriam toleradas, desde que a palavra Espiritismo não fosse pronunciada, e não creio que o Sr. Jacob o tenha feito. Foi a partir desse momento que usaram de rigor contra ele.

“De onde vem o pavor que causa o simples nome do Espiritismo, mesmo quando só faz o bem, consola os aflitos e alivia a Humanidade sofredora? De minha parte, creio que certa gente tem medo que ele faça muito bem.

“Nos primeiros dias do mês de setembro o Sr. Jacob quis vir passar dois dias em minha casa, em cumprimento de uma promessa eventual que me fizera no campo de Châlons. O prazer que tive em recebê-lo foi decuplicado pelos serviços que pôde prestar a bom número de infelizes. Depois de sua partida, quase diariamente eu me punha ao corrente do estado dos doentes tratados e a seguir vos dou o resultado de minhas observações. A fim de ser exato como um levantamento estatístico, e a título de informações ulteriores, se for o caso, aqui os inscrevo nominalmente. (Segue uma lista de trinta e poucos nomes, com designação da idade, da doença e do resultado obtido).

“O Sr. Jacob é sinceramente religioso. O que eu faço, dizia-me ele, não me surpreende. Eu faria coisas muito mais extraordinárias e não ficaria mais espantado, porque sei que Deus pode o que quiser. Só me admiro de uma coisa: é ter tido o imenso favor de ter sido o instrumento que ele escolheu. Hoje ficam admirados do que obtenho, mas quem sabe se num mês, num ano, não haverá dez, vinte, cinqüenta médiuns como eu e mais fortes que eu? O Sr. Kardec, que procura e deve procurar estudar fatos como os que aqui se passam, deveria ter vindo. Hoje, amanhã, posso perder a minha faculdade, o que para ele seria um estudo perdido; ele deve fazer o histórico de semelhantes fatos.”

OBSERVAÇÃO

Sem dúvida nos teríamos sentido feliz em testemunhar os fatos relatados acima, e provavelmente teríamos ido ao campo de Châlons, se tivéssemos tido a possibilidade e se tivéssemos sido informado em tempo hábil. Só o soubemos por via indireta dos jornais, quando estávamos em viagem e confessamos não ter uma confiança absoluta em seus relatos. Teríamos muito que fazer se fosse necessário ir pessoalmente controlar tudo o que relatam do Espiritismo, ou mesmo tudo quanto nos é assinalado por nossa

correspondência. Ali só podíamos ir com a certeza de não ter uma decepção, e quando o relato do Sr. Boivinet nos chegou, o campo estava interdito. Aliás, a vista desses fatos nada nos teria ensinado de novo, pois cremos compreendê-los. Teria sido simplesmente constatar a sua realidade. Mas o testemunho de um homem como o Sr. Boivinet, ao qual tínhamos mandado uma carta para o Sr. Jacob, pedindo que nos instruisse do que teria visto, nos bastava completamente. Não houve, pois, perda para nós, senão o prazer de ter visto pessoalmente o Sr. Jacob trabalhando, o que, esperamos, tanto poderá acontecer no campo de Châlons quanto em outro lugar.

Assim, só falamos das curas do Sr. Jacob porque são autênticas. Se nos tivessem parecido suspeitas, ou eivadas pelo charlatanismo ou por uma basófia ridícula, que as tivessem tornado mais prejudiciais do que úteis à causa do Espiritismo, nós nos teríamos absterido, a despeito do que tivessem dito, como o fizemos em várias outras circunstâncias, pois não queremos passar como editor responsável por nenhuma excentricidade, nem secundar as vistas ambiciosas e interesseiras, que por vezes se ocultam sob aparências de devotamento. Eis por que somos circunspectos em nossas apreciações dos homens e das coisas, e também porque nossa Revista não se transforma em incensório em proveito de ninguém.

Mas aqui se trata de uma coisa séria, fecunda em resultados, e capital no duplo ponto de vista do fato em si e da realização de uma das previsões dos Espíritos. Com efeito, desde longa data eles anunciaram que a mediunidade curadora se desenvolveria em proporções excepcionais, de modo a chamar a atenção geral, e nós cumprimentamos o Sr. Jacob por ser um dos primeiros a dar o exemplo. Mas aqui, como em todos os gêneros de manifestações, para nós a pessoa se apaga diante da questão principal.

Desde que o dom de curar não é o resultado do trabalho, nem do estudo, nem de um talento adquirido, aquele que o possui não pode dele vangloriar-se. Louva-se um grande artista, um sábio, porque devem o que são aos próprios esforços. Mas o médium mais bem-dotado não passa de um instrumento passivo, de que os Espíritos se servem hoje e podem deixar amanhã. Que seria o Sr. Jacob se perdesse sua faculdade, que ele é prudente em prever? O que era antes: o músico dos zuavos; ao passo que, aconteça o que acontecer, sempre restará ao sábio a Ciência e ao artista o talento. Somos felizes por ver o Sr. Jacob partilhar destas idéias; por conseguinte, não é a ele que se dirigem estas reflexões. Não temos dúvida de que ele será igualmente de nossa opinião, quando dissermos que o que constitui um mérito real num médium, o que se pode e deve louvar com razão, é o emprego que faz de sua faculdade; é o zelo, o devotamento, o desinteresse com os quais se põe a serviço daqueles a quem ela pode ser útil; é ainda a modéstia, a simplicidade, a abnegação, a benevolência que transpiram em suas palavras e que todas as suas ações justificam, porque essas qualidades lhe pertencem como coisa particular. Assim, não é o médium que se deve pôr num pedestal, do qual amanhã poderá descer, mas o homem de bem, que sabe tornar-se útil sem ostentação e sem proveito para a sua vaidade.

O desenvolvimento da mediunidade curadora forçosamente terá conseqüências de alta gravidade, que serão objeto de um exame especial e aprofundado em próximo artigo.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

NOVEMBRO DE 1866

Nº 11

Maomé e o Islamismo

(2º artigo – Vide o número de agosto de 1866)

Foi em Medina que Maomé mandou construir a primeira mesquita, na qual trabalhou com as próprias mãos e organizou um culto regular. Aí pregou pela primeira vez em 623. Todas as medidas tomadas por ele testemunhavam a sua solicitude e previdência.

Diz o Sr. Barthélemy Saint-Hilaire que “Um traço característico, ao mesmo tempo, do homem e de seu tempo, é a escolha feita por Maomé de três poetas de Medina, oficialmente encarregados de o defender contra as sátiras dos poetas de Meca. Provavelmente, não porque nele o amor fosse mais excitável do que convinha; mas, numa nação espirituosa e viva esses ataques tinham uma repercussão análoga à que podem ter os nossos jornais, atualmente, e eles eram muito perigosos.”

Dissemos que Maomé foi constrangido a fazer-se guerreiro. Com efeito, ele absolutamente não era de humor belicoso, como o havia provado nos primeiros cinqüenta anos de

sua vida. Ora, mal tinham passados dois anos de sua permanência em Medina e os coraicitas de Meca, coligados com outras tribos hostis, vieram sitiar a cidade. Maomé teve que se defender; desde então começou para ele o período guerreiro, que durou dez anos e durante o qual se mostrou, sobretudo, um tático hábil. Num povo em que a guerra era um estado normal, que só conhecia o direito da força, o chefe da nova religião necessitava do prestígio da vitória para firmar a sua autoridade, mesmo sobre os seus partidários. A persuasão tinha pouco domínio sobre essas populações ignorantes e turbulentas; uma mansuetude em demasia teria sido tomada como fraqueza. Em seu pensamento, o Deus forte não podia manifestar-se senão por um homem forte, e o Cristo, com sua inalterável doçura, teria fracassado nessas regiões.

Maomé foi, pois, guerreiro pela força das circunstâncias, muito mais que por seu caráter, e terá sempre o mérito de não ter sido o provocador. Uma vez iniciada a luta, tinha de vencer ou morrer; só com esta condição poderia ser aceito como o enviado de Deus; era preciso que os seus inimigos fossem abatidos para se convencerem da superioridade de seu Deus sobre os ídolos que adoravam. Com exceção de um dos primeiros combates, onde foi ferido, e os muçulmanos derrotados em 625, suas armas foram constantemente vitoriosas, submetendo à sua lei, no espaço de alguns anos, a Arábia inteira. Quando viu sua autoridade consolidada e a idolatria destruída, entrou triunfalmente em Meca, após dez anos de exílio, seguido de quase cem mil peregrinos, aí realizando a célebre peregrinação dita do adeus, cujos ritos os muçulmanos conservaram escrupulosamente. Morreu no mesmo ano, dois meses depois de seu regresso a Medina, no dia 8 de junho de 632, com sessenta e dois anos de idade.

Deve-se julgar Maomé pela história autêntica e imparcial, e não conforme as lendas ridículas que a ignorância e o fanatismo espalharam por sua conta ou as descrições feitas pelos

que tinham interesse em desacreditá-lo, apresentando-o como um ambicioso sanguinário e cruel. Também não se deve responsabilizá-lo pelos excessos de seus sucessores, que quiseram conquistar o mundo para a fé muçulmana de espada em punho. Sem dúvida houve grandes infâmias no último período de sua vida; ele pode ser censurado por ter abusado, em algumas circunstâncias, do direito de vencedor e de nem sempre ter agido com a moderação necessária. Entretanto, ao lado de alguns atos que a nossa civilização reprova, é preciso dizer, em sua defesa, que muitíssimas vezes ele se mostrou muito mais humano e clemente para com os inimigos do que vingativo e que inúmeras vezes deu provas de verdadeira grandeza de alma. Deve-se reconhecer, também, que mesmo em meio aos seus sucessos e quando havia chegado ao ponto culminante de sua glória, ele se fechou, até o seu último dia, no seu papel de profeta, sem jamais usurpar uma autoridade temporal despótica. Não se fez rei, nem potentado e jamais, em sua vida privada, se manchou por algum ato de fria barbárie ou de baixa cupidez. Sempre viveu simplesmente, sem fausto e sem luxo, mostrando-se bom e benevolente para com todos. Isto é da História.

Se nos reportarmos ao tempo e ao meio em que ele vivia; se considerarmos sobretudo as perseguições de que ele e os seus foram alvo, o encarniçamento de seus inimigos e os atos de barbárie que estes cometeram contra os seus partidários, é de admirar que no entusiasmo da vitória por vezes tenha usado de represálias? Deve-se censurá-lo por ter estabelecido a sua religião pelo ferro, num povo bárbaro que o combatia, quando a Bíblia registra, como fatos gloriosos para a fé, carnificinas de tal atrocidade que se é tentado a tomá-las como lendas? Quando, mil anos depois dele, nos países civilizados do Ocidente, cristãos, que tinham por guia a sublime lei do Cristo, atirando-se sobre vítimas pacíficas, sufocavam as heresias nas fogueiras, nas torturas, nos massacres e em ondas de sangue?

Se o papel guerreiro de Maomé lhe foi uma necessidade, e se esse papel pode escusá-lo de certos atos políticos, o mesmo não se dá com outros aspectos. Até a idade de cinqüenta anos, e enquanto viveu sua primeira mulher Cadija, quinze anos mais velha que ele, seus costumes foram irreprocháveis; mas desde esse momento suas paixões não conheceram nenhum freio e foi, incontestavelmente, para justificar o abuso que delas fez, que consagrou a poligamia em sua religião. Foi o seu mais grave erro, porque foi a barreira que ergueu entre o islamismo e o mundo civilizado; por isso sua religião não pôde, após doze séculos, transpor os limites de certas raças. É também o lado pelo qual o seu fundador mais se rebaixa aos nossos olhos. Os homens de gênio perdem sempre o seu prestígio quando se deixam dominar pela matéria; ao contrário, crescem tanto mais quanto mais se elevam acima das fraquezas da Humanidade.

Entretanto, tais eram os desregramentos dos costumes na época de Maomé, que uma reforma radical era muito difícil em homens habituados a se entregar às suas paixões com uma brutalidade bestial. Pode, pois, dizer-se que, regulamentando a poligamia, ele impôs limites à desordem e conteve abusos bem mais graves; mas nem por isso a poligamia deixará de ser o verme roedor do islamismo, porque é contrária às leis da Natureza. Pela igualdade numérica dos sexos, a própria Natureza traçou os limites das uniões. Permitindo quatro mulheres legítimas, Maomé não pensou que, para que sua lei se tornasse a da universalidade dos homens, seria preciso que o sexo feminino fosse ao menos quatro vezes mais numeroso que o masculino.

A despeito de suas imperfeições, o islamismo não deixou de ser um grande benefício para a época em que surgiu e para o país onde nasceu, porque fundou o culto da unidade de Deus sobre as ruínas da idolatria. Era a única religião possível para esses povos bárbaros, aos quais não era preciso pedir grandes sacrifícios às suas idéias e costumes. Era-lhes necessário algo de

simples como a Natureza, em meio da qual viviam; a religião cristã tinha muitas sutilezas metafísicas; por isso, todas as tentativas feitas durante cinco séculos para implantá-la nessas regiões, tinham fracassado completamente; o próprio judaísmo, muito argumentador, tinha feito poucos prosélitos entre os árabes embora os judeus propriamente ditos aí fossem bastante numerosos.

Superior à sua raça, Maomé tinha compreendido os homens de seu tempo. Para os tirar do aviltamento em que os mantinham grosseiras crenças, rebaixadas a um estúpido fetichismo, deu-lhes uma religião apropriada às suas necessidades e ao seu caráter. Essa religião era a mais simples de todas: “Crença num Deus único, todo-poderoso, eterno, infinito, presente em toda parte, clemente e misericordioso, criador dos céus, dos anjos e da Terra, Pai do homem, sobre o qual vela e o cumula de bens; remunerador e vingador numa outra vida, onde nos espera para nos recompensar ou nos punir conforme os nossos méritos; vendo nossas ações mais secretas e presidindo ao destino inteiro de suas criaturas, que não abandona um só instante, nem neste mundo, nem no outro; a mais humilde submissão e confiança absoluta em sua santa vontade.” Eis os dogmas.

Quanto ao culto, consiste na prece, repetida cinco vezes por dia, os jejuns e as mortificações do mês de ramadã, e em certas práticas, das quais diversas tinham um fim higiênico, tais as abluções quotidianas, a abstenção do vinho, dos licores inebriantes, da carne de certos animais, e que os fiéis consideram um caso de consciência observar escrupulosamente. A sexta-feira foi adotada como o dia santo da semana e Meca indicada como o ponto para o qual todo muçulmano deve voltar-se ao orar. O serviço público nas mesquitas consiste em preces em comum, sermões, leitura e explicação do Alcorão. A circuncisão não foi instituída por Maomé, mas por ele conservada; era praticada entre os árabes desde tempos imemoriais. A proibição de reproduzir pela pintura ou pela

escultura qualquer ser vivo, homens e animais, foi feita visando destruir a idolatria, e impedir que ela tornasse a crescer. Enfim, a peregrinação a Meca, que todo fiel deve realizar ao menos uma vez na vida, é um ato religioso; mas tinha outro objetivo na época, um objetivo político, o de aproximar, por um laço fraternal, as diversas tribos inimigas, reunindo-as num comum sentimento de piedade, num mesmo lugar consagrado.

Do ponto de vista histórico, a religião muçulmana admite o Antigo Testamento por inteiro, até Jesus-Cristo, inclusive, que reconhece como profeta. Segundo Maomé, Moisés e Jesus eram enviados de Deus para ensinar a verdade aos homens; o Evangelho, assim como a lei do Sinai, é a palavra de Deus; mas os cristãos lhe alteraram o sentido. Declara, em termos explícitos, que não traz crenças novas, nem culto novo, mas que vem restabelecer o culto do Deus único professado por Abraão. Só fala com respeito dos patriarcas e dos profetas que o precederam: Moisés, Davi, Isaías, Ezequiel e Jesus-Cristo; do Pentateuco, dos Salmos e do Evangelho. São os livros que precederam e prepararam o Alcorão. Longe de ocultar os empréstimos que lhes faz, disto se vangloria, e a grandeza deles é o fundamento da sua. Pode-se julgar de seus sentimentos e do caráter de suas instruções pelo fragmento seguinte do último discurso que pronunciou em Meca, quando da peregrinação do adeus, pouco antes de sua morte, e conservado na obra de Ibn-Ishâc e de Ibn-Ishâm:

“Ó povos! escutai minhas palavras, pois não sei se, no próximo ano, poderei encontrar-me ainda convosco neste lugar. Sede humanos e justos entre vós. Que a vida, a propriedade de cada um sejam invioláveis e sagradas para os outros; que aquele que recebeu um depósito o devolva fielmente àquele que o confiou. Comparecereis diante do Senhor e ele vos pedirá contas de vossas ações. Tratai bem as mulheres; elas são vossas auxiliares e nada podem por si sós. Vós as tomastes como um bem que Deus vos confiou e delas tomastes posse por palavras divinas.

“Ó povos! escutai minhas palavras e fixai-as em vossos espíritos. Eu vos revelei tudo; deixo-vos uma lei que vos preservará para sempre do erro, se a ela vos manterdes ligados fielmente; uma lei clara e positiva, o livro de Deus e o exemplo de seu profeta.

“Ó povos! escutai minhas palavras e fixai-as em vossos espíritos. Sabei que todo muçulmano é irmão do outro; que todos os muçulmanos são irmãos entre si, que sois todos iguais entre vós e que sois apenas uma família de irmãos. Guardai-vos da injustiça; ninguém deve cometê-la em detrimento de seu irmão: ela ocasionará a vossa perda eterna.

“Ó Deus! Dei meu recado e terminei minha missão? – A multidão que o cercava respondeu: ‘Sim, tu a concluíste.’ E Maomé exclamou: Ó Deus, digna-te receber este testemunho!”

Eis agora o julgamento de Maomé e da influência de sua doutrina, feito por um de seus historiógrafos, o Sr. G. Weil, em sua obra alemã intitulada: *Mohammed der Prophet*, às páginas 400 e seguintes:

“A doutrina de Deus e dos santos destinos do homem, pregada por Maomé num país que estava entregue à mais brutal idolatria, e que da imortalidade da alma apenas fazia uma idéia, tanto mais nos deve reconciliar com ele, apesar de suas fraquezas e de suas faltas, quanto sua vida particular não podia exercer sobre os seus adeptos nenhuma influência prejudicial. Longe de se dar jamais por modelo, ele queria sempre que o olhassem como um ser privilegiado, a quem Deus permitia pôr-se acima da lei comum. E, de fato, ele foi cada vez mais considerado sob essa luz especial.

“Seríamos injustos e cegos se não reconhecêssemos que seu povo lhe deve ainda outra coisa de verdadeiro e de bom. Ele reuniu numa só grande nação, crente fraternalmente em Deus, as inumeráveis tribos árabes, até então inimigas entre si. Em lugar do mais violento arbítrio, do direito da força e da luta individual, ele

estabeleceu um direito inquebrantável que, a despeito de suas imperfeições, forma sempre a base de todas as leis do islamismo. Limitou a vingança do sangue que, antes dele, se estendia até os parentes mais afastados e a limitou àquele que os juízes reconhecessem por assassino. Mereceu bem sobretudo do belo sexo, não só protegendo as meninas contra o atroz costume que muitas vezes as imolavam por seus pais; mas, além disso, protegendo as mulheres contra os parentes de seus maridos, que as herdavam como coisas materiais, protegendo-as contra os maus-tratos dos homens. Restringiu a poligamia, não permitindo aos crentes senão quatro mulheres legítimas, em vez de dez, como era uso, principalmente em Medina. Sem ter emancipado inteiramente os escravos, foi bom e útil para eles de várias maneiras. Para os pobres, não só recomendou sempre a beneficência para com eles, mas estabeleceu formalmente um imposto em seu favor e lhes concedeu uma parte especial no espólio e no tributo. Proibindo o jogo, o vinho e todas as bebidas inebriantes, preveniu muitos vícios, muitos excessos, muitas querelas e muitas desordens.

“Embora não consideremos Maomé como um verdadeiro profeta, porque, para propagar sua religião empregou meios violentos e impuros; porque ele próprio foi muito fraco para se submeter à lei comum; e porque se dizia o selo dos profetas, declarando que Deus sempre podia substituir o que ele havia dado por algo de melhor, teve, não obstante, o mérito de ter feito penetrar as mais belas doutrinas do Antigo e do Novo Testamento num povo que não era esclarecido por nenhum raio da fé; nessa qualidade deve parecer, mesmo a olhos não maometanos, como um enviado de Deus.”

Como complemento deste estudo, citaremos algumas passagens textuais do Alcorão, tomadas da tradução de Savary:

Em nome de Deus clemente e misericordioso. – Louvor a Deus, soberano dos mundos. – A misericórdia é a sua partilha. – Ele é o rei no dia do juízo. – Nós te adoramos, Senhor, e imploramos a tua assistência. – Dirige-nos

na senda da salvação – na senda dos que cumulaistes com os teus beneficios; – dos que não mereceram a tua cólera e se preservaram do erro. (*Introdução*, Surata I).

Ó mortais, adorai o Senhor que vos criou, vós e vossos pais, a fim de que o temais; que vos deu a terra por leito e o céu por teto; que fez descer a chuva dos céus para produzir todos os frutos de que vos alimentais. Não deis sócio ao Altíssimo; vós o sabeis. (Surata II, v. 19 e 20).

Por que não credes em Deus? Estáveis mortos, ele vos deu a vida; ele extinguirá vossos dias e lhes acenderá o facho. Voltareis a ele. – Ele criou para vosso refúgio tudo que há sobre a Terra. Voltando depois seu olhar para o firmamento, formou os sete céus. É ele cuja ciência abarca o Universo. (Surata II, v. 26, 27).

O Oriente e o Ocidente pertencem a Deus; para qualquer lugar que se voltem vossos olhos, encontrareis sua face. Ele enche o Universo com a sua imensidade e com a sua ciência. – Ele formou a Terra e os céus. Quer produzir alguma obra? diz: “Seja feita”; e a obra está feita. – Os ignorantes dizem: “Se Deus não nos fala e se não nos fazes ver um milagre, não cremos.” Assim falavam seus pais; seus corações são semelhantes. Fizemos brilhar bastantes prodígios para os que têm fé. (Surata II, v. 109 a 112).

Deus não exigirá de cada um de nós senão conforme as suas forças. Cada um terá em seu favor suas boas obras e contra si o mal que houver feito. Senhor, não nos castigues por faltas cometidas por esquecimento. Perdoa nossos pecados; não nos imponhas o fardo que carregaram os nossos pais. Não nos carregues acima de nossas forças. Faze brilhar para os teus servos o perdão e a indulgência. Tem compaixão de nós; és o nosso socorro. Ajuda-nos contra as nações infíeis. (Surata II, v. 286).

Ó Deus, rei supremo, das e tiras à vontade as coroas e o poder. Elevas e rebaixas os humanos à tua vontade; o bem está em tuas mãos: tu és o Todo-Poderoso. – Mudas o dia em noite e a noite em dia. Fazes sair a vida do seio da morte e a morte do seio da vida. Derramas teus tesouros infinitos sobre quem te apraz. (Surata III, v. 25 e 26).

Ignorais quantos povos fizemos desaparecer da face da Terra? Nós lhes havíamos dado um império mais estável que o vosso. Mandávamos as nuvens derramar a chuva sobre os seus campos; aí fazíamos correrem os rios. Só os seus crimes causaram a sua ruína. Nós os substituímos por outras nações. (Surata VI, v. 6).

É a Deus que deveis o sono da noite e o despertar da manhã. Ele sabe o que fazeis durante o dia. Ele vos deixa realizar o percurso da vida. *Reaparecereis* diante dele e ele vos mostrará as vossas obras. – Ele domina os seus servos. Ele vos dá como guardas anjos encarregados de terminar vossos dias no momento prescrito. Eles executam cuidadosamente a ordem do céu. – *Voltareis* em seguida diante do Deus da verdade. Não é a ele que compete julgar? Ele é o mais exato dos juízes. – Quem vos livra das tribulações da terra e dos mares, quando, invocando-o em público ou no íntimo de vossos corações, exclamais: “Senhor, se afastares de nós esses males, nós te seremos reconhecidos?” – É Deus que deles vos livra. É sua bondade que vos alivia da pena que vos oprime; e depois voltais à idolatria. (Surata VI, v. 60 a 64).

Todos os segredos são desvendados aos seus olhos; é grande o Altíssimo. – Aquele que fala em segredo, aquele que fala em público, o que se envolve nas sombras da noite e o que aparece em pleno dia, lhes são igualmente conhecidos. – É ele quem faz brilhar o raio aos vossos olhos para vos inspirar o temor e a esperança. É ele quem eleva as nuvens carregadas de chuva. – O trovão celebra seus louvores. Os anjos tremem em sua presença. Ele lança o raio e este fere as vítimas marcadas. Os homens rivalizam com Deus, mas ele é o forte e o poderoso. – Ele é a verdadeira invocação. Os que imploram outros deuses não serão atendidos. Assemelham-se ao viajante que, premido pela sede, estende a mão para a água que não pode alcançar. A invocação dos infieis se perde na noite do erro. (Surata XIII, v. 10 a 15).

Jamais digas: “Farei isto amanhã”, sem acrescentar: “Se for da vontade de Deus.” Eleva a ele o teu pensamento, quando tiveres esquecido alguma coisa, e dize: “Talvez ele me esclareça e me faça conhecer a verdade.” (Surata XVIII, v. 23).

Se as ondas do mar se transmudassem em tinta para descrever os louvores do Senhor, seriam esgotadas antes de ter celebrado todas as suas maravilhas. Um outro oceano semelhante ainda não bastaria. (Surata XVIII, v. 109).

Aquele que busca a verdadeira grandeza a encontra em Deus, fonte de todas as perfeições. Os discursos virtuosos sobem ao seu trono. Ele exalta as boas obras; pune rigorosamente o celerado que trama perfídias.

Não, o céu jamais revoga o decreto que ele pronunciou. – Não percorreram a Terra? não viram que ela foi o fim deplorável dos povos que, antes deles, marcharam nos caminhos da iniquidade? Esses povos eram mais fortes e mais poderosos do que eles. Mas nada nos céus e na Terra pode opor-se às

vontades do Altíssimo. A ciência e a força são seus atributos. – Se Deus punisse os homens desde o instante em que se tornam culpados, não restaria sobre a Terra um ser animado. Ele adia os castigos até ao termo marcado. – Quando chegar o tempo, ele distingue a ação de seus servidores. (Surata XXXV, v. 11, 41 a 45).

Bastam estas citações para mostrar o profundo sentimento de piedade que animava Maomé e a idéia grande e sublime que fazia de Deus. O Cristianismo poderia reivindicar este quadro.

Maomé não ensinou o dogma da fatalidade absoluta, como geralmente se pensa. Esta crença, de que estão imbuídos os muçulmanos, e que paralisa sua iniciativa em muitas circunstâncias, não passa de falsa interpretação e falsa aplicação do princípio da submissão à vontade de Deus, levado além dos limites racionais; não compreendem que esta submissão não exclui o exercício das faculdades humanas, e lhes falta como corretivo a máxima: Ajuda-te, e o céu te ajudará.

As passagens seguintes tratam de pontos particulares da doutrina:

Deus tem um filho, dizem os cristãos. Longe dele esta blasfêmia! Tudo o que está no céu e na Terra lhe pertencem. Todos os seres obedecem à sua voz. (Surata II, v. 110).

Ó vós que recebestes as Escrituras, não ultrapasseis os limites da fé; não digais de Deus senão a verdade. Jesus é filho de Maria, o enviado do Altíssimo e o seu Verbo. Ele o fez descer no seio de Maria; ele é seu sopro. Crede em Deus e em seus apóstolos; mas não digais que há uma trindade em Deus. Ele é uno: esta crença vos será mais segura. Longe de ter um filho, ele governa só o céu e a Terra; ele se basta a si mesmo. – O Messias não corará por ser o servo de Deus, assim como os anjos que cercam o seu trono e lhe obedecem. (Surata IV, v. 169, 170).

Os que sustentam a trindade de Deus são blasfemos; não há senão um só Deus. Se não mudarem de crença, um doloroso suplício será o prêmio de sua impiedade. (Surata V, v. 77).

Os judeus dizem que Ozaï é filho de Deus. Os cristãos dizem a mesma coisa do Messias. Falam como os infiéis que os precederam. O céu punirá suas blasfêmias. Eles chamam senhores aos seus pontífices, seus monges, e o Messias filho de Maria. Mas lhes é recomendado servir a um só Deus: não há outro. Anátema sobre os que eles associam ao seu culto (Surata IX, v. 30, 31).

Deus não tem filhos; não partilha o império com outro Deus. Se assim fosse, cada um deles quereria apropriar-se de sua criação e elevar-se acima de seu rival. Louvor ao Altíssimo. Longe dele essas blasfêmias! (Surata XXII, v. 93).

Declara, ó Maomé, o que o céu te revelou. – A assembléia os gênios, tendo escutado a leitura do Alcorão, exclamou: “Eis uma doutrina maravilhosa. – Ela conduz à verdadeira fé e não damos uma igual a Deus. – Glória à sua Majestade suprema! Deus não tem esposa; ele não gerou. (Surata LXXII, v. 1 a 4).

Dizei: “Cremos em Deus, no livro que nos enviou, no que foi revelado a Abraão, Ismael, Isaac, Jacob e às doze tribos. Cremos na doutrina de Moisés, de Jesus e de seus profetas; não fazemos nenhuma diferença entre eles e somos muçulmanos.” (Surata II, v. 130).

Não há senão o Deus vivo e eterno. – Ele te enviou o livro que encerra a verdade, para confirmar a verdade das Escrituras que o precederam. Antes dele, fez descer o Pentateuco e o Evangelho, para servirem de guias aos homens; enviou o Alcorão dos céus. – Os que negarem a doutrina divina só devem esperar suplícios; Deus é poderoso e a vingança está em suas mãos. (Surata III, v. 1, 2, 3).

Há os que dizem: “Juramos a Deus não crer em nenhum outro profeta, a menos que a oferenda que ele apresenta seja confirmada pelo fogo do céu.” – Responde-lhes: “Tínheis profetas antes de mim; eles operaram milagres e aquele mesmo de que falais. Por que, então, manchastes as vossas mãos com seu sangue, se dizeis a verdade?” – Se negam a tua missão, trataram do mesmo modo os apóstolos que te precederam, embora fossem dotados do dom dos milagres e tivessem trazido o livro que esclarece (O Evangelho) e o livro dos salmos. (Surata III, v. 179 a 181).

Nós te inspiramos, como inspiramos Noé, os profetas, Abraão, Ismael, Isaac, Jacob, as tribos, Jesus, Job, Jonas, Aarão e Salomão. Nós demos os salmos de Davi. (Surata IV, v. 161).

Em muitas outras passagens Maomé fala no mesmo sentido e com o mesmo respeito dos profetas, de Jesus e do Evangelho. Mas é evidente que se equivocou quanto ao sentido ligado à Trindade e à qualidade de Filho de Deus, que toma ao pé da letra. Se esse mistério é incompreensível para tantos cristãos, e se entre estes suscitou tantos comentários e controvérsias, não é de admirar que Maomé não o tenha compreendido. Nas três pessoas da Trindade ele viu três deuses e não um só em três pessoas distintas; no filho de Deus ele viu uma procriação. Ora, a idéia que ele fazia do ser supremo era tão grande que a menor paridade entre Deus e um ser qualquer e a idéia de que pudesse partilhar o seu poder lhe parecia uma blasfêmia. Não se tendo Jesus jamais apresentado como Deus e não tendo falado da Trindade, esses dogmas lhe pareceram uma derrogação das próprias palavras do Cristo. Ele viu em Jesus e no Evangelho a confirmação do princípio da unidade de Deus, objetivo que ele mesmo perseguia. Eis por que os tinha em grande estima, ao passo que acusava os cristãos por se terem afastado deste ensinamento, fracionando Deus e deificando o seu Messias. Por isso se diz enviado depois de Jesus, para reconduzir os homens à unidade pura da divindade. Toda a parte dogmática do Alcorão repousa nesse princípio, que ele repete a cada passo.

Tendo suas raízes no Antigo e no Novo Testamento, o Islamismo é uma derivação deles. Pode-se considerá-lo como uma das numerosas seitas nascidas das dissidências que surgiram desde a origem do Cristianismo, no que respeita à natureza do Cristo, com a diferença que o Islamismo, formado fora do Cristianismo, sobreviveu à maioria dessas seitas e conta hoje cem milhões de sectários.

Maomé vinha combater com todo rigor, na sua própria nação, a crença em vários deuses, para aí restabelecer o culto abandonado do Deus único de Abraão e de Moisés; o anátema que lançou contra os infiéis e os ímpios tinha por objeto,

principalmente, a grosseira idolatria professada pelos de sua raça, mas, em contrapartida, também feria os cristãos. Tal a causa do desprezo dos muçulmanos por tudo quanto leva o nome de cristão, malgrado seu respeito por Jesus e pelo Evangelho. Esse desprezo se transformou em ódio sob a influência do fanatismo alimentado e superexcitado por seus sacerdotes. Digamos, também, que, por seu lado, os cristãos não estão isentos de censura e que eles mesmos alimentaram este antagonismo por suas próprias agressões.

Conquanto censurasse os cristãos, Maomé não tinha por eles sentimentos hostis e no próprio Alcorão recomenda respeito para com eles, mas o fanatismo os englobou na proscricção geral dos idólatras e dos infiéis, cuja presença não deve macular os santuários do islamismo, razão por que a entrada nas mesquitas, em Meca e nos lugares santos lhes é interdita.²³ Deu-se o mesmo em relação aos judeus, e se Maomé os castigou rudemente em Medina, foi por se haverem coligado contra ele. Aliás, em parte alguma no Alcorão se encontra a exterminação dos judeus e dos cristãos instituída como um dever, como geralmente se crê. Seria, pois, injusto imputar-lhe os males causados por um zelo ininteligente e pelos excessos de seus sucessores.

Nós te inspiramos a abraçares a religião de Abraão, que reconhece a unidade de Deus e que só adora a sua majestade suprema. – Emprega a voz da sabedoria e da força da persuasão para chamar os homens a Deus. Combate com as armas da eloquência. Deus conhece perfeitamente os que estão transviados e os que marcham à luz da fé. (Surata XVI, v. 124, 126).

Se te acusam de impostura, responde-lhes: “Tenho por mim as minhas obras; que as vossas falem em vosso favor. Não sereis responsáveis pelo que faço e eu sou inocente pelo que fazeis.” (Surata X, v. 42).

23 **N. do T.:** Esta medida já foi liberalizada, pelo menos no Egito, onde qualquer cidadão pode visitar suas mesquitas sem ser molestado, desde que aí entre descalço e guarde atitude respeitosa.

Quando se cumprirão tuas ameaças? perguntam os infieis. Marca-nos um termo, se és verídico. Responde-lhes: “Os tesouros e as vinganças celestes não estão em minhas mãos; só Deus é o seu dispensador. Cada nação tem o seu termo fixado; ela não poderia apressá-lo ou retardá-lo um instante.” (Surata X, v. 49, 50).

Se negam a tua doutrina, sabe que os profetas vindos antes de ti sofreram a mesma sorte, embora os milagres, a tradição e o livro que esclarece (o Evangelho) atestassem a verdade de sua missão. (Surata XXXV, v. 23).

A cegueira dos infieis te surpreende e eles riem de teu assombro. – Em vão tu queres instruí-los: seu coração rejeita o ensino. – Se vissem milagres, zombariam; – eles o atribuiriam à magia. (Surata XXXVII, v. 12 a 15).

Estas não são ordens de um Deus sanguíneo, que ordena o extermínio. Maomé não se faz o executor de sua justiça; seu papel é o de instruir. Só a Deus cabe punir ou recompensar neste mundo e no outro. O último parágrafo parece escrito para os espíritas de nossos dias, tanto são os homens os mesmos, sempre e por toda parte.

Fazei a prece, dai esmolas; o bem que fizerdes encontrareis junto a Deus, porque ele vê vossas ações. (Surata II, v. 104).

Para ser justificado não basta virar o rosto para o oriente e para o ocidente; também é preciso crer em Deus, no juízo final, nos anjos, no Alcorão, nos profetas. É preciso pelo amor de Deus socorrer o próximo, os órfãos, os pobres, os viajantes, os cativos e os que demandam. É preciso fazer a prece, guardar sua promessa, suportar pacientemente a adversidade e os males da guerra. Tais os deveres dos verdadeiros crentes. (Surata II, v. 172).

Uma palavra honesta e o *perdão das ofensas* são preferíveis à esmola que resultasse da injustiça. Deus é rico e clemente. (Surata II, v. 265).

Se vosso devedor tem dificuldade em vos pagar, concedei-lhe tempo; ou, se quiserdes fazer melhor, perdoai-lhe a dívida. Se soubésseis! (Surata II, v. 280).

A vingança deve ser proporcional à injúria; mas o homem generoso que perdoa tem sua recompensa assegurada junto a Deus, que odeia a violência. (Surata XLII, v. 38).

Combatei vossos inimigos na guerra empreendida pela religião, mas não ataqueis primeiro; Deus odeia os agressores. (Surata II, v. 186).

Certamente os muçulmanos, os judeus, os cristãos e os sabeístas, que crêem em Deus e no juízo final, *e que fizeram o bem, receberão a recompensa de suas mãos*; estarão isentos do temor e dos suplícios. (Surata V, v. 73).

Não façais violência aos homens por causa de sua fé. A estrada da salvação é bem distinta do caminho do erro. Aquele que abjurar o culto dos ídolos pela religião santa terá agarrado uma coluna inabalável. O senhor sabe e ouve tudo. (Surata II, v. 257).

Não disputeis com os judeus e os cristãos senão em termos *honestos e moderados*. Entre eles confundi os ímpios. Dizei: Nós cremos no livro que nos foi revelado e em vossas escrituras. Nosso Deus e o vosso são apenas um. Somos muçulmanos. (Surata XXIX, v. 45).

Os cristãos serão julgados conforme o Evangelho; os que os julgarem de outro modo serão prevaricadores. (Surata V, v. 51).

Nós demos o Pentateuco a Moisés. É à sua luz que deve marchar o povo hebreu. *Não duvideis de encontrar no céu o guia dos israelitas*. (Surata XXXII, v. 23).

Se os judeus tivessem a fé e o temor do Senhor, nós apagaríamos os seus pecados; introduzi-los-íamos no jardim das delícias. A observação do Pentateuco, do Evangelho e dos preceitos divinos proporcionar-lhes-ia o gozo de todos os bens. Há entre eles os que marcham no bom caminho, mas em sua maioria são ímpios. (Surata V, v. 70).

Dize aos judeus e aos cristãos: “Terminemos nossas diferenças; admitamos apenas um Deus e não lhe demos um igual; que nenhum de nós tenha outro Senhor senão ele.” Se recusarem obedecer, dizei-lhes: “Pelo menos dareis testemunho que, quanto a nós, somos crentes.” (Surata III, v. 57).

Eis certas máximas de caridade e de tolerância, que gostaríamos de ver em todos os corações cristãos!

Nós te enviamos a um povo, que outros povos precederam, para que lhes ensines as nossas revelações. Eles não crêem nos misericordiosos. Dizei-lhes: “Ele é meu Senhor; não há Deus senão ele. Pus minha confiança em sua bondade. *Reaparecerei* diante de seu tribunal. (Surata XIII, v. 29).

Trouxemos aos homens um livro no qual brilha a ciência que deve esclarecer os fiéis e lhes proporcionar a misericórdia divina. – Esperam eles a realização do Alcorão? No dia em que for cumprido, os que tiverem vivido no esquecimento de suas máximas dirão: “Os ministros do Senhor nos pregavam a verdade. Onde encontraremos agora intercessores? Que esperança teremos de *voltar à Terra* para nos corrigirmos?” Eles perderam suas almas e suas ilusões desapareceram. (Surata VII, v. 50, 51).

A palavra *voltar* implica a idéia de já ter aparecido, isto é, de ter vivido antes da existência atual. Maomé o exprime claramente quando diz alhures: “*Reaparecereis* diante dele e ele vos mostrará as vossas obras. *Voltareis* diante do Deus de verdade.” É o fundo da doutrina da preexistência da alma, ao passo que, segundo a Igreja, a alma é criada ao nascer de cada corpo. A pluralidade das existências terrestres não está indicada no Alcorão de maneira tão explícita quanto no Evangelho; entretanto, a idéia de reviver na Terra entrou no pensamento de Maomé, pois tal seria, segundo ele, o desejo dos culpados de se corrigirem. Assim ele compreendeu que seria útil poder recomeçar uma nova existência.

Quando se lhes pergunta: Credes no que Deus enviou do céu? Eles respondem: “Cremos nas escrituras que recebemos.” E repelem o livro verdadeiro, vindo depois, para pôr o *selo* em seus livros sagrados. Dizei-lhes: “Por que matastes os profetas se tínheis fé?” (Surata II, v. 85).

Maomé não é o pai de nenhum de vós. É o enviado de Deus e o *selo* dos profetas. A ciência de Deus é infinita. (Surata XXXIII, v. 40).

Dando-se como o *selo* dos profetas, Maomé anuncia que é o último, a conclusão, porque disse toda a verdade; depois dele não virão outros. É um artigo de fé entre os muçulmanos. Do ponto de vista puramente religioso, ele caiu no erro de todas as religiões que se julgam inamovíveis, mesmo contra o progresso das ciências; mas para ele era quase uma necessidade, a fim de afirmar a autoridade de sua palavra num povo que lhe havia criado tanta dificuldade para converter à sua fé. Do ponto de vista social era um erro, porque o Alcorão, tanto como legislação civil quanto religiosa, pôs um freio no progresso. Tal a causa que tornou, e ainda tornará

por muito tempo, os povos muçulmanos estacionários e refratários às inovações e às reformas que não se acham no Alcorão. É um exemplo do inconveniente que há em confundir o que deve ser distinto. Maomé não levou em conta o progresso humano. É um erro comum a quase todos os reformadores religiosos. Por outro lado, não só era preciso reformar a fé, mas o caráter, os usos, os hábitos sociais de seus povos; era-lhe necessário apoiar suas reformas na autoridade da religião, como o fizeram todos os legisladores dos povos primitivos. A dificuldade era grande, sem dúvida; contudo, ele deixa uma porta aberta à interpretação e às modificações, dizendo que “Deus sempre pode substituir o que deu por algo de melhor.”

Não vos é permitido desposar vossas mães, vossas filhas, vossas irmãs, vossas tias paternas e maternas, vossas sobrinhas, vossas irmãs de leite, as mães de vossas esposas, as meninas confiadas à vossa tutela e filhas de mulheres com as quais tendes coabitado. Não desposeis, também, as filhas dos vossos filhos que tiverdes gerado, nem duas irmãs. É-vos proibido desposar mulheres casadas, exceto as que caírem em vossas mãos como escravas. (Surata IV, v. 27 e seg.).

Estas prescrições podem dar uma idéia da desmoralização destes povos. Para ser obrigado a proibir tais abusos, era preciso que existissem.

Esposas do Profeta, ficai no interior de vossas casas. Não vos adorneis faustosamente, como nos dias de idolatria. Fazei a prece e dai esmola. Obedecei a Deus e a seu apóstolo. Ele quer afastar o vício de vossos corações. Sois da família do Profeta e deveis ser puras. – Zeid repudiou a sua esposa. Nós te unimos com ela, para que os fiéis tenham a liberdade de desposar as mulheres de seus filhos adotivos, após o repúdio. O preceito divino deve ter sua execução. – Ó Profeta, a ti é permitido desposar as mulheres que tiveres adotado, as cativas que Deus fez cair em tuas mãos, as filhas de teus tios e de tuas tias que fugiram contigo, e toda mulher fiel que te der seu coração. É um privilégio que nós te concedemos. – Não aumentarás o atual número de tuas esposas; não poderás trocá-las por outras cuja beleza te haja tocado. Mas a convivência com tuas mulheres escravas te é sempre permitida. Deus observa tudo. (Surata XXXIII, v. 37, 49, 52).

É aqui que Maomé realmente desce do pedestal sobre o qual havia subido. Lamenta-se vê-lo cair tão baixo depois de se haver elevado tanto, e fazer Deus intervir para justificar os privilégios que se concedia, para a satisfação de suas paixões. Permitia aos crentes quatro mulheres legítimas, enquanto a si mesmo se permitia treze. O legislador deve ser o primeiro súdito das leis que faz. É uma mancha inapagável, que lançou sobre si e sobre o islamismo.

Esforçai-vos por merecer a indulgência do Senhor e a posse do paraíso, cuja extensão iguala os céus e a Terra, morada preparada para os justos – aqueles que dão esmola na prosperidade e na adversidade, e que, senhores dos movimentos de sua cólera, sabem perdoar aos seus semelhantes. Deus ama a beneficência. (Surata III, v. 127, 128).

Deus prometeu aos fiéis que houverem praticado a virtude a entrada dos jardins onde os rios correm. Aí habitarão eternamente. As promessas do Senhor são verdadeiras. Que de mais infalível que sua palavra? (Surata IV, v. 121).

Eles habitarão eternamente a morada que Deus lhes preparou, os jardins de delícias regados pelos rios, lugares onde reinará a soberana beatitude. (Surata IX, v. 90).

Os jardins e as fontes serão a partilha dos que temem o Senhor. Entrarão com a paz e a segurança. – Tiraremos a inveja de seus corações. Repousarão em leitos e terão uns para com os outros uma benevolência fraterna. – A fadiga não se acerará da morada das delícias. Não arrebatarão sua posse. (Surata XV, v. 45 a 48).

Os jardins do Éden serão a habitação dos justos. Braceletes de ouro, ornados de pérolas e roupas de seda formarão sua indumentária. – Louvores a Deus, exclamarão eles; ele afastou de nós o sofrimento; ele é misericordioso e compassivo. – Introduziu-nos no palácio eterno, morada de sua magnificência. Nem a fadiga nem a dor se acercam deste asilo. (Surata XXXV, v. 30, 31, 32).

Os habitantes do paraíso beberão a longos sorvos na taça da felicidade. – Deitados em leitos de seda, repousarão junto às suas esposas, em sombras deliciosas. – Encontrarão todos os frutos. Todos os seus desejos serão satisfeitos. (Surata XXXVI, v. 55, 56, 57).

Os verdadeiros servos de Deus terão um alimento escolhido – frutos delicados e serão servidos com honra. – Os jardins das delícias serão seu asilo. – Cheios de mútua benevolência, repousarão em poltronas. – Oferecer-lhes-ão taças de água pura – límpida e de gosto delicioso – que não lhes obscurecerá a razão nem os embriagará. – Perto deles estarão virgens de olhar recatado, de grandes olhos negros e cuja tez terá a cor dos ovos de avestruz. (Surata XXXVII, v. 39 a 47).

Dir-se-á aos crentes que tiverem professado o islamismo: Entrai no jardim das delícias, vós e vossas esposas; abri vossos corações à alegria. – Dar-lhes-ão a beber em taças de ouro. O coração encontrará nessa morada tudo quanto pode desejar, o olho tudo quanto o pode encantar e os prazeres serão eternos. – Eis o paraíso, cuja posse vos proporcionarão vossas obras. – Alimentai-vos dos frutos que ali crescem em abundância. (Surata XLIII, v. 69 a 72).

Tal é o famoso paraíso de Maomé, com o qual tanto se divertiram e que, certamente, não procuraremos justificar. Apenas diremos que estava em harmonia com os costumes desses povos e que devia afagá-los muito mais que a perspectiva de um estado puramente espiritual, por mais esplêndido que fosse, porque eram demasiado materiais para o compreender e lhe apreciar o valor. Precisavam de algo mais substancial e pode-se dizer que foram servidos na medida do possível. Sem dúvida se notará que os rios, as fontes, os frutos abundantes e as sombras aí representam grande papel, por faltarem sobretudo aos habitantes do deserto. Os leitos macios e as roupas de seda, para gente habituada a dormir no chão e vestida com grosseiras peles de camelo, também deviam ter grande atrativo. Por mais ridículo que tudo isto nos pareça, pensemos no meio em que vivia Maomé e não o censuremos muito, pois, com o auxílio deste atrativo, ele soube tirar um povo da barbárie e dele fazer uma grande nação.

Num próximo artigo examinaremos como o islamismo poderá ligar-se à grande família da humanidade civilizada.

Sonambulismo Mediúnico Espontâneo

A última sessão da Sociedade Espírita de Paris, antes das férias, foi uma das mais notáveis do ano, quer pelo número e pelo alcance das comunicações aí obtidas, quer pela produção de um fenômeno espontâneo de sonambulismo mediúnico. Por volta da metade da sessão, o Sr. Morin, membro da Sociedade e um dos médiuns habituais, adormeceu espontaneamente sob a influência dos Espíritos, o que jamais lhe acontecera. Então falou com ardor, com eloqüência, sobre um assunto de alta gravidade e do maior interesse, do qual nos ocuparemos posteriormente.

A sessão de reabertura de sexta-feira, 5 de outubro, apresentou um fenômeno análogo, mas em mais largas proporções. Havia à mesa treze médiuns. Durante a primeira parte, dois deles, a Sra. C... e o Sr. Vavasseur, adormeceram sob a influência dos Espíritos, como havia ocorrido com o Sr. Morin, sem qualquer provocação e sem que ninguém nisto tivesse pensado. O Sr. Vavasseur é o médium poeta, que com a maior facilidade obtém poesias notáveis, das quais publicamos algumas amostras. O Sr. Morin estava a ponto de adormecer também. Ora, eis o que se passou durante o seu sono, que durou quase uma hora.

O Sr. Vavasseur, com voz grave e solene, disse: “Toda vontade, toda ação magnética é e deve ficar estranha a este fenômeno. Ninguém deve falar à minha irmã, nem a mim.” Falando de sua irmã, designava a Sra. C..., isto é, irmã espiritual, já que não são parentes. Depois, dirigindo-se ao Sr. Morin, colocado no outro extremo da mesa, e estendendo a mão para ele com um gesto imperativo: “Proíbo-te de dormir.” O Sr. Morin, com efeito, já quase adormecido, despertou por si mesmo. Além disso, foi recomendado expressamente que ninguém tocasse nos dois médiuns.

O Sr. V..., continuando: “Ah! sinto aqui uma corrente fluídica má, que me fatiga... Irmã, sofres também? – Sra. C...: Sim.

– Sr. V...: Olha! a sociedade é numerosa esta noite. Vês? – Sra. C...: Ainda não muito claramente; – Sr. V...: Quero que vejas. – Sra. C...: Oh! sim; os Espíritos são numerosos! – Sr. V...: Sim, muito numerosos; não se os contam mais!... Mas, olha à tua frente; vês um Espírito mais luminoso, de auréola mais brilhante... Parece nos sorrir com benevolência!... Dizem que é meu patrono (São Luís)... Vamos, marchemos; vamos para ele... Oh! tenho muitos erros a reparar... (dirigindo-se ao Espírito): Caro Espírito! nascendo para a vida, minha mãe me deu vosso nome. Depois, lembro-me, essa pobre mãe me dizia todos os dias: ‘Oh! meu filho, ora a Deus; ora a teu anjo-da-guarda; ora, sobretudo, a teu patrono.’ Mais tarde, esqueci tudo... tudo! A dúvida, a incredulidade me perseguiram; em meu desvario eu vos desconheci, desconheci a vontade de Deus... Hoje, caro Espírito, venho pedir-vos o esquecimento do passado e o perdão no presente!... Ó São Luís, vede minha dor e meu arrependimento, esquecei e perdoai.” (Estas últimas palavras foram ditas com uma inflexão pungente de desespero).

A Sra. C...: “Não deves chorar, irmão... São Luís te perdoa e te abençoa... Os Espíritos bons não têm ressentimento contra os que voltam atrás em seus erros. Digo-te que ele te perdoa!... Oh! este Espírito é bom!... Olha, ele nos sorri. (Levando a mão ao peito) Oh! como dói sofrer assim!”

O Sr. V...: “Ele me fala... Escuta!... Coragem, diz ele, trabalha com teus irmãos. O ano que começa será fértil em grandes acontecimentos. Em torno de vós surgirão grandes gênios, poetas, pintores, literatos. A era das artes sucede a da filosofia. Se a primeira fez prodígios, a segunda fará milagres.” (O Sr. V... exprime-se com extraordinária veemência; está no supremo grau do êxtase).

A Sra. C...: “Acalma-te, irmão; nisto pões muito ardor, e isto te faz mal; acalma-te.”

O Sr. V... (continuando): “Mas aí começa a missão de vossa Sociedade, missão muito grande e muito bela para os que a compreendem... Foco da Doutrina Espírita, deve defendê-la e propagar os seus princípios por todos os meios disponíveis. Aliás, o seu presidente saberá o que deve fazer.

“Agora irmã, ele se afasta; ainda nos sorri; diz-nos com a mão: até logo... Vamos, subamos, irmã; debes assistir a um espetáculo esplêndido, a um espetáculo que o olhar terreno jamais viu... jamais, jamais!... Sobe... sobe... eu o quero!... (Silêncio). Que vês?... Olha este exército de Espíritos!... Os poetas estão aqui e nos cercam... Oh! cantai também, cantai!... Vossos cantos são os cânticos do céu, o hino da Criação!... Cantai!... E seus murmúrios acariciam meus ouvidos... e seus acordes adormecem o meu espírito... Não ouves?...”

A Sra. C...: “Sim, ouço... Parecem dizer que com o ano espírita que se inicia, começa uma nova fase para o Espiritismo... fase brilhante, de triunfo e de alegria para os corações sinceros, de vergonha e de confusão para os orgulhosos e os hipócritas! Para estes, as decepções, o abandono, o esquecimento, a miséria; para os outros, a glorificação.”

O Sr. V...: “Eles já o disseram, e isto se confirma.”

A Sra. C...: “Oh! que festa! que magnificência! que esplendor deslumbrante! Mal pode meu olhar sustentar o seu brilho. Que suave harmonia se faz ouvir e penetra a alma!... Vê todos esses Espíritos bons que preparam o triunfo da Doutrina sob a condução dos Espíritos superiores e do grande Espírito de Verdade!... Como são resplandcentes, e quanto lhes deve custar descer para habitar um globo como o nosso! Isto é doloroso, mas faz progredir.”

O Sr. V...: “Escuta!... escuta, digo-te!”

O Sr. V... começa o improviso seguinte em versos. Era a primeira vez que fazia poesia mediúcnica verbalmente. Até então as poesias deste gênero sempre tinham sido dadas por escrito, espontaneamente.

Noite de tempestade,
Mortos rolava o mar,
Na praia sem piedade
Em lúgubre cantar!...
Uma criança pequena,
De pé sobre um rochedo
Esperava, serena,
Da aurora o brilho ledado
Para ir pela praia
Procurar sua irmã
Que do naufrágio saía,
Ou... dê-lha esta manhã.
Poderia de um alto,
Vê-la, pois, como outrora,
Sorridente e de um salto
Ouvir-lhe a voz sonora?
Mas nesta noite horrível,
Sobre as vagas inquietas,
Essa mão invisível
Que os separou tem metas
De voltar as unir?
Foi esperança vã!
Surge a aurora a sorrir,
Mas... nada, só manhã;
Nada... a triste certeza
De um barco destruído!
Nada... da onda a frieza
Levando o que é perdido.
A vaga, com mistério,
Tocava deslizando,
Em seu ágil critério,
Só abismo expressando
Que a vítima escondia,
Seu soluço a abafar,
De seu crime estaria
As ondas a exculpar

A brisa lamentosa!
 A criança a procurar,
 Pela praia, ansiosa,
 Não mais podia andar...
 Sem respirar poder,
 Coxeante... fraca... aflita...
 E mal a se suster,
 Se fizera sem dita
 E sobre a pedra quente
 De um rochedo polido,
 Faz uma prece ardente,
 Ante um desconhecido.
 E surpreso ele o vê
 Em tocante oração.
 – Oh, filho! Deus te dê
 Amor; ergue-te então!...
 Foi Deus que, por teu pranto,
 Me pôs em teu caminho
 Para acalmar-te quanto
 Eu possa com carinho!
 Na dor não te retenhas;
 Meu lar será teu lar,
 Minha família tenhas,
 Faço meu teu penar.
 Vem; fala-me, criança;
 Tem em meu peito amor,
 Bem depressa a esperança
 Lenirá tua dor.

(Dirigindo-se à Sra. C...) – “Tu o vês, ele pára!... mas deve falar ainda!... Sim, aproxima-se!... os sons tornam-se mais distintos... Ouço... ah!...”

Eu sou... o pobre perdido...
 És (dirigindo-se a Allan Kardec) o desconhecido,
 Mestre, quero-te honrar!
 Pois me viestes mostrar
 Que existe: ... Eternidade
 E... imortalidade!
 Dois nomes: Deus, que é Luz!
 O outro, alma que reluz!

E vós, meu caro amigo,
Me ofereceis abrigo,
Minha família sois
Onde tranqüilo, pois,
Vou terminar meus dias!
Amai-me! Sois meus guias!...

“Ele foge... Casimir Delavigne!... Oh! caro Espírito... ainda!... Ele foge!... Vamos, não sou bastante forte para assistir a este concerto divino... Sim, é belo demais... é bellissimo!...

A Sra. C...: “Ele falaria ainda se tivesses querido, mas tua exaltação o impediu. Eis-te alquebrado, aflito, ofegante; não podes mais falar.”

O Sr. V...: “Sim, eu o sinto; é ainda uma fraqueza (com um vivo sentimento de pesar), e devo despertar-te!... muito cedo... Por que não ficar sempre neste lugar? Por que voltar à Terra? Vamos, já que é preciso, irmã, devemos obedecer sem murmurar... Desperta, eu o quero. (A Sra C... abre os olhos). Para mim podes despertar-me agitando teu lenço. Sufoco!... ar!... ar!”

Estas palavras, e sobretudo os versos, foram ditos com uma inflexão, uma efusão de sentimento e um calor de expressão, cujas cenas mais dramáticas e mais patéticas apenas podem dar uma idéia. A emoção da assembléia era geral, porque se sentia que não era declamação, mas a própria alma desprendida da matéria que falava...

Esgotado de fadiga, o Sr. V... foi obrigado a deixar a sala e por muito tempo ficou arrasado, dominado por um sono de onde só saiu pouco a pouco, por si mesmo, sem querer que ninguém o ajudasse.

Esses fatos vêm confirmar as previsões dos Espíritos no tocante às novas formas que não tardaria a tomar a mediunidade. O estado de sonambulismo espontâneo, no qual se

desenvolve, ao mesmo tempo, a mediunidade falante e vidente, é, com efeito, uma faculdade nova, no sentido em que parece generalizar-se; é um modo particular de comunicação que tem, mais que nunca, sua razão de ser neste momento.

Aliás, este fenômeno serve muito mais de *complemento* à instrução dos Espíritos do que para a convicção dos incrédulos, que nele veriam apenas uma comédia. Só os espíritas esclarecidos o podem compreender e nele descobrir as provas da sinceridade ou da hipocrisia, como em todos os outros gêneros da mediunidade; só eles podem destacar o que é útil, deduzindo suas conseqüências para o progresso da ciência, na qual os faz penetrar mais cedo. É por isso que esses fenômenos geralmente só se produzem na intimidade, onde os médiuns não teriam nenhum interesse em simular uma faculdade inexistente e onde o embuste logo seria desmascarado.

As nuances de observação aqui são tão delicadas e sutis que requerem uma atenção contínua. Nesse estado de emancipação, a sensibilidade e a impressionabilidade são tão grandes, que a faculdade não pode desenvolver-se em todo o seu esplendor senão sob uma influência fluídica inteiramente simpática; basta *uma corrente contrária* para a alterar, como o sopro que embacia o gelo. A sensação penosa que, por isso, sente o médium, o faz dobrar-se sobre si mesmo, como a sensitiva à aproximação da mão. Sua atenção se volta, então, na direção dessa corrente desagradável; penetra o pensamento que é a sua fonte, a vê e a lê e, quanto mais a sente antipática, tanto mais ela o paralisa. Por aí se julgue do efeito que deve produzir um concurso de pensamentos hostis! Essas espécies de fenômenos também não se prestam *absolutamente* a exhibições públicas, nas quais a curiosidade é o sentimento dominante, quando não o da malevolência. Além disso, requerem das testemunhas uma excessiva prudência, porque não se deve perder de vista que, nesses momentos, a alma só se prende ao corpo por um frágil laço, e que um abalo pode causar, no mínimo,

graves desordens na economia. Uma curiosidade *indiscreta e brutal* pode acarretar as mais funestas conseqüências. Eis por que nunca se agiria com excessiva precaução.

Quando, ao começar, o Sr. V... diz que “toda vontade, toda ação magnética é e deve ficar estranha a esse fenômeno”, dá a compreender que só a ação dos Espíritos é a sua causa e que ninguém poderia provocá-la. A recomendação de não falar nem a um, nem a outro, tinha por objetivo deixá-los inteiramente no êxtase. As perguntas teriam tido por efeito deter o impulso de seus Espíritos, trazendo-os ao terra-a-terra e lhes desviando o pensamento do objetivo principal. A exaltação da sensibilidade tornava igualmente necessária a recomendação de não os tocar. O contato teria produzido uma comoção penosa e prejudicial ao desenvolvimento da faculdade.

De acordo com isto, compreende-se por que a maior parte dos homens de ciência, chamados a constatar fenômenos desse gênero, ficam decepcionados. Não é por causa de sua falta de fé, como o pretendem, que o efeito é recusado pelos Espíritos: são eles mesmos que, por suas disposições morais, produzem uma reação contrária; em vez de se colocarem nas condições do fenômeno, querem colocar o fenômeno em sua própria condição. Gostariam de aí encontrar a confirmação de suas teorias antiespiritualistas, porquanto, para eles, somente aí está a verdade, e se sentem vexados e humilhados por receberem um desmentido pelos fatos. Então nada obtêm, ou só obtêm coisas que contradizem sua maneira de ver; em vez de rever suas opiniões, preferem negar, ou dizer que é uma ilusão. E como poderia ser de outro modo entre pessoas que não admitem a espiritualidade? O princípio espiritual é a *causa* de fenômenos de uma ordem particular; buscar a sua causa fora desse princípio é buscar a causa do raio fora da eletricidade. Não compreendendo as condições especiais do fenômeno, fazem experiências sobre o paciente como se este fosse um tubo de ensaio, cheio de produtos químicos;

torturam-no como se se tratasse de uma intervenção cirúrgica, com risco de comprometer sua vida ou sua saúde.

O êxtase, que é o mais alto grau de emancipação, exige tanto mais precauções quanto, nesse estado, inebriado pelo sublime espetáculo que tem sob os olhos, o Espírito geralmente não pede senão para ficar onde está e deixar a Terra completamente; muitas vezes, até, faz esforços para romper o último laço que o prende ao corpo e, se sua razão não fosse bastante forte para resistir à tentação, deixar-se-ia ir de boa vontade. É então que se faz necessário vir em seu auxílio por uma vontade forte, tirando-o desse estado. Compreende-se que aqui não há uma regra absoluta e que é preciso conduzir-se conforme as circunstâncias.

A propósito, um de nossos amigos nos oferece interessante tema de estudo.

Outrora tinham procurado magnetizá-lo, mas inutilmente. Desde algum tempo ele cai espontaneamente em sono magnético sob a influência da mais leve causa; basta que escreva algumas linhas mediunicamente e, por vezes, uma simples conversação. Em seu sono, tem percepções e ordem mais elevada; fala com eloquência e aprofunda com lógica notável as mais sérias questões. Vê os Espíritos perfeitamente, mas sua lucidez apresenta graus diversos, pelos quais passa sucessivamente; o mais ordinário é o de um semi-êxtase. Em certos momentos exalta-se e, se experimentar uma viva emoção, o que é freqüente, exclama com uma espécie de terror, e isto muitas vezes em meio à mais interessante conversa: *Despertai-me imediatamente*, o que seria imprudente não o fazer. Felizmente, indicou-nos o meio de o despertar *instantaneamente*, e que consiste em soprar fortemente em sua frente, pois os passes magnéticos produzem um efeito muito lento, ou nulo.

Eis a explicação que nos foi dada sobre sua faculdade por um de nossos guias, com o concurso de outro médium:

“O Espírito T... é entravado em seu impulso pela prova material que escolheu. O instrumento que ele faz mover, o seu corpo, no estado atual em que se encontra, não é bastante maleável para lhe permitir assimilar os conhecimentos necessários, ou utilizar os que possui, *de moto próprio*, e no estado de vigília. Quando está adormecido o corpo, deixando de ser um entrave, apenas se torna o *porta-voz* de seu próprio Espírito, ou daqueles com os quais está em relação. A fadiga material, inerente às suas ocupações, a relativa ignorância em que sofre esta encarnação, uma vez que não sabe, em questões de ciência, senão o que a si próprio se revelou, tudo isto desaparece para dar lugar a uma lucidez de pensamento, a um alargamento do raciocínio e a uma eloquência excepcional, que são o fato do desenvolvimento anterior do Espírito. A freqüência de seus êxtases tem por objetivo tão-só habituar seu corpo a um estado que, durante certo período e para uma meta especial ulterior, poder tornar-se, de certo modo, normal. Quando ele pede para ser despertado prontamente, é que deseja realizar sua missão sem falhar. Sob o encanto dos quadros sublimes que se lhe apresentam, e do meio em que se encontra, gostaria de libertar-se dos laços terrenos e ficar definitivamente entre os Espíritos. Sua razão e seu dever, que o retêm na Terra, combatem este desejo; e de medo de se deixar dominar e de sucumbir à tentação, ele vos grita para que o desperteis.”

Devendo multiplicar-se estes fenômenos de sonambulismo mediúnic espontâneo, as instruções que precedem têm por objetivo guiar os grupos onde eles poderiam produzir-se, na observação dos fatos e de os fazer compreender a necessidade de usar da mais extrema prudência em semelhante caso. É preciso abster-se de maneira absoluta de os transformar em objeto de experimentação e de curiosidade. Os espíritas poderão aí colher grandes ensinamentos, próprios a esclarecer e a fortificar a sua fé, mas, repetimos, seriam sem proveito para os incrédulos. Os fenômenos destinados a convencer estes últimos e que se podem produzir em plena luz, são de outra ordem e, no número, alguns

terão lugar, e já se produzem, pelo menos em aparência, *fora do Espiritismo*; a palavra *Espiritismo* os horroriza. Não sendo pronunciada, será uma razão a mais para dele se ocuparem. Os Espíritos são, pois, prudentes, quando, por vezes, trocam a etiqueta.

Quanto à utilidade especial desta mediunidade, ela está na prova, de certo modo palpável, que fornece da independência do Espírito por seu isolamento da matéria. Como dissemos, as manifestações deste gênero esclarecem e fortificam a fé; põe-nos em contato mais direto com a vida espiritual. Qual é o espírita apático ou indeciso que ficaria indiferente em presença de fatos que lhe fazem, por assim dizer, tocar com o dedo a vida futura? Qual o que poderia ainda duvidar da presença e da intervenção dos Espíritos? Qual o coração bastante endurecido para não ficar comovido com o aspecto do futuro que se desdobra à sua frente, e que Deus, em sua bondade, lhe permite entrever?

Mas estas manifestações têm uma utilidade mais prática, mais atual, porque, mais que outras, serão capazes de erguer a coragem nos momentos duros que devemos atravessar. É no momento da tormenta que se será feliz por sentir junto de si protetores invisíveis; é então que se conhecerá o valor desses conhecimentos, que nos elevam acima da Humanidade e das misérias da Terra, que acalmam nossos pesares e nossas apreensões, fazendo-nos ver só o que é grande, imperecível e digno de nossas aspirações. É um socorro que Deus envia em tempo oportuno a seus fiéis servidores e aí está ainda um sinal de que os tempos marcados são chegados. Saibamos aproveitá-lo para o nosso adiantamento. Agradeçamos a Deus por ter permitido que fôssemos esclarecidos a tempo e lamentemos os incrédulos por se privarem desta imensa e suprema consolação, pois a luz foi espalhada para todos. Pela voz dos Espíritos, que falam por toda a Terra, ele faz um último apelo aos endurecidos. Imploremos sua indulgência e sua misericórdia para os cegos.

Como dissemos, o êxtase é um estado superior de desprendimento, do qual o estado sonambúlico é um dos primeiros graus, mas que não implica, de modo algum, na superioridade do Espírito. O mais completo desprendimento é, seguramente, o que se segue à morte. Ora, nós vemos neste momento o Espírito conservar suas imperfeições, seus preconceitos, cometer erros, iludir-se, manifestar as mesmas tendências. É que as boas e as más qualidades são inerentes ao Espírito e não dependem das causas exteriores. As causas exteriores podem paralisar as faculdades do Espírito, que as recobra no estado de liberdade, mas são impotentes para lhe dar as que não tem. O sabor de um fruto está nele; façam o que fizerem, coloquem-no onde quiserem, se for insípido por natureza, não se tornará saboroso. Dá-se o mesmo com o Espírito. Se o desprendimento completo, depois da morte, não o torna um ser perfeito, menos ainda um desprendimento parcial.

O desprendimento extático é um estado fisiológico, indício evidente de um certo grau de adiantamento do Espírito, mas não de superioridade absoluta. As imperfeições morais, que são devidas à influência da matéria, desaparecem com essa influência, razão por que se nota, em geral, nos sonâmbulos e nos extáticos, idéias mais elevadas do que no estado de vigília; mas as que se devem à qualidade mesma do Espírito continuam a manifestar-se, algumas vezes até com menos intensidade que no estado normal. O Espírito, liberto de todo constrangimento, por vezes dá livre curso a sentimentos que, como homem, procura dissimular aos olhos do mundo.

De todas as tendências más, as mais persistentes e as que menos se confessa a si mesmo, são os vícios radicais da Humanidade: o orgulho e o egoísmo, que geram os ciúmes, as mesquinhas susceptibilidades do amor-próprio, a exaltação da personalidade, que muitas vezes se revelam no estado de sonambulismo. Não é o desprendimento que as produz, pois ele

apenas as põe a descoberto; de latentes tornam-se sensíveis em consequência da liberdade do Espírito.

Assim, não se deve esperar encontrar nenhuma espécie de infalibilidade, nem moral, nem intelectual, nos sonâmbulos e extáticos. A faculdade de que desfrutam pode ser alterada pelas imperfeições de seu Espírito. Suas palavras podem ser o reflexo de seus pensamentos e de seus sentimentos. Além disso, podem sofrer os efeitos da obsessão, tanto quanto no estado ordinário e ser, da parte dos Espíritos levianos ou mal-intencionados, joguete das mais estranhas ilusões, como o demonstra a experiência.

Seria, pois, um erro acreditar que as visões e revelações do êxtase só possam ser a expressão da verdade. Como todas as outras manifestações, é preciso submetê-las ao cadinho do bom-senso e da razão, levar em conta o bem e o mal, o que é racional do que é ilógico. Se essas espécies de manifestações se multiplicam, é menos com o objetivo de nos dar revelações extraordinárias do que para nos fornecer novos assuntos de estudo e de observação sobre as faculdades e as propriedades da alma, e nos dar uma nova prova de sua existência e de sua independência da matéria.

Considerações sobre a Propagação da Mediunidade Curadora

(Vide o artigo do mês anterior sobre o zuavo curador)

Antes de mais, devemos fazer algumas retificações em nosso relatório das curas do Sr. Jacob. Sabemos por este último que a cura da menina, chegada a Ferté-sous-Jouarre, não se deu em praça pública; é certo que foi lá que o Sr. Jacob a viu, mas a cura ocorreu em casa de seus pais, onde ele a fez entrar. Isto em nada altera o resultado; mas esta circunstância dá à ação um caráter menos excêntrico.

Por seu lado, o Sr. Boivinet nos escreve: “A respeito da proporção dos doentes curados, eu quis dizer que sobre 4.000, um quarto não experimentou resultados, e que do resto, ou 3.000, um quarto foi curado e três quartos aliviados. De uma outra passagem do artigo poder-se-ia pensar que eu tenha atestado a cura de membros anquilosados; eu quis dizer que o Sr. Jacob tinha endireitado membros enrijecidos, rígidos como se estivessem anquilosados, nada mais, o que não quer dizer que ele não tenha curado anquiloses; apenas o ignoro. Quanto aos membros enrijecidos por dores, paralisando em parte a faculdade do movimento, constatei em último lugar três casos de cura instantânea; no dia seguinte um dos doentes estava completamente curado; o outro tinha liberdade de movimento, persistindo uma dor residual com a qual, dizia-me ele, acomodar-se-ia para sempre de boa vontade. Não revi o terceiro doente.”

Teria sido deveras surpreendente que o diabo não tivesse vindo meter-se neste negócio. Outra pessoa nos escreve de uma das localidades onde se espalhou o ruído das curas do Sr. Jacob: “Aqui, grande emoção na comuna e no presbitério. A serva do sr. cura, tendo encontrado duas vezes o Sr. Jacob na única rua da região, está convicta de que ele é o diabo e que a persegue. A pobre mulher refugiou-se numa casa onde quase teve um ataque de nervos. É verdade que o traje vermelho do zuavo pode tê-la feito crer que ele saía do inferno. Parece que se prepara aqui uma cruzada contra o diabo, para dissuadir os doentes de se fazerem curar por ele”

Quem pôde meter na cabeça dessa mulher que o Sr. Jacob é o diabo em pessoa e que as curas são uma velhacaria de sua parte? Não disseram aos pobres de certa cidade que não deviam receber o pão e as esmolas dos espíritas, porque era uma sedução de Satã? e, alhures, que mais valia ser ateu do que voltar a Deus pela influência do Espiritismo, porque ainda aí era uma astúcia do demônio? Em todo o caso, atribuindo tantas coisas boas ao diabo,

fazem tudo o que é necessário para o reabilitar na opinião. O que é mais estranho é que de semelhantes idéias ainda se alimentem populações a algumas léguas de Paris. Assim, que reação quando a luz se fizer nos cérebros fanatizados! É preciso convir que há gente muito desajeitada.

Voltemos ao nosso assunto: as considerações gerais sobre a mediunidade curadora.

Dissemos, e nunca seria demais repetir, que há uma diferença radical entre os médiuns curadores e os que obtêm prescrições médicas da parte dos Espíritos. Estes não diferem em nada dos médiuns escreventes ordinários, a não ser pela especialidade das comunicações. Os primeiros curam só pela ação fluídica, em mais ou menos tempo, às vezes instantaneamente, sem o emprego de qualquer remédio. O poder curativo está todo inteiro no fluido depurado a que servem de condutores. A teoria deste fenômeno foi suficientemente explicada para provar que entra na ordem das leis naturais, e que nada tem de miraculoso. É o produto de uma aptidão especial, tão independente da vontade quanto todas as outras faculdades mediúnicas; não é um talento que se possa adquirir; não se faz um médium curador como se faz um médico. A aptidão para curar é inerente ao médium, mas o exercício da faculdade não tem lugar senão com o concurso dos Espíritos; donde se segue que se os Espíritos não querem, ou *não querem mais* se servir dele, é como um instrumento sem músico, e nada obtém. Pode, pois, perder instantaneamente a sua faculdade, o que exclui a possibilidade de dela fazer uma profissão.

Outro ponto a considerar, é que sendo esta faculdade fundada em leis naturais, tem limites traçados por essas mesmas leis. Compreende-se que a ação fluídica possa dar sensibilidade a um órgão existente, fazer dissolver e desaparecer um obstáculo ao movimento e à percepção, cicatrizar uma ferida, porque, então, o fluido se torna um verdadeiro agente terapêutico; mas é evidente

que não pode remediar a ausência ou a destruição de um órgão, o que seria verdadeiro milagre. Assim, a vista poderá ser restituída a um cego por amaurose, oftalmia, belida ou catarata, mas não aos que tiverem os olhos furados. Há, pois, doenças incuráveis por natureza, e seria ilusão crer que a mediunidade curadora fosse livrar a Humanidade de todas as suas enfermidades.

Além disso, é preciso levar em conta a variedade de nuances apresentada por esta faculdade, que está longe de ser uniforme em todos que a possuem. Ela se apresenta sob aspectos muito diversos. Em razão do grau de desenvolvimento do poder, a ação é mais ou menos rápida, extensa ou circunscrita. Em dadas circunstâncias, tal médium triunfa sobre determinadas doenças em certas pessoas, mas falha por completo em casos aparentemente idênticos. Parece mesmo que nalguns a faculdade curadora se estende aos animais.

Neste fenômeno se opera uma verdadeira reação química, análoga à produzida pelos medicamentos. Atuando o fluido como agente terapêutico, sua ação varia segundo as propriedades que recebe das qualidades do fluido pessoal do médium. Ora, em razão do temperamento e da constituição deste último, o fluido está impregnado de elementos diversos, que lhe dão propriedades especiais. Pode ser, para nos servirmos de comparações materiais, mais ou menos carregado de eletricidade animal, de princípios ácidos ou alcalinos, ferruginosos, sulfurosos, dissolventes, adstringentes, cáusticos, etc. Daí resulta uma ação diferente, conforme a natureza da desordem orgânica; esta ação pode, pois, ser enérgica, muito poderosa em certos casos e nula em outros. É assim que os médiuns curadores podem ter especialidades: este curará as dores ou endireitará um membro, mas não dará a vista a um cego, e reciprocamente. Só a experiência pode dar a conhecer a especialidade e a extensão da aptidão; mas, em princípio, pode-se dizer que não há médiuns curadores universais, em virtude de não haver homens perfeitos na Terra, e cujo poder seja ilimitado.

A ação é completamente diferente na obsessão, e a faculdade de curar não implica na de libertar os obsidiados. O fluido curador age, de certo modo, materialmente sobre os órgãos afetados, ao passo que, na obsessão, é preciso agir moralmente sobre o Espírito obsessor; há que se ter autoridade sobre ele, para o fazer largar a presa. São, pois, duas aptidões distintas, que nem sempre se encontram na mesma pessoa. O concurso do fluido curador torna-se necessário quando, o que é bastante freqüente, a obsessão se complica com afecções orgânicas. Pode, pois, haver médiuns curadores impotentes para a obsessão, e reciprocamente.

A mediunidade curadora não vem suplantar a Medicina e os médicos; vem, simplesmente, provar a estes últimos que há coisas que eles não sabem e os convidar a estudá-las; que a Natureza tem leis e recursos que eles ignoram; que o elemento espiritual, que eles desconhecem, não é uma quimera e que, quando o levarem em conta, abrirão novos horizontes à Ciência e triunfarão mais amiúde do que agora. Se esta faculdade fosse privilégio de um indivíduo, passaria despercebida; considerá-la-iam como uma exceção, um efeito do acaso, esta suprema explicação que nada explica, e a má vontade poderia facilmente abafar a verdade. Mas quando virem os fatos se multiplicando, serão forçados a reconhecer que não se podem produzir senão em virtude de uma lei; que se homens ignorantes levam a melhor onde os sábios fracassam, é que estes não sabem tudo. Isto em nada prejudica a Ciência, que será sempre a alavanca e a resultante do progresso intelectual. Só o amor-próprio dos que a circunscrevem nos limites de seu saber e da materialidade pode sofrer com isto.

De todas as faculdades mediúnicas, a mediunidade curadora vulgarizada é a que está chamada a produzir mais sensações, porque em toda parte há doentes, e em grande número, e não é a curiosidade que os atrai, mas a necessidade imperiosa de alívio. Mais que qualquer outra, ela triunfará sobre a incredulidade, tanto quanto sobre o fanatismo, que vê em toda parte a intervenção

do diabo. A multiplicidade dos fatos forçosamente conduzirá ao estudo da causa *natural* e, daí, à destruição das idéias supersticiosas de feitiçaria, de poder oculto, de amuletos, etc. Se se considerar o efeito produzido nos arredores do campo de Châlons por um só indivíduo, a multidão de pessoas sofredoras vindas num raio de dez léguas, pode julgar-se o que isto seria se dez, vinte, cem indivíduos aparecessem nas mesmas condições, quer na França, quer em países estrangeiros. Se disserdes a esses doentes que são juguete de uma ilusão, eles vos responderão mostrando a perna endireitada; que são vítimas de charlatães? dirão que nada pagaram e que não lhe venderam nenhuma droga; que abusaram de sua confiança? dirão que nada lhe prometeram.

É também a faculdade que mais escapa à acusação de charlatanice e de fraude; afronta a zombaria, porque nada há de risível num doente curado que a Ciência havia abandonado. O charlatanismo pode simular mais ou menos grosseiramente a maioria dos efeitos mediúnicos, e a incredulidade nele sempre procura os seus *cordões*.²⁴ Mas onde encontrará os cordões da mediunidade curadora? Podem ser dados golpes de habilidade para os efeitos mediúnicos, e os efeitos mais reais, aos olhos de certa gente, podem passar por golpes de mestre, mas que daria quem tomasse indevidamente a qualidade de médium curador? De duas, uma: cura ou não cura. Não há simulacro que possa suprir uma cura.

Ademais, a mediunidade curadora escapa completamente à lei sobre o exercício ilegal da Medicina, visto não prescrever nenhum tratamento. Com que penalidade se poderia atingir aquele que cura somente pela sua influência, secundada pela prece que, além disso, nada pede como preço de seus serviços? Ora, a prece não é uma substância farmacêutica. Em vossa opinião é uma parvoíce; seja. Mas se a cura está no fim dessa tolice, que direis vós?

24 N. do T.: *Grifo nosso*. Alusão aos cordões “invisíveis” manipulados pelos irmãos Davenport em suas mágicas, com vistas a simular alguns fenômenos mediúnicos em suas apresentações teatrais.

Uma tolice que cura vale bem os remédios que não curam. Puderam proibir o Sr. Jacob de receber doentes no campo e de ir à casa deles, e ele se submeteu dizendo que só retomaria o exercício de sua faculdade quando a interdição fosse levantada oficialmente, porque, sendo militar, quis mostrar-se escrupuloso observador da disciplina, por mais dura que fosse. Nisto agiu sabiamente, pois provou que o Espiritismo não leva à insubordinação; mas aqui é um caso excepcional. Desde que esta faculdade não é privilégio de um indivíduo, por que meio poderiam impedi-la de propagar-se? Se ela se propaga, queiram ou não, terão de aceitá-la com todas as suas conseqüências.

Como a mediunidade curadora depende de uma disposição orgânica, muitas pessoas a possuem, ao menos em germe, mas fica em estado latente por falta de exercício e de desenvolvimento. É uma faculdade que muitos ambicionam, e com razão. Se todos os que desejam possuí-la a pedissem com fervor e perseverança pela prece, e com fim exclusivamente humanitário, é provável que, desse concurso, saísse mais de um verdadeiro médium curador.

Não é de admirar ver pessoas favorecidas com esse dom precioso e que, à primeira vista, não parecem dignas desse favor. É que a assistência dos Espíritos bons é dispensada a todo o mundo, para abrir a todos a via do bem; mas cessa se não se souber tornar-se digno dela, melhorando-se. O mesmo se dá com os dons da fortuna, que nem sempre vem ao mais merecedor; é, então, uma prova para o uso que dela se faz: felizes os que saírem vitoriosos.

Pela natureza de seus efeitos, a mediunidade curadora exige imperiosamente o concurso de Espíritos *depurados*, que não poderiam ser substituídos por Espíritos inferiores, enquanto há efeitos mediúnicos para a produção dos quais a elevação dos Espíritos não é uma condição necessária e que, por esta razão, são obtidos mais ou menos em qualquer circunstância. Certos Espíritos

até, menos escrupulosos que outros quanto a estas condições, preferem os médiuns em que encontram simpatia. Mas pela obra se reconhece o obreiro.

Há, pois, para o médium curador necessidade absoluta de atrair o concurso dos Espíritos superiores, se quiser conservar e desenvolver sua faculdade, senão, em vez de crescer, ela declina e desaparece pelo afastamento dos Espíritos bons. A primeira condição para isto é trabalhar em sua própria depuração, a fim de não alterar os fluidos salutares que está encarregado de transmitir. Esta condição não poderia ser preenchida sem o mais completo desinteresse material e moral. O primeiro é mais fácil; o segundo é mais raro, porque o orgulho e o egoísmo são os sentimentos mais difíceis de extirpar e porque várias causas contribuem para os superexcitar nos médiuns. Desde que um deles se revele com faculdades um pouco transcendentas – falamos aqui dos médiuns em geral, escreventes, videntes e outros – é procurado, adulado e alguns sucumbem à tentação da vaidade. Sem tardança, esquecendo que sem os Espíritos nada seria, considera-se como indispensável e o único intérprete da verdade; denigre os outros médiuns e se julga acima de conselhos. O médium que assim se encontra está perdido, porque os Espíritos se encarregam de lhe provar que podem passar sem ele, fazendo surgir outros médiuns mais bem assistidos. Comparando a série das comunicações de um mesmo médium, pode-se julgar facilmente se ele cresce ou degenera. Quantos vimos, oh! de todos os gêneros, cair triste e deploravelmente no terreno escorregadio do orgulho e da vaidade! Pode-se, pois, esperar ver surgir uma multidão de médiuns curadores. Nesse número, vários deles permanecerão como frutos secos e se eclipsarão, depois de terem brilhado passageiramente, enquanto outros continuarão a elevar-se.

Eis um exemplo disto, que há seis meses nos assinalava um de nossos correspondentes. Num Departamento do Sul, um médium que se tinha revelado como curador, havia operado várias

curas notáveis e sobre ele repousavam grandes esperanças. Sua faculdade apresentava particularidades que deram, num grupo, a idéia de fazer um estudo a respeito. Eis a resposta que obtiveram dos Espíritos, e que nos foi transmitida na ocasião. Ela pode servir de instrução a todos.

“X... realmente possui a faculdade de médium curador notavelmente desenvolvida. Infelizmente, como muitos outros, ele exagera muito o seu alcance. É um excelente rapaz, cheio de boas intenções, mas que um orgulho desmesurado e uma visão extremamente curta dos homens e das coisas farão periclitarse prontamente. Seu poder fluídico, que é considerável, bem utilizado e secundado pela influência moral, poderia produzir excelentes resultados. Sabeis por que muitos de seus doentes só experimentam um bem-estar momentâneo, que desaparece quando ele não mais está lá? É que ele age somente por sua presença, mas nada deixa ao Espírito para triunfar dos sofrimentos do corpo.

“Quando parte, nada resta dele, nem mesmo o pensamento que segue o doente, no qual não pensa mais, ao passo que a ação mental poderia, em sua ausência, continuar a ação direta. Ele acredita em seu poder fluídico, que é real, mas cuja ação não é persistente, porque não é corroborada pela influência moral. Quando tem sucesso, fica mais satisfeito por ser notado do que por ter curado; e, contudo, é sinceramente desinteressado, pois coraria se recebesse a menor remuneração. Embora não seja rico, jamais pensou em fazer disto um recurso. O que deseja é que falem dele. Falta-lhe também a afabilidade de coração, que atrai. Os que vêm a ele ficam chocados por suas maneiras, que não geram simpatia, resultando uma falta de harmonia que prejudica a assimilação dos fluidos. Longe de acalmar e apaziguar as más paixões, ele as excita, crendo fazer o que é preciso para as destruir, e isto pela falta de raciocínio. É um instrumento desafinado; por vezes dá sons harmoniosos e bons, mas o conjunto só pode ser mau, ou, pelo menos, improdutivo. Também não é útil à causa quanto o poderia;

a maior parte das vezes a prejudica, porque, por seu caráter, faz apreciar muito mal os resultados. É desses que pregam com violência uma doutrina de doçura e de paz.”

P. – Então pensais que ele perderá o seu poder curador?

Resp. – Estou persuadido disto, a menos que ele entrasse no bom caminho, o que, infelizmente, não o creio capaz. Os conselhos seriam supérfluos, porque está convicto de saber mais que todo o mundo. Talvez parecesse escutá-los, mas não os seguiria. Assim, perde duplamente o benefício de uma excelente faculdade.

O acontecimento justificou a previsão. Mais tarde soubemos que esse médium, depois de uma série de insucessos que seu amor-próprio teve de sofrer, tinha renunciado a novas tentativas de curas.

O poder de curar é independente da vontade do médium; é um fato constatado pela experiência. O que depende dele são as qualidades que podem tornar esse poder frutuoso e *durável*. Essas qualidades são, sobretudo, o devotamento, a abnegação e a humildade. O egoísmo, o orgulho e a cupidez são pontos de parada, contra os quais se quebra a mais bela faculdade.

O verdadeiro médium curador, o que compreende a santidade de sua missão, é movido pelo único desejo do bem; não vê no dom que possui senão um meio de tornar-se útil aos semelhantes, e não um degrau para elevar-se acima dos outros e pôr-se em evidência. É humilde de coração, isto é, nele a humildade e a modéstia são sinceras, reais, sem pensamento dissimulado, e não em palavras, que muitas vezes desmentem os atos. A humildade por vezes é um manto, sob o qual se abriga o orgulho, mas que não poderia iludir ninguém. Não procura o brilho, nem a fama, nem o ruído de seu nome, nem a satisfação de sua vaidade; não há, em suas maneiras, nem jactância, nem bazófia; não exhibe as curas que

realiza, ao passo que o orgulhoso as enumera com complacência, muitas vezes as amplifica, e acaba por se convencer de que fez tudo o que diz.

Feliz pelo bem que faz, não o é menos pelo que outros podem fazer; não se julgando o primeiro nem o último capaz, não inveja nem denigre nenhum médium. Para ele, os que possuem a mesma faculdade são irmãos que concorrem para o mesmo objetivo: ele diz que quanto mais os houver, maior será o bem.

Sua confiança em suas próprias forças não vai até a presunção de se julgar infalível e, ainda menos, universal; sabe que outros podem tanto ou mais que ele; sua fé é mais em Deus do que em si mesmo, pois sabe que tudo pode por ele, e nada sem ele. Eis por que nada promete, a não ser sob a reserva da permissão de Deus.

À influência material, junta a influência moral, auxiliar poderoso que dobra sua força. Por sua palavra benevolente, encoraja, levanta o moral, faz nascer a esperança e a confiança em Deus. Já é uma parte da cura, porque é uma consolação que predispõe a receber o eflúvio benéfico ou, melhor dizendo, o pensamento benevolente que é, por si só, um eflúvio salutar. Sem a influência moral, o médium só tem em si a ação fluídica, material e, de certo modo, brutal, insuficiente em muitos casos.

Enfim, para aqueles que possuem as qualidades do coração, o doente é atraído por uma simpatia que predispõe à assimilação dos fluidos, enquanto o orgulho e a falta de benevolência chocam e fazem experimentar um sentimento de repulsa, que paralisa essa assimilação.

Tal é o médium curador estimado pelos Espíritos bons. Tal é, também, a medida que pode servir para julgar o valor intrínseco dos que se revelarem e a extensão dos serviços que poderão prestar à causa do Espiritismo. Isto não significa que não

se encontrem médiuns senão nestas condições, e que aquele que não reunisse todas as qualidades não possa momentaneamente prestar serviços parciais, sendo, pois, um erro o repelir. O mal é para ele, porque, quanto mais se afasta do modelo, menos pode esperar ver sua faculdade desenvolver-se e mais perto se acha de seu declínio. Os Espíritos bons só se ligam aos que se mostram dignos de sua proteção, e a queda do orgulhoso, mais cedo ou mais tarde, é a sua punição. O desinteresse é incompleto sem o desinteresse moral.

Subscrição em Favor dos Inundados

A Sociedade Espírita de Paris, em sua sessão de reabertura de 5 de outubro, abriu uma subscrição em favor dos inundados. Um primeiro depósito de 300 francos foi feito em seu nome no escritório do *Moniteur universel*. As subscrições continuarão a ser recebidas no escritório da *Revista Espírita*.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

DEZEMBRO DE 1866

Nº 12

O Lavrador Thomas Martin e Luís XVIII

As revelações feitas a Luís XVIII por um lavrador da Beauce, pouco depois da segunda entrada dos Bourbons, tiveram no tempo uma grande repercussão e, ainda hoje, a sua lembrança não se apagou. Mas poucas pessoas conhecem os detalhes deste incidente, cuja chave agora só o Espiritismo pode dar, como de todos os fatos deste gênero. É um assunto de estudo muito interessante, porque os fatos, quase contemporâneos, são de perfeita autenticidade, já que são constatados por documentos oficiais. Dar-lhe-emos um resumo sucinto, mas suficiente para que sejam apreciados.

Thomas-Ignace Martin era um pequeno lavrador do burgo de Gallardon, situado a quatro léguas de Chartres. Nascido em 1783, tinha, por conseguinte, trinta e três anos quando se deram os acontecimentos que vamos relatar. Morreu no dia 8 de maio de 1834. Era casado, pai de quatro filhos menores e gozava em sua comuna da reputação de um homem perfeitamente honesto. Os relatórios oficiais o descrevem como um homem de bom-senso,

embora de grande ingenuidade, por conta de sua ignorância das coisas mais vulgares; de caráter brando e pacífico, não se metia em nenhuma intriga; de perfeita retidão em todas as coisas e de completo desinteresse, de que deu numerosas provas, o que exclui toda idéia de ambição de sua parte. Assim, quando voltou à sua cidade após a visita ao rei, retomou suas ocupações habituais como se nada tivesse acontecido, evitando mesmo falar do que lhe havia sucedido.

Ao partir para Paris, o diretor do hospício de Charenton teve o maior trabalho do mundo para fazê-lo aceitar 25 francos para as despesas de viagem. No ano seguinte, estando sua mulher grávida do quinto filho, uma pessoa distinta por sua posição e que conhecia a mediocridade de sua fortuna, mandou propor por um terceiro, 150 francos para cobrir as necessidades nessa circunstância. Martin recusou, dizendo: “Só pode ser por causa destas coisas que me acontecem que me oferecem dinheiro, porque, sem isto, não falariam de mim, nem mesmo me conheceriam. Mas *como a coisa não vem de mim, nada devo receber por isto*. Assim, agradecei a essa pessoa porque, embora eu não seja rico, nada quero receber.” Em outras circunstâncias recusou somas mais consideráveis, que o teriam deixado à vontade.

Martin era simples, mas nem crédulo, nem supersticioso; praticava seus deveres religiosos escrupulosamente, mas sem exagero ou ostentação e sempre justo no estrito limite do necessário, visitando seu cura no máximo uma vez por ano. Por conseguinte, nele não havia nem falsa devoção, nem superexcitação religiosa. Nada em seus hábitos e em seu caráter era susceptível de exaltar-lhe a imaginação. Tinha visto com prazer a volta dos Bourbons, mas sem se ocupar de política de modo algum e sem se envolver com qualquer partido. Dedicado inteiramente ao trabalho dos campos, desde a infância, não lia livros nem jornais.

Compreende-se facilmente a importância dessas informações sobre o caráter de Martin no caso de que se trata. Desde que um homem não é movido nem pelo interesse, nem pela ambição, nem pelo fanatismo, nem pela credulidade supersticiosa, conquista sérios títulos à confiança. Ora, eis de modo sumário como se passaram os acontecimentos que lhe sucederam.

No dia 15 de janeiro de 1816, por volta das duas e meia da tarde, ele estava só, ocupado em adubar um campo a três quartos de légua de Gallardon, num cantão muito deserto, quando, de repente, se lhe apresentou um homem de cerca de cinco pés e uma ou duas polegadas, corpo delgado, rosto afilado, delicado e muito branco, vestindo uma levita ou redingote dourado, totalmente abotoado e caindo até os pés, com os sapatos amarrados com cordões e com um chapéu redondo de copa alta. Esse homem disse a Martin:

“Deveis ir ao encontro do rei e lhe dizer que sua pessoa corre perigo, bem como a dos príncipes; que gente má ainda tenta derrubar o governo; que vários escritos ou cartas já circulam em algumas províncias de seus Estados a esse respeito; que é preciso que exerça uma polícia rigorosa e geral em todos os seus Estados e, sobretudo, na capital; que também é preciso que reabilite o dia do Senhor, a fim de que o santifiquem, pois esse dia santo é desconhecido por grande parte de seu povo; que mande interromper os trabalhos públicos nesses dias; que faça ordenar preces públicas pela conversão do povo; que o estimule à penitência; que mande abolir e aniquilar todas as desordens que se cometem nos dias que antecedem a quaresma; a não ser assim, a França cairá em novas desgraças.”

Um pouco surpreso pela súbita aparição, Martin lhe respondeu: “Mas bem podeis ir encontrar outros, que não eu, para uma incumbência como esta. Não é com mãos assim (sujas de esterco) que vou falar ao rei!”

– Não, replicou o desconhecido, sois vós que ireis. – Mas, replicou Martin, já que sabeis tanto, bem podeis ir vós mesmo procurar o rei e lhe dizer tudo isto. Por que vos dirigis a um pobre homem como eu, que nem sabe explicar-se? – Não serei eu a ir, disse o desconhecido, sereis vós; prestai atenção no que digo e fazei tudo o que vos ordeno.

Depois destas palavras Martin o viu desaparecer mais ou menos assim: seus pés pareceram elevar-se do solo, a cabeça baixar e o corpo, se encolhendo, acabou por desaparecer à altura da cintura, como se se tivesse evaporado no ar. Mais espantado por esta maneira de desaparecer do que pela aparição súbita, Martin quis ir-se embora, mas não pôde; ficou, mau grado seu, e voltou à sua tarefa que, devendo durar duas horas e meia, não durou senão hora e meia, o que redobrou o seu espanto.

Talvez achem pueris certas recomendações que Martin deveria fazer ao rei, sobretudo no que concerne à observação do domingo, em relação ao meio, aparentemente sobrenatural, empregado em lhas transmitir, e às dificuldades que tal providência deveria encontrar. Mas é provável que não fosse senão uma espécie de passaporte para chegar a ele, porque o objetivo principal da revelação, que era muito mais grave, não devia ser conhecido, como se verá mais tarde, senão no momento da entrevista. O essencial era que Martin pudesse chegar até o rei, e para isso a intervenção de alguns membros do alto clero era necessária. Ora, sabe-se a importância que o clero atribui à observação do domingo; como o soberano não haveria de sensibilizar-se, quando a voz do céu ia fazer-se ouvir por um milagre? Convinha, pois, favorecer Martin, em vez de o desanimar. Todavia, era preciso que as coisas marchassem por si mesmas.

Martin apressou-se em contar ao seu irmão o que lhe tinha acontecido e ambos foram comunicá-lo ao cura da paróquia, o Sr. Laperruque, que se esforçou por dissuadir Martin a levar a coisa à conta de sua imaginação.

No dia 18, às seis horas da tarde, tendo Martin descido ao porão para apanhar batatas, o mesmo indivíduo lhe apareceu de pé, ao seu lado, enquanto estava ajoelhado, ocupado em as recolher. Apavorado, lá deixa a candeia e foge. No 18, nova aparição à entrada de um lagar e Martin ainda foge.

No domingo, 21 de janeiro, Martin entrava na igreja à hora das vésperas; quando tomava água benta, percebeu o desconhecido, que também a tomava e que o seguiu até a entrada de seu banco. Durante toda o desenrolar do ofício esteve muito recolhido e Martin notou que ele não tinha o chapéu na cabeça nem nas mãos. Ao sair da igreja o seguiu até sua casa, caminhando ao seu lado, com o chapéu na cabeça. Chegados ao portão largo, achou-se de repente diante dele, face a face, e lhe disse: “Desobrigai-vos de vosso encargo e fazei o que vos disse; não vos deixarei em paz enquanto vossa obrigação não for cumprida.” Mal pronunciou estas palavras, desapareceu, sem que desta vez, nem das aparições seguintes, Martin o tivesse visto desaparecer gradualmente, como da primeira vez. Em 24 de janeiro, nova aparição no celeiro, seguida destas palavras: “Fazei o que vos ordeno; é tempo.”

Notemos estes dois modos de desaparecimento: o primeiro, que não poderia ser o caso de um ser corporal em carne e osso, sem dúvida tinha por objetivo provar que era um ser fluídico, estranho à humanidade material, circunstância que deveria ser realçada 50 anos mais tarde e explicada pelo Espiritismo, cujas doutrinas confirmava, ao mesmo tempo que devia fornecer um assunto de estudo.

Sabe-se que nestes últimos tempos a incredulidade procurou explicar as aparições por efeitos de óptica e que, quando apareceram em alguns teatros fenômenos artificiais deste gênero, produzidos por uma combinação de espelhos e luzes, houve uma grita geral na imprensa, para dizer: “Eis, enfim, descoberto o

segredo de todas as aparições! É com o auxílio de tais meios que essa crença absurda se espalhou em todos os tempos e que pessoas crédulas se deixaram iludir por subterfúgios!”

Nós refutamos, como não podia deixar de ser (*Revista*, julho de 1863), essa estranha explicação, digna contrapartida do famoso músculo estalante, do doutor Jobert de Lamballe, que acusava todos os espíritas de loucos e que ele mesmo, infelizmente, mofou vários anos num hospício de alienados. Mas perguntaremos, no caso de que aqui se trata, por que e como os aparelhos desta natureza, necessariamente complicados e volumosos, poderiam ter sido dispostos e manobrados num campo isolado de qualquer habitação, e onde Martin se achava absolutamente só, sem que nada tivesse percebido? Como esses mesmos aparelhos, que funcionam na obscuridade com o auxílio de luzes artificiais, poderiam ter produzido uma imagem em pleno sol? Como poderiam ter sido instantaneamente transportados para o porão e para o celeiro, locais que pouco se prestam a maquinações, para a igreja e daí seguir Martin até sua casa, sem que ninguém tivesse notado algo? Essas espécies de imagens artificiais são vistas por todos os espectadores. Como é que na igreja, e ao sair da igreja, somente Martin viu o indivíduo? Dirão que nada viu, mas que, de boa-fé, foi vítima de uma alucinação? Esta explicação é desmentida pelo fato material das revelações feitas ao rei e que, como se verá, não podiam ser conhecidas previamente por Martin. Há nisso um resultado positivo, material, que não é peculiar às ilusões.

O cura de Gallardon, a quem Martin dava fiel conta das aparições, e que lhes tomava nota exata, julgou por bem se dirigir ao seu bispo, em Versalhes, para o qual lhe deu uma carta de recomendação circunstanciada. Lá, Martin repetiu tudo quanto havia visto e, depois de diversas perguntas, o bispo o encarregou de perguntar ao desconhecido, de sua parte, se ele se apresentaria, seu nome, quem era e quem o enviara, recomendando-lhe que dissesse tudo ao seu cura.

Alguns dias depois do regresso de Martin, o sr. cura recebeu uma carta de seu bispo, pela qual lhe testemunhava que o homem que lhe tinha enviado parecia ter grandes luzes sobre o objetivo importante de que tratava. A partir daí estabeleceu-se uma correspondência contínua entre o bispo e o cura de Gallardon. O monsenhor, por seu lado, em face da gravidade da primeira aparição, julgou por bem fazer desta um caso ministerial e de polícia; em consequência, enviava todo relatório que recebia do sr. cura ao Sr. Decazes, ministro da polícia geral.

Terça-feira, 30 de janeiro, o desconhecido apareceu novamente a Martin e lhe disse: “Vossa incumbência está bem começada, mas os que a têm nas mãos, dela não se ocupam; eu estava presente, embora invisível, quando fizestes vossa declaração; foi-vos dito para perguntar meu nome e da parte de quem eu vinha; meu nome ficará ignorado, e aquele que me enviou (mostrando o Céu) está acima de mim. – Por que vos dirigis sempre a mim, replicou Martin, para uma missão como esta, logo eu que sou apenas um camponês? Há tanta gente de espírito! – É para abater o orgulho, disse o desconhecido, mostrando a terra; não deveis vos orgulhar do que vistes e ouvistes, porque o orgulho desagrada soberanamente a Deus; praticai a virtude; assisti aos officios que se fazem em vossa paróquia aos domingos e dias de festa; evitai os cabarés e as más companhias, onde se cometem toda sorte de impurezas e onde imperam as más conversas. Não façais nenhum carroto aos domingos e feriados.”

Durante o mês de fevereiro, o desconhecido ainda apareceu várias vezes a Martin, dizendo-lhe, entre outras coisas: “Persisti, ó meu amigo, e conseguireis. Aparecereis diante da incredulidade e a confundireis; tenho ainda outra coisa a vos dizer que os convencerá e nada terão a responder. – Apressai vossa missão; não fazem nada do que vos tenho dito; os que têm o caso nas mãos estão inebriados de orgulho; a França está num estado de delírio; será entregue a toda sorte de desgraças. – Ireis encontrar o

rei; dir-lhe-eis o que anunciei; ele poderá admitir consigo seu irmão e seus sobrinhos. Quando estiverdes diante do rei eu vos descobrirei coisas secretas do tempo de seu exílio, mas cujo conhecimento só vos será dado no momento em que fordes levado à sua presença.”

Entrementes, o Sr. conde de Breteuil, prefeito de Chartres, recebeu uma carta do ministro da polícia geral, que o convidava a verificar “se essas aparições dadas como miraculosas não eram antes um jogo da imaginação de Martin, verdadeira ilusão de seu espírito exaltado, ou, enfim, se o pretense enviado desconhecido e, talvez, o próprio Martin, não deveriam ser severamente examinados pela polícia e em seguida entregues aos tribunais.”

No dia 5 de março Martin recebeu a visita de seu desconhecido, que lhe disse: “Em breve comparecereis perante o primeiro magistrado de vosso Departamento; é preciso que relateis as coisas como vos são anunciadas; não deveis levar em consideração nem a qualidade nem a dignidade.”

Martin não tinha sido informado de que devia ir ao prefeito; aqui, portanto, não se trata de simples comunicação sobre uma coisa vaga: é a previsão de um fato que vai realizar-se. Isto é constantemente repetido durante a série desses acontecimentos; Martin sempre foi informado por seu desconhecido do que lhe aconteceria, das pessoas em presença das quais iria encontrar-se, dos lugares onde seria conduzido. Ora, isto não é o resultado da ilusão e das coisas quiméricas. Desde que o indivíduo diz a Martin: amanhã vereis tal pessoa, ou sereis conduzido a tal lugar e a coisa se realiza, é um fato positivo que não pode resultar da imaginação.

No dia seguinte, 6 de março, acompanhado pelo sr. cura, Martin foi à casa do prefeito, em Chartres. Inicialmente este se entreteve longamente em particular com o sr. cura; depois,

mandando entrar Martin, perguntou: “Mas se eu o algemassem e prendesse por anunciar semelhantes coisas, continuaríeis a dizer o que enunciais? – Como quizerdes, respondeu Martin sem se intimidar; não posso dizer senão a verdade. – Mas, prosseguiu o sr. prefeito, se aparecêsseis diante de uma autoridade superior à minha, por exemplo, perante o ministro, sustentaríeis o que acabais de dizer-me? – Sim, senhor, replicou Martin, e diante do próprio rei.”

Surpreendido por tanta segurança, aliada a tamanha simplicidade, e mais ainda pelos estranhos relatos que lhe havia feito o cura, o prefeito decidiu-se a enviar Martin ao ministro. No dia seguinte, 7 de março, Martin partia com destino a Paris, escoltado pelo Sr. André, tenente de polícia, que tinha ordem de vigiar todos os seus passos e de não o deixar nem de dia, nem de noite. Hospedaram-se na Rua Montmartre, “hôtel de Calais”, num quarto de dois leitos. Na sexta-feira, 8 de março, o Sr. André conduziu Martin ao quartel-general da polícia. Ao entrar no pátio do hotel, o desconhecido se lhe apresentou e disse: “Ireis ser interrogado de várias maneiras; não vos amedronteis nem vos inquieteis, mas dizei as coisas como elas são.” Depois destas palavras, desapareceu.

Não relataremos aqui todos os interrogatórios a que foi submetido Martin, pelo ministro e seus secretários, sem que ele se deixasse intimidar pelas ameaças, nem se desconcertar pelas armadilhas que lhe estendiam, para fazê-lo cair em contradição, confundindo seus interrogadores por suas respostas cheias de senso e de sangue-frio. Tendo Martin descrito seu desconhecido, o ministro lhe disse: “Pois bem! não o vereis mais, porque acabo de o prender. – Eh! Como pudeste prendê-lo, redargüiu Martin, já que ele desaparece como um relâmpago? – Se desaparece para vós, retomou o ministro, não desaparece para todo o mundo. E dirigindo-se a um de seus secretários: Ide ver se esse homem que mandei prender ainda está na prisão.”

Alguns instantes depois o secretário voltou e respondeu: “Senhor, ele está sempre lá. – Pois bem! disse Martin, se o prendestes e mo mostrardes, eu o reconhecerei; eu o vi muitas vezes para isto.”

A seguir veio um homem que examinou cuidadosamente a cabeça de Martin, afastando seus cabelos à direita e à esquerda; o ministro também fez o mesmo, sem dúvida para verificar se não tinha qualquer sinal indicador de loucura, ao que Martin se contentava em dizer: “Olhai quanto quiserdes, jamais adoeci em minha vida.”

Voltando ao hotel, à noite Martin disse ao Sr. André: “Mas o ministro me tinha dito que havia posto na prisão o homem que me aparecia. Então o soltou, pois me apareceu depois e me disse: Fostes interrogado hoje, mas não querem fazer o que eu disse. Aquele que vistes esta manhã quis que acreditásseis que me haviam detido; dizei-lhe que ele não tem nenhum poder sobre mim e que já é tempo para o rei ser avisado.” No mesmo instante o Sr. André foi fazer o seu relatório à polícia, enquanto Martin, sem se inquietar, deitou e dormiu sossegadamente.

No dia seguinte, 9, tendo Martin descido para pedir as botas do tenente, o desconhecido se apresentou no meio da escada e lhe disse: “Sereis visitado por um médico que vem constatar se tendes a imaginação impressionável ou se perdestes a cabeça; mas os que o enviam são mais loucos do que vós.” Com efeito, no mesmo dia o célebre alienista, Sr. Pinel, veio visitá-lo e o submeteu a um interrogatório apropriado a esse gênero de informação. “A despeito de sua habilidade – diz o relatório – foi incapaz de obter qualquer indicação, por menor que fosse, de provável alienação. Suas pesquisas não levaram senão a uma simples conjectura da *possibilidade* de alucinação e de mania intermitente.”

Para certas pessoas, parece que nada mais é preciso para ser tachado de loucura: basta não pensar como eles. Eis por que os que crêem em alguma coisa do outro mundo passam por loucos aos olhos dos que em nada acreditam.

Depois da visita do doutor Pinel, o desconhecido apresentou-se a Martin e lhe disse. “É preciso que vades falar ao rei. Quando estiverdes em sua presença eu vos inspirarei sobre o que devereis dizer-lhe. *Sirvo-me de vós para abater o orgulho e a incredulidade.* Tratam de afastar o caso, mas se não conseguirdes o vosso intento, ele será desvendado por outra via.”

No dia 10 de março, estando Martin em seu quarto, o desconhecido lhe apareceu e disse: “Eu havia dito que meu nome ficaria ignorado, mas, já que a incredulidade é tão grande, é preciso que vos revele o meu nome. Sou o anjo Rafael, anjo muito famoso junto a Deus. Tenho o poder de ferir a França com toda a sorte de flagelos.” A estas palavras, Martin foi tomado de pavor e sentiu uma espécie de crispação.

Outro dia, tendo saído com Martin o Sr. André encontrou um oficial amigo seu, com o qual conversou durante uma hora, em inglês, língua que naturalmente Martin não entendia. No dia seguinte o desconhecido, que ele agora chama anjo, lhe disse: “Os que ontem estavam convosco falaram a vosso respeito, mas não entendíeis sua linguagem; disseram que vínheis para falar ao rei e um disse que quando voltasse à sua terra o outro lhe daria notícias, para saber como a coisa se teria passado.” O Sr. André, a quem Martin dava conta de todas as suas conversas com o desconhecido, ficou muito surpreendido por ver que o que tinha dito em inglês, para não ser compreendido pelo camponês, estava descoberto.

Embora o relatório do doutor Pinel não concluísse pela loucura, mas apenas por uma *possibilidade* de alucinação, Martin não

deixou de ser levado ao hospício de Charenton, onde ficou de 13 de março a 2 de abril. Lá foi objeto de minuciosa vigilância e submetido ao estudo especial dos especialistas. Igualmente fizeram inquéritos em sua terra, sobre os seus antecedentes e os de sua família, sem que, a despeito de todas as investigações, tivessem constatado a menor aparência ou causa predeterminante de loucura. Para render homenagem à verdade, deve-se dizer que ali foi sempre tratado com muita atenção da parte do Sr. Royer-Collard, diretor-chefe da casa, e por outros médicos, e que não o submeteram a nenhum desses tratamentos em uso nesses tipos de estabelecimentos. Se ali foi colocado, era bem menos por medida de seqüestro do que para ter mais facilidade de observar o seu real estado de espírito.

Durante sua estada em Charenton, teve visitas muito freqüentes de seu desconhecido, as quais não apresentaram nenhuma particularidade notável, a não ser esta em que lhe disse: “Haverá discussões: uns dirão que é imaginação; outros, que é um anjo de luz; outros, ainda, que é um anjo das trevas. Eu vos permito que me toqueis.” Então, contou Martin, ele me tomou a mão direita e a apertou; depois abriu o redingote pela frente e, quando este estava aberto, pareceu-me mais brilhante que os raios do Sol. Não pude encará-lo; fui obrigado a pôr a mão em frente aos olhos. Quando ele fechou o redingote, nada mais vi brilhando; ele me pareceu como antes. Esse abrir e fechar se operaram sem nenhum movimento de sua parte.

Outra vez, quando escrevia ao seu irmão, viu ao seu lado o desconhecido, que lhe ditou uma parte da carta, lembrando as predições que havia feito sobre as desgraças de que a França estava ameaçada. Eis, pois, Martin ao mesmo tempo médium vidente e escrevente.

Por mais cuidado que tivessem tomado para que o caso não se espalhasse, este não deixou de causar certa sensação nas

altas rodas oficiais. Entretanto, é provável que tivesse dado em nada, se o arcebispo de Reims, grande capelão de França, depois arcebispo de Paris e cardeal Périgord, nele não se tivesse interessado. Falou a Luís XVIII e lhe propôs receber Martin. O rei lhe declarou que ainda não tinha ouvido falar do caso, tanto é certo que, muitas vezes, os soberanos são os últimos a saber o que se passa em seu redor e mais lhes interessa. Em consequência, ordenou que Martin lhe fosse apresentado.

Em 2 de abril Martin foi conduzido de Charenton à casa do ministro da polícia-geral. Enquanto esperava o momento de ser recebido, seu desconhecido lhe apareceu e disse: “Ireis falar ao rei e estareis só com ele; não temais aparecer diante dele; quanto ao que tereis a lhe dizer, as palavras vos virão à boca.” Foi a última vez que o viu. O ministro o acolheu com muita benevolência e disse que o mandaria levar ao Palácio das Tulherias.

Geralmente acredita-se que Martin veio por si mesmo a Paris, apresentou-se no palácio, insistindo em falar ao rei; que, repellido, voltou à carga com tanta persistência que Luís XVIII, tendo sido informado, ordenou que o fizessem entrar. Como se vê, as coisas se passaram de outro modo. Não foi senão em 1828, quatro anos depois da morte do rei, que ele deu a conhecer as particularidades secretas que lhe revelou e que lhe causaram profunda impressão, pois tal era o objetivo essencial dessa visita; os outros motivos alegados, como dissemos, não passaram de um meio de chegar a ele. Seu desconhecido lhe deixou ignorar essas coisas até o último momento, temendo que uma indiscrição arrancada pelo artifício dos interrogatórios fizesse o projeto fracassar, o que inevitavelmente teria ocorrido. Depois de sua visita ao rei, Martin foi despedir-se do diretor de Charenton e partiu imediatamente para sua terra, onde retomou o curso habitual de seus trabalhos, sem jamais se atribuir qualquer mérito pelo que lhe tinha acontecido.

O objetivo a que nos propúnhamos neste relato era mostrar os pontos pelos quais ele se liga ao Espiritismo. Sendo as particularidades reveladas a Luís XVIII estranhas ao nosso assunto, abster-nos-emos de as mencionar. Diremos apenas que elas se referiam a coisas de família da maior intimidade; comoveram o rei a ponto de o fazer chorar muito, declarando este mais tarde que as coisas que lhe tinham sido reveladas só eram conhecidas por Deus e por ele. Elas tiveram por consequência fazê-lo renunciar à sagração, cujos preparativos já haviam sido ordenados.²⁵

Não reportaremos dessa entrevista senão algumas passagens da ata escrita em 1828, ditada pelo próprio Martin, onde se descreve o caráter e a simplicidade do homem.

“Chegamos às Tulherias pelas três horas e sem que ninguém houvesse dito algo. Chegamos até o primeiro oficial de Luís XVIII, a quem foi entregue uma carta e que, depois de a ter lido, me disse: Segui-me. Paramos por alguns momentos, porque o Sr. Decazes estava com o rei. Quando o ministro saiu eu entrei e, antes que eu dissesse uma palavra o rei ordenou ao oficial que se retirasse e fechasse as portas.

O rei estava sentado à sua mesa, diante da porta. Havia penas, papéis e livros. Saudei o rei, dizendo: “Senhor, eu vos saúdo.” O rei me disse: “Bom-dia, Martin.” Então falei com meus botões: Ele sabe o meu nome. “Certamente, senhor, sabeis por que venho”. – “Sim; sei que tendes algo a me dizer e disseram-me que era algo que só podeis dizer a mim. Sentai.” Então eu me sentei numa poltrona em frente ao rei, de modo que só havia a mesa entre nós. Perguntei-lhe como passava. – O rei me disse: “Passo um

25 Os detalhes circunstanciados e as provas em apoio se acham numa obra intitulada: *O passado e o futuro explicados pelos acontecimentos extraordinários ocorridos a Thomas Martin, lavrador da Beauce*. – Paris, 1832, Casa BRICON livreiro, rue du Vieux-Colombier, 19; Marselha, mesma casa, rue du Saint-Sépulcre, 17. – Esta obra, hoje esgotada, é muito rara.

pouco melhor do que nestes dias passados; e vós, como passais? – Eu passo bem. – Qual o objetivo de vossa viagem? – E eu lhe disse: Podeis mandar chamar, se quiserdes, vosso irmão e seus filhos. O rei me interrompeu, dizendo: É inútil; eu lhes direi o que me tiverdes dito.” Depois disto, contei ao rei todas as aparições que eu tinha tido e que estão na ata.

“Eu sei tudo isto; o arcebispo de Reims já mo havia dito tudo. Mas parece que tendes algo a me dizer em particular e em segredo.” Então senti virem à minha boca as palavras que o anjo me havia prometido, e disse ao rei: “O segredo que tenho a vos dizer é que...” (Seguem detalhes sobre certas medidas a tomar e a maneira de governar, que, como as instruções dadas na continuação da conversa, não podiam ser inspiradas senão naquele momento, pois estão fora do alcance do grau de cultura de Martin).

“Foi a este relato que o rei, tocado de espanto e profundamente emocionado, disse: ‘Ó meu Deus! ó meu Deus! isto é bem certo; só eu, vós e Deus sabemos isto; prometei guardar o maior segredo sobre estas comunicações.’ E eu lhe prometi. Depois disto eu lhe disse: ‘Evitai fazer-vos sagrar; se o tentásseis, seríeis ferido de morte na cerimônia da sagração.’ Desde esse momento até o fim da conversa o rei chorava sempre.”

Quando terminei, ele me disse que o anjo que me havia aparecido era o que conduzia o jovem Tobias a Rages e que o fez casar. Depois perguntou qual de minhas mãos o anjo havia apertado. Eu respondi: “Esta”, mostrando a direita. O rei ma tomou, dizendo: “Que eu toque a mão que o anjo apertou. Orai sempre por mim. – Claro, senhor; eu e minha família, assim como o sr. cura de Gallardon, temos sempre orado para que o caso tivesse bom termo.”

Saudei o rei, dizendo-lhe: “Eu vos desejo boa saúde. Senhor, foi-me dito, uma vez cumprida minha missão junto a vós,

que vos pedisse permissão para voltar à minha família; que não o recusaríeis e que nada me sucederia de mal. – Nada sofrereis. Dei ordens para que vos despachassem. O ministro vai providenciar jantar e leito, e papéis para que possais voltar amanhã. – Mas eu ficaria contente se voltasse a Charenton para me despedir e apanhar uma camisa que lá deixei. – Não vos causa desgosto ficar em Charenton? Estáveis bem lá? – Nenhum desgosto; e se não tivesse certeza de lá ter estado bem, não pediria para voltar. – Pois bem! já que o desejais, o ministro vos conduzirá de minha parte.”

Voltei a encontrar o meu condutor, que me esperava, e fomos juntos à casa do ministro.

Feito em Gallardon, em 9 de março de 1828.

Assinado: Thomas Martin

A conversa de Martin com o rei durou pelo menos 55 minutos.

Se, depois de sua visita ao rei, Martin não mais viu seu desconhecido, as manifestações não deixaram de continuar sob outra forma; de médium vidente, tornou-se médium auditivo. Eis alguns fragmentos de cartas que ele escrevia ao antigo cura de Gallardon:

28 de janeiro de 1821

“Sr. cura, escrevo para vos dar conhecimento de uma coisa que me aconteceu. Terça-feira passada, 23 de janeiro, estando à charrua e sem ter visto ninguém, ouvi uma voz que me falou, dizendo: ‘Filho de Japhet! pára e presta atenção nas palavras que te são dirigidas.’ No mesmo instante os meus cavalos pararam, sem que eu nada tivesse dito, pois estava muito admirado. Eis o que me disseram: “Nesta grande região uma grande árvore será plantada e, na mesma cepa, será plantada outra que é inferior à primeira; a

segunda árvore tem dois galhos, dos quais um se quebrou e logo depois secou por um vento furioso e esse vento não cessou de soprar. No lugar desse galho surgiu outro, novo, tenro, que o substituiu; mas esse vento, que é sempre agitado, elevar-se-á um dia com tais abalos que... e depois desta catástrofe espantosa, os povos estarão na última desolação. Ora, meu filho, para que esses dias sejam abreviados; invoca o céu para que o vento fatal, saindo do noroeste, seja barrado por barreiras poderosas, e que seus progressos nada tenham de repugnante. Estas coisas são obscuras para ti, mas outros as compreenderão facilmente.”

“Eis, senhor, o que me aconteceu terça-feira, cerca de uma hora da tarde. Não compreendo nada disto. Vós me direis, se compreenderdes alguma coisa. A ninguém falei de tudo isto, nem mesmo à minha mulher, pois o mundo é mau. Eu estava *resolvido* a guardar tudo isto em silêncio, mas me decidi a vos escrever hoje, porque esta noite não pude dormir e tenho tido sempre estas palavras na memória; rogo que as guardeis em segredo, porque o mundo zombaria delas. Senhor, trataram-me de filho de Japhet. Não conheço ninguém em nossa família com este nome. Talvez se tenham enganado ou me tomaram por outro.”

8 de fevereiro de 1821

“Eu vos tinha proibido de falar do que vos contei; errei, porque isto não pode ficar oculto. Necessariamente é preciso que isto passe diante dos grandes e dos primeiros do Estado, para que se veja o perigo de que estão ameaçados, pois o vento de que vos falei antes vai provocar terríveis desastres, porque o vento sopra sempre em torno da árvore. Se não prestarem atenção a isto, em pouco esta estará derrubada. No mesmo momento outra árvore, com o que dela sai, experimentará a mesma sorte. Ontem a mesma voz me veio falar, e nada vi.”

21 de fevereiro de 1821

“Senhor, esta manhã tive um grande pavor. Eram nove horas. Ouvi um grande barulho junto a mim e nada vi, mas ouvi falar, depois que o ruído cessou, e me disseram: Por que tivestes medo? não temais; não venho fazer mal algum. Estais surpreendido de ouvir falar e nada ver; não vos admireis; é preciso que as coisas sejam descobertas; *sirvo-me de vós para vos enviar, como sou enviado*. Os filósofos, os incrédulos, os ímpios não crêem que suas manobras sejam vistas, mas é preciso que sejam confundidos... Ficai tranqüilo, continuei a ser o que tendes sido; vossos dias estão contados e não vos escapará um só. Proíbo que vos prosterneis diante de mim, porque sou apenas um servo como vós.”

“Senhor, eis o que me foi dito; não sei qual a pessoa que me fala; tem a voz bastante forte e muito clara. Tive a idéia de falar, mas não ousei, pois não vejo ninguém.”

Resta saber qual é a individualidade do Espírito que se manifestou. Era, realmente, o anjo Rafael? Há fortes razões para o duvidar e haveria muitas coisas a dizer contra tal opinião. Mas, em nossa opinião, esta é uma questão secundária. O fato capital é o da manifestação, da qual não se poderia duvidar, cujos incidentes têm sua razão de ser pelo resultado proposto, e hoje têm o seu lado instrutivo.

Um fato que, sem dúvida, não terá escapado a ninguém, é o das palavras de Martin, a respeito de uma soma que lhe ofereceram: “Como a coisa não vem de mim, dizia ele, nada devo receber por isto.” Eis, pois, um simples camponês, médium inconsciente que, há cinquenta anos, época na qual se estava longe de pensar no Espiritismo, tem, por si mesmo, a intuição dos deveres impostos pela mediunidade, da santidade deste mandato. Seu bom-senso, sua lealdade natural lhe fazem compreender que o que vem de uma fonte celeste, e não dele mesmo, não deve ser pago.

Talvez se admirem das dificuldades que encontrou Martin para desempenhar a missão de que estava encarregado. Por que, dirão, os Espíritos não o fizeram chegar diretamente ao rei? Como vimos, essas dificuldades, essa lentidão tiveram sua utilidade. Era preciso que ele passasse por Charenton, onde sua razão foi submetida às investigações mais rigorosas da ciência oficial e pouco crédula, a fim de que fosse constatado que não era louco, nem exaltado. Como se viu, os Espíritos triunfaram dos obstáculos interpostos pelos homens, mas como estes têm o seu livre-arbítrio, não os podiam impedir de pôr entraves.

Notemos, a propósito, que Martin não fez, a bem dizer, nenhum esforço para chegar ao rei. As circunstâncias a isso o conduziram, quase que à sua revelia, e sem que tivesse sido necessário insistir muito. Ora, essas circunstâncias evidentemente foram conduzidas pelos Espíritos, agindo sobre o pensamento dos encarnados, porque a missão de Martin era séria e devia realizar-se.

Dá-se o mesmo em todos os casos análogos. Além da questão da prudência, é evidente que, sem as dificuldades que há de chegar a eles, os soberanos seriam assaltados por pretensos reveladores. Nestes últimos tempos, quanta gente se julgou chamada a semelhantes missões, que era apenas o resultado de obsessões, em que o seu orgulho era posto em jogo, mau grado seu, e não podia resultar senão em mistificações! A todos os que julgaram dever consultar-nos em semelhantes casos, sempre dissemos, demonstrando os sinais evidentes pelos quais se traem os Espíritos mentirosos: “Guardai-vos de qualquer manobra que, infalivelmente, vos levaria à confusão. Ficai certos de que se vossa missão for real, sereis postos em condições de realizá-la; que, num dado momento, se tiverdes de vos encontrar num certo lugar, a ele sereis conduzido, mau grado vosso, por circunstâncias que terão a aparência de ser um efeito do acaso. Além disso, assegurai-vos de que uma coisa, quando estiver nos desígnios de Deus, haverá de realizar-se, e que ele não subordina tal realização à boa ou à má

vontade dos homens. Desconfiai das missões fixadas e pregadas por antecipação, porque não passam de excitantes para o orgulho; as missões se revelam por fatos. Desconfiai também das predições em dia e hora certos, porque os Espíritos sérios jamais agem assim.” Temos sido bastante felizes para deter algumas delas, a quem os acontecimentos puderam provar a prudência destes conselhos.

Como se vê, há mais de uma similitude entre estes fatos e os de Joana d’Arc, não que haja qualquer comparação a estabelecer quanto à importância dos resultados realizados, mas quanto à causa do fenômeno, que é exatamente a mesma e, até certo ponto, quanto ao objetivo. Como Joana d’Arc, Martin foi advertido por um ser do mundo espiritual para ir falar ao rei para salvar a França de um perigo e, também como ela, não foi sem dificuldade que chegou até ele. Há, todavia, entre as duas manifestações, esta diferença: Joana d’Arc apenas ouvia as vozes que a aconselhavam, ao passo que Martin via constantemente o indivíduo que lhe falava, não em sonho ou em sono extático, mas sob a aparência de um ser vivo, como o seria um agêneré.

Mas de outro ponto de vista, os fatos acontecidos a Martin, embora menos retumbantes, nem por isso tiveram menor alcance, como prova da existência do mundo espiritual e de suas relações com o mundo corporal, e porque, sendo contemporâneos e de incontestável notoriedade, não podem ser postos no rol das histórias lendárias. Por sua repercussão, serviram de balizas ao Espiritismo, que devia, poucos anos depois, confirmar a sua possibilidade por uma explicação racional e, pela lei em virtude da qual se produzem, fazê-los passar do domínio do maravilhoso para o dos fenômenos naturais. Graças ao Espiritismo, não há uma só das fases apresentadas pelas revelações de Martin, das quais não se possa dar conta perfeitamente.

Martin era médium inconsciente, dotado de uma aptidão de que se serviram os Espíritos, como de um instrumento,

para chegar a um resultado determinado, e esse resultado estava longe de estar inteiro na revelação feita a Luís XVIII. O Espírito que se manifestou a Martin o caracteriza perfeitamente, dizendo; “Eu me sirvo de vós para abater o orgulho e a incredulidade.” Esta é a missão de todos os médiuns destinados a provar, por fatos de todos os gêneros, a existência do mundo espiritual e de uma força superior à Humanidade, porque tal é o objetivo providencial das manifestações. Acrescentaremos que o próprio rei foi instrumento nesta circunstância. Era preciso uma posição tão elevada quanto a sua, a própria dificuldade de ale chegar, para que o caso tivesse repercussão, e a autoridade de uma coisa oficial. As minuciosas investigações a que Martin foi submetido só podiam aumentar a autenticidade dos fatos, porque não teriam tomado todas estas precauções para um simples particular. A coisa teria passado quase despercebida, ao passo que ainda hoje a recordam e ela fornece uma prova autêntica em apoio dos fenômenos espíritas.

O Príncipe de Hohenlohe Médium Curador

A mediunidade curadora está na ordem do dia, e tudo quanto se liga a esta questão oferece um interesse de atualidade. Tomamos do *Vérité*, de Lyon, de 21 de outubro de 1866, o artigo seguinte sobre as curas do príncipe de Hohenlohe, que fizeram grande sensação na época. Esta notícia faz parte de uma série de artigos muito instrutivos sobre os médiuns curadores.

A este respeito, sentimo-nos felizes por constatar que o *Vérité*, que está no seu quarto ano, prossegue com sucesso o curso de suas sábias e interessantes publicações, que projetam luz sobre a história do Espiritismo e no-lo mostram em toda parte, na antiguidade como nos tempos modernos. Se, sobre certos pontos, não partilhamos de todas as opiniões de seu principal redator, o Sr.

A. P..., não deixamos de reconhecer que, por suas laboriosas pesquisas, ele presta à causa um serviço real, que todos os espíritas sérios apreciam.

Com efeito, provar que a Doutrina Espírita atual é a síntese de crenças universalmente espalhadas, partilhadas por homens cuja palavra faz autoridade e que foram nossos primeiros mestres em filosofia, é mostrar que ela não se assenta sobre a base frágil da opinião de um só. Que desejam os espíritas, senão encontrar o maior número possível de aderentes às suas crenças? Para eles, isto deve ser uma satisfação e, ao mesmo tempo, uma consagração de suas idéias, encontrá-las mesmo antes deles. Jamais compreendemos que homens de bom-senso tenham podido concluir contra o Espiritismo moderno que ele não é o primeiro inventor dos princípios que proclama, ao passo que aí está precisamente o que constitui uma parte de sua força e deve acreditá-lo. Alegar a sua ancianidade para o denegrir, é mostrar-se soberanamente ilógico, e tanto mais desajeitado quanto ele jamais se atribuiu o mérito da primeira descoberta. É, pois, equivocarse estranhamente sobre os sentimentos que animam os espíritas, atribuir a estes idéias muito estreitas, e uma tola pretensão pensar em os molestar, objetando-lhes que o que professam era conhecido antes deles, quando os espíritas são os primeiros a explorar o passado para aí descobrir os traços da ancianidade de suas crenças, que fazem remontar às primeiras idades do mundo, porque são fundadas em leis da Natureza, que são eternas.

Nenhuma grande verdade saiu, com todas as suas peças, do cérebro de um indivíduo; todas, sem exceção, tiveram precursores, que as pressentiram ou as entreviram em algumas partes. O Espiritismo se honra, pois, de contar os seus por milhares e entre os homens mais justamente considerados. Pô-los à luz é mostrar o número infinito de pontos pelos quais ele se liga à história da Humanidade.

Mas em parte alguma o Espiritismo encontra-se completo; sua coordenação em corpo de doutrina, com todas as suas conseqüências e suas aplicações, sua correlação com as ciências positivas, é uma obra essencialmente moderna, mas por toda parte encontram-se os seus elementos esparsos, misturados a crenças supersticiosas de que foi preciso fazer a triagem. Se se reunissem as idéias que se acham disseminadas na maioria das filosofias modernas, nos escritores sacros e profanos, os fatos inumeráveis e infinitamente variados que se produziram em todas as épocas, e que atestam as relações do mundo visível e do mundo invisível, chegar-se-ia a constituir o Espiritismo tal qual é hoje: é o argumento invocado contra ele por certos detratores. Foi assim que ele procedeu? É uma compilação de idéias antigas rejuvenescidas pela forma? Não; ele saiu todo inteiro das observações recentes, mas, longe de se julgar diminuído pelo que foi dito e observado antes dele, sente-se fortificado e engrandecido.

Uma história do Espiritismo antes da época atual ainda está por fazer. Um trabalho desta natureza, feito conscienciosamente, escrito com precisão, clareza, *sem desenvolvimentos supérfluos e fastidiosos*, que tornariam penosa sua leitura, seria uma obra eminentemente útil, um documento precioso a consultar. Seria antes uma obra de paciência e de erudição que uma obra literária, e que consistiria principalmente na citação das passagens dos diversos escritores que emitiram pensamentos, doutrinas ou teorias que se acham no Espiritismo de hoje. Aquele que fizer esse trabalho com seriedade terá muito merecido da Doutrina.

Voltemos ao nosso assunto, do qual, sem o querer, nos desviamos um pouco, mas talvez não sem utilidade.

O Espiritismo moderno não descobriu nem inventou a mediunidade curadora e os médiuns curadores, como não descobriu nem inventou os outros fenômenos espíritas. Desde que a mediunidade curadora é uma faculdade natural, submetida a uma

lei, como todos os fenômenos da Natureza, deve ter-se produzido em diversas épocas, como o constata a História; mas estava reservado ao nosso tempo, com o auxílio das novas luzes que possuímos, lhe dar uma explicação racional e fazê-la sair do domínio do maravilhoso. O príncipe de Hohenlohe nos oferece um exemplo, tanto mais notável porque os fatos se passaram antes que se cogitasse do Espiritismo e dos médiuns. Eis o resumo dado pelo jornal *Vérité*:

“No ano de 1829, veio a Wurtzbourg, cidade considerável da Baviera, um santo padre, o príncipe de Hohenlohe. Enfermos e doentes iram pedir-lhe, para obter do céu a sua cura, o socorro de suas preces. Ele invocava sobre eles as graças divinas, e logo se viu grande número desses infortunados curados de repente. O rumor dessas maravilhas repercutiu longe. A Alemanha, a França, a Suíça, a Itália, uma grande parte da Europa foram informadas disto. Numerosos escritos foram publicados, que perpetuam a lembrança. Entre as testemunhas autênticas e dignas de fé, que certificam a realidade dos fatos, basta aqui transcrever algumas, cujo conjunto forma uma prova convincente.

“Preliminarmente, eis um extrato do que a respeito escreve o Sr. Scharold, conselheiro de legação em Wurtzbourg, e testemunha de grande parte das coisas que relata.

“Há dois anos, uma princesa de dezessete anos, Matilde de Schwartzemberg, filha do príncipe deste nome, achava-se na casa de saúde do Sr. Haine, em Wurtzbourg. Era-lhe absolutamente impossível andar. Em vão os médicos mais famosos da França, da Itália e da Áustria tinham esgotado todos os recursos de sua arte para curar a princesa desta enfermidade. Somente o Sr. Haine, que se tinha servido das luzes e da experiência do célebre médico Sr. Textor, tinha conseguido, graças aos cuidados prodigalizados à doente, pô-la em estado de ficar de pé, e ela própria, fazendo esforços, tinha conseguido executar alguns movimentos como para

andar, mas sem andar realmente. Pois bem! a 20 de junho de 1821 ela deixou o leito de repente e andou com inteira liberdade.

“Eis como a coisa se passou. Cerca de dez horas da manhã o príncipe de Hohenlohe foi visitar a princesa, que mora em casa do Sr. Reinach, deão do capítulo. Quando entrou em seu apartamento, perguntou-lhe, como em conversa, na presença de sua governanta, se acreditava firmemente que Jesus-Cristo pudesse curá-la de sua enfermidade. À sua resposta de que estava inteiramente persuadida, o príncipe disse à piedosa doente que orasse do mais profundo do coração e pusesse sua confiança em Deus.

“Quando ela parou de orar, o príncipe lhe deu sua bênção e disse: ‘Vamos, princesa, levantai-vos; agora estais curada e podeis andar sem dores...’ Todo mundo da casa foi chamado imediatamente. Não sabiam como exprimir o seu assombro por uma cura tão pronta e tão incompreensível. Todos caíram de joelhos na mais viva emoção e entoaram louvores ao Todo-Poderoso. Cumprimentaram a princesa por sua felicidade e juntaram suas lágrimas às que a alegria fazia correr de seus olhos.

“A notícia espalhou-se pela cidade e causou espanto. Corriam em multidão para se assegurarem do acontecimento pelos próprios olhos. No dia 21 de junho a princesa já se havia mostrado em público. Impossível descrever o êxtase que ela experimentou, vendo-se fora de seu estado de cruéis sofrimentos.

“No dia 25 o príncipe de Hohenlohe deu outro exemplo notável da graça que possui. A esposa de um ferreiro da Rua Semmels não ouvia mais as grandes marteladas de sua forja. Foi encontrar o príncipe no pátio do presbitério Hung e lhe suplicou que a socorresse. Enquanto estava ajoelhada, ele lhe impôs as mãos sobre a cabeça e, tendo orado algum tempo, com os olhos erguidos para o céu, tomou-a pela mão e a levantou. Qual

não foi o espanto dos espectadores quando essa mulher, erguendo-se, disse que ouvia o tilintar do relógio da igreja! Voltando para casa, não se cansava de contar a todos os que a interrogavam o que acabava de lhe acontecer.

“No dia 26, uma pessoa ilustre (o príncipe real da Baviera) foi curado imediatamente de uma doença que, segundo as regras da Medicina, devia exigir muito tempo e daria muito sofrimento. Esta notícia causou viva alegria nos corações dos habitantes de Wurtzbourg.

“O príncipe de Hohenlohe não foi menos feliz na cura de uma doente que duas vezes tinham tentado curar, mas que, de cada vez, só tinham obtido um ligeiro alívio. Esta cura foi operada na cunhada do Sr. Broilli, negociante. Desde muito ela era afligida por uma paralisia muito dolorosa. A casa ribombou de gritos de alegria.

“No mesmo dia a viúva Balzano recuperou a vista, pois há vários anos estava completamente cega. Convenci-me por mim mesmo deste fato.

“Apenas saído do espetáculo desta cena tocante, fui testemunha de outra cura, operada na casa do Sr. general D... Uma jovem mulher tinha a mão direita tão gravemente estropiada, que não podia usá-la nem estendê-la. Ela imediatamente deu prova de sua perfeita cura, levantando com a mesma mão uma cadeira muito pesada.

“No mesmo dia um paralítico, cujo braço esquerdo se havia definhado, foi curado completamente. Uma cura de dois outros paralíticos ocorreu logo depois. Ela foi tão completa e ainda mais pronta.

“No dia 28 eu mesmo vi com que prontidão e segurança o príncipe de Hohenlohe curou crianças. Tinham-lhe

trazido uma do campo que só andava com muletas. Poucos minutos depois essa criança, transportada de alegria, corria sem muletas pelas ruas. Entrementes, uma criança muda, que apenas soltava alguns sons inarticulados, foi trazida ao príncipe; alguns minutos depois começou a falar. Logo uma pobre mulher trouxe sua filhinha às costas, estropiada das duas pernas; colocou-a aos pés do príncipe. Um momento depois ele entregou a criança à sua mãe, que então viu a filha correr e pular de alegria.

“No dia 29, uma mulher de Neustadt, parálitica e cega, foi-lhe trazida numa charrete. Estava cega há vinte e cinco anos. Cerca de três horas da tarde ela se apresentou no castelo da residência de nossa cidade, para implorar o socorro do príncipe de Hohenlohe, no momento em que ele entrava no vestíbulo, construído sob a forma de uma grande tenda. Caindo aos pés do príncipe, ela lhe suplicou, em nome de Jesus-Cristo, que a socorresse. O príncipe orou por ela, deu-lhe sua bênção e perguntou se acreditava firmemente que pudesse, em nome de Jesus, recobrar a vista. Como respondesse que sim, disse a ela que se levantasse. Retirou-se. Mal se havia afastado alguns passos, seus olhos abriram-se de repente. Ela viu e deu todas as provas que lhe pediram da faculdade que acabava de recobrar. Todas as testemunhas desta cura, entre as quais grande número de senhores da corte, ficaram extasiadas de admiração.

“A cura de uma mulher do hospital civil, que haviam trazido ao príncipe, não é menos admirável. Essa mulher, chamada Elisabeth Laner, filha de um sapateiro, tinha a língua tão vivamente afetada que, por vezes, passava quinze dias sem poder articular uma sílaba. Suas faculdades mentais tinham sofrido muito. Tinha perdido quase completamente o uso dos membros, de sorte que jazia no leito como uma massa. Pois bem! essa pobre infeliz foi hoje ao hospital sem ajuda de ninguém. Goza de todos os sentidos, como há doze anos, e sua língua soltou-se tão bem que ninguém no hospício fala com tanta volubilidade quanto ela.

“No dia 30, à tarde, o príncipe deu um exemplo extraordinário de cura. Uma carroça, em volta da qual estavam reunidos milhares de espectadores, tinha vindo de Musmerstadt. Nela estava um pobre estudante, paralítico dos braços e das pernas, definhados de maneira assustadora.

“Suplicado pelo infeliz para o aliviar, o príncipe veio à carroça. Orou cerca de cinco minutos, as mãos postas e erguidas para o céu. Falou várias vezes ao estudante e, enfim, lhe disse: ‘Levantai-vos, em nome de Jesus-Cristo.’ O estudante realmente se levantou, mas com sentimentos que não pôde dissimular. O príncipe lhe disse que não perdesse a confiança. O infortunado que, alguns minutos antes, não podia mover braços nem pernas, endireitou-se e ficou perfeitamente livre na carroça. Depois, erguendo os olhos para o céu, onde se viam desenhados o mais terno reconhecimento, exclamou: ‘Ó Deus! vós me socorrestes!’ Os espectadores não puderam conter as lágrimas.

“As curas miraculosas operadas em Wurtzbourg pelo príncipe de Hohenlohe poderiam oferecer assunto para mais de cem quadros de ex-voto.”

Notar-se-á a impressionante analogia que existe entre estes fatos de cura e os de que somos testemunhas. O Sr. de Hohenlohe se achava nas melhores condições para o desenvolvimento de sua faculdade e, por isso, a conservou até o fim. Como nessa época não se conhecia a sua verdadeira origem, era considerada como um dom sobrenatural e o Sr. Hohenlohe como operante de milagres. Mas, por que é olhada por algumas pessoas como um dom do céu, e por outras como uma obra satânica? Não conhecemos nenhum médium curador que tenha dito tirar seu poder do diabo; todos, sem exceção, só operam invocando o nome de Deus e declarando nada poder fazer sem a sua vontade. Os mesmos que ignoram o Espiritismo e agem por intuição, recomendam a prece, na qual reconhecem um poderoso

auxiliar. Se agissem pelo demônio, seriam ingratos em o renegar, e este último não é tão modesto, nem tão desinteressado para deixar àquele que procura combater o mérito do bem que faz, porque isto seria perder seus auxiliares, em vez de os recrutar. Alguma vez se viu um negociante elogiar aos seus clientes a mercadoria de seu vizinho a expensas da sua e os compelir a ir a ele? Na verdade, têm razão de rir do diabo, porque dele fazem um ser muito tolo e muito estúpido.

A comunicação seguinte foi dada pelo príncipe de Hohenlohe na Sociedade de Paris.

(Sociedade de Paris, 26 de outubro de 1866 – Médiun: Sr. Desliens)

Senhores, venho entre vós com tanto mais prazer quanto minhas palavras podem tornar-se para todos um útil assunto de instrução.

Frágil instrumento da Providência, pude contribuir para fazer glorificar o seu nome e venho de boa vontade entre aqueles que têm por objetivo principal conduzir-se segundo as suas leis, e progredir tanto quanto neles está o caminho da perfeição. Vossos esforços são louváveis e me considerarei como muito honrado por assistir algumas vezes aos vossos trabalhos. Vamos, então, desde já, às manifestações que provocaram minha presença entre vós.

Como dissestes com toda razão, a faculdade de que eu era dotado era simplesmente o resultado de uma mediunidade. Eu era instrumento; os Espíritos agiam e, se algo eu pude, não foi senão por meu grande desejo de fazer o bem e pela convicção íntima de que tudo é possível a Deus. Eu acreditava!... e as curas que obtinha vinham incessantemente aumentar a minha fé.

Como todas as faculdades mediúnicas, que hoje concorrem para a vulgarização do ensino espírita, a mediunidade

curadora foi exercida em todos os tempos e por indivíduos pertencentes às diversas religiões. – Deus espalha por toda parte seus mais adiantados servos, para deles fazer balizas de progresso, entre os próprios que estão mais afastados da virtude e, direi mesmo, sobretudo entre estes... Como um bom pai que ama igualmente todos os filhos, sua solicitude se manifesta sobre todos, mas mais particularmente sobre os que mais necessitam de apoio para avançar. – É assim que não é raro encontrar homens dotados de faculdades extraordinárias para a multidão, entre os simples. E, por esta palavra, eu entendo aqueles cuja pureza de sentimentos não foi ofuscada pelo orgulho e pelo egoísmo. É verdade que a faculdade também pode existir em pessoas indignas, mas *não é, nem poderia ser, senão passageira*. É um meio enérgico de lhes abrir os olhos: tanto pior para os que se obstinam em mantê-los fechados.

Entrarão novamente na obscuridade de onde saíram, com a confusão e o ridículo por cortejo, se mesmo Deus não punir, desde esta vida, seu orgulho e sua obstinação em desconhecer a sua voz.

Seja qual for a crença íntima de um indivíduo, se suas intenções forem puras, e se estiver inteiramente convencido da realidade do que crê, pode, em nome de Deus, operar grandes coisas. A fé transporta montanhas: dá a vista aos cegos e o entendimento espiritual aos que antes erravam nas trevas da rotina e do erro.

Quanto à melhor maneira de exercer a faculdade de médium curador, há apenas uma: *É ficar modesto e puro* e referir a Deus e às potências que dirigem a faculdade tudo o que se realiza.

Os que perdem os instrumentos da Providência é que não se julgam simples instrumentos; querem que seus méritos sejam em parte causa da escolha feita de sua pessoa; o orgulho os embriaga e o precipício se entreabre sob seus pés.

Educado na religião católica, penetrado da santidade de suas máximas, tendo fé em seu ensino, como todos os meus contemporâneos, eu considerava como milagres as manifestações de que era objeto. Hoje sei que a coisa é muito natural e que pode e deve conciliar-se com a imutabilidade das leis do Criador, para que sua grandeza e sua justiça permaneçam intactas.

Deus não poderia fazer milagres!... porque *então seria dar a presumir que a verdade não fosse bastante forte para afirmar-se por si mesma* e, por outro lado, não seria lógico demonstrar a eterna harmonia das leis da Natureza, perturbando-as com fatos em desacordo com a sua essência.

Quanto a adquirir a faculdade de médium curador, não há método para isto; todo mundo pode, em certa medida, adquirir esta faculdade e, agindo em nome de Deus, cada um fará suas curas. Os privilegiados aumentarão em número à medida que a Doutrina se vulgarizar, e é muito simples, pois haverá mais indivíduos animados de sentimentos puros e desinteressados.

Príncipe de Hohenlohe

Variedades

SENHORITA DUMESNIL, JOVEM ATRAENTE

Vários jornais falaram de uma jovem dotada da singular faculdade de atrair a si os móveis e outros objetos colocados num certo raio e erguer, pelo simples contato, uma cadeira sobre a qual estivesse sentada uma pessoa. O *Petit Journal* de 4 de novembro, trazia a respeito o seguinte artigo:

“A pega branca de Dinan não é mais surpreendente como fenômeno do que a senhorita magnética indicada na correspondência seguinte:

“Senhor,

“Venho assinalar-vos um fato que poderia apresentar muito interesse aos vossos leitores. Se quiserdes vos dar ao trabalho de o verificar, nele encontrareis ampla matéria para numerosos artigos.

“Uma jovem, a senhorita Dumesnil, de treze anos, possui um fluido de uma força atrativa extraordinária, que faz virem a ela todos os objetos *de madeira* que a cercam. Assim, as cadeiras, as mesas e tudo quanto é de madeira se dirige instantaneamente para ela. Esta faculdade se revelou nesta jovem há cerca de três semanas. Até agora este fenômeno extraordinário, que ainda não puderam explicar, só se manifestou às pessoas do meio social da moça, vizinhos, etc., que constataram o fato há alguns dias. A faculdade surpreendente da senhorita espalhou-se e, conforme me garantem, ela está em vias de tratar com um empresário, que se propõe exhibir publicamente o fenômeno.

“Desde ontem ela foi à casa de uma grande personagem a quem a indicaram; a publicidade não tardará em apoderar-se deste acontecimento, e eu me apresso em vos prevenir, para que tenhais as primícias.

“Esta moça exerce o ofício de polidora de metais e mora com os pais, que são gente pobre.

“Na expectativa de que nos explicareis este mistério inexplicável, peço que recebais minhas saudações muito sinceras.”

Brunet,

Empregado, Casa Christoffe, 56, rue de Bondy

“Não sei mais do que vós, meu caro correspondente, em matéria de ciência magnética, e olho como simples curiosidade vossa encantadora do carvalho, da faia e do acaju, a quem aconselho, neste inverno, não queimar na lareira... senão carvão...”

Eis, certamente, um fenômeno estranho, muito digno de atenção, e que deve ter uma causa. Se for constatado que não se trata de nenhum subterfúgio, o que é fácil garantir, e se as leis conhecidas são impotentes para o explicar, é evidente que revela a existência de uma nova força. Ora, a descoberta de um princípio novo pode ser fecunda em resultados. O que é pelo menos tão surpreendente quanto este fenômeno, é ver homens de inteligência ter por semelhantes fatos apenas uma altiva indiferença e zombarias de mau gosto. Entretanto, nem se tratava de Espíritos, nem de Espiritismo. Que convicção esperam pessoas que não têm nenhuma, que não a buscam e não a desejam? Que estudo sério é possível esperar disto? Esforçar-se por convencê-los não é perder tempo, usar inutilmente forças que poderiam ser mais bem empregadas com os homens de boa vontade, que não faltam? Temos dito sempre: Com pessoas preconceituosas, que não querem ver nem ouvir, o que há de melhor a fazer é deixá-las tranqüilas e provar-lhes que não se precisa delas. Se alguma coisa deve triunfar de sua incredulidade, os Espíritos saberão bem encontrá-lo e empregá-lo quando chegar o momento.

Para voltar à jovem, seus pais, que estão numa posição precária, vendo a sensação que ela produzia e o concurso de pessoas notáveis que ela atraía, sem dúvida pensaram que para eles havia uma fonte de fortuna. Não se deve querê-los mal, porquanto, ignorando até o nome do Espiritismo e dos médiuns, não podiam compreender as conseqüências de uma exploração deste gênero. Para eles sua filha era um fenômeno; resolveram, pois, instalá-la nos boulevards, entre os outros fenômenos. Fizeram melhor: instalaram-na no Grand-Hôtel, lugar mais conveniente para a aristocracia produtiva. Mas, ah! os sonhos dourados logo se desvaneceram. Os fenômenos não se reproduziram mais senão em raros intervalos, e de maneira tão irregular que foi preciso abandonar quase que imediatamente a esplêndida habitação e voltar ao atelier. Exibir uma faculdade tão caprichosa que falha justamente no momento em que os espectadores, que pagaram suas

entradas, estão reunidos e esperam que lha mostrem por seu dinheiro! Como fenômeno, mais vale para a especulação ter uma criança com duas cabeças, porque, ao menos, lá ela está. Que fazer se não se têm cordões para substituir os atores invisíveis? O partido mais honroso é retirar-se. Entretanto, conforme a carta publicada num jornal, parece que a jovem não perdeu inteiramente o seu poder, mas é sujeita a tais intermitências que se torna difícil captar o momento favorável.

Um de nossos amigos, espírita esclarecido e profundo observador, pôde testemunhar o fenômeno e ficou mediocrementemente satisfeito com o resultado. “Creio – disse-nos ele – na sinceridade dessas pessoas, mas, para os incrédulos, o efeito não se produz, neste momento, em condições que desafie qualquer suspeita. Não nego, pois sei que a coisa é possível; apenas constato minhas impressões. Como apanhei supostos médiuns de efeitos físicos em flagrante delito de fraude, dei-me conta das manobras pelas quais certos efeitos podem ser simulados, iludindo as pessoas que não conhecem as condições dos efeitos reais, de sorte que só afirmo com conhecimento de causa, não confiando em meus olhos. No próprio interesse do Espiritismo, meu primeiro cuidado é examinar se a fraude é possível, com auxílio da sagacidade, ou se o efeito pode ser devido a uma causa material vulgar. Aliás, acrescentou ele, lá é proibido ser espírita, agir pelos Espíritos e até neles acreditar.

É de notar que desde o infortúnio dos irmãos Davenport, todos os exibidores de fenômenos extraordinários repelem qualquer participação dos Espíritos em seu negócio, e fazem bem; o Espiritismo só tem a ganhar em não ser metido nessas exposições. É um serviço a mais prestado por esses senhores, porque não é por tais meios que o Espiritismo recrutará prosélitos.

Uma outra observação é que, cada vez que se trata de alguma manifestação espontânea, ou de um fenômeno qualquer atribuído a uma causa oculta, geralmente são tomados para peritos,

pessoas, por vezes sábios, que não sabem patavina do que devem observar e que vêm com uma idéia preconcebida de negação. Quem se encarrega de decidir se há ou não intervenção dos Espíritos ou uma causa espiritual? Precisamente os que negam a espiritualidade, que não crêem nos Espíritos e não querem que existam. Tem-se certeza prévia de sua resposta. Evitam tomar a opinião de quem quer que seja suspeito de Espiritismo, primeiro porque seria acreditar na coisa e, depois, porque temem uma solução contrária à que querem. Não refletem que só um espírita *esclarecido* é apto a julgar circunstâncias nas quais os fenômenos espíritas podem produzir-se, como só um químico é apto para conhecer a composição de um corpo e que, a este respeito, os espíritas são mais *cépticos* do que muita gente; que, longe de darem crédito a um fenômeno apócrifo, eles têm todo o interesse em o assinalar como tal e em desmascarar a fraude.

Todavia, disto ressalta uma instrução: a própria irregularidade dos fatos é uma prova de sinceridade; se resultassem de qualquer meio artificial, produzir-se-iam no momento desejado. É a reflexão que faz um jornalista que fora convidado a ir ao Grand-Hôtel. Havia naquele dia alguns outros convidados notáveis e, a despeito de duas horas de espera, a moça não obteve o menor efeito. “A pobre menina – disse o jornalista – estava desolada, e seu rosto traía inquietude. Tranqüilizai-vos, lhe falou ele; não só este insucesso não me desencoraja, mas me leva a crer que vosso relato é sincero. Se houvesse algum charlatanismo ou truque de vossa parte, vosso golpe não teria falhado. Eu voltarei amanhã.” Com efeito, voltou cinco vezes, sem mais resultados. Na sexta vez ela tinha deixado o hotel. “De onde conluo – acrescentou o jornalista – que a pobre senhorita Dumesnil, depois de haver construído belos castelos à custa de suas virtudes eletromagnéticas, foi obrigada a retomar seu lugar nos ateliês de polimento do Sr. Ruolz.”

Tendo sido constatados os fatos, é certo que havia nela uma disposição orgânica especial, que se prestava a esse gênero de fenômeno; mas, pondo de lado qualquer subterfúgio, é certo que se sua faculdade dependesse *apenas de seu organismo*, ela a teria tido, como os peixes-elétricos, sempre à sua disposição. Considerando-se que sua vontade, seu mais ardente desejo eram impotentes para produzir o fenômeno, é porque havia, no fato, uma causa que lhe era estranha. Qual é esta causa? Evidentemente a que rege todos os fenômenos mediúnicos: o concurso dos Espíritos, sem o qual os médiuns mais bem dotados nada obtêm. A senhorita Dumesnil é um exemplo de que eles não estão às ordens de ninguém. Por mais efêmera que tenha sido sua faculdade, ela fez mais para convicção de certas pessoas do que se se tivesse produzido em dias e horas fixas, ao seu comando diante do público, como nas manobras de prestidigitação.

É verdade que nada atesta de maneira ostensiva a intervenção dos Espíritos nesta circunstância, porque não há efeitos inteligentes, a não ser a impotência da moça em agir à sua vontade. A faculdade, como em todos os efeitos mediúnicos, é inerente a ela; o exercício da faculdade pode depender de uma vontade estranha. Mas, mesmo admitindo que os Espíritos nada tenham a ver com isto, não deixa de ser um fenômeno destinado a chamar a atenção para as forças fluídicas que regem o nosso organismo, e que tanta gente se obstina em negar.

Se essa força aqui fosse puramente elétrica, denotaria, não obstante, uma importante modificação na eletricidade, já que age sobre a madeira, com exclusão dos metais. Só isto valeria bem a pena de ser estudado.

REVISTA DA IMPRENSA RELATIVA AO ESPIRITISMO

Por mais que digam e façam, as idéias espíritas estão no ar. Transparecem de mil maneiras, sob a forma de romances ou de

pensamentos filosóficos, e a imprensa as acolhe contanto que a palavra *Espiritismo* não seja pronunciada. Impossível citar todos os pensamentos que ela registra diariamente, assim fazendo Espiritismo sem saber. Que importa o nome, se a coisa está aí? Um dia esses senhores ficarão muito admirados de ter feito Espiritismo, como o Sr. Jourdain ficou por ter falado em prosa. Muita gente caminhava ao lado do Espiritismo sem o suspeitar; estão na fronteira, quando se julgam bem longe. Com exceção dos materialistas puros, que certamente são minoria, pode-se dizer que as idéias da filosofia espírita correm o mundo. O que muitos ainda repelem são as manifestações mediúnicas, uns por sistema, outros porque, tendo observado mal, sofreram decepções; mas como as manifestações são fatos, mais cedo ou mais tarde terão de os aceitar. Recusam-se a ser espíritas unicamente pela falsa idéia que ligam a esse nome. Que os que aí não chegam pela porta principal, a ela cheguem pela secundária, o resultado é o mesmo; hoje o impulso está dado e o movimento não poderia ser detido.

Por outro lado, como é anunciado, produz-se uma imensidão de fenômenos, que parecem afastar-se das leis conhecidas e confundem a Ciência, na qual em vão buscam a sua explicação; passá-los em silêncio, quando têm certa notoriedade, seria difícil. Ora, esses fenômenos, que se apresentam sob os mais variados aspectos, graças à sua multiplicação acabam despertando a atenção e, pouco a pouco, familiarizam com a idéia de uma força espiritual, fora das forças materiais. É sempre um meio de chegar ao fim; os Espíritos batem de todos os lados e de mil maneiras diferentes, de sorte que os golpes sempre alcançam uns ou outros.

Entre os pensamentos espíritas encontrados em diversos jornais, citaremos os seguintes:

No discurso pronunciado em 11 de novembro último pelo Sr. d'Eichthal, um dos redatores do *Temps*, junto ao túmulo do Sr. Charles Duveyrier, assim se exprime o orador:

“Duveyrier morreu em profunda calma, cheio de confiança em Deus, de fé na eternidade da vida, orgulhoso de seus longos anos consagrados à elaboração e ao desenvolvimento de uma crença que deve resgatar todos os homens da miséria, da desordem e da ignorância, certo de haver pago a sua dívida, de ter dado à geração que o segue mais do que tinha recebido da que o precedeu. Parou como um valente operário, acabada a tarefa, deixando a outros o encargo de a continuar.

“Se seus restos mortais não atravessaram os templos consagrados para chegar ao campo de repouso, não foi por um injusto desdém contra as crenças imortais, mas é que nenhuma das fórmulas que tivessem pronunciado sobre seus despojos teriam dado a idéia que ele fazia da vida futura. Duveyrier não desejava, não acreditava ir para o céu, gozar eternamente de uma beatitude pessoal, enquanto a maioria dos homens ficaria condenada a sofrimentos sem esperança. Cheio de Deus e vivendo em Deus, mas ligado à Humanidade, é no seio da Humanidade que ele esperava reviver para concorrer eternamente a essa obra de progresso que a aproxima incessantemente do ideal divino.” (Jornal *Temps*, 14 de novembro de 1866).

O Sr. Duveyrier tinha feito parte da seita são-simonista. É a crença referida acima, a cujo desenvolvimento ele tinha consagrado vários anos de sua vida; mas suas idéias sobre o futuro da alma, como se vê, se aproximavam muito das que ensina a Doutrina Espírita. Contudo, não se deve inferir destas palavras: “É no seio da Humanidade que ele esperava reviver” que acreditasse na reencarnação. Sobre este ponto ele não tinha qualquer idéia definitiva; entendia por isto que a alma, em vez de se perder no infinito, ou de ser absorvida numa beatitude inútil, ficava na esfera da Humanidade, a cujo progresso concorria por sua influência. Mas esta idéia é exatamente a que também ensina o Espiritismo; é a do mundo invisível que nos cerca; as almas vivem em meio a nós, como vivemos em meio a elas. O Sr. Duveyrier era,

pois, ao contrário da maioria de seus confrades da imprensa, não só profundamente espiritualista, mas setenta e cinco por cento espírita. Que lhe faltava para o ser completamente? Provavelmente ter sabido o que é o Espiritismo, porquanto lhe possuía as bases fundamentais: a crença em Deus, na individualidade da alma, sua sobrevivência e sua imortalidade; em sua presença no meio dos homens após a morte, e sua ação sobre eles. Que diz a mais o Espiritismo? Que essas mesmas almas revelam sua presença por uma ação direta, e que estamos incessantemente em comunhão com elas. Vem provar pelos fatos o que no Sr. Duveyrier e em muitos outros não estava senão no estado de tória e de hipótese.

Concebe-se que os que só acreditam na matéria tangível repilam tudo, mas o que mais surpreende é ver espiritualistas rejeitando a prova do que constitui o fundo de sua crença. Aquele que assim expunha os pensamentos do Sr. Duveyrier sobre o futuro da alma, o Sr. d'Eichthal, seu amigo e correligionário em são-simonismo, que, provavelmente, partilhava até certo ponto de suas opiniões, não é menos um adversário declarado do Espiritismo; por pouco ele não suspeitava que o que dizia em louvor ao Sr. Duveyrier era muito simplesmente uma profissão de fé espírita.

As palavras seguintes, do Sr. Louis Jourdan, do *Siècle*, a seu filho, foram reproduzidas pelo *Petit Journal* de 3 de setembro de 1866.

“Eu te sinto vivo, de uma vida superior à minha, meu Prosper; e quando soar a minha última hora, eu me consolarei em deixar os que amamos juntos, pensando que vou te encontrar e nos unirmos. Sei que esta consolação não me virá sem esforços; sei que será preciso conquistá-la trabalhando corajosamente por meu próprio melhoramento, como no dos outros; farei pelo menos tudo quanto estiver em meu poder para merecer a recompensa que ambiciono: reencontrar-te. Tua lembrança é o farol que nos guia e

o ponto de apoio que nos sustenta através das trevas que nos envolvem. Percebemos um ponto luminoso, para o qual marchamos resolutamente; esse ponto é aquele onde vives, meu filho, junto a todos aqueles que amei na Terra e que partiram antes de mim para a sua vida nova.”

Que de mais profundamente espírita do que estas doces e tocantes palavras! O Sr. Louis Jourdan está ainda mais perto do Espiritismo que o Sr. Duveyrier, porque há muito tempo crê na pluralidade das existências terrestres, como se pôde ver pela citação que fizemos na Revista de dezembro de 1862. Ele aceita a filosofia espírita, mas não o fato das manifestações, que não repele absolutamente, mas sobre o qual não está suficientemente esclarecido. É, contudo, um fenômeno bastante grave, quanto às suas conseqüências, pois só ele pode explicar tantas coisas incompreensíveis, que se passam aos nossos olhos, para merecer ser aprofundado por um observador como ele. Porque se as relações entre o mundo visível e o mundo invisível existem, é toda uma revolução nas idéias, nas crenças, na filosofia; é a luz atirada sobre uma porção de questões obscuras; é o aniquilamento do materialismo; é, enfim, a sanção de suas mais caras esperanças em relação ao seu filho. Que elementos os homens que se fazem campeões das idéias progressistas e emancipadoras colheriam na Doutrina se soubessem tudo quanto ela encerra para o futuro! Não é duvidoso que surjam alguns, que compreenderão o poder desta alavanca e saberão tirar-lhe proveito.

O *Événement* de 4 de novembro último relatava a seguinte anedota, concernente ao célebre compositor Glück. Quando da primeira representação da *Ifgênia*, a 19 de abril de 1774, a que assistiam Luís XVI e a rainha Maria Antonieta, esta quis coroar pessoalmente seu antigo professor de música. Depois da representação, chamado ao camarote do rei, Glück ficou de tal modo comovido que não pôde proferir uma palavra e apenas teve forças para agradecer à rainha com o olhar. Percebendo que Maria

Antonietta usava naquela noite um colar de rubi, Glück se reergueu: Grande Deus! exclamou ele, salvai a rainha! salvai a rainha! sangue! sangue! – Onde? bradaram de todos os lados. – Sangue! sangue! no pescoço! gritou o músico. – Maria Antonietta estava trêmula. Depressa, um médico, disse ela, meu pobre Glück está louco. – O músico tinha caído numa poltrona. Sangue! sangue! murmurou ele... Salvai a arquiduesa Maria... salvai a rainha! – O infeliz maestro toma o vosso colar por sangue, disse o rei a Maria Antonietta; ele tem febre. – A rainha levou a mão ao pescoço, arrancou o colar e, tomada de pavor, atirou-o longe. Levaram Glück desacordado.

O autor do artigo termina assim:

Eis, caro leitor, a história que me contou na ópera o músico alemão, e que reli no dia seguinte, numa biografia do imortal autor de Alceste. É verdadeira? É fantasia? Ignoro-o. Mas não seria possível que homens de gênio, cujo espírito elevado paira acima da Humanidade, tivessem, em certas horas de inspiração, *essa faculdade misteriosa que se chama segunda vista?* (Albert Wolff).

O Sr. Albert Wolff disparou mais de uma seta no Espiritismo e nos espíritas, e eis que ele mesmo admite a possibilidade da segunda vista e, ainda mais, a previsão pela segunda vista. Provavelmente não se dá conta a que conseqüências conduz o reconhecimento de tal faculdade. Mais um que caminha ao lado do Espiritismo sem o suspeitar, talvez sem ousar confessá-lo, e que nem por isso deixa de atirar-lhe a pedra. Se lhe dissessem que é espírita, pularia de indignação, exclamando: Eu! crer nos irmãos Davenport! Porque para a maioria desses senhores o Espiritismo está inteirinho no golpe das cordas. Lembramos que um deles, a quem um correspondente censurava falar do Espiritismo sem o conhecer, respondeu em seu jornal: “Enganai-vos; estudei o Espiritismo na escola dos irmãos Davenport, e a prova é que isto me custou 15 francos.” Cremos ter

citado o fato em alguma parte da *Revista*. Que se lhes pode pedir a mais? Não sabem mais que isto.

O *Siècle* de 27 de agosto de 1866 citava as seguintes palavras da Sra. George Sand, a propósito da morte do Sr. Ferdinand Pajot:

“A morte do Sr. Ferdinand Pajot é um fato dos mais dolorosos e lamentáveis. Este jovem, dotado de notável beleza e pertencente a excelente família, era, além disso, um homem de coração e de idéias generosas. Nós mesma o pudemos apreciar cada vez que invocamos a sua caridade para os pobres de nosso círculo. Dava largamente, com mais generosidade, talvez, do que o autorizavam os seus recursos, e dava com espontaneidade, com confiança, com alegria. Era sincero, independente, bom como um anjo. Casado há pouco com uma jovem encantadora, será lamentado como o merece. Devo lhe dar, depois desta cruel morte, uma terna e maternal bênção: ilusão, se se quiser, mas creio que entramos melhor na vida que se segue a esta, quando a ela chegamos escoltados pela estima e a afeição dos que acabamos de deixar.”

A Sra. Sand é ainda mais explícita em seu livro *Mademoiselle de la Quintinie*. À página 318, lê-se: “Senhor abade, quando quiserdes que demos um passo para a vossa igreja, começai por nos fazer ver um concílio reunido e decretando mentira e blasfêmia o inferno das penas eternas, e tereis o direito de nos exclamar: Vinde a nós, vós todos que quereis conhecer a Deus.”

Página 320: “Pedir a Deus que aniquile nossos sentidos, endureça o nosso coração, torne odiosos os nossos laços mais sagrados, é pedir-lhe que negue e destrua sua obra, que volte sobre os seus passos e nos faça voltar nós mesmos, fazendo-nos retrogradar para as existências inferiores, abaixo do animal, abaixo da planta, talvez abaixo do mineral.”

Página 323: “Entretanto, seja qual for a vossa sorte entre nós, vereis claro um dia além da tumba e, como não creio mais nos castigos sem fim quanto nas provas sem fruto, anuncio-vos que nos encontraremos em alguma parte, onde nos entenderemos melhor e onde nos amaremos, em vez de nos combatermos; mas, também como vós, não creio na impunidade do mal e na eficácia do erro. Creio, pois, que expiareis o endurecimento do vosso coração por intensos sofrimentos da alma em outra existência qualquer.”

Ao lado desses pensamentos eminentemente espíritas, aos quais só falta o nome que se obstinam em lhes recusar, por vezes se encontram outros, um pouco menos sérios, que lembram o belo tempo das zombarias mais ou menos espirituosas, sob as quais pensavam poder sufocar o Espiritismo. Pode-se julgá-lo pelas amostras seguintes, que são como os foguetes perdidos do fogo de artifício.

O Sr. Ponson du Terrail, em seu *Dernier mot de Rocambole*, publicado em folhetim no *Figaro*, assim se exprime:

“Entretanto, os ingleses se mostrariam superiores aos americanos em matéria de superstição. As mesas girantes, antes de fazer entre nós a felicidade de *cem mil imbecis*, passaram várias estações em Londres e aí receberam uma das hospitalidades mais corteses. Pouco a pouco o relato do coveiro tinha dado a volta em Hampstead, cidade célebre por seus burros e seus burriqueiros, e a gente importante da região não tinha hesitado um só instante em decidir que a casa de campo, à noite, era assombrada por Espíritos.”

O Sr. Ponson du Terrail, que outorga tão generosamente um diploma de imbecilidade a cem mil indivíduos, crê, naturalmente, ter mais espírito do que eles, mas não crê albergar um Espírito, sem o que é provável que não os enviasse ao país dos burros.

Mas, perguntará ele, que relação pode haver entre as mesas girantes e os sublimes pensamentos que citastes há pouco? Há, respondemos nós, a mesma relação que existe entre o vosso corpo, quando valsa, e o vosso espírito, que o faz valsar; entre a rã, que dançava no prato de Galvani, e o telégrafo transatlântico; entre a maçã que cai e a lei da gravitação, que rege o mundo. Se Galvani e Newton não tivessem meditado sobre esses fenômenos tão simples e tão vulgares, hoje não teríamos tudo o que a indústria, as artes e as ciências deles tiraram. Se cem mil imbecis não tivessem buscado a causa que faz girar as mesas, ainda hoje ignoraríamos a existência e a natureza do mundo invisível, que nos rodeia; não saberíamos de onde viemos antes de nascer e para onde vamos ao morrer. Entre esses cem mil imbecis, muitos talvez ainda acreditassem em demônios chifrudos, nas chamas eternas, na magia, nos feiticeiros e nos sortilégios. As mesas girantes são, para os pensamentos sublimes sobre o futuro da alma, o que o germe é para a árvore que dele saiu: são os rudimentos da ciência do homem.

Lia-se no *Écho d'Oran* de 24 de abril de 1866:

“Acaba de se passar em El-Afroun um fato que afetou penosamente a nossa população. O Sr. Pagès, um dos mais antigos habitantes de nossa cidade acaba de morrer. Sabeis que estava imbuído das idéias – eu ia dizer das loucuras – do Sr. Allan Kardec e que fazia profissão do Espiritismo. Fora dessa extravagância, era um homem honesto, estimado por todos os que o conheciam. Por isso, ficaram muito admirados quando souberam que o sr. cura se havia recusado a enterrá-lo, sob pretexto de que o Espiritismo é contrário ao Cristianismo. Não está no Evangelho: Retribuí o mal com o bem? Ora, se esse pobre Sr. Pagès é culpado por ter crido no Espiritismo, não era uma razão a mais para orar por ele?”

O Sr. Pagès, que conhecíamos por correspondência há longa data, escrevia-nos isto:

“O Espiritismo fez de mim um outro homem. Antes de o conhecer, eu era como muitos outros; não acreditava em nada e, contudo, sofria ao pensamento de que, morrendo, tudo está acabado para nós. Por vezes experimentava profundo desânimo, e me perguntava para que serve fazer o bem. Para mim o Espiritismo teve o efeito de uma cortina que se levanta para nos mostrar uma decoração magnífica. Hoje vejo claro; o futuro não é mais duvidoso e estou muito feliz. Dizer-vos da felicidade que experimento é impossível; parece que estou como um condenado à morte, a quem vêm dizer que não morrerá e que vai deixar sua prisão para ir a um belo país, viver em liberdade. Caro senhor, que efeitos isto devia produzir? A coragem me voltou com a certeza de viver sempre, porque compreendi que aquilo que adquirimos em bem não é pura perda; compreendi a utilidade de fazer o bem; compreendi a fraternidade e a solidariedade que ligam todos os homens. Sob o império deste pensamento esforcei-me por me melhorar. Sim, posso vos dizer sem vaidade, corriji-me de muitos defeitos, embora me restem ainda muitos. Agora sinto que morrerei tranqüilo, pois sei que apenas trocarei a veste má, que me incomoda, por uma nova, na qual estarei mais à vontade.”

Eis, pois, um homem que, aos olhos de certas pessoas, era razoável, sensato quando não acreditava em nada, e que é tachado de loucura pelo único fato de ter crido na imortalidade de sua alma pelo Espiritismo. E são essas mesmas pessoas, que nem crêem na alma nem na prece, que lhe atiraram pedras por suas crenças em vida e o perseguem com seus sarcasmos até depois de morto, que invocam o Evangelho contra o ato de intolerância e a recusa de preces de que ele foi objeto, ele que não acreditou no Evangelho e na prece senão pelo Espiritismo!

Santo Agostinho, Acusado de Cretinice

Sob o título de *Cretinismo*, a *Vedette du Limbourg*, jornal de Tongres, na Bélgica, de 1º de setembro de 1866, contém o artigo seguinte, reproduzido conforme a *Gazette de Huy*:

“Um livro dado como prêmio num pensionato de religiosas caiu em nossas mãos. Nós o abrimos e o acaso nos fez ler, entre outras passagens curiosas, o seguinte, que nos parece muito digno de ser posto aos olhos do leitor. Trata-se do papel desempenhado pelos anjos. Quem quer que o percorra certamente não deixará de perguntar como é possível que uma obra contendo semelhantes absurdos possa achar um editor! Em nossa opinião, quem imprime semelhantes asneiras é tão culpado quanto o que as escreve. Sim, não tememos afirmá-lo, autor e impressor devem ser considerados mestres em cretinismos para ousarem lançar tais desafios à razão, à Ciência, que dizemos? ao mais vulgar bom-senso. Eis a passagem de que se trata:

“Segundo Santo Agostinho, o mundo visível é governado por criaturas invisíveis, por Espíritos puros, e mesmo há anjos que presidem a cada coisa visível, a todas as espécies de criaturas que estão no mundo, quer sejam animadas, quer inanimadas.

“Os céus e os astros têm seus anjos motores; as águas têm um anjo particular, como é referido no *Apocalipse*; o ar tem seus anjos, que governam os ventos, como se vê no mesmo livro, que ainda nos ensina que o elemento do fogo também tem os seus. Os reinos têm os seus anjos; as províncias também têm os que as guardam, como se vê no *Gênesis*, porque os anjos que apareceram a Jacó eram os guardas das províncias por onde ele passava, etc.”

“Pode-se julgar por esta amostra do gênero de leitura que faz a juventude educada nos conventos. É possível conceber – perdoem-nos a expressão – algo de mais profundamente estúpido?”

“Para ultrapassar os limites, o editor faz preceder a obra de uma advertência, onde se podem ler estas linhas: ‘Em seu livro, que não convém menos aos eclesiásticos do que aos leigos, o autor demonstra uma força de razão e de estilo que aclara e submete o espírito; de sua pena flui uma unção que penetra e ganha o coração. É a obra de um homem profundamente versado na espiritualidade.’

“Dizemos nós: é a obra de um homem tornado louco pelo ascetismo, muito mais a lamentar que a censurar.”

Até agora Santo Agostinho tinha sido respeitado até mesmo por aqueles que não partilham de suas crenças. Apesar dos erros manifestos, que se prendiam ao estado dos conhecimentos científicos de seu tempo, ele é universalmente considerado como um dos gênios, uma das glórias da Humanidade, e eis que com uma penada um escritor obscuro, um desses jovens que se julgam a luz do mundo, atira lama sobre esse secular famoso, pronuncia contra ele, do alto de sua razão, a acusação de cretinismo, e isto porque Santo Agostinho acreditava em criaturas invisíveis, em Espíritos puros presidindo a todas as coisas visíveis. Sendo assim, quantos cretinos não há entre os mais estimados literatos contemporâneos! Não nos surpreenderíamos se um dia acusassem de cretinice Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, George Sand e tantos outros. Eis a escola que aspira a regenerar a sociedade pelo materialismo; assim, pretende ela que a Humanidade volte à demência. Mas pode-se ficar tranqüilo: seu reino, se algum dia chegasse, seria de curta duração. Ela bem sente a sua fraqueza contra a opinião geral, que a repele, razão por que se agita com uma espécie de frenesi.

Notas Bibliográficas

NOVOS PRINCÍPIOS DE FILOSOFIA MÉDICA

PELO DR. CHAUVET, DE TOURS²⁶

Em nosso número de outubro apenas pudemos anunciar esta obra, lamentando que a extensão dos artigos, cuja publicação não podia ser retardada, nos tivesse impedido de apreciá-la mais cedo.

Muito embora, por sua especialidade, o livro pareça estranho às matérias que nos ocupam, não obstante a elas se ligam, pelo princípio mesmo sobre o qual se apóia, porque o autor faz intervir claramente o princípio espiritualista na ciência mais eivada de materialismo. Não faz espiritualidade mística, como alguns a compreendem, mas, se assim nos podemos exprimir, espiritualidade positiva e científica. Empenha-se em demonstrar a existência do princípio espiritual que existe em nós, sua conexão com o organismo, auxiliada pelo laço fluídico que os une, o papel importante que esses dois elementos representam na economia, os erros inevitáveis nos quais caem forçosamente os médicos que tudo reportam à matéria, e as luzes de que se privam negligenciando o princípio espiritual. A passagem seguinte indica suficientemente o ponto de vista sob o qual ele encara a questão.

“Em suma, diz ele (página 34), a constituição humana resulta:

1^o – de um princípio espiritual, independente, ou alma imortal;

2^o – de um corpo fluídico permanente;

26 Vol. In-12, preço 3 fr. Tours, casa Guillard-Verger. – Paris, casa Baillère 19, rue Hautefeuille.

3º – de um organismo material, dissolúvel, animado durante a vida por um fluido especial.

“A união temporária do primeiro destes elementos constitutivos com o terceiro se opera pela combinação de seus fluidos respectivos (fluido *perispiritual* e fluido vital), de onde resulta um fluido misto que, ao mesmo tempo, penetra todo o corpo, irradia em torno dele, por vezes a grandes distâncias e através de todos os obstáculos, como o demonstram os fenômenos magnéticos, sonambúlicos e outros, que o materialismo de todas as cores repele com soberbo desdém, sob o pretexto de maravilhoso e de charlatanismo, porque vêm atacar com violência suas teorias insensatas.”

Da ação do elemento fluídico sobre o organismo ele chega à demonstração, de certo modo matemática, do poder de ação das quantidades infinitesimais sobre a economia. Esta demonstração nos parece nova e uma das mais claras que lemos. Deixamos aos especialistas a apreciação da parte técnica, que não discutimos; mas, do ponto de vista filosófico, esta obra é uma das primeiras aplicações à ciência positiva das leis reveladas pelo Espiritismo e, nesta qualidade, tem seu lugar marcado nas bibliotecas espíritas. Embora o nome do Espiritismo nem sequer seja pronunciado, o autor pode ficar certo de que não terá a aprovação das pessoas preconceituosas, que negam tudo o que concerne à espiritualidade.

**OS DOGMAS DA IGREJA DO CRISTO
EXPLICADOS PELO ESPIRITISMO**

POR APOLÔNIO DE BOLTINN²⁷

O assunto deste livro apresentava um escolho perigoso, que o autor evitou prudentemente, abstendo-se de tratar as

27 1 vol. In-8º, traduzido do russo; preço: 4 fr. – Paris, casa Reinwald, 15, rue des Saints-Pères.

questões que não estão na ordem do dia, e sobre as quais o Espiritismo ainda não foi chamado a se pronunciar. Não admitindo o Espiritismo como princípios incontestáveis senão os que receberam a sanção do ensinamento geral, as soluções que podem ser dadas sobre questões ainda não elaboradas não passam de opiniões pessoais dos homens ou dos Espíritos, susceptíveis de receberem mais tarde o desmentido da experiência. Estas soluções prematuras não poderiam comprometer a responsabilidade da Doutrina, mas poderiam desviar a opinião pública, fazendo crer que ela as aceita. Foi o que compreendeu perfeitamente o Sr. Boltinn, pelo que o felicitamos. Por isso o seu livro pode ser aceito pelo Espiritismo e posto no rol das obras chamadas a prestar serviço à causa. É escrito com prudência, moderação, método e clareza. Vê-se que o autor fez um estudo aprofundado das Santas Escrituras e dos teólogos das Igrejas Latina e Grega, cujas palavras comenta e explica como um homem que conhece o terreno onde pisa. Seus argumentos têm a força dos fatos, da lógica e da concisão. Que o livro do nosso irmão da Rússia seja bem-vindo entre nós. É assim que, em nome do Espiritismo, todos os povos se dão as mãos.

UNIÃO ESPÍRITA BORDELESA

Soubemos com viva satisfação que a *Union Spirite Bordelaise* vai retomar o curso de suas publicações, momentaneamente interrompidas por longa e grave moléstia de seu diretor e por circunstâncias independentes de sua vontade.

NO PRELO

L'Écho poétique d'outre-tombe, poesias mediúnicas recebidas pelo Sr. Vavasseur. — Esta coletânea formará um volume grande in-18, de cerca de 200 páginas, no formato de *O que é o Espiritismo?* Preço: 2 fr.; pelo correio: 2 fr. 20 c.

Necrológio

SRA. DOZON — SR. FORNIER-DUPLAN — SR. D'AMBEL

O Espiritismo acaba de perder uma de suas mais fervorosas adeptas na pessoa da Sra. Dozon, viúva do Sr. Henri Dozon, autor de várias obras sobre o Espiritismo, morto em 1^o de agosto de 1865. Ela faleceu em Passy, a 1^o de novembro de 1866.

A Sra. Dozon, acometida por uma doença orgânica incurável, estava desde muito tempo num estado de enfraquecimento e de sofrimento extremos, e cada dia via a morte se aproximar; encarava-a com a serenidade de uma alma pura, que tem a consciência de só haver feito o bem, e profundamente convencida de que não era senão a passagem de uma vida de provações a uma vida melhor, no limiar da qual ia encontrar, para a receber, seu caro marido e os que tinha amado. Suas previsões não a enganaram; a vida espiritual, a que estava iniciada, realizou todas as suas esperanças e mais ainda. Ela aí recolhe os frutos de sua fé, de seu devotamento, de sua caridade para com os que lhe fizeram mal, de sua resignação no sofrimento e da coragem com a qual sustentou suas crenças contra os que delas faziam um crime. Se seu corpo estava enfraquecido, o Espírito tinha conservado toda a sua pujança, toda a sua lucidez até o último momento. Morreu em pleno gozo das faculdades mentais, como alguém que parte em viagem, não levando nenhum traço de fel contra os quais tinha tido razões para se lamentar. Seu desprendimento foi rápido e a perturbação de curta duração; por isso pôde manifestar-se antes mesmo da inumação. Sua morte e seu despertar foram os de um espírita de coração, que se esforçou para pôr em prática os preceitos da Doutrina.

Sua única apreensão era ser enterrada viva, e este pensamento a perseguiu até o fim. “Parece-me, dizia ela, que me vejo na fossa e que sufoco debaixo da terra, que escuto cair sobre

mim.” Depois de sua morte ela explicou este medo, dizendo que, na sua precedente existência, tinha sido morta assim e que a terrível impressão que seu Espírito havia sentido tinha despertado no momento de morrer novamente.

Nenhuma prece espírita foi feita ostensivamente em seu túmulo, para não melindrar certas susceptibilidades, mas a Sociedade Espírita de Paris, da qual fizera parte, reuniu-se no lugar de suas sessões, após a cerimônia fúnebre, para lhe renovar o testemunho de suas simpatias.

O Espiritismo viu partir outro representante seu, na pessoa do Sr. Fournier-Duplan, antigo negociante, falecido em Rochefort-sur-Mer, a 22 de outubro de 1866. O Sr. Fournier-Duplan era desde muito tempo um adepto sincero e devotado, compreendendo o verdadeiro objetivo da Doutrina, cujos ensinamentos se esforçava para pôr em prática. Era um homem de bem, amado e estimado por todos os que o conheciam, um daqueles que o Espiritismo se honra de contar em suas fileiras. Nele os infelizes perdem um sustentáculo. Tinha haurido em suas crenças o remédio contra a dúvida sobre o futuro, a coragem nas provas da vida e a calma de seus últimos instantes. Como a Sra. Dozon e tantos outros, ele partiu cheio de confiança em Deus, sem o temor do desconhecido, porque sabia para onde ia e sua consciência lhe dava a esperança de aí ser acolhido com simpatia pelos Espíritos bons. Sua esperança também não foi enganada, e as comunicações que deu provam que lá ocupa o lugar reservado aos homens de bem.

Uma morte que tanto nos surpreendeu quanto nos afligiu foi a do Sr. d’Ambel, antigo diretor do jornal *Avenir*, falecido em 17 de novembro de 1866. Suas exéquias se realizaram na igreja

de Notre-Dame de Lorette, sua paróquia.²⁸ A malevolência dos jornais que dele falaram revelou-se, nesta circunstância, de maneira lamentável, por sua afetação em ressaltar, exagerar, envenenar, como se tivesse prazer em revolver o ferro na ferida, tudo quanto esta morte poderia ter de penoso, sem consideração pelas susceptibilidades de família, esquecendo até o respeito que se deve aos mortos, sejam quais forem suas opiniões e suas crenças em vida. Esses mesmos jornais teriam denunciado o escândalo e a profanação contra quem quer que tivesse falado dessa maneira de um dos seus. Mas nós vimos, pela citação que fizemos acima, a propósito da morte do Sr. Pagès, que nem mesmo o túmulo é respeitado por certos adversários do Espiritismo.

Todavia, os homens imparciais renderão aos espíritas a justiça de reconhecer que *jamaiz* estes se afastaram do respeito, das conveniências e das leis da caridade, pela morte dos que tinham sido seus maiores inimigos, e que os tinham atacado sem a menor consideração. Contentam-se em orar por eles.

Aviso

A *Revista Espírita* dará início em 1^o de janeiro próximo ao seu décimo ano. Solicitamos aos senhores assinantes, que não quiserem sofrer atraso, a renovação de suas assinaturas antes de 31 de dezembro.

28 **N. do T.:** Apesar de ter atuado como médium na Sociedade Espírita de Paris, as exéquias do Sr. d'Ambel se realizaram num templo católico. Conforme se pode depreender de várias passagens da *Revista Espírita*, Allan Kardec acreditava que se podia ser perfeitamente espírita sem abdicar das crenças católicas, protestantes ou judias, e até mesmo aconselhou que ninguém abandonasse sua fé religiosa para abraçar o Espiritismo. Talvez, por isso, o Espírito Emmanuel tenha respondido (*O Consolador*, questão 353): “O Espiritismo não pode guardar a pretensão de exterminar as outras crenças, parcelas da verdade que a sua doutrina representa, mas, sim, trabalhar por transformá-las, elevando-lhes as concepções antigas para o clarão da verdade imortalista.”

Como de hábito, o número de janeiro será remetido a todos os antigos assinantes. Os números seguintes só o serão à medida que as assinaturas forem sendo renovadas.

Allan Kardec

Nota Explicativa²⁹

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que*

²⁹ **Nota da Editora:** Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

é o *Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo meticoloso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços

da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar

apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chegasse à conseqüência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na

mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores Europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA







REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

Contém:

O relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., bem como todas as notícias relativas ao Espiritismo. – O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e o seu futuro. – A história do Espiritismo na Antigüidade; suas relações com o magnetismo e com o sonambulismo; a explicação das lendas e das crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

Publicada sob a direção
de
ALLAN KARDEC

*Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.*

ANO DÉCIMO – 1867

TRADUÇÃO DE EVANDRO NOLETO BEZERRA



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA



Sumário

DÉCIMO VOLUME – ANO DE 1867

JANEIRO

- Aos Nossos Correspondentes **15**
- Olhar Retrospectivo sobre o Movimento Espírita **17**
- Pensamentos Espíritas que Correm o Mundo **28**
- Romance Espírita – *O Assassinato da Ponte Vermelha*,
por Ch. Barbara **32**
- Variedades – *Retrato físico dos espíritas* **44**
- Necrológio – *Sr. Leclerc* **49**
- Notas Bibliográficas:
- Poesias diversas do mundo invisível* **53**
- Retrato do Sr. Allan Kardec*, desenhado e litografado
pelo Sr. Bertrand **53**
- União Espírita de Bordeaux* **54**
- La Voce di Dio* **54**

Retificação aos Evangelhos do Sr. Roustaing 54

Aviso aos Srs. Assinantes 56

FEVEREIRO

Livre-Pensamento e Livre-Consciência 57

As Três Filhas da Bíblia 67

O Abade Lacordaire e as Mesas Girantes 70

Refutação da Intervenção do Demônio 73

Variedades:

Eugénie Colombe, precocidade fenomenal 75

Tom, o cego, músico natural 79

Suicídio dos animais 81

Poesia Espírita – *Lembrança* 82

Dissertações Espíritas:

As três causas principais das doenças 85

A clareza 87

Comunicação providencial dos Espíritos 89

Notas Bibliográficas:

Mireta – Romance espírita, pelo Sr. Élie Sauvage 91

Ecos Poéticos de Além-Túmulo 98

Nova Teoria Médico-espírita 98

O Livro dos Médiuns – Tradução em espanhol 98

MARÇO

- A Homeopatia nas Doenças Morais **99**
- Exploração das Idéias Espíritas – *A propósito da
apreciação crítica de Mireta* **106**
- Robinson Crusoe Espírita **111**
- Tolerância e Caridade – *Carta do novo arcebispo de Argel* **113**
- Lincoln e seu Assassino **115**
- Poesia Espírita – *A Bernard Palissy* **117**
- A Liga do Ensino **117**
- Dissertações Espíritas:
- Comunicação coletiva* **119**
- Mangin, o charlatão* **128**
- O lápis* **128**
- O papel* **130**
- A solidariedade* **131**
- Tudo vem a seu tempo* **133**
- Respeito devido às crenças passadas* **134**
- A comédia humana* **136**
- Notas Bibliográficas:
- Lúmen, Relato Extraterreno* **138**
- Nova Teoria Médico-espírita* **142**
- O Livro dos Médiuns* – Tradução em espanhol **142**

ABRIL

- Galileu – *A propósito do drama do Sr. Ponsard* **143**
- Espírito Profético – *(Pelo conde Joseph de Maistre)* **148**
- A Liga do Ensino (2º artigo) **159**
- Manifestações Espontâneas:
- O moinho de Vicq-sur-Nahon* **169**
- Manifestações de Ménilmontant* **177**
- Dissertação Espírita – *Missão da mulher* **179**
- Bibliografia:
- Mudança de título do Vérité de Lyon* **181**
- Carta de un Espiritista (Carta de um Espírita)* **183**

MAIO

- Atmosfera Espiritual **185**
- Emprego da Palavra Milagre **189**
- Revista Retrospectiva das Idéias Espíritas – *Punição do ateu* **193**
- Uma Expição Terrestre – *O jovem Francisco* **199**
- Galileu – *Fragmentos do drama do Sr. Ponsard* **205**
- Lúmen (2º artigo) **212**
- Dissertações Espíritas:
- A vida espiritual* **220**

Provas terrestres dos homens em missão 222

O gênio 224

JUNHO

Emancipação das Mulheres nos Estados Unidos 227

A Homeopatia no Tratamento das Doenças

Morais (2º artigo) 236

O Sentido Espiritual 242

Grupo Curador de Marmande – *Intervenção*

dos parentes nas curas 245

Nova Sociedade Espírita de Bordeaux 249

Necrológio:

Sr. Quinemant, de Sétif 255

O conde de Ourches 260

Dissertação Espírita – *O magnetismo e o*

Espiritismo comparados 261

Bibliografia:

União Espírita de Bordeaux 266

Progresso Espiritualista 267

Pesquisas Sobre as Causas do Ateísmo 268

O Romance do Futuro 269

JULHO

- Breve Excursão Espírita **271**
A Lei e os Médiuns Curadores **276**
Illiers e os Espíritas **281**
Epidemia da Ilha Maurício **292**
Variedade – *Caso de identidade* **296**
Poesia Espírita – *Aos Espíritos protetores* **298**
Nota Bibliográfica – *O Romance do Futuro* **300**
Dissertação Espírita – *Luta dos Espíritos
para voltar ao bem* **310**

AGOSTO

- Fernanda – *Novela espírita* **313**
Simonet – *Médium curador de Bordeaux* **321**
Entrada dos Incrédulos no Mundo dos Espíritos:
O doutor Claudius **326**
Um operário de Marselha **330**
Variedades:
A Liga do Ensino **332**
Senhora Walker, doutora em cirurgia **333**
O Imã, grão-capelão do Sultão **334**

Jean Ryzak – A Força do Remorso

– Estudo moral **335**

Instruções dos Espíritos sobre este Caso **336**

Dissertações Espíritas:

*Plano de campanha – A era nova – Considerações
sobre o sonambulismo espontâneo* **339**

Os espíões **346**

A responsabilidade moral **349**

Reclamação ao jornal *La Marionnette* **352**

SETEMBRO

Caráter da Revelação Espírita **355**

Robinson Crusoe Espírita (Continuação) **387**

Nota Bibliográfica:

Deus na Natureza (Por Camille Flammarion) **397**

OUTUBRO

O Espiritismo em Toda Parte – *A propósito
das poesias do Sr. Marteau* **401**

Sra. condessa Adélaïde de Clérambert – *Médium-médico* **409**

Os Médicos-Médiuns **414**

O Alcaide Hassan, Curador Tripolitano
– *Ou a bênção do sangue* 418

O Zuavo Jacob 423

Dissertações Espíritas:

Conselhos sobre a mediunidade curadora 430

Os adenses 435

NOVEMBRO

Impressões de um Médiun Inconsciente a
Propósito do *Romance do Futuro* 443

O Cura Gassner – *Médiun curador* 456

Pressentimentos e Prognósticos 458

O Zuavo Jacob (2ª artigo) 467

Notas Bibliográficas:

A Razão do Espiritismo 473

A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo 484

Aviso – *Resposta ao Sr. S. B., de Marselha* 484

DEZEMBRO

O Homem Frente à História – *Ancianidade da raça humana* 485

Um Ressurrecto Contrariado – *Extraído da viagem do
Sr. Victor Hugo à Zelândia* 490

Carta de Benjamin Franklin à Sra. Jone Mecone sobre a Preexistência	495
Reflexo da Preexistência (Por Jean Raynaud)	497
Joana d'Arc e seus Comentadores	498
A Jovem Camponesa de Monin – <i>Caso de aparição</i>	508
Algumas Palavras à <i>Revista Espírita</i> – (Pelo jornal <i>L'Exposition Populaire Illustrée</i>)	511
O abade de Saint-Pierre	519
Dissertações Espíritas:	
<i>Erros científicos</i>	521
<i>A Exposição</i>	524
Nota Explicativa	527



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X JANEIRO DE 1867 Nº 1

Aos Nossos Correspondentes

Para a maioria dos nossos correspondentes da França e do estrangeiro, a época de renovação das assinaturas, em 1º de janeiro, é, como todos os anos, ocasião para nos darem novos testemunhos de simpatia, que nos tocam profundamente.

Na impossibilidade material em que estamos de responder a todos, pedimos-lhes recebam aqui a expressão de nossos sinceros agradecimentos e da reciprocidade de nossos votos. Ficai certos de que não esquecemos, em nossas preces, nenhum daqueles, encarnados ou desencarnados, que a nós se recomendam.

Os testemunhos que houveram por bem nos dar são, para nós, poderoso encorajamento e suaves compensações que facilmente nos fazem esquecer as penas e fadigas do caminho. E como não as esqueceríamos, quando vemos a Doutrina crescer incessantemente, superar todos os obstáculos e cada dia nos trazer novas provas dos benefícios que espalha! Agradecemos a Deus o insigne favor que nos concede de testemunhar seus primeiros sucessos e entrever o seu futuro. Nós lhe pedimos que nos dê as

forças físicas e morais necessárias para realizar o que nos resta fazer, antes de voltar ao mundo dos Espíritos.

Aos que têm a bondade de fazer votos pelo prolongamento de nossa permanência na Terra, no interesse do Espiritismo, diremos que ninguém é indispensável para a execução dos desígnios de Deus; o que fizemos outros o poderiam ter feito e o que não pudemos fazer, outros o farão; assim, quando lhe aprouver chamar-nos, ele saberá prover à continuação de sua obra. Aquele que for chamado a lhe tomar as rédeas cresce na sombra e se revelará quando for o tempo, não por sua pretensão a uma supremacia qualquer, mas por *seus atos*, que o assinalarão à atenção de todos. Neste momento, ele próprio o ignora e é útil, por enquanto, que se mantenha à margem.

O Cristo disse: “Aquele que se exaltar será rebaixado.” É, pois, entre os humildes de coração que será escolhido, e não entre os que quiserem elevar-se por sua própria autoridade e contra a vontade de Deus; esses apenas colherão vergonha e humilhação, porque os orgulhosos e os presunçosos serão confundidos. Que cada um traga a sua pedra ao edifício e se contente com o papel de simples obreiro. Deus, que lê no fundo dos corações, saberá dar a cada um o justo salário de seu trabalho.

A todos os nossos irmãos em crença diremos: “Coragem e perseverança, porque se aproxima o momento das grandes provas. Fortalecei-vos nos princípios da doutrina e deles penetrai-vos cada vez mais; alargai as vossas vistas; elevai-vos pelo pensamento acima do círculo limitado do presente, de maneira a abarcar o horizonte do infinito; considerai o futuro e, então, a vida presente, com seu cortejo de misérias e decepções, vos aparecerá como um ponto imperceptível, como um minuto doloroso que logo não deixará mais traços na lembrança; as preocupações materiais parecem mesquinhas e pueris, ao lado dos esplendores da imensidade.”

Ditosos os que colherem na sinceridade de sua fé a força de que necessitarão: esses bendirão a Deus por lhes ter dado a luz; reconhecerão sua sabedoria nas suas vistas insondáveis e nos meios, sejam quais forem, que emprega para sua realização. Marcharão através dos escolhos com a serenidade, a firmeza e a confiança que dá a certeza de atingir o porto, sem se deter nas pedras que machucam os pés.

É nas grandes provas que se revelam as grandes almas; é, também, quando se revelam os corações verdadeiramente espíritas, pela coragem, a resignação, o devotamento, a abnegação e a caridade sob todas as suas formas, de que dão exemplo. (Vide o artigo do mês de outubro de 1866: “Os tempos são chegados”).

Olhar Retrospectivo sobre o Movimento Espírita

Não resta dúvida a ninguém, tanto para os adversários quanto para os partidários do Espiritismo, que esta questão, mais que nunca, agita os espíritos. Será esse movimento um fogo de palha, como alguns fingem dizer? Mas esse fogo de palha já dura quinze anos e, em vez de se extinguir, sua intensidade só faz aumentar de ano para ano. Ora, não é este o caráter das coisas efêmeras e que só se dirigem à curiosidade. O último levante com que esperavam sufocá-lo apenas o reavivou, superexcitando a atenção dos indiferentes. A tenacidade desta idéia nada tem que possa surpreender quem quer que haja sondado a profundidade e a multiplicidade das raízes pelas quais se liga aos mais graves interesses da Humanidade. Os que se admiram apenas viram a superfície; a maioria só o conhece de nome, mas não lhe compreendem o objetivo, nem o alcance.

Se uns combatem o Espiritismo por ignorância, outros o fazem precisamente porque lhe sentem toda a importância,

presentem o seu futuro e nele vêem um poderoso elemento regenerador. Há que se persuadir de que certos adversários estão perfeitamente convertidos. Se estivessem menos convencidos das verdades que ele encerra, não lhe fariam tanta oposição. Sentem que o penhor de seu futuro está no bem que faz. Fazer ressaltar esse bem aos seus olhos, longe de os acalmar, é aumentar a causa de sua irritação. Tal foi, no século XV, a numerosa classe de escritores copistas, que de bom grado teriam queimado Gutemberg e todos os impressores. Não seria demonstrando os benefícios da imprensa, que os ia suplantar, que os teria apaziguado.

Quando uma coisa está certa e é chegado o tempo de sua eclosão, ela marcha a despeito de tudo. A força de ação do Espiritismo é atestada por sua persistente expansão, malgrado os poucos esforços que faz para se expandir. Há um fato constante: *os adversários do Espiritismo consumiram mil vezes mais forças para o abater, sem o conseguir, do que seus partidários para o propagar*. Ele avança, por assim dizer, só, semelhante a um curso d'água que se infiltra através das terras, abre uma passagem à direita, se o barram à esquerda, e pouco a pouco mina as pedras mais duras, acabando por fazer desabarem montanhas.

Um fato notório é que, *em seu conjunto*, a marcha do Espiritismo não sofreu nenhuma interrupção; ela pôde ser entravada, reprimida, retardada em algumas localidades por influências contrárias; mas, como dissemos, a corrente, barrada num ponto, aparece em cem outros; em vez de correr em abundância, divide-se numa porção de filetes. Entretanto, à primeira vista, dir-se-ia que sua marcha é menos rápida do que foi nos primeiros anos. Deve-se concluir que o abandonam? que encontra menos simpatia? Não; mas simplesmente que o trabalho que ele realiza neste momento é diferente e, por sua natureza, menos ostensivo.

Como já dissemos, desde o começo o Espiritismo ligou a si todos os homens nos quais estas idéias estavam, de certo modo,

no estado de intuição. Bastou-lhe apresentar-se para ser compreendido e aceito. Imediatamente recolheu por toda parte onde encontrou o terreno preparado. Uma vez feita essa primeira colheita, restavam os terrenos incultos, que reclamavam mais trabalho. É agora através das opiniões refratárias que se deve fazer a luz, e é o período em que nos encontramos. Semelhante ao mineiro que retira sem esforço as primeiras camadas de terra móvel, chegou à rocha que é preciso rebentar e no seio da qual só pouco a pouco pode penetrar. Mas não há rocha, por mais dura que seja, que resista indefinidamente a uma ação dissolvente contínua. Sua marcha é, pois, ostensivamente menos rápida, mas se, num dado tempo, não congrega tão grande número de adeptos francamente confessos, não abala menos as convicções contrárias, que caem, não de um golpe, mas pouco a pouco, até que a brecha esteja feita. É o trabalho a que assistimos, e que marca a fase atual do progresso da doutrina.

Esta fase é caracterizada por sinais inequívocos. Examinando a situação, torna-se evidente que a idéia ganha terreno diariamente e se aclimata; encontra menos oposição; riem menos e os mesmos que ainda não a aceitam, começam a lhe conceder foros de cidadania entre as opiniões. Os espíritas já não são mostrados a dedo, como outrora, e vistos como animais curiosos; é o que constata sobretudo os que viajam. Por toda parte encontram mais simpatia ou menos antipatia pela coisa. Não se pode negar que não haja nisto um progresso real.

Para compreender as facilidades e as dificuldades que o Espiritismo encontra em seu caminho, há que se observar a diversidade das opiniões, através das quais deve abrir passagem. Jamais se impondo pela força ou pelo constrangimento, mas só pela convicção, ele encontrou uma resistência mais ou menos grande, conforme a natureza das convicções existentes, com as quais podia assimilar-se mais ou menos facilmente, sendo recebido de braços abertos por umas, e repellido com obstinação por outras.

Duas grandes correntes de idéia dividem a sociedade atual: o espiritualismo e o materialismo. Embora este último forme uma incontestável minoria, não se pode esconder que tomou grande extensão desde alguns anos. Um e outro se fracionam numa porção de nuances, que se podem resumir nas principais categorias seguintes:

1^o – *Os fanáticos de todos os cultos.* – 0.

2^o – *Os crentes satisfeitos*, com convicções absolutas, fortemente decididos e sem restrições, embora sem fanatismo, sobre todos os pontos do culto que professam e com o qual estão satisfeitos. Esta categoria também compreende as seitas que, por terem aberto cisão e operado reformas, se julgam de posse de toda a verdade e, por vezes, são mais absolutas do que as religiões-mãe. – 0.

3^o – *Os crentes ambiciosos*, inimigos das idéias emancipadoras, que lhes poderiam fazer perder o ascendente que exercem sobre a ignorância. – 0.

4^o – *Os crentes pela forma* que, por interesse, simulam uma fé que não têm, e quase sempre se mostram mais rígidos e mais intolerantes que as religiões sinceras. – 0.

5^o – *Os materialistas por sistema*, que se apóiam numa teoria racional e na qual muitos se obstinariam contra a evidência, por orgulho, para não confessar que puderam enganar-se; são, em maioria, tão absolutos e intolerantes em sua incredulidade quanto os fanáticos religiosos em sua crença. – 0.

6^o – *Os sensualistas*, que repelem as doutrinas espiritualistas e espíritas, temerosos de que elas os venham perturbar em seus prazeres materiais. Fecham os olhos para não ver. – 0.

7º – *Os indiferentes*, que só vivem para o hoje, sem se preocupar com o futuro. Em sua maior parte não saberiam dizer se são espiritualistas ou materialistas. Para eles o presente é a única coisa séria. – 0.

8º – *Os panteístas*, que não admitem uma divindade pessoal, mas um princípio espiritual universal, no qual se confundem as almas, como as gotas no oceano, sem conservarem a sua individualidade. Esta opinião é um primeiro passo para a espiritualidade e, por conseguinte, um progresso sobre o materialismo. Embora um pouco menos refratários às idéias espíritas, os que a professam são, em geral, muito absolutos, porque neles é um sistema preconcebido e racional, e muitos não se dizem panteístas senão para não se confessarem materialistas. É uma concessão que fazem às idéias espiritualistas para salvar as aparências. – 1.

9º – *Os déístas*, que admitem a personalidade de um Deus único, criador e soberano senhor de todas as coisas, eterno e infinito em todas as suas perfeições, mas rejeitam todo culto exterior. – 3.

10º – *Os espiritualistas sem sistema*, que, por convicção, não pertencem a nenhum culto, sem repelir nenhum, mas que não têm qualquer idéia fixa sobre o futuro. – 5.

11º – *Os crentes progressistas*, vinculados a um culto determinado, mas que admitem o progresso na religião e o acordo das crenças com o progresso das ciências. – 5.

12º – *Os crentes insatisfeitos*, nos quais a fé é indecisa ou nula sobre os pontos dogmáticos, que não lhes satisfazem completamente a razão, atormentada pela dúvida. – 8.

13º – *Os incrédulos por falta de melhor*, dos quais a maior parte passou da fé à incredulidade e à negação de tudo, por não

terem encontrado, nas crenças com que foram embalados, uma sanção satisfatória para a sua razão, mas nos quais a incredulidade deixa um vazio penoso. Seriam felizes se pudessem enchê-lo. – 9.

14^o – *Os livres-pensadores*, nova denominação pela qual se designam os que não se sujeitam à opinião de ninguém em matéria de religião e de espiritualidade, que não se julgam atrelados pelo culto em que o nascimento os colocou sem o seu consentimento, nem obrigados à observação de práticas religiosas quaisquer. Esta qualificação não especifica nenhuma crença determinada; pode aplicar-se a todas as nuances do espiritualismo racional, tanto quanto à mais absoluta incredulidade. Toda crença eclética pertence ao livre-pensamento; todo homem que não se guia pela fé cega é, por isto mesmo, livre-pensador. A este título os espíritas também são livres-pensadores.

Mas para os que podem ser chamados os radicais do livre-pensamento, esta designação tem uma acepção mais restrita e, a bem dizer, exclusiva; para estes, ser livre-pensador não é apenas crer no que vê: é não crer em nada; é libertar-se de todo freio, mesmo do temor de Deus e do futuro; a espiritualidade é um estorvo e não a querem. Sob este símbolo da emancipação intelectual, procuram dissimular o que a qualidade de materialista e de ateu tem de repulsivo para a opinião das massas e, coisa singular, é em nome desse símbolo, que parece ser o da tolerância por todas as opiniões, que atiram pedra a quem quer que não pense como eles. Há, pois, uma distinção essencial a fazer entre os que se dizem *livre-pensadores*, como entre os que se dizem *filósofos*. Eles se dividem naturalmente em: Livres-pensadores incrédulos, que entram na 5^a categoria – 0; e livres-pensadores crentes, que pertencem a todas as nuances do espiritualismo racional – 9.

15^o – *Os espíritas por intuição*, aqueles nos quais as idéias espíritas são inatas e que as aceitam como uma coisa que não lhes é estranha. – 10.

Tais são as camadas de terreno que o Espiritismo deve atravessar. Lançando uma vista de olhos sobre as diferentes categorias acima, é fácil ver aquelas junto às quais ele encontra um acesso mais ou menos fácil e aquelas contra as quais se choca como a picareta contra o granito. Não triunfará destas senão com a ajuda dos *novos elementos* que a renovação trará à Humanidade: esta é a obra d'Aquele que dirige tudo e que faz surgirem os acontecimentos, de onde deve sair o progresso.

Os números colocados depois de cada categoria indicam aproximadamente a proporção do número de adeptos sobre 10, que cada um fornece ao Espiritismo.

Se se admitir, em média, a igualdade numérica entre estas diferentes categorias, ver-se-á que a parte refratária, por sua natureza, abrange mais ou menos a metade da população. Como ela possui a audácia e a força material, não se limita a uma resistência passiva: é essencialmente agressiva; daí uma luta inevitável e necessária. Mas esse estado de coisas não pode ter senão um tempo, porque o passado se vai e vem o futuro; ora, o Espiritismo marcha com o futuro.

É, pois, na outra metade que o Espiritismo deve ser recrutado, e o campo a explorar é bastante vasto; é aí que deve concentrar seus esforços e que verá seus limites se ampliarem. Entretanto, esta metade ainda está longe de lhe ser inteiramente simpática; ele aí encontra resistências obstinadas, mas não insuperáveis, como na primeira, da qual a maior parte é devida a prevenções que se apagam à medida que o objetivo e as tendências da doutrina forem mais bem compreendidas, e desaparecerem com o tempo. Se nos podemos admirar de uma coisa é que, malgrado a multiplicidade dos obstáculos que ele encontra, das ciladas que lhe armam, tenha ele podido chegar em alguns anos ao ponto em que hoje se encontra.

Outro progresso não menos evidente é o da atitude da oposição. Pondo de lado os ataques violentos lançados de vez em quando por uma plêiade de escritores, *quase sempre os mesmos*, que em tudo só vêem matéria para rir, que ririam mesmo de Deus, e cujos argumentos se limitam a dizer que a Humanidade beira à demência, muito surpreendidos de que o Espiritismo tenha marchado sem sua permissão, é raríssimo ver a doutrina posta em causa numa polêmica séria e sustentada. Em vez disto, como já fizemos notar em artigo precedente, as idéias espíritas invadem a imprensa, a literatura, a filosofia; delas se apropriam sem o confessar, razão por que se vê a todo instante surgir nos jornais, nos livros, nos sermões e no teatro pensamentos que se diriam hauridos na própria fonte do Espiritismo. Por certo seus autores protestariam contra a qualificação de espíritas, mas nem por isso sofrem menos a influência das idéias que circulam e que parecem justas. É que os princípios sobre os quais repousa a doutrina são de tal modo racionais que fermentam numa imensidão de cérebros e transparecem mau grado seu; tocam em tantas questões que, a bem dizer, é impossível entrar na via da espiritualidade sem fazer Espiritismo involuntariamente. É um dos fatos mais característicos que marcaram o ano que acaba de passar.

Disto se deve concluir que a luta acabou? Não, certamente; devemos, ao contrário e mais que nunca, nos manter em guarda, porque teremos que sustentar assaltos de outro gênero; mas, esperando que as fileiras se reforcem e que os passos à frente também sejam ganhos. Guardemo-nos de crer que certos adversários se dêem por vencidos, e de tomar o seu silêncio por uma adesão tácita, ou mesmo por neutralidade. Persuadamo-nos bem de que certas pessoas, enquanto viverem, *jámais* aceitarão o Espiritismo, nem aberta nem tacitamente, como existem as que jamais aceitarão certos regimes políticos. Todos os raciocínios para a ele os levar são impotentes, porque não o querem a nenhum preço; sua aversão pela doutrina cresce em razão do desenvolvimento que ela toma.

Os ataques a céu aberto tornam-se mais raros, porque reconheceram a sua inutilidade; mas não perdem a esperança de triunfar com o auxílio de manobras tenebrosas. Longe de adormecer numa enganosa segurança, mais que nunca é preciso desconfiar dos falsos irmãos que se insinuam em todas as reuniões para espiar e, a seguir, *deturpar* o que aí se diz e se faz; que semeiam sub-repticiamente elementos de desunião; que, sob a aparência de um zelo artificial e por vezes interessado, procuram empurrar o Espiritismo para fora das vias da prudência, da moderação e da legalidade; que provocam em seu nome atos repreensíveis aos olhos da lei. Não tendo conseguido torná-lo ridículo, porque, por sua essência, é uma coisa séria, seus esforços tendem a *comprometê-lo*, para o tornar suspeito à autoridade e provocar contra ele e seus aderentes medidas rigorosas. Desconfiemos, pois, dos beijos de Judas e dos que nos querem abraçar para nos sufocar.

É preciso imaginar que estamos em guerra e que os inimigos estão à nossa porta, prontos para aproveitar a ocasião favorável e que arrebanharão inteligências no próprio lugar.

Que fazer nesta ocorrência? Uma coisa muito simples: fechar-se nos estritos limites dos preceitos da doutrina; esforçar-se em mostrar o que ela é por seu próprio exemplo e declinar toda solidariedade com o que pudesse ser feito em seu nome e que fosse capaz de desacreditá-la, porque não seria este o caso de adeptos sérios e convictos. Não basta dizer-se espírita; aquele que o é de coração o prova por seus atos. Não pregando a doutrina senão o bem, o respeito às leis, a caridade, a tolerância e a benevolência para com todos; repudiando toda violência feita à consciência de outrem, todo charlatanismo, todo pensamento interessado no que concerne às relações com os Espíritos e todas as coisas contrárias à moral evangélica, aquele que não se afasta da linha traçada não pode incorrer em censuras fundadas, nem em perseguições legais; mais ainda: quem quer que tome a doutrina como regra de conduta, não pode senão granjear estima e consideração das pessoas

imparciais. Diante do bem a própria incredulidade zombeteira se inclina e a calúnia não pode sujar o que está sem mancha. É nessas condições que o Espiritismo atravessará as tempestades que serão amontoadas em sua estrada e que sairá triunfante de todas as lutas.

O Espiritismo também não pode ser responsabilizado pelas faltas daqueles a quem agrada se dizerem espíritas, como a religião não o é pelos atos repreensíveis dos que só têm a aparência de piedade. Antes, pois, de fazer cair a censura de tais atos sobre um doutrina qualquer, seria preciso saber se ela contém alguma máxima, algum ensinamento que os possa autorizar ou até os desculpar. Se, ao contrário, ela os condena formalmente, é evidente que a falta é inteiramente pessoal e não pode ser imputada à doutrina. Mas é uma distinção que os adversários do Espiritismo não se dão ao trabalho de fazer; ao contrário, eles se sentem muito felizes por encontrar uma ocasião de o desacreditar com ou sem razão, não se pejando de lhe atribuir o que não lhe pertence, envenenando as coisas mais insignificantes, em vez de lhes buscar as causas atenuantes.

Desde algum tempo as reuniões espíritas vêm sofrendo certa transformação. As reuniões íntimas e de família multiplicaram-se consideravelmente em Paris e nas principais cidades, em razão mesmo da facilidade que acharam em se formar, pelo aumento do número de médiuns e de adeptos. No princípio os médiuns eram raros; um bom médium era quase um fenômeno; era, pois, natural que se agrupassem em torno dele. À medida que esta faculdade se desenvolveu, os grandes centros se fracionaram, como enxames, numa porção de pequenos grupos particulares, que encontram mais facilidade em se reunir, mais intimidade e homogeneidade em sua composição. Esse resultado, conseqüência da força mesma das coisas, era previsto. Desde a origem havíamos assinalado os escolhos que, inevitavelmente, deveriam encontrar as sociedades numerosas, necessariamente formadas de elementos heterogêneos, abrindo a porta às ambições e, por isto mesmo, alvo

das intrigas, das cabalas, das manobras surdas da malevolência, da inveja e do ciúme, que não podem emanar de uma fonte pura. Nas reuniões íntimas, sem caráter oficial, é-se mais senhor de si, conhece-se melhor, recebe-se quem se quer; aí o recolhimento é maior e sabe-se que os resultados são mais satisfatórios. Conhecemos bom número de reuniões deste gênero, cuja organização nada deixa a desejar. Há, pois, tudo a ganhar nessa transformação.

Além disso, o ano de 1866 viu se realizarem as previsões dos Espíritos sobre vários pontos interessantes da doutrina, entre outros sobre a extensão e os novos caracteres que devem tomar a mediunidade, bem como sobre a produção de fenômenos susceptíveis de chamar a atenção sobre o princípio da espiritualidade, embora aparentemente estranhos ao Espiritismo. A mediunidade curadora revelou-se em plena luz, nas circunstâncias mais propícias a fazer sensação; desabrocha em muitas outras pessoas. Em certos grupos manifestam-se numerosos casos de sonambulismo espontâneo, de mediunidade falante, de segunda vista e outras variedades da faculdade mediúnica que puderam fornecer úteis assuntos de estudo. Sem ser precisamente novas, essas faculdades ainda estão no nascedouro numa porção de indivíduos; só se mostram em casos isolados e, por assim dizer, se ensaiam na intimidade; mas, com o tempo, adquirirão mais intensidade e se vulgarizarão. É sobretudo quando se revelam espontaneamente em pessoas estranhas ao Espiritismo que chamam a atenção mais fortemente, pois não se pode supor convivência nem admitir a influência de idéias preconcebidas. Limitamo-nos a assinalar o fato, que cada um pode constatar, e cujo desenvolvimento necessitaria de detalhes muito extensos. Aliás, teremos ocasião de a ele voltar, em artigos especiais.

Em resumo, se nada de muito retumbante assinalou a marcha do Espiritismo nestes últimos tempos, podemos dizer que ela prossegue nas condições normais traçadas pelos Espíritos e que só temos que nos felicitar pelo estado das coisas.

Pensamentos Espíritas que Correm o Mundo

Em nosso último número referimos alguns pensamentos que se encontram aqui e ali, na imprensa, e que o Espiritismo pode reivindicar como partes integrantes da doutrina. Continuaremos a referir, de vez em quando, os que vierem ao nosso conhecimento. Estas citações têm o seu lado útil e instrutivo, pois provam a vulgarização das idéias espíritas.

Na revista hebdomadária do *Siècle* de 2 de dezembro, o Sr. E. Texier, dando conta de uma nova obra do Sr. P.-J. Stahl, intitulada *Bonnes fortunes parisiennes*, assim se exprime:

“O que distingue essas *Boas sortes parisienses* é a delicadeza de toque na pintura do sentimento, é o bom perfume do livro, que se respira como uma brisa. Raramente tinham tratado este assunto tão vasto, tão explorado, tão rebatido e sempre novo – o amor – com verdadeira ciência, sentida observação, mais tato e leveza de mão. *Disseram que, numa existência anterior, Balzac deveria ter sido mulher; poder-se-ia dizer também que Stahl tinha sido uma jovem.* Todos os pequenos segredos do coração que se abre ao contato do primeiro arroubo, ele os capta e os fixa até em seus mais finos matizes. Ele fez melhor do que estudar as suas heroínas; dir-se-ia que *sentiu* todas as suas impressões, todas as suas vibrações, todos esses lindos choques – alegria ou dor – que se sucedem na alma feminina e a enchem aos primeiros botões da floração de abril.”

Não é a primeira vez que a idéia das existências anteriores é expressa fora do Espiritismo. O autor do artigo outrora não poupava sarcasmos à nova crença, a propósito dos irmãos Davenport, em quem, como a maioria de seus confrades em jornalismo, julgou, e talvez ainda julgue encarnada a doutrina.

Escrevendo estas linhas, certamente não suspeitava que formulava um de seus mais importantes princípios. Que o tenha feito seriamente ou não, pouco importa! A coisa não prova menos que os próprios incrédulos encontram na pluralidade das existências, ainda que só admitida a título de hipótese, a explicação das aptidões inatas da existência atual. Este pensamento, lançado a milhões de leitores pelo vento da publicidade, se populariza, se infiltra nas crenças; habitua-se a ele; cada um aí procura a razão de ser de uma imensidade de coisas incompreendidas, de suas próprias tendências: aqui gracejando, ali seriamente; a mãe cujo filho é um tanto precoce sorri de bom grado à idéia de que ele possa ter sido um homem de gênio. Em nosso século racionalista, a gente quer dar conta de tudo; repugna ao maior número ver nas boas e más qualidades trazidas ao nascer, um jogo do acaso ou um capricho da divindade; a pluralidade das existências resolve a questão mostrando que as existências se encadeiam e se completam umas pelas outras. De dedução em dedução chega-se a encontrar, neste princípio fecundo, a chave de todos os mistérios, de todas as aparentes anomalias da vida moral e material, das desigualdades sociais, dos bens e dos males daqui de baixo; enfim o homem sabe de onde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que é feliz ou desgraçado e o que deve fazer para assegurar a sua felicidade futura.

Se se acha racional admitir que já vivemos na Terra, não o é menos que possamos aqui reviver ainda. Como é evidente que não é o corpo que revive, só pode ser a alma; esta conservou, pois, a sua individualidade; não se confundiu no todo universal; para conservar suas aptidões, é preciso que tenha *ficado ela mesma*. O único princípio da pluralidade das existências é, como se vê, a negação do materialismo e do panteísmo.

Para que a alma possa realizar uma série de existências sucessivas no mesmo meio, é preciso que não se perca nas profundezas do infinito; deve permanecer na esfera de atividade

terrestre. Eis, pois, o mundo espiritual que nos rodeia, em meio do qual vivemos, no qual se derrama a Humanidade corporal, como ele mesmo se derrama nesta. Ora, chamai estas almas de *Espíritos* e eis-nos em pleno Espiritismo.

Se Balzac pôde ter sido mulher e Stahl uma jovem, então as mulheres podem encarnar-se como homens e, por conseguinte, os homens podem encarnar-se como mulheres. Não há, pois, entre os dois sexos senão uma diferença material, acidental e temporária, uma diferença de vestimenta carnal; mas quanto à natureza essencial do ser, ela é a mesma. Ora, da igualdade de natureza e de origem, a lógica conclui pela *igualdade dos direitos sociais*. Vê-se a que conseqüências conduz o só princípio da pluralidade das existências. Provavelmente o Sr. Texier não acreditava ter dito tanta coisa nas poucas linhas que citamos.

Mas, talvez digam, o Espiritismo admite a presença das almas em meio a nós e suas relações com os vivos; eis onde está o absurdo. Sobre este ponto escutemos o Sr. abade V..., novo cura de São Vicente de Paulo. No discurso que ele pronunciou domingo, 25 de novembro último, por sua investidura, fazendo o elogio do patrono da paróquia, disse: “O Espírito São Vicente de Paulo está aqui, eu o afirmo, meus irmãos; sim, ele está em meio a nós; paira sobre esta assembléia; ele nos vê e nos ouve; sinto-o perto de mim, a inspirar-me.” Que mais teria dito um espírita? Se o Espírito São Vicente de Paulo está na assembléia, por quem é atraído, senão pelo pensamento simpático dos assistentes? É o que diz o Espiritismo. Se aí está, outros Espíritos igualmente aí podem encontrar-se. Eis o mundo espiritual que nos cerca. Se o sr. abade sofre sua influência, pode sofrer a de outros Espíritos, assim como outras pessoas. Há, pois, relações entre o mundo espiritual e o mundo corporal. Se fala pela inspiração desse Espírito, então é médium falante; mas se fala, também pode escrever sob essa mesma inspiração o que, sem dúvida, terá feito mais de uma vez

sem o suspeitar; ei-lo, então, médium escrevente inspirado, intuitivo. Entretanto, se lhe dissessem que havia pregado o Espiritismo, provavelmente se defenderia com todas as suas forças.

Mas sob que aparência o Espírito São Vicente de Paulo poderia estar nessa assembléa? Se o sr. cura não diz, São Paulo o diz: é com o corpo espiritual ou fluídico, *o corpo incorruptível*, que reveste a alma depois da morte, e ao qual o Espiritismo dá o nome de perispírito.

O perispírito, um dos elementos constitutivos do organismo humano, constatado pelo Espiritismo, tinha sido suspeitado há muito tempo. É impossível ser mais explícito a este respeito que o Sr. Charpignon, em sua obra sobre o magnetismo, publicada em 1842.¹ Com efeito, lê-se no capítulo II, página 355:

“As considerações psicológicas a que acabamos de nos entregar tiveram como resultado fixar-nos na necessidade de admitir, na composição da individualidade humana, *uma verdadeira trindade*, e achar neste *composto trinário um elemento de natureza essencialmente diferente das duas outras partes*, elemento perceptível, mais por suas faculdades fenomenais que por suas propriedades constitutivas, porque a natureza de um ser espiritual escapa aos nossos meios de investigação. O homem é, pois, um ser misto, um organismo de composição dupla, a saber: combinação de átomos formando os órgãos, e um elemento de natureza material, mas *indecomponível, dinâmico por essência, numa palavra, um fluido imponderável*. Isto quanto à parte material. Agora, como elemento característico da espécie hominal: este ser simples, inteligente, livre e voluntário, que os psicólogos chamam *alma...*”

Estas citações e as reflexões que as acompanham têm por fim mostrar que a opinião está menos afastada das idéias espíritas do que se poderia crer, e que a força das coisas e a

1 *Fisiologia, Medicina e Metapsíquica do Magnetismo*, por Charpignon, 1 vol. In-8. Paris, Bailliére, 17, Rue de l'École-de-Médecine. Preço: 6 fr.

irresistível lógica dos fatos a isto conduzem por um pendor bem natural. Não é, pois, uma vã presunção dizer que o futuro é nosso.

Romance Espírita

O ASSASSINATO DA PONTE VERMELHA, POR CH. BARBARA

O romance pode ser uma maneira de exprimir pensamentos espíritas sem se comprometer, porque o autor temeroso pode sempre responder à crítica zombeteira que não pretendeu senão fazer uma obra de fantasia, o que é certo para o grande número. Ora, tudo é permitido à fantasia. Mas, fantasia ou não, não deixa de ser uma das formas a favor da qual a idéia espírita pode penetrar nos meios onde não seria aceita sob uma forma séria.

O Espiritismo ainda é muito pouco, ou melhor, muito mal conhecido pela literatura, para ter fornecido assunto a tantas obras deste gênero. A principal, como se sabe, é a que Théophile Gautier publicou sob o nome de *Espírita*, e ainda se pode censurar o autor por se ter afastado, em vários pontos, da idéia verdadeira.

Uma outra obra de que igualmente falamos, e que sem ter sido feita especialmente visando o Espiritismo, a ele se liga de certo modo, é a do Sr. Elie Berthet, publicada em folhetim no *Siècle*, em setembro e outubro de 1865, sob o título de *A Dupla Vista*. Aqui o autor dá provas de um conhecimento aprofundado dos fenômenos de que fala, e o seu livro alia a este mérito, o do estilo e de um interesse contínuo. É, ao mesmo tempo, moral e instrutivo.

A Segunda Vista, de X.-B. Saintine, publicada em folhetim no grande *Moniteur*, em fevereiro de 1864, é uma série de novelas que nem têm o fantástico *impossível*, nem o caráter lúgubre dos contos de Edgard Poë, mas a suave e graciosa simplicidade das cenas íntimas entre os habitantes deste e do outro mundo, nos

quais o Sr. Saintine acreditava firmemente. Embora sejam histórias de fantasia, em geral pouco se afastam dos fenômenos que muitas pessoas puderam testemunhar. Aliás, sabemos que, em vida, o autor, que conhecemos pessoalmente, não era incrédulo nem materialista; as idéias espíritas lhe eram simpáticas, e o que escrevia era reflexo de seu próprio pensamento.

Séraphita, de Balzac, é um romance filosófico, baseado na doutrina de Swedenborg. Em *Consuelo* e na *condessa de Rudofstadt*, da Sra. George Sand, o princípio da reencarnação representa papel capital. O *Drag*, da mesma autora, é uma comédia representada, há alguns anos, no *Vaudeville*, e cujo enredo é inteiramente espírita. É fundado numa crença popular entre os marinheiros da Provença. Drag é um Espírito manhoso, mais malicioso que mau, que se diverte em pregar peças. É visto sob a figura de um jovem, exercendo sua influência e coagindo um indivíduo a escrever contra sua própria vontade. A imprensa, de ordinário tão benevolente para com essa escritora, mostrou-se severa com esta peça, que mereceria melhor acolhimento.

A França não tem o monopólio exclusivo deste gênero de produções. O *Progrès colonial*, da ilha Maurício, publicou em 1865, sob o título de *Histórias do Outro Mundo, contadas pelos Espíritos*, um romance que não ocupava menos de vinte e oito folhetins, cuja trama era toda feita pelo Espiritismo, e no qual o autor, Sr. de Germonville, dá provas de perfeito conhecimento do assunto.

Em alguns outros romances, a idéia espírita simplesmente fornece o tema dos episódios. O Sr. Aurélien Scholl, nos seus *Novos Mistérios de Paris*, publicados pelo *Petit Journal*, faz intervir um magnetizador, que interroga uma mesa pela tiptologia, depois uma moça posta em sonambulismo, cujas revelações deixam alguns assistentes em maus lençóis. A cena é bem apresentada e perfeitamente verossímil. (*Petit Journal* de 23 de outubro de 1866).

A reencarnação é uma das idéias mais fecundas para os romancistas, e que pode fornecer efeitos tanto mais surpreendentes quanto em nada se afastam das possibilidades da vida material. O Sr. Charles Barbara, jovem escritor morto há alguns meses numa casa de saúde, dela fez aplicação das mais felizes em seu romance intitulado *Assassinato da Ponte Vermelha*, que o *Événement* ultimamente reproduziu em folhetim.

O assunto principal é um agente de câmbio que fugia para o estrangeiro, levando a fortuna de seus clientes. Atraído por um indivíduo a uma casa miserável, sob o pretexto de favorecer-lhe a fuga, aí é assassinado, despojado e jogado no Sena, ajudado por uma mulher chamada Rosália, que morava na casa desse homem. O assassino agiu com tal prudência e soube tomar tão bem suas precauções, que todo traço do crime desapareceu e toda suspeita de assassinato foi afastada. Casou-se pouco depois com sua cúmplice Rosália e ambos puderam, daí por diante, viver na abastança, sem temer perseguição alguma, a não ser a do remorso, quando uma circunstância fez que suas angústias atingissem o mais alto grau. Eis como ele próprio a conta:

“Esta quietude foi perturbada desde os primeiros dias de nosso casamento. A não ser que se exclua a intervenção direta de um poder oculto, forçoso é convir que o acaso aqui se mostrou estranhamente inteligente. Por maravilhoso que pareça o fato, não pensareis em pô-lo em dúvida, porque, também, nele tendes a prova viva em meu filho. Aliás, muitas pessoas não deixarão de aí ver um fato puramente físico e fisiológico e de o explicar racionalmente. Seja como for, de repente notei traços de tristeza no rosto de Rosália. Perguntei a razão. Ela evitou responder.

“Como no dia seguinte e nos outros sua melancolia só fizesse aumentar, supliquei-lhe que me tirasse da inquietação. Ela acabou me confessando uma coisa que não deixou de me comover no mais alto grau. Logo na primeira noite de nossas núpcias, em

meu lugar, embora estivéssemos no escuro, ela tinha visto, mas visto mesmo, garantia, o rosto pálido do agente de câmbio. Inutilmente tinha esgotado suas forças em rechaçar o que tomava a princípio por simples lembrança. O fantasma não saiu de seus olhos senão aos primeiros clarões da aurora. Além disso, o que realmente justificava seu pavor é que a mesma visão a tinha perseguido com uma tenacidade análoga durante várias noites seguidas.

“Afetei profundo desdém e tentei convencê-la de que tinha sido vítima de uma simples alucinação. Compreendi, pela tristeza que dela se apoderou e se transformou insensivelmente neste langor em que a vistes, que não tinha conseguido inculcar-lhe o meu sentimento. Uma gravidez penosa, agitada, equivalente a uma doença longa e dolorosa, piorou mais ainda esse mal-estar de espírito; e se um parto feliz, cumulando-a de alegria, teve influência salutar sobre o seu moral, foi de curta duração. Ainda mais, vi-me forçado a privá-la da felicidade de ter o filho ao seu lado, já que, em relação aos meus recursos oficiais, uma ama-de-leite morando em casa se me teria afigurado uma despesa superior às minhas posses.

“Comovidos pelos sentimentos de figurar dignamente numa pastoral, íamos ver nosso filho de quinze em quinze dias. Rosália o amava até a paixão, e eu mesmo não estava longe de o amar com frenesi, porque, coisa singular! nas ruínas que se amontoavam em mim, só os instintos da paternidade ainda restavam de pé. Abandonava-me a sonhos inefáveis; prometia-me dar uma educação sólida ao meu filho, preservá-lo, se possível, de meus vícios, de minhas faltas, de minhas torturas. Ele era minha consolação, minha esperança.

“Quando digo eu, falo igualmente da pobre Rosália, que se sentia feliz à idéia de ver o filho crescer ao seu lado. Assim, quais não foram as nossas inquietações, a nossa ansiedade, quando, à medida que a criança se desenvolvia, percebemos em seu rosto as

linhas que lembravam o de uma pessoa que desejaríamos esquecer para sempre. A princípio não passou de uma dúvida, sobre a qual guardamos silêncio, mesmo um em frente ao outro. Depois a fisionomia do menino aproximou-se a tal ponto da de Thillard, que Rosália me falou com espanto, que eu mesmo não podia ocultar senão em parte as minhas cruéis apreensões. Enfim, a semelhança se nos mostrou tal, que pareceu realmente que o agente de câmbio tivesse *renascido* em nosso filho.

“O fenômeno teria transtornado um cérebro menos sólido que o meu. Ainda muito firme para ter medo, pretendi ficar insensível ao golpe desferido em minha afeição paternal e fazer Rosália partilhar de minha indiferença. Sustentei que nisto havia apenas um acaso; acrescentei que nada havia de mais mutável que o rosto das crianças e que, provavelmente, a semelhança desapareceria com a idade. Finalmente, caso acontecesse o pior, sempre nos seria fácil manter a criança afastada. Falhei completamente. Ela se obstinou em ver na identidade dos dois rostos um fato providencial, o germe de um castigo atroz que, mais cedo ou mais tarde, devia esmagar-nos e, sob o império desta convicção, seu repouso foi abolido para sempre.

“Por outro lado, sem falar da criança, que era nossa vida? Vós mesmos pudestes ver a perturbação permanente, as agitações, os abalos, cada dia mais violentos. Quando todo traço de meu crime havia desaparecido, quando eu não tinha absolutamente mais nada a temer dos homens, quando a opinião a meu respeito tinha se tornado unanimemente favorável, em vez de uma segurança fundada na razão, eu sentia crescerem as minhas inquietações, as minhas angústias, os meus terrores. Eu mesmo me inquietava com as fábulas mais absurdas; no gesto, na voz, no olhar do primeiro que chegasse eu via uma alusão ao meu crime.

“As alusões me mantiveram incessantemente no cadafalso do carrasco. Lembrai-vos desta noite em que o Sr.

Durosoir contou uma de suas instruções. Dez anos de dores lancinantes, que jamais equivaleriam ao que senti no momento em que, saindo do quarto de Rosália, encontrei-me cara a cara com o juiz, que me fitava no rosto. Eu era de vidro; ele lia no fundo de meu peito. Num instante entrevi o patíbulo. Lembrai-vos do ditado: ‘Em casa de enforcado não se fala em corda’, e vinte outros detalhes do gênero. Era um suplício de todos os dias, de todas as horas, de todos os segundos. O que quer que fosse, fazia-se no meu espírito uma horrorosa devastação.

“O estado de Rosália era ainda muito mais doloroso: vivia realmente nas chamas. A presença da criança na casa acabou por tornar a estada intolerável. Incessantemente, dia e noite, vivemos em meio às cenas mais cruéis. O menino me gelava de horror. Vinte vezes quase que o sufoquei. Além disso, Rosália, que se sentia morrer, que acreditava na vida futura, nos castigos, aspirava a se reconciliar com Deus. Zombava dela, insultava-a, ameaçava batê-la. Entrava em furores para assassiná-la. Ela morreu a tempo para me preservar de um segundo crime. Que agonia! Ela jamais me sairá da memória.

“Depois não vivi. Vangloriava-me de não ter mais consciência: esses remorsos cresceram ao meu lado, em carne e osso, sob a forma de meu filho. Esta criança, que consinto em ser seu guarda e o escravo, a despeito de sua imbecilidade não deixa de me torturar por seu ar, seu olhar estranho, pelo ódio instintivo que me vota. Não importa aonde eu vá, segue-me passo a passo, marcha ou se senta em minha sombra. À noite, após um dia de fadiga, sinto-o ao meu lado e basta seu contato para tirar-me o sono ou, pelo menos, perturbar-me com pesadelos. Receio que de repente a razão lhe venha, sua língua se solte e que ele fale e me acuse.

“A Inquisição, em seu gênio de torturas, o próprio Dante, na sua *Suppliciomanié*, jamais imaginaram algo de tão espantoso. Isto me torna monomaníaco. Surpreendo-me desenhando à pena o

quarto onde cometi o crime; escrevo em baixo esta legenda: *Neste quarto envenenei o agente de câmbio Thillard-Ducornet*, e assino. É assim que, nas minhas horas de febre, detalhei em meu jornal mais ou menos palavra por palavra tudo que vos contei.

“Mas não é tudo. Consegui subtrair-me ao suplício com que os homens castigam o assassino, e eis que este suplício se renova para mim quase todas as noites.

“Sinto uma mão em meu ombro e ouço uma voz que me murmura ao ouvido: ‘Assassino!’ Sou levado diante das togas vermelhas; um rosto pálido se ergue à minha frente e grita: ‘Ei-lo!’ É meu filho. Nego. Meu desenho e minhas próprias memórias me são apresentados com minha assinatura. Como vedes, a realidade se mistura ao sonho e aumenta o meu pavor. Enfim, assisto a todas as peripécias de um processo criminal. Ouço a minha condenação: ‘Sim, ele é culpado.’ Conduzem-me a uma sala escura, onde se vêm juntar a mim o carrasco e seus ajudantes. Quero fugir, laços de ferro me detêm e uma voz me grita: ‘Não há mais misericórdia para ti!’ Experimento até a sensação do frio das lâminas em meu pescoço. Um padre ora ao meu lado e por vezes me convida ao arrependimento.

“Repilo-o com mil blasfêmias. Semimorto, padeço os solavancos de uma carroça na via pública; ouço os murmúrios da multidão, comparáveis aos das vagas do mar e, no alto, imprecações de mil vozes. Chego à vista do cadafalso. Subo os degraus. Entretanto, o sonho é interrompido. Desperto justamente no momento em que a lâmina desliza entre as ranhuras, quando ia ser arrastado em presença daquele que quis negar, do próprio Deus, para aí ter os olhos queimados pela luz, mergulhar no abismo de minhas iniquidades e ser supliciado pelo sentimento de minha própria infâmia. Sufoco, o suor me inunda, o horror enche-me a alma. Não sei mais quantas vezes já sofri este suplício.”

A idéia de fazer reviver a vítima no próprio filho do assassino, e que aí representa a imagem viva de seu crime, ligada aos seus passos é, ao mesmo tempo, engenhosa e muito moral. Quis o autor mostrar que o criminoso, se sabe escapar às perseguições dos homens, não poderá subtrair-se às da Providência. Há aqui mais que remorso: é a vítima que se ergue sem cessar à sua frente, não sob a aparência de um fantasma ou de uma aparição, que poderia ser considerada como efeito da imaginação ferida, mas sob os traços de seu filho; é o pensamento que esta criança pode ser a própria vítima, pensamento corroborado pela instintiva aversão do menino, embora idiota, por seu pai; é a luta da ternura paternal contra esse pensamento que o tortura, luta horrível, que não permite ao culpado gozar sossegadamente o fruto de seu crime, como disse se tinha gabado.

Esse quadro tem o mérito de ser verdadeiro, ou melhor, perfeitamente verossímil, isto é, nada se afasta das leis *naturais* que, sabemos hoje, regem as relações dos seres humanos entre si. Aqui, nada de fantástico nem de maravilhoso; tudo é possível e justificado pelos numerosos exemplos que temos de indivíduos renascendo no meio onde já viveram, em contato com os mesmos indivíduos, para repararem seus erros ou cumprirem deveres de reconhecimento.

Admiremos aqui a sabedoria da Providência que, *durante a vida*, lança um véu sobre o passado, sem o qual os ódios se perpetuariam, ao passo que acabam por se apaziguar nesse novo contato e sob o império dos bons procedimentos recíprocos. É assim que, pouco a pouco, o sentimento da fraternidade acaba por substituir o da hostilidade. No caso de que se trata, se o assassino tivesse tido certeza absoluta quanto à identidade de seu filho, teria podido buscar sua segurança num novo crime; a dúvida o deixaria em luta com a voz da Natureza, que nele falava pela voz da paternidade. Mas a dúvida era um suplício cruel, uma ansiedade perpétua, pelo temor que esta fatal semelhança levasse à descoberta do crime.

Por outro lado, o agente de câmbio, ele próprio culpado, tinha, se não como encarnado, mas como Espírito, a consciência de sua posição. Se servia de instrumento para o castigo de seu assassino, sua posição também lhe era um suplício. Assim, esses dois indivíduos, ambos culpados, se puniam reciprocamente, detidos em seus ressentimentos mútuos pelos deveres que lhes impunha a Natureza. Esta justiça distributiva, que castiga por meios naturais, pela consequência mesma da falta, mas que sempre deixa a porta aberta ao arrependimento e à reabilitação, não é mais digna da bondade de Deus que a condenação irremissível às chamas eternas? Porque o Espiritismo repele a idéia do inferno, tal qual o representam, pode dizer-se que tire todo freio às más paixões? Compreende-se esse gênero de punição; aceita-se-o, porque é lógico; ele impressiona tanto mais quanto se o sente equitativo e *possível*. Esta crença é um freio muito mais poderoso que a perspectiva de um inferno em que já não crêem, e do qual riem.

Eis um exemplo real da influência desta doutrina, para um caso que, embora menos grave, não prova menos o poder de sua ação:

Um senhor de nosso conhecimento pessoal, espírita fervoroso e esclarecido, vive com um parente muito próximo, que diversos indícios, tendo um grande caráter de probabilidade, lhe fazem crer tenha sido seu pai. Ora, esse parente nem sempre age para com ele como deveria. Sem tal pensamento aquele senhor, em muitas circunstâncias, por questões de interesse, teria usado de um rigor que estava em seu direito, e provocado uma ruptura. Mas a idéia de que poderia ser seu pai o reteve; mostrou-se paciente, moderado; suportou o que não teria tolerado da parte de uma pessoa que tivesse considerado como estranha. Não havia, em vida do pai, uma grande simpatia entre este e seu filho; mas a conduta deste, em tal circunstância, não era susceptível de aproximá-los espiritualmente e de destruir as prevenções que os afastavam um do outro? Se se reconhecessem de maneira certa, sua posição respectiva seria muito falsa e constrangedora; a dúvida em que está

o filho basta para o impedir de agir mal, embora lhe deixe todo o seu livre-arbítrio. Que o parente tenha sido ou não o seu pai, o filho não tem menos o mérito do sentimento da piedade filial; se não lhe é nada, ser-lhe-á sempre levado em conta de seu bom procedimento, e o verdadeiro Espírito de seu pai lhe será grato.

Vós que zombais do Espiritismo, porque não o conheceis, se soubésseis o que ele encerra de poder para a moralização, compreenderíeis tudo o que a sociedade ganhará com a sua propagação e sereis os primeiros a aplaudi-lo. Vê-la-íeis transformada sob o império das crenças que conduzem, pela própria força das coisas e das leis da Natureza, à fraternidade e à verdadeira igualdade; compreenderíeis que só ele pode triunfar dos preconceitos, que são a pedra de tropeço do progresso social e, em vez de ridicularizar os que o propagam, os encorajaríeis, porque sentiríeis que é do vosso próprio interesse, de vossa segurança. Mas, paciência! isto virá ou, melhor dizendo, isto já veio. Cada dia as prevenções se apaziguam, a idéia se propaga, infiltra-se sem ruído e começa-se a ver que existe aí algo de mais sério do que se pensava. Não está longe o tempo em que os moralistas, os apóstolos do progresso aí verão a mais poderosa alavanca que jamais tiveram nas mãos.

Lendo o romance do Sr. Charles Barbara, poder-se-ia crer que fosse espírita fervoroso e, contudo, não o era. Como dissemos, morreu numa casa de saúde, atirando-se pela janela num acesso de febre ardente. Era um suicídio, mas atenuado pelas circunstâncias. Evocado pouco tempo depois na Sociedade de Paris, e interrogado quanto às suas idéias a respeito do Espiritismo, eis a comunicação que deu a respeito:

(Paris, 19 de outubro de 1866 – Médiun: Sr. Morin)

Permiti, senhores, a um pobre Espírito infeliz e sofredor, vos pedir autorização para vir assistir às vossas sessões, todas de instrução, de devotamento, de fraternidade e de caridade.

Sou o infeliz que tinha o nome de *Barbara* e, se vos peço esta graça, é que o Espírito despojou o homem velho, e já não se crê mais tão superior em inteligência, como se julgava em vida.

Agradeço ao vosso chamamento e, tanto quanto estiver em meu poder, vou tentar responder à questão motivada por uma página de uma de minhas obras. Mas eu vos pediria, previamente, levar em conta o meu estado atual, que se ressentia fortemente da perturbação, aliás muito natural, que se experimenta ao passar bruscamente de uma a outra vida.

Estou perturbado por duas causas principais: a primeira é devida à minha provação, que era de suportar as dores físicas que experimentei, ou, antes, que meu corpo experimentou, quando me suicidei. – Sim, senhores, não temo dizê-lo, eu me suicidei, porque se meu Espírito estava perdido por momentos, eu o recobrei antes de me arrebentar no chão e... disse: *tanto melhor!...* Que falta e que fraqueza!... As lutas da vida material estavam terminadas para mim, meu nome era conhecido, doravante não tinha senão que marchar a via que me era aberta e tão fácil de seguir!... Tive medo!... e, contudo, nas horas de incerteza e de desânimo, tinha lutado a despeito de tudo. A miséria e suas conseqüências não me tinham desalentado, e foi quando tudo se acabou para mim que exclamei: *O passo está dado; tanto melhor!... não terei mais que sofrer!* Egoísta e ignorante!...

A segunda é que, depois de haver errado na vida, entre a convicção do nada e o pressentimento de um Deus que não podia ser senão uma força, única, grande, justa, boa e bela, nós nos encontramos em presença de uma inumerável multidão de seres ou Espíritos que nos conheceram, que nos amaram; que descobrimos vivas as nossas afeições, as nossas ternuras e amores; numa palavra, quando percebemos que apenas mudamos de domicílio. Então concebeis, senhores, que é muito natural que um pobre ser que viveu entre o bem e o mal, entre a crença a incredulidade sobre uma

outra vida, é muito natural, repito, que fique perturbado... de felicidade, de alegria, de emoção, um pouco de vergonha, vendo-se obrigado a confessar a si mesmo que, em seus escritos, o que atribuía à sua imaginação em trabalho, era uma profunda realidade, e que muitas vezes o homem de letras, que se infla de orgulho, vendo ler e ouvindo aplaudir páginas que julgava obra sua, por vezes não passa de um instrumento que escreve sob influência dessas mesmas potências ocultas, cujo nome lança ao acaso da pena num livro.

Quantos grandes autores de todos os tempos escreveram, sem conhecer todo o valor filosófico, páginas imortais, marcos do progresso, colocadas por eles e por ordem de um poder superior, a fim de que, num dado tempo, a reunião de todos esses materiais esparsos forme um todo, tanto mais sólido quanto é o produto de várias inteligências, porque a obra coletiva é melhor: é, aliás, o que Deus assinará ao homem, pois a grande lei da solidariedade é imutável.

Não, senhores, não; eu não conhecia absolutamente o Espiritismo quando escrevia esse romance, e confesso que eu mesmo notei com surpresa o profundo modo de dizer de algumas linhas que lestes, sem compreender todo o alcance que, hoje, vejo claramente. Depois de as haver escrito, aprendi a rir do Espiritismo, para fazer como os meus *esclarecidos* colegas e não querer parecer mais adiantado no ridículo do que eles próprios queriam. Ri!...; agora choro; mas também espero, porque mo ensinaram aqui: todo arrependimento sincero é um progresso, e todo progresso leva ao bem.

Não duvideis, senhores, de que muitos escritores são, por vezes, instrumentos inconscientes para a propagação das idéias que as forças invisíveis julgam úteis ao progresso da Humanidade. Não vos admireis, pois, de os ver escrever sobre o Espiritismo sem nele crer; para eles é um assunto como outro qualquer, que se

presta ao efeito, e não suspeitam que a ele sejam levados sem o saber. Todos esses pensamentos espíritas, que vedes emitidos por aqueles mesmos que, ao lado disso, fazem oposição, lhes são sugeridos, mas nem por isso deixam de fazer o seu caminho. Eu fui deste número.

Orai por mim, senhores, porque a prece é um bálsamo inefável. A prece é a caridade que se deve fazer aos infelizes do outro mundo, e eu sou um deles.

Barbara

Variedades

RETRATO FÍSICO DOS ESPÍRITAS

Lê-se no *France* de 14 de setembro de 1866:

“A fé robusta das pessoas que, a despeito de tudo, acreditam em todas as maravilhas, tantas vezes desmentidas, do Espiritismo, é, em verdade, admirável. Mostra-se-lhes o *truque* das mesas girantes, e elas crêem; desvendam-se-lhes as imposturas do armário dos Davenport, e elas crêem mais ainda; exibem-se-lhes todos os cordões, fazem-nas tocar a mentira com o dedo, furam-lhe os olhos pela evidência do charlatanismo e sua crença apenas se torna mais obstinada. Inexplicável necessidade do impossível! *Credo quia absurdum.*”

“O *Messenger franco-américain*, de Nova Iorque, fala de uma convenção dos adeptos do Espiritismo, que acaba de se reunir em Providence (Rhode-Island). Homens e mulheres se distinguem por semblantes do outro mundo; a palidez da pele, a emaciação do rosto, o profético devaneio dos olhos, perdidos numa vaga oceânica, tais são, em geral, os sinais exteriores do espírita. Acrescente-se que, contrariamente ao uso geral, as mulheres

cortam curtos os cabelos, *à mal-content*, como se dizia outrora, ao passo que os homens têm uma cabeleira abundante, absalônica, enérgica, descendo até as espáduas. Quando se faz comércio com os Espíritos, há que se distinguir do comum dos mortais, da vil multidão.

“Vários discursos, muitos discursos foram pronunciados. Os oradores, sem mais preocupação com os desmentidos da Ciência do que com os do senso comum, imperturbavelmente lembraram a grande série, que cada um sabe de cor, dos fatos maravilhosos atribuídos ao Espiritismo.

“Sem querer fazer-se passar por profetiza, a Srta. Susia Johnson declarou que previa estarem próximos os tempos em que a grande maioria dos homens não mais se rebelará às místicas revelações da religião nova. Apela com todos os seus votos para a criação de numerosas escolas, onde as crianças de ambos os sexos sorverão, desde a mais tenra idade, os ensinamentos do Espiritismo. Só faltava isto!”

Sob o título de *Sempre os espíritas!* o *Événement* de 26 de agosto de 1866 publicou um longo artigo, do qual extraímos a seguinte passagem:

“Fostes alguma vez a uma reunião de espíritas, numa noite de ociosidade ou de curiosidade? Geralmente, é um amigo que vos conduz. Sobe-se bastante – os Espíritos gostam de aproximar-se do céu – para um pequeno apartamento já repleto. Entra-se às cotoveladas.

“Amontoam-se pessoas, figuras bizarras, de gestos energúmenos. Sufoca-se nessa atmosfera, comprime-se, inclinam-se sobre as mesas onde médiuns, com os olhos no teto, lápis na mão, escrevem as elucubrações que passam por lá. Há uma surpresa inicial; procuram entre todas essas pessoas repousar o olhar; interrogam, adivinham, analisam.

“Velhas de olhos ávidos, jovens magros e fatigados, a promiscuidade das classes e das idades, porteiras da vizinhança e grandes damas do bairro, chita-da-índia e renda pura, poetisas do acaso e profetizas de ocasião, alfaiates e laureados do Instituto confraternizam no Espiritismo. Esperam, fazem girar as mesas, levantam-nas, lêem em voz alta as garatujas que Homero ou Dante ditaram aos médiuns sentados. Esses médiuns estão imóveis, a mão sobre o papel, sonhando. De repente sua mão se agita, corre, sacode violentamente, cobre as folhas num vai-e-vem e pára bruscamente. Então alguém, no silêncio, cita o nome do Espírito que acaba de ditar a mensagem e a lê. Ah! essas leituras!

“Assim, ouvi Cervantes se queixar da demolição do Teatro das Diversões Cômicas e Lamennais contar que Jean Journet era seu amigo íntimo no além. A maior parte do tempo Lamennais comete erros de ortografia e Cervantes não sabe uma palavra de espanhol. Outras vezes os Espíritos tomam um pseudônimo angélico para deixar a seu público algum aforismo à maneira de Pantagruel. Protestam. Respondem-lhes: Nós nos queixaremos ao vosso cabeça de fila!

“O médium que traçou a frase torna-se sombrio e zangado, por estar em relação com *Espíritos* tão mal-educados. Perguntei a que legião pertenciam esses mistificadores do outro mundo e me responderam claramente: – São *Espíritos gaiatos!*

“Sei de coisas mais amáveis – por exemplo, o Espírito *desenhista* que impulsionou a mão de Victorien Sardou, e o fez traçar a imagem da casa onde Beethoven habita no *além*. Profusão de folhagens ornamentais, entrelaçamentos de colcheias e semicolcheias, é um trabalho de paciência que demandaria meses e que foi feito numa noite. Pelo menos foi o que me afirmaram. Só o Sr. Sardou poderia convencer-me.

“Pobre cérebro humano! como estas coisas são dolorosas para contar! Assim, não demos um passo para o lado da

Razão e da Verdade! Ou, no mínimo, o batalhão de preguiçosos engrossa dia a dia, à medida que se avança! É formidável, é quase um exército. Sabeis quantas *possessas* há atualmente na França?

“Mais de duas mil. As *possessas* têm sua presidente, a Sra. B... que, desde a idade de dois anos, vive em contato direto com a Virgem. Duas mil! O Auvergne guardou seus milagres, as Cevenas têm sempre os seus *Camisards*.² Os livros de Espiritismo, os tratados de misticismo têm sete, oito, dez edições. O maravilhoso é mesmo a doença de um tempo que, nada tendo diante do espírito para se satisfazer, refugia-se nas quimeras, como um estômago debilitado e privado de carne, que se alimentasse de gengibre.

“E o número dos loucos aumenta! O delírio é como uma onda, que sobe. Que luz se há de buscar, então, já que a eletricidade é insuficiente para destruir essas trevas?”

Jules Claretie

Realmente seria um erro irritar-se com tais adversários, pois acreditam de boa-fé e muito ingenuamente que têm o monopólio do bom-senso. O que é tão divertido quanto os singulares retratos que fazem dos espíritas, é vê-los gemer dolorosamente por esses pobres cérebros humanos, que não dão nenhum passo para o lado da razão e da verdade, porque querem, custe o que custar, ter uma alma e acreditar no outro mundo, a despeito da eloquência dos incrédulos para provar que isto não existe, para a felicidade da Humanidade; são seus pesares à vista desses livros espíritas, que se esgotam sem o concurso de anúncios, reclames e *elogios pagos* da imprensa; deste batalhão de preguiçosos da razão que, coisa desesperadora! engrossa diariamente e se torna tão formidável que é quase um exército; que nada tendo diante do

2 N. do T.: *Grifo nosso*. Calvinistas das Cevenas (Cevennes) que se rebelaram durante as perseguições que se seguiram à revogação do Edito de Nantes.

espírito para os satisfazer, são bastante tolos para recusar a perspectiva do nada, que lhes oferecem para encher o vazio. É realmente para desesperar ver esta pobre Humanidade, bastante ilógica para não achar melhor o *nada* em troca de alguma coisa, por preferir *reviver* a morrer de vez.

Estas facécias, essas imagens grotescas, mais divertidas que perigosas, e que seria pueril levar a sério, têm seu lado instrutivo, razão por que citamos alguns exemplos. Outrora procuravam combater o Espiritismo com argumentos, sem dúvida maus, pois não convenceram a ninguém; mas, enfim, bem ou mal, tentavam discutir a coisa; homens de real valor, oradores e escritores, exploraram o arsenal das objeções para o combater. Qual o resultado? Seus livros foram esquecidos e o Espiritismo está de pé. Eis um fato. Hoje ainda há alguns zombadores, do quilate dos que acabamos de citar, pouco preocupados com o valor dos argumentos, para quem rir de tudo é uma necessidade, mas não mais se discute. A polêmica adversa parece ter esgotado suas munições; os adversários se contentam em lamentar o progresso do que chamam uma calamidade, como se queixam do progresso de uma inundação que não se pode deter. Mas as armas ofensivas para combater a doutrina não deram nenhum passo à frente, e se ainda não acharam o fuzil engatilhado para o abater, não foi por não o terem procurado.

Seria trabalho inútil refutar coisas que se refutam por si mesmas. Às recriminações com que o jornal *France* faz preceder o burlesco retrato que toma do jornal americano, só há uma coisa a responder. Se a fé dos espíritas resiste à revelação dos truques e dos cordões do charlatanismo, é que isto não é o Espiritismo; se, quanto mais divulgam as manobras fraudulentas, mais redobra a fé, é que esgrimis para combater precisamente o que desaprova e ele próprio combate; se não se abalam com vossas demonstrações, é que estais por fora da questão; se quando feris, o Espiritismo não grita, é que feris na periferia e então os zombadores não estão por

vós. Desmascarando os abusos que fazem de uma coisa, fortifica-se a própria coisa, como se fortalece a verdadeira religião estigmatizando os seus abusos. Só os que vivem dos abusos podem lastimar-se, tanto em Espiritismo quanto em religião.

Contradição mais estranha! Os que pregam a igualdade social vêem, sob o império das crenças espíritas, os preconceitos de castas se apagarem, as fileiras extremas se reaproximarem, o grande e o pequeno se darem as mãos fraternalmente, e riem! Na verdade, lendo estas coisas, pergunta-se de que lado está a aberração.

Necrológio

SR. LECLERC

A Sociedade Espírita de Paris acaba de sofrer nova perda na pessoa do Sr. Charles-Julien Leclerc, antigo mecânico, de cinquenta e sete anos, morto subitamente de um ataque de apoplexia fulminante, em 2 de dezembro, no momento em que entrava na ópera. Tinha morado muito tempo no Brasil e foi ali que colheu as primeiras noções do Espiritismo, para o que o havia preparado a doutrina de Fourier, da qual era zeloso partidário. Voltando à França, depois de haver conquistado uma posição de independência por seu trabalho, devotou-se à causa do Espiritismo, cujo elevado alcance humanitário e moralizador para a classe operária ele entrevira facilmente. Era um homem de bem, estimado e lamentado por todos que o conheceram, um espírita de coração, esforçando-se para pôr em prática, em benefício de seu avanço moral, os ensinamentos da doutrina, um desses homens que honram a crença que professam.

A pedido da família, fizemos junto ao túmulo a prece pelas almas que acabam de deixar a Terra (*O Evangelho segundo o Espiritismo*), seguida das seguintes palavras:

“Caro Sr. Leclerc, sois um exemplo da incerteza da vida, pois na antevéspera de vossa morte estáveis entre nós, sem que nada deixasse pressentir uma partida tão súbita. São advertências divinas para que estejamos sempre prontos a prestar contas do emprego que fizemos do tempo que passamos na Terra. Deus nos chama no momento em que menos esperamos. Que seu nome seja bendito por vos ter poupado as angústias e os sofrimentos que por vezes acompanham o trabalho da separação.

“Fostes reunir-vos aos colegas que vos precederam e que, sem dúvida, vieram receber-vos no limiar da nova vida; mas essa vida, com a qual estáveis identificado, em nada vos deve surpreender; nela entrastes como num país conhecido, e não duvidamos que aí gozeis da felicidade reservada aos homens de bem, aos que praticaram as leis do Senhor.

“Vossos colegas da Sociedade Espírita de Paris se honram de vos ter contado em suas fileiras, e vossa memória lhes será sempre cara. Por minha voz eles vos oferecem a expressão de seus sentimentos, muito sinceros, da simpatia que soubestes granjear. Se alguma coisa suaviza nosso pesar por esta separação, é o pensamento de que sois feliz como o merecíeis, e a esperança de que não deixareis de vir participar dos nossos trabalhos.

“Que o Senhor, caro irmão, derrame sobre vós os tesouros de sua infinita bondade. Nós lhe pedimos que vos conceda a graça de velar por vossos filhos e de os dirigir no caminho do bem que havíeis seguido.”

Prontamente desprendido, como o supúnhamos, o Sr. Leclerc pôde manifestar-se na Sociedade, na sessão que se seguiu ao seu enterro. Por conseguinte, não houve nenhuma interrupção em sua presença, já que ele tinha assistido à sessão precedente. Além do sentimento de afeição que nos ligava a ele, esta comunicação devia ter o seu lado instrutivo; seria interessante conhecer as sensações que acompanham esse gênero de morte.

Nada do que possa esclarecer sobre as diversas fases desta passagem, que todo o mundo deve transpor, poderia ser indiferente. Eis a comunicação:

(Sociedade de Paris, 7 de dezembro de 1866 – Médiun: Sr. Desliens)

Posso, enfim, por minha vez, vir a este mesa! Embora minha morte seja recente, já fui tomado de impaciência mais de uma vez; mas eu não podia apressar a marcha do tempo. Eu também vos devia agradecer a prontidão em cercar os meus despojos mortais e os pensamentos simpáticos que prodigalizastes ao meu Espírito. Oh! mestre, obrigado por vossa benevolência, pela profunda emoção que sentistes, acolhendo meu amado filho. Como eu seria ingrato se não vos conservasse uma eterna gratidão!

Meu Deus, obrigado! meus votos estão realizados. Este mundo, que eu não conhecia senão através das comunicações dos Espíritos, hoje posso apreciar a sua beleza. Em certa medida, experimentei as mesmas emoções ao chegar aqui, mas infinitamente mais vivas do que as que senti ao atracar pela primeira vez nas terras da América. Eu não conhecia esse país senão pelo relato dos viajantes e estava longe de fazer uma idéia de suas luxuriantes produções. Deu-se o mesmo aqui. Como este mundo é diferente do nosso! Cada rosto é a reprodução exata dos sentimentos íntimos; nenhuma fisionomia mentirosa; impossível a hipocrisia; o pensamento se revela inteiramente ao olhar, benévolo ou malevolente, conforme a natureza do Espírito.

Pois bem! Aqui ainda sou castigado por minha falta principal, a que combatia com tanto trabalho na Terra, e que tinha conseguido dominar em parte; a impaciência que tinha de me ver entre vós perturbou-me a tal ponto que já não sei exprimir minhas idéias com lucidez, embora esta matéria que outrora tanto me arrastava à cólera não mais exista! Mas, vamos, é preciso que eu me acalme.

Oh! fiquei muito surpreso com este fim inesperado! Eu não temia a morte e, desde muito tempo, a considerava como o fim da provação; mas essa morte tão imprevista não deixou de me causar um profundo abalo... Que golpe para minha pobre mulher!... Como o luto sucedeu rapidamente ao prazer! Eu sentia verdadeira satisfação em ouvir boa música, mas não pensava estar tão cedo em contato com a grande voz do infinito... Como a vida é frágil!... Um glóbulo sanguíneo se coagula, a circulação sanguínea perde sua regularidade e tudo está acabado!... Eu teria querido viver ainda alguns anos, ver meus filhos todos encaminhados, mas Deus decidiu de outro modo. Que seja feita a sua vontade!

No momento em que a morte me feriu, recebi como que uma bordoadada na cabeça; um peso esmagador me derrubou; de repente senti-me livre, aliviado. Planei acima de meus despojos; considereí com espanto as lágrimas dos meus e, enfim, dei-me conta do que me tinha acontecido. Reconheci-me prontamente. Vi meu segundo filho acorrer, chamado pelo telégrafo. Ah! bem que tentei consolá-los; soprei-lhes meus melhores pensamentos e vi, com certa felicidade, alguns cérebros refratários pouco a pouco inclinados para o lado da crença que fez toda a minha força nestes últimos anos, à qual devia tão bons momentos. Se venci um pouco o homem velho, a quem o devo, senão ao nosso caro ensino, aos reiterados conselhos de meus guias? E, contudo, eu corava, não obstante Espírito, deixando-me ainda dominar por esse maldito defeito: a impaciência. Por isso sou castigado, porque estava pressuroso para me comunicar e vos contar mil detalhes, que sou obrigado a adiar. Oh! serei paciente, mas com pesar. Estou tão feliz aqui, que me custa deixar-vos. Entretanto, bons amigos estão junto de mim e eles próprios se uniram para me acolher: Sanson, Baluze, Sonnez, o alegre Sonnez, de cuja verve satírica eu tanto gostava, depois Jobard, o bravo Costeau e tantos outros. Em último lugar a Sra. Dozon; depois um pobre infeliz, muito para lastimar, e cujo arrependimento me toca. Orai por ele, como por todos os que se deixaram dominar pela prova.

Em breve voltarei para me entreter novamente e, ficai certos, não serei menos assíduo às nossas caras reuniões, como Espírito, do que o era como encarnado.

Leclerc

Notas Bibliográficas

POESIAS DIVERSAS DO MUNDO INVISÍVEL

Recebidas pelo Sr. Vavasseur

Esta coletânea, que no último número anunciamos como estando no prelo, aparecerá na primeira quinzena de janeiro. Nossos leitores puderam julgar o gênero e o valor das poesias obtidas pelo Sr. Vavasseur como médium, quer em vigília, quer em sonambulismo espontâneo, pelos fragmentos que publicamos. Limitar-nos-emos, pois, a dizer que ao mérito da versificação elas aliam o de refletir, sob a graciosa forma poética, as consoladoras verdades da doutrina e que, a esse título, terão um lugar de honra em toda biblioteca espírita. Julgamos acrescentar-lhes uma introdução, ou melhor, uma instrução sobre a poesia mediúnica em geral, destinada a responder a certas objeções da crítica sobre esse gênero de produções.

Modificações introduzidas na impressão permitirão pô-las ao preço de 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 15 c.

RETRATO DO SR. ALLAN KARDEC

(Desenhado e litografado pelo Sr. Bertrand, artista-pintor)

Dimensão: papel china, 35 cm. x 28 cm; com a margem, 45 cm. x 38 cm. – Preço: 2 fr. 50 c; pelo correio, para a França e a Argélia, porte e estojo de embalagem, mais 50 c. – Em casa do autor, rue des Dames, 99, Paris-Batignolles e no escritório da Revista.

O Sr. Bertrand é um dos excelentes médiuns escreventes da Sociedade Espírita de Paris e deu provas de zelo e devotamento pela doutrina. Esta consideração, aliada ao desejo de lhe ser útil, tornando-o conhecido como artista de talento, fez calar o escrúpulo, por nós tido até aqui, de anunciar a venda de nosso retrato, com receio de que nisto vissem uma presunção ridícula. Apressamo-nos, pois, em declarar que somos completamente estranhos a essa publicação, como a de retratos editados por vários fotógrafos.

UNIÃO ESPÍRITA DE BORDEAUX

A *União Espírita de Bordeaux*, redigida pelo Sr. A. Bez, momentaneamente interrompida por uma grave moléstia do diretor e por circunstâncias independentes de sua vontade, retomou o curso de suas publicações, como tínhamos anunciado, e deve ser arranjado um meio para que os assinantes não sofram qualquer prejuízo por essa interrupção. Felicitamos sinceramente os Sr. Bez e fazemos votos sinceros para que nada entrave, futuramente, a útil publicação que ele empreendeu e que merece ser encorajada.

LA VOCE DI DIO

O diretor da *Voce di Dio*, jornal espírita italiano que se publica na Sicília, informa que, por força de acontecimentos sobrevindos naquela região, e sobretudo as devastações causadas pela cólera, a cidade de Catânia, estando quase deserta, ele se vê forçado a interromper a sua publicação. Pretende retomá-la tão logo as circunstâncias o permitam.

RETIFICAÇÃO AOS EVANGELHOS DO SR. ROUSTAING

O Sr. Roustaing, de Bordeaux, dirigiu-nos a carta seguinte, pedindo a sua inserção:

Sr. Diretor da *Revista Espírita*,

Na obra que anunciastes no número da *Revista Espírita* de junho último, e *intitulada*: “Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação – os Quatro Evangelhos, seguidos dos mandamentos explicados *em espírito e em verdade*, pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos e Moisés, recolhidos e postos em ordem pelo Sr. J.-B. Roustaing, advogado na Corte Imperial de Bordeaux, antigo bastonário, 3 vol., Paris, Livraria Central, nº 24, 1866”, obra que presenteei à direção da *Revista Espírita* de Paris nos meses de abril e maio últimos, que a aceitou, foi omitida na impressão, o que escapou à correção das provas, uma passagem do manuscrito. Esta passagem omitida e que está assim concebida, tem seu lugar depois da última linha da página 111 do 3º volume:

“E esta hipótese da parte dos espíritos: – Se o corpo de Jesus tivesse sido um corpo terrestre – e se os anjos ou Espíritos superiores tivessem podido torná-lo invisível, levá-lo e o tivessem levado – no momento mesmo em que a pedra foi arrancada e derrubada, seria, *a priori*, *inadmissível e falsa*; ela deve, com efeito, ser *afastada* como tal, em presença da revelação feita pelo anjo a Maria, depois a José; revelação que então seria mentirosa, que não o pode ser, emanando de um enviando de Deus, e que deve ser interpretada, explicada *segundo o espírito que vivifica, em espírito e em verdade*, segundo o curso de leis da Natureza, e não rejeitada.” (Vide *supra*, 3º vol., págs. 22-24; – 1º vol., págs. 27 a 44; 67 a 86; 122 a 129; 165 a 193; 226 a 266; – 3º vol., págs. 139 a 145; 161 a 163; 168 a 175).

Pela publicidade em vosso jornal, para levar ao conhecimento dos que leram, dos que lêem e dos que lerão esta obra, esta omissão que ocorreu na impressão, e a fim de que os que têm esta obra possam acrescentá-la a mão, na página indicada, o parágrafo acima mencionado – venho solicitar a gentileza da

inserção da presente carta no mais próximo número da *Revista Espírita de Paris*, pelo que vos agradeço antecipadamente.

Aceitai, senhor Diretor, etc.

Roustaing,

Advogado na Corte Imperial de Bordeaux, antigo bastonário.

Rue Saint-Siméon, 17

Aviso aos Srs. Assinantes

Para evitar o acúmulo das distribuições de 1º de janeiro, a Revista deste mês será expedida no dia 25 de dezembro. Além disto é dirigida a todos os antigos assinantes, com exceção dos que o são por intermediários, e cujos nomes não nos são conhecidos. Os números seguintes só serão expedidos se as assinaturas forem renovadas.

Embora seja facultado à Revista aparecer de 1º a 5, não aconteceu uma só vez este ano que ela aparecesse no dia 5. Uma verificação muito minuciosa, feita antes de cada remessa, mostrou que os atrasos na recepção não cabem à direção. Várias vezes foi constatado que se deviam a causas locais ou à má-vontade de certas pessoas, por cujas mãos passa a Revista antes de chegar ao destinatário.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

FEVEREIRO DE 1867

Nº 2

Livre-Pensamento e Livre-Consciência

Num artigo do nosso último número, intitulado: *Olhar retrospectivo sobre o Movimento Espírita*, apresentamos duas classes distintas de livres-pensadores: os incrédulos e os crentes, e dissemos que, para os primeiros, ser livre-pensador não é apenas crer no que se quer, mas não crer em nada; é libertar-se de todo freio, mesmo do temor de Deus e do futuro; para os segundos, é subordinar a crença à razão e libertar-se do jugo da fé cega. Estes últimos têm por órgão de publicidade a *Livre-consciência*, título significativo; os outros, o jornal *Livre-pensamento*, qualificação mais vaga, mas que se especializa pelas opiniões formuladas e que vêm em todos os pontos corroborar a distinção que fizemos. Aí lemos no nº 2, de 28 de outubro de 1866:

“As questões de origem e de fim até aqui têm preocupado a Humanidade a ponto de, por vezes, lhe perturbar a razão. Esses problemas, que foram qualificados de temíveis, e que julgamos de importância *secundária*, não são do domínio imediato da Ciência. Sua solução científica não pode oferecer senão uma semicerteza. Tal qual é, entretanto, ela nos basta, e não tentaremos completá-la por argúcias metafísicas. Aliás, nosso objetivo é só nos

ocuparmos de assuntos abordáveis pela observação. Pretendemos ficar na terra. Se, por vezes, dela nos afastamos para responder aos ataques dos que não pensam como nós, a incursão fora do real será de curta duração. Teremos sempre presente à lembrança este sábio conselho de Helvécio: ‘É preciso ter coragem de ignorar o que não se pode saber.’

“Um novo jornal, a *Livre-consciência*, nosso irmão mais velho, como faz notar, deseja-nos boas-vindas em seu primeiro número. Nós lhe agradecemos pela maneira cortês por que usou o seu direito de progeneratura. Nosso confrade pensa que, malgrado a analogia dos títulos, nem sempre estaremos em ‘completa afinidade de idéias.’ Após a leitura de seu primeiro número estamos certos disso; também não compreendemos a livre-consciência senão como o livre-pensamento com um limite dogmático previamente assinalado. Quando se declara claramente discípulo da Ciência e campeão da livre-consciência, é irracional, em nossa opinião, estabelecer como dogma uma crença qualquer, impossível de provar cientificamente. A liberdade assim limitada não é liberdade. Por nossa vez, damos as boas-vindas à *Livre-consciência* e estamos dispostos a ver nela uma aliada, pois declara querer combater por todas as liberdades... menos uma.”

É estranho que considerem a origem e o fim da Humanidade como questões secundárias, próprias para perturbar a razão. Que diriam de um homem que, vivendo apenas o dia de hoje, não se inquietasse como viverá amanhã? Passaria por um homem sensato? Que pensariam daquele que, tendo uma mulher, filhos, amigos, dissesse: Que me importa que amanhã estejam vivos ou mortos? Ora, o amanhã da morte é longo; não é, pois, de admirar que tanta gente se preocupe com ele.

Se se fizer a estatística de todos os que perdem a razão, ver-se-á que o maior número está precisamente do lado dos que não crêem nesse amanhã, ou que dele duvidam, e isto pela razão

muito simples: a maioria dos casos de loucura é produzida pelo desespero e pela falta de coragem moral, que faz suportar as misérias da vida, ao passo que a certeza desse amanhã torna menos amargas as vicissitudes do presente, e os faz considerar como incidentes passageiros, cujo moral não se afeta ou só mediocrementemente se afeta. Sua confiança no futuro lhe dá uma força, que jamais terá aquele que só tem o nada como perspectiva. Está na posição de um homem que, arruinado hoje, tem a certeza de ter amanhã uma fortuna superior à que acaba de perder. Neste caso, facilmente toma seu partido e fica calmo; se, ao contrário, nada espera, entra em desespero e sua razão pode sofrer com isto.

Ninguém contestará que saber de onde se vem e para onde se vai, o que se fez na véspera e o que se fará amanhã, não seja uma coisa necessária para regular os negócios diários da vida, e que esse princípio não influa na conduta pessoal. Certamente o soldado que sabe para onde o conduzem, que vê o seu objetivo, marcha com mais firmeza, mais disposição, mais entusiasmo do que se o conduzissem às cegas. Dá-se o mesmo do pequeno ao grande, da individualidade ao conjunto. Saber de onde se vem e para onde se vai não é menos necessário para regular os negócios da vida coletiva da Humanidade. No dia em que a Humanidade inteira tivesse certeza de que a morte não tem saída, veria uma confusão geral e os homens se atirando uns contra os outros, dizendo: se não devemos viver senão um dia, vivamos o melhor possível, não importa à custa de quem!

O jornal *Livre-pensamento* declara que entende ficar na terra, e se dela sai por vezes, será para refutar os que não pensam como ele, mas que suas incursões fora do real serão de curta duração. Compreenderíamos que assim fosse com um jornal exclusivamente científico, tratando de matérias especiais. É evidente que seria intempestivo falar de espiritualidade, de Psicologia ou de Teologia a propósito de Mecânica, de Química, de Física, de cálculos matemáticos, de comércio ou de indústria;

mas, desde que se faz entrar a *filosofia* em seu programa, não poderia executá-lo sem abordar questões metafísicas. Embora a palavra *filosofia* seja muito elástica, e tenha sido singularmente desviada de sua acepção etimológica, implica, por sua própria essência, pesquisas e estudos que não são exclusivamente materiais.

O conselho de Helvécio: “É preciso ter a coragem de ignorar o que não se pode saber” é muito sábio e se dirige, sobretudo, aos sábios presunçosos, que pensam que nada pode ser oculto ao homem, e que o que eles não sabem ou não compreendem não deve existir. Entretanto, seria mais justo dizer: “É preciso ter a coragem de *confessar sua ignorância* sobre aquilo que não se sabe.” Tal qual está formulado, poder-se-ia traduzi-lo assim: “É preciso ter a coragem *de conservar a sua ignorância*”, donde esta conseqüência: “É inútil procurar saber o que não se sabe.” Sem dúvida há coisas que o homem jamais saberá enquanto estiver na Terra, porque, seja qual for a sua presunção, a Humanidade aqui ainda se acha em estado de adolescência. Mas quem ousaria estabelecer limites absolutos àquilo que pode saber? Já que hoje sabe infinitamente mais que os homens dos tempos primitivos, por que, mais tarde, não saberia mais do que sabe agora? É o que não podem compreender os que não admitem a perpetuidade e a perfectibilidade do *ser espiritual*. Muitos pensam: Estou no topo da escada intelectual; o que não vejo e não compreendo, ninguém pode ver nem compreender.

No parágrafo narrado acima e relativo ao jornal *Livre-consciência*, está dito: “Também não compreendemos a livre-consciência senão como o livre-pensamento com um limite dogmático previamente assinalado. Quando se declara discípulo da Ciência, é irracional estabelecer como dogma uma crença *qualquer*, impossível de provar cientificamente. A liberdade assim limitada não é liberdade.”

Toda a doutrina está nestas palavras; a profissão de fé é clara e categórica. Assim, porque Deus não pode ser demonstrado

por uma equação algébrica e a alma não é perceptível com o auxílio de um reativo, é absurdo crer em Deus e na alma. Em consequência, todo discípulo da Ciência deve ser ateu e materialista. Mas, para não sair da materialidade, a Ciência é sempre infalível em suas demonstrações? Não se viu tantas vezes dar como verdades o que mais tarde se reconheceu serem erros e *vice-versa*? Não foi em nome da Ciência que o sistema de Fulton foi declarado uma quimera? Antes de conhecer a lei da gravitação, não demonstrou ela cientificamente que não podia haver antípodas? Antes de conhecer a da eletricidade, não demonstrou por $a + b$ que não existia velocidade capaz de transmitir um despacho a quinhentas léguas em alguns minutos?

Tinha-se experimentado muito a luz e, no entanto, há poucos anos ainda, quem teria suspeitado os prodígios da fotografia? Contudo, não foram os cientistas oficiais que fizeram essa prodigiosa descoberta, como não fizeram as do telégrafo elétrico, nem das máquinas a vapor. Ainda hoje conhece a Ciência todas as leis da Natureza? Sabe todos os recursos que podem ser tirados das leis conhecidas? Quem ousaria dizê-lo? Não é possível que um dia o conhecimento de novas leis torne a vida *extracorpórea* tão evidente, tão racional, tão inteligível quanto a dos antípodas? Um tal resultado, pondo termo a todas as incertezas, seria então para desdenhar? Seria menos importante para a Humanidade do que a descoberta de um novo continente, de um novo planeta, de um novo engenho de destruição? Pois bem! esta hipótese tornou-se realidade; é ao Espiritismo que a devemos, e é graças a ele que tanta gente, que acreditava morrer para sempre, agora está certa de viver sempre.

Falamos da força de gravitação, desta força que rege o Universo, desde o grão de areia até os mundos. Mas, quem a viu? Quem a pôde seguir e analisar? Em que consiste? Qual a sua natureza, sua causa primeira? Ninguém o sabe e, contudo, ninguém hoje dela duvida. Como reconheceram? Por seus efeitos; dos

efeitos concluíram a causa. Fez-se mais: calculando a força dos efeitos, calculou-se a força da causa, que jamais foi vista. Dá-se o mesmo com Deus e a vida espiritual, que também se julga por seus efeitos, conforme o axioma: “Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.” Crer em Deus e na vida espiritual não é, pois, uma crença puramente gratuita, mas o resultado de observações, tão positivas quanto as que fizeram crer na força da gravitação.

Depois, em falta de provas materiais, ou concorrentes a estas, não admite a filosofia as provas morais que, por vezes, têm tanto ou mais valor que as outras? Vós, que não tomais por verdade senão o que está provado materialmente, que diríeis se, sendo injustamente acusado de um crime, cujas aparências fossem todas contra vós, como se vê com freqüência na justiça, os juízes não levassem em nenhuma conta as provas morais que vos fossem favoráveis? Não seríeis os primeiros a invocá-las? a fazer valer sua preponderância sobre efeitos puramente materiais, que podem criar uma ilusão? a provar que os sentidos podem iludir o mais clarividente? Se, pois, admitis que as provas morais devem pesar na balança de um julgamento, não seríeis conseqüentes convosco mesmo negando seu valor quando se trata de formar uma opinião sobre as coisas que, por sua natureza, escapam à materialidade.

Que de mais livre, de mais independente, de menos perceptível por sua própria essência, do que o pensamento? E, contudo, eis uma escola que pretende emancipá-lo, subjugando-o à matéria; que avança, em nome da razão, que o pensamento circunscrito sobre as coisas terrenas é mais livre que a que se atira no infinito e quer ver além do horizonte material! Tanto valeria dizer que o prisioneiro, que só pode dar alguns passos em sua cela, é mais livre que o que corre os campos. Se não sois livre para crer nas coisas do mundo espiritual, que é infinito, o sois cem vezes menos, vós que vos circunscreveis no estreito limite do tangível,

que dizeis ao pensamento: Não sairás do círculo que te traçamos; e se dele saíres, declaramos que não és mais pensamento são, mas a loucura, a tolice, o contra-senso, porque só a nós cabe discernir o falso do verdadeiro.

A isto responde o espiritualismo: Nós formamos a imensa maioria dos homens, dos quais sois apenas a milionésima parte. Com que direito vos atribuí o monopólio da razão? Dizeis que quereis emancipar nossas idéias impondo-nos as vossas? Mas não nos ensinai nada; sabemos o que sabeis; cremos sem restrição em tudo que credes: na matéria e no valor das provas tangíveis, e mais que vós: em algo fora da matéria; numa força inteligente, superior à Humanidade; em causas inapreciáveis pelos sentidos, mas perceptíveis pelo pensamento; na perpetuidade da vida espiritual, que limitais à duração da vida do corpo. Nossas idéias são, pois, infinitamente mais largas que as vossas; enquanto circunscreveis vosso ponto de vista, o nosso abarca horizontes sem limites. Como aquele que concentra o pensamento sobre uma determinada ordem de fatos, que põe um ponto de parada em seus movimentos intelectuais, *em suas investigações*, pode pretender emancipar aquele que se move sem entraves, e cujo pensamento sonda as profundezas do infinito? Restringir o campo de exploração do pensamento é restringir a liberdade, e é o que fazeis.

Dizeis ainda que quereis arrancar o mundo ao jugo das crenças dogmáticas. Fazeis, ao menos, uma distinção entre suas crenças? Não, porque confundis na mesma reprovação tudo quanto não é do domínio exclusivo da Ciência, tudo quanto não se vê pelos olhos do corpo, numa palavra, tudo que é de essência espiritual, por conseguinte Deus, a alma e a vida futura. Mas se toda crença espiritual é um entrave à liberdade de pensar, dá-se o mesmo com toda crença material; aquele que crê que uma coisa é vermelha, porque a vê vermelha, não é livre de a julgar verde. Desde que o pensamento é detido por uma convicção qualquer, já não é livre. Para ser conseqüente com a vossa teoria, a liberdade absoluta

consistiria em nada crer, nem mesmo em sua própria existência, porque isto seria ainda uma restrição. Mas, então, em que se tornaria o pensamento?

Encarado deste ponto de vista, o livre-pensamento seria um contra-senso. Ele deve ser entendido num sentido mais largo e mais verdadeiro, isto é, do livre uso que se faz da faculdade de pensar, e não de sua aplicação a uma ordem qualquer de idéias. Consiste não em crer numa coisa, em vez de outra, nem em excluir tal ou qual crença, mas na *liberdade absoluta da escolha das crenças*. É, pois, abusivamente que alguns deles fazem aplicação exclusiva às idéias antiespiritualistas. Toda opinião racional, que não é imposta nem subjugada cegamente à de outrem, mas que é voluntariamente adotada em virtude do exercício do raciocínio pessoal, é um pensamento livre, quer seja religioso, político ou filosófico.

Em sua acepção mais vasta, o livre-pensamento significa: livre-exame, liberdade de consciência, fé raciocinada; simboliza a emancipação intelectual, a independência moral, complemento da independência física; não quer mais escravos do pensamento, pois o que caracteriza o livre-pensador é que este pensa por si mesmo, e não pelos outros; em outros termos, sua opinião lhe é própria. Assim, pode haver livres-pensadores em todas as opiniões e em todas as crenças. Neste sentido, o livre-pensamento eleva a dignidade do homem, dele fazendo um ser ativo, inteligente, em vez de uma *máquina de crer*.

No sentido exclusivo que alguns lhe dão, em vez de emancipar o espírito, restringe a sua atividade, fazendo-o escravo da matéria. Os fanáticos da incredulidade fazem num sentido o que os fanáticos da fé cega fazem em outro. Então estes dizem: Para ser segundo Deus é preciso crer em tudo o que cremos; fora de nossa fé não há salvação. Os outros dizem: Para ser segundo a razão, é preciso pensar como nós, não crer senão no que cremos; fora dos limites que traçamos à crença, não há liberdade, nem bom-senso,

doutrina que se formula por este paradoxo: Vosso espírito só é livre com a condição de não crer no que quer, o que significa para o indivíduo: Tu és o mais livre de todos os homens, desde que não vás mais longe do que a ponta da corda à qual te amarramos.

Certamente não contestamos aos incrédulos o direito de não crer em coisa alguma além da matéria; mas hão de convir que há singulares contradições na sua pretensão em se atribuir o monopólio da liberdade de pensar.

Dissemos que pela qualidade do livre-pensador, certas pessoas procuram atenuar o que a incredulidade absoluta tem de repulsivo para a opinião das massas. Com efeito, suponhamos que um jornal se intitule abertamente: *O Ateu, O Incrédulo, O Materialista*; pode-se julgar da impressão que este título deixaria no público. Mas se abrigar as mesmas doutrinas sob a capa de *Livre-pensador*, dirão a esta insígnia: É a bandeira da emancipação moral; deve ser a da liberdade de consciência e, sobretudo, da tolerância. Vejamos. Vê-se que nem sempre é preciso reportar-se à etiqueta.

Aliás, seria erro aterrorizar-se além da medida com as conseqüências de certas doutrinas; momentaneamente podem seduzir certos indivíduos, mas jamais seduzirão as massas, que a elas se opõem por instinto e por necessidade. É útil que todos os sistemas venham à luz, a fim de que cada um possa julgar o lado forte e o fraco e, em virtude do direito de livre-exame, possa adoptá-los ou rejeitá-los com conhecimento de causa. Quando as utopias tiverem sido vistas em ação e quando tiverem provado a sua impotência, cairão para não mais se erguer. Por seu próprio exagero, agitam a sociedade e preparam a renovação. Ainda nisto está o sinal dos tempos.

O Espiritismo é, como pensam alguns, uma nova fé cega, que substituiu outra fé cega? Em outras palavras, uma nova escravidão do pensamento sob nova forma? Para o crer, é preciso

ignorar os seus primeiros elementos. Com efeito, o Espiritismo estabelece como princípio que antes de crer é preciso compreender. Ora, para compreender é necessário que se faça uso do raciocínio; eis por que ele procura dar-se conta de tudo antes de admitir alguma coisa, a saber, o porquê e o como de cada coisa. É por isso que os espíritas são mais cépticos do que muitos outros, em relação aos fenômenos que escapam do círculo das observações habituais. Não se baseia em nenhuma teoria preconcebida ou hipotética, mas na experiência e na observação dos fatos; em vez de dizer: “Crede primeiro, e depois compreenderéis, se puderdes”, diz: “Compreendi primeiro, e depois acreditareis, se quiserdes.” Não se impõe a ninguém; diz a todos: “Vede, observai, comparai e vinde a nós livremente, se isto vos convém.” Falando assim, ele entra com grande chance no número dos concorrentes. Se muitos vão a ele, é porque satisfaz a muitos, mas ninguém o aceita de olhos fechados. Aos que não o aceitam, ele diz: “Sois livres e não vos quero; tudo o que vos peço é que me deixeis minha liberdade, como vos deixo a vossa. Se procurais me excluir, temendo que vos suplante, é que não estais muito seguros de vós.”

Não procurando o Espiritismo afastar nenhum dos concorrentes na liça aberta às idéias que devem prevalecer no mundo regenerado, está nas condições do verdadeiro livre-pensamento; não admitindo nenhuma teoria que não seja fundada na observação, está, ao mesmo tempo, nas do mais rigoroso positivismo; enfim, tem sobre seus adversários das duas extremadas opiniões contrárias, a vantagem da tolerância.

Nota – Algumas pessoas nos censuraram as explicações teóricas que, desde o princípio, temos procurado dar dos fenômenos espíritas. Essas explicações, baseadas numa observação atenta, remontando dos efeitos à causa, provavam, por um lado, que queríamos nos dar conta, e não crer cegamente; por outro lado, que queríamos fazer do Espiritismo uma ciência de *raciocínio*, e não de *credulidade*. Por estas explicações, que o tempo

desenvolveu, mas que consagrou em princípio, porque nenhuma foi contraditada pela experiência, os espíritas creram porque compreenderam, e não há dúvida de que é a isto que se deve atribuir o aumento rápido do número de adeptos sérios. É a estas explicações que o Espiritismo deve o ter saído do domínio do maravilhoso, e de se ter ligado às ciências positivas; por elas demonstrou aos incrédulos que não é uma obra da imaginação; sem elas ainda estaríamos por compreender os fenômenos que surgem diariamente. Era urgente estabelecer o Espiritismo, desde o começo, no seu verdadeiro terreno. A teoria fundada sobre a experiência foi o freio que impediu a incredulidade supersticiosa, tanto quanto a malevolência, de o desviar de sua rota. Por que os que nos censuram por havermos tomado esta iniciativa, não a tomaram eles mesmos?

As Três Filhas da Bíblia

Sob este título, o Sr. Hippolyte Rodrigues publicou uma obra, na qual prevê a fusão das três grandes religiões oriundas da Bíblia. Um dos escritores do jornal *Le Pays* faz a respeito as reflexões seguintes, no número de 10 de dezembro de 1866:

“Quais são as três filhas da Bíblia? A primeira é judia, a segunda é católica, a terceira é maometana.

“Compreende-se logo que se trata de um livro importante e que a obra do Sr. Hippolyte Rodrigues interessa especialmente os espíritos sérios, que se comprazem nas meditações morais e filosóficas sobre o destino humano.

“O autor crê numa próxima fusão das três grandes religiões, que chama as três filhas da Bíblia, e trabalha para levar a este resultado, no qual vê um progresso imenso. É desta fusão que sairá a religião nova, que ele considera como devendo ser a religião definitiva da Humanidade.

“Não quero aqui encetar com o Sr. Hippolyte Rodrigues uma polêmica inoportuna sobre a questão religiosa, que se agita desde tantos anos no fundo das consciências e nas entranhas da sociedade. Permitir-me-ei, contudo, uma reflexão. Ele quer que a crença nova seja aceita pelo raciocínio. Até hoje não há senão a fé que fundou e manteve as religiões, por esta razão suprema: *quando se raciocina, não se crê mais*, e quando um povo, uma época cessou de crer, logo se vê desmoronar-se a religião existente, mas não se vê surgir uma religião nova.”

A. de Césena

Essa tendência, que se generaliza, de prever a unificação dos cultos, como tudo que se liga à fusão dos povos, à diminuição das barreiras que os separam moralmente e comercialmente, é também um dos sinais característicos dos tempos. Não julgaremos a obra do Sr. Rodrigues, já que não a conhecemos; também não há por que examinar, no momento, as circunstâncias pelas quais poderá ser atingido o resultado que ele espera, e que considera, com toda razão, como um progresso. Queremos apenas apresentar algumas observações sobre o artigo acima.

O autor labora em grande erro ao dizer que “quando se raciocina não se crê mais.” Nós dizemos, ao contrário, que quando se raciocina sua crença, crê-se mais firmemente, porque se compreende. É em virtude desse princípio que dissemos: Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.

O erro da maior parte das religiões é ter erigido, como dogma absoluto, o princípio da fé cega, e de ter, em favor desse princípio, que aniquila a ação da inteligência, feito aceitar, durante algum tempo, crenças que os progressos ulteriores da Ciência vieram contradizer. Disto resultou, em grande número de pessoas,

a prevenção de que toda crença religiosa é incapaz de suportar o livre-exame, confundindo, numa reprovação geral, o que não passava de casos particulares. Esta maneira de julgar as coisas não é mais racional do que se se condenasse todo um poema, porque encerra alguns versos incorretos, mas é mais cômoda para os que em nada querem crer, porque, rejeitando tudo, se julgam livres para nada examinar.

O autor comete outro erro capital ao dizer: “Quando um povo, uma época cessou de crer, logo se vê desmoronar-se a religião existente, mas não se vê surgir uma religião nova.” Onde ele viu na História, um povo, uma época sem religião?

A maior parte das religiões surgiu nos tempos recuados, quando os conhecimentos científicos eram muito limitados ou nulos. Erigiram como crenças noções erradas, que só o tempo podia retificar. Infelizmente, todas se fundaram sobre o princípio da imutabilidade, e como quase todas confundiram, num mesmo código, a lei civil e a lei religiosa, disso resultou que, em dado momento, tendo avançado o espírito humano, enquanto as religiões ficaram estacionárias, estas não mais se encontraram à altura das idéias novas. Então caem pela força das coisas, como caem as leis, os costumes sociais, os sistemas políticos que não podem corresponder às necessidades novas. Mas como as crenças religiosas são instintivas no homem e constituem, para o coração e para o espírito, uma necessidade tão imperiosa quanto a legislação civil para a ordem social, não se aniquilam: transformam-se.

A transição jamais se opera de maneira brusca, mas pela mistura temporária das idéias antigas e das idéias novas; é, de início, uma fé mista, que participa de umas e de outras; pouco a pouco a velha crença se extingue, a nova cresce, até que a substituição seja completa. Por vezes a transformação é apenas parcial; então são seitas que se separam da religião-mãe, modificando alguns pontos de detalhe. Foi assim que o Cristianismo sucedeu ao paganismo,

que o Islamismo sucedeu ao fetichismo árabe, que o protestantismo, a religião grega se separaram do catolicismo. Por toda parte vêem-se os povos não deixar uma crença senão para tomar outra, apropriada ao seu adiantamento moral e intelectual; mas em parte alguma há solução de continuidade.

É verdade que hoje se vê a incredulidade absoluta fazer-se passar por doutrina e ser professada por algumas seitas filosóficas; mas seus representantes, que constituem uma ínfima minoria na população inteligente, erram por se julgarem todo um povo, toda uma época e, porque não querem mais religião, imaginam que sua opinião pessoal é a medida dos tempos religiosos, quando não passa de uma transição parcial a outra ordem de idéias.

O Abade Lacordaire e as Mesas Girantes

Extraído de uma carta do abade Lacordaire à Sra. Swetchine, datada de Flavigny, 29 de junho de 1853, tirada de sua correspondência, publicada em 1865.

“Vistes girar e ouvistes falar das mesas? – Desdenhei vê-las girar, como uma coisa muito simples, mas ouvi e as fiz falar. Elas me disseram coisas deveras notáveis sobre o passado e o presente. Por mais extraordinário que isto seja, é para um cristão que acredita nos *Espíritos* um fenômeno muito vulgar e muito pobre. Em todos os tempos houve modos mais ou menos bizarros para *se comunicar com os Espíritos*; apenas outrora se fazia mistério desses processos, como se fazia mistério da Química; a justiça, por meio de execuções terríveis, reprimia na sombra essas estranhas práticas. Hoje, graças à liberdade dos cultos e à publicidade universal, o que era um segredo tornou-se uma fórmula popular. Talvez, também, por essa divulgação, Deus queira proporcionar o desenvolvimento das forças espirituais ao desenvolvimento das

forças materiais, a fim de que o homem não esqueça, em presença das maravilhas da mecânica, que há dois mundos incluídos um no outro: *o mundo dos corpos e o mundo dos Espíritos.*

“É provável que esse desenvolvimento paralelo vá crescendo até o fim do mundo, o que trará um dia o reino do anticristo, onde se verá, de um lado e do outro, para o bem e para o mal, o emprego de armas sobrenaturais e de prodígios pavorosos. Disto não concluo que o Anticristo esteja próximo, porque as operações que testemunhamos nada têm, salvo a publicidade, de mais extraordinário do que o que se via outrora. Os pobres incrédulos devem estar bastante inquietos com sua razão; mas têm o recurso de tudo crer para escapar à verdadeira fé e não falharão. Ó profundeza dos desígnios de Deus!”

O abade Lacordaire escrevia isto em 1853, isto é, quase no começo das manifestações, numa época em que esses fenômenos eram muito mais objeto de curiosidade do que assuntos de meditações sérias. Embora eles não se tivessem constituído, então, nem em ciência, nem em corpo de doutrina, o abade lhe tinha entrevisto o alcance e, longe de os considerar como coisa efêmera, previa o seu desenvolvimento no futuro. Sua opinião sobre a existência e a manifestação dos Espíritos é categórica. Ora, como ele é tido, geralmente, por todo o mundo como uma das altas inteligências do século, parece difícil colocá-lo entre os loucos, depois de o ter aplaudido como homem de grande senso e de progresso. Pode-se, pois, ter o senso comum e crer nos Espíritos.

As mesas girantes, diz ele, são “um fenômeno muito vulgar e muito pobre.” Com efeito, bem pobre quanto ao meio de comunicação com os Espíritos, porque se não se tivessem tido outros, o Espiritismo quase não teria avançado; então se conheciam apenas os médiuns escreventes e não se suspeitava o que iria sair desse meio, aparentemente tão pueril. Quanto ao reino do Anticristo, Lacordaire parece não se assustar muito, porque não o

vê chegar tão cedo. Para ele essas manifestações são *providenciais*; devem *perturbar e confundir os incrédulos*; nelas admira a profundidade dos julgamentos de Deus; elas não são, pois, obra do diabo, que deve impelir a renegar Deus, e não a reconhecer o seu poder.

O extrato acima da correspondência de Lacordaire foi lido na Sociedade de Paris, na sessão de 18 de janeiro. Nessa mesma sessão o Sr. Morin, um dos médiuns escreventes habituais, adormeceu espontaneamente sob a ação magnética dos Espíritos; era a terceira vez que nele se produzia este fenômeno, pois habitualmente só adormece pela magnetização ordinária. Durante o sono falou sobre diferentes assuntos e de vários Espíritos presentes, cujo pensamento nos transmitiu. Entre outras coisas disse o seguinte:

“Um Espírito que todos conheceis, e que também reconheço; um Espírito de grande reputação na Terra, elevado na escala intelectual dos mundos está aqui. Espírita antes do Espiritismo, eu o vi ensinando a doutrina, não mais como encarnado, mas como Espírito. Vi-o pregando com a mesma eloqüência, com o mesmo sentimento de convicção íntima que quando vivo, o que por certo não teria ousado pregar abertamente do púlpito, mas aquilo a que conduziam os seus ensinos. Vi-o pregar a doutrina aos seus, à sua família, a todos os seus amigos. Vi-o exaltar-se, embora em estado espiritual, quando encontrava um cérebro refratário ou uma resistência obstinada às inspirações que soprava; sempre vivo e impetuoso, querendo fazer penetrar a convicção nas inteligências, como se faz penetrar na rocha viva o cinzel impellido por vigorosa martelada. Mas este não entra tão depressa; entretanto, sua eloqüência converteu mais de um. Este Espírito é o do abade Lacordaire.

“Ele pede uma coisa, não por espírito de orgulho, não por um interesse pessoal qualquer, mas no interesse de todos e para o bem da doutrina: a inserção na Revista do que escreveu há treze

anos. Se peço esta inserção, diz ele, é por dois motivos: o primeiro porque mostrareis ao mundo, como dizeis, que se pode não ser tolo e crer nos Espíritos; o segundo, porque a publicação desse primeira citação fará descobrir em meus escritos outras passagens que vos serão assinaladas, como concordes com os princípios do Espiritismo.”

Refutação da Intervenção do Demônio

(Por monsenhor Freyssinous, bispo de Hermópolis)

Em resposta à opinião que atribui a uma astúcia do demônio as transformações morais operadas pelo ensino dos Espíritos, temos dito muitas vezes que o diabo seria muito pouco hábil se, para chegar a perder o homem, começasse por o tirar do atoleiro da incredulidade e o reconduzisse a Deus; que esta seria a conduta de um tolo e de um simplório. A isto objetam que é precisamente aí que está a obra-prima da malícia desse inimigo de Deus e dos homens. Confessamos não compreender a malícia.

Um dos nossos correspondentes nos dirige, em apoio ao nosso raciocínio, as palavras que seguem, de monsenhor Freyssinous, bispo de Hermópolis, tiradas de suas *Conferências sobre a religião*, tomo II, página 341; Paris – 1825.

“Se Jesus-Cristo tivesse operado seus milagres pela virtude do demônio, o demônio teria trabalhado para destruir o seu império e teria empregado seu poder contra si mesmo. Certamente, um demônio que procurasse destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude, seria um demônio singular. Eis por que Jesus, para repelir a absurda acusação dos judeus, lhes dizia: ‘Se opero prodígios em nome do demônio, então o demônio está dividido consigo mesmo; ele procura, pois, destruir-se’, *resposta que não sofre réplica.*”

Obrigado ao nosso correspondente pelo obséquio de nos assinalar esta importante passagem, da qual nossos leitores saberão aproveitar oportunamente. Obrigado, também, a todos os que nos transmitem o que encontram, em suas leituras, de interessante para a doutrina. Nada é perdido.

Como se vê, nem todos os eclesiásticos professam, sobre a doutrina demoníaca, opiniões tão absolutas quanto as de certos membros do clero. Nestas matérias, o monsenhor de Hermópolis é uma autoridade cujo valor não poderiam recusar. Seus argumentos são precisamente os mesmos que os espíritas opõem aos que atribuem ao demônio os bons conselhos que recebem dos Espíritos. Com efeito, que fazem os Espíritos, senão destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude? reconduzir a Deus os que o desconhecem e o negam? Se tal fosse a obra do demônio, ele agiria como um ladrão profissional, que restituísse o que tinha roubado e induzisse os outros ladrões a se tornarem honestos. Então deveria ser cumprimentado por sua transformação. Sustentar a cooperação *voluntária* do Espírito do mal para produzir o bem, não só é um contra-senso, mas é renegar a mais alta autoridade cristã: a do Cristo.

Que os fariseus do tempo de Jesus tivessem acreditado nisto de boa-fé, podia conceber-se, porque então não se era mais esclarecido sobre a natureza de Satã do que sobre a de Deus, e que entrava na teogonia dos judeus deles fazer dois grandes rivais. Mas hoje uma tal doutrina é tão inadmissível quanto a que atribuía a Satã certas invenções industriais, como a imprensa, por exemplo. Os mesmos que a defendem talvez sejam os últimos a nela crer; já cai no ridículo e não amedronta a ninguém; em pouco tempo ninguém ousará mais invocá-la seriamente.

A Doutrina Espírita não admite poder rival ao de Deus, e ainda menos poderia admitir que um ser decaído, precipitado por Deus no abismo, pudesse ter recuperado bastante poder para

contrabalançar os seus desígnios, o que tiraria de Deus a sua onipotência. Segundo esta doutrina, Satã é a *personificação alegórica* do mal, como entre os pagãos Saturno era a personificação do tempo, Marte a da guerra, Vênus a da beleza.

Os Espíritos que se manifestam são as almas dos homens e no número os há, como entre os homens, bons e perversos, adiantados e atrasados; os bons dizem boas coisas, dão bons conselhos; os perversos os dão maus, inspiram maus pensamentos e fazem o mal como o faziam na Terra. Vendo a maldade, a velhacaria, a ingratidão, a perversidade de certos homens, reconhece-se que não valem mais que os piores Espíritos; mas, encarnados ou desencarnados, esses Espíritos maus um dia chegarão a se melhorar, quando tiverem sido tocados pelo arrependimento.

Comparai uma e outra doutrina, e vereis qual a mais racional, a mais respeitosa para com a divindade.

Variedades

EUGÉNIE COLOMBE – PRECOCIDADE FENOMENAL

Vários jornais reproduziram o seguinte fato:

“O *Sentinelle*, de Toulon, fala de um jovem fenômeno, que se admira no momento nesta cidade.

“É uma menina de dois anos e onze meses, chamada Eugénie Colombe.

“Esta menina já sabe ler e escrever perfeitamente; além disso está em condição de sustentar o mais sério exame sobre os princípios da religião cristã, sobre a gramática francesa, a geografia, a história da França e as quatro operações de aritmética.

“Conhece a rosa dos ventos e sustenta perfeitamente uma discussão científica sobre todos esses assuntos.

“Esta admirável menina começou a falar muito distintamente com quatro meses de idade.

“Apresentada nos salões da prefeitura marítima, Eugénie Colombe, dotada de um semblante encantador, obteve um sucesso admirável.”

Este artigo nos tinha parecido, como a muitas outras pessoas, marcado de tal exagero, que não havíamos ligado nenhuma importância. Todavia, para saber positivamente a quem nos atermos, pedimos a um dos nossos correspondentes, oficial de marinha em Toulon, que se informasse do fato. Eis o que nos respondeu:

“Para me assegurar da verdade, fui à casa dos pais da menina referida pelo *Sentinelle Toulonnaise* de 19 de novembro; vi essa encantadora menina, cujo desenvolvimento físico é compatível com sua idade: ela não tem mais que três anos. Sua mãe é professora e dirige a sua instrução. Em minha presença interrogou-a sobre o catecismo, a história sagrada, desde a criação do mundo até o dilúvio, os oito primeiros reis da França e diferentes circunstâncias relativas a seus reinados e ao de Napoleão I. Quanto à Geografia, a menina citou as cinco partes do mundo, as capitais dos países que encerram, várias capitais dos Departamentos da França. Também respondeu perfeitamente sobre as primeiras noções de gramática francesa e o sistema métrico. A menina deu todas essas respostas sem a menor hesitação, divertindo-se com os brinquedos que tinha em mãos. Sua mãe me disse que ela sabe ler desde os dois anos e meio e garantiu-me que é capaz de responder do mesmo modo a mais de quinhentas perguntas.”

O fato, escoimado do exagero do relato dos jornais, e reduzido às proporções acima, não é menos notável e importante

em suas conseqüências. Chama forçosamente a atenção sobre fatos análogos de precocidade intelectual e conhecimentos inatos. Involuntariamente se procura a sua explicação, e com as idéias que circulam, da pluralidade das existências, chega-se a encontrar a sua solução racional numa existência anterior. Há que se colocar esses fenômenos no número dos que são anunciados como devendo, por sua multiplicidade, confirmar as crenças espíritas e contribuir para o seu desenvolvimento.

No caso de que se trata, a memória parece certamente desempenhar um papel importante. Sendo professora a mãe da menina, sem dúvida a pequena se encontrava habitualmente na escola e terá retido as lições dadas aos alunos por sua mãe, ao passo que se vêem certos alunos possuir, por intuição, conhecimentos de certo modo inatos e fora de qualquer ensino. Mas por que, nela e não em outros, esta facilidade excepcional para assimilar o que ouvia e que, provavelmente, não pensavam em lhe ensinar? É que o que ela ouvia apenas lhe despertava a lembrança do que sabia. A precocidade de certas crianças para as línguas, a música, as matemáticas, etc., todas as idéias inatas, numa palavra, igualmente não passam de lembranças; elas se lembraram do que souberam, como se vêem certas pessoas lembrar-se, mais ou menos vagamente, do que fizeram ou do que lhes aconteceu. Conhecemos um menino de cinco anos que, estando à mesa, onde nada na conversa poderia ter provocado uma idéia a esse respeito, pôs-se a dizer: “Eu fui casado, e me lembro bem; tinha uma mulher, de baixa estatura, jovem e linda, e tive vários filhos.” Certamente não se tem nenhum meio de controlar sua asserção, mas, pergunta-se, de onde lhe poderia ter vindo semelhante idéia, quando nenhuma circunstância a teria provocado?

Disto se deve concluir que as crianças que só aprendem à custa do trabalho foram ignorantes ou estúpidas em sua precedente existência? Por certo que não. A faculdade de se recordar é uma aptidão inerente ao estado psicológico, isto é, ao

mais fácil desprendimento da alma em certos indivíduos do que em outros, uma espécie de visão espiritual, que lhes lembra o passado, ao passo que os que não a possuem, esse passado não deixa nenhum traço *aparente*. O passado é como um sonho, do qual nos lembramos com maior ou menor exatidão, ou do qual perdemos totalmente a lembrança. (Vide *Revista Espírita* de julho de 1860; idem de novembro de 1864).

No momento de ir para o prelo, recebemos de um dos nossos correspondentes da Argélia, que, de passagem por Toulon, viu a pequena Eugénie Colombe, uma carta contendo o relato seguinte, que confirma o precedente, e acrescenta detalhes que não deixam de ter interesse:

“Esta menina, de notável beleza e extrema vivacidade, é de uma doçura angelical. Sentada nos joelhos de sua mãe, respondeu a mais de cinqüenta perguntas sobre o Evangelho. Interrogada sobre Geografia, designou-me todas as capitais da Europa e de diversos estados da América; todas as capitais dos Departamentos franceses e da Argélia; explicou-me o sistema decimal, o sistema métrico. Em gramática, os verbos, os participios e os adjetivos. Ela conhece, ou pelo menos define, as quatro operações. Escreveu o que lhe ditei com tal rapidez que fui levado a crer que escrevia mediunicamente. Na quinta linha interrompeu a escrita, olhou-me fixamente com seus grandes olhos azuis e me disse bruscamente: ‘Senhor, é bastante.’ Depois desceu da cadeira e correu aos seus brinquedos.

“Esta criança é certamente um Espírito muito avançado, porque se vê que responde e cita sem o menor esforço de memória. Sua mãe me disse que desde a idade de 12 a 15 meses ela sonha à noite, mas numa linguagem que não permite compreendê-la. É caridosa por instinto; atrai sempre a atenção da mãe, quando avista um pobre; não suporta que batam nos cães, nos gatos, nem em qualquer animal. Seu pai é um operário do arsenal marítimo.”

Só espíritas esclarecidos, como os nossos dois correspondentes, podiam apreciar o fenômeno psicológico que apresenta esta menina e sondar-lhe a causa; porque, assim como para julgar um mecanismo é preciso um mecânico, para julgar fatos espíritas é preciso ser espírita. Ora, em geral a quem encarregam da constatação e da explicação dos fenômenos deste gênero? Precisamente a pessoas que não os estudaram e que, negando a causa primária, não lhe podem admitir as conseqüências.

TOM, O CEGO, MÚSICO NATURAL³

Lê-se no *Spiritual Magazine*, de Londres:

“A celebridade de *Tom, o Cego*, que há pouco fez o seu aparecimento em Londres, já se tinha espalhado aqui; alguns anos atrás um artigo no jornal *All the year round* tinha descrito suas notáveis faculdades e a sensação que haviam produzido na América. A maneira pela qual as faculdades se desenvolveram nesse negro, escravo e cego, ignorante e totalmente iletrado; como, menino ainda, um dia surpreendido pelos sons da música na casa de seu senhor, correu sem cerimônia a tomar lugar ao piano, reproduzindo nota por nota o que acabava de ser tocado, rindo e se contorcendo de alegria ao ver o novo mundo de prazeres que acabava de descobrir, tudo isto foi tão freqüentemente repetido, que julgo inútil mencioná-lo outra vez. Mas um fato significativo e interessante me foi contado por um amigo, que foi o primeiro a testemunhar e apreciar a faculdade de Tom. Um dia uma obra de Haendel foi tocada. Imediatamente Tom a repetiu corretamente e, ao terminar, esfregou as mãos com uma expressão de indefinível alegria, exclamando: ‘Eu o vejo; é um velho com uma grande peruca; ele tocou primeiro e eu depois.’ É incontestável que Tom tinha visto Haendel e o tinha ouvido tocar.

“Tom exibiu-se várias vezes em público, e a maneira por que executa os trechos mais difíceis quase faria duvidar de sua

3 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 527.

enfermidade. Repete sem falha no piano e, necessariamente, de memória, tudo quanto lhe tocam, quer sonatas clássicas antigas, quer fantasias modernas. Ora, bem que gostaríamos de ver quem pudesse aprender desta maneira as variações de Thalberg com os olhos fechados, como ele fez.

“Este fato surpreendente de um cego, ignorante, desprovido de qualquer instrução, mostrando um talento que outros são incapazes de adquirir, mesmo com todas as vantagens do estudo, provavelmente será explicado por um grande número, segundo a maneira ordinária de encarar estas coisas, dizendo: é um gênio e uma organização excepcional. Mas só o Espiritismo pode dar a chave deste fenômeno de maneira compreensível e racional.”

As reflexões que fizemos a propósito da menina de Toulon naturalmente se aplicam a Tom, o cego. Tom deve ter sido um grande músico, ao qual bastou ouvir para estar na via do que soube. O que torna o fenômeno mais extraordinário é que se apresenta num negro, escravo e cego, tríplice causa que se opunha à cultura de suas aptidões nativas e a despeito das quais se manifestaram na primeira ocasião favorável, como um grão germinando aos raios-do-sol. Ora, como a raça negra, em geral, e sobretudo no estado de escravidão, não brilha pela cultura das artes, forçoso é concluir que o Espírito Tom não pertence a esta raça, mas que nela se terá encarnado, quer como expiação, quer como meio providencial de reabilitação desta raça na opinião, mostrando do que ela é capaz.

Muito foi dito e escrito contra a escravidão e o preconceito da cor. Tudo quanto disseram é justo e moral; mas não passava de uma tese filosófica. A lei da pluralidade das existências e da reencarnação vem a isto acrescentar a irrefutável sanção de uma lei da Natureza, que consagra a fraternidade de todos os homens. Tom, o escravo, nascido e aclamado na América, é um protesto vivo contra os preconceitos ainda reinantes nesse país.

(Vide a *Revista* de abril de 1862: Perfectibilidade da raça negra. Frenologia espiritualista).

SUICÍDIO DOS ANIMAIS

“Há alguns dias o *Morning-Post* contava a estranha história de um cão que se teria suicidado. O animal pertencia a um Sr. Home, de Frinsbury, perto de Rochester. Parece que certas circunstâncias o tinham como suspeito de hidrofobia e que, por conseguinte, o evitavam e o mantinham afastado da casa tanto quanto possível. Ele parecia experimentar muito pesar por ser assim tratado, e durante alguns dias notaram que estava de mau humor, sombrio e angustiado, mas sem mostrar ainda nenhum sintoma da raiva. Quinta-feira viram-no deixar o seu nicho e dirigir-se para a residência de um amigo íntimo de seu dono, em Upnor, onde recusaram acolhê-lo, o que lhe arrancou um grito lamentoso.

“Depois de ter esperado algum tempo diante da casa, sem conseguir ser admitido em seu interior, decidiu partir e viram-no ir para o lado do rio, que passa perto de lá, descer a ribanceira com passo deliberado; em seguida, e após voltar-se e soltar uma espécie de uivo de adeus, entrou no rio, mergulhou a cabeça na água e, ao cabo de um ou dois minutos, reapareceu sem vida à superfície.

“Segundo dizem, este ato de suicídio extraordinário foi testemunhado por grande número de pessoas. O gênero de morte prova claramente que o animal não era hidrófobo.

“Este fato parece muito extraordinário. Sem dúvida encontrará incrédulos. Contudo, diz o *Droit*, não lhe faltam precedentes.

“A História nos conservou a lembrança de cães fiéis, que se deram a uma morte voluntária, para não sobreviverem aos seus donos. Montaigne cita dois exemplos tomados da

Antiguidade: ‘Hyrcanus, o cão do rei Lysimachus, seu dono morto, ficou obstinado sobre sua cama, sem querer beber nem comer, e no dia em que queimaram o corpo, correu e atirou-se ao fogo, onde foi queimado. O mesmo sucedeu com um cão chamado Pyrrhus, porque não saiu de cima do leito do seu dono desde que este morreu; e quando o levaram, deixou-se levar e, finalmente, lançou-se na fogueira onde queimava o corpo de seu dono.’ (*Ensaio*, livro II, capítulo XII). Nós mesmos registramos, há alguns anos, o fim trágico de um cão que, tendo incorrido na desgraça de seu dono, e não achando consolo, tinha-se precipitado do alto de uma passarela no canal Saint-Martin. O relato muito circunstanciado que então fizemos do caso jamais foi contraditado, nem deu lugar a qualquer reclamação das partes interessadas.”

(*Petit Journal*, 15 de maio de 1866)

Não faltam exemplos de suicídio entre os animais. Como foi dito acima, o cão que se deixa morrer de inanição pelo pesar de haver perdido o dono, comete um verdadeiro suicídio. O escorpião, cercado por carvões em brasa, vendo que dali não pode sair, mata-se. É uma analogia a mais a constatar entre o espírito do homem e o dos animais.

Poesia Espírita

(Sociedade de Paris, 20 de julho de 1866 – Médiun: Sr. Vavasseur)

LEMBRANÇA

Dois jovens são: irmã e irmão,
Juntos em noite de verão,
Entram na choça. E a noite avança
A passo lento, sem palrança,
Por detrás deles, vaporosa
Como uma sombra misteriosa.
Já dorme o pássaro na mata,
E o vento norte se recata;

Tudo sonhava em doce arcano.
E diz a irmã, baixinho, ao mano:
Estou com medo; ouves, irmão
Chorar um sino ao longe, então?
É um dobre lúgubre a finados,
A um morto, pois. Não assustados,
Irmã, fiquemos, é uma alma
Que sai da Terra e que com calma
Reclama prece pra pagar
No eterno além o seu lugar.
Vamos, irmã, orar na igreja
De laje cinza e poenta, seja
Local em que de luto, um dia,
Por trás do esquife em que dormia,
A pobre mãe nós vimos pois.
Vamos orar também, irmã;
Bênçãos teremos amanhã.
Vamos já, vamos! – Logo, os dois,
De olhos em lágrimas, depois,
Deram-se as mãos e, com carinho,
Tomam, assim, logo o caminho
Que ambos conduz à velha igreja.
Segunda vez o sino harpeja
E lhes oferta o triste adeus
Do morto em busca de seu Deus,
Cessando o sino o seu lamento;
Mudos de medo e em desalento
Caminham as duas crianças
Co’olhar nos céus, têm esperanças.
Da igreja, então, já quase à entrada
Uma mulher viram sentada
À sombra da pilastra triste
Que a pia benta erguer lhe assiste.
Tendo os pés nus, face velada,
Pálida, louca e desgrenhada,
Ela exclamava alto: Ó meu Deus!
Vós que se adora aqui, nos céus,
Em todo o tempo, em toda a Terra,
E, no céu, pobre mãe se encerra
Tremendo aos pés de vosso altar,
Ante o amor vosso singular,
Diante de vós, ouse a aflição

De lamentar-se a estar então.
Senhor! Não tinha eu mais que um filho,
Um só; de um róseo e de um brilho
Qual branco raio que colora
Uma manhã de fresca aurora.
O terno azul dos olhos seus
Lembrava o azul dos vossos céus,
E em sua boca um riso doce
Fulgia assim como se fosse
Dizer: Não chores em teu lar;
É Deus que vem de me enviar.
Vê, a tormenta, mãe, cessou;
Espera! o céu limpo ficou;
E eu esperava. Mas, infante,
Tu te enganavas, inconstante.
Do vento o sopro sobre a praia
Tudo destrói e se desmaia,
Senão caniços que deixando
Ao pé das águas vão chorando.
E quando a morte bate à porta
De um lar, ela entra e então transporta
Consigo tudo! E por reduto
Só deixa a marca atroz do luto.
Sabia eu pois que um belo sonho
De uma manhã, finda tristonho,
À tarde aqui; que a noite, entanto,
Do sol inveja o brilho santo
Que empalidece a sua sombra,
Lançando um véu por toda a alfombra
A escurecer seus mil fulgores,
Fechando aos olhos esplendores.
Sim, eu sabia; a mãe, porém,
Ignora tudo; e não lhe vem
O que ela espera crente em tudo;
Bem para o filho, sobretudo.
Toda uma vida de ventura,
Eu não podia sem loucura
Um dia ter felicidade?
E outra é, Senhor, vossa vontade!
Seja ela feita, assim suspiro,
Só, neste humilde e atroz retiro,
Onde eu já vi morrer-me o esposo,

Onde, sem cor no ermo espinhoso,
 Eu recebi de um pai o adeus,
 Onde tirais da mãe os seus
 Últimos sonhos de esperança
 Diante do algoz de uma criança.
 Morte, que a vítima vigia
 Com cruel riso de alegria,
 Senhor! Eu lhe suplico a mão
 Que fere os meus, um dia, então,
 Da própria mãe não lhe poupar
 De o filho à terra reclamar.
 E o sino última vez badala,
 A estas palavras a voz fala
 Da alma do filho sobre a terra
 Consolo à pobre mãe encerra,
 Ao lhe dizer: Nos céus estou!
 Quando o casal de irmãos deixou
 A velha igreja logo à entrada,
 Vêem a mulher inda sentada.

Jean

Dissertações Espíritas

AS TRÊS CAUSAS PRINCIPAIS DAS DOENÇAS

(Paris, 25 de outubro de 1866 – Médiun: Sr. Desliens)

O que é o homem?... Um composto de três princípios essenciais: o Espírito, o perispírito e o corpo. A ausência de qualquer um destes três princípios levaria necessariamente ao aniquilamento do ser no estado humano. Se o corpo não mais existir, haverá o Espírito e não mais o homem; se o perispírito faltar ou não puder funcionar, não podendo o imaterial agir diretamente sobre a matéria e, desse modo, achando-se na impossibilidade de manifestar-se, poderá haver alguma coisa no gênero do cretino ou do idiota, mas jamais haverá um ser inteligente. Enfim, se o Espírito faltar, ter-se-á um feto vivendo a vida animal, e não um

Espírito encarnado. Se, pois, temos três princípios frente a frente, esses três princípios devem reagir um sobre o outro, e seguir-se-á a saúde ou a doença, conforme haja entre eles harmonia perfeita ou discordância parcial.

Se a doença ou a desordem orgânica, como se queira chamar, procede do corpo, os medicamentos materiais, sabiamente empregados, bastarão para restabelecer a harmonia geral.

Se a perturbação vier do perispírito, se for uma modificação do princípio fluídico que o compõe, que se ache alterado, será preciso uma medicação em relação com a natureza do órgão perturbado, para que as funções possam retomar seu estado normal. Se a doença proceder do Espírito, não se poderá empregar, para a combater, outra coisa senão uma medicação espiritual. Se, enfim, como é o caso mais geral e, pode-se mesmo dizer, o que se apresenta exclusivamente, se a doença procede do corpo, do perispírito e do Espírito, será preciso que a medicação combata ao mesmo tempo todas as causas da desordem por meios diversos, para obter a cura. Ora, que fazem geralmente os médicos? Cuidam do corpo e o curam; mas curam a doença? Não. Por quê? Porque sendo o perispírito um princípio superior à matéria propriamente dita, poderá tornar-se a causa em relação a esta e, se for entravado, os órgãos materiais, que se acham em relação com ele, serão igualmente atingidos na sua vitalidade. Cuidando do corpo, destruireis o efeito; contudo, residindo a causa no perispírito, a doença voltará novamente quando os cuidados cessarem, até que se perceba que é preciso dirigir alhures a atenção, tratando fluidicamente o princípio fluídico mórbido.

Se, enfim, a doença procede da *mente*, do Espírito, o perispírito e o corpo, postos sob sua dependência, serão entravados em suas funções, e nem será cuidando de um nem de outro que se fará desaparecer a causa.

Assim, não é vestindo a camisa de força num louco, ou lhe dando pílulas ou duchas, que se conseguirá restabelecer o seu estado normal; apenas acalmarão seus sentidos revoltados; acalmarão os seus acessos, mas não destruirão o germe senão combatendo por seus semelhantes, fazendo homeopatia espiritualmente e fluidicamente, dando ao doente, pela prece, uma dose infinitesimal de paciência, de calma e de resignação, conforme o caso, como lhe dão uma dose infinitesimal de brucina, de digitális ou de acônito.

Para destruir uma causa mórbida, deve-se combatê-la em seu terreno.

Dr. Morel Lavallée

A CLAREZA

(Sociedade de Paris, 5 de janeiro de 1866 – Médiun: Sr. Leymarie)

Conceder-me-íeis hospitalidade para a vossa primeira sessão de 1866? Abraçando-o fraternalmente, desejo vos apresentar votos amigos; que possais ter muitas satisfações morais, muita vontade e caridade perseverante.

Neste século de luz, o que mais falta é clareza! Os semi-sábios, os papões da imprensa, fizeram valentemente o trabalho da aranha, para obscurecer, por meio de um tecido supostamente liberal, tudo o que é claro, tudo que aclara.

Caros espíritas, encontrastes em todas as camadas sociais esta força de raciocínio que é a marca da inteligência dos seres bem-sucedidos? Ao contrário, não tendes a certeza de que a grande maioria de vossos irmãos apodrece numa ignorância malsã? Por toda parte as heresias e as más ações! As boas intenções, viciadas em seu princípio, caem uma a uma, semelhantes a esses belos frutos, cujo cerne um verme rói e o vento lança por terra. A clareza nos argumentos, no saber, acaso teria escolhido domicílio

nas academias, entre os filósofos, os jornalistas ou os panfletários?... Ao que parece, poder-se-ia duvidar, vendo-os, a exemplo de Diógenes, de lanterna à mão, procurar uma verdade em pleno sol.

Luz, claridade, sois a essência de todo movimento inteligente! Logo inundareis com os vossos raios benfazejos os mais obscuros refolhos desta pobre Humanidade; sois vós que tirareis do lamaçal tantos terrícolas pasmados, embrutecidos, espíritos infelizes que devem ser purificados pela instrução, pela liberdade e, sobretudo, pela consciência de seu valor espiritual. A luz expulsará as lágrimas, as penas, os sombrios desesperos, a negação das coisas divinas, todas as más vontades! Sitiando o materialismo, ela o forçará a não mais se abrigar por trás dessa barreira factícia, carcomida, de onde arremessa desajeitadamente suas flechas sobre tudo quanto não é obras sua.

Mas as máscaras serão arrancadas e então saberemos se os prazeres, a fortuna e o sensualismo são mesmo os emblemas da vida e da liberdade. A clareza é útil em tudo e a todos; no embrião como no homem é preciso luz! sem ela *tudo marcha às cegas e, às apalpaçadas, a alma busca a alma.*

Que se faça uma noite eterna! logo as coisas harmoniosas desaparecerão de vosso globo, as flores estiolar-se-ão, as grandes árvores serão destruídas; os insetos, a Natureza inteira não mais darão esses mil ruídos, a eterna canção de Deus! Os regatos banharão barrancos desolados; o frio terá tudo mumificado, a vida terá desaparecido!...

É o mesmo para o Espírito. Se fizerdes noite em seu redor, ele ficará doente; o frio petrificará suas tendências divinas; o homem, como na Idade Média, entorpecer-se-á, semelhante em sua alma às solidões selvagens e desoladas das regiões boreais!

É por isto, espíritas, que vos deveis a todas as clarezas. Mas antes de aconselhar e ensinar, começai primeiro por esclarecer os menores recônditos de vossa alma. Quando, bastante depurados para nada temer, puderdes elevar a voz, o olhar, o gesto, fareis uma guerra implacável à sombra, à tristeza, à ausência de vida; ensinareis as grandes leis espíritas aos irmãos que nada sabem do papel que Deus lhes assinala.

1866, possas tu, para os anos por vir, ser esta estrela luminosa, que conduzia os reis magos para a manjedoura de uma humilde criança do povo. Eles vinham render homenagem à encarnação que devia representar, no mais vasto sentido, o Espírito de Verdade, esta luz benfeitora que transformou a Humanidade. Por esse menino tudo foi realizado! É bem ele que eterniza a graça e a simplicidade, a caridade, a benevolência, o amor e a liberdade.

O Espiritismo, estrela luminosa que também é, deve rasgar, como o fez aquela há dezoito séculos, o véu sombrio dos séculos de ferro, conduzir os terrícolas à conquista das verdades prometidas. Saberá ele bem se desvencilhar das tempestades que nos prometem as evoluções humanas e as resistências desesperadas da ciência em apuros? É o que vós todos, meus amigos, e nós, vossos irmãos da erraticidade, somos chamados a melhor acusar, inundando este ano com as claridades conquistadas.

Trabalhar com este objetivo é ser adepto do Menino de Belém, é ser filho de Deus, de quem emanam toda luz e toda clareza.

Sonnez

COMUNICAÇÃO PROVIDENCIAL DOS ESPÍRITOS

(Grupo Delanne – Paris, 8 de janeiro de 1865 – Médium: Sra. Br...)

Os tempos são chegados em que esta palavra do profeta deve ser realizada: “Espalharei, diz o Senhor, do meu

Espírito sobre toda a carne; e vossos filhos profetizarão, vossos velhos terão sonhos.”⁴ O Espiritismo é esta difusão do Espírito divino, vindo instruir e moralizar todos esses pobres deserdados da vida espiritual que, não vendo senão a matéria, esquecem que o homem não vive apenas de pão.

É preciso ao corpo um organismo material a serviço da alma, um alimento apropriado à sua natureza; mas à alma, emanção do Espírito Criador, é preciso um alimento espiritual, que só encontra na contemplação das belezas celestes, resultante da harmonia das faculdades inteligentes em sua inteira manifestação.

Enquanto o homem negligencia cultivar o seu espírito e fica absorvido pela busca ou pela posse dos bens materiais, sua alma está de certo modo estacionária, e lhe é preciso um grande número de encarnações antes que possa, obedecendo insensivelmente e como por força à lei inevitável do progresso, chegar a esse começo de vitalidade intelectual, que a torna a diretora do ser material, ao qual está unida. É por isto que, malgrado os ensinamentos dados pelo Cristo, para fazer a Humanidade avançar, ela está ainda tão atrasada, pois o egoísmo não quis apagar-se diante desta lei de caridade, que deve mudar a face do mundo e dele fazer uma morada de paz e de felicidade.

Mas a bondade de Deus é infinita, ultrapassando a indiferença e a ingratidão de seus filhos. Eis por que lhes envia esses mensageiros divinos, que vêm lembrar-lhes que Deus não os criou para a Terra, onde apenas estão por algum tempo, a fim de que, pelo trabalho, desenvolvam as qualidades postas em germe em sua alma, e que, cidadãos dos céus, não se devam comprazer numa estação inferior à sua ignorância, onde só as suas faltas os retêm.

4 **N. do T.:** Atos dos Apóstolos, 2:17. O versículo completo está assim concebido: “E nos últimos dias, diz o Senhor, derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos.” Referência mais que explícita sobre a explosão da mediunidade no século XIX.

Agradecei, pois, ao Senhor, e saudai com alegria o advento do Espiritismo, pois que ele é a realização das profecias, o sinal retumbante da bondade do Pai de misericórdia, e para vós um novo apelo a esse desprendimento da matéria, tão desejável, considerando-se que só Ele pode vos proporcionar a verdadeira felicidade.

Luis de França

Notas Bibliográficas

MIRETA

**Romance espírita pelo Sr. Élie Sauvage, membro da
Sociedade dos Homens de Letras⁵**

Para o Espiritismo, o ano de 1867 foi aberto pela publicação de uma obra que, de certo modo, inaugura a nova via aberta à literatura pela Doutrina Espírita. *Mireta* não é um desses livros em que a idéia espírita não passa de acessório, e como que lançada, *para o efeito*, ao acaso da imaginação, sem que a crença a venha animar e aquecer. É esta mesma idéia que lhe forma o dado principal, menos ainda pela ação que pelas conseqüências gerais dela decorrentes.

Em *Espírita*, de Théophile Gautier, o fantástico supera de muito o real e o possível, do ponto de vista da doutrina. É menos um romance espírita do que o romance do Espiritismo, e que este não pode aceitar como um quadro fiel das manifestações; além disso, o dado filosófico e moral aí é um tanto nulo. Essa obra não deixou de ser muito útil à vulgarização da idéia, pela autoridade do nome do autor, que lhe soube dar o cunho de seu incontestável talento, e por sua publicação no jornal oficial. Ademais, era a primeira obra de real importância desse gênero, na qual a idéia era levada a sério.

⁵ 1 vol. In-12. Livraria dos Autores, 10, rue de la Bourse. Preço: 3 fr. Pelo correio (França e Argélia): 3 fr. 30 c.

A do Sr. Sauvage é concebida num plano inteiramente diverso. É um quadro da vida real, onde nada se afasta do possível e da qual o Espiritismo tudo pode aceitar. É uma história simples, ingênua, de um interesse contínuo e tanto mais atraente quanto tudo aí é natural e verossímil; aí não se encontram situações romanescas, mas cenas enternecedoras, pensamentos elevados, caracteres traçados conforme a Natureza; também se vêem os mais nobres e puros sentimentos, em luta com o egoísmo e a mais sórdida maldade, a fé lutando contra a incredulidade. O estilo é claro, conciso, sem loquacidade nem acessórios inúteis, sem ornamentos supérfluos e sem pretensões ao efeito. O autor se propôs, antes de tudo, a fazer um livro moral e hauriu os seus elementos na filosofia espírita e suas conseqüências, muito mais que no fato das manifestações, mostrando a que elevação de pensamentos conduzem suas crenças. Sobre este ponto, resumimos nossa opinião dizendo que este livro pode ser lido com proveito pela juventude de ambos os sexos, que nele encontrará belos modelos, bons exemplos e úteis instruções, sem prejuízo do proveito e da concordância que dele se deve tirar em qualquer idade. Acrescentaremos que para ter escrito este livro no sentido em que o fez, é preciso estar profundamente penetrado dos princípios da doutrina.

O autor coloca sua ação em 1831; não pode, pois, falar *nominalmente* do Espiritismo, nem das obras espíritas atuais. Assim, teve que remontar seu ponto de partida aparente a Swedenborg; mas tudo é aí conforme aos dados do Espiritismo moderno, que estudou com esmero.

Eis, em duas palavras, o assunto da obra:

O conde de Rouville, forçado a deixar subitamente a França durante a Revolução, ao partir para o exílio tinha confiado uma importante soma e seus títulos de família a um homem sobre cuja lealdade julgava poder contar. Mas este homem, abusando de

sua confiança, apropria-se da soma, com o que enriquece. Quando o emigrado regressa, o depositário declara não o conhecer e nega o depósito. O Sr. de Rouville, privado de todos os recursos por esta infidelidade, morre de desespero, deixando uma filhinha de três anos, chamada Mireta. A criança é recolhida por um antigo servo da família, que a educa como sua filha. Esta tinha apenas dezesseis anos quando seu pai adotivo, muito pobre, veio a morrer. Luciano, jovem estudante de Direito, de alma grande e nobre, que tinha assistido o velho em seus últimos momentos, tornou-se o protetor de Mireta, deixada sem apoio e sem asilo; ele a faz admitir em casa de sua mãe, rica padeira, mas de coração duro e egoísta. Ora, descobre-se que Luciano é filho do espoliador; este último, sabendo mais tarde que Mireta é a filha daquele a quem causou a ruína e a morte, cai doente e morre, torturado de remorsos, nas convulsões de terrível agonia. Daí complicações, porque os jovens se amam e acabam se casando.

As principais personagens são: Luciano e Mireta, duas almas de escol; a mãe de Luciano, tipo perfeito do egoísmo, de cupidez e de estreiteza de idéias, em luta com o amor materno; o pai de Luciano, exata personificação da consciência perturbada; uma entregadora de pães, vil, má e ciumenta; um velho médico, excelente homem, mas incrédulo e zombador; um estudante de Medicina, seu aluno espiritualista, homem de coração e hábil magnetizador; uma sonâmbula muito lúcida, e uma irmã de caridade, de idéias generosas e elevadas, típico modelo.

Sobre esta obra ouvimos fazerem a seguinte crítica:

A ação começa sem preâmbulo, por um desses fatos de manifestações espontâneas, como se vêem tantos em nossos dias, e que consistem em batidas nas paredes. Esses ruídos levam ao encontro das duas principais personagens da história, Luciano e Mireta, a qual se desenrola a seguir. Dizem que o autor deveria ter dado uma explicação do fenômeno, para uso das pessoas estranhas

ao Espiritismo, cujo ponto de partida não compreendem. Não partilhamos desta opinião, porque seria preciso dizer outro tanto das cenas de visões extáticas e de sonambulismo. O autor não quis, e nem podia, a propósito de um romance, fazer um tratado didático de Espiritismo. Todos os dias escritores apóiam suas concepções sobre fatos científicos, históricos ou outros, que não podem senão supô-los conhecidos dos leitores, sob pena de transformar suas obras em enciclopédias; aos que não os conhecem cabe buscá-los ou pedir uma explicação. O Sr. Sauvage, situando seu enredo em 1831, não podia desenvolver teorias que só foram conhecidas vinte anos mais tarde. Aliás, os Espíritos batedores, em nossos dias, têm bastante repercussão, graças mesmo à imprensa hostil, para que poucas pessoas dele não tenham ouvido falar. Esses fatos são mais vulgares hoje do que muitos outros citados diariamente. Ao contrário, o autor nos parece ter realçado o Espiritismo, admitindo o fato como suficientemente conhecido para não precisar ser explicado.

Também não compartilhamos a opinião dos que lhe censuram o quadro um tanto familiar e vulgar, a pouca complicação da intriga do enredo, numa palavra, de não ter feito uma obra literária mais magistral, como certamente seria capaz de fazer. Em nossa opinião, a obra é o que devia ser para alcançar o objetivo proposto; não é um monumento que o autor quis erigir, mas uma simples e graciosa casinha, onde o coração pudesse repousar. Tal como está, dirige-se a todo o mundo: grandes e pequenos, ricos e proletários, mas, sobretudo, a certa classe de leitores aos quais teria convindo menos, se tivesse revestido uma forma mais acadêmica. Pensamos que sua leitura pode ser muito proveitosa à classe laboriosa e, a esse título, gostaríamos de ver a popularidade de certos escritos cuja leitura é menos salutar.

As duas passagens seguintes podem dar uma idéia do espírito no qual é concebida a obra. A primeira é uma cena entre Luciano e Mireta, no enterro do pai adotivo desta:

“Meu pobre pai, então não te verei mais! disse Mireta soluçando.

“Mireta, respondeu Luciano, com voz doce e grave, os que crêem em Deus e na imortalidade da alma humana não devem desolar-se como infelizes que não têm esperança. Para os verdadeiros cristãos a morte não existe. Olhai em torno de nós: estamos sentados entre túmulos, no lugar terrível e fúnebre que a ignorância e o medo chamam o campo dos mortos. Pois bem! o Sol do mês de maio aqui resplandece como no seio dos campos mais risonhos. As árvores, os arbustos e as flores inundam o ar com seus mais suaves perfumes; do pássaro ao inseto imperceptível, cada ser da Criação lança sua nota nesta grande sinfonia, que canta a Deus o hino sublime da vida universal. Não está aí, dizei, um notável protesto contra o nada, contra a morte? A morte é uma transformação para a matéria, para os seres bons e inteligentes, é uma *transfiguração*. Vosso pai cumpriu a tarefa que Deus lhe havia confiado; Deus o chamou a si. Que nosso amor egoísta não inveje a palma ao mártir, a coroa ao vencedor!... Mas não creiais que ele vos esqueça. O amor é o laço misterioso que liga todos os mundos. O pai de família, forçado a realizar uma grande viagem, não pensa em seus filhos queridos? Não vela de longe por sua felicidade? Sim, Mireta, que este pensamento vos console; jamais somos órfãos na Terra; primeiramente temos Deus, que nos permitiu chamá-lo nosso pai, e depois os amigos, que nos precederam na vida eterna. – Aquele que chorais está aqui, eu o vejo... ele vos sorri com uma ternura inefável... ele vos fala... escutai...

“De repente o rosto de Luciano adquiriu uma expressão extática; o olhar fixo, o dedo levantado no ar, mostrava alguma coisa no espaço; o ouvido atento parecia escutar palavras misteriosas.

“Filha, diz ele, com uma voz que não era mais a sua, por que fixar teu olhar velado de lágrimas neste canto de terra onde

depositaram meus despojos mortais? Eleva os olhos para o céu; é lá que o Espírito purificado pelo sofrimento, pelo amor e pela prece, alça vôo para o objeto de suas sublimes aspirações! Que importa à borboleta os restos de seu grosseiro envoltório, desde que ao Sol exhibe as asas radiosas? A poeira volta à poeira, a centelha sobe para o seu divino foco. Mas o Espírito deve passar por terríveis provas antes de receber sua coroa. A Terra na qual rasteja o formigueiro humano é um lugar de expiação e de preparação à vida bem-aventurada. Grandes lutas te esperam, pobre criança, mas tem confiança: Deus e os Espíritos bons não te abandonarão. Fé, esperança, amor, seja esta a tua divisa. Adeus.”

A obra termina pelo seguinte relato de uma excursão *extática* dos dois jovens, então casados:

“Depois de uma viagem, cuja duração não puderam apreciar, os dois navegantes aéreos abordaram uma terra desconhecida e maravilhosa, onde tudo era luz, harmonia e perfumes, onde a vegetação era tão bela que diferia tanto da nossa quanto a flora dos trópicos difere da da Groelândia e das terras austrais. Os seres que habitavam esse mundo perdido no meio dos mundos pareciam bastante com a idéia que aqui fazemos dos anjos. Seus corpos leves e transparentes nada tinham do nosso grosseiro envoltório terreno, seus rostos irradiavam inteligência e amor. Uns repousavam à sombra de árvores carregadas de frutos e de flores, outros passeavam como essas sombras bem-aventuradas que nos mostra Virgílio em sua encantadora descrição dos Campos Elíseos. As duas personagens que Luciano já tinha visto várias vezes em suas visões precedentes, avançaram com os braços estendidos para os dois viajantes. O sorriso com que os abraçaram os encheu de celeste alegria. Aquele que tinha sido o pai adotivo de Mireta lhe disse com uma doçura infável: ‘Meus caros filhos, vossas preces e vossas boas obras encontraram graça diante de Deus. Ele tocou a alma do culpado e a manda de volta à vida terrena para *expiar suas faltas e se purificar por novas provas*, porquanto Deus não castiga eternamente e sua justiça é sempre temperada pela misericórdia.’”

Eis agora a opinião dos Espíritos sobre esta obra, dada na Sociedade de Paris na sessão em que foi feito o seu relato.

(Sociedade de Paris, 4 de janeiro de 1867 – Médiun: Sr. Desliens)

Cada dia a crença afasta das idéias adversas um espírito irresoluto; cada dia novos adeptos obscuros ou ilustres vêm abrigar-se sob sua bandeira; os fatos se multiplicam e a multidão reflete. Depois os temerosos tomam coragem com duas mãos e, então, gritam: Avante! com toda a força dos pulmões. Os homens sérios trabalham, e a Ciência, moral ou material, romances e novelas, se deixam penetrar pelos princípios novos em páginas eloqüentes. Quantos espíritas sem o saber entre os espiritualistas modernos! Quantas publicações às quais não falta senão uma palavra para serem apontadas à opinião pública como emanando de uma fonte espírita!

O ano de 1866 apresenta a filosofia nova sob todas as suas formas; mas é ainda o talo verde que encerra a espiga de trigo e, para a mostrar, espera que o calor da primavera a tenha amadurecido e feito desabrochar. 1866 preparou, 1867 amadurecerá e realizará. O ano se abre sob os auspícios de *Mireta* e não se escoará sem ver aparecerem novas publicações do mesmo gênero e mais sérias ainda, no sentido de que o romance tornar-se-á filosofia e a filosofia se fará história.

Não se fará mais do Espiritismo uma crença ignorada e aceita apenas por alguns cérebros supostamente doentes; será uma filosofia admitida ao banquete da inteligência, uma idéia nova tendo posição ao lado das idéias progressivas, que marcam a segunda metade do século dezenove. Assim, felicitamos vivamente aquele que soube, como primeiro, pôr de lado todo falso respeito humano, para arvorar francamente e claramente sua crença íntima.

Dr. Morel Lavallée

ECOS POÉTICOS DE ALÉM-TÚMULO

Coletânea de poesias mediúnicas pelo Sr. Vavasseur; precedida de um *Estudo sobre a poesia mediúnica*, pelo Sr. Allan Kardec. 1 vol. In-12, preço: 1 fr. Pelo correio, para a França e Argélia, 1 fr. 20 c. – Paris, livraria central, 24, boulevard des Italiens; no escritório da *Revista Espírita* e com o autor, 3, rue de la Mairie, em Paris-Montmartre.

Esta obra, da qual falamos em nosso último número, e cuja impressão foi retardada, encontra-se à venda.

NOVA TEORIA MÉDICO-ESPÍRITA

(Pelo Dr. Brízio, de Turim)

Não conhecemos essa obra senão pelo prospecto em língua italiana, que nos foi enviado, mas só podemos nos alegrar por ver o interesse das nações estrangeiras em seguir o movimento espírita e felicitar os homens de talento que entram na via das aplicações do Espiritismo à Ciência. A obra do Dr. Brízio será publicada em 20 ou 30 fascículos a 20 c. cada um, e a impressão será iniciada desde que haja 300 subscritores. Subscrições em Turim, na livraria Degiorgis, via Nuova.

O LIVRO DOS MÉDIUNS

Tradução em espanhol, da 9^a edição francesa. Madri – Barcelona
Marselha – Paris, no escritório da *Revista Espírita*.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

MARÇO DE 1867

Nº 3

A Homeopatia nas Doenças Morais

Pode a homeopatia modificar as disposições morais? Tal é a pergunta que se fazem alguns médicos homeopatas e à qual não hesitam em responder afirmativamente, apoiando-se em fatos. Levando-se em conta a sua extrema gravidade, vamos examiná-la com cuidado, de um ponto de vista que nos parece ter sido negligenciado por aqueles senhores, por mais espiritualistas e mesmo espíritas que sem dúvida o sejam, porque há pouquíssimos médicos homeopatas que não sejam uma ou outra coisa. Mas, para a compreensão de nossas conclusões, algumas explicações preliminares sobre as modificações dos órgãos cerebrais são necessárias, sobretudo para as pessoas estranhas à fisiologia.

Um princípio que a simples razão faz admitir, que a Ciência constata diariamente, é que nada há de inútil na Natureza, que, até nos mais imperceptíveis detalhes, tudo tem um fim, uma razão de ser, uma destinação. Este princípio é particularmente evidente no que respeita ao organismo dos seres vivos.

Em todos os tempos o cérebro foi considerado como o órgão da transmissão do pensamento e a sede das faculdades

intelectuais e morais. Hoje é reconhecido que certas partes do cérebro têm funções especiais e são afetadas por uma ordem particular de pensamentos e de sentimentos, pelo menos no que concerne à generalidade; é assim que se colocam, instintivamente, na parte anterior, as faculdades do domínio da inteligência, e que uma fronte fortemente deprimida e estreitada, é, para todo o mundo, um sinal de inferioridade intelectual. As faculdades afetivas, os sentimentos e as paixões se acham, por isto mesmo, como tendo sua sede em outras partes do cérebro.

Ora, se se considera que os pensamentos e os sentimentos são excessivamente múltiplos, e partindo do princípio de que tudo tem sua destinação e sua utilidade, é permitido concluir que cada feixe fibroso do cérebro não só corresponde a uma faculdade geral distinta, mas que cada fibra corresponde à manifestação de uma das nuanças desta faculdade, como cada corda de um instrumento corresponde a um som particular. É uma hipótese, sem dúvida, mas que tem todos os caracteres da probabilidade, e cuja negação não infirmaria as conseqüências que deduziremos do princípio geral; ela nos ajudará em nossa explicação.

O pensamento é independente do organismo. Não há por que discutir aqui esta questão, nem refutar a opinião materialista, segundo a qual o pensamento é secretado pelo cérebro, como a bile o é pelo fígado, nasce e morre com esse órgão; além de suas funestas conseqüências morais, esta doutrina tem contra si o fato de nada explicar.

Segundo as doutrinas espiritualistas, que são as da imensa maioria dos homens, não podendo a matéria produzir o pensamento, este é um atributo do Espírito, do ser inteligente, que, quando unido ao corpo, serve-se dos órgãos especialmente destinados à sua transmissão, como se serve dos olhos para ver, dos pés para andar. Sobrevivendo o Espírito ao corpo, o pensamento também lhe sobrevive.

Segundo a Doutrina Espírita, não só o Espírito sobrevive, mas *preexiste* ao corpo; não é um ser novo; traz, ao nascer, as idéias, as qualidades e as imperfeições que possuía; assim se explicam as idéias, as aptidões e os pendores inatos. O pensamento é, pois, *preexistente e sobrevivente* ao organismo. Este ponto é capital e é por não o terem reconhecido que tantas questões ficaram insolúveis.

Estando na Natureza todas as faculdades e aptidões, o cérebro encerra os órgãos, ou, pelo menos, o germe dos órgãos necessários à manifestação de todos os pensamentos. A atividade do pensamento do Espírito sobre um ponto determinado impele ao desenvolvimento da fibra ou, se se quiser, do órgão correspondente; se uma faculdade não existir no Espírito, ou se, existindo, deve ficar em estado latente, o órgão correspondente, estando inativo, não se desenvolve ou se atrofia. Se o órgão for atrofiado congenitamente, não podendo manifestar-se a faculdade, o Espírito parece dele privado, embora de fato o possua, desde que lhe é inerente. Enfim, se o órgão, primitivamente em seu estado normal, se deteriora no curso da vida, a faculdade, de brilhante que era, vai perdendo a cor, depois se apaga, mas não se destrói; é apenas um véu que a obscurece.

Conforme os indivíduos, há faculdades, aptidões, tendências que se manifestam desde o começo da vida, enquanto outras se revelam em épocas mais tardias e produzem as mudanças de caráter e de disposições que se notam em certas pessoas. Neste último caso, geralmente não são disposições novas, mas aptidões preexistentes, que dormitam até que uma circunstância as venha estimular e despertar. Pode-se estar certo de que as disposições viciosas, que por vezes se manifestam subitamente e tardiamente, tinham seu germe preexistente nas imperfeições do Espírito, porque este, marchando sempre para o progresso, se for essencialmente bom não pode tornar-se mau, ao passo que de mau pode tornar-se bom.

O desenvolvimento ou o enfraquecimento dos órgãos cerebrais acompanha o movimento que se opera no Espírito. Essas modificações são favorecidas em todas as idades, mas, sobretudo, na juventude, pelo trabalho íntimo de renovação que se opera incessantemente no organismo, da seguinte maneira:

Como se sabe, os principais elementos do organismo são o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono que, por suas múltiplas combinações, formam o sangue, os nervos, os músculos, os humores e as diferentes variedades de substâncias. Pela atividade das funções vitais, as moléculas orgânicas são incessantemente expelidas do corpo pela transpiração, pela exalação e por todas as secreções, de sorte que se não fossem substituídas, o corpo se reduziria e acabaria por definhar. O alimento e a aspiração incessantemente trazem novas moléculas, destinadas a substituir as que se vão, de onde se segue que, num dado tempo, todas as moléculas orgânicas são inteiramente renovadas e, numa certa idade, não existe mais uma só das que formavam o corpo em sua origem. É o caso de uma habitação, da qual se arrancassem as pedras uma a uma, substituindo-as à medida por uma nova pedra da mesma forma e tamanho, e assim por diante, até a última. Ter-se-ia sempre a mesma casa, mas formada de pedras diferentes.

Dá-se o mesmo com o corpo, cujos elementos constitutivos são, conforme os fisiologistas, totalmente renovados de sete em sete anos. As diversas partes do organismo sempre subsistem, mas os materiais são mudados. Dessas mudanças gerais ou parciais nascem as modificações que sobrevêm, com a idade, no estado sanitário de certos órgãos, as variações que sofrem os temperamentos, os gostos, os desejos que influem sobre o caráter.

Nem sempre as aquisições e as perdas estão em perfeito equilíbrio. Se as aquisições superam as perdas, o corpo cresce, aumenta; se se dá o contrário, o corpo diminui. Assim se explicam o crescimento, a obesidade, o emagrecimento, a decrepitude.

A mesma causa produz a expansão ou a interrupção do desenvolvimento dos órgãos cerebrais, conforme as modificações que se operam nas preocupações habituais, nas idéias e no caráter. Se as circunstâncias e as causas que agem diretamente sobre o Espírito, provocando o exercício de uma aptidão ou de uma paixão, forem mantidas em estado de inércia, a atividade que se produz no órgão correspondente aí faz afluir o sangue e, com ele, as moléculas constituintes do órgão, que cresce e toma força em proporção desta atividade. Pela mesma razão, a inatividade da faculdade produz o enfraquecimento do órgão, do mesmo modo que uma atividade muito intensa e persistente também pode levar à sua desorganização ou enfraquecimento, por uma espécie de gasto, tal como acontece com uma corda muito esticada.

As aptidões do Espírito são, pois, sempre uma *causa*, e o estado dos órgãos um *efeito*. Pode suceder, entretanto, que o estado dos órgãos seja modificado por uma causa estranha ao Espírito, tal como doença accidental, influência atmosférica ou climática; então são os órgãos que reagem sobre o Espírito, *não alterando as suas faculdades*, mas perturbando a sua *manifestação*.

Um efeito semelhante pode resultar das substâncias ingeridas no estômago, como alimentos ou medicamentos. Essas substâncias aí se decompõem, e os princípios essenciais que encerram, misturados ao sangue, são levados, pela corrente da circulação, a todas as partes do corpo. É reconhecido pela experiência que os princípios ativos de certas substâncias são levados mais particularmente a tal ou qual víscera: o coração, o fígado, os pulmões, etc., e aí produzem efeitos reparadores ou deletérios, conforme sua natureza e propriedades especiais. Algumas, agindo desta maneira sobre o cérebro, podem exercer sobre o conjunto, ou sobre partes determinadas, uma ação estimulante ou estupefaciente, conforme a dose e o temperamento, por exemplo, as bebidas alcoólicas, o ópio e outras.

Nós nos estendemos um pouco sobre os detalhes que precedem, a fim de dar a compreender o princípio sobre o qual pode apoiar-se, com aparência de lógica, a teoria das modificações do estado moral por meios terapêuticos. Esse princípio é o da ação direta de uma substância sobre uma parte do organismo cerebral, tendo por função especial servir à manifestação de uma faculdade, de um sentimento ou de uma paixão, porque não pode vir ao pensamento de ninguém que tal substância possa agir sobre o Espírito.

Admitido, pois, que o princípio das faculdades esteja no Espírito, e não na matéria, suponhamos que se reconheça numa substância a propriedade de modificar as disposições morais, neutralizar uma inclinação má: isto só poderia ser por sua ação sobre o órgão correspondente a essa inclinação, ação que teria por efeito interromper o desenvolvimento desse órgão, atrofiá-lo ou paralisá-lo, se for desenvolvido. Torna-se evidente que, neste caso, não se suprime a inclinação, mas a sua manifestação, absolutamente como se ao músico se tirasse o seu instrumento.

Provavelmente são efeitos desta natureza que certos homeopatas observaram, e que os levaram a crer na possibilidade de corrigir, com o auxílio de medicamentos apropriados, vícios tais como o ciúme, o ódio, o orgulho, a cólera, etc. Uma tal doutrina, se verdadeira, seria a negação de toda responsabilidade moral, a sanção do materialismo, porque, então, a causa de nossas imperfeições estaria só na matéria; a educação moral se reduziria a um tratamento médico; o pior homem poderia tornar-se bom sem grandes esforços, e a Humanidade poderia ser regenerada com o auxílio de algumas pílulas.⁶ Se, ao contrário, como não padece

6 N. do T.: É perfeitamente lógico este raciocínio de Allan Kardec, considerando-se o estado em que se achava a ciência médica do seu tempo. Então não se dispunham dos avanços conquistados no campo da farmacologia, da bioquímica, da genética, da biologia e da engenharia moleculares, que permitiram a síntese de medicamentos de real valor, hoje usados com sucesso nos distúrbios mentais. Embora não curem a doença em si, cujo substrato está no Espírito imortal, é

dúvida, as imperfeições forem inerentes à própria inferioridade do Espírito, não se o melhorará pela modificação de seu invólucro carnal, como não se endireitaria um corcunda, dissimulando sua deformidade sob os tecidos de suas roupas.

Contudo, não duvidamos que tais resultados sejam obtidos em alguns casos particulares, porquanto, para afirmar um fato tão grave, é preciso ter observado; mas estamos convictos de que se enganaram com a causa e o efeito. Por sua natureza etérea os medicamentos homeopáticos têm uma ação de certa forma molecular; sem dúvida podem agir, mais que outros, sobre certas partes elementares e fluídicas dos órgãos e lhes modificar a constituição íntima. Se, pois, como é racional admitir, todos os sentimentos da alma têm sua fibra cerebral correspondente para a sua manifestação, um medicamento que agisse sobre essa fibra, quer para a paralisar, quer para exaltar sua sensibilidade, paralisaria ou exaltaria, por isso mesmo, a *expressão* do sentimento, do qual fosse instrumento, mas o sentimento não deixaria de subsistir. O indivíduo estaria na posição de um assassino a quem se tirasse a possibilidade de cometer homicídios, cortando-lhe os braços, mas que conservasse o desejo de matar. Seria, pois, um paliativo, mas não um remédio curativo. Não se pode agir sobre o ser espiritual senão por meios espirituais; a utilidade dos meios materiais, se fosse constatado o efeito acima, talvez fosse de dominar mais facilmente o Espírito, de o tornar mais flexível, mais dócil e mais acessível às influências morais; mas nos embalaríamos em ilusões se esperássemos de uma medicação qualquer um resultado definitivo e duradouro.

Seria completamente diferente se se tratasse de ajudar a manifestação de uma faculdade existente. Suponhamos um

inegável que trazem certo alívio às partes lesadas, ou supostas como tais, alcançando, quem sabe, o próprio perispírito, e *propiciando uma trégua* ao doente, seguida de visível melhora, a fim de que a sua reforma moral, esta sim, e os recursos da prece e da fluidoterapia possam operar a cura definitiva, na atual ou no curso de outras existências.

Espírito inteligente encarnado, não tendo ao seu serviço senão um cérebro atrofiado e não podendo, por conseguinte, manifestar suas idéias: será para nós um idiota. Admitindo, o que julgamos possível à homeopatia, mais do que a qualquer outro gênero de medicação, que se possa dar mais flexibilidade e sensibilidade às fibras cerebrais, o Espírito manifestaria seu pensamento, como um mudo, ao qual se tivesse desatado a língua. Mas se o Espírito fosse idiota por si mesmo, ainda que tivesse ao seu serviço o cérebro do maior gênio, nem por isso seria menos idiota. Não podendo um medicamento qualquer agir sobre o Espírito, não lhe poderia dar o que não tem, nem tirar o que tem; mas agindo sobre o órgão da transmissão do pensamento, pode facilitar essa transmissão sem que, por isto, nada seja mudado no estado do Espírito. O que é difícil, o mais das vezes mesmo impossível no idiota de nascença, porque há interrupção completa e quase sempre geral do desenvolvimento nos órgãos, torna-se possível quando a alteração é accidental e parcial. Neste caso, não é o Espírito que se aperfeiçoa, são os meios de comunicação.

Exploração das Idéias Espíritas

A PROPÓSITO DA APRECIÇÃO CRÍTICA DE *MIRETA*

Vários jornais referiram-se com elogios ao romance *Mireta*, do qual falamos na *Revista* de fevereiro de 1867. Só podemos cumprimentar os jornalistas, que não se detiveram ante as idéias contidas nessa obra, embora contrárias às suas convicções. É um progresso, porque tempo houve em que o simples colorido espírita teria sido motivo de reprovação. Viu-se com que parcimônia e embaraço os próprios amigos de Théophile Gautier falaram de seu romance *Espírita*. É verdade que, fora do que toca o mundo espiritual, o caráter essencialmente moral de *Mireta* pouco se prestava à zombaria. Por mais céptico que se seja, não se ri daquilo cuja conseqüência é o bem.

A crítica fixou-se principalmente neste ponto: Por que misturar o sobrenatural neste simples relato? Era útil à ação apoiar-se em casos de visões e aparições? Que necessidade tinha o autor de transportar os seus heróis para o mundo *imaginário* da vida espiritual, para chegar à realização da reparação decretada pela Providência? Não temos milhares de histórias edificantes sem o emprego de semelhantes recursos?

Certamente isto não era necessário. Mas diremos a esses senhores: Se o Sr. Sauvage tivesse feito um romance católico, far-lhe-íeis, por mais cépticos que fôsseis, uma censura por empregar como recurso da ação o inferno, o paraíso, os anjos, os demônios e todos os símbolos da fé? Por fazer intervirem os deuses, as deusas, o Olimpo e o Tártaro num romance pagão? Por que, então, achar mau que um escritor, espírita ou não, utilize os elementos oferecidos pelo Espiritismo, que é uma crença como qualquer outra, tendo seu lugar ao sol, se esta crença se presta ao assunto? Com menos forte razão pode ser censurado se, em sua convicção, aí vê um meio providencial para chegar ao castigo dos culpados e à recompensa dos bons.

Se, pois, no pensamento do escritor, essas crenças são verdadeiras, por que não as exporia num romance, tanto quanto numa obra filosófica? Mas há mais: é que, como temos dito muitas vezes, estas mesmas crenças abrem à literatura e às artes um campo vasto e novo de exploração, onde colherão a mancheias quadros comoventes e as mais interessantes situações. Vede o partido que tirou Barbara, por mais incrédulo que fosse, em seu romance *O Assassinato da Ponte Vermelha* (Revista de janeiro de 1867). Apenas, como aconteceu com a arte cristã, os que tiverem fé lhes tirarão melhor proveito; aí encontrarão motivos de inspiração, que jamais terão os que só fazem obras de fantasia.

As idéias espíritas estão no ar; como se sabe, abundam na literatura atual; os mais cépticos escritores a elas recorrem sem

o suspeitar, impelidos pela força mesma do raciocínio, a empregá-las como explicações ou meios de ação. É assim que, muito recentemente, o Sr. Ponson du Terrail, que mais de uma vez divertiu-se à custa do Espiritismo e de seus adeptos, num romance-folhetim intitulado *Mon Village*, publicado no *Moniteur* da tarde (7 de janeiro de 1867), assim se exprime:

“Estas duas crianças já se amam e talvez jamais ousassem dizê-lo.

“Por vezes o amor é instantâneo e facilmente levaria a crer na transmissão das almas e na *pluralidade das existências*. Quem sabe? Estas duas almas, que palpitam ao primeiro contato e que, há pouco, se julgavam desconhecidas uma da outra, *outrora não foram irmãs?*”

“E, quando chegavam na Grand’Rue de Saint-Florentin, cruzaram com um homem que andava muito depressa e que, à sua vista, experimentou uma espécie de comoção elétrica. Esse homem era Mulot, que saía do café Universo. Mas o Sr. Anatole e Mignonne não o viram. Recolhidos e silenciosos, vivendo por assim dizer em si mesmos, *sem dúvida suas almas estavam longe desta terra que pisavam.*”

Então o autor viu no mundo situações semelhantes às que acaba de descrever, e que são um problema para o moralista; não encontra solução lógica senão admitindo que essas duas almas encarnadas, solicitadas uma para a outra por irresistível atração, podiam ter sido irmãs em outra existência. Onde colheu este pensamento? Por certo não foi nas obras espíritas, que provavelmente não leu, como o provam os erros cometidos toda vez que falou da doutrina. Colheu-a nessa corrente de idéias que atravessam o mundo, às quais nem mesmo os incrédulos podem escapar, e que de boa-fé julgam tirar do próprio íntimo. Mesmo combatendo o Espiritismo, trabalham sem o querer para acreditar

os seus princípios. Pouco importa a via pela qual esses princípios se infiltram; mais tarde reconhecerão que só lhe falta o nome.

Sob o título de *Conto de Natal*, o *Avenir National* de 26 de dezembro de 1866 publicava um artigo do Sr. Taxile Delort, escritor muito pouco espírita, como se sabe, no qual o autor supõe um jornalista sentado, na véspera do Natal, ao pé do fogo, perguntando em que se havia tornado a Boa Nova que os anjos, em tal dia, tinham vindo anunciar ao mundo há dois mil anos. Como se entregasse às suas reflexões, o jornalista ouviu uma voz firme e doce, que lhe dizia:

“Eu sou o Espírito; o da Revolução; o Espírito que fortifica os indivíduos e os povos; trabalhadores, de pé! o passado ainda conserva um sopro de vida e desafia o futuro. O progresso, mentira ou utopia! vos gritam; não escuteis estas vozes enganosas; para tomar forças e marchar para frente, olhai um momento para trás de vós.

“O progresso é invencível; ele se serve até dos que lhe resistem para avançar.”

Não acompanharemos o jornalista e o Espírito no diálogo que se estabeleceu entre eles, e no qual este último desdobra o futuro, porque marcham num terreno que nos é interdito; apenas faremos notar que recurso emprega o autor para chegar aos seus fins. Aos seus olhos esse recurso é pura fantasia, mas não nos surpreenderíamos se um verdadeiro Espírito lhe tivesse soprado a frase acima, que sublinhamos.

Neste momento representam no teatro *Ambigüidade* um drama dos mais comoventes, intitulado *Maxwel*, pelo Sr. Jules Barbier. Eis, em duas palavras, o nó da intriga.

Um pobre tecelão, chamado Buttler, é acusado do assassinato de um gentil-homem, e todas as aparências são de tal

modo contra ele que é condenado pelo juiz Maxwel a ser enforcado. Só um homem poderia justificá-lo, mas não se sabe que fim levou. Entretanto, a mulher do tecelão, num acesso de sono sonambúlico, viu esse homem e o descreveu; então poderiam encontrá-lo. Um bom e sábio médico, que acredita no sonambulismo, amigo do juiz Maxwel, vem informá-lo desse incidente, a fim de obter um sursis para a execução. Mas Maxwel, céptico quanto a essas faculdades, que considera sobrenaturais, mantém a sentença e se dá a execução. Algumas semanas depois o homem reaparece e conta o que se passou. A inocência do condenado é demonstrada e a visão da sonâmbula confirmada.

Contudo, o verdadeiro assassino permaneceu desconhecido. Passaram-se quinze anos, durante os quais se sucederam vários incidentes. O juiz, acabrunhado de remorsos, dedica a vida à procura do culpado. A viúva de Butler, que se expatriou levando a filha, morreu na miséria. Mais tarde a filha se torna cortesã da moda, sob outro nome. Uma circunstância fortuita lhe põe nas mãos o cutelo usado pelo assassino; como sua mãe, cai em sonambulismo e esse objeto, como fio condutor, levando-a ao passado, ela conta todas as peripécias do crime e revela o verdadeiro culpado, que não é outro senão o próprio irmão do juiz Maxwel.

Não é a primeira vez que o sonambulismo foi posto em cena; mas o que distingue o drama novo é que é representado sob uma luz eminentemente séria e prática, sem qualquer mistura do maravilhoso e em suas conseqüências mais graves, pois serve de meio de protesto contra a pena de morte. Provando que o que o homem não pode ver com os olhos do corpo não está oculto aos da alma, é demonstrar a existência da alma e sua ação independente da matéria. Do sonambulismo ao Espiritismo a distância não é grande, pois se explicam, se demonstram e se completam um pelo outro; tudo o que tende a propagar um, tende igualmente a propagar o outro. Os Espíritos não se enganaram quando

anunciaram que a idéia espírita surgiria por todos os meios. A dupla vista e a pluralidade das existências, confirmadas pelos fatos e acreditadas por inúmeras publicações, entram cada dia mais nas crenças e não mais surpreendem: são duas portas abertas de par em par ao Espiritismo.

Robinson Crusóé Espírita

Quem suspeitaria que o inocente livro de Robinson fosse marcado pelos princípios do Espiritismo, e que a juventude, em cujas mãos o põem sem desconfiança, aí pudesse colher a doutrina malsã da existência dos Espíritos? Nós mesmos o ignoraríamos ainda, se um dos nossos assinantes não nos tivesse assinalado as passagens seguintes, que se acham nas edições completas, mas não nas edições resumidas.

Esta obra, na qual se viram principalmente aventuras curiosas, próprias para divertir as crianças, é marcada por uma alta filosofia moral e um profundo sentimento religioso.

Lê-se na página 161 (edição ilustrada por Granville):

“Esses pensamentos me inspiraram uma tristeza que durou bastante, mas, enfim, tomaram outra direção; senti quanto devia de reconhecimento ao céu, que me impedira de entregar-me a um perigo, cuja existência eu ignorava. O caso fez nascer em mim uma reflexão, que já me tinha vindo algumas vezes, desde que havia reconhecido quanto, em todos os perigos da vida, a Providência mostra sua bondade por disposições cuja finalidade não compreendemos. Com efeito, muitas vezes saímos dos maiores perigos por vias maravilhosas; muitas vezes um *impulso secreto* nos decide de repente, num momento de grave incerteza, a tomar tal caminho e não outro, que nos teria conduzido à nossa perda.

“Tomei como lei jamais resistir a essas *vozes misteriosas*, que nos convidam a tomar tal partido, a fazer ou não fazer tal coisa, embora nenhuma razão apóie esse impulso secreto. Eu poderia citar mais de um exemplo, onde o acatamento a semelhantes avisos teve pleno sucesso, sobretudo na última parte de minha estada nessa ilha infeliz, sem contar muitas outras ocasiões que me devem ter escapado e às quais eu *teria prestado atenção, se desde logo meus olhos se tivessem aberto sobre este ponto*. Mas nunca é tarde demais para ser prudente, e aconselho a todos os homens refletidos, cuja existência, como a minha, estivesse submetida a acidentes extraordinários, mesmo às vicissitudes mais comuns, a jamais negligenciarem *esses avisos íntimos da Providência, seja qual for a inteligência invisível que no-os transmite*.”

Na página 284:

“Muitas vezes tinha ouvido pessoas muito sensatas dizerem que tudo o que se conta dos fantasmas e das aparições se explica pela força da imaginação; que jamais um Espírito apareceu a quem quer que fosse; mas que, pensando assiduamente nos que perdemos, eles se tornam de tal modo presentes ao pensamento que, em certas circunstâncias, julgamos vê-los, falar-lhes, ouvir suas respostas, e que tudo isto não passa de uma ilusão, uma sombra, uma lembrança.

“Por mim, não posso dizer se atualmente existem *aparições verdadeiras*, espectros, *pessoas mortas que vêm errar pelo mundo*, ou se as histórias que contam sobre tais fatos se fundam apenas em visões de cérebros doentes, de imaginações exaltadas e desordenadas; mas sei que a minha chegou a tal ponto de excitação, lançou-me em tal excesso de vapores fantásticos – não importa que nome lhe queiram dar – que por vezes julgava estar em minha ilha, em meu velho castelo nos confins da mata; via meu Espanhol, o pai de Sexta-feira e os marinheiros condenados que eu tinha deixado nessas paragens; julgava mesmo conversar com eles, e embora bem desperto, olhava-os fixamente, como se estivessem em minha

frente. Isto aconteceu muitas vezes para me amedrontar. Uma vez, em meu sonho, o primeiro Espanhol e o velho selvagem me contaram, em termos tão naturais e tão enérgicos as maldades dos três marinheiros piratas, o que de fato surpreendia. Disseram-me como esses homens perversos tinham tentado assassinar os espanhóis, e como em seguida tinham queimado todas as suas provisões, com a intenção de os fazer morrer de fome. E este fato, *que então eu não podia saber, e que era verdadeiro*, foi-me mostrado tão claramente por minha imaginação, que fiquei convencido de sua realidade. Acreditei-o mesmo na continuação desse sonho. Escutei as queixas do Espanhol com profunda emoção; fiz vir os três culpados diante de mim e os condenei à forca. Ver-se-á, em seu lugar, o que havia de exato no sonho. Mas como tais fatos me foram revelados? *Por que secreta comunicação dos Espíritos invisíveis* me tinham eles trazido? É o que não posso explicar. Nem tudo era literalmente certo; mas os pontos principais eram conforme à realidade, e a conduta infame desses três celerados endurecidos tinha ido além do que se podia supor. Meu sonho, a esse respeito, tinha muita semelhança com os fatos. Além disso, quando me achei na ilha, quis puni-los muito severamente; e se os tivesse mandado enforcar, eu teria sido justificado pelas leis divinas e humanas.”

Na página 289:

“Nada demonstra mais claramente a realidade de uma vida futura e *de um mundo invisível* que o concurso de causas secundárias com certas idéias que formamos interiormente, sem ter recebido nem dado a seu respeito nenhuma comunicação humana.”

Tolerância e Caridade

CARTA DO NOVO ARCEBISPO DE ARGEL⁷

O *Vérité* de Lyon, de 17 de fevereiro, publica a seguinte carta, que monsenhor Lavigerie, bispo de Nancy, nomeado

⁷ Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 527.

arcebispo de Argel, escreveu ao Sr. Prefeito daquela cidade, em 15 de janeiro último:

“Senhor Prefeito,

“Acabo de saber, pelo *Moniteur*, da notícia oficial de minha promoção ao arcebispado de Argel e, embora não possa exercer nenhum ato de meu ministério na diocese, sem primeiro ter recebido a missão e a instituição da Santa-Sé, não posso ficar insensível aos acentos dolorosos que repercutem em toda a França e que nos chegam do pé do Atlas. A administração municipal de Argel tomou a generosa iniciativa de uma subscrição pública para as vítimas do último terremoto. Permitti-me que envie meu óbolo por vosso intermédio. Encontrareis anexa a soma de mil francos: é tudo que minha pobreza me permite fazer, mas esse pouco pelo menos o faço com todo o coração.

“Desejo que esta soma seja distribuída igualmente e sem distinção de raças nem de cultos, entre todos os que foram atingidos pelo flagelo. Se, mais tarde, nem todos devem reconhecer-me por pai, eu reclamo o privilégio de os amar igualmente como meus filhos. Tomei por divisa de minhas armas episcopais uma só palavra: caridade! e a caridade não conhece gregos, nem bárbaros, nem infieis, nem israelitas; assim como fala o apóstolo São Paulo, ela não vê em todos os homens senão a imagem viva de Deus! Possa eu, se ele me chamar logo ao vosso meio, dar a todos, por meus atos e palavras, o exemplo e o amor desta virtude, que prepara todas as outras.

“Dignai-vos aceitar, Senhor Prefeito, a expressão dos sentimentos de respeitoso devotamento com os quais tenho a honra de ser vosso humilde e obediente servo.”

Charles,

Bispo de Nancy, nomeado arcebispo de Argel

O novo arcebispo de Argel se anuncia por um ato de beneficência que é uma digna introdução. Mas o que ainda vale mais, o que sobretudo será apreciado, são os princípios de tolerância pelos quais inaugura sua administração. Em vez do anátema, é a caridade que confunde todos os homens num mesmo sentimento de amor, sem distinção de crença, porque todos são a viva imagem de Deus. Eis aí verdadeiras palavras evangélicas. Não fala dos espíritas, contra os quais seu predecessor havia lançado todos os raios da maldição (Vide a *Revista* de novembro de 1863). Mas é provável que se sua tolerância se estende aos judeus e aos infiéis, não pode fazer exceção para os que, de conformidade com as palavras do Cristo, inscrevem em sua bandeira: Fora da caridade não há salvação.

Lincoln e seu Assassino

EXTRAÍDO DO *BANNER OF LIGHT*, DE BOSTON

(Análise de uma comunicação de Abraão Lincoln por um médium de Ravenswood)

Quando Lincoln voltou de seu atordoamento e despertou no mundo dos Espíritos, ficou muito surpreendido e perturbado, porque não fazia a menor idéia de que estivesse morto. O golpe que o feriu suspendeu instantaneamente toda sensação, e ele não compreendeu o que lhe havia acontecido. Esta confusão e esta perturbação, contudo, não duraram muito. Ele era bastante espiritualista para compreender o que é a morte e, como muitos outros, não ficou admirado da nova existência para a qual fora transportado. Viu-se cercado por muitas pessoas, que sabia mortas há bastante tempo, e logo soube a causa de sua morte. Foi recebido cordialmente por muita gente por quem tinha simpatia. Compreendeu sua afeição por ele e, num olhar, pôde abarcar o mundo ditoso no qual havia entrado.

“No mesmo instante experimentou um sentimento de angústia pela dor por que devia passar sua família, e uma grande ansiedade a propósito das conseqüências que sua morte poderia acarretar ao país. Esses pensamentos o trouxeram violentamente à Terra.

“Tendo sabido que William Booth estava mortalmente ferido, veio a ele e curvou-se sobre seu leito de morte. Nesse momento, Lincoln tinha recobrado a perfeita consciência e a tranqüilidade de seu Espírito, e esperou com calma o despertar de Booth para a vida espiritual.

“Booth não ficou espantado ao despertar, porque esperava a morte. O primeiro Espírito que encontrou foi Lincoln; olhou-o com muita petulância, como se se glorificasse do ato que havia cometido. O sentimento de Lincoln a seu respeito, entretanto, não respirava nenhuma idéia de vingança, muito ao contrário; este se mostrou suave e bom e sem a mais leve animosidade. Booth não pôde suportar este estado de coisas, e o deixou cheio de emoção.

“O ato que ele cometeu teve vários motivos; primeiro, sua falta de raciocínio, que o fazia considerar esse ato como meritório e, depois, seu amor desregrado aos louvores que o tinham convencido de que seria cumulado de elogios e olhado como um mártir.

“Depois de ter vagado, sentiu-se de novo atraído para Lincoln. Às vezes enchia-se de arrependimento, outras vezes seu orgulho o impedia de emendar-se. Entretanto compreendia quanto seu orgulho era vão, sabendo sobretudo que não podia esconder, como em vida, nenhum dos sentimentos que o agitavam, e que seus pensamentos de orgulho, de vergonha ou de remorso são conhecidos dos que o cercam. Sempre em presença de sua vítima, e dela não recebendo senão marcas de bondade, eis o seu estado atual e a sua punição. Quanto a Lincoln, sua felicidade ultrapassa o que poderia ter esperado.”

Observação – A situação desses dois Espíritos é, em todos os pontos, conforme àquela que diariamente vemos exemplos nos relatos de além-túmulo. Ela é perfeitamente racional e em relação com o caráter dos dois indivíduos.

Poesia Espírita

A BERNARD PALISSY

Quando sobre o futuro incerto e flutuante,
 Duvidava pra mim dessa imortalidade,
 Vieste em meu socorro, e tua mão vibrante
 A venda retirou-me da incredulidade;
 Dize-me donde vem a doce simpatia
 Que te fazia vir da celeste morada?
 De uma vida passada a lembrança seria
 De um fraternal amor que em teu ser dera entrada?
 Caro Espírito, sim, pois que noutra existência
 Fostes talvez meu guia, apoio e protetor.
 Mas interrogo em vão: Deus, por providência
 Dos olhos meus tirou da lembrança o vigor
 Até o tempo em que a tua esfera então verei,
 Onde o meu ser a ti poderá se elevar!
 Mas se a esta Terra triste eu voltar deverei,
 Bem-amado Bernard, pensa sempre em mim.

Srta. L. O. Lieutaud, de Rouen

A Liga do Ensino

Vários de nossos correspondentes se admiraram por ainda não termos falado da associação designada sob o título de *Liga do Ensino*. Por seu caráter progressivo, esse progresso parece-lhes merecer as simpatias do Espiritismo; entretanto, antes de nele participar, desejariam ter a nossa opinião. Agradecendo-lhes esse novo testemunho de confiança, repetiremos o que lhes temos dito

muitas vezes, a saber: que jamais tivemos a pretensão de cercear a liberdade de ninguém, nem de impor nossas idéias a quem quer que seja, nem as considerando como devendo fazer lei. Guardando silêncio, quisemos não prejudicar a questão e deixar a cada um a mais inteira liberdade. Quanto ao motivo de nossa abstenção pessoal, não temos nenhuma razão de o calar e, já que desejam conhecê-lo, di-lo-emos francamente.

Nossa simpatia, como a de todos os espíritas, está naturalmente garantida a todas as idéias progressivas, a todas as instituições que tendem a propagá-las; mas ainda é necessário que tal simpatia tenha um objetivo determinado. Ora, até o presente a Liga do Ensino não nos oferece senão um *título*, sedutor é verdade, mas nenhum programa definido, nenhum plano traçado, nenhum objetivo preciso. Esse título tem, mesmo, o inconveniente de ser tão elástico que poderia prestar-se a combinações *muito divergentes* em suas tendências e em seus resultados. Cada um pode entendê-lo como quiser e, sem dúvida, imaginar, por antecipação, um plano conforme à sua maneira de ver; poderia, então, acontecer que, quando estivesse em execução, a coisa não correspondesse à idéia que certas pessoas tinham feito. Daí as inevitáveis defecções.

Mas, dizem, nada se arrisca, já que são os próprios subscritores que regularão o emprego dos fundos. — Razão a mais para que não se entendam e, nesse conflito de opiniões e de vistas diversas, forçosamente haverá decepções.

Ao contrário, com um objetivo bem definido, um plano claramente traçado, sabe-se em que se compromete, ou, pelo menos, se se adere a uma coisa praticável ou a uma utopia; pode-se apreciar a sinceridade da intenção, o valor da idéia, a combinação mais ou menos feliz das engrenagens, as garantias de estabilidade, e calcular as chances de êxito ou de insucesso. Ora, no caso, esta apreciação não é possível, porque a idéia fundamental é cercada de mistérios e deve ser aceita sob palavra como boa. Queremos

mesmo acreditá-la perfeita, nós a desejamos sinceramente, e quando o bem que dela deve sair nos for demonstrado e, sobretudo, quando lhe virmos o lado *prático*, nós o aplaudiremos de coração; mas, antes de dar a nossa adesão seja ao que for, queremos fazê-lo com conhecimento de causa; temos de ver muito claro em tudo o que fazemos e saber onde pomos o pé. No estado das coisas, não tendo os elementos necessários para louvar ou censurar, reservamos o nosso julgamento.

Esta maneira de ver é inteiramente pessoal e não deve induzir os que se julgam suficientemente esclarecidos.

Dissertações Espíritas

COMUNICAÇÃO COLETIVA

(Sociedade de Paris, 1º de novembro de 1866 – Médium: Sr. Bertrand)

Como de hábito, estando a Sociedade reunida em 1º de novembro para a comemoração dos mortos, foram recebidas muitas comunicações, entre as quais sobretudo uma se distinguiu por sua feitura completamente nova, e que consiste numa série de pensamentos avulsos, cada um assinado por um nome diferente, que se encadeiam e se completam uns pelos outros. Eis esta comunicação:

Meus amigos, quantos Espíritos em torno de vós, que gostariam de comunicar-se e dizer o quanto vos amam! E como seríeis felizes se o nome de todos os que vos são caros fosse pronunciado à mesa dos médiuns! Que felicidade! que alegria para cada um de vós, se vosso pai, vossa mãe, vosso irmão, vossa irmã, vossos filhos e vossos amigos viessem falar convosco! Mas compreendeis que é impossível sejais todos satisfeitos: o número de médiuns não é suficiente. Mas o que não é impossível é que um Espírito, em nome de todos os vossos parentes e amigos, venha

dizer-vos: Obrigado por vossa boa lembrança e por vossas fervorosas preces; coragem! tende esperança de que um dia, depois da vossa libertação, viremos todos vos estender a mão. Ficai certos de que o que vos ensina o Espiritismo é o eco das leis do Todo-Poderoso; pelo amor tornai-vos todos irmãos, e aliviareis o fardo pesado que carregais.

Agora, caros amigos, todos os vossos Espíritos protetores virão trazer-vos o seu pensamento. Tu, médium, escuta e deixa teu lápis seguir suas idéias.

A Medicina faz o que fazem os lagostins espantados.

Dr. Demeure

Porque o magnetismo progride e, progredindo, esmaga a medicina atual, para a substituir proximamente.

Mesmer

A guerra é um duelo que só cessará quando os combatentes tiverem forças iguais.

Napoleão

Forças iguais material e moralmente.

General Bertrand

A igualdade moral reinará quando o orgulho for destituído.

General Brune

As revoluções são abusos que destroem outros abusos.

Luis XVI

Mas esses abusos fazem nascer a liberdade.

(Sem nome)

Para serem iguais é preciso que sejam irmãos. Sem fraternidade, nenhuma igualdade e nenhuma liberdade.

Lafayette

A Ciência é o progresso da inteligência.

Newton

Mas o que lhe é preferível é o progresso moral.

Jean Reynaud

A Ciência ficará estacionária até que a moral a tenha atingido.

François Arago

Para desenvolver a moral é preciso, antes, extirpar o vício.

Béranger

Para extirpar o vício é preciso desmascará-lo.

Eugène Sue

É o que todos os Espíritos fortes e superiores procuram fazer.

François Arago

Três coisas devem progredir: a música, a poesia, a pintura. A música transporta a alma ferindo o ouvido.

Meyerbeer

A poesia transporta a alma abrindo o coração.

Casimir Delavigne

A pintura transporta a alma afagando os olhos.

Flandrin

Portanto a poesia, a música e a pintura são irmãs e se dão as mãos; uma para adoçar o coração, a outra para abrandar os costumes e a última para abrir a alma; as três para vos elevar ao Criador.

Alfred de Musset

Mas nada, nada deve progredir mais momentaneamente do que a filosofia; ela deve dar um passo imenso, deixando estacionar a Ciência e as artes, mas para as elevar tão alto, quando for tempo, porque essa elevação seria muito súbita para vós hoje.

Em nome de todos,

São Luís

No dia 6 de dezembro o Sr. Bertrand recebeu, no grupo do Sr. Desliens, uma comunicação do mesmo gênero, que, de certo modo, é continuação da precedente:

O amor é uma lira cujas vibrações são acordes divinos.

Heloísa

O amor tem três cordas em sua lira: a emanção divina, a poesia e o canto; se faltar uma delas, os acordes serão imperfeitos.

Abelardo

O amor verdadeiro é harmonioso; suas harmonias inebriam o coração, elevando a alma. A paixão afoga os acordes, rebaixando a alma.

Bernardin de Saint-Pierre

Era o amor que Diógenes buscava, procurando um homem... que veio alguns séculos mais tarde, e que o ódio, o orgulho e a hipocrisia crucificaram.

Sócrates

Os sábios da Grécia por vezes o foram mais nos escritos e nas palavras que em sua pessoa.

Platão

Ser sábio é amar; busquemos, pois, o amor pelo caminho da sabedoria.

Fénelon

Não sabeis ser sábios se não souberdes vos elevar acima da maldade dos homens.

Voltaire

Sábio é aquele que não acredita sê-lo.

Corneille

Quem se julga pequeno é grande; quem se julga grande é pequeno.

Lafontaine

O sábio julga-se ignorante e quem se julga sábio é ignorante.

Esopo

A humildade ainda se crê orgulhosa e quem se crê humilde não o é.

Racine

Não confundais com os humildes os que dizem, por falsa modéstia, ou por interesse, o contrário do que são. Erraríeis. No caso a verdade silencia.

Bonnefond

O gênio se possui por inspiração e não se adquire; Deus quer que as maiores coisas sejam descobertas ou inventadas por seres sem instrução, a fim de paralisar o orgulho, tornando o homem solidário do homem.

François Arago

Só tratam de loucos aqueles cujas idéias não são chanceladas pela autoridade da Ciência; é assim que os que julgam tudo saber, rejeitam os pensamentos de gênio dos que nada sabem.

Béranger

A crítica é o estimulante do estudo, mas é a paralisação do gênio.

Molière

A ciência aprendida não passa de um esboço da ciência inata; não se torna inteligência senão na nova encarnação.

J.-J. Rousseau

A encarnação é o sono da alma; as peripécias da vida são os seus sonhos.

Balzac

Às vezes a vida é horróroso pesadelo para o Espírito e muitas vezes custa a terminar.

La Rochefoucault

Aí está sua prova; se resiste, dá um passo para o progresso; senão entrava o caminho que deve conduzir ao porto.

Martin

Ao despertar da alma que saiu vitoriosa das lutas terrenas, o Espírito está maior e mais elevado; se sucumbir, encontra-se tal qual estava.

Pascal

É renegar o progresso querer que a língua seja emblema da imutabilidade de uma doutrina religiosa; além disso, é forçar o homem a orar mais com os lábios que com o coração.

Descartes

A imutabilidade não reside na forma das palavras, mas sobretudo no verbo do pensamento.

Lamennais

Jesus dizia aos seus apóstolos que fossem pregar o Evangelho em sua língua, e que todos os povos os compreenderiam.

Lacordaire

A fé desinteressada faz milagres.

Boileau

A doutrina de Jesus não se sente nem se compreende senão pelo coração; assim, seja qual for a maneira por que a falam, ela é sempre o amor e a caridade.

Bossuet

As preces ditas ou escritas que não se compreende, deixam vagar o pensamento, permitindo que os olhos se distraiam pelo fausto das cerimônias.

Massillon

Tudo mudará, sem, contudo, voltar à simplicidade de outrora, o que seria a negação do progresso. As coisas se farão sem fausto e sem orgulho.

Sibour

O amor triunfará e, com ele, virão a sabedoria, a caridade, a prudência, a força, a Ciência, a humildade, a calma, a justiça, o gênio, a tolerância, o entusiasmo e a glória majestosa e divina esmagará, por seu esplendor, o orgulho, a inveja, a hipocrisia, a maldade e o ciúme, que arrastam no seu séqüito a preguiça, a gula e a luxúria.

Eugène Sue

O amor reinará; e, para que não tarde, é preciso, como Dionísio, tomar com uma mão o facho do Espiritismo e mostrar aos humanos os vermes roedores que formam a chaga em sua alma.

São Luís

Observação – Este gênero de comunicação levanta uma questão importante. Como os fluidos de tão grande número de Espíritos podem assimilar-se quase instantaneamente com o fluido

do médium, para lhe transmitir seu pensamento, quando muitas vezes essa assimilação é difícil da parte de um único Espírito, e geralmente não se estabelece senão com o tempo?

O guia espiritual do médium parece tê-lo previsto, porque dois dias depois lhe deu, espontaneamente, a seguinte explicação:

“A comunicação que recebestes no dia de Todos os Santos, assim como a última, que é o seu complemento, embora haja nomes repetidos, foram obtidas da seguinte maneira: como sou teu Espírito protetor, meu fluido é similar ao teu. Coloquei-me acima de ti, transmitindo-te o mais exatamente possível os pensamentos e os nomes dos Espíritos que desejavam manifestar-se. Eles formaram em torno de mim uma assembléia cujos membros ditavam, alternadamente, os pensamentos que eu te transmitia. Isto foi espontâneo e o que naquele dia tornava as comunicações mais fáceis é que os Espíritos presentes tinham *saturado* o apartamento com seus fluidos.

“Quando um Espírito se comunica a um médium, fá-lo com tanto mais facilidade quanto melhor estabelecidas entre eles as relações fluídicas, sem o que o Espírito é obrigado, para comunicar seu fluido ao médium, a estabelecer uma espécie de corrente magnética, que alcança o cérebro deste último; e se o Espírito, em razão de sua inferioridade, ou por qualquer outra causa, não pode estabelecer esta corrente, recorre à assistência do guia do médium, e as relações se estabelecem como acabo de indicar.”

Slener

Uma outra pergunta é esta: No número destes Espíritos não há alguns encarnados neste e em outros mundos e, neste caso, como podem comunicar-se? Eis a resposta que foi dada:

“Os Espíritos de um certo grau de adiantamento têm uma irradiação que lhes permite comunicar-se simultaneamente em vários pontos. Nalguns, o estado de encarnação não amortece essa radiação de maneira bastante completa para os impedir de se manifestarem, mesmo em vigília. Quanto mais avançado o Espírito, tanto mais fracos são os laços que o unem à matéria do corpo; está num estado de quase constante desprendimento e se pode dizer que está onde está o seu pensamento.”

Um Espírito

MANGIN, O CHARLATÃO

Todo o mundo conheceu esse vendedor de lápis que, montado num carro ricamente decorado, com um capacete brilhante e uma roupa extravagante, por muitos anos foi uma das celebridades das ruas de Paris. Não era um charlatão vulgar e os que o conheceram pessoalmente eram concordes em lhe reconhecer uma inteligência pouco comum, uma certa elevação de pensamento e qualidades morais acima de sua profissão nômade. Morreu o ano passado e, desde então, comunicou-se várias vezes, espontaneamente, com um dos nossos médiuns. Conforme o caráter que lhe reconheciam, não será de admirar o verniz filosófico que se encontra em suas comunicações.

(Paris, 20 de dezembro de 1866 – Grupo do Sr. Desliens
– Médium: Sr. Bertrand)

O LÁPIS

O lápis é a palavra do pensamento. Sem o lápis o pensamento fica mudo e incompreensível para os vossos sentidos grosseiros. O lápis é a alma ofensiva e defensiva do pensamento; é a mão que fala e se defende.

O lápis!... e sobretudo o lápis Mangin!... Oh! perdão... eis que me torno egoísta!... Mas por que eu não poderia, como

outrora, elogiar os meus lápis? Não são bons?... Tendes de que vos queixar? Ah! se eu ainda estivesse em meu veículo francês, com meu costume romano... acreditar-me-íeis... Eu sabia fazer tão bem minha propaganda e o pobre bobo julgava branco o que era preto, simplesmente porque Mangin, o célebre charlatão, o havia dito!... Eu disse charlatão... Não, é preciso dizer propagandista... Vamos! charlatães, desatai os cordões de vossa bolsa; comprai esses soberbos lápis, mais negros que a tinta e duros como pedra... Acorrei, acorrei: a venda vai terminar!... Ah! o que foi mesmo que eu disse?... Palavra de honra! creio que me engano de papel e que acabei muito mal, depois de ter começado bem...

Todos vós, munidos de lápis, sentados em redor desta mesa, ide dizer e provai aos jornalistas orgulhosos que Mangin não está morto. Ide dizer aos que esqueceram minha mercadoria, porque eu não estava mais lá, para os fazer acreditar em suas admiráveis qualidades; ide dizer a todo o mundo que ainda vivo e que, se morri, foi para viver melhor...

Ah! senhores jornalistas, zombáveis de mim e, contudo, se em vez de me considerar como um charlatão a roubar o dinheiro do povo, me tivésseis estudo mais atentamente e filosoficamente, teríeis reconhecido um ser com reminiscências de seu passado. Teríeis compreendido o porquê de meu gosto por este costume de guerreiro romano, o porquê deste amor às arengas em praça pública. Então, sem dúvida, teríeis dito que eu tinha sido soldado ou general romano e não vos teríeis enganado.

Vamos! vamos! então comprai lápis e usai-os; mas servi-vos deles utilmente, não como eu para perorar sem motivo, mas para propagar esta bela doutrina que muitos dentre vós não seguis senão de muito longe.

Armai-vos, pois, de vossos lápis e abri uma larga estrada neste mundo de incredulidade. Fazei tocar com o dedo a

todos estes São-Tomás incrédulos as sublimes verdades do Espiritismo, que um dia farão que todos os homens sejam irmãos.

Mangin

(Grupo do Sr. Delanne – 14 de janeiro de 1867 – Médiun: Sr. Bertrand)

O PAPEL

Falei do lápis e do charlatanismo, mas ainda não falei do papel. Sem dúvida é porque me reservava fazê-lo esta noite.

Ah! como eu gostaria de ser papel! não quando ele se avilta a fazer o mal, mas, ao contrário, quando cumpre seu verdadeiro papel, que é fazer o bem! Com efeito, o papel é o instrumento que, juntamente com o lápis, semeia aqui e ali nobres pensamentos do espírito. O papel é o livro aberto onde cada um pode colher com o olhar os conselhos úteis à sua viagem terrestre!...

Ah! como eu gostaria de ser papel, a fim de cumprir com ele o papel de moralizador e de instrutor, dando a cada um o encorajamento necessário para suportar com firmeza os males que, tantas vezes, são causas de vergonhosas fraquezas!...

Ah! se eu fosse papel aboliria todas as leis egoístas e tirânicas, para não deixar irradiar senão as que proclamam a igualdade. Eu só falaria de amor e de caridade. Queria que todos fossem humildes e bons, que o mau se tornasse melhor, que o orgulhoso se tornasse humilde, que o pobre se tornasse rico, enfim, que a igualdade surgisse e, em todas as bocas, fosse como a expressão da verdade e não a esperança de ocultar o egoísmo e a tirania, que dominam o coração.

Se eu fosse papel, queria ser branco para a inocência, e verde para quem não tem esperança de um alívio para seus males. Queria ser ouro nas mãos do pobre, felicidade nas mãos do aflito,

bálsamo nas do doente. Queria ser o perdão de todas as ofensas. Não condenaria, não maldiria, não lançaria anátemas; não criticaria com malevolência; nada diria que pudesse prejudicar a alguém. Enfim, faria o que fazeis: apenas ensinar o bem e falar desta bela doutrina que vos reúne a todos e sob todas as formas; professaria sempre esta sublime máxima: Amai-vos uns aos outros.

Aquele que gostaria de voltar à Terra, não charlatão, não para vender apenas lápis, mas para a isto juntar a venda de papel e que diria a todos: o lápis não pode ser útil sem o papel e o papel não pode dispensar o lápis.

Mangin

A SOLIDARIEDADE

(Paris, 26 de novembro de 1866 – Médiun: Sr. Sabb...)

Glória a Deus e paz aos homens de boa vontade!

O estudo do Espiritismo não deve ser vão. Para certos homens levianos, é uma diversão; para os homens sérios, deve ser sério.

Antes de tudo refleti numa coisa. Não estais na Terra para aí viver à maneira dos animais, para vegetar à maneira de gramíneas ou de árvores. As gramíneas e árvores têm a vida orgânica, mas não têm a vida inteligente, como os animais não têm a vida moral. Tudo vive, tudo respira em a Natureza, mas só o homem sente e se sente.

Como são lamentáveis e insensatos aqueles que se desprezam a ponto de se compararem a um pé de erva ou a um elefante! Não confundamos os gêneros nem as espécies. Não são grandes filósofos e grandes naturalistas que, por exemplo, vêem no Espiritismo uma nova edição da metempsicose e, sobretudo, de uma metempsicose absurda. A metempsicose não é outra coisa

senão o sonho de um homem de imaginação. Um animal, um vegetal produz o seu congênere, nada mais, nada menos. Que isto seja dito para impedir velhas idéias falsas de serem novamente acreditadas, à sombra do Espiritismo.

Homem, sede homem; sabeis de onde vindes e para onde ides. Sois o filho amado dAquele que tudo fez e vos deu um fim, um destino que deveis realizar sem o conhecer absolutamente. Éreis necessário aos seus desígnios, à sua glória, à sua própria felicidade? Questões inúteis, porque insolúveis. Vós *sois*; sede reconhecidos por isto; mas *ser* não é tudo; é preciso ser segundo as leis do Criador, que são as vossas próprias leis. Lançado na existência, sois ao mesmo tempo causa e efeito. Ao menos quanto ao presente, não podeis determinar o vosso papel, nem como causa, nem como efeito, mas podeis seguir as vossas leis. Ora, a principal é esta: O homem não é um ser isolado, é um ser coletivo. O homem é solidário do homem. É em vão que procura o complemento de seu ser, isto é, a felicidade em si mesmo ou no que o cerca isoladamente; não pode encontrá-lo senão no *homem* ou na *Humanidade*. Então nada fazeis para ser pessoalmente feliz, tanto quanto a infelicidade de um membro da Humanidade, de uma parte de vós mesmo, poderá vos afligir.

Mas, direis, é a moral que ensinais. Ora, a moral é um velho lugar-comum. Olhai em torno de vós: que há de mais ordinário, de mais comum que a sucessão periódica do dia e da noite, que a necessidade de vos alimentardes e de vos vestirdes? É para isto que tendem todos os vossos cuidados, todos os vossos esforços. E é necessário, pois assim o exige a parte material do vosso ser. Mas a vossa natureza não é dupla, e não sois mais espírito do que corpo? Como, pois, vos é mais difícil ouvir lembrar as leis morais do que as leis físicas, que aplicais a todo instante? Se fôsseis menos preocupados e menos distraídos essa repetição não seria tão necessária.

Não nos afastemos de nosso assunto. Bem compreendido, o Espiritismo é, para a vida da alma, o que o trabalho material é para a vida do corpo. Ocupai-vos dele com este objetivo e ficai certos de que quando tiverdes feito, para o vosso melhoramento moral, a metade do que fazeis para melhorar a vossa existência material, tereis feito a Humanidade dar um grande passo.

Um Espírito

TUDO VEM A SEU TEMPO

(Odessa, Grupo Familiar, 1866 – Médiun: Srta. M...)

Pergunta – Lendo as experiências magnéticas no *Vérité* de 1866, estava maravilhado e pensava intimamente que esta força tão admirável talvez pudesse ser a causa de todas as maravilhas, de todas as belezas, incompreensíveis para nós, dos planetas superiores, e cuja descrição nos dão os Espíritos. Peço aos Espíritos bons que me esclareçam a respeito.

Resposta – Pobres homens! A avidez de saber, a devoradora impaciência de ler o livro da Criação, vos transtorna a cabeça e deslumbra os vossos olhos habituados à escuridão, quando caem sobre algumas passagens que o vosso espírito, ainda escravo da matéria, não é capaz de compreender. Mas tende paciência, os tempos são chegados. O grande arquiteto já começa a desenrolar diante dos vossos olhos o plano do edifício do Universo, já levanta uma ponta do véu que vos oculta a verdade, e um raio de luz vos ilumina. Contentai-vos com essas premissas; habituai os vossos olhos à doce claridade da aurora, até que possam suportar o esplendor do Sol em todo o seu vigor.

Agradecei ao Todo-Poderoso, cuja bondade infinita poupa a vossa vista fraca, erguendo gradualmente o véu que a cobre. Se o levantasse de uma vez, ficaríeis deslumbrados e nada veríeis; recairíeis na dúvida, na confusão, na ignorância da qual

apenas saís. Já vos foi dito que tudo vem a seu tempo: não o antecipeis por vossa grande avidez de tudo saber. Deixai ao Senhor a escolha do método que julgue mais conveniente para vos instruir. Tendes diante de vós uma obra sublime: “A Natureza, sua essência, suas forças.” Ela começa pelo abecê. Aprendei primeiro a soletrar, a compreender as primeiras páginas; progredi com paciência e perseverança e chegareis ao fim, ao passo que, saltando páginas e capítulos, o conjunto vos parece incompreensível. Aliás, não está nos desígnios do Todo-Poderoso que o homem saiba tudo. Conformai-vos, pois, com a sua vontade: ela tem por objetivo o vosso bem.

Lede no grande livro da Natureza; instruí-vos, esclarecei o vosso espírito, contentai-vos em saber o que Deus julga a propósito vos ensinar durante vossa passagem na Terra; não tereis tempo de chegar à última página e não a lereis senão quando estiverdes desligados da matéria, quando vossos sentidos espiritualizados vos permitirem compreendê-lo.

Sim, meus amigos, aprendei e instrui-vos e, antes de tudo, progredi em moralidade pelo amor do próximo, pela caridade, pela fé: é o essencial, é o passaporte à vista do qual as portas do santuário infinito vos são abertas.

Humboldt

RESPEITO DEVIDO ÀS CRENÇAS PASSADAS

(Paris, Grupo Delanne, 4 de fevereiro de 1867 – Médium: Sr. Morin)

A fé cega é o pior de todos os princípios! Crer com fervor num dogma qualquer, quando a sã razão se recusa a aceitá-lo como uma verdade, é fazer ato de nulidade e privar-se voluntariamente do mais belo de todos os dons que nos concedeu o Criador; é renunciar à liberdade de julgar, ao livre-arbítrio que deve presidir a todas as coisas na medida da justiça e da razão.

Geralmente os homens são negligentes e não crêem numa religião senão por desencargo de consciência e para não rejeitar inteiramente as boas e doces preces que embalaram a sua juventude e que sua mãe lhes ensinou ao pé do fogo, quando a noite trazia consigo a hora do sono. Mas se esta lembrança por vezes se apresenta ao seu espírito, é, no mais das vezes, com um sentimento de pesar que eles fazem um retorno a esse passado, onde as preocupações da idade madura ainda estavam mergulhadas na noite do futuro.

Sim, todo homem tem saudade desta idade despreocupada e pouquíssimos podem pensar em seus jovens anos!... Mas, que deles resta um instante depois?... – Nada!...

Comecei dizendo que a fé cega era perniciosa; mas nem sempre se deve rejeitar como essencialmente mau tudo quanto parece manchado de abuso, composto de erros e, sobretudo, inventado à vontade, para a glória dos orgulhosos e benefício dos interessados.

Espíritas, deveis saber melhor que ninguém que nada se realiza sem a vontade do Senhor supremo; cabe a vós refletir antes de formular o vosso julgamento. Os homens são vossos irmãos encarnados e é possível que *numerosos trabalhos dos tempos antigos sejam obras vossas, realizadas numa existência anterior*. Os espíritas devem, antes de tudo, ser lógicos com seu ensino e não atirar pedra às instituições e às crenças de outros tempos, só porque são de outra época. A sociedade atual precisou, para ser o que é, que Deus lhe concedesse, pouco a pouco, a luz e o saber.

Não vos cabe, pois, julgar se os meios empregados por ele eram bons ou maus. Não aceiteis senão o que vos pareça racional e lógico; mas não vos esqueçais de que as coisas velhas tiveram a sua juventude e que o que ensinai hoje se tornará velho por sua vez. Respeito, pois, à velhice! Os velhos são vossos pais,

como as coisas velhas foram precursoras das coisas novas. Nada envelhece, e se faltais a esse princípio por tudo o que é venerável, faltais ao vosso dever, mentis à doutrina que professais.

As velhas crenças elaboraram a renovação que começa a realizar-se!... Todas, conquanto não fossem exclusivamente materiais, possuíam uma centelha da verdade. Lamentai os abusos que se introduziram no ensino filosófico, mas perdoai os erros de outra época, se, por vossa vez, quiserdes ser desculpados pelos vossos, ulteriormente. Não deis vossa fé ao que vos parece mau, mas não creiais também que tudo quanto hoje vos é ensinado seja expressão da verdade absoluta. Crede que em cada época Deus alarga os horizontes dos conhecimentos, em razão do desenvolvimento intelectual da Humanidade.

Lacordaire

A COMÉDIA HUMANA

(Paris, Grupo Desliens, 29 de novembro de 1866 – Médium: Sr. Desliens)

A vida do Espírito encarnado é como um romance, ou antes, como uma peça teatral, da qual cada dia se percorre uma folha contendo uma cena. O autor é o homem; as personagens são as paixões, os vícios e as virtudes, a matéria e a inteligência, disputando a posse do herói, que é o Espírito. O público é o mundo em geral durante a encarnação, os Espíritos na erraticidade, e o censor que examina a peça para a julgar em última instância e proferir uma censura ou um louvor é Deus.

Fazei, pois, de modo que sejais aplaudido o maior número de vezes possível e que só raramente cheguem aos vossos ouvidos o barulho desagradável dos assobios. Que a intriga seja sempre simples, e não busqueis interesse senão nas situações naturais, que possam servir para fazer triunfar a virtude, desenvolver a inteligência e moralizar o público.

Durante a execução da peça, a cabala posta em movimento pela inveja, pode tentar criticar as melhores passagens e só incensar as que são medíocres ou más. Fechai os ouvidos a essas bajulações e lembrai-vos de que a posteridade vos apreciará no vosso justo valor! Deixareis um nome obscuro ou ilustre, manchado de vergonha ou coberto de glória, conforme o mundo; mas, quando a peça estiver terminada e a cortina, caída sobre a última cena, vos puser em presença do regente universal, do diretor infinitamente poderoso do teatro onde se passa a comédia humana, não haverá bajuladores, nem cortesãos, nem invejosos, nem ciumentos: estareis sós com o juiz supremo, imparcial, eqüitativo e justo.

Que a vossa obra seja séria e moralizadora, porque é a única que tem algum peso na balança do Todo-Poderoso.

É preciso que cada um dê à sociedade ao menos o que dela recebe. Aquele que, tendo recebido a assistência corporal e espiritual, que lhe permite viver, se vai sem ao menos restituir o que gastou, é um ladrão, porque desperdiçou uma parte do capital inteligente e nada produziu.

Nem todo o mundo pode ser homem de gênio, mas todos podem e devem ser honestos, bons cidadãos, e devolver à sociedade o que a sociedade lhes emprestou.

Para que o mundo esteja em progresso, é preciso que cada um deixe uma lembrança útil de sua personalidade, uma cena a mais nesse número infinito de cenas úteis que os membros da Humanidade deixaram, desde que a vossa Terra serve de lugar de habitação dos Espíritos.

Fazei, pois, que leiam com interesse cada uma das folhas de vosso romance, e que não o percorram apenas com o olhar, para o fechar com enfado, depois de o ter lido pela metade.

Notas Bibliográficas

LÚMEN

RELATO EXTRATERRENO

(Por Camille Flammarion, Professor de Astronomia, adido
ao Observatório de Paris)

Isto não é um livro, mas um artigo que poderia constituir um livro interessante e, sobretudo, instrutivo, porque os seus dados são fornecidos pela ciência positiva e tratados com a clareza e a elegância que o jovem sábio exhibe em todos os seus escritos. O Sr. Camille Flammarion é conhecido de todos os nossos leitores por sua excelente obra sobre a *Pluralidade dos Mundos Habitados* e por artigos científicos que publica no *Siècle*. Este de que vamos dar conta foi publicado na *Revue du XIX^e Siècle* de 1^o de fevereiro de 1867.⁸

O autor imagina um diálogo entre um indivíduo vivo chamado *Sitiens*, e o Espírito de um de seus amigos, chamado *Lúmen*, que lhe descreve seus últimos pensamentos terrestres, as primeiras sensações da vida espiritual e as que acompanham o fenômeno da separação. Este quadro é de perfeita conformidade com o que os Espíritos nos ensinaram a respeito; é o mais genuíno Espiritismo, menos a palavra, que não é pronunciada. Poder-se-á julgá-lo pelas citações seguintes:

“A primeira sensação de identidade que se experimenta depois da morte assemelha-se à que se sente ao despertar durante a vida, quando, recobrando pouco a pouco a consciência pela manhã, ainda se é atravessado pelas visões da noite. Solicitado pelo futuro e pelo passado, o Espírito busca ao mesmo tempo retomar plena posse de si mesmo e captar as impressões fugidias do sonho

8 Cada número forma um volume de 160 páginas grande in-8. Preço: 2 fr. Paris, Livraria Internacional, 15, boulevard Montmartre, e 18, avenue Montaigne, Palais Pompéien.

que acabara de ter, que ainda perduram com seu cortejo de quadros e acontecimentos. Por vezes, absorvido por esta retrospectiva de um sonho cativante, ele sente nas pálpebras que se fecham a corrente da visão se restabelecendo, e o espetáculo continuando; cai ao mesmo tempo no sonho e numa espécie de semi-sono. Assim se equilibra a nossa faculdade pensante ao sair desta vida, entre uma realidade que ainda não compreende e um sonho que não desapareceu completamente.”

Observação – Nesta situação do Espírito, nada há de surpreendente que alguns não se julguem mortos.

“A morte não existe. O fato que designais sob esse nome, a separação entre o corpo e a alma, a bem dizer não se efetua sob uma forma material comparável às separações químicas dos elementos dissociados, observada no mundo físico. Quase não se percebe esta separação definitiva, que nos parece tão cruel, mas que o recém-nascido não percebe ao nascer; *fomos concebidos para a vida futura, como nascemos para a vida terrena*. Apenas a alma, não mais estando envolvida nas vestes corporais, que a revestiam aqui, adquire mais prontamente a noção de seu estado e de sua personalidade. Contudo, essa faculdade de percepção varia essencialmente de uma alma a outra. Umhas há que, durante a vida do corpo, nunca se elevaram para o céu e jamais se sentiram ansiosas por penetrar as leis da criação. Estas, ainda dominadas pelos apetites corporais, ficam muito tempo num estado de perturbação inconsciente. Felizmente há outras que, desde esta vida, alçam vôo nestas aspirações aladas para os cimos da beleza eterna; estas vêem chegar com calma e serenidade o instante da separação; sabem que o progresso é a lei da existência e que entrarão, no além, numa vida superior à de cá; seguem passo a passo a letargia que lhes sobe no coração, e quando a última batida, lenta e insensível, o detém em seu curso, já estão acima do corpo, cujo adormecimento observam e, libertando-se dos laços magnéticos, sentem-se rapidamente transportadas, por uma força

desconhecida, para o ponto da criação onde suas aspirações, seus sentimentos, suas esperanças as atraem.

“Os anos, os dias e as horas são constituídos pelos movimentos da Terra. Fora desses movimentos o tempo terreno *não existe mais* no espaço; é, pois, absolutamente impossível ter noção desse tempo.”

Observação – Isto é rigorosamente certo. Assim, quando os Espíritos querem especificar uma duração inteligível para nós, são obrigados a se identificarem novamente com os hábitos terrestres, a se refazerem homens por assim dizer, a fim de se servirem dos mesmos pontos de comparação. Logo depois da libertação, o Espírito Lúmen é transportado com a rapidez do pensamento para o grupo de mundos que compõem o sistema da estrela designada em astronomia sob o nome de *Capela* ou *Cabra*. A teoria que ele dá da visão da alma é notável.

“A visão de minha alma tinha um poder incomparavelmente superior à dos olhos do organismo terrestre, que eu acabava de deixar; e, observação surpreendente, seu poder me parecia submetido à vontade. Basta que vos faça pressentir que, em vez de ver simplesmente as estrelas no céu, como as vedes na Terra, eu distinguia claramente os mundos que gravitam em volta; quando eu desejava não mais ver a estrela, a fim de não ficar incomodado pelo exame desses mundos, ela desaparecia de minha visão e me deixava em excelentes condições para observar um desses mundos. Além disso, quando minha vista se concentrava num mundo particular, eu chegava a distinguir os detalhes de sua superfície, os continentes e os mares, as nuvens e os rios. Por uma intensidade particular de concentração na visão de minha alma, eu conseguia ver o objeto sobre o qual ela se concentrava, por exemplo, uma cidade, um campo, os edifícios, as ruas, as casas, as árvores, os atalhos; reconhecia mesmo os habitantes e seguia as pessoas nas ruas e nas habitações. Para isto bastava limitar o meu pensamento ao quarteirão, à casa ou ao indivíduo que eu queria observar. No mundo nas proximidades do qual eu acabava de chegar, os seres, não encarnados num invólucro grosseiro como na

Terra, mas livres e dotados de faculdades de percepção elevadas num eminente grau de poder, podem perceber distintamente detalhes que, a essa distância, escapariam absolutamente aos olhos das organizações terrestres.

Sitiens – Para isto eles se servem de instrumentos superiores aos nossos telescópios?

Lúmen – Se, por ser menos rebelde à admissão desta maravilhosa faculdade, vos é mais fácil concebê-los munidos de instrumentos, teoricamente o podeis. Mas devo advertir-vos que esses tipos de instrumentos não são *exteriores a esses seres*, e que pertencem ao *próprio organismo de sua vista*. É claro que essa construção óptica e esse poder de visão são naturais nesses mundos e não sobrenaturais. Pensai um pouco nos insetos que gozam da propriedade de contrair ou de alongar os olhos, como os tubos de uma luneta, de inflar ou aplanar o cristalino para dele fazer uma lente de diferentes graus, ou ainda concentrar no mesmo foco uma porção de olhos assestados como outros tantos microscópios, para captar o infinitamente pequeno, e podereis mais legitimamente admitir a faculdade desses seres extraterrenos.”

O mundo onde se acha Lúmen está a uma distância tal da Terra que a luz não chega de um ao outro senão ao cabo de setenta e dois anos. Ora, nascido em 1793 e morto em 1864, à sua chegada em Capela, de onde lança o olhar sobre Paris, Lúmen não conhece mais a Paris que acaba de deixar. Os raios luminosos partidos da Terra, só chegando a Capela depois de setenta e dois anos, trar-lhe-iam a imagem do que aí se passava em 1793.

Eis a parte realmente científica do relato. Todas as dificuldades aí são resolvidas da maneira mais lógica. Os dados, admitidos em teoria pela Ciência, aí são demonstrados pela experiência; mas não podendo essa experiência ser feita diretamente pelos homens, o autor supõe um Espírito que dá conta

de suas sensações, e colocado em condições de poder estabelecer uma comparação entre a Terra e o mundo que habita.

A idéia é engenhosa e nova. É a primeira vez que o Espiritismo verdadeiro e sério, embora anônimo, é associado à ciência positiva, e isto por um homem capaz de apreciar um e outra, e de captar o traço de união que um dia os deverá ligar. Este trabalho, ao qual reconhecemos, sem restrição, uma importância capital, parece-nos ser um daqueles que os Espíritos nos anunciaram como devendo marcar o presente ano. Analisaremos esta segunda parte num próximo artigo.

NOVA TEORIA MÉDICO-ESPÍRITA⁹

(Pelo Dr. Brízio, de Turim)

Não conhecemos esta obra senão pelo prospecto em língua italiana, que nos foi enviado, mas só podemos nos alegrar de ver o ardor das nações estrangeiras em seguir o movimento espírita, e cumprimentar os homens de talento, que entram no caminho das aplicações do Espiritismo à Ciência. A obra do doutor Brízio será publicada em 20 ou 30 fascículos, a 20 c. cada, e a impressão será começada desde que haja 300 subscrições. Subscrição em Turim, na Livraria Degiorgis, via Nuova.

O LIVRO DOS MÉDIUNS – TRADUÇÃO EM ESPANHOL¹⁰

Tradução em espanhol, da 9^a edição francesa. Madri – Barcelona – Marselha – Paris, no escritório da *Revista Espírita*.

Allan Kardec

9, 10 N. do T.: Embora Kardec já tivesse anunciado estes dois livros na *Revista Espírita* do mês de fevereiro de 1867, página 98, houve por bem repeti-los aqui.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

ABRIL DE 1867

Nº 4

Galileu

A PROPÓSITO DO DRAMA DO SR. PONSARD

O acontecimento literário do dia é a representação de Galileu, drama em versos do Sr. Ponsard. Embora nele não se cogite de Espiritismo, a ele se liga por um lado essencial: o da pluralidade dos mundos habitados e, sob tal ponto de vista, podemos considerá-lo como uma das obras chamadas a favorecer o desenvolvimento da Doutrina, popularizando um de seus princípios fundamentais.

O destino da Humanidade está ligado à organização do Universo, como o do habitante o está à sua habitação. Na ignorância desta organização, o homem deve ter feito sobre o seu passado e o seu futuro idéias em conformidade com o estado de seus conhecimentos. Se tivesse sempre conhecido a estrutura da Terra, jamais teria pensado em situar o inferno em suas entranhas; se tivesse conhecido o infinito do espaço e a multidão de astros que aí se movem, não teria localizado o céu acima do *céu das estrelas*; não teria feito da Terra o ponto central do Universo, a única

habitação dos seres vivos; não teria condenado a crença nos antípodas como uma heresia; se tivesse conhecido a Geologia, jamais teria acreditado na formação da Terra em seis dias e em sua existência desde seis mil anos.

A idéia mesquinha que o homem fazia da Criação devia dar-lhe uma idéia mesquinha da Divindade. Não pôde compreender a grandeza, o poder e a sabedoria infinitos do Criador senão quando seu pensamento pôde abarcar a imensidade do Universo e a sabedoria das leis que o regem, como se julga o gênio de um mecânico pelo conjunto, a harmonia e a precisão de um mecanismo, e não à vista de uma simples engrenagem. Só então suas idéias puderam crescer e elevar-se acima de seu horizonte limitado. Em todos os tempos suas crenças religiosas foram calcadas na idéia que fazia de Deus e de sua obra. O erro de suas crenças sobre a origem e o destino da Humanidade tinha por causa sua ignorância das verdadeiras leis da Natureza; se, desde a origem, tivesse conhecido essas leis, outros teriam sido seus dogmas.

Galileu, um dos primeiros a revelar as leis do mecanismo do Universo, não por hipóteses, mas por uma demonstração irrecusável, abriu caminho a novos progressos. Por isto mesmo devia produzir uma revolução nas crenças, destruindo os fundamentos científicos errôneos sobre os quais elas se apoiavam.

A cada um a sua missão. Nem Moisés, nem o Cristo tinham a de ensinar aos homens as leis da Ciência; o conhecimento dessas leis devia ser *o resultado do trabalho e das pesquisas do homem*, da atividade e do desenvolvimento de seu próprio espírito, e não de uma revelação *a priori*, que lhe tivesse dado o saber sem esforço. Eles não deviam nem podiam lhes ter falado senão numa linguagem apropriada ao seu estado intelectual, sem o que não teriam sido compreendidos. Moisés e o Cristo tiveram sua missão

moralizadora; a gênios de uma outra ordem são deferidas missões científicas. Ora, como as leis morais e as leis da Ciência são leis divinas, a religião e a filosofia só podem ser verdadeiras pela aliança destas leis.

O Espiritismo baseia-se na existência do princípio espiritual, como elemento constitutivo do Universo; repousa sobre a universalidade e a perpetuidade dos seres inteligentes, sobre seu progresso indefinido, através dos mundos e das gerações; sobre a pluralidade das existências corporais, necessárias ao seu progresso individual; sobre sua cooperação relativa, como encarnados ou desencarnados, na obra geral, na medida do progresso realizado; sobre a solidariedade que une todos os seres de um mesmo mundo e dos mundos entre si. Nesse vasto conjunto, encarnados e desencarnados, cada um tem sua missão, seu papel, deveres a cumprir, desde o mais ínfimo até os anjos, que nada mais são que Espíritos humanos chegados ao estado de Espíritos puros, e aos quais são confiadas as grandes missões, o governo dos mundos, como a gerais experimentados. Em vez das solidões desertas do espaço sem limites, por toda parte a vida e a atividade, em parte alguma a ociosidade inútil; por toda parte o emprego dos conhecimentos adquiridos; em toda parte o desejo de progredir ainda e de aumentar a soma de felicidades, pelo emprego útil das faculdades da inteligência. Em vez de uma existência efêmera e única, passada num cantinho da Terra, que decide para sempre de sua sorte futura, impõe limite ao seu progresso e torna estéril, para o futuro, o trabalho a que se entrega para instruir-se, o homem tem por domínio o Universo; nada do que sabe ou do que faz fica perdido: o futuro lhe pertence; em vez do isolamento egoísta, a solidariedade universal; em lugar do nada, segundo alguns, a vida eterna; em lugar da beatitude contemplativa perpétua, segundo outros, que a tornaria de uma inutilidade perpétua, um papel ativo, proporcionado ao mérito adquirido; em vez de castigos irremissíveis por faltas temporárias, a posição que cada um conquista por sua perseverança no bem ou no mal; em vez de uma

mancha original, que o torna passível de faltas que não cometeu, a consequência natural de suas próprias imperfeições nativas; em vez das chamas do inferno, a obrigação de reparar o mal que se fez e recomeçar o que se fez mal; em vez de um Deus colérico e vingativo, um Deus justo e bom, que leva em conta todo arrependimento e toda boa vontade.

Tal é, em resumo, o quadro que apresenta o Espiritismo, e que ressalta da situação mesma dos Espíritos que se manifestam; não é mais uma simples teoria, mas resultado da observação. O homem que encara as coisas deste ponto de vista, sente-se crescer; ergue-se aos seus próprios olhos; é estimulado em seus instintos progressivos ao ver um objetivo para os seus trabalhos, para os seus esforços em se melhorar.

Mas, para compreender o Espiritismo em sua essência, na imensidade das coisas que ele abarca, para compreender o objetivo e o destino do homem, não era preciso relegar a Humanidade a um pequeno globo, limitar a existência a alguns anos, rebaixar o Criador e a criatura. Para que o homem pudesse fazer uma idéia justa de seu papel no Universo, era preciso que compreendesse, pela pluralidade dos mundos, o campo aberto às suas explorações futuras e a atividade de seu espírito; para recuar indefinidamente os limites da Criação, para destruir os preconceitos sobre os lugares especiais de recompensa e de punição, sobre os diferentes estágios dos céus, era preciso que penetrasse as profundezas do espaço; que em lugar do cristalino e do empíreo, aí visse circular, em majestosa e perpétua harmonia, os mundos inumeráveis, semelhantes ao seu; que em toda parte seu pensamento encontrasse a criatura inteligente.

A história da Terra se liga à da Humanidade. Para que o homem pudesse desfazer-se de suas mesquinhas e falsas opiniões sobre a época, a duração e o modo de criação do nosso globo, de suas crenças lendárias sobre o dilúvio e sua própria origem; para

que consentisse em desalojar do seio da terra o inferno e o império de Satã, era preciso que pudesse ler nas camadas geológicas a história de sua formação e de suas revoluções físicas. A Astronomia e a Geologia, secundadas pelas descobertas da Física e da Química, apoiadas sobre as leis da Mecânica, são as duas poderosas alavancas que atacam os seus preconceitos sobre a sua origem e o seu destino.

A matéria e o espírito são os dois princípios constitutivos do Universo. Mas o conhecimento das leis que regem a matéria devia preceder o das leis que regem o elemento espiritual; só as primeiras poderiam combater vitoriosamente os preconceitos, pela evidência dos fatos. O Espiritismo, que tem como objetivo especial o conhecimento do elemento espiritual, só podia vir depois; para que pudesse tomar o seu impulso e dar frutos, para que pudesse ser compreendido em seu conjunto, era preciso que encontrasse o terreno preparado, o campo do espírito humano liberto dos preconceitos e das idéias falsas, se não na totalidade, ao menos em grande parte, sem o que só se teria tido um Espiritismo acanhado, bastardo, incompleto e misturado a crenças e práticas absurdas, como ainda hoje o é nos povos atrasados. Se se considerar a situação das nações adiantadas, reconhecer-se-á que ele veio em tempo oportuno, para preencher os vazios que se fazem nas crenças.

Galileu abriu o caminho. Rasgando o véu que ocultava o infinito, alargou o domínio da inteligência e desferiu um golpe fatal nas crenças errôneas; destruiu mais superstições e idéias falsas do que todas as filosofias, porque as sapou pela base, mostrando a realidade. O Espiritismo deve colocá-lo na classe dos grandes gênios que rasgaram a via, diminuindo as barreiras opostas pela ignorância. As perseguições de que foi objeto, e que são o quinhão de quem quer que ataque os preconceitos, fizeram-no grande aos olhos da posteridade, ao mesmo tempo que rebaixaram os perseguidores. Quem é hoje maior: ele ou eles?

Lamentamos que a falta de espaço não nos permita citar alguns fragmentos do belo drama do Sr. Ponsard. Fá-lo-emos no próximo número.

Espírito Profético

(Pelo conde Joseph de Maistre)

O conde Joseph de Maistre, nascido em Chambéry em 1753, morto em 1821, foi enviado pelo rei da Sardenha, como ministro plenipotenciário na Rússia, em 1803. Deixou esse país em 1817, quando da expulsão dos jesuítas, cuja causa tinha abraçado. Entre suas obras, uma das mais conhecidas na literatura e no mundo religioso, está a que se intitula: *Noites de São Petersburgo*, publicada em 1821. Embora escrita de um ponto de vista exclusivamente católico, certos pensamentos parecem inspirados pela previsão dos tempos presentes e, a esse título, merecem particular atenção. As passagens seguintes são tiradas da décima primeira conversa, tomo II, página 121, edição de 1844:

“...Mais do que nunca, senhores, devemos ocupar-nos dessas altas especulações, porque precisamos estar preparados para *um acontecimento imenso na ordem divina, para o qual marchamos em velocidade acelerada, que deve chocar todos os observadores*. Não há mais religião na Terra: o gênero humano não pode ficar neste estado. *Oráculos terríveis, aliás, anunciam que os tempos são chegados*.”

“Vários teólogos, mesmo católicos, acreditam que fatos de primeira ordem e pouco afastados estavam anunciados na revelação de São João e, embora os teólogos protestantes, em geral, só tenham debitado tristes sonhos sobre esse mesmo livro, onde jamais viram senão o que desejavam, contudo, depois de haver pago esse infeliz tributo ao fanatismo de seita, vejo que certos escritores desse partido já adotam este princípio: *Várias profecias*

contidas no Apocalipse se referiam aos nossos tempos modernos. Um desses escritores até chegou a dizer que o acontecimento já tinha começado, e que a nação francesa devia ser o grande instrumento da maior das revoluções.

“Talvez não haja um homem verdadeiramente religioso na Europa – falo da classe instruída – que no momento não espere algo de extraordinário. Ora, dizei-me, senhores, acreditais que essa concordância de todos os homens possa ser desprezada? Nada representa esse grito geral que anuncia grandes coisas? Remontai aos séculos passados; transportai-vos ao nascimento do Salvador. Naquela época uma voz alta e misteriosa, partida das regiões orientais, não exclamava: ‘O Oriente está a ponto de triunfar? O vencedor partirá da Judéia; um menino divino nos é dado; vai aparecer; desce do mais alto dos céus; trará a idade de ouro sobre a Terra.’ Sabeis o resto.

“Estas idéias eram espalhadas universalmente, e como se prestavam infinitamente à poesia, o maior poeta latino dela se apoderou e a revestiu das mais brilhantes cores em seu *Pollion*, que foi depois traduzido em muitos belos versos gregos e lidos nesta língua no concílio de Nicéia, por ordem do imperador Constantino. Por certo era bem digno da Providência ordenar que esse grande grito do gênero humano repercutisse para sempre nos versos imortais de Virgílio; mas a incurável incredulidade de nosso século, em vez de ver nessa peça o que ela realmente encerra, isto é, um monumento infável do espírito poético, que então se agitava no Universo, diverte-se em nos provar doutamente que Virgílio não era profeta, ou seja, que uma flauta não sabe música, e que nada há de extraordinário na décima primeira égloga desse poeta. *O materialismo que contamina a filosofia de nosso século a impede de ver que a Doutrina dos Espíritos e, em particular, a do espírito profético, é inteiramente plausível em si mesma, e além disso, a melhor sustentada pela mais universal e imponente tradição jamais havida.* Como a eterna doença do homem é penetrar o futuro, é uma prova certa de que

tem direitos sobre esse futuro e de que tem meios de o atingir, ao menos em certas circunstâncias. Os oráculos antigos se davam a esse movimento interior do homem, que o advertia de sua natureza e de seus direitos. A ponderosa erudição de Van Dale e as belas frases de Fontenelle em vão foram empregadas no século passado para estabelecer a nulidade geral desses oráculos. Mas, seja como for, jamais o homem teria recorrido aos oráculos, jamais teria podido imaginá-los, se não tivesse partido de uma idéia primitiva, em virtude da qual as olhava como possíveis, e mesmo como existentes.

“O homem está sujeito ao tempo e, contudo, por sua natureza, estranho ao tempo. O profeta gozava do privilégio de sair do tempo; não sendo mais as suas idéias distribuídas na duração, tocam-se em virtude da simples analogia e se confundem, o que necessariamente espalha uma grande confusão em seus discursos. O próprio Salvador submeteu-se a esse estado quando, entregue voluntariamente ao espírito profético, as idéias análogas de grandes desastres, separadas do tempo, o conduziram a misturar a destruição de Jerusalém à do mundo. É ainda assim que Davi, levado por seus próprios sofrimentos, a meditar sobre o ‘justo perseguido’, de repente sai do tempo e reclama, diante do futuro: ‘Trespasaram meus pés e minhas mãos; quebraram os meus ossos; partilharam as minhas vestes; deitaram sorte sobre as minhas roupas.’ (Salmo XXI, v. 18 e 19.)¹¹

“Poder-se-iam acrescentar outras reflexões tiradas da astrologia judiciária, dos oráculos, das adivinhações de todo o gênero, cujo abuso sem dúvida desonrou o espírito humano, mas que, não obstante, tinham uma raiz verdadeira, como todas as crenças gerais. O espírito profético é natural ao homem e não cessará de se agitar no mundo. Ensaando o homem, em todas as épocas e em todos os lugares, penetrar o futuro, declara não ser feito para o tempo, porque o tempo é algo de forçado, que só pede para acabar. Daí vem que, nos nossos sonhos, jamais temos idéia

11 N. do T.: Conforme a versão francesa de Lemáître de Sacy.

do tempo, e que o estado de sono sempre foi considerado favorável às comunicações divinas.

“Se me perguntardes a seguir o que é esse espírito profético, ao qual me referia há pouco, responderei que ‘jamais houve no mundo grandes acontecimentos que, de alguma maneira, não tivessem sido preditos.’ Maquiavel foi o primeiro homem de meu conhecimento que tinha avançado esta proposição; mas se vós mesmos refletirdes, achareis que sua asserção está justificada por toda a História. Tendes um último exemplo na Revolução Francesa, predita de todos os lados e da maneira mais incontestável.

“Mas, para voltar ao ponto de partida, credes que ao século de Virgílio faltassem belos espíritos que zombavam ‘do grande ano, do século de ouro, da casta Lucina, da augusta mãe e da misteriosa criança?’ Entretanto, tudo isto havia chegado: ‘A criança, do alto do céu, estava prestes a descer.’ E podeis ver nos vários escritos, notadamente nas observações que Pope juntou à sua tradução em versos do *Pollion*, que esta peça poderia passar por uma versão de Isaías. *Por que quereis que hoje também não seja assim? O Universo está à espera. Como desprezariamos esta grande persuasão? E com que direito condenariamos os homens que, advertidos por esses sinais divinos, se entregam a santas pesquisas?*

“Quereis uma nova prova do que se prepara? Buscai nas ciências; considerai bem a marcha da Química, da própria Astronomia, e vereis para onde elas nos conduzem. Acreditaríeis, por exemplo, se não estivésseis advertidos, que Newton nos reconduz a Pitágoras, e que incessantemente será demonstrado que *os corpos celestes são movidos precisamente como os corpos humanos, por inteligências que lhes estão unidas, sem que se saiba como? É o que, entretanto, está prestes a se verificar, sem que haja, em breve, qualquer meio de disputar.* Esta doutrina poderá parecer paradoxal, sem dúvida, e mesmo ridícula, porque a opinião ambiente o impõe; mas esperai que a afinidade natural da religião e da Ciência as reúna na

cabeça de um só homem de gênio; o aparecimento deste homem não poderia estar distante e talvez mesmo ele já exista. Ele será famoso e porá fim ao século dezoito, que dura sempre; porque os séculos intelectuais não se regulam pelo calendário, como os séculos propriamente ditos. Então as opiniões que hoje nos parecem bizarras ou insensatas, serão axiomas, dos quais não será permitido duvidar, e falarão de nossa estupidez atual como falamos da superstição da Idade Média. A força das coisas já obrigou alguns sábios da escola material a fazer concessões, que os aproximam do espírito. E outros, não se podendo impedir de pressentir esta tendência surda de uma opinião poderosa, contra ela tomam precauções que talvez causem sobre os verdadeiros observadores mais impressão que uma resistência direta. Daí a sua atenção escrupulosa em não empregar senão expressões materiais. Só se tratam em seus escritos de leis mecânicas, princípios mecânicos, Astronomia, Física, etc. Não que eles não sintam maravilhosamente que as teorias materiais absolutamente não contentam a inteligência, porque se algo existe de evidente para o espírito humano não preocupado, é que os movimentos do Universo não podem ser explicados apenas pelas leis mecânicas; mas é precisamente porque o sentem que, por assim dizer, põem palavras em guarda contra a verdade. Não querem confessá-lo, mas não se é mais detido senão pelo compromisso ou pelo respeito humano. Os sábios europeus são neste momento espécies de conjurados ou de iniciados, como quiserdes chamar, que fizeram da Ciência uma espécie de monopólio e que não querem absolutamente que se saiba mais que eles ou de modo diferente. Mas essa Ciência será incessantemente odiada por uma posteridade iluminada, que acusará justamente os adeptos de hoje por não terem sabido tirar das verdades que Deus lhes havia entregado as mais preciosas conseqüências para o homem. Então toda a Ciência mudará de face; o espírito, longamente destronado, retomarà o seu lugar.

“Será demonstrado que todas as tradições antigas são verdadeiras; que o paganismo inteiro não passa de um sistema de verdades corrompidas e deslocadas; que, por assim dizer, basta limpá-las e repô-las

em seu lugar, para as ver brilhar por todos os seus raios. Numa palavra, todas as idéias mudarão; e porque de todos os lados uma multidão de eleitos exclamam concordes: 'Vinde, Senhor, vinde!' por que censuraríeis esses homens que se lançam nesse futuro majestoso e se glorificam de o adivinhar? Como os poetas que, até nos nossos tempos de fraqueza e de decrepitude, ainda apresentam alguns pálidos clarões do espírito profético, os homens espirituais por vezes experimentam movimentos de entusiasmo e de inspiração que os transportam para o futuro e lhes permitem pressentir os acontecimentos que o tempo amadureceu ao longe.

“Lembraí-vos, senhor conde, do cumprimento que me dirigistes sobre minha erudição a respeito do número três. Com efeito, este número se mostra de todos os lados, no mundo físico, como no mundo moral, e nas coisas divinas. Deus falou uma primeira vez aos homens no monte Sinai e esta revelação foi restringida, por razões que ignoramos, nos estreitos limites de um só povo e de um só país. Após quinze séculos, uma segunda revelação se dirigiu a todos os homens, sem distinção, e é a que desfrutamos. Mas a universalidade de sua ação devia ser ainda infinitamente restrita, pela circunstância de tempos e lugares. Quinze séculos a mais deviam escoar-se antes que a América visse a luz e suas vastas regiões ainda encerram uma porção de hordas selvagens tão estranhas ao grande benefício, que se seria levado a crer que elas deles são excluídas por natureza, em razão de algum anátema primitivo inexplicável. Só o Grande Lama tem mais súditos espirituais que o papa; Bengala tem sessenta milhões de habitantes, a China tem duzentos, o Japão vinte e cinco ou trinta. Contemplai esses arquipélagos do grande oceano, que hoje formam a quinta parte do mundo. Vossos missionários sem dúvida fizeram maravilhosos esforços para anunciar o Evangelho em algumas dessas regiões longínquas, mas vedes com que sucesso. Quantas miríades de homens que a Boa Nova jamais atingirá! A cimitarra do filho de Ismael não expulsou o Cristianismo inteiramente da África

e da Ásia? E em nossa Europa, que espetáculo se oferece ao olho religioso!...

“Contemplai esse quadro lúgubre; juntai a espera dos homens escolhidos e vereis se os iluminados estão errados ao encarar como *mais ou menos próxima uma terceira explosão da onipotente bondade em favor do gênero humano*. Eu não terminaria se quisesse juntar todas as provas que se reúnem para justificar esta grande espera. Ainda uma vez, não censureis as pessoas que disto se ocupam e que vêem na própria revelação as razões para prever *uma revelação da revelação*. Se quiserdes, chamai estes homens iluminados; estarei inteiramente de acordo convosco, desde que pronunciéis este nome seriamente.

“Tudo anuncia, e vossas próprias observações o demonstram, *não sei qual a grande unidade para a qual marchamos a grandes passos*. Não podeis, pois, sem vos pôr em contradição convosco, condenar os que de longe saúdam esta unidade, e que tentam, conforme suas forças, penetrar mistérios tão terríveis, sem dúvida, mas ao mesmo tempo tão consoladores para nós.

“E não dizeis que *tudo está dito, que tudo está revelado* e que não nos é permitido esperar nada de novo. Sem dúvida nada nos falta para a salvação; mas, *do lado dos conhecimentos divinos, faltamos muito; e quanto às manifestações futuras, como vedes, tenho mil razões para esperar, ao passo que não tendes nenhuma para me provar o contrário*. O hebreu que cumpria a lei não estava em segurança de consciência? Eu vos citaria, se preciso fosse, não sei quantas passagens da Bíblia que prometem ao sacrífico judaico e ao trono de Davi uma duração igual à do Sol. O judeu, *que se prendia à casca*, tinha toda razão, até o acontecimento, de crer no reino temporal do Messias; todavia, enganava-se, como se viu depois. Mas sabemos o que nos aguarda a nós mesmos? Deus estará conosco até a consumação dos séculos; as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja, etc. Muito bem! Pergunto: disso resulta que *Deus*

interdita toda manifestação nova e não lhe é mais permitido nada além do que sabemos? É preciso convir que seria um estranho argumento.

“De agora em diante, uma nova efusão do Espírito Santo está no rol das coisas mais razoavelmente esperadas; daí por que é preciso que os pregadores desse novo dom possam citar as Santas Escrituras a todos os povos. Os apóstolos não são tradutores; têm muitas outras ocupações; mas a Sociedade Bíblica, instrumento cego da Providência, prepara suas diferentes versões, que os verdadeiros enviados explicarão um dia, em virtude de uma missão legítima, nova ou primitiva, não importa! que expulsará a dúvida da cidade de Deus; e é assim que os terríveis inimigos da unidade trabalham para a estabelecer.”

Observação – Estas palavras são tanto mais notáveis porque emanam de um homem de mérito incontestável como escritor, e que é tido em grande estima no mundo religioso. Talvez não se tenha visto tudo quanto elas encerram, porquanto são um protesto evidente contra o absolutismo e o estreito exclusivismo de certas doutrinas. Elas denotam no autor uma amplidão de vistas que tocam de leve a independência filosófica. Muitas vezes a ortodoxia se escandaliza por menos. As passagens sublinhadas são bastante explícitas e é supérfluo comentá-las; sobretudo os espíritas compreenderão facilmente o seu alcance. Seria impossível aí não ver a previsão de coisas que hoje se passam e as que o futuro reserva à Humanidade, tamanha é a relação dessas palavras com o estado atual e com o que, por todos os lados, anunciam os Espíritos.

COMUNICAÇÃO DE JOSEPH DE MAISTRE

(Sociedade de Paris, 22 de março de 1867 – Médium: Sr. Desliens)

Pergunta – Conforme os pensamentos contidos nos fragmentos cuja leitura acaba de ser feita, pareceis ter sido animado

pelo espírito profético, do qual falais e descreveis tão bem. Apenas meio século nos separa da época em que escrevíeis estas linhas notáveis, e já vemos se realizarem as nossas previsões. Talvez não sejam do ponto de vista exclusivo em que então vos colocavam as vossas crenças, mas com certeza tudo nos mostra como iminente e em via de realizar-se, a grande revolução moral que pressentistes e que preparam as idéias novas. O que dizeis tem uma relação tão evidente com o Espiritismo, que podemos, com toda a razão, vos considerar como um dos profetas de seu advento. Sem dúvida a Providência vos tinha colocado no meio em que, pelo fato mesmo dos vossos princípios, vossas palavras deviam ter mais autoridade. Foram compreendidas por vosso partido? Este ainda as compreende agora? É lícito duvidar.

Hoje que podeis encarar as coisas de maneira mais larga e abarcar mais vastos horizontes, ficaríamos satisfeitos em ter a vossa apreciação atual sobre o *espírito profético* e sobre a parte que deve ter o Espiritismo no movimento regenerador.

Além disso, ficaríamos muito honrados se, doravante, pudéssemos contar convosco no número dos Espíritos bons que querem bem concorrer para a nossa instrução.

Resposta – Senhores, embora não seja a primeira vez que me encontro entre vós, como me introduzi oficialmente hoje, pedirei que aceiteis os meus agradecimentos pelas palavras benevolentes que houvestes por bem pronunciar em minha intenção, e que recebais minhas felicitações pela sinceridade e pelo devotamento que presidem aos vossos trabalhos.

O amor da verdade foi o meu único guia, e se em vida fui partidário de uma seita que se aprendeu a julgar com severidade, é que nela acreditava encontrar os elementos, a força de ação necessária para chegar ao conhecimento desta verdade que eu suspeitava. – Vi a terra prometida, mas não pude penetrá-la em

vida. Mais feliz que eu, senhores, aproveitai o favor que vos é conferido por vossa boa vontade, melhorando o vosso coração e o vosso espírito, e fazendo partilhar de vossa felicidade a todos os vossos irmãos em Humanidade, que não oporão à vossa propaganda senão a reserva natural a cada homem posto em face do desconhecido.

Como eles, eu teria querido raciocinar vossa crença antes de aceitá-la, mas não a teria odiado, por mais bizarro que fossem seus meios de manifestação, pela simples razão de que poderia prejudicar meus interesses, ou porque me agradasse agir assim.

Pudestes vos convencer, eu estava com o clero, adepto da moral do Evangelho, mas não estava com ele como partidário da imutabilidade do ensino e da impossibilidade de novas manifestações da vontade divina. Penetrado das santas Escrituras, que li, reli e comentei, a letra e o espírito me faziam prever o acontecimento novo. Agradeço-o a Deus, porque era feliz em esperança, porque sentia intuitivamente que participaria da felicidade de conhecer as novas verdades, onde quer que eu estivesse; por meus irmãos em Humanidade que viriam se dissiparem as trevas da ignorância e do erro, diante de uma evidência irrecusável.

O espírito profético abrasa o mundo inteiro com seus eflúvios regeneradores. – Na Europa, como na América, na Ásia, em toda parte, entre os católicos como entre os muçulmanos, em todos os países, em todos os climas, em todas as seitas religiosas, a nova revelação se infiltra, com a criança que nasce, com o jovem que se desenvolve, com o velho que se vai. – Uns chegam com os materiais necessários para a edificação da obra; os outros aspiram a um mundo que lhes revelará os mistérios que pressentem. – E se a perseguição moral vos dobra sob o seu jugo, se o interesse material, a posição social detém alguns dos filhos do Espírito em

sua marcha ascendente, estes serão os mártires do pensamento, cujos suores intelectuais fecundarão o ensino e prepararão as gerações do futuro para uma vida nova.

Na França o Espiritismo se manifesta sob outro nome que na Ásia. Tem agentes nas diferentes tendências da religião católica, como as tem entre os sectários da religião muçulmana. – Lá a revelação, num grau inferior de desenvolvimento, é afogada no sangue; mas nem por isso deixa de prosseguir a sua marcha, e suas ramificações cercam o mundo numa vasta rede, cujas malhas vão se apertando à medida que o elemento regenerador mais se descobre. – Católicos e protestantes buscam fazer penetrar a nova crença entre os filhos do Islã, mas encontram obstáculos intransponíveis e pouquíssimos adeptos vêm colocar-se sob sua bandeira.

O espírito profético aí tomou outra forma; assimilou sua linguagem, suas instruções, às formas materiais e aos pensamentos íntimos daqueles a quem se dirigia. – Bendizei a Providência, que vê melhor que vós como e por que ela deve trazer o movimento que impele os mundos para o infinito.

A aspiração a novos conhecimentos está no ar que se respira, no livro que se escreve, no quadro que se pinta; a idéia se imprime no mármore do escultor, como sob a pena do historiador, e aquele que muito se admirasse de ser colocado entre os espíritos, é um instrumento do Todo-Poderoso para a edificação do Espiritismo.

Interrompo esta comunicação, que se torna fatigante para o médium, que não está habituado ao meu influxo fluídico. Continuá-la-ei de outra vez, e virei, já que tal é o vosso desejo, trazer minha parte de ação aos vossos trabalhos, pois não mais me contento de a eles assistir, testemunha invisível ou inspirador desconhecido, como já tenho sido muitas vezes.

J. de Maistre

A Liga do Ensino

(2º artigo)

(Vide o número precedente)

A propósito do artigo que publicamos sobre a liga do ensino, recebemos do Sr. Macé, seu fundador, a carta seguinte, que julgamos um dever publicar. Se expusemos os motivos sobre os quais apoiamos a opinião restritiva que emitimos, é de toda equidade confrontar as explicações do autor.

Beblenheim, 5 de março de 1867.

Senhor,

O Sr. Ed. Vauchez me comunica o que dissestes da *liga do ensino* na *Revista Espírita*, e tomo a liberdade de vos dirigir, não uma resposta para ser publicada em vossa *Revista*, mas algumas explicações pessoais sobre o *objetivo* que persigo, e o *plano* que tracei. Ficaria satisfeito se elas pudessem dissimular os escrúpulos que vos detêm e vos ligar a um projeto que não tem, pelo menos no meu espírito, o vácuo que nele vistes.

Trata-se de agrupar, em cada localidade, todos os que se sentem prontos a fazer ato de cidadania, contribuindo *pessoalmente* ao desenvolvimento da instrução pública em seu redor. Cada grupo deverá necessariamente fazer o seu programa, pois a medida de sua ação é necessariamente determinada por seus meios de ação. Aí me era impossível precisar alguma coisa; mas a *natureza* desta ação, o ponto capital, eu a precisei da maneira mais clara e mais nítida: Fazer instruir pura e simples, fora de toda preocupação de seita e de partido. Aí está um primeiro artigo uniforme, inscrito antecipadamente no topo de todos os prospectos; aí estará sua unidade moral. Todo círculo que vier a infringi-lo sairá de pleno direito da liga.

Sois, eu não poderia duvidá-lo, muito leal para não convir que não haverá, depois disto, lugar para nenhuma *decepção*, quando se chegar à execução. Aí só se decepcionariam os que tivessem entrado na liga com a secreta esperança de fazê-la servir ao triunfo de uma opinião particular: eles estão prevenidos.

Quanto às intenções que poderia ter o próprio autor do projeto, e à confiança que convém conceder-lhe, permiti-me ficar com a resposta que já dei uma vez a uma suspeita emitida nos *Anais do Trabalho*, da qual vos peço que tomeis conhecimento. Ela se dirige a uma dúvida quanto às minhas tendências liberais; pode dirigir-se também às dúvidas que poderiam ser levantadas em outros espíritos sobre a lealdade de minha declaração de neutralidade.

Ouso esperar, senhor, que essas explicações vos pareçam suficientemente claras para modificar vossa primeira impressão e que julgareis acertado, se assim o for, dizê-lo aos vossos leitores. Todo bom cidadão deve o apoio de sua influência pessoal ao que reconhece útil, e eu me sinto tão convencido da utilidade de nosso projeto da Liga, que me parece impossível possa ela escapar a um espírito tão experimentado quanto o vosso.

Recebei, senhor, minhas mui cordiais e fraternas saudações.

Jean Macé

A esta carta o Sr. Macé houve por bem juntar o número dos *Annales du travail*, no qual se acha a resposta mencionada acima, e que reproduzimos integralmente.

Beblenbeim, 4 de janeiro de 1867.

Senhor Redator,

A objeção que fizestes relativamente a uma possível modificação de minhas idéias liberais e, em consequência, ao perigo, também possível, de uma direção má, dada ao ensino da Liga, tal objeção me parece lamentável, e eu vos peço permissão para responder aos que vo-la fizeram, não pelo que me concerne – julgo-o inútil – mas pela honra de minha idéia, que não compreenderam. A Liga nada ensina e não terá direção a dar. É, pois, supérfluo inquietar-se desde já com as opiniões mais ou menos liberais de quem procura fundá-la.

Faço apelo a todos os que levam a sério o desenvolvimento da instrução em seu país e que desejam nela trabalhar, quer para os outros, ensinando, quer para si mesmos, aprendendo. Convido-os a se associarem em todos os pontos do território; a fazer ato de cidadania, combatendo a ignorância, e de sua bolsa e de sua pessoa, o que vale ainda mais; a perseguir homem a homem, os maus pais, que não mandam os filhos à escola; a fazer vergonha aos camaradas que não sabem ler nem escrever; a lhes lembrar que sempre é tempo; em lhes pôr o livro e a pena na mão, caso necessário, improvisando-se professores, cada um daquilo que sabe; em criar cursos e bibliotecas, em benefício dos ignorantes que desejam cessar de o ser; enfim, em formar por toda a França um só feixe para se prestar mútuo auxílio contra as influências inimigas – algumas há, infelizmente, de uma elevação considerada perigosa, segundo o nível intelectual do povo.

Caso se consiga fazer tudo isto, por favor, em que sentido inquietante esse movimento poderia ser dirigido, fosse por quem fosse? Que se organize, por exemplo, em Paris, entre operários, *Sociedades de cultura intelectual*, como as que existem às centenas em cidades da Alemanha, e das quais o Sr. Edouard Pfeiffer, presidente da Associação de Instrução Popular de Wurtemberg, explicava o funcionamento de maneira tão interessante no número do *Coopération* de 30 de setembro último;

que, no bairro de Santo Antônio, no quarteirão do Temple, em Montmartre, em Batignolles, grupos de trabalhadores entrados na *Liga* se reúnam para se dar, em conjunto, em certos dias, saraus de instrução com professores de boa vontade, ou mesmo pagos, por que não? – os operários ingleses e alemães não se recusam a este luxo – eu queria bem saber o que virão lá fazer as doutrinas de um professor de moças que dá suas aulas em Beblenheim, e que não tem a menor vontade de mudar de alunos. – Esta gente não estará em casa? Precisaré pedir licença a mim?

Não que eu me proíba de ter uma doutrina em matéria de ensino popular. Certamente tenho uma; sem isto não me permitira pôr-me como meu próprio chefe, à frente de um movimento como este. Ei-la tal qual acabo de a formular no *Anuário da Associação de 1867*. É a negação mesma de toda direção “em tal sentido em vez de outro”, para me servir da expressão dos que não estão inteiramente seguros de mim, e me declaro pronto a pôr a seu serviço tudo quanto eu possa ter de autoridade pessoal – não temo falar disto porque tenho consciência de havê-la ganho legalmente:

“Pregar ao ignorante *num ou noutro sentido*, nada adianta e não o faz avançar. Ele fica depois à mercê de pregações contrárias, delas não sabendo mais do que sabia antes. Que aprenda o que sabem os que lhe pregam – já é outra coisa; ficará em estado de pregar e os que temessem que ele próprio fosse um mau pregador, podem assegurar-se previamente. A instrução não tem duas maneiras de agir sobre os que a possuem. Se nelas se acham bem por sua conta, por que não prestaria ela o mesmo serviço aos outros?”

Se os vossos correspondentes “de fora” conhecem uma maneira mais liberal de entender a questão do ensino popular, que tenham a bondade de mo ensinar. Não conheço nenhuma.

Jean Macé

P. S. – Pedis que eu responda a uma pergunta que vos foi feita sobre o destino futuro de somas subscritas para a *Liga*.

A subscrição aberta presentemente destina-se a cobrir as despesas de propaganda do projeto. Publicarei em cada boletim, como acabo de fazer no primeiro, o balanço das receitas e das despesas e prestarei minhas contas, com documentos comprobatórios, à comissão que for nomeada para tal fim, na primeira assembléia geral.

Quando a liga for constituída, o emprego das cotizações anuais deverá ser determinado – pelo menos é a minha opinião – no seio dos grupos aderentes que se formarem. Cada grupo fixaria a parte que lhe conviria no fundo geral de propaganda da obra, para onde iriam igualmente as cotizações dos aderentes que não julgassem a propósito engajar-se num grupo especial.

Reflexões sobre as cartas precedentes:

Talvez isto se deva à falta de perspicácia de nossa inteligência, mas confessamos com toda a humildade não estar mais esclarecido do que antes; diremos mesmo que as explicações acima vêm confirmar nossa opinião. Haviam-nos dito que o autor do projeto tinha um programa bem definido, mas que se reservava para o dar a conhecer quando as adesões fossem suficientes. Esta maneira de proceder nem nos parecia lógica, nem prática, porquanto, racionalmente, não se pode aderir àquilo que não se conhece. Ora, a carta que o Sr. Macé teve a gentileza de nos escrever, não nos dá absolutamente a entender que seja assim; ao contrário, diz: “*Cada grupo necessariamente deverá fazer seu próprio programa*”, o que significa que o autor não tem um que lhe seja pessoal. Disso resulta que se houver mil grupos, pode haver mil programas; é a porta aberta à anarquia dos sistemas.

É verdade que ele acrescenta que o ponto capital é precisado da maneira *mais clara e mais nítida* pela indicação do

objetivo, que é “fazer instrução pura e simples, fora de qualquer preocupação de seita e de partido.” O objetivo é louvável, sem dúvida, mas nele não vemos senão boa intenção e não a indispensável precisão das coisas práticas.

“Todo círculo – acrescenta ele – que viesse a infringi-lo, sairia de pleno direito da Liga.” Eis a medida cominatória. Pois bem! esses círculos serão livres para sair da Liga, e para formar outras ao lado, sem julgar ter desmerecido fosse no que fosse. Eis, pois, a Liga principal rompida desde o princípio, por falta de unidade de vistas e de conjunto. O objetivo indicado é tão geral que se presta a um erro de aplicações muito contraditórios, e que cada um, interpretando-o segundo suas opiniões pessoais, julgará estar certo. Aliás, onde está a autoridade que legalmente pode pronunciar esta exclusão? Não existe. Não há nenhum centro regulador com qualidade para apreciar ou controlar os programas individuais que se afastassem do plano geral. Tendo cada grupo sua própria autoridade e seu centro de ação, é o único juiz do que faz. Em tais condições cremos impossível um entendimento.

Até aqui só vemos nesse projeto uma idéia geral. Ora, uma idéia não é um programa. Um programa é uma linha traçada, da qual ninguém pode afastar-se conscientemente, um plano decidido nos mais minuciosos detalhes, e que nada deixa ao arbitrário, onde todas as dificuldades de execução estão previstas e onde as vias e meios são indicados. O melhor programa é o que dá menos chance à improvisação.

“Era-me mesmo impossível precisar alguma coisa – diz o autor – porque a medida de ação de cada grupo será necessariamente determinada por seus meios de ação.” – Em outros termos, pelos recursos materiais de que poderá dispor. Mas isto não é uma razão. Todos os dias fazem-se planos, elaboram-se projetos subordinados aos meios eventuais de execução. É somente vendo um plano, que o público se decide a associar-se, conforme compreenda a sua utilidade e nele veja elementos de sucesso.

O que, antes de tudo, teria sido preciso fazer, era assinalar com precisão as lacunas do ensino que se propunham encher, as necessidades que se queria prover; dizer: se se entendia favorecer a gratuidade do ensino, retribuindo ou indenizando professores ou professoras; fundar escolas onde não as há; suprir a insuficiência do material de instrução nas escolas muito pobres para dele se prover; fornecer livros às crianças que não os podem comprar; instituir prêmios de encorajamento para os alunos e professores; criar cursos para adultos; pagar homens de talento para ir, como missionários, fazer conferências instrutivas no campo e destruir as idéias supersticiosas com o auxílio da Ciência; definir o objetivo e o espírito desses cursos e dessas conferências, etc., essas e outras coisas. Só então o objetivo teria sido claramente especificado. Depois poderiam dizer: “Para o atingir, são precisos recursos materiais.” Então vamos apelar aos homens de boa vontade, aos amigos do progresso, aos que simpatizam com nossas idéias; que formem comitês por Departamentos, bairros, cantões ou comunas, encarregados de recolher subscrições. Não haverá caixa geral e central; cada comitê terá a sua, cujo emprego dirigirá conforme o programa traçado, em razão dos recursos de que poderá dispor; se recolher muito, fará muito; se recolher pouco fará menos. Mas haverá um comitê diretor, encarregado de centralizar as informações, transmitir os avisos e as instruções necessárias, resolver as dificuldades que possam surgir, imprimir ao conjunto um cunho de unidade, sem o qual a *liga* seria uma palavra vã. Entende-se uma *liga* como uma associação de indivíduos marchando de comum acordo e solidariamente para a realização de um objetivo determinado. Ora, desde o instante que cada um pode entender o objetivo à sua maneira, e agir como quiser, não há mais liga nem associação.

Aqui não se trata apenas de uma meta a alcançar. Desde o instante que sua realização repousa em capitais a recolher por meio de subscrições, há combinação financeira; a parte econômica do projeto não pode ser deixada ao capricho dos indivíduos, nem

ao sabor dos acontecimentos, sob pena de periclitár; ela reclama uma elaboração prévia, séria, um plano concebido com previdência na previsão de todas as eventualidades.

Um ponto essencial no qual parece não terem pensado, é este: Sendo *permanente* o fim a que se propõem, e não temporário, como quando se trata de um infortúnio a aliviar, ou de um monumento a erguer, exige recursos *permanentes*. Prova a experiência que jamais se deve contar com subscrições voluntárias regulares e perpétuas; assim, se se operasse diretamente com o produto das subscrições, logo tal produto seria absorvido. Se se quiser que a operação não seja interrompida em sua própria fonte, é preciso constituir uma receita para não viver do seu capital; por conseguinte, capitalizar as subscrições da maneira mais segura e produtiva. Como? com que garantia e sob que controle? Eis o que todo projeto, que se baseie num movimento de capitais, deve prever antes de tudo, e determinar antes de algo recolher, como igualmente deve determinar o emprego e a repartição dos fundos coletados por antecipação, no caso em que, por uma causa qualquer, não lhe dessem continuidade. Por sua natureza, o projeto comporta uma parte econômica tanto mais importante quanto é dela que depende seu futuro, e aqui falta completamente.

Suponhamos que antes do estabelecimento das sociedades de seguros, um homem tivesse dito: “Os incêndios fazem devastações diárias; pensei que se nos associássemos e nos cotizássemos poderíamos atenuar os efeitos do flagelo. Como? Ignoro-o. Primeiramente farei a minha subscrição, depois decidiremos. Vós mesmos procurareis o meio que melhor vos convier e tratareis de vos entender.” Sem dúvida a idéia teria sorrido a muitos; mas quando se tivessem posto à obra, com quantas dificuldades práticas não se teriam chocado, por não terem tido uma base previamente elaborada! Parece-nos que aqui o caso é mais ou menos o mesmo.

A carta publicada nos *Anais do Trabalho* e referida acima, não elucida mais a questão; confirma que o plano e a execução do projeto são deixados ao arbítrio e à iniciativa dos subscritores. Ora, quando a iniciativa é deixada a todos, ninguém a toma. Aliás, se os homens têm bastante raciocínio para apreciar se o que lhes oferecem é bom ou mau, nem todos estão aptos para elaborar uma idéia, sobretudo quanto ela abarca um campo tão vasto quanto este. Essa elaboração é o complemento indispensável da idéia primitiva. Uma liga é um corpo organizado, que deve ter um regulamento e estatutos, para marchar em conjunto, se quiser chegar a um resultado. Se o Sr. Macé tivesse estabelecido estatutos, mesmo provisórios, sob a condição de os submeter mais tarde à aprovação dos subscritores, que os poderiam modificar livremente, como é de praxe em todas as associações, teria dado um corpo à Liga, um ponto de ligação, ao passo que ela não tem nem um nem outro. Dizemos mesmo que não tem bandeira, já que é dito na carta precitada: *A liga nada ensinará e não terá direção a dar; é, pois, supérfluo inquietar-se desde já com as opiniões mais ou menos liberais de quem procura fundá-la.* Conceberíamos esse raciocínio se se tratasse de uma operação industrial; mas numa questão tão delicada quanto o ensino, que é encarado sob pontos de vista tão controvertidos, que toca os mais graves interesses da ordem social, não compreendemos que se possa fazer abstração da opinião daquele que, a título de fundador, deve ser a alma do empreendimento. Tal asserção é um erro lamentável.

Do vácuo que reina na economia do projeto, resulta que, subscrevendo-o, ninguém sabe a que, nem por que se empenha, pois não sabe que direção tomará o grupo do qual faz parte; que se encontrarão até subscritores que não farão parte de nenhum grupo. A organização desses grupos nem sequer é determinada; suas circunscrições, suas atribuições, sua esfera de atividade, tudo é deixado no desconhecido. Ninguém tem qualificação para os convocar; contrariamente ao que se pratica em casos semelhantes, nenhum comitê de vigilância é instituído para regular e controlar o emprego dos fundos recolhidos por

antecipação e que servem para pagar as despesas de propaganda da idéia. Já que há despesas gerais pagas com os fundos dos subscritores, seria preciso que estes últimos soubessem em que consistem. O autor quer lhes deixar toda a liberdade de agir para se organizarem como bem entenderem; quer ser apenas o promotor da idéia. Seja. E longe de nós o pensamento de levantar contra a sua pessoa a menor suspeita de desconfiança; mas dizemos que para a marcha regular de uma operação deste gênero e para lhe garantir o sucesso, há medidas preliminares indispensáveis, que foram totalmente negligenciadas, o que vemos com pesar, no interesse mesmo da causa. Se for intencionalmente, julgamos mal fundado o pensamento; se for por esquecimento, é lastimável.

Não temos autoridade para dar qualquer conselho nesta questão, mais eis como geralmente se procede em semelhantes casos.

Quando o autor de um projeto que necessita de um apelo à confiança pública não quer assumir sozinho a responsabilidade da execução e, também com o objetivo de cercar-se de mais luzes, preliminarmente reúne em seu redor certo número de pessoas cujos nomes sejam uma recomendação, que se associam à sua idéia e a elaboram com ele. Essas pessoas constituem o primeiro comitê, quer consultivo, quer cooperativo, provisório até a constituição definitiva da operação e da nomeação, pelos interessados, de um conselho fiscal permanente. Tal comitê é para estes últimos uma garantia, pelo controle que exerce sobre as primeiras operações, das quais é encarregado de prestar contas, bem como das primeiras despesas. Além disso, é um apoio e uma divisão de responsabilidade para o fundador. Este, falando em seu nome, e escorado no conselho de vários, haure nessa autoridade coletiva uma força moral sempre mais preponderante sobre a opinião das massas do que a autoridade de um só. Se tivessem procedido assim com a Liga do Ensino, e se o projeto tivesse sido apresentado nas formas usuais e em condições mais práticas, sem dúvida alguma os aderentes teriam sido mais numerosos. Mas tal como está, em nossa opinião deixa muitos indecisos.

Embora o projeto esteja entregue à publicidade e, por conseguinte, ao livre-exame de cada um, dele não teríamos falado se, de certo modo, não tivéssemos sido constrangidos pelos pedidos que nos eram dirigidos. Em princípio, sobre coisas às quais, do nosso ponto de vista, não podemos dar inteira aprovação, preferimos guardar silêncio, a fim de não lhe trazer nenhum entrave. Como nos pediram novas explicações a propósito de nosso último artigo, julgamos necessário motivar nossa maneira de ver com maior precisão. Mas, ainda uma vez, apenas damos a nossa opinião, que não compromete ninguém. Seríamos felizes se fôssemos o único de nossa opinião, e se o acontecimento viesse provar que nos enganamos. Associamo-nos de coração à idéia matriz, mas não ao seu modo de execução.

Manifestações Espontâneas

O MOINHO DE VICQ-SUR-NAHON

Sob o título de *O diabo do moinho*, o *Moniteur de l'Indre* de fevereiro de 1867 contém o seguinte relato:

“O Sr. François Garnier é fazendeiro e moendeiro no burgo de Vicq-sur-Nahon. É, gostamos de pensar, um homem pacífico e, contudo, desde o mês de setembro, seu moinho é teatro de fatos miraculosos, próprios a fazer supor que o diabo, ou pelo menos um Espírito brincalhão, ali elegeu o seu domicílio. Por exemplo, parece fora de dúvida que, diabo ou Espírito, o autor dos fatos que vamos narrar gosta de dormir à noite, porque só *trabalha* de dia.

“Nosso Espírito gosta de fazer malabarismos com as cobertas das camas. Toma-as sem que ninguém o perceba, leva-as e vai escondê-las, ora nas vigas do teto, ora no forno, ora sob montes de feno. Transporta de uma cavaliçã para a outra os lençóis da cama do rapaz, e mais de uma hora depois são encontrados sob o feno ou nas grades da manjedoura. Para abrir as

portas, o Espírito Vicq-sur-Nahon não precisa de chave. Um dia o Sr. Garnier, em presença de seus empregados, fechou com duas voltas a porta da padaria e pôs a chave no bolso; mesmo assim, a porta abriu-se quase imediatamente, aos olhos de Garnier e dos criados, sem que pudessem explicar como.

“Outra vez, a 1^o de janeiro – maneira inteiramente nova de fazer votos de feliz ano-novo a alguém – um pouco antes da noite, o leito de penas, os lençóis, os cobertores de uma cama situada num quarto são levantados sem que a cama se desarrume e encontram esses objetos no chão, perto da porta do quarto. Garnier e os seus imaginam, então, na esperança de conjurar toda esta feitiçaria, mudar as camas de quarto, o que de fato ocorre; mas, feita a troca, os fatos diabólicos que acabamos de contar recomeçam com mais intensidade. Por diversas vezes, um rapaz da cavaliariça encontra aberta sua arca, onde guarda seus objetos pessoais, e estes espalhados na cocheira.

“Mas eis duas circunstâncias em que se revela toda a diabólica habilidade do Espírito. No número dos domésticos do Sr. Garnier encontra-se uma mocinha de 13 anos, chamada Marie Richard. Um dia, estando esta menina num quarto, de repente viu surgir sobre o leito uma pequena capela, e todos os objetos colocados sobre a chaminé, 4 vasos, 1 Cristo, 3 copos, 2 xícaras, numa das quais havia água-benta, e uma pequena garrafa também cheia de água-benta, ir sucessivamente, como se obedecesse à ordem de um ser invisível, tomar lugar sobre o altar improvisado. A porta do quarto estava entreaberta, e a mulher do irmão da pequena Richard, perto da porta. Uma sombra *saiu* da capela, no dizer da pequena Richard, aproximou-se dela e a encarregou de convidar os donos a dar um pão bento e mandar dizer uma missa. A menina promete; durante nove dias reina a calma no moinho. Garnier manda rezar a missa pelo cura de Vicq, oferece um pão bento e a partir do dia seguinte, 15 de janeiro, as diabruras recomeçam.

“As chaves das portas desaparecem; as portas, deixadas abertas, aparecem fechadas; um serralheiro, chamado para abrir a porta do moinho, não o consegue e se vê na necessidade de desmontar a fechadura. Estes últimos fatos se passavam a 29 de janeiro. No mesmo dia, por volta do meio-dia, quando os empregados tomavam sua refeição, a menina Richard toma um cântaro de bebida, serve-se, e o relógio do Sr. Garnier, pendurado a um prego na chaminé, cai em seu copo. Repõem o relógio na chaminé; mas a menina Richard, tomando um prato servido sobre a mesa, traz o relógio com sua colher. Pela terceira vez penduram o relógio em seu lugar e, pela terceira vez, a pequena Richard o encontra numa panela que fervia ao fogo, assim como uma garrafinha de remédio, cuja rolha lhe salta ao rosto.

“Em suma, o terror se apodera dos habitantes do moinho; ninguém mais quer ficar numa casa enfeitada. Por fim Garnier toma o partido de prevenir o sr. comissário de polícia de Valençay, que se dirige a Vicq, acompanhado de dois guardas. Mas o diabo não quis mostrar-se aos agentes da autoridade. Apenas estes aconselharam Garnier que despedisse a mocinha Richard, o que logo fez. Esta medida terá bastado para pôr o diabo em debandada? Esperemo-lo, para tranqüilidade da gente do moinho.”

Num número posterior, o *Moniteur de l'Indre* contém o que segue:

“Contamos, no devido tempo, todas as diabruras que se passaram no moinho de Vicq-sur-Nahon, cujo locatário é o Sr. Garnier. Até agora cômicas, essas diabruras começam a virar tragédia. Depois das farsas, dos malabarismos, das prestidigitações, eis que o diabo recorre ao incêndio.

“No dia 12 deste mês ocorreram duas tentativas de incêndio, quase que simultaneamente, nas cavalariças do Sr. Garnier. A primeira aconteceu pelas cinco horas da tarde. O fogo

tomou a palha, ao pé da cama dos rapazes moendeiros. O segundo incêndio surgiu cerca de uma hora depois, mas em outra estrebaria. O fogo surgiu igualmente ao pé de uma cama e na palha.

“Felizmente esses dois incêndios foram extintos pelo pai de Garnier, de oitenta anos, e seus empregados, prevenidos pela citada Marie Richard.

“Nossos leitores devem lembrar-se de que essa mocinha de quatorze anos, era sempre a primeira que percebia as feitiçarias que ocorriam no moinho, não obstante, seguindo os conselhos que lhe tinham sido dados, Garnier houvesse despedido a pequena Richard. Quando os dois incêndios surgiram, essa jovem tinha voltado há quinze dias à casa do Sr. Garnier. Foi ela ainda a primeira a notar os dois incêndios de 12 de março.

“Conforme as pesquisas feitas no moinho, as suspeitas caíram sobre duas empregadas.

“A família Garnier está de tal modo chocada com os acontecimentos de que seu moinho foi teatro, que se persuadiu de que o diabo, ou pelo menos algum Espírito malfazejo, fixou domicílio em sua morada.”

Um dos nossos amigos escreveu ao Sr. Garnier, pedindo que lhe informasse se eram reais ou contos para divertir, os fatos relatados no jornal e, em todo o caso, o que podia haver de verdadeiro ou de exagerado na história.

O Sr. Garnier respondeu que tudo era perfeitamente exato e conforme à declaração que ele próprio havia feito ao comissário de polícia de Valençay. Confirma, também, os dois incêndios e acrescenta: O jornal nem contou tudo. De acordo com sua carta, os fatos se produziam há quatro ou cinco meses, e se viu forçado a fazer a declaração porque não conseguiu descobrir o autor. Termina dizendo: “Não sei, senhor, com que propósito me

pedis estas informações; mas se tiverdes algum conhecimento dessas coisas, peço-vos participar de minhas penas, pois vos asseguro que não estamos à vontade em nossa casa. Se puderdes encontrar um meio de descobrir o autor de todos esses fatos escandalosos, prestar-nos-eis um grande serviço.”

Um ponto importante a esclarecer era saber qual podia ser a participação da mocinha, seja voluntariamente por malícia, seja inconscientemente por sua influência. Sobre esta questão, o Sr. Garnier disse que a jovem, só tendo estado ausente da casa durante quinze dias, não tinha podido julgar o efeito de sua ausência; mas que não lhe tem nenhuma suspeita, como malevolência, nem sobre os outros empregados; que quase sempre ela tinha anunciado o que se passava fora de seu alcance; que, assim, dissera várias vezes: “Eis a cama que se desarruma em tal quarto” e que, aí entrando sem a perder de vista, encontravam o leito desarrumado; que também preveniu os dois incêndios, ocorridos depois de sua volta.

Como se vê, esses fatos pertencem ao mesmo gênero de fenômenos dos de Poitiers (*Revista* de fevereiro e março de 1864; *idem*, maio de 1865); de Marselha (abril de 1865); de Dieppe (março de 1860), e tantos outros que podem ser chamados *manifestações barulhentas e perturbadoras*.

De início faremos notar a diferença que existe entre o tom deste relato e o do jornal de Poitiers, por ocasião do que se passou naquela cidade. Lembre-se o dilúvio de sarcasmos que, a respeito, fizeram chover sobre os espíritas, e sua persistência em sustentar, contra a evidência, o que só podia ser obra de gracejadores de mau gosto, que não tardariam a ser descobertos, mas que, em definitivo, jamais descobriram. O *Moniteur de l'Indre*, mais prudente, limita-se a um relato, que não é temperado por nenhuma troça descabida, e que antes implica uma afirmação que uma negação.

Uma outra observação é que fatos deste gênero ocorreram muito antes que se cogitasse do Espiritismo e que, desde então, quase sempre se passaram entre pessoas que não o conheciam nem de nome, o que exclui qualquer influência devida à crença e à imaginação. Se acusassem os espíritas de simular essas manifestações com vistas à propagação, perguntar-se-ia quem os poderia produzir antes que houvesse espíritas.

Não conhecendo o que se passou no moinho de Vicq-sur-Nahon senão pelo relato que fizeram, limitamo-nos a constatar que aqui nada se afasta daquilo cuja possibilidade o Espiritismo admite, nem das condições normais nas quais semelhantes fatos podem produzir-se; que esses fatos se explicam por leis perfeitamente naturais e, por conseguinte, nada têm de maravilhoso. Só a ignorância dessas leis pôde, até hoje, fazer que fossem consideradas como efeitos sobrenaturais, como tem ocorrido com quase todos os fenômenos cujas leis mais tarde a Ciência revelou.

O que pode parecer mais extraordinário, e se explica menos facilmente é o fato das portas abertas, depois de cuidadosamente fechadas a chave. As manifestações modernas disto oferecem vários exemplos. Um fato análogo passou-se em Limoges, há alguns anos (*Revista* de agosto de 1860). Mesmo que o estado de nossos conhecimentos ainda não nos permita dar-lhe uma explicação concludente, isto nada prejudica, porque estamos longe de conhecer todas as leis que regem o mundo invisível, todas as forças que encerra este mundo, nem todas as aplicações das leis que conhecemos. O Espiritismo ainda não disse a última palavra; longe disso: nem sobre as coisas físicas, nem sobre as coisas espirituais. Muitas das descobertas serão fruto de observações ulteriores. De certo modo o Espiritismo não fez, até agora, senão fincar as primeiras balizas de uma ciência cujo alcance é desconhecido. Com o auxílio do que já descobriu, abre aos que vierem depois de nós, o caminho das investigações numa ordem

especial de idéias. Só procede por observações e deduções, e jamais por suposição. Se um fato é constatado, diz-se que deve ter uma causa e que esta causa só pode ser natural; então ele a procura. Em falta de uma demonstração categórica, pode dar uma hipótese, mas até que seja confirmada, não a dá senão como hipótese, e não como verdade absoluta. Em relação ao fenômeno das portas abertas, como ao dos transportes através de corpos rígidos, ainda está reduzido a uma hipótese, baseada nas propriedades fluídicas da matéria, muito imperfeitamente conhecidas, ou, melhor dizendo, apenas suspeitadas. Se o fato em questão for confirmado pela experiência, deve ter, como dissemos, uma causa natural; se se repetir, não é uma exceção, mas a consequência de uma lei. A possibilidade da libertação de São Pedro de sua prisão, referida nos Atos dos Apóstolos, capítulo 12, seria assim demonstrada sem que houvesse necessidade de recorrer ao milagre.

De todos os efeitos mediúnicos, as manifestações físicas são as mais fáceis de simular. Por isso, deve-se evitar aceitar muito levemente, como autênticos, os fatos deste gênero, sejam espontâneos, como os do moinho de Vicq-sur-Nahon, sejam conscientemente provocados pelo médium. A imitação, é verdade, só poderia ser grosseira e imperfeita, mas com habilidade pode-se enganar facilmente, como outrora fizeram com a dupla vista, aos que não conheciam as condições nas quais os fenômenos reais podem produzir-se. Vimos supostos médiuns de rara habilidade simulando transportes, escrita direta e outros gêneros de manifestações. Assim, só se deve admitir com conhecimento de causa a intervenção dos Espíritos nessas espécies de coisas.

No caso de que se trata não afirmamos esta intervenção; limitamo-nos a dizer que ela é possível. Apenas os dois princípios de incêndio poderiam fazer suspeitar um ato humano, suscitado pela malevolência, que sem dúvida o futuro levará a descobrir. Todavia, é bom notar que, graças à clarividência

da jovem, suas conseqüências puderam ser evitadas. Com exceção deste último fato, os demais não passaram de travessuras sem maior importância. Se são obra dos Espíritos, só podem provir dos Espíritos levianos, divertindo-se com os terrores e as impaciências que causam. Sabe-se que os há de todos os caracteres, como na Terra. O melhor meio de se desembaraçar deles é não se inquietar com eles e esgotar a sua paciência, que jamais é tão longa quando vêem que ninguém se preocupa com eles, o que se lhes prova rindo de suas malícias e os desafiando a fazer mais. O meio mais seguro de os excitar a perseverar é atormentar-se e encolerizar-se contra eles. Pode-se ainda livrar-se deles evocando-os com o auxílio de um bom médium e orando por eles; então, entretendo-se com eles, pode saber-se o que são e o que querem, e os fazer escutar a razão.

Aliás, estes tipos de manifestações têm um resultado mais sério: o de propagar a idéia do mundo invisível que nos rodeia, e afirmar a sua ação sobre o mundo material. É por isto que elas se produzem de preferência entre pessoas estranhas ao Espiritismo, antes que nos espíritas, que delas não necessitam para se convencerem.

A fraude, em semelhante caso, por vezes pode ser apenas inocente brincadeira, ou um meio de se dar importância, fazendo crer numa faculdade que não se possui, ou se a possui imperfeitamente. Mas na maioria dos casos ela tem por móvel um interesse patente ou dissimulado, e por objetivo explorar a confiança das pessoas demasiado crédulas ou inexperientes. É então uma verdadeira fraude. Seria supérfluo insistir em dizer que os que se tornam culpados de quaisquer enganos deste gênero, mesmo que fossem solicitados apenas pelo amor-próprio, não são espíritas, ainda que se dêem como tais. Os fenômenos reais têm um caráter *sui generis*, e se produzem em circunstâncias que desafiam toda suspeição. Um conhecimento completo desses caracteres e dessas circunstâncias pode facilmente levar a descobrir a trapaça.

Se essas explicações chegarem ao conhecimento do Sr. Garnier, ele aí encontrará a resposta ao pedido que faz em sua carta.

Um de nossos correspondentes nos transmite o relato, escrito por uma testemunha ocular, de manifestações análogas ocorridas em janeiro último, no burgo da Basse-Indre (Loire-Inférieure). Consistiam em batidas com obstinação, durante várias semanas e que puseram em polvorosa todos os habitantes de uma casa. As pesquisas e investigações feitas pela autoridade para lhes descobrir a causa não conduziram a nada. Aliás, este fato não apresenta nenhuma particularidade mais notável, a não ser, como todas as manifestações espontâneas, chamar a atenção para os fenômenos espíritos.

Como fato de manifestações físicas, as que se produzem assim espontaneamente exercem sobre a opinião pública uma influência infinitamente maior que os efeitos provocados diretamente por um médium, seja porque têm maior repercussão e notoriedade, seja porque dão menos ensejo às suspeitas de charlatanismo e de prestidigitação.

Isto nos lembra um fato que se passou em Paris, no mês de maio do ano passado. Ei-lo, tal como foi referido na ocasião, pelo *Petit Journal*.

MANIFESTAÇÕES DE MÉNILMONTANT

Um fato singular se repete freqüentemente no bairro de Ménilmontant, sem que se tenha ainda podido explicar sua causa.

“O Sr. X..., fabricante de bronzes, mora num pavilhão ao fundo da casa; aí se entra pelo jardim. Os ateliês estão à esquerda e a sala de jantar à direita. Uma campainha está colocada acima da porta da sala de jantar; naturalmente o cordão está à porta do

jardim. A aléia é bastante longa para que uma pessoa, tendo tocado, possa fugir antes que tenham vindo abrir.

“Várias vezes o contramestre, tendo ouvido a campainha, foi à porta e não viu ninguém. A princípio pensaram numa mistificação; mas, por mais que espreitassem e se assegurassem de que não havia nenhum fio que levasse à campainha, nada descobriram, e a artimanha continuava sempre. Um dia a campainha se agitou enquanto o Sr. e a Sra. X... achavam-se precisamente embaixo e um aprendiz estava na aléia diante do cordão. O fato se repetiu três vezes na mesma noite. Acrescente-se que por vezes a campainha tocava bem baixinho e outras vezes de maneira muito barulhenta.

“Desde alguns dias o fenômeno tinha cessado, mas anteontem à noite renovou-se com mais persistência.

“A Sra. X... é uma mulher muito piedosa. Há uma crença em sua região que os mortos vêm reclamar preces dos parentes. Ela pensou numa tia morta e julgou ter achado a explicação. Mas preces, missas, novenas, nada resolveu: a campainha toca sempre.

“Um distinto metalurgista, a quem o fato foi contado, pensou que fosse um fenômeno científico e que uma certa quantidade de água-forte e de vitríolo, que se achava na oficina, podia desprender uma força bastante grande para mover o fio de ferro. Mas, afastadas as substâncias, o fato não cessou de se produzir.

“Não procuraremos explicá-lo, pois é assunto dos cientistas, diz a *Patrie*, que bem poderia enganar-se. Essas espécies de mistérios muitas vezes terminam se explicando sem que a Ciência aí constate o menor fenômeno ainda desconhecido.”

Dissertação Espírita

MISSÃO DA MULHER

(Lyon, 6 de julho de 1866 – Grupo da Sra. Ducard – Médium: Sra. B...)

Cada dia os acontecimentos da vida vos trazem ensinamentos susceptíveis de vos servir de exemplo e, contudo, passais sem os compreender, sem tirar uma dedução útil das circunstâncias que os provocaram. Entretanto, nesta união íntima da Terra e do espaço, dos Espíritos livres e dos Espíritos cativos, ligados à realização de sua tarefa, há desses exemplos, cuja lembrança deve perpetuar-se entre vós: é a paz proposta na guerra. Uma mulher, cuja posição social atrai todos os olhares, vai-se, humilde irmã de caridade, levar a todos a consolação de sua palavra, a afeição de seu coração, a carícia de seus olhos. Ela é imperatriz; sobre sua fronte brilha a coroa de diamantes, mas ela esquece a sua posição, esquece o perigo para acorrer ao meio do sofrimento e dizer a todos: “Consolai-vos; eis-me aqui! Não sofraíeis mais: eu vos falo; não vos inquieteis: eu tomarei conta de vossos órfãos!...” O perigo é iminente, o contágio está no ar e, contudo, ela passa, calma e radiosa, em meio a estes leitos, onde jaz a dor. Nada calculou, nada temeu, foi aonde a chamava o coração, como a brisa vai refrescar as flores murchas e endireitar suas frágeis hastes.

Este exemplo de devotamento e de abnegação, quando os esplendores da vida deveriam engendrar o orgulho e o egoísmo, por certo é um estimulante para as mulheres que sentem vibrar em si essa delicadeza de sentimento que Deus lhes deu para cumprir sua tarefa; porque elas estão encarregadas principalmente de espalhar a consolação e, sobretudo, a conciliação. Não têm a graça e o sorriso, o encanto da voz e a doçura da alma? É a elas que Deus confia os primeiros passos de seus filhos; ele as escolheu como as nutrizes das meigas criaturas que vão nascer.

Este Espírito rebelde e orgulhoso, cuja existência será uma luta constante contra a desgraça, não lhes vem pedir que lhe

inculque idéias diferentes das que traz ao nascer? É para elas que estende suas mãozinhas; sua voz, outrora rude, e seus acentos, que vibravam como o cobre, se abrandarão como um doce eco, quando disser: mamãe.

É a mulher que ele implora, esse doce querubim, que vem aprender a ler no livro da Ciência; é para lhe agradar que fará todos os esforços para se instruir e tornar-se útil à Humanidade. – É ainda para ela que ele estende as mãos, esse jovem que se transviou na estrada e quer voltar ao bem; não ousaria implorar a seu pai, cuja cólera receia, mas sua mãe, tão doce e tão generosa, não terá para ele senão esquecimento e perdão.

Não são elas as flores animadas da vida, os devotamentos inalteráveis, essas almas que Deus criou mulheres? Atraem e encantam. Chamam-nas a tentação, mas deviam chamá-las a lembrança, porque sua imagem fica gravada em caracteres indeléveis no coração de seus filhos, quando não mais existem; não é no presente que são apreciadas, mas no passado, quando a morte as restituiu a Deus. – Então seus filhos as buscam no espaço, como o marinheiro busca a estrela que o deve conduzir ao porto. Elas são a esfera de atração, a bússola do Espírito que ficou na Terra e que espera encontrá-las no céu. São ainda a mão que conduz e sustenta, a alma que inspira e a voz que perdoa; e, assim como foram o anjo do lar terreno, elas se tornam o anjo consolador que ensina a orar.

Oh! vós que tendes sido oprimidas na Terra, mulheres que sois tidas como escravas do homem, porque vos submetestes à sua dominação, vosso reino não é deste mundo! Contentai-vos, pois, com a sorte que vos está reservada; continuai vossa tarefa; ficai como medianeiras entre o homem e Deus, e compreendi bem a influência de vossa intervenção. – Este é um Espírito ardente, impetuoso; o sangue lhe ferve nas veias; vai se exaltar, será injusto; mas Deus pôs a doçura em vossos olhos, a carícia em vossa voz;

olhai-o, falai-lhe: a cólera se apaziguará e a injustiça será afastada. Talvez tenhais sofrido, mas tereis poupado uma falta ao vosso companheiro de jornada e vossa tarefa foi cumprida. Aquele ainda é infeliz, sofre, a fortuna o abandona, julga-se um pária!... Mas aí há um devotamento à prova, uma abnegação constante para levantar esse moral abatido, para restituir a esse Espírito a esperança que o havia abandonado.

Mulheres, sois as companheiras inseparáveis do homem; com ele formais uma cadeia indissolúvel que a desgraça não pode romper, que a ingratidão não deve manchar, e não poderia quebrar-se, porque o próprio Deus a formou e, embora às vezes tenhais na alma essas preocupações sombrias, que acompanham a luta, contudo rejubilai-vos, porque nesse imenso trabalho de harmonia terrestre, Deus vos deu a mais bela parte.

Coragem, pois! Ó vós que viveis humildemente, trabalhando pela vossa melhora íntima, Deus vos sorri, porque vos deu essa amenidade que caracteriza a mulher; sejam imperatrizes, irmãs de caridade, humildes trabalhadoras ou doces mães de família, estão todas envolvidas na mesma bandeira, e trazem escrito na frente e no coração estas duas palavras mágicas, que enchem a eternidade: Amor e Caridade.

Cárta

Bibliografia

MUDANÇA DE TÍTULO DO *VÉRITÉ* DE LYON

O jornal *Vérité*, de Lyon, acaba de mudar o seu título: a partir de 10 de março de 1867, toma o de *Tribuna Universal, Jornal da livre-consciência e do livre-pensamento*. Anuncia e expõe os motivos na nota seguinte, inserida no número de 24 de fevereiro.

Aos nossos irmãos e irmãs espíritas.

Philaléthès, o infatigável campeão que conheceis, julgou por bem vos informar que de agora em diante dirigiria suas investigações para a filosofia geral, e não apenas para o Espiritismo, do qual, graças a seus preconceitos, os cientistas não querem nem mesmo ouvir pronunciar o nome. Mas não deveis imaginar, caros irmãos, que tirando a etiqueta da bolsa, afinal muito indiferente, ela queira, tanto quanto nós, lançar o conteúdo às urtigas! No que nos concerne pessoalmente, ficaríamos desolados se nossos leitores pudessem suspeitar um só instante que queremos desertar de uma idéia para a qual temos consumido todas as forças vivas de que somos capazes. A idéia espírita hoje faz parte integral do nosso ser, e aboli-la seria votar à morte o nosso coração, o nosso espírito.

Todavia, se somos espíritas, e precisamente porque cremos sê-lo no verdadeiro sentido da palavra, queremos nos mostrar caridosos, tolerantes para com todos os sistemas opostos, e queremos correr para eles, já que se recusam vir a nós.

A etiqueta de espíritas colada em nossa frente vos é um espantinho, senhores negadores? Pois bem! consentimos de bom grado em retirá-la, reservando-nos a trazê-la alto em nossas almas. Assim, não nos chamaremos mais *Verdade*, *Jornal do Espiritismo*, mas *Tribuna Universal*, *jornal da livre-consciência e do livre-pensamento*. Este terreno é tão vasto quanto o mundo, e os sistemas de toda sorte poderão aí se debater à vontade, manter discussões acesas com os tráfugas do *Vérité*, que reclamarão para si próprios o direito concedido a todos: a discussão. É então que, inflamados pela luta, inspirados pela fé e guiados pela razão, esperamos fazer brilhar aos olhos dos nossos adversários uma luz tão viva, que Deus e a imortalidade se erguerão diante deles, não mais como um horrendo fantasma, produto dos séculos de ignorância, mas como doce e suave visão, onde, enfim, repousará a Humanidade inteira.

E. E.

CARTA DE UN ESPIRITISTA

(Carta de um Espírita)

Ao Dr. Francisco de Paula Canalejas

Brochura impressa em Madri¹², em língua espanhola, contendo os princípios fundamentais da Doutrina Espírita, tirados de *O que é o Espiritismo*, com esta dedicatória:

“Ao senhor Allan Kardec, o primeiro que descreveu com método e coordenou com clareza os princípios filosóficos da nova escola, é dedicado este humilde trabalho, por seu devotado correligionário.” Malgrado os entraves que as idéias novas encontram nesse país, o Espiritismo aí encontra simpatias mais profundas do que se poderia supor, principalmente nas classes elevadas, onde conta numerosos adeptos, fervorosos e devotados. Porque aí, devido às opiniões religiosas, os extremos se tocam e, aliás como em toda parte, os excessos de um uns produzem reações contrárias. Na antiga e poética mitologia, teriam feito do fanatismo o pai da incredulidade.

Cumprimentamos o autor deste opúsculo por seu zelo na propagação da doutrina e agradecemos sua graciosa dedicatória, bem como as boas palavras que acompanham a remessa da brochura. Seus sentimentos e os de seus irmãos em crença se refletem nesta frase característica de sua carta: “Estamos prontos a tudo, mesmo a baixar a cabeça para receber o martírio, como a erguemos bem alto para confessar a nossa fé.”

Allan Kardec

12 Tipografía de Manuel Galiano, Plaza de los Ministérios, 3.



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

MAIO DE 1867

Nº 5

Atmosfera Espiritual

O Espiritismo nos ensina que os Espíritos constituem a população invisível do globo, estão no espaço e entre nós, vendo-nos e nos acotovelando incessantemente, de tal sorte que, quando nos julgamos sós, temos constantemente testemunhas secretas de nossas ações e de nossos pensamentos. Isto pode parecer constrangedor para certas pessoas, mas desde que assim é, não se pode impedir que assim seja. Cabe a cada um fazer como o sábio, que não teria medo se sua casa fosse de vidro. Sem nenhuma dúvida é a esta causa que se deve atribuir a revelação de tantas torpezas e infrações que se pensava sepultados na sombra.

Além disso sabemos que, numa reunião, além dos assistentes corporais, há sempre ouvintes invisíveis; que sendo a permeabilidade uma das propriedades do organismo dos Espíritos, estes podem achar-se em número ilimitado num dado espaço. Muitas vezes nos foi dito que em certas sessões eles eram em quantidades inumeráveis. Na explicação dada ao Sr. Bertrand, a propósito das comunicações coletivas que ele obteve, foi dito que o número de Espíritos presentes era tão grande que a atmosfera estava, a bem dizer, *saturada* de seus fluidos. Isto não é novo para

os espíritas, mas talvez não tenham sido deduzidas todas as conseqüências.

Sabe-se que os fluidos que emanam dos Espíritos são mais ou menos salutareos, conforme o grau de sua depuração; conhece-se o seu poder curativo em certos casos e, também, seus efeitos mórbidos de indivíduo a indivíduo. Ora, desde que o ar pode ser *saturado* desses fluidos, não é evidente que, segundo a natureza dos Espíritos que sobejam em determinado lugar, o ar ambiente não se ache carregado de elementos salutareos ou prejudiciais, que devem exercer uma influência sobre a saúde física, tanto quanto sobre a saúde moral? Quando se pensa na energia da ação que um Espírito pode exercer sobre um homem, é de admirar-se da que deve resultar da aglomeração de centenas ou de milhares de Espíritos? Esta ação será boa ou má conforme os Espíritos derramem num dado meio um fluido benéfico ou maléfico, agindo à maneira das emanações fortificantes ou dos miasmas deletérios, que se espalham no ar. Assim se podem explicar certos efeitos coletivos produzidos sobre massas de indivíduos, o sentimento de bem-estar ou de mal-estar que se experimenta em certos meios, e que não têm nenhuma causa aparente conhecida, o arrastamento coletivo para o bem ou para o mal, os impulsos generosos, o entusiasmo ou o desânimo, por vezes a espécie de vertigem que se apodera de toda uma assembléia, de toda uma cidade, mesmo de todo um povo. Cada indivíduo, em razão do seu grau de sensibilidade, sofre a influência desta atmosfera viciada ou vivificante. Por este fato, que parece fora de dúvida e que confirma, ao mesmo tempo, a teoria e a experiência, nós achamos nas relações do mundo espiritual com o mundo corporal, um novo princípio de higiene que, sem dúvida, um dia a Ciência levará em consideração.

Podemos, então, subtrair-nos a essas influências que emanam de uma fonte inacessível aos meios materiais? Sem sombra de dúvida, porquanto, assim como saneamos os lugares insalubres,

destruindo a fonte dos miasmas pestilentos, podemos sanear a atmosfera moral que nos envolve, subtraindo-nos às influências perniciosas dos fluidos espirituais malsãos, e isto mais facilmente do que podemos escapar às exalações paludosas, pois depende unicamente de nossa vontade, e aí não estará um dos menores benefícios do Espiritismo, quando for universalmente compreendido e, sobretudo, praticado.

Um princípio perfeitamente constatado por todo espírita, é que as qualidades do fluido perispiritual estão na razão direta das qualidades do Espírito encarnado ou desencarnado; quanto mais elevados e desprendidos das influências da matéria forem os sentimentos, mais depurado será o seu fluido. Conforme os pensamentos que o dominam, o encarnado irradia fluidos, impregnados desses mesmos pensamentos, que os viciam ou os saneiam, fluidos realmente materiais, conquanto impalpáveis, invisíveis para os olhos do corpo, mas perceptíveis pelos sentidos perispirituais e visíveis pelos olhos da alma, pois impressionam fisicamente e afetam aparências muito diferentes para os que são dotados de visão espiritual.

Pelo só fato da presença dos encarnados numa assembléia, os fluidos ambientes serão bons ou maus. Quem quer que traga consigo pensamentos de ódio, de inveja, de ciúme, de orgulho, de egoísmo, de animosidade, de cupidez, de falsidade, de hipocrisia, de maledicência, de malevolência, numa palavra, pensamentos hauridos na fonte das más paixões, espalha em torno de si eflúvios fluídicos enfermícios, que reagem sobre os que o cercam. Ao contrário, numa assembléia em que cada um só trouxesse sentimentos de bondade, de caridade, de humildade, de devotamento desinteressado, de benevolência e de amor ao próximo, o ar é impregnado de emanções salubres, em meio às quais se sente viver mais à vontade.

Se agora se considerar que os pensamentos atraem os pensamentos da mesma natureza, que os fluidos atraem os fluidos

similares, compreende-se que cada indivíduo traga consigo um cortejo de Espíritos simpáticos, bons ou maus, e que, assim, o ar seja *saturado* de fluidos em relação com os pensamentos que predominam. Se os maus pensamentos forem em minoria, não impedirão que as boas influências se produzam, pois estas os paralisam. Se dominarem, enfraquecerão a irradiação fluídica dos Espíritos bons, ou, mesmo, por vezes impedirão que os bons fluidos penetrem nesse meio, como o nevoeiro enfraquece ou detém os raios-do-sol.

Qual é, pois, o meio de se subtrair à influência dos maus fluidos? Esse meio ressalta da própria causa que produz o mal. Que se faz quando se reconhece que um alimento é prejudicial à saúde? É rejeitado e substituído por outro mais saudável. Já que são os maus pensamentos que engendram os maus fluidos e os atraem, deve-se envidar esforços para só os ter bons, repelir tudo o que é mal, como se repele um alimento que nos pode tornar doentes; numa palavra, trabalhar por seu melhoramento moral e, para nos servirmos de uma comparação do Evangelho, “não só limpar o vaso por fora, mas, sobretudo, limpá-lo por dentro.”

Melhorando-se, a Humanidade verá depurar-se a atmosfera fluídica em cujo meio vive, porque não lhe enviará senão bons fluidos, e estes oporão uma barreira à invasão dos maus. Se um dia a Terra chegar a ser povoada somente por homens que, entre si, pratiquem as leis divinas do amor e da caridade, ninguém duvida que eles se encontrarão em condições de higiene física e moral completamente diversas das hoje existentes.

Sem dúvida esse tempo ainda está longe, mas, enquanto se espera, essas condições podem existir parcialmente, cabendo às assembléias espíritas dar o exemplo. Os que tiverem possuído a luz serão mais repreensíveis, porque terão tido em mãos os meios de se esclarecer; incorrerão na responsabilidade dos retardamentos que seu exemplo e sua má vontade tiverem trazido ao melhoramento geral.

Isto é uma utopia, um discurso vão? Não; é uma dedução lógica dos próprios fatos, que o Espiritismo revela diariamente. Com efeito, o Espiritismo nos prova que o elemento espiritual, que até o presente tem sido considerado como a antítese do elemento material, tem com esse último uma conexão íntima, donde resulta uma porção de fenômenos não observados ou incompreendidos. Quando a Ciência tiver assimilado os elementos fornecidos pelo Espiritismo, ela aí colherá novos e importantes elementos para o melhoramento material da Humanidade. Assim, a cada dia vemos alargar-se o círculo das aplicações da doutrina que, como alguns ainda pensam, está longe de se restringir ao pueril fenômeno das mesas girantes e outros efeitos de mera curiosidade. Realmente o Espiritismo não tomou o seu impulso senão no momento em que entrou na via filosófica; é menos divertido para certa gente, que nele buscava apenas uma distração, mas é mais bem apreciado pelas pessoas sérias, e o será ainda mais, à medida que for mais bem compreendido em suas conseqüências.

Emprego da Palavra Milagre

O jornal *Vérité*, de Lyon, de 16 de setembro de 1866, num artigo intitulado *Renan e sua escola*, continha as reflexões seguintes, a propósito da palavra *milagre*.

“Renan e sua escola nem se dão ao trabalho de discutir os fatos; rejeitam todos *a priori*, qualificando-os erroneamente de sobrenaturais e, portanto, impossíveis e absurdos, opondo-lhes um fim de não-aceitação absoluto e *um desdém transcendente*. Acerca disto Renan disse uma palavra eminentemente verdadeira e profunda: ‘O sobrenatural não seria outra coisa senão o *superdivino*.’ Aderimos com toda a nossa energia a esta grande verdade, mas fazemos observar que a própria palavra *milagre* (*mirum*, coisa admirável e até então inexplicável) não quer dizer interversão das leis da Natureza; longe disso: antes significa *flexibilidade dessas*

mesmas leis, ainda desconhecidas do espírito humano. Diremos mesmo que sempre haverá milagres, porque a ascensão da Humanidade para o conhecimento cada vez mais perfeito sendo sempre progressivo, esse conhecimento necessitará constantemente ser superado e aguilhoado por fatos que parecerão maravilhosos na época em que se produzirem e não serão compreendidos e explicados senão mais tarde. Um escritor muito acreditado de nossa escola deixou-se tomar por essa objeção; (Allan Kardec) repete em muitas passagens de suas obras que não há maravilhoso, nem milagres; é uma inadvertência resultante do falso sentido de *sobrenatural*, repellido completamente pela etimologia da palavra. Dizemos nós que se a palavra *milagre* não existisse, para qualificar fenômenos ainda em estudo e saindo da ciência vulgar, seria preciso inventá-la, como a mais apropriada e a mais lógica.

“Nada é sobrenatural, repetimos, porque fora da Natureza criada e incriada não há absolutamente nada de concebível; mas há o *sobre-humano*, isto é, fenômenos que podem ser produzidos por seres inteligentes outros que não os homens, segundo as leis de sua *natureza*, ou produzidos, quer mediatamente, quer imediatamente por Deus, conforme sua *natureza* ainda e conforme suas relações *naturais* com suas criaturas.”

Philalèthès

Graças a Deus não ignoramos o sentido etimológico da palavra *milagre*. Temo-lo provado em muitos artigos e, notadamente, no da Revista do mês de setembro de 1860. Não é, pois, nem por engano, nem por *inadvertência* que repelimos a sua aplicação aos fenômenos espíritas, por mais extraordinários que possam parecer à primeira vista, mas com perfeito conhecimento de causa e intencionalmente.

Em sua acepção usual a palavra *milagre* perdeu sua significação primitiva, como tantas outras, a começar pelo vocábulo

filosofia (amor à sabedoria), da qual se servem hoje para exprimir as idéias mais diametralmente opostas, desde o mais puro espiritualismo até o materialismo mais absoluto. Não é duvidoso para ninguém que, no pensamento das massas, *milagre* implica a idéia de um fato extranatural. Perguntei a todos os que acreditam nos milagres se os encaram como efeitos naturais. A Igreja está de tal modo fixada neste ponto que anatematiza os que pretendem explicar os milagres pelas leis da Natureza. A Academia mesma assim define este vocábulo: *Ato do poder divino, contrário às leis conhecidas da Natureza. – Verdadeiro, falso milagre – Milagre comprovado – Operar milagres – O dom dos milagres.*

Para ser compreendido por todos, é preciso falar como todo o mundo. Ora, é evidente que se tivéssemos qualificado os fenômenos espíritas de *miraculosos*, o público ter-se-ia enganado quanto ao seu verdadeiro caráter, a menos que empregasse de cada vez um circunlóquio e dissesse que há milagres que não são milagres, como geralmente se os entendem. Desde que a generalidade a isto liga a idéia de uma derrogação das leis naturais, e que os fenômenos espíritas não passam de aplicação dessas mesmas leis, é muito mais simples e, sobretudo, mais lógico dizer claramente: Não, o Espiritismo não faz milagres. Desta maneira, nem há engano, nem falsa interpretação. Assim como o progresso das ciências físicas destruiu uma porção de preconceitos, e fez entrar na ordem dos fatos naturais um grande número de efeitos outrora considerados como miraculosos, o Espiritismo, pela revelação de novas leis, vem restringir mais ainda o domínio do maravilhoso; dizemos mais: dá-lhe o último golpe, razão por que não é mal visto em parte alguma, tanto quanto não o são a astronomia e a geologia.

Se os que crêem nos milagres entendessem esta palavra em sua acepção etimológica (coisa admirável), admirariam o Espiritismo, em vez de lhe lançar anátema; em lugar de aprisionar Galileu por ter demonstrado que Josué não podia ter parado o Sol,

ter-lhe-iam tecido coroas por haver revelado ao mundo coisas de outro modo admiráveis, e que atestam infinitamente melhor a grandeza e o poder de Deus.

Pelos mesmos motivos, repelimos a palavra *sobrenatural* do vocabulário espírita. *Milagre* ainda teria sua razão de ser em sua etimologia, salvo em determinar a sua acepção; *sobrenatural* é uma insensatez do ponto de vista do Espiritismo.

O vocábulo *sobre-humano*, proposto por Philaléthès, em nossa opinião é igualmente impróprio, porque os seres que são agentes primitivos dos fenômenos espíritas, embora no estado de Espíritos, não deixam de pertencer à Humanidade. A palavra *sobre-humano* tenderia a sancionar a opinião longamente acreditada, e destruída pelo Espiritismo, que os Espíritos são criaturas à parte, fora da Humanidade. Uma outra razão peremptória é que muitos desses fenômenos são o produto direto dos Espíritos encarnados, por conseguinte, homens, e em todo o caso, requerem quase sempre o concurso de um encarnado; portanto, não são mais sobre-humanos que sobrenaturais.

Uma palavra que também se afastou completamente de sua significação primitiva é *demônio*. Sabe-se que, entre os Antigos, dizia-se *daimon* dos Espíritos de uma certa ordem, intermediários entre os homens e aqueles que eram chamados *deuses*. Esta denominação não implicava, na origem, nenhuma qualidade má; ao contrário, era tomada em bom sentido. O demônio de Sócrates certamente não era um Espírito mau, ao passo que, segundo a opinião moderna, saída da teologia católica, os demônios são anjos decaídos, seres à parte, essencialmente e perpetuamente votados ao mal.

Para ser conseqüente com a opinião de Philaléthès, seria preciso, em respeito pela etimologia, que o Espiritismo também conservasse a qualificação de demônios. Se o Espiritismo

chamasse os seus fenômenos de *milagres* e os Espíritos de *demônios*, seus adversários teriam o queijo e a faca na mão! Seria repellido por três quartos dos que hoje o aceitam, porque nele veriam um retorno a crenças que já não são de nosso tempo. Vestir o Espiritismo com *roupas usadas* seria uma inabilidade, um golpe funesto na doutrina, que se veria em dificuldade para dissipar as prevenções que denominações impróprias tivessem alimentado.

Revista Retrospectiva das Idéias Espíritas

PUNIÇÃO DO ATEU

“Viagem pitoresca e sentimental ao Campo de Repouso de Montmartre e do Père-Lachaise; por Ans. Caillot, autor da Enciclopédia das Jovens, e das Novas Lições Elementares da História de França.” Tal é o título de um livro publicado em Paris em 1808, e que hoje deve ser muito raro. O autor, depois de historiar e descrever esses dois cemitérios, cita um grande número de inscrições tumulares, sobre cada uma das quais faz reflexões filosóficas, marcadas por profundo sentimento religioso, provocado pelo pensamento que as ditou. De início observamos a passagem seguinte, na qual se encontra claramente expressa a idéia da reencarnação:

“Que sábio e que homem profundamente religioso foi o primeiro a chamar *Campo de Repouso* o último asilo deste ser cuja existência, até seu último suspiro, é atormentado pelos seres que o cercam e por si mesmo! Aqui todos repousam no seio da mãe-comum, num sono que não é senão *o precursor do despertar*, isto é, de uma *nova existência*. Esses restos veneráveis a terra os conserva como um depósito sagrado; e se ela se apressa em os dissolver, é para depurar seus elementos e os tornar mais dignos da inteligência que os *reanimará um dia para novos destinos*.”

Mais adiante diz: “Oh! quanto o cego e audacioso mortal que ousou te expulsar de seu espírito e de seu coração (o ateu que renega a Deus) ficou admirado quando sua alma compareceu ante a Majestade infinita! Como não se viu seus despojos agitar-se e tremer de surpresa e de terror! Como sua língua gelada não se animou para exprimir o espanto de que estava ferida, quando a carne não mais se achou entre ela e teus divinos olhares! Grande Deus! causa universal, alma da Natureza! todos os seres te reconhecem e te celebram como teu único autor: só o homem desviaria de ti o espírito inteligente e racional que lhe dás para te glorificar? Ah! sem dúvida, e apraz-me crê-lo, não houve um só dos quarenta mil mortais, cujos corpos jazem aqui no pó, que não tivesse a convicção de tua existência e o sentimento de tuas adoráveis perfeições.

“Quando eu acabava de pronunciar com emoção estas últimas palavras, um ruído se fez ouvir ao meu lado. Lancei o olhar para esse lado e - coisa admirável e inaudita! - percebi um espectro que, envolto em sua mortalha, tinha saído de um túmulo e avançava gravemente para mim, para me falar. Esta aparição não seria um jogo de minha imaginação? É o que me é impossível assegurar. Mas o diálogo seguinte, que bem conservei, fez-me crer que eu não era o único interlocutor para dois papéis ao mesmo tempo.”

Aqui faremos uma pequena observação crítica, primeiramente sobre a qualificação de *espectro*, dada pelo autor à aparição, real ou suposta. Esta palavra lembra muito as idéias lúgubres que a superstição liga ao fenômeno das aparições, hoje perfeitamente *explicado*, conforme o conhecimento que se tem da constituição dos seres espirituais. Em segundo lugar, sobre o fato de ele fazer essa aparição sair do túmulo, como se alma aí tivesse a sua habitação. Mas isto não passa de um detalhe de forma, devido a preconceitos longamente arraigados; o essencial está no quadro que ele apresenta da situação moral dessa alma, situação idêntica à que hoje nos revelam as comunicações com os Espíritos.

O autor relata como segue o diálogo que teve com o ser que lhe apareceu:

Quando o espectro se aproximou de mim, fez-me ouvir estas palavras com uma voz tal que me era impossível especificar o som, pois jamais tinha ouvido um semelhante entre os homens:

“Fazes bem em adorar a Deus. Guarda-te de jamais me imitar, porque fui um ateu.”

Eu – Então não acreditavas que existisse um Deus?

O Espectro – Não. Ou antes, eu fingi que não acreditava.

Eu – Que razões tinhas para não acreditar que o Universo foi criado e é governado por uma inteligência suprema?

O Espectro – Nenhuma. Por mais que procurasse, não encontrava pontos sólidos e estava reduzido a só repetir vãos sofismas, que havia lido nas obras de alguns supostos filósofos.

Eu – Se não tinhas boas razões para ser ateu, então tinhas motivos para o parecer?

O Espectro – Sem dúvida. Vendo todos os meus semelhantes penetrados da idéia de um Deus e do sentimento de sua existência, o orgulho que me cegava levou-me a me distinguir da multidão, sustentando a quem quer que me quisesse ouvir que Deus não existia e que o Universo era obra do acaso, ou mesmo que sempre tinha existido. Considerava como uma glória pensar neste grande assunto de modo diverso de todos os homens, e *não achava nada mais lisonjeiro que ser considerado no mundo como um Espírito bastante forte para se levantar contra a crença comum de todos os homens e de todos os séculos.*

Eu – Não tinhas outro móvel além do orgulho para abraçar o ateísmo?

O Espectro – Sim.

Eu – Qual? Dize a verdade.

O Espectro – A verdade!!... Sem dúvida eu a direi, pois me é impossível na ordem de coisas em que existo, combatê-la ou dissimulá-la.

Como todos os meus semelhantes, nasci com o sentimento da existência de um Deus, autor e princípio de todos os seres. Esse sentimento, que a princípio não passava de um germe, no qual meu espírito nada descobria, desenvolveu-se pouco a pouco; e quando atingi a idade da razão e adquiri a faculdade de refletir, não tive de fazer nenhum esforço para dele me livrar. Quantas lições de meus pais e de meus mestres me agradavam, quando Deus e suas perfeições infinitas eram o assunto! Quanto me encantava o espetáculo da Natureza e que doce satisfação experimentava quando me falavam desse grande Deus, que tudo criou por seu poder, sustenta, governa e conserva tudo por sua sabedoria!

Entretanto, cheguei à adolescência e as paixões começaram a me fazer ouvir sua voz sedutora. Estabelecia ligações com jovens da minha idade; segui seus funestos conselhos e me conformei com seus perigosos exemplos. Entrando no mundo com essas disposições condenáveis, não pensei mais senão em lhe fazer o sacrifício de todos os princípios de virtude e de sabedoria que a princípio me havia inspirado. Esses princípios, diariamente atacados por minhas paixões, refugiaram-se no fundo de minha consciência e aí se transformaram em remorsos. Como esses remorsos não me deixassem nenhum repouso, resolvi aniquilar, tanto quanto estava em mim, a causa que os havia gerado. Achei que essa causa não era outra senão a idéia de um Deus remunerador da virtude e vingador do crime; e o ataquei com todos os sofismas que meu Espírito pôde inventar ou descobrir nas obras destinadas a espalhar a doutrina do ateísmo.

Eu – Ficavas mais tranqüilo quando amontoavas sofismas sobre sofismas contra a existência de Deus?

O Espectro – Por mais que fizesse, o repouso me fugia incessantemente. Mau grado meu, eu estava convencido e, embora a boca não pronunciasse uma palavra que não fosse uma blasfêmia, não tinha um sentimento que não combatesse contra mim, em favor de Deus.

Eu – Que se passou contigo durante a moléstia de que morreste?

O Espectro – Eu quis sustentar até o fim o caráter de espírito forte, mas o orgulho me impedia de confessar o meu erro, não obstante sentisse interiormente uma premente necessidade. Foi nesta criminoso e falsa disposição que deixei de existir.

Eu – O que te aconteceu quanto teus olhos se fecharam para sempre à luz?

O Espectro – Encontrei-me inteiramente cercado pela majestade de Deus e fui tomado de tão profundo terror que não acho um termo que te possa dar uma idéia justa. Eu esperava muito ser rigorosamente punido, mas o soberano juiz, cuja misericórdia suaviza a justiça, relegou-me a uma tenebrosa região, habitada pelos Espíritos que tiveram mãos inocentes e cérebro doentio.

Eu – Qual a sorte dos ateus que cometeram crimes contra a sociedade de seus semelhantes?

O Espectro – O Ser dos seres os pune por terem sido maus, e não por se terem enganado, pois despreza as opiniões e só recompensa ou pune as ações.

Eu – Então não és castigado na morada tenebrosa onde estás exilado?

O Espectro – Aí sofro uma pena mais cruel do que podes imaginar. Deus, depois de me haver condenado, afastou-se de mim; imediatamente *perdi toda idéia de sua existência, e o nada se me apresentou em todo o seu horror.*

Eu – O quê! perdeste inteiramente a idéia da Deus?

O Espectro – Sim. *É o maior suplício que um Espírito imortal pode suportar, e nada pode fazer conceber o estado de abandono, de dor e de desordem em que se encontra.*

Eu – Qual é, pois, a tua ocupação com os Espíritos submetidos ao mesmo suplício?

O Espectro – Nós nos altercamos incessantemente, sem nos entendermos. O desatino e a loucura presidem a todos os nossos debates e, na profunda escuridão em que se acha sepultada a nossa inteligência, não há nenhuma opinião, nenhum sistema que ela não adote, para logo os rejeitar e conceber novas extravagâncias. É, pois, a agitação perpétua desse fluxo e refluxo de idéias sem fundamento, sem continuidade, sem ligação, que consiste o castigo dos filósofos que foram ateus.

Eu – A despeito de tudo, raciocinas neste momento.

O Espectro – É porque meu suplício logo vai terminar. Ele foi muito longo, porque, embora na Terra não se contem senão dois anos desde minha morte, sofri de tal modo essas loucuras que disse e ouvi, que me parece já se terem passado milhares de séculos na região dos sistemas e das disputas.

Depois de ter assim falado, o Espectro inclinou-se, adorou a Deus e desapareceu.

Quando me refiz da emoção causada pelo que acabara de ver e ouvir, meus pensamentos se reportaram às coisas espantosas que o espectro me havia ensinado. O que me disse do primeiro Ser corresponde à idéia que tão grande número de homens fizeram? Que acabo de ouvir? Quê! o próprio ateu, o horror de seus semelhantes, acabou por encontrar graça aos olhos desta Divindade que me apresentam como uma natureza vingativa e invejosa? Oh! quem ousará dizer-me agora: Se não adotares tal ou qual opinião, serás condenado a eternos suplícios? Que bárbaro

ousará dizer: Fora de minha comunhão não há salvação? Ser incompreensível e todo misericordioso, tu encarregaste alguém do cuidado de te vingar? É a uma vil criatura que compete dizer aos seus semelhantes: pensai como eu, ou sereis infeliz para sempre! Que limites, grande Deus! Podemos nós, seres limitados que somos, fixar a tua clemência e a tua justiça? E com que direito eu te diria: Aqui tu recompensarás, ali tu punirás? Respondei, ó mortos que jazeis no pó! Foi possível a todos vós que tivésseis a mesma crença na qual eu nasci? Vossas inteligências foram todas igualmente tocadas por provas que estabelecem os mistérios que eu adoro e os dogmas nos quais creio? Oh! como os degraus de uma crença seriam os mesmos em toda parte, assim como os degraus da convicção? Homem intolerante e cruel, vem, se tens coragem, sentar-te ao meu lado, e ousa dizer às vítimas da morte, cujas lições escutei: “Aqui sois quarenta mil. Pois bem! não há senão dez, cinqüenta, cem entre vós que o Deus vingador não devotou às chamas eternas!”

Se esse fosse o discurso de um insensato, para que serviria a religião dos túmulos? Por que deveria eu respeitar as cinzas dos que adoram o grande Ser à minha maneira? É neste recinto, onde os inimigos de minha crença repousam, confundidos com seus sectários, que eu poderia ouvir as lições da verdadeira sabedoria? E de que impiedade eu me tornaria culpado, comunicando com inteligências reprovadas, a cujos despojos venho render uma homenagem inspirada pela religião, como pela Humanidade?

Uma Expição Terrestre

O JOVEM FRANCISCO

As pessoas que leram *O Céu e o Inferno* sem dúvida se lembram da tocante história de Marcel, o menino do nº 4, referida

no capítulo VIII das *Expições terrestres*. O fato seguinte apresenta um caso mais ou menos análogo e não menos instrutivo, como aplicação da soberana justiça e como explicação do que muitas vezes parece inexplicável em certas posições da vida.

Numa boa e honesta família morreu, em outubro de 1866, um rapazote de doze anos, cuja vida, durante nove anos, tinha sido um sofrimento contínuo, que nem os cuidados afetuosos de que era cercado, nem os socorros da Ciência tinham podido ao menos suavizar. Era acometido de paralisia e hidropisia; seu corpo estava coberto de chagas, invadidas pela gangrena e suas carnes caíam aos pedaços. Muitas vezes, no paroxismo da dor, ele exclamava: “Que fiz eu então, meu Deus, para merecer tanto sofrer? E, contudo, desde que estou no mundo não fiz mal a ninguém!” Instintivamente esse rapazinho compreendia que o sofrimento devia ser uma expiação, mas, ignorando a *lei de solidariedade das existências sucessivas*, não remontando seu pensamento além da vida presente, não se dava conta da causa que nele pudesse justificar tão cruel castigo.

Uma particularidade digna de nota foi o nascimento de uma irmã, quando ele tinha cerca de três anos. Foi nesta época que se declararam os primeiros sintomas da terrível enfermidade da qual devia sucumbir. Desde esse momento ele sentiu pela recém-vinda uma repulsa tal que não podia suportar sua presença, parecendo que sua vista redobrava seus sofrimentos. Muitas vezes ele se censurava por esse sentimento, que nada justificava, porque a pequena não o partilhava; ao contrário, ela era doce e amável para com ele. Ele dizia à sua mãe: “Por que, então, a vista de minha irmã me é tão penosa? Ela é boa para mim e, mau grado meu, não me posso impedir de detestá-la.” Entretanto, não podia suportar que lhe fizessem o menor mal, nem que a contrariassem; longe de se deleitar com suas penas, afligia-se quando a via chorar. Era evidente que nele dois sentimentos se combatiam; compreendia a injustiça de sua antipatia, mas seus esforços para superá-la eram impotentes.

Que tais enfermidades fossem, em certa idade, conseqüência de mau procedimento, seria uma coisa muito natural. Mas de que faltas tão graves uma criança desta idade pode tornar-se culpada para suportar semelhante martírio? Além disso, de onde podia provir esta repulsa por um ser inofensivo? Estes são problemas que se apresentam a todo instante, e que levam muita gente a duvidar da justiça de Deus, porque aí não encontram solução em nenhuma religião. Ao contrário, essas aparentes anomalias encontram sua completa justificação na solidariedade das existências. Um observador espírita poderia, então, dizer, com toda aparência de razão, que esses dois seres eram conhecidos e tinham sido colocados ao lado do outro na existência atual para alguma expiação, e para a reparação de alguma falta. Do estado de sofrimento do irmão, podia-se concluir que ele era o culpado, e que os laços de parentesco próximo que o uniam ao objeto de sua antipatia lhe eram impostos para preparar entre eles as vias de uma reconciliação. Assim, já se vê no irmão uma tendência e esforços para superar a sua aversão, que reconhece injusta. Esta antipatia não tinha os caracteres do ciúme que por vezes se nota em crianças do mesmo sangue. Ela provinha, pois, conforme toda a probabilidade, de lembranças dolorosas, e, talvez, do remorso que despertava a presença da menina. Tais as deduções que, racionalmente e por analogia, podem ser tiradas da observação dos fatos, e que foram confirmadas pelo Espírito do rapazote.

Evocado quase imediatamente após a morte, por uma amiga da família, pela qual nutria grande afeição, de início não pôde explicar-se de maneira completa, prometendo, ulteriormente, dar detalhes mais circunstanciados. Entre as diversas comunicações que deu, eis as duas que se referem mais particularmente à questão:

“Esperais de mim o relato que prometi, acerca do que fui numa existência anterior, e a explicação da causa de meus grandes sofrimentos; será um ensinamento para todos. Bem sei que esses ensinamentos estão em toda parte e se encontram por todos

os lados; mas o relato de fatos cujas conseqüências nós mesmos vimos, é sempre, para os que existem, uma prova muito mais admirável.

“Pequei, sim pequei! Sabeis o que é ter sido assassino, ter atentado contra a vida de seu semelhante? Não o fiz pela maneira como os assassinos empregam, matando imediatamente, seja com uma corda, seja com uma faca ou qualquer outro instrumento; não, não foi dessa maneira. Matei, mas matei lentamente, fazendo sofrer um ser que eu detestava! Sim, eu detestava esta criança que julgava não me pertencer! Pobre inocente! Tinha merecido esta triste sorte? Não, meus pobres amigos, não o tinha merecido, ou, pelo menos, não me cabia fazê-la sofrer esses tormentos. E, contudo, eu o fiz, razão por que fui obrigado a sofrer como vistes.

“Eu sofri, meu Deus! Terá sido bastante? Sois tão bom, Senhor! Sim, em presença de meu crime e da expiação, acho que fostes muito misericordioso.

“Orai por mim, caros pais, caros amigos. Agora meus sofrimentos passaram. Pobre Sra. D..., eu vos faço sofrer! é que era muito penoso para mim vir fazer a confissão desse crime imenso!

“Esperança, meus bons amigos, Deus perdoou minha falta; agora estou na alegria e, entretanto, também na pena. Vede! Por mais que se esteja num estado melhor, por mais que se tenha expiado, o pensamento, a lembrança dos crimes deixam tal impressão que é impossível que não se sinta ainda por muito tempo todo o horror, porque não foi somente na Terra que sofri, mas antes, nesta vida espiritual! E quanto sofri para me decidir a vir sofrer esta expiação terrível! Não vos posso narrar tudo isto, porque seria muito horrroso! A visão constante de minha vítima, e a outra, a pobre mãe! Enfim, meus amigos: preces por mim e graças ao Senhor! Eu vos tinha prometido este relato. Era preciso que eu pagasse até o fim a minha dívida, custasse o que custasse.

(Até aqui o médium havia escrito sob o império de viva emoção. Continuou com mais calma).

E agora, meus bons pais, uma palavra de consolação. Obrigado, oh! obrigado! a vós que me ajudastes nesta expiação e que carregastes uma parte; suavizastes, tanto quanto de vós dependia, o que havia de amargo em meu estado. Não vos entristeçais, é coisa passada; estou feliz, eu vo-lo disse, sobretudo comparando o estado passado com o presente. Amo-vos a todos; agradeço-vos; abraço-vos; amai-me sempre. Encontrar-nos-emos e, todos juntos, continuaremos esta vida eterna, esforçando-nos para que a vida futura resgate inteiramente a vida passada.

Vosso filho, François E.

Numa outra comunicação, o Espírito do jovem François completou as informações acima:

P. – Caro rapaz, não disseste de onde vinha tua antipatia por tua irmãzinha.

Resp. – Não o adiviniais? Esta pobre e inocente criatura era minha vítima, que Deus tinha ligado à minha última existência como um remorso vivo. Eis por que sua vista me fazia sofrer tanto.

P. – Entretanto, não sabias quem era ela.

Resp. – Não o sabia em vigília, sem o que meus tormentos teriam sido cem vezes mais horríveis; tão horríveis quanto tinham sido na vida espiritual, em que eu a via incessantemente. Mas credes que meu Espírito, nos momentos em que estava desprendido, não o soubesse? Era a causa de minha repulsa, e se me esforçava por combatê-la, é que instintivamente sentia que era injusta. Eu não era ainda bastante forte para fazer o bem àquela que eu não podia impedir-me de detestar, mas não queria que lhe fizessem mal: era um começo de reparação. Deus me levou em conta este sentimento, permitindo que cedo eu ficasse

livre de minha vida de sofrimento, sem o que eu teria podido viver ainda longos anos na horrível situação em que me vistes.

Bendizei, pois, minha morte, que pôs um termo à expiação, porque foi a garantia de minha reabilitação.

P. – [Ao guia do médium]. Por que a expiação e o arrependimento na vida espiritual não bastam para a reabilitação, sem que a isto seja necessário juntar os sofrimentos corporais?

Resp. – Sofrer num mundo ou no outro é sempre sofrer, e se sofre por tanto tempo até que a reabilitação seja completa. Este menino sofreu muito na Terra. Pois bem! isto nada é em relação com o que suportou no mundo dos Espíritos. Aqui ele tinha, em compensação, os cuidados e a afeição de que era rodeado. Há ainda esta diferença entre o sofrimento corporal e o sofrimento espiritual: o primeiro é quase sempre aceito voluntariamente, como complemento de expiação, ou como prova para adiantar-se mais rapidamente, ao passo que o outro é imposto.

Mas há outros motivos para o sofrimento corporal: inicialmente para que a reparação se faça nas mesmas condições em que o mal foi feito; depois, para servir de exemplo aos encarnados. Vendo seus semelhantes sofrer e sabendo a razão disto, ficam muito mais impressionados do que saber que são infelizes como Espíritos; podem melhor explicar-se a causa de seus próprios sofrimentos; de certo modo a justiça divina se mostra palpável aos seus olhos. Enfim, o sofrimento corporal é uma ocasião para os encarnados exercitarem a caridade, uma prova para seus sentimentos de comiseração e, muitas vezes, um meio de reparar erros anteriores; porque, crede-o bem, quando um infortunado se acha em vosso caminho, não é por efeito do acaso. Para os pais do jovem Francisco, era uma grande prova ter um filho nessa triste posição. Pois bem! eles cumpriram dignamente sua missão, e serão tanto mais recompensados quanto agiram espontaneamente, pelo próprio impulso do coração. Se os Espíritos não sofressem na encarnação, é porque na Terra só haveria Espíritos perfeitos.

Galileu

FRAGMENTOS DO DRAMA DO SR. PONSARD

(Ver o número precedente)

Um século antes de Galileu, Copérnico tinha concebido o sistema astronômico que traz o seu nome.¹³ Com o auxílio do telescópio que havia inventado, e juntando a observação direta à teoria, Galileu completou as idéias de Copérnico e demonstrou sua verdade pelo cálculo. Com seu instrumento, pôde estudar a natureza dos planetas e, de sua similitude com a Terra, concluiu pela sua habitabilidade. Igualmente tinha reconhecido que as estrelas são outros tantos sóis, disseminados nos espaços sem limites, e pensou que cada um devia ser o centro do movimento de um sistema planetário. Acabava de descobrir os quatro satélites de Júpiter e este acontecimento abalou o mundo científico e o mundo religioso. O poeta se dedica a pintar, no seu drama, a diversidade dos sentimentos que excitou, conforme o caráter e os preconceitos dos indivíduos.

Dois estudantes da Universidade se entretêm com a descoberta de Galileu, e como não estão de acordo, buscam a opinião de um professor de renome.

Albert:

Nós num ponto, doutor, em desacordo estamos,
Queríamos, pois, saber o que pensais.

Pompeu:

Ele aceita pedir conselhos bons, reais,
– De que se trata, então?

¹³ Copérnico, astrônomo polonês, nascido em Thorn (Estados prussianos) em 1473, morto em 1543. – Galileu, nascido em Florença em 1564, condenado em 1633, morto em 1644, cego. O sistema de Copérnico já era condenado pela Igreja.

Vivian:

Dos satélites vistos
De Júpiter ao redor nos orbitais previstos.

Pompeu:

Não existem, não.

Vivian:

Mas...

Pompeu:

Não podem existir.

Vivian:

Podemos, entretanto, os ver e conferir.

Pompeu:

Não, nem mesmo os contar que inexistentes são.

Albert:

Tu o ouves, Vivian?

Vivian:

E por que mestre, então?

Pompeu:

E porque sustentar que Deus pode ter feito
Quatro globos além dos sete com efeito
É propósito mau, um tema em fantasia,
Anti-religioso e sem filosofia.
(E vendo Galileu seguido por muitos estudantes)
Basbaques, tolos, são! e infame charlatão!

Albert a Vivian:

Vês que o doutor Pompeu contra ti se revela.

Vivian:

Bem melhor pra Doutrina em que creio e tão bela;
É de toda a verdade a marcha natural,
Contra ela amotinar-se os pedantes do mal.

Aí bem está a força do raciocínio de certos negadores das idéias novas: isto não é porque não pode ser. Perguntava-se a um sábio: Que diríeis se vísseis uma mesa erguer-se sem ponto de apoio? – Não acreditaria, respondeu ele, porque sei que isto não pode ser.

Um monge, pregando à multidão:

Escutai o que diz o Apóstolo: Nos céus
 Vossos olhos passeais, por que, ó Galileus?
 Que ele, assim, de antemão anátema lançava
 Contra ti, Galileu, e teu plano atacava.
 Nós mesmos vemos, hoje, e muito claramente,
 Quanto horror tem o céu a este ensino inciente,
 E o Arno transbordado e o gelo nos vinhais,
 Do divino furor são dolentes sinais.
 Meus irmãos, desdenhai as mentiras grosseiras;
 Para a Terra marchar só com pés, sem canseiras?
 Pois se a Lua se move é que há um anjo que a guia;
 Porque a cada planeta um condutor vigia;
 Mas da Terra, seu anjo, onde ele está, nos montes?
 Seria visto aí. – No centro? O mal tem fontes.

Lívia, mulher de Galileu, é o tipo de pessoa de mente estreita, mais preocupada com a vida material do que com a glória e a verdade.

Lívia, a Galileu:

...Por que a mente esquentar,
 Novos ensinamentos em vão a divulgar?
 Tais novidades são resumíveis num termo,
 Invenção do diabo e o mal expresso em ermo.
 Pelo modo por que vos olha cada qual,
 Se não te guardas bem, isto acabará mal.
 Oh! por que não seguir os dignos professores
 Que isso dizem citando os seus predecessores?
 Eis pessoas em quem reina sempre o bom-senso;
 Ensinam sem questão no que esperam consenso,
 E sem se desgastar em público abatido
 Se a Aristóteles ou Copérnico haver crido,
 Sustentam com saber que a certa opinião
 Aquela deve ser por qual se paga então,
 Se a Aristóteles cabe o cofre-forte abrir,
 Aristóteles faz Copérnico sair.
 Não se fazem assim dissentir com ninguém;
 Mas embolsam em paz os florins que lhes vêm;
 Prosperam; moram bem; e sempre bem nutridos;
 As filhas dotes têm com que encontram maridos;
 Seu auditório é suave e nunca atormentado;
 Retornam sempre ao lar para o caldo esperado;
 Mas vós, vós fazeis raiva, e alguém vos aplaudia
 E nesse meio tempo, eis que o jantar esfria.

Fragmentos do monólogo de Galileu no começo do segundo ato:

Não mais o tempo em que, no reino solidão,
 A Terra no seu trono era imóvel então;
 Não, o carro veloz, levando o astro do dia
 Do nascer até se pôr não mais seu rumo guia;
 Pois já do firmamento a curva cristalina
 Que, como um teto azul, de lustres se ilumina;
Não é só para nós que Deus fez Universos;
 Mas antes de nos ter fomos no orgulho imersos!
 Pois se abdicamos nós uma realeza falsa,
 Porquanto da verdade a Ciência nos exalça;
 Faz-se o corpo menor, mais o Espírito cresce;

Nossa nobreza crê ou nossa fé decresce.
 Para o homem é mais belo, ínfima criatura,
 Os intrincados véus ele abrir da Natura,
 E de ousar abraçar em sua concepção
 A lei universal da própria criação,
 Como nos dias ser, de vaidosa mentira
 Rei de certa ilusão que num sonho se mira,
 Centro inculto de um todo e do qual crê-se autor,
 E só por ter pensado, hoje acha-se senhor.
 O Sol, globo de fogo, gigantesca fornalha,
 Um caos incandescente e de onde a vida espalha,
 Tempestivo oceano onde oscilam perdidos
 Rochas que se diluem e alguns metais fundidos,
 Batendo e misturando, as vagas inflamadas
 São negras explosões de fumo carregadas,
 Uma ilhota vermelha exsurge do crisol,
 Tolda pela manhã, hoje a face do Sol;
 Almeja em torno a ti, ó incêndio fecundo,
 A Terra, nossa mãe, um resfriar profundo,
 E, resfriados como ela, e, que *vivem como ela*;
 Marte sempre sangrento e Vênus de luz bela;
 Junto ao teu esplendor, Mercúrio vive assim,
 E desse reino teu Saturno no confim,
 E por Deus, para mim, e com venturas suas
 A Júpiter coroa um quádruplo de luas.
 Mas, astro soberano e centro desses mundos
 Para além desse império os limites profundos,
 Os milhares de sóis numerosos e densos,
 Que ninguém contar pode em seus grupos imensos.
 Prolongam, como tu, suas vastas crateras,
 Movendo, como tu, planetárias esferas,
 Que lhes giram em torno, o seu curso a compor,
 E colhem de seu rei claridade e calor.
 Oh! sim, sois vós melhor que as lâmpadas noturnas,
 Que dariam mais luz que as chamas taciturnas,
 Inúmeros clarões, estrelas que empoeirais,
 De vossa areia de ouro as sendas azulais,
Em casa vos palpita a vida universal,
 Mais não vemos senão uma centelha astral.

E em toda a parte ação, o movimento e a alma!
 Rolando, aqui e ali, em seus centros sem calma,

*Globos de habitação, cujos homens pressinto,
Viverem meu viver, sentirem como eu sinto,
Uns rebaixados mais, enquanto outros talvez
Em mais altos degraus na ordem de sua vez!
Quão grande! Como é belo! Em que culto profundo!
O Espírito em torpor, se perde em abismo fundo!
Copiosíssimo autor, que tua onipotência
Aí se mostra em glória e em tal magnificência!
Que a vida a se expandir em ondas no infinito,
Vastamente proclama o teu nome bendito!
Perseguidores, ide! Anátemas lançai!
Tenho mais fé que vós, sabendo pois ficai.
Deus, que vós invocais, melhor que vós imerso
Nele vejo: só lama, e pra vós é o Universo;
Para mim sobretudo a obra divina brilha;
Vós a fazeis estreita, e eu lhe redobro a trilha;
Como se dava aos reis carro triunfador,
Universos coloco aos pés do Criador.*

Fragmentos do diálogo entre o inquisidor e Galileu:

O Inquisidor:

Verdadeiro não é qual o das Escrituras;
Erro é tudo o que resta, e visões, e imposturas;
Quem no contrário crê em seu ensinamento
Não é esclarecido, é um cego desatento.

Galileu:

Sim, a fé do cristão tem a norma que a guia;
Seu único poder reina na teologia,
E deve a adoração curvar nossos espíritos
Aos dogmas divinais em que aí são inscritos;
Mas da matéria o mundo escapa à força insana;
Deus o entrega inteiro à discussão humana;
Por de coisas tratar que caem sob os sentidos,
Sentidos e razão se mostram combatidos;
A autoridade cala; e nula a ordem se faz
Bem no centro da esfera os raios desiguais,

De heresia se anula acusar-se o compasso,
 Nem aos corpos impor que não girem no espaço.
 Enfim, o olho é juiz do Universo visível.
 Se o imutável dogma é na Bíblia intangível,
 A Ciência repele essa imobilidade,
 E nos ferros morrendo alcança a liberdade.

O Inquisidor:

Ora, não vês então que teu novo sistema
 Turvando a astronomia à fé deixa em dilema?
 O erro material em certo ponto aceito,
 Em todo o Testamento o exame faz suspeito;
 Quem uma vez falhou não é mais infalível;
 A dúvida se aceita, o exame é ato possível,
 E logo há conclusão, se alguém ousa julgar,
 Da física inexata o dogma se enganar.

Galileu

Eu a fé destruir, quando engrandeço o culto!
 Em sua obra ver Deus é Lhe fazer insulto?
 Ah! senti-la melhor, é melhor adorá-la,
 E entanto, honrá-la mal é que é desfigurá-la.
 Os céus conforme a Bíblia em que devemos crer,
 Os céus de seu Autor glória nos fazem ver;
 Bem melhor que ninguém Lhe escuto a narração,
 E tenho repetido o que a dizer estão.

De uma verdade nova há quem lhe barre o fio?
 Uma gota deter, será deter um rio?
 Crede-me, respeitai estas aspirações,
 Elas têm muito impulso e muitas expansões
 Pra deixar-se reter nas grades da prisão;
 Deixai-lhes livre o campo ou *morte ao barreirão!*
 – Ah! Roma ao ver um dia os teus cultos proscritos,
 Dizias nada opor senão do gládio aos ritos;
 Só triunfaste, então, ao mudar de papel

E opondo ao próprio gládio a palavra em laurel.

Antônia, filha de Galileu, vendo proscrito o pai, lhe diz:

Tua filha, eis-me aqui. Sim, meu piedoso amor
Seguirá o proscrito, e dos céus vencedor.
Levando, vale a vale, o teu bastão assim,
Direi: “De Galileu o pão trazei-mo a mim,
Para aquele que um lar negaram-lhe os cristãos,
E altar teria tido entre os povos pagãos.”

Galileu sondou as profundezas dos céus e revelou a pluralidade dos mundos materiais. Como dissemos, foi toda uma revelação nas idéias; um novo campo de exploração foi aberto à Ciência. O Espiritismo vem operar outra não menor, revelando a existência do mundo espiritual que nos rodeia; graças a ele o homem conhece seu passado e seu verdadeiro destino. Galileu derrubou as barreiras que circunscreviam o Universo: o Espiritismo o povoa e enche o vazio dos espaços infinitos. Embora mais de dois séculos nos separem das descobertas de Galileu, muitos preconceitos ainda estão vivos; a nova doutrina emancipadora encontra os mesmos obstáculos; atacam-na com as mesmas armas, opõem-lhe os mesmos argumentos. Lendo o drama do Sr. Ponsard, poder-se-ia dar nomes próprios modernos a cada um de seus personagens. Entretanto, a má vontade e a perseguição não impediram que a doutrina de Galileu triunfasse, porque era a verdade. Dar-se-á o mesmo com o Espiritismo, porque é, também, uma verdade. Seus detratores serão olhados pela geração futura com os mesmos olhos com que olhamos os de Galileu.

Lúmen

Por Camille Flammarion

(2º artigo – Vide o número de março)

Deixamos Lúmen em *Capela*, ocupado em considerar a Terra, que acabava de deixar. Estando este mundo situado a 170

trilhões e 392 bilhões de léguas da Terra, e percorrendo a luz 70.000 léguas por segundo, esta não pode chegar de um a outro senão em 71 anos, 8 meses e 24 dias, ou seja, cerca de 72 anos. Disso resulta que o raio luminoso que leva a imagem da Terra só chega aos habitantes de Capela ao cabo de 72 anos. Tendo Lúmen morrido em 1864, e lançando o olhar sobre Paris, a viu tal qual era 72 anos antes, isto é, em 1793, ano de seu nascimento.

De início ficou muito surpreso por encontrar tudo diferente do que tinha visto, de ver ruelas, conventos, jardins, campos, em lugar de avenidas, novos bulevares, estações ferroviárias, etc. Viu a Praça da Concórdia ocupada por uma imensa multidão e foi testemunha ocular do advento de 21 de janeiro.¹⁴ A teoria da luz lhe deu a chave deste estranho fenômeno. Eis a solução de algumas dificuldades que ele levanta.¹⁵

Sitiens – Mas, então, se o passado pode confundir-se com o presente; se a realidade e a visão se casam do mesmo modo; se pessoas mortas há muito tempo ainda podem ser vistas representando na cena; se as construções novas e as metamorfoses de uma cidade como Paris podem desaparecer e deixar ver em seu lugar a cidade de outrora; enfim, se o presente pode apagar-se para a ressurreição do passado, sobre que certeza, de agora em diante, podemos confiar? Em que se tornam a Ciência e a observação? Em

14 **N. do T.:** Flammarion se refere à execução de Luís XVI, ocorrida em 21 de janeiro de 1793.

15 Segundo o cálculo, e em razão da distância do Sol, que é de 38 milhões e 230 mil léguas de 4 quilômetros, a luz desse astro nos chega em 8 minutos e 13 segundos. Disso resulta que um fenômeno que se passasse em sua superfície só nos chegaria 8 minutos e 13 segundos mais tarde, e se tal fenômeno fosse instantâneo, já não existiria mais quando o vissemos. Sendo a distância da Lua de apenas 85.000 léguas, sua luz nos chega mais ou menos em um segundo e um quarto; por conseguinte, as perturbações que aí pudessem acontecer nos apareceriam pouco depois do momento em que ocorressem. Se Lúmen estivesse na Lua, teria visto a Paris de 1864, e não de 1793. Se estivesse num mundo duas vezes mais afastado do que Capela, teria visto a Regência.

que se tornam as deduções e as teorias? Em que se fundam os nossos conhecimentos, que nos parecem os mais sólidos? E se essas coisas são verdadeiras, não devemos, doravante, duvidar de tudo ou crer em tudo?

Lúmen – Estas considerações e muitas outras, meu amigo, me absorveram e atormentaram, mas não impediram de ser a realidade que eu observava. Quando tive a certeza de que tínhamos presente sob os olhos o ano de 1793, pensei imediatamente que a própria Ciência, em vez de combater esta realidade – porque duas verdades não podem opor-se entre si – devia me dar a sua explicação. Então interroguei a física e esperei sua resposta. (Segue a demonstração científica do fenômeno.)

Sitiens – Assim, o raio luminoso é como um correio, que nos traz notícias do estado do país que o envia, e que, se levar 72 anos para nos chegar, dá-nos o estado desse país no momento de sua partida, isto é, cerca de 72 anos antes do momento em que nos chega.

Lúmen – Adivinhastes o mistério. Para falar mais exatamente ainda, o raio luminoso seria um correio que nos trouxesse, não notícias escritas, mas a fotografia, ou mais rigorosamente ainda, *o próprio aspecto* do país de onde saiu. Quando, pois, examinamos ao telescópio a superfície de um astro, ainda não vemos esta superfície tal qual é no momento mesmo em que a observamos, mas tal qual era no momento em que a luz que nos chega foi emitida por essa superfície.

Sitiens – De sorte que se uma estrela cuja luz leva, suponhamos, dez anos para chegar até nós, fosse subitamente aniquilada hoje, nós a veríamos ainda durante dez anos, pois seu último raio só nos chegaria em dez anos.

Lúmen – É exatamente isto. Há, pois, aí, uma surpreendente transformação do passado em presente. Para o astro observado é o passado, já desaparecido; para o observador é o presente, o atual. O passado do astro é rigorosa e positivamente o presente do observador.

Mais tarde Lúmen vê a si mesmo, menino, com seis anos, brincando e discutindo com um grupo de outros meninos na Praça do Panthéon.

Sitiens – Confesso que me parece impossível que se possa ver assim a si mesmo. Não podeis ser duas pessoas. Já que tínheis 72 anos quando morrestes, vosso estado de infância tinha passado, desaparecido há muito tempo. Não podeis ver uma coisa que não mais existe. Não se pode ver em duplicata, menino e velho.

Lúmen – Não refletis bastante, meu amigo. Compreendestes muito bem o fato geral para o admitir; mas não observastes suficientemente que este último fato particular entra absolutamente no primeiro. Admitis que o aspecto da Terra leva 72 anos para vir a mim, não é? que os acontecimentos não me chegam senão com este intervalo de tempo depois de sua atualidade? Numa palavra, que eu veja o mundo tal qual era naquela época. Igualmente admitis que, vendo as ruas daquela época, eu veja, ao mesmo tempo, os meninos que corriam naquelas ruas? Pois bem! desde que vejo este grupo de crianças, do qual fazia parte, por que quereis que não me veja tão bem quanto vejo os outros?

Sitiens – Mas não estais mais naquele grupo.

Lúmen – Ainda uma vez, este grupo mesmo não mais existe agora, mas eu o vejo tal qual existia no instante em que partia o raio luminoso que hoje me chega e, já que distingo os quinze ou dezoito meninos que o compunham, não há razão para que o menino que era eu desapareça, só porque sou eu quem o olha. Outros observadores o veriam em companhia de seus camaradas.

Por que quereis que haja exceção quando sou eu quem olha? Eu os vejo todos, e me vejo com eles.

Lúmen passa em revista a série dos principais acontecimentos políticos, ocorridos desde 1793 até 1864, quando ele próprio se vê em seu leito de morte.

Sitiens – Estes acontecimentos passaram rapidamente sob os vossos olhos?

Lúmen – Eu não poderia apreciar a medida do tempo. Mas todo esse panorama retrospectivo se sucedeu certamente em menos de um dia... talvez em algumas horas.

Sitiens – Então não compreendo mais. Se 72 anos terrestres passaram sob vossos olhos, deveriam ter gasto exatamente 72 anos para vos aparecer, e não algumas horas. Se o ano de 1793 só vos apareceu em 1864, em compensação o de 1864 não vos deveria aparecer senão em 1936.

Lúmen – Vossa objeção é fundada e me prova que compreendestes bem a teoria do fato. Por isso, vou explicar-vos por que não me foi necessário esperar 72 novos anos para rever minha vida, e como, sob o impulso de uma força inconsciente, de fato a revi em menos de um dia.

Continuando a seguir minha existência, cheguei aos últimos anos, notáveis pela transformação radical que sofreu Paris; vi meus últimos amigos e vós mesmo; minha família e meu círculo de relações; enfim chegou o momento em que me vi deitado em meu leito de morte e onde assisti à última cena. É dizer-vos que tinha voltado à Terra.

Atraída pela contemplação que a absorvia, rapidamente minha alma tinha esquecido um montão de velhos e Capela. Como se o sente por vezes em sonho, ela voava para o objetivo de seus olhares. De início não me apercebi, tanto a estranha visão

cativava todas as minhas faculdades. Não vos posso dizer nem por que lei, nem por que força as almas podem transportar-se tão rapidamente de um a outro lugar; mas a verdade é que eu tinha *voltado à Terra* em menos de um dia, e que penetrava em meu quarto no exato momento de meu enterro.

Porque, nesta viagem de volta, eu ia à frente dos raios luminosos, eu diminuía incessantemente a distância que me separava da Terra, a luz tinha cada vez menos caminho a percorrer e abreviava assim a sucessão dos acontecimentos. Em meio do caminho, não me mostravam mais a Terra de 72 anos antes, mas de 36. Aos três quartos do caminho, os aspectos eram atrasados apenas 18 anos. Na metade do último quarto, chegavam-me apenas após passados 9 anos, e assim por diante; de sorte que a série inteira de minha existência se achou condensada em menos de um dia, devido à rápida volta de minha alma, indo à frente dos raios luminosos.

Quando Lúmen chegou em Capela, viu um grupo de velhos ocupados em considerar a Terra, e dissertando sobre o acontecimento de 1793. Um deles disse aos companheiros:

“De joelhos! meus irmãos; peçamos indulgência ao Deus universal. Esse mundo, essa nação, essa cidade estão manchados por um grande crime; a cabeça de um rei inocente acaba de cair.” Aproximei-me do ancião, diz Lúmen, e lhe pedi que me fizesse o relato de suas observações.

“Informou-me que, pela intuição de que são dotados os Espíritos do grau dos que habitam este mundo, e pela faculdade íntima de apercepção que receberam em partilha, possuem uma espécie de relação magnética com as estrelas vizinhas. Estas estrelas são em número de doze ou quinze; são as mais próximas; fora dessa região a apercepção torna-se confusa. Nosso Sol é uma

dessas estrelas vizinhas.¹⁶ Eles conhecem, pois, vagamente mas sensivelmente, o estado das humanidades que habitam os planetas dependentes desse sol e o seu relativo grau de elevação intelectual e moral.

“Além disso, quando uma grande perturbação atravessa uma dessas humanidades, quer na ordem física, quer na ordem moral, eles sofrem uma espécie de comoção íntima, como se vê uma corda vibrante fazer entrar em vibração uma outra corda situada a distância.”

“Há um ano – o ano deste mundo é igual a dez dos nossos – eles se tinham sentido atraídos por uma emoção particular para o planeta terrestre, e os observadores tinham seguido com interesse e inquietude a marcha deste mundo.”

Laboraríamos em erro se inferíssemos do que precede que os habitantes das diferentes esferas, do ponto de vista onde estão, lançam um olhar investigativo sobre o que se passa nos outros mundos, e que os acontecimentos que aí se realizam passam sob seus olhos como no campo de uma luneta. Aliás, cada mundo tem suas preocupações especiais, que cativam a atenção de seus habitantes, conforme suas próprias necessidades, seus costumes

16 170 trilhões e 392 bilhões de léguas! Pela distância que separa as estrelas vizinhas pode-se julgar a extensão ocupada pelo conjunto das que, entretanto, nos parecem à vista tão perto umas das outras, sem contar o número infinitamente maior das que só são perceptíveis com o auxílio do telescópio e que não são, elas próprias, senão uma ínfima fração das que, perdidas nas profundezas do infinito, escapam a todos os nossos meios de investigação. Se se considerar que cada estrela é um sol, centro de um turbilhão planetário, compreender-se-á que o nosso próprio turbilhão não passa de um ponto nessa imensidade. Que é, pois, nosso globo de 3.000 léguas de diâmetro, entre esses bilhões de mundos? Que são seus habitantes, que durante muito tempo acreditaram que seu pequeno mundo era o ponto central do Universo, e eles próprios se crerem os únicos seres vivos da criação, concentrando apenas em si as preocupações e a solicitude do Eterno e crendo de boa-fé que o espetáculo dos céus não tinha sido feito senão para lhes recrear a vista? Todo esse sistema egoísta e mesquinho, que, durante longos séculos, constituiu o fundamento da fé religiosa, desmoralizou-se diante das descobertas de Galileu.

completamente diferentes e seu grau de adiantamento. Quando os Espíritos encarnados num planeta têm motivos pessoais para se interessarem pelo que se passa em outro mundo, ou por alguns dos que o habitam, sua alma para lá se transporta, como fez a de Lúmen, em estado de desprendimento, e então se tornam momentaneamente, a bem dizer, habitantes espirituais desse mundo, ou aí se encarnam em missão. Eis, pelo menos, o que resulta do ensinamento dos Espíritos.

Esta última parte do relato de Lúmen carece, pois, de exatidão; mas não se deve perder de vista que esta história não passa de uma hipótese, destinada a tornar mais acessíveis à inteligência e, de certo modo, palpáveis pela entrada em ação, da demonstração de uma teoria científica, como fizemos observar em nosso artigo precedente.

Chamamos a atenção para o parágrafo acima, no qual é dito que: “As grandes perturbações *físicas e morais* de um mundo produzem sobre os mundos vizinhos uma espécie de comoção íntima, como uma corda vibrante faz vibrar uma outra corda colocada a distância.” O autor, que em matéria de ciência não fala levemente, anuncia aí um princípio que um dia bem poderia ser convertido em lei. A Ciência já admite, como resultado da observação, a ação recíproca material dos astros. Se, como se começa a suspeitar, esta ação, aumentada pelo fato de certas circunstâncias, pode ocasionar perturbações e cataclismos, nada haveria de impossível que essas mesmas perturbações tivessem seu contragolpe. Até o presente a Ciência considerou apenas o princípio material; mas, se se levar em conta o princípio espiritual como elemento ativo do Universo, e se se pensar que esse princípio é tão geral e tão essencial quanto o princípio material, conceber-se-á que uma grande efervescência deste elemento e as modificações que ele sofre num ponto dado possam ter sua reação, por força da correlação necessária que existe entre a matéria e o espírito. Há certamente nesta idéia o germe de um princípio

fecundo e de um estudo sério para o qual o Espiritismo abre caminho.

Dissertações Espíritas

A VIDA ESPIRITUAL

(Grupo Lampérière, 9 de janeiro de 1867 – Médiun: Sr. Delanne)

Estou aqui, feliz por vir saudar-vos, encorajar-vos e vos dizer:

Irmãos, Deus vos cumula de benefícios, permitindo-vos nestes tempos de incredulidade que respireis a plenos pulmões o ar da vida espiritual, que sopra com vigor através das massas compactas.

Crede em vosso antigo associado, crede em vosso amigo íntimo, vosso irmão pelo coração, pelo pensamento e pela fé; crede nas verdades ensinadas: elas são tão seguras quanto lógicas; crede em mim que, há alguns dias, me contentava, como vós, em crer e esperar, ao passo que hoje a doce ficção é para mim uma imensa e profunda verdade. Toco, vejo, existo, possuo; portanto, esta vida é real; analiso minhas impressões de hoje e as comparo com as ainda recentes, da véspera.

Não só me é permitido comparar, sintetizar, avaliar minhas ações, meus pensamentos, minhas reflexões, julgá-las pelo critério do bom-senso, mas as vejo, as sinto, *sou testemunha ocular*, sou a coisa realizada. Não são mais consoladoras hipóteses, sonhos dourados, esperanças; é mais que uma certeza moral: é o fato real, palpável, o fato material que se toca, que vos toma sob sua forma tangível, e que nos diz: isto é.

Aqui tudo respira calma, sabedoria, felicidade; tudo é harmonia, tudo diz: eis o sumo do senso íntimo; não mais

quimeras, falsas alegrias, temores pueris, falsa vergonha, dúvidas, angústias, perjúrios, nada desse cortejo vil de fabulosas dores, de erros grosseiros, como se vê diariamente na Terra.

Aqui se é penetrado de uma quietude inefável; admira-se, ora-se, adora-se, rendem-se ações de graça ao sublime autor de tantos benefícios; estuda-se e se entrevêem todas as potências infinitas; vê-se o movimento das leis que regem a Natureza. Cada obra tem uma finalidade, que conduz ao amor, diapasão da harmonia geral. Vê-se o progresso progredir a todas as transformações físicas e morais, porque o progresso é infinito como Deus, que o criou. Tudo é compreensível; nada de abstrações: toca-se com o dedo e a razão o porquê das coisas humanas. As legiões espirituais adiantadas só têm um objetivo, o de se tornarem úteis a seus irmãos atrasados, para os elevar para elas.

Trabalhai, pois, sem cessar, conforme vossas forças, meus bons irmãos, para vos melhorardes e serdes úteis aos vossos semelhantes; não só fareis dar um passo a doutrina que é vossa alegria, mas tereis contribuído poderosamente ao progresso do vosso planeta; a exemplo do grande legislador cristão, sereis homens, homens de amor, e concorrereis para implantar o reino de Deus sobre a Terra.

Aquele que é ainda e mais que nunca vosso condiscípulo.

Leclerc

Observação – Tal é, com efeito, o caráter da vida espiritual; mas seria um erro crer que basta ser Espírito para a encarar deste ponto de vista. Dá-se com o mundo espiritual o que sucede com o mundo corporal: para apreciar as coisas de uma ordem elevada, é necessário um desenvolvimento intelectual e

moral que não é peculiar senão aos Espíritos adiantados; os Espíritos atrasados são estranhos ao que se passa nas altas esferas espirituais, como o eram na Terra naquilo que constitui a admiração dos homens esclarecidos, porque não o podem compreender. Como seu pensamento circunscrito num horizonte limitado não pode abarcar o infinito, não podem ter os prazeres que resultam do alargamento da esfera de atividade espiritual. A soma de felicidade, no mundo dos Espíritos, aí está, pois, pela força das coisas, em razão do desenvolvimento do senso moral, de onde resulta que, trabalhando na Terra por nosso melhoramento e nossa instrução, aumentamos as fontes de felicidade para a vida futura. Para o materialista, o trabalho só tem um resultado limitado à vida presente, que pode acabar de um instante para outro; o espírita, ao contrário, sabe que nada do que adquire, mesmo à última hora, é uma pura perda, e que todo progresso realizado lhe será proveitoso.

As profundas considerações de nosso antigo colega, Sr. Leclerc, sobre a vida espiritual, são, pois, uma prova de seu adiantamento na hierarquia dos Espíritos, pelo que o felicitamos.

PROVAS TERRESTRES DOS HOMENS EM MISSÃO

(Douay, 8 de março de 1867 – Médium: Sra. M...)

...É preciso, meus filhos, que o sangue depure a Terra; terrível luta, ainda mais horrível pelo esplendor da civilização em cujo meio ela rebenta. Que, Senhor! quando tudo se prepara para apertar os laços dos povos de um extremo a outro do mundo! quando na aurora da fraternidade material se vêem as linhas de demarcação de raças, costumes e linguagem tenderem para a unidade, chega a guerra com seu cortejo de ruínas, de incêndios, de profundas divisões, de ódios religiosos. Sim, tudo isto porque nada em nosso progresso foi segundo o Espírito de Deus; porque vossos laços não foram apertados nem pela bondade, nem pela lealdade,

mas apenas pelo interesse; porque não é a verdadeira caridade que impõe silêncio aos ódios religiosos, mas a indiferença; porque as barreiras não foram diminuídas em vossas fronteiras pelo amor de todos, mas pelos cálculos mercantis; enfim, porque as vistas são humanas e instintivas, e não espirituais e caridosas; porque os governantes só buscam os seus proveitos, e cada um, entre os povos, faz outro tanto.

Sublime desinteresse de Jesus e de seus apóstolos, onde estás? – Ficais tristes, meus filhos, quando algumas vezes pensais na rude missão desses Espíritos sublimes, que vêm levantar a coragem da Humanidade e morrer na tarefa, depois de ter esvaziado o cálice amargo das ingratidões humanas. Gemeis por ver que o Senhor, que os enviou, parece abandoná-los no momento em que sua proteção parece mais necessária. Não vos falaram das provas que sofrem os Espíritos elevados no momento de transpor um degrau mais alto na iniciativa espiritual? Não vos disseram que cada grau da hierarquia celeste se compra pelo mérito, pelo devotamento, como entre vós, no exército, pelo sangue derramado e pelos serviços prestados? Pois bem! é o caso em que se encontram os Messias nesta terra de dores; são sustentados enquanto dura sua obra humanitária, enquanto trabalham pelo homem e para Deus, mas, quando só eles estão em jogo, quando sua prova se torna individual, o socorro visível se afasta, a luta se mostra áspera e rude quando o homem deve sofrê-la.

Eis a explicação desse aparente abandono, que vos aflige na vida dos missionários de todos os graus de vossa Humanidade. Não penseis que Deus abandone jamais a sua criatura por capricho ou impotência; não, mas no interesse de seu adiantamento ele a deixa às suas próprias forças, ao completo emprego de seu livre-arbítrio.

O GÊNIO

(Douai, 13 de março de 1867 – Médiun: Sra. M...)

P. – O gênio é conferido a cada Espírito conforme a sua conquista, ou segundo uma lei divina, em relação com as necessidades de um povo ou da Humanidade?

Resp. – O gênio, caros filhos, é a irradiação das conquistas anteriores. Essa irradiação é o estado do Espírito no desprendimento ou nas encarnações superiores: há, pois, duas distinções a fazer. O gênio mais comum entre vós é simplesmente o estado de um Espírito, do qual uma ou duas faculdades ficaram desvendadas e em estado de agir livremente; recebeu um corpo que permite sua expansão na plenitude adquirida. A outra espécie de gênio é o Espírito que vem dos mundos felizes e adiantados, onde a aquisição é universal sobre todos os pontos; onde todas as faculdades da alma chegaram a um grau eminente, desconhecido na Terra. Estas espécies de gênio se distinguem dos primeiros por uma aptidão excepcional para todos os talentos, para todos os estudos. Concebem todas as coisas por uma intuição segura, e que confunde a ciência ensinada pelos mais sábios. Distinguem-se em bondade, em grandeza de alma, em verdadeira nobreza, em obras excelentes. São faróis, iniciadores, exemplos. São homens de outras terras, vindos para fazer resplandecer a luz do alto num mundo obscuro, assim como se enviam entre os bárbaros, para os instruir, alguns sábios de uma capital civilizada. Tais foram entre vós os homens que, em diversas épocas, fizeram avançar a Humanidade, os sábios que alargaram os limites dos conhecimentos e dissiparam as trevas da ignorância. Vieram e pressentiram o destino terrestre, por mais longe que estivessem da realização deste destino. Todos lançaram os fundamentos de alguma ciência, ou foram o seu ponto culminante.

O gênio não é, pois, gratuito e não está subordinado a uma lei; sai do próprio homem e de seus antecedentes. Refleti que

os antecedentes são todo o homem. O criminoso o é por seus antecedentes; o homem de mérito, o homem de gênio é superior pela mesma causa. Nem tudo é velado na encarnação a ponto de nada transparecer de nosso ser anterior. A inteligência e a bondade são luzes muito vivas, focos muito ardentes para que a vida terrena os reduza à obscuridade.

As provas a sofrer bem podem velar, atenuar algumas de nossas faculdades, adormecê-las, mas se tiverem chegado a um alto grau, o Espírito não pode perder inteiramente a sua posse e exercício; tem em si a segurança de que os mantém sempre à sua disposição; muitas vezes mesmo não pode consentir em delas se privar. Eis o que causa as vidas tão dolorosas de certos homens adiantados, que preferiam sofrer por suas altas faculdades a deixar que estas se apagassem por algum tempo.

Sim, todos nós somos pela esperança, e alguns pela lembrança, cidadãos dessas altas esferas celestes, onde o pensamento irradia puro e poderoso. Sim, todos seremos Platões, Aristóteles, Erasmos; nosso Espírito não verá mais empalidecer suas aquisições sob o peso da vida do corpo, ou extinguir-se sob o peso da velhice e das enfermidades.

Amigos, eis verdadeiramente a mais sublime esperança. Que são junto de tudo isto as dignidades e os tesouros que se punham aos pés destes homens! Os soberanos mendigavam suas obras, disputavam a sua presença. – Credes que essas vãs honrarias os lisonjeavam? Não; a lembrança de sua gloriosa pátria era muito viva. Eles voltaram felizes sobre o raio de sua glória, aos mundos que seus Espíritos desejavam incessantemente.

Terra! Terra! região fria, obscura, agitada; terra cega, ingrata e rebelde! não lhes podias fazer esquecer a pátria celeste onde viveram, onde voltariam a viver.

Adeus, amigos! ficai certos de que todo homem de bem se tornará cidadão desses mundos felizes, dessas Jerusaléns esplêndidas, onde o Espírito vive livre num corpo etéreo, possuindo sem nuvens e sem véus todas as suas conquistas. Então, conhecereis tudo quanto aspirais conhecer, compreendereis tudo quanto procurais compreender, mesmo o meu nome, caro médium, que não te quero dizer.

Um Espírito

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

JUNHO DE 1867

Nº 6

Emancipação das Mulheres nos Estados Unidos¹⁷

“Mandam dizer de Nova Iorque que no número das petições recentemente dirigidas ao presidente dos Estados Unidos, encontra-se uma que levantou mais uma vez a questão da admissibilidade das mulheres aos empregos públicos. A senhorita Françoise Lord, de Nova Iorque, pediu para ser enviada como consulesa ao estrangeiro. O presidente levou seu pedido em consideração, e ela espera que o Senado lhe seja favorável. O sentimento público não se mostra tão hostil a essa inovação quanto se poderia supor, e vários jornais defendem a pretensão da senhorita Lord.”

(*Siècle*, 5 de abril de 1867)

“No distrito comandado pelo general Shéridan, formado pelos estados da Louisiana e do Texas, as listas eleitorais foram abertas, e a população branca ou de cor começou a se

17 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 527.

inscrever, sem levantar objeção a respeito da ingerência da autoridade militar em todo este caso. Apesar dos esforços dos legisladores de Washington, a população do norte guarda uma grande parte de seus preconceitos contra os negros. Com a maioria de 35 votos contrários, a Câmara dos Deputados de Nova Jérsei lhes recusou o gozo dos direitos políticos e o Senado do Estado associou-se a esse voto, que é objeto dos mais vivos ataques em toda a imprensa republicana. Em compensação, um dos estados do Oeste, o Wisconsin, deu o direito de sufrágio às mulheres de mais de vinte e um anos. Este princípio novo faz seu caminho nos Estados Unidos, e não faltam jornalistas para aprovar a galanteria política dos senadores do Wisconsin. Fazendo alusão a um romance célebre, um orador de uma reunião popular perguntou: Como recusaríamos capacidade política à Sra. Beecher-Stowe, quando a reconhecemos no pai Tomás?”

(*Grande Moniteur*, 9 de maio de 1867)

A Câmara dos Comuns da Inglaterra também se ocupou desta questão em sua sessão de 20 de maio último, sobre proposição de um de seus membros. Lê-se no relato do *Morning-Post*:

“Sobre a cláusula 4, o Sr. *Mill* pede que se suprima a palavra *homem* e que se insira a palavra *pessoa*.

Diz ele: “Meu objetivo é admitir a liberdade eleitoral a uma parte muito grande da população, atualmente excluída do seio da constituição, isto é, as mulheres. Não vejo por que as senhoras não casadas, maiores, e as viúvas não teriam voz na eleição dos membros do Parlamento.

“Talvez digam que as mulheres já têm bastante poder, mas sustento que se elas obtivessem os direitos civis, que proponho se lhes conceda, elevaríamos a sua condição e as

desembaraçaríamos de um obstáculo que hoje impede a expansão de suas faculdades.

“Confesso que as mulheres já possuem um grande poder social, mas não em demasia, e não são crianças mimadas, como geralmente se supõe. Aliás, seja qual for o seu poder, quero que seja responsável, e lhes darei o meio de fazer conhecer suas necessidades e seus sentimentos.

“O Sr. *Lang* – A proposição é, segundo ele, insustentável, e está convencido de que a grande maioria das próprias mulheres a rejeitaria.

“*Sir John Bowyer* pensa de outro modo. As mulheres agora podem ser vigilantes diretoras dos povos, e ele não vê por que não votariam para os membros do Parlamento. O ilustre baronete cita o caso da Srta. *Burdetts Coutts*, para mostrar que a propriedade das mulheres, embora imposta como a dos homens, não está de modo algum representada.

“Procedeu-se à votação: a emenda foi rejeitada por 196 votos contra 73, e foi ordenado que a palavra *homem* fará parte da cláusula.”

O jornal *Liberté*, de 24 de maio, faz acompanhar o relato das seguintes e judiciosas reflexões:

“Será que as mulheres não são admitidas a ter assento e votar nas assembléias de acionistas, da mesma maneira que os homens?”

“Se fosse certo, como pretendeu o honrado Sr. *Lang*, que as mulheres recusassem o direito que o Sr. *Stuart Mill* propõe se lhes reconheça, não seria razão para que ele não lhes fosse atribuído, já que lhes pertence legitimamente. As que tivessem repugnância de o exercer, estariam livres para não votar, salvo, mais

tarde, a reconsiderar, quando o uso as tivesse feito mudar de opinião.

“Os *Langs*, que fazem questão de manter os olhos fechados, acham monstruoso que as mulheres votem, mas muito natural e perfeitamente simples que elas reinem!

“Ó inconseqüência humana! ó contradição social!”

A. Fagnan

Tratamos da questão da emancipação das mulheres no artigo intitulado: *As mulheres têm alma?* publicado na Revista de janeiro de 1866, ao qual enviamos o leitor, para não nos repetirmos aqui. As considerações seguintes servirão para o completar.

Numa época em que os privilégios, resquícios de outra época e de outros costumes, caem diante do princípio da igualdade de direitos de toda criatura humana, não é de duvidar que os da mulher não tardassem a ser reconhecidos, e que, em futuro próximo, a lei não a tratará mais como menor. Até o presente, o reconhecimento desses direitos é considerado como uma concessão da força à fraqueza, razão por que é regateada com tanta parcimônia. Ora, como tudo quanto é concedido facultativamente pode ser retirado, esse reconhecimento só será definitivo e imprescritível quando não mais for subordinado ao capricho do mais forte, mas fundado num princípio que ninguém possa contestar.

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas

leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista *circunscrito*, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes.

Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo, cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à conseqüência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo.

Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes.

Aplicando este princípio à posição social da mulher, diremos que de todas as doutrinas filosóficas e religiosas, o Espiritismo é a única que estabelece seus direitos sobre a própria Natureza, provando a identidade do ser espiritual nos dois sexos. Desde que a mulher não pertence a uma *criação distinta*; que o Espírito pode nascer à vontade homem ou mulher, conforme o gênero de provas a que quer submeter-se para seu adiantamento; que a diferença não está senão no invólucro exterior, que modifica

suas aptidões, da identidade na natureza do ser, deve-se concluir, necessariamente, pela igualdade dos direitos. Isto decorre, não de uma simples teoria, mas da observação dos fatos e do conhecimento das leis que regem o mundo espiritual. Encontrando os direitos da mulher uma consagração na Doutrina Espírita, fundada nas leis da Natureza, daí resulta que a propagação dessa doutrina apressará sua emancipação e lhe dará, de maneira estável, a posição social que lhe pertence. Se todas as mulheres compreendessem as conseqüências do Espiritismo, todas seriam espíritas, porque aí encontrariam o mais poderoso argumento que pudessem invocar.

O pensamento da emancipação da mulher neste momento germina num grande número de cérebros, porque estamos numa época em que fermentam as idéias de renovação social e em que as mulheres, tanto quanto os homens, sofrem a influência do sopro progressivo que agita o mundo. Depois de se terem ocupado muito de si mesmos, os homens começam a compreender que seria justo fazer algo por elas, afrouxar um pouco os laços da tutela sob os quais as mantêm. Devemos felicitar tanto mais os Estados Unidos pela iniciativa que tomam a este respeito, porque foram mais longe concedendo uma posição legal e de direito comum a toda uma raça da Humanidade.

Mas da igualdade dos direitos seria abusivo concluir pela igualdade de atribuições. Deus dotou cada ser de um organismo apropriado ao papel que deve desempenhar na Natureza. O da mulher é traçado por sua organização, e não é o menos importante. Há, pois, atribuições bem caracterizadas, conferidas a cada sexo pela própria Natureza, e essas atribuições implicam deveres especiais que os sexos não poderiam cumprir eficazmente saindo de seu papel. Há uns em cada sexo, como de um sexo a outro; a constituição física determina aptidões especiais; seja qual for sua constituição, todos os homens certamente têm os mesmos direitos, mas é evidente, por exemplo, que aquele que não

está organizado para o canto não poderia tornar-se um cantor. Ninguém lhe pode tirar o direito de cantar, mas esse direito é incapaz de lhe dar as qualidades que lhe faltam. Se, pois, a Natureza deu à mulher músculos mais fracos do que ao homem, é que ela não foi chamada aos mesmos exercícios; se sua voz tem outro timbre, é que não está destinada a produzir as mesmas impressões.

Ora, é para temer, e é o que ocorrerá, que na febre de emancipação que a atormenta, a mulher se julgue apta a preencher todas as atribuições do homem e que, caindo num excesso contrário, depois de ter tido muito pouco, queira ter em demasia. Tal resultado é inevitável, mas absolutamente não é para assustar. Se as mulheres têm direitos incontestáveis, a Natureza tem os seus, que jamais perde. Em breve elas se cansarão dos papéis que não são os seus. Deixai-as, pois, que reconheçam pela experiência sua insuficiência nas coisas às quais a Providência não as requisitou; ensaios infrutíferos as reconduzirão forçosamente ao caminho que lhes é traçado, caminho que pode e deve ser ampliado, mas que não pode ser desviado sem prejuízo para elas próprias, abalando a influência toda especial que elas devem exercer. Reconhecerão que só terão a perder na troca, porque a mulher de atitudes muito viris jamais terá a graça e o encanto que constituem a força daquela que sabe ficar mulher. Uma mulher que se faz homem abdica de sua verdadeira realeza; olham-na como um fenômeno.

Depois de lidos os dois artigos acima na Sociedade de Paris, foi proposta aos Espíritos, como assunto de estudo, a seguinte questão:

Que influência deve ter o Espiritismo sobre a condição da mulher?

Como todas as comunicações obtidas concluíssem no mesmo sentido, referir-nos-emos à seguinte, por ser a mais desenvolvida:

(Sociedade de Paris, 10 de maio de 1867 – Médiun: Sr. Morin,
em sonambulismo espontâneo – Dissertação verbal)

“Em todos os tempos os homens têm sido orgulhosos; é um vício constitucional, inerente à sua natureza. O homem – falo do sexo – o homem, forte pelo desenvolvimento de seus músculos, pelas concepções um tanto ousadas de seus pensamentos, não levou em conta a fraqueza a que se faz alusão nas santas Escrituras, fraqueza que fez a desgraça de toda a sua descendência. Julgou-se forte e serviu-se da mulher, não como de uma companheira, de uma família, mas dela se servindo do ponto de vista puramente bestial, transformando-a num animal bastante agradável e acostumando-a a manter respeitosa distância do senhor. Mas como Deus não quis que uma metade da Humanidade fosse dependente da outra, não fez duas criações distintas: uma para estar constantemente a serviço da outra. Quis que todas as suas criaturas pudessem participar do banquete da vida e do infinito na mesma proporção.

“Nesses cérebros, por tanto tempo mantidos afastados de toda ciência como impróprios a receber os benefícios da instrução, Deus fez nascer, como contrapeso, astúcias que põem em xeque as forças do homem. A mulher é fraca, o homem é forte, concebe-se; mas a mulher é astuciosa e a ciência contra a astúcia nem sempre triunfa. Se fosse a verdadeira ciência, ela a venceria; mas é uma ciência falsa e incompleta, e a mulher facilmente encontra o seu calcanhar de Aquiles. Provocada pela posição que lhe era dada, a mulher desenvolveu o germe que sentia em si; a necessidade de sair do seu aviltamento lhe deu o desejo de romper suas cadeias. Segui sua marcha; tomai-a desde a era cristã e observai-a: vê-la-eis cada vez mais dominante, mas ela não consumiu toda a sua força; conservou-a para tempos mais oportunos e aproxima-se a época em que chegará a sua vez de a exhibir. Aliás, a geração que se ergue traz em seus flancos a mudança que nos é anunciada desde muito tempo, e a mulher atual quer ter, na sociedade, um lugar igual ao do homem.

“Observai bem; olhai os interiores e vede quanto a mulher tende a libertar-se do jugo; ela reina como senhora, por vezes como déspota. Vós a tivestes vergada por muito tempo; ela se empertiga como uma mola comprimida que se distende, pois começa a compreender que é chegada a sua hora.

“Pobres homens! Se refletísseis que os Espíritos não têm sexo; que aquele que hoje é homem pode ser mulher amanhã; que escolhem indiferentemente, e por vezes de preferência, o sexo feminino, antes deveríeis regozijar-vos que vos afligir com a emancipação da mulher, e admiti-la no banquete da inteligência, abrindo-lhe de par em par todas as portas da Ciência, porque ela tem concepções mais finas, mais suaves, toques mais delicados que os do homem. Por que a mulher não poderia ser médica? Não é chamada naturalmente a prodigalizar cuidados aos doentes, e não os daria com mais inteligência se tivesse os conhecimentos necessários? Não há casos em que, quando se trata de pessoas de seu sexo, seria preferível uma médica? Muitas mulheres não têm dado provas de sua aptidão por certas ciências? da finura de seu tato nos negócios? Por que, então, os homens reservariam para si o monopólio, senão por medo de vê-las ganhar em superioridade? Sem falar das profissões especiais, a primeira profissão da mulher não é a de mãe de família? Ora, a mãe instruída é mais apta para dirigir a instrução e a educação de seus filhos; ao mesmo tempo que alimenta o corpo, pode desenvolver o coração e o espírito. Sendo a primeira infância necessariamente confiada aos cuidados da mulher, quando esta for instruída a regeneração social terá dado um passo imenso, e é o que será feito.

“A igualdade do homem e da mulher teria ainda outro resultado. Ser senhor, ser forte, é muito bom; mas é, também, assumir grande responsabilidade. Partilhando o fardo dos negócios da família com uma companheira capaz, esclarecida, naturalmente devotada aos interesses comuns, o homem alivia a sua carga e diminui sua responsabilidade, ao passo que a mulher, estando sob

tutela e, por isto mesmo, num estado de submissão forçada, não tem voto na matéria senão quando o homem houver por bem condescender em lho dar.

“Diz-se que as mulheres são muito tagarelas e muito frívolas; mas, de quem a falta, senão dos homens que não lhes permitem a reflexão? Dai-lhes o alimento do espírito, e elas falarão menos; meditarão e refletirão. Acusai-as de frivolidade? Mas o que é que elas têm a fazer? – falo sobretudo da mulher do mundo – Nada, absolutamente nada. Em que ela pode ocupar-se? Se reflete e transcreve seus pensamentos, trata-na ironicamente de *mulher pedante*. Se cultiva as ciências ou as artes, seus trabalhos não são levados em consideração, salvo raríssimas exceções e, contudo, como o homem, ela precisa de emulação. Lisonjear um artista é dar-lhe tom e coragem; mas, para a mulher, isto realmente não vale a pena! Então lhes resta o domínio da frivolidade, no qual elas podem estimular-se entre si.

“Que o homem destrua as barreiras que seu amor-próprio opõe à emancipação da mulher e logo a verá alçar o seu vôo, com grande vantagem para a sociedade. Ficai sabendo que a mulher, como todos vós, tem a centelha divina, porque a mulher é vós, como vós sois a mulher.”

A Homeopatia no Tratamento das Doenças Morais

(2º artigo – Vide o número de março de 1867)

O artigo que publicamos no número de março sobre a ação da homeopatia nas doenças morais, nos valeu, de um dos mais ardentes partidários deste sistema e, ao mesmo tempo, um dos mais fervorosos adeptos do Espiritismo, o doutor Charles Grégory,

a seguinte carta, que julgamos por bem publicar, em razão da luz que a discussão pode trazer à questão.

“Caro e venerado mestre,

“Vou tentar explicar-vos como compreendo a ação da homeopatia sobre o desenvolvimento das faculdades morais.

“Como eu, admitis que todo homem saudável possui rudimentos de todas as faculdades e de todos os órgãos cerebrais necessários à sua manifestação. Também admitis que certas faculdades vão se desenvolvendo sempre, enquanto outras, as que sem dúvida são apenas rudimentares, depois de mal terem dado alguns lampejos, parecem extinguir-se completamente. No primeiro caso, em vossa opinião, os órgãos cerebrais que dizem respeito às faculdades em pleno desenvolvimento teriam sua livre manifestação, ao passo que os rudimentares, que a maior parte das vezes se relacionam, também, com aptidões rudimentares, se atrofiam completamente com o avançar da idade, por falta de atividade vital.

“Se, pois, por meio de medicamentos apropriados, eu agir sobre os órgãos imperfeitos, se aí desenvolver um acréscimo de atividade vital, se para aí requisito uma nutrição mais poderosa, é bem claro que, aumentando o volume, eles permitirão que a faculdade rudimentar melhor se manifeste, e que, pela transmissão das idéias e dos sentimentos que tiverem colhido, pelos sentidos, no mundo exterior, imprimirão à faculdade correspondente uma influência salutar e, por sua vez, a desenvolverão, porque tudo se liga e se mantém no homem; a alma influi sobre o físico, como o corpo influi sobre a alma. Esta já é, portanto, uma primeira influência dos medicamentos através do aumento dos órgãos sobre as faculdades correspondentes da alma; uma possibilidade de o homem crescer em potencialidades e em aptidões, por meio de forças tiradas do mundo material.

“Agora, para mim não está provado de modo algum que nossas pequenas doses, chegadas a um estado de sublimação e de sutileza que ultrapassam todos os limites, de certo modo não tenham em si algo de espiritual, que por sua vez age sobre o Espírito. Nossos medicamentos, dados no estado de divisão que a arte os faz sofrer, não são mais substâncias materiais, mas, em minha opinião, forças que, necessariamente, devem agir sobre as faculdades da alma que, também elas, são forças.

“E, depois, como creio que o Espírito do homem, antes de encarnar-se na Humanidade, sobe todos os degraus da escala e passa pelo mineral, a planta e o animal e na maior parte dos tipos de cada espécie, onde preludia para seu completo desenvolvimento como ser humano, quem me diz que, dando medicamento que nem é mineral, nem planta, nem animal, mas o que poderia chamar sua essência e, de certo modo, seu espírito, não se age sobre a alma humana composta dos mesmos elementos? Porque, digam o que disserem, o espírito é bem alguma coisa e, desde que se desenvolveu e se desenvolve incessantemente, deve ter tomado seus elementos em alguma parte.

“Tudo quanto posso dizer é que não agimos sobre a alma com as nossas 200^a e 600^a diluições, materialmente, mas virtualmente e, de certo modo, espiritualmente.

“Os fatos estão aí, fatos numerosos, bem observados, e que bem poderiam demonstrar que não estou completamente errado. Para citar a mim mesmo, embora não goste muito de questões pessoais, direi que, experimentando em mim mesmo, há trinta anos, remédios homeopáticos, de certo modo criei em mim novas faculdades, sem dúvida rudimentares, mas que na minha mais exuberante juventude jamais tinha conhecido quando ignorava a homeopatia, e que hoje, aos cinqüenta e dois anos, encontro bem desenvolvidas: o sentimento da cor e das formas.

“Acrescentarei ainda que, sob a influência de nossos meios, vi caracteres mudarem completamente; à leviandade sucederam a reflexão e a solidez do raciocínio; à lubricidade, a continência; à maldade, a benevolência; ao ódio, a bondade e o perdão das injúrias. Evidentemente não é coisa para alguns dias; são mesmo precisos alguns anos de cuidados, mas se chega a esses belos resultados por meios *tão cômodos*, que não há nenhuma dificuldade em decidir os clientes que vos são devotados, e um médico os tem sempre. Eu mesmo observei que os resultados obtidos por nossos meios eram adquiridos para sempre, ao passo que os dados pela educação, os bons conselhos, as exortações seguidas, os livros de moral quase não resistiam ante a possibilidade de satisfazer uma paixão ardente, e as tentações em relação com nossas fraquezas, antes adormecidas e entorpecidas do que curadas. Se, neste último caso, surgiam triunfos, não era sem lutas violentas, que não convinha prolongar por muito tempo.

“Eis, caro mestre, as observações que desejava submeter-vos sobre esta questão tão grave da influência da homeopatia sobre o moral humano.

“Para concluir: quer seja pelo cérebro que o medicamento age sobre as faculdades, quer aja ao mesmo tempo sobre a fibra cerebral e sobre a faculdade correspondente, não está menos demonstrado para mim, por centenas de fatos, que a ação sutil e profunda de nossas doses sobre o moral humano é bem real. Além disso, é-me demonstrado que a homeopatia deprime certas faculdades, certos sentimentos ou certas paixões muito exaltadas, para realçar outras muito enfraquecidas, e como que paralisadas, conduzindo, por isto mesmo, ao equilíbrio e à harmonia e, por conseguinte, à melhora real e ao progresso do homem em todas as suas aptidões, e facilidade de vencer-se a si mesmo.

“Não julgueis que tal resultado anule a responsabilidade humana, e que se chegue a esse progresso tão desejado sem

sofrimentos e sem lutas. Não basta tomar um medicamento e dizer: ‘Vou vencer a minha inclinação para a cólera, o ciúme e a luxúria.’ Oh! não! O remédio apropriado, uma vez introduzido no organismo, aí não traz uma modificação profunda senão *ao preço de violentos sofrimentos morais e físicos e, muitas vezes, de longa, muito longa duração*; sofrimentos que devem ser repetidos várias vezes, variando os medicamentos e as doses, e isto durante meses e, às vezes, anos, se se quiser chegar a resultados concludentes. É este o preço a pagar por seu melhoramento moral; é esta a prova e a expiação pelas quais tudo se paga neste mundo inferior, e vos confesso que não é coisa fácil de se corrigir, mesmo pela Homeopatia. Não sei se, pelas angústias interiores que se sofre, não se paga mais caro esse progresso do que pela modificação mais lenta, é verdade, mas sem dúvida mais suave e mais suportável da ação puramente moral de todos os dias, pela observação de si mesmo e o ardente desejo de vencer-se.

“Termino aqui. Mais tarde eu vos contarei inúmeros fatos que bem vos poderão convencer.

“Recebei, etc.”

Esta carta em nada modifica a opinião que emitimos sobre a ação da Homeopatia no tratamento das doenças morais, e que, ao contrário, vem confirmar os próprios argumentos do Dr. Grégory. Insistimos, pois, em dizer que, se os medicamentos homeopáticos podem ter uma ação sobre o moral, é agindo sobre os órgãos das manifestações, o que pode ter sua utilidade em certos casos, mas não sobre o Espírito; que as qualidades boas ou más e as aptidões são inerentes ao grau de *adiantamento ou de inferioridade* do Espírito, e que não é com um medicamento qualquer que se pode fazê-lo avançar mais depressa, nem lhe dar qualidades que não pode adquirir senão sucessivamente e pelo trabalho; que uma tal doutrina, fazendo depender as disposições morais do organismo, tira do homem toda responsabilidade, a despeito

do que diz o Sr. Grégory, e o dispensa de todo trabalho sobre si mesmo para se melhorar, desde que se poderia torná-lo bom à sua revelia, administrando-lhe tal ou qual remédio; que se, com a ajuda de meios materiais, podem modificar-se os órgãos das manifestações, o que admitimos perfeitamente, esses meios não podem mudar as tendências instintivas do Espírito, do mesmo modo que, cortando a língua de um falador, não se lhe tira a vontade de falar. Um costume do Oriente vem confirmar nossa asserção por um fato material bem conhecido.

Evidentemente o estado patológico influi sobre o moral em certos aspectos, mas as disposições que têm esta fonte são acidentais e não constituem o fundo do caráter do Espírito; são estas, sobretudo, que uma medicação apropriada pode modificar. Há pessoas que só são benevolentes depois de ter jantado bem e às quais nada se deve pedir quando estão em jejum; deve-se concluir, por isto, que um bom jantar seria um remédio contra o egoísmo? Não, porque essa benevolência, provocada pela plenitude da satisfação sensual, é um efeito do próprio egoísmo; não passa de uma benevolência aparente, de um produto deste pensamento: “Agora que não mais preciso de nada, posso ocupar-me um pouco com os outros.”

Em resumo, não contestamos que certos medicamentos – e os homeopáticos mais que qualquer outros – produzem alguns dos efeitos indicados, mas contestamos enfaticamente seus resultados permanentes e, sobretudo, *tão universais*, como pretendem algumas pessoas. Um caso em que a Homeopatia nos parece particularmente aplicável com sucesso é o da *loucura patológica*, porque aqui a desordem moral é consequência da desordem física, e que agora é constatado pela observação dos fenômenos espíritas, que o Espírito não é louco. Não há por que o modificar, mas lhe dar os meios de manifestar-se livremente. A ação da Homeopatia pode ser aqui tanto mais eficaz, quanto age principalmente pela natureza espiritualizada de

seus medicamentos, sobre o perispírito, que apresenta papel preponderante nesta afecção.

Teríamos mais de uma objeção a fazer sobre algumas das proposições contidas nesta carta, mas isto nos levaria muito longe. Contentamo-nos, pois, em considerar as duas opiniões. Como, em tudo, os fatos são mais concludentes que as teorias, e são eles, em última análise, que confirmam ou destroem as últimas, desejamos ardentemente que o Dr. Gregóry publique um tratado especial *prático* de Homeopatia aplicado ao tratamento das doenças morais, a fim de que a experiência possa generalizar-se e decidir a questão. Mais que qualquer outro, ele nos parece capaz de fazer esse trabalho *ex-professo*.

O Sentido Espiritual

Uma segunda carta do doutor Gregóry contém o seguinte:

“Numa comunicação, Erasto enunciou uma idéia que me surpreendeu e me fez refletir. O homem, diz ele, tem sete sentidos: os sentidos bem conhecidos da audição, do olfato, da visão, do gosto e do tato e, além destes, *o sentido sonambúlico e o sentido mediúnico*.

“Acrescento a estas palavras que estes dois últimos não existem senão por exceção, bastante desenvolvidos nalgumas naturezas privilegiadas, caso existam em todo homem em estado rudimentar. Ora, há em mim uma convicção adquirida por mais de uma observação e por uma experiência bastante longa dos poderes homeopáticos: é que nossos medicamentos, bem escolhidos e tomados por longo tempo, podem desenvolver essas duas admiráveis faculdades.”

Em nossa opinião seria erro considerar o sonambulismo e a mediunidade como o produto de dois sentidos diferentes, considerando-se que não passam de dois efeitos resultantes de uma mesma causa. Essa dupla faculdade é um dos atributos da alma e tem por órgão o perispírito, cuja irradiação transporta a percepção além dos limites da ação dos sentidos materiais. A bem dizer é o *sexto sentido*, que é designado sob o nome de *sentido espiritual*.

O sonambulismo e a mediunidade são duas variedades da atividade desse sentido que, como se sabe, apresentam inúmeros matizes e constituem aptidões especiais. Fora destas duas faculdades, mais notáveis porque mais aparentes, seria erro crer que o *sentido espiritual* não exista senão em estado rudimentar. Como os outros sentidos, é mais ou menos desenvolvido, ou mais ou menos sutil conforme os indivíduos, mas todo o mundo o possui, e não é o que presta menos serviços, pela natureza toda especial das percepções das quais é a fonte. Longe de ser a regra, sua atrofia é exceção, e pode ser considerada como uma enfermidade, assim como a ausência da vista ou da audição. É por este sentido que recebemos os eflúvios fluídicos dos Espíritos, que nos inspiramos, mau grado nosso, em seus pensamentos, que nos são dados os avisos íntimos da consciência, que temos o pressentimento e a intuição das coisas futuras ou ausentes, que se exercem a fascinação, a ação magnética inconsciente e involuntária, a penetração do pensamento, etc. Essas percepções são dadas ao homem pela Providência, assim como a visão, a audição, o olfato, o gosto e o tato, para a sua conservação; são fenômenos muito vulgares, que ele apenas os nota pelo hábito que tem de os experimentar, e dos quais não se deu conta até hoje, devido sua ignorância das leis do princípio espiritual, da própria negação, em alguns, da existência desse princípio. Mas, quem quer que leve sua atenção sobre os efeitos que acabamos de citar, e sobre muitos outros da mesma natureza, reconhecerá quanto eles são freqüentes

e como são completamente independentes das sensações percebidas pelos órgãos do corpo.

A *vista espiritual*, vulgarmente chamada *dupla vista* ou *segunda vista*, é um fenômeno menos raro do que se pensa; muitas pessoas têm esta faculdade sem o suspeitar; apenas é mais ou menos acentuada, e é fácil certificar-se de que ela é estranha aos órgãos da visão, pois que se exerce sem o auxílio desses órgãos e até os cegos a possuem. Existe em certas pessoas no mais perfeito estado normal, sem o menor traço aparente de sono nem de estado estático. Conhecemos em Paris uma senhora na qual ela é permanente, e tão natural quanto a vista ordinária; ela vê sem esforço e sem concentração o caráter, os hábitos, os antecedentes de quem quer que dela se aproxime; descreve as doenças e prescreve tratamentos eficazes com mais facilidade que muitos sonâmbulos ordinários; basta pensar numa pessoa ausente para que a veja e a designe. Um dia estávamos em sua casa e vimos passar na rua alguém com quem temos relações, e que ela jamais tinha visto. Sem ser provocada por qualquer pergunta, fez-lhe o mais exato retrato moral e nos deu a seu respeito conselhos muito sensatos.

E, contudo, essa senhora não é sonâmbula. Fala do que vê, comoalaria de qualquer outra coisa, sem se desviar de suas ocupações. É médium? Ela mesma não sabe, porque até pouco tempo atrás nem mesmo conhecia de nome o Espiritismo. Assim, nela essa faculdade é tão natural e tão espontânea quanto possível. Como ela percebe, senão pelo sentido espiritual?

Devemos acrescentar que essa senhora tem fé nos sinais da mão, examinando-a quando a interrogam e dizendo aí ver o indício das doenças. Como vê certo e é evidente que muitas das coisas que diz não podem ter nenhuma relação fisiológica com a mão, estamos persuadidos de que para ela é simplesmente um meio de se pôr em relação e desenvolver sua vista, fixando-a num ponto determinado; a mão faz o papel de *espelho mágico* ou *psíquico*; ela aí

vê como outros vêm num vaso, numa garrafa ou noutra objeto. Sua faculdade tem muita relação com a do *Vidente da floresta de Zimmerwald*, mas lhe é superior em certos aspectos. Aliás, como não tira disto nenhum proveito, esta consideração afasta toda suspeita de charlatanismo e, considerando-se que dela só se serve para prestar serviço, deve ser assistida por Espíritos bons. (Vide a Revista de outubro de 1864: *O sexto sentido e a visão espiritual*; outubro de 1865: *Novos estudos sobre os espelhos psíquicos. O vidente da floresta de Zimmerwald*).

Grupo Curador de Marmande

INTERVENÇÃO DOS PARENTES NAS CURAS

“Marmande, 12 de maio de 1867.

“Caro senhor Kardec,

“Há algum tempo vos entretive com o resultado de nossos trabalhos espíritas, que continuamos com perseverança e, sinto-me feliz em dizê-lo, com sucessos satisfatórios. Os obsidiados e os doentes são sempre objeto de nossos cuidados exclusivos. A moralização e os fluidos são os principais meios indicados por nossos guias.

“Nossos Espíritos bons, que se devotam à propagação do Espiritismo, tomaram também a tarefa de vulgarizar o magnetismo. Em quase todas as consultas, para os diversos casos de moléstias, eles pedem o auxílio dos parentes: um pai, uma mãe, um irmão ou uma irmã, um vizinho, um amigo são requisitados para dar *passes*. Essas bravas criaturas ficam surpresas de debelar crises, de acalmar dores. Parece-me que este meio é engenhoso e seguro para fazer adeptos; por isso a confiança se estende cada vez mais em nosso país. Os grupos que se ocupam de curas talvez fizessem bem em dar os mesmos conselhos; os felizes resultados

obtidos provariam de maneira evidente a verdade do magnetismo, e dariam a certeza de que a faculdade de curar ou aliviar o semelhante não é privilégio exclusivo de algumas pessoas; que, para tanto, não é preciso senão boa vontade e confiança em Deus. Não falo aqui de uma boa saúde, que é condição indispensável, compreende-se. Reconhecendo-se que se tem tal poder em si mesmo, adquire-se a certeza de que não há astúcia, nem sortilégio, nem pacto com o diabo. É, pois, um meio de destruir as idéias supersticiosas.

“Eis alguns exemplos de curas obtidas.

“Uma menina de 6 ou 7 anos estava acamada, com uma dor de cabeça contínua, febre, tosse freqüente com expectoração e dor viva do lado esquerdo e também nos olhos, que, de vez em quando, se cobriam de uma substância leitosa, formando uma espécie de belida. Sob os cabelos, a pele do crânio estava coberta de películas brancas; urina espessa e turva. Fraca e abatida, a criança não comia nem dormia. O médico acabara por suspender as visitas. A mãe, *pobre*, em presença de sua filha doente e abandonada, veio me procurar. Consultados, nossos guias prescreveram como único remédio a imposição das mãos, os passes fluídicos por parte da mãe, recomendando-me que fosse, durante alguns dias, fazer-lhe ver como deveria se conduzir. Comecei por drenar as vesículas e fazer secá-las. Depois de três dias de passes e de imposição das mãos sobre a cabeça, os rins e o peito, efetuadas *a título de lições*, mas feitas com alma, a criança pediu para se levantar; a febre tinha passado e todos os acidentes descritos acima desapareceram ao cabo de dez dias.

“Esta cura, que a mãe qualificava de miraculosa, fez que me chamassem dois dias mais tarde, junto a outra menina de 3 ou 4 anos, que tinha febre. Depois dos passes e imposição das mãos, a febre cessou, desde o primeiro dia.

“As curas de algumas obsessões não nos dão menos satisfação e confiança. Maria B..., jovem de 21 anos, de Samazan, perto de Marmande, punha-se nua como um bicho, corria nos campos e ia deitar-se ao lado do cachorro num buraco de palheiro. A moralização do obsessivo por nossa parte e os passes fluídicos feitos pelo marido, conforme as nossas instruções, logo a livraram. Toda a comuna de Samazan foi testemunha da impotência da Medicina para curá-la, e da eficácia do meio simples empregado para trazê-la ao estado normal.

“A Sra. D..., de 22 anos, da comuna de Santa Marta, não muito longe de Marmande, caía em crises extraordinárias e violentas; berrava, mordía, rolava-se, sentia golpes terríveis no estômago, desfalecia e, às vezes, ficava quatro ou cinco horas inconsciente; uma vez passou oito dias sem recobrar a lucidez. Em vão o Dr. D... lhe havia prestado cuidados. O marido, depois de ter corrido à busca de profissionais, sacerdotes da região reputados como curadores e exorcistas, adivinhos, pois confessou os haver consultado, dirigiu-se a nós, pedindo que nos ocupássemos de sua mulher, se, como lhe haviam contado, estivesse em nós o poder de curá-la. Prometemos escrever-lhe, para indicar o que deveria fazer.

“Consultados, nossos guias disseram: Cessem qualquer tratamento médico: os remédios seriam inúteis; que o marido eleve sua alma a Deus, imponha as mãos sobre a fronte da esposa e lhe dê passes fluídicos com amor e confiança; que observe pontualmente as recomendações que lhe vamos fazer, por mais contrariado que possa ficar (seguem as recomendações, absolutamente pessoais), e bem se compenetre da idéia que estas são necessárias em benefício de sua pobre atormentada, e em breve terá a sua recompensa.

“Também nos disseram que chamássemos e moralizássemos o Espírito obsessivo, sob o nome de *Lucie Cédar*. Este Espírito revelou a causa que o levava a atormentar a Sra. D...

Esta causa se ligava precisamente às recomendações feitas ao marido. Tendo este último se conformado a tudo, teve a satisfação de ver sua mulher completamente livre no espaço de dez dias. Disse-me: Já que os Espíritos se comunicam, não me admiro de que vos tenham dito o que só era conhecido por mim, mas estou muito mais admirado que nenhum remédio tenha podido curar minha mulher; se me tivesse dirigido a vós desde o começo, teria 150 francos no bolso, que aí não estão mais, pois os gastei em medicamentos.

“Aperto a vossa mão muito cordialmente.”

Dobre

Estes casos de cura nada têm de mais extraordinários que os que já temos citado, provenientes do mesmo centro; mas provam, pela persistência do sucesso, há vários anos, o que se pode obter pela perseverança e pela dedicação, razão por que nunca lhes falta a assistência dos Espíritos bons. Eles só abandonam os que deixam o bom caminho, o que é fácil de reconhecer pelo declínio do sucesso, ao passo que sustentam, até o último momento, mesmo contra os ataques da malevolência, aqueles cujo zelo, sinceridade, abnegação e humanidade são à prova das vicissitudes da vida. Elevam o que se humilha e humilham o que se eleva. Isto se aplica a todos os gêneros de mediunidade.

Nada desanimou o Sr. Dobre. Ele lutou energicamente contra todos os entraves que lhe foram suscitados e deles triunfou; desprezou as injúrias e as ameaças dos nossos adversários comuns e os forçou ao silêncio por sua firmeza; não poupou seu tempo, nem seu esforço, nem os sacrifícios materiais; jamais procurou prevalecer-se do que faz para pôr-se em evidência ou disso fazer um trampolim qualquer; seu desinteresse moral iguala o seu desinteresse material; se é feliz por triunfar, é porque cada sucesso o é para a doutrina. Eis os títulos sérios ao

reconhecimento de todos os espíritas presentes e futuros, títulos aos quais é preciso associar os membros do grupo que o secundam com tanto zelo e abnegação, e cujos nomes lamentamos não poder citar.

O fato mais característico assinalado nesta carta é o da intervenção dos parentes e amigos dos doentes nas curas. É uma idéia nova, cuja importância não escapará a ninguém, porque sua propagação não pode deixar de ter resultados consideráveis. É a vulgarização anunciada da mediunidade curadora. Os espíritas notarão quanto os Espíritos são engenhosos nos meios tão variados que empregam, para fazer penetrar a idéia nas massas. Como não o seria, desde que se lhe abrem, incessantemente, novos canais e lhe são dados os meios de bater em todas as portas?

Esta prática, pois, nunca seria demasiado encorajada. Todavia, não se deve perder de vista que os resultados estarão na razão da boa direção dada à coisa pelos chefes dos grupos curadores, e do impulso que souberem imprimir por sua energia, seu devotamento e seu próprio exemplo.

Nova Sociedade Espírita de Bordeaux

Desde o mês de junho de 1866, uma nova Sociedade Espírita, já numerosa, formou-se em Bordeaux, sobre bases que atestam o zelo e a boa vontade de seus membros, e um perfeito entendimento dos verdadeiros princípios da doutrina. Extraímos do relatório anual publicado pelo Presidente, algumas passagens que darão a conhecer o seu espírito.

Depois de ter falado das vicissitudes que o Espiritismo tem experimentado nesta cidade, das circunstâncias que levaram à formação da nova sociedade e de sua organização, que “permite àqueles de seus membros que sentem a sua força, desenvolver por

palestras, no começo de cada sessão, os grandes princípios da doutrina, princípios que muitos só combatem porque não os conhecem”, acrescenta:

“São essas palestras que até aqui nos atraíram numerosos ouvintes estranhos à Sociedade. Certamente não tenho a pretensão de crer que todos os nossos ouvintes vêm à nossa casa para instruir-se; muitos, sem dúvida, aqui comparecem na expectativa de pegar-nos em falta; é a sua tarefa. A nossa é espalhar o Espiritismo nas massas, e o Espiritismo nos provou que o melhor meio, depois da prática da sublime moral que dele decorre, e das comunicações dos Espíritos bons, é fazê-lo pela palavra.

“Desde que nos constituímos temos duas sessões por semana. Esse duplo trabalho nos foi imposto pela necessidade de consagrar uma sessão particular (a de quinta-feira) aos Espíritos obsessores e ao tratamento das doenças que eles ocasionam, e reservar outra sessão (a de sábado) aos estudos científicos. Acrescentarei, para justificar nossas sessões das quintas-feiras, que temos a felicidade de possuir entre nós um médium curador de faculdades bem desenvolvidas, conhecido por sua caridade, modéstia e desinteresse; é tão conhecido fora quanto no seio de nossa sociedade, de sorte que não lhe faltam doentes.

“Aliás, há em Bordeaux muitos casos de obsessão, e uma sessão por semana, especialmente consagrada à evocação e à moralização dos obsessores, está longe de ser suficiente, pois o médium curador, acompanhado de um médium escrevente, de um evocador e, por vezes, por alguns de nossos irmãos, vai ao domicílio dos doentes, a fim de melhor se identificar com os obsessores e chegar mais facilmente ao resultado.

“Ao médium curador veio juntar-se um dos nossos irmãos, magnetizador de grande força e de um devotamento a toda prova que, também ajudado pelos Espíritos bons, auxilia o

primeiro, de tal sorte que podemos dizer que a Sociedade possui dois médiuns curadores, embora em graus diferentes.”

Segue o relato de várias curas, entre as quais citaremos a seguinte:

Senhorita A..., de doze anos.

Órfã, cuidada por parentes muito pobres, esta menina nos foi apresentada em estado lastimável. Seu corpo inteiro era tomado de movimentos convulsivos; seu rosto contraía-se incessantemente e fazia caretas horríveis; os braços e as pernas eram constantemente agitados, a ponto de gastar as roupas da cama no espaço de oito dias. As mãos, que não podiam segurar nenhum objeto, rodopiavam sem parar em torno dos punhos. Enfim, em consequência da doença, sua língua se tornara de uma espessura extrema, acarretando o mais completo mutismo.

À primeira vista compreendemos que aí também havia uma obsessão. Como nossos guias confirmassem esta opinião, agimos como convém.

Segundo a opinião de um médico que se achava *incógnito* na casa da doente enquanto a submetíamos a um tratamento fluídico, a doença devia traduzir-se, *em três dias*, na dança de São Guido e, visto o estado de fraqueza em que se achava a doente, matá-la-ia impiedosamente no máximo em oito dias.

Não detalharei aqui os inúmeros incidentes a que deu lugar esta cura. Não vos falarei dos obstáculos de toda sorte, acumulados aos nossos passos, por influências contrárias e que tivemos de superar. Direi apenas que, dois meses após nossa entrevista com o médico, a menina falava como vós e eu, servia-se das mãos, ia à escola e estava perfeitamente curada.

Eis, acrescenta o Sr. Peyranne, os principais ensinamentos que saíram para nós das sessões consagradas aos Espíritos obsessores:

“Para agir eficazmente sobre um obsessor, é preciso que os que o moralizam e o combatem pelos fluidos, valham mais que ele. Isto se compreende tanto melhor quanto o poder dos fluidos está em relação direta com o adiantamento moral daquele que o emite. Um Espírito impuro chamado a uma reunião de homens moralizados aí não se sente à vontade; compreende a sua inferioridade e, se tentar afrontar o evocador, como por vezes acontece, ficai persuadidos de que logo abandonará o papel, sobretudo se as pessoas que compõem o grupo onde se comunica se unem ao evocador pela vontade e pela fé.

“Creio que ainda não compreendemos bem tudo quanto podemos sobre os Espíritos impuros, ou melhor, ainda não sabemos servir-nos dos tesouros que Deus colocou em nossas mãos.

“Sabemos, ainda, que uma descarga fluídica feita sobre um obsedado por vários espíritas, por meio da cadeia magnética, pode romper o laço fluídico que o liga ao obsessor e tornar-se para este último um remédio moral muito eficaz, provando-lhe a sua impotência.

“Sabemos, igualmente, que todo encarnado, animado do desejo de aliviar o seu semelhante, agindo com fé, pode, por meio de passes fluídicos, se não curar, ao menos aliviar sensivelmente um doente.

“Termino as sessões de quinta-feira fazendo notar que nenhum Espírito obsessor continuou rebelde. Todos aqueles de que nos ocupamos acabaram por reconhecer seus erros, abandonaram suas vítimas e entraram em melhor caminho.”

A respeito das sessões de sábado, ele diz:

“Essas sessões são abertas, como bem o sabeis, por uma conversa feita por um membro da Sociedade, sobre um assunto espírita, e termina por um resumo sucinto, feito pelo Presidente.

“Na conversa é deixado ao orador total liberdade de linguagem, contanto que não saia do quadro traçado por nosso regulamento. Ele encara sob o seu ponto de vista os diversos assuntos de que trata; desenvolve-os como bem entende e tira as conseqüências que julga convenientes; mas jamais poderia comprometer a responsabilidade da Sociedade.

“No fim da sessão o Presidente resume os trabalhos e, se não estiver de acordo com a opinião do orador, combate-o, fazendo notar ao auditório que, do mesmo modo que o primeiro, não compromete outra responsabilidade senão a sua, deixando a cada um o uso do livre-arbítrio e o cuidado de julgar e decidir, segundo a sua consciência, de que lado está a verdade ou, pelo menos, quem dela mais se aproxima. Porque, para mim, a verdade é Deus; quanto mais dele nos aproximarmos – o que não podemos fazer senão nos depurando e trabalhando pelo nosso progresso – tanto mais próximos estaremos da verdade.”

Chamamos ainda a atenção para o parágrafo seguinte:

“Embora tenhamos excelentes instrumentos para os nossos estudos, compreendemos que seu número se havia tornado insuficiente, sobretudo em presença da extensão sempre crescente da Sociedade. A escassez dos médiuns muitas vezes veio trazer obstáculos à marcha regular dos nossos trabalhos, e compreendemos que era necessário, tanto quanto possível, desenvolver as faculdades que jazem latentes na organização de muitos de nossos irmãos. É por isto que acabamos de decidir que uma sessão especial de ensaios mediúnicos seria realizada aos

domingos, às duas horas da tarde, na sala de nossas reuniões. Julguei dever para elas convidar não só nossos irmãos em crença, mas ainda os estrangeiros que desejassem tornar-se úteis. Estas sessões já deram resultados que ultrapassaram a nossa expectativa. Aí fazemos escrita, tiplogia, magnetismo. Várias faculdades muito diversas aí foram descobertas e daí saíram dois sonâmbulos que, parece, devem ser muito lúcidos.”

Não podemos senão aplaudir o programa da Sociedade de Bordeaux e cumprimentá-la por seu devotamento e pela inteligente direção de seus trabalhos. Um dos nossos colegas, de passagem por aquela cidade, assistiu ultimamente a algumas de suas sessões, delas trazendo a mais favorável impressão. Perseverando neste caminho, ela só poderá obter resultados cada vez mais satisfatórios, e jamais faltarão elementos para a sua atividade. A maneira por que procede para o tratamento das obsessões é, ao mesmo tempo, notável e instrutiva, e a melhor prova de que essa maneira é boa, é que dá resultado. Voltaremos depois a este assunto, em artigo especial.

Seria supérfluo realçar a utilidade das instruções verbais, que designa sob o simples nome de conversas. Além da vantagem de exercitar no manejo da palavra, elas têm outra, não menor, de provocar um estudo mais completo e mais sério dos princípios da doutrina, de facilitar a sua compreensão, de ressaltar a sua importância e, pela discussão, de trazer a luz sobre os pontos controvertidos. É o primeiro passo para conferências regulares, que não podem deixar de ocorrer, mais cedo ou mais tarde, e que, vulgarizando a doutrina, contribuirão poderosamente para retificar a opinião pública, falseada pela crítica mal-intencionada ou ignorante daquilo que ela é.

Refutar as objeções, discutir os sistemas divergentes, são pontos essenciais que importa não negligenciar, e que podem fornecer matéria para instruções úteis; não somente é um meio de

dissipar os erros que poderiam ser acreditados, mas é fortalecer-se para as discussões particulares, que se pode ter que sustentar. Nessas instruções orais, sem dúvida, muitos serão assistidos pelos Espíritos, e daí não podem deixar de sair médiuns falantes. Os que fossem contidos pelo temor de falar perante um auditório, devem lembrar-se de que Jesus dizia aos seus apóstolos: “Não vos inquieteis com o que haveis de dizer; as palavras vos serão inspiradas no momento mesmo.”

Um grupo de província, que pode ser classificado entre os mais sérios e mais bem dirigidos, introduziu este uso em suas reuniões, que igualmente se realizam duas vezes por semana. É composto exclusivamente de oficiais de um regimento. Mas aí não é uma faculdade deixada a cada membro; é uma obrigação, que lhes é imposta pelo regulamento, falar cada um por sua vez. Em cada sessão o orador designado para a próxima reunião deve preparar-se para desenvolver e comentar um capítulo ou um ponto da doutrina. Disso resulta para eles uma aptidão maior para fazer a propaganda e defender a causa, se necessário.

Necrológio

SR. QUINEMANT, DE SÉTIF

Escrevem-nos de Sétif (Argélia):

“Venho comunicar-vos a morte de um fervoroso adepto do Espiritismo, o Sr. Quinemant, falecido no sábado santo de 20 de abril de 1867. Foi o primeiro em Sétif que dele se ocupou comigo. Defendeu-o constantemente contra seus detratores, sem se preocupar com os ataques, nem com o ridículo. Era, ao mesmo tempo, um bom magnetizador e, por sua dedicação desinteressada, prestou numerosos serviços a pessoas sofredoras.

“Estava doente desde novembro; tinha febre de dois em dois dias, e quando não a tinha salivava água constantemente. Comia e digería bem, achava bom tudo quanto tomava e, não obstante isto, emagrecia a olhos vistos; homem de compleição muito robusta, seus membros chegaram à dimensão dos de um menino. Extinguia-se lentamente e compreendia muito bem sua posição; tinha dito que queria morrer no dia em que morrera o Cristo. Conservou toda a lucidez de espírito e conversava como se não estivesse doente. Morreu quase sem sofrimentos, com a tranqüilidade e a resignação de um espírita, dizendo à sua mulher que se consolasse, que se encontrariam no mundo dos Espíritos. Todavia, embora pouco gostasse de padres, nos últimos momentos pediu o cura, a despeito de com este ter tido vivas altercações no que respeita ao Espiritismo.

“Far-me-eis um grande favor se o evocardes, caso possível. Não tenho dúvida de que ele sentirá prazer em vir ao vosso apelo, e como era um homem esclarecido e de bom-senso, penso que nos poderá dar úteis conselhos. Era sua opinião que o Espiritismo cresceria, apesar de todos os entraves que lhe suscitam. Pedi-lhe, também, a causa de sua doença, que ninguém conhecia.”

Dumas

Evocado em particular, o Sr. Quinemant deu a comunicação que segue e no dia seguinte deu espontaneamente, na Sociedade, a que publicamos em separado, sob o título de *O Magnetismo e o Espiritismo comparados*.

(Paris, 16 de maio de 1867 – Médiun: Sr. Desliens)

“Apresso-me em vir ao vosso apelo com tanto maior facilidade quanto, desde o enterro de meus restos mortais, vim a todas as vossas reuniões. Tinha grande desejo de julgar o desenvolvimento da doutrina em seu centro natural; e se não o fiz

em vida do corpo, meus negócios materiais foram sua única causa. Agradeço vivamente ao meu amigo Dumas o pensamento benévolo que o levou a vos assinalar a minha partida e a vos pedir a minha evocação; maior prazer ele não me podia dar.

“Embora meu retorno ao mundo dos Espíritos seja recente, estou suficientemente desprendido para me comunicar com facilidade; as idéias que já possuía sobre o mundo invisível, minha crença nas comunicações e a leitura das obras espíritas haviam-me preparado para ver sem espanto, mas não sem infinita felicidade, o espetáculo que me aguardava. Estou feliz pela confirmação de meus mais íntimos pensamentos. Eu estava convencido, pelo raciocínio, do desenvolvimento ulterior, e da importância da Doutrina dos Espíritos sobre as gerações futuras. Mas, ah! eu percebia inúmeros obstáculos e fixava uma época indefinidamente afastada para a predominância de nossas idéias, efeito de minha curta visão e dos limites marcados pela matéria à minha concepção do futuro. Hoje tenho mais que convicção: tenho certeza. Ainda há pouco eu não via senão efeitos muito lentos, ao sabor dos meus desejos; hoje vejo, toco a causa desses efeitos, e meus sentimentos se modificaram. Sim, ainda é preciso muito tempo para que nossa Terra seja uma terra espírita, em toda a acepção da palavra. Mas será preciso um tempo relativamente muito curto para trazer uma considerável modificação na maneira de ser dos indivíduos e das nacionalidades.

“Os ensinamentos que colhi entre vós, o desenvolvimento importante de certas faculdades, os conciliábulos espirituais, aos quais me foi permitido assistir desde minha chegada aqui, persuadiram-me de que grandes acontecimentos estavam próximos, e que num tempo pouco afastado, numerosas forças latentes serão postas em atividade, para auxiliar na renovação geral. Por toda parte o fogo jaz latente sob a cinza; se uma faísca surgir, e ela surgirá, a conflagração tornar-se-á universal.

“Elementos espirituais atuais, triturados na imensa fornalha dos cataclismos físicos e morais que se preparam, uns mais depurados seguem o movimento ascensional; outros, lançados fora com as mais grosseiras escórias, deverão sofrer ainda várias destilações sucessivas, antes de se juntarem aos seus irmãos mais adiantados. Ah! eu compreendo, diante dos acontecimentos que o futuro nos reserva, estas palavras do filho de Maria: Haverá choro e ranger de dentes. Fazei, pois, meus amigos, de modo a serdes convidados ao banquete da inteligência e não fazer parte dos que serão lançados nas trevas exteriores.

“Antes de morrer cedi a uma última fraqueza, obedecendo a um preconceito; não que minha crença tivesse fraquejado ante o medo do desconhecido, mas para não me distinguir dos outros. Pois bem! depois de tudo, a palavra de um homem que vos fala do futuro é boa para ouvir no momento da grande viagem; essa palavra é cercada de ensinamentos antiquados, de práticas desgastadas, vejo-o bem, mas não deixa de ser a palavra de esperança e de consolação.

“Ah! vejo com os olhos do espírito, vejo um tempo em que o espírita, ao partir, também será cercado de irmãos que lhe falarão do futuro, da esperança de felicidade! Obrigado, meu Deus, porque me permitistes ver o clarão da verdade nos meus últimos instantes; obrigado por esse abrandamento de minhas provas. Se fiz algum bem, é a esta crença abençoada que o devo; foi ela que me deu a fé, o vigor material e a força moral necessária para curar; foi ela que me deu a lucidez de espírito até os meus últimos momentos, que me permitiu suportar sem murmurar a cruel doença que me levou.

“Perguntais qual é esta afecção a que sucumbi. Ah! meu Deus, é muito simples; as vísceras nas quais se opera a assimilação dos elementos novos, não tendo mais a força necessária para agir, as moléculas gastas pela ação vital eram eliminadas, sem que outras

as viessem substituir. Mas que importa a doença de que se morre, quando a morte é uma libertação! Obrigado ainda, caro amigo, pelo bom pensamento que vos levou a pedir a minha evocação. Dizei à minha mulher que sou feliz, que em mim ela encontrará o amado de sempre e que, esperando sua volta, não deixarei de cercá-la com a minha afeição e de ajudá-la com os meus conselhos.

“Agora, algumas palavras para vós pessoalmente, meu caro Dumas. Fostes um dos primeiros chamados a fincar a bandeira da doutrina neste país e, naturalmente, encontrastes obstáculos, dificuldades. Se vosso zelo não foi recompensado por tanto zelo quanto esperáveis, e que pareciam prometer no início, é que é preciso tempo para desarraigar os preconceitos e a rotina num meio inteiramente consagrado à vida material; é preciso já estar adiantado para assimilar prontamente novas idéias, que mudam os hábitos. Lembrai-vos de que o primeiro pioneiro que desbrava o terreno muito raramente é o que colhe; ele prepara o terreno para os que vêm depois dele. Fostes esse pioneiro: era a vossa missão; é uma honra e uma felicidade, que sou feliz por ter partilhado um pouco e que apreciareis um dia, como posso fazê-lo hoje, porquanto vossos esforços vos serão levados em conta. Mas não creiais que nos tenhamos dado a um trabalho inútil; não, nenhuma das sementes que espalhamos está perdida; elas germinarão e frutificarão quando chegar o momento de sua eclosão. A idéia está lançada e fará o seu caminho. Felicitai-vos por ter sido um dos obreiros escolhidos para esta obra. Tivestes dissabores, desilusões: era a prova de vossa fé e de vossa perseverança, sem o que, onde estaria o mérito para realizar uma missão, se só se encontrassem rosas sobre o caminho?

“Portanto, não vos deixeis abater pelas decepções; sobretudo não cedais ao desencorajamento e lembrai-vos destas palavras do Cristo: ‘Bem-aventurados os que perseverarem até o fim;’ e desta outra: ‘Bem-aventurados os que sofrerem por meu nome.’ Perseverai, pois, caro amigo, prossegui vossa obra e pensai

que os frutos que se colhem para o mundo onde estou agora, valem mais que os que se colhem na Terra, onde se os deixa ao partir.

“Peço-vos que digais a todos os que me testemunharam afeição e me guardam um bom lugar em sua lembrança, que não os esqueço e que muitas vezes estou em meio deles. Dizei aos que ainda repelem nossas crenças que quando estiverem onde estou, reconhecerão que era a verdade, e que lamentarão amargamente por as terem desprezado, porque terão de recomeçar penosas provações. Dizei aos que me fizeram mal que eu lhes perdôo e que peço a Deus que os perdoe.

“Aquele que vos será sempre devotado.”

E. Quineman

O CONDE DE OURCHES

O Sr. conde de Ourches foi um dos primeiros em Paris que se ocuparam das manifestações espíritas, desde o momento em que chegaram os relatos das que haviam ocorrido na América. Pelo crédito que lhe conferiam sua posição social, sua fortuna, suas relações de família e, acima de tudo, pela lealdade e honorabilidade de seu caráter, ele contribuiu poderosamente para a sua vulgarização. Ao tempo da moda das mesas girantes, seu nome tinha adquirido grande notoriedade e certa autoridade no mundo dos adeptos; ele tem, pois, seu nome marcado nos anais do Espiritismo. Apaixonado pelas manifestações físicas, a elas votava uma confiança ingênua e um tanto cega, da qual por vezes abusaram, pela facilidade com que se prestam à imitação. Exclusivamente dedicado a esse gênero de manifestações, do ponto de vista único do fenômeno, não acompanhou o Espiritismo na sua nova fase científica e filosófica, pela qual tinha pouca simpatia, ficando estranho ao grande movimento que se operou nos últimos dez anos.

Morreu no dia 5 de maio de 1867, aos 80 anos. Sobre ele o *Indépendance Belge* publicou um longo e interessantíssimo artigo biográfico, assinado por Henry de Pène, e reproduzido na *Gazette des Étrangers* de Paris (5, rue Scribe) de quinta-feira, 23 de maio; aí é feita plena justiça às suas eminentes qualidades, e a sua crença nos Espíritos é julgada com moderação, à qual o primeiro destes jornais não nos havia habituado. Assim termina o artigo:

“Tudo isto, bem o sei, fará que certo número de espíritos positivos dê de ombros e diga: ‘Ele é louco!’; por mais cérebro que tenha, logo dirão que ele é louco. O conde de Ourches era um homem superior, que se tinha proposto como objetivo ultrapassar os seus semelhantes, unindo as luzes positivas da Ciência aos lampejos e às visões do sobrenatural.”

Dissertação Espírita

O MAGNETISMO E O ESPIRITISMO COMPARADOS

(Sociedade de Paris, 17 de maio de 1867 – Médium: Sr. Desliens)

“Em vida ocupei-me da prática do magnetismo, do ponto de vista exclusivamente material; ao menos assim o cria. Hoje sei que a elevação voluntária ou involuntária da alma, que faz desejar a cura do doente, é uma verdadeira magnetização espiritual.

“A cura se deve a causas excessivamente variáveis: Tal doença, tratada de tal maneira, cede ante a força de ação material; tal outra, que é idêntica, mas menos acentuada, não experimenta qualquer melhora, embora os meios curativos empregados talvez sejam ainda mais poderosos. A que se devem, então, essas variações de influências? – A uma causa ignorada pela maioria dos magnetizadores, que não se atacam senão aos princípios mórbidos materiais; elas são consequência da situação moral do indivíduo.

“A doença material é um efeito; para destruí-lo não basta atacá-lo, tomá-lo corpo-a-corpo e aniquilá-lo. Como a causa existe sempre, reproduzirá novos efeitos mórbidos quando estiver afastada a ação curativa.

“O fluido transmissor da saúde no magnetismo é um intermediário entre a matéria e a parte espiritual do ser, e que poderia comparar-se ao perispírito. Ele une dois corpos um ao outro; é um ponto sobre o qual passam os elementos que devem operar a cura nos órgãos doentes. Sendo um intermediário entre o Espírito e a matéria, por força de sua constituição molecular, esse fluido pode transmitir tão bem uma influência espiritual quanto uma influência puramente animal.

“Em última análise, que é o Espiritismo, ou antes, que é a mediunidade, essa faculdade até aqui incompreendida, e cuja extensão considerável estabeleceu sobre bases incontestáveis os princípios fundamentais da nova revelação? É pura e simplesmente uma variedade da ação magnética exercida por um ou vários magnetizadores *desencarnados*, sobre um paciente humano agindo no estado de vigília ou no estado extático, consciente ou inconscientemente.

“Por outro lado, que é o magnetismo? uma variedade do Espiritismo, na qual Espíritos *encarnados* agem sobre outros Espíritos encarnados.

“Finalmente, existe uma terceira variedade do magnetismo ou do Espiritismo, conforme se tome por ponto de partida a ação dos encarnados sobre os encarnados, ou a dos Espíritos relativamente livres sobre Espíritos aprisionados num corpo; esta terceira variedade, que tem por princípio a ação dos encarnados sobre os Espíritos, revela-se no tratamento e na moralização dos Espíritos obsessores.

“Assim, o Espiritismo não é senão magnetismo espiritual, e o magnetismo outra coisa não é senão Espiritismo humano.

“De fato, como procede o magnetizador que quer submeter à sua influência um sensitivo sonambúlico? Envolve-o em seu fluido; ele o possui numa certa medida e, notai-o bem, sem jamais conseguir aniquilar seu livre-arbítrio, sem dele poder fazer coisa sua, um instrumento puramente passivo. Muitas vezes o magnetizado resiste à influência do magnetizador e age num sentido quando este desejaria que a ação fosse diametralmente oposta. Embora no geral o sonâmbulo esteja adormecido e o seu próprio Espírito aja enquanto o seu corpo fica mais ou menos inerte, também acontece, porém mais raramente, que o sensitivo, simplesmente fascinado, iluminado, fique em vigília, posto que com maior tensão de espírito e uma inabitual exaltação de suas faculdades.

“E agora, como procede o Espírito que deseja comunicar-se? Envolve o médium com o seu fluido; em certa medida o possui, sem jamais dele fazer coisa sua, um instrumento puramente passivo. Talvez me objetareis que nos casos de obsessão, de possessão, o aniquilamento do livre-arbítrio parece ser completo. Muito haveria a dizer sobre esta questão, porque a ação aniquiladora se faz mais sobre as forças vitais materiais do que sobre o Espírito, que pode achar-se paralisado, dominado e impotente para resistir, mas cujo pensamento jamais é nulificado, como foi possível constatar em muitas ocasiões. Encontro no próprio fato da obsessão uma confirmação, uma prova em apoio de minha teoria, lembrando que a obsessão também se exerce *de encarnado a encarnado*, e que se tem visto magnetizadores aproveitando o domínio que exerciam sobre os seus sonâmbulos, para os levar a cometer ações censuráveis. Como sempre, aqui a exceção confirma a regra.

“Embora no geral o sensitivo mediúnico esteja desperto, em certos casos que se tornam cada vez mais freqüentes, o sonambulismo espontâneo se instala no médium e este fala por si mesmo, ou por sugestão, absolutamente como o sonâmbulo magnético nas mesmas circunstâncias.

“Enfim, como procedeis relativamente aos Espíritos obsessores ou simplesmente inferiores, que desejais moralizar? Agis sobre eles por atração fluídica; magnetizai-os, na maioria das vezes inconscientemente, para os reter em vosso círculo de ação; algumas vezes conscientemente, quando estabeleceis em torno deles uma camada fluídica, que não podem penetrar sem a vossa permissão, e agis sobre eles pela força moral, que não é outra coisa senão uma ação magnética quintessenciada.

“Como vos foi dito muitas vezes, não há lacunas na obra da Natureza, nem saltos bruscos, mas transições insensíveis, que fazem que se passe pouco a pouco de um a outro estado, sem que não se perceba a mudança senão pela consciência de uma situação melhor.

“O magnetismo é, pois, um grau inferior do Espiritismo, e que insensivelmente se confunde com este último por uma série de variedades, pouco diferindo um do outro, como o animal é um estado superior da planta, etc. Num caso, como no outro, são dois degraus da escada infinita, que liga todas as criações, desde o ínfimo átomo até Deus criador! Acima de vós está a luz ofuscante, que os vossos fracos olhos ainda não podem suportar; abaixo estão as trevas profundas, que os vossos mais poderosos instrumentos de óptica ainda não puderam iluminar. Ontem nada sabíeis; hoje vedes o abismo profundo no qual se perde a vossa origem. Presentis o objetivo infinitamente perfeito, para o qual tendem todas as vossas aspirações. E a quem deveis todos esses conhecimentos? ao magnetizador! ao Espiritismo! a todas as revelações que decorrem de uma lei de relação universal entre

todos os seres e seu Criador! a uma ciência surgida ontem por vossa concepção, mas cuja existência se perde na noite dos tempos, porque é uma das bases fundamentais da Criação.

“De tudo isto concludo que o magnetismo, desenvolvido pelo Espiritismo, é a pedra angular da saúde moral e material da Humanidade futura.”

E. Quinemant

Observação – A justeza das apreciações e as profundezas do novo ponto de vista, que encerra esta comunicação, a ninguém escaparão. Embora partido há pouco tempo, o Sr. Quinemant se revela, inicialmente e sem a menor hesitação, como um Espírito de incontestável superioridade. Apenas desprendido da matéria, que não parece ter deixado qualquer traço sobre ele, desdobra suas faculdades com uma força notável, que promete aos seus irmãos da Terra mais um bom conselheiro.

Os que pretendiam que o Espiritismo se arrastasse na rotina dos lugares-comuns e das banalidades, podem ver, pelas questões que ele aborda desde algum tempo, se fica estacionário; e o verão ainda melhor à medida que lhe for permitido desenvolver as suas conseqüências. Entretanto, a bem dizer, ele não ensina nada de novo. Se se estudar cuidadosamente os seus princípios constitutivos fundamentais, ver-se-á que encerram os germes de tudo; mas esses germes não podem desenvolver-se senão gradualmente; se nem todos florescem ao mesmo tempo, é que a extensão do círculo de suas atribuições não depende *da vontade dos homens*, mas da dos Espíritos, que regulam o grau de seu ensino conforme a oportunidade. É em vão que os homens queriam antecipar-se sobre o tempo; não podem constringer a vontade dos Espíritos, que agem conforme as inspirações superiores e não se deixam levar pela impaciência dos encarnados; se necessário, eles sabem *tornar estéril essa impaciência*. Deixai-os, pois, agir;

fortifiquemo-nos no que eles ensinam, e estejamos certos de que saberão, em tempo útil, fazer que o Espiritismo dê o que deve dar.

Bibliografia

UNIÃO ESPÍRITA DE BORDEAUX

O último número do jornal *União*, que agora nos chega, e que completa seu segundo ano, traz o seguinte aviso:

“Absorvido pelo trabalho material que nos impõe a exigência de prover às nossas e às necessidades da família, que temos a obrigação de educar, não nos foi possível fazer sair regularmente os últimos números do *Union Spirite*. Não o ocultaremos, em face desta tarefa ao mesmo tempo tão penosa e tão ingrata, que nos impusemos, que nos perguntamos a nós mesmos se não devíamos parar no caminho, e deixar a outros, mais favorecidos pela fortuna do que nós, o cuidado de continuar a obra que empreendemos com tanto ardor, convicção e fé. Mas, cedendo às instâncias de muitos dos nossos leitores, que pensam que o *Union Spirite* não só tem sua razão de ser, mas já prestou, e está chamado a prestar, em futuro talvez muito próximo, grandes serviços ao Espiritismo, resolvemos marchar ainda para frente, e enfrentar as dificuldades de toda sorte, que se amontoam sob os nossos passos. Apenas, a fim de nos tornar possível semelhante tarefa e para evitar a irregularidade da qual, infelizmente, até aqui, tantas vezes temos sido vítima, fomos obrigados a promover grandes modificações em nosso modo de publicação.

“O *Union Spirite*, que em junho próximo começará o seu terceiro ano, aparecerá de agora em diante apenas uma vez por mês, em cadernos de 32 páginas, grande in-8º. O preço da assinatura será fixado em 10 francos por ano.

“Esperamos que nossos assinantes aceitem estas condições, que são, aliás, as da *Revista Espírita* de Allan Kardec, e

de quase todas as publicações ou revistas filosóficas de Paris, e que, enviando o mais cedo possível a sua adesão, nos tornem tão fácil quanto possível a realização da obra, para a qual, há mais de quatro anos, temos feito tão grandes sacrifícios.”

A. Bez

Somos dos que consideram esse jornal como tendo sua razão de ser e sua utilidade; pelo espírito no qual é redigido, pode e deve prestar incontestáveis serviços à causa do Espiritismo. Cumprimentamos o Sr. Bez por sua perseverança, a despeito das dificuldades materiais que encontra mesmo em sua posição. Em nossa opinião, ele tomou um partido muito sensato, fazendo-o aparecer apenas uma vez por mês, embora lhe dando a mesma quantidade de matérias. Não se pode imaginar o tempo e a despesa que acarretam as publicações que aparecem várias vezes por mês, quando se é obrigado a bastar-se só, ou quase só; é absolutamente necessário não ter outra coisa a fazer e renunciar a qualquer outra ocupação. Aparecendo a 15 de cada mês, por exemplo, alternará com a nossa *Revista*. Desta maneira, os que quisessem que esta aparecesse mais vezes, o que é impossível, aí encontrarão o complemento do que desejam e não ficarão privados tanto tempo da leitura de assuntos pelos quais se interessam. Fazemos um apelo ao seu concurso, para sustentar essa publicação.

PROGRESSO ESPIRITUALISTA

Novo jornal que aparece duas vezes por mês, desde 15 de abril, no formato do antigo *Avenir*, ao qual anuncia suceder. O *Avenir* se constituía no representante de idéias às quais não podíamos dar a nossa adesão. Não é uma razão para que tais idéias não tenham o seu órgão, a fim de que cada um esteja em condição de as apreciar, e que se possa julgar de seu valor pela simpatia que encontram na maioria dos espíritas e sua concordância com o ensinamento da generalidade dos Espíritos. Como o Espiritismo só adota os princípios consagrados pela universalidade do

ensinamento, sancionado pela razão e pela lógica, sempre marchou e marchará sempre com a maioria; é o que constitui a sua força. Não há, pois, nada a temer das idéias divergentes; se forem justas, prevalecerão e o Espiritismo as adotará; se forem falsas, cairão.

Ainda não podemos apreciar a linha que seguirá, a esse respeito, o novo jornal. Em todo o caso, julgamos um dever assinalar o seu aparecimento aos nossos leitores, a fim de que o possam julgar por si mesmos. Seremos felizes por encontrar nele um novo campeão sério de sua doutrina e, neste caso, desejamos-lhe grande sucesso.

Redação: Rue de la Victoire, nº 34. – Preço: 10 francos por ano.

PESQUISAS SOBRE AS CAUSAS DO ATEÍSMO

Em resposta à brochura de monsenhor Dupanloup, por uma católica.

Brochura in-8º, livraria dos Srs. Didier & Companhia, 35, quai des Augustins e no escritório da *Revista Espírita*. – Preço: 1 fr. 25 c.; pelo correio: 1 fr. 45 c.

O autor deste notável escrito, embora sinceramente ligado às crenças católicas, propôs-se demonstrar ao monsenhor Dupanloup quais são as verdadeiras causas da praga do ateísmo e da incredulidade que invade a sociedade; segundo ele, interpretações hoje inadmissíveis e inconciliáveis com os dados positivos da Ciência. Ele prova que em muitos pontos a Igreja afastou-se do sentido real das Escrituras e do pensamento dos escritores sacros; que a religião só tem a ganhar com uma interpretação mais racional que, sem tocar nos princípios fundamentais dos dogmas, se conciliasse com a razão; que o Espiritismo, fundado sobre as próprias leis da Natureza, é a única chave possível de uma sã interpretação e, por isto mesmo, o mais

poderoso remédio contra o ateísmo. Tudo isto é dito simplesmente, sem entusiasmo, sem ênfase nem exaltação, e com uma lógica cerrada. Este escrito é um complemento de *A Fé e a Razão*, pela Sra. J. B., e dos *Dogmas da Igreja do Cristo explicados segundo o Espiritismo*, pelo Sr. de Bottinn.

Não obstante mulher, a autora dá prova de grande erudição teológica; cita e comenta com notável justeza os escritores sacros de todos os tempos, e com quase tanta facilidade quanto o Sr. Flammarion cita os autores científicos. Vê-se que lhe são familiares, o que nos leva a dizer que provavelmente não debuta nessas matérias, e que deve ter sido algum eminente teólogo em sua precedente existência. Sem partilhar de todas as suas idéias, dizemos que, do ponto de vista em que se colocou, não podia falar melhor, nem de outro modo, e que fez uma coisa útil para a época em que estamos.

O ROMANCE DO FUTURO

(Por E. Bonnemère)

Um volume in-12. Librairie internationale, 15, boulevard Montmartre. — Preço: 3 fr., pelo correio: 3 fr. 30 c.

A falta de espaço nos obriga a adiar para o próximo número a análise desta importante obra, que recomendamos à atenção dos nossos leitores, como muito interessante para o Espiritismo.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

JULHO DE 1867

Nº 7

Breve Excursão Espírita

A Sociedade de Bordeaux, reconstituída, como dissemos em nosso número precedente, reuniu-se este ano, como no ano passado, num banquete no dia de Pentecostes, banquete simples, digamos logo, como convém em semelhante circunstância, e a pessoas cujo objetivo principal é encontrar uma ocasião para se reunirem e estreitarem os laços de confraternidade; a pesquisa e o luxo aí seriam uma insensatez.

A despeito das ocupações que nos retinham em Paris, pudemos atender ao amável e insistente convite que nos foi feito para nele tomar parte. O do ano passado, que era o primeiro, não havia reunido mais que trinta convivas; no deste ano havia quatro vezes mais, alguns dos quais vindos de grande distância; Toulouse, Marmande, Villeneuve, Libourne, Niort e até Carcassonne, que fica a oitenta léguas, aí tinham seus representantes. Todas as classes da sociedade estavam confundidas numa comunhão de sentimentos; aí se encontravam o artífice, o agricultor ao lado do burguês, do negociante, do médico, dos funcionários, dos advogados, dos homens de ciência, etc.

Seria supérfluo acrescentar que tudo se passou como devia ter se passado, entre gente que tem por divisa: “Fora da caridade não há salvação”, e que professa a tolerância por todas as opiniões e todas as convicções. Por isso, nas alocações de circunstância que foram pronunciadas, nem uma palavra foi dita que pudesse ferir a mais sombria susceptibilidade; se os nossos maiores adversários aí se encontrassem, não teriam ouvido uma palavra, nem uma alusão que lhes dissesse respeito.

A autoridade se havia mostrado cheia de benevolência e de cortesia em relação a essa reunião, pelo que lhe devemos agradecer. Ignoramos se estava representada de maneira oculta, mas certamente pôde convencer-se, como sempre, de que as doutrinas professadas pelos espíritas, longe de ser subversivas, são uma garantia de paz e de tranqüilidade; que a ordem pública nada tem a temer de gente cujos princípios são os do respeito às leis, e que, em nenhuma circunstância, cedeu às sugestões dos agentes provocadores que buscavam comprometê-la. Sempre foram vistos retirando-se e se abstendo de toda manifestação ostensiva, todas as vezes que temeram que eles fossem tomados como motivo de escândalo.

É fraqueza de sua parte? Não certamente; ao contrário, é a consciência da força de seus princípios que os torna calmos e a certeza, que têm, da inutilidade dos esforços tentados para os abafar; quando se abstêm, não é para se porem em segurança, mas para evitar o que pudesse respingar sobre a doutrina. Sabem que ela não necessita de demonstrações exteriores para triunfar. Vêem suas idéias germinando em toda parte, propagando-se com uma força irresistível; por que precisariam fazer barulho? Deixam esse encargo aos seus antagonistas que, por seus clamores, ajudam a propagação. Mesmo as perseguições são o batismo necessário de todas as idéias novas um pouco grandes; em vez de as prejudicar, dão-lhe vigor. Mede-se a sua importância pela obstinação com que a combatem. As idéias que não se aclimatam senão à força de

reclamos e de exhibições têm apenas uma vitalidade factícia e de curta duração; as que se propagam por si mesmas e pela força das coisas têm vida em si, e são as únicas duráveis. É o caso em que se encontra o Espiritismo.

A festa terminou por uma coleta em benefício dos infelizes, sem distinção de crenças, e com uma precaução cuja sabedoria só merece louvores. Para deixar inteira liberdade, não humilhar ninguém e não estimular a vaidade dos que dariam mais que os outros, as coisas foram dispostas de maneira que ninguém, nem mesmo os coletores, soubessem o que cada um tinha dado. A receita foi de 85 fr. e comissários foram designados imediatamente para fazer o seu emprego.

Malgrado nossa curta estada em Bordeaux, pudemos assistir a duas sessões da Sociedade: uma consagrada ao tratamento dos doentes e outra a estudos filosóficos. Assim pudemos constatar por nós mesmos os bons resultados que sempre são o fruto da perseverança e da boa vontade. Pelo relato que publicamos em nosso número precedente sobre a sociedade bordelesa, pudemos, com conhecimento de causa, acrescentar nossas felicitações pessoais. Mas não se deve esconder que, quanto mais prosperar, tanto mais estará exposta aos ataques de nossos adversários; que ela desconfie, sobretudo, das manobras surdas que contra ela pudessem urdir e dos pomos de discórdia que, sob a aparência de zelo exagerado, poderiam lançar em seu seio.

Sendo limitado o tempo de nossa ausência de Paris, pela obrigação de aí estar de volta em dia fixo, não pudemos, para nosso grande pesar, comparecer aos diversos centros para os quais fomos convidados. Não pudemos parar senão alguns instantes em Tours e Orléans, que estavam em nosso caminho. Aí também pudemos constatar o ascendente que adquire a doutrina dia a dia na opinião e seus felizes resultados que, por serem ainda individuais, não deixam de ser menos satisfatórios.

Em Tours a reunião devia contar cerca de cento e cinquenta pessoas, tanto da cidade quanto das cercanias, mas em razão da precipitação com que foi feita a convocação, só dois terços puderam comparecer. Uma circunstância imprevista não tendo permitido aproveitar a sala que havia sido escolhida, nós nos reunimos, em noite magnífica, no jardim de um dos membros da Sociedade. Em Orléans os espíritas são menos numerosos, mas nem por isso deixa de contar com adeptos sinceros e devotados, cujas mãos tivemos o prazer de apertar.

Um fato constante e característico, e que se deve considerar como um grande progresso, é a diminuição gradual e mais ou menos geral das prevenções contra as idéias espíritas, mesmo entre os que não as compartilham. Agora se reconhece a cada um o direito de ser espírita, como o de ser juiz ou protestante; já é alguma coisa. As localidades como Illiers, no Departamento de Eure-et-Loire, em que se estimulam os garotos para os perseguir a pedradas, são exceções cada vez mais raras.

Um outro sinal de progresso não menos característico é a pouca importância que, por toda parte, mesmo nas classes menos esclarecidas, os adeptos ligam aos fatos de manifestações extraordinárias. Se efeitos desse gênero se produzem espontaneamente, as pessoas os constataam, mas não se comovem, não os procuram e, menos ainda, se empenham em provocá-los. Dão pouca importância ao que apenas satisfaz aos olhos e à curiosidade; o objetivo sério da doutrina, suas conseqüências morais, os recursos que ela pode oferecer para o alívio do sofrimento, a felicidade de reencontrar os parentes ou amigos que perderam, de com eles conversar, escutar conselhos que vêm dar, constituem o objetivo exclusivo e preferido das reuniões espíritas. Mesmo no campo e entre os artistas, um poderoso médium de efeitos físicos seria menos apreciado que um bom médium escrevente que desse, por comunicações racionais, consolação e esperança. O que se busca na doutrina é, antes de tudo, o que toca

o coração. É uma coisa notável a facilidade com que, mesmo as pessoas mais iletradas, compreendem e assimilam os princípios desta filosofia, pois não é necessário ser sábio para ter coração e raciocínio. Ah! dizem eles, se sempre nos tivessem falado assim, jamais teríamos duvidado de Deus e de sua bondade, mesmo nas maiores misérias!

Sem dúvida crer é alguma coisa, porque já é um pé colocado no bom caminho; mas a crença sem a prática é letra morta. Ora, sentimo-nos felizes em dizer que, em nossa breve excursão, entre numerosos exemplos de efeitos moralizadores da doutrina, encontramos bom número desses espíritas de coração, que poderíamos dizer completos, se fosse dado ao homem ser completo no que quer que fosse, e que podem ser olhados como os tipos da geração futura transformada; há-os de ambos os sexos, de todas as idades e condições, desde a juventude até o limite extremo da idade, que desde esta vida realizam as promessas que nos são feitas para o futuro. São fáceis de reconhecer; há em todo o seu ser um reflexo de franqueza e de sinceridade, que impõe a confiança; desde logo se sente que não há nenhuma segunda intenção dissimulada sob palavras douradas ou cumprimentos hipócritas. Em torno deles, e mesmo na mediocridade, sabem fazer reinar a calma e o contentamento. Nesses interiores abençoados respira-se uma atmosfera serena que se reconcilia com a Humanidade, e se compreende o reino de Deus sobre a Terra. Bem-aventurados os que sabem gozá-lo por antecipação! Em nossas excursões espíritas é menos o número dos crentes que computamos, e o que mais nos satisfaz é o desses adeptos que são a honra da doutrina e, ao mesmo tempo, os seus mais firmes sustentáculos, porque a fazem estimada e respeitada neles.

Vendo o número dos felizes que faz o Espiritismo, esquecemos facilmente as fadigas inseparáveis de nossa tarefa. Eis uma satisfação, um resultado positivo, que a malevolência mais obstinada não nos pode roubar. Poderiam tirar-nos a vida, os bens

materiais, mas jamais a felicidade de ter contribuído para trazer a paz a esses corações ulcerados. Para quem quer que sonde os motivos secretos que fazem agir certos homens, há lamaçais que sujam os que o atiram, e não aqueles em que é lançado.

Que todos os que nos deram, nessa última viagem, tão tocantes testemunhos de simpatia, recebam aqui nossos mui sinceros agradecimentos e estejam certos de que serão pagos na mesma moeda.

A Lei e os Médiuns Curadores

Sob o título de *Um Mistério*, vários jornais do mês de maio último relataram o seguinte fato:

“Um dia desses, duas senhoras do bairro de Saint-Germain apresentaram-se ao comissário de seu quarteirão e lhe chamaram a atenção sobre um tal P..., que, segundo elas, abusaram de sua confiança e de sua credulidade, afirmando que as curaria de doenças, contra as quais seus cuidados tinham sido impotentes.

“Tendo aberto um inquérito a respeito, o magistrado soube que P... passava por hábil médico, cuja clientela aumentava diariamente, e que fazia curas extraordinárias.

“Conforme suas respostas às perguntas do comissário, P... parece convencido de que é dotado de uma faculdade sobrenatural, que lhe dá o poder de curar apenas pela aposição das mãos sobre os órgãos doentes.

“Durante vinte anos ele foi cozinheiro; era mesmo citado como hábil em seu ofício, que abandonou há um ano para consagrar-se à arte de curar.

“A acreditar nele, teria tido várias visões e aparições misteriosas, nas quais um enviado de Deus lhe teria revelado que ele tinha uma missão humanitária a cumprir na Terra, à qual não devia faltar, sob pena de ser danado. Obedecendo, disse ele, a essa ordem vinda do céu, o antigo cozinheiro instalou-se num apartamento da rua Saint-Placide, e os doentes não tardaram em abundar às suas consultas.

“Não receita medicamentos; examina o paciente, que deve tratar quando em jejum, apalpa-o, procura e descobre a sede do mal, sobre a qual aplica as mãos em cruz, pronuncia algumas palavras que são, diz ele, o seu segredo; depois, com a sua prece, vem um Espírito invisível e arranca o mal.

“Certamente P... é um louco. Mas o que há de extraordinário, de inexplicável, é que provou, como o constata o inquérito, que curou, por esse processo singular, mais de quarenta pessoas afetadas de moléstias graves.

“Várias lhe testemunharam o seu reconhecimento por donativos em dinheiro. Conforme testamento encontrado em sua casa, uma senhora idosa, proprietária nas cercanias de Fontainebleau, fê-lo herdeiro de uma soma de 40.000 francos.

“P... foi detido e seu processo, que certamente não tardará a correr na polícia correcional, promete ser curioso.”

Não somos apologista nem detrator do Sr. P..., a quem não conhecemos. Está em boas ou más condições? É sincero ou charlatão? Ignoramo-lo; é o futuro que o provará; não tomamos partido nem pró nem contra ele. Mencionamos o fato tal qual é relatado, porque vem juntar-se à idéia de todos os que acreditam na existência de uma dessas faculdades estranhas, que confundem a Ciência e os que nada querem admitir fora do mundo visível e tangível. De tanto ouvir falar nisto e ver os fatos se multiplicando,

é-se forçado a convir que há qualquer coisa e, aos poucos, faz-se a distinção entre a verdade e a hipocrisia.

No relato que precede, por certo notaram essa curiosa passagem, e a contradição não menos curiosa que ela encerra:

“*Certamente* P.. é um louco. Mas o que há de extraordinário, de *inexplicável*, é que *provou*, como o *constata o inquérito*, que curou, por esse processo singular, mais de quarenta pessoas afetadas de moléstias graves.”

Assim, o inquérito *constata* as curas; mas, porque o meio que emprega é *inexplicável* e não é reconhecido pela Faculdade, *certamente* ele é louco. Sendo assim, o abade príncipe de Hohenlohe, cujas curas maravilhosas relatamos na *Revista* de dezembro de 1866, era louco; o venerável cura d’Ars, que, também ele, fazia curas por singulares processos, era louco; e tantos outros. O Cristo, que curava sem diploma e não empregava medicamentos, era louco e teria pago muitas multas em nossos dias. Loucos ou não, quando há cura, muitas pessoas preferem ser curadas por um louco a ser enterradas por um homem de bom-senso.

Com um diploma, todas as excentricidades médicas são permitidas. Um médico, cujo nome esquecemos, mas que ganha muito dinheiro, emprega um processo muito mais bizarro; com um pincel, pinta no rosto de seus doentes pequenos losangos vermelhos, amarelos, verdes, azuis, rodeando os olhos, o nariz e a boca, em quantidade proporcional à natureza da doença. Sobre que dado científico se baseia este gênero de medicação? Uma brincadeira de mau gosto de um redator pretendeu que, para poupar enormes gastos de publicidade, esse médico fazia que os doentes a veiculassem de graça, no rosto. Vendo nas ruas esses rostos tatuados, naturalmente pergunta-se o que é. E os doentes respondem: é o processo do célebre doutor fulano. Mas ele é médico; não importa se seu processo é bom, mau ou insignificante;

tudo lhe é permitido, mesmo ser charlatão: está autorizado pela Faculdade. Se um indivíduo não diplomado quiser imitá-lo, será perseguido por vigarice.

Gritam contra a credulidade do público em relação aos charlatães; admiram-se da afluência de pessoas à casa do primeiro que surge anunciando um novo método de curar, à casa dos sonâmbulos, dos impostores e de outros; da predileção pelos remédios das comadres, e se prendem à inépcia da espécie humana! A primeira causa se deve à vontade muito natural que têm os doentes de se curar, e ao insucesso da Medicina em grandíssimo número de casos. Se os médicos curassem com mais freqüência e segurança, não se iria alhures; acontece mesmo quase sempre que não se recorre a meios excepcionais senão depois de haver esgotado inutilmente os recursos oficiais. Ora, o doente que quer ser curado a qualquer preço, pouco se inquieta de o ser segundo a regra, ou contra a regra.

Não repetiremos aqui o que hoje está claramente demonstrado quanto às causas de certas curas, inexplicáveis somente para os que não querem dar-se ao trabalho de remontar à fonte do fenômeno. Se se deu a cura, isto é um fato, e esse fato tem uma causa. Será mais racional negá-lo do que procurá-lo? – Dirão que é o acaso; o doente curou-se sozinho. – Seja; mas, então, o médico que o declarou incurável dava prova de grande ignorância. E, depois, se há vinte, quarenta, cem curas semelhantes, é sempre o acaso? É preciso convir que seria um acaso singularmente perseverante e inteligente, ao qual poderia dar-se o nome de *doutor Acaso*.

Examinaremos a questão sob um ponto de vista mais sério.

As pessoas não diplomadas que tratam os doentes pelo magnetismo; pela água magnetizada, que não é senão uma

dissolução do fluido magnético; pela imposição das mãos, que é uma magnetização instantânea e poderosa; pela prece, que é uma magnetização mental; com o concurso dos Espíritos, o que é ainda uma variedade de magnetização, são passíveis da lei contra o exercício ilegal da Medicina?

Os termos da lei certamente são muito elásticos, porque ela não especifica os meios. Rigorosamente e logicamente não se pode considerar como exercendo a arte de curar, senão os que dela fazem profissão, isto é, que dela tiram proveito. Entretanto, viram-se ser pronunciadas condenações contra indivíduos que se ocupam desses cuidados por puro devotamento, sem qualquer interesse, ostensivo ou dissimulado. O delito está, pois, sobretudo na prescrição de remédios. Contudo, o desinteresse *notório* geralmente é levado em consideração como circunstância atenuante.

Até agora não se tinha pensado que uma cura pudesse ser operada sem o emprego de medicamentos; portanto, a lei não previu o caso dos tratamentos curativos sem remédios, e apenas por extensão é que seria aplicada aos magnetizadores e aos médiuns curadores. Não reconhecendo a Medicina oficial nenhuma eficácia no magnetismo e seus anexos, e ainda menos na intervenção dos Espíritos, não se poderia legalmente condenar por exercício ilegal da Medicina, os magnetizadores e os médiuns curadores, que nada prescrevem além da água magnetizada, porque, então, seria reconhecer oficialmente uma virtude no agente magnético e o colocar na classe dos meios curativos; seria incluir o magnetismo e a mediunidade curadora na arte de curar, e dar um desmentido à Faculdade. O que se faz algumas vezes em semelhantes casos, é condenar por *delito de vigarice* e abuso de confiança, como fazendo pagar uma coisa sem valor, aquele que disso tira proveito direto ou indireto, ou mesmo dissimulado, sob o nome de retribuição facultativa, véu no qual nem sempre se deve confiar. A apreciação do fato depende inteiramente da maneira de encarar a coisa em si

mesma; muitas vezes é uma questão de opinião pessoal, a menos que haja abuso presumido, caso em que a questão de boa-fé sempre deve ser levada em consideração. Então a justiça aprecia as circunstâncias agravantes ou atenuantes.

Tudo é inteiramente diverso para aquele cujo desinteresse é comprovado e completo. Desde que nada prescreve e nada recebe, a lei não o pode alcançar, do contrário seria preciso lhe dar uma extensão que não comportam nem o espírito, nem a letra. Onde nada há a ganhar, não pode haver charlatanismo. Não há nenhum poder no mundo que possa opor-se ao exercício da mediunidade ou magnetização curadora, na verdadeira acepção da palavra.

Entretanto, dirão, o Sr. Jacob nada cobrava, e nem por isso deixou de ser interdito. É verdade; mas nem foi perseguido, nem condenado pelo fato de que se tratava. A interdição era uma medida de disciplina militar, por causa da perturbação que podia causar no campo a afluência de pessoas que para lá se dirigiam; e se, depois, ele alegou essa interdição, foi porque lhe convinha. Se ele não pertencesse ao exército, ninguém poderia inquietá-lo. (Vide a *Revista* de março de 1866¹⁸: *O Espiritismo e a Magistratura*).

Illiers e os Espíritas

Sob este título, o *Journal de Chartres*, de 26 de maio último, continha a seguinte correspondência:

“Illiers, 20 de maio de 1867.

“Estamos em maio ou no carnaval? Domingo passado julguei-me nesta última época. Quando atravessava Illiers, por volta

18 **N. do T.:** Embora no original conste o ano de 1865, o artigo acima foi publicado em 1866.

das quatro horas da tarde, encontrei-me em frente a uma aglomeração de sessenta, oitenta, talvez cem garotos, seguidos de numerosa multidão, gritando com toda a força o refrão: Eis o feiticeiro! eis o feiticeiro! eis o cachorro louco! eis Grezelle! e acompanhando de vaías um bravo e plácido camponês, de olhar desvairado, ar espantado, que ficou felicíssimo ao encontrar uma mercearia que lhe serviu de abrigo. É que, depois dos cantos e dos apupos vinham as injúrias, as pedras voavam e o pobre diabo, sem este asilo, talvez levasse a pior.

“Perguntei a um grupo que aí se achava o que aquilo significava. Contaram-me que desde algum tempo todas as sextas-feiras havia uma reunião de espíritas em Sorcellerie, comuna de Vieuvicq, às portas de Illiers. O grande Pontífice que presidia a essas reuniões era um pedreiro, chamado Grezelle, e era esse infeliz que acabava de se vê tão maltratado. É que, diziam, desde alguns dias se passavam coisas muito estranhas. Ele teria visto o diabo, evocado almas que lhe teriam revelado coisas pouco lisonjeiras para certas famílias.

“Em suma, várias mulheres tinham ficado loucas e alguns homens seguiam nos seus rastros; parece mesmo que o Pontífice abria o caminho. A verdade é que uma jovem mulher de Illiers perdeu a cabeça completamente; ter-lhe-iam dito que, por certas faltas, seria preciso que ela fosse ao purgatório. Sexta-feira ela se despedia de todos os parentes e vizinhos, e sábado, depois de ter feito os preparativos para a partida, ia atirar-se no rio. Felizmente estava sendo vigiada e chegaram a tempo de adiar-lhe a viagem.

“Compreende-se que tal acontecimento tenha excitado a opinião pública. A família dessa senhora tinha perdido a cabeça e vários membros, armados de bom chicote, corriam atrás do Pontífice, que teve a sorte de escapar de suas mãos. Ele queria deixar a Sorcellerie de Vieuvicq para vir montar o seu sabá em

Illiers, no lugar chamado Folie-Valleran. Diz-se que dois valentes pais de família, que lhe serviam de cantores no coro, pediram-lhe que não viesse a Folie: a loucura é que iria para sua casa. Falavam também que a polícia iria ocupar-se do caso.

“Deixai, então, por conta dos garotos de Illiers. Eles saberão como vencer as resistências. Há dessas coisas que morrem, abatidas pelo ridículo.”

Léon Gaubert

O mesmo jornal, em seu número de 13 de junho de 1867, contém o seguinte:

Em resposta a uma carta com a assinatura do Sr. Léon Gaubert, publicada em nosso número de 26 de maio último, recebemos a comunicação seguinte, da qual conservamos escrupulosamente a originalidade:

“La Certellerie, 4 de junho de 1867.

“Senhor Redator,

“Em vosso jornal de 26 de maio, dais publicidade a uma carta, na qual o vosso correspondente me aborrece profundamente, para fazer ver quanto fui maltratado em Illiers. Pedreiro e pai de família, tenho direito à reparação, depois de ter sido tão violentamente atacado, e espero que vos digneis dar a conhecer a verdade, depois de ter deixado propagar o erro.

“É bem verdade, como o diz aquela carta, que os meninos da escola e muitas pessoas que eu estimava me perseguem todas as vezes que passo por Illiers. Duas vezes, sobretudo, quase sucumbi a pedradas, bordoadas e outros objetos que me atiravam, e ainda hoje, se fosse a Illiers, onde sou muito conhecido, seria cercado ameaçado, maltratado. Além dos materiais que caem,

enchem o ar de injúrias: *louco, feiticeiro, espírita*, tais são as amenidades mais comuns com que me regalam. Felizmente, há somente isto de verdadeiro; tudo o que o vosso correspondente *vos escreve* (o texto diz: tudo o que o vosso correspondente *acrescenta*), é falso e só existiu na imaginação de pessoas que procuraram amotinar a população contra nós.

“O Sr. Léon Gaubert, que assinou vossa carta, é completamente desconhecido nesta região; dizem-me que é um anônimo, se bem retive a palavra. Digo que se se oculta, é que sente que não faz o bem; direi, pois, com toda a franqueza ao Sr. Léon Gaubert: Fazei como eu e ponde o vosso verdadeiro nome.

“Disse o Sr. Léon Gaubert que uma mulher, em razão de excitações e de práticas espíritas, enlouqueceu e quis afogar-se. Não sei se realmente ela quis afogar-se; muitas pessoas me dizem que não é verdade; mas ainda que o fosse, nada tenho com isso. Essa mulher é uma mexeriqueira; sua reputação aqui está feita há muito tempo, e ainda não se falava de Espiritismo e ela já era *como aqui* (o texto diz *conhecida aqui*), como o é agora. Suas irmãs a ajudam a me perseguir. Eu vos declaro que ela jamais se ocupou de Espiritismo: seus instintos a levam em direção contrária. Nunca assistiu às nossas reuniões e jamais pôs os pés na casa de algum espírita da região.

“Então, perguntareis, por que ela investe contra vós, e por que tantos vos hostilizam em Illiers? É um enigma para mim. Só me apercebi de uma coisa: é que muitas pessoas, antes que a primeira cena rebentasse, pareciam previamente instruídas e, quando entrei naquele dia nas ruas de Illiers, notei muita gente às portas e às janelas.

“Sou um operário honesto, senhor. Ganho decentemente meu pão. O Espiritismo não me impede absolutamente de trabalhar, e se alguém tiver a menor exprobração

séria a me dirigir, que nada tema. Nós temos leis e, nas circunstâncias em que me encontro, sou o primeiro a pedir que as leis do país sejam bem observadas.

“Quanto a ser espírita, não o escondo; é bem verdade, sou espírita. Meus dois filhos, jovens ativos, ordeiros e prósperos, são médiuns. Ambos gostam do Espiritismo e, como seu pai, crêem, oram, trabalham, melhoram-se e procuram elevar-se. Mas, que mal há nisto? Quando a cólera me diz que me vingue, o Espiritismo me contém e me diz: Todos os homens são irmãos; faz o bem aos que te fazem o mal. E eu me sinto mais calmo, mais forte.

“O cura me repele do confessionário porque sou espírita. Se eu viesse a ele carregado de todos os crimes possíveis, ele me absolveria; mas espírita, crente em Deus e fazendo o bem segundo o meu poder, não encontro graça aos seus olhos. Muitas pessoas de Illiers não procedem de outro modo e aquele dos nossos inimigos, que agora me atira pedra porque sou espírita, faria mais: não só me absolveria mas me aplaudiria no dia em que me encontrasse numa orgia.”

Observação – Este último parágrafo, entre aspas, que estava na carta original, foi suprimido pelo jornal.

“Para agradar, eu não poderia dizer preto quando vejo branco. Tenho convicções. Para mim o Espiritismo é a mais bela das verdades. Que quereis? Querem forçar-me a dizer o contrário do que penso, de tudo o que vejo, e quando se fala tanto de liberdade, é preciso que a suprimam na prática?

“Vossa correspondência diz que eu queria deixar a Sorcellerie para ir estabelecer meu sabá em Folie-Valleran. Ao ver o Sr. Léon Gaubert inventar tantas palavras desagradáveis, dir-se-ia verdadeiramente que ele está possuído da raiva de dar sobre a cabeça de todo o mundo os mais desajeitados golpes de colher de

pedreiro. O Sr. Valleran é um dos proprietários mais respeitáveis da região e, levantando uma construção magnífica, faz que muitos operários ganhem dinheiro, por um trabalho honesto e lucrativo. Tanto pior para quem ficasse vexado por isso ou não o imitasse senão andando para trás.

“Tende a bondade, senhor, de comunicar minha carta aos vossos leitores e dissuadir, como é justo, as pessoas que a primeira carta por vós publicada induziu em erro.

“Aceitai, etc.

Grezelle

O redator do jornal diz que conserva *escrupulosamente* a originalidade dessa carta. Por certo quer dizer com isto a forma do estilo que, num pedreiro de aldeia, não é a de um literato. Se esse pedreiro tivesse escrito contra o Espiritismo, e num estilo ainda mais incorreto, é provável que não o tivessem achado ridículo. Mas já que ele queria conservar tão escrupulosamente a originalidade da carta, por que lhe suprimiu um parágrafo? Em caso de inexatidão, a responsabilidade cairia sobre o seu autor. Para estar rigorosamente certo, o jornal deveria ter acrescentado que a princípio se tinha recusado a publicar essa carta, e que não cedeu senão ante a iminência de perseguições judiciais, cujas conseqüências eram inevitáveis, pois se tratava de um homem estimado, atacado pelo próprio jornal em sua honra e em sua consideração.

O autor da primeira carta sem dúvida pensou que a deturpação burlesca dos fatos não fosse suficiente para lançar o ridículo sobre os espíritas. Acrescentou uma forte malícia, transformando o nome da localidade, que é *Certellerie*, no de *Sorcellerie*.¹⁹ Talvez seja muito espirituoso para as pessoas que

19 N. do T.: Feitiçaria.

gostam de sal grosso, mas é uma piada sem graça e muito desajeitada. Este gênero de ridículo jamais matou coisa alguma.

Deve-se considerar esses fatos como lamentáveis? Sem dúvida o são para os que foram suas vítimas, mas não para a doutrina, à qual só podem aproveitar.

De duas uma: ou as pessoas que se reúnem nessa localidade se entregam a uma comédia indigna, ou são criaturas honradas, sinceramente espíritas. No primeiro caso, é prestar um grande serviço à doutrina desmascarar os que dela abusam ou que misturam seu nome a práticas ridículas. Os espíritas sinceros não podem senão aplaudir a tudo o que tende a desembaraçar o Espiritismo dos parasitas da má-fé, seja qual for a forma que se apresentem, pois jamais tomaram a defesa dos prestidigitadores e dos charlatães. No segundo caso, ele só pode ganhar com a repercussão que lhe dá uma perseguição apoiada em fatos controvertidos, porque excita as pessoas a se informarem do que ele é. Ora, o Espiritismo só pede para ser conhecido, muito certo de que um exame sério é o melhor meio de destruir as prevenções suscitadas pela malevolência dos que não o conhecem. Assim, não nos surpreenderíamos se essa escaramuça tivesse um resultado bem diverso do esperado por aqueles que a provocaram, e fosse a causa de uma recrudescência no número dos adeptos da localidade. Assim tem sido em toda parte onde uma oposição um tanto violenta se manifestou.

Que fazer, então? perguntarão os adversários. Se não intervimos, o Espiritismo caminha; se agimos contra, ele marcha com mais vigor. – A resposta é muito simples: reconhecer que aquilo que não se pode impedir está na vontade de Deus, e o que há de melhor a fazer é deixá-lo passar.

Dois de nossos correspondentes, estranhos um ao outro, transmitiram-nos sobre estes fatos informações precisas e

perfeitamente concordantes. Um deles, o Sr. Quômes de Arras, homem de ciência e distinto escritor, ao primeiro relato desses acontecimentos, referidos pelo jornal de Chartres, ignorando a causa do conflito, não quis precipitar-se em defender os fatos nem as pessoas, que abandonava à severidade da crítica, se o merecessem; mas tomou a defesa do Espiritismo. Numa carta cheia de moderação e de conveniência, dirigida ao jornal, ele se empenha em demonstrar que se os fatos fossem tais quais relatados pelo Sr. Léon Gaubert, o Espiritismo nada teria a ver com isso, ainda mesmo que tivessem usado seu nome. Qualquer pessoa imparcial teria olhado como um dever dar oportunidade a uma retificação tão legítima. Não foi o que aconteceu, e as reiteradas instâncias não resultaram senão numa recusa formal. Isto se passava antes da carta de Grezelle, que, como se viu, devia ter a mesma sorte. Se o jornal temia levantar em suas colunas a questão do Espiritismo, não devia admitir a carta do Sr. Gaubert. Reservar-se o direito de atacar e recusar o de defesa, é um meio fácil, mas muito pouco lógico, de se dar razão.

O Sr. Quômes de Arras dirigiu-se àqueles lugares, a fim de ele próprio se dar conta do estado das coisas. Houve por bem enviar-nos um relato detalhado de sua visita. Lamentamos que a extensão desse documento não nos permita publicá-lo neste número, onde nem tudo o que nele devia estar pôde encontrar lugar. Resumimos suas principais conseqüências. Eis o que ele ficou sabendo em Illiers, junto a diversas pessoas honradas, estranhas ao Espiritismo.

Grezelle é um excelente pedreiro, proprietário em Certellerie. Longe de desarraçoar, todos os que o conhecem não podem senão fazer justiça ao seu bom-senso, aos seus hábitos de ordem, de trabalho, de regularidade. É um bom pai de família; seu único erro é inquietar os materialistas e os indiferentes da região por suas afirmações enérgicas, multiplicadas, sobre a alma, sobre suas manifestações após a morte e sobre os nossos destinos

futuros. Ele está longe de ser, na região, o único partidário do Espiritismo, que aí conta, sobretudo em Brou, numerosos e devotados adeptos.

“Quanto às mulheres, que, segundo o *Journal de Chartres*, o Espiritismo teria enlouquecido ou arrastado a atos culposos, é pura invenção. O caso a que faz alusão é o de uma mexeriqueira muito conhecida em Illiers, dada à bebida, e cuja razão sempre foi fraca. Ela quer a Grezelle e fala mal dele, não se sabe por quê. Como as idéias espíritas circulam na região, delas deve ter ouvido falar e as mistura em suas próprias incoerências, mas dele jamais se ocupou seriamente. Quanto a ter querido afogar-se, tal pensamento nada teria de impossível, tendo em vista o seu estado habitual; mas o fato parece inventado.

De lá o Sr. Quômes de Arras foi a Certellerie, cinco quilômetros além de Illiers. “Lá chegando, diz ele, procurei a casa da Sra. Jacquet, cujo nome me haviam dito em Illiers. Ela estava no jardim com seu filho, em meio às flores, ocupada com trabalhos de agulha. Assim que soube o motivo de minha viagem, conduziu-me à sua casa, onde logo se juntaram a sua empregada, moça de vinte anos, médium falante e espírita fervorosa, Grezelle e seu filho mais velho, de vinte anos. Não foi preciso conversar muito com essas pessoas, para perceber que não me achava em relação com espíritos agitados, tristes, singulares, exaltados ou fanáticos, mas com pessoas sérias, razoáveis, benevolentes, de uma sociedade perfeita; franqueza, clareza, simplicidade, amor ao bem, tais eram os traços salientes que se pintavam em seu exterior, em suas palavras, e – confessarei para minha confusão – eu não esperava tanto.

“Grezelle tem quarenta e cinco anos, é casado e tem dois filhos; ambos são médiuns escreventes, como o pai. Contou-me calmamente os sofrimentos que suportava e as intrigas de que era objeto. A Sra. Jacquet também me disse que muitas pessoas, na região, alimentavam os piores sentimentos contra eles, porque são

espíritas. Aos meus olhos pareceu muito provável, adquirindo depois a mais completa certeza de que essas diversas famílias são tranqüilas, benevolentes para com todos, incapazes de fazer mal a quem quer que seja, e sinceramente dedicadas a todos os seus deveres; dando graças aos céus, admirei a firmeza, a força de caráter, a solidez das convicções, o profundo apego ao bem dessas excelentes criaturas que, no campo, sem grande instrução, sem estímulo e sem recursos visíveis, cercadas de inimigos e de gracejadores, mantêm alto, há quatro anos, seus princípios, sua fé, suas esperanças. Para defender sua bandeira contra os risos, têm uma coragem que, infelizmente, muitas vezes falta aos nossos sábios das cidades, e até a muitos espíritas adiantados.

“Grezzelle, o único que realmente foi maltratado, embora seja espírita há três anos, tem todo o fervor de um neófito, todo o zelo de um apóstolo e ainda toda a atividade exuberante de uma natureza ardente, enérgica e empreendedora. Em razão de seus negócios, está continuamente em contato com a população da região e, cheio do Espiritismo, amando-o mais que a vida, não pode impedir-se de falar nele, de o fazer ressaltar, de mostrar suas belezas, grandezas e maravilhas. De uma palavra realmente obstinada e forte, produz no meio dos indiferentes que o cercam o efeito do fogo na água. Como não leva em conta o tempo, nem as circunstâncias contrárias, poder-se-ia dizer que peca um pouco por excesso de zelo e, talvez, também por falta de prudência.”

No dia seguinte, à noite, o Sr. Quômes assistiu, em casa de Grezzelle, a uma sessão espírita composta de 18 ou vinte pessoas, entre as quais se achava o prefeito, notabilidades do lugar, pessoas de notória honorabilidade, que certamente não teriam vindo a uma assembléia de loucos e de iluminados. Tudo aí se passou na maior ordem, com o mais perfeito recolhimento e sem o menor vestígio das práticas ridículas da magia e da feitiçaria. Começa-se pela prece, durante a qual todos se ajoelham. Às preces tiradas de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, juntam-se a prece da noite e outras, tiradas do

ritual ordinário da Igreja. “Nossos detratores, sobretudo os eclesiásticos, acrescenta o Sr. Quômes, talvez não tivessem notado, sem embaraço e sem admiração, o fervor destas almas sinceras e sua atitude recolhida, denotando profundo sentimento religioso. Havia seis médiuns, dos quais quatro homens e duas mulheres, entre as quais a empregada da Sra. Jacquet, médium falante e escrevente. Em geral as comunicações são fracas de estilo, as idéias aí são prolixas e sem encadeamento; até algumas manias aparecem no modo de comunicação; mas, afinal de contas, nada há de mau, de perigoso e tudo quanto se obtém edifica, encoraja, fortalece, leva o espírito ao bem ou o eleva para Deus.”

O Sr. Quômes encontrou nesses espíritas a sinceridade e um devotamento a toda prova, mas também uma falta de experiência, que se esforçou em suprir por seus conselhos. O fato essencial que constatou é que nada em sua maneira de agir justifica o quadro ridículo feito pelo *Journal de Chartres*. Os atos selvagens que se passaram em Illiers foram, evidentemente, suscitados pela malevolência e parecem ter sido premeditados.

De nossa parte sentimo-nos felizes que assim seja, e cumprimos os nossos irmãos do cantão de Illiers pelos excelentes sentimentos que os animam.

Como dissemos, as perseguições são o quinhão inevitável de todas as grandes idéias novas, pois todas têm tido os seus mártires. Os que as suportam um dia serão felizes, por terem sofrido pelo triunfo da verdade. Assim, que perseverem sem desanimar e sem fraquejar, e serão sustentados pelos Espíritos bons que os observam; mas, também, que jamais renunciem à prudência que as circunstâncias exigem, evitando com cuidado tudo quanto possa provocar os nossos adversários. É no interesse da Doutrina.

Epidemia da Ilha Maurício

Há alguns meses um dos nossos médiuns, o Sr. T..., que freqüentemente cai em sonambulismo espontâneo, sob a magnetização dos Espíritos, nos disse que naquele momento a ilha Maurício estava sendo devastada por uma terrível epidemia, que dizimava a população. Esta previsão realizou-se, até com circunstâncias agravantes. Acabamos de receber de um dos nossos correspondentes da ilha Maurício uma carta, datada de 8 de maio, da qual extraímos as passagens seguintes.

“Vários Espíritos nos anunciaram, uns claramente, outros em termos proféticos, um flagelo destruidor prestes a nos fulminar. Tomamos estas revelações do ponto de vista moral, e não do ponto de vista físico. De repente uma moléstia estranha irrompe nesta pobre ilha; uma febre sem nome, que reveste todas as formas, começa suavemente, hipocritamente, depois aumenta e derruba a todos os que pode atingir. É agora uma verdadeira peste; os médicos não a entendem; até agora, nenhum dos que foram atingidos se curaram. São terríveis acessos que vos prostram e vos torturam durante doze horas no mínimo, atacando, cada um por sua vez, cada órgão importante; depois o mal cessa durante um ou dois dias, deixando o doente acabrunhado até o próximo acesso, e assim se vai, mais ou menos rapidamente, para o termo fatal.

“Para mim, vejo em tudo isto um desses flagelos anunciados, que devem retirar do mundo uma parte da geração presente, e destinados a operar uma renovação tornada necessária. Vou dar-vos um exemplo das infâmias que aqui se passam.

“O quinino em dose muito forte detém os acessos apenas por alguns dias; é o único específico capaz de interromper, pelo menos momentaneamente, os progressos da cruel moléstia que nos dizima.

“Os negociantes e os farmacêuticos o tinham em certa quantidade, e lhes custava cerca de 7 fr. a onça. Ora, como esse remédio era forçosamente comprado por todo o mundo, aqueles senhores aproveitaram a ocasião para elevar o preço da poção de um indivíduo, de 1 fr., preço ordinário, até 15 fr. Depois o quinino veio a faltar; isto é, os que o tinham, ou o recebiam pelo correio, o vendiam ao preço fabuloso de 2 fr. 50 c. o grão, a retalho, e a 675 e 800 fr. a onça, no atacado. Numa poção entram pelo menos 30 grãos, totalizando 75 fr. a poção. Assim, só os ricos podiam comprar e aqueles negociantes viam com indiferença milhares de infelizes morrendo ao seu redor, por falta do dinheiro necessário para adquirir o medicamento.

“Que dizeis disto? Ah! é história! Ainda neste momento o quinino chega em quantidade; as farmácias o têm em abundância, mas não querem vender a dose por menos de 12 fr. 50 c. Por isso os pobres morrem sempre, olhando desolados esse tesouro que não podem alcançar!

“Eu mesmo fui atingido pela epidemia e estou na quarta recaída. Arruíno-me com o quinino. Isto prolonga a minha existência, mas, como receio, se as recaídas continuarem, caro senhor, palavra de honra! é muito provável que em pouco tempo terei o prazer de assistir como Espírito às vossas sessões parisienses e nelas tomar parte, se Deus o permitir. Uma vez no mundo dos Espíritos, estarei mais perto de vós e da Sociedade do que estou na ilha Maurício. *Num pensamento* transporto-me às vossas sessões, sem fadiga e sem temer o mau tempo. Aliás, não tenho o menor receio, eu vo-lo juro; sou muito sinceramente espírita para isto. Todas as minhas precauções estão tomadas; e se vier a deixar este mundo, sereis avisado.

“Enquanto espero, caro senhor, tende a bondade de pedir aos meus irmãos da Sociedade Espírita que unam as suas às nossas preces pelas infelizes vítimas da epidemia, pobres Espíritos muito

materiais, na maioria, e cujo desprendimento dever ser penoso e longo. Oremos também por aqueles, muito mais infelizes que, ao flagelo da moléstia, juntam o da desumanidade.

“Nosso pequeno grupo está disperso há três meses; todos os membros foram mais ou menos atingidos, mas, até agora, nenhum morreu.

“Recebei, etc.”

É preciso ser espírita de verdade para encarar a morte com este sangue-frio e essa indiferença, quando ela estende seus malefícios em redor de nós e quando se sentem os seus ataques. É que, em semelhante caso, a fé séria no futuro, tal qual só o Espiritismo pode dar, proporciona uma força moral que, ela mesma, é um poderoso preservativo, como foi dito a propósito da cólera. (*Revista* de novembro de 1865). Isto não quer dizer que nas epidemias os espíritas sejam necessariamente poupados, mas, em tais casos eles têm sido, até agora, os menos atingidos. Escusado dizer que se trata de espíritas de coração, e não dos que só o são em aparência.

Os flagelos destruidores, que devem causar danos à Humanidade, não sobre um ponto do globo, mas em toda parte, são em toda parte pressentidos pelos Espíritos.

A seguinte comunicação, verbal e espontânea, foi dada sobre o assunto, logo após a leitura da carta acima:

**(Sociedade de Paris, 21 de junho de 1867 – Médiun: Sr. Morin,
em sonambulismo espontâneo)**

“Avança a hora, a hora marcada no grande e perpétuo relógio do infinito, a hora na qual vai começar a operar-se a transformação de vosso globo, para o fazer gravitar rumo à perfeição. Muitas vezes vos foi dito que os mais terríveis flagelos

dizimariam as populações; não é preciso que tudo morra para se regenerar? Mas, o que é isto? A morte não é senão a transformação da matéria; o Espírito não morre, apenas muda de habitação. Observai e vereis começar a realização de todas essas previsões. Oh! como são felizes aqueles que nessas terríveis provações foram tocados pela fé espírita sincera! Permanecem calmos no meio da tormenta, como o marinheiro aguerrido em meio à tempestade.

“Eu, neste momento personalidade espiritual, muitas vezes sou acusado de brutalidade, de dureza e de insensibilidade pelas personalidades terrestres!... É verdade, contemplo com calma todos esses flagelos destruidores, todos esses terríveis sofrimentos físicos. Sim, atravesso sem me comover todas essas planícies devastadas, juncadas de restos humanos! Mas se o posso fazer, é que minha visão espiritual vai além desses sofrimentos e, antecipando-se ao futuro, ela se apóia no bem-estar geral que será a consequência desses males passageiros para a geração futura, para vós mesmos, que fareis parte dessa geração e que, então, recolhereis os frutos que tiverdes semeado.

“Espírito de conjunto, olhando do alto de uma esfera onde habita (muitas vezes ele fala de si na terceira pessoa), seu olhar fica em branco; entretanto, sua alma palpita, seu coração sangra em face de todas as misérias que a Humanidade deve atravessar, mas a visão espiritual repousa do outro lado do horizonte, contemplando o resultado que será a sua consequência certa.

“A grande emigração é útil e aproxima-se a hora em que deve efetuar-se... ela já começa... A quem será fatal ou proveitosa? Olhai bem, observadores; considerai os atos desses exploradores dos flagelos humanos, e distinguireis, mesmo com os olhos do corpo, os homens predestinados à decadência. Vede-os ávidos de honras, inflexíveis no ganho, presos, como sua vida, a todas as posses terrenas, e sofrendo mil mortes pela perda de uma parcela do que, entretanto, precisarão deixar... Como será terrível para eles

a pena de talião, porquanto, no exílio que os espera, lhes recusarão um copo de água para estancar a sede!... Olhai-os e neles reconheceréis, sob as riquezas que acumulam à custa dos infelizes, os futuros humanos decaídos! Considerai seus trabalhos, e vossa consciência vos dirá se esses trabalhos devem ser pagos lá no alto, ou aqui embaixo! Olhai-os bem, homens de boa vontade, e vereis que o joio começa, desde esta Terra, a ser separado do bom grão.

“Minha alma é forte, minha vontade é grande! – Minha alma é forte porque sua força é o resultado de um trabalho coletivo de alma a alma; minha vontade é grande porque tem como ponto de apoio a imensa coluna formada por todos os sentimentos de justiça e de bem, de amor e de caridade. Eis por que sou forte, eis por que sou calmo para olhar; eis por que seu coração, que bate quase a estourar em seu peito, não se comove. Se a decomposição é o instrumento necessário da transformação, assiste ó minha alma, calma e impassível, a essa destruição!”

Variedade

CASO DE IDENTIDADE

Um dos nossos correspondentes de Maine-et-Loire transmite-nos o fato seguinte, que se passou aos seus olhos, como prova de identidade.

Desde algum tempo o Sr. X... estava gravemente enfermo em C..., na Touraine, e sua morte era esperada a qualquer momento. No dia 23 de abril último, tínhamos por alguns dias em nosso grupo uma senhora médium, a quem devemos comunicações muito interessantes. Veio ao pensamento de um dos assistentes, que conhecia o Sr. X..., perguntar a um Espírito familiar do nosso grupo, Espírito leviano, mas não mau, se aquele senhor tinha morrido. – Sim, foi-lhe respondido. – Mas, é bem verdade, já que às vezes falas tão levemente? – O Espírito respondeu de

novo afirmativamente. No dia seguinte, o Sr. A. C..., que até então tinha sido pouco crente, e que também conhecia particularmente o Sr. X..., quis ele próprio tentar evocá-lo, se, de fato, ele tivesse morrido. O Espírito veio imediatamente ao seu apelo e disse: “Por favor, não me esqueçais. Oraí por mim.” – Desde quanto tempo estais morto? perguntou o Sr. A. C. – Um dia. – Quando sereis enterrado? Esta tarde, às quatro horas. – Sofreis? – Tudo que uma alma pode sofrer. – Guardais rancor de mim? – Sim. – Por quê? Sempre fui muito rígido convosco.

As relações desses dois senhores sempre tinham sido frias, embora perfeitamente polidas. Rogado a assinar, o Espírito deu as três iniciais de seu prenome e de seu nome. No mesmo dia o Sr. A. C. recebeu uma carta, anunciando-lhe a morte do Sr. X... À noite, após o jantar, ouviram-se pancadas. O Sr. A. C. tomou a pena e escreveu o ditado sob a batida do Espírito:

Fui ambicioso; sem dúvida todo homem o é;
Mas nunca rei, pontífice, chefe ou cidadão
Concebeu um projeto tão grande quanto o meu.

As batidas eram fortes, acentuadas, quase imperiosas, como vindas de um Espírito iniciado há muito tempo nas relações do mundo invisível com os homens. O Sr X... tinha exercido altas funções administrativas; talvez nos lares da aposentadoria e sob a influência da lembrança de suas antigas ocupações, seu Espírito tivesse elaborado algum grande projeto. Uma carta recebida há dois dias confirma todos os detalhes acima.

Observação – Sem dúvida o fato nada tem de extraordinário e que não se encontre muitas vezes; mas esses fatos íntimos nem sempre são os menos instrutivos e convincentes; causam mais impressão nos círculos onde se passam do que o fariam fenômenos estranhos, que seriam olhados como excepcionais. O mundo invisível aí se revela em condições de simplicidade que o aproximam de nós e melhor convencem da

continuidade de suas relações com o mundo visível. Numa palavra, os mortos e os vivos aí estão mais em família e se reconhecem melhor. Os fatos deste gênero, por sua multiplicidade e pela facilidade de os obter, contribuíram mais à propagação do Espiritismo do que as manifestações que têm as aparências do maravilhoso. Um incrédulo ficará muito mais tocado por uma simples prova de identidade, dada espontaneamente, na intimidade, por algum parente, amigo ou conhecido, do que por prodígios que mal o tocam e nos quais não acredita.

Poesia Espírita

AOS ESPÍRITOS PROTETORES

Mais alto, ainda mais alto! É teu vôo, ó minha alma,
A este puro ideal que Deus te há revelado!
Bem para além dos céus, e esses mundos sem calma,
Para o seu fim divino, eu me sinto chamado.

De Jacob subirei, adormecido, a escada,
Eu sempre a subirei sem descê-la jamais;
Porque, bondosa e doce, em mão fraternizada,
Um Espírito bom meus passos guia em paz.

Ele me mostra o fim, e com amor me consola;
Ele está lá, eu sinto, e sua voz escuto
Me soar no coração, como Éolo que se evola
Em sopros na montanha e bosques que eu perscruto.

Que importa o nome seu! Se já não é da Terra;
Anjo misterioso e de amores celestes,
Tem do desconhecido um charme a sós que o encerra;
Ele habita bem longe, em mundos incontestes!

Lá!... Seu corpo que um raio em glória transfigura,
Na sutilização do éter puro impalpável
Ele os males não vê que há na frágil natura,
E portanto ele é bom, porque na dor afável.

No silêncio sempre me falas,
 Eu te vejo na escuridade;
 Pressentir me fazes te embalas
 Bem nas glórias da eternidade.
 Não me culpas se algum mal faço:
 Se em vigília os meus sonhos passo,
 Me completas coisas que abraço;
 Facho que, em uma sombra, luz,
 A coragem tu me sustentas,
 Minha nave segura orientas,
 Preservando-me nas tormentas,
 E teu brilho a noite reduz.

Dizes tu: amor; oração;
 Esperança; dizes: virtude,
 E dás bem o nome de irmão
 À criança humílima e rude;
 Forte, buscas minha fraqueza,
 Tanto queres minha baixeza
 E ditosa, a minha pobreza.
 És sagrado, angélico ser,
 Depurado teu fluido em graça
 Esta minha mortal carcaça,
 E o ar das asas tuas me enlaça
 A alma envolta em paz e prazer.

Quem tu sejas, alma esperança,
 Obrigado, irmão lá do além;
 Mulher jovem, velho ou criança,
 Que me importa! Não és o bem?
 Planas sobre a minha cabeça,
 Em correndo assim, tua pressa
 Um cometa pois atravessa,
 Algum outro astro em formação;
 Tu habitas nessa atmosfera,
 Marte ou de Saturno na esfera,
 Ou da grande Ursa vens de espera,
 De Aldebaran, de Orion, então?

E que me importa a mim onde moras!
 E que importa a mim de onde venhas!
 Que inaudito céus e que auroras,

Ao senti-los os meus são brenhas?
Salve, ó minha tão doce estrela;
Guia a minha indecisa vela,
Sobre o mar que a bruma cancela,
Longe enfim de escolhos, porém,
Sejas um farol na tormenta,
A se erguer da vaga espumenta,
E essa luz que amiga contenta,
Findo o exílio buscar-me vem.

Jules-Stany Doinel (d'Aurillac)

Nota Bibliográfica

O ROMANCE DO FUTURO

(Por E. Bonnemère)

No ano passado os Espíritos nos haviam dito que em breve a literatura entraria na via do Espiritismo, e que 1867 veria aparecerem várias obras importantes. Com efeito, pouco depois apareceu o *Espírita*, de Théophile Gautier. Como dissemos, era menos um romance espírita que o romance do Espiritismo, mas que teve sua importância pelo nome do autor.

Vem a seguir, no começo deste ano, a tocante e graciosa história de *Mireta*. Nesta ocasião o Espírito Morel Lavallée disse na Sociedade:

“O ano de 1866 apresenta a filosofia nova sob todas as formas; mas é ainda o talo verde que encerra a espiga de trigo e, para o mostrar, espera que o calor da primavera a tenha amadurecido e desabrochado. 1866 preparou, 1867 amadurecerá e realizará. O ano se inicia sob os auspícios de *Mireta* e não se escoará sem ver aparecerem novas publicações do mesmo gênero, e mais sérias ainda, em que o romance se fará filosofia e a filosofia se fará história.” (*Revista* de fevereiro de 1867).

Estas palavras proféticas se realizam. Temos como certo que uma obra importante aparecerá em breve; não será um romance, que pode ser considerado como uma obra de imaginação e de fantasia, mas a filosofia mesma do Espiritismo, altamente proclamada e desenvolvida por um nome que poderá fazer refletirem os que pretendem que todos os partidários do Espiritismo são loucos.

Esperando, eis uma obra que de romance só tem o nome, porque a intriga aí é quase nula e é apenas um quadro para desenvolver, sob a forma de conversas, os mais altos pensamentos da filosofia moral, social e religiosa. O título de *Romance do Futuro* não lhe parece ter sido dado senão por alusão às idéias que regerão a sociedade no futuro e que, no momento, apenas estão no estado de romance. O Espiritismo aí não é citado, mas pode tanto melhor reivindicar suas idéias, quanto em sua maioria parecem colhidas textualmente na doutrina, e que se algumas delas se afastam um pouco, são em pequeno número e não tocam o fundo da questão. O autor admite a pluralidade das existências, não só como racional, conforme à justiça de Deus, mas como necessária, indispensável ao progresso da alma e adquirida pela sã filosofia. Mas o autor parece inclinado a crer, embora não o diga claramente, que a sucessão das existências se realize antes de mundo a mundo, do que no mesmo meio, porque não fala de modo explícito das múltiplas existências num mesmo mundo, não obstante esta idéia possa ser subentendida. Talvez aí esteja um dos pontos mais divergentes, mas que, aliás, absolutamente não prejudica o fundo, pois, em última análise, o princípio seria o mesmo.

Assim, essa obra pode ser posta na classe dos livros mais sérios, destinados a vulgarizar os princípios filosóficos da doutrina no mundo literário, no qual o autor tem uma posição notável. Disseram-nos que quando o escreveu, não conhecia o Espiritismo; isto parece difícil, mas, se assim é, seria uma das provas mais retumbantes da fermentação espontânea dessas idéias

e de seu poder irresistível, porque o acaso, sozinho, não faz encontrar tantos pesquisadores no mesmo terreno.

O prefácio não é a parte menos curiosa desse livro. O autor aí explica a origem de seu manuscrito. “Qual é – pergunta ele – a minha colaboração no *Romance do Futuro*? Somos dois ou três, ou o autor se chama legião? Deixo estas coisas à apreciação do leitor, depois que lhe tiver contado uma aventura muito verídica, conquanto tenha todas as aparências de uma história do outro mundo.”

Tendo parado um dia em modesto vilarejo da Bretanha, a proprietária do albergue lhe contou que havia na região um jovem que fazia coisas extraordinárias, verdadeiros milagres. Disse ela: “Sem nada ter aprendido, ele sabe mais que o reitor, o médico e o tabelião juntos, e mais do que todos os feiticeiros reunidos. Fecha-se todas as manhãs em seu quarto; vê-se sua lâmpada através das cortinas, porque ele precisa da lâmpada, mesmo de dia; então escreve coisas que ninguém jamais viu, mas que são sublimes. Anuncia com seis meses de antecedência, o dia, a hora, o minuto em que cairá nos seus grandes acessos de feitiçaria. Uma vez que disse ou escreveu, nada mais sabe, mas é verdadeiro como a palavra do Evangelho e infalível como a decisão do papa, em Roma. Cura à primeira vista, sem cobrar, àqueles que lhe são simpáticos e, às barbas do médico, os doentes que este não cura, mesmo cobrando. O Sr. reitor diz que não pode ser senão o diabo que lhe dá o poder de curar aqueles a quem o bom Deus envia doenças para o seu bem, a fim de os provar ou os castigar.”

“Fui vê-lo, acrescenta o autor, e minha boa estrela quis que eu lhe fosse simpático. Era um rapaz de vinte e cinco anos, ao qual seu pai, rico camponês do cantão, tinha propiciado uma certa educação, a despeito do que disse a minha hospedeira; simples, melancólico e sonhador, levando a bondade até a excelência, e dotado de um temperamento, no qual o sistema nervoso dominava

sem contrapeso. Levantava-se ao amanhecer, presa de uma febre de inspiração que não podia dominar, e espalhava abundantemente sobre o papel, às vezes contra a vontade e sem se dar conta, as estranhas idéias que germinavam por si mesmas em seu cérebro.

“Vi-o à obra. No espaço de uma hora ele cobria invariavelmente o seu caderno com quinze ou dezesseis páginas de escrita, sem hesitação, sem rasuras, sem se deter um segundo à busca de uma idéia, uma frase, uma palavra. Era uma torneira aberta, de onde a inspiração se escoava em jacto sempre igual. Absolutamente mudo durante essas horas de trabalho obstinado, dentes cerrados e lábios contraídos, a palavra lhe vindo no instante em que o relógio batia a hora de retomada dos trabalhos campestres. Voltava, então à vida de todo o mundo, e tudo quanto acabava de pensar ou escrever durante essas duas ou três horas de uma outra existência, pouco a pouco se apagava de sua memória, como o sono que se desvanece e desaparece à medida que se desperta. No dia seguinte, expulso da cama por uma força invencível, entregava-se à obra e continuava a frase ou a palavra começada no dia anterior.

“Abriu-me um armário, no qual se acumulavam cadernos cheios de sua escrita. – Que há em tudo isto? perguntei. – Ignoro-o tanto quanto vós, respondeu sorrindo. – Mas como vos vem tudo isto? – Não posso senão repetir a mesma resposta: ignoro-o tanto quanto vós. Por vezes sinto que está em mim; outras vezes escuto o que me dizem. Então, sem ter consciência e sem ouvir o ruído de minhas próprias palavras, eu o repito aos que me cercam, ou o escrevo.

“Isto constituía cerca de dezessete mil páginas, escritas em quatro anos. Aí se achavam uma centena de novelas e de romances, tratados sobre diversos assuntos, receitas médicas e outras, máximas, etc. Notei sobretudo isto:

“Estas coisas me são reveladas, a mim, simples de espírito e de instrução, porque, nada sabendo, não tendo a respeito idéias preconcebidas, estou mais apto a assimilar as idéias alheias.

“Os seres superiores, partidos primeiro, depurados ainda pela transformação, vêm envolver-me e me dizer:

“Dão-vos tudo o que não se aprende e que pode esclarecer o mundo onde, ao partir, deixamos a nossa marca inapagável. Mas é preciso reservar sua parte no trabalho pessoal, sem usurpar a ciência adquirida, nem o *trabalho que cada um pode e deve fazer*.”

“Nessa enorme confusão, escolhi um simples idílio, obra de fantasia, estranha, impossível, e no qual são lançados, sob uma forma mais ou menos ligeira, as bases de uma nova cosmogonia toda inteira. Nesses cadernos, o estudo tinha como título: a *Unidade*, que julguei dever substituir pelo de *Romance do Futuro*.” Eis os elementos principais do enredo:

Paul de Villeblanche morava na Normandia, com seu pai, nas ruínas de um velho castelo, outrora residência senhorial de sua família, arruinada e dispersa pela Revolução. Era um rapaz de uns vinte anos, de grande inteligência, idéias mais largas e mais avançadas e que tinha posto de lado todos os preconceitos de raça.

No mesmo cantão, vivia uma velha marquesa muito devota que, para resgatar os pecados e salvar sua alma, tinha imaginado tirar da miséria e da abjeção social uma pequena cigana para dela fazer uma religiosa. Desta maneira, pensava ela, estaria certa de ter alguém que, por reconhecimento e por dever, por ela orasse incessantemente, durante sua vida e após a morte. Essa mocinha era, pois, educada no convento, desde cerca dos oito anos e, esperando que tomasse o hábito, vinha de dois em dois anos passar seis semanas em casa de sua benfeitora. Mas a jovem, de rara inteligência, tinha intuitivamente e sobre muitas coisas, idéias à

altura das de Paul. Estava então com dezesseis anos. Numa de suas férias, os dois jovens se encontram, ligam-se por uma afeição toda fraterna e têm conversas em que Paul desenvolve à sua inteligente companheira princípios filosóficos novos para ela, mas que esta compreende sem esforço e, por vezes, leva vantagem. Estas duas almas de escol estão à altura uma da outra. O romance acaba em casamento, como é de justiça, mas aí está apenas um pretexto para dar uma lição prática sobre um dos pontos mais importantes da ordem social e dos preconceitos de casta.

Inscrevemos com muito gosto este livro no rol dos que são úteis propagar, e que têm seu lugar marcado na biblioteca dos espíritas.

São essas conversas que fazem o enredo principal do livro; o resto não passa de um quadro muito simples para a exposição das idéias que um dia devem prevalecer na sociedade.

Para referir tudo o que, desse ponto de vista, mereceria sê-lo, seria preciso citar a metade da obra. Reproduzimos apenas alguns dos pensamentos que poderão fazer julgar do espírito no qual ela foi concebida.

“Achar é a recompensa de haver procurado; e tudo quanto nós mesmos podemos fazer, não devemos pedir aos outros.”

“O mundo é um vasto canteiro, no qual Deus distribuiu a cada um a sua tarefa, distribuindo a nossa conforme as nossas forças. Deste imenso atrito de inteligências diversas, opostas, hostis em aparência, jorra a luz, sem que se apague na hora do nosso último sono. Ao contrário, a marcha constante das gerações que se sucedem traz uma nova pedra ao edifício social; a luz torna-se mais brilhante quando nasce uma criança, trazendo, para continuar o progresso, o primeiro elemento de uma inteligência sempre renovada.”

“Mas a marquesa me repete incessantemente (diz a jovem), que todos nascemos maus, que não diferimos senão pela maior ou menor propensão para o pecado, e que a existência inteira é uma luta contra as nossas inclinações, que todos tenderiam para a eterna danação, se a religião que ela me ensina não nos retivesse à beira do abismo.

“– Não creia nesses blasfemadores. Deus seria o agente do mal, se não tivesse posto em cada um de nós a bússola que deve guiar nossos passos para a realização dos nossos destinos, e se o homem não tivesse podido marchar em seu caminho até o dia em que a Igreja veio corrigir a obra imperfeita e mal acabada do Eterno.”

“Quem sabe se, na imensa rotação do mundo, nossos filhos, por sua vez, não se tornarão nossos pais, e se não nos restituirão, intacta, esta soma de misérias, que lhes teremos deixado ao partir?”

“Nenhum mal pode vir de Deus, no tempo nem na eternidade. A dor é obra nossa, é o protesto da Natureza para nos indicar que não mais estamos nos caminhos por ela fixados à atividade humana. Ela se torna um meio de salvação, porque é o seu próprio excesso que nos impele para a frente, incita nossa imaginação preguiçosa e nos leva a fazer grandes descobertas, que aumentam o bem-estar dos que devem passar por este globo depois de nós.”

“Cada um de nós é um anel dessa cadeia sublime e misteriosa que liga todos os homens entre si, bem como com a Criação inteira, e que jamais, em parte alguma, poderiam ser quebradas.”

“Depois da morte, os órgãos esgotados precisam de repouso, e o corpo devolve à terra os elementos de que se

constituem, ao infinito, os seres que se sucedem. Mas a vida renasce da morte.”

“Ao partir, levamos conosco a lembrança dos conhecimentos aqui adquiridos; o mundo para onde iremos nos dará os seus e nós os agruparemos todos em feixes, para deles formar o progresso.”

“Entretanto, arriscou a moça, haverá um termo, um inevitável fim, tão afastado quanto o suponhas.

– Por que limitar a eternidade, depois de a ter admitido em princípio?

Aquilo que se chama o fim do mundo é apenas uma figura. Jamais houve começo e jamais haverá fim do mundo. Tudo vive, tudo respira, tudo é povoado. Para que o juízo final pudesse chegar, seria preciso um cataclismo geral, que fizesse o Universo inteiro entrar no nada. Deus, que tudo criou, não pode destruir sua obra. Para que serviria o aniquilamento da vida?”

“Sem dúvida a morte é inevitável. Mas, melhor compreendida no futuro, esta morte que nos apavora, não se dará senão na hora prevista, talvez esperada, da partida, para fornecer uma nova etapa. Um chega, outro se põe a caminho, e a esperança enxuga as lágrimas que ocorrem no instante do adeus. A imensidade, o infinito, a eternidade prolongam suas perspectivas aos nossos olhos ávidos, cujo desconhecido nos atrai. Já mais aperfeiçoados, faremos uma viagem mais bela, depois partiremos ainda outra vez, e sempre marcharemos, elevando-nos incessantemente, pois depende de nós que a morte seja a recompensa do dever cumprido, ou o castigo, quando a obra encomendada não tiver sido feita.”

“Em qualquer lugar que estejamos no Universo, prendemo-nos por laços misteriosos e sagrados, que nos tornam

solidários uns com os outros, e recolheremos fatalmente a colheita do bem e do mal que cada um de nós semeou atrás de si, antes de partir para a grande viagem.”

“A criança que nasce traz seu germe de progresso; o homem que morre deixa o seu lugar para que, depois dele, o progresso se realize e ele continue a trabalhar, levando alhures, e a um outro ser, sua alma aperfeiçoada.”

“Aqueles a quem deves a luz expiaram nesta vida as faltas de um passado misterioso. Sofreram, mas sofreram corajosamente. O Deus de amor e de misericórdia necessitava deles, sem dúvida, para uma missão mais importante em outro mundo. Ele os chamou a si, concedendo-lhes assim o salário merecido antes que o dia tivesse acabado.”

(A propósito de uma jovem que, ainda criança, operava curas surpreendentes, indicando os remédios por intuição).

Isto fez ruído, e a principal autoridade, o cura, inquietou-se e interveio. A criança fazia, por meios naturais, o que nem o médico com sua ciência, nem o cura com suas preces, era capaz de obter!... Evidentemente ela era possessa. Para os homens de pouca fé e inteligência obtusa, é Deus que, com o propósito de nos castigar, como se não tivesse a eternidade à sua frente, ou de nos provar, como se não soubesse o que vamos fazer, nos envia todos os males, os flagelos de todo o gênero, as ruínas, a perda dos que nos são caros. Ao contrário, é Satã quem dá a prosperidade, faz encontrar tesouros, cura os doentes, e nos prodigaliza todas as alegrias deste mundo. Enfim, segundo eles, Deus faz o mal, enquanto o diabo é ao autor de todo o bem. Então Maria foi exorcizada, rebatizada ao acaso, a fim de que não pudesse mais aliviar os seus semelhantes. Mas nada adiantou: ela continua a fazer o bem ao seu redor.

– Mas tu, que sabes tudo, Paul, que dizes de tudo isto?

– Se jamais creio no que minha razão repele, respondeu o jovem conde, não nego os fatos atestados por numerosas testemunhas, só porque a Ciência ainda não os sabe explicar. Deus deu aos animais o instinto de ir direto à planta que pode curar as raras doenças que os atingem. Por que nos teria recusado esse precioso privilégio? Mas o homem saiu dos caminhos que o Criador lhe havia fixado; pôs-se em hostilidade com a Natureza, cujos avisos deixou de escutar. O facho extinguiu-se nele, e a Ciência veio substituir o instinto que, no seu orgulho de novo-rico, negou, combateu, perseguiu, aniquilou tanto quanto nela estava fazê-lo. Mas quem pode afirmar que não sobrevive em alguns seres simples e primitivos, decididos a se esclarecerem docilmente por todos os lampejos que entrevêm, animados que estão do desejo de vir em auxílio aos sofrimentos alheios? Quem sabe se Maria, tendo vivido outrora entre essas populações na infância, entre as quais ainda sobrevive o instinto e que sabem segredos maravilhosos, ou então em algum mundo mais adiantado, de onde suas faltas a fizeram decair, Deus não lhe permite recordar-se de coisas que os outros esqueceram?

“Não são certos conhecimentos, para cada um de nós, que parecem reencontrar-se em nós, tão fácil nos é o seu estudo, ao passo que outros não podem penetrar em nosso espírito, sem dúvida porque vêm feri-lo pela primeira vez, ou porque várias gerações acumularam sobre tais conhecimentos montanhas de ignorância e de esquecimento?”

(A propósito das visões nos sonhos).

“É a alma mantida no seu exílio que conversa com a alma despreendida de sua parte terrena; por isso essas visões são iluminadas por um raio luminoso, que deixa entrever aos pobres humanos quanto é resplandecente o ponto onde chegaram os que souberam dirigir o seu esquife no oceano perigoso, onde flutua a existência.”

“Por certo, em mundos diferentes, nossos corpos se constituem de elementos diferentes, e aí revestimos outro envoltório, mais perfeito ou mais imperfeito, conforme o meio onde devem agir. Mas é sempre certo que esses corpos vivem, animados pelo mesmo sopro de Deus; que a transmissão das almas se faz, nuns como nos outros inumeráveis planetas que povoam o espaço infinito, e que sendo a emanção mesma de Deus, existem identicamente as mesmas, em todos os mundos. Do outro lado da vida, ele nos dá uma alma sempre purificada, que permite que nos aproximemos incessantemente do céu; só a nossa vontade por vezes a faz desviar-se do reto caminho.

– Entretanto, Paul, ensinam-nos que ressuscitaremos com os nossos corpos de hoje!

– Tudo isto é loucura e orgulho! Nossos corpos não são nossos, mas de todo o mundo, dos seres que ontem devoramos, dos que nos devorarão amanhã. São de um dia; a terra no-los empresta e no-los retomarà. Só a nossa alma nos pertence; só ela é eterna, como tudo quanto vem de Deus e a ele retorna.”

Dissertação Espírita

LUTA DOS ESPÍRITOS PARA VOLTAR AO BEM

(Paris, 24 de março de 1867 – Médiun: Sr. Rul)

Obrigado, caro irmão, por vossa compaixão por aquele que expia pelo sofrimento as faltas cometidas; obrigado por vossas boas preces, inspiradas por vosso amor aos vossos irmãos. Chamai-me algumas vezes; será um encontro a que jamais faltarei, ficai certos. Disse numa comunicação dada na Sociedade que, depois de ter sofrido, me seria permitido vir dar minha opinião sobre algumas questões de que vos ocupais. Deus é tão bom que, depois de me haver imposto a expiação pelo sofrimento, teve piedade de meu

arrependimento, porque sabe que se eu fali, foi por fraqueza, e que o orgulho é filho da ignorância. É-me permitido instruir-me, e se não posso, como os Espíritos bons que deixaram a Terra, penetrar os mistérios da Criação, posso estudar os rudimentos da ciência universal, a fim de progredir e ajudar os meus irmãos a progredirem também.

Dir-vos-ei a relação que existe entre o estado da alma e a natureza dos fluidos que a envolvem em cada meio em que momentaneamente ela é colocada. E se, como vos foi dito, a alma pura saneia os fluidos, crede bem que o pensamento impuro os vicia. Julgai que esforços deve fazer o Espírito que se arrepende, para combater a influência desses fluidos de que é envolvido, aumentada ainda pela reunião de todos os maus fluidos que lhe trazem, para o sufocar, os Espíritos perversos. – Não creiais que me baste querer melhorar-me, para expulsar os Espíritos orgulhosos que me rodeavam durante minha estada na Terra. Eles estão sempre perto de mim, procurando reter-me em sua atmosfera insalubre. Os Espíritos bons vêm esclarecer-me, trazer-me a força de que necessito para lutar contra a influência dos Espíritos maus, afastando-se depois e me deixando entregue às minhas próprias forças, para lutar contra o mal. É então que eu sinto a influência benfazeja de vossas boas preces, porquanto, sem o saber, continuais a obra dos Espíritos bons de além-túmulo.

Como vedes, caro irmão, tudo se encadeia na imensidade; todos somos solidários uns com os outros, e não há um só pensamento bom que não leve consigo frutos de amor, de melhora e de progresso moral. Sim, tendes razão de dizer de vossos irmãos que sofrem que basta uma palavra para explicar o Criador; que esta palavra deve ser a estrela que guia cada Espírito, seja qual for o grau da escala espírita a que pertença por todos os seus pensamentos, por todos os seus atos, nos mundos inferiores, como nos superiores; que esta palavra, o evangelho de todos os séculos, o alfa e o ômega de toda ciência, a luz da verdade eterna, é amor!

Amor de Deus, amor de seus irmãos. Ditosos os que oram pelos irmãos que sofrem. Suas provações na Terra tornar-se-ão leves, e a recompensa que os espera estará acima de suas expectativas!...

Como vedes, caro irmão, o Senhor é cheio de misericórdia, visto que, a despeito de meus sofrimentos, permite-me vir falar-vos a linguagem de um Espírito bom.

A...

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

AGOSTO DE 1867

Nº 8

Fernanda

NOVELA ESPÍRITA

Tal é o título de um romance-folhetim, pelo Sr. Jules Doinel (d'Aurillac), publicado no *Moniteur du Cantal*, de 23 e 30 de maio, 6, 13 e 20 de junho de 1866. Como se vê, o nome do Espiritismo não está dissimulado, pelo que se deve cumprimentar tanto mais o autor por essa coragem de opinião, que é mais rara nos escritores de província, onde as influências contrárias exercem uma pressão maior do que em Paris.

Lamentamos que, depois de ter sido publicada em folhetins, forma sob a qual uma idéia se espalha mais facilmente nas massas, esta novela não tenha sido enfeixada em volume, e que os nossos leitores estejam privados do prazer de a adquirir. Embora seja uma obra sem pretensões e circunscrita num quadro muito pequeno, é um retrato verdadeiro e atraente das relações do mundo espiritual e do mundo corporal, que traz o seu contingente à vulgarização da idéia espírita, do ponto de vista sério e moral. Mostra os puros e nobres sentimentos que esta crença pode desenvolver no coração do homem, a serenidade que dá nas

aflições, pela certeza de um futuro que corresponde a todas as aspirações da alma e dando plena satisfação à razão. Para pintar essas aspirações com verdade, como o faz o autor, é preciso ter fé *naquilo que se diz*. Um escritor, para quem semelhante assunto não passasse de um quadro banal, sem convicção, acreditaria que para fazer Espiritismo bastaria associar o fanatismo, o maravilhoso e as aventuras estranhas, como certos pintores julgam ser suficiente espalhar cores vivas para fazer um quadro. O Espiritismo verdadeiro é simples; toca o coração e não fere a imaginação com marteladas. Foi o que compreendeu o autor.

O enredo de Fernanda é muito simples. Trata-se de uma jovem, ternamente amada por sua mãe, arrancada à flor da idade à sua ternura e ao amor de seu noivo, e que evidencia sua coragem manifestando-se à sua vista e ditando ao seu amado, que em breve deve reunir-se a ela, o quadro do mundo que o espera. Citaremos alguns dos pensamentos que aí notamos.

“Desde a aparição de Fernanda, eu me tornara um adepto resoluto da ciência de além-túmulo. Por que, aliás, dela eu teria duvidado? Terá o homem o direito de marcar limites ao *pensamento* e dizer a Deus: Não irás mais longe?”

“Considerando que estamos perto dela e que pisamos uma terra que é santa, eu vou, meu caro amigo, falar-te com o coração aberto, tomando a Deus por testemunha da sinceridade de tudo quanto vais ouvir. Sei que crês nos Espíritos, e mais de uma vez me pediste para precisar tua crença sobre este ponto. Não o fiz e, é preciso dizê-lo, sem as manifestações estranhas que tiveste, jamais eu o teria feito. Meu amigo, creio que Deus deu a certas almas uma força de simpatia de tal modo grande que ela pode propagar-se às regiões desconhecidas da outra vida. É sobre este fundamento que repousa toda a minha doutrina. O charlatanismo e a hipocrisia de certos adeptos me fazem mal, porque não compreendo que se possa profanar uma coisa tão santa.”

“Oh! Stéphen Stany (o noivo) tinha muita razão de dizer que o charlatanismo e a hipocrisia profanam as coisas mais santas. A crença nos Espíritos deve tornar a alma serena; de onde vem, pois, que na obscuridade o menor ruído me apavore? Por vezes vi desenhar-se, na penumbra de minha alcova, quer o fantasma de Fernanda de Moeris, quer o perfil vago de minha mãe; a eles eu sorri. Mas, muitas vezes também, minha vista se desviou com pavor dos esgares de alguns Espíritos maus, aí vindos para me afastar do bem e me desviar de Deus.”

“Enquanto me falava, Stany estava calmo. Não notei em sua fisionomia nenhum traço de exaltação. Mas, perto dessa pedra, sua diafaneidade tornava-se ainda mais visível. A alma de meu amigo mostrava-se toda inteira ao meu olhar. Essa bela alma nada tinha a ocultar. Eu compreendia que o laço que o prendia ao corpo de lama era muito fraco, e que não estava longe a hora em que voaria para *o outro mundo*.”

“Ela me tinha dito: ‘Vai à casa de minha mãe’ – Isto me foi penoso, confesso-o; embora noivo de Fernanda, eu não estava muito bem com tua prima. Sabes quanto ela era ciumenta de todo aquele que retivesse uma parte da afeição de sua filha. Dir-te-ei que me recebeu de braços abertos e me disse, chorando: ‘Eu a reví!’ O gelo estava quebrado; nós íamos nos compreender pela primeira vez. – Meu caro Stéphen, acrescentou ela, creio ter sonhado! Mas, enfim, eu a reví, e eis o que me disse: ‘Mãe, pedirás a Stéphen Stany que fique oito dias no quarto que foi meu. Durante esse período, não permitirás que o incomodem. Durante esse retiro, Deus lhe revelará muitas coisas.’ – Conduziram-me imediatamente ao quarto de tua prima; e desde aquele mesmo dia até ontem, dia em que te reví, sua alma esteve ininterruptamente comigo. Eu a vi e vi muito bem, com os olhos do Espírito, e não com os olhos do meu corpo, embora estes estivessem abertos. Ela me falou. Quando digo que me falou, quero dizer que houve entre nós *transmissão de pensamento*. Sei agora tudo quanto precisava saber. Sei que este

globo nada representa para mim e que uma existência melhor me aguarda.”

“Aprendi a estimar o mundo no seu justo valor. Retém estas palavras, meu amigo: Todo Espírito que quer alcançar a felicidade superior deve manter seu corpo casto, seu coração puro, sua alma livre. Feliz quem sabe perceber a forma imaterial de Deus através das sombras do que se passa!”

“Não nos esqueçamos jamais, ó irmãos, de que Deus é Espírito, e que quanto mais nos tornamos Espírito, mais nos aproximamos de Deus. Não é permitido ao homem romper violentamente os laços da matéria, da carne e do sangue. Esses laços supõem deveres; mas lhe é permitido deles se desprender pouco a pouco pelo idealismo de suas aspirações, pela pureza de suas intenções, pela irradiação de sua alma, reflexo sagrado cujo dever é o lar, até que, pomba livre, seu Espírito, liberto das cadeias mortais, voe e plane nos espaços incomensuráveis.”

O manuscrito ditado pelo Espírito Fernanda, durante os oito dias do retiro de Stéphen, contém as seguintes passagens:

“Morri na perturbação e despertei na alegria. Vi meu corpo, apenas esfriado, estender-se no leito funerário, e me senti como que aliviada de um pesado fardo. Foi então que te percebi, meu bem-amado, e que pela permissão de Deus, unida ao livre exercício de minha vontade, eu te distingui junto ao meu cadáver.

“Enquanto os vermes prosseguiam sua obra de corrupção, eu penetrava, curiosa, os mistérios do mundo novo que habitava. Pensava, sentia, amava como na Terra; mas meu pensamento, minha sensação, meu amor tinham aumentado. Compreendia melhor os desígnios de Deus, *aspirava sua vontade divina*. Vivemos uma vida quase imaterial, e somos superiores a vós tanto quanto os anjos o são a nós. Vemos Deus, mas não

claramente; nós o vemos como se vê o Sol de vossa Terra, através de espessa nuvem. Mas esta visão imperfeita basta à nossa alma, que ainda não está purificada.

“Os homens nos aparecem como fantasmas errantes numa bruma crepuscular. Deus conferiu a alguns dentre nós a graça de ver mais claramente os que amam de preferência. Eu te via assim, caro amor, e minha vontade te envolvia de uma simpatia amorosa a todo momento. É assim que teus pensamentos vinham a mim, que teus atos eram inspirados por mim, que tua vida, numa palavra, não era senão um reflexo de minha vida. Assim como podemos comunicar-nos convosco, os Espíritos superiores podem revelar-se aos nossos olhares. Por vezes, na transparência imaterial, vemos passar a silhueta augusta e luminosa de algum Espírito. É-me impossível descrever-te o respeito que esta visão nos inspira. Felizes aqueles dentre nós que são honrados com estas visitas divinas. Admira a bondade de Deus! os mundos se correspondem todos. Nós nos mostramos a vós; eles se mostram a nós: é a escada simbólica de Jacó.”

“É assim que, num só bater de asas, se elevavam até Deus. Mas esses são raros. Outros sofrem longas provações das existências sucessivas. É a virtude que dá as posições, e o mendigo curvado para a terra é, por vezes, aos olhos do Deus justo e severo, maior que o rei soberbo ou o conquistador invicto. Nada vale senão a alma; é o único peso que importa na balança de Deus.”

Agora que fizemos a parte do elogio, façamos a da crítica. Ela não será longa, porque só se reporta a dois ou três pensamentos. Inicialmente, no diálogo entre os dois amigos, encontramos a seguinte passagem:

“Temos existências anteriores? Não o creio: Deus nos tira do nada; mas do que estou certo é de que, depois daquilo que chamamos morte, começamos – e quando digo nós, falo da alma –

começamos, digo, uma série de novas existências. No dia em que estivermos bastante puros para ver, compreender e amar a Deus inteiramente, só nesse dia morreremos. Note bem que nesse dia não amamos mais que Deus e nada senão Deus. Se, pois, Fernanda estava purificada, ela não pensaria, não poderia pensar em mim. Uma vez que se manifestou, concluo que ela vive. Onde? logo saberei! Está feliz de sua vida, eu o creio, porque enquanto o Espírito não tiver sido completamente purificado, não pode compreender que a felicidade só está em Deus. Pode ser relativamente feliz. À medida que ascendemos, a idéia de Deus se alarga cada vez mais em nós, e somos, por isso mesmo, cada vez mais felizes. Mas essa felicidade jamais é senão uma felicidade relativa. Assim, minha noiva vive. Qual é sua vida? ignoro-o. Só Deus pode dizer aos Espíritos que revelem esses mistérios aos homens.”

Depois de idéias como as que encerram as passagens precitadas, nós nos surpreendemos de encontrar uma doutrina como esta, que faz da felicidade perfeita uma felicidade egoísta. O encanto da Doutrina Espírita, o que dela faz uma suprema consolação, é precisamente a idéia da perpetuidade das afeições, depurando-se e estreitando-se à medida que o Espírito se depura e se eleva. Aqui, ao contrário, quando o Espírito é perfeito, esquece aqueles a quem amou, para pensar apenas em si; está *morto* para qualquer outro sentimento senão o de sua felicidade; a perfeição lhe tiraria a *possibilidade*, o *desejo mesmo* de vir consolar os que ele deixa na aflição. Forçoso é convir que isto seria uma triste perfeição ou, melhor dizendo, seria uma imperfeição. A felicidade eterna, assim concebida, quase não seria mais invejável que a da perpétua contemplação, da qual a reclusão claustral nos dá a imagem pela morte antecipada das mais santas afeições da família. Se assim fosse, uma mãe estaria reduzida a temer, em vez de desejar, a completa depuração dos seres que lhe são mais caros. Jamais a generalidade dos Espíritos ensinou coisa semelhante; dir-se-ia um ajuste entre o Espiritismo e a crença vulgar. Mas esse ajuste não é

feliz, porquanto, não satisfazendo às aspirações íntimas da alma, não tem nenhuma chance de prevalecer na opinião.

Quando o autor diz que não acredita nas existências anteriores, mas que está certo de que, depois da morte, começamos uma série de novas existências, não se deu conta de que cometia uma contradição flagrante. Se admite a pluralidade das existências posteriores, como coisa lógica e necessária ao progresso, em que se baseia para não admitir as existências anteriores? Não diz como explica de maneira conforme à justiça de Deus, a desigualdade inata, intelectual e moral, que existe entre os homens. Se esta existência for a primeira, e se todos saíram do nada, cai-se na doutrina absurda, inconciliável com a soberana justiça, de um Deus parcial, que favorece algumas de suas criaturas, criando almas de todas as qualidades. Poder-se-ia igualmente aí ver um ajustamento com as idéias novas, mas que não é mais feliz que a precedente.

Finalmente, nós nos admiramos de ver Fernanda, Espírito adiantado, sustentar esta proposição de um outro tempo: “Laura tornou-se mãe; Deus teve piedade dela e chamou a si esta criança. Ela a vem rever por vezes. Está triste, porque, tendo morrido sem batismo, *jamaiz* gozará da contemplação divina.” Assim, eis um Espírito que *Deus chama a si*, e que está para sempre infeliz e privado da contemplação de Deus, porque não recebeu o batismo, quando dele não dependia recebê-lo, e que a falta é do próprio Deus, que o chamou muito cedo. São essas doutrinas que fizeram tantos incrédulos, enganando-se os que esperam fazê-las passar por idéias espíritas, que fincam raízes; aceitar-se-ão das idéias espíritas somente o que for racional e sancionado pela universalidade do ensino dos Espíritos. Se aí ainda há acordo, ele é desajeitado. Damos como certo que em mil centros espíritas onde as proposições que acabamos de criticar forem submetidas aos Espíritos, haverá novecentos e noventa onde elas serão resolvidas em sentido contrário.

É a universalidade do ensino, sancionada, ademais, pela lógica, que *fez* e que *completará* a Doutrina Espírita. Nessa universalidade do ensino dado em todos os pontos do globo, por Espíritos diferentes, e em centros completamente estranhos uns aos outros, e que não sofrem qualquer pressão comum, esta doutrina colhe uma força contra a qual em vão lutarão as opiniões individuais, seja dos Espíritos, seja dos homens. A aliança que se pretendesse estabelecer das idéias espíritas com idéias contraditórias, não pode ser senão efêmera e localizada. As opiniões individuais podem congregiar alguns indivíduos, mas, forçosamente circunscritas, não podem congregiar a maioria, a menos que tenha a sanção dessa maioria. Repelidos pelo maior número, não têm vitalidade e se extinguem com seus representantes.

Isto é resultado de um cálculo exclusivamente matemático. Se, em 1.000 centros, houver 990 onde se ensina da mesma maneira, e dez de modo contrário, é evidente que a opinião dominante será a de 990 em 1.000, isto é, a quase unanimidade. Pois bem! estamos certos de atribuir uma parte muito larga às idéias divergentes, levando-as a um centésimo. Jamais formulando um princípio antes de estar assegurado do assentimento geral, estamos sempre de acordo com a opinião da maioria.

O Espiritismo está hoje de posse de uma soma de verdades de tal modo demonstradas pela experiência, que ao mesmo tempo satisfazem a razão tão completamente, que passaram a artigos de fé na opinião da imensa maioria dos adeptos. Ora, pôr-se em aberta hostilidade com esta maioria, chocar suas aspirações e suas mais caras convicções é preparar-se um revés inevitável. Tal é a causa do insucesso de certas publicações.

Mas, dirão, então é proibido a quem não compartilha as idéias da maioria, publicar as suas opiniões? Certamente, não; é mesmo útil que o faça. Mas, nesse caso, deve fazê-lo com seu próprio risco e perigo, e não contar com o apoio moral e material daqueles cujas crenças querem atacar com furor.

Voltando a Fernanda, os pontos de doutrina que combatemos parecem ser a opinião pessoal do autor, que não sentiu o lado fraco. Reportando-nos à sua obra, início de carreira de um jovem, diz-nos ele que ao escrever essa novela apenas tinha um conhecimento superficial da Doutrina Espírita e que, sem dúvida, nela encontraríamos várias coisas a censurar, sobre as quais pedia a nossa opinião; que, mais esclarecido hoje, há princípios que formularia de outro modo. Cumprimentando-o por sua franqueza e modéstia, informamos a ele que, se houvesse lugar para o refutar, fá-lo-íamos na *Revista*, para instrução de todos.

À exceção dos pontos que acabamos de citar, não há nenhum que a Doutrina Espírita não possa aceitar. Cumprimentamos o autor pelo ponto de vista moral e filosófico em que se colocou, e consideramos seu trabalho como eminentemente útil à difusão da idéia, porque a faz encarar sob sua verdadeira luz, que é o ponto de vista sério. (Vide no número precedente a poesia do mesmo autor, intitulada: *Aos Espíritos protetores*).

Simonet

MÉDIUM CURADOR DE BORDEAUX

O *Figaro* de 5 de julho último dava conta, nestes termos, de um julgamento pronunciado pelo tribunal de Bordeaux:

“Nestes últimos tempos, a grande paixão em Bordeaux era ir consultar o feiticeiro de Cauderan. Avalia-se em mil ou mil e duzentos o número de visitas que ele recebia diariamente. A polícia, que faz profissão de cepticismo, inquietou-se com semelhante sucesso e quis proceder a uma investigação judicial no castelo de Bel-Air, onde o feiticeiro estabelecera o seu domicílio. Nos arredores da morada do feiticeiro encontrava-se uma multidão que se dizia afetada de toda sorte de doenças; grandes damas também aí vinham de carruagem para consultar o iluminado.

“Assim que interrogaram o feiticheiro, os magistrados não duvidaram que se tratasse de um pobre louco, explorado pelos mesmos que lhe davam hospedagem. Por isso, o feiticheiro Simonet não foi incluído na perseguição, que se limitou em se dirigir contra os irmãos Barbier, hábeis comparsas que recolhiam todos os lucros da credulidade gascã.

“Como verdadeiros gascões que eram, adornavam sua casa como um castelo, a qual tinha sido convertida em albergue; apenas os vinhos que eles aí produziam nada tinham de comum com os que no Languedoc são chamados vinhos de Château; e, depois, tinham esquecido de se prover de uma licença, de modo que a administração das contribuições indiretas movia um processo contra eles.

“O feiticheiro Simonet era citado como testemunha.

– “Onde aprendestes a Medicina, se sois simples caldeireiro?

– “E que pensais da revelação? Quem eram, então, os discípulos do Cristo? Que faziam esses pobres pescadores, que converteram o mundo? Deus me apareceu; deu-me sua ciência e eu não preciso de remédios: sou um médico curador.

– “Onde aprendestes tudo isto?

– “Em Allan Kardec... e mesmo, Senhor Presidente, eu vo-lo digo com todo o respeito possível, pareceis não conhecer a ciência do Espiritismo, e eu vos exorto muitíssimo a estudá-la. (Hilaridade a que não resistiram os próprios juízes).

– “Abusais da credulidade pública. Assim, para citar apenas um exemplo, há um pobre cego que toda Bordeaux conhece. Ele teve a fraqueza de ir a vós e vos levava os óbolos que recolhia da caridade pública. Restituíste-lhe a vista?

– “Eu não curo todo o mundo, mas forçoso é crer que eu faça curas, pois no dia em que a justiça chegou, havia mais de 1.500 pessoas que esperavam sua vez.

– “Infelizmente é verdade.

“O Sr. procurador imperial – E se isto continuar, tomaremos uma dessas duas medidas: ou vos intimaremos aqui por vigarice – e a justiça apreciará se sois louco – ou tomaremos uma medida administrativa contra vós. É preciso proteger as pessoas honestas contra sua incredulidade.

No castelo de Bel-Air não pediam dinheiro aos consulentes; apenas lhes distribuía um número de ordem, pelo qual pagavam vinte centavos; depois havia os que traficavam com esses números, revendendo-os por até quinze francos. Enfim, davam de-comer aos pobres camponeses, vindos algumas vezes dos limites do Departamento. Havia uma caixa de esmolas para os pobres; desnecessário dizer que os hospedeiros do feiticeiro se apossavam do dinheiro dos pobres.

“O tribunal condenou os senhores Barbier a dois meses e um mês de prisão e 300 francos por contribuições indiretas.”

Ad. Rocher

Eis a verdade sobre Simonet, e de que maneira sua faculdade se revelou.

Os senhores Barbier construíram em Cauderan, subúrbio de Bordeaux, um vasto estabelecimento, como há vários no bairro, destinado a bailes, núpcias e banquetes, e ao qual deram o nome de *Château du Bel-Air*, o que não é mais gascão que o *Château-Rouge* ou o *Château des Fleurs* de Paris. Simonet ali trabalhava como *marceneiro*, e não como *caldeireiro*. Durante os trabalhos de construção, acontecia muitas vezes que operários se

ferissem ou adocessem. Simonet, espírita desde muito tempo, e conhecendo um pouco de magnetismo, foi levado instintivamente, e sem desígnio premeditado, a deles cuidar pela influência fluídica, e curou a muitos. O ruído dessas curas espalhou-se e logo ele viu uma multidão de doentes acorrer a ele, tanto é certo que, faça-se o que se fizer, não se tirará dos doentes o desejo de serem curados, não importa por quem. Sabemos por testemunhas oculares que a média dos que se apresentavam era de mais de mil por dia. A estrada estava atulhada de carros de todo tipo, vindos de várias léguas de distância, de charretes ao lado de equipagens. Havia pessoas que passavam a noite à espera de sua vez.

Mas nesta multidão havia pessoas que necessitavam beber e comer. Os empreiteiros do estabelecimento os forneciam, e isto se tornou para eles um bom negócio. Quanto a Simonet, que era uma fonte de lucros indiretos, pelo menos era hospedado e alimentado, e não se lhe poderia fazer qualquer exprobração. Como se acotovelavam à porta, para evitar confusão, tomaram o sábio partido de dar um número de ordem aos que chegavam; mas tiveram a idéia menos feliz de cobrar dez centavos por número e, mais tarde, vinte centavos, o que, em razão da afluência, dava por dia uma soma bem avultada. Por menor que fosse essa retribuição, todos os espíritas, e o próprio Simonet, que nada tinha com isto, a viram com pesar, presentindo o efeito funesto que isto produziria. Quanto ao tráfico dos bilhetes, parece certo que algumas pessoas mais apressadas, para serem atendidas mais cedo, compravam o lugar dos pobres que estavam à sua frente, muito contentes com esta fortuna. Nisto não há grande mal, mas podia e devia necessariamente resultar em abuso. Foram tais abusos que motivaram a ação judiciária, dirigida contra os senhores Barbier, como tendo aberto um estabelecimento de consumo antes de se haverem munido de uma patente. Quanto a Simonet, não foi posto em causa, mas simplesmente citado como testemunha.

A reprovação geral que se liga à exploração, em casos análogos ao de Simonet, é digna de nota. Parece que um sentimento instintivo leva os próprios incrédulos a ver no desinteresse absoluto uma prova de sinceridade, que inspira uma espécie de respeito involuntário; não crêem na faculdade; ridicularizam-na, mas alguma coisa lhes diz que se ela existe, deve ser uma coisa santa, que não pode, sem profanação, tornar-se uma profissão. Limitam-se a dizer: é um pobre louco de boa-fé; mas todas as vezes que a especulação, seja qual for a sua forma, se mistura a uma mediunidade qualquer, a crítica se julga dispensada de qualquer consideração.

Simonet cura realmente? Pessoas dignas de fé, muito dignas, e que antes teriam interesse em desmascarar a fraude do que preconizá-la, nos citaram numerosos casos de cura perfeitamente autênticos. Aliás, parece-nos que se não tivesse curado ninguém, já teria perdido todo o crédito. Além disso, ele não tem a pretensão de curar todo o mundo; nada promete; diz que a cura não depende dele, mas de Deus, do qual não passa de um instrumento, e cuja assistência deve ser implorada; recomenda a prece e ele próprio ora. Lamentamos muito não ter podido vê-lo durante nossa estada em Bordeaux; mas todos os que o conhecem concordam em dizer que é um homem afável, simples e modesto, sem jactância nem bravata, que não procura prevalecer-se de uma faculdade que sabe que lhe pode ser retirada. É benevolente com os doentes, que encoraja por boas palavras. O interesse que lhes devota não se baseia na posição que ocupam; tem tanta solicitude pelo mais miserável quanto pelo mais rico. Se a cura não for instantânea, o que ocorre no mais das vezes, ele aí põe toda a firmeza necessária.

Eis o que nos foi dito. Ignoramos quais serão para ele as conseqüências deste caso, mas é certo que, se for sincero e perseverar nos sentimentos de que parece animado, não lhe faltarão a assistência e a proteção dos Espíritos bons; ele verá sua faculdade

desenvolver-se e crescer, ao passo que a veria declinar e perder-se se entrasse num mau caminho, sobretudo se dela se envaidecesse.

Nota – No momento de ir para o prelo, soubemos que, em conseqüência da fadiga para ele resultante do longo e penoso exercício de sua faculdade, mais do que para escapar aos aborrecimentos de que era objeto, Simonet resolveu suspender qualquer recepção até nova ordem. Se os doentes sofrem por esta abstenção, ao menos se produziu um grande efeito.

Entrada dos Incrédulos no Mundo dos Espíritos

O DOUTOR CLAUDIUS

**(Sociedade de Paris – Médiun: Sr. Morin, em
sonambulismo espontâneo)**

Um médico, que designaremos sob o nome de doutor Claudius, conhecido de alguns dos nossos colegas, e cuja vida tinha sido uma profissão de fé materialista, morreu há algum tempo de uma afecção orgânica, que ele sabia incurável. Atraído, sem dúvida, pelo pensamento dos que o haviam conhecido e que desejavam conhecer sua posição, manifestou-se espontaneamente por intermédio do Sr. Morin, um dos médiuns da Sociedade, em estado de sonambulismo espontâneo. Já várias vezes esse fenômeno se produziu por esse médium e por outros adormecidos no sono espiritual.

O Espírito que assim se manifesta apodera-se do médium, serve-se de seus órgãos como se ainda estivesse vivo. Então não é mais uma fria comunicação escrita; é a expressão, a pantomima, a inflexão de voz do indivíduo que se tem diante dos olhos.

Foi nestas condições que se manifestou o doutor Claudius, sem ter sido evocado. Sua comunicação, que publicamos

textualmente a seguir, é instrutiva por várias razões, principalmente quando descreve os sentimentos que o agitam; a dúvida ainda constitui o seu tormento; a incerteza de sua situação o mergulha numa terrível perplexidade, e aí está a sua punição. É um exemplo a mais que vem confirmar o que se viu muitas vezes em casos semelhantes.

Após uma dissertação sobre outro assunto, o médium absorvido se recolhe alguns instantes; depois, como se despertasse penosamente, assim se exprime, falando a si mesmo:

Ah! ainda um sistema!... Que há de verdadeiro e de falso na existência humana, na Criação, na criatura, no Criador?... A coisa é?... A matéria é mesmo verdade?... A Ciência é uma verdade?... O saber, uma aquisição?... A alma... a alma existe?

O Criador, a Divindade, não é um mito?... Mas, que digo eu?... por que essas blasfêmias multiplicadas?... Por que, em face da matéria, não posso crer, ó meu Deus, não posso ver, sentir, compreender?...

Matéria!... matéria!... mas sim, tudo é matéria... Tudo é matéria!... e, contudo, a invocação a Deus veio-me à boca!... Por que, então, eu disse: ó meu Deus?... Por que esta palavra, já que tudo é matéria?... Sou eu?... Não é um eco do meu pensamento, que ressoa e se escuta?... Não são as últimas badaladas do sino que eu tocava?

Matéria!... Sim, a matéria existe, eu o sinto!... A matéria existe; eu a toquei!... mas!... nem tudo é matéria e, contudo... contudo tudo foi auscultado, palpado, tocado, analisado, dissecado fibra a fibra, e nada!... Nada senão a carne, a matéria sempre que, desde o instante em que o grande movimento se deteve, também parou!... O movimento pára, o ar não chega mais... Mas!... se tudo é matéria, por que ela não mais se põe em movimento, desde que

tudo o que existia quando ela se agitava, existe ainda?... E, contudo, *ele* não existe mais!...

Mas se existo!... nem tudo acabou com o corpo!... Na verdade... estou mesmo morto?... entretanto, esse corrosivo que alimentei, que cuidei com minhas mãos, não me perdeu!... É verdade; estou morto!... Mas esta doença que vi nascer... crescer... tinha uma alma?

Ah! a dúvida! sempre a dúvida!... em resposta a todas as minhas secretas aspirações!... Mas, se sou eu, ó meu Deus, se sou eu... ah! fazei que eu me reconheça!... fazei que vos pressinta!... porque, se sou eu, que longa sucessão de blasfêmias!... que longa negação de vossa sabedoria, de vossa bondade, de vossa justiça!... Que imensa responsabilidade de orgulho assumi sobre minha cabeça, ó meu Deus!... Mas, se ainda tenho um *eu*, eu que nada queria admitir fora do possível ao toque... Duvidei de vossa sabedoria, ó meu Deus! é justo que eu duvide!... Sim, duvidei; a dúvida me persegue e me castiga.

Oh! é preferível mil mortes à dúvida em que vivo!... Vejo, encontro antigos amigos... e, contudo, todos morreram antes! Méry, meu pobre louco!... mas não seria eu o louco?... o epíteto de louco se adapta à sua personalidade? – Vejamos, então. O que é a loucura?...

A loucura!... A loucura!... decididamente, a loucura é universal!... todos os homens são loucos num grau maior ou menor... mas sua loucura, *a dele*, não era sabedoria ao lado de minha própria loucura?... Para ele, os sonhos, as imagens, as aspirações do além... mas, é justiça!... Conhecia eu esse desconhecido, que a mim se apresenta inopinadamente? Não, não, o nada não existe, porque se existisse, esta encarnação de negação, de crimes, de infâmia, não me torturaria assim!... Vejo, mas vejo tarde demais, todo o mal que fiz!... Vendo-o hoje, e reparando-o pouco a pouco, talvez um dia eu seja digno de ver e de fazer o bem!...

Sistemas!... sistemas orgulhosos, produtos de cérebros humanos, eis para onde nos conduzis!... Num, é a divindade; noutra, a divindade material e sensual; noutra ainda, o nada, nada!... Nada, divindade material, divindade espiritual são palavras? Oh! eu peço para ver, meu Deus!... e se eu existo, se vós existis, concedei-me o favor que vos peço; aceitai minha prece, porque vos peço, ó meu Deus, que me façais ver se eu existo, se eu sou!... (Estas últimas palavras foram ditas com uma inflexão dilacerante).

Observação – Se o Sr. Claudius perseverou até o fim na sua incredulidade, não foram os meios de se esclarecer que lhe faltaram. Como médico, tinha necessariamente o espírito culto, a inteligência desenvolvida, um saber acima do vulgo e, no entanto, isto não lhe bastou. Em suas minuciosas investigações da natureza morta e da natureza viva, não entreviu Deus, não entreviu a alma! Vendo os efeitos, não soube remontar à causa! ou, melhor dizendo, tinha concebido uma causa à sua maneira, e seu orgulho de sábio o impedia de confessar a si mesmo, sobretudo de confessar à face do mundo que podia se ter enganado. Circunstância digna de nota, morreu de um mal orgânico que *sabia*, por sua própria ciência, *ser incurável*. Esse mal, que ele tratava, era uma advertência permanente; a dor que lhe causava era uma voz que lhe gritava incessantemente para pensar no futuro. Entretanto, nada pôde triunfar de sua obstinação; fechou os olhos até o último momento. Será que esse homem jamais teria podido tornar-se espírita? Certamente não. Nem fatos, nem raciocínios teriam podido vencer uma opinião preconcebida, e da qual estava decidido a não se desviar. Ele era desses homens que não querem render-se à evidência, porque neles a incredulidade é *inata*, como a crença em outros. O sentido pelo qual um dia poderão assimilar os princípios espirituais ainda não despontou; são para a espiritualidade quais cegos de nascença para a luz: não a compreendem.

Assim, não basta a inteligência para conduzir pelo caminho da verdade; ela é como o cavalo que nos carrega, e que segue a rota na qual o lançaram. Se esta rota conduz a um atoleiro, ele aí precipita o cavaleiro; mas, ao mesmo tempo, lhe dá os meios de se reerguer.

Tendo o Sr. Claudius morrido voluntariamente como cego espiritual, não é de admirar que não tenha visto a luz imediatamente; que não se reconheça num mundo que não quis estudar; que, morto com a idéia do nada, duvide da própria existência, incerteza pungente que constitui o seu tormento. Caiu no precipício para onde o impeliu o seu corcel. Mas pode levantar-se desta queda, e já parece entrever um clarão que, se o seguir, o conduzirá ao porto. É em seus louváveis esforços que deve ser sustentado pela prece. Quando uma vez tiver gozado dos benefícios da luz espiritual, terá horror às trevas do materialismo; e se um dia voltar à Terra, será com intuições e aspirações muito diversas das que tinha em sua última existência.

UM OPERÁRIO DE MARSELHA

Num grupo espírita de Marselha, a Sra. T..., um dos médiuns, escreveu espontaneamente a seguinte comunicação:

Escutai um infeliz que foi arrancado violentamente do meio de sua família, e que não sabe onde está... Em meio às trevas em que me encontro, pude seguir o raio luminoso de um Espírito, ao que me dizem; mas não creio nos Espíritos. Sei bem que é uma fábula, inventada por cabeças malucas e crédulas... De minha parte não compreendo mais nada... Vejo-me duplo; um corpo mutilado jaz ao meu lado e, contudo, estou vivo... Vejo os meus que se desolam, sem contar meus companheiros de infortúnio, que não vêem tão claramente como eu; assim, aproveitei a luz que aqui me conduziu, para vir colher ensinamentos junto de vós.

Parece-me que não é a primeira vez que vos vejo. Minhas idéias ainda estão confusas... Permitam-me que eu volte outra vez, quando estiver melhor habituado à minha posição atual... Dá no mesmo, eu me vou com pesar; encontrava-me em meu centro... mas sinto que é preciso obedecer; este Espírito me parece bom, mas severo. Vou esforçar-me para conquistar as suas boas graças, a fim de falar mais vezes convosco.

Um operário do curso Lieutaud

No desmoronamento de uma ponte, ocorrido poucos dias antes, seis operários tinham morrido. Foi um deles que se manifestou.

Depois desta comunicação, o guia do médium ditou-lhe o seguinte:

Cara irmã, este desditoso Espírito foi conduzido a ti para exercitares a caridade. Como nós a praticamos para com os encarnados, a vossa deve exercer-se para com os desencarnados.

Embora esse infeliz seja sustentado por seu anjo-da-guarda, este deve ficar-lhe invisível, até que se reconheça bem na sua situação. Para isto, cara irmã, toma-o sob tua proteção, que, reconheço, ainda é fraca; mas, apoiado na tua fé, em breve esse Espírito verá luzir a aurora de um novo dia, e o que recusou reconhecer depois de sua catástrofe logo se tornará para ele um motivo de paz e de alegria. Tua tarefa não será muito difícil, porque ele tem o essencial para te compreender: a bondade do coração.

Escuta, cara irmã, os impulsos do teu coração, e sairás vitoriosa da prova que tua nova missão te impõe.

Sustentai-vos mutuamente, caros irmãos e bem-amadas irmãs, e a nova Jerusalém, que estais prestes a atingir, vos será aberta com cantos de triunfo, porque o cortejo que vos seguirá vos

tornará vitoriosos. Mas para bem combater os obstáculos exteriores é preciso, antes de tudo, ter vencido a si mesmo. Deveis manter uma disciplina severa para o vosso coração; a menor infração deve ser reprimida, sem buscar atenuar a falta, sem o que jamais sereis vencedores dos outros. Entre vós, é preciso que rivalizeis em virtudes e vigilância.

Coragem, amigos; não estais sós. Sois sustentados e protegidos pelos combatentes espirituais, que esperam em vós, e invocam sobre vós a bênção do Altíssimo.

Vosso Guia

Como se vê, este fato tem alguma analogia de situação com o precedente. É também um Espírito que não se reconhece, que não compreende sua situação. Mas é fácil ver qual dos dois sairá primeiro da incerteza. Pela linguagem de um, se reconhece o sábio orgulhoso, que filosofou sobre sua incredulidade, que, parece, nem sempre fez de sua inteligência e saber o melhor uso possível. O outro é uma natureza inculta, mas boa, à qual, sem dúvida, só faltou boa direção. Nele a incredulidade não era um sistema, mas consequência da falta de ensinamento conveniente. Aquele que, em vida, pudesse ter tido compaixão do outro, em breve poderia tê-lo visto numa posição mais feliz que ele. Praza a Deus colocá-los em presença um do outro, para sua mútua instrução; é possível que o sábio se sentisse feliz em receber lições do ignorante.

Variedades

A LIGA DO ENSINO

Lê-se no *Siècle* de 10 de julho de 1867:

“A prefeitura de Metz acaba de autorizar uma sessão da associação fundada por Jean Macé, sob o nome de “Círculo de Metz da *Liga do Ensino*.”

A respeito, lê-se no jornal *Moselle*:

“A comissão diretora, eleita, do círculo entrou em atividade e decidiu começar seus trabalhos pela fundação de uma biblioteca popular, nos moldes das que prestam tão grandes serviços na Alsácia.

“Para esta obra, o círculo de Metz reclama o concurso de todos e solicita a adesão de quem quer que se interesse pelo desenvolvimento da instrução e da educação em nossa cidade. Essas adesões, acompanhadas de uma cotização, cujo valor e modo de pagamento são facultativos, bem como as ofertas de livros, serão recebidos por qualquer um dos membros da comissão.”

Assim como dissemos, ao falarmos da Liga do Ensino (*Revista* de março e abril de 1867), nossas simpatias são conquistadas por todas as idéias progressistas. Nesse projeto não criticamos senão o modo de execução. Assim, sentir-nos-emos felizes por ver aplicações práticas desta bela idéia.

SENHORA WALKER, DOUTORA EM CIRURGIA

Os médicos e os internos do Hospital da Caridade receberam sábado, durante a visita da manhã, um de seus confrades americanos, a quem a última guerra da América deu certa reputação.

Esse doutor em Medicina não era outro senão a Sra. Walker, que, durante a guerra da secessão nos Estados Unidos, dirigiu um importante serviço de ambulâncias. Pequena, de compleição delicada, vestida com a elegante simplicidade que distingue as damas da sociedade, a senhora Walker foi recebida com grande simpatia e mui respeitosa. Interessou-se vivamente nos dois grandes serviços, o cirúrgico e o médico.

Sua presença no Caridade proclamava um princípio novo, que recebeu sua consagração no Novo Mundo: a igualdade da mulher perante a Ciência.

(Opinion nationale)

(Ver a *Revista* de junho de 1867 e janeiro de 1866, sobre a emancipação das mulheres).

O IMÃ, GRÃO-CAPELÃO DO SULTÃO

“Sábado (6 de julho) – diz a *Presse* – o imã ou grão-capelão do sultão, Hairoulah-Effendi, fez uma visita ao monsenhor Chigi, núncio apostólico, e ao monsenhor arcebispo de Paris.”

A viagem do sultão a Paris é mais que um acontecimento político, é um sinal dos tempos, o prelúdio do desaparecimento dos preconceitos religiosos que por tanto tempo levantaram uma barreira entre os povos e ensangüentaram o mundo. Vindo o sucessor de Maomé, de sua livre-vontade, visitar um país cristão, fraternizando com um soberano cristão, teria sido, de sua parte e não há muito tempo, um ato audacioso. Hoje o fato parece muito natural. O que é ainda mais significativo é a visita do Imã, seu grão-capelão, aos chefes da Igreja. A iniciativa que tomou nessa circunstância, já que o cerimonial a isto não o obrigava, é uma prova do progresso das idéias. Os ódios religiosos são anomalias no século em que estamos, e é de bom augúrio para o futuro ver um dos príncipes da religião muçulmana dar o exemplo de tolerância e abjurar as prevenções seculares.

Uma das conseqüências do progresso moral será certamente um dia a unificação das crenças; ela ocorrerá quando os diferentes cultos reconhecerem que há um só Deus para todos os homens, e que é absurdo e indigno dEle lançar-se anátemas por não se O adorar da mesma maneira.

Jean Ryzak – A Força do Remorso

ESTUDO MORAL

Escrevem de Winschoten, em 2 de maio de 1867, ao *Journal de Bruxelles*:

Sábado passado, um operário cavouqueiro de nossa comuna apresentou-se à casa do guarda rural, onde intimou esse funcionário a prendê-lo e o entregar à justiça, diante da qual, dizia, deveria fazer a confissão de um crime por ele cometido há vários anos. Levado à presença do burgomestre, esse operário, que declarou chamar-se J. Ryzak, fez o seguinte relato:

“Há cerca de doze anos eu era empregado nos trabalhos de dessecamento do lago de Harlem, quando um dia o cabo, pagando a minha quinzena, entregou-me o soldo devido a um de meus camaradas, com ordem de o entregar a este último. Gastei o dinheiro e, querendo evitar os dissabores das investigações, resolvi matar o amigo a quem acabava de roubar. Para isto, precipitei-o num dos abismos do lago, mas, vendo-o voltar à superfície e fazer esforços para nadar para a margem, dei-lhe duas facadas na nuca.

“Tão logo cometi o crime, comecei a sentir remorso. Em breve tornou-se intolerável e foi-me impossível continuar no trabalho. Comecei por fugir do teatro do meu crime, e não achando em parte alguma do país nem paz nem trégua, embarquei para as Índias, onde me engajei no exército colonial. Mas lá, também, o espectro de minha vítima perseguiu-me noite e dia; minhas torturas eram incessantes e inauditas e, assim que terminou o meu tempo de serviço, uma força irresistível impeliu-me a voltar a Winschoten e a pedir à justiça o apaziguamento de minha consciência. Ela me dará, impondo-me a expiação que julgar conveniente. E se ordenar que eu morra, prefiro este suplício à tortura que me faz

experimentar, há doze anos, a toda hora do dia e da noite, o carrasco que trago no peito.”

Após esta declaração, e certificando-se de que o homem que estava à sua frente era são de espírito, o burgomestre requisitou a polícia, que prendeu Ryzak e relatou imediatamente o fato ao oficial de justiça.

Aqui se aguarda com emoção os desdobramentos que poderá ter este estranho acontecimento.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS SOBRE ESTE CASO

(Sociedade de Paris, 10 de maio de 1867 – Médium: Srta. Lateltin)

Como sabeis, cada ser tem a liberdade do bem e do mal, o que chamais de livre-arbítrio. O homem tem em si a consciência, que o adverte quando fez bem ou fez mal, cometeu uma má ação ou descurou de fazer o bem; sua consciência que, como guardiã vigilante, encarregada de velar por ele, aprova ou desaprova sua conduta. Muitas vezes acontece que se mostre rebelde à sua voz, que repila suas inspirações; quer sufocá-la pelo esquecimento; mas jamais ela é completamente aniquilada para que, num dado momento, não desperte mais forte e mais poderosa e não exerça um severo controle de vossas ações.

A consciência produz dois efeitos diferentes: a satisfação de ter agido bem, a paz que deixa a consciência do dever cumprido, e o remorso que penetra e tortura quando se praticou uma ação reprovada por Deus, pelos homens ou pela honra. É, propriamente falando, o senso moral. O remorso é como uma serpente de mil voltas, que circula em redor do coração e o destrói; é o remorso que sempre faz ouvir as mesmas inflexões e vos grita: Fizeste uma ação má; deverás ser punido; teu castigo só cessará depois da reparação. E quando, a este suplício de uma consciência atormentada, vem juntar-se a visão constante da vítima, da pessoa

a quem se fez o mal; quando, sem repouso nem trégua, sua presença exprobra ao culpado sua conduta indigna, repetindo-lhe incessantemente que sofrerá enquanto não tiver expiado e reparado o mal que fez, o suplício se torna intolerável. É então que, para pôr fim às suas torturas, seu orgulho se dobra e ele confessa seus crimes. O mal traz em si a sua pena, pelo remorso que deixa e pelos reproches feitos pela só presença daqueles contra os quais se agiu mal.

Crede-me, escutai sempre essa voz que vos adverte quando estais prestes a falar; não a sufoqueis pela revolta do vosso orgulho; e se falirdes, apressai-vos em reparar o mal, sem o que o remorso será a vossa punição. Quanto mais vos demorardes, mais penosa será a reparação e mais prolongado o suplício.

Um Espírito

(Mesma sessão – Médium: Sra. B...)

Hoje tendes um exemplo notável da punição que sofrem, mesmo na Terra, os que se tornaram culpados de uma ação má. Não é somente no mundo invisível que a visão da vítima vem atormentar o assassino para o forçar ao arrependimento; lá onde a justiça dos homens não começou a expiação, a justiça divina faz começar, à revelia de todos, o mais lento e o mais terrível dos suplícios, o mais temível castigo.

Há certas pessoas que dizem que a punição infligida ao criminoso no mundo dos Espíritos, e que consiste na visão contínua de seu crime, não pode ser muito eficaz, e que em nenhum caso não é esta punição que, por si só, determina o arrependimento. Dizem que um naturalmente perverso, como é um criminoso, não pode senão amargurar-se cada vez mais por essa visão, e assim se tornando pior. Os que assim falam não fazem idéia do que pode tornar-se um tal castigo; não sabem quanto é cruel esse espetáculo contínuo de uma ação que jamais se queria haver

cometido. Certamente vemos alguns criminosos empedernidos, mas muitas vezes é só por orgulho e por quererem parecer mais fortes que a mão que os castiga; é para fazer crer que não se deixam abater pela visão de imagens vãs; mas essa falsa coragem não tem longa duração, pois logo os vemos fraquejar em presença desse suplício, que deve muito de seus efeitos à sua lentidão e persistência. Não há orgulho que possa resistir a esta ação, semelhante à da gota d'água sobre a rocha; por mais dura que possa ser a pedra, é inevitavelmente atacada, desagregada, reduzida a pó. É assim que o orgulho, que faz com que esses infelizes se obstinem contra seu soberano senhor, mais cedo ou mais tarde é abatido, e que o arrependimento, enfim, pode ter acesso à sua alma. Como sabem que a origem de seus sofrimentos está em sua falta, pedem para repará-la, a fim de trazer um abrandamento a seus males.

Aos que pudessem duvidar, não tendes senão que citar o fato que vos foi assinalado esta noite; ali não é só a hipótese, não é mais o só ensinamento dos Espíritos, mas um exemplo de certo modo palpável, que se vos apresenta. Nesse exemplo, o castigo seguiu de perto a falta e foi tal que, ao cabo de vários anos, forçou o culpado a pedir a expiação de seu crime à justiça humana, e ele mesmo disse que todas as penas, a própria morte, lhe pareceriam menos cruéis do que aquilo que sofria, no momento em que se entregou à justiça.

Um Espírito

Observação – Sem ir buscar aplicações do remorso nos grandes criminosos, que são exceções na sociedade, nós as encontramos nas mais ordinárias circunstâncias da vida. É esse sentimento que leva todo indivíduo a afastar-se daqueles contra os quais sente que tem censuras a se fazer; em presença deles sente-se mal; se a falta não for conhecida, ele teme ser adivinhado; parece-lhe que um olhar pode penetrar o fundo de sua consciência; vê em toda palavra, em todo gesto uma alusão à sua pessoa, razão por

que, desde que se sente desmascarado, retira-se. O ingrato também foge de seu benfeitor, já que sua visão é uma censura incessante, da qual em vão procura desembaraçar-se, pois uma voz íntima lhe grita no fundo da consciência que ele é culpado.

Se o remorso já é um suplício na Terra, quão maior não será esse suplício no mundo dos Espíritos, onde não é possível subtrair-se à vista daqueles a quem se ofendeu! Felizes os que, tendo reparado já nesta vida, poderão sem receio enfrentar todos os olhares no mundo onde nada é oculto.

O remorso é uma conseqüência do desenvolvimento do senso moral; não existe onde o senso moral ainda se acha em estado latente. É por isto que os povos selvagens e bárbaros cometem sem remorsos as piores ações. Aquele, pois, que se pretendesse inacessível ao remorso, assimilar-se-ia ao bruto. À medida que o homem progride, o senso moral torna-se mais apurado; ofusca-se ao menor desvio do reto caminho. Daí o remorso, que é o primeiro passo para o retorno ao bem.

Dissertações Espíritas

PLANO DE CAMPANHA – A ERA NOVA – CONSIDERAÇÕES SOBRE O SONAMBULISMO ESPONTÂNEO

(Paris, 10 de fevereiro de 1867 – Médiun: Sr. T..., em sono espontâneo)

Nota – Nesta sessão, nenhuma pergunta prévia tinha provocado o assunto que foi tratado. Inicialmente o médium se havia ocupado de saúde; depois, pouco a pouco, viu-se conduzido às reflexões, cuja análise damos a seguir. Falou durante cerca de uma hora, sem interrupção.

Os progressos do Espiritismo causam aos seus inimigos um pavor que não podem dissimular. No começo brincaram com as mesas girantes, sem pensar que acariciavam uma criança que devia crescer; a criança cresceu... então eles

presentiram o seu futuro e disseram de si para si que em breve estariam com a razão... Mas, como se diz, a criança tinha sete fôlegos. Resistiu a todos os ataques, aos anátemas, às perseguições, mesmo às zombarias. Semelhante a certos grãos que o vento carrega, produziu inúmeros rebentos; para um que destruíam, brotavam cem outros.

Primeiro empregaram contra ele as armas de uma outra era, as que outrora eram bem-sucedidas contra as idéias novas, porque essas idéias não passavam de lampejos esparsos, que tinham dificuldade de vir à luz através da ignorância e porque ainda não haviam criado raízes nas massas... hoje é outra coisa, tudo mudou: os costumes, as idéias, o caráter, as crenças; a Humanidade não mais se inquieta com as ameaças que amedrontavam as crianças; o diabo, tão temido por nossos ancestrais, já não causa medo: riem dele.

Sim, as armas antigas se gastaram contra a couraça do progresso. É como se, em nossos dias, um exército quisesse atacar uma praça forte, guarnecida de canhões, com as flechas, os aríetes e as catapultas dos nossos antepassados.

Os inimigos do Espiritismo viram, pela experiência, a inutilidade das armas carcomidas do passado contra a idéia regeneradora; longe de o prejudicar, seus esforços só serviam para o propagar.

Para lutar vantajosamente contra as idéias do século, seria preciso estar à altura do século; às doutrinas progressistas seria necessário opor doutrinas ainda mais progressistas; mas o menos não pode sobrepujar o mais.

Não podendo, pois, triunfar pela violência, recorreram à astúcia, a arma dos que têm consciência de sua fraqueza... de lobos, fizeram-se cordeiros, para se introduzirem no aprisco e aí semearem a desordem, a divisão, a confusão. Porque conseguiram lançar a perturbação em algumas fileiras, cedo demais se julgaram

senhores da praça. Nem por isto os adeptos isolados deixaram de continuar sua obra, e diariamente a idéia abre o seu caminho sem muito alarido... Eles é que fizeram barulho... Não a vedes penetrar em toda parte? nos jornais, nos livros, no teatro e mesmo no púlpito? Ela trabalha todas as consciências; arrasta os espíritos para novos horizontes; é encontrada em estado de intuição naqueles mesmos que dela não ouviram falar. Eis um fato que ninguém pode negar e que cada dia se torna mais evidente. Não é a prova de que a idéia é irresistível e que é um sinal dos tempos?

Aniquilá-lo, portanto, é uma coisa impossível, porque seria preciso aniquilá-lo não num ponto, mas no globo inteiro; e, depois, as idéias não são levadas nas asas dos ventos? e como atingi-las? Pode-se pegar fardos de mercadorias na alfândega; mas, idéias! elas são inatingíveis.

Que fazer, então? Tentar apoderar-se delas, para as acomodar à sua vontade... Pois bem! é o partido pelo qual se decidiram. Disseram a si mesmos: O Espiritismo é o precursor de uma revolução moral inevitável; antes que se realize completamente, tratemos de a desviar em nosso proveito; façamos de modo que aconteça com ela como com certas revoluções políticas; desnaturando o seu espírito, poder-se-ia imprimir-lhe outro curso.

Assim, o plano de campanha está mudado... Vereis se formarem reuniões espíritas, cujo objetivo confessado será a defesa da doutrina, e cujo objetivo secreto será a sua destruição; supostos médiuns que terão comunicações encomendadas, adequadas ao fim a que se propõem; publicações que, à sorrelfa do Espiritismo, se esforçarão para o demolir; doutrinas que lhe tomarão algumas idéias, mas com o pensamento de o suplantarem. Eis a luta, a verdadeira luta que ele terá de sustentar, e que será perseguida obstinadamente, mas da qual sairá vitorioso e mais forte.

Que podem os homens contra a vontade de Deus? É possível desconhecê-la diante do que se passa? Seu dedo não é visível nesse progresso que desafia todos os ataques? nesses fenômenos que surgem em toda parte como um protesto, como um desmentido dado a todas as negações?... A vida dos homens, a sorte da Humanidade, não está em suas mãos?... Cegos!... Eles não contam com a nova geração que se ergue e que diariamente suplanta a geração que se vai... Mais alguns anos e esta terá desaparecido, não deixando atrás de si senão a lembrança de suas tentativas insensatas, para deter o impulso do espírito humano que marcha, marcha a despeito de tudo... Eles não contam com os acontecimentos que vão apressar a eclosão do novo período humanitário... com os apoios que vão levantar-se em favor da nova doutrina e cuja voz poderosa imporá silêncio aos seus detratores em razão de sua autoridade.

Oh! como estará mudada a face do mundo para aqueles que virem o começo do próximo século!... Quantas ruínas verão em sua retaguarda, e que esplêndidos horizontes se abrirão à sua frente!... será como a aurora afastando as sombras da noite... Aos ruídos, aos tumultos, aos rugidos da tempestade sucederão cantos de alegria; depois das angústias, os homens renascerão para a esperança... Sim! o século vinte será um século abençoado, porque verá a era nova, anunciada pelo Cristo.

Nota – Aqui o médium pára, dominado por indizível emoção e como que esgotado de fadiga. Após alguns minutos de repouso, durante os quais parece voltar ao grau de sonambulismo ordinário, continua:

– Que vos dizia eu, então? – Faláveis do novo plano de campanha dos adversários do Espiritismo; depois considerastes a era nova. – É isso.

Enquanto esperam, disputam o terreno palmo a palmo. Renunciaram mais ou menos às armas de outros tempos, cuja ineficácia reconheceram; agora ensaiam as que são todo-poderosas

neste século de egoísmo, de orgulho e de cupidez: o ouro, a sedução do amor-próprio. Junto aos que são inacessíveis ao medo, exploram a vaidade, as necessidades terrenas. Aquele que se obstinou contra a ameaça, às vezes dá ouvidos complacentes à lisonja, ao atrativo do bem-estar material... Prometem pão a quem não o tem, trabalho ao artesão, clientela ao negociante, promoção ao empregado, honras aos ambiciosos se renunciarem às suas crenças; ferem-nos em sua posição, em seus meios de subsistência, em suas afeições, se são indóceis; depois, a miragem do ouro produz sobre alguns seu efeito ordinário. Nesse número encontram-se, necessariamente, alguns caracteres fracos, que sucumbem à tentação. Há os que caem na armadilha de boa-fé, porque a mão que os dirige se esconde... Há, também, e muitos, que cedem à dura necessidade, mas que não pensam menos nisto; sua renúncia é apenas aparente; curvam-se, mas para se erguerem na primeira ocasião... Outros, os que têm em mais alto grau a verdadeira coragem da fé, afrontam o perigo resolutamente; esses vencem sempre, porque são sustentados pelos Espíritos bons... Alguns, oh!... mas estes jamais foram espíritas de coração... preferem o ouro da Terra ao ouro do céu; ficam, pela forma, ligados à doutrina e, sob esse manto, apenas servem melhor à causa de seus inimigos... É uma triste troca que fazem e que pagarão muito caro!

Nos tempos de cruéis provas que ides atravessar, ditosos aqueles sobre os quais se estender a proteção dos Espíritos bons, porque jamais esta foi tão necessária!... Oraí pelos irmãos transviados, a fim de que aproveitem os breves instantes de mora que lhes são concedidos, antes que a justiça do Altíssimo se torne mais pesada sobre eles... Quando virem rebentar a tempestade, mais de um exclamará graça! Mas lhes será respondido: Que fizestes dos nossos ensinos? Vossos médiuns não escreveram centenas de vezes a vossa própria condenação?... Tivestes a luz, e não a aproveitastes; nós vós tínhamos dado um abrigo: por que o

abandonastes? Sofrei, pois, a sorte daqueles que preferistes. Se vosso coração tivesse sido tocado por nossas palavras, teríeis ficado firmes no caminho do bem, que vos era traçado; se tivésseis tido fé, teríeis resistido as seduções armadas contra o vosso amor-próprio e a vossa vaidade. Então acreditastes no-las impor, como aos homens, por falsas aparências? Sabeis, se duvidastes, que não há um só movimento da alma que não tenha seu contragolpe no mundo dos Espíritos?

Credes que seja por nada que se desenvolve a faculdade da vidência em tão grande número de pessoas? que seja para oferecer um novo alimento à curiosidade que hoje tantos médiuns adormecem espontaneamente em sono de êxtase? Não; desiludivos. Esta faculdade, que há tanto tempo vos é anunciada, é um sinal característico dos tempos que são chegados; é um prelúdio da transformação, porque, como vos foi dito, deve ser um dos atributos da nova geração. Essa geração, mais depurada moralmente, sê-lo-á também fisicamente; a mediunidade sob todas as formas será mais ou menos geral, e a comunhão com os Espíritos um estado, a bem dizer, normal.

Deus envia a faculdade de vidência nesses momentos de crise e de transição, para dar aos seus fiéis servidores um meio de desmanchar a trama de seus inimigos, porque os maus pensamentos, que se julgam escondidos na sombra dos refolhos da consciência, se refletem nessas almas sensitivas, como num espelho, e se descobrem por si mesmos. Aquele que só emite bons pensamentos não teme que se os conheça. Feliz o que pode dizer: Lede em minha alma como num livro aberto.

Observação – O sonambulismo espontâneo, do qual já falamos, não é, com efeito, senão uma forma de mediunidade vidente, cujo desenvolvimento já era anunciado há algum tempo, assim como o aparecimento de novas aptidões mediúnicas. É

notável que em todos os momentos de crise geral ou de perseguição, as pessoas dotadas desta faculdade são mais numerosas do que nos tempos normais. Houve-os muito no momento da Revolução; os calvinistas das Cevenas, perseguidos como animais selvagens, tinham numerosos videntes que os advertiam do que se passava ao longe; por este fato, e por ironia, foram classificados de iluminados; hoje, começa-se a compreender que a visão a distância, independente dos órgãos da visão, pode bem ser um dos atributos da natureza humana, e o Espiritismo o explica pela faculdade expansiva e pelas propriedades da alma. Os fatos deste gênero se multiplicaram de tal maneira que já não causam tanta admiração; o que outrora parecia a alguns milagre ou sortilégio, é hoje considerado como efeito natural. É uma das mil vias pelas quais penetra o Espiritismo, de sorte que, se se estanca uma fonte, ele surge por outros caminhos.

Assim, esta faculdade não é nova, mas tende a generalizar-se, sem dúvida pelo motivo indicado na comunicação acima, mas, também, como meio de provar aos incrédulos a existência do princípio espiritual. No dizer dos Espíritos, ela se tornaria mesmo epidêmica, o que naturalmente se explicaria pela transformação moral da Humanidade, transformação que deveria produzir no organismo modificações que facilitassem a expansão da alma.

Como outras faculdades mediúnicas, esta pode ser explorada pelo charlatanismo. Desse modo, é bom precaver-se contra a trapaça que, por um motivo qualquer, poderia tentar simulá-la, e assegurar-se, por todos os meios possíveis, da boa-fé dos que dizem possui-la. Além do desinteresse material e moral e da honorabilidade notória da pessoa, que são as primeiras garantias, convém observar com cuidado as condições e as circunstâncias nas quais se produz o fenômeno, e ver se nada oferecem de suspeito.

OS ESPIÕES

(Sociedade de Paris, 12 de julho de 1867
– Médiun: Sr. Morin, em sono espontâneo)

Quando, em conseqüência de uma terrível convulsão humanitária, a sociedade inteira se movia lentamente, oprimida, esmagada, e ignorando a causa de sua opressão, alguns seres privilegiados, alguns velhos veteranos do bem, pondo à disposição de todos sua experiência da dificuldade de o reproduzir, e juntando a isto o respeito que devia provocar sua conduta e sua posição, resolveram procurar aprofundar as causas dessa crise geral, que fere cada um em particular.

Começa a era nova e, com ela, o Espiritismo (esta palavra foi criada; não resta senão torná-la compreendida, e cada um aprender a sua significação). O tempo impassível marcha sempre, e o Espiritismo, que não é mais uma simples palavra, já não tem que se fazer compreender: é compreendido!... Mas, alguns veteranos espíritas, essas criaturas, esses missionários estão sempre à testa do movimento... Seu pequeno batalhão é muito fraco em número; mas, paciência!... pouco a pouco ganha aderentes, e logo será um exército: o exército dos veteranos do bem! Porque, em geral, em seu começo e em seus primeiros anos, o Espiritismo quase só tocou os corações já consumidos pelos conflitos da vida, os corações que sofreram e pagaram, os que traziam em germe os princípios do belo, do bem, do bom, do grande.

Descendo sucessivamente do velho à idade madura, da idade madura à idade viril e da idade viril à adolescência, o Espiritismo infiltrou-se em todas as idades, como em todos os corações, em todas as religiões, em todas as seitas, em toda parte! A assimilação foi lenta, mas segura!... E hoje não temais que caia essa bandeira espírita, sustentada desde o início por uma mão firme e segura; porque hoje, as jovens falanges dos batalhões espíritas não vociferam, como seus adversários: “Lugar aos jovens.” Não, eles

não dizem: “Saí, velhos, para deixar subirem os jovens.” Eles não pedem senão um lugar no banquete da inteligência, senão o direito de se sentarem ao lado de seus antecessores, trazendo seu óbolo ao grande todo. Hoje, a juventude se viriliza; traz sua contribuição à idade madura, em troca da experiência desta última, em razão da grande lei de reciprocidade e das conseqüências do trabalho coletivo para a Ciência, a moralidade, o bem, porque, em última análise, se a Ciência progride, em benefício de quem progride? Não são os corpos humanos que aproveitam todas as elucidações, todos os problemas resolvidos, todas as invenções realizadas? e isto aproveita a todos, assim como se progredirdes em moralidade, isto aproveita a todos os Espíritos. Hoje, portanto, jovens e velhos são iguais ante o progresso e devem combater lado a lado por sua realização.

O batalhão tornou-se um exército, exército invulnerável, mas que deve combater não um, mas milhares de adversários coligados contra ele. Assim, jovens, trouxe com confiança o entusiasmo de vossas convicções, e vós, velhos, vossa sabedoria, vosso conhecimento dos homens e das coisas, vossa experiência sem ilusões.

O exército está na frente de batalha. Vossos inimigos são numerosos, mas não estão em vossa frente, face a face, peito contra peito; estão em toda parte, ao vosso lado, na frente, atrás, no meio de vós, no próprio seio do vosso coração e, para os combater, não tendes senão vossa boa vontade, vossas consciências leais e vossas tendências ao bem. Desses exércitos coligados, um tem nome: o orgulho; os outros: ignorância, fanatismo, superstição, preguiça, vícios de toda natureza.

E vosso exército, que deve combater de frente, também deve saber lutar em particular, porque não sereis um contra um, mas um contra dez!... Bela vitória a conquistar!... Pois bem!... se combaterdes todos em massa, com a esperança de triunfar, inicialmente combatei contra vós mesmos, dominai as más tendências. Hipócritas, conquistai a sinceridade; preguiçosos,

tornai-vos trabalhadores; orgulhosos, sede humildes, estendei a mão à lealdade vestida com uma blusa em farrapos, e todos, solidariamente, tomai e sustentai o compromisso de fazer a outrem o que gostaríeis que vos fosse feito. Assim, não gritemos: Lugar aos jovens, mas lugar a tudo o que belo, bom, a tudo o que tende a aproximar da Divindade.

Hoje, começa-se a tomar em consideração esse pobre Espiritismo, que diziam natimorto; nele vêem um inimigo sério. E por quê?... Não o temiam em seu começo: a criança era frágil; riam-se de seus esforços impotentes. Mas hoje, que a criança tornou-se homem, temem-no, porque tem a força da idade viril. É que reuniu em torno de si homens de todas as idades, de todas as posições sociais, de todos os graus de inteligência, que compreendem que a sabedoria, a ciência adquirida podem tão bem residir no coração de um jovem de vinte anos quanto no cérebro de um homem de sessenta.

Hoje, portanto, esse pobre Espiritismo é temido; não ousam vir de frente, medir-se com ele; tomam os atalhos, o caminho dos covardes!... Não vêm dizer-lhe à luz do dia: Tu não existes; vêm em meio de seus partidários dizer como eles, fazer como eles, aplaudir a aprovar tudo quanto fazem, quando estão com eles, para os combater e os trair quando estão de costas. Sim, eis o que fazem hoje! No começo diziam de cara o que pensavam da criança mirrada, mas hoje não ousam mais, porque ela cresceu e, contudo, jamais mostrou os dentes.

Se me dizem para vos dizer isto, embora me seja sempre penoso, é que isto tinha a sua utilidade; nada, nem uma palavra, um gesto, uma inflexão de voz se efetuam sem que haja uma razão de ser e que não tragam seu contingente para o equilíbrio geral. A administração dos correios lá do Alto é muito mais inteligente e mais completa que a da vossa Terra; toda palavra vai ao seu objetivo, ao seu endereço, sem sobrescrito, ao passo que entre vós a carta que não o traz não chega nunca.

Observação – Como se vê, a comunicação acima é uma aplicação do que foi dito na precedente, sobre o efeito da faculdade de vidência, e não é a única vez que nos foi dado constatar os serviços que essa faculdade é chamada a prestar. Não significa que seja preciso juntar uma fé cega a tudo quanto pode ser dito em casos semelhantes; haveria tanta imprudência em crer sem reservas no primeiro que aparecesse, quanto desprezar os avisos que podem ser dados por essa via. O grau de confiança que se pode a isso permitir depende das circunstâncias; essa faculdade precisa ser estudada; antes de tudo há que se agir com circunspeção e guardar-se de um julgamento precipitado.

Quanto ao fundo da comunicação, sua coincidência com a que foi dada cinco meses antes, por outro médium, e em outro meio, é um fato digno de nota, e sabemos que instruções análogas são dadas em diferentes centros. É, pois, prudente manter-se em reserva com as pessoas sobre cuja sinceridade não se tem certeza para se ficar edificado. Sem dúvida os espíritos só têm princípios altamente confessáveis; nada têm a ocultar; mas o que têm a temer é ver suas palavras desnaturadas e suas intenções mascaradas; são as armadilhas estendidas à sua boa-fé, por pessoas que defendem o falso para saber a verdade; que, sob as aparências de um zelo muito exagerado para ser sincero, tentam arrastar os grupos por um caminho comprometedor, seja para lhes suscitar embaraços, seja para lançar o descrédito sobre a Doutrina.

A RESPONSABILIDADE MORAL

(Sociedade de Paris, 9 de julho de 1867 – Médium: Sr. Nivard)

Assisto a todas as tuas conversas mentais, mas sem as dirigir; teus pensamentos são emitidos em minha presença, mas eu não os provo. É o pressentimento dos casos, que têm alguma chance de se apresentar, que faz nascer em ti os pensamentos adequados à resolução das dificuldades que poderiam te suscitar. Aí está o livre-arbítrio; é o exercício do Espírito encarnado, tentando resolver problemas que suscita em si mesmo.

Com efeito, se os homens só tivessem as idéias que os Espíritos lhes inspiram, teriam pouca responsabilidade e pouco mérito; só teriam a responsabilidade de haver escutado maus conselhos, ou o mérito de ter seguido os bons. Ora, esta responsabilidade e este mérito evidentemente seriam menores do que se fossem o inteiro resultado do livre-arbítrio, isto é, de atos realizados na plenitude do exercício das faculdades do Espírito, que, neste caso, age sem qualquer solitação.

Resulta do que digo que muitas vezes os homens têm pensamentos que lhes são essencialmente próprios, e que os cálculos a que se entregam, os raciocínios que fazem, as conclusões a que chegam são o resultado do exercício intelectual, do mesmo modo que o trabalho manual é o resultado do exercício corporal. Daí não se deveria concluir que o homem não fosse assistido em seus pensamentos e em seus atos pelos Espíritos que o cercam; muito ao contrário; os Espíritos, sejam benevolentes, sejam malévolos, muitas vezes são a causa provocadora dos vossos atos e pensamentos; mas ignorais completamente em que circunstâncias se produz essa influência, de sorte que, agindo, pensais fazê-lo em virtude de vosso próprio movimento: vosso livre-arbítrio fica intacto; não há diferença entre os atos que realizais sem serdes a eles impelidos, e os que realizais sob a influência dos Espíritos, senão no grau do mérito ou da responsabilidade.

Num e noutro caso, a responsabilidade e o mérito existem, mas, repito, não existem no mesmo grau. Creio que esse princípio que enuncio não precisa de demonstração; para o provar, basta-me-á fazer uma comparação no que existe entre vós.

Se um homem cometeu um crime, e o fez seduzido pelos conselhos perigosos de outro homem que sobre ele exerce muita influência, a justiça humana saberá reconhecê-lo, concedendo-lhe o benefício das circunstâncias atenuantes; irá mais longe: punirá o homem cujos conselhos perniciosos provocaram o crime e, mesmo sem haver contribuído de outra maneira, este

homem será mais severamente punido do que o que foi o instrumento, porque foi seu pensamento que concebeu o crime, e sua influência sobre um ser mais fraco que o fez executar. Pois bem! se assim fazem os homens, diminuindo a responsabilidade do criminoso e a partilhando com o infame que o impeliu a cometer o crime, como quereríeis que Deus, que é a justiça mesma, não fizesse o mesmo, já que vossa razão vos diz que é justo agir assim?

No que concerne ao mérito das boas ações, que eu disse ser menor se o homem tiver sido solicitado a praticá-las, é a contrapartida do que acabo de dizer a respeito da responsabilidade, e pode demonstrar-se invertendo a proposição.

Assim, pois, quando te acontece refletir e passar tuas idéias de um a outro assunto; quando discutes mentalmente sobre os fatos que prevês ou que já se realizaram; quando analisas, quando raciocinas e quando julgas, não crês que sejam Espíritos que te ditam teus pensamentos ou que te dirigem; eles lá estão, perto de ti, e te escutam; vêem com prazer esse exercício intelectual, ao qual te entregas; seu prazer é duplo, quando vêem que tuas conclusões são conforme à verdade.

Por vezes lhes acontece, evidentemente, que se misturem nesse exercício, quer para o facilitar, quer para dar ao Espírito alguns alimentos, ou lhe criar algumas dificuldades, a fim de tornar esta ginástica intelectual mais proveitosa a quem a pratica. Mas, em geral, o homem que busca, quando entregue às suas reflexões, quase sempre age só, sob o olhar vigilante de seu Espírito protetor, que intervém se o caso for bastante grave para tornar necessária a sua intervenção.

Teu pai, que vela por ti, e que está contente por te ver quase restabelecido. (O médium saía de uma grave moléstia).

Louis Nivard

Reclamação ao Jornal *La Marionnette*

La Marionnette, novo jornal de Lyon, havia publicado o artigo seguinte em seu número de 30 de junho último:

“Assinalamos a chegada a Lyon do museu antropológico e etnológico do Sr. A. Neger, sucessor do Sr. Th. Petersen.

“Entre outras coisas extraordinárias, vêem-se nesse museu de cera:

1º – uma infortunada princesa da costa de Coromandel que, casada com um grande chefe de tribo, cometeu a infâmia de esquecer seus deveres conjugais com um europeu muito sedutor, e morreu em Londres de uma doença de languidez;

2º – triquinas vinte vezes maiores do que o natural, em todas as fases de sua existência, desde a mais tenra infância até a mais extrema velhice;

3º – a célebre mexicana *Julia Pastrana*, morta de parto em Moscou, *no ano da graça* de 1860.

“Não é sem legítima admiração que soubemos dessa morte prematura, considerando-se que em 1865 Julia Pastrana entregava-se a exercícios equestres num circo cujas representações se davam no passeio Napoleão.

“Como uma mulher morta em 1860 pôde atravessar círculos de papel em 1865? Isto faz sonhar!”

Allan Kardec

Como esse número nos foi enviado, dirigimos ao diretor a seguinte reclamação:

Senhor,

Remeteram-me o número 6 do vosso jornal, onde se encontra um artigo assinado: *Allan Kardec*. Penso não ter homônimo; em todo o caso, como só respondo pelo que escrevo, peço-vos a gentileza de inserir a presente carta no vosso próximo número, a fim de informar aos vossos leitores que o Sr. Allan Kardec, autor de *O Livro dos Espíritos*, é estranho ao artigo que leva o seu nome e que não autoriza ninguém a dele se servir.

Recebei, senhor, minhas atenciosas saudações.

Allan Kardec

O diretor do jornal imediatamente nos respondeu o seguinte:

Senhor,

Nosso amigo Acariâtre, autor do artigo assinado por engano com o vosso nome, já se lamentou do descuido do revisor. Eis a frase: *Isto faz sonbar Allan Kardec*, alusão ao Espiritismo. Os embelezamentos de Lyon são todos assinados por *Acariâtre*. Em nosso próximo número retificaremos este engano.

Recebei, senhor, minhas atenciosas saudações.

E. B. Labaume

Nota – Este jornal sai aos domingos; 5, cours Lafayette, Lyon.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

SETEMBRO DE 1867

Nº 9

Caráter da Revelação Espírita^{20, 21}

1. – Pode o Espiritismo ser considerado uma revelação? Neste caso, qual o seu caráter? Em que se funda a sua autenticidade? A quem e de que maneira foi ela feita? É a Doutrina Espírita uma revelação, no sentido teológico da palavra, ou por outra, é, no seu todo, o produto do ensino oculto vindo do Alto? É absoluta ou susceptível de modificações? Trazendo aos homens a verdade integral, a revelação não teria por efeito impedi-los de fazer uso das suas faculdades, pois que lhes pouparia o trabalho da investigação? Qual a autoridade do ensino dos Espíritos, se eles não são infalíveis e superiores à Humanidade? Qual a utilidade da moral que pregam, se essa moral não é diversa da do Cristo, já conhecida? Quais as verdades novas que eles nos trazem? Precisar-á o homem de uma revelação? E não poderá achar em si mesmo e em sua

20 Este artigo é extraído de uma nova obra que neste momento se acha no prelo e que aparecerá antes do fim do ano. Uma razão de oportunidade nos levou a publicar este extrato por antecipação na Revista. Apesar de sua extensão, julgamos dever inseri-lo de uma vez, para não interromper o encadeamento das idéias. A obra inteira será do formato e do volume de *O Céu e o Inferno*.

21 **N. do T.:** Trata-se do primeiro capítulo de *A Gênese*, com ligeiras modificações; livro publicado em 1868.

consciência tudo quanto é mister para se conduzir na vida? Tais as questões sobre que importa nos fixemos.

2. – Definamos primeiro o sentido da palavra *revelação*. *Revelar*, derivado da palavra *vén* (do latim *velum*), significa literalmente *sair de sob o véu* – e, figuradamente, descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção vulgar mais genérica, essa palavra se emprega a respeito de qualquer coisa ignota que é divulgada, de qualquer idéia nova que nos põe ao corrente do que não sabíamos.

Deste ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da Natureza são revelações e pode dizer-se que há para a Humanidade uma revelação incessante. A Astronomia revelou o mundo astral, que não conhecíamos; a Geologia revelou a formação da Terra; a Química, a lei das afinidades; a Fisiologia, as funções do organismo, etc.; Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier foram reveladores.

3. – A característica essencial de qualquer revelação tem que ser a verdade. Revelar um segredo é tornar conhecido um fato; se é falso, já não é um fato e, por consequência, não existe revelação. Toda revelação desmentida por fatos deixa de o ser, se for atribuída a Deus. Não podendo Deus mentir, nem se enganar, ela não pode emanar dele: deve ser considerada como produto de uma opinião pessoal.

4. – Qual o papel do professor diante dos seus discípulos, senão o de um revelador? O professor lhes ensina o que eles não sabem, o que não teriam tempo, nem possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a Ciência é obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que trazem, cada qual, o seu contingente de observações aproveitáveis àqueles que vêm depois. O ensino é, portanto, na realidade, a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feitas por homens que

as conhecem a outros que as ignoram e que, se assim não fora, as teriam ignorado sempre.

5. – Mas o professor não ensina senão o que aprendeu: é um revelador de segunda ordem; o homem de gênio ensina o que descobriu por si mesmo: é o revelador primitivo; traz a luz que pouco a pouco se vulgariza. Que seria da Humanidade sem a revelação dos homens de gênio, que aparecem de tempos a tempos?

Mas, quem são esses homens de gênio? E, por que são homens de gênio? Donde vieram? Que é feito deles? Notemos que na sua maioria denotam, ao nascer, faculdades transcendentais e alguns conhecimentos inatos, que com pouco trabalho desenvolvem. Pertencem realmente à Humanidade, pois nascem, vivem e morrem como nós. Onde, porém, adquiriram esses conhecimentos que não puderam aprender durante a vida? Dir-se-á, com os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, não teriam mais mérito que um legume maior e mais saboroso do que outro.

Dir-se-á, como certos espiritualistas, que Deus lhes deu uma alma mais favorecida que a do comum dos homens? Suposição igualmente ilógica, pois que tacharia Deus de parcial. A única solução racional do problema está na preexistência da alma e na pluralidade das vidas. O homem de gênio é um Espírito que tem vivido mais tempo; que, por conseguinte, adquiriu e progrediu mais do que aqueles que estão menos adiantados. Encarnando, traz o que sabe e, como sabe muito mais do que os outros e não precisa aprender, é chamado homem de gênio. Mas seu saber é fruto de um trabalho anterior e não resultado de um privilégio. Antes de renascer, era ele, pois, Espírito adiantado: reencarna para fazer que os outros aproveitem do que já sabe, ou para adquirir mais do que possui.

Os homens progridem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços da sua inteligência; mas, entregues às próprias forças, só muito lentamente progrediriam, se não fossem auxiliados por outros mais adiantados, como o estudante o é pelos professores. Todos os povos tiveram homens de gênio, surgidos em diversas épocas, para dar-lhes impulso e tirá-los da inércia.

6. – Desde que se admite a solicitude de Deus para com as suas criaturas, por que não se há de admitir que Espíritos capazes, por sua energia e superioridade de conhecimento, de fazerem que a Humanidade avance, encarnem pela vontade de Deus, com o fim de ativarem o progresso em determinado sentido? Por que não admitir que eles recebam missões, como um embaixador as recebe do seu soberano? Tal o papel dos grandes gênios. Que vêm eles fazer, senão ensinar aos homens verdades que estes ignoram e ainda ignorariam durante largos períodos, a fim de lhes dar um ponto de apoio mediante o qual possam elevar-se mais rapidamente? Esses gênios, que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando longo traço luminoso sobre a Humanidade, são missionários ou, se o quiserem, messias. Se não ensinassem aos homens nada além do que estes últimos já sabem, sua presença seria completamente inútil. O que de novo ensinam aos homens, quer na ordem física, quer na ordem filosófica, são *revelações*. Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, pode, com mais forte razão, suscitá-los para as verdades morais, que constituem elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos cujas idéias atravessam os séculos.

7. – No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais que o homem não pode descobrir por meio da inteligência, nem com o auxílio dos sentidos e cujo conhecimento lhe dão Deus ou seus mensageiros, quer por meio da palavra direta, quer pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens predispostos, designados sob o nome de *profetas* ou *messias*, isto é, *enviados* ou *missionários*,

incumbidos de transmiti-la aos homens. Considerada debaixo deste ponto de vista, a revelação implica a passividade absoluta e é aceita sem verificação, sem exame, nem discussão.

8. – Todas as religiões tiveram seus reveladores e estes, embora longe estivessem de conhecer toda a verdade, tinham uma razão de ser providencial, porque eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam e aos quais eram relativamente superiores.

Apesar dos erros de suas doutrinas, não deixaram de agitar os espíritos e, por isso mesmo, de semear os germens do progresso, que mais tarde haviam de desenvolver-se, ou se desenvolverão à luz brilhante do Cristianismo.

É, pois, injusto se lhes lance anátema em nome da ortodoxia, porque dia virá em que todas essas crenças tão diversas na forma, mas que repousam realmente sobre um mesmo princípio fundamental – Deus e a imortalidade da alma, se fundirão numa grande e vasta unidade, logo que a razão triunfe dos preconceitos.

Infelizmente, as religiões hão sido sempre instrumentos de dominação; o papel de profeta há tentado as ambições secundárias e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias, que, valendo-se do prestígio deste nome, exploram a credulidade em proveito do seu orgulho, da sua ganância, ou da sua indolência, achando mais cômodo viver à custa dos iludidos. A religião cristã não pôde evitar esses parasitas.

A tal propósito, chamamos particularmente a atenção para o capítulo XXI de *O Evangelho segundo o Espiritismo*: “Levantar-se-ão falsos cristos e falsos profetas.”

9. – Haverá revelações diretas de Deus aos homens? É uma questão que não ousáramos resolver, nem afirmativamente, nem negativamente, de maneira absoluta. O fato não é

radicalmente impossível, porém, nada nos dá dele prova certa. O que não padece dúvida é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se imbuem do seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertencem e o grau a que chegaram de saber, esses podem tirar dos seus próprios conhecimentos as instruções que ministram, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, mesmo dos mensageiros diretos de Deus, os quais, falando em nome de Deus, têm sido às vezes tomados pelo próprio Deus.

As comunicações deste gênero nada têm de estranho para quem conhece os fenômenos espíritas e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela simples inspiração, pela audição da palavra, pela visibilidade dos Espíritos instrutores, nas visões e aparições, quer em sonho, quer em estado de vigília, do que há muitos exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos.

É, pois, rigorosamente exato dizer-se que quase todos os reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes. Daí, entretanto, não se deve concluir que todos os médiuns sejam reveladores, nem, ainda menos, intermediários diretos da Divindade ou dos seus mensageiros.

10. – Só os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas sabe-se hoje que nem todos os Espíritos são perfeitos e que há muitos que se apresentam sob falsas aparências, o que levou S. João a dizer: “Não acrediteis em todos os Espíritos; vede antes se os Espíritos são de Deus.” (Epíst. 1ª, cap. IV, v. 4).

Podem, pois, haver revelações sérias e verdadeiras como as há apócrifas e mentirosas. O caráter essencial da revelação divina é o da *eterna verdade*. Toda revelação eivada de erros ou sujeita a

modificação não pode emanar de Deus. É assim que a lei do Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, enquanto que as outras leis mosaicas, fundamentalmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu. Com o abrandarem-se os costumes do povo, essas leis por si mesmas caíram em desuso, ao passo que o Decálogo ficou sempre de pé, como farol da Humanidade. O Cristo fez dele a base do seu edifício, abolindo as outras leis. Se estas fossem obra de Deus, seriam conservadas intactas. O Cristo e Moisés foram os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo e nisso está a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana careceria de tal poder.

11. – Importante revelação se opera na época atual e mostra a possibilidade de nos comunicarmos com os seres do mundo espiritual. Não é novo, sem dúvida, esse conhecimento; mas ficara até aos nossos dias, de certo modo, como letra morta, isto é, sem proveito para Humanidade. A ignorância das leis que regem essas relações o abafara sob a superstição; o homem era incapaz de tirar daí qualquer dedução salutar; estava reservado à nossa época desembaraçá-lo dos acessórios ridículos, compreender-lhe o alcance e fazer surgir a luz destinada a clarear o caminho do futuro.

12. – O Espiritismo, dando-nos a conhecer o mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem o suspeitarmos, assim como as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam e, por conseguinte, o destino do homem depois da morte, é uma verdadeira revelação, na acepção científica da palavra.

13. – Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira, porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um

desígnio premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da doutrina provêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca de coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, hoje que estão aptos a compreendê-las. Participa da segunda, por não ser esse ensino privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo; por não serem os que o transmitem e os que o recebem seres *passivos*, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa, por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; porque não lhes é interdito o exame, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a doutrina não foi *ditada completa, nem imposta à crença cega*; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações. Numa palavra, *o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem.*

14. – Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as conseqüências e busca as aplicações úteis. *Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida*; assim, não apresentou como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram *a posteriori* confirmar a teoria: a teoria é que veio subsequente e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação.

15. – Citemos um exemplo. Passa-se no mundo dos Espíritos um fato muito singular, de que seguramente ninguém houvera suspeitado: o de haver Espíritos que não se consideram mortos. Pois bem! os Espíritos superiores, que conhecem perfeitamente esse fato, não vieram dizer antecipadamente: “Há Espíritos que julgam viver ainda a vida terrestre, que conservam seus gostos, costumes e instintos.” Provocaram a manifestação de Espíritos desta categoria para que os observássemos. Tendo-se visto Espíritos incertos quanto ao seu estado, ou afirmando ainda serem deste mundo, julgando-se aplicados às suas ocupações ordinárias, deduziu-se a regra. A multiplicidade de fatos análogos demonstrou que o caso não era excepcional, que constituía uma das fases da vida espírita; pode-se então estudar todas as variedades e as causas de tão singular ilusão, reconhecer que tal situação é sobretudo própria de Espíritos pouco adiantados moralmente, e peculiar a certos gêneros de morte; que é temporária, podendo, todavia, durar semanas, meses e anos. Foi assim que a teoria nasceu da observação. O mesmo se deu com relação a todos os outros princípios da doutrina.

16. – Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da Natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro; que o Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; que a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria, e é por ter feito abstração do princípio espiritual que ela se deteve em tão numerosos impasses; que o Espiritismo, sem a Ciência, carece de apoio e controle e poderia embalar-se em ilusões. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo.

17. – Todas as ciências se encadeiam e sucedem numa ordem racional; nascem umas das outras, à proporção que acham ponto de apoio nas idéias e conhecimentos anteriores. A Astronomia, uma das primeiras cultivadas, conservou os erros da infância, até o momento em que a Física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais; a Química, nada podendo sem a Física, teve de acompanhá-la de perto, para depois marcharem ambas de acordo, amparando-se uma à outra. A Anatomia, a Fisiologia, a Zoologia, a Botânica, a Mineralogia, só se tornaram ciências sérias com o auxílio das luzes que lhes trouxeram a Física e a Química. À Geologia nascida ontem, sem a Astronomia, a Física, a Química e todas as outras, teriam faltado elementos de vitalidade; ela só podia vir depois daquelas.

18. – A Ciência moderna abandonou os quatro elementos primitivos dos Antigos e, de observação em observação, chegou à concepção *de um só elemento gerador* de todas as transformações da matéria; mas, a matéria, por si só, é inerte; carecendo de vida, de pensamento, de sentimento, precisa estar unida ao princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu, nem inventou este princípio; mas, foi o primeiro a lhe demonstrar, por provas inconcussas, a existência; estudou-o, analisou-o e tornou-lhe evidente a ação. *Ao elemento material*, juntou ele o *elemento espiritual*. *Elemento material* e *elemento espiritual*, esses os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza. Pela união indissolúvel deles, facilmente se explica uma multidão de fatos até então inexplicáveis.

Por sua própria essência, e tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, o Espiritismo toca forçosamente na maior parte das ciências; só podia, portanto, vir depois da elaboração delas, e sobretudo depois que tivessem provado sua impossibilidade de tudo explicar apenas com o auxílio das leis da matéria.

19. – Acusam-no de parentesco com a magia e a feitiçaria; porém, esquecem que a Astronomia tem por irmã mais velha a Astrologia judiciária, ainda não muito distante de nós; que a Química é filha da Alquimia, com a qual nenhum homem sensato ousaria hoje ocupar-se. Ninguém nega, entretanto, que na Astrologia e na Alquimia estivesse o gérmen das verdades de que saíram as ciências atuais. Apesar das suas fórmulas ridículas, a Alquimia encaminhou a descoberta dos corpos simples e da lei das afinidades. A Astrologia se apoiava na posição e no movimento dos astros, que ela estudara; mas, na ignorância das verdadeiras leis que regem o mecanismo do Universo, os astros eram, para o vulgo, seres misteriosos, aos quais a superstição atribuía uma influência moral e um sentido revelador. Quando Galileu, Newton e Kepler tornaram conhecidas essas leis, quando o telescópio rasgou o véu e mergulhou nas profundezas do espaço um olhar que algumas criaturas acharam indiscreto, os planetas apareceram como simples mundos semelhantes ao nosso e todo o castelo do maravilhoso desmoronou.

O mesmo se dá com o Espiritismo, relativamente à magia e à feitiçaria, que se apoiavam também na manifestação dos Espíritos, como a Astrologia no movimento dos astros; mas, ignorantes das leis que regem o mundo espiritual, misturavam, com essas relações, práticas e crenças ridículas, com as quais o moderno Espiritismo, fruto da experiência e da observação, acabou. Certamente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que a que existe entre a Astronomia e a Astrologia, a Química e a Alquimia. Confundi-las é provar que de nenhuma se sabe patavina.

20. – O simples fato de poder o homem comunicar-se com os seres do mundo espiritual traz conseqüências incalculáveis da mais alta gravidade; é todo um mundo novo que se nos revela e que tem tanto mais importância, quanto a ele hão de voltar todos os homens, sem exceção.

O conhecimento de tal fato não pode deixar de acarretar, generalizando-se, profunda modificação nos costumes, caráter, hábitos, assim como nas crenças que tão grande influência exerceu sobre as relações sociais. É uma revolução completa a operar-se nas idéias, revolução tanto maior, tanto mais poderosa, quanto não se circunscreve a um povo, nem a uma casta, visto que atinge simultaneamente, pelo coração, todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos.

Razão há, pois, para que o Espiritismo seja considerado a terceira das grandes revelações. Vejamos em que essas revelações diferem e qual o laço que as liga entre si.

21. – Moisés, como profeta, revelou aos homens a existência de um Deus único, Soberano Senhor e Orientador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai e lançou as bases da verdadeira fé. Como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa primitiva fé, purificando-se, havia de espalhar-se por sobre a Terra.

22. – O Cristo, tomando da antiga lei o que é eterno e divino e rejeitando o que era transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou a *revelação da vida futura*, de que Moisés não falara, assim como a das penas e recompensas que aguardam o homem, depois da morte. (Vide: *Revista Espírita*, 1861.)

23. – A parte mais importante da revelação do Cristo, no sentido de fonte primária, de pedra angular de toda a sua doutrina é o ponto de vista inteiramente novo sob que considera ele a Divindade. Esta já não é o Deus terrível, ciumento, vingativo, de Moisés; o Deus cruel e implacável, que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos, e que castiga aqueles que poupam as vítimas; já não é o Deus injusto, que pune um povo inteiro pela falta do seu chefe, que se vinga do culpado na pessoa do inocente, que fere os filhos pelas faltas dos pais; mas, um

Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido *e dá a cada um segundo as suas obras*. Já não é o Deus de um único povo privilegiado, o *Deus dos exércitos*, presidindo aos combates para sustentar a sua própria causa contra o Deus dos outros povos; mas, o Pai comum do gênero humano, que estende a sua proteção por sobre todos os seus filhos e os chama todos a si; já não é o Deus que recompensa e pune só pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da progenitura, mas, sim, um Deus que diz aos homens: “A vossa verdadeira pátria não é neste mundo, mas no reino celestial, lá onde os humildes de coração serão elevados e os orgulhosos serão humilhados.” Já não é o Deus que faz da vingança uma virtude e ordena se retribua olho por olho, dente por dente; mas, o Deus de misericórdia, que diz: “Perdoai as ofensas, se quereis ser perdoados; fazei o bem em troca do mal; não façais o que não quereis vos façam.” Já não é o Deus mesquinho e meticuloso, que impõe, sob as mais rigorosas penas, o modo como quer ser adorado, que se ofende pela inobservância de uma fórmula; mas, o Deus grande, que vê o pensamento e que não se honra com a forma. Enfim, já não é o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

24. – Sendo Deus o eixo de todas as crenças religiosas e o objetivo de todos os cultos, *o caráter de todas as religiões é conforme à idéia que elas dão de Deus*. As religiões que fazem de Deus um ser vingativo e cruel julgam honrá-lo com atos de crueldade, com fogueiras e torturas; as que têm um Deus parcial e cioso são intolerantes e mais ou menos meticulosas na forma, por crerem-no mais ou menos contaminado das fraquezas e ninharias humanas.

25. – Toda a doutrina do Cristo se funda no caráter que ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, ele fez do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição indeclinável da salvação, dizendo:

Aí estão toda a lei e os profetas; não existe outra lei. Sobre esta crença, assentou o princípio da igualdade dos homens perante Deus e o da fraternidade universal.

A revelação dos verdadeiros atributos da Divindade, de par com a da imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações mútuas dos homens, impunha-lhes novas obrigações e os fazia encarar a vida presente sob outro aspecto; era, por isso mesmo, toda uma revolução nas idéias, revolução que forçosamente devia reagir contra os costumes e as relações sociais. É esse incontestavelmente, por suas conseqüências, o ponto capital da revelação do Cristo, cuja importância não foi compreendida suficientemente e, contrista dizê-lo, é o ponto de que mais a Humanidade se tem afastado, que mais há desconhecido na interpretação dos seus ensinamentos.

26. – Entretanto, o Cristo acrescenta: “Muitas das coisas que vos digo ainda não as compreendeis e muitas outras teria a dizer, que não compreenderíeis; por isso é que vos falo por parábolas; mais tarde, porém, *enviar-vos-ei o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e vo-las explicará todas.*”

Se o Cristo não disse tudo quanto poderia dizer, é que julgou conveniente deixar certas verdades na sombra, até que os homens chegassem ao estado de compreendê-las. Como ele próprio o confessou, seu ensino era incompleto, pois anunciava a vinda daquele que o completaria; previra, pois, que suas palavras não seriam bem interpretadas, e que os homens se desviariam do seu ensino; em suma, que desfariam o que ele fez, uma vez que todas as coisas hão de ser restabelecidas: ora, só se *restabelece* aquilo que foi desfeito.

27. – Por que chama ele *Consolador* ao novo messias? Este nome, significativo e sem ambigüidade, encerra toda uma revolução. Assim, ele previa que os homens teriam necessidade de

consolações, o que implica a insuficiência daquelas que eles achariam na crença que iam fundar. Talvez nunca o Cristo fosse tão claro, tão explícito, como nestas últimas palavras, às quais poucas pessoas deram atenção bastante, provavelmente porque evitaram esclarecê-las e aprofundar-lhes o sentido profético.

28. – Se o Cristo não pôde desenvolver o seu ensino de maneira completa, é que faltavam aos homens conhecimentos que eles só podiam adquirir com o tempo e sem os quais não o compreenderiam; há muitas coisas que teriam parecido absurdas no estado dos conhecimentos de então. Completar o seu ensino deve entender-se no sentido de *explicar* e *desenvolver*, não no de ajuntar-lhe verdades novas, porque tudo nele se encontra em estado de gérmen, faltando-lhe só a chave para se apreender o sentido das palavras.

29. – Mas, quem toma a liberdade de interpretar as Escrituras Sagradas? Quem tem esse direito? Quem possui as necessárias luzes, senão os teólogos? Quem o ousa? Primeiro, a Ciência, que a ninguém pede permissão para dar a conhecer as leis da Natureza e que salta sobre os erros e os preconceitos. – Quem tem esse direito? Neste século de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito de exame pertence a todos e as Escrituras não são mais a arca santa na qual ninguém se atreveria a tocar com a ponta do dedo, sem correr o risco de ser fulminado. Quanto às luzes especiais, necessárias, sem contestar as dos teólogos, por mais esclarecidos que fossem os da Idade Média, e, em particular, os Pais da Igreja, eles, contudo, não o eram bastante para não condenarem como heresia o movimento da Terra e a crença nos antípodas. Mesmo sem ir tão longe, os teólogos dos nossos dias não lançaram anátema à teoria dos períodos de formação da Terra?

Os homens só puderam explicar as Escrituras com o auxílio do que sabiam, das noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis da Natureza, mais tarde reveladas pela Ciência.

Eis por que os próprios teólogos, de muito boa-fé, se enganaram sobre o sentido de certas palavras e fatos do Evangelho. Querendo a todo custo encontrar nele a confirmação de uma idéia preconcebida, giraram sempre no mesmo círculo, sem abandonar o seu ponto de vista, de modo que só viam o que queriam ver. Por muito instruídos que fossem, eles não podiam compreender causas dependentes de leis que lhes eram desconhecidas.

Mas, quem julgará das interpretações diversas e muitas vezes contraditórias, fora do campo da teologia? O futuro, a lógica e o bom-senso. Os homens, cada vez mais esclarecidos, à medida que novos fatos e novas leis se forem revelando, saberão separar da realidade os sistemas utópicos. Ora, as ciências tornam conhecidas algumas leis; o Espiritismo revela outras; todas são indispensáveis à inteligência dos Textos Sagrados de todas as religiões, desde Confúcio e Buda até o Cristianismo. Quanto à teologia, essa não poderá judiciosamente alegar contradições da Ciência, visto como também ela nem sempre está de acordo consigo mesma.

30. – O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como este partiu das de Moisés, é conseqüência direta da sua doutrina. À ideia vaga da vida futura, acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e povoa o espaço, e com isso precisa a crença, dá-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade à idéia. Define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte. Pelo Espiritismo, o homem sabe donde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente e vê por toda parte a justiça de Deus. Sabe que a alma progride incessantemente, através de uma série de existências sucessivas, até atingir o grau de perfeição que a aproxima de Deus. Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de origem, são criadas iguais, com idêntica aptidão para progredir, em virtude do seu livre-arbítrio; que todas são da mesma essência e que não há entre elas diferença, senão quanto ao progresso realizado; que todas têm o

mesmo destino e alcançarão a mesma meta, mais ou menos rapidamente, pelo trabalho e boa vontade.

Sabe que não há criaturas deserddadas, nem mais favorecidas umas do que outras; que Deus a nenhuma criou privilegiada e dispensada do trabalho imposto às outras para progredirem; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que os que se designam pelo nome de *demônios* são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no espaço, como o praticavam na Terra, mas que se adiantarão e aperfeiçoarão; que os anjos ou Espíritos puros não são seres à parte na Criação, mas Espíritos que chegaram à meta, depois de terem percorrido a estrada do progresso; que, por essa forma, não há criações múltiplas, nem diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a criação deriva da grande lei de unidade que rege o Universo e que todos os seres gravitam para um fim comum que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, visto serem todos filhos das suas próprias obras.

31. – Pelas relações que hoje pode estabelecer com aqueles que deixaram a Terra, possui o homem não só a prova material da existência e da individualidade da alma, como também compreende a solidariedade que liga os vivos aos mortos deste mundo e os deste mundo aos dos outros planetas. Conhece a situação deles no mundo dos Espíritos, acompanha-os em suas migrações, aprecia-lhes as alegrias e as penas; sabe a razão por que são felizes ou infelizes e a sorte que lhes está reservada, conforme o bem ou o mal que fizerem. Essas relações iniciam o homem na vida futura, que ele pode observar em todas as suas fases, em todas as suas peripécias; o futuro já não é uma vaga esperança: é um fato positivo, uma certeza matemática. Desde então, a morte nada mais tem de aterrador, por lhe ser a libertação, a porta da verdadeira vida.

32. – Pelo estudo da situação dos Espíritos, o homem sabe que a felicidade e a desdita, na vida espiritual, são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; que cada qual sofre as

conseqüências diretas e naturais de suas faltas, ou, por outra, que é punido no que pecou; que essas conseqüências duram tanto quanto a causa que as produziu; que, por conseguinte, o culpado sofreria eternamente, se persistisse no mal, mas que o sofrimento cessa com o arrependimento e a reparação; ora, como depende de cada um o seu aperfeiçoamento, todos podem, em virtude do livre-arbítrio, prolongar ou abreviar seus sofrimentos, como o doente sofre, pelos seus excessos, enquanto não lhes põe termo.

33. – Se a razão repele, como incompatível com a bondade de Deus, a idéia das penas irremissíveis, perpétuas e absolutas, muitas vezes infligidas por uma única falta; a dos suplícios do inferno, que não podem ser minorados nem sequer pelo arrependimento mais ardente e mais sincero, a mesma razão se inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial, que leva tudo em conta, que nunca fecha a porta ao arrependimento e estende constantemente a mão ao naufrago, em vez de o empurrar para o abismo.

34. – A pluralidade das existências, cujo princípio o Cristo estabeleceu no Evangelho, sem todavia defini-lo como a muitos outros, é uma das mais importantes leis reveladas pelo Espiritismo, pois que lhe demonstra a realidade e a necessidade para o progresso. Com esta lei, o homem explica todas as aparentes anomalias da vida humana; as diferenças de posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis à alma as existências breves; a desigualdade de aptidões intelectuais e morais, pela ancianidade do Espírito que mais ou menos aprendeu e progrediu, e traz, nascendo, o que adquiriu em suas existências anteriores (n^o 5).

35. – Com a doutrina da criação da alma no instante do nascimento, vem-se cair no sistema das criações privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros, nada os liga, os laços de família são puramente carnis; não são de nenhum modo solidários com um passado em que não existiam; com a doutrina do nada

após a morte, todas as relações cessam com a vida; os seres humanos não são solidários no futuro. Pela reencarnação, são solidários no passado e no futuro e, como as suas relações se perpetuam, tanto no mundo espiritual como no corporal, a fraternidade tem por base as próprias leis da Natureza; o bem tem um objetivo e o mal conseqüências inevitáveis.

36. – Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça de servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade.²²

37. – Tirai ao homem o Espírito livre e independente, sobrevivente à matéria, e fareis dele uma simples máquina organizada, sem finalidade, nem responsabilidade; sem outro freio além da lei civil e *própria a ser explorada* como um animal inteligente. Nada esperando depois da morte, nada obsta a que aumente os gozos do presente; se sofre, só tem a perspectiva do desespero e o nada como refúgio. Com a certeza do futuro, com a de encontrar de novo aqueles a quem amou e com o *temor de tornar a ver aqueles a quem ofendeu*, todas as suas idéias mudam. O Espiritismo, ainda que só fizesse forrar o homem à dúvida relativamente à vida futura, teria feito mais pelo seu aperfeiçoamento moral do que todas as leis disciplinares, que o detêm algumas vezes, mas que não o transformam.

38. – Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não seria somente inconciliável com a justiça de Deus, que tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só, seria

22 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 527.

também um contra-senso, e tanto menos justificável quanto, segundo essa doutrina, a alma não existia na época a que se pretende fazer que a sua responsabilidade remonte. Com a preexistência, o homem traz, ao renascer, o gérmen das suas imperfeições, dos defeitos de que não se corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais e pelos pendores para tal ou tal vício. É esse o seu verdadeiro pecado original, cujas conseqüências naturalmente sofre, mas com a diferença capital de que sofre a pena das suas próprias faltas, e não das de outrem; e com a outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, animadora e soberanamente eqüitativa, de que cada existência lhe oferece os meios de se redimir pela reparação e de progredir, quer despojando-se de alguma imperfeição, quer adquirindo novos conhecimentos e, assim, até que, suficientemente purificado, não necessite mais da vida corporal e possa viver exclusivamente a vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente traz, ao renascer, qualidades naturais, como o que progrediu intelectualmente traz idéias inatas; identificado com o bem, pratica-o sem esforço, sem cálculo e, por assim dizer, sem pensar. Aquele que é obrigado a combater as suas más tendências vive ainda em luta; o primeiro já venceu, o segundo procura vencer. *A mesma causa produz o pecado original e a virtude original.*

39. – O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e a ação deles sobre a matéria. Demonstrou a existência do *perispírito*, suspeitado desde a antiguidade e designado por São Paulo sob o nome de *corpo espiritual*, isto é, corpo flúidico da alma, depois da destruição do corpo tangível. Sabe-se hoje que esse invólucro é inseparável da alma, forma um dos elementos constitutivos do ser humano, é o veículo da transmissão do pensamento e, durante a vida do corpo, serve de laço entre o Espírito e a matéria. O perispírito representa importantíssimo papel no organismo e numa multidão de afecções, que se ligam à fisiologia, assim como à psicologia.

40. – O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma abre novos horizontes à Ciência e dá a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos até então, por falta de conhecimento da lei que os rege – fenômenos negados pelo materialismo, por se prenderem à espiritualidade, e qualificados como milagres ou sortilégios por outras crenças. Tais são, entre muitos, os fenômenos da dupla vista, da visão a distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões, etc. Demonstrando que esses fenômenos repousam em leis naturais, como os fenômenos elétricos, e em que condições se podem reproduzir, o Espiritismo derroca o império do maravilhoso e do sobrenatural e, conseqüentemente, a fonte da maior parte das superstições. Se faz que se creia na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como quiméricas, também impede se creia em muitas outras, das quais ele demonstra a impossibilidade e a irracionalidade.

41. – O Espiritismo, longe de negar ou destruir o Evangelho, vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza, que revela, tudo quanto o Cristo disse e fez; elucida os pontos obscuros do ensino cristão, de tal sorte que aqueles para quem eram ininteligíveis certas partes do Evangelho, ou pareciam *inadmissíveis*, as compreendem e admitem, sem dificuldade, com o auxílio desta doutrina; vêem melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a alegoria; o Cristo lhes parece maior: já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino.

42. – Demais, se se considerar o poder moralizador do Espiritismo, pela finalidade que assina a todas as ações da vida, por tornar quase tangíveis as conseqüências do bem e do mal, pela força moral, a coragem e as consolações que dá nas aflições,

mediante inalterável confiança no futuro, pela idéia de ter cada um perto de si os seres a quem amou, a certeza de os rever, a possibilidade de confabular com eles; enfim, pela certeza de que tudo quanto se fez, quanto se adquiriu em inteligência, sabedoria, moralidade, *até a última hora da vida*, não fica perdido, que tudo aproveita ao adiantamento do Espírito, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do *Consolador* anunciado. Ora, como é o *Espírito de Verdade* que preside ao grande movimento da regeneração, a promessa da sua vinda se acha por essa forma cumprida, porque, de fato, é ele o verdadeiro *Consolador*.²³

43. – Se a estes resultados adicionarmos a rapidez prodigiosa da propagação do Espiritismo, apesar de tudo quanto fazem por abatê-lo, não se poderá negar que a sua vinda seja providencial, visto como ele triunfa de todas as forças e de toda a má vontade dos homens. A facilidade com que é aceito por grande número de pessoas, sem constrangimento, apenas pelo poder da idéia, prova que ele corresponde a uma necessidade, qual a de crer o homem em alguma coisa para encher o vácuo aberto pela incredulidade e que, portanto, veio no momento preciso.

²³Muitos pais deploram a morte prematura dos filhos, para cuja educação fizeram grandes sacrifícios, e dizem consigo mesmos que tudo foi em pura perda. À luz do Espiritismo, porém, não lamentam esses sacrifícios e estariam prontos a fazê-los, mesmo tendo a certeza de que veriam morrer seus filhos, porque sabem que se estes não a aproveitam na vida presente, essa educação servirá, primeiro que tudo, para o seu adiantamento espiritual; e, mais, que serão aquisições novas para outra existência e que, quando voltarem a este mundo, terão um patrimônio intelectual que os tornará mais aptos a adquirirem novos conhecimentos. Tais essas crianças que trazem, ao nascer, idéias inatas – que sabem, por assim dizer, sem precisarem aprender.

Se, como pais, não têm a satisfação imediata de ver os filhos aproveitarem da educação que lhes deram, gozá-lo-ão certamente mais tarde, quer como Espíritos, quer como homens. Talvez sejam eles de novo os pais desses mesmos filhos, que se apontam como afortunadamente dotados pela Natureza e que devem as suas aptidões a uma educação precedente; assim também, se os filhos se desviam para o mal, pela negligência dos pais, estes podem vir a sofrer mais tarde desgostos e pesares que àqueles suscitarão em nova existência.

44. – São em grande número os aflitos; não é, pois, de admirar que tanta gente acolha uma doutrina que consola, de preferência às que desesperam, porque aos deserdados, mais do que aos felizes do mundo, é que o Espiritismo se dirige. O doente vê chegar o médico com maior satisfação do que aquele que está bem de saúde; ora, os aflitos são os doentes e o Consolador é o médico.

Vós que combateis o Espiritismo, se quereis que o abandonemos para vos seguir, dai-nos mais e melhor do que ele; curai com maior segurança as feridas da alma; fazei como o comerciante que, para disputar com o concorrente, oferece mercadoria de melhor qualidade e a preço mais baixo. Dai mais consolações, mais satisfações ao coração, esperanças mais legítimas, maiores certezas; fazei do futuro um quadro mais racional, mais sedutor; porém, não julgueis vencê-lo com a perspectiva do nada, com a alternativa das chamas do inferno, ou com a inútil contemplação perpétua. Que diríeis de um comerciante que tratasse de *loucos* todos os fregueses que não querem sua mercadoria e vão ao vizinho? Fazeis o mesmo, tachando de loucura e de inépcia todos os que não querem vossas doutrinas, que se equivocam por não achar de seu gosto.²⁴

24 O Espiritismo não é contrário à crença dogmática relativa à natureza do Cristo e, neste caso, pode-se dizer o complemento do Evangelho, se o contradiz?

A solução desta questão não toca apenas de maneira acessória o Espiritismo, que não deve preocupar-se com dogmas particulares de tal ou qual religião. Simples doutrina filosófica, não se apresenta como campeão, nem como adversário sistemático de nenhum culto, deixando a cada um a sua crença.

A questão da natureza do Cristo é capital do ponto de vista cristão. Não pode ser tratada levemente, e não são as opiniões pessoais, *nem dos homens, nem dos Espíritos*, que a podem decidir. Em assunto semelhante, não basta afirmar ou negar, é preciso provar. Ora, de todas as razões alegadas a favor ou contra, nenhuma há que não seja mais ou menos hipotética, visto que todas são questionáveis. Os materialistas não viram a coisa senão com os olhos da incredulidade e a idéia preconcebida da negação; os teólogos, com os olhos da fé cega, e a idéia preconcebida da afirmação; nem uns, nem outros estavam em condições necessárias de imparcialidade; interessados em sustentar sua opinião, só viram e buscaram o que a ela poderia ser favorável e fecharam os olhos ao que lhe podia ser

contrário. Se, desde que a questão foi agitada, ainda não foi resolvida de maneira peremptória, é que faltaram elementos, os *únicos* que lhe podiam dar a chave, absolutamente como faltava aos sábios da antiguidade o conhecimento das leis da luz, para explicar o fenômeno do arco-íris.

O Espiritismo é neutro nesta questão; não está mais interessado numa solução do que na outra; marchou sem isto e marchará ainda, seja qual for o resultado; colocado fora dos dogmas particulares, não é para ele questão de vida ou de morte. Quando a abordar, apoiando todas as suas teorias nos fatos, resolvê-la-á pelos fatos, e em tempo oportuno; se tivesse urgência, ela já estaria resolvida. Os elementos de uma solução hoje estão completos, mas o terreno ainda não está preparado para receber a semente. Uma solução prematura, fosse qual fosse, encontraria muita oposição de parte a parte, e o Espiritismo perderia mais partidários do que os conquistaria. Eis por que a prudência nos impõe o dever de nos abstermos de toda polêmica sobre o assunto, até que estejamos certos de poder colocar o pé em terra firme. Enquanto se espera, deixemos que discutam os prós e os contras *fora do Espiritismo*, sem nisto tomar parte, deixando que os dois partidos esgotem seus argumentos. Quando o momento for propício, levaremos para a balança, não a nossa opinião pessoal, que não tem nenhum peso, nem pode fazer lei, mas *fatos* até este momento *não observados*, e então cada um pode julgar com conhecimento de causa. Tudo quanto podemos dizer, sem prejudicar a questão, é que a solução, em qualquer sentido em que for dada, não contradirá nem os atos, nem as palavras do Cristo, mas, ao contrário, os confirmará, elucidando-os.

Portanto, aos que nos perguntam o que diz o Espiritismo sobre a natureza do Cristo, respondemos invariavelmente: “É uma questão de dogma, estranha ao objetivo da doutrina.” O objetivo que todo espírita deve perseguir, se quiser merecer esse título, é o seu próprio melhoramento moral. Sou melhor do que o era? Corriji-me de algum defeito? Fiz o bem ou o mal ao próximo? Eis o que todo espírita sincero e convicto deve se perguntar. Que importa saber se o Cristo era Deus, ou não, se se é sempre egoísta, orgulhoso, ciumento, invejoso, colérico, maledicente, caluniador? A melhor maneira de honrar o Cristo é imitá-lo em sua conduta. Fazendo o contrário do que ele diz, quanto mais se o eleva no pensamento, menos se é digno dele e mais se o insulta e profana. O Espiritismo diz aos seus adeptos: “Praticai as virtudes recomendadas pelo Cristo e sereis mais cristãos do que muitos que se fazem passar como tais.” Aos católicos, protestantes e outros, ele diz: “Se temeis que o Espiritismo perturbe a vossa consciência, não vos ocupeis dele.” Dirige-se apenas aos que a ele vêm livremente, e dele necessitam. Não se dirige aos que têm uma fé qualquer e que esta fé basta, mas aos que não a têm ou que duvidam, e lhes dá a crença que lhes falta, não mais particularmente a do catolicismo, do protestantismo, do judaísmo ou do islamismo, mas a crença fundamental, base indispensável de toda religião. Aí termina o seu papel. Estabelecida esta base, cada um é livre para seguir a rota que melhor satisfaça à sua razão.

45. – A primeira revelação teve a sua personificação em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não a tem em indivíduo algum. As duas primeiras foram individuais, a terceira coletiva; aí está um caráter essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma; ninguém, por conseqüência, pode inculcar-se como seu profeta exclusivo; foi espalhada simultaneamente, por sobre a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta predição registrada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: “Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão, os mancebos terão visões, e os velhos, sonhos.” Ela não proveio de nenhum culto especial, a fim de servir um dia, a todos, de ponto de ligação.²⁵

25 O nosso papel pessoal, no grande movimento de idéias que se prepara pelo Espiritismo e que começa a operar-se, é o de um observador atento, que estuda os fatos para lhes descobrir a causa e tirar-lhes as conseqüências. Confrontamos todos os que nos têm sido possível reunir, comparamos e comentamos as instruções dadas pelos Espíritos em todos os pontos do globo e depois coordenamos metodicamente o conjunto; em suma, estudamos e demos ao público o fruto das nossas indagações, sem atribuímos aos nossos trabalhos valor maior do que o de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência, sem nunca nos considerarmos chefe da Doutrina, nem procurarmos impor as nossas idéias a quem quer que seja. Publicando-as, usamos de um direito comum e aqueles que as aceitaram o fizeram livremente. Se essas idéias acharam numerosas simpatias, é porque tiveram a vantagem de corresponder às aspirações de avultado número de criaturas, mas disso não colhemos vaidade alguma, dado que a sua origem não nos pertence. O nosso maior mérito é a perseverança e a dedicação à causa que abraçamos. Em tudo isso, fizemos o que outro qualquer poderia ter feito como nós, razão pela qual nunca tivemos a pretensão de nos julgarmos profeta ou messias, nem, ainda menos, de nos apresentarmos como tal.

Sem ter nenhuma das qualidades exteriores da mediunidade efetiva, não contestamos ser assistido pelos Espíritos em nossos trabalhos, pois temos provas muito evidentes para duvidar disto, o que, sem dúvida, devemos à nossa boa vontade, o que é dado a cada um merecer. Além das idéias que reconhecemos que nos são sugeridas, é notável que os assuntos de estudo e de observação, numa palavra, tudo quanto pode ser útil à realização da obra, sempre nos chega a propósito – noutros tempos diriam: como por encanto – de sorte que os materiais e os documentos do trabalho jamais nos faltam. Se tivermos que tratar de um assunto, estamos certos de que, sem o pedir, os elementos necessários à sua elaboração nos são fornecidos, e isto por meios muito naturais, mas que, sem dúvida, são provocados pelos nossos colaboradores invisíveis, como tantas coisas que o mundo atribui ao acaso.

46. – As duas primeiras revelações, sendo fruto do ensino pessoal, ficaram forçosamente localizadas, isto é, apareceram num só ponto, em torno do qual a idéia se propagou pouco a pouco; mas, foram precisos muitos séculos para que atingissem as extremidades do mundo, sem mesmo o invadirem inteiramente. A terceira tem isto de particular: não estando personificada em um só indivíduo, surgiu simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que se tornaram centros ou focos de irradiação. Multiplicando-se esses centros, seus raios se reúnem pouco a pouco, como os círculos formados por uma multidão de pedras lançadas na água, de tal sorte que, em dado tempo, acabarão por cobrir toda a superfície do globo.

Essa uma das causas da rápida propagação da doutrina. Se ela tivesse surgido num só ponto, se fosse obra exclusiva de um homem, houvera formado seitas em torno dela; e talvez decorresse meio século sem que ela atingisse os limites do país onde começara, ao passo que, após dez anos, já estende raízes de um pólo a outro.

47. – Esta circunstância, inaudita na história das doutrinas, lhe dá força excepcional e irresistível poder de ação; de fato, se a perseguirem num ponto, em determinado país, será materialmente impossível que a persigam em toda parte e em todos os países. Em contraposição a um lugar onde lhe embarcem a marcha, haverá mil outros em que florescerá. Ainda mais: se a ferirem num indivíduo, não poderão feri-la nos Espíritos, que são a fonte donde ela promana. Ora, como os Espíritos estão em toda parte e existirão sempre, se, por um acaso impossível, conseguissem sufocá-la em todo o globo, ela reapareceria pouco tempo depois, porque repousa sobre *um fato que está na Natureza* e não se podem suprimir as leis da Natureza. Eis aí o de que se devem persuadir aqueles que sonham com o aniquilamento do Espiritismo. (*Revista Espírita*, fevereiro de 1865: *Perpetuidade do Espiritismo*).

48. – Entretanto, disseminados os centros, poderiam ainda permanecer por muito tempo isolados uns dos outros,

confinados como estão alguns em países longínquos. Faltava entre eles uma ligação, que os pusesse em comunhão de idéias com seus irmãos em crença, informando-os do que se fazia algures. Esse traço de união, que na antiguidade teria faltado ao Espiritismo, hoje existe nas publicações que vão a toda parte, condensando, sob uma forma única, concisa e metódica, o ensino dado universalmente sob formas múltiplas e nas diversas línguas.

49. – As duas primeiras revelações só podiam resultar de um ensino direto; como os homens não estivessem ainda bastante adiantados a fim de concorrerem para a sua elaboração, elas tinham que ser impostas pela fé, sob a autoridade da palavra do Mestre.

Contudo, notam-se entre as duas bem sensível diferença, devida ao progresso dos costumes e das idéias, se bem que feitas ao mesmo povo e no mesmo meio, mas com dezoito séculos de intervalo. A doutrina de Moisés é absoluta, despótica; não admite discussão e se impõe ao povo pela força. A de Jesus é essencialmente *conselheira*; é livremente aceita e só se impõe pela persuasão; foi controvertida desde o tempo do seu fundador, que não desdenhava de discutir com os seus adversários.

50. – A terceira revelação, vinda numa época de emancipação e madureza intelectual, em que a inteligência, já desenvolvida, não se resigna a representar papel passivo; em que o homem nada aceita às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa – tinha ela que ser ao mesmo tempo o produto de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre-exame. Os Espíritos não ensinam senão justamente o que é mister para guiá-lo no caminho da verdade, mas abstêm-se de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à sua custa. Fornecem-lhe o princípio, os materiais; cabe-lhe a ele aproveitá-los e pô-los em obra. (nº 15).

51. – Tendo sido os elementos da revelação espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos graus de instrução, é claro que as observações não podiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as conseqüências a tirar, a dedução das leis que regem esta ordem de fenômenos, em suma, a conclusão sobre que haviam de firmar-se as idéias não podiam sair senão do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito dentro de um círculo restrito, não vendo as mais das vezes senão uma ordem particular de fatos, não raro contraditórios na aparência, geralmente provindo de uma mesma categoria de Espíritos e, ao demais, embaraçados por influências locais e pelo espírito de partido, se achava na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, incapaz de conjugar as observações isoladas a um princípio comum. Apreciando cada qual os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião especial dos Espíritos que se manifestassem, bem cedo teriam surgido tantas teorias e sistemas, quantos fossem os centros, todos incompletos por falta de elementos de comparação e exame.

52. – Além disso, convém notar que em parte alguma o ensino espírita foi dado integralmente; ele diz respeito a tão grande número de observações, a assuntos tão diferentes, exigindo conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que impossível era acharem-se reunidas num mesmo ponto todas as condições necessárias. Tendo o ensino que ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho, disseminando os assuntos de estudo e observação como, em algumas fábricas, a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida por diversos operários.

A revelação fez-se assim parcialmente em diversos lugares e por uma multidão de intermediários e é dessa maneira que prossegue ainda, pois que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra nos outros centros o complemento do que obtém, e foi o conjunto, a coordenação de todos os sistemas parciais que constituíram a *Doutrina Espírita*.

Era, pois, necessário grupar os fatos espalhados, para se lhes apreender a correlação, reunir os documentos diversos, as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para as comparar, analisar, estudar-lhes as analogias e as diferenças. Vindo as comunicações de Espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso apreciar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as idéias sistemáticas individuais ou isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos Espíritos, as utopias das idéias práticas, afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da ciência positiva e da lógica, utilizar os próprios erros, as informações fornecidas pelos Espíritos, mesmo os da mais baixa categoria, para conhecimento do estado do mundo invisível e formar com isso um todo homogêneo.

Era preciso, numa palavra, um centro de elaboração, independente de qualquer idéia preconcebida, de todo prejuízo de seita, *resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, embora contrária às opiniões pessoais*. Este centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e *sem desígnio premeditado*.²⁶

²⁶ O *Livro dos Espíritos*, a primeira obra que levou o Espiritismo a ser considerado de um ponto de vista filosófico, pela dedução das conseqüências morais dos fatos; que considerou todas as partes da Doutrina, tocando nas questões mais importantes que ela suscita, foi, desde o seu aparecimento, o ponto para onde convergiram espontaneamente os trabalhos individuais. É notório que da publicação desse livro data a era do Espiritismo filosófico, até então conservado no domínio das experiências curiosas. Se esse livro conquistou as simpatias da maioria é que exprimia os sentimentos dela, correspondia às suas aspirações e encerrava também a confirmação e a explicação racional do que cada um obtinha em particular. Se estivesse em desacordo com o ensino geral dos Espíritos, teria caído no descrédito e no esquecimento. Ora qual foi aquele ponto de convergência? Decerto não foi o homem, que nada vale por si mesmo, que morre e desaparece; mas, a idéia, que não fenece quando emana de uma fonte superior ao homem.

Essa espontânea concentração de forças dispersas deu lugar a uma amplíssima correspondência, monumento único do mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, onde se refletem ao mesmo tempo os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que a Doutrina fez nascer, os resultados morais, as dedicações, os desfalecimentos; arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas através de documentos autênticos. Em presença desses testemunhos inexpugnáveis, a que se reduzirão, com o tempo, todas as falsas alegações da inveja e do ciúme?

53. – De todas essas coisas, originou-se dupla corrente de idéias: umas, dirigindo-se das extremidades para o centro; as outras se encaminhando do centro para a circunferência. Desse modo, a doutrina caminhou rapidamente para a unidade, malgrado a diversidade das fontes donde promanou; os sistemas divergentes ruíram pouco a pouco, devido ao isolamento em que ficaram, diante do ascendente da opinião da maioria, em a qual não encontraram repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de idéias se estabeleceu entre os diversos centros parciais. Falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e estimam, de um extremo a outro do mundo.

Sentiram-se assim mais fortes os espíritas, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não mais se viram insulados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço a prendê-los à grande família. Não mais lhes pareceram singulares, anormais, nem contraditórios os fenômenos que presenciavam, desde que puderam conjugá-los a leis gerais e descobrir um fim grandioso e humanitário em todo o conjunto.²⁷

27 Significativo testemunho, tão notável quanto tocante, dessa comunhão de idéias que se estabeleceu entre os espíritas, pela conformidade de suas crenças, são os pedidos de preces que nos chegam dos mais distantes países, desde o Peru até as extremidades da Ásia, feitos por pessoas de religiões e nacionalidades diversas e as quais nunca vimos. Não é isso um prelúdio da grande unificação que se prepara? Não é a prova de que por toda parte o Espiritismo lança raízes fortes?

Digno de nota é que, de todos os grupos que se têm formado com a intenção premeditada de abrir cisão, proclamando princípios divergentes, do mesmo modo que de todos quantos, apoiando-se em razões de amor-próprio ou outras quaisquer, para não parecer que se submetem à lei comum, se consideram fortes bastante para caminhar sozinhos, possuidores de luzes suficientes para prescindirem de conselhos, nenhum chegou a construir uma idéia que fosse preponderante e viável. Todos se extinguíram ou vegetaram na sombra. Nem de outro modo poderia ser, dado que, para se exalçarem, em vez de se esforçarem por proporcionar maior soma de satisfações, rejeitavam princípios da Doutrina, precisamente o que de mais atraente há nela, o que de mais consolador ela contém e de mais racional. Se houvessem compreendido a força dos elementos morais que lhe constituíram a unidade, não se teriam embalado com ilusões quiméricas. Ao contrário, tomando como se fosse o Universo o pequeno círculo que constituíam, não viram nos adeptos mais do que

54. – Nenhuma ciência existe que haja saído prontinha do cérebro de um homem. Todas, sem exceção de nenhuma, são fruto de observações sucessivas, apoiadas em observações precedentes, como em um ponto conhecido, para chegar ao desconhecido. Foi assim que os Espíritos procederam, com relação ao Espiritismo. Daí o ser gradativo o ensino que ministram. Eles não enfrentam as questões, senão à medida que os princípios sobre que hajam de apoiar-se estejam suficientemente elaborados e amadurecida bastante a opinião para os assimilar. É mesmo de notar-se que, de todas as vezes que os centros particulares têm querido tratar de questões prematuras, não obtiveram mais do que respostas contraditórias, nada concludentes. Quando, ao contrário, chega o momento oportuno, o ensino se generaliza e se unifica na quase universalidade dos centros.

Há, todavia, capital diferença entre a marcha do Espiritismo e a das ciências: a de que estas não atingiram o ponto que alcançaram, senão após longos intervalos, ao passo que alguns anos bastaram ao Espiritismo, quando não a galgar o ponto culminante, pelo menos a recolher uma soma de observações bem grande para formar uma doutrina. Decorre esse fato de ser inumerável a multidão de Espíritos que, por vontade de Deus, se manifestaram simultaneamente, trazendo cada um o contingente de seus conhecimentos. Resultou daí que todas as partes da doutrina, em vez de serem elaboradas sucessivamente durante longos anos, o foram quase ao mesmo tempo, em alguns anos apenas, e que bastou reuni-las para que estruturassem um todo.

Quis Deus fosse assim, primeiro, para que o edifício mais rapidamente chegasse ao ápice; em seguida, para que se

uma camarilha facilmente derrubável por outra camarilha. Era equivocar-se de modo singular, no tocante aos caracteres essenciais da Doutrina, e semelhante erro só decepções podia acarretar, pois não se fere impunemente o sentimento de uma massa que tem convicções assentadas em bases sólidas. Em lugar de romperem a unidade, quebraram o único laço que lhes podia dar força e vida. (Veja-se: *Revista Espírita*, abril de 1866: *O Espiritismo sem os Espíritos; o Espiritismo Independente*).

pudesse, por meio da comparação, conseguir uma verificação, a bem dizer imediata e permanente, da universalidade do ensino, nenhuma de suas partes tendo valor, nem *autoridade*, a não ser pela sua conexão com o conjunto, devendo todos harmonizar-se, colocado cada um no devido lugar e vindo cada um na hora oportuna.

Não confiando a um único Espírito o encargo de promulgar a doutrina, quis Deus, também, que, assim o mais pequenino, como o maior, tanto entre os Espíritos, quanto entre os homens, trouxesse sua pedra para o edifício, a fim de estabelecer entre eles um laço de solidariedade cooperativa, que faltou a todas as doutrinas decorrentes de um tronco único.

Por outro lado, dispondo todo Espírito, como todo homem, apenas de limitada soma de conhecimentos, não estavam eles aptos, individualmente, a tratar *ex-professo* das inúmeras questões que o Espiritismo envolve. Essa ainda uma razão por que, em cumprimento dos desígnios do Criador, não podia a doutrina ser obra nem de um só Espírito, nem de um só médium. Tinha que emergir da coletividade dos trabalhos, comprovados uns pelos outros. (Veja-se, em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, introdução, item II, e *Revista Espírita*, de abril de 1864: *Autoridade da Doutrina Espírita; Controle universal do ensino dos Espíritos*).

55. Um último caráter da revelação espírita, a ressaltar das condições mesmas em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Pela sua substância, alia-se à Ciência que, sendo a exposição das leis da Natureza, com relação a certa ordem de fatos, não pode ser contrária às leis de Deus, autor daquelas leis. *As descobertas que a Ciência realiza, longe de o rebaixarem, glorificam a Deus; unicamente destroem o que os homens edificaram sobre as falsas idéias que formaram de Deus.*

O Espiritismo, pois, não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. Entendendo com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de *verdades práticas* e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria. Deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu fim providencial. *Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.*²⁸

Robinson Crusóé Espírita

(Continuação)

Na *Revista Espírita* de março de 1867 citamos algumas passagens das aventuras de Robinson, tiradas de um pensamento evidentemente espírita. Devemos à gentileza de um dos nossos correspondentes de Antuérpia o conhecimento do complemento dessa história, na qual os princípios do Espiritismo são expressos e afirmados de maneira bem mais explícita e não se encontra em nenhuma das edições modernas. A obra completa, traduzida da edição original inglesa, compreende três volumes e faz parte de uma coleção de mais de trinta volumes, intitulada: *Viagens imaginárias, sonhos, visões e romances cabalísticos*, impressa em

28 Diante de declarações tão nítidas e tão categóricas, quais as que se contém neste capítulo, caem por terra todas as alegações de tendências ao absolutismo e à autocracia dos princípios, bem como todas as falsas assimilações que algumas pessoas prevenidas ou mal informadas emprestam à Doutrina. Não são novas, aliás, estas declarações; têm-las repetido muitíssimas vezes nos nossos escritos, para que nenhuma dúvida persista a tal respeito. Elas, ao demais, assinalam o verdadeiro papel que nos cabe, único que ambicionamos: o de mero trabalhador.

Amsterdã em 1787. O título também mostra que se encontra em Paris, *rue et hôtel Serpente*.

Os dois primeiros volumes desta coleção contêm as viagens propriamente ditas de Robinson; o terceiro volume, que nosso correspondente de Antuérpia houve por bem nos confiar, tem por título: *Reflexões sérias e importantes de Robinson Crusóé*. Diz o tradutor em seu prefácio:

“*Eis enfim o enigma das aventuras de Robinson Crusóé; é uma espécie de Telêmaco burguês, cujo objetivo é levar os homens comuns à virtude e à sabedoria, por acontecimentos acompanhados de reflexões. Contudo, há algo a mais na história de Robinson do que nas aventuras de Telêmaco; não é um simples romance, é antes uma história alegórica, da qual cada incidente é um emblema de algumas particularidades da vida do nosso autor. Não digo mais sobre este artigo, porque ele próprio o tratou a fundo em seu prefácio, que traduzi do inglês, e cuja leitura aconselho intensamente a todos esses homens apressados, que se habituaram a saltar todos os discursos preliminares dos livros.*”

“A obra que aqui se dá ao público, e que constitui o terceiro volume de *Robinson Crusóé*, é completamente diferente das duas partes precedentes, embora tenda para o mesmo fim. A bem dizer, o autor aí dá a última demão ao seu projeto de reformar os homens e de os exortar a conduzir-se de maneira digna da excelência de sua natureza. Não está contente por lhes haver dado instruções envoltas em fábulas; acha bom estender os seus preceitos e os dar de maneira direta, a fim de que aí nada escape à argúcia do grande número de leitores que não têm bastante gênio para separar a alma da alegoria, do corpo que a envolve.”

Este volume compreende duas partes. Na primeira, voltando Robinson à vida calma do lar, entrega-se a meditações sugeridas pelas peripécias de sua existência agitada; essas reflexões

são marcadas por alta moralidade e profundo sentimento religioso, no gênero das seguintes:

Página 301 – “Confessemos, se quiserem, que não podemos compreender a imutabilidade da Natureza e das ações de Deus, e que nos é absolutamente impossível conciliá-la com essa variedade da Providência, que, em todas as suas ações, nos parece numa liberdade inteira e perfeita de formar todos os dias novos desígnios, de mudar os acontecimentos para este ou aquele lado, como apraz à soberana sabedoria. Porque não podemos conciliar estas coisas, pode-se concluir que sejam absolutamente incompatíveis? Seria o mesmo que sustentar que a natureza de Deus é inteiramente incompreensível, porque não a compreendemos, e que, na Natureza, todo fenômeno em que não penetramos é impenetrável. Onde o filósofo que ousa vangloriar-se de compreender a causa que faz girar para o pólo uma agulha imantada, e a maneira pela qual a virtude magnética é comunicada por um simples toque? Quem me dirá por que essa virtude não pode ser comunicada senão ao ferro, e por que a agulha não é atraída pelo ouro, pela prata e por outros metais? Que comércio secreto há entre o ímã e o pólo norte, e por que força misteriosa a agulha que se há friccionado se vira para o pólo sul, desde que se atravessou a linha equinocial? Nada compreendemos destas operações da Natureza e, contudo, nossos sentidos nos asseguram da realidade dessas operações, da maneira mais incontestável do mundo. A menos que levemos o cepticismo ao mais alto grau do absurdo, devemos confessar que nada há de contraditório nesses fenômenos, embora nos seja impossível conciliá-los em conjunto e que eles sejam incompreensíveis, desde que não os compreendemos.

“Por que a nossa sabedoria não nos incita a seguir o mesmo método de raciocinar em relação ao objeto da questão? É natural crer, a despeito desta aparência de mudança que descobrimos nos atos da providência, apesar desses desígnios que

parecem destruir-se mutuamente e erguer-se um sobre as ruínas do outro, que nada é mais real que a imutabilidade da Natureza e dos decretos de Deus. Que há de mais temerário do que alegar a fraqueza e o pequeno alcance da razão como uma prova contra a existência das coisas? Nada é mais bizarro do que raciocinar precisamente nos limites do nosso espírito, em relação aos objetos finitos da Física, e de não prestar atenção à natureza de nossa alma, quando se trata das operações de um ser infinito, tão superior às nossas fracas luzes.

“Se, pois, é razoável crer que a Providência divina seja livre em suas ações, e que, dirigida por sua própria soberania, siga, no curso ordinário das coisas humanas, esses métodos que julga adequados, é nosso dever ligar um comércio estreito com essa parte ativa da providência, que influi diretamente em nossa conduta, sem nos embaraçar o espírito em vãs discussões sobre a maneira pela qual essa providência influi em nossos negócios, e sobre o objetivo que ela se propõe.

“Entrando nesta correspondência com esta virtude ativa da sabedoria de Deus, devemos examinar os seus caminhos, enquanto pareçam acessíveis à nossa penetração e às nossas pesquisas; devemos prestar a mesma atenção à voz secreta que já tive o cuidado de descrever, quanto a essa voz clara e forte que nos fala dos acontecimentos mais adequados a nos ferir.

“Quem quer que não faça um estudo sério de penetrar no sentido dessa voz secreta, que se oferece à sua intenção, se priva deliberadamente de grande número de conselhos úteis e de fortes consolações, dos quais por vezes sente necessidade no caminho que deve percorrer neste mundo.

“Que consolação não é para os que escutam essa voz, ver a cada momento que um poder invisível e infinitamente poderoso se ocupa em conservar e administrar os seus interesses!

Com essa atenção religiosa, é impossível não se dar conta dessa proteção, não refletir sobre as soluções imprevistas, que todo homem encontra na variedade dos incidentes da vida humana, evidentemente sem ver que não o deve à sua própria prudência, mas unicamente ao socorro eficaz de um poder infinito, que o favorece porque o ama.”

– A segunda parte, intitulada: *Visão do mundo angélico*, contém o relato de fatos que pertencem mais particularmente à ordem dos fatos espíritas, dos quais tomamos as seguintes passagens:

“Página 359 – ‘Em minha opinião, o Espírito que apareceu a Saul devia ser um Espírito bom, que se chamava o anjo de um homem, como parece pelo que dizia aquela serva dos Atos dos Apóstolos, ao ver Pedro diante da porta, saído miraculosamente da prisão. Se se tomar a coisa desta maneira, ela confirma minha idéia no que tange ao comércio dos Espíritos puros com os Espíritos encerrados em corpos e quanto às vantagens que os homens podem tirar de tal comércio. – Os que pretendem que foi um Espírito mau, devem, ao mesmo tempo, supor que Deus possa servir-se do diabo como de um profeta, pôr na boca da mentira as verdades que julgue por bem revelar aos homens, e admitir que ele pregue aos transgressores de sua lei a justiça dos castigos que resolveu infligir-lhes. Não sei de que arдил esses intérpretes se serviram para salvar todos os inconvenientes de tal opinião; para mim, não acho que convenha à majestade divina emprestar a Satã o seu Espírito de Verdade e dele fazer um pregador e um profeta.’”

Página 365 – “Os efeitos mais diretos de nosso comércio com as inteligências puras, e que me pareciam tão sensíveis que é impossível negá-los, são: sonhos, certas vozes, certos ruídos, avisos, pressentimentos, temores, uma tristeza involuntária.”

Página 380 – “Parece-me que examinais com muita atenção a natureza dos sonhos e as provas que deles podem ser tiradas da realidade do mundo dos Espíritos. Mas peço-vos que me digais o que pensais dos sonhos que nos vêm em vigília, dos transportes, êxtases, visões, ruídos, vozes e pressentimentos? Não vedes que são provas ainda mais fortes da mesma verdade, pois que nos chocam ao tempo em que nossa razão é senhora de si mesma, e que a sua luz não está envolta nos vapores do sono?”

Página 393 – “Ainda vi, como num golpe de vista, a maneira pela qual esses Espíritos maus exercem seu poder; até que ponto se estende, que obstáculos devem superar e que outros Espíritos se opõem ao êxito de seus abomináveis desígnios..”

“...Embora o diabo tenha ao seu serviço um número infinito de ministros fiéis, que nada negligenciam para executar os seus projetos, não há somente um número igual, mas infinitamente maior de Anjos e de Espíritos bons, que, armados de um poder superior, velam de um lugar muito mais elevado, sobre a sua conduta e fazem todos os esforços para fazer fracassarem as suas maquinações. Esta descoberta faz ainda ver mais claramente que ele nada poderia fazer senão pela sutileza e pela astúcia, mantidas por uma vigilância e uma atenção extraordinárias, pois sofre a humilhação de se ver a todo instante tolhido e contrariado em seus desígnios pela prudente atividade dos Espíritos bons, que têm o poder de o castigar e de o repreender, como faz o homem a um cão de guarda que espreita os transeuntes para se atirar sobre eles.”

“Página 397 – ‘Em minha opinião, as inspirações não são outra coisa, senão discursos que nos são soprados imperceptivelmente ao ouvido, ou pelos bons anjos que nos favorecem, ou por esses diabos insinuantes que nos espreitam continuamente, para nos fazerem cair numa armadilha qualquer. *A única maneira de distinguir os autores desses discursos é guardar-se quanto à natureza dessas inspirações e examinar se tendem a nos levar ao bem ou ao mal.*’”

“Página 401 – ‘É infinitamente melhor para nós que um véu espesso nos oculte esse mundo invisível, tanto quanto a conduta da Providência em relação ao futuro. A bondade divina se manifesta até mesmo nas conversas dos Espíritos e nos avisos que eles nos dão, por serem efetuados de maneira alegórica, por inspirações e por sonhos, e não de maneira direta, clara, evidente. Os que desejam uma visão mais distinta das coisas futuras, não sabem o que almejam; e se seus desejos fossem atendidos, talvez encontrassem a sua curiosidade cruelmente castigada.’”

Página 408 – “Ao despertar certa manhã, com uma porção de pensamentos aflitivos em seu espírito, ela sentiu fortemente em sua alma uma espécie de voz, que lhe dizia: Escrevei-lhes uma carta. Essa voz era tão inteligente e tão natural que, não tivesse eu certeza de estar só, teria pensado que as palavras tinham sido pronunciadas por uma criatura humana qualquer. Durante vários dias elas lhe foram repetidas a todo instante; enfim, passeando no quarto onde se havia ocultado, tomada de pensamentos sombrios e melancólicos, ela as ouviu novamente e respondeu em voz alta: A quem quereis, pois, que eu escreva? E a voz lhe replicou imediatamente: Escrevei ao juiz. Estas palavras ainda lhe foram repetidas várias vezes, levando-a, finalmente, a tomar da pena e preparar-se para escrever uma carta, sem ter no espírito qualquer idéia necessária ao seu desígnio; mas, *dabitur in hoc hora*, etc. Pensamentos e expressões não lhe faltaram; corriam da pena com tanta abundância e tamanha facilidade que ela ficou deveras admirada, concebendo as mais fortes esperanças de um excelente sucesso.”

Página 413 – “Entretanto, o que se pode imaginar de mais razoável acerca disto, é que esses Espíritos nos dão, nessas ocasiões, todas as luzes que estão em condições de nos dar, e que nos dizem o que sabem ou, pelo menos, tudo quanto o seu e o nosso mestre lhes permitem que nos comuniquem. Se eles não tivessem um desígnio real e sincero de nos favorecer e de nos

garantir contra a infelicidade que paira sobre a nossa cabeça, não diriam absolutamente nada; por conseguinte, se suas advertências não são mais consideráveis e mais bem desenvolvidas, certamente não deve estar em seu poder dar-nos outras mais úteis.”

Página 416 – “Uma vez que temos pressentimentos que são verificados pela experiência, é necessário que haja Espíritos instruídos quanto ao futuro; que haja um lugar para os Espíritos onde as coisas futuras se desenvolvem à sua penetração, e não poderíamos agir melhor senão acreditando nas notícias que nos vêm de lá. O dever de prestar atenção a esses pressentimentos não é a única consequência que se deve tirar desta verdade; há outros que nos podem ser de uma utilidade muito considerável:

“1º – *Ela nos explica a natureza do mundo dos Espíritos e nos prova a certeza de nossa lama depois da morte;*

“2º – Ela nos faz ver que a direção da Providência, em relação aos homens e aos acontecimentos futuros, não está tão oculta aos habitantes do mundo espiritual quanto o está a nós;

“3º – Daí podemos concluir que a penetração dos Espíritos desprendidos da matéria é de uma extensão muito maior que a dos Espíritos encerrados em corpos, já que os primeiros sabem o que nos deve acontecer, enquanto nós mesmos o ignoramos.

“A persuasão da existência do mundo dos Espíritos pode ser-nos útil de muitas maneiras diferentes. Somos senhores de tirar, sobretudo, grandes vantagens da certeza, em que estamos, de que eles sabem desvendar o futuro e nos comunicar as luzes que têm lá em cima, de modo a nos fazer velar por nossa conduta, evitar desgraças, pensar em nossos interesses e até esperar a morte com a alma firme e o espírito preparado para a receber com coragem e com uma firmeza cristã. Seria também um meio seguro de ampliar a esfera de nossas luzes e de nos levar a raciocinar com justeza sobre o verdadeiro valor das coisas.”

Página 427 – “Se se fizesse um tal uso (arrependimento e reforma de uma conduta má) das aparições reais do diabo, estou convencido de que seria o meio de o expulsar para sempre do mundo invisível. É muito natural crer que ele nos fizesse visitas muito raras, se estivesse persuadido, por sua experiência, de que elas nos levariam à virtude, bem longe de nos fazer cair em armadilhas. Pelo menos, jamais viria ver-nos por sua própria iniciativa, porquanto, para se decidir a isso, precisaria de uma força superior.”

Página 457 – “Minha conversão vem diretamente do céu. A luz que envolveu S. Paulo no caminho de Damasco não o feriu mais vivamente do que a que me deslumbrou. É verdade que não era acompanhada por nenhuma voz do céu, mas estou certo de que uma voz secreta falou eficazmente à minha alma; fez-me compreender que eu estava exposto à cólera desse poder, dessa majestade, desse Deus que antes renegara com toda a impiedade imaginável.”

Página 462 – “Numa palavra, acidentes semelhantes são de grande força para nos convencerem da influência da Providência divina nos negócios humanos, por menores que sejam em aparência, da existência de um *mundo invisível*, e da realidade do comércio das *inteligências puras* com os Espíritos encerrados em corpos. Espero nada ter dito sobre este assunto delicado que possa levar meus leitores a fantasias absurdas e ridículas. Pelo menos posso protestar que não tive tal propósito, e que minha intenção foi unicamente excitar no coração dos homens sentimentos respeitosos pela divindade e de docilidade aos avisos dos *Espíritos bons* que se interessam pelo que nos diz respeito.”

Observação – Há quase um século que Daniel de Foë, o autor de *Robinson*, escrevia estas coisas, que, até nas expressões, dir-se-iam tomadas à moderna Doutrina Espírita. Numa segunda

comunicação, dada na Sociedade de Paris, depois da leitura desses fragmentos, ele explicou suas crenças sobre este ponto, dizendo que pertencia à seita dos *teósofos*, seita que, com efeito, professava estes mesmos princípios. Por que, então, esta doutrina não tomou a extensão que hoje tem? Há várias razões para isto: 1^o – os teósofos mantinham suas doutrinas quase secretas; 2^o – a opinião das massas não estava madura para as assimilar; 3^o – era preciso que uma sucessão de acontecimentos desse outro curso às idéias; 4^o – era necessário que a incredulidade preparasse os caminhos e que, por seu desenvolvimento, fizesse sentir o vazio que cava sob os passos da Humanidade e a necessidade de algo para o encher; 5^o – Enfim, a Providência não tinha julgado que já fosse tempo de tornar gerais as manifestações dos Espíritos; foi a generalização desta ordem de fenômenos que vulgarizou a crença nos Espíritos, e a doutrina que é o seu corolário.

Se as manifestações tivessem permanecido como privilégio de alguns indivíduos, o Espiritismo ainda não teria saído do seu foco de origem; ainda estaria, para as massas, no estado de teoria, de opinião pessoal, sem consistência. Foi a sanção prática que cada um encontrou nas manifestações, *provocadas ou espontâneas*, de um extremo a outro do mundo, que vulgarizou a doutrina e lhe deu uma força irresistível, a despeito dos que a combatem.

Embora os teósofos tenham tido pouca repercussão e apenas hajam saído da obscuridade, seus trabalhos não foram perdidos para a causa; semearam germens que só deviam frutificar mais tarde, mas que formaram homens predispostos à aceitação das idéias espíritas, como fez a seita dos “swedenborgianos” e, mais tarde, a dos “fourieristas.” É de notar que jamais uma idéia um tanto grande sofre uma interrupção brusca no mundo. Muitas vezes ela lança os seus balões de ensaio muitos séculos antes de sua eclosão definitiva. É a gestação.

Nota Bibliográfica

DEUS NA NATUREZA

Por Camille Flammarion²⁹

Como se sabe, depois de haver tratado, do ponto de vista da Ciência, a questão da habitabilidade dos mundos, que se liga intimamente ao Espiritismo, o Sr. Flammarion hoje aborda a demonstração de uma outra verdade, incontestavelmente a mais capital, porque é a pedra angular do edifício social, aquela sem a qual o Espiritismo não teria sua razão de ser: *A existência de Deus*. O título de sua obra – *Deus na Natureza* – resume toda a sua economia; logo de saída ele diz que não é um livro litúrgico, nem místico, mas filosófico.

Do cepticismo de um grande número de sábios, concluiu-se erradamente que, por si mesma, a Ciência era atéia, ou conduzia fatalmente ao ateísmo. É um erro que o Sr. Flammarion se empenha em refutar, demonstrando que se os cientistas não viram Deus em suas pesquisas, foi porque não o quiseram ver. Aliás, estão longe de ser ateus todos os sábios, embora muitas vezes se confunda o cepticismo relativo aos dogmas particulares de tal ou qual culto com o ateísmo. O Sr. Flammarion se dirige especialmente à classe dos filósofos, que abertamente fazem profissão de materialismo.

Diz ele: “O homem traz em sua natureza uma necessidade tão imperiosa de se deter numa convicção, particularmente do ponto de vista da existência de um ordenador do mundo e do destino dos seres, que se nenhuma fé o satisfaz, ele sente necessidade de demonstrar a si mesmo que Deus não existe, buscando o repouso de sua alma no ateísmo e na doutrina do nada. Assim, a questão atual que nos apaixona não é mais saber qual a

²⁹ Um grande volume in-12. Preço: 4 fr. Paris, Didier et Comp., quai des Grands-Augustins, 35.

forma do Criador, o caráter da mediação, a influência da graça, nem discutir o valor dos argumentos teológicos: a verdadeira questão é saber se Deus existe ou não existe.”

Nesse trabalho o autor procedeu da mesma maneira que na sua *Pluralidade dos mundos habitados*, colocando-se no próprio terreno de seus adversários. Se tivesse haurido seus argumentos na teologia, no Espiritismo ou em doutrinas espiritualistas quaisquer, teria estabelecido premissas que seriam rejeitadas. É por isso que toma a dos negadores e demonstra, pelos próprios fatos, que se chega a uma conclusão diametralmente oposta; não invoca novos argumentos controvertíveis; não se perde nas nuvens da metafísica, do subjetivo e do objetivo, nas argúcias da dialética; fica no terreno do positivismo; combate os ateus com suas próprias armas. Tomando um a um os seus argumentos, ele os destrói com o auxílio da mesma ciência que invocam. Não se apóia na opinião dos homens; sua autoridade é a Natureza e aí mostra Deus em tudo e por toda parte.

“A natureza explicada pela Ciência, diz ele, no-lo mostrou num caráter particular. Ele está lá, visível, como a força íntima de todas as coisas. Nenhuma poesia humana nos pareceu comparável à verdade natural, e o verbo eterno nos falou com mais eloquência nas mais modestas obras da Natureza, do que o homem nos seus mais pomposos cantos.”

Dissemos os motivos que levaram o Sr. Flammarion a colocar-se fora do Espiritismo, e não podemos senão louvá-lo. Se algumas pessoas pensavam que foi por antagonismo pela doutrina, bastaria, para desenganá-los, citar a passagem seguinte:

“Poderíamos acrescentar, para fechar o capítulo da personalidade humana, algumas reflexões sobre certos assuntos de estudo ainda misteriosos, mas não insignificantes. O sonambulismo

natural, o magnetismo, o Espiritismo oferecem aos experimentadores sérios, que os sabem examinar cientificamente, fatos característicos, que bastariam para demonstrar a insuficiência das teorias materialistas. Confessamos que é triste, para o observador consciencioso, ver o charlatanismo descarado insinuar sua avidez pérfida em causas que deveriam ser respeitadas; é triste constatar que noventa e nove fatos em cem podem ser falsos ou imitados; mas um único fato bem constatado lança por terra todas as negações. Ora, que partido tomam certas doutas personagens diante dos fatos? Simplesmente os negam.

“*A Ciência não duvida* – disse em particular o Sr. Buchner – que todos os casos de pretensa clarividência sejam efeitos de astúcia e de conluio. A lucidez é, por razões naturais, uma *impossibilidade*. Está nas leis da Natureza que os efeitos dos sentidos sejam reduzidos a certos limites do espaço, que não podem ser transpostos. Ninguém tem a faculdade de adivinhar os pensamentos, nem ver com os olhos fechados o que se passa à sua volta. Estas verdades são baseadas nas leis naturais, que são imutáveis e não comportam exceções.”

“Ora, senhor juiz, então conheceis perfeitamente as leis naturais? Homem feliz! Como sucumbis sob o excesso de vossa ciência! Mas, que? Volto duas páginas e eis o que leio:

“O sonambulismo é um fenômeno do qual infelizmente não temos senão observações muito inexatas, embora fosse desejável que dele tivéssemos noções precisas, *dada a sua importância para a Ciência*. Contudo, *sem ter dele dados certos* (escutail!), *pode-se relegar entre as fábulas* todos os fatos maravilhosos que se contam dos sonâmbulos. Não é dado a um sonâmbulo escalar paredes, etc. Ah! Senhor, como raciocinais com sabedoria! e como vos teria feito bem, antes de escrever, saber um pouco o que pensais!”

Uma apreciação analítica da obra exigiria desenvolvimentos que a falta de espaço nos interdiz e, aliás, seria supérfluo. Bastaria mostrar o ponto de vista em que se colocou o autor para se compreender a sua utilidade. Reconciliar a Ciência com as idéias espiritualistas, é aplainar as vias de sua aliança com o Espiritismo. O autor fala em nome da ciência pura, e não de uma ciência fantasista ou superficial, e o faz com a autoridade que lhe dá seu saber pessoal. Seu livro é um desses que tem lugar marcado nas bibliotecas espíritas, porque é uma *monografia* de uma das partes constituintes da doutrina, onde o crente encontra para se instruir tanto quanto o incrédulo. Teremos mais de uma vez ocasião de a ele voltar.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

OUTUBRO DE 1867

Nº 10

O Espiritismo em Toda Parte

A PROPÓSITO DAS POESIAS DO SR. MARTEAU

É uma coisa verdadeiramente curiosa ver os mesmos que repelem o nome do Espiritismo com a maior obstinação, semear suas idéias em profusão. Não há um dia em que, na imprensa, nas obras literárias, na poesia, nos discursos, até nos sermões, não se encontrem pensamentos pertencentes ao mais puro Espiritismo. Perguntai a esses escritores se são espíritas, e responderão com desdém que se guardam de o ser; se lhes disserdes que o que escrevem é Espiritismo, responderão que não pode ser, pois não é a apologia dos Davenport e das mesas girantes. Para eles aí está todo o Espiritismo e daí não saem, nem querem sair. Já se pronunciaram: seu julgamento é inapelável.

Contudo, ficariam muito surpresos se soubessem que a cada instante fazem Espiritismo sem o saber, que com ele se relacionam sem perceberem que estão tão perto! Mas, que importa o nome, desde que as idéias fundamentais sejam aceitas! Que vale a forma da charrua, contanto que ela prepare o terreno! Em vez de chegar de uma vez, a idéia vem por fragmentos, eis toda a

diferença. Ora, quando virem mais tarde que os fragmentos reunidos não são outra coisa senão o Espiritismo, forçosamente voltarão atrás quanto à opinião que dele haviam feito. Os espíritas não são tão pueris para ligarem mais importância ao nome do que à coisa; é por isso que se congratulam, vendo suas idéias se espalhando sob uma forma qualquer.

Os Espíritos que conduzem o movimento se dizem: Já que não querem a coisa com este nome, vamos lhes fazer aceitá-la em detalhes, sob outra forma; julgando-se inventores da idéia, serão seus próprios propagadores. Faremos o que se faz com os doentes que não querem tomar certos remédios, e que os tomam sem que o suspeitem, quando se lhes muda a cor.

Geralmente os adversários conhecem tão pouco o que constitui o Espiritismo, que temos por certo que o mais fervoroso espírita, que não fosse conhecido como tal, poderia, com o auxílio de algumas precauções oratórias, e desde que se abstivesse de falar dos Espíritos, desenvolver os mais essenciais princípios da doutrina e ser aplaudido pelos mesmos que não lhe teriam concedido a palavra, se se tivesse apresentado como adepto.

Mas, de onde vêm essas idéias, uma vez que os que as emitem não as colheram na doutrina, que desconhecem?

Já o dissemos várias vezes: quando uma verdade chega ao termo e o espírito das massas está maduro para a assimilar, a idéia germina em toda parte; está no ar, levada a todos os pontos pelas correntes fluídicas; cada um lhe aspira algumas parcelas e as emite como se tivessem brotado de seu cérebro. Se alguns se inspiram na idéia espírita sem ousar confessá-lo, certamente é que em muitos ela é espontânea. Ora, achando-se o Espiritismo na coletividade e na coordenação dessas idéias parciais, um dia será, pela força das coisas, o traço de união entre os que as professam; é uma questão de tempo.

É de notar que quando uma idéia deve tomar lugar na Humanidade, tudo concorre para lhe abrir o caminho. É assim com o Espiritismo. Observando o que se passa no mundo neste momento, os grandes e pequenos acontecimentos que surgem ou se preparam, não há um espírito que não diga que tudo parece feito de propósito para aplainar as dificuldades e facilitar o seu estabelecimento. Seus próprios adversários parecem impelidos por uma força inconsciente a desobstruir o caminho e a cavar um abismo sob seus pés, para melhor fazer sentir a necessidade de o encher.

E não se creia que os contrários sejam prejudiciais; longe disso. Jamais a incredulidade, o ateísmo e o materialismo levantaram a cabeça mais corajosamente e proclamaram suas pretensões. Não são mais opiniões pessoais, respeitáveis quanto tudo que é da alçada da consciência íntima: são as doutrinas que querem impor e com o auxílio das quais pretendem governar os homens, mau grado seu. O próprio exagero dessas doutrinas é o seu remédio, porque se pergunta o que seria da sociedade, se algum dia viessem a prevalecer. Era preciso esse exagero para fazer melhor compreender o benefício das crenças que podem ser a salvaguarda da ordem social.

Mas, que cegueira estranha! ou, melhor dizendo, que cegueira providencial! Os que querem se substituir ao que existe, como os que querem se opor às idéias novas, no momento em que se agitam as mais graves questões, em vez de atraírem a si, de conciliarem as simpatias pela doçura, a benevolência, a persuasão, parecem arrogar-se a tarefa de tudo fazerem para inspirar a repulsa; não encontram nada melhor senão se impondo pela violência, comprimindo consciências, chocando convicções, perseguindo. Singular meio de se fazerem bem-vindos das populações!

No estado atual do nosso mundo, a perseguição é o batismo obrigatório de toda crença nova de algum valor.

Recebendo o seu, o Espiritismo é a prova da importância que ligam a ele. Mas, repetimos, tudo isto tem sua razão de ser e sua utilidade; é preciso que assim seja, para preparar os caminhos. Os espíritas devem considerar-se como soldados num campo de batalha; eles se devem à causa e só podem esperar repouso quando a vitória for conquistada. Felizes os que tiverem contribuído para a vitória ao preço de alguns sacrifícios!

Para o observador que, de sangue-frio, contempla o trabalho de criação da idéia, é algo maravilhoso ver como tudo, mesmo o que, à primeira vista, parece insignificante ou contrário, converge definitivamente para o mesmo objetivo; ver a diversidade e a multiplicidade dos recursos que as potências invisíveis põem em jogo para atingir esse objetivo; tudo lhes serve, tudo é utilizado, mesmo o que nos parece mau.

Não há, pois, que se inquietar com as flutuações que o Espiritismo pode experimentar no conflito das idéias que estão em fermentação; é um efeito da mesma efervescência que produz na opinião, onde não pode encontrar simpatias por toda parte; é preciso contar com essas flutuações, até que seja restabelecido o equilíbrio. Esperando, a idéia marcha; é o essencial. E como dissemos no começo, ela surge por todos os poros; todos, amigos e inimigos, nela trabalham à porfia, e não é duvidoso que sem a ativa colaboração involuntária dos adversários, os progressos da doutrina, que jamais fez propaganda para se tornar conhecida, não tivessem sido tão rápidos.

Crêem abafar o Espiritismo proscrevendo-lhe o nome. Mas, como ele não consiste em palavras, se lhe fecham a porta por causa de seu nome, ele penetra sob a forma impalpável da idéia. E o que há de curioso é que muitos que o repelem, não o conhecendo, não querendo conhecê-lo, ignorando, por conseguinte, o seu objetivo, suas tendências e seus mais sérios princípios, aclamam certas idéias, que por vezes são as suas, sem

suspeitar que muitas vezes elas fazem parte essencial e integrante da doutrina. Se o soubessem, é provável que se abstivessem.

O único meio de evitar o equívoco seria estudar a doutrina a fundo, para saber o que ela diz e o que não diz. Mas, então, surgiria outro embaraço: O Espiritismo toca em tantas questões, as idéias que se agrupam em torno dele são tão múltiplas, que se quisessem abster de falar de tudo quanto a ele se liga, encontrar-se-iam muitas vezes singularmente impedidos e, muitas vezes mesmo, tolhidos nos impulsos de suas próprias inspirações; porquanto, por esse estudo, se convenceriam de que o Espiritismo está em tudo e por toda parte e ficariam surpresos de o encontrar nos escritores mais acreditados; mais ainda, eles próprios se surpreenderiam de fazê-lo em muitas circunstâncias, sem o querer. Ora, uma idéia que se torna patrimônio comum é imperecível.

Por várias vezes já reproduzimos os pensamentos espíritas, encontrados em profusão na imprensa e nos escritos de todo gênero, e continuaremos a fazê-lo de vez em quando, sob o título de *O Espiritismo em toda parte*. O artigo seguinte, sobretudo, vem em apoio das reflexões acima; é extraído do *Phare de la Manche*, jornal de Cherbourg, de 18 de agosto de 1867.

O autor aí dá conta de uma coletânea de poesias do Sr. Amédée Marteau³⁰ e, a respeito, assim se exprime:

“Há dois mil anos, algum tempo antes do estabelecimento do Cristianismo, a casta sacerdotal dos druidas ensinava aos seus adeptos uma doutrina singular. Dizia: Nenhum ser jamais acabará; mas todos os seres, exceto Deus, começaram. Todo ser é criado no mais baixo grau da existência. Inicialmente a alma não tem consciência de si mesma; submetida às leis invariáveis do mundo físico, espírito escravo da matéria, força latente e

30 *Espoirs et Souvenirs* (Esperanças e Lembranças), Hachette, 77, boulevard Saint-Germain.

obscura, ela sobe fatalmente os degraus da natureza inorgânica, depois da natureza organizada. Então o relâmpago cai do céu, o ser se conhece, é homem.

“A alma humana começa no alvorecer as provas de seu livre-arbítrio; ela própria faz o seu destino, avança de existência em existência, de transmigração em transmigração, pela libertação que lhe dá a morte; ou, então, volta-se sobre si mesma, cai de degrau em degrau, se não tiver merecido elevar-se, sem que, todavia, nenhuma queda seja para sempre irreparável.

“Quando a alma tiver chegado ao mais alto ponto da ciência, da força, da virtude de que é susceptível a condição humana, escapa ao círculo das provas e das transmigrações, atinge o termo da felicidade: o céu. Uma vez chegado a este termo, o homem não cai mais; sobe sempre, eleva-se para Deus por um progresso eterno, sem, todavia, jamais se confundir com ele. Bem longe de no céu perder a sua atividade, a sua individualidade, e é ali que cada alma adquire a sua plena posse, com a memória de todos os estados anteriores, pelos quais passou. Sua personalidade, sua natureza própria aí se desenvolve, cada vez mais distinta, à medida que sobe na escada infinita, cujos degraus não passam de realizações da vida, que a morte não separa mais.

“Tal era a concepção que o druidismo tinha da alma e de seus destinos. Era a idéia pitagórica ampliada, tornada dogma e aplicada ao infinito.

“Como esta opinião, depois de ter adormecido tantos séculos nos limbos da inteligência humana, desperta hoje? Talvez tenha a sua razão de ser na revolução que, a partir de Galileu, se operou no sistema astronômico; talvez deva sua ressurreição às sedutoras perspectivas que apresenta aos devaneios dos filósofos e dos pensadores; ou, enfim, a essa curiosidade inata que, incessantemente, impele o homem para o desconhecido.

“Seja como for, Fontenelle foi o primeiro cuja pena espiritual transformou estas questões na sua encantadora pilhéria sobre a pluralidade dos mundos.”

“Da habitabilidade dos mundos à transmigração das almas o declive é escorregadio, e nosso século aí se deixou arrastar. Apoderou-se dessa idéia e, escorando-se na Astronomia, tenta elevá-lo à altura de uma ciência. Jean Reynaud a desenvolveu, sob forma magistral, em *Céu e Terra*; Lamennais a adota e generaliza no *Esboço de uma filosofia*; Lamartine e Hugo a preconizam; Máxime Ducamp a popularizou num romance; Flammarion publicou um livro em seu favor; enfim, o Sr. Amédée Marteau, numa obra poética, que lemos com o mais vivo interesse, reveste com as cores de sua paleta sedutora esta vasta e magnífica utopia.

“O Sr. Marteau é o poeta da idéia nova; é um crente entusiasta e devotado da transmigração das almas em corpos celestes e é preciso convir que conseguiu tratar com mão de mestre este esplêndido assunto. Deus, o homem, o tempo, o espaço são os inspiradores de sua musa. Abismos vertiginosos, elevações incomensuráveis, nada o detém, nada o aterroriza. Ele se diverte na imensidade, bordeja sem empalidecer as barrancas do infinito. Viaja nos astros, como uma águia sobre os altos píncaros. Descreve numa linguagem harmoniosa, com precisão matemática, suas formas, sua marcha, sua cor, seus contornos.”

Depois de citar um fragmento de uma das odes da coletânea, acrescenta o autor do artigo:

“O Sr. Marteau não é apenas um poeta de alta distinção: é, além disso, um filósofo e um sábio. A Astronomia lhe é familiar; colore a sua poesia com o pó de ouro que faz cair das esferas siderais. Não saberíamos dizer o que mais nos cativou: se o interesse da dicção, se a originalidade do pensamento. Tudo isto se ajusta, se coordena de maneira tão nítida, tão clara, tão natural, que se fica como que fascinado sob o encanto.

“Não conhecemos o Sr. Marteau. Mas pensamos que, se para compor um livro como este é preciso ser dotado de grande talento, também é preciso ser dotado de grande coração, porquanto, neste autor, tudo respira o amor do homem e o amor de Deus.

“Assim, não podemos deixar de conclamar aos que não se absorvem nas preocupações e nos interesses materiais, a darem uma olhadela nas obras do Sr. Marteau. Aí encontrarão consolações e esperanças, sem contar os prazeres intelectuais que faz experimentar a leitura de uma poesia generosa, rica de concepções, ideal e destinada, não temos dúvida, a um brilhante sucesso.”

Digard

Como se vê, a exposição da doutrina druídica sobre os destinos da alma, pela qual começa o artigo, é um resumo completo da Doutrina Espírita sobre o mesmo assunto. Sabe-o o autor? É lícito duvidar; do contrário seria estranho que se tivesse absterido de citar o Espiritismo, a menos que tivesse receado fazê-lo participar dos elogios que prodigaliza às idéias do autor. Não lhe faremos a injúria de supor tão ingênua parcialidade; preferimos imaginar que até ignore a sua existência. Quando ele pergunta: “Como esta opinião, depois de ter adormecido tantos séculos nos limbos da inteligência humana, desperta hoje?” se tivesse estudado o Espiritismo, este lhe teria respondido e ele teria visto que essas idéias são mais populares do que se pensa.

“O Sr. Marteau, diz ele, é o poeta da idéia nova; é um crente entusiasta e devotado da transmigração das almas nos corpos celestes, e é preciso convir que conseguiu tratar com mão de mestre este esplêndido assunto.” Mais adiante, acrescenta: “Se, para compor um livro como este, é preciso ser dotado de grande talento, também é preciso ser dotado de um grande coração,

porquanto, neste autor, tudo respira o amor do homem e o amor de Deus.” Então o Sr. Marteau não é um louco por professar semelhantes idéias? Jean Reynaud, Lamennais, Lamartine, Victor Hugo, Louis Jourdan, Máxime Ducamp, Flammarion, então não são loucos por os ter preconizado? Fazer o elogio dos homens não é elogiar os seus princípios? Aliás, pode-se fazer maior elogio de um livro dizendo que os leitores aí colherão esperanças e consolações? Considerando-se que estas doutrinas são as do Espiritismo, não é acreditar estas na opinião?

Assim, eis um artigo onde se diria que o nome do Espiritismo é omitido de propósito, e onde se aclamam as idéias que ele professa sobre os pontos mais essenciais: a pluralidade das existências e os destinos da alma.

Sra. condessa Adélaïde de Clérambert

MÉDIUM-MÉDICO

A Sra. condessa de Clérambert morava em Saint-Symphorien-sur-Coise, Departamento do Loire; faleceu há alguns anos, em idade avançada. Dotada de inteligência superior, tinha mostrado, desde a juventude, um gosto particular pelos estudos médicos e se comprazia na leitura de obras que tratavam desta ciência. Nos vinte últimos anos de sua vida havia-se consagrado ao alívio do sofrimento com um devotamento inteiramente filantrópico e a mais completa abnegação. As numerosas curas que operava em pessoas consideradas incuráveis tinham-lhe dado uma certa reputação; mas, tão modesta quanto caridosa, disto não tirava proveito nem vaidade.

Aos conhecimentos médicos adquiridos, de que ela certamente utilizava em seus tratamentos, juntava uma faculdade de intuição, que outra coisa não era senão a mediunidade inconsciente, porque muitas vezes ela tratava por correspondência e, sem ter

visto os doentes, descrevia a doença perfeitamente; aliás, ela mesma dizia receber instruções, sem explicar a maneira por que lhe eram transmitidas. Muitas vezes tivera manifestações materiais, tais como transporte, deslocamento de objetos e outros fenômenos do gênero, embora não conhecesse o Espiritismo. Um dia um de seus doentes lhe escreveu que lhe tinham sobrevivido abscessos, e para lhe dar uma idéia, modelara o padrão numa folha de papel; mas, tendo esquecido de juntá-lo à carta, aquela senhora respondeu pela volta do correio: “Como o padrão que me anunciais em vossa carta não veio, pensei que era esquecimento de vossa parte; acabo de encontrar um esta manhã em minha gaveta, que deve ser parecido ao vosso e que vos remeto.” Com efeito, esse padrão reproduzia exatamente a forma e o tamanho do abscesso.

Ela não tratava nem pelo magnetismo, nem pela imposição das mãos, nem pela intervenção ostensiva dos Espíritos, mas pelo emprego de medicamentos que, na maior parte das vezes, ela mesmo preparava, conforme as indicações que lhe eram fornecidas. Sua medicação variava para a mesma doença, conforme os indivíduos; não tinha receita secreta de eficácia universal, mas se guiava segundo as circunstâncias. Algumas vezes o resultado era quase instantâneo, e em certos casos não se o obtinha senão após um tratamento continuado, mas sempre curto, em relação à medicina ordinária. Ela curou radicalmente grande número de epiléticos e de doentes acometidos de afecções agudas ou crônicas, abandonados pelos médicos.

A Sra. Clérambert não era um médium curador, no sentido ligado a esta expressão, mas um *médium-médico*. Gozava de uma clarividência que lhe fazia ver o mal e a guiava na aplicação dos remédios, que lhe eram inspirados; além disso, era secundada pelo conhecimento que tinha da matéria médica e, sobretudo, das propriedades das plantas. Por sua dedicação, por seu desinteresse moral e material, jamais desmentidos, por sua inalterável benevolência para os que a ela se dirigiam, a Sra. Clérambert, assim

como o abade príncipe de Hohenlohe, deve ter conservado até o fim de sua vida a preciosa faculdade que lhe fora concedida, e que, sem dúvida, teria visto enfraquecer-se e desaparecer, se não tivesse perseverado no nobre emprego que dela fazia.

Sua posição de fortuna, sem ser brilhante, era suficiente para tirar qualquer pretexto a uma remuneração qualquer; assim, não recebia absolutamente nada, mas recebia dos ricos, reconhecidos por terem sido curados, aquilo que julgassem dever lhe dar, e o empregava para suprir as necessidades daqueles a quem faltava o necessário.

Os documentos da nota acima foram fornecidos por uma pessoa que foi curada pela Sra. Clérambert, e foram confirmados por outras pessoas que a conheceram. Tendo sido lida esta nota na Sociedade Espírita de Paris, a Sra. Clérambert deu a resposta que se segue.

(Sociedade Espírita de Paris, 5 de abril de 1867 – Médiun: Sr. Desliens)

Evocação – O relato que acabamos de ler naturalmente provoca em nós a vontade de nos entretermos convosco, e de vos contar no número dos Espíritos que desejam concorrer para a nossa instrução. Esperamos tenhais a bondade de vir ao nosso apelo e, neste caso, tomamos a liberdade de vos dirigir as seguintes perguntas:

1º – Que pensais da nota que acaba de ser lida e das reflexões que a acompanham?

2º – Qual a origem do vosso gosto inato pelos estudos médicos?

3º – Por que via recebíeis as inspirações que vos eram dadas para o tratamento dos doentes?

4º – Podeis, como Espírito e com a ajuda de um médium, continuar prestando os serviços que prestáveis como encarnada, quando éreis chamada para um doente?

Resposta – Agradeço-vos, senhor presidente, as palavras benevolentes que pronunciastes em minha intenção, e aceito de bom grado o elogio feito ao meu caráter. Creio ser a expressão da verdade, e não terei orgulho ou falsa modéstia de o recusar. Instrumento escolhido pela Providência, sem dúvida por causa de minha boa vontade e da aptidão particular, que favorecia o exercício de minha faculdade, não fiz senão o meu dever, consagrando-me ao alívio dos que reclamavam o meu socorro. Algumas vezes acolhida pelo reconhecimento, muitas vezes pelo esquecimento, meu coração não se envaideceu mais com os sufrágios de uns, do que sofreu com a ingratidão de outros, considerando-se que eu sabia muito bem ser indigna de uns e colocar-me acima de outros.

Mas, é ocupar-se demais com minha pessoa. Vamos à faculdade que me valeu a honra de ser chamada no meio desta simpática Sociedade, onde se gosta de repousar a vista, sobretudo quando se foi, como eu, vítima da calúnia e dos ataques malévolos, daqueles cujas crenças foram feridas, ou cujos interesses foram prejudicados. Que Deus lhes perdoe, como eu mesma o faço!

Desde minha mais tenra infância, e por uma espécie de atração natural, ocupei-me do estudo das plantas e de sua ação salutar sobre o corpo humano. De onde me vinha este gosto, ordinariamente pouco natural em meu sexo? Então eu o ignorava, mas hoje sei que não era a primeira vez que a saúde humana era objeto de minhas mais vivas preocupações: eu tinha sido médico. Quanto à faculdade particular que me permitia ver a distância o diagnóstico das afecções de certos doentes (porque eu não via para todo o mundo), e prescrever os medicamentos que deviam restituir a saúde, era de todo semelhante à dos vossos médiuns médicos atuais. Como eles, eu estava em relação com um ser oculto que se

dizia Espírito, e cuja influência salutar ajudou-me poderosamente a aliviar os infortunados que se valiam de mim. Ele me havia prescrito o mais completo desinteresse, sob pena de perder instantaneamente uma faculdade que constituía a minha felicidade. Não sei por que razão, talvez porque teria sido prematuro desvendar a origem de minhas prescrições, ele igualmente me havia recomendado, da maneira mais formal, que não dissesse de quem recebia as prescrições que dirigia aos meus doentes. Enfim, ele considerava o desinteresse moral, a humildade e a abnegação como uma das condições essenciais à perpetuação de minha faculdade. Segui seus conselhos e só me posso congratular.

Tendes razão, senhor, de dizer que os médicos serão chamados um dia a representar um papel da mesma natureza que o meu, quando o Espiritismo tiver conquistado a influência considerável que o fará, no futuro, instrumento universal do progresso e da felicidade dos povos! Sim, certos médicos terão faculdades desta natureza e poderão prestar serviços tanto maiores, quanto mais facilmente os seus conhecimentos adquiridos lhes permitirem assimilar espiritualmente as instruções que lhes serão dadas. Há um fato que deveis ter notado: as instruções que tratam de assuntos especiais são tanto mais facilmente e tanto mais largamente desenvolvidas, quanto mais os conhecimentos pessoais do médium se aproximarem da natureza daqueles que ele é chamado a transmitir. Assim, certamente eu poderia prescrever tratamentos aos doentes que a mim se dirigissem para obter a cura, mas não o faria com a mesma facilidade com todos os instrumentos; enquanto uns facilmente transmitiriam minhas prescrições, outros não poderiam fazê-lo senão incorretamente ou incompletamente. Entretanto, se meu concurso vos puder ser útil, seja em que circunstância for, terei prazer em vos ajudar nos vossos trabalhos, segundo a medida de meus conhecimentos, oh! bem limitados fora de certas atribuições especiais.

Adèle de Clérambert

Observação – O Espírito assina *Adèle*, embora, em vida, fosse chamada *Adélaïde*. Tendo-lhe sido perguntada a razão, respondeu que *Adèle* era o seu verdadeiro nome, e que só por hábito de infância a chamavam *Adélaïde*.

Os Médicos-Médiuns

A Sra. condessa de Clérambert, da qual falamos no artigo precedente, oferecia uma das variedades da faculdade de curar, que se apresenta sob uma infinidade de aspectos e de nuances, apropriadas às aptidões especiais de cada indivíduo. Em nossa opinião, ela era o tipo do que poderiam ser muitos médicos; de que muitos virão a ser, sem dúvida, quando entrarem na via da espiritualidade, que lhes abre o Espiritismo, porque muitos verão desenvolver-se em si faculdades intuitivas, que lhes serão um precioso auxílio na prática.

Dissemos e repetimos: seria um erro crer que a mediunidade curadora venha destruir a Medicina e os médicos. Ela vem lhes abrir novo caminho, mostrar-lhes, na Natureza, recursos e forças que ignoravam e com as quais podem beneficiar a Ciência e seus doentes; numa palavra, provar-lhes que não sabem tudo, já que há pessoas que, fora da ciência oficial, conseguem o que eles mesmos não conseguem. Assim, não temos nenhuma dúvida de que um dia haja *médicos-médiuns*, como há *médiuns-médicos*, que à ciência adquirida, juntarão o dom de faculdades mediúnicas especiais.

Apenas como essas faculdades só têm valor efetivo pela assistência dos Espíritos, que podem paralisar os seus efeitos pela retirada de seu concurso, que frustram à sua vontade os cálculos do orgulho e da cupidez, é evidente que não prestarão sua assistência aos que os renegarem e entenderem servir-se deles secretamente, em proveito de sua própria reputação e de sua fortuna. Como os

Espíritos trabalham para a Humanidade e não vêm para servir a interesses egoístas e individuais; como, em tudo que fazem, agem em vista da propagação das doutrinas novas, são-lhes necessários soldados corajosos e devotados, nada tendo a fazer com poltrões, que têm medo da sombra da verdade. Assim, secundarão os que, sem resistência e *sem pensamento preconcebido*, colocarem suas aptidões a serviço da causa que se esforçam por fazer prevalecer.

O desinteresse material, que é um dos atributos essenciais da mediunidade curadora, será, também, uma das condições da medicina mediúnica? Como, então, conciliar as exigências da profissão com uma abnegação absoluta?

Isto requer algumas explicações, porque a posição já não é a mesma.

A faculdade do médium curador nada lhe custou; não lhe exigiu estudo, nem trabalho, nem despesas; recebeu-a gratuitamente, para o bem dos outros, e deve usá-la gratuitamente. Como antes de tudo é preciso viver, se o médium não tiver, por si mesmo, recursos que o tornem independente, deve achar os meios no seu trabalho ordinário, como o teria feito antes de conhecer a mediunidade; só deve dar ao exercício de sua faculdade o tempo que lhe pode consagrar materialmente. Se tira esse tempo de seu repouso, e se o emprega em tornar-se útil aos seus semelhantes o que teria consagrado a distrações mundanas, pratica o verdadeiro devotamento, e nisto só tem mais mérito. Os Espíritos não pedem mais e não exigem nenhum sacrifício insensato. Não se poderia considerar devotamento e abnegação o abandono de seu trabalho para entregar-se a uma condição menos penosa e mais lucrativa. Na proteção que concedem, os Espíritos, aos quais não nos podemos impor, sabem perfeitamente distinguir os devotamentos reais dos devotamentos factícios.

Completamente diversa seria a posição dos médicos-médiuns. A Medicina é uma das carreiras sociais que se abraça para

dela fazer uma profissão, e a ciência médica não se adquire senão a título oneroso, por um trabalho assíduo, por vezes penoso; o saber do médico é, pois, uma conquista pessoal, o que não é o caso da mediunidade. Se, ao saber humano, os Espíritos juntam seu concurso pelo dom de uma aptidão mediúnica, para o médico é um meio a mais de se esclarecer, de agir com mais segurança e eficácia, pelo que deve ser reconhecido, mas não deixa de ser sempre médico; é a sua profissão, que não deixa para fazer-se médium. Nada há, pois, de repreensível em que continue a dela viver, e isto com tanto mais razão quanto a assistência dos Espíritos muitas vezes é inconsciente, intuitiva, e sua intervenção por vezes se confunde com o emprego dos meios ordinários de cura.

Pelo fato de um médico ter-se tornado médium e ser assistido pelos Espíritos no tratamento de seus doentes, não se segue que deva renunciar a toda remuneração, o que o obrigaria a procurar os meios de subsistência fora da Medicina e, assim renunciar à sua profissão. Mas se for animado do sentimento das obrigações que lhe impõe o favor que lhe é concedido, saberá conciliar os seus interesses com os deveres humanitários.

Não se dá o mesmo com o desinteresse moral que, em todos os casos, pode e deve ser absoluto. Aquele que, em lugar de ver na faculdade mediúnica um meio a mais de tornar-se útil aos seus semelhantes, nela só procurasse uma satisfação ao amor-próprio, e que considerasse um mérito pessoal os sucessos obtidos por esse meio, dissimulando a verdadeira causa, faltaria ao seu primeiro dever. Aquele que, sem renegar os Espíritos, não visse em seu concurso, direto ou indireto, senão um meio de suprir a insuficiência de sua clientela produtiva, seja qual for a aparência filantrópica com que se oculte aos olhos dos homens, faria, por isso mesmo, ato de exploração. Num e noutro caso, tristes decepções seriam a sua consequência inevitável, porque os simulacros e os subterfúgios não podem enganar os Espíritos, que lêem no fundo do pensamento.

Dissemos que a mediunidade curadora não matará a Medicina nem os médicos, mas não pode deixar de modificar profundamente a ciência médica. Sem dúvida haverá sempre médiuns curadores, porque sempre os houve, e esta faculdade está na Natureza; mas serão menos numerosos e menos procurados à medida que o número de *médicos-médiuns* aumentar, e quando a Ciência e a mediunidade se prestarem mútuo apoio. Ter-se-á mais confiança nos médicos quando forem médiuns, e mais confiança nos médiuns quando forem médicos.

Não se podem contestar as virtudes curativas de certas plantas e de outras substâncias que a Providência pôs ao alcance do homem, colocando o remédio ao lado do mal; o estudo dessas propriedades é da alçada da Medicina. Ora, como os médiuns curadores só agem por influência fluídica, sem o emprego de medicamentos, se um dia devessem suplantam a Medicina, resultaria que, dotando as plantas de propriedades curativas, Deus teria feito uma coisa inútil, o que não é admissível. Deve-se, pois, considerar a mediunidade curadora como um modo especial, e não como meio absoluto de cura; o fluido, como novo agente terapêutico aplicável em certos casos, e que vem acrescentar um novo recurso à Medicina; em consequência, a mediunidade curadora e a Medicina como devendo, de agora em diante, marchar simultaneamente, destinadas a se auxiliarem mutuamente, a se suplementarem e a se completarem uma pela outra. Eis por que se pode ser médico sem ser médium curador, e médium curador sem ser médico.

Então por que esta faculdade hoje se desenvolve quase que exclusivamente entre os ignorantes, em vez de nos homens de ciência? Pela razão muito simples que, até agora, os homens de ciência a repelem. Quando a aceitarem, vê-la-ão desenvolver-se entre si, como entre os outros. Aquele que hoje a possuísse iria proclamá-la? Não; ocultá-la-ia com o maior cuidado. Já que ela seria inútil em suas mãos, por que lha dar? Seria o mesmo que dar um violino a um homem que não sabe ou não quer tocar.

A este estado de coisas, há outro motivo capital. Dando aos ignorantes o dom de curar males que os sábios não podem curar, é para provar a estes que nem tudo sabem, e que há leis naturais além das que a Ciência reconhece. Quanto maior a distância entre a ignorância e o saber, mais evidente é o fato. Quando se produz naquele que nada sabe, é uma prova certa de que ali o saber humano em nada participou.

Mas, como a Ciência não pode ser um atributo da matéria, o conhecimento do mal e dos remédios por intuição, assim como a faculdade de vidência, não podem ser atributos senão do Espírito. Elas provam no homem a existência do ser espiritual, dotado de percepções independentes dos órgãos corporais e, muitas vezes, de conhecimentos adquiridos anteriormente, numa precedente existência. Esses fenômenos têm, pois, ao mesmo tempo, a consequência de serem úteis à Humanidade, e de provarem a existência do princípio espiritual.

O Alcaide Hassan, Curador Tripolitano

OU A BÊNÇÃO DO SANGUE

O fato seguinte, publicado no *Tour du monde*, páginas 74 e seguintes, é tirado dos *Promenades dans la Tripolitaine*, pelo Sr. barão de Krafft.

“Muitas vezes tenho como guia e companheiro de passeio em minhas excursões fora da cidade, o *cavas-bachi* (chefe dos janízaros) do consulado da França, que o cônsul geral teve a gentileza de pôr à minha disposição. É um magnífico negro de Ouadaï, de seis pés de altura e que, a despeito de sua barba grisalha, conservou toda a atividade e toda a energia da mocidade. O alcaide Hassan não é um homem comum: ao tempo dos Caramanlys, governou a tribo dos Ouerchéfâna durante dezoito anos, e ninguém melhor que ele soube manter nas rédeas esta horda

turbulenta. Valente até a temeridade, sempre defendeu os interesses de seus administrados contra as tribos vizinhas e, se necessário, contra o próprio governo; mas, ao mesmo tempo, os seus não mais podiam entregar-se aos seus caprichos e não brincavam com a severidade do alcaide *Hassan*. Para ele, a vida de um homem era apenas mais preciosa que a de um carneiro, e certamente ficaria muito embaraçado se lhe perguntassem o número exato de cabeças que ele tinha feito cair com sua mão, tanto a sua consciência está tranqüila a esse respeito. Excelente homem, aliás, inteiramente devotado ao consulado, ao qual serve há dez anos.

“Numa de nossas primeiras saídas, vi um grupo de cinco ou seis mulheres aproximarem-se dele com ar súplice. Duas delas tinham nos braços pobres criancinhas de peito, cujos rostos, cabeças e pescoços estavam cobertos por uma placa dartrosa de crostas purulentas. Era horrível e desagradável à vista.

“– Nosso pai, disseram as mães desoladas ao alcaide *Hassan*, é o profeta de Deus que te trás perto de nossa casa, porque queríamos ir à cidade para te encontrar e há bem dez dias que esperávamos a ocasião. O *djardoun* (pequeno lagarto branco muito inofensivo) passou sobre o nosso seio e envenenou o nosso leite; vê o estado de teus filhos e cura-os para que Deus te abençoe.

“– Então és médico? perguntei ao meu companheiro.

“– Não, respondeu ele, mas tenho a *bênção do sangue* nas mãos, e quem quer que a tenha, como eu, pode curar esta doença. É um dom natural de todo homem cujo braço cortou algumas cabeças. – Vamos, mulheres, dai o que é preciso.

“E logo uma das mães apresenta ao doutor uma galinha branca, sete ovos e três moedas de vinte paras; depois se agacha aos seus pés, erguendo o pequeno paciente acima de sua cabeça. *Hassan* tira solenemente da cintura seu isqueiro e sua pedra de fogo, como se quisesse acender o cachimbo. *Bismillab!* (em nome

de Deus!) diz ele e se põe a fazer saltar do sílex numerosas fagulhas sobre a criança doente, enquanto recitava o *sourat-el-fatéha*, o primeiro capítulo do Alcorão.

“Terminada a operação, chegou a vez da outra criança, mediante a mesma oferenda; contentes, e depois de terem beijado respeitosa e a mão que acabava de restituir a saúde aos seus filhos, as mulheres partiram.

“Parece que o meu rosto denunciava a minha incredulidade, porque o alcaide Hassan, reunindo os honorários de sua cura maravilhosa, gritou às clientes: “Não deixeis de vir em sete dias me apresentar vossos filhos na *skifa* do consulado.” (A *skifa* é o vestíbulo externo, a sala de espera nas grandes casas).

“Com efeito, uma semana mais tarde, os pequeninos me foram mostrados; um estava completamente curado, o outro tinha apenas algumas cicatrizes de aparência muito satisfatória, indicando uma cura muito próxima. Fiquei estupefato, mas não convencido. Contudo, mais de vinte experiências semelhantes depois me forçaram a crer na incrível virtude das mãos abençoadas pelo sangue.”

Há criaturas que nem os fatos mais patentes podem convencer; todavia, é preciso convir que, neste caso, é permitido logicamente não acreditar na eficácia da *bênção do sangue*, obtida sobretudo em tais condições, nem na das faíscas do isqueiro. Entretanto, não deixa de existir o fato material da cura; se não tem esta causa, deve ter outra. Se vinte experiências semelhantes, do conhecimento do narrador, vieram confirmá-lo, essa causa não pode ser fortuita e deve provir de uma lei. Ora, esta lei não é senão a faculdade curadora de que aquele homem é dotado. Na sua ignorância do princípio, ele atribuía a faculdade ao que chamava a *bênção do sangue*, crença em relação com os costumes do país, onde a vida de um homem nada vale. O isqueiro e as outras

fórmulas são acessórios que só têm valor na sua imaginação e que servem, sem dúvida, pela importância a elas ligadas, para lhe dar mais confiança em si mesmo e, conseqüentemente, para aumentar o seu poder flúídico.

Este fato levanta naturalmente uma questão de princípio, relativa ao dom da faculdade de curar, à qual responde a comunicação seguinte, dada a respeito.

(Sociedade de Paris, 23 de fevereiro de 1867 – Médium: Sr. Desliens)

Por vezes as pessoas se admiram, com aparente razão, quando encontram em indivíduos indignos, faculdades notavelmente desenvolvidas, e que deveriam ser, de preferência, atributo de homens virtuosos e isentos de preconceitos; e, contudo, a história dos séculos passados apresenta, quase que a cada página, exemplos de mediunidades notáveis, possuídas por Espíritos inferiores e impuros, por fanáticos sem raciocínio! Qual pode ser o motivo de tal anomalia?

Entretanto, aí nada há que possa causar admiração; um estudo um pouco sério e refletido do problema dará a sua chave.

Quando fenômenos extraordinários, pertencentes à ordem extracorporal, são produzidos, realmente o que acontece? – É que individualidades encarnadas servem de *órgãos de transmissão* à manifestação. Elas são *instrumentos* movidos por uma vontade exterior. Ora, demandariam a um simples instrumento o que se exigiria do artista que o faz vibrar?... Se é evidente que um bom piano é preferível a um defeituoso, não é menos certo que, num como no outro, se distinguirá o toque do artista do de um principiante. – Se, pois, o Espírito que intervém na cura encontra um bom instrumento, dele se servirá de bom grado; senão empregará o que lhe oferecerem, por mais defeituoso que seja.

Também é preciso considerar, no exercício da faculdade mediúnic, e em particular no exercício da mediunidade curadora, que podem apresentar-se dois casos bem distintos: ou o médium pode ser curador por sua própria iniciativa, ou não passa de um agente, mais ou menos passivo, de um motor excepcional.

No primeiro caso, só poderá agir se suas virtudes e sua força moral lho permitirem. Será um exemplo na sua conduta, privada ou pública, um modelo, um missionário vindo para servir de guia ou de sinal de ligação aos homens de boa vontade! O Cristo é a personificação suprema do curador.

Quanto àquele que é apenas um médium, sendo instrumento, pode ser mais ou menos defeituoso, e os atos que se operam por seu intermédio de modo algum o impedem de ser imperfeito, egoísta, orgulhoso ou fanático. Membro da grande família humana, da mesma maneira que a generalidade, participa de todas as suas fraquezas.

Lembrai-vos destas palavras de Jesus: “Não são os que gozam de saúde que precisam de médico.” Há que se ver, então, um sinal da vontade da Providência nessas faculdades que se desenvolvem em meios e em pessoas imperfeitas. É um meio de lhes dar a fé que, mais cedo ou mais tarde, os conduzirá ao bem; se não for hoje, será amanhã; são sementes que não estão perdidas, porque vós, espíritas, sabeis que nada se perde para o Espírito.

Em naturezas moralmente e fisicamente mais rudes, não é raro encontrar faculdades transcendent, porque essas individualidades, por terem pouca ou nenhuma vontade pessoal, limitam-se a deixar agir a influência que as dirige. Poder-se-ia dizer que agem por instinto, ao passo que uma inteligência mais desenvolvida, querendo se dar conta da causa que a põe em movimento, por vezes se coloca em condições que não permitem uma realização tão fácil dos desígnios providenciais.

Por mais bizarros e inexplicáveis que sejam os efeitos que se produzem aos vossos olhos, estudai-os atentamente, antes de considerar um só como infração às leis eternas do Mestre Supremo! Não há uma só que não afirme a sua existência, a sua justiça e a sua sabedoria eternas; se a aparência disser o contrário, crede bem que será apenas uma aparência, que desaparecerá para dar lugar à realidade, com um estudo mais aprofundado das leis conhecidas e o conhecimento daquelas cuja descoberta está reservada ao futuro.

Clélie Duplantier

O Zuavo Jacob

Estando na ordem do dia a faculdade curadora, não é de admirar que a ela tenhamos consagrado a maior parte deste número e, seguramente, estamos longe de ter esgotado o assunto. Por isso a ele voltaremos.

Logo de saída, para fixar as idéias de muitas pessoas interessadas na questão relativa ao Sr. Jacob, as quais nos escreveram ou poderiam escrever-nos a respeito, dizemos:

1º – Que as sessões do Sr. Jacob estão suspensas. Assim, seria inútil apresentar-se no lugar onde se realizavam (Rue de la Roquette, 80) e que, até o presente, não as retomou em parte alguma. O motivo foi a excessiva aglomeração de pessoas, que dificultava a circulação numa rua muito freqüentada, e um beco sem saída, ocupado por grande número de industriais, que se viam impedidos em seus negócios, não podendo receber os clientes, nem expedir as suas mercadorias. Neste momento o Sr. Jacob não dá sessões públicas, nem particulares.

2º – Dada a afluência, e devendo cada um esperar muito tempo a sua vez, aos que nos perguntaram, ou no futuro nos

perguntarem se, conhecendo pessoalmente o Sr. Jacob, poderiam, com uma recomendação nossa, conseguir atendimento preferencial, diremos que nunca pedimos e jamais o pediríamos, sabendo que seria inútil. Se ingressos preferenciais tivessem sido concedidos, teria sido em prejuízo dos que esperam e não deixariam de provocar justas reclamações. O Sr. Jacob não fez exceções para ninguém; o rico devia esperar como o infeliz, porque, em última análise, o infeliz sofre tanto quanto o rico; como este, não tem o conforto por compensação e, além disso, muitas vezes espera a saúde para ter de que viver. Por isso felicitamos o Sr. Jacob; e se ele não tivesse agido assim, ao solicitarmos um favor apenas teríamos feito uma coisa que nele haveríamos de censurar.

3º – Aos doentes que nos perguntaram, ou poderiam perguntar, se lhes aconselhamos fazer a viagem de Paris, dizemos: O Sr. Jacob não cura todo o mundo, como ele mesmo declara; nunca sabe por antecipação se curará ou não um doente; é somente quando está em sua presença que julga da ação fluídica e vê o resultado; é por isso que nunca promete nada e jamais responde. Aconselhar alguém a fazer a viagem de Paris, seria assumir uma responsabilidade sem certeza de sucesso. É, pois, um risco que se corre, e se não se obtiver resultado, a gente está livre das despesas de viagem, ao passo que se gastam, muitas vezes, somas enormes em consultas, sem maiores vantagens. Se não se fica curado, não se pode dizer que se pagou cuidados inutilmente.

4º – Aos que nos perguntam se, indenizando o Sr. Jacob de suas despesas de viagem, já que não aceita honorários, ele concordasse em vir a tal ou qual localidade para cuidar de um doente, respondemos: O Sr. Jacob não atende a convites desse gênero, pelas razões desenvolvidas acima. Não podendo responder previamente pelos resultados, consideraria uma indelicadeza induzir gastos sem certeza de êxito; e em caso de insucesso, seria dar ensejo à crítica.

Aos que escrevem ao Sr. Jacob, ou nos enviam cartas para fazê-las chegar até ele, dizemos: O Sr. Jacob tem em sua casa um armário cheio de cartas, que ele não lê, e não responde a ninguém. Com efeito, que poderia dizer? Aliás, ele não cura por correspondência. Falar com afetação? não é o seu gênero; dizer se tal doença é curável por ele? ele não o sabe. Pelo fato de ter curado uma pessoa de tal doença, não se segue que cure a mesma doença em outras pessoas, porque as condições fluídicas não são as mesmas; indicar um tratamento? ele não é médico e se absteria de fornecer esta arma contra si.

Assim, escrever a ele é trabalho inútil. A única coisa a fazer, caso ele retomasse as sessões, classificadas por engano como consultas, já que não o consultam, é apresentar-se tão logo chegue, entrar na fila, esperar pacientemente e arriscar a chance. Se não se ficar curado, não se pode queixar de ter sido enganado, desde que ele nada promete.

Há fontes que têm a propriedade de curar certas doenças. Vão lá; uns se sentem bem, outros são apenas aliviados; outros, enfim, não experimentam absolutamente nada. Deve-se considerar o Sr. Jacob como uma fonte de fluidos salutaros, a cuja influência vão submeter-se, mas que, não sendo uma panacéia universal, não cura todos os males e pode ser mais ou menos eficaz, conforme as condições do doente.

Mas, enfim, houve curas? Um fato responde a esta pergunta: Se ninguém tivesse sido curado, a multidão não teria ido para lá, como fez.

Mas a multidão crédula não pode ter sido enganada por falsas aparências e para lá se dirigir confiando numa reputação usurpada? Comparsas não podem ter simulado doenças para parecerem ter sido curados?

Sem dúvida, isto se viu e se vê todos os dias, quando cúmplices têm interesse em representar a comédia. Ora, aqui, que proveito teriam tirado? Quem os teria pago? Certamente não foi o Sr. Jacob, com o seu soldo de músico dos zuavos; nem a concessão de um desconto sobre as consultas, já que ele nada recebia. Compreende-se que aquele que quer fazer uma clientela a qualquer preço empregue semelhantes meios; mas o Sr. Jacob não tinha o menor interesse em atrair a si a multidão; não a chamou: foi ela que veio a ele e, pode dizer-se, à sua revelia. Se não tivesse havido os fatos, ninguém teria vindo, pois ele não chamava ninguém. Sem dúvida os jornais contribuíram para aumentar o número de visitantes, mas só falaram do caso porque já existia a multidão, sem o que nada teriam dito, pois o Sr. Jacob não lhes tinha pedido que falasse dele, nem pago para fazer propaganda. Deve-se, pois, afastar toda idéia de subterfúgios, que não teriam nenhuma razão de ser na circunstância de que se trata.

Para apreciar os atos de um indivíduo, é preciso buscar o interesse que o pode solicitar na sua maneira de agir. Ora, está comprovado que não havia nenhum da parte do Sr. Jacob; que também não o havia para o Sr. Dufayet, que cedia seu local gratuitamente, e punha seus operários a serviço dos doentes, para carregar os enfermos, e isto com prejuízo de seus próprios interesses; enfim, que comparsas nada tinham a ganhar.

Como as curas operadas pelo Sr. Jacob, nestes últimos tempos, são do mesmo gênero das obtidas o ano passado no campo de Châlons, e tendo-se passado os fatos mais ou menos da mesma maneira, apenas em maior escala, remetemos nossos leitores aos relatos e apreciações que demos na *Revista* de outubro e novembro de 1866. Quanto aos incidentes particulares deste ano, não poderíamos senão repetir o que todos souberam pelos jornais. Limitar-nos-emos, pois, quanto ao presente, a algumas considerações gerais sobre o fato em si mesmo.

Há cerca de dois anos, os Espíritos nos haviam anunciado que a mediunidade curadora tomaria grandes desenvolvimentos, e seria um poderoso meio de propagação para o Espiritismo. Até então só havia curadores que operavam, por assim dizer, na intimidade e sem alarido. Dissemos aos Espíritos que, a fim de que a propagação fosse mais rápida, era preciso que surgissem outros mais poderosos, para que as curas tivessem repercussão no público. – Isto acontecerá, foi a resposta, e haverá mais de um.

Essa previsão teve um começo de realização o ano passado, no campo de Châlons, e Deus sabe se este ano faltou repercussão às curas da Rua de la Roquette, não só na França, mas no estrangeiro.

A comoção geral que estes fatos causaram é justificada pela gravidade das questões que eles levantam. Não há por que se equivocar: aqui não está um desses acontecimentos de mera curiosidade, que por um momento apaixonam a multidão ávida de novidades e distrações. A gente não se distrai com o espetáculo das misérias humanas; a visão desses milhares de doentes, correndo em busca da saúde, que não puderam encontrar nos recursos da Ciência, nada tem de prazeroso e leva a sérias reflexões.

Sim, há aqui algo mais que um fenômeno vulgar. Sem dúvida admiram-se das curas obtidas em condições tão excepcionais que parecem raiar o prodígio; mas o que impressiona mais ainda que o fato material, é que aí pressentem a revelação de um princípio novo, cujas conseqüências são incalculáveis, de uma dessas leis por tanto tempo ocultas no santuário da Natureza, que, à sua aparição, mudam o curso das idéias e modificam as crenças profundamente.

Diz uma secreta intuição que se os fatos em questão são reais, é mais que uma mudança nos hábitos: é um elemento

novo introduzido na sociedade, uma nova ordem de idéias que se estabelece.

Embora os acontecimentos do campo de Châlons tenham preparado para o que acaba de se passar, em consequência da inatividade do Sr. Jacob durante um ano, eles quase tinham sido esquecidos; a emoção se havia acalmado, quando, de repente, os mesmos fatos explodem no seio da capital e de súbito tomam proporções inauditas. É, por assim dizer, como se tivéssemos despertado no dia seguinte a uma revolução, e só nos abordássemos perguntando: Sabeis o que se passa na Rua de la Roquette? Tendes notícias? Dispensavam os jornais, como se se tratasse de um grande acontecimento. Em quarenta e oito horas a França inteira ficou sabendo.

Há nesta instantaneidade algo de notável e de mais importante do que se pensa.

A impressão do primeiro momento foi de estupor: *ninguém riu*. A própria imprensa facciosa simplesmente relatou os fatos e os boatos, sem fazer comentários. Diariamente ela dava o boletim, sem se pronunciar pró, nem contra, e foi possível notar que a maioria dos artigos não eram escritos em tom de zombaria; exprimiam a dúvida, a incerteza quanto à realidade de fatos tão estranhos, inclinando-se, porém, mais para a afirmação do que para a negação. É que o assunto, por si mesmo, era sério; tratava-se do sofrimento e o sofrimento tem algo de sagrado, que impõe respeito; em semelhante caso a pilhéria seria inconveniente e universalmente reprovada. Jamais se viu a verve zombeteira exercitar-se diante de um hospital, mesmo de loucos, ou de um comboio de feridos. Homens de coração e de senso não podiam deixar de compreender que, numa coisa que diz respeito a questões de humanidade, a zombaria teria sido indecorosa, por insultar a dor. Assim, é com um sentimento penoso e uma espécie de desgosto que hoje se vê o espetáculo desses infelizes doentes reproduzido grotescamente nos teatros de feira e traduzido em

canções burlescas. Admitindo de sua parte uma credulidade pueril e uma esperança mal fundada, não é uma razão para faltar ao respeito que se deve ao sofrimento.

Em presença de tal repercussão, a denegação absoluta era difícil; a dúvida só é permitida àquele que não sabe ou que não viu. Entre os incrédulos de boa-fé e por ignorância, muitos compreenderam que seria imprudência inscrever-se prematuramente em falso contra fatos que, um dia ou outro, poderiam receber uma consagração e lhes dar um desmentido. Assim, sem nada negar nem afirmar, a imprensa geralmente limitou-se a registrar o estado de coisas, deixando à experiência o cuidado de os confirmar ou desmentir e, sobretudo, de os explicar. Era o partido mais prudente.

Passado o primeiro momento de surpresa, os adversários obstinados de toda coisa nova que contraria as suas idéias, atordoados em alguns momentos pela violência da irrupção, tomaram coragem, principalmente quando viram que o zuavo era paciente e de humor pacífico. Começaram o ataque a todo vapor, servindo-se das armas habituais dos que não têm boas razões para objetar: o gracejo e a calúnia excessivos. Mas a sua polêmica acrimoniosa denuncia cólera e evidente embaraço, e seus argumentos, quase sempre assentados em falso e sobre alegações notoriamente inexatas, não são dos que convencem, porque se refutam por si mesmos.

Seja como for, não se trata aqui de uma questão pessoal. Que o Sr. Jacob sucumba, ou não, na luta, é uma questão de princípios que está em jogo, posta com imensa repercussão e que seguirá seu curso. Traz à memória inumeráveis fatos do mesmo gênero, que a História menciona, e que se multiplicam em nossos dias. Se é uma verdade, não está encarnada num homem, e nada poderia abafá-la; a própria violência dos ataques prova que temem que seja uma verdade.

Nesta circunstância, os que testemunham menos surpresa e menos se emocionam são os espíritas, porque essas espécies de fatos nada têm de que eles não se dêem conta perfeitamente. Conhecendo a causa, não se admiram dos efeitos.

Quanto aos que não conhecem a causa do fenômeno, nem a lei que o rege, naturalmente se perguntam se é uma ilusão ou uma realidade; se o Sr. Jacob é um charlatão; se realmente cura todas as doenças; se é dotado de um poder sobrenatural e de quem o tem; se voltamos ao tempo dos milagres. Vendo a multidão que o envolve e o segue, como outrora a que seguia a Jesus na Galiléia, alguns se perguntam mesmo se não seria o Cristo reencarnado, enquanto outros pretendem que sua faculdade seja um presente do diabo.

Desde muito tempo todas estas questões estão resolvidas para os espíritas, que têm a sua solução nos princípios da doutrina. Não obstante, como daí podem sair vários ensinamentos importantes, nós os examinaremos num próximo artigo, no qual faremos ressaltar igualmente a inconseqüência de certas críticas.

Dissertações Espíritas

CONSELHOS SOBRE A MEDIUNIDADE CURADORA

I

(Paris, 12 de março de 1867 – Grupo Desliens – Médium: Sr. Desliens)

Como já vos foi dito muitas vezes nas diferentes instruções, a mediunidade curadora, juntamente com a faculdade de vidência, é chamada a desempenhar um grande papel no período atual da revelação. São os dois agentes que cooperam com a maior força na regeneração da Humanidade e na fusão de todas as crenças numa crença única, tolerante, progressiva, universal.

Recentemente, quando me comuniquei numa reunião da Sociedade, onde me haviam evocado, disse e o repito: todo o mundo possui mais ou menos a faculdade curadora, e se cada um quisesse consagrar-se seriamente ao estudo dessa faculdade, muitos médiuns que se ignoram poderiam prestar úteis serviços aos seus irmãos em humanidade. Então o tempo não me permitiu desenvolver todo o meu pensamento a esse respeito; aproveitarei o vosso apelo para fazê-lo hoje.

Em geral os que buscam a faculdade curadora têm como único desejo obter o restabelecimento da *saúde material*, restituir a liberdade de ação a tal *órgão*, impedido nas suas funções por uma *causa material* qualquer. Mas, sabei-o bem, é o menor dos serviços que esta faculdade é chamada a prestar, e só a conheceis em suas primícias e de maneira completamente rudimentar, se lhe conferis este único papel... Não, a faculdade curadora tem uma missão mais nobre e mais extensa!... Se pode restituir aos corpos o vigor da saúde, também deve dar às almas toda a pureza de que são susceptíveis, e é somente neste caso que poderá ser chamada *curativa*, no sentido absoluto da palavra.

Muitas vezes vos disseram, e vossos instrutores nunca vo-lo repetiriam em demasia, que o aparente efeito material, o sofrimento, quase sempre tem uma causa mórbida imaterial, residindo no estado moral do Espírito. Se, pois, o médium curador ataca o corpo, não ataca senão o efeito; permanecendo a causa primeira do mal, o efeito pode reproduzir-se, quer sob a forma primordial, quer sob outra aparência qualquer. Muitas vezes aí está uma das razões pelas quais tal doença, subitamente curada pela influência de um médium, reaparece com todos os seus acidentes, desde que a influência benfazeja se afaste, porque não resta nada, absolutamente nada para combater a causa mórbida.

Para evitar essas recidivas, é preciso que o remédio espiritual ataque o mal em sua base, como o fluido material o

destrói em seus efeitos; numa palavra, é preciso tratar, ao mesmo tempo, o corpo e a alma.

Para ser bom médium curador, não só é preciso que o corpo esteja apto a servir de canal aos fluidos materiais reparadores, mas, ainda, que o Espírito possua uma força moral, que só pode adquirir por seu próprio melhoramento. Para ser médium curador é preciso, pois, preparar-se não só pela prece, mas pela depuração de sua alma, a fim de tratar fisicamente o corpo pelos meios físicos, e de influenciar a alma pela força moral.

Uma última reflexão. Aconselham-vos que busqueis de preferência os pobres, que não têm outros recursos além da caridade do hospital. Não é esta absolutamente a minha opinião. Jesus dizia que o médico tem por missão cuidar dos doentes e não dos que gozam de boa saúde. Lembrai-vos de que na questão de saúde moral, há doentes por toda parte, e que o dever do médico é ir a toda parte onde o seu socorro é necessário.

Abade príncipe de Hohenlohe

II

(Sociedade de Paris, 15 de março de 1867 – Médium: Sr. Desliens)

Numa comunicação recente, eu falava da mediunidade curadora, de um ponto de vista mais largo do que o que foi considerado até agora, e a fazia consistir antes no tratamento moral que no tratamento físico dos doentes, ou, pelo menos, reunia esses dois tratamentos num só. Pedirei me permitais dizer algumas palavras a esse respeito.

O sofrimento, a doença, a própria morte, nas condições sob as quais as conheceis, não são mais especialmente a partilha dos mundos habitados pelos Espíritos inferiores, ou pouco adiantados? O desenvolvimento moral não tem por objetivo principal conduzir a Humanidade à felicidade, fazendo-a adquirir conhecimentos mais

completos, desembaraçando-a das imperfeições de toda natureza, que retardam sua marcha ascensional para o infinito? Ora, melhorando o Espírito dos doentes, não se os põe em melhores condições para suportarem seus sofrimentos físicos? Atacando os vícios, as más inclinações, que são a fonte de quase todas as desorganizações físicas, não se põem essas desorganizações na impossibilidade de se reproduzirem? Destruindo a causa, necessariamente se impede o efeito de se manifestar novamente.

A mediunidade curadora pode, pois, comportar duas formas; e essa faculdade não estará em seu apogeu, nos que a possuem, senão quando reunirem em si essas duas maneiras de ser. Ela pode compreender unicamente o alívio material dos doentes e, então, se dirige aos encarnados; pode compreender a melhora moral dos indivíduos e, neste caso, se dirige tanto aos Espíritos quanto aos homens; enfim, ela pode compreender o melhoramento moral e o alívio material: neste caso, tanto a causa quanto o efeito poderão ser combatidos vitoriosamente. Efetivamente, em que consiste o tratamento dos Espíritos obsessores, senão numa espécie de influência semelhante à mediunidade curadora, exercida conjuntamente por médiuns e Espíritos sobre uma personalidade desencarnada?

Assim, a mediunidade curadora abrange ao mesmo tempo a saúde moral e a saúde física, o mundo dos encarnados e o dos Espíritos.

Abade príncipe de Hohenlohe

III

(Paris, 24 de março de 1867 – Médiun: Sr. Rul)

Venho continuar a instrução que dei a um médium da Sociedade. Por que duvidáveis que eu tivesse vindo ao vosso apelo? Não sabeis que um Espírito bom se sente sempre feliz por ajudar os seus irmãos da Terra na via do melhoramento e do progresso?

Hoje conheceis o que eu disse do considerável papel reservado à mediunidade curadora; sabeis que, conforme o estado de vossa alma e as aptidões do vosso organismo, podeis, se Deus vo-lo permitir, tanto curar as dores físicas quanto os sofrimentos morais, ou ambos. Duvidais se sois capaz de fazer uma ou outra, porque conheceis as vossas imperfeições; mas Deus não exige a perfeição, a pureza absoluta aos homens da Terra. A esse título, ninguém entre vós seria digno de ser médium curador. Deus pede que vos melhoreis, que façais esforços constantes para vos purificardes, e vos leva em conta a vossa boa vontade.

Já que desejais seriamente aliviar os vossos irmãos que sofrem física e moralmente, tende confiança, esperai que o Senhor vos conceda esse favor. Mas, repito-o, não sejais exclusivos na escolha dos vossos doentes; todos, quaisquer que sejam, ricos ou pobres, crentes ou incrédulos, bons ou maus, todos têm direito ao vosso socorro. Será que o Senhor priva os maus do calor benfazejo do Sol, que aquece, reanima e vivifica? Será que a luz é recusada a quem quer que não se prosterne diante da bondade do Todo-Poderoso? Curai, pois, quem quer que sofra e aproveitai o bem que trouxestes ao corpo para purificar a alma ainda mais sofredora e ensinai-lhe a orar. Não vos aborreçais pelas recusas que encontrardes; fazei sempre vossa obra de caridade e de amor e não duvideis que o bem, embora retardado por uns, jamais ficará perdido. Melhorai-vos pela prece, pelo amor do Senhor, de vossos irmãos, e não duvideis que o Onipotente não vos dê as ocasiões freqüentes de exercer vossa faculdade mediúnica. Sede felizes quando, após a cura, vossa mão apertar a do vosso irmão reconhecido; e que ambos, prosternados aos pés de vosso Pai celestial, possais orar juntos para o agradecer e o adorar. Mais feliz ainda quando, acolhido pela ingratidão, depois de ter curado o corpo, mas impotente para curar a alma endurecida, elevardes o vosso pensamento para o Criador, pois vossa prece será a primeira centelha destinada a acender mais tarde o facho que brilhará aos olhos do vosso irmão curado de sua cegueira, e direis a vós mesmos

que quanto mais um doente sofre, tanto mais atenção lhe deve dar o médico.

Coragem, irmão; esperai e aguardai que os Espíritos bons, que vos dirigem, vos inspirem quando começardes a aplicação de vossa nova faculdade mediúnica, junto aos vossos irmãos que sofrem. Até lá orai, progredi pela caridade moral, pela influência do exemplo, e jamais deixeis fugir a menor ocasião de esclarecer os vossos irmãos. Deus vela sobre cada um de vós, e aquele que hoje é o mais incrédulo, amanhã poderá ser o mais fervoroso e o mais crente.

Abade príncipe de Hohenlohe

OS ADEUSES

(Sociedade de Paris, 16 de agosto de 1867)

– **Médium: Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo**

Nota – Entre as comunicações obtidas na última sessão da Sociedade, antes das férias, esta apresenta um caráter particular, que foge da forma habitual. Vários Espíritos dos que são assíduos às sessões e aí se manifestam algumas vezes, vieram sucessivamente dirigir algumas palavras aos membros da Sociedade antes de sua separação, por meio do Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo. Era como um grupo de amigos vindo se despedir e dar testemunho de simpatia, no momento da partida. A cada interlocutor que se apresentava, o intérprete mudava de tom, de atitude, de expressão, de fisionomia e, pela linguagem, se reconhecia o Espírito que falava, antes que fosse nomeado. Era bem ele que falava, servindo-se dos órgãos de um encarnado, e não o seu pensamento, traduzido mais ou menos fielmente ao passar por um intermediário; assim, a identidade era patente e, salvo a semelhança física, tinha-se diante de si o Espírito como em sua vida. Depois de cada alocação o médium ficava absorto durante alguns minutos; era o tempo de substituição de um Espírito por outro; depois, voltando a si pouco

a pouco, retomava a palavra num outro tom. O primeiro que se apresentou foi o nosso antigo colega Leclerc, falecido em dezembro do ano passado:

Alguns de vossos irmãos que partiram vêm aproveitar a ocasião para vos manifestar a sua simpatia, no momento de vossa separação.

A morte nada é, quando tem como resultado fazer nascer uma vida muito maior, muito mais larga, muito mais útil que a vida humana!... Sobrevém um atordoamento, segue-se uma prostração (alusão à maneira por que morreu) e me levanto mais livre e feliz ao entrar neste mundo invisível, que minha alma havia pressentido, que todo o meu ser desejava!... Livre!... planar no espaço!... Vi, observei, e minha alegria delirante só era temperada pelo exagerado pesar dos meus, pela ausência de minha personalidade material; mas hoje, que lhe pude provar a minha existência, e que demonstrei que se meu corpo não mais estava lá, meu Espírito lá estava mais ainda, sou feliz, muito feliz; porque o que não pôde fazer o encarnado, pôde obter no estado de espiritualidade. Hoje sou útil, muito útil, e graças à simpática afeição dos que me conheceram, minha utilidade é mais eficaz.

Como é bom poder servir aos irmãos e assim ser útil à Humanidade inteira! Como é bom, como é doce à alma poder fazer participar a Humanidade no pouco saber que se adquiriu pelo sofrimento! Eu que, outrora aprisionado neste corpo obtuso, hoje sou grande, e se não fosse o medo do vosso ridículo, eu me admiraria; porque, vede, ser bom é participar de Deus; e esta bondade eu a possuía? oh! respondi-me; vosso testemunho será uma felicidade a mais, aliada à felicidade que desfruto; mas, preciso de vossas palavras? não posso ler em vossos corações e ver os vossos sentimentos mais íntimos? Hoje, graças à minha desmaterialização, não posso ver os vossos mais secretos pensamentos?

Oh! Deus é grande e sua bondade é sublime! Meus amigos, inclinai-vos, como eu, ante a sua majestade; trabalhai para a realização de seus desígnios, fazendo mais e melhor do que eu mesmo pude fazer.

Leclerc

Para a alma que aspira à liberdade, como é longo o tempo na Terra, e como se faz esperar o momento tão sonhado! Mas, também, uma vez rompido o laço, com que rapidez o Espírito corre e voa para o reino celeste, que em vida via em sonhos e ao qual aspirava sem cessar! O belo, o infinito, o impalpável, todos os sentimentos mais puros, eis o apanágio dos que desprezam os tesouros humanos, querendo marchar na vida santa do bem, da caridade e do dever. Tenho minha recompensa e sou muito feliz, porque agora não mais espero as visitas dos que me são caros; agora não há mais limites para a minha vista, e esse sofrimento, esse longo emagrecimento do corpo acabou; sou alegre, contente, cheia de vivacidade. Não espero mais os visitantes: vou visitá-los.

Ernestine Doxon

São muito felizes os que hoje podem vir sem envergonhar-se ao vosso meio, comunicar-vos a sua alegria, o seu prazer ao entrarem aqui! Mas eu, que tomei o caminho dos covardes para evitar o caminho trilhado; eu, que entrei de surpresa num mundo que não me era desconhecido; eu, que quebrei a porta da prisão, em vez de esperar que ela me fosse largamente aberta, é em razão dessa mesma vergonha que me cobre o rosto, que venho a esta mesa, porque aqui encontro o meio de vos dizer: Obrigado por vosso perdão sincero, obrigado por vossas preces, pelo interesse que me prodigalizastes e que abreviaram os meus sofrimentos! Obrigado, ainda, pelos pensamentos de futuro, que vejo germinar em vossos corações, pela coletividade fraterna de vossas simpatias, das quais me beneficiarei!

Hoje, o clarão apenas entrevisto tornou-se um farol luminoso, de raios largos e brilhantes; doravante vejo o caminho, e se vossas preces me sustentarem, como pressinto, se minha humildade e meu arrependimento não se desmentirem, podeis contar com mais um viajante nesta larga estrada que se chama o bem.

D.

Fali... pequei... pequei muito!... E, contudo, se Deus coloca no cérebro de um homem uma inteligência e ao lado põe desejos a saciar, inclinações impossíveis de superar, por que faria o Espírito suportar as conseqüências desses obstáculos que não pôde vencer?... Mas eu me perco, blasfemo!... porque, desde que me tinha dado uma inteligência, era o instrumento com a ajuda do qual eu podia vencer os obstáculos... Quanto maior era essa inteligência, menos escusável sou...

Minha própria inteligência, sobretudo minha presunção, me perderam... Sofri moralmente todas as minhas decepções, muito mais que fisicamente, e não é dizer pouco!... Fazendo-vos estas confissões, sofro o passado e todos os sofrimentos dos meus, que vêm aumentar a bagagem dos males que já me esmagam... Oh! orai por mim! Hoje é um dia de indulgência. Pois bem! reclamo a vossa. Que me perdoem aqueles a quem ofendi e desprezei!

Espectador invisível, desde algum tempo assisto aos vossos estudos com uma felicidade muito grande! Vossos trabalhos ainda absorvem mais as minhas faculdades intelectuais do que quando eu era vivo. Vejo, observo, estudo, e hoje que as minhas fibras cerebrais não são mais obstruídas pela matéria, abri os olhos espirituais e posso ver os fluidos, que em vão tinha procurado perceber em vida.

Pois bem! se pudésseis ver essa imensa teia, esse emaranhado fluídico, vossos raios visuais se aniquilariam de tal

modo que só perceberíeis as trevas. Eu vejo, sinto, ressinto!... e nessas moléculas fluídicas, átomos impalpáveis, distingo as diferentes forças propulsoras; analiso-as, delas formo um todo que emprego ainda em benefício dos pobres corpos sofredores; reúno, aglomero os fluidos simpáticos, e vou simplesmente, gratuitamente, derramá-los sobre os que deles necessitam.

Ah! o estudo dos fluidos é uma bela coisa! E compreenderíeis quanto todos esses mistérios são preciosos para mim, se, como eu, tivésseis consagrado em vão toda a vossa existência em os penetrar. Graças ao Espiritismo, o aparente caos desses conhecimentos foi posto em ordem; o Espiritismo distinguiu o que é do domínio físico daquilo que pertence ao mundo espiritual; reconheceu duas partes bem distintas no magnetismo; tornou seus efeitos fáceis de reconhecer, e Deus sabe o que o futuro lhe reserva!

Mas, percebo que absorvo todo o vosso tempo em meu benefício, quando outros Espíritos ainda vos desejam falar. Voltarei, pela escrita, para continuar a vos desenvolver minhas idéias sobre esses estudos com que, em vida, tanto gostei de me entreter.

E. Quinemant

Meus caros filhos: O ano social espírita foi proveitoso para os vossos estudos, e venho com prazer testemunhar toda a minha satisfação. Muitos fatos foram analisados, muitas coisas incompreendidas foram elucidadas, e tocastes em certas questões que não tardarão a ser admitidas em princípio. Estou, ou antes, estamos satisfeitos.

Não obstante todo o ardor empregado até aqui, no meio de vós e por vossos inimigos, contra as vossas boas intenções, vossa falange foi a mais forte; se o mal fez algumas vítimas, é que nelas a lepra já existia. Mas já a chaga se cicatriza; entram os bons,

e os maus se vão. E para os maus, que ficam no meio de vós, mais tarde o remorso será terrível, porque às suas taras juntam a da hipocrisia. Mas os que são sinceros, os que hoje se juntam a vós, os que trazem o seu devotamento à verdade e o desejo de a comunicar a todos, esses, meus filhos, eu vos digo que serão abençoados, porque levarão a felicidade não só para si, mas para todos os que os escutam. Olhai em vossas fileiras e vereis que os vazios criados pelas defecções são bem depressa preenchidos com vantagem por novas individualidades, e estas fruirão os benefícios que serão o apanágio da geração futura.

Ide, meus filhos! vossos estudos ainda são muito rudimentares; mas cada dia traz os meios de aprofundar mais e, para isto, novos instrumentos virão juntar-se aos que já tendes. Tereis instruções mais extensas e isto para maior glória de Deus e para maior bem-estar da Humanidade.

Há entre vós vários desses instrumentos, que tomarão lugar à vossa mesa, na reabertura; ainda não ousam declarar-se; mas encorajai-os; trazei ao vosso lado os tímidos e os orgulhosos, que julgam fazer melhor que os outros, e então veremos se os tímidos têm medo e se os orgulhosos não terão que refrear suas pretensões.

São Luís

A epidemia que vem dizimar o mundo em certos momentos, e que conviestes chamar cólera, fere de novo e por golpes redobrados a Humanidade; seus efeitos são prontos e sua ação rápida. Sem nenhum aviso, o homem passa da vida à morte, e aqueles, mais privilegiados, poupados por sua mão fulminante, ficam estupefatos, trêmulos, ante as espantosas conseqüências de um mal desconhecido em suas causas, e cujo remédio se ignora completamente.

Nesses tristes momentos, o medo se apodera dos que apenas encaram a ação da morte, sem pensar no além, e que, só por

este fato, com mais facilidade oferecem o flanco ao mal. Mas como a hora de cada um de nós está marcada, há que partir, a despeito de tudo, se ela tiver soado. A hora está marcada para bom número dos habitantes do universo terrestre; partem todos os dias; pouco a pouco o flagelo se espalha e vai estender-se sobre toda a superfície do globo.

Este mal é desconhecido e talvez o seja mais ainda hoje, porque, à sua constituição própria, juntam-se diariamente outros elementos que confundem o saber humano e impedem de achar o remédio necessário para deter a sua marcha. Assim, a despeito de sua ciência, os homens devem sofrer as suas conseqüências, e esse flagelo destruidor é muito simplesmente um dos meios para ativar a renovação humanitária, que se deve realizar.

Mas não vos inquieteis; para vós espíritas, que sabeis que morrer é renascer, se fordes atingidos e partirdes, não ireis à felicidade? Se, ao contrário, fordes poupados, agradecei-o a Deus, que assim vos permitirá aumentar a soma dos vossos sofrimentos e pagar mais pela prova.

De um lado como de outro, quer a morte vos fira, quer vos poupe, só tendes a ganhar; ou, então, não vos digais espíritas.

Doutor Demeure

Isto é para ele (o médium fala de si na terceira pessoa). – Vede, foi dito que virá um momento em que ele poderia ver, ouvir e repousar por sua vez. Pois bem! esse momento é chegado, para vós e não para os outros; na reabertura ele não adormecerá mais, salvo alguns casos excepcionais, nos quais a sua utilidade se fizer sentir; neste momento ele o lamenta, mas, daqui a pouco, quando despertar e souber, ficará muito contente... o egoísta!... Contudo, ele ainda tem muito a fazer; daqui até lá, ele dormirá; raramente felicitará e fustigará muitas vezes: é a sua tarefa. Orai para que ela lhe seja fácil, para que sua palavra leve a paz, a consolação e a

conciliação, aonde se fizerem necessárias. Ajudai-o com o vosso pensamento; ao retornar ele porá toda a sua boa vontade em vos secundar, e o fará de todo o coração; mas sustentai-o, pois precisa muito. Aliás, as circunstâncias excepcionais em que irá dormir talvez não sejam, infelizmente, muitas vezes motivadas. Enfim, dizei como ele: Que a vontade de Deus seja feita!

Morin

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

NOVEMBRO DE 1867

Nº 11

Impressões de um Médium Inconsciente a Propósito do *Romance do Futuro*

(Pelo Sr. Eug. Bonnemère)

O Sr. Bonnemère houve por bem nos transmitir, sobre o jovem bretão tratado no prefácio do interessante livro que publicou, sob o título de *Romance do Futuro*, detalhes circunstanciados que complementam os que demos a respeito na Revista de julho de 1867. Estas novas informações são do mais alto interesse e os nossos leitores serão gratos ao autor, como nós também, por as haver posto à nossa disposição. Faremos segui-las de algumas observações.

Senhor,

Um amigo me envia, com muito atraso, o número da *Revista Espírita* em que comentais o *Romance do Futuro*, que assinei com o meu nome. Permitti que vos dê alguns esclarecimentos a respeito de uma passagem deste artigo, na qual se acha esta

reflexão: “Disseram-nos que o autor, quando escreveu este livro, não conhecia o Espiritismo; isto parece difícil, etc.”

Entretanto, isto é rigorosamente exato. Confesso com toda sinceridade e humildade, senhor, que errei por não vos ter oferecido este volume; jamais fui à vossa casa; nem mesmo conhecia o título da *Revista Espírita* e minha biblioteca não possui nenhuma obra sobre as questões que aí são tratadas; eis por que chamei o meu jovem bretão um extático natural, quando para vós ele é um médium.

Contei no prefácio do *Romance do Futuro* que, em consequência daquela estranha aventura, eu, que fui um historiador na maturidade de minha vida, ia tornar-me um romancista, depois de haver ultrapassado os cinqüenta anos. Os leitores aí não viram senão um desses procedimentos familiares aos autores, para dar algo de picante ao seu relato. Atesto sob palavra que, à exceção de um detalhe, que nada tem a ver com o caso, e que não me é ainda permitido revelar, tudo o que avanço neste prefácio é verdadeiro e, longe de exagerar, não digo tudo.

Meu jovem bretão explica em vinte passagens de seus volumosos manuscritos (perto de 18.000 páginas) as causas e os efeitos desta espécie de condenação aos trabalhos forçados que sofreu, maldizendo-a.

“Todas as noites – escreveu ele em 24 de agosto de 1864 – deito-me muito fatigado, após um dia de trabalho; adormeço; uma hora depois desperto; estou triste, parece que um crepe negro me envolve; estou sem palavra, mas não sofro. Algo de vago está em meu cérebro; é sob essa impressão que por vezes meus olhos se fecham, com lágrimas no coração. Depois, pela manhã, desperto com um mutismo persistente, isto é, com intoleráveis sofrimentos no lado esquerdo e no coração, que não me permitiam conciliar o sono. Experimento um estado de angústia intolerável, que me força a levantar-me. Sufoco; é preciso

que me desafogue. Então vou à minha mesa e lá sou constrangido a trabalhar.

Quanto mais soffro, mais e melhor trabalho. Então minha imaginação explode. Quando uma obra está composta, e apenas precisa ser passada para o papel, invento outra, sem jamais a buscar, enquanto escrevo mecanicamente aquela que chegou à maturidade.

“Quando devo servir de instrumento a algum dos amigos desaparecidos, seu nome ressoa ao meu ouvido. Quando escrevo, esse nome não me deixa e experimento, mesmo em meio aos meus sofrimentos físicos, por vezes agudos, sobretudo no coração, uma espécie de doçura em escrever o que ele põe em mim. É como uma inspiração, mas muito involuntária. Todas as fibras de meu ser moral são postas em alerta. Então sinto mais vivamente; parece que vibro; todos os ruídos são mais fortes, mais perceptíveis; vivo de vibrações intelectuais e morais ao mesmo tempo.

“Quando estou neste estado de mutismo, sinto-me como que envolto numa rede, que estabelece uma separação entre o meu ser intelectual e a massa dos objetos materiais ou das pessoas que me cercam. É um isolamento absoluto em meio à multidão; minha palavra e meu espírito estão alhures. O ser inspirador que vem em mim não me deixa mais; é uma espécie de penetração íntima dele em mim; sou como uma esponja embebida de seu pensamento. Pressiono-a e dela sai a quintessência de sua inteligência, isenta de todas as mesquinhas de nossa vida na Terra.

“Por vezes, mesmo sem mutismo, quer esteja só, quer com outros, pouco importa, converso, rio, percebo tudo na conversação dos outros e, no entanto, trabalho; as idéias se acumulam, mas fugídias; estou e não estou mais; volto a mim e não tenho mais lembrança de nada; mas o estado de mutismo faz reviver as imagens apagadas.

“Se for um romance que devo escrever, primeiro me vem o título, depois vêm os acontecimentos; às vezes é questão de um ou dois dias para o compor inteiramente. Se se trata de coisa mais séria, o título também me é ditado, depois os pensamentos superabundam, até mesmo quando pareço muito distraído. A elaboração se faz no tempo certo, até o instante em que atinge o clímax e transborda sobre o papel.

“Muitas vezes me aconteceu, depois de terminado um longo romance, e quando não tinha nada pronto para despejar em meus cadernos, experimentar essa estranha sensação, como se em meu cérebro houvesse um vazio. Então sofro muito mais; é um estado de completa atonia, até o momento em que minha cabeça se enche de outra coisa.

“Geralmente, desde a noite mesmo, ou de manhã na cama, acerto um plano novo. Contudo, por vezes me levanto sem pensar em nada do que vou fazer e sem nada ter elaborado de antemão. Acesa a vela, ponho-me diante do papel. Então escuto do lado esquerdo, no ouvido esquerdo, um nome, uma palavra, um enredo de romance em duas ou três palavras. Isto é suficiente. As palavras se sucedem sem interrupção; os acontecimentos vêm alinhar-se por si mesmos sob a pena, sem um instante de interrupção, até que a história fique terminada. Quando as coisas se passam assim, é que se trata apenas de uma novela muito curta, que será concluída numa sessão.

“Há ainda em meu estado uma particularidade muito singular: é quando me inquieto pela saúde de alguém a quem amo. Verdadeiramente isto se torna uma moléstia atroz para mim, e creio que sofro mais que o próprio doente. Durante alguns instantes sou tomado na cabeça, no estômago, no coração e nas entranhas por uma pressão cheia de angústias, que vai até à dor extrema. Há um momento em que só a cabeça sofre. Então um ou vários nomes de remédios vêm a mim. Não quero falar, porque duvido e receio

fazer mal, quando tanto queria aliviar! Mas estas palavras voltam sem cessar; estou vencido, cedo e as digo com esforço, ou as escrevo. Então está acabado, não penso mais nisto e tudo está apagado.”

Não sei se me engano, mas me parece encontrar aí todos os caracteres da *possessão* de outrora, e creio mesmo que no passado queimaram muitos possessos que não eram mais feiticeiros do que o meu jovem extático. Evidentemente ele vive uma dupla vida, mas nenhuma delas tem relação com a outra. Vi-o muitas vezes, quando uma das pessoas que a ele se confiava vinha lhe dizer que sofria; o olhar fixo, as pálpebras afastadas, a pupila dilatada, parecia escutar, procurar. – “Sim, sim!” murmurava ele como se repetisse a si mesmo o que lhe dizia uma voz interior. Então indicava o remédio necessário, conversava um momento sobre a natureza e a causa do mal, depois, pouco a pouco, tudo se dissipava e ele não tinha consciência nem do instante em que começou o êxtase, nem do momento em que havia cessado. Esse rápido momento de ausência não existia para ele e evitava-se falar do assunto.

“Quero e devo viver na sombra, escreveu ele alhures. Dizem-me: *O bem que se faz sem interesse, emanando de uma fonte natural, mas um pouco extraordinária*, parece culposo, ridículo, pelo menos indiscreto. É preciso não se expor à zombaria, ao desprezo, às vezes, por causa de uma boa ação. Conforme o velho provérbio: ‘Quem diz a verdade não merece castigo’, pode dizer-se que uma boa ação oculta não merece castigo. Assim, deve-se fazer o bem aos outros sem que o suspeitem. É a verdadeira caridade, que dá sem esperar retribuição.”

Tudo isto não se realiza sem lutas. Por vezes ele se revolta contra esta obsessão tirânica. Vi-o resistir, debater-se com cólera; depois, domado por uma vontade superior à sua, pôs-se ao trabalho.

Tinha anunciado um grande e extenso trabalho sobre a liberdade. Declarava-se incapaz de o fazer, e protestava que não o faria. Uma manhã escreveu:

“Não; quero lutar ainda hoje. Sinto que a forma ainda não veio bastante clara... Quando, pois, me deixareis em repouso?... Estou quebrado!... Ah! chamais a isto uma liberdade de pensamento, que infundis em mim! Mas é a escravidão aos vossos pensamentos que se devia dizer! Pretendeis que eu tenha o seu gérmen, e que é prestar-me um imenso serviço desenvolvê-la, juntando a ela o que aí podeis colocar!

“Começarei por esta questão já tratada: O que é a vida?”

Uma espécie de anúncio de programa a cumprir assim se continuava por dez páginas de sua escrita, e tinha sido escrito em quarenta minutos.

Todas essas coisas, que me pareceram muito estranhas, talvez o sejam menos para vós, senhor. Em suma, tenho fé em seu poder misterioso, porque me curou de mais de uma afecção, que talvez tivesse embaraçado a Faculdade. Jamais alguém está doente junto a ele sem que escreva a sua receitazinha. Muitas vezes o faz mau grado seu, sentindo bem que não levariam em conta as suas prescrições. Um dia terminava por estas linhas uma consulta a propósito de uma pessoa doente do peito que, em sua opinião, era mal cuidada, e que julgava ainda poder salvar:

“Eis o que posso dizer. Façam o que julgarem conveniente; são minhas observações, eis tudo. Não terei que me censurar por as ter deixado dormir em mim. Nada deve ser feito sem o conselho do médico. Com naturezas como são todos, isto só pode servir como indicação. Que jamais me falem disto; que não me agradeçam. *Não sou um homem, mas uma alma que desperta ao clamor do sofrimento, e que não se lembra mais desde que chegou o alívio.*”

Quando não tinha doentes à mão, prescrevia remédios gerais para as afecções que a ciência oficial ainda não sabia curar. Que valem essas prescrições? Ignoro-o. Todavia, o que vi, o que pude experimentar, me leva a crer que talvez pudessem pôr no caminho de novos processos curativos.

Se um indivíduo que jamais abriu um livro de Medicina prescreve, sem ter consciência disso, remédios que podem curar, em muitos casos, a maioria dos males hoje declarados incuráveis, parece-me incontestável que tais coisas lhe são reveladas por uma força desconhecida e misteriosa. Em presença de semelhante fato, a questão me parece resolvida. Deve-se aceitar como demonstrado que existem sensitivos aos quais é concedido servir de intermediários aos amigos desaparecidos que, não mais tendo órgãos ao serviço de sua vontade, vêm utilizar a voz ou a mão desses seres privilegiados, quando querem curar o nosso corpo, ou fortalecer a nossa alma, esclarecendo-a sobre coisas que lhes é permitido nos dar a conhecer.

Pode arriscar-se uma experiência *in anima vili* sobre os bichos-da-seda, por exemplo, que quase não servem mais senão para serem atirados aos vermes dos túmulos, tanto eles estão doentes. A questão é grave, porque é por centenas de milhões de francos que se devem contar as perdas que anualmente nos faz sofrer a doença que os colhe. O resultado a obter vale a pena que se tente esta primeira experiência que, em todo o caso, se não der resultado, não poderia agravar a situação.

Aqui pode haver um mistério, mas afirmo que não há mistificação. Se sou mistificado, sempre me restarão os cento e tantos romances e novelas desse romancista sem o saber, cuja publicação vai ocupar agradavelmente os lazeres dos últimos anos de minha existência, e dos quais deixarei a maior parte para os outros depois de mim.

Neste inverno darei outro romance de meu jovem extático bretão. No prefácio transcreverei textualmente tudo quanto ele escreveu sobre a cura dos bichos-da-seda; e acrescentarei mesmo, caso queiram, suas prescrições para prevenir e curar a cólera e as doenças do peito.

Pouco importa que riam de mim durante alguns dias; mas importa muito que esses segredos, que o acaso me fez depositário, não morram comigo, se contiverem algo de sério, e que se saiba que existem relações possíveis entre as inteligências superiores do outro lado da vida e as inteligências dóceis do lado de cá. Creio que seria muito importante para nós travar relações cada vez mais seguidas com esses mortos de boa vontade que parecem dispostos a nos prestar semelhantes serviços.

Accitai, etc.

E. Bonnemère

O quadro das impressões desse rapaz, traçado por ele próprio, é tanto mais notável quanto, tendo sido escrito na ausência de qualquer conhecimento espírita, não pode ser o reflexo de idéias colhidas num estudo qualquer, que tivesse exaltado a sua imaginação. É a impressão espontânea de suas sensações, de onde ressaltam, com a maior evidência, todos os caracteres de uma mediunidade inconsciente; a intervenção de inteligências ocultas aí é expressa sem ambigüidade; a resistência que ele opõe, a contrariedade mesmo que sente, provam à saciedade que age sob o império de uma vontade que não é a sua. Esse jovem é, pois, um médium em toda a acepção da palavra, e dotado, além disso, de múltiplas faculdades, pois, ao mesmo tempo, é médium escrevente, falante, vidente, audiente, mecânico, intuitivo, inspirado, impressionável, sonâmbulo, médico, literato, filósofo, moralista, etc. Mas nos fenômenos descritos, não há nenhum dos caracteres do *êxtase*. Logo, é impropriamente que o Sr. Bonnemère o qualifica

de extático, pois é precisamente uma das faculdades que lhe faltam. O êxtase é um estado particular bem definido, que não se apresentou no caso de que se trata. Também não parece dotado da mediunidade de efeitos físicos, nem da mediunidade curadora.

Há médiuns naturais, como há sonâmbulos naturais, que agem espontaneamente e inconscientemente; em outros, os fenômenos mediúnicos são provocados pela vontade, a faculdade é desenvolvida pelo exercício, como em certos indivíduos o sonambulismo é provocado e desenvolvido pela ação magnética.

Há, pois, os *médiuns inconscientes* e os *médiuns conscientes*. A primeira categoria, à qual pertence o jovem bretão, é a mais numerosa; é quase geral e, sem exagerar, pode dizer-se que em cem indivíduos noventa são dotados dessa aptidão em graus mais ou menos ostensivos. Se cada um se estudasse, encontraria nesse gênero de mediunidade, que reveste as mais diversas aparências, a razão de uma porção de efeitos que não se explicam por nenhuma das leis *conhecidas* da matéria.

Esses efeitos, sejam materiais ou não, aparentes ou ocultos, não são menos naturais por terem essa origem. O Espiritismo nada admite de sobrenatural nem de maravilhoso; segundo ele tudo entra na ordem das leis da Natureza. Quando a causa de um efeito é desconhecida, deve-se buscá-la na realização dessas leis, e não em sua perturbação, provocada pelo ato de uma vontade qualquer, o que seria o verdadeiro milagre. Um homem investido do dom de milagres teria o poder de suspender o curso das leis que Deus estabeleceu, o que não é admissível. Mas sendo o elemento espiritual uma das forças ativas da Natureza, provoca fenômenos especiais, que não parecem sobrenaturais senão porque se obstinam em buscar sua causa somente nas leis da matéria. Eis por que os espíritas não fazem milagres, e jamais tiveram a pretensão de os fazer. A qualificação de taumaturgos, que lhes dá a crítica por ironia, prova que fala de uma coisa cuja primeira palavra

desconhece, já que chama de *fazedores de milagres* aqueles mesmos que os vêm destruir.

Um outro fato ressalta das explicações dadas na carta acima: o *Romance do Futuro* é mesmo uma obra mediúnica do jovem bretão, e não se pode senão ser grato ao Sr. Bonnemère por ter declinado a sua paternidade. Pensamentos tão elevados e tão profundos nada tinham que pudessem nos surpreender de sua parte; por isso não hesitamos em os atribuir a ele, e só tínhamos mais estima por seu caráter e por seu talento de escritor, que nos era conhecido; mas eles tomam um interesse particular, considerando-se a fonte de onde promanam. Por mais estranha que pareça essa fonte à primeira vista, nada tem de surpreendente para quem quer que conheça o Espiritismo. Fatos desse gênero se vêem freqüentemente, e não há um só espírita, por pouco esclarecido que seja, que dele não se dê conta perfeitamente, sem recorrer aos milagres.

Assim, atribuindo a obra ao Sr. Bonnemère e aí encontrando fatos e pensamentos que parecem tomados à própria doutrina, parecia-nos difícil que o autor a ignorasse. Desde que afirma o contrário, acreditamo-lo sem esforço e encontramos em sua própria ignorância a confirmação deste fato muitas vezes repetido em nossos escritos: as idéias espíritas de tal modo estão em a Natureza que germinam *fora do ensinamento do Espiritismo*, e uma multidão de criaturas são ou se tornam espíritas sem o saber e por intuição; não falta às suas idéias senão o nome. O Espiritismo é como essas plantas cujas sementes são levadas pelo vento e brotam sem cultivo; nasce espontaneamente no pensamento, sem estudo prévio. Que podem, então, contra ele aqueles que sonham com o seu aniquilamento, ferindo a cepa materna?

Assim, eis um médium completo, notável, e um observador que não suspeitam, nem um, nem outro, o que seja o Espiritismo; e o observador, por uma dedução lógica do que vê,

chega por si mesmo a todas as conseqüências do Espiritismo. O que constata, logo de saída, é que os fatos que tem sob os olhos lhe apresentam, no mesmo indivíduo, uma *dupla vida, da qual uma não tem qualquer relação com a outra*. Evidentemente essas duas vidas, nas quais se manifestam pensamentos divergentes, estão submetidas a condições diferentes; não podem ambas provir da matéria; é a constatação da vida espiritual; é a alma que se vê agir fora do organismo. Este fenômeno é muito vulgar; produz-se todos os dias durante o sono do corpo, nos sonhos, no sonambulismo natural ou provocado, na catalepsia, na letargia, na dupla vista, no êxtase. O princípio inteligente isolado do organismo é um fato capital, pois é a prova de sua individualidade. A existência, a independência e a individualidade da alma podem, assim, ser resultado da observação. Se, durante a vida do corpo, a alma pode agir sem o concurso dos órgãos materiais, é porque tem existência própria; a extinção da vida corporal não arrasta, pois, forçosamente, a da vida espiritual. Vê-se por aí que, de conseqüência em conseqüência, se chega a uma dedução lógica.

O Sr. Bonnemère não chegou a este resultado por uma teoria preconcebida, mas pela observação. O Espiritismo não procedeu de outro modo; o estudo dos fatos precedeu a doutrina, e os princípios não foram formulados, como em todas as ciências de observação, senão à medida que eram deduzidos da experiência. O Sr. Bonnemère fez o que deve fazer todo observador sério, porque os fenômenos espontâneos que ressaltam do mesmo princípio são numerosos e vulgares; apenas, não tendo o Sr. Bonnemère visto senão um ponto, só pôde chegar a uma conclusão parcial, ao passo que o Espiritismo, tendo abarcado o conjunto desses fenômenos tão complexos e tão variados, pôde analisá-los, compará-los, controlar uns pelos outros, e aí encontrar a solução de grande número de problemas.

Desde que o Espiritismo é o resultado de observações, quem quer que tenha olhos para ver, razão para raciocinar,

paciência e perseverança para ir até o fim, poderá chegar a constituir o Espiritismo, assim como se podem reconstituir todas as ciências; mas, estando feito o trabalho, é tempo ganho e esforço poupado. Se fosse preciso recommençar incessantemente, não haveria progresso possível.

Como os fenômenos espíritas estão na Natureza, ocorreram em todas as épocas; e precisamente porque tocam a espiritualidade de maneira mais direta, estão misturados a todas as teogonias. O Espiritismo, vindo numa época menos acessível aos preconceitos, esclarecido pelo progresso das ciências naturais, que faltaram aos primeiros homens, e por uma razão mais desenvolvida, pôde observar melhor do que outrora. Hoje, vem separar o que é verdadeiro da mistura introduzida pelas crenças supersticiosas, filhas da ignorância.

O Sr. Bonnemère se felicita pelo *acaso*, que lhe pôs em mãos os documentos fornecidos pelo jovem bretão. O Espiritismo não admite mais o *acaso* do que o *sobrenatural* nos acontecimentos da vida. O acaso, que por sua natureza é cego, mostrar-se-ia por vezes singularmente inteligente. Então pensamos que foi intencionalmente que tais documentos vieram à sua posse, depois que ele foi posto em condições de constatar sua origem. Não mãos do jovem, teriam ficado perdidas e, sem dúvida isto não devia acontecer. Era preciso, pois, que alguém se encarregasse de os tirar da obscuridade; e parece que ao Sr. Bonnemère é que coube esta missão.

Quanto ao valor desses documentos, a julgar pela amostra dos pensamentos contidos no *Romance do Futuro*, certamente ali deve haver coisas excelentes. Serão todas boas? É uma outra questão. Sob esse aspecto, sua origem não é uma garantia de infalibilidade, considerando-se que os Espíritos, não sendo mais que as almas dos homens, não têm a soberana ciência. Sendo seu adiantamento relativo, há uns mais esclarecidos que

outros; se há uns que sabem mais que os homens, também há homens que sabem mais que certos Espíritos. Até agora se tem considerado os Espíritos como seres fora da Humanidade, e dotados de faculdades excepcionais. Eis um erro capital, que engendrou tantas superstições e que o Espiritismo veio retificar. Os Espíritos fazem parte da Humanidade e, até que tenham atingido o ponto culminante da perfeição, para o qual gravitam, estão sujeitos a enganar-se. É por isso que jamais se deve renunciar ao livre-arbítrio e ao raciocínio, mesmo em relação ao que vem do mundo dos Espíritos; jamais se deve aceitar seja o que for de olhos fechados e sem o controle severo da lógica. Sem nada prejudicar sobre os documentos em questão, eles poderiam contar coisas boas ou más, verdadeiras ou falsas; por conseguinte, teríamos que fazer uma escolha judiciosa, para a qual os princípios da doutrina podem fornecer úteis indicações.

No número desses princípios, um há que não importa perder de vista: é o fim providencial da manifestação dos Espíritos. Eles vêm para atestar a sua presença e provar ao homem que nem tudo se acaba com a vida corporal; vêm instruí-lo sobre sua condição futura, exercitá-lo a adquirir o que é útil ao seu futuro e o que pode levar, isto é, as qualidades morais, e não para lhe dar meios de enriquecer. O cuidado de sua fortuna e a melhoria de seu bem-estar material deve ser ato de sua própria inteligência, de sua atividade, de seu trabalho e de suas pesquisas. Se assim não fora, o preguiçoso e o ignorante poderiam enriquecer-se sem esforço, pois bastaria dirigir-se aos Espíritos para obter uma invenção lucrativa, fazer descobrir tesouros, ganhar na bolsa ou na loteria. Por isso, todas as esperanças de fortuna fundadas sobre o concurso dos Espíritos fracassaram deploravelmente.

É o que nos suscita algumas dúvidas sobre a eficácia do processo para o bicho-da-seda, processo que teria por efeito fazer ganhar milhões, e dar crédito à idéia de que os Espíritos podem dar os meios de enriquecer, idéia que perverteria a essência mesma do

Espiritismo. Seria, pois, imprudente criar quimeras a esse respeito, porque poderia aqui se dar como com certas receitas que deviam fazer correr o Pactolo em certas mãos, e que só levou a ridículas mistificações. Contudo, não é uma razão para calar o processo e para o desprezar; se o sucesso deve ter um resultado mais importante e mais sério que a fortuna, é possível que semelhante revelação seja permitida. Mas, na dúvida, é bom não embalar esperanças que talvez não se concretizem. Aprovamos, pois, o projeto do Sr. Bonnemère de publicar as receitas que foram dadas ao seu jovem bretão, porque, dentre elas, podem encontrar-se algumas úteis, sobretudo para as doenças.

O Cura Gassner

MÉDIUM CURADOR

No jornal *l'Exposition populaire illustrée*, número 24, encontramos num artigo intitulado: *Correspondência sobre os taumaturgos*, uma interessante notícia sobre o cura Gassner, quase tão conhecido em seu tempo quanto o príncipe de Hohenlohe, por seu poder curador.

“*Gassner* (Jean-Joseph) nasceu em 20 de agosto de 1727, em Bratz, perto de Bludens (Suábia); fez os primeiros estudos em Innsbruck e Praga, recebeu as ordens sacerdotais e, em 1758, foi nomeado cura de Kloesterle, na região dos Grisons.

“Depois de quinze anos de vida retirada, revelou-se ao mundo como dotado de um poder excepcional, o de curar todas as doenças pela simples aposição das mãos, sem empregar nenhum remédio e sem exigir qualquer retribuição. Os doentes afluíam logo de toda parte, e em tão grande número que, para se pôr mais em condições de os socorrer, Gassner solicitou e obteve permissão para se ausentar do curato, e foi sucessivamente a Wolfegg, a Weingarten, a Ravensperg, a Detland, a Kirchberg, a Morspurg e a

Constança. Os infelizes lhe faziam cortejo; o corpo médico levantou-se contra ele. Uns proclamavam curas maravilhosas, outros o contestavam.

“O bispo de Constança o constrangeu a um inquérito, feito pelo diretor do seminário. Gassner declarou jamais ter tido o pensamento de fazer milagres e ter-se limitado a aplicar *o poder que a ordenação confere a todos os padres de exorcizar, em nome de Jesus-Cristo, os demônios, que são uma das causas mais freqüentes de nossas doenças*. Declarou dividir todas as moléstias em doenças naturais ou lesões, em doenças de *obsessões* e em doenças complicadas de obsessões. Dizia que não tinha poder sobre as primeiras e fracassava nas da terceira categoria, quando a doença natural era superior à doença de obsessão.

“O bispo não se convenceu e ordenou a Gassner que voltasse ao seu curato, mas pouco depois o autorizou a continuar seus exorcismos. O cura apressou-se em aproveitar a autorização e surpreendeu os habitantes de Elwangen, de Sulzbach e de Ratisbona, pela imensa multidão que sua fama atraía da Suíça, da Alemanha e da França. O duque de Wurtemberg declarou-se abertamente seu admirador e protetor; seus sucessos lhe atraíram poderosos adversários. O célebre Haen e o teatino Sterzinger o atacaram com perseverança e paixão; vários bispos prestaram seu apoio ao fogoso teatino e proibiram que Gassner exorcizasse em suas dioceses. Enfim, um decreto de Joseph II ordenava a Gassner deixar Ratisbona; mas, fortalecido pela proteção do príncipe-bispo dessa cidade, que lhe havia conferido o título de conselheiro eclesiástico, com a função de capelão da corte, perseverou. Tal resistência prolongou-se até 1777, época na qual Gassner foi nomeado para o curato de Bondorf, para onde se retirou e morreu em 4 de abril de 1779, com 52 anos de idade.”

Observação – O Espiritismo protesta contra a qualificação de *taumaturgo*, dada aos curadores, por não admitir que

algo se faça com exclusão das leis naturais. Os fenômenos que pertencem à ordem dos fatos espirituais não são mais miraculosos que os fatos materiais, uma vez que o elemento espiritual é uma das forças da Natureza, como o elemento material também o é. Assim, o cura Gassner não fazia mais milagres do que o príncipe de Hohenlohe e o zuavo Jacob, e pode-se ver singulares analogias entre o que se passava então a seu respeito e o que hoje se passa.

Pressentimentos e Prognósticos

Tomamos do mesmo artigo do jornal precitado os fatos abaixo, que acompanham a notícia sobre o cura Gassner, porque o Espiritismo pode tirar deles um útil assunto para instrução. O autor do artigo os faz seguir de reflexões dignas de nota, nestes tempos de cepticismo em relação a causas extramateriais.

“Gassner tinha desfrutado de grande favor junto à imperatriz Maria-Teresa, que o consultava muitas vezes, dando algum crédito às suas inspirações. Conta-se (Vide as Memórias da Sra. Campan) que na época em que tinha sido concebida a idéia de unir a filha de Maria-Teresa ao neto de Luís XV, a grande imperatriz chamou Gassner e lhe perguntou: “Minha *Antonieta* será feliz?”

“Depois de haver refletido longamente, Gassner empalideceu singularmente e persistiu em guardar silêncio.

“Questionado de novo pela imperatriz e, então, procurando dar uma expressão geral à idéia com que parecia fortemente ocupado, respondeu: *Senhora, há cruces para todos os ombros.*

“O casamento ocorreu em 16 de maio de 1770; o delfim e Maria-Antonieta receberam a bênção nupcial na capela de Versalhes (Maria-Antonieta havia chegado a Compiègne no dia 14).

Às três horas da tarde o céu cobriu-se de nuvens, e uma chuva torrencial inundou Versalhes; violentos trovões ribombaram, e a multidão de curiosos que lotavam o jardim foi obrigada a retirar-se.”

“A chegada de Maria-Antonieta no palácio dos reis da França (Leiamos a *Vida pública e privada de Luís XVI*, pelo Sr. A*** e de Salex; Paris, 1814, pág. 340), foi assinalada por um desses prognósticos dos quais geralmente só se lembra quem os viu realizar-se com o passar dos tempos.

“No momento em que essa princesa, entrando pela primeira vez nos pátios do castelo de Versalhes, pôs os pés no pátio de mármore, um violento trovão sacudiu o castelo: *Presságio de desgraça!* Gritou o marechal de Richelieu.

“A noite foi triste na cidade e as iluminações não produziram nenhum efeito.

“Acrescentai a isto o terrível acidente ocorrido em 30 de maio na rue Royale, no dia da festa que deu na praça Luís XV a cidade de Paris, pelo casamento do delfim e da delfina. *Anquetil* eleva a 300 o número de mortos no local, e a 1.200 o dos que sucumbiram nos hospitais ou em domicílio poucos dias depois, ou que ficaram estropiados.”

“Em 1757 (Vide os *Affiches* de Tours, 25º ano, nº 14 – Quinta-feira, 5 de abril de 1792), madame de Pompadour mandou vir à presença de Luís XV um astrólogo que, depois de ter calculado a posição dos astros no momento de seu nascimento, lhe disse: Sire, vosso reino é célebre por grandes acontecimentos; o que o seguirá sê-lo-á por grandes desastres.”

“No dia da morte de Luís XV houve em Versalhes uma horrível tempestade.

“Que acúmulo de prognósticos!

“Durante oito anos a rainha não concebeu. – No dia 19 de dezembro de 1778 nascia uma filha, Maria-Teresa-Carlota (mais tarde chamada pelo título de seu esposo, senhora delfina, duquesa de Angoulême). Três anos depois, no dia 22 de outubro de 1781 Maria-Antonietta deu um herdeiro à coroa. Por essa ocasião a cidade de Paris ofereceu uma festa à rainha, na qual foi exibida a mais suntuosa munificência.

“Essa festa se deu no dia 21 de janeiro de 1782. Onze anos mais tarde a comuna de Paris dava ao povo o *espetáculo da morte do rei*. A rainha estava presa, esperando que se realizasse a visão de Gassner.

“Já que tocamos nestas questões delicadas, escutai ainda as revelações da Sra. Campan. – Estava-se em maio de 1789; os dias 4 e 5 tinham impressionado diversamente os espíritos; quatro velas iluminavam o gabinete da rainha, que contava alguns acidentes notáveis ocorridos durante o dia. – ‘Uma vela apagou-se por si mesma; acendi-a novamente, disse a Sra. Campan; logo a segunda, depois a terceira também se apagaram; então a rainha, apertando-lhe a mão num movimento de pavor, disse: ‘A desgraça pode tornar-me supersticiosa; se esta quarta vela apagar-se como as outras, nada poderá impedir-me de olhar este sinal como um sinistro presságio...’ A quarta vela apagou-se!!!

“Poucas noites antes, a rainha tinha tido um sonho *horroroso*, pelo qual ficara profundamente abalada.

“Certamente os espíritos fortes riem de todos esses prognósticos, de todas essas profecias, desse dom de visão antecipada. Eles não crêem, ou fingem não crer! Mas, por que, então, em todas as épocas, houve personagens de algum valor, de alguma importância que, *sem um interesse qualquer*, afirmaram fatos deste gênero, que declararam absolutos, positivos?

“Citemos alguns exemplos:

“Théodore-Agrippa d’Aubigné, avô de *Madame de Maintenon*, relata em suas memórias ter tido a seu serviço, em Poitou, um surdo-mudo de nascença *dotado do dom da adivinhação*. ‘Um dia, diz ele, tendo as moças da casa lhe perguntado quantos anos ainda viveria o rei (Henrique IV), o tempo e as circunstâncias de sua morte, ele lhes fixou três anos e meio e designou a cidade, a rua e a carruagem, com duas facadas que receberia no coração.’

“Algumas palavras ainda sobre este mesmo Henrique IV.

“Que juízo podemos fazer sobre os negros pressentimentos, muitíssimos constantes, que esse infeliz príncipe teve de seu cruel destino? – pergunta Sully em suas Memórias, livro XXVII. – São de uma singularidade que tem algo de aterrador. Já me reporteí com que repugnância ele tinha permitido que a cerimônia do coroamento da rainha se realizasse antes de sua partida; quanto mais ele via aproximar-se o momento, mais sentia o medo e o horror redobrem em seu coração; vinha abri-lo inteiramente a mim, nesse estado de amargura e de acabrunhamento do qual eu o tirava como de uma fraqueza imperdoável. Suas próprias palavras darão uma impressão completamente diversa de quantas eu pudesse dizer: – ‘Ah! meu amigo, dizia-me ele, *como esta sagração me desagrada; não sei o que é, mas o coração me diz que me acontecerá alguma desgraça.*’ Sentava-se, dizendo estas palavras, numa cadeira baixa, que eu tinha mandado fazer de propósito para ele e, entregue a todas as negruras de suas idéias, tamborilava no estojo de seus óculos, sonhando profundamente.

“Se saía desse devaneio, era para se levantar bruscamente, batendo as mãos nas coxas e para gritar: ‘*Por Deus! morreréi nesta cidade, dela não sairei mais; eles me matarão; vejo bem que põem seu último recurso na minha morte. Ah! maldita sagração, tu serás a causa de minha morte!*’

– “Meu Deus, sire, disse-lhe um dia, a que idéia vos entregais? Se ela persiste, sou de opinião que suspendais esta sagração, coroamento, viagem e guerra. Quereis? Logo será feito.

– *“Sim, disse-me enfim, depois que lhe sustentei esse discurso duas ou três vezes; sim, suspendei a sagração, e que eu não ouça mais falar dela; por este meio terei o espírito curado das impressões que alguns avisos aí deixaram. Sairei desta cidade e não temerei mais nada.*

“Por que sinal se reconheceria esse grito secreto e imperioso do coração, se se desconhecera por estes: *‘Não vos quero esconder, dizia-me ele ainda, que me disseram que eu deveria ser morto na primeira magnificência que eu fizesse e que morreria numa carruagem, e é o que me deixa tão medroso.’*

– “Parece que jamais me havíeis dito isto, sire, respondi-lhe eu. Várias vezes me surpreendi, ouvindo-vos gritar numa carruagem, ver-vos tão sensível a um pequeno perigo, depois de vos ter visto tantas vezes intrépido em meio a tiros de canhão e de mosquete e entre lanças e espadas nuas; mas, desde que esta opinião vos perturba a este ponto, em vosso lugar, sire, eu partiria já amanhã; deixaria fazer a sagração sem vós, ou a adiar para outra ocasião, e por muito tempo não voltaria a Paris, nem entraria em nenhuma carruagem. Quereis que eu despache alguém a Notre-Dame e a Saint-Denis, para mandar cessar tudo e despedir os operários?

– *“Quero mesmo, disse-me ainda o príncipe; mas, que dirá minha mulher? porque ela tem maravilhosamente essa sagração na cabeça.*

– “Ela dirá o que quiser, respondi, vendo quanto minha proposta tinha agradado o rei. Mas creio que quando souber da convicção em que estais, de que a sagração poderá causar tanto mal, ela não se obstinará mais.

“Não esperei outra ordem senão mandar interromper os preparativos da coroação. Foi com verdadeiro pesar – vejo-me obrigado a dizê-lo – que por mais esforços que fizesse jamais pude convencer a rainha a dar esta satisfação ao seu esposo.

“Passo em silêncio as solicitações, as súplicas e as contestações que empreguei durante três dias inteiros para tentar dobrá-la. O príncipe viu-se obrigado a ceder. Mas Henrique não voltou menos fortemente às suas primeiras apreensões, que ordinariamente me expressava por estas palavras, freqüentes em sua boca: – *‘Ah! meu amigo, jamais sairei desta cidade; eles me matarão aqui! Ó maldita sagração, tu serás a causa de minha morte!’*

“Essa sagração foi feita em Saint-Denis, quinta feira, 13 de maio, e a rainha devia, no domingo, 16 do mesmo mês, fazer sua entrada em Paris.

“No dia 14 o rei quis visitar Sully, visita que lhe anunciara para a manhã de sábado, 15. Tomou sua carruagem e saiu, modificando várias vezes o seu itinerário em caminho, etc., etc.

“Péréfixe, seu historiador, faz observar que ‘o céu e a terra não tinham dado senão muitos prognósticos do que lhe aconteceria.’

“O bispo de Rodez põe no número destes prognósticos *um eclipse do Sol, a aparição de um terrível cometa, tremores de terra, monstros nascidos em diversas regiões da França, chuvas de sangue que caíram em alguns lugares, uma grande peste que havia afligido Paris em 1606, aparições de fantasmas e vários outros prodígios.* (Vide: *História de Henrique, o Grande*, por Hardouin de Péréfixe, bispo de Rodez; *Vida do duque d’Epernon, Mercure français*, Mathieu, l’Estoile, etc.)

“Paremos! Escreveríamos um volume, volumes, tão abundantes são os fatos. Mas será necessário recorrer aos relatos dos outros? Que cada um pergunte a si mesmo; que cada um

invoque suas próprias recordações e responda com lealdade e franqueza, e cada um dirá: *Há em mim um desconhecido que somos nós, que ao mesmo tempo comanda o meu eu matéria e lhe obedece.* – Esse desconhecido, Espírito, alma, que é? como é? por que é? Mistério; série de mistérios; inexplicável mistério. Como tudo na Natureza, no organismo, na vida, a vida e a morte não são dois impenetráveis mistérios? O sono, este ensaio da morte, não é um mistério inexplicável? A assimilação dos alimentos, que se tornam nós: inexplicável, incompreensível mistério! A geração: misteriosa obscuridade! Essa obediência passiva de meus dedos, que traçam estas linhas e obedecem à minha vontade: trevas cuja profundidade só Deus pode sondar e que se iluminam, por si só, com a luz da verdade!

“Baixai a cabeça, filhos da ignorância e da dúvida; humilhai esta orgulhosa, que chamais razão; livres-pensadores, sofrei as cadeias que constroem a vossa inteligência; dobrai os joelhos: Só Deus sabe!”

Devemos considerar nestes fatos duas coisas bem distintas: os pressentimentos e os fenômenos considerados como prognósticos de acontecimentos futuros.

Não se poderia negar os pressentimentos, dos quais há poucas pessoas que não tenham tido exemplos. É um desses fenômenos cuja explicação a matéria, sozinha, é impotente para dar, porque se a matéria não pensa, também não pode pressentir. É assim que o materialismo a cada instante se choca contra as coisas mais vulgares que o vêm desmentir.

Para ser advertido de maneira oculta daquilo que se passa ao longe e cujo conhecimento não podemos ter senão num futuro mais ou menos próximo pelos meios ordinários, é preciso que algo se desprenda de nós, veja e escute o que não podemos perceber pelos olhos e pelos ouvidos, para referir a sua intuição ao nosso cérebro. Esse algo deve ser inteligente, visto que compreende e, muitas vezes, de um fato atual ele prevê as conseqüências futuras;

é assim que por vezes temos o pressentimento do futuro. Esse algo não é outra coisa senão nós mesmos, nosso ser espiritual, que não está confinado no corpo, como um pássaro na gaiola, mas que, semelhante a um balão cativo, se afasta momentaneamente da terra, sem deixar de a ela estar ligado.

É principalmente nos momentos em que o corpo repousa, durante o sono, que o Espírito, aproveitando o pequeno descanso que lhe deixa o cuidado de seu invólucro, recobra parcialmente a liberdade e vai haurir no espaço, entre os outros Espíritos, encarnados como ele, ou desencarnados, e naquilo que vê, idéias cuja intuição traz ao despertar.

Esta emancipação da alma freqüentemente se dá no estado de vigília, nos momentos de absorção, de meditação e de devaneio, em que a alma parece não estar mais preocupada com a Terra; ocorre, sobretudo de maneira mais efetiva e mais ostensiva, nas pessoas dotadas do que se chama *dupla vista* ou *visão espiritual*.

Ao lado das intuições pessoais do Espírito, há que se colocar as que lhe são sugeridas por outros Espíritos, quer em vigília, quer durante o sono, pela transmissão de pensamento de alma a alma. É assim que muitas vezes se é advertido de um perigo, solicitado a tomar tal ou qual direção, sem que por isto o Espírito deixe de ter o seu livre-arbítrio. São conselhos, e não ordens, porque é sempre senhor de sua vontade.

Os pressentimentos têm, pois, a sua razão de ser e encontram a sua explicação natural na vida espiritual, que não cessamos um instante de viver, porque é a vida normal.

Já não se dá o mesmo com os fenômenos físicos, considerados como prognósticos de acontecimentos felizes ou infelizes. Em geral esses fenômenos não têm nenhuma ligação com as coisas que parecem pressagiar. Podem ser os precursores de efeitos físicos que são a sua conseqüência, como um ponto negro no horizonte pode pressagiar ao marinheiro uma tempestade, ou

certas nuvens anunciar uma saraivada, mas a significação desses fenômenos para as coisas de ordem moral deve ser classificada entre as crenças supersticiosas, que nunca seriam combatidas com demasiada energia.

Essa crença, que absolutamente não repousa sobre nada de racional, faz que, quando chega um acontecimento, a gente se lembre de algum fenômeno que o precedeu, e ao qual o espírito impressionado o liga, sem se importar com a possibilidade de relações que só existem na imaginação. Não pensam que os mesmos fenômenos se repetem diariamente, sem que daí resulte nada de azarento, e que os mesmos acontecimentos chegam a cada instante sem serem precedidos por nenhum pretense sinal precursor. Se se tratar de acontecimentos que digam respeito a interesses gerais, narradores crédulos ou, no mais das vezes, *oficiosos*, para lhes exaltar a importância aos olhos da posteridade, amplificam os prognósticos, que se esforçam por tornar mais sinistros e mais terríveis, adicionando-lhes supostas perturbações da Natureza, das quais os tremores de terra e os eclipses são os acessórios obrigatórios, como fez o bispo de Rodez a propósito da morte de Henrique IV. Esses relatos fantásticos, que muitas vezes tinham sua fonte nos interesses dos partidos, foram aceitos sem exame pela credulidade popular que viu, ou à qual queriam fazer ver, milagres nesses estranhos fenômenos.

Quanto aos acontecimentos vulgares, na maioria das vezes o homem é a sua primeira causa. Não querendo confessar suas próprias fraquezas, busca uma desculpa pondo à conta da Natureza as vicissitudes que são quase sempre o resultado de sua imprevidência e de sua imperícia. É em suas paixões, em seus defeitos pessoais que deve buscar os verdadeiros prognósticos de suas misérias, e não na Natureza, que não se desvia da rota que Deus lhe traçou por toda a eternidade.

Explicando por uma lei natural a verdadeira causa dos pressentimentos, o Espiritismo demonstra, por isso mesmo, o que

há de absurdo na crença nos prognósticos. Longe de dar crédito à superstição, ele lhe tira seu último refúgio: o sobrenatural.

O Zuavo Jacob

(Segundo artigo – Vide o número de outubro)

O Sr. Jacob é um charlatão? Seu desinteresse material é um fato constante e, talvez, um dos que mais têm desorientado a crítica. Como acusar de charlatanismo um homem que nada pede e nada quer, nem mesmo agradecimentos?

Qual seria, pois, o seu móvel? O amor-próprio, dizem. Sendo o desinteresse moral absoluto o sublime da abnegação, seria preciso ter a virtude dos anjos para não experimentar certa satisfação quando se vê a multidão se comprimir em torno de si, enquanto na véspera se era desconhecido. Ora, como o Sr. Jacob não tem a pretensão de ser anjo, supondo, o que ignoramos, que tenha exaltado um pouco a sua importância aos seus próprios olhos, disso não se lhe poderia fazer um grande crime, nem isto destruiria os fatos, se os há. Preferimos crer que os que lhe imputam essa imperfeição estão muito acima das coisas terrenas, para se fazerem, a esse respeito, a mais leve censura.

Mas, em todo o caso, esse pensamento não podia ser senão *consecutivo* e não preconcebido. Se o Sr. Jacob tivesse premeditado o desígnio de se popularizar fazendo-se passar por curador emérito, sem poder provar algo mais que a sua incapacidade, em vez de aplausos só teria recolhido apupos desde o primeiro dia, o que não lhe teria sido muito lisonjeiro. Para se orgulhar de alguma coisa é preciso uma causa preexistente; fazia-se necessário, pois, que ele curasse, antes de se envaidecer.

Acrescentam que ele queria que falassem dele; seja. Se tal fosse o seu objetivo, deve-se convir que, graças à imprensa, ele foi servido na medida do possível. Mas, qual o jornal que poderá

dizer que o Sr. Jacob tenha ido mendigar a menor propaganda, o menor artigo, que tenha pago uma única linha? Foi procurar algum jornalista? Não; os jornalistas é que foram a ele e nem sempre puderam vê-lo facilmente. A imprensa falou dele espontaneamente quando viu a multidão, e a multidão só veio quando houve fatos. Foi fazer a corte a grandes personagens? A estes se mostrou mais acessível, mais solícito, mais previdente? Todos sabem que, a esse respeito, ele levou o rigorismo ao excesso. Todavia, seu amor-próprio teria encontrado mais elementos de satisfação na alta sociedade do que entre obscuros indigentes.

Naturalmente deve-se afastar toda imputação de intriga e de charlatanismo.

Ele cura todas as doenças? Não só não as cura todas, mas, de dois indivíduos, atingidos pelo mesmo mal, muitas vezes cura um e nada faz pelo outro. Nunca sabe de antemão se curará um doente, por isso nunca promete nada. Ora, sabe-se que os charlatães não são avarentos em promessas. A cura se deve a afinidades fluídicas, que se manifestam instantaneamente, como um choque elétrico, e que não podem ser prejudgadas.

É dotado de um poder sobrenatural? Voltamos ao tempo dos milagres? Perguntai a ele mesmo e ele vos responderá que em suas curas nada há de sobrenatural, nem de miraculoso; que é dotado de um poder fluídico independente de sua vontade, que se manifesta com maior ou menor energia, conforme as circunstâncias e o meio onde se encontra; que o fluido que emite cura certas doenças em certas pessoas, sem que ele saiba por que, nem como.

Quanto aos que pretendem que essa faculdade é um presente do diabo, pode-se responder que, uma vez que só se exerce para o bem, o diabo tem bons momentos, dos quais é bom aproveitar. Também se lhes pode perguntar que diferença existe entre as curas do príncipe de Hohenlohe e as do zuavo Jacob, para

que umas sejam reputadas santas e miraculosas e as outras diabólicas? Passemos sobre esta questão, que em nossa época não pode ser levada a sério.

A questão do charlatanismo prejudicava todas as outras, razão por que nela insistimos. Uma vez afastada, vejamos que conclusões podem ser tiradas da observação.

O Sr. Jacob cura instantaneamente doenças consideradas incuráveis: eis um fato positivo. A questão do número de doentes curados aqui é secundária; houvesse apenas um caso em cem e o fato não subsistiria menos. Ora, esse fato tem uma causa.

A faculdade curadora levada a esse grau de força, achando-se num soldado que, por mais honesto que seja, não tem o caráter, nem os hábitos, nem a linguagem, nem a atitude dos santos; exercida fora de toda forma ou aparato místico, nas mais vulgares e nas mais prosaicas condições; aliás, achando-se em diferentes graus numa porção de outras pessoas, em heréticos como os muçulmanos, os hindus, os budistas, etc., exclui a idéia de milagres no sentido litúrgico da palavra. É, pois, uma faculdade inerente ao indivíduo; e, desde que não é um fato isolado, é que depende de uma lei, como todo efeito natural.

A cura é obtida sem o emprego de nenhum medicamento; portanto é devida a uma influência oculta. E desde que se trata de um resultado efetivo, material e que o nada não pode produzir coisa alguma, é preciso que essa influência seja algo de material. Então só pode ser um fluido material, conquanto impalpável e invisível. Como o Sr. Jacob nem toca no doente, nem lhe aplica nenhum passe magnético, o fluido não pode ter por motor e propulsor senão a vontade. Ora, não sendo a vontade um atributo da matéria, só pode emanar do Espírito; é, pois, o fluido que age sob o impulso do Espírito. Sendo a maioria das doenças curadas por esse meio aquelas contra as quais a Ciência é impotente, há, então, agentes curativos mais poderosos que os da

medicina ordinária. Esses fenômenos são, por conseguinte, a revelação de leis desconhecidas pela Ciência. Em presença de fatos patentes, é mais prudente duvidar do que negar. Tais são as conclusões a que forçosamente chegará todo observador imparcial.

Qual a natureza desse fluido? É eletricidade ou magnetismo? Provavelmente tem um e outro e talvez algo mais; em todo o caso, é uma modificação deles, já que seus efeitos são diferentes. A ação magnética é evidente, embora mais poderosa que a do magnetismo ordinário, de que esses fatos são a confirmação e, ao mesmo tempo, a prova de que não disse a última palavra.

Não entra nos propósitos deste artigo explicar o modo de ação desse agente curativo, já descrito na teoria da mediunidade curadora. Basta ter demonstrado que o exame dos fatos leva a reconhecer a existência de um princípio novo, e que esse princípio, por mais estranho que sejam os seus efeitos, não sai do domínio das leis naturais.

Nos fatos concernentes ao Sr. Jacob, a bem dizer o Espiritismo não foi mencionado, ao passo que toda a atenção concentrou-se no magnetismo. Isto tinha sua razão de ser e sua utilidade. Embora o concurso dos Espíritos desencarnados seja um fato constatado nesses tipos de fenômenos, aqui a sua ação não é evidente, razão por que dela fazemos abstração. Pouco importa que os fatos sejam explicados com ou sem a intervenção de Espíritos estranhos; o magnetismo e o Espiritismo se dão as mãos; são duas partes de um mesmo todo, dois ramos de uma mesma ciência, que se completam e se explicam um pelo outro. Dar crédito ao magnetismo é abrir caminho ao Espiritismo, e reciprocamente.

A crítica não poupou o Sr. Jacob. Como de hábito, e em falta de boas razões, ela lhe prodigalizou chacotas e injúrias grosseiras, com o que ele não se inquietou absolutamente. Desprezou umas e outras, e as pessoas sensatas ficaram gratas por sua moderação.

Alguns chegaram a solicitar o seu encarceramento como impostor abusando da credulidade pública; mas um impostor é quem promete e não cumpre. Ora, como o Sr. Jacob nunca prometeu coisa alguma, ninguém pode queixar-se de ter sido enganado. Que lhe podiam censurar? Onde a contravenção legal? Não exercia a Medicina, nem mesmo ostensivamente o magnetismo. Qual a lei que proíbe curar as pessoas olhando-as?

Denunciaram-no, porque a multidão de doentes que a ele acorria perturbava a circulação. Mas foi ele quem chamou a multidão? Convocou-a por anúncios? Qual o médico que protestaria se tivesse uma semelhante à sua porta? E se um deles tivesse essa boa sorte, mesmo à custa de anúncios caros, que diria se quisessem inquietá-lo pelo fato? Disseram que se mil e quinhentas pessoas por dia, durante um mês, totalizando quarenta e cinco mil doentes, tivessem sido curadas, não deveria mais haver coxos nem estropiados nas ruas de Paris. Seria supérfluo refutar esta singela objeção; apenas diremos que quanto mais cresce o número de doentes, curados ou não, que se acotovela na Rua de la Roquette, mais se prova quão grande é o número daqueles que a Medicina não pode curar, pois é evidente que se esses doentes tivessem sido curados pelos médicos, não teriam vindo ao Sr. Jacob.

Como, a despeito das denegações, havia fatos patentes de curas extraordinárias, quiseram explicá-las dizendo que o Sr. Jacob agia, pela própria aspereza de suas palavras, sobre a imaginação dos doentes. Seja. Mas, então, se reconheceis à influência da imaginação um tal poder sobre as paralisias, as epilepsias, os membros anquilosados, por que não empregais esse meio, em vez de deixar que os inditosos enfermos sofram tanto, ou lhes dar drogas que sabeis inúteis?

Disseram que o Sr. Jacob não tinha o poder que se atribuía, e a prova é que se recusou a ir curar num hospital, sob as vistas de pessoas competentes para apreciar a realidade das curas.

Duas razões devem ter motivado a recusa. Primeiro, não se podia ocultar que a oferta que lhe faziam não era ditada pela simpatia, mas um desafio que lhe propunham. Se, numa sala de trinta doentes, ele só tivesse levantado ou aliviado três ou quatro, não teriam deixado de dizer que isto nada provava e que havia fracassado.

Em segundo lugar, é preciso levar em conta circunstâncias que podem favorecer ou paralisar sua ação fluídica. Quando está rodeado de doentes que lhe vêm voluntariamente, a confiança que trazem os predispõe. Não admitindo nenhum estranho atraído pela curiosidade, ele se acha num meio simpático, que também o predispõe; é dono de si; seu espírito se concentra livremente e sua ação tem toda a sua força. Numa sala de hospital, desconhecido dos doentes habituados aos cuidados de seus médicos, cuja fé em outra coisa que não fosse a sua medicação seria suspeita, sob os olhos inquisidores e zombeteiros de criaturas prevenidas, interessadas em o denegrir; que, em vez de o secundar pelo concurso de injeções benfazejas, temessem mais do que desejariam vê-lo triunfar – o sucesso de um zuavo ignorante seria um desmentido dado ao seu saber – é evidente que, sob o império dessas impressões e desses eflúvios antipáticos, sua faculdade se acharia neutralizada. O erro desses senhores, nisto como quando se tratou do sonambulismo, sempre foi acreditar que esses tipos de fenômenos seriam manobrados à vontade, como uma pilha elétrica.

As curas desse gênero são espontâneas, imprevistas e não podem ser premeditadas nem constituírem objeto de concurso. Acrescentemos a isto que o poder curador não é permanente; aquele que hoje o possui, pode vê-lo cessar no momento em que menos espera. Essas intermitências provam que depende de uma causa independente da vontade do curador e frustram os cálculos do charlatanismo.

Nota – O Sr. Jacob ainda não retomou o curso de suas curas. Ignoramos o motivo e parece que não há nada fixado quanto

à época em que recomeçará, se é que isto vai acontecer. Esperando, informam-nos que a mediunidade curadora se propaga em diferentes localidades, com aptidões diversas.

Notas Bibliográficas

A RAZÃO DO ESPIRITISMO³¹

POR MICHEL BONNAMY

**Juiz de instrução; membro dos congressos científicos de França;
antigo membro do conselho geral de Tarn-et-Garonne**

Quando apareceu o romance *Mireta*, os Espíritos disseram estas palavras notáveis na Sociedade de Paris:

“O ano de 1866 apresenta a filosofia nova sob todas as formas; mas ainda é o talo verde que encerra a espiga de trigo e, para a mostrar, espera que o calor da primavera a tenha amadurecido e feito desabrochar. 1866 preparou, 1867 amadurecerá e realizará. O ano se abre sob os auspícios de *Mireta* e não se escoará sem ver aparecerem novas publicações do mesmo gênero e mais sérias ainda, no sentido de que o romance tornar-se-á filosofia e a filosofia se fará história.” (Revista de fevereiro de 1867).

Anteriormente eles já haviam dito que se preparavam diversas obras sérias sobre a filosofia do Espiritismo, nas quais o nome da doutrina não seria timidamente dissimulado, mas confessado e proclamado em voz alta por homens cujo nome e posição social dariam peso à sua opinião; e acrescentaram que o primeiro apareceria provavelmente pelo fim do presente ano.

A obra que anunciamos realiza completamente esta previsão. É a primeira publicação deste gênero na qual a questão é encarada em todas as suas partes e em toda a sua grandeza. Pode-se, pois, dizer que inaugura uma das fases da existência do

31 Um volume in-12. Preço: 3 francos; pelos correios: 3 fr. 35 c. Librairie internationale, 15, boulevard Montmartre, Paris.

Espiritismo. O que a caracteriza é que não é uma adesão banal aos princípios da doutrina, uma simples profissão de fé, mas uma demonstração rigorosa, onde os próprios adeptos encontrarão novas idéias. Lendo esta argumentação cerrada, levada, a bem dizer, até a minúcia, e por um encadeamento lógico das idéias, perguntar-se-á, sem dúvida, por que singular extensão do vocábulo se poderia aplicar ao autor o epíteto de *louco*. Se é um louco que assim discute, poder-se-á dizer que às vezes os loucos tapam a boca de gente que se diz sensata. É uma defesa exemplar, onde se reconhece o advogado que quer reduzir a réplica aos seus últimos limites; mas aí se reconhece, também, aquele que estudou a causa seriamente e a perscrutou nos seus mais minuciosos detalhes. O autor não se limita a emitir a sua opinião: ele a motiva e dá a razão de ser de cada coisa. É por isso que, com toda justiça, intitolou seu livro de *A Razão do Espiritismo*.

Publicando esta obra, sem cobrir a sua personalidade com o menor véu, o autor prova que tem a verdadeira coragem de sua opinião, e o exemplo que dá é um título ao reconhecimento de todos os espíritas. O ponto de vista em que se colocou é principalmente o das conseqüências filosóficas, morais e religiosas, as que constituem o objetivo essencial do Espiritismo e dele faz uma obra humanitária.

Aliás, eis como ele se expressa no prefácio.

“Está nas vicissitudes das coisas humanas, ou, melhor dizendo, parece fatalmente reservado a toda idéia nova ser mal acolhida ao seu aparecimento. Como, as mais das vezes, tem por missão derrubar idéias que a precederam, encontra resistência muito grande da parte do entendimento humano.

“O homem que viveu com preconceitos não acolhe senão com desconfiança a recém-chegada, que tende a modificar, a destruir mesmo combinações e idéias fixas em seu espírito, a forçá-lo, numa palavra, a meter mãos à obra, para correr atrás da verdade. Aliás, sente-se humilhado em seu orgulho, por ter vivido no erro.

“A repulsa que inspira a idéia nova é muito mais acentuada ainda quando traz consigo obrigações, deveres; quando impõe uma linha de conduta mais severa.

“Ela encontra enfim ataques sistemáticos, ardentes, obstinados, quando ameaça posições conquistadas, e sobretudo quando se defronta com o fanatismo ou com opiniões profundamente arraigadas na tradição dos séculos.

“As doutrinas novas, pois, sempre têm numerosos detratores; muitas vezes elas têm mesmo que sofrer perseguição, o que levou Fontenelle a dizer: ‘Que se tivesse todas as verdades na mão, teria o cuidado de não a abrir.’

“Tais eram o desfavor e os perigos que esperavam o Espiritismo quando do seu aparecimento no mundo das idéias. Os insultos, a zombaria, a calúnia não lhe foram poupados; e, talvez, também venha o dia da perseguição. Os adeptos do Espiritismo foram tratados de iluminados, alucinados, patetas e loucos, e a essa enxurrada de epítetos que, todavia, pareciam contradizer-se e excluir-se, acrescentaram os de impostores, charlatães e, finalmente, de partidários de Satã.

“A qualificação de louco é a que parece mais especialmente reservada a todo promotor ou propagador de idéias novas. É assim que trataram de louco o primeiro que se atreveu a dizer que a Terra girava em torno do Sol.

“Também era louco o célebre navegador que descobriu um novo mundo. Ainda era louco, para o areópago da Ciência, o que descobriu a força do vapor. E a douta assembléia acolheu, com sorriso desdenhoso, a sábia dissertação de Franklin sobre as propriedades da eletricidade e a teoria do pára-raios.

“Ele também, o divino regenerador da Humanidade, o reformador autorizado da lei de Moisés, não foi tratado de louco? Não expiou por um suplício ignominioso a propagação dos benefícios da moral divina na Terra?

“Galileu não expiou como herético, num seqüestro cruel e em amargas perseguições morais, a glória de ter sido o primeiro a ter a iniciativa do sistema planetário cujas leis Newton devia promulgar?

“São João Batista, o precursor do Cristo, também tinha sido sacrificado à vingança dos culpados, cujos crimes condenara.

“Os apóstolos, depositários dos ensinamentos do divino Messias, tiveram que selar com sangue a santidade de sua missão. E a religião reformada por sua vez não foi perseguida e, após os massacres de São Bartolomeu, não teve que sofrer as dragonadas?

“Enfim, remontando até o ostracismo inspirado por outras paixões, vemos Aristides exilado e Sócrates condenado a beber cicuta.

“Sem dúvida, graças aos costumes suaves que caracterizam nosso século, sob o império de nossas instituições e das luzes que põem um freio à intolerância fanática, as fogueiras não mais se erguerão para purificar com suas chamas as doutrinas espíritas, cuja paternidade pretendem fazer remontar a Satã. Mas elas também devem esperar um levante dos mais hostis e ataque de ardentes adversários.

“Entretanto, este estado militante não poderia debilitar a coragem dos que estão animados por uma convicção profunda, dos que têm a certeza de ter nas mãos uma dessas verdades fecundas, que constituem, em seus desdobramentos, um grande benefício para a Humanidade.

“Mas, seja como for o antagonismo das idéias ou das doutrinas que o Espiritismo suscitar; sejam quais forem os perigos que deva abrir sob os passos dos adeptos, o espírita não poderia deixar esta luz sob o alqueire e se recusar a lhe dar todo o brilho

que ela comporta, o apoio de suas convicções e o testemunho sincero de sua consciência.

“O Espiritismo, revelando ao homem a economia de sua organização, iniciando-o no conhecimento de seus destinos, abre um campo imenso às suas meditações. Assim o filósofo espírita, chamado a levar suas investigações a esses novos e esplêndidos horizontes só tem por limites o infinito. Assiste, de certo modo, ao conselho supremo do Criador. Mas o entusiasmo é o escolho que deve evitar, sobretudo quando lança suas vistas sobre o homem, tornado tão grande e que, no entanto, por orgulho se faz tão pequeno. Não é senão quando esclarecido pelas luzes de uma prudente razão, e tomando por guia a fria e severa lógica, que deve dirigir suas peregrinações no domínio da ciência divina, cujo véu foi erguido pelos Espíritos.

“Este livro é o resultado de nossos próprios estudos e de nossas meditações sobre este assunto que, desde o começo, nos pareceu de importância capital e ter conseqüências da mais alta gravidade. Reconhecemos que essas idéias têm raízes profundas e nelas entrevimos a aurora de uma nova era para a sociedade. A rapidez com que se propagam é um indício de sua próxima admissão no número das crenças aceitas. Em razão mesmo de sua importância, não nos contentamos com afirmações e argumentos da doutrina; não só nos asseguramos da realidade dos fatos, mas perscrutamos com minuciosa atenção os princípios deles decorrentes; buscamos a sua razão com fria imparcialidade, sem negligenciar o estudo não menos consciencioso das objeções que opõem os antagonistas; como um juiz que escuta as duas partes contrárias, pesamos maduramente os prós e os contras. Só depois de haver adquirido a convicção de que as alegações contrárias nada destroem; que a doutrina repousa sobre bases sérias, numa lógica rigorosa, e não em devaneios quiméricos; que contém o gérmen de uma renovação salutar do estado social, minado secretamente pela incredulidade; que é, enfim, uma poderosa barreira contra a invasão do materialismo e

da desmoralização, é que julgamos dever dar nossa apreciação pessoal, e as deduções que tiramos de um estudo atento.

“Assim, tendo encontrado uma razão de ser nos princípios desta nova ciência, que tem lugar reservado entre os conhecimentos humanos, intitulamos nosso livro *A Razão do Espiritismo*. Este título é justificado pelo ponto de vista sob o qual encaramos o assunto, e os que nos lerem reconhecerão sem dificuldade que este trabalho não é produto de um entusiasmo leviano, mas de um exame maduramente e friamente reflexivo.

“Estamos convictos de que, quem quer que, sem partido preconcebido de oposição sistemática, fizer, como nós fizemos, um estudo consciencioso da Doutrina Espírita, a considerará como uma das coisas que interessam no mais alto grau o futuro da Humanidade.

“Dando a nossa adesão a esta doutrina, usamos do direito de liberdade de consciência, que a ninguém pode ser contestado, seja qual for a sua crença. Com mais forte razão esta liberdade deve ser respeitada, quando tem por objetivo princípios da mais alta moralidade, que conduzem os homens à prática dos ensinamentos do Cristo e, por isso mesmo, são a salvaguarda da ordem social.

“O escritor que consagra sua pena em fixar no espírito a impressão que tais ensinamentos deixaram no santuário de sua consciência, deve guardar-se bem de confundir as elucubrações brotadas no seu horizonte terrestre com os raios luminosos partidos do céu. Se restam pontos obscuros ou ocultos às suas explicações, pontos que ainda não lhe é dado conhecer, é que, aos olhos da sabedoria divina, ficam reservados para um grau superior na escala ascendente de sua depuração progressiva e de sua perfectibilidade.

“Todavia, apressemo-nos em dizê-lo, todo homem convicto e consciencioso, consagrando suas meditações à difusão

de uma verdade fecunda para a felicidade da Humanidade, mergulha sua pena na atmosfera celeste, onde nosso globo está imerso, e recebe incontestavelmente a centelha da inspiração.”

A indicação do título dos capítulos dará a conhecer o quadro abarcado pelo autor.

1. Definição do Espiritismo. – 2. Princípio do bem e do mal. – 3. União da alma com o corpo. – 4. Reencarnação. – 5. Frenologia. – 6. Pecado original. – 7. O inferno. – 8. Missão do Cristo. – 9. O purgatório. – 10. O céu. – 11. Pluralidade dos globos habitados. – 12. – A caridade. – 13. – Deveres do homem. – 14. Perispírito. – 15. Necessidade da revelação. – 16. Oportunidade da revelação. – 17. Os anjos e os demônios. – 18. Os tempos preditos. – 19. A prece. – 20. A fé. – 21. Resposta aos insultadores. – 22. Resposta aos incrédulos, ateus ou materialistas. – 23. Apelo ao clero.

Lamentamos que a falta de espaço não nos permita reproduzir tantas passagens quanto desejaríamos. Limitar-nos-emos a algumas citações.

Cap. III, pág. 41. – “A utilidade recíproca e indispensável da alma e do corpo para sua cooperação respectiva constitui, pois, a razão de ser de sua união. Ela constitui, a mais, para o Espírito, as condições militantes na via do progresso, onde está chamado a conquistar sua personalidade intelectual e moral.

“Como esses dois princípios realizam normalmente, no homem, o fim de sua destinação? Quando o Espírito é fiel às suas aspirações divinas, restringe os instintos animais e sensuais do corpo e os reduz à sua ação providencial na obra do Criador; desenvolve-se, cresce. É a perfeição mesma da obra que se realiza. Chega à felicidade, cujo último termo é inerente ao grau supremo da perfectibilidade.

“Se, ao contrário, abdicando da soberania que é chamado a exercer no corpo, cede ao arrastamento dos sentidos, e

se aceita suas condições de prazeres terrestres como *único objetivo de suas aspirações*, falseia a razão de ser de sua existência e, longe de realizar os seus destinos, fica estacionário; ligado a esta vida terrestre que, entretanto, não deveria ter sido para ele senão uma condição acessória, pois não poderia ser o seu fim, o Espírito, de chefe que era, torna-se subordinado; como insensato, aceita a felicidade terrena que os sentidos lhe fazem experimentar e que lhe propõem satisfazer, assim abafando nele a intuição da felicidade verdadeira que lhe está reservada. Eis a sua primeira punição.”

No capítulo XII, do inferno, pág. 99, encontramos esta notável apreciação da morte e dos flagelos destruidores:

“Seria enumerando os flagelos que espalham sobre a Terra o terror e o pânico, o sofrimento e a morte, que acreditariam poder dar a prova das manifestações da cólera divina?”

“Sabei, pois, temerários *evocadores* das vinganças celestes, que os cataclismos que assinalais, longe de ter o caráter exclusivo de um castigo infligido à Humanidade, são, ao contrário, um ato da misericórdia divina, que fecha a *esta* o abismo onde a precipitavam suas desordens, e lhe abre as vias do progresso, que a levarão ao caminho que deve seguir para assegurar a sua regeneração.

“Que são esses cataclismos, senão uma nova fase na existência do homem, uma era feliz, marcando para os povos e a Humanidade inteira o ponto providencial de seu adiantamento?”

“Sabei, pois, que a morte não é um mal. Farol da existência do Espírito, ela é sempre, quando vem de Deus, o sinal de sua misericórdia e de sua assistência benfazeja. A morte é apenas o fim do corpo, o termo de uma encarnação e, nas mãos de Deus, é o aniquilamento de um meio corruptor e vicioso, a interrupção de uma corrente funesta, à qual, num momento solene, a Providência arranca o homem e os povos.

“A morte não é senão uma interrupção na prova terrestre. Longe de prejudicar o homem, ou antes, o Espírito, ela o chama a se recolher no mundo invisível, seja para reconhecer suas faltas e as lamentar, seja para se esclarecer e se preparar, por firmes e salutares resoluções, para retomar a prova da vida terrestre.

“A morte só gela o homem de pavor porque, muito identificado com a Terra, não tem fé em seu augusto destino, do qual este globo não passa de dolorosa oficina, na qual se deve realizar a sua depuração.

“Cessai, pois, de crer que a morte seja um instrumento de cólera e de vingança nas mãos de Deus; sabeis, ao contrário, que ela é ao mesmo tempo a expressão de sua misericórdia e de sua justiça, seja detendo o mau na vida da iniquidade, seja abreviando o tempo de provas ou de exílio do justo sobre a Terra.

“E vós, ministros do Cristo, que do alto do púlpito da verdade proclamais a cólera e a vingança de Deus, e pareceis, por vossas eloqüentes descrições da fantástica fornalha, atizar as chamas inextinguíveis para devorar o infeliz pecador; vós que, de vossos lábios tão autorizados, deixais cair esta aterradora epígrafe: ‘Jamais! – Sempre!’ então esquecesteis as instruções de vosso divino Mestre?

Ainda citaremos as seguintes passagens, extraídas do capítulo sobre o pecado original.

“Em vez de criar a alma perfeita, quis Deus que não fosse senão por longos e constantes esforços que ela chegaria a se desprender deste estado de inferioridade nativa e gravitar para seus augustos destinos.

“Para chegar a esses fins, deve ela, pois, romper os laços que a prendem à matéria, resistir ao arrastamento dos sentidos, com a alternativa de sua supremacia sobre o corpo, ou da obsessão exercida sobre ela pelos instintos animais.

“São destes laços terrestres que lhe importa libertar-se e que nela constituem as condições mesmas de sua inferioridade; eles não são outros senão o suposto pecado original, o alvéolo que cobre a sua essência divina. O pecado original constitui, assim, o ascendente primitivo que os instintos animais devem ter exercido, inicialmente, sobre as aspirações da alma. Tal é o estado do homem que o *Gênesis* quis representar sob a figura simples da árvore da ciência do bem e do mal. A intervenção da serpente tentadora não é outra coisa senão os desejos da carne e a solitação dos sentidos; o Cristianismo consagrou esta alegoria como um fato real, ligando-se à existência do primeiro homem; e é sobre este fato que fundou o dogma da redenção.

“Colocado deste ponto de vista, é preciso reconhecê-lo, o pecado original deve ter sido, com efeito, e realmente foi, o de toda a posteridade do primeiro homem, e assim o será durante uma longa sucessão de séculos, até a libertação completa do Espírito das opressões da matéria, libertação que, sem dúvida, tende a se realizar, mas que ainda não se fez em nossos dias.

“Numa palavra, o pecado original constitui as condições da natureza humana trazendo os primeiros elementos de sua existência, com todos os vícios que ela gerou.

“O pecado original é o egoísmo, é o orgulho que presidem a todos os atos da vida do homem;

“É o demônio da inveja e do ciúme que roem o seu coração;

“É a ambição que perturba seu sono;

“É a cupidez, que não pode saciar a avidez do lucro;

“É o amor e a sede de ouro, este elemento indispensável para dar satisfação a todas as exigências do luxo, do conforto e do bem-estar, que persegue o século com tanto ardor.

“Eis o pecado original proclamado pelo *Gênesis*, e que o homem sempre ocultou em si; ele só será apagado no dia em que, compenetrado de seus altos destinos, o homem abandonar, conforme a lição do bom La Fontaine, a sombra pela presa; o dia em que renunciar à miragem da felicidade terrena, para voltar todas as suas aspirações para a felicidade real, que lhe está reservada.

“Que o homem aprenda, pois, a se tornar digno de seu título de chefe entre todos os seres criados, e da essência etérea emanada do próprio seio de seu Criador e de que está repleto. Que seja forte para lutar contra as tendências de seu envoltório terrestre, cujos instintos são estranhos às suas aspirações divinas e não poderiam constituir sua personalidade espiritual; que seu objetivo único seja sempre gravitar para a perfeição de seu último fim, e o pecado original não existirá mais para ele.”

O Sr. Bonnamy já é conhecido de nossos leitores, que puderam apreciar a firmeza, a independência de seu caráter e a elevação de seus sentimentos, pela notável carta que publicamos na *Revista* de março de 1866, no artigo intitulado: *O Espiritismo e a Magistratura*. Ele vem hoje, por um trabalho de alto alcance, emprestar resolutamente o apoio e a autoridade de seu nome a uma causa que, na sua consciência, considera como a da Humanidade.

Entre os adeptos já numerosos que o Espiritismo conta na magistratura, o Sr. Jaubert, vice-presidente do tribunal de Carcassonne, e o Sr. Bonnamy, juiz de instrução em Villeneuve-sur-Lot, são os primeiros que abertamente arvoraram a bandeira. E o fizeram, não no dia seguinte à vitória, mas no momento da luta, quando a doutrina é alvo dos ataques de seus adversários, e quando seus aderentes ainda estão sob o golpe da perseguição. Os espíritas atuais e os do futuro saberão apreciá-lo e não o esquecerão. Quando uma doutrina recebe os sufrágios de homens tão justamente considerados, é a melhor resposta às diatribes de que ela possa ser objeto.

A obra do Sr. Bonnamy marcará nos anais do Espiritismo, não só como a primeira em data no seu gênero, mas, sobretudo, por sua importância filosófica. O autor aí examina a doutrina em si mesma, discute os seus princípios, dos quais tira a quintessência, fazendo abstração completa de todo personalismo, o que exclui qualquer pensamento corporativista.

NO PRELO

PARA APARECER EM DEZEMBRO

A Gênese, os Milagres e as Predições

SEGUNDO O ESPIRITISMO

POR ALLAN KARDEC

1 vol. in-12, de 500 páginas

Aviso

RESPOSTA AO SR. S. B., DE MARSELHA

Não são levadas em consideração as cartas que não estejam ostensivamente assinadas, ou que não tragam endereço certo, quando o nome é desconhecido. São refugadas.

Esta resposta se dirige igualmente a uma série de cartas que trazem o carimbo de *estrada de Besançon* e vindas quotidianamente, durante um certo tempo. Se este aviso chegar ao seu autor, ele será informado que, pelo motivo acima, e dada a sua extensão, elas nem mesmo foram lidas, à medida que chegavam; a pessoa encarregada da correspondência as pôs de lado, como todas as que são cercadas de mistério e que, por esta razão, não se consideram como suficientemente sérias para ocupar o tempo, com prejuízo dos trabalhos de importância real, por si sós já bastantes.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

DEZEMBRO DE 1867

Nº 12

O Homem Frente à História

ANCIANIDADE DA RAÇA HUMANA^{32, 33}

Na história da Terra, a Humanidade talvez não passe de um sonho; e quando o nosso velho mundo adormecer nos gelos de seu inverno, a passagem de nossas sombras sobre sua face talvez nele não tenha deixado qualquer lembrança. A Terra possui uma história própria, incomparavelmente mais rica e mais complexa que a do homem. Muito tempo antes do aparecimento de nossa raça, durante séculos e séculos, ela foi seguidamente ocupada por habitantes diversos, por seres primordiais, que estenderam sua dominação sucessiva à sua superfície, e desapareceram com as modificações elementares da física do globo.

Num destes últimos períodos, na época terciária, à qual podemos fixar sem medo uma data de várias centenas de milhares

32 Este artigo é tirado dos artigos científicos que o Sr. Flammarion publicou no *Siècle*. Julgamos por bem reproduzi-lo, primeiro porque sabemos do interesse dos nossos leitores pelos escritos desse jovem sábio, e, além disso, porque, do ponto de vista da Ciência, ele toca em alguns pontos fundamentais da doutrina exposta em nossa obra sobre a *Gênese*.

33 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 527.

de anos, antes de nós, o sítio onde hoje Paris ostenta os seus esplendores era um Mediterrâneo, um golfo do oceano universal, acima do qual apenas se elevaram na França o terreno cretáceo de Troie, Rouen, Tours; o terreno jurássico de Chaumont, Bourges, Niort; o terreno triásico dos Vosges, e o terreno primitivo dos Alpes, do Auvergne e das costas da Bretanha. Mais tarde a configuração mudou. Na época em que ainda viviam o mamute, o urso das cavernas e o rinoceronte de narinas separadas, podia-se ir por terra de Paris a Londres; e talvez esse trajeto fosse efetuado por nossos antepassados daquele tempo, porque havia homens aqui, antes da formação da França geográfica.

Sua vida diferia tanto da nossa quanto a dos selvagens de que nos ocupávamos recentemente. Uns tinham construído suas aldeias sobre palafitas, no meio dos grandes lagos; essas cidades lacustres, comparáveis às dos castores, foram descobertas em 1853, quando, em consequência de uma longa estiagem, os lagos da Suíça baixaram, pondo a descoberto palafitas, utensílios de pedra, de chifre, de ouro e de argila, vestígios inequívocos da antiga habitação do homem; e essas cidades aquáticas não eram uma exceção: só na Suíça foram encontradas mais de duzentas. Conta Heródoto que os Paeonianos habitavam cidades semelhantes sobre o lago Prasias. Cada cidadão que tomava mulher era obrigado a mandar três pedras da floresta vizinha e as fixar no lago. Como o número das mulheres não era limitado, o piso da cidade cresceu depressa. As cabanas estavam em comunicação com a água por um alçapão, e as crianças eram amarradas pelo pé a uma corda, por medo de acidente. Homens, cavalo, gado, viviam juntos, alimentando-se de peixe. Hipócrates relata os mesmos costumes dos habitantes de Phase. Em 1826, Dumont d'Urville descobriu cidades lacustres análogas nas costas da Nova-Guiné.

Outros habitavam as cavernas, as grutas naturais ou construíam um refúgio grosseiro contra os animais ferozes. Hoje se

encontram seus ossos misturados aos da hiena, do urso das cavernas, do rinoceronte tiorino. Um cavouqueiro, em 1852, querendo saber a profundidade de um buraco pelo qual os coelhos se esquivavam dos caçadores, em Aurignac (Haute-Garonne), retirou dessa abertura ossos de grande dimensão. Atacando então o flanco do montículo, na esperança de ali encontrar um tesouro, logo se achou em frente de um verdadeiro ossuário. O rumor público, apoderando-se do fato, pôs em circulação relatos de moedeiros falsos, de assassinatos, etc. O prefeito julgou por bem mandar reunir todas as ossadas para as levar ao cemitério; e quando, em 1860, o Sr. Lartet quis examinar esses velhos restos, o coveiro nem mais se lembrava do lugar da sepultura. Não obstante, com o auxílio de raros vestígios que cercavam a caverna, traços de um foco, ossos quebrados para extrair a medula, pode-se assegurar que as três espécies acima referidas viveram nesse ponto da França ao mesmo tempo que o homem. O cão já era companheiro do homem, e sem dúvida foi a sua primeira conquista.

O alimento desses homens primitivos já era muito variado. Pretende um professor que a proporção entre carnívoros e frugívoros era de doze para vinte. Acha o Sr. Florens que eles se nutriam exclusivamente de frutos. Mas a verdade é que, desde o começo, o homem foi onívoro. Os *kjokkenmoddings* da Dinamarca nos conservam restos de *cozinha antediluviana*, provando este fato até a evidência. Já almoçavam ostras e peixes, conheciam o ganso, o cisne, o pato; apreciavam o galo silvestre, o cervo, o cabrito-montês, a rena, que caçavam, dos quais foram encontrados restos trespassados por flechas de pedra. O bisão ou boi primitivo já lhe dava leite; o lobo, a raposa, o cão e o gato lhes serviam de prato principal. As landes, a cevada, a aveia, as ervilhas, as lentilhas lhes davam o pão e os legumes; o trigo só veio mais tarde. As avelãs, as bolotas, as maçãs, as peras, os morangos e as framboesas rematavam essas iguarias dos antigos dinamarqueses. Os suíços da idade da pedra se apoderaram da carne do bisão, do alce e do touro selvagem, tinham domesticado a cabra e a ovelha. A lebre e o

coelho eram desdenhados por alguma razão supersticiosa; mas, em compensação, o cavalo já havia tomado lugar em suas refeições. Todas essas carnes eram comidas cruas e fumegantes na origem e, observação curiosa, os antigos dinamarqueses não se serviam, como nós, dos dentes incisivos para cortar, mas segurar, reter e mastigar o alimento, de sorte que esses dentes não eram cortantes, como os nossos, mas achatados, como nossos molares e as duas arcadas dentárias pousavam uma sobre a outra, em vez de se encaixarem.

Nem todos os selvagens primitivos eram nus. Os primeiros habitantes das latitudes boreais, da Dinamarca, da Gália e da Helvécia, tiveram que se garantir contra o frio com agasalhos de peles. Mais tarde pensaram nos ornamentos. O coquetismo, o amor aos enfeites não datam de hoje, senhoras: testemunham esses colares formados com dentes de cão, de raposa e de lobo, atravessados por um furo de suspensão. Mais tarde os grampos para cabelo, os braceletes, os pegadores de bronze se multiplicaram ao infinito, e é surpreendente a variedade e até o bom-gosto dos objetos que serviam à toalete das senhorinhas e dos homens elegantes daquele tempo.

Naquelas idades recuadas, enterravam os mortos sob abóbadas sepulcrais. Os cadáveres eram colocados em posição agachada, os joelhos quase tocando o queixo, os braços cruzados sobre o peito e aproximados da cabeça. Como se observou, é esta a posição da criança no seio materno. Esses homens primordiais certamente o ignoravam, e é por uma espécie de intuição que equiparavam o túmulo a um berço.

Vestígios de idades que se foram, esses grandes túmulos, esses montículos, essas colinas que nos séculos passados eram chamados “túmulos de gigantes” e que serviam de limites invioláveis, são câmaras mortuárias, sob as quais nossos antepassados escondiam seus mortos. Quais eram esses primeiros

homens? “Não é apenas por curiosidade, diz Virchow, que perguntamos quem eram esses mortos, se em vida pertenciam a uma raça de gigantes. Essas questões nos interessam. Esses mortos são nossos antepassados, e as perguntas que dirigimos a esses túmulos se ligam igualmente à nossa própria origem. De que raça saímos? De que fonte saiu nossa cultura atual e para onde ela nos conduz?”

Não é preciso remontar à criação para receber algum clarão sobre as nossas origens; do contrário ver-nos-íamos condenados a permanecer sempre numa noite completa a esse respeito. Apenas sobre a data da criação contaram-se mais de 140 opiniões, e da primeira à última não há menos de 3.194 anos de diferença! Acrescentar uma 141ª hipótese não esclareceria o problema. Assim, limitar-nos-emos a esclarecer que, do ponto de vista geológico, o último período da história da Terra, o período *quaternário*, o que dura ainda hoje, foi dividido em três fases: a fase *diluviana*, durante a qual houve imensas inundações parciais, e vastos depósitos e acumulações de areia; a fase *glaciária*, caracterizada pela formação de geleiras e por um maior resfriamento do globo; enfim a fase *moderna*. Em suma, a importante questão, hoje mais ou menos resolvida, era saber se o homem não data senão desta última época, ou das precedentes.

Ora, agora está comprovado que data no mínimo da primeira, e que os nossos primeiros ancestrais têm direito ao título de *fósseis*, considerando-se que suas ossadas (o pouco que resta) jazem com as do *ursus spelaeus*, da hiena e dos *felis spelaea*, do *elephas primigenius*, do *megacero*, etc., numa camada pertencente a uma ordem de vida diferente da ordem atual.

Nessas épocas longínquas reinava uma Natureza muito diferente da que hoje desdobra os seus esplendores em volta de nós; outros tipos de plantas decoravam as florestas e os campos; outras espécies de animais viviam na superfície do solo e nos mares.

Quais foram os primeiros homens que despertaram nesse mundo primordial? Que cidades foram edificadas? Que língua foi falada? Que costumes estiveram em uso? Estas questões ainda estão cercadas para nós de profundo mistério. Mas o de que temos certeza é que ali onde fundamos dinastias e monumentos, *várias raças de homens* habitaram sucessivamente, durante períodos seculares.

Sir John Lubbock, na obra assinalada no começo deste estudo, demonstrou a ancianidade da raça humana pelas descobertas relativas aos usos e costumes de nossos ancestrais, como *Sir Charles Lyell* o tinha demonstrado do ponto de vista geológico. Seja qual for o mistério que ainda envolve as nossas origens, preferimos esse resultado ainda incompleto da ciência positiva, às fábulas e aos romances da antiga mitologia.

Camille Flammarion

Um Ressurrecto Contrariado

(Extraído da viagem do Sr. Victor Hugo à Zelândia)

O episódio seguinte é tirado do relato publicado pelo jornal *Liberté*, de uma viagem do Sr. Victor Hugo à Holanda, na província de Zelândia. O artigo se acha no número de 6 de novembro de 1867.

“Acabávamos de entrar na cidade. Eu tinha os olhos erguidos e chamava a atenção de Stevens, meu vizinho de banco no carro, para o pitoresco denteado de uma sucessão de telhados hispano-flamengos, quando, por sua vez, ele me tocou no ombro e me fez sinal para olhar o que se passava no cais.

“Uma multidão barulhenta de homens, mulheres e crianças cercava Victor Hugo. Descendo do carro e escoltado pelas

autoridades da cidade, ele avançava, ar simplesmente de emoção, a cabeça descoberta, com dois buquês nas mãos e duas meninas de vestido branco ao seu lado.

“Eram as duas meninas que acabavam de lhe oferecer os dois buquês.

“Que dizeis, por esse tempo de visitas coroadas e de ovações artificiais ou oficiais, dessa entrada simplesmente triunfal de um homem universalmente popular, que chega de improviso a um país perdido, cuja existência nem sequer suspeitava, e que aí se encontra muito naturalmente em seus Estados? Quem teria prevenido o poeta de que essa cidadezinha desconhecida, cuja silhueta tinha considerado de longe e com curiosidade, era a sua boa cidade de Ziéricsée?

“Ao jantar, o Sr. Van Maenen disse a Victor Hugo:

“ – Sabeis quem são as duas lindas meninas que vos ofereceram buquês?

“ – Não.

“ – São as filhas de um fantasma.

“Isto exigia uma explicação, e o capitão nos contou a estranha aventura. Ei-la:

“Cerca de um mês atrás, na hora do crepúsculo, um carro onde estavam um homem e um menino entrava na cidade. É preciso dizer que pouco antes esse homem havia perdido a esposa e um dos filhos, com o que ficou muito triste. Embora ainda tivesse duas meninas e o menino, o qual estava com ele nesse momento, não se tinha consolado e vivia na melancolia.

“Naquela noite seu carro seguia por um desses caminhos elevados e abruptos, que são, à direita e à esquerda,

ladeados por um fosso de água estagnada e às vezes profunda. De súbito o cavalo, sem dúvida mal dirigido através da bruma do anoitecer, bruscamente perdeu o equilíbrio e rolou do alto da escarpa para o fosso, arrastando consigo o carro, o homem e a criança.

“Houve nesse grupo de seres precipitados um momento de angústia pavorosa, de que ninguém foi testemunha, e um esforço obscuro e desesperado para a salvação. Mas foram abismados na confusão da queda e tudo desapareceu no fosso, que se fechou com a espessa lentidão da lama.

“Só o menino, que como por milagre ficou fora do fosso, gritava e se lamentava, agitando os bracinhos. Dois camponeses, que atravessavam um campo de garança, a alguma distância, ouviram os gritos e correram. Retiraram a criança.

“O menino gritava: ‘Meu papá! meu papá! Quero meu papá!’

“ – E onde está o teu papá?

“ – Lá, dizia o menino, mostrando o fosso.

“Os dois camponeses compreenderam e se puseram ao trabalho. Ao cabo de um quarto de hora retiraram o carro quebrado; depois de meia hora tiraram o cavalo morto. O pequeno gritava sempre e pedia o pai.

“Enfim, após novos esforços, do mesmo buraco do fosso que o carro e o cavalo, pescaram e trouxeram para fora da água algo de inerte e de fétido, que estava inteiramente negro e coberto de lama: era um cadáver, o do pai.

“Tudo isto tinha levado cerca de uma hora. O desespero do menino redobrava; não queria que seu pai estivesse

morto. Entretanto os camponeses o julgavam bem morto; mas como o menino lhes suplicasse e se agarrasse a eles, e como eram boa gente, tentaram, para acalmar o pequeno, o que se faz sempre em tais casos na região: puseram-se a rolar o afogado no campo de garança.

“Rolaram-no assim um bom quarto de hora. Nada mexeu. Rolaram-no ainda. A mesma imobilidade. O pequeno seguia tudo e chorava. Recomeçaram uma terceira vez e já iam desistir quando, enfim, lhes pareceu que o cadáver movia um braço. Continuaram. O outro braço se agitou. Obstinaram-se. O corpo inteiro deu vagos sinais de vida e o morto começou a ressuscitar lentamente.

“Isto é extraordinário, não é? Pois bem! eis o que é ainda mais imprevisito. O homem suspirou longamente, voltando à vida e gritou com desespero. ‘Ah! meu Deus! que foi que fizestes? Eu estava tão bem onde estava. Estava com minha mulher, com meu filho. Tinham vindo a mim e eu a eles. Eu os via e estava no céu, estava na luz. Ah! meu Deus! que fizestes? Não estou mais morto!’

“O homem que assim falava acabava de passar uma hora no lodo. Tinha o braço quebrado e contusões graves.

“Levaram-no para a cidade, e acaba de se curar, acrescentou o Sr. Van Maenen, terminando de nos contar esta história. É o Sr. D..., uma das mais altas inteligências, não só da Zelândia, mas da Holanda. É um dos melhores advogados. Aqui todos o estimam e honram. Quando ele soube, Sr. Victor Hugo, que íeis passar pela cidade, quis de todo jeito sair da cama, que ainda não havia deixado há um mês, e hoje fez a sua primeira saída para ir à vossa frente e vos apresentar suas duas filhinhas, às quais tinha dado buquê de flores para vós.

“Houve um só grito em toda a mesa.

“Estas são coisas que só se passam na Zelândia! Os viajantes aqui não vêm, mas os habitantes voltam.

“Deveriam tê-lo convidado para jantar, arriscou a parte feminina da mesa.

“Convidá-lo! exclamei; mas já éramos doze! Não seria exatamente o momento de convidar um fantasma. Senhoras, gostaríeis de ter um morto como décimo terceiro?

“Há, disse Victor Hugo, que tinha ficado silencioso, dois enigmas nesta história: o enigma do corpo e o da alma. Não me encarrego de explicar o primeiro, nem dizer como pode um homem ficar submerso durante uma hora numa cloaca sem que lhe sobrevenha a morte. Cremos que a asfixia ainda é um fenômeno mal conhecido. Mas o que compreendo admiravelmente é a lamentação dessa alma. Que! ela já tinha saído da vida terrena, desta sombra, deste corpo sujo, desses lábios negros, desse fosso escuro! Ela tinha começado a fuga encantadora. Através da lama, tinha chegado à superfície da cloaca e aí, ligada ainda por uma última pena de sua asa a este horrível último suspiro, estrangulado pelo lodo, já respirava silenciosamente o frescor inefável fora da vida. Já podia voar até seus amores perdidos, alcançar a mulher e erguer-se até a criança. De repente, a semi-evadida se arrepia; sente que o laço terrestre, em vez de se romper completamente, se reata, e ao invés de subir na luz, desce bruscamente na noite, sendo obrigada a entrar violentamente no cadáver. Então solta um grito terrível.

“O que disto resulta para mim, acrescentou Victor Hugo, é que a alma pode ficar certo tempo acima do corpo, como se flutuasse, já não sendo mais prisioneira, nem estando ainda liberta. Esse estado flutuante é a agonia, a letargia. O estertor é a alma que se lança fora da boca aberta e que recai por instantes; é a alma que se sacode, ofegante, até que se quebre o fio vaporoso do último sopro. Parece-me que a vejo. Ela luta, escapa-se um pouco

dos lábios, neles entra, escapa novamente, depois bate as asas com força, e ei-la a voar de uma assentada, desaparecendo no azul imenso. Está livre. Mas algumas vezes também o moribundo volta à vida: então a alma, desesperada, volta ao agonizante. O sonho por vezes nos dá a sensação dessas estranhas idas e vindas da prisioneira. Os sonhos são alguns passos quotidianos da alma fora de nós. Até que tenha completado seu tempo no corpo, todas as noites e enquanto dormimos a alma dá a sua escapadela.”

Paul de La Miltière

Como se vê, o fato em si mesmo é eminentemente espírita. Mas se existe algo de mais espírita ainda, é a explicação que lhe dá o Sr. Victor Hugo; dir-se-ia haurida textualmente na doutrina. Aliás, não é a primeira vez que ele se exprime neste sentido. Ainda está na lembrança o encantador discurso que ele pronunciou, há cerca de três anos, no túmulo da jovem Emily Putron (Revista Espírita de fevereiro de 1865); decerto o mais convicto espírita não falaria de outro modo. A tais pensamentos não falta absolutamente senão a palavra; mas que importa a palavra quando se crê nas idéias! Por seu nome autorizado, o Sr. Victor Hugo é um de seus vulgarizadores. E, contudo, os mesmos que as aclamam de boca ridicularizam o Espiritismo, nova prova de que não sabem em que este consiste. Se o soubessem, não tratariam a mesma idéia de loucura em uns, e de verdade sublime em outros.

Carta de Benjamin Franklin à Sra. Jone Mecone sobre a Preexistência

Dezembro, 1770.

Em minha primeira estada em Londres, há cerca de quarenta e cinco anos, conheci uma pessoa que tinha uma opinião quase semelhante à de vosso autor. Seu nome era Hive; era viúva

de um impressor. Morreu pouco depois de minha partida. Por seu testamento, obrigou o filho a ler publicamente, em Salter's-Hall, um discurso solene, cujo objetivo era provar que esta Terra é o verdadeiro inferno, o lugar de punição para os Espíritos que tinham pecado num mundo melhor. Em expiação de suas faltas, são enviados para cá, sob formas de toda espécie. Há muito tempo vi esse discurso, que foi impresso. Creio lembrar-me de que as citações da Escritura ali não faltavam; ali se supunha que, conquanto hoje não guardássemos nenhuma lembrança de nossa preexistência, dela tomaríamos conhecimento após a nossa morte e nos recordaríamos dos castigos sofridos, de modo a serem corrigidos. Quanto aos que ainda não tivessem pecado, a vista dos nossos sofrimentos devia servir-lhes de advertência.

De fato, aqui vemos que cada animal tem o seu inimigo, e esse inimigo tem instintos, faculdades, armas para o aterrar, ferir, destruir. Quanto ao homem, que está no primeiro grau da escala, é um demônio para o seu semelhante. Na doutrina recebida da bondade e da justiça do grande Criador, parece que é preciso uma hipótese como a da senhora Hive, para conciliar com a honra da divindade esse estado aparente de mal geral e sistemático. Mas, em falta de história e de fatos, nossa razão não pode ir longe quando queremos descobrir o que fomos antes de nossa existência terrestre, ou o que seremos mais tarde. (*Magasin pittoresque*, outubro de 1867, pág. 340).

Na *Revista* de agosto de 1865 demos o epitáfio de Franklin, escrito por ele próprio e que é assim concebido:

“Aqui repousa, entregue aos vermes, o corpo de Benjamin Franklin, impressor, como a capa de um velho livro cujas folhas foram arrancadas, e cujo título e douração se apagaram. Mas nem por isto a obra ficará perdida, pois, *como acredito*, reaparecerá em nova e melhor edição, revista e corrigida pelo autor.”

Ainda uma das grandes doutrinas do Espiritismo, a pluralidade das existências, professada, há mais de um século, por um homem considerado com toda a razão como uma das luzes da Humanidade. Aliás, esta idéia é tão lógica, tão evidente pelos fatos que diariamente temos aos nossos olhos, que está no estado de intuição numa multidão de criaturas. De fato, hoje é admitida por inteligências de escol, como princípio filosófico, fora do Espiritismo. O Espiritismo não a inventou, mas a demonstrou e provou; e, do estado de simples teoria, a fez passar ao de fato positivo. É uma das numerosas portas abertas às idéias espíritas, porque, conforme explicamos em outra circunstância, admitido esse ponto de partida, de dedução em dedução chega-se forçosamente a tudo o que ensina o Espiritismo.

Reflexo da Preexistência

(Por Jean Raynaud)³⁴

Eis um homem que chega ao fim de sua carreira. Em algumas horas não será mais deste mundo. Neste momento supremo, tem consciência do resultado, do produto líquido da vida? Vê o seu resumo como num espelho? Pode fazer uma idéia dele? Não, certamente. Contudo, esse produto líquido, esse resumo existe em algum lugar. Está na alma de uma maneira latente, sem que ela possa discerni-lo. Discerni-lo-á aos olhos de todos; então o resumo de todo o passado, tomando vida ao mesmo tempo, reconhecer-se-á realmente. Aqui só nos conhecemos por parcelas; a luz de um dia é apagada pelas trevas de um outro dia; a alma encerra e guarda em seu tesouro uma porção de impressões, de percepções, de desejos que esquecemos.

Nossa memória está bem longe de ser proporcionada à capacidade de nossa alma; e tantas coisas que agiram sobre a nossa alma, das quais perdemos a lembrança, são para nós como se jamais

34 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 527.

tivessem existido. Entretanto, tiveram seu efeito, e seu efeito permanece; a alma guarda a sua impressão, que se acha no resumo final, que será a nossa vida futura. (Extraído dos *Pensées genevoises*, de François Roget. *Magasin pittoresque*, 1861, página 222).

Joana d'Arc e seus Comentadores

Joana d'Arc é uma das grandes figuras da França, que se ergue na História como um imenso problema e, ao mesmo tempo, como um protesto vivo contra a incredulidade. É digno de nota que neste tempo de cepticismo, são os mais obstinados adversários do maravilhoso que se esforçam por exaltar a memória desta heroína quase lendária; obrigados a analisar esta vida cheia de mistérios, vêem-se constrangidos a reconhecer a existência de fatos que as leis da matéria, por si sós, não poderiam explicar, porque se se tiram esses fatos, Joana d'Arc não passa de uma mulher corajosa, como se vêem muitas. Provavelmente não é sem uma razão de oportunidade que a atenção pública é chamada sobre este assunto no momento. É um meio como qualquer outro de rasgar caminho às idéias novas.

Joana d'Arc não é um problema, nem um mistério para os espíritas. É um tipo eminente de quase todas as faculdades mediúnicas, cujos efeitos, como uma porção de outros fenômenos, se explicam pelos princípios da doutrina, sem que haja necessidade de se lhes buscar a causa no sobrenatural. É a brilhante confirmação do Espiritismo, do qual ela foi um dos mais eminentes precursores, não por seus ensinamentos, mas pelos fatos, tanto quanto por suas virtudes, que nela denotam um Espírito superior.

Nós nos propomos fazer um estudo especial a respeito, desde que nossos trabalhos no-lo permitam. Enquanto se espera, não é inútil conhecer a maneira pela qual suas faculdades são encaradas pelos comentadores.

O artigo seguinte é tirado do *Propagateur de Lille*, de 17 de agosto de 1867.

“Certamente nossos leitores se lembram de que este ano, por ocasião da festa de aniversário do levantamento do cerco de Orléans, o Sr. abade Freppel pediu, com humilde e generosa coragem, a canonização de nossa Joana d’Arc. Hoje lemos na *Bibliothèque de l’École de Chartres* um excelente artigo do Sr. Natalis de Wailly, membro da Academia das Inscrições, que, a propósito da *Joana d’Arc* do Sr. Wallon, dá suas conclusões e as da verdadeira ciência sobre a história sobrenatural daquela que foi, ao mesmo tempo, uma heroína da Igreja e da França. Os argumentos do Sr. de Wailly são bem feitos para encorajar as esperanças do abade Freppel e as nossas. — Léon Gautier (*Monde*).”

“Não há muitas personagens históricas que tenham sido, mais que Joana d’Arc, alvo da contradição dos contemporâneos e da posteridade. Não os há, entretanto, cuja vida seja mais simples nem mais bem conhecida.

“Saída repentinamente da obscuridade, ela não aparece na cena senão para representar um papel maravilhoso, que logo atrai a atenção de todos. É uma jovem que só sabe fiar e costurar, que se pretende enviada de Deus para vencer os inimigos da França. De início tem apenas um pequeno número de partidários devotados, que acreditam em sua palavra; os espertos desconfiam e lhe criam obstáculos: cedem, enfim, e Joana d’Arc pôde conquistar as vitórias que havia predito. Em breve ela arrasta até Reims um rei incrédulo e ingrato, que a traição no momento em que se prepara para tomar Paris, que a abandona quando ela cai prisioneira nas mãos dos ingleses, e que nem mesmo tenta protestar e proclamar a sua inocência, quando ela vai expirar por ele. No dia de sua morte, não havia apenas inimigos que a declaravam apóstata, idólatra, impudica, ou amigos fiéis que a veneravam como uma santa; também havia ingratos que a esqueciam, sem falar dos indiferentes,

que não se preocupavam com ela, e gente esperta que se gabava de jamais ter acreditado em sua missão, ou de nela ter pouco acreditado.

“Todas essas contradições, em meio das quais Joana d’Arc teve que viver e morrer, lhe sobreviveram e a acompanharam através dos séculos. Entre o vergonhoso poema de Voltaire e a eloqüente história do Sr. Wallon, produziram-se as mais diversas opiniões; e se todos hoje concordam em respeitar esta grande memória, pode dizer-se que sob a admiração comum ainda se ocultam profundos dissentimentos. Com efeito, quem quer que leia ou escreva a história de Joana d’Arc, vê erguer-se em sua frente um problema que a crítica moderna não gosta de encontrar, mas que aí se impõe como uma necessidade. Este problema é o caráter sobrenatural que se manifesta no conjunto dessa vida extraordinária, e mais especialmente em certos fatos particulares.

“Sim, a questão do milagre se apresenta inevitavelmente na vida de Joana d’Arc; ela embaraçou mais de um escritor e muitas vezes provocou estranhas respostas. O Sr. Wallon pensou com razão que o primeiro dever de um historiador de Joana d’Arc era não se esquivar a esta dificuldade: ele a aborda de frente, e a explica pela intervenção miraculosa de Deus. Tentarei mostrar que esta solução é perfeitamente conforme às regras da crítica histórica.

“As provas metafísicas sobre as quais pode apoiar-se a possibilidade do milagre escapam ou desagradam a certos espíritos; mas a História não tem que fazer essas provas. Sua missão não é estabelecer teorias, mas constatar fatos e registrar todos os que aparecem como certos. Que um fato miraculoso ou inexplicável deve ser verificado com mais atenção, ninguém o contestará; por conseguinte esse mesmo fato, verificado mais atentamente que os outros, adquire, de certo modo, um maior grau de certeza. Raciocinar de outro modo é violar todas as regras da crítica e

transferir para a História os preconceitos da metafísica. Não há argumentação contra a possibilidade do milagre que dispense o exame das provas históricas de um fato miraculoso, e a sua admissão, quando capazes de produzir convicção num homem de bom-senso e de boa-fé. Mais tarde se terá o direito de procurar para esse fato uma explicação que satisfaça a este ou àquele sistema científico; mas, antes de tudo, e aconteça o que acontecer, a existência do fato deve ser reconhecida, quando repousar em provas que satisfaçam às regras da crítica histórica.

“Há ou não fatos desta natureza na história de Joana d’Arc? Esta questão foi discutida e debatida por um sábio que precedeu o Sr. Wallon, e desta maneira adquiriu uma autoridade incontestável. Se aqui cito o Sr. Quicherat, de preferência ao Sr. Wallon, não é somente porque um, antes do outro, constatou os fatos que quero lembrar; é, também, porque ele se propôs estabelecê-los sem pretender explicá-los, de sorte que sua crítica, independente de todo sistema preconcebido, limitou-se a estabelecer premissas, cujas conclusões nem mesmo quis prever.

“É claro, diz ele, que os curiosos quererão ir mais longe e raciocinar sobre uma causa, cujos efeitos não lhes bastará admirar. Teólogos, psicólogos, fisiologistas, eu não tenho solução a lhes indicar; que encontrem, se puderem, cada um de seu ponto de vista, os elementos de uma apreciação que desafie todos os contraditores. A única coisa que me sinto capaz de fazer na direção em que se exercer semelhante pesquisa é apresentar, sob sua forma mais precisa, as particularidades da vida de Joana d’Arc que parecem sair do círculo das faculdades humanas.

“A mais importante particularidade, a que domina todas as outras, é o fato de *vozes* que ela escutava várias vezes por dia, que a interpelavam ou lhe respondiam, cujas inflexões ela distinguia, referindo-as sobretudo a São Miguel, a Santa Catarina e a Santa Margarida. Ao mesmo tempo se manifestava uma viva luz, na qual

ela percebia a figura de seus interlocutores. ‘Eu os vejo com os olhos do meu corpo, dizia ela aos seus juízes, tão bem quanto vos vejo.’ Sim, ela sustentava com inabalável firmeza que Deus a aconselhava por intermédio dos santos e dos anjos. Um instante ela se desmentiu; fraquejou diante do medo do suplício; mas chorou sua fraqueza e a confessou publicamente; seu último grito nas chamas foi que suas vozes não a tinham enganado e que suas revelações eram de Deus. Deve-se, pois, concluir com o Sr. Quicherat que ‘sobre este ponto a mais severa crítica não tem suspeitas a levantar contra a sua boa-fé.’ Uma vez constatado o fato, como certos sábios o têm explicado? De duas maneiras: ou pela *loucura*, ou por simples alucinação. Que diz a isto o Sr. Quicherat? Que prevê grandes perigos para os que quiserem classificar os fatos da Pucela entre os casos patológicos.

“Mas, acrescenta ele, quer a Ciência aí encontre ou não a sua explicação, não será menos necessário admitir as visões e, como vou fazer ver, estranhas percepções de espírito, resultantes dessas visões.

“Quais são essas estranhas percepções de espírito? São revelações que permitiram a Joana: ora conhecer os mais secretos pensamentos de certas pessoas, ora perceber objetos fora do alcance dos sentidos, ora discernir e anunciar o futuro.

“O Sr. Quicherat cita para cada uma destas três espécies de revelações ‘um exemplo assentado sobre bases tão sólidas que não se pode, diz ele, rejeitá-lo sem rejeitar o próprio fundamento da História.’

“Em primeiro lugar, Joana revelou a Carlos VII um segredo conhecido apenas por Deus e por ele, único meio que ela teve de forçar a crença deste príncipe desconfiado.

“Depois, achando-se em Tours, discerniu que havia, entre Loches e Chinon, na igreja de Santa Catrina de Fierbois,

enterrada a uma certa profundidade, perto do altar, uma espada enferrujada e marcada com cinco cruces. A espada foi encontrada e mais tarde seus acusadores lhe imputaram ter sabido, por ouvir dizer, que essa arma lá estava ou que ela própria a teria colocado ali.

“Sinto, disse a propósito o Sr. Quicherat, quanto semelhante interpretação parecerá forte num tempo como o nosso; ao contrário, quão fracos os fragmentos de interrogatório que ponho em oposição; mas quando se tem sob os olhos o processo inteiro, e quando se vê de que maneira a acusada põe sua consciência a descoberto, então é seu testemunho que é forte, e a interpretação dos argumentadores que é fraca.

“Deixo, enfim, o próprio Sr. Quicherat contar uma das predições de Joana d’Arc:

“Numa de suas primeiras conversas com Carlos VII, ela lhe anunciou que, operando-se a libertação de Orléans, ela seria ferida, mas sem ser posta fora de combate; suas duas santas lho haviam dito e o acontecimento lhe provou que não a tinham enganado. Ela confessa isto em seu quarto interrogatório. Estaríamos reduzidos a esse testemunho, que o cepticismo, sem pôr em dúvida a sua boa-fé, poderia imputar seu dito a uma ilusão de memória; mas o que demonstra que ela efetivamente predissera seu ferimento, é que o recebeu a 7 de maio de 1429, e que a 12 de abril precedente, um embaixador flamengo, que estava na França, escrevia ao governo de Brabant uma carta na qual não só era contada a profecia, mas a maneira por que se realizaria. Joana teve o ombro atravessado por uma flecha de balestra, no assalto do forte de Tourelles, e o enviado flamengo tinha escrito: *Ela deve ser ferida por uma flecha num combate diante de Orléans, mas não morrerá.* Essa passagem de sua carta foi consignada nos registros da Câmara de contas de Bruxelas.

“Um dos sábios cuja opinião eu lembrava há pouco, aquele que faz de Joana d’Arc uma alucinada antes que uma louca,

não contesta suas predições e as atribui a uma sorte de impressionabilidade sensitiva, a uma irradiação da força nervosa, cujas leis ainda não são conhecidas.

“Estão bem certos de que essas leis existem e que jamais devem ser conhecidas? Enquanto não o forem, não é melhor confessar francamente sua ignorância do que propor tais explicações? Toda hipótese é boa quando se trata de negar a ação da Providência, e a incredulidade dispensa qualquer raciocínio? Não se deveria dizer que, desde a origem dos tempos a imensa maioria dos homens concordou em acreditar na existência de um Deus pessoal que, depois de haver criado o mundo, o dirige e se manifesta quando lhe apraz, por sinais extraordinários? Se fizessem calar um instante o seu orgulho, não ouviriam esse concerto de todas as raças e de todas as gerações? O que é maravilhoso é que se possa ter uma fé tão robusta em si mesmo quando se fala em nome de uma ciência que é a mais incerta e a mais variável de todas, de uma ciência cujos adeptos não cessam de contradizer-se, cujos sistemas morrem e renascem como a moda, sem que jamais a experiência tenha podido arruiná-los ou assentar definitivamente um só deles. Eu diria com muito gosto a esses doutores em patologia: Se encontrardes doenças como a de Joana d’Arc, guardai-vos de as curar; trabalhai muito, antes que se tornem contagiosas.

“Mais bem inspirado, o Sr. Wallon não pretendeu conhecer Joana d’Arc melhor do que ela própria. Posto em face da mais sincera das testemunhas, ouviu-a atentamente e votou-lhe inteira confiança. Essa mistura de bom-senso e elevação, de simplicidade e grandeza, essa coragem sobre-humana, realçada ainda por curtos desfalecimentos da natureza, não lhe apareceram como sintomas de loucura ou de alucinação, mas como sinais espetaculares de heroísmo e de santidade. Aí, e não alhures, estava a boa crítica; daí vem que, procurando a verdade, também encontrou a eloqüência e ultrapassou a todos que o tinham

precedido nessa via. Merece ser posto à frente desses escritores, dos quais disse excelentemente o Sr. Quicherat:

“Eles restituíram Joana tão inteira quanto puderam, e quanto mais se empenhavam em reproduzir a sua originalidade, mais encontravam o segredo de sua grandeza.

“O Sr. Quicherat achará muito natural que eu tome suas palavras para caracterizar um sucesso, para o qual ele contribuiu mais que ninguém; porque, se não lhe conveio escrever, ele próprio, a história de Joana d’Arc, doravante é impossível empreendê-lo sem recorrer aos seus trabalhos. O Sr. Wallon, em particular, deles tirou imenso proveito, sem ter quase nunca nada a modificar, nem nos textos recolhidos pelo editor, nem em suas conclusões. Entretanto, não os aceitou sem controle. É assim que aponta uma omissão involuntária, de que se prevaleceu um escritor, que antes se inclina para a alucinação do que para a inspiração de Joana d’Arc. Lê-se na página 216 do *Processo* (tomo I), que Joana d’Arc estava em jejum no dia em que, pela primeira vez, ouviu a voz do anjo, mas que não tinha jejuado no dia anterior. Na página 52, ao contrário, o Sr. Quicherat tinha impresso: *et ipsa Johanna jejunaverat die procedenti*. Suprimindo na página 216 a negação que falta na página 52, tinham-se dois jejuns consecutivos, que pareciam uma causa suficiente de alucinação. O manuscrito não se presta a esta hipótese; o Sr. Wallon constatou que a exatidão habitual do Sr. Quicherat aqui se acha em falta, e que é preciso ler, na página 52, *non jejunaverat*.

“A única discordância um tanto grave que percebo entre os dois autores é quando apreciam os vícios de forma assinalados no processo. O Sr. Quicherat sustenta que Pierre Cauchon era muito hábil para cometer ilegalidades, e o Sr. Wallon o julga muito apaixonado para ter podido se defender. Não estou em condições de decidir esta questão; apenas farei notar que, no fundo, ela tem pouca importância, porque, de um e de outro lado, estão de acordo quanto à iniquidade do juiz e a inocência da vítima.

“Encontro o Sr. Wallon, afirmando com o Sr. Quicherat, contrariamente a uma opinião já antiga, e que ainda conserva partidários, que Carlos VII, uma vez sagrado em Reims, Joana d’Arc ainda não tinha realizado toda a sua missão, porquanto ela própria se tinha anunciado como devendo, além disso, expulsar os ingleses. Deixo deliberadamente de lado a libertação do duque de Orléans, porque é um ponto sobre o qual suas declarações não são tão explícitas. Mas no que concerne à expulsão dos ingleses, tem-se a própria carta que ela lhes dirigiu em 22 de março de 1429: ‘Eu aqui vim por Deus, o rei do céu, corpo por corpo, para vos expulsar de toda a França.’ Seus curtos desfalecimentos nada podem contra esse texto autêntico, confirmado por ela em muitas ocasiões, até que o consagrasse sobre a fogueira, por um protesto supremo. Assim, não sei por que persiste a dúvida, sobretudo no espírito dos que crêem na inspiração de Joana d’Arc. Como podem conhecer sua missão, senão por ela? e por que recusar-lhe aqui a crença que lhe concedem alhures?

“Dirão que ela fracassou; portanto, não tinha missão de Deus para o empreender. Tal foi, com efeito, o triste pensamento que se apoderou dos espíritos, quando a souberam prisioneira dos ingleses. Mas o piedoso Gérson, alguns meses antes de morrer, e no seguinte à libertação de Orléans, de certo modo tinha previsto os reveses após a vitória, não como uma desaprovação a Joana d’Arc, mas como castigo para os ingratos que ela vinha defender. Escrevia ele em 14 de maio de 1529:

“Ainda mesmo – que Deus não o permita! – que ela se tivesse enganado em sua esperança e na nossa, daí não se devia concluir que o que ela fez vem do espírito maligno e não de Deus; mas antes de atribuir a culpa à nossa ingratidão e ao justo julgamento de Deus, embora secreto... porque Deus, sem mudar de opinião, muda a sentença conforme os méritos.

“Ainda aqui o Sr. Wallon fez boa crítica: não divide os testemunhos de Joana d’Arc; ele os aceita todos e os proclama

sinceros, mesmo quando não parecem ser proféticos. Acrescento que os justifica plenamente, mostrando que, se tinha a missão de expulsar os ingleses, não prometeu executar tudo por si mesma, mas que começou a obra e predisso a sua conclusão. O Sr. Wallon o sentiu bem. Não é compreender Joana d'Arc glorificá-la em seus triunfos para a renegar em sua paixão.

“Sobretudo nós, que conhecemos o desenlace desse drama maravilhoso, nós que sabemos que os ingleses com efeito foram expulsos do reino e a coroa de Reims consolidada na cabeça de Charles VII, devemos crer, com o Sr. Wallon, que Deus jamais deixou de inspirar aquela, cuja grandeza lhe aprouve consagrar pela provação, e a santidade pelo martírio.” – N. de Wailly.

O nosso correspondente de Antuérpia, que houve por bem nos enviar o artigo acima, juntou a nota que se segue, oriunda de suas pesquisas pessoais sobre o processo de Joana d'Arc:

“Pierre Cauchon, bispo de Beauvais, e um inquisidor chamado Lemaire, assistidos por sessenta assessores, foram os juizes de Joana. Seu processo foi instruído segundo as formas misteriosas e bárbaras da Inquisição, que havia jurado a sua perda. Ela quis que a decisão do julgamento fosse delegada ao papa e ao Concílio de Basileia, mas o bispo se opôs. Um padre, L'Oyseleur, a enganou, abusando da confissão, e lhe deu funestos conselhos. Por força de intrigas de toda sorte, ela foi condenada em 1431 a ser queimada viva, ‘como mentirosa, pernicioso, enganadora do povo, adivinha, blasfemadora de Deus, descrente na fé de Jesus-Cristo, vaidosa, idólatra, cruel, dissoluta, invocadora dos diabos, cismática e herética.’

“Em 1546 o papa Calisto III fez pronunciar, por uma comissão eclesiástica, a reabilitação de Joana e, por uma sentença solene, foi declarado que Joana morreu mártir para a defesa de sua religião, de sua pátria e de seu rei. O papa quis mesmo canonizá-la, mas sua coragem não foi tão longe.

“Pierre Cauchon morreu subitamente, em 1443, fazendo a barba. Foi excomungado; seu corpo foi desenterrado e atirado num monturo.”

A Jovem Camponesa de Monin

CASO DE APARIÇÃO

Um dos nossos correspondentes de Oloron (Basses-Pyrénées), enviou-nos o relato do seguinte fato, que é de seu conhecimento pessoal:

“Pelo fim do mês de dezembro de 1866, não longe do vilarejo de Monin (Basses-Pyrénées), uma camponesa de vinte e quatro anos, chamada Marianne Coubert, estava ocupada em juntar folhas num prado, perto da casa onde mora com seu pai, de sessenta e quatro anos, e uma irmã de vinte e nove. Desde alguns instantes, um velho de estatura média, vestido à camponesa, já se mantinha no canto do gradeado que dá passagem para o prado. De repente, ele chamou a jovem, que logo se aproxima, e pergunta se ela lhe podia dar uma esmola.

“ – Mas que vos poderia dar? perguntou ela. Nada tenho; a não ser que queirais aceitar um pedaço de pão.

“ – O que quiserdes, replicou o velho. Aliás, podeis ficar tranqüila, ele não vos faltará.

“E a camponesa apressou-se em ir buscar o pedaço de pão. Ao retornar, disse-lhe o velho:

“ – Há muito tempo que já me respondestes.

“ – Como, respondeu a camponesa atônita, eu vos podia responder? Ainda não me tínheis chamado.

“ – Eu não vos tinha chamado, é verdade, mas meu Espírito se havia transportado para vós, tinha penetrado o vosso Espírito e foi assim que conheci previamente as vossas intenções. Também parei diante de outra casa, lá embaixo; meu Espírito entrou e conheci as disposições pouco caridosas dos que ali habitam. Por isso pensei que seria inútil ali pedir alguma coisa. Se aquelas pessoas não mudarem, se continuarem a não praticar a caridade, muito terão a lamentar. Quanto a vós, jamais recuseis dar esmola, e Deus vos levará em conta os vossos sentimentos e vos dará muito além do que tiverdes dado aos infelizes... Estais doente dos olhos?

“ – Ah! sim, respondeu a camponesa, a maior parte das vezes minha vista é tão fraca que não posso me dedicar aos trabalhos do campo.

“ – Pois bem! continuou o velho, eis um par de óculos com os quais vereis perfeitamente. Tendes uma irmã que amastes muito e que morreu há oito anos e quatro meses.

“ – É verdade, respondeu a camponesa, cada vez mais atônita.

“ – Vossa mãe morreu há um ano.

“ – É verdade, continuou ela, ainda mais espantada.

“ – Pois bem! ireis dizer cinco *Pater* e cinco *Ave* em seu túmulo. Aliás, ambas se encontram num lugar onde são felizes e onde as revereis um dia. Antes de vos deixar, tenho algo a vos recomendar: ide à casa de tal pessoa (uma moça de má conduta, que tinha vários filhos) e pedi-lhe que vos deixe levar um de seus filhos, que educareis até a época de sua primeira comunhão.

“Enfim, eis um missal que deveis guardar preciosamente, e ao qual está ligado uma graça para todos os que o

tocarem. As pessoas que vos vierem ver deverão, ao chegar e ao partir, dizer dois *Pater* e duas *Ave*, pelas almas do purgatório. Entre essas pessoas, cujo número aumentará de dia para dia de modo considerável, há os que rirão, que zombarão; a estes não conteis nada. Não deixeis de recomendar à pessoa, na casa de quem deveis pegar o menino, que se converta, pois não creio que ela viva ainda muito tempo.

“Previno-vos que tereis uma grave moléstia pelo fim do mês de março; não mandeis chamar médico, pois será inútil; é uma prova a que vos deveis submeter com resignação. Aliás, eu voltarei a vos ver.

“E o velho afastou-se. Chegando a uma pequena ponte muito próxima, desapareceu de repente.

“Naturalmente, a jovem camponesa apressou-se em ir contar o fato ao Sr. cura, ao qual mostrou o livro de orações. O cura lhe disse que pensava que houvesse nisto algo de extraordinário e aconselhou-a a guardar o missal com cuidado. Ela se apressou em fazer tudo quanto o velho lhe havia recomendado, e depois a viram sempre com os óculos e o menino de que se havia encarregado. Foi visitada por uma multidão considerável e, no último domingo, sua casa estava tão cheia que o cura teve que cantar as vésperas quase só. Não posso esquecer uma circunstância importante: é que, segundo a predição do velho, a camponesa estava acamada há oito dias. Agora é preciso dizer que em Monin, como em Oloron, as opiniões estão muito divididas a respeito do fato em questão. Uns acreditam, outros permanecem incrédulos. O cura de Monin, que a princípio tinha achado a coisa muito extraordinária, pregou várias vezes para dissuadir seus paroquianos de ir visitar a camponesa. Segundo esta, a personagem que se apresentou a ela lhe disse seu nome e lhe confiou várias coisas que ela não devia revelar, pelo menos agora. Em tudo isto, o que me faria refletir um pouco, é que

ele manifestou o desejo de que se erigisse uma estátua para o representar, no lugar onde apareceu.

“A opinião geral, entre os crentes, é que deve ser São José. Para mim, se o fato for verdadeiro, aí não posso ver senão uma manifestação espírita, tendo por fim chamar a atenção sobre a nossa filosofia, numa região dominada por influências contrárias.”

Algumas Palavras à Revista Espírita

PELO JORNAL *L'EXPOSITION POPULAIRE ILLUSTRÉE*

O jornal *Exposição Popular Ilustrada* contém, em seu número 34, o artigo seguinte, a respeito das reflexões que fizemos acompanhar os dois artigos de nosso último número sobre o cura Gassner e os prognósticos, que tínhamos tomado desse jornal.

“A *Revista Espírita* é um jornal especial mensal que, há dez anos, sustenta corajosamente a luta contra a classe numerosa dos escritores e dos homens superficiais, que tratam, à porfia uns dos outros, os adeptos da fé nova de ‘iluminados, alucinados, papalvos, loucos, impostores, charlatães e, enfim, de partidários de Satã.’ Como vedes, certos escritores gostam mais de insultar e ultrajar do que de discutir.

“Ó, meu Deus! todo esse vocabulário foi esgotado há trinta e cinco ou trinta e seis anos, contra os *são-simonistas* e, se não erramos, a eloquência do *Parquet* foi posta de lado, e nos parece que o *pai* e um de seus ardentes discípulos foram atingidos por uma condenação que os deixou livres para dirigirem grandes administrações, terem assento no Instituto, serem elevados à dignidade de senador, levarem a *tiracolo* as insígnias de diversas condecorações, inclusive a cruz de honra, e que não lhes permite apenas tomar parte no Conselho Municipal de sua cidade, mas ainda de usar o direito cívico do voto.

“Bem vedes que o ultraje não significa grande coisa; contudo, também vedes bem que sempre resta alguma coisa; é uma espécie de calúnia. Ora, já disseram muito antes de nós, *quando a calúnia não queima, sapeca*.

“Voltemos aos espíritas. Quem sabe o que está reservado aos homens da escola espírita? Talvez os vejamos um dia fazendo a curta estrada para chegar às culminâncias do poder, como fizeram os senhores são-simonistas.

“Sempre há os que progridem (os espíritas), que engrossam as suas fileiras com homens sérios e inteligentes, magistrados reputados em seus corpos.

“Falamos hoje da *Revista Espírita*, porque a *Revista Espírita* houve por bem se ocupar de nós em seu último número (o de novembro)... Reproduziu diversas passagens de nosso vigésimo quarto número, relativas a uma *correspondência sobre os taumaturgos*, e apressou-se em *protestar* contra a qualificação de taumaturgo, que nós demos, em diversos outros artigos, *ao curador Jacob e aos curadores passados, presentes e futuros*, quando curassem fora da terapêutica científica.

“A *Revista Espírita* protesta contra a palavra *taumaturgo*, porque *não admite que nada se faça fora das leis naturais...*; mas me parece que é o que o nosso jornalzinho já disse mais de vinte vezes.

“Não há nada, nada, nada, fora das leis naturais.

“Tudo o que é, tudo o que acontece, tudo o que se produz é resultante de leis naturais, de fenômenos naturais, *conhecidos ou desconhecidos*.

“Sim, mil vezes sim, “os fenômenos que pertencem à ordem dos fatos *espírituais* não são mais *miraculosos* que os fatos materiais, considerando-se que o *elemento* espiritual é uma das forças da Natureza, assim como o *elemento* material”, dizeis vós.

“Sim, senhores, mil vezes sim, nós partilhámos o vosso sentimento; mas protestamos contra esta expressão *elemento*, como *protestastes* contra a *qualificação de taumaturgo* por nós dada a um espírita, *consciente* ou *inconsciente*.

“O vocábulo *taumaturgo* vos choca; dai-me outro, racional, lógico, compreensível... eu o aceitarei.

“Por conseqüência lógica, a palavra milagre deve vos chocar. Dai-me uma outra, para significar, para expressar o que significa, o que exprime a palavra *milagre*, e eu a adotarei.

“Mas enquanto o vosso, enquanto o nosso dicionário não for feito, nem conhecido, há que se recorrer ao *dicionário da Academia*. Na verdade, senhores espíritas, não nos devemos permitir a pretensão de ter outro vocabulário senão o dos *Senhores Quarenta*.

“Linguísticamente, academicamente falando, o que é um taumaturgo? um fazedor de milagres.

“O que é um milagre? – Um ato do poder divino, contrário às leis *conhecidas* da Natureza.

“Portanto, os senhores curadores, os Hohenlohe, os Gassner, os Jacob são *taumaturgos*, *fazedores de milagres*, porque agem fora das leis *conhecidas* da Natureza.

“Inventai, criai, dai, promulgai uma nova palavra e nós a adotaremos. Mas, até lá, permiti que conservemos o velho vocabulário e a ele nos conformemos até nova instrução. Não podemos fazer de outro modo.

“Sabeis como age Jacob? dissei-o. Se não o sabeis, fazei como nós: reconheci que ele age fora das leis *conhecidas* da Natureza; portanto é taumaturgo.

“De nossa parte, como dissemos, protestamos contra a palavra *elemento*, por uma razão muito simples: é que declaramos ignorar completamente qual é e o que é o *elemento espiritual*, assim como não sabemos o que é o *elemento material*.

“No que respeita ao *elemento espiritual*, não reconhecemos senão o elemento criador: Deus... – Com toda a humildade, com toda a veneração, curvamos a cabeça e respeitamos o inexplicável mistério da *encarnação do sopro de Deus em nós...* limitando-nos a repetir o que dissemos: ‘*Há em nós um desconhecido que somos nós, e que, ao mesmo tempo comanda o nosso eu matéria e lhe obedece.*’

“Quanto ao *elemento material*, proclamamos com toda a força de nossa sinceridade que não estamos menos embaraçados... a criação do primeiro homem, da primeira mulher, enquanto seres *materiais*, é um mistério tão inextrincável quanto o da espiritualização deste ser criado.

“Véu de trevas, segredo do Criador, que não é permitido erguer, penetrar.

“O elemento primitivo é Deus, ou está em Deus... Não procuremos e, com o mais sábio dos doutores da Igreja, digamos: ‘Não busqueis penetrar este mistério: enlouqueceríeis.’

“Agora perguntamos aos senhores da *Revista Espírita*, aos que crêem na *dupla vista*, na *visão espiritual*: por que se erguem *contra os fenômenos físicos considerados como prognósticos de acontecimentos felizes ou infelizes?*

“Dizeis que esses fenômenos em geral não têm qualquer ligação com as coisas que parecem pressagiar. Podem ser os precursores de efeitos físicos que são a sua conseqüência, como um ponto negro no horizonte pode pressagiar ao marinheiro uma tempestade, ou certas nuvens anunciar o granizo, mas a significação

destes fenômenos para as coisas da ordem moral, acrescentais, devem ser classificadas entre as crenças supersticiosas, que nunca seriam combatidas com demasiada energia.

“Explicai-vos um pouco melhor, senhores, porque aqui tocais uma das graves questões das ciências cabalísticas, das previsões proféticas.

“Dizei-nos francamente, lealmente, em que categoria classificais as *influências numéricas*. Negai-as? contestai-as? acreditais nelas?... jamais refletistes nestas questões?

“Tomai cuidado. Tudo se encadeia nos mistérios da Criação, no segredo das correlações dos mundos, das correlações planetárias. Acreditais em vós mesmos, no vosso eu espiritual, *em vosso Espírito encarnado*, e credes, também, *nos Espíritos desencarnados*: portanto, nos Espíritos que foram *encarnados* e que, depurados de sua *encarnação* precedente, esperam uma *encarnação*, não diremos mais celeste, mais divina, porém mais angélica... Eis a vossa fé. E, depois, parais a matemática divina e dizeis: Não creio nesta presciência regular, que atingiria o meu livre-arbítrio; não creio nestes cálculos de detalhe... Limitai-vos a duvidar, senhores; mas não negueis.

“Se estudásseis a história da Humanidade tomando por guia *as concordâncias numéricas*, ficaríeis esmagados e não mais ousaríeis dizer que essas crenças supersticiosas nunca seriam combatidas com demasiada energia.

“Podemos pôr sob os vossos olhos mais de *quatro mil* concordâncias numéricas, históricas, indiscutíveis. Fazei chegar um acontecimento, nascer ou morrer um ano mais cedo ou mais tarde, e a concordância cessa... Que lei as rege?... Mistério de Deus, segredo desconhecido da criatura...; e como tudo se liga e se encadeia, ousais, vós que na vossa qualidade de espírita deveis crer no magnetismo, na *sono-atividade*, no sonambulismo; vós que deveis

crer no *agente* (e não *elemento*) *espiritual*, como podeis *negar* as leis desconhecidas que regem as relações dos mundos entre si?... Credeis nas relações dos Espíritos *encarnados* com os Espíritos *desencarnados*! Então sede lógicos e não recueis diante de nenhuma possibilidade ainda oculta nas trevas do desconhecido.

“Voltaremos a esta questão, que não é nova, mas que sempre ficou nos *limbos da Ciência*. (Servimo-nos desta palavra intencionalmente).”

RESPOSTA

As razões pelas quais o Espiritismo repudia a palavra *milagre*, para o que lhe diz respeito em particular, e em geral para os fenômenos que não escapam das leis naturais, foram muitas vezes desenvolvidas, quer em nossas obras sobre a doutrina, quer em vários artigos da *Revista Espírita*. Estão resumidas na passagem seguinte, tirada do número de maio de 1867.

“Em sua acepção usual a palavra *milagre* perdeu sua significação primitiva, como tantas outras, a começar pela palavra *filosofia* (amor à sabedoria), da qual hoje se servem para exprimir as idéias mais diametralmente opostas, desde o mais puro espiritualismo, até o materialismo mais absoluto. Ninguém duvida que, no pensamento das massas, *milagre* implica a idéia de um fato extranatural. Perguntai a todos os que crêem nos milagres se os encaram como efeitos naturais. A Igreja fixou-se de tal modo sobre este ponto que anatematiza os que pretendem explicar os milagres pelas leis da Natureza. A própria Academia define esta palavra: *Ato do poder divino, contrário às leis conhecidas da natureza. – Verdadeiro, falso milagre. – Milagre comprovado. – Operar milagres. – O dom dos milagres.*

“Para ser por todos compreendido, é preciso falar como todo o mundo. Ora, é evidente que se tivéssemos qualificado os fenômenos espíritas de *miraculosos*, o público se teria equivocado quanto ao seu verdadeiro caráter, a menos que, de cada vez, se

empregasse um circunlóquio e dissesse que há milagres que não são milagres, como geralmente se entende. Visto que a generalidade a isto liga a idéia de uma derrogação das leis naturais, e que os fenômenos espíritas não passam da aplicação dessas mesmas leis, é muito mais simples e sobretudo mais lógico dizer sem rodeios: Não, o Espiritismo não faz milagres. Desta maneira, não há engano, nem falsa interpretação. Assim como o progresso das ciências físicas destruiu uma multidão de preconceitos e faz entrar na ordem dos fatos naturais um grande número de efeitos outrora considerados miraculosos, o Espiritismo, pela revelação de novas leis, vem ainda restringir o domínio do maravilhoso; dizemos mais: dá-lhe o último golpe, razão por que não é malvisto em parte alguma, como também não o são a astronomia e a geologia.”

Aliás, a questão dos milagres é tratada de maneira completa, e com todos os desenvolvimentos que comporta, na segunda parte da nova obra que publicamos sob o título de *A Gênese, os milagres e as predições, segundo o Espiritismo*. A causa natural dos fatos reputados *miraculosos*, no sentido vulgar da palavra, é explicada. Se o autor do artigo acima se der ao trabalho de a ler, verá que as curas do Sr. Jacob e todas as do mesmo gênero não são um problema para o Espiritismo que, desde muito tempo, sabe como proceder neste ponto. É uma questão quase elementar.

A acepção da palavra *milagre*, no sentido de fato extranatural, está consagrada pelo uso. A Igreja a reivindica por sua conta, como parte integrante de seus dogmas; parece-nos, pois, difícil fazer esta palavra voltar à sua acepção etimológica, sem se expor a quiproquós. Seria preciso, diz o autor, uma palavra nova. Ora, como tudo o que não está fora das leis da Natureza é natural, não vemos outra podendo abarcá-los todos senão a de *fenômenos naturais*.

Mas os fenômenos naturais, reputados miraculosos, são de duas ordens: uns dependem de leis que regem a matéria, outros

de leis que regem a ação do princípio espiritual. Os primeiros são da alçada da Ciência propriamente dita, os segundos estão mais especialmente no domínio do Espiritismo. Quanto a estes últimos, como são, na maior parte, uma conseqüência dos atributos da alma, a palavra existe: são chamados *fenômenos psíquicos*; e quando combinados com os efeitos da matéria, poderiam ser chamados *psíquicos-materiais ou semipsíquicos*.

O autor critica a expressão *elemento espiritual*, pela razão, diz ele, de que o único elemento espiritual é Deus. A resposta para isto é muito simples. A palavra *elemento* não é aqui tomada no sentido de *corpo simples, elementar, de moléculas primitivas*, mas no de *parte constituinte de um todo*. Neste sentido, pode dizer-se que o *elemento espiritual* tem uma parte ativa na economia do Universo, como se diz que o *elemento civil* e o *elemento militar* figuram em tal proporção na cifra de uma população; que o *elemento religioso* entra na educação; que na Argélia há o *elemento árabe* e o *elemento europeu*, etc. Por nossa vez, diremos ao autor que, por falta de uma palavra especial para esta última acepção do vocábulo *elemento*, é-se forçado a dele se servir. Aliás, como essas duas acepções não representam idéias contraditórias, como a do vocábulo *milagre*, não há confusão possível, pois a idéia radical é a mesma.

Se o autor se der ao trabalho de estudar o Espiritismo, contra o qual constatamos com prazer que ele não tem uma idéia preconcebida de negação, nele encontrará a resposta às dúvidas que parecem exprimir algumas partes de seu artigo, quanto à maneira de encarar certas coisas, salvo, todavia, no que concerne à ciência das concordâncias numéricas, da qual jamais nos ocupamos, e sobre a qual, por conseguinte, não poderíamos ter opinião formada.

O Espiritismo não tem a pretensão de dizer a última palavra sobre todas as leis que regem o Universo, razão por que

jamais falou: *Nec plus ultra*. Por sua própria natureza abre caminho a todas as novas descobertas, mas até que um princípio novo seja constatado, não o aceita senão a título de hipótese ou de probabilidade.

O Abade de Saint-Pierre

As Efemérides do *Siècle* de 29 de abril último traziam a seguinte notícia:

1743. – Morte do abade de Saint-Pierre (Charles-Irénée Castel de), escritor e filantropo, em nome de quem ficará eternamente ligada a lembrança do *projeto de paz perpétua*, cuja concepção parece tornar-se cada dia mais impraticável. A vida inteira desse digno abade se consumou em trabalhos e ações que tinham por objetivo a felicidade dos homens. Dar e perdoar devia ser, em sua opinião, a base de toda a moral, e ele a punha em prática constantemente. Também foi ele que criou, ou pelo menos ressuscitou, a palavra *beneficência*, exprimindo uma virtude que exercia diariamente. O abade de Saint-Pierre nasceu em 18 de fevereiro de 1658, e a Academia Francesa lhe havia aberto suas portas em 1695; mas um dia, na sua *Polysynodie*, o abade exprimiu-se severamente sobre o reinado de Luís XIV. O cardeal de Polignac denunciou o livro à Academia, que condenou o autor sem se dignar ouvi-lo, e o excluiu de seu seio em 1718. J.-J. Rousseau, que compartilhou e desenvolveu algumas das idéias do abade de Saint-Pierre, disse dele: “Era um homem raro, a honra de seu século e de sua espécie.”

O abade de Saint-Pierre era um homem de bem e de talento, justamente estimado. Nas circunstâncias presentes, as idéias que ele tinha perseguido em vida davam à sua evocação uma espécie de atualidade.

(Sociedade de Paris, 17 de maio de 1867 – Médiun: Sr. Rul.)

Evocação – A nota que acabamos de ler nas Efemérides do *Siècle* nos recordou vossa memória, e lemos com interesse o justo tributo de elogios prestados às qualidades que vos mereceram a estima de vossos contemporâneos e vos asseguram a da posteridade. Um homem que teve idéias tão elevadas só pode ser um Espírito adiantado. Eis por que teremos muito prazer em aproveitar as vossas instruções, se houverdes por bem comparecer ao nosso meio. Ficaremos particularmente agradecidos em conhecer a vossa opinião atual sobre a paz perpétua, que constituiu o objeto de vossas preocupações.

Resposta – Venho com prazer responder ao apelo do presidente. Sabeis que em todas as épocas Espíritos vêm encarnar-se na Terra, para ajudar o avanço de seus irmãos menos adiantados. Fui um desses Espíritos. Tinha o dever de procurar persuadir os homens que têm o hábito das lutas fratricidas, de que viria uma época em que as paixões que engendram a guerra dariam lugar ao apaziguamento e à concórdia. Queria fazer-lhes pressentir que um dia os irmãos inimigos se reconciliariam, se dariam o beijo da paz, que em seus corações não haveria lugar senão para o amor e a benevolência, e que não mais pensariam em forjar armas que semeiam a morte, a devastação e as ruínas! Se fui benevolente, era o efeito de minha natureza mais adiantada que a dos meus contemporâneos. Hoje, um grande número entre vós pratica esta virtude evangélica e, se ela é menos notada, é que se espalhou mais e os costumes se abrandaram.

Mas volto à questão que é objeto desta comunicação, à paz perpétua. Não há um só espírita que duvide que aquilo que se chama uma utopia, um sonho do abade de Saint-Pierre, mais tarde não se torne realidade.

Em meio a todos esses clamores que anunciam a aproximação de graves acontecimentos, não há como se falar de

paz perpétua; mas ficai bem persuadidos de que esta paz descerá sobre a vossa Terra. Assistis a um grande espetáculo, ao da renovação do vosso globo. Mas, quantas guerras antes! quanto sangue derramado! quantos desastres! Infeliz daquele que, por seu orgulho e ambição, tiverem desencadeado a tempestade! Terão de prestar contas de seus atos àquele que julga os grandes e os poderosos, como os menores de seus filhos!

Perseverai todos, irmãos; sois também os apóstolos da paz perpétua, porque ser discípulos do Cristo é pregar a paz, a concórdia. Entretanto, digo-vos ainda, antes que possais testemunhar esse grande acontecimento, vereis novos engenhos de destruição, e quanto mais se multiplicarem os meios, mais depressa os homens prepararão o advento da paz perpétua.

Deixo-vos repetindo as palavras do Cristo: “Paz na Terra aos homens de boa vontade.”

Aquele que foi,

Abade de Saint-Pierre

Dissertações Espíritas

ERROS CIENTÍFICOS

(Paris, 20 de março de 1867 – Grupo do Sr. Lampérière)

Assim como o corpo tem seus órgãos de locomoção, de nutrição, de respiração, etc., também o Espírito tem faculdades variadas, que se relacionam respectivamente com cada situação particular de seu ser. Se o corpo tem sua infância, se os membros desse corpo são fracos e débeis, incapazes de mover fardos que mais tarde erguerão sem esforço, o Espírito possui, antes de mais, faculdades que devem, como tudo o que existe, passar da infância à juventude e da juventude à idade madura. Pediríeis à criança no

berço que agisse com a rapidez, a segurança e a habilidade do homem feito? Não; seria loucura, não é? Não se deve exigir de cada um senão o que entra no quadro de suas forças e de seus conhecimentos. Pedir àquele que jamais tocou num livro de Matemática ou de Física, que raciocine sobre um ramo qualquer dos conhecimentos que dependem dessas ciências, seria tão pouco lógico quanto pretender exigir uma descrição exata de um país longínquo a um parisiense que jamais deixou os limites de sua terra natal e, por vezes de seu bairro!

É, pois, necessário, para julgar uma coisa sensatamente, ter dessa coisa um conhecimento tão completo quanto possível. Seria absurdo submeter a um exame de leitura corrente aquele que apenas começa a soletrar; e, contudo!... contudo o homem, esse *humanimal* dotado de raciocínio, esse poderoso da Criação, para quem tudo é obstáculo no livro dos mundos, essa criança terrível que apenas balbucia as primeiras palavras da verdadeira ciência, esse mistificado da aparência, pretende ler, sem hesitação, as mais indecifráveis páginas do manual que a Natureza diariamente apresenta aos seus olhos. O desconhecido nasce sob os seus passos; esbarra aos seus lados; à frente, atrás, em toda parte, em tudo, não são senão problemas sem solução, ou cujas soluções conhecidas são ilógicas e irracionais, e a criança grande desvia os olhos do livro, dizendo: Eu te conheço; para um outro!... Ignorante das coisas, liga-se às causas dessas coisas e, sem bússola, sem compasso, embarca no mar tempestuoso dos sistemas preconcebidos, que o conduz fatalmente ao naufrágio, cujo resultado são a dúvida e a incredulidade! O fanatismo, filho do erro, o tem sob o seu cetro; porque, sabei-o bem, o fanático não é aquele que crê sem provas e que, por uma fé incompreendida, daria a sua vida. Há fanáticos da incredulidade, como há fanáticos da fé!

O caminho da verdade é estreito e é necessário sondar o terreno antes de avançar, para não se precipitar nos abismos que o ladeiam, à direita e à esquerda.

Apressa-te devagar, diz a sabedoria das nações; e, como sempre, quando está de acordo com o bom-senso, a sabedoria das nações tem razão. – Não deixes inimigo atrás de ti, e não avances senão quando estiveres seguro de não seres obrigado a retroceder. – Deus é paciente porque é eterno; o homem, que tem a eternidade diante de si, também pode ser paciente.

Que julgue pelas aparências, que se engane e reconheça seu erro no futuro, é lógico; mas que pretenda não poder enganar-se, que marque um limite qualquer ao entendimento humano, a criança reaparece sobre a água com seus caprichos e suas cóleras impotentes!... O potro ainda não fez diabruras; irrita-se, empina-se! O sangue ferve em suas veias!... Deixai-o fazer: a idade saberá acalmar o seu ardor sem o destruir e disso ele tirará proveito, medindo mais sabiamente os seus gastos!

Ao nascer, o homem viu uma planície formada de terra e de rocha estender-se sem limite sob os seus passos; uma planície azul, salpicada de fogos cintilantes estendia-se sobre a sua cabeça e parecia mover-se regularmente; daí concluiu que a Terra era um vasto planalto acidentado, encimado por uma cúpula animada de um movimento constante. Referindo tudo a si, fez-se o centro de um sistema por ele criado, e a Terra imutável contemplou o Sol girando na planície celeste. Hoje o Sol não gira mais e a Terra se pôs em movimento; o primeiro ponto talvez não fosse difícil de elucidar *segundo a Bíblia*, porque se Josué um dia mandou o Sol parar, em parte alguma se vê que lhe tenha mandado retomar o seu curso.

Hoje a inteligência humana dá um desmentido aos trabalhos das inteligências de uma época mais recuada e, assim, de idade em idade até a origem; e, contudo, malgrado as lições do passado, embora se aperceba, pelos precedentes, que a utopia de ontem muitas vezes é a realidade de amanhã, o homem se obstina a dizer: Não! não irás mais longe! Quem poderia fazer mais que

nós? A inteligência está no topo da escada; depois de nós não se pode senão descer!... E, no entanto, os que dizem isto são as testemunhas, os propagadores e os promotores das maravilhas realizadas pela ciência atual. Fizeram numerosas descobertas, que modificaram singularmente as teorias de seus predecessores; mas, que importa!... O *eu* neles fala mais alto que a razão. Gozando de uma realeza de um dia, não podem admitir que amanhã sejam submetidos a um poder que o futuro mantém ao abrigo de seus olhares.

Negam o Espírito, como negavam o movimento da Terra!... Lamentemo-los e consolemo-nos de sua cegueira, dizendo-nos que o que é não pode ficar eternamente oculto; a luz não pode tornar-se sombra; a verdade não pode tornar-se erro; as trevas se desfazem diante da aurora.

Ó Galileu!... onde quer que estejas, tu te alegras porque *ela se move...* e podemos alegrar-nos, nós também, porque nossa Terra, nosso mundo, a inteligência, o Espírito também tem seu movimento incompreendido, desconhecido, mas que logo se tornará tão evidente quanto os axiomas reconhecidos pela Ciência.

François Arago

A EXPOSIÇÃO

(Paris – Grupo Desliens – Médium: Sr. Desliens)

O observador superficial que neste momento lançasse os olhos sobre o vosso mundo, sem se preocupar muito com algumas pequenas manchas disseminadas em sua superfície, e que parecem destinadas a fazer ressaltar os esplendores do conjunto, sem a menor dúvida diria que jamais a Humanidade apresentou uma fisionomia mais alegre. Por toda parte celebram-se à porfia as bodas de Gamache. Não são senão festas, trens de recreio, cidades engalanadas e rostos alegres. Todas as grandes artérias do globo

trazem à vossa capital muito apertada a multidão colorida, vinda de todos os climas. Em vossos bulevares o chinês e o persa saúdam o russo e o alemão; a Ásia em casimira dá a mão à África em turbante; o novo mundo e o antigo, a jovem América e os cidadãos do mundo europeu se esbarram, se acotovelam, se entretêm num tom de inalterável amizade.

Estará o mundo realmente convidado para a festa da paz? A Exposição Francesa de 1867 seria o sinal tão almejado da solidariedade universal? – Seríamos tentados a crer se todas as animosidades fossem extintas; se cada um, pensando na prosperidade industrial e no triunfo da inteligência sobre a matéria, deixasse tranqüilamente os engenhos da morte, os instrumentos de violência e de força, dormir no fundo de seus arsenais em estado de relíquias próprias para satisfazer a curiosidade dos visitantes.

Mas estais nisto? Oh! não; o rosto faz careta debaixo do sorriso, o olhar ameaça quando a boca cumprimenta, e apertam-se cordialmente as mãos no momento mesmo em que cada um medita a ruína de seu vizinho. Riem, cantam, dançam; mas escutai bem, e ouvireis o eco repetir esses risos e esses cantos como soluços e gritos de agonia!

A alegria está nos rostos, mas a inquietude está nos corações. Alegram-se para se atordoar e, se pensam no dia seguinte, fecham os olhos para não ver.

O mundo está em crise e o comércio pergunta o que fará quando o grande zunzum da Exposição tiver passado. Cada um medita sobre o futuro, e se sente que neste momento só se vive hipotecando o tempo futuro.

Que falta, pois, a todos esses felizardos? Não são hoje o que eram ontem? não serão amanhã o que são hoje? Não, o arco comercial, intelectual e moral se endireita cada vez mais, a corda se distende, a flecha vai partir! – Onde ela os levará? – Eis o segredo

do medo instintivo, que se reflete em muitas frentes! Eles não vêem, não sabem, pressentem um não sei quê; um perigo está no ar, e cada um treme, cada um se sente moralmente oprimido, como quando uma tempestade, prestes a desabar, age sobre os temperamentos nervosos. Cada um está à espera; o que acontecerá? uma catástrofe ou uma solução feliz? Nem uma, nem outra; ou, antes, os dois resultados coincidirão.

O que falta às populações inquietas, às inteligências em apuros, é o senso moral atacado, macerado, semidestruído pela incredulidade, pelo positivismo, pelo materialismo. Acreditam no nada, mas o temem; sentem-se no limiar desse nada e tremem!... Os demolidores fizeram sua obra, o terreno está limpo. – Construí, então, com rapidez, para que a geração atual não fique mais sem abrigo! Até aqui o céu se manteve estrelado, mas uma nuvem aparece no horizonte. Cobri depressa vossos tetos hospitaleiros; convidai todos os hóspedes da planície e da montanha. Em breve o furacão vai destruir com vigor, e então, desgraçados dos imprudentes, confiantes na certeza do bom tempo. Terão a solução de seus vãos receios e, se saírem da liça mortificados, dilacerados, vencidos, não devem culpar senão a si próprios, à sua recusa em aceitar a hospitalidade tão generosamente oferecida.

À obra, pois. Construí cada vez mais depressa; acolhei o viajor que vem a vós, mas ide também procurar e tentai trazer a vós aquele que se afasta sem bater à vossa porta, pois só Deus sabe a quantos sofrimentos ele estaria exposto, antes de encontrar o menor refúgio capaz de o preservar das garras do flagelo.

Moki

Allan Kardec

Nota Explicativa³⁵

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da

³⁵ **Nota da Editora:** Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

Revista Espírita (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo metuculoso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da

fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar

apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chegasse à conseqüência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na

mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores Europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA







REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

Contém:

O relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., bem como todas as notícias relativas ao Espiritismo. – O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e o seu futuro. – A história do Espiritismo na Antigüidade; suas relações com o magnetismo e com o sonambulismo; a explicação das lendas e das crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

Publicada sob a direção
de
ALLAN KARDEC

*Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.*

ANO DÉCIMO PRIMEIRO – 1868

TRADUÇÃO DE EVANDRO NOLETO BEZERRA



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA



Sumário

DÉCIMO PRIMEIRO VOLUME – ANO DE 1868

JANEIRO

Golpe de Vista Retrospectivo 15

O Espiritismo Diante da História e da Igreja 21

Os Aïssaouas – Ou os convulsionários da

Rua Le Peletier 37

Manifestação Antes da Morte 43

Variedades:

Estranha violação de sepultura 48

Instruções sobre o fato precedente 50

Bibliografia – *A Gênese* 53

FEVEREIRO

Extrato dos Manuscritos de um Jovem

Médium Bretão: 57

<i>Os alucinados</i>	58
<i>Os inspirados</i>	62
Votos de Ano-Novo de um Espírita de Leipzig	70
Instruções dos Espíritos:	
<i>Os Messias do Espiritismo</i>	73
<i>Os Espíritos marcados</i>	78
<i>Futuro do Espiritismo</i>	81
<i>As estrelas cairão do céu</i>	84
<i>Os mortos sairão de seus túmulos</i>	86
<i>O juízo final</i>	88
<i>Apreciação da obra A Gênese</i>	90
Bibliografia:	
<i>Síntese da Doutrina Espírita</i>	92
<i>Caráter da Revelação Espírita</i>	101
<i>Segunda edição de A Gênese</i>	101
<i>Os pensamentos do zuavo Jacob</i>	101
<i>Psiché – Giornale di Studi Psicologici</i>	102

MARÇO

Comentários Sobre os Messias do Espiritismo **103**

Correspondência Inédita de Lavater com a Imperatriz

Maria da Rússia **111**

<i>Preâmbulo</i>	112
<i>Primeira carta</i>	115
<i>Segunda carta</i>	118
Flageolet – <i>Espírito mistificador</i>	126
Ensaio Teórico das Curas Instantâneas	129
Notas Bibliográficas:	
<i>Os pensamentos do zuavo Jacob</i>	137
<i>O Espiritismo ante a razão</i>	142
<i>Terceira edição de A Gênese</i>	142
Instrução dos Espíritos – <i>A regeneração</i>	142
Errata	145

ABRIL

Correspondência Inédita de Lavater com a Imperatriz

Maria da Rússia:

<i>Terceira carta</i>	147
<i>Quarta carta</i>	150
<i>Carta de um defunto ao seu amigo da Terra</i>	152
<i>Quinta carta</i>	154
<i>Carta de um Espírito bem-aventurado</i>	155
O Fim do Mundo em 1911	160
Intolerância e Perseguição com Respeito ao Espiritismo	174
O Espiritismo em Cadiz, em 1853 e 1868	180
Dissertação Espírita – <i>Instrução das mulheres</i>	186

MAIO

Correspondência Inédita de Lavater com a Imperatriz
Maria da Rússia:

Sexta carta **189**

Carta de um defunto ao seu amigo **190**

Opinião atual de Lavater sobre o Espiritismo **199**

Educação de Além-Túmulo **204**

O Doutor Philippeau – *Impressões de um médico materialista*

no mundo dos Espíritos **207**

O Espiritismo em Toda Parte:

A condessa de Monte-Cristo **211**

O barão Cloutz **215**

Metempsicose **217**

Enterro do Sr. Marc Michel **218**

Um sonho **219**

Espíritos batedores na Rússia **221**

A Fome na Argélia **223**

Dissertação dos Espíritos – *Ontem, hoje e amanhã* **227**

JUNHO

Mediunidade no Copo d'Água **231**

Fotografia do Pensamento **239**

A Morte do Sr. Bizet, Cura de Sétif – *A fome
entre os Espíritos* **243**

O Espiritismo em Toda Parte:

Jornal Solidariedade **250**

Conferências **255**

Nota Bibliográfica – *A religião e a política
na sociedade moderna* **259**

JULHO

A Ciência da Concordância dos Números
e a Fatalidade **275**

A Geração Espontânea e *A Gênese* **285**

O Partido Espírita **293**

O Espiritismo em Toda Parte:

O jornal Siècle – Paris sonâmbula **301**

Teatro – Cornélio – O galo de Mycille **303**

Alexandre Dumas – Monte-Cristo **306**

Bibliografia – *A alma: demonstração de sua realidade* **307**

AGOSTO

O Materialismo e o Direito **315**

O *Jornal Solidarité* **324**

O Partido Espírita **334**

Perseguições **337**

Espiritismo Retrospectivo:

A mediunidade no copo d'água em 1706 **342**

A reencarnação no Japão **348**

Carta do Sr. Monico ao Jornal *Mabouna*,
de Guelma, Argélia **351**

Bibliografia – *O Espiritismo em Lyon* **354**

SETEMBRO

Aumento e Diminuição do Volume da Terra

– A propósito de *A Gênese* **357**

Alma da Terra **362**

Proteção do Espírito dos Santos Patronos **367**

A Poltrona dos Antepassados **369**

Círculo da Moral Espírita em Toulouse **370**

Memórias de um Marido **371**

Bibliografia:

O regimento fantástico **375**

Conferências sobre a alma **386**

Instruções dos Espíritos – *Que fizeram de mim?* **396**

Liga Internacional da Paz **398**

No Prelo – *O Espiritismo na Bíblia* **398**

OUTUBRO

- Meditações **399**
- 141ª Meditação – *Do nascimento e da morte* **400**
- 143ª Meditação – *Da transfiguração após a morte* **403**
- Doutrina de Lao-Tseu – *Filosofia chinesa* **412**
- Exéquias da Senhora Victor Hugo **420**
- Efeito Moralizador da Reencarnação **423**
- Profissão de Fé Materialista **425**
- Profissão de Fé Semi-Espírita **427**
- Instruções dos Espíritos – *Influência dos planetas nas perturbações do globo terrestre* **429**
- Variedades:
- Belo exemplo de caridade evangélica* **436**
- Um castelo mal-assombrado* **438**
- Bibliografia – *Correspondência inédita de Lavater com a Imperatriz Maria da Rússia* **440**

NOVEMBRO

- Epidemia da Ilha Maurício **441**
- O Espiritismo em Toda Parte:
- A amizade após a morte* **449**
- A Cabana do Pai Tomás* **455**
- O Pecado Original Segundo o Judaísmo **456**

Os Lazerres de um Espírita no Deserto	459
Fenômeno de Lingüística	462
Música do Espaço	466
O Espiritualismo e o Ideal na Arte e na Poesia dos Gregos	469
Instruções dos Espíritos:	
<i>Regeneração dos povos do Oriente</i>	472
<i>A melhor propaganda</i>	476
<i>O verdadeiro recolhimento</i>	477
Bibliografia:	
<i>O Espiritismo na Bíblia</i>	479
<i>O Espiritismo em Lyon</i>	480
<i>Destinos da alma</i>	481
Aviso	482

DEZEMBRO

Sessão Anual Comemorativa do dia dos Mortos:

Discurso de abertura pelo Sr. Allan Kardec:

O Espiritismo é uma religião? 483

O Dia de Todos os Santos 495

Constituição Transitória do Espiritismo:

I – Considerações preliminares 504

*II – Extrato do relatório da Caixa do Espiritismo,
feito à Sociedade de Paris, em 5 de maio de 1865* 507

III – Cismas	512
IV – O Chefe do Espiritismo	516
V – Comissão Central	521
VI – Obras fundamentais da Doutrina	526
VII – Atribuições da Comissão	528
VIII – Vias e meios	531
IX – Conclusão	536
Bibliografia – <i>El Criterio Espiritista</i>	538
Aviso	541
Nota Explicativa	543



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XI

JANEIRO DE 1868

Nº 1

Golpe de Vista Retrospectivo

O ano de 1867 tinha sido anunciado como devendo ser particularmente proveitoso para o Espiritismo, e essa previsão realizou-se plenamente. Ele viu aparecerem várias obras que, sem lhe trazer o nome, popularizaram os seus princípios, e entre as quais lembraremos *Mireta*, do Sr. Sauvage; *O Romance do Futuro*, do Sr. Bonnemère; *Deus na Natureza*, pelo Sr. Camille Flammarion. *A Razão do Espiritismo*, pelo Sr. juiz de instrução Bonnamy, é um acontecimento nos anais da Doutrina, porque aí a bandeira é altamente e corajosamente hasteada por um homem cujo nome, justamente estimado e considerado, é uma autoridade, ao mesmo tempo que sua obra é um protesto contra os epítetos com que a crítica gratifica geralmente os adeptos da idéia. Todos os espíritas apreciaram esse livro como o merece, e lhe compreenderam o alcance. É uma resposta peremptória a certos ataques; assim, pensamos que considerarão como um dever propagá-lo no interesse da Doutrina.

Tivesse o ano apenas esses resultados e já nos deveríamos felicitar; mas os produziu mais efetivos. É verdade que o número das sociedades ou grupos oficialmente conhecidos não

aumentou sensivelmente; chegou mesmo a diminuir, por força das intrigas, com cujo auxílio procuraram miná-los, neles introduzindo elementos de dissolução; mas, em contrapartida, o número de reuniões particulares, ou de família, cresceu em grande proporção.

Além disso, é evidente para todos e da própria confissão dos nossos adversários, que as idéias espíritas ganharam terreno consideravelmente, como o constata o autor da obra a que nos referimos adiante. Elas se infiltram por uma porção de brechas; tudo concorre para isto. As coisas que, à primeira vista, a elas pareciam mais estranhas, são meios com a ajuda dos quais essas idéias vêm à luz. É que o Espiritismo toca em tão grande número de questões, que é muito difícil abordar o que quer que seja sem ver aí surgir um pensamento espírita, de tal sorte que, mesmo nos meios refratários, essas idéias eclodem sob uma ou outra forma, como essas plantas multicores, que crescem por entre as pedras. E como nesses meios geralmente repelem o Espiritismo, por espírito de prevenção, sem saberem o que ele diz, não é surpreendente que, quando pensamentos espíritas aí aparecem, não os reconheçam; mas os aclamam, porque os acham bons, sem suspeitarem que é Espiritismo.

A literatura contemporânea, grande ou pequena, séria ou leviana, semeia essas idéias em profusão; é por elas embelezada e não lhe falta senão o nome. Se se reunissem todos os pensamentos que correm o mundo, constituir-se-ia o Espiritismo completo. Ora, aí está um fato considerável, um dos mais característicos do ano que acaba de findar. Isto prova que cada um tem em si alguns elementos no estado de intuição, e que entre os seus antagonistas e ele não há, na maioria das vezes, senão uma questão de palavra. Os que o repelem com perfeito conhecimento de causa são os que têm interesse em o combater.

Mas, então, que fazer para torná-lo conhecido, a fim de triunfar dessas prevenções? Isto é obra do tempo. É preciso que as

circunstâncias para aí levem naturalmente, e para isto pode-se contar com os Espíritos, que sabem fazê-las em tempo oportuno. Essas circunstâncias são particulares ou gerais; as primeiras agem sobre os indivíduos e as outras sobre as massas. As últimas, por sua repercussão, fazem o efeito das minas que, a cada explosão, arrancam alguns fragmentos de rocha.

Que cada espírita trabalhe de seu lado, sem se deixar desanimar com a pouca importância do resultado obtido individualmente, e pense que, graças ao acúmulo de grãos de areia, se forma uma montanha.

Entre os fatos materiais que assinalaram este ano, as curas do zuavo Jacob ocupam o primeiro lugar; tiveram uma repercussão que todos conhecem e, embora o Espiritismo aí só tenha figurado casualmente, a atenção geral não deixou de ser vivamente atraída para um fenômeno dos mais graves, e que a ele se liga de maneira direta. Esses fatos, produzindo-se em condições vulgares, sem aparato místico, não por um só indivíduo, mas por diversos, por isto mesmo perderam o caráter miraculoso, que até então lhes haviam atribuído. Como tantos outros, entraram no domínio dos fenômenos naturais. Entre os que os rejeitam como milagres, muitos se tornaram menos absolutos na negação do fato e admitiram a sua possibilidade como resultado de uma lei desconhecida da Natureza. Era o primeiro passo numa via fecunda em conseqüências, e mais de um céptico ficou abalado. Certamente nem todos ficaram convencidos, mas a coisa deu muito que falar, daí resultando, em grande número, profunda impressão, que fez refletir mais do que se pensa. São sementes que, se não dão uma colheita abundante, imediata, não estão perdidas para o futuro.

O Sr. Jacob mantém-se sempre afastado de maneira absoluta. Ignoramos os motivos de sua abstenção e se deve ou não retomar o curso de suas sessões. Se há intermitência em sua faculdade, como acontece muitas vezes em casos semelhantes, seria

uma prova de que ela não se deve exclusivamente à sua pessoa, e que fora do indivíduo existe alguma coisa, uma vontade independente.

Mas, dirão, por que esta suspensão, uma vez que a produção de tais fenômenos era vantajosa para a Doutrina? Tendo as coisas, até aqui, sido conduzidas com uma sabedoria que não é desmentida, é de supor que os que dirigem o movimento julgaram o efeito suficiente neste momento, e que seria útil interromper a efervescência. Mas a idéia foi lançada e se pode estar certo de que não ficará no estado de letra morta.

Em suma, como se vê, o ano foi bom para o Espiritismo; suas falanges recrutaram homens sérios, cuja opinião é tida por alguma coisa num certo mundo. Nossa correspondência nos assinala quase por toda parte um movimento geral de opinião por essas idéias e, coisa bizarra, neste século positivo, as que ganham mais terreno são as idéias filosóficas, muito mais que os fatos materiais de manifestação, que muitas pessoas ainda se obstinam em rejeitar. Assim, perante o maior número, o melhor meio de fazer proselitismo é começar pela filosofia, o que é compreensível. Sendo as idéias fundamentais latentes na maioria, basta despertá-las. Compreendem-nas porque possuem em si os seus germes, enquanto os fatos, para serem aceitos e compreendidos, demandam estudo e observações que muitos não querem se dar ao trabalho de fazer.

Depois o charlatanismo, que se apoderou dos fatos para os explorar em seu proveito, os desacreditou na opinião de certas pessoas, dando margem à crítica. Não se daria o mesmo com a filosofia, que não era tão fácil de contrafazer, e que, aliás, não se presta à exploração.

Por sua natureza, o charlatanismo é turbulento e intrigante, sem o que não seria charlatanismo. A crítica, que

geralmente pouco se preocupa em ir ao fundo do poço buscar a verdade, viu o charlatanismo alardear-se e se esforçou para o vincular à etiqueta do Espiritismo. Daí, contra esta palavra, uma prevenção que se apaga à medida que o verdadeiro Espiritismo é mais bem conhecido, porque ninguém que o tenha estudado seriamente o confundirá com o Espiritismo grotesco de fantasia, que a negligência ou a malevolência procuram substituir. É uma reação neste sentido que se manifestou nestes últimos tempos.

Os princípios que se acreditam com mais facilidade são os da *pluralidade dos mundos habitados* e o da *pluralidade das existências*, ou *reencarnação*. O primeiro pode ser considerado como admitido sem contestação pela Ciência e pelo assentimento unânime, mesmo no campo materialista; o segundo encontra-se no estado de intuição numa porção de indivíduos, nos quais é uma crença inata; encontra numerosas simpatias, como princípio racional de filosofia, mesmo fora do Espiritismo. É uma idéia que agrada a muitos incrédulos, porque aí acham *imediatamente* a solução das dificuldades que os haviam levado à dúvida; por isso essa crença tende cada vez mais a se vulgarizar. Mas, para quem quer que reflita, esses dois princípios têm conseqüências forçadas, que desembocam diretamente no Espiritismo. Pode-se, pois, encarar o progresso dessas idéias como o primeiro passo para a Doutrina, visto que dela são partes integrantes.

A imprensa que, mau grado seu, sofre a influência da difusão das idéias espíritas, porque estas penetram até no seu seio, em geral se abstém, quando não por simpatia, ao menos por prudência; quase que já não é de bom-tom falar dos Davenport. Dir-se-ia mesmo que ela finge evitar a questão do Espiritismo. Se, de vez em quando, ela atira algumas setas contra os seus aderentes, são como os últimos lampejos de um fogo de artifício. Mas não há mais esse fogo contínuo de invectivas que se ouvia ainda há dois anos. Embora ela tenha feito quase tanto ruído do Sr. Jacob, quanto dos Davenport, sua linguagem foi toda outra, e é de notar que, na

sua polêmica, o nome do Espiritismo só figurou de modo muito secundário.

No exame da situação, não se deve considerar apenas os grandes movimentos ostensivos, mas, sobretudo, levar em conta o estado íntimo da opinião e das causas que a podem influenciar. Assim, como dissemos alhures, se se observar atentamente o que se passa no mundo, reconhecer-se-á que uma porção de fatos, aparentemente estranhos ao Espiritismo, parecem vir de propósito para lhe abrir as vias. É no conjunto das circunstâncias que se devem procurar os verdadeiros sinais do progresso. Deste ponto de vista, então, a situação é tão satisfatória quanto se pode desejar. Daí se deve concluir que a oposição esteja desarmada, e que de agora em diante, as coisas vão marchar sem obstáculo? Guardemo-nos de o crer e de dormir numa enganadora segurança. O futuro do Espiritismo, sem contradita, está assegurado, e seria preciso ser cego para o duvidar; mas, os seus piores dias não passaram; ainda não recebeu o batismo que consagra todas as grandes idéias. Os Espíritos são unânimes em nos precaver contra uma luta inevitável, mas necessária, a fim de provar a sua invulnerabilidade e a sua força; dela o Espiritismo sairá maior e mais forte; somente então conquistará seu lugar no mundo, porque os que tiverem querido derrubá-lo terão preparado o seu triunfo. Que os espíritas sinceros e devotados se fortaleçam pela união e se confundam numa santa comunhão de pensamentos. Lembremo-nos da parábola das dez virgens e velemos para não sermos pegos de surpresa.

Aproveitamos esta circunstância para exprimir toda a nossa gratidão àqueles dos nossos irmãos espíritas que, como nos anos anteriores, por ocasião da renovação das assinaturas da *Revista*, nos dão novos testemunhos de sua afetuosa simpatia; somos felizes pelas garantias que nos dão de seu devotamento à causa sagrada que todos defendemos, e que é a da Humanidade e do progresso. Aos que nos dizem: coragem! diremos que jamais recuaremos diante de qualquer das necessidades de nossa posição,

por mais duras que sejam. Que contem conosco, como neles contamos encontrar, no dia da vitória, soldados da véspera, e não soldados do dia seguinte.

O Espiritismo Diante da História e da Igreja¹

SUA ORIGEM, SUA NATUREZA, SUA CERTEZA, SEUS PERIGOS

(Pelo abade Poussin, professor do Seminário de Nice)

Esta obra é uma refutação do Espiritismo do ponto de vista religioso. É, sem contradita, uma das mais completas e mais bem-feitas que conhecemos. É escrita com moderação e conveniência, e não se denigre pelos epítetos a que nos habituaram a maior parte das controvérsias do mesmo partido. Aí, nada de declarações furibundas, nada de personalismos ultrajantes; é o princípio mesmo que é discutido. Pode-se não estar de acordo com o autor, achar que as conclusões que ele tira de suas premissas são de uma lógica contestável; dizer que depois de haver demonstrado, por exemplo, com as peças na mão, que o Sol brilha ao meio-dia, erra ao concluir que deve ser noite, mas não se lhe reprochará a falta de urbanidade na forma.

A primeira parte da obra é consagrada à história do Espiritismo na antiguidade e na Idade Média. Esta parte é rica em documentos tirados dos autores sacros e profanos, que atestam laboriosas pesquisas e um estudo sério. É um trabalho que nos proporíamos fazer um dia, e felizes estamos por nos ter o Sr. abade Poussin poupado desse trabalho.

Na segunda parte, intitulada *Parte doutrinária*, o autor, discutindo os fatos que acaba de citar, inclusive os fatos atuais, conclui, segundo a infalibilidade da Igreja e seus próprios argumentos, que todos os fenômenos magnéticos e espíritas são

1 Nota da Editora: Ver "Nota Explicativa", p. 543.

obra do demônio. É uma opinião como outra qualquer, e respeitável quando sincera. Ora, nós cremos na sinceridade das convicções do Sr. Poussin, embora não tenhamos a honra de o conhecer. O que se lhe pode censurar é não invocar em favor de sua tese senão a opinião dos adversários conhecidos do Espiritismo, assim como as doutrinas e alegações que desaprova. Em vão se buscaria nesse livro a menção das obras fundamentais, assim como nenhuma refutação direta das respostas que foram dadas às alegações contraditórias. Numa palavra, ele não discute a doutrina propriamente dita; não toma os seus argumentos corpo-a-corpo, para os esmagar sob o peso de uma lógica mais rigorosa.

Além disso, pode achar-se estranho que o Sr. abade Poussin se apóie, para combater o Espiritismo, na opinião de homens conhecidos por suas idéias materialistas, tais como os Srs. Littré e Figuiet; sobretudo deste último, que mais brilhou por suas contradições do que por sua lógica, ele toma várias expressões. Esses senhores, combatendo o princípio do Espiritismo, denegando a causa dos fenômenos psíquicos, por isto mesmo negam o princípio da espiritualidade; assim, minam a base da religião, pela qual não professam, como se sabe, grande simpatia. Invocando sua opinião, a escolha não é feliz; poder-se-ia mesmo dizer que é desastrada, pois é excitar os fiéis a ler escritos que não são nada ortodoxos. Vendo-o beber em tais fontes, poder-se-ia crer que não julgou as outras bastante preponderantes.

O abade Poussin não contesta nenhum dos fenômenos espíritas; virtualmente prova a sua existência pelos fatos autênticos que cita, e que colhe indiferentemente na história sagrada e na história pagã. Aproximando uns dos outros, não pode deixar de reconhecer a sua analogia. Ora, em boa lógica, da similitude dos efeitos deve-se concluir a similitude das causas. Entretanto, o Sr. Poussin conclui que os mesmos fatos são miraculosos, de fonte divina em certos casos, e diabólica, em outros.

Os homens que professam as mesmas crenças que o Sr. Figuiier também têm sobre esses mesmos fatos duas opiniões: negam-nos simplesmente e os atribuem à trapaça; quanto aos que são comprovados, esforçam-se por os ligar apenas às leis da matéria. Perguntai-lhes o que pensam dos milagres do Cristo: eles vos dirão que são fatos lendários, contos inventados para as necessidades da causa, ou produtos de imaginações superexcitadas e em delírio.

É verdade que o Espiritismo não reconhece nos fenômenos psíquicos um caráter sobrenatural; ele os explica pelas faculdades e pelos atributos da alma; e como a alma está na Natureza, os considera como efeitos naturais, que se produzem em virtude de leis especiais, até então desconhecidas, e que o Espiritismo dá a conhecer. Realizando-se esses fenômenos aos nossos olhos, em condições idênticas, acompanhados das mesmas circunstâncias e por intermédio de indivíduos que nada têm de excepcional, daí conclui pela possibilidade dos que se passaram em tempos mais recuados, e isto pela mesma causa natural.

O Espiritismo não se dirige às pessoas convictas da existência desses fenômenos, e que são perfeitamente livres para neles ver milagres, se tal é sua opinião, mas aos que os negam precisamente por causa do caráter miraculoso que lhes querem dar. Provando que esses fatos não têm de sobrenatural senão a aparência, ele os faz aceitar pelos mesmos que os repeliam. Os espíritas foram recrutados, em imensa maioria, entre os incrédulos e, contudo, hoje não há um só que negue os fatos realizados pelo Cristo. Ora, o que vale mais: crer na existência desses fatos, sem o sobrenatural, ou neles não crer absolutamente? Os que os admitem a um título qualquer não estão mais perto de vós do que os que os rejeitam completamente? Desde que o fato seja admitido, não resta senão provar a sua fonte miraculosa, o que deve ser mais fácil, se a fonte for real, do que quando o próprio fato é contestado.

Para combater o Espiritismo, apoiando-se o Sr. Poussin na autoridade dos que repelem até o princípio espiritual, não seria ele um dos que pretendem que a incredulidade absoluta é preferível à fé adquirida pelo Espiritismo?

Citamos integralmente o prefácio do livro do Sr. Poussin, que faremos seguir de algumas reflexões:

“O Espiritismo, é preciso bem reconhecê-lo, *envolve como numa imensa rede a sociedade inteira*, e por seus profetas, por seus oráculos, por seus livros e por seu jornalismo, esforça-se por minar secretamente a Igreja católica. *Se nos prestou o serviço de derrubar as teorias materialistas do século dezoito*, dá-nos em troca uma revelação nova, que solapa pela base todo o edifício da revelação cristã. E, contudo, por um fenômeno singular, ou melhor, por força da ignorância e da fascinação que excita a curiosidade, quantos católicos brincam diariamente com o Espiritismo, sem se preocuparem absolutamente com os seus perigos! É bem verdade que os espíritas ainda estão divididos quanto à essência e mesmo quanto à realidade do Espiritismo, e é provavelmente devido a essas incertezas que o maior número julga poder se formar a consciência e usar o Espiritismo como um curioso divertimento. Todavia, no fundo dessas almas timoratas e delicadas se manifesta uma grande ansiedade. Quantas vezes não temos ouvido estas questões incessantes: ‘Dizei-nos bem *a verdade*. O que é o Espiritismo? Qual a sua origem? Credes nessa genealogia que queria ligar os fenômenos do Espiritismo à magia antiga? Admitis os fatos estranhos do magnetismo e das mesas girantes? Acreditais na intervenção dos Espíritos e na evocação das almas? no papel dos anjos e dos demônios? É permitido interrogar as mesas girantes e consultar os espíritas? Que pensam sobre todas essas questões os teólogos, os bispos?... A Igreja romana deu algumas decisões? etc., etc.’

“Estas perguntas, que ainda retinam aos nossos ouvidos, inspiraram o pensamento deste livro, que tem por objetivo

responder a todas, nos limites de nossas forças. Por isso, a fim de estar mais seguros e convictos, jamais afirmamos coisa alguma sem uma autoridade *grave*, e nada decidimos que os bispos e Roma não tenham decidido. – Entre os que estudaram especialmente estas matérias, uns rejeitam em massa todos os fatos *extraordinários* que o Espiritismo se atribui. Outros, concedendo larga parte às alucinações e ao charlatanismo, reconhecem que é impossível deixar de admitir certos fenômenos inexplicáveis e inexplicados, tão inconciliáveis com os ensinamentos gerais das ciências naturais, quanto desconcertantes para a razão humana; contudo, procuram interpretá-los, ou por certas leis misteriosas da fisiologia, ou pela intervenção da grande alma da natureza, da qual a nossa é simples emanção, etc. Vários escritores católicos, forçados a admitir os fatos, achando a solução natural por vezes impossível e a explicação panteísta absurda, não hesitam em reconhecer em certos fatos do Espiritismo a intervenção direta do demônio. Para estes, o Espiritismo não passa da continuação dessa magia pagã, que aparece em toda a História, desde os mágicos do faraó, à pitonisa de Endor, os oráculos de Delfos, às profecias das sibilas e dos adivinhos, até as possessões demoníacas do Evangelho e aos fenômenos extraordinários e constatados do magnetismo contemporâneo. A Igreja não se pronunciou sobre as discussões *especulativas*; abandona a questão histórica das origens do Espiritismo e a questão psicológica de seus agentes misteriosos à vã disputa dos homens. Teólogos sérios, bispos e doutores particulares têm sustentado estas últimas opiniões; *oficialmente*, Roma não os aprova nem os censura. Mas se a Igreja prudentemente guardou silêncio sobre as *teorias*, levantou a voz nas questões práticas, e em presença das incertezas da razão, assinala perigos para a consciência. Uma ciência curiosa e em si mesma inocente, pode, por causa dos abusos freqüentes, tornar-se uma fonte de perigos; por isso, Roma condenou como perigosos para os costumes, certas práticas e certos abusos do magnetismo, cujos graves inconvenientes os próprios espíritas não dissimulam. Ainda mais, bispos julgaram dever interditar aos seus diocesanos e em

qualquer hipótese, como *supersticiosos e perigosos para os costumes e para a fé*, não só os abusos do magnetismo, mas o *hábito de interrogar as mesas girantes*.

“Para nós, na questão *especulativa*, posta em presença dos que vêem o demônio em toda parte e dos que não o vêem em parte alguma, quisemos, mantendo-nos a distância dos dois escolhos, estudar as origens históricas do Espiritismo, examinar a certeza dos fatos e discutir imparcialmente os sistemas psicológicos e panteístas pelos quais tudo querem interpretar. Evidentemente, quando refutamos vários desses sistemas, não pretendemos impor a ninguém os nossos próprios pensamentos, embora as autoridades sobre as quais nos apoiamos nos pareçam da mais alta gravidade. Separando das opiniões livres tudo o que é de *fé*, como a existência dos anjos e dos demônios, as possessões e as obsessões demoníacas do Evangelho, a legitimidade e o poder dos exorcismos na Igreja, etc., deixamos a cada um o direito, não de negar o comércio voluntário dos homens com o demônio, o que, segundo o padre Perronne, seria temerário, e conduziria ao pirronismo histórico; mas reconhecemos a todo católico o direito de não ver no Espiritismo a intervenção do demônio, se os nossos argumentos parecerem mais especiosos que sólidos, e se a razão e o estudo mais atento dos fatos provarem o contrário.

“Quanto à questão *prática*, não nos reconhecemos o direito de absolver o que Roma condena; e se algumas almas ainda hesitassem, nós as remeteríamos simplesmente às decisões romanas, às interdições episcopais e mesmo às decisões teológicas, que reproduzimos integralmente.

“O plano deste livro é muito simples. A primeira parte, ou *parte histórica*, depois de ter dado o ensino das Santas Escrituras e a tradição de todos os povos sobre a existência e o papel dos Espíritos, nos inicia nos fatos mais salientes do Espiritismo ou da magia, desde a origem do mundo até os nossos dias.

“A segunda parte, ou *parte doutrinária*, expõe e discute os diversos sistemas imaginados para descobrir o agente verdadeiro do Espiritismo; depois de ter precisado o nosso melhor ensino da teologia católica sobre a intervenção geral dos Espíritos, e dado livre curso a opiniões livres sobre o agente misterioso da magia moderna, assinalamos aos fiéis os perigos do Espiritismo para a *fé*, para os *costumes* e mesmo para a *saúde* ou para a vida.

“Possam estas páginas, mostrando o perigo, concluir o bem que outros começaram!... Inútil acrescentar que, filhos dóceis da Igreja, condenamos por antecipação tudo quanto Roma pudesse desaprovar.”

O Sr. abade Poussin reconhece duas coisas: 1º – que o Espiritismo envolve, como numa imensa rede, a sociedade inteira; 2º – que prestou à Igreja o serviço de derrubar as teorias materialistas do século dezoito. Vejamos que conseqüências decorrem desses dois fatos.

Como dissemos, o Espiritismo é recrutado, em grande maioria, entre os incrédulos. Com efeito, perguntai aos nove décimos dos adeptos, em que acreditavam antes de ser espíritas; eles responderão que não acreditavam em nada ou, pelo menos, que duvidam de tudo; para eles a existência da alma era uma hipótese, sem dúvida desejável, mas incerta; a vida futura uma quimera; Cristo era um mito ou, no máximo, um filósofo; Deus, se existisse, devia ser injusto, cruel e parcial, daí por que tanto gostavam de crer que ele não existia.

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão; o futuro não é mais uma esperança, mas uma certeza, porque vêem a vida espiritual manifestar-se aos seus olhos; dela não duvidam mais do que duvidam do nascer do Sol. É verdade que não crêem nos demônios e nem nas chamas eternas do inferno, mas, em compensação, acreditam firmemente num Deus soberanamente

justo, bom e misericordioso; não crêem que o mal venha dele, que é a fonte de todo bem, nem dos demônios, mas das próprias imperfeições do homem; que o homem se reforma e o mal não existirá mais; vencer-se a si mesmo é vencer o demônio. Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdendo aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo.

Sobre quem o Espiritismo devia ter mais fácil acesso? Não é sobre os que tinham fé e a quem esta bastava, que nada pediam e de nada precisavam; mas sobre aqueles a quem faltava a fé. Como o Cristo, foi aos doentes, e não aos que gozam de saúde; aos que têm fome, e não aos que estão saciados. Ora, os doentes são os que se acham torturados pelas angústias da dúvida e da incredulidade.

E que fez para os trazer a si? Uma maciça propaganda? Indo pregar a doutrina nas praças públicas? *Violentando* consciências? Absolutamente, porque estes são os meios da fraqueza; e se os tivesse usado, teria mostrado que duvidava de sua força moral. Ele tem como regra invariável, conforme a lei de caridade, ensinada pelo Cristo, não constranger ninguém, respeitar todas as convicções; contentou-se em enunciar os seus princípios, desenvolver em seus escritos as bases sobre as quais estão assentadas as suas crenças, e deixou vir a ele os que quisessem. Se vieram muitos, é que a muitos conveio e muitos nele acharam o que não haviam encontrado alhures. Se recrutou principalmente entre os incrédulos, e se em alguns anos enlaçou o mundo, é porque os incrédulos e os que não estão satisfeitos com o que lhes dão são numerosos, desde que não se é atraído senão para onde se encontra algo melhor do que o que se tem. Dissemos centenas de vezes: Querem combater o Espiritismo? Que dêem melhor que ele.

Reconheceis, senhor abade, que o Espiritismo prestou à Igreja o serviço de derrubar as teorias materialistas; sem dúvida é um grande resultado, do qual ele se glorifica. Mas, como o conseguiu? precisamente com o auxílio desses meios que chamais diabólicos, com as provas materiais que ele dá, da alma e da vida futura; foi com a manifestação dos Espíritos que ele confundiu a incredulidade e que triunfará definitivamente. E dizeis que tal serviço é obra de Satã? Mas, então, não deveríeis lhe querer tanto, já que ele próprio destrói a barreira que retinha os que ele prendera indevidamente? Lembrai-vos da resposta do Cristo aos fariseus, que lhe falavam exatamente a mesma linguagem, acusando-o de curar os doentes e de expulsar os demônios pelos demônios. Lembrai-vos, também, a respeito, das palavras de Monsenhor Frayssinous, bispo de Hermópolis, em suas conferências sobre religião: “Certamente, um demônio que procurasse destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude seria um demônio singular, porque se destruiria a si mesmo.”

Se esse resultado obtido pelo Espiritismo é obra de Satã, como é que a Igreja lhe deixou o mérito e não o obteve ela própria? Como é que deixou a incredulidade invadir a sociedade? Contudo, não lhe faltaram meios de ação. Não tem pessoal e recursos materiais imensos? as pregações desde as capitais até as menores aldeias? a pressão que exerce sobre as consciências pela confissão? o terror das penas eternas? a instrução religiosa que acompanha a criança durante todo o curso de sua educação? o prestígio das cerimônias do culto e de sua ancianidade? Como é que uma doutrina, *apenas desabrochada*, que não tem sacerdotes, nem templos, nem culto, nem pregações; que é combatida com rigor pela Igreja, caluniada, perseguida como o foram os primeiros cristãos, em tão pouco tempo reconduziu à fé e à crença na imortalidade um tão grande número de incrédulos? Entretanto, a coisa não é muito difícil, pois basta à maioria ler alguns livros para se dissiparem todas as dúvidas.

Tirai daí as conclusões que quiserdes; mas confessai que, se isto é obra do diabo, ele fez o que vós mesmos não pudestes fazer, e que ele se desobrigou da vossa tarefa.

Por certo direis que o que depõe contra o Espiritismo é que ele não emprega, para convencer, os mesmos argumentos que vós, e que, se triunfa da incredulidade, não conduz completamente a vós.

Mas o Espiritismo não tem a pretensão de marchar convosco, nem com ninguém; ele mesmo faz os seus trabalhos, e como entende. A incredulidade foi refratária aos vossos argumentos; de boa-fé acreditaríeis que o Espiritismo teria triunfado servindo-se dos mesmos? Se um médico não cura um doente com um remédio, outro médico o curará empregando o mesmo remédio?

O Espiritismo não procura reconduzir os incrédulos ao seio absoluto do catolicismo, nem ao de qualquer outro culto. Em lhes fazendo aceitar as bases comuns a todas as religiões, ele destrói o principal obstáculo e os leva a fazer a metade do caminho; cabe a cada um fazer o resto, no que lhe concerne; as que fracassam dão uma prova manifesta de incapacidade.

Desde o instante que a Igreja reconhece a existência de todos os fatos de manifestações sobre os quais se apóia o Espiritismo; que ela os reivindica para si mesma, a título de milagres divinos; que, entre os fatos que se passam nos dois campos, há uma analogia completa, quanto aos efeitos, analogia que o Sr. abade Poussin demonstra com a última evidência e peças de apoio, pondo-as à vista, toda a questão se reduz, então, em saber se é Deus que age de um lado e o diabo do outro. É uma questão pessoal. Ora, quando duas pessoas fazem exatamente a mesma coisa, conclui-se que uma é tão poderosa quanto a outra. Toda a argumentação do Sr. Poussin termina, assim, por demonstrar que o diabo é tão poderoso quanto Deus.

De duas coisas, uma: ou os efeitos são idênticos, ou não o são; se são idênticos, é que provêm de uma mesma causa, ou de duas causas equivalentes; se não o são, mostrai em que diferem. Nos resultados? Mas, então, a comparação seria em favor do Espiritismo, porque ele reconduz a Deus os que nele não acreditavam.

Está, pois, bem entendido, por decisão formal das autoridades competentes, que os Espíritos que se manifestam não são, nem podem ser, senão demônios. Convenhamos, entretanto, senhor abade, que se esses mesmos Espíritos, em vez de contradizerem a Igreja sobre alguns pontos, tivessem sido em tudo de sua opinião, se tivessem vindo apoiar todas as suas pretensões temporais e espirituais, aprovar sem restrição tudo quanto ela diz e faz, ela não os chamaria de demônios, mas antes de Espíritos angélicos.

O abade Poussin escreveu o seu livro, diz ele, tendo em vista premunir os fiéis contra os perigos que pode correr sua fé, pelo estudo do Espiritismo. É testemunhar pouca confiança na solidez das bases sobre as quais está assentada esta fé, já que pode ser abalada tão facilmente. O Espiritismo não tem o mesmo receio. Tudo quanto puderam dizer e fazer contra ele não lhe fez perder uma polegada de terreno, pois que o ganha todos os dias; entretanto, não faltou talento a mais de um de seus adversários. As lutas empenhadas contra ele, longe de o enfraquecer, o fortaleceram; elas contribuíram poderosamente para o espalhar mais rapidamente do que o teria feito sem isto, de tal sorte que esta rede que, em alguns anos envolveu a sociedade inteira, é, em grande parte, obra de seus antagonistas. Sem nenhum dos meios materiais de ação, que fazem os sucessos neste mundo, ele não se propagou senão pelo poder da idéia. Desde que os argumentos, com o auxílio dos quais o combateram, não o derrubaram, é que, aparentemente, os julgaram menos convincentes que os seus. Quereis ter o segredo de sua fé? ei-lo: é que antes de crer, compreendem.

O Espiritismo não teme a luz; ele a chama sobre suas doutrinas, porque quer ser aceito livremente e pela razão. Longe de temer para a fé dos espíritas a leitura das obras que o combatem, ele lhes diz: Lede tudo; os prós e os contras, e escolhei com conhecimento de causa. É por isto que assinalamos à sua atenção a obra do abade Poussin.²

Damos a seguir, sem comentários, alguns fragmentos tirados da primeira parte:

1. – Certos católicos, mesmo piedosos, em matéria de fé têm singulares idéias, resultado inevitável do cepticismo ambiente que, mau grado seu, os domina e dos quais sofrem a influência deletéria. *Falai de Deus, de Jesus-Cristo, eles aceitam tudo imediatamente; mas se tentardes falar do demônio, e sobretudo da intervenção diabólica na vida humana, não mais vos escutam.* Como os nossos racionalistas contemporâneos, de boa vontade tomariam o demônio como um mito ou uma personificação fantástica do gênio do mal, os êxtases dos santos por fenômenos de catalepsia e as possessões diabólicas, mesmo as do Evangelho, se não como epilepsia, ao menos como parábolas. São Tomás³, em sua linguagem precisa, responde em duas palavras a esse perigoso cepticismo: “Se a facilidade de ver falar o demônio, diz ele, procede da ignorância das leis da Natureza e da credulidade, a tendência geral a não ver a sua ação em parte alguma procede da irreligião e da incredulidade.” Negar o demônio é negar o Cristianismo e negar Deus.

2. – A crença na existência dos Espíritos e sua intervenção no domínio de nossa vida, mais ainda, o próprio Espiritismo ou a prática da evocação dos Espíritos, almas, anjos ou demônios, remontam à mais alta antiguidade, e são tão antigas

2 Um vol. in-12; preço: 3 fr. Sarlit, livreiro, 25, rue Saint-Sulpice, Paris.

3 **N. do T.:** O abade não se está referindo a Tomé, apóstolo de Jesus, mas ao teólogo Tomás de Aquino.

quanto o mundo. – Sobre a existência e o papel dos Espíritos, interroguemos, primeiramente, nossos livros santos, os mais antigos e os mais incontestados livros de História e, ao mesmo tempo, o código divino de nossa fé. O demônio seduzindo sob uma forma sensível Adão e Eva no Paraíso; os querubins que guardavam a sua entrada; os anjos que visitam Abraão e discutem com ele a questão da salvação de Sodoma; os anjos insultados na cidade imunda, arrancando Loth ao incêndio; o anjo de Isaque, de Jacó, de Moisés e de Tobias; o demônio que mata os sete maridos de Sara; o que tortura a alma e o corpo de Job; o anjo exterminador dos egípcios sob Moisés, e dos israelitas sob Davi; a mão invisível que escreve a sentença de Baltazar; o anjo que fere Heliodoro; o anjo da Encarnação, Gabriel, que anuncia São João e Jesus-Cristo: Que mais é preciso para mostrar a existência dos Espíritos, bons ou maus, nos atos da vida humana? Deus fez dos Espíritos seus embaixadores, diz o salmista; são os ministros de Deus, diz São Paulo; São Pedro nos ensina que os demônios rondam sem cessar em torno de nós, como leões rugidores; São Paulo, tentado por eles, nos declara que o ar está repleto deles.

3. – Notemos aqui que as tradições pagãs estão em perfeita harmonia com as tradições judaicas e cristãs. O mundo, segundo Tales e Pitágoras, está cheio de *substâncias espirituais*. Todos esses autores os dividem em Espíritos bons e maus; Empédocles diz que os demônios são punidos pelas faltas que cometeram; Platão fala de um príncipe, de natureza malfazeja, preposto desses Espíritos expulsos pelos deuses e caídos do céu, diz Plutarco. Todas as almas, acrescenta Porfírio, que têm por princípio a alma do universo, governam os grandes países situados sob a Lua: são os bons *demônios* (Espíritos); e, fiquemos bem convencidos, eles só agem no interesse de seus administrados, quer com o cuidado que tomam dos animais, quer velem pelos frutos da terra, quer presidam às chuvas, aos ventos moderados, ao bom tempo. Deve-se ainda colocar na categoria dos *bons demônios* os que, segundo Platão, estão encarregados de levar aos deuses as

preces dos homens, e que trazem aos homens as advertências, as exortações, os oráculos dos deuses.

4. – Os árabes chamam de *Iba* o chefe dos demônios; os caldeus com eles enchiam o ar; enfim, Confúcio ensina absolutamente a mesma doutrina: “Como são sublimes as virtudes dos Espíritos! dizia ele; olha-se-os e não se os vê; escuta-se-os e não se os entende; unidos à substância das coisas, delas eles não podem separar-se; são a causa de que todos os homens em todo o Universo se purifiquem e se revistam de roupas de gala para oferecer sacrifícios; estão espalhados como as ondas do oceano acima de nós, à nossa esquerda e à nossa direita.”

O culto dos Manitós, espalhado entre os selvagens da América, não é senão o culto dos Espíritos.

5. – Por seu lado, os Pais da Igreja interpretaram admiravelmente a doutrina das Escrituras sobre a existência e a intervenção dos Espíritos: Nada há no mundo visível que não seja regido e disposto pela criatura invisível, diz São Gregório. Neste mundo cada ser vivo tem um anjo que o dirige, acrescenta Santo Agostinho. Os anjos, diz São Gregório de Nazianza, são os ministros da vontade de Deus; eles têm, naturalmente e por comunicação, uma força extraordinária; percorrem todos os lugares e se acham em toda parte, tanto pela prontidão com que exercem seu ministério, quanto pela leveza de sua natureza. Uns são encarregados de velar sobre alguma parte do Universo, que lhes é marcada por Deus, de quem dependem em todas as coisas; outros estão na guarda das cidades e das igrejas; ajudam-nos em tudo quanto fazemos de bom.

6. – Em relação à razão fundamental, Deus governa imediatamente o Universo; mas relativamente à execução, há coisas que ele governa por outros intermediários.

7. – Quanto à própria *evocação* dos Espíritos, almas, anjos ou demônios, e a todas as práticas da magia, de que o Espiritismo não passa de uma forma, mais ou menos disfarçada de charlatanismo, é uma prática tão antiga quanto a crença nos próprios Espíritos.

8. – São Cipriano assim explica os mistérios do Espiritismo pagão:

“Os demônios, diz ele, introduzem-se nas estátuas e nos simulacros que o homem adora; são eles que animam as fibras das vítimas, que inspiram com seu sopro o coração dos adivinhos e dão uma voz aos oráculos. Mas como podem curar? *Laedunt primo*, diz Tertuliano, *postque laedere desinunt, et curasse creduntur*. Primeiro ferem e, cessando de ferir, passam por curar.”

Na Índia são os *Lamas* e os bramanitas que, desde a mais alta antiguidade, têm o monopólio dessas mesmas evocações, que ainda continuam. “Faziam comunicar-se o Céu com a Terra, o homem com a Divindade, absolutamente como nossos *médiuns* atuais. A origem desse privilégio parece remontar à gênese mesma dos hindus e pertencer à casta sacerdotal desses povos. Saída do cérebro de Brama, a casta sacerdotal deve ficar mais perto da natureza desse Deus criador e entrar mais facilmente em comunicação com ele do que a casta guerreira, nascida de seus braços e, com mais forte razão, que a casta dos Párias, formada da poeira de seus pés.”

9. – Mas o fato mais interessante e mais autêntico da História é, sem contradita, a evocação de Samuel⁴ pelo *médium* da pitonisa de Endor, que interroga Saul: “Samuel tinha morrido, diz a Escritura; toda Israel o tinha chorado, e ele fora enterrado na cidade de Ramatá, lugar de seu nascimento. E Saul havia expulsado os magos e os adivinhos de seu reino. Estando então reunidos, os

4 N. do T.: I Samuel, 28: 1 a 25.

filisteus vieram acampar em Sunam; por seu lado, Saul reuniu todas as tropas de Israel e veio para Gilboé. Tendo visto o exército dos filisteus, foi tomado de espanto e de temor até o fundo do coração. Consultou o Senhor; mas o Senhor não lhe respondeu, nem em sonhos, nem pelos sacerdotes, nem pelos profetas. Então disse aos seus oficiais: “Procurai-me *uma mulher que tenha o Espírito de Píton*, para que me encontre com ela e a consulte.” Seus servidores lhe disseram: “Há uma mulher em Endor que tem um Espírito de Píton.” Saul disfarçou-se, vestiu outras roupas e se foi, acompanhado apenas por dois homens. Veio a noite, chegaram à casa dessa mulher e lhe disse: “Consultai para mim o Espírito de Píton e evocai-me aquele que eu vos disser.” A mulher lhe respondeu: “Bem sabeis o que fez Saul e de que maneira exterminou os mágicos e os adivinhos de todas as suas terras. Por que, então, armais uma cilada para me perder?” Então Saul lhe jurou pelo Senhor, dizendo: “Viva o Senhor! Nenhum mal vos sobrevirá por isso.” A mulher lhe disse: “Quem quereis ver?” Ele lhe respondeu: “Fazei-me vir Samuel.” A mulher, tendo visto Samuel, soltou um grande grito, e disse a Saul: “Por que me enganastes? porque sois Saul.” O rei lhe disse: “Não temais. Que vistes? – *Vi*, disse ela, *um deus que saía da terra*. Saul lhe disse: “Como é a sua figura?” – “É, disse ela, um velho envolto num manto.” Então Saul reconheceu que era Samuel; e lhe fez uma profunda reverência, curvando-se até o chão. Samuel disse a Saul: “Por que perturbastes meu repouso, fazendo-me evocar?” Saul lhe respondeu: “Estou em grande dificuldade. Os filisteus me fazem guerra e *Deus se retirou de mim*; não me quis responder nem pelos profetas, nem em sonhos. Eis por que vos fiz evocar, a fim de que ensineis o que devo fazer.” Samuel lhe disse; “Por que vos dirigis a mim, já que o Senhor vos abandonou e passou ao vosso rival? Porque o Senhor vos tratará como eu disse de sua parte. Ele destroçará o vosso reino por vossas mãos para o dar a Davi, vosso genro, porque não obedecestes à voz do Senhor, nem executastes a sentença de sua cólera contra os amalequitas. É por isso que o Senhor vos envia hoje aquilo que sofreis. Ele entregará mesmo

Israel convosco nas mãos dos filisteus. *Amanhã estareis comigo, vós e o vosso filho*; e o Senhor abandonará aos filisteus o próprio campo de Israel.” De súbito, caiu Saul estendido por terra e foi tomado de grande medo por causa das palavras de Samuel; e faltavam-lhe as forças, porque não comera pão todo aquele dia e toda aquela noite. A maga veio a ele na perturbação em que estava e lhe disse: “Vedes que vossa serva vos obedeceu, *que expus minha vida por vós* e que atendi ao que desejáveis de mim.”

“Eis que há *quarenta anos faço profissão de evocar os mortos* ao serviço de estranhos, diz Philon após esse relato; mas jamais vi semelhante aparição. O Eclesiástico encarregou-se de nos provar que se trata de uma verdadeira aparição, e não de uma alucinação de Saul. Samuel, diz o Espírito-Santo, *depois de sua morte falou ao rei*, predisse o fim de sua vida e, *saindo da terra*, ergueu sua voz para profetizar a ruína de sua nação, por causa de sua impiedade.”

Os Aïssaouas

OU OS CONVULSIONÁRIOS DA RUA LE PELETIER

No número das curiosidades atraídas a Paris pela Exposição, uma das mais estranhas é seguramente a dos exercícios executados pelos árabes da tribo dos Aïssaouas. O *Monde illustré*, de 19 de outubro de 1867, dá uma relação, acompanhada de vários desenhos das diversas cenas que o autor do artigo testemunhou na Argélia. Começa assim o seu relato:

“Os Aïssaouas formam uma seita religiosa muito espalhada na África e, sobretudo, na Argélia. Não conhecemos o seu objetivo; dizem que sua fundação remonta a Aïssa, o escravo favorito do Profeta; pretendem outros que sua confraria foi fundada por Aïssa, piedoso e sábio marabu do século dezesseis. Seja como for, os Aïssaouas sustentam que o seu piedoso fundador lhes dá o privilégio de serem insensíveis ao sofrimento.”

Tiramos do *Petit Journal*, de 30 de setembro de 1867, o relato de uma das sessões que uma companhia de Aïssoua deu em Paris, durante a Exposição, primeiro no teatro do Campo de Marte, depois na sala da arena atlética da rua Le Peletier. Sem dúvida a cena não tem o caráter imponente e terrível das que se realizam nas mesquitas, cercadas pelo prestígio das cerimônias religiosas; mas, à parte algumas nuances de detalhes, os fatos são os mesmos e os resultados idênticos, e isto é que é essencial. Aliás, tendo-se as coisas passado em plena Paris, aos olhos de numeroso público, o relato não pode ser suspeito de exagero. É o Sr. Timothée Trimm quem fala:

“Confesso mesmo que, ontem à noite, vi coisas que deixam muito para trás os irmãos Davenport e os pretensos milagres do magnetismo. Os prodígios se dão numa pequena sala, ainda não classificada na hierarquia dos espetáculos. Isto se passa na arena atlética da rua Le Peletier. Sem dúvida, eis porque se trata tão pouco dos feiticeiros, dos quais falo hoje.

“É evidente que tratamos com iluminados, porque eis vinte e seis árabes que se agacham, servindo-se de castanholas de ferro para acompanhar seus cantos.

“Do corpo de balé muçulmano saiu, em primeiro lugar, um jovem árabe que tomou um carvão aceso. Não suspeitei que pudesse ser um carvão de calor fictício, preparado de propósito, porque senti o seu ardor quando ele passou em minha frente, e queimou o soalho, quando escapou das mãos que o seguravam. O homem tomou esse carvão ardente; colocou-o na sua boca com gritos horríveis e ali o conservou.

“Para mim é evidente que esses selvagens Aïssouas são verdadeiros convulsionários maometanos. No século passado houve os convulsionários de Paris. Os Aïssouas da rua Le Peletier certamente acharam essa curiosa descoberta do prazer, da volúpia e do êxtase na mortificação corporal.

“Théophile Gautier, com seu estilo inimitável, descreveu as danças desses convulsionários árabes. Eis o que dizia no *Moniteur* de 29 de julho último:

“O primeiro interlúdio de dança era acompanhado por três grandes caixas e três oboés, tocando em modo menor uma cantilena de uma melancolia nostálgica, sustentada por esses ritmos implacáveis, que acabam se apoderando de nós e dão vertigem. Dir-se-ia uma alma lamentosa, que a fatalidade forçasse a marchar com um passo sempre igual para um fim desconhecido, mas que se presente doloroso.

“Logo se levantou uma dançarina, com esse ar oprimido que têm as dançarinas orientais, como uma morta que despertasse de um encantamento mágico e, por imperceptíveis deslocamentos dos pés aproximou-se do proscênio; uma de suas companheiras juntou-se a ela e começaram, animando-se pouco a pouco, sob a pressão da medida, essas torções de ancas, essas ondulações do torso, esses balanços de braços agitando lenços de seda raiados de ouro e essa pantomima languidamente voluptuosa, que forma o fundo da dança das bailarinas orientais. Levantar a perna para uma pirueta ou um passo de dança seria, aos olhos dessas dançarinas, o cúmulo da indecência.

“No fim, todo o elenco tomou parte, e notamos, entre outras, uma dançarina de uma beleza selvagem e bárbara, vestida de *haïks* brancos e penteada com uma espécie de *chachia* de cordões dobrados. Suas sobranceiras negras unidas com *surmeb* à raiz do nariz, sua boca vermelha como um pimentão, em meio à face pálida, davam-lhe uma fisionomia ao mesmo tempo terrível e encantadora; mas a atração principal da noite era a sessão dos Aïssaouas, ou discípulos de Aïssa, a quem o mestre legou o singular privilégio de devorar impunemente tudo o que lhes apresentam.”

“Aqui, para dar a compreender a excentricidade dos nossos convulsionários argelinos, prefiro minha prosa simples e sem arte à fraseologia elegante e sábia do mestre. Eis, então o que vi:

“Chega um árabe; dão-lhe um pedaço de vidro para comer! Ele o toma, põe na boca e o engole inteiro!... Por alguns minutos ouvem-se os seus dentes triturando o vidro. Aparece sangue na superfície dos lábios trêmulos... Engole o pedaço de vidro moído, dançando e se ajoelhando ao som dos tantãs de praxe.

“A este sucede um árabe que traz na mão galhos de figueira da Barbária, o cacto de longos espinhos. Cada aspereza da folhagem é como uma ponta acerada. O árabe come essa folhagem picante, como comeríamos uma salada de alface ou de chicória.

“Quando a folhagem mortal de cacto foi ingerida, veio um árabe que dançava com uma lança na mão. Apoiou a lança no olho direito, dizendo versículos sagrados, que bem deveriam compreender os nossos oculistas... e o olho direito saiu completamente da órbita!... Todos os assistentes soltaram um grito de terror!

“Então veio um homem que se deixou amarrar ao corpo por uma corda... vinte homens puxam; ele luta, sente a corda entrar nas carnes; ri e canta durante essa agonia.

“Eis um outro energúmeno diante do qual trazem um sabre turco. Passei os dedos em sua lâmina fina e cortante como a de uma navalha. O homem desata o cinto, mostra seu ventre nu e se deita sobre a lâmina; empurram-na, mas o sabre respeita sua epiderme; o árabe venceu o aço.

“Passo em silêncio os Aïssaouas que comem fogo, colocando os pés descalços sobre um braseiro ardente. Fui ver o braseiro nos bastidores e atesto que é ardente e composto de lenha

inflamada. Também examinei a boca dos chamados comedores de fogo. Os dentes estão queimados, as gengivas calcinadas, a abóbada palatina parece ter-se endurecido. Mas é mesmo fogo, todos esses tições que engolem, com contorções de danados, procurando aclimatar-se no inferno..., que passa por um país quente.

“O que mais me impressionou nessa estranha exibição dos convulsionários da rua Le Peletier foi o comedor de serpentes. Imaginai um homem que abre um cesto. Dez serpentes de cabeça ameaçadora saem sibilando. O árabe apalpa as serpentes, provoca-as e faz que se enrolem ao redor de seu tronco nu. Depois escolhe a maior e mais vivaz e com os dentes morde e lhe arranca a cauda. Então o réptil se retorce nas angústias da dor. Ela apresenta a cabeça irritada ao árabe, que põe a língua à altura do dardo; de repente, com uma dentada, arranca a cabeça da serpente e a come. Ouve-se o crepitar do corpo do réptil nos dentes do selvagem, que mostra através dos lábios ensangüentados o monstro decapitado.

“E, durante esse tempo, a música melancólica dos tantãs continua seu ritmo sagrado. E o devorador de serpentes vai cair, perdido e atordoado, aos pés dos cantores místicos. Até a semana passada tinham feito este exercício com serpentes da Argélia, que se poderiam ter civilizado a caminho mas as serpentes argelinas se acabam, como todas as coisas. Ontem era a estréia das cobras de Fontainebleau; e o argelino parecia cheio de desconfiança em relação aos nossos répteis nacionais.

“Vá lá quanto ao fogo devorado, suportado ao excesso... na planta dos pés e na palma das mãos... mas o triturador de vidro e o comedor de cobras!... são fenômenos inexplicáveis.

“Nós os tínhamos visto outrora num aduar, nas cercanias de Blidah, diz o Sr. Théophile Gautier, e esse sabá noturno nos deixou lembranças ainda arrepiantes. Os Aïssaouas, depois de excitados pela música, pelo vapor dos perfumes e esse balanço de fera que agita como uma juba sua imensa cabeleira,

morderam folhas de cacto, mastigaram carvões ardentes, lamberam pás rubras, engoliram vidro moído, que se ouvia crepitar em seus maxilares, atravessaram a língua e as bochechas com agulhas para lardear, fizeram saltar os olhos fora das órbitas e andaram sobre o fio de uma iatagã de aço de Damasco; um deles, cingido num nó corrediço por sete ou oito homens, parecia cortado em dois, o que não os impediu, acabados os exercícios, de nos vir saudar em nosso camarote à maneira oriental e receber o seu *bacchich*.

“Das horríveis torturas a que acabam de se submeter, não restava qualquer marca. Que alguém mais sábio nos explique o prodígio, já que de nossa parte o renunciámos.”

“Sou da opinião de meu ilustre colega e venerado superior na grande arte de escrever, tão difícil quanto a de engolir répteis. Não procuro explicar estas maravilhas; mas era meu dever de cronista não as deixar passar em silêncio.”

Nós mesmos assistimos a uma sessão dos Aïssaouas e podemos dizer que este relato nada tem de exagerado. Vimos tudo o que aí está relatado e ainda mais: um homem atravessar a bochecha e o pescoço com um espeto cortante em forma de lardeadeira. Tendo tocado o instrumento e examinado a coisa bem de perto, convencemo-nos de que não havia nenhum subterfúgio, e que o ferro realmente atravessava as carnes. Mas, coisa bizarra, o sangue não corria e a ferida cicatrizava-se quase instantaneamente. Vimos um outro manter na boca carvões de pedra em brasa, grandes como ovos, cuja combustão ativava pelo sopro, passeando ao redor da sala e lançando chispas. Era fogo tão real que vários espectadores com ele acenderam seus charutos.

Aqui não se trata, pois, de golpes de mágica, de simulacros, nem de malabarismos, mas de fatos positivos; de um fenômeno fisiológico que confunde as mais vulgares noções da Ciência. Entretanto, por mais estranho que seja, não pode ter senão uma causa natural. O que é mais estranho ainda é que a Ciência

parece não lhe haver prestado a menor atenção. Como é que sábios, que passam a vida procurando as leis da vitalidade, ficam indiferentes à vista de semelhantes fatos e não buscam suas causas? Julgam-se dispensados de qualquer explicação, dizendo que “são meros convulsionários, como os havia no século passado.” Seja, estamos de acordo. Mas, então, explicai o que se passava com os convulsionários. Já que os mesmos fenômenos se produzem hoje, aos nossos olhos, diante do público, que qualquer um pode ver e tocar, então não era uma comédia. Esses pobres convulsionários, dos quais tanto zombaram, não eram, então, prestidigitadores e charlatães, como o pretenderam? Os mesmos efeitos, repetindo-se à vontade, por infieis, em nome de Alá e de Maomé, não são, pois, milagres, como outros pensaram? Dirão que são *iluminados*; seja, ainda; mas, então, seria preciso explicar o que é ser iluminado. É preciso que a iluminação não seja uma qualidade tão ilusória quanto supõem, desde que seria capaz de produzir efeitos materiais tão singulares; em todo o caso, seria uma razão a mais para o estudar com cuidado. Uma vez que esses efeitos não são milagres, nem jogos de mágica, deve-se concluir que são efeitos naturais, cuja causa é desconhecida, mas que sem dúvida pode ser encontrada. Quem sabe se o Espiritismo, que já nos deu a chave de tantas coisas incompreendidas, não nos dará ainda esta? É o que examinaremos num próximo artigo.

Manifestação Antes da Morte

A carta seguinte nos foi dirigida de Marenes, em janeiro último:

Senhor Allan Kardec,

Creio que teria faltado ao meu dever se, no começo deste ano, não tivesse vindo agradecer-vos a boa lembrança que houvestes por bem conservar de mim, dirigindo a Deus novas

preces pelo meu restabelecimento. Sim, senhor, elas me foram salutares e nelas bem reconheço a vossa boa influência, bem como a dos Espíritos bons que vos cercam; porque, desde 14 de maio, eu era obrigada a guardar o leito de vez em quando, em consequência de febres malignas que me tinham posto num estado muito triste. Há um mês estou melhor; agradeço-vos mil vezes, rogando-vos agradecer, em meu nome, a todos os nossos irmãos da Sociedade de Paris, que quiseram unir as suas preces às vossas.

Como sabeis, muitas vezes tive manifestações. Mas uma das mais extraordinárias é a do fato que vou relatar.

No mês de maio último, meu pai veio a Marenes passar alguns dias conosco. Mal chegou, caiu doente e morreu ao cabo de oito dias. Sua morte me causou uma dor tanto mais viva, quanto dela eu tinha sido avisada seis meses antes, mas não havia dado crédito. Eis o fato:

No mês de dezembro precedente, sabendo que ele devia vir, tinha mobiliado um quartinho para ele, e meu desejo era que ninguém ali dormisse antes dele. Desde que manifestei tal pensamento, tive a intuição de que quem se deitasse naquela cama lá morreria, e esta idéia, que me perseguia incessantemente, apertava-me o coração a ponto de não ousar mais ir àquele quarto. Contudo, na esperança de me desembaraçar dela, fui orar junto ao leito. Julguei ali ver um corpo amortalhado; para me assegurar, levantei o cobertor e nada vi. Então me disse que esses pressentimentos não passavam de ilusões ou de resultados de obsessões. No mesmo instante ouvi suspiros como de uma pessoa que acaba, depois senti minha mão direita apertada fortemente por uma mão quente e úmida. Saí do quarto e ali não mais ousei entrar só. Durante seis meses fui atormentada por esse triste aviso e ninguém lá dormiu antes da chegada de meu pai. Foi lá que ele morreu. Seus últimos suspiros foram os mesmos que eu tinha ouvido e, antes de morrer, sem que lhe pedisse, ele me tomou a

mão direita e a apertou da mesma maneira que eu tinha sentido seis meses antes; a sua tinha o suor tépido que eu havia igualmente notado. Não posso, pois, duvidar que tenha sido um aviso que foi dado.

Tive muitas outras provas da intervenção dos Espíritos, mas que seria demasiado longo vos detalhar numa carta. Não lembrarei senão o fato de uma discussão de quatro horas que tive no mês de agosto último com dois sacerdotes, e durante a qual me senti verdadeiramente inspirada e forçada a falar com uma facilidade de que eu própria fiquei surpresa. Lamento não poder relatar-vos esta conversa. Isto não vos surpreenderia, mas vos divertiria.

Recebei, etc.

Angelina de Ogé

Há todo um estudo a fazer sobre esta carta. De início, aí vemos um estímulo a orar pelos doentes, depois, uma nova prova da assistência dos Espíritos pela inspiração das palavras que se devem pronunciar em circunstâncias em que se estaria muito embaraçado para falar se se estivesse entregue às próprias forças. É, talvez, um dos gêneros mais comuns de mediunidade, e que vem confirmar o princípio de que todo mundo é mais ou menos médium sem o suspeitar. Seguramente, se cada um se reportasse às diversas circunstâncias de sua vida e observasse com cuidado os efeitos que resente ou de que foi testemunha, não haveria ninguém que não reconhecesse ter alguns efeitos de mediunidade inconsciente.

Mas o fato mais saliente é o do aviso da morte do pai da senhora de Ogé, e o pressentimento com que foi perseguida durante seis meses. Sem dúvida, quando ela foi orar naquele quarto, e creu ver um corpo no leito, que constatou estar vazio,

poder-se-ia, com alguma verossimilhança, admitir o efeito de uma imaginação ferida. O mesmo poderia dar-se com os suspiros que ela ouviu. A pressão da mão também poderia ser atribuída a um efeito nervoso, provocado pela superexcitação de seu espírito. Mas como explicar a coincidência de todos esses fatos com o que se passou quando da morte de seu pai? A incredulidade dirá: puro efeito do acaso; diz o Espiritismo: fenômeno natural devido à ação de fluidos cujas propriedades até hoje foram desconhecidas, submetidas à lei que rege as relações do mundo espiritual com o mundo corporal.

O Espiritismo, ligando às leis da Natureza a maior parte dos fenômenos reputados sobrenaturais, vem precisamente combater o fanatismo e o maravilhoso, que o acusam de querer fazer reviver; ele dá dos que são possíveis uma explicação racional, e demonstra a impossibilidade dos que seriam uma derrogação das leis da Natureza. A causa de uma imensidão de fenômenos está no princípio espiritual, cuja existência vêm provar. Mas como os que negam esse princípio podem admitir as suas conseqüências? Aquele que nega a alma e a vida extracorporal não pode reconhecer os seus efeitos.

Para os espíritas, o fato de que se trata nada tem de surpreendente e se explica, por analogia, com uma multidão de fatos do mesmo gênero, cuja autenticidade não pode ser contestada. Entretanto, as circunstâncias em que se produziu apresentam uma dificuldade; mas o Espiritismo jamais disse que não tinha mais nada a aprender. Ele possui uma chave, cujas aplicações ainda está longe de compreender na sua inteireza; aplica-se a estudá-las, a fim de chegar a um conhecimento tão completo quanto possível das forças naturais e do mundo invisível, no meio do qual vivemos, mundo que nos interessa a todos, porque todos, sem exceção, devemos nele entrar mais cedo ou mais tarde, e vemos todos os dias, pelo exemplo dos que partem, a vantagem de o conhecer antecipadamente.

Nunca repetiríamos em demasia: O Espiritismo não faz nenhuma teoria preconcebida; vê, observa, estuda os efeitos e dos efeitos procura remontar às causas, de tal sorte que, quando formula um princípio ou uma teoria, sempre se apóia na experiência. É, pois, rigorosamente certo dizer que é uma ciência de observação. Os que fingem nele não ver senão uma obra de imaginação, provam que lhe ignoram as primeiras palavras.

Se o pai da senhora de Ogé tivesse morrido, sem que ela o soubesse, na época em que sentiu os efeitos de que falamos, esses efeitos se explicariam da maneira mais simples. Desprendido do corpo, o Espírito teria vindo a ela avisá-la de sua partida deste mundo, e atestar sua presença por uma manifestação sensível, com o auxílio de seu fluido perispiritual; isto é muito freqüente. Comprendemos perfeitamente que aqui o efeito é devido ao mesmo princípio fluídico, isto é, à ação do perispírito; mas, como a ação material do corpo, que ocorreu no momento da morte, pôde produzir-se identicamente seis meses antes dessa morte, quando nada de ostensivo, doença ou outra causa, podia fazê-la pressentir?

Eis a explicação a respeito, dada na Sociedade de Paris:

“O Espírito do pai dessa senhora, em estado de desprendimento, tinha um conhecimento antecipado de sua morte e da maneira por que ela se daria. Sua vista espiritual abarcando um certo espaço de tempo, para ele é como se a coisa estivesse presente, embora no estado de vigília não lhe conservasse qualquer lembrança. Foi ele próprio que se manifestou à sua filha, seis meses antes, nas condições que deviam se produzir, a fim de que, mais tarde, ela soubesse que era ele e que, estando preparada para uma separação próxima, não ficasse surpreendida com a sua partida. Ela mesma, como Espírito, tinha conhecimento disto, porque os dois Espíritos se comunicavam em seus momentos de liberdade. É o que lhe dava a intuição de que alguém devia morrer naquele quarto.

Essa manifestação ocorreu igualmente com o objetivo de fornecer um assunto de instrução a respeito do conhecimento do mundo invisível.”

Variedades

ESTRANHA VIOLAÇÃO DE SEPULTURA

(Estudo psicológico)

O *Observateur*, de Avesnes (20 de abril de 1867) relata o caso seguinte:

“Há três semanas um operário de Louvroil, chamado Magnan, de 23 anos, teve a infelicidade de perder sua mulher, atingida por uma doença do peito. O profundo pesar que sentiu logo foi aumentado pela morte do filho, que não sobreviveu à mãe senão alguns dias. Magnan falava sem cessar da esposa, não querendo acreditar que ela o tivesse deixado para sempre e imaginando que não tardaria a voltar. Era em vão que seus amigos buscavam consolá-lo; ele os repelia a todos e se fechava em sua aflição.

“Quinta-feira última, após muitas dificuldades, seus camaradas de oficina convenceram-no a acompanhar até a estrada de ferro um amigo comum, militar em licença que voltava ao seu regimento. Mas apenas chegado à estação, Magnan esquivou-se e voltou sozinho à cidade, ainda mais preocupado que de costume. Tomou num cabaré alguns copos de cerveja, que acabaram de o perturbar, e foi nessas disposições que entrou em casa, por volta das nove horas da noite. Achando-se só, o pensamento de que sua mulher não mais estava lá, o superexcitou ainda, e experimentou um desejo insuperável de a rever. Então tomou uma velha enxada e uma *relha* em mau estado, e foi ao cemitério, onde, a despeito da

obscuridade e da chuva torrencial que caía no momento, logo começou a tirar a terra que cobria sua cara defunta.

“Somente depois de várias horas de trabalho sobre-humano conseguiu tirar o caixão da fossa. Só com as mãos e quebrando todas as unhas, arrancou a tampa; depois, tomando nos braços o corpo de sua pobre companheira, levou-o para casa e o pôs no leito. Seriam, então, três horas da manhã, aproximadamente. Depois de ter feito um bom fogo, descobriu o rosto da morta; em seguida, quase alegre, correu à casa da vizinha que a tinha amortalhado, para dizer que sua mulher voltara, como ele havia predito.

“Sem dar a menor importância às palavras de Magnan, que, dizia ela, tinha visões, levantou-se e o acompanhou até a casa dele, a fim de o acalmar e fazê-lo deitar-se. Imagine-se a sua surpresa e o seu pavor, vendo o corpo exumado. O infeliz operário falava à morta como se ela pudesse escutá-lo e procurava com tocante tenacidade obter uma resposta, dando à sua voz uma doçura e toda a persuasão de que era capaz. Essa afeição além do túmulo oferecia um doloroso espetáculo.

“Entretanto, a vizinha teve a presença de espírito de convencer o pobre alucinado a repor sua mulher no caixão, o que ele prometeu, vendo o silêncio obstinado daquela que julgava ter chamado à vida. Foi sob a fé de tal promessa que ela voltou para casa, mais morta do que viva.

“Mas Magnan não se deu por vencido; foi despertar dois vizinhos, que se levantaram, como a primeira, para tentar tranquilizar o infortunado. Como ela, passado o primeiro momento de estupefação, eles o compeliram a levar a morta para o cemitério; e desta vez, sem hesitar, tomou a mulher nos braços e voltou a depositá-la no caixão de onde a havia tirado, recolocou-a na fossa e a recobriu com terra.

“A mulher de Magnan estava enterrada há dezessete dias; não obstante, ainda se achava em perfeito estado de conservação, pois a expressão de seu rosto era exatamente a mesma do momento em que foi enterrada.

“Quando interrogaram Magnan no dia seguinte, ele pareceu não se lembrar do que havia feito nem do que se tinha passado algumas horas antes. Apenas disse que acreditava ter visto sua mulher durante a noite.” (*Siècle*, 29 de abril de 1867.)

INSTRUÇÕES SOBRE O FATO PRECEDENTE

(Sociedade de Paris, 10 de maio de 1867 – Médium: Sr. Morin,
em sonambulismo espontâneo)

Os fatos se mostram em toda parte, e tudo quanto se produz parece ter uma direção especial, que leva aos estudos espirituais. Observai bem, e a cada instante vereis coisas que, à primeira vista, parecem anomalias na vida humana, e cuja causa procurariam inutilmente noutra lugar que não fosse na vida espiritual. Sem dúvida, para muita gente são apenas fatos curiosos, nos quais não pensam mais, tão logo virada a página; mas outros pensam mais seriamente; procuram uma explicação e, à força de ver a vida espiritual erguer-se diante deles, serão mesmo obrigados a reconhecer que somente aí está a solução do que não podem compreender. Vós, que conheceis a vida espiritual, examinai bem os detalhes do fato que acaba de vos ser lido, e vede se ela não se mostra com evidência.

Não penseis que os estudos que fazeis sobre esses assuntos de atualidade e outros sejam perdidos para as massas, porque, até agora, eles quase só vão aos espíritas, aos que já se acham convencidos. Não. Primeiro, ficai certos de que os escritos espíritas vão além dos adeptos; há pessoas muito interessadas na

questão para não se manterem a par de tudo o que fazeis e da marcha da Doutrina. Sem que o pareça, a sociedade, que é o centro onde se elaboram os trabalhos, é um ponto de mira, e as soluções sábias e racionais que dela saem fazem refletir mais do que pensais. Mas dia virá em que esses mesmos escritos serão lidos, comentados, analisados publicamente; neles colherão a mancheias os elementos sobre os quais devem assentar-se as novas idéias, porque aí encontrarão a verdade. Ainda uma vez, ficai convencidos de que nada do que fazeis está perdido, mesmo para o presente, e com mais forte razão para o futuro.

Tudo é assunto de instrução para o homem que reflete. No fato que vos ocupa, vedes um homem possuindo suas faculdades intelectuais, suas forças materiais, e que parece, por um momento, completamente despojado das primeiras; pratica um ato que, à primeira vista, parece insensato. Pois bem! aí está um grande ensinamento.

Isto aconteceu? perguntarão algumas pessoas. O homem estava em estado de sonambulismo natural, ou sonhou? O Espírito da mulher estava implicado nisto? Tais as perguntas que podem ser feitas a este respeito. Ora! o Espírito da sra. Magnan esteve muito nesse negócio, e muito mais do que podiam supor os próprios espíritas.

Se se seguir o homem com atenção desde o momento da morte de sua mulher, ver-se-á que ele muda pouco a pouco; desde as primeiras horas da partida da esposa, vê-se o seu Espírito tomar uma direção, que se acentua cada vez mais, para chegar ao ato de loucura da exumação do cadáver. Há neste ato outra coisa além do pesar; e, como ensina *O Livro dos Espíritos*, como o ensinam todas as comunicações: não é na vida presente, é no passado que se deve buscar a causa. Não estamos aqui senão para realizar uma missão ou pagar uma dívida; no primeiro caso, realiza-se uma tarefa voluntária; no segundo, fazei a contrapartida

dos sofrimentos que experimentais e tereis a causa desses sofrimentos.

Quando a mulher morreu, lá ficou em Espírito, e como a união dos fluidos espirituais e dos do corpo era difícil de romper, em razão da inferioridade do Espírito, foi-lhe preciso certo tempo para retomar sua liberdade de ação, um novo trabalho para a assimilação dos fluidos; depois, quando ela estava em condições, apoderou-se do corpo do homem e o possuiu. Eis, pois, aqui um verdadeiro caso de possessão.

O homem não é *mais ele*, e notai: não é mais ele senão quando vem a noite. Seria preciso entrar em longas explicações para vos fazer compreender a causa desta singularidade; mas, em duas palavras: a mistura de certos fluidos, como em química a de certos gases, não pode suportar o brilho da luz. Daí porque certos fenômenos espontâneos ocorrem mais vezes à noite do que de dia.

Ela possui este homem; leva-o a fazer o que ela quer; é ela quem o conduz ao cemitério para o obrigar a fazer um trabalho sobre-humano e fazê-lo sofrer. E, no dia seguinte, quando perguntam ao homem o que se passou, ele fica estupefato e só se lembra de ter sonhado com a esposa. O sonho era realidade; ela tinha prometido voltar e voltou; ela voltará e o arrastará.

Numa outra existência, foi cometido um crime; o que queria vingar-se deixou o primeiro encarnar-se e escolheu uma existência que, pondo-o em relação com ele, lhe permitia realizar sua vingança. Perguntareis por que essa permissão? mas Deus nada concede que não seja justo e lógico. Um quer se vingar; é preciso que tenha, como prova, ocasião de dominar seu desejo de vingança, e o outro deve sofrer a prova e pagar o que fez sofrer o primeiro. Aqui o caso é o mesmo; apenas, não estando terminados os fenômenos, não se estende mais por muito tempo: ainda existirá outra coisa.

Bibliografia

À VENDA NO DIA 6 DE JANEIRO DE 1868

A GÊNESE

OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES SEGUNDO O ESPIRITISMO

Por Allan Kardec⁵

SUMÁRIO

Introdução.

I – *Caráter da revelação espírita.*

II – *Deus* – Existência de Deus – Da natureza divina – A Providência – A visão de Deus.

III – *O bem e o mal* – Origem do bem e do mal – A inteligência e o instinto – Destruição dos seres vivos uns pelos outros.

IV – *Papel da Ciência na Gênese.*

V – *Antigos e modernos sistemas dos mundos.*

VI – *Uranografia geral* – O espaço e o tempo – A matéria – As leis e as forças – A criação primeira – A criação universal – Os sóis e os planetas – Os satélites – Os cometas – A Via-Láctea – As estrelas fixas – Os desertos do espaço – Eterna sucessão dos mundos – A vida universal – A Ciência – Considerações Morais.

5 Livraria Internacional, 15, boulevard Montmartre, Paris. – Um grosso volume in-12. Preço: 3 fr. 50; pelo correio: 4 fr. As despesas de correio para esta obra, como para as outras, são as para a França e a Argélia. Para o estrangeiro, os preços variam conforme o país, a saber: Bélgica, 65 c. – Itália, 75 c. – Inglaterra, Suíça, Espanha, Grécia, Constantinopla, Egito, 1 fr. – Prússia, Baviera, 1 fr. 20 c. – Holanda, 1 fr. 50 c. – Portugal, Estados Unidos, Canadá, Canárias, Guadalupe, Caiena, México, Maurício, China, Buenos-Aires, Montevidéo, 1 fr. 45 c. – Holanda, 1 fr. 50. – Brasil, 1 fr. 80. – Ducado de Baden, 2 fr. 25 c. – Peru, 2 fr. 60 c. – Áustria, 3 fr. 20 c.

VII – *Esboço geológico da Terra* – Períodos geológicos – Estado primitivo do globo – Período primário – Período de transição – Período secundário – Período terciário – Período diluviano – Período pós-diluviano, ou atual – Nascimento do homem.

VIII – *Teorias da Terra* – Teoria da projeção (Buffon) – Teoria da condensação – Teoria da incrustação.

IX – *Revoluções do globo* – Revoluções gerais ou parciais – Dilúvio bíblico – Revoluções periódicas – Cataclismos futuros.

X – *Gênese orgânica* – Formação primária dos seres vivos – Princípio vital – Geração espontânea – Escala dos seres corpóreos – O homem.

XI – *Gênese espiritual* – Princípio espiritual – União do princípio espiritual à matéria – Hipótese sobre a origem do corpo humano – Encarnação dos Espíritos – Reencarnação – Emigração e imigração dos Espíritos – Raça adâmica – Doutrina dos anjos decaídos.

XII – *Gênese mosaica* – Os seis dias – O paraíso perdido.

OS MILAGRES

XIII – *Caracteres dos milagres.*

XIV – *Os fluidos* – Natureza e propriedade dos fluidos – Explicação natural de alguns fatos considerados sobrenaturais.

XV – *Os milagres do Evangelho* – Observações preliminares – Sonhos – Estrela dos magos – Dupla vista – Curas – Possessos – Ressurreições – Jesus caminha sobre as águas – Transfiguração – Tempestade aplacada – Bodas de Caná – Multiplicação dos pães – Tentação de Jesus – Prodígios na morte de Jesus – Aparição de Jesus depois da morte – Desaparecimento do corpo de Jesus.

AS PREDIÇÕES

XVI – *Teoria da presciência.*

XVII – *Predições do Evangelho* – Ninguém é profeta em sua terra – Morte e paixão de Jesus – Perseguição dos apóstolos – Cidades impenitentes – Ruína do Templo e de Jerusalém – Maldições aos fariseus –

Minhas palavras não passarão – A pedra angular – Parábola dos vinhateiros homicidas – Um só rebanho e um só pastor – Advento de Elias – Anunciação do Consolador – Segundo advento do Cristo – Sinais precursores – Vossos filhos e vossas filhas profetizarão – Juízo final.

XVIII – *Os tempos são chegados* – Sinais dos tempos – A geração nova.

ERRATA

No número de julho de 1867, página..., linha...: As criaturas mais *ilustres* compreendem..., lede: As criaturas mais *iletradas*...

No número de novembro de 1867, página..., linha...: É, pois, o fluido que age *sem* o impulso do Espírito..., lede: *sob* o impulso.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XI

FEVEREIRO DE 1868

Nº 2

Extrato dos Manuscritos de um Jovem Médium Bretão

ALUCINADOS, INSPIRADOS, FLUÍDICOS E SONÂMBULOS

Nossos leitores se lembram de ter lido, em junho de 1867, a análise do *Romance do Futuro*, que o Sr. Bonnemère havia tirado dos manuscritos de um jovem médium bretão, cujos trabalhos lhe havia confiado.

É ainda nessa volumosa coletânea de manuscritos que o autor encontrou estas páginas, escritas em hora de inspiração, e que vem submeter à apreciação dos leitores da *Revista Espírita*. Desnecessário dizer que deixamos ao médium, ou antes, ao Espírito que o inspira, a responsabilidade das opiniões que emite, reservando-nos para as apreciar mais tarde. Do mesmo modo que o *Romance do Futuro*, é um curioso espécime de mediunidade inconsciente.

I

OS ALUCINADOS

Temos pouco a dizer sobre a alucinação, estado provocado por uma causa moral, que influi sobre o físico e à qual se mostram mais acessíveis as naturezas nervosas, sempre mais prontas a impressionar-se.

Sobretudo as mulheres, por sua organização íntima, são levadas à exaltação, e a febre se apresenta nelas, o mais das vezes, acompanhada de delírio, que toma as aparências da loucura momentânea.

A alucinação, é preciso reconhecer, por um pequeno lado toca a loucura, assim como todas as superexcitações cerebrais; e enquanto o delírio se manifesta sobretudo por palavras incoerentes, a alucinação representa mais particularmente a ação, a encenação. Contudo, é injustamente que por vezes as confundem.

Vítima de uma espécie de febre interior, que não se traduz externamente por nenhuma perturbação aparente dos órgãos, o alucinado vive em meio ao mundo imaginário que cria, por um momento, sua imaginação perturbada; tudo está em desordem, nele como em torno dele; leva tudo ao extremo: por vezes a alegria, a tristeza quase sempre, e as lágrimas rolam nos olhos, enquanto seus lábios fingem um sorriso doentio.

Essas visões fantásticas existem para ele; ele as vê, as toca e se assusta com elas. Não obstante, conserva o exercício da vontade; conversa com os interlocutores e lhes oculta o objeto de seus terrores ou de suas sombrias preocupações.

Conhecemos um que, durante cerca de seis meses, assistia todas as manhãs ao enterro de seu corpo, tendo plena consciência de que sua alma sobrevivia. Nada parecia mudado nos

seus hábitos de vida e, contudo, esse pensamento incessante, essa visão mesma por vezes o seguia em todos os lugares. A palavra morte ressoava incessantemente em seu ouvido. Quando o Sol brilhava, dissipava a noite ou atravessava a nuvem, a horrível visão se desvanecia pouco a pouco, acabando por desaparecer. À noite adormecia, triste e desesperado, porque sabia que horrível despertar o aguardava no dia seguinte.

Por vezes, quando o excesso de sofrimento físico impunha silêncio à sua vontade e lhe tirava esse poder de dissimulação, que de ordinário conservava, exclamava de repente: – Ah! ei-los!... eu os vejo!... E então descrevia aos que o cercavam com mais intimidade os detalhes da lúgubre cerimônia, relatava as cenas sinistras que se desdobravam aos seus olhos, ou rondas de personagens fantásticas que desfilavam à sua frente.

O alucinado vos dirá as loucas percepções de seu cérebro doente, mas não tem nada a vos repetir do que outros viessem lhe revelar; porque, para ser inspirado, é preciso que a paz e a harmonia reinem em vossa alma, e que estejais isento de todo pensamento material ou mesquinho; algumas vezes a disposição doentia provoca a inspiração; é, então, como um socorro que os amigos partidos antes vêm vos trazer para vos aliviar.

Esse louco, que ontem gozava da plenitude da razão, não apresenta desordens exteriores perceptíveis ao olho do observador; são, entretanto, numerosas, existem e são reais. Muitas vezes o mal está na alma, lançada fora de si mesma pelo excesso de trabalho, de alegria, de dor; o homem físico não está mais em equilíbrio com o homem moral; o choque moral foi mais violento do que o físico pode suportar: daí o cataclismo.

O alucinado sofre igualmente as conseqüências de uma perturbação grave em seu organismo nervoso. Mas – o que raramente acontece na loucura – neles essas desordens são

intermitentes e tão mais facilmente curáveis quanto sua vida é, de certo modo, dupla, pois pensa com a vida real e sonha com a vida fantástica.

Esta última é, por vezes, o despertar de sua alma doente e, se se o escutar com inteligência, chegar-se-á a descobrir a causa do mal, que muitas vezes ele quer ocultar. Entre o fluxo das palavras incoerentes, que lança fora uma pessoa em delírio, e que parecem em nada se referir às causas prováveis de sua doença, encontrar-se-á uma que voltará sem cessar, que ela queria reter e que, contudo, escapa. Essa é a verdadeira causa e que é preciso combater.

Mas o trabalho é longo e difícil, porque o alucinado é um hábil comediante e, se percebe que o observam, seu espírito se lança em estranhos desvios e toma as aparências da loucura para escapar a essa pressão importante, que pareceis decidido a exercer sobre ele. É, pois, necessário estudá-lo com extremo tato, sem jamais o contradizer ou tentar retificar os erros de seu cérebro em delírio.

São estas as diversas fases de excitações cerebrais, ou antes, de excitações do ser todo inteiro, pois não é preciso localizar a sede da inteligência. A alma humana, que a dá, plana por toda parte; é o sopro do alto, que faz vibrar e agir a máquina toda inteira.

O alucinado pode, de boa-fé, julgar-se inspirado e profetizar, quer tenha consciência do que diz, quer os que o rodeiam possam, só eles e mau grado seu, recolher suas palavras. Mas dar fé às indicações de um alucinado seria se preparar estranhas decepções, e é assim que muitas vezes têm levado ao passivo da inspiração os erros que não eram senão o fruto da alucinação.

O físico é coisa material, sensível, exposta à luz, que cada um pode ver, admirar, criticar, cuidar ou tentar endireitar. Mas quem pode conhecer o homem moral? Quando nos ignoramos a nós mesmos, como nos julgarão os outros? Se nós lhes entregamos alguns dos nossos pensamentos, são muito mais ainda os que subtraímos aos seus olhares e que gostaríamos de ocultar a nós mesmos.

Essa dissimulação é quase um crime social. Criados para o progresso, nossa alma, nosso coração, nossa inteligência são feitos para se derramarem sobre todos os irmãos da grande família, para lhes prodigalizar tudo quanto está em nós, como para se enriquecer ao mesmo tempo com tudo o que nos podem comunicar.

A expansão recíproca é, pois, a grande lei humanitária, e a concentração, isto é, a dissimulação de nossas ações, de nossos pensamentos, de nossas aspirações é uma espécie de roubo que cometemos em prejuízo de todo o mundo. Que progresso se fará, se guardarmos em nós tudo o que a Natureza e a educação aí puseram, e se cada um agir do mesmo modo a nosso respeito?

Exilados voluntários e nos mantendo fora do comércio de nossos irmãos, nós nos concentramos numa idéia fixa; a imaginação obsedada procura a isto subtrair-se, perseguindo toda sorte de pensamentos inconseqüentes, e assim se pode chegar até a loucura, justo castigo que nos é infligido por não termos querido marchar em nossas vias naturais.

Vivamos, pois, nos outros e eles em nós, a fim de que todos não sejamos senão um. As grandes alegrias, como as grandes dores, nos partem quando não são confiadas a um amigo. Toda solidão é má e condenada, e toda coisa contrária ao voto da Natureza traz como conseqüências inevitáveis imensas desordens interiores.

II

OS INSPIRADOS

A inspiração é mais rara que a alucinação, porque não se prende somente ao estado físico, mas, ainda e sobretudo, à situação moral do indivíduo predisposto a recebê-la.

Todo homem não dispõe senão de certa quota de inteligência, que lhe é dado desenvolver por seu trabalho. Chegado ao ponto culminante que lhe é concedido atingir, pára um momento, depois retorna ao estado primitivo, ao estado de infância, menos essa mesma inteligência, que em um cresce dia a dia, e no velho diminui, extingue-se e desaparece. Então, tendo dado tudo, e nada mais podendo acrescentar à bagagem de seu século, ele parte, mas para ir continuar alhures sua obra interrompida neste mundo; parte, mas deixando o lugar rejuvenescido para um outro que, chegando à idade viril, terá o poder de, por sua vez, realizar uma missão maior e mais útil.

O que chamamos a morte não é senão o devotamento ao progresso e à Humanidade. Mas nada morre, tudo sobrevive e se reencontra pela transmissão do pensamento dos seres partidos antes, que têm ainda, pela parte mais etérea de si mesmos, na pátria deixada, mas não esquecida, que amam sempre, pois é habitada pelos continuadores de sua vida, pelos herdeiros de suas idéias, aos quais se comprazem em insuflar por momentos as que não tiveram tempo de semear em seu redor, ou que não puderam ver progredir ao sabor de suas esperanças.

Não tendo mais órgãos ao serviço de sua inteligência, vêm pedir aos homens de boa vontade, que apreciam, que lhes cedam o lugar por um momento. Sublimes benfeitores ocultos, impregnam seus irmãos da quintessência de seu pensamento, a fim de que sua obra esboçada continue e se conclua, passando pelo cérebro dos que podem fazê-la realizar seu caminho no mundo.

Entre os amigos desaparecidos e nós, o amor continua, e o amor é a vida. Eles nos falam com a voz de nossa consciência posta em vigília. Purificados e melhores, não nos trazem senão coisas puras, isentos que estão de toda parte material, como de todas as mesquinhas de nossa pobre existência. Eles nos inspiram no sentimento que tinham neste mundo, mas nesse sentimento desprendido de toda mistura.

Resta-lhes ainda uma parte de si mesmos para dar: eles no-la trazem, deixando-nos crer que a obtivemos apenas por nosso trabalho pessoal. Daí essas revelações inesperadas, que confundem a Ciência. O Espírito de Deus sopra onde quer... Desconhecidos fazem grandes descobertas, e o mundo oficial das academias aí está para lhes entravar a passagem.

Não pretendemos dizer que, para ser inspirado, seja indispensável manter-se incessantemente nos estreitos caminhos do bem e da virtude; entretanto, de ordinário são seres morais aos quais se vem, muitas vezes como compensação dos males que sofrem por causa dos outros, conceder manifestações que lhes permitem vingar-se à sua maneira, trazendo o tributo de alguns benefícios à Humanidade, que os desconhece, zomba e calunia.

Encontram-se tantas categorias de inspirações e, por conseguinte, de inspirados, quantas faculdades existem no cérebro humano para assimilar conhecimentos diferentes.

A luta assusta os Espíritos depurados, partidos para mundos mais adiantados, e que desejam que os escutem com docilidade. Por isso os inspirados são geralmente seres puros, ingênuos e simples, sérios e refletidos, cheios de abnegação e de devotamento, sem personalidade marcante, de impressões profundas e duráveis, acessíveis às influências exteriores, sem idéias preconcebidas sobre as coisas que ignoram, bastante inteligentes para assimilar os pensamentos alheios, mas não moralmente bastante fortes para os discutir.

Se o inspirado se apega às suas próprias convicções, de boa-fé toma o seu eco pela advertência das vozes que nele falam e, também de boa-fé, engana, em vez de esclarecer. A bondade preside a essas revelações, que jamais ocorrem senão com um objetivo útil e moral, ao mesmo tempo.

Quando uma dessas organizações simpáticas é sofredora, devido a uma decepção cruel, ou a um mal físico, um amigo por ela se interessa e vem, dando outro alimento ao seu pensamento, trazer alívio para ela própria, mas, sobretudo, para os que lhe são caros.

Não é raro que o inspirado tenha começado sendo um alucinado. É como um noviciado, uma preparação de seu cérebro para concentrar seu espírito e poder aceitar aquilo que lhe dirão.

Porque um inspirado nada pode formular de concludente em dado momento, não significa que não o possa fazer em outros. As manifestações ficam livres, espontâneas; vêm quando são necessárias. Por isso os inspirados, mesmo os melhores, não o são em dia e hora fixos, e as sessões anunciadas previamente muitas vezes preparam inevitáveis decepções.

Fazendo evocações muito freqüentes, corre-se o risco de não se chegar senão a um estado de superexcitação, mais vizinho da alucinação que da inspiração. Então não passam de jogos de nossa imaginação em delírio, em vez dessas luzes do outro mundo, destinadas a iluminar os passos da Humanidade em sua estrada providencial.

Isto explica esses erros, dos quais a incredulidade fez uma arma, para negar, de maneira absoluta, a intervenção dos Espíritos superiores.

Os inspirados o são por todos os que, partidos antes da hora, têm algo para nos ensinar.

Pode acontecer que a mulher mais simples, a menos instruída, tenha revelações médicas. Vimos uma que, mesmo sem saber ler e escrever, achava em si diversos nomes de plantas que podiam curar. A credulidade popular quase a tinha forçado a explorar essa faculdade. Mas, nem sempre era igualmente bem esclarecida, mesmo tomando o pulso da pessoa doente, que com ela se punha em relação; porque ela era também desses *fluídicos*, dos quais falaremos daqui a pouco. Embora fraca e delicada, podia, por seu contato, restabelecer o equilíbrio em quem o necessitava e repor em circulação os princípios vitais interrompidos. Sem se dar conta disto, muitas vezes fazia, pelo simples toque, em certas pessoas cujo fluido era idêntico ao seu, mais bem que os remédios que prescrevia, às vezes, apenas por hábito, e com variantes insignificantes, fosse qual fosse o mal para o qual a consultavam.

A Providência colocou junto de cada homem um remédio para cada doença. Apenas existem tantas naturezas diferentes quantos indivíduos. Os remédios também agem diferentemente sobre cada organismo, o qual influi sobre os caracteres do mal; e é isto que faz que seja quase impossível ao médico prescrever o remédio eficaz. Ele conhece os seus efeitos gerais, mas ignora absolutamente em que sentido agirá sobre tal paciente que lhe apresentam.

É aqui que brilha a superioridade dos fluídicos e dos sonâmbulos, porque, quando eles se encontram em certas condições de simpatia com os que vêm consultá-los, os seres superiores os guiam com uma quase certa infalibilidade.

Muitas vezes essa inspiração é inconsciente de si mesma; às vezes um médico, mas apenas junto de certos doentes, acha de súbito o remédio que os pode curar. Não foi a Ciência que

o guiou, foi a inspiração. A Ciência punha à sua disposição vários modos de tratamento, mas uma voz interior lhe gritava um nome; foi forçado a dizê-lo, e esse nome era o do remédio que devia agir, com exclusão de qualquer outro.

O que dizemos da Medicina existe, da mesma maneira, em todos os outros ramos do trabalho humano. Em certas horas, o fogo da inspiração nos devora; há que ceder. E se pretendemos concentrar em nós mesmos o que de nós deve sair, um verdadeiro sofrimento se torna o castigo de nossa revolta.

Todos aqueles a quem Deus concedeu o dom sublime de criação, os poetas, os sábios, os artistas, os inventores, todos têm essas iluminações inesperadas, por vezes numa ordem de fatos muito diferentes de seus estudos ordinários, caso se tivesse pretendido violentar a sua vocação. Mas os Espíritos sabem o que devemos e podemos fazer, e vêm despertar incessantemente em nós as nossas atrações abafadas.

Sabe-se como Molière explicava essas desigualdades que desfiguram as mais belas peças de Corneille. “Esse diabo do homem, dizia ele, tem um gênio familiar, que vem por momentos soprar-lhe ao ouvido coisas sublimes; depois, de repente planta-o lá, dizendo-lhe: ‘Sai desta como puderes!’ E então não faz mais nada que valha.” Molière estava certo. O orgulhoso gênio de Corneille não tinha a dócil passividade necessária para suportar toda a inspiração do alto. Os Espíritos o abandonavam, e então ele adormecia, como por vezes fazia o próprio Homero.

Há os que escutam vozes interiores, que neles falam; Sócrates e Joana d’Arc eram destes. Outros nada escutam, mas são constrangidos a obedecer a uma força vitoriosa, que os domina.

Outras vezes, um nome vem ferir o ouvido do inspirado: é o de um amigo, de um indivíduo que nem mesmo conhece, do qual apenas ouviu falar. A personalidade desse amigo

desconhecido o penetra, nele se infunde; pouco a pouco pensamentos estranhos vêm substituir os seus. Por um momento tem o espírito daquele; obedece, escreve, sem saber, mau grado seu, se necessário, coisas que não sabe. E como essa obediência passiva, ao qual foi condenado, lhe é difícil de suportar em estado de vigília, foge dessas coisas escritas sob uma inspiração opressiva, e não as quer ler.

Esses pensamentos podem estar em desacordo formal com suas crenças, com seus sentimentos, ou antes, com aqueles que a educação lhe impôs, porque, para que certos Espíritos venham a ele, é preciso que exista alguma relação entre eles. Dão-lhe o pensamento, deixando-lhe o cuidado de achar a forma. É preciso, pois, que saibam que sua inteligência os pode compreender e assimilar momentaneamente suas idéias, para as traduzir.

É raro que as circunstâncias tenham permitido que nos desenvolvamos no sentido de nossas aptidões inatas. Os Espíritos mais adiantados sabem que corda é preciso tocar, para que esta entre em vibração. Ela havia ficado muda, porque tinham atacado outras, desprezando aquela. Por um momento eles lhe dão a vida. É um germe por muito tempo abafado, que eles fecundam. Depois o inspirado, voltando ao seu estado habitual, não se lembra mais, pois vive uma existência dupla, cada uma das quais independe da outra.

Entretanto, acontece também que conserve uma maior facilidade de compreensão, e conquiste um maior desenvolvimento intelectual. É a recompensa do esforço que fez, para dar uma forma compreensível aos pensamentos que outros vieram lhe revelar.

Não acreditamos que todo inspirado possa conhecer tudo. Cada um, conforme suas predisposições naturais, muitas vezes mantidas com desconhecimento dele próprio e dos outros, é inspirado por tal ou qual coisa, mas não o é igualmente por todas.

Com efeito, existem naturezas de tal modo antipáticas a certos conhecimentos, que os Espíritos não virão jamais bater numa porta que sabem não poder abrir.

Só em certa medida o futuro é conhecido pelos inspirados. Assim, não é certo dizer que um inspirado predisse para que mundo tal pessoa irá após a morte, e que julgamento Deus pronunciará contra ela. Isto é um jogo de imaginação alucinada. Por mais alto que o homem tenha subido na escala dos mundos, não conhece qual será o destino de seu irmão. É a parte reservada a Deus: jamais a criatura poderá usurpar os seus direitos.

Sim, há manifestações, mas não são contínuas, e nossa impaciência a seu respeito muitas vezes é condenável.

Sim, tudo se mantém e nada se rompe no imenso Universo. Sim, existe entre esta existência e as outras um laço simpático e indissolúvel, que liga e une uns aos outros todos os membros da família humana, e que permite aos melhores vir nos dar o conhecimento do que não sabemos. É por esse trabalho que se realiza o progresso; quer se chame trabalho da inteligência ou da inspiração, é a mesma coisa. A inspiração é o progresso superior, é o fundo: o trabalho pessoal aí põe a forma, juntando ainda a quintessência dos conhecimentos anteriormente adquiridos.

Nenhuma invenção nos pertence particularmente, porque outros lançaram antes a semente que recolhemos. Aplicamos à obra que queremos perseguir as forças e o trabalho da Natureza, que é de todos, e sem o auxílio da qual nada se faz, depois as forças e o trabalho acumulados por aqueles que nos prepararam os meios de triunfar.

A bem dizer, tudo é obra comum e coletiva, para confirmar ainda esse grande princípio de solidariedade e de associação, que é a base das sociedades e da lei de toda Criação.

O trabalho do homem jamais será tornado inútil pela inspiração. O Espírito que no-lo vem trazer respeitará sempre esta parte reservada ao indivíduo; ele a respeitará como uma coisa nobre e santa, pois o trabalho põe o homem na posse das faculdades que Deus depositou em germe em sua alma, a fim de que o objetivo de sua vida fosse de as fecundar. É por seu desenvolvimento que bem aprendeu a conhecer-se, e que mereceu aproximar-se dele.

A inspiração vem indiferentemente de dia, de noite, em vigília e durante o sono. Apenas exige recolhimento. É-lhe preciso encontrar naturezas que possam abstrair-se de toda preocupação do mundo real, para dar lugar livre e vago ao ser que vier envolvê-lo todo e lhe infundir seus pensamentos.

Nas horas de inspiração, o homem se torna muito mais acessível a todos os ruídos exteriores, e tudo o que vem do mundo real o perturba. Não mais está neste mundo, está num meio transitório, entre este e o outro, visto estar, de certo modo, impregnado da pessoa moral e intelectual de um ser elevado a uma outra esfera e que, no entanto, seu corpo se prende a este.

Embora se dirija a todos, a inspiração descera mais especialmente sobre as naturezas doentias ou consumidas por uma sucessão de sofrimentos, materiais ou morais. Já que é um benefício, não é justo que os que sofrem sejam mais facilmente aptos a recebê-la?

A alucinação é um estado doentio, que o magnetismo pode modificar de maneira salutar. A inspiração é uma assimilação moral que se deve evitar provocar por passes magnéticos. O alucinado se entrega de bom grado a arroubos e a contorções ridículas. O inspirado é calmo.

Os inspirados são melancólicos. Necessitam ser refletidos; para ser alegre não há que refletir muito; é preciso gozar, na sua saúde, de um equilíbrio que nem sempre possuem. Mas não

vamos pensar que sejam difíceis e fantasiosos. Ao contrário, mostram-se dóceis e acessíveis com aqueles a quem amam.

Há inspirados de vários graus. Uns vêm dizer-vos coisas palpáveis, fatos de segunda vista, para que se possa constatar a realidade da iniciação. Outros, mais clarividentes e pouco preocupados com os procedimentos materiais, cujos segredos não são chamados a divulgar, repetem, como lhes vêm, os pensamentos trazidos por Espíritos de progresso. Os primeiros curam o corpo, os segundos são os médicos da alma.

A missão dos mais modestos limita-se a revelar como essas coisas lhes vêm. É um fato constatado que forças adiantadas de muitos graus vêm sobre nós, para nos dominar e nos inspirar. Para que o repetir? Acredite quem quiser. Mas sendo bem estabelecidas as constatações, não se deve tomar dos inspirados senão o lado útil e sério. Pouco importa, se as idéias são boas, de que fonte provêm.

Eug. Bonnemère

Votos de Ano-Novo de um Espírita de Leipzig

Um espírita de Leipzig mandou imprimir, em língua alemã, a seguinte mensagem, cuja tradução temos o prazer de dar.

**MEUS VOTOS DE FELIZ ANO-NOVO A TODOS OS ESPÍRITAS
E ESPIRITUALISTAS DE LEIPZIG**

Também a vós que vos chamais materialistas, porque só quereis conhecer a matéria, eu seria tentado a vos enviar os meus votos de felicidade, mas temo que considerareis isto como uma ousadia de um estranho, que não tem o direito de ser contado entre vós.

É diferente com os espiritualistas, que estão no mesmo terreno que os espíritas, no que respeita à imortalidade da alma, à sua individualidade e ao seu estado feliz ou infeliz depois da morte. Os espiritualistas e os espíritas reconhecem em cada homem uma alma irmã da sua e, por isto, me dão o direito de lhes enviar meus votos. Uns e outros agradecem ao Senhor pelo ano que acaba de passar e esperam que, sustentados por sua graça, tenham coragem para suportar a prova dos dias aziagos e a força de trabalhar o seu aperfeiçoamento, domando as más paixões.

A vós, caros espíritas, irmãos e irmãs conhecidos e desconhecidos, eu vos desejo particularmente um ano feliz, porque recebestes de Deus, para a vossa peregrinação terrena, um grande apoio no Espiritismo. A religião a todos veio trazer a fé, e bem-aventurados os que a conservaram. Infelizmente, ela está extinta num grande número; é por isso que Deus envia uma nova arma para combater a incredulidade, o orgulho e o egoísmo, que tomam proporções cada vez maiores. Essa arma nova é a comunicação com os Espíritos; por ela temos a fé, porque nos dá a certeza da vida da alma e nos permite lançar um olhar na outra vida; reconhecemos, assim, a vaidade da felicidade terrestre, e temos a solução das dificuldades que nos faziam duvidar de tudo, mesmo da existência de Deus.

Disse Jesus aos seus discípulos: “Muitas coisas teria ainda a vos dizer, mas não o poderíeis suportar.” Hoje, tendo a Humanidade progredido, pode compreendê-las. Eis por que Deus nos deu a ciência do Espiritismo, e a prova de que a Humanidade está madura para esta ciência, é que esta ciência existe. É inútil negar e zombar, como outrora era inútil negar e zombar dos fatos adiantados por Copérnico e Galileu. Então esses fatos eram tão pouco conhecidos quanto o são agora os do mundo dos Espíritos. Como outrora, os primeiros opositores são os sábios, até o dia em que, vendo-se isolados, reconhecerão humildemente que as novas descobertas, como o vapor, a eletricidade e o magnetismo, que

outrora eram desconhecidos, não são a última palavra das leis da Natureza. Serão responsáveis perante as gerações futuras por não terem acolhido a ciência nova como uma irmã das outras, e por tê-la repellido como loucura.

É verdade que ela não ensina nada de novo proclamando a vida da alma, pois o Cristo já falou dela; mas o Espiritismo levanta todas as dúvidas e lança uma nova luz sobre esta questão. Entretanto, guardemo-nos de considerar como inúteis os ensinamentos do Cristianismo, e de os crer substituídos pelo Espiritismo; ao contrário, fortifiquemo-nos na fonte das verdades cristãs, para as quais o Espiritismo não é senão um novo facho, a fim de que nossa inteligência e nosso orgulho não nos desencaminhem. O Espiritismo nos ensina, antes de qualquer coisa, que “Sem o amor e a caridade, não há felicidade”, isto é, que devemos amar ao próximo como a nós mesmos. Apoiando-se nesta verdade cristã, ele abre o caminho para a realização desta palavra do Cristo: “Um só rebanho e um só pastor.”

Assim, pois, caros irmãos e irmãs espíritas, permiti que, aos meus votos pelo Ano-Novo, eu ainda junte esta prece: Que jamais abuseis do poder de comunicação com o mundo espiritual. Não esqueçamos que, conforme a lei sobre a qual repousam nossas relações com os Espíritos, os maus não estão excluídos das comunicações. Se é difícil constatar a identidade de um Espírito que não conhecemos, é fácil distinguir os bons dos maus. Estes podem ocultar-se sob a máscara da hipocrisia, mas um bom espírita sempre os reconhece; eis por que não devemos ocupar-nos dessas coisas levemente, porque podemos nos tornar joguete de Espíritos maus, embora inteligentes, como por vezes são encontrados no mundo dos encarnados. Se compararmos nossas comunicações com as que são obtidas nas reuniões dos espíritas fervorosos e sinceros, logo saberemos reconhecer se estamos no bom caminho. Os Espíritos elevados se fazem reconhecer por sua linguagem, que é a mesma em toda parte, sempre de acordo com o Evangelho e a razão humana.

O meio de se preservar dos Espíritos maus é, primeiramente, fazer uma prece sincera a Deus; em segundo lugar, jamais empregar o Espiritismo para as coisas materiais. Os Espíritos maus estão sempre prontos a satisfazer a todos os pedidos e, por vezes, se dizem coisas justas, geralmente enganam com intenção ou por ignorância, porque os Espíritos inferiores não sabem mais do que sabiam na sua existência terrestre. Os Espíritos bons, ao contrário, nos ajudam em nossos esforços a nos melhorarmos e nos dão a conhecer a vida espiritual, a fim de que possamos assimilá-la à nossa. Tal o objetivo para onde devem tender todos os espíritas sinceros.

Adolf, conde Poninski

Leipzig, 1^ª de janeiro de 1868

Instruções dos Espíritos

OS MESSIAS DO ESPIRITISMO

1. – Já vos foi dito que um dia todas as religiões se confundirão numa mesma crença. Ora, eis como isto acontecerá. Deus dará um corpo a alguns Espíritos superiores, e eles pregarão o Evangelho puro. Um novo Cristo virá; porá fim a todos os abusos que duram há tanto tempo e reunirá os homens sob uma mesma bandeira.

Nasceu o novo Messias, e ele restabelecerá o Evangelho de Jesus-Cristo. Glória ao seu poder.

Não é permitido revelar o lugar onde ele nasceu; e se alguém vier vos dizer: “Ele está em tal lugar”, não acrediteis, porque ninguém o saberá antes que ele seja capaz de se revelar, e daqui até lá é preciso que grandes coisas se realizem, para aplinar os caminhos.

Se Deus vos deixar viver bastante, vereis pregar o verdadeiro Evangelho de Jesus-Cristo pelo novo Missionário de Deus, e uma grande mudança será feita pelas pregações desse Filho abençoado; à sua palavra poderosa, os homens das diferentes crenças se darão as mãos.

Glória a esse divino enviado, que vai restabelecer as leis mal compreendidas e mal praticadas do Cristo! Glória ao Espiritismo, que o precede e que vem esclarecer todas as coisas!

Crede, meus irmãos, que somente vós recebereis semelhantes comunicações. Mas guardai-as em segredo até nova ordem.

São José – Sétif (Argélia) 1861

Observação – Esta revelação é uma das primeiras deste gênero que nos foram transmitidas; mas outras já a tinham precedido. Depois, foi dado espontaneamente um grande número de comunicações sobre o mesmo assunto, em diferentes centros espíritas da França e do estrangeiro, todas concordes no fundo do pensamento. E como em toda parte compreenderam a necessidade de não as divulgar, e como nenhuma foi publicada, não poderiam ser o reflexo umas das outras. É um dos mais notáveis exemplos da simultaneidade e da concordância do ensino dos Espíritos quando é chegado o momento de uma questão.⁶

2. – Está incontestavelmente constatado que a vossa é uma época de transição e de fermentação geral; mas ainda não chegou àquele grau de maturidade que marca a vida das nações. É ao século vinte que está reservado o remanejamento da Humanidade; todas as coisas que vão realizar-se daqui até lá não

⁶ As comunicações deste gênero são inumeráveis. Aqui só nos referimos a algumas, e se as publicamos hoje é que é chegado o momento de levar o fato ao conhecimento de todos, e porque é útil para os espíritas saber em que sentido se pronuncia a maioria dos Espíritos.

passam de preliminares da grande renovação. O homem chamado a consumá-la ainda não está maduro para realizar sua missão; mas já nasceu: sua estrela apareceu na França marcada por uma auréola, e vos foi mostrada há pouco tempo na África. Sua rota está previamente marcada. A corrupção dos costumes, as desgraças que serão a consequência do desencadeamento das paixões, o declínio da fé religiosa serão os sinais precursores de seu advento.

A corrupção no seio das religiões é o sintoma de sua decadência, como é o da decadência dos povos e dos regimes políticos, porque ela é o indício de uma falta de fé verdadeira; os homens corrompidos arrastam a Humanidade para um despenhadeiro funesto, de onde ela não pode sair senão por uma crise violenta. Dá-se o mesmo com as religiões que substituem o culto da Divindade pelo culto do dinheiro e das honras, e que se mostram mais ávidas dos bens materiais da Terra do que dos bens espirituais do Céu.

Fénelon – Constantina, dezembro de 1861

3. – Quando uma transformação da Humanidade deve operar-se, Deus envia em missão um Espírito capaz, por seus pensamentos e por uma inteligência superior, de dominar seus contemporâneos e de imprimir às gerações futuras as idéias necessárias para uma revolução moral civilizadora.

Assim, de tempos em tempos vê-se elevar-se acima do comum dos mortais seres que, como faróis, os guiam na via do progresso e os fazem transpor em alguns anos as etapas de vários séculos. O papel de alguns é limitado a um país ou a uma raça; são como oficiais subalternos, cada um conduzindo uma divisão do exército; mas há outros cuja missão é agir sobre a Humanidade inteira, que não aparecem senão nas épocas mais raras, que marcam a era das transformações gerais.

Jesus-Cristo foi um desses enviados excepcionais; do mesmo modo tereis, para os tempos chegados, um Espírito superior que dirigirá o movimento de conjunto e dará uma coesão poderosa às forças esparsas do Espiritismo.

Deus sabe na hora certa modificar nossas leis e nossos hábitos; e quando um fato novo se apresentar, esperai e orai, porque o Eterno nada faz que não seja segundo as leis de divina justiça, que regem o Universo.

Para vós que tendes fé, e que consagrastes a vossa vida à propaganda da idéia regeneradora, isto deve ser simples e justo; mas só Deus conhece aquele que está prometido. Limito-me a dizer-vos: Esperai e orai, porque o tempo é chegado e o novo Messias não vos faltará: Deus saberá designá-lo a seu tempo. E, aliás, é por suas obras que ele se afirmará.

Podeis esperar por muitas coisas, vós que vedes tantas estranhas em relação às idéias admitidas pela civilização moderna.

Baluze – Paris, 1862

4. – Eis uma questão que se repete em toda parte: o Messias anunciado é a pessoa mesma do Cristo?

Ao lado de Deus estão numerosos Espíritos chegados ao topo da escala dos Espíritos puros, que mereceram ser iniciados em seus desígnios, para dirigirem a sua execução. Deus escolheu dentre eles seus enviados superiores, encarregados de missões especiais. Podeis chamá-los *Cristos*: é a mesma escola; são as mesmas idéias modificadas conforme os tempos.

Não fiquéis, pois, admirados de todas as comunicações que vos anunciam a vinda de um Espírito poderoso sob o nome do Cristo; é o pensamento de Deus revelado numa certa época, e que

é transmitido pelo grupo dos Espíritos superiores que se acercam de Deus e recebe as suas emanações para presidir o futuro dos mundos que gravitam no espaço.

O que morreu na cruz tinha uma missão a cumprir, e essa missão se renova hoje por outros Espíritos desse grupo divino, que vêm, eu vo-lo repito, presidir aos destinos de vosso mundo.

Se o Messias de que falam essas comunicações não é a personalidade de Jesus, é o mesmo pensamento. É aquele que Jesus anunciou, quando disse: “Eu vos enviarei o *Espírito de Verdade*, que deve restabelecer todas as coisas”, isto é, reconduzir os homens à sã interpretação de seus ensinamentos, porque ele previa que os homens se desviariam do caminho que lhes havia traçado.

Aliás, era preciso completar o que então não lhes havia dito, porque não teria sido compreendido. Eis por que uma multidão de Espíritos de todas as ordens, sob a direção do Espírito de Verdade, veio a todas as partes do mundo e a todos os povos, revelar as leis do mundo espiritual, cujo ensino Jesus havia adiado, e lançar, pelo Espiritismo, os fundamentos da nova ordem social. Quando todas as bases estiverem postas, então virá o Messias, que deve coroar o edifício e presidir à reorganização, auxiliado pelos elementos que tiverem sido preparados.

Mas não creiais que esse Messias esteja só; haverá muitos que abraçarão, pela posição que cada um ocupará no mundo, as grandes partes da ordem social: a política, a religião, a legislação, a fim de as fazer concordar com o mesmo objetivo.

Além dos Messias principais, Espíritos de escol surgirão em todas as partes e que, como lugar-tenentes animados da mesma fé e do mesmo desejo, agirão de comum acordo, sob o impulso do pensamento superior.

É assim que, pouco a pouco, se estabelecerá a harmonia do conjunto; mas é preciso, primeiramente, que se realizem certos acontecimentos.

Lacordaire – Paris, 1862

OS ESPÍRITOS MARCADOS

5. – Há muitos Espíritos superiores que concorrerão poderosamente para a obra regeneradora, mas nem todos são Messias. É preciso distinguir:

1. Os Espíritos superiores, que agem livremente e por sua própria vontade;

2. Os Espíritos *marcados*, isto é, designados para uma missão importante. Têm a irradiação luminosa, que é o sinal característico de sua superioridade. São escolhidos entre os Espíritos capazes de as cumprir; entretanto, como têm livre-arbítrio, podem falir por falta de coragem, de perseverança ou de fé e não estão livres dos acidentes que podem abreviar os seus dias. Mas como os desígnios de Deus não estão à mercê de um homem, o que um não faz, o outro é chamado a fazer. Eis por que há muitos chamados e poucos escolhidos. Feliz aquele que realiza sua missão segundo as vistas de Deus e sem desfalecimento!

3. Os *Messias*, seres superiores, chegados ao mais alto grau da hierarquia celeste, depois de terem atingido uma perfeição que os torna infalíveis daí por diante, e acima das fraquezas humanas, mesmo na encarnação. Admitidos nos conselhos do Altíssimo, recebem diretamente sua palavra, que são encarregados de transmitir e fazer cumprir. Verdadeiros representantes da Divindade, da qual têm o pensamento, é entre eles que Deus escolhe seus enviados especiais, ou seus *Messias*, para as grandes missões gerais, cujos detalhes de execução são confiados a outros

Espíritos encarnados ou desencarnados, agindo por suas ordens e sob sua inspiração.

Espíritos dessas três categorias devem concorrer ao grande movimento regenerador que se opera.

Êxtase sonambúlico – Paris, 1866

6. – Venho, meus amigos, confirmar a esperança dos altos destinos que esperam o Espiritismo. Esse glorioso futuro que vos anunciamos será realizado pela vinda de um Espírito superior, que resumirá, na essência de sua perfeição, todas as doutrinas antigas e novas, e que, pela autoridade de sua palavra, ligará os homens às crenças novas. Semelhante ao Sol nascente, dissipará todas as obscuridades amontoadas sobre a eterna verdade, pelo fanatismo e pela inobservância dos preceitos do Cristo.

Estrela da nova crença, o futuro Messias cresce na sombra; mas já os seus inimigos tremem e as virtudes dos céus estão abaladas.

Perguntais se esse novo Messias é a pessoa mesma de Jesus de Nazaré? Que vos importa, se é o mesmo pensamento que os anima a ambos? São as imperfeições que dividem os Espíritos; mas quando as perfeições são iguais, nada os distingue; formam unidades coletivas, sem perderem a sua individualidade.

O começo de todas as coisas é obscuro e vulgar; o que é pequeno cresce; nossas manifestações, a princípio acolhidas com o desdém, a violência ou a indiferença banal da curiosidade ociosa, espalharão ondas de luz sobre os cegos e os regenerarão.

Todos os grandes acontecimentos têm seus profetas, ora incensados, ora desprezados. Assim como Moisés conduzia os hebreus, nós vos conduziremos para a terra prometida da inteligência.

Similitude impressionante! os mesmos fenômenos se repetem, não mais no sentido material, destinado a ferir os homens infantis, mas na sua acepção espiritual. As crianças se tornaram adultos; crescendo o objetivo, os exemplos não mais se dirigem aos olhos; a vara de Aarão está partida, e a única transformação que operamos é a de vossos corações, tornados atentos ao grito de amor que, do Céu, repercute na Terra.

Espíritas! compreendi a gravidade de vossa missão; estremecei de alegria, porque não está longe a hora em que o divino enviado alegrará o mundo. Espíritas laboriosos, sede benditos em vossos esforços e perdoados em vossos erros. A ignorância e a perturbação ainda vos ocultam uma parte da verdade que só o celeste Mensageiro vos pode revelar inteiramente.

São Luís – Paris, 1862.

7. – A vinda do Cristo trouxe à vossa Terra sentimentos que, por um instante, a submeteram à vontade de Deus; mas os homens, enceguecidos por suas paixões, não puderam guardar no coração o amor do próximo, o amor do Mestre do céu. O enviado do Todo-Poderoso abriu à Humanidade a estrada que conduz à mansão dos bem-aventurados; mas a Humanidade recuou um passo imenso que o Cristo a tinha feito dar; caiu no ramerrão do egoísmo, e o orgulho a fez esquecer o seu Criador.

Deus permite que ainda uma vez sua palavra seja pregada na Terra, e tereis que o glorificar porque fostes dos primeiros a quem ele se dignou chamar a crer no que mais tarde será ensinado. Rejubilai-vos, porque estão próximos os tempos em que essa palavra se fará ouvir. Melhorai-vos, aproveitando os ensinamentos que ele permite que vos demos.

Que a árvore da fé, que neste momento finca raízes tão vigorosas, produza os seus frutos; que esses frutos amadureçam, como amadurecerá a fé que hoje anima alguns entre vós.

Sim, meus filhos, o povo se comprimirá sobre os passos do novo mensageiro anunciado pelo próprio Cristo, e todos virão escutar essa divina palavra, porque nela reconhecerão a linguagem da verdade e o caminho da salvação. Deus, que permitiu que vos esclarecêssemos, que sustentássemos vossa marcha até hoje, permitirá ainda que vos demos as instruções que vos são necessárias.

Mas também vós, os primeiros favorecidos pela crença, tendes vossa missão a cumprir; tereis de trazer aqueles do vosso meio que ainda duvidam das manifestações que Deus permite; tereis de fazer luzir aos seus olhos os benefícios daquilo que tanto vos consolou; porque nos vossos dias de tristeza e de abatimento a vossa crença não vos sustentou? não fez nascer em vosso coração esta esperança que, sem ela, teríeis ficado no desalento?

Eis o que é preciso fazer partilhar os que ainda não crêem, não por uma precipitação intempestiva, mas com prudência e sem chocar de frente os preconceitos longamente arraigados. Não se arranca uma velha árvore de um golpe só, como se fora um pé de erva, mas pouco a pouco.

Semeai desde agora o que mais tarde quereis colher; semeai o grão que virá frutificar no terreno que tiverdes preparado e cujos frutos vós mesmos colhereis, porque Deus vos levará em conta o que tiverdes feito por vossos irmãos.

Lamennais – Havre, 1862

FUTURO DO ESPIRITISMO

8. – Depois de suas primeiras etapas, o Espiritismo, aguerrido, desembaraçando-se cada vez mais das obscuridades que lhe serviram de fraldas, em breve fará sua aparição na grande cena do mundo.⁷

⁷ Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 543.

Os acontecimentos marcham com tal rapidez que não se pode ignorar a poderosa intervenção dos Espíritos que presidem aos destinos da Terra. Há como que um estremecimento íntimo nos flancos do vosso globo, em trabalho de gestação; novas raças saídas das altas esferas vêm rodopiar em torno de vós, esperando a hora de sua encarnação messiânica, e para isto se preparando pelo estudo das vastas questões que hoje agitam a Terra.

De todos os lados vêm-se sinais de decrepitude nos usos e legislações, que não mais estão de acordo com as idéias modernas. As velhas crenças adormecidas há séculos parecem despertar de seu torpor secular e se admiram de se verem em luta com novas crenças, emanadas dos filósofos e dos pensadores deste e do século passado. O sistema degenerado de um mundo que não passava de um simulacro, se esboroa ante a aurora do mundo real, do mundo novo. A lei de solidariedade, da família passou aos habitantes dos Estados, para em seguida conquistar a Terra inteira; mas esta lei tão sábia, tão progressiva, essa lei divina, numa palavra, não se limitou a esse resultado único; infiltrando-se no coração dos grandes homens, ensinou-lhes não só que ela era necessária ao grande melhoramento da vossa habitação, mas que se estendia a todos os mundos do vosso sistema solar, para de lá se estender a todos os mundos da imensidade!

É bela essa lei de solidariedade universal, porque nela se encontra essa máxima sublime: Todos por um e um por todos.

Eis, meus filhos, a verdadeira lei do Espiritismo, a verdadeira conquista de um futuro próximo. Marchai, pois, imperturbavelmente em vossa estrada, sem vos preocupar com as zombarias de uns e o amor-próprio ferido de outros. Estamos e ficaremos convosco, sob a égide do Espírito de Verdade, meu e vosso mestre.

9. – Cada dia o Espiritismo estende o círculo de seu ensino moralizador. Sua grande voz ecoou de um extremo a outro da Terra. A sociedade se comoveu com ela e de seu seio partiram adeptos e adversários.

Adeptos fervorosos, adversários hábeis, mas cuja habilidade e renome serviram à própria causa que queriam combater, chamando para a doutrina nova a atenção das massas e lhes dando o desejo de conhecer os ensinamentos regeneradores, que seus adeptos preconizam, e que os faziam escarnecer e ridicularizar.

Contemplai o trabalho realizado e rejubilai-vos com o resultado! Mas que efervescência indizível não se produzirá entre os povos, quando seus mais amados escritores vierem juntar-se aos nomes mais obscuros ou menos conhecidos dos que se aglomeram em torno da bandeira da verdade!

Vede o que produziram os trabalhos de alguns grupos isolados, na maioria entravados pela intriga e pela malquerença, e julgai da revolução que se operará quando todos os membros da grande família espírita se derem as mãos e declararem, de frente ativa e coração firme, a sinceridade de sua fé e de sua crença na realidade do ensinamento dos Espíritos.

As massas amam o progresso, buscam-no, mas não o temem. O desconhecido inspira um secreto terror aos filhos ignorantes de uma sociedade embalada em preconceitos, que ensaia os primeiros passos na via da realidade e do progresso moral. As grandes palavras de liberdade, de progresso, de amor, de caridade ferem o povo sem o comover; muitas vezes ele prefere seu estado presente e medíocre a um futuro melhor, mas desconhecido.

A razão desse pavor do futuro está na ignorância do sentimento moral num grande número, e do sentimento

inteligente em outros. Mas, como disseram vários filósofos, divagando sobre uma concepção falsa da origem das coisas, inclusive eu – por que coraria de o dizer? não poderia enganar-me? – não é verdade que a Humanidade seja má por essência. Não; aperfeiçoando a sua inteligência ela não dará um impulso maior às suas más qualidades. Afastai de vós esses pensamentos desesperadores, que repousam num falso conhecimento do espírito humano.

A Humanidade não é má por natureza; mas é ignorante e, por isso mesmo, mais apta a se deixar governar por suas paixões. É progressiva e deve progredir para atingir os seus destinos; esclarecei-a; mostrai seus inimigos ocultos na sombra; desenvolvei sua essência moral, nela inata, e apenas adormecida sob a influência dos maus instintos e reanimareis a centelha da eterna verdade, da eterna presciência do infinito, do belo e do bom, que reside para sempre no coração do homem, mesmo o mais perverso.

Filhos de uma doutrina nova, reuni vossas forças; que o sopro divino e o socorro dos Espíritos bons vos sustentem, e fareis grandes coisas. Tereis a glória de haver posto as bases dos princípios imperecíveis, cujos frutos vossos descendentes recolherão.

Montaigne – Paris, 1865

AS ESTRELAS CAIRÃO DO CÉU

10. – Oh! como é bela a luz do Senhor! que brilho prodigioso espalham seus raios! Santa Sião! bem-aventurados os que estão sentados à sombra de teus tabernáculos! Oh! que harmonia é comparável às esferas do Senhor? Beleza incompreensível para olhos mortais, incapazes de perceber tudo quando não depende do domínio dos sentidos!

Aurora esplêndida de um dia novo, o Espiritismo vem iluminar os homens. Os clarões mais fortes já aparecem no horizonte; os Espíritos das trevas, vendo que seu império vai desmoronar, são vítimas de raivas impotentes e já põem sua última energia em complôs infernais; o anjo radioso do progresso já estende suas brancas asas coloridas; as virtudes dos céus já se abalam e as estrelas caem de sua abóbada, mas transformadas em Espíritos puros, que vêm, como anuncia a Escritura em linguagem figurada, proclamar sobre as ruínas do velho mundo o advento do Filho do Homem.

Bem-aventurados aqueles cujos corações estão preparados para receber a semente divina, que os Espíritos do Senhor lançam a todos os ventos do céu! Bem-aventurados os que cultivam, no santuário da alma, as virtudes que o Cristo lhes veio ensinar, e que ainda lhes ensina pela voz dos médiuns, isto é, dos instrumentos que repetem as palavras dos Espíritos! Bem-aventurados os justos, porque o reino dos céus lhes pertencerá!

Ó, meus amigos! continuai a marchar no caminho que vos é traçado; não vos constituais em obstáculos à verdade que quer esclarecer o mundo. Não; sede propagadores zelosos e infatigáveis como os primeiros apóstolos, que não tinham teto para abrigar suas cabeças, mas que marchavam para a conquista que Jesus havia começado; que marchavam sem idéia preconcebida, sem hesitação; que tudo sacrificavam, até a última gota de seu sangue, a fim de que o Cristianismo fosse implantado.

Vós, meus amigos, não necessitais de sacrifícios tão grandes. Não; Deus não vos pede vossa vida, mas o vosso coração, vossa boa vontade. Sede, pois, zelosos e marchai unidos e confiantes, repetindo a palavra divina: “Meu Pai, que seja feita a vossa vontade, e não a minha!”

OS MORTOS SAIRÃO DE SEUS TÚMULOS

11. – Povos, escutai!... Uma voz se faz ouvir de um extremo a outro dos mundos: é a do precursor anunciando a vinda do Espírito de Verdade, que vem endireitar os caminhos tortuosos por onde o espírito humano se desgarrava em falsos sofismas. É a trombeta do anjo vindo despertar os mortos para que saiam de seus túmulos.

Muitas vezes tendes lido a revelação de João e vos perguntastes: Mas, que quer ele dizer? Como se cumprirão essas coisas surpreendentes? E, confusa, vossa razão mergulhava num tenebroso labirinto, de onde não podia sair, porque queríeis tomar ao pé da letra o que estava escrito em sentido figurado.

Agora que chegou o tempo em que uma parte dessas predições vai cumprir-se, pouco a pouco aprendereis a ler nesse livro onde o discípulo bem-amado consignou as coisas que lhe tinha sido dado ver. Entretanto, as más traduções e as falsas interpretações ainda vos aborrecerão um pouco, mas com um trabalho perseverante chegareis a compreender o que, até o presente, tinha sido para vós uma carta fechada.

Apenas compreendi que, se Deus permite que os selos sejam levantados mais cedo para alguns, não é para que esse conhecimento fique estéril em suas mãos, mas para que, pioneiros infatigáveis, desbravem as terras incultas; é para que fecundem com o doce orvalho da caridade os corações ressequidos pelo orgulho e impedidos pelos embaraços mundanos, onde a boa semente da palavra de vida não pôde ainda germinar

Ah! quantos encaram a vida humana como devendo ser uma festa perpétua, em que as distrações e os prazeres se sucedem sem interrupção! Inventam mil nadas para encantar os seus lazes; cultivam seu espírito, porque é uma das facetas brilhantes que servem para fazer ressaltar sua personalidade; são semelhantes a

essas bolhas efêmeras, refletindo as cores do prisma e se balançando no espaço: atraem os olhares por algum tempo, depois as procurais... e elas desapareceram sem deixar traços. Do mesmo modo, essas almas mundanas brilharam com uma luz que não lhes era própria, durante sua curta passagem terrena, e dela nada restou de útil, nem para os seus semelhantes, nem para elas mesmas.

Vós que conheceis o valor do tempo, vós a quem as leis da eterna sabedoria são reveladas pouco a pouco, sede nas mãos do Todo-Poderoso, instrumentos dóceis servindo para levar a luz e a fecundidade a essas almas, das quais é dito: “Têm olhos e não vêem, ouvidos e não escutam”, porque se tendo desviado do facho da verdade e escutado a voz das paixões, sua luz não passa de trevas, em meio das quais o Espírito não pode reconhecer a estrada que o faz gravitar para Deus.

O Espiritismo é essa voz poderosa que já repercute até os confins da Terra; todos a ouvirão. Felizes os que, não tapando voluntariamente os ouvidos, sairão de seu egoísmo, como o fariam os mortos de seus sepulcros, e daí por diante realizarão os atos da vida verdadeira, a do Espírito se desembaraçando dos entraves da matéria, como fez Lázaro de seu sudário, à voz do Salvador.

O Espiritismo marca a hora solene do despertar das inteligências que usaram o seu livre-arbítrio para se demorarem nos atalhos lamacentos, cujos miasmas deletérios infectaram a alma com um veneno lento, que lhe dá as aparências da morte. O Pai celeste tem piedade desses filhos pródigos, caídos tão baixo que nem mesmo pensam na morada paterna e é para eles que permite essas manifestações brilhantes, destinadas a convencer que, além deste mundo de formas perecíveis, a alma conserva a lembrança, o poder e a imortalidade.

Possam eles, esses pobres escravos da matéria, sacudir o torpor que os impediu de ver e compreender até hoje; possam

estudar com sinceridade, a fim de que a luz divina, penetrando sua alma, dela expulse a dúvida e a incredulidade.

João Evangelista – Paris, 1866

O JUÍZO FINAL

12. – Jesus virá sobre as nuvens para julgar os vivos e os mortos. Sim, Deus o enviará, como o envia todos os dias, para fazer esta justiça soberana nas planícies imensas do éter. Ah! quando São Tiago foi precipitado do alto da torre do templo de Jerusalém, pelos pontífices e fariseus, por ter anunciado ao povo reunido esta verdade ensinada pelo Cristo e seus apóstolos, lembrai-vos de que a esta palavra do justo a multidão se prosternou, exclamando: Glória a Jesus, filho de Deus, no mais alto dos céus!

Ele virá sobre as nuvens proferir suas temíveis sentenças: não é vos dizer, ó espíritas, que ele vem perpetuamente receber as almas dos que entram na erraticidade? Passai à minha direita, diz o pastor às suas ovelhas, vós que agistes bem, segundo as vistas de meu Pai, passai à minha direita e subi para ele; quanto a vós, que vos deixastes dominar pelas paixões terrenas, passai à minha esquerda; estais condenados.

Sim, estais condenados a recomeçar o caminho percorrido, em nova existência terrestre, até que vos tenhais saciado de matérias e iniquidades, e que, enfim, tenhais expulsado o impuro que vos domina. Sim, estais condenados; ide e voltai ao inferno da vida humana, enquanto vossos irmãos da minha direita vão se precipitar nas esferas superiores, de onde as paixões da Terra estão excluídas, até o dia em que entrarem no reino de meu Pai, por uma maior purificação.

Sim, Jesus virá julgar os vivos e os mortos. Os vivos: os justos, os da sua direita; os mortos: os impuros, os da sua esquerda;

e quando brotarem as asas dos justos, a matéria ainda se apossará dos impuros. E isto até que estes saiam vencedores dos combates contra a impureza e enfim se despojem, para sempre, de suas crisálidas humanas.

Ó espíritas! vedes que a vossa doutrina é a única que consola, a única que dá esperança, não condenando a uma danação eterna os infelizes que se comportaram mal durante alguns minutos da eternidade; a única, enfim, que preside ao fim verdadeiro da Terra pela elevação gradual dos Espíritos.

Progredi, pois, despojando o homem velho, para entrar na região dos Espíritos amados por Deus.

Erasto – Paris, 1861

13. – A sociedade em geral ou, melhor dizendo, a reunião dos seres, tanto encarnados quando desencarnados, que compõem a população flutuante de um mundo, numa palavra, a Humanidade, não é senão uma grande criança coletiva que, como todo ser dotado de vida, passa por todas as fases que se sucedem em cada um, desde o nascimento até a mais avançada idade; e assim como o desenvolvimento do indivíduo é acompanhado por certas perturbações físicas e intelectuais, que se dão mais particularmente em certos períodos da vida, a Humanidade tem as suas doenças de crescimento, suas perturbações morais e intelectuais. É a uma dessas grandes épocas que terminam um período e que começam outro que vos é dado assistir. Participando ao mesmo tempo das coisas do passado e das do futuro, nos sistemas que se aniquilam e nas verdades que se estabelecem, tende cuidado, meus amigos, de vos pôr do lado da solidez, da progressão e da lógica, se não quiserdes ser arrastados sem rumo; e abandonai os palácios suntuosos quanto à aparência, mas vacilantes pela base, e que logo sepultarão sob suas ruínas os infelizes bastante insensatos que deles não querem sair, a despeito dos avisos de toda natureza que lhes são prodigalizados.

Todas as frentes se tornam sombrias, e a calma aparente que desfrutais não serve senão para acumular maior número de elementos destruidores.

Algumas vezes a tempestade que destrói o fruto dos suores de um ano é precedida por mensageiros que permitem tomar as precauções necessárias para evitar, tanto quanto possível, a devastação. Desta vez não será assim. O céu carregado parecerá iluminar-se; as nuvens fugirão; depois, de repente, todos os furores, por muito tempo reprimidos, se desencadearão com uma violência inaudita.

Infeliz dos que não tiverem preparado um abrigo! infelizes dos fanfarrões que enfrentarem o perigo de mãos desarmadas e peito descoberto! infelizes dos que desafiarem o perigo com a taça na mão! Que decepção terrível os espera! Antes que a taça que sustentam alcancem seus lábios eles serão atingidos!

À obra, pois, espíritas, e não esqueçais que deveis ser todo prudência e todo previdência. Tendes um escudo, sabeis dele vos servir; uma tábua de salvação: não a desprezeis.

Clélie Duplantier – Paris, 1867

APRECIÇÃO DA OBRA A GÊNESE

(Paris, 18 de dezembro de 1867 – Médiun: Sr. Desliens)

Esta obra vem na hora certa, na medida em que a doutrina está hoje bem estabelecida do ponto de vista moral e religioso. Seja qual for a direção que tome de agora em diante, tem precedentes muito arraigados no coração dos adeptos, para que ninguém possa temer que ela se desvie de seu caminho.

O que importava satisfazer antes de tudo, eram as aspirações da alma; era suprir o vazio deixado pela dúvida nas almas vacilantes em sua fé. Esta primeira missão hoje está cumprida. O

Espiritismo entra atualmente em uma nova fase; ao atributo de *consolador*, alia o de instrutor e diretor do espírito, em ciência e em filosofia, como em moralidade. A caridade, sua base inabalável, dele fez o laço das almas ternas; a Ciência, a solidariedade, a progressão, o espírito liberal dele farão o traço de união das almas fortes. Conquistou os corações que amam com armas de doçura; hoje viril, é às inteligências viris que se dirige. Materialistas, positivistas, todos os que, por um motivo qualquer, se afastaram de uma espiritualidade cujas imperfeições suas inteligências lhes mostravam, nele vão encontrar novos alimentos para sua insaciabilidade. A Ciência é sua senhora, mas uma descoberta chama outra, e o homem avança sem cessar com ela, de desejo em desejo, sem encontrar completa satisfação. É que o Espírito também tem suas necessidades; é que a alma mais ateuista tem aspirações secretas, inconfessadas, e que essas aspirações reclamam seu alimento.

A religião, antagonista da Ciência, respondia pelo mistério a todas as questões da filosofia céptica. Ela violava as leis da Natureza e as adaptava à sua fantasia, para daí extrair uma explicação incoerente de seus ensinamentos. Vós, ao contrário, vos sacrificais à Ciência; aceitais todos os seus ensinamentos sem exceção e lhe abris horizontes que ela supunha intransponíveis. Tal será o efeito desta nova obra; não poderá senão assegurar mais os fundamentos da crença espírita nos corações que já a possuem, e fará dar um passo à frente para a unidade a todos os dissidentes, à exceção, entretanto, dos que o são por interesse ou por amor-próprio; esses o vêem com despeito sobre bases cada vez mais inabaláveis, que os lançam para trás e os rechaçam na sombra. Só havia pouco ou nenhum terreno comum onde se pudessem encontrar. Hoje, o materialismo vos acotovela por toda parte, porque estando em seu terreno, não estareis menos no vosso, e ele não poderá fazer outra coisa senão aprender a conhecer os hóspedes que lhe traz a filosofia espírita. É um instrumento de duplo efeito: uma sapa, uma mina que ainda derruba algumas

ruínas do passado, uma colher de pedreiro que edifica para o futuro.

A questão de origem que se prende à Gênese é para todos uma questão apaixonada. Um livro escrito sobre esta matéria deve, em consequência, interessar a todos os espíritos sérios. Por esse livro, como vos disse, o Espiritismo entra numa nova fase e esta preparará as vias da fase que mais tarde se abrirá, porque cada coisa deve vir a seu tempo. Antecipar o momento propício é tão prejudicial quanto deixá-lo escapar.

São Luís

Bibliografia

SÍNTESE DA DOCTRINA ESPÍRITA

Por Florent Loth, de Amiens⁸

Esse livro, que apenas pudemos anunciar em nosso último número, é um resumo dos princípios mais essenciais da Doutrina Espírita. Compõe-se, em sua maior parte, de citações textuais tomadas das obras fundamentais, e de exemplos tirados de *O Céu e o Inferno*, próprios a dar, sobre as consequências da maneira pela qual se emprega a vida, uma idéia mais justa, mais racional, mais satisfatória e, sobretudo, mais conforme à justiça de Deus que a doutrina das chamas eternas. O autor não faz de seu livro uma questão de amor-próprio, nem de interesse. Espírita fervoroso e devotado, publicou-o sobretudo com vistas a propagar a Doutrina nos campos de seu Departamento; a modéstia de seus pontos de vista não impede que esse livrinho possa ser muito útil em outros lugares.

⁸ Pequena brochura in-8^o, de 150 páginas; preço: 1 fr. 25 c. – Pelo correio: 1 fr. 50 c. – Amiens, principais livrarias. Também nos escritórios da *Revista Espírita*.

Eis o relato que o *Journal d'Amiens*, de 29 de dezembro de 1867, deu desse opúsculo. Fazemo-lo seguir da carta dirigida pelo Sr. Loth, a propósito desse relato, ao autor do artigo, e que o mesmo jornal publicou em seu número de 17 de janeiro.

Síntese da Doutrina Espírita

Eis um livrinho bastante curioso, escrito por um aldeão de Saint-Sauflieu. É verdade que o autor morou muito tempo em Paris, e foi nesta cidade que pôde entrar em contato com os apóstolos do Espiritismo.

Como nos interessamos por todas as publicações de nossa região, quisemos travar conhecimento com esta obra. Haviam-nos dito que a obra do Sr. Florent Loth tinha sido posta no índice, nas comunas vizinhas de sua aldeia; esta notícia excitou a nossa curiosidade e nos decidimos a ler a *Síntese da Doutrina Espírita*. A gente gosta mesmo do fruto proibido.

Quanto a nós, que não temos o menor interesse em censurar ou aprovar a obra do autor, diremos francamente, para nos pormos à vontade, que não acreditamos no Espiritismo, que não damos nenhum crédito às mesas girantes ou falantes, porque à nossa razão repugna admitir que objetos materiais possam ser dotados da menor inteligência. Também não acreditamos no dom da segunda vista, ou, melhor dizendo, na faculdade de ver através de paredes espessas, ou de distinguir a grandes distâncias o que se passa ao longe, isto é, a várias centenas de léguas. Enfim, para continuar nossas confissões preliminares, acrescentamos que não temos nenhuma fé nos Espíritos que voltam, e que o homem, mais ou menos inspirado, não tem o poder de evocar e, sobretudo, de fazer falarem as almas dos mortos.

Dito isto, para limpar o terreno de tudo o que não entra em nossos pontos de vista, reconhecemos que o livro do Sr. Florent Loth não é uma obra má. Sua moral é pura, o amor do

próximo aí é recomendado, a tolerância para as crenças alheias nele é defendido: isto explica a boa saída desta obra.

Mas dizer que adeptos convictos da Doutrina Espírita, *com todas as suas partes admitidas*, se formarão em conseqüência da leitura da obra do nosso compatriota, seria avançar um fato que não se realizará. No que nos parece razoável e, falemos claro, ter senso comum, segundo a melhor acepção destes termos, há coisas excelentes. Assim, certos abusos são repelidos com razões evidentes, claras e precisas; e se o autor procura convencer, é sempre pela doçura e pela persuasão.

Portanto, deixando de lado tudo quanto se liga às *práticas materiais* do Espiritismo, práticas nas quais não acreditamos absolutamente, poder-se-ia retirar da leitura do livro em questão muito boas noções de moral, de tolerância e de amor pelo próximo. Sob esse ponto de vista, aprovamos inteiramente o Sr. Florent Loth e não compreendemos o interdito lançado contra o seu opúsculo.

A *Síntese da Doutrina Espírita* será um dia proibida pela Congregação do *Índex*, cuja sede está em Roma? É uma questão ainda não resolvida, porque este livrinho não está destinado a transpor nossas fronteiras picardas. Contudo, se o fato se desse, o Sr. Florent Loth recolheria por sua obra uma notoriedade na qual jamais deverá ter pensado.

Quanto às *experiências físicas* do Espiritismo, deixemos falar aqui o Sr. Georges Sauton, um dos nossos confrades, o qual no *Liberté* de quarta-feira, 11 de setembro de 1867, assim se exprimia sobre uma sessão espírita realizada em Paris, em casa de um doutor em Medicina:

“O doutor F.. amealhou certa fortuna. Ele a consome fazendo sessões espíritas, que lhe custam muito caro em velas e em médiuns.

“Ontem à noite ele havia convidado a imprensa para a sua reunião mensal. Esses espíritos deviam ser interrogados a respeito do zuavo Jacob e dizer sua maneira de pensar relativamente a esse interessante militar. O Sr. Babinet, do Instituto, havia prometido honrar a reunião com a sua presença; pelo menos o anfitrião, pelas cartas de convite, o tinha deixado entender.

“Albert Brun, Victor Noir e eu fomos à casa do doutor. Nada, absolutamente nada do Sr. Babinet.

“Dez pessoas em volta de uma mesa faziam girar o móvel, que girava mal; trinta outras, entre as quais muitos condecorados, as olhavam.”

“Os Espíritos, sem dúvida indispostos, foram reticentes no falar. Apenas se dignaram imitar o ruído da serra, dos martelos dos tanoeiros e dos ferreiros batendo nos tonéis e na bigorna. Pediram-lhes que cantassem *A mulher de barba* e *Tenho bom tabaco*, mas eles não cantaram. Intimaram-nos a fazer uma pêra saltar no ar, mas a pêra não saltou.”

Nada acrescentaremos a este pequeno e espirituoso relato.

Terminemos por um extrato do prefácio do autor, no qual a *parte moral* de suas idéias é exposta:

“O Espiritismo não tem a pretensão de impor sua crença; só pela persuasão é que ele espera chegar ao seu objetivo, que é o bem da Humanidade. Liberdade de consciência: assim, creio firmemente na existência da alma e na sua imortalidade; creio nas penas e recompensas futuras; creio nas manifestações dos Espíritos, isto é, nas almas dos que viveram nesta Terra ou em outros mundos; e creio nisto em virtude do direito que tem o meu vizinho de não crer; mas me é tão fácil provar-lhe a minha afirmação, quanto lhe é impossível me provar a sua negação,

porque a negação dos incrédulos não é uma prova. O fato, dizem eles, é contrário às leis conhecidas. Pois bem! é que repousa sobre uma lei desconhecida; não se podem conhecer todas as leis da Natureza, porque

Deus é grande e tudo pode!...

“Pessoas malévolas espalharam o boato que o Espiritismo era um obstáculo ao progresso da religião. Essas pessoas, mais ignorantes do que realmente piedosas, não conhecendo absolutamente a Doutrina, nem podem apreciá-la nem julgá-la.

“Nós dizemos, nós, e ainda provamos, que o ensino dos Espíritos é muito cristão, que se apóia na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, na justiça de Deus e na moral do Cristo.”

A citação desta profissão de fé pelo autor será suficiente para dar a conhecer a sua maneira de ver. Cabe ao leitor apreciar a obra de que falamos.

Fazendo este relato, apenas quisemos constatar um fato: é que em nossa província da Picardia, o Espiritismo tinha encontrado um defensor fervoroso e convicto.

Não admitimos todas as idéias do autor. Esperamos que, em virtude de sua doçura, que ele não se aborreça com a nossa franqueza. Enquanto a paz pública não for perturbada por doutrinas ímpias, enquanto a ordem social não for abalada por máximas subversivas, nossa tolerância fraternal nos fará dizer o que aqui dizemos do livro do Sr. Florent Loth:

Paz às consciências! Respeito às crenças do próximo!

M. A. Gabriel Rembault

“Senhor Diretor,

“Eu vos serei reconhecido se quiserdes inserir em vosso jornal minha reposta à crítica do Sr. Gabriel Rembault sobre a minha *Síntese da Doutrina Espírita*, artigo que apareceu em 29 de dezembro último.

“Não quero travar polêmica com o Sr. Gabriel Rembault; não estou à altura de seu talento de escritor, talento incontestável que todos lhe reconhecem; mas que me permita lhe demonstrar as razões que me levaram a escrever este livro.

Antes de tudo, devo reconhecer que a crítica do Sr. Gabriel Rembault é cortês e polida; emana de um homem convencido, mas não irritado. Oh! não posso dizer o mesmo de outros críticos, que lançam o anátema aos espíritas por insultos e palavras grosseiras! Nada compreendo dessa demonstração de ódio e de injúrias, dessas palavras malsonantes de loucos e de patifes, que nos lançam à face e que só inspiram profundo desgosto às pessoas decentes. Entretanto, esses homens intolerantes sabem perfeitamente que, segundo os princípios de nossa sociedade moderna, todas as consciências são livres e têm o direito a um respeito inviolável.

“Perdoai-me esta digressão, senhor Diretor, como perdôo a esses insultadores; perdôo-lhes de todo o coração e peço a Deus que se digne esclarecê-los sobre a caridade. Deveriam praticar melhor essa virtude evangélica para com o próximo.

“Volto ao meu assunto.

“Foi pelo estudo, pela meditação e sobretudo pela prática, que adquiri a prova de certos fatos físicos, até aqui encarados como sobrenaturais. É pelo fluido universal que se pode explicar os fenômenos do magnetismo. Esses fenômenos não podem mais ser contestados hoje; é graças ao mesmo fluido que o

Espírito transpõe o espaço, possui a dupla vista, é dotado da penetração etérea, à qual não poderia opor-se a opacidade dos corpos. Esses fenômenos não são senão a libertação momentânea do Espírito. É verdade que a incredulidade não quer admitir esses fenômenos, mas constatações autênticas e numerosas já não permitem pô-los em dúvida.

“Assim, as maravilhas de que acusam o magnetismo e o Espiritismo não passam, todas, de efeitos cuja causa reside nas leis da Natureza.

“E já que o Sr. Gabriel Rembault citou um artigo do jornal *Liberté*, eu me permito, por minha vez, citar uma passagem de um livro novíssimo – *A Razão do Espiritismo* – fruto de longos estudos de um honrado magistrado. Diz ele, na página 216:

“Alguma vez teria Deus derogado as leis que instituiu para levar sua obra a bom termo? Aquele que tudo previu não proveu a tudo? Como poderíeis pretender que a mediunidade, a comunicação dos Espíritos não seja conforme às leis da natureza do homem? E se a revelação é a conseqüência necessária da mediunidade, por que diríeis que é uma derrogação da lei de Deus, quando ela entraria ostensivamente nas vistas da Providência e da economia humana?

“Paro após esta citação. É um argumento no sentido oposto às idéias dos Sr. Gabriel Rembault, e que submeto à apreciação dos vossos leitores.

“Em resumo, estou de acordo com ele quando diz: ‘Paz às consciências! respeito às crenças do próximo!’

“Recebei, senhor Diretor, meus cumprimentos respeitosos.”

Florent Loth

Saint-Saulieu, 16 de janeiro de 1868

Ressalta do relato acima que o autor do artigo não conhecia uma palavra da Doutrina; como tantos outros, ele a julgava por ouvir dizer, sem se ter dado ao trabalho de ir ao fundo da questão e levantar o manto do ridículo, que a crença malévola ou mais ou menos interessada se deleitou em cobri-la. Fez como o macaco da fábula, que rejeitava a noz, porque apenas tinha mordido a casca verde. Se tivesse conhecido os seus primeiros elementos, não teria suposto os espíritas tão simplórios para serem na inteligência de uma mesa, como ele próprio não acredita na inteligência da pena que, em suas mãos, transmite os pensamentos de seu próprio espírito. Como ele, os espíritas não admitem que objetos materiais possam ser dotados da menor inteligência; mas, como ele, sem dúvida, admitem que esses mesmos objetos podem ser instrumentos a serviço de uma inteligência. O livro do Sr. Loth não o convenceu, mas lhe mostrou o lado sério e as tendências morais da doutrina, e isto lhe bastou para compreender que a coisa tinha algo bom e merecia ao menos o respeito devido às crenças do próximo. Deu prova de louvável imparcialidade, inserindo imediatamente a retificação que lhe foi dirigida pelo autor.

O que o tocou não foram os fatos de manifestação, dos quais aliás pouco se trata no livro, mas as tendências liberais e anti-retrógradas, o espírito de tolerância e de conciliação da Doutrina. Tal é, com efeito, a impressão que produzirá em todos os que se derem ao trabalho de a estudar. Sem aceitar a sua parte experimental que, para os espíritas, é a prova material da verdade de seus princípios, eles aí verão um poderoso auxiliar para a reforma dos abusos contra os quais se levantam todos os dias. Em vez de fanáticos de um novo gênero, verão em todos os espíritas, cujo número aumenta sem cessar, um exército que combate pelo mesmo objetivo, embora com outras armas. Mas, que lhes importam os meios, se o resultado é o mesmo?

Sua ignorância das tendências do Espiritismo é tal que nem mesmo sabem que é uma doutrina liberal, emancipadora da

inteligência, inimiga da fé cega, que vem proclamar a liberdade de consciência e o livre-exame como base essencial de toda crença séria. Não sabem sequer que foi o primeiro a inscrever em sua bandeira esta máxima imortal: *Fora da caridade não há salvação*, princípio de união e de fraternidade universais, único que pode pôr um termo aos antagonismos dos povos e das crenças; enquanto o crêem puerilmente absorvido com uma mesa que gira, não suspeitam que a criança deixou os brinquedos pela armadura, que cresceu e que agora abarca todas as questões que interessam ao progresso da Humanidade. Não falta aos seus adversários *desinteressados e de boa-fé* senão conhecê-lo, para o julgar de modo diverso por que o fazem. Se refletissem na rapidez de sua propagação, que nada pode entrar, chegariam à conclusão de que não pode ser o efeito de uma idéia completamente oca; e mesmo que encerrasse uma única verdade, se essa verdade é capaz de mexer em tantas consciências, merece ser levada em consideração; que se causa tanto pavor em certo mundo, é que não o consideram como uma fumaça inútil.

O artigo referido acima constata, além disso, um fato importante: é que a interdição lançada contra esse livrinho pelo clero do interior serviu para o propagar, o que não podia deixar de ocorrer, tão poderosa é a sedução do fruto proibido. Pensa o autor do artigo, e com razão, que se fosse condenado pela congregação do *Índex*, sediada em Roma, adquiriria uma notoriedade não pretendida pelo Sr. Loth. Ele ignora que as obras fundamentais da doutrina tiveram esse privilégio, e que foi graças aos raios lançados contra a Doutrina em nome desse *Índex* que esses livros foram procurados nos meios onde eram desconhecidos. Fizeram esta reflexão muito natural: quanto mais forte trovejam, mais importante a coisa devia ser; leram-nos primeiro por curiosidade; depois, como ali encontrassem coisas boas, os aceitaram. Isto pertence à História.

CARÁTER DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

Por Allan Kardec

Muitas pessoas consideraram o artigo publicado sob esse título em setembro de 1867 e que, completado, forma o primeiro capítulo de *A Gênese*, como adequado a dar a conhecer o verdadeiro caráter da Doutrina Espírita e, ao mesmo tempo, como uma refutação de certas críticas. Em consequência, elas pensavam que seria útil à propagação da idéia espalhar esse artigo. Para aquiescer ao seu desejo, fizemos uma tiragem à parte do primeiro capítulo de *A Gênese*, numa brochura que será entregue nas mesmas condições que a *Simples Expressão*⁹, isto é, a 15 c; pelo correio, 20 c. Dez exemplares em conjunto, 2 fr., ou 10 c. por exemplar; pelo correio, 2 fr. 60 c.

Tendo sofrido atraso, a tiragem desta brochura atualmente está terminada.

SEGUNDA EDIÇÃO DE A GÊNESE

Estando quase esgotada a primeira edição de *A Gênese*, neste momento procede-se à tiragem da segunda edição, na qual não foi feita nenhuma alteração.

Nota – Pela tarifa indicada no número de janeiro, para as despesas postais desta obra para o estrangeiro, as da Suíça foram, por equívoco, elevadas em 1 franco, conforme a antiga tarifa. Hoje não passam de 60 centavos.

OS PENSAMENTOS DO ZUAVO JACOB

1 volume in-12, de 220 páginas. Preço: 2 fr. 50 c.; pelo correio, 2 fr. 75 c.

9 **N. do T.**: Kardec se refere ao opúsculo *O Espiritismo na sua expressão mais simples*.

No editor, 70, rue Bonaparte, Paris.

Estando este número no prelo quando nos chegou o livro do Sr. Jacob, adiamos o seu comentário para o próximo número.

PSICHÉ

Giornale di Studi Psicologici

Publicato sotto la direzione del signor Pietro Cassella

Esse jornal circulará nos dias 1^o e 15 de cada mês, a partir de 1^o de março próximo, em Nápoles, 49, Cagliardi alle Pigne, 2^o piso. Preço: 6 fr. por ano; 3 francos por semestre.

Daremos mais detalhes no próximo número.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XI

MARÇO DE 1868

Nº 3

Comentários Sobre os Messias do Espiritismo

(Ver o número de fevereiro de 1868)

Tendo-nos sido dirigidas várias perguntas a respeito das comunicações sobre os messias, publicadas no último número da *Revista*, julgamos dever completá-las por alguns desenvolvimentos, que farão compreender melhor o seu sentido e o seu alcance.

1º – Como a primeira dessas comunicações recomendasse guardar segredo até nova ordem, embora a mesma coisa fosse ensinada em diferentes regiões, se não quanto à forma e as circunstâncias de detalhes, ao menos pelo fundo da idéia, perguntaram-nos se os Espíritos, num consentimento geral, tinham reconhecido a urgência desta publicação, o que teria uma significação de certa gravidade.

A opinião da maioria dos Espíritos é um poderoso controle para o valor dos princípios da Doutrina, mas não exclui o do julgamento e da razão, cujo uso sério todos os Espíritos recomendam. Quando o ensino se generaliza espontaneamente

sobre uma questão, num determinado sentido, é indício certo de que essa questão chegou ao seu tempo; mas a oportunidade, no caso de que se trata, não é uma questão de princípio e julgamos não dever esperar o conselho da maioria para esta publicação, já que a sua utilidade nos estava demonstrada. Seria puerilidade crer que, fazendo abnegação de nossa iniciativa, não obedecêssemos, como instrumento passivo, senão a um pensamento que se nos impunha.

A idéia da vinda de um ou de vários messias era mais ou menos geral, mas encarada sob pontos de vista mais ou menos errôneos, por força das circunstâncias de detalhes, contidos em certas comunicações, e de uma assimilação *demasiado literal*, por parte de alguns, com as palavras do Evangelho sobre o mesmo assunto. Esses erros podiam ter inconvenientes materiais, cujos sintomas já se faziam sentir; importava, pois, não deixar que se propagassem. Eis por que julgamos útil dar a conhecer o verdadeiro sentido no qual essa previsão era entendida pela maioria dos Espíritos, retificando, assim, pelo ensinamento geral, o que o ensino isolado podia ter de parcialmente defeituoso.

2º – Disseram que os messias do Espiritismo, vindo após a sua constituição, apenas secundário seria o seu papel, e se perguntaram se este era bem o caráter dos messias. Aquele que Deus encarrega de uma missão pode vir utilmente quando o objeto de sua missão está realizado? Não seria como se o Cristo tivesse vindo depois do estabelecimento do Cristianismo, ou como se o arquiteto encarregado da construção de uma casa chegasse quando esta estivesse construída?

A revelação espírita deveria realizar-se em condições diferentes de suas irmãs mais velhas, porque as condições da Humanidade não são as mesmas. Sem voltar ao que foi dito a respeito dos caracteres desta revelação, lembramos que em vez de ser individual, ela devia ser coletiva e, ao mesmo tempo, produto do ensino dos Espíritos e do trabalho inteligente do homem; não devia

ser localizada, mas fincar raízes simultaneamente em todos os pontos do globo. Esse trabalho se realiza sob a direção dos grandes Espíritos, que receberam *missão* de presidir à regeneração da Humanidade. Se não cooperam na obra como encarnados, nem por isso deixam de dirigir os trabalhos como Espíritos, como disso temos as provas. Seu papel de messias, portanto, não se apagou, pois que o realizam antes de sua encarnação e não é senão maior. Sua ação, como Espíritos, é mesmo mais eficaz, porque podem estendê-la a toda parte, ao passo que, como encarnados, é necessariamente circunscrita. Hoje eles fazem, como Espíritos, o que o Cristo fazia como homem: ensinam, mas pelas mil vozes da mediunidade; a seguir virão fazer, como homens, o que o Cristo não pôde fazer: instalar sua doutrina.

A instalação de uma doutrina chamada a regenerar o mundo não pode ser obra de um dia, e a vida de um homem não bastaria para isto. Primeiro é preciso elaborar os princípios ou, se se quiser, confeccionar o instrumento; depois limpar o terreno dos obstáculos e lançar os primeiros fundamentos. Que fariam esses Espíritos na Terra durante o trabalho, de certo modo material, de limpeza? Sua vida se consumiria nessa luta. Assim, eles virão mais utilmente quando a obra estiver elaborada e o terreno preparado; a eles, então, incumbirá pôr a última demão ao edifício e o consolidar; numa palavra, fazer frutificar a árvore que tiver sido plantada. Mas, enquanto esperam, não estão inativos: dirigem os trabalhadores. A encarnação não será, pois, senão uma fase de sua missão. Só o Espiritismo podia fazer compreender a cooperação dos Espíritos da erraticidade numa obra terrestre.

3º – Além disso, perguntaram se não seria para temer que o anúncio desses messias não tentassem alguns ambiciosos, que se atribuiriam pretensas missões, e realizariam esta predição: Haverá falsos cristos e falsos profetas?

A resposta disto é muito simples; está inteirinha no capítulo XXI de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Lendo esse capítulo, ver-se-á que o papel do falso cristo não é tão fácil quanto se poderia supor, porque aqui é o caso de dizer que o hábito não faz o monge. Em todos os tempos houve intriganes que se quiseram fazer passar por aquilo que não eram; sem dúvida podem imitar a forma exterior, mas, quando se trata de justificar o fundo, sucede com eles o que se dá com o jumento vestido com pele de leão.

Diz o bom-senso que Deus não pode escolher seus messias entre os Espíritos vulgares, mas entre os que sabe capazes de realizar seus desígnios. O que pretendesse ter recebido tal favor deveria, então, justificá-lo pela eminência de suas capacidades e de suas virtudes, e sua presunção seria o primeiro desmentido dado a essas mesmas virtudes. Que diriam de um versejador que se desse como o príncipe dos poetas? Dar-se por cristo ou messias seria dizer-se o homem mais virtuoso do Universo, e não se é virtuoso quando não se é modesto.

É verdade que a virtude é simulada pela hipocrisia; mas há uma coisa que desafia toda imitação: é o gênio, porque deve afirmar-se por obras positivas; quanto à virtude de fachada, é uma comédia que não se pode representar muito tempo sem se trair. Na primeira linha das qualidades morais que distinguem o verdadeiro missionário de Deus, deve-se colocar a humildade sincera, o devotamento sem limites e sem segundas intenções, o desinteresse material e moral absoluto, a abnegação da personalidade, virtudes pelas quais não brilham nem os ambiciosos, nem os charlatães, que, antes de tudo, buscam a glória ou o lucro. Podem ter inteligência e dela precisam para vencer pela intriga; mas não é essa inteligência que coloca o homem acima da Humanidade terrestre. Se o Cristo voltasse a encarnar na Terra, viria com todas as suas virtudes. Se, pois, alguém se desse por ele, deveria igualá-lo em tudo. Uma só qualidade de menos bastaria para desmascarar a impostura.

Assim como se reconhece a qualidade da árvore por seu fruto, o verdadeiro messias será reconhecido pela qualidade de suas obras, e não por suas pretensões. Não são os que se proclamam, porque, talvez, eles próprios se ignorem; vários estarão na Terra sem ter sido reconhecidos. É vendo o que terão sido e o que terão feito que os homens dirão, como disseram do Cristo: Aquele devia ser um messias.

Há cem pedras-de-toque para reconhecer os messias e os profetas de contrabando. A definição do caráter dos que são verdadeiros é antes feita para desencorajar os contrafactores, do que para os excitar a representar um papel que não têm força para desempenhar, e só lhes acarretaria dissabores. É, ao mesmo tempo, dar aos que tentassem abusar os meios de evitar serem vítimas de sua velhacaria.

4º – Parece que algumas pessoas temeram que a qualificação de *messias* espalhasse sobre a Doutrina um verniz de misticismo.

Para quem conhece a Doutrina, ela é, de ponta a outra, um protesto contra o misticismo, pois tende a reconduzir todas as crenças para o terreno positivo das leis da Natureza. Mas, entre os que não a conhecem, há pessoas para as quais tudo o que sai da humanidade tangível é místico. Não temos que nos preocupar com a sua opinião.

A palavra *messias* é empregada pelo Espiritismo em sua acepção literal de *mensageiro, enviado*, abstração feita da idéia de *redenção e de mistério*, particular aos cultos cristãos. O Espiritismo não tem que discutir esses dogmas, que não são de sua alçada; diz o sentido no qual emprega essa palavra, para evitar qualquer equívoco, deixando cada um crer conforme a sua consciência, que não procura perturbar.

Assim, para o Espiritismo, todo Espírito encarnado para cumprir uma missão especial junto à Humanidade é um *messias*, na acepção geral da palavra, isto é, um *missionário* ou *enviado*, com a diferença, entretanto, que o vocábulo *messias* implica mais particularmente a idéia de uma missão direta da Divindade e, conseqüentemente, a da superioridade do Espírito e da importância da missão. Daí se segue que há uma distinção a fazer entre os *messias* propriamente ditos, e os Espíritos *simples missionários*. O que os distingue é que, para uns, a missão ainda é uma prova, porque podem falir, enquanto para os outros é um atributo de sua superioridade. Do ponto de vista da vida corporal, os messias entram na categoria das encarnações ordinárias de Espíritos, e a palavra não tem qualquer caráter de misticismo.

Todas as grandes épocas de renovação viram aparecer messias encarregados de dar impulso ao movimento regenerador e o dirigir. Sendo a época atual uma das de maiores transformações da Humanidade, terá também os seus messias, que a presidem já como Espíritos, e terminarão sua missão como encarnados. Sua vinda não será marcada por nenhum prodígio, e Deus, para os tornar conhecidos, não perturbará a ordem das leis da Natureza. Nenhum sinal extraordinário aparecerá no céu, nem na Terra, e não serão vistos descendo das nuvens, acompanhados por anjos. Nascerão, viverão e morrerão como o comum dos homens, e sua morte não será anunciada ao mundo nem por terremotos, nem pelo obscurecimento do Sol; nenhum sinal exterior os distinguirá, assim como o Cristo, em vida, não se distinguia dos outros homens. Nada, pois, os assinalará à atenção pública, a não ser a grandeza de suas obras, a sublimidade de suas virtudes, e a parte ativa e fecunda que tomarão na fundação da nova ordem de coisas. A antiguidade pagã deles fez deuses; a História os colocará no Panteão dos grandes homens, dos homens de gênio, mas, sobretudo, entre os homens de bem, cuja memória será honrada pela posteridade.

Tais serão os messias do Espiritismo; grandes homens entre os homens, grandes Espíritos entre os Espíritos, marcarão sua passagem por prodígios da inteligência e da virtude, que atestam a verdadeira superioridade, muito mais que a produção de efeitos materiais que qualquer um pode realizar. Este quadro um pouco prosaico talvez faça cair algumas ilusões; mas é assim que as coisas se passarão, muito naturalmente, e os seus resultados não serão menos importantes por não serem rodeados das formas ideais e um tanto maravilhosas, com que certas imaginações se comprazem em os cercar.

Dissemos os *messias* porque, com efeito, as previsões dos Espíritos anunciam que haverá vários, o que nada tem de admirável, segundo o sentido ligado a essa palavra, e em razão da grandeza da tarefa, pois que se trata, não do adiantamento de um povo ou de uma raça, mas da regeneração da Humanidade inteira. Quantos serão? Uns dizem três, outros mais, outros menos, o que prova que a coisa está nos segredos de Deus. Um deles terá supremacia? É ainda o que pouco importa, o que até seria perigoso saber antecipadamente.

A vinda do Messias, como fato geral, está anunciada, porque era útil que dela se estivesse prevenido; é uma garantia do futuro e um motivo de tranqüilidade, mas as individualidades não devem revelar-se senão *por seus atos*. Se alguém deve abrigar a infância de um deles, o fará *inconscientemente*, como para o primeiro vindo; assisti-lo-á e o protegerá por pura caridade, sem a isto ser solicitado por um sentimento de orgulho, do qual talvez não pudesse defender-se, que mau grado seu resvalaria para o coração e lhe faria perder o fruto de sua ação. Seu devotamento talvez não fosse tão desinteressado moralmente quanto ele próprio o imaginasse.

Além disso, a segurança do predestinado exige que ele seja coberto por um véu impenetrável, porque ele terá seus

Herodes. Ora, um segredo só é bem guardado quando ninguém o conhece. Portanto, ninguém deve conhecer sua família, nem o lugar de seu nascimento, e os próprios Espíritos vulgares não sabem. Nenhum anjo virá anunciar sua vinda à sua mãe, porque esta não deve fazer diferença entre ele e os outros filhos; magos não virão adorá-lo em seu berço e lhe oferecer ouro e incenso, porque *ele não deve ser saudado senão quando tiver dado suas provas*. Será protegido pelos invisíveis, encarregados de velar por ele, e conduzido à porta onde deverá bater, e o dono da casa não reconhecerá aquele que receberá em seu lar.

Falando do novo Messias, disse Jesus: “Se alguém vos disser: o Cristo está aqui, ou está ali, não vades lá, porque lá não estará.” Deve-se, pois, desconfiar das falsas indicações que têm por fim *ludibriar*, com vistas a fazer procurá-lo onde ele não está. Uma vez que não é permitido aos Espíritos revelar o que deve ficar secreto, toda comunicação circunstanciada sobre este ponto deve ser tida por suspeita, ou como uma provação para quem a recebe.

Pouco importa, pois, o número dos messias; só Deus sabe o que é necessário. Mas o que é indubitável é que ao lado dos messias propriamente ditos, Espíritos superiores, em número *ilimitado*, encarnar-se-ão, ou já estão encarnados, com missões especiais, para os secundar. Surgirão em todas as classes, em todas as posições sociais, em todas as seitas e em todos os povos. Havê-los-á nas ciências, nas artes, na literatura, na política, nos chefes de estado, enfim por toda parte onde sua influência possa ser útil à difusão das idéias novas e às reformas que serão a sua consequência. A autoridade de sua palavra será maior ainda, porque fundada na estima e na consideração de que serão cercados.

Mas, interrogarão, nessa multidão de missionários de todas as categorias, como distinguir os messias? Que importa se os distinguirmos ou não? Eles não vêm à Terra para aí se fazerem adorar, nem para receber as homenagens dos homens. Não trarão, pois,

nenhum sinal na frente; mas, assim como pela obra se reconhece o artífice, dirão após a sua partida: Aquele que fez a maior quota de bem deve ser o maior.

Sendo o Espiritismo o principal elemento regenerador, importava que o instrumento estivesse pronto, quando vierem os que dele devem servir-se. É o trabalho que se realiza neste momento, e que os precede de pouco; mas, antes, é preciso que a grade tenha passado na terra para purgá-la das ervas parasitas que abafariam o bom grão.

É sobretudo o século vinte que verá florescerem os grandes apóstolos do Espiritismo, e que poderá ser chamado o século dos messias. Então a antiga geração terá desaparecido e a nova estará em toda a sua pujança; a Humanidade, livre de suas convulsões e formada de elementos novos ou regenerados, entrará definitivamente e pacificamente na fase do progresso moral, que deve elevar a Terra na hierarquia dos mundos.

Correspondência Inédita de Lavater

COM A IMPERATRIZ MARIA DA RÚSSIA

Os espíritas são numerosos em São Petersburgo e contam entre si homens sérios e esclarecidos, que compreendem o objetivo e o elevado alcance humanitário da doutrina. Um deles, que não tínhamos a honra de conhecer, houve por bem nos dirigir um documento, tanto mais precioso para a história do Espiritismo, quanto era desconhecido e toca nas mais altas regiões sociais. Eis o que diz o nosso honrado correspondente, na carta que nos enviou:

“A Biblioteca Imperial de São Petersburgo publicou, em 1858, num pequeno número de exemplares, uma coletânea de cartas inéditas do célebre fisionomista Lavater. Essas cartas, até então desconhecidas na Alemanha, foram dirigidas à imperatriz

Maria da Rússia, esposa de Paulo I e avó do imperador reinante. A leitura dessas cartas me impressionou pelas idéias filosóficas, eminentemente espíritas, que encerram, sobre as relações que existem entre o mundo visível e o mundo invisível, a mediunidade intuitiva e a influência dos fluidos que a produzem.

“Presumindo que estas cartas, provavelmente desconhecidas na França, poderiam interessar aos espíritas esclarecidos desse país, mostrando-lhes que suas convicções íntimas eram partilhadas pelo eminente filósofo suíço e por duas cabeças coroadas, tomo a liberdade, senhor, de vos remeter anexa a tradução quase literal dessas cartas, que talvez julgueis oportuno inserir em vossa sábia e tão interessante publicação mensal.

“Aproveito a ocasião, senhor, para vos exprimir os sentimentos de minha profunda e perfeita estima, partilhada pelos espíritas sinceros de todos os países, que sabem dignamente apreciar os serviços eminentes que o vosso zelo infatigável prestou ao desenvolvimento científico e à propagação da sublime e tão consoladora Doutrina Espírita. Esta terceira revelação terá por consequência a regeneração, o progresso moral e a consolidação da fé na pobre Humanidade, infelizmente extraviada, e que flutua entre a dúvida e a indiferença, em matéria de religião e de moral.”

W. de F.

Publicamos integralmente o manuscrito do Sr. de F. Sua extensão nos obriga a dele fazer objeto de três artigos.

PREÂMBULO

No castelo do grão-duque de Pawlowsk, situado a vinte e quatro quilômetros de Petersburgo, onde o imperador Paulo da Rússia passou os mais felizes anos de sua vida, e que, em consequência, tornou-se a residência favorita da imperatriz Maria, sua augusta viúva, verdadeira benfeitora da humanidade sofredora,

acha-se uma seleta biblioteca, fundada pelo casal imperial, na qual, entre muitos tesouros científicos e literários, se encontra um pacote de cartas do próprio punho de Lavater, que ficaram desconhecidas dos biógrafos do célebre fisionomista.

Estas cartas são datadas de Zurique, em 1798. Dezesseis anos antes, Lavater tivera oportunidade, naquela cidade e em Schaffouse, de conhecer o conde e a condessa do Nord (título sob o qual o grão-duque da Rússia e sua esposa viajavam pela Europa), e, de 1796 a 1800, ele mandara à Rússia, endereçada à imperatriz Maria, reflexões sobre a fisionomia, às quais juntava cartas, tendo por objetivo descrever o estado da alma depois da morte.

Nessas cartas, Lavater toma como ponto de partida que uma alma, tendo deixado seu corpo, inspira suas idéias a um homem de sua escolha, apto para a luz (*lichtfaehing*) e lhe faz escrever cartas dirigidas a um amigo que ficou na Terra, para o instruir sobre o estado em que ela se encontra.

Estas cartas inéditas de Lavater foram descobertas durante uma verificação na biblioteca grão-ducal, pelo doutor Minzloff, bibliotecário da biblioteca imperial de Petersburgo, e por ele postas em ordem. Com a autorização do detentor atual do castelo de Pawlowsk, Sua Alteza Imperial o grão-duque Constantino, e sob os auspícios esclarecidos do barão de Korff, atualmente membro do conselho do império, antigo diretor-chefe dessa biblioteca, que lhe deve seus mais notáveis melhoramentos, elas foram publicadas em 1858, em Petersburgo, sob o título: *Johann-Kaspar Lavater's briefe, an die Kaiserin Maria Feodorowna, gemahlin kaïser Paul I von Russland* (Cartas de João Gaspar Lavater à imperatriz Maria Feodorowna, esposa do imperador Paulo I da Rússia). Essa carta foi impressa por conta da biblioteca imperial e oferecida em homenagem ao senado da Universidade de Iena, por ocasião do 300º aniversário de sua fundação.

Essas cartas, em número de seis, apresentam o mais alto interesse, por provarem positivamente que as idéias espíritas e, notadamente, a possibilidade das relações entre o mundo espiritual e o mundo material, já germinavam na Europa há bem setenta anos, e que não só o célebre fisionomista tinha convicção dessas relações, mas era ele próprio o que no Espiritismo se chama médium intuitivo, isto é, um homem que recebia por intuição as idéias dos Espíritos e transcrevia suas comunicações. As cartas de um amigo morto, que Lavater juntara às suas, são eminentemente espíritas. Elas desenvolvem e esclarecem de maneira tão engenhosa quanto espiritual, as idéias fundamentais do Espiritismo, e vêm apoiar tudo o que esta doutrina oferece de mais racional, de mais profundamente filosófico, religioso e consolador para a Humanidade. As pessoas que não conhecem o Espiritismo poderão supor que essas cartas de um Espírito ao seu amigo da Terra não passam de uma forma poética, que Lavater dá às suas próprias idéias espiritualistas; mas os que são iniciados nas verdades do Espiritismo as encontrarão nessas comunicações, tais como foram e ainda são dadas pelos Espíritos, por meio de diferentes médiuns intuitivos, audientes, escreventes, falantes, extáticos, etc. Não é natural supor que Lavater tenha podido conceber ele próprio e expor com tão grande lucidez e tanta precisão, idéias abstratas e tão elevadas sobre o estado da alma após a morte, e seus meios de comunicação com os Espíritos encarnados, isto é, os homens. Essas idéias não podiam provir senão dos próprios Espíritos desencarnados. É incontestável que um deles, tendo guardado sentimentos de afeição por um amigo ainda habitante da Terra, lhe deu, por intermédio de um médium intuitivo (talvez o próprio Lavater fosse esse amigo), noções sobre esse assunto, para o iniciar nos mistérios do túmulo, na medida do que é permitido a um Espírito desvendar aos homens, e que estes estejam em estado de compreender.

Damos aqui a tradução exata das cartas de Lavater, escritas em alemão, bem como das comunicações de além-túmulo,

que dirigia à imperatriz Maria, conforme o desejo que esta havia manifestado, de conhecer as idéias do filósofo alemão sobre o estado da alma após a morte do corpo.

PRIMEIRA CARTA

Sobre o Estado da Alma Após a Morte

Idéias Gerais

Mui venerada Maria da Rússia!

Dignai-vos conceder-me permissão para não vos dar o título de majestade, que vos é devido da parte do mundo, mas que não se harmoniza com a santidade do assunto que desejastes que eu vos entretivesse, e a fim de vos poder escrever com franqueza e inteira liberdade.

Desejais conhecer algumas das minhas idéias sobre o estado das almas após a morte.

A despeito do pouco que é dado saber sobre isto ao mais douto entre nós, já que nenhum dos que partiram para o país desconhecido de lá voltou, o homem pensante, o discípulo dAquele que do céu desceu entre nós, está, no entanto, em condições de dizer, sobre isto, tanto quando nos é necessário saber para nos encorajar, nos tranqüilizar e nos fazer refletir.

Desta vez limitar-me-ei a vos expor, a respeito, algumas das idéias mais gerais.

Penso que deve existir uma grande diferença entre o estado, a maneira de pensar e de sentir de uma alma separada de seu corpo material, e o estado no qual se encontrava durante sua união com este último. Essa diferença deve ser, no mínimo, tão grande quanto a que existe entre o estado de um recém-nascido e o de uma criança vivendo no seio materno.

Estamos ligados à matéria, e são os nossos sentidos e os nossos órgãos que dão à nossa alma as percepções e o entendimento.

Conforme a diferença que exista entre a construção do telescópio, do microscópio e dos óculos, de que se servem os nossos olhos para ver, os objetos que olhamos por seu intermédio nos aparecem sob uma forma diferente. Nossos sentidos são os telescópios, os microscópios e os óculos necessários à nossa vida atual, que é uma vida material.

Creio que o mundo visível deve desaparecer para a alma separada de seu corpo, assim como lhe escapa durante o sono. Ou então o mundo, que a alma entrevia durante sua existência corporal, deve aparecer à alma desmaterializada sob um aspecto completamente diverso.

Se, durante algum tempo, ela pudesse ficar sem corpo, o mundo material não existiria para ela. Mas se ela for, logo depois de haver deixado o seu corpo – o que acho muito verossímil – provida de *um corpo espiritual, que teria retirado do seu corpo material*, o novo corpo lhe dará indispensavelmente uma percepção muito diferente das coisas. Se, o que facilmente pode acontecer às almas impuras, esse corpo ficasse, durante algum tempo, imperfeito e pouco desenvolvido, todo o Universo apareceria à alma num estado de perturbação, como se fosse visto através de um vidro fosco.

Mas se o corpo espiritual, *o condutor e o intermediário de suas novas impressões*, fosse ou se tornasse mais desenvolvido ou mais bem organizado, o mundo da alma lhe pareceria, conforme a natureza e as qualidades de sua harmonia e de sua perfeição, mais regular e mais belo.

Os órgãos se simplificam, adquirem harmonia entre si e são mais apropriados à natureza, ao caráter, às necessidades e às forças da alma, conforme ela se concentre, se enriqueça e se depure

aqui na Terra, perseguindo um só objetivo e agindo num sentido determinado. Existindo na Terra, a alma *aperfeiçoa, ela mesma, as qualidades do corpo espiritual*, do veículo no qual continuará a existir após a morte de seu corpo material, e que lhe servirá de órgão para conceber, sentir e agir em sua nova existência. Esse novo corpo, apropriado à sua natureza íntima, a tornará pura, amante, vivaz e apta a mil belas sensações, impressões, contemplações, ações e gozos.

Tudo o que se pode, e tudo o que ainda não podemos dizer sobre o estado da alma após a morte, sempre se baseará neste único axioma, permanente e geral: *O homem recolhe o que semeou.*

É difícil encontrar um princípio mais simples, mais claro, mais abundante e mais próprio a ser aplicado a todos os casos possíveis.

Existe uma lei geral da Natureza, estreitamente ligada, mesmo idêntica, ao princípio acima mencionado, concernente ao estado da alma após a morte, uma lei equivalente em todos os mundos, em todos os estados possíveis, no mundo material e no mundo espiritual, visível e invisível, a saber:

“O que se assemelha tende a se reunir. Tudo o que é idêntico se atrai reciprocamente, se não existirem obstáculos que se oponham a sua união.”

Toda a doutrina sobre o estado da alma após a morte é baseada neste simples princípio. Tudo quanto chamamos ordinariamente: julgamento prévio, compensação, felicidade suprema, danação, pode ser explicado desta maneira: *“Conforme semeaste o bem em ti mesmo, nos outros e fora de ti, pertencerás à sociedade dos que, como tu, semearam o bem em si mesmos e fora de si; gozarás da amizade daqueles com os quais te assemelhaste em sua maneira de semear o bem.”*

Cada alma separada de seu corpo, livre das cadeias de matéria, aparece a si mesma tal qual é na realidade. Todas as ilusões, todas as seduções que a impedem de se reconhecer e de ver suas forças, suas fraquezas e seus defeitos desaparecerão. Experimentará uma tendência irresistível para se dirigir às almas que se lhe assemelham e afastar-se das que lhe são desiguais. Seu próprio peso interior, como obedecendo à lei da gravitação, a atrairá para abismos sem fundo (pelo menos é assim que lhe parecerá); ou, então, conforme o grau de sua pureza, ela se precipitará nos ares, como uma fagulha levada por sua leveza, e passará rapidamente pelas regiões luminosas, fluídicas e etéreas.

A alma se dá a si mesma um peso que lhe é próprio, por seu sentido interior; seu estado de perfeição a impele para frente, para trás ou para o lado; seu próprio caráter, moral ou religioso, lhe inspira certas tendências particulares. O bom se elevará para os bons; a necessidade que sente do bem o atrairá para eles. O mau é forçosamente impelido para os maus. A queda precipitada das almas grosseiras, imorais e irreligiosas para as almas que se lhes assemelham, será também tão rápida e inevitável quanto a queda de uma bigorna num abismo, quando nada a detém.

Por ora é bastante.

João Gaspar Lavater

Zurique, 1^o de agosto de 1798

(Com a permissão de Deus, continua semanalmente.)

SEGUNDA CARTA

As necessidades experimentadas pelo espírito humano, durante *seu exílio no corpo material, continuam as mesmas, logo depois que o deixou*. Sua felicidade consistirá na possibilidade de poder satisfazer suas necessidades espirituais; sua danação, na impossibilidade de poder satisfazer seus apetites carnis, num mundo menos material.

As necessidades não satisfeitas constituem a danação; sua satisfação constitui a felicidade suprema.

Gostaria de dizer a cada homem: “Analisa a natureza de tuas necessidades; dá-lhes o seu verdadeiro nome; pergunta a ti mesmo: são admissíveis num mundo menos material? Podem aí encontrar sua satisfação? E se, verdadeiramente, aí pudessem ser contentadas, seriam as que um Espírito intelectual e imortal possa honestamente confessar e desejar a sua satisfação, sem sentir uma profunda vergonha diante de outros seres intelectuais e imortais como ele?”

A necessidade que sente a alma de satisfazer as aspirações espirituais de outras almas imortais; de lhes proporcionar os puros deleites da vida, de lhes inspirar a segurança de sua existência após a morte, de cooperar assim no grande plano da sabedoria e do amor supremos, o progresso adquirido por essa nobre atividade, tão digna do homem, assim como o desejo desinteressado do bem, dão às almas humanas a aptidão, e, portanto, o *direito* de serem recebidas nos grupos e nos círculos de Espíritos mais elevados, mais puros, mais santos.

Mui veneranda imperatriz, quando temos a íntima persuasão de que a necessidade mais natural e, no entanto, muito rara, que possa nascer numa alma imortal: a de Deus, a necessidade de dele se aproximar cada vez mais, sob todos os respeitos e de se assemelhar ao Pai invisível de todas as criaturas, é uma vez tornada predominante em nós, oh! então não devemos experimentar o menor receio concernente ao nosso estado futuro, quando a morte nos tiver desembaraçado de nosso corpo, esse muro espesso que nos ocultava Deus. Esse corpo material, que nos separava dele, está caído, e o véu que nos escondia a vista do mais santo dos santos está rasgado. O Ser adorável, que amávamos acima de tudo, com todas as suas graças resplandecentes, terá então livre acesso em nossa alma dele faminta e o recebendo com alegria e amor.

Logo que o amor sem limites por Deus tiver triunfado em nossa alma, em conseqüência dos esforços que ela tiver feito para dele se aproximar e a ele se parecer em seu amor vivificante da Humanidade, e por todos os meios que tinha em seu poder, essa alma, desembaraçada de seu corpo, passando necessariamente por muitos degraus para se aperfeiçoar sempre mais, subirá com uma facilidade e uma rapidez espantosas para o objeto de sua mais profunda veneração e seu amor ilimitado, para a fonte inesgotável e a única suficiente para a satisfação de todas as suas necessidades, de todas as suas aspirações.

Nenhum olho fraco, doente ou velado está em condições de olhar o Sol de frente; do mesmo modo, nenhum Espírito não depurado, ainda envolto no nevoeiro grosseiro de uma vida exclusivamente material, mesmo no momento de sua separação do corpo, não estaria em condições de suportar a vista do mais puro sol dos Espíritos, em sua claridade resplandecente, seu símbolo, seu foco, de onde escapam essas ondas de luz, que penetram mesmo os seres finitos do sentimento de sua infinidade.

Quem melhor que vós, senhora, sabe que os bons não são atraídos senão pelos bons! Que só as almas elevadas sabem fruir da presença de outras almas de escol! Todo homem que conhece a vida e os homens, aquele que muitas vezes foi obrigado a encontrar-se na companhia desses lisonjeadores desonestos, efeminados, baldos de caráter, sempre apressados em revelar e fazer valer a palavra mais insignificante, a menor alusão daqueles cujo favor disputam, ou então desses hipócritas, que procuram astuciosamente penetrar as idéias alheias, para em seguida as interpretar num sentido absolutamente contrário, aquele, digo eu, deve saber quanto essas almas vis e escravas se embaraçam subitamente a uma simples palavra pronunciada com firmeza e dignidade; quanto um só olhar severo os confunde, fazendo-lhes sentir profundamente que são conhecidos e julgados em seu justo valor! Como então se lhes torna penoso suportar a presença de um

homem honesto! Nenhuma alma manhosa e hipócrita é feliz ao contato de uma alma proba e enérgica, que a penetre. Cada alma impura, tendo deixado o seu corpo, deve, segundo sua natureza íntima, como impulsionada por uma força oculta e invencível, fugir à presença de todo ser puro e luminoso, para lhe ocultar, tanto quanto possível, a vista de suas numerosas imperfeições, que não está em estado de ocultar a si própria, nem aos outros.

Mesmo que não tivesse sido escrito: *“Ninguém, sem ser depurado, poderá ver o Senhor”*, estaria perfeitamente na ordem das coisas. Uma alma impura se acha numa impossibilidade absoluta de entrar em qualquer relação com uma alma pura, nem de sentir por ela a menor simpatia. Uma alma assustada pela luz não pode, por isto mesmo, ser atraída para a fonte da luz. A claridade, privada de toda obscuridade, deve queimá-la como um fogo devorador.

E quais são as almas, senhora, que chamamos impuras? Penso que são aquelas nas quais o desejo de se depurarem, de se corrigirem e de se aperfeiçoarem jamais predominou. Penso que são aquelas que não estão submetidas ao princípio elevado do desinteresse em todas as coisas; as que se elegem como centro único de todos os seus desejos e de todas as suas idéias; as que se olham como o objeto de tudo o que está fora delas, que não buscam senão o meio de satisfazer suas paixões e seus sentidos; enfim, aquelas nas quais reinam o egoísmo, o orgulho, o amor-próprio e o interesse pessoal, que querem servir a dois mestres que se contradizem, e isto simultaneamente.

Penso que semelhantes almas, após a separação de seus corpos, devem achar-se no miserável estado de uma horrível contemplação de si mesmas; ou então, o que dá no mesmo, do desprezo profundo que sentem por si próprias, e serem arrastadas por uma força irresistível para a horrorosa sociedade de outras almas egoístas, condenando-se elas próprias incessantemente.

É o egoísmo que produz a impureza da alma e a faz sofrer. Ele é combatido em todas as almas humanas por alguma coisa que lhe é contrário, algo de puro, de divino: o sentimento moral. Sem esse sentimento, o homem não é capaz de nenhum prazer moral, de nenhuma estima, de nenhum desprezo por si mesmo, não compreendendo nem o céu, nem o inferno. Esta luz divina lhe torna insuportável toda obscuridade que descobre em si, e é a razão pela qual as almas delicadas, as que possuem o senso moral, sofrem mais cruelmente quando o egoísmo delas se apodera e subjuga esse sentimento.

Da concordância e da harmonia que subsistem no homem, entre ele próprio e a sua lei interior, dependem a sua pureza, a sua aptidão para receber a luz, sua felicidade, seu céu, seu Deus. Seu Deus lhe parece na sua semelhança consigo mesmo. Àquele que sabe amar, Deus aparece como o supremo amor, sob mil formas amantes. Seu grau de felicidade e sua aptidão a tornar felizes os outros são proporcionados ao princípio do amor que nele reina. Aquele que ama com desinteresse fica em harmonia incessante com a fonte de todo amor e com todos os que aí bebem o amor.

Tratemos de conservar em nós o amor em toda a sua pureza, senhora, e seremos sempre arrastados por ele para as almas mais amantes. Purifiquemo-nos todos os dias, cada vez mais, das manchas do egoísmo, e, então ainda que tivéssemos de deixar este mundo hoje mesmo ou amanhã, devolvendo à terra o nosso invólucro mortal, nossa alma tomará o seu vôo com a rapidez do relâmpago para o modelo de todos os que amam, e se reunirá a eles com uma felicidade inexprimível.

Nenhum de nós pode saber em que se tornará sua alma após a morte do corpo e, no entanto, estou plenamente persuadido de que o amor depurado deve necessariamente dar ao nosso Espírito, liberto do corpo, uma liberdade sem limites, uma

existência cêntupla, um gozo contínuo de Deus, e um poder ilimitado para tornar felizes todos os que estão aptos para desfrutar da felicidade suprema.

Oh! como é incomparável a liberdade moral do Espírito despojado de seu corpo! com que leveza a alma do ser amante, cercada de uma luz resplandecente, efetua a sua ascensão! Como a ciência infinita, como a força de se comunicar aos outros, se tornam o seu apanágio! Quanta luz jorra dela mesma! Que vida anima todos os átomos de que é formada! Torrentes de gozos se lançam de todos os lados ao seu encontro, para satisfazer suas necessidades mais puras e mais elevadas! Legiões inumeráveis de seres amantes lhe estendem os braços! Vozes harmoniosas se fazem ouvir nesses coros numerosos e radiantes de alegria e lhe dizem: “Espírito de nosso Espírito! Coração de nosso coração! Amor bebido na fonte de todo amor! Alma amante, tu nos pertences a nós todos, e nós somos todos de ti! Cada um de nós é teu e tu pertences a cada um de nós. Deus é amor e Deus é nosso. Estamos todos cheios de Deus e o amor encontra sua felicidade na felicidade de todos.”

Desejo ardentemente, mui venerada imperatriz, que vós, vosso nobre e generoso esposo, o imperador, tão voltados um e outro para o bem, e eu convosco, jamais possamos nos tornar estranhos ao amor que é Deus e homem ao mesmo tempo; que nos seja concedido nos prepararmos para os gozos, por nossas ações, nossas preces e nossos sofrimentos, aproximando-nos daquele que se deixou pregar na cruz do Gólgota.

João Gaspar Lavater

Zurique, 18 de agosto de 1798

(Continua proximaamente, se Deus o permitir.)

Já se pode ver em que ordem de idéias Lavater escrevia à imperatriz Maria, e até que ponto possuía a intuição dos

princípios do Espiritismo moderno. Poder-se-á julgá-lo melhor ainda pelo complemento dessa correspondência notável. Esperando as reflexões com que a seguiremos, cremos dever, desde já, fazer notar um fato importante: é que para sustentar uma correspondência sobre semelhante assunto com a imperatriz, era preciso que esta partilhasse dessas idéias, e várias circunstâncias não permitem duvidar que o mesmo se passava com o czar, seu esposo. Era a pedido dela, ou melhor, a pedido de ambos, que Lavater escrevia, e o tom de suas cartas prova que ele se dirigia a pessoas convictas. Como se vê, as crenças espíritas, nas altas regiões, não datam de hoje. Aliás, pode-se ver, na Revista de abril de 1866, o relato de uma aparição tangível de Pedro, o Grande, a esse mesmo Paulo I.

Lidas na Sociedade de Paris, as cartas de Lavater provocaram uma conversação a propósito. Paulo I, sem dúvida atraído pelo pensamento que na ocasião lhe era dirigido, manifestou-se espontaneamente e sem evocação, por um dos médiuns, ao qual ditou a seguinte comunicação.

(Sociedade de Paris, 7 de fevereiro de 1868 – Médiun: Sr. Leymarie)

O poder é coisa pesada, e os aborrecimentos que deixa impressionam dolorosamente a nossa alma! Os dissabores são contínuos; é preciso conformar-se aos hábitos, às velhas instituições, ao preconceito, e Deus sabe quanta resistência é necessária para se opor a todos os apetites que vêm bater no trono, como ondas tumultuosas. Assim, que felicidade quando, deixando um instante essa túnica de Nessus, chamada realza, a gente possa recolher-se a um lugar pacífico, a fim de poder repousar em paz, longe do ruído e do tumulto das ambições!

Minha cara Maria gostava da calma. Natureza sólida, doce, resignada, amante, teria preferido o esquecimento das grandezas para se dedicar completamente à caridade, para estudar

as altas questões filosóficas que eram da alçada de suas faculdades. Como ela, eu gostava desses recreios intelectuais; eram um bálsamo para as minhas feridas de soberano, uma força nova para me guiar no dédalo da política européia.

Lavater, esse grande coração, esse grande Espírito, esse irmão predestinado, nos iniciava em sua sublime doutrina; suas cartas, que hoje possuí, eram por nós esperadas com ansiedade febril. Tudo o que elas encerram eram a miragem dos nossos ideais pessoais; líamos essas cartas queridas com uma alegria infantil, felizes por depor a nossa coroa, a sua gravidade, a sua etiqueta, para discutir os direitos da alma, sua emancipação e seu curso divino para o eterno.

Todas essas questões, hoje muito ardentes, nós as aceitamos há setenta anos; elas faziam parte de nossa vida, de nosso repouso. Muitos efeitos estranhos, aparições e ruídos tinham fortificado a nossa opinião a esse respeito. A imperatriz Maria via e ouvia os Espíritos; por eles ela tinha sabido dos acontecimentos passados a grandes distâncias. Um príncipe Lopoukine, morto em Kiew, a várias centenas de léguas, tinha vindo nos anunciar a sua morte, os incidentes que tinham precedido a sua partida, a expressão de suas últimas vontades. A imperatriz tinha escrito, ditado pelo Espírito Lopoukine, e só vinte dias depois se ficou sabendo na corte de todos os detalhes que possuíamos. Foram para nós uma confirmação estrondosa, e também a prova de que Lavater e nós éramos iniciados nas grandes verdades.

Hoje, conhecemos melhor, por vós, a Doutrina cuja base alargastes. Viremos vos pedir alguns instantes e vos agradecer antecipadamente, se vos dignardes escutar Maria da Rússia e aquele que teve o privilégio de a ter por companheira.

Flageolet

ESPÍRITO MISTIFICADOR

O fato seguinte nos é relatado por um dos nossos correspondentes de Maine-et-Loire, o Sr. doutor E. Champneuf. Embora em si mesmo o fato não saia do círculo dos fenômenos conhecidos de manifestações físicas, é instrutivo no sentido de provar, uma vez mais, a diversidade dos tipos que se encontram no mundo invisível, e que, aí entrando, certos Espíritos não se despojam imediatamente de seu caráter. É o que se ignorava, antes que o Espiritismo nos tivesse posto em relação com os habitantes desse mundo. Eis o relato que nos é dirigido:

“Permiti-me vos dar a conhecer um fato bastante curioso, não de um transporte, mas de uma subtração por um Espírito, produzida há oito dias em nosso meio.

Há um Espírito, freqüentador do nosso grupo de Saumur há vários anos, que, desde algum tempo, se fez ainda mais familiar do nosso grupo de Vernantes. Disse chamar-se Flageolet; mas nosso médium, pelo qual se fez reconhecer, e que, com efeito, o conheceu quando vivia neste mundo, nos disse que ele tinha o nome de Biron, violinista, muito corajoso, boêmio, correndo tabernas onde fazia dançar. É um Espírito leviano, mistificador, mas não é mau.

Assim, Flageolet instalou-se em casa de meu irmão, onde ocorrem nossas sessões. E os almoços e jantares são alegrados pelas árias tocadas, que lhe pedem ou não, feliz quando os copos e os pratos não são derrubados por seus gracejos deveras escandalosos.

Há oito dias meu irmão, que fuma bastante, tinha, como de ordinário, sua tabaqueira ao seu lado, sobre a mesa e, como também de costume, Flageolet assistia ao jantar de família.

Após algumas árias e marchas, o Espírito se pôs a tocar a ária: *Tenho bom tabaco em minha tabaqueira*. Nesse momento meu irmão procurou a sua, que não estava mais ao seu lado; relanceou o olhar em torno de si, remexeu os bolsos, nada. A mesma ária continua com mais animação; ele se levanta, explora a mesinha da chaminé, os móveis, leva as investigações até os cômodos vizinhos e a ária da tabaqueira, cantada com mais vigor, o persegue com redobrada zombaria, à medida que ele se afasta e se anima em suas buscas. Se se aproxima da chaminé, as batidas tornam-se mais fortes e mais precipitadas. Enfim o procurador, irritado com essa harmonia impiedosa, pensa em Flageolet e lhe diz: – Foste tu que pegaste minha tabaqueira? – Sim. – Queres ma devolver? – Sim. – Pois bem! fala.

Tomaram o alfabeto e um lápis e o Espírito dita: ‘Eu a pus no fogo.’ Remexem as cinzas muito quentes e ali encontram, no fundo da lareira, a tabaqueira, cujo pó estava calcinado.

Todos os dias há alguma surpresa de sua parte ou algum truque à sua maneira. Há três dias ele nos deu a conhecer o conteúdo de um cesto bem amarrado, que acabava de chegar.

“Ontem à noite, era uma nova malícia contra meu irmão. Este, durante o dia, entrando em casa procura o boné que usa no interior e, não o encontrando, decide não pensar mais no caso. À noite, Flageolet, sem dúvida aborrecido de tocar suas árias sem que lhe dessem atenção, e sem que pensassem em o interrogar, pediu para escrever. Pusemo-nos à sua disposição e ele ditou:

“– Eu surrupiei teu barrete. – Queres dizer onde está? – Sim. – Onde o colocaste? – Eu o dei a Napoleão.

“Persuadidos de que era uma brincadeira do Espírito, perguntamos: – Qual? – O teu.

“Desde alguns anos há uma estátua de Napoleão I, de médio porte, na sala onde se realizam as nossas sessões. Dirigimo-nos para a estátua, lâmpada na mão, e encontramos o boné desaparecido, que recobria o pequeno chapéu histórico.”

Observação – Tudo, no Espiritismo, é assunto de estudo para o observador sério; fatos aparentemente insignificantes têm sua causa e esta causa pode ligar-se aos mais importantes princípios. As grandes leis da Natureza não se revelam no menor inseto, como no animal gigantesco? no grão de areia que cai, como no movimento dos astros? O botânico despreza uma flor porque é humilde e sem brilho? Dá-se o mesmo na ordem moral, onde tudo tem o seu valor filosófico, como na ordem física tudo tem o seu valor científico.

Enquanto certas pessoas não verão no fato acima relatado senão uma coisa curiosa, divertida, um assunto de distração, outros aí verão uma aplicação da lei que rege a marcha progressiva dos seres inteligentes e colherão um ensinamento. Sendo o mundo invisível o meio onde fatalmente desemboca a Humanidade, nada do que pode ajudar a torná-lo conhecido poderia ser indiferente. *O mundo corporal e o mundo espiritual, desaguando incessantemente um no outro, pelas mortes e pelos nascimentos, se explicam um pelo outro.* Eis uma das grandes leis reveladas pelo Espiritismo.

O caráter desse Espírito não é o de uma criança travessa? Entretanto, em vida era um homem feito e mesmo de certa idade. Então alguns Espíritos retornariam crianças? Não; o Espírito realmente adulto não volta atrás, como o rio não remonta à sua fonte. Mas a idade do corpo não é absolutamente um índice da idade do Espírito. Como é necessário que todos os Espíritos que se encarnam passem pela *infância corporal*, resulta que em corpos de crianças se encontram, forçosamente, Espíritos adiantados. Ora, se esses Espíritos morrem prematuramente, revelam sua

superioridade desde que se despojaram de seu envoltório. Pela mesma razão, um Espírito jovem, espiritualmente falando, não podendo chegar à maturidade no curso de uma existência, que é menos que uma hora em relação à vida do Espírito, um corpo adulto pode encerrar um Espírito criança, pelo caráter e pelo desenvolvimento moral.

Flageolet pertencia incontestavelmente a esta última categoria de Espíritos; avançará mais rapidamente que outros, porque apenas tem em si a leviandade, e no fundo não é mau. O meio sério no qual se manifesta, o contato de homens esclarecidos amadurecerão suas idéias; sua educação é uma tarefa que lhes incumbe, ao passo que nada ganharia com pessoas fúteis, que se teriam divertido com suas facécias, como com as de um palhaço.

Ensaio Teórico das Curas Instantâneas

De todos os fenômenos espíritas, um dos mais extraordinários é, sem contradita, o das curas instantâneas. Compreende-se as curas produzidas pela ação continuada de um bom fluido; mas se pergunta como esse fluido pode operar uma transformação súbita no organismo e, sobretudo, por que o indivíduo que possui essa faculdade não tem acesso sobre todos os que são atingidos pela mesma doença, admitindo que haja especialidades. A simpatia dos fluidos é uma razão, sem dúvida, mas que não satisfaz completamente, porque nada tem de positivo, nem de científico. Entretanto, as curas instantâneas são um fato, que não poderia ser posto em dúvida. Se não se tivesse em apoio senão exemplos dos tempos recuados, poder-se-ia, com alguma aparência de fundamento, considerá-los como lendários, ou, pelo menos, como amplificados pela credulidade; mas quando os mesmos fenômenos se reproduzem aos nossos olhos, no século mais céptico, a respeito das coisas sobrenaturais, a negação já não é possível, e se é forçado a neles ver, não um efeito miraculoso, mas

um fenômeno que deve ter sua causa nas leis da Natureza, ainda desconhecidas.

A explicação seguinte, deduzida das indicações fornecidas por um médium em estado de sonambulismo espontâneo, está baseada em considerações fisiológicas, que nos parecem projetar luz nova sobre a questão. Ela foi dada por ocasião de uma pessoa atingida por graves enfermidades, e que perguntava se um tratamento fluídico lhe poderia ser salutar.

Por mais racional que nos pareça esta explicação, não a damos como absoluta, mas a título de hipótese e como tema de estudo, até que tenha recebido a dupla sanção da lógica e da opinião geral dos Espíritos, único controle válido das doutrinas espíritas, e que pode assegurar a sua perpetuidade.

Na medicação terapêutica são necessários remédios apropriados ao mal. Não podendo o mesmo remédio ter virtudes contrárias: ser, ao mesmo tempo, estimulante e calmante, muito picante e refrescante, não pode convir a todos os casos. É por isto que não existe um remédio universal.

Dá-se o mesmo com o fluido curador, verdadeiro agente terapêutico, cujas qualidades variam conforme o temperamento físico e moral dos indivíduos que o transmitem. Há fluidos que superexcitam e outros que acalmam, fluidos duros e outros suaves e de muitas outras nuanças. Segundo as suas qualidades, o mesmo fluido, como o mesmo remédio, poderá ser salutar em certos casos, ineficaz e mesmo nocivo em outros; de onde se segue que a cura depende, em princípio, da apropriação das qualidades do fluido à natureza e à causa do mal. Eis o que muitas pessoas não compreendem e porque se admiram que um curador não cure todos os males. Quanto às circunstâncias que influem sobre as qualidades intrínsecas dos fluidos, foram suficientemente desenvolvidas no capítulo XIV de *A Gênese*, sendo supérfluo aqui as lembrar.

A esta causa inteiramente física das não-curas, deve-se acrescentar uma, toda moral, que o Espiritismo nos dá a conhecer. É que a maioria das doenças, como todas as misérias humanas, são expiações do presente ou do passado, ou provas para o futuro; são dívidas contraídas, cujas conseqüências devem ser sofridas, até que tenham sido saldadas. Aquele, pois, que deve suportar sua provação até o fim não pode ser curado. Este princípio é um motivo de resignação para o doente, mas não deve ser uma desculpa para o médico que procurasse, na necessidade da provação, um meio cômodo para abrigar a sua ignorância.

Consideradas unicamente do ponto de vista fisiológico, as doenças têm duas causas, que até hoje não foram distinguidas, e que não podiam ser apreciadas antes dos novos conhecimentos trazidos pelo Espiritismo. É da diferença destas duas causas que ressalta a possibilidade das curas instantâneas, em casos especiais, e não em todos.

Certas moléstias têm sua causa original na própria alteração dos tecidos orgânicos; é a única que a Ciência admite até hoje. E como, para a remediar, não conhece senão as substâncias medicamentosas tangíveis, não compreende a ação de um fluido impalpável, tendo a vontade como propulsor. Entretanto, aí estão os curadores magnéticos para provar que não é uma ilusão.

Na cura das doenças desta natureza, pelo influxo fluídico, há substituição das moléculas orgânicas mórbidas por moléculas sadias. É a história de uma velha casa, cujas pedras carcomidas são substituídas por boas pedras; tem-se sempre a mesma casa, mas restaurada e consolidada. A torre Saint-Jacques e Notre-Dame de Paris acabam de sofrer um tratamento deste gênero.

A substância fluídica produz um efeito análogo ao da substância medicamentosa, com esta diferença: sendo maior a sua

penetração, em razão da tenuidade de seus princípios constituintes, age mais diretamente sobre as moléculas primeiras do organismo do que o podem fazer as moléculas mais grosseiras das substâncias materiais. Em segundo lugar, sua eficácia é mais geral, sem ser universal, porque suas qualidades são *modificáveis pelo pensamento*, enquanto as da matéria são fixas e invariáveis e não podem aplicar-se senão em determinados casos.

Tal é, em tese geral, o princípio sobre o qual repousam os tratamentos magnéticos. Acrescentemos sumariamente, e de memória, já que não podemos aprofundar aqui o assunto, que a ação dos remédios homeopáticos em doses infinitesimais, é baseada no mesmo princípio; a substância medicamentosa, levada pela divisão ao estado atômico, até certo ponto adquire as propriedades dos fluidos, menos, todavia, o princípio anímico, que existe nos fluidos animalizados e lhes dá qualidades especiais.

Em resumo, trata-se de reparar uma desordem orgânica pela introdução, na economia, de materiais sãos, substituindo materiais deteriorados. Esses materiais sãos podem ser fornecidos pelos medicamentos ordinários *in natura*; por esses mesmos medicamentos em estado de divisão homeopática; enfim, pelo fluido magnético, que não é senão matéria espiritualizada. São três modos de reparação, ou melhor, de introdução e de assimilação dos elementos reparadores; todos os três estão igualmente na Natureza, e têm sua utilidade, conforme os casos especiais, o que explica por que um tem êxito onde outro fracassa, porquanto seria parcialidade negar os serviços prestados pela medicina ordinária. Em nossa opinião, são três ramos da arte de curar, destinados a se suplementarem e a se completarem, conforme as circunstâncias, mas dos quais nenhum tem lastro para se julgar a panacéia universal do gênero humano.

Cada um desses meios poderá, pois, ser eficaz, se empregado a propósito e adequado à especialidade do mal; mas,

seja qual for, compreende-se que a substituição molecular, necessária ao restabelecimento do equilíbrio, não pode operar-se senão gradualmente, e não por encanto e por um golpe de batuta; se possível, a cura só pode ser o resultado de uma ação contínua e perseverante, mais ou menos longa, conforme a gravidade dos casos.

Entretanto, as curas instantâneas são um fato, e como não podem ser mais miraculosas que as outras, é preciso que se realizem em circunstâncias especiais. O que o prova é que não se dão indistintamente para todas as doenças, nem para todos os indivíduos. É, pois, um fenômeno natural, cuja lei deve ser buscada. Ora, eis a explicação que se lhe dá; para a compreender, era preciso ter o ponto de comparação que acabamos de estabelecer.

Certas afecções, mesmo muito graves e passadas ao estado crônico, não têm como causa primeira a alteração das moléculas orgânicas, mas a presença de um mau fluido que, a bem dizer, as desagrega, perturbando a sua economia.

Sucedo aqui como num relógio, em que todas as peças estão em bom estado, mas cujo movimento é parado ou desregulado pela poeira; nenhuma peça deve ser substituída e, contudo, ele não funciona; para restabelecer a regularidade do movimento basta expurgar o relógio do obstáculo que o impedia de funcionar.

Tal é o caso de grande número de doenças, cuja origem é devida aos fluidos perniciosos de que é penetrado o organismo. Para obter a cura, não são moléculas deterioradas que devem ser substituídas, mas um corpo estranho que se deve expulsar; desaparecida a causa do mal, o equilíbrio se restabelece e as funções retomam seu curso.

Concebe-se que em semelhantes casos os medicamentos terapêuticos, destinados, por sua natureza, a agir

sobre a matéria, não tenham eficácia sobre um agente fluídico; por isso a medicina ordinária é impotente em todas as moléstias causadas por fluidos viciados, e elas são numerosas. À matéria pode-se opor a matéria, mas a um fluido mau é preciso opor um fluido melhor e mais poderoso. A *medicina terapêutica* naturalmente falha contra os agentes fluídicos; pela mesma razão, a *medicina fluídica* falha onde é preciso opor a matéria à matéria; a *medicina homeopática* nos parece ser o intermediário, o traço de união entre esses dois extremos, e deve particularmente triunfar nas afecções que poderiam chamar-se mistas.

Seja qual for a pretensão de cada um destes sistemas à supremacia, o que há de positivo é que, cada um de seu lado, obtém incontestáveis sucessos, mas que, até o presente, nenhum justificou estar na posse exclusiva da verdade; donde se deve concluir que todos têm sua utilidade, e que o essencial é os aplicar adequadamente.

Não temos que nos ocupar aqui dos casos em que o tratamento fluídico é aplicável, mas da causa pela qual esse tratamento pode, por vezes, ser instantâneo, ao passo que em outros casos exige uma ação continuada.

Esta diferença se prende à própria natureza e à causa primeira do mal. Duas afecções que, aparentemente, apresentam sintomas idênticos, podem ter causas diferentes; uma pode ser determinada pela alteração das moléculas orgânicas e, neste caso, é preciso reparar, substituir, como me disseram, as moléculas deterioradas por moléculas sadias, operação que só pode ser feita gradualmente; a outra, por infiltração, nos órgãos saudáveis, de um fluido mau, que lhe perturba as funções. Neste caso, não se trata de reparar, mas de expulsar. Esses dois casos requerem, no fluido curador, qualidades diferentes; no primeiro, é preciso um fluido mais suave que violento, sobretudo rico em princípios reparadores; no segundo, um fluido enérgico, mais adequado à

expulsão do que à reparação; segundo a qualidade desse fluido, a expulsão pode ser rápida e como por efeito de uma descarga elétrica. O doente, subitamente livre da causa estranha que o fazia sofrer, sente-se aliviado imediatamente, como acontece na extirpação de um dente estragado. Não estando mais obliterado, o órgão volta ao seu estado normal e retoma suas funções.

Assim podem explicar-se as curas instantâneas, que não são, na realidade, senão uma variedade da ação magnética. Como se vê, elas repousam sobre um princípio essencialmente fisiológico e nada têm de mais miraculoso que os outros fenômenos espíritas. Compreende-se desde logo por que essas espécies de cura não são aplicáveis a todas as doenças. Sua obtenção se deve, ao mesmo tempo, à causa primeira do mal, que não é a mesma em todos os indivíduos, e às qualidades especiais do fluido que se lhe opõe. Disso resulta que uma pessoa que produz efeitos rápidos, nem sempre é adequada para um tratamento magnético regular, e que excelentes magnetizadores são impróprios para curas instantâneas.

Esta teoria pode assim resumir-se: “Quando o mal exige a reparação de órgãos alterados, necessariamente a cura é lenta e requer uma ação contínua e um fluido de qualidade especial; quando se trata da expulsão de um mau fluido, ela pode ser rápida e, mesmo, instantânea.”

Para simplificar a questão, não consideramos senão os dois pontos extremos; mas entre os dois há matizes infinitos, isto é, uma multidão de casos em que as duas causas coexistem em diferentes graus, e com mais ou menos preponderância de cada uma; em que, por conseqüência, é necessário, ao mesmo tempo, expulsar e reparar. Conforme aquela das duas causas que predomina, a cura é mais ou menos lenta; se for a do mau fluido, após a expulsão é preciso a reparação; se for a desordem orgânica, após a reparação é necessária a expulsão. A cura só é completa após a destruição das causas. É o caso mais

comum. Eis por que os tratamentos terapêuticos muitas vezes precisam ser complementados por um tratamento fluídico e reciprocamente; eis, também, por que as curas instantâneas, que ocorrem nos casos em que a predominância fluídica é, por assim dizer, exclusiva, jamais poderão tornar-se um meio curativo universal; conseqüentemente, elas não são chamadas a suplantar nem a Medicina, nem a Homeopatia, nem o magnetismo ordinário.

A cura instantânea, radical e definitiva, pode ser considerada como um caso excepcional, considerando-se que é raro: 1^ª – que a expulsão do mau fluido seja completa no primeiro golpe; 2^ª – que a causa fluídica não seja acompanhada de alguma alteração orgânica, o que obriga, num e noutro caso, a ele voltar várias vezes.

Enfim, não podendo os maus fluidos emanar senão de Espíritos maus, sua introdução na economia se liga muitas vezes à obsessão. Daí resulta que, para obter a cura, é preciso tratar, ao mesmo tempo, o doente e o Espírito obsessor.

Estas observações mostram quantas coisas devem ser levadas em conta no tratamento das doenças, e quanto ainda resta aprender a tal respeito. Além disso, vêm confirmar um fato capital, que ressalta da obra *A Gênese* – a aliança do Espiritismo e da Ciência. O Espiritismo marcha sobre o mesmo terreno que a Ciência, até os limites da matéria tangível; mas, enquanto a Ciência se detém nesse ponto, o Espiritismo continua seu caminho e prossegue suas investigações nos fenômenos da Natureza, com o auxílio dos elementos que colhe no mundo extramaterial; apenas aí está a solução das dificuldades contra as quais se choca a Ciência.

Nota – A pessoa cujo pedido motivou esta explicação está no caso das doenças de causa complexa. Seu organismo está profundamente alterado e, ao mesmo tempo, saturado dos fluidos

mais perniciosos, que a tornam incurável apenas pela terapêutica ordinária. Uma magnetização violenta e muito enérgica não produziria mais que uma superexcitação momentânea, logo seguida de maior prostração, ao ativar o trabalho da decomposição. Ser-lhe-ia necessária uma magnetização suave, continuada por muito tempo, um fluido reparador penetrante, e não um fluido que abala, mas que nada repara. Conseqüentemente, ela é inacessível à cura instantânea.

Notas Bibliográficas

OS PENSAMENTOS DO ZUAVO JACOB

Precedidos de sua prece e da maneira de curar os que sofrem¹⁰

As citações são a melhor maneira de dar a conhecer o espírito de um livro. Para começar, tomamos do anúncio e do prefácio do editor as passagens seguintes do que acaba de publicar o Sr. Jacob. Os fatos aos quais ele deve a sua notoriedade são muito conhecidos para que seja preciso lembrá-los. Aliás, nós os expusemos suficientemente na Revista de outubro e novembro de 1866, e nos números de outubro e novembro de 1867.

“Henri Jacob, hoje músico no regimento dos zuavos da guarda imperial, nasceu no dia 6 de março de 1828, em Saint-Martin-des-Champs (Saône-et-Loire). Todos os seus estudos consistem em um ano de classe na escola comunal; assim, não recebeu outra educação senão a que o pai lhe pôde dar; ela não ultrapassa a da simples leitura e escrita e, no entanto, foi ele quem, sem o auxílio de ninguém, redigiu este escrito, que entregamos à publicidade.

“Jacob não é um escritor profissional; é um homem de

¹⁰ Um vol. in-12, de 220 páginas. Preço: 2 fr. 50 c. No editor, rue Bonaparte, 70.

aspirações religiosas, que só se decidiu a entregar este volume à publicidade em virtude de insistentes solicitações. Para ele esta obra é a sua profissão de fé no Deus criador; uma prece, a bem dizer um hino, que dirige ao Todo-Poderoso. É escrito num bom espírito, sem paixão, e aí não faz alusão a nenhum culto nem a nenhum espírito de partido político.

“Jacob é um ser dotado de alguma imaginação, nada mais. O leitor se enganaria muito se visse nos seus sentimentos outra coisa senão Deus e a Humanidade. Toda a sua ambição é trazer algum lenitivo a esta última.

“Nestas páginas vemos uma espécie de heroísmo e de grandeza, refletindo-se nos atos de filantropia, tão maravilhosamente realizados por Jacob, crente firme, que sabe que pode muito, porque Deus vem em seu auxílio em seus trabalhos tão difíceis, e que só Deus o leva a bom termo.”

Antes de mais, o Sr. Jacob dá conta, em termos simples e sem ênfase, de um sonho ou visão, que contribuiu para a elevação de seus pensamentos para Deus, e para fixar suas idéias sobre o futuro.

Vem, a seguir, uma profissão de fé, em forma de epístola, intitulada: *“Aos meus irmãos em Espiritismo”*, e da qual extraímos as seguintes passagens:

“Antes de minha iniciação na ciência espírita, eu vivia nas trevas; meu coração jamais havia sentido as doçuras da paz! minha alma jamais tinha conhecido a alegria; eu vivia amarrado à Terra, com os tormentos que ela suscita aos homens materiais, sem pensar que há mundos melhores, que Deus, nosso pai de todos, criou para que gozassem de uma felicidade inefável os que praticam o bem neste mundo.

“Por minha iniciação na Doutrina Espírita, adquiri a convicção de que Deus, em sua misericórdia, nos envia Espíritos

bons para nos aconselhar e nos encorajar na prática do bem, e nos deu o poder de nos comunicarmos com eles e com os que deixaram esta Terra e são caros aos nossos corações. Esta convicção iluminou a minha alma! vi a luz! Pouco a pouco, fortaleci-me em minha convicção e, por este meio, atingi a faculdade de *médium escrevente*.

“Minhas conversas com os Espíritos e seus bons conselhos encheram-me de uma fé viva, confirmando-me as verdades da ciência espírita, que fortificaram minha fé, e pela fé a faculdade de curar me foi dada.

“Assim, pois, meus caros amigos, que uma fé viva esteja sempre em vós, pela prática das máximas espíritas, que são: o amor de Deus, a fraternidade e a caridade. Amemo-nos uns aos outros, e todos possuiremos a faculdade de nos aliviarmos mutuamente e muitos poderão chegar a curar, de que estou plenamente convencido.

“Sejamos, pois, sempre caridosos e generosos e sempre seremos assistidos pelos Espíritos bons. Vós todos, que sois iniciados na Doutrina Espírita, ensinai-a aos que ainda estão nas trevas da matéria; abri suas almas à luz e eles gozarão, por antecipação, da felicidade que aguarda, nos mundos superiores, os que praticam o bem entre nós.

“Sede firmes em vossas boas resoluções; vivei sempre numa grande pureza de alma, e Deus vos dará o poder de curar os vossos semelhantes. Eis a minha prece:

“Meu Deus, tende a bondade de permitir aos bons e benevolentes Espíritos que me venham assistir, de intenção e de fato, na obra de caridade que desejo realizar, aliviando os infelizes que sofrem. É em vosso nome e em vosso louvor, meu Deus, que esses benefícios se espalham sobre nós.”

“Crede, tende fé! e quando quiserdes aliviar um doente, depois de vossa prece, ponde vossa mão sobre o seu coração, e pedi calorosamente a Deus o socorro de que necessitais; e, estou convicto, o eflúvio divino se infiltrará em vós para aliviar ou curar vosso irmão que sofre. Minha primeira cura consciente foi fazer sair de seu leito de dor um colérico, operando desta maneira. Por que queríeis que eu fosse mais privilegiado do que vós, por Deus, que é sabedoria e justiça?”

“Por vossas cartas, pedis-me que me corresponda convosco e vos ajude com os meus conselhos. Vou comunicar-vos os que os Espíritos me inspiraram, e responder ao vosso apelo, cheio de boa vontade de ser útil à vossa felicidade. A minha seria grande se eu pudesse cooperar para o triunfo do grau de perfeição em que desejo ver-vos chegar.”

Segue-se uma série de 217 cartas que, a bem dizer, constituem o corpo do volume. São comunicações obtidas pelo Sr. Jacob, como médium escrevente, em diferentes grupos ou reuniões espíritas. São excelentes conselhos de moral, em estilo mais ou menos escorreito; estímulos à prática da caridade, da fraternidade, da humildade, da doçura, da benevolência, do devotamento pela Doutrina Espírita, do desinteresse moral e material; exortações à reforma de si mesmo. O mais severo moralista aí não encontrará nenhum defeito, e seria desejável que todos os médiuns, curadores e outros, e todos os espíritas em geral, pusessem em prática esses sábios conselhos. Não se pode senão felicitar o Sr. Jacob pelos sentimentos que ele expressa; e lendo esse livro, não virá ao pensamento de ninguém que é obra de um charlatão; é, pois, um desmentido dado às acusações que a malevolência interessada se deleitou em lançar contra ele; e aos que, por irrisão, o apresentaram como um taumaturgo ou fazedor de milagres.

Embora essas numerosas comunicações sejam todas concebidas num excelente espírito, é de lamentar que a

uniformidade dos assuntos tratados lancem um pouco de monotonia sobre essa leitura. Elas não encerram explicações, nem instruções especiais sobre a mediunidade curadora, que é apenas a parte acessória do livro. O relato de alguns fatos autênticos de curas e das circunstâncias que as acompanharam, teria juntado interesse e utilidade prática a esta obra.

Aliás, eis como o Sr. Jacob descreve o que se passa nas sessões onde se reúnem os doentes:

“No momento da sessão, depois de ter dirigido a Deus minha curta mas fervorosa prece, sinto meus dedos se contraírem e, ao tocar o doente, reconheço a força do fluido pela umidade das mãos; às vezes elas são inundadas de transpiração; e o calor que ganha as partes inferiores é também um complemento de indício do alívio quase instantâneo que ele experimenta.

“Entretanto, não é por minha própria inspiração que os doentes devem ver desaparecer os males que os acabrunham, mas antes pela vontade de Deus; vejo, também, errando em volta de mim, em meio a uma brilhante luz, um grande número de Espíritos benevolentes, que parecem associar-se à minha penosa missão. Há sobretudo um que me deixa perceber muito distintamente a auréola que deve cingir sua cabeça venerável. Ao seu lado se acham duas pessoas muito radiosas, cercadas de inúmeros Espíritos. O primeiro parece guiar-me e inspirar-me em minhas operações, se assim me posso exprimir; enfim, a sala onde dou as consultas está sempre cheia de uma viva luz, que vejo continuamente refletir-se sobre os doentes.

“Depois da sessão não me resta qualquer lembrança do que se passou; é por isto que recomendo com muita insistência às pessoas presentes que prestem a maior atenção às palavras que dirijo aos doentes que se me oferecem para ser curados, se, todavia, isto é possível.”

A obra termina por alguns conselhos sobre o regime higiênico que devem seguir os doentes de que ele cuida.

O ESPIRITISMO ANTE A RAZÃO

Por Valentin Tournier, antigo jornalista – Brochura in-18, de 72 páginas.

Preço: 1 fr. – Carcassonne, nas livrarias Lajoux e Maillac.

O autor deste opúsculo se propunha fazer duas conferências públicas sobre o Espiritismo. Tendo sido impedido por circunstâncias independentes de sua vontade, são essas conferências que hoje publica. Dirigindo-se ao público não convicto, examina sucessivamente as seguintes questões: O Espiritismo é uma coisa séria? – Os estudos espíritas oferecem perigos? – Esses estudos são úteis? – Os fenômenos são possíveis? – São reais? – Qual a autoridade competente para conhecer os fatos?

Voltaremos a esta interessante publicação, que hoje nos limitamos a assinalar.

TERCEIRA EDIÇÃO DE *A GÊNESE*¹¹

A segunda edição de *A Gênese* está quase esgotada. Neste momento tira-se a terceira, de maneira a não haver interrupção.

Instruções dos Espíritos

A REGENERAÇÃO

(Lyon, 11 de março de 1867 – Médium: Sra. B...)

“Naquele tempo não haverá mais gritos, nem luto, nem trabalho, porque o que era antes terá passado.”

11 **N. do T.:** Embora este subtítulo não conste aqui, foi contemplado por Kardec no sumário deste volume.

Esta predição do Apocalipse foi ditada há dezoito séculos, e ainda se espera que tais palavras se realizem, porque sempre se encaram os acontecimentos quando se passaram, e não quando se desdobram aos nossos olhos.

Todavia, esta época predita chegou. Não há mais dores para aquele que soube colocar-se à margem da estrada, a fim de deixar passar as mesquinhas da vida, sem as deter para delas fazer uma arma ofensiva contra a sociedade.

Estais em meio a estes tempos como a espiga dourada está na colheita; vivei sob o olhar de Deus e sua irradiação vos ilumina! Por que vos inquietais com a marcha dos acontecimentos, que foram previstos por Deus, quando não passáveis de crianças da geração de que falava Jesus, quando dizia: “Antes que esta geração passe acontecerá grandes coisas?”

O que sois, Deus o sabia; o que sereis Deus o vê! Cabe a vós bem vos compenetrardes do caminho que vos é traçado, porque vossa tarefa é de vos submeterdes a tudo o que Deus decidiu. Vossa resignação, e sobretudo a vossa amenidade, não são senão testemunhos de vossa inteligência e de vossa fé na eternidade.

Acima de vós, neste Universo onde se move o vosso mundo, planam os Espíritos mensageiros, que receberam a missão de vos guiar. Eles sabem quando se realizarão os acontecimentos preditos. Eis por que vos dizem: “Não haverá mais gritos, nem luto, nem trabalho.”

Sem dúvida não pode mais haver grito para aquele que se submete às vontades de Deus, e que aceita as suas provas. Não há mais luto, visto que sabeis que os Espíritos que vos precederam não estão perdidos para vós, mas estão em viagem. Ora, não se veste luto quando um amigo se ausenta.

O próprio trabalho se torna um favor, pois se sabe que é um concurso à obra harmônica que Deus dirige; então, executa-se a sua parte de trabalho com a solicitude do escultor que se põe a polir a sua estátua. É uma recompensa infinita que Deus vos concede.

Entretanto, ainda encontrareis entraves em vossas tentativas para chegar ao melhoramento social. É que jamais se chega ao resultado sem que a luta venha firmar os seus esforços. O artista é obrigado a vencer os obstáculos que se opõem à irradiação de seu pensamento; não se torna vitorioso senão quando soube elevar-se acima das privações e dos vapores brumosas que envolvem seu gênio, ao nascer.

A idéia que surge foi semeada pelos Espíritos quando Deus lhes disse: “Ide e instruí as nações; ide e espalhai a luz.” Essa idéia, que cresceu com a rapidez de uma inundação, naturalmente deve ter encontrado contraditores, opositores e incrédulos. *Ela não seria a fonte da vida, se tivesse sucumbido sob as zombarias que a acolheram em seu começo.* Mas o próprio Deus guiava este pensamento através da imensidade; ele a fecundava na terra e ninguém a destruirá! Seria inútil que procurassem extirpar suas raízes; trabalhariam em vão para aniquilá-la nos corações; as crianças trazem-na ao nascer, e dir-se-ia que um sopro de Deus a incrusta em seu berço, como outrora a Estrela do Oriente iluminava os que vinham perante Jesus, trazendo ele mesmo a idéia regeneradora do Cristianismo.

Bem vedes, pois, que esta geração não passará sem que aconteçam grandes coisas, pois que com a idéia, a fé se eleva e a esperança irradia... Coragem! o que foi predito pelo Cristo deve realizar-se. Nestes tempos de aspiração à verdade, a luz que ilumina todo homem que vem a este mundo brilha de novo sobre vós. Perseverai na luta, sede firmes e desconfiai das armadilhas que vos estendem; permaneçei ligados a essa bandeira em que

inscrevestes: *Fora da caridade não há salvação*, e depois esperai, porque aquele que recebeu a missão de vos regenerar volta, e ele disse: Bem-aventurados os que conhecerem meu nome de novo!

Um Espírito

ERRATA

Número de abril de 1867, onde se lê Salmo XXV, v. 17, lede: Salmo XXI, v. 18 e 19.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XI

ABRIL DE 1868

Nº 4

Correspondência Inédita de Lavater com a Imperatriz Maria da Rússia

(Continuação – Vide o número de março de 1868.)

TERCEIRA CARTA

Mui venerada imperatriz,

A sorte exterior de cada alma despojada de seu corpo corresponderá ao seu estado interior, isto é, tudo lhe parecerá tal qual é ela mesma. À boa, tudo parecerá no bem; o mal só aparecerá às almas dos maus. Naturezas amantes cercarão a alma amante; a alma odienta atrairá para si naturezas odientas. Cada alma se verá a si própria refletida nos Espíritos que se lhe assemelham. O bom se tornará melhor e será admitido nos círculos compostos de seres que lhe são superiores; o santo se tornará mais santo pela só contemplação dos Espíritos mais puros e mais santos que ele; o Espírito amante tornar-se-á ainda mais amoroso; mas, também, cada ser malvado tornar-se-á pior unicamente por seu contato com outros seres malévolos. Se já na Terra nada é mais contagioso e mais empolgante que a virtude e o vício, o amor e o ódio, do mesmo modo, no além-túmulo, toda perfeição moral e religiosa,

bem como todo sentimento imoral e irreligioso, devem necessariamente tornar-se ainda mais empolgantes e mais contagiosos.

Vós vos tornareis, mui honrada imperatriz, todo amor nos círculos de almas benevolentes.

O que ainda restar em mim de egoísmo, de amor-próprio, de tibieza para o reino e os desígnios de Deus, será inteiramente engolido pelo sentimento de amor, se foi predominante em mim, e se depurará ainda sem cessar, pela presença e o contato dos Espíritos puros e amantes.

Depurados pelo poder de nossa aptidão para amar, largamente exercido neste mundo; purificados ainda mais pelo contato e a irradiação, sobre nós, do amor dos Espíritos puros e elevados, seremos gradualmente preparados para a visão direta do mais perfeito amor, para que não nos deslumbremos, não nos amedrontemos e nem sejamos impedidos de o gozar com delícias.

Mas como, venerada imperatriz, um frágil mortal poderia, ousaria fazer uma idéia da contemplação desse amor personificado? E tu, caridade inesgotável! como poderias aproximar-te daquele que bebe em ti só o amor, sem o amedrontar e o deslumbrar?

Penso que no começo aparecerá invisivelmente ou sob uma forma irreconhecível.

Não agiu ele sempre desta maneira? Quem amou mais invisivelmente do que Jesus? Quem, melhor que ele, sabia representar a individualidade incompreensível do desconhecido? Quem, melhor que ele, soube tornar-se irreconhecível, ele que podia fazer-se conhecer melhor que nenhum mortal ou qualquer Espírito imortal? Ele, que todos os céus adoram, veio sob a forma de um modesto operário e conservou até a morte a individualidade

de um nazareno. Mesmo depois de sua ressurreição, primeiro apareceu sob uma forma irreconhecível e só depois se fez reconhecer. Penso que conservará sempre esse modo de ação, tão análogo à sua natureza, à sua sabedoria e ao seu amor. É sob a forma de um jardineiro que aparece a Maria no jardim onde ela o procurava e onde já não tinha esperança de o encontrar. Primeiro irreconhecível, só foi reconhecido alguns instantes depois.

Foi também sob uma forma irreconhecível que se aproximou de dois de seus discípulos, que marchavam cheios dele e o aspiravam. Caminhou muito tempo ao lado deles; seus corações queimavam numa chama santa; sentiam a presença de algum ser puro e elevado, mas de outro ser, e não ele; só o reconheceram no momento de partir o pão, no momento de seu desaparecimento e quando, ainda na mesma noite, o viram em Jerusalém. A mesma coisa sucedeu às margens do lago de Tiberíades, e quando, radiante em sua glória deslumbrante, apareceu a Saulo.

Como todas as ações de Nosso Senhor, todas as suas palavras e todas as suas revelações são sublimes e dramáticas!

Tudo segue uma marcha incessante que, impelindo sempre para frente, se aproxima cada vez mais de um objetivo que, no entanto, não é o objetivo final. O Cristo é o herói, o centro, a personagem principal, ora visível, ora invisível, nesse grande drama de Deus, tão admiravelmente simples e complicado ao mesmo tempo, que jamais terá fim, embora tendo parecido mil vezes acabado.

Ele aparece sempre, a princípio irreconhecível, na existência de cada um de seus adoradores. Como o amor poderia recusar-se a aparecer ao ser que o ama, no momento exato em que este mais precisa dele?

Sim, tu, o mais humano dos homens, aparecerás aos homens da maneira mais humana! Aparecerás à alma amante a

quem escrevo! Tu me aparecerás também, a princípio irreconhecível e depois tu te farás reconhecer por nós. Nós te veremos uma infinidade de vezes, sempre outro e sempre o mesmo, sempre mais belo, à medida que nossa alma se melhorar e jamais pela última vez.

Eleveмо-nos mais vezes para esta idéia inebriante que, com a permissão de Deus, tentarei esclarecer mais amplamente em minha próxima carta, e de vos tornar mais comovente, por uma comunicação dada por um defunto.

Lavater

1º de setembro de 1798

QUARTA CARTA

Em minha carta precedente, mui venerada imperatriz, eu vos prometi enviar a carta de um defunto ao seu amigo da Terra. Ela poderá vos fazer compreender melhor e captar minhas idéias sobre o estado de um cristão após a morte de seu corpo. Tomo a liberdade de juntá-la a esta. Julgai-a do ponto de vista que vos indiquei e dirigi vossa atenção antes para o assunto principal do que para alguns detalhes particulares que o cercam, embora *eu tenha razões* para supor que estes últimos também encerrem *alguma coisa de verdadeiro*.

Para a compreensão das matérias que vos exporei na continuação sob essa forma, creio necessário fazer-vos notar que tenho quase certeza de que, malgrado a existência de uma lei geral, idêntica e imutável, de castigo e de felicidade suprema, cada Espírito, segundo o seu caráter individual, não somente moral e religioso, mas mesmo pessoal e oficial, terá sofrimentos a suportar após a sua morte terrestre e gozará de felicidades que não serão apropriadas senão a ele mesmo. A lei geral individualizar-se-á para cada indivíduo em particular, isto é, em cada um produzirá um efeito diferente e pessoal, da mesma forma que um raio de luz,

atravessando um vidro colorido, convexo ou côncavo, dele tira, em parte, sua cor e sua direção. Eu queria, pois, que fosse aceito positivamente; que, *embora todos os Espíritos bem-aventurados, menos felizes ou sofredores se encontrem sob a mesma lei muito simples de semelhança ou dessemelhança com o mais perfeito amor, deve-se presumir que o caráter substancial, pessoal, individual de cada Espírito constitua para ele um estado de sofrimento ou de felicidade essencialmente diferente do estado de sofrimento ou de felicidade de um outro Espírito. Cada um sofre de uma maneira que difere do sofrimento de um outro, e sente prazeres que um outro não seria capaz de sentir. A cada um dos mundos material e imaterial, Deus e o Cristo se apresentam sob uma forma particular, sob a qual não aparecem a ninguém, exceto a ele. Cada um tem seu ponto de vista que não pertence senão a si próprio. A cada Espírito Deus fala uma língua só por ele compreendida. A cada um se comunica em particular e lhe concede prazeres que só ele está em estado de experimentar e conter.*

Esta idéia, que considero uma verdade, serve de base a todas as comunicações seguintes, dadas por Espíritos desencarnados aos seus amigos da Terra.

Sentir-me-ia feliz se soubesse que compreendestes como cada homem, pela formação de seu caráter individual e pelo aperfeiçoamento de sua individualidade, pode preparar para si mesmo prazeres particulares e uma felicidade apropriada só para si.

Como nada se esquece tão depressa, e nada é menos procurado pelos homens que essa felicidade apropriada a cada indivíduo, embora cada um tenha toda a possibilidade de se a proporcionar e dela desfrutar, tomo a liberdade, sábia e venerada imperatriz, de vos rogar com instância que vos digneis analisar com atenção esta idéia que, certamente, não podeis encarar como inútil para a vossa própria edificação e vossa elevação para Deus: *Deus colocou-se a si mesmo e colocou o Universo no coração de cada homem.*

Todo homem é um espelho particular do Universo e de seu Criador. Envidemos, pois, todos os nossos esforços, mui venerada imperatriz, para mantermos esse espelho tão puro quanto possível, a fim de que Deus aí possa ver *a si mesmo* e sua mil vezes bela Criação, refletidos para sua inteira satisfação.

João Gaspar Lavater

Zurique, 14 de setembro de 1798

CARTA DE UM DEFUNTO AO SEU AMIGO DA TERRA

(Sobre o estado dos Espíritos desencarnados)

Enfim, meu bem-amado, me é possível satisfazer, conquanto apenas em parte, meu desejo e o teu, e de te comunicar alguma coisa concernente ao meu estado atual. Desta vez não te posso dar senão pouquíssimos detalhes. No futuro, tudo dependerá *do uso que fizeres de minhas comunicações*.

Sei que o desejo que experimentas, de ter noções sobre mim, como em geral sobre o estado de todos os Espíritos desencarnados, é muito grande, mas não ultrapassa o meu de te ensinar o que é possível revelar. O poder de amar daquele que amou no mundo material, aumenta inexprimivelmente, quando se torna cidadão do mundo imaterial. Com o amor aumenta também o desejo de se comunicar aos que conheceu, aquilo que ele *pode*, o que lhe é *permitido* transmitir.

Devo começar por te explicar, meu bem-amado, a ti que amo cada vez mais, como me é possível te escrever, sem, ao mesmo tempo, poder tocar o papel e conduzir a pena, e como posso falar a ti numa língua inteiramente terrestre e humana que, em meu estado habitual, não compreendo.

Esta só indicação deve servir-te de traço de luz, para poder compreender como deves encarar o nosso estado presente.

Imagina meu estado atual, diferente do anterior, mais ou menos como o estado da borboleta, adejando no ar, difere de seu estado de crisálida. Sou justamente essa crisálida transfigurada e emancipada, já tendo sofrido duas metamorfoses. Exatamente como a borboleta volita em redor das flores, nós voejamos muitas vezes em torno das cabeças dos bons, mas nem sempre. Uma luz, invisível para vós mortais, visível apenas para bem poucos de vós, irradia ou brilha docemente em redor da cabeça de todo homem bom, amante e religioso. A idéia da auréola com que cercam a cabeça dos santos, é essencialmente verdadeira e racional. Simpatizando esta luz com a nossa – todo ser bem-aventurado não o é senão pela luz – o atraí para ela, conforme o grau de sua claridade, que corresponde à nossa. Nenhum Espírito impuro ousa e pode aproximar-se dessa santa luz. Repousando-nos nessa luz, acima da cabeça do homem bom e piedoso, podemos ler incontinenti em seu espírito. Vemo-lo tal qual ele é em realidade. Cada raio que dele sai é para nós uma palavra, por vezes todo um discurso; respondemos aos seus pensamentos. Ele ignora que somos nós que respondemos. Nele excitamos idéias que, sem nossa ação, ele jamais teria estado em condição de as conceber, embora a disposição e a aptidão para as receber sejam inatas em sua alma.

O homem digno de receber a luz torna-se, assim, um órgão útil e muito proveitoso para o Espírito simpático, que deseja comunicar-lhe suas luzes.

Encontrei um Espírito, ou antes, um homem acessível à luz, do qual pude aproximar-me, e é por seu órgão que te falo. Sem sua intermediação, ter-me-ia sido impossível entreter-me contigo humanamente, verbalmente, palpavelmente, numa palavra, escrever-te.

Desta maneira, pois, recebes uma carta anônima da parte de um homem que não conheces, mas que nutre em si uma forte tendência para as matérias ocultas e espirituais. Plano acima

dele; posto-me sobre ele, mais ou menos como o mais divino de todos os Espíritos se postou sobre o mais divino de todos os homens, após o seu batismo; suscito-lhe idéias; ele as transmite sob a minha intuição, sob minha direção, por efeito de minha irradiação. Por um leve toque, faço vibrarem as cordas de sua alma de maneira conforme à minha e à sua individualidade. Ele escreve o que desejo fazê-lo escrever; escrevo por seu intermédio; minhas idéias tornam-se as suas. Ele se sente feliz escrevendo. Torna-se mais livre, mais animado, mais rico em idéias. Parece-lhe que vive e plana num elemento mais alegre, mais claro. Marcha lentamente, como um amigo conduzido pela mão de um amigo, e é desta maneira que de mim recebes uma carta. Aquele que escreve supõe-se livre e o é realmente. Não sofre nenhuma violência; é livre como o são dois amigos que, embora andando de braço dado, se conduzem mutuamente.

Tu deves sentir que *meu* Espírito se acha em relação direta com o teu; concebes o que te digo; escutas os meus mais íntimos pensamentos. É bastante por esta vez. O dia em que ditei esta carta chama-se entre vós 15 de setembro de 1798.

QUINTA CARTA

Mui venerada imperatriz,

De novo uma cartinha chegada do mundo invisível.

No futuro, se Deus o permitir, as comunicações seguir-se-ão mais de perto.

Esta carta contém uma parte muito pequena do que pode ser dito a um mortal, sobre a aparição e a visão do Senhor. É simultaneamente e sob milhões de formas diferentes, que o Senhor aparece às miríades de seres. Ele quer e se multiplica ele próprio por suas inúmeras criaturas, individualizando-se, ao mesmo tempo, para cada uma delas em particular.

A vós, imperatriz, ao vosso Espírito de luz, ele aparecerá um dia, como apareceu a Maria Madalena, no jardim do sepulcro. De sua boca divina o ouvireis um dia, quando sentiredes a maior necessidade e quando menos o esperardes, vos chamar por vosso nome Maria. *Rabi!* respondereis ao seu chamado, penetrada do mesmo sentimento de felicidade suprema que tomou conta de Madalena, e, cheia de adoração, como o apóstolo Tomé, direis: *“Meu Senhor e meu Deus!”*¹²

Tivemos pressa em atravessar as noites de trevas para chegar à luz; passamos pelos desertos para alcançar a terra prometida; sofremos as dores do nascimento para renascer para a verdadeira vida.

Que Deus e o vosso Espírito estejam convosco e vosso Espírito.

João Gaspar Lavater

Zurique, 13 de novembro de 1798

CARTA DE UM ESPÍRITO BEM-AVENTURADO

(Ao seu amigo da Terra sobre a primeira visão do Senhor)

Caro amigo,

De mil coisas com que desejaria entreter-te, desta vez não direi senão uma, que te interessará mais que todas as outras. Obtive autorização para o fazer. Os Espíritos nada podem fazer sem uma permissão especial. Vivem *sem a sua própria vontade*, somente na vontade do Pai celeste, que transmite suas ordens a milhares de seres ao mesmo tempo, como a um só, e responde

12 **N. do T.:** João, 20:28. Para alguns exegetas da Boa Nova, tais palavras não teriam sido pronunciadas pelo apóstolo Tomé, mas interpoladas no Evangelho de João para justificar o dogma da divindade do Cristo.

instantaneamente a uma infinidade de assuntos, a milhares de suas criaturas, que a ele se dirigem.

Como te fazer compreender de que maneira eu vivo o Senhor? Oh! de uma maneira muito diferente daquela que vós, seres ainda mortais, o podeis imaginar.

Depois de muitas aparições, instruções, explicações e prazeres que foram concedidos pela graça do Senhor, certa vez atravessei uma região paradisíaca, com cerca de doze outros Espíritos, que tinham subido, mais ou menos pelos mesmos degraus da perfeição que eu. Planamos, volitamos um ao lado do outro, em doce e agradável harmonia, como que formando uma leve nuvem, e parecia que experimentávamos o mesmo arrastamento, a mesma propensão para um objetivo muito elevado. Pressionávamos cada vez mais um contra o outro. À medida que avançávamos, tornávamo-nos cada vez mais íntimos, mais livres, mais alegres, mais prazenteiros e cada vez mais aptos a gozar, e dizíamos: Oh! como é bom e misericordioso *Aquele* que nos criou! *Aleluia ao Criador!* foi o amor que nos criou! *Aleluia ao Ser amante!* Animados por tais sentimentos, prosseguimos nosso vôo e nos detivemos ao pé de uma fonte.

Aí sentimos a aproximação de uma brisa leve. Ela não trazia nem um homem, nem um anjo; e, contudo, o que avançava para nós tinha qualquer coisa de tão humano, que atraiu toda a nossa atenção. Uma luz resplandecente, de certo modo semelhante à dos Espíritos bem-aventurados, mas não a ultrapassando, nos inundou. “Aquele também é dos nossos!” pensamos simultaneamente e como por intuição. Ela desapareceu, e a princípio pareceu-nos que estávamos privados de alguma coisa. “Que ser particular! dissemo-nos; que atitude real! e, ao mesmo tempo, que graça infantil! que amenidade e que majestade!”

Enquanto assim falávamos a nós mesmos, subitamente uma forma graciosa nos apareceu, saindo de um bosque

encantador, e nos saudou amigavelmente. O recém-chegado não se assemelhava à aparição precedente, mas também tinha algo de superior, algo elevado e, ao mesmo tempo, de inexprimivelmente simples. “Sede bem-vindos, irmãos e irmãs!” disse ele. Respondemos em uníssono: “Sê bem-vindo tu, o abençoado do Senhor! o céu se reflete em tua face e o amor de Deus irradia de teus olhos.”

– Quem sois? perguntou o desconhecido. – Somos os alegres adoradores do todo-poderoso *Amor*, respondemos.

– Quem é o todo-poderoso *Amor*? perguntou-nos com uma graça perfeita.

– Não conheces o todo-poderoso *Amor*? perguntamos, por nossa vez, ou antes, fui eu quem lhe dirigiu a pergunta, em nome de todos.

– Eu o conheço, disse o desconhecido, com uma voz ainda mais doce.

– Ah! se pudéssemos ser dignos de o ver e ouvir a sua voz! mas não nos sentimos bastante depurados para merecer contemplar diretamente a mais santa pureza.

Em resposta a estas palavras, ouvimos retinir atrás de nós uma voz que nos disse: “Estais lavados de toda mancha, estais purificados. Sois declarados justos por Jesus-Cristo e pelo Espírito do Deus vivo!”

Uma felicidade inexprimível espalhou-se em nós, no momento que, virando-nos na direção de onde partia a voz, queríamos nos precipitar de joelhos para adorar o interlocutor invisível.

Que aconteceu? Cada um de nós ouviu um *nome* instantaneamente, que jamais tinha ouvido pronunciar, mas que cada um compreendeu e ao mesmo tempo reconheceu ser o seu próprio novo nome, expresso pela voz do desconhecido. Espontaneamente, com a rapidez do relâmpago, nós nos voltamos, como um ser único, para o adorável interlocutor, que nos apostrofou assim, com uma graça indizível: “Encontrastes o que buscáveis. Aquele que me vê, vê também o todo-poderoso Amor. *Conheço os meus e os meus me conhecem. Dou às minhas ovelhas a vida eterna e elas não perecerão na eternidade; ninguém poderá arrancá-las de minhas mãos, nem das mãos de meu Pai. Eu e meu Pai somos um!*”

Como poderia eu exprimir em palavras a doce e suprema felicidade em que nos expandimos, quando aquele que, a cada momento, se tornava mais luminoso, mais gracioso, mais sublime, estendeu para nós os seus braços e pronunciou as seguintes palavras, que vibrarão eternamente para nós, e que nenhum poder será capaz de fazer desaparecer de nossos ouvidos e de nossos corações: “*Vinde aqui, vós, eleitos de meu Pai: herdai do reino que vos foi preparado desde o começo do Universo.*” Depois disto, abraçou-nos a todos simultaneamente, e desapareceu. Guardamos silêncio e, sentindo-nos estreitamente unidos para a eternidade, espalhamos, sem nos mover, um no outro, docemente e cheios de uma felicidade suprema. O Ser infinito tornou-se uno conosco e, ao mesmo tempo, nosso tudo, nosso céu, nossa vida no seu sentido mais verdadeiro. Mil vidas novas pareceram nos penetrar. Nossa existência anterior acabou-se para nós; recomeçamos a ser; ressentimos a imortalidade, isto é, uma superabundância de vida e de forças, que trazia a marca da indestrutibilidade.

Enfim, recobramos a palavra. Ah! se eu pudesse te comunicar, ainda que um único som, de nossa alegre adoração!

“Ele existe! nós somos! Por Ele, por Ele só! – Ele é, – seu ser não é senão vida e amor! – Aquele que o vê, vive e ama, é

inundado de eflúvios da imortalidade e do amor que emana de sua face divina, de seu olhar cheio de felicidade suprema!

“Nós te vimos, amor todo-poderoso! Tu te mostraste a nós sob a forma humana, Tu, Deus dos deuses! E, contudo, Tu não foste nem homem, nem Deus, Tu Homem-Deus!

“Tu não foste senão amor, todo-poderoso apenas como amor! – Tu nos sustentaste por tua onipotência, para impedir que a força, mesmo atenuada por teu amor, nela nos absorvesse.

“És Tu, és Tu? – Tu, que todos os céus glorificam; Tu, oceano de beatitude; – Tu, onipotência; – Tu, que outrora encarnando nos ossos humanos, levaste os fardos da Terra e, banhado de sangue, suspenso a uma cruz, Te fizeste cadáver?

“Sim, és Tu, – Tu, glória de todos os seres! Ser diante do qual se inclinam todas as naturezas, que desapareciam diante de Ti, para serem chamadas a viver em Ti!

“Num dos teus raios encontra-se a vida de todos os mundos, e de teu hálito não jorra senão o amor!”

Isto, caro amigo, não passa de uma bagatela mínima, caída na terra, da mesa cheia de uma felicidade inefável de que me nutria. Aproveita-a, e logo te será dado mais. – Ama, e serás amado. – Só o amor pode aspirar à felicidade suprema. – Só o amor pode dar a felicidade, mas unicamente aos que amam.

Oh! meu querido, é porque amas que posso aproximar-me de ti, comunicar-me contigo e te conduzir mais depressa à fonte da vida.

Amor! Deus e o céu vivem em ti, tanto quanto vivem na face e no coração de Jesus-Cristo!

Escrevo isto, conforme a vossa cronologia terrestre, em 13 de novembro de 1798.

Makariosenagape

(Termina no próximo número)

O Fim do Mundo em 1911

O fim do mundo em 1911, tal é o título de uma pequena brochura in-18, de 58 páginas, espalhada em Lyon com profusão e que se acha naquela cidade na livraria Jossierand, place Bellecour, nº 3. Às considerações tiradas da concordância do estado atual das coisas com os sinais precursores anunciados no Evangelho, o autor acrescenta, conforme uma outra profecia, um cálculo cabalístico que fixa o fim do mundo para o ano 1911, nem mais, nem menos, isto é, dentro de 43 anos. De sorte que, entre os vivos de hoje, mais de um será testemunha dessa grande catástrofe. Ora, aqui não se trata de uma figura; é o fim bem real, o aniquilamento da Terra, a dispersão de seus elementos e a destruição completa de seus habitantes. É lamentável que a maneira por que se realizará este acontecimento não seja indicada, mas também é preciso deixar alguma coisa sem avisar.

Será precedido pelo reino do Anticristo. Segundo os mesmos cálculos, que não foram feitos por Arago, esse personagem nasceu em 1855 e deve viver 55 anos e meio; e como sua morte deve marcar o fim dos tempos, isto nos leva justo a 1911, a menos que tenha havido algum erro de cálculo, como para 1840.

Com efeito, a gente se lembra de que o fim do mundo também tinha sido predito para o ano de 1840; acreditavam com tanta certeza, que tinha sido pregado nas igrejas, e o vimos anunciado em certos catecismos de Paris às crianças da primeira comunhão, o que não deixou de impressionar deploravelmente

alguns cérebros jovens. Como o melhor meio de salvar sua alma sempre foi dar dinheiro, despojar-se dos bens deste mundo, que são uma causa de perdição, foram feitas coletas e doações com este objetivo. Mas o Espírito do mal se insinua por toda parte neste século de racionalistas e impele aos piores pensamentos; ouvimos, com os próprios ouvidos, alunos de catecismo fazendo esta reflexão: "Se, diziam eles, o fim do mundo chega no próximo ano, como nos asseguram, será tanto para os padres quanto para os outros; então para que lhes servirá o dinheiro que pedem?" Na verdade não há mais crianças, mas meninos terríveis.

Sucedará o mesmo com o ano de 1911? A brochura em questão nos dá um meio certo de nos assegurarmos disto: é o retrato do Anticristo, pelo qual será fácil reconhecer o original; é bastante característico para que possa haver engano. É traçado por um célebre profeta alemão, Holzauzer, nascido em 1613, e que escreveu um comentário sobre o Apocalipse.

Segundo Holzauzer, o Apocalipse não é senão a história completa da Igreja católica, desde o seu nascimento até o fim do mundo, história que ele divide em sete épocas, figuradas, diz ele, pelas sete igrejas, às quais se dirige São João. Eis alguns dos traços mais característicos do Anticristo e dos acontecimentos que devem preceder a sua vinda.

“Tocamos neste momento o fim da quinta época. É então que sucederão essas espantosas desgraças anunciadas no Apocalipse (cap. VIII). A peste, a guerra, a fome, os terremotos farão vítimas inumeráveis. Todos os povos se levantarão uns contra os outros; a guerra será geral na Europa; mas o incêndio reventará primeiro na Alemanha...

“Depois destas guerras formidáveis, que ensanguentarão o mundo inteiro, o protestantismo desaparecerá para sempre e o império dos turcos se desmoronará. Será o começo da sexta idade.

“Os povos, esgotados por esses combates mortais, apavorados pelos horríveis flagelos, que marcarão o fim da quinta época, voltarão ao culto do verdadeiro Deus. Saindo vitoriosa das lutas sem-número que terá sustentado contra as heresias, a indiferença e a corrupção geral, a religião do Cristo reflorescerá mais brilhante que nunca. Jamais a Igreja católica terá tido um triunfo tão espetacular. Seus ministros, modelos de todas as virtudes, percorrerão o mundo para fazer ouvir aos homens a palavra de Deus...

“Mas esse triunfo da religião será de curta duração. O vício, abatido mas não aniquilado, pouco a pouco erguerá a cabeça, e logo a corrupção, fazendo rápidos progressos, invadirá novamente todas as classes da sociedade, e se introduzirá até no santuário. É então que se verá a abominação da desolação, anunciada pelo profeta. O mundo inteiro não será mais que uma imensa sentina de vícios e de crimes de toda sorte. Assim terminará a sexta idade.

“Então virá à Terra aquele que os profetas e os Pais da Igreja designaram sob o nome de Anticristo.

“Pobre e desconhecido, viverá uma vida miserável durante sua infância e a primeira juventude. Educado por seu pai no estudo das ciências ocultas, a elas se aplicará com furor e fará rápidos progressos. Dotado de inteligência pouco comum, de um espírito ardente e resoluto e de um caráter de ferro, mostrará, desde o berço, as mais violentas paixões. Reconhecendo nesse menino as temíveis qualidades daquele que deve um dia secundá-lo tão ardentemente em sua luta contra o gênero humano, Satã estremecerá de alegria e, pouco a pouco, lhe comunicará todo o seu poder.

“Todos os que dele se aproximarem ficarão maravilhados com os seus discursos e ações. Encará-lo-ão como

um menino predestinado a grandes coisas, e dirão que a mão do Senhor estendeu-se sobre ele para o proteger e conduzir...

“Pouco a pouco, ajudado pelo renome, e aumentando ainda as maravilhas atribuídas ao jovem chefe, o número de seus sectários tornar-se-á rapidamente muito considerável...

“Logo se vendo à testa de um verdadeiro exército, composto de homens devotados até a morte, ele não hesitará mais em tomar o título de rei. Durante algum tempo ocupar-se-á em organizar o seu poder e pôr um pouco de ordem entre os seus novos súditos, mas nada negligenciando para lhes aumentar o número. Não tendo nome de família, tomará o nome de *Cristo*, que os judeus já lhe terão dado...

“Crescendo sua ambição com a fortuna, formará, no seu orgulho, o desígnio de conquistar toda a Terra e submeter todos os povos às suas leis...

“Em alguns dias o Anticristo reunirá um exército imenso e ver-se-á esse novo Átila engolir a Europa sob as ondas de suas hordas bárbaras. Os exércitos inimigos, feridos de pavor à vista dos numerosos prodígios que ele fará, deixar-se-ão dispersar e aniquilar, sem mesmo tentar combater. Três grandes reinos serão conquistados sem qualquer resistência. Seus soberanos expiarão nos mais cruéis suplícios sua recusa à submissão, e os povos vencidos serão entregues sem piedade a todos os furores de uma soldadesca desenfreada. Terrificadas ao saber dessas bárbaras vinganças, as outras nações imediatamente se submeterão. Então a Terra inteira não formará mais que um só e vasto reino, que o Anticristo governará a seu talante. Fará reconstruir, com uma magnificência inaudita, a cidade de Jerusalém, e dela fará a sede de seu império.

“Arrastado por seu fatal destino, ele fará todos os esforços por destruir todas as religiões, sobretudo a religião

católica. Sobre os escombros do antigo culto, reconstruirá o edifício de um culto novo, do qual será, ao mesmo tempo, o sumo-sacerdote e o ídolo. Esta nova religião terá os seus defensores e os seus sacerdotes em toda parte. Um dos mais encarniçados e mais terríveis, aquele que São João designou nos versículos 11, 12 e 13 do capítulo XIII, como a besta de dois chifres, semelhantes aos do cordeiro, será o grande apóstata. Holzauzer o chama assim porque será um dos primeiros a renunciar ao Cristianismo para se dedicar com furor ao culto do Anticristo.

“Nessa época reinará sobre o trono de São Pedro um pontífice santo, com o nome de Pedro. Ferido de dor à vista dessas desgraças horrendas, e prevendo os perigos terríveis que correrão os fiéis, enviará a toda a cristandade santas exortações para premunir cada um contra as seduções do Anticristo, cuja perfídia desvendará claramente. Furioso por essa resistência aberta e pela imensa influência do Santo Padre, o grande apóstata entrará em Roma à frente de um exército e, com as próprias mãos, matará o último sucessor de Pedro nos degraus do altar...

“Por toda parte as igrejas serão invadidas, os santuários violados, os objetos do culto profanados. Os livros santos serão queimados, a cruz e todos os símbolos de nossa augusta religião serão pisados e arrastados no pó. Os quadros e as estátuas expostos à veneração dos fiéis serão derrubados; em seu lugar elevar-se-á a estátua maldita do Anticristo. – E esta estátua falará, diz o profeta...

“E ver-se-ão homens instruídos e eloqüentes pregando essa idolatria de um novo gênero e, numa linguagem brilhante e imaginosa, exaltando os louvores daquele cuja estátua fala e faz milagres...

“Para ferir os olhos da multidão e subjugar as massas, o Anticristo realizará prodígios admiráveis. Transportará montanhas, andará sobre as águas e se elevará nos ares, todo brilhante de glória.

Fará aparecerem vários sóis simultaneamente, ou mergulhará a Terra na mais completa escuridão. À sua voz, o raio cairá do céu, os rios suspenderão seu curso, as muralhas desabarão. Tornando-se invisível à vontade, irá de um lugar a outro com incrível rapidez e se mostrará em vários lugares ao mesmo tempo. Assim, como vimos, animará a sua imagem e lhe comunicará uma parte de seu poder. Mas, *em sua maioria*, esses prodígios não passarão de ilusões de óptica e o resultado de uma fantasmagoria diabólica; não serão *verdadeiros* milagres, porque Satã, com toda a sua força, *não poderia mudar as leis da Natureza...*”

Observação – Se não são milagres, na acepção rigorosa da palavra, não sabemos a que se pode dar esse nome; e se são, *em sua maioria*, ilusões de óptica, essas ilusões se afastam singularmente das leis da Natureza, e elas próprias seriam milagres, porquanto jamais se viu o raio cair e as muralhas desabarem por efeitos de óptica. O que ressalta de mais claro desta explicação é a dificuldade em distinguir os verdadeiros milagres dos falsos, e de fazer, nos efeitos dessa natureza, a parte dos santos e a do diabo.

“Ao mesmo tempo que ferirá todos os espíritos de espanto e admiração, o Anticristo, para ganhar todos os corações, exhibirá todas as aparências da mais austera virtude. Enquanto se entrega à mais vergonhosa devassidão no fundo do seu palácio, aparentará temperança e caridade. Prodigalizando ouro e prata em seu redor, fará grandes bens aos pobres e não haverá em toda parte senão concertos e louvores por sua beneficência e sua caridade. Vê-lo-ão cada dia passar horas inteiras em prece no seu templo; numa palavra, ele se cobrirá com o manto da hipocrisia com tanta habilidade, que mesmo os seus mais fiéis servidores serão persuadidos de sua virtude e de sua santidade.

“Entretanto, o Senhor não deixará seus filhos sem defesa e sem socorro durante esses tempos de provação. Enoque e Elias voltarão à Terra para pregar a palavra de Deus, sustentar a

coragem dos fiéis e desmascarar as imposturas dos falsos profetas. Durante mil duzentos e sessenta dias, ou três anos e meio, percorrerão o mundo, exortando todos os homens a fazer penitência e a voltar ao culto de Jesus-Cristo. Oporão *verdadeiros* milagres aos pretensos prodígios do Anticristo e de seus apóstolos... Mas, depois de terem acabado o seu testemunho, a besta que sobe do abismo (o Anticristo) lhes fará guerra, os vencerá e os matará.”

Observação – Não se poderia afirmar mais claramente a *reencarnação*. Não é aqui uma aparência, uma ilusão de óptica, é bem a reencarnação em carne e osso, pois os dois profetas são mortos.

“Então o orgulho do Anticristo não conhecerá mais limites. Orgulhoso da vitória que acaba de conquistar sobre os dois profetas que afrontavam tão impunemente o seu poder há três anos e meio, mandará construir um trono magnífico no Monte das Oliveiras e lá, cercado de uma legião de demônios transformados em anjos de luz, far-se-á adorar pela imensa multidão que será reunida para gozar de seu triunfo.

“Mas, chegado o vigésimo quinto dia, o corpo dos dois profetas, animado pelo sopro de Deus, ressuscitará e eles subirão ao céu, brilhantes de glória, à vista da multidão espantada. Enceguecido pela cólera e pelo ódio, o Anticristo anunciará que vai subir ao céu para buscar os seus inimigos e os precipitar na Terra. Com efeito, partindo nas asas dos demônios que o cercam, ele se elevará nos ares; mas nesse momento o céu *se abrirá* e o Filho do Homem aparecerá sobre uma nuvem luminosa. O Anticristo será precipitado do céu com seu cortejo de demônios e, fendendo-se a terra, descerá vivo para o inferno...

“Então o fim do mundo estará próximo. Não se escoarão mais anos, nem meses, mas poucos dias, último termo dado aos homens para fazer penitência. Os prodígios mais

assustadores se sucederão sem parar, até que o mundo inteiro pereça numa imensa perturbação.

“Eis o que anuncia Holzauzer, e isto não é senão a explicação do que está contido no Apocalipse; é a doutrina de *todos os Pais da Igreja*, encerrada no Evangelho e nos Atos dos Apóstolos.”

Observação – Assim, pois, acabará o mundo! Não é o sonho de um homem, é a doutrina de *todos os Pais*, que são a luz da Igreja. Aqueles de nossos leitores que apenas têm uma vaga idéia do Anticristo nos agradecerão, porque fizemos que o conhecessem com alguns detalhes, conforme as autoridades competentes. Se não há senão quarenta e três anos à sua frente, não tardaremos a ver esse reino maravilhoso. Por esses sinais reconheceremos a aproximação da data fatal.

O que há de estranho nesse relato é a obliteração do poder de Deus e de sua Igreja diante do Anticristo. Com efeito, após um triunfo de *curta duração*, a Igreja sucumbe novamente para não mais se erguer; a fé de seus ministros não é bastante grande para impedir a corrupção de introduzir-se *até no santuário*. Não é uma confissão ingênua de fraqueza e de impotência? São coisas que se pode pensar, mas é inabilidade gritar de cima dos telhados.

Teria sido deveras surpreendente que o Espiritismo não tivesse encontrado lugar nessa predição. Com efeito, ele aí está indicado como um dos sinais dos tempos, e eis em que termos. Não é mais Holzauzer quem fala, é o autor da brochura:

“Mas eis que esses ruídos se precisam, que esses terrores, que parecem quiméricos, tomam consistência e se formulam claramente. O fim do mundo se aproxima, gritam de todos os lados! Na Europa, nos países católicos, recordam-se as velhas profecias que, todas, anunciam esse grande acontecimento para a nossa época...”

“Não são senão os Espíritos batedores que dão o alarme. Abri *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, e lede na primeira página, nos prolegômenos, as palavras seguintes: ‘Os Espíritos anunciam que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal e que, sendo eles os ministros de Deus e os agentes de sua vontade, têm por missão instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade.’”

Observação – Não vemos que anunciar a *regeneração* da Humanidade seja anunciar o seu fim; estas duas idéias se contradizem. Os Espíritos, em vez de *darem o alarme*, vêm trazer a esperança.

“Logo de começo o profeta Joel nos diz: ‘*Naqueles tempos a magia cobrirá toda a Terra, e ver-se-ão até crianças de peito fazendo coisas extraordinárias e discursando como pessoas grandes.*’”

“O Espiritismo, esta magia do século dezenove, invadiu o mundo. Há apenas alguns anos, na América, na Inglaterra, na França, fenômenos admiráveis, inauditos, excitaram a curiosidade geral. Móveis inertes, animando-se à vontade dos operadores, entregavam-se às mais fantásticas evoluções, e respondiam sem hesitação às perguntas que lhes dirigiam. Buscou-se qual podia ser *a causa inteligente desses efeitos inteligentes*. As mesas responderam: São Espíritos, as almas dos homens que a morte levou, que vêm comunicar-se com os vivos. Novos fenômenos se produziram. Ouviram-se como que golpes batidos nos móveis, nas paredes das casas; viram-se objetos, movendo-se espontaneamente; ouviam-se vozes, sinfonias; viram-se mesmo aparições de pessoas mortas há muito tempo. Os prodígios se multiplicavam. Era preciso querer para ver; era preciso ver para ficar convencido.

“Em breve uma nova religião se organizou. Interrogados, os próprios Espíritos redigiram um código de sua

nova doutrina. Foi, é preciso confessar, *um sistema filosófico admiravelmente bem combinado sob todos os aspectos*. Jamais o mais hábil sofista soube tão bem disfarçar a mentira e o paradoxo. Não podendo, sem desvendar sua origem e despertar suspeitas, quebrar de um golpe as idéias de Deus e de virtude, os Espíritos começam reconhecendo altamente a existência de Deus, a necessidade desta virtude; mas fazem tão pouca diferença entre a sorte dos justos e a dos maus, que se é forçosamente levado, por essas crenças, a satisfazer a todas as suas paixões e a buscar na morte um refúgio contra a infelicidade. O crime e o suicídio são as duas conseqüências fatais desses princípios que, à primeira vista, parecem marcados por uma moral tão bela e tão pura.

“Para explicar a anomalia dessas comunicações de além-túmulo, os Espíritos não puderam deixar de anunciar, como vimos, *que os tempos marcados pela providência tinham chegado*; mas, não querendo falar do fim do mundo, o que absolutamente não entrava em seu sistema, acrescentaram: *para a regeneração universal da Humanidade*.”

Observação – Por uma singular coincidência, no mesmo dia, 24 de fevereiro, em que nos chegou essa brochura, que nos era enviada por um de nossos correspondentes de Lyon, e no momento que líamos estes últimos parágrafos, recebemos das cercanias de Boulogne-sur-Mer uma carta, da qual extraímos as seguintes passagens:

“É do fundo de um vale obscuro do Boulonais que vos chegam estas poucas palavras, reflexos de uma existência sofredora; porque o Espiritismo penetra por toda parte, para espalhar a luz e as consolações. Pessoalmente, quanto alívio não lhe devo, bem como a vós, senhor, que sois o seu dispensador!

“Nascido de pais muito pobres, carregados de oito filhos, dos quais sou o mais velho, ai! até agora não ganhei o meu

pão, embora tenha vinte e nove anos, pela debilidade de minha constituição. Juntai a isto uma propensão inata ao orgulho, à vaidade, à violência, etc., e julgai o que tive de suportar de males, na minha miserável condição, antes que o Espiritismo tivesse vindo explicar-me o enigma de meu destino. Cheguei a tal ponto que resolvi suicidar-me.

“Para este fim, para acalmar as minhas apreensões e as censuras de minha consciência, eu me tinha dito, *na minha fé de católico*: Ferir-me-ei com um golpe que, embora mortal, não me fará morrer instantaneamente e me deixará dispor de alguns instantes de vida, suficientes para que eu tenha a possibilidade *de me confessar, comungar e manifestar o meu arrependimento; numa palavra, de me pôr em condições de me assegurar uma vida ditosa no outro mundo, escapando aos males deste.*

“Meu raciocínio era muito absurdo, não acha, senhor? E, contudo, não era conseqüente com o dogma que nos afirma que todo pecado, todo crime mesmo, é apagado pela simples confissão feita a um sacerdote que dá a absolvição?”

“Agora, graças ao conhecimento do Espiritismo, semelhantes idéias estão *para sempre banidas do meu pensamento*; entretanto, quanta imperfeição ainda me resta a despojar!”

Assim, o Espiritismo impediu um ato, um crime que teria sido cometido, *não na ausência de toda fé*, mas antes, diz a pessoa, pela conseqüência mesma de sua fé católica. Neste caso, qual foi a mais poderosa para impedir o mal? Esse rapaz será danado por ter seguido o impulso do Espiritismo, obra do demônio, segundo o autor da brochura, ou teria sido salvo, suicidando-se, por ter recebido, antes de morrer, a absolvição de um sacerdote? Que o autor da brochura, com a mão na consciência, responda a esta pergunta.

Tendo sido lidos os fragmentos acima na Sociedade de Paris, o nosso antigo colega Jobard veio dar, espontaneamente, sobre o assunto, a comunicação seguinte, por um médium em sonambulismo espiritual:

(Sociedade de Paris, 28 de fevereiro – Médium: Sr. Morin)

Eu passava, quando o eco me trouxe a vibração de uma imensa gargalhada. Prestei atenção e, tendo reconhecido o ruído do riso dos encarnados e dos desencarnados, me disse: Sem dúvida a coisa é interessante; vamos ver!... E eu não acreditava, senhores, ter o prazer de vir passar a noite junto de vós. Contudo, estou feliz por isto, crede-o bem, porque sei toda a simpatia que conservastes por vosso antigo colega.

Assim, aproximei-me e os ruídos da Terra me chegaram mais distintos: O fim do mundo! exclamavam; o fim do mundo!... Oh! meu Deus, me disse eu, se é o fim do mundo, em que se vão tornar?... A voz de vosso presidente e meu amigo, chegando até mim, compreendi que vos lia algumas passagens de uma brochura na qual se anuncia o fim do mundo como muito próximo. O assunto interessou-me; escutei atentamente e, após ter refletido maduramente, venho, como o autor da brochura, dizer-vos: Sim, senhores, o fim do mundo está próximo!... Oh! não vos assusteis, senhoras, porque é preciso estar bem perto para o tocar; e quando o tocardes o vereis.

Esperando, se me permitis, vou dar-vos minha apreciação sobre esta palavra, espantallo dos cérebros fracos e, também, dos Espíritos fracos; porque, sabeí-o, se o temor do fim do mundo aterroriza os seres pusilânimes do vosso mundo, fere igualmente de terror os seres atrasados da erraticidade. Todos os que não estão desmaterializados, isto é, que, embora Espíritos, vivem mais materialmente que espiritualmente, se apavoram à idéia do fim do mundo, porque compreendem, por esta palavra, a

destruição da matéria. Não vos admireis, pois, de que essa idéia emocione certos Espíritos, que não saberiam em que se tornar, se a Terra não existisse mais, porquanto a Terra ainda é o seu mundo, o seu ponto de apoio.

Por mim, me disse: Sim, o fim do mundo está próximo; está aí, eu o vejo, o toco... está próximo para os que, mau grado seu, trabalham para precipitar o seu advento!... Sim, o fim do mundo está próximo; mas, o fim de que mundo?

Será o fim do mundo da superstição, do despotismo, dos abusos mantidos pela ignorância, pela malevolência e pela hipocrisia; será o fim do mundo egoísta e orgulhoso, do pauperismo, de tudo o que é vil e rebaixa o homem; numa palavra, de todos os sentimentos baixos e cúpidos, que são o triste apanágio do vosso mundo.

Esse fim do mundo, essa grande catástrofe que todas as religiões concordam em prever, é o que elas entendem? Ao contrário, não se deve ver a realização dos altos destinos da Humanidade? E se refletirmos em tudo o que se passa em torno de nós, esses sinais precursores não serão o sinal do começo de um outro mundo, isto é, de um outro mundo moral, em vez do da destruição do mundo material?

Sim, senhores, um período de depuração terrestre termina neste momento; um outro vai começar... Tudo concorre para o fim do velho mundo, e os que se esforçam por sustentá-lo trabalham energicamente, sem o querer, para a sua destruição. Sim, o fim do mundo está próximo para eles; pressentem-no e se apavoram, crede bem, mais que do fim do mundo terrestre, porque é o fim de sua dominação, de sua preponderância, a que se apegam mais do que a qualquer outra coisa; e isto não será, em relação a eles, a vingança de Deus, pois Deus não se vinga, mas a justa recompensa de seus atos.

Como vós, os Espíritos são filhos de suas obras; se são bons, é porque trabalharam para o ser; se são maus, não é porque tenham trabalhado para o ser, mas porque não trabalharam para se tornarem bons.

Amigos, o fim do mundo está próximo e vos convido vivamente a tomar boa nota desta previsão; ele está tanto mais próximo quanto já se trabalha para o reconstruir. A sábia providência d'Aquele a quem nada escapa, quer que tudo se construa, antes que tudo seja destruído; e quando o edificio novo for concluído, quando a cumeeira estiver coberta, então é que desabará o antigo; cairá por si mesmo, de sorte que entre o mundo novo e o velho não haverá solução de continuidade.

É assim que se deve entender o fim do mundo, que já pressagiam tantos sinais precursores. E quais serão os poderosos obreiros para esta grande transformação? Sois vós, senhoras; sois vós senhoritas, com o auxílio da dupla alavanca da instrução e do Espiritismo. Na mulher na qual o Espiritismo penetrou, há mais que uma mulher, há um trabalhador espiritual; nesse estado, tudo trabalhando por ela, a mulher trabalha ainda muito mais que o homem na edificação do monumento, porque, quando ela conhecer todos os recursos do Espiritismo e dele souber servir-se, a maior parte da obra por ela estará feita. Amamentando o corpo de seu filho, também poderá alimentar o seu espírito; e que melhor ferreiro do que o filho de um ferreiro, aprendiz de seu pai? Assim o menino sugará, ao crescer, o leite da espiritualidade, e quando tiverdes espíritas, filhos de espíritas e pais de espíritas, o fim do mundo, tal qual o compreendemos, não estará realizado? Depois disto, admirai-vos de que o Espiritismo seja um espantalho para tudo o que se prende ao velho mundo, e do encarniçamento com que procuram sufocá-lo em seu berço?

Intolerância e Perseguição com Respeito ao Espiritismo

O fato seguinte nos foi assinalado por um dos nossos correspondentes. Por conveniência, calamos o nome do lugar onde se passou, mas, se necessário, temos em mãos a peça justificativa.

O cura de..., tendo sabido que uma de suas paroquianas havia recebido *O Livro dos Espíritos*, veio à sua casa e lhe fez uma cena escandalosa, apostrofando-a com epítetos muito pouco evangélicos; além disso, ameaçou-a de não a enterrar, quando morresse, se ela não acreditasse no diabo e no inferno; depois, apoderando-se do livro, levou-o.

Alguns dias mais tarde aquela senhora, que pouco se abalara com aquela altercação, foi à casa do padre lhe reclamar o seu livro, dizendo a si mesma que se ele não o devolvesse, não lhe seria difícil adquirir outro e que saberia pô-lo em lugar seguro.

O livro foi devolvido, mas num estado que provava que uma santa cólera se havia descarregado sobre ele. Estava manchado de rasuras, de anotações, de refutações, nas quais os Espíritos eram tratados de mentirosos, de demônios, de estúpidos, etc. A fé daquela senhora, longe de ficar abalada, fortaleceu-se ainda mais. Dizem que se apanham mais moscas com mel do que com vinagre. O padre lhe apresentou vinagre; ela preferiu o mel, e disse: Perdoai-lhe, Senhor, porque ele não sabe o que faz. De que lado estava o verdadeiro Cristianismo?

Cenas desta natureza eram muito freqüentes há sete ou oito anos, e por vezes tinham um caráter de violência que raiava o burlesco. Recorde-se aquele missionário que escumava de raiva pregando contra o Espiritismo, e se agitava com tanto furor que temiam que de uma hora para outra caísse do púlpito. E aquele outro pregador que convidava todos os detentores de obras

espíritas para que lhas trouxessem, a fim de serem queimadas em praça pública. Infelizmente para ele não lhe trouxeram uma só, contentando-se em queimar no pátio do seminário todos os volumes que puderam comprar nas livrarias. Hoje que se reconheceu sua inutilidade e inconveniência, essas demonstrações excêntricas são muito raras; a experiência provou que elas desviaram mais fiéis da Igreja do que do Espiritismo.

O fato relatado acima tem um caráter de particular gravidade. Em sua igreja, o padre está em sua casa, no seu terreno; dar ou recusar preces, conforme a sua consciência, está no seu direito; usa-o, sem dúvida, de maneira mais prejudicial que útil à causa que defende, mas, enfim, está no seu direito e achamos ilógico que pessoas que estão, por pensamento, se não de fato, separadas da Igreja, que não cumprem nenhum dos deveres que esta impõe, tenham a pretensão de constranger um padre a fazer o que, com ou sem razão, ele considera como contrário à sua regra. Se não credes na eficácia de suas preces, porque lhas exigir? Mas, pela mesma razão, ele ultrapassa o seu direito, quando se impõe aos que não o pedem.

No caso de que se trata, com que direito aquele padre ia violentar a consciência daquela senhora em seu próprio domicílio, ali fazer uma visita inquisitorial e apoderar-se do que não lhe pertencia? Que ganha a religião com esse excesso de zelo? Os amigos inábeis são sempre prejudiciais.

O fato em si é de pouca importância e não é, em última análise, senão uma pequena pirraça, que prova a estreiteza das idéias de seu autor; dele não teríamos falado se não se ligasse a fatos mais graves, às perseguições propriamente ditas, cujas consequências são mais sérias.

Estranha anomalia! Seja qual for a posição de um homem, oficial ou subordinada a um título qualquer, não lhe

contestam o direito de ser protestante, judeu ou mesmo absolutamente nada; pode ser abertamente incrédulo, materialista ou ateu; pode preconizar tal ou qual filosofia, mas não tem o direito de ser espírita. Se for suspeito de Espiritismo, como outrora se era suspeito de jansenismo, é suspeito; se a coisa é confessada, é olhado de soslaio por seus superiores, quando estes não pensam como ele, considerado como perturbador da sociedade, ele que abjura toda idéia de ódio e de vingança, que tem como regra de conduta a caridade cristã na sua mais rigorosa acepção, a benevolência para com todos, a tolerância, o esquecimento e o perdão das injúrias, numa palavra, todas as máximas que são a garantia da ordem social, e o maior freio das más paixões. Pois bem! o que, em todos os tempos e em todos os povos civilizados, é um título à estima das pessoas honestas, torna-se um sinal de reprovação aos olhos de certa gente, que não perdoa a um homem *ter-se tornado melhor pelo Espiritismo!* Sejam quais forem as suas qualidades, os seus talentos, os serviços prestados, se não for independente, se sua posição não for invulnerável, uma mão, instrumento de uma vontade oculta, o oprime e fere, se puder, nos seus meios de subsistência, em suas afeições mais caras, e até em sua consideração.

Que semelhantes coisas se passem em regiões onde a fé exclusiva erige a intolerância em princípio, como a sua melhor salvaguarda, nada tem de surpreendente; mas que ocorram em países onde a liberdade de consciência está inscrita no código das leis como um direito natural, é mais difícil de compreender. É preciso, então, que se tenha muito medo desse Espiritismo, embora o apresentem como uma idéia oca, uma quimera, uma utopia, uma bagatela que um sopro da razão pode abater! Se esta luz fantástica ainda não está extinta, não é, entretanto, por não a terem soprado. Soprai, pois, soprai sempre: há chamas que são atiçadas soprando, em vez de serem apagadas.

Alguns, contudo, perguntarão: o que se pode censurar àquele que não quer e não pratica senão o bem? que cumpre os

deveres de seu cargo com zelo, probidade, lealdade e devotamento? que ensina a amar a Deus e ao próximo? que prega a concórdia e convida todos os homens a se tratarem como irmãos, sem acepção de cultos nem de nacionalidades? Não trabalha ele para o apaziguamento das dissensões e dos antagonismos que causaram tantos desastres? Não é o verdadeiro apóstolo da paz? Unindo por seus princípios o maior número possível de aderentes, por sua lógica, pela autoridade de sua posição e, sobretudo, por seu exemplo, não evitará conflitos lamentáveis? Se, em lugar de um, forem dez, cem, mil, sua influência salutar não será tanto maior? Tais homens são auxiliares preciosos; nunca são bastantes; não se deveria encorajá-los, honrá-los? A doutrina que faz penetrar esses princípios no coração do homem pela convicção apoiada numa fé sincera, não é um penhor de segurança? Aliás, onde se viu que os espíritas fossem provocadores de perturbações? Ao contrário, não são eles sempre e por toda parte assinalados como gente pacífica e amiga da ordem? Todas as vezes que foram provocados por atos de malevolência, em vez de usar represálias não evitaram com cuidado tudo quanto pudesse ter sido uma causa de desordem? Alguma vez a autoridade já os castigou por algum ato contrário à tranqüilidade pública? Não, porque um funcionário, encarregado da manutenção da ordem, há pouco dizia que se todos os seus administrados fossem espíritas, ele poderia fechar a sua repartição. Haverá homenagem mais característica, prestada aos sentimentos que os animam? E a que palavra de ordem obedecem? unicamente à de sua consciência, pois não denotam nenhuma personalidade patente ou oculta na sombra. Sua doutrina é sua lei, e essa lei lhes prescreve fazer o bem e evitar o mal; por seu poder moralizador ela conduziu à moderação homens exaltados, nada temendo, nem Deus, nem a justiça humana, e capazes de tudo. Se ela fosse popular, com que peso não se apresentaria nos momentos de efervescência e nos centros turbulentos? Em que, então, pode esta doutrina ser um motivo de reprovação? Como pode chamar a perseguição sobre aqueles que a professam e a propagam?

Admirai-vos de que uma doutrina que não produz senão o bem tenha adversários! Mas, então, não conheceis a cegueira do espírito de partido? Alguma vez ele já considerou o bem que pode fazer uma coisa, quando contrária às suas opiniões e aos seus interesses materiais? Não esqueçais que certos oponentes o são *por sistema*, muito mais que *por ignorância*. Seria em vão que esperaríeis atraí-los a vós pela lógica de vossos raciocínios e pela perspectiva dos efeitos salutareos da Doutrina; eles sabem isto tão bem quanto vós, e é precisamente porque o sabem que não o querem; quanto mais rigorosa e irresistível é essa lógica, mais ela os exaspera, porque lhes fecha a boca. Quanto mais lhes demonstram o bem que produz o Espiritismo, mais se irritam, porque sentem que aí está a sua força; por isso, ainda que ele devesse salvar o país dos maiores desastres, mesmo assim o repeliriam. Triunfais de um incrédulo, de um ateu de boa-fé, de uma alma viciosa e corrompida, mas nunca de gente de idéias preconcebidas!

Que esperam, pois, da perseguição? Deter o impulso das idéias novas pela intimidação? Vejamos, em algumas palavras, se tal objetivo pode ser atingido.

Todas as grandes idéias, todas as idéias renovadoras, assim na ordem científica como na ordem moral, receberam o batismo da perseguição, e isto era inevitável, porque elas ferem os interesses dos que viviam velhas idéias, preconceitos e abusos. Mas, desde que essas idéias constituem verdades, já se viu alguma vez a perseguição deter o seu curso? Não está aí a história de todos os tempos para provar que, ao contrário, elas cresceram, consolidaram-se, propagadas pelo efeito mesmo da perseguição? A perseguição foi o estimulante, o aguilhão que as impeliu para frente e fez avançar mais depressa, superexcitando os espíritos, de sorte que os perseguidores trabalharam contra si mesmos e não ganharam senão ser estigmatizados pela posteridade. Só se perseguiram as idéias nas quais se via o futuro; as que julgaram sem consequência deixaram que morressem de morte natural.

O Espiritismo, ele também, é uma grande idéia; devia, pois, receber seu batismo como seus precursores, porque o espírito dos homens não mudou, e lhe acontecerá o que aconteceu aos outros: um acréscimo de importância aos olhos da multidão e, por conseguinte, maior popularidade. Quanto mais em evidência estiverem as vítimas por sua posição, maior repercussão haverá em razão da extensão de suas relações.

A curiosidade é tanto mais superexcitada quanto mais a pessoa é cercada de mais estima e consideração; cada um quer saber o porquê e o como; conhecer o fundo dessas opiniões, que despertam tanta cólera; interrogam, lêem, e eis como uma porção de gente, que talvez jamais se teria ocupado de Espiritismo, é levada a conhecê-lo, a julgá-lo, a apreciá-lo e a adotá-lo. Tal foi, como se sabe, o resultado das declamações furibundas, das interdições pastorais, das diatribes de toda sorte. Tal será o das perseguições. Estas fazem mais: elevam o Espiritismo ao nível das crenças sérias, porque diz o bom-senso que não se combatem quimeras.

A perseguição contra as idéias falsas, errôneas, é inútil, porque estas se desacreditam e caem por si mesmas. Tem como efeito criar partidários e defensores, e retardar a sua queda, porque muitos as consideram como boas, precisamente porque são perseguidas. Quando a perseguição se ataca a idéias verdadeiras, vai diretamente contra o seu objetivo, porque lhe favorece o desenvolvimento; é, pois, em todos os casos, uma inabilidade que se volta contra os que a cometem.

Um escritor moderno lamentava que não tivessem queimado Lutero, a fim de destruir o protestantismo em sua raiz; mas como não poderiam tê-lo queimado senão após a emissão de suas idéias, se o tivessem feito o protestantismo talvez estivesse duas vezes mais espalhado do que está. Queimaram João Huss; que ganhou com isso o concílio de Constança? cobrir-se com uma nódoa indelével. Mas as idéias do mártir não foram queimadas com

ele: foram um dos fundamentos da Reforma. A posteridade conferiu a glória a João Huss e a vergonha ao concílio. (*Revista Espírita*, agosto de 1866). Hoje já não queimam, mas perseguem de outras maneiras.

Sem dúvida, quando desaba uma tempestade, muitos se põem ao abrigo. As perseguições podem, pois, impedir momentaneamente a livre manifestação do pensamento; os perseguidores, crendo tê-la abafado, adormecem numa segurança enganadora; mas o seu pensamento não subiste menos, e as idéias reprimidas são como as plantas em estufa: crescem mais depressa.

O Espiritismo em Cadiz, em 1853 e 1868

Temos dito em várias ocasiões que o Espiritismo conta numerosos adeptos na Espanha, o que prova que a restrição das idéias não as impede de produzir-se. Desde muito tempo já sabíamos que Cadiz era a sede de um importante centro espírita. Um dos membros dessa sociedade, tendo vindo a Paris o ano passado, deu-nos a respeito detalhes circunstanciados de alto interesse, e que depois nos lembrou em sua correspondência. Só a abundância das matérias nos impediu de os publicar mais cedo.

Os espíritas de Cadiz, reivindicam para a sua cidade a honra de ter sido uma das primeiras, se não a primeira na Europa, a possuir uma reunião espírita constituída, recebendo comunicações regulares dos Espíritos, pela escrita e pela tipologia, sobre assuntos de moral e de filosofia. Com efeito, esta pretensão é justificada pela publicação, em 1854, de um livro impresso em língua espanhola. Contém de início um prefácio explicativo sobre a descoberta das mesas falantes e a maneira de as utilizar; depois a relação de respostas a perguntas dirigidas aos Espíritos numa série de sessões realizadas desde 1853. O procedimento consistia numa mesinha de três pés e de um alfabeto dividido em três séries,

correspondendo cada uma a um dos pés da mesinha. Sem dúvida as respostas são muito elementares, comparativamente ao que hoje se obtém, e nem todas são de uma exatidão irreprochável, mas na maioria concordam com o ensinamento atual. Citaremos apenas algumas delas, para mostrar que na época, aliás quase por toda parte, em que não se ocupavam das mesas girantes senão como objeto de distração, em Cadiz já pensavam em utilizar o fenômeno para instruções sérias.

(8 de novembro de 1853) – Aqui está presente um Espírito? – Sim. – Como te chamas? – Ege. – Em que parte do mundo habitaste? – Na América do Norte. – Eras homem ou mulher? – Mulher. – Dize-nos o teu nome em inglês. – Akka. – Como traduzes *belo* em inglês? – *Fine*. – Por que vieste aqui? – Para fazer o bem. – A ti ou a nós? – A todos. – Então podes dar-nos esse bem? – Posso; tudo está no trabalho. – Como alcançaremos o bem? – Emancipando a mulher; tudo depende dela.

(11 de novembro). *O Espírito Ege*. – Há um outro modo de comunicação com os Espíritos? – Sim, pelo pensamento. – De que maneira? – Lê o teu. – E como poderíamos nos entender com o pensamento dos Espíritos? – Pela concentração. – Há um meio de chegar a isto facilmente? – Sim, a felicidade. – Como se obtém a felicidade? – Amando-vos uns aos outros.

(25 de novembro). *Anna Ruiz*. – Para onde vai nossa alma ao se separar do corpo? – Ela não deixa a Terra. – Queres dizer o corpo? – Não, a alma. – Tens os mesmos gozos na outra vida que nesta aqui? – Os mesmos e melhores: trabalhamos em todo o Universo.

(26 de novembro). *Odiuz*. – Os Espíritos revestem uma forma? – Sim. – Qual? – A forma humana. Há dois corpos: um material, outro de luz. – O corpo de luz é o Espírito? – Não; é uma agregação de éter; fluidos leves formam o corpo de luz. – Que é

um Espírito? – Um homem em estado de essência. – Qual é o seu destino? – Organizar o movimento material cósmico; cooperar com Deus para a ordem e nas leis dos mundos no Universo.

(30 de novembro). *Um Espírito espontaneamente*. A ordem distribui as harmonias. Esta lei vos diz que cada globo do sistema solar é habitado por uma humanidade como a vossa; cada membro dessa humanidade é um ser completo na classe que ocupa; possui uma cabeça, um tronco e membros. Cada um tem a sua destinação marcada, coletiva ou terrestre, visível ou invisível. O Sol, como os planetas e seus satélites, tem seus habitantes com um destino complexo. Cada uma das humanidades que povoam esses diversos globos tem sua dupla existência, visível e invisível, e uma palavra espiritual apropriada a cada um desses estados.

(1^o de dezembro). *Odiuz*. Lede João e tereis a significação da palavra verbo. Sabereis o que é o *verbo* da humanidade solar; cada humanidade tem a sua Providência, seu homem-Deus; a luz do homem-Deus solar é a Providência antropomórfica de todos os globos do sistema solar.

(8 de dezembro). – Há analogia entre a luz material e a luz espiritual? – O Sol ilumina, os planetas refletem sua luz. A inteligência solar ilumina as inteligências planetárias e estas as de seus satélites. A luz inteligente emana do cérebro da humanidade solar, que é a centelha inteligente, como o Sol é a centelha material de todos os astros. Há também analogia no modo de expansão da luz inteligente em cada humanidade que a recebe do foco principal para a comunicar aos seus membros.

Há unidade de sistema entre o mundo material e o mundo espiritual.

Nós temos a Natureza que reflete as leis que precederam a Criação. A seguir vem o Espírito humano que analisa a Natureza para descobrir estas leis, interpretá-las e compreendê-

las. Esta análise é para a luz espiritual o que é a refração para a luz física, porque a Humanidade inteira forma um prisma intelectual, no qual a luz divina única se refrata de mil maneiras diferentes.

(4 de janeiro de 1854). – Por que nem sempre os Espíritos vêm ao nosso apelo? – Porque são muito ocupados. – Por que alguns Espíritos que se apresentaram até agora responderam por enigmas ou absurdos? – Porque eram Espíritos ignorantes e levianos. – Como os distinguir dos Espíritos sérios? – Por suas respostas.

– Podem os Espíritos tornar-se visíveis? – Algumas vezes. – Em que caso? – Quando se trata de humilhar o fanatismo. – Sob que forma o Espírito se apresentou ao arcebispo de Paris? – Forma humana. – Qual a verdadeira religião? – Amar-vos uns aos outros.

O extrato seguinte, de uma carta do nosso correspondente, datada de 17 de agosto de 1867, dará uma idéia do espírito que preside à Sociedade Espírita atual de Cadiz:

“Desde onze anos estamos em comunicação com Espíritos da vida superior e, nesse espaço de tempo, eles nos fizeram importantes revelações sobre a moral, a vida espiritual e outros assuntos de interesse do progresso.

“Reunimo-nos cinco vezes por semana. O Espírito presidente de nossa Sociedade, ao qual os outros Espíritos concedem uma certa supremacia, chama-se *Pastoret*. Temos na Sra. J.. um excelente médium vidente e falante. Ela se comunica por meio de uma mesinha de três pés, que não lhe serve senão para estabelecer a corrente fluídica, e vê as palavras escritas numa espécie de fita fluídica, que passa incessantemente diante de seus olhos, e nela lê como num livro. Esse meio de comunicação, aliado à benevolência dos Espíritos que vêm às nossas sessões, permite-

nos apresentar as nossas observações e estabelecer discussões quase familiares com esses mesmos Espíritos.

“Cada noite a sessão é aberta com a presença do Espírito Gardoqui, que conhecemos e que, em vida, exercia a Medicina em Cadiz. Depois de dar conselhos aos nossos irmãos presentes, vai visitar os doentes que lhe recomendamos; indica os remédios necessários, e quase sempre com sucesso.

“Depois da visita do médico vem o Espírito familiar do círculo, que nos traz outros Espíritos, ora superiores para nos instruírem, ora inferiores, a fim de que os auxiliemos com os nossos conselhos e os nossos encorajamentos. Por indicação dos nossos guias, realizamos periodicamente missões de caridade em favor dos pobres.

“Além do ridículo, contra o qual vós outros, franceses, tendes de lutar tanto quanto nós, lutamos contra a intolerância. Contudo não desanimamos, porque a força de convicção que Deus nos dá é mais poderosa que os obstáculos.

“Terminamos cada sessão pela seguinte prece:

“Pai universal! Senhor todo-poderoso! dirigimo-nos a ti, porque te reconhecemos como o Deus único e eterno. Pai! desejamos não incorrer na tua censura, mas, ao contrário, avançar a nossa purificação para nos aproximarmos de ti, único bem verdadeiro, suprema felicidade prometida aos que retornam junto a ti.

“Senhor! lembramos-te continuamente os nossos pecados, a fim de que no-los perdoes, após a expiação que merecem. Quanto já não devemos à tua imensa bondade! Sede misericordioso para conosco.

“Pai eterno, tu me deste a vida e, com a vida, a inteligência para te conhecer, um coração para te amar e para amar os meus semelhantes. Minha inteligência crescerá quando eu pensar em ti e quando me elevar a ti.

“Pai universal de todos os seres, grande arquiteto do Universo, água benta com que estancamos a sede do amor divino, nem o curso do tempo, nem a diferença das inteligências impedem de te reconhecer, porque teu grande poder e teu grande amor se vêem por toda parte.

“Pai! nós nos confiamos à tua misericórdia e, como prova de nossa sinceridade, nós te ofertamos as nossas vidas, os nossos bens, tudo quanto nos deste. Nada possuímos que não venha de ti; pomos tudo à disposição dos nossos irmãos necessitados, para que aproveitem o fruto da nossa inteligência e do nosso trabalho.

“Somos teus filhos, Senhor! e solicitamos de tua infinita bondade um raio de luz para nos conduzir no caminho que nos mostraste, até que cheguemos ao complemento de nossa felicidade.

“Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; seja feita a tua vontade, assim na Terra como no Céu. O pão nosso de cada dia, dá-nos hoje. Perdoa as nossas ofensas como perdoamos os que nos ofenderam, agora e sempre, até na hora de nossa morte.

“Nós te dirigimos as nossas preces, Pai infinitamente bom, por todos os nossos irmãos que sofrem na Terra e no espaço. Nosso pensamento é para eles e a nossa confiança está em ti.”

Que os espíritas de Cadiz recebam, por nosso intermédio, os sinceros cumprimentos de seus irmãos de todos os países. A iniciativa que tomaram, na extremidade da Europa e numa terra refratária, sem relações com os outros centros, sem outro guia

além de suas próprias inspirações, quando o Espiritismo, quase por toda parte, ainda estava na infância, é uma prova a mais de que o movimento regenerador recebe seu impulso de mais alto que a Terra e que seu foco está em toda parte; que, assim, é temerário e presunçoso esperar sufocá-lo comprimindo-o num ponto, pois que, em falta de uma saída, há mil outros pelos quais será feita a luz. Para que servem as barreiras contra aquilo que vem do alto? De que serve esmagar alguns indivíduos, quando há milhões disseminados sobre toda a Terra, que recebem a luz e a espalham? Querer aniquilar o que está fora do poder do homem, não é representar o papel dos gigantes que queriam escalar o céu?

Dissertação Espírita

INSTRUÇÃO DAS MULHERES

(Joinville, Haute-Marne, 10 de março de 1868 – Médiun: Sra. P...)

Neste momento a instrução da mulher é uma das mais graves questões, porque não contribuirá pouco para realizar as grandes idéias de liberdade, que dormitam nos fundos dos corações.

Honra aos homens corajosos que tomaram a sua iniciativa! eles podem, de antemão, estar certos do sucesso de seus trabalhos. Sim, soou a hora da libertação da mulher; ela quer ser livre e para isto deve libertar a sua inteligência dos erros e dos preconceitos do passado. É pelo estudo que ela alargará o círculo de seus conhecimentos estreitos e mesquinhos. Livre, ela fundará a sua religião sobre a moral, que é de todos os tempos e de todos os países. Ela quer ser, ela será a companheira inteligente do homem, sua conselheira, sua amiga, a instrutora de seus filhos, e não um joguete, do qual se servem como uma coisa, e que depois deixam de lado para tomar uma outra.

Ela quer trazer a sua pedra ao edifício social, que se ergue neste momento ao poderoso sopro do progresso.

É verdade que, uma vez instruída, ela escapa das mãos daqueles que dela fazem um instrumento. Como um pássaro cativo, ela quebra a sua gaiola e voa para os vastos campos do infinito. É verdade que, pelo conhecimento das leis imutáveis que regem os mundos, ela compreenderá Deus de modo diferente do que lhe ensinam; não acreditará mais num Deus vingador, parcial e cruel, porque sua razão lhe dirá que a vingança, a parcialidade e a crueldade não podem conciliar-se com a justiça e a bondade; o seu Deus – dela – será todo amor, mansuetude e perdão.

Mais tarde ela conhecerá os laços de solidariedade que unem os povos entre si, e os aplicará em seu redor, espalhando com profusão tesouros de caridade, de amor e de benevolência para todos. Seja qual for a seita a que pertença, saberá que todos os homens são irmãos, e que o mais forte não recebeu a força senão para proteger o fraco e o elevar na sociedade ao verdadeiro lugar que deve ocupar.

Sim, a mulher é um ser perfectível como o homem, e suas aspirações são legítimas; seu pensamento é livre e nenhum poder do mundo tem o direito de a escravizar ao sabor de seus interesses ou de suas paixões. Ela reclama sua parte de *atividade intelectual*, e a obterá, porque há uma lei mais poderosa que todas as leis humanas: a do progresso, à qual toda a Criação está submetida.

Um Espírito

Observação – Temos dito e repetido muitas vezes: a emancipação da mulher será a conseqüência da difusão do Espiritismo, porque ele funda os seus direitos, não numa idéia filosófica generosa, mas sobre a própria identidade do Espírito. Provando que não há Espíritos homens e Espíritos mulheres, que todos têm a mesma essência, a mesma origem e o mesmo destino,

ele consagra a igualdade dos direitos. A grande lei da reencarnação vem, além disso, sancionar este princípio. Desde que os mesmos Espíritos podem encarnar, ora como homens, ora como mulheres, disso resulta que o homem que escraviza a mulher poderá ser escravizado por sua vez; que, assim, trabalhando pela emancipação das mulheres, os homens trabalham pela emancipação geral e, por conseguinte, em proveito próprio. As mulheres têm, pois, um interesse direto na propagação do Espiritismo, porque ele fornece em apoio de sua causa os mais poderosos argumentos que jamais foram invocados. (Vide a *Revista Espírita*, janeiro de 1866; junho de 1867).

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XI

MAIO DE 1868

Nº 5

Correspondência Inédita de Lavater com a Imperatriz Maria da Rússia

(Continuação e fim. Vide o número de abril de 1868)

SEXTA CARTA

Mui venerada imperatriz,

Junto ainda uma carta chegada do mundo invisível! Possa ela, *como as precedentes, ser apreciada* por vós e sobre vós produzir um efeito salutar!

Aspiramos sem cessar a uma comunicação mais íntima com o *Amor*, o mais puro que se manifestou no homem e se glorificou em Jesus, o Nazareno!

Muito venerada imperatriz, nossa felicidade futura está em nosso poder, uma vez que nos é concedida a graça de compreender que só o amor pode nos dar a felicidade suprema, e que só a fé no amor divino faz brotar em nossos corações o sentimento que torna eternamente felizes, a fé que desenvolve, depura e completa nossa aptidão para amar.

Muitos temas ainda me restam para vos comunicar. Procurarei acelerar a continuação do que comecei a vos expor, e me consideraria muito feliz se pudesse esperar ter podido ocupar agradavelmente e utilmente alguns momentos de vossa preciosa vida.

João Gaspar Lavater

Zurique, 16 de dezembro de 1798

CARTA DE UM DEFUNTO AO SEU AMIGO

SOBRE AS RELAÇÕES EXISTENTES ENTRE OS ESPÍRITOS

E AQUELES QUE ELES AMARAM NA TERRA

Meu bem-amado, antes de tudo devo advertir-te que, das mil coisas que desejas aprender de mim e que eu teria tanto desejado poder dizer-te, ousou apenas comunicar-te uma só, pois não dependo absolutamente de mim mesmo. Como já te disse, minha vontade depende da vontade dAquele que é a suprema sabedoria. Minhas relações contigo não são baseadas senão no teu amor. Esta sabedoria, este amor personificados, muitas vezes nos impelem, a mim e aos meus mil vezes mil convivas de uma felicidade que se torna continuamente mais elevada e mais inebriante para os homens ainda mortais, e nos fazem entrar com eles em relações certamente agradáveis para nós, embora muitas vezes obscurecidas e nem sempre bastante puras e santas. Recebe de mim algumas noções acerca destas relações. Não sei como conseguirei fazer-te compreender esta grande verdade que, provavelmente, te surpreenderá muito, a despeito de sua realidade: *é que nossa própria felicidade muitas vezes depende, relativamente, bem entendido, do estado moral daqueles que deixamos na Terra e com os quais entramos em relações diretas.*

Seu sentimento religioso nos atrai; sua impiedade nos repele.

Nós nos regozijamos com suas puras e nobres alegrias, isto é, com suas alegrias espirituais desinteressadas. Seu amor contribui para a nossa felicidade; por isso sentimos, se não um sentimento semelhante ao sofrimento, ao menos uma diminuição de prazer, quando eles se deixam *cobrir-se de sombras* por sua sensualidade, seu egoísmo, suas paixões animais ou pela impureza de seus desejos.

Meu amigo, detém-te, eu te peço, ante esta expressão: *cobrir-se de sombras*.

Todo pensamento divino produz um raio de luz, que jorra do homem amante, e que não é visto nem compreendido senão pelas naturezas amantes e radiantes. Toda espécie de amor tem seu raio de luz, que lhe é particular. Esse raio, reunindo-se à auréola que circunda os santos, a torna ainda mais resplendente e mais agradável à vista. Do grau desta claridade e desta amenidade depende, muitas vezes, o grau de nossa própria felicidade, ou da felicidade que sentimos de nossa existência. Com a desapareição do amor, essa luz se desvanece, e com ela o elemento de felicidade daqueles que amamos. Um homem que se torna estranho ao amor *se cobre de sombras*, no sentido mais literal e mais positivo da palavra; torna-se mais material, por conseguinte mais elementar, mais terrestre, e as trevas da noite o cobrem com seu véu. A vida, ou o que para nós é a mesma coisa – o amor do homem – produz o grau de sua luz, sua pureza luminosa, sua identidade com a luz, a magnificência de sua natureza.

Só estas últimas qualidades tornam possíveis e íntimas as nossas relações com ele. A luz atrai a luz. É-nos impossível agir sobre as almas sombrias. Todas as naturezas não amantes nos parecem sombrias. A vida de cada mortal, sua verdadeira vida, é como o seu amor; sua luz se assemelha ao seu amor; de sua luz decorre a nossa comunicação com ele e a sua conosco. Nosso elemento é a luz, cujo segredo não é compreendido por nenhum

mortal. Atraímos e somos atraídos por ela. Essa vestimenta, esse órgão, esse veículo, esse elemento, no qual reside a força primitiva, que tudo produz, a luz numa palavra, forma para nós o traço característico de todas as naturezas.

Nós clareamos na medida do nosso amor; somos reconhecidos por esta claridade, e somos atraídos por todas as naturezas amantes e radiantes como nós. Por efeito de um movimento imperceptível, dando uma certa direção aos nossos raios, podemos fazer nascer em naturezas que são simpáticas, idéias mais humanas, suscitar ações, sentimentos mais nobres e mais elevados; mas *não temos o poder de forçar ou de dominar ninguém, nem de impor nossa vontade aos homens cuja vontade é absolutamente independente da nossa. O livre-arbítrio do homem nos é sagrado.* É-nos impossível comunicar um só raio de nossa pura luz a um homem a quem falta sensibilidade. Ele não possui nenhum sentido, nenhum órgão para poder receber de nós a mínima coisa. Do grau de sensibilidade que possui um homem depende – oh! permite que to repita em cada uma de minhas cartas – sua aptidão para receber a luz, sua simpatia com todas as naturezas luminosas e com o seu protótipo primordial. Da ausência da luz nasce a incapacidade de se aproximar das fontes da luz, ao passo que milhares de naturezas luminosas podem ser atraídas por uma só natureza semelhante.

O Homem-Jesus, resplandecente de luz e de amor, foi o ponto luminoso que atraía incessantemente para ele legiões de anjos. Naturezas sombrias, egoístas, atraem para si Espíritos sombrios, grosseiros, privados de luz, malévolos e, ademais, são envenenados por eles, ao passo que as almas amantes tornam-se ainda mais puras e mais amantes, por seu contato com os Espíritos bons e amantes.

Jacob adormecido, cheio de sentimentos piedosos, vê os anjos do Senhor chegarem a ele em multidão, e a sombria alma de Judas Iscariotes dá ao chefe dos Espíritos sombrios o direito,

direi mesmo o poder, de penetrarem na sombria atmosfera de sua natureza odienta. Os Espíritos radiosos são abundantes onde se encontra um Elíseo; legiões de Espíritos sombrios pululam entre as almas sombrias.

Meu bem-amado, medita bem no que acabo de dizer-te. Encontrarás numerosas aplicações para isto nos livros bíblicos, que encerram verdades ainda intactas, bem como instruções da mais alta importância concernentes às relações que existem entre os mortais e os imortais, entre *o mundo material e o mundo dos Espíritos*.

Não depende senão de ti encontrar-te sob a influência benéfica dos Espíritos amantes ou de os afastar de ti; podes conservá-los junto a ti, ou forçá-los a te deixar. Depende de ti tornar-me mais ou menos feliz.

Agora deves compreender que todo ser amante torna-se mais feliz quando encontra um ser tão amante quanto ele; que o mais feliz e o mais puro dos seres torna-se menos feliz, quando encontra uma diminuição de amor naquele que ama; que o amor abre o coração ao amor, e que a ausência deste sentimento torna mais difícil, por vezes até impossível, o acesso de toda comunicação íntima.

Se desejas que eu já desfrute da felicidade suprema, que me torne ainda mais feliz, torna-te melhor ainda. Por isto tu me tornarás mais radioso e poderás simpatizar mais com todas as naturezas radiosas e imortais. Elas se apressarão a vir junto a ti; sua luz reunir-se-á à tua e a tua à delas; a sua presença tornar-te-á mais puro, mais irradiante, mais vivaz e, o que te parecerá difícil acreditar, mas não o é por isto menos positivo, elas mesmas, por efeito de *tua* luz, a que irradiará de ti, elas se tornarão mais luminosas, mais vivazes, mais felizes de sua existência e, por efeito de teu amor, ainda mais amantes.

Meu bem-amado, existem relações imperecíveis entre o que chamais os mundos *visível* e *invisível*, uma comunhão incessante entre os habitantes da Terra e os do Céu que sabem amar, uma ação benéfica recíproca de cada um desses mundos sobre o outro.

Meditando e analisando esta idéia com cuidado, reconhecerás cada vez mais a sua verdade, sua urgência e sua santidade.

Não te esqueças, irmão da Terra: vives visivelmente num mundo que ainda é invisível para ti!

Não o esqueças! no mundo dos Espíritos amantes, alegrar-se-ão por teu crescimento em amor puro e desinteressado.

Nós nos encontramos junto de ti, quando nos julgas bem longe. Jamais um ser amante se acha só e isolado.

A luz do amor rompe as trevas do mundo material, para entrar num mundo menos material.

Os Espíritos amantes e luminosos acham-se sempre na vizinhança do amor e da luz.

Estas palavras do Cristo são literalmente verdadeiras: “Onde duas ou três pessoas estiverem reunidas em meu nome, aí estarei com elas.”

Também é indubitavelmente certo que podemos *afligir* o Espírito de Deus por nosso egoísmo, e o *alegrar* por nosso verdadeiro amor, conforme o sentido profundo destas palavras: “O que ligardes na Terra será ligado no Céu; o que desligardes na Terra será também desligado no Céu.” Desligais pelo egoísmo, ligais pela caridade, isto é, pelo amor. Aproximai-vos e afastai-vos de nós. Nada é mais claramente compreendido no Céu do que o amor dos que amam na Terra.

Nada é mais atraente para os Espíritos bem-aventurados pertencentes a todos os graus de perfeição, do que o amor dos filhos da Terra.

Vós, que ainda sois chamados mortais, pelo amor podeis fazer descer o Céu sobre a Terra.

Poderíeis entrar conosco, bem-aventurados, numa comunhão infinitamente mais íntima do que podeis supor, se vossas almas se abrissem à nossa influência pelos impulsos do coração.

Muitas vezes estou junto a ti, meu bem-amado! Gosto de me encontrar na tua esfera de luz.

Permite-me dirigir-te ainda algumas palavras de confiança.

Quando te aborreces, a luz que irradia de ti, no momento em que pensas naqueles que tu amas ou nos que sofrem, se obscurece e, então, sou forçado a afastar-me de ti, pois nenhum Espírito amante pode suportar as trevas da cólera. Ainda recentemente tive que te deixar. Eu, a bem dizer, te perdi de vista e me dirigi para um outro amigo, ou antes, a luz de seu amor atraiu-me para ele. Ele orava, derramando lágrimas por uma família benfazeja, momentaneamente caída na maior miséria e que ele não estava em condições de socorrer. Oh! como seu corpo *terrestre* já me parecia *luminoso*; foi *como se uma claridade deslumbrante o inundasse*. Nosso Senhor aproximou-se dele e um raio de seu espírito caiu nessa luz. Que felicidade para mim poder mergulhar nesta auréola e, retemperado por esta luz, estar em estado de inspirar à sua alma a esperança de um socorro próximo! Pareceu-me ouvir uma voz do fundo de sua alma, dizer-lhe: “Nada temas! Crê! desfrutarás a alegria de poder aliviar aqueles por quem acabas de pedir a Deus.” Levantou-se inundado de alegria depois da prece. No mesmo instante, fui atraído para um outro ser radioso, também em prece...

Era a nobre alma de uma virgem, que orava e dizia: “Senhor! ensina-me a fazer o bem segundo a tua vontade.” Pude e ousei inspirar-lhe a seguinte idéia: “Não farei bem mandando a esse homem caridoso, que conheço, um pouco de dinheiro, para que o empregue ainda hoje em benefício de alguma família pobre?”

Ela apegou-se a esta idéia com uma alegria infantil; recebeu-a como teria recebido um anjo descido do céu. Essa alma piedosa e caridosa reuniu uma soma considerável; depois escreveu uma cartinha muito afetuosa, dirigida àquele por quem acabava de orar, e que recebeu, assim como o dinheiro, apenas uma hora depois de sua prece, vertendo lágrimas de alegria e cheio de um profundo reconhecimento a Deus!

Eu o segui, desfrutando eu mesmo uma felicidade suprema e alegrando-me em sua luz. Ele chegou à porta da pobre família. “Deus terá piedade de nós?” perguntou a piedosa esposa a seu piedoso marido. – “Sim, ele terá piedade de nós, como tivemos piedade dos outros.” – Ouvindo essa resposta do marido, aquele que tinha orado encheu-se de alegria; abriu a porta e, sufocado por sua ternura, mal pôde pronunciar estas palavras: “Sim, ele terá piedade de vós, como vós mesmos tivestes piedade dos pobres; eis uma prova da misericórdia de Deus. O Senhor vê os justos e ouve as suas súplicas.”

Com que viva luz brilharam todos os assistentes, quando, depois de ter lido a cartinha, erguêramos os olhos e os braços para o céu! Massas de Espíritos se apressaram a chegar de todos os lados. Como nos alegramos! como nos abraçamos! Como todos louvamos a Deus e o bendissemos! como todos nos tornamos mais perfeitos, mais amantes!

Tu, em breve brilharás outra vez; eu pude e ousei chegar junto a ti; tu tinhas feito três coisas que me conferiam o direito de aproximar-me de ti e de te alegrar. Tinhas derramado

lágrimas de vergonha por tua cólera; tinhas refletido, ficando seriamente enternecido pelos meios de poder dominar-te; tinhas pedido sincero perdão àquele a quem a tua exaltação havia ofendido, e buscavas de que maneira poderias compensá-lo, proporcionando-lhe alguma satisfação. Essa preocupação restituiu a calma ao teu coração, a alegria aos teus olhos, a luz ao teu corpo.

Podes julgar, por este exemplo, se estamos sempre bem instruídos do que fazem os amigos que deixamos na Terra, e quanto nos interessamos por seu estado moral. Agora também debes compreender *a solidariedade que existe entre o mundo visível e o mundo invisível*, e que depende de vós proporcionar-nos alegrias ou aflições.

Oh! meu bem-amado, se te pudesses compenetrar desta grande verdade, que um amor nobre e puro encontra em si mesmo a sua mais bela recompensa; que os gozos mais puros, o gozo de Deus, não são senão o produto de um sentimento mais depurado, apressar-te-ias em te depurar de tudo o que é egoísmo.

Doravante, jamais poderei escrever-te sem voltar a este assunto. Nada tem preço sem o amor. Só ele possui o golpe de vista claro, justo, penetrante, para distinguir o que merece ser estudado, o que é eminentemente verdadeiro, divino, imperecível. Em cada ser mortal e imortal, animado de um amor puro, nós vemos, com um inexprimível sentimento de prazer, refletir-se o próprio Deus, como vedes o Sol brilhar em cada gota de água pura. Todos os que amam, na Terra como no Céu, não fazem senão um pelo sentimento. É do grau do amor que depende o grau de nossa perfeição e de nossa felicidade interior e exterior. É o teu amor que regula tuas relações com os Espíritos que deixaram a Terra, tua comunicação com eles, a influência que podem exercer sobre ti e sua ligação íntima com o teu Espírito.

Escrevendo-te isto, um sentimento de previsão, que jamais engana, ensina-me que neste momento te achas em excelente disposição moral, pois que meditas uma obra de caridade. Cada uma de tuas ações, de teus pensamentos, traz um cunho particular, instantaneamente compreendido e apreciado por todos os Espíritos desencarnados. Que Deus venha em teu auxílio!

Escrevi-te isto em,

16 de dezembro de 1798

Seria supérfluo ressaltar a importância destas cartas de Lavater que, por toda parte, excitaram o mais vivo interesse. Elas atestam, de sua parte, não só o conhecimento dos princípios fundamentais do Espiritismo, mas uma justa apreciação de suas conseqüências morais. Apenas sobre alguns pontos parece ter tido idéias um pouco diferentes do que hoje sabemos, mas a causa dessas divergências que, aliás, prendem-se mais à forma do que ao fundo, é explicada na comunicação seguinte, por ele dada na Sociedade de Paris. Nós não as levantaremos, porque cada um as terá compreendido; o essencial era constatar que, muito antes do aparecimento oficial do Espiritismo, homens, cuja alta inteligência não poderia ser posta em dúvida, dele tiveram a intuição. Se não empregaram a palavra, é que esta não existia.

Não obstante, chamaremos a atenção sobre um ponto, que poderia parecer estranho: é a teoria segundo a qual a felicidade dos Espíritos estaria subordinada à pureza dos sentimentos dos encarnados, e se acharia alterada pela mais leve imperfeição destes. Se assim fosse, considerando o que são os homens, não haveria Espíritos realmente felizes, e a felicidade verdadeira não existiria no outro mundo, como não existe na Terra. Os Espíritos devem sofrer tanto menos as imperfeições dos homens, quanto mais o sabem perfectíveis. Para eles os homens imperfeitos são como crianças, cuja educação não está feita, e na qual têm missão de trabalhar, eles

que igualmente passaram pela fileira da imperfeição. Mas se se puser de lado o que o princípio desenvolvido nesta carta pode ter de muito absoluto, não se pode deixar de reconhecer um sentido muito profundo, uma admirável penetração das leis que regem as relações do mundo visível e do mundo invisível, e as nuances que caracterizam o grau de adiantamento dos Espíritos encarnados ou desencarnados.

OPINIÃO ATUAL DE LAVATER SOBRE O ESPIRITISMO¹³

**COMUNICAÇÃO VERBAL PELO SR. MORIN,
EM SONAMBULISMO ESPONTÂNEO**

(Sociedade de Paris, 13 de março de 1868)

Desde que a misericórdia divina permitiu que eu, humilde criatura, recebesse a revelação por meio dos mensageiros da imensidade, até esse dia os anos caíram, um a um, no abismo dos tempos; e à medida que se escoavam, aumentavam também os conhecimentos dos homens e se alargava o seu horizonte intelectual.

Desde que me foram dadas algumas das páginas que vos foram lidas, muitas outras foram dadas no mundo inteiro, sobre o mesmo assunto e pelo mesmo meio. Não creiais que eu tenha a pretensão, eu, humilde entre todos, de ter sido o primeiro a ter tido a honra insigne de receber um tal favor. Não. Outros, antes de mim, também tinham recebido a revelação; mas, como eu, oh! eles compreenderam incompletamente certas partes. É que é preciso, senhores, levar em conta o tempo, o grau de instrução moral e, sobretudo, o grau de emancipação filosófica dos povos.

Os Espíritos, dos quais hoje me sinto feliz em fazer parte, formam, também eles, povos, mundos, mas não têm raças; estudam, vêem, e seus estudos podem ser incontestavelmente maiores, mais vastos que os estudos dos homens; contudo, partem sempre dos conhecimentos adquiridos e do ponto culminante do

13 *Nota da Editora:* Ver “Nota Explicativa”, p. 543.

progresso moral e intelectual do tempo e do meio onde vivem. Se os Espíritos, esses mensageiros divinos, vêm diariamente vos dar instruções de ordem mais elevada, é que a generalidade dos seres que os recebem está em condição de os compreender. Em consequência das preparações que sofreram, há instantes em que os homens não necessitam deixar passar sobre si a eternidade de um século para compreender. Desde que se vê elevar-se rapidamente o nível moral, uma espécie de atração os leva para uma certa corrente de idéias, que devem assimilar, e para o objetivo a que devem aspirar; mas esses instantes são curtos e cabe aos homens aproveitá-los.

Eu disse que era preciso levar em conta os tempos e, sobretudo, o grau de emancipação filosófica que a época comportava. Reconhecido à Divindade, que me permitira adquirir, por um favor especial, mais depressa do que outros homens, partidos do mesmo ponto, certos conhecimentos, recebi comunicações dos Espíritos. Mas a primeira educação, os ensinamentos estreitos, a tradição e o costume pesaram em mim; malgrado as minhas aspirações em adquirir uma liberdade, uma independência de espírito que eu desejava, amante atraído pelos Espíritos que vinham comunicar-se comigo, não conhecendo a ciência que vos foi revelada depois, eu não podia atrair senão os seres de idéias similares às minhas, às minhas aspirações, e que, com um horizonte mais largo, tinham, não obstante, a mesma visão limitada. Daí, eu confesso, alguns erros que pudestes notar no que vos veio de mim; mas o fundo, o corpo principal não é, senhores, conforme a tudo o que, depois, vos foi revelado por esses mensageiros dos quais eu falava há pouco?

Espírito encarnado, por instinto levado ao bem; natureza tumultuosa apoderando-se de um pensamento que me levava ao verdadeiro, tão rápido, oh! como aqueles que me impeliam ao erro, talvez aí esteja o motivo que provocou as inexatidões de minhas comunicações, não tendo, para as retificar, os controles dos pontos de comparação; porque, para que uma

revelação seja perfeita, é preciso que se dirija a um homem perfeito e este não existe; não é, pois, senão do conjunto que se podem extrair os elementos da verdade: foi o que pudestes fazer. Mas, em meu tempo, podia-se formar um conjunto de algumas parcelas da verdade, de algumas comunicações excepcionais? Não. Sou feliz por ter sido um dos privilegiados do século passado; obtive essas comunicações, algumas diretamente por meu intermédio, e a maior parte através de um médium, amigo meu, completamente estranho à linguagem da alma e, é preciso dizer, mesmo à do bem.

Feliz por fazer partilhar essas idéias a inteligências que eu julgava acima da minha, uma porta me foi aberta; eu a aproveitei com ardor, e todas as revelações da vida de além-túmulo foram por mim levadas ao conhecimento de uma imperatriz que, por sua vez, as levou ao conhecimento do seu círculo, e assim por diante.

Crede-o bem, o Espiritismo não foi revelado espontaneamente; como toda coisa saída das mãos de Deus, desenvolveu-se progressivamente, lentamente, seguramente. Esteve em germe no primeiro germe das coisas, e cresceu com esse germe até que estivesse bastante forte para se subdividir ao infinito e espalhar por toda parte a sua semente fecunda e regeneradora. É por ele que sereis felizes, que será assegurada a felicidade dos povos – que digo eu? a felicidade de todos os mundos; porque o Espiritismo, palavra que eu ignorava, é chamado a fazer grandes revoluções! Mas, tranquilizai-vos; essas revoluções jamais ensangüentarão a sua bandeira; são revoluções morais, intelectuais; revoluções gigantescas, mais irresistíveis que as provocadas pelas armas, pelas quais tudo é de tal modo chamado a se transformar, que tudo quanto conheceis não passa de um fraco esboço do que elas produzirão. O Espiritismo é uma palavra tão vasta, tão grande, por tudo o que contém, que me parece que um homem que pudesse compreender toda a sua profundidade não a poderia pronunciar sem respeito.

Senhores, eu, Espírito muito tacanho, a despeito da grande inteligência com que me gratificais, e em relação àqueles muito superiores que me é dado contemplar, venho dizer-vos: Credes, então, que seja por efeito do acaso que esta noite pudestes ouvir o que Lavater tinha obtido e escrito? Não, não é por acaso, e seguramente a minha mão espiritual as dirigiu até vós. Mas se esses poucos pensamentos vieram ao vosso conhecimento por meu intermédio, não creiais que nisto eu tenha buscado uma vã satisfação do amor-próprio; não, longe disto. O objetivo era maior, e nem mesmo me tinha vindo o pensamento de as levar ao conhecimento universal da Terra. Tal conhecimento tinha a sua utilidade; deve ter conseqüências graves, e é por isto que vos foi dado espalhá-la. Nas menores coisas encontra-se o germe das maiores renovações. Estou feliz, senhores, por me ter sido deixado o direito de vos presentir sobre o alcance que terão essas poucas reflexões, essas comunicações, bem pobres ao lado das que obtendes atualmente; e se entrevejo o seu resultado, se me sinto feliz por isto, por que não o seríeis vós?

Voltarei, senhores, e o que disse esta noite é tão pouco em relação com o que tenho por missão vos ensinar, que ousou apenas dizer-vos: é Lavater.

Pergunta – Agradecemos as explicações que houvestes por bem nos dar, e ficaremos muito contentes por contar convosco, doravante, no número de nossos Espíritos instrutores. Receberemos as vossas instruções com o mais vivo reconhecimento. Enquanto esperamos, permiti-nos uma simples questão sobre a vossa comunicação de hoje:

1º – Dissestes que a imperatriz levou essas idéias ao conhecimento de seu círculo, e assim por diante. Seria por esta iniciativa, partida do ponto culminante da sociedade, que a Doutrina Espírita deve encontrar tão numerosas simpatias entre as sumidades sociais na Rússia?

2º – Um ponto de que me admira não ver mencionado em vossas cartas, é o grande princípio da reencarnação, uma das leis naturais que mais testemunham a justiça e a bondade de Deus.

Resposta – É evidente que a influência da imperatriz e de algumas outras grandes personagens foi predominante para determinar, na Rússia, o desenvolvimento do movimento filosófico no sentido espiritualista; mas, se muitas vezes o pensamento dos príncipes da Terra determina o pensamento dos grandes, que se acham sob a sua dependência, não se dá o mesmo com os pequenos. Os que têm chance de desenvolver no povo as idéias progressistas são os filhos do povo; são eles que farão triunfar, em toda parte, os princípios de solidariedade e de caridade, que são a base do Espiritismo.

Por isso Deus, em sua sabedoria, escalonou os elementos do progresso; *estão no alto, embaixo, sob todas as formas e preparados para combater todas as resistências*. Sofrem, assim, um movimento de vai-e-vem constante, que não pode deixar de estabelecer a harmonia dos sentimentos entre as altas e as baixas classes, e fazer triunfar solidariamente os princípios da autoridade e da liberdade.

Como sabeis, os povos são formados de Espíritos que têm entre si uma certa afinidade de idéias, que os predispõem mais ou menos para assimilar as idéias de tal ou qual ordem, porque essas mesmas idéias neles estão em estado latente e não esperam senão ocasião para se desenvolverem. O povo russo e vários outros estão neste caso em relação ao Espiritismo. Por pouco que o movimento fosse secundado, em vez de ser entravado, não se passariam dez anos antes que todos os indivíduos, sem exceção, fossem espíritas. Mas esses mesmos entraves são úteis para temperar o movimento que, embora um pouco devagar, não deixa de ser mais refletido. A Onipotência, por cuja vontade tudo se realiza, saberá bem remover os obstáculos, quando for tempo. Um dia o Espiritismo será a fé universal, e se admirarão de que não tenha sido sempre assim.

Quanto ao princípio da reencarnação terrestre, confesso-vos que a minha iniciação não tinha chegado até lá, e sem dúvida intencionalmente, porque eu não teria deixado de fazer, como das outras revelações, o assunto de minhas instruções à imperatriz, e talvez isto tivesse sido prematuro. Os que presidem ao movimento ascensional bem sabem o que fazem. Os princípios nascem um a um, segundo os tempos, os lugares e os indivíduos, e estava reservado à vossa época vê-los reunidos num feixe sólido, lógico e inatacável.

Lavater

Educação de Além-Túmulo

Escrevem-nos de Caen:

“Uma mãe e suas três filhas, querendo estudar a Doutrina Espírita, não podiam ler duas páginas sem sentir um mal-estar, de que não se davam conta. Um dia encontrei-me em casa dessas senhoras com uma jovem médium, sonâmbula muito lúcida; Esta adormeceu espontaneamente e viu perto de si um Espírito que reconheceu como o abade L..., antigo cura do lugar, morto há uns dez anos.

“P. – Sois vós, senhor cura, que impedis esta família de ler?

“*Resp.* – Sim, sou eu. Velo incessantemente sobre o rebanho confiado aos meus cuidados. Há muito tempo que vos vejo querer instruir minhas penitentes em vossa triste doutrina. Quem vos deu o direito de ensinar? Fizestes estudos para isto?

“P. – Dizei-me, senhor abade, estais no céu?

“*Resp.* – Não; não sou bastante puro para ver a Deus.

“P. – Então estais nas chamas do purgatório?

“*Resp.* – Não, pois não sofro.

“P. – Vistes o inferno?”

“*Resp.* – Fazeis-me tremer! vós me perturbaís! Não posso vos responder, porque talvez me digais que devo estar numa destas três coisas. Tremo ao pensar no que dizeis e, contudo, sou atraído para vós pela lógica de vossos raciocínios. Voltarei e discutirei convosco.

“Com efeito, ele voltou muitas vezes. Discutimos e ele compreendeu tão bem que o entusiasmo o ganhou. Ultimamente exclamava: ‘Sim, agora sou espírita, dizei-o a todos os que ensinam. Ah! como gostaria que compreendessem Deus como este anjo mo fez conhecer!’ Falava de Cárita, que tinha vindo a nós, e diante da qual ele caiu de joelhos, dizendo que não era um Espírito, mas um anjo. Desde esse momento ele tomou por missão instruir os que pretendem instruir os outros.”

Nosso correspondente acrescenta o seguinte fato:

“Entre os Espíritos que vêm ao nosso círculo, tivemos o doutor X..., que se apodera do nosso médium, e que é como uma criança. É preciso dar-lhe explicações sobre tudo; ele avança, compreende e está cheio de entusiasmo; vai junto dos sábios que conheceu; quer explicar-lhes o que vê, o que agora sabe, mas eles não o compreendem; então se irrita e os trata de ignaros. Um dia, numa reunião de dez pessoas, ele se apoderou da mocinha, como de hábito (a jovem médium, pela qual fala e age); perguntou-me quem era eu e por que sabia tanto sem nada ter aprendido; tomou-me a cabeça com as mãos e disse: ‘Eis a matéria; aí me reconheço; mas como estou aqui, eu? como posso fazer falar este organismo que, entretanto, não é meu? Falais-me da alma; mas onde está a que habita este corpo?’

“Depois de lhe ter feito notar o laço fluídico que une o Espírito ao corpo durante a vida, ele exclamou de repente, falando da jovem médium: ‘Conheço esta menina; eu a vi em minha casa;

seu coração estava doente; como é que não está mais? Dizei-me quem a curou.' Fiz-lhe ver que se enganava e que jamais a tinha visto. – 'Não, disse ele, não me engano, e a prova é que lhe piquei o braço e ela não sentiu nenhuma dor.'

“Quando a jovem despertou, nós lhe perguntamos se havia conhecido o doutor e se tinha ido consultá-lo. ‘Não sei, respondeu ela, se foi ele; mas, estando em Paris, levaram-me a um célebre médico, do qual não me lembro nem o nome, nem o endereço.’

“Suas idéias se modificam rapidamente; é agora um Espírito no delírio da felicidade do que sabe; queria provar a todo o mundo que o nosso ensino é incontestável. O que sobretudo o preocupa é a questão dos fluidos. ‘Eu quero, diz ele, curar como o vosso amigo; não quero mais me servir de venenos; não os tomeis jamais.’ Estuda hoje o homem, não mais no seu organismo, mas em sua alma; fez-nos dizer como se operava a união da alma com o corpo na concepção, e pareceu muito feliz com isto. O bom doutor Demeure veio em seguida e nos disse que não nos admirássemos com as perguntas, por vezes pueris, que ele poderia fazer-nos; e disse: Ele é como uma criança, a quem se deve ensinar a ler no grande livro da Natureza; mas, como é ao mesmo tempo uma grande inteligência, instrui-se rapidamente, e para isso nós concorremos do nosso lado.”

Esses dois exemplos vêm confirmar estes três grandes princípios revelados pelo Espiritismo, a saber:

1º – Que a alma conserva no mundo dos Espíritos, por um tempo mais ou menos longo, as idéias e os preconceitos que tinha durante a vida terrestre;

2º – Que se modifica, progride e adquire novos conhecimentos no mundo dos Espíritos;

3º – Que os encarnados podem concorrer para o progresso dos Espíritos desencarnados.

Estes princípios, resultado de inumeráveis observações, têm uma importância capital, porque derrubam todas as idéias implantadas pelas crenças religiosas sobre o estado estacionário e definitivo dos Espíritos após a morte. Desde que é demonstrado o progresso no estado espiritual, todas as crenças fundadas sobre a perpetuidade de uma situação uniforme qualquer caem diante da autoridade dos fatos. Também caem diante da razão filosófica, que diz que o progresso é uma lei da Natureza, e que o estado estacionário dos Espíritos seria, ao mesmo tempo, a negação dessa lei e da justiça de Deus.

Progredindo o Espírito fora da encarnação, disso resulta esta outra conseqüência não menos capital: que, voltando à Terra, traz a dupla conquista das existências anteriores e da erraticidade. Assim se realiza o progresso das gerações.

É incontestável que quando o médico e o padre, dos quais se falou acima, renascerem, trarão idéias e opiniões completamente diversas das que tinham na existência que acabam de deixar; um não será mais fanático, o outro não será mais materialista, e ambos serão espíritas. O mesmo se pode dizer do doutor Morel Lavallé, do bispo de Barcelona e de tantos outros. Há, pois, utilidade para o futuro da sociedade em se ocupar da educação dos Espíritos.

O Doutor Philippeau

IMPRESSÕES DE UM MÉDICO MATERIALISTA
NO MUNDO DOS ESPÍRITOS

Numa reunião íntima de família, em que se ocupavam de comunicações pela tiptologia, dois Espíritos se manifestaram

espontaneamente, sem qualquer evocação prévia e sem que ninguém pensasse neles: um era o de um médico distinto, que designaremos sob o nome de Philippeau, morto há pouco e que, em vida, tinha feito profissão aberta do mais absoluto materialismo¹⁴; o outro era o de uma mulher que assinou Santa Vitória. É essa conversa que relatamos a seguir. É de notar que as pessoas que obtiveram esta manifestação não conheciam o médico senão por sua reputação, mas não tinham qualquer idéia de seu caráter, de seus hábitos, nem de suas opiniões; a comunicação, portanto, não poderia ser de modo algum o reflexo de seu pensamento, e isto tanto menos quanto, sendo obtida pela tiptologia, era inteiramente inconsciente.

Perguntas do médico – O Espiritismo me ensina que é preciso esperar, amar, perdoar; eu faria tudo isto se soubesse como proceder para começar. É preciso esperar o quê? É preciso perdoar o que e a quem? É preciso amar o quê? Respondei-me.

Philippeau

Resposta – É preciso esperar na misericórdia de Deus, que é infinita; é preciso perdoar aos que vos ofenderam; é preciso amar ao próximo como a si mesmo; é preciso amar a Deus, a fim de que Deus vos ame e vos perdoe; é preciso orar e lhe render graças por todas as suas bondades, por todas as vossas misérias, porquanto miséria e felicidade tudo nos vem dele, isto é, tudo nos vem dele conforme o que tenhamos merecido.

Aquele que expiou, mais tarde terá a sua recompensa; cada coisa tem a sua razão de ser, e Deus, que é soberanamente bom e justo, dá a cada um segundo as suas obras. Amar e orar, eis toda a vida, toda a eternidade.

Santa Vitória

14 **N. do T.:** Estaria Kardec se referindo a Velpeau, famoso cirurgião francês, morto em 1867, e que encarna perfeitamente o ateu designado sob o pseudônimo de Philippeau?

O *médico* – Eu queria, de toda a minha alma, vos satisfazer, senhora, mas temo muito não o poder fazer inteiramente; contudo, vou tentar.

Uma vez morto, materialmente falando, pensava que tudo estivesse acabado; assim, quando minha matéria ficou inerte, fui tomado de espanto ao me sentir ainda vivo.

Vi esses homens me levarem e disse a mim mesmo: Mas eu não estou morto! Então esses médicos imbecis não vêem que eu vivo, respiro, ando, olho-os, sigo-os, a essa gente que vem ao meu enterro? Que é então o que enterram?... Então não sou eu... Escutava uns e outros: “Esse pobre Philippeau, diziam eles, fez muitas curas; matou alguns; hoje é a sua vez; quando a morte chega, nós perdemos o nosso tempo.” Por mais que eu gritasse: “Mas Philippeau não morre assim; não estou morto!”, não me escutavam, não me viam.

Assim se passaram três dias; eu estava desaparecido do mundo, e me sentia mais vivo que nunca. Seja acaso, seja Providência, meus olhos caíram sobre uma brochura de Allan Kardec; li suas descrições sobre o Espiritismo, e me disse: Seria eu, por acaso, um Espírito?... Li, reli e então compreendi a transformação de meu ser; eu não era mais um homem, mas um Espírito!... Sim; mas, então, que tinha a fazer nesse mundo novo? nessa nova esfera?... Eu errava, procurava: encontrei o vazio, o sombrio, enfim o abismo.

Que fizera, então, ao deixar o mundo, para vir habitar essas trevas?... Então o inferno é negro e foi nesse inferno que caí?... Por quê?... Por que trabalhei toda a vida? Por que empreguei minha existência a cuidar de uns e de outros, a salvá-los quando minha ciência mo permitia?... Não!... não!... Por que, então? Por quê?... procura! procura! Nada; não encontro nada.

Então reli Allan Kardec; esperar, perdoar e amar, eis a solução. Agora compreendo o resto; o que não compreendera, o que negara: Deus, o Ser invisível e supremo, é preciso que lhe peça; o que eu fizera pela Ciência, é preciso que faça para Deus; que estude, que realize a minha missão espiritual. Compreendo essas coisas ainda vagamente e vejo longos combates em minha mente, porque todo um mundo novo se abre para mim e recuo apavorado diante do que tenho a percorrer. E, contudo, dizeis que é preciso expiar; esta Terra me foi muito penosa, pois me foi necessário mais sofrimento do que podeis imaginar para chegar aonde cheguei! A ambição era o meu único móvel; eu a queria e cheguei.

Agora tudo está para refazer. Fiz tudo ao contrário do que devia. Aprendi, aprofundi a Ciência, não por amor a ela, mas por ambição, para ser mais que os outros, para que falassem de mim. Tratei do meu próximo, não para o aliviar, mas para me enriquecer; numa palavra, fui todo para a matéria, quando se deve ser todo para o espírito. Quais são hoje as minhas obras? A riqueza, a Ciência; nada! nada! Tudo esta por refazer?

Terei coragem para isto? terei a força, os meios, a facilidade?... O mundo espiritual em que marcho é um enigma; a prece me é desconhecida; que fazer? quem me ajudará? Talvez vós, que já me respondestes... Cuidado! a tarefa é rude, difícil, o aprendiz rebelde às vezes... Contudo procurarei render-me às vossas boas razões e vos agradecer antecipadamente as vossas bondades.

Philippeau

O Espiritismo em Toda Parte

A literatura contemporânea, periódica e outras, penetra-se diariamente de idéias espíritas; e tanto isto é verdade,

como temos dito desde muito tempo, que essas idéias são uma mina fecunda para os trabalhos de imaginação, rica em quadros poéticos e em situações cativantes; assim, os escritores aí colhem a manchieas. As doutrinas materialistas lhes oferecem um campo muito limitado, muito prosaico. O que daí se pode tirar, susceptível de tocar o coração e de elevar o pensamento? que poesia oferece a perspectiva do nada, da destruição eterna de si mesmo e daquelas a quem se ama? O materialista sente necessidade de falar à alma de seus leitores, se não as quiser gelar; de oferecer uma alma às suas personagens, se quiser que se interessem. Em todos os tempos os poetas e os literatos tomaram das idéias espiritualistas suas mais belas imagens e suas mais emocionantes situações. Mas hoje o Espiritismo, precisando as crenças no futuro, dá corpo aos pensamentos e uma acentuação que eles não tinham; abre um novo campo que começa a ser explorado. Já citamos numerosos exemplos do fato, e continuaremos a fazê-lo, de vez em quando, porque é um sinal característico da reação que se opera nas idéias.

Além das obras literárias propriamente ditas, a imprensa também registra, diariamente, fatos que entram no quadro do Espiritismo.

A CONDESSA DE MONTE-CRISTO

Sob esse título, o jornal *Petite Presse* publica um romance-folhetim, no qual se encontram as passagens seguintes, extraídas dos capítulos XXX e XXXI:

“– Meu paraíso, querida mãe, dizia à condessa de Monte-Cristo sua filha agonizante, será ficar perto de ti, junto a vós! sempre viva em vossos pensamentos, *escutando-vos e vos respondendo, conversando baixinho com as vossas almas.*

“Quando a flor embalsamar o jardim, e a lewares ao teu lábio, estarei na flor e serei eu quem receberá o beijo! Também me farei o raio, o sopro que passa, o murmúrio que sussurra. O vento

que agitar os teus cabelos será a minha carícia; o perfume que dos lilases floridos se elevar para a tua janela será o meu hálito; o canto longínquo que te fará chorar será a minha voz...

“Mãe, não blasfemes! Nada de cólera contra Deus! Oh! *essas cóleras e essas blasfêmias talvez nos separassem para sempre.*

“*Enquanto ficares aqui, eu me farei tua companheira de exílio; mais tarde, porém, quando, resignada às vontades de nosso Pai, que está nos céus, por tua vez tiveres fechado os olhos para não mais os abrir, então por minha vez estarei à tua cabeceira, esperando a tua libertação; e, inebriadas de uma alegria eterna, nossos dois corações, unidos para sempre, enlaçados para a eternidade, voarão num mesmo impulso para o céu clemente. Compreendes esta alegria, mãe? jamais nos deixarmos, sempre nos amarmos, sempre! Formar, por assim dizer, ao mesmo tempo dois seres distintos e um só; ser tu e eu ao mesmo tempo? Amar e saber que se é amada e que a medida do amor que se inspira é a mesma do que se experimenta?*

“Aqui não nos conhecemos; ignoro-te, como me ignoras; *entre os nossos dois Espíritos nossos dois corpos representam um obstáculo; não nos vemos senão confusamente, através do véu da carne. Mas lá no alto, leremos claramente no coração uma da outra. E saber a que ponto a gente se ama é o verdadeiro paraíso, não vê?*

“Ail! todas essas promessas de felicidade mística e infinita, longe de acalmar as angústias de Helena, não faziam senão torná-las mais intensas, fazendo-lhe medir o valor do bem que ia perder.

“Entretanto, de quando em quando, ao sopro destas palavras inspiradas, a alma de Helena alçava vôo quase às alturas serenas onde planava a da Pippione. Suas lágrimas se estancavam, a calma voltava em seu seio transtornado; *parecia-lhe que seres invisíveis flutuavam no quarto, soprando a Blanche as palavras à medida que as pronunciava.*

“A criança adormecera e, em seu sonho, *parecia conversar com alguém que não via, escutar vozes que só ela ouvia, e lhes responder.*

“De repente, um brusco sobressalto agitou seus membros frágeis, ela abriu largamente os grandes olhos e chamou sua mãe, que sonhava apoiada à janela.

“Aproximou-se do leito e Pippione tomou sua mão, com a sua já úmida pelos últimos suores.

“– Chegou o momento, disse ela. Esta noite é a última. *Eles me chamam, eu os escuto!* Queria muito ficar ainda, pobre mãe, mas não posso; a vontade deles é mais forte que a minha; *eles estão lá no alto e me fazem sinal.*

“– Loucura! gritou Helena; visão! sonho! Tu, morrer hoje, esta noite, entre os meus braços! Isto é possível?

“– Não, não morrer, disse a Pippione; *nascer! eu saio do sonho, em vez de nele entrar; o pesadelo acabou, eu desperto.* Oh! se tu soubesses como é belo, e que luz brilha aqui, junto à qual o vosso Sol não passa de uma mancha negra!

“Ela se deixou cair sobre as almofadas, ficou um instante silenciosa, depois continuou:

“São curtos os instantes que tenho para passar junto de vós. Quero que todos estejais aqui para me dizer o que chamais um eterno adeus, o que não é, na realidade, *senão um breve até-logo.* Todos, entendeste bem? Primeiro tu, o bom doutor, Úrsula, Cipriana e José.

“Este nome foi pronunciado mais baixo que os outros; era o último suspiro, o último pesar humano da Pippione. A partir desse instante ela pertencia inteiramente ao céu...

“– Era minha filha!

“– Era!... repetiu com voz quase paternal o doutor Ozam, atraindo Helena ao peito. Era!... então não é mais... Que resta aqui? um pouco de carne meio decomposta, nervos que não vibram mais, sangue que se engrossa, olhos sem olhar, uma garganta sem voz, ouvidos que não mais escutam, um pouco de lama!

“Vossa filha! este cadáver no qual a Natureza fecunda já fez germinar a vida inferior, que disseminará os seus elementos? – Vossa filha, esse lodo que amanhã reverdecerá em erva, florirá em rosas e devolverá ao solo todas as forças vivas que dele tirou? Não, não. Isto não é vossa filha! *isto não passa da vestimenta delicada e encantadora que ela tinha criado para atravessar a nossa vida de provações, um andrajo que ela abandonará com desdém, como um vestido velho que se joga fora!*

“Se quiserdes ter uma lembrança viva de vossa filha, pobre mulher, é preciso olhar alhures... e mais alto.

“– Vós também credes nisto, doutor, perguntou ela, nesta outra vida? Diziam que éreis materialista.

“O doutor esboçou um doce sorriso irônico.

“Talvez eu o seja, mas não da maneira por que o entendeis.

“Não é numa outra vida que eu creio, mas na vida eterna, na vida que não começou e que, por conseguinte, não terá fim. – Cada ser, *no começo igual aos outros*, faz, a bem dizer, a educação de sua alma e aumenta as suas faculdades e o seu poder, na medida de seus méritos e de seus atos. Conseqüência imediata desta argumentação¹⁵: a alma mais perfeita agrega em torno de si um

15 N. do T.: No original *augmentation* (aumento) Erro de revisão?

envoltório igualmente mais perfeito. Finalmente, *cbega um dia em que este envoltório não lhe basta mais*, e então, como se diz, a alma rompe o corpo.

“Mas ela o rompe para encontrar outro mais em relação com as suas necessidades e qualidades novas? Onde? Quem sabe? Talvez num desses mundos superiores, que brilham sobre as nossas cabeças, num mundo onde encontrará um corpo mais perfeito, dotado de órgãos mais sensíveis, por isto mesmo melhor e mais feliz!

“Nós mesmos, seres perfeitos, dotados desde o primeiro dia de todos os sentidos que nos põem em relação com a natureza exterior, de quantos esforços não necessitamos! Que trabalhos latentes não são precisos para que a criança se torne homem, o ser ignorante e fraco, rei da Terra! E, incessantemente, até a morte, os corajosos e os bons perseveram nesta via árdua do trabalho; alargam a inteligência pelo estudo, o coração pelo devotamento. Eis o trabalho misterioso da crisálida humana, o trabalho pelo qual ela adquire o poder e o direito de romper o invólucro do corpo e de planar com asas.”

Observação – O autor, que até aqui tinha guardado o anonimato, é o Sr. du Boys, jovem escritor dramático. Por certas impressões quase textuais, vê-se que, evidentemente, ele se inspirou na Doutrina.

O BARÃO CLOOTZ

Sob o título de: *Um voto humanitário, Anacharsis Clootz, barão prussiano, convencional francês, aos seus concidadãos de Paris e de Berlim, o Progrès de Lyon*, de 27 de abril de 1867, publicava, sob a forma de uma carta supostamente escrita do outro mundo, pelo convencional Clootz, um artigo muito longo, começando assim:

“No outro mundo em que habito, desde a terrível jornada de 24 de março de 1794, que, confesso, me desiludiu um pouco sobre os homens e sobre as coisas, só a palavra *guerra* guarda o privilégio de me lembrar as preocupações da política terrestre. Aquilo que mais amei, que digo eu? adorei e servi, quando habitava o vosso planeta, foi a fraternidade dos povos e a paz. A esse grande objeto de estudo e de amor, dei um penhor muito sério: minha cabeça, à qual as minhas cem mil libras de renda, aos olhos de muita gente, acrescenta importante valor. O que me consolava mesmo um pouco, ao subir os degraus do cadafalso, eram os considerandos pelos quais Saint-Just acabava de justificar a minha prisão. Era dito, se bem me lembro, que doravante a paz, a justiça e a probidade seriam postas na ordem do dia. Eu teria dado minha vida, declaro altivamente e sem hesitar, e duas vezes em vez de uma, para obter a metade desse resultado. E notai, por favor, que meu sacrifício seria mais completo e mais profundo do que teria sido o da maior parte dos meus colegas. Eu era de boa-fé e guardava o respeito à justiça no fundo do coração; mas, sem falar dos cultos aos quais tinha horror, o próprio Ser Supremo de Robespierre me irritava os nervos, e a vida futura tinha para mim a aparência de um bonito conto de fadas. Sem dúvida me perguntareis o que ela é. Eu estava errado? Eis o grande segredo dos mortos. Julgai vós mesmos os vossos riscos e perigos. Contudo, parece que eu ia um pouco longe, porquanto, nesta ocasião solene, me é permitido vos escrever.”

Sendo o artigo exclusivamente político e saindo do nosso quadro, citamos apenas este fragmento, para mostrar que, mesmo nesses graves assuntos, pode-se tirar partido da idéia dos mortos, dirigindo-se aos vivos, para continuar junto a estas relações interrompidas. A cada instante o Espiritismo vê realizar-se esta ficção. É mais que provável que é ele que tenha dado esta idéia. Aliás, se ela fosse dada como real, ele não a desaprovava.

METEMPSICOSE

“Conheceis a causa dos ruídos que nos chegam? dizia a Sra. Des Genêts. Será alguma nova cena de tigres enfurecidos, que esses senhores nos preparam?”

“– Sossegai, cara amiga, tudo está em segurança: os nossos vivos e os nossos mortos. Escutai a encantadora melodia do rouxinol, que canta no salgueiro! Talvez seja a alma de um dos nossos mártires, que plana em torno de nós sob essa forma amável. Os mortos têm esses privilégios; e eu de boa vontade me convenço de que eles voltam assim junto àqueles a quem amaram.

“– Oh! se dissésseis a verdade! exclamou vivamente a senhora Des Genêts.

“– Eu o creio sinceramente, disse a jovem duquesa. É tão bom acreditar nas coisas consoladoras! Aliás, meu pai, que é muito sábio, como não o ignorais, assegurou-me que esta crença tinha sido espalhada antigamente por grande filósofos. O próprio Lesage também nela acredita.”

Esta passagem é tirada de um romance-folhetim, intitulado: *O calabouço da Torre dos Pinheiros*, por Paulin Capmat, publicado pelo *Liberté* de 4 de novembro de 1867. Aqui a idéia não é tomada à Doutrina Espírita, porque esta, em todos os tempos, ensinou e provou que a alma humana não pode renascer num corpo animal, o que não impede que certos críticos, que não leram a primeira palavra do Espiritismo, repitam que ele professa a metempsicose; mas é sempre o pensamento da alma individual sobrevivendo ao corpo, voltando sob uma forma tangível junto daqueles a quem amou. Se a idéia não é espírita, pelo menos é espiritualista, e melhor seria ainda crer na metempsicose do que não crer em nada. Essa crença, ao menos, não é desesperadora como o materialismo; nada tem de imoral, ao contrário; ela conduziu todos os povos que a professaram a tratar os animais com

doçura e benevolência. Esta exclamação: *É tão bom crer nas coisas consoladoras* é o grande segredo do sucesso do Espiritismo.

ENTERRO DO SR. MARC MICHEL

Lê-se no *Temps* de 27 de março de 1868:

“Ontem, no enterro do Sr. Marc Michel, o Sr. Jules Adenis disse adeus, em nome da Sociedade dos Autores Dramáticos, ao escritor que a comédia alegre e ligeira acaba de perder.

“Encontro esta frase em seu discurso:

“Foi Ferdinand Langlé quem, recentemente, precedeu no túmulo aquele que hoje choramos... E, quem sabe? quem pode dizê-lo?... assim como acompanhamos aqui estes despojos mortais, talvez a alma de Langlé tenha vindo receber a alma de Marc Michel no limiar da eternidade.”

“Com toda certeza a falta é de meu espírito muito leviano, mas confesso que me é difícil imaginar, com a gravidade conveniente, a alma do autor do *Sourd*, do *Camarade de lit*, de *Une Sangsue*, da *Grève des portiers*, vindo receber no limiar da eternidade a alma do autor de *Maman Sabouleux*, de *Mesdames de Montenfriche*, de um *Tigre du Bengale* e da *Station de Champbaudet*.”

X. Feyrnet

O pensamento emitido pelo Sr. Jules Adenis é do mais puro Espiritismo. Suponhamos que o autor do artigo, o Sr. Feyrnet, que acha difícil conservar a *gravidade conveniente* ouvindo dizer que a alma do Sr. Marc Michel talvez esteja presente e venha receber a alma de Marc Michel, tivesse tomado a palavra e, por sua vez, assim se tivesse expressado: “Senhores, acabam de vos dizer que a alma de nosso amigo Langlé está aqui, que nos vê e nos ouve! Ele não

precisaria mais senão acrescentar que nos pode falar. Não acrediteis uma só palavra; a alma de Langlé não existe mais; ou, então, o que dá no mesmo, ela se fundiu na imensidade. De Marc Michel não resta mais nada; será o mesmo quando morrerdes, como vossos pais e amigos. Esperar que eles vos aguardem, que venham vos receber no desembarque da vida, é loucura, superstição, iluminismo. Eis o positivo: Quando se morre, tudo está acabado.” Qual dos dois oradores teria encontrado mais simpatia entre os assistentes? Qual teria enxugado mais lágrimas, dado mais coragem e resignação aos aflitos? O infeliz, que não espera mais alívio neste mundo, não teria razões para lhe dizer: “Se é assim, acabemos o mais cedo possível com a vida?” Deve-se lamentar o Sr. Feyrnet por não poder manter-se sério ante a idéia de que seu pai e sua mãe, caso os tenha perdido, ainda vivam, velem à sua cabeceira e que os verá de novo.

UM SONHO

Extrato do *Figaro* de 12 de abril de 1868:

“Por mais extraordinário que pareça o relato seguinte, o autor, declarando tê-lo recebido do próprio vice-presidente do Corpo Legislativo (o barão Jérôme David), dá às suas palavras uma autoridade incontestável.

“Durante sua estada em Saint-Cyr, David foi testemunha de um duelo entre dois de seus camaradas de promoção, Lambert e Poirée. Este último recebeu uma estocada e foi curar-se na enfermaria, onde seu amigo David subia para vê-lo todos os dias.

“Uma manhã Poirée lhe pareceu singularmente perturbado; crivou-o de perguntas e acabou por lhe arrancar a confissão de que sua emoção provinha de um simples pesadelo.

“– Eu sonhava que estávamos à beira de um rio, recebia uma bala na testa, acima do olho, e tu me sustentavas em teus braços; eu sofria muito e me sentia morrer; recomendava-te minha mulher e meus filhos, quando despertei.

“– Meu caro, estás com febre, respondeu-lhe David sorrindo; refaze-te; estás no teu leito, não és casado e não tens bala acima do olho; é um sonho muito estúpido; não te atormentes assim, se queres curar-te depressa.

“– É singular, murmurou Poirée, jamais acreditei em sonhos, neles não creio e, contudo estou abalado.

“Dez anos depois, o exército francês desembarcava na Criméia; os saint-cyrianos se tinham perdido de vista. David, oficial ajudante, ligado à divisão do príncipe Napoleão, recebeu ordem de ir descobrir um vau a montante do Alma. Para impedir que os russos o fizessem prisioneiro, apoiaram esse reconhecimento por uma companhia de fuzileiros, tomada do regimento mais próximo. Os russos faziam cair uma chuva de balas sobre os homens da escolta, que se desdobraram no contra-ataque.

“Não se tinham passado dez minutos quanto um dos nossos oficiais rolou por terra, mortalmente ferido. O capitão David saltou do cavalo e correu para o levantar; ele apoiou a cabeça em seu braço esquerdo e, desprendendo o cantil da cintura, aproximou-o dos lábios do ferido. Um grande buraco acima do olho ensangüentava-lhe o rosto; um soldado trouxe um pouco de água e o derrabou sobre a cabeça do moribundo, que já agonizava.

“David olhou com atenção os traços, que parecia reconhecer; um nome foi pronunciado ao seu lado; nada de dúvida: era ele, era Poirée! Chama-o; seus olhos se abrem, o agonizante por sua vez reconhece o camarada de Saint-Cyr...

“– David! Tu aqui?... O sonho... minha mulher...

“Estas palavras entrecortadas não tinham acabado e já a cabeça caía inerte no braço de David. Poirée estava morto, deixando sua mulher e seus filhos à lembrança e à amizade de David.

“Eu não ousaria contar semelhante história se eu mesmo não a tivesse ouvido do honrado vice-presidente do Corpo Legislativo.

“*Vox populi.*”

Com que propósito o narrador acrescenta as palavras *vox populi*? Poder-se-ia entendê-las assim: Os fatos desta natureza são de tal modo freqüentes que são atestados pela *voz do povo*, isto é, por um assentimento geral.

ESPÍRITOS BATEDORES NA RÚSSIA

Enviam-nos de *Riga*, com data de 8 de abril de 1868, o extrato a seguir, do *Courrier russe* de São Petersburgo:

“Acreditais em Espíritos batedores? Por mim, não; absolutamente. E, contudo, acabo de ver um fato material, palpável, que foge de tal modo das regras do senso comum, e também está de tal maneira em desacordo com os princípios de estabilidade e da gravidade dos corpos, que me inculcou o meu professor do quarto ano, que não sei qual dos dois é mais ferido, se o Espírito ou eu.

“Outro dia nosso secretário de redação recebeu um senhor de semblante agradável, de uma idade a não se lhe poder atribuir a idéia de uma piada de mau gosto. Cumprimentos, apresentação, etc.; tudo acabado, o senhor conta que vem ao nosso escritório pedir um conselho; que o que lhe acontece está a tal ponto fora de todos os fatos da vida social, que julga no dever de publicá-lo.

“– Minha casa, disse ele, está cheia de Espíritos batedores; toda noite, em torno de dez horas, começam seus exercícios, transportando os objetos menos transportáveis, batendo, pulando e, numa palavra, pondo todo o meu apartamento de pernas para o ar. Recorri à polícia; um soldado passou várias noites em minha casa. A desordem não cessou, embora a cada alarme ele tenha desembainhado o sabre de maneira ameaçadora. Minha casa está isolada, só tenho uma criada, minha mulher e minha filha, e quando esses fatos se passam estamos reunidos. Moro numa rua muito afastada, em Vassili-Ostroff.

“Eu tinha entrado durante a conversa e escutava de boca aberta. Como vos disse, não acredito em Espíritos batedores, absolutamente. Expliquei a esse senhor que para dar publicidade a esses fatos, era preciso que estivéssemos convencidos de sua existência, e lhe propus ir eu mesmo para me dar conta da coisa. Marcamos encontro para a noite e às nove horas eu estava na casa do homem. Introduziram-me num pequeno salão, mobiliado com muito conforto; examinei a disposição das peças; eram apenas quatro, inclusive a cozinha, tudo ocupando o andar do meio de uma casa de madeira; ninguém mora em cima; o térreo é ocupado por um armazém.

“Por volta de dez horas estávamos reunidos no salão, o homem, a mulher, sua esposa, sua filha, a cozinheira e eu. Uma meia hora e nada de novo! De repente uma porta se abriu e uma galocha caiu no meio da sala; acreditei num comparsa e quis assegurar-me de que a escada estava vazia, quando a galocha saltou sobre um móvel e de lá novamente no soalho; depois foi a vez das cadeiras na peça vizinha, que não tinha saída senão pela que ocupávamos, e que eu acabava de constatar perfeitamente vazia. Só ao cabo de uma hora o silêncio se restabeleceu, e o Espírito, os Espíritos, o hábil comparsa, ou Deus é quem sabe, desapareceu, deixando-nos numa estupefação que, eu vos garanto, nada tinha de jogo. Eis os fatos, eu os vi com os próprios olhos; não me

encarrego de vo-los explicar. Se desejardes vós mesmos procurar a explicação, temos à vossa disposição todas as informações, a fim de que possais fazer vossas observações nos locais”

Henri de Brenne

A Fome na Argélia¹⁶

Os detalhes dados pelos jornais sobre o flagelo que neste momento dizima as populações árabes da Argélia nada têm de exagerado, e são confirmados por todas as correspondências particulares. Um dos nossos assinantes de Sétif, o Sr. Dumas, houve por bem nos mandar uma fotografia, representando a multidão de indígenas, reunidos em frente à casa onde distribuem socorro. Esse desenho, de uma verdade dolorosa, é acompanhado da seguinte notícia impressa:

“Depois dos anos sucessivamente calamitosos que nossa grande colônia atravessou, um flagelo ainda mais terrível veio abater-se sobre ela: a fome.

“Mal os primeiros rigores do inverno se fizeram sentir, vê-se que às nossas portas os árabes morrem de fome. Chegam em bandos numerosos, seminus, o corpo extenuado, chorando de fome e de frio, implorando a comiseração pública, disputando à voracidade dos cães alguns restos lançados com as imundícies na via pública.

“Embora os habitantes de Sétif também tenham sido reduzidos a cruéis extremos, não podem contemplar tamanha miséria com olhar impassível. Logo, e espontaneamente, organizou-se uma comissão de beneficência, sob a presidência do Sr. Bizet, cura de Sétif. Está aberta uma subscrição; cada um dá o seu óbolo e, em consequência, foram distribuídos socorros diários

16 *Nota da Editora:* Ver “Nota Explicativa”, p. 543.

no presbitério, a duzentas e cinqüenta mulheres e crianças indígenas.

“Nos últimos dias de janeiro, enquanto uma neve abundante e longamente desejada caía em nossas regiões, pôde-se fazer melhor ainda. Foi instalado um forno num vasto local; aí, duas vezes por dia, os membros da comissão distribuem alimentos, não mais a duzentas e cinqüenta, mas a quinhentas mulheres ou crianças indígenas. Ali, enfim, esses infelizes encontram um asilo e um abrigo.

“Mas, ai! os europeus são obrigados, muito a contra-gosto, a limitar seus socorros às mulheres e às crianças... Para aliviar todas as misérias, seria preciso uma boa parte do trigo que os poderosos alcaides detêm em seus silos. Entretanto, esperam continuar suas distribuições até metade do mês de abril.”

Se, nesta circunstância, não abrimos uma subscrição especial nos escritórios da *Revista*, é que sabíamos que nossos irmãos em crença não foram os últimos a levar sua oferenda aos escritórios de sua circunscrição, abertos, para tal efeito, pelos cuidados da autoridade. Os donativos que nos foram enviados com essa finalidade lá foram depositados.

O Sr. capitão Bourgès, da guarnição de Laghouat, escreveu-nos a respeito o seguinte:

“Desde alguns anos os flagelos se sucedem na Argélia: terremotos, invasão de gafanhotos, cólera, seca, tifo, fome, miséria profunda vieram, sucessivamente, atingir os indígenas, que agora expiam sua imprevidência e seu fanatismo. Os homens e até os animais morrem de fome e se extinguem sem ruído. A fome se estende ao Marrocos e à Tunísia; entretanto, creio que é a Argélia que mais sofre. Não poderíeis crer quanto é comovente ver esses corpos macilentos e definhados, procurando alimento em toda parte e o disputando com os cães de rua. Pela manhã, esses

esqueletos vivos acorrem em volta do campo e se precipitam sobre os excrementos para deles extrair os grãos de cevada não digeridos pelos cavalos, com os quais se repastam imediatamente. Outros roem ossos, para sugar a gelatina que neles ainda se possa encontrar, ou comem a erva rara que cresce próximo aos oásis. Do meio desta miséria surge um deboche horrível, que ganha as camadas mais baixas da colônia, e espalha nos corpos materiais essas chagas corrosivas, que deviam ser a lepra da antiguidade. Meus olhos se fecham para não ver tanta vergonha, e minha alma sobe ao Pai celeste, para lhe pedir que preserve os bons do contato impuro e dar aos homens fracos a força de não se deixarem arrastar nesse abismo enfermiço.

“A Humanidade ainda está muito longe do progresso moral que certos filósofos acreditavam já realizado. Não vejo à minha volta senão epicuristas, que não querem ouvir falar do Espírito; não querem sair da animalidade; seu orgulho faz que se atribuam uma origem nobre e, contudo, seus atos dizem bastante o que foram outrora.

“Vendo o que se passa, acreditar-se-ia realmente que a raça árabe está fadada a desaparecer do solo, porquanto, a despeito da caridade que se exerce para com ela, e os socorros que se lhe levam, ela se compraz em sua preguiça, sem nenhum sentimento de reconhecimento. Essa miséria física, proveniente das chagas morais, ainda tem a sua utilidade. O egoísta, obsedado, acotovelado a toda hora pelo infortunado que o segue, acaba por abrir a mão, e seu coração comovido sente, enfim, as suaves alegrias que a caridade proporciona. Um sentimento que não se apagará e talvez mesmo o do reconhecimento surgirá no coração daquele que se assiste. Um laço simpático então se forma; novos socorros vêm dar vida ao infeliz que se extinguiu e, do desencorajamento, este último passe à esperança. O que parecia um mal fez nascer um bem: um egoísta a menos e um homem corajoso a mais.”

Os Espíritos não se enganaram quando anunciaram que flagelos de toda sorte devastariam a Terra. Sabe-se que a Argélia não é o único país em provação. Na *Revista* de julho de 1867, descrevemos a terrível doença que, há um ano, flagelava a ilha Maurício. Uma carta recente diz, que à doença, vieram juntar-se novas desgraças, e muitas outras regiões neste momento são vítimas de acontecimentos desastrosos.

Deve-se acusar a Providência por todas essas misérias? Não, mas a ignorância, a incúria, conseqüências da ignorância, o egoísmo, o orgulho e as paixões dos homens. Deus só quer o bem; fez tudo para o bem; deu aos homens os meios para serem felizes: a estes cabe aplicá-los, se não quiserem adquirir a experiência à própria custa. Seria fácil demonstrar que todos os flagelos poderiam ser conjurados, ou pelo menos atenuados, de maneira a lhes paralisar os efeitos; é o que faremos ulteriormente, numa obra especial. Os homens não devem culpar senão a si mesmos pelos males que suportam. A Argélia nos oferece neste momento um notável exemplo: são as populações árabes, despreocupadas e imprevidentes, embrutecidas pelo fanatismo, que sofrem fome, ao passo que os europeus souberam prevenir-se contra ela. Mas há outros flagelos, não menos desastrosos, contra os quais estes últimos ainda não souberam premunir-se.

A própria violência do mal constrangerá os homens a buscarem o remédio; e, quando, inutilmente, tiverem esgotado os paliativos, compreenderão a necessidade de atacar o mal na própria raiz, por meios heróicos. Este será um dos resultados da transformação que se opera na Humanidade.

Mas, dirão, que importa aos que sofrem agora a felicidade das gerações futuras? Terão tido o trabalho e os outros o proveito; terão trabalhado, suportado o fardo de todas as misérias inseparáveis da ignorância, preparado os caminhos, e os outros colherão, porque Deus os terá feito nascer em tempos melhores.

Que faz às vítimas da exaçoão da Idade Média o regime mais saudável no qual vivemos? Pode-se chamar a isto de justiça?

É notório que, até hoje, nenhuma filosofia, nenhuma doutrina religiosa tinha resolvido esta grave questão, de tão poderoso interesse, entretanto, para a Humanidade. Só o Espiritismo lhe dá uma solução racional pela reencarnação, essa chave de tantos problemas, que se julgavam insolúveis. Em virtude da pluralidade das existências, as gerações que se sucedem são compostas das mesmas individualidades espirituais, que renascem em diferentes épocas e aproveitam os melhoramentos que elas próprias prepararam, da experiência que adquiriram no passado. São novos homens que nascem; são os mesmos homens que renascem mais adiantados. Trabalhando cada geração para o futuro, na realidade trabalha para sua própria conta. A Idade Média foi, seguramente, uma época muito calamitosa; revivendo hoje, os homens daquele tempo se beneficiam do progresso realizado e são mais felizes, porque têm melhores instituições. Mas quem fez melhores estas instituições? *Os mesmos que outrora as tinham feito más.* Devendo os de hoje reviver mais tarde, num meio ainda mais depurado, recolherão o que houverem semeado; serão mais esclarecidos, e nem os seus sofrimentos, nem os seus trabalhos anteriores terão sido em vão. Que coragem, que resignação não lhes daria esta idéia, inculcada no espírito dos homens! (Vide *A Gênese*, cap. XVIII, n^{os} 34 e 35).

Dissertação dos Espíritos

ONTEM, HOJE E AMANHÃ

(Comunicação verbal em sonambulismo espontâneo)

Lyon, 2 de fevereiro de 1868.

Onde estamos hoje? onde está a luz? Tudo é sombrio, tudo está turvo à nossa volta. Ontem era o passado; amanhã é o

futuro; hoje é o presente... Que é que distingue esses três dias? Viveu-se ontem, vive-se ainda hoje, viver-se-á amanhã, e sempre no mesmo círculo. De onde sai, então, esta Humanidade e para onde vai ela? Mistério que só será esclarecido amanhã.

Moisés é o tempo passado; o Cristo, o tempo presente; o Messias a vir, que é o amanhã, ainda não apareceu... Moisés tinha que combater a idolatria; o Cristo, os fariseus; o Messias a vir terá também os seus adversários: a incredulidade, o cepticismo, o materialismo, o ateísmo e todos os vícios que acabrunham o gênero humano... Três épocas que marcam o progresso da Humanidade; parênteses filiais que se sucedem um ao outro; ontem era Moisés, hoje é o Cristo e amanhã será o novo Messias.

Digo que é o Cristo hoje, porque é a sua palavra, a sua doutrina, a sua caridade, todos os seus sublimes ensinamentos que devem espalhar-se por toda parte; porque, vós mesmos o vedes, a Humanidade não progrediu muito. Apenas dezoito séculos nos separam do Cristo: dezoito séculos de trevas, de tirania, de orgulho e de ambição.

Apropriai-vos do passado, do presente; amanhã contemplareis o vosso futuro... Idólatras do passado, fariseus do presente, adversários de amanhã, a luz brilha para todos os povos, para todos os mundos, para todos os indivíduos, e não quereis vê-la!

Criatura, tu desanimas hoje, que é o presente; esperas a realização dos prodígios anunciados; verás que se realizam. Logo toda a Terra tremerá... o século vinte ofuscará o brilho dos séculos precedentes, porque verá a realização do que foi predito.

O Messias que deve presidir ao grande movimento regenerador da Terra já nasceu, mas ainda não revelou sua missão, e não nos é permitido dizer nem o seu nome, nem o país onde habita; ele se anunciará por suas obras e os homens tremerão à sua voz potente, porque o número dos justos ainda é muito pequeno.

Ligai-vos à matéria, homens egoístas e ambiciosos, que não viveis senão para satisfazer as vossas paixões e os vossos desejos mundanos. O tempo é curto para vós; agarrai-o, enlaçai-o, porque ontem é passado, hoje se põe e logo será amanhã.

Ai! fariseu do presente, tu esperas sempre. Que ribombe o trovão, tu não te espantarás diante do relâmpago precursor que vem deslumbrar os teus olhos. Tu que te comprazes no egoísmo e no orgulho, que persistes no passado e no presente, teu futuro consistirá em seres rejeitado para um outro mundo, a fim de que teu Espírito possa chegar um dia à perfeição a que Deus te chama.

Vós, espíritas, que estais aqui, que recebeis as instruções dos Espíritos, sede pacientes, dóceis, conscientes de vossos atos; não desanimeis; esperai com calma esse amanhã que vos deve livrar de todas as perseguições. Deus, para quem nada é oculto, que lê nos corações, vos vê e não vos abandonará. A hora se aproxima e logo estaremos no amanhã.

Mas esse Messias que deve vir é o próprio Cristo? questão difícil de compreender no tempo presente, e que amanhã será esclarecida. Como um bom pai de família, Deus, que é todo sabedoria, não impõe todo o trabalho a um só de seus filhos. Atribui a cada um a sua tarefa, segundo as necessidades do mundo para onde os envia. Disso devemos concluir que o novo Messias nem será tão grande, nem tão poderoso quanto o Cristo? Seria absurdo; mas esperai que soe a hora para compreender a obra dos mensageiros invisíveis, que vieram desbravar o caminho, porque os Espíritos fizeram um imenso trabalho. É o Espiritismo que deve remover as grandes pedras que poderiam dificultar a passagem daquele que deve vir. Esse homem será poderoso e forte, e numerosos Espíritos estão na Terra para aplanar o caminho e fazer cumprir o que foi predito.

Esse novo Messias será chamado o Cristo? É uma pergunta a que não posso responder; esperai o amanhã. Quantas coisas eu teria ainda a vos revelar! Mas eu paro, porque o dia de amanhã ainda não aparece. Mal nos aproximamos da meia-noite.

Amigos que estais aqui, todos animados do desejo do vosso adiantamento, trabalhai sobre vós mesmos para vos regenerardes, a fim de que o Mestre vos encontre preparados. Coragem, irmãos, porque o vosso esforço não será perdido; trabalhai para quebrar os laços da matéria, que impedem o Espírito de progredir.

Tende fé, porque ela conduz o homem seguramente ao fim de sua viagem. Tende amor, porque amar aos seus irmãos é amar a Deus. Vigiai e orai: a prece fortalece o Espírito que se deixa tomar pelo desânimo. Pedi ao vosso Pai celeste a força de triunfar dos obstáculos e das tentações. Armai-vos contra os vossos defeitos; mantende-vos prontos, porque o amanhã não está longe. A aurora do século marcado por Deus para a realização dos fatos que devem mudar a face deste mundo começa a surgir no horizonte.

O Espírito da Fé

Médium: Sr. Duboin, em sonambulismo espontâneo

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XI

JUNHO DE 1868

Nº 6

Mediunidade no Copo d'Água

Um dos nossos correspondentes de Genebra nos transmite interessantes detalhes sobre um novo gênero de mediunidade vidente, que consiste em ver num copo d'água magnetizado. Essa faculdade tem muitas relações com a do vidente de Zimmerwald, do qual fizemos um relato circunstanciado na Revista de outubro de 1864 e outubro de 1865. A diferença consiste em que este último se serve de um copo vazio, sempre o mesmo e que a faculdade, de certo modo, lhe é pessoal; ao contrário, o fenômeno que nos é assinalado se produz com o auxílio de qualquer copo que contenha água magnetizada, e que parece vulgarizar-se. Se assim é, a mediunidade vidente poderia tornar-se tão comum quanto a pela escrita. Eis as informações que nos são dadas, segundo as quais cada um poderá experimentar, desde que se coloque em condições favoráveis:

“A mediunidade vidente pelo copo d'água magnetizada acaba de se revelar entre nós num certo número de pessoas. Em um mês temos quinze médiuns videntes deste gênero, tendo cada

um a sua especialidade. Um dos melhores é uma jovem senhora, que não sabe ler nem escrever; é mais particularmente apta para as doenças, e eis como nossos Espíritos bons procedem, para nos mostrar o mal e o remédio. Tomo um exemplo ao acaso: Uma pobre mulher, que se achava na reunião, havia recebido um golpe certo no peito; apareceu no copo absolutamente como uma fotografia; levou a mão sobre a parte lesada. A Sra. V... (o médium) viu em seguida o peito se abrir e notou que havia sangue coagulado no lugar onde se dera o golpe; depois tudo desapareceu para dar lugar à imagem dos remédios, que consistiam num emplastro de resina branca e um copo contendo benjoim. Esta mulher ficou perfeitamente curada depois de ter seguido o tratamento.

“Quando se trata de um obsedado, o médium vê os Espíritos maus que o atormentam; a seguir aparecem, como remédio, o Espírito simbolizando a prece, e duas mãos que magnetizam.

“Temos um outro médium, cuja especialidade é ver os Espíritos. Pobres Espíritos sofredores muitas vezes nos têm apresentado, por seu intermédio, cenas comovedoras, para nos fazer compreender as suas angústias. Um dia evocamos o Espírito de um indivíduo que se afogara voluntariamente; apareceu na água turva; não se lhe via senão a parte posterior da cabeça e os cabelos semimergulhados na água. Durante duas sessões foi-nos impossível ver-lhe o rosto. Fizemos a prece pelos suicidas; no dia seguinte o médium viu a cabeça fora d’água, sendo possível reconhecer os traços de um parente de uma das pessoas da Sociedade. Continuamos nossas preces e, embora o rosto ainda exibisse uma expressão de sofrimento, parecia retomar a vida.

“Desde algum tempo vinham-se produzindo ruídos semelhantes aos de Poitiers, em casa de uma senhora que reside nos subúrbios de Genebra, e que causavam grande agitação em toda a casa. Essa senhora, que não conhecia absolutamente o Espiritismo,

dele tendo ouvido falar, veio nos ver com seu irmão, pedindo para assistir às nossas sessões. Nenhum dos nossos médiuns os conhecia. Um deles viu em seu copo uma casa, no interior da qual um Espírito mau punha tudo em desordem, remexia os móveis e quebrava as louças. Pela descrição feita, aquela senhora reconheceu a mulher de seu jardineiro, muito má em vida, e que lhe tinha prejudicado bastante. Dirigimos ao Espírito algumas palavras benevolentes, para o trazer a melhores sentimentos, e à medida que lhe falávamos, seu rosto adquiria uma expressão mais doce. No dia seguinte, fomos à casa daquela dama e à noite foi completado o trabalho da véspera. Os ruídos cessaram quase completamente, desde a partida da cozinheira que, parece, servia de médium inconsciente àquele Espírito. Como tudo tem sua razão de ser e sua utilidade, penso que tais ruídos tinham por objetivo levar aquela família ao conhecimento do Espiritismo.

“Eis agora o que nossas observações nos ensinaram quanto à maneira de operar:

“É preciso um copo liso, bem uniforme no fundo; enchem-no de água até a metade, magnetizando-a pelos processos ordinários, isto é, pela imposição das mãos e, sobretudo, pela extremidade dos dedos, na boca do copo, auxiliada pela ação contínua do olhar e do pensamento. A duração da magnetização é de cerca de dez minutos na primeira vez; mais tarde bastam cinco minutos. A mesma pessoa pode magnetizar vários copos ao mesmo tempo.

“O médium vidente, ou aquele que quer experimentar, não deve magnetizar o seu próprio copo, pois consumiria o fluido que lhe é necessário para ver. Para a magnetização é preciso um médium especial, havendo, para isto, os dotados de um poder mais ou menos grande. A ação magnética não produz na água qualquer fenômeno que indique a sua saturação.

“Feito isto, cada experimentador coloca o copo à sua frente e o olha durante vinte ou trinta minutos no máximo, algumas vezes menos, conforme a aptidão. Esse tempo só é necessário nas primeiras tentativas; quando a faculdade está desenvolvida, bastam alguns minutos. Durante esse tempo, uma pessoa faz a prece para chamar o concurso dos Espíritos bons.

“Os que são aptos a ver distinguem, de início, no fundo do copo, uma espécie de pequena nuvem; é um indício certo de que verão. Pouco a pouco essa nuvem toma uma forma mais acentuada, e a imagem se desenha à vista do médium. Entre si os médiuns podem ver nos copos uns dos outros, mas não as pessoas que não sejam dotadas desta faculdade. Algumas vezes parte do assunto aparece num copo e a outra parte em outro; para as doenças, por exemplo, um verá o mal e o outro o remédio. Outras vezes dois médiuns verão simultaneamente, cada um em seu copo, a imagem da mesma pessoa, mas geralmente em condições diferentes.

“Muitas vezes a imagem se transforma, muda de aspecto, depois desaparece. Em geral ela é bastante espontânea; o médium deve esperar e dizer o que vê. Mas também pode ser provocada por uma evocação.

“Ultimamente fui ver uma senhora que tem uma jovem operária de dezoito anos e que jamais ouvira falar do Espiritismo. A senhora pediu-me que lhe magnetizasse um copo d'água. A moça o olhou cerca de um quarto de hora, e disse: ‘Vejo um braço; dir-se-ia que é o de minha mãe; vejo a manga de seu vestido, levantada, como era seu costume.’ Essa mãe, que conhecia a sensibilidade da filha, sem dúvida não quis mostrar-se subitamente para lhe evitar uma impressão muito grande. Então pedi àquele Espírito, se fosse o da mãe do médium, que se desse a conhecer. O braço desapareceu e o Espírito se apresentou do tamanho de uma fotografia, mas virado de costas. Era ainda uma precaução para preparar a filha para a ver. Esta reconheceu o seu gorro, um fichu,

as cores e os desenhos de seu vestido. Vivamente emocionada, dirigiu-lhe as mais ternas palavras, pedindo-lhe que deixasse ver o seu rosto. Eu mesmo lhe pedi que atendesse ao desejo de sua filha. Então ela se apagou, deu-se a perturbação e o rosto apareceu. A jovem chorou de reconhecimento, agradecendo a Deus a dádiva que ele acabava de lhe conceder.

“A própria senhora desejava muito ver. No dia seguinte fizemos uma sessão em sua casa, que foi cheia de bons ensinamentos. Depois de ter olhado inutilmente no copo cerca de meia-hora, disse ela: ‘Meu Deus! se ao menos eu pudesse ver o diabo no copo, ficaria contente!’ Mas Deus não lhe concedeu esta satisfação.

“Os incrédulos não deixarão de creditar esses fenômenos à conta da imaginação. Mas os fatos aí estão para provar que, numa porção de casos, a imaginação aí não entra absolutamente. Primeiro, nem todo mundo vê, por mais desejo que tenha. Eu mesmo muitas vezes fiquei com o espírito superexcitado com este objetivo, sem jamais obter o menor resultado. A senhora de quem acabo de falar, malgrado seu desejo de ver o diabo, após meia hora de espera e de concentração, nada viu. A jovem não pensava em sua mãe quando esta lhe apareceu; e, depois, todas essas precauções para não se mostrar senão gradualmente atestam uma combinação, uma vontade estranha, nas quais a imaginação do médium não podia de modo algum participar.

“Para ter uma prova ainda mais positiva, fiz a seguinte experiência. Tendo ido passar alguns dias no campo, a algumas léguas de Genebra, havia, na família onde me encontrava, várias crianças. Como fizessem muito barulho, propus-lhe, para as ocupar, um jogo mais tranqüilo. Tomei um copo d’água e o magnetizei, sem que ninguém percebesse, e lhes disse: ‘Qual dentre vós terá a paciência de olhar este copo durante vinte minutos, sem desviar os olhos?’ Abstive-me de acrescentar que eles poderiam

nele ver alguma coisa; era a título de simples passatempo. Vários perderam a paciência antes do fim da prova; uma menina de onze anos foi mais perseverante; ao cabo de doze minutos, soltou um grito de alegria, dizendo que via uma magnífica paisagem, cuja descrição nos fez. Uma outra menina de sete anos, por sua vez tendo querido olhar, adormeceu instantaneamente. Com medo de a fatigar, logo a despertei. Onde está aqui o efeito da imaginação?

“Esta faculdade pode, pois, ser ensaiada numa reunião de pessoas, mas aconselho que, nas primeiras reuniões, não sejam admitidas pessoas hostis. Sendo necessários a calma e o recolhimento, a faculdade não se desenvolverá senão mais facilmente; quando formada, é menos susceptível de ser perturbada.

“O médium só vê com os olhos abertos; quando os fecha, está na escuridão. Pelo menos é o que notamos, e isto denota uma variedade na mediunidade vidente. O médium não fecha os olhos senão para repousar, o que lhe acontece duas ou três vezes por sessão. Vê tão bem de dia quanto de noite, mas à noite é preciso luz.

“A imagem das pessoas vivas se apresenta no copo tão facilmente quanto a das pessoas mortas. Tendo perguntado a razão disto ao meu Espírito familiar, ele me respondeu: ‘São suas *imagens* que vos apresentamos; os Espíritos são tão hábeis para pintar quanto para viajar.’ Entretanto, os médiuns distinguem sem esforço o Espírito de uma pessoa viva; há qualquer coisa de menos material.

“O médium do copo d’água difere do sonâmbulo pelo fato de o Espírito deste último se destacar; é-lhe necessário um fio condutor para ir procurar a pessoa ausente, enquanto o primeiro tem a sua imagem sob os olhos, que é o reflexo de sua alma e de seus pensamentos. Fatiga-se menos que o sonâmbulo, e está

também menos exposto a se deixar intimidar pela visão dos Espíritos maus que podem apresentar-se. Esses Espíritos podem bem o fatigar, porque procuram magnetizá-lo, mas ele pode, à vontade, subtrair-se ao seu olhar, deles recebendo, aliás, uma impressão menos direta.

“Dá-se nesta mediunidade como em todas as outras: o médium atrai a si os Espíritos que lhe são simpáticos; ao médium impuro apresentam-se de bom grado Espíritos impuros. O meio de atrair os Espíritos bons é estar animado de bons sentimentos, só perguntar coisas justas e razoáveis, não se servir desta faculdade senão para o bem, e não para coisas fúteis. Se dela fizermos um objeto de distração, de curiosidade ou de tráfico ilegal, cairemos inevitavelmente na turba de Espíritos levianos e enganadores, que se divertem em apresentar imagens ridículas e falaciosas.”

Observação – Como princípio, esta mediunidade certamente não é nova. Mas aqui se desenha de maneira mais precisa, sobretudo mais prática, e se mostra em condições particulares. Pode-se, pois, considerá-la como uma das variedades que foram anunciadas. Do ponto de vista da ciência espírita, ela nos faz penetrar mais adiante o mistério da constituição íntima do mundo invisível, cujas leis conhecidas confirma, ao mesmo tempo que nos mostra suas novas aplicações. Ela ajudará a compreender certos fenômenos ainda incompreendidos da vida diária e, por sua vulgarização, não deixará de abrir novo caminho à propagação do Espiritismo. Quererão ver, experimentarão; quererão compreender, estudarão, e muitos entrarão no Espiritismo por esta porta.

Este fenômeno oferece uma particularidade notável. Até agora se compreendia a visão direta dos Espíritos em certas condições, a visão a distância de objetos reais: é hoje uma teoria elementar; mas aqui não são os próprios Espíritos que são vistos, e que não podem vir alojar-se num copo d’água, do mesmo modo que aí não se alojam casas, paisagens e pessoas vivas.

Aliás, seria erro acreditar que aí estivesse um meio melhor que outro de saber tudo o que se deseja. Os médiuns videntes, por este processo ou qualquer outro, não vêem à vontade; não vêem senão o que os Espíritos lhes querem fazer ver, ou têm a permissão de lhes fazer ver quando a coisa é útil. Não se pode forçar a vontade dos Espíritos, nem a faculdade dos médiuns. Para o exercício de uma faculdade mediúnica qualquer, é preciso que o aparelho sensitivo, se assim nos podemos exprimir, esteja em condições de funcionar. Ora, não depende do médium fazê-lo funcionar à sua vontade. Eis por que a mediunidade não pode ser uma profissão, já que poderia faltar no momento em que fosse necessária para satisfazer o cliente. Daí a incitação à fraude, para simular a ação do Espírito.

Prova a experiência que os Espíritos, sejam quais forem, *jamais* estão ao capricho dos homens, não mais do que e menos ainda, do que quando estavam neste mundo; e, por outro lado, diz o simples bom-senso que, com mais forte razão, os Espíritos sérios não poderiam vir ao apelo do primeiro que viesse para coisas fúteis e representar o papel de saltimbancos e de ledores de buena-dicha. Só o charlatanismo pode pretender a possibilidade de manter aberta uma banca de comércio com os Espíritos.

Os incrédulos riem dos espíritas, porque imaginam que estes acreditam em Espíritos confinados numa mesa ou numa caixa, e que os manobram como marionetes. Acham isto ridículo e estão cheios de razões; onde estão errados é quando crêem que o Espiritismo ensine semelhantes absurdos, quando ele diz exatamente o contrário. Se, por vezes, no mundo, encontraram alguns de uma credulidade muito fácil, não foi entre os espíritas esclarecidos. Ora, nesse número, há necessariamente os que o são mais ou menos, como em todas as ciências.

Os Espíritos não se alojam no copo d'água; eis o que é positivo. Que há, pois, no copo? Uma imagem, e não outra coisa;

imagem tirada da Natureza, daí por que muitas vezes é exata. Como é produzida? Eis o problema. O fato existe, portanto tem uma causa. Embora ainda não se lhe possa dar uma solução completa e definitiva, o artigo seguinte, parece-nos, lança uma grande luz sobre a questão.

Fotografia do Pensamento¹⁷

Ligando-se o fenômeno da fotografia do pensamento ao das criações fluídicas, descrito em nosso livro *A Gênese*, no capítulo dos fluidos, reproduzimos, para maior clareza, a passagem desse capítulo onde o assunto é tratado, e o completamos por novas observações.

Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, a bem dizer, a atmosfera dos seres espirituais; o elemento donde eles tiram os materiais sobre que operam; o meio onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnis, impressionáveis somente à matéria tangível; o meio onde se forma a luz peculiar ao mundo espiritual, diferente, pela causa e pelos efeitos da luz ordinária; finalmente, o veículo do pensamento, como o ar o é do som.

Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas empregando o pensamento e a vontade. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, organizam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam-lhes as propriedades, como um

17 N. do T.: Vide *A Gênese*, de Allan Kardec, capítulo XIV, itens 13 a 15.

químico muda a dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; doutras, são produto de um pensamento inconsciente. Basta que o Espírito pense uma coisa, para que esta se produza, como basta que modele uma ária, para que esta repercuta na atmosfera.

É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado que possua a vista psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu, embora haja ele tido, depois dessa época, muitas encarnações. Apresenta-se com o vestuário, os sinais exteriores – enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc. – que tinha então. Um decapitado se apresentará sem a cabeça. Não quer isso dizer que haja conservado essas aparências, certo que não, porquanto, como Espírito, ele não é coxo, nem maneta, nem zanolho, nem decapitado; o que se dá é que, retrocedendo o seu *pensamento* à época em que tinha tais defeitos, seu perispírito lhes toma instantaneamente as aparências, que deixam de existir logo que o mesmo pensamento cessa de agir naquele sentido. Se, pois, de uma vez ele foi negro e branco de outra, apresentar-se-á como branco ou negro, conforme a encarnação a que se refira a sua evocação e à que se transporte o seu pensamento.

Por análogo efeito, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele esteja habituado a usar. Um avarento manuseará ouro, um militar trará suas armas e seu uniforme, um fumante o seu cachimbo, um lavrador a sua charrua e seus bois, uma mulher velha a sua roca. Para o Espírito, que é, também ele, fluídico, esses objetos fluídicos são tão reais, como o eram, no estado material, para o homem vivo; mas, pela razão de serem criações do pensamento, a existência deles é tão fugitiva quanto a deste.

Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre os fluidos como o som sobre o ar; eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se pois dizer, sem receio de errar, que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Como se vê, é uma ordem de fatos inteiramente novos, que se passam fora do mundo tangível, e constituem, se assim nos podemos exprimir, a física e a química especiais do mundo invisível. Mas como, durante a encarnação, o princípio espiritual está unido ao princípio material, daí resulta que certos fenômenos do mundo espiritual se produzem conjuntamente com os do mundo material e são inexplicáveis por quem quer que não conheça as suas leis. Assim, o conhecimento dessas leis é tão útil aos encarnados quanto aos desencarnados, pois só ele pode explicar certos fatos da vida material.

Criando *imagens fluidicas*, o pensamento se reflete no envoltório perispirítico, como num espelho, ou ainda como essas imagens de objetos terrestres que se refletem nos vapores do ar; toma nele corpo e aí de certo modo se *fotografa*. Tenha um homem, por exemplo, a idéia de matar a outro: embora o corpo material se lhe conserve impassível, seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento e reproduz todos os matizes deste último; executa fluidicamente o gesto, o ato que intentou praticar. O pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira é pintada, como num quadro, tal qual se lhe desenrola no espírito.

Desse modo é que os mais secretos movimentos da alma repercutem no envoltório fluídico; que uma alma pode ler noutra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos do corpo. Os olhos do corpo vêem as impressões interiores que se refletem nos traços do rosto: a cólera, a alegria, a tristeza; mas a alma vê nos traços da alma os pensamentos que não se traduzem no exterior.

Contudo, vendo a intenção, o vidente bem pode pressentir a execução do ato que lhe será a conseqüência, mas não pode determinar o instante em que o mesmo ato será executado, nem lhe assinalar os pormenores, nem, ainda, afirmar que ele se dê, porque circunstâncias ulteriores poderão modificar os planos assentados e mudar as disposições. Ele não pode ver o que ainda não esteja no pensamento do outro; o que vê é a preocupação habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, seus desígnios bons ou maus. Daí os erros nas previsões de certos videntes, quando um acontecimento está subordinado ao livre-arbítrio do homem; não podem senão pressentir a sua probabilidade, conforme o pensamento que vêem, mas não podem afirmar que ocorrerá de tal maneira e em tal momento. Além disso, a maior ou menor exatidão nas previsões depende da extensão e da clareza da visão psíquica; em certos indivíduos, Espíritos ou encarnados, ela é difusa ou limitada a um ponto, enquanto noutros é clara e abarca o conjunto dos pensamentos e das vontades que devem concorrer para a realização de um fato; mas, acima de tudo, há sempre a vontade superior, que pode, na sua sabedoria, permitir uma revelação ou impedi-la. Neste último caso, um véu impenetrável é lançado sobre a visão psíquica mais perspicaz. (Vide em *A Gênese* o capítulo da “Presciência”).

A teoria das criações fluídicas e, por conseqüência, da fotografia do pensamento, é uma conquista do Espiritismo moderno e, doravante, pode ser considerada como demonstrada em princípio, salvo as aplicações de detalhe, que resultam da observação. Esse fenômeno é, incontestavelmente, a fonte das visões fantásticas, e deve representar um grande papel em certos sonhos.

Pensamos que aí se pode encontrar a explicação da mediunidade pelo copo d’água (Vide o artigo precedente). Desde que o objeto que se vê não pode estar no copo, a água deve fazer o papel de um espelho, que reflete a imagem criada pelo

pensamento do Espírito. Essa imagem pode ser a reprodução de uma coisa real, como a de uma criação de fantasia. Em todo o caso, o copo d'água não é senão um meio de a reproduzir, mas não é o único, como o prova a diversidade dos processos empregados por alguns videntes. Este talvez convenha melhor a certas organizações.

A Morte do Sr. Bizet, Cura de Sétif

A FOME ENTRE OS ESPÍRITOS

Um dos nossos correspondentes da Argélia nos informa, nos seguintes termos, sobre a morte do Sr. Bizet, cura de Sétif:

“O Sr. Bizet, cura de Sétif, faleceu em 15 de abril, com a idade de quarenta e três anos, vitimado, sem dúvida, pelas fadigas que suportou durante a fome, quando desenvolveu uma atividade e um devotamento verdadeiramente exemplares. Nascido nas cercanias de Viviers, no Departamento do Ardèche, era, há dezessete anos, pastor dessa cidade, onde tinha sabido granjear as simpatias de todos os habitantes, sem distinção de culto, por sua prudência, por sua moderação e a sabedoria de seu caráter.

“Nos primórdios do Espiritismo nesta localidade e, principalmente, quando o *Écho de Sétif* afirmou abertamente esta doutrina, por um instante o Sr. Bizet tinha tido a intenção de a combater; entretanto, absteve-se de entrar numa luta que estavam decididos a sustentar. Depois, tinha lido as vossas obras com atenção. É provavelmente a essa leitura que se deve atribuir a sua reserva cheia de sabedoria, quando lhe foi ordenado ler durante a homilia a famosa pastoral de monsenhor Pavie, bispo de Argel, que qualificava o Espiritismo como *a nova vergonha da Argélia*. O Sr. Bizet não quis ler em pessoa essa pastoral, do púlpito; fê-la ler por seu vigário, sem lhe acrescentar nenhum comentário.”

Além disso, extraímos do *Journal de Sétif*, de 23 de abril, a seguinte passagem do artigo necrológico que publicou sobre o Sr. Bizet:

“No dia seguinte à sua morte, em 15 de abril, foram celebradas as suas exéquias. Uma missa de *réquiem* foi cantada às dez horas da manhã, pelo repouso de sua alma; um dos senhores grandes vigários, enviado há alguns dias pelo Sr. bispo, era o oficiante. Não faltou nenhum habitante de Sétif; as diferentes religiões estavam reunidas e misturadas para dizer um adeus ao Sr. cura Bizet. Os árabes, representados por alcaides e magistrados muçulmanos; os israelitas pelo rabino e os principais notáveis dentre eles; os protestantes por seu pastor, lá estavam, rivalizando em zelo e dedicação para prestar ao Sr. abade Bizet um último testemunho de estima, de afeição e de pesar.

“A reunião de tantas comunhões diversas num mesmo sentimento de simpatia é um dos mais belos sucessos conquistados pela caridade cristã que, no curso de seu apostolado em Sétif, não cessou de animar o abade Bizet. Vivendo em meio a uma população que está longe de ser homogênea, e entre a qual se encontram dissidentes de toda sorte, ele soube conservar intacto o legado católico que lhe tinha sido confiado, conservando, ao mesmo tempo, com os que não partilhavam de suas convicções religiosas, relações benevolentes e afetuosas, que lhe valeram as simpatias de todos.

“Mas o que transbordava de todos os corações era a lembrança dos sentimentos de caridade cristã que animavam o Sr. abade Bizet. Sua caridade era doce, paciente, sobretudo durante o longo inverno que acabamos de atravessar, em meio a uma miséria horrível, que tinha posto a seu encargo uma multidão de desgraçados. Sua caridade tudo cria, tudo esperava, tudo suportava e jamais desanimava. Foi no meio desse devotamento para socorrer os infelizes esfomeados, ameaçados todos os dias de morrer de frio

e de fome, que contraiu o germe da moléstia que o levou deste mundo, se é que já não estava atingido, devido ao zelo excepcional que desenvolveu durante a cólera do verão passado.”

O Sr. Bizet era espírita? ostensivamente, não; interiormente, ignoramo-lo. Se não o era, pelo menos tinha o bom-senso de não lançar anátema a uma crença que conduz a Deus os incrédulos e os indiferentes. Aliás, que nos importa? Era um homem de bem, um verdadeiro cristão, um padre segundo o Evangelho. A este título, se nos tivesse sido hostil, nem por isto os espíritas deixariam de o ter colocado na classe dos homens cuja memória a Humanidade deve honrar e tomar como modelo.

A Sociedade Espírita de Paris quis dar-lhe um testemunho de sua respeitosa simpatia, chamando-o ao seu seio, onde ele deu a seguinte comunicação:

Sociedade de Paris, 14 de maio de 1868

“Estou feliz, senhor, pelo benevolente apelo que houvestes por bem me dirigir, e ao qual considero uma honra e um prazer responder. Se não vim diretamente ao vosso meio, é que a perturbação da separação e o espetáculo novo com que fui ferido não mo permitiram. E, depois, não sabia a quem ouvir; encontrei muitos amigos, cujo simpático acolhimento me ajudou poderosamente a me reconhecer; mas também tive sob os olhos o atroz espetáculo da fome entre os Espíritos. Encontrei lá em cima muitos desses infelizes, mortos nas torturas da fome, ainda procurando em vão satisfazer a uma necessidade imaginária, lutando uns contra os outros para arrancar um pedaço de comida que se escondia em suas mãos, dilacerando-se mutuamente e, se posso dizer, se entredevorando; uma cena horrível, pavorosa, ultrapassando tudo quanto a imaginação humana pode conceber de mais desolador!... Muitos desses infelizes me reconheceram, e seu primeiro grito foi: *Pão!* Era em vão que eu tentava lhes fazer

compreender a sua situação; eram surdos às minhas consolações. – Que coisa terrível é a morte em semelhantes condições, e como aquele espetáculo é mesmo susceptível de fazer refletir sobre o nada de certos pensamentos humanos!... Assim, enquanto na Terra se pensa que aqueles que partiram ao menos estão livres da tortura cruel que sofriam, percebe-se do outro lado que não é nada disso, e que o quadro não é menos sombrio, embora os autores tenham mudado de aparência.

“Perguntais se eu era espírita. Se, por esta palavra, entendeis aceitar todas as crenças que a vossa doutrina preconiza, não; eu não chegava até lá. Eu admirava os vossos princípios; julgava-os capazes de trazer a salvação aos que sinceramente os punham em prática; mas tinha minhas reservas sobre um grande número de pontos. Não segui, a vosso respeito, o exemplo de meus confrades e de alguns de meus superiores, que eu interiormente censurava, porque sempre pensei que a intolerância era mãe da incredulidade, e que era preferível ter uma crença que levasse à caridade e à prática do bem, a não a ter absolutamente. Eu era espírita de fato? Não me cabe pronunciar-me a respeito.

“Quanto ao pouco bem que pude fazer, estou realmente confuso com os exagerados elogios de que me tornaram objeto. Quem não teria agido como eu?... Não são ainda mais merecedores do que eu, se nisto há algum mérito, os que se devotaram em socorrer os infelizes árabes, e que a isto não foram levados senão pelo amor do bem?... Para mim a caridade era um dever, em consequência do caráter de que eu estava revestido. Faltando a ela, eu seria culpado, teria mentido a Deus e aos homens, aos quais eu havia consagrado a minha existência. Aliás, quem poderia ter ficado insensível diante de tantas misérias?...

“Vós o vedes, fizeram como sempre: aumentaram enormemente os fatos; cercaram-me de uma espécie de celebridade, que me deixa confuso e magoado e pela qual sofro em

meu amor-próprio. Porque, enfim, bem sei que não mereço tudo isto, e estou bem certo, senhor, de que me conhecendo melhor, reduzireis ao seu justo valor o ruído que fazem em volta de mim. Se tenho algum mérito, que mo concedam, concordo; mas que não me levantem um pedestal com uma reputação usurpada: eu não poderia consentir com isto.

“Como vedes, senhor, ainda estou muito recente neste mundo novo para mim, sobretudo muito ignorante e mais desejoso de me instruir do que capaz de instruir os outros. Hoje os vossos princípios me parecem tanto mais justos quanto, depois de ter lido a sua teoria, vejo a sua mais larga aplicação prática. Assim, ficaria feliz em os assimilar completamente e vos seria reconhecido se me aceitásseis algumas vezes como um dos vossos ouvintes.”

Cura Bizet

Observação – A quem quer que não conheça a verdadeira constituição do mundo invisível, parecerá estranho que Espíritos, que segundo eles são seres abstratos, imateriais, indefinidos, sem corpo, sejam vítimas dos horrores da fome; mas o espanto cessa quando se sabe que esses mesmos Espíritos são seres como nós; que têm um corpo, fluídico é verdade, mas que não deixa de ser matéria; que, deixando seu invólucro carnal, *certos* Espíritos continuam a vida terrestre com as mesmas vicissitudes, durante um tempo mais ou menos longo. Isto parece singular, mas é, e a observação nos ensina que tal é a situação dos Espíritos que viveram mais a vida material do que a vida espiritual, situação por vezes terrível, porque a ilusão das necessidades da carne se faz sentir, e se tem todas as angústias de uma necessidade impossível de satisfazer. O suplício mitológico de Tântalo, nos Antigos, acusa um conhecimento mais exato do que se supõe, do estado do mundo de além-túmulo, sobretudo mais exato que entre os modernos.

Completamente diversa é a posição dos que, desde esta vida, se desmaterializaram pela elevação de seus pensamentos e sua identificação com a vida futura. Todas as dores da vida corporal cessam com o último suspiro e logo o Espírito plana, radioso, no mundo etéreo, feliz como o prisioneiro liberto de suas cadeias.

Quem nos disse isto? É um sistema, uma teoria? Alguém disse que deveria ser assim e se acredita sob palavra? Não; são os próprios habitantes do mundo invisível que o repetem em todos os pontos do globo, para ensinamento dos encarnados.

Sim, legiões de Espíritos continuam a vida corporal com suas torturas e suas angústias. Mas quais? Os que ainda estão muito avassalados à matéria para dela se desprenderem instantaneamente. É uma crueldade do Ser Supremo? Não; é uma lei da Natureza, inerente ao estado de inferioridade dos Espíritos e necessária ao seu adiantamento; é uma prolongação *mista* da vida terrena durante alguns dias, alguns meses, alguns anos, conforme o estado moral dos indivíduos. Estariam aptos para tachar de barbárie essa legislação, aqueles que preconizam o dogma das penas eternas, irremissíveis, e as chamas do inferno como um efeito da soberana justiça? Podem eles fazer um paralelo entre a situação temporária, sempre subordinada à vontade do indivíduo de progredir, e a possibilidade de avançar por novas encarnações? Aliás, não depende de cada um escapar a essa vida intermediária, que, francamente, nem é a vida material, nem a vida espiritual? Os espíritas a ela escapam naturalmente, porque, compreendendo o estado do mundo espiritual antes de nele entrar, imediatamente se dão conta de sua situação.

As evocações nos mostram uma multidão de Espíritos que ainda se julgam deste mundo: suicidas, supliciados que não suspeitam que estão mortos e sofrem o seu gênero de morte; outros que assistem ao próprio enterro, como se fosse o de um

estranho; avarentos que guardam seus tesouros, soberanos que julgam mandar ainda e que ficam furiosos por não serem obedecidos; depois de grandes desastres marítimos, naufragos que lutam contra o furor das ondas; após uma batalha, soldados que se batem; e, ao lado disto, Espíritos radiosos, que nada mais têm de terrestre e são para os encarnados o que a borboleta é para a lagarta. Pode perguntar-se para que servem as evocações, quando nos dão a conhecer, até nos mais ínfimos detalhes, esse mundo que nos espera a todos, ao sairmos deste? É a Humanidade encarnada que conversa com a Humanidade desencarnada; o prisioneiro que fala com o homem livre. Não, por certo elas nada servem ao homem superficial que nisto só vê um divertimento; elas não lhe servem mais do que a física e a química recreativas para a sua instrução. Mas para o filósofo, observador sério, que pensa no amanhã da vida, é uma grande e salutar lição; é todo um mundo novo que se descobre; é a luz lançada sobre o futuro; é a destruição dos preconceitos seculares sobre a alma e a vida futura; é a sanção da solidariedade universal que liga todos os seres. Dirão que se pode ser enganado; sem dúvida, como se o pode sobre todas as coisas, mesmo as que se vê e se toca; tudo depende da maneira de observar.

O quadro que apresenta o cura Bizet nada tem, pois, de estranho; vem, ao contrário, confirmar, por mais um grande exemplo, o que já se sabia; e, o que afasta toda idéia de reflexão de pensamentos, é que o fez espontaneamente, sem que ninguém pensasse em chamar sua atenção sobre aquele ponto. Por que, então, teria vindo dizer, sem que se lhe perguntasse, se aquilo era assim ou não? Sem dúvida a isto foi levado para a nossa instrução. Aliás, toda a comunicação traz um cunho de gravidade, de sinceridade e de modéstia, que é bem o seu caráter e que não é próprio dos Espíritos mistificadores.

O Espiritismo em Toda Parte

JORNAL SOLIDARIEDADE

O Espiritismo conduz precisamente ao fim que se propõem todos os homens de progresso. É, pois, impossível que, mesmo sem se conhecer, eles não se encontrem em certos pontos e que, quando se conhecerem, não se dêem a mão para marchar em conjunto ao encontro de seus inimigos comuns: os preconceitos sociais, a rotina, o fanatismo, a intolerância e a ignorância.

O *Solidarité* é um jornal cujos redatores levam seu título a sério. E que campo mais vasto e mais fecundo para o filósofo moralista do que esta palavra que encerra todo o programa do futuro da Humanidade! É por isso que esta folha, se não tem a popularidade das folhas leves, conquistou um crédito mais sólido entre os pensadores sérios.¹⁸ Embora até hoje ela não se tenha mostrado muito simpática às nossas doutrinas, não rendemos menos justiça à sinceridade de seus pontos de vista e ao incontestável talento de sua redação. É, pois, com viva satisfação que hoje a vemos, por sua vez, fazer justiça aos princípios do Espiritismo. Seus redatores nos farão também a de reconhecer que não fizemos nenhuma diligência para os trazer a nós. Sua opinião, portanto, não resulta de nenhuma condescendência pessoal.

Sob o título de: *Boletim do movimento filosófico e religioso*, o número de 1^o de maio contém um artigo notável, do qual extraímos as passagens seguintes:

“A confusão vai aumentando sem cessar. Onde irá parar? Não é só em política que não se entendem mais; não é

18 *Solidarité*, jornal mensal de 16 páginas in-4, aparecendo no dia 1^o de cada mês. Preço: Paris, 5 francos por ano; Departamentos, 6 francos; estrangeiro: 7 francos. Preço de um número: 25 centavos; pelos correios: 30 centavos. — Redação: rue des Saints-Pères, 13, na Livraria das Ciências Sociais.

somente em economia social, é também em moral e em religião, de sorte que a perturbação se estende a todas as esferas da atividade humana, que invadiu todo o domínio da consciência, e que a própria civilização está em causa.

“Não que a ordem material esteja em perigo. Há hoje na sociedade muitos elementos conquistados e muitos interesses a conservar, para que a ordem material possa nela ser seriamente perturbada. Mas a ordem material nada prova. Pode persistir muito tempo, até que o princípio mesmo da vida social seja atingido e que a corrupção dissolva lentamente o organismo. A ordem reinava em Roma sob os césares, enquanto a civilização romana ia desmoronando dia a dia, não sob o esforço dos bárbaros, mas sob o peso de seus próprios vícios.

“Nossa sociedade chegará a eliminar de seu seio os elementos mórbidos que ameaçam transformar-se em germes de dissolução e de morte? Nós o esperamos, mas é necessário o ponto de apoio dos princípios eternos, o concurso de uma ciência verdadeiramente positiva, e a perspectiva de um ideal novo.

“Eis as condições da salvação social, porque aí estão, para os indivíduos, os meios de um verdadeiro renascimento. Uma sociedade não pode ser mais que o produto dos seres sociais que a constituem, e como o resultante de seu estado físico, intelectual e moral. *Se quiserdes uma transformação social, fazei primeiro o homem novo.*¹⁹

“Embora o círculo dos leitores das publicações filosóficas tenha crescido muito nestes últimos anos, quanta gente ainda ignora a existência desses jornais ou negligencia a sua leitura! É um erro. Sem eles, é impossível dar-se conta do estado das almas. Os órgãos da filosofia contemporânea têm ainda um outro alcance: preparam as questões que os acontecimentos levantarão em breve, e que será urgente resolver.

19 Escrevemos em 1862: “Antes de fazer as instituições para os homens, deve-se formar os homens para as instituições.” (*Viagem Espírita*.)

“Por certo a confusão é grande na imprensa filosófica; é um pouco a torre de Babel: cada um aí fala a sua língua e se preocupa muito mais em cobrir a voz do vizinho do que escutar as suas razões. Cada sistema aspira a ser único e exclui todos os outros. Mas é preciso guardar-se de os tomar ao pé da letra em seu exclusivismo. Talvez não haja um só que represente algum ponto de vista legítimo. Todos passarão: só a verdade é eterna; mas, talvez, nenhum deles seja completamente estéril; nenhum terá desaparecido sem juntar algo ao capital intelectual da Humanidade. O materialismo, o positivismo religioso e o positivismo filosófico, o independentismo (perdoem o barbarismo, que não é meu), o criticismo, o idealismo, o espiritualismo, o Espiritismo – pois é preciso contar com este recém-vindo, que tem mais partidários do que todos os outros reunidos – e, por outro lado, o protestantismo liberal, o idealismo liberal, e mesmo o catolicismo liberal: tais são os nomes das principais bandeiras que, a títulos diversos e com forças desiguais, se acham representados no campo filosófico. Sem dúvida não existe aí um exército, porque não há obediência a um chefe, nem hierarquia, nem disciplina, mas esses grupos, hoje divididos e independentes, podem ser reunidos por um perigo comum.

“O movimento filosófico a que assistimos precede de pouco tempo o grande movimento religioso que se prepara. Logo as questões religiosas apaixonarão os espíritos, como o faziam há pouco as questões sociais, e mais fortemente ainda.

“Que ordem deve fundar-se por uma simples evolução da idéia cristã, restabelecida na sua pureza primitiva, como o pensam alguns, ou por uma espécie de fusão das crenças no terreno vago de um deísmo judaico-cristão, como o esperam outros homens de boa vontade, ou, o que nos parece muito mais provável, pela intervenção de uma idéia mais larga e mais compreensível, que dá à vida humana o seu verdadeiro objetivo, a primeira necessidade da época em que estamos, é a liberdade: liberdade de pensar e de

publicar o seu pensamento, liberdade de consciência e de culto, liberdade de propaganda e de pregação! Por certo, em meio a tantos sistemas que se defrontam, é impossível que não se veja abrir-se uma fase de discussões ardentes, apaixonadas, aparentemente desordenadas, embora essa fase preparatória seja necessária, como a agitação caótica é necessária à criação. Como os relâmpagos e os raios na atmosfera terrestre, a fermentação das idéias agita a atmosfera moral para a purificar. Quem pode temer a tempestade, sabendo que ela deve restabelecer o equilíbrio perturbado e renovar as fontes da vida?”

O mesmo número contém a seguinte apreciação de nossa obra sobre *A Gênese*. Não a reproduzimos senão porque se liga aos interesses gerais da doutrina:

“Passa-se em nossa época um fato de importância capital, e as pessoas *fingem não ver*. Contudo, aí há fenômenos a observar, que interessam à Ciência, notadamente a Física e a Fisiologia humanas; mas, ainda que os fenômenos chamados de Espiritismo só existissem na imaginação de seus adeptos, a crença no Espiritismo, espalhada com tanta rapidez por toda parte, é em si mesma um fenômeno considerável e muito digno de ocupar as meditações do filósofo.

“É difícil, mesmo impossível, apreciar o número das pessoas que crêem no Espiritismo, mas pode dizer-se que essa crença é geral nos Estados Unidos, e que se propaga cada vez mais na Europa. Na França há toda uma literatura espírita. Paris possui dois ou três jornais que a representam. Lyon, Bordeaux, Marselha, cada uma tem o seu.

“Na França, o Sr. Allan Kardec é o mais eminente representante do Espiritismo. Foi uma felicidade para essa crença ter encontrado uma inteligência que soubesse mantê-la nos limites do racionalismo. Teria sido fácil, com toda essa mistura de fenômenos reais e de criações puramente ideais e subjetivas que

constituem a maravilha do que se chama o Espiritismo, deixar-se arrastar pela atração do milagre e pela ressurreição das velhas superstições! O Espiritismo poderia ter dado aos inimigos da razão um poderoso apoio, se tivesse voltado à demonologia, e existe no seio do mundo católico um partido que para isto ainda faz todos os esforços. Há também toda uma literatura deplorável, prejudicial, mas felizmente sem influência. Ao contrário, o Espiritismo, na França como nos Estados Unidos, resistiu ao espírito da Idade Média. O demônio nele não representa nenhum papel, e *o milagre aí não vem introduzir as suas tolas explicações.*

“Pondo de lado a hipótese que constitui o fundo do Espiritismo, e que consiste na crença de que os Espíritos das pessoas mortas se entretêm com os vivos por meio de certos processos de correspondência, muito simples e ao alcance de todos; pondo de lado, dizíamos, a hipótese deste ponto de partida, encontramos-nos em presença de uma doutrina geral, que está perfeitamente em relação com o estado da Ciência em nossa época, e que responde perfeitamente às necessidades e às aspirações modernas. E o que há de notável é que a Doutrina Espírita é mais ou menos a mesma em toda parte. Se não é estudada senão na França, pode-se crer que as obras do Sr. Allan Kardec, que são como a enciclopédia do Espiritismo, aí o são por muitos. Mas esta paridade da doutrina se estende aos outros países; por exemplo, os ensinamentos de Davis, nos Estados Unidos, não diferem essencialmente dos do Sr. Allan Kardec. É verdade que nas idéias emitidas pelo Espiritismo, nada se encontra que não pudesse ter sido encontrado pelo espírito humano entregue só aos recursos da imaginação e da ciência positiva; mas, desde que as sínteses que são propostas pelos escritores espíritas são científicas e racionais, merecem ser examinadas sem prevenção, sem idéia preconcebida, pela crítica filosófica.

“A nova obra do Sr. Allan Kardec aborda as questões que constituem o objeto de nossos estudos. Hoje não podemos

fazer-lhe um relatório. A ela voltaremos num próximo número e, ao mesmo tempo, diremos o que pensamos dos fenômenos ditos espíritas, e das explicações que dos mesmos podem ser dadas no estado atual da Ciência.”

Nota – Este mesmo número contém um notável artigo do Sr. Raisant, intitulado: *Meu ideal religioso*, e que os espíritas não desaprovariam.

CONFERÊNCIAS

Numa série de conferências feitas em abril último, pelo Sr. Chavée, no Instituto Livre do boulevard des Capucines, nº 39, o orador fez, com tanto talento quanto verdadeira ciência, um estudo analítico e filosófico dos Vedas indianos e das leis de Manu, comparadas com o livro de Jó e os Salmos. O tema conduziu a considerações de elevado alcance, que tocam diretamente os princípios fundamentais do Espiritismo. Eis algumas notas colhidas por um ouvinte dessas conferências; não são senão pensamentos apanhados a esmo, que perdem necessariamente ao serem destacados do conjunto e privados de seus desenvolvimentos, mas que bastam para mostrar a ordem das idéias seguidas pelo autor:

“De que serve lançar um véu sobre o que é? De que serve não dizer bem alto o que se pensa baixinho? É preciso ter a coragem de dizer. Quanto a mim, terei esta coragem.”

“Nos Vedas indianos está dito: ‘Têm-se os *seus pares* no alto.’ E eu sou desta opinião.”

“Com os olhos da carne não se pode ver tudo.”

“O homem tem uma existência indefinida e o progresso da alma é indefinido. Seja qual for a soma de suas luzes, ela tem sempre a aprender, porque tem o infinito à sua frente e, embora não o possa atingir, seu objetivo será sempre dele se aproximar cada vez mais.”

“O homem individual não pode existir sem um organismo que o limite no seio da Criação. Se a alma existe após a morte, então tem um corpo, um organismo que chamo *organismo superior*, em oposição ao corpo carnal, que é o *organismo inferior*. Durante a vigília, esses dois organismos estão, a bem dizer, confundidos; durante o sono, o sonambulismo e o êxtase, a alma não se serve senão de seu corpo etéreo ou organismo superior; ela é mais livre neste estado; suas manifestações são mais elevadas, porque age sobre esse organismo mais perfeito, que lhe oferece menos resistência; ela abarca um conjunto de relações admiráveis, o que não pode fazer com o seu organismo inferior, que limita a sua clarividência e o campo de suas observações.”

“A alma é sem extensão; ela não é estendida senão pelo seu corpo etéreo, e circunscrita pelos limites desse corpo, que São Paulo chama *organismo luminoso*.”

“Um organismo, etéreo nos seus elementos constitutivos, mas invisível e *atingível* apenas pela indução científica, em nada contraria as leis conhecidas da Física e da Química.”

“Há fatos que a experimentação sempre pode reproduzir, constatando no homem *a existência* de um organismo interno superior, que deve suceder ao organismo opaco habitual, no momento da destruição deste último.”

“Depois que a morte separou a alma de seu organismo carnal, ela continua a vida no espaço, com seu corpo etéreo, assim conservando a sua individualidade. Entre os homens de que falamos e que estão mortos segundo a carne, certamente os há aqui entre nós, que assistem, invisíveis, às nossas conversas; estão ao nosso lado e planam acima de nossas cabeças; vêem-nos e nos escutam. Sim, estão aqui, eu vo-lo asseguro.”

“A escala dos seres é contínua; antes de ser o que somos, passamos por todos os graus desta escala, que estão abaixo

de nós, e continuaremos a subir os que estão acima. Antes que nosso cérebro fosse réptil, foi peixe, e foi peixe antes de ser mamífero.”

“Os materialistas negam estas verdades; são honestos; são de boa-fé, mas se enganam! Desafio um materialista a vir aqui, a esta tribuna, provar que tem razão e que estou errado. Que venham provar o materialismo! Não, não o provarão; apenas emitirão idéias apoiadas no vazio; apenas oporão denegações, ao passo que vou demonstrar por fatos a verdade de minha tese.”

“Há fenômenos patológicos que provam a existência da alma após a morte? Sim, há, e vou citar um. Vejo aqui doutores em Medicina, que pretendem que isto não se dá. Apenas lhes responderei: Se não o vistes, é porque olhastes mal. Observai, buscai, estudaí e o encontrareis, como eu próprio o achei.”

“É ao sonambulismo e ao êxtase que vou pedir as provas que vos prometi. – Ao sonambulismo? perguntar-me-ão. Mas a Academia de Medicina ainda não o reconheceu. – E daí? Nada tenho com a Academia de Medicina e a dispenso. – Mas o Sr. Dubois, de Amiens, escreveu um grosso volume in-8^o contra essa doutrina. – Isto também não me importa; são opiniões sem provas, que desaparecem diante dos fatos.”

“Dir-me-ão ainda: ‘Não está mais na moda defender o sonambulismo.’ Responderei que não me preocupo em estar na moda, e que se poucos homens ousam professar verdades que ainda atraem o ridículo, sou daqueles a quem o ridículo não pode atingir, e que o afrontam de bom grado, para dizer corajosamente o que julgam ser a verdade. Se cada um de nós agisse assim, em breve a incredulidade perderia todo o terreno que ganhou desde algum tempo, e seria substituída pela fé. Não a fé, filha da revelação, mas a fé mais sólida, filha da Ciência, da observação e da razão.”

O orador cita numerosos exemplos de sonambulismo e de êxtase, que lhe deram a prova, de certo modo material, da existência da alma, de sua ação isolada do corpo carnal, de sua individualidade após a morte e, finalmente, de seu corpo etéreo, que não é senão o envoltório fluídico ou perispírito.

Como se vê, a existência do perispírito, suspeitada desde toda a antiguidade pelas inteligências de escol, mas ignorada pelas massas, demonstrada e vulgarizada nestes últimos tempos pelo Espiritismo, é toda uma revolução nas ideais psicológicas e, por conseguinte, na filosofia. Admitido este ponto de partida, chega-se forçosamente, de dedução em dedução, à individualidade da alma, à pluralidade das existências, ao progresso indefinido, à presença dos Espíritos entre nós, numa palavra, a todas as conseqüências do Espiritismo, até ao fato das manifestações que se explicam de maneira toda natural.

Por outro lado, demonstramos no tempo que, partindo do princípio da pluralidade das existências, hoje admitido por numerosos pensadores sérios, mesmo fora do Espiritismo, se chega exatamente às mesmas conseqüências.

Se, pois, homens, cujo saber tem autoridade, professam abertamente, pela palavra ou por seus escritos, mesmo sem falar do Espiritismo, uns a doutrina do perispírito sob um nome qualquer, outros a pluralidade das existências, na realidade é professar o Espiritismo, pois são dois caminhos que a ele conduzem forçosamente. Se hauriram essas idéias em si mesmos e em suas próprias observações, isto só prova melhor que elas estão em a Natureza e quão irresistível é o seu poder. Assim, o perispírito e a reencarnação são, de agora em diante, duas portas abertas para o Espiritismo, no domínio da filosofia e nas crenças populares.

As conferências do Sr. Chavée são, pois, verdadeiras conferências espíritas, menos a palavra; e, sob este último aspecto,

diremos que no momento elas são mais proveitosas à Doutrina do que se empunhassem abertamente a sua bandeira. Popularizam as suas idéias fundamentais sem ofuscar os que, por ignorância da coisa, tivessem prevenção contra o nome. Uma prova evidente da simpatia que estas idéias encontram na opinião é o acolhimento entusiasta que é feito às doutrinas professadas pelo Sr. Chavée, pelo numeroso público que se comprime em suas conferências.

Estamos persuadidos de que mais de um escritor, que põe os espíritas em ridículo, aplaude o Sr. Chavée e suas doutrinas, que acha perfeitamente racionais, sem suspeitar que seja nada mais nada menos que o mais puro Espiritismo.

O jornal *Solidarité*, em seu número de 1º de maio, por nós citado acima, dá um relato dessas conferências, para o qual chamamos a atenção dos nossos leitores, já que completa, sob outros pontos de vista, os ensinamentos acima.

Nota – A abundância das matérias nos obriga a adiar para o próximo número o relato de dois interessantíssimos folhetins do Sr. Bonnemère, autor do *Romance do Futuro*, publicados no *Siècle* de 24 e 25 de abril de 1868, sob o título de *Paris sonâmbula*. O Espiritismo é aí claramente definido.

Nota Bibliográfica

A RELIGIÃO E A POLÍTICA NA SOCIEDADE MODERNA²⁰

Por Frédéric Herrensneider²¹

O Sr. Herrensneider é um antigo são-simonista e foi aí que colheu seu ardente amor ao progresso. Depois se tornou espírita e, contudo, estamos longe de partilhar sua maneira de ver sobre todos os pontos e aceitar todas as soluções que dá. A sua é uma obra de alta filosofia, em que o elemento espírita ocupa um

²⁰ **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 543.

²¹ 1 vol. in-12, de 600 páginas. Preço: 5 fr.; pelo correio, 5 fr. 75 c. Dentu, Palais-Royal.

lugar importante. Não a examinaremos senão do ponto de vista da concordância e da divergência de suas idéias, no que diz respeito ao Espiritismo. Antes de entrar no exame de sua teoria, algumas considerações preliminares nos parecem essenciais.

Três grandes doutrinas dividem os espíritos, sob os nomes de religiões diferentes e filosofias muito distintas: são o materialismo, o espiritualismo e o Espiritismo. Ora, pode-se ser materialista e crer ou não crer no livre-arbítrio do homem; no segundo caso é-se *ateu* ou panteísta; no primeiro é-se inconseqüente e ainda se toma o nome de panteísta ou de naturalista, positivista, etc.

A criatura é espiritualista desde que não é materialista, isto é, desde que admite um princípio espiritual distinto da matéria, seja qual for a idéia que se faça de sua natureza e de seu destino. Os católicos, os gregos, os protestantes, os judeus, os muçulmanos, os deístas são espiritualistas, a despeito das diferenças essenciais de dogmas que os dividem.

Os espíritas fazem da alma uma idéia mais clara e mais precisa; não é um ser vago e abstrato, mas um ser definido, que reveste uma forma concreta, limitada, circunscrita. Independentemente da inteligência, que é a sua essência, ela tem atributos e efeitos especiais, que constituem os princípios fundamentais de sua doutrina. Aditem: o corpo fluídico ou perispírito; o progresso indefinido da alma; a reencarnação ou pluralidade das existências, como necessidade do progresso; a pluralidade dos mundos habitados; a presença em nosso meio das almas ou Espíritos que viveram na Terra e a continuação de sua solicitude pelos vivos; a perpetuidade das afeições; a solidariedade universal, que liga os vivos e os mortos; os Espíritos de todos os mundos e, em conseqüência, a eficácia da prece; a possibilidade de comunicação com os Espíritos dos que não vivem mais; no homem, a visão espiritual ou física, que é um efeito da alma.

Rejeitam o dogma das penas eternas, irremissíveis, como inconciliável com a justiça de Deus; mas admitem que a alma, depois da morte, sofra e suporte as conseqüências de todo o mal que fez durante a vida, de todo o bem que poderia ter feito e não fez. Seus sofrimentos são a conseqüência *natural* de seus atos; duram enquanto durar a perversidade ou a inferioridade moral do Espírito; diminuem à medida que ele se melhora e cessam pela reparação do mal, reparação que ocorre nas existências corporais sucessivas. Tendo sempre sua liberdade de ação, o Espírito é, assim, o próprio artífice de sua felicidade e de sua desgraça, neste mundo e no outro. O homem não é levado fatalmente nem ao bem, nem ao mal; realiza um e outro por sua vontade e se aperfeiçoa pela experiência. Em decorrência desse princípio, os espíritas não admitem os demônios fadados ao mal, nem a criação especial de anjos predestinados à felicidade infinita, sem terem tido o trabalho de a merecer. Os demônios são Espíritos humanos ainda imperfeitos, mas que melhorarão com o tempo; os anjos, Espíritos chegados à perfeição, depois de haverem passado, como os outros, por todos os graus da inferioridade.

O Espiritismo não admite, para cada um, senão a responsabilidade de seus próprios atos; segundo ele, o pecado original é pessoal, consistindo nas imperfeições que cada indivíduo traz ao nascer, porque delas ainda não se despojou em suas existências precedentes, e cujas conseqüências sofre naturalmente na existência atual.

Também não admite, como suprema recompensa final, a inútil e beata contemplação dos eleitos por toda a eternidade; mas, ao contrário, uma atividade incessante de alto a baixo da escala dos seres, em que cada um tem atribuições em conformidade com o seu grau de adiantamento.

Tal é, de forma muito resumida, a base das crenças espíritas. A gente é espírita desde o momento em que se entra nesta

ordem de idéias, ainda mesmo quando não se admitissem todos os pontos da Doutrina em sua integridade ou em todas as suas conseqüências. Por não ser espírita *completo* não se é menos espírita, o que faz que por vezes se o seja sem saber, algumas vezes sem o querer confessar e que, entre os sectários das diferentes religiões, muitos são espíritas de fato, quando não de nome.

Para os espiritualistas, a crença comum é acreditar num Deus criador e admitir que, após a morte, a alma continue a existir, sob a forma de Espírito puro, completamente desligada de toda a matéria e, também, que ela poderá, com ou sem a ressurreição de seu corpo material, fruir de uma existência eterna, ditosa ou infeliz.

Os materialistas, ao contrário, crêem que a força é inseparável da matéria e não pode existir sem ela; assim, Deus não é para eles senão uma hipótese gratuita, a menos que seja a própria matéria; os materialistas negam com toda a sua força a concepção de uma alma essencialmente espiritual e de uma personalidade sobrevivente à morte.

Sua crítica é fundada, no que concerne à alma, tal qual a aceitam os espiritualistas, no sentido de que, sendo a força inseparável da matéria, uma alma pessoal, ativa e poderosa, não pode existir como um ponto geométrico no espaço, sem dimensão de qualquer espécie, nem comprimento, nem largura, nem altura. Que força, que poder, que ação pode ter uma tal alma sobre o corpo durante a vida? que progresso pode realizar e de que maneira conserva o seu traço, visto que nada é? como poderia ser susceptível de felicidade ou infelicidade após a morte? perguntam eles aos espiritualistas.

Não há por que dissimular essa argumentação especiosa, embora ela seja sem valor contra a doutrina dos espíritas. Eles admitem mesmo a alma distinta do corpo, como os espiritualistas, com uma vida eterna e uma personalidade

indestrutível, mas consideram essa alma como indissolúvelmente unida à matéria; não à matéria do próprio corpo, mas a uma outra, mais etérea, fluídica e incorruptível, que chamam *perispírito*, palavra feliz, que bem exprime o pensamento que é a origem e a base mesma do Espiritismo.

Se resumirmos as três doutrinas, diremos que:

1º – Para os materialistas, a alma não existe; ou, se existe, confunde-se com a matéria, sem nenhuma personalidade distinta fora da vida presente, em que essa personalidade é mesmo mais aparente do que real;

2º – Para os espiritualistas, a alma existe no estado de Espírito, independente de Deus e de toda matéria;

3º – Para os espíritas, a alma é distinta de Deus, que a criou, inseparável de uma matéria fluídica e incorruptível, que se pode chamar *perispírito*.

Esta explicação preliminar permitirá compreender que existem espíritas sem o saber.

Com efeito, desde que não se seja materialista, nem espiritualista, não se pode ser senão espírita, apesar da repugnância que alguns parecem experimentar por esta qualificação.

Eis-nos bem longe das apreciações fantasistas dos que imaginam que o Espiritismo não repousa senão na evocação dos Espíritos. Entretanto, há espíritas que jamais fizeram uma evocação; outros que jamais as viram, nem se preocupam em as ver, pois sua crença dispensa esse recurso; e por se apoiar somente na razão e no estudo, essa crença não é menos completa e menos séria.

Pensamos mesmo que é sob sua forma filosófica e moral que o Espiritismo encontra os mais firmes e mais convictos

aderentes; as comunicações não passam de meios de convicção, de demonstração e, sobretudo, de consolação. Não se deve a elas recorrer senão com reserva, e quando já se sabe bem o que se quer obter.

Não que as comunicações sejam partilha exclusiva dos espíritas; muitas vezes elas ocorrem espontaneamente e, por vezes mesmo, em meios hostis ao Espiritismo, do qual são independentes. Com efeito, não são senão o resultado de leis e ações naturais, que os Espíritos ou os homens podem utilizar, uns ou outros, quer independentemente, quer de acordo entre si.

Mas, assim como é prudente pôr instrumentos de Física, de Química e de Astronomia apenas nas mãos dos que deles sabem servir-se, convém não provocar comunicações senão quando possam ter uma utilidade real, e jamais com vistas a satisfazer uma curiosidade pueril.

Dito isto, podemos examinar a obra notável do Sr. Herrensneider. É a obra de um profundo pensador e de um espírita convicto, se não completa, mas não aprovamos todas as conclusões a que chega.

O Sr. Herrensneider admite a existência de um Deus criador, em tudo presente na Criação, penetrando todos os corpos com sua substância fluídica e se achando em nós como nós nele. É a notável solução que o Sr. Allan Kardec apresentou na sua obra *A Gênese*, a título de hipótese.

Mas, segundo o autor, no começo Deus enchia todo o espaço; teria criado cada ser retirando-se do lugar, que lhe concedia, para lhe deixar o livre desenvolvimento, sob sua proteção incessante. Esse desenvolvimento progressivo opera-se, a princípio, sob o efeito necessário das leis da Natureza e pela coerção do mal; depois, quando o Espírito já progrediu suficientemente, pode

juntar a sua própria ação à ação fatal das leis naturais, para ativar o seu progresso.

Durante toda essa fase da existência dos seres, que começa pela molécula do mineral, prossegue no vegetal, desenvolve-se no animal e se determina no homem, o Espírito recolhe e conserva conhecimentos por seu perispírito, adquirindo, assim, uma certa experiência. Os progressos que se realizam são de grande lentidão e, quanto mais lentos, mais se multiplicam as encarnações.

Como se vê, o autor adota os princípios científicos do progresso dos seres, emitidos por Lamarck, *Geoffroy Saint-Hilaire* e *Darwin*, com a diferença de que a ação moderadora das formas e dos órgãos animais já não é apenas o resultado da seleção e da concorrência vital, mas, também e sobretudo, o efeito da ação inteligente do espírito animal, modificando incessantemente as formas e a matéria, que reveste para realizar uma apropriação mais conforme à experiência que adquiriu.

É nesta ordem de idéias que queríamos ter visto o autor insistir sobre a ação benéfica e afetuosa dos seres mais elevados, concorrendo para o adiantamento dos mais fracos, guiando-os e protegendo-os por um sentimento de simpatia e de solidariedade, cujo desenvolvimento é felizmente apresentado no livro *A Gênese* e em todas as obras do Sr. Allan Kardec.

O Sr. Herrenschneider não fala da ação recíproca de uns seres sobre os outros, senão do triste ponto de vista da ação maléfica e do progresso necessário, que resulta do mal na Natureza. Sobre este ponto, ele bem compreendeu que o mal é apenas relativo, e que é uma das condições mesmas do progresso. Esta parte de seu trabalho é bem desenvolvida.

“*Criados, diz ele, em extrema fraqueza, em extrema preguiça e devendo ser os meios do nosso próprio fim, somos obrigados*

a chegar à perfeição e ao poder, à felicidade e à liberdade por nossos próprios esforços; nosso destino é ser em tudo e por toda parte os filhos de nossas obras, criar-nos a nossa unidade, a nossa personalidade, a nossa originalidade, tão bem quanto a nossa felicidade.

“Eis, em minha opinião, quais são os desígnios de Deus a nosso respeito. Mas, para o conseguir, *evidentemente o Criador não nos pode abandonar a nós mesmos*, porque, criados nesse estado ínfimo e molecular, estamos naturalmente mergulhados num profundo entorpecimento; aí teríamos mesmo ficado perpetuamente, e jamais teríamos dado um passo à frente se, para nos despertar, para tornar sensível a nossa substância inerte e para ativar a nossa força privada de iniciativa, *Deus não nos tivesse submetido a um sistema de coerção*, que nos prende à nossa origem, jamais nos deixa e nos força a desenvolver esforços para satisfazer às necessidades e aos instintos morais, intelectuais e materiais, de que nos tornou escravos, em consequência do sistema de encarnação, que dispôs para este fim.”

Indo mais longe que os estóicos, que pretendiam que a dor, que não passava de uma palavra, vê-se que os espíritas chegam a pronunciar esta fórmula estranha: *que o próprio mal é um bem*, no sentido de que a ele conduz fatalmente, necessariamente.

Em tudo o que precede, faremos ao autor a crítica de haver esquecido que a mais estreita solidariedade liga todos os seres, e que os melhores de todos são os que, tendo compreendido melhor este princípio, o põem em ação incessantemente, de tal sorte que todos os seres na Natureza concorrem para o objetivo geral e para o progresso uns dos outros: uns sem o saber e sob o impulso de seus guias espirituais; outros, compreendendo o seu dever de elevar e de instruir os que os cercam, ou que deles dependem, e se ajudando com o concurso dos mais adiantados que eles próprios. Hoje todo o mundo compreende que os pais devem

aos seus filhos uma educação conveniente, e que os que são felizes, instruídos e adiantados devem ajudar os pobres, os sofredores e os ignorantes.

Em conseqüência, deve-se compreender a utilidade da prece, que nos põe em relação com os Espíritos que nos podem guiar. Não nos acontece pedir aos que vivem como nós? que são nossos superiores ou nossos iguais? e nossa vida pode passar sem esse perpétuo apelo, que fazemos ao concurso dos outros? Não é, pois, admirável que, ouvindo-nos, os que não vivem mais sejam igualmente sensíveis às nossas preces, na medida do que podem fazer, como, aliás, o teriam feito em vida. Por vezes dá-se a quem não pediu, mas se dá sobretudo aos que pedem. Batei, e se vos abrirá; pedi, e se for possível, sereis atendidos.

Não creiais que tudo vos seja devido e que deveis esperar os benefícios sem os pedir e sem os merecer; não creiais que tudo chegue fatalmente e necessariamente, mas, ao contrário, refleti que estais no meio de seres livres e voluntários, tão numerosos quanto a areia do mar, e que a sua ação pode juntar-se à vossa, a pedido vosso e segundo a sua simpatia, que é preciso saber merecer.

Orar é um meio de agir sobre os outros e sobre si mesmo, mas não é este o momento de desenvolver este assunto importante. Digamos apenas que a prece não vale senão quando acompanha *o esforço ou o trabalho*, e nada pode sem este, enquanto o trabalho e os esforços gerais podem muito bem substituir a prece. É sobretudo entre os espíritas que se admite este velho adágio: *Trabalhar é orar*.

A parte mais importante do livro do Sr. Herrenschneider é aquela onde ele faz o que se poderia chamar a psicologia da alma, concebida tal qual a compreendem os espíritas. Neste ponto de vista, seu trabalho é novo e dos mais curiosos.

O autor determina claramente os fenômenos dependentes do perispírito, e como tem à disposição do espírito a soma inteira de seus progressos anteriores, conserva o traço dos esforços e dos progressos novos tentados e realizados pelo ser, seja em que momento for.

Conforme esses dados, a natureza da alma ou do perispírito deve ser considerada como um tesouro adquirido, conservado em nós e encerrando tudo o que concerne ao nosso ser na ordem moral, intelectual e prática.

Evitaremos utilizar os termos adotados pelo autor que, para exprimir que a alma pode agir, quer pelo efeito de seu tesouro adquirido ou natureza íntima (perispírito), quer por um esforço novo ou ação voluntária, se serve da expressão *dualidade da alma*, posto faça notar que a alma é *una*. Aí está uma expressão infeliz, que não expressa o verdadeiro pensamento do autor e que poderia prestar-se à confusão para um espírito pouco atento.

Como os espíritas, o Sr. Herrenschneider acredita na unidade da alma; como eles, admite a existência do perispírito, o que lhe permite fazer uma crítica muito fina da psicologia dos espiritualistas, que estuda mais especialmente segundo as obras do Sr. Cousin.

Partindo do mesmo ponto que Sócrates e Descartes: *o conhecimento de si mesmo*, o autor estabelece o fato primordial de onde resultam todos os nossos conhecimentos, isto é, a afirmação de nós mesmos, feita cada vez que empregamos a palavra *eu*. A afirmação do *eu* é, pois, a verdadeira base da psicologia. Ora, há várias manifestações desse *eu*, que se apresentam à nossa observação, sem que uma tenha qualquer prioridade sobre as outras e sem que se engendrem reciprocamente: *Eu me sinto*, – *eu me sei*, – *eu tenho consciência de minha individualidade*, – *eu tenho o desejo de ser satisfeito*. Estes dois últimos fatos de consciência são evidentes e

claros por si mesmos; constituem o princípio da unidade do ser e o de nossa causa final ou destino, a saber: ser feliz.

Para se sentir e para se saber, é preciso notar que se tem perfeita consciência de se sentir sem ter necessidade de fazer qualquer esforço; ao contrário, a percepção do sentir é um ato que resulta de um esforço da mesma ordem que a atenção; desde que não faço mais esforço, não penso mais, nem presto atenção, e então sinto todas as coisas exteriores que me causam impressão, até o momento em que uma delas me fere assaz vivamente para que eu a examine, a ela dirigindo a minha atenção. Assim, posso pensar ou sentir, ser impressionado ou perceber, e julgar minha impressão quando o desejar.

Há aí duas ordens psicológicas diferentes, heterogêneas, uma das quais é *passiva* e se caracteriza pela sensibilidade e pela permanência; é o *sentir*; e a outra é *ativa* e se distingue pelo esforço da atenção e por sua intermitência: é o pensamento voluntário.

É desta observação que o autor chega a concluir pela existência do perispírito, por uma série de deduções muito interessantes, mas longas demais para referir aqui.

Para o Sr. Herrensneider, o perispírito, ou substância da alma, é uma matéria simples, incorruptível, inerte, extensa, sólida e sensível; é o princípio *potencial* que, por sua sutileza, recebe todas as impressões, assimila-as, conserva-as e se transforma, sob essa ação incessante, de maneira a encerrar toda a nossa força moral, intelectual e prática.

A força da alma é de ordem virtual, espiritual ativa, voluntária e refletida; é o princípio de nossa atividade. Por toda parte onde se ache o nosso perispírito, encontra-se igualmente a nossa força. Do perispírito ou do tesouro adquirido de nossa natureza, dependem a nossa sensibilidade, as nossas sensações, os nossos sentimentos, a nossa memória, a nossa imaginação, as

nossas idéias, o nosso bom-senso, a nossa espontaneidade, a nossa natureza moral e os nossos princípios de honra, assim como os sonhos, as paixões e mesmo a loucura.

De nossa força derivam, como qualidades virtuais, a atenção, a percepção, a razão, a lembrança, a fantasia, o humor, o pensamento, o raciocínio, a reflexão, a vontade, a virtude, a consciência e a vigilância, assim como o sonambulismo, a exaltação e a monomania.

Desde que estas qualidades podem substituir-se uma a outra sem se excluírem, e também porque os mesmos órgãos devem ser empregados tanto para a percepção quanto para a sensação, que se equivalem, pelo sentimento quanto pela razão, etc., resulta que cada Espírito raramente se serve das duas ordens de suas faculdades com a mesma facilidade. Desta observação, resulta para o autor que os indivíduos que funcionam mais facilmente, em virtude das faculdades ditas potenciais, terão estas mais desenvolvidas que os outros e delas se servirão mais à vontade, e reciprocamente.

Deste ponto de vista e de uma observação relativa à maior ou menor força virtual de certas coleções de indivíduos, geralmente grupados sob um mesmo nome de raça, o autor chega à conclusão de que existem Espíritos que se podem chamar Espíritos franceses, ingleses, italianos, chineses, negros, etc.

A despeito das dificuldades de explicação que resultariam de uma tal ordem de idéias, forçoso é convir que os estudos muito cuidadosos, feitos pelo Sr. Herrenschneider sobre os diversos povos, são muito notáveis e, em todo o caso, muito interessantes; mas gostaríamos que o autor tivesse indicado o seu pensamento com mais clareza, e que evidentemente é o seguinte: Os Espíritos se grupam, em geral, segundo as suas afinidades; é o que faz que Espíritos da mesma ordem e do mesmo grau de

elevação tendam a encarnar num mesmo ponto do globo, daí resultando esse caráter nacional, fenômeno em aparência tão singular. Diremos, pois, que não há Espíritos franceses ou ingleses, mas que há Espíritos cujo estado, hábitos, tradições impelem uns a se encarnarem na França, outros na Inglaterra, como se os vêem, durante a vida, grupar-se segundo as suas simpatias, seu valor moral e seus caracteres. Quanto ao progresso individual, depende sempre da vontade, e não do valor já adquirido do perispírito que, a bem dizer, não serve senão como ponto de partida, destinado a permitir uma nova elevação do Espírito, novas conquistas e novos progressos.

Deixaremos de lado a parte do livro que trata da ordem social e da necessidade de uma religião imposta, porque o autor, ainda imbuído dos princípios de autoridade que hauriu no são-simonismo, afasta-se muito, neste ponto, dos princípios de tolerância absoluta que o Espiritismo se gloria de professar. Achamos justo ensinar, mas temeríamos uma doutrina imposta e necessária, porquanto, mesmo que fosse justa para a geração atual, forçosamente se tornaria um entrave para as gerações seguintes, quando estas tivessem progredido.

O Sr. Herrenschneider não compreende que a moral possa ser independente da religião. Em nossa opinião, a questão está malposta, e cada um a discute justamente do ponto de vista em que tem razão. Os moralistas independentes estão certos quando dizem que a moral é independente dos dogmas religiosos, no sentido de que, sem acreditar em nenhum dos dogmas existentes, muitos dos antigos foram moralizados, e entre os modernos os há e muitos que têm o direito de gabar-se de o ser. Mas o que é certo é que a moral e, sobretudo, a sua aplicação prática, é sempre dependente de nossas *crenças individuais*, sejam quais forem. Ora, ainda que fossem das mais filosóficas, uma crença constitui a *religião* daquele que a possui.

Isto se demonstra facilmente pelos fatos diários da existência, e os moralistas, que se dizem independentes, têm, eles próprios, como *crença*, que é preciso respeitar-se e respeitar os outros, desenvolvendo o mais possível, em si e nos outros, os elementos do progresso. Sua moral dependerá, pois, de sua crença; suas ações forçosamente dela se ressentirão e essa moral não será independente senão das religiões, das crenças e dos dogmas nos quais não têm fé, o que achamos muito justo e racional, mas, também, muito elementar.

O que se pode dizer é que, no estado atual da nossa sociedade, há princípios de moral que estão de acordo com todas as crenças individuais, sejam quais forem, porque os indivíduos modificaram suas crenças religiosas sobre certos pontos, em virtude dos progressos científicos e morais, dos quais os nossos ancestrais fizeram a feliz conquista.

Terminaremos dizendo que o autor é, sob muitos pontos, discípulo de Jean Reynaud. Seu livro é o resumo de estudos e pensamentos sérios, expressos claramente, e com força; é feito com um cuidado digno de louvar e esse cuidado vai até a minúcia nos detalhes materiais da impressão, o que tem grande importância para a clareza de um livro tão sério.

Malgrado o desacordo profundo que nos separa do Sr. Herrensneider, tanto a respeito de sua maneira de ver para impor a religião, quanto sobre suas idéias relativas à autoridade, à família, que ele esqueceu muito, assim quanto à prece, à solidariedade benevolente dos Espíritos, que não soube apreciar, etc., idéias que o próprio Jean Reynaud já havia desaprovado, é impossível não ser tocado pelo mérito da obra e pelo valor do homem que soube achar pensamentos fortes, muitas vezes justos e sempre claramente expressos.

O Espiritismo é aí afirmado sem rodeios, pelo menos nos seus princípios fundamentais, e levado em consideração nos elementos da ciência filosófica. Há, contudo, esta diferença: no ponto de partida o autor chega ao resultado por indução, enquanto o Espiritismo, procedendo por via experimental, fundou sua teoria na observação dos fatos. É um escritor sério demais, que lhe dá direito de cidadania.

Emile Barrault, engenheiro

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XI

JULHO DE 1868

Nº 7

A Ciência da Concordância dos Números e a Fatalidade²²

Várias vezes já nos perguntaram o que pensamos da concordância dos números, e se cremos no valor dessa ciência. Nossa resposta é bem simples: até o momento nada pensamos a respeito, porque com ela jamais nos ocupamos. Bem que temos visto alguns casos de concordâncias singulares entre as datas de certos acontecimentos, mas em pequeníssimo número para delas tirar uma conclusão, mesmo aproximada. A bem dizer, não vemos a razão de tal coincidência; mas, porque não se compreende uma coisa, isto não é motivo para que ela não exista. A Natureza não disse a sua última palavra, e o que hoje é utopia, amanhã pode ser verdade. É possível que, entre os fatos, exista uma certa correlação, que não suspeitamos, e que poderia traduzir-se por números. Em todo o caso, não se poderia dar o nome de *ciência* a um cálculo tão hipotético quanto o das relações numéricas, no que concerne à sucessão dos acontecimentos. Uma ciência é um conjunto de fatos bastante numerosos para deles se deduzirem regras, e susceptíveis de demonstração. Ora, no estado atual dos nossos conhecimentos, seria de absoluta impossibilidade dar dos fatos desse gênero uma

22 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 543.

teoria qualquer, nem nenhuma explicação satisfatória. Não é, pois, ou, se preferirem, não é ainda uma ciência, o que não implica a sua negação.

Há fatos sobre os quais temos uma opinião pessoal; no caso de que se trata, não temos nenhuma, e se nos inclinássemos para um lado, seria antes para a negativa, até prova em contrário.

Baseamo-nos em que o tempo é relativo; não pode ser apreciado senão em termos de comparação e os pontos de referência estabelecidos na revolução dos astros, e esses termos variam conforme os mundos, porque fora dos mundos o tempo não existe: não há unidade para medir o infinito. Assim, não parece haver uma lei universal de concordância para a data dos acontecimentos, já que o cômputo da duração varia conforme os mundos, a menos que haja, sob esse aspecto, uma lei particular para cada mundo, destinada à sua organização, como há uma para a duração da vida de seus habitantes.

Seguramente, se tal lei existir, um dia será reconhecida. O Espiritismo, que assimila todas as verdades, quando estas são constatadas, não repelirá esta; mas como, até o presente, essa lei não é atestada por um número suficiente de fatos, nem por uma demonstração categórica, com ela nos devemos preocupar tanto menos quanto ela só nos interessa de maneira muito indireta. Não dissimulamos a gravidade dessa lei, se é que ela existe, mas como a porta do Espiritismo estará sempre aberta a todas as idéias progressivas, a todas as aquisições da inteligência, ele se ocupa com as necessidades do momento, sem temer ser ultrapassado pelas conquistas do futuro.

Tendo sido a questão exposta aos Espíritos num grupo muito sério do interior, e por isto mesmo geralmente bem assistido, foi respondido:

“Há, certamente, no conjunto dos fenômenos morais, como nos fenômenos físicos, relações fundadas sobre os números. A lei da concordância das datas não é uma quimera; é uma das que vos serão reveladas mais tarde, e vos darão a chave das coisas que vos parecem anomalias. Porque, crede-o bem, a Natureza não tem caprichos; marcha sempre com precisão e com segurança. Aliás, esta lei não é tal qual imaginais; para a compreender na sua razão de ser, no seu princípio e na sua utilidade, necessitais adquirir idéias que ainda não possuíis, e que virão a seu tempo. No momento, este conhecimento seria prematuro, razão por que não vos é dado; seria, pois, inútil insistir. Limitai-vos a recolher os fatos; observai sem nada concluir, com receio de vos enganar. Deus sabe dar aos homens o alimento intelectual à medida que estão em condição de o suportar. Trabalhai sobretudo no vosso adiantamento moral, o mais essencial, porque é por este que merecereis possuir novas luzes.”

Somos da mesma opinião. Pensamos, até, que haveria mais inconvenientes do que vantagens em vulgarizar prematuramente uma crença que, em mãos ignorantes, poderia degenerar em abuso e em práticas supersticiosas, por falta do contrapeso de uma teoria racional.

O princípio da concordância das datas é, pois, inteiramente hipotético; mas se nada é ainda permitido afirmar a este respeito, a experiência demonstra que, na Natureza, muitas coisas estão subordinadas a leis numéricas, susceptíveis do mais rigoroso cálculo. Este fato, de grande importância, talvez possa um dia lançar luz sobre a primeira questão. É assim, por exemplo, que as chances do acaso estão submetidas, no seu conjunto, a uma periodicidade de admirável precisão; a maior parte das combinações químicas, para a formação dos corpos compostos, dão-se em proporções definidas, isto é, precisa-se de um número determinado de moléculas de cada um dos corpos elementares, e que uma molécula a mais ou a menos muda completamente a

natureza do corpo composto. (Vide *A Gênese*, cap. X, nº 7 e seguintes); a cristalização se opera sob ângulos de uma abertura constante; em Astronomia, os movimentos e as forças seguem progressões de um rigor matemático, e a mecânica celeste é tão exata quanto a mecânica terrestre; dá-se o mesmo com a reflexão dos raios luminosos, calóricos e sonoros; é sobre cálculos positivos que são estabelecidas as chances de vida e de mortalidade nos seguros.

É certo, pois, que os números estão em a Natureza e que leis numéricas regem a maior parte dos fenômenos de ordem física. Dá-se o mesmo nos fenômenos de ordem moral e metafísica? É o que seria presunção afirmar, sem dados mais certos do que os que se possuem. Esta questão, aliás, levanta outras que têm a sua seriedade, e sobre as quais julgamos útil apresentar algumas observações de um ponto de vista geral.

Desde que uma lei numérica rege os nascimentos e a mortalidade dos indivíduos, não poderia dar-se o mesmo, embora em escala mais vasta, com as individualidades coletivas, tais como as raças, os povos, as cidades, etc? As fases de sua marcha ascendente, de sua decadência e de seu fim, as revoluções que marcam as etapas do progresso da Humanidade, não estariam sujeitas a uma certa periodicidade? Quanto às unidades numéricas para o cômputo dos períodos humanitários, se não são os dias, nem os anos, nem os séculos, poderiam ter por base as gerações, como alguns fatos tenderiam a fazer supor.

Aí não está um sistema; é ainda menos uma teoria, mas uma simples hipótese, uma idéia fundada numa probabilidade, e que um dia, talvez, possa servir de ponto de partida para idéias mais positivas.

Mas, dirão, se os acontecimentos que decidem a sorte da Humanidade, de uma nação, de uma tribo, têm prazos regulados

por uma lei numérica, será a consagração da fatalidade e, então, em que se torna o livre-arbítrio do homem? Estará o Espiritismo laborando em erro, quando diz que nada é fatal, e que o homem é o senhor absoluto de suas ações e de sua sorte?

Para responder a esta objeção, há que tomar a questão de mais alto. Antes de mais, digamos que o Espiritismo jamais negou a fatalidade de certas coisas e que, ao contrário, sempre a reconheceu; mas ele diz que essa fatalidade não entrava o livre-arbítrio. Eis o que é fácil demonstrar.

Todas as leis que regem o conjunto dos fenômenos da Natureza têm conseqüências necessariamente fatais, isto é, inevitáveis, e essa fatalidade é indispensável à manutenção da harmonia universal. O homem, que sofre essas conseqüências, está, pois, em alguns aspectos, submetido à fatalidade, em tudo quanto não dependa de sua iniciativa. Assim, por exemplo, deve morrer fatalmente; é a lei comum, à qual não pode subtrair-se e, em virtude dessa lei, pode morrer em qualquer idade, quando chegar a sua hora; mas, se apressa voluntariamente a sua morte, pelo suicídio ou por seus excessos, age em virtude de seu livre-arbítrio, porque ninguém o pode constringer a fazê-lo. Deve comer para viver: é a fatalidade; mas se comer além do necessário, pratica um ato de liberdade.

Em sua cela, o prisioneiro é livre de mover-se à vontade, no espaço que lhe é concedido; mas as paredes que não pode transpor são para ele a fatalidade que lhe restringe a liberdade. Para o soldado a disciplina é uma fatalidade, pois o obriga a atos independentes de sua vontade, mas não é menos livre em suas ações pessoais, pelas quais é responsável. Assim é com o homem na Natureza. A Natureza tem as suas leis fatais, que lhe opõem uma barreira, mas aquém da qual ele pode mover-se à vontade.

Por que Deus não deu ao homem inteira liberdade? Porque Deus é como um pai providente, que limita a liberdade dos filhos ao nível de seu raciocínio e do uso que dela podem fazer. Se o homem já se serve tão mal da que lhe é concedida, se não sabe governar-se a si mesmo, que seria se as leis da Natureza estivessem à sua disposição, e se não lhe opusessem um freio salutar?

O homem pode, pois, ser livre em suas ações, malgrado a fatalidade que preside ao conjunto; é livre em certa medida, no limite necessário para lhe deixar a responsabilidade de seus atos. Se, em virtude dessa liberdade, ele perturba a harmonia pelo mal que faz, se interpõe um obstáculo à marcha providencial das coisas, é o primeiro a sofrer por isto, e como as leis da Natureza são mais fortes que ele, acaba sendo arrastado na corrente; então sente necessidade de voltar para o bem e tudo retoma o seu equilíbrio. Assim, a volta ao bem é ainda um ato livre, embora *provocado*, mas não imposto, pela fatalidade.

O impulso dado pelas leis da Natureza, assim como os limites que elas estabelecem, são sempre bons, porque a Natureza é a obra da sabedoria divina. A resistência a essas leis é um ato de liberdade e essa resistência sempre desencadeia o mal. Sendo o homem livre para observar ou infringir essas leis, no que toca a sua pessoa, é, pois, livre de fazer o bem ou o mal. Se pudesse ser fatalmente levado a fazer o mal, e não podendo essa facilidade vir senão de um poder superior a ele, Deus seria o primeiro a transgredir suas leis.

Quem é aquele a quem muitas vezes aconteceu dizer: “Se eu não tivesse agido como agi em tal circunstância, não estaria na posição em que estou; se tivesse que recomeçar, agiria de outra maneira?” Não era reconhecer que era livre para fazer ou não fazer? que estava livre para fazer melhor outra vez, se se apresentasse ocasião? Ora, Deus, que é mais sábio que ele, prevendo os erros nos quais pode cair, o mal uso que pode fazer de

sua liberdade, dá-lhe *indefinidamente* a possibilidade de recomeçar pela sucessão de suas existências corporais, e ele recomeçará até que, instruído pela experiência, não mais se engane de caminho.

O homem pode, pois, conforme a sua vontade, apressar o termo de suas provas, e é nisto que consiste a liberdade. Agradecemos a Deus por não nos ter fechado para sempre o caminho da felicidade, decidindo a nossa sorte definitiva após uma existência efêmera, notoriamente insuficiente para alcançarmos o topo da escada do progresso, e por nos haver dado, pela fatalidade mesma da reencarnação, os meios de adquirir incessantemente, renovando as provas nas quais fracassamos.

A fatalidade é absoluta para as leis que regem a matéria, porque a matéria é cega; não existe para o Espírito, ele próprio chamado para reagir sobre a matéria, em virtude de sua liberdade. Se as doutrinas materialistas fossem verdadeiras, elas seriam a mais formal consagração da fatalidade; porque se o homem fosse apenas matéria, não poderia ter iniciativa. Ora, se lhe concedeis a iniciativa, seja no que for, é que é livre; e se é livre, é que tem em si algo além da matéria. Sendo o materialismo a negação do princípio espiritual, é, por isso mesmo, a negação da liberdade e, contradição bizarra! os materialistas, os mesmos que proclamam o dogma da fatalidade, são os primeiros a tirar partido de sua liberdade; a reivindicá-la como um direito na sua mais absoluta plenitude, junto aos que a restringem, e isto sem suspeitar que é reclamar o privilégio do Espírito, e não da matéria.

Aqui se apresenta outra questão. A fatalidade e a liberdade são dois princípios que parecem excluir-se. A liberdade da ação individual é compatível com a fatalidade das leis que regem o conjunto, e esta ação não vem perturbar sua harmonia? Alguns exemplos tomados dos fenômenos mais vulgares da ordem material tornarão evidente a solução do problema.

Dissemos que as chances do acaso se equilibram com surpreendente regularidade. Com efeito, é um resultado muito conhecido no jogo do vermelho e preto que, a despeito de sua irregularidade de saída a cada lançamento, as cores são em número igual ao cabo de certo número de jogadas; isto é, em cem jogadas, haverá cinqüenta vermelhas e cinqüenta negras; em mil, quinhentas de uma e quinhentas da outra, aproximadamente. Dá-se o mesmo com os números pares e ímpares e com todas as chances ditas duplas. Se, em vez de duas cores, houver três, haverá um terço de cada; se forem quatro, um quarto, etc. Muitas vezes a mesma cor sai por série de duas, três, quatro, cinco, seis vezes seguidas; num certo número de jogadas, haverá tantas séries de duas vermelhas, quanto de duas pretas, tanto de três vermelhas quanto de três pretas, e assim por diante; mas as jogadas de duas serão metade menos numerosas que as de uma; as de três, um terço das de uma; as de quatro, um quarto, etc.

Nos dados, como estes têm seis faces, jogando-o sessenta vezes, chegar-se-á a dez vezes um ponto, dez vezes dois pontos, dez vezes três pontos e assim com os outros.

Na antiga loteria de França, havia noventa números colocados numa roda; tiravam-se cinco de cada vez. Os registros de vários anos constataram que cada número tinha saído na proporção de um nonagésimo e cada dezena na proporção de um nono.

A proporção é tanto mais exata quanto mais considerável o número de jogadas. Em dez ou vinte jogadas, por exemplo, pode ser muito desigual, mas o equilíbrio se estabelece à medida que aumenta o número de jogadas, e isto com uma regularidade matemática. Sendo isto um fato constante, é bem evidente que uma lei numérica preside a essa repartição, quando abandonada a si mesma e que nada vem forçá-la ou entravá-la. O que se chama acaso está, pois, submetido a uma lei matemática ou, melhor dizendo, não há acaso. A irregularidade caprichosa que se

manifesta em cada jogada, ou num pequeno número de lances, não impede a lei de seguir o seu curso, donde se pode dizer que há nessa repartição uma verdadeira fatalidade; mas essa fatalidade, que preside ao conjunto, é nula, ou pelo menos inapreciável, para cada lance ou jogada isolada.

Estendemo-nos um pouco no exemplo dos jogos, porque é um dos mais admiráveis e fáceis de verificar, pela possibilidade de multiplicar os fatos à vontade, em curto espaço de tempo; e como a lei ressalta do conjunto dos fatos, foi esta multiplicidade que permitiu reconhecê-la, sem o que é provável que ainda a ignorassem.

A mesma lei pôde ser observada com precisão nas chances de mortalidade. A morte, que parece ferir indistintamente e às cegas, não segue menos, em seu conjunto, uma marcha regular e constante, segundo a idade. Sabe-se perfeitamente que, em mil indivíduos de todas as idades, em um ano morrerão tantos de um a dez anos, tantos de dez a vinte anos, tantos de vinte a trinta anos, e assim por diante; ou, então, que após um período de dez anos, o número dos sobreviventes será de tantos de um a dez anos, de tantos de dez a vinte anos, etc. Causas acidentais de mortalidade podem perturbar momentaneamente esta ordem, como no jogo a saída de uma longa série da mesma cor rompe o equilíbrio; mas se, em vez de um período de dez anos e de um número de mil indivíduos, estende-se a observação a cinquenta anos e cem mil indivíduos, o equilíbrio será restabelecido.

De acordo com isto, é permitido supor que todas as eventualidades que parecem ser efeito do acaso, assim na vida individual, como na dos povos e da Humanidade, são regidas por leis numéricas, e o que falta para as reconhecer é poder abarcar de um golpe de vista uma massa bastante considerável de fatos, e um lapso de tempo suficiente.

Pela mesma razão, nada haveria de absolutamente impossível que o conjunto de fatos de ordem moral e metafísica fosse igualmente subordinado a uma lei numérica, cujos elementos e as bases, até agora, nos são totalmente desconhecidos. Em todo o caso, vê-se, pelo que precede, que essa lei ou, se se preferir, essa fatalidade do conjunto, de modo algum anularia o livre-arbítrio. É o que nos tínhamos proposto demonstrar. Não se exercendo o livre-arbítrio senão sobre os pontos isolados de detalhe, não entraria a realização da lei geral, como a irregularidade da saída de cada número não entrava a repartição proporcional desses mesmos números sobre um certo número de saídas. O homem exerce o seu livre-arbítrio na pequena esfera de sua ação individual; esta pequena esfera pode estar na confusão, sem que isto a impeça de gravitar no conjunto segundo a lei comum, assim como os pequenos redemoinhos causados nas águas de um rio pelos peixes que se agitam, não impedem a massa das águas de seguir o curso forçado que lhe imprime a lei de gravitação.

Tendo o homem o seu livre-arbítrio, a fatalidade não participa de suas ações individuais; quanto aos acontecimentos da vida privada, que por vezes parecem atingi-lo fatalmente, têm duas fontes bem distintas: uns são consequência direta de sua conduta na existência presente; muitas pessoas são infelizes, doentes, enfermas por sua falta; muitos acidentes são resultado da imprevidência; ele não pode queixar-se senão de si mesmo, e não da fatalidade ou, como se diz, de sua má estrela. Os outros são completamente independentes da vida presente e, por isto mesmo, parecem devidos a uma certa fatalidade; mas, ainda aqui, o Espiritismo nos demonstra que essa fatalidade é apenas aparente, e que certas situações penosas da vida têm sua razão de ser na pluralidade das existências. O Espírito as escolheu voluntariamente na erraticidade, antes de sua encarnação, como provações para o seu adiantamento; elas são, pois, produto do livre-arbítrio, e não da fatalidade. Se algumas vezes são impostas, como expiação, por uma vontade superior, é ainda em razão das más ações voluntariamente

cometidas pelo homem numa precedente existência, e não como consequência de uma lei fatal, pois ele poderia tê-las evitado, agindo de outro modo.

A fatalidade é o freio imposto ao homem por uma vontade superior à sua, e mais sábia que ele, em tudo o que não é deixado à sua iniciativa; mas jamais é um entrave ao exercício de seu livre-arbítrio, no que concerne às suas ações pessoais. Ela também não pode impor-lhe nem o mal, nem o bem; desculpar uma ação má qualquer pela fatalidade ou, como se diz muitas vezes, pelo destino, seria abdicar do julgamento que Deus lhe deu, para pesar o pró e o contra, a oportunidade ou a inoportunidade, as vantagens ou os inconvenientes de cada coisa. Se um acontecimento está no destino de um homem, ele se realizará, a despeito de sua vontade, e será sempre para o seu bem; mas as circunstâncias da realização dependem do uso que ele faça de seu livre-arbítrio, e muitas vezes ele pode fazer redundar em seu prejuízo o que deveria ser um bem, se agir com imprevidência, e se se deixar arrastar pelas paixões. Engana-se mais ainda se toma o seu desejo ou os desvios de sua imaginação por seu destino. (Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. V, n^{os} 1 a 11.)

Tais são as reflexões que nos sugeriram os três ou quatro pequenos cálculos de concordância de datas, que nos foram apresentados, e sobre os quais pediram a nossa opinião. Elas eram necessárias para demonstrar que em semelhante matéria, de alguns fatos idênticos não se podia concluir por uma aplicação geral. Aproveitamo-los para resolver, por novos argumentos, a grave questão da fatalidade e do livre-arbítrio.

A Geração Espontânea e A Gênese

Em nossa obra *A Gênese*, desenvolvemos a teoria da geração espontânea, apresentando-a como uma hipótese provável.

Alguns partidários absolutos desta teoria admiraram-se de que não a tivéssemos afirmado como princípio. A isto responderemos que, se a questão está resolvida para uns, não o está para todos, e a prova é que a Ciência ainda está dividida a respeito. Aliás, ela é do domínio científico, onde o Espiritismo não pode colher e onde nada lhe cabe resolver de maneira definitiva, naquilo que não é essencialmente de sua alçada.

Pelo fato de o Espiritismo assimilar todas as idéias progressistas, não se segue que se faça campeão cego de todas as concepções novas, por mais sedutoras que sejam à primeira vista, com o risco de receber, mais tarde, um desmentido da experiência e de se expor ao ridículo de haver patrocinado uma obra inviável. Se não se pronuncia claramente sobre certas questões controvertidas, não é, como poderiam crer, para condescender com os dois partidos, mas por prudência, e para não se adiantar levemente num terreno ainda não suficientemente explorado. Eis por que não aceita imediatamente as idéias novas, mesmo as que lhe pareçam justas, senão sob muita reserva, e de maneira definitiva apenas quando chegaram ao estado de verdades reconhecidas.

A questão da geração espontânea está neste número. Para nós, pessoalmente, é uma convicção, e se a tivéssemos tratado numa obra comum, tê-la-íamos resolvido pela afirmativa; mas numa obra constitutiva da Doutrina Espírita, as opiniões individuais não podem fazer lei; não se baseando a Doutrina em probabilidades, não podíamos decidir uma questão de tal gravidade, apenas despontada, e que ainda está em litígio entre os especialistas. Afirmando a coisa sem restrição, teria sido comprometer a Doutrina prematuramente, o que jamais fazemos, mesmo para fazer prevalecerem as nossas simpatias.

O que, até aqui, deu força ao Espiritismo, o que dele fez uma ciência positiva e de futuro, é que jamais avançou

levianamente; que não se constituiu sobre nenhum sistema preconcebido; que não estabeleceu nenhum princípio absoluto sobre a opinião pessoal, nem de um homem, nem de um Espírito, mas somente depois que esse princípio recebeu a consagração da experiência e de uma demonstração rigorosa, resolvendo todas as dificuldades da questão.

Quando, pois, formulamos um princípio é que, de antemão, estamos certos do assentimento da maioria dos homens e dos Espíritos. Eis por que não temos tido decepções. Tal é, também, a razão pela qual, nestes quase doze anos, nenhuma das bases que constituem a Doutrina recebeu desmentido oficial; os princípios de *O Livro dos Espíritos* foram sucessivamente desenvolvidos e completados, mas nenhum caiu em desuso, e nossos escritos não estão, em nenhum ponto, em contradição com os primeiros, malgrado o tempo decorrido e as novas observações que foram feitas.

Certamente não seria o mesmo se tivéssemos cedido às sugestões dos que nos gritavam continuamente para irmos mais depressa, e se tivéssemos esposado todas as teorias que despontavam da direita e da esquerda. Por outro lado, se tivéssemos escutado os que nos pediam que fôssemos mais devagar, ainda estaríamos observando as mesas girantes. Vamos à frente quando sentimos que o momento é propício e vemos que os espíritos estão maduros para aceitarem uma idéia nova; mas nos detemos quando vemos que o terreno não é bastante sólido para aí fincar o pé. Com a nossa aparente lentidão e nossa circunspeção muito meticulosa para o gosto de certas pessoas, temos feito mais caminho do que se nos tivéssemos posto a correr, pois evitamos dar uma cambalhota na estrada. Não tendo motivo para lamentar a marcha que temos seguido até agora, dela não nos desviaremos.

Dito isto, completaremos com algumas observações o que dissemos em *A Gênese*, no que concerne à geração espontânea.

Sendo a Revista um terreno de estudo e de elaboração dos princípios, e nela dando sem rodeios a nossa opinião, não tememos empenhar a responsabilidade da Doutrina, porque a Doutrina a adotará, se for justa, e a rejeitará, se for falsa.

Hoje é fato cientificamente demonstrado que a vida orgânica nem sempre existiu na Terra, e que aí teve um começo; a Geologia permite seguir o seu desenvolvimento gradual. Os primeiros seres do reino vegetal e do reino animal que então apareceram, devem ter-se formado sem procriação, e pertencer às classes inferiores, como o constata as observações geológicas. À medida que os elementos dispersos se reuniram, as primeiras combinações formaram corpos exclusivamente inorgânicos, isto é, pedras, águas e minerais de toda sorte. Quando esses mesmos elementos se modificaram pela ação do fluido vital – que não é o princípio inteligente – formaram corpos dotados de vitalidade, de uma organização constante e regular, cada um na sua espécie. Ora, assim como a cristalização da matéria bruta não ocorre senão quando uma causa acidental vem opor-se ao arranjo simétrico das moléculas, os corpos organizados se formam desde que as circunstâncias favoráveis de temperatura, umidade, repouso ou movimento, e uma espécie de fermentação permitam que as moléculas da matéria, vivificadas pelo fluido vital, se reúnam. É o que se vê em todos os germes em que a vitalidade pode ficar latente durante anos e séculos, e se manifestar num dado momento, quando as circunstâncias são propícias.

Os seres não procriados formam, pois, o primeiro escalão dos seres orgânicos e, provavelmente, serão contados um dia na classificação científica. Quanto às espécies que se propagam pela procriação, uma opinião que não é nova, mas que hoje se generaliza sob a égide da Ciência, é que os primeiros tipos de cada espécie são o produto de uma modificação da espécie imediatamente inferior. Assim, estabeleceu-se uma cadeia ininterrupta, desde o musgo e o líquen, até o carvalho, e depois o

zoófito, o verme da terra e o ácaro até o homem. Sem dúvida, entre o verme da terra e o homem, se se considerarem apenas os dois pontos extremos, há uma diferença que parece um abismo; mas quando se aproximam todos os elos intermediários, encontra-se uma filiação sem solução de continuidade.

Os partidários desta teoria que, repetimos, tende a prevalecer, e à qual nos ligamos sem reserva, estão longe de ser todos espiritualistas, e ainda menos espíritas. Não considerando senão a matéria, fazem abstração do princípio espiritual ou inteligente. Essa questão, pois, nada prejudica sobre a filiação desse princípio da animalidade na humanidade; é uma tese que não vamos tratar hoje, mas que já se debate em certas escolas filosóficas não materialistas. Não se trata, portanto, senão do invólucro carnal, distinto do Espírito, como a casa o é de seu habitante. Então o corpo do homem pode ser perfeitamente uma modificação do corpo do macaco, sem que se conclua que o seu espírito seja o mesmo que o do macaco. (*A Gênese*, cap. XI, nº 15.)

A questão que se liga à formação desse invólucro não deixa de ser muito importante, primeiro porque resolve um grave problema científico e destrói preconceitos de longa data arraigados pela ignorância, e depois porque os que o estudam exclusivamente esbarrarão com dificuldades insuperáveis, quando quiserem se dar conta de todos os efeitos, absolutamente como se quisessem explicar os efeitos da telegrafia sem a eletricidade. Não encontrarão a solução dessas dificuldades senão na ação do princípio espiritual que, afinal de contas, deverão admitir, para sair do impasse em que estarão empenhados, sob pena de deixar incompleta a sua teoria.

Deixemos, pois, o materialismo estudar as propriedades da matéria; esse estudo é indispensável, e será feito: o espiritualismo terá apenas que completar o trabalho naquilo que lhe concerne. Aceitemos suas descobertas e não nos inquietemos com suas conclusões absolutas, porquanto, estando demonstrada a sua

insuficiência para tudo resolver, as necessidades de uma lógica rigorosa conduzirão forçosamente à espiritualidade; e sendo a própria espiritualidade geral incapaz de resolver os inúmeros problemas da vida presente e da vida futura, será encontrada a única chave possível nos princípios mais positivos do Espiritismo. Já vemos uma porção de homens chegarem por si mesmos às conseqüências do Espiritismo, sem o conhecer, uns começando pela reencarnação, outros pelo perispírito. Fazem como Pascal, que descobria os elementos da Geometria sem estudo prévio, e sem suspeitar que aquilo que imaginava ter descoberto era uma obra realizada. Dia virá em que pensadores sérios, estudando esta doutrina com a atenção que ela comporta, ficarão muito surpresos de aí encontrar o que procuravam, e proclamarão todo feito um trabalho cuja existência não suspeitavam.

É assim que tudo se encadeia no mundo; da matéria bruta saíram os seres orgânicos, cada vez mais aperfeiçoados; do materialismo sairão, pela força das coisas e por dedução lógica, o espiritualismo geral, depois o Espiritismo, que não é outra coisa senão o espiritualismo particularizado, apoiado nos fatos.

O que se passou na origem do mundo para a formação dos primeiros seres orgânicos, passa-se em nossos dias, por meio do que se chama a geração espontânea? Eis a questão. Por nossa conta, não hesitamos em nos pronunciar pela afirmativa.

Os partidários e os adversários se opõem reciprocamente experiências que deram resultados contrários; mas estes últimos esquecem que o fenômeno não pode produzir-se senão em condições adequadas de temperatura e aeração; buscando obtê-las fora dessas condições, devem necessariamente fracassar.

Sabe-se, por exemplo, que para a eclosão artificial dos ovos, há necessidade de uma determinada temperatura regular, e certas precauções minuciosas especiais. Quem negasse tal eclosão

porque não a tivesse obtido com alguns graus a mais ou a menos, e sem as precauções necessárias, estaria no mesmo caso daquele que não obtém a geração espontânea num meio impróprio. Parece-nos, pois, que se essa geração se produziu forçosamente nas primeiras idades do globo, não há razão para que não se produza em nossa época, se as condições forem as mesmas, como não há razão para que não se formem calcários, óxidos, ácidos e sais, como no primeiro período.

Hoje é reconhecido que as rugosidades do mofo constituem uma vegetação que nasce sobre a matéria orgânica chegada a certo grau de fermentação. O mofo nos parece ser o primeiro, ou um dos primeiros tipos da vegetação espontânea, e essa vegetação primitiva que se prolonga, revestindo formas diversas conforme o meio e as circunstâncias, nos dá os líquens, os musgos, etc. Querem um exemplo mais direto? Que são os cabelos, a barba e os pelos do corpo dos animais, senão uma vegetação espontânea?

A matéria orgânica animalizada, isto é, contendo certa proporção de azoto, dá origem a vermes que têm todos os caracteres de uma geração espontânea. Quando o homem ou um animal qualquer está vivo, a atividade da circulação do sangue e o funcionamento incessante dos órgãos mantêm uma temperatura e um movimento molecular que impedem os elementos constitutivos dessa geração de se formarem e se reunirem. Quando o animal está morto, a parada da circulação e do movimento, e o abaixamento da temperatura num certo limite, produzem a fermentação pútrida e, em consequência, a formação de novos compostos químicos. É então que se vêem todos os tecidos subitamente invadidos por miríades de vermes que neles se repastam, sem dúvida para apressar a sua destruição. Como seriam procriados, visto que antes não havia seus traços?

Objetarão, sem dúvida, que são os ovos das moscas na carne morta. Mas isto nada provaria, porque os ovos das moscas são depositados na superfície, e não no interior dos tecidos, e porque a carne, posta ao abrigo das moscas, ao cabo de certo tempo não está menos apodrecida e cheia de vermes; muitas vezes, até, são vistos invadindo o corpo antes da morte, quando há um começo parcial de decomposição pútrida, notadamente nas feridas gangrenosas.

Certas espécies de vermes se formam durante a vida, mesmo num estado de saúde aparente, sobretudo nos indivíduos linfáticos, cujo sangue é pobre e não têm a superabundância de vida, que se nota em outros; são as lombrigas ou vermes intestinais; as tênias ou vermes solitários, que por vezes atingem sessenta metros de comprimento e se reproduzem por fragmentos, como os pólipos e certas plantas; certos “vermes”, peculiares à raça negra e a certos climas, de um comprimento de trinta a trinta e cinco centímetros, delgados como um fio, e que saem através da pele pelas pústulas; os ascarídeos, os tricocéfalos, etc. Muitas vezes formam massas tão consideráveis que obstruem o canal digestivo, sobem ao estômago e até à boca; atravessam os tecidos, alojam-se nas cavidades ou em torno das vísceras, enovelam-se como ninhos de lagarta e causam graves desordens na economia. Sua formação bem podia ser devida a uma geração espontânea, tendo sua fonte num estado patológico especial, na alteração dos tecidos, no enfraquecimento dos princípios vitais e nas secreções mórbidas. Poderia dar-se o mesmo com os vermes do queijo, com o ácaro da sarna e com uma porção de animálculos que podem nascer no ar, na água e nos corpos orgânicos.

Poder-se-ia supor, é verdade, que os germes dos vermes intestinais fossem introduzidos na economia com o ar que se respira e com os alimentos e que aí eclodissem. Mas, então, surge outra dificuldade: perguntar-se-ia por que a mesma causa não produz o mesmo efeito em todos; por que nem todo mundo tem

solitária, nem mesmo lombrigas, quando a alimentação e a respiração produzem efeitos fisiológicos idênticos em todos. Esta explicação, aliás, não seria aplicável aos vermes da decomposição pútrida que surgem depois da morte, nem aos do queijo e tantos outros. Até prova em contrário, somos levados a considerá-los como sendo, ao menos em parte, um produto da geração espontânea, assim como os zoófitos e certos pólipos.

A diferença de sexos que se reconheceu, ou que se julgou reconhecer em certos vermes intestinais, notadamente no tricocéfalo, não seria uma objeção concludente, levando-se em conta que não deixam de pertencer à ordem dos animais inferiores e, por isso mesmo, primitivos. Ora, como a diferença dos sexos deve ter tido um começo, nada se oporia a que nascessem espontaneamente macho ou fêmea.

Aliás, aí não estão senão hipóteses, mas que parecem vir em apoio do princípio. Até onde se estende a sua aplicação? é o que não se poderia dizer. O que se pode afirmar é que ela deve ser circunscrita aos vegetais e aos animais de organização mais simples, e não nos parece duvidoso que assistamos a uma criação incessante.

O Partido Espírita

Bem que os espíritas se consideravam uma escola filosófica, mas nunca lhes tinha vindo à mente se julgar um *partido*. Ora, eis que um belo dia o *Moniteur* lhes dá esta notícia, que os surpreendeu um pouco. E quem foi que lhes deu esta qualificação? Foi um desses jornalistas inescrupulosos, que lançam epítetos ao acaso, sem lhes compreender o alcance? Não; é um relatório oficial, feito ao primeiro corpo do Estado, ao Senado. Assim, não é provável que, num documento dessa natureza, essa palavra tenha sido pronunciada levemente. Sem dúvida não foi a benevolência que a ditou, mas foi dita e faz sucesso, porque os jornais não a

deixaram cair. Alguns, crendo aí encontrar um agravo a mais contra o Espiritismo, nada tiveram de mais urgente do que estampar em suas colunas o título de: *O Partido Espírita*.

Assim, esta pobre escolinha, tão ridicularizada, tão humilhada, que caridosamente pretendiam enviar em massa ao hospício; sobre a qual diziam que bastava soprar para que ela desaparecesse; que vinte vezes a declararam morta e para sempre enterrada; à qual não há mais fino escritor hostil que não se tenha gabado de lhe haver dado o golpe de misericórdia, mas concordando, com estupefação, que ela invadia o mundo e todas as classes da sociedade; da qual quiseram, a todo custo, fazer uma religião, gratificando-a com templos e sacerdotes, grandes e pequenos, que ela jamais viu, ei-la de repente transformada em partido. Por esta qualificação, o Sr. Genteur, o relator do Senado, não lhe deu o seu verdadeiro caráter, mas a exaltou; deu-lhe uma posição, um lugar, pondo-a em evidência. Porque a idéia de *partido* implica a de uma certa força, de uma opinião bastante importante, bastante ativa e bastante espalhada para representar um papel, e com a qual é preciso contar.

Por sua natureza e por seus princípios, o Espiritismo é essencialmente pacífico; é uma idéia que se infiltra sem ruído, e se encontra numerosos aderentes, é que agrada; jamais fez propaganda nem exhibições quaisquer; forte pelas leis naturais, nas quais se apóia, vendo-se crescer sem esforços nem abalos, não vai ao encontro de ninguém, não violenta nenhuma consciência; diz o que é e espera que a ele venham. Todo o ruído que se fez a sua volta é obra de seus adversários; atacaram-no, ele teve que se defender, mas sempre o fez com calma, moderação e só pelo raciocínio; jamais se afastou da dignidade que é própria de toda causa que tem consciência de sua força moral; jamais usou de represálias, pagando injúria por injúria, maus procedimentos por maus procedimentos. Não de convir que não é este o caráter ordinário dos partidos, turbulentos por natureza, fomentando a agitação e a quem tudo é

bom para chegar aos fins. Mas, já que lhe dão este nome, ele o aceita, certo de que não o desonrará por qualquer excesso, pois repudiaria quem quer que dele se prevalecesse para suscitar a menor perturbação.

O Espiritismo seguia sua rota sem provocar qualquer manifestação pública, mas aproveitando a publicidade que lhe faziam os seus adversários; quanto mais a sua crítica era zombeteira, acerba e virulenta, tanto mais excitava a curiosidade dos que não o conheciam e que, para saberem como proceder diante dessa assim chamada nova excentricidade, iam simplesmente informar-se na fonte, isto é, nas obras especiais; estudavam-no e encontravam outra coisa do que tinham ouvido dizer. É um fato notório que as declamações furibundas, os anátemas e as perseguições ajudaram poderosamente a sua propagação, porque, em vez de lhe desviar a atenção, provocaram o seu exame, ainda que fosse pela atração do fruto proibido. As massas têm sua lógica; elas se dizem que se uma coisa nada fosse, dela não falaria, e medem a sua importância precisamente pela violência dos ataques de que é objeto e pelo pavor que causa aos seus antagonistas.

Instruídos pela experiência, certos órgãos de publicidade se abstinham de falar dele, bem ou mal, evitando mesmo pronunciar o seu nome, para não lhe dar repercussão, limitando-se, de vez em quando, a lhe lançar alguns ataques violentos às escondidas, quando uma circunstância o punha forçosamente em evidência. Alguns também guardaram silêncio, porque a idéia tinha penetrado em suas fileiras e, com ela, se não talvez a convicção, pelo menos a hesitação.

Então a imprensa em geral se calava sobre o Espiritismo, quando uma circunstância, que não poderia ser obra do acaso, a obrigou a falar dele. E quem provocou o incidente? Sempre os adversários da idéia que, ainda dessa vez, se equivocaram, produzindo um efeito totalmente contrário ao que

esperavam. Para dar mais repercussão ao seu ataque, conduzem-no com pouca habilidade, não no terreno de uma folha sem caráter oficial e cujo número de leitores é limitado, mas por via de petições à própria tribuna do Senado, onde ela é objeto de discussão e de onde saiu a expressão de partido *espírita*. Ora, graças aos jornais de todas as colorações, obrigados a notificar o debate, a existência desse pequeno partido foi revelada instantaneamente a toda a Europa e além.

É verdade que um membro da ilustre assembléia disse que não havia senão *patetas* que fossem espíritas, ao que o presidente respondeu que os tolos também podiam formar um partido. Ninguém ignora que hoje os espíritas se contam por milhões, e que altas notabilidades simpatizam com suas crenças; é, pois, de admirar que um epíteto tão pouco cortês e tão generalizado tenha saído daquele recinto, dirigido a notável parte da população, sem que o autor tenha refletido até onde ele atingia.

De resto, os próprios jornais se encarregaram de desmentir tal qualificação, certamente não por benevolência, mas, que importa! O jornal *Liberté*, entre outros, que aparentemente não quer que se seja *livre* de ser espírita, como se o é de ser judeu, protestante, são-simonista ou livre-pensador, publicou, em seu número de 13 de junho, um artigo assinado por *Liévin*, do qual eis um extrato:

“O Sr. Genteur, comissário do governo, revelou ao Senado a existência de um partido que *não conhecíamos*, e que, como os outros, parece contribuir, no limite de suas forças, para abalar as instituições do império.” Sua influência já se fizera sentir o ano passado, e o partido *espírita* – nome que lhe deu o Sr. Genteur – tinha obtido do Senado, sem dúvida graças à sutileza dos meios de que dispõe, a remessa ao governo da famosa petição de Saint-Etienne, na qual eram denunciadas, como se lembram, não as tendências materialistas da Escola de Medicina, mas as tendências

filosóficas da biblioteca da comuna. Até aqui tínhamos atribuído ao partido da intolerância a honra desse sucesso, e o considerávamos por si como uma consolação por seu último revés; mas parece que nos tínhamos enganado e que a petição de Saint-Etienne não passava de uma manobra desse partido *espírita*, cujo poder oculto parece querer exercer-se mais particularmente em detrimento das bibliotecas.

“Assim, segunda-feira o Senado ocupava-se de uma nova petição, na qual o *partido espírita*, levantando ainda a cabeça, denunciava as tendências da biblioteca de Oullins (Rhône). Mas desta vez a venerável assembléia, posta em guarda pelas revelações do Sr. Genteur, frustrou os cálculos dos espíritas, por uma unânime ordem do dia. Apenas o Sr. Nisard se deixou apanhar mais ou menos por esta astúcia de guerra, e de boa-fé estendeu a mão a esses pérfidos inimigos. Deu-lhes o apoio de um parecer em que, por sua vez, assinalava os perigos dos maus livros. Felizmente o equívoco do honrado senador não foi partilhado e os espíritas, arrependidos e confusos, foram reconduzidos como mereciam.”

Um outro jornal – *Revue politique hebdomadaire* – de 13 de junho, assim começa um artigo sobre o mesmo assunto:

“Ainda não conhecíamos todos os nossos perigos. Caso se acredite no *Constitutionnel*, não eram bastantes os partidos legitimista, orleanista, republicano, socialista, comunista e o partido vermelho, sem contar o partido liberal, que os resume todos? Era mesmo sob o Segundo Império, cuja pretensão é dissolver todos os partidos, que devia nascer um novo partido, *crescer e ameaçar a sociedade francesa*, o partido espírita? Sim, o partido espírita! Foi o Sr. Genteur, Conselheiro de Estado, quem o descobriu e que o denunciou em pleno Senado.”

Difícilmente se compreende que um partido que só se componha de *tolos* possa fazer o Estado correr sérios perigos;

apavorar-se com isto seria fazer crer que se tem medo dos bobos. Soltando esse grito de alarme à face do mundo, prova-se que o partido espírita é alguma coisa. Não tendo podido abafá-lo sob o ridículo, tentam apresentá-lo como um perigo para a tranqüilidade pública. Ora, qual será o resultado inevitável desta nova tática? Um exame tanto mais sério e mais profundo mais terá exaltado o seu perigo; quererão conhecer as doutrinas deste partido, seus princípios, sua palavra de ordem, suas filiações. Se o ridículo lançado sobre o Espiritismo, como crença, despertou curiosidade, será bem outra coisa quando for apresentado como um partido temível; cada um está interessado em saber o que ele quer, para onde conduz: é tudo o que ele pede; agindo às claras, não tendo nenhuma instrução *secreta*, fora do que é publicado para uso de tudo o mundo, ele não teme nenhuma investigação, *certo* que está, ao contrário, de ganhar por ser conhecido e que, quem quer que o perscrute com imparcialidade, verá em seu código moral uma poderosa garantia da ordem e da segurança. Um partido, pois é um partido, que inscreve em sua bandeira: *Fora da caridade não há salvação*, indica suas tendências com bastante clareza, para que ninguém tenha razão para o temer. Aliás, a autoridade, cuja vigilância é conhecida, não pode ignorar os princípios de uma doutrina que não se esconde. Não falta gente para lhe dar conta do que se diz e se faz nas reuniões espíritas, e ela bem saberia chamar à ordem as que dela se afastassem.

É de admirar que homens que fazem profissão de liberalismo, que reclamam com insistência a liberdade, que a querem absoluta para as suas idéias, seus escritos, suas reuniões, que estigmatizam todos os atos de intolerância, queiram proscrevê-la para o Espiritismo.

Mas, vede a que incoseqüências conduz a cegueira! O debate que ocorreu no Senado foi provocado por duas petições: uma, do ano passado, contra a biblioteca de Saint-Etienne; outra deste ano, contra a biblioteca de Oullins, assinadas por alguns

habitantes daquelas cidades, e que reclamavam contra a introdução, naquelas bibliotecas, de certas obras, em cujo número figuravam *as obras espíritas*.

Pois bem! o autor do artigo do jornal *Liberté*, que sem dúvida examinou a questão um tanto levemente, imagina que a reclamação emana do partido espírita e conclui que este recebeu uma pancada na cabeça pela ordem do dia pronunciada contra a petição de Ouillins. Eis, pois, esse partido tão perigoso, tão facilmente derrubado, e que peticiona para pedir a exclusão *de suas próprias obras!* Então seria verdadeiramente o partido dos tolos. Aliás, este estranho equívoco nada tem de surpreendente, visto que o autor declara, de início, *que não conhecia esse partido*, o que não o impede de o declarar capaz de abalar as instituições do Império.

Longe de se inquietarem com esses incidentes, os espíritas devem regozijar-se; esta manifestação hostil não podia produzir-se em circunstâncias mais favoráveis, e por certo a Doutrina receberá um novo e salutar impulso, como tem acontecido em todos os levantes de que ela foi objeto. Quanto mais esses ataques repercutirem, mais proveitosos serão. Dia virá em que se transmutarão em aprovações abertas.

O jornal *Siècle*, de 18 de junho, também publicou seu artigo sobre o partido espírita. Todos aí notarão um espírito de moderação, que contrasta com os dois outros que mencionamos; nós o reproduzimos integralmente:

“Quem disse que não há nada de novo debaixo do sol? O céptico que assim falava não suspeitava que um dia a imaginação de um Conselheiro de Estado faria, em pleno Senado, a descoberta do *partido espírita*. Já contávamos alguns partidos na França, e Deus sabe se os ministros oradores cometem erro ao enumerar os perigos que podem causar esta divisão dos espíritos! Há o partido legitimista, o partido orleanista, o partido republicano, o partido socialista, o partido comunista, o partido clerical, etc., etc.

“A lista não pareceu bastante longa ao Sr. Genteur. Ele acaba de denunciar à vigilância dos veneráveis pais da política, que têm assento no Palácio do Luxemburgo, a existência do *partido espírita*. A esta revelação inesperada, um *frisson* percorreu a assembléia. Os defensores das duas morais, com o Sr. Nisard à frente, estremeeceram.

“Quê! A despeito do zelo desses inumeráveis funcionários, o Império francês está ameaçado por um novo partido? – Na verdade, é para desesperar da ordem pública. Como este inimigo, invisível até agora ao próprio Sr. Genteur, pôde ocultar-se a todas as vistas? Há nisto um mistério, que o Sr. Conselheiro de Estado, se o penetrar, bem que nos poderá ajudar a compreender. Pessoas oficialmente informadas afirmam que o *partido* espírita escondia o exército de seus representantes – os Espíritos batedores – atrás dos livros das bibliotecas de Saint-Etienne e de Oullins.

“Eis-nos, pois, de volta aos belos tempos das histórias da carochinha, das mesas girantes e das indiscretas mesinhas de pés-de-galo!

“Embora o Espiritismo e seu primeiro apóstolo, o Sr. Delage – o mais suave dos pregadores – não tenham ainda convencido muita gente, contudo chegaram a constituir um partido. Isto pelo menos se diz no Senado, e não seremos nós que alguma vez nos permitiremos suspeitar da exatidão do que se afirma num lugar tão importante.

“A influência oculta do partido recentemente assinalado se fez sentir até na última discussão do Senado, onde o Sr. Désiré Nisard, um dos maiorais, mostrou-se forte contra os reacionários. Um tal papel cabia de direito ao homem que foi, desde a sua saída da escola normal, um dos agentes mais ativos das idéias retrógradas.

“Depois disto, é para admirar ouvir o honrado senador invocar o arbítrio para justificar as medidas restritivas tomadas a propósito da escolha dos livros da biblioteca de Oullins? ‘Esse estabelecimentos populares, diz o Sr. Nisard, são fundados por associações; encontram-se, pois, sob o disposto do artigo 291 do Código Penal e, por conseqüência, à mercê do Ministro do Interior. Ele usou, usa e usará desta ditadura.’

“Deixamos ao *partido espírita* e ao seu Cristóvão Colombo, o Sr. Genteur, Conselheiro de Estado, o cuidado de interrogar os Espíritos reveladores, a fim de que nos digam o que o Senado espera obter impedindo os cidadãos de organizarem livremente as bibliotecas populares, como se pratica na Inglaterra?”

Anatole de la Forge

O Espiritismo em Toda Parte

O JORNAL *SIÈCLE* — PARIS SONÂMBULA

Desde algum tempo o *Siècle* publica, sob o título de *Toda Paris*, uma série de folhetins muito interessantes, escritos por diversos autores. Houve *Paris artista*, *Paris gastronômica*, *Paris contestadora*, etc. Em seu folhetim dos dias 24 e 25 de abril de 1868, publicou *Paris sonâmbula*, pelo Sr. Eugène Bonnemère, autor do *Romance do Futuro*. É uma exposição ao mesmo tempo científica e verdadeira, das diferentes variedades de sonambulismo, na qual casualmente faz intervir o Espiritismo, sob seu próprio nome, embora com todas as precauções oratórias determinadas pelas exigências do jornal, cuja responsabilidade não queria comprometer. É o que explica certas reticências. Não nos permitindo a falta de espaço fazer citações tão numerosas quanto teríamos desejado, limitar-nos-emos às seguintes passagens:

“A forma mais elevada do sonambulismo é, sem contradita, o Espiritismo, que aspira a passar ao estado de ciência. Possui uma literatura já rica, e notadamente os livros do Sr. Allan Kardec, fonte autorizada sobre a matéria.”

“O Espiritismo é a correspondência das almas entre si. Segundo os adeptos dessa crença, um ser invisível se põe em comunicação com um outro, chamado médium, que goza de uma organização particular, que o torna apto a receber o pensamento dos que viveram, e que escreve, quer por um impulso mecânico inconsciente, imprimido à mão, quer por uma transmissão direta à inteligência dos médiuns.”

“Não, a morte não existe. É o instante de repouso após a jornada feita e a tarefa acabada; depois, é o despertar para uma nova obra, maior e mais útil do que a que acaba de realizar-se.”

“Partimos levando conosco a lembrança dos conhecimentos aqui adquiridos; o mundo para onde iremos nos dará os seus, e nós os gruparemos todos em feixe, para com eles formar o progresso.”

“É pela sucessão das gerações que a Humanidade avança, de cada vez dando mais um passo para a luz, porque chegam animadas por almas, sempre naturalmente puras, depois que voltaram a Deus, e ficam impregnadas dos progressos que atravessaram.”

“Em consequência das conquistas definitivamente asseguradas, a própria Terra que habitamos merecerá ascender na escala dos mundos. Acontecerá um novo cataclismo; certas essências vegetais, certas espécies animais, inferiores ou malfazejas desaparecerão, como outras desapareceram no passado, para dar lugar a criações mais perfeitas e, por nossa vez, nos tornaremos um mundo no qual os seres já experimentados virão buscar um maior desenvolvimento. Depende de nós apressar, pelos nossos esforços,

o advento desse período mais ditoso. Nossos mortos bem-amados vêm ajudar-nos nessa difícil tarefa.”

“Sérias ou não, essas crenças não deixam de ter uma certa grandeza. O materialismo e o ateísmo, que o sentimento humano repele com todas as suas energias, não passam de uma *inevitável reação* contra as idéias, dificilmente admissíveis pela razão, sobre Deus, a Natureza e o destino das almas. *Alargando a questão, o Espiritismo reacende nos corações a fé prestes a se extinguir.*”

TEATRO – CORNÉLIO – O GALO DE MYCILLE

Neste inverno, no teatro das Fantasias Parisienses, foi encenada uma encantadora opereta intitulada *O Elixir de Cornélio*, na qual a reencarnação é o próprio cerne da intriga.

Eis o relato que dela nos deu o *Siècle*, em seu número de 11 de fevereiro de 1868:

“Esse Cornélio é um alquimista que se ocupa particularmente da transmigração das almas. Tudo quanto lhe contam a respeito ele escuta com ouvidos ávidos, como se a coisa tivesse acontecido. Ora, ele tem uma filha que não esperou sua permissão para arranjar um pretendente. Não; mas ele recusa o seu consentimento. Como fazer, então, para vencer a sua resistência? Uma idéia: o apaixonado lhe narra que sua filha, antes de ser sua filha, há muito tempo, era um lansquenê²³, dado a aventuras e freqüentador de ruelas. Nessa mesma época ele, o apaixonado, era uma jovem encantadora, que foi enganada pelo aventureiro. Os papéis se inverteram e ele lhe pede para devolver a sua antiga honra. ‘Ah! vós me dizeis tanto!’ responde, convencido, o velho doutor. E eis como um casamento a mais se realiza diante do público, que tantas vezes se encarrega de substituir o Sr. prefeito.

23 **N. do T.:** Soldado alemão que, nos séculos XV e XVI, servia na França como mercenário.

“A música é alegre como o assunto que a inspirou. Notou-se mais particularmente a serenata, as quadras de Cornélio, o dueto cômico e o final, escritos simplesmente e facilmente.”

Como se vê, a trama repousa aqui, não apenas no princípio da reencarnação, mas, ainda, na mudança de sexo.

Os assuntos dramáticos se esgotam e muitas vezes os autores ficam embaraçados para sair dos lugares-comuns. A idéia da reencarnação vai oferecer-lhes, em profusão, situações novas para todos os gêneros; aberto o caminho, é provável que todos os teatros logo tenham sua peça sobre a reencarnação.

No fim de maio o Teatro Francês encenou uma peça na qual a alma representa o papel principal; é o *Galo de Mycille*, pelos Srs. Trianon e Eugène Nyon. Eis o enredo:

Mycille é um jovem sapateiro remendão de Atenas; em frente à sua tenda, mora um jovem magistrado, o arconte Eucrates, numa encantadora mansão de mármore. O pobre sapateiro inveja em Eucrates as suas riquezas, sua mulher, a bela Cloé, sua prima, seus numerosos escravos. O opulento arconte, envelhecido precocemente, tolhido pela gota, inveja em Mycille sua boa figura, sua saúde, o amor desinteressado que lhe dedica uma linda escrava, Doris. Mycille tem um galo que lhe deu a jovem Doris e que, por seu canto matinal, desperta o arconte. Este ordena aos escravos que batam no sapateiro, caso este não faça o galo calar-se; por sua vez o sapateiro quer bater no galo; mas nesse momento o animal se metamorfoseia em homem: é o filósofo Pitágoras, cuja alma viera animar o corpo do galo, segundo a sua doutrina da transmigração. Momentaneamente tomou sua forma humana para esclarecer Mycille sobre a tolice da inveja que ele tem da posição de Eucrates. Não podendo convencê-lo, lhe diz: “Dar-te-ei o meio de te esclareceres por tua própria experiência. Apanha esta pena que fizeste cair de meu corpo de galo; enfia-a na fechadura da porta de

Eucrates: logo a porta se abrirá; tua alma passará para o corpo do arconte e, reciprocamente, a alma do arconte passará para o teu corpo. Contudo, antes de fazer qualquer coisa, aconselho-te a refletir bem. Então Pitágoras desapareceu. Mycille reflete, mas a sede do ouro o arrasta e, instigado por diversos incidentes, decide-se e a metamorfose se opera. Eis, pois, o sapateiro transformado no rico arconte, mas doente e gotoso, e o arconte feito sapateiro. Essa transformação leva a uma porção de complicações cômicas, em consequência das quais cada um, descontente com a sua nova posição, retoma a que tinha antes.

Como se vê, essa peça é uma nova edição da história do *sapateiro e do financista*, já explorada sob tantas formas. O que a caracteriza é que, em vez de ser o sapateiro em pessoa, corpo e alma, que toma o lugar do financista, são as duas almas que mudam de corpo. A idéia é nova, original, e os autores a exploram espirituosamente. Mas não é absolutamente tomada da idéia espírita, como se havia dito; é tirada de um diálogo de Luciano: *O sonbo e o galo*. Não falamos deste senão para realçar o erro dos que confundem o princípio da reencarnação com a transmigração das almas, ou metempsicose.

A peça de Cornélio, ao contrário, é inteiramente espírita, embora a pretensa reencarnação do jovem e da moça não passem de uma invenção de sua parte para chegar aos seus fins, enquanto esta dela se afasta por completo. Em primeiro lugar, o Espiritismo jamais admitiu a idéia da alma humana retrogradando na animalidade, porque seria a negação da lei do progresso; em segundo lugar, a alma só deixa o corpo com a morte. Quando, depois de algum tempo passado na erraticidade, recomeça uma nova existência, passa pelas fases ordinárias da vida: nascimento, infância, etc., e não por efeito de uma metamorfose ou substituição instantânea, que só se vê nos contos de fadas, que não são o Evangelho do Espiritismo, digam o que disserem os críticos, que dele pouco sabem.

Todavia, embora os dados sejam falsos na sua aplicação, não deixam de ser baseados no princípio da individualidade e da independência da alma; é a alma distinta do corpo e a possibilidade de reviver num outro envoltório posto em ação, idéia com a qual sempre é útil familiarizar a opinião. A impressão que daí fica não é perdida para o futuro e é mais salutar que a das peças onde se encenam a pouca vergonha das paixões.

ALEXANDRE DUMAS – MONTE-CRISTO

“Escutai, Valentin. Jamais sentistes por alguém uma dessas simpatias irresistíveis, que fazem que, em vendo uma pessoa pela primeira vez, julgais conhecê-la há muito tempo, e vos perguntais onde e quando a vistes, embora não vos podendo recordar nem do lugar, nem do tempo, chegais a crer que foi num mundo anterior ao nosso, e que essa simpatia não passa do despertar de uma lembrança?” (*Monte-Cristo*, 3ª parte, cap. XVIII, O recinto da luzerna.)

“Jamais ousastes vos elevar, num vôo, às esferas superiores que Deus povoou de seres invisíveis e excepcionais? – Admitis, senhores, que existam esferas superiores e que seres invisíveis se misturem conosco? – E por que não? Acaso vedes o ar que respirais, e sem o qual não poderíeis viver? – Então nós não vemos estes seres de que falais? – Sim; vós os vedes quando Deus permite que se materializem...” (*Monte-Cristo*, 3ª parte, cap. IX, Ideologia.)

“E eu, senhor (Villefort), eu vos digo que não é assim como pensais. Esta noite eu dormi um sono horrível, porque de certo modo me via dormir, como se minha alma já estivesse planando acima de meu corpo; meus olhos, que me esforçava por abrir, se fechavam mau grado meu; e, contudo... com os olhos fechados, eu vi, no mesmo lugar onde estais, entrar sem ruído uma forma branca.” (*Monte-Cristo*, 4ª parte, cap. XIII, senhora Mairan.)

“Uma hora antes de expirar, ele me disse: Meu pai, a fé de nenhum homem pode ser mais viva que a minha, porque vi e ouvi falar uma alma separada de seu corpo.” (*François Picaut*, continuação do *Monte-Cristo*.)

Nestes pensamentos não há senão uma crítica muito pequena a fazer: é a qualificação de *excepcionais* dada aos seres invisíveis que nos cercam. Tais seres nada têm de excepcional, já que são as almas dos homens, e que todos os homens, sem exceção, devem passar por esse estado. Afora isto, não se dirá que estas idéias são tiradas textualmente da doutrina?

Bibliografia

A ALMA, *demonstração de sua realidade, deduzida do estudo dos efeitos do clorofórmio e do curare sobre a economia animal, pelo Sr. RAMON DE LA SAGRA, membro correspondente do Instituto de França. (Academia de Ciências Morais e Políticas), da Academia Real de Ciências dos Países Baixos, etc.*²⁴

Dissemos num artigo acima que as pesquisas da Ciência, mesmo visando ao estudo exclusivo da matéria, conduziriam ao espiritualismo, pela impossibilidade de explicar certos efeitos apenas com o auxílio das leis da matéria; por outro lado, temos repetido muitas vezes que na catalepsia, na letargia, na anestesia²⁵ pelo clorofórmio ou outras substâncias, no sonambulismo natural, no êxtase e em certos estados patológicos, a alma se revela por uma ação independente do organismo, e dá, por seu isolamento, a prova patente de sua existência. Não nos referimos ao magnetismo, nem ao sonambulismo artificial, nem à dupla vista, nem às manifestações espíritas, que a Ciência oficial ainda não reconheceu, mas aos fenômenos sobre os quais ela está em condições de fazer experiências todos os dias.

²⁴ Um vol. in-12. Preço: 2 fr. 50; pelo Correio, 2 fr. 75. Germer-Bailliére, livreiros, 17, rue de l'École-de-Médecine.

²⁵ *Anestesia*, suspensão da sensibilidade; do grego *a*, privativo, e *aistesin*, sentir.

A Ciência procurou a alma com o escalpelo e o microscópio no cérebro e nos gânglios nervosos, e não a encontrou; a análise dessas substâncias não lhe deu senão oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono, donde concluiu que a alma não era distinta da matéria. Se não a encontra, a razão é muito simples: ela faz da alma uma idéia fixa, preconcebida; imagina-a dotada das propriedades da matéria tangível; é sob essa forma que a procura e, naturalmente, não poderia reconhecê-la, ainda mesmo quando a tivesse sob os olhos. Uma vez que certos órgãos são os instrumentos das manifestações do pensamento, e que, destruindo esses órgãos, pára a manifestação, a Ciência conclui muito pouco filosoficamente que são os órgãos que pensam, absolutamente como se uma pessoa que tivesse cortado o fio telegráfico e interrompido a transmissão de um despacho, pretendesse ter destruído aquele que o enviava.

O aparelho telegráfico nos oferece, por comparação, uma imagem exata do funcionamento da alma no organismo. Suponhamos que um indivíduo receba um telegrama e que, ignorando a sua procedência, se entregue às seguintes pesquisas: Segue o fio transmissor até o seu ponto de partida; no caminho procura o seu expedidor ao longo do fio e não o encontra; o fio o conduz a Paris, à repartição do télégrafo, ao aparelho. Dize ele: “Daqui foi que o telegrama partiu, não tenho dúvida; é um fato materialmente demonstrado.” Explora o aparelho e o desmonta, para procurar o seu expedidor, e não encontrando senão madeira, cobre, uma roda, diz: “Já que o telegrama partiu daqui e aqui não encontro ninguém, foi esse mecanismo que concebeu o despacho; isto me é demonstrado não menos materialmente.” Nesse ínterim, um outro indivíduo, colocando-se ao lado do aparelho, põe-se a repetir o telegrama, palavra por palavra, e lhe diz: “Como podeis supor, vós, um homem inteligente, que este mecanismo, composto de matéria inerte, destrutível, tenha podido conceber o pensamento do telegrama que recebestes, e conhecer o fato que este despacho vos comunicou? Se a matéria tivesse a faculdade de pensar, por que

o ferro, a pedra e a madeira não teriam idéias? Se essa faculdade depende da ordem e do arranjo das partes, por que o homem não construiria autômatos pensantes? Alguma vez já vos veio ao espírito crê que essas bonecas que dizem: papá, mamã, tenham consciência do que fazem? Ao contrário, não admirastes a inteligência do autor desse mecanismo engenhoso?”

Aqui, o novo interlocutor é a alma, que concebe o pensamento; o aparelho é o cérebro, onde ela se concentra e se formula; a eletricidade é o fluido diretamente impregnado do pensamento e encarregado de o levar longe, como o ar leva o som; os fios metálicos são os cordões nervosos destinados à transmissão do fluido; o primeiro indivíduo é o sábio à procura da alma, que segue os cordões nervosos, procura-a no cérebro e, não a encontrando, conclui que é o cérebro que pensa; não escuta a voz que lhe diz: “Tu te obstinas em me procurar dentro, quando estou fora; olha para o lado e me verás; os nervos, o cérebro e os fluidos não pensam mais que o fio metálico, o aparelho telegráfico e a eletricidade; não passam de instrumentos da manifestação do pensamento, engenhosamente combinados pelo inventor da máquina humana.”

Em todos os tempos fenômenos espontâneos muito freqüentes, tais como a catalepsia, a letargia, o sonambulismo natural e o êxtase mostraram a alma agindo fora do organismo; mas a Ciência os desdenhou deste ponto de vista. Ora, eis que uma nova descoberta, a anestesia pelo clorofórmio, de incontestável utilidade nas operações cirúrgicas, e cujos efeitos, por isso mesmo, se é forçado a estudar, diariamente torna a Ciência testemunha desse fenômeno, pondo, por assim dizer, a nu a alma do paciente; é a voz que grita: “Olha para fora, e não para dentro, e então me verás.” Mas há criaturas que têm olhos e não vêem, ouvidos e não escutam.

Entre os numerosos fatos desse gênero, produziu-se o seguinte na prática do Dr. Velpeau:

“Uma mulher que não tinha manifestado nenhum sinal de dor enquanto eu a liberava de um volumoso tumor, despertou sorrindo e me disse: “Bem sei que terminou; deixai-me voltar completamente e vou explicar isto... Não senti absolutamente nada, logo acrescentou ela, mas eis como soube que estava operada. Em meu sono, fui fazer uma visita a uma senhora de meu conhecimento, para conversar sobre uma criança pobre que devíamos colocar numa instituição. Enquanto conversávamos, a senhora me disse: Credes estar neste momento em minha casa, não é? Pois bem! minha cara amiga, enganai-vos completamente, porque estais em vossa casa, em vosso leito, onde vos fazem uma operação agora mesmo. Longe de me alarmar com sua linguagem, respondi-lhe ingenuamente: Ah! se é assim, eu vos peço permissão para prolongar um pouco a minha visita, a fim de que tudo esteja acabado quando voltar para casa. E eis como, abrindo os olhos, antes mesmo de ser despertada de todo, pude anunciar-vos que estava operada.”

O clorofórmio oferece milhares de exemplos tão concludentes quanto este.

Comunicando este e outros fatos análogos à Academia de Ciências, em 4 de março de 1850, o Sr. Velpeau exclamou: “Que fonte fecunda para a Psicologia e a Fisiologia são esses atos que vão até a separar o espírito da matéria, ou a inteligência do corpo!”

Então o Sr. Velpeau viu a alma em ação fora do organismo; pôde constatar a sua existência por sua independência; ouviu a voz que lhe dizia: Estou fora, e não dentro. Por que, então, fez profissão de fé materialista? Disse depois, quando estava no mundo dos Espíritos: “Orgulho do sábio, que não queria desmentir-se.” Contudo, não temeu voltar atrás sobre certas opiniões científicas errôneas, que professara publicamente. Em seu *Tratado de Medicina Operatória*, publicado em 1839, tomo I, página 32, diz: “Evitar a dor nas operações é uma quimera que hoje não é

permitido perseguir. Instrumento cortante e dor, em medicina operatória, são duas palavras que não se apresentam uma sem a outra ao espírito dos doentes, e cuja associação deve-se necessariamente admitir.” O clorofórmio veio dar-lhe um desmentido sobre este ponto, como sobre a questão da alma. Por que, então, aceitou um e não o outro? Mistério das fraquezas humanas!

Se, em suas lições, o Sr. Velpeau tivesse dito aos seus alunos: “Senhores, dizem-vos que não encontrareis a alma na ponta do vosso escalpelo, e têm razão, porque aí não está e em vão aí a procuraríeis, como eu mesmo o fiz; mas estudai as manifestações inteligentes nos fenômenos da anestesia e tereis a prova irrecusável de sua existência; foi aí que a encontrei e todo observador de boa-fé a encontrará. Em presença de semelhantes fatos, não é mais possível negá-la, pois que se pode constatar a sua ação independente do organismo e, a bem dizer, isolá-la à vontade.” Falando assim, ele não teria feito senão completar o pensamento que emitira diante da Academia de Ciências. Com tal linguagem, apoiado na autoridade de seu nome, teria feito uma revolução na arte médica. Foi uma glória que repudiou e que hoje lamenta amargamente, mas que outros herdarão.

Tal é a tese que acaba de ser desenvolvida com notável talento pelo Sr. Ramon de la Sagra, na obra que constitui o objeto deste artigo. O autor aí descreve com método e clareza, do ponto de vista da ciência pura, que lhe é familiar, todas as fases da anestesia pelo clorofórmio, pelo éter, pelo curare²⁶ e outros agentes, segundo suas próprias observações e as dos mais acreditados autores, tais como Velpeau, Gerdy, Bouisson, Flourens, Simonin, etc. A parte técnica e científica aí ocupa largo espaço, mas isto era necessário para uma demonstração rigorosa. Ademais, contém

26 O curare é uma substância eminentemente tóxica, que os selvagens do Orenoco tiram de certas plantas e com a qual umedecem a ponta de suas flechas, que produzem feridas mortais.

fatos numerosos, onde colhemos o que referimos acima. Dela tomamos igualmente as seguintes conclusões:

“Desde que é um fato perfeitamente constatado pelos fenômenos anestésicos que o éter extingue a vida dos nervos condutores das impressões dos sentidos, mas deixando livres as faculdades intelectuais, também se torna incontestável que essas faculdades não dependem essencialmente dos órgãos nervosos. Ora, como os órgãos dos sentidos, que produzem as impressões, não agem senão pelos nervos, é claro que estando estes paralisados, todo o organismo da vida animal, da vida de relação, fica aniquilado para essas faculdades intelectuais que, não obstante, funcionam. Forçoso é, pois, confessar que a sua existência, ou melhor, a sua realidade, não depende essencialmente do organismo e que, desde então, elas procedem de um princípio diverso dele, independente dele, podendo funcionar sem ele e fora dele.

“Eis, pois, a realidade da alma rigorosamente demonstrada, incontestavelmente estabelecida, sem que nenhuma observação fisiológica a possa prejudicar. Podemos ver sair desta conclusão, como que jactos de luz clareando horizontes longínquos, que, entretanto, não abordaremos, porque esse gênero de estudos escapa do quadro que nos traçamos.

“O ponto de vista psicológico, sob o qual acabamos de apresentar os efeitos das substâncias anestésicas sobre a economia animal, e as conseqüências que daí deduzimos em favor da realidade da existência da alma, devem sugerir a esperança de que um método semelhante, aplicado ao estudo de outros fenômenos análogos da vida, poderia conduzir ao mesmo resultado.

“Nenhuma dedução seria mais justa, porque os efeitos fisiológicos e psicológicos que se mostram durante a embriaguez alcoólica, o delírio patológico, o sono natural e magnético, o êxtase e mesmo a loucura, oferecem a maior semelhança, em muitos

pontos, com os efeitos das substâncias anestésicas que acabamos de estudar nesta obra. Uma tal concordância de diversos fenômenos, procedendo de causas diferentes, em favor de uma conclusão idêntica, não nos deve surpreender. Ela não é senão a consequência do que temos provado: *a realidade da existência de uma essência distinta da matéria* no organismo humano, e à qual são devolvidas as funções intelectuais que, sozinha, a matéria jamais poderia preencher.

“Seria aqui o lugar de examinar uma outra questão, de fazer uma incursão no domínio do magnetismo animal, que sustenta a permanência das faculdades sensoriais fora dos sentidos, isto é, da visão, da audição, do gosto, do olfato, durante a paralisia completa dos órgãos que, em estado normal, proporcionam essas impressões. Mas esta doutrina, cuja verdade não queremos contestar nem sustentar, não é admitida pela ciência fisiológica, o que é suficiente para que a eliminemos de nossas pesquisas atuais.”

Este último parágrafo prova que o autor fez, para a demonstração da alma, o que o Sr. Flammarion fez para a de Deus, isto é, que ele se colocou no próprio terreno da ciência experimental e que quis tirar só dos fatos oficialmente reconhecidos, a prova de sua tese. Ele nos promete outra obra, que não pode deixar de ter grande interesse, na qual serão estudados, do mesmo ponto de vista, os diversos fenômenos que apenas menciona, pois se limitou aos da anestesia pelo clorofórmio.

Certamente esta prova não é necessária para firmar a convicção dos espíritas, nem dos espiritualistas; mas, depois de Deus, sendo a existência da alma a base fundamental do Espiritismo, devemos considerar como eminentemente útil à Doutrina toda obra que tenda a lhe demonstrar os princípios fundamentais. Ora, a ação da alma, abstração feita do organismo, uma vez provada, é um ponto de partida que, como a pluralidade

das existências e o perispírito, pouco a pouco e por dedução lógica, conduz a todas as conseqüências do Espiritismo.

Com efeito, o exemplo referido acima é do mais puro Espiritismo, do qual o Sr. Velpeau nem o suspeitava quando o publicou; e se tivéssemos podido citar todos, ver-se-ia que os fenômenos anestésicos não só provam a realidade da alma, mas a do Espiritismo.

É assim que tudo concorre, como foi anunciado, para abrir o caminho da doutrina nova; a ela se chega por uma porção de saídas, convergindo todas para um centro comum, e muita gente a ela traz a sua pedra, uns conscientemente, outros sem se darem conta.

A obra do Sr. Ramon de la Sagra é uma dessas cuja publicação temos o prazer de aplaudir, porque, não obstante nela se tenha feito abstração do Espiritismo, podemos considerá-las – como o *Deus na Natureza*, do Sr. Flammarion, e a *Pluralidade das Existências*, do Sr. Pezzani – como monografias dos princípios fundamentais da Doutrina, às quais eles dão a autoridade da Ciência.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XI

AGOSTO DE 1868

Nº 8

O Materialismo e o Direito

Exibindo-se como não o tinha feito em nenhuma outra época e se apresentando como supremo regulador dos destinos morais da Humanidade, o materialismo teve por efeito apavorar as massas pelas conseqüências inevitáveis de suas doutrinas para a ordem social. Por isto mesmo provocou, em favor das idéias espiritualistas, uma enérgica reação, que deve provar-lhe que está longe de ter simpatias tão gerais quanto supõe, e que se ilude singularmente se espera um dia impor suas leis ao mundo.

Seguramente as crenças espiritualistas dos tempos passados são insuficientes para este século; elas não estão no nível intelectual de nossa geração; sobre muitos pontos estão em contradição com os dados positivos da Ciência; deixam no espírito um vazio incompatível com a necessidade do positivo, que domina na sociedade moderna; além disso, cometem o erro imenso de se imporem pela fé cega e de proscreverem o livre-exame. Daí, sem a menor dúvida, o desenvolvimento da incredulidade no maior número; é muito evidente que se os homens não fossem alimentados, desde a infância, senão por idéias susceptíveis de

serem confirmadas mais tarde pela razão, não haveria incrédulos. Quantas pessoas, reconduzidas à crença pelo Espiritismo, nos disseram: Se sempre nos tivessem apresentado Deus, a alma e a vida futura de maneira racional, jamais teríamos duvidado!

Pelo fato de um princípio receber uma aplicação má ou falsa, segue-se que se deva rejeitá-lo? Isto acontece com coisas espirituais, como com a legislação de todas as instituições sociais: é necessário apropriá-las aos tempos, sob pena de sucumbir. Mas em vez de apresentar algo de melhor que o velho espiritualismo clássico, o materialismo preferiu tudo suprimir, o que o dispensava de procurar, e parecia mais cômodo àqueles a quem importuna a idéia de Deus e do futuro. Que pensariam de um médico que, achando que o regime de um convalescente não é bastante substancial para o seu temperamento, lhe prescrevesse não comer absolutamente nada?

O que é de admirar é encontrar na maioria dos materialistas da escola moderna esse espírito de intolerância levado aos últimos limites, logo eles que reivindicam sem cessar o direito de liberdade de consciência. Seus próprios correligionários políticos acham-se sem graça diante deles, assim que fazem profissão de espiritualismo, como o Sr. Jules Favre, a propósito de seu discurso na Academia (*Figaro* de 8 de maio de 1868), e como o Sr. Camille Flammarion, afrontosamente ridicularizado e denegrido, num outro jornal, cujo nome esquecemos, porque ousou provar Deus pela Ciência. Segundo o autor dessa diatribe, não se pode ser sábio senão com a condição de não crer em Deus; Chateaubriand não passa de um mísero escritor e velho caduco. Se homens de tão incontestável mérito são tratados com tão pouco respeito, os espíritas não devem se lamentar por serem trocados a respeito de suas crenças.

Há neste momento, da parte de certo partido, uma oposição furibunda contra as idéias espiritualistas em geral, nas

quais o Espiritismo se acha naturalmente englobado. O que ele busca não é um Deus melhor e mais justo, é o Deus-matéria, menos constrangedor, porque não tem que lhe dar contas. Ninguém contesta a esse partido o direito de ter a sua opinião, de discutir as opiniões contrárias, mas o que não se lhe poderia conceder é a pretensão, no mínimo singular para homens que se apresentam como apóstolos da liberdade, de impedir que os outros creiam à sua maneira e de discutir as doutrinas que não partilham. Intolerância por intolerância, uma não vale mais que a outra.

Um dos melhores protestos que temos lido contra as tendências materialistas foi publicado no jornal *Droit*, sob o título de: *O materialismo e o direito*. A questão aí é tratada com notável profundidade e perfeita lógica, do duplo ponto de vista da ordem social e da jurisprudência. Sendo a causa do espiritualismo a do Espiritismo, aplaudimos a enérgica defesa da primeira, mesmo quando aí se faz abstração da segunda. Eis por que pensamos que os leitores da Revista verão com prazer a reprodução desse artigo.

(Extraído do jornal *Droit*, de 14 de maio de 1868)

A geração presente atravessa uma crise intelectual, com a qual não se deve inquietar além da medida, mas seria imprudência deixar o seu desenlace ao acaso. Desde que a Humanidade pensa, acredita-se na alma, princípio imaterial, distinto dos órgãos que o servem; faziam-na até imortal. Acreditava-se numa Providência, criadora e senhora dos seres e das coisas, no bem, no justo, na liberdade do arbítrio humano, numa vida futura que, para valer mais do que o mundo em que estamos, não precisa, como diz o poeta, senão existir. Modernos doutores, que começam a tornar-se barulhentos, mudaram tudo isto. O homem é por eles reconduzido à dignidade do animal, e este reduzido a um agregado material. A matéria e as propriedades da matéria, tais seriam os únicos objetos possíveis da ciência humana; o pensamento não seria senão um produto do órgão que é a sua sede, e o homem, quando as

moléculas orgânicas que constituem a sua pessoa se desagregam e voltam aos elementos, pereceria inteiramente.

Se as doutrinas materialistas jamais devessem ter a sua hora de triunfo, os juristas filósofos – é preciso que se diga para sua honra – seriam os primeiros vencidos. Que teriam a fazer suas regras e suas leis num mundo no qual a lei da matéria fosse toda a lei? As ações humanas não podem ser senão fatos automáticos, se o homem for toda matéria. Mas, então, onde estará a liberdade? E se a liberdade não existir, onde está a moral? A que título uma autoridade qualquer poderia pretender dominar a expansão fatal de uma força toda física e necessariamente legítima, desde que é fatal? O materialismo arruína a lei moral e, com a lei moral, o direito, a ordem civil toda inteira, isto é, as condições da existência da Humanidade. Tais conseqüências imediatas, inevitáveis, certamente merecem que nelas se pense. Vejamos, pois, como se reproduz esta velha doutrina materialista, que não se viu despontar, até o presente, senão nos piores dias.

Quase sempre houve materialistas, teóricos ou práticos, quer por desvio do senso comum, quer para justificar baixos hábitos de viver. A primeira razão de ser do materialismo está na imperfeição da inteligência humana. Cícero disse em termos muito duros, que não há tolíce que não tenha encontrado algum filósofo para defendê-la: *Nihil tam absurde dici potest quod non dicatur ab aliquo philosophorum*. A segunda razão de ser está nas más inclinações do coração humano. O materialismo prático, que se reduz a algumas máximas vergonhosas, sempre apareceu nas épocas de decomposição moral ou social, como as da Regência e do Diretório. Na maioria das vezes, quando houve pretensões mais elevadas, o materialismo filosófico foi uma reação contra as exigências exageradas das doutrinas ultra-espiritualistas ou religiosas. Mas em nossos dias ele se produz com um caráter novo; chama-se científico. A história natural seria toda a ciência do

homem; nada existiria do que ela não tem por objeto e, como não tem por objeto o espírito, o espírito não existe.

Para quem queira pensar no caso, com efeito o materialismo é mesmo um perigo, não da ciência verdadeira, mas da ciência incompleta e presunçosa; é uma planta má que cresce em seu solo. De onde vêm as tendências materialistas, mais ou menos acentuadas, de tantos sábios? De sua constante ocupação em estudar e manipular a matéria? Talvez um pouco. Mas elas vêm sobretudo de seus hábitos de espírito, da prática exclusiva de seu mérito experimental. O método científico pode reduzir-se nestes termos: Não recolher senão fatos, deduzir muito prudentemente a lei desses fatos, banir absolutamente todas as pesquisas das causas. Não é de admirar, depois disto, que inteligências de visão curta, débeis nalgum sentido, deformadas, como nos tornamos todos, por um mesmo trabalho intelectual ou físico muito contínuo, desconheçam a existência dos fatos morais, aos quais não convém a aplicação de seu instrumento lógico e, por uma transmissão insensível, passam da ignorância metódica à negação.

Entretanto, se este método exclusivamente experimental pode achar-se em erro, é bem no estudo do homem, ser duplo, espírito e matéria, cujo organismo mesmo não pode ser senão o produto e o instrumento da força oculta, mas essencialmente una, que o anima. Não se quer ver no organismo humano mais que um agregado material! Por que cindir o homem e não querer, metodicamente, nele considerar senão um princípio, se há dois? É possível gabar-se, ao menos, de assim explicar todos os fenômenos da vida? O materialismo fisiológico, que prepara o materialismo filosófico, mas que a ele não conduz necessariamente, a cada passo é ferido de impotência. A vida, digam o que disserem, é um movimento, o movimento da alma informando o corpo; e a alma é, assim, a mola que move e transporta, por uma ação desconhecida e inconsciente, os elementos dos corpos vivos. Trazendo sistematicamente o estudo do homem físico às condições

do estudo dos corpos organizados; não vendo nas forças vivas de cada parte do organismo senão propriedades da matéria; localizando essas forças em cada uma dessas partes; não considerando a vida senão como uma manifestação física, um resultado, quando ela talvez seja um princípio; afastando a unidade do princípio de vida como uma hipótese, quando pode ser uma realidade, cai-se, sem dúvida, no materialismo fisiológico, para depois escorregar rapidamente no materialismo filosófico; mas se conclui por uma enunciação e um exame incompleto dos fatos; acreditou-se marchar apenas apoiado na observação, e afastou-se o fato capital que domina e determina todos os fatos particulares.

O materialismo da nova escola não é, pois, um resultado demonstrado do estudo; é uma opinião preconcebida. O fisiologista não admite o espírito; mas que há de admirável? é uma causa, e ele se pôs no estudo com um método que lhe interdita precisamente a pesquisa das causas. Não queremos submeter a causa do espiritualismo a uma questão de fisiologia controvertida, e sobre a qual nos poderiam recusar em bom direito. O sentido íntimo me revela a existência da alma com uma autoridade bem diversa. Ainda que o materialismo fisiológico fosse tão verdadeiro quanto é discutível, nem por isso nossas convicções espiritualistas ficariam menos inteiras. Fortalecido pelo testemunho do senso íntimo, confirmado pelo assentimento de mil gerações que se sucederam na Terra, repetiríamos o velho adágio: “A verdade não destrói a verdade”, e esperaríamos que a conciliação se fizesse com o tempo. Mas, de que peso não nos sentimos aliviados quando vemos que, para negar a alma e dar esta declaração como um resultado da Ciência, o sábio, por confissão própria, partiu metodicamente dessa idéia de que a alma não existe!

Lemos muitos livros de fisiologia, em geral muito mal escritos; o que nos chamou a atenção foi o vício constante dos raciocínios do fisiologista organicista, quando sai do seu assunto para se fazer filósofo. Vê-se-o constantemente tomar um efeito por

uma causa, uma faculdade por uma substância, um atributo por um ser, confundir as existências e as forças, etc., e raciocinar em consequência. Dir-se-ia uma aposta. Algumas vezes ele transpõe distâncias incríveis sem desconfiar do caminho que faz. Que espírito exato e claro, por exemplo, jamais pôde compreender esse pensamento tão conhecido de Cabanis e de Broussais, que “o cérebro produz, *secreta* o pensamento?” Outras vezes, o homem positivo, o homem da ciência, o homem da observação e dos fatos, nos dirá seriamente que o cérebro “armazena as idéias.” Ainda um pouco, ele as desenhará. É metáfora ou mixórdia?

Jamais será pedido à ciência natural que tome partido pró ou contra a alma humana; mas por que ela não se resolve a ignorar o que não é objeto de suas investigações? Com que direito ousa jurar que não há nada depois dela, após ter decretado não querer vê-la? Por que não guarda um pouco dessa reserva, que nos convém tão bem a todos, sobretudo aos que têm a pretensão de não avançar senão com certeza? Com que autoridade o anatomista poderá declarar que a alma não existe, porque não a encontrou sob o seu escalpelo? Pelo menos começou ele a demonstrar rigorosamente, cientificamente, por experiências e por fatos, segundo o método que preconiza, que o seu escalpelo pode atingir tudo, até mesmo um princípio imaterial?

Seja como for com todas estas questões, o materialismo, dizendo-se científico, sem por isto valer mais, se espalha à luz do dia e nos deixa ver o que seria o direito materialista. Ai! o estado social materialista nos ofereceria um bem triste e vergonhoso espetáculo. Antes de mais, uma coisa é certa: se o homem não existe senão por seu organismo, essa massa material e automática, em que doravante se tornará todo homem, provido de um encéfalo para secretar idéias, será irresponsável por todos os movimentos que produzir.²⁷ Com ela não será preciso que o

27 Como o fígado não é responsável pela bile que secreta.

encéfalo de uma outra massa material se decida a secretar idéias de justiça ou de injustiça; porque essas idéias de justiça ou de injustiça só são aplicáveis a uma força livre, existente por si mesma, capaz de querer e de se abster. Não se contesta a torrente ou a avalanche.

Então a liberdade, isto é, a vontade de agir ou não agir, não existirá aqui, nem tampouco o direito. Nesse estado, todas as forças terão um pleno e absoluto poder de expansão. Tudo será legítimo, lícito, permitido, mesmo ordenado, digamos; porque é claro que tudo faz que não seja o ato de uma vontade livre, que não se produz como um ato moralmente obrigatório ou moralmente proibido; é um fato obrigado, que bem pode vir chocar-se com um fato contrário do mesmo caráter, mas que cai como todos os fatos físicos, sob o império inelutável das leis naturais.

Basta expor tais idéias para lhes fazer justiça. É o sistema de Espinoza, que muito resolutamente estabeleceu o princípio do direito da força. Os fortes, diz Espinoza, são feitos para subjugar os fracos, como os peixes para nadar e os maiores para comer os menores. No sistema materialista, o que seria chamado direito não poderia ter um princípio diferente. Mas que homem dotado de senso ousaria confessar tal sistema que, por si só, bastaria para refutar o materialismo, pois que dele decorre necessariamente? Querem, entretanto, que esse princípio da força se ache, de fato, limitado por si mesmo? Nada será ganho, ou quase nada, com esse flagrante desmentido do princípio. Admitamos, se quiserem, que a substância pensante (continuamos a falar a língua dos materialistas) se combine nos indivíduos para regularizar essa expansão da força; a que chegará? No máximo a um conjunto de regras que terão por base o interesse e, ainda, como não há outras leis senão as leis da matéria, essa legislação não terá nenhum caráter obrigatório; cada um poderá infringi-la se sua matéria pensante lho aconselhar e se sua força lho permitir. Assim, nesta singular doutrina, não se teria nem mesmo um estado social construído sobre o plano da triste sociedade de Hobbes.

Não falamos ainda senão das condições primeiras de todo estado social. Mas, em toda sociedade civil, consagra-se a propriedade individual; contrata-se, vende-se, aluga-se, associa-se, etc. O casamento funda a família; daí nasce toda uma ordem nova de relações. Pela educação do lar e pela educação pública, perpetuam-se as tradições. Assim se forma o espírito nacional e se desenvolve a civilização. Nossa sociedade materialista terá o seu direito civil? Impossível supô-lo, porquanto o direito civil, em seu conjunto, tem por princípio a justiça, e a justiça não pode ser senão uma palavra, ou uma contradição, numa doutrina que só conhece a matéria e as propriedades da matéria. Chega-se assim, inevitavelmente, a concluir (a menos que delirando a propósito) que o estado civil da sociedade materialista é o estado de bestialidade.

Nada dizemos em demasia quando avançamos que o materialismo é destrutivo, não de tal moral, mas de toda moral; não de tal estado civil, mas de todo estado civil, de toda sociedade. É preciso recuar com ele além das regiões da barbárie, além da *selvageria*. Deve-se proscrevê-lo por isto? Que Deus não o permita. Reconhecido o seu caráter, não pediríamos, nada obstante, que o seu ensino fosse interdito; nós o defenderíamos, se necessário, contra toda restrição pela força, desde que o professor não falasse senão em seu próprio nome. A liberdade nos é tão cara (os leitores deste jornal o sabem); traz consigo tais benefícios; temos tal confiança no bom-senso público, que não conceberíamos nenhuma inquietação por ver toda cátedra, toda tribuna aberta a todas as idéias.

Mas a questão já não se apresentaria nos mesmos termos se acontecesse que o professor falasse numa cátedra do Estado, retribuída pelo orçamento. Com ou sem razão, o Estado ensina. Pode ensinar doutrinas cujas conseqüências mais imediatas sejam destrutivas do Estado? Ficarão ao arbítrio do professor fazer o Estado endossar todas as doutrinas que puder conceber? A

questão não é simples. Os professores do Estado são funcionários públicos; seu ensino não pode ser e não é senão um ensino oficial. O estado é responsável pelo que dizem; *responde perante a juventude e as famílias*. Se com as grandes palavras de independência do professorado recusássemos seu controle, far-nos-íamos opressores do Estado, pela mais hipócrita das opressões, porque levaríamos à sua conta doutrinas que ele desaprova.

Sem dúvida a autoridade superior deve aos seus professores, muitas vezes envelhecidos pelo estudo, cuidados, considerações e uma grande confiança, como deve aos seus generais, aos seus administradores e aos seus magistrados; mas ela não lhes deve o sacrifício do mandato, quando é de presumir-se que comande o país. O professor não é mais independente do Estado do que o general que pretendesse comandar uma insurreição.

H. Thiercelin

O Jornal *Solidarité*

O jornal *Solidarité*, do qual falamos na Revista de junho de 1868, continua a ocupar-se do Espiritismo, com o tom de discussão séria que caracteriza essa folha eminentemente filosófica.

Sob o título de *Pesquisas psicológicas a propósito de Espiritismo*, o número de 1º de julho contém um artigo, do qual extraímos as seguintes passagens:

“Há bem poucos jornais que se possam dizer independentes. Entendo como verdadeira independência a que permite tratar um assunto sem preocupação de partido, de Igreja, de escola, de faculdade, de academia; melhor que isto: sem preocupação do público, de seu próprio público de leitores e de assinantes, e não se inquietando senão em pesquisar a verdade e a proclamar. O *Solidarité* tem essa vantagem muito rara de afrontar

até a suspensão de assinaturas, pois não vive senão de sacrifícios, e de estar colocado muito altamente nas regiões do pensamento para temer as flechas do ridículo.

“Tratando do Espiritismo, sabíamos que não satisfaríamos a ninguém, nem aos crentes, nem aos incrédulos; ninguém, a não ser, talvez, as pessoas que não tomaram partido sobre a questão. Esses sabem que não sabem. São os sábios; são pouco numerosos.”

Em seguida o autor descreve o fenômeno material das mesas girantes, que ele explica pela eletricidade humana, declarando nada ver que acuse uma intervenção estranha. É o que temos dito desde o começo. Ele continua:

“Enquanto não se tem senão que explicar o movimento automático dos objetos, não se precisa ir além do que é obtido nas ciências físicas. Mas a dificuldade aumenta quando se chega aos fenômenos de natureza intelectual.

“A mesa, depois de ter-se limitado a dançar, pôs-se logo a responder a perguntas. Desde então, como duvidar que aí houvesse uma inteligência? A crença vaga nos Espíritos tinha suscitado o movimento dos objetos materiais, pois, *a priori*, é evidente que, sem este, jamais teriam pensado em fazer girar as mesas. Essa crença, achando-se confirmada pelas aparências, deveria levar a dar mais um passo. Considerando-se o Espírito como a causa do movimento das mesas, deveria vir o pensamento de o interrogar.

“As primeiras manifestações inteligentes, diz o Sr. Allan Kardec²⁸, se deram por meio de mesas que se erguiam e batiam com um pé determinado número de pancadas, respondendo por um *sim* ou por um *não*, conforme a convenção, a uma pergunta

28 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns*, capítulo XI: “Sematologia e Tiptologia”.

feita. A seguir obtiveram-se respostas mais desenvolvidas pelas letras do alfabeto: batendo o objeto móvel um número de pancadas correspondente ao número de ordem de cada letra, chegou-se a formular palavras e frases, respondendo às perguntas feitas. A absoluta precisão das respostas e sua correlação excitaram a admiração. Interrogado sobre a sua natureza, o ser misterioso que assim respondia, declarou que era *Espírito* ou *Gênio*, deu o seu nome e forneceu diversas informações por sua conta.”

“Esse meio de comunicação era longo e incômodo, como observa muito justamente o Sr. Allan Kardec. Não tardou a que fosse substituído pela corbelha, depois pela prancheta. De modo geral, hoje esses meios estão abandonados, e os crentes se reportam ao que maquinalmente escreve a mão do *médium*, sob o ditado do Espírito.

“É difícil saber qual a parte do médium nas produções mais ou menos inspiradas de sua pena; também não é fácil determinar o grau de automatismo de uma corbelha ou de uma prancheta, quando estes objetos são colocados sob mãos vivas. Mas se a correspondência pela mesa é lenta e pouco cômoda, permite constatar a passividade do instrumento. Para nós, a relação intelectual por meio da mesa está tão bem estabelecida quanto a da correspondência telegráfica. O fato é real. Trata-se apenas de saber se existe o correspondente de além-túmulo. Há um Espírito, um ser invisível com o qual se corresponde, ou os operadores são vítimas de uma ilusão e não estão em contato senão consigo mesmos? Tal é a questão.

“Atribuímos à eletricidade emitida pela máquina humana os movimentos mecânicos das mesas; não temos que procurar alhures senão na alma humana o agente que imprime a esses movimentos um caráter inteligente. Representando a eletricidade como um fluido elástico de extrema sutileza, que se interpõe entre as moléculas dos corpos e os cercam como

que de uma atmosfera, pode-se muito bem compreender que a alma, graças a esse envoltório, faça sentir sua ação sobre todas as partes do corpo, sem nele ocupar um lugar determinado, e que a unidade do *eu* esteja, ao mesmo tempo, por toda parte onde pode atingir a sua atmosfera. A ação por contato ultrapassa, então, a periferia do corpo, e as vibrações etéreas ou fluídicas, comunicando-se de uma atmosfera à outra, podem produzir entre os seres em relação, efeitos a distância. Há nisso todo um mundo a estudar. As forças aí se influenciam e se transformam segundo as leis dinâmicas que nos são conhecidas, mas seus efeitos variam com o ritmo dos movimentos moleculares e conforme esses movimentos se exerçam por vibração, ondulação ou oscilação. Mas, seja como for com essas teorias, que estão longe de haver atingido a positividade necessária para ter lugar reservado na Ciência, nada se opõe a que consideremos o *eu* humano como estendendo à mesa a ação de sua espontaneidade, dela se servindo como de um apêndice ao seu sistema nervoso, para manifestar movimentos voluntários.

“O que o mais das vezes causa ilusão nestas espécies de correspondências telegráficas é que o *eu* de cada um dos assistentes não pode mais se reconhecer na resultante da coletividade. A representação subjetiva que se faz no espírito do médium, pelo concurso desta espécie de fotografia, pode não se parecer a nenhum dos assistentes, embora, sem dúvida, a maioria tenha fornecido algum traço. Entretanto é raro, se se observar com cuidado, que não se encontre mais particularmente a imagem de um dos operadores, que foi o instrumento passivo da força coletiva. Não é um Espírito ultramundano que fala na sala, mas o espírito do médium, talvez duplicado pelo espírito de tal assistente, que o domina, muitas vezes à revelia de um e de outro, e exaltado por forças que lhe chegam, como de diversas correntes eletromagnéticas, do concurso dado pelos assistentes.”²⁹

²⁹ Para resposta a várias proposições contidas neste artigo, vide *O Livro dos Médiuns*, cap. IV, “Dos sistemas”. – Introdução de *O Livro dos Espíritos*. – *O que é o Espiritismo*, cap. I, “Pequena conferência”.

“Vimos muitas vezes a personalidade do médium trair-se por erros de ortografia, por erros históricos ou geográficos, que cometia habitualmente e que não podiam ser atribuídos a um *Espírito* verdadeiramente distinto de sua própria pessoa.

“Uma coisa das mais comuns nos fenômenos desta natureza é a revelação de segredos que o interrogador não julgava conhecido por ninguém; mas esquece que esses segredos são conhecidos por aquele que interroga, e que o médium pode ler em seu pensamento. Para isto é necessário uma certa relação mental; mas essa derivação se estabelece por uma derivação da corrente nervosa que envolve cada indivíduo, mais ou menos como se poderia desviar a centelha elétrica, interceptando a linha telegráfica e a substituindo por um novo fio condutor. Uma tal faculdade é muito menos rara do que se pensa. A comunicação do pensamento é um fato admitido por todas as pessoas que se ocuparam de magnetismo, e é fácil a cada um se convencer da freqüência e da realidade do fenômeno.

“Somos obrigados a resvalar sobre essas explicações muito imperfeitas. Elas não bastam, bem o sabemos, para infirmar a crença nos Espíritos, naqueles que julgam ter provas sensíveis de sua intervenção.

“Não lhes podemos opor provas da mesma natureza. A crença em individualidades espirituais não só nada tem de irracional, mas a consideramos como muito natural. Como sabem, nossa convicção profunda é que o *eu* humano persiste em sua identidade após a morte, e que se encontra, depois de sua separação do organismo terrestre, com todas as suas aquisições anteriores. Que a pessoa humana esteja, então, revestida de um organismo de natureza etérea, é o que não nos parece perfeitamente provado. Assim, o *perispírito* desses senhores não nos repugna. Que é, então, que nos separa? Nada de fundamental. Nada, a não ser a insuficiência de suas provas. Nós não achamos que as relações

espíritas entre os mortos e os vivos sejam constatadas pelos movimentos das mesas, pelas correspondências, pelos ditados. Acreditamos que os fenômenos físicos se explicam fisicamente, e que os fenômenos psíquicos são *causados* por forças inerentes à alma dos operadores. Falamos do que vimos e estudamos com muito cuidado. Entre as inspirações dos médiuns, nada conhecemos até aqui que não pudesse ter sido produzido por um cérebro vivo, sem o concurso de nenhuma força celeste, e a maior parte de suas produções está abaixo do nível intelectual do meio em que vivemos.

“Num próximo artigo, examinaremos as doutrinas filosóficas e religiosas do *Espiritismo*, notadamente aquelas cuja síntese o Sr. Allan Kardec apresentou em seu último volume, intitulado, *A Gênese segundo o Espiritismo*.”

Sem dúvida haveria muita coisa a responder sobre este artigo. Contudo, não o refutaremos, porque seria repetir o que muitas vezes temos escrito sobre o mesmo assunto. Estamos contentes por reconhecer, com o autor, que a distância que ainda o separa de nós é pouca coisa: não é senão o fato material das relações diretas entre o mundo visível e o mundo invisível. Entretanto, essa pouca coisa é muito boa por suas conseqüências.

Aliás, é de notar que se ele não admite essas relações, também não as nega de maneira absoluta; nem mesmo repugna-lhe à razão conceber a sua possibilidade; com efeito, essa possibilidade decorre muito naturalmente do que ele admite. O que lhe falta, diz ele, são as provas do fato das comunicações. Pois bem! essas provas lhe chegarão, mais cedo ou mais tarde; ele as encontrará, quer na observação atenta das circunstâncias que acompanham certas comunicações mediúnicas, quer na inumerável variedade das manifestações espontâneas, que se produzem antes do Espiritismo, e ainda se produzem em pessoas que não o conhecem ou nele não acreditam, e nas quais, conseqüentemente, não se

poderia admitir a influência de uma idéia preconcebida. Seria preciso ignorar os primeiros elementos do Espiritismo para crer que o fato das manifestações só se produza entre os adeptos.

Esperando, e ainda mesmo que aí devesse deter-se a sua convicção, seria desejável que todos os materialistas o fossem a esse ponto. Devemos, pois, felicitar-nos por o contar entre os homens de valor, pelo menos simpáticos à idéia geral, e por ver um jornal recomendável por seu caráter sério e sua independência, combater conosco a incredulidade absoluta em matéria de espiritualidade, tão bem quanto os abusos que fizeram do princípio espiritual. Marchamos para o mesmo fim por estradas diferentes, mas convergindo para um ponto comum e se aproximando cada vez mais pelas idéias; algumas dissidências sobre questões de detalhe não nos devem impedir de nos estendermos a mão.

Nesses tempos de efervescência e de aspiração para um melhor estado de coisas, cada um traz sua pedra para a edificação do mundo novo; cada um trabalha de seu lado, com os meios que lhe são próprios; o Espiritismo traz seu contingente, que ainda não está completo; mas como não é exclusivo, não rejeita nenhum concurso; aceita o bem, que pode servir à grande causa da Humanidade, venha de onde viver, ainda mesmo que dos seus adversários.

Como dissemos no começo, não empreenderemos a refutação da teoria exposta no *Solidarité* sobre a fonte das manifestações inteligentes; sobre isto diremos apenas algumas palavras.

Como se vê, essa teoria não é outra senão um dos primeiros sistemas surgidos na origem do Espiritismo, quando a experiência ainda não havia elucidado a questão. Ora, é notório que tal opinião está hoje reduzida a algumas raras individualidades. Se verdadeira, por que não teria prevalecido? Como é que milhões de

espíritas, que há quinze anos experimentam no mundo inteiro e em todas as línguas, que se recrutam, em sua maioria, na classe esclarecida, que contam em suas fileiras homens de saber e de incontestável valor intelectual, tais como médicos, engenheiros, magistrados, etc., tenham constatado a realidade das manifestações, se ela não existisse? Pode-se admitir razoavelmente que todos se tenham iludido? Que não se tenham encontrado entre eles homens dotados de bastante bom-senso e perspicácia para reconhecer a verdadeira causa? Como dissemos, essa teoria não é nova e não passou inapercebida entre os espíritas; ao contrário, tem sido seriamente meditada e explorada por eles, e é precisamente porque a viram desmentida pelos fatos, impotente para os explicar todos, que foi abandonada.

É grave erro crer que os espíritas tenham vindo com a idéia preconcebida da intervenção dos Espíritos nas manifestações; se foi assim com alguns, a verdade é que o maior número não chegou à crença senão depois de ter passado pela dúvida ou pela incredulidade.

É igualmente um erro crer que, sem o *a priori* da crença nos Espíritos, jamais se tivessem decidido a fazer girar as mesas. O fenômeno das mesas girantes e falantes era conhecido no tempo de Tertuliano e, na China, desde tempos imemoriais. Na Tartária e na Sibéria conheciam as *mesas volantes*.³⁰ Em certas províncias da Espanha servem-se de peneiras, suspensas pelas pontas de tesouras. Os que interrogam julgam que são os Espíritos que respondem? Absolutamente; perguntai-lhes o que é e eles nada sabem: é a mesa, é a peneira, dotada de uma força desconhecida; interrogam esses movimentos como os da varinha de condão, sem ir além do fato material.

Os fenômenos espíritas modernos não começaram pelas mesas, mas por pancadas *espontâneas*, dadas nas paredes e nos

móveis; esses ruídos causaram espanto, surpreenderam; seu modo de percussão tinha algo de insólito, um caráter intencional, uma persistência que parecia chamar a atenção para um determinado ponto, como quando alguém bate para advertir. Os primeiros movimentos de mesas ou outros objetos foram igualmente espontâneos, como ainda hoje o são em certos indivíduos que não têm qualquer conhecimento do Espiritismo. Dá-se aqui como na maior parte dos fenômenos naturais, que se produzem diariamente e, todavia, passam despercebidos, ou cuja causa fica ignorada, até o momento em que observadores sérios e mais esclarecidos lhes prestam atenção, estudam-nos e os exploram.

Assim, de duas teorias contrárias, nascidas na mesma época, uma cresce com o tempo, por força da experiência, e se generaliza, ao passo que a outra se extingue. Em favor de qual há presunção de verdade e de sobrevivência? Não damos isto como prova, mas como um fato que merece ser levado em consideração.

O Sr. Fauvety apóia-se em que nada encontrou nas comunicações mediúnicas que ultrapasse o alcance do cérebro. Eis ainda aí uma velha objeção cem vezes refutada pela própria Doutrina Espírita. Alguma vez o Espiritismo teria dito que os Espíritos fossem seres fora da Humanidade? Ao contrário, ele vem *destruir o preconceito* que deles faz seres excepcionais, anjos ou demônios, intermediários entre o homem e a Divindade, espécies de semideuses.

Repousa sobre o princípio de que os Espíritos não são outros senão homens despojados de seu invólucro material; que o mundo visível transborda incessantemente, pela morte, no mundo invisível, e este no mundo carnal, pelos nascimentos.

Desde que os Espíritos pertencem à Humanidade, por que haveriam de querer que tivessem uma linguagem sobre-humana? Sabemos que alguns dentre eles não sabem mais, e por

vezes muito menos que certos homens, pois que se instruem com esses últimos; os que eram incapazes de fazer obras-primas quando vivos, não as farão como Espíritos; o Espírito de um hotentote não falará como um acadêmico, e o Espírito de um acadêmico, que não passa de um ser humano, não falará como um deus.

Não é, pois, na excentricidade de suas idéias e de seus pensamentos, na superioridade excepcional de seu estilo que se deve buscar a prova da origem espiritual das comunicações, mas nas circunstâncias que atestam que, numa multidão de casos, o pensamento não pode vir de um encarnado, mesmo que fosse da última trivialidade.

Desses fatos ressalta a prova da existência do mundo invisível, no meio do qual vivemos, e por isto os Espíritos do mais baixo estágio o provam tão bem quanto os mais elevados. Ora, a existência do mundo invisível em meio de nós, parte integrante da Humanidade terrestre, desaguadouro das almas desencarnadas e fonte das almas encarnadas, é um fato capital, imenso; é toda uma revolução nas crenças; é a chave do passado e do futuro do homem, que em vão buscaram todos os filósofos, como os sábios buscaram em vão a chave dos mistérios astronômicos antes de conhecer a lei da gravitação. Que se acompanhe a fieira das conseqüências forçadas desse único fato: a existência do mundo invisível em torno de nós, e se chegará a uma transformação completa, inevitável, nas idéias, à destruição dos preconceitos e dos abusos delas decorrentes e, por conseqüência, a uma modificação das relações sociais.

Eis aonde leva o Espiritismo. Sua doutrina é o desenvolvimento, a dedução das conseqüências do fato principal, cuja existência acaba de revelar. Essas conseqüências são inumeráveis, porque, pouco a pouco, tocam em todos os ramos da ordem social, tanto no físico quanto no moral. É o que compreendem todos os que se deram ao trabalho de o estudar

seriamente, e que compreenderão ainda melhor mais tarde, mas não os que, só lhe tendo visto a superfície, imaginam que ele esteja todo inteiro numa mesa que gira ou nas perguntas pueris sobre a identidade dos Espíritos.

Para maiores desenvolvimentos sobre certas questões tratadas neste artigo, remetemos ao primeiro capítulo de *A Gênese*: “Caráter da revelação espírita”.³¹

O Partido Espírita

Um dos nossos correspondentes de Sens nos transmitiu as observações seguintes, sobre a qualificação de *partido*, dada ao Espiritismo, a propósito de nosso artigo do mês de julho sobre o mesmo assunto.

“Num artigo do último número da Revista, intitulado: *O partido espírita*, dizeis que, uma vez que assim nomeiam o Espiritismo, ele o aceita. Mas deve aceitá-lo?

Isto talvez mereça um exame sério.

“Todas as religiões, assim como o Espiritismo, não ensinam que todos os homens são irmãos, que são todos filhos de um pai comum, que é Deus? Ora, deveria haver partidos entre os filhos de Deus? Não é uma ofensa ao Criador? porque é próprio dos partidos armar os homens uns contra os outros; e pode a imaginação conceber maior crime que armar os filhos de Deus uns contra os outros?

“Tais são, senhor, as reflexões que julguei dever submeter à vossa apreciação. Talvez fosse oportuno submetê-las, também, à dos benevolentes Espíritos que guiam os trabalhos do

31 Publicado em brochura separada. Preço: 15 c.; pelo correio: 20 c.

Espiritismo, a fim de conhecer a sua opinião. Essa questão talvez seja mais grave do que parece à primeira vista. De minha parte, repugnar-me-ia pertencer a um partido. Creio que o Espiritismo deve considerar os partidos como uma ofensa a Deus.”

Estamos perfeitamente de acordo com o nosso honrado correspondente, cuja intenção só podemos louvar. Contudo, cremos que seus escrúpulos são um pouco exagerados no caso de que se trata, sem dúvida por não ter examinado suficientemente a questão.

A palavra *partido* implica, por sua etimologia, a idéia de divisão, de cisão e, por conseguinte, a de luta, de agressão, de violência, de intolerância, de ódio, de animosidade, de vingança, coisas todas contrárias ao espírito do Espiritismo. Não tendo o Espiritismo nenhum desses caracteres, pois que os repudia, por suas tendências mesmas, não é um partido na acepção vulgar da palavra, e nosso correspondente tem muitíssima razão para repelir a qualificação deste ponto de vista.

Mas ao nome de *partido* se liga também a idéia de uma força, física ou moral, bastante forte para pesar na balança, bastante preponderante para que se possa contar com ela; aplicando-o ao Espiritismo, pouco ou nada conhecido, é dar-lhe um ato de notória existência, uma posição entre as opiniões, constatar a sua importância e, como conseqüência, provocar o seu exame, o que ele não cessa de pedir. Sob esse aspecto, devia repudiar tanto menos essa qualificação, embora fazendo reservas sobre o sentido a ligar a isto, quanto, partida do alto, ela dava um desmentido oficial aos que pretendem que o Espiritismo seja um mito sem consistência, que se gabavam de o haver enterrado vinte vezes. Foi possível julgar do alcance desta palavra pelo ardor desajeitado com o qual certos órgãos da imprensa dela se apoderaram para transformá-la num espantalho.

É por esta consideração, e neste sentido, que dissemos que o Espiritismo aceita o título de partido, já que lho dão, porque era engrandecê-lo aos olhos do público; mas não tivemos em vista fazê-lo perder sua qualidade essencial, a de doutrina filosófica moralizadora, que faz sua glória e a sua força. Longe de nós, pois, o pensamento de transformar em *partidários* os adeptos de uma doutrina de paz, de tolerância, de caridade e de fraternidade. A palavra *partido*, aliás, nem sempre implica a idéia de luta, de sentimentos hostis; não se diz: o partido da paz? o partido das pessoas honestas? O Espiritismo já provou, e provará sempre, que pertence a esta categoria.

Quanto ao mais, faça o que fizer, o Espiritismo não pode deixar de ser um partido. Com efeito, que é um partido, abstração feita da idéia de luta? é uma opinião que não é partilhada senão por *uma parte* da população. Mas essa qualificação só é dada às opiniões que contam um número de aderentes bastante considerável para chamar a atenção e representar um papel. Ora, não sendo ainda de todos, a opinião espírita é, necessariamente, um partido em relação às opiniões contrárias, que o combatem, até que os tenha unido a todos. Em virtude de seus princípios, ele não é agressivo; não se impõe; não subjuga; não pede para si senão a liberdade de pensar à sua maneira, seja; mas, desde que é atacado, tratado como pária, deve defender-se e reivindicar para si o que é de direito comum; ele o deve, é seu dever, sob pena de ser acusado de renegar sua causa, que é a de todos os seus irmãos em crença, que não poderia abandonar sem cobardia. Entra, pois, forçosamente na luta, por maior repugnância que experimente; não é inimigo de ninguém, é verdade, mas tem inimigos que procuram esmagá-lo; é por sua firmeza, por sua perseverança e por sua coragem que se lhes imporá; suas armas são completamente diversas das dos adversários, também é verdade; mas não deixa de ser para eles, e apesar deles, um partido, pois não lhe teriam dado este título se não o tivessem julgado bastante forte para os contrabalançar.

Tais são os motivos pelos quais julgamos que o Espiritismo podia aceitar a qualificação de partido, que lhe era dado por seus antagonistas, sem que o tenha tomado por si mesmo, porque era aceitar o repto que lhe era lançado. Pensamos que o podia, sem repudiar os seus princípios.

Perseguições

Pelo fim de 1864 foi pregada uma perseguição contra o Espiritismo em várias cidades do Sul, e seguida de alguns efeitos. Eis um extrato de um desses sermões, que nos foi enviado na ocasião, com todas as indicações necessárias para lhe constatar a autenticidade. Apreciarão nossa reserva em não citar os lugares, nem as pessoas:

“Fugi, cristãos, fugi desses homens perdidos e dessas mulheres más, que se entregam a práticas que a Igreja condena! Não tenhais nenhuma relação com esses loucos e essas loucas; abandonai-os a um insulamento absoluto. Fugi deles como de criaturas perigosas. Não os suporteis ao vosso lado e expulsai-os do lugar santo, cujo acesso é interdito em razão de sua indignidade.

“Vede esses homens *perdidos* e essas mulheres *más*, que se ocultam na sombra, e que se reúnem em segredo para propagarem suas ignóbeis doutrinas, segui-os comigo em seus *covis*; não se diriam conspiradores de baixa condição, deleitando-se nas trevas para aí formarem seus infames complôs? Conspiram claramente, com efeito, ajudados por Satã, contra a nossa santa mãe Igreja, que Jesus estabeleceu para reinar na Terra. Que fazem ainda esses homens ímpios e essas mulheres sem vergonha? *Blasfemam Deus*; negam as sublimes verdades que, durante séculos, inspiraram o mais profundo respeito aos seus antepassados; adornam-se com uma falsa caridade, que só conhecem de nome, e dela se servem como manto para ocultar sua *ambição!* *Introduzem-se, como lobos*

rapaces, em vossas residências para seduzir vossas filhas e vossas mulheres e vos perder a todos para sempre; mas vós os expulsareis de vossa presença como seres malfeitores!

“Compreendestes, cristãos, quais são os que assinalo à vossa reprovação? São os *espíritas!* E por que não os indicaria eu? É tempo de os repelir e de amaldiçoar as suas doutrinas infernais!”

Os sermões deste gênero estavam na ordem do dia naquela época. Se exumamos este documento dos nossos arquivos, após quatro anos, é para responder à qualificação de *partido perigoso*, dada nestes últimos tempos aos espíritas por certos órgãos da imprensa. Na circunstância precitada, de que lado estava a agressão, a provocação, numa palavra, o espírito de partido? Podia-se levar mais longe a excitação ao ódio dos cidadãos uns contra os outros, à divisão das famílias? Tais pregações não lembram as da época desastrosa em que essas mesmas regiões eram ensangüentadas pelas guerras de religião, em que o pai estava armado contra o filho e o filho contra o pai? Não os julgamos do ponto de vista da caridade evangélica, mas do da prudência. É de boa política excitar assim as paixões fanáticas numa região onde o passado ainda está tão vivaz? onde a autoridade muitas vezes tem dificuldade em prevenir os conflitos? É prudente aí exhibir novamente os pomos da discórdia? Então queriam renovar aí a cruzada contra os albigenses e a guerra das Cevenas? Se semelhantes sermões tivessem sido pregados contra os protestantes, represálias sangrentas teriam sido inevitáveis. Hoje se agarram ao Espiritismo porque, não tendo ainda existência legal, julgam que tudo é permitido a seu respeito.

Pois bem! qual tem sido, em todos os tempos, a atitude dos espíritas, diante dos ataques de que foi objeto? A de calma e de moderação. Não se deveria bendizer uma doutrina cuja força é bastante grande para pôr um freio às paixões turbulentas e vingativas? Notai, no entanto, que em parte alguma os espíritas formam um corpo constituído; que não estão arrematados em

congregações obedientes a uma palavra de ordem; que entre eles não há qualquer filiação patente ou secreta; eles sofrem, muito simplesmente e individualmente, a influência de uma idéia filosófica, e esta idéia, livremente aceita pela razão, e não imposta, é suficiente para modificar suas tendências, porque têm consciência de estar certos. Vêem esta idéia crescer sem cessar, infiltrar-se em toda parte, cada dia ganhar terreno; têm fé no seu futuro, porque ela é segundo os princípios da eterna justiça, responde às necessidades sociais e se identifica com o progresso, cuja marcha é irresistível. Eis por que são calmos diante dos ataques de que ela é objeto; acreditariam dar uma prova de desconfiança em sua força, se a sustentassem pela violência e por meios materiais. Riem-se desses ataques, pois não têm como resultado senão propagá-la mais rapidamente, atestando a sua importância.

Mas os ataques não se limitam à idéia. Embora a cruzada contra os espíritas já não seja pregada abertamente, como o era há alguns anos, seus adversários não se tornaram mais benevolentes, nem mais tolerantes; a perseguição não é menos exercida, na ocasião, astutamente contra os indivíduos que ela atinge, não só na sua liberdade de consciência, que é um direito sagrado, mas mesmo em seus interesses materiais. Em falta de razão, os adversários do Espiritismo ainda esperam derrubá-lo pela calúnia e pela repressão. Sem dúvida se equivocam, mas, enquanto esperam, fazem algumas vítimas. Ora, não é preciso dissimular que a luta não terminou; os adeptos devem, pois, armar-se de coragem para marchar com firmeza na via que lhes é traçada.

É não só em vista do presente, mas, sobretudo, na previsão do futuro, que julgamos por bem reproduzir a instrução que se segue, sobre a qual chamamos seriamente a atenção dos adeptos. Além disso, ela é um desmentido dado aos que buscam representar o Espiritismo como um partido perigoso para a ordem social. Praza a Deus que todos os partidos não obedçam senão a semelhantes inspirações: a paz não tardaria a reinar na Terra.

(Paris, 10 de dezembro de 1864 – Médiun: Sr. Delanne)

Meus filhos: Estas perseguições, como tantas outras, cairão e não podem ser prejudiciais à causa do Espiritismo. Os Espíritos bons velam pela execução das ordens do Senhor; nada tendes a temer. Contudo, é uma advertência para vos manterdes em guarda e agir com prudência. É uma tempestade que rebenta, porque deveis esperar e ver rebentar muitas outras, conforme vos temos anunciado, pois não deveis pensar que os vossos inimigos se dêem facilmente por vencidos. Não; eles lutarão passo a passo, até se convencerem de sua impotência. Deixai, pois, que lancem o seu veneno, sem vos inquietardes com o que possam dizer, porque bem sabeis que nada podem contra a Doutrina que, a despeito de tudo, deve triunfar. Eles bem o sentem, e é isto que os exaspera e redobra o seu furor.

É preciso esperar que na luta eles façam algumas vítimas, mas aí estará a prova pela qual o Senhor reconhecerá a coragem e a perseverança de seus verdadeiros servidores. Que mérito teríeis em triunfar sem esforço? Como valentes soldados, os feridos serão os mais recompensados. E que glória para os que saírem da refrega mutilados e cobertos de honrosas cicatrizes! Se um povo inimigo viesse invadir o vosso país, não sacrificaríeis os vossos bens, a vossa vida por sua independência? Por que, então, vos lamentaríeis de alguns arranhões que recebeis numa luta cujo desfecho inevitável conheceis, e na qual estais certo da vitória? Agradecei, pois, a Deus por vos haver colocado na linha de frente, para que sejais dos primeiros a recolher as palmas gloriosas, que serão o prêmio de vosso devotamento à santa causa. Agradecei aos vossos perseguidores, que vos permitem mostrar a vossa coragem e adquirir mais mérito. Não vades ao encontro da perseguição, não a busqueis; mas se ela vier, aceitai-a como uma das provas da vida, porque é uma delas, e das mais proveitosas ao vosso avanço, conforme a maneira pela qual a suportardes. Dá-se nesta prova como em todas as outras: por vossa conduta podeis fazer que ela seja fecunda, ou sem frutos para vós.

Vergonha aos que tiverem recuado e preferido o repouso da Terra ao que lhe estava preparado, porque o Senhor fará a conta de seus sacrifícios. Ele lhes dirá: “Que pedis, vós que nada perdestes, nada sacrificastes? que não renunciastes nem a uma noite do vosso sono, nem a um pouco de vossa mesa, nem deixastes um pedaço de vossas roupas no campo de batalha? Que fizestes durante esse tempo, enquanto os vossos irmãos iam ao encontro do perigo? Mantiveste-vos afastados, para deixar passar a tempestade e vos mostrar depois do perigo, ao passo que os vossos irmãos enfrentavam todas as dificuldades.”

Pensai nos mártires cristãos! Eles não tinham, como vós, comunicações incessantes do mundo invisível para reanimar a sua fé e, contudo, não recuavam ante o sacrifício, nem de sua vida, nem de seus bens. Aliás, o tempo dessas provas cruéis já passou; os sacrifícios sangrentos, as torturas, as fogueiras não se repetirão mais; vossas provas são mais morais do que materiais; serão, por conseguinte, menos penosas, mas não serão menos meritórias, porque tudo está proporcionado ao tempo. Hoje é o espírito que domina; eis por que o espírito sofre mais que o corpo. A predominância das provas espirituais sobre as provas materiais é um indício do adiantamento do espírito. Aliás, sabeis que muitos dos que sofreram pelo Cristianismo vêm concorrer para o coroamento da obra, e são os que sustentam a luta com mais coragem; assim, vêm juntar mais uma palma às que já haviam conquistado.

O que vos digo, meus amigos, não é para vos decidir a entrar estouvadamente na peleja e com a cabeça baixa. Não; ao contrário, vos digo: Agi com prudência e circunspeção, no interesse mesmo da Doutrina, que teria de suportar um zelo irrefletido; mas se um sacrifício for necessário, fazei-o sem murmurar e pensai que uma perda temporal nada é ao lado da compensação que por isso receberéis.

Não vos inquieteis com o futuro da Doutrina. Entre os que a combatem hoje, mais de um será o seu defensor amanhã. Os adversários se agitam; em dado momento quererão reunir-se para desferir um grande golpe e derrubar o edifício começado, mas seus esforços serão vãos e far-se-á a divisão em suas fileiras. Aproximam-se os tempos em que os acontecimentos favorecerão a eclosão do que semeais. Considerai a obra na qual trabalhais, sem vos preocupardes com o que possam dizer ou fazer. Vossos inimigos fazem tudo o que podem para vos levar além dos limites da moderação, a fim de poder dar um pretexto às suas agressões; seus insultos não têm outro objetivo, mas a vossa indiferença e vossa longanimidade os confundem. À violência, continuai, pois, a opor a doçura e a caridade; fazei o bem aos que vos querem mal, a fim de que possam distinguir, mais tarde, o verdadeiro do falso. Tendes uma arma poderosa: a do raciocínio. Servi-vos dela, mas não a mancheis jamais pela injúria, o supremo argumento dos que não têm boas razões para dar; esforçai-vos, enfim, pela dignidade de vossa conduta, para fazer respeitar em vós o título de espírita.

São Luís

Espiritismo Retrospectivo

A MEDIUNIDADE NO COPO D'ÁGUA EM 1706

(Em casa do duque de Orléans)

Pode-se compreender, sob o título geral de *Espiritismo retrospectivo*, os pensamentos, as doutrinas, as crenças e todos os fatos espíritas anteriores ao *Espiritismo moderno*, isto é, até 1850, época na qual começaram as observações e os estudos sobre essas espécies de fenômenos. Não foi senão em 1857 que tais observações foram coordenados em corpo de doutrina metódica e filosófica. Esta divisão nos parece útil à história do Espiritismo.

*O fato seguinte é relatado nas Memórias do duque de Saint-Simon:*³²

“Lembro-me também de uma coisa que ele (o duque de Orléans) me contou no salão de Marly, quando de sua saída para a Itália, cuja singularidade, verificada pelo acontecimento, leva-me a não a omitir. Ele era curioso por todas as sortes de artes e de ciências e, com muitíssimo espírito, tivera em toda a sua vida a fraqueza tão comum na corte dos filhos de Henrique II, que Catarina de Médicis tinha, entre outros males, trazido da Itália. Tanto quanto era possível, ele tinha procurado ver o diabo, sem o ter conseguido, conforme me disse muitas vezes, e ver coisas extraordinárias e saber o futuro. La Sery tinha em casa uma filha de oito ou nove anos, aí nascida e que daí nunca havia saído, e que tinha a ignorância e a simplicidade dessa idade e dessa educação. Entre outros velhacos de curiosidades ocultas, dos quais o Sr. duque de Orléans tinha visto muitos em sua vida, apresentaram-lhe um que pretendia fazer ver, num copo cheio d’água, tudo quanto se quisesse saber. Ele pediu a alguém jovem e inocente para aí olhar, e essa pequena foi julgada adequada. Então se divertiram em querer saber o que se passava naquele momento em dois lugares afastados, e a menina via e descrevia o que estava vendo. Aquele homem pronunciava baixinho alguma coisa sobre o copo d’água e logo aí olhavam com sucesso.

“Os embustes de que tantas vezes tinha sido vítima o duque de Orléans, levaram-no a uma prova que pudesse tranqüilizá-lo. Ordenou baixinho, ao ouvido de um de seus servos, que fosse imediatamente à casa da Sra. Nancré, ali examinasse quem estava, o que fazia, a posição e o mobiliário do quarto, bem como a situação de tudo que ali se passava e, sem perder um instante, nem falar a ninguém, vir dizer-lhe ao ouvido. Num abrir e fechar de olhos a missão foi executada, sem que ninguém se apercebesse do que era, permanecendo a menina sempre no quarto.

32 Ver o número de junho de 1868.

Desde que o Sr. duque de Orléans foi informado, pediu à menina que visse quem estava em casa da Sra. de Nancré e o que ali se passava. Logo ela lhe contou palavra por palavra tudo o que tinha visto o enviado do Sr. duque de Orléans. A descrição do rosto, das figuras, das roupas, das pessoas que ali estavam, sua situação no quarto, as pessoas que jogavam em duas mesas diferentes, as que olhavam ou conversavam, sentadas ou de pé, a disposição dos móveis, numa palavra, tudo. Num instante o Sr. duque de Orléans lá mandou Nancré, que relatou ter encontrado tudo como a menina havia dito e como o laçao que lá tinha estado havia contado ao ouvido do Sr. duque de Orléans.

“Ele quase não me falava dessas coisas, porque eu tomava a liberdade de o envergonhar. Tomei a de o *injuriar* neste caso e de lhe dizer que julgava poder desviá-lo de ter fé e se divertir com esses sortilégios, sobretudo numa ocasião em que ele devia ter o espírito ocupado com tantas coisas importantes. ‘Isto não é tudo, disse-me ele, e não vos contei isto senão para chegar ao resto.’ E, imediatamente, contou-me que, encorajado pela exatidão do que vira a menina no quarto da senhora de Nancré, ele quisera ver algo de mais importante, e o que se passaria à morte do rei, mas sem pesquisar a data, que não se podia ver no copo. Então perguntou de chofre à menina, que jamais ouvira falar de Versalhes, nem visto ninguém da corte, senão ele. Ela olhou e lhe explicou demoradamente tudo o que via. Fez com exatidão a descrição do quarto do rei em Versalhes e o mobiliário que, de fato, ali se achava por ocasião de sua morte. Ela o descreveu perfeitamente em seu leito, e que se achava no quarto, perto da cama, um menino comportado, seguro pela senhora de Ventadour, com o que gritou, porque a tinha visto na casa da senhorita de Sery. Ela lhes deu a conhecer madame de Maintenon, o rosto singular de Fayon, a Sra. duquesa de Orléans, a Sra. duquesa e a Sra. princesa de Conti; gritou ao Sr. duque de Orléans; numa palavra, deu-lhe a conhecer o que ali via de príncipes, de senhores, de domésticos, de laçaios. Quando acabou

de dizer tudo, surpreso por que ela não lhe tinha referido ‘Monseigneur’, monsenhor o duque de Bourgogne, monsenhor o duque de Berry, perguntou-lhe se não via tais e tais figuras. Ela respondeu constantemente que não e repetiu as que via. Era o que o Sr. duque de Orléans não podia compreender e de que se admirou muito comigo, em vão procurando a razão.

“O acontecimento o explicou. Estava-se, então, em 1706. Os quatro estavam então cheios de vida e de saúde, e os quatro tinham morrido antes do rei. Foi a mesma coisa com o Sr. príncipe, com o Sr. duque e o Sr. príncipe de Conti, que ela não viu, enquanto viu os filhos dos dois últimos, o Sr. du Maine, os seus, e o Sr. conde de Toulouse. Mas até o acontecimento isto ficou na obscuridade. Terminada esta curiosidade, o Sr. duque de Orléans quis saber o que aconteceria consigo. Então não foi mais o copo d’água. O homem que lá estava ofereceu-lhe para lhe mostrar, como se pintado na parede da sala, desde que ela não tivesse medo de ver; e ao cabo de um quarto de hora de algumas afetações diante de todos, a figura do Sr. duque de Orléans, vestido como estava então e em tamanho natural, apareceu de repente na parede, como em pintura, com uma coroa na cabeça. Nem era da França, nem da Espanha, nem da Inglaterra, nem imperial; o Sr. duque de Orléans, que a considerou com os olhos arregalados, jamais pôde adivinhá-la e jamais tinha visto uma semelhante; tinha apenas quatro círculos e nada no topo. Essa coroa lhe cobria a cabeça.

“Da obscuridade precedente e desta, aproveitei a ocasião para lhe mostrar novamente a vaidade dessas espécies de curiosidades, as justas ilusões do diabo, que Deus permite para punir curiosidades, que proíbe, o nada e as trevas que daí resultam, em vez da luz e da satisfação que nelas se buscam. Seguramente ele estava bem longe de ser regente do reino e de o imaginar. Talvez fosse o que lhe anunciava essa coroa singular. Tudo isto se passara em Paris, em casa de sua amante, em presença de sua mais estreita intimidade, na véspera do dia em que mo contou, e eu o achei tão

extraordinário que aqui lhe dei lugar, não para o aprovar, mas para o registrar.”

A veracidade do duque de Saint-Simon é tanto menos suspeita quanto ele se opunha a essas espécies de idéias; não se pode, pois, duvidar que tenha registrado fielmente o relato do duque de Orléans. Quanto ao fato em si mesmo, não é provável que o duque o tivesse inventado ou exagerado. Os fenômenos que se produzem em nossos dias, aliás, provam a sua possibilidade; o que, então, passava por algo de maravilhoso, é agora um fato muito natural. Certamente não se o pode levar à conta da imaginação da menina que, desconhecida do indivíduo, não lhe podia servir de comparsa. As palavras pronunciadas sobre o copo d’água não tinham, provavelmente, outro objetivo senão dar ao fenômeno uma aparência misteriosa e cabalística, segundo as crenças da época; mas podiam muito bem exercer uma ação magnética inconsciente, e isto com tanto mais razão quanto aquele homem parecia dotado de uma vontade enérgica. Quanto ao fato do quadro que ele fez aparecer na parede, até o momento não se lhe pode dar nenhuma explicação.

Aliás, a magnetização prévia da água não parece ser indispensável. Um dos nossos correspondentes da Espanha nos citava, há alguns dias, o seguinte fato, que se passara sob os seus olhos há cerca de quinze anos, numa época e numa região onde o Espiritismo era desconhecido e quando ele mesmo levava a incredulidade até os últimos limites. Em sua família tinham ouvido falar da faculdade que têm certas pessoas de ver numa garrafa cheia d’água, e a isso não ligavam mais importância do que às credices populares. Não obstante, quiseram experimentar por curiosidade. Uma moça, após um instante de concentração, viu um parente dele, do qual fez o retrato exato; viu-o numa montanha, a algumas léguas dali, onde não podiam supor que estivesse, depois descer num barranco, subir de novo, fazer diversas idas e vindas. Quando o indivíduo regressou e lhe disseram de onde vinha e o que tinha

feito, ficou muito surpreso, pois não havia comunicado a ninguém a sua intenção. Ainda aqui a imaginação está completamente fora de causa, porque o pensamento de nenhum dos assistentes podia agir sobre o espírito da moça.

Sendo a influência da imaginação a grande objeção que opõem a esse gênero de fenômenos, como a todos os da mediunidade em geral, não se poderiam colher com muito cuidado os casos em que é demonstrado que essa influência não se pode dar. O fato seguinte é um exemplo não menos concludente.

Outro assinante nosso de Palermo, na Sicília, esteve ultimamente em Paris; em sua ausência, a filha, que jamais veio a Paris, recebeu o número da Revista, onde se trata do copo d'água; quis experimentar, e seu desejo era ver o pai. Não o viu, mas viu várias ruas que, pela descrição que fez ao lhe escrever, ele reconheceu facilmente como sendo as ruas da Paz, Castiglione e Rivoli. Ora, essas ruas eram precisamente aquelas por onde ele havia passado no mesmo dia em que a experiência foi feita. Assim, aquela jovem senhora não vê o pai, que conhece, que deseja ver, sobre o qual concentra o pensamento, ao passo que vê o caminho que ele percorreu, e que ela não conhecia. Que razão dar a essa bizarrice? Os Espíritos nos disseram que as coisas se haviam passado dessa maneira para dar uma prova irrecusável de que a imaginação nada tinha a ver com o caso.

Pelas reflexões que seguem, completaremos o que temos dito sobre o mesmo assunto no número de junho.

O copo, com ou sem água, assim como a garrafa, evidentemente representam, neste fenômeno, o papel de agentes *hipnóticos*; a concentração da vista e do pensamento em um ponto provoca um maior ou menor desprendimento da alma e, em consequência, o desenvolvimento da visão psíquica. (Vide a *Revista* de janeiro de 1860: *Detalhes sobre o hipnotismo*.)

Esse gênero de mediunidade pode levar a modos especiais de manifestações, a percepções novas; é um meio a mais de constatar a existência e a independência da alma e, por isto mesmo, um assunto de estudo muito interessante; mas, como dissemos, seria erro pensar que aí esteja um meio melhor que outro de saber tudo quanto se deseja, porque há coisas que nos devem ficar ocultas, ou que não podem ser reveladas senão na ocasião certa. Quando é chegado o momento de as conhecer, fica-se sabendo por uma das mil maneiras de que dispõem os Espíritos, quer se seja ou não espírita; mas o copo d'água não é mais eficaz que um outro. Pelo fato de os Espíritos se haverem dele servido para dar conselhos salutareos para a saúde, não se segue que seja um processo infalível para triunfar de todos os males, mesmo dos que não devem ser curados. Se uma cura for possível pelos Espíritos, estes últimos darão seus conselhos por um meio mediúnico qualquer e por qualquer médium apto para esse gênero de comunicação. A eficácia está na prescrição, e não na maneira por que é dada.

O copo d'água também não é uma garantia contra a intromissão dos Espíritos maus; a experiência já provou que os Espíritos mal-intencionados se servem desse meio como de outros para induzir em erro e abusar da credulidade. Em que seria possível opor-lhes um obstáculo mais poderoso? Temo-lo dito muitas vezes, e nunca o repetiremos em demasia: *Não há mediunidade ao abrigo dos Espíritos maus, e não existe nenhum processo material para os afastar.* O melhor, o único preservativo está em si próprio; é por sua própria depuração que se os afasta, como pela limpeza do corpo se preserva contra os insetos nocivos.

A REENCARNAÇÃO NO JAPÃO

São Francisco Xavier e o bonzo japonês

O relato seguinte é extraído da história de São Francisco Xavier, pelo padre Bouhours. É uma discussão teológica

entre um bonzo japonês, chamado Tucarondono, e São Francisco Xavier, então missionário no Japão.

“Não sei se me conheces ou, melhor dizendo, se me reconheces, disse Tucarondono a Francisco Xavier. – Não me lembro de vos ter visto alguma vez, respondeu-lhe este.

“Então o bonzo, rebentando de riso, e se voltando para outros bonzos, seus confrades, que trouxera consigo: Bem vejo, disse-lhes, que não teria dificuldade em vencer um homem que tratou comigo mais de cem vezes, e que dá mostras de jamais me ter visto. Em seguida, olhando Xavier com um sorriso de desprezo: Nada te resta das mercadorias que me vendestes no porto de Frénasoma?

“Em verdade, replicou Xavier com uma expressão sempre serena e modesta, em minha vida não fui negociante e jamais estive em Frénasoma. – Ah! que esquecimento e que tolice! replicou o bonzo, fazendo-se de admirado e continuando suas risadas: – Que! é possível que tenhas esquecido isto? – Avivai-me a lembrança, prosseguiu docemente o Pai, vós que tendes mais espírito e mais memória que eu. – Bem que o quero, disse o bonzo, todo orgulhoso do elogio que Xavier lhe havia feito. Há exatamente mil e quinhentos anos, tu e eu éramos mercadores, fazíamos o nosso comércio em Frénasoma, e te comprei cem peças de seda muito barato. Lembras-te agora?

“O santo avaliou até onde queria chegar o bonzo e lhe perguntou, honestamente, que idade tinha. – Tenho cinqüenta e dois anos, disse Tucarondono. – Como é possível, redargüiu Xavier, que fosses mercador há quinze séculos, se não estais no mundo senão há meio século, e que negociássemos naquele tempo, em Frénasoma, se vós e a maioria dos outros bonzos ensinais que o Japão não passava de um deserto há mil e quinhentos anos?

“Escuta-me, disse o bonzo: tu ouvirás os oráculos e concordarás que temos mais conhecimento das coisas passadas, do que vós outros o tendes das coisas presentes.

“Deves, pois, saber, que o mundo jamais teve começo, e que as almas, a bem dizer, não morrem. *A alma se desprende do corpo onde estava encerrada; busca outro, novo e vigoroso, onde renascemos, ora com o sexo mais nobre, ora com o sexo imperfeito,* conforme as diversas constelações do céu e os diferentes aspectos da Lua. Essas mudanças de nascimento fazem que também mudem as nossas sortes. Ora, é a recompensa dos que viveram santamente ter a lembrança fresca de todas as vidas que se levou nos séculos passados e de se representar em si mesmo todo inteiro, tal qual se foi desde a eternidade, sob a forma de príncipe, de mercador, de homem de letras, de guerreiro e sob outras figuras. Ao contrário, quem quer que, como tu, saiba tão pouco seus próprios negócios, ignore o que foi e o que fez durante uma infinidade de séculos, mostra que seus crimes o tornaram digno da morte tantas vezes, que perdeu a lembrança das vidas que mudou.”

Observação – Não se pode supor que Francisco Xavier tenha inventado esta história, que não lhe era favorável, nem suspeitar da boa-fé de seu historiador, o padre Bouhours. Por outro lado, não é menos certo que era uma armadilha estendida ao missionário pelo bonzo, pois sabemos que a lembrança das existências anteriores é um caso excepcional e que, em todo o caso, jamais comporta detalhes tão precisos. Mas o que ressalta do fato é que a doutrina da reencarnação existia no Japão naquela época, em condições idênticas, salvo a intervenção das constelações e da Lua, às que hoje são ensinadas pelos Espíritos. Uma outra similitude não menos notável, é a idéia de que a precisão da lembrança é um sinal de superioridade; com efeito, os Espíritos nos dizem que nos mundos superiores à Terra, onde o corpo é menos material e a alma encontra-se num estado normal de desprendimento, a lembrança do passado é uma faculdade comum a todos; aí a gente se lembra

das existências anteriores, como nos lembramos dos primeiros anos da nossa infância. É bem evidente que os japoneses não chegaram a este grau de desmaterialização, que não existe na Terra, mas o fato prova que dele têm a intuição.

Carta do Sr. Monico

AO JORNAL *MAHOUNA*, DE GUELMA, ARGÉLIA

O jornal *Mahouna* de 26 de junho de 1868 publicou a carta seguinte, que reproduzimos com prazer, dirigindo ao autor nossas mais sinceras felicitações.

“Senhor diretor,

“Acabo de ler um artigo no *Indépendant*, de Constantina, de 20 do corrente, apreciando o papel pouco delicado que teria representado um certo Sr. Home, segundo esse jornal (na Inglaterra), começando por estas linhas: ‘Os espíritas, sucessores dos feiticeiros da Idade Média, não se limitam mais a indicar aos *imbecis*, seus adeptos, tesouros ocultos: arranjam-se para os descobrir em seu proveito.’ Segue a apreciação, etc.

“Permiti-me, senhor redator, servir-me do vosso honrado jornal para protestar energicamente contra o autor dessas linhas tão pouco literárias e tão ofensivas para os adeptos dessas novas idéias, idéias certamente muito desconhecidas, já que são tão falsamente apreciadas.

“O Espiritismo sucede aos feiticeiros, como a astronomia sucedeu aos astrólogos. Quer dizer que esta ciência, hoje tão espalhada, que esclareceu o homem, dando-lhe a conhecer as imensidades siderais, que as religiões primitivas tinham conformado ao seu ideal e para servir aos seus interesses, esposou

todas as elucubrações fantásticas e grosseiras dos astrólogos de outrora? Por certo não o pensais.

“Do mesmo modo, o Espiritismo, tão caluniado pelos que não o conhecem, vem destruir os erros dos feiticeiros e revelar uma ciência nova à Humanidade. Vem explicar esses fenômenos até agora incompreendidos, que a ignorância popular atribuía *ao milagre*.

“Longe de esposar as superstições de uma outra época, que os feiticeiros, os mágicos, etc., toda uma multidão de párias rebeldes à civilização, empregando esses meios a fim de explorar a ignorância e especular com os vícios, ele vem, digo eu, destruí-los e, ao mesmo tempo, trazer ao serviço do homem uma força imensa, muito superior a todas as trazidas pelos filósofos antigos e modernos.

“Esta força é: *conhecimento do passado e do futuro* reservado ao homem, respondendo a estas perguntas: De onde venho? Para onde vou?

“Esta dúvida terrível, que pesava sobre a consciência humana, o Espiritismo vem explicar, não só teoricamente e por abstração, mas materialmente, isto é, *por provas acessíveis aos nossos sentidos*, e fora de todo aforismo e sentença teológica.

“As antigas opiniões, muitas vezes nascidas da ignorância e da fantasia, desaparecem pouco a pouco para dar lugar a convicções novas, fundadas na observação, e cuja realidade é das mais manifestas; o traço dos velhos preconceitos se apaga, e o homem mais refletido, estudando com mais atenção esses fenômenos reputados *sobrenaturais*, neles encontrou o *produto de uma vontade, manifestando-se fora dele*.

“Em razão dessa manifestação, o Universo aparece, para o espírita, como um mecanismo conduzido por um número infinito de inteligências, um imenso governo em que cada ser

inteligente tem a sua parte de ação sob o olhar de Deus, quer no estado de homem, quer no de alma ou Espírito. Para ele a morte não é um espantinho, que faz tremer, nem o nada; não é senão o ponto extremo de uma fase do ser e o começo de uma outra, isto é, muito simplesmente uma transformação.

“Paro aqui, pois não tenho a pretensão de dar um curso de Espiritismo e, ainda menos, a de convencer o meu adversário. Mas não posso deixar ofenderem uma doutrina que proclama como princípio *a liberdade de consciência e as máximas do mais depurado Cristianismo*, sem protestar com toda a minha alma.

“O Espiritismo tem por inimigos os que não o estudaram, nem na sua parte filosófica, nem na sua parte experimental; é por isso que o primeiro que aparece, sem se dar ao trabalho de esclarecer-se, arroga-se o direito, *a priori*, de o tratar de absurdo.

“Mas, infelizmente para o homem, sempre foi assim, cada vez que surgiu uma nova idéia. Aí está a História para o provar.

“Estando o Espiritismo de acordo com as ciências de nossa época (Vide *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*), seus mais autorizados representantes e todos os escritos saídos de seu seio declararam que ele estava pronto para aceitar *todas as idéias* baseadas nas verdades científicas e rejeitar todas as que fossem reconhecidas como *eivadas de erro*; numa palavra, ele quer marchar à frente do progresso humano.

“Os adeptos desta doutrina, em vez de se ocultarem na sombra e de se reunirem nas catacumbas, procedem de modo inteiramente diverso. É em plena luz e publicamente que emitem suas idéias e se exercitam na prática de seus princípios. Na França a opinião espírita está representada por cinco revistas ou jornais; na Inglaterra, na Alemanha, na Itália e na Rússia, por quinze folhas

hebdomadárias; nos Estados Unidos da América, esse país de liberdade e de progresso em todos os gêneros, por numerosos jornais ou revistas, e os adeptos do Espiritismo nesse país já se contam por milhões, adeptos que o autor do artigo do *Indépendant*, involuntariamente e sem reflexão, trata de *imbecis*.

“Nossa época, tão distanciada dos atos de intolerância religiosa, que se ri das disputas teológicas e dos raios do Vaticano, deveria inspirar melhor o respeito às opiniões contrárias.

“Aceitai, etc.”

Jules Monico

O mesmo jornal, de 17 de julho, contém outro artigo do Sr. Monico, que anuncia dever publicar uma série em resposta a alguns ataques dos antagonistas do Espiritismo. Aí vemos igualmente o anúncio, como estando no prelo, de uma brochura do mesmo autor, intitulada: *Liberdade de consciência*, e que deve aparecer na primeira quinzena do mês de agosto. Preço: 1 franco.

Bibliografia

O Espiritismo em Lyon, jornal bimensal, que aparece em Lyon desde 15 de fevereiro, prossegue com perseverança e sucesso o curso de sua publicação. Como dissemos há tempos e como ele mesmo o diz, não é um jornal de pretensões literárias; seu objetivo, mais modesto, é popularizar, pela modicidade do preço, as sãs idéias sobre a Doutrina. É feito fora de qualquer pensamento de especulação, porque o excedente dos gastos materiais é lançado na caixa de socorro. É, pois, uma obra de devotamento da parte dos que empreenderam essa pesada tarefa. Pelo bom espírito em que é concebida a sua redação e o louvável objetivo a que se propõe, não pode deixar de granjear as simpatias e o estímulo de todos os espíritas sinceros. Lemos com vivo prazer, no topo dos

últimos números, um aviso, pelo qual informa que o Sr. senador prefeito do Rhône autorizou sua venda na via pública. Fazemos votos por sua prosperidade, pois deve aproveitar à Doutrina e aos infelizes. A falta de espaço nos obriga a adiar para o próximo número as reflexões que nos sugeriram alguns de seus artigos, entre os quais notamos um (N^o de 15 de julho) sabiamente concebido, sobre o processo do Sr. Home.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XI

SETEMBRO DE 1868

Nº 9

Aumento e Diminuição do Volume da Terra

A PROPÓSITO DE *A GÊNESE*³³

Nosso correspondente de Sens, cuja observação sobre o *partido espírita* publicamos em nosso número precedente, em sua carta juntou uma outra, sobre o aumento do volume da Terra, e que a abundância de matérias nos obrigou a adiar.

“Peço-vos ainda, senhor, permissão para vos submeter uma reflexão que me veio, lendo vossa última obra sobre *A Gênese*. Na página 161 há isto: ‘Na época em que o globo terrestre era uma massa incandescente, não continha um átomo a mais nem a menos do que hoje.’ Entretanto, os Espíritos disseram que não há duas leis diferentes para a formação dos corpos principais e dos corpos secundários; e, depois, li em algum lugar que as plantas restituem à terra mais do que dela recebem. Não sei se isto está bem constatado e cientificamente demonstrado, mas, segundo este e outros dados, sem falar dos aerólitos, que hoje são um fato incontestado, não poderia acontecer que um dia se descobrisse que o

33 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 543.

nosso globo adquire ainda maior volume, o que contradiria essa asserção?”

É bem verdade que as plantas restituem ao solo mais do que dele tiram; mas o globo não se compõe apenas da parte sólida; a atmosfera dele faz parte integrante. Ora, está provado que as plantas se nutrem tanto, e mesmo mais, dos fluidos aeriformes tirados da atmosfera, quanto dos elementos sólidos absorvidos pelas raízes. Tendo em vista a quantidade de plantas que viveram na Terra desde a sua origem, sem falar dos animais, os fluidos atmosféricos de longa data estariam esgotados, se não se alimentassem numa fonte permanente. Esta fonte está na decomposição das matérias sólidas, orgânicas e inorgânicas, que liberam para a atmosfera o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono e outros gases que dela haviam subtraído. Há, pois, uma troca constante, uma transformação perpétua, que se realizam na superfície do globo. Dá-se aqui exatamente como a água, que se eleva em vapores e recai em chuva, e cuja quantidade é sempre a mesma. O crescimento dos vegetais e dos animais, operando-se com o auxílio dos elementos constitutivos do globo, seus restos, por mais consideráveis que sejam, não acrescentam um átomo à massa. Se a parte sólida do globo aumentasse por essa causa, de maneira permanente, seria à custa da atmosfera, que diminuiria outro tanto, e acabaria sendo imprópria à vida.

Na origem da Terra, as primeiras camadas geológicas se formaram de matérias sólidas, momentaneamente volatilizadas pelo efeito da alta temperatura, e que, mais tarde, condensadas pelo resfriamento, se precipitaram. Incontestavelmente elas elevaram um pouco a superfície do solo, que, sem isto, se teria detido na camada granítica, mas sem nada acrescentar à massa total, visto que não passava de um deslocamento da matéria. Quando a atmosfera, purgada dos elementos estranhos que mantinha em suspensão, encontrou-se em seu estado normal, as coisas seguiam o curso regular, que tiveram desde então. Hoje, a menor modificação na

constituição da atmosfera acarretaria forçosamente a destruição dos seres vivos atuais. Mas, então, provavelmente se formariam novas raças, em outras condições de vitalidade.

Considerada deste ponto de vista, a *massa* do globo, isto é, a soma das moléculas que compõem o conjunto de suas partes sólidas, líquidas e gasosas, é incontestavelmente a mesma desde a sua origem. Se experimentasse uma dilatação ou uma condensação, seu *volume* aumentaria ou diminuiria, sem que a *massa* sofresse qualquer alteração. Se, pois, a Terra aumentasse de massa pela adjução de novas moléculas, seria por efeito de uma causa estranha, já que não poderá tirar de si mesma os elementos necessários ao seu incremento.

Algumas pessoas pensam que a queda de aerólitos pode ser uma causa de aumento do volume da Terra; outras, sem se preocuparem com as vias e os meios, fundam-se no princípio de que, desde que os animais e as plantas nascem, crescem e morrem, os corpos planetários devem estar submetidos à mesma lei.

Antes de mais, a origem dos aerólitos ainda é problemática; durante muito tempo pensou-se mesmo que podiam formar-se nas regiões superiores da atmosfera terrestre, pela condensação das matérias gaseificadas provenientes da própria Terra; mas, supondo que tenham uma fonte estranha ao nosso globo, que provenham de restos de planetas detonados, ou que se formem espontaneamente pela condensação da matéria cósmica interplanetária, caso em que poderiam ser considerados como *abortos de planetas*, sua queda accidental não poderia levar a um acréscimo sensível e, ainda, menos, regular, do nosso globo.

Por outro lado, a assimilação que se pretende fazer entre as plantas e os planetas, carece de justeza, porque seria fazer destes últimos seres orgânicos, o que não é admissível.

Segundo outra opinião, o globo pode aumentar pelo afluxo da matéria cósmica interplanetária, que recolhe através de seu percurso no espaço, e que deposita incessantemente novas moléculas em sua superfície. Esta doutrina nada tem de irracional, porquanto, neste caso, o crescimento se daria por adjunção e superposição, como para todos os corpos orgânicos; mas, além de se poder perguntar onde pararia esse crescimento, ela é ainda muito hipotética para ser admitida como princípio. Não passa de um sistema combatido por sistemas contrários, porque, segundo outros, a Terra, em vez de adquirir, consome, por efeito de seu movimento, isto é, abandona no espaço uma parte de suas moléculas e, assim, em vez de aumentar, ela diminui. Entre estas duas teorias, a ciência positiva ainda não se pronunciou, e é provável que não o poderá tão cedo, por falta de meios materiais de observação. Nisto fica-se reduzido a formular raciocínios baseados nas leis conhecidas, o que pode dar probabilidades, mas ainda não dá certezas.

Eis, em resposta à questão proposta, a opinião motivada do eminente Espírito que ditou os sábios *estudos uranográficos*, referidos no capítulo VI de *A Gênese*.

(Sociedade de Paris, julho de 1868 – Médium: Sr. Desliens)

“Os mundos se esgotam envelhecendo e tendem a dissolver-se para servir de elementos de formação de outros universos. Restituem, pouco a pouco, ao fluido cósmico universal do espaço o que dele haviam tirado para se formar. Além disso, todos os corpos se desgastam pelo atrito; o movimento rápido e incessante do globo através do fluido cósmico tem por efeito diminuir constantemente a sua massa, embora numa quantidade inapreciável, num dado tempo.³⁴

34 Em seu movimento de translação em torno do Sol, a velocidade da Terra é de 400 léguas por minuto. Tendo a Terra 9.000 léguas de circunferência no equador, no movimento de rotação sobre o seu eixo, cada ponto do equador percorre, pois, 9.000 léguas em vinte e quatro horas, ou 6,3 léguas por minuto.

“Em minha opinião, a existência dos mundos pode dividir-se em três períodos:

Primeiro período – Condensação da matéria, durante a qual o volume do globo diminui consideravelmente, mas a massa continua a mesma. É o período da infância. – *Segundo período* – Contração, solidificação da crosta, eclosão dos germes, desenvolvimento da vida até o aparecimento do tipo mais perfectível: é a idade da virilidade; perde, mas muito pouco, seus elementos constitutivos. À medida que seus habitantes progredem *espiritualmente*, ele passa ao período de diminuição *material*; perde, não só por causa do atrito, mas também pela desagregação das moléculas, semelhante a uma pedra dura que, roída pelo tempo, acaba por se transformar em pó. Em seu duplo movimento de rotação e de translação, deixa no espaço parcelas fluidificadas de sua substância, até o momento em que a sua dissolução for completa.

“Mas, então, como a força atrativa está na razão da massa – eu não digo do volume – diminuindo a massa, suas condições de equilíbrio no espaço se modificam; dominado por globos mais poderosos, aos quais não pode constituir contrapeso, produzem-se desvios em seus movimentos, em sua posição em relação ao Sol; sofre novas influências e daí nascem mudanças nas condições de existência dos seus habitantes, à espera que ele desapareça do cenário do mundo.

“Assim, nascimento, vida e morte; infância, virilidade e decrepitude, tais são as três fases pelas quais passa toda aglomeração de matéria orgânica ou inorgânica. Só o Espírito, que não é matéria, é indestrutível.”

Galileu

Em que se tornam os habitantes de um mundo destruído? Fazem o que fazem os habitantes de uma casa em

demolição: vão se estabelecer alhures, em melhores condições. Para eles os globos não passam de estações temporárias; mas é provável que quando um globo tiver chegado ao seu período de dissolução, há muito tempo tenha deixado de ser habitado, porque, então, já não pode fornecer os elementos necessários à manutenção da vida.

Tudo é problema insolúvel na Natureza, desde que se faça abstração do elemento espiritual; tudo se explica, ao contrário, claramente e logicamente, desde que se leve em conta este elemento.

É de notar que, conforme a ordem de idéias expressas na comunicação acima, o fim de um mundo coincidiria com a maior soma de progresso de seus habitantes, compatível com a natureza desse mundo, em vez de ser o sinal de uma reprovação que votaria a maior parte deles à danação eterna.

Alma da Terra

A questão precedente nos leva naturalmente à da alma da Terra, várias vezes debatida e diversamente interpretada.

A alma da Terra representa um papel principal na teoria da formação do nosso globo pela incrustação de quatro planetas, teoria cuja impossibilidade material demonstramos, conforme as observações geológicas e os dados da ciência experimental. (Vide *A Gênese*, cap. VII, n^{os} 4 e seguintes.) No que concerne à alma, apoiar-nos-emos igualmente sobre os fatos.

Esta questão prejulga uma outra: A Terra é um ser vivo? Sabemos que certos filósofos, mais sistemáticos do que práticos, consideram a Terra e todos os planetas como seres animados, fundando-se no princípio de que tudo vive em a Natureza, desde o mineral até o homem. Antes de mais, cremos

que há uma diferença capital entre o movimento molecular de atração e de repulsão, de agregação e de desagregação do mineral e o princípio vital da planta; há aí efeitos diferentes, que acusam causas diferentes ou, pelo menos, uma profunda modificação na causa primeira, se esta for única. (*A Gênese*, cap. X, n^{os} 16 a 19.)

Mas, admitindo, por um instante, que o princípio da vida tenha sua fonte no movimento molecular, não se poderá contestar que seja ainda mais rudimentar no mineral do que na planta; ora, daí a uma alma, cujo atributo essencial é a inteligência, a distância é grande. Cremos que ninguém pensou em dotar um calhau ou um pedaço de ferro com a faculdade de pensar, de querer e de compreender. Fazendo mesmo todas as concessões possíveis a este sistema, isto é, colocando-nos do ponto de vista dos que confundem o princípio vital com a alma propriamente dita, a alma do mineral nele não estaria senão em estado de germe latente, pois que nele não se revela por nenhuma manifestação.

Um fato não menos patente que o de que acabamos de falar é que o desenvolvimento orgânico está sempre em relação com o desenvolvimento do princípio inteligente. O organismo se completa à medida que se multiplicam as faculdades da alma. A escala orgânica segue constantemente, em todos os seres, a progressão da inteligência, desde o pólipó até o homem, e não poderia ser de outro modo, desde que à alma é necessário um instrumento apropriado à importância das funções que deve desempenhar. De que serviria à ostra ter a inteligência do macaco, sem os órgãos necessários à sua manifestação? Se, pois, a Terra fosse um ser animado, servindo de corpo a uma alma especial, essa alma deveria ser ainda mais *rudimentar* que a do pólipó, pois que a Terra não tem a mesma vitalidade da planta, ao passo que, pelo papel que se atribui a essa alma, sobretudo na teoria da incrustação, dela fazem um ser dotado de razão e do mais completo livre-arbítrio, um Espírito superior, numa palavra, o que nem é racional,

nem conforme à lei geral, porque jamais um Espírito teria sido mais aprisionado e pior dotado. A idéia da alma da Terra, entendida neste sentido, tanto quanto a que faz da Terra um animal, deve, pois, ser arrolada entre as concepções sistemáticas e quiméricas.

Aliás, o mais ínfimo animal tem a liberdade de seus movimentos; vai aonde quer e ainda quando lhe apraz, enquanto os astros, esses pretensos seres vivos e animados por inteligências superiores, estariam sujeitos a movimentos perpetuamente automáticos, sem jamais poderem afastar-se de sua rota; seriam, na verdade, bem menos favorecidos que o último pulgão. Se, conforme a teoria da incrustação, as almas dos quatro planetas que formaram a Terra, tiveram a liberdade de reunir os seus invólucros, teriam a de ir aonde quisessem, de mudar à vontade as leis da mecânica celeste. Por que não mais a têm?

Há idéias que se refutam por si mesmas e sistemas que caem desde que se perscrutem seriamente as suas conseqüências. O Espiritismo seria ridicularizado de forma justa por seus adversários, se se fizesse o editor responsável de utopias que não suportam o exame. Se o ridículo não o matou, é porque só mata o que é ridículo.

Por alma da Terra pode entender-se, mais racionalmente, a coletividade dos Espíritos incumbidos da elaboração e da direção de seus elementos constitutivos, o que já supõe certo grau de adiantamento e de desenvolvimento intelectual; ou, melhor ainda: o Espírito a quem está confiada a alta direção dos destinos morais e do progresso de seus habitantes, missão que somente pode ser atribuída a um ser eminentemente superior em saber e em sabedoria. Em tal caso, esse Espírito não é, propriamente falando, a alma da Terra, porquanto não se acha encarnado nela, nem subordinado ao seu estado material. É um chefe preposto à sua direção, como um general o é ao comando de um exército.

Um Espírito, incumbido de missão tão importante qual a do governo de um mundo, não poderia ter caprichos, ou, então, teríamos de reconhecer em Deus a imprevidência de confiar a execução de suas leis a seres capazes de lhes contravir, a seu bel-prazer. Ora, segundo a doutrina da incrustação, a má-vontade da alma da Lua é que houvera dado causa a que a Terra ficasse incompleta.

Numerosas comunicações, dadas em diversos lugares, vieram confirmar esta maneira de encarar a questão da alma da Terra. Citaremos apenas uma, que em poucas palavras as resume todas.

(Sociedade Espírita de Bordeaux, abril de 1862)

A Terra não tem alma, que lhe pertença propriamente, porque não é um ser organizado, como os que são dotados de vida; tem-nos aos milhões, que são os Espíritos encarregados de seu equilíbrio, de sua harmonia, de sua vegetação, de seu calor, de sua luz, das estações, da encarnação dos animais, que velam, assim como a dos homens. Isto não quer dizer que tais Espíritos sejam a causa desses fenômenos: eles os presidem, como os funcionários de um governo presidem cada uma das engrenagens da administração.

A Terra progrediu à medida que se formou; progride sempre, sem jamais se deter, até o momento em que tiver atingido o máximo de sua perfeição. Tudo o que nela é vida e matéria progride ao mesmo tempo, porquanto, à medida que se realiza o progresso, os Espíritos encarregados de velar por ela e seus produtos, progridem por seu lado, pelo trabalho que lhes incumbe, ou cedem o lugar a Espíritos mais adiantados. Nesse momento ela chega a uma transição do mal ao bem, do medíocre ao belo.

Deus, criador, é a alma do Universo, de todos os mundos que gravitam no infinito, e os Espíritos incumbidos, em cada mundo, da execução de suas leis, são os agentes de sua vontade, sob a direção de um delegado superior. Esse delegado pertence, necessariamente, à ordem dos Espíritos mais elevados, porquanto seria injusto com a sabedoria divina crer que ela abandonasse ao capricho de uma criatura imperfeita o cuidado de velar pela realização do destino de milhões de suas próprias criaturas.

P. – Os Espíritos incumbidos da direção e da elaboração dos elementos constitutivos do nosso globo podem encarnar?

Resp. – Certamente, porque, no estado de encarnação, tendo uma ação mais direta sobre a matéria, podem fazer o que lhes seria impossível como Espíritos, assim como certas funções, por sua natureza, competem mais especialmente ao estado espiritual. A cada estado são conferidas missões particulares.

Os habitantes da Terra não trabalham por sua melhoria material? Considerai, então, todos os Espíritos encarnados como fazendo parte dos que estão encarregados de fazê-la progredir, ao mesmo tempo que progridem. É a coletividade de todas essas inteligências, encarnadas e desencarnadas, inclusive o delegado superior, que constitui, a bem dizer, a alma da Terra, da qual cada um de vós faz parte. Encarnados e desencarnados são as abelhas que trabalham na edificação da colméia, sob a direção do Espírito-chefe. Este é a cabeça, os outros são os braços.

P. – Esse Espírito-chefe também pode encarnar?

Resp. – Sem dúvida alguma, quando recebe a missão, o que ocorre quando sua presença entre os homens é julgada necessária ao progresso.

Um dos vossos guias espirituais

Proteção do Espírito dos Santos Patronos

A pergunta seguinte nos foi proposta ultimamente por um dos nossos assinantes:

Pondo de lado todo preconceito de seita e de idéia mística, a qualificação de santo denota uma certa superioridade espiritual, porque, para merecer esse título, é preciso ter-se distinguido por atos meritórios quaisquer. De acordo com isto, e sendo a coisa considerada do ponto de vista espírita, os santos, sob cuja invocação nos colocam ao nascermos, não se tornam nossos protetores naturais, e quando se celebra a festa patronímica de alguém, aquele do qual tomou o nome não é atraído por simpatia e a ela não se associa, ao menos por pensamento, quando não por sua presença?

Há nesta pergunta dois pontos a considerar, e que devem ser examinados separadamente.

Os espíritas sabem, melhor que ninguém, que o pensamento atrai o pensamento, e que a simpatia dos Espíritos, sejam ou não beatificados, é solicitada por nossos sentimentos a seu respeito. Ora, o que é que determina, em geral, a escolha dos nomes? Uma veneração particular pelo santo que o tinha? admiração por suas virtudes? confiança em seus méritos? o pensamento de o dar como modelo ao recém-nascido? Perguntai à maioria dos que o escolhem se sabem quem foi, o que fez, quando viveu, por que se distinguiu, se conheciam uma só de suas ações. Se se excetuarem alguns santos cuja história é popular, quase todos são totalmente desconhecidos e, sem o calendário, o público nem mesmo saberia se tinham existido. Assim, nada pode, pois, atrair o seu pensamento antes para um do que para outro. Admitamos que, para certas pessoas, o título de santo baste e que se pode tomar um nome de confiança, desde que esteja na lista dos bem-aventurados,

preparada pela Igreja, sem que seja preciso saber mais: é uma questão de fé.

Mas, então, para essas mesmas pessoas, quais são os motivos determinantes? Há dois que predominam quase sempre. O primeiro é, muitas vezes, o desejo de agradar a algum parente ou amigo, cujo amor-próprio se quer adular, dando seu nome ao recém-nascido, sobretudo se daquele espera alguma coisa, porque se fosse um pobre diabo, sem crédito e sem consistência, não lhe fariam esta honra. Nisto visam muito mais a proteção do homem que a do santo.

O segundo motivo é ainda mais mundano. O que se busca quase sempre num nome é a forma graciosa, uma consonância agradável. Sobretudo num certo mundo, querem nomes bem sofisticados, que tenham um cunho de distinção. Há outros que são repelidos impiedosamente, porque não agradam ao ouvido, nem à vaidade, mesmo que fossem de santos ou de santas mais dignos de veneração. E, depois, muitas vezes o nome é uma questão de moda, como a forma de um penteado.

É preciso convir que essas santas personagens em geral devem ser pouco tocadas pelos motivos da preferência que lhes concedem; na realidade, não têm nenhuma razão especial para se interessarem, mais que por outros, por aqueles que têm o seu nome, perante os quais são como esses parentes afastados, dos quais só se lembram quando esperam uma herança.

Os espíritas, que compreendem o princípio das relações afetuosas entre o mundo corporal e o mundo espiritual, agiriam de outro modo em tal circunstância. Ao nascer uma criança, os pais escolheriam, entre os Espíritos, beatificados ou não, antigos ou modernos, amigos, parentes ou estranhos à família, um daqueles que, com seu conhecimento, deram provas irrecusáveis de sua superioridade, por sua vida exemplar, pelos atos meritórios que

praticavam, pela prática das virtudes recomendadas pelo Cristo: a caridade, a humildade, a abnegação, o devotamento desinteressado à causa da Humanidade, numa palavra, por tudo quanto sabem ser uma causa de adiantamento no mundo dos Espíritos; invocá-lo-iam solenemente e com fervor, pedindo-lhe que se unisse ao anjo-da-guarda da criança para a proteger na vida que vai percorrer, guiá-la com seus conselhos e suas boas inspirações; e em sinal de aliança daria a essa criança o nome do Espírito. O Espírito veria nessa escolha uma prova de simpatia e aceitaria com prazer uma missão que seria um testemunho de estima e de confiança.

Depois, à medida que a criança crescesse, ensinar-lhe-iam a história de seu protetor; contar-lhe-iam suas boas ações; ele saberia por que tem esse nome e esse nome sempre lhe lembraria um belo modelo a seguir. É então que na festa de aniversário o protetor invisível não deixaria de associar-se, porque teria seu lugar no coração dos assistentes.

A Poltrona dos Antepassados

Contaram-nos que em casa de um escritor-poeta de grande renome, há um costume que parecerá bizarro a quem quer que não seja espírita. À mesa da família há sempre uma poltrona vazia; essa poltrona é fechada por um cadeado e ninguém nela se assenta: é o lugar dos antepassados, dos avós e dos amigos que deixaram este mundo; lá está como respeitoso testemunho de afeição, uma piedosa lembrança, um apelo à sua presença, e para lhes dizer que vivem sempre no espírito dos sobreviventes.

A pessoa que nos relatou o fato, como vindo de boa fonte, acrescentou: “Os espíritas repelem, e com razão, as coisas puramente formais; mas se há uma que possam adotar sem derrogar seus princípios, sem dúvida é esta.”

Seguramente, eis um pensamento que jamais brotaria no cérebro de um materialista; não só ele atesta a idéia espiritualista, mas é eminentemente espírita e não nos surpreende absolutamente da parte de um homem que, sem arvorar abertamente a bandeira do Espiritismo, muitas vezes afirmou sua crença nas verdades fundamentais que dele decorrem.

Há nesse uso algo de tocante, de patriarcal e que impõe respeito. Com efeito, quem ousaria ridicularizá-lo? Não é uma dessas fórmulas estéreis, que nada dizem à alma: é a expressão de um sentimento que parte do coração, o sinal sensível do laço que une os presentes aos ausentes. Essa cadeira, aparentemente vazia, mas que o pensamento ocupa, é toda uma profissão de fé, e mais, todo um ensinamento, tanto para os grandes, quanto para os pequenos. Para as crianças, é uma eloqüente lição, embora muda, que não pode deixar de produzir salutarens impressões. Os que forem educados nessas idéias jamais serão incrédulos, porque, mais tarde, a razão virá confirmar as crenças com que terão sido embaladas. A idéia da presença, em torno deles, de seus avós ou de pessoas veneradas, será para eles um freio mais poderoso que o medo do diabo.

Círculo da Moral Espírita em Toulouse

Temos o prazer de anunciar que uma sociedade acaba de ser oficialmente autorizada em Toulouse, sob o título de *Círculo da moral espírita*. Cumprimentamos os fundadores pela escolha do título, que mostra claramente o objetivo que se propuseram, ao mesmo tempo que resume perfeitamente o caráter essencial da doutrina. Se é verdade que a *nobreza obriga*, não o é menos dizer que o *título obriga*, a menos que se minta à sua bandeira. Estamos convencidos de que os membros dessa reunião saberão justificá-lo. Pela própria severidade de seu regulamento, do qual tivemos conhecimento, eles provam sua firme intenção de agir como verdadeiros espíritas.

Houve outrora em Paris uma sociedade, por muito tempo bem florescente, da *moral cristã*. Por que não haveria *sociedades da moral espírita*? Seria o melhor meio de impor silêncio aos zombadores e fazer calar as prevenções que alimentam, contra o Espiritismo, aqueles que não o conhecem. A qualidade de membro de uma sociedade que se ocupa de moral teórica e prática, é um título à estima e à confiança, mesmo para os incrédulos, porque é o equivalente ao de membro de uma sociedade de pessoas honestas, e todo espírita sincero deve ter a honra de dela fazer parte. Os gracejadores de mau gosto ousarão dizer que são sociedades de tolos, de loucos ou de imbecis?

A palavra *círculo*, adotada pela sociedade de Toulouse, indica que não se limita a sessões ordinárias, mas que é, além disso, um local de reuniões, onde os membros podem vir entreter-se com o objetivo especial de seus estudos.

Memórias de um Marido

Pelo Sr. Fernand Duplessis

Encontrados em toda parte, os traços do Espiritismo são como as inscrições e as medalhas antigas, que atestam, através dos séculos, o movimento do espírito humano. As crenças populares, sem contradita, contêm os traços, ou melhor, os germes das idéias espíritas em todas as épocas e em todos os povos, mas misturadas a lendas supersticiosas, como o ouro das minas está misturado à ganga. Não é somente aí que se deve procurá-las, é na expressão dos sentimentos íntimos, porque é aí que muitas vezes se as encontram no estado de pureza. Se se pudesse sondar todos os arquivos do pensamento, ficar-se-ia surpreso de ver até que ponto elas estão arraigadas no coração humano, desde a vaga intuição até os princípios claramente formulados. Ora, quem, pois, os fez nascer antes do aparecimento do Espiritismo? Dir-se-á que é uma

influência de camarilha? Elas aí nasceram espontaneamente, porque estão na Natureza; mas muitas vezes foram abafadas ou desnaturadas pela ignorância e pelo fanatismo. Hoje o Espiritismo, passado ao estado de filosofia, vem arrancar essas plantas parasitas e constituir um corpo de doutrina daquilo que não passava de vaga aspiração.

Um dos nossos correspondentes de Joinville-sur-Marne, o Sr. Petit-Jean, ao qual já devemos numerosos documentos sobre esse assunto, manda-nos um dos mais interessantes, que temos a satisfação de acrescentar aos que já publicamos.

“Joinville, 16 de julho de 1868.

“Eis ainda pensamentos espíritas! Estes têm tanto mais importância quanto não são, como tantos outros, o produto da imaginação, ou uma idéia explorada pelos romancistas. São a exposição de uma crença partilhada pela família de um convencional e expressa na mais grave circunstância da vida, na qual não se pensa em brincar com as palavras.

“Colhi-os numa obra literária, tendo como título: *Memórias de um Marido*, que não são senão o relato minucioso da vida do Sr. Fernand Duplessis. Essas memórias foram ditadas em 1849, por Eugène Sue, ao qual o Sr. Fernand Duplessis as enviou, com a missão de as entregar à publicidade, a título, segundo suas próprias expressões, de expiação para si e de ensinamento para os outros. Dou-vos a análise das passagens que têm mais relação com a nossa crença.”

“A Sra. Raymond, bem como seu filho, prisioneiros políticos, recebem a visita do Sr. Fernand Duplessis, seu amigo. Esta visita deu lugar a um diálogo, depois do qual a Sra. Raymond travou a seguinte conversa com o filho (página 121):

“Vejamos, meu filho – retomou a Sra. Raymond num tom de afetuosa censura – foi ontem que demos os primeiros passos nesta carreira onde devemos agradecer a Deus um dia sem angústias? Será que se continua, será que se atinge o objetivo para onde tendemos sem dor, sem perigos, e muitas vezes sem martírio? Será que não nos disseram cem vezes que nossa vida não nos pertence, mas é dessa santa causa da liberdade, pela qual teu pai morreu no cadafalso? Será que desde que tens a idade da razão não nos habituamos a esse pensamento, que um dia eu teria que fechar as tuas pálpebras, como podias fechar as minhas? Será que existe de que se entristecer previamente? Jamais me vês sombria, lacrimosa, porque vivo sempre com a lembrança querida e sagrada de teu pai, cuja fronte ensangüentada beijei, e que enterrei com minhas mãos? Não temos fé, como nossos pais os gauleses, no renascimento indefinido de nossos corpos e de nossas almas, que vão, sucessivamente, povoar a imensidade dos mundos? Para nós o que é a morte? o começo de uma outra vida, nada mais. Estamos do lado de cá da cortina, passamos para o outro, onde perspectivas imensas aguardam nosso olhar. Quanto a mim, não sei se é porque sou filha de Eva, acrescentou a Sra. Raymond com um leve sorriso, mas o fenômeno da morte jamais me inspirou senão uma excessiva curiosidade.”

Página 208 – “O pensamento da morte excitava, sobretudo em Jean, uma vivíssima curiosidade. Espiritualista por essência, ele partilhava com sua mãe, seu tio e Charpentier, a crença viril que foi a de nossos pais, os gauleses. Segundo o admirável dogma druídico, sendo o homem imortal, alma e corpo, espírito e matéria, ele ia assim, alma e corpo, renascer e viver incessantemente, de mundo em mundo, elevando-se a cada nova migração, para uma perfeição infinita como a do Criador.

“Só essa arrojada crença explicava, aos meus olhos, o soberbo desprendimento com o qual Jean e sua mãe encaravam esses terríveis problemas, que lançam tanta perturbação e tanta

perplexidade nas almas fracas, habituadas a ver na morte o nada ou o fim da *vida física*, ao passo que a morte não passa de um renascimento completo, que uma outra vida espera com suas novidades misteriosas.

“Mas, ai! não me era dado partilhar dessa crença. Eu via, com doloroso pavor, aproximar-se o dia fatal em que Jean seria julgado pela Corte dos Pares. Chegado esse dia, a senhora Raymond pediu-me que a acompanhasse a essa temível sessão; em vão eu quis dissuadi-la desse propósito, temendo que Jean fosse condenado à morte; contudo, não ousei exprimir-lhe minhas apreensões; ela adivinhou o meu pensamento. Meu caro senhor Duplessis, disse-me ela, o pai de meu filho morreu no cadafalso pela liberdade; enterrei-o piedosamente com as próprias mãos... se meu filho também deve morrer pela mesma causa, saberei cumprir o meu dever com mão firme... Credes que possam condenar Jean à morte?... Creio que não o podem condenar senão à imortalidade. (Textual). Dai-me o vosso braço, senhor Duplessis... Dominai a vossa emoção e vamos à Câmara dos Pares.

“Jean foi condenado à morte e devia ser executado dois dias depois. Fui vê-lo na prisão e esperava apenas ter a força de resistir a essa última e fúnebre entrevista. Quando entrei ele fazia, vigiado por um guarda, a sua toailete matinal, com um cuidado tão minucioso como se estivesse em sua casa. Veio a mim, estendendo-me as mãos; em seguida, olhando-me na face, disse-me com ansiedade: – Meu Deus! meu bom Fernand, como estás pálido!... Que tens, então? – O que tenho! Exclamei, desfazendo-me em lágrimas e atirando-me ao seu pescoço, tu mo perguntas! – Pobre Fernand! respondeu-me ele, emocionado com a minha comoção, acalma-te... coragem! – E és tu que me encorajas neste momento supremo! disse-lhe eu; mas, então, és dotado, como tua mãe, de uma força sobre-humana?

“– Sobre-humana!... não; tu nos honras muito, replicou sorrindo; mas minha mãe e eu sabemos o que é a morte... e ela não nos apavora... *Nossa alma muda de corpo, como nossos corpos mudam de roupa; vamos reviver alhures e esperar ou nos reunir aos que amamos...* Graças a esta crença, meu amigo, e à curiosidade de ver mundos novos, misteriosos; enfim, graças à consciência da realização próxima de nossas idéias e à certeza de deixar depois de si a memória de um homem honesto, tu o confessarás, a partida deste mundo nada oferece de tão pavoroso, ao contrário.”

“Jean Raymond não foi executado; sua pena foi comutada em prisão perpétua e ele foi transferido para a cidadela de Doullens.”

Bibliografia

O REGIMENTO FANTÁSTICO

Por Victor Dazur³⁵

Tomamos as passagens seguintes da apreciação crítica que o fez o *Siècle* da obra acima, em seu folhetim de 22 de junho de 1868:

“É uma espécie de romance filosófico, no qual a maior parte das questões que atualmente apaixonam os espíritos é tratada sob uma forma original e dramática; o espiritualismo e o materialismo, a imortalidade da alma e o nada, o livre-arbítrio e o fatalismo, a responsabilidade e a irresponsabilidade, as penas eternas e a expiação, depois a guerra, a paz universal, os exércitos permanentes, etc.

35 Um grosso volume in-12. Preço: 3 fr. 50 c.; pelo correio: 4 fr. Esta obra foi impressa em Lyon e não traz nenhum nome do editor; diz apenas que se encontra em todos os livreiros de Paris. Nós a adquirimos na Livraria Internacional, 15, boulevard Montmartre.

“Nem todas essas questões são discutidas com bastante método e profundidade, mas todas o são com uma certa erudição, com evidente boa-fé, quase sempre com graça, muitas vezes com espírito e por vezes com eloquência.

“Em suma, a obra é de um homem liberal, amigo do progresso, da perfectibilidade e do espiritualismo, amigo da paz, embora evidentemente militar.

“Aliás, eis como o autor fala de si mesmo:

“O autor, que neste livro tomou o nome de François Pamphile, tinha a insigne honra de ser cabo no exército francês, quando teve o estranho sonho que constitui o plano da obra que ides ler, se não tiverdes nada melhor para fazer. Mais tarde o nosso militar escreveu o seu sonho e depois se divertiu em o embelezar quando dispunha de tempo.”

“O *Regimento Fantástico*, de Victor Dazur, é, pois, um sonho, como o *Paris na América*, do Sr. Laboulaye, mas é um sonho que vos transporta a um mundo completamente imaginário.

“O cabo François Pamphile entra em sua caserna, depois de ter participado, com alguns camaradas, dos prazeres de uma festa pública em Paris. Saturado de barulho, de música, de espetáculos ao ar-livre, de iluminações, de fogos de artifício, o estômago bem cheio e a consciência tranqüila, não tendo querela com ninguém, nem ferindo com seu sabre a nenhum *civil*, cai em profundo sono. Ao cabo de um tempo que não pode avaliar, parece-lhe que seu leito é levantado, como se estivesse suspenso a um balão, à guisa de nacela.

“Abre os olhos e se vê no espaço; um panorama móvel se desdobra abaixo dele; vê desaparecer Paris, depois o campo, a Terra. Parece-lhe fazer um das viagens aerostáticas do nosso colaborador Flammation, de quem se declara assíduo leitor, e do

qual louva com entusiasmo o belo livro espiritualista que tem por título a *Pluralidade dos Mundos Habitados*.

“De repente, falta-lhe o ar; sufoca; mas entra numa outra atmosfera; retoma a respiração; percebe um outro globo, que seus estudos astronômicos o fazem reconhecer como o planeta *Marte*. Sente-se atraído para este planeta, cujo globo cresce rapidamente aos seus olhos. Treme, nele caindo por força das leis da gravidade, temeroso de ser esmagado. Receia um choque terrível; mas não! Ei-lo estendido sobre uma espessa relva, aos pés de árvores maravilhosas, cheias de pássaros não menos maravilhosos.

“Julga-se num mundo novo, passado do grau de cabo ao de primeiro homem. Chama uma Eva. É a canção do *Rei Dagoberto* que lhe responde.

“A admiração do bom cabo redobra ao ver que o cantor é um grande folgazão, revestido com o uniforme de sargento-mor da infantaria de linha francesa.

“– Quem sois vós? perguntou o sargento, com o ar tão surpreso quanto ele.

“– Major, responde François Pamphile, sou o cabo; venho do planeta Terra, que deixei involuntariamente esta noite; e gostaria que me dissésseis o nome do planeta onde caí.

“– Por Deus! Este planeta é Soraï-Kanor.

“– Soraï-Kanor?... Eu supunha que fosse o planeta Marte. Parece que me enganei.

“– Não vos enganastes. Apenas nosso planeta, que os terrícolas chamam Marte, é chamado por nossos astrônomos de Soraï-Kanor.

“O cabo admira-se de que o sargento saiba o nome dado pelos habitantes da Terra ao seu planeta. Mas o sargento lhe disse que só deixou a Terra depois de sua morte terrestre e que lá era rei da França.

“A esta resposta inesperada, o cabo se descobre, isto é, tira o boné de algodão que tem sobre a cabeça.

“O rei sargento-mor lhe diz que não lhe preste tantas honras, pois que não passa de um simples sub-oficial. Na Terra ele se chamava Francisco I; em Marte ele pertence ao *regimento fantástico*, um regimento composto da maioria dos soberanos que reinaram no globo terrestre. O coronel é Alexandre, o Grande; o tenente-coronel, Júlio César (que, a bem dizer, não reinou), e o major, Péricles (que reinou menos ainda). O regimento conta três batalhões, e cada batalhão oito companhias. O comandante do primeiro batalhão é Sesóstris, e o subcomandante Átila; O comandante do segundo batalhão, Carlos Magno, e o subcomandante, Carlos V; o comandante do terceiro batalhão, Aníbal, e o subcomandante, Mitrídates.

“Cada companhia é composta dos soberanos de uma mesma nação. A companhia francesa é a primeira do segundo batalhão e tem como capitão Luís XIV, o que prova, possivelmente, que o favor domina em Marte, como na Terra; porque Francisco I, que é apenas sargento-mor, seguramente era maior capitão que Luís XIV, e ainda tinha a ancianidade a seu favor.

“As cantineiras do regimento fantástico são Semíramis, Cleópatra, Elisabeth, Catarina II. Assim como todos os oficiais e soldados do regimento são antigos soberanos ou homens que exerceram a soberania, todas as cantineiras e as servas da cantina são antigas soberanas. Os músicos são antigos compositores: Beethoven, Mozart, Glück, Piccini, Haydn, Bellini. O regimento não adotou o uniforme francês senão depois do reinado de Napoleão I, cujas campanhas entusiasmaram Alexandre, o Grande.

Depois, o regimento seguiu todas as variações de nosso costume militar, o que não diz pouco. Foi também a partir do reinado de Napoleão I que a língua francesa foi adotada como língua regulamentar do regimento. Contudo, não foi sob o Império que a língua francesa brilhou mais. Aliás o vencedor de Austerlitz não está no número dos militares do regimento fantástico. Não está em Marte; talvez esteja num mundo superior, talvez num mundo inferior: Francisco I o ignora.

“Outros soberanos jamais figuraram no regimento fantástico; outros o deixaram após milhares de séculos de serviços. O regimento nunca muda de guarnição e jamais faz guerra. É uma espécie de regimento penitenciário no qual os soberanos, homens e mulheres, são postos para expiar os crimes que cometeram em seus reinados.

“Ainda bem; mas os músicos Beethoven, Mozart e os outros, que crimes cometeram para serem retidos nesse regimento expiatório? É o que o autor esquece de explicar.

“O suplício habitual dos militares e das cantineiras do regimento é o suplício de Tântalo. Os guerreiros que, na Terra, se compraziam no sangue e na carnificina, guardaram seus instintos belicosos, que o som do clarim desperta sem cessar e que os exercícios e os simulacros de combate superexcitam, sem que jamais lhes seja possível satisfazer, porquanto o poder divino, que na Terra permite a guerra, o interdita em Marte.

“Os voluptuosos e as voluptuosas sofrem um suplício semelhante. Todos, homens e mulheres, conservam a beleza de que gozavam na época mais bela de sua vida, mas estão submetidos a uma condição fisiológica que os condena a uma castidade absoluta.

“Outro castigo, que os desola ainda mais, é o suplício das lembranças. Uma memória extraordinariamente lúcida lhes recorda os atos de sua vida terrestre. Só uma ocupação contínua os

distrai; mas a disciplina é rigorosa; a cada instante são condenados à sala de polícia, à prisão ou à *sala das lembranças*. Na sala de polícia e na prisão ainda lhes permitem algumas distrações, mas na sala das lembranças não lhes permitem nenhuma. Lá se encontram encerrados no meio de todos os instrumentos de suplício e de tortura empregados em seus reinados; nas paredes são pintados a fresco todos os sofrimentos e todos os assassinios ordenados pelos reis.

“Quando Luís XI está encarcerado na sala das lembranças, é posto numa gaiola de ferro, em uso no seu reinado, e colocado em frente ao cadafalso de Nemours, do qual o sangue goteja sobre a cabeça de seus filhos. Felipe, o Belo, é estendido sobre uma fogueira, de onde vê os suplícios dos templários. Fernando, o Católico, é amarrado a um cavalete, com a cabeça voltada para um auto-de-fé.

“Nosso cabo ouve Nero se queixar nestes termos ao seu camarada Calígula:

“– Três quartos do tempo sou punido com detenção ou na sala de polícia. Se reclamo contra uma punição, esta me é aumentada. Quando não estou na sala de polícia, estou no pelotão de castigo, e quando não estou no pelotão de castigo, estou na faxina do quartel. Enfim, sou acabrunhado por vexames de toda espécie, sem contar meus outros sofrimentos. Isto já dura muitos séculos. Quando acabará?”

“– Mas este vosso regimento fantástico é um inferno, diz o bom Pamphile a Francisco I.

“– Não, responde-lhe este, porque as penas aqui não são eternas. O Grande Desconhecido, que é a justiça suprema, não profere condenações eternas, uma vez que *faltas finitas, por maiores que fossem, não poderiam acarretar penas infinitas*. Nosso planeta e alguns outros não são infernos, mas purgatórios, onde os homens,

numa ou em várias existências sucessivas, pagam *as dívidas morais que contraíram numa existência anterior*.

“Conversando assim, ora com o sargento-mor Francisco I, ora com o simples soldado Carlos V, ora com seu colega, o cabo Carlos VII, o cabo Pamphile recebe instruções e revelações sobre o que interessa à Humanidade no mais alto grau. Enfim, numa audiência que lhe concede o coronel Alexandre, o Grande, no círculo dos oficiais, o antigo conquistador lhe expõe um projeto de congresso internacional universal, encarregando-o de o propor à Terra, a fim de estabelecer, para sempre, em nosso globo, a paz, a concórdia e a fraternidade.

“Meu coronel, exclama Pamphile entusiasmado, vosso projeto é tão lógico, parece-me de tal modo indispensável e a idéia em si é tão natural, que me parece que assim que for conhecido na Terra todos dirão: Como é possível que não se tenha pensado mais cedo em estabelecer um congresso universal?

“Em que pese a esperança do bom cabo, duvidamos que os diferentes governos do nosso planeta se apressem em acolher o projeto de Alexandre; mas o congresso da paz, que se reunirá em Berna em setembro próximo, não pode deixar de o levar em consideração. Nós o recomendamos especialmente ao relator encarregado de estudar qual poderia ser a constituição dos *Estados Unidos da Europa*.”³⁶

E.-D. de Biéville

36 **N. do T.:** Notável previsão do surgimento da Comunidade Econômica Européia, instituição criada pelo Tratado de Roma, em 1957, e que hoje agrupa boa parte dos países europeus. De fato, a circulação de mercadorias e de naturais desses países é livre, já circula uma moeda comum, o euro, e já se parte para a elaboração de uma constituição supra-nacional que contemple os interesses coletivos do povo europeu. Assim, muitos sonhos dos chamados “visionários” não passam da antecipação de fatos que se verificarão num futuro mais ou menos remoto, atestando a realidade da lei do progresso ou de evolução, um dos princípios fundamentais do Espiritismo.

Se o Sr. Victor Dazu (por certo esse nome deve ser um pseudônimo) inspirou-se na *Pluralidade dos Mundos Habitados*, do Sr. Flammarion, do qual se declara leitor assíduo, também respigou largamente nas obras espíritas. Salvo o quadro de que se serviu, sua teoria filosófica das penas futuras, da pluralidade das existências, do estado dos Espíritos desprendidos do corpo, da responsabilidade moral, etc., evidentemente é colhida na Doutrina Espírita, da qual não só reproduz a idéia, mas, muitas vezes, até a forma.

As passagens seguintes não podem deixar dúvida sobre este ponto:

“Tu sonhas, meu amigo, pensei eu; tu sonhas! Todos esses soberanos da Terra, que recomeçam uma nova existência no planeta Marte, esse gênio diáfano e de asas azuis, tudo isto cheira a Espiritismo... E, contudo, quando estás desperto, não acreditas nessa invenção. Depois, dirigindo-me a Francisco I, eu lhe disse:

“– Major, vem-me ao espírito uma idéia singular; esta idéia me faz supor que tudo quanto vejo e tudo quanto ouço, desde que aqui cheguei, não passa do efeito de um sonho. Dizei, por favor, a vossa opinião. Pensais, como eu, que eu sonho?”

“– Mas não! não sonhais, respondeu-me Francisco I com um ar tão indignado como se eu lhe tivesse feito uma pergunta muito estúpida. Não, não sonhais! Se sonhásseis, desfilariam diante do vosso espírito uma porção de quimeras sem pé nem cabeça. Os acontecimentos de que sereis testemunha não teriam entre si nenhuma relação razoável.

“– Mas não é tudo, major. O que ainda me faz crer que sonho, é que me apalpei e não encontrei o corpo... Apalpo-me ainda agora, e também não me encontro. Todavia, sinto-me viver e me vejo braços e pernas. Desnecessário dizer que sendo impalpáveis esses braços e pernas, não passam de aparências fantásticas. Eu bem poderia explicar essas aparências, mas para isto

seria preciso, a mim que não creio no Espiritismo, admitir certa teoria espírita que, verdadeira ou falsa, é, em todo o caso, muito engenhosa.

“Essa teoria pretende que o Espírito de um corpo é rodeado de um *perispírito*, isto é, de um invólucro semimaterial, que pode tomar a forma desse corpo e tornar-se visível em certos casos. Uma vez admitido o perispírito, a mesma teoria pretende que um indivíduo pode ser visto algumas vezes e no mesmo instante em dois lugares, mesmo muito afastados um do outro, o corpo dormindo num lugar e a aparência do corpo, isto é, o perispírito, agindo em outra parte.

“Se esta asserção é verdadeira, eu estaria pondo em prática a teoria de que acabo de falar. Poder-se-ia ver neste momento meu corpo a dormir em Paris, enquanto vedes o meu perispírito como se fosse o meu corpo. Mas eu só acreditaria numa coisa tão extraordinária se ela fosse provada.

“Seria ainda adotar o Espiritismo, que admite como real essa reunião de potentados, realizada aqui, como pretendem, para expiar os erros que cometeram quando estavam na Terra.

“– Se quiserdes, disse-me Francisco I, não acrediteis no que tendes diante dos olhos. Suponde por um momento que, em vez de estar neste planeta, estejais no domínio ideal da razão, e dissei-me se acreditais que os homens que fazem o mal, seja qual for a sua posição na sociedade, podem estar isentos do purgatório depois de sua vida terrena? – Major, não sei que responder. – Mas eu sei o que pensais. Pensais que o purgatório existe, não importa onde, mas apenas para as pessoas que ocupam os graus mais elevados da escala social. E o que vos leva a pensar assim, é que as faltas das pessoas altamente colocadas no mundo são muito mais aparentes que as dos simples particulares. Mas ides modificar imediatamente esta idéia, pensando que, para o Ser Supremo, não

há faltas ocultas. Com efeito, o Grande Desconhecido vê constantemente na Terra simples particulares que, relativamente, fazem tanto mal na sua pequena esfera de ação, quanto o fazem, em seus Estados, certos tiranos manchados pela História. Os simples particulares de que falo, em vez de exercerem sua tirania num reino, a exercem em sua família e em seu círculo, fazendo sofrer sem piedade mulher, filhos e subordinados. Esses tiranetes só têm uma preocupação: gozar a vida, escapando ao código penal do país em que habitam. Ora, eu vos pergunto, credes que esses malfeitores, que às vezes passam por criaturas virtuosas, aos olhos de quem quer que não lhes conheça a vida, digo eu, que esses malfazejos logo sejam transportados a uma morada de delícias? – Não, não creio. – Não admitis que, fazendo o mal, contraíam uma certa dívida moral? – Sim, major, eu o admito. – Pois bem! então não vos deveis admirar de que certos planetas sejam verdadeiros purgatórios, nos quais os homens, *em uma ou em várias existências, paguem as dívidas contraídas numa existência anterior.*

“– Mas, major, os sofrimentos que todo homem experimenta no curso de sua vida não pagam suficientemente o mal que pode fazer desde a idade da razão até a morte?”

“Isto só se daria com pequeno número de indivíduos, porque, o mais das vezes, o mal que um homem faz recai sobre certo número de seus semelhantes, o multiplica tanto mais a soma do mal pessoal e torna quase sempre a dívida tão grande que esse homem não poderia pagá-la no decorrer de sua curta existência. Ora, *quando não se pôde pagar suas dívidas numa vida, forçosamente se deve pagá-las em outra,* porquanto, no caso de dívidas criminais, o Grande Desconhecido dispôs as coisas de maneira que não haja bancarrota possível.

“Admitido isto, admitireis também que é impossível que monstros como Nero, Calígula, Heliogábulo, Bórgia e tantos outros, cujos crimes não podem ser enumerados, tenham podido

pagar semelhantes dívidas pelo pouco mal que sofreram em vida. Ora, de duas uma: Ou esses homens caíram no nada, ao morrerem, ou recomeçaram uma nova existência. Se se admitir que tivessem caído no nada, admite-se muito naturalmente que devem ter fracassado completamente. Convireis que a idéia de semelhante bancarrota revolta o espírito, ao passo que se se admitir que cada um recomeçou uma nova existência, o espírito se acha satisfeito ao pensar que *essas novas vidas não poderão ser senão existências de expiação ou, melhor dizendo, de purificação.*³⁷

“– Major, não é mais simples admitir a danação eterna para os monstros de que falais? – Convenho que é mais simples, mas não mais lógico. A lógica, que deve ser a alma da justiça, recusa admitir a danação eterna, porque *faltas finitas não poderiam merecer castigos infinitos.*”

Segue uma dissertação das mais interessantes e das mais lógicas que lemos contra o inferno e as penas eternas, sobre a justiça da proporcionalidade das penas e sobre a doutrina do trabalho, mas a sua extensão não nos permite reproduzi-la.

“– Major, diz o cabo Pamphile, eu vos farei notar que a negação do inferno eterno, assim como a proporcionalidade das penas, é o fundo mesmo da doutrina dos espíritas. Ora, eu já vos disse que não creio no Espiritismo. – Então... acreditai no inferno eterno, se isto vos dá prazer.”

37 Se o efeito da injustiça ou do mal que um homem comete em relação a um outro homem detém-se no indivíduo, a necessidade da reparação será individual; mas se, em consequência, esse mal prejudica pouco a pouco a centenas de indivíduos, sua dívida será centuplicada, porque serão centenas de reparações a realizar. Quanto mais vítimas tiver feito, direta ou indiretamente, maior o número dos que lhe pedirão contas de sua conduta. Como a responsabilidade e o número de reparações aumentam com a extensão da autoridade de que se é investido, somos responsáveis por indivíduos que jamais conhecemos, mas que, nem por isso, sofreram menos as consequências dos nossos atos.

Entre os soberanos que o cabo Pamphile encontra no planeta Marte, há os que viviam no tempo do dilúvio, reis da Assíria, ao tempo da torre de Babel, faraós do tempo da passagem do mar Vermelho pelos hebreus, etc. E cada um dá sobre esses acontecimentos explicações que, em sua maioria, têm o mérito, se não da prova material, ao menos o da lógica.

Em suma, o quadro escolhido pelo autor para emitir suas idéias é feliz, até mesmo a sua negação do Espiritismo, que leva, em última análise, a uma afirmação indireta. Diremos, como o *Siècle*, que sob uma forma aparentemente leve, todas as questões aí são tratadas com certa erudição, com evidente boa-fé, quase sempre com graça, muitas vezes com espírito e por vezes com eloqüência. Acrescentaremos que, não conhecendo o autor, se este número lhe cair nas mãos, desejamos que aqui encontre a expressão de nossas sinceras felicitações, porque fez um livro interessante e muito útil.

CONFERÊNCIAS SOBRE A ALMA

Pelo Sr. Alexandre Chaseray³⁸

São inumeráveis as obras modernas nas quais o princípio da pluralidade das existências é afirmado casualmente. Mas a de que falamos nos parece uma destas em que ele é tratado da maneira mais completa. O autor se empenha, além disso, em demonstrar que a idéia cresce e se impõe cada dia mais aos espíritos esclarecidos.

Nos fragmentos que transcrevemos a seguir, as notas são do autor.

“A transmigração das almas, diz o Sr. Chaseray, é uma idéia filosófica ao mesmo tempo das mais antigas e das mais novas.

38 Pequeno volume in-12. Preço: 1 fr. 50; pelo correio, 1 fr. 75. Casa Germer-Baillièrre, 17, rue de l'École-de-médecine.

A metempsicose constitui o fundo da religião dos hindus, religião muito anterior ao judaísmo, e Pitágoras pôde receber esta crença dos Brâmanes, a ser verdade que ele tenha estado na Índia; mas é mais provável que a tenha trazido do Egito, onde viveu muito tempo. A civilização reinava às margens do Nilo alguns milhares de anos antes do nascimento de Moisés e, no dizer de Heródoto, os sacerdotes egípcios foram os primeiros a anunciar que a alma é imortal e que passa sucessivamente por todas as espécies de animais, antes de entrar num corpo humano.

“Por seu lado, os gregos jamais abandonaram completamente a metempsicose. Os que entre eles não admitiam por inteiro a doutrina de Pitágoras, acreditavam vagamente com Platão que a alma imortal tinha existido em algum lugar, antes de se manifestar sob a forma humana, ou acreditavam no rio Letes e no renascimento do homem na Humanidade. Entre os primeiros cristãos, muitos neófitos entendiam conservar de seus antigos dogmas o que lhes parecia bom; os maniqueus, por exemplo, tinham conservado os dois princípios do bem e do mal e a migração das almas; é assim que, vindo os heresiarcas a se multiplicarem, os Pais e os Concílios tiveram muito a fazer para reconduzir os espíritos a uma fé uniforme. Definitivamente vitoriosa, a Igreja apostólica banuiu de seu império a metempsicose, que foi substituída pelo dogma do julgamento irrevogável e da divisão dos homens em eleitos e danados. O purgatório foi introduzido mais tarde, como corretivo de uma decisão extremamente inflexível.

“Assim como não considere muito como um progresso o espiritualismo de Santo Tomás, do qual não se vê nenhum traço nos livros santos, também ainda não julgo feliz, nem conforme a antiga doutrina do pecado original, que estabelece uma solidariedade tão estreita entre todas as gerações de homens, a afirmação dogmática que consiste em dizer que a existência de cada um de nós não tem raízes no passado e conduz a um paraíso ou a

um inferno eternos. Em minha opinião, eis aí uma heresia filosófica, contra a qual o espírito moderno reage com força.

“Reaparece de todas as partes a transmigração das almas. Mas, em nossos dias, geralmente se concebe uma metempsicose mais larga do que aquela cuja crença atribuíam aos Antigos. O espírito de indução, tendo transposto os limites da Terra, e reconhecido nos sóis e nos planetas mundos habitados, não mais limitou os destinos do homem ao globo terrestre. Em lugar de ver a alma percorrendo incessantemente o círculo das plantas, dos animais e da espécie humana, ou renascendo constantemente na Humanidade, foi possível imaginá-la alçando seu vôo para mundos infinitos.³⁹

“Não tenho senão o embaraço da escolha no caso de citações, para mostrar que a fé tem uma série de existências, umas anteriores, outras posteriores à vida presente, crescendo e se impondo cada dia mais aos espíritos esclarecidos.

“Comecemos por Jean Reynaud. Esse filósofo insiste na ligação natural que apresentam as duas idéias de preexistência e de vida futura.

39 Era tão natural aproveitar a oportunidade gloriosa aberta à alma pelas descobertas astronômicas, que não posso crer que a metempsicose de Pitágoras tenha sido realmente o que dela pensava o vulgo. Porque Pitágoras conhecia o verdadeiro sistema do mundo; o duplo movimento de rotação e de translação da Terra; a imobilidade relativa do Sol; a importância das estrelas fixas, cada uma das quais é um Sol e o centro de um grupo de planetas, muito provavelmente habitados; a marcha e a volta dos cometas: nada de tudo isto era ignorado por Pitágoras. Esse filósofo, instruído pelos sábios sacerdotes egípcios, que não revelavam seus segredos senão a um pequeno número de iniciados, julgou por bem dever, a exemplo deles, guardar segredo sobre esta parte de sua ciência. Um de seus discípulos, menos escrupuloso, a divulgou; mas como faltaram as provas e as verdades se achavam perdidas no meio de erros e de divagações místicas, a revelação passou despercebida. Não basta emitir uma idéia justa; é preciso saber fazer aceitá-la. Assim, Copérnico e Galileu, os vulgarizadores do verdadeiro sistema cosmológico, são considerados como os seus inventores, embora a noção primeira se perca na noite dos tempos.

“Se se examinasse, diz ele, todos os homens que passaram sobre a Terra, desde que a era das religiões cultas aí começou, ver-se-ia que a grande maioria viveu na consciência mais ou menos fixa de uma existência prolongada por vias invisíveis, aquém e além dos limites desta vida. Com efeito, aí há uma espécie de simetria tão lógica que deve ter seduzido as imaginações à primeira vista; o passado aí faz equilíbrio ao futuro, e o presente não é senão o pivô entre o que já não é e o que ainda não é. O platonismo despertou esta luz precedentemente agitada por Pitágoras e dela se serviu para esclarecer as mais belas almas que honraram os tempos antigos.⁴⁰

“Esse julgamento de Jean Reynaud se acha plenamente confirmado pela nota seguinte de Lagrange, o elegante tradutor do poema de Lucrécia:

“De todos os filósofos que viveram antes do Cristianismo, nenhum sustentou a imortalidade da alma sem estabelecer previamente a sua preexistência; um desses dogmas era considerado como conseqüência natural do outro. Acreditava-se que a alma devia existir sempre, porque sempre tinha existido; e, ao contrário, estavam persuadidos de que, concordando que ela tinha sido gerada com o corpo, não se tinha mais o direito de negar que ela devesse morrer com ele. ‘– Nossa alma, diz Platão, existia em algum lugar antes de estar nesta forma de homens; eis por que não duvido que ela seja imortal.’

“O velho druidismo, prossegue o autor de *Terra e Céu*, fala ao meu coração. Esse mesmo solo que hoje habitamos comportou antes de nós um povo de heróis, que estavam todos habituados a se considerar como tendo experimentado o Universo de longa data, antes de sua encarnação atual, fundando assim a esperança de sua imortalidade na convicção de sua preexistência.”

“Um dos nossos melhores historiadores também faz rasgados elogios ao principal ensino dos druidas; Henri Martin é de opinião que os nossos pais, os gauleses, representavam no mundo antigo ‘a mais firme, a mais clara noção da imortalidade que jamais houve.’⁴¹

“Por sua vez, diz Eugène Sue sobre a fé druídica:

“Segundo esta crença sublime, o homem imortal, espírito e matéria, vindo de baixo e indo para o alto, transitava por esta Terra, aqui habitava passageiramente, como tinha habitado e devia habitar essas outras esferas que brilham, inumeráveis, no meio dos abismos do espaço.”⁴²

“Já no século dezessete dizia Cyrano de Bergerac, a exemplo dos sacerdotes gauleses:

“Morremos mais de uma vez; e como não somos senão partes deste Universo, mudamos de forma para retomar a vida alhures, o que não é um mal, mas um caminho para aperfeiçoar o ser e para chegar a um número infinito de conhecimentos.”

“Vários de nossos contemporâneos, contudo, sem parecer inspirar-se nos druidas, também anunciam que o destino da alma é viajar de mundos a mundos.

41 *Histoire de France*, 4ª edição, tomo I.

42 (Folhetim da *Presse*, de 19 de outubro de 1854).

Nem todos os autores antigos desconhecaram o lado belo da religião dos druidas, como testemunham esses versos de Lucain:

Vobis auctoribus, umbrae

Non tacitas Erebi sedes, Ditisque profundi

Pallida regna petunt: *regit idem spiritus artus*

Orbe alio: longae (canitis si cognita) vitae

Mors media est.

“Segundo vós, druidas, as sombras não descem às silenciosas regiões do Erebo, aos pálidos reinos do deus do abismo. *O mesmo Espírito anima um novo corpo em outra esfera. A morte (se os vossos hinos contêm a verdade) é o meio de uma longa vida.*”

“Lê-se, por exemplo, na *Profissão de fé do século dezanove*, de Eugène Pelletan:

“Pela irresistível lógica da idéia, creio poder afirmar que a vida mortal terá o espaço infinito como lugar de peregrinação... O homem irá, pois, sempre de sol a sol, subindo sempre, como na escada de Jacó, a hierarquia da existência, passando sempre, segundo seu mérito e o seu progresso, de homem a anjo, de anjo a arcanjo.”

“E na *Renovação Religiosa*, do Sr. Patrice Larroque, antigo reitor da Academia:

“Pode-se conjecturar que a maior parte dos outros globos que se movem no espaço, alberguem, como na Terra, seres organizados e animados, e que esses globos sejam os sucessivos teatros de nossas vidas futuras.”

“Lamennais exprime a idéia do renascimento de uma maneira absolutamente precisa, embora mais restrita:

Diz ele: “Estando realizado o progresso possível ao indivíduo sob sua forma orgânica atual, ele devolve à massa elementar esse organismo gasto, revestindo um outro mais perfeito.”⁴³

“Assinalemos, ainda, o traço seguinte do discurso pronunciado pelo Sr. Guérault, do *Opinion nationale*, junto ao túmulo do pai Enfantin:

“Ninguém foi mais religioso que Enfantin; ninguém viveu tanto quanto ele em presença da vida eterna, da qual esta vida, que nos escapa a cada instante, não é senão uma das inumeráveis etapas.

43 *Da sociedade primitiva e de suas leis*, livro III.

“Um dos nossos mais célebres romancistas dá a pensar que acredita na passagem dos seres inferiores nas espécies superiores e, nomeadamente, dos animais à Humanidade:

“Explique quem quiser, diz George Sand, essas afinidades entre o homem e certos seres secundários da Criação. Elas são tão reais quanto as antipatias e os terrores insuperáveis que nos inspiram certos animais inofensivos... É talvez que todos os tipos, repartidos cada um especialmente em cada raça de animais, se encontrem no homem. Os fisionomistas têm constatado semelhanças físicas; quem pode negar as semelhanças morais? Não há entre nós raposas, lobos, leões, águias, besouros e moscas? A grosseria humana é muitas vezes baixa e feroz, como o apetite do porco...”

“George Sand se mostra mais explícita a respeito da migração das almas, nas seguintes linhas da mesma obra:⁴⁴

“Se não devemos aspirar à beatitude dos Espíritos puros da região das quimeras, se devemos sempre entrever, além desta vida, um trabalho, um dever, provações e uma organização limitada em suas faculdades em frente ao infinito, pelo menos nos é permitido pela razão e nos é ordenado pelo coração, contar com uma série de existências progressivas, em razão dos nossos bons desejos... Podemos considerar esta Terra como um lugar de passagem e contar com um despertar mais suave no berço que nos espera alhures. De mundos em mundos, podemos, desprendendo-nos da animalidade que aqui neste mundo combate o nosso espiritualismo, tornar-nos próprios para revestir um corpo mais puro, mais adequado às necessidades da alma, menos combatido e menos entravado pelas enfermidades da vida humana, tal qual a suportamos na Terra.

“Citemos ainda um romancista, Balzac. Os romancistas desta ordem, assim como os poetas excepcionais, abordam as mais

44 *História de minha vida.*

elevadas questões e sabem semear traços profundos em seus escritos de uma forma leve e agradável. É assim que em *Os Miseráveis*, Victor Hugo deixa cair de sua pena esta vaga interrogação: ‘De onde viemos? é bem certo que nada fizemos antes de termos nascido?’ É somente pensando nisto, e sem idéia preconcebida de sustentar uma tese filosófica, que o autor da *Comédia Humana* fala das existências sucessivas. Por isso não posso senão captar este pensamento em vários de seus romances.

“Eis, por exemplo, algumas linhas de *O lírio do vale*:

“O homem é composto de matéria e de espírito; a animalidade vem terminar nele e nele começa o anjo. Daí essa luta que experimentamos todos entre um destino futuro, que pressentimos, e as lembranças de nossos instintos exteriores, dos quais não nos desligamos inteiramente: um amor carnal e um amor divino.”

“E encontro em *Séraphita*, esse romance místico, no qual Balzac expõe com um interesse e um encanto tão poderosos a doutrina religiosa do sueco Swedenborg:

“As qualidades adquiridas e que se desenvolvem lentamente em nós são laços invisíveis que ligam cada uma de nossas *existências* uma à outra.

“Enfim, nos *Comediantes sem o saber*, a sibila, senhora Fontaine, pergunta a Gazonal:

“– Que flor amais?”

“– A rosa.

“– De que cor gostais?”

“– Do azul.

“– Que animal preferis?”

“– O cavalo. Por que estas perguntas? pergunta ele por sua vez.

“– O homem se liga a todas as formas por seus estados anteriores, diz ela sentenciosamente; daí vêm os seus instintos, e os seus instintos dominam o seu destino.”

“Michelet testemunha sua simpatia pelas mesmas idéias, quando chama o cão um *candidato à Humanidade*, e quando diz, falando dos pássaros:

“Que são eles? almas esboçadas, almas especializadas ainda em tais funções da existência, candidatos à vida mais geral e mais vastamente harmônica, a que chegou a alma humana.”⁴⁵

“Pierre Leroux não crê que o homem tenha passado pelos tipos inferiores dos animais e das plantas. Segundo ele, os indivíduos se perpetuam no seio da espécie e o homem renasce indefinidamente na Humanidade. A solidariedade entre todos os membros da família humana então é evidente; *o bem que um homem faz aos seus semelhantes redundando em seu proveito, desde que deles não se separa pela morte, senão para logo voltar a misturar-se a eles.* Sustentando a perpetuidade do ser no seio da espécie, Pierre Leroux afasta-se dos autores que acabo de citar e não encontra muitos aprovadores.⁴⁶ Mas não deixa de ser um ardente defensor da idéia geral e de uma importância extrema, que liga a vida atual a uma série de existências.

45 *O Pássaro*.

46 Goethe parecia partilhar desta maneira de ver, quando exclamava em uma de suas cartas à encantadora senhora de Stein: “Por que o destino nos ligou tão estreitamente? Ah! em tempos passados, tu foste minha irmã ou minha esposa! Conheceste os meus menores traços, e espreitaste a mais pura vibração de minhas fibras, soubeste ler-me num olhar, a mim, que um olhar humano dificilmente penetra!” (*Revue germanique*, dezembro de 1865).

Victor Meunier não está longe de crer também no renascimento do homem na Terra: “A sorte dos que vierem depois de nós, diz ele, não me encontra indiferente, longe disto! Assim como não me está demonstrado que nós não nos sucederemos a nós mesmos.” (*A Ciência e os sábios* em 1865, 2^o semestre.)

Depois de ter dito que a criança, vindo ao mundo, não é, como pretendia a escola de Locke, *uma tábua rasa*, e que é injuriar a Divindade supor que ela tire do nada novas criaturas, que embeleza ao acaso com seus dons, ou fere ao acaso com a sua cólera, Pierre Leroux conclui por estas palavras:

“Assim, é preciso que se admita necessariamente o sistema indeterminado das metempsicoses, ou o sistema determinado do renascimento na Humanidade, que eu sustento.⁴⁷”

“Estou longe de repelir de maneira absoluta o sistema de renascimento na Humanidade; mas a Humanidade teve um começo, posterior mesmo ao da maioria das espécies animais e vegetais que cobrem o nosso globo; a Humanidade terá um fim; e, desde que a alma não perece, é preciso que o ser permanente, o *eu*, mergulhe suas raízes alhures que não na Humanidade, e encontre seu desenvolvimento futuro alhures que não na Humanidade, forma transitória.”

As numerosas citações que faz o autor, e que estão longe de ser completas, provam quanto é geral a idéia da pluralidade das existências e que em pouco terá passado ao estado de verdade incontestável. Sobre outros pontos, ele se afasta completamente da Doutrina Espírita; estamos longe de partilhar sua opinião sobre todas as questões que trata em seu livro, notadamente no que concerne à Divindade, à qual ele atribui um papel secundário, e a natureza íntima da alma, cuja espiritualidade contesta. Seu sistema é uma espécie de panteísmo, que ladeia o Espiritismo, e parece ser um termo médio para certas criaturas que não querem o ateísmo, nem o niilismo, nem o espiritualismo dogmático. Por mais incompleto que seja, não deixa de ser um progresso notável sobre as idéias materialistas, das quais está muito mais afastado do que das nossas. Salvo alguns pontos muito controvertidos, a obra contém vistas muito profundas e muito justas, às quais o Espiritismo não poderá senão associar-se.

⁴⁷ *Da Humanidade*.

Instruções dos Espíritos

QUE FIZERAM DE MIM?

Extraímos a comunicação seguinte do jornal espírita *Salut*, que se publica em Nova Orleães, número de 1^a de junho de 1868:

– Filhos, eu vos escrevi: “Quando vossa boa união me chamar, virei a vós.” E como vossa boa união me chamou eis-me aqui.

Eis-vos agora como meus apóstolos de outrora. Fazei como os bons e não façais como os maus; que ninguém renegue, que ninguém traia! Ides sentar-vos à mesma mesa que reunia os amigos da minha fé e de meu coração; que ninguém seja nem Pedro, nem Judas!

Ó meus bons filhos, olhai em torno de vós e vedes! Minha cruz, o instrumento glorioso de meu vil suplício, domina os edifícios da tirania... e eu, eu não tinha vindo senão para pregar a liberdade e a felicidade. Com a minha cruz, afogaram os corpos no sangue e as consciências na mentira! Com a minha cruz, disseram aos homens: “Obedecei aos vossos mestres; curvai-vos diante dos opressores!” E eu dizia: “Sois todos filhos de um mesmo pai, sem distinção, a não ser a de vossos méritos, resultante da vossa liberdade.”

Eu tinha dito aos grandes: “Humilhai-vos!” e aos pequenos: “Levantai-vos!” e exaltaram os grandes e rebaixaram os pequenos.

Que fizeram de mim, de minha memória, de minha lembrança, de meu apostolado? Um sabre! – Sim, e há ainda os que se fizeram agentes desta infâmia!... Oh! se se pudesse sofrer na morada celeste, eu sofreria!... e vós, vós deveis sofrer... e deveis estar prontos a tudo para a redenção que comecei, ainda que não

fosse senão para arvorar sobre a mesma montanha o mesmo sinal de união!... Será visto e compreendido, e deixarão tudo para o defender, para o abençoar, para o amar.

Filhos, ide para o céu com a fé, e a Humanidade inteira vos seguirá sem medo e com amor! Logo sabereis, na prática, o que é o mundo, se a teoria não vos tiver ensinado.

Tudo quanto vos foi dito para a prática do verdadeiro Cristianismo não é senão a sombra da verdade! O triunfo que vos espera está tão acima dos triunfos humanos e dos vossos pensamentos, quanto as estrelas do céu estão acima dos erros da Terra!

Oh! quando eles virem como Tomé! Quando tiverem tocado!... Vós vereis! vereis! As paixões vos criarão obstáculos, depois vos socorrerão, porque serão as boas paixões após as más paixões.

Pensai em mim, quando fordes partir o meu pão e beber o meu vinho, dizendo que arvorais, para a eternidade, a bandeira dos mundos... Oh! sim, dos mundos, porque ele unirá o passado, o presente e o futuro a Deus.

Jesus

O jornal publica esta comunicação sem informar quanto às circunstâncias em que foi obtida. Parece, contudo, que deve ter sido numa festa comemorativa da ceia, ou de alguma ágape fraterno entre os adeptos. Seja como for, ela traz, na forma e no fundo dos pensamentos, na simplicidade aliada à nobreza do estilo, um cunho de identidade que não se poderia desconhecer. Atesta, da parte dos assistentes, disposições capazes de lhes merecer esse favor, e não podemos senão felicitá-los. Pode-se ver que as instruções dadas na América sobre a caridade e a fraternidade não cedem em nada às que são dadas na Europa. É o laço que unirá os habitantes dos dois mundos.

Liga Internacional da Paz

Pedem que levemos ao conhecimento dos leitores da Revista Espírita que as adesões e subscrições à *Liga Internacional da Paz* são recebidas pelos Srs. Dolfus, Mieg & Cia, tesoueiros da Liga, na rue Saint-Fiacre, nº 9, e na secretaria, rue Roquépine, nº 18, onde podem ser obtidas todas as informações e dirigidas todas as comunicações. Ao mesmo tempo recebemos uma brochura, contendo o relatório da primeira assembléia geral, os discursos dos oradores e diversos documentos úteis para dar conhecimento do objetivo dessa associação. Ela é encontrada na livraria Guillaumin, na rue Richelieu, 14, ao preço de 1 fr.

Aceitamos com tanto melhor vontade o convite que nos é feito, quanto todos os espíritas são, por princípio, amigos da paz, e porque simpatizam com todas as instituições ou projetos que têm como objetivo fazer desaparecer o flagelo da guerra. Sua doutrina, que conduz à fraternidade universal, fazendo desaparecer os antagonismos de raças, de povos e de cultos, é por si mesma um poderoso elemento para a paz geral.

No Prelo

(A aparecer no fim de setembro)

O ESPIRITISMO NA BÍBLIA, ensaio sobre as idéias psicológicas entre os antigos hebreus; por *Henri Stecki*, de São Petersburgo. Brochura de 150 a 200 páginas; formato de *O que é o Espiritismo*.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XI

OUTUBRO DE 1868

Nº 10

Meditações

POR C. TSCHOKKE

(Artigo enviado de São Petersburgo)

Entre os livros de alta piedade, cujos autores, penetrados das verdadeiras idéias cristãs, tratam todas as questões religiosas e abstratas com um zelo esclarecido, isento de preconceitos e de fanatismo, um dos que gozam na Alemanha de maior estima, merecida em todos os aspectos, é, sem contradita, o que tem por título *Horas de Piedade* (Stunden der Andacht), por C. Tschokke, distinto escritor suíço, autor de muitas obras literárias, escritas em língua alemã e muito apreciadas na Alemanha. Este livro teve, desde 1815, mais de quarenta edições. Os supostos *ortodoxos*, mesmo protestantes, em geral acham que o livro é muito liberal em suas idéias, em matéria de religião, e que o autor não se apóia suficientemente nos dogmas e nas decisões dos Concílios; mas os crentes esclarecidos, os que procuram as consolações da religião e desejam adquirir as luzes necessárias para compreender as suas verdades, depois de o terem lido e meditado, farão plena justiça às luzes e à tocante piedade do autor.

Damos aqui a tradução de duas meditações contidas nesse livro notável, porque encerram idéias inteiramente espíritas, expostas com perfeita exatidão, há mais de cinqüenta anos. Numa e noutra se acham uma definição muito exata e admiravelmente elaborada do *corpo espiritual* ou *perispírito*, idéias muito sãs e muito lúcidas sobre a *ressurreição* e a pluralidade das existências, através das quais já se entrevê a grande luz da sublime doutrina da *reencarnação*, esta pedra angular do Espiritismo moderno.

W. Foelkner

141ª MEDITAÇÃO

DO NASCIMENTO E DA MORTE

O nascimento e a morte são ambos cercados de trevas impenetráveis. Ninguém sabe de onde veio, quando Deus o chamou; ninguém sabe aonde irá, quando Deus o chamará. Quem poderia dizer-me se eu já não existi, antes de tomar o meu corpo atual? O que é esse corpo, que pertence tão pouco ao meu *eu*, que, durante uma existência de cinqüenta anos, eu o teria mudado várias vezes como uma roupa? Eu não tenho mais a mesma carne e o mesmo sangue que tinha quando era amamentado, nos anos de minha juventude e na maturidade; as partes de meu corpo, que me pertenceram durante a primeira idade, já estão, desde muito tempo, dissolvidas e evaporadas. Só o Espírito permanece o mesmo durante todas as variações que sofre o seu invólucro terreno. Por que necessitaria eu, para a minha existência, do corpo que possuía quando era pequenino? Se existi antes dele, onde estava eu? E quando me desembaraçar de minha roupa atual, onde estarei? Ninguém me responde. Vim aqui como que por milagre e é por milagre que desaparecerei. O nascimento e a morte lembram ao homem esta verdade tantas vezes esquecida, a de que ele se encontra sob o poder de Deus.

Mas essa verdade é, ao mesmo tempo, uma consolação. O poder de Deus é o poder da sabedoria, o encanto do amor. Se o começo e o fim de minha vida são envoltos em trevas, devo pensar que deve ser um benefício para mim, como tudo o que vem de Deus é benefício e graça. Quando tudo ao meu redor proclama sua sabedoria suprema e sua bondade infinita, posso crer que as trevas que cercam o berço e o ataúde são as únicas exceções? É possível que eu já tenha existido uma vez, mesmo várias vezes? Quem conhece os mistérios da natureza dos Espíritos?⁴⁸ Minha presença não seria talvez uma fraca imagem da existência eterna? Já não vejo aqui a minha passagem da eternidade à eternidade, como num espelho opaco?

Eu ousaria embalar-me em estranhos pressentimentos? Esta vida seria realmente uma imagem em miniatura da existência eterna? Que seria se eu já tivesse tido várias existências, se cada uma delas fosse uma hora de vigília da infância de meu Espírito e cada mudança de seu envoltório, de suas relações ou o que se chama morte, uma letargia para um despertar com forças novas? É verdade que me é impossível saber quantas vezes e como existi, antes que Deus me tivesse chamado à existência atual; mas a criança de peito sabe mais do que eu de suas primeiras horas? Então perdeu tanto que não possa lembrar-se de seu primeiro sorriso e de suas primeiras lágrimas? Quando tiver mais idade não se recordará mais, muito certamente, mas saberá o que foi nos seus primeiros anos; saberá que sorriu, chorou, velou, dormiu, sonhou, absolutamente como os outros. Se aqui é possível, por que seria impossível que um dia, depois de uma viagem mais elevada de meu Espírito imortal, pudesse este lembrar-se e analisar a carreira percorrida, as diversas circunstâncias em que se encontrou durante sua viagem e os mundos em que habitou? Em que degrau de idade estou agora colocado? Assemelho-me ainda à criança que, uma

48 É preciso lembrar que estas linhas foram escritas cinquenta anos antes das revelações dos Espíritos recolhidas pelo Espiritismo. (*Nota do tradutor para o francês*)

hora depois, já esqueceu os acontecimentos da hora precedente e não está em condição de guardar a lembrança de um sonho que, tendo-a transportado à vida exterior, a separou da vigília precedente; mas me pareço com uma criança que, todavia, já sabe reconhecer os seus pais. Esquece os prazeres e os desgostos do momento decorrido; mas, a cada despertar, reconhece novamente suas feições queridas. Assim se dá comigo: também reconheço meu Pai, meu Deus no Todo-Eterno. Eu o teria procurado com os olhos, tê-lo-ia chamado, mesmo que ninguém me tivesse falado dEle; porque a lembrança do Pai celeste é, ao que se diz, *inata* em cada homem. Todos os povos guardam essa lembrança, mesmo os mais selvagens, cujas ilhas solitárias, banhadas pelo oceano, jamais foram abordadas por viajantes civilizados. Dizem *inata*; talvez se devesse dizer *herdada*, transportada de uma vida anterior, exatamente como a criancinha, de um sonho anterior a outro posterior, se refere à lembrança de sua mãe.

Mas eu caio nos sonhos! Quem está em condições de aprová-los ou rejeitá-los? Eles se assemelham às primeiras lembranças, muito vagas e muito fracas que uma criança tem de algo que lhe parece ter ocorrido em seus momentos de passadas vigílias. Nossas mais audaciosas suposições, mesmo quando as julgamos verdadeiras, não passam do reflexo fugidío e confuso de nossos sentimentos que datam de um passado esquecido. Aliás, eu não me censuro por isso. Mesmo supondo-as quiméricas, elas levantam o meu Espírito, porquanto, encarando a nossa vida terrena como uma hora de uma criança de peito, que vasta e incomensurável perspectiva da eternidade se desdobra à minha frente! Qual será, então, a juventude mais avançada, a plena maturidade de meu Espírito imortal, quando, ainda muitas vezes, eu tiver velado, dormido e subido um maior número de degraus da escada espiritual?

O dia da morte terrena tornar-se-á, então, meu novo dia de nascimento para uma vida mais elevada e mais perfeita, o começo de um sono que será seguido de um agradável despertar. A

graça divina me sorrirá com um amor maior que a afeição com que uma mãe terrena sorri ao filhinho ao despertar, no momento em que este abre os olhos.

143ª MEDITAÇÃO

DA TRANSFIGURAÇÃO APÓS A MORTE

Se tenho o direito de burguesia nos dois mundos, se pertença não só à vida terrena, mas também à vida espiritual, penso que seja muito perdoável ocupar-me algumas vezes do que me espera nesta última, para a qual um vago ardor me atrai incessantemente... Entretenho-me com muito boa vontade, em lembrança, com os que me foram caros e que a morte nos arrebatou, quanto com os que, neste mundo, me cumulam de alegria por sua presença, porque os primeiros não deixaram de existir, embora privados de um corpo material. A destruição do corpo não leva à destruição do Espírito. Continuo a vos querer, meus amigos ausentes, meus caros defuntos! Posso temer não ser mais o objeto de vossa afeição? Não, certamente; nenhum mortal tem o poder de separar Espíritos unidos por Deus, como nenhum túmulo tem esse poder.

Embora a sorte que me aguarda num outro mundo me seja oculta, penso que me seja permitido meditar algumas vezes sobre este assunto, e procurar adivinhar, pelo que aqui vejo, o que lá me poderia acontecer. Se na Terra nos é recusado ver, devemos procurar alimentar em nós a fé que tudo vivifica. – Jesus-Cristo falou muitas vezes, em alegorias elevadas, do estado da alma depois da morte do corpo, e seus discípulos também gostavam de entreter-se sobre este assunto com os seus confidentes, bem como com os que duvidavam da possibilidade da ressurreição dos mortos.

A doutrina da ressurreição dos corpos era uma das mais antigas da religião judaica. Os fariseus a ensinavam, mas de maneira grosseira e material, pretendendo que todos os corpos sepultados nos

túmulos deveriam necessariamente tornar-se, um dia, o invólucro e o instrumento dos Espíritos que os tinham animado durante a vida terrena, – opinião que foi plenamente refutada por outro partido religioso judaico, os saduceus. Exortado um dia a pronunciar-se entre estas duas opiniões contrárias, o Cristo demonstrou que os dois partidos religiosos judeus haviam chegado, à força de aberrações, a erros completamente opostos; que a imortalidade da alma, isto é, a continuação de sua existência no outro mundo, ou a ressurreição dos mortos, poderia se dar e se daria infalivelmente, sem dever ser uma ressurreição grosseiramente material dos corpos, providos de todas as exigências e de todos os sentidos terrestres necessários à sua conservação e à sua reprodução. Os saduceus reconheceram a verdade de suas palavras: “Mestre, respondestes muito bem!” disseram. (Lucas, 20:27-39.)

O que Jesus não discutia em público senão muito raramente, em detalhe, tornava-se assunto de suas conversas íntimas com os discípulos. Estes tinham as mesmas idéias que ele sobre o estado da alma após a morte e sobre a doutrina judaica concernente à ressurreição. “Insensatos! – diz o apóstolo Paulo – não vedes que o que semeais não nasce, se *antes* não morrer? E quando semeais, não semeais o corpo da planta que deve nascer, mas o simples grão, como de trigo ou de qualquer outra coisa. O corpo, como uma semente, agora é posto em terra cheio de corrupção e ressuscitará incorruptível. Semeia-se corpo animal, ressuscita-se corpo espiritual. *Se há corpo animal, há também corpo espiritual.* A carne e o sangue não podem possuir o reino de Deus e a corrupção não possuirá esta herança incorruptível. (I Coríntios, 15:37 a 50.)

O corpo humano, composto de elementos terrestres, voltará à terra e entrará nos elementos que compõem os corpos das plantas, dos animais e dos homens. Esse corpo é incapaz de uma vida eterna; sendo corruptível, não pode herdar a incorruptibilidade. Um *corpo espiritual* nascerá da morte, isto é, o *eu*

espiritual se elevará como *transfigurado* acima das partes do corpo feridas pela morte, numa liberdade maior e provido de um *invólucro espiritual*.

Esta doutrina do Evangelho, tal como saiu das revelações de Jesus e de seus discípulos, corresponde admiravelmente ao que agora já sabemos da natureza do homem. É irrecusável que o Espírito ou alma, além de seu corpo terrestre, é, na realidade, revestido de um corpo espiritual, o qual, exatamente como a reprodução da flor de uma semente apodrecida, se liberta pela morte do corpo material.

Muitas vezes se diz, por alegoria, que o sono é irmão da morte; e o é na realidade. O sono não é senão a retirada do Espírito ou da alma, *o abandono provisório feito por ela das partes exteriores e mais grosseiras do corpo*. Dá-se o mesmo no momento da morte. Durante o sono, nessas partes de nosso corpo, abandonadas por algum tempo por nossa personalidade mais elevada, não reside senão a vida vegetativa. O homem fica num estado de insensibilidade, mas seu sangue circula nas veias, sua respiração continua; todas as funções da vida vegetativa estão em plena atividade, assemelhando-se às da vida inconsciente das plantas. Essa retirada passageira do elemento espiritual do homem parece necessária, de vez em quando, para o elemento material, porque este último acaba por se destruir, a bem dizer, a si mesmo, por um desgaste muito prolongado, e se enfraquece ao serviço do Espírito. A vida vegetativa, abandonada a si mesma, e deixada em repouso pela atividade do Espírito, pode então continuar a trabalhar sem entraves na sua restauração, conforme as leis de sua natureza. Eis por que, depois de um sono saudável, sentimos nosso corpo como repousado, com o que se alegra o nosso Espírito; mas, depois da morte, a vida vegetativa também abandona os elementos materiais do corpo, que lhe deviam sua ligação, e eles se desagregam.

O corpo abandonado pelo Espírito ou alma pode, em certos casos, nos parecer com vida, mesmo quando *a morte verdadeira já está consumada*, isto é, quando o *elemento espiritual* já o deixou. O cadáver abandonado por seu Espírito continua a respirar, seu pulso a bater; diz-se: “Ele ainda vive.” Por outro lado, por vezes pode acontecer que a força vital, tendo positivamente abandonado algumas partes do corpo, estas estão verdadeiramente mortas, enquanto o Espírito e o corpo ficam unidos nas outras partes do corpo onde ainda reside a força vital.

O sono, um dos maiores segredos da existência humana, merece as nossas observações mais constantes e mais atentas; mas a dificuldade que apresentam essas observações tornam-se tanto maior quanto, para as fazer, o Espírito observador é forçado a submeter-se às leis da natureza material e de a deixar agir, para lhe dar a faculdade de se prestar mais facilmente ao seu uso e às suas experiências. Todo sono é o alimento da força vital. O Espírito aí em nada participa, porque o sono é também completamente independente do Espírito, como a digestão, a transformação dos alimentos em sangue, o crescimento dos cabelos, ou a separação do corpo dos líquidos inúteis. O estado de vigília é um consumo da força vital, sua expansão fora do corpo e sua ação exterior; o sono é uma assimilação, uma atração dessa mesma força de fora. Eis por que achamos o sono, não só nos homens e nos animais, mas também nas plantas que, à aproximação da noite, fecham as corolas de suas flores ou deixam pender suas folhas, depois de as haver plissado.

Qual é, pois, o estado de nosso elemento espiritual, durante a sua retirada de nossos sentidos exteriores? Ele não é mais apto a receber as impressões de fora, pelo uso dos olhos, dos ouvidos, pelo paladar, pelo olfato e pelo tato; mas, poder-se-ia dizer que durante esses momentos o nosso *nós* se aniquilasse? Se assim fosse, nosso corpo receberia todas as manhãs um *outro* Espírito, uma outra *alma*, em lugar daquela que estaria destruída. Tendo-se o

Espírito retirado de seus sentidos, continua a viver e agir, embora não podendo manifestar-se senão imperfeitamente, tendo renunciado por algum tempo aos instrumentos de que tem o hábito de se servir ordinariamente.

Os sonhos são outras tantas provas da continuação da atividade do Espírito. O homem desperto lembra-se de ter sonhado, mas essas lembranças geralmente se tornam vagas ou obscuras pelas vivas impressões que se precipitam subitamente para o Espírito ao despertar, por intermédio dos sentidos. Se mesmo nesse momento ignora de que visões se havia ocupado durante o sono, conserva, não obstante, no momento de um despertar súbito, a consciência de que sua atenção se destacou de alguma coisa que o tinha preocupado, até então dentro de si mesmo.

O sono se compõe sempre de visões, de desejos e de sentimentos, mas que se formam de maneira independente dos objetos exteriores, já que os sentidos exteriores do homem ficam inativos; é por isso que raramente deixam uma impressão viva e durável na memória. Então o Espírito devia estar ocupado, embora não possamos, depois do sono, recordar dos resultados de sua atividade. Mas qual o homem que está em condição de se recordar dos milhares dessas rápidas visões que se apresentam ao seu Espírito, mesmo em estado de vigília, em tal ou qual hora do dia? Tem, por isso, o direito de pretender que seu Espírito não teve visões, justo no momento em que, antes de tudo, estava ativo e refletindo?

Durante o sono, o Espírito conserva o sentimento de sua existência, tão bem quanto em vigília. Mesmo durante o sono, sabe distinguir-se perfeitamente dos objetos de suas visões. Cada vez que nos lembramos de um sonho, achamos que era o nosso próprio *eu* que, com um sentimento muito imperfeito de sua individualidade, flutuava entre as imagens de sua própria fantasia.

Podemos esquecer os acessórios dos sonhos que não produzem entre nós senão uma fraca impressão, e durante os quais o nosso Espírito não reagiu fortemente por seus desejos e sentimentos. Por conseguinte, poderíamos também esquecer que então tínhamos o sentimento de nossa existência, mas isto não é uma razão para supor que este último tenha sido suspenso um só instante, pelo fato de dele não mais nos lembrarmos!

Há homens que, preocupados com graves reflexões, não sabem, mesmo em estado de vigília, o que se passa em torno deles. Seu Espírito, tendo-se retirado das partes exteriores do corpo e dos órgãos dos sentidos, concentra-se e não se ocupa senão consigo mesmo e, exteriormente, parecem sonhar ou dormir com os olhos abertos. Mas quem poderá negar que hajam guardado plenamente o sentimento de sua existência, durante esses momentos de profunda meditação, embora não vejam com os olhos e não escutem com os ouvidos? Uma outra prova da *continuação incessante do sentimento de nossa existência e de nossa identidade*, é o poder que possui o homem de despertar por si mesmo, numa hora por ele fixada previamente.

Conseqüentemente, não se pode dizer que um homem mergulhado num sono mais ou menos profundo tenha perdido a consciência de si mesmo, quando, ao contrário, traz em si o sentimento de sua existência, mas sem poder no-lo manifestar. É justamente o caso dos desfalecimentos, quando o elemento espiritual do homem se retira em si mesmo, por efeito de uma perturbação passageira e parcial de sua vida vegetativa, porque o Espírito foge a tudo o que é morto, e não se prende senão à força vital, àquilo que, por si mesmo, não passa de matéria inerte. O homem desmaiado não dá nenhum sinal exterior de vida, mas desta não está privado, como não o está durante o sono. Muitas pessoas desmaiadas, assim como os adormecidos, muitas vezes conservam a lembrança de algumas das visões que tiveram durante este estado, que tanto se avizinha do da morte; outras não as esquecem. Há

desmaios durante os quais o corpo fica lívido, frio, privado de respiração e de movimento e parece inteiramente um cadáver, enquanto o Espírito, achando-se ainda em comunicação com alguns sentidos, compreende tudo o que se passa à sua volta, sem poder, como nos casos de catalepsia, dar qualquer sinal exterior de vida e de conhecimento. Quantas pessoas foram enterradas vivas desta maneira, com plena consciência de tudo quanto ordenavam para o seu enterro, por parentes ou amigos enganados por uma aparência fatal!⁴⁹

Um outro estado deveras notável do homem nos dá a prova da atividade ininterrupta do Espírito e do conhecimento de si mesmo, que jamais se perde, mesmo quando, depois, não mais se recorda. É o estado de sonambulismo. O homem adormece em seu sono ordinário. Não ouve, não vê e nada sente; mas, subitamente, tem o ar de despertar, não de seu sono, mas *em si mesmo*. Ouve, mas não com os ouvidos; vê, mas não com os olhos; sente, mas não pela

49 O célebre fisiologista alemão Dr. Buchner, publicou em 1859, no nº 349 do *Disdascalia*, jornal científico que aparecia em Darmstadt, um artigo sobre o uso do clorofórmio, no fim do qual acrescenta estas palavras muito notáveis na boca do autor de *Força e Matéria*: “A descoberta do clorofórmio e de seus efeitos extraordinários é não só de grande significação para a ciência médica, mas também para duas de nossas principais ciências: a *fisiologia* e – não se espantem muito – a *filosofia*.” O que leva o doutor materialista a dizer que, mesmo sob o aspecto psicológico, o uso do clorofórmio tem algum peso, é que os pacientes, durante as operações sofridas, achando-se num estado de semi-atordoamento, produzido pelo efeito do clorofórmio, várias vezes declararam, depois de despertar, que durante a operação não haviam sentido dor, nem sentimento de angústia ou de medo, mas que sempre ouviam perfeitamente tudo o que se passava e se dizia em seu redor, sem, contudo, estar em condição de fazer qualquer movimento, nem mexer um só de seus membros.

Esse fato não vem provar positivamente a possibilidade da existência do Espírito fora da matéria, que morre desde que o Espírito que a vivificava a deixa definitivamente?

O magnetismo também não oferece provas, a bem dizer palpáveis, da existência da alma independente da matéria? E como é tratado pelos sábios e pelas academias? Em vez de lhe prestar toda a atenção e de se aplicar em estudá-lo seriamente, limitam-se a negá-lo, o que certamente é mais cômodo, mas não honra as nossas corporações científicas.

(Nota do tradutor para o francês)

epiderme. Anda, fala, faz muitas coisas e exerce várias funções, para o espanto geral dos assistentes, com a maior circunspeção e com mais perfeição do que em vigília. Nesse estado lembra-se, muito distintamente, dos acontecimentos passados quando em vigília, mesmo dos que esquece quando está acordado, ocasião em que está de posse de todos os sentidos. Depois de haver ficado nesse estado durante algum tempo, o sonâmbulo cai de novo no sono ordinário e quando é tirado deste, não se recorda absolutamente de nada do que se passou. Esqueceu tudo quanto disse e fez e muitas vezes se nega em acreditar o que dele contam os espectadores. Poder-se-ia, entretanto, negar a seu Espírito o conhecimento de si mesmo, assim como sua admirável atividade durante o sono sonambúlico? Quem o ousaria? O sonâmbulo, caindo novamente no sono que *constitui seu despertar interior*, lembra-se perfeitamente, nesse estado incompreensível para si próprio, de tudo o que fez e pensou antes num estado semelhante, e do qual havia perdido completamente a lembrança durante o estado de vigília de seus sentidos exteriores.

Como explicar este fenômeno? Como é que um homem que dorme não apenas pode ver e ouvir com os seus sentidos exteriores inativos, mas isto mais positivamente, mais perfeitamente do que em vigília? Porque sabemos que o corpo não é senão o vaso ou o envoltório exterior da alma; porque, sem esta, nada pode experimentar, e porque o olho de um cadáver vê tanto quanto o olho de uma estátua. É, pois, a alma e unicamente a alma que sente, vê e ouve o que se passa fora dela. O olho, o ouvido, etc., não passam de instrumentos e dispositivos favoráveis do envoltório exterior, para proporcionar à alma as impressões de fora. Mas há circunstâncias nas quais esse envoltório grosseiro, achando-se partido ou estragado, a alma, por assim dizer, o atravessa e continua sua ação, sem por isto necessitar de seus sentidos exteriores. Então ela reage com um acréscimo de vigor, mas completamente diverso de quando em seu estado ordinário ou de vigília, contra o que não está morto no homem.

É, pois, mesmo a alma que é o ser que sente, e não o corpo; conseqüentemente, é ela quem forma o verdadeiro corpo do Espírito, e o corpo material não é senão o seu arcabouço exterior, *sua cobertura, seu envoltório*. A experiência e inumeráveis exemplos nos provam suficientemente que o Espírito nunca perde a sua atividade e a consciência de seu *eu*, mesmo quando não pode lembrar-se minuciosamente de cada momento particular de sua existência. Sabendo que o Espírito, absorvido em profundas reflexões, perde de vista seu próprio corpo e tudo o que o cerca; que, em certas doenças, pode achar-se na absoluta impossibilidade de agir sobre as partes exteriores de seu corpo e, algumas vezes, delas prescindir completamente (como no estado de sonambulismo), para a execução de seus desígnios, devemos compreender claramente como o Espírito imortal, tendo deixado o seu invólucro material e perecível, conserva, depois de sua morte terrestre, a consciência e o sentimento de sua existência, embora se achando fora do estado de poder manifestá-lo aos vivos, por meio do cadáver, já que este não lhe pertence mais. Ao mesmo tempo, compreendemos o que é o *corpo espiritual*, de que fala o apóstolo Paulo; o que devemos entender por corpo imperecível, que deve renascer do corpo perecível (I Cor., 15:4); como a fraqueza se abate e é semeada no túmulo, e como a força se eleva e se lança para o céu, madura para uma vida melhor (I Cor., 15:43). Eis a verdadeira ressurreição da morte, a ressurreição espiritual. O que em nós é pó deve voltar ao pó e às cinzas; mas o Espírito, vestido num corpo transfigurado, leva daí em diante a imagem do céu, exatamente como até agora tinha levado a imagem da Terra (I Cor., 15:49). O corpo terrestre, apodrecendo no túmulo, nada mais sente, mas também jamais sentiu por si mesmo. Era, pois, o corpo espiritual, a alma, que percebia e sentia tudo. Assim ela continuará a fazê-lo, livre de seu vaso partido, mas apenas de uma maneira infinitamente mais delicada e mais pronta. Tendo o Espírito consciência de si mesmo em seu envoltório espiritual, poderia perfeitamente e infinitamente melhor ainda, admirar a glória de Deus em suas

criações, e ao mesmo tempo possuir as faculdades de ver e amar os que lhes são caros; mas não mais experimentará necessidades materiais e sensuais, não terá mais lágrimas. Tornar-se-á a imagem do céu, que é a sua verdadeira pátria.

Que sentirei no momento em que me chamares a ti, meu Criador, meu Pai! no momento de minha transfiguração, quando, cercado de meus bem-amados, chorando em volta de mim e vendo meus bem-amados que me precederam aproximar-se de mim, eu os bendirei a todos com igual amor! E quando, santificado por Jesus-Cristo, participando de seu reino, eu me apresentar diante de ti, ó meu Deus! adorando-te com o mais vivo reconhecimento, com a mais profunda veneração, com a admiração sem limites! Que meu Espírito imortal esteja *então bastante maduro* para gozar esta felicidade suprema! *Amém.*

Doutrina de Lao-Tseu

FILOSOFIA CHINESA

Devemos a notícia seguinte à gentileza e ao zelo esclarecido de um dos nossos correspondentes de Saigon (Cochinchina).

No século VI antes de nossa era, portanto quase ao mesmo tempo que Pitágoras, e dois séculos antes de Sócrates e Platão, vivia na província de Lunan, na China, Lao-Tseu, um dos maiores filósofos que jamais existiram. Oriundo da mais ínfima origem, Lao-Tseu não teve outros meios de instruir-se senão a reflexão e numerosas viagens. Chegado à idade de cerca de cinquenta anos, seja porque suas disposições filosóficas, desenvolvidas pelo estudo, tenham enfim produzido os seus frutos, seja porque, inconscientemente, ele tenha combinado esses frutos com uma revelação particular, escreveu seu livro *A razão suprema e a virtude*, obra considerada como autêntica, a despeito de sua

antiguidade, pelos historiadores chineses de todas as seitas, e com tanto mais autoridade quanto, certamente, não foi incluída no incêndio de livros ordenado pelo imperador Loang-Ti, duzentos anos antes da era cristã.

Para maior clareza, digamos, antes de mais, o que Lao-Tseu designava pela palavra *tao*. Era uma denominação dada por ele ao primeiro ser; impotente que era para o chamar por seu nome eterno e imutável, qualificava-o por seus principais atributos: *tao*, *razão suprema*. À primeira vista parece que o termo chinês... (Aqui o nosso correspondente transcreve esta palavra em caracteres chineses, que o nosso impressor não pôde reproduzir), cuja pronúncia figurada é *tas*, tem alguma analogia, do ponto de vista fonético, com o *Théos* dos gregos, ou o *Deus* dos latinos, de onde veio o nosso vocábulo *Deus*. E, contudo, ninguém acredita que a língua chinesa e a língua grega jamais tenham tido pontos comuns. Aliás, a anterioridade reconhecida da nação e da civilização chinesa basta para provar que esta expressão é um idiotismo chinês.⁵⁰

O *tao*, ou a razão suprema universal de Lao-Tseu, tem duas naturezas ou modos de ser: o modo espiritual ou imortal e o modo corporal ou material. A natureza espiritual é a natureza perfeita; dela é que emanou o homem; é a ela que ele deve voltar, despreendendo-se dos laços materiais do corpo; o aniquilamento de todas as paixões materiais, o afastamento dos prazeres mundanos, são meios eficazes de se tornar digno de a ela retornar. Mas escutemos falar o próprio Lao-Tseu. Servir-me-ei da tradução de Pauthier, sinólogo tão erudito quanto consciencioso. Seus trabalhos sobre a filosofia chinesa e sua doutrina são tanto mais notáveis e isentos de suspeita quanto, morto há muito tempo, ignorava até o nome da Doutrina Espírita.

50 É quase supérfluo dizer que a palavra chinesa *tao* não tem qualquer relação com o sentido da palavra francesa *tas*, que dela tem apenas a pronúncia figurada.

Na vigésima primeira seção da razão suprema, Lao-Tseu estabeleceu uma verdadeira cosmogonia:

“As formas materiais do grande poder criador não passam de emanações do *tao*; é o *tao* que produziu os seres materiais existentes. (Antes) não havia senão uma confusão completa, um caos indefinível; era um caos! uma confusão inacessível ao pensamento humano.

“Em meio a esse caos havia um princípio sutil, vivificante; esse princípio sutil, vivificante era a suprema verdade.

“Em meio a esse caos havia seres, mas seres em germes; seres imperceptíveis, indefinidos.

“Em meio a esse caos havia um princípio de fé. Desde a antiguidade até os nossos dias, seu nome não desapareceu. Examina com cuidado o bem de todos os seres. Mas nós, como conhecemos as virtudes da multidão? Por esse *tao*, essa razão suprema.

“Os seres de formas corporais são formados da matéria primeira, confusa.

“Antes da existência do Céu e da Terra havia um silêncio imenso, um vazio incomensurável e sem formas perceptíveis.

“Só ele existia, infinito, imutável. Circulava no espaço sem experimentar qualquer alteração.

“Pode-se considerá-lo como a mãe do Universo; eu ignoro o seu nome, mas o designo por seus atributos, e o digo *Grande, Elevado*.

“Sendo (reconhecido) grande, elevado, eu o chamo: grande ao longe.

“Sendo (reconhecido) grande ao longe, eu o chamo: distante, infinito.

“Sendo (reconhecido) distante, infinito, eu o chamo: o que é oposto a mim.

“O homem tem a sua lei na Terra;

“A Terra tem a sua lei no Céu;

“O Céu tem a sua lei no *Tao* ou a razão suprema universal;

“A razão suprema tem a sua lei em si mesma.”

Em outro lugar diz Lao-Tseu:

“É preciso esforçar-se para chegar ao último grau da incorporeidade, a fim de poder conservar a maior imutabilidade possível.

“Todos os seres aparecem na vida e realizam os seus destinos; contemplamos as suas renovações sucessivas. Esses seres materiais se mostram incessantemente com novas formas exteriores. Cada um deles retorna à sua origem.

“Retornar à sua origem significa tornar-se em repouso;

“Tornar-se em repouso significa cumprir o seu mandato;

“Cumprir o seu mandato significa tornar-se eterno;

“Saber que se torna eterno (ou imortal) significa ser esclarecido;

“Não saber que se torna imortal é ser entregue ao erro e a todas as sortes de calamidades;

“Sabendo-se que se torna imortal contêm-se e se abraçam todos os seres;

“Abraçando todos os seres numa afeição comum, é-se justo, eqüitativo para com todos os seres;

“Sendo justo e eqüitativo para com todos os seres, possuem-se os atributos do soberano;

“Possuindo os atributos do soberano, tem-se a natureza divina;

“Tendo a natureza divina, chega-se a ser identificado com o *tao*;

“Estando identificado com a razão suprema universal, subsiste-se eternamente; mesmo sendo o corpo posto à morte, não se deve temer nenhum aniquilamento.”

Vejamos agora qual é a moral da filosofia chinesa.

“O santo homem não tem um coração inexorável; faz o seu coração segundo o coração de todos os homens.

“Devemos tratar o homem virtuoso como um homem virtuoso; também devemos tratar o homem vicioso como um homem virtuoso: Eis a sabedoria e a virtude.

“Devemos tratar o homem sincero e fiel como um homem sincero e fiel; também devemos tratar o homem não sincero e infiel como um homem virtuoso: Eis a sabedoria e a sinceridade.”

Essas máximas correspondem ao que chamamos *indulgência* e *caridade*. O Espiritismo, demonstrando que o

progresso é uma lei da Natureza, precisa melhor este pensamento, dizendo que é necessário tratar o homem vicioso como *podendo e devendo um dia*, em conseqüência de suas existências sucessivas, tornar-se virtuoso, para o que lhe devemos fornecer os meios, em vez de o relegar entre os párias da danação eterna e pensando que nós próprios talvez tivéssemos sido piores do que ele.

Toda a doutrina de Lao-Tseu transpira a mesma mansuetude, o mesmo amor pelos homens, junto a uma elevação extraordinária de sentimentos. Sua sabedoria se revela sobretudo na passagem seguinte, na qual ele reproduz o célebre axioma da sabedoria antiga: *Conhece-te a ti mesmo*, sem que tenha tido conhecimento da fórmula de Tales:

“Aquele que conhece os homens é instruído;

“Aquele que se conhece a si mesmo é verdadeiramente esclarecido.

“Aquele que subjuga os homens é poderoso;

“Aquele que se domina a si mesmo é verdadeiramente forte.

“Aquele que realiza obras difíceis e meritórias deixa uma lembrança durável na memória dos homens.

“Aquele que não dissipa a sua vida é impercível;

“Aquele que morre e não é esquecido tem uma vida eterna.”

Como faz notar o eminente tradutor, é certo que não se encontraria na Grécia, antes de Aristóteles, uma série de sorites tão logicamente encadeadas. Quanto aos princípios mesmos, constituem, seguramente, uma doutrina, e se é certo que esta nada

contém de incompatível com o que admite a razão, por que não seria tão boa quanto outras, que dificilmente suportam a discussão?

Já o disseram: “A verdadeira religião, necessária à salvação, deve ter começado com o gênero humano.” Ora, desde que ela é essencialmente *uma*, como a verdade, como Deus, a religião primitiva já era o Cristianismo, assim como o Cristianismo, depois do Evangelho, é a religião primitiva consideravelmente desenvolvida.

Nesta série de ensinamentos não vemos retrçados os mesmos princípios que servem de base ao Espiritismo, à exceção de um único ponto, a leve tendência panteísta da não distinção, ou antes, da identificação da criatura santificada com o Criador? tendência que, se viciosa, pode ser devida à influência do meio em que vivia o filósofo Lao-Tseu, talvez a uma seqüência muito longa, dada a essa notável cadeia de argumentos ou, enfim, à imperfeita interpretação que demos de seu próprio pensamento.

Se, pois, como está constatado, Lao-Tseu é posto, pelos séculos, no número dessas vozes potentes de sabedoria e de razão, que as leis providenciais e naturais das sociedades humanas fazem surgir em certas épocas, para protestar energicamente contra um estado de dissolução social e reconduzir os espíritos aos destinos eternos do gênero humano; se sua doutrina pode ser a base da verdadeira religião, a qual, como vimos, sendo necessária à salvação, deve ter existido de todos os tempos. Desde que os princípios filosóficos do Espiritismo não são, em substância, senão os de Lao-Tseu, não se pode considerar a verdade da Doutrina Espírita como estando provada, moralmente, fora dos ensinamentos do Cristo?

Observação – Como se vê, os chineses não são absolutamente tão bárbaros quanto geralmente se pensa; eles são, de longa data, nossos irmãos mais velhos em civilização, e alguns dentre eles serviriam de exemplo a mais de um dos nossos contemporâneos em matéria de filosofia. Como é, então, que um

povo que teve sábios como Lao-Tseu, Confúcio e outros, ainda tenha costumes tão pouco em harmonia com tão belas doutrinas? Outro tanto se poderia dizer de Sócrates, Platão, Sólon, etc., em relação aos gregos; do Cristo, cujos preceitos estão longe de ser praticados por todos os cristãos.

Os trabalhos desses homens, que aparecem de longe a longe entre os povos, como meteoros da inteligência, jamais são estéreis; são sementes que ficam durante longos anos em estado latente, que não aproveitam senão a algumas individualidades, mas que as massas são incapazes de assimilar. Os povos são lentos em modificar-se, até o momento em que um abalo violento os venha tirar de seu torpor.

É de notar que a maior parte dos filósofos pouco se preocupou em pôr em prática as suas idéias. Inteiramente voltados ao trabalho da concepção e da elaboração, não tiveram o tempo e, por vezes, nem mesmo a aptidão necessária para a execução do que concebiam. Este cuidado incumbe a outros, que dele se penetram, e são muitas vezes esses mesmos trabalhos, habilmente postos em ação, que servem, ao cabo de vários séculos, para agitar os povos e os esclarecer.

Poucos chineses, à exceção de alguns letrados, sem dúvida, conhecem Lao-Tseu. Hoje que a China está aberta às nações ocidentais, nada haveria de impossível em que estas contribuíssem para vulgarizar os trabalhos do filósofo em seu próprio país. E quem sabe se os pontos de contato existentes entre a sua doutrina e o Espiritismo não será um dia um traço de união para a aliança fraterna das crenças? O que é perfeitamente certo é que quando todas as religiões reconhecerem que adoram o mesmo Deus sob diferentes nomes; que lhe concedem os mesmos atributos de soberana bondade e justiça; e que não diferem senão na forma de adoração, os antagonismos religiosos cairão. É a esse resultado que deve conduzir o Espiritismo.

Exéquias da Senhora Victor Hugo

Falecida em Bruxelas, a Sra. Victor Hugo foi trazida para a França, em 30 de agosto último, para ser inumada em Villequiers (Seine-Inférieure), junto de sua filha e de seu genro. O Sr. Victor Hugo a acompanhou até a fronteira. Sobre o túmulo, o Sr. Paul Meurice pronunciou as seguintes palavras:

“Eu queria apenas lhe dizer adeus por todos nós.

“Bem o sabeis, vós que a rodeais – pela última vez! – o que era – *o que é* esta alma tão bela e tão doce, este adorável espírito, este grande coração.

“Ah! este grande coração, sobretudo! Como ela gostava de amar! como gostava de ser amada! como sabia sofrer com os que amava!

“Era a esposa do maior homem que existe e, pelo coração, ela se alçava a esse gênio. Quase o igualava, de tanto o compreender.

“E é preciso que nos deixe! é preciso que a deixemos!

“*Ela já voltou a amar.* Reencontrou seus dois filhos, aqui – e lá (mostrando o túmulo de sua filha e o Céu).

“Victor Hugo me disse na fronteira, ontem à noite: “*Disse à minha filha que, esperando, sempre lhe envio sua mãe.*” Está dito, e creio que está entendido.

“E agora, adeus, pois! adeus pelos presentes! adeus pelos ausentes! adeus nossa amiga! adeus nossa irmã!

“Adeus, mas até à vista!”

O Sr. Paul Foucher, irmão da Sra. Victor Hugo, numa carta que escreveu no *France*, para dar contas da cerimônia, termina por estas palavras: “Nós nos separamos consternados, mas calmos e persuadidos, mais do que nunca, de que o desaparecimento de um ser é um encontro marcado com ele numa hora indefinida.”

Nesta ocasião, julgamos dever lembrar a carta do Sr. Victor Hugo ao Sr. Lamartine, quando da morte da esposa deste último, em 23 de maio de 1863, e que a maioria dos jornais da época reproduziu.

“Caro Lamartine,

“Uma grande desgraça vos fere; preciso pôr o meu coração junto do vosso. Eu venerava aquela a quem amáveis. Vosso alto espírito vê além do horizonte; percebeis distintamente a vida futura.

“Não é a vós que é preciso dizer: esperai. Sois dos que sabem, e que esperam.

“Ela é sempre a vossa companheira, invisível, mas presente. Vós perdestes a mulher, mas não a alma. Caro amigo, vivamos nos mortos.

Tuus

Victor Hugo

As palavras pronunciadas pelo Sr. Victor Hugo, e o que escreveu em diversas circunstâncias provam que ele crê, não somente nessa vaga imortalidade, na qual, com pouquíssimas exceções, todo o gênero humano acredita, mas nesta imortalidade claramente definida, que tem um objetivo, satisfaz à razão e dissipa a incerteza sobre a sorte que nos espera; que nos representa as almas ou Espíritos dos que deixaram a Terra como seres concretos, individuais, povoando o espaço, vivendo em meio de nós, com a

lembrança do que aqui fizeram, beneficiando-se do progresso intelectual e moral realizado, conservando suas afeições, testemunhas invisíveis de nossas ações e de nossos sentimentos, comungando pensamentos com os que lhes são caros; numa palavra, nesta imortalidade consoladora, que enche o vazio deixado pelos ausentes e pela qual se perpetua a solidariedade entre o mundo espiritual e o mundo corporal. Ora, aí está todo o Espiritismo. Que acrescenta ele a isto? a prova material daquilo que não era, até ele, senão uma teoria sedutora. Enquanto certas pessoas chegaram a esta crença pela intuição e pelo raciocínio, o Espiritismo partiu do fato e da observação.

Sabe-se em conseqüência de que dolorosa catástrofe o Sr. Victor Hugo perdeu sua filha e seu genro, o Sr. Charles Vacquerie, no dia 4 de setembro de 1843. Eles se dirigiam, em barco à vela, de Villequiers a Caudebec, em companhia de um tio do Sr. Vacquerie, antigo marinheiro, e de um menino de dez anos. Uma ventania fez soçobrar a embarcação e os quatro pereceram.

Que de mais significativo, marcado de mais profunda e mais justa idéia da imortalidade que estas palavras: *Dizei à minha filha que, esperando, sempre lhe envio sua mãe!* Que calma, que serenidade, que confiança no futuro! Dir-se-ia que sua filha apenas partira para uma viagem, à qual manda dizer: “Envio-te tua mãe, esperando que eu vá vos encontrar.” Quanta consolação, quanta força, quanta esperança não se haure nesta maneira de compreender a imortalidade! Não é mais a alma perdida no infinito, que a própria certeza de sua sobrevivência não deixa nenhuma esperança de reencontrar; deixando para sempre a Terra e aqueles a quem amou, quer ela esteja nas delícias da beatitude contemplativa ou nos tormentos eternos do inferno, a separação é eterna. Compreende-se a amargura dos pesares com uma tal crença; mas, para aquele pai, sua filha está sempre lá; receberá sua mãe ao sair de seu exílio terrestre e escuta as palavras que ele lhe manda dizer!

Quem quer que tenha chegado a isto é espírita, porque, se quiser refletir seriamente, não pode escapar a todas as conseqüências lógicas do Espiritismo. Os que repelem essa qualificação são os que, não conhecendo do Espiritismo senão os quadros ridículos da crítica zombeteira, dele fazem uma idéia falsa. Ao contrário, se se dessem ao trabalho de o estudar, de o analisar e de lhe sondar o alcance, sentir-se-iam felizes por encontrar nas idéias que constituem a sua felicidade, uma sanção capaz de consolidar a sua fé. Não mais diriam apenas: “Creio, porque me parece justo”, mas “Creio porque compreendo.”

Façamos um paralelo entre os sentimentos que animaram o Sr. Victor Hugo nesta circunstância e em todas aquelas em que o seu coração recebeu semelhantes feridas, e a definição da imortalidade que dava o *Figaro*, de 3 de abril de 1868, sob a rubrica de: *Dicionário do Figaro*:

Imortalidade: Conto de enfermeiros, para tranquilizar seus clientes.

Efeito Moralizador da Reencarnação

O *Figaro* de 5 de abril de 1868, o mesmo jornal que, dois dias antes, publicava esta definição de imortalidade: “*Conto de enfermeiros, para tranquilizar seus clientes*”, e a carta referida no artigo precedente, continha o seguinte artigo:

“O compositor E... acredita firmemente na migração das almas. Ele conta, de boa vontade, que em séculos anteriores foi escravo grego, depois histrião e compositor italiano célebre, mas invejoso, impedindo os seus confrades de produzir...”

“– Hoje sou punido por isto, acrescenta ele com filosofia; é a minha vez de ser sacrificado e me ver barrados os caminhos!”

“Esta maneira de consolar bem vale uma outra.”

Esta idéia é puro Espiritismo, porque não só é o princípio da pluralidade das existências, mas o da expiação do passado, pela pena de talião, nas existências sucessivas, segundo a máxima: “Sempre se é punido por onde se pecou.” Esse compositor assim explica as suas tribulações; consola-se pelo pensamento de que não tem senão o que merece; a consequência deste pensamento é que, para não o merecer novamente, é de seu próprio interesse buscar melhorar-se; isto não é melhor do que queimar o cérebro, o que logicamente o conduziria ao pensamento do nada?

Esta crença é, pois, uma causa poderosa e muito natural de moralização; é surpreendente pela atualidade e pelo fato material das misérias que se suporta e que, por não se poder explicá-las, são levadas à conta de fatalidade ou de injustiça de Deus. Ela é compreensível para todo o mundo, para a criança e para o homem mais iletrado, porque nem é abstrata, nem metafísica. Não há ninguém que não compreenda que já se possa ter vivido, e que se já viveu, pode viver ainda. Considerando-se que não é o corpo que pode reviver, é a sanção mais patente da existência da alma, de sua individualidade e de sua imortalidade.

É, pois, para a popularizar que devem tender os esforços de todos os que se ocupam seriamente do melhoramento das massas; é para eles uma poderosa alavanca, com a qual farão mais do que pela idéia dos diabos e do inferno, de que hoje se riem.

Como ela está na ordem do dia, germina de todos os lados e sua lógica o faz aceitar facilmente, muito naturalmente ela abre aos espíritas uma porta para a propagação da doutrina. Que se liguem, pois, a essa idéia, da qual ninguém ri, que é aceita pelos mais sérios pensadores e farão mais prosélitos por esta via do que pela das manifestações materiais. Desde que é hoje a corda sensível, é esta que se deve atacar; e quando tiver vibrado, o resto virá por si

mesmo. Não faleis, pois, àqueles a quem apavora a simples palavra *Espiritismo*; falai da pluralidade das existências, dos numerosos escritores que preconizam esta idéia; falai também sobretudo aos aflitos, como o faz o Sr. Victor Hugo, da presença, em torno de nós, dos seres queridos que perdemos; eles vos compreenderão e, mais tarde, ficarão muito surpreendidos de ser espíritas sem o haver suspeitado.

Profissão de Fé Materialista

O *Figaro* de 3 de abril de 1868 continha a carta seguinte, a propósito dos debates que se deram por esta época no Senado, relativamente a certas lições professadas na Escola de Medicina.

“Paris, 2 de abril de 1868.

“Senhor redator,

“Um erro que me concerne resvalou na última palestra do doutor Flavius. Eu não assisti à aula de abertura do Sr. Séé, o ano passado e, por conseguinte, não tenho direito a nenhum papel nessa história. Aliás, é um erro de forma, e não de fundo; mas, a cada um os seus atos. Há que substituir meu nome pelo de meu amigo Jaclard, que não acredita mais do que eu na alma imortal. E, a bem dizer, eu quase não vejo em todo o Senado senão o Sr. Sainte-Beuve, que ousou, na ocasião, confiar-nos os cuidados de seus molares ou a direção de seu tubo digestivo.

“E já que tenho a palavra, permiti-me mais uma. É preciso terminar com uma brincadeira que começa a tornar-se irritante, além de ter o ar de um retrocesso. A Escola de Medicina, diz o doutor Flavius, mais forte em partos do que em filosofia, nem é ateísta, nem materialista: é positivista.

“Mas, na verdade, o que é o positivismo, senão um ramo dessa grande escola materialista, que vai de Aristóteles e de

Epicuro até Bacon, até Diderot, até Virchow, Moleschoff e Büchner, sem contar os contemporâneos e compatriotas que não cito – por isto mesmo.

“A filosofia de A. Comte teve a sua utilidade e a sua glória no tempo em que o ‘cousinismo’ reinava como senhor. Hoje que a bandeira do materialismo foi erguida na Alemanha por nomes ilustres, na França por gente moça, em cujo meio tenho orgulho e pretensão de me contar, é bom que o positivismo se recolha ao modesto papel que lhe convém. É bom, sobretudo, que não afete por mais tempo, a respeito do materialismo, seu mestre e seu antepassado, um desdém ou reticências que são, no mínimo, inoportunas.

“Recebei, senhor redator, a segurança de minha distinta consideração.”

A. Regnard,

Antigo interno dos hospítals

Como se vê, o materialismo também tem o seu fanatismo. Há alguns anos apenas ele não teria ousado exhibir-se tão audaciosamente; hoje traz abertamente o desafio ao espiritualismo, e o positivismo já não é, aos seus olhos, suficientemente radical. Tem suas manifestações públicas, e é ensinado publicamente à juventude; tem a mais o que censura nos outros: a intolerância, que vai até a intimidação. Imagine-se o estado social de um povo imbuído de semelhantes doutrinas!

Esses excessos, no entanto, têm a sua utilidade, a sua razão de ser; amedrontam a sociedade, e o bem sempre sai do mal. É preciso o excesso do mal para fazer sentir a necessidade do melhor, sem o que o homem não sairia de sua inércia; ficaria impassível diante de um mal que se perpetuaria em favor de sua pouca importância, ao passo que um grande mal desperta sua atenção e lhe faz buscar os meios de o remediar. Sem os grandes desastres ocorridos no início das estradas de ferro, e que

apavoravam, já que os pequenos acidentes isolados passavam quase despercebidos, ter-se-iam desprezado as medidas de segurança. No moral é como no físico: quanto mais excessivos os abusos, mais próximo está o termo.

A causa primordial do desenvolvimento da incredulidade está, como temos dito muitas vezes, na insuficiência das crenças religiosas, em geral, para satisfazer a razão, e no seu princípio de imobilidade, que lhes interdita toda concessão sobre os seus dogmas, mesmo diante da evidência. Se, em lugar de ficarem na retaguarda, elas tivessem seguido o movimento progressivo do espírito humano, mantendo-se sempre no nível da Ciência, por certo difeririam um pouco do que eram no princípio, como um adulto difere da criança de berço, mas a fé, em vez de se extinguir, teria crescido com a razão, porque é uma necessidade para a Humanidade, e elas não teriam aberto a porta à incredulidade que vem sapor o que delas resta; recolhem o que semearam.

O materialismo é uma conseqüência da época de transição em que estamos; não é um progresso, longe disso, mas um instrumento de progresso. Desaparecerá, provando a sua insuficiência para a manutenção da ordem social e para a satisfação dos espíritos sérios, que procuram o porquê de cada coisa; para isto era necessário que o vissem em ação. A Humanidade, que precisa crer no futuro, jamais se contentará com o vazio que ele deixa atrás de si, e procurará algo de melhor para o compensar.

Profissão de Fé Semi-Espírita

Em apoio às reflexões contidas no artigo precedente, reproduzimos com prazer a carta seguinte, publicada pelo *Petite-Presse* de 20 de setembro de 1868.

“Les Charmettes, setembro de 1868.

“Meu caro Barlatier,

“Sabeis a canção:

Quando se é basco e bom cristão...

“Sem ser basco, sou bom cristão, e o cura de minha aldeia, que ontem comia a minha sopa de couve, me permite que vos conte a nossa conversa.

“– Então ides retomar o *Rei Henrique?* – Com tanto melhor vontade, respondi, quanto *eu vivi naquele tempo*. – Meu digno cura teve um sobressalto.

“Então lhe comuniquei minha convicção de que já tínhamos vivido e que viveríamos ainda. Nova exclamação do bravo homem. Mas, enfim, reconheceu que as crenças cristãs não excluem esta opinião e deixou que eu seguisse o meu caminho.

“Ora, meu caro amigo, acreditai mesmo que eu não quis divertir-me com a candura do meu cura, e que esta convicção de que falo está fortemente arraigada em mim. Vivi ao tempo da Liga, sob Henrique III e Henrique IV. Quando eu era criança, meus avós me falavam de Henrique IV, e de um indivíduo que eu não conhecia absolutamente, um monarca grisalho, enfiado numa *gola plissada*⁵¹, devoto ao excesso e jamais tendo ouvido falar da Belle Gabrielle. Era o do padre Péréfixe. O Henrique IV que conheci, batalhador, amável, fino, um pouco esquecido, é o verdadeiro. É aquele de quem já falei e vos falarei ainda.

“Não riais. Quando vim a Paris pela primeira vez, reconheci-me por toda parte nos velhos bairros e tive uma vaga lembrança de me haver encontrado na rue de la Ferronnerie, no dia em que o povo perdeu o seu bom rei, aquele que tinha querido que

51 **N. do T.:** Grifo nosso. *Fraise* no original: Espécie de gola ou de colarinho pregueado. Fazia parte da moda da época e foi muito usado pelo rei Henrique IV, conforme o retratam os pintores do século XVI.

cada francês tivesse aos domingos uma galinha na panela. Que era eu nesse tempo? Pouca coisa, sem dúvida um cadete da Provença ou da Gasconha. Mas se tivesse estado nas guardas de meu herói, isto não me surpreenderia.

“Em breve, pois, meu primeiro folhetim da *Segunda Juventude do rei Henrique*.

“E crede-me todo vosso.”

Ponson du Terrail

Quando o Sr. Ponson du Terrail lançava o ridículo sobre o Espiritismo, não imaginava, e talvez ainda hoje não imagine, que uma das bases fundamentais desta doutrina é precisamente a crença da qual faz uma profissão de fé tão explícita. A idéia da pluralidade das existências e da reencarnação evidentemente ganha a literatura e não nos surpreenderíamos que Méry, que se lembrava tão bem do que tinha sido, não tenha despertado em mais de um de seus confrades, lembranças retrospectivas e não seja, entre eles, o primeiro iniciador do Espiritismo, porque o lêem, ao passo que não lêem os livros espíritas. Eles aí encontram uma idéia racional, fecunda, e a aceitam.

O *Petite-Press* publica, neste momento, sob o título de *Sr. Médard*, um romance cujo enredo é todo espírita. É a revelação de um crime pela aparição da vítima em condições muito naturais.

Instruções dos Espíritos

INFLUÊNCIA DOS PLANETAS NAS PERTURBAÇÕES DO GLOBO TERRESTRE⁵²

Extraímos o que segue de uma carta que nos é dirigida de Santa-Fé de Bogotá (Nova Granada), por um dos nossos

52 *Nota da Editora:* Ver “Nota Explicativa”, p. 543.

correspondentes, o Sr. doutor Ignácio Pereira, médico, cirurgião, membro fundador do Instituto Homeopático dos Estados Unidos da Colômbia:

“Há três anos que, pela mudança das estações em nossas regiões, a do verão tornou-se muito longa e apareceram em algumas plantas doenças inteiramente desconhecidas em nosso país; as batatas foram atacadas de gangrena seca e, pelas observações microscópicas, que fiz em plantas afetadas por esta doença, reconheci que é produzida por um parasito vegetal chamado *perisporium solani*. Há três anos nosso globo tem sido vítima de desastres de toda sorte: inundações, epidemias, epizootias, fome, furacões, comoções do mar, terremotos têm, sucessivamente, devastado diversas regiões.

“Sabendo que quando um cometa se aproxima da Terra as estações se tornam irregulares, pensei que esses astros pudessem igualmente produzir uma ação sobre os seres orgânicos, ocasionar perturbações climatéricas, causas de certas moléstias e, talvez, influir sobre o estado psíquico do globo pela produção de fenômenos diversos.

“O Espírito de meu irmão, que interroguei a respeito, limitou-se a me responder que não é um cometa que age, mas o planeta Júpiter que, de quarenta em quarenta anos, está no seu período mais próximo da Terra, recomendando-me não prosseguir este estudo por mim só.

“Preocupado com sua resposta, estudei a crônica de quarenta anos atrás, e então fiquei sabendo que as estações foram irregulares, como hoje, em nossas regiões; sobreveio ao trigo a doença conhecida pelo nome de *anublo*; também houve pestes nos homens e nos animais; terremotos que causaram grandes desastres.

“Esta questão me parece importante, razão por que, se julgardes conveniente submetê-la aos Espíritos instrutores da

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, eu vos ficaria muito agradecido se me désseis a conhecer a sua opinião.”

RESPOSTA

(Paris, 18 de setembro de 1868)

Na Natureza não há um fenômeno, por pouco importante que seja, que não seja regulado pelo exercício das leis universais que regem a Criação. Dá-se o mesmo nos grandes cataclismos, e se males de toda sorte castigam a Terra em certas épocas, não só é porque são necessários, em razão de suas conseqüências morais, mas, também, porque a influência dos corpos celestes uns sobre os outros e as reações compostas de todos os agentes naturais devem fatalmente levar a tal resultado.

Estando tudo submetido a uma série de leis, eternas como aquele que as criou, pois que não se poderia remontar à sua origem, não há um fenômeno que não esteja submetido a uma lei de periodicidade, ou de série, que provoca o seu retorno em certas épocas, nas mesmas condições, ou seguindo, como intensidade, uma lei de progressão geométrica crescente ou decrescente, mas contínua. Nenhum cataclismo pode nascer espontaneamente, ou, se seus efeitos parecem tal, as causas que o provocam são postas em ação desde um tempo mais ou menos longo. Não, são, pois espontâneos senão em aparência, pois não há um só que não esteja preparado desde muito tempo, e que não obedeça a uma lei constante.

Partilho, pois, inteiramente da opinião expressa pelo Espírito Jenaro Pereira, quanto à periodicidade das irregularidades das estações; mas quanto à sua causa, é mais complexa do que ele supõe.

Cada corpo celeste, além das leis simples que presidem à divisão dos dias e das noites, das estações, etc., sofrem revoluções

que demandam milhares de séculos para a sua perfeita realização, mas que, como as revoluções mais breves, passam por todos os períodos, desde o nascimento até o apogeu do efeito, depois do que há um decréscimo até o último limite, para recomeçar em seguida a percorrer as mesmas fases.

O homem não abarca senão as fases de duração relativamente curta, e cuja periodicidade pode constatar; mas há umas que compreendem longas gerações de seres e, mesmo, sucessões de raças, cujos efeitos, por conseguinte, têm para ele as aparências da novidade e da espontaneidade, ao passo que se o seu olhar pudesse abranger alguns milhares de séculos para trás, ele veria, entre esses mesmos efeitos e suas causas, uma correlação que nem sequer suspeita. Esses períodos, que confundem a imaginação dos humanos por sua relativa duração, não são, contudo, senão instantes na duração eterna.

Lembrai-vos do que disse Galileu, em seus estudos uranográficos, que tivestes a feliz idéia de intercalar no vosso *A Gênese*, sobre o tempo, o espaço e a sucessão indefinida dos mundos, e compreendereis que a vida de uma ou de várias gerações, em relação ao conjunto, é como uma gota d'água no oceano. Não vos admireis, pois, de não poder perceber a harmonia das leis gerais que regem o Universo; o que quer que façais, não podeis ver mais que um pequeno canto do quadro, razão por que tantas coisas vos parecem anomalias.

Num mesmo sistema planetário, todos os corpos que dele dependem reagem uns sobre os outros; todas as influências físicas aí são solidárias, e não há um só dos efeitos, que designais sob o nome de grandes perturbações, que não seja a consequência da componente das influências de todo esse sistema. Júpiter tem suas revoluções periódicas, como todos os outros planetas, e essas revoluções não deixam de ter influência sobre as modificações das condições físicas terrestres; mas seria erro considerá-las como a causa única ou preponderante dessas modificações. Elas intervêm

por uma parte, como as de todos os planetas do sistema, como os próprios movimentos terrestres intervêm para contribuir para modificar as condições dos mundos circunvizinhos. Vou mais longe: digo que os sistemas reagem uns sobre os outros, em razão da aproximação ou do afastamento que resulta de seu movimento de translação através das miríades de sistemas que compõem nossa nebulosa. Vou mais longe ainda: digo que nossa nebulosa, que é como um arquipélago na imensidade, tendo também o seu movimento de translação através de miríades de nebulosas, sofre a influência daquelas de que se aproxima. Assim, as nebulosas reagem sobre as nebulosas, os sistemas reagem sobre os sistemas, como os planetas reagem sobre os planetas, como os elementos de cada planeta reagem uns sobre os outros, e assim gradualmente, até o átomo. Daí, em cada mundo, as revoluções locais ou gerais, que só parecem perturbações porque a brevidade da vida não permite ver senão os seus efeitos parciais.

A matéria orgânica não poderia escapar a essas influências; as perturbações que ela sofre podem, então, alterar o estado físico dos seres vivos e determinar algumas dessas doenças que atacam de maneira geral as plantas, os animais e os homens. Como todos os flagelos, essas doenças são para a inteligência humana um estimulante que a impele, por necessidade, à procura dos meios de as combater, e à descoberta das leis da Natureza.

Mas, por sua vez, a matéria orgânica reage sobre o espírito; este, por seu contato e sua ligação íntima com os elementos materiais, também sofre influências que modificam suas disposições, sem, contudo, lhe tirar o livre-arbítrio, superexcitam ou retardam a sua atividade e, por isto mesmo, contribuem para o seu desenvolvimento. A efervescência, que por vezes se manifesta em toda uma população, entre os homens de uma mesma raça, não é uma coisa fortuita, nem o resultado de um capricho; tem sua causa nas leis da Natureza. Essa efervescência, a princípio inconsciente, que não passa de um vago desejo, uma aspiração indefinida por algo de melhor, uma necessidade de mudança, traduz-se por uma

agitação surda, depois por atos que levam às revoluções morais, as quais, crede-o bem, também têm sua periodicidade, como as revoluções físicas, porque tudo se encadeia. Se a visão espiritual não fosse circunscrita pelo véu material, veríeis essas correntes fluídicas que, semelhantes a milhares de fios condutores, ligam as coisas do mundo espiritual e do mundo material.

Quando se vos diz que a Humanidade chegou a um período de transformação, e que a Terra deve elevar-se na hierarquia dos mundos, não vejais nestas palavras nada de místico, mas, ao contrário, a realização de uma das grandes leis fatais do Universo, contra as quais se quebra toda a má vontade humana.

Direi, em particular, ao Sr. Ignácio Pereira: Estamos longe de vos aconselhar a renúncia dos estudos que fazem parte de vossa futura bagagem intelectual; mas compreendeis, sem dúvida, que esses conhecimentos devem ser, como todos os outros, o fruto de vossos trabalhos, e não o de nossas revelações. Podemos dizer-vos: Estais perdidos, mas vós mesmos podeis eleger o verdadeiro caminho, cabendo a vós a iniciativa de levantar os véus em que ainda estão envolvidas as manifestações naturais que, até aqui, escaparam às vossas investigações, e descobrir as leis pela observação dos fatos. Observai, analisai, classificai, comparai, e da correlação dos fatos fazei as vossas deduções, mas não vos apresseis em concluir de modo absoluto.

Terminarei dizendo-vos: Em todas as vossas pesquisas tomai exemplo nas leis naturais, pois elas são todas solidárias entre si; e é esta solidariedade de ações que produz a imponente harmonia de seus efeitos. Homens, sede solidários, e avançareis harmonicamente para o conhecimento da felicidade e da verdade.

F. Arago

Permiti-me acrescentar algumas palavras, como complemento, à comunicação que acaba de vos dar o eminente Espírito Arago.

Sim, por certo a Humanidade se transforma, como já se transformou em outras épocas, e cada transformação é marcada por uma crise que é, para o gênero humano, o que são as crises de crescimento para os indivíduos; crises muitas vezes penosas, dolorosas, que arrastam consigo as gerações e as instituições, mas sempre seguidas de uma fase de progresso material e moral.

A Humanidade terrena, chegada a um desses períodos de crescimento, está plenamente, desde cerca de um século, no trabalho da transformação. É por isto que ela se agita por todos os lados, presa de uma espécie de febre e como que movida por uma força invisível, até que retome o equilíbrio sobre novas bases. Quem a vir, então, a achará muito mudada em seus costumes, em seu caráter, em suas leis, em suas crenças, numa palavra, em todo o seu estamento social.

Uma coisa que vos parecerá estranha, mas que não deixa de ser uma rigorosa verdade, é que o mundo dos Espíritos, que vos rodeia, sofre o contragolpe de todas as comoções que agitam o mundo dos encarnados; digo mais: ele aí toma uma parte ativa. Isto nada tem de surpreendente para quem quer que saiba que os Espíritos são unos com a Humanidade; que dela saem e a ela devem voltar; é, pois, natural que se interessem pelos movimentos que se operam entre os homens. Ficai, pois, certos de que quando uma revolução social se realiza na Terra, ela agita igualmente o mundo invisível; todas as paixões boas e más aí são superexcitadas como entre vós; uma indizível efervescência reina entre os Espíritos que ainda fazem parte do vosso mundo e que esperam o momento de nele entrar.

A agitação dos encarnados e dos desencarnados se juntam, por vezes e mesmo na maioria das vezes, porque tudo sofre, na Natureza, as perturbações dos elementos físicos; é então, por um tempo, uma verdadeira confusão geral, mas que passa

como um furacão, depois do que o céu se torna sereno, e a Humanidade, reconstituída sobre novas bases, imbuída de novas idéias, percorre uma nova etapa de progresso.

É no período que se abre que se verá florescer o Espiritismo, e que dará os seus frutos. É, pois, para o futuro, mais que para o presente, que trabalhais; mas era necessário que esses trabalhos fossem elaborados previamente, porque preparam as vias da regeneração pela unificação e pela racionalidade das crenças. Ditosos os que os aproveitam desde hoje; será para eles tanto de ganho e de penas poupadas.

Doutor Barry

Variedades

BELO EXEMPLO DE CARIDADE EVANGÉLICA

Um lance de caridade realizado pelo Sr. Ginet, cantoneiro de Saint-Julien-sous-Montmelas, é contado pelo *Écho de Fourvière*:

No dia 1^o de janeiro, ao cair da noite, achava-se agachada na praça de Saint-Julien uma mendiga profissional, coberta de chagas infectas, vestida de velhos trapos cheios de bichos e, não obstante isso, todos a temiam; não respondia ao bem que lhe faziam senão por socos e injúrias. Tomada de súbito enfraquecimento, teria sucumbido na calçada, não fosse a caridade do nosso cantoneiro que, dominando a repugnância, tomou-a nos braços e a levou para sua casa.

Esse pobre homem tem apenas um alojamento muito apertado, para si, a mulher doente e três filhos pequenos; não tem outro recurso senão o seu módico salário. Pôs a velha mendiga sobre um pouco de palha dada pelo vizinho e dela cuida toda a noite, procurando aquecê-la.

Ao romper do sol, essa mulher, enfraquecendo-se cada vez mais, lhe disse: “Tenho dinheiro comigo; eu vo-lo dou pelos vossos cuidados.” E acrescentou estas palavras: “o Sr. cura...” e expirou. Sem se preocupar com o dinheiro, o cantoneiro correu para procurar o cura; mas era tarde demais. A seguir apressou-se a avisar os parentes, que moram numa paróquia vizinha e que estão em posição folgada. Estes chegam e a primeira palavra é esta: “Minha irmã tinha dinheiro consigo; onde está? E o cantoneiro responde: Ela mo disse, mas não me inquietei.” Procuram e encontram, com efeito, mais de 400 francos num de seus bolsos.

Acabando a sua obra, o caridoso operário, auxiliado por uma vizinha, amortalha a pobre morta. Algumas pessoas eram de opinião que na noite seguinte ele colocasse o caixão num hangar vizinho, que estava fechado. “Não, disse ele; esta mulher não é um cão, mas uma cristã.” E a velou toda a noite em sua casa, com a candeia acesa.

Às pessoas que lhe exprimiam admiração e o aconselhavam a pedir uma recompensa, respondia: “Oh! não foi o interesse que me levou a agir. Que me dêem o que quiserem, mas nada pedirei. Na posição em que estou, posso encontrar-me no mesmo caso e seria muito feliz se tivessem piedade de mim.”

– Que relação tem esse fato com o Espiritismo? perguntaria um incrédulo. – É que a caridade evangélica, tal qual a recomendou o Cristo, sendo uma lei do Espiritismo, todo ato realmente caridoso é um ato espírita, e a ação desse homem é a aplicação da lei de caridade no que ela tem de mais puro e mais sublime, porque ele fez o bem, não só sem esperança de retribuição, sem pensar em seus encargos pessoais, mas quase com a certeza de ser pago com ingratidão, contentando-se em dizer que, em semelhante caso, quererá que tivessem feito o mesmo por ele. – Este homem é espírita? – Ignoramo-lo, mas não é provável. Em todo o caso, se não o era pela letra, era-o pelo espírito. – Se não era

espírita, então não foi o Espiritismo que o levou a esta ação? – Seguramente. – Então por que o Espiritismo quer o mérito desta ação? – O Espiritismo não reivindica em seu proveito a ação desse homem, mas se vangloria de professar os princípios que o levaram a praticá-la, sem jamais ter tido a pretensão de possuir o privilégio de inspirar bons sentimentos. Ele honra o bem em qualquer parte onde se encontre; e quando seus próprios adversários o praticam, ele os oferece como exemplo aos seus adeptos.

É lamentável que os jornais sejam menos pressurosos em reproduzir as boas ações, em geral, do que os crimes e os escândalos. Se há um fato que testemunha a perversidade humana, pode-se estar certo de que será repetido linha por linha, como incentivo à curiosidade dos leitores. O exemplo é contagioso; por que não pôr antes sob os olhos das massas o exemplo do bem, em vez do do mal? Há nisso uma grande questão de moralidade pública, que trataremos mais tarde, com todos os desenvolvimentos que comporta.

UM CASTELO MAL-ASSOMBRADO

O relato do fato que segue nos foi enviado por um dos nossos correspondentes de São Petersburgo.

Um velho general húngaro, muito conhecido por sua coragem, recebeu uma grande herança, pediu demissão e escreveu ao seu intendente que lhe comprasse uma propriedade que estava à venda e que lhe designou.

O intendente responde imediatamente, aconselhando ao general que não comprasse a dita propriedade, pois era mal-assombrada pelos Espíritos.

O velho valente insiste, dizendo ser uma razão a mais para fazer a compra, e lhe ordenando que a faça imediatamente.

A propriedade é então comprada e o novo dono põe-se a caminho para aí se instalar. Chega às onze horas da noite à casa de seu intendente, não longe do castelo, para onde quer ir imediatamente. – Por favor, lhe diz o velho servidor, esperai até amanhã cedo e me dai a honra de passar a noite em minha casa. – Não, diz o amo, quero passá-la em meu castelo. Então o intendente é obrigado a acompanhá-lo com vários camponeses, levando tochas; mas não querem entrar e se retiram, deixando só o novo senhor.

Este tinha consigo um velho soldado, que jamais o havia deixado, e um enorme cão, capaz de estrangular um homem com um só golpe.

O velho general instala-se na biblioteca do castelo, mandar acender velas, põe um par de pistolas sobre a mesa, pega um livro e estende-se num canapé esperando os fantasmas, porque está seguro de que, se realmente os há no castelo, não são mortos, mas bem vivos. Era também por isto que havia carregado as pistolas e feito o seu cão deitar-se debaixo do canapé. Quanto ao velho soldado, já roncava num quarto contíguo à biblioteca.

Pouco tempo se passa; o general julga ouvir ruído no salão, escuta atentamente e o ruído redobra. Seguro de si, toma uma vela numa das mãos e a pistola na outra e entra no salão, onde não vê ninguém; rebusca em toda parte, até levantando as cortinas: não há nada, absolutamente nada. Então volta à biblioteca, retoma o livro e, mal havia lido algumas linhas o ruído se faz ouvir com muito mais força que da primeira vez. Retoma a vela e a pistola, entra de novo no salão e vê que abriram a gaveta de uma cômoda. Convencido desta vez de que se tratava de ladrões, mas não vendo ninguém, chama seu cachorro e lhe diz: Procure! O cachorro põe-se a tremer em todos os membros e volta para se esconder debaixo do canapé. O próprio general começa a tremer, entra na biblioteca, deita-se no canapé mas não consegue fechar os

olhos a noite inteira. Contando-nos o fato, disse-nos o general: “Eu não tive medo senão duas vezes: no campo de batalha, há dezoito anos, quando uma bomba estourou aos meus pés; e, depois, quando vi o medo apoderar-se de meu cão.

Abster-nos-emos de qualquer comentário sobre o fato muito autêntico relatado acima, e nos contentaremos em perguntar aos adversários do Espiritismo como o sistema nervoso do cão foi abalado.

Perguntaremos, além disso, como a superexcitação nervosa de um médium, por mais forte que seja, pode produzir a escrita direta, isto é, pode forçar um lápis a escrever por si mesmo.

Outra questão: Cremos que o fluido nervoso retido e concentrado num recipiente poderia igualar e mesmo superar a força do vapor; mas, estando livre o dito fluido, poderia levantar e deslocar móveis pesados, como tantas vezes acontece?

Ch. Péreyra

Bibliografia

Correspondência inédita de Lavater com a Imperatriz Maria da Rússia, sobre o futuro da alma. – O interesse que está ligado a estas cartas, que publicamos na *Revista*, sugeriu aos Srs. Lacroix & Cia, da Livraria Internacional, 15, Boulevard Montmartre a feliz idéia de lhes fazer uma publicação à parte. A propagação dessas cartas não poderá ter senão um efeito muito útil sobre as pessoas estranhas ao Espiritismo. – Brochura grande in-8. Preço: 50 centavos.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XI

NOVEMBRO DE 1868

Nº 11

Epidemia da Ilha Maurício

Na Revista de julho de 1867 descrevemos a terrível doença que vem devastando a ilha Maurício (antiga Ilha de França) nos últimos dois anos. O último correio nos traz cartas de dois dos nossos irmãos em crença daquele país. Numa se encontra a seguinte passagem:

“Peço que me desculpeis por ter ficado tanto tempo sem vos dar as minhas notícias. Certamente não era o desejo que me faltava, mas antes a possibilidade; como o meu tempo é dividido em duas partes – uma para o trabalho que me faz viver, e a outra para a doença que nos mata – tenho muito poucos instantes para o empregar segundo meus gostos. Contudo, estou um tanto mais tranqüilo; há um mês que não tenho tido febre. É verdade que é nesta época que ela parece ceder um pouco, mas, ai! é recuar para subir mais, porque os próximos calores sem dúvida lhe vão restituir o vigor inicial. Assim, bem convencida da certeza dessa perspectiva, vivo como posso, desligando-me tanto quanto possível das vaidades humanas, a fim de facilitar minha passagem ao mundo dos Espíritos, onde, francamente, de modo algum eu lamentaria me encontrar, em boas condições, bem entendido.”

Certo dia um incrédulo dizia, a propósito de uma pessoa que exprimia um pensamento análogo, a respeito da morte: “É preciso ser espírita para ter semelhantes idéias!” Sem o querer, fazia o mais belo elogio do Espiritismo. Não é um grande benefício a calma com a qual ele faz considerar o termo fatal da vida, que tanta gente vê aproximar-se com pavor? Quantas angústias e tormentos são poupados aos que encaram a morte como uma transformação de seu ser, uma transição instantânea, sem interrupção da vida espiritual! Esperam a partida com serenidade, por que sabem para onde vão e o que serão; o que lhes aumenta a tranqüilidade é a certeza não só de reencontrar os que lhes são caros, mas a de não ficarem separados dos que ficaram depois deles; de os ver e os ajudar mais facilmente e melhor do que quando vivos; não lamentam as alegrias deste mundo, porque sabem que terão outras maiores, mais suaves, sem mescla de tribulações. O que causa o temor da morte é o desconhecido. Ora, para os espíritas, a morte não tem mais mistérios.

A segunda carta contém o que segue:

“É com um sentimento de profunda gratidão que venho agradecer-vos os sólidos princípios que inculcastes em meu espírito e que, sozinhos, me deram a força e a coragem de aceitar com calma e resignação as rudes provas que venho sofrendo de um ano para cá, pelo fato da terrível epidemia que dizima a nossa população. Sessenta mil almas já partiram!

“Como deveis imaginar, a maior parte dos membros do nosso grupo de Port-Louis, que já começava a funcionar tão bem, teve, como eu, de sofrer nesse desastre geral. Por uma comunicação espontânea de 25 de julho de 1866, foi-nos anunciado que íamos ser obrigados a suspender os nossos trabalhos; três meses depois fomos forçados a descontinuá-los, em consequência da moléstia de vários de nós e a morte de nossos pais e amigos. Até este momento não pudemos recomeçar, embora todos os nossos médiuns estejam

vivos, bem como os principais membros do nosso grupo. Várias vezes tentamos reunir-nos novamente, mas não o conseguimos. Eis por que cada um de nós foi obrigado a tomar conhecimento isoladamente de vossa carta, datada de 26 de outubro de 1867, à senhora G..., na qual se encontra a comunicação do doutor Demeure, que nos dá grandes e muito justos ensinamentos sobre tudo quanto sucede conosco. Cada um de nós pôde apreciar a sua justeza, pelo que lhe concerne, porque é de notar que a doença tomou tantas formas múltiplas, que os médicos jamais puderam chegar a um acordo. Cada um seguiu um método particular.

“Entretanto, o jovem doutor Labonté parece ser o que melhor definiu a doença. Quero crer que esteja certo do ponto de vista material, pois passou por todos os sofrimentos de que se faz narrador⁵³. Em nosso ponto de vista espiritualista, poderíamos aí ver uma explicação do prefácio de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, porque o período nefasto que atravessamos foi marcado, no começo, por uma chuva extraordinária de estrelas cadentes, caída em Maurício na noite de 13 para 14 de novembro de 1866. Embora esse fenômeno fosse conhecido, por ter sido muito freqüente de setembro a novembro, em certas épocas periódicas, não é menos admirável que, desta vez, as estrelas cadentes foram tão numerosas que impressionaram e fizeram

53 O Sr. doutor Labonté descreveu a epidemia da ilha Saint-Maurice numa brochura que lemos com interesse, e na qual se revela observador sério e judicioso. É um homem devotado à sua arte, e tanto quanto se pode julgar de longe, por analogia, ele nos parece ter bem caracterizado essa singular doença, do ponto de vista fisiológico. Infelizmente, no que concerne à terapêutica, ela frustra todas as previsões da Ciência. Num caso excepcional, como esse, o insucesso nada prejudicaria contra o saber do médico. O Espiritismo abre à ciência médica, horizontes inteiramente novos, ao demonstrar o papel preponderante do elemento espiritual na economia e em grande número de afecções, nas quais a Medicina falha, porque se obstina em lhe buscar a causa somente na matéria tangível. O conhecimento da ação do perispírito sobre o organismo adicionará um novo ramo à patologia e modificará profundamente o modo de tratamento de certas doenças, cuja verdadeira causa não será mais um problema.

estremecer os que as observaram. Esse imponente espetáculo ficará gravado em nossa memória, porque foi precisamente depois desse acontecimento que a doença tomou um caráter lamentável. Desde esse momento, tornou-se geral e mortal, o que hoje nos pode autorizar a pensar, como diz o doutor Demeure, que chegamos ao período da transformação dos habitantes da Terra, por seu adiantamento moral.

“A propósito dos calmantes recomendados pelo doutor Demeure, falastes de castanhas-da-índia, cujo emprego seria mais vantajoso que o quinino, que afeta os órgãos cerebrais. Aqui não conhecemos esta planta; mas depois da leitura de vossa carta, onde se faz menção dela, o nome de uma outra planta me veio ao espírito por intuição: é o *Croton tiglium*, vulgarmente chamado em Maurício *pinhão-da-índia*. Empreguei-o como sudorífero, com muito sucesso, mas apenas as folhas, pois o grão é um veneno violento. Peço-vos por obséquio perguntar ao doutor Demeure o que ele pensa desta planta, e se aprova o emprego que dela fiz, como calmante, porque partilho completamente de sua opinião sobre o caráter desta doença bizarra, que me parece uma variante do ‘ramannenzaa’, ou febre de Madagáscar, salvo as manifestações exteriores.”

Se se pudesse duvidar, por um só instante, da vulgarização universal da Doutrina Espírita, a dúvida desapareceria vendo os que ela faz felizes, as consolações que proporciona, a força e a coragem que dá nos momentos mais penosos da vida, porque está na natureza do homem buscar o que possa garantir a sua felicidade e a sua tranqüilidade. Aí está o mais poderoso elemento de propagação do Espiritismo, e que ninguém lho tirará, a menos que dê mais do que ele dá. Para nós é uma grande satisfação ver os benefícios que ele espalha; cada aflito consolado, cada coragem abatida levantada, cada progresso moral operado nos paga ao cêntuplo as nossas penas e as nossas fadigas; eis ainda uma satisfação que ninguém tem o poder de nos tirar.

Lidas na Sociedade de Paris, estas cartas provocaram as seguintes comunicações, que tratam da questão do duplo ponto de vista local e geral, material e moral.

(Sociedade de Paris, 16 de outubro de 1860)

Em todos os tempos fizeram preceder os grandes cataclismos fisiológicos de sinais manifestos da cólera dos deuses. Fenômenos particulares precediam a irrupção do mal, como uma advertência para se preparar para o perigo. Com efeito, essas manifestações ocorreram não como um presságio sobrenatural, mas como sintomas da iminência da perturbação.

Como se teve razão para vos dizer, nas crises em aparência as mais anormais que, sucessivamente, dizimam as diferentes regiões do globo, nada é deixado ao acaso; elas são a consequência das influências dos mundos e dos elementos uns sobre os outros (outubro de 1868); elas são preparadas de longa data e sua causa é, por conseguinte, perfeitamente normal.

A saúde é o resultado do equilíbrio das forças naturais. Se uma doença epidêmica causa estragos num lugar qualquer, não pode ser senão a consequência de uma ruptura desse equilíbrio; daí o estado particular da atmosfera e os fenômenos singulares que aí podem ser observados.

Os meteoros conhecidos pelo nome de estrelas cadentes são compostos de elementos materiais, como tudo o que cai sob os nossos sentidos; não aparecem senão graças à fosforescência desses elementos em combustão, e cuja natureza especial por vezes desenvolve, no ar respirável, influências deletérias e morbíficas. As estrelas cadentes eram, para Maurício, não o presságio, mas a causa secundária do flagelo. Por que sua ação se exerceu em particular sobre aquela região? Primeiro porque, como disse muito bem o vosso correspondente, ela é um dos meios destinados a regenerar a Humanidade e a Terra

propriamente dita, provocando a partida de encarnados e a modificação dos elementos materiais; e, também, porque as causas que determinam essas espécies de epidemia em Madagáscar, no Senegal e por toda parte onde a febre palustre e a febre amarela exercem sua devastação, não existindo na Ilha Maurício, a violência e a persistência do mal deveriam determinar a pesquisa séria de sua fonte, e atrair a atenção sobre a parte que aí pudessem tomar as influências de ordem *psicológica*.

Os que sobreviveram, em contato forçado com os doentes e os moribundos, foram testemunhas de cenas que a princípio não se deram conta, mas cuja lembrança lhes voltará com a calma, e que não podem ser explicadas senão pela ciência espírita. Os casos de aparições, de comunicações com os mortos, de previsões seguidas de realização, aí têm sido muito comuns. Apaziguado o desastre, a memória de todos esses fatos surgirá e provocará reflexões que, pouco a pouco, levarão a aceitar as nossas crenças.

Maurício vai renascer! o ano novo verá extinguir-se o flagelo de que foi a vítima, não por efeito dos remédios, mas porque a causa terá produzido o seu efeito; outros climas, por sua vez, sofrerão a opressão de um mal da mesma natureza, ou de outra qualquer, determinando os mesmos desastres e conduzindo aos mesmos resultados.

Uma epidemia universal teria semeado o pânico na Humanidade inteira e por muito tempo detido a marcha de todo progresso; uma epidemia restrita, atacando sucessivamente e sob múltiplas formas, cada centro de civilização, produzirá os mesmos efeitos salutarres e regeneradores, mas deixará intactos os meios de ação de que a Ciência pode dispor. Os que morrem são feridos de impotência; mas os que vêem a morte à sua porta buscam novos meios de a combater. O perigo torna inventivo; e, quando todos os meios materiais estiverem esgotados, cada um será mesmo constrangido a pedir a salvação aos meios espirituais.

Sem dúvida é apavorante pensar em perigos dessa natureza, mas, já que são necessários e não terão senão salutares conseqüências, é preferível, em vez de os esperar tremendo, preparar-se para os afrontar sem medo, sejam quais forem os seus resultados. Para o materialista, é a morte horrível e o nada depois; para o espiritualista e, em particular, para o espírita, que importa o que acontecer! Se escapar ao perigo, a prova o encontrará sempre inabalável; se morrer, o que conhece da outra vida o fará encarar a passagem sem empalidecer.

Preparai-vos, pois, para tudo, e sejam quais forem a hora e a natureza do perigo, compenetrar-vos desta verdade: a morte não passa de uma palavra vã e não há nenhum sofrimento que as forças humanas não possam dominar. Aqueles a quem o mal for insuportável, serão os únicos que o terão recebido com o riso nos lábios e a indiferença no coração, isto é, que se julgarão fortes em sua incredulidade.

Clélie Duplantier

(Sociedade de Paris, 23 de outubro de 1868)

O *croton tiglium* certamente pode ser empregado com sucesso, sobretudo em doses homeopáticas, para acalmar as câibras e restabelecer a circulação normal do fluido nervoso; pode-se também usá-lo localmente, friccionando a pele com uma infusão leve, mas não seria prudente generalizar o seu uso. Não é aqui um medicamento aplicável a todos os doentes, nem a todas as fases da doença. Caso fosse de uso público, só deveria ser aplicado por indicação de pessoas que pudessem constatar a sua utilidade e lhe apreciar os efeitos; de outro modo, aquele que já tivesse experimentado a sua ação salutar, poderia, num dado caso, a ele ser completamente insensível, ou mesmo experimentar os seus inconvenientes. Não é um desses medicamentos neutros, que não

fazem qualquer mal, quando não produzem o bem. Só deve ser empregado em casos especiais, e sob a direção de pessoas que possuam conhecimentos suficientes para dirigir a sua ação.

Aliás, espero que não seja necessário experimentar a sua eficácia, e que um período mais calmo se prepara para os infelizes habitantes de Maurício. Não é verdade que já estejam livres, mas, salvo exceção, em geral os ataques não são mortais, a menos que incidentes de outra natureza venham dar-lhes um caráter de gravidade particular. Em si mesma a doença toca o fim. A ilha entra no período de convalescença; pode haver algumas pequenas recrudescências, mas tenho razões para crer que a epidemia irá, de agora em diante, diminuindo até a completa extinção dos sintomas que a caracterizam.

Mas qual será a sua influência sobre os habitantes de Maurício que tiverem sobrevivido ao desastre? Que conseqüências deduzirão das manifestações de toda natureza, de que foram testemunhas involuntárias? As aparições, de que um grande número foi objeto, produzirão o efeito que delas se tem o direito de esperar? As resoluções tomadas sob o império do medo, do remorso e das censuras de uma consciência perturbada, não serão reduzidas a nada, quando voltar a tranqüilidade?

Seria desejável que a lembrança dessas cenas lúgubres se gravasse de maneira indelével em seus espíritos, e os obrigasse a modificar a sua conduta, retificando suas crenças; porque devem estar bem persuadidos de que o equilíbrio não se restabelecerá de maneira completa senão quando os Espíritos estiverem tão despojados de sua iniquidade que a atmosfera seja purificada dos miasmas deletérios que provocaram o nascimento e o desenvolvimento do mal.

Entramos cada vez mais no período transitório, que deve levar à transformação orgânica da Terra e à regeneração de

seus habitantes. Os flagelos são os instrumentos de que se serve o grande cirurgião do Universo para extirpar, do mundo, destinado a marchar para frente, os elementos gangrenados que nele provocam desordens incompatíveis como o seu novo estado. Cada órgão, ou melhor dizendo, cada região será, sucessivamente, dissecada por flagelos de diversas naturezas. Aqui, a epidemia sob todas as suas formas; ali, a guerra, a fome. Cada um deve, pois, preparar-se para suportar a prova nas melhores condições possíveis, melhorando-se e se instruindo, a fim de não ser surpreendido de improviso. Algumas regiões já foram provadas, mas seus habitantes se equivocariam redondamente se se fiassem na era de calma, que vai suceder à tempestade, para recaírem nos seus antigos erros. É uma pequena trégua que lhes é concedida, para entrarem num caminho melhor; se não o aproveitarem, o instrumento de morte os experimentará até os trazer ao arrependimento. Bem-aventurados aqueles a quem a prova feriu de começo, porque terão, para se instruírem, não só os males que sofreram, mas o espetáculo daqueles seus irmãos em humanidade, que por sua vez serão feridos. Esperamos que um tal exemplo lhes seja salutar, e que entrem, sem hesitar, na via nova, que lhes permitirá marchar de acordo com o progresso.

Seria desejável que os habitantes de Maurício não fossem os últimos a tirar proveito da severa lição que receberam.

Doutor Demeure

O Espiritismo em Toda Parte

A AMIZADE APÓS A MORTE

(Pela Sra. Rowe)

Nada é mais instrutivo e, ao mesmo tempo, mais concludente em favor do Espiritismo, do que ver as idéias sobre as

quais ele se apóia, professadas por pessoas estranhas à Doutrina, e antes mesmo do seu aparecimento. Um dos nossos correspondentes de Antuérpia, que já nos transmitiu preciosos documentos a tal respeito, manda-nos o seguinte extrato de uma obra inglesa, cuja tradução, feita da 5ª edição, foi publicada em Amsterdã, em 1753. Talvez jamais os princípios do Espiritismo tenham sido formulados com tanta precisão. É intitulado: *A amizade após a morte, contendo as cartas dos mortos aos vivos. Pela senhora Rowe.*

Página 7 – Os Espíritos bem-aventurados ainda se interessam pela felicidade dos mortais, e *fazem freqüentes visitas aos seus amigos*. Poderiam até aparecer aos seus olhos, se as leis do mundo material não lhes impedissem. O esplendor de seus *veículos*⁵⁴ e o domínio que exercem sobre as forças que governam as coisas materiais e sobre os órgãos da visão poderiam facilmente lhes servir para se tornarem visíveis. Muitas vezes olhamos como uma espécie de milagre que não percebemos, porque não estamos afastados de vós em relação ao lugar que ocupamos, mas somente pela diferença de estado em que nos encontramos.

Página 12, *carta III – De um filho único, morto aos dois anos, à sua mãe.* – Desde o momento em que minha alma foi libertada de sua incômoda prisão, achei-me um ser ativo e racional. Admirado por vos ver chorar por uma pequena massa, apenas capaz de respirar, que eu acabava de deixar, e estava muito satisfeito por dela me ter desembaraçado, pareceu-me que estivésseis desgostosa pela minha feliz libertação. Encontrei uma tão justa proporção, tanta agilidade e uma luz tão brilhante no novo veículo que acompanhava o meu Espírito, que não podia admirar-me bastante que vos afligísseis com a feliz troca que eu fizera. Então eu conhecia tão pouco a diferença dos corpos materiais e imateriais, que me imaginava ser tão visível para vós quanto éreis para mim.

54 Ver-se-á mais na frente que o autor entende por *veículo* o corpo fluídico.

Página 37, *carta VIII* – Os gênios celestes que cuidam de vós nada negligenciam durante o vosso sono, para extirpar do vosso coração esse ímpio desígnio. Algumas vezes vos conduziram a lugares cobertos por uma sombra lúgubre; ali ouvistes as imprecações amargas dos Espíritos infortunados. Outras vezes, as recompensas da constância e da resignação descortinaram aos vossos olhos a glória que vos espera, se, fiel ao vosso dever, vos ligardes pacientemente à virtude.

Página 50, *carta X* – Como, minha cara Leonora, pudestes ter medo de mim? Quando eu era mortal, isto é, capaz de loucura e de erro, jamais vos fiz mal; muito menos vo-lo farei no estado de perfeição e de felicidade em que estou. Não resta a menor mancha de vício ou de malícia nos Espíritos virtuosos; quando estes rompem a sua prisão terrestre, tudo neles é amável e benfazejo; o interesse que tomam pela felicidade dos mortais é infinitamente mais terno e mais puro que antes.

O pavor que no mundo geralmente sentem por nós parece incrível, se não nos lembrássemos de nossas loucuras e de nossos preconceitos; mas não fazemos senão gracejar de vossos ridículos temores. Não teríeis mais razão de vos assustar e de fugir uns dos outros, do que nos temer, logo a nós que nem temos o poder nem a vontade de vos inquietar? Enquanto desconheceis os vossos benfeitores, nós trabalhamos para desviar mil perigos que vos ameaçam e em adiantar os vossos interesses com o mais generoso ardor. Se os vossos órgãos fossem aperfeiçoados e se vossas percepções tivessem adquirido o alto grau de delicadeza a que chegarão um dia, então saberíeis que os Espíritos etéreos, ornados com uma flor de divina beleza e uma vida imortal, não são feitos para produzir em vós o terror, mas o amor e os prazeres. Quisera vos curar de vossas injustas prevenções, reconciliando-vos com a sociedade dos Espíritos, a fim de estar em melhores condições de vos advertir dos perigos e dos riscos que ameaçam a vossa juventude.

Página 54, *carta XI* – Vosso restabelecimento surpreende os próprios anjos que, se ignoram os diversos limites que o soberano dispensador impôs à vida humana, muitas vezes não deixam de fazer justas conjecturas sobre o curso das causas secundárias e sobre o período da vida dos humanos.

Página 68, *carta XIV* – Desde que deixei o mundo, muitas vezes tive a felicidade de tomar o lugar do vosso anjo-da-guarda. Testemunha invisível das lágrimas que a minha morte vos fez derramar, enfim me foi permitido abrandar as vossas dores, informando-vos que sou feliz.

Página 73, *carta XVI* – Como os seres imateriais, sem ser percebidos, podem misturar-se em vossa companhia, na noite passada tive a curiosidade de descobrir vossos pensamentos sobre o que vos tinha acontecido na noite anterior. Para tanto, achei-me em meio àquela assembléia em que estáveis. Ali, ouvi que brincáveis com alguns de vossos amigos familiares sobre o poder da prevenção e a força de vossa imaginação. Entretanto, milorde, não sois tão visionário e tão extravagante quanto vos dizeis. Nada de mais real do que o que vistes e ouvistes, e deveis acreditar nos vossos sentidos, do contrário fareis degenerar em vício a vossa desconfiança e a vossa modéstia. Não tendes mais, meu caro irmão, senão algumas semanas de vida; vossos dias estão contados. Tive a permissão, o que acontece raramente, de vos dar algum aviso sobre o vosso destino, que se aproxima. Sei que vossa vida não foi manchada por nenhuma ação baixa ou injusta; entretanto, aparecem nos vossos costumes certas leviandades que reclamam de vossa parte uma pronta e sincera reforma. Faltas que a princípio parecem uma bagatela, degeneram em crimes enormes.

Epístola dedicatória, página 27 – A Terra que habitais seria uma morada deliciosa se todos os homens, cheios de estima pela virtude, praticassem fielmente as suas santas máximas. Julgai, pois, o excesso de nossa felicidade, pois que, ao mesmo tempo que

aproveitamos todas as vantagens de uma virtude generosa e perfeita, sentimos prazeres tanto mais acima dos de que gozais, quanto o Céu o é da Terra, o tempo da eternidade e o finito do infinito. Os mundanos são incapazes de fruir dessas delícias. Que gosto encontraria, em nossas augustas assembléias, um voluptuoso? O vinho e a carne daí são banidos, o invejoso aí seria consumido pela dor ao contemplar a nossa felicidade; o avarento aí não encontraria riquezas; o jogador ocioso se aborreceria mortalmente por não mais encontrar o meio de matar o tempo. Como uma alma interessada poderia achar prazer na amizade terna e sincera, que se pode encarar como uma das principais vantagens que possuímos no Céu? é a verdadeira morada da amizade.

O tradutor diz, em seu prefácio, à pagina 7:

“Espero que a leitura de seu livro possa reconduzir à religião cristã uma certa ordem de criaturas, cujo número é muito grande neste reino, que, sem consideração aos princípios da religião natural e revelada, tratam a imortalidade da alma como pura quimera. É para estabelecer a certeza desta imortalidade que nosso autor se empenha principalmente.”

Página 9 – “Não era propriamente para os filósofos incrédulos que ela escrevia; era, como dissemos, para uma certa classe de criaturas, muito numerosas na alta sociedade, que, ocupadas inteiramente com os divertimentos frívolos do século, acharam *a arte funesta de esquecer a imortalidade da alma, de se atordoar com as verdades da fé, e afastar de seu espírito idéias tão consoladoras*. Bastava-lhe, pois, para realizar esse desígnio, inventar espécies de fábulas e de apólogos cheios de traços vivos, etc.”

Observação – Parece que o tradutor não acredita na comunicação dos Espíritos, já que pensa que os relatos da senhora Rowe são fábulas ou apólogos inventados pela autora, em apoio à sua tese. Entretanto, ele achou o livro tão útil que o julga capaz de

reconduzir os incrédulos à fé na imortalidade da alma. Mas há aí uma singular contradição, porquanto, para provar que uma coisa existe, é preciso mostrar a sua realidade, e não a sua ficção. Ora, é precisamente o abuso das ficções que destruiu a fé nos incrédulos. Diz o simples bom-senso que não é com um romance da imortalidade, por mais engenhoso que seja, que se provará a imortalidade. Se, em nossos dias, as manifestações dos Espíritos combatem a incredulidade com tanto sucesso, é porque elas são uma realidade.

Segundo a perfeita concordância de forma e de fundo, que existe entre as idéias desenvolvidas no livro da senhora Rowe e o atual ensino dos Espíritos, não se pode duvidar que o que ela escreveu seja produto de comunicações reais.

Como é que um livro tão singular, susceptível de excitar a curiosidade no mais alto grau, bastante difundido, pois chegara à sua quinta edição e foi traduzido, tenha produzido tão pouca sensação, e que uma idéia tão consoladora, tão racional e tão fecunda em resultados tenha ficado no estado de letra morta, ao passo que, em nossos dias, bastaram alguns anos para que ela desse a volta ao mundo? Poder-se-ia dizer outro tanto de uma porção de invenções e de descobertas preciosas, que caem no esquecimento à sua aparição, e florescem alguns séculos mais tarde, quando a sua necessidade se faz sentir. É a confirmação deste princípio: as melhores idéias abortam, quando vêm prematuramente, antes que os espíritos estejam maduros para as aceitar.

Temos dito muitas vezes que se o Espiritismo tivesse vindo um século mais cedo, não teria tido nenhum sucesso; eis a prova evidente disto, porque esse livro é, seguramente, do mais puro e do mais profundo Espiritismo. Para que se pudesse compreendê-lo e apreciá-lo, seriam necessárias as crises morais, pelas quais passou o espírito humano neste último século, e que lhe ensinaram a discutir suas crenças; mas era preciso, também, que o

niilismo, sob suas diferentes formas, como transição entre a fé cega e a fé raciocinada, provasse a sua impotência em satisfazer as necessidades sociais e as legítimas aspirações da Humanidade. A rápida propagação do Espiritismo em nossa época prova que ele veio em seu tempo.

Se ainda hoje se vêem pessoas que têm sob os olhos todas as provas, materiais e morais, da realidade dos fatos espíritas, e que, a despeito disto, se recusam à evidência e ao raciocínio, com mais forte razão deviam ser muito mais encontradas há um século. É que seu espírito ainda é impróprio para assimilar esta ordem de idéias; elas vêem, ouvem e não compreendem, o que não denota falta de inteligência, mas falta de aptidão especial; são como as pessoas a quem, embora muito inteligentes, falta o senso musical para compreender e sentir as belezas da música. É o que se deve entender quando se diz que sua hora ainda não chegou.

A CABANA DO PAI TOMÁS

(Pela Sra. Beecher-Stowe)

Lê-se o seguinte no segundo volume dessa obra, que teve um sucesso popular nos dois mundos:

Página 10 – Meu pai era um aristocrata. Creio que, em *alguma existência anterior*, ele devia ter pertencido às classes da mais elevada ordem social, e que tinha trazido consigo, na atual, todo o orgulho de sua antiga casta; porque esse orgulho lhe era inerente, estava na medula de seus ossos, embora fosse de uma família pobre e plebéia.

Página 128 – Evidentemente as palavras que ele tinha cantado nessa tarde lhe atravessavam o espírito, palavras de súplica, dirigidas à infinita misericórdia. Seus lábios moviam-se fracamente e, em raros intervalos, escapava-se uma palavra. – Seu espírito divaga, diz o médico. – Não, ele volta a si, diz Saint-Claire com energia.

Esse esforço o esgotou. A palidez da morte espalhou-se em seu rosto, mas com ela uma admirável expressão de paz, como se algum Espírito misericordioso o tivesse abrigado sob suas asas. Parecia uma criança que adormece de fadiga.

Ficou assim alguns instantes; uma mão todo-poderosa repousava sobre ele. Mas, no momento em que o Espírito ia levantar seu vôo, abriu os olhos, iluminado por um clarão de alegria, como se reconhecesse um ser amado, e murmurou baixinho: “Minha mãe!”... sua alma se tinha evolado!

Página 200 – Oh! como ousa a alma perversa penetrar neste mundo tenebroso do sono, cujos limites incertos se avizinham tanto das cenas apavorantes e misteriosas da retribuição!

Observação – É impossível exprimir mais claramente a idéia da reencarnação, da origem de nossas inclinações e da expiação sofrida nas existências posteriores, pois é dito que aquele que foi rico e poderoso pode renascer na pobreza. É notável que esta obra tenha sido publicada nos Estados Unidos, onde o princípio da pluralidade das existências terrestres há muito tempo foi repellido. Ela apareceu em 1850, na época das primeiras manifestações espíritas, quando a doutrina da reencarnação ainda não havia sido proclamada na Europa. A Sra. Beecher-Stowe então a havia colhido em sua própria intuição; aí via a única razão plausível das aptidões e das propensões inatas.

O segundo fragmento citado é bem o retrato da alma que entrevê o mundo dos Espíritos no momento de sua libertação.

O Pecado Original Segundo o Judaísmo⁵⁵

Deve ser interessante, para os que o ignoram, conhecer a doutrina dos judeus relativa ao pecado original. Tiramos a

⁵⁵ Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 543.

explicação seguinte do jornal israelita *La Famille de Jacob*, que se publica em Avignon, sob a direção do grande rabino Benjamin Massé; número de julho de 1868.

“O dogma do pecado original está longe de se achar no número dos princípios do judaísmo. A lenda profunda que relata o Talmude (Nida XXX, 2) e que representa os anjos, fazendo a alma humana, no momento em que vai encarnar num corpo terrestre, prestar o juramento de se manter pura durante sua estada neste planeta, a fim de retornar pura ao Criador, é uma poética afirmação de nossa inocência nativa e de nossa independência moral da falta de nossos primeiros pais. Esta afirmação, contida em nossos livros tradicionais, é conforme ao verdadeiro espírito do judaísmo.

“Para definir o dogma do pecado original, bastar-nos-á dizer que se toma ao pé da letra o relato da Gênese, cujo caráter lendário se desconhece, e que, partindo desse ponto de vista falso, aceitam-se cegamente todas as conseqüências daí decorrentes, sem se preocupar com a sua incompatibilidade com a natureza humana e com os atributos necessários e eternos que a razão confere à natureza divina.

“Escravos da letra, afirmam que a primeira mulher foi seduzida pela serpente, que comeu um fruto proibido por Deus, que fez o seu esposo comê-lo, e que, por esse ato de revolta aberta contra a vontade divina, o primeiro homem e a primeira mulher incorreram na maldição do céu, não só para si, mas para os seus filhos, para a sua raça, para a Humanidade inteira, para a Humanidade cúmplice, seja qual for a distância no tempo em que se encontre dos culpados, cúmplice de seu crime, do qual é, por conseqüência, responsável em todos os seus membros presentes e futuros.

“Segundo essa doutrina, a queda e a condenação de nossos primeiros pais foram uma queda e uma condenação para a

sua posteridade; daí, para o gênero humano, males inumeráveis, que teriam sido sem-fim, sem a mediação de um Redentor, tão incompreensível quanto o crime e a condenação para o qual foi convocado. Assim como o pecado de um só foi cometido por todos, a expiação de um só será a expiação de todos; perdida por um só, a Humanidade será salva por um só. A redenção é a consequência inevitável do pecado original.

“Compreende-se que não discutamos essas premissas com suas consequências, que para nós não são mais aceitáveis, do ponto de vista dogmático, do que do ponto de vista moral.

“Nossa razão e nossa consciência jamais se acomodarão com uma doutrina que apaga a personalidade humana e a justiça divina, e que, para explicar as suas pretensões, nos faz viver todos juntos na alma como no corpo do primeiro homem, ensinando-nos que, por mais numerosos que sejamos no curso das idades, fazemos parte de Adão em espírito e em matéria, que participamos de seu crime e que devemos ter nossa parte na sua condenação.

“O sentimento profundo de nossa liberdade moral se recusa a essa assimilação fatal, que tiraria a nossa iniciativa, que nos acorrentaria, mau grado nosso, num pecado distante, misterioso, do qual não temos consciência, e que nos faria sofrer um castigo ineficaz, pois que, aos nossos olhos, não seria merecido.

“A idéia indefectível e universal que temos da justiça do Criador, se recusa ainda mais energicamente a crer no comprometimento, pela falta de um só, dos seres livres criados sucessivamente por Deus na sucessão dos séculos.

“Se Adão e Eva pecaram, só a eles cabe a responsabilidade de seu erro; só a eles a degradação, a expiação, a redenção por meio de seus esforços pessoais para reconquistar a

sua nobreza. Mas nós, que viemos após eles, que, como eles, fomos objeto de um ato idêntico da parte do poder criador, e que devemos, a esse título, ter um preço igual ao de nosso primeiro pai aos olhos do nosso Criador, nascemos com a nossa pureza e a nossa inocência, de que somos os únicos donos, os únicos depositários, e cuja perda ou conservação não dependem absolutamente senão de nossa vontade e das determinações do nosso livre-arbítrio.

“Tal é, sobre esse ponto, a doutrina do judaísmo, que nada poderia admitir que não fosse conforme à nossa consciência esclarecida pela razão.

B. M.

Os Lazeres de um Espírita no Deserto

Reproduzimos sem comentários as passagens seguintes, de uma carta que, em março último, nos escreveu um dos nossos correspondentes, capitão do exército na África.

“O Espiritismo se espalha no norte da África e ganhará o centro, se os franceses para ali se dirigirem. Ei-lo que penetra em Laghouat, nas bordas do Saara, a 33 graus de latitude. Emprestei os vossos livros; alguns de meus camaradas os leram; discutimos e a força e a razão ficaram com a doutrina.

“Desde alguns anos entrego-me ao estudo da Anatomia, da Fisiologia e da Psicologia comparadas. A mesma corrente de idéias arrastou-me para o estudo dos animais. Pude dar-me conta, pela observação, de que todos os órgãos, todos os aparelhos se simplificam, quando descem para as raças e espécies inferiores. Como a Natureza é bela para estudar! Como se sente o espírito espalhado por toda parte! Algumas vezes passo longas horas a

seguir os hábitos e os movimentos da vida dos insetos e dos répteis desta região; assisto às suas lutas, aos seus esforços, às suas astúcias para assegurarem a sua existência; contemplo a batalha das espécies. O Saara, em cujas bordas estamos acampados há mais de um ano, tão deserto para os meus camaradas, parece-me, ao contrário, muito povoado; onde eles encontram o exílio, eu encontro a liberdade! É que sei que Deus está em toda parte e que cada um tem a felicidade em si mesmo. Quer eu esteja no pólo ou no equador, meus amigos do espaço me seguirão e sei que os caros invisíveis podem povoar as mais tristes solidões. Não que eu desdenhe a sociedade de meus semelhantes, nem que seja indiferente às afeições que conservei na França, oh não! porque me tarda rever e abraçar a minha família e todos os que me são caros; mas é somente para testemunhar que se pode ser feliz em qualquer ponto do globo em que se encontre, quando se toma Deus por guia. Para o espírita jamais há isolamento; ele sabe e se sente constantemente rodeado de seres benevolentes, com os quais está em comunhão de pensamentos.

“Vossa última obra *A Gênese*, que acabo de reler, e sobre diversos capítulos da qual me detive particularmente, desvenda-nos os mistérios da Criação e desfere um terrível golpe nos preconceitos. Essa leitura fez-me imenso bem e me abriu novos horizontes. Eu já compreendia a nossa origem e via em meu corpo material o último elo da animalidade na Terra; sabia que o espírito, durante sua gestação corporal, toma uma parte ativa na construção do seu ninho e apropria o seu invólucro às suas novas necessidades. Esta teoria da origem do homem poderá parecer, aos orgulhosos, atentatória à grandeza e à dignidade humanas, mas será aceita no futuro graças à sua simplicidade e à sua empolgante amplitude.

“Com efeito, a Geologia nos faz ler no grande livro da Natureza. Por ela, achamos que as espécies de hoje teriam por avós

as espécies cujos restos se encontram nas camadas terrestres; não se pode mais negar que há uma progressão contínua no desenvolvimento das formas orgânicas, quando vemos aparecer primeiro os tipos mais simples. Esses tipos foram modificados pelos instintos dos próprios animais, providos de órgãos apropriados às suas novas necessidades e ao seu desenvolvimento. Aliás, a Natureza muda os tipos quando a necessidade se faz sentir; a vida multiplica gradualmente seus órgãos e os especializa. As espécies saem umas das outras, sem que seja necessária a intervenção miraculosa. Adão não saiu armado com todas as peças das mãos do Criador: muito certamente um chimpanzé o deu à luz.

As espécies não são absolutamente independentes umas das outras; elas se ligam por uma filiação secreta e pode-se mesmo considerá-las solidárias até a Humanidade. Como dissesstes muito judiciosamente, desde o zoófito até o homem, há uma cadeia na qual todos os elos têm um ponto de contato com o elo precedente. E assim como o Espírito sobe e não pode ficar estacionário, assim também o instinto do animal progride, e cada encarnação faz que transponha um degrau na escala dos seres. As fases dessas metamorfoses se completam por milhares de elos, e as formas rudimentares, das quais algumas amostras se encontram nos terrenos silurianos, nos dizem por onde passou a animalidade.

“Não mais deve haver véu entre a Natureza e o homem, e nada deve ficar oculto. A Terra é o nosso domínio, cabendo a nós estudar as suas leis; a ignorância e a preguiça é que criaram os mistérios. Quanto Deus nos parece maior na harmonia e na unidade de suas leis!

“Lamento sinceramente as pessoas que se aborrecem, porque é uma prova de que não pensam em ninguém, e que seu espírito está vazio como o estômago do indivíduo que tem fome.”

Fenômeno de Lingüística

“O *Quarterly Journal of Psychological Medicine* publica um relatório muito curioso sobre uma menina que substituiu a língua falada em seu redor por uma série de nomes e verbos, formando todo um idioma, do qual se serve e que não se consegue desacostumá-la.

“A criança tem agora quase cinco anos. Até a idade de três anos ficou sem falar e não sabia pronunciar senão as palavras ‘papá’ e ‘mamã’. Quando se aproximou dos quatro anos, sua língua se desatou de repente, e hoje fala com toda a facilidade e a volubilidade de sua idade. Mas de tudo quanto diz, só as duas palavras ‘papá’ e ‘mamã’, que aprendeu primeiro, foram tiradas da língua inglesa. Todas as outras brotaram de seu pequeno cérebro e de seus lábios, e não têm mesmo nenhuma relação com esta corruptela de palavras de que se servem as crianças que com ela brincam habitualmente.

“Em seu dicionário, *Gaan* significa *God* (Deus); *migno-migno*, water (água); *odo*, to send for, *ou* take away (mandar, retirar), conforme é colocada; *gar*, horse (cavalo).

“Um dia, diz o Dr. Hum, começou a chover. Fizeram a menina entrar e lhe proibiram de sair enquanto a chuva não cessasse. Ela postou-se à janela e disse:

“– *Gaan odo migno-migno*, feu odo. (Deus, retire a chuva; traga o fogo do sol).

“A palavra *feu* aplicada no mesmo sentido que na língua a que pertenco me chocou. Soube que a criança jamais tinha ouvido falar francês, coisa muito singular, e que seria interessante constatar bem, porque a criança havia tomado diversas palavras à língua francesa, tais como ‘tout’, ‘moi’ e a negação ‘ne... pas.’

“A menina tem um irmão, cerca de dezoito meses mais velho que ela. Ela lhe ensinou a sua língua, sem tomar nenhuma das palavras de que ele se serve.

“Seus pais estão muito desolados com esse pequeno fenômeno; muitas vezes tentaram ensinar-lhe inglês, dar-lhe o nome inglês das coisas que ela designa de outro modo em seu idioma: a isso ela se recusa terminantemente. Tentaram afastá-la das crianças de sua idade e de só colocá-la em contato com pessoas idosas, falando inglês e nada conhecendo de seu pequeno jargão. Era de esperar que uma criança que se mostrava tão ávida por comunicar seus pensamentos quanto por inventar uma língua nova, procurasse aprender o inglês quando se achasse entre pessoas que só falavam essa língua. Mas não deu resultado.

“Tão logo se acha com pessoas que não tem o hábito de ver, põe-se a lhes ensinar a sua língua e, ao menos momentaneamente, os pais renunciaram a tirar-lhe esse hábito.”

Tendo sido o fato discutido na *Sociedade Espírita de Paris*, um Espírito deu a sua explicação na comunicação seguinte:

(Sociedade de Paris, 9 de outubro de 1868 – Médiun: Sr. Nivard)

O fenômeno da pequena inglesa, falando uma língua desconhecida para os que a rodeiam, e se recusando a servir-se da deles, é o fato mais extraordinário que se produziu desde muitos séculos.

Fatos surpreendentes ocorreram em todos os tempos, em todas as épocas, que causaram admiração aos homens, mas tinham semelhantes ou similares. Certamente isto não os explica, mas eram vistos com menos surpresa. Este de que tratamos é, talvez, o único em seu gênero. A explicação que se lhe pode dar não é mais fácil nem mais difícil que as outras, mas sua singularidade é impressionante: eis o essencial.

Eu disse impressionante; não é bem a causa, mas a razão do fenômeno. Ele choca de espanto: é por isto que se produziu. Hoje que o progresso faz um certo caminho, não se contentarão em falar do fato, como se fala da chuva e do bom tempo; querem lhe procurar a causa. Os médicos nada têm a ver com isto; a fisiologia é estranha a essa singularidade; se a criança fosse muda, ou não pudesse articular algumas palavras senão com dificuldade, que não seriam compreendidas devido à insuficiência de seus órgãos vocais, os sábios diriam que isto decorre das más disposições fisiológicas, e que, fazendo desaparecer essas más disposições, deixariam à criança o livre uso da palavra. Mas tal não é o caso aqui; a criança, ao contrário, é loquaz, tagarela, fala facilmente, chama as coisas à sua maneira, exprime-as do modo que lhe convém e vai mais longe: ensina sua língua às suas camaradas, quando está provado que não lhe podem ensinar sua língua materna e que não quer mesmo a isto se sujeitar.

A Psicologia é, pois, a única ciência na qual se deve buscar a explicação desse fato. A razão, o fim especial, eu acabo de dizer: era preciso impressionar os Espíritos e provocar suas pesquisas. Quanto à causa, tentarei vo-la dizer.

O Espírito encarnado no corpo dessa menina conheceu a língua, ou melhor, as línguas de que fala, pois faz uma mistura. Essa mistura, contudo, é feita conscientemente e constitui uma língua, cujas diversas expressões são tomadas das que esse Espírito conheceu em outras encarnações. Em sua última existência ele tivera a idéia de criar uma língua universal, a fim de permitir aos homens de todas as nações entender-se e assim aumentar a facilidade das relações e o progresso humano. Para tanto, ele tinha começado a compor esse língua, que se constituía de fragmentos de várias das que conhecia e mais gostava. A língua inglesa lhe era desconhecida; tinha ouvido ingleses falar, mas achava sua língua desagradável e a detestava. Uma vez na erraticidade, o objetivo que se tinha proposto em vida aí continuou; pôs-se à tarefa e compôs

um vocabulário que lhe é particular. Encarnou-se entre os ingleses, com o desprezo que tinha por sua língua, e com a firme determinação de não a falar. Tomou posse de um corpo, cujo organismo flexível lhe permite manter a palavra. Os laços que o prendem a esse corpo são bastante elásticos para o manter num estado de semidesprendimento, que lhe deixa a lembrança bastante distinta de seu passado e o sustenta em sua resolução. Por outro lado, é ajudado por seu guia espiritual, que vela para que o fenômeno se produza com regularidade e perseverança, a fim de chamar a atenção dos homens. Aliás, o Espírito encarnado estava consentindo na produção do fato. Ao mesmo tempo que exhibe o desprazer pela língua inglesa, cumpre a missão de provocar as pesquisas psicológicas.

L. Nivard, pai

Observação – Se esta explicação não pode ser demonstrada, pelo menos tem a seu favor a racionalidade e a probabilidade. Um inglês, que não admite o princípio da pluralidade das existências, e que não tinha conhecimento da comunicação acima, arrastado pela lógica irresistível, disse, falando desse caso, que ele não poderia explicar-se senão pela reencarnação, se fosse certo que a gente poderia reviver na Terra.

Eis, pois um fenômeno que, por sua própria estranheza, cativando a atenção, provoca a idéia da reencarnação, como a única razão plausível que se lhe possa dar. Antes que este princípio estivesse na ordem do dia, ter-se-ia simplesmente achado o fato bizarro e, sem dúvida, em tempos mais recuados, teriam olhado essa menina como enfeitada. Nós nem mesmo afirmaríamos que hoje não fosse esta a opinião de certas pessoas. O que não é menos digno de nota é que este fato se produz precisamente num país ainda refratário à idéia da reencarnação, mas à qual será arrastado pela força das coisas.

Música do Espaço

Trecho de uma carta de um jovem a um de seus amigos, guarda de Paris:

“Mulhouse, 27 de março de 1868.

“Há cerca de cinco anos – então eu não tinha mais que dezoito anos e ignorava até o nome do Espiritismo – fui testemunha e objeto de um estranho fenômeno, do qual só me dei conta há alguns meses, depois de ter lido *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*. Esse fenômeno consistia numa música invisível, que se fazia ouvir no meio ambiente do quarto, e acompanhava o meu violino, no qual tomava lições naquela época. Não era uma sucessão de sons, como os que eu produzia no meu instrumento, mas acordes perfeitos, cuja harmonia era comovente; dir-se-ia uma harpa tocada com delicadeza e sentimento. Algumas vezes éramos umas doze pessoas reunidas, e todos a ouvíamos sem exceção; mas se alguém vinha escutar por mera curiosidade, tudo cessava, e desde que o curioso partia, o efeito se reproduzia imediatamente. Lembro-me de que o recolhimento contribuía muito para a intensidade dos sons. O que havia de singular é que isto só acontecia entre cinco e oito horas da noite. Entretanto, um domingo, um órgão da Barbária passava diante da casa, cerca de uma hora da tarde, e tocava uma ária que me deixou atento; logo a música invisível se fez ouvir no quarto, acompanhando aquela ária.

“Nesses momentos eu experimentava uma agitação nervosa, que fatigava sensivelmente e até me fazia sofrer; era como uma espécie de inquietude; ao mesmo tempo, todo o meu corpo irradiava um calor, que era sentido a cerca de dez centímetros.

“Depois que li *O Livro dos Médiuns*, tentei escrever; uma força quase irresistível levava minha mão da esquerda para a direita num movimento febril, acompanhado de grande agitação nervosa; mas ainda não tracei senão caracteres ininteligíveis.”

Tendo-nos sido comunicada esta carta, escrevemos ao rapaz para lhe pedir algumas explicações complementares. Eis as respostas às perguntas que lhe dirigimos, e que farão conjecturar facilmente as perguntas.

1º – O fato passou-se em Mulhouse, não em meu quarto, mas naquele onde eu me exercitava mais ordinariamente, situado numa casa vizinha, em companhia de dois amigos, um dos quais tocava flauta, e o outro violino; era este último que me dava lições. O fato não se produziu em nenhum outro endereço.

2º – Era necessário que eu tocasse; e se, por vezes, eu parava muito tempo, vários sons e algumas vezes diversos acordes eram ouvidos como para me convidar a continuar. Entretanto, no dia em que esta música se produziu, acompanhando um órgão da Barbária, eu não estava tocando;

3º – Essa música tinha um caráter bastante acentuado para poder ser notada; não tive a idéia de a tocar;

4º – Ela parecia vir de um ponto bem determinado, mas que mudava constantemente no quarto; fixava-se durante alguns instantes, de sorte que se podia apontar com o dedo o lugar de onde provinha; mas quando nesse lugar se procurava descobrir o segredo, logo ela mudava de lugar e se fixava alhures, ou se fazia ouvir em diferentes lugares;

5º – Esse efeito durou cerca de três meses, desde fevereiro de 1862. Eis como cessou:

Um dia, estávamos reunidos, meu patrão, um outro empregado e eu; falávamos de uma coisa e outra, quando meu patrão, sem rodeio, me fez esta pergunta: “Credes nos fantasmas?” – Não, respondi-lhe. Continuou a me interrogar e decidi contar-lhe o que se passava. Ele me escutava com muita admiração; quando

terminei, ele bateu-me no ombro, dizendo: “Falarão de vós.” Falou disto a um médico, que dizem muito sábio em Física, e que lhe explicou o fato, dizendo que eu era um *sensitivo*, um *magnetizado*. Meu patrão, procurando dar-se conta da coisa, veio um dia encontrar-me em meu quarto e mandou-me tocar. Obedeci e a música invisível se fez ouvir durante alguns segundos, muito distintamente para mim, vagamente para o patrão e os assistentes. O patrão aí se pôs de todas as maneiras, sem nada obter a mais.

No domingo seguinte voltei ao quarto; era aquele em que a música se fizera ouvir, acompanhando o órgão da Barbária, sem que eu tocasse. Foi a última vez; desde então nada de semelhante se produziu.

Observação – Antes de atribuir um fato à intervenção dos Espíritos, é preciso estudar cuidadosamente todas as suas circunstâncias. Aquele de que se trata tem todas as características de uma manifestação; é provável que tenha sido produzido por algum Espírito simpático ao jovem, com o fim de o conduzir às idéias espíritas e de chamar a atenção de outras pessoas para estas espécies de fenômenos. Mas, então, perguntarão, por que esse efeito não se produziu de maneira mais retumbante? Por que, sobretudo, cessou bruscamente? Os Espíritos não têm que prestar conta de todos os motivos que os levam a agir; mas é possível que tivessem julgado o que se passou suficiente para a impressão que queriam produzir. Aliás, a cessação do fenômeno no momento mesmo em que se desejava a sua continuação, deveria ter como resultado provar que a vontade do rapaz aí não entrava por nada, e que não havia charlatanice. Sendo ouvida pelas pessoas presentes, essa música excluía qualquer efeito da imaginação, bem como de uma história para divertir; além disso, o jovem, não tendo nenhuma noção do Espiritismo, não se pode supor que sofresse a influência de idéias preconcebidas; só após vários anos é que foi capaz de explicar o fenômeno. Inúmeras pessoas estão no mesmo caso; o

Espiritismo lhes traz à memória fatos perdidos de vista, que levavam à conta de alucinação e dos quais podem, doravante, dar-se conta. Os fenômenos espontâneos são o que se pode chamar de *Espiritismo experimental natural*.

O Espiritualismo e o Ideal na Arte e na Poesia dos Gregos

Por CHASSANG⁵⁶

Nosso número do mês de agosto contém a reprodução de um artigo muito notável, tirado do jornal *Droit*, sobre as funestas conseqüências do materialismo, do ponto de vista da legislação e da ordem social; o *Patrie* de 30 de julho de 1868 fazia a apreciação de uma obra sobre a influência do espiritualismo nas artes. Esses dois artigos são o corolário e complemento um do outro: no primeiro provam-se os perigos do materialismo para a sociedade, e no segundo demonstra-se a necessidade do espiritualismo, sem o qual as artes e a poesia ficam privadas de seu elemento vital.

Com efeito, o sublime da arte e da poesia é falar à alma, elevar o pensamento acima da matéria que nos oprime e da qual incessantemente aspiramos a sair; mas, para fazer vibrar as cordas da alma, é preciso ter uma alma que vibre em unísono. Como aquele que não crê senão na matéria poderia inspirar-se e se tornar intérprete de pensamentos e sentimentos que estão fora da matéria? Seu ideal não sai do terra-a-terra, e é frio, porque nem fala ao coração nem ao espírito, mas somente aos sentidos materiais. O belo ideal não está no mundo material; deve-se, pois, buscá-lo no mundo espiritual, que é o da luz para os cegos; a impossibilidade de o atingir criou a escola realista, que não sai deste mundo, porque aí está todo o seu horizonte; estando o verdadeiro belo fora do

56 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Didier & Cia, 35, quai des Augustins.

alcance de certos artistas, declaram que o belo é feio. A fábula da raposa que tem o rabo cortado continua sempre uma verdade.

A época em que a fé religiosa era ardente e sincera é também aquela em que a arte religiosa produziu suas mais belas obras-primas; o artista se identifica com o seu assunto, porque o via com os olhos da alma e o compreendia; era o seu próprio pensamento que ele traduzia; mas à medida que a fé se foi, o gênio inspirador partiu com ela. Não é, pois, de admirar que se a arte religiosa está hoje em plena decadência, não é o talento que falta, mas o sentimento.

Dá-se o mesmo com o ideal em todas as coisas. As obras de arte não cativam senão quando fazem pensar. Pode-se admirar o talento plástico do artista, mas ele não pode suscitar um pensamento que não existe em si; pinta um mundo que não vê, não sente nem compreende; é por isso que às vezes cai no grotesco; sente-se que ele visa ao efeito e se esforçou por fazer algo novo torturando a forma: eis tudo.

Pode-se dizer outro tanto da música moderna; faz muito barulho, exige do executante uma grande agilidade dos dedos e da garganta, uma verdadeira deslocação; ela move as fibras do ouvido, mas não as do coração. Esta tendência da arte para a materialidade perverteu o gosto do público, cuja delicadeza do senso moral se acha embotada.⁵⁷

A obra do Sr. Chassang é a aplicação dessas idéias à arte em geral, e à arte grega em particular. Reproduzimos com prazer o que dela diz o autor da crítica do *Patrie*, porque é uma prova a mais da enérgica reação que se opera em favor das idéias espiritualistas e que, como dissemos, toda defesa do espiritualismo *racional* rasga a via do Espiritismo, que é o seu desenvolvimento, combatendo os seus mais tenazes adversários: o materialismo e o fanatismo.

57 Ver a *Revista* de dezembro de 1860 e janeiro de 1861: *A arte pagã, a arte cristã e a arte espírita*.

O Sr. Chassang é o autor da história de *Apolônio de Tiana*, à qual nos referimos na *Revista* de outubro de 1862.

“Esse livro, de um caráter todo especial, não foi feito por ocasião dos recentes debates sobre o materialismo e, sem sombra de dúvida, é independentemente da vontade do autor que as circunstâncias lhe vieram dar uma espécie de atualidade. Ao escrevê-lo o Sr. Chassang não pretendia fazer obra de metafísico, mas de simples literato. Todavia, como as grandes questões de metafísica estão eternamente na ordem do dia, e toda obra literária verdadeiramente digna desse nome supõe sempre um princípio filosófico, esse livro, de inspiração espiritualista muito marcante, se acha em correlação com as preocupações do momento.

“O Sr. Chassang deixa a outros a refutação do materialismo do ponto de vista filosófico puro. Sua tese é inteiramente estética. O que ele pretende provar é que a literatura e a arte não estão menos interessadas que a vida moral no triunfo das doutrinas espiritualistas. *Assim como o materialismo despoetiza a vida e se dá ao cruel prazer de desencantar o homem, tirando-lhe toda esperança*, toda consolação em meio dos males que o cercam, do mesmo modo subtrai impiedosamente da literatura e da arte o que chama as ilusões e as mentiras, e, sob pretexto de verdade, proclama o realismo, fazendo que os artistas e escritores não expressem senão o que é.

“As doutrinas espiritualistas, ao contrário, abrem em todos os sentidos a vida às nobres aspirações; entretêm o homem com o futuro e a imortalidade; dizem ao poeta e ao artista que há um belo ideal, do qual as mais belas criações humanas não passam de pálidos reflexos, e sobre o qual deve sempre fixar os olhos quem quer que queira seduzir os seus contemporâneos e viver para a posteridade.

“Depois de ter, na sua introdução, desenvolvido este dado do ponto de vista geral, o Sr. Chassang procura a sua prova na mais bela das literaturas e na maior das artes que têm excitado a admiração dos homens: na literatura e na arte dos antigos gregos. Para semelhante demonstração, uma ordem rigorosa e didática é antes para fugir do que para rebuscar; assim, depois da introdução que expõe os princípios, vêm não capítulos estreitamente unidos e metodicamente relacionados, mas estudos isolados que, todos, se ligam ao mesmo assunto, inspiram-se no mesmo sentimento e convergem para o mesmo objetivo. Assim, o livro tem, ao mesmo tempo, unidade no conjunto e variedade nas partes.

“É, antes de tudo, um tratado sobre o que o autor chama com propriedade o *espiritualismo popular* entre os Antigos, isto é, as crenças dos gregos e dos romanos sobre o destino das almas após a morte. Mostra que, se entre essas crenças há erros evidentes, não obstante esses erros repousam todos na esperança de uma outra vida. O culto dos mortos não contém, com efeito, implicitamente uma profissão de fé espiritualista? A última vitória do materialismo seria de o suprimir, e seus adeptos deveriam logicamente chegar a isso; do contrário, para que serviria levantar a pedra do túmulo? para que, sobretudo, cercar o túmulo de respeito, se nada há lá dentro? Assim fala o Sr. Chassang.”

Octave Sachot

Instruções dos Espíritos

REGENERAÇÃO DOS POVOS DO ORIENTE

Recebemos da Síria uma carta muito interessante sobre o estado moral dos povos do Oriente e os meios de cooperar em sua regeneração. A especialidade dessa carta não nos permite publicá-la em nossa Revista; diremos apenas que nosso honrado

correspondente, iniciado nos conhecimentos dos povos da Europa, encara a questão como profundo filósofo, como homem desprendido de todo preconceito de seita, que conhece o terreno e não se ilude quanto às dificuldades apresentadas por semelhante assunto.

Ele vê no Espiritismo, que estudou seriamente, uma potente alavanca para combater os preconceitos que se opõem à emancipação moral e intelectual de seus compatriotas, em razão das próprias idéias que constituem o fundo de suas crenças e às quais seria preciso dar uma direção mais racional. Visando concorrer a essa obra ou, pelo menos, assentar suas primeiras bases, ele concebeu um projeto que houve por bem submeter-nos, pedindo que solicitássemos também a opinião dos Espíritos bons.

A comunicação que nos foi dada a esse respeito é instrutiva para todo o mundo, sobretudo nas circunstâncias atuais, razão por que julgamos dever publicá-la. Ela contém uma sábia apreciação das coisas e conselhos que outros poderão aproveitar na ocasião, e que, os especializando, também encontram a sua aplicação na maneira mais proveitosa de propagar o Espiritismo.

(Paris, 18 de setembro de 1868)

Não só é o Oriente, é a Europa, é o mundo inteiro que uma surda fermentação agita e que a menor casa pode transformar em conflagração universal, quando chegar o momento. Como diz com razão o Sr. X..., é sobre ruínas que edificaram coisas novas, e antes que a grande renovação seja um fato realizado, os trabalhos humanos e a intervenção dos elementos devem acabar de varrer do solo do pensamento os erros do passado. Tudo concorre para essa obra imensa; a hora da ação aproxima-se rapidamente e deve-se encorajar todas as inteligências que se preparam para a luta. A Humanidade deixa suas fraldas para cingir a veste viril; sacode o jugo secular; o momento não poderia ser mais propício. Mas não se

pode dissimular que a tarefa é rude e que mais de um artífice será esmagado pela máquina que tiver posto em movimento, por não ter sabido descobrir o freio capaz de dominar o ímpeto da Humanidade muito bruscamente emancipada.

Ter a razão, a verdade por si, trabalhar visando ao bem geral, sacrificar seu bem-estar particular ao interesse de todos é bom, mas não é suficiente. Não se pode dar de um golpe todas as liberdades a um escravo modelado pelos séculos a um jugo severo. Só gradualmente e medindo a extensão dos limites aos progressos inteligentes e sobretudo morais da Humanidade, é que a regeneração poderá realizar-se. A tempestade que dissipa os miasmas deletérios de que uma região está infectada, é um cataclismo benéfico; mas aquela que rompe todos os diques e que, não obedecendo a nenhum freio, tudo põe em desordem à sua passagem, é deplorável e sem qualquer conseqüência útil. Aumenta as dificuldades, em vez de contribuir para o seu desaparecimento.

Todos os que desejam concorrer utilmente ao trabalho regenerador devem, pois, antes de tudo, preocupar-se com a natureza dos elementos sobre os quais lhes é possível agir, e combinar suas ações em razão do caráter, dos costumes, das crenças daqueles a quem querem transformar. Assim, no Oriente, para atingir o objetivo que perseguem na América e na Europa ocidental todos os espíritos de escol, é preciso seguir uma marcha idêntica quanto ao conjunto, mas essencialmente diferente nos detalhes, isto é, semeando a instrução, desenvolvendo a moralidade, combatendo os abusos consagrados pelo tempo, chegar-se-á a um mesmo resultado, em qualquer parte onde se atue, mas a escolha dos meios, sobretudo, deverá ser determinada pelo gênio particular daqueles a quem se dirigirem.

O espírito de reforma sopra em toda a Ásia; deixou na Síria, na Pérsia, em todos os países circunvizinhos destroços

sangrentos; a idéia nova aí germinou, regada pelo sangue dos mártires; é preciso aproveitar o impulso dado às inteligências, mas evitar recair nos erros que provocaram essas perseguições. *Não se instrui o homem batendo de frente os seus preconceitos, mas os trabalhando, modificando o mobiliário de seu espírito de maneira tão graduada que ele chegue, por si mesmo, a renunciar aos erros pelos quais pouco antes teria sacrificado a vida.* Não se lhe deve dizer: “Isto é mau, aquilo é bom”, mas levá-lo, pelo ensino literário e pelo exemplo, a apreciar cada coisa em seu verdadeiro aspecto. Não se impõe a um povo idéias novas; para que ele as aceite sem perturbação lamentável, é preciso habituá-lo pouco a pouco, fazendo reconhecer suas vantagens e não as estabelecer como princípio senão quando se está certo de que terão em seu favor uma imponente maioria.

Há muito a fazer no Oriente, mas, sozinha, a ação do homem seria impotente para operar uma transformação radical. Os acontecimentos em que tocamos contribuirão por uma parte para essa transformação. Eles habituarão os orientais a um novo gênero de existência; saporão pela base os preconceitos que presidem à legislação da família. Somente depois disto é que o ensinamento lhes virá desferir o último golpe.

Aplaudimos com todas as nossas forças a obra do Sr. X..., o espírito no qual ela é concebida; nós lhe prometemos, além disso, nossa assistência, e o aconselhamos a recorrer a nós, todas as vezes que encontrar algumas dificuldades embaraçosas. Que se apresse em pôr-se à obra; os acontecimentos vão depressa e é difícil que o trabalho esteja terminado quando chegar o momento propício! Que não perca tempo e que conte com o nosso concurso, que lhe é concedido como a todos os que perseguem com desinteresse a realização dos desígnios providenciais.

Clélie Duplantier

A MELHOR PROPAGANDA

(Sociedade de Paris, 23 de outubro de 1868 – Médium: Sr. Nivard)

Se há poucos médiuns esta noite, não é que faltem Espíritos; ao contrário, eles são muito numerosos. Uns são habituais, que vêm instruir-vos ou instruir-se, outros, em grande número, são recém-vindos para vós. Vieram sem carta de entrada, é verdade, mas com o consentimento e o convite dos Espíritos habituais. Muitos desses Espíritos sentem-se felizes por assistir à sessão e o são sobretudo por ver aqui vários espíritas, que eles amam e dirigem, e que tiveram o pensamento de vir entre vós.

Há muitos espíritas no mundo, mas seu grau de instrução sobre a Doutrina está longe de ser suficiente para que se classifiquem entre os espíritas esclarecidos. Sem dúvida têm luzes, mas lhes falta a prática, ou, se praticam, necessitam ser assistidos, a fim de trazer, nos esforços que tentam, mais persuasão e menos entusiasmo. Quando falo de prática do Espiritismo, quero dizer a parte que concerne à propaganda. Pois bem! para essa parte, mais difícil do que se pensa, é preciso, para a exercer com eficácia, estar bem penetrado da filosofia do Espiritismo e também de sua parte moral. A parte moral é fácil de conhecer; para isto exige pouco esforço; em compensação, é a mais difícil de praticar, porque só o exemplo pode fazer bem compreendê-la. Fareis melhor compreender a virtude dando exemplo do que a definindo. Ser virtuoso é fazer compreender e amar a virtude. Nada há a responder àquele que faz o que aconselha os outros a fazer. Assim, para a parte moral do Espiritismo, nenhuma dificuldade na teoria, muita na prática.

A parte filosófica apresenta mais dificuldades para ser compreendida e, por conseguinte, requer mais esforços. Os adeptos que procuram ser militantes, devem pôr-se à obra para bem conhecê-la, pois é a arma com a qual combaterão com mais sucesso. É útil que não se extasiem com os fenômenos materiais e

que dêem a sua explicação sem muito desenvolvimento. Devem reservar esses desenvolvimentos para a análise dos fatos de ordem inteligente, sem, contudo, dizer muito, pois não se deve fatigar o espírito das pessoas noviças no Espiritismo. Explicações concisas, exemplos bem escolhidos, adaptando-se bem à questão que se discute, eis tudo o que é preciso. Mas, repito, para ser conciso, não se deve saber menos; para dar exemplos ou explicações bem apropriados ao assunto é necessário conhecer a fundo a filosofia do Espiritismo. Esta filosofia está resumida em *O Livro dos Espíritos*, e o lado prático em *O Livro dos Médiuns*. Se conhecerdes bem a substância dessas duas obras, que são obra dos Espíritos, certamente tereis a felicidade de trazer muitos dos vossos irmãos a essa crença tão consoladora, e muitos dos que crêem serão postos no verdadeiro terreno: o do amor e da caridade.

Assim, pois, meus amigos, aqueles dentre vós que desejarem, e todos devem desejar, fazer seus irmãos partilharem de suas crenças, que os querem chamar ao banquete de consolação que o Espiritismo oferece a todos os seus filhos, devem moralmente praticar o Espiritismo praticando a sua moral, e intelectualmente espalhando em seu redor as luzes que colheram ou que colherão nas comunicações dos Espíritos.

Tudo isto é fácil, basta querer. Pois bem! meus caros amigos, em nome de vossa felicidade, de vossa tranqüilidade, em nome da união e da caridade, eu vos exorto a querer.

Um Espírito

O VERDADEIRO RECOLHIMENTO

(Sociedade de Paris, 16 de outubro de 1868 – Médiun: Sr. Bertrand)

Se pudésseis ver o recolhimento dos Espíritos de todas as ordens que assistem às vossas sessões, durante a leitura de vossas preces, não só ficaríeis tocados, mas envergonhados de ver que o

vosso recolhimento, que apenas qualifico de silêncio, está bem longe de aproximar-se do dos Espíritos, um bom número dos quais vos são inferiores. O que chamais vos recolherdes durante a leitura de vossas belas preces, é observar um silêncio que ninguém perturba; mas se os vossos lábios não se mexem, se o vosso corpo está imóvel, vosso Espírito vagueia e deixa de lado as sublimes palavras que deveríeis pronunciar do mais profundo do vosso coração, a elas vos assimilando pelo pensamento.

Vossa matéria observa o silêncio; certamente, dizer o contrário, seria vos injuriar; mas o vosso Espírito tagarela não o observa e perturba, neste instante, por vossos pensamentos diversos, o recolhimento dos Espíritos que vos rodeiam. Ah! se os vísseis prosternados diante do Eterno, pedindo a realização de cada uma das palavras que ledes, vossa alma ficaria comovida e, lamentando sua pouca atenção passada, faria um exame de consciência e pediria a Deus, de todo coração, a realização dessas mesmas palavras, que apenas pronunciava com os lábios. Pediríeis aos Espíritos que vos tornasse *dóceis aos seus conselhos*; e eu, Espírito que vos falo, após a leitura de vossas preces, e das palavras que acabo de repetir, poderia assinalar mais de um que daqui sairá muito pouco dócil aos conselhos que acabo de dar e com sentimentos muito pouco caridosos para com o próximo.

Talvez eu seja um pouco duro; mas creio não o ser senão para os que o merecem, e cujos mais secretos pensamentos não podem ser ocultos aos Espíritos. Assim, só me dirijo aos que aqui vêm pensando em qualquer outra coisa senão nas lições que aqui devem buscar e nos sentimentos que aqui devem trazer. Mas os que oram do fundo da alma orarão também, após a leitura de minha comunicação, por aqueles que vêm aqui e daqui partem sem terem orado.

Seja como for, peço aos que tiverem a bondade de me escutar, que continuem a pôr em prática os ensinamentos e os

conselhos dos Espíritos; a isto vos convido no seu interesse, pois não sabem tudo o que podem perder não o fazendo.

De Courson

Bibliografia

O ESPIRITISMO NA BÍBLIA

(Ensaio sobre a psicologia dos antigos hebreus)

Por Henri Stecki⁵⁸

Sabe-se que a Bíblia contém uma porção de passagens em relação com os princípios do Espiritismo. Mas como as encontrar nesse labirinto? Seria preciso fazer desse livro uma leitura atenta, o que poucas pessoas têm tempo e paciência para o fazer. Em algumas, mesmo, sobretudo em razão da linguagem o mais das vezes figurada, a idéia espírita não aparece de maneira clara senão após reflexão.

O autor deste livro fez da Bíblia um estudo aprofundado, e só o conhecimento que tem do Espiritismo lhe deu a chave de coisas que antes lhe pareciam inexplicáveis ou ininteligíveis. Foi assim que pôde informar-se com certeza sobre as idéias psicológicas dos antigos hebreus, ponto sobre o qual os comentadores não estavam de acordo. Devemos, pois, ser-lhe grato por ter trazido essas passagens à luz, num resumo sucinto e por ter, assim, poupado o leitor de pesquisas longas e fastidiosas. Às citações ele acrescenta comentários necessários à compreensão do texto, e que nele revelam o espírita esclarecido, mas não fanático de suas idéias, vendo o Espiritismo em tudo.

58 Um pequeno volume in-12; preço: 1 fr.; pelo correio: 1 fr. 25 c. Srs. Lacroix & Cia, Livraria Internacional, 15, boulevard Montmartre, Paris; e nos escritórios da *Revista Espírita*.

O nome do autor indica que não é francês; diz no prefácio que é polonês e explica em que circunstâncias foi levado ao Espiritismo, e aos socorros morais que hauriu nessa doutrina. Embora estrangeiro, escreve o francês, como aliás a maioria dos povos do Norte, principalmente os poloneses e os russos, com perfeita pureza. Seu livro é escrito com clareza, o que é um grande mérito em matérias filosóficas, pois nada é menos apropriado à vulgarização das idéias que um autor quer propagar, do que esses livros cuja leitura fatiga a ponto de provocar dor de cabeça, e cujas proposições são uma série de enigmas indecifráveis para o comum dos leitores.

Em resumo, o Sr. Stecki fez um livro útil, razão por que todos os espíritas lhe serão agradecidos.

Agradecemos pessoalmente a graciosa epístola dedicatória que ele houve por bem colocar no frontispício de sua obra.

O ESPIRITISMO EM LYON

Esse jornal, que aparece desde o dia 15 de fevereiro, e do qual falamos várias vezes, prossegue a sua rota com sucesso, graças ao zelo e à dedicação de seus diretores. Sua obra é tanto mais meritória quanto, novíços no que concerne à manutenção de um jornal, tiveram de lutar contra as dificuldades da inexperiência. Mas é forjando que se faz o ferreiro, e por isso seguimos com vivo interesse os progressos desse jornal, que ganhou consideravelmente, desde a sua origem, pela forma e pelo fundo. Nós o cumprimos pelo espírito de tolerância e de moderação, de que fez uma lei, pois se não é uma das qualidades sem as quais não se poderia dizer verdadeiramente espírita, é uma consequência da máxima que toma por divisa: *Fora da caridade não há salvação*. Assim, fazemos votos sinceros por sua prosperidade. O último número, o de 15 de outubro, contém vários artigos muito

interessantes, sobre os quais chamamos a atenção dos nossos leitores.

DESTINOS DA ALMA

Com considerações proféticas para reconhecer o tempo presente e os sinais da aproximação dos últimos dias. Nova edição, precedida de um apelo aos católicos de boa-fé e ao futuro concílio. Por A. d'Orient.⁵⁹

Nesta obra, de importância capital, o autor se apóia na pluralidade das existências, como a teoria mais racional, sobre o progresso indefinido da alma pelo trabalho realizado nas existências sucessivas, a responsabilidade de cada um conforme as suas obras, a não-eternidade absoluta das penas, o corpo fluídico, etc., numa palavra, sobre os princípios que constituem a base do Espiritismo. E, contudo, foi publicada em 1845, nova prova do movimento que já se operava neste sentido, mesmo antes do aparecimento da Doutrina Espírita, que veio sancionar pelos fatos e coordenar essas idéias esparsas. O autor se lisonjeava de a isto ligar o clero, respeitando os dogmas católicos, mas os interpretando de maneira mais lógica; sua esperança não foi concretizada, porque o seu livro foi posto no Index. Limitamo-nos a anunciá-lo, reservando-nos para lhe consagrar um artigo especial, quando tivermos tido tempo de o examinar a fundo.

Esperando, citaremos o parágrafo seguinte da introdução, que explica o objetivo a que se propôs o autor.

“Ressurreição dos corpos, presciência de Deus, vidas sucessivas ou purgatório das almas, tais são as três questões, onde tudo se liga no que respeita aos destinos de nossa alma, que nos propomos apresentar, sob novos aspectos, à meditação dos católicos e de todos os homens que gostam de refletir sobre si

59 Um grosso vol., grande in-8. Preço: 7 fr. 50. Didier & Cia, 35, quai des Augustins, e Ad. Lainé, rue des Saints-Pères.

mesmos. O que temos a dizer não toca nas verdades essenciais, que a todo gênero humano importa conhecer e crer com inteira certeza: essas verdades, que são do domínio da fé, são tão completas e asseguradas quanto é necessário que o sejam, e não temos a pretensão de a elas nada ajuntar de nós mesmo. Não queremos senão propor humanamente, sobre essas matérias, teorias humanas, que é permitido ignorar ou não crer sem prejuízo para a sua alma. E todos os nossos esforços só têm por fim aclarar o facho da ciência dos fatos obscuros, onde faltam as luzes da revelação, e que a fé não definiu completamente.”

Aviso

Aos senhores assinantes que não quiserem sofrer atraso no recebimento da *Revista*, pedimos que renovem suas assinaturas antes de 31 de dezembro.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XI

DEZEMBRO DE 1868

Nº 12

Sessão Anual Comemorativa do dia dos Mortos

(Sociedade de Paris, 1º de novembro de 1868)

DISCURSO DE ABERTURA PELO SR. ALLAN KARDEC⁶⁰

O Espiritismo é uma religião?

“Onde quer que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, aí estarei com elas.” (S. Mateus, 18:20.)

Caros irmãos e irmãs espíritas,

Estamos reunidos, neste dia consagrado pelo uso à comemoração dos mortos, para darmos àqueles irmãos nossos que deixaram a Terra um testemunho particular de simpatia, para continuarmos as relações de afeição e de fraternidade que existiam entre eles e nós, quando eram vivos, e para invocarmos sobre eles a bondade do Todo-Poderoso. Mas, por que nos reunirmos? Não podemos fazer em particular o que cada um de nós propõe fazer

⁶⁰ A primeira parte deste discurso é tirada de uma publicação anterior sobre a *Comunhão de pensamentos*, mas que era preciso relembrar, por causa de sua ligação com a idéia principal.

em comum? Qual a utilidade de assim nos reunirmos num dia determinado?

Jesus no-lo indica pelas palavras que referimos acima. Esta utilidade está no resultado produzido pela comunhão de pensamentos que se estabelece entre pessoas reunidas com o mesmo objetivo.

Comunhão de pensamentos! Compreendemos bem todo o alcance desta expressão? Seguramente, até este dia, poucas pessoas dela tinham feito uma idéia completa. O Espiritismo, que nos explica tantas coisas pelas leis que revela, ainda vem explicar a causa e a força dessa situação do espírito.

Comunhão de pensamento quer dizer pensamento comum, unidade de intenção, de vontade, de desejo, de aspiração. Ninguém pode desconhecer que o pensamento é uma força; mas uma força puramente moral e abstrata? Não: do contrário não se explicariam certos efeitos do pensamento e, ainda menos, a comunhão de pensamento. Para compreendê-lo, é preciso conhecer as propriedades e a ação dos elementos que constituem nossa essência espiritual, e é o Espiritismo que no-las ensina.

O pensamento é o atributo característico do ser espiritual; é ele que distingue o espírito da matéria; sem o pensamento o espírito não seria espírito. A vontade não é um atributo especial do espírito; é o pensamento chegado a um certo grau de energia; é o pensamento transformado em força motriz. É pela vontade que o espírito imprime aos membros e ao corpo movimentos num determinado sentido. Mas, se tem a força de agir sobre os órgãos materiais, quanto maior não deve ser essa força sobre os elementos fluídicos que nos rodeiam! O pensamento atua sobre os fluidos ambientes, como o som age sobre o ar; esses fluidos nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode, pois, dizer-se com toda a verdade que há nesses fluidos ondas e

raios de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Uma assembléia é um foco onde irradiam pensamentos diversos; é como uma orquestra, um coro de pensamentos, onde cada um produz a sua nota. Disto resulta uma imensidão de correntes e de eflúvios fluídicos, dos quais cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro musical cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Mas, assim como há raios sonoros harmônicos ou discordantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto for harmônico, a impressão é agradável; se discordante, a impressão será penosa. Ora, para isto, não é necessário que o pensamento seja formulado em palavras; a irradiação fluídica não deixa de existir, quer seja ou não expressa. Se todas forem benéficas, os assistentes experimentarão um verdadeiro bem-estar e se sentirão à vontade; mas se se misturarem alguns pensamentos maus, produzirão o efeito de uma corrente de ar gelado num meio tépido.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que se experimenta numa reunião simpática; aí reina uma espécie de atmosfera moral salubre, onde se respira à vontade; daí se sai reconfortado, porque aí nos impregnamos de eflúvios fluídicos salutareos. Assim também se explicam a ansiedade e o mal-estar indefinível que se sente num meio antipático, onde os pensamentos malévolos provocam, a bem dizer, correntes fluídicas malsãs.

A comunhão de pensamentos produz, pois, uma sorte de efeito físico que reage sobre o moral; só o Espiritismo poderia fazê-lo compreender. O homem o sente instintivamente, já que procura as reuniões onde sabe encontrar essa comunhão. Nessas reuniões homogêneas e simpáticas haure novas forças morais; poder-se-ia dizer que aí recupera as perdas fluídicas perdidas

diariamente pela irradiação do pensamento, como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material.

A esses efeitos da comunhão de pensamentos, junta-se um outro que é a sua conseqüência natural, e que importa não perder de vista: é o poder que adquire o pensamento ou a vontade, pelo conjunto dos pensamentos ou vontades reunidos. Sendo a vontade uma força ativa, esta força é multiplicada pelo número de vontades idênticas, como a força muscular é multiplicada pelo número dos braços.

Estabelecido este ponto, concebe-se que nas relações que se estabelecem entre os homens e os Espíritos, haja, numa reunião onde reine perfeita comunhão de pensamentos, uma força atrativa ou repulsiva, que nem sempre possui o individuo isolado. Se, até o presente, as reuniões muito numerosas são menos favoráveis, é pela dificuldade de obter uma homogeneidade perfeita de pensamentos, que se deve à imperfeição da natureza humana na Terra. Quanto mais numerosas as reuniões, mais aí se mesclam elementos heterogêneos, que paralisam a ação dos bons elementos, e que são como grãos de areia numa engrenagem. Não sucede assim nos mundos mais adiantados, e tal estado de coisas mudará na Terra à medida que os homens se tornarem melhores.

Para os espíritas, a comunhão de pensamentos tem um resultado ainda mais especial. Temos visto o efeito desta comunhão de homem a homem; prova-nos o Espiritismo que ele não é menor dos homens aos Espíritos, e reciprocamente. Com efeito, se o pensamento coletivo adquire força pelo número, um conjunto de pensamentos idênticos, tendo o bem por objetivo, terá mais força para neutralizar a ação dos Espíritos maus; também vemos que a tática destes últimos é levar à divisão e ao isolamento. Sozinho, um homem pode sucumbir, ao passo que se sua vontade for corroborada por outras vontades poderá resistir, conforme o axioma: *A união faz a força*, axioma verdadeiro, tanto do ponto de vista moral, quanto do físico.

Por outro lado, se a ação dos Espíritos malévolos pode ser paralisada por um pensamento comum, é evidente que a dos Espíritos bons será secundada; seus eflúvios fluídicos, não sendo detidos por correntes contrárias, espalhar-se-ão sobre os assistentes, precisamente porque todos os terão atraído pelo pensamento, não cada um em proveito pessoal, mas em benefício de todos, conforme a lei de caridade. Descerão sobre eles como línguas de fogo, para nos servirmos de uma admirável imagem do Evangelho.

Assim, pela comunhão de pensamentos os homens se assistem entre si e, ao mesmo tempo, assistem os Espíritos e são por estes assistidos. As relações entre os mundos visível e invisível não são mais individuais, mas coletivas e, por isto mesmo, mais poderosas em proveito das massas e dos indivíduos. Numa palavra, estabelecem a solidariedade, que é a base da fraternidade. Cada qual trabalha para todos, e não apenas para si; e trabalhando para todos, cada um aí encontra a sua parte. É o que o egoísmo não compreende.

Graças ao Espiritismo, compreendemos, então, o poder e os efeitos do pensamento coletivo; explicamo-nos melhor o sentimento de bem-estar que se experimenta num meio homogêneo e simpático; mas sabemos, igualmente, que se dá o mesmo com os Espíritos, porque eles também recebem os eflúvios de todos os pensamentos benevolentes que para eles se elevam, como uma nuvem de perfume. Os que são felizes experimentam maior alegria por esse concerto harmonioso; os que sofrem sentem maior alívio.

Todas as reuniões religiosas, seja qual for o culto a que pertençam, são fundadas na comunhão de pensamentos; com efeito, é aí que podem e devem exercer a sua força, porque o objetivo deve ser a libertação do pensamento das amarras da matéria. Infelizmente, a maioria se afasta deste princípio à medida

que a religião se torna uma questão de forma. Disto resulta que cada um, fazendo seu dever consistir na realização da forma, se julga quites com Deus e com os homens, desde que praticou uma fórmula. Resulta ainda *que cada um vai aos lugares de reuniões religiosas com um pensamento pessoal, por sua própria conta e, na maioria das vezes, sem nenhum sentimento de confraternidade em relação aos outros assistentes; fica isolado em meio à multidão e só pensa no céu para si mesmo.*

Por certo não era assim que o entendia Jesus, ao dizer: “Quando duas ou mais pessoas estiverem reunidas em meu nome, aí estarei entre elas.” Reunidos em meu nome, isto é, com um pensamento comum; mas não se pode estar reunido em nome de Jesus sem assimilar os seus princípios, sua doutrina. Ora, qual é o princípio fundamental da doutrina de Jesus? A caridade em pensamentos, palavras e ações. Mentem os egoístas e os orgulhosos, quando se dizem reunidos em nome de Jesus, porque Jesus não os conhece por seus discípulos.

Chocados por esses abusos e desvios, há pessoas que negam a utilidade das assembléias religiosas e, em conseqüência, a das edificações consagradas a tais assembléias. Em seu radicalismo, pensam que seria melhor construir asilos do que templos, uma vez que o templo de Deus está em toda parte e em toda parte pode ser adorado; que cada um pode orar em casa e a qualquer hora, enquanto os pobres, os doentes e os enfermos necessitam de lugar de refúgio.

Mas, porque cometeram abusos, porque se afastaram do reto caminho, devemos concluir que não existe o reto caminho e que tudo quanto se abusa seja mau? Não, certamente. Falar assim é desconhecer a fonte e os benefícios da comunhão de pensamentos, que deve ser a essência das assembléias religiosas; é ignorar as causas que a provocam. Concebe-se que os materialistas professem semelhantes idéias, já que em tudo fazem abstração da vida espiritual; mas da parte dos espiritualistas e, melhor ainda, dos

espíritas, seria um contra-senso. *O isolamento religioso, assim como o isolamento social, conduz ao egoísmo.* Que alguns homens sejam bastante fortes por si mesmos, largamente dotados pelo coração, para que sua fé e caridade não necessitem ser revigoradas num foco comum, é possível; mas não é assim com as massas, por lhes faltar um estimulante, sem o qual poderiam se deixar levar pela indiferença. Além disso, qual o homem que poderá dizer-se bastante esclarecido para nada ter a aprender no tocante aos seus interesses futuros? bastante perfeito para abrir mão dos conselhos da vida presente? Será sempre capaz de instruir-se por si mesmo? Não; a maioria necessita de ensinamentos diretos em matéria de religião e de moral, como em matéria de ciência. Incontestavelmente, tais ensinamentos podem ser dados em toda parte, sob a abóbada do céu, como sob a de um templo; mas por que os homens não haveriam de ter lugares especiais para as questões celestes, como os têm para as terrenas? Por que não teriam assembléias religiosas, como têm assembléias políticas, científicas e industriais? Aqui está uma bolsa onde se ganha sempre. Isto não impede as edificações em proveito dos infelizes. Dizemos, ademais, *que haverá menos gente nos asilos, quando os homens compreenderem melhor seus interesses do céu.*

Se as assembléias religiosas – falo em geral, sem aludir a nenhum culto – muitas vezes se têm afastado de seu objetivo primitivo principal, que é a comunhão fraterna do pensamento; se o ensino ali ministrado nem sempre tem acompanhado o movimento progressivo da Humanidade, é que os homens não progredem todos ao mesmo tempo. O que não fazem num período, fazem em outro; à proporção que se esclarecem, vêem as lacunas existentes em suas instituições, e as preenchem; compreendem que o que era bom numa época, em relação ao grau de civilização, torna-se insuficiente numa etapa mais avançada, e restabelecem o nível. Sabemos que o Espiritismo é a grande alavanca do progresso em todas as coisas; marca uma era de renovação. Saibamos, pois, esperar, não exigindo de uma época mais do que ela pode dar.

Como as plantas, é preciso que as idéias amadureçam, para que seus frutos sejam colhidos. Saibamos, além disso, fazer as necessárias concessões às épocas de transição, porque na Natureza nada se opera de maneira brusca e instantânea.

Dissemos que o verdadeiro objetivo das assembléias religiosas deve ser a *comunhão de pensamentos*; é que, com efeito, a palavra *religião* quer dizer *laço*. Uma religião, em sua acepção larga e verdadeira, é um laço que *religa* os homens numa comunhão de sentimentos, de princípios e de crenças; consecutivamente, esse nome foi dado a esses mesmos princípios codificados e formulados em dogmas ou artigos de fé. É nesse sentido que se diz: *a religião política*; entretanto, mesmo nesta acepção, a palavra *religião* não é sinônima de *opinião*; implica uma idéia particular: a de *fé conscienciosa*; eis por que se diz também: *a fé política*. Ora, os homens podem filiar-se, por interesse, a um partido, sem ter fé nesse partido, e a prova é que o deixam sem escrúpulo, quando encontram seu interesse alhures, ao passo que aquele que o abraça por convicção é inabalável; persiste à custa dos maiores sacrifícios, e é a abnegação dos interesses pessoais a verdadeira pedra-de-toque da fé sincera. Todavia, se a renúncia a uma opinião, motivada pelo interesse, é um ato de desprezível covardia, é, não obstante, respeitável, quando fruto do reconhecimento do erro em que se estava; é, então, um ato de abnegação e de razão. Há mais coragem e grandeza em reconhecer abertamente que se enganou, do que persistir, por amor-próprio, no que se sabe ser falso, e para não se dar um desmentido a si próprio, o que acusa mais obstinação do que firmeza, mais orgulho do que razão, e mais fraqueza do que força. É mais ainda: é hipocrisia, porque se quer parecer o que não se é; além disso é uma ação má, porque é encorajar o erro por seu próprio exemplo.

O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo, é, pois, essencialmente moral, que liga os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não somente o fato de

compromissos materiais, que se rompem à vontade, ou da realização de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito. O efeito desse laço moral é o de estabelecer entre os que ele une, como consequência da comunhão de vistas e de sentimentos, *a fraternidade e a solidariedade*, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que também se diz: a religião da amizade, a religião da família.

Se é assim, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores! No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos vangloriamos por isto, porque é a Doutrina que funda os vínculos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza.

Por que, então, temos declarado que o Espiritismo não é uma religião? Em razão de não haver senão uma palavra para exprimir duas idéias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; porque desperta exclusivamente uma idéia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí mais que uma nova edição, uma variante, se se quizer, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes a opinião se levantou.

Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis por que simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral.

As reuniões espíritas podem, pois, ser feitas religiosamente, isto é, com o recolhimento e o respeito que comporta a natureza grave dos assuntos de que se ocupa; pode-se

mesmo, na ocasião, aí fazer preces que, em vez de serem ditas em particular, são ditas em comum, sem que, por isto, sejam tomadas por *assembléias* religiosas. Não se pense que isto seja um jogo de palavras; a nuança é perfeitamente clara, e a aparente confusão não provém senão da falta de uma palavra para cada idéia.

Qual é, pois, o laço que deve existir entre os espíritas? Eles não estão unidos entre si por nenhum contrato material, por nenhuma prática obrigatória. Qual o sentimento no qual se deve confundir todos os pensamentos? É um sentimento todo moral, todo espiritual, todo humanitário: o da caridade para com todos ou, em outras palavras: o amor do próximo, que compreende os vivos e os mortos, pois sabemos que os mortos sempre fazem parte da Humanidade.

A caridade é a alma do Espiritismo; ela resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com os seus semelhantes, razão por que se pode dizer que não há verdadeiro espírita sem caridade.

Mas a caridade é ainda uma dessas palavras de sentido múltiplo, cujo inteiro alcance deve ser bem compreendido; e se os Espíritos não cessam de pregá-la e defini-la, é que, provavelmente, reconhecem que isto ainda é necessário.

O campo da caridade é muito vasto; compreende duas grandes divisões que, em falta de termos especiais, podem designar-se pelas expressões *Caridade beneficente* e *caridade benevolente*. Compreende-se facilmente a primeira, que é naturalmente proporcional aos recursos materiais de que se dispõe; mas a segunda está ao alcance de todos, do mais pobre como do mais rico. Se a beneficência é forçosamente limitada, nada além da vontade poderia estabelecer limites à benevolência.

O que é preciso, então, para praticar a caridade benevolente? Amar ao próximo como a si mesmo. Ora, se se amar

ao próximo tanto quanto a si, amar-se-o-á muito; agir-se-á para com outrem como se quereria que os outros agissem para conosco; não se quererá nem se fará mal a ninguém, porque não quereríamos que no-lo fizessem.

Amar ao próximo é, pois, abjurar todo sentimento de ódio, de animosidade, de rancor, de inveja, de ciúme, de vingança, numa palavra, todo desejo e todo pensamento de prejudicar; é perdoar aos inimigos e retribuir o mal com o bem; é ser indulgente para as imperfeições de seus semelhantes e não procurar o argueiro no olho do vizinho, quando não se vê a trave no seu; é esconder ou desculpar as faltas alheias, em vez de se comprazer em as pôr em relevo, por espírito de maledicência; é ainda não se fazer valer à custa dos outros; não procurar esmagar ninguém sob o peso de sua superioridade; não desprezar ninguém pelo orgulho. Eis a verdadeira caridade benevolente, a caridade prática, sem a qual a caridade é palavra vã; é a caridade do verdadeiro espírito, como do verdadeiro cristão; aquela sem a qual aquele que diz: *Fora da caridade não há salvação*, pronuncia sua própria condenação, tanto neste quanto no outro mundo.

Quantas coisas haveria a dizer sobre este assunto! Que belas instruções não nos dão os Espíritos incessantemente! Não fosse o receio de alongar-me em demasia e de abusar de vossa paciência, senhores, seria fácil demonstrar que, em se colocando no ponto de vista do interesse pessoal, egoísta, se se quiser, porque nem todos os homens estão ainda maduros para uma completa abnegação, para fazer o bem unicamente por amor do bem, digo que seria fácil demonstrar que têm tudo a ganhar em agir deste modo, e tudo a perder agindo diversamente, mesmo em suas relações sociais; depois, o bem atrai o bem e a proteção dos Espíritos bons; o mal atrai o mal e abre a porta à malevolência dos maus. Mais cedo ou mais tarde o orgulhoso será castigado pela humilhação, o ambicioso pelas decepções, o egoísta pela ruína de suas esperanças, o hipócrita pela vergonha de ser desmascarado;

aquele que abandona os Espíritos bons por estes é abandonado e, de queda em queda, finalmente se vê no fundo do abismo, ao passo que os Espíritos bons erguem e amparam aquele que, nas maiores provações, não deixa de se confiar à Providência e jamais se desvia do reto caminho; aquele, enfim, cujos secretos sentimentos não dissimulam nenhum pensamento oculto de vaidade ou de interesse pessoal. Assim, de um lado, ganho assegurado; do outro, perda certa; cada um, em virtude do seu livre-arbítrio, pode escolher a sorte que quer correr, mas não poderá queixar-se senão de si mesmo pelas conseqüências de sua escolha.

Crer num Deus Todo-Poderoso, soberanamente justo e bom; crer na alma e em sua imortalidade; na preexistência da alma como única justificação do presente; na pluralidade das existências como meio de expiação, de reparação e de adiantamento intelectual e moral; na perfectibilidade dos seres mais imperfeitos; na felicidade crescente com a perfeição; na eqüitativa remuneração do bem e do mal, segundo o princípio: a cada um segundo as suas obras; na igualdade da justiça para todos, sem exceções, favores nem privilégios para nenhuma criatura; na duração da expiação limitada à da imperfeição; no livre-arbítrio do homem, que lhe deixa sempre a escolha entre o bem e o mal; crer na continuidade das relações entre o mundo visível e o mundo invisível; na solidariedade que religa todos os seres passados, presentes e futuros, encarnados e desencarnados; considerar a vida terrestre como transitória e uma das fases da vida do Espírito, que é eterno; aceitar corajosamente as provações, em vista de um futuro mais invejável que o presente; praticar a caridade em pensamentos, em palavras e obras na mais larga acepção do termo; esforçar-se cada dia para ser melhor que na véspera, extirpando toda imperfeição de sua alma; submeter todas as crenças ao controle do livre-exame e da razão, e nada aceitar pela fé cega; respeitar todas as crenças sinceras, por mais irracionais que nos pareçam, e não violentar a consciência de ninguém; ver, enfim, nas descobertas da Ciência, a revelação das leis da Natureza, que são as leis de Deus: eis o

Credo, a religião do Espiritismo, religião que pode conciliar-se com todos os cultos, isto é, com todas as maneiras de adorar a Deus. É o laço que deve unir todos os espíritas numa santa comunhão de pensamentos, esperando que ligue todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal.

Com a fraternidade, filha da caridade, os homens viverão em paz e se pouparão males inumeráveis, que nascem da discórdia, por sua vez filha do orgulho, do egoísmo, da ambição, da inveja e de todas as imperfeições da Humanidade.

O Espiritismo dá aos homens tudo o que é preciso para a sua felicidade aqui na Terra, porque lhes ensina a se contentarem com o que têm. Que os espíritas sejam, pois, os primeiros a aproveitar os benefícios que ele traz, e que inaugurem entre si o reino da harmonia, que resplandecerá nas gerações futuras.

Os Espíritos que nos cercam aqui são inumeráveis, atraídos pelo objetivo que nos propusemos ao nos reunirmos, a fim de dar aos nossos pensamentos a força que nasce da união. Ofereçamos aos que nos são caros uma boa lembrança e o penhor de nossa afeição, encorajamentos e consolações aos que deles necessitem. Façamos de modo que cada um recolha a sua parte dos sentimentos de caridade benevolente, de que estivermos animados, e que esta reunião dê os frutos que todos têm o direito de esperar.

Allan Kardec

Depois deste discurso, procedeu-se à leitura de uma comunicação espontânea, ditada pelo Espírito H. Dozon sobre a solenidade do Dia de Todos os Santos, em 1º de novembro de 1865, e que é lida todos os anos na sessão comemorativa.

O DIA DE TODOS OS SANTOS

A festa de Todos os Santos, meus bons amigos, é uma festa que, para a maior parte dos que não possuem a verdadeira fé,

os entristece e faz que derramem lágrimas, em vez de se regozijarem. Vede, desde a humilde choupana até o palácio, quando o dobre a finados lembra o nome do esposo ou da esposa, de um pai, de uma mãe, de um filho, de uma filha, choram; parece que tudo acabou, que nada mais têm a esperar aqui na Terra e, contudo, oram! Que é, então, essa prece? É um pensamento dado ao ser amado, mas sem esperança. As lágrimas abafam a prece; por quê? Ah! é que eles duvidam; não têm essa fé viva, que traz a esperança, que vos sustenta nas maiores lutas. É que não compreenderam que a vida terrena não é senão uma partida, uma separação momentânea; numa palavra, é porque os que lhes ensinaram a orar também não tinham a fé verdadeira, a fé que se apóia na razão.

Mas é chegada a hora em que estas belas palavras do Cristo serão, enfim compreendidas: “Meu Pai deve ser adorado, não mais apenas nos templos, mas em toda parte, em Espírito e em verdade.” Tempo virá em que elas se realizarão. Belas e sublimes palavras. Sim, meu Deus, não sois adorado somente nos templos, mas o sois nos montes e em toda parte. Sim, aquele que molhou os lábios na taça bendita do Espiritismo, ora não só neste dia, mas todo dia; o viajor ora em seu caminho, o operário durante o seu trabalho; aquele que pode dispor de seu tempo o emprega no alívio de seus irmãos que sofrem.

Meus irmãos, alegrai-vos, porque em muito pouco tempo vereis grandes coisas! Quando eu estava na Terra, via a doutrina grande e bela, mas estava muito longe de poder compreendê-la em toda a sua grandeza e em seu verdadeiro objetivo. Por isso vos direi: Redobrai de zelo; consolai os que sofrem, porque há seres que foram de tal modo afligidos durante a sua vida, que necessitam ser amparados e ajudados na luta. Sabeis quanto a caridade é agradável a Deus: praticai-a, pois, sob todas as formas; praticai-a em nome dos Espíritos cuja memória festejais neste dia, e eles vos bendirão!

H. Dozon

Depois das preces habituais (ver a *Revista Espírita* de novembro de 1865), trinta e duas comunicações foram obtidas pelos médiuns presentes, em número de dezoito. Considerando a impossibilidade de as publicar todas, a Sociedade escolheu as três seguintes, para serem anexadas ao discurso acima, cuja impressão ela pediu. As outras encontrarão lugar nas coletâneas especiais que serão publicadas ulteriormente.

I

Um grande Espírito, La Rochefoucauld, disse numa de suas obras, que se devia tremer diante da vida e diante da morte! Certamente, se se deve tremer, é por ver sua existência incerta, perturbada, completamente falha; é por ter realizado um trabalho estéril, inútil para si e para os outros; é por ter sido um falso amigo, um mau irmão, um conselheiro pernicioso; é por ser mau filho, pai irrefletido, cidadão injusto, desconhecedor de seus deveres, de seu país, das leis que vos regem, da sociedade e da solidariedade.

Quantos amigos eu vi, espíritos brilhantes, engenhosos, instruídos, faltarem muitas vezes ao objetivo profundo da vida! Construía hipóteses mais ou menos absurdas: aqui a negação, ali a fé ardente; acolá se faziam neófitos de tal ou qual sistema de governo, de filosofia, e muitas vezes lançaram, ai! suas belas inteligências num fosso, de onde não podiam mais sair senão mortificadas e ofendidas para sempre.

A vida com suas asperezas, seus dissabores e suas incertezas, é, não obstante, uma coisa bela! Como! saís de um embrião, de um nada, e trazeis em torno de vós os beijos, os cuidados, o amor, o devotamento, o trabalho, e isto não seria nada senão a vida! Como é, então, que para vós, seres miseráveis, sem força, sem linguagem, gerações inteiras tenham criado os campos, incessantemente explorados, da economia humana? Economia de saber, de filosofia, de mecânica, de ciências diversas; milhares

de cidadãos corajosos consumiram os seus corpos e dispuseram de suas vigílias para vos criar mil elementos diversos de vossa civilização. Desde as primeiras letras até uma definição sábia, encontra-se tudo o que pode guiar e formar o espírito; hoje se pode ver, porque tudo é luz. A sombra das idades sombrias desapareceu para sempre, e o adulto de dezesseis anos pode contemplar e admirar um nascer do Sol e analisar, pesar o ar e, com a ajuda da Química, da Física, da Mecânica e da Astronomia, se permitir mil gozos divinos. Com a pintura, reproduz uma paisagem; com a música, inscreve algumas dessas harmonias que Deus espalha em profusão nas harmonias infinitas!

Com a vida, pode-se amar, dar, espalhar muito; por vezes pode-se ser sol e iluminar o seu interior, sua família, a vizinhança, ser útil, cumprir sua missão. Oh! sim, a vida é uma bela coisa, palpitante, cheia de entusiasmo e de expansão, plena de fraternidade e desses deslumbramentos que atiram as nossas pequenas misérias para longe.

Ó vós todos, meus caros condiscípulos da rua Richelieu; vós, meus fiéis do 14; vós todos que, tantas vezes, interrogastes a existência vos perguntando a palavra final; a vós que baixáveis a cabeça, incertos perante a última hora, diante da palavra *Morte*, que significa para vós: vazio, separação, desagregação, a vós venho dizer: Levantai a cabeça e esperai; nada de fraqueza, nada de terror; porque, se os vossos estudos conscienciosos e as religiões de nossos pais não vos deixaram senão o desgosto da vida, a incerteza e a incredulidade, é que, estéril em tudo, a ciência humana malconduzida só atingia o nada. Vós todos, que amais a Humanidade e resumis a esperança futura pelo estudo das ciências sociais, por sua aplicação séria, eu vos digo: Esperai, crede e procurai. Como eu, deixastes passar a verdade; nós a abandonávamos e ela batia à nossa porta, que obstinadamente lhe havíamos fechado. Doravante, amareis a vida, amareis a morte, esta grande consoladora; porque quereis, por uma vida exemplar, evitar recomeçar; quereis esperar no limiar da erraticidade todos aqueles que amais, não

somente a vossa família, mas a geração inteira que guiastes, para lhes desejar as boas-vindas e a emigração em mundos superiores.

Como vedes, eu vivo e todos nós vivemos. A reencarnação, que tanto nos fez rir, é o problema resolvido que tanto procurávamos. Aí está este problema em vossas mãos, cheio de atrativos, de promessas ardentes; vossos pais, vossas mulheres, vossos filhos, a multidão de amigos vos querem responder; estão todos reunidos, esses caros desaparecidos aos vossos olhos; falarão ao vosso espírito, à vossa razão; dar-vos-ão verdades, e a fé é uma lei bem-amada; mas, interrogai-os com perseverança.

Ah! a morte nos causava medo e tremores! E, contudo, eis que eu, Guillaumin, um incrédulo, um inconstante, fui reconduzido à verdade. Milhares de Espíritos se apressam, esperando a vossa decisão; eles gostam da lembrança e da peregrinação aos cemitérios! É um ponto de referência esse respeito aos mortos; mas esses mortos estão todos vivos; em vez de urnas funerárias e de epitáfios mais ou menos verdadeiros, eles vos pedem uma troca de idéias, de conselhos, um doce comércio de espírito, essa comunhão de idéias que engendra a coragem, a perseverança, a vontade, os atos de devotamento e esse fortificante e consolador pensamento de que a vida se retempera na morte e que se pode, doravante, malgrado La Rochefoucault e outros grandes gênios, nem tremer diante da vida, nem diante da morte.

Deus é a exuberância, é a vida em tudo e sempre. Cabe a nós compreender a sua sabedoria nas diversas fases pelas quais ele purifica a Humanidade.

Guillaumin (Médium: Sr. Leymarie)

II

Escolher mal o meu momento sempre foi uma das minhas contínuas inabilidades; e vir neste dia, em meio a esta numerosa reunião de Espíritos e de encarnados, é realmente um ato

de audácia, de que só a minha timidez pode ser capaz. Mas vejo em vós tanta bondade, doçura e amenidade; sinto tão bem que em cada um de vós posso encontrar um coração amante, compassivo, e sendo a indulgência a menor das qualidades que animam os vossos corações, a despeito de minha audácia, não me perturbo e conservo toda a presença de espírito que por vezes me falta, em circunstâncias menos importantes.

Mas, perguntareis, que vem então fazer, com sua verbosidade insinuante, esse desconhecido que, em vez e lugar de instrutor, vem monopolizar um médium útil? Quanto ao presente tendes razão; por isso me apresso em dar a conhecer meu desígnio, para não me apropriar por muito tempo de um lugar que usurpo.

Numa passagem do discurso hoje pronunciado por vosso presidente, uma reflexão vibrou-me ao ouvido, como só uma verdade pode vibrar e, confundido na multidão de Espíritos atentos, de súbito pus-me a descoberto. Ainda fui severamente julgado por uma imensidade de Espíritos que, baseando-se em suas recordações e na reputação de uma apreciação tida em outros tempos, subitamente reconheceram em mim o misantropo selvagem, o urso da civilização, o austero crítico das instituições em desacordo com seu próprio raciocínio. Ai! como um erro faz sofrer e há quanto tempo dura o mal feito às massas pela tola pretensão de um orgulhoso da humildade, de um louco do sentimento!

Sim, tendes razão: o isolamento em matéria religiosa e social não pode engendrar senão o egoísmo e, sem que muitas vezes dele se dê conta, o homem torna-se misantropo, deixando que seu egoísmo o domine. O recolhimento, produzido pelo efeito do silêncio grandioso da Natureza falando à alma, é útil, mas a sua utilidade não pode produzir seus frutos senão quando o ser que ouve a Natureza falar à sua alma, relata aos homens a verdade de sua moral; mas, se aquele que sente, em face da criação, sua alma levantar vôo para as regiões de uma era pura e virtuosa, não se serve de suas sensações, ao despertar, no meio das instituições de

sua época, senão para censurar os abusos que a sua natureza sensitiva lhe exagera, porque ela sofre com isto, se ele não encontra, para corrigir os erros dos humanos, senão fel e ressentimento, sem lhes mostrar docemente o verdadeiro caminho, tal qual o descobriu na própria Natureza, oh! então, infeliz dele, se só se servir de sua inteligência para açoiar, em vez de pensar as feridas da sociedade!

Sim, tendes razão: viver só no meio da Natureza é ser egoísta e ladrão, porque o homem foi criado para a sociabilidade; e isto é tão verdadeiro que eu, o selvagem, o misantropo, o indomável eremita, venho aplaudir esta passagem do discurso aqui pronunciado: O isolamento social e religioso conduz ao egoísmo.

Uni-vos, pois, nos esforços e nos pensamentos; sobretudo amai. Sede bons, doces, humanos; dai à amizade o sentimento da fraternidade; pregai pelo exemplo dos vossos atos, os salutareis efeitos de vossas crenças filosóficas; sede espíritas de fato, e não apenas de nome, e logo os loucos do meu gênero, os utopistas do bem não mais terão necessidade de queixar-se dos defeitos de uma legislação sob a qual devem viver, porque o Espiritismo, compreendido e sobretudo praticado, reformará tudo, em benefício dos homens.

J.-J. Rousseau (Médium: Sr. Morin)

III

O perfume que se exala de todos os bons sentimentos é uma prece constante que se eleva a Deus, e todas as boas ações são ações de graças ao Eterno.

Sra. Victor Hugo

A dedicação pelo reconhecimento é um impulso do coração; o devotamento pelo amor é um impulso da alma.

Sra. Dauban

O reconhecimento é um benefício que recompensa aquele que o merece. A gratidão é um ato do coração que dá, ao mesmo tempo, o prazer do bem àquele a quem se deve ser reconhecido e àquele que o é.

Vézy

A ingratidão é punida como ação má pelo abandono de que é objeto, como a gratidão é recompensada pela alegria que proporciona.

Leclerc

O dever da mulher é trazer ao homem todas as consolações e os encorajamentos necessários à sua vida de vicissitudes e penosos trabalhos. A mulher deve ser o seu sustentáculo, o seu guia, o facho que ilumina o seu caminho e deve impedi-lo de falir; se faltar à sua missão será punida; mas se, apesar do seu devotamento, o homem repele os impulsos de seu coração, ela é duplamente recompensada por ter persistido no cumprimento de seus deveres.

Delfina de Girardin

A dúvida é o veneno lento que a alma faz a matéria absorver e da qual recebe o primeiro castigo. A dúvida é o suicídio da alma, que leva imediatamente à morte do corpo. – Uma alma suicidar-se é difícil de compreender; mas não é morrer o viver na sombra, quando se sente a luz em volta de si? Afastai, pois, do vosso Espírito, o véu que vos oculta os esplendores da vida, e vede esses sóis radiantes que vos dão o dia: aí está a verdadeira luz; aí está o objetivo a que deveis chegar pela fé.

Jobard

O egoísmo é a paralisação de todos os bons sentimentos. O egoísmo é a deformidade da alma, que trespassa a

matéria, fazendo-vos amar tudo o que a ela se dirige e repelir tudo o que se dirige aos outros. O egoísmo é a negação da sublime sentença do Cristo, sentença alterada ignominiosamente: “Fazei aos outros o que gostaríeis que vos fizessem.”

Plácido

A susceptibilidade, eis o defeito para uso de todos, e cada um – não digais o contrário – dele está um pouco carregado.

Irra! se soubésseis quanto é ridículo ser susceptível e quanto esse defeito se torna desagradável, eu vos asseguro que ninguém mais queria ser por ele atingido, porque se gosta de ser belo.

Gay

O orgulho é o guarda-chuva social de todos e que cada um rejeita sobre o gracioso amor-próprio; certo! é preciso ter amor-próprio e orgulho, é o que dá a ambição do bem (sem jogo de palavras), mas demasiado, isto estraga o Espírito e corrompe o coração.

Mangin

A ambição, ele acaba de dizer! mas sabeis qual a ambição que não impede a alma de elevar-se para os esplendores do infinito? Pois bem! é a que vos leva a fazer o bem. Todas as outras ambições vos levam ao orgulho e ao egoísmo, flagelos da Humanidade.

Bonnefon

Meus caros amigos, os Espíritos que acabam de vos falar, não só estavam felizes por manifestarem sua presença, mas têm a alegria de pensar que cada um de vós se esforçará para se corrigir e pôr em prática as sábias lições que vos deram e as que vos trazem

em cada uma de vossas sessões. Crede, os Espíritos são para vós o que vossos pais foram ou deveriam ter sido. Eles vos admoestam, aconselhando e vos ajudando; e quando não os escutais, dizem que vos abandonam; revoltam-se contra vós; depois, tão logo vos falaram duramente, voltam a vós para vos encorajar, e se esforçam para impelir constantemente os vossos pensamentos para o bem. Sim, os Espíritos vos amam como o bom pai ama a seus filhos; compadecem-se de vós, cuidam de vossos dias e afastam de vós todo mal que vos pode acontecer, como a mãe cerca o filho de todos os cuidados mais delicados, de todas as atenções necessárias à sua fragilidade. Deus lhes deu uma missão; deu-lhes a coragem para a cumprir e nenhum desses Espíritos bons, seja qual for o seu grau na hierarquia espiritual, falhará na sua tarefa; compreendem, sentem, vêem esses esplendores divinos que devem ser a sua recompensa; vão adiante e queriam vos levar em sua companhia, vos impelir à frente deles, se o pudessem. Eis por que vos admoestam, eis por que vos aconselham. Por vossa vez, orai por eles, a fim de que a vossa indocilidade não os impeça de continuar seus benefícios por vós, e que Deus continue a lhes dar a força de vos ajudar.

São Luís (Médium: Sr. Bertrand)

Constituição Transitória do Espiritismo⁶¹

I

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O Espiritismo teve, como todas as coisas, o seu período de gestação e, enquanto todas as questões, principais e acessórias, que dele derivam não se acharem resolvidas, somente pode dar

61 **N. do T.:** Comportando maiores ou menores desenvolvimentos, este artigo está inserido em *Obras Póstumas*, segunda parte: “Constituição do Espiritismo – Exposição de motivos”.

resultados incompletos. Entreviu-se-lhe a finalidade, presentiram-se-lhe as conseqüências, mas apenas de modo vago. Da incerteza sobre pontos ainda não determinados haviam forçosamente de nascer divergências sobre a maneira de os considerar; a unificação tinha que ser obra do tempo e se efetuou gradualmente à medida que os princípios se foram elucidando. Unicamente quando tiver desenvolvido todas as partes em que se desdobra é que a Doutrina formará um todo harmônico e só então se poderá julgar do que é o Espiritismo.

Enquanto ele não passava de uma opinião filosófica, não podia contar, da parte de seus adeptos, senão com a simpatia natural que a comunhão de idéias produz; nenhum laço sério podia existir entre eles, por falta de um programa claramente traçado. Esta, evidentemente, a causa fundamental da débil coesão e da instabilidade dos grupos e sociedades que logo se formaram. Por isso mesmo, constantemente procuramos, e com todas as nossas forças, afastar os espíritas do propósito de fundarem prematuramente qualquer instituição especial com base na Doutrina, antes que esta assentasse em alicerces sólidos. Fora se exporem a fracassos inevitáveis, cujo efeito teria sido desastroso, pela impressão que produziriam no público e pelo desânimo em que lançariam os adeptos.

Semelhantes fracassos talvez retardassem de um século o progresso definitivo da Doutrina, a cuja impotência se imputaria um insucesso devido, na realidade, à imprevidência. Por não saberem esperar, a fim de chegarem no momento exato, os muito apressados e os impacientes, em todos os tempos, hão comprometido as melhores causas.⁶²

Não se deve pedir às coisas senão o que elas podem dar, à medida que se vão pondo em estado de produzir. Não se pode

62 Tratamos especialmente a questão das instituições espíritas num artigo da *Revista* de julho de 1866, ao qual remetemos o leitor para maiores desenvolvimentos.

exigir de uma criança o que se pode esperar de um adulto, nem de uma árvore que acaba de ser plantada o que ela dará quando estiver em toda a sua pujança. O Espiritismo, em via de elaboração, somente resultados individuais podia dar; os resultados coletivos e gerais serão fruto do Espiritismo completo, que sucessivamente se desenvolverá.

Se bem não haja ele dito ainda sua última palavra sobre todos os pontos, aproxima-se do seu complemento e soou a hora de se lhe oferecer uma base forte e durável, susceptível, contudo, de receber todos os desenvolvimentos que as circunstâncias ulteriores comportem e que ofereça toda a segurança aos que inquiram quem, depois de nós, lhe tomará as rédeas.

A Doutrina é, sem dúvida, imperecível, porque repousa nas leis da Natureza e porque, melhor do que qualquer outra, corresponde às legítimas aspirações dos homens. Entretanto, a sua difusão e a sua instalação definitiva podem ser adiantadas ou retardadas por circunstâncias várias, algumas das quais subordinadas à marcha geral das coisas, outras inerentes à própria doutrina, à sua constituição e à sua organização. É destas que nos vamos ocupar especialmente neste momento.

Conquanto a questão de substância seja preponderante em tudo e acabe sempre por prevalecer, a questão de forma tem aqui importância capital; poderia mesmo sobrepujar momentaneamente e suscitar embaraços e atrasos, conforme a maneira por que fosse resolvida.

Houvéramos, pois, feito coisa incompleta e deixado grandes dificuldades para o futuro, se não prévissemos as que podem surgir. Com o intuito de evitá-las foi que, com o concurso dos Espíritos bons que nos assistem em nossos trabalhos, elaboramos um plano de organização, pondo em jogo a experiência do passado, a fim de evitar os escolhos contra os quais se chocaram

a maioria das doutrinas que apareceram no mundo. Podendo este plano prestar-se a todos os desenvolvimentos que reserva o futuro, demos, por isto mesmo, a esta constituição a qualificação de *transitória*.

O plano aqui exposto concebemo-lo há longo tempo, porque sempre nos preocupamos com o futuro do Espiritismo, é certo, mas o bastante para mostrar que não é esta, hoje, uma concepção nova e que, trabalhando na parte teórica da obra, não nos descuidávamos do lado prático.

Antes de abordar a fundo a questão, parece-nos útil lembrar algumas passagens do relatório que apresentamos à Sociedade de Paris, no dia 5 de maio de 1865, a propósito da caixa do Espiritismo, e que foi publicado na *Revista* de junho de 1865. As considerações que ele encerra se ligam diretamente ao nosso assunto, do qual elas são as preliminares indispensáveis.

II

EXTRATO DO RELATÓRIO DA CAIXA DO ESPIRITISMO, FEITO À SOCIEDADE DE PARIS, EM 5 DE MAIO DE 1865

Muito se há falado dos proventos que eu retirava de minhas obras. Certamente, nenhuma pessoa séria acredita realmente em meus milhões, a despeito da afirmação dos que diziam saber de boa fonte que eu levava uma vida principesca, tinha carruagens de quatro cavalos e que em minha casa só se pisava em tapetes de Aubusson. (*Revista* de junho de 1862). Além disso, não obstante o que disse o autor de uma brochura que conheceis, provando, por cálculos hiperbólicos, que o meu orçamento de receita ultrapassa a lista civil do mais poderoso soberano da Europa, porquanto, só na França, vinte milhões de espíritas são meus tributários (*Revista* de junho de 1863), há um fato mais autêntico do que os seus cálculos: é que jamais pedi qualquer coisa

a alguém, ninguém me deu algo para mim pessoalmente; numa palavra, *não vivo a expensas de ninguém*, porquanto, das somas que me foram voluntariamente confiadas no interesse do Espiritismo, nenhuma parcela foi desviada em meu proveito.⁶³

As minhas imensas riquezas proviriam, pois, das minhas obras espíritas. Conquanto estas obras tenham alcançado inesperado êxito, basta ter um pouco de familiaridade com os negócios de livraria, para saber que não é com livros filosóficos que se amontoam milhões em cinco ou seis anos, quando sobre a venda só se tem o direito autoral de alguns centavos por exemplar. Mas, avultado ou mínimo, sendo esse lucro fruto do meu trabalho, ninguém tem o direito de intrometer-se no emprego que lhe dou; ainda mesmo que se elevasse a milhões, ninguém tem nada a ver com isto, desde que a compra de livros, assim como a assinatura da *Revista*, é facultativa e não se impõe *em nenhuma circunstância*, nem mesmo para assistir às sessões da Sociedade. Falando comercialmente, estou na posição de todo homem que recolhe o fruto de seu trabalho; corro o risco de todo escritor, que tanto pode triunfar, quanto fracassar.⁶⁴

Mesmo não tendo, neste particular, nenhuma conta a prestar, creio útil à própria causa a que me devotei, dar algumas explicações.

Antes de mais, direi que minhas obras não são propriedade exclusiva minha, o que me obriga a comprá-las de

63 Essas somas se elevavam naquela época ao total de 14.100 francos, cujo emprego, a favor exclusivamente da Doutrina, se acha justificado pelas contas.

64 Aos que perguntaram por que vendíamos nossos livros, em vez de os doar, respondemos que o fariamos, se tivéssemos encontrado impressor que no-los imprimisse a troco de nada, negociante que nos fornecesse papel grátis, livreiros que não exigissem nenhuma comissão para se encarregarem de distribuí-los, uma administração dos correios que os transportasse por filantropia, etc. Enquanto esperamos, e como não temos milhões para subvencionar esses encargos, somos obrigados a lhes dar um preço.

meu editor e pagá-las como um livreiro, à exceção da *Revista*; que o lucro se acha singularmente diminuído pelas dívidas incobráveis e pelas distribuições gratuitas, feitas no interesse da Doutrina, a pessoas que, sem isto, delas estariam privadas. Um cálculo muito fácil prova que o preço de dez volumes perdidos ou doados, que nem por isso deixo de pagar, é suficiente para absorver o lucro de cem volumes. Isto seja dito a título de informação e entre parênteses. Somando tudo e feito o balanço, resta, contudo, alguma coisa. Imaginai a cifra que quizerdes; o que faço dela? Isto é o que mais preocupa certa gente.

Quem quer que outrora tenha visto a nossa habitação e a veja hoje poderá atestar que nada mudou na nossa maneira de viver, desde que entrei a ocupar-me com o Espiritismo; é tão simples agora como o era antigamente. Então é certo que os meus lucros, por maiores que sejam, não servem para nos dar os prazeres do luxo. Teria eu, então, a mania de entesourar para ter o prazer de contemplar meu dinheiro? Creio que meu caráter e meus hábitos jamais permitiram que se fizesse tal suposição. O que pretendem? Desde que isto não me aproveita, quanto mais fabulosa for a soma, mais embaraçosa será a resposta. Um dia saberão a cifra exata, bem como o seu emprego detalhado, e os fazedores de histórias pouparão a imaginação; hoje eu me limito a alguns dados gerais para pôr um freio a suposições ridículas. Para tanto devo entrar nalguns detalhes íntimos, mas que são necessários, e para os quais vos peço perdão.

Sempre tivemos do que viver, muito modestamente é verdade, mas o que teria sido pouco para certa gente nos bastava, graças a nossos gostos e hábitos de ordem e economia. À nossa pequena renda vinha juntar-se, como suplemento, o produto das obras que publiquei antes do Espiritismo e o de um modesto emprego, que me vi forçado a deixar quando os trabalhos da Doutrina absorveram todo o meu tempo.

Tirando-me da obscuridade, o Espiritismo veio lançar-me em novo caminho; em pouco tempo vi-me arrastado por um movimento que estava longe de prever. Quando concebi a idéia de *O Livro dos Espíritos*, era minha intenção não me pôr de modo algum em evidência e permanecer desconhecido; mas, prontamente ultrapassado, isto não me foi possível: tive de renunciar ao meu gosto pelo insulamento, sob pena de abdicar da obra empreendida e que crescia de dia para dia; foi preciso seguir seu impulso e tomar-lhe as rédeas. Se meu nome tem agora alguma popularidade, seguramente não fui eu que o procurei, pois é notório que nem a devo à propaganda, nem à camaradagem da imprensa, e que jamais aproveitei de minhas relações para me lançar no mundo, quando isto me teria sido tão fácil. Mas, à medida que a obra crescia, um horizonte mais vasto se desdobrava à minha frente, recuando os seus limites; compreendi então a imensidade de minha tarefa e a importância do trabalho que me restava fazer para completá-la. Longe de me apavorarem, as dificuldades e os obstáculos redobram as minhas energias; vi o objetivo e resolvi atingi-lo com a assistência dos Espíritos bons. Sentia que não tinha tempo a perder e não o perdi nem em visitas inúteis, nem em cerimônias ociosas; foi a obra de minha vida: a ela dei todo o meu tempo, sacrifiquei-lhe meu repouso, minha saúde, porque o futuro estava escrito diante de mim em caracteres irrecusáveis.

Sem nos afastarmos do nosso gênero de vida, nem por isso essa posição excepcional deixou de nos criar menos necessidades a que só os meus recursos pessoais, muito limitados, não me permitiriam prover. Seria difícil a outrem imaginar a multiplicidade das despesas que aquela posição acarreta e que, sem ela, eu teria evitado.

Pois bem, senhores! o que me proporcionou suprimento aos meus recursos foi o produto das minhas obras. E o digo com satisfação, pois foi com o meu próprio trabalho, com o fruto de minhas vigílias que provi, pelo menos em sua maior parte,

às necessidades materiais da instalação da Doutrina. Assim, eu trouxe uma larga cota-parte à caixa do Espiritismo. Os que ajudam a propagação das obras não poderão, pois, dizer que trabalham para me enriquecer, porque o produto da venda de todo livro, de toda assinatura da *Revista*, redonda em proveito da Doutrina e não do indivíduo.

Mas, prover ao presente não era tudo: importava também pensar no futuro e preparar uma fundação que, depois de mim, pudesse auxiliar aquele que me substituísse na grande tarefa que terá de desempenhar. Esta fundação, a cujo respeito ainda devo guardar silêncio, se prende à propriedade que possuo e é em vista disto que aplico, em melhorá-la, uma parte do que ganho. Como estou longe dos milhões com que me gratificaram, e a despeito de minhas economias, duvido muito que meus recursos pessoais me permitam dar a essa fundação o complemento que em vida lhe queria destinar. Uma vez, porém, que a sua realização está nos desígnios dos meus guias espirituais, se eu mesmo não o fizer, é provável que, um dia ou outro, isso se fará. Enquanto aguardo, vou elaborando os projetos no papel.

Longe de mim, senhores, o pensamento de me envaidecer, ainda que de leve, com o que acabo de expor-vos. Foi necessária a pertinácia de certas diatribes, para que eu me decidisse, embora a contragosto, a quebrar o silêncio acerca de alguns fatos que me concernem. Mais tarde, todos aqueles que à malevolência aprouve desnaturar serão trazidos à luz por meio de documentos autênticos; mas o tempo dessas explicações ainda não chegou. A única coisa que por enquanto me importava era que ficásseis esclarecidos com relação ao destino dos fundos que a Providência faz que passem pelas minhas mãos, seja qual for a sua origem. Não me considero mais do que um depositário, até mesmo do que ganho e, com mais forte razão, daquilo que me é confiado.

Alguém me perguntava certo dia, sem curiosidade, é claro, e por mero interesse pela causa, o que eu faria de um milhão,

se o tivesse. Respondi-lhe que hoje o seu emprego seria totalmente diferente do que houvera sido no princípio. Outrora eu teria feito propaganda por uma larga publicidade; agora reconheço que isso seria inútil, pois os nossos adversários se encarregaram de custeá-la. Não me pondo então à disposição grandes recursos, os Espíritos quiseram provar que o Espiritismo só devia seus triunfos à sua própria força.

Hoje, que o horizonte se ampliou, sobretudo que o futuro se desdobrou, fazem-se sentir necessidades de ordem completamente diversa. Um capital como o que supondes receberia um emprego mais útil. Sem entrar em detalhes, que seriam prematuros, direi simplesmente que uma parte se destinaria a converter a minha propriedade numa casa especial de retiro espírita, cujos habitantes recolheriam os benefícios de nossa doutrina moral; a outra constituiria uma renda *inalienável*, destinada: 1^o a manter o estabelecimento; 2^o a assegurar uma existência a quem me suceder e aos que o ajudarem em sua missão; 3^o a prover às necessidades correntes do Espiritismo, sem os riscos de auxílios eventuais, como sou obrigado a fazer, já que a maior parte de seus recursos decorrem do meu trabalho, que terá termo.

Eis o que eu faria; mas se esta satisfação não me é dada, sei que, de um modo ou de outro, os Espíritos que dirigem o movimento proverão a todas as necessidades em tempo oportuno. Eis por que absolutamente não me inquieto com isto e só me ocupo com o que, para mim, é o essencial: a conclusão dos trabalhos que me restam por terminar. Feito isto, partirei quando a Deus aprouver chamar-me.

III

CISMAS

Uma questão que logo se apresenta é a dos cismas que poderão nascer no seio da Doutrina. Estará preservado deles o Espiritismo?

Não, certamente, porque terá, sobretudo no começo, de lutar contra as idéias pessoais, sempre absolutas, tenazes, refratárias a se amalgamarem com as idéias dos demais; e contra a ambição dos que, a despeito de tudo, se empenham por ligar seus nomes a uma inovação qualquer; dos que criam novidades só para poderem dizer que não pensam ou agem como os outros; ou porque o seu amor-próprio sofre, por não ocuparem senão uma posição secundária; ou, enfim, porque vêem com despeito um outro fazer o que não fizeram e, além disso, triunfar. Mas, como lhes temos dito centenas de vezes: “Quem vos barra o caminho? Quem vos impede de trabalhar por vosso lado? Quem vos proíbe de publicar as vossas obras? A publicidade vos está aberta como a todo o mundo; dai algo de melhor do que o que está, ninguém a isto se opõe; sede mais apreciados pelo público, e ele vos dará a preferência.”

Se, porém, o Espiritismo não pode escapar às fraquezas humanas, com as quais se tem de contar sempre, pode todavia neutralizar-lhes as conseqüências e isto é o essencial.

É de notar-se que os vários sistemas divergentes, surgidos na origem do Espiritismo, sobre a maneira de explicarem-se os fatos, foram desaparecendo à medida que a Doutrina se completou por meio da observação e de uma teoria racional. Hoje, raros partidários ainda contam esses primitivos sistemas. É este um fato notório, do qual se pode concluir que as últimas divergências se apagarão com a elucidação integral de todas as partes da Doutrina. Mas, haverá sempre os dissidentes, de ânimo prevenido e interessados, por um motivo ou por outro, a constituir bando à parte. Contra a pretensão desses é que cumpre se premunam os demais.

Para assegurar-se, no futuro, a unidade, uma condição se faz indispensável: que todas as partes do conjunto da Doutrina sejam determinadas com precisão e clareza, sem que coisa alguma

fique imprecisa. Para isso, procedemos de maneira que os nossos escritos não se prestem a interpretações contraditórias e cuidaremos de que assim aconteça sempre. Quando for dito peremptoriamente e sem ambigüidade que dois e dois são quatro, ninguém pode pretender que se quis dizer que dois e dois fazem cinco.

Conseqüentemente, seitas poderão formar-se *ao lado* da Doutrina, seitas que não lhe adotem os princípios ou todos os princípios, porém não dentro da Doutrina, por efeito de interpretação dos textos, como tantas se formaram sobre o sentido das próprias palavras do Evangelho. É este um primeiro ponto de capital importância.

O segundo ponto está em não se sair do âmbito das idéias práticas. Se é certo que a utopia da véspera se torna muitas vezes a verdade do dia seguinte, deixemos que o dia seguinte realize a utopia da véspera, porém não atravanquemos a Doutrina de princípios que possam ser considerados quiméricos e fazer que a repilam os homens positivos.

O terceiro ponto, enfim, é inerente ao caráter essencialmente progressivo da Doutrina. Pelo fato de ela não se embalar com sonhos irrealizáveis, não se segue que se imobilize no presente. Apoiada tão-só nas leis da Natureza, não pode variar mais do que estas leis; mas, se uma nova lei for descoberta, tem ela que se pôr de acordo com essa lei. Não lhe cabe fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar. Assimilando todas as idéias reconhecidamente justas, de qualquer ordem que sejam, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, constituindo isso uma das principais garantias de sua perpetuidade.

Se, portanto, uma seita se formar à ilharga do Espiritismo, fundada ou não em seus princípios, de duas uma: ou essa seita estará com a verdade, ou não estará; se não estiver, cairá

por si mesma, sob o ascendente da razão e do senso comum, como já sucedeu a tantas outras, através dos séculos; se suas idéias forem acertadas, mesmo que com relação a um único ponto, a Doutrina, que apenas procura o bem e o verdadeiro onde quer que se encontrem, as assimilará, de sorte que, em vez de ser absorvida, absorverá.

Se alguns de seus adeptos vierem a afastar-se, é que se acreditarão capazes de fazer coisa melhor; se realmente fizerem algo melhor, ela os imitará; se fizerem maior bem, ela se esforçará por fazer outro tanto ou mais, se possível; se fizerem mais mal, ela os deixará fazer, certa de que, mais cedo ou mais tarde, o bem sobrepuja o mal e o verdadeiro predominará sobre o que é falso. Esta a única luta em que se empenhará.

Acrescentemos que a tolerância, fruto da caridade, que constitui a base da moral espírita, lhe impõe como um dever respeitar todas as crenças. Querendo ser aceita livremente, por convicção e não por constrangimento, proclamando a liberdade de consciência um direito natural imprescritível, diz: *Se tenho razão, todos acabarão por pensar como eu; se estou em erro, acabarei por pensar como os outros.* Em virtude destes princípios, não atirando pedras a ninguém, ela nenhum pretexto dará para represálias e deixará aos dissidentes toda a responsabilidade de suas palavras e de seus atos.

Não será, pois, invariável o programa da Doutrina, senão com referência aos princípios que hoje tenham passado à condição de verdades comprovadas. Com relação aos outros, não os admitirá, como há feito sempre, senão a título de hipóteses, até que sejam confirmados. Se lhe demonstrarem que está em erro acerca de um ponto, ela se modificará nesse ponto.

A verdade absoluta é eterna e, por isso mesmo, invariável. Mas, quem poderá lisonjear-se de possuí-la toda? No estado de imperfeição em que se acham os nossos conhecimentos,

o que hoje nos parece falso pode amanhã ser reconhecido como verdadeiro, em consequência da descoberta de novas leis, e isso tanto na ordem moral, quanto na ordem física. Contra essa eventualidade, a Doutrina nunca deverá estar desprevenida. O princípio progressivo, que ela inscreve no seu código, será a salvaguarda da sua perenidade e a sua unidade se manterá, exatamente porque ela não assenta no princípio da imobilidade. Em vez de ser uma força, a imobilidade se torna uma causa de fraqueza e de ruína, para quem não acompanha o movimento geral; quebra a unidade, porque os que querem avançar se separam dos que se obstinam em ficar atrás. Mas, acompanhando o movimento progressivo, cumpre fazê-lo com prudência e evitar ir de cabeça baixa ao encontro dos devaneios da utopia e dos sistemas. É preciso fazê-lo a tempo, nem muito cedo, nem muito tarde, e com conhecimento de causa.

Compreende-se que uma doutrina assente sobre tais bases tem que ser realmente forte; ela desafia toda concorrência e neutraliza as pretensões de seus competidores. É para este ponto que os nossos esforços tendem a conduzir a Doutrina Espírita.

Aliás, a experiência já comprovou o acerto desta previsão. Tendo marchado sempre por esse caminho desde a sua origem, a Doutrina avança constantemente, mas sem precipitação, verificando sempre se é sólido o terreno onde pisa e medindo seus passos pelo estado da opinião. Fez como o navegante que não prossegue sem ter na mão a sonda e sem consultar os ventos.

IV

O CHEFE DO ESPIRITISMO

Mas quem será encarregado de manter o Espiritismo nessa senda? Quem terá mesmo a força? Quem disporá do tempo e da perseverança necessários para se consagrar ao trabalho incessante que semelhante tarefa exige? Se o Espiritismo for

entregue a si mesmo, sem guia, não será de temer que se desvie da sua rota? e que a malevolência, com a qual ainda estará por longo tempo em luta, não procure desfigurar-lhe o espírito? É essa, com efeito, uma questão vital e cuja solução se reveste do maior interesse para o futuro da Doutrina.

A necessidade de uma direção central superior, guarda vigilante da unidade progressiva e dos interesses gerais da Doutrina, é tão evidente, que já causa inquietação o não ser visto, a surgir no horizonte, o seu condutor. Compreende-se que, sem uma autoridade moral, capaz de centralizar os trabalhos, os estudos e as observações, de dar a impulsão, de estimular os zelos, de defender os fracos, de sustentar os ânimos vacilantes, de ajudar com os conselhos da experiência, de fixar a opinião sobre os pontos incertos, o Espiritismo correria o risco de caminhar ao léu. Não somente essa direção é necessária, como também preciso se faz que preencha condições de força e de estabilidade suficientes para afrontar as tempestades.

Os que nenhuma autoridade admitem não compreendem os verdadeiros interesses da Doutrina. Se alguns pensam poder dispensar toda direção, a maioria, os que não se crêem infalíveis e não depositam confiança absoluta em suas próprias luzes, se sentem necessitados de um ponto de apoio, de um guia, ainda que apenas para ajudá-los a caminhar com segurança. (Vide a *Revista* de abril de 1866: *O Espiritismo Independente*).

Reconhecida a necessidade de uma direção, de quem o chefe receberia poderes? Será ele aclamado pela universalidade dos adeptos disseminados no mundo inteiro? É coisa impraticável. Se se impuser por sua própria autoridade, uns o aceitarão, enquanto que outros o recusarão, e podem surgir vinte pretendentes, levantando bandeira contra bandeira. Fora ao mesmo tempo o despotismo e a anarquia. Semelhante ato seria próprio de um

ambicioso e ninguém conviria menos do que um ambicioso, por isso mesmo orgulhoso, para chefiar uma doutrina que se baseia na abnegação, no devotamento, no desinteresse, na humildade. Colocado fora do princípio fundamental da Doutrina, outra coisa não poderia fazer, senão falsear-lhe o espírito. É o que inevitavelmente se daria, se de antemão se não adotassem medidas eficazes a prevenir esse inconveniente.

Admitamos, no entanto, houvesse um homem com todas as qualidades necessárias ao desempenho do seu mandato e que, por uma senda qualquer, chegasse à direção suprema. Os homens se sucedem e não se assemelham; depois de um bom, poderia vir um mau. Com o indivíduo, pode mudar o espírito da direção; sem maus desígnios, pode ele ter modos de ver mais ou menos justos; se entender de fazer que prevaleçam suas idéias pessoais, pode levar a Doutrina a transviar-se, suscitar dissidências e as mesmas dificuldades se renovarão a cada mudança. É preciso não esquecer que o Espiritismo ainda não está na plenitude de sua força. Do ponto de vista da organização, é uma criança que mal começa a andar. Insta, pois, sobretudo no princípio, premuni-lo contra os obstáculos do caminho.

Mas, dir-se-á, não virá estar à frente do Espiritismo um dos Espíritos que, segundo foi anunciado, tem que tomar parte na obra da regeneração? É provável; todavia, como esses Espíritos não trarão na frente um sinal para serem reconhecidos; como não se afirmarão *senão por seus atos*, e, na maioria, só serão reconhecidos depois de terem morrido, conformemente ao que houverem produzido durante a vida; como, ao demais, não serão perpétuos, mister se torna prever todas as eventualidades.

É sabido que eles terão uma missão múltiplice; que serão de todos os graus da escala espiritual e se encontrarão nos diversos ramos da economia social, onde um exercerá influência a favor das novas idéias, conforme a particularidade da sua posição;

que todos, pois, trabalharão pelo ascendente da Doutrina, aqui e ali, uns como chefes de Estado, outros como legistas, outros como magistrados, sábios, literatos, oradores, industriais, etc.; que cada um dará provas de si onde lhe caiba exercer sua atividade, desde o proletário até o soberano, *sem que qualquer coisa os distinga do comum dos homens, a não serem suas obras*. Se a um deles couber tomar parte na direção, é provável que seja posto providencialmente na posição apropriada a fazê-lo chegar lá pelos meios legais que forem adotados; circunstâncias aparentemente fortuitas até lá o conduzirão, sem que de sua parte haja desígnio premeditado, sem mesmo ter ele consciência de sua missão. (*Revista Espírita: “Os messias do Espiritismo”*, fevereiro e março de 1868.)

Em tal caso, o pior de todos os chefes seria o que se desse por eleito de Deus. Como não é racional se admita que Deus confie tais missões a ambiciosos ou a orgulhosos, as virtudes características de um verdadeiro messias têm que ser, antes de tudo, a simplicidade, a humildade, a modéstia, numa palavra, o mais completo desinteresse material e moral. Ora, a só pretensão de ser um messias constituiria a negação dessas qualidades essenciais; provaria, naquele que se prevalecesse de semelhante título, ou tola presunção, em havendo boa-fé, ou insigne impostura.

Não faltarão intrigantes, pseudo-espíritas, que queiram elevar-se por orgulho, ambição ou cupidez; outros que alardeiam pretensas revelações com o auxílio das quais procurem salientar-se e fascinar as imaginações por demais crédulas. É também de prever que, sob falsas aparências, indivíduos haja que tentem apoderar-se do leme, com a idéia preconcebida de fazerem soçobrar o navio, desviando-o de sua rota. O navio não soçobrará, mas poderia sofrer prejudiciais atrasos que se devem evitar.

São esses, sem contestação, os maiores escolhos de que o Espiritismo precisa preservar-se. Quanto maior consistência ele adquirir, tanto mais ciladas lhe armarão seus adversários. É,

portanto, dever de todos os espíritas sinceros anular as manobras da intriga que se possam urdir, assim nos pequenos, como nos grandes centros. Deverão eles, em primeiro lugar, repudiar, do modo mais absoluto, todo aquele que por si mesmo se apresente qual messias, quer como chefe do Espiritismo, quer como simples apóstolo da Doutrina. Pelo fruto é que se conhece a árvore; espere-se, pois, que a árvore dê seu fruto, para decidir se ela é boa e veja-se também se os frutos têm sabor. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXI, nº 9, “Caracteres do verdadeiro profeta”.)

Alguém com quem conversávamos a esse respeito, propunha o seguinte expediente: fazer que os candidatos fossem designados pelos próprios Espíritos em cada grupo ou sociedade espírita. Além de que este meio não obviaria a todos os inconvenientes, apresentaria outros, peculiares a semelhante modo de proceder, que a experiência já demonstrou e que fora supérfluo lembrar aqui. Não se deve perder de vista que a missão dos Espíritos consiste em nos instruir, para que nos melhoremos, porém não em se sobreporem ao nosso livre-arbítrio. Eles nos sugerem idéias, ajudam com seus conselhos, principalmente no que concerne às questões morais, mas deixam ao nosso raciocínio o encargo da execução das coisas materiais, encargo a que não lhes cabe poupar-nos. Em seu mundo eles têm atribuições que não são as da Terra; pedir-lhes o que está fora de suas atribuições é expor-se às falcatruas dos Espíritos levianos. Contentem-se os homens com o serem assistidos e protegidos por Espíritos bons; não descarreguem, porém, sobre eles, a responsabilidade que incumbe ao encarnado.

Esse meio, aliás, suscitaria maiores embaraços do que se poderia supor, pela dificuldade de fazer-se que todos os grupos participassem de semelhante eleição. Seria uma complicação nas engrenagens e estas tanto menos susceptíveis se mostrarão de desarranjar-se, quanto mais simplificadas forem.

O problema é, pois, o de constituir-se uma direção central, em condições de força e estabilidade, que a ponham ao abrigo de todas as flutuações; que correspondam a todas as necessidades da causa e oponham intransponível barreira às tramas da intriga e da ambição. Tal o objetivo do plano de que vamos dar um rápido esboço.

V

COMISSÃO CENTRAL

Durante o período de elaboração, a direção do Espiritismo teve que ser individual; era necessário que todos os elementos constitutivos da Doutrina, saídos, no estado de embriões, de uma multidão de focos, se dirigissem para um centro comum, para serem aí examinados e cotejados, de sorte que um só pensamento presidisse à coordenação deles, a fim de estabelecer-se a unidade no conjunto e a harmonia entre todas as partes. Se não fosse assim, a Doutrina ter-se-ia assemelhado a esses edifícios híbridos, projetados por vários arquitetos, ou a um mecanismo cujas rodas não se engrenam com precisão umas nas outras.

Já o temos dito, por ser verdade incontestável, hoje claramente demonstrada: a Doutrina não podia sair, de um único centro, completamente estruturada, da mesma maneira que toda a ciência astronômica não poderia sair, inteiramente constituída, de um único observatório. Qualquer centro que tentasse erguê-la exclusivamente sobre as suas observações faria coisa incompleta e se acharia, com relação a uma infinidade de pontos, em contradição com os outros. Se mil centros quisessem fazer cada um a sua doutrina, não haveria duas iguais em todos os pontos. Se estivessem de acordo quanto aos fundamentos, difeririam inevitavelmente quanto à forma. Ora, como há muita gente que atenta mais na forma do que na substância, tantas seriam as seitas quantas as formas diferentes. Somente do conjunto e da comparação de todos

os resultados parciais podia resultar a unidade. Por isso é que era necessária a concentração dos trabalhos. (*A Gênese*, cap. I, “Caráter da revelação espírita”, nº 51 e seguintes.)

Mas, o que era de vantagem por um certo tempo mais tarde se tornaria inconveniente. Hoje, que o trabalho de elaboração se acha concluído, no que concerne às questões fundamentais, que estabelecidos se encontram os princípios gerais da Ciência, a direção, de individual que houve de ser em começo, tem que se tornar coletiva, primeiramente, porque um momento há de vir em que o seu peso excederá as forças de um homem e, em segundo lugar, porque maior garantia apresenta um conjunto de indivíduos, a cada um dos quais caiba apenas um voto e que nada podem sem o concurso mútuo, do que um só indivíduo, capaz de abusar da sua autoridade e de querer que predominem as suas idéias pessoais.

Em vez de um chefe único, a direção será confiada a uma *comissão central* ou *conselho superior* permanente – pouco importa o nome – cuja organização e atribuições se definam de maneira a não dar azo ao arbítrio. Essa comissão se comporá, no máximo de doze membros titulares, que deverão, para tal efeito, preencher certas condições indispensáveis, e de igual número de conselheiros. Ela se completará a si mesma, segundo regras igualmente determinadas, de modo a evitar todo favoritismo, à medida que em seu seio se derem vagas por falecimentos ou por outras causas. Uma disposição especial estabelecerá o modo por que serão nomeados os doze primeiros.

Cada membro presidirá por sua vez durante um ano, e aquele que preencher esta função será designado por sorteio.

Puramente administrativa será a autoridade do presidente. Ele dirigirá as deliberações da comissão, velará pela execução dos trabalhos e pelo expediente; mas, fora das atribuições que os estatutos constitutivos lhe conferirem, nenhuma decisão

poderá tomar sem o concurso da comissão. Portanto, não haverá possibilidade de abusos, nem alimentos para a ambição, nem pretextos para intrigas ou ciúmes, nem supremacia chocante.

A comissão central, ou conselho superior, será, pois, a cabeça, o verdadeiro chefe do Espiritismo, chefe coletivo, que nada poderá sem o assentimento da maioria e, em certos casos, sem o de um congresso ou assembléia-geral. Suficientemente numeroso para se esclarecer por meio da discussão, não será bastante para que haja confusão.

Os congressos serão constituídos por delegados das sociedades particulares, regularmente constituídas, e colocadas sob o patrocínio da comissão por sua adesão e pela conformidade de seus princípios.

Para a comunidade dos adeptos, a aprovação ou a desaprovação, o consentimento ou a recusa, as decisões, em suma, de um corpo constituído, representando opinião coletiva, forçosamente terão uma autoridade que jamais teriam, se emanassem de um só indivíduo, que apenas representa uma opinião pessoal. É freqüente uma pessoa rejeitar a opinião de outra, por entender que se humilharia, caso se submetesse a essa opinião, e acatar sem dificuldades a de muitos.

Fica bem entendido que aqui se trata de autoridade moral, no que respeita à interpretação e aplicação dos princípios morais da Doutrina, e não de um poder disciplinar qualquer. Essa autoridade será, em matéria de Espiritismo, o que é a de uma academia, em matéria de Ciência.

Para o público estranho, um corpo constituído tem maior ascendente e preponderância; contra os adversários, sobretudo, apresenta uma força de resistência e dispõe de meios de ação com que um indivíduo não poderia contar; aquele luta com

vantagens infinitamente maiores. Uma individualidade está sujeita a ser atacada e aniquilada; o mesmo já não se dá com uma entidade coletiva.

Há, igualmente, numa entidade coletiva, uma garantia de estabilidade, que não existe, quando tudo recai sobre uma cabeça única. Desde que o indivíduo se ache impedido por uma causa qualquer, tudo fica paralisado. A entidade coletiva, ao contrário, se perpetua incessantemente. Embora perca um ou vários de seus membros, nada periclita.

A dificuldade, dirão, consistirá em reunir, de modo permanente, doze pessoas que estejam sempre de acordo.

O essencial é que sejam acordes no tocante aos princípios fundamentais. Ora, isso constituirá uma condição absoluta para que sejam admitidas à direção, como para a de todos os que desta hajam de participar. Sobre as questões pendentes de detalhes, pouco importa que divirjam, porquanto a opinião da maioria é que prevalecerá. Àquele cuja maneira de ver for acertada, não faltarão razões boas com que a justifique. Se algum, contrariado por não conseguir que suas idéias predominem, se retirar, nem por isso deixariam as coisas de seguir o seu curso e motivo não haveria para se lhe deplorar a saída, pois que teria dado prova de uma susceptibilidade orgulhosa, pouco espírita, e que poderia tornar-se origem de perturbações.

A causa mais comum de separatividade entre co-interessados é o conflito de interesses e a possibilidade de uns suplantarem os outros, em proveito próprio. Esta causa não pode existir, do momento em que o prejuízo de um em nada aproveitará aos outros; desde que todos são solidários e somente podem perder, em vez de ganhar, com a desunião. É esta uma questão de minúcia prevista na organização.

Admitamos que entre os membros da comissão haja um irmão falso, um traidor, que os inimigos da causa tenham ganho para si: que logrará ele fazer, não dispondo senão do seu voto nas decisões? Suponhamos que, por impossível, toda a comissão enverede por mau caminho: aí estarão os congressos para reconduzi-la à ordem.

A fiscalização dos atos da administração pertencerá aos congressos, que poderão decretar a censura ou uma acusação contra a comissão central, por infração do seu mandato, por violação dos princípios estabelecidos, ou por medidas prejudiciais à Doutrina. Por isso é que se apelará da comissão para o congresso, nas circunstâncias em que se julgue que a responsabilidade da primeira está gravemente comprometida.

Sendo os congressos um freio para a comissão, na aprovação deles haure esta última novas forças. É assim que o chefe coletivo depende, em definitivo, da opinião geral e não pode, sem risco para si próprio, afastar-se do caminho reto.

Quando a comissão estiver organizada, dela faremos parte como simples membro seu, dando-lhe a nossa colaboração, sem reivindicar, para nós, nem supremacia, nem título, nem qualquer privilégio.

Às atribuições gerais da comissão serão anexados, como dependências locais:

1º – Uma *biblioteca*, onde se encontrem reunidas todas as obras que interessem ao Espiritismo e que possam ser consultadas no local, ou cedidas para leitura fora;

2º – Um *museu*, onde se achem colecionadas as primeiras obras de arte espírita, os trabalhos mediúnicos mais notáveis, os retratos dos adeptos a quem a causa muito deva pelo

devotamento que tenham demonstrado, os dos homens a quem o Espiritismo renda homenagens, embora estranhos à Doutrina, como benfeitores da Humanidade, grandes gênios missionários do progresso, etc.⁶⁵

3º – Um *dispensário* destinado às consultas médicas *gratuitas* e ao tratamento médico de certas afecções, sob a direção de um médico diplomado;

4º – Uma caixa de socorros e de previdência, em condições práticas;

5º – Um asilo;

6º – Uma sociedade de adeptos, que celebre sessões regulares.

VI

OBRAS FUNDAMENTAIS DA DOCTRINA

Muitas pessoas lamentam que as obras fundamentais da Doutrina tenham um preço tão elevado para grande número de leitores, e pensam, com razão, que se fossem feitas edições populares a baixo custo, estariam muito mais espalhadas, com o que ganharia a Doutrina.

Estamos completamente de acordo; mas, no estado atual das coisas, as condições em que são editadas não permitem que o sejam de outro modo. Esperamos chegar um dia a esse resultado, com o auxílio de uma nova combinação que se ligue ao plano geral de organização. Mas essa operação não pode ser

65 O futuro museu já possui oito quadros de grande dimensão, que só esperam um local conveniente; verdadeiras obras-primas de arte, especialmente executadas em vista do Espiritismo, por um artista de renome, que generosamente os doou à Doutrina. É a inauguração da arte espírita, por um homem que alia à fé sincera o talento dos grandes mestres. Em tempo hábil faremos a sua descrição detalhada.

realizada senão empreendida em vasta escala; só de nossa parte exigiria capitais que não possuímos, e trabalhos materiais que os nossos trabalhos, que reclamam todas as nossas meditações, não nos permitem dar. É por isto que a parte comercial propriamente dita foi negligenciada ou, melhor dizendo, sacrificada ao estabelecimento da parte doutrinária. O que importava, antes de tudo, era que as obras fossem feitas e assentadas as bases da Doutrina.

Em se achando organizado pela constituição da comissão central, nossas obras se tornarão propriedade do Espiritismo, na pessoa dessa mesma comissão, que as gerirá e cuidará da publicação delas, pelos meios mais apropriados a popularizá-las. Ela também deverá cuidar de que sejam traduzidas nas principais línguas estrangeiras.

A *Revista* foi, até agora, e não podia deixar de ser, uma obra pessoal, visto que fazia parte de nossas obras doutrinárias, constituindo os anais do Espiritismo. Por seu intermédio é que todos os princípios novos foram elaborados e entregues ao estudo. Era, pois, necessário que conservasse seu caráter individual, para que se estabelecesse a unidade.

Fomos, por diversas vezes, solicitados a fazê-la circular mais amiúde; por muito lisonjeiro, porém, que nos fosse esse desejo, não pudemos atendê-lo, primeiramente, porque o tempo material não nos consentia esse acréscimo de trabalho e, em segundo lugar, porque importava não perdesse ela o seu caráter essencial, que não é o de um jornal propriamente dito.

Hoje, que a nossa obra pessoal se aproxima do seu termo, as necessidades já não são as mesmas; a *Revista* se tornará, como as nossas outras obras, feitas e por fazer, propriedade coletiva da comissão, que lhe tomará a direção, para maior

vantagem do Espiritismo, sem que, por isso, renunciemos a lhe prestar a nossa colaboração.

Para completar a obra doutrinária, falta-nos publicar vários trabalhos, que não formam a parte menos difícil, nem menos penosa. Conquanto já disponhamos de todos os elementos para o executar e o programa de cada um esteja traçado até o último capítulo, poderíamos dispensar-lhes mais acurada atenção e ativá-los, se, por instituída a comissão central, estivéssemos livres de outros cuidados que absorvem grande parte do nosso tempo.

VII

ATRIBUIÇÕES DA COMISSÃO

Serão estas as atribuições principais da comissão central:

1º – Cuidar dos interesses da Doutrina e da sua propagação; manter-lhe a unidade, pela conservação da integridade dos princípios firmados; prover ao desenvolvimento de suas conseqüências;

2º – O estudo dos novos princípios, susceptíveis de entrar no corpo da Doutrina;

3º – A concentração, em seu poder, de todos os documentos e informações que interessem ao Espiritismo;

4º – A correspondência;

5º – A manutenção, a consolidação e a extensão dos laços de fraternidade entre os adeptos e as sociedades particulares dos diversos países;

6º – A direção da *Revista*, que será o jornal oficial do Espiritismo e à qual se poderá juntar outra publicação periódica;

7º – O exame e apreciação das obras, dos artigos de jornais e de todos os escritos que interessem à Doutrina; a refutação dos ataques, se aparecerem;

8º – A publicação das obras fundamentais da Doutrina, nas condições mais favoráveis à sua vulgarização; a elaboração e publicação das de que daremos o plano e que não teremos tempo de executar em nossa atual existência; o apoio de que precisem as publicações que sejam de proveito para a causa;

9º – A fundação e conservação da biblioteca, dos arquivos e do museu;

10º – A administração da caixa de socorros, do dispensário e do asilo;

11º – A administração dos negócios materiais;

12º – A direção das sessões da Sociedade;

13º – O ensino oral;

14º – As visitas e instruções às reuniões e sociedades particulares que se collocarem sob o seu patrocínio;

15º – A convocação dos congressos e assembléias gerais.

Estas atribuições os membros da comissão as distribuirão entre si, conforme a especialidade de cada um, sendo eles, se for preciso, assistidos por certo número de auxiliares ou de simples empregados.

Em consequência, entre os membros da comissão haverá:

– Um secretário-geral para a correspondência e as atas das sessões da comissão;

– Um redator-chefe para *Revista* e as outras publicações;

– Um bibliotecário-arquivista, encarregado, além disso, do exame e das apreciações críticas das obras e artigos de jornais;

– Um diretor da caixa de socorros, também encarregado da direção do dispensário, das visitas aos doentes e necessitados e de tudo o que se refere à beneficência. Será secundado por uma comissão de beneficência escolhida no seio da Sociedade, e formada de pessoas caridosas de boa vontade;

– Um administrador-contador, encarregado dos negócios e dos interesses materiais;

– Um diretor especial para os negócios concernentes às publicações;

– Oradores para o ensino oral, encarregados, ademais, de visitar as sociedades dos Departamentos e aí dar instruções. Poderão ser tomados entre os membros auxiliares e os adeptos de boa vontade que, para tanto, receberão um mandato especial.

Seja qual for a extensão ulterior dos negócios e do pessoal administrativo, a comissão será sempre limitada ao mesmo número de membros titulares.

Até agora tivemos de nos bastar mais ou menos sozinhos a este programa. Por isso mesmo, algumas de suas partes foram negligenciadas ou apenas puderam ser esboçadas, e as que são mais especialmente da nossa alçada, tiveram que sofrer inevitáveis atrasos, pela necessidade de nos ocupar de tantas coisas, quando o tempo e as forças têm limites e uma só absorveria o tempo de um homem.

VIII

VIAS E MEIOS

É de lastimar, sem dúvida, que tenhamos de entrar em considerações de ordem material, para alcançarmos um objetivo todo espiritual. Cumpre, porém, observemos, que a espiritualidade mesma da obra se prende à questão da Humanidade terrena e do seu bem-estar; que já não se trata somente da emissão de algumas idéias filosóficas, mas de fundar alguma coisa de positivo e de durável, para a extensão e a consolidação da Doutrina, à qual é preciso fazer produzir os frutos de que é susceptível de dar. Imaginar que ainda estamos nos tempos em que alguns apóstolos podiam pôr-se a caminho com um bastão de viagem, sem cogitarem de saber onde pousariam, nem do que comeriam, fora alimentar uma ilusão que bem depressa amarga decepção destruiria. Para alguém fazer qualquer coisa de sério, tem que se submeter às necessidades impostas pelos costumes da época em que vive e essas necessidades são muito diversas da dos tempos da vida patriarcal. O próprio interesse do Espiritismo exige, pois, que se apreciem os meios de ação, para não ser forçoso parar a meio do caminho. Apreciamo-los, portanto, uma vez que estamos num século em que é preciso calcular tudo.

São em grande número, como se vê, as atribuições da comissão central, para necessitarem de uma verdadeira administração. Tendo cada um de seus membros funções ativas e assíduas, se apenas a constituíssem homens de boa vontade, os trabalhos seriam prejudicados, porquanto ninguém teria o direito de censurar os negligentes. Para regularidade dos trabalhos e normalidade do expediente, necessário se torna contar com homens de cuja assiduidade se possa estar certo e que não considerem suas funções como simples atos de comprazer. De quanto mais independência eles forem senhores, pelos seus recursos pessoais, tanto menos se deixarão prender por ocupações

assíduas; se não dispuserem de tempo, não poderão consagrá-lo àquelas funções. Importa, pois, que sejam retribuídos, assim como o pessoal administrativo. Com isso a Doutrina ganhará em força, em estabilidade, em pontualidade, do mesmo passo que constituirá um meio de prestar serviços a pessoas que dela necessitem.

Ponto essencial, na economia de toda administração previdente, é que sua existência não dependa de produtos eventuais que possam fazer falta, mas de recursos certos, regulares, de maneira que sua marcha, aconteça o que acontecer, não seja embarçada. Insta, pois, que as pessoas que forem chamadas a lhe prestar concurso, não se sintam inquietas quanto ao futuro que as aguarde. Ora, a experiência demonstra que se devem considerar essencialmente aleatórios os recursos que apenas tenham por base o produto de cotas ou contribuições, sempre facultativas, quaisquer que sejam os compromissos contraídos, e de cobrança sempre difícil. Assentar despesas permanentes e regulares sobre recursos eventuais, implicaria falta de previdência, que mais tarde se haveria de deplorar. Menos graves são, sem dúvida, as conseqüências, quando se trate de fundações temporárias, destinadas a durar quanto possam; aqui, porém, é uma questão de futuro. A sorte de uma administração como esta não pode ficar subordinada aos azares de um negócio comercial; precisa ser, desde o seu início, se não tão florescente, pelo menos tão estável quanto o será daqui a um século. Quanto mais sólida for a sua base, menos exposta estará aos golpes da intriga.

Em tal caso a mais vulgar prudência manda se capitalizem, de forma inalienável, os recursos, à proporção que vão sendo obtidos, a fim de constituir-se uma renda perpétua, a coberto de todas as eventualidades. Regulando a administração a sua despesa pela renda que aufera, não pode a sua existência, em nenhum caso, achar-se comprometida, pois que disporá sempre de meios para funcionar. Pode, no começo, organizar-se em menor escala; o número de membros da comissão poderá ser limitado

provisoriamente a cinco ou seis, o pessoal e os gastos administrativos reduzidos ao mínimo possível, salvo para proporcionar o desenvolvimento pelo acréscimo dos recursos e das necessidades da causa, considerados indispensáveis.

Pessoalmente, e embora membro ativo da comissão central, não pesaremos de forma alguma no seu orçamento, nem por honorários, nem por despesas de viagens, nem por outra causa qualquer. Se nunca a ninguém nada pedimos para nós, ainda menos o faríamos nesta circunstância. Nosso tempo, nossa vida, todas as nossas forças físicas e intelectuais pertencem à Doutrina. Declaramos, pois, formalmente, que nenhuma parcela dos recursos de que dispuser a comissão será desviada em proveito nosso.

Dar-lhe-emos, ao contrário, a nossa contribuição:

1^o – Abrindo mão, em seu favor, do que produzam as nossas obras, feitas e por fazer;

2^o – Doando-lhe valores mobiliários e imobiliários.

Assim, fazemos votos para a realização do nosso plano, no interesse da Doutrina, e não para aí conquistarmos uma posição da qual não necessitamos. Foi para preparar as vias desta instalação que até hoje consagramos o produto de nossos trabalhos, como dissemos acima. Se nossos meios pessoais não nos permitem fazer mais, pelo menos teremos a satisfação de haver posto a primeira pedra.

Figuremos então que, de um modo ou de outro, a comissão central, em dado tempo, esteja em condições de funcionar, o que pressupõe uma renda de 25 a 30.000 francos. Restringindo, em começo, as suas despesas, os recursos de toda espécie de que disponha, em capitais e produtos eventuais, constituirão a *Caixa Geral do Espiritismo*, que será objeto de uma

contabilidade rigorosa. Reguladas as despesas obrigatórias, o excedente da renda irá aumentar o capital comum. Proporcionalmente, com os recursos desse capital é que a comissão proverá às diversas despesas proveitosas ao desenvolvimento da Doutrina, sem que jamais faça dele aplicação pessoal, nem fonte de especulação para qualquer de seus membros. Ao demais, o emprego dos fundos e escrituração serão submetidos à verificação de comissários especiais, designados, para esse efeito, pelos congressos ou assembléias gerais.

A comissão terá por um de seus primeiros cuidados ocupar-se com as publicações, desde que seja possível, sem esperar que o possa fazer com o auxílio das rendas. Os fundos a isso destinados não serão, em realidade, mais que um adiantamento, pois que voltarão à caixa, em virtude da venda das obras, cujo produto reverterá ao capital comum. É um negócio de administração.

Para dar a esta instituição uma existência legal, ao abrigo de toda contestação, dar-lhe, além disso, o direito de adquirir, receber e possuir, ela será constituída, *se for julgado necessário*, por ato autêntico, sob forma de sociedade comercial anônima, por noventa e nove anos, prorrogável indefinidamente, com todas as estipulações necessárias para que jamais possa afastar-se de seu objetivo, e que os fundos não possam ser desviados de sua destinação.

Sem aqui entrar em detalhes que seriam supérfluos e prematuros, devemos, entretanto, dizer algumas palavras sobre duas instituições acessórias da comissão, a fim de que não se enganem quanto ao sentido que a elas ligamos; queremos falar da caixa de socorro e da casa de retiro.

A criação de uma caixa geral de socorros é impraticável e apresenta sérios inconvenientes, como já o demonstramos em

artigo especial. (*Revista* de julho de 1866). A comissão não deve, pois, tomar um caminho que teria de abandonar ao cabo de pouco tempo, nem empreender coisa alguma que não esteja certa de poder realizar. Ela precisa ser positiva e não se embalar em ilusões quiméricas. Esse o meio de caminhar longo tempo e com segurança. Para isso, cumpre-lhe ficar sempre dentro dos limites do possível.

Essa caixa de socorros não pode e não deve ser mais do que uma instituição local, de ação circunscrita e cuja prudente organização sirva de modelo às do mesmo gênero que as sociedades particulares venham a criar. Pela sua multiplicidade é que elas prestarão serviços eficazes e não pela centralização dos meios de ação.

Será alimentada: 1^o pelas parcelas, que se lhe destinem, tiradas da renda da caixa geral do Espiritismo; 2^o pelos donativos especiais que lhe forem feitos. Ela capitalizará as somas que receber, de maneira a constituir para si um rendimento. Com essa renda é que prestará os socorros temporários ou vitalícios e cumprirá as obrigações do seu mandato, estipuladas no regulamento da sua constituição.

O projeto de um asilo, na acepção completa do termo, não poderá ter execução logo de começo, pelos capitais que reclamaria semelhante fundação e, ao demais, porque é preciso dar à administração tempo de se firmar e de atuar com regularidade, antes de complicar suas atribuições com empreendimentos que possam malograr-se. Fora imprudência tentar muitas coisas, antes de estar certa de dispor dos meios de execução. É o que facilmente se compreenderá, desde que se pense em todos os pormenores inerentes a estabelecimentos desse gênero. Convém, sem dúvida, alimentar boas intenções, mas, antes de tudo, mister se faz poder realizá-las.

IX

CONCLUSÃO

Tais são as bases principais da organização que nos propomos dar ao Espiritismo, se as circunstâncias no-lo permitirem. Tivemos que desenvolver os motivos um tanto longamente, a fim de dar a conhecer o seu espírito. Os detalhes serão objeto de uma regulamentação minuciosa, na qual todos os casos serão previstos de maneira a levantar todas as dificuldades de execução.

Conseqüente com os princípios de tolerância e de respeito a todas as opiniões, que o Espiritismo professa, não pretendemos impor esta organização a ninguém, nem constranger quem quer que seja a se submeter a ela. Nosso objetivo é estabelecer um primeiro laço entre os espíritas, que o desejam desde muito tempo e se lastimam de seu isolamento. Ora, esse laço, sem o qual o Espiritismo, permanecendo no estado de opinião individual, sem coesão, só pode existir com a condição de se religar a um centro por uma comunhão de vistas e de princípios. Esse centro não é uma *individualidade*, mas um foco de atividade coletiva, agindo no interesse geral e na qual a autoridade pessoal se apaga.

Se ele não existisse, qual teria sido o ponto de ligação dos espíritas disseminados em diferentes países? Não podendo comunicar suas idéias, suas impressões, suas observações a todos os outros centros particulares, eles também espalhados, e muitas vezes sem consistência, teriam ficado isolados e, com isto, sofrido a difusão da Doutrina. Era preciso, pois, um ponto aonde todos chegassem e de onde tudo pudesse irradiar. O desenvolvimento das idéias espíritas, longe de tornar inútil esse centro, faria sentir melhor a sua necessidade, porque a necessidade de aproximação e de formação de um feixe será tanto maior quanto mais considerável for o número de adeptos.

Mas qual será a extensão do círculo de atividades desse centro? É destinado a reger o mundo e a tornar-se o árbitro universal da verdade? Se tivesse essa pretensão, seria compreender mal o espírito do Espiritismo que, por isso mesmo que proclama os princípios do livre-exame e da liberdade de consciência, repudia a idéia de se erigir em autocracia; desde o começo entraria numa senda fatal.

O Espiritismo tem princípios que, em razão de se fundarem nas leis da Natureza, e não sobre abstrações metafísicas, tendem a tornar-se, e certamente tornar-se-ão um dia, os da universalidade dos homens. Todos os aceitarão, porque serão verdades palpáveis e demonstradas, como aceitaram a teoria do movimento da Terra; mas pretender que o Espiritismo em toda parte seja organizado da mesma maneira, que os espíritas do mundo inteiro estarão sujeitos a um regime uniforme, a uma mesma maneira de proceder, que deverão esperar a luz de um ponto fixo, para o qual deverão fixar o olhar, seria uma utopia tão absurda quanto pretender que todos os povos da Terra um dia não formem senão uma única nação, governada por um só chefe, regida pelo mesmo código de leis e submetidas aos mesmos costumes. Se há leis gerais que podem ser comuns a todos os povos, essas leis serão sempre, nos detalhes da aplicação e da forma, apropriadas aos hábitos, aos caracteres e aos climas de cada uma.

Assim será com o Espiritismo organizado. Os espíritas do mundo inteiro terão princípios comuns, que os ligarão à grande família pelo laço sagrado da fraternidade, mas cuja aplicação poderá variar conforme as regiões, sem que, por isto, seja rompida a unidade fundamental, sem formar seitas dissidentes que se atirem a pedra e o anátema, o que seria antiespírita em alto grau. Poderão, pois, se formar, e inevitavelmente se formarão, centros gerais em diferentes países, sem outro laço além da comunhão de crença e a solidariedade moral, sem subordinação de um ao outro, sem que o da França, por exemplo, tenha a pretensão de impor-se aos espíritas americanos e reciprocamente.

A comparação dos observatórios, que citamos acima, é perfeitamente justa. Há observatórios em diferentes pontos do globo; todos, seja qual for a nação a que pertençam, estão baseados em princípios gerais e reconhecidos da Astronomia, o que, por isso, não os torna tributários uns dos outros; cada um regula seus trabalhos como entende; comunicam-se as suas observações, e cada um põe a serviço da Ciência as descobertas de seus confrades. Dar-se-á o mesmo com os centros gerais do Espiritismo; serão os observatórios do mundo invisível, que permutarão o que tiverem de bom e aplicável aos costumes das regiões onde estiverem estabelecidos, pois o seu objetivo é o bem da Humanidade, e não a satisfação das ambições pessoais. O Espiritismo é uma questão de fundo; prender-se à forma seria uma puerilidade indigna da grandeza do assunto. Eis por que os diversos centros, que estiverem no verdadeiro espírito do Espiritismo, deverão estender-se a mão fraterna e se unirem no combate aos seus inimigos comuns: a incredulidade e o fanatismo.

Bibliografia

EL CRITERIO ESPIRITISTA

REVISTA QUINCENAL DEL ESPIRITISMO

Esse jornal, que há um ano se publicava em Madri, sob o título de *El criterio, revista quincenal científica*, acaba de retomar o seu primeiro título, que lhe tinha sido interdito no precedente governo espanhol. O diretor o anuncia nos seguintes termos, num suplemento do nº 17:

“Com a imensa alegria do triunfo, merecido não por nossas débeis forças, mas pela generosidade de nossa causa, hoje nos dirigimos aos nossos constantes protetores, aos amigos que, na desgraça, nos encorajaram e sustentaram.

“A intolerância do governo anterior nos havia interditado o exercício da mais frutuosa das liberdades: a do estudo, quando um dia, triste pela decepção, feliz porque foi o primeiro da luta, quisemos publicar o *Criterio espiritista*. Vejam a resposta que nos foi dada pelo secretário ministerial:

“Madri, 17 de julho de 1867.

“Governo da província; seção de imprensa – Depois de haver examinado o primeiro número do jornal de que sois o editor e diretor, vi que, por seu caráter especial, suas tendências e a escola filosófica que procura desenvolver, deve ser compreendido como incurso no parágrafo segundo do artigo 52 da lei em vigor sobre a imprensa. Previno-vos que não me é possível autorizar o dito número, nem os seguintes se, previamente, não forem examinados e aprovados pela censura eclesiástica. Deus vos guarde, etc.”

“No dia 10 de agosto seguinte recebemos o telegrama, cuja cópia transcrevemos abaixo:

“Madri, 6 de agosto de 1867.

“Estes documentos não ficarão para a maior glória de seus autores, cujos nomes abstemo-nos de dar à publicidade, por uma questão de boa educação. Hoje podemos vir à luz, e o *Criterio científico* é substituído pelo *Criterio espiritista*. A direção está instalada na Calle del Arco de Santa Maria, nº 25, sala 2; é para aí que poderão dirigir-se os adeptos que quiserem participar da Sociedade Espírita Espanhola, fundada em 1865, e que teve que suspender suas sessões pelos mesmos motivos que haviam impedido a publicação do jornal.”

O regulamento da Sociedade, que temos aos nossos olhos, é concebido num excelente espírito, e não podemos senão aplaudir as disposições que encerra. Coloca-se sob a proteção do

Espírito Sócrates, e seu objetivo é claramente definido nos dois primeiros artigos:

“1º – É constituído um círculo privado, sob a denominação de *Sociedade Espírita Espanhola*, cujo objetivo é o estudo do Espiritismo, principalmente no que concerne à moral e ao conhecimento do mundo invisível ou dos Espíritos;

“2º – A Sociedade não poderá, em caso algum, ocupar-se de questões políticas, nem de discussões ou controvérsias religiosas, que tendessem a lhe dar o caráter de uma seita.”

Estas disposições são de natureza a tranqüilizar os que imputassem à Sociedade tendências perturbadoras. No momento de uma revolução que acaba de romper os entraves postos à liberdade de pensar, de falar e de escrever, em que as massas emancipadas geralmente são tentadas a ultrapassar os limites da moderação, nem a Sociedade, nem o seu órgão, pensam em aproveitá-lo para afastar-se do objetivo exclusivamente moral e filosófico da Doutrina. Não só ela se interdita a política, mas até as controvérsias religiosas, por espírito de tolerância e de respeito pela consciência de cada um. O diretor do jornal abstém-se mesmo de estigmatizar, pela publicidade, os nomes dos signatários dos decretos que interditaram o seu jornal, para não os entregar à animosidade pública. É que o Espiritismo, *bem compreendido*, é por toda parte o mesmo: uma garantia de ordem e de moderação. Não vive de escândalo; tem bastante o sentimento de sua dignidade e vê as coisas de muito alto, para se rebaixar às personalidades que revelam sempre pequenez de espírito, e jamais se aliam à nobreza de coração.

O primeiro número do *Criterio espiritista* contém os artigos seguintes:

Introdução, por Alverico Perón. – O dia dos mortos, comunicação assinada por Sócrates, obtida na Sociedade de Sevilha. – A faculdade mediúnica. – A Bíblia, comunicação assinada por Sócrates. – Sessão de magnetismo. – As metades eternas, comunicação de Sócrates. – Carta de um espírita. – Carta ao Sr. Alverico Perón, por Allan Kardec, e comunicação de São Luís sobre a nova situação do Espiritismo na Espanha. – *Revista Espírita* de Paris.

Exortamos com instância os nossos irmãos espíritas da Espanha a sustentarem com todas as suas forças este órgão de sua crença. Pela sabedoria e prudência de sua redação, ele não pode deixar de servir utilmente a nossa causa. Será um laço que estabelecerá relações entre os adeptos disseminados em diferentes pontos da Espanha. O diretor, Sr. Alverico Perón, não é um recém-chegado em nossas fileiras; seus esforços para a propagação da Doutrina datam do ano de 1858, e lembramos com prazer a *Formula del Espiritismo*, que houve por bem nos dedicar.

Aviso

A *Revista Espírita* começará a 1^o de janeiro próximo seu décimo segundo ano. Aos senhores assinantes que não quiserem sofrer atraso, rogamos que renovem sua assinatura antes de 31 de dezembro.

Como de costume, o número de janeiro será enviado a todos os antigos assinantes; os números seguintes só o serão à medida que forem feitas as renovações.

Propúnhamos publicar com o último número deste ano, um índice geral alfabético de todos os assuntos tratados, seja na *Revista*, seja em nossas outras obras, de maneira a facilitar as pesquisas. Mas esse trabalho, muito mais considerável do que

supúnhamos, para ser completo, não pôde ser terminado em tempo hábil. Publicá-lo-emos com um dos nossos próximos números, e será enviado a todos os assinantes.

Também publicaremos brevemente um *catálogo* de todas as obras que possam interessar à Doutrina: as que foram publicadas em vista do Espiritismo e as que, fora dele e em diferentes épocas, tenham afinidade de princípios com as crenças novas. Será um guia para a formação das bibliotecas espíritas. Quando sair, a indicação das obras será seguida de uma curta apreciação, para dar a conhecer o seu espírito, e um aviso será feito no número da *Revista* em que tiver de ser publicado.

Allan Kardec

Nota Explicativa⁶⁶

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da

⁶⁶ **Nota da Editora:** Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

Revista Espírita (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo metuculoso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonía de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza

constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chegar-se à conseqüência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na

mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores Europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA







REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

Contém:

O relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., bem como todas as notícias relativas ao Espiritismo. – O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e o seu futuro. – A história do Espiritismo na Antigüidade; suas relações com o magnetismo e com o sonambulismo; a explicação das lendas e das crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

Publicada sob a direção
de
ALLAN KARDEC

*Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.*

ANO DÉCIMO SEGUNDO – 1869

TRADUÇÃO DE EVANDRO NOLETO BEZERRA



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA



Aviso

Com este volume encerra-se o período em que a *Revista Espírita* esteve sob a responsabilidade direta do Codificador.

Quando a morte o colheu em 31 de março de 1869, além dos fascículos publicados, referentes aos meses de janeiro a março, já estava no prelo o número de abril do mesmo ano, que Kardec redigira integralmente, passando os demais, a partir de maio, à responsabilidade direta de seus continuadores, tendo à frente, pelo Comitê de Redação, o Sr. Armand Théodore Desliens, na qualidade de Secretário-gerente da *Revista Espírita*.

Não obstante fosse nossa intenção inicial traduzir apenas os quatro primeiros meses de 1869, achamos interessante que os leitores tomassem conhecimento das últimas homenagens prestadas a Allan Kardec, os discursos pronunciados junto ao túmulo no cemitério de Montmartre, onde foi inumado, a repercussão de sua morte na imprensa parisiense e as comunicações póstumas que deu na Sociedade Espírita de Paris.

Além disso, mostrar aos leitores a providencial atuação de Madame Allan Kardec naqueles tempos difíceis, inclusive na fundação da *Sociedade Anônima do Espiritismo* que, embora constituída sob bases comerciais, visava tão-somente à divulgação e ao fortalecimento do Espiritismo.

A presente coleção da *Revista Espírita* será enriquecida, mais tarde, por um índice bibliográfico e um índice temático, de modo a permitir aos estudiosos a consulta rápida, segura e objetiva dos assuntos nela tratados.

Brasília (DF), 18 de abril de 2005

Evandro Noleto Bezerra
Tradutor



Sumário

DÉCIMO SEGUNDO VOLUME – ANO DE 1869

AVISO 5

JANEIRO

Aos Nossos Correspondentes – *Decisão do Círculo da Moral
Espírita de Toulouse a propósito do projeto de constituição* 17

Estatística do Espiritismo 19

O Espiritismo do Ponto de Vista Católico – *Extraído
do Voyageur du Commerce* 29

Processo das Envenenadoras de Marselha 36

O Espiritismo em Toda Parte:

Lamartine 42

Etienne de Jouy 43

Sílvio Pellico 44

Variedades:

O avaro da Rua do Forno 47

Suicídio por obsessão 49

Dissertações Espíritas:	
<i>As artes e o Espiritismo</i>	51
<i>A música espírita</i>	53
<i>Obsessões simuladas</i>	55

FEVEREIRO

Estatística do Espiritismo – <i>Apreciação pelo jornal Solidarité</i>	57
O Poder do Ridículo	66
Um Caso de Loucura Causada pelo Medo do Diabo	71
Um Espírito que Julga Sonhar	74
Um Espírito que se Julga Proprietário	79
Visão de Pergolesi	83
Bibliografia – <i>História dos calvinistas das Cevenas</i>	87

MARÇO

A Carne é Fraca – <i>Estudo psicológico e moral</i>	99
Apóstolos do Espiritismo na Espanha	104
O Espiritismo em Toda Parte:	
<i>Extrato dos jornais ingleses</i>	108
<i>Charles Fourier</i>	109
<i>Profissão de fé de um fourierista</i>	110

Variedades:

- Senhorita de Chilly* 111
Aparição de um filho vivo à sua mãe 112
Um testamento nos Estados Unidos 116
Emancipação das mulheres nos Estados Unidos 117
Miss Nichol, médium de transporte 117
As Árvores Mal-Assombradas da Ilha Mauricio 118
Conferência Sobre o Espiritismo 122
- Dissertações Espíritas:
- A música e as harmonias celestes* 127
A mediunidade e a inspiração 136
Errata 139

ABRIL

- Aviso Muito Importante 141
Livraria Espírita 141
Profissão de Fé Espírita Americana 143
*As Conferências do Sr. Chevillard, apreciadas
pelo jornal Paris* 156
A Criança Elétrica 160
Um Cura Médium Curador 164
Variedades – *Os milagres do Bois-d'Haine* 165
O Despertar do Sr. Luís 166

Dissertações Espíritas:

Lamartine 170

Charles Fourier 173

Bibliografia:

Há uma vida futura? 176

A alma, sua existência e suas manifestações 179

Sociedades e Jornais Espíritas no Estrangeiro 181

Errata 182

MAIO

Aos Assinantes da Revista – *Biografia do Sr. Allan Kardec* 183

Discursos Pronunciados Junto ao Túmulo:

Em nome da Sociedade Espírita de Paris, pelo vice-presidente, Sr. Levent 192

O Espiritismo e a Ciência, pelo Sr. C. Flammarion 194

Em nome dos espíritas dos centros distantes, pelo Sr. Alexandre Delanne 201

Em nome da família e dos amigos, pelo Sr. E. Muller 203

Revista da Imprensa:

Jornal Paris 207

União Magnética 209

Nova Constituição da Sociedade de Paris 210

Discurso de Posse do Novo Presidente	213
Caixa Geral do Espiritismo – <i>Decisão da Sra. Allan Kardec</i>	218
Correspondência – <i>Carta do Sr. Guilbert, presidente da Sociedade Espírita de Rouen</i>	220
Dissertações espíritas	221
Aviso	224
Aos Nossos Correspondentes	224
Aviso Muito Importante	225

JUNHO

Aos Assinantes da <i>Revista</i>	227
O Caminho da Vida (<i>Obras Póstumas</i>)	228
Extrato do Manuscrito de um Jovem Médium Bretão (2º artigo)	234
Pedra Tumular do Sr. Allan Kardec	248
Museu do Espiritismo	249
Variedades – <i>Os milagres do Bois-d’Haine</i>	252
Dissertações Espíritas:	
<i>O exemplo é o mais poderoso agente de propagação</i>	257
<i>A nova era</i>	258
<i>Maravilhas do mundo invisível</i>	260

Notas Bibliográficas:

- Novas histórias para as minhas boas amigas* 261
A doutrina da vida eterna das almas e da reencarnação 267
Aviso Importantíssimo 268
Errata 268

JULHO

O Egoísmo e o Orgulho – *Suas causas, seus efeitos
e os meios de destruí-los (Obras Póstumas)* 269

Extrato dos Manuscritos de um Jovem Médiun Breton
(*Continuação e fim*) 277

O Espiritismo em Toda Parte:

O conde Otávio (Lenda do século XIX) 290

Pluralidade das existências 291

Biografia de Allan Kardec 292

Variedades – *A Liga do Ensino – Constituição oficial
do grupo parisiense* 294

Dissertações Espíritas:

A regeneração (Marcha do Progresso) 295

A Ciência e a Filosofia 297

Notas Bibliográficas:

Os últimos dias de um filósofo 299

*Instrução prática sobre a organização dos grupos espíritas,
especialmente nos campos* 307

À Venda em 1^o de Junho de 1869:

Nova edição do Révelation 309

11^a edição de O Livro dos Médiuns 309

4^a edição de O Céu e o Inferno 309

Lúmen, por C. Flammarion (no prelo) 310

Aviso Importante – *História de Joana d’Arc ditada
por ela mesma* 310

AGOSTO

Teoria da Beleza (Obras Póstumas) 311

Aos Espíritos – *Constituição da Sociedade Anônima sem fins
lucrativos e de capital variável da Caixa Geral e central
do Espiritismo* 324

Variedades – O ópio e o haxixe 344

Necrológio – Sr. Berbrugger, de Argel 349

Dissertações Espíritas – Necessidade da encarnação 350

Poesias Espíritas – A alma e a gota d’água 353

Bibliografia 353

Aviso Importante 354

SETEMBRO

*Ligeira Resposta aos Detratores do Espiritismo
(Obras Póstumas)* 355

*Constituição da Sociedade Anônima sem fins lucrativos
e de capital variável da Caixa Geral e central
do Espiritismo (2^o artigo)* 360

Precursos do Espiritismo – *João Huss* 364

O Espiritismo em Toda Parte 375

Necrológio:

Sr. Berbrugger, Conservador da Biblioteca de Argel (2º artigo) 378

Sr. Grégoire Girard – Sr. Degand – Sra. Vauchez 383

Variedades:

O ópio e o baxixe (2º artigo) 385

A Liga do Ensino (2º artigo) 388

Dissertações Espíritas:

Unidade de linguagem 390

A visão de Deus 392

Bibliografia 393

Demissão do Sr. Malet, *Presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* 394

Aviso 395

OUTUBRO

Questões e Problemas: Expições Coletivas
(*Obras Póstumas*) 397

Precursos do Espiritismo – *Dupont de Nemours* 407

Variedades:

O Espírito de um cão 414

Mediunidade no copo d'água e mediunidade curadora na Rússia 417

<i>As irmãs gêmeas</i>	421
<i>Reencarnação – Preexistência</i>	423
<i>Cartas de Maquiavel ao Sr. Girardin</i>	424
Correspondência	426
Dissertações Espíritas:	
<i>O Espiritismo e a literatura contemporânea</i>	431
<i>A caridade</i>	433
Poesias Espíritas – <i>As lunetas</i>	435
Bibliografia – <i>Novos jornais estrangeiros</i>	436
Aviso	437

NOVEMBRO

<i>A Vida Futura (Obras Póstumas)</i>	439
Sociedade Anônima do Espiritismo (3 ^o artigo) – <i>Breves Explicações</i>	446
Revista da Imprensa:	
<i>Reencarnação – preexistência</i>	451
<i>Viagem do Sr. Peebles na Europa</i>	458
<i>O Espiritismo e o Espiritualismo</i>	460
Dissertações Espíritas:	
<i>Os aniversários</i>	461
<i>Inteligência dos animais</i>	463
<i>As deserddadas</i>	465
<i>Dois Espíritos cegos (estudo moral)</i>	467

Bibliografia:

- O Eco de Além-Túmulo (Bahia – Brasil)* 474
As maravilhas celestes 479
Conversas mesmerianas 480
Aviso 481

DEZEMBRO

- Os Desertores (*Obras Póstumas*) 483
A Vida Universal (*Camille Flammarion*) 493
Revista da Imprensa – *Reencarnação – Preexistência*
(2º artigo) 503
Sessão Anual Comemorativa do dia dos Mortos:
Comemoração especial do Sr. Allan Kardec 509
A festa do dia dos mortos não é nos cemitérios 513
Comunhão de pensamentos 515
Dissertações Espíritas – *A solidariedade universal* 517

Bibliografia:

- A mulher e a filosofia espírita* 519
Contemplações científicas 525
O Mundo das Plantas 526
Inteligência dos Animais 528
Aviso 531
Errata 531
Nota Explicativa 533

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

JANEIRO DE 1869

Nº 1

Aos Nossos Correspondentes

DECISÃO DO CÍRCULO DA MORAL ESPÍRITA DE TOULOUSE,
A PROPÓSITO DO PROJETO DE CONSTITUIÇÃO

Por ocasião da publicação do projeto de constituição, no último número da *Revista*, recebemos numerosas cartas de felicitações e testemunhos de simpatia que nos tocaram profundamente. Na impossibilidade de responder a cada um em particular, pedimos aos nossos honrados correspondentes que aceitem coletivamente os agradecimentos que lhes dirigimos através da *Revista*.

Sentimo-nos felizes, sobretudo por ver que o objetivo e o alcance desse projeto foram compreendidos e que nossas intenções não foram desprezadas. Todos viram nele a realização daquilo que se desejava há muito tempo: uma garantia de estabilidade para o futuro, bem como as primeiras balizas de uma união entre os espíritas, união que lhes faltou até hoje, apoiada numa organização que, prevendo eventuais dificuldades, assegure a unidade dos princípios, sem imobilizar a Doutrina.

De todas as adesões que recebemos, citaremos apenas uma, porque é a expressão de um pensamento coletivo, e a fonte de onde emana lhe dá, de certo modo, um caráter oficial; é a decisão do conselho do *Círculo da Moral Espírita de Toulouse*, regularmente e legalmente constituído. Publicamo-la como testemunho de nossa gratidão aos membros do Círculo, movido nesta circunstância por um impulso espontâneo de devotamento à causa e, além disso, para responder aos votos que nos expressaram.

**EXTRATO DA ATA DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO
CÍRCULO DA MORAL ESPÍRITA DE TOULOUSE**

A propósito da exposição feita por seu presidente, da constituição transitória dada ao Espiritismo por seu fundador e definida pelos preliminares publicados no número da Revista Espírita de 1^o de dezembro corrente, o conselho vota por unanimidade agradecimentos ao Sr. Allan Kardec, como expressão de seu profundo reconhecimento por essa nova prova de devotamento à Doutrina de que é fundador, e faz votos pela realização desse sublime projeto, que considera como o digno coroamento da obra do mestre; do mesmo modo que vê na instituição da Comissão Central a cúpula do edifício, chamado a gerir para sempre os benefícios do Espiritismo sobre a Humanidade inteira.

Considerando que é dever de todo adepto sincero concorrer, na medida de seus recursos, para a criação do capital necessário a essa constituição, e desejando facilitar a cada membro do *Círculo da Moral Espírita* o meio de contribuir para isto, decide:

Que fique aberta uma subscrição no secretariado do Círculo até 15 de março próximo, e que a soma apurada nessa época seja enviada ao Sr. Allan Kardec para ser depositada na Caixa Geral do Espiritismo.

Conferida e certificada conforme a minuta, por nós secretário abaixo assinado,

Cbêne, secretário-adjunto

Estatística do Espiritismo

Como já dissemos, a enumeração exata dos espíritas seria coisa impossível, e isto por uma razão muito simples: o Espiritismo não é uma associação, nem uma congregação; seus aderentes não estão inscritos em nenhum registro oficial. Sabe-se perfeitamente que não se poderia avaliar o montante pelo número e a importância das sociedades, freqüentadas apenas por minoria ínfima. O Espiritismo é uma opinião que não exige nenhuma profissão de fé, e pode estender-se ao todo ou parte dos princípios da Doutrina. Basta simpatizar com a idéia para ser espírita. Ora, não sendo essa qualidade conferida por nenhum ato material, e não implicando senão obrigações morais, não existe qualquer base física para determinar o número dos adeptos com precisão. Não se o pode estimar senão de maneira aproximativa, pelas relações e pela maior ou menor facilidade com que a idéia se propaga. Esse número aumenta diariamente em proporção considerável: é um fato positivo, reconhecido pelos próprios adversários; a oposição diminui, prova evidente de que a idéia encontra, cada vez mais, numerosas simpatias.

Aliás, compreende-se que é pelo conjunto e não pela situação das localidades, consideradas isoladamente, que se pode basear uma apreciação; há em cada localidade elementos mais ou menos favoráveis, em razão do estado particular dos espíritos e também das resistências mais ou menos influentes que aí se exercem; mas essa situação é variável, porque tal localidade, que se tenha mostrado refratária durante vários anos, de repente se torna um foco. Quando os elementos de apreciação tiverem adquirido

mais precisão, será possível fazer um mapa colorido em relação à difusão das idéias espíritas, como foi feito para a instrução. Enquanto isso, pode-se afirmar, sem exagero, que, em suma, o número dos adeptos centuplicou em dez anos, a despeito das manobras empregadas para abafar a idéia e contrariamente às previsões de todos os que se vangloriavam de a ter enterrado. Isto é um fato comprovado, devendo os antagonistas tomar o seu partido.

Só falamos aqui dos que aceitam o Espiritismo com conhecimento de causa, depois de o haver estudado, e não dos que, embora mais numerosos, estas idéias ainda estão em estado de intuição, faltando-lhes apenas definir suas crenças com mais precisão e dar-lhes um nome, para serem espíritas confessos. É um fato bem comprovado, que se constata todos os dias, sobretudo de algum tempo para cá, que as idéias espíritas parecem inatas numa porção de indivíduos, que jamais ouviram falar do Espiritismo; não se pode dizer que tenham sofrido uma influência qualquer, nem que sofreram a influência de um círculo. Que os adversários expliquem, se puderem, esses pensamentos que nascem fora e à margem do Espiritismo! Por certo não seria um sistema preconcebido no cérebro de um homem que teria produzido tal resultado; não há prova mais evidente de que essas idéias estão na Natureza, nem melhor garantia de sua vulgarização no futuro e de sua perpetuidade. Deste ponto de vista pode-se dizer que pelo menos três quartos da população de todos os países possuem o germe das crenças espíritas, pois são encontrados entre aqueles mesmos que lhe fazem oposição. Na maioria, a oposição vem da falsa idéia que fazem do Espiritismo; não o conhecendo, em geral, senão pelos quadros ridículos que dele faz a crítica malevolente ou interessada em desacreditá-lo, recusam com razão a qualidade de espíritas. Certamente, se o Espiritismo se assemelhasse aos retratos grotescos que dele fizeram, se se constituísse das crenças e práticas absurdas que houveram por bem lhe atribuir, seríamos o primeiro a repudiar o título de espírita. Quando, pois, essas mesmas pessoas

souberem que a Doutrina não é senão a coordenação e o desenvolvimento de suas próprias aspirações e de seus pensamentos íntimos, aceitá-la-ão; esses são, incontestavelmente, futuros espíritas, mas, por enquanto, não os consideramos em nossas avaliações.

Se é impossível uma estatística, outra há, talvez mais instrutiva e para a qual existem elementos que nos fornecem as nossas relações e a nossa correspondência: é a proporção relativa dos espíritas segundo as profissões, as posições sociais, as nacionalidades, as crenças religiosas, etc., levando em conta que certas profissões, como os oficiais ministeriais, por exemplo, são em número limitado, ao passo que outras, como os industriais e os capitalistas são em número indefinido. Guardadas todas as proporções, pode-se ver quais são as categorias nas quais o Espiritismo encontrou, até hoje, mais aderentes. Em algumas, a proporção pôde ser estabelecida em percentagem, com precisão, sem contudo pretender que tenham um rigor matemático; as outras categorias simplesmente foram classificadas em razão do número de adeptos que apresentaram, começando pelas de maior número, de que a correspondência e a lista de assinantes da *Revista* podem fornecer elementos. O quadro a seguir é resultado do levantamento de mais de dez mil observações.

Constatamos o fato, sem procurar discutir a causa dessa diferença, o que, não obstante, poderia ser assunto para um estudo interessante.

PROPORÇÃO RELATIVA DOS ESPÍRITAS

I. *Em relação às nacionalidades.* – A bem dizer, não existe nenhum país civilizado da Europa e da América onde não haja espíritas. Eles são mais numerosos nos Estados Unidos da América do Norte. Seu número aí é avaliado, por uns, em quatro milhões, o que já é muito, e por outros em dez milhões. Esta última cifra

evidentemente é exagerada, porque compreenderia mais de um terço da população, o que não é provável. Na Europa, a cifra pode ser avaliada em um milhão, na qual a França figura com seiscentos mil. Pode-se estimar o número de espíritas no mundo inteiro em seis ou sete milhões. Ainda que não passasse da metade, a História não oferece nenhum exemplo de uma doutrina que, em menos de quinze anos, tivesse reunido semelhante número de adeptos disseminados por toda a superfície do globo. Se aí incluíssemos os espíritas inconscientes, isto é, os que só o são por intuição, e mais tarde se tornarão espíritas de fato, só na França poder-se-iam contar vários milhões.

Do ponto de vista da difusão das idéias espíritas, e da facilidade com que são aceitas, os principais Estados da Europa podem ser classificados como se segue:

1^o França. – 2^o Itália. – 3^o Espanha. – 4^o Rússia. – 5^o Alemanha. – 6^o Bélgica. – 7^o Inglaterra. – 8^o Suécia e Dinamarca. – 9^o Grécia. – 10^o Suíça.

II. *Em relação ao sexo.* – 70% de homens e 30% de mulheres.

III. *Em relação à idade.* – Máximo: de 30 a 70 anos; média: de 20 a 30 anos; mínimo: de 70 a 80 anos.

IV. *Em relação à instrução.* – O grau de instrução é muito fácil de apreciar pela correspondência. Instrução cuidada: 30%; – simples letrados: 30%; – instrução superior: 20%; – semiletrados: 10%; – analfabetos: 6%; – sábios oficiais: 4%.

V. *Em relação às idéias religiosas.* – Católicos romanos, livres-pensadores, não ligados ao dogma: 50%; – católicos gregos: 15%; – judeus: 10%; – protestantes liberais: 10%; – católicos ligados aos dogmas: 10%; – protestantes ortodoxos: 3%; – muçulmanos: 2%.

VI. *Em relação à fortuna.* – Mediocridade: 60%; – fortunas médias: 20%; – indigência: 15%; – grandes fortunas: 5%.

VII. *Em relação ao estado moral,* abstração feita da fortuna. – Aflitos: 60%; – sem inquietude: 30%; – felizes do mundo: 10%; – sensualistas: 0%.

VIII. *Em relação à classe social.* – Sem poder estabelecer nenhuma proporção nesta categoria, é notório que o Espiritismo conta entre seus aderentes: vários soberanos e príncipes reinantes; membros de famílias soberanas e um grande número de personagens tituladas.

Em geral, é nas classes médias que o Espiritismo conta mais adeptos; na Rússia é mais ou menos exclusivamente na nobreza e na alta aristocracia; é na França que mais se propagou na pequena burguesia e na classe operária.

IX. *Estado militar,* segundo o grau. – 1º Tenentes e subtenentes; 2º Suboficiais; 3º Capitães; 4º Coronéis; 5º Médicos e cirurgiões; 6º Generais; 7º Guardas municipais; 8º Soldados da guarda; 9º Soldados de linha.

Observação – Os tenentes e subtenentes espíritas estão quase todos na ativa; entre os capitães, cerca de metade estão na ativa e a outra metade na reserva; os coronéis, médicos, cirurgiões e generais, em maioria estão na reserva.

X. *Marinha.* – 1º Marinha de Guerra; 2º Marinha Mercante.

XI. *Profissões liberais e funções diversas.* – Nós os agrupamos em dez categorias, classificadas segundo a proporção dos aderentes que forneceram ao Espiritismo:

1º – Médicos homeopatas. – Magnetistas.¹

2º – Engenheiros. – Institutores; diretores e diretoras de internatos. – Professores livres.

3º – Cônsules. – Sacerdotes católicos.

4º – Pequenos empregados. – Músicos. – Artistas líricos. – Artistas dramáticos.

5º – Meirinhos. – Comissários de polícia.

6º – Médicos alopatas. – Homens de letras. – Estudantes.

7º – Magistrados. – Altos funcionários. – Professores oficiais e de liceus. – Pastores protestantes.

8º – Jornalistas. – Pintores. – Arquitetos. – Cirurgiões.

9º – Notários. – Advogados. – Agentes de negócios.

10º – Agentes de câmbio. – Banqueiros.

XII. *Profissões industriais, manuais e comerciais*, igualmente grupadas em dez categorias:

1º – Alfaiates. – Costureiras.

2º – Mecânicos. – Empregados de estradas de ferro.

1 A palavra *magnetizador* desperta uma idéia de ação; a de *magnetista* uma idéia de adesão. O magnetizador é o que exerce por profissão ou outra coisa. Pode-se ser magnetista sem ser magnetizador. Dir-se-á: *um magnetizador experimentalado e um magnetista convicto.*

3º – Tecelões. – Pequenos negociantes. – Porteiros.

4º – Farmacêuticos. – Fotógrafos. – Relojoeiros. –
Caixeiros-viajantes.

5º – Lavradores. – Sapateiros.

6º – Padeiros. – Açougueiros. – Salsicheiros.

7º – Marceneiros. – Tipógrafos.

8º – Grandes industriais e chefes de estabelecimentos.

9º – Livreiros. – Impressores.

10º – Pintores de casas. – Pedreiros. – Serralheiros. –
Merceeiros. – Domésticos.

Desta lista, resultam as seguintes conseqüências:

1º – Que há espíritas em todos os graus da escala social;

2º – Que há mais homens do que mulheres espíritas. É certo que nas famílias divididas por suas crenças, no tocante ao Espiritismo, há mais maridos contrariados pela oposição de suas esposas do que mulheres pela dos maridos. Não é menos constante que, em todas as reuniões espíritas, os homens estejam em maioria.

É, pois, injustamente que a crítica pretendeu que a Doutrina é recrutada principalmente entre as mulheres, em virtude de sua inclinação para o maravilhoso. É precisamente o contrário: essa inclinação para o maravilhoso e para o misticismo em geral as torna mais refratárias que os homens; essa predisposição faz que aceitem mais facilmente a fé cega, que dispensa qualquer exame, ao

passo que o Espiritismo, não admitindo senão a fé raciocinada, exige reflexão e dedução filosófica para ser bem compreendido, para o que a educação estreita dada às mulheres torna-as menos aptas que os homens. As que sacodem o jugo imposto à sua razão e ao seu desenvolvimento intelectual, muitas vezes caem no excesso contrário; tornam-se o que chamam de mulheres fortes e sua incredulidade mais tenaz;

3º – Que a grande maioria dos espíritas se acha entre pessoas esclarecidas, e não entre os ignorantes. Por toda parte o Espiritismo se propagou de alto a baixo da escala social, e em parte alguma se desenvolveu primeiro nas camadas inferiores;

4º – Que a aflição e a infelicidade predis põem às crenças espíritas, em consequência das consolações que proporcionam. É a razão pela qual, na maioria das categorias, a proporção dos espíritas está na razão da inferioridade hierárquica, porque é aí que há mais privações e sofrimentos, ao passo que os titulares das posições superiores em geral pertencem à classe dos satisfeitos, à exceção do estado militar, onde os simples soldados figuram em último lugar;

5º – Que o Espiritismo encontra mais fácil acesso entre os incrédulos em matéria religiosa do que entre os que têm uma fé irrevogável;

6º – Enfim, que depois dos fanáticos, os mais refratários às idéias espíritas são os sensualistas e as pessoas cujos únicos pensamentos estão concentrados nas posses e nos prazeres materiais, seja qual for a classe a que pertençam, o que independe do grau de instrução.

Em resumo, o Espiritismo é acolhido como um benefício pelos que ele ajuda a suportar o fardo da vida, e é repellido ou desdenhado por aqueles a quem prejudicaria no gozo da vida.

Partindo deste princípio, facilmente se explicam o lugar que ocupam, nesse quadro, certas categorias de indivíduos, a despeito das luzes que são uma condição de sua posição social. Pelo caráter, gostos, hábitos e gênero de vida das pessoas, pode-se julgar do avanço de sua aptidão para assimilar as idéias espíritas. Em alguns, a resistência é uma questão de amor-próprio, que segue quase sempre o grau do saber; quando esse saber os faz conquistar uma certa posição social, que os põe em evidência, não querem admitir que se podiam ter enganado e que outros possam ter visto melhor. *Oferecer provas a certas pessoas é oferecer-lhes o que mais temem*; e, com medo de achá-las, tapam os olhos e os ouvidos, preferindo negar *a priori* e se abrigarem atrás de sua infalibilidade, de que estão muito convencidas, digam o que disserem.

Explica-se menos facilmente a causa da posição que ocupam, nesta classificação, certas profissões industriais. Pergunta-se, por exemplo, por que os alfaiates aí ocupam a primeira posição, enquanto a livraria e a imprensa, profissões bem mais intelectuais, estão quase na última. É um fato constatado há muito tempo e do qual ainda não nos demos conta.

Se, no levantamento acima, em vez de não abranger senão os espíritas de fato, tivessem considerado os espíritas inconscientes, aqueles nos quais essas idéias estão em estado de intuição e que fazem Espiritismo sem o saber, certamente várias categorias teriam sido classificadas de modo diverso; por exemplo, os literatos, os poetas, os artistas, numa palavra, todos os homens de imaginação e de inspiração, os crentes de todos os cultos estariam, sem sombra de dúvida, no primeiro lugar. Certos povos, nos quais as crenças espíritas de certo modo são inatas, também ocupariam outra posição. Eis por que essa classificação não poderia ser absoluta, e se modificará com o tempo.

Os médicos homeopatas estão à frente das profissões liberais porque, com efeito é a que, guardadas as devidas proporções, conta em suas fileiras maior número de adeptos do

Espiritismo; em cem médicos espíritas, há pelo menos oitenta homeopatas. Isto se deve a que o princípio mesmo de sua medicação os conduz ao espiritualismo; por isso os materialistas são muito raros entre eles, se é que os há, ao passo que são numerosos entre os alopatas. Melhor que estes últimos, compreenderam o Espiritismo, porque encontraram nas propriedades fisiológicas do perispírito, unido ao princípio material e ao princípio espiritual, a razão de ser de seu sistema. Pelo mesmo motivo, os espíritas puderam, melhor que os outros, compreender os efeitos desse modo de tratamento. Sem ser exclusivos a respeito da homeopatia, e sem rejeitar a alopatia, compreenderam a sua racionalidade e a sustentaram contra ataques injustos. Os homeopatas, achando novos defensores nos espíritas, não foram inábeis a ponto de lhes atirar a pedra.

Se os magnetistas figuram na primeira linha, logo após os homeopatas, malgrado a oposição persistente e muitas vezes acerba de alguns, é que os oponentes não formam senão pequeníssima minoria ao lado da massa dos que são, pode-se dizer, espíritas por intuição. O magnetismo e o Espiritismo são, com efeito, duas ciências gêmeas, que se completam e explicam uma pela outra, e das duas, a que não quer *imobilizar-se* não pode chegar ao seu complemento sem se apoiar na sua congênera; isoladas uma da outra, detêm-se num impasse; são reciprocamente como a Física e a Química, a Anatomia e a Fisiologia. A maioria dos magnetistas compreende de tal modo por intuição a relação íntima que deve existir entre as duas coisas, que geralmente se prevalecem de seus conhecimentos em magnetismo, como meio de introdução junto aos espíritas.

Em todos os tempos os magnetistas foram divididos em dois campos: os *espiritualistas* e os *fluidistas*. Estes últimos, muito menos numerosos, pelo menos fazendo abstração do princípio espiritual, quando não o negam absolutamente, referindo tudo à ação do fluido material, estão, por conseguinte, em oposição de

princípios com os espíritas. Ora, é de notar que, se nem todos os magnetistas são espíritas, todos os espíritas, *sem exceção*, admitem o magnetismo. Em todas as circunstâncias, fizeram-se seus defensores e sustentáculos. Deviam ter-se admirado de encontrar adversários mais ou menos malévolos nos mesmos cujas fileiras acabavam de reforçar; que, depois de terem sido, durante mais de meio século, vítimas de ataques, de zombarias e de perseguições de toda sorte, por sua vez atirem a pedra, os sarcasmos e muitas vezes a injúria aos auxiliares que lhes chegam e começam a pesar na balança pelo seu número.

Aliás, como dissemos, esta oposição está longe de ser geral; muito ao contrário. Pode-se afirmar, sem se afastar da verdade, que não chega a 2 ou 3% da totalidade dos magnetistas; ela é muito menor ainda entre os da província e do estrangeiro do que entre os de Paris.

O Espiritismo do Ponto de Vista Católico

Extrato do jornal *Voyageur du commerce*,² de 22 de novembro de 1868

Algumas páginas sinceras sobre o Espiritismo, escritas por um homem de boa-fé, não poderiam ser inúteis nesta época e talvez seja tempo de se fazer justiça e luz sobre uma questão que, embora contando hoje no mundo inteligente numerosos adeptos, não tem sido menos relegada para o domínio do absurdo e do impossível por espíritas levianos, imprudentes e pouco preocupados com o desmentido que o futuro lhes possa dar.

2 O *Voyageur du commerce* aparece todos os domingos. – Redação: 3, faubourg Saint-Honoré. Preço: 22 francos por ano; 12 francos por semestre; 6 francos e 50 por trimestre.

Porque tenha publicado o artigo que se vai ler, que é a expressão do pensamento do autor, nada prejudicamos quanto às suas simpatias pelo Espiritismo, já que só o conhecemos por este número, a nós enviado gentilmente.

Seria curioso interrogar hoje esses pretensos sábios que, do alto de seu orgulho e de sua ignorância, decretavam, ainda há pouco, com soberbo desdém, a loucura desses homens gigantes que procuravam novas aplicações para o vapor e a eletricidade. Felizmente a morte lhes poupou essas humilhações.

Para firmar claramente a nossa situação, faremos ao leitor uma profissão de fé em algumas linhas:

Espírita, Avatar, Paul d'Aprémont provam-nos incontestavelmente o talento de Théophile Gautier, esse poeta a quem o maravilhoso sempre atraiu; estes livros encantadores são pura imaginação e seria erro neles procurar outra coisa; o Sr. Home era um prestidigitador hábil; os irmãos Davenport, saltimbancos desajeitados.

Todos os que quiseram fazer do Espiritismo um negócio de especulação, são, em nossa opinião, da alçada da polícia correcional ou do tribunal do júri, e eis por quê: Se o Espiritismo não existe, são impostores passíveis da penalidade infligida pelo abuso de confiança; ao contrário, se existe, é com a condição de ser coisa sagrada por excelência, a mais majestosa manifestação da Divindade. Se se admitisse que o homem, passando sobre o túmulo, pudesse de pé firme penetrar na outra vida, corresponder-se com os mortos e ter assim a única prova irrecusável – porque seria material – da imortalidade da alma, não seria um sacrilégio entregar a esses palhaços de rua o direito de profanarem o mais santo dos mistérios e violarem, sob a proteção dos magistrados, o segredo eterno dos túmulos? O bom-senso, a moral, a segurança mesma dos cidadãos exigem imperiosamente que esses novos ladrões sejam expulsos do templo, e que nossos teatros e nossas praças públicas sejam fechados a esses falsos profetas que lançam nos espíritos fracos o terror, de que a loucura muitas vezes é a consequência.

Isto posto, entremos no âmago mesmo da questão.

Ao ver as escolas modernas, que fazem tumulto em torno de certos princípios fundamentais e de certezas conquistadas, é fácil compreender que o século da dúvida e do desencorajamento em que vivemos está tomado de vertigem e de cegueira.

Entre todos esses dogmas o mais agitado foi, sem contradita, o da imortalidade da alma.

Com efeito, tudo está aí: é a questão por excelência, é o homem todo inteiro, é o seu presente, é o seu futuro; é a sanção da vida, é a esperança da morte. É a ela que se vêm ligar todos os grandes princípios da existência de Deus, da alma, da religião revelada.

Admitida esta verdade, não é mais a vida que deve inquietar-nos, mas o termo da vida; os prazeres se apagam para dar lugar ao dever; o corpo não é mais nada, a alma é tudo; o homem desaparece e só Deus resplandece em sua eterna imensidade.

Então a grande palavra da vida, a única, é a morte, ou antes, a nossa transformação. Sendo chamados a passar pela Terra como fantasmas, é para esse horizonte que se entreabre do outro lado que devemos lançar o olhar; viajores de alguns dias, é ao partir que convém nos informemos sobre o objetivo de nossa peregrinação, perguntemos à vida o segredo da eternidade, finquemos as balizas do nosso caminho e, passageiros da morte à vida, sustentemos com mão firme o fio que atravessa o abismo.

Disse Pascal: “A imortalidade da alma é uma coisa que nos importa tanto e que nos toca tão profundamente, que é preciso ter perdido todo sentimento para estar na indiferença de saber o que ela é. Todas as nossas ações, todos os nossos pensamentos devem tomar caminhos tão diferentes, conforme haja ou não bens eternos a esperar, que é impossível empregar esforços com senso e raciocínio, senão se regendo pela vista deste plano, que deve ser o nosso primeiro objetivo.”

Em todas as épocas o homem teve por patrimônio comum a noção da imortalidade da alma e procurou apoiar em provas essa idéia consoladora; acreditou achá-la nos usos, nos costumes dos diversos povos, nos relatos dos historiadores, nos cantos dos poetas; sendo anterior a todo sacerdote, a todo legislador, a todo escritor, não tendo saído de nenhuma seita, de nenhuma escola, e existindo nos povos bárbaros como nas nações civilizadas, de onde viria ela senão de Deus, que é a verdade?

Ai! essas provas que o medo do nada criou não são senão esperanças de um futuro construído sobre um areal duvidoso, sobre a areia movediça; e as deduções da lógica mais cerrada jamais chegarão à altura de uma demonstração matemática.

Esta prova material, irrecusável, justa como um princípio divino e como uma adição ao mesmo tempo, acha-se inteira no Espiritismo e não poderia encontrar-se alhures. Considerando-a deste ponto de vista elevado, como uma âncora de misericórdia, como a suprema tábua de salvação, compreende-se facilmente o número de adeptos que este novo altar, inteiramente católico, grupou em torno de seus degraus; porque, não há que se equivocar, é aí e não alhures, que se deve procurar a origem do sucesso que essas novas doutrinas criaram junto a homens que brilham no primeiro plano da eloquência, sagrada ou profana, e cujos nomes gozam de merecida notoriedade nas ciências e nas letras.

O que é, pois, o Espiritismo?

Na sua definição mais ampla, o Espiritismo é a faculdade que possuem certos indivíduos de entrar em relação, por meio de um intermediário ou médium, que não passa de um instrumento em suas mãos, com o Espírito de pessoas mortas e habitando um outro mundo. Esse sistema que, segundo os crentes, se apóia num grande número de testemunhas, oferece uma singular sedução, menos ainda pelos resultados do que por suas promessas.

Nesta ordem de idéias, o sobrenatural não é mais um limite, a morte não é mais uma barreira, o corpo não é mais um obstáculo à alma, que dele se desembaraça após a vida, como durante a vida ela se desembaraça momentaneamente no sonho. Na morte, o Espírito está livre; se for puro, eleva-se nas esferas que nos são desconhecidas; se for impuro, erra em volta da Terra, põe-se em comunicação com o homem, que trai, engana e corrompe. Os espíritas não crêem nos Espíritos bons; o clero, conformando-se ao texto da Bíblia, também não crê senão nos maus, e os encontra nesta passagem: “Tomai cuidado, porque o demônio ronda em torno de vós e vos espreita como um leão buscando sua presa, *quoerens quem devoret.*”

Assim, o Espiritismo não é uma descoberta moderna. Jesus expulsava os demônios do corpo dos possessos, e Diodoro da Sicília fala aos fantasmas; os deuses lares dos romanos, seus Espíritos familiares, que eram pois?

Mas, então, por que repelir com prevenção e sem exame um sistema, certamente perigoso do ponto de vista da razão humana, mas cheio de esperanças e de consolações? A brucina, sabiamente administrada, é um dos mais poderosos remédios; e porque é um violento veneno em mãos inábeis, é uma razão para proscrevê-la da farmacopéia?

O Sr. Baguenault de Puchesse, um filósofo e um cristão, de cujo livro faço numerosos empréstimos, porque suas idéias são as minhas, diz no seu belo livro *Imortalidade*, a propósito do Espiritismo: “Suas práticas inauguram um sistema completo que compreende o presente e o futuro, que traça os destinos do homem, abre-lhe as portas da outra vida e o introduz no mundo sobrenatural. A alma sobrevive ao corpo, pois que aparece e se mostra após a dissolução dos elementos que o compõem. O princípio espiritual se desprende, persiste e, por seus atos, afirma sua existência. Desde então o materialismo é condenado pelos

fatos; a vida de além-túmulo se torna um fato certo e por assim dizer palpável; o sobrenatural se impõe à Ciência e, submetendo-se ao seu exame, não lhe permite mais repeli-lo teoricamente e declará-lo, em princípio, impossível.”

O livro que assim fala do Espiritismo é dedicado a uma das luzes da Igreja, a um dos mestres da Academia Francesa, a uma celebridade das letras contemporâneas, que respondeu:

“Um belo livro, sobre um grande assunto, publicado pelo presidente de nossa Academia de Santa-Cruz, será uma honra para vós e para toda a nossa Academia. Talvez não possais escolher uma questão mais alta nem mais importante a estudar na hora presente... Permiti-me, pois, senhor e caríssimo amigo, vos oferecer, pelo belo livro que dedicais à nossa Academia e pelo bom exemplo que nos dais, todas as minhas felicitações e todos os meus agradecimentos, com a homenagem de meu religioso e profundo devotamento.”

Félix, bispo de Orléans

Orléans, 28 de março de 1864

O artigo é assinado por *Robert de Salles*.

Evidentemente o autor não conhece o Espiritismo senão de maneira incompleta, como o provam certas passagens de seu artigo; todavia, considera-o como coisa muita séria e, salvo algumas exceções, os espíritas não poderão senão aplaudir o conjunto de suas reflexões. Equivoca-se principalmente quando diz que os espíritas não crêem nos Espíritos bons, e também na definição que dá como a mais ampla expressão do Espiritismo; é, diz ele, a faculdade que possuem certos indivíduos, de entrar em relação com o Espírito de pessoas mortas.

A mediunidade, ou faculdade de comunicar-se com os Espíritos, não constitui o fundo do Espiritismo, sem o que, para ser

espírita, fora preciso ser médium; não passa de um acessório, um meio de observação, e não a ciência, que está toda inteira na doutrina filosófica. O Espiritismo não está mais subordinado aos médiuns do que a Astronomia a uma luneta; e a prova disto é que se pode fazer Espiritismo sem médiuns, como se fez Astronomia muito tempo antes de haver telescópios. A diferença consiste em que, no primeiro caso, se faz ciência teórica, ao passo que a mediunidade é o instrumento que permite assentar a teoria sobre a experiência. Se o Espiritismo se circunscrevesse à faculdade mediúnica, sua importância seria singularmente diminuída e, para muita gente, se reduziria a fatos mais ou menos curiosos.

Lendo esse artigo, pergunta-se se o autor crê ou não no Espiritismo, porque não o expõe, de certo modo, senão como hipótese, mas uma hipótese digna da mais séria atenção. Se for uma verdade, diz ele, é uma coisa sagrada por excelência, que só deve ser tratada com respeito, e cuja exploração não poderia ser perseguida com muita severidade.

Não é a primeira vez que esta idéia é expressa, mesmo pelos adversários do Espiritismo, e é de notar que é sempre o lado pelo qual a crítica julgou pegar a Doutrina em falta, atacando o abuso do tráfico quando encontrou ocasião; é que ela sente que este seria o seu lado vulnerável, e pelo qual poderia acusá-lo de charlatanismo. Eis por que a malevolência se obstina em associá-la aos charlatães, ledores da sorte e outros exploradores da mesma laia, esperando por esse meio enganar e lhe tirar o caráter de dignidade e gravidade, que constitui a sua força. A rebelião contra os Davenport, que tinham julgado poder expor impunemente os Espíritos nos palcos, prestou imenso serviço; em sua ignorância quanto ao verdadeiro caráter do Espiritismo, a crítica da época julgou feri-lo de morte, quando não desacreditou senão os abusos, contra os quais todos os espíritas sinceros sempre protestaram.

Seja qual for a crença do autor, e a despeito dos erros contidos em seu artigo, devemos felicitar-nos por nele ver a

questão tratada com a gravidade que o assunto comporta. A imprensa raramente tem ouvido falar dele num sentido tão sério; mas há começo para tudo.

Processo das Envenenadoras de Marselha

O nome do Espiritismo achou-se envolvido casualmente neste caso deplorável. Um dos acusados, o ervanário Joye, disse dele ter-se ocupado, e que interrogava os Espíritos. Isto prova que fosse espírita e que se possa algo inferir contra a Doutrina? Sem dúvida os que a querem desacreditar não deixarão de aí buscar um pretexto para acusá-la; mas, se as diatribes da malevolência até hoje não deram resultado, é que sempre erraram o alvo, como aqui é o caso. Para saber se o Espiritismo incorre numa responsabilidade qualquer nesta circunstância, o meio é muito simples: é inquirir-se de *boa-fé*, não entre os adversários, mas na própria fonte, o que prescreve e o que condena. Não há nada secreto; seus ensinamentos estão aos olhos de todos e cada um os pode controlar. Se, pois, os livros da Doutrina não encerram senão instruções capazes de levar ao bem; se condenam de maneira explícita e formal todos os atos desse homem, as práticas a que se entregou, o papel ignóbil e ridículo que ele atribui aos Espíritos, é que aí não colheu suas inspirações. Não há um homem imparcial que não convenha com isto e não declare o Espiritismo fora desta questão.

O Espiritismo só reconhece como adeptos os que põem em prática os seus ensinamentos, isto é, que trabalham a sua própria melhora moral, porque é o sinal característico do verdadeiro espírita. Não é mais responsável pelos atos daqueles a quem agrada dizer-se espíritas, do que a verdadeira ciência pelo charlatanismo dos escamoteadores, que se intitulam *professores de física*, nem a sã religião pelos abusos cometidos em seu nome.

Diz a acusação, a propósito de Joye: “Encontrou-se em sua casa um registro que dá a idéia de seu caráter e de suas ocupações. Segundo ele, cada página teria sido escrita conforme o ditado dos Espíritos, e é cheio de ardentes suspiros por Jesus-Cristo. Em cada página fala-se de Deus e os santos são invocados. À margem, por assim dizer, há notas que podem dar uma idéia das operações habituais do ervanário:

“Para *espiritismo*, 4 fr. 25. – Doentes, 6 fr. – Cartas, 2 fr. – Malefícios, 10 fr. – Exorcismos, 4 fr. – Varinha de condão, 10 fr. – Malefícios por tiragem da sorte, 60 fr.” E muitas outras designações, entre as quais se encontram malefícios até estar saciado, e que terminam por esta menção: “Em janeiro fiz 226 francos. Os outros meses foram menos frutuozos.”

Alguma vez já se viu nas obras da Doutrina Espírita a apologia de semelhantes práticas, nem o que quer que seja capaz de provocá-las? Ao contrário, aí não se vê que ela repudia toda solidariedade com a magia, a feitiçaria, os sortilégios, os cartomantes, os adivinhos e todos os que fazem profissão de comércio com os Espíritos, pretendendo tê-los às suas ordens a tanto por sessão?

Se Joye fosse espírita, logo de começo teria olhado como uma profanação fazer intervirem os Espíritos em semelhantes circunstâncias; além disso, saberia que *os Espíritos não estão às ordens de ninguém* e nem vêm por encomenda, nem pela influência de qualquer sinal cabalístico; que os Espíritos são as almas dos homens que viveram na Terra ou em outros mundos, nossos pais, nossos amigos, nossos contemporâneos ou nossos antepassados; que foram homens como nós e que depois da nossa morte seremos Espíritos como eles; que os gnomos, duendes, diabretes e demônios são criações de pura fantasia e só existem na imaginação; que os Espíritos são livres, mais livres do que quando estavam encarnados, e que pretender submetê-los aos nossos

caprichos e à nossa vontade, fazê-los agir e falar a nosso bel-prazer, para o nosso divertimento ou o nosso interesse, é uma idéia quimérica; que vêm quando querem, da maneira que querem e a quem lhes convém; que o objetivo providencial das comunicações com os Espíritos é nossa instrução e nossa melhoria moral, e não nos ajudar nas coisas materiais da vida, que podemos fazer ou encontrar por nós mesmos e, ainda menos, servir à cupidez; enfim, que em razão de sua própria natureza e do respeito que se deve às almas dos que viveram, é tão irracional quanto imoral manter escritório aberto para consulta ou exibição de Espíritos. Ignorar estas coisas é ignorar o abecê do Espiritismo; e quando a crítica o confunde com a cartomancia, a quiromancia, os exorcismos, as práticas da feitiçaria, os malefícios, os encantamentos, etc., ela prova que nada sabe sobre ele. Ora, negar ou condenar uma doutrina que não se conhece é faltar à lógica mais elementar; atribuir-lhe ou fazê-la dizer precisamente o contrário do que diz, é calúnia ou parcialidade.

Uma vez que Joye envolvia em seus processos o nome de Deus, de Jesus e a invocação dos santos, também podia muito bem envolver o nome do Espiritismo, o que não prova mais contra a Doutrina do que o seu simulacro de devoção contra a sã religião. Ele não era, pois mais espírita porque interrogasse supostos Espíritos, do que as mulheres Lamberte e Dye não eram verdadeiramente piedosas, porque fossem queimar velas à *Boa-Mãe*, Nossa Senhora da Guarda, para o êxito de seus envenenamentos. Aliás, se ele fosse espírita, nem mesmo lhe teria vindo ao pensamento fazer servir à perpetuação do mal uma doutrina cuja primeira lei é o amor do próximo, e que tem por divisa: *Fora da caridade não há salvação*. Se se imputasse ao Espiritismo a incitação de semelhantes atos, poder-se-ia, da mesma maneira, fazer a sua responsabilidade cair sobre a religião.

A respeito, eis algumas reflexões do *Opinion nationale*, de 8 de dezembro:

“O jornal *Le Monde* acusa o jornal *Siècle*, os maus jornais, as más reuniões, os maus livros de cumplicidade no caso das envenenadoras de Marselha.

“Lemos com dolorosa curiosidade os debates dessa estranha questão; mas não vimos em parte alguma que o feiticeiro Joye ou a feiticeira Lamberte tenham sido assinantes do *Siècle*, do *Avenir* ou do *Opinion*. Apenas um jornal foi encontrado em casa de Joye: era um número do *Diable, journal de l'enfer*. As viúvas que figuram nesse famoso processo estão muito longe de ser livre-pensadoras. Acendem velas à boa Virgem, para obter de Nossa Senhora a graça de envenenar tranqüilamente os seus maridos. Encontra-se nesse negócio todo o velho apetrecho da Idade Média: ossos de defuntos colhidos nos cemitérios, *disfarces* que não passam de feitiços do tempo da rainha Margot. Todas essas senhoras foram educadas, não nas escolas de Elisa Lemmonier, mas entre as boas irmãs. Juntai às superstições católicas as superstições modernas, Espiritismo e outros charlatanismos. Foi o absurdo que conduziu essas mulheres ao crime. É assim que na Espanha, perto da foz do Ebro, vê-se na montanha uma capela dedicada a Nossa Senhora dos Ladrões.

“Semeai a superstição e colhereis o crime.” É por isto que pedimos que se semeie a Ciência. “Esclarecei a cabeça do povo, disse Victor Hugo, e não precisareis mais cortá-la.” – J. Labée.

O argumento de que os acusados não eram assinantes de certos jornais não tem valor, pois se sabe que não é necessário ser assinante de um jornal para lê-lo, sobretudo nessa classe de indivíduos. O *Opinion nationale* poderia, pois, achar-se nas mãos de alguns dentre eles, sem que se tivesse o direito de tirar daí qualquer consequência contra esse jornal. Que teria dito se Joye tivesse alegado que se inspirou nas doutrinas desse periódico? Teria respondido: lede-o e vede se nele encontrareis uma única palavra capaz de superexcitar as más paixões. O padre Verger certamente

tinha o Evangelho em casa; mais ainda: por sua condição, devia estudá-lo. Pode-se dizer que foi o Evangelho que o impeliu a assassinar o arcebispo de Paris? Foi o Evangelho que armou o braço de Ravailac e de Jacques Clément? que acendeu as fogueiras da Inquisição? E, contudo, foi em nome do Evangelho que todos esses crimes foram cometidos.

Diz o autor do artigo: “Semeai a superstição, e colhereis o crime.” Ele tem razão; mas erra quando confunde o abuso de uma coisa com a própria coisa. Se se quisesse suprimir tudo de que se pode abusar, muito pouco escaparia à proscricção, sem excetuar a imprensa. Certos reformadores modernos assemelham-se aos homens que desejam cortar uma boa árvore, porque dá alguns frutos estragados.

E acrescenta: “É por isto que pedimos que se semeie a Ciência.” Ele ainda tem razão, porque a Ciência é um elemento de progresso. Mas basta para a moralização completa? Não se vêem homens pôr o seu saber a serviço de suas más paixões? Lapommeraiie não era um homem instruído, um médico diplomado, desfrutando de um certo crédito e, além disso, um homem do mundo? Dava-se o mesmo com Castaing e tantos outros. Pode-se, pois, abusar da Ciência; deve-se, por isto, concluir que a Ciência seja uma coisa má? Porque um médico falhou, a falta deve recair sobre todo o corpo médico? Por que, então, imputar ao Espiritismo a de um homem a quem aprouve dizer-se espírita, e não o era? A primeira coisa, antes de fazer um julgamento qualquer, era inquirir se ele teria encontrado na Doutrina Espírita máximas capazes de justificar seus atos. Por que a ciência médica não é solidária com o crime de Lapommeraiie? Porque este último não colheu nos princípios dessa ciência a incitação ao crime; ele empregou para o mal os recursos que ela fornece para o bem. Entretanto, era mais médico do que Joye era espírita. É o caso de aplicar o provérbio: “Quando se quer matar seu cão, diz-se que está raivoso.”

A instrução é indispensável, ninguém o contesta; mas, sem a moralização, não passa de um instrumento, muitas vezes improdutivo para aquele que não sabe regular o seu uso com vistas ao bem. Instruir as massas sem as moralizar é pôr em suas mãos uma ferramenta sem lhes ensinar a utilizá-la, pois a moralização que se dirige ao coração não segue necessariamente a instrução que só se dirige à inteligência. Aí está a experiência para o provar. Mas, como moralizar as massas? É o de que menos se ocuparam, e por certo não será alimentando-as com a idéia de que não há Deus, nem alma, nem esperança, porque nem todos os sofismas do mundo demonstrarão que o homem que acredita que tudo começa e acaba com o corpo tenha mais fortes razões para esforçar-se por se melhorar, do que aquele que compreende a solidariedade existente entre o passado, o presente e o futuro. E, contudo, é essa crença no niilismo que uma certa escola de supostos reformadores pretende impor à Humanidade como o elemento por excelência do progresso moral.

Citando Victor Hugo, o autor esquece, ou melhor, nem desconfia de que este último tenha afirmado abertamente, em muitas ocasiões, sua crença nos princípios fundamentais do Espiritismo. É verdade que não é Espiritismo à maneira de Joye; mas quando não se sabe, pode-se confundir.

Por mais lamentável que seja o abuso praticado em nome do Espiritismo nesta questão, nenhum espírita se abalou com as conseqüências que pudessem resultar para a Doutrina. É que, com efeito, sendo sua moral inatacável, não podia ser atingida. Ao contrário, prova a experiência que não há uma só das circunstâncias que envolveram o nome do Espiritismo que não tenha redundado em seu proveito, pelo aumento do número de seus adeptos, porque o exame que a repercussão provoca só lhe pode ser vantajoso. Todavia, é de notar que, neste caso, com poucas exceções, a imprensa se absteve de qualquer comentário a respeito do Espiritismo. Há alguns anos ela teria alimentado suas colunas

durante dois meses e não deixaria de apresentar Joye como um dos grandes sacerdotes da Doutrina. Igualmente pôde-se notar que, em seu requisitório, nem o presidente da corte, nem o procurador-geral insistiram na circunstância para dela tirar qualquer ilação. Só o advogado de Joye fez seu ofício de defensor como pôde.

O Espiritismo em Toda Parte

LAMARTINE

Ante as oscilações do céu e do navio,
No encapelado mar com suas ondas lentas,
Mentalmente o homem dobra um Cabo das Tormentas,
E passa sob o raio e sob a escuridade,
O trópico a agitar de uma outra Humanidade.

O *Siècle* de 20 de maio último citava estes versos a propósito de um artigo sobre a crise comercial. Que têm eles de espíritas? perguntarão. Não se trata de almas, nem de Espíritos. Poder-se-ia perguntar, com mais razão, que relação têm com o fundo do artigo, no qual estavam enquadrados, tratando de taxas de mercadorias. Interessam muito mais diretamente ao Espiritismo, porque é, sob outra forma, o pensamento expresso pelos Espíritos sobre o futuro que se prepara; é, numa linguagem ao mesmo tempo sublime e concisa, o anúncio das convulsões que a Humanidade terá que sofrer para a sua regeneração e que, de todos os lados, os Espíritos nos fazem pressentir como iminentes. Tudo se resume neste pensamento profundo: *uma outra Humanidade*, imagem da Humanidade transformada, do novo mundo moral substituindo o velho mundo que desaba. Os preliminares destas modificações já se fazem sentir, razão por que os Espíritos nos repetem de todas as formas que os tempos são chegados. O Sr. Lamartine aí fez uma verdadeira profecia, cuja realização começamos a ver.

ETIENNE DE JOUY (DA ACADEMIA FRANCESA)

Lê-se o que se segue no tomo XVI das obras completas do Sr. de Jouy, intitulado: *Misturas*, página 99. É um diálogo entre Madame de Staël, morta, e o Sr. duque de Broglie, vivo.

O Sr. de Broglie – Que vejo! Será possível?

Madame de Staël – Meu caro Victor, não vos alarmeis e, sem me interrogar sobre um prodígio, cuja causa nenhum ser vivo poderia penetrar, gozai comigo um momento de felicidade, que a nós ambos proporciona esta aparição noturna. Como vedes, há laços que a própria morte não poderia cortar. A suave concordância de sentimentos, de vistas, de opiniões, forma a cadeia que liga a vida perecível à vida imortal e que impede que o que esteve longamente unido seja separado para sempre.

O Sr. de Broglie – Creio que poderia explicar esta feliz simpatia pela concordância intelectual.

Madame de Staël – Rogo que nada expliquemos; não tenho tempo a perder. Essas relações de amor que sobrevivem aos órgãos materiais não me deixam estranha aos sentimentos dos objetos de minhas mais ternas afeições. Meus filhos vivem; honram e prezam minha memória, bem o sei. Mas é nisso que se limitam minhas presentes relações com a Terra; a noite que cai envolve todo o resto.

No mesmo tomo, página 83 e seguintes, há um outro diálogo, onde entram em cena várias personagens históricas, revelando sua existência e o papel que representaram em *vidas sucessivas*.

O correspondente que nos dirige esta nota acrescenta:

“Como vós, creio que o melhor meio de trazer à Doutrina que preconizamos bom número de recalcitrantes é fazê-los

ver que o que olham como um bicho-papão, pronto para os devorar, ou como uma ridícula brincadeira, não passa do que despontou no cérebro dos pensadores sérios de todos os tempos, apenas pela meditação nos destinos do homem.”

O Sr. Jouy escrevia no início deste século. Suas obras completas foram publicadas no começo de 1823, em vinte e sete volumes in-8º, pela casa Didot.

Sílvio Pellico

(Extraído de *Minhas Prisões*, por Sílvio Pellico, cap. XLV e XLVI)

“Semelhante estado era uma verdadeira doença; não sei se devo dizer uma espécie de sonambulismo. Parecia-me que havia em mim dois homens: um que queria escrever continuamente, outro que queria fazer outra coisa...

“Durante essas noites horríveis, por vezes minha imaginação se exaltava a tal ponto que, bem desperto, me parecia ouvir em minha prisão, ora gemidos, ora risos abafados. Desde a infância jamais tinha acreditado em feiticeiros, nem em Espíritos, mas agora esses risos e esses ruídos me assustavam; não sabia como explicá-los; era forçado a duvidar se não era brinquete de alguma força desconhecida e malfazeja.

“Várias vezes, trêmulo, tomei da luz e olhei se alguém não estaria escondido sob o meu leito, para se divertir comigo. Quando estava à mesa, ora me parecia que alguém me puxava pela roupa, ora que empurravam um livro que caía no chão; também pensava que uma pessoa, atrás de mim, soprava a vela para que ela se apagasse. Então, erguendo-me precipitadamente, olhava em meu redor; andava desconfiado e me perguntava se estava louco ou na plenitude da razão, porque, em meio a tudo que experimentava, não mais sabia distinguir a realidade da ilusão, e exclamava com angústia: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?*

“Uma vez, tendo me deitado antes da aurora, julguei estar perfeitamente seguro de haver posto meu lenço sob o travesseiro. Depois de um momento de torpor, despertei como de costume e pareceu-me que me estrangulavam. Senti o pescoço bem apertado. Coisa estranha! estava envolto no meu lenço, fortemente amarrado por vários nós! Eu teria jurado não ter dado esses nós, não haver tocado no lenço desde que o pusera sob o travesseiro. Era preciso que o tivesse feito sonhando ou num acesso de delírio, sem guardar a menor lembrança. Mas não podia crê-lo, e, desde esse momento, todas as noites temia ser estrangulado.”

Se alguns desses fatos podem ser atribuídos a uma imaginação superexcitada pelo sofrimento, outros há que realmente parecem ser provocados por agentes invisíveis, e não se deve esquecer que Sívio Pellico não acreditava nessas coisas. Esta causa não podia acudir-lhe ao pensamento e, na impossibilidade de explicá-la, o que se passava à sua volta enchia-o de terror. Hoje, que seu Espírito está desprendido do véu da matéria, ele se dá conta não só desses fatos, mas das diversas peripécias de sua vida; reconhece como justo o que antes lhe parecia injusto. Deu sua explicação na comunicação seguinte, solicitada com esta finalidade.

(Sociedade de Paris, 18 de outubro de 1867)

Como é grande e poderoso esse Deus que os humanos rebaixam sem cessar, querendo defini-lo, e como as mesquinhas paixões que lhe atribuímos para o compreender são uma prova de nossa fraqueza e de nosso pouco adiantamento! um Deus vingador! um Deus juiz! um Deus carrasco! Não; tudo isto só existe na imaginação humana, incapaz de compreender o infinito. Que louca temeridade querer definir Deus! Ele é o incompreensível e o indefinível, e não podemos senão nos inclinar sob sua mão poderosa, sem procurar compreender e analisar sua natureza. Os fatos aí estão para provar que ele existe! Estudemos esses fatos e, por meio deles, remontemos de causa em causa tão longe quanto

possamos ir; mas não nos lancemos à causa das causas senão quando possuírmos inteiramente as causas secundárias e quando compreendermos todos os seus efeitos!...

Sim, as leis do Eterno são imutáveis! Hoje elas ferem o culpado, como sempre o feriram, conforme a natureza das faltas cometidas e proporcionalmente a essas faltas. Ferem de maneira inexorável, e são seguidas de conseqüências morais, não fatais, mas inevitáveis. A pena de talião é um fato, e a palavra da antiga lei “Olho por olho, dente por dente”, cumpre-se em todo o seu rigor. Não só o orgulhoso é humilhado, mas é ferido em seu orgulho da mesma maneira por que feriu os outros. O juiz iníquo se vê condenar injustamente; o déspota tornar-se oprimido!

Sim, governei os homens; fi-los dobrarem-se sob um jugo de ferro; eu os feri em suas afeições e em sua liberdade; e mais tarde, por minha vez, tive que me dobrar ao opressor, fui privado de minhas afeições e de minha liberdade!

Mas, como o opressor da véspera pode tornar-se o republicano do dia seguinte? A coisa é das mais simples e a observação dos fatos que se passam aos vossos olhos deveria vos dar a chave. Não vedes, no curso de uma só existência, uma mesma personalidade ora dominadora, ora dominada? e não acontece que, se governa despoticamente no primeiro caso, é, no segundo, uma das que mais energicamente lutam contra o despotismo?

Sucedem a mesma coisa de uma existência a outra. Certamente esta não é uma regra sem exceção, mas, em geral, os que aparentemente são os mais obstinados liberais, foram outrora os mais ardentes partidários do poder; e isto se compreende, porque é lógico que os que estavam habituados por muito tempo a reinar sem contestação e a satisfazer sem entraves os seus mínimos caprichos, sejam os que mais sofram a opressão, e os mais ardentes para sacudir o seu jugo.

O despotismo e seus excessos, por uma admirável conseqüência das leis de Deus, arrastam necessariamente os que os exercem a um amor imoderado da liberdade, e esses dois excessos, consumindo-se reciprocamente, trazem inevitavelmente a calma e a moderação.

Tais são, a propósito do desejo que exprimistes, as explicações que julguei por bem vos dar. Ficarei contente se elas puderem vos satisfazer.

Silvio Pellico

Variedades

O AVARENTO DA RUA DO FORNO

O jornal *Petite Presse*, de 19 de novembro de 1868, reproduzia o fato seguinte, conforme o *Droit*:

“Numa miserável mansarda da rua do Four-Saint-Germain, vivia pobremente um indivíduo de certa idade, chamado P... Não recebia ninguém; ele mesmo preparava a comida, muito mais frugal que a de um anacoreta. Coberto de roupas sórdidas, dormia num catre ainda mais repugnante. De magreza extrema, parecia mirrado pelas privações de toda sorte e em geral era considerado como vítima da mais profunda miséria.

“Entretanto, um cheiro fétido tinha começado a espalhar-se na casa. Aumentou de intensidade e acabou por atingir um pequeno restaurante, situado no pavimento térreo, a ponto de os consumidores se queixarem.

“Procuraram, então, a causa desses miasmas e a acabaram descobrindo que provinham do alojamento ocupado pelo senhor P...

“Esta descoberta fez lembrar que esse homem há tempos não era visto e, temendo que lhe houvesse sucedido uma desgraça, apressaram-se em avisar o comissário de polícia do bairro.

“Imediatamente a autoridade judiciária foi ao local e mandou um serralheiro abrir a porta. Mas, assim que quiseram entrar no quarto, quase se sufocaram e tiveram de se retirar prontamente. Só depois de ter deixado por algum tempo entrar o ar do exterior é que puderam entrar e proceder às constatações com os devidos cuidados.

“Um triste espetáculo ofereceu-se ao comissário e ao médico que o acompanhava. Estendido sobre o leito, o corpo do Sr. P.. encontrava-se em estado de completa putrefação; estava coberto de moscas-varejeiras e milhares de vermes roíam as carnes, que caíam aos pedaços.

“O estado de decomposição não permitiu reconhecer com exatidão a causa da morte, que ocorrera há bastante tempo, mas a ausência de qualquer traço de violência fez pensar que se deveu a uma causa natural, como uma apoplexia ou uma congestão cerebral. Aliás, encontraram num móvel uma soma de cerca de 35.000 francos, tanto em numerário quanto em ações, obrigações industriais e valores diversos.

“Depois das formalidades ordinárias, apressaram-se em retirar os restos humanos e desinfetar o local. O dinheiro e os valores foram selados e recolhidos.”

Tendo sido evocado na Sociedade de Paris, esse homem deu a seguinte comunicação:

(Sociedade de Paris, 20 de novembro de 1868 – Médiun: Sr. Rul.)

Perguntais por que me deixei morrer de fome, quando possuía um tesouro? De fato, 35.000 francos são uma fortuna! Ai! senhores, sois muito instruídos sobre o que se passa em torno de

vós, para não compreender que eu sofria provações, e meu fim diz bastante que fali. Com efeito, numa existência anterior eu tinha lutado com energia contra a pobreza, que não havia dominado senão por prodígios de atividade, de energia e de perseverança. Vinte vezes estive a ponto de me ver privado do fruto de meu rude labor. Por isso, não fui sensível com os pobres, que enxotava quando se apresentavam em minha casa. Reservava tudo quanto ganhava para minha família, minha mulher e meus filhos.

Escolhi para provação, nesta nova existência, ser sóbrio, moderado nos gostos e partilhar minha fortuna com os pobres, meus irmãos deserdados.

Mantive a palavra? Vedes o contrário; porque fui muito sóbrio, temperante, mais que temperante. Mas não fui caridoso.

Meu fim desventurado foi apenas o começo de meus sofrimentos, mais duros, mais penosos neste momento, quando vejo com os olhos do Espírito. Assim, não teria tido a coragem de me apresentar a vós, se não me tivessem assegurado que sois bons, compassivos com a desgraça; venho pedir que oreis por mim. Aliviai meus sofrimentos, vós que conheceis os meios de tornar os sofrimentos menos pungentes; orai por vosso irmão que sofre e que deseja voltar a sofrer muito mais ainda!

Piedade, meu Deus! piedade para o ser fraco que faliu. E vós, senhores, compaixão por vosso irmão, que se recomenda às vossas preces.

O avaro da Rua do Forno

SUICÍDIO POR OBSESSÃO

Lê-se no *Droit*:

“O Sr. Jean-Baptiste Sadoux, fabricante de canoas em Joinville-le-Pont, avistou ontem um jovem que, depois de ter

vagueado por algum tempo sobre a ponte, subiu no parapeito e se jogou no Marne. Imediatamente foi em seu socorro e, ao cabo de sete minutos, retirou-o. Mas a asfixia já era completa, tendo sido infrutíferas todas as tentativas feitas para reanimar aquele infeliz.

“Uma carta encontrada com ele revelou tratar-se do Sr. Paul D..., de vinte e dois anos, residente à rua Sedaine, em Paris. A carta, dirigida pelo suicida ao seu pai, era extremamente tocante. Pedia-lhe perdão por o abandonar e dizia que havia dois anos era dominado por uma idéia terrível, por uma irresistível vontade de se destruir. Acrescentava que lhe parecia ouvir fora da vida uma voz que o chamava sem tréguas e, malgrado todos os seus esforços, não podia impedir-se de ir para ela. Encontraram, também, no bolso do paletó, uma corda nova, na qual tinha sido feito um nó corredio. Depois do exame médico-legal, o corpo foi entregue à família.”

A obsessão aqui está bem evidente e, o que não o está menos, é que o Espiritismo lhe é completamente estranho, nova prova de que esse mal não é inerente à crença. Mas, se o Espiritismo nada tem a ver com o caso, só ele pode dar a sua explicação. Eis a instrução dada a respeito por um dos nossos Espíritos familiares, e da qual ressalta que, malgrado o arrastamento a que o jovem cedeu para a sua infelicidade, não sucumbiu à fatalidade. Tinha o seu livre-arbítrio e, com mais vontade, poderia ter resistido. Se tivesse sido espírita, teria compreendido que a voz que o solicitava não podia ser senão a de um Espírito mau e as conseqüências terríveis de um instante de fraqueza.

(Paris – Grupo Desliens, 20 de dezembro de 1868 – Médiun: Sr. Nivard)

A voz dizia: Vem! vem! Mas essa voz do tentador teria sido ineficaz, se a ação direta do Espírito não se tivesse feito sentir. O pobre suicida era chamado e era impelido. Por quê? Seu passado era a causa da situação dolorosa em que se achava; apegava-se à vida e temia a morte. Mas, pergunto, nesse apelo incessante que

ouvira, encontrou força? Não; hauriu a fraqueza que o perdeu. Superou os temores, porque, enfim, esperava encontrar do outro lado da vida o repouso que o lado de cá lhe negava. Foi enganado: o repouso não veio. As trevas o cercam, sua consciência lhe censura o ato de fraqueza e o Espírito que o arrastou escarnece ao seu redor e o criva de motejos constantes. O cego não o vê, mas escuta a voz que lhe repete: Vem! vem! E depois zomba de suas torturas.

A causa deste caso de obsessão está no passado, como acabo de dizer; o próprio obsessor foi impelido ao suicídio por esse que acaba de fazer cair no abismo. Era sua mulher na existência precedente e tinha sofrido consideravelmente com a devassidão e as brutalidades de seu marido. Muito fraca para aceitar com resignação e coragem a situação que lhe era dada, buscou na morte um refúgio contra seus males. Vingou-se depois, e sabeis como. Entretanto, o ato desse infeliz não era fatal; tinha aceito os riscos da tentação; esta era necessária ao seu adiantamento, porque só ela podia fazer desaparecer a mancha que havia sujado sua existência anterior. Aceitara seus riscos com a esperança de ser mais forte e se havia enganado: sucumbiu. Recomeçará mais tarde; resistirá? Isto dependerá dele.

Rogai a Deus por ele, a fim de que lhe dê a calma e a resignação de que tanto necessita, a coragem e a força para não falir nas provas que tiver de suportar mais tarde.

Louis Nivard

Dissertações Espíritas

AS ARTES E O ESPIRITISMO

(Paris – Grupo Desliens, 25 de novembro de 1868

– Médium: Sr. Desliens)

Porventura houve uma época em que existiram mais poetas, mais pintores, escultores, literatos e artistas de todos os

gêneros? uma época em que a poesia, a pintura, a escultura, seja qual for a arte, tenha sido acolhida com mais desdém? Tudo está no marasmo! e nada, a não ser o que se liga à fúria positivista do século, tem chance de ser apreciado favoravelmente.

Sem dúvida ainda há alguns amigos do belo, do grande, do verdadeiro; mas, ao lado, quantos profanadores, quer entre os executantes, quer entre os amadores! Não há mais pintores; só há amadores! Não é a glória que se persegue! ela vem a passos muito lentos para a nossa geração apressada. Ver a fama e a auréola do talento, coroar uma existência em seu declínio, o que é isto? Uma quimera, boa ao menos para os artistas do passado. Então se tinha tempo de viver; hoje, apenas o de gozar! É preciso, pois, chegar, e prontamente, à fortuna; é preciso fazer um nome por *uma feitura original*, pela intriga, por todos os meios mais ou menos confessáveis com que a civilização cumula os povos que tocam um progresso imenso para frente ou uma decadência sem remissão.

Que importa se a celebridade conquistada desaparece com tanta rapidez quanto a existência do efêmero! Que importa a brevidade do brilho!... É uma eternidade se esse tempo bastou para adquirir a fortuna, a chave dos prazeres e do *dolce far niente!*

É a luta corajosa com a provação que faz o talento; a luta com a fortuna o enerva e mata!

Tudo cai, tudo periclita, porque não há mais crença!

Pensais que o pintor creia em si mesmo? Sim, por vezes chega a isso; mas, em geral, não crê senão cegamente, senão no entusiasmo do público, e o aproveita até que um novo capricho venha transportar alhures a torrente de favores que nele penetrava!

Como fazer quadros religiosos ou mitológicos que sensibilizam e comovem, quando desapareceram as crenças nas idéias que eles representam?

Tem-se talento, esculpe-se o mármore, dá-se-lhe a forma humana; mas é sempre uma pedra fria e insensível: não há vida! Belas formas, mas não a centelha que cria a imortalidade!

Os mestres da antiguidade fizeram deuses, porque acreditavam nesses desuses. Nossos escultores atuais, que neles não crêem, fazem apenas homens. Mas, venha a fé, ainda que ilógica e sem um objetivo sério, e gerará obras-primas; se a razão os guiar, não haverá limites que ela não possa atingir! Campos imensos, completamente inexplorados, abrem-se à juventude atual, a todos quantos um poderoso sentimento de convicção impele para um caminho, seja ele qual for. Literatura, arquitetura, pintura, história, tudo receberá do agulhão espírita o novo batismo de fogo, necessário para dar vitalidade à sociedade expirante; porque, no coração de todos os que o aceitarem, será posto um ardente amor pela Humanidade e uma fé inquebrantável em seu destino.

Um artista, Ducornet

A MÚSICA ESPÍRITA

(Paris – Grupo Desliens, 9 de dezembro de 1868 – Médium: Sr. Desliens)

Recentemente, na sede da Sociedade Espírita de Paris, o presidente deu-me a honra de perguntar minha opinião sobre o estado atual da música e sobre as modificações que a ela poderia trazer a influência das crenças espíritas. Se não atendi imediatamente a esse benévolo e simpático apelo, crede, senhores, que só uma causa maior motivou a minha abstenção.

Os músicos, ai! são homens como os outros, talvez mais homens, isto é, nessa condição, falíveis e pecadores. Não fui isento de fraquezas, e se Deus me deu vida longa, a fim de me dar tempo de me arrepender, a embriaguez do sucesso, a complacência dos amigos, a adulação dos cortesãos muitas vezes me tiraram o meio. Um maestro é uma potência, neste mundo onde o prazer

representa tão grande papel. Aquele cuja arte consiste em seduzir o ouvido, enternecer o coração, vê muitas ciladas criadas sob seus passos e nelas cai o infeliz! Inebria-se com a embriaguez dos outros; os aplausos lhe tapam os ouvidos e ele vai direto ao abismo, sem procurar um ponto de apoio para resistir ao arrastamento.

Contudo, a despeito de meus erros, eu tinha fé em Deus; cria na alma que vibrava em mim, a qual, desprendida de seu cárcere sonoro, logo se reconheceu em meio às harmonias da Criação e confundiu sua prece com as que se elevam da Natureza ao infinito, da criatura ao ser incriado!...

Estou feliz pelo sentimento que provocou minha vinda entre os espíritas, porque foi a simpatia que a ditou e, se a princípio a curiosidade me atraiu, é ao meu reconhecimento que deveis a minha apreciação da pergunta que foi feita. Eu lá estava, prestes a falar, crendo tudo saber, quando meu orgulho, caindo, revelou a minha ignorância. Fiquei mudo e escutei. Voltei, instruí-me e, quando às palavras de verdade emitidas por vossos instrutores se juntaram a reflexão e a meditação, disse-me: O grande maestro Rossini, o criador de tantas obras-primas, segundo os homens, nada fez, infelizmente, senão debulhar algumas das pérolas menos perfeitas do escrínio musical criado pelo mestre dos maestros. Rossini juntou notas, compôs melodias, provou a taça que contém todas as harmonias; roubou algumas centelhas ao fogo sagrado; mas esse fogo sagrado, nem ele criou, nem os outros! – Nada inventamos: copiamos do grande livro da Natureza e a multidão aplaude quando não deformamos demais a partitura.

Uma dissertação sobre a música celeste!... Quem poderia encarregar-se disto? Que Espírito sobre-humano poderia fazer vibrar a matéria em uníssono com essa arte encantadora? Que cérebro humano, que Espírito encarnado poderia captar-lhe os matizes, variados ao infinito?... Quem possui a esse ponto o sentimento da harmonia?... Não, o homem não foi feito para tais condições!... Mais tarde!... muito mais tarde!...

Esperando, talvez eu venha satisfazer em breve o vosso desejo e vos dar minha apreciação sobre o estado atual da música e vos dizer das transformações, dos progressos que o Espiritismo poderá aí introduzir. – Hoje ainda é muito cedo. O assunto é vasto, já o estudei, mas ele ainda se apodera de mim; quando dele for senhor, caso a coisa seja possível, ou melhor, quando o tiver entrevisto tanto quanto mo permitir o estado de meu espírito, eu vos satisfarei. Mas, ainda um pouco de tempo. Se só um músico pode falar bem da música do futuro, deve fazê-lo como mestre, e Rossini não quer falar como aprendiz.

Rossini

OBSESSÕES SIMULADAS

Esta comunicação nos foi dada a propósito de uma senhora que deveria vir pedir conselhos para uma obsessão, e a respeito da qual tínhamos julgado dever previamente aconselhar-nos com os Espíritos.

“A piedade pelos que sofrem não deve excluir a prudência, e poderia ser imprudência estabelecer relações com todos os que se apresentam a vós, sob o império de uma obsessão real ou fingida. É ainda uma prova pela qual deverá passar o Espiritismo, e que lhe servirá para se desembaraçar de todos os que, por sua natureza, perturbassem o seu caminho. Ultrajaram, ridicularizam os espíritas; quiseram amedrontar aqueles a quem a curiosidade atrai para vós, colocando-vos sob o patrocínio de sataná. Nada disto teve êxito; antes de se render, querem assestar uma última bateria, pronta para abrir fogo, que, como todas as outras, redundará em vosso proveito. Não podendo mais vos acusar de contribuir para o incremento da alienação mental, enviam-vos verdadeiros obsedados, diante dos quais esperam que fracasseis, e obsedados simulados, que naturalmente vos seria impossível curar de um mal imaginário. Tudo isto em nada deterá o vosso progresso, mas com a condição de agir com prudência e

aconselhar os que se ocupam dos tratamentos obsessivos a consultarem os seus guias, não só quanto à natureza do mal, mas sobre a realidade das obsessões que poderiam ter que combater. Isto é importante, e aproveito a idéia que vos foi sugerida, de antes pedir um conselho, para vos recomendar a agir sempre assim no futuro.

Quanto a essa senhora, é sincera e realmente sofredora, mas atualmente nada se pode fazer por ela, a não ser aconselhar que peça, pela oração, a calma e a resignação para suportar corajosamente sua prova. Não lhe faltam instruções dos Espíritos; seria mesmo prudente afastá-la de toda idéia de correspondência com eles, e aconselhá-la a se entregar inteiramente aos cuidados da medicina oficial.

Doutor Demeure

Observação – Não é só contra as obsessões simuladas que é prudente nos precavermos, mas contra os pedidos de comunicações de toda sorte, evocações, conselhos de saúde, etc., que poderiam ser armadilhas estendidas à boa-fé, de que poderia servir-se a malevolência. Convém, pois, não aceder aos pedidos desta natureza senão com conhecimento de causa, e em relação a pessoas conhecidas ou devidamente recomendadas. Os adversários do Espiritismo vêem com desgosto o desenvolvimento que toma, contrariamente às suas previsões, e espreitam ou provocam as ocasiões de o pilhar em falta, seja para o acusar, seja para ridicularizá-lo. Em semelhante caso, é melhor pecar por excesso de circunspeção do que por imprevidência.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

FEVEREIRO DE 1869

Nº 2

Estatística do Espiritismo³

APRECIÇÃO PELO JORNAL *SOLIDARITÉ*⁴

O jornal *Solidarité*, de 15 de janeiro de 1869, analisa a *estatística do Espiritismo*, que publicamos em nosso número anterior. Se critica algumas de suas cifras, sentimo-nos felizes por sua adesão ao conjunto do trabalho, que aprecia nestes termos:

“Lamentamos não poder reproduzir, por falta de espaço, as reflexões muito sábias com que o Sr. Allan Kardec faz acompanhar esta estatística. Limitar-nos-emos a constatar com ele que há espíritas em todos os graus da escala social; que a grande maioria dos espíritas se acha entre pessoas esclarecidas e não entre os ignorantes; que o Espiritismo se propagou em toda parte, de alto a baixo da escala social; que a aflição e a infelicidade são os grandes recrutadores do Espiritismo, por força das consolações e das esperanças que prodigaliza aos que choram e lamentam; que o Espiritismo encontra mais fácil acesso entre os incrédulos em matérias religiosas do que entre as pessoas que têm uma fé definida;

3 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 533.

4 O jornal *Solidarité* aparece duas vezes por mês. Preço: 10 fr. por ano. Paris, Livraria das Ciências Sociais, rue des Saints-Pères, nº 13.

enfim, que depois dos fanáticos os mais refratários às idéias espíritas são as criaturas cujos pensamentos estão todos concentrados na posse e nos prazeres materiais, seja qual for, aliás, a sua condição.”

É um fato de capital importância constatar em toda parte que “a grande maioria dos espíritas se acha entre pessoas esclarecidas e não entre os ignorantes.” Em presença deste fato material, em que se torna a acusação de estupidez, ignorância, loucura, inépcia, lançada tão estouvadamente contra os espíritas pela malevolência?

Propagando-se de alto a baixo da escala, o Espiritismo prova, além disso, que as classes favorecidas compreendem a sua influência moralizadora sobre as massas, pois que se esforçam por nele penetrar. É que, com efeito, os exemplos que se têm sob os olhos, embora parciais e ainda isolados, demonstram de maneira peremptória que o espírito do proletariado seria muito outro se estivesse imbuído dos princípios da Doutrina Espírita.

A principal objeção do *Solidarité* é muito séria. Refere-se ao número de espíritas do mundo inteiro. Eis o que diz a respeito:

“A *Revista Espírita* engana-se muito quando estima em apenas seis ou sete milhões o número de espíritas para todo o mundo. Evidentemente se esquece de contar a Ásia.

“Se pelo termo espírita entendem-se as pessoas que crêem na vida de além-túmulo e nas relações dos vivos com a alma das pessoas mortas, é por centenas de milhões que se os deve contar. A crença nos Espíritos existe em todos os sectários do budismo, e pode-se dizer que ela constitui o fundo de todas as religiões do extremo Oriente. É geral sobretudo na China. As três antigas seitas que desde tanto tempo dividem as populações no Império Central, crêem nos manes, nos Espíritos e professam o seu culto. – Pode-se mesmo dizer que este é para elas um terreno

comum. Os adoradores do *Tao* e de *Fo* aí se encontram com os sectários do filósofo *Confúcio*.

“Os sacerdotes da seita de Lao-Tseu, e particularmente os Tao-Tseu, ou doutores *da Razão*, devem às práticas espíritas uma grande parte de sua influência sobre as populações. — Esses religiosos interrogam os Espíritos e obtêm respostas escritas, que não têm mais nem menos valor que as dos nossos médiuns. São conselhos e avisos considerados como dados aos vivos pelo Espírito de um morto. Aí se encontram revelações de segredos conhecidos unicamente pela pessoa que interroga, algumas vezes predições que se realizam ou não, mas que são capazes de impressionar os assistentes e estimular os seus desejos, para que se encarreguem *de realizar*, eles próprios, *o oráculo*.

“Obtêm-se essas correspondências por processos que não diferem muito dos nossos espíritas, mas que, no entanto, devem ser mais aperfeiçoados, se se considerar a longa experiência dos operadores que os praticam tradicionalmente.

“Eis como nos são descritos por uma testemunha ocular, o Sr. D..., que mora na China há muito tempo e que é familiar com a língua do país:

“Uma vara de pescar, de 50 a 60 centímetros, é sustentada nas extremidades por duas pessoas, das quais uma é o médium e a outra o interrogador. No meio dessa vara, tiveram o cuidado de lacrar ou amarrar uma pequena varinha da mesma madeira, bastante semelhante a um lápis, pelo tamanho e grossura. Abaixo desse pequeno aparelho é espalhada uma camada de areia, ou uma caixa contendo farinha de milho. Deslizando *maquinalmente* sobre a areia ou a farinha de milho, a varinha traça caracteres. À medida que estes se formam, são lidos e reproduzidos imediatamente no papel por um letrado presente à sessão. Daí resultam frases e escritos mais ou menos longos, mais ou menos interessantes, mas tendo sempre um valor lógico.

“A dar-se crédito aos Tao-Tseu, esses processos lhes vêm do próprio Lao-Tseu. Ora, se conforme a História, Lao-Tseu viveu no sexto século antes de Jesus-Cristo, é bom lembrar que, conforme a lenda, ele é como o *Verbo* dos cristãos, anterior *ao começo* e contemporâneo da grande *não-entidade*, como exprimem os doutores *da Razão*.

“Vê-se que o Espiritismo remonta a uma belíssima antiguidade.

“Isto não prova que ele é verdadeiro? – Não, por certo, mas se basta que uma crença seja antiga para ser venerável, e forte pelo número de seus partidários para ser respeitada, não conheço outra que tenha mais títulos ao respeito e à veneração de meus contemporâneos.”

Nem é preciso dizer que aderimos completamente a essa retificação, e nos sentimos felizes que ela emane de uma fonte estranha, porque prova que não procuramos exagerar o quadro. Nossos leitores apreciarão, como nós, a maneira pela qual esse jornal, que se recomenda por seu caráter sério, encara o Espiritismo; vê-se que, de sua parte, é uma apreciação com justas razões.

Sabíamos perfeitamente que as idéias espíritas estão muito espalhadas nos povos do extremo Oriente, e se não as tínhamos levado em consideração é que, em nossa avaliação, não nos propusemos apresentar, conforme dissemos, senão o movimento do Espiritismo moderno, reservando-nos para fazer mais tarde um estudo especial sobre a anterioridade dessas idéias. Agradecemos muito sinceramente ao autor do artigo por nos haver precedido.

Noutro lugar ele diz: “Cremos que esta incerteza (sobre o número real dos espíritas, sobretudo na França), a princípio se deve à ausência de declarações positivas da parte dos adeptos;

depois, ao estado flutuante das crenças. Existe – e poderíamos citar em Paris numerosos exemplos – uma multidão de pessoas que crêem no Espiritismo e *que não se gabam disto.*”

Isto é perfeitamente justo; por isso só falamos dos espíritas de fato; do contrário, como dissemos, se incluíssemos os espíritas por intuição, somente na França eles se contariam por milhões; mas preferimos ficar aquém e não além da verdade, para não sermos tachados de exagero. Contudo, é preciso que o acréscimo seja muito sensível, para que certos adversários o tenham levado a cifras hiperbólicas, como o autor da brochura *O orçamento do Espiritismo*, que, vendo talvez os espíritas com lente de aumento, os avaliava, em 1863, em vinte milhões na França. (*Revista Espírita* de junho de 1863.)

A respeito da proporção dos sábios oficiais, na categoria do grau de instrução, diz o autor: “Gostaríamos muito de ver a olho nu esses 4% de sábios oficiais: 40.000 para a Europa; 24.000 só para a França; são muitos sábios, e ainda oficiais; 6% de iletrados é quase nada.”

A crítica seria fundada se, como supõe o autor, se tratasse de 4% sobre o número aproximado de seiscentos mil espíritas na França, o que, efetivamente, daria vinte e quatro mil. Realmente seria muito, pois se teria dificuldade em encontrar essa cifra de sábios oficiais em toda a população da França. Em tal base, o cálculo seria evidentemente ridículo e se poderia dizer outro tanto dos iletrados. Essa avaliação, portanto, não tem por objetivo estabelecer o número efetivo dos sábios oficiais espíritas, mas a proporção relativa em que se encontram a respeito dos diversos graus de instrução, entre os quais estão em minoria. Nas outras categorias, limitamo-nos a uma simples classificação, sem avaliação numérica em termos percentuais. Quando utilizamos este último processo, foi para tornar mais sensível a proporção.

Para melhor definir o nosso pensamento, diremos que, por sábios oficiais, não entendemos todos aqueles cujo saber é constatado por um diploma, mas unicamente os que ocupam posições oficiais, como membros de Academias, professores de Faculdades, etc., que assim se acham em maior evidência e cujos nomes, por tais motivos, fazem autoridade na Ciência. Desse ponto de vista, um doutor em Medicina pode ser sábio sem ser um sábio oficial.

A posição oficial influi bastante sobre a maneira de encarar certas coisas. Como prova disto, citaremos o exemplo de um médico distinto, morto há vários anos, e que conhecemos pessoalmente. Era então grande partidário do magnetismo, sobre o qual havia escrito, e foi o que nos pôs em contato com ele. Aumentando a sua reputação, conquistou sucessivamente várias posições oficiais. À medida que subia, baixava seu fervor pelo magnetismo, caindo abaixo de zero quando chegou ao topo da escala, porque renegava abertamente suas antigas convicções. Considerações da mesma natureza podem explicar a posição de certas classes no que concerne ao Espiritismo.

A categoria dos aflitos, dos despreocupados, dos felizes do mundo, dos sensualistas, fornece ao autor do artigo a seguinte reflexão:

“É pena que isto seja pura fantasia. Nada de sensualistas, compreende-se; Espiritismo e materialismo se excluem; sessenta aflitos em cem espíritas ainda se compreende. É para os que choram que as relações com um mundo melhor são preciosas. Mas trinta pessoas despreocupadas em cem, é demais! Se o Espiritismo operasse tais milagres, faria muitas outras conquistas. Fá-las-ia sobretudo entre os *felizes do mundo*, que também são, quase sempre, os mais inquietos e os mais atormentados.”

Há aqui um erro manifesto, pois pareceria que esse resultado é devido ao Espiritismo, ao passo que é ele que colhe,

nessas categorias, mais ou menos adeptos conforme as predisposições que aí encontra. Essas cifras significam simplesmente que encontra mais adeptos entre os aflitos, um pouco menos entre as pessoas despreocupadas, menos ainda entre os felizes do mundo, e de modo algum entre os sensualistas.

Antes de mais, é preciso entender-se quanto às palavras. Materialismo e sensualismo não são sinônimos e nem sempre marcham lado a lado, já que se vêem pessoas, espiritualistas por profissão e por dever, que são muito sensuais, ao passo que há muitos materialistas bastante moderados em sua maneira de viver; para eles o materialismo não passa de uma opinião, que abraçaram em falta de outra mais racional. Eis por que, quando reconhecem que o Espiritismo enche o vazio feito em sua consciência pela incredulidade, aceitam-no com felicidade; os sensualistas, ao contrário, são os mais refratários.

Uma coisa muito bizarra é que o Espiritismo encontra mais resistência entre os panteístas em geral, do que entre os que são francamente materialistas. Provavelmente isto se deve a que o panteísta quase sempre cria um sistema; possui algo, ao passo que o materialista nada tem, e esse vazio o inquieta.

Pelos felizes do mundo entendemos os que passam como tais aos olhos da multidão, porque se podem permitir largamente todos os prazeres da vida. É verdade que muitas vezes são os mais inquietos e os mais atormentados. Mas, por quê? pelas preocupações que lhes causam a fortuna e a ambição. Ao lado dessas preocupações incessantes, das ansiedades da perda ou do ganho, da azáfama dos negócios para uns, dos prazeres para outros, resta-lhes muito pouco tempo para se ocuparem do futuro.

Não podendo ter a paz da alma senão com a condição de renunciar ao que constitui o objeto de sua cobiça, o Espiritismo pouco os afeta, filosoficamente falando. Com exceção das penas do coração, que não poupam a ninguém, a não ser os egoístas, quase

sempre os tormentos da vida estão para eles nas decepções da vaidade, no desejo de possuir, de brilhar, de mandar. Pode-se, pois, dizer que atormentam a si mesmos.

Ao contrário, a calma e a tranqüilidade se encontram mais particularmente nas posições modestas, quando assegurado o bem-estar da vida. Aí quase não há ambição; contentam-se com o que têm, sem se atormentarem em o aumentar, correndo os riscos aleatórios da agiotagem ou da especulação. São os que chamamos *despreocupados*, falando relativamente; por pouco haja neles elevação de pensamento, ocupam-se de bom grado das coisas sérias; o Espiritismo lhes oferece um atraente assunto de meditação, e o aceitam mais facilmente do que aqueles a quem o turbilhão do mundo suscita uma febre contínua.

Tais são os motivos dessa classificação que, como se vê, não é tão fantasiosa quanto supõe o autor do artigo. Nós lhe agradecemos por nos ter ensejado ocasião de apontar erros que outros poderiam ter cometido, por não termos sido bastante explícitos.

Em nossa estatística, omitimos duas funções importantes por sua natureza, e porque contam um número bastante grande de adeptos sinceros e devotados; são os *prefeitos* e os *juizes de paz*, que estão na quinta classe, com os meirinhos e os comissários de polícia.

Uma outra omissão, contra a qual ele reclamou com justiça, e que insistem que reparemos, é a dos poloneses, na categoria dos povos. Ela é tanto mais fundada quanto o Espiritismo conta, nessa nação, numerosos e fervorosos adeptos, desde a origem. Como classe, a Polônia vem em quinto lugar, entre a Rússia e a Alemanha.

Para completar a nomenclatura, seria preciso incluir outros países, como a Holanda, por exemplo, que viria após a

Inglaterra; Portugal depois da Grécia; as províncias do Danúbio, onde também há espíritas, mas sobre as quais não temos dados bastante positivos para lhes assinalar a classe. Quanto à Turquia, a quase totalidade dos adeptos se compõe de franceses, italianos e gregos.

Uma classificação mais racional e mais exata do que pelas nações territoriais, seria pelas raças ou nacionalidades, que não estão confinadas em limites circunscritos, apresentando, por toda parte onde se espalham, maior ou menor aptidão para assimilar as idéias espíritas. Deste ponto de vista, numa mesma região, muitas vezes se teria que fazer várias distinções.

A comunicação seguinte foi dada num grupo de Paris, a propósito da classe que ocupam os alfaiates entre as profissões industriais.

(Paris, 6 de janeiro de 1869 – Grupo Desliens – Médiun: Sr. Leymarie)

Criastes categorias, caro mestre, no início das quais colocastes certas profissões. Sabeis o que, em nossa opinião, arrasta certas pessoas a se tornarem espíritas? São as mil perseguições que sofrem em suas profissões. Os primeiros de que falais devem ter ordem, economia, cuidado, gosto, ser um pouco artistas e, depois, ser ainda pacientes, saber esperar, escutar, sorrir e saudar com certa elegância; mas, após todas essas pequenas convenções, mais sérias do que se pensa, ainda é preciso calcular, ordenar sua caixa pelo ativo e pelo passivo e sofrer, sofrer continuamente.

Em contato com homens de todas as classes, comentando as queixas, as confidências, os enganos, os rostos falsos, aprendem muito! Levando essa vida múltipla, sua inteligência se abre por comparação; seu espírito se fortifica pela decepção e pelo sofrimento. E eis por que certas categorias compreendem e aclamam todos os progressos; amam o teatro francês, a bela arquitetura, o desenho, a filosofia; muitos amam a

liberdade e todas as suas conseqüências. Sempre à frente e à espreita do que consola e faz esperar, elas se dão ao Espiritismo, que lhes é uma força, uma promessa ardente, uma verdade que engrandece o sacrifício e, mais do que acreditais, a parte classificada como a nº 1 vive de sacrifícios.

Sonnet

O Poder do Ridículo

Lendo um jornal, encontramos esta frase proverbial: *Na França o ridículo sempre mata*. Isto nos sugeriu as seguintes reflexões:

Por que na França, e não em outra parte? É que aqui, mais que em qualquer lugar, o espírito, ao mesmo tempo fino, cáustico e jovial, apreende, antes de tudo, o lado alegre ou ridículo das coisas; busca-o por instinto, sente-o, adivinha-o, por assim dizer fareja-o; descobre-o onde outros não o percebiam e o põe em relevo com habilidade. Mas o espírito francês quer, antes de tudo, o bom-gosto, a urbanidade até no gracejo; ri de bom grado de uma pilhéria fina, delicada, espirituosa sobretudo, ao passo que as caricaturas insossas, a crítica pesada, grosseira, à queima-roupa, semelhante à pata do urso ou ao soco do bruto, lhe repugnam, porque tem uma repulsa instintiva pela trivialidade.

Talvez digam que certos sucessos modernos parecem desmentir essas qualidades. Muito haveria a dizer sobre *as causas* deste desvio, que não deixa de ser muito real, mas que é apenas parcial, e não pode prevalecer sobre o fundo do caráter nacional, como demonstraremos qualquer dia. Apenas diremos, de passagem, que esses sucessos que surpreendem as pessoas de bom-gosto, são, em grande parte, devidos à curiosidade muito vivaz, também, no caráter francês. Mas escutai a multidão à saída de

certas exhibições; o julgamento que domina, mesmo na boca do povo, resume-se nestas palavras: É repugnante! e, contudo, a gente veio, unicamente para poder dizer que viu uma excentricidade; lá não voltam, mas esperando que a multidão de curiosos tenha desfilado, o sucesso está feito, e é tudo o que pedem. Dá-se o mesmo em certos sucessos supostamente literários.

A aptidão do espírito francês em captar o lado cômico das coisas, faz do ridículo uma verdadeira potência, maior na França do que em outros países; mas é certo dizer que sempre mata?

É preciso distinguir o que se pode chamar o ridículo *intrínseco*, isto é, inerente à coisa mesma, e o ridículo *extrínseco*, vindo de fora e descarregado sobre uma coisa. Sem dúvida este último pode ser lançado sobre tudo, mas só fere o que é vulnerável; quando se ataca às coisas que não dão ensejo a isto, desliza sem prejudicá-las. A mais grosseira caricatura de uma estátua irreprochável nada tira de seu mérito e não a faz diminuir na opinião, pois cada um está em condições de apreciá-la.

O ridículo não tem força senão quando fere com precisão, quando ressalta com espírito e finura os pequenos defeitos reais: é então que mata; mas quando cai no falso, absolutamente não mata, ou antes, ele se mata. Para que o adágio acima seja completamente verdadeiro, dever-se-ia dizer: “Na França, o ridículo sempre mata *o que é ridículo*.” O que realmente é verdadeiro, bom e belo jamais é ridículo. Se se ridicularizar uma personalidade notoriamente respeitável, o cura Vianney, por exemplo, inspirar-se-á repulsa, mesmo aos incrédulos, tanto é verdade que o que é respeitável em si é sempre respeitado pela opinião pública.

Como nem todos têm o mesmo gosto, nem a mesma maneira de ver, o que é verdadeiro, bom e belo para uns, pode não

o ser para outros. Quem, pois, será o juiz? O ser coletivo que se chama todo o mundo, e contra as decisões do qual em vão protestam as opiniões isoladas. Algumas individualidades podem ser momentaneamente desviadas pela crítica ignorante, malévola ou inconsciente, mas não as massas, cujos julgamentos acabam sempre por triunfar. Se a maioria dos convivas num banquete acha um prato a seu gosto, por mais que digais que é ruim, não impedireis que o comam, ou pelo menos que o provem.

Isto explica por que o ridículo, lançado em profusão sobre o Espiritismo, não o matou. Se ele não sucumbiu, não é por não ter sido revolvido em todos os sentidos, mascarado, desnaturado, grotescamente ridicularizado por seus antagonistas. E, contudo, após dez anos de encarnizada agressão, ele está mais forte do que nunca; é que ele é como a estátua de que falamos há pouco.

Em última análise, sobre o que se exerceu particularmente o sarcasmo, a propósito do Espiritismo? Naquilo em que realmente é vulnerável à crítica: os abusos, as excentricidades, as exhibições, as explorações, o charlatanismo sob todos os aspectos, as práticas absurdas, que são apenas a sua paródia, de que o Espiritismo sério jamais tomou a defesa, mas que tem, ao contrário, sempre desautorizado. Assim, o ridículo não feriu, nem pôde morder senão o que era ridículo na maneira por que certas pessoas pouco esclarecidas concebem o Espiritismo. Se ainda não matou completamente esses abusos, desferiu-lhes um golpe mortal, e era de justiça.

O Espiritismo verdadeiro não pôde, pois, senão ganhar em se desembaraçar da chaga de seus parasitas, e foram os seus inimigos que disso se encarregaram. Quanto à Doutrina propriamente dita, é de notar que quase sempre ficou fora de debate, embora seja a parte principal, a alma da causa. Seus adversários bem compreenderam que o ridículo não podia atingi-

lo; sentiram que a fina lâmina da zombaria espirituosa resvalava sobre a couraça, daí por que o atacaram com a borduna da injúria grosseira e o soco rústico, mas com tão pouco sucesso.

Desde o início o Espiritismo pareceu a certos pobretões, uma fecunda mina a explorar por sua novidade; alguns, menos tocados pela pureza de sua moral do que pelas chances que aí entreviam, puseram-se sob a égide de seu nome, com a esperança de fazer dele um meio. São os que podem ser chamados de *espíritas de circunstância*.

Que teria acontecido a esta Doutrina se ela não tivesse usado toda a sua influência para frustrar e desacreditar as manobras da exploração? Ter-se-iam visto os charlatães pululando de todos os lados, fazendo uma aliança sacrílega daquilo que há de mais sagrado: o respeito aos mortos, com a suspeita arte das feiticeiras, adivinhos, cartomantes, videntes, suprimindo os Espíritos pela fraude, quando estes não vêm. Logo se teriam visto as manifestações levadas para os palcos, associadas aos truques de escamoteação; gabinetes de consultas espíritas anunciados publicamente e revendidos, como agências de emprego, conforme a importância da clientela, como se a faculdade mediúnica pudesse transmitir-se à maneira de um fundo de comércio.

Por seu silêncio, que teria sido uma aprovação tácita, a Doutrina ter-se-ia tornado solidária com esses abusos; diremos mais: cúmplice. Então a crítica teria feito um belo jogo, porque, com todo o direito, poderia ter atacado a Doutrina que, por sua tolerância, houvera assumido a responsabilidade do ridículo e, por consequência, a justa reprovação lançada sobre os abusos; talvez ela tivesse levado mais de um século para erguer-se desse fracasso. Seria preciso não compreender o caráter do Espiritismo e, ainda menos, seus verdadeiros interesses, para crer que tais auxiliares possam ser úteis à sua propagação e estejam aptos para o considerarem como uma coisa santa e respeitável.

Estigmatizando a exploração, como temos feito, temos certeza de haver preservado a Doutrina de um verdadeiro perigo, perigo maior que a má vontade de seus antagonistas confessos, porque caminhava para o seu descrédito; por isto mesmo, ela lhes teria apresentado um lado vulnerável, ao passo que eles se detiveram ante a pureza de seus princípios. Não ignoramos que contra nós suscitamos a animosidade dos exploradores e que nos afastamos de seus partidários. Mas, que importa? Nosso dever é resguardar os interesses da Doutrina, e não os deles, e esse dever nós cumprimos com perseverança e firmeza até o fim.

Não era pouca coisa lutar contra a invasão do charlatanismo, num século como este, sobretudo um charlatanismo estimulado, muitas vezes suscitado pelos mais implacáveis inimigos do Espiritismo, porquanto, depois de ter fracassado pelos argumentos, bem compreendiam que o que lhes poderia ser mais fatal era o ridículo. Por isso, o mais seguro meio seria fazê-lo explorar pelo charlatanismo, a fim de o desacreditar na opinião.

Todos os espíritas sinceros compreenderam o perigo que assinalamos e nos secundaram em nossos esforços reagindo por seu lado contra as tendências que ameaçavam desenvolver-se. Não serão alguns casos de manifestações, supondo-os reais, dados como espetáculo, como chamariz à minoria, que darão verdadeiros prosélitos ao Espiritismo, porque, em tais condições, eles autorizam a suspeita. Os próprios incrédulos são os primeiros a dizer que, se os Espíritos realmente se comunicam, não será para servirem de comparsas ou de cúmplices a tanto por sessão; por isso riem deles; acham ridículo que a essas cenas se misturem nomes respeitáveis, e estão cem vezes com a razão. Para uma pessoa que seja levada ao Espiritismo por essa via, sempre supondo um fato real, haverá cem que se afastarão, sem dele quererem ouvir falar mais. Outra será a impressão nos meios onde nada de equívoco pode fazer suspeitar da sinceridade, da boa-fé e do desinteresse, onde a notória

honorabilidade das pessoas impõe respeito. Se daí não se sai convencido, pelo menos não se leva a idéia de uma charlatanice.

Assim, o Espiritismo nada tem a ganhar, e só poderia perder, apoiando-se na exploração, enquanto os exploradores é que se beneficiariam de seu crédito. Seu futuro não está na crença de um indivíduo a tal ou qual fato de manifestação; está inteiramente no ascendente que conquistar por sua moralidade. É por aí que triunfou e triunfará ainda das manobras de seus adversários. Sua força está no seu caráter moral, e é o que não lhe poderão tirar.

O Espiritismo entra numa fase solene, mas na qual ainda terá grandes lutas a sustentar; é preciso, pois, que seja forte por si mesmo e, para ser forte, deve ser respeitado. Cabe aos seus adeptos dedicados fazê-lo respeitar, inicialmente pregando-o pela palavra e pelo exemplo; depois, desaprovando, em nome da Doutrina, tudo quanto pudesse prejudicar a consideração de que deve ser rodeado. É assim que poderá afrontar as intrigas, a zombaria e o ridículo.

Um Caso de Loucura Causada pelo Medo do Diabo

Numa cidadezinha da antiga Borgonha, que nos abstermos de citar, mas que poderíamos fazê-lo, caso necessário, existe um pobre velho que a fé espírita sustenta em sua miséria, vivendo penosamente da venda ambulante de quinquilharias pelas localidades vizinhas. É um homem bom, compassivo, prestando serviços sempre que se oferece ocasião, e certamente acima de sua posição pela elevação de seus pensamentos. O Espiritismo lhe deu a fé em Deus e na imortalidade, a coragem e a resignação.

Um dia, num de seus giros, encontrou uma jovem viúva, mãe de várias crianças que, após a morte do marido, a quem

adorava, perdida de desespero e vendo-se sem recursos, perdeu a razão completamente. Atraído pela simpatia para essa grande dor, procurou ver essa infeliz mulher, a fim de julgar se o seu estado era irremediável. A miséria em que a encontrou redobrou sua compaixão; mas, como também fosse pobre, só lhe podia dar consolo.

“Eu a vi várias vezes”, disse ele a um de nossos colegas da Sociedade de Paris, que o conhecia e tinha ido vê-lo; “um dia eu lhe disse, em tom de persuasão, que aquele que ela lamentava não estava perdido para sempre; que estava perto dela, embora não o visse, e que eu podia, se ela quisesse, fazê-la conversar com ele. A estas palavras, seu rosto pareceu alegrar-se; um raio de esperança brilhou em seus olhos apagados.” – “Não me enganareis?” perguntou ela; “Ah! se isto pudesse ser verdade!”

“Sendo bom médium escrevente, obtive na sessão uma curta comunicação de seu marido, que lhe causou doce satisfação. Vim vê-la várias vezes, e de cada vez seu marido conversava com ela por meu intermédio; ela o interrogava e ele respondia de maneira a não lhe deixar qualquer dúvida sobre a sua presença, porque lhe falava de coisas que eu mesmo ignorava; encorajava-a, exortava-a à resignação e lhe garantia que um dia iriam encontrar-se.

“Pouco a pouco, sob o império dessa doce emoção e desses pensamentos consoladores, a calma voltou à sua alma, a razão lhe voltava a olhos vistos e, ao cabo de alguns meses, estava completamente curada e pôde entregar-se ao trabalho, que devia alimentá-la e aos filhos.

“Essa cura fez grande sensação entre os camponeses do vilarejo. Assim, tudo ia bem; agradei a Deus por me haver permitido arrancar essa infeliz da opressão do desespero; também agradei aos Espíritos bons por sua assistência, pois todo o mundo

sabia que essa cura tinha sido produzida pelo Espiritismo, com o que eu me regozijava. Mas eu tinha o cuidado de lhes dizer que nisso nada havia de sobrenatural, explicando-lhes o melhor que podia os princípios da sublime Doutrina, que dá tanta consolação e já fez tão grande número de pessoas felizes.

“Esta cura inesperada inquietou vivamente o padre do lugar; ele visitou a viúva, que tinha abandonado completamente, desde a sua moléstia. Dela ficou sabendo como e por quem ela e os filhos foram curados; que agora tinha a certeza de não estar separada do marido; que a alegria que sentia, a confiança que isto lhe dava na bondade de Deus, a fé de que estava animada tinham sido a principal causa de seu restabelecimento.

“Ai! todo o bem no qual eu pusera tanta perseverança em produzir ia ser destruído; o cura fez vir a infeliz viúva à paróquia; começou por lançar a dúvida em sua alma; depois fez que ela acreditasse que era um demônio, que eu não operava senão em seu nome, que ela agora estava em seu poder; e agiu tão bem que a pobre mulher, que ainda carecia dos maiores cuidados, fragilizada por tantas emoções, recaiu num estado pior do que da primeira vez. Hoje por toda parte só vê diabos, demônios e o inferno. Sua loucura é completa e devem conduzi-la a um hospício de alienados.”

O que havia causado a primeira loucura daquela mulher? O desespero. O que lhe havia restituído a razão? As consolações do Espiritismo. O que a fez recair numa loucura incurável? O fanatismo, o medo do diabo e do inferno. Este fato dispensa qualquer comentário. Como se vê, o clero fez mal em pretender, como tem feito em muitos escritos e sermões, que o Espiritismo leva à loucura, quando, com justiça, se lhe pode devolver o argumento. Aliás, aí estão as estatísticas oficiais para provar que a exaltação das idéias religiosas entra em parte notável

nos casos de loucura. Antes de lançar a pedra em alguém, seria prudente ver se ela não poderá cair sobre si mesmo.

Que impressão esse fato deve produzir na população daquele vilarejo? Certamente não será em favor da causa sustentada pelo Sr. cura, porque o resultado material está sob os olhos. Se ele pensa em recrutar partidários pela crença no diabo, engana-se redondamente, e é triste ver a Igreja fazer dessa crença uma pedra angular da fé. (Vide *A Gênese segundo o Espiritismo*, capítulo XVII, 27.)

Um Espírito que Julga Sonhar

Várias vezes têm sido vistos Espíritos que ainda se julgam vivos, porque seu corpo fluídico lhes parece tangível como seu corpo material. Eis um deles, numa posição pouco comum: não se julgando morto, tem consciência de sua intangibilidade; mas, como em vida era profundamente materialista, em crença e em gênero de vida, imagina que sonha, e tudo quanto lhe foi dito não pôde arrancá-lo do erro, tão persuadido está de que tudo acaba com o corpo. Era um homem de muito espírito, escritor distinto, que designaremos pelo nome de *Luis*. Fazia parte do grupo de notabilidades que, em dezembro último, partiu para o mundo dos Espíritos. Há alguns anos veio à nossa casa, onde testemunhou diversos casos de mediunidade; aí viu principalmente um sonâmbulo, que lhe deu evidentes provas de lucidez, em coisas que lhe eram inteiramente pessoais, mas nem por isto se convenceu da existência de um princípio espiritual.

Numa sessão do grupo do Sr. Desliens, em 22 de dezembro, ele veio espontaneamente comunicar-se por um dos médiuns, o Sr. Leymarie, sem que ninguém tivesse pensado nele. Tinha morrido há oito dias. Eis o que fez escrever:

“Que sonho singular!... sinto-me arrastado por um turbilhão, cuja direção não compreendo... Alguns amigos, que julgava mortos, convidaram-me para um passeio, e eis-nos arrastados. Para onde vamos? Olha!... estranha brincadeira! Para um grupo espírita!... Ah! que farsa engraçada, ver essa boa gente conscienciosamente reunida!... Conheço uma dessas figuras... Onde a vi? Não sei... (Era o Sr. Desliens, que se achava na sessão acima mencionada.) Talvez em casa desse bravo Allan Kardec, que uma vez quis provar-me que eu tinha uma alma, fazendo-me apalpar a imortalidade. Mas, em vão apelaram aos Espíritos, às almas: tudo falhou; como nesses jantares mal preparados, nenhum prato servido prestava. Entretanto, eu não desconfiava da boa-fé do sumo-sacerdote; julgo-o um homem honesto, mas um orgulhoso papalvo da assim chamada erraticidade.

“Eu vos ouvi, senhores e senhoras, e vos apresento meus respeitosos cumprimentos. Escreveis, ao que me parece, e vossas mãos ágeis sem dúvida vão transcrever o pensamento dos invisíveis!... espetáculo inocente!... sonho insensato este meu! Eis um que escreve o que digo a mim mesmo... Mas absolutamente não sois divertidos, nem também meus amigos, que têm semblantes compassivos como os vossos. (Os Espíritos dos que haviam morrido antes dele, e que ele julga ver em sonho.)

“Ah! certamente é uma estranha mania deste valente povo francês! Tiraram-lhe de uma vez a instrução, a fé, o direito, a liberdade de pensar e escrever, e esse bravo povo se atira em devaneios, em sonhos. Dorme acordado este país das Gálias e é maravilhoso vê-lo agir!

“Entretanto, ei-los em busca de um problema insolúvel, condenado pela Ciência, pelos pensadores, pelos trabalhadores!... falta-lhes instrução... A ignorância é a lei de Loiola largamente aplicada... têm diante de si todas as liberdades; podem atingir todos os abusos, destruí-los, enfim tornar-se seu senhor, senhor viril, econômico, sério, legal, etc., e, como crianças pequenas, falta-lhes a

religião, um papa, um cura, a primeira comunhão, o batismo, um guia para tudo e para sempre. Faltam chocalhos a essas crianças grandes, e os grupos espíritas ou espiritualistas lhas dão.

“Ah! se realmente houvesse um grão de verdade em vossas elucubrações! mas haveria, para o materialista, matéria para o suicídio!... Olhai! eu vivi largamente; desprezei a carne, revoltei-a; ri dos deveres de família, de amizade. Apaixonado, usei e abusei de todas as volúpias, e isto com a convicção de que obedecia às atrações da matéria, única lei verdadeira em vossa Terra, e isto eu repetirei ao meu despertar, com a mesma fúria, o mesmo ardor, a mesma habilidade. Tomarei a um amigo, a um vizinho, sua mulher, sua filha ou sua pupila, pouco importa, desde que, estando mergulhado nas delícias da matéria, eu renda homenagem a essa divindade, senhora de todas as ações humanas.

“Mas, e se me tivesse enganado?... se tivesse deixado passar a verdade?... se, realmente, houvesse outras vidas anteriores e existências sucessivas após a morte?... se o Espírito fosse uma personalidade viva, eterna, progressiva, rindo da morte, retemperando-se no que chamamos provação?... então haveria um Deus de justiça e de bondade?... eu seria um miserável... e a escola materialista, culpada do crime de lesa-nação, teria tentado decapitar a verdade, a razão!... eu seria, ou antes, nós seríamos profundos celerados, refinados pretensamente liberais!... Oh! então se estivésseis com a verdade, eu daria um tiro nos miolos ao despertar, tão certo quanto me chamo...”

Na sessão da Sociedade de Paris, de 8 de janeiro, o mesmo Espírito vem manifestar-se novamente, não pela escrita, mas pela palavra, servindo-se do corpo do Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo. Falou durante uma hora, e foi uma das cenas mais curiosas, porque o médium assumiu a sua pose, os gestos, a voz, a linguagem, a ponto de ser facilmente reconhecido pelos que o tinham visto. A conversa foi recolhida com cuidado e

fielmente reproduzida, mas sua extensão não nos permite publicá-la. Aliás, não foi senão o desenvolvimento de sua tese; a todas as objeções e perguntas que lhe foram feitas, pretendeu tudo explicar pelo estado de sonho e, naturalmente, perdeu-se num labirinto de sofismas. Ele próprio lembrou os principais episódios da sessão a que aludira na sua comunicação escrita, e disse:

“Eu bem tinha razão de dizer que tudo havia falhado. Olhai, eis a prova. Eu tinha feito esta pergunta: Há um Deus? Pois bem! todos os vossos pretensos Espíritos responderam afirmativamente. Vedes que estavam ao lado da verdade e não a conhecem mais do que vós.” Uma pergunta, entretanto, o embaraçou muito, por isso procurou constantes subterfúgios para dela se esquivar. Foi esta: “O corpo pelo qual nos falais não é o vosso, porque é magro e o vosso era gordo. Onde está o vosso verdadeiro corpo? Não está aqui, pois não estais em vossa casa. Quando se sonha, está-se em seu leito. Ide, pois, ver em vosso leito se o vosso corpo lá está e dissei-nos como podeis estar aqui sem o vosso corpo?”

Perdendo a paciência por estas reiteradas perguntas, às quais apenas respondia pelas palavras: “Efeitos bizarros dos sonhos”, acabou dizendo: “Bem vejo que querieis despertar-me. Deixai-me.” Desde então crê sonhar sempre.

Numa outra reunião, um Espírito deu sobre este fenômeno a seguinte comunicação:

Eis aqui uma substituição de pessoa, um disfarce. O Espírito recebe a liberdade ou cai na inação. Digo inação, isto é, a contemplação do que se passa. Está na posição de um homem, que momentaneamente empresta a sua residência e assiste às diversas cenas que aí são representadas com o auxílio de seus móveis. Se preferir gozar da liberdade, ele o pode, a menos que não tenha interesse em ficar como espectador.

Não é raro que um Espírito atue e fale com o corpo de um outro; deveis compreender a possibilidade desse fenômeno, quando sabeis que o Espírito pode retirar-se com o seu perispírito para mais ou menos longe de seu envoltório corporal. Quando o fato acontece sem que nenhum Espírito o aproveite para tomar o lugar, há catalepsia. Quando um Espírito deseja aí entrar para agir e tomar por um instante sua parte na encarnação, une o seu perispírito ao corpo adormecido, desperta-o por esse contato e dá o movimento à máquina. Mas os movimentos, a voz, não são os mesmos, porque os fluidos perispirituais não mais afetam o sistema nervoso da mesma maneira que o verdadeiro ocupante.

Essa ocupação jamais pode ser definitiva; para isto, seria preciso a desagregação absoluta do primeiro perispírito, o que levaria forçosamente à morte. Ela nem mesmo pode ser de longa duração, uma vez que o novo perispírito, não tendo sido unido a esse corpo desde a formação deste, nele não tem raízes; não tendo sido modelado por esse corpo, não é adequado ao funcionamento dos órgãos; o Espírito intruso aí não está numa posição normal; é incomodado em seus movimentos, razão por que deixa essa vestimenta de empréstimo, desde que dela não mais necessite.

Quanto à posição particular do Espírito em questão, não veio voluntariamente ao corpo de que se serviu para falar; a ele foi atraído pelo próprio Espírito Morin, que quis tirar prazer de seu embaraço; o outro, porque cedeu ao secreto desejo de se mostrar, ainda e sempre, como céptico e zombador, aproveitou a ocasião que lhe era oferecida. O papel um tanto ridículo que representou, por assim dizer malgrado seu, servindo-se de sofismas para explicar sua posição, é uma espécie de humilhação, cujo amargor sentirá ao despertar, e que lhe será proveitoso.

Observação – O despertar desse Espírito não poderá deixar de provocar observações instrutivas. Como se viu, em vida era um tipo de materialista sensualista; jamais teria aceitado o

Espiritismo. Os homens dessa categoria buscam as consolações da vida nos prazeres materiais; não são da escola de Büchner pelo estudo; mas porque esta doutrina liberta do constrangimento imposto pela espiritualidade, ela deve, em sua opinião, estar certa. Para eles, o Espiritismo não é um benefício, mas um constrangimento; não há provas que possam triunfar de sua obstinação; repelem-nas, menos por convicção do que por medo de que sejam verdadeiras.

Um Espírito que se Julga Proprietário

Em casa de um dos membros da Sociedade de Paris, que faz reuniões espíritas, desde algum tempo vinham bater à porta, mas, quando iam abrir, não encontravam ninguém. Os toques de campainha eram dados com força e como que por alguém que estivesse resolvido a entrar. Tendo sido tomadas todas as precauções para assegurar-se de que o fato não se devia nem a uma causa accidental, nem à malevolência, concluiu-se que deveria ser uma manifestação. Num dia de sessão o dono da casa pediu ao visitante invisível que se desse a conhecer e dissesse o que desejava. Eis as duas comunicações que deu:

I

(Paris, 22 de dezembro de 1868)

Agradeço-vos, senhor, o amável convite para tomar a palavra, e já que me encorajais, vencerei minha timidez para vos externar francamente o meu desejo.

Inicialmente, devo dizer que nem sempre fui rico. Nasci pobre e, se venci, devo-o apenas a mim. Não vos direi, como tantos outros, que cheguei a Paris de tamancos; é uma velha lengalenga que não pega mais; mas eu tinha o ardor e o espírito do especulador por excelência. Quando menino, se eu emprestava três bolas de

bilhar, tinham que me devolver quatro. Negociava com tudo o que tinha e ficava feliz ao ver pouco a pouco o meu tesouro crescer. É verdade que circunstâncias infelizes me despojaram várias vezes; eu era fraco; outros, mais fortes, apoderavam-se de meus ganhos e eu tinha que recomeçar tudo. Mas eu era perseverante.

Pouco a pouco deixei a infância; minhas idéias cresceram. Menino, tinha explorado meus camaradas; moço, explorava os companheiros de oficina. Fazia corridas; era amigo de todo o mundo, mas fazia pagar meu trabalho e minha amizade. “Ele é bem complacente, mas não se lhe deve falar em dar.” He! he! é assim que se chega. Ide, pois, ver esses belos filhos de hoje, que gastam tudo o que possuem no jogo e no café! arruinam-se e se endividam, de alto a baixo da escala. Eu deixava que os outros corressem como loucos, às cambalhotas; eu andava lentamente, com prudência; por isso cheguei ao porto e adquiri uma fortuna considerável.

Eu era feliz; tinha mulher e filhos; ela, um tanto coquete, os outros, gastadores. Pensava que com a idade tudo isto desaparecesse; mas não. Entretanto, eu os mantive por muito tempo em rédea curta. Mas um dia adoeci. Chamaram o médico que, sem dúvida, fez muito mal à minha bolsa; depois... perdi os sentidos...

Quando recobrei a razão, tudo ia às mil maravilhas! Minha mulher recebia visitas; meus filhos tinham carruagens, cavalos, domésticos, mordomos, que sei eu! todo um exército voraz que se atirou sobre o meu pobre patrimônio, tão penosamente adquirido, para o esbanjar.

Entretanto, logo percebi que a desordem estava organizada; não gastavam senão as rendas, mas gastavam largamente. Eram bastante ricos; não precisavam mais capitalizar, como o bom velho; era preciso gozar, e não entesourar... E eu ficava boquiaberto, sem saber o que dizer, porque, se erguia a voz,

não era ouvido; fingiam não me ver. Sou uma nulidade; os criados ainda não me enxotaram, embora o meu costume não esteja em harmonia com o luxo dos apartamentos; mas não me prestam atenção. Sento-me, levanto-me, esbarro nos visitantes, detenho os criados; parece que nada sentem. Contudo, tenho vigor, espero que o possais testemunhar, vós que me ouvistes tocar. Creio que é de propósito; sem dúvida querem que eu enlouqueça, para se livrarem de mim.

Tal era minha situação, quando vim visitar uma de minhas casas. Velho hábito que ainda conservo, embora não seja mais o dono; mas vi construir tudo. Foram os meus escudos que pagaram tudo; e eu gosto dessas casas, cuja renda enriquece meus filhos ingratos.

Assim, cá eu estava em visita, quando soube que espíritas aqui se reuniam. Isto me interessou. Inquiri-me sobre o Espiritismo e soube que os espíritas pretendiam explicar todas as coisas. Como minha situação me parece pouco clara, não me desgostaria se recebesse, a respeito, o conselho dos Espíritos. Nem sou um incrédulo, nem um curioso; tenho vontade de ver e crer, ser esclarecido e, se me reconduzirdes à posição de governar tudo em minha casa, palavra de proprietário, não subirei o vosso aluguel enquanto viver.

II

(Paris, 29 de dezembro de 1868)

Dizeis que estou morto? Mas pensais bem no que dizeis?... Pretendeis que meus filhos não me vêem, nem me escutam; mas vós me vedes e me escutais, já que entrais em conversação comigo? já que abris a porta quando toco? já que interrogais e eu respondo?... Escutai, vejo o que há: sois menos fortes do que eu pensava, e como os vossos Espíritos nada podem dizer, quereis confundir-me, fazendo-me duvidar de minha razão...

Tomais-me por uma criança? Se eu tivesse morrido, seria um Espírito como eles e os veria; mas não vejo nenhum e ainda não me pusestes em contato com eles.

Há, contudo, uma coisa que me intriga. Dizei-me, pois, por que escreveis tudo o que digo? Por acaso quereis trair-me? Dizem que os espíritas são loucos; pensais, talvez, em dizer aos meus filhos que me ocupo de Espiritismo, dando-lhes, assim, meios de me interditar?

Mas ele escreve, escreve!... Mal acabei de pensar e minhas idéias já estão no papel... Tudo isto não está claro!... O que é certo é que vejo, falo, respiro, ando, subo escadas e, graças a Deus, percebo claramente que é no quinto andar que habitais... Não é caridoso brincar assim com as penas dos outros. Sofro; não posso mais e pretendem fazer-me crer que não tenho mais corpo?... Creio que sinto bem a minha asma!... Quanto aos que me disseram que não era senão o Espiritismo, pois bem! são pessoas como vós, minhas conhecidas, que eu tinha perdido de vista e que encontrei desde a minha doença!

Oh! mas... é singular!... Oh! por exemplo, não existo mais; absolutamente!... Mas, parece-me... Oh! minha memória que se vai... sim... não... mas sim... palavra que estou louco... Falei a pessoas que julgava mortas e enterradas há oito ou dez anos... Por Deus! Eu assisti aos enterros; fiz negócios com os herdeiros!... É realmente estranho!... E elas falam! Andam... conversam!... sentem o seu reumatismo!... falam da chuva e do bom tempo... tomam do meu tabaco e me apertam a mão!

Mas, então, eu!... Não, não, não é possível! Eu não estou morto! Não se morre assim, sem se dar conta... Ainda estive no cemitério, justamente no fim de minha doença... era um parente... meu filho estava de luto... minha mulher lá não estava, mas chorava... Eu o acompanhei, pobre querido... Mas, quem era,

então?... Na verdade não sei... Que perturbação estranha me agita!... Seria eu?... Mas não; pois se eu acompanhava o corpo, não podia estar no caixão... Estar lá, e lá no fundo!... e, contudo!... como tudo isto é estranho!... que labirinto confuso!... Não me digais nada; quero procurar só; vós me perturbais... Deixai-me; eu voltarei... Decididamente, parece que sou um fantasma!... Oh! que coisa singular!

Observação – Esse Espírito está na mesma situação que o precedente, no sentido de que um e outro ainda se julgam neste mundo; mas há entre eles esta diferença: um se julga de posse de seu corpo carnal, ao passo que o outro tem consciência de seu estado espiritual, mas imagina que sonha. Este último está, sem sombra de dúvida, mais próximo da verdade e, contudo, será o último a reconhecer o seu erro. É verdade que o ex-proprietário estava muito apegado aos bens materiais, mas a sua avareza e os hábitos de economia um pouco sórdida provam que não levava uma vida sensual. Além disso, não é incrédulo por natureza; não repele a espiritualidade. Luís, ao contrário, a teme; o que ele lamenta não é a ausência da fortuna que gastava em vida, mas os prazeres que tal esbanjamento lhe proporcionava. Não podendo admitir que sobrevive ao seu corpo, crê sonhar; compraz-se nessa idéia, na esperança de voltar à vida mundana; nela se agarra por todos os sofismas que sua imaginação pode lhe sugerir. Permanecerá, pois, nesse estado, já que o *quer*, até que a evidência venha abrir-lhe os olhos. Qual deles sofrerá mais ao despertar? A resposta é fácil: um só se surpreenderá levemente, enquanto o outro ficará apavorado.

Visão de Pergolesi

Contaram muitas vezes, e todos conhecem o estranho relato da morte de Mozart, cujo *Réquiem* tão célebre foi a última e incontestável obra-prima. A dar crédito a uma tradição napolitana

antiga e respeitável, muito tempo antes de Mozart, fatos não menos misteriosos e não menos interessantes teriam precedido, se não levado à morte prematura de um grande mestre: Pergolesi.

Ouvi essa tradição da própria boca de um velho camponês de Nápoles, essa terra das artes e das recordações; ele a recebera de seus avós, e em seu culto ao ilustre mestre, do qual falava, tinha o cuidado de nada alterar em seu relato.

Eu o imitarei e vos direi fielmente o que ele me contou.

Disse-me ele: “Conheceis a cidadezinha de *Casoria*, a poucos quilômetros de Nápoles. Foi lá que em 1704 Pergolesi veio à luz.

“Desde a mais tenra idade revelou-se o artista do futuro. Como sua mãe, como fazem todas as nossas, cantarolava junto dele as lendas rimadas de nossa terra, para adormecer *il bambino*, ou, segundo a ingênua expressão de nossas amas-de-leite napolitanas, a fim de chamar para junto do berço os anjinhos do sono (*angelini del sonno*), diz-se que o menino, ao invés de fechar os olhos, os arregalava, fixos e brilhantes; suas mãozinhas se agitavam e pareciam aplaudir; aos gritos alegres que escapavam de seu peito ofegante, dir-se-ia que essa alma, apenas desabrochada, já estremecia aos primeiros ecos de uma arte que um dia deveria cativá-la por inteiro.

“Aos oito anos, Nápoles o admirava como um prodígio, e durante mais de vinte anos a Europa inteira aplaudiu o seu talento e suas obras. Ele fez a arte musical dar um passo imenso; lançou, por assim dizer, o gérmen de uma era nova, que logo deveria produzir os mestres que se chamam Mozart, Méhul, Beethoven, Haydn e outros; numa palavra, a glória cobria a sua frente com a mais brilhante auréola.

“E, contudo, dir-se-ia que sobre essa fronte errava uma nuvem de melancolia, fazendo-a curvar-se para a terra. De vez em quando o olhar profundo do artista se elevava para o céu, como se aí buscasse alguma coisa, um pensamento, uma inspiração.

“Quando o interrogavam, respondia que uma vaga aspiração enchia sua alma, que no fundo de si mesmo ouvia como que os ecos incertos de um canto do céu, que o arrebatava e o elevava, mas não podia captá-lo e que, semelhante a um pássaro cujas asas, por demais fracas, não podem, à sua vontade, elevá-lo no espaço, caía na terra, sem ter podido seguir essa suave inspiração.

“Nesse combate, pouco a pouco a alma se esgotava; na mais bela idade da vida, pois então tinha apenas trinta e dois anos, Pergolesi parecia já ter sido tocado pelo dedo da morte. Seu gênio fecundo parecia ter-se tornado estéril, sua saúde definhava dia a dia; em vão seus amigos lhe procuravam a causa e ele próprio era incapaz de a descobrir.

“Foi nesse estado penoso e estranho que ele passou o inverno de 1735 a 1736.

“Sabeis com que piedade aqui celebramos, ainda em nossos dias, a despeito da debilidade da fé, o tocante aniversário da morte do Cristo; a semana em que a Igreja o relembra a seus filhos é bem realmente, para nós, uma *semana santa*. Assim, reportando-vos à época de fé em que vivia Pergolesi, podeis pensar com que fervor o povo acorria em massa às igrejas, para meditar as cenas enternecedoras do drama sangrento do Calvário.

“Na sexta-feira santa Pergolesi acompanhou a multidão. Aproximando-se do templo, parecia-lhe que uma calma, há muito desconhecida para ele, se fazia em sua alma e, quando transpôs o portal, sentiu-se como que envolto por uma nuvem ao mesmo tempo espessa e luminosa. Logo nada mais viu; profundo silêncio se fez em seu redor; depois, ante os seus olhos admirados,

e em meio à nuvem, na qual até então lhe parecia ter sido levado, viu desenharem-se os traços puros e divinos de uma virgem, inteiramente vestida de branco; ele a viu pousar seus dedos etéreos nas teclas de um órgão, e ouviu como um concerto longínquo de vozes melodiosas, que insensivelmente dele se aproximava. O canto que essas vozes repetiam o enchia de encantamento, mas não lhe era desconhecida; parecia-lhe que esse canto era aquele do qual não tinha podido perceber senão vagos ecos; essas vozes eram bem aquelas que, desde longos meses, lançavam perturbação em sua alma e agora lhe traziam uma felicidade sem limite. Sim, esse canto, essas vozes eram bem o sonho que ele tinha perseguido, o pensamento, a inspiração que inutilmente havia procurado por tanto tempo.

“Mas, enquanto sua alma, arrebatada no êxtase, bebia a longos sorvos as harmonias simples e celestes desse concerto angélico, sua mão, como que movida por força misteriosa, agitava-se no espaço e parecia traçar, mau grado seu, notas que traduziam os sons que o ouvido escutava.

“Pouco a pouco as vozes se afastaram, a visão desapareceu, a nuvem se desvaneceu e Pergolesi viu, ao abrir os olhos, escrito por sua mão, no mármore do templo, esse canto de sublime simplicidade, que o devia immortalizar, o *Stabat Mater*, que desde esse dia todo o mundo cristão repete e admira.

“O artista ergueu-se, saiu do templo, calmo, feliz e não mais inquieto e agitado. Mas nesse dia uma nova aspiração se apoderou dessa alma de artista; ela ouvira o canto dos anjos, o concerto dos céus. As vozes humanas e os concertos terrestres já não lhe podiam bastar. Essa sede ardente, impulso de um grande gênio, acabou por esgotar o sopro de vida que lhe restava, e foi assim que aos trinta e três anos, na exaltação, na febre, ou melhor, no *amor sobrenatural* de sua arte, Pergolesi encontrou a morte.”

Tal é a narração de meu napolitano. Como eu disse, não passa de uma tradição. Não defendo a sua autenticidade e a História talvez não a confirme em todos os pontos, mas é muito tocante para que não nos deleitemos com o seu relato.

Ernest Le Nordex

Petit Moniteur de 12 de dezembro de 1868

Bibliografia

HISTÓRIA DOS CALVINISTAS DAS CEVENAS

Por Eug. Bonnemère⁵

A guerra empreendida por Luís XIV contra os calvinistas, ou Tremedores das Cevenas, é, sem sombra de dúvida, um dos mais tristes e mais emocionantes episódios da história da França. Talvez ela seja menos notável do ponto de vista puramente militar, ao repetir as atrocidades muito comuns nas guerras de religião, do que pelos inumeráveis casos de sonambulismo espontâneo, êxtase, dupla vista, previsões e outros fenômenos do mesmo gênero, que se produziram durante todo o curso dessa cruzada infeliz. Esses fatos, que então eram considerados sobrenaturais, sustentavam a coragem dos calvinistas, acossados nas montanhas, como feras, ao mesmo tempo que os faziam considerar como possessos do diabo, por uns, e como iluminados, por outros. Tendo sido uma das causas que provocaram e alimentaram a perseguição, representam um papel principal e não acessório. Mas, como os historiadores poderiam apreciá-los, quando então lhes faltavam todos os elementos necessários para se esclarecerem quanto à natureza de sua realidade? Não puderam senão desnaturá-los e apresentá-los sob uma luz falsa.

5 1 vol. in-12, 3 fr. 50; pelo correio: 4 fr. Paris, Décembre-Alonnier, lib.

Só os novos conhecimentos fornecidos pelo magnetismo e o Espiritismo poderiam projetar luz sobre a questão. Ora, como não se pode falar com verdade sobre o que não se compreende, ou do que se tem interesse em dissimular, esses conhecimentos eram tão necessários para que se fizesse um trabalho completo sobre o assunto, e isento de preconceitos, quanto o eram a Geologia e a Astronomia para comentar o Gênesis.

Demonstrando a verdadeira causa desses fenômenos, provando que não saem da ordem natural, esses conhecimentos lhes devolveram seu verdadeiro caráter. Dão, assim, a chave dos fenômenos do mesmo gênero que se produziram em muitas outras circunstâncias, e permitem separar o possível do exagero, da lenda.

Juntando ao talento de escritor e aos conhecimentos de historiador, um estudo sério e prático do Espiritismo e do magnetismo, o Sr. Bonnemère encontra-se nas melhores condições para tratar com conhecimento de causa e com imparcialidade o objetivo que empreendeu. A idéia espírita contribuiu uma vez mais para as obras de fantasia, mas é a primeira vez que o Espiritismo figura *nominalmente* e como elemento de controle numa obra histórica séria. É assim que, pouco a pouco, ele toma sua posição no mundo, e que se realizam as previsões dos Espíritos.

A obra do Sr. Bonnemère só aparecerá de 5 a 10 de fevereiro, mas como algumas provas nos foram mostradas, delas extraímos as passagens seguintes, que temos a satisfação de poder reproduzir por antecipação. Todavia, suprimimos as notas indicativas das peças de apoio. Acrescentaremos que ela se distingue das obras sobre o mesmo assunto por documentos novos, que ainda não tinham sido publicados na França, de modo que pode ser considerada como a mais completa.

Assim, ela se recomenda por mais de um título à atenção dos nossos leitores, que a poderão julgar pelos fragmentos abaixo:

“O mundo jamais viu nada de semelhante a esta guerra das Cevenas. Meu Deus! os homens e os demônios juntaram suas forças; os corpos e os Espíritos entraram em luta e, de maneira muito diversa da do Antigo Testamento, os profetas guiavam aos combates os guerreiros, que pareciam, eles próprios, deslumbrados além das condições ordinárias da vida.

“Os cépticos e os zombadores acham mais fácil negar; a Ciência, confundida, teme comprometer-se, desvia os olhos e recusa pronunciar-se. Mas, como não há fatos históricos mais incontestáveis do que estes, nem que tenham sido atestados por tão grande número de testemunhas, a zombaria, a mera negação não podem ser admitidas por mais tempo. Foi diante do sério povo inglês que juridicamente se recolheram os depoimentos, pelas mais solenes formas, ditados por protestantes refugiados, e foram publicadas em Londres, em 1707, quando a lembrança de todas essas coisas ainda estava viva em todas as memórias e os desmentidos as poderiam ter esmagado sob o seu número, caso fossem falsas.

“Queremos falar do *Teatro sagrado das Cevenas, ou Relato das diversas maravilhas novamente operadas nesta parte do Languedoc*, do qual vamos fazer largas citações.

“Os estranhos fenômenos que aí se acham referidos não buscavam, para se produzirem, nem a sombra, nem o mistério; manifestavam-se diante dos intendentés, dos generais, dos bispos, como diante dos ignorantes e dos pobres de espírito. Era testemunha quem quisesse e tivesse podido estudá-los, caso o desejasse.

“Vi nesse gênero, escrevia Villars a Chamillard, em 25 de setembro de 1704, coisas em que jamais teria acreditado, se não se tivessem passado sob os meus olhos: uma cidade inteira, cujas mulheres todas pareciam possuídas do diabo. Tremiam e

profetizavam publicamente nas ruas. Mandei prender vinte das piores, uma das quais teve a ousadia de tremer e profetizar em minha frente. Prendi-a para exemplo e mandei recolher as outras nos hospitais.

“Tais procedimentos eram comuns na época de Luís XIV, e mandar prender uma pobre mulher porque uma força desconhecida a constrangia a dizer diante de um marechal de França coisas que não lhe agradavam, era uma maneira de agir que a ninguém revoltava, tanto era simples e natural e estava nos hábitos do tempo. Hoje, é preciso ter coragem para enfrentar a dificuldade e lhe buscar soluções menos brutais e mais probantes.

“Não acreditamos no maravilhoso, nem nos milagres. Vamos, então, explicar naturalmente, o melhor que pudermos, esse grave problema histórico que, até hoje, ficou sem solução. Vamos fazê-lo ajudando-nos com as luzes que o magnetismo e o Espiritismo hoje põem à nossa disposição, sem pretender impor essas crenças a ninguém.

“É lamentável que não possamos consagrar senão algumas linhas àquilo que, compreende-se, exigiria um volume de desenvolvimentos. Diremos apenas, para tranquilizar os espíritos tímidos, que isto em nada choca as idéias cristãs; não precisamos de outra prova senão destes dois versículos do Evangelho de São Mateus:

“Quando, pois, vos entregarem nas mãos dos governadores e dos reis, não vos preocupeis como lhes haveis de falar, nem o que direis, porque o que houverdes de dizer vos será dado na ocasião;

“Porquanto não sois vós que falais, é o Espírito do vosso Pai quem fala em vós. (Mateus, 10:19 e 20.)

“Deixamos aos comentadores o cuidado de decidir qual é, ao certo, esse Espírito de nosso Pai, que, em certos momentos, se substitui ao nosso, fala em nosso lugar e nos inspira. Talvez se possa dizer que toda geração que desaparece é o pai e a mãe da que lhe sucede, e que os melhores entre os que parecem não mais existir, elevando-se rapidamente quando desembaraçados dos entraves do corpo material, vêm ocupar os órgãos daqueles de seus filhos que julgam dignos de lhes servir de intérpretes, e que expiarão caro, um dia, o mau uso que tiverem feito das faculdades preciosas que lhes são delegadas.

“O magnetismo desperta, superexcita e desenvolve em certos sonâmbulos o instinto que a Natureza deu a todos os seres para a sua cura, e que nossa civilização incompleta abafou em nós, para substituí-lo pelas falsas luzes da Ciência.

“O sonâmbulo natural põe seu sonho em ação, eis tudo. Nada toma dos outros, nada pode por eles.

“O sonâmbulo fluídico, ao contrário, aquele no qual o contato do fluido do magnetizador provoca esse estado bizarro, sente-se imperiosamente atormentado pelo desejo de aliviar seus irmãos. Vê o mal, ou vem indicar-lhe o remédio.

“O sonâmbulo inspirado, que por vezes pode ser, ao mesmo tempo, fluídico, é o mais ricamente dotado, e nele a inspiração se mantém nas esferas elevadas, quando ela se manifesta espontaneamente. Só ele é um revelador; só nele reside o progresso, porque só ele é o eco, o instrumento dócil de um Espírito diferente do seu, e mais adiantado.

“O fluido é um ímã que atrai os mortos bem-amados para os que ficam. Desprende-se abundantemente dos inspirados e vai despertar a atenção dos seres que partiram primeiro, e que lhes são simpáticos. Estes, por seu lado, depurados e esclarecidos por uma vida melhor, julgam melhor e conhecem melhor essas

naturezas primitivas, honestas, passivas, que podem servir-lhes de intermediárias na ordem dos fatos que julgam útil revelar-lhes.

“No século passado eram chamados extáticos. Hoje são *médiuns*.

“O Espiritismo é a correspondência das almas entre si. Segundo os adeptos desta crença, um ser invisível se põe em comunicação com um outro, gozando de uma organização particular que o torna apto a receber os pensamentos dos que viveram e a escrevê-los, seja por um impulso mecânico inconsciente imprimido à mão, seja pela transmissão direta à inteligência dos médiuns.

“Se, por algum momento, se quiser conceder alguma crença a estas idéias, compreender-se-á facilmente que as almas indignadas desses mártires, que o grande rei imolava às centenas todos os dias, tenham vindo proteger os seres queridos, dos quais haviam sido violentamente separadas, os tenham sustentado, guiado, consolado em meio às suas duras provações, inspirado por seu espírito, e que lhes tenham anunciado previamente – o que aconteceu muitas vezes – os perigos que os ameaçavam.”

“Só um pequeno número era verdadeiramente inspirado. O desprendimento fluídico que deles saía, como de certos seres superiores e privilegiados, agia sobre essa multidão profundamente perturbada que os cercava, mas sem poder desenvolver na maior parte deles, outra coisa senão os fenômenos grosseiros e largamente falíveis da alucinação. Inspirados e alucinados, todos tinham a pretensão de profetizar, mas estes últimos emitiam uma porção de erros, em meio dos quais não se podia mais discernir as verdades que o Espírito realmente soprava aos primeiros. Essa massa de alucinados por sua vez reagia sobre os inspirados e lançava a perturbação no meio de suas manifestações...”

“Diz o abade Pluquet que eram necessários auxílios extraordinários e prodígios, para sustentarem a fé dos restos dispersos do protestantismo. Eles explodiram de todos os lados entre os reformados, durante os quatro primeiros anos que se seguiram à revogação do Edito de Nantes. Ouviram-se nos ares, nas cercanias dos lugares onde outrora existiram templos, vozes tão perfeitamente semelhantes aos cantos dos salmos, tal como os protestantes os cantam, que não podiam ser tomados por outra coisa. Essa melodia era celeste e essas vozes angélicas cantavam os salmos conforme a versão de Clément Marot e Théodore de Bèze. Essas vozes foram ouvidas no Béarn, nas Cevenas, em Vassy, etc. Ministros fugitivos foram escoltados por essa divina salmodia e até a trombeta só os abandonou depois de haverem transposto as fronteiras do reino. Jurieu reuniu com cuidado as testemunhas dessas maravilhas e daí concluiu que ‘Deus, tendo feito bocas no meio dos ares, era uma censura indireta que a Providência fazia aos protestantes da França por se terem calado muito facilmente.’ Ousou predizer que em 1689 o calvinismo seria restabelecido na França...

“O Espírito do Senhor estará convosco, havia dito Jurieu; falará pela boca das crianças e das mulheres, em vez de vos abandonar.”

“Era mais que o necessário para que os protestantes perseguidos se comovessem em ver as mulheres e as crianças se pondo a profetizar.

“Um homem mantinha em sua casa, numa vidraria oculta no topo da montanha de Peyrat, no Dauphiné, uma verdadeira escola de profecia. Era um velho gentil-homem, chamado Du Serre, nascido na aldeia de Dieu-le-Fit. Aqui as origens são um pouco obscuras. Diz-se que tinha sido iniciado em Genebra, nas práticas de uma arte misteriosa, cujo segredo era transmitido a um pequeno número de pessoas. Reunindo em casa

alguns rapazes e moças, cuja natureza impressionável e nervosa por certo tinha observado, submetia-os previamente a jejuns austeros; agia poderosamente sobre sua imaginação, estendia as mãos para eles, como que para lhes impor o Espírito de Deus, soprava sobre suas frentes e os fazia cair como inanimados à sua frente, olhos fechados, adormecidos, os membros rígidos pela catalepsia, insensíveis à dor, não vendo, não ouvindo mais nada do que se passava ao seu redor, embora parecessem escutar vozes interiores, que lhes falavam, e vissem espetáculos esplêndidos, cujas maravilhas contavam. Porque, nesse estado bizarro, falavam, escreviam; depois, voltando ao estado ordinário, não se lembravam mais de nada do que tinham feito, do que tinham dito, do que tinham escrito.

“Eis o que conta Brueys desses ‘pequenos profetas adormecidos’, como os chama. Aí encontramos os processos, hoje bem conhecidos, do magnetismo, e quem o quiser poderá, em muitas circunstâncias, reproduzir os *milagres* do velho gentil-homem vidreiro...

“Em 1701 houve uma nova explosão de profetas. Choviam do céu, brotavam da terra e, das montanhas do Lozère até a costa do Mediterrâneo, eram contados aos milhares. Os católicos haviam tomado os filhos dos calvinistas: Deus se serviu dos filhos para protestar contra essa prodigiosa iniquidade. O governo do grande rei só conhecia a violência. Prendiam em massa, ao acaso, esses *profetas-mirins*; açoitavam impiedosamente os menores, queimavam a planta dos pés dos maiores. Nada se fez, e havia mais de trezentos deles nas prisões de Uzès, quando a faculdade de Montpellier recebeu ordem de se transportar àquela cidade, para examinar o seu estado. Após maduras reflexões, a douta faculdade os declarou ‘atingidos de fanatismo.’

“Esta bela solução da ciência oficial, que ainda hoje não poderia dizer muito mais sobre a questão, não pôs termo a essa

onda transbordante de inspirações. Então Bâville publicou um decreto (setembro de 1701) para tornar os pais responsáveis pelo *fanatismo* de seus filhos.

“Puseram soldados à vontade em casa de todos quantos não haviam podido desviar seus filhos desse perigoso ofício e os condenaram a penas arbitrárias. Por isto mesmo, tudo repercutia os lamentos e clamores desses pais infortunados. A violência foi levada tão longe que, para dela se livrarem, houve várias pessoas que denunciaram os próprios filhos, ou os entregaram aos intendentes e aos magistrados, dizendo-lhes: ‘Ei-los; nós nos desobrigamos deles; vós mesmos fazei-os perder, se possível, a vontade de profetizar.’

“Vãos esforços! Acorrentavam, torturavam o corpo, mas o Espírito permanecia livre e os profetas se multiplicavam. Em novembro, retiraram mais de duzentos das Cevenas ‘que condenaram a servir ao rei, uns nos seus exércitos, outros nas galeras.’ (Corte de Gébelin). Houve execuções capitais, que não pouparam nem mesmo as mulheres. Em Montpellier enforcaram uma profetisa do Vivarais, porque lhe saía sangue dos olhos e do nariz, que ela chamava lágrimas de sangue e chorava os infortúnios de seus correligionários, os crimes de Roma e dos papistas...

“Uma surda irritação, uma onda de cólera há muito contida rebentava em todos os peitos ao cabo desses vinte anos de intoleráveis iniquidades. A paciência das vítimas não esgotava o furor dos carrascos. Pensou-se, enfim, em repelir a força pela força...

“Era, sem dúvida, diz Brueys, um espetáculo deveras extraordinário e muito novo; via-se marchar gente de guerra para ir combater pequenos exércitos de profetas.” (Tomo I, página 156.)

“Espetáculo estranho, com efeito, porque os mais perigosos entre esses pequenos profetas se defendiam a pedradas,

refugiados em alturas inacessíveis. Mas na maioria das vezes não tentavam senão defender sua vida. Quando as tropas avançavam para os atacar, marchavam corajosamente contra elas, soltando grandes gritos: ‘Tartara! tartara! Para trás, Satã!’ Diziam que acreditavam que a palavra *tartara*, como um exorcismo, devia pôr os inimigos em fuga, que eles próprios eram invulneráveis, ou que ressuscitariam ao cabo de três dias, se viessem a sucumbir na refrega. Suas ilusões não foram de longa duração nesses vários pontos e logo opuseram aos católicos armas mais eficazes.

“Em dois confrontos na montanha de Chailaret, não longe de Saint-Genieys, mataram algumas centenas, prenderam um bom número e o resto pareceu dispersar-se. Bâville julgava os cativos, mandava prender alguns e enviava o resto para as galeras; e como nada de tudo isto parecia absolutamente desencorajar os reformados, continuaram a procurar as assembléias no deserto, a degolar sem piedade os que se rendiam, sem que estes pensassem ainda em opor uma séria resistência aos seus algozes. Segundo o depoimento de uma profetisa chamada Isabel Charras, consignado no *Teatro sagrado das Cevenas*, esses infelizes mártires voluntários entregavam-se, previamente advertidos pelas revelações dos extáticos, da sorte que os aguardava. Aí se lê:

“O chamado Jean Héraut, de nossa vizinhança, e, com ele, quatro ou cinco de seus filhos, tinham inspirações. Os dois mais novos tinham, um sete anos, o outro cinco anos e meio, quando receberam o dom; eu os vi muitas vezes em seus êxtases. Um outro vizinho nosso, chamado Marliant, também tinha dois filhos e três filhas no mesmo estado. A mais velha era casada. Estando grávida de cerca de oito meses, foi a uma assembléia, em companhia dos irmãos e das irmãs, levando consigo o filhinho de sete anos. Ali foi massacrada com o dito menino, um dos irmãos e uma das irmãs. O irmão que não foi morto foi ferido, mas se curou, e a mais nova das irmãs foi deixada como morta, debaixo de corpos massacrados, sem ter sido ferida. A outra irmã, ainda viva, foi

levada para a casa dos pais, mas morreu dos ferimentos, alguns dias depois. Eu não estava na assembléia, mas vi o espetáculo desses mortos e desses feridos.

“O que há de mais notável é que todos esses mártires tinham sido avisados pelo Espírito do que lhes devia acontecer. Tinham-no dito a seu pai, dele se despedindo e lhe tomando a bênção, na tardinha em que saíram de casa para ir à assembléia, que devia realizar-se na noite seguinte. Quando o pai viu todas esses lamentáveis insucessos, não sucumbiu à sua dor, mas, ao contrário, disse com piedosa resignação: ‘O Senhor mos deu, o Senhor mos tirou; bendito seja o nome do Senhor.’ Foi do irmão, do genro, dos dois filhos feridos e de toda a família que eu soube que tudo isto tinha sido predito.”

Eugène Bonnemère

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

MARÇO DE 1869

Nº 3

A Carne é Fraca

ESTUDO PSICOLÓGICO E MORAL⁶

Há inclinações viciosas que, evidentemente, são inerentes ao Espírito, porque se devem mais ao moral do que ao físico; outras mais parecem consequência do organismo e, por este motivo, nós nos julgamos menos responsáveis; tais são as predisposições à cólera, à indolência, à sensualidade, etc.

Está hoje perfeitamente reconhecido, pelos filósofos espiritualistas, que os órgãos cerebrais correspondentes às diversas aptidões, devem o seu desenvolvimento à atividade do Espírito; que esse desenvolvimento é, assim, um efeito e não uma causa. Um homem não é músico porque tenha a *bossa* da música, mas tem a *bossa* da música porque seu Espírito é músico. (*Revista* de julho de 1860 e abril de 1862.)

Se a atividade do Espírito reage sobre o cérebro, deve reagir igualmente sobre as outras partes do organismo. Assim, o Espírito é o artífice de seu próprio corpo, que, a bem dizer, modela, a fim de apropriá-lo às suas necessidades e à manifestação de suas

⁶ Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 533.

tendências. Assim sendo, a perfeição do corpo nas raças adiantadas seria o resultado do trabalho do Espírito, que aperfeiçoa a sua ferramenta à medida que aumentam as suas faculdades. (*A Gênese segundo o Espiritismo*, cap. XI, “Gênese espiritual”.)

Por uma conseqüência natural deste princípio, as disposições morais do Espírito devem modificar as qualidades do sangue, dar-lhe maior ou menor atividade, provocar uma secreção mais ou menos abundante de bile ou outros fluidos. É assim, por exemplo, que o glutão sente vir a saliva ou, como se diz vulgarmente, a água à boca à vista de um prato apetitoso. Não é o alimento que superexcita o órgão do paladar, pois não há contato; é o Espírito, cuja sensualidade é despertada, que age pelo pensamento sobre esse órgão, enquanto a vista daquele prato nada produz sobre outro Espírito. Dá-se o mesmo em todas as cobiças, em todos os desejos provocados pela vista. A diversidade das emoções não pode explicar-se, numa porção de casos, senão pela diversidade das qualidades do Espírito. Tal a razão pela qual uma pessoa sensível chora facilmente; não é a abundância das lágrimas que dá a sensibilidade ao Espírito, mas a sensibilidade do Espírito que provoca a secreção abundante de lágrimas. Sob o império da sensibilidade, o organismo modelou-se sob esta disposição normal do Espírito, como se modelou sob a do Espírito glutão.

Seguindo esta ordem de idéias, compreende-se que um Espírito irascível deve levar ao temperamento bilioso; donde se segue que um homem não é colérico porque seja bilioso, mas que é bilioso porque é colérico. Dá-se o mesmo com todas as outras disposições instintivas; um Espírito mole e indolente deixará o seu organismo num estado de atonia em conformidade com o seu caráter, ao passo que, se for ativo e enérgico, dará ao seu sangue, aos seus nervos, qualidades completamente diferentes. A ação do Espírito sobre o físico é de tal modo evidente que, muitas vezes, se vêem graves desordens orgânicas produzidas por efeito de violentas comoções morais. A expressão vulgar: *A emoção lhe fez*

subir o sangue, não é assim tão desprovida de sentido quanto se podia crer. Ora, o que pôde alterar o sangue, senão as disposições morais do Espírito?

Este efeito é sensível sobretudo nas grandes dores, nas grandes alegrias, nos grandes pavores, cuja reação pode até causar a morte. Vêm-se pessoas que morrem do medo de morrer. Ora, que relação existe entre o corpo do indivíduo e o objeto que lhe causa pavor, objeto que, no mais das vezes, não tem qualquer realidade? Diz-se que é o efeito da imaginação; seja; mas o que é a imaginação, senão um atributo, um modo de sensibilidade do Espírito? Parece difícil atribuir a imaginação aos músculos e aos nervos, pois, então, não se explicaria por que esses músculos e esses nervos nem sempre têm imaginação; por que não a têm após a morte; por que o que nuns causa um pavor mortal, superexcita a coragem em outros.

Seja qual for a sutileza que se use para explicar os fenômenos morais exclusivamente pelas propriedades da matéria, cai-se inevitavelmente num impasse, no fundo do qual se percebe, com toda a evidência, e como única posição possível, o ser espiritual independente, para quem o organismo não passa de um meio de manifestação, como o piano é o instrumento das manifestações do pensamento do músico. Assim como o músico afina o seu piano, pode-se dizer que o Espírito afina o seu corpo para pô-lo no diapasão de suas disposições morais.

É realmente curioso ver o materialismo falar incessantemente da necessidade de resgatar a dignidade do homem, quando se esforça por reduzi-lo a um pedaço de carne, que apodrece e desaparece sem deixar qualquer vestígio; de reivindicar para ele a liberdade como um direito natural, quando o transforma num mecanismo, agindo como um autômato, sem responsabilidade por seus atos.

Com o ser espiritual independente, preexistente e sobrevivente ao corpo, a responsabilidade é absoluta. Ora, para o maior número, o primeiro, o principal móvel da crença no niilismo, é o pavor que causa essa responsabilidade, *fora da lei humana*, e à qual se crê escapar, tapando os olhos. Até hoje esta responsabilidade nada tinha de bem definido; não era senão um medo vago, fundado, é preciso reconhecer, em crenças nem sempre admissíveis pela razão; o Espiritismo a demonstra como uma realidade patente, efetiva, sem restrição, como uma consequência natural da espiritualidade do ser. Eis por que certas pessoas têm medo do Espiritismo, que as perturbaria em sua quietude, erguendo à sua frente o temível tribunal do futuro. Provar que o homem é responsável por todos os seus atos é provar a sua liberdade de ação, e provar a sua liberdade é resgatar a sua dignidade. A perspectiva da responsabilidade fora da lei humana é o mais poderoso elemento moralizador: é o objetivo ao qual conduz o Espiritismo pela força das coisas.

Conforme as observações fisiológicas que precedem, pode-se, pois, admitir que o temperamento é, ao menos em parte, determinado pela natureza do Espírito, que é causa e não efeito. Dizemos em parte, porque há casos em que o físico evidentemente influi sobre o moral: é quando um estado mórbido ou anormal é determinado por uma causa externa, acidental, independente do Espírito, como a temperatura, o clima, os vícios hereditários de constituição, um mal-estar passageiro, etc. O moral do Espírito pode, então, ser afetado em suas manifestações pelo estado patológico, sem que sua natureza intrínseca seja modificada.

Desculpar-se de suas más ações com a fraqueza da carne não é senão um subterfúgio para escapar à responsabilidade. *A carne só é fraca porque o Espírito é fraco*, o que derruba a questão e deixa ao Espírito a responsabilidade de todos os seus atos. A carne, que nem tem pensamento nem vontade, jamais prevalece sobre o Espírito, que é o ser *pensante e voluntarioso*. É o Espírito que dá à

carne as qualidades correspondentes aos seus instintos, como um artista imprime à sua obra material o cunho de seu gênio. Liberto dos instintos da bestialidade, o Espírito modela um corpo, que não é mais um tirano para as suas aspirações à espiritualidade de seu ser; é então que o homem come para viver, porque viver é uma necessidade, mas não vive mais para comer.

A responsabilidade moral dos atos da vida fica, pois, inteira; mas, diz a razão que as conseqüências desta responsabilidade devem estar na razão do desenvolvimento intelectual do espírito; quanto mais esclarecido, menos desculpável, porque, com a inteligência e o senso moral, nascem as noções do bem e do mal, do justo e do injusto. O selvagem, ainda vizinho da animalidade, que cede ao instinto do animal, comendo o seu semelhante, é, sem contradita, menos culpável do que o homem civilizado que comete uma simples injustiça.

Esta lei ainda encontra sua aplicação na Medicina e dá a razão do insucesso desta em certos casos. Desde que o temperamento é um efeito e não uma causa, os esforços tentados para modificá-lo podem ser paralisados pelas disposições morais do Espírito, que opõe uma resistência inconsciente e neutraliza a ação terapêutica. É, pois, sobre a causa primeira que se deve agir; se não se consegue mudar as disposições morais do Espírito, o pensamento se modificará por si mesmo, sob o império de uma vontade diferente ou, pelo menos, a ação do tratamento médico será secundada, em vez de ser contrariada. Se possível, daí coragem ao poltrão, e vereis cessarem os efeitos fisiológicos do medo; dá-se o mesmo em outras disposições.

Mas, perguntarão, pode o médico do corpo fazer-se médico da alma? Está em suas atribuições fazer-se moralizador de seus doentes? Sim, sem dúvida, em certos limites; é mesmo um dever, que um bom médico jamais negligencia, desde o instante que vê no estado de alma um obstáculo ao restabelecimento da saúde

do corpo. O essencial é aplicar o remédio moral com tato, prudência e a propósito, conforme as circunstâncias. Deste ponto de vista, sua ação é forçosamente circunscrita, porquanto, além de não exercer sobre o seu doente senão um ascendente moral, em certa idade é difícil uma transformação do caráter. É, pois, à educação, e sobretudo à primeira educação, que incumbem os cuidados dessa natureza. Quando, desde o berço, a educação for dirigida nesse sentido; quando se aplicar em abafar, em seus germes, as imperfeições morais, como faz com as imperfeições físicas, o médico não mais encontrará, no temperamento, um obstáculo contra o qual a sua ciência muitas vezes é impotente.

Como se vê, é todo um estudo; mas um estudo completamente estéril, enquanto não se levar em conta a ação do elemento espiritual sobre o organismo. Participação incessantemente ativa do elemento espiritual nos fenômenos da vida, tal é a chave da maior parte dos problemas contra os quais se choca a Ciência. Quando esta levar em consideração a ação desse princípio, verá se abrirem à sua frente horizontes inteiramente novos. É à demonstração desta verdade que conduz o Espiritismo.

Apóstolos do Espiritismo na Espanha

Ciudad-Real, fevereiro de 1869.

Ao Sr. Allan Kardec.

Caro Senhor,

Os espíritas que compõem o círculo da cidade de Andújar, hoje disseminados pela vontade de Deus para a propagação da verdadeira Doutrina, vos saúdam fraternalmente.

Ínfimos pelo talento, grandes pela fé, propomo-nos sustentar a Doutrina Espírita, tanto pela imprensa, como pela

palavra, tanto em público como em particular, porque é a mesma que Jesus pregou, quando veio à Terra para a redenção da Humanidade.

A Doutrina Espírita, chamada a combater o materialismo, a fazer prevalecer a divina palavra, a fim de que o espírito do Evangelho não seja mais truncado por ninguém, a preparar o caminho da igualdade e da fraternidade, necessita hoje, na Espanha, de apóstolos e de mártires. Se não podemos ser os primeiros, seremos os últimos: estamos prontos para o sacrifício.

Lutaremos sós ou em conjunto, com os que professam nossa Doutrina. Os tempos são chegados; não percamos, por indecisão ou por medo, a recompensa que está reservada aos que sofrem e são perseguidos pela justiça.

Nosso grupo era composto de seis pessoas, sob a direção espiritual do Espírito Fénelon. Nosso médium era Francisco Perez Blanca, e os outros: Pablo Medina, Luís Gonzalez, Francisco Marti, José Gonzalez e Manuel Gonzalez.

Depois de haver espalhado a semente em Andújar, estamos hoje em diversas cidades: Leon, Sevilha, Salamanca, etc., onde cada um de nós trabalha na propagação da Doutrina, o que consideramos como nossa missão.

Seguindo os conselhos de Fénelon, vamos publicar um jornal espírita. Desejando ilustrá-lo com extratos tirados das obras que publicastes, pedimos que nos concedais a permissão. Além disso, ficaríamos muito contentes com a vossa benévola cooperação e, para tal fim, pomos à vossa disposição as colunas do nosso jornal.

Agradecendo-vos antecipadamente, rogamos saudar, em nosso nome, os nossos irmãos da Sociedade de Paris.

E vós, caro senhor, recebei o fraternal abraço de vossos irmãos. Por todos,

Manuel Gonzalez Soriano

Em muitas ocasiões já dissemos que a Espanha contava numerosos adeptos, sinceros, devotados e esclarecidos. Aqui, não é mais devotamento, é abnegação; não uma abnegação irrefletida, mas calma, fria, como a do soldado que marcha para o combate, dizendo: Custe-me o que custar, cumprirei o meu dever. Não é essa coragem que flameja como um fogo de palha e se extingue ao primeiro alarme; que, antes de agir, calcula cuidadosamente o que pode perder ou ganhar: é o devotamento daquele que põe o interesse de todos acima do interesse pessoal.

Que teria sucedido às grandes idéias que fizeram avançar o mundo, se só tivessem encontrado defensores egoístas, devotados em palavras enquanto nada tivessem a temer e a perder, mas se dobrando ante um olhar de ameaça e o medo de comprometer algumas parcelas de seu bem-estar? As ciências, as artes, a indústria, o patriotismo, as religiões, as filosofias têm tido os seus apóstolos e os seus mártires. O Espiritismo também é uma grande idéia regeneradora; apenas surge; ainda não está completo, e já encontra corações devotados até a abnegação, até o sacrifício; devotamentos muitas vezes ignorados, não buscando a glória nem o brilho, mas que, por agir numa pequena esfera, nem por isso são menos meritórios, porque moralmente mais desinteressados.

Contudo, em todas as causas, os devotamentos em plena luz são necessários, porque eletrizam as massas. Não está longe o tempo, isto é certo, em que o Espiritismo terá também seus grandes defensores que, afrontando os sarcasmos, os preconceitos e a perseguição, empunharão sua bandeira com a firmeza que dá a consciência de fazer uma coisa útil; apoiá-lo-ão com a autoridade de seu nome e de seu talento, e seu exemplo arrastará a multidão dos tímidos que, por prudência, se tenham mantido afastados.

Nossos irmãos da Espanha abrem a marcha; cingem os rins e se preparam para a luta. Que recebam os nossos cumprimentos e os de seus irmãos em crença de todos os países, porque entre os espíritas não há distinção de nacionalidades. Seus nomes serão inscritos com honra ao lado dos corajosos pioneiros, aos quais a posteridade deverá um tributo de reconhecimento, por terem sido os primeiros a pagar com suas pessoas e contribuído para o soerguimento do edifício.

Significa dizer que o devotamento consiste em tomar o bastão de viagem para ir pregar pelo mundo a toda a gente? Não, certamente; em qualquer lugar onde se esteja pode-se ser útil. O verdadeiro devotamento consiste em saber tirar o melhor partido de sua posição, pondo ao serviço da causa, o mais utilmente possível e com discernimento, as forças físicas e morais que a Providência distribuiu a cada um.

A dispersão desses senhores não se deveu à sua vontade. Reunidos, inicialmente, pela natureza de suas funções, estas os chamaram a vários pontos da Espanha. Longe de desanimarem por esse isolamento, compreenderam que, ficando unidos por pensamento e ação, poderiam fincar a bandeira em vários centros, e que assim sua separação redundaria em proveito da vulgarização da idéia.

Assim se deu num regimento francês, onde um certo número de oficiais tinha formado grupos, dos mais sérios e mais bem organizados que vimos. Animados de um zelo esclarecido e de um devotamento a toda prova, seu objetivo era, primeiramente, instruir-se a fundo nos princípios da Doutrina e, depois, exercitar-se na palavra, impondo-se a obrigação de tratar, cada um por sua vez, uma questão, para se familiarizarem na controvérsia. Fora de seu círculo pregavam pela palavra e pelo exemplo, mas com prudência e moderação; não procurando fazer a propagação a qualquer preço, a tornavam mais proveitosa. Deslocado o

regimento, se espalharam por várias cidades; assim o grupo se dispersou materialmente, mas, sempre unido em intenções, prossegue sua obra em pontos diferentes.

O Espiritismo em Toda Parte

EXTRATO DOS JORNAIS INGLESES

Um dos nossos correspondentes de Londres nos transmite a seguinte notícia:

“O jornal inglês *The Builder* (O Construtor), órgão dos arquitetos, muito estimado por seu caráter prático e retidão de seus julgamentos, tratou casualmente, várias vezes seguidas, de questões relativas ao Espiritismo. Nesses artigos ele cuida das manifestações da atualidade, fazendo o autor uma apreciação do seu ponto de vista.

“O Espiritismo também foi abordado em algumas das últimas notícias da *Revista Antropológica* de Londres; aí se declara que *o fato da intervenção ostensiva dos Espíritos, em certos fenômenos, está muito bem provado para ser posto em dúvida*. Aí se fala do invólucro corporal do homem como de uma grosseira vestimenta apropriada ao seu estado atual, que se considera como o mais baixo escalão do reino hominal; esse reino, embora o coroamento da animalidade do planeta, não passa de um esboço do corpo glorioso, leve, purificado e luminoso que a alma deve revestir no futuro, à medida que a raça humana se desenvolve e se aperfeiçoa.

“Ainda não é, acrescenta o nosso correspondente, a doutrina homogênea e coerente da escola espírita francesa, mas dela se aproxima muito, e me pareceu interessante como indício do movimento das idéias no *sentido espírita* deste lado do estreito. Mas lhes falta direção; flutua-se à aventura nesse mundo novo que se abre perante a Humanidade, e não é de admirar que nele a gente se

perca por falta de um guia. Não é de duvidar que, se as obras da Doutrina fossem traduzidas para o inglês, congregariam numerosos partidários, fixando as idéias ainda incertas.”

*A. Blackwell*⁷

CHARLES FOURIER

Numa obra intitulada: *Charles Fourier, sua vida e suas obras*, por Pellarin, encontra-se uma carta de Fourier ao Sr. Muiron, datada de 3 de dezembro de 1826, pela qual prevê os futuros fenômenos do Espiritismo.

Está assim concebida:

“Parece que os Srs. C. e P. renunciaram ao seu trabalho sobre o magnetismo. Eu apostaria que eles não fazem valer o argumento fundamental: é que, *se tudo está ligado no Universo, deve existir meios de comunicação entre as criaturas do outro mundo e deste*; quero dizer: comunicação de faculdades, participação temporária e acidental das faculdades dos ultramundanos ou defuntos, e não comunicação com eles. Esta participação não pode dar-se em vigília, mas somente num estado misto, como o sono ou outro. Os magnetizadores encontraram esse estado? Ignoro-o, mas, em princípio, sei que deve existir.”

Fourier escrevia isto em 1826, a propósito dos fenômenos sonambúlicos; não podia ter qualquer idéia dos meios de comunicação direta, descobertos vinte e cinco anos mais tarde, e não concebia a sua possibilidade senão em estado de desprendimento, que de certo modo aproximasse os dois mundos; mas nem por isso deixava de ter a convicção do fato principal, o da existência dessas relações.

⁷ **N. do T.:** Trata-se de Anna Blackwell, primeira tradutora para o inglês de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec.

Sua crença sobre um outro ponto capital, o da reencarnação na Terra, é ainda mais precisa quando diz: *Um mal rico poderá voltar para mendigar à porta do castelo do qual foi proprietário.* É o princípio da expiação terrestre nas existências sucessivas, em tudo semelhante ao que ensina o Espiritismo, conforme os exemplos fornecidos por essas mesmas relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Graças a tais relações, esse princípio de justiça, que não existia no pensamento de Fourier senão no estado de teoria ou de probabilidade, tornou-se uma verdade patente.

PROFISSÃO DE FÉ DE UM FOURIERISTA

A passagem seguinte é extraída de uma nova obra intitulada: *Cartas a meu irmão sobre as minhas crenças religiosas*, por Math. Briancourt.⁸

“Creio num só Deus todo-poderoso, justo e bom, tendo por corpo a luz, por membros a totalidade dos astros ordenados em séries hierárquicas. – Creio que Deus atribui a todos os seus membros, grandes e pequenos, uma função a cumprir no desenvolvimento da vida universal que é a sua vida, reservando a inteligência para aqueles membros que a ele se associam no governo do mundo. – Creio que os seres inteligentes do último grau, as humanidades, têm por tarefa a gestação dos astros que habitam e sobre os quais têm missão de fazer reinarem a ordem, a paz e a justiça. – Creio que as criaturas preenchem suas funções satisfazendo suas necessidades, que Deus proporciona exatamente às exigências das funções; e como, em sua bondade, liga o prazer à satisfação das necessidades, creio que toda criatura, realizando sua tarefa, é tão feliz quanto comporta a sua natureza, e que os seus sofrimentos são tanto mais vivos quanto mais se afastam da realização dessa tarefa. – Creio que a Humanidade terrestre em breve terá adquirido os conhecimentos e o material que lhe são

indispensáveis para cumprir sua alta função e que, em consequência, o dia da felicidade geral aqui não tardará muito a surgir. – Creio que a inteligência dos seres racionais dispõe de dois corpos: um formado de substâncias visíveis aos nossos olhos; outro de matérias mais sutis e invisíveis chamadas aromas. – *Creio que, com a morte de seu corpo visível, esses seres continuam a viver num mundo aromal, onde encontram a remuneração exata de suas obras boas ou más; em seguida, após um tempo mais ou menos longo retomam um corpo material para o abandonar ainda à decomposição, e assim por diante.* – Creio que as inteligências que crescem cumprindo exatamente as suas funções vão animar seres cada vez mais elevados na divina hierarquia, até que entrem, no fim dos tempos, no seio de Deus, de onde saíram, que se unam à sua inteligência e partilhem de sua vida aromal.”

Com tal profissão de fé, compreende-se que os fourieristas e espíritas possam dar-se as mãos.

Variedades

SENHORITA DE CHILLY

Lê-se no jornal *Petite Presse* de 11 de fevereiro de 1869:

O Sr. de Chilly, o simpático diretor do Odéon, tão cruelmente provado pela morte quase fulminante de sua filha única, está ameaçado por uma nova dor. Sua sobrinha, Srta. Artus, filha do antigo maestro do Ambigu-Comique, está neste momento, por assim dizer, à beira do túmulo. A propósito, o *Figaro* relata esta triste e comovente história:

“Agonizante, a Srta. de Chilly deu um pequeno anel a esta prima, cuja vida está hoje tão cruelmente ameaçada, e lhe disse: – Toma-o, *tu mo restituirás.*”

“Teriam estas palavras ferido a imaginação da pobre menina? Eram a expressão desta dupla vista, atribuída à morte? A verdade é que, alguns dias após os funerais da Srta. de Chilly, sua jovem prima ficava doente.”

“O que o *Figaro* não diz é que, em seus últimos momentos, a pobre morta, que se agarrava à vida com toda a energia de seus belos dezoito anos, gritava de seu leito de dor à sua prima, que se desfazia em lágrimas num canto do quarto, teatro de sua agonia: – Não, não quero morrer! não quero ir só! virás comigo! eu te espero! eu te espero! não te casarás!

“Que espetáculo e que angústias para essa infortunada Srta. Artus, cujos sponsais se preparavam no momento mesmo em que a Srta. de Chilly se acamava para não mais se erguer!”

Sim, certamente estas palavras são a expressão da *dupla vista atribuída à morte*, e cujos exemplos não são raros. Quantas pessoas tiveram pressentimentos desse gênero antes de morrer! Dir-se-á que representam uma comédia? Que os niilistas expliquem esses fenômenos, se puderem! Se a inteligência não fosse senão uma propriedade da matéria, e devesse extinguir-se com esta, como explicar a recrudescência da atividade dessa mesma inteligência, as faculdades novas, por vezes transcendentais, que muitas vezes se manifestam no momento mesmo em que o organismo se dissolve, em que o último suspiro vai exalar-se? Isto não prova senão que algo sobrevive ao corpo? Já foi dito centenas de vezes: a alma independente se manifesta a cada instante sob mil formas e em condições de tal modo evidentes, que é preciso fechar voluntariamente os olhos para não ver.

APARIÇÃO DE UM FILHO VIVO À SUA MÃE

O fato seguinte é relatado por um jornal de Medicina de Londres e reproduzido pelo *Journal de Rouen*, de 22 de dezembro de 1868:

“Na semana passada o Sr. Samuel W., um dos principais empregados do Banco, deixou de comparecer a um sarau para o qual tinha sido convidado com a esposa, porque se achava muito indisposto. Chegou em casa com um febrão violento. Procuraram o médico, mas este tinha sido chamado a uma cidade próxima e só voltaria tarde da noite.

“A Sra. Samuel decidiu esperar o médico à cabeceira do marido. Embora vitimado por uma febre ardente, o doente dormia tranqüilamente. Um pouco tranqüilizada e vendo que seu marido não sofria, a Sra. Samuel não lutou contra o sono, e por sua vez adormeceu.

“Pelas três horas, ouviu tocar a campainha da porta principal. Deixou a poltrona precipitadamente, tomou um castiçal e desceu ao salão.

“Lá esperava ver entrar o médico. A porta do salão abriu-se, mas, em vez do doutor, ela viu entrar seu filho Eduardo, um rapaz de doze anos, que estudava num colégio perto de Windsor. Estava muito pálido e tinha a cabeça envolta em larga faixa branca.

– “Esperavas o médico para o papai, não? perguntou ele abraçando a mãe. Mas papai está melhor; não é nada mesmo; amanhã se levantará. Sou eu que preciso de um bom médico. Trata de chamá-lo imediatamente, porque o do colégio não entende muito da coisa...

“Tomada de medo, a Sra. Samuel teve forças para tocar a sineta. Chegou a camareira. Encontrou a patroa no meio do salão, imóvel, com o castiçal na mão. O ruído de sua voz despertou a Sra. Samuel. Ela tinha sido joguete de uma visão, de um sonho, chamemos como quisermos. Lembrava-se de tudo e repetiu à camareira o que tinha julgado ouvir. Depois exclamou chorando: ‘Deve ter acontecido uma desgraça a meu filho!’

“Chegou o médico tão esperado. Examinou o Sr. Samuel. A febre quase tinha desaparecido; garantiu que não passava de uma febre nervosa, que seguia o seu curso e acabava em algumas horas.

“Depois destas palavras tranquilizadoras, a mãe narrou ao médico o que lhe havia acontecido uma hora antes. O profissional – por incredulidade ou talvez por vontade de ir repousar – aconselhou a Sra. Samuel a não dar importância a esses fantasmas. Contudo, teve que ceder às rogativas, às angústias da mãe e acompanhá-la a Windsor. Ao romper do sol chegaram ao colégio. A Sra. Samuel pediu notícias de seu filho; responderam que estava na enfermaria desde a véspera. O coração da pobre mãe apertou-se; o doutor ficou pensativo.

“Em suma, visitaram o menino. Este havia sofrido um grande ferimento na frente, brincando no jardim. Tinham-lhe prestado os primeiros socorros e, embora mal feito o curativo, a ferida nada tinha de perigosa.

“Eis o fato em todos os seus detalhes; nós o obtivemos de pessoas dignas de fé. Dupla vista ou sonho, deve sempre ser considerado como um fato ordinário.”

Como se vê, a idéia da dupla vista ganha terreno. Ela se acredita fora do Espiritismo, como a pluralidade das existências, o perispírito, etc., tanto é verdade que o Espiritismo chega por mil caminhos e se implanta sob todas as formas, pelos próprios cuidados dos que não o querem.

A possibilidade do fato acima é evidente e seria supérfluo discuti-la. É um sonho ou efeito da dupla vista? A Sra. Samuel dormia e, ao despertar, lembra-se do que viu; era, pois, um sonho; mas um sonho que traz a imagem de uma atualidade tão precisa, e que é verificada quase imediatamente, não é um produto da imaginação: é uma visão muito real. Há, ao mesmo tempo, dupla

vista, ou visão espiritual, porque é bem certo que não foi com os olhos do corpo que a mãe viu o seu filho. De um lado e de outro houve desprendimento da alma; foi a alma da mãe que foi para o filho, ou a do filho que veio para a mãe? As circunstâncias tornam este último caso mais provável, porque na outra hipótese a mãe teria visto o filho na enfermaria.

Alguém que não conhece o Espiritismo senão muito superficialmente, mas admite perfeitamente a possibilidade de certas manifestações, perguntava como é que o filho, que estava em seu leito, pudera apresentar-se à mãe com as suas roupas. “Concebo, dizia ele, a aparição pelo fato do desprendimento da alma; mas não compreenderia que objetos puramente materiais, como roupas, tenham a propriedade de transportar para longe uma parte quintessenciada de sua substância, o que suporia uma vontade.”

Respondemos-lhe que as roupas, tanto quanto o corpo material do jovem ficaram em seu lugar. Após breve explicação sobre o fenômeno das criações fluídicas, acrescentamos: O Espírito do jovem apresentou-se em casa de sua mãe com seu corpo fluídico ou perispiritual. Sem ter tido o desígnio premeditado de vestir-se com suas roupas, sem ter feito este raciocínio: “Minhas roupas de pano ali estão; não posso vesti-las; é preciso, pois, que eu fabrique roupas fluídicas que terão a sua aparência”, bastou-lhe pensar em sua roupa habitual, na que teria usado nas circunstâncias ordinárias, para que esse pensamento desse ao seu perispírito as aparências dessa mesma roupa. Pela mesma razão teria podido apresentar-se com a roupa de dormir, se tal tivesse sido o seu pensamento. Para ele essa aparência se tornara uma espécie de realidade; tinha apenas uma imperfeita consciência de seu estado fluídico e, assim como certos Espíritos ainda se julgam neste mundo, ele julgava vir à casa da mãe em carne e osso, pois a beija como de costume.

As formas exteriores que revestem os Espíritos que se tornam visíveis são, pois, verdadeiras criações fluídicas, muitas vezes inconscientes. A roupa, os sinais particulares, os ferimentos, os defeitos do corpo, os objetos que usa, são o reflexo de seu próprio pensamento no envoltório perispiritual.

– Mas, então, diz o nosso nobre interlocutor, é toda uma ordem de idéias novas; há nisso todo um mundo, e esse mundo está em nosso meio; muitas coisas se explicam; as relações entre os vivos e os mortos se compreendem. – Sem a menor dúvida; e é ao conhecimento desse mundo, que nos interessa por tantos motivos, que conduz o Espiritismo. Esse mundo se revela por uma imensidade de fatos, que são desprezados por não se compreender a sua causa.

UM TESTAMENTO NOS ESTADOS UNIDOS

“No Estado do Maine, nos Estados Unidos, uma senhora pleiteava a nulidade de um testamento de sua mãe. Dizia que, membro de uma sociedade espírita, sua mãe escrevera suas últimas vontades sob o ditado de uma mesa girante.

“O juiz declarou que a lei não proibia consultas às mesas girantes, e as cláusulas do testamento foram mantidas.”

Ainda não chegamos a tanto na Europa. Por isso, o jornal francês que relata o fato o fez preceder desta exclamação: *São fortes esses americanos!* Entenda-se: *São bobos!*

Pense o que pensar o autor desta reflexão crítica, esses americanos poderão, sobre certos pontos, servir de exemplo à velha Europa, quando esta ainda se arrasta por tanto tempo na rotina dos velhos preconceitos. O movimento progressivo da Humanidade partiu do Oriente e pouco a pouco se propagou para o Ocidente; já teria transposto o Atlântico e plantado sua bandeira no novo continente, deixando a Europa na retaguarda, como a

Europa deixou a Índia? É uma lei e o ciclo do progresso já teria dado várias vezes a volta ao mundo? O fato seguinte poderia fazê-lo supor.

EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES NOS ESTADOS UNIDOS

Escrevem de Yankton, cidade de Dakota (Estados Unidos) que a Assembléia Legislativa desse território acaba de adotar, por grande maioria, um projeto de lei do Sr. Enos Stutsman, que concede às mulheres o direito de sufrágio e de elegibilidade. (*Siccle* do dia 15 de janeiro de 1869.)

Quarta-feira, 29 de julho, a Sra. Alexandrine Bris prestou, perante a Faculdade de Ciências de Paris, um exame de bacharelado em ciências; foi recebida com quatro bolas brancas, sucesso raro, que lhe valeu felicitações por parte do presidente, ratificadas por aclamações de toda a assistência.

O *Temps* assegura que a Sra. Bris deve inscrever-se na Faculdade de Medicina, visando o doutorado. (*Grande Moniteur* do dia 6 de agosto de 1868.)

Disseram-nos que a Sra. Bris é americana. Conhecemos duas senhoritas de Nova Iorque, irmãs da Srta. B..., membro da Sociedade Espírita de Paris, que têm diploma de doutor e exercem a Medicina exclusivamente para mulheres e crianças. Ainda não chegamos a este ponto.

MISS NICHOL, MÉDIUM DE TRANSPORTE

Nestes últimos dias, o Hotel dos Dois Mundos, da rua d'Antin, foi teatro das sessões sobrenaturais dadas pela célebre *médium* Nichol, apenas em presença de alguns iniciados.

A Sra. Nichol vai a Roma submeter ao exame do Santo Padre a sua faculdade extraordinária, que consiste em fazer cair

chuvas de flores. – É o que se chama um *médium de transporte*. (Jornal *Paris*, 15 de janeiro de 1869.)

A Sra. Nichol é de Londres, onde goza de certa reputação como médium. Assistimos a algumas de suas experiências, numa sessão íntima, há mais de um ano, e confessamos que nos deixaram muito a desejar. É verdade que somos sofrivelmente céptico em relação a certas manifestações, e um tanto exigente quanto às condições em que se produzem, não que ponhamos em dúvida a boa-fé dessa senhora: dizemos apenas que o que *vimos* não nos pareceu capaz de convencer os incrédulos.

Desejamos-lhe boa-sorte junto ao Santo Padre; por certo ela não terá dificuldade em convencê-lo da realidade dos fenômenos que hoje são abertamente confessados pelo clero. (Vide a obra intitulada: *Os Espíritos e suas relações com o mundo visível*, pelo abade Triboulet.)⁹ Mas duvidamos muito que ela consiga que reconheçam oficialmente que não são obras do diabo.

Roma é uma terra malsã para os médiuns que não fazem milagres segundo a Igreja. Lembra-se que em 1864 o Sr. Home, que ia a Roma, não para exercer a sua faculdade, mas unicamente para estudar escultura, viu-se forçado a ceder à injunção que lhe foi feita de deixar a cidade em vinte e quatro horas. (*Revista* de fevereiro de 1864.)

As Árvores Mal-Assombradas da Ilha Maurício

As últimas notícias que recebemos da Ilha Maurício constataam que o estado dessa infeliz região segue exatamente as fases anunciadas. (*Revista* de julho de 1867 e novembro de 1868.)

Além disso contêm um fato notável, que forneceu assunto para uma importante instrução na Sociedade de Paris.

“Os calores do verão, diz o nosso correspondente, trouxeram a terrível febre, mais freqüente, mais tenaz do que nunca. Minha casa tornou-se uma espécie de hospital e passo o tempo a me cuidar e a tratar do próximo. A mortalidade não é muito grande, é verdade, mas, depois de horríveis sofrimentos que nos causam cada acesso, experimentamos uma perturbação geral, que desenvolve em nós novas doenças: as faculdades se alteram pouco a pouco; os sentidos, sobretudo a audição e a visão, são particularmente afetados. Entretanto, nossos Espíritos bons, perfeitamente concordes em suas comunicações com as vossas, nos anunciam o próximo fim da epidemia, mais a ruína e a decadência dos ricos, o que, aliás, já começa.

“Aproveito o pouco tempo disponível para vos dar os detalhes que prometi, sobre os fenômenos de que a minha casa tem sido teatro. As pessoas às quais ela pertencia antes de mim, despreocupadas e negligentes, conforme o uso da região, a tinham quase deixado cair em ruína, de modo que fui obrigado a fazer grandes reparações. O jardim, transformado em capoeira, estava cheio dessas grandes árvores da Índia, chamadas *multiplicantes*, cujas raízes, saídas do alto dos galhos, descem até o solo, onde se implantam, ora formando troncos enormes, superpondo-se uns aos outros, ora galerias bastante extensas.

“Essas árvores têm reputação bastante má nesta região, onde passam por ser assombradas pelos Espíritos maus. Sem consideração por seus supostos habitantes misteriosos, e como absolutamente não eram do meu gosto e atulhavam inutilmente o jardim, mandei derrubá-las. Desde esse momento se nos tornou quase impossível ter um dia de repouso na casa. Seria preciso ser realmente espírita para continuar a habitá-la. A cada instante ouvíamos batidas por todos os lados, portas se abrindo e se

fechando, móveis se mexendo, suspiros, palavras confusas; muitas vezes ouviam-se pisadas nos quartos vazios. Os operários que reparavam a casa foram perturbados muitas vezes por esses ruídos estranhos, mas, como era durante o dia, não se apavoravam muito, pois as manifestações são muito freqüentes na região. Por mais que fizéssemos preces, evocássemos esses Espíritos e os doutrinássemos, eles só respondiam por injúrias e ameaças e não cessavam sua algazarra.

“Nesta época tínhamos uma reunião por semana. Mas não podeis imaginar todas as traquinadas que nos foram feitas para perturbar e interromper nossas sessões; ora as comunicações eram interceptadas, ora os médiuns experimentavam sofrimentos que os forçavam à inação.

“Parece que os clientes habituais da casa eram muito numerosos e muito maus para serem moralizados, pois não lhes pudemos vencer a resistência, vendo-nos obrigados a cessar as reuniões, já que nada mais obtínhamos. Só um nos quis escutar e se recomendar às nossas preces. Era um pobre português, chamado Guilherme, que se supunha vítima das criaturas com as quais tinha cometido não sei que maldade, e que o retinham lá, dizia ele, para sua punição. Tomei informações e soube que, efetivamente, um marinheiro português com esse nome tinha sido um dos locatários da casa, e que havia morrido.

“A febre chegou; os ruídos tornaram-se menos freqüentes, mas não cessaram; aliás, acabamos por nos habituar. Ainda nos reuníamos, mas a doença impediu que as sessões prosseguissem normalmente. Cuidei para que fossem feitas tanto quanto possível no jardim, pois notamos que na casa as boas comunicações são mais difíceis de obter e que nesses dias somos bastante atormentados, sobretudo à noite.”

A questão dos lugares assombrados é um fato comprovado; os barulhos e perturbações são coisas conhecidas. Mas certas árvores terão um poder atrativo particular? Na circunstância de que se trata, existe uma relação qualquer entre a destruição dessas árvores e os fenômenos que se seguiram imediatamente? A crença popular teria aqui alguma realidade? É o que a instrução abaixo parece dar uma explicação lógica, até mais ampla confirmação.

(Sociedade de Paris, 19 de fevereiro de 1869)

Todas as lendas, sejam quais forem, por mais ridículas e pouco fundamentadas que sejam, repousam numa base real, numa verdade incontestável, demonstrada pela experiência, mas amplificada e desnaturada pela tradição. Diz-se que certas plantas são boas para expulsar os Espíritos maus; outras podem provocar a possessão; certos arbustos são mais particularmente assombrados; tudo isto é verdadeiro, isoladamente. Um *fato* ocorreu, uma manifestação especial justificou esse dito, e a massa supersticiosa apressou-se em generalizá-lo. É a história de um homem que põe um ovo. A coisa corre em *segredo* de boca em boca e se amplifica até tomar as proporções de uma lei incontestável, e essa lei que não existe é aceita em razão das aspirações para o desconhecido, para o *extranatural* da generalidade dos homens.

As “multiplicantes” foram, sobretudo em Maurício, e são ainda, pontos de referência para as reuniões da noite; a gente se encosta a um tronco, respira o ar à sua volta e se abriga sob sua folhagem.

Ora, ao desencarnarem, sobretudo quando estão em certa inferioridade, os homens conservam seus hábitos materiais; freqüentam os lugares de que gostavam quando encarnados, aí se reúnem e aí permanecem. Eis por que há lugares mais particularmente assombrados; aí não vêm os primeiros Espíritos que chegam, mas os Espíritos que os freqüentaram em vida. As

“multiplicantes” não são, pois, mais propícias à habitação dos Espíritos inferiores do que qualquer outro abrigo. O costume as designa aos fantasmas de Maurício, como certos castelos, certas clareiras das florestas alemãs, certos lagos são assombrados mais particularmente pelos Espíritos, na Europa.

Se se perturbam esses Espíritos, ainda inteiramente materiais, e que, na sua maioria, se julgam vivos, eles se irritam e tendem a vingar-se e a implicar com os que os privaram de seu abrigo; daí as manifestações de que essa senhora e tantos outros tiveram que se queixar.

Em geral, sendo a população mauriciana inferior, do ponto de vista moral, a desencarnação não pode fazer do espaço senão um viveiro de Espíritos muito pouco desmaterializados, ainda marcados por todos os seus hábitos terrenos, e que continuam, não obstante Espíritos, a viver como se fossem homens. Privam da tranqüilidade e do sono os que os privam de sua habitação predileta, e eis tudo. A natureza do abrigo, seu aspecto lúgubre, nada tem a ver com isso; é simplesmente uma questão de bem-estar. Desalojam-nos e eles se vingam. Materiais por essência, vingam-se materialmente, batendo nas paredes, lamentando-se, manifestando seu descontentamento sob todas as formas.

Que os mauricianos se depurem e progridam e voltarão ao espaço com tendências de outra natureza, e as “multiplicantes” perderão a faculdade de abrigar os fantasmas.

Clélie Duplantier

Conferência Sobre o Espiritismo

Sob o título de: *O Espiritismo perante a Ciência*, uma conferência pública, pelo Sr. Chevillard, tinha sido anunciada para

o dia 30 de janeiro último, na sala do Boulevard des Capucines. Em que sentido devia falar o orador? É o que todo o mundo ignorava.

O anúncio parecia prometer uma discussão *ex-professo* de todas as partes da questão. Todavia, o orador fez completa abstração da parte mais essencial, a que constitui, a bem dizer, o Espiritismo: a parte filosófica e moral, sem a qual seguramente o Espiritismo não estaria hoje implantado em todas as partes do mundo, e não contaria seus adeptos por milhões. Desde 1855 já se cansavam das mesas girantes; certamente se a isto se tivesse limitado o Espiritismo, há muito tempo não se falaria mais dele; sua rápida propagação data do momento em que nele se viu algo de sério e de útil, em que se entreviu um objetivo humanitário.

O orador limitou-se, pois, ao exame de alguns fenômenos materiais, porque nem mesmo falou dos fenômenos espontâneos, tão numerosos, que se produzem fora de toda crença espírita. Ora, anunciar que se vai tratar de uma questão tão vasta, tão complexa em suas aplicações e em suas conseqüências e deter-se em alguns pontos superficiais, é absolutamente como se, sob o nome de *Curso de Literatura*, um professor se limitasse a explicar o alfabeto.

Talvez o Sr. Chevillard se tivesse dito: “Para que falar da doutrina filosófica? Já que essa doutrina se apóia sobre a intervenção dos Espíritos, quando eu tiver provado que tal intervenção não existe, todo o resto desmoronará.” Quantos, antes do Sr. Chevillard, se gabaram de haver desferido o último golpe no Espiritismo, sem falar do inventor do famoso músculo estalante, o doutor Jobert (de Lamballe), que enviava sem piedade todos os espíritas para o hospício de Charenton e que, dois anos mais tarde, ele próprio morria numa casa de alienados! Contudo, a despeito de todos esses fanfarrões, ferindo a torto e a direito, e que pareciam não ter senão que falar para o reduzir a pó, o Espiritismo viveu, cresceu e vive sempre, mais forte, mais vivaz do que nunca!

Eis um fato que tem o seu valor. Quando uma idéia resiste a tantos ataques, é que existe alguma coisa a mais.

Não se viram outrora cientistas se esforçando para demonstrar que o movimento da Terra era impossível? E sem ir tão longe, esse século não nos mostrou uma corporação ilustre declarar que a aplicação do vapor à navegação era uma quimera? Um livro curioso a fazer seria a coletânea dos erros oficiais da Ciência. Isto é simplesmente para chegar a esta conclusão: quando uma coisa é verdadeira, marcha a despeito de tudo, malgrado a opinião contrária dos sábios. Ora, se o Espiritismo marchou, apesar dos argumentos que lhe opuseram a alta e a baixa ciência, é uma presunção em seu favor.

O Sr. Jobert (de Lamballe) tratava sem-cerimônia todos os espíritas de charlatães e escroques. Deve-se render justiça ao Sr. Chevillard, que só os censura por se enganarem quanto à causa. Aliás, os epítetos indecorosos, além de nada provarem, sempre denotam falta de civilidade, e ficariam muito deslocados num auditório onde, necessariamente, deveriam encontrar-se muitos espíritas. O púlpito evangélico é menos escrupuloso; aí se diz muitas vezes: “Fugi dos espíritas como da peste e persegui-os”, o que prova que o Espiritismo é alguma coisa, já que o temem e desde que não se dão tiros de canhão contra moscas.

O Sr. Chevillard não nega os fatos; ao contrário, admite-os, pois os constatou. Apenas os explica à sua maneira. Ao menos traz um argumento novo em favor de sua tese? Pode-se julgar por isto:

“Cada homem, diz ele, possui uma quantidade maior ou menor de eletricidade animal, que constitui o fluido nervoso. Esse fluido se desprende sob o império da vontade, do desejo de fazer mover uma mesa; penetra a mesa e esta se move; as pancadas

na mesa não passam de descargas elétricas, provocadas pela concentração do pensamento.” Escrita mecânica: a mesma explicação.

Mas como explicar as pancadas nas paredes, sem a participação da vontade, em pessoas que não sabem o que é o Espiritismo, ou nele não acreditam? Superabundância de eletricidade, que se desprende espontaneamente e produz descargas.

E as comunicações inteligentes? Reflexo do pensamento do médium. – E quando o médium obtém, pela tipologia ou pela escritura, coisas que ele ignora? Sempre se sabe alguma coisa, e se não for o pensamento do médium, poderá ser o dos outros.

E quando o médium escreve, inconscientemente, coisas que lhe são pessoalmente desagradáveis, é o seu próprio pensamento? Deste fato, assim como de muitos outros, ele não cogita. Entretanto, uma teoria não pode ser verdadeira senão com a condição de resolver todas as fases de um problema. Se um único fato escapar à explicação, é que esta é falsa ou incompleta. Ora, de quantos fatos esta é impotente para dar a solução! Desejaríamos muito saber como o Sr. Chevillard explicaria, por exemplo, os fatos relatados acima concernentes à Srta. de Chilly, a aparição do jovem Eduardo Samuel, todos os incidentes do que se passou na Ilha Maurício. Como explicaria, pelo desprendimento da eletricidade, a escrita em pessoas que não sabem escrever? pelo reflexo do pensamento o caso daquela criada que escreveu, diante de toda uma comunidade: Eu roubo a minha patroa?

Em suma, o Sr. Chevillard reconhece a existência dos fenômenos, o que já é alguma coisa, mas nega a intervenção dos Espíritos. Quanto à sua teoria, não oferece absolutamente nada de novo; é a repetição do que tem sido dito, desde quinze anos, sob

todas as formas, sem que a idéia tenha prevalecido. Será ele mais feliz do que os seus antecessores? É o que o futuro provará.

É verdadeiramente curioso ver a que expedientes recorrem os que querem explicar tudo sem os Espíritos! Em vez de irem direto ao que se apresenta diante deles na mais simples das formas, vão procurar causas tão confusas, tão complicadas, que só são inteligíveis para eles. Deveriam ao menos, para completar sua teoria, dizer em que, na sua opinião, se tornam os Espíritos dos homens após a morte, pois isto interessa a todo o mundo, e provar como é que esses Espíritos não podem manifestar-se aos vivos. É o que ninguém ainda fez, ao passo que o Espiritismo prova como eles o podem fazer.

Mas tudo isto é necessário. É preciso que todos esses sistemas se esgotem e mostrem sua impotência. Aliás, há um fato notório: é que toda essa repercussão dada ao Espiritismo, todas as circunstâncias que o puseram em evidência, sempre lhe foram proveitosas; e, o que é digno de nota, é que quanto mais violentos foram os ataques, mais ele progrediu. Não seria necessário a todas as grandes idéias o batismo da perseguição, fosse ainda o da zombaria? E por que ele não o sofreu? A razão é muito simples: é porque, fazendo-o dizer o contrário do que diz, apresentando-o completamente diverso do que ele é, corcunda quando é ereto, só terá a ganhar num exame sério e consciencioso, e os que o quiseram ferir sempre feriram no lado da verdade. (Vide a *Revista* de fevereiro de 1869: *O poder do ridículo*.)

Ora, quanto mais negras forem as cores sob as quais o apresentam, mais excitarão a curiosidade. O partido que se bateu em dizer que é o diabo, fez-lhe muito bem, porquanto, entre os que ainda não tinham tido oportunidade de ver o diabo, muitos ficaram bem à vontade sabendo como ele é, e não o acharam tão negro quanto o haviam pintado. Dizei que numa praça de Paris há um monstro horrível, que vai empestar toda a cidade, e todo mundo

correrá para vê-lo. Não se viram autores mandar publicar nos jornais críticas contra suas próprias obras, unicamente para que delas falassem? Tal foi o resultado das diatribes furibundas contra o Espiritismo; provocaram o desejo de conhecê-lo e serviram-no mais do que o prejudicaram.

Falar do Espiritismo, não importa em que sentido, é fazer propaganda em seu proveito; aí está a experiência para o provar. Deste ponto de vista, devemos nos felicitar pela conferência do Sr. Chevillard. Mas, apressemo-nos em dizer, em louvor ao orador, que ele se cingiu a uma polêmica honesta, leal e de bom-gosto. Emitiu a sua opinião: é direito seu e, embora não seja a nossa, não temos por que nos queixar. Mais tarde, sem a menor dúvida, quando chegar o momento oportuno, o Espiritismo também terá os seus oradores simpáticos. Apenas lhes recomendaremos que não caiam no erro dos adversários, isto é, que estudem a questão a fundo, a fim de só falarem com conhecimento de causa.

Dissertações Espíritas

A MÚSICA E AS HARMONIAS CELESTES

Continuação – Vide o número de janeiro

(Paris – Grupo Desliens, 5 de janeiro de 1869 – Médiun: Sr. Desliens)

Senhores, tendes razão de me lembrar minha promessa, porque o tempo, que passa tão rapidamente no mundo do espaço, tem minutos eternos para aquele que o sofre sob o aperto da prova! Há alguns dias, algumas semanas, eu contava como vós; cada dia acrescentava toda uma série de vicissitudes àquelas outras já suportadas, e a taça ia-se enchendo lentamente.

Ah! não sabeis quanto uma reputação de grande homem é pesada para suportar! Não desejeis a glória; não sejais

conhecidos: sede úteis. A popularidade tem os seus espinhos e, por mais de uma vez, vi-me ferido pelas carícias demasiado brutais da multidão.

Hoje, a fumaça do incenso não mais me inebria. Paira sobre as mesquinhas, e é um horizonte sem limites que se estende diante da minha insaciável curiosidade. Por isso, as horas caem aos borbotões na ampulheta secular, e procuro sempre, sempre estudo sem jamais contar o tempo decorrido.

Sim, eu vos prometi. Mas, quem pode gabar-se de cumprir uma promessa, quando os elementos necessários para cumpri-la pertencem ao futuro? O poderoso do mundo, ainda sob o sopro da adulação dos cortesãos, pôde ter querido enfrentar o problema corpo a corpo; mas não era mais de uma luta fratricida que se tratava aqui; não havia mais aplausos, ruidosas aclamações para me encorajar e escapar de minha fraqueza. Era, e ainda é, um trabalho sobre-humano a que me atirei; é contra ele que luto sempre e, se espero triunfar, contudo não posso dissimular o meu esgotamento. Estou vencido... em apuros!... Repouso antes de explorar de novo; mas, se hoje não vos posso falar do que será o futuro, talvez possa apreciar o presente: ser crítico, depois de ter sido criticado. Vós me julgais e não me aprovareis senão se eu for justo, o que tentarei fazer, evitando os personalismos.

Por que, então, tantos músicos e tão poucos artistas? tantos compositores e tão poucas verdades musicais? Ai! é que não há, como se pensa, imaginação que a arte possa criar; não há outro mestre e outro criador senão a verdade. Sem ela não há nada, ou só há uma arte de contrabando, de ouropéis, de contrafação. O pintor pode dar a ilusão de mostrar branco onde não pôs senão uma mistura de cores sem nome; as oposições de matizes criam uma aparência e foi assim, por exemplo, que Horace Vernet pôde fazer parecer de um branco brilhante um magnífico cavalo baio.

Mas a nota só tem um som. O encadeamento dos sons não produz uma harmonia, uma verdade senão quando as ondas sonoras se fazem o eco de uma outra verdade. Para ser músico, já não basta alinhar notas sobre um pentagrama, de maneira a conservar a justeza das relações musicais; assim só se consegue produzir ruídos agradáveis; mas é o sentimento que nasce sob a pena do verdadeiro artista, é ele que canta, chora, ri... Assobia na folhagem com o vento tempestuoso; salta com a vaga espumante; ruge com o tigre furioso!... Mas, para dar alma à música, para fazê-la chorar, rir, uivar, é preciso que ele próprio tenha experimentado esses diferentes sentimentos, dores, alegria, cólera!

É com o sorriso nos lábios e a incredulidade no coração que personificais um mártir cristão? Será um céptico do amor que fará um Romeu, uma Julieta? Será um estróina despreocupado que criaria a Margarida de *Fausto*? Não! É preciso inteira paixão àquele que faz vibrar a paixão!... E eis por que, quando se denigrem tantas folhas, as obras são tão raras e as verdades excepcionais: é que não se crê, é que a alma não vibra. O som que se ouve é o do ouro que tilinta, do vinho que crepita!... A inspiração é a mulher que exhibe uma beleza falsa; e, como não se possui senão defeitos e virtudes falsas, só se produz um verniz, uma maquilagem musical. Arranhai a superfície e logo encontrareis a pedra.

Rossini

(17 de janeiro de 1869 – Médiun: Sr. Nivard)

O silêncio que guardei sobre a questão que me dirigiu o mestre da Doutrina Espírita foi explicado. Era conveniente, antes de abordar esse difícil tema, recolher-me, lembrar-me e condensar os elementos que estavam em minha mão. Eu não tinha que estudar música, tinha apenas que classificar os argumentos com método, a fim de apresentar um resumo capaz de dar uma idéia de minha concepção sobre a harmonia. Esse trabalho, que não fiz sem

dificuldade, está terminado, e estou pronto a submetê-lo à apreciação dos espíritas.

A harmonia é difícil de definir. Muitas vezes confundem-na com a música, com os sons resultantes de um arranjo de notas, e das vibrações dos instrumentos reprodutores desse arranjo. Mas a harmonia não é isto, como a chama não é a luz. A chama resulta da combinação de dois gases: é tangível; a luz que ela projeta é um efeito dessa combinação e não a própria chama: ela não é tangível. Aqui o efeito é superior à causa. Assim com a harmonia. Ela resulta de um arranjo musical, é um efeito igualmente superior à sua causa: a causa é brutal e tangível; o efeito é sutil e não é tangível.

Pode-se conceber a luz sem chama e compreende-se a harmonia sem música. A alma é apta a perceber a harmonia fora de todo concurso de instrumentação, como é apta a ver a luz fora de todo concurso de combinações materiais. A luz é um sentido íntimo que possui a alma; quanto mais desenvolvido esse sentido, melhor ela percebe a luz. A harmonia é igualmente um sentido íntimo da alma: é percebida em razão do desenvolvimento desse sentido. Fora do mundo material, isto é, fora das causas tangíveis, a luz e a harmonia são de essência divina; nós as possuímos em razão dos esforços feitos para adquiri-las. Se comparo a luz e a harmonia, é para me fazer compreender melhor e, também, porque essas duas sublimes satisfações da alma são filhas de Deus e, por conseguinte, irmãs.

A harmonia do espaço é tão complexa, tem tantos graus que eu conheço, e muitos mais ainda, que me são ocultos no éter infinito, que aquele que estiver colocado num certo nível de percepções, é como que tomado de admiração ao contemplar essas harmonias diversas, que, se fossem reunidas, constituiriam a mais insuportável cacofonia; ao passo que, ao contrário, percebidas separadamente, constituem a harmonia particular a cada grau. Essas harmonias são elementares e grosseiras nos graus inferiores;

levam ao êxtase nos graus superiores. Tal harmonia, que choca um Espírito de percepções sutis, deslumbra um Espírito de percepções grosseiras; e quando ao Espírito inferior é dado deleitar-se nas delícias das harmonias superiores, é tomado pelo êxtase e a prece o penetra; o encantamento o arrasta às esferas elevadas do mundo moral; vive uma vida superior à sua e desejaria continuar a viver sempre assim. Mas, quando a harmonia deixa de o penetrar, desperta, ou, se se quiser, adormece. Em todo o caso, volta à realidade de sua situação, e nos lamentos que deixa escapar por ter descido, se exala uma prece ao Eterno, pedindo forças para subir. Para ele é um grande motivo de emulação.

Não tentarei dar a explicação dos efeitos musicais que produz o Espírito agindo sobre o éter. O que é certo é que o Espírito produz os sons que quer, e não pode querer o que não sabe. Ora, aquele que compreende muito, que tem a harmonia em si, que dela está saturado, que goza, ele próprio, o seu sentido íntimo, esse nada impalpável, essa abstração que é a concepção da harmonia, age quando quer sobre o fluido universal que, instrumento fiel, reproduz o que o Espírito concebe e quer. O éter vibra sob a ação da vontade do Espírito; a harmonia que este último traz em si a bem dizer se concretiza; exala-se doce e suave como o perfume da violeta, ou ruga como a tempestade, ou rebenta como o raio, ou se lamenta como a brisa; é rápida como o relâmpago, ou lenta como a nuvem; é entrecortada como o soluço, ou uniforme como a relva; é desordenada como uma catarata, ou calma como um lago; murmura como um regato ou estrondeia como uma torrente. Ora tem a agreste aspereza das montanhas, ora o frescor de um oásis; é sucessivamente triste e melancólica como a noite, jovial e alegre como o dia; é caprichosa como a criança, consoladora como a mãe e protetora como o pai; é desordenada como a paixão, límpida como o amor e grandiosa como a Natureza. Quando ela chega a este último termo, confunde-se com a prece, glorifica a Deus e leva ao deslumbramento aquele mesmo que a produz ou a concebe.

Oh! comparação! comparação! Por que se é obrigado a empregar-te? Por que se dobrar às tuas necessidades degradantes e tomar, à natureza tangível, imagens grosseiras para fazer conceber a sublime harmonia na qual se deleita o Espírito? E ainda, malgrado as comparações, não se pode dar a compreender essa abstração, que é um sentimento quando ela é causa, e uma sensação quando se torna um efeito?

O Espírito que tem o sentimento da harmonia é como o Espírito que se quitou intelectualmente; um e outro gozam constantemente da propriedade inalienável que conquistaram. O Espírito inteligente, que ensina sua ciência aos que ignoram, experimenta a felicidade de ensinar, porque sabe que torna felizes aqueles a quem instrui; o Espírito que faz ressoar no éter os acordes da harmonia que nele existe, experimenta a felicidade de ver satisfeitos os que o ouvem.

A harmonia, a ciência e a virtude são as três grandes concepções do Espírito; a primeira o deslumbra, a segunda o esclarece, a terceira o eleva. Possuídas em suas plenitudes, elas se confundem e constituem a pureza. Ó Espíritos puros que as contendes! Descei às nossas trevas e clareai nossa marcha; mostrai-nos o caminho que tomastes, a fim de que sigamos as vossas pegadas!

E quando penso que esses Espíritos, cuja existência posso compreender, são seres finitos, átomos, em face do Senhor universal e eterno, minha razão fica confusa, pensando na grandeza de Deus e na felicidade infinita que goza em si mesmo, pelo só fato de sua pureza infinita, pois tudo quanto a criatura adquire não é senão uma parcela que emana do Criador. Ora, se a parcela chega a fascinar pela vontade, a cativar e a deslumbrar pela suavidade, a resplender pela virtude, que deve então produzir a fonte eterna e infinita de onde foi tirada? Se o Espírito, ser criado, chega a haurir

em sua pureza tanta felicidade, que idéia se deve fazer da que o Criador haure em sua pureza absoluta? Eterno problema!

O compositor que concebe a harmonia a traduz na grosseira linguagem chamada música; concretiza sua idéia e a escreve. O Espírito aprende a forma e toma o instrumento que lhe deve permitir exprimir a idéia. O ar posto em atividade pelo instrumento leva-a ao ouvido, que a transmite à alma do ouvinte. Mas o compositor foi impotente para exprimir inteiramente a harmonia que concebia, por falta de uma língua suficiente; por sua vez o executante não compreendeu toda a idéia escrita, e o instrumento indócil de que se serve não lhe permite traduzir tudo quanto compreendeu. O ouvido é ferido pelo ar grosseiro que o cerca, e a alma recebe, enfim, por um órgão rebelde, a horrível tradução da idéia nascida na alma do maestro. A idéia do maestro era o seu sentimento íntimo; embora corrompida pelos agentes de instrumentação e de percepção, produz, no entanto, sensações nos que escutam a sua tradução; essas sensações são a harmonia. A música as produziu: são efeitos desta última. A música é posta a serviço do sentimento para produzir a sensação. No compositor o sentimento é a harmonia; no ouvinte a sensação também é harmonia, com a diferença de que é concebida por um e recebida por outro. A música é o *médium* da harmonia; ela a recebe e a dá, como o refletor é o *médium* da luz, como tu és o *médium* dos Espíritos. Ela a torna mais ou menos corrompida, conforme seja mais ou menos bem executada, como o refletor envia melhor ou pior luz, conforme seja mais ou menos brilhante e polido, como o médium exprime mais ou menos os pensamentos do Espírito, conforme seja mais ou menos flexível.

E agora que a harmonia está bem compreendida em sua significação, que se sabe que é concebida pela alma e transmitida à alma, compreender-se-á a diferença que existe entre a harmonia da Terra e a do espaço.

Entre vós, tudo é grosseiro: o instrumento de tradução e o instrumento de percepção. Entre nós tudo é sutil: vós tendes o ar, nós temos o éter; tendes o órgão que obstrui e vela; em nós a percepção é direta e nada a vela. Entre vós, o autor é traduzido; entre nós, fala sem intermediário e na linguagem que exprime todas as concepções. E, contudo, essas harmonias têm a mesma fonte, como a luz da Lua tem a mesma fonte que a do Sol; assim como a luz da Lua é o reflexo da luz do Sol, a harmonia da Terra não passa de reflexo da harmonia do espaço.

A harmonia é tão indefinível quanto a felicidade, o medo, a cólera: é um sentimento. Não se a compreende senão quando se a possui, e não se a possui senão quando se a adquiriu. O homem que é jovial não pode explicar sua alegria; o que é medroso não pode explicar seu medo. Podem dizer os fatos que provocam esses sentimentos, defini-los, descrevê-los, mas os sentimentos ficam inexplicados. O fato que causa a alegria em um nada produzirá sobre outro; o objeto que ocasiona o medo produzirá a coragem de outro. As mesmas causas são seguidas de efeitos contrários; isto não se dá em física, mas se dá em metafísica. Isto sucede porque o sentimento é propriedade da alma, e as almas diferem entre si em sensibilidade, em impressionabilidade, em liberdade. A música, que é a causa secundária da harmonia percebida, penetra e transporta um e deixa o outro frio e indiferente. É que o primeiro está em condição de receber a impressão produzida pela harmonia e o segundo num estado contrário; escuta o ar que vibra, mas não compreende a idéia que ele lhe traz. Este chega ao aborrecimento e adormece, aquele ao entusiasmo e chora. Evidentemente, o homem que goza as delícias da harmonia é mais elevado, mais depurado que aquele que ela não pode penetrar; sua alma está mais apta para sentir; desprende-se mais facilmente e a harmonia a ajuda a se desprender; ela a transporta e lhe permite ver melhor o mundo moral. De onde se deve concluir que a música é essencialmente moralizadora, pois que leva a harmonia às almas e a harmonia as eleva e as engrandece.

A influência da música sobre a alma, sobre o seu progresso moral, é reconhecida por todo o mundo; mas a razão dessa influência geralmente é ignorada. Sua explicação está inteiramente neste fato: a harmonia coloca a alma sob o poder de um sentimento que a desmaterializa. Tal sentimento existe num certo grau, mas se desenvolve sob a ação de um sentimento similar mais elevado. Aquele que é privado desse sentimento a ele é trazido gradativamente; também acaba por se deixar penetrar e arrastar ao mundo ideal, onde esquece, por um instante, os grosseiros prazeres, que prefere à divina harmonia.

E agora, se se considerar que a harmonia sai do conceito do Espírito, deduzir-se-á que, se a música exerce uma influência feliz sobre a alma, a alma, que a concebe, também exerce sua influência sobre a música. A alma virtuosa, que tem a paixão do bem, do belo, do grande, e que adquiriu harmonia, produzirá obras-primas capazes de penetrar as almas mais encoraçadas e de comovê-las. Se o compositor estiver terra-a-terra, como expressará a virtude que desdenha, o belo que ignora e o grande que não compreende? Suas composições serão o reflexo de seus gostos sensuais, de sua leviandade, de sua indolência. Elas serão ora licenciosas, ora obscenas, ora cômicas e ora burlescas; comunicarão aos ouvintes os sentimentos que exprimirem, e os perverterão, em vez de os melhorar.

Moralizando os homens, o Espiritismo exerce, assim, uma grande influência sobre a música. Produzirá mais compositores virtuosos, que comunicarão suas virtudes, fazendo ouvir suas composições.

Rirão menos, chorarão mais; a hilaridade dará lugar à emoção, a feiúra à beleza e o cômico à grandeza.

Por outro lado, os ouvintes que o Espiritismo terá preparado para receber facilmente a harmonia, ouvindo música

séria, sentirão um verdadeiro encanto; desdenharão a música frívola e licenciosa, que se apodera das massas. Quando o grotesco e o obsceno forem deixados pelo belo e pelo bom, desaparecerão os compositores dessa ordem, porque, sem ouvintes, nada ganharão, e é para ganhar que se corrompem.

Oh! sim, o Espiritismo terá influência sobre a música! Como não seria assim? Seu advento mudará a arte, depurando-a. Sua fonte é divina, sua força a conduzirá por toda parte onde houver homens para amar, para se elevar e para compreender. Tornar-se-á o ideal e o objetivo dos artistas. Pintores, escultores, compositores, poetas lhe pedirão suas inspirações, e ele lhas fornecerá, porque é rico, porque é inesgotável.

O Espírito do maestro Rossini, em nova existência, virá continuar a arte que considera como a primeira de todas; o Espiritismo será o seu símbolo e o inspirador de suas composições.

Rossini

A MEDIUNIDADE E A INSPIRAÇÃO

(Paris – Grupo Desliens, 16 de fevereiro de 1869)

Sob suas formas variadas ao infinito, a mediunidade abarca a Humanidade inteira, como uma rede à qual ninguém pode escapar. Cada um, estando em contato diário, saiba-o ou não, queira-o ou se revolte, com inteligências livres, não há um homem que possa dizer: Não fui, não sou ou não serei médium. Sob a forma intuitiva, modo de comunicação ao qual vulgarmente se deu o nome de *voz da consciência*, cada um está em relação com várias influências espirituais, que aconselham num ou noutro sentido e, muitas vezes, simultaneamente, o bem puro, absoluto; acomodações com o interesse; o mal em toda a sua nudez. – O homem evoca essas vozes; elas respondem ao seu apelo, e ele escolhe; mas escolhe entre essas diversas inspirações e o seu

próprio sentimento. — Os inspiradores são amigos invisíveis; como os amigos da Terra, são sérios ou eventuais, interesseiros ou verdadeiramente guiados pela afeição.

São consultados, ou aconselham espontaneamente, mas, como os conselhos dos amigos da Terra, seus conselhos são ouvidos ou rejeitados; por vezes provocam um resultado contrário ao que se espera; muitas vezes não produzem qualquer efeito. — Que concluir daí? Não que o homem esteja sob a ação de uma mediunidade incessante, mas que obedece livremente à sua própria vontade, modificada por avisos que, no estado normal, jamais podem ser imperativos.

Quando o homem faz mais do que se ocupar dos mínimos detalhes de sua existência, e quando se trata de trabalhos que ele veio realizar mais especialmente, de provas decisivas que deve suportar, ou de obras destinadas à instrução e à elevação gerais, as vozes da consciência não se fazem mais somente e apenas conselheiras, mas atraem o Espírito para certos assuntos, provocam certos estudos e colaboram na obra, fazendo ressoar certos compartimentos cerebrais pela inspiração. Aqui é uma obra a dois, a três, a dez, a cem, se quiserdes; mas, se cem nela tomaram parte, só um pode e deve assiná-la, porque só um a fez e é o seu responsável!

Afinal de contas, o que é uma obra, seja qual for? Jamais é uma criação; é sempre uma descoberta. O homem nada faz, tudo descobre. É preciso não confundir esses dois termos. Inventar, no seu verdadeiro sentido, é tornar evidente uma lei existente, um conhecimento até então desconhecido, mas posto em germe no berço do Universo. Aquele que inventa levanta uma das pontas do véu que oculta a verdade, mas não cria a verdade. Para inventar é preciso procurar e procurar muito; é preciso compulsar os livros, rebuscar no fundo das inteligências, pedir a um a Mecânica, a outro a Geometria, a um terceiro o conhecimento das relações musicais, a

um outro, ainda, as leis históricas e, do todo, fazer algo novo, interessante, inimaginável.

Aquele que foi explorar os recantos das bibliotecas, que ouviu falarem os mestres, que perscrutou a Ciência, a Filosofia, a Arte, a Religião, da antiguidade mais remota até os nossos dias, é o médium da Arte, da História, da Filosofia e da Religião? É o médium dos tempos passados, quando por sua vez escreve? Não, porque não conta pelos outros, mas ensinou os outros a contar e enriquece os seus relatos de tudo o que lhe é pessoal. – Por muito tempo o músico ouviu a toutinegra e o rouxinol, antes de inventar a música; Rossini escutou a Natureza antes de traduzi-la para o mundo civilizado. Ele é o médium do rouxinol e da toutinegra? Não: compõe e escreve; escutou o Espírito que lhe veio cantar as melodias do céu; ouviu o Espírito que clamou a paixão ao seu ouvido; ouviu gemerem a virgem e a mãe, deixando cair, em pérolas harmoniosas, sua prece sobre a cabeça do filho. O amor e a poesia, a liberdade, o ódio, a vingança e numerosos Espíritos que possuem esses sentimentos diversos, cada um por sua vez cantou a sua partitura ao seu lado. Ele as escutou, as estudou, no mundo e na inspiração, e de um e outro fez as suas obras. Mas não era médium, como não é médium o médico que ouve os doentes contando o que sofrem, e que dá um nome às suas doenças. – A mediunidade teve suas horas num como no outro; mas fora desses momentos muito curtos para a sua glória, o que fez, o fez apenas à custa dos estudos colhidos dos homens e dos Espíritos.

Sendo assim, é-se médium de todos; é-se médium da Natureza, médium da verdade e médium muito imperfeito, porque muitas vezes a mediunidade aparece de tal modo desfigurada pela tradução, que é irreconhecível e desconhecida.

Halévy

Allan Kardec

Errata

Número de fevereiro de 1869, página 63, linha 32, lede:
eles opuseram aos católicos armas...

Mesmo número, página 64, linhas 16 e seguintes, lede:
*e a mais nova das irmãs foi deixada como morta, debaixo de corpos
massacrados, sem ter sido ferida. A outra irmã, ainda viva, foi levada
para a casa do pai, mas morreu dos ferimentos alguns dias depois.*¹⁰

10 **N. do T.:** As páginas e linhas indicadas correspondem ao original francês. As correções apontadas por Allan Kardec foram feitas nos devidos lugares desta versão.



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

ABRIL DE 1869

Nº 4

Aviso Muito Importante

A partir de 1º de abril o escritório de assinaturas e de expedição da *Revista Espírita* se transfere para a sede da *Livraria Espírita*, Rua de Lille, nº 7.

A partir da mesma data, o escritório da redação e o domicílio pessoal do Sr. Allan Kardec ficam à *Avenida e Villa Ségur*, nº 39, atrás dos Inválidos.

A Sociedade Espírita de Paris provisoriamente fará suas sessões no local da Livraria, Rua de Lille, nº 7.

Livraria Espírita

Há algum tempo havíamos anunciado o projeto de publicação de um catálogo racional das obras que interessam ao Espiritismo, e era intenção juntá-lo, como suplemento, a um dos números da *Revista*. Nesse ínterim, tendo sido concebido e executado, por uma sociedade de espíritas, o projeto da criação de

uma casa especial para as obras desse gênero, nós lhe demos o nosso trabalho, que foi concluído à vista de sua nova finalidade.

Tendo conhecido a incontestável utilidade dessa fundação e a solidez das bases sobre as quais ela está apoiada, não hesitamos em lhe dar nosso apoio moral.

Eis em que termos ela está anunciada, no topo do catálogo que remetemos aos nossos assinantes com o presente número:

“O interesse que se liga cada vez mais aos estudos psicológicos em geral, e, em particular, o desenvolvimento que as idéias espíritas têm tomado de alguns anos para cá, fizeram sentir a utilidade de uma casa especial para a concentração dos documentos concernentes a essas matérias. Fora das obras fundamentais da Doutrina Espírita, existe um grande número de livros, tanto antigos quanto modernos, úteis ao complemento desses estudos, e que são ignorados, ou sobre os quais faltam informações necessárias para obtê-los. É visando preencher esta lacuna que a *Livraria Espírita* foi fundada.

“A *Livraria Espírita* não é uma empresa comercial; foi criada por uma sociedade de espíritas, tendo em vista os interesses da Doutrina, e que renunciam, pelo contrato que os ligam, a toda especulação pessoal.

“É administrada por um gerente, simples mandatário, e todos os lucros constatados pelos balanços anuais serão por ele lançados na Caixa Geral do Espiritismo.

“Essa caixa é provisoriamente administrada pelo gerente da *Livraria*, sob a supervisão da Sociedade fundadora. Em consequência, receberá os fundos de qualquer procedência, destinados para tal finalidade, terá uma contabilidade exata e

operará a sua movimentação até quando as circunstâncias determinarem o seu emprego.”

Profissão de Fé Espírita Americana

Reproduzimos conforme o *Salut* de Nova Orléans, a declaração de princípios aprovada na quinta *convenção nacional*, ou assembléa dos delegados dos espíritas das diversas partes dos Estados Unidos. A comparação das crenças sobre essas matérias, entre o que se chama a escola americana e a escola européia, é algo de grande importância, como cada um poderá convencer-se.

Declaração de princípios

O espiritualismo nos ensina:

1. – Que o homem tem uma natureza espiritual, tanto quanto uma natureza corporal; ou, antes, que o homem verdadeiro é um Espírito, tendo uma forma orgânica, composta de materiais sublimados, que representa uma estrutura correspondente à do corpo material.

2. – Que o homem, como Espírito, é imortal. Tendo reconhecido que sobrevive a essa mudança chamada morte, pode-se racionalmente supor que sobreviva a todas as vicissitudes futuras.

3. – Que há um mundo ou estado espiritual, com suas realidades substanciais, tanto objetivas quanto subjetivas.

4. – Que o processo da morte física não transforma, de nenhum modo essencial, a constituição mental ou o caráter moral daquele que a experimenta, pois se assim não fosse, sua identidade seria destruída.

5. – Que a felicidade ou a infelicidade, tanto no estado espiritual quanto neste, não depende de um decreto arbitrário ou de uma lei especial, mas, antes, do caráter, das aspirações e do grau de harmonia ou conformidade do indivíduo com a lei divina e universal.

6. – Segue-se que a experiência e os conhecimentos adquiridos desde esta vida se tornam as bases sobre as quais começa a vida nova.

7. – Visto como o crescimento, sob certos aspectos, é a lei do ser humano na vida presente, e considerando que aquilo que se chama a morte não é, na realidade, senão o nascimento para uma outra condição de existência, que conserva todas as vantagens ganhas na experiência desta vida, daí se pode inferir que o crescimento, o desenvolvimento, a expansão ou a progressão são o destino infinito do espírito humano.

8. – Que o mundo espiritual não está afastado de nós, mas está perto, rodeia-nos ou está entremeadado ao nosso presente estado de existência e, conseqüentemente, estamos constantemente sob a vigilância dos seres espirituais.

9. – Que, desde que os indivíduos passam constantemente da vida terrestre à vida espiritual, em todos os graus de desenvolvimento intelectual e moral, o estado espiritual compreende todos os graus de caracteres, do mais baixo ao mais elevado.

10. – Que, desde que o céu e o inferno, ou a felicidade e a infelicidade, dependem antes dos sentimentos íntimos que das circunstâncias exteriores, há tantas gradações para cada um quantas as nuances de caracteres, gravitando cada indivíduo em seu próprio lugar, por uma lei natural de afinidade. Pode-se dividi-los em sete graus gerais ou esferas; mas estas devem compreender as variedades indefinidas, ou uma “infinidade de moradas”,

correspondentes aos caracteres diversos dos indivíduos, desfrutando cada ser de tanta felicidade quanto lhe permite o seu caráter.

11. – Que as comunicações do mundo dos Espíritos, quer sejam recebidas por impressão mental, por inspiração ou por qualquer outra maneira, não são, necessariamente, verdades infalíveis, mas, ao contrário, se ressentem inevitavelmente das imperfeições da inteligência das quais emanam e das vias pelas quais chegam; e que, além disso, são susceptíveis de receber uma falsa interpretação daqueles a quem são dirigidas.

12. – Segue-se que nenhuma comunicação inspirada, no tempo presente ou no passado (sejam quais forem as pretensões que possam, ou tenham podido ser apresentadas quanto à fonte), tem uma autoridade mais ampla que a de representar a verdade à consciência individual, sendo esta última o padrão final a que se devem referir, para o julgamento de todos os ensinamentos inspirados ou espirituais.

13. – Que a inspiração, ou a influência das idéias e das sugestões, vindas do mundo espiritual, não é um milagre dos tempos passados, mas um fato perpétuo, o método constante da economia divina para a elevação da raça humana.

14. – Que todos os seres angélicos ou demoníacos que se manifestaram ou que se intrometeram nos negócios dos homens no passado, eram simplesmente Espíritos humanos desencarnados, em diversos graus de progressão.

15. – Que todos os milagres autênticos (assim chamados) dos tempos passados, tais como a ressurreição dos que estavam mortos em aparência, a cura das moléstias pela imposição das mãos, ou outros meios igualmente simples, o contato inofensivo com venenos, o movimento de objetos materiais sem concurso visível, etc., etc., foram produzidos em harmonia com as

leis universais e, por conseguinte, podem repetir-se em todos os tempos, sob condições favoráveis.

16. – Que as causas de todo fenômeno – as fontes da vida, da inteligência e do amor – devem ser pesquisadas no domínio interior e espiritual, e não no domínio exterior e material.

17. – Que o encadeamento das causas tende inevitavelmente a remontar e a avançar para um Espírito infinito, que não só é um *princípio formador* (a sabedoria), mas *uma fonte de afeição* (o amor) – assim sustentando a dupla relação do parentesco, do pai e da mãe, de todas as inteligências finitas que, não obstante, são unidas por laços filiais.

18. – Que o homem, na condição de filho desse pai infinito, é sua mais alta representação nesta esfera de seres, sendo o homem perfeito a mais completa personificação da “*plenitude do Pai*” que podemos contemplar, e que cada homem, em virtude desse parentesco, é, ou tem em seus refolhos íntimos, um germe de divindade, uma porção incorruptível da essência divina, que o leva constantemente ao bem, e que, com o tempo, dominará todas as imperfeições inerentes à condição rudimentar ou terrestre, e triunfará sobre todo o mal.

19. – Que o mal é a falta mais ou menos grande da harmonia com esse princípio íntimo ou divino; e, contudo, quer o princípio se chame Cristianismo, Espiritualismo, Religião, Filosofia; quer se reconheça o “Espírito Santo”, a Bíblia ou a inspiração espiritual e celeste, tudo quanto ajuda o homem a submeter à sua natureza interna o que em si há de mais exterior, e a torná-lo harmonioso com ela, é um meio de triunfar sobre o mal.

Eis, pois, a base da crença dos espíritas americanos. Se não é a da totalidade, ao menos é a da maioria. Essa crença não é mais o resultado de um sistema preconcebido nesse país, do que o

Espiritismo na Europa. Ninguém a imaginou; viu-se, observou-se e tiraram-se conclusões. Lá, como aqui, não se partiu da hipótese dos Espíritos para explicar os fenômenos; mas dos fenômenos, como efeito, chegou-se aos Espíritos como causa, pela observação. Eis uma circunstância capital, que os detratores se obstinam em não levar em conta. Porque trazem consigo, com o pensamento, o desejo mesmo de não encontrar os Espíritos, imaginam que os espíritas deveriam ter tomado seu ponto de partida na idéia preconcebida dos Espíritos, e que a imaginação os faz ver em todo lugar. Como é, então, que tantas pessoas que neles não acreditavam se renderam à evidência? Há milhares de exemplos, na América como aqui. Muitos, ao contrário, passaram pela hipótese que o Sr. Chevillard julga ter inventado, e a ela não renunciaram senão depois de haverem reconhecido a sua impotência para tudo explicar. Ainda uma vez, não se chegou à afirmação dos Espíritos senão depois de haver experimentado todas as outras soluções.

Já foi possível notar as relações e as diferenças existentes entre as duas escolas, e para os que não se contentam com palavras vãs, mas vão ao fundo das idéias, a diferença se reduz a bem pouca coisa. Não se tendo copiado estas duas escolas, tal coincidência é um fato deveras notável. Assim, eis milhões de pessoas nos dois lados do Atlântico que observam um fenômeno e chegam ao mesmo resultado. É verdade que o Sr. Chevillard ainda não tinha passado por lá para apor o seu veto e dizer àqueles milhões de indivíduos, entre os quais há bom número que não passa por tolos: “Enganastes-vos; só eu possuo a chave desses estranhos fenômenos e vou dar ao mundo a sua solução definitiva.”

Para tornar a comparação mais fácil, vamos tomar a profissão americana, artigo por artigo, e comparar o que diz, sobre cada uma das proposições aí formuladas, a doutrina de *O Livro dos Espíritos*, publicado em 1857, e que também está desenvolvida em outras obras fundamentais.

Encontrar-se-á um resumo mais completo no capítulo II de *O que é o Espiritismo*:

1. – O homem possui uma alma ou Espírito, princípio inteligente, no qual residem o pensamento, a vontade, o senso moral, e do qual o corpo não é senão um envoltório material. O Espírito é o ser principal, preexistente e sobrevivente ao corpo, que não passa de um acessório temporário.

Quer durante a vida carnal, quer depois de a ter deixado, o Espírito é revestido de um corpo fluídico ou perispírito, que reproduz a forma do corpo material.

2. – O Espírito é imortal; só o corpo é perecível.

3. – Desprendidos do corpo carnal, os Espíritos constituem o mundo invisível ou espiritual, que nos rodeia e em cujo meio vivemos.

As transformações fluídicas produzem imagens e objetos tão reais para os Espíritos, eles próprios fluídicos, quanto o são as imagens e os objetos terrestres para os homens, que são materiais. Tudo é relativo em cada um desses mundos. (Vide *A Gênese segundo o Espiritismo*, capítulo dos fluidos e das criações fluídicas).

4. – A morte do corpo em nada modifica a natureza do Espírito, que conserva as aptidões intelectuais e morais adquiridas durante a vida terrena.

5. – O Espírito traz em si os elementos de sua felicidade ou de sua infelicidade; é feliz ou desgraçado em razão do grau de sua depuração moral; sofre as suas próprias imperfeições, cujas conseqüências naturais suporta, sem que a punição resulte de uma condenação especial ou individual.

A infelicidade do homem na Terra provém da inobservância das leis divinas. Quando conformar seus atos e suas instituições sociais a essas leis, será tão feliz quanto o comporte a sua natureza corporal.

6. – Nada do que o homem adquire durante a vida terrena em conhecimentos e em perfeições morais para ele é perdido; ele é, na vida futura, aquilo que realizou na vida presente.

7. – O progresso é a lei universal, em virtude da qual o Espírito progride indefinidamente.

8. – Os Espíritos estão em meio de nós; rodeiam-nos, vêem-nos, escutam-nos e participam, em certa medida, das ações dos homens.

9. – Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, são encontrados em todos os graus de saber e de ignorância, de bondade e de perversidade que existem na Terra.

10. – Segundo a crença vulgar, o céu e o inferno são lugares circunscritos de recompensas e punições. Segundo o Espiritismo, trazendo os Espíritos em si mesmos os elementos de sua felicidade ou de seus sofrimentos, são felizes ou infelizes em qualquer parte onde se encontrem; as palavras céu e inferno não passam de figuras que caracterizam um estado de felicidade ou de infelicidade.

Há, por assim dizer, tantos graus entre os Espíritos quantas as nuances nas aptidões intelectuais e morais. Todavia, se se considerarem os caracteres mais marcantes, podem ser agrupados em nove classes ou categorias principais, que se podem subdividir ao infinito, sem que essa classificação nada tenha de absoluta. (*O Livro dos Espíritos*; 2ª Parte, cap. I, nº 100 – “Escala Espírita”.)

À medida que os Espíritos avançam em perfeição, habitam mundos cada vez mais adiantados fisicamente e moralmente. Por certo é o que entendia Jesus por estas palavras: “Na casa de meu Pai há muitas moradas.” (Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. III.)

11. – Os Espíritos podem manifestar-se aos homens, de diversas maneiras: pela inspiração, pela palavra, pela vista, pela escrita, etc.

É um erro crer que os Espíritos têm a ciência infusa; seu saber, no espaço como na Terra, está subordinado ao seu grau de adiantamento, e há os que, sobre certas coisas, sabem menos que os homens. Suas comunicações estão em relação com os seus conhecimentos e, por isto mesmo, não poderiam ser infalíveis. O pensamento do Espírito pode, além disso, ser alterado pelo meio que ele atravessa para se manifestar.

Aos que perguntam para que servem as comunicações dos Espíritos, já que não sabem mais que os homens, responde-se, inicialmente, que servem para provar que os Espíritos existem e, por conseguinte, a imortalidade da alma; em segundo lugar, para nos ensinar onde se acham, o que são, o que fazem, e em que condições se é feliz ou desgraçado na vida futura; em terceiro lugar, para destruir os preconceitos vulgares sobre a natureza dos Espíritos e o estado das almas após a morte, coisas estas que não seriam sabidas sem as comunicações com o mundo invisível.

12. – As comunicações dos Espíritos são opiniões pessoais, que não devem ser aceitas cegamente. O homem não deve, em nenhuma circunstância, desprezar seu próprio julgamento e seu livre-arbítrio. Seria dar prova de ignorância e de leviandade aceitar como verdades absolutas tudo quanto vem dos Espíritos; eles dizem o que sabem. Cabe a nós submeter os seus ensinamentos ao controle da lógica e da razão.

13. – Sendo as manifestações a consequência do incessante contato dos Espíritos e dos homens, elas existiram em todos os tempos; estão na ordem das leis da Natureza e nada têm de miraculoso, seja qual for a forma sob a qual se apresentam. Pondo em contato o mundo material e o mundo espiritual, essas manifestações tendem a elevar o homem, provando-lhe que a Terra não é para ele nem o começo, nem o fim de todas as coisas, e que ele tem outros destinos.

14. – Os seres designados sob o nome de anjos ou de demônios não são criações especiais, distintas da Humanidade. Os anjos são Espíritos saídos da Humanidade e chegados à perfeição; os demônios são Espíritos ainda imperfeitos, mas que melhorarão.

Seria contrário à justiça e à bondade de Deus ter este criado seres perpetuamente votados ao mal, incapazes de voltar ao bem, e outros, privilegiados, isentos de todo trabalho para chegar à perfeição e à felicidade.

Segundo o Espiritismo, Deus não tem favores nem privilégios para nenhuma de suas criaturas; todos os Espíritos têm um mesmo ponto de partida e a mesma estrada a percorrer, para chegar, pelo trabalho, à perfeição e à felicidade. Uns chegaram: são os anjos ou Espíritos puros; os outros ainda estão na retaguarda: são os Espíritos imperfeitos. (Vide *A Gênese*, capítulos sobre os Anjos e os Demônios.)

15. – O Espiritismo não admite os milagres, no sentido teológico da palavra, visto como, segundo ele, nada se realiza fora das leis da Natureza. Certos fatos, supondo-os autênticos, só foram reputados miraculosos porque se ignoravam as suas causas naturais. O caráter do milagre é ser excepcional e insólito; quando um fato se reproduz espontaneamente ou facultativamente, é que está submetido a uma lei, e desde então já não é um milagre. Os fenômenos de dupla vista, de aparições, de presciência, de curas

pela imposição das mãos, e todos os efeitos designados sob o nome de manifestações físicas estão neste caso. (Vide, para o desenvolvimento completo desta questão, a segunda parte de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*.)

16. – Todas as faculdades intelectuais e morais têm sua fonte no princípio espiritual, e não no princípio material.

17. – Depurando-se, o Espírito do homem tende a aproximar-se da Divindade, princípio e fim de todas as coisas.

18. – A alma humana, emanção divina, traz em si o germe ou princípio do bem, que é o seu objetivo final, e deve fazê-la triunfar das imperfeições inerentes ao seu estado de inferioridade na Terra.

19. – Tudo o que tende a elevar o homem, a desprender sua alma das constrações da matéria, quer sob a forma filosófica, quer sob a religiosa, é um elemento de progresso que o aproxima do bem, ajudando-o a vencer os seus maus instintos.

Todas as religiões conduzem a esse objetivo, por meios mais ou menos eficazes e racionais, conforme o grau de adiantamento dos homens, para a prática dos quais elas foram feitas.

Em que, então, o Espiritismo americano difere do Espiritismo europeu? Seria porque um se chama *Espiritualismo* e o outro *Espiritismo*? Questão pueril de palavras, sobre a qual seria supérfluo insistir. Dos dois lados a coisa é vista de um ponto de vista muito elevado para se prender a semelhante futilidade. Talvez ainda difiram em alguns pontos de forma e de detalhes, muito insignificantes, e que se devem mais aos meios e aos costumes de cada país, do que ao fundo da Doutrina. O essencial é que haja concordância sobre os pontos fundamentais, e é o que ressalta com evidência da comparação acima.

Ambos reconhecem o progresso indefinido da alma como a lei essencial do futuro; ambos admitem a pluralidade das existências sucessivas em mundos cada vez mais avançados. A única diferença consiste em que o Espiritismo europeu admite essa pluralidade de existências na Terra, até que o Espírito aqui tenha atingido o grau de adiantamento intelectual e moral que comporta este globo, após o que o deixa para outros mundos, onde adquire novas qualidades e novos conhecimentos. De acordo com a idéia principal, não diferem senão quanto a um dos modos de aplicação. Poderá estar aí uma causa de antagonismo entre gente que persegue um grande objetivo humanitário?

Aliás, o princípio da reencarnação na Terra não é peculiar ao Espiritismo europeu; era um ponto fundamental da doutrina druídica; em nossos dias foi proclamado antes do Espiritismo por ilustres filósofos, tais como Dupont de Nemours, Charles Fourier, Jean Reynaud, etc. Poder-se-ia fazer uma lista interminável de escritores de todas as nações, poetas, romancistas e outros que o afirmaram em suas obras; nos Estados Unidos citaremos Benjamin Franklin e a Sra. Beecher-Stove, autora de *A Cabana do Pai Tomás*.

Assim, nem somos o seu criador, nem o seu inventor. Hoje ele tende a tomar lugar na filosofia moderna, fora do Espiritismo, como única solução possível e racional de uma imensidade de problemas psicológicos e morais, até agora inexplicáveis. Não é aqui o lugar de discutir essa questão, para cujo desenvolvimento remetemos o leitor à introdução de *O Livro dos Espíritos*, e ao capítulo IV de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. De duas, uma: esse princípio é verdadeiro, ou não o é; se é verdadeiro, é uma lei e, como toda lei da Natureza, não são as opiniões contrárias de alguns homens que o impedirão de ser uma verdade e de ser aceito.

Já explicamos muitas vezes as causas que se haviam oposto à sua introdução no Espiritismo americano; essas causas desaparecem dia a dia, e é do nosso conhecimento que já encontra numerosas simpatias naquele país. Aliás, o programa acima, dele não fala. Se não é proclamado, não é contestado. Pode-se mesmo dizer que ressalta implicitamente, como conseqüência inevitável de certas afirmações.

Em suma, como se vê, a maior barreira que separa os espíritas dos dois continentes é o oceano, através do qual podem perfeitamente dar-se as mãos.

O que faltou aos Estados Unidos foi um centro de ação para coordenar os princípios. Não existe, a bem dizer, corpo metódico de doutrina; ali se encontram, como se pode ser convencido, idéias muito justas e de alto alcance, mas sem ligação. É a opinião de todos os americanos que tivemos ocasião de ver, e é confirmado por um relato feito numa das convenções realizadas em Cleveland, em 1867, de onde extraímos as seguintes passagens:

“Na opinião de vossa comissão, o que hoje se chama Espiritualismo é um caos onde a verdade mais pura está incessantemente misturada aos erros mais grosseiros. Uma das coisas que mais servirão para o adiantamento da nova filosofia será o hábito de empregar bons métodos de observação. Recomendamos aos nossos irmãos e irmãs uma atenção levada ao escrúpulo em toda esta parte do Espiritualismo. Também os aconselhamos a desconfiarem das aparências e a nem sempre tomarem por um estado extático, ou por uma agitação oriunda do mundo espiritual, disposições de alma que podem ter sua origem na desordem dos órgãos, e em particular nas moléstias dos nervos e do fígado, ou em qualquer outra excitação completamente independente da ação dos Espíritos.

“Cada um dos membros da comissão já teve uma experiência muito longa desses fenômenos; já há dez ou quinze

anos, todos tínhamos sido testemunhas de fatos cuja origem extraterrestre não podia ser posta em dúvida, e que se impunham à razão. Mas todos estávamos igualmente convencidos de que uma grande parte do que se dá à multidão como manifestações espiritualistas são muito simplesmente passes de magia mais ou menos bem executados por falsários que disto se servem para explorar a credulidade pública.

“As observações que acabamos de fazer a respeito das habilidades qualificadas de manifestações, se aplicam por inteiro a todos os supostos médiuns, que se recusam a fazer suas experiências em qualquer lugar que não seja um quarto escuro: os Davenport, Fays, Eddies, Ferrises, Church, Srta. Vanwie e outros, que pretendem fazer coisas materialmente impossíveis, e se deixam passar como instrumentos dos Espíritos, sem trazerem a menor prova em apoio às suas operações. Depois de uma atenta investigação da matéria, estamos na obrigação de declarar que a obscuridade não é uma condição indispensável à produção dos fenômenos; que ela é reclamada como tal apenas pelos velhacos, e que não tem outra utilidade senão favorecer suas trapaças. Em consequência, aconselhamos as pessoas que se ocupam de Espiritualismo, a que renunciem à evocação dos Espíritos no escuro.

“Criticando uma prática que pode ser substituída sem esforço por modos de experimentação infinitamente mais probantes, não pretendemos infligir uma censura aos médiuns que o fazem de boa-fé, mas denunciar à opinião pública os charlatães que exploram uma coisa digna de todo o respeito. Queremos defender os verdadeiros médiuns e livrar a nossa gloriosa causa das imposturas que a desonram.

“Cremos nas manifestações físicas; elas são indispensáveis ao progresso do Espiritismo. São provas simples e claras que ferem, de início, aqueles a quem não cegam os preconceitos; são um ponto de partida para chegar à compreensão

das manifestações de ordem mais elevada, o caminho que conduziu a maior parte dos espiritualistas americanos do ateísmo ou da dúvida ao conhecimento da imortalidade da alma. (Extraído do *New-York Herald*, de 10 de setembro de 1867.)

As Conferências do Sr. Chevillard

APRECIADAS PELO JORNAL *PARIS*

(Vide a *Revista Espírita* de março de 1869)

Lê-se no jornal *Paris*, de 7 de março de 1869, a propósito das conferências do Sr. Chevillard, sobre o Espiritismo:

“Ainda está na lembrança o alvoroço causado há alguns anos no mundo, pelo fenômeno das mesas girantes.

“Não havia família que não possuísse sua mesinha *animada*, nem círculo que não tivesse os seus *Espíritos familiares*; marcava-se dia para fazer a mesa girar, como hoje se marca encontro para uma *festa surpresa*. Por um instante a curiosidade pública – atçada pelo clero a amedrontar as almas timoratas pelo espectro *abominável* de Satã – não conheceu limites e as mesas estalavam, sacudiam, dançavam, do subsolo à água-furtada, com uma obediência das mais meritórias.

“Pouco a pouco a febre cedeu, fez-se silêncio, a moda encontrou outros *divertimentos*, quem sabe? talvez *os quadros vivos*.

“Mas, afastando-se, a multidão deixava imóveis alguns cabeças-duras, apesar de tudo presos a essas manifestações singulares. Insensivelmente uma espécie de laço misterioso se estendia, correndo de um a outro. Os solitários da véspera se contavam no dia seguinte; logo uma vasta associação não fazia mais desses grupos esparsos senão uma só família, marchando, sob a

divisa de uma crença comum, à procura da verdade pelo Espiritismo.

“Parece que a esta hora o exército conta bastantes soldados aguerridos para que lhes dêem as honras do combate. E o Sr. Chevillard, depois de ter apresentado a *solução definitiva do problema espírita*, não hesitou em prosseguir o seu assunto numa nova conferência: *As ilusões do Espiritismo*.

“Por outro lado, o Sr. Desjardin, depois de ter falado dos *inovadores em Medicina*, ameaça bater dentro em pouco as teorias espíritas. Por certo os crentes responderão – os Espíritos não podem encontrar melhor ocasião para se afirmar. – É, pois, um despertar, uma luta que se trava.

“Hoje os espíritas são mais numerosos na Europa do que se supõe. Contam-se por milhões, sem falar dos que crêem e *não se gabam*. O exército recruta todos os dias novos adeptos. Que há de admirável? Não são cada vez mais numerosos os que choram e pedem às comunicações de um mundo melhor, a esperança do futuro?

“A discussão sobre este assunto parece que deve ser séria. Não é sem interesse tomar algumas notas desde o primeiro dia.

“O Sr. Chevillard é generoso; não nega os fatos; – afirma a boa-fé dos médiuns com os quais foi posto em contato; não sente qualquer embaraço em declarar que *ele mesmo* produziu os fenômenos de que fala. Aposta que os espíritas jamais se encontraram em semelhante festa, e eles não deixarão de tirar partido de tais concessões, – se podem opor ao Sr. Chevillard outra coisa além da sinceridade de sua convicção.

“Não nos cabe responder, mas apenas liberar desse conjunto de fatos algumas leis magnéticas que compõem a teoria

do conferencista. ‘As vibrações da mesa, diz ele, são produzidas pelo pensamento interno voluntário do médium, ajudado pelo desejo dos assistentes crédulos, sempre numerosos.’ Assim se acha formalmente indicado o fluido nervoso ou vital, com o qual o Sr. Chevillard estabelece a solução *definitiva* do problema espírita. ‘Todo fato espírita, acrescenta ele mais adiante, é uma sucessão de movimentos produzidos sobre um objeto inanimado por um magnetismo inconsciente.’

“Enfim, resumindo todo o seu sistema numa fórmula abstrata, ele afirma que ‘a idéia da ação voluntária mecânica se transmite pelo fluido nervoso, do cérebro até o objeto inanimado, que executa a ação na qualidade de órgão ligado pelo fluido ao ser que quer, seja a ligação por contato, seja a distância; mas o ser não tem a percepção de seu ato, porque não o executa por um esforço muscular.’

“Esses três exemplos são suficientes para indicar uma teoria, que, aliás, não temos que discutir, e sobre a qual talvez tenhamos que voltar mais tarde; mas, lembrando-nos de uma lição do Sr. E. Caro, na Sorbonne, de bom grado censuraríamos ao Sr. Chevillard o próprio título de sua conferência. Terá ele perguntado, logo de início, se nessas questões que escapam ao controle, à prova matemática – que não podem ser julgadas senão por dedução – a pesquisa das causas primeiras não é incompatível com as fórmulas da Ciência?

“O Espiritismo deixa larga margem à liberdade de raciocínio para poder depender da Ciência propriamente dita. Os fatos que se constatarem, sem dúvida maravilhosos, mas sempre idênticos, escapam a todo controle, e a convicção não pode nascer senão da multiplicidade das observações.

“A causa, digam o que disserem os iniciados, permanece um mistério para o homem que, friamente, pesa esses

fenômenos estranhos, e os crentes ficam reduzidos a fazer votos para que, mais cedo ou mais tarde, uma circunstância fortuita rompa o véu que oculta aos nossos olhos os grandes problemas da vida, e nos mostra radioso o deus desconhecido.”

Pagès de Noyez

Demos a nossa apreciação sobre o alcance das conferências do Sr. Chevillard em nosso número precedente, e seria supérfluo refutar uma teoria que, como dissemos, nada tem de novo, não importa como pense o autor. Que tenha seu sistema sobre a causa das manifestações, é direito seu; que o creia justo, é muito natural; mas que tenha a pretensão de dar, só ele, a solução *definitiva* do problema, é dizer que só a ele é dado a última palavra dos segredos da Natureza, e que, depois dele, nada mais há para ver, nada mais para descobrir. Qual o sábio que alguma vez pronunciou o *nec plus ultra* nas ciências? Há coisas que se podem pensar, mas nem sempre é correto proclamar muito alto.

Aliás, não vimos nenhum espírita inquietar-se com a pretensa descoberta do Sr. Chevillard; todos, ao contrário, fazem votos para que ele continue a sua aplicação até os últimos limites, sem omitir nenhum dos fenômenos que lhe possam opor; quereríamos, sobretudo, vê-lo resolver *definitivamente* estas duas questões:

– Em que se tornam os Espíritos dos homens após a morte?

– Em virtude de que lei esses mesmos Espíritos, que agitavam a matéria durante a vida do corpo, *não podem mais* agitá-la depois da morte e manifestar-se aos vivos?

Se o Sr. Chevillard admite que o Espírito é distinto da matéria e sobrevive ao corpo, deve admitir que o corpo é o instrumento do Espírito nos diferentes atos da vida; que ele

obedece à vontade do Espírito. Desde que admita que, pela transmissão do fluido elétrico, as mesas, os lápis e outros objetos se tornam apêndices do corpo e, assim, obedecem ao pensamento do Espírito encarnado, por que, por uma corrente elétrica análoga, não poderiam obedecer ao pensamento de um Espírito desencarnado?

Entre os que admitem a realidade dos fenômenos, quatro hipóteses foram emitidas sobre sua causa, a saber: 1º A ação exclusiva do fluido nervoso, elétrico, magnético ou qualquer outro; 2º O reflexo do pensamento dos médiuns e dos assistentes, nas manifestações inteligentes; 3º A intervenção dos demônios; 4º A continuidade das relações dos Espíritos humanos, desprendidos da matéria, com o mundo corporal.

Desde a origem do Espiritismo essas quatro proposições têm sido preconizadas e discutidas sob todas as formas, em numerosos escritos, por homens de valor incontestável. Assim, não faltou a luz da discussão. Como é que, desses diversos sistemas, o dos Espíritos tenha encontrado mais simpatias? que só ele prevaleceu e é hoje o único admitido pela imensa maioria dos observadores em todos os países do mundo? que todos os argumentos de seus adversários, após mais de quinze anos, não puderam triunfar, se são a expressão da verdade?

É ainda uma questão interessante a resolver.

A Criança Elétrica

Vários jornais reproduziram o seguinte fato:

O vilarejo de Saint-Urbain, nos confins do Loire e do Ardèche, está em polvorosa. Escrevem-nos que ali se passam coisas estranhas. Uns as imputam ao diabo, outros aí vêem o dedo de Deus, marcando com o selo da predestinação uma de suas criaturas privilegiadas.

Eis em poucas palavras, diz o *Memorial de la Loire*, de que se trata:

“Há cerca de quinze dias nasceu nesta aldeia uma criança que, desde a sua entrada no mundo, tem manifestado as mais admiráveis virtudes, os sábios diriam as mais singulares propriedades. Apenas batizada, tornou-se impalpável e intangível! Intangível, não como a sensitiva, mas à maneira de uma garrafa de Leyde carregada de eletricidade, que não se pode tocar sem sentir uma viva comoção. E, depois, é luminosa! De suas extremidades escapam, por momentos, eflúvios brilhantes, que a fazem assemelhar-se a uma lucíola.

“À medida que o bebê se desenvolve e se fortifica, esses curiosos fenômenos se acentuam com mais energia e intensidade. Até se produzem novos. Conta-se, por exemplo, que em certos dias, quando se aproxima das mãos e dos pés da criança algum objeto de pequeno volume, como uma colher, uma faca, uma xícara, mesmo um prato, esses utensílios são tomados de um frêmito e de uma vibração sutis, que nada pode explicar.

“É particularmente à tardinha e à noite que esses fatos extraordinários se acentuam, tanto em estado de sono, quanto em vigília. Por vezes, então – e aqui raia ao prodígio – o berço parece encher-se de uma claridade esbranquiçada, semelhante a essas belas fosforescências que tomam as águas do mar na esteira dos navios, e que a Ciência ainda não explicou perfeitamente.

“E, contudo, o menino não parece absolutamente incomodado com as manifestações de que sua minúscula pessoa é misterioso teatro. Mama, dorme, passa muito bem e nem é menos chorão nem mais impaciente que os seus semelhantes. Tem dois irmãozinhos de quatro e cinco anos, que nasceram e vivem à maneira dos mais vulgares pequerruchos.

“Acrescente-se que os pais, simples agricultores, o marido com quase quarenta anos e a mulher chegando aos trinta, são os esposos menos elétricos e menos luminosos do mundo. Só brilham por sua honestidade e o cuidado com que criam a pequena família.

“Chamaram o cura da comuna vizinha, que declarou, após longo exame, não compreender absolutamente nada disso; depois o cirurgião, que apalpou, tornou a apalpar, virou, revirou, ascultou e percutiu o paciente, sem querer pronunciar-se claramente, mas que prepara um douto relatório à Academia, do qual se falará no mundo médico.

“Um astucioso da região, e os há em toda parte, farejando aí uma boa especulaçãozinha, propôs alugar a criança à razão de 200 fr. por mês, para mostrá-la nas feiras. É um belo negócio para os pais. Mas, naturalmente o pai e a mãe querem acompanhar um filho tão precioso – a 2 francos por dia – e esta condição ainda impede a conclusão do negócio.

“O correspondente que nos dá esses estranhos detalhes nos certifica, sobre a sua honra, que são a mais exata verdade e que teve o cuidado de mandar subscrever sua carta pelos quatro maiores proprietários da região.”

Certamente nenhum espírita verá neste fato algo de sobrenatural nem miraculoso. É um fenômeno puramente físico, uma variante, quanto à forma, do que apresentam as pessoas ditas elétricas. Sabe-se que certos animais, como o peixe-elétrico e o gimnoto, têm propriedades análogas.

Eis a instrução dada a respeito por um dos guias instrutores da Sociedade de Paris:

“Como temos dito freqüentemente, os mais singulares fenômenos se multiplicam dia a dia, para atrair a atenção da

Ciência. O menino em questão é, pois, um instrumento, mas não foi escolhido para esse efeito senão em virtude da situação criada em seu passado. Por mais excêntrico que seja, em aparência, um fenômeno qualquer, produzido num encarnado, tem sempre como causa imediata a situação inteligente e moral desse encarnado e uma relação com seus antecedentes, já que todas as existências são solidárias. Sem dúvida é um assunto de estudo para os que o testemunham, mas secundariamente. É, sobretudo, para aquele que dele é objeto, uma provação ou uma expiação. Há, pois, o fato material, que é da alçada da Ciência, e a causa moral, que pertence ao Espiritismo.

“Mas, objetareis, como semelhante estado pode ser uma provação para uma criança dessa idade? Para a criança, não, seguramente, mas para o Espírito, que não tem idade, a provação é certa.

“Achando-se, como encarnado, numa situação excepcional, cercado de uma auréola física, que não passa de uma máscara, mas que deveria passar aos olhos de certa gente por um sinal de santidade ou de predestinação, desprendido durante o sono, o Espírito se orgulha da impressão que produz. Era um taumaturgo de uma espécie particular, que passou sua última existência a representar uma santa personagem, em meio aos prodígios que se tinha exercitado a realizar, e que quis continuar seu papel nesta existência. Para atrair o respeito e a veneração, quis nascer, como criança, em condições excepcionais. Se viver, será um falso profeta do futuro, e não será o único.

“Quanto ao fenômeno em si, é certo que terá pouca duração. A Ciência deve, pois, apressar-se, se o quiser estudar *de visu*; mas nada fará, temerosa de encontrar dificuldades embaraçosas. Contentar-se-á em considerar o menino como um peixe-elétrico humano.”

Um Cura Médium Curador

Um dos nossos assinantes do Departamento dos Hautes-Alpes escreve-nos o seguinte:

“Desde algum tempo se fala muito, no vale do Queyras, de um vigário que, sem estudos médicos, cura uma multidão de pessoas de várias afecções. Há muito tempo que age assim, e dizem que augustas personagens o consultaram, quando era chefe de outra paróquia nos Basses-Alpes. Suas curas tinham dado que falar, e dizem que, por punição, fora enviado como cura a La Chalpe, comuna vizinha de Abriès, na fronteira do Piemonte. Lá continuou a ser útil à Humanidade, aliviando e curando, como no passado.

“Para os espíritas isto nada tem de admirável. Se vos falo do caso é porque no vale do Queyras, como alhures, ele faz muito barulho. Como todos os médiuns curadores sérios, nunca aceita nada. Segundo me disseram, S. M. a imperatriz herdeira da Rússia lhe teria oferecido várias notas de banco, que ele recusou, rogando que as pusesse na caixa de esmolas, caso as quisesse dar para sua Igreja.

“Um outro indivíduo colocou um dia, disfarçadamente, uma moeda de vinte francos entre os seus papéis; quando ele o percebeu, fê-lo voltar, sob pretexto de novas indicações a lhe dar, e lhe devolveu o seu dinheiro.

“Uma porção de pessoas fala dessas curas *de visu*; outras não acreditam. Sei do fato através de pessoas que são as menos convenientes.

“Tinham denunciado o cura por exercício ilegal da Medicina; dois policiais se apresentaram em sua casa para levá-lo à autoridade. Ele lhes disse: ‘Eu vos seguirei; mas, um instante, por favor, porque não comi. Almoçai comigo e me vigiaredes.’ Durante a refeição, ele disse a um dos policiais: – ‘Estais doente. – Doente?’

agora nem tanto; há três meses, nada digo. – Pois bem! sei o que tendes; e, se quiserdes, posso curar-vos já, se fizerdes o que eu disser.’ Negociaram e a proposta foi aceita.

“O cura mandou suspender o policial pelos pés, de modo que suas mãos tocassem a terra e o sustentassem; colocou sob sua cabeça uma tigela de leite quente e lhe administrou o que se chama uma fumigação de leite. Ao cabo de alguns minutos, uma cobrinha, dizem uns, um grande verme, segundo outros, cai na tigela. Reconhecido, o policial pôs a cobra numa garrafa e conduziu o cura ao magistrado, ao qual explicou o seu caso, após o que o cura foi posto em liberdade.

“Eu teria desejado muito ver esse cura, acrescenta o nosso correspondente, mas a neve de nossas montanhas torna os caminhos muito difíceis nesta estação; sou obrigado a me contentar com as informações que vos transmito. A conclusão de tudo isto é que esta faculdade se desenvolve e os exemplos se multiplicam. Na comuna que vos cito, e em nosso vale, isto produz um grande efeito. Como sempre, uns dizem: *Charlatão*; outros, *demônio*; outros ainda, *feiticeiro*. Mas os fatos aí estão, e não pude perder a ocasião para dizer a minha maneira de pensar, explicando que os fatos desse gênero nada têm de sobrenatural, nem de diabólico, como se têm visto milhares de exemplos, desde os tempos mais remotos, e que é um modo de manifestação do poder de Deus, sem que haja derrogação de suas leis eternas.”

Variedades

OS MILAGRES DO BOIS-d’HAINE

O *Progrès thérapeutique*, jornal de Medicina, em seu número de 1º de março de 1869, dá conta de um fenômeno bizarro, tornado objeto de curiosidade pública no burgo de Bois-d’Haine, na Bélgica. Trata-se de uma jovem de 18 anos, que todas as sextas-

feiras, de 1:30 às 4:30, cai num estado de êxtase cataléptico; nesse estado fica deitada, braços estendidos, um pé sobre o outro, na posição de Jesus na cruz.

A insensibilidade e a rigidez dos membros foram constatadas por vários médicos. Durante a crise, cinco chagas se abrem nos mesmos lugares onde se localizavam as do Cristo, e deixam gotejar sangue verdadeiro. Depois da crise, o sangue pára de correr, as chagas se fecham e são cicatrizadas em vinte e quatro horas. Durante os acessos, diz o Dr. Beaucourt, autor do artigo, o reverendo padre Serafim, presente às sessões, graças ao ascendente que tem sobre a doente, tem o poder de despertá-la de seu êxtase. Acrescenta: “Todo homem que não for ateu deve, para ser lógico, admitir que aquele que estabeleceu as leis admiráveis, tanto físicas quanto fisiológicas que regem a Natureza, também pode, à vontade, suspender ou mudar momentaneamente uma ou várias dessas leis.”

Como se vê, é um milagre em todas as suas regras, e uma repetição do das *estigmatizadas*. Como os milagres, segundo a Igreja, não são da alçada do Espiritismo, julgamos supérfluo levar mais longe a pesquisa das causas do fenômeno, e isto tanto mais quanto outro jornal disse, depois, que o bispo da diocese tinha interditado toda exibição.

O Despertar do Sr. Luís

No número precedente publicamos o relato do estado singular de um Espírito que julgava sonhar. Enfim despertou, e o anunciou espontaneamente, na comunicação seguinte:

(Sociedade de Paris, 12 de fevereiro de 1869 – Médium: Sr. Leymarie)

Decididamente, senhores, malgrado meu, é preciso que eu abra os olhos e os ouvidos; é preciso que escute e veja. Por mais

que negue e declare que sois maníacos, muito corajosos, mas muito inclinados aos devaneios, às ilusões, é preciso, confesso, apesar dos meus ditos, que finalmente eu saiba que não sonho mais. Acerca disto, estou certo, completamente certo. Venho à vossa casa todas as sextas-feiras, dias de reunião e, de tanto ouvir repetir, quis saber se esse famoso sonho se prolongaria indefinidamente. O amigo Jobard se encarregou de me edificar a respeito, e isto com provas sólidas.

Não pertenço mais à Terra; estou morto; vi o luto dos meus, o pesar dos amigos, o contentamento de alguns invejosos e agora venho ver-vos. Meu corpo não me seguiu; está mesmo lá, no seu recanto, no meio do esterco humano; e, com ou sem apelo, hoje venho a vós, não mais com despeito, mas com o desejo e a convicção de me esclarecer. Discirno perfeitamente; vejo o que fui; percorro com Jobard distâncias imensas: então vivo; concebo, combino, possuo minha vontade e meu livre-arbítrio: assim, nem tudo morre. Não éramos, pois, uma agregação inteligente de moléculas e todas as salmodias sobre a inteligência da matéria não passavam de frases vazias e sem consistência.

Ah! crede, senhores, se meus olhos se abrem, se entrevejo uma verdade nova, não é sem sofrimentos, sem revoltas, sem retornos amargos!

É, pois, muito verdadeiro! O Espírito permanece! Fluido inteligente, pode, sem a matéria, viver sua vida própria, etérea, segundo a vossa expressão: semimaterial. Por vezes, entretanto, eu me pergunto se o sonho fantástico que eu tinha há mais de um mês não continua com peripécias novas, inauditas; mas o raciocínio frio, impassível de Jobard força-me a mão e, quando resisto, ele ri e se deleita em me confundir; todo contente, cumula-me de epigramas e ditos alegres! Por mais que eu me rebele e me revolte, é preciso obedecer à verdade.

O Desnoyers da Terra, o autor de *Jean-Paul Chopard* ainda está vivo e seu pensamento ardente abarca outros horizontes. Outrora ele era liberal e terra-a-terra, ao passo que agora aborda e abraça problemas desconhecidos, maravilhosos; e, diante dessas novas apreciações, senhores, tende a bondade de me perdoar as expressões um tanto levianas, porque, se eu não tinha razão completamente, bem poderíeis estar um pouco errados.

Desejo refletir, reconhecer-me definitivamente, e se o resultado de minhas pesquisas sérias me conduzir às vossas idéias, hei de esperar, mas já não será para me dar um tiro nos miolos.

Até outra vez, senhores.

Luis Desnoyers

O mesmo Espírito deu espontaneamente a comunicação seguinte, a propósito da morte de Lamartine.

(Sociedade de Paris, 5 de março de 1869 – Médium: Sr. Leymarie)

Sim, senhores, nós morremos mais ou menos esquecidos; pobres seres, vivemos confiantes nos órgãos que transmitem os nossos pensamentos. Queremos a vida com suas exuberâncias, fazemos uma multidão de projetos. Neste mundo a nossa passagem pode ter tido a sua repercussão e, chegada a última hora, todos esses ruídos, todo esse barulhinho, nossa soberba, nosso egoísmo, nosso labor, tudo é engolido na massa. É uma gota d'água no oceano humano.

Lamartine era um grande e nobre espírito, cavalheiresco, entusiasta, um verdadeiro mestre na acepção da palavra, um diamante puro, bem lapidado; era belo, grande; tinha o olhar, tinha o gesto do predestinado; sabia pensar, escrever; sabia falar; era um inspirado, um transformador!... Poeta, mudou o impulso da literatura, emprestando-lhe suas asas prodigiosas;

homem, governou um povo, uma revolução, e suas mãos se retiraram puras do contato com o poder.

Ninguém mais que ele foi amado, estimado, bendito, adorado; e quando vieram os cabelos brancos, quando o desânimo tomou o belo velho, o lutador dos grandes dias, não lhe perdoaram mais um instante de desfalecimento. A própria França estava desfalecida e esbofeteou o poeta, o grande homem; quis menoscabá-lo, esse lutador de duas revoluções, e o esquecimento, repito, parecia enterrar essa grande e magnânima figura! Ele está morto e bem morto, pois o acolhi no além-túmulo, com todos os que o tinham apreciado e estimado, malgrado o ostracismo, do qual a juventude das escolas fazia uma arma contra ele.

Estava transfigurado, sim, senhores, pela dor de ter visto os que o tinham tanto amado recusar-lhe o devotamento que, no entanto, ele nunca soube recusar em outros tempos, enquanto os vencedores lhe estendiam as mãos. O poeta havia se tornado filósofo, e esse pensador amadurecia sua alma dolorida para a grande prova. Via melhor; pressentia tudo, tudo o que esperais, senhores, e tudo o que eu não esperava.

Mais que ele, sou um vencido; vencido pela morte, vencido em vida pela necessidade, esse inimigo inacessível que nos importuna como um corrosivo; e muito mais vencido hoje, porque venho inclinar-me ante a verdade.

Ah! se para a França hoje reluz uma grande verdade; se a França de 89, se a mãe de tantos gênios desaparecidos recomeça a sentir que um de seus mais caros filhos, o bom, o nobre Lamartine desapareceu, hoje sinto que para ele nada está morto; sua lembrança está em toda parte; as ondas sonoras de tantas lembranças comovem o mundo. Ele era imortal entre vós, mas muito mais ainda entre nós, onde está realmente transfigurado. Seu Espírito resplandece, e Deus pode receber o grande desconhecido.

De agora em diante Lamartine pode abarcar os mais vastos horizontes e cantar os hinos grandiosos que o seu grande coração havia sonhado. Pode preparar o vosso futuro, meus amigos, e acelerar conosco as etapas humanitárias. Mais que nunca poderá ver desenvolver-se em vós esse ardente amor pela instrução, pelo progresso, pela liberdade e pela associação, que são os elementos do futuro. A França é uma iniciadora; ela sabe o que pode; quererá, ousará, quando sua juba poderosa tiver sacudido o formigueiro que vive a expensas de sua virilidade e de sua grandeza.

Poderei eu, como ele, ganhar minha auréola e tornar-me resplandecente de felicidade, ver-me regenerar por vossa crença, cuja grandeza hoje compreendo? Para vós Deus me marcou como uma ovelha desgarrada; obrigado, senhores. Ao contato dos mortos tão lamentados, sinto-me viver e em breve direi convosco na mesma prece: A morte é a glória; a morte é a vida.

Louis Desnoyers

Observação – Uma senhora, membro da Sociedade, que conhecia particularmente o Sr. Lamartine, e tinha assistido aos seus últimos momentos, acabava de dizer que, depois de sua morte, sua fisionomia se havia literalmente transfigurado, que não tinha mais a decrepitude da velhice. É a essa circunstância que o Espírito aludia.

Dissertações Espíritas

LAMARTINE

(Sociedade Espírita de Paris, 14 de março de 1869

– Médiun: Sr. Leymarie)

Um amigo, um grande poeta, escrevia-me em dolorosa circunstância: “Ela é sempre vossa companheira, invisível, mas presente; perdeste a mulher, mas não a alma! Caro amigo, vivamos nos mortos!” Pensamento consolador, salutar, que reconforta na

luta e faz pensar incessantemente nesta sucessão ascendente da matéria, nesta unidade na concepção de tudo o que é, neste maravilhoso e incomparável obreiro que, para a continuidade do progresso, liga o Espírito a esta matéria, espiritualizada, por sua vez, pela presença do elemento superior.

Não, minha bem-amada, não perdi tua alma, que vivia gloriosa, cintilante de todas as claridades do mundo invisível. Minha vida é um protesto vivo contra o flagelo ameaçador do ceticismo, sob suas múltiplas formas. Ninguém, mais que eu, afirmou energicamente a personalidade divina e acreditou na personalidade humana, defendendo a liberdade. Se o pensamento do infinito estava desenvolvido em mim, se a presença divina palpita em páginas entusiastas, é que eu devia abrir minha trilha; é que eu vivia da presença de Deus, e essa fonte, jorrando incessantemente, sempre me fez crer no bem, no belo, na retidão, no devotamento, na honra do indivíduo e, mais ainda, na honra da nação, essa individualidade condensada. É que minha companheira era uma natureza de escol, forte e terna. Junto dela compreendi a natureza da alma e suas íntimas relações com a estátua de carne, essa maravilha! Por isso, meus estudos eram espiritualizados, por conseguinte fecundos e rápidos, voltando-se incessantemente para as formas do belo e a paixão das letras. Casei a Ciência ao pensamento, a fim de que a Filosofia, em mim, pudesse servir-se desses dois preciosos instrumentos poéticos.

Às vezes minha forma era abstrata e não estava ao alcance de todos; mas os pensadores sérios a adotaram; todos os grandes espíritos de minha época me abriram suas fileiras. A ortodoxia católica me olhava como uma ovelha fugindo do rebanho do pastor romano, sobretudo quando, levado pelos acontecimentos, partilhei a responsabilidade de uma revolução gloriosa.

Arrastado um momento pelas aspirações populares, por esse poderoso sopro de idéias comprimidas, eu não era mais o

homem das grandes situações; tinha terminado minha caminhada, e, para mim soavam, no relógio do tempo, as horas de lassidão e de desânimo. Vi o meu calvário, e enquanto Lamartine o subia penosamente, os filhos desta França tão amada lhe cuspiam no rosto, sem respeito por seus cabelos brancos, o ultraje, o desafio, a injúria.

Prova solene, senhores, na qual a alma se retempera e se corrige, porque o esquecimento é a morte, e a morte na Terra é o comércio com Deus, esse dispensador judicioso de todas as forças!

Morri como cristão; tinha nascido na Igreja, parto antes dela! Há um ano, eu tinha uma profunda intuição. Falava pouco, mas viajava sem cessar pelas planícies etéreas, onde tudo se refunde sob o olhar do Senhor dos mundos; o problema da vida se desdobrava majestosamente, gloriosamente. Compreendi o pensamento de Swedenborg e da escola dos teósofos, de Fourier, de Jean Reynaud, de Henri Martin, de Victor Hugo, e o Espiritismo, que me era familiar, embora em contradição com os meus preconceitos e o meu nascimento, preparavam-me para o desligamento, para a partida. A transição não foi penosa; como o pólen de uma flor, meu Espírito, levado por um turbilhão, encontrou a planta irmã. Como vós, eu a chamo erraticidade; e, para me fazer amar esta irmã desejada, minha mãe, minha esposa bem-amada, uma multidão de amigos e de invisíveis me cercavam como uma auréola luminosa. Mergulhado nesse fluido benfazejo, meu Espírito se serenava, como o corpo desse viajor do deserto que, após longa viagem sob um céu de chumbo e de fogo, encontrava um banho generoso para o corpo, uma fonte límpida e fresca para a sua sede ardente.

Alegrias inefáveis do céu sem limites, concertos de todas as harmonias, moléculas que repercutem os acordes da ciência divina, calor vivificante de suas impressões sem nome que

a língua humana não poderia decifrar, bem-estar novo, renascimento, completa elasticidade, elétrica profundidade das certezas, similitude das leis, calma cheia de grandeza, esferas que encerram as humanidades, oh! sede bem-vindas, emoções previstas, aumentadas indefinidamente de radiações do infinito!

Permutai vossas idéias, espíritas, que acreditais em nós. Estudai nas fontes sempre novas do nosso ensino; firmai-vos, e que cada membro da família seja um apóstolo que fale, marche e aja com vontade, com a certeza de que não dais nada ao desconhecido. Sabei muito para que vossa inteligência se eleve. A ciência humana, reunida à ciência dos vossos auxiliares invisíveis, mas luminosos, vos fará senhores do futuro. Expulsareis a sombra para vir a nós, isto é, à luz, a Deus.

Alphonse de Lamartine

CHARLES FOURIER

Um discípulo de Charles Fourier, que também é espírita, ultimamente nos dirigiu uma evocação com o pedido de solicitar uma resposta, se fosse possível, a fim de se esclarecer sobre certas questões. Como ambas nos pareceram instrutivas, transcrevemo-las a seguir.

(Paris – Grupo Desliens, 9 de março de 1869)

“Irmão Fourier,

“Do alto da esfera ultramundana, se teu Espírito pode me ver e me ouvir, eu te peço comunicar-te comigo, a fim de me fortaleceres na convicção que tua admirável teoria dos quatro movimentos fez nascer em mim sobre a lei da harmonia universal, ou de me desenganares, se tiveste a infelicidade, tu mesmo, de te enganares. – A ti, cujo gênio incomparável parece ter levantado a cortina que ocultava a Natureza, e cujo Espírito deve ser mais

lúcido ainda do que o era no mundo material, eu te peço que me digas se reconheces, no mundo dos Espíritos, como na Terra, a existência de perturbação da ordem natural estabelecida por Deus, em nossa organização social; se as atrações passionais são realmente a alavanca de que Deus se serve para conduzir o homem ao seu verdadeiro destino; se a analogia é um meio seguro para descobrir a verdade.

“Peço-te que também me digas o que pensas das sociedades cooperativas que germinam de todos os lados na superfície do nosso globo. Se teu Espírito pode ler no pensamento do homem sincero, tu deves saber que a dúvida o torna infeliz; eis por que te suplico, de tua morada de além-túmulo, a gentileza de fazer tudo quanto dependa de ti para me convencer.

“Recebe, irmão nosso, a segurança do respeito que devo à tua memória e de minha maior veneração.”

J. G.

Resposta – É uma pergunta muito grave, caro irmão em crença, perguntar a um homem se ele se enganou, quando um certo número de anos se passou desde que ele expôs o sistema que melhor satisfazia às suas aspirações para o desconhecido! Enganei-me?... Quem não se enganou quando quis levantar, apenas com as próprias forças, o véu que lhe ocultava o fogo sagrado! Prometeu fez homens com esse fogo, mas a lei do progresso condenou esses homens às lutas físicas e morais. Eu fiz um sistema, destinado, como todos os sistemas, a viver um tempo, depois se transformar, associar-se a novos elementos mais verdadeiros. Vede, há idéias como homens. Desde que nasceram, não morrem: transformam-se. Grosseiras a princípio, envoltas na ganga da linguagem, encontram sucessivamente artífices que as talham e as vão polindo cada vez mais, até que o calhau informe se tenha tornado o diamante de vivo brilho, a pedra preciosa por excelência.

“Busquei conscienciosamente e achei muito. Apoiando-me nos princípios adquiridos, fiz avançar alguns passos o pensamento inteligente e regenerador. O que descobri era verdadeiro em princípio; falseei-o, ao querer aplicá-lo. Quis criar a série, estabelecer harmonias; mas essas séries, essas harmonias não precisavam de criador; existiam desde o começo; eu não podia senão perturbá-las, querendo estabelecê-las sobre as pequenas bases de minha concepção, quando Deus lhes havia dado o Universo por gigantesco laboratório.

“Meu mais sério título, e o que ignoram e talvez mais desdenhem, é ter partilhado com Jean Reynaud, Ballanche, Joseph de Maistre e muitos outros, o pressentimento da verdade; é ter sonhado com essa regeneração humana pela provação, essa sucessão de existências reparadoras, essa comunicação do mundo livre e do mundo encadeado à matéria, que tendes a felicidade de tocar com o dedo. Tínhamos previsto e realizais o nosso sonho. Eis os nossos maiores títulos de glória, os únicos que, por minha parte, estimo e dos que mais me lembro.

“Dizeis que duvidais, meu amigo! tanto melhor; porque aquele que duvida verdadeiramente, procura; e aquele que procura, encontra. Procurai, pois, e se não depender senão de mim pôr a convicção em vossas mãos, contaí com o meu concurso devotado. Mas escutai um conselho de amigo, que pus em prática em minha vida e com o qual sempre me dei bem: ‘Se quiserdes uma demonstração séria de uma lei universal, buscai a sua aplicação individual. Quereis a verdade? Buscai-a em vós mesmos e na observação dos fatos de vossa própria vida. Todos os elementos da prova lá estão. Que aquele que queira saber se examine, e encontrará.’”

Bibliografia

HÁ UMA VIDA FUTURA?

*Opiniões diversas sobre este assunto, colhidas e ordenadas por um Fantasma*¹¹

Para o maior número, não oferecendo dúvida a vida futura, uma demonstração se torna de certo modo supérflua, porque é mais ou menos como se se quisesse provar que o Sol se levanta todas as manhãs. Entretanto, como há cegos que não vêem o Sol se levantar, é bom saber como se lhes pode provar; ora, é a tarefa que empreendeu o Fantasma, autor deste livro. Este Fantasma é um ilustre engenheiro, que conhecemos de nome, por outras obras filosóficas que trazem o seu nome; mas, como não quis associá-lo ao nome por que era conhecido, não nos julgamos no direito de cometer uma indiscrição, embora saibamos perfeitamente que ele não faz nenhum mistério de suas crenças.

Este livro prova, uma vez mais, que a Ciência não conduz fatalmente ao materialismo, e que um matemático pode ser um firme crente em Deus, na alma, na vida futura em todas as suas conseqüências.

Não é uma simples profissão de fé, mas uma demonstração digna de um matemático, por sua lógica cerrada e irresistível. Também não é uma dissertação árida e dogmática, mas uma polêmica orientada sob a forma de conversação familiar, na qual os prós e os contras são imparcialmente discutidos.

Conta o autor que, assistindo ao enterro de um de seus amigos, pôs-se a conversar em caminho com vários convidados. A circunstâncias e as peripécias da cerimônia levaram a conversa para a sorte do homem após a morte. Inicialmente ela se travou com um niilista, ao qual ele se propôs demonstrar a realidade da vida futura

11 1 vol. in-12; 3 fr.

por argumentos encadeados com uma arte admirável e, sem o chocar ou ferir, conduzi-lo naturalmente às suas idéias.

Junto ao túmulo são pronunciados dois discursos num sentido diametralmente oposto sobre a questão do futuro, e produzem impressões diferentes. De volta, os novos interlocutores se juntam aos dois primeiros; acordam reunir-se em casa de um deles, e lá se trava uma polêmica séria, na qual as diversas opiniões fazem valer as razões sobre as quais se apóiam.

Este livro, cuja leitura é atraente, tem todo o encanto de uma história, e toda a profundidade de uma tese filosófica. Adiantaremos que, entre os princípios que preconiza, não encontramos um só em contradição com a Doutrina Espírita, na qual o autor deve ter-se inspirado.

A necessidade da reencarnação para o progresso, sua evidência, sua concordância com a justiça de Deus, a expiação e a reparação pelo reencontro dos que se prejudicaram numa precedente existência, aí são demonstradas com uma clareza surpreendente. Vários exemplos citados provam que o esquecimento do passado, na vida de relação, é um benefício da Providência, e que esse esquecimento momentâneo não impede tirar proveito da experiência do passado, visto que a alma se recorda nos momentos de desprendimento.

Eis, em poucas palavras, um dos fatos contados por um dos interlocutores e que, segundo ele, lhe é pessoal:

Era aprendiz numa grande fábrica; por sua conduta, inteligência e caráter, granjeou a estima e a amizade do patrão que, em consequência, o torna sócio de sua casa. Vários fatos, dos quais então não se dava conta, provam nele a percepção e a intuição das coisas durante o sono; essa faculdade até lhe serviu para prevenir um acidente que poderia ter consequências desastrosas para a fábrica.

A filha do patrão, encantadora menina de oito anos, lhe testemunhava afeição e se divertia com ele; mas, cada vez que ela se aproximava, ele sentia um frio glacial e uma repulsa instintiva; seu contato lhe fazia mal. Pouco a pouco, no entanto, tal sentimento se abrandou, depois se apagou. Mais tarde a desposou. Ela era boa, afetuosa, previdente e a união era muito feliz.

Uma noite ele teve um sonho horrível. Via-se na sua precedente encarnação; sua mulher se havia conduzido de maneira indigna e tinha sido a causa de sua morte, mas, coisa estranha! ele não podia dissociar a idéia dessa mulher da sua atual esposa; parecia-lhe que era a mesma pessoa. Perturbado por essa visão ao despertar, ficou triste; pressionado pela mulher para lhe dizer a causa, decidiu-se a contar o seu pesadelo. “É singular, disse ela, tive um sonho semelhante, e eu é que era a culpada.” As circunstâncias fazem que ambos reconheçam não estarem unidos pela primeira vez; o marido explica a repulsa que tinha pela esposa, quando esta era menina; a mulher redobra de cuidados para apagar o passado; mas já está perdoada, porque a reparação se deu e o enlace continua a ser próspero.

Dáí a conclusão: que esses dois seres se encontravam novamente unidos, um para reparar, o outro para perdoar; que se tivessem tido a lembrança do passado, teriam fugido um do outro e perdido o benefício, um o da reparação, o outro o do perdão.

Para dar uma idéia exata do interesse deste livro, seria preciso citá-lo quase por inteiro. Limitar-nos-emos à passagem seguinte:

“Perguntais se creio na vida futura, dizia um velho general; se cremos, nós, soldados! E como quereis que não seja assim, a menos que sejamos um tríplice animal? Em que quereis que pensemos na véspera de um combate, de um assalto, que tudo prenuncia que deve ser mortífero?... Depois de ter dito adeus, em

pensamento, aos seres queridos, que estamos ameaçados de deixar, voltamos irresistivelmente aos ensinamentos maternos, que nos mostraram uma vida futura, na qual os seres simpáticos se reencontram. Colhemos nessas lembranças um redobramento de coragem, que nos faz afrontar os maiores perigos, conforme o nosso temperamento, com calma ou com uma certa exaltação e, mais vezes, ainda, com um entusiasmo, uma alegria, que são os traços característicos do exército francês.

“Afinal de contas, nós somos descendentes desses bravos gauleses, cuja crença na vida futura era tão grande, que tomavam emprestadas vastas somas de dinheiro para reembolsar numa outra existência. Vou mais longe: estou persuadido de que somos sempre os filhos da velha Gália que, entre a época de César e a nossa, atravessaram grande número de existências, em cada uma das quais tomaram um grau mais elevado nas falanges terrenas.”

Este livro será lido com proveito pelos mais firmes crentes, porque aí colherão novos argumentos para refutar seus adversários.

A ALMA

SUA EXISTÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES

Por Dyonis¹²

Este livro tende para o mesmo objetivo que o precedente: a demonstração da alma, da vida futura, da pluralidade das existências, mas sob uma forma mais didática, mais científica, embora sempre clara e inteligível para todo o mundo. A refutação do materialismo, particularmente das doutrinas de Büchner e de Maleschott, aí ocupa largo espaço, e não é a parte menos interessante nem a menos instrutiva, pela irresistível lógica dos

12 1 vol. in-12, 3 fr. 50.

argumentos. A doutrina desses dois escritores de incontestável talento, e que pretendem explicar todos os fenômenos morais só pelas forças da matéria, teve larga repercussão na Alemanha e, em consequência, na França; naturalmente, foi aclamada com entusiasmo pelos materialistas, felizes de aí encontrarem sanção às suas idéias; recrutou partidários sobretudo entre a juventude das escolas, que nelas se apóiam para se libertarem, em nome da aparente legalidade de uma filosofia, do freio imposto pela crença em Deus e na imortalidade.

O autor se empenha em reduzir ao seu justo valor os sofismas sobre os quais se apóia essa filosofia; demonstra as desastrosas consequências que ela teria para a sociedade, se algum dia viesse a prevalecer, e sua incompatibilidade com toda doutrina moral. Embora ela quase não seja conhecida por certa gente, uma refutação de certo modo popular é muito útil, a fim de premunir os que se pudessem deixar seduzir pelos argumentos especiosos que ela invoca. Estamos persuadidos de que, entre as pessoas que a preconizam, algumas recuariam, se tivessem compreendido todo o seu alcance.

Mesmo que fosse apenas deste ponto de vista, a obra do Sr. Dyonis mereceria sérios estímulos, porque é um campeão enérgico para a causa do espiritualismo, que é também a do Espiritismo, ao qual se vê que o autor não é estranho. Mas a isso não se limita a tarefa que ele se impôs; ele encara a questão da alma de maneira larga e completa; é um dos que admitem o seu progresso indefinido, através da animalidade, da Humanidade e além da Humanidade. Talvez, sob certos aspectos, seu livro encerre algumas proposições um tanto arriscadas, mas que é bom trazer à baila, a fim de que sejam amadurecidas pela discussão.

Lamentamos que a falta de espaço não nos permita justificar a nossa apreciação por algumas citações; limitar-nos-emos

à seguinte passagem, e a dizer que os que leem este livro não perderão o seu tempo.

“Se examinarmos os seres que se sucederam nos períodos geológicos, notamos que há progresso nos indivíduos dotados sucessivamente de vida, e que o último a chegar, o homem, é uma prova irrecusável desse desenvolvimento moral, pelo dom da inteligência transmissível que o foi primeiro a receber, e o único de todos os animais.

“Esta perfectibilidade da alma, oposta à imperfectibilidade da matéria, nos leva a pensar que a alma humana não é a primeira expressão da alma, mas apenas a sua última expressão até aqui. Em outros termos, que a alma progrediu desde a primeira manifestação da vida, passando alternadamente pelas plantas, os animálculos, os animais e o homem, para se elevar ainda, por meio de criações de uma ordem superior, que os nossos sentidos imperfeitos não nos permitem compreender, mas que a lógica dos fatos nos leva a admitir. A lei do progresso, que seguimos nos desenvolvimentos físicos dos animais sucessivos, existiria, pois, igualmente e principalmente, em seu desenvolvimento moral.”

Sociedades e Jornais Espíritas no Estrangeiro

A abundância de matérias nos obriga a adiar para o próximo número o relatório de duas sociedades espíritas, constituída em bases sérias, por estatutos impressos, mui sabiamente concebidos: um em Sevilha, na Espanha; a outra em Florença, na Itália.

Falaremos, igualmente, de dois novos jornais espíritas, que nos limitaremos a anunciar a seguir.

El Espiritismo (O Espiritismo) – 12 páginas in-4º, saindo duas vezes por mês, desde 1º de março, em *Sevilha*, calle de Genova, 51. – Preço por trimestre: Sevilha, 5 reais; províncias, 6 r.; estrangeiro, 10 r.

Il Veggente (O Vidente) – Jornal magnético-espírita hebdomadário; quatro páginas in-4º; publicado em Florença, via Pietra Piana, 40. – Preço: 4 fr. 50 c. por ano; por seis meses, 2 fr. 50 c.

Errata

Número de março de 1869, página 93, linha 31, em vez de: *concerto do Espírito*, lede: *conceito do Espírito*.¹³

Allan Kardec

Este foi o último fascículo da *Revista Espírita* que veio a lume sob a responsabilidade de Allan Kardec. A partir do mês de maio de 1869, essa tarefa ficou a cargo de seus continuadores, tendo à frente, pelo Comitê de Redação, o Sr. Armand Théodore Desliens, na qualidade de Secretário-gerente da *Revista*.

13 N. do T.: A página e a linha indicadas são as do original francês. Procedemos às correções apontadas por Allan Kardec no devido lugar desta versão.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

MAIO DE 1869

Nº 5

AOS ASSINANTES DA REVISTA

Biografia do Sr. Allan Kardec¹⁴

É ainda sob o golpe da dor profunda que nos causou a prematura partida do venerável fundador da Doutrina Espírita, que nos abalançamos a uma tarefa, simples e fácil para suas mãos sábias e experientes, mas cujo peso e gravidade nos esmagariam, se não contássemos com o auxílio eficaz dos Espíritos bons e com a indulgência dos nossos leitores.

Quem, dentre nós, poderia, sem ser tachado de presunçoso, lisonjear-se de possuir o espírito de método e organização de que se mostram iluminados todos os trabalhos do mestre? Só a sua pujante inteligência podia concentrar tantos materiais diversos, triturá-los e transformá-los, para os espalhar em seguida, como orvalho benfazejo, sobre as almas desejosas de conhecer e de amar.

Incisivo, conciso, profundo, sabia agradar e fazer compreendido numa linguagem simples e elevada, ao mesmo

14 N. do T.: Transcrita em *Obras Póstumas*, logo após o índice.

tempo, tão distanciada do estilo familiar quanto das obscuridades da metafísica.

Multiplicando-se incessantemente, pudera até agora bastar a tudo. Entretanto, o cotidiano alargamento de suas relações e o contínuo desenvolvimento do Espiritismo lhe faziam sentir a necessidade de reunir em torno de si alguns auxiliares inteligentes e preparava simultaneamente a nova organização da Doutrina e de seus labores, quando nos deixou, para ir, num mundo melhor, receber a sanção da missão que desempenhara e coletar elementos para uma nova obra de devotamento e sacrifício.

Era sozinho!... Chamar-nos-emos *legião* e, por muito fracos e inexperientes que sejamos, nutrimos a convicção íntima de que nos conservaremos à altura da situação, se, partindo dos princípios estabelecidos e de incontestável evidência, nos consagrarmos a executar, tanto quanto nos seja possível e de acordo com as necessidades do momento, os projetos que ele pretendia realizar no futuro.

Enquanto nos mantivermos nas suas pegadas e todos os de boa vontade se unirem, num esforço comum pelo progresso e pela regeneração intelectual e moral da Humanidade, conosco estará o Espírito do grande filósofo a nos secundar com a sua influência poderosa, dado lhe seja possível suprir à nossa insuficiência e nos possamos mostrar dignos do seu concurso, dedicando-nos à obra com a mesma abnegação e a mesma sinceridade que ele, embora sem tanta ciência e inteligência.

Em sua bandeira, inscrevera o mestre estas palavras: *Trabalho, solidariedade, tolerância*. Sejamos, como ele, infatigáveis; sejamos acordemente com os seus anseios, tolerantes e solidários e não temamos seguir-lhe o exemplo, reconsiderando, quantas vezes forem precisas, os princípios ainda controvertidos. Apelemos ao concurso e às luzes de todos. Tentemos avançar, antes com

segurança e certeza, do que com rapidez, e não ficarão infrutíferos os nossos esforços se, como estamos persuadidos, e seremos os primeiros a dar disso exemplo, cada um cuidar de cumprir o seu dever, pondo de lado todas as questões pessoais, a fim de contribuir para o bem geral.

Sob auspícios mais favoráveis não poderíamos entrar na nova fase que se abre para o Espiritismo, do que dando a conhecer aos nossos leitores, num rápido esboço, o que foi, durante toda a sua vida, o homem íntegro e honrado, o sábio inteligente e fecundo, cuja memória se transmitirá aos séculos vindouros com a auréola dos benfeitores da Humanidade.

Nascido em Lyon, a 3 de outubro de 1804, de uma família antiga que se distinguiu na magistratura e na advocacia, Allan Kardec (*Hippolyte Léon Denizard Rivail*) não seguiu essas carreiras. Desde a primeira juventude, sentiu-se inclinado ao estudo das ciências e da filosofia.

Educado na Escola de Pestalozzi, em Yverdon (Suíça), tornou-se um dos mais eminentes discípulos desse célebre professor e um dos zelosos propagandistas do seu sistema de educação, que tão grande influência exerceu sobre a reforma do ensino na França e na Alemanha.

Dotado de notável inteligência e atraído para o ensino, pelo seu caráter e pelas suas aptidões especiais, já aos quatorze anos ensinava o que sabia àqueles dos seus condiscípulos que haviam aprendido menos do que ele. Foi nessa escola que lhe desabrocharam as idéias que mais tarde o colocariam na classe dos homens progressistas e livres-pensadores.

Nascido sob a religião católica, mas educado num país protestante, os atos de intolerância que por isso teve de suportar, no tocante a essa circunstância, cedo o levaram a conceber a idéia

de uma reforma religiosa, na qual trabalhou em silêncio durante longos anos com o intuito de alcançar a unificação das crenças. Faltava-lhe, porém, o elemento indispensável à solução desse grande problema.

O Espiritismo veio, a seu tempo, imprimir-lhe especial direção aos trabalhos.

Concluídos seus estudos, voltou para a França. Conhecendo a fundo a língua alemã, traduziu para a Alemanha diferentes obras de educação e de moral e, o que é muito característico, as obras de Fénelon, que o tinham seduzido de modo particular.

Era membro de várias sociedades sábias, entre outras, da Academia Real de Arras, que, em o concurso de 1831, lhe premiou uma notável memória sobre a seguinte questão: *Qual o sistema de estudos mais de harmonia com as necessidades da época?*

De 1835 a 1840, fundou, em sua casa, à rua de Sèvres, cursos gratuitos de Química, Física, Anatomia comparada, Astronomia, etc., empresa digna de encômios em todos os tempos, mas, sobretudo, numa época em que só um número muito reduzido de inteligências ousava enveredar por esse caminho.

Preocupado sempre em tornar atraentes e interessantes os sistemas de educação, inventou, ao mesmo tempo, um método engenhoso de ensinar a contar e um quadro mnemônico da história de França, tendo por objetivo fixar na memória as datas dos acontecimentos de maior relevo e as descobertas que celebrizaram cada reinado.

Entre as suas numerosas obras de educação, citaremos as seguintes: *Plano proposto para melhoramento da Instrução pública* (1828); *Curso prático e teórico de Aritmética*, segundo o método de

Pestalozzi, para uso dos professores e das mães de família (1824)¹⁵; *Gramática francesa clássica* (1831); *Manual dos Exames para os títulos de capacidade*; *Soluções racionais das questões e problemas de Aritmética e de Geometria* (1846); *Catecismo gramatical da língua francesa* (1848); *Programa dos cursos usuais de Química, Física, Astronomia, Fisiologia*, que professava no *Liceu Polimático*; *Ditados normais dos exames da Municipalidade e da Sorbona*, seguidos de *Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas* (1849), obra muito apreciada na época do seu aparecimento e da qual ainda recentemente eram tiradas novas edições.

Antes que o Espiritismo lhe popularizasse o pseudônimo Allan Kardec, já ele se ilustrara, como se vê, por meio de trabalhos de natureza muito diferente, porém tendo todos, como objetivo, esclarecer as massas e prendê-las melhor às respectivas famílias e países.

“Pelo ano de 1855¹⁶, posta em foco a questão das manifestações dos Espíritos, Allan Kardec se entregou a observações perseverantes sobre esse fenômeno, cogitando principalmente de lhe deduzir as conseqüências filosóficas. Entreviu, desde logo, o princípio de novas leis naturais: as que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Reconheceu, na ação deste último, uma das forças da Natureza, cujo conhecimento haveria de lançar luz sobre uma imensidade de problemas tidos por insolúveis, e lhe compreendeu o alcance, do ponto de vista religioso.

“Suas obras principais sobre esta matéria são: *O Livro dos Espíritos*, referente à parte filosófica, e cuja primeira edição

15 **N. do T.:** Embora no original francês conste o ano de 1829, o correto é como está grafado acima (1824).

16 **N. do T.:** Foi em 1855, e não em 1850, como consta no original, que Allan Kardec ouviu pela primeira vez, através de seu amigo, o Sr. Carlotti, a explicação de que os fenômenos das mesas girantes se deviam à intervenção de Espíritos desencarnados. (*Obras Póstumas*, 2ª parte, “A minha primeira iniciação no Espiritismo”.)

apareceu a 18 de abril de 1857; *O Livro dos Médiuns*, relativo à parte experimental e científica (janeiro de 1861); *O Evangelho segundo o Espiritismo*, concernente à parte moral (abril de 1864); *O Céu e o Inferno*, ou a Justiça de Deus segundo o Espiritismo (agosto de 1865); *A Gênese, os milagres e as predições* (janeiro de 1868); a *Revista Espírita, jornal de estudos psicológicos*, periódico mensal começado a 1º de janeiro de 1858. Fundou em Paris, a 1º de abril de 1858, a primeira Sociedade espírita regularmente constituída, sob a denominação de *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, cujo fim exclusivo era o estudo de quanto possa contribuir para o progresso da nova ciência. Allan Kardec se defendeu, com inteiro fundamento, de coisa alguma haver escrito debaixo da influência de idéias preconcebidas ou sistemáticas. Homem de caráter frio e calmo, observou os fatos e de suas observações deduziu as leis que os regem. Foi o primeiro a apresentar a teoria relativa a tais fatos e a formar com eles um corpo de doutrina, metódico e regular.

“Demonstrando que os fatos erroneamente qualificados de sobrenaturais se acham submetidos a leis, ele os incluiu na ordem dos fenômenos da Natureza, destruindo assim o último refúgio do maravilhoso e um dos elementos da superstição.

“Durante os primeiros anos em que se tratou de fenômenos espíritas, estes constituíram antes objeto de curiosidade, do que de meditações sérias. *O Livro dos Espíritos* fez que o assunto fosse considerado sob aspecto muito diverso. Abandonaram-se as mesas girantes, que tinham sido apenas um prelúdio, e começou-se a atentar na doutrina, que abrange todas as questões de interesse para a Humanidade.

“Data do aparecimento de *O Livro dos Espíritos* a fundação do Espiritismo que, até então, só contara com elementos esparsos, sem coordenação, e cujo alcance nem toda gente pudera apreender. A partir daquele momento, a doutrina prendeu a atenção dos homens sérios e tomou rápido desenvolvimento. Em

poucos anos, aquelas idéias conquistaram numerosos aderentes em todas as camadas sociais e em todos os países. Esse êxito sem precedentes decorreu sem dúvida da simpatia que tais idéias despertaram, mas também é devido, em grande parte, à clareza com que foram expostas e que é um dos característicos dos escritos de Allan Kardec.

“Evitando as fórmulas abstratas da Metafísica, ele soube fazer que todos o lessem sem fadiga, condição essencial à vulgarização de uma idéa. Sobre todos os pontos controversos, sua argumentação, de cerrada lógica, poucas ensanchas oferece à refutação e predispõe à convicção. As provas materiais que o Espiritismo apresenta da existência da alma e da vida futura tendem a destruir as idéias materialistas e panteístas. Um dos princípios mais fecundos dessa doutrina e que deriva do precedente é o da *pluralidade das existências*, já entrevisto por uma multidão de filósofos antigos e modernos e, nestes últimos tempos, por *Jean Reynaud*, *Charles Fourier*, *Eugène Sue* e outros. Conservara-se, todavia, em estado de hipótese e de sistema, enquanto o Espiritismo lhe demonstra a realidade e prova que nesse princípio reside um dos atributos essenciais da Humanidade. Dele promana a explicação de todas as aparentes anomalias da vida humana, de todas as desigualdades intelectuais, morais e sociais, facultando ao homem saber donde vem, para onde vai, para que fim se acha na Terra e por que aí sofre.

“As idéias inatas se explicam pelos conhecimentos adquiridos nas vidas anteriores; a marcha dos povos e a da Humanidade, pela ação dos homens dos tempos idos e que revivem, depois de terem progredido; as simpatias e antipatias, pela natureza das relações anteriores. Essas relações, que religam a grande família humana de todas as épocas, dão por base, aos grandes princípios de fraternidade, de igualdade, de liberdade e de solidariedade universal, as próprias leis da Natureza e não mais uma simples teoria.

“Em vez do postulado: *Fora da Igreja não há salvação*, que alimenta a separação e a animosidade entre as diferentes seitas religiosas e que há feito correr tanto sangue, o Espiritismo tem como divisa: *Fora da Caridade não há salvação*, isto é, a igualdade entre os homens perante Deus, a tolerância, a liberdade de consciência e a benevolência mútua.

“Em vez da *fé cega*, que anula a liberdade de pensar, ele diz: *Fé inabalável só o é a que pode encarar face a face a razão, em todas as épocas da Humanidade. À fé, uma base se faz necessária e essa base é a inteligência perfeita daquilo em que se tem de crer. Para crer, não basta ver, é preciso, sobretudo, compreender. A fé cega já não é para este século. É precisamente ao dogma da fé cega que se deve o ser hoje tão grande o número de incrédulos, porque ela quer impor-se e exige a abolição de uma das mais preciosas faculdades do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio.*”
(O Evangelho segundo o Espiritismo.)

Trabalhador infatigável, sempre o primeiro a tomar da obra e o último a deixá-la, Allan Kardec sucumbiu, a 31 de março de 1869, quando se preparava para uma mudança de local, imposta pela extensão considerável de suas múltiplas ocupações. Diversas obras que ele estava quase a terminar, ou que aguardavam oportunidade para vir a lume, demonstrarão um dia, ainda mais, a extensão e o poder das suas concepções.

Morreu conforme viveu: trabalhando. Sofria, desde longos anos, de uma enfermidade do coração, que só podia ser combatida por meio do repouso intelectual e pequena atividade material. Consagrado, porém, todo inteiro à sua obra, recusava-se a tudo o que pudesse absorver um só que fosse de seus instantes, à custa das suas ocupações prediletas. Deu-se com ele o que se dá com todas as almas de forte têmpera: a lâmina gastou a *bainha*.

O corpo se lhe entorpecia e se recusava aos serviços que o Espírito lhe reclamava, enquanto este último, cada vez mais

vivo, mais enérgico, mais fecundo, ia sempre alargando o círculo de sua atividade.

Nessa luta desigual não podia a matéria resistir eternamente. Acabou sendo vencida: rompeu-se o aneurisma e Allan Kardec caiu fulminado. Um homem houve de menos na Terra; mas, um grande nome tomava lugar entre os que ilustraram este século; um grande Espírito fora retemperar-se no Infinito, onde de todos os que ele consolara e esclarecera lhe aguardavam impacientes a volta!

“A morte, dizia, faz pouco tempo, redobra os seus golpes nas fileiras ilustres!... A quem virá ela agora libertar?”

Ele foi, como tantos outros, recobrar-se no Espaço, procurar elementos novos para restaurar o seu organismo gasto por uma vida de incessantes labores. Partiu com os que serão os fanais da nova geração, para voltar em breve com eles a continuar e acabar a obra deixada em dedicadas mãos.

O homem já aqui não está; a alma, porém, permanecerá entre nós. Será um protetor seguro, uma luz a mais, um trabalhador incansável que as falanges do Espaço conquistaram. Como na Terra, sem ferir a quem quer que seja, ele fará que cada um lhe ouça os conselhos oportunos; abrandará o zelo prematuro dos ardorosos, amparará os sinceros e os desinteressados e estimulará os tíbios. Vê agora e sabe tudo o que ainda há pouco previa! Já não está sujeito às incertezas, nem aos desfalecimentos e nos fará partilhar da sua convicção, fazendo-nos tocar com o dedo a meta, apontando-nos o caminho, naquela linguagem clara, precisa, que o tornou aureolado nos anais literários.

Já não existe o homem, repetimo-lo. Entretanto, Allan Kardec é imortal e a sua memória, seus trabalhos, seu Espírito estarão sempre com os que empunharem forte e vigorosamente o estandarte que ele soube sempre fazer respeitado.

Uma individualidade pujante constituiu a obra. Era o guia e o farol de todos. Na Terra, a obra substituirá o obreiro. Os crentes não se congregarão em torno de Allan Kardec; congregar-se-ão em torno do Espiritismo, tal como ele o estruturou e, com os seus conselhos, sua influência, avançaremos, a passos firmes, para as fases ditosas prometidas à Humanidade regenerada.

Discursos Pronunciados Junto ao Túmulo

EM NOME DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS

Pelo Vice-Presidente, Sr. Levent

Senhores,

Em nome da Sociedade Espírita de Paris, da qual tenho a honra de ser Vice-Presidente, venho exprimir seu pesar pela perda cruel que acaba de sofrer, na pessoa de seu venerado mestre, Sr. Allan Kardec, morto subitamente anteontem, quarta-feira, nos escritórios da *Revista*.

A vós, senhores, que todas as sextas-feiras vos reuníeis na seda da Sociedade, não preciso lembrar essa fisionomia ao mesmo tempo benevolente e austera, esse tato perfeito, essa justeza de apreciação, essa lógica superior e incomparável que nos parecia inspirada.

A vós, que todos os dias da semana partilháveis dos trabalhos do mestre, não retraçarei seus labores contínuos, sua correspondência com as quatro partes do mundo, que lhe enviavam documentos sérios, logo classificados *em sua memória* e preciosamente recolhidos para serem submetidos ao cadinho de sua alta razão, e formar, depois de um trabalho escrupuloso de

elaboração, os elementos dessas obras preciosas que todos conheceis.

Ah! se, como a nós, vos fosse dado ver esta massa de materiais acumulados no gabinete de trabalho desse infatigável pensador; se, conosco, tivésseis penetrado no santuário de suas meditações, veríeis esses manuscritos, uns quase terminados, outros em curso de execução, outros, enfim, apenas esboçados, espalhados aqui e ali, e que parecem dizer: Onde está, pois, o nosso mestre, tão madrugador no trabalho?

Ah! mais do que nunca, também exclamaríeis, com inflexões tão pesarosas de amargura que seriam quase ímpias: Precisaria Deus ter chamado o homem, que ainda podia fazer tanto bem? a inteligência tão cheia de seiva, o farol, enfim, que nos tirou das trevas e nos fez entrever esse novo mundo, mais vasto e admirável do que o que imortalizou o gênio de Cristóvão Colombo? Ele apenas começara a fazer a descrição desse mundo, cujas leis fluídicas e espirituais já pressentíamos.

Mas, tranqüilizai-vos, senhores, por este pensamento tantas vezes demonstrado e lembrado pelo nosso presidente: “Nada é inútil em a Natureza, tudo tem sua razão de ser, e o que Deus faz é sempre bem-feito.”

Não nos assemelhemos a esses meninos indóceis que, não compreendendo as decisões dos pais, se permitem criticá-los e por vezes mesmo censurá-los.

Sim, senhores, disto tenho a mais profunda convicção e vo-lo exprimo abertamente: a partida do nosso caro e venerado mestre era necessária!

Aliás, não seríamos ingratos e egoístas se, não pensando senão no bem que ele nos fazia, esquecêssemos o direito que ele adquirira, de ir repousar um pouco na pátria celestial, onde

tantos amigos, tantas almas de escol o esperavam e vieram recebê-lo, após uma ausência, que também para eles parecia bem longa?

Oh! sim, há alegria, há grande festa no Alto, e essa festa, essa alegria, só se iguala à tristeza e ao luto causados por sua partida entre nós, pobres exilados, cujo tempo ainda não chegou! Sim, o mestre havia realizado a sua missão! Cabe a nós continuar a sua obra, com o auxílio dos documentos que ele nos deixou, e daqueles, ainda mais preciosos, que o futuro nos reserva. A tarefa será fácil, ficai certos, se cada um de nós ousar afirmar-se corajosamente; se cada um de nós tiver compreendido que a luz que recebeu deve ser propagada e comunicada aos seus irmãos; se cada um de nós, enfim, tiver a memória do coração para o nosso lamentado presidente e souber compreender o plano de organização que levou o último selo de sua obra.

Continuaremos, pois, o teu trabalho, caro mestre, sob teu eflúvio benfazejo e inspirador. Recebe aqui a nossa promessa formal. É o melhor sinal de afeição que podemos te dar.

Em nome da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, não te dizemos adeus, mas *até logo, até breve!*

O ESPIRITISMO E A CIÊNCIA

Pelo Sr. C. Flammarion¹⁷

Depois que o Sr. Vice-Presidente da Sociedade, junto à tumba do mestre, proferiu a prece pelos mortos e, em nome da Sociedade, testemunhou os sentimentos de pesar que acompanham o Sr. Allan Kardec à sua partida desta vida, o Sr. Camille Flammarion pronunciou o discurso que vamos reproduzir em parte. De pé, numa elevação de onde dominava a assembléia, o Sr. Flammarion pôde ser ouvido por todos, afirmando publicamente a

17 N. do T.: Este discurso também se acha transcrito em *Obras Póstumas*, logo após a *Biografia de Allan Kardec*.

realidade dos fatos espíritas, seu interesse geral na Ciência e sua importância futura. Esse discurso não é apenas um esboço do caráter do Sr. Allan Kardec e do papel de seus trabalhos no movimento contemporâneo, mas, ainda e sobretudo, uma exposição da situação atual das ciências físicas, do ponto de vista do mundo invisível, das forças naturais desconhecidas, da existência da alma e de sua indestrutibilidade.

Falta-nos espaço para dar *in extenso* o discurso do Sr. Flammarion. Eis o que se liga diretamente ao Sr. Allan Kardec e ao Espiritismo, considerado em si mesmo. (O discurso inteiro será publicado em brochura).

“Senhores,

“Aceitando com deferência o convite simpático dos amigos do pensador laborioso cujo corpo terreno jaz agora aos nossos pés, vem-me à mente um dia sombrio do mês de dezembro de 1865, em que pronunciei palavras de supremo adeus junto à tumba do fundador da Livraria Acadêmica, do honrado Didier, que, como editor, foi colaborador convicto de Allan Kardec, na publicação das obras fundamentais de uma doutrina que lhe era cara. Também ele morreu subitamente, como se o céu houvesse querido poupar a esses dois Espíritos íntegros o embarço fisiológico de sair desta vida por via diferente da comumente seguida. A mesma reflexão se aplica à morte do nosso ex-colega Jobard, de Bruxelas.

“Hoje, maior ainda é a minha tarefa, porquanto eu desejara figurar à mente dos que me ouvem e à dos milhões de criaturas que na Europa inteira e no Novo Mundo se têm ocupado com o problema ainda misterioso dos fenômenos chamados espíritas; – eu quisera, digo, poder figurar-lhes o interesse científico e o porvir filosófico do estudo desses fenômenos, ao qual se hão consagrado, como ninguém ignora, homens eminentes dentre os

nossos contemporâneos. Estimaria fazer-lhes entrever os horizontes desconhecidos que a mente humana verá rasgar-se diante de si, à medida que ela ampliar o conhecimento positivo das forças naturais que em torno de nós atuam; mostrar-lhes que essas comprovações constituem o mais eficaz antídoto para a lepra do ateísmo, de que parece atacada, principalmente, a nossa época de transição; dar, enfim, aqui, testemunho público do eminente serviço que o autor de *O Livro dos Espíritos* prestou à filosofia, chamando a atenção e provocando discussões sobre fatos que até então pertenciam ao domínio mórbido e funesto das superstições religiosas.

“Seria, com efeito, um ato importante firmar aqui, junto deste túmulo eloqüente, que o metódico exame dos fenômenos erroneamente qualificados de sobrenaturais, longe de renovar o espírito de superstição e de enfraquecer a energia da razão, ao contrário, afasta os erros e as ilusões da ignorância e *serve melhor ao progresso*, do que as negações ilegítimas dos que não querem dar-se ao trabalho de ver.

“Mas, este não é lugar apropriado a estabelecer uma arena às discussões desrespeitosas. Deixemos apenas que das nossas mentes desçam, sobre a face impassível do homem ora estendido diante de nós, testemunhos de afeição e sentimentos de pesar, que lhe permaneçam ao redor em seu túmulo, qual embalsamamento do coração! E, pois que sabemos que sua alma eterna sobrevive a estes despojos mortais, do mesmo modo que a eles preexistiu; pois que sabemos que laços indestrutíveis unem o nosso mundo visível ao mundo invisível; pois que esta alma existe hoje tão bem como há três dias e que não é impossível se ache atualmente na minha presença. Digamos-lhe que não quisemos se desvanecesse a sua imagem terrena encerrada no sepulcro, sem unanimemente rendermos homenagem a seus trabalhos e à sua memória, sem pagar um tributo de reconhecimento à sua encarnação terrena, tão útil e tão dignamente preenchida.

“Traçarei, primeiro, num esboço rápido, as linhas principais da sua carreira literária.

“Morto na idade de 65 anos, Allan Kardec consagrara a primeira parte de sua vida a escrever obras clássicas, elementares, destinadas, sobretudo, ao uso dos educadores da mocidade. Quando, pelo ano de 1850, as manifestações, novas na aparência, das mesas girantes, das pancadas sem causa ostensiva, dos movimentos insólitos de objetos e móveis começaram a prender a atenção pública, determinando mesmo, nos de imaginação aventureira, uma espécie de febre, devida à novidade de tais experiências, Allan Kardec, estudando ao mesmo tempo o magnetismo e seus singulares efeitos, acompanhou com a maior paciência e clarividência judiciosa as experimentações e as tentativas numerosas que então se faziam em Paris.

“Recolheu e pôs em ordem os resultados conseguidos dessa longa observação e com eles compôs o corpo de doutrina que publicou em 1857, na primeira edição de *O Livro dos Espíritos*. Todos sabeis que êxito alcançou essa obra, na França e no estrangeiro. Havendo atingido a 16ª edição, tem espalhado em todas as classes esse corpo de doutrina elementar que, na sua essência, não é absolutamente novo, porquanto a escola de Pitágoras, na Grécia, e a dos druidas, em nossa própria Gália, ensinavam os seus princípios fundamentais, mas que agora reveste uma forma de verdadeira atualidade, por corresponder aos fenômenos.

“Depois dessa primeira obra apareceram, sucessivamente, *O Livro dos Médiuns*, ou *Espiritismo experimental*; – *O que é o Espiritismo*, ou resumo sob a forma de perguntas e respostas; – *O Evangelho segundo o Espiritismo*; – *O Céu e o Inferno*; – *A Gênese*. A morte o surpreendeu no momento em que, com a sua infatigável atividade, trabalhava noutra sobre as relações entre o Magnetismo e o Espiritismo.

“Pela *Revista Espírita* e pela Sociedade de Paris, cujo presidente ele era, se constituíra, de certo modo, o centro a que tudo ia ter, o traço de união de todos os experimentadores. Faz alguns meses, sentindo próximo o seu fim, preparou as condições de vitalidade de tais estudos para depois de sua morte e instituiu a Comissão Central que lhe sucede.

“Suscitou rivalidades; fez escola de feição um pouco pessoal, havendo ainda alguns dissídios entre os “espíritualistas” e os “espíritas”. Doravante, senhores (tal, pelo menos, o voto que formulam os amigos da verdade), devemos unir-nos todos por uma solidariedade fraterna, pelos mesmos esforços em prol da elucidação do problema, pelo desejo geral e impessoal do verdadeiro e do bem.

“Quantos corações foram consolados, de início, por esta crença religiosa! Quantas lágrimas foram enxutas! Quantas consciências abertas aos raios da beleza espiritual! Nem todos são felizes aqui na Terra. Muitas afeições foram destruídas! Muitas almas foram adormecidas no cepticismo. Não será nada ter trazido ao espiritualismo tantos seres que vacilavam na dúvida e que não mais amavam a vida física, nem a intelectual?

“Allan Kardec era o que eu denominarei simplesmente “o bom-senso encarnado.” Razão reta e judiciosa, aplicava sem cessar à sua obra permanente as indicações íntimas do senso comum. Não era essa uma qualidade somenos, na ordem de coisas com que nos ocupamos. Era, ao contrário, pode-se afirmá-lo, a primeira de todas e a mais preciosa, sem a qual a obra não teria podido tornar-se popular, nem lançar pelo mundo suas raízes imensas. A maioria dos que se têm dado a estes estudos lembram-se de que na mocidade, ou em certas circunstâncias, foram testemunhas de manifestações inexplicadas. Poucas são as famílias que não contem na sua história provas desta natureza. O ponto de

partida era aplicar-lhes a razão firme do simples bom-senso e examiná-las segundo os princípios do método positivo.

“Conforme o próprio organizador deste estudo demorado e difícil previra, esta doutrina, até então filosófica, tem que entrar agora num período científico. Os fenômenos físicos, sobre os quais a princípio não se insistia, hão de tornar-se objeto da crítica experimental, sem a qual nenhuma constatação séria é possível. Esse método experimental, a que devemos a glória dos progressos modernos e as maravilhas da eletricidade e do vapor, deve colher os fenômenos de ordem ainda misteriosa a que assistimos para os dissecar, medir e definir.

“Porque, meus Senhores, o Espiritismo não é uma religião, mas uma ciência, da qual apenas conhecemos o abecê. Passou o tempo dos dogmas. A Natureza abrange o Universo, e o próprio Deus, feito outrora à imagem do homem, a moderna Metafísica não o pode considerar senão como *um espírito na Natureza*. O sobrenatural não existe. As manifestações obtidas com o auxílio dos médiuns, como as do magnetismo e do sonambulismo, *são de ordem natural* e devem ser severamente submetidas à verificação da experiência. Não há mais milagres. Assistimos ao alvorecer de uma ciência desconhecida. Quem poderá prever a que conseqüências conduzirá, no mundo do pensamento, o estudo positivo desta nova psicologia?

“Doravante, o mundo é regido pela ciência e, Senhores, não virá fora de propósito, neste discurso fúnebre, assinalar-lhe a obra atual e as induções novas que ela nos patenteia, precisamente do ponto de vista das nossas pesquisas.”

Aqui o Sr. Flammarion entra na parte científica de seu discurso. Expõe o estado atual da Astronomia e da Física, desenvolvendo particularmente as descobertas relativas à análise recente do *espectro* solar. Resulta dessas descobertas que não vemos quase nada do que se passa à nossa volta na Natureza. Os raios

caloríficos, que evaporam a água, formam as nuvens, causam os ventos, as correntes, organizam a vida do globo, são *invisíveis* para a nossa retina. Os raios químicos que regem os movimentos das plantas e as transformações químicas do mundo inorgânico são igualmente *invisíveis*. A ciência contemporânea autoriza, pois, os pontos de vista revelados pelo Espiritismo e, por sua vez, nos abre um mundo invisível real, cujo conhecimento só pode esclarecer-nos quanto ao modo de produção dos fenômenos espíritas.

Em seguida o jovem astrônomo apresentou o quadro das metamorfoses, do qual resulta que a existência e a imortalidade da alma se revelam pelas mesmas leis da vida. Não podemos aqui entrar nessa exposição, mas aconselhamos vivamente os nossos irmãos em doutrina a lerem e estudarem na íntegra o discurso do Sr. Flammarion.¹⁸

Após sua exposição científica, assim termina o autor:

“Que os que têm a vista restringida pelo orgulho ou pelo preconceito não compreendam absolutamente os anseios de nossas mentes ávidas de conhecer e lancem sobre este gênero de estudos seus sarcasmos ou anátemas! Colocamos mais alto as nossas contemplações!... Foste o primeiro, oh! mestre e amigo! foste o primeiro a dar, desde o princípio da minha carreira astronômica, testemunho de viva simpatia às minhas deduções relativas à existência das humanidades celestes, pois, tomando do livro sobre a *Pluralidade dos mundos habitados*, o puseste imediatamente na base do edifício doutrinário com que sonhavas. Muito amiúde conversávamos sobre essa vida celeste tão misteriosa; agora, oh! alma, sabes, por visão direta, em que consiste

18 O discurso pronunciado pelo Sr. Flammarion junto ao túmulo do Sr. Allan Kardec acaba de ser impresso. Forma uma brochura de 24 páginas, no formato de *O Livro dos Espíritos*. Preço: na *Livraria Espírita*, 50 centavos franco; para o receber, basta enviar esta soma em selos postais; por dúzia, 4 fr. 75 franco.

a vida espiritual a que voltaremos e que esquecemos durante a existência na Terra.

“Voltaste a esse mundo donde viemos e colhes o fruto de teus estudos terrestres. Aos nossos pés dorme o teu envoltório, extinguiu-se o teu cérebro, fecharam-se-te os olhos para não mais se abrirem, não mais ouvida será a tua palavra... Sabemos que todos havemos de mergulhar nesse mesmo último sono, de volver a essa mesma inércia, a esse mesmo pó. Mas não é nesse envoltório que pomos a nossa glória e a nossa esperança. Tomba o corpo, a alma permanece e retorna ao Espaço. Encontrar-nos-emos num mundo melhor e no céu imenso onde usaremos das nossas mais preciosas faculdades, onde continuaremos os estudos para cujo desenvolvimento a Terra é teatro por demais acanhado.

“É-nos mais grato saber esta verdade, do que acreditar que jazes todo inteiro nesse cadáver e que tua alma se haja aniquilado com a cessação do funcionamento de um órgão. A imortalidade é a luz da vida, como este refulgente Sol é a luz da Natureza.

“Até à vista, meu caro Allan Kardec, até à vista!”

EM NOME DOS ESPÍRITAS DOS CENTROS DISTANTES

Pelo Sr. Alexandre Delanne

Mui caro Mestre,

Tantas vezes tive ocasião, nas minhas numerosas viagens, de ser junto a vós o intérprete dos sentimentos fraternos e reconhecidos de nossos irmãos da França e do estrangeiro, que julgaria faltar a um dever sagrado se, em nome deles, eu não viesse neste momento vos testemunhar o seu pesar.

Eu não serei, aí! senão um eco bem fraco para vos descrever a felicidade daquelas almas tocadas pela fé espírita, que se

abrigaram sob a bandeira de consolação e de esperança que tão corajosamente implantastes entre nós.

Muitos dentre eles certamente desempenhariam, melhor que eu, essa tarefa do coração.

Como a distância e o tempo não lhes permitem estar aqui, ousou fazê-lo, conhecedor que sou da vossa benevolência habitual a meu respeito e a de nossos bons irmãos que represento.

Recebei, pois, caro mestre, em nome de todos, a expressão dos pesares sinceros e profundos que a vossa partida precipitada da Terra vai fazer nascer por todos os lados.

Conheceis, melhor que ninguém, a natureza humana; sabeis que ela precisa de amparo. Ide, pois, até eles, derramar ainda esperança em seus corações.

Provai-lhes, por vossos sábios conselhos e vossa lógica poderosa, que não os abandonais e que a obra a que vos dedicastes tão generosamente não perecerá, e *nem poderia perecer*, porque está assentada nas bases inabaláveis da fé raciocinada.

Pioneiro emérito, soubestes coordenar a pura Filosofia dos Espíritos e pô-la ao alcance de todas as inteligências, desde as mais humildes, que elevastes, até as mais eruditas, que vieram até vós e que hoje se contam modestamente em nossas fileiras.

Obrigado, nobre coração, pelo zelo e pela perseverança que pusestes em nos instruir.

Obrigado por vossas vigílias e vossos labores, pela fé vigorosa que em nós inculcastes.

Obrigado pela felicidade presente que desfrutamos, e pela felicidade futura, cuja certeza nos destes, quando nós, como vós, tivermos entrado na grande pátria dos Espíritos.

Obrigado ainda pelas lágrimas que enxugastes, pelos desesperos que acalmastes e pela esperança que fizestes brotar nas almas abatidas e desalentadas.

Obrigado! mil vezes obrigado, em nome de todos os nossos confrades da França e do estrangeiro! Até breve.

EM NOME DA FAMÍLIA E DOS AMIGOS

Pelo Sr. E. Muller

Caros aflitos,

Falo por último junto a esta fossa aberta, que contém os despojos mortais daquele que, entre nós se chamava Allan Kardec.

Falo em nome de sua viúva, daquela que foi sua companheira fiel e ditosa, durante trinta e sete anos de uma felicidade sem nuvens e sem mesclas, daquela que compartilhou de suas crenças e de seus trabalhos, bem como de suas vicissitudes e alegrias; que, hoje só, se orgulha da pureza dos costumes, da honestidade absoluta e do sublime desinteresse de seu esposo. É ela que nos dá a todos o exemplo de coragem, de tolerância, de perdão das injúrias e do dever cumprido escrupulosamente.

Falo também em nome de todos os amigos, presentes ou ausentes, que seguiram passo a passo a carreira laboriosa que Allan Kardec sempre percorreu honradamente; daqueles que querem honrar sua memória, lembrando alguns traços de sua vida.

Primeiramente quero dizer-vos por que seu envoltório mortal foi para aqui conduzido diretamente, sem pompa e sem outras preces senão as vossas! Precisaria de preces aquele cuja vida inteira não foi senão um longo ato de piedade, de amor a Deus e à Humanidade? Não bastaria que todos pudessem unir-se a nós nesta ação comum, que afirma a nossa estima e a nossa afeição?

A tolerância absoluta era a regra de Allan Kardec. Seus amigos, seus discípulos pertenciam a todas as religiões: israelitas, maometanos, católicos e protestantes de todas as seitas; de todas as classes: ricos, pobres, sábios, livres-pensadores, artistas e operários, etc... Todos puderam vir aqui, graças a esta medida que não compromete nenhuma consciência e que será um bom exemplo.

Mas, ao lado desta tolerância que nos reúne, devo citar uma intolerância, que admiro? Fá-lo-ei, porque, aos olhos de todos, ela deve legitimar esse título de mestre, que muitos dentre nós lhe atribuímos. Essa intolerância é um dos caracteres mais salientes de sua nobre existência. Ele tinha horror à preguiça e à ociosidade; e este grande trabalhador morreu de pé, após um labor imenso, que acabou ultrapassando as forças de seus órgãos, mas não as do seu espírito e do seu coração.

Educado na Suíça, naquela escola patriótica em que se respira um ar livre e vivificante, ocupava seus lazes, desde a idade de quatorze anos, a dar aulas aos seus camaradas que sabiam menos que ele.

Vindo para Paris, e sabendo falar alemão tão bem quanto francês, traduziu para a Alemanha os livros da França que mais lhe tocavam o coração. Escolheu Fénelon para o tornar conhecido, e essa escolha denota a natureza benévola e elevada do tradutor. Depois, entregou-se à educação. Sua vocação era instruir. Seus sucessos foram grandes e as obras que publicou, gramática, aritmética e outras, tornaram popular o seu verdadeiro nome, o de *Rivail*.

Não satisfeito em utilizar suas notáveis faculdades numa profissão que lhe assegurava uma tranqüila comodidade, quis que aproveitassem os seus conhecimentos aqueles que não podiam pagar, e foi um dos primeiros a organizar, nesta época de sua vida, cursos gratuitos, ministrados na rua de Sèvres, nº 35, nos quais ensinava Química, Física, Anatomia comparada, Astronomia, etc.

É que havia tocado em todas as ciências e, tendo-as bem aprofundado, sabia transmitir aos outros o que ele mesmo conhecia, talento raro e sempre apreciado.

Para este sábio dedicado, o trabalho parecia o elemento mesmo da vida. Por isso, mais que ninguém, não podia suportar a idéia da morte tal qual então a apresentavam, tendo como resultado um eterno sofrimento ou uma felicidade egoísta e eterna, mas sem utilidade, nem para os outros nem para si mesmo.

Era como predestinado, bem o vedes, para espalhar e vulgarizar esta admirável filosofia que nos faz esperar o trabalho no além-túmulo e o progresso indefinido de nossa individualidade, que se conserva melhorando-se.

Soube tirar dos fatos, considerados ridículos e vulgares, admiráveis conseqüências filosóficas e toda uma doutrina de esperança, de trabalho e de solidariedade, semelhante ao verso de um poeta que ele amava:

Transformar o chumbo vil em ouro puro.

Sob o esforço de seu pensamento tudo se transformava e engrandecia, aos raios de seu coração ardente; sob sua pena tudo se precisava e se cristalizava, a bem dizer, em frases de deslumbrante clareza.

Tomava para seus livros esta admirável epígrafe: *Fora da caridade não há salvação*, cuja aparente intolerância ressalta a tolerância absoluta.

Transformava as velhas fórmulas e, sem negar a feliz influência da fé, da esperança e da caridade, arvorava uma nova bandeira, ante a qual todos os pensadores podem e devem inclinar-se, porque esse estandarte do futuro leva escritas estas três palavras:

Razão, Trabalho e Solidariedade.

É em nome desta mesma razão que ele colocou tão alto, em nome de sua viúva, em nome de seus amigos que eu vos digo a todos que não mais olheis esta fossa aberta. É para mais alto que devemos erguer os olhos, para encontrar aquele que acaba de nos deixar! Para conter esse coração tão devotado e tão bom, essa inteligência de escol, esse espírito tão fecundo, essa individualidade tão poderosa, bem o vedes vós mesmos, medindo-a com os olhos, esta fossa seria demasiado pequena, e nenhuma seria bastante grande.

Coragem, pois! e saibamos honrar o filósofo e o amigo, praticando suas máximas e trabalhando, cada um no limite de suas forças, para propagar aquelas que nos encantaram e convenceram.

Revista da Imprensa

A maioria dos jornais noticiou a morte do Sr. Allan Kardec, e alguns deles, ao simples relato dos fatos, acrescentaram comentários sobre o seu caráter e os seus trabalhos, que não caberiam aqui. Quando podia refutar vitoriosamente certas diatribes malsãs e mentirosas, o Sr. Allan Kardec sempre desdenhou fazer algo, considerando o silêncio como a mais nobre e a melhor das respostas. A este respeito seguiremos seu exemplo, lembrando-nos, aliás, de que só se tem inveja das grandes personalidades e só se atacam as grandes obras, cuja vitalidade pode produzir sombra.

Mas, se os gracejos sem consistência não nos inquietaram, ficamos, ao contrário, profundamente tocados pela justiça feita em certo número de órgãos da imprensa à memória de nosso saudoso presidente. Pedimos-lhes que recebam aqui, em

nome da família e dos espíritas do mundo inteiro, os testemunhos de nossa profunda gratidão.

Por falta de espaço, publicamos apenas dois desses artigos característicos, que provarão exuberantemente aos nossos leitores haver na Literatura e na Ciência homens que sabem, quando as circunstâncias o exigem, empunhar bem alto e corajosamente a bandeira que os reúne, numa ascensão comum para o progresso e a solidariedade universais.

JORNAL PARIS

(3 de abril de 1869)

“Aquele que, por tanto tempo, figurou no mundo científico sob o pseudônimo de Allan Kardec, tinha por nome Rivail e faleceu aos 65 anos.

“Vimo-lo deitado num simples colchão, no meio daquela sala de sessões que ele presidia há tantos anos; vimo-lo com o semblante calmo, como se extinguem os que a morte não surpreende, e que, tranqüilos quanto ao resultado de uma vida honesta e laboriosamente preenchida, deixam como que um reflexo da pureza de sua alma no corpo que abandonam à matéria.

“Resignados pela fé numa vida melhor e pela convicção da imortalidade da alma, numerosos discípulos vieram olhar pela última vez esse lábios descorados que, ainda ontem, lhes falavam a linguagem da Terra. Mas já tinham a consolação de além-túmulo; o Espírito Allan Kardec viera dizer como tinha sido o seu desprendimento, quais as suas impressões primeiras, quais de seus predecessores na morte tinham vindo ajudar sua alma a desprender-se da matéria. Se ‘o estilo é o homem’, os que conheceram Allan Kardec vivo só podiam comover-se com a autenticidade dessa comunicação espírita.

“A morte de Allan Kardec é notável por uma estranha coincidência. A Sociedade formada por esse grande vulgarizador do Espiritismo acabava de chegar ao fim. O local abandonado, os móveis desaparecidos, nada mais restava de um passado que devia renascer em bases novas. Ao fim da última sessão, o presidente tinha feito suas despedidas; cumprida a sua missão, ele se retirava da luta cotidiana para se consagrar inteiramente ao estudo da filosofia espiritualista. Outros, mais jovens – valentes! – deviam continuar a obra e, fortes de sua virilidade, impor a verdade pela convicção.

“Que adianta contar os detalhes da morte? Que importa a maneira pela qual o instrumento se quebrou, e por que consagrar uma linha a esses restos agora integrados no imenso movimento das moléculas? Allan Kardec morreu na sua hora. Com ele fechou-se o prólogo de uma religião vivaz que, irradiando cada dia, logo terá iluminado a Humanidade. Ninguém melhor que Allan Kardec poderia levar a bom termo esta obra de propaganda, à qual fora preciso sacrificar as longas vigílias que nutrem o espírito, a paciência que educa com o tempo, a abnegação que afronta a estultícia do presente, para só ver a radiação do futuro.

“Por suas obras, Allan Kardec terá fundado o dogma pressentido pelas mais antigas sociedades. Seu nome, estimado como o de um homem de bem, desde muito tempo é divulgado pelos que crêem e pelos que temem. É difícil praticar o bem sem chocar os interesses estabelecidos.

“O Espiritismo destrói muitos abusos; – também reergue muitas consciências entristecidas, dando-lhes a convicção da prova e a consolação do futuro.

“Hoje os espíritas choram o amigo que os deixa, porque o nosso entendimento, demasiado material, por assim dizer, não pode dobrar-se a essa idéia da *passagem*; mas, pago o primeiro

tributo à inferioridade do nosso organismo, o pensador ergue a cabeça para esse mundo invisível que sente existir além do túmulo e estende a mão ao amigo que se foi, convencido de que seu Espírito nos protege sempre.

“O presidente da Sociedade de Paris morreu, mas o número dos adeptos cresce dia a dia, e os valentes, cujo respeito pelo mestre os deixava em segundo plano, não hesitarão em afirmar-se, para o bem da grande causa.

“Esta morte, que o vulgo deixará passar indiferente, não deixa de ser, por isso, um grande fato para a Humanidade. Não é mais o sepulcro de um homem, é a pedra tumular enchendo o vazio imenso que o materialismo havia cavado aos nossos pés e sobre o qual o Espiritismo esparge as flores da esperança.

Pagès de Noyex

UNIÃO MAGNÉTICA

(10 de abril de 1869)

“Ainda uma morte, e uma morte que provocará um grande vazio nas fileiras dos adeptos do Espiritismo.

“Todos os jornais consagraram um artigo especial à memória desse homem que soube fazer-se um nome e sobressair-se entre as celebridades contemporâneas.

“As relações estreitas que, em nossa opinião, existem muito certamente entre os fenômenos espíritas e magnéticos, impõe-nos o dever de recordar com simpatia um homem cujas crenças são partilhadas por certo número de nossos colegas e assinantes, e que havia tentado fazer passar por ciência uma doutrina da qual ele era, de certo modo, a viva personificação.

A. Bauche

Nova Constituição da Sociedade de Paris

Em face das dificuldades surgidas com a morte do Sr. Allan Kardec, e para não deixar em suspenso os graves interesses que ele sempre soube salvaguardar, com tanta prudência quanto sabedoria, a Sociedade de Paris foi levada, no mais curto prazo, a se constituir de maneira regular e estável, tanto para as providências junto às autoridades, quanto para tranqüilizar os espíritos timoratos sobre as conseqüências do acontecimento imprevisto que, repentinamente, feriu toda a grande família espírita.

Não duvidamos de que os nossos leitores nos agradecerão por lhes darmos, a respeito, os mais precisos detalhes. É por isso que nos apressamos a lhes dar a conhecer as decisões da Sociedade, condensadas nos discursos do Sr. Levent, vice-presidente da antiga Comissão, e do novo presidente, Sr. Malet, que reproduzimos integralmente.

(Sociedade de Paris, 9 de abril de 1869)

Tomando a palavra em nome da Comissão, o Sr. Levent se exprime nestes termos:

“Senhores,

“É ainda sob a dolorosa impressão que a todos nos causou a inesperada libertação do nosso saudoso presidente, que hoje inauguramos o novo local de nossas reuniões hebdomadárias.

“Antes de retomar os nossos estudos habituais, paguemos ao nosso venerado mestre um justo tributo de reconhecimento pelo zelo infatigável que dedicava a estes trabalhos, pelo desinteresse absoluto, pela completa abnegação de si mesmo, pela perseverança de que sempre deu exemplo na direção desta Sociedade, por ele presidida desde a sua fundação.

“Esperemos que tão nobre exemplo não seja perdido; que tantos trabalhos não fiquem estéreis e que a obra do mestre seja continuada; numa palavra, que ele não tenha semeado em terra ingrata.

“Vossa Comissão é de opinião que, para obter este resultado tão desejado, duas coisas importantes são indispensáveis: 1º a mais completa união entre todos os societários; 2º o respeito ao programa novo que o nosso saudoso presidente, na sua solicitude esclarecida e em sua lúcida previsão, tinha preparado há alguns meses e publicado na *Revista* de dezembro último.

“Peçamos todos ao soberano Mestre que permita a esse grande Espírito, que acaba de entrar na pátria celestial, nos ajudar com suas luzes e continuar a presidir espiritualmente esta Sociedade, que é sua obra pessoal e que tanto estimava.

“Caro e venerado mestre, que estais aqui presente, embora invisível para nós, recebi de todos os vossos discípulos, que quase todos foram vossos amigos, esse singelo testemunho de seu reconhecimento e de sua afeição, que se estendem, não o duvideis, à corajosa companheira de vossa existência terrestre. Ela ficou entre nós muito triste, muito solitária, mas consolada, quase feliz, pela certeza de vossa felicidade atual.

“ – Senhores, diante da perda irreparável que acaba de sofrer a Sociedade, a Comissão, cujos poderes regulares cessaram a 1º de abril, julgou por bem continuar suas funções.

“Desde o primeiro deste mês a Comissão já se reuniu duas vezes, a fim de deliberar imediatamente e não deixar um só instante a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas sem direção legal, aceita e reconhecida.

“Reconheceis, senhores, como a vossa diretoria, que havia essa necessidade absoluta.

“As providências a tomar junto à administração, a fim de a prevenir da mudança de presidente e da sede da Sociedade;

“As relações de nossa Sociedade Parisiense com as outras Sociedades estrangeiras, todas já informadas do falecimento do Sr. Allan Kardec e que, na sua maioria, já nos manifestaram seu sincero pesar;

“A correspondência tão numerosa, cuja resposta é indispensável; enfim, muitas outras razões sérias, que são melhor pressentidas do que explicadas;

“Todos esses motivos levaram a vossa Comissão atual a vos apresentar uma lista de sete nomes que devem compor a nova diretoria para o ano de 1869-1870, e que seriam: os Srs. Levent, Malet, Canaguiet, Ravan, Desliens, Delanne e Tailleur.

“Como notareis, senhores, a maioria dos membros da antiga diretoria faz parte desta nova lista.

“Por unanimidade vossa Comissão designou para presidente o Sr. Malet, cujos títulos para esta nova posição são numerosos e perfeitamente justificados.

“O Sr. Malet reúne todas as grandes qualidades necessárias para assegurar à Sociedade uma direção firme e sábia. – Vossa diretoria é mesmo de opinião que seria o caso de agradecer ao Sr. Malet por se haver dignado aceitar esta função, que está longe de ser uma sinecura, sobretudo agora.

“Por isso, é com confiança que vos pedimos aceiteis esta proposta e voteis esta lista por aclamação.

“Fora dos motivos expostos acima, uma outra razão, grave e séria, determinou vossa diretoria atual a vos apresentar esta proposição.

“É seu grande desejo, que também partilhareis, esperamos, o de nos aproximarmos cada vez mais do plano de organização concebido pelo Sr. Allan Kardec, e que ele vos deveria propor este ano, no momento de renovação da diretoria.

“O Sr. Allan Kardec não deveria aceitar senão a presidência honorária, e sabíamos que sua intenção era vos apresentar o Sr. Malet como candidato à presidência. Somos felizes por realizar o desejo daquele que todos lamentamos.

“Em consequência, senhores, em nome de vossa antiga diretoria, que tenho a honra de representar, eu vos peço que aceiteis a seguinte proposição:

“São nomeados membros da diretoria para o ano 1869-1870: os Srs. Levent, Malet, Canaguiet, Ravan, Desliens, Delanne e Tailleur, sob a presidência do Sr. Malet.”

Levent
Vice-Presidente

Accepta a proposição e ratificada por aclamação unânime, o Sr. vice-presidente deu posse imediatamente ao Sr. Malet como presidente da Sociedade.

Discurso de Posse do Novo Presidente

(Sessão de 9 de abril de 1869)

Senhoras, Senhores,

Antes de tomar posse desta cadeira, onde desde tantos anos tivestes a felicidade de ver e ouvir esse eminente filósofo, a quem cada um de nós deve a luz e a tranqüilidade da alma, permiti que aquele que chamastes a presidir as vossas reuniões venha dizer algumas palavras quanto à marcha que pretende seguir e o espírito com o qual pretende dirigir os vossos trabalhos.

Gostaria de o fazer com esse tom e essa simplicidade que são a expressão das convicções profundas! Gostaria de o fazer, mas, sob o império de uma emoção que não posso dominar, e que vos é fácil compreender, sinto que não o poderia, se não chamasse em meu auxílio as poucas linhas que vou ler.

É que, com efeito, senhores, quando apenas há algumas semanas eu solicitava o favor de entrar em vossas fileiras, como membro livre da Sociedade de estudos Espíritas de Paris, estava longe de pensar que um dia fosse chamado para presidir as suas sessões, e muito mais longe ainda de pensar que a partida imprevista do nosso caro e venerado mestre me chamasse a dirigir, com o vosso concurso, essas interessantes sessões, onde cada dia se elucidam as mais árduas e as mais complexas questões.

Mas, como acaba de dizer o nosso vice-presidente, e me limito a vo-lo repetir, é como membro da Comissão e simples delegado anual, designado por vossa escolha, que aceitei essa difícil função, em conformidade, aliás, com as regras prescritas pela organização nova, que nos deixou nosso mestre.

Com efeito, senhores, qual de nós ousaria suceder sozinho a uma tão grande personalidade como a que encheu o mundo com os seus altos e consoladores estudos, ensinando ao homem de onde ele vem, por que está na Terra e para onde vai depois? Quem seria bastante orgulhoso para se julgar à altura de sua lógica, de sua energia e de sua profunda erudição, quando ele mesmo, esmagado por um trabalho sempre crescente, havia reconhecido que uma comissão de seis trabalhadores sérios e dedicados que, sem dúvida, deveria ser dobrada em futuro próximo, não seria bastante numerosa para fazer face aos desenvolvimentos dos estudos da Doutrina?

Sim, senhores, se correspondi ao desejo que me manifestastes, é porque os atos devem estar sempre em relação

com as palavras. Eu havia prometido meu concurso enérgico, quando me admitistes entre vós, e por mais difícil que seja o momento, não recusei o mandato que me oferecestes, por mais fracas que sejam minhas forças, persuadido de que elas serão ajudadas vigorosamente por nossa Comissão, por todos vós, meus irmãos em crença e, enfim, por nossos Espíritos protetores, em cujo número hoje se acha o nosso caro e afeiçoado presidente.

Nosso dever, a missão de todos nós, senhores, de agora em diante é seguir o sulco traçado pelo mestre, quero dizer, aprofundá-lo, alargá-lo mais, mais do que estendê-lo ao longe, até a hora em que um novo enviado, esclarecedor do futuro, venha plantar novas balizas e traçar uma nova etapa! Realizemos a nossa tarefa e, por mais modesta que ela possa parecer a alguns espíritos ardentes ou, talvez, muito impacientes, o seu campo é bastante vasto para que cada um de nós possa dizer, ao terminar sua jornada: *“Um repouso feliz me espera, pois eu era do número daqueles que trabalharam na vinha do Senhor.”*

Mas, para alcançar tal objetivo, o esforço deve estar na razão direta de sua grandeza. Pesquisadores infatigáveis da verdade, aceitemos a luz, venha de onde vier, sem, contudo, lhe dar direito de cidadania antes de a ter analisado em todos os seus elementos e observado nos múltiplos efeitos de sua irradiação. Abramos, pois, as nossas fileiras a todos os investigadores de boa vontade, desejosos de se convencerem, ainda mesmo que a sua rota tenha sido diferente da nossa, até este momento, e contanto que eles aceitem as leis fundamentais de nossa filosofia.

Rejubilemo-nos no momento em que o Espiritismo, fundado em bases inabaláveis, entra em nova fase, para chamar a atenção dessa nova geração, à qual o estudo da Ciência cabe por partilha, quer ela sonde as profundezas desconhecidas do oceano celeste, quer perscrute essas miríades de mundos revelados pelo microscópio, quer, enfim, que ela peça aos fenômenos do

magnetismo o segredo que conduz à descoberta das admiráveis leis harmônicas do Criador, das quais uma única encerra todas: *a lei de Amor*.

Também não repilamos, senhores, esses pioneiros que com tanto desdém são chamados materialistas. – Ficai certos de que alguns desses pesquisadores, satisfazendo à lei comum do erro, sentem sua consciência revoltar-se ao perscrutar a matéria para aí procurar esse princípio vital que só de Deus emana.

Sim, lamentemos seus esforços infrutíferos e abramos-lhes também as nossas fileiras, porque não os poderíamos confundir com os *soberbos*, enceguedidos pelo erro e pelo sofisma! Oh! para estes sigamos o preceito do filósofo de Nazaré: “*Deixai aos mortos o cuidado de enterrar os seus mortos*”, e passemos.

Mostremo-nos, pois, sempre verdadeiros e sinceros espíritas, por nosso espírito de tolerância, nosso amor por nossos irmãos, com os quais devemos partilhar esse pão da vida com que nos alimentou nosso caro mestre, *apanhando essas espigas caídas de feixes incompreendidos!*...

Semeemos, propaguemos e semeemos ainda, mesmo nos terrenos ressecados pelo sopro do cepticismo, porque se alguns grãos lançados ao vento da incredulidade vierem germinar em algum sulco escondido e cavado pela dor, seu rendimento será o cêntuplo do trabalho.

Sobretudo não percamos nosso tempo, nem nossas forças, em responder aos ataques de que possamos ser objeto, porque o homem que arroteia deve esperar ser ferido pelos espinhos que arranca.

– Não respondamos mais a esses timoratos do livre-pensamento, que fingem ver no Espiritismo uma religião, um

engenho destruidor das coisas estabelecidas, quando, ao contrário, esta doutrina reúne num feixe único todos os membros esparsos da grande família humana, que a intolerância de uns e a imobilidade de outros dispersou e deserdou de toda crença.

Mas, se de um lado, devemos apelar a todos os trabalhadores devotados, se a Ciência pode e nos deve ser de grande valia para explicar o que o vulgo chama *milagre*, jamais esqueçamos que o objetivo essencial e final de nossa Doutrina consiste no estudo das leis psicológicas e morais, leis que compreendem a fraternidade, a solidariedade entre todos os seres, lei única, lei universal que rege igualmente a ordem moral e a ordem material.

– É esta bandeira, senhores, que manteremos alta e firme, aconteça o que acontecer, e ante a qual deverão inclinar-se todas as outras considerações.

É animado por tais pensamentos que vossa Comissão deve prosseguir a obra do mestre, porque foram eles que o conduziram à descoberta desta magnífica estrela, de brilho muito diferente, de poder bem diverso para a felicidade da Humanidade, do que todas aquelas cujo conjunto deslumbra os nossos olhos.

– Sigamos escrupulosamente o plano da vasta e sábia organização deixada pelo mestre, última expressão de seu gênio, e na qual ele compara, com tanta felicidade, as sociedades espíritas a observatórios, cujos estudos devem ser ligados entre si e religados ao grupo central de Paris, mas deixando a cada um a livre direção de suas observações particulares.

De pé e à obra, pois, espíritas das cinco partes do mundo! À obra também, espiritualistas, biólogos, magnetistas e vós todos, enfim, homens de Ciência, pesquisadores sedentos da verdade, reunidos por este pensamento comum: *fora da verdade não*

há salvação, digno eco desta divisa dos espíritas: *fora da caridade não há salvação*.

Nestas condições, mas só nestas condições, pelo menos é a nossa profunda convicção, não só o Espiritismo não ficará estacionário, mas crescerá rapidamente, guiado sempre por seu antigo piloto, muito mais poderoso, muito mais clarividente ainda do que o era na Terra, e onde sua digna companheira dele recebeu a missão de secundar seus pontos de vista generosos e benevolentes para o futuro da Doutrina.

Perdão, senhores, por me haver alongado; entretanto, muito teria ainda a vos dizer... mas me apresso, compreendendo vossa impaciência em querer ouvir aquele que será sempre o nosso digno e venerado presidente. Ele está aqui, em meio a uma cerrada falange de Espíritos simpáticos e protetores; mas era dever daquele a quem a vossa escolha confiou a difícil tarefa de presidir aos vossos trabalhos e à direção de vossas sessões, dar-vos a conhecer as suas intenções, partilhadas pela Comissão Central e, assim o espera, pela maioria dos espíritas.

E. Malet

Caixa Geral do Espiritismo

DECISÃO DA SENHORA ALLAN KARDEC

Desejando, com todas as suas possibilidades, e segundo as necessidades do momento, contribuir para a realização dos planos para o futuro, feitos por seu marido, a Sra. Allan Kardec, única proprietária legal das obras e da *Revista*, deseja, por devotamento à Doutrina:

1º – Doar anualmente à Caixa Geral do Espiritismo o excedente dos lucros provenientes da venda dos livros espíritas e

das assinaturas da *Revista*, bem como das operações da Livraria Espírita, mas com a condição expressa de que ninguém, a título de membro da Comissão Central ou outra, tenha o direito de imiscuir-se neste negócio industrial, e que os recebimentos, sejam quais forem, sejam recolhidos sem observação, já que ela pretende tudo gerir pessoalmente, programar as reimpressões das obras, as publicações novas, regular a seu critério os emolumentos de seus empregados, o aluguel, as despesas futuras, numa palavra, todos os gastos gerais;

2º – A *Revista* está aberta à publicação dos artigos que a Comissão Central julgar úteis à causa do Espiritismo, mas com a condição expressa de serem previamente sancionados pela proprietária e pelo comitê de redação, sucedendo o mesmo com todas as publicações, sejam quais forem;

3º – A Caixa Geral do Espiritismo é confiada a um tesoureiro, encarregado da gerência dos fundos, sob a supervisão da Comissão Diretora. Até que sejam utilizados, esses fundos serão empregados na aquisição de bens imóveis para fazer frente a todas as eventualidades. Anualmente o tesoureiro fará uma detalhada prestação de contas da situação da Caixa, que será publicada na *Revista*.

Comunicadas estas decisões à Sociedade de Paris, na sessão de 16 de abril, foi a Sra. Allan Kardec objeto de unânimes felicitações.

Este nobre exemplo de desinteresse e de devotamento será, não temos dúvida, apreciado e compreendido por todos aqueles cujo concurso ativo e incessante é conquistado pela filosofia regeneradora por excelência.

Correspondência

CARTA DO SR. GUILBERT, PRESIDENTE DA
SOCIEDADE ESPÍRITA DE ROUEN

Rouen, 14 de abril de 1869.

Sr. Presidente,

Senhores membros da Comissão Diretora da
Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Sentimo-nos felizes, Senhores, e vos felicitamos calorosamente pela presteza com que a vossa Comissão se constituiu sobre as bases indicadas por nosso venerado mestre.

Estávamos bem longe de esperar pelo golpe fulminante que tão cruelmente veio ferir a Sociedade de Paris e o Espiritismo inteiro; mas, se nos primeiros momentos, chocados pelo estupor e dolorosamente comovidos, curvamos a frente para a terra onde repousam os restos mortais do Sr. Allan Kardec, hoje devemos erguê-la e agir, porque se a sua tarefa terminou, a nossa começa e nos impõe sérios deveres e uma grave responsabilidade.

No momento em que o sábio coordenador da filosofia espírita acaba de depor nas mãos do Todo-Poderoso o mandato do qual se havia encarregado tão digna e corajosamente, cabe a nós, seus legatários naturais, manter alta e firme a bandeira na qual ele gravou, em caracteres indestrutíveis, ensinamentos que encontram eco em todos os corações bem-dotados.

Devemos todos nos reunir à Comissão Central, sediada em Paris, que para nós representa o mestre desaparecido, e é o que acontecerá, senhores, se, como estamos persuadidos, vos dedicardes a seguir o caminho que ele nos traçou.

Mas, bem entendido, para se realizar em tempo oportuno os projetos que ele indicava na *Revista* de dezembro último, e que, de certo modo, poderíamos considerar como seu testamento; para criar a Caixa Geral do Espiritismo, necessitais do concurso moral e material de todos. Todos devem, pois, no limite de suas forças, trazer sua pedra ao edifício. Tal é, pelo menos, o sentimento da Sociedade Espírita de Rouen, que vos pede a sua inscrição por mil francos, persuadida que está de que não poderia honrar melhor a memória do mestre do que executando, conforme os planos que ele nos deixou, aquilo que ele próprio teria realizado, se Deus, nos seus secretos desígnios, não houvesse decidido de outra maneira.

Aceitai, senhores, com as nossas saudações fraternas, a segurança do nosso inalterável devotamento à causa do Espiritismo.

Pelos membros da Sociedade Espírita de Rouen,
A. Guilbert – *Presidente*

Dissertações Espíritas

Não nos permitindo a abundância de matérias publicar atualmente todas as instruções ditadas por ocasião dos funerais do Sr. Allan Kardec, nem mesmo todas as que foram dadas por ele próprio, reunimos numa única comunicação os ensinamentos de interesse geral, obtidos através de diversos médiuns.

(Sociedade de Paris, abril de 1869)

Como vos agradecer, senhores, pelos vossos bons sentimentos e pelas verdades expressas com tanta eloquência sobre os meus restos mortais? Não podeis duvidar: eu estava presente e profundamente feliz, sensibilizado pela comunhão de pensamento que nos unia pelo coração e pelo espírito.

Obrigado, meu jovem amigo (O Sr. C. Flammarion), obrigado por vos haverdes afirmado, como o fizestes. Vós vos exprimistes com calor; assumistes uma responsabilidade grave, séria e esse ato de independência vos será contado duplamente; nada perdestes por dizer o que as vossas convicções e a Ciência vos impõem. Assim agindo, podeis ser discutido, mas sereis honrado merecidamente.

Obrigado a vós todos, caros colegas, meus amigos; obrigado ao jornal *Paris*, que começa um ato de justiça pelo artigo de um bravo e digno coração.

Obrigado, caro vice-presidente; Sr. Delanne, Sr. E. Muller, recebi a expressão dos meus sentimentos de viva gratidão, vós todos que hoje apertais afetuosamente a mão de minha corajosa companheira.

Como homem, estou muito feliz pelas boas lembranças e pelos testemunhos de simpatia que me prodigalizais; como espírita eu vos felicito pelas determinações que tomastes para assegurar o futuro da Doutrina; porque, se o Espiritismo não é minha obra, ao menos eu lhe dei tudo quanto as forças humanas me permitiram lhe desse. É como colaborador enérgico e convicto, como campeão, de todos os instantes, da grande doutrina deste século, que a amo, e me sentiria infeliz se a visse perecer, caso isto fosse possível.

Ouvi com sentimento de profunda satisfação o meu amigo, o vosso novo e digno presidente, vos dizer: “Ajamos de acordo; vamos despertar os ecos, que há muito tempo não mais ressoam; vamos reavivar aqueles que ecoam! Que não seja Paris, que não seja a França o teatro de vossa ação; vamos a toda parte! Demos à Humanidade inteira o maná que lhe falta; demos-lhe o exemplo da tolerância que ela esquece, da caridade que conhece tão pouco!”

Agistes para assegurar a vitalidade da Sociedade; está certo. Tendes o desejo sincero de marchar com firmeza pelo sulco traçado; ainda está certo. Mas, não basta querer hoje, amanhã, depois de amanhã; para ser digno da Doutrina é preciso querer sempre! A vontade que age por espasmos não é mais vontade: é o capricho no bem; mas, quando a vontade se exerce com a calma que nada perturba, com a perseverança que nada detém, é a verdadeira vontade, inquebrantável em sua ação, frutuosa em seus resultados.

Sede confiantes em vossas forças: elas produzirão grandes efeitos se as empregardes com prudência; sede confiantes na força da idéia que vos une, pois ela é indestrutível. Pode-se ativar ou retardar o seu desenvolvimento, mas é impossível detê-la.

Na fase nova em que entramos, a energia deve substituir a apatia; a calma deve substituir o ímpeto. Sede tolerantes uns para com os outros; agi sobretudo pela caridade, pelo amor, pela afeição. Oh! se conhecêsseis todo o poder desta alavanca! Foi essa alavanca que levou Arquimedes a dizer que com ela levantaria o mundo! Vós o levantareis, meus amigos, e esta transformação esplêndida, que será efetuada por vós em proveito de todos, marcará um dos mais maravilhosos períodos da história da Humanidade.

Coragem, pois, e esperança. Esperança!... esse facho que os vossos infelizes irmãos não podem perceber através das trevas do orgulho, da ignorância e do materialismo, não o afasteis ainda mais de seus olhos. Amai-os; fazei com que vos amem, vos ouçam, vos olhem! Quando tiverem visto, ficarão deslumbrados.

Então, meus amigos, meus irmãos, como eu seria feliz ao ver que os meus esforços não foram inúteis e que o próprio Deus abençoou a nossa obra! Nesse dia haverá no céu uma grande alegria, um grande êxtase! A Humanidade estará livre do jugo

terrível das paixões que a acorrentam e oprimem com um peso esmagador. Então não mais haverá na Terra o mal, nem o sofrimento, nem a dor; porquanto os verdadeiros males, os sofrimentos reais, as dores cruciantes vêm da alma. O resto não passa do leve roçar de um espinho sobre as vestes!...

Ao clarão da liberdade e da caridade humanas, todos os homens, reconhecendo-se, dirão: “Somos irmãos” e só terão no coração um mesmo amor, na boca uma só palavra, nos lábios um só murmúrio: Deus!

Allan Kardec

Aviso

O catálogo de obras da *Livraria Espírita* será enviado a *todas as pessoas* que o pedirem, mediante a remessa de dez centavos em selos postais.

Aos Nossos Correspondentes

A morte do Sr. Allan Kardec foi, para a maioria de nossos correspondentes da França e do estrangeiro, ocasião para numerosos testemunhos de simpatia para com a Sra. Allan Kardec, e de garantia de adesão aos princípios fundamentais do Espiritismo.

Na impossibilidade material de responder a todos, rogamos que recebam, aqui, a expressão dos sentimentos de reconhecimento da Sra. Allan Kardec.

Persuadida de que não se poderiam realizar melhor os desejos daquele que todos lamentamos, senão nos unindo num entendimento comum para a propagação de nossos princípios, a

Sociedade de Paris sente-se feliz, nas dolorosas circunstâncias em que nos encontramos, em poder contar com o concurso ativo e eficaz de todos. Verá com viva satisfação o estabelecimento de relações regulares entre ela e os vários centros da província e do estrangeiro.

Aviso Muito Importante

Lembramos aos senhores assinantes que desde 1^o de abril último o escritório de assinaturas e expedição da *Revista Espírita* foi transferido para a sede da *Livraria Espírita*, 7, rua de Lille.

Para tudo o que concerne a assinaturas, compra de obras, expedições, as pessoas que não moram em Paris devem enviar um vale postal ou uma ordem para o *Sr. Bittard*, gerente da *livraria*. Não se concedem descontos para os subscritores.

Todos os documentos, a correspondência, os relatos de manifestações que possam interessar ao Espiritismo e aos espíritas, deverão ser dirigidos ao *Sr. Malet*, presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, 7, rua de Lille.

Pelo Comitê de Redação
A. Desliens – *Secretário-gerente*



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

JUNHO DE 1869

Nº 6

Aos Assinantes da *Revista*

Até hoje a *Revista Espírita* foi essencialmente obra e criação do Sr. Allan Kardec, como aliás todas as obras doutrinárias que ele publicou.

Quando a morte o surpreendeu, a multiplicidade de suas ocupações e a nova fase em que entrava o Espiritismo o faziam desejar a companhia de alguns colaboradores convictos, a fim de que, sob sua direção, executassem trabalhos aos quais já não podia bastar-se sozinho.

Procuraremos não nos afastar da via que ele nos traçou; mas, pareceu-nos de nosso dever consagrar aos trabalhos do mestre, sob o título de *Obras Póstumas*, algumas páginas que ele guardou para si, se tivesse permanecido corporalmente entre nós. A abundância de documentos acumulados em seu gabinete de trabalho nos permitirá, durante muitos anos, publicar em cada número, além das instruções que ele houver por bem nos dar como

Espírito, um desses interessantes artigos, que sabia tão bem tornar compreensíveis a todos.

Estamos persuadidos de satisfazer assim aos desejos de todos aqueles que a filosofia espírita reuniu em nossas fileiras, e que souberam apreciar no autor de *O Livro dos Espíritos*, o homem de bem, o trabalhador infatigável e devotado, o espírita convicto, aplicando-se na vida privada a pôr em prática os princípios que ensinava em suas obras.

O Caminho da Vida¹⁹

(OBRAS PÓSTUMAS)

A questão da pluralidade das existências há desde longo tempo preocupado os filósofos e mais de um reconheceu na anterioridade da alma a única solução possível para os mais importantes problemas da psicologia. Sem esse princípio, eles se encontraram detidos a cada passo, encurralados num beco sem saída, donde somente puderam escapar com o auxílio da pluralidade das existências.

A maior objeção que podem fazer a essa teoria é a da ausência de lembranças das existências anteriores. Com efeito, uma sucessão de existências inconscientes umas das outras; deixar um corpo para tomar outro sem a memória do passado equivaleria ao nada, visto que seria o nada quanto ao pensamento; seria uma multiplicidade de novos pontos de partida, sem ligação entre si; seria a ruptura incessante de todas as afeições que fazem o encanto da vida presente, a mais doce e consoladora esperança do futuro; seria, afinal, a negação de toda a responsabilidade moral. Semelhante doutrina seria tão inadmissível e tão incompatível com a justiça divina, quanto a de uma única existência com a perspectiva

19 N. do T.: *Obras Póstumas*, 1ª parte.

de uma eternidade de penas por algumas faltas temporárias. Compreende-se então que os que formam semelhante idéia da reencarnação a repilam; mas, não é assim que o Espiritismo no-la apresenta.

A existência espiritual da alma, diz ele, é a sua existência normal, com indefinida lembrança retrospectiva. As existências corpóreas são apenas intervalos, curtas estações na existência espiritual, sendo a soma de todas as estações apenas uma parcela mínima de existência normal, absolutamente como se, numa viagem de muitos anos, de tempos a tempos o viajor parasse durante algumas horas. Embora pareça que, durante as existências corporais, há solução de continuidade, por ausência de lembrança, a ligação efetivamente se estabelece no curso da vida espiritual, que não sofre interrupção. A solução de continuidade, realmente, só existe para a vida corpórea e de relação, e a ausência, aí, da lembrança prova a sabedoria da Providência que assim evitou fosse o homem por demais desviado da vida real, onde ele tem deveres a cumprir; mas, quando o corpo se acha em repouso, durante o sono, a alma levanta o vôo parcialmente e restabelece-se então a cadeia interrompida apenas durante a vigília.

A isto ainda se pode opor uma objeção, perguntando que proveito pode o homem tirar de suas existências anteriores, para melhorar-se, dado que ele não se lembra das faltas que haja cometido. O Espiritismo responde, primeiro, que a lembrança de existências desgraçadas, juntando-se às misérias da vida presente, ainda mais penosa tornaria esta última. Desse modo, poupou Deus às suas criaturas um acréscimo de sofrimentos. Se assim não fosse, qual não seria a nossa humilhação, ao pensarmos no que já fôramos! Para o nosso melhoramento, aquela recordação seria inútil. Durante cada existência, sempre damos alguns passos para a frente, adquirimos algumas qualidades e nos despojamos de algumas imperfeições. Cada uma de tais existências é, portanto, um novo ponto de partida, em que somos qual nos houvermos feito, em que nos tomamos pelo que somos, sem nos preocuparmos com

o que tenhamos sido. Se, numa existência anterior, fomos antropófagos, que importa isso, desde que já não o somos? Se tivemos um defeito qualquer, de que já não conservamos vestígio, aí está uma conta saldada, de que não mais nos cumpre cogitar. Suponhamos que, ao contrário, se trate de um defeito apenas meio corrigido: o restante ficará para a vida seguinte e a corrigi-lo é do que nesta devemos cuidar.

Tomemos um exemplo: um homem foi assassino e ladrão e foi punido, quer na vida corpórea, quer na vida espiritual; ele se arrepende e corrige do primeiro pendor, porém, não do segundo. Na existência seguinte, será apenas ladrão, talvez um grande ladrão, porém, não mais assassino. Mais um passo para diante e já não será mais que um ladrão obscuro; pouco mais tarde já não roubará, mas poderá ter a veleidade de roubar, que a sua consciência neutralizará. Depois, um derradeiro esforço e, havendo desaparecido todo vestígio da enfermidade moral, será um modelo de probidade. Que lhe importa então o que ele foi? A lembrança de ter acabado no cadafalso não seria uma tortura e uma humilhação constantes?

Aplicai este raciocínio a todos os vícios, a todos os desvios, e podereis ver como a alma se melhora, passando e tornando a passar pelos cadinhos da encarnação. Não terá sido Deus mais justo com o tornar o homem árbitro da sua própria sorte, pelos esforços que empregue por se melhorar, do que se fizesse que sua alma nascesse ao mesmo tempo que seu corpo e o condenasse a tormentos perpétuos por erros passageiros, sem lhe conceder meios de purificar-se de suas imperfeições? Pela pluralidade das existências, nas suas mãos está o seu futuro. Se ele gasta longo tempo a se melhorar, sofre as conseqüências dessa maneira de proceder: é a suprema justiça; a esperança, porém, jamais lhe é interdita.

A seguinte comparação pode ajudar a tornar compreensíveis as peripécias da vida da alma:

Suponhamos uma estrada longa, em cuja extensão se encontram, de distância em distância, mas com intervalos desiguais, florestas que se tem de atravessar e, à entrada de cada uma, a estrada, larga e magnífica, se interrompe, para só continuar à saída. O viajor segue por essa estrada e penetra na primeira floresta. Aí, porém, não dá com caminho aberto; depara-se-lhe, ao contrário, um dédalo inextricável em que ele se perde. A claridade do Sol há desaparecido sob a espessa ramagem das árvores. Ele vagueia, sem saber para onde se dirige. Afinal, depois de inauditas fadigas, chega aos confins da floresta, mas extenuado, dilacerado pelos espinhos, machucado pelos pedrouços. Lá, descobre de novo a estrada e prossegue a sua jornada, procurando curar-se das feridas.

Mais adiante, segunda floresta se lhe depara, onde o esperam as mesmas dificuldades. Mas, ele já possui um pouco de experiência e dela sai menos contundido. Noutra, topa com um lenhador que lhe indica a direção que deve seguir para se não transviar. A cada nova travessia, aumenta a sua habilidade, de maneira que transpõe cada vez mais facilmente os obstáculos. Certo de que à saída encontrará de novo a boa estrada, firma-se nessa certeza; depois, já sabe orientar-se para achá-la com mais facilidade. A estrada finaliza no cume de uma montanha altíssima, donde ele descortina todo o caminho que percorreu desde o ponto de partida. Vê também as diferentes florestas que atravessou e se lembra das vicissitudes por que passou, mas essa lembrança não lhe é penosa, porque chegou ao termo da caminhada. É qual velho soldado que, na calma do lar doméstico, recorda as batalhas a que assistiu. Aquelas florestas que pontilhavam a estrada lhe são como que pontos negros sobre uma fita branca e ele diz a si mesmo: “Quando eu estava naquelas florestas, nas primeiras, sobretudo, como me pareciam longas de atravessar! Figurava-se-me que nunca chegaria ao fim; tudo ao meu redor me parecia gigantesco e intransponível. E quando penso que, sem aquele bondoso lenhador que me pôs no bom caminho, talvez eu ainda lá estivesse! Agora, que contemplo essas mesmas florestas do ponto onde me acho,

como se me apresentam pequeninas! Afigura-se-me que de um passo teria podido transpô-las; ainda mais, a minha vista as penetra e lhes distingo os menores detalhes; percebo até os passos em falso que dei.”

Diz-lhe então um ancião: – “Meu filho, eis-te chegado ao termo da viagem; mas, um repouso indefinido causar-te-á tédio mortal e tu te porias a ter saudades das vicissitudes que experimentaste e que te davam atividade aos membros e ao espírito. Vês daqui grande número de viajantes na estrada que percorreste e que, como tu, correm o risco de transviar-se; tens experiência, nada mais temas: vai-lhes ao encontro e procura com teus conselhos guiá-los, a fim de que cheguem mais depressa.”

– Irei com alegria, replica o nosso homem; entretanto, pergunto: por que não há uma estrada direta desde o ponto de partida até aqui? Isso forraria aos viajantes o terem de atravessar aquelas abomináveis florestas.

– Meu filho, retruca o ancião, atenta bem e verás que muitos evitam a travessia de algumas delas: são os que, tendo adquirido mais de pronto a experiência necessária, sabem tomar um caminho mais direto e mais curto para chegarem aqui. Essa experiência, porém, é fruto do trabalho que as primeiras travessias lhes impuseram, de sorte que eles aqui aportam em virtude do mérito próprio. Que é o que saberias, se por lá não houvesse passado? A atividade que houveste de desenvolver, os recursos de imaginação que precisaste empregar para abrir caminho aumentaram os teus conhecimentos e desenvolveram a tua inteligência. Sem que tal se desse, serias tão noviço quanto o eras à partida. Ademais, procurando safar-te dos tropeços, contribuístes para o melhoramento das florestas que atravessaste. O que fizeste foi pouca coisa, imperceptível mesmo; pensa, contudo, nos milhares de viajores que fazem outro tanto e que, trabalhando para si mesmos, trabalham, sem o perceberem, para o bem comum. Não é justo que recebam o salário de suas penas no repouso de que

gozam aqui? Que direito lhes caberia a esse repouso, se nada houvessem feito?

– Meu pai, responde o viajor, numa das florestas, encontrei um homem que disse: “Na orla há um imenso abismo a ser transposto de um salto; mas, de mil, apenas um só o consegue; todos os outros lhe caem no fundo, numa fornalha ardente e ficam perdidos sem remissão. Esse abismo eu não o vi.”

– Meu filho, é que ele não existe, pois, do contrário, seria uma cilada abominável, armada a todos os que para lá se dirigem. Bem sei que lhes cabe vencer dificuldades, mas igualmente sei que cedo ou tarde as vencerão. Se eu houvera criado impossibilidades para um só que fosse, sabendo que esse sucumbiria, teria praticado uma crueldade, que avultaria imenso, se atingisse a maioria dos viajores. Esse abismo é uma alegoria, cuja explicação vais receber. Olha para a estrada e observa os intervalos das florestas. Entre os viajantes, alguns vês que caminham com passo lento e semblante jovial; vê aqueles amigos, que se tinham perdido de vista nos labirintos da floresta, como se sentem ditosos, por se haverem de novo encontrado ao deixarem-na. Mas, a par deles, outros há que se arrastam penosamente; estão estropiados e imploram a compaixão dos que passam, pois que sofrem atrozmente das feridas de que, por culpa própria, se cobriram, atravessando os espinheiros. Curar-se-ão, no entanto, e isso lhes constituirá uma lição da qual tirarão proveito na floresta seguinte, donde sairão menos machucados. O abismo simboliza os males que eles experimentam e, dizendo que de mil apenas um o transpõe, aquele homem teve razão, porquanto enorme é o número dos imprudentes; errou, porém, quando disse que aquele que ali cair não mais sairá. Para chegar a mim, o que tombou encontra sempre uma saída. Vai, meu filho, vai mostrar essa saída aos que estão no fundo do abismo; vai amparar os feridos que se arrastam pela estrada e mostrar o caminho aos que se embrenharam pelas florestas.

A estrada é a imagem da vida espiritual da alma e em cujo percurso esta é mais ou menos feliz. As florestas são as existências corpóreas, em que ela trabalha pelo seu adiantamento, ao mesmo tempo que na obra geral. O caminheiro que chega ao fim e que volta para ajudar os que vêm atrasados figura os anjos guardiães, os missionários de Deus, que se sentem venturosos em vê-lo, como, também, no desdobrarem suas atividades para fazer o bem e obedecer ao supremo Senhor.

Allan Kardec

Extrato dos Manuscritos de um Jovem Médium Bretão

ALUCINADOS, INSPIRADOS, FLUÍDICOS E SONÂMBULOS

(Segundo artigo – Vide a *Revista* de fevereiro de 1868)

Por certo os nossos leitores se lembram de haver lido, no número da *Revista* de fevereiro de 1868, a primeira parte deste estudo, interessante sob mais de um ponto de vista. Hoje publicamos a sua continuação, deixando ao Espírito que o inspirou toda a responsabilidade de suas opiniões e reservando-nos para analisá-las um pouco mais tarde.

Entregamos estes documentos ao exame de todos os espíritas sérios e ficaremos reconhecidos aos que houverem por bem nos transmitir a sua apreciação, ou as instruções de que poderão ser objeto, da parte dos Espíritos. A *Revista Espírita* é, antes de tudo, um jornal de estudo e, nessa condição, apressa-se em acolher todos os elementos capazes de esclarecer a marcha de nossos trabalhos, deixando ao controle universal, apoiado pelos conhecimentos adquiridos, o cuidado de julgar em última instância.

III

OS FLUÍDICOS

Chama-se *Fluido* a esse nada e a esse tudo não analisável, por meio do qual o mundo espiritual se põe em comunicação com o mundo material, e que mantém o nosso físico em harmonia, quer consigo mesmo, quer com o que está fora dele.

Embora nos envolva e nos cerque, e vivamos nele e por ele, é na alma que se une e se condensa. É não só esta porção de nossa alma que nos põe em ação, nos dirige e nos guia, mas, ainda, por assim dizer, a alma geral que plana sobre todos nós; é o laço misterioso e indispensável que estabelece a unidade em nós mesmos e fora de nós; e se vier a partir-se momentaneamente, é então que se manifesta essa modificação imensa a que chamamos morte.

O fluido é, pois, a própria vida: é o movimento, a energia, a coragem, o progresso; é o bem e o mal. É esta força que, por sua vez, parece animar, pelo sopro de sua vontade, quer a charrua benfeitora que fertiliza a terra e faz de nós os alimentadores do gênero humano, quer o fuzil maldito que a despoeva e nos transforma em assassinos de nossos irmãos.

O fluido facilita, entre o Espírito do inspirador e o inspirado, relações que, sem ele, seriam impossíveis.

Os alucinados são nervosos, mas não fluídicos, no sentido de que deles nada se desprende. É esta falta de desprendimento, este excesso ou esta falta de fluido, esta ruptura violenta do seu equilíbrio que os exalta até a loucura, ou, pelo menos, até a divagação momentânea, e faz desfilar à sua frente fantasmas imaginários, ou que se ligam mais ou menos ao pensamento dominante, que, excitando as fibras cerebrais, faz entrar em revolta a quintessência do fluido circulante, muito cheio

dessa noção impressionável que incessantemente tende a se desprender.

Se morrer um louco ou um alucinado, e se fizermos a autópsia do seu cadáver, tudo parecerá sã na sua natureza física; nada será descoberto de particular em seu cérebro. Entretanto, será possível observar mais comumente uma ligeira lesão do coração, pois a parte moral atingida exerce poderosa influencia material sobre este órgão.

Pois bem! essas desordens que o escalpelo não descobre, que o dedo não toca, que o olho não vê, existem no fluido, que a Ciência, sempre muito materialista, nega para não ter que o estudar.

Para ser uma força, o vapor não necessitava que Salomon de Caus ou Papin adivinhassem o seu emprego, assim como, para existir, a eletricidade não tinha esperado que Galvani viesse conceder-lhe foros de cidadania no meio dos sábios oficiais. O fluido não se mostra mais cerimonioso para com as suas douradas sentenças. A eletricidade e o vapor, que são apenas de ontem, já revolucionaram o mundo material. Afirmando a realidade do fluido, o Espiritismo modificará ainda muito mais profundamente o mundo intelectual e moral.

Não só o fluido existe, mas é duplo; apresenta-se sob dois aspectos diversos, ou, pelo menos, suas manifestações são de duas ordens muito diferentes.

Há o fluido latente, que cada um possui e que, mau grado nosso, põe em movimento toda a máquina. Ele está em nós, sem que disso tenhamos consciência, porque não o sentimos, e as naturezas linfáticas vivem sem suspeitar que ele existe.

Depois, há os fluidos circulantes que estão em perpétua ação e em constante ebulição nas organizações nervosas e

impressionáveis. Quando não servem senão para nos pôr em intensa atividade, deixamo-los agir ao acaso, e eles só excitam a nossa preocupação quando, por falta de equilíbrio ou por uma causa qualquer, sua ação se traduz por ataques de nervos ou outras desordens aparentes, cuja causa devemos procurar.

Acontece muito freqüentemente que, quando a crise nervosa é acalmada, e depois do abatimento que se segue, um fluido se desprende de certos sensitivos e lhes permite exercer uma ação curativa sobre outros seres mais fracos e atingidos por um mal contrário ao seu. Basta um simples toque na parte sofredora para os aliviar. É uma espécie de magnetismo circulante, momentâneo, inconsciente, porque a ação fluídica se produz imediatamente ou não se produz absolutamente.

Quando os inspirados são fluídicos de nascimento, gozam no mais alto grau desta faculdade curativa. Mas é uma rara exceção.

Ordinariamente o estado fluídico se desenvolve durante a puberdade, nesse momento transitório em que ainda não se é forte, mas que se o será para suportar a luta da vida.

Viram-se certos seres tornar-se fluídicos durante alguns anos, mesmo alguns meses, e deixar de o ser quando retomaram sua situação normal e regular.

Por vezes mesmo, e notadamente nas mulheres, esse estado se manifesta na hora crítica em que a fraqueza começa a se fazer sentir.

Algumas vezes acontece que crianças são dotadas desse estado em idade ainda bem tenra. Um secreto instinto nos atrai para elas. Dir-se-ia que uma auréola de pureza se irradia em torno dessas cabeças louras de querubins. Ainda tão próximas de Deus,

estão sãs de corpo, de coração e de alma; irradiam saúde e sua vista, sua presença, seu contato serenam inteiramente o nosso corpo.

Senti-vos bem em beijá-las e sois felizes embalando-as em vossos braços. Há nelas algo mais que o encanto que se prende às doces carícias da criança, há um eflúvio que acalma as vossas agitações, vos rejuvenesce e vos restabelece a harmonia momentaneamente comprometida. Senti-vos atraído para esta e não para aquela. Não sabeis o porquê: é que a primeira vos proporciona um bem-estar que não sentiríeis junto de qualquer outra.

Qual de nós não procurou, muitas vezes durante muito tempo e sem o encontrar, ai! o ser que nos deve aliviar! Entretanto ele existe, assim como o remédio que nos deve curar.

Procuremos sem desanimar e o descobriremos. Batamos e abrir-nos-ão. Por mais doentes que estejamos, há, no entanto, em algum lugar, uma alma que responderá à nossa alma. Fracos, ela soerguerá a nossa força; fortes, abrandará as nossas asperezas. Com ela nos completaremos, e ambos esperamos por ela para fazer o bem.

As naturezas fortemente constituídas exercem uma ação magnética sobre os caracteres mais fracos. Para magnetizar proveitosamente é necessário um grande esforço de vontade concentrada, conseqüentemente um desprendimento de nós mesmos; e esse desprendimento não pode ter uma ação curativa enquanto não juntar uma força poderosa à fraqueza que combatemos, e que faz sofrer aquele que magnetizamos.

Só raramente os magnetizadores podem ser magnetizados por outros. Parece que esse esforço da vontade que eles têm de realizar cava uma espécie de reservatório, no qual se acumula o fluido, em estado latente, que derrama seu excesso sobre os demais; mas não sobra mais lugar para receber algo dos outros.

A intuição é a radiação do fluido que, desprendendo-se daquele sobre o qual queremos agir, vem despertar o nosso e o faz derramar-se sobre o ser que queremos aliviar. Desse choque de dois agentes contrários sai uma centelha; ela esclarece o nosso Espírito e nos mostra o que convém fazer para atingir o objetivo. É a caridade posta em ação. Agindo esse fluido, sempre pronto a despertar ao primeiro apelo do sofrimento, é encontrado sobretudo nas almas sensíveis e ternas, mais preocupadas com o bem alheio do que com o seu próprio bem.

Existem certos médicos nos quais esse desprendimento fluídico se opera mesmo sem que eles o percebam, e que receberam de Deus o dom de curar com mais segurança os que sofrem.

Enfim, há naturezas realmente fluídicas, cujo excesso exige um desprendimento contínuo, sob pena de reagirem contra elas próprias. A ação que exercem sobre os que lhes são simpáticos é sempre salutar, mas pode tornar-se funesta para os que lhes são antipáticos.

É entre estas que se encontram os sensitivos que, na obscuridade, percebem clarões ódicos que se desprendem de certos corpos, enquanto outros nada vêem.

Os fluídicos e os sensitivos são os mais sujeitos aos sentimentos instintivos de simpatia ou de antipatia, em presença daqueles cujo contato ou simples vista lhes faz experimentar o bem ou o mal.

Certas crianças exercem uma pressão física ou moral sobre seus irmãos ou seus camaradas. É o fluido em desprendimento que envolve estes últimos e os domina.

Cada um de nós exerce sobre outrem um poder atrativo ou repulsivo, mas em graus diversos, porque a Natureza é múltipla e infinita em suas combinações.

Quem não sentiu o efeito de um simples aperto de mão, que restabelece o equilíbrio do ser ou nele destrói esse equilíbrio? que nos une à pessoa que nos cumprimenta ou dela nos afasta? que nós dá uma sensação de bem-estar ou de sofrimento?

Quem não sentiu o frio ou o calor de um beijo?

Quem não sentiu esse frêmito interior que abala todo o nosso ser, no momento em que somos postos em contato com outro, e que nos leva a dizer: É um amigo!... ou, então: É um inimigo?

As pessoas cujas mãos são frias e úmidas são de compleição fraca; de sensibilidade pouco desenvolvida, não dão fluido e necessitam que se lhos prodigalize.

Habitualmente os inspirados gozam do privilégio de poder socorrer, por um fluido que deles se desprende, aqueles que necessitam. Mas, raramente desfrutam de boa saúde e neles o equilíbrio e a harmonia reinam raramente.

Têm muito fluido ou não o têm suficiente, e quase só no momento da inspiração se acham em completa harmonia. Mas, então, não sentem os benefícios, porque outra individualidade está unida à sua e os abandona momentaneamente, depois que deram o que tinham como reserva.

Os curadores do campo, os feiticeiros, os que fazem desaparecer as entorses, geralmente são fluídicos. Seu poder é real; eles o exercem sem saber como. Mas seria engano crer que possam agir igualmente sobre todo o mundo. É preciso que o fluido que deles se desprende esteja em harmonia com o da pessoa que o deve absorver, senão se produz um efeito contrário. Daí vem o mal muito real que por vezes se sente após uma visita a um desses pretensos feiticeiros.

Não há remédios nem fluidos cuja ação seja universal. Toda ação é modificada pela natureza daquele que a recebe. É preciso que a centelha fira com precisão, sem o que haverá choque e agravação do mal que se pretende aliviar.

O magnetismo sofre a mesma lei e não pode ser mais eficaz em todos os casos.

Os sensitivos e os fluídicos são as naturezas mais generosas, as que melhor sentem todas essas mil ninharias que compõem o ser humano em sua parte moral, física e intelectual. Mas são também os mais infelizes, porque se dão mais aos outros do que recebem.

Os maiores fluídicos geralmente têm mais desgosto de sua personalidade. Pensam nos outros e jamais em si mesmos. Isto também se deve, talvez, a uma espécie de intuição secreta; sentem que sem essa liberação de seu excesso, que derramam sobre os outros, não poderiam ter repouso.

Lamentemos os fluídicos e os sensitivos. A vida para eles tem mais dores que alegrias; não passa de um contínuo sofrimento.

Mas, ao mesmo tempo, admiremo-los, porque são bons, generosos e dotados de caridade humanitária. Deles se desprende uma força para aliviar os seus irmãos, e é por serem mais completamente *tudo para todos*, que são tão pouco para si mesmos.

E talvez o seu adiantamento seja mais rápido e maior num outro mundo, porque passaram por este aplicando-se apenas em fazer o bem aos outros.

Por vezes, depois de um grande desprendimento, o fluídico sofre e chega a um extremo grau de fraqueza, até o momento em que entra de novo na posse de sua força. Quando

uma pessoa sofre, ele não calcula e vai até ela. O coração o arrasta vitoriosamente, adivinha quem puder! Não é mais um homem detido por frias conveniências; é uma alma que desperta ao primeiro grito de sofrimento, e que não se lembra mais senão depois que o alívio chegou!

IV

OS SONÂMBULOS

O sonambulismo, que pode ser dividido em três categorias, não se refere diretamente a nenhuma das três fases que acabamos de descrever.

1º – O sonâmbulo natural muito raramente será um bom magnetizador. Pode não ser acessível à inspiração, nem ao fluido forçado e concentrado num só ponto pela sua vontade. Outras vezes seu estado anuncia uma predisposição favorável à recepção de um impulso.

O sonambulismo natural é o sonho posto em ação. O pensamento segue seu curso durante o sono dos órgãos. Esta é ainda uma prova de que algo vive em nós além da matéria, de que pensamos e vivemos durante o sono a vida ativa do Espírito, embora tenhamos por algum tempo todas as aparências do aniquilamento.

A vida ativa continua, pois, no sonâmbulo; apenas muda de forma, tomando a de um sonho. O espírito agita a matéria, pois os órgãos físicos são postos em ação por uma força energética, cuja lembrança o indivíduo perdeu ao despertar.

Estando o verdadeiro inspirado impregnado de uma força poderosa e desconhecida, tem algo do sonâmbulo natural, no sentido de obedecer a um impulso que lhe é estranho, deixando de o sentir logo que volta ao seu estado natural.

O sonâmbulo age sob a simples inspiração que emana dele; está concentrado num só objeto, razão por que, em todos os atos que então realiza, parece muito superior a si mesmo. Se o despertam, ele se perturba, grita como num pesadelo e essa brusca transição não é isenta de perigo para ele.

Esse estado bizarro não afeta nem fatiga os órgãos. Esses seres passam muito bem, porque, enquanto agem, o ser físico dorme, repousa, e só a imaginação trabalha.

2º – No inspirado, pode-se dizer que há sempre uma grande soma de repouso físico. Marcado por outra individualidade, seu corpo não participa da ação que realiza e seu próprio Espírito, de certo modo dormita, desde que o forçaram a assimilar os pensamentos de outro, dos quais a seguir perde até os mais ligeiros traços, à medida que desperta para a vida ordinária.

Nas naturezas dóceis (e nem todos os sonâmbulos o são), esse trabalho de concentração, de *posse* do ser, é feito sem luta, razão por que esses pensamentos lhes são dados de maneira mais particular, precisamente porque não interrompem o repouso naqueles a quem são trazidos.

Por vezes os sonâmbulos são confundidos com os inspirados, porque há semelhança nos resultados.

Uns e outros prescrevem remédios. Mas só o inspirado é um revelador; é nele próprio que reside o progresso, pois só ele é o eco, o instrumento passivo de um Espírito diferente do seu, e mais adiantado.

O magnetismo desperta no sonâmbulo, superexcita e desenvolve o instinto que a natureza deu a todos os seres para a sua cura, e que a civilização incompleta em que nos debatemos abafou em nós para o substituir pelos falsos lampejos da Ciência.

Os inspirados não precisam absolutamente do socorro do fluido magnético. Vivem pacíficos, em nada pensam. De repente uma palavra, inicialmente obscura e indistinta, é murmurada ao seu ouvido; essa palavra os penetra; toma sentido, cresce, alarga-se, torna-se um pensamento; outras se grupam em redor; depois, chegada à maturidade a elaboração íntima, uma força irresistível os domina e, quer pela palavra, quer pela escrita, é preciso que expulsem a verdade que os obceca.

Eles estão de tal modo impregnados por seu objeto, de tal forma possuídos que, durante essas horas de elaboração ou de diversão, não são mais acessíveis aos sofrimentos do corpo, pois não mais o sentem e já não têm consciência de si, e porque, enfim, neles vive um outro ser em seu lugar.

Pouco a pouco, à medida que o sopro inspirador os abandona, a dor retorna; eles voltam à posse de si mesmos, vivem por sua própria vontade, subordinada às suas percepções pessoais, e da aparição extinta não resta mais senão uma espécie de vazio no cérebro, conforme a expressão consagrada, mas vazio que, na realidade, existe no organismo inteiro.

Muitas vezes o inspirado se acha inconscientemente impregnado, desde muito tempo, pelo Espírito de outrem. Mau grado seu, tem instantes de recolhimento forçado; sabe e é capaz de concentrar melhor as idéias, parecendo viver a vida comum e trocar com os outros os pensamentos ordinários. Mas suas distrações são mais freqüentes, mesmo que seu Espírito ainda não esteja concentrado numa coisa do que noutra. Flutua no vazio; deixa-se embalar por uma espécie de entorpecimento, que é o começo da infusão de comunicações, ainda no primeiro trabalho de transmissão.

Por si mesmo, o magnetismo não dá inspiração: no máximo a provoca e a torna mais fácil. O fluido é como um ímã, que atrai os mortos bem-amados para os que ficaram. Desprende-se abundantemente dos inspirados e vai despertar a atenção dos seres que já partiram e que lhes são similares. Estes, por seu lado, depurados e esclarecidos por uma vida mais completa e melhor, julgam melhor e melhor conhecem os que lhes podem servir de intermediários, numa ordem de fatos que julgam útil revelar-nos.

É assim que esses seres mais adiantados muitas vezes descobrem, naquele que escolheram, disposições que ele mesmo desconhecia. Desenvolvem-no neste sentido, apesar dos obstáculos opostos pelos preconceitos do meio social ou pelas prevenções da família, sabendo que a Natureza preparou o terreno para receber a semente que eles querem espalhar.

Eis um médico que ficou medíocre porque considerações mais fortes que a sua vontade lhe impuseram uma vocação factícia: a inspiração jamais fará dele um revelador em Medicina. Jamais o Espírito virá lhe comunicar as coisas ligadas à profissão que o constrangeram a exercer, mas as relacionadas com as faculdades naturais que, à sua chegada na Terra, lhe foram atribuídas para que as desenvolvesse pelo trabalho, e que ficaram em estado latente. Aí estava a obra que ele devia realizar. O Espírito o pôs no caminho e lhe fez compreender sua verdadeira missão.

O magnetismo, enquanto inspiração, nada pode em favor desta criatura fatalmente desviada. Apenas, como há desacordo entre as tendências que lhe imprimem os seus fluidos e as funções que as circunstâncias o condenaram a exercer, está descontente, infeliz; sofre e, deste ponto de vista, o magnetismo pode, por um momento, vir acalmar os pesares que experimenta em presença de seu futuro despedaçado.

É, pois, erroneamente que em geral se crê, no mundo, que para ser inspirado é preciso ser magnetizado. Ainda uma vez, o magnetismo não dá a inspiração; faz circular o fluido e nos põe em equilíbrio, eis tudo. Ademais, é incontestável que desenvolve o poder de concentração.

Os sonâmbulos mais impressionantes, os que espalham luzes novas ao seu redor, são, ao mesmo tempo, inspirados; contudo, não se deve crer que o sejam igualmente em todas as horas.

3º – Os sonâmbulos geralmente são mais fluídicos do que inspirados. Concebe-se, então, a oportunidade da ação magnética. O toque, quer do magnetizador, quer de uma coisa que lhe pertenceu, pode dar-lhe esse poder de concentração provocada e previamente aumentada pelos passes magnéticos. Junto à predisposição sonambúlica, o magnetismo desenvolve a segunda vista e produz resultados extraordinários, sobretudo do ponto de vista das consultas médicas.

O sonâmbulo está de tal modo concentrado pelo desejo de curar a pessoa cujo fluido está em relação com o seu, que lê no seu ser interior.

Se alia a esta disposição a de ser inspirado, coisa extremamente rara, é então que se torna completa. Vê o mal; indicam-lhe o remédio!

Os Espíritos que vêm impregnar o inspirado não são seres sobrenaturais. Viveram em nosso mundo; vivem num outro, eis tudo. Pouco importa a forma física que revestem; sua alma, seu sopro é idêntico ao nosso, porque a lei que rege o Universo é una e imutável.

Sendo o fluido o princípio da vida, a animação, e tendo a nossa alma, graças a fluidos diferentes, atrações e, por conseguinte, destinos múltiplos e diversos; se, pela ação magnética, se desvia de sua espontaneidade o poder de concentração sobre o pensamento que nos deve ser transmitido, o Espírito não pode exercer mais sua ação, conservar sobre nós sua mesma força, sua vontade intacta para nos fazer escrever ou ler em alta voz, para o mundo que necessita, aquilo que veio trazer-nos.

Também os médicos que dirigem os sonâmbulos devem evitar, tanto quanto possível, magnetizá-los, sob pena de substituírem a verdadeira inspiração por uma simples transmissão de seu próprio pensamento.

Os sonâmbulos, tanto quanto os inspirados ou os fluídicos, não podem agir sobre todos os seus irmãos encarnados. Cada um não tem poder senão sobre um pequeno número. Mas todos, em suma, aí encontrarão sua parte, quando não mais se tiver horror a essas forças generosas que se desprendem de nós em graus mais ou menos intensos.

Para os sonâmbulos fluídicos, o emprego do magnetismo é útil por exercer sobre eles sua influência de concentração. Apenas há nesse estado, ainda mais do que em qualquer outro, uma força de atração ou de repulsão, contra a qual jamais se deve lutar.

Os mais ricamente dotados são acessíveis a antipatias muito extremas para que as possam abafar. Experimentam-nas, assim como as inspiram. Suas prescrições, nesses casos, raramente são boas. Mas, ordinariamente dotados de uma grande força moral, ao mesmo tempo que de excessiva benevolência, adquirem grande poder de moderação sobre si mesmos, e, se nem sempre lhes é permitido fazer o bem, pelo menos jamais farão o mal.

Pedra Tumular do Sr. Allan Kardec

Na reunião da Sociedade de Paris que se seguiu imediatamente às exéquias do Sr. Allan Kardec, os espíritas presentes, membros da Sociedade e outros, emitiram a opinião unânime de que um monumento, testemunha da simpatia e do reconhecimento dos espíritas em geral, fosse edificado para honrar a memória do coordenador de nossa filosofia. Um grande número de nossos adeptos da província e do estrangeiro se associou a este pensamento. Mas o exame dessa proposição teve necessariamente de ser retardado, porque convinha, primeiro, verificar se o Sr. Allan Kardec havia feito disposições a tal respeito e quais eram essas disposições.

Tudo bem examinado, nada mais se opondo ao estudo da questão, a comissão, depois de madura reflexão, deteve-se, salvo modificação, numa decisão que, permitindo satisfazer ao anseio legítimo dos espíritas, lhe parece melhor harmonizar-se com o caráter bem conhecido do nosso saudoso presidente.

É bem evidente para nós, como para todos os que o conheceram, que o Sr. Allan Kardec, como Espírito, não se interessa de modo algum por uma manifestação deste gênero, mas aqui o homem se apaga diante do chefe da Doutrina, pois é a dignidade, direi mais, o dever dos que ele consolou e esclareceu, que se consagre por um monumento imperecível o lugar onde repousam os seus restos mortais.

Seja qual for o nome pela qual ela foi designada, é fora de dúvida para todos os que estudaram um pouco a questão e para os nossos próprios adversários, que a Doutrina Espírita existiu por toda a antiguidade, e isto é muito natural, já que repousa nas leis da Natureza, tão antigas quanto o mundo; mas também é bastante evidente que, de todas as crenças antigas, é ainda o druidismo praticado pelos nossos antepassados, os gauleses, a que mais se

aproxima de nossa filosofia atual. Por isso, foi nos monumentos funerários que cobrem o solo da antiga Bretanha que a comissão reconheceu a mais perfeita expressão do caráter do homem e da obra que se tratava de simbolizar.

O homem era a simplicidade encarnada; e se a Doutrina é, ela própria, simples como tudo quanto é verdadeiro, é tão indestrutível quanto as leis eternas sobre as quais repousa.

O monumento se comporia pois, de duas pedras eretas de granito bruto, encimadas por uma terceira, repousando um pouco obliquamente sobre as duas primeiras, numa palavra, *de um dólmen*. Na face inferior da pedra superior seria gravado simplesmente o nome de Allan Kardec, com esta epígrafe: *Todo efeito tem uma causa; todo efeito inteligente tem uma causa inteligente; o poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.*

Esta proposição, acolhida por sinais unânimes de assentimento dos membros da Sociedade de Paris, nos pareceu que devia ser levada ao conhecimento dos nossos leitores. Não sendo o monumento apenas a representação dos sentimentos da Sociedade de Paris, mas dos espíritas em geral, cada um devia ser posto em condições de apreciá-lo e para ele concorrer.

Museu do Espiritismo

Nos planos do futuro que o Sr. Allan Kardec publicou na *Revista* de dezembro, e cuja execução a sua partida imprevista necessariamente retardará, encontra-se o parágrafo seguinte:

“Às atribuições gerais da comissão serão anexadas, como dependências locais:

“1.º

“2^o – Um museu onde se achem colecionadas as primeiras obras de arte espírita, os trabalhos mediúnicos mais notáveis, os retratos dos adeptos a quem a causa muito deva pelo devotamento que tenham demonstrado, os dos homens a quem o Espiritismo renda homenagens, embora estranhos à Doutrina, como benfeitores da Humanidade, grandes gênios missionários do progresso, etc.

“O futuro museu já possui oito quadros de grande dimensão, que só esperam um local conveniente; verdadeiras obras-primas, especialmente executadas em vista do Espiritismo, por um artista de renome, que generosamente os doou a Doutrina. É a inauguração da arte espírita, por um homem que alia à fé sincera o talento dos grandes mestres. Em tempo hábil faremos a sua descrição detalhada.”

(*Revista de dezembro de 1868*)

Estes oito quadros compreendem: o *retrato alegórico do Sr. Allan Kardec*; o *Retrato do autor*; três cenas espíritas da vida de Joana d’Arc, assim designadas: *Joana na fonte*, *Joana ferida* e *Joana sobre a sua fogueira*; o *Auto-de-fé de João Huss*; um quadro simbólico das *Três Revelações* e a *Aparição de Jesus entre os apóstolos, após sua morte corporal*.

Quando o Sr. Allan Kardec publicou esse artigo na *Revista*, tinha a intenção de dar a conhecer o nome do autor, a fim de que cada um pudesse render homenagem ao seu talento e à firmeza de suas convicções. Se nada fez, foi porque aquele que é conhecido pela maioria de vós, por um sentimento de modéstia que facilmente compreendeis, desejava guardar o incógnito e só ser conhecido depois de sua morte.

Hoje as circunstâncias mudaram; o Sr. Allan Kardec não está mais entre nós e, se devemos esforçar-nos para executar os seus desígnios, tanto quanto o possamos, devemos também,

sempre que nos for possível, resguardar a nossa responsabilidade e fazer frente às eventualidades que acontecimentos imprevistos ou *manobras malévolas* possam fazer surgir.

É com esta intenção, senhores, que a Sra. Allan Kardec me encarrega de vos fazer saber que seis dos quadros acima designados, postos nas mãos de seu marido, atualmente estão com ela, e que os conservará em depósito até que um local apropriado, comprado com os fundos provenientes da Caixa Geral e, conseqüentemente, mantido sob a direção da Comissão Central, encarregada dos interesses gerais da Doutrina, permita dispô-los de maneira conveniente.

Até aqui os múltiplos embaraços de uma mudança de domicílio, nas condições dolorosas que conheceis, não permitiram que os quadros fossem vistos. De agora em diante, todo espírita poderá, se tal for o seu desejo, examiná-los e apreciá-los na residência particular da Sra. Allan Kardec, às quartas-feiras, das duas às quatro horas.

Os dois outros quadros ainda estão em mãos do autor, que certamente todos já reconhecesteis. É, com efeito, o Sr. Monvoisin, que, haurindo nova energia na firmeza de suas convicções, quis, apesar da idade avançada, concorrer para o desenvolvimento da Doutrina, abrindo uma nova era para a pintura e se pondo à frente dos que, no futuro, ilustrarão a arte espírita.

Nada mais diremos a respeito. O Sr. Monvoisin é conhecido e apreciado por todos, tanto como artista de talento quanto como espírita devotado, e tomará lugar ao lado do mestre, nas fileiras dos que bem tiverem merecido do Espiritismo.

(Extrato da ata da sessão de 7 de maio de 1869)

Variedades

OS MILAGRES DE BOIS-D’HAINE

(Segundo artigo – Vide a *Revista* de abril de 1869)

Sob esse título publicamos no número precedente a análise de um artigo do *Progrès thérapeutique*, jornal de Medicina, dando conta de um fenômeno singular que excitava no mais alto grau a curiosidade pública em Bois d’Haine (Bélgica). Como se recordam, tratava-se de uma jovem de 18 anos, chamada Louise Lateau, que, todas as sextas-feiras, de uma hora e meia às quatro e meia, caía em estado de êxtase cataléptico.

Durante a crise ela reproduz, pela posição dos membros, a crucificação de Jesus, abrindo-se as cinco chagas nos lugares precisos onde se localizavam as do Cristo.

Diversos médicos examinaram atentamente esse curioso fenômeno, do qual, aliás, encontram-se vários exemplos nos anais da Medicina. Um deles, o Dr. Huguet, enviou ao *Petit Moniteur* a carta seguinte, que reproduzimos sem comentários, apenas acrescentando que partilhamos sem reservas a opinião do Dr. Huguet sobre as causas prováveis dessas manifestações.

“A explicação dos curiosos fenômenos observados em Louise Lateau e relatados em vosso estimável jornal (o *Petit Moniteur universel du soir*, de sábado, 10 de abril de 1869), necessita do conhecimento completo do componente humano.

“Todos esses elementos, como mui judiciosamente fazeis observar, são devidos à imaginação.

“Mas, o que se deve entender por isto, senão a faculdade de reter impressões imaginadas com o auxílio da memória?

“Como se recebem as impressões, e como, recebidas estas, explicar a representação fisiológica da crucificação?”

“Eis, senhor, as explicações que tomo a liberdade de vos submeter.

“A substância humana é uma unidade ternária, composta de três elementos ou, melhor, de três modalidades substanciais: o espírito, o fluido nervoso e a matéria organizada; ou, se se quiser, de duas manifestações fenomenais solidárias: a alma e o corpo.

“O corpo é uma agregação séria e harmoniosamente disposta dos elementos do globo.

“O fluido nervoso é a ação em comum de todas as forças cósmicas e da força vital, recebida com a existência.

“Essas forças, elevadas ao mais alto grau, constituem a alma humana, que é da mesma natureza que todas as outras almas do mundo.

“Esta análise sucinta do homem, assim apresentada, busquemos explicar os fatos.

“Um estudo sério da catalepsia e do êxtase nos confirmou nesta teoria e nos permitiu emitir as seguintes proposições:

“1^o – A alma humana, espalhada em toda a economia, tem sua maior tensão no cérebro, ponto de chegada das impressões de toda sorte e ponto de partida de todos os movimentos ordenados.

“2^o – O fluido nervoso, resultado da organização de todas as forças cósmicas e nativas reunidas, é a alavanca de que se

serve a alma para estabelecer suas relações com os órgãos e com o mundo exterior.

“3º – A matéria é o estojo, a célula múltipla e engrandecida, que se molda sobre a forma fluídica determinada e especificada pela natureza mesma do homem.

“4º – Os órgãos não passam de mediadores entre as forças orgânicas e as do meio ambiente.

“5º – Os órgãos estão sob a influência da alma, que os pode modificar de diversas maneiras, segundo seus diversos estados, por intermédio do sistema nervoso.

“6º – A alma é móvel, pode ir e vir, conduzir-se com mais ou menos força sobre tal ou qual ponto da economia, conforme as circunstâncias e a necessidade.

“As migrações da alma em seu corpo determinam as migrações do fluido nervoso, que, por sua vez, determinam as do sangue.

“Ora, quando a alma da jovem Lateau estava em consonância similar, por sua fé, com a paixão do Cristo imaginada em seu sentimento, essa alma se lançava, por irradiação similar, sobre todos os pontos de seu corpo que, em sua memória, correspondiam aos do corpo do Cristo, por onde o sangue havia saído.

“O fluido nervoso, ministro fiel da alma, seguia a direção de seu guia, e o sangue, carregado de um dinamismo da mesma natureza que o do fluido nervoso, tomava a mesma direção.

“Havia, pois:

“a) – Arrastamento do fluido nervoso pela radiação expansiva, centrífuga e especializada da alma;

“b) – Arrastamento do sangue pela radiação similar, centrífuga e especializada do fluido nervoso.

“7º – A alma, o fluido nervoso e o sangue então se põem em marcha consecutivamente a um fato de imaginação, tornando-se o ponto de partida de sua expansão centrífuga.

“Do mesmo modo se explicam a postura em cruz do corpo e de suas diversas atitudes.

“Abordemos agora os fatos contraditórios relativos à experiência do crucifixo de madeira ou de cobre e da chave.

“Para nós, a catalepsia é, seja qual for a sua causa, uma retração das forças vitais para os centros, assim como o êxtase é uma expansão dessas mesmas forças longe desses centros.

“Quando se punha um crucifixo na mão da jovem, esta centralizava suas forças para reter uma sensação afetiva em relação com sua fé, com seu amor pelo Cristo.

“Retiradas as forças para os centros, os membros não tinham mais a flexibilidade que lhes davam as forças no estado de expansão centrífuga; daí a catalepsia ou enrijecimento dos membros.

“Quando se substituía a cruz por outro objeto menos simbólico da idéia cristã, as forças voltavam aos membros e a flexibilidade retornava.

“Os fatos relativos à torção dos braços têm a mesma explicação.

“Quanto às infrutíferas tentativas de despertar por meio de gritos, pela movimentação dos braços, por agulhas perfurando a pele, ou pondo-se amoníaco sob o nariz, não passa de fisiologia experimental relativa às sensações.

“A insensibilidade se deve a uma solução de continuidade mais ou menos pronunciada, mais ou menos durável entre os centros perceptivos e os órgãos do corpo impressionados: solução de continuidade devida a uma exagerada retração centrípeta das forças vitais, ou a uma dispersão centrífuga muito forte dessas forças.

“Eis, senhor, a explicação racional desses fatos estranhos. Ela será, espero, acolhida favoravelmente por vós e por todos os que buscam compreender o jogo da vida nos fenômenos transcendentais da biologia.

“Todavia, há um fato notável, que se deve admirar, e é por ele que terminarei esta bem longa comunicação. Quero falar do funcionamento da memória, malgrado o estado de insensibilidade absoluta resultante da catalepsia, do êxtase e da presumível abolição, por isto mesmo, de todas as faculdades mentais.

“Eis, creio, a única explicação possível deste fenômeno estranho. Há casos, na verdade muito raros, e o que nos ocupa está neste número, em que o exercício de certas faculdades persiste, a despeito da catalepsia, sobretudo quando se trata de vivas impressões recebidas. Ora, aqui, o drama da cruz tinha, sem qualquer dúvida, produzido uma impressão de tal modo profunda sobre a alma da jovem, que esta impressão havia sobrevivido à perda da sensibilidade.”

Dr. H. Huguet, d.m.p.

(Petit Moniteur universel du soir, 13 de abril de 1869)

Dissertações Espíritas

O EXEMPLO É O MAIS PODEROSO AGENTE DE PROPAGAÇÃO

(Sociedade de Paris, sessão de 30 de abril, 1869)

Venho esta noite, meus amigos, falar-vos por alguns instantes. Na última sessão não respondi; estava ocupado alhures. Nossos trabalhos como Espíritos são muito mais extensos do que podeis supor e os instrumentos de nossos pensamentos nem sempre estão disponíveis. Tenho ainda alguns conselhos a vos dar quanto à marcha que deveis seguir perante o público, com o objetivo de fazer progredir a obra a que devotei a minha vida corporal, e cujo aperfeiçoamento acompanho na erraticidade.

O que vos recomendo principalmente e antes de tudo, é a tolerância, a afeição, a simpatia de uns para com os outros e também para com os incrédulos.

Quando vedes um cego na rua, o primeiro sentimento que se impõe é a compaixão. Que assim seja, também, para com os vossos irmãos cujos olhos estão velados pelas trevas da ignorância ou da incredulidade; lamentai-os, em vez de os censurar. Mostrai, por vossa doçura, a vossa resignação em suportar os males desta vida, a vossa humildade em meio às satisfações, vantagens e alegrias que Deus vos envia; mostrai que há em vós um princípio superior, uma alma obediente a uma lei, a uma verdade também superior: o Espiritismo.

As brochuras, os jornais, os livros, as publicações de toda sorte são meios poderosos de introduzir a luz por toda parte, mas o mais seguro, o mais íntimo e o mais acessível a todos é o exemplo na caridade, a doçura e o amor.

Agradeço à Sociedade por ajudar os verdadeiros infelizes que lhe são indicados. Eis o bom Espiritismo, eis a verdadeira fraternidade. Ser irmãos: é ter os mesmos interesses, os mesmos pensamentos, o mesmo coração!

Espíritas, sois todos irmãos na mais santa acepção do termo. Pedindo que vos ameis uns aos outros, não faço senão lembrar a divina palavra daquele que, há mil e oitocentos anos, trouxe à Terra pela primeira vez o gérmen da igualdade. Segui a sua lei: ela é a vossa; nada fiz do que tornar mais palpáveis alguns de seus ensinamentos. Obscuro operário daquele mestre, daquele Espírito superior emanado da fonte de luz, refleti essa luz como o pirilampo reflete a claridade de uma estrela. Mas a estrela brilha nos céus e o pirilampo brilha na Terra, nas trevas. Tal é a diferença.

Continuai as tradições que vos deixei ao partir.

Que o mais perfeito acordo, a maior simpatia e a mais singular abnegação reinem no seio da Comissão. Espero que ela saiba cumprir com honra, fidelidade e consciência o mandato que lhe é confiado.

Ah! quando todos os homens compreenderem o que encerram as palavras amor e caridade, não mais haverá na Terra soldados e inimigos; só haverá irmãos; não mais haverá olhares irritados e selvagens; só haverá fronte inclinadas para Deus!

Até logo, caros amigos, e ainda obrigado, em nome daquele que não esquece o copo d'água e o óbolo da viúva.

Allan Kardec

Poesias Espíritas

A NOVA ERA

(Paris, 16 de abril de 1869 – Médiun: Sr. X.)

Eu vos falo esta noite em versos, e a linguagem
Provavelmente vai vos espantar, senhores;

Linguagem da era antiga e dos deuses mensagem,
E os versos são talvez pouco merecedores.

Mas um dia virá da Musa entristecida
Que, em luz, os corações em breve aplaudirão
Acentos fraternais de uma lira sentida,
Dos dedos a vibrar de jovem alma então.

Tão logo se ouvirá a elevar-se da Terra
Num misterioso brado, um hino colossal
Cobrindo, com seu eco, um ribombar que encerra
Explosão de canhões a serviço do mal.

Esse brado há de ser: progresso, luz, amor!
Todos os homens, pois, enfim, se dando as mãos,
Sob a santa bandeira estarão; e em fervor,
Da liberdade a senda acharão como irmãos.

Graças, Deus! Liberdade! a um pai, a outra filha,
Porém ambos mortais; vos haveis libertado
Pobre família, então, do mal que a dor a encilha,
À Humanidade em pranto, ao coração magoado.

Esperança mostrais, enfim, ao proletário,
Porém lhe defendendo ante a revolução.
Vós fazeis triunfar o dogma igualitário
Pela bondade, o amor e pela abnegação.

Um só é o estandarte, e santa é-lhe a divisa.
Liberdade com amor, ação, fraternidade!
Que esses termos leais vibrem a fé precisa
Tocando o coração de toda a Humanidade!

Eis o ensino que agora eu vos posso ofertar
Por meu médium querido, ao dirigir-lhe a mão.
Se em versos eu lhe falo, ele me vá perdoar!
Contra ninguém versejo, é um versejar de irmão.

A. de Musset

MARAVILHAS DO MUNDO INVISÍVEL

Se Musset já falou, eu me calar não quero,
E solitária a voz em não deixá-la, espero,
Muda entre vós ficar.
Se esta noite eu tiver meu corpo, sob flores,
Meu Espírito terno, há de vir com louvores
A todos vos saudar.

Amigos meus, bom dia: eu volto à vida, e a aurora
Parece aos olhos meus, bem mais brilhante agora
Que um dia multicolor;
E, para lá da tumba, ardente é a centelha.
O belo véu do azul, entreabrindo-se, espelha
Pleno de luz e amor.

É muito belo o céu! Bem doce é a pátria fida
Que este Espírito viu, e amou, terra querida,
Onde sua asa até
Em tomando seu vôo, um santo pensamento
Atravessado foi de um raio de momento,
Vivo clarão da fé.

O que há além da tumba eu direi qualquer dia,
Onde, se não se crê, toda esperança esfria,
A alma pode entrever,
Quando tem, como vós, uma chama divina
O peito brilha em luz se a virtude o domina
Qual espelho a esplender.

Sem dúvida, sabeis, que todo esse luzeiro
Está na alma que crê; e que indica o roteiro
Ao Espírito em dor,
Que perscruta no céu, cada astro, cada estrela,
Buscando para si um bom guia, uma vela,
Um benfazejo amor.

A. de Lamartine

Notas Bibliográficas

NOVAS HISTÓRIAS PARA AS MINHAS BOAS AMIGUINHAS²⁰

(Pela Srta. Sophie Gras de Haut-Castel, de dez anos de idade)

Sob esse título acaba de aparecer, na livraria Dentu, uma obra que, à primeira vista, não parece ligar-se diretamente aos nossos estudos. Mas se compreenderá facilmente o interesse que esta coletânea de histórias infantis poderá ter para nós, ao se tomar conhecimento desta nota do editor: – *O volume que se vai ler é textualmente obra de uma menina, que o compôs desde os oito anos e meio até dez anos e meio.*”

O primeiro sentimento que nasce no espírito do leitor é certamente o de dúvida. Abrindo as primeiras páginas, um sorriso de incredulidade se estampa em seus lábios; pergunta-se quem pôde tornar-se cego a ponto de publicar as elucubrações incoerentes de um cérebro infantil. Mas o espírito crítico se desvanece, e a atenção e a curiosidade despertam ao descobrir interesse nestas historietas, situações verossímeis, uma conclusão lógica, caracteres bem desenvolvidos, uma moralidade.

A senhorita Sophie Gras não é, aliás, uma principiante; há um par de anos publicou sua primeira obra, sob o título de: *Contos para as minhas amiguinhas*. É, como esta última, inteiramente obra de uma menina de oito anos e meio que, numa idade em que quase só se pensa em brincar e folgar, dá curso às composições nascidas de sua ardente imaginação.

Sem dúvida se encontram reminiscências de leituras nestas obras infantis, mas, além disso, sentem-se as idéias pessoais, a observação, aliadas a uma instrução notavelmente desenvolvida. A Srta. Sophie Gras certamente conhece todos os grandes fatos da História de seu país; as dificuldades de Gramática, de Aritmética e de

²⁰ Paris, 1869, 1 vol in-18 – Preço: 3 fr. 30 franco.

Geometria são um brinquedo para ela. Deve ter estudado com proveito a Botânica e a Geologia, porque a fauna e a flora dos diversos países que descreve lhe são perfeitamente conhecidas. Algumas citações tomadas ao acaso provarão, melhor do que tudo quanto poderemos dizer, o atrativo deste livro.

Em cada página encontram-se quadros como este:

“Com um sopro ofegante, a velha vovó avivou os carvões quase apagados que dormiam debaixo da cinza. Fez um pouco de fogo com os restos de sarmentos, que eram as únicas provisões do inverno, e pôs alguns carvões nas braseiras de barro. Pendurou a lâmpada de ferro num caniço, reaqueceu a caminha de suas netas e se pôs a cantar uma velha balada gaélica para as adormecer, enquanto fiava na roda para lhes fazer um vestido.

“A cabana era enfeitada com velhas imagens de santos, pregadas às paredes de taipa. Alguns utensílios de cozinha, assim como uma grossa mesa de carvalho, formavam todo o mobiliário, e uma simples cruz de madeira pendia de um prego.”

“Ou ainda as descrições:

“Em seu declínio o Sol espalha mais que alguns raios de ouro, que se extinguem no meio das nuvens róseas. Penetra fracamente através da folhagem transparente, onde deixa uma cor verde suave; dispersa o resto de seu brilho sobre as folhas dos loureiros-rosa, cujos matizes atenuam, enquanto o astro da noite deixa lentamente seu sono prolongado.”

Página 18: “No dia seguinte, ao romper da aurora, Delfina levantou-se, tomou seu pacotinho debaixo do braço e uma cesta com provisões. – Fechou sua casa e partiu brincando. Adeus, rochedos, regatos, bosques e fontes, que tantas vezes me distraístes com o vosso suave murmúrio; adeus, claras águas que eu bebia...”

“...Acabando de surgir, o Sol marchava majestosamente e fazia brilhar as flores de todas as cores. Estas, molhadas por um suave orvalho, exalavam os mais doces perfumes. Aproximava-se o inverno, mas a manhã era radiosa e gotas d’água pendiam das árvores, que erguiam os ramos, vergados ao peso de seus frutos.”

Página 36: “A Sra. de Rozan, que havia ficado num cárcere infecto, onde dificilmente penetravam os raios de um dia pálido e sem brilho, estava deslumbrada pela claridade do Sol... Ela ouvia, borbulhando a seu lado, regatos espumantes, cujos murmúrios escutava com volúpia. Considerava o lírio branco das águas, onde tremia uma gota de orvalho, e seus botões torcidos, prestes a se abrirem. – “Tua morada, ó Delfina, dizia ela, é mais encantadora do que era o meu palácio.”

Páginas 55-56: “Nenhum ruído se ouvia, a não ser o crepitar das chamas, cujas faíscas apareciam como tochas sinistras em meio à noite. Logo redobrou a violência do incêndio. Turbilhões de chamas entremeadas de fumo negro e vermelho elevavam-se nos ares. – As velhas bananeiras e os teixos seculares caíam com estalos horríveis. – Os pios lamentosos das pombas, gemendo nos arvoredos da savana, retiniam ao longe como o som dos sinos que se lamentam.”

Página 77: “As bordas da torrente eram esmaltadas de flores perfumadas, que formavam uma miscelânea de todas as cores sobre o tapete verde das ervas. A filha da primavera, a amável violeta, emblema da simplicidade, crescia abundante naquele lugar onde a mão do homem jamais a havia colhido.”

Página 101: Não longe dali havia um prado cheio de ervas-toiras, de silenes, de violetas e de amarantos; algumas tílias quase mortas, de folhas amarelas, surgiam de longe em longe, dispostas sem simetria. Milhares de pássaros adejavam sobre os ramos floridos, cantando suas árias mais harmoniosas; as árvores

estavam carregadas de frutos e seus ramos musgosos, rompendo-se sob o peso à menor tempestade, faziam ouvir surdos estalos. Naquele jardim, imagem do paraíso terrestre, cercado por uma floresta negra, não se sentia nem infelicidade, nem os remorsos da alma; tudo ali era encantador e pacífico; *ali se era puro...* Que faltava àquele lugar, que a Divina Providência se esmerou em ornar com todas as belezas da Natureza?”

Página 286: “Margarida tinha escolhido duas de suas amigas, em cujo número estava Ethéréda, para marchar atrás dela e levar a sua coroa. Estas duas meninas, que lhe serviam de acompanhantes, eram gentis como deusas; teríeis tomado cada uma delas por Vênus criança, mas acrescentando que seu rosto tinha a suavidade e a bondade das virgens cristãs. Eram dois botões de rosa antes de abrir.”

Gostaríamos de citar tudo e demonstrar à saciedade a poesia ingênua, o conhecimento real dos sentimentos que se afirmam, em cada página, em meio a reflexões infantis, como os lampejos de um gênio que ainda se ignora, mas que transparece malgrado os obstáculos que lhe opõe um instrumento cerebral incompletamente desenvolvido.

Supondo que a memória represente aqui um certo papel, o fato não é menos admirável e importante, por suas conseqüências psicológicas. Forçosamente chama a atenção para fatos análogos de precocidade intelectual e conhecimentos inatos. Involuntariamente procura-se explicá-los, e com as idéias de pluralidade de existências, que dia após dia adquire mais autoridade, chega-se a não lhe encontrar a solução racional, senão no princípio da reencarnação.

Esta criança *adquiriu* numa existência anterior, e seu organismo, extremamente maleável, lhe permite extravasar em

obras literárias seus variados conhecimentos e assimilar as formas atuais. Os exemplos desse gênero não são raros, tal qual foi Mozart criança, como compositor; tal qual Jean-Baptiste Rey, que morreu como grão-mestre da capela imperial. Apenas com nove anos, cantava, com os pés no orvalho e a cabeça ao sol, precisamente perto da cidade de Lauzerte, no vale do Quercy, onde nasceu e reside a nossa heroína. Era uma alma no exílio, que se lembrava das melodias da pátria ausente e se tornava o seu eco. A expressão e a justeza de seu canto chocaram um estranho, que o acaso havia trazido àquele lugar. Levou-o consigo a Toulouse, fê-lo entrar na escola de música de Saint-Sernin, de onde o menino, feito homem, saiu para ir dirigir, na orquestra da ópera, as obras-primas de Gluck, Grétry, Sacchini, Salieri e Paesiello. Tal foi, também, a Sra. Clélie Duplantier, um dos nossos mais notáveis Espíritos instrutores, que, desde a idade de oito anos e meio, traduzia fluentemente o hebraico e ensinava latim e grego a seus irmãos e primos, mais velhos que ela própria.

Deve-se concluir que as crianças que só aprendem à força de estudos perseverantes foram ignorantes ou sem meios em sua existência precedente? Não, por certo; a faculdade de lembrar-se é inerente ao desprendimento mais ou menos fácil da alma e que, em algumas individualidades, é levado aos mais extremos limites. Existe nalguns uma espécie de vista retrospectiva, que lhes lembra o passado, ao passo que para outras, que não a possuem, o passado não deixa qualquer traço *aparente*. O passado é como um sonho, do qual a gente se lembra mais ou menos exatamente, ou que por vezes nos esquecemos completamente.

Vários jornais dão conta das obras da Srta. Sophie Gras; além disso, o *Salut public*, de Lyon, fazendo os elogios merecidos à inteligência precoce da autora, acrescenta o seguinte:

“Sou tentado a dedicar o início de minha conversa aos amadores de fenômenos, fenômenos morais e intelectuais, bem entendido, porquanto, na ordem física, nada é penoso para ver, em minha opinião, como essas derrogações vivas das leis da Natureza...

...“A família da Srta. Sophie Gras, que desfruta uma grande fortuna e alta consideração em Quercy, não premeditou esse sistema de educação; ela não interviu, mas ainda não é muito? Esta menina prodigiosa nada conheceu das alegrias infantis e desflora, numa pressa prematura, as da adolescência, etc., etc...”

Partilhamos completamente da opinião do redator do *Salut public*, no que concerne às monstruosidades físicas. A gente é penosamente afetada à vista de certas exhibições desse gênero; mas serão mesmo derrogações das leis da Natureza? Ao contrário, não seria mais lógico ver, como ensina o Espiritismo, uma aplicação de leis universais ainda imperfeitamente conhecidas e uma demonstração da natureza oposta, mas tão concludente quanto a primeira, da pluralidade das existências?

Quanto ao perigo de deixar a Srta. Sophie Gras entregue às suas inspirações, somos de opinião que tal não existe. O perigo seria refrear essa necessidade de expansão que a domina. Seria tão imprudente forçar a concentração das inteligências que assim se afirmam, quanto acumular no espírito de certos *pequenos prodígios* conhecimentos que se revelam por um gesto, músicos ruins que agradam numa primeira audição, mas que causam fadiga rapidamente; talvez inteligências notáveis, mas que se estiolam e se abastardam numa temperatura de estufa, para a qual não nasceram.

As vocações naturais, conseqüências de aquisições anteriores, são irresistíveis; combatê-las é querer quebrar as individualidades que as possuem. Deixemos, pois, governar-se pela inspiração os Espíritos que, como a Srta. Gras, *chegaram* passando pela fileira comum das encarnações sucessivas.

A DOCTRINA DA VIDA ETERNA DAS ALMAS E DA REENCARNAÇÃO
ENSINADA HÁ QUARENTA ANOS POR UM DOS MAIS ILUSTRES
SÁBIOS DO NOSSO SÉCULO

Temos o prazer de anunciar aos nossos irmãos em doutrina que a tradução francesa de uma obra muito interessante de *Sir Humphry Davy*, pelo Sr. Camille Flammarion, já está no prelo e será publicada dentro de um mês.

Sir Humphry Davy, o célebre químico ao qual se deve a fecunda *teoria da química moderna*, que substituiu a de Lavoisier, a descoberta do *cloro*, a do *iodo*, a decomposição da água pela eletricidade, a lâmpada dos mineiros, etc., *Sir Humphry Davy*, o sábio professor do Instituto Real de Londres, presidente da Sociedade Real da Inglaterra, membro do Instituto de França – e maior ainda por seus imensos trabalhos científicos do que por seus títulos – escreveu, antes de 1830, um livro que o próprio Cuvier qualificou de *sublime*, mas que é quase completamente desconhecido na França, e que tem por título: “*The Last Days of a Philosopher*”, ou seja, “*Os Últimos Dias de um Filósofo*.”

Esta obra começa por uma visão no Coliseu de Roma. O autor, solitário em meio às ruínas, é transportado por um Espírito, que escuta sem o ver, ao mundo de Saturno e em seguida aos cometas. O Espírito lhe expõe que as almas foram criadas na origem dos tempos, livres e independentes; que seu destino é progredir sempre; que reencarnam em diferentes mundos; que nossa vida atual é uma vida de provas, etc.; numa palavra, as verdades que atualmente constituem a base da doutrina filosófica do Espiritismo.

Diversas questões de Ciência, de História, de Filosofia e de Religião compõem, ao mesmo tempo, esta obra admirável.

O Sr. Camille Flammarion tinha empreendido a sua tradução há dois anos, e sabemos que o Sr. Allan Kardec pressionava o jovem astrônomo para a terminar.

Quisemos dar a conhecer esta boa-nova, antes mesmo da publicação da obra. Em nosso próximo número esperamos poder anunciar definitivamente essa publicação, já impressa pela metade (em formato popular), e ao mesmo tempo fazer uma sinopse desta interessante tradução.

Aviso Importantíssimo

Lembramos aos senhores assinantes que, para tudo o que concerne às assinaturas, compras de obras, expedições, mudança de endereços, as pessoas que não moram em Paris deverão dirigir-se ao *Sr. Bittard, gerente da Livraria, 7, rue de Lille*.

Errata²¹

Número de maio de 1869, página 145, linha 19, em vez de: *et certain*, leia-se: *éternel*. Mesma página, linha 31, em vez de: *tout se pressait*, lede: *tout se précisait*.

Pelo Comitê de Redação
A. Desliens – Secretário-gerente

21 **N. do T.:** As emendas apontadas por Kardec já foram feitas nos lugares correspondentes da tradução brasileira.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

JULHO DE 1869

Nº 7

O Egoísmo e o Orgulho

SUAS CAUSAS, SEUS EFEITOS E OS MEIOS DE DESTRUÍ-LOS

(*OBRA S PÓSTUMAS*)

É bem sabido que a maior parte das misérias da vida tem origem no egoísmo dos homens. Desde que cada um pensa em si antes de pensar nos outros e cogita antes de tudo de satisfazer aos seus desejos, cada um naturalmente cuida de proporcionar a si mesmo essa satisfação, a todo custo, e sacrifica sem escrúpulo os interesses alheios, assim nas mais insignificantes coisas, como nas maiores, tanto de ordem moral, quanto de ordem material. Daí todos os antagonismos sociais, todas as lutas, todos os conflitos e todas as misérias, visto que cada um só trata de despojar o seu próximo.

O egoísmo se origina do orgulho. A exaltação da personalidade leva o homem a considerar-se acima dos outros. Julgando-se com direitos superiores, melindra-se com o que quer que, a seu ver, constitua ofensa a seus direitos. A importância que, por orgulho, atribui à sua pessoa, naturalmente o torna egoísta.

O egoísmo e o orgulho nascem de um sentimento natural: o instinto de conservação. Todos os instintos têm sua razão de ser e sua utilidade, porquanto Deus nada pode ter feito de inútil. Ele não criou o mal; o homem é quem o produz, abusando dos dons de Deus, em virtude do seu livre-arbítrio. Contido em justos limites, aquele sentimento é bom em si mesmo. A exageração é o que o torna mau e pernicioso. O mesmo acontece com todas as paixões que o homem freqüentemente desvia do seu objetivo providencial. Ele não foi criado egoísta, nem orgulhoso por Deus, que o criou simples e ignorante; o homem é que se fez egoísta e orgulhoso, exagerando o instinto que Deus lhe outorgou para sua conservação.

Não podem os homens ser felizes, se não viverem em paz, isto é, se não os animar um sentimento de benevolência, de indulgência e de condescendência recíprocas; numa palavra: enquanto procurarem esmagar-se uns aos outros. A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e todos os deveres sociais; uma e outra, porém, pressupõem a abnegação. Ora, a abnegação é incompatível com o egoísmo e o orgulho; logo, com esses vícios não é possível a verdadeira fraternidade, nem, por conseguinte, igualdade, nem liberdade, dado que o egoísta e o orgulhoso querem tudo para si.

Eles serão sempre os vermes roedores de todas as instituições progressistas; enquanto dominarem, ruirão aos seus golpes os mais generosos sistemas sociais, os mais sabiamente combinados. É belo, sem dúvida, proclamar-se o reinado da fraternidade, mas, para que fazê-lo, se uma causa destrutiva existe? É edificar em terreno movediço; o mesmo fora decretar a saúde numa região malsã. Em tal região, para que os homens passem bem, não bastará se mandem médicos, pois que estes morrerão como os outros; insta destruir as causas da insalubridade. Para que os homens vivam na Terra como irmãos, não basta se lhes dêem lições de moral; importa destruir as causas de antagonismo, atacar a raiz do mal: o orgulho e o egoísmo.

Essa a chaga sobre a qual deve concentrar-se toda a atenção dos que desejem seriamente o bem da Humanidade. Enquanto subsistir semelhante obstáculo, eles verão paralisados todos os seus esforços, não só por uma resistência de inércia, como também por uma força ativa que trabalhará incessantemente no sentido de destruir a obra que empreendam, por isso que toda idéia grande, generosa e emancipadora arruína as pretensões pessoais.

Impossível, dir-se-á, destruir o orgulho e o egoísmo, porque são vícios inerentes à espécie humana. Se fosse assim, houvéramos de desesperar de todo o progresso moral; entretanto, desde que se considere o homem nas diferentes épocas transcorridas, não há negar que evidente progresso se efetuou. Ora, se ele progrediu, ainda naturalmente progredirá. Por outro lado, não se encontrará homem nenhum sem orgulho, nem egoísmo? Não se vêem, ao contrário, criaturas de índole generosa, em quem parecem inatos os sentimentos do amor ao próximo, da humildade, do devotamento e da abnegação? O número delas, positivamente, é menor do que o dos egoístas; se assim não fosse, não seriam estes últimos os fautores da lei. Há muito mais criaturas dessas do que se pensa e, se parecem tão pouco numerosas, é porque o orgulho se põe em evidência, ao passo que a virtude modesta se conserva na obscuridade.

Se, portanto, o orgulho e o egoísmo se contassem entre as condições necessárias da Humanidade, como a da alimentação para sustento da vida, não haveria exceções. O ponto essencial, pois, é conseguir que a exceção passe a constituir regra; para isso, trata-se, antes de tudo, de destruir as causas que produzem e entretêm o mal.

Dessas causas, a principal reside evidentemente na idéia falsa que o homem faz da sua natureza, do seu passado e do seu futuro. Por não saber donde vem, ele se crê mais do que é; e não sabendo para onde vai, concentra na vida terrena todo o seu

pensar; acha-a tão agradável, quanto possível; anseia por todas as satisfações, por todos os gozos; essa a razão por que atropela sem escrúpulo o seu semelhante, se este lhe opõe alguma dificuldade. Mas, para isso, é preciso que ele predomine; a igualdade daria, a outros, direitos que ele só quer para si; a fraternidade lhe imporia sacrifícios em detrimento do seu bem-estar; a liberdade também ele só a quer para si e somente a concede aos outros quando não lhe fira de modo algum as prerrogativas. Alimentando todos as mesmas pretensões, têm resultado os perpétuos conflitos que os levam a pagar bem caro os raros gozos que logram obter.

Identifique-se o homem com a vida futura e completamente mudará a sua maneira de ver, como a do indivíduo que apenas por poucas horas haja de permanecer numa habitação má e que sabe que, ao sair, terá outra, magnífica, para o resto de seus dias.

A importância da vida presente, tão triste, tão curta, tão efêmera, se apaga, para ele, ante o esplendor do futuro infinito que se lhe desdobra às vistas. A consequência natural e lógica dessa certeza é sacrificar o homem um presente fugidío a um porvir duradouro, ao passo que antes ele tudo sacrificava ao presente. Tomando por objetivo a vida futura, pouco lhe importa estar um pouco mais ou um pouco menos nesta outra; os interesses mundanos passam a ser o acessório, em vez de ser o principal; ele trabalha no presente com o fito de assegurar a sua posição no futuro, tanto mais quando sabe em que condições poderá ser feliz.

Pelo que toca aos interesses terrenos, podem os humanos criar-lhe obstáculos: ele tem que os afastar e se torna egoísta pela força mesma das coisas. Se lançar os olhos para o alto, para uma felicidade a que ninguém pode obstar, interesse nenhum se lhe deparará em oprimir a quem quer que seja e o egoísmo se lhe torna carente de objeto. Todavia, restará o estimulante do orgulho.

A causa do orgulho está na crença, em que o homem se firma, da sua superioridade individual. Ainda aí se faz sentir a influência da concentração dos pensamentos sobre a vida corpórea. Naquele que nada vê adiante de si, atrás de si, nem acima de si, o sentimento de personalidade sobrepuja e o orgulho fica sem contrapeso.

A incredulidade não só carece de meios para combater o orgulho, como o estimula e lhe dá razão, negando a existência de um poder superior à Humanidade. O incrédulo apenas crê em si mesmo; é, pois, natural que tenha orgulho. Enquanto que, nos golpes que o atingem, unicamente vê uma obra do acaso e se ergue para combatê-la, aquele que tem fé percebe a mão de Deus e se submete. Crer em Deus e na vida futura é, conseguintemente, a primeira condição para moderar o orgulho; porém, não basta. Juntamente com o futuro, é necessário ver o passado, para fazer idéia exata do presente.

Para que o orgulhoso deixe de crer na sua superioridade, cumpre se lhe prove que ele não é mais do que os outros e que estes são tanto quanto ele; que a igualdade é um fato e não apenas uma bela teoria filosófica; que estas verdades ressaltam da preexistência da alma e da reencarnação.

Sem a preexistência da alma, o homem é induzido a acreditar que Deus, dado creia em Deus, lhe conferiu vantagens excepcionais; quando não crê em Deus, rende graças ao acaso e ao seu próprio mérito. Iniciando-o na vida anterior da alma, a preexistência lhe ensina a distinguir, da vida corporal, transitória, a vida espiritual, infinita; ele fica sabendo que as almas saem todas iguais das mãos do Criador; que todas têm o mesmo ponto de partida e a mesma finalidade, que todas hão de alcançar, em mais ou menos tempo, conforme os esforços que empreguem; que ele próprio não chegou a ser o que é, senão depois de haver, por longo tempo e penosamente, vegetado, como os outros, nos degraus

inferiores da evolução; que, entre os mais atrasados e os mais adiantados, não há senão uma questão de tempo; que as vantagens do nascimento são puramente corpóreas e independem do Espírito; que o simples proletário pode, noutra existência, nascer num trono e o maior potentado renascer proletário.

Se levar em conta unicamente a vida planetária, ele vê apenas as desigualdades sociais do momento, que são as que o impressionam; se, porém, deitar os olhos sobre o conjunto da vida do Espírito, sobre o passado e o futuro, desde o ponto de partida até o de chegada, aquelas desigualdades se somem e ele reconhece que Deus nenhuma vantagem concedeu a qualquer de seus filhos em prejuízo dos outros; que deu parte igual a todos e não aplanou o caminho mais para uns do que para outros; que o que se apresenta menos adiantado do que ele na Terra pode tomar-lhe a dianteira, se trabalhar mais do que ele por aperfeiçoar-se; reconhecerá, finalmente, que, nenhum chegando ao termo senão por seus esforços, o princípio da *igualdade* é um princípio de justiça e uma lei da Natureza, perante a qual cai o orgulho do privilégio.

Provando que os Espíritos podem renascer em diferentes condições sociais, quer por expiação, quer por provação, a reencarnação ensina que, naquele a quem tratamos com desdém, pode estar um que foi nosso superior ou nosso igual noutra existência, um amigo ou um parente. Se o soubesse, o que com ele se defronta o trataria com atenções, mas, nesse caso, nenhum mérito teria; por outro lado, se soubesse que o seu amigo atual foi seu inimigo, seu servo ou seu *escravo*, sem dúvida o repeliria. Ora, não quis Deus que fosse assim, pelo que lançou um véu sobre o passado. Deste modo, o homem é levado a ver em todos, irmãos seus e seus iguais, donde uma base natural para a *fraternidade*; sabendo que pode ser tratado como haja tratado os outros, a *caridade* se lhe torna um dever e uma necessidade fundados na própria Natureza.

Jesus assentou o princípio da caridade, da igualdade e da fraternidade, fazendo dele uma condição expressa para a salvação; mas, estava reservado à terceira manifestação da vontade de Deus, ao Espiritismo, pelo conhecimento que faculta da vida espiritual, pelos novos horizontes que desvenda e pelas leis que revela, sancionar esse princípio, provando que ele não encerra uma simples doutrina moral, mas uma lei da Natureza que o homem tem o máximo interesse em praticar. Ora, ele a praticará desde que, deixando de encarar o presente como o começo e o fim, compreenda a solidariedade que existe entre o presente, o passado e o futuro. No campo imenso do infinito, que o Espiritismo lhe faz entrever, anula-se a sua importância capital e ele percebe que, por si só, nada vale e nada é; que todos têm necessidade uns dos outros e que uns não são mais do que os outros: duplo golpe, no seu egoísmo e no seu orgulho.

Mas, para isso, é-lhe necessária a fé, sem a qual permanecerá na rotina do presente, não a fé cega, que foge à luz, restringe as idéias e, em consequência, alimenta o egoísmo. É-lhe necessária a fé inteligente, racional, que procura a claridade e não as trevas, que ousadamente rasga o véu dos mistérios e alarga o horizonte. Essa fé, elemento básico de todo progresso, é que o Espiritismo lhe proporciona, fé robusta, porque assente na experiência e nos fatos, porque lhe fornece provas palpáveis da imortalidade da sua alma, lhe mostra de onde ele vem, para onde vai e por que está na Terra e, finalmente, lhe firma as idéias, ainda incertas, sobre o seu passado e sobre o seu futuro.

Uma vez que haja entrado decisivamente por esse caminho, já não tendo o que os incite, o egoísmo e o orgulho se extinguirão pouco a pouco, por falta de objetivo e de alimento, e todas as relações sociais se modificarão sob o influxo da caridade e da fraternidade bem compreendidas.

Poderá isso dar-se por efeito de brusca mudança? Não, fora impossível: nada se opera bruscamente em a Natureza; jamais a saúde volta de súbito a um enfermo; entre a enfermidade e a saúde, há sempre a convalescença. Não pode o homem mudar instantaneamente o seu ponto de vista e volver da Terra para o céu o olhar; o infinito o confunde e deslumbra; ele precisa de tempo para assimilar as novas idéias.

O Espiritismo é, sem contradita, o mais poderoso elemento de moralização, porque mina pela base o egoísmo e o orgulho, facultando um ponto de apoio à moral. Há feito milagres de conversão; é certo que ainda são apenas curas individuais e não raro parciais. O que, porém, ele há produzido com relação a indivíduos constitui penhor do que produzirá um dia sobre as massas. Não lhe é possível arrancar de um só golpe as ervas daninhas. Ele dá a fé e a fé é a boa semente, mas mister se faz que ela tenha tempo de germinar e de frutificar, razão por que nem todos os espíritas já são perfeitos.

Ele tomou o homem em meio da vida, no fogo das paixões, em plena força dos preconceitos e se, em tais circunstâncias, operou prodígios, que não será quando o tomar ao nascer, ainda virgem de todas as impressões malsãs; quando a criatura sugar com o leite a caridade e tiver a fraternidade a embalá-lo; quando, enfim, toda uma geração for educada e alimentada com idéias que a razão, desenvolvendo-se, fortalecerá, em vez de falsear? Sob o domínio destas idéias, que se tornarão a fé comum de todos, não mais esbarrando o progresso no egoísmo e no orgulho, as instituições se reformatarão por si mesmas e a Humanidade avançará rapidamente para os destinos que lhe estão prometidos na Terra, aguardando os do céu.

Allan Kardec

Extrato dos Manuscritos de um Jovem Médium Bretão

ALUCINADOS, INSPIRADOS, FLUÍDICOS E SONÂMBULOS

(Terceiro artigo – Vide a *Revista* de junho de 1869)

IV

OS SONÂMBULOS

(Continuação e fim)

Existe, pois, no sonambulismo, três graus bem distintos.

Primeiro se apresenta o sonâmbulo natural, que pode permanecer sem qualquer ação sobre os outros, embora a isso predisposto pela natureza dos seus fluidos.

Vem em seguida o sonâmbulo inspirado, que nada tem de si mesmo, mas que, de certo modo, é o recipiente por onde passam os pensamentos dos outros. O magnetismo – entendi bem – não lhe dá a inspiração. Mas se, depois de ter sentido o seu efeito, ele cai num estado de prostração que não lhe permite emití-lo, o magnetismo pode, entretanto, ao restabelecer a circulação fluídica, restaurar-lhe o equilíbrio e devolvê-lo à posse de si mesmo.

Finalmente, temos o sonambulismo fluídico, do qual o poder curativo se desprende espontaneamente, e que pode, como dissemos, ser levado à inspiração pelo emprego do magnetismo. Então, temos o ser chegado ao completo desenvolvimento de suas faculdades.

A utilidade do magnetismo é, pois, imensa. Para começar, é um poderoso agente curativo, principalmente para as afecções nervosas, que só ele pode curar. Depois, nos casos em que

o homem procura destrinçar, através do caos de seus pensamentos, uma forma, uma revelação, que ele não sabe ou é incapaz de descobrir, ele lhe dá um poder de concentração que só os homens de gênios possuem e que lhes permite criar grandes obras, fazer grandes descobertas.

Malbaratamos a nossa inteligência pelos mais diversos assuntos, razão por que tão raramente podemos produzir alguma coisa de durável. O magnetismo nos dá artificialmente e por alguns momentos esta faculdade que nos falta; mas não se deve abusá-la, porque, então, em vez desse poder de concentração que lhe devemos, ele produziria a desordem no jogo dos fluidos e poderia exercer uma ação funesta sobre o organismo.

Se existe realmente atração entre o sonâmbulo e aquele que o consulta, então é quase certo que as prescrições do primeiro serão boas e salutares. Nos casos contrários, só devemos aceitá-las sob muita reserva.

Muitas vezes o sonâmbulo e o consulente sentem-se bem no seu contato recíproco, porque um se beneficia com o excesso de fluidos do outro e os dois são devolvidos à situação normal. Por isso, os fluídicos se ligam de bom grado àqueles que lhes são simpáticos. A ação moral se confunde com a ação física e agem em comum. Em outras vezes, enfim, o magnetizador pode adquirir a doença que pretendia curar.

É necessário então expulsar, por um desprendimento magnético, o fluido que não está em harmonia com o nosso.

Nem sempre o magnetizador consegue curar, porque, ao apoderar-se de um fluido que não lhe pertence e que o faz sofrer, pode transmitir ao paciente uma porção do seu, que está em desacordo com o outro. Mas esses fenômenos raramente se produzem e o magnetismo, sabiamente administrado, quase sempre levará a excelentes resultados.

O fluido é a pilha elétrica que desprende as centelhas destinadas à reconstituição de um estado sadio e regular.

Acontece muitas vezes que os indivíduos predispostos a receber a inspiração pelos fluidos que se desprendem deles mesmos, são sonâmbulos em alguns momentos, quando a ação magnética os domina, e inspirados em outros.

Se impomos a nossa vontade a um sonâmbulo, para obter a cura de pessoas que ele só conhece através de objetos que lhes pertenceram, é necessário, para que haja resultado, que os fluidos se conjuguem e atuem uns sobre os outros.

A mais rica harmonia provém de contrastes e de dissonâncias. Dois fluidos semelhantes se neutralizam: para agirem um sobre o outro deve haver apenas um ponto de contato, e que sejam de naturezas opostas.

Quando alguém é inspirado, é quase sempre por muitas pessoas ao mesmo tempo e sobre assuntos diferentes. Cada um traz o seu contingente à elaboração comum. Se algumas revelações são imediatas e completas, outras se produzem mais lentamente e de maneira contínua, isto é, cada dia, cada hora traz o seu átomo de verdade que lentamente se infunde, antes de amadurecer e poder manifestar-se.

O progresso do globo se realiza pela sucessão das gerações, que herdaram conhecimentos que o passado lhes deixa e lhes traz, e que, por seu labor no presente, preparam o advento do futuro.

Quando os Espíritos querem agir, pode acontecer que estejam sujeitos a alguma preocupação, que absorve e torna menos dócil a recepção dos pensamentos que eles transmitem. Muitas vezes, então, a inspiração procede do objeto desejado, antes que

outros Espíritos se apodemem do sujeito para lhe ditarem coisas desconhecidas e pouco edificantes.

É assim que, por uma comovente precaução pelo futuro, os remédios são indicados a pessoas amadas quando elas ainda não precisam deles.

De outras vezes, quando o perigo aperta, surge uma palavra, não para impressionar o vosso ouvido, mas para vos penetrar e de algum modo vos invadir. Essa palavra é o nome do remédio, é o desprendimento necessário do vosso espírito que, empolgado pela preocupação ardente de fazer o bem, não se deixaria invadir facilmente por outra ordem de idéias. São os amigos que acorrem em vosso auxílio, trazendo o alívio para vós ou para aqueles por quem vos interessais.

Encontramos no estado espírita ou sonambúlico tantas fases diferentes quantas no estado ordinário. Como vos dissemos, tudo segue uma lei única, imutável, e Deus não permite que o sobrenatural e o miraculoso jamais venham perturbá-la. Quem pode discernir todos os matizes, todos os pensamentos que, num dia, atravessam o cérebro do homem? Os Espíritos vivem como nós; suas tendências, suas aspirações são as nossas; mas, embora estejam bem longe da perfeição, estão mais adiantados e marcham mais rapidamente, livres que estão de todas as mesquinhas da nossa triste existência.

Há, pois, médiuns que são mais freqüentemente e mais completamente inspirados do que outros. Esperemos, recebamos com reconhecimento as revelações que lhes é permitido dar-nos, mas não violentemos essas indiscrições de além-túmulo. Se os que nos inspiram precisam vir, virão; de outro modo, silenciarão.

Jamais abduquemos da força de nossa razão. Há charlatães que enganam; há entusiastas que se enganam.

O charlatanismo floresce nas épocas e nos países despóticos, quando dizer uma verdade nova é uma temeridade e equivale a um crime. A terra livre da América era mais favorável que outra qualquer aos experimentadores, sempre impulsionados na busca do desconhecido. Por isso os americanos foram os primeiros a compreender as relações deste com o outro mundo e constatar a existência desta cadeia mais fluídica do que misteriosa, que liga os que partem aos que ficam.

O Espiritismo é a lei que rege as relações das almas entre si.

Nos dias malditos da Idade Média, e mesmo em tempos mais próximos de nós, quando a Igreja distribuía parcimoniosamente aos homens a luz de que se atribuía o monopólio, punindo com morte horrível aquele que considerava em erro, era necessário ocultar-se para estudar os segredos da Natureza. Era o tempo dos feiticeiros, dos alquimistas, pobres alucinados muito pouco perigosos, ou homens hábeis que exploravam a credulidade popular; mas, às vezes também eram seres inspirados, fluídicos ou sonâmbulos, grandes luminares da Humanidade, vulgarizadores dos conhecimentos revelados pelos Espíritos evoluídos, aliviando seus irmãos o melhor que podiam, trazendo o seu grão de areia ao lento e laborioso edifício do progresso, e pagando às vezes com a vida a obra providencial que realizavam.

As pitonisas eram sonâmbulas; as cartomantes freqüentemente são extáticas mais ou menos lúcidas que, para chocar as imaginações vulgares, se servem de meios grosseiros que lhes facilitam a tarefa. Mas os homens gostam de ser enganados, mesmo quando buscam a verdade.

Mesmer recorria a uma tina, outros fazem ver o futuro numa garrafa d'água, outros ainda num espelho mágico. A Ciência avança, reconhece-se a inutilidade das encenações, a vacuidade dos

processos materiais. Descobriu-se a existência do fluido, a ação que o homem pode exercer sobre o seu semelhante. Chegou-se à adoção de processo mais simples. Os passes magnéticos são suficientes. Um magnetizador poderoso pode mesmo agir somente pela força da sua vontade, de braços cruzados, para a liberação de seu fluido, que irá alcançar esta ou aquela pessoa em *relação* fluidica com ele.

Porque o magnetismo não age sobre todos indistintamente, nem da mesma maneira sobre todos. Numa reunião numerosa, acontecerá que, ao tentar fazer uma pessoa adormecer, será outra, no ângulo oposto do apartamento, que se apoderará do fluido.

Outros são inspirados ou caem em sonambulismo lúcido, espontaneamente, ou quando querem, ou mesmo quando queriam resistir à influência que os subjagam.

No seu horror instintivo ao materialismo e ao nada, o homem tem sede do maravilhoso, do sobrenatural, de aparições e de evocações. Daí o sucesso da magia no mundo.

Da Índia, seu berço, a magia passou antigamente ao Egito, onde a vemos sustentar lutas contra Moisés, que a inspiração animava de um sopro tão poderoso, mas ainda com algumas intermitências. Israel não atravessou inutilmente a terra dos faraós. Era nesse foco vivificante do Egito que o gênio dos sábios da Grécia ia freqüentemente se reanimar.

As Cruzadas foram buscar entre os árabes o segredo das ciências ocultas, cujo uso propagaram na Itália, na França, na Espanha. Os mouros e os judeus foram os primeiros médicos; consultavam-nos em segredo e queimavam-nos em público. E os doutores de hoje pensam defender a Ciência, zombando nos seus cenáculos e perseguindo nos tribunais esses últimos filhos perdidos dos seus ancestrais comuns.

Mas, muito dentre eles não são, de certo modo, um tanto charlatães? Não há por que repudiar o magnetismo de maneira tão absoluta. Outros o praticam clandestinamente, mas não ousam confessá-lo, temerosos de afugentar a clientela amedrontada. Em todo o caso, bem poucos dos que o negam chegaram a estudá-lo de boa-fé, sem outro móvel que o desejo de esclarecer-se.

Serão os últimos a admiti-lo. Ser-lhes-á difícil ajudarem com as próprias mãos a derrubada dos fundamentos científicos que tanto lhes custaram edificar.

Que terrível revolução quando, ao lado dos que, incontestavelmente, possuem enorme soma de conhecimentos científicos, e que ignoram apenas um – *o de curar os seus semelhantes* – seres simples, os primeiros a chegar, puderam ler, como num livro aberto, nos corpos humanos, sem terem estudado Anatomia, penetrando-os com os olhos como se fossem de vidro e, em vez desses remédios gerais que agem sempre de maneiras diversas e imprevisas, indicarem o agente preciso que se deve empregar, segunda a natureza de cada um? Quantas posições comprometidas, no dia em que o Espiritismo e o magnetismo combinados tiverem substituído, para a maior felicidade de todos, a Medicina tão falível e tão ruínosa das facultades, por essa medicina familiar, que estará à disposição de quase todos os que a desejarem praticar.

A Quiromancia é uma ciência de observação, em socorro da qual vêm a Frenologia e a Fisiognomonía, auxiliadas pela intuição, disposição fluídica particular e especial. Todo mundo pode observar as proeminências que existem na cabeça, a infinita variedade dos traços, as múltiplas linhas traçadas nas mãos, mas nem todos podem deduzir, com exatidão ou mais ou menos, os seus significados e os seus efeitos no organismo. Mas o fluido que se desprende do consulente, atingindo o que o examina, permite a este último descobrir de maneira mais ou menos acertada os fatos

do passado do outro e até mesmo predizer o que, segundo as probabilidades, deve lhe acontecer no futuro. A simples pressão das mãos ou o toque da cabeça põe o fluídico em vibração, em consequência da tensão e da concentração do espírito a que se habituou.

Assim se explicam os casos de revelação, de predição, que, ao se verificarem, causam admiração, encanto e pavor ao mesmo tempo.

Mas, não há nada de maravilhoso, nem de sobrenatural em tudo isto. As nervuras de nossas mãos podem comparar-se às das folhas das plantas. O conjunto, o aspecto, a forma geral, tudo se assemelha e, contudo, nada se parece. Estudai as folhas: talvez descubrais, em sua configuração, se a árvore a que pertencem está mais ou menos conformada para viver muito tempo.

Nossas mãos são como as folhas ligadas à extremidade dos ramos. São elas as nossas extremidades; movem-se, agem, põem-nos em relação com os outros, e é por elas que podemos conhecer o estado geral da saúde. Da mesma maneira que através dos pequenos ramos chega uma seiva mais delicada, assim também pelas mãos do homem, que são uma maravilha entre todas as maravilhas do corpo.

É a ponta do ramo que, flexível e como animada e dirigida por uma inteligência particular, se enrola em torno dos galhos que sustentam sua fragilidade. Assim, as trepadeiras, as clematites, as glicínias e a vinha... É pois na extremidade, tanto dos vegetais quanto do homem, que é dado tocar, que se apresenta a parte mais delicada, mais perfeita.

O tronco tem a força; a seiva e o sangue dão o impulso; as hastes e as mãos são os instrumentos dóceis.

Se a árvore tem folhas delgadas, salpicadas de branco ou de amarelo, caindo aos primeiros ventos do outono, é que está clorótica e podemos prognosticar com segurança que não viverá muito tempo. O homem cujas mãos são pequenas, frias, brancas, exangues, não figurará entre os atletas, nem entre os centenários.

Como uma terra pobre e privada de sucos nutritivos poderia prodigalizar uma seiva abundante, capaz de lançar-se até a extremidade dos ramos para fazê-la crescer e alongar-se incessantemente?

A planta, como o animal, como o homem, toma proporcionalmente às suas energias vitais a sua parte fluídica, que circula por toda parte. Somente a planta e o animal, não tendo de despender de sua força e de sua vontade senão numa ordem de fatos mais restritos, são dotados de um fluido menos poderoso. Fazem sua parte de progresso, mas eles não o fazem sem que a isso sejam provocados.

Ao contrário, o homem tem responsabilidade de direção. Deus o aceita como colaborador na obra sublime da Criação. Deus cria os tipos e reserva ao seu auxiliar o cuidado de descobrir as variedades infinitas, de multiplicá-las, de aperfeiçoá-las sem limites. Ele necessita, pois, de um fluido mais abundante, mais rico, para satisfazer à sua tarefa mais nobre e cumprir a missão providencial que lhe foi reservada.

Essas diferenças entre as linhas das mãos, as nervuras das folhas, são também encontradas nas patas dos animais, e por toda parte, enfim. Apenas no homem e nas criaturas mais avançadas, esses matizes são mais numerosos e mais acentuados. Mas, descendo mesmo até os mais ínfimos, uma observação atenta permitirá descobrir, nos diferentes ramos que terminam cada uma delas, sintomas, prognósticos de caráter e de saúde, que a ativa direção do homem pode modificar para melhor ou pior. É seu direito, é seu dever trabalhar para melhorar todas as coisas

inferiores. A Natureza põe à sua disposição os meios curativos, e ele será insensato e mesmo culpável se não os empregar para prolongar e enobrecer a sua e a vida das demais criaturas, ou pelo menos para dar-lhe o equilíbrio necessário, durante o curso que ela deve seguir.

Há ação e reação dos homens uns sobre os outros, bem como sobre os animais, os vegetais, os minerais e tudo quanto nos rodeia. Por isso, o homem, o animal e a planta não vivem indiferentes junto aos demais seres.

Uma criação jamais ocorre senão quando todas as condições indispensáveis venham favorecê-la. Mas, descuidando desses detalhes essenciais, pretendemos aclimatar os animais sem os vegetais convenientes, sem preparar para estes o terreno que exigem, sem estudar as suas atrações e as suas repulsões, e sem observar se lhes damos vizinhos com os quais estarão em perpétua luta.

Nossos camponeses colocam às vezes um bode em meio aos bois e bezerras. Dizem que é para purificar o ar. Para nós, isto só o empestaria. Mas, uma vez que os animais do estábulo deixam o bode andar livremente ao seu redor, é que um secreto instinto os adverte, talvez, de que o seu cheiro acre é composto de gases que seriam prejudiciais a eles e cujas propriedades o bode modifica.

O meio em que vive e se desenvolve cada criatura influi enormemente sobre o seu caráter, sobre a sua saúde e sobre a parcela de inteligência que lhe é transferida para cumprir o seu destino.

A inteligência do vegetal, como a do animal, manifesta-se sobretudo na obra da reprodução. Muitas vezes o homem a violenta. Estudemos as condições nas quais cada ser deve cumprir o seu destino mais ou menos importante, e as criações

esboçadas que os grandes cataclismos do passado pouparam darão lugar a criações superiores, e muitos dos males que elas engendram desaparecerão com elas.

Tudo se ressent, portanto, pelo toque, por vezes mesmo pela simples aproximação das comoções elétricas e fluídicas, que exercem uma influência salutar ou funesta sobre a atitude geral do indivíduo.

O magnetismo não foi inventado por ninguém; existe desde toda a eternidade! Não se conhecia o seu emprego, como no caso do vapor e da eletricidade, a princípio negados, e que no entanto revolucionaram o mundo após alguns anos de existência. Dar-se-á o mesmo com esse fluido que, mais sutil do que todos os outros, vai atingir livremente, e em aparência um pouco ao acaso, os sexos contrários, as idades extremas, as castas até hoje hostis, para os confundir todos no seio de uma imensa solidariedade.

Com efeito, o fluido é atração, lei única do Universo. É a fonte dos movimentos moral, material e intelectual, a fonte do progresso. Manda a caridade que nos aliviemos mutuamente, já que dispomos do poder e da vontade. Esse fluido comum, que nos liga a todos, a fim de estabelecer entre nós a fraternidade universal, não só nos faculta curar-nos uns aos outros, mas, também, associando-nos aos nossos amigos desaparecidos que, mau grado nosso nos legaram a herança de seus trabalhos, dá-nos os meios de inventar grandes coisas, que concorrerão poderosamente para o progresso de todos e para o bem-estar universal.

Já não nos escondemos por trás das muralhas do nosso egoísmo pessoal para nos sentirmos felizes no nosso isolamento. Queremos que todos estejam satisfeitos ao nosso redor e o sofrimento dos outros provocam nuvens sombrias no azul de nosso belo firmamento.

O entusiasmo foge à solidão para só fazer brilhar a sua potência irresistível entre as multidões eletrizadas. É que o fluido que se desprende de cada um de nós, adicionado, confundido, multiplicado, atritando-se e se chocando em caso de necessidade, por suas próprias discrepâncias faz surgir a harmonia.

O trabalho, o prazer mesmo, tudo aborrece quando estamos sós. Mas, basta chegar um amigo e outros em seguida, e eis que o entusiasmo, que arrasta, pouco a pouco se desenvolve. Que surjam então os grupos rivais, e o júbilo produzirá maravilhas.

A comunicação fluídica, essa quintessência de nosso ser, produz harmonia ao se desprender de nós para envolver aquele que sente a sua falta. Os fortes arrastam os fracos, elevam-nos por um momento até eles e a igualdade reina; ela governa os homens fascinados pelo seu domínio.

A bem dizer, todo o mundo é fluídico, pois que cada um sente impressões, experimenta atrações. Apenas as manifestações são mais ou menos intensas e sua influência se mostra com mais ou menos força. Alguns usam os fluidos para si mesmos, para a sua própria consumação, poderíamos dizer, e somente atuam debilmente sobre os seus semelhantes. Outros, pelo contrário, irradiam a distância e exercem ao seu redor uma pressão enérgica, para o bem ou para o mal.

Há ainda os que, não tendo nenhum poder sobre os outros homens, possuem uma poderosa faculdade de domínio sobre os animais e sobre os vegetais, que se modificam e se aperfeiçoam mais facilmente sob a sua ação inteligente.

Sendo o magnetismo o fluido circulante que cada criatura assimila à sua maneira e em graus diferentes, pode-se ver nele esse imenso encadeamento e essa imensa atração que une e desune, atrai e repele todos os seres criados, fazendo de cada um deles uma pequena unidade que vai, obedecendo à mesma lei, confundir-se na majestosa unidade do Universo.

O magnetismo que, aliás, não passa do processo de que nos servimos para a concentração e a liberação do fluido, é essa associação magnífica de todas as forças criadas. O fluido é o circulante que põe os seres em vibração uns com os outros.

Em certos casos de delírio momentâneo, o toque de uma pessoa simpática, seu beijo, sua palavra bastam para acalmar o doente. Já se viu o doente ser aliviado apenas se entrando em seu quarto, como é possível ver-se a excitação produzir-se quando outra pessoa se aproxima.

É o resultado das atrações ou das repulsões, explicadas pelo jogo dos fluidos entre si.

Diz-se freqüentemente de pessoas que se casam, mas que não se amam: – *Eles se amarão mais tarde!*

Ao contrário, isto é bem pouco provável, porque a atração é livre e não se deixa violentar. Sem dúvida há naturezas pouco fluídicas, para as quais a estima pode suprir o amor; mas as grandes e generosas naturezas não poderiam contentar-se com esses sentimentos tíbios. A indiferença toma então o lugar do amor que falta, e é raro que, apesar de todos os mais belos raciocínios que façam, um ou outro desses esposos em desarmonia não se deixe encantar por outra pessoa. Talvez tenha a força de resistir a esse arrastamento, mas será incuravelmente infeliz.

Fechemos pois os ouvidos a esses falsos ensinamentos, e que as famílias não façam jamais do casamento um negócio, uma questão de tráfico ilegal. Quis Deus que o amor presidisse à perpetuidade da Criação; respeitemos os seus desígnios e não violentemos os fluidos. O homem e a mulher obedecem ao charme, é a lei natural, e quando se tenta resisti-la, paga-se a desobediência com a infelicidade de toda a existência.

O Espiritismo em Toda Parte

A literatura contemporânea se impregna cada dia mais das idéias espíritas. Com efeito, nossa Doutrina é uma fonte fecunda para os trabalhos de imaginação; aí os escritores podem haurir descrições poéticas, quadros emocionantes e verossímeis, situações interessantes e completamente novas, que não poderiam fazer surgir do campo limitado e prosaico que lhes oferecem as doutrinas materialistas. Por isso os autores, mesmo materialistas, começam a explorar novos horizontes abertos ao pensamento pelo Espiritismo, tamanha é a necessidade que sentem de falar à alma e poetizar o caráter de seus personagens, se quiserem conquistar o interesse de seus leitores.

Muitas vezes a *Revista* já assinalou romances, novelas, obras teatrais, etc., que exploram os nossos ensinos e caracterizam a reação que começa a operar-se nas idéias. Continuaremos, de vez em quando, a registrar os fatos que entram no quadro do Espiritismo.

O CONDE OTÁVIO

(Lenda do século XIX)

Tal é o título de uma novela publicada no jornal *Liberté*, de 26, 27 e 28 de maio, pelo Sr. Victor Pavé, e que comporta a mais completa acepção das doutrinas espíritas e o detalhe de uma história absolutamente fundada sobre a intervenção dos Espíritos.

Dois seres belos e inteligentes, que não habitam os mesmos lugares e jamais se viram, estão desesperados com a vida e só vêem desordem no mundo e nas inteligências. São grandes demais para as mesquinhas que entrevêm e estão prestes a suicidar-se: um moralmente, o outro efetivamente.

Dois Espíritos que os amam, atualmente desencarnados, mas que lhes foram unidos na Terra pelos laços do

sangue, comprometem-se a salvá-los, agindo por inspiração sobre um encarnado, de que se apossam para operar o encontro e a união desses dois seres e, conseqüentemente, a sua salvação.

O autor, que muito certamente estudou com seriedade as obras espíritas, descreve de maneira interessante e verdadeira o modo de existência e de comunicação dos Espíritos e afirma por fatos o desprendimento e a independência do Espírito encarnado durante o sono do corpo. Julgamos por bem assinalar esta novela, interessante sob mais de um ponto de vista e publicada num grande jornal que se dirige a um número considerável de leitores. Possa o enredo desta breve história, emocionante e bem escrita, lhes inspirar salutares reflexões e os levar a apreciar judiciosa e seriamente os princípios da filosofia espírita.

PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

Lemos no número 19 do *Lien*, jornal das igrejas reformadas, a seguinte passagem, concernente à pluralidade das existências, reproduzindo-a sem comentários:

“No que respeita à eternidade do Cristo, citam-nos este texto: ‘Agora, tu, meu pai, glorifica-me a mim em ti mesmo, com aquela glória que tive em ti, antes que o mundo fosse.’ (João, XVII:5); e este: ‘Antes que Abrão fosse, eu sou.’ (João, VIII:58). Mas, supondo que estas palavras sejam autênticas, não implicam de modo algum a idéia de eternidade absoluta, tal qual a concebe de Deus a nossa consciência, tal qual o próprio Cristo a contempla na Essência divina. Tudo quanto nos é permitido daí deduzir é a preexistência, uma existência anterior àquela que ele desfrutava cá embaixo, em nosso mundo, isto é, em nossa Terra²². Portanto, Jesus

22 Sabe-se que, em razão de suas imperfeitas noções astronômicas, os judeus confundiam a formação do Universo com a do nosso planeta, que, segundo eles, era o seu centro, a sua obra-prima; sendo assim, toda existência que dizem ter precedido esta formação, seria, necessariamente, uma existência divina.

não quer dizer outra coisa senão que ele existia antes do mundo do qual fazemos parte. Aos nossos olhos, uma tal pretensão nada tem que não corresponda perfeitamente à natureza eminente e ao caráter único do Cristo, e os trinta a quarenta anos de sua carreira terrena não teriam sido suficientes para que ele realizasse os imensos progressos que notamos em sua pessoa. A hipótese da preexistência em si nada tem que choque a razão; ao contrário, é a única que pode dar conta de uma imensidade de fenômenos psicológicos e morais, cujas explicações em geral são pouco satisfatórias ou absolutamente contraditórias. Nós a admitimos, portanto, mesmo para os seres pessoais de todas as ordens, mas a título de suposição fortemente provável, projetando mais luz do que qualquer outra sobre a nossa situação presente e sobre o nosso eterno futuro. Que Jesus tenha tido consciência de uma vida anterior mergulhando nas mais longínquas profundezas do passado, nós o compreendemos perfeitamente, e é essa lembrança que o separava do comum dos homens e mesmo das almas de escol; mas, ainda uma vez, esta preexistência não é a eternidade absoluta.”

BIOGRAFIA DE ALLAN KARDEC

Sob esse título o *Sétifiem* de 20 e 27 de maio publica um artigo sobre a vida do Sr. Allan Kardec, do qual reproduzimos alguns extratos, felizes por reconhecermos que, se na imprensa há alguns órgãos sistematicamente hostis aos nossos princípios, outros há que sabem apreciar e honrar os homens de bem, seja qual for a bandeira filosófica a que pertençam.

Aliás, não é a primeira vez que o Sr. Armand Greslez sustenta abertamente as nossas doutrinas, e não podemos deixar de aproveitar a ocasião para lhe testemunhar toda a nossa gratidão.

“Se fosse preciso, diz ele, procurar um emblema, uma personificação da falsidade e da mentira, não se agiria mal tomando a Musa da História; porque se o homem, em geral, tem o amor e o

sentimento do verdadeiro, também é arrastado pelos preconceitos, pelas inclinações e pelos interesses que quase sempre o fazem afastar-se da senda da verdade, quer se trate das coisas ou dos homens.

“Até o momento tem faltado um critério de certo valor às biografias dos falecidos: É o que impede os mortos de declinarem das honras imerecidas ou de repelirem as acusações injustas.

“Não nos surpreendamos, pois, que Allan Kardec não tenha podido escapar desta lei comum. Este destino, mais que outro, ele o experimentou ainda em vida, vítima que foi de odiosas calúnias e de extravagantes e impudentes difamações. Entretanto, há demonstrações reais de respeito de seus contemporâneos e da posteridade, que não poderiam ser contestadas sem que se cometesse injustiça.

“Primeiramente, ele publicou livros sobre uma doutrina que uns acolheram com indiferença, outros com ódio e desprezo; mas ele previu todas essas tribulações, pois lhe tinham sido reveladas previamente. Deste ponto de vista, deu provas de coragem e de abnegação.

“Jamais reivindicou o título de inventor ou de chefe de escola, pois seu papel se limitou a coligir e a centralizar documentos, escritos fora da sua influência e, por vezes, alheios às suas idéias pessoais. Restringiu-se a acompanhar esses documentos com os seus comentários e reflexões, pondo, em seguida, todos os seus cuidados em os vulgarizar. Para esta tarefa árdua e ingrata ele consagrou unicamente, plenamente, inteiramente, quinze anos de sua existência.

“Lutou contra os adversários, mas sempre com sucesso, porque tinha o bom-senso, a lógica, o conhecimento da verdade, aliados à sabedoria, à prudência, à habilidade e ao talento.

“A morte de Allan Kardec deu ensejo a um verdadeiro sucesso para o Espiritismo. Dentre os discursos que foram pronunciados junto ao seu túmulo, figura em primeira linha o de Camille Flammarion, que afirmou ativa e publicamente as verdades desta doutrina, explicando-as pelos dados da mais avançada Ciência.

“Para os que o ignoram, devo dizer que Camille Flammarion é um sábio oficial e um escritor de mérito incontestável, perfeitamente colocado na literatura; é uma autoridade que ninguém ousaria recusar. Declarou-se francamente espírita. Agora não é mais permitido tratar os espíritas de tolos ou de impostores, porquanto seria levantar uma acusação contra um homem de grande valor; hoje seria uma presunção ridícula.

“Por isso, os jornais que habitualmente atacavam o Espiritismo de maneira ridícula ou mordaz, se fecharam num prudente silêncio, já que deviam evitar o duplo escolho da retratação ou de uma crítica tornada perigosa pelo poderoso adversário que queriam combater, por mais indireta que fosse.

“Que seria, pois, se todos os que crêem no Espiritismo se dessem a conhecer? Entre os crentes há pessoas de mérito excepcional e que ocupam as mais elevadas posições sociais. Desde que possam fazê-lo, tais pessoas confessarão suas crenças; então os antiespíritas ficarão envergonhados e escaparão por diversos subterfúgios ao embaraço de sua posição.”

Armand Greslex

Variedades

A LIGA DO ENSINO – CONSTITUIÇÃO OFICIAL DO GRUPO PARISIENSE

No dia 19 de junho, sábado, assistimos à primeira assembléia geral realizada pelo Círculo Parisiense da Liga do

Ensino, na sala de conferências do Boulevard des Capucines, sob a presidência do Sr. Jean Macé.

Essa reunião tinha por objetivo especial dar uma constituição oficial ao grupo parisiense, e prestar contas dos trabalhos realizados desde a sua fundação. – Como dizia o Sr. Allan Kardec, falando da Liga do Ensino (*Revista Espírita* de março, abril e agosto de 1867) – nossas simpatias são conquistadas por todas as idéias progressivas, por todas as tentativas que têm por objeto elevar o nível intelectual. Estamos, pois, contentes por termos podido constatar os resultados práticos desta bela instituição, lamentando vivamente que a abundância de matérias nos obrigue a adiar para um próximo número a análise da constituição adotada na sessão a que tivemos a honra de assistir.

Dissertações Espíritas

A REGENERAÇÃO

(MARCHA DO PROGRESSO)

(Paris, 20 de junho de 1869)

Desde longos séculos as humanidades prosseguem uniformemente sua marcha ascendente através do tempo e do espaço. Cada uma delas percorre, etapa por etapa, a rota do progresso, e se diferem pelos meios infinitamente variados que a Providência dispôs em suas mãos, são chamadas a se fundirem todas, a se identificarem na perfeição, já que todas partem da ignorância e da inconsciência de si mesmas para se aproximarem indefinidamente do mesmo fim: Deus; para alcançarem a felicidade suprema pelo conhecimento e pelo amor.

Há universos e mundos, como povos e indivíduos. As transformações físicas da terra, que sustenta o corpo, podem

dividir-se em duas formas, assim como as transformações morais e intelectuais que alargam o espírito e o coração.

A terra se modifica pela cultura, pelo arroteamento e pelos esforços perseverantes dos seus possuidores e interessados; mas, a esse aperfeiçoamento incessante devemos juntar os grandes cataclismos periódicos, que são, para o regulador supremo, o que são a enxada e a charrua para o lavrador.

As humanidades se transformam e progredem pelo estudo perseverante e pela permuta de pensamentos. Instruindo-se e instruindo os outros, as inteligências se enriquecem, mas os cataclismos morais que regeneram o pensamento são necessários para determinar a aceitação de certas verdades.

Assimilam-se sem abalos e progressivamente as conseqüências de verdades aceitas. É preciso um concurso imenso de esforços perseverantes para que se aceitem novos princípios. Marcha-se lentamente e sem fadiga sobre um caminho plano, mas é necessário reunir todas as suas forças para transpor um atalho agreste e destruir os obstáculos que surgem. É então que, para avançar, deve o homem quebrar necessariamente a corrente que o liga ao pelourinho do passado, pelo hábito, pela rotina e pelo preconceito; a não ser assim, o obstáculo fica sempre de pé, e ele girará num círculo sem saída até que tenha compreendido que, para vencer a resistência que obstrui a rota do futuro, não basta quebrar armas envelhecidas e danificadas: é indispensável criar outras.

Destruir um navio que faz água por todos os lados, antes de empreender uma travessia marítima, é medida de prudência, mas será ainda necessário, para realizar a viagem, que se criem novos meios de transporte. Entretanto, eis onde se encontra atualmente certo número de homens de progresso, tanto no mundo moral e filosófico, quanto nos outros mundos do pensamento! Minaram tudo, tudo atacaram! As ruínas se espalham por toda parte, mas eles ainda não compreenderam que sobre tais

ruínas é preciso edificar algo de mais sério que um livre-pensamento e uma independência moral, independentes apenas da moral e da razão. O nada em que se apóiam não é uma palavra muito profunda somente por ser vazia. Assim como Deus já não cria os mundos do nada, o homem não pode criar novas crenças sem bases. Estas bases estão no estudo e na observação dos fatos.

A verdade eterna, como a lei que a consagra, não espera para existir a aceitação dos homens; ela é e governa o Universo, a despeito dos que fecham os olhos para não a ver. A eletricidade existia antes de Galvani e o vapor antes de Papin, como a nova crença e os princípios filosóficos do futuro existiam antes que os publicistas e os filósofos os tivessem consagrado.

Sede pioneiros perseverantes e infatigáveis!... Se vos chamarem de loucos como o fizeram a Salomão de Caus, se vos repelirem como Fulton, marchai sempre, porque o tempo, esse juiz supremo, saberá tirar das trevas os que alimentam o farol que deve, um dia, iluminar a Humanidade inteira.

Na Terra, o passado e o futuro são os dois braços de uma alavanca que tem no presente o seu ponto de apoio. Enquanto a rotina e os preconceitos tiverem curso, o passado estará no apogeu. Quando a luz se faz, a báscula balança, e o passado, que já escurecia, desaparece para dar lugar ao futuro que irradia.

Allan Kardec

A CIÊNCIA E A FILOSOFIA

(Sociedade de Paris, 23 de abril de 1869)

A Ciência é lenta em suas afirmações, mas é segura; por vezes repele a verdade, mas jamais partilha o erro absoluto. Procede com rigor matemático; não admite senão *o que é*, ao passo que a Filosofia admite *tudo o que pode ser*; daí a diferença que se nota entre o objetivo de uma e de outra. A Filosofia chega num primeiro

impulso; a Ciência transpõe penosa e vagarosamente a estrada árida do conhecimento positivo. Mas, Filosofia e Ciência são irmãs; partem da mesma origem para fazerem a mesma carreira e chegarem ao mesmo fim. Sozinha, a Filosofia pode cometer desvios que a razão e a experimentação científica devem reprimir; isolada, a Ciência pode conduzir ao aniquilamento dos sentimentos, caso não seja regenerada pela excelência dos sentimentos do coração e das aspirações aos progressos morais.

Nos períodos originais da elaboração dos mundos, o sofisma domina o homem juntamente com o erro científico. Em seguida os pensadores e os sábios, tomando caminhos diversos, se separam durante as fases consagradas à luta, para se reunirem mais tarde num triunfo comum.

Certamente ainda estais bem longe de ter dado a última palavra sobre todas as coisas; mas chegareis a passos largos a essa época em que a Humanidade avançará para o infinito numa rota única, larga, segura, tolerante e solidária. O homem não será mais uma unidade combatendo para a sua própria glória e procurando engrandecer-se sobre os cadáveres intelectuais de seus contemporâneos. Será um elemento da grande família, uma modalidade fazendo parte de um todo harmonioso, um instrumento racional num concerto sem defeito! Será a era da felicidade por excelência, a era bendita, a era da paz pela fraternidade e do progresso pela união dos esforços inteligentes.

Honra à Filosofia, que sabe aliar-se à Ciência para obter um tal resultado.

Honra aos homens da Ciência que ousam afirmar suas crenças filosóficas e tirar do seu envoltório, para desdobrar aos olhos atônitos do mundo do pensamento, a bandeira sobre a qual inscreveram estas três palavras: *Trabalho, experimentação, certeza.*

Privada da Ciência, a Filosofia se lança no infinito, mas, voando com uma asa só, tomba esgotada das alturas a que aspira. A Ciência sem a Filosofia é uma caolha que não vê bem senão de um lado; não percebe o abismo que se cava sob o seu olho ausente. A Ciência e a Filosofia, unidas num comum impulso para o desconhecido, representam a certeza, a verdade em direção a Deus.

Clélie Duplantier

Notas Bibliográficas²³

SIR HUMPHRY DAVY – OS ÚLTIMOS DIAS DE UM FILÓSOFO

ENTREVISTAS SOBRE AS CIÊNCIAS, A NATUREZA E A ALMA

Obra traduzida do inglês e comentada por Camille Flammarion²⁴

(Segundo artigo – Vide a *Revista* de junho de 1869)

Como era nosso desejo, podemos anunciar hoje o aparecimento desta tradução tão longamente elaborada. Já fizemos notar no último número da *Revista* que esta obra, escrita nos últimos anos de sua vida por um dos maiores químicos do mundo, expôs ao livre-exame dos pensadores de quarenta anos atrás – 1829 – as teorias sobre as quais hoje se apóia a Doutrina Espírita, isto é, a pluralidade dos mundos habitados, a pluralidade das existências da alma, a reencarnação (na Terra e em outros planetas), a comunicação com os Espíritos através dos sonhos e dos pressentimentos, e até a teoria do *perispírito*.

A tradução do Sr. Flammarion aparece hoje, ao mesmo tempo que a *Revista*. Logo esta obra estará nas mãos de todos os nossos leitores. Aliás, sua leitura será tanto mais instrutiva quanto o autor passa em revista os principais temas da ciência moderna e os

²³ **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 533.

²⁴ Um vol. in-12. Preço: 3 fr. 50. Paris, 1869, Didier, e na *Livraria Espírita*, 7, rue de Lille.

grandes feitos da história da Humanidade, e que o tradutor teve o cuidado de completar por meio de notas sobre os progressos posteriormente realizados pela Ciência. O livro se divide em seis diálogos, que têm por títulos: *a Visão*, – *a Religião*, – *o Desconhecido*, – *a Imortalidade*, – *a Filosofia da Química*, – e *o Tempo*. Anunciando esta excelente obra, julgamos por bem extrair algumas de suas passagens, que darão uma justa idéia das opiniões filosóficas do ilustre químico inglês.

O primeiro diálogo, *a Visão*, cuja cena se passa no Coliseu de Roma, tem por objeto uma viagem aos planetas, sob a condução de um *Espírito*, que *Sir Humphry Davy* escuta sem o ver. O *Espírito* faz aparecer o quadro das fases primitivas da Humanidade, e em seguida dirige a seguinte pergunta ao autor:

“Tu vais dizer-me: ‘O *Espírito* é gerado? A alma é criada com o corpo?’ Ou isto: ‘A faculdade mental é o resultado da matéria organizada e um novo aperfeiçoamento dado à máquina, que provoca o movimento e o pensamento?’

“Depois de ter posto esta pergunta em minha cabeça, como se eu mesmo tivesse tido a intenção de lha dirigir, diz *Davy*, meu *Gênio* desconhecido modificou a inflexão de sua voz que, em vez de sua melodiosa doçura, tomou um timbre sonoro e majestoso. Eu vos proclamo, disse-me ele, que nem uma nem outra dessas visões são verdadeiras. Minha intenção é vos revelar os mistérios das naturezas espirituais; mas é de temer que, *velado como sois pelos sentidos corporais*, esses mistérios não vos possam ser compreensíveis.

“As almas são eternas e indivisíveis, mas suas maneiras de ser são tão infinitamente variadas quanto as formas da matéria. Elas nada têm de comum com o espaço e, em suas transições, são independentes do tempo, de sorte que podem passar de uma parte a outra do Universo, por leis completamente estranhas ao

movimento. As almas são seres intelectuais de diversos graus, pertencendo de fato ao Espírito infinito. *Nos sistemas planetários* (de um dos quais depende o globo que habitas) elas se encontram transitoriamente *num estado de provação*, tendendo constantemente e, em geral, gravitando sem cessar *para um modo de existência mais elevado*.

“Se me fosse possível estender tua visão até os destinos das existências individuais, eu te poderia mostrar como *o mesmo Espírito*, que no corpo de Sócrates desenvolveu os fundamentos das virtudes morais e sociais, no corpo do czar Pedro foi dotado do poder supremo, gozando da incomparável felicidade de melhorar um povo grosseiro. Eu te poderia mostrar a mônada espiritual que, com os órgãos de Newton, deixou ver uma inteligência quase sobre-humana, situada *agora* num maior e mais elevado estado de existência planetária, haurindo a luz intelectual de uma fonte mais pura e se aproximando ainda mais do Espírito infinito e divino. Prepara, pois, o teu pensamento e pressentirás ao menos esse estado superior e esplêndido, no qual vivem desde sua morte os seres que já revelaram uma alta inteligência na Terra, e que se elevam em suas transições a naturezas novas e mais celestes.”

Aqui, *Sir Humphry*, transportado pelo Espírito através do nosso sistema planetário, faz uma descrição das mais interessantes do espetáculo que se descortina aos seus olhos e, em particular, o mundo de Saturno. – A falta de espaço nos obriga a passar em silêncio. – *Sir Humphry Davy* considerava com admiração o aspecto estranho dos seres que tinha sob os olhos, quando o Espírito replicou:

“Sei quais as reflexões que te agitam. A *analogia* te faz falta aqui e não dispões dos elementos do saber para compreenderes a cena que se desdobra à tua frente. No momento te encontras na condição de uma mosca, cujo olho múltiplo fosse subitamente metamorfoseado num olho semelhante ao do homem,

e és completamente incapaz de pôr o que vês em *relação* com os teus conhecimentos normais anteriores. Pois bem, esses seres que estão diante de ti são os habitantes de Saturno. Eles vivem na atmosfera. Seu grau de sensibilidade e de felicidade intelectual ultrapassa de muito o dos habitantes da Terra. São dotados de numerosos sentidos, de meios de percepção cuja ação és incapaz de apreender. Sua esfera de visão é muito mais extensa que a tua, e seus órgãos do tato são incomparavelmente mais delicados e mais finamente aperfeiçoados. É inútil que eu tente explicar-te a sua organização, pois evidentemente não a poderias conceber; quanto às suas ocupações intelectuais, tentarei dar-te alguma idéia.

“Eles subjugaram, modificaram e aplicaram as forças físicas da Natureza, de maneira análoga à que caracteriza a obra industrial do homem terrestre; mas, gozando de poderes superiores, conseguiram resultados igualmente superiores. Sendo a sua atmosfera muito mais densa que a vossa, e menor o peso específico de seu planeta, eles foram capazes de determinar as leis que pertencem ao sistema solar com muito mais precisão do que vos seria possível dar desse conhecimento; e o primeiro deles que chegasse poderia anunciar-te quais são, nesse mundo, a posição e o aspecto da vossa Lua, com tal precisão que te convencerias de que ele a vê, ao passo que o seu conhecimento não passa do resultado de um cálculo.

“Eles não têm guerras e só ambicionam a grandeza intelectual; não experimentam nenhuma de vossas paixões, senão um grande sentimento de emulação no amor da glória. Se eu pudesse mostrar-te as diversas partes da superfície deste planeta, apreciarias os resultados maravilhosos do poder de que são dotadas essas altas inteligências, e a maneira admirável pela qual puderam aplicar e modificar a matéria.

“Eu te poderia transportar agora para outros planetas e te mostrar seres particulares em cada um deles, oferecendo certas

analogias uns com os outros, mas diferindo essencialmente em suas faculdades características.

“Em Júpiter verias criaturas semelhantes às que acabas de observar em Saturno, mas munidas de meios de locomoção bem diversos. Nos mundos de Marte e de Vênus encontrarias raças cujas formas se aproximam mais das que existem na Terra; mas, em cada parte do sistema planetário, existe um caráter especial a todas as naturezas intelectuais: é o sentido da visão, a faculdade orgânica de receber as impressões da luz.

“Os mais perfeitos sistemas organizados, mesmo nas outras partes do Universo, possuem ainda esta fonte de sensibilidade e de prazer; mas os seus organismos, de uma sutileza inconcebível para vós, são formados de fluidos tão elevados, acima da idéia geral que fazeis da matéria, quanto os gases mais sutis, que teus estudos te mostraram, estão acima dos mais pesados sólidos terrestres.

“O grande Universo é ocupado em toda parte pela *vida*; mas o modo de manifestação dessa vida é infinitamente diversificado, e é preciso que as formas possíveis, em número infinito, sejam revestidas pelas naturezas espirituais antes da consumação de todas as coisas.

“O cometa, desaparecendo nos céus com o seu rastilho luminoso, já se mostrou ao teu olhar. Pois bem! esses mundos singulares são também a morada dos seres vivos, que haurem os elementos e as alegrias de sua existência na diversidade das circunstâncias a que são expostos; atravessam, por assim dizer, o espaço infinito; deleitam-se continuamente ante a visão de mundos e sistemas novos. Imagina, se puderes, a vastidão incomensurável de seus conhecimentos!

“Esses seres, de tal modo grandes e gloriosos, dotados de funções que te são incompreensíveis, outrora pertenceram à

Terra; suas naturezas espirituais, elevadas em diferentes graus da vida planetária, despojaram-se de sua poeira e não levaram consigo senão a pujança intelectual. Habitam atualmente esses astros gloriosos, que se põem em relação com as inúmeras regiões do grande Universo.

“Perguntas-me em espírito se eles têm algum conhecimento ou lembrança de suas transmigrações? Conta-me tuas próprias recordações no seio de tua mãe e te darei minha resposta...

“Aprende, pois, a lei da sabedoria suprema: Nenhum Espírito traz a outro estado de existência hábitos ou qualidades mentais diversas das que estão em relação com a sua nova situação. O saber relativo à Terra também não seria útil a esses seres glorificados, como não o seria a sua poeira terrestre organizada, a qual, em temperatura semelhante, seria reduzida ao seu último átomo. Mesmo na Terra, a borboleta esvoaçante não traz consigo os órgãos ou os apetites da lagarta rasteira da qual surgiu. Todavia, há um sentimento, uma paixão, que a mônada ou essência espiritual conserva sempre em todos os estágios de sua existência, e que nos seres felizes e elevados, aumenta perpetuamente: é o *amor do saber*, esta faculdade intelectual que, em seu último e mais perfeito desenvolvimento, se transforma no amor da sabedoria infinita e na união com Deus. Eis a grande condição do progresso da alma em suas transmigrações na vida eterna.

“Mesmo na vida imperfeita da Terra, esta paixão existe nalgum grau; aumenta com a idade, sobrevive ao aperfeiçoamento das faculdades corporais e, no momento da morte, se conserva no ser consciente. O destino futuro do ser depende da maneira pela qual essa paixão intelectual foi exercida e aumentada durante sua prova terrestre transitória. Se foi mal aplicada, o ser é degradado e continua a pertencer à Terra ou a qualquer sistema inferior, até que seus defeitos sejam corrigidos pelas provas penosas de existências

novas. (*Somos o que fazemos de nós mesmos*). Ao contrário, quando o amor da perfeição intelectual é exercido sobre objetivos nobres, na contemplação e na descoberta das propriedades das formas criadas, quando o Espírito se esforçou por aplicar a seus estudos um fim útil e benfazejo para a Humanidade, bem como ao conhecimento das leis ordenadas pela inteligência suprema, o destino do princípio pensante continua a efetuar-se na ordem ascendente e sobe a um mundo planetário superior.”

Eis algumas de suas elevadas concepções sobre a natureza da alma:

“Em última análise, para nós o mundo externo ou material não passa de um amontoado de sensações. Remontando às primeiras lembranças de nossa existência, encontramos um princípio constantemente presente, que se pode chamar *mônada*, ou *eu*, que se associa intimamente com as sensações particulares produzidas pelos nossos órgãos. Esses órgãos estão em relação com sensações de outro gênero e, a bem dizer, os acompanham através das metamorfoses corporais de nossa existência, deixando temporariamente uma linha de sensação que as une todas; mas a *mônada* jamais se ausenta, e não poderíamos assinalar nem começo, nem fim às suas operações. Durante o sono, por vezes se perde o começo e o fim de um sonho, mas nos lembramos do meio. Um sonho não tem a menor relação com outro e, contudo, temos consciência de uma variedade infinita de sonhos que se sucederam, embora na maior parte do tempo não encontremos o seu fio, já que há entre eles diversidades e lacunas aparentes.

“Temos as mesmas analogias para crermos numa infinidade de *existências anteriores*, que entre si devem ter tido misteriosas relações. A existência humana pode ser encarada como o tipo de uma vida infinita e imortal, e sua composição sucessiva de sonos e de sonhos poderia certamente nos oferecer uma imagem aproximada da sucessão de nascimentos e de mortes de que é

composta a vida eterna. Não se pode mais negar que as nossas idéias provêm das sensações devidas aos nossos órgãos, como não se nega a relação que existe entre as verdades matemáticas e as fórmulas que as demonstram. Todavia, por si mesmos esses sinais não são fatos, assim como os órgãos não são o pensamento.

“A história inteira da alma apresenta o quadro de um desenvolvimento efetuado segundo uma certa lei; conservamos apenas a lembrança das mudanças que nos foram úteis. A criança esqueceu o que fazia no seio da mãe; logo não mais se lembrará dos sofrimentos e dos folguedos que constituíram os seus dois primeiros anos. Entretanto, vemos que alguns hábitos desta idade subsistem em nós durante a vida inteira; é com o auxílio dos órgãos materiais que o princípio pensante compõe o tesouro de seus pensamentos e as sensações de modificação com a transformação dos órgãos. Na velhice, o espírito embotado cai numa espécie de sono, donde despertará para uma nova existência.”

Não podendo pôr sob os olhos dos nossos leitores senão alguns breves fragmentos desta interessante publicação, terminaremos por uma teoria do perispírito, que se diria extraída das obras espíritas modernas. Eis em que termos se exprime *Sir Humphry Davy*, no diálogo *Imortalidade*, pág. 275 e seguintes:

“Tentar explicar de que maneira o corpo está unido ao pensamento, seria pura perda de tempo. Evidentemente, os nervos e o cérebro aí estão em íntima ligação; mas, em que relação? Eis o que é impossível definir. A julgar pela rapidez e pela variedade infinita dos fenômenos da percepção, parece extremamente provável que há no cérebro e nos nervos uma substância infinitamente mais sutil do que permitiram descobrir a observação e a experiência. Assim, pode-se supor que a união imediata do corpo com a alma, da matéria com o espírito se dá por intermédio de um corpo fluídico invisível, de uma espécie de elemento etéreo inacessível para os nossos sentidos, e que talvez represente para o

calor, para a luz e para eletricidade o que estes representam para o gás. O movimento é produzido mais facilmente pela matéria rarefeita, e todos sabem que agentes imponderáveis, tais como a eletricidade, derrubam as mais fortes construções. Não me parece improvável que alguma coisa do mecanismo refinado e indestrutível da faculdade pensante, adira, mesmo após a morte, ao princípio sensitivo. Porque, malgrado à destruição pela morte dos órgãos materiais, como os nervos e o cérebro, sem dúvida a alma pode conservar, indestrutivelmente, algo dessa natureza mais etérea. Às vezes eu penso que as faculdades chamadas instintivas pertencem a esta natureza requintada. A consciência parece ter uma fonte inacessível e permanecer em relação oculta com uma existência anterior.”

Estas as passagens que quisemos assinalar aos nossos leitores. *Sir* Humphry Davy foi um dos grandes apóstolos do progresso. O Espiritismo não poderia ter melhores auxiliares do que no testemunho indireto desses sábios ilustres que, pelo estudo da Natureza, chegaram à descoberta de novas verdades. Tais obras devem fazer parte, mercidamente, da biblioteca do Espiritismo, e devemos ser gratos ao Sr. Camille Flammarion por se ter imposto a tarefa de traduzir e comentar a obra notável de *Sir* Humphry Davy.

INSTRUÇÃO PRÁTICA SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS ESPÍRITAS, ESPECIALMENTE NOS CAMPOS

(Pelo Sr. C...) ²⁵

É com prazer que saudamos o aparecimento deste livro, porque nos parece fadado a prestar grandes serviços e preencher uma lacuna importante. Como aplicação especial, é um resumo dos mais essenciais princípios que devem presidir à organização dos grupos, para assegurar a sua vitalidade e os habilitar a produzir resultados satisfatórios.

25 Livraria Espírita, 7, rue de Lille. Paris, 1 vol. in-12. Preço: 1 fr.

O Sr. Allan Kardec, a quem o autor, espírita fervoroso e dedicado, havia confiado o seu manuscrito, o tinha em grande conta e se propunha a publicá-lo, simultaneamente com outros trabalhos da mesma natureza, infelizmente interrompidos com a sua morte, mas que, a despeito do atraso, não estão perdidos, esperamos, para os que souberam apreciar a eminente lógica, a clareza e a concisão do autor de *O Livro dos Espíritos*.

O autor consagrou-se particularmente a esclarecer e a tornar útil a propagação do Espiritismo nos campos. A modéstia de suas opiniões não impede que esta obra possa ser de incontestável utilidade, mesmo nas grandes cidades e nos grupos já organizados.

Com efeito, o que falta muitas vezes, não só nos campos, mas, também, a um certo número dos nossos irmãos em crença que habitam as cidades – não devemos temer dizê-lo – é o espírito de organização e de método, sem o qual as melhores intenções se tornam improdutivas. Imagina-se geralmente que, para instruir a si mesmo e fazer prosélitos, é absolutamente necessário que haja médiuns e se obtenham manifestações. É um erro. Podemos mesmo dizer, e isto é resultado da experiência, que, para a maior parte dos que não se prepararam pelo estudo das obras e pelo raciocínio, as manifestações geralmente têm pouco peso; quanto mais extraordinárias, mais encontram oposição, porque se é levado naturalmente a duvidar de algo que não tem uma sanção racional. Cada um o encara do seu ponto de vista, e o cepticismo, de um lado, a ignorância e a superstição de outro, fazem ver as causas sob uma falsa luz, ao passo que uma explicação prévia tem por efeito combater as idéias preconcebidas e demonstrar, se não a realidade, pelo menos a possibilidade dos fenômenos. Compreende-se antes de ter visto e, desde então, a convicção está assegurada em três quartos dos casos. Nem sempre é útil forçar as convicções. Muitas vezes é preferível agir com discrição e deixar à Providência o cuidado de preparar as circunstâncias favoráveis. O número de homens de boa vontade é maior do que se pensa e seu

exemplo, multiplicando-se, produzirá mais efeito do que as palavras.

O Sr. C... examina essas questões com tanta lógica quanto clareza, bem como os meios que devem ser empregados para combater as causas de divisões que podem surgir entre os membros de um mesmo grupo. Por isso, estamos persuadidos de que essas instruções serão fecundas em resultados satisfatórios, se cada um se fixar em lhe assimilar o espírito e a pôr em prática os seus preceitos. Devemos ao autor agradecimentos e felicitações por esta publicação que, certamente, encontrará seu lugar na biblioteca de todos os que desejarem cooperar ativamente para o desenvolvimento da filosofia espírita.

À Venda em 1^o de junho de 1869

(Livraria Espírita, 7, rue de Lille)

Révélation – Nova edição da brochura *Révélation*, da qual já se venderam mais de dez mil exemplares. – Brochura in-18, 15 c.; vinte exemplares, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 60 c.

O Livro dos Médiuns – Décima primeira edição de *O Livro dos Médiuns* (parte experimental), guia dos médiuns e dos evocadores, contendo a teoria de todos os gêneros de manifestações; 1 vol. in-12, preço: 3 fr. 50.

O Céu e o Inferno – Quarta edição de *O Céu e o Inferno*, ou a justiça divina segundo o Espiritismo, contendo numerosos exemplos sobre a situação dos Espíritos no mundo espiritual e na Terra; 1 vol. in-12, preço: 3 fr. 50.

Observação – A parte doutrinária desta nova edição, inteiramente revista e corrigida por Allan Kardec, sofreu

importantes modificações. Alguns capítulos foram inteiramente refundidos e consideravelmente aumentados.

Lúmen – (No prelo), por C. Flammarion. Este interessante trabalho, cuja primeira parte foi inserida na *Revue du XIX^e siècle*, hoje completada por importantes adições, será publicada brevemente em um volume. (*Revista Espírita* de março e maio de 1867.)

Aviso Importante

História de Joana d'Arc, ditada por ela mesma à Srta. Ermance Dufaux. Um vol. in-12. Preço: 3 fr.; *franco*, 3 fr. 30 c.

Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que acabamos de descobrir uma centena de volumes desta interessante obra, há muito considerada como inteiramente esgotada. Aqueles assinantes nossos, que em vão procuraram adquiri-la, já poderão obtê-la, dirigindo-se, para tanto, ao Sr. Bittard, gerente da *Livraria Espírita*, 7, rue de Lille.

Pelo Comitê de Redação
A. Desliens – *Secretário-gerente*

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

AGOSTO DE 1869

Nº 8

Teoria da Beleza

(OBRAS PÓSTUMAS)²⁶

Será a beleza coisa convencional e relativa a cada tipo? O que, para certos povos, constitui a beleza, não será, para outros, horrenda fealdade? Os negros se consideram mais belos que os brancos e *vice-versa*. Nesse conflito de gostos, haverá uma beleza absoluta? Em que consiste ela? Somos, realmente, mais belos do que os hotentotes e os cafres? Por quê?

Esta questão que, à primeira vista, parece estranha ao objeto dos nossos estudos, a eles, no entanto, se prende de modo direto e entende com o futuro mesmo da Humanidade. Ela nos foi sugerida, assim como a sua solução, pela seguinte passagem de um livro muito interessante e muito instrutivo, intitulado: *As Revoluções Inevitáveis no Globo e na Humanidade*, de Charles Richard.²⁷

O autor combate a opinião dos que sustentam a degenerescência física do homem, desde os tempos primitivos;

²⁶ Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 533.

²⁷ Um vol. in-12, Paris Pagnerre; preço: 2 fr. 50; franco 2 fr. 75, Livraria Espírita, 7, rue de Lille.

refuta vitoriosamente a crença na existência de uma primitiva raça de gigantes e empreende provar que, do ponto de vista físico e do talhe, os homens de hoje valem os antigos, se é que não os ultrapassam.

Tratando da beleza das formas, exprime-se ele assim, nas páginas 41 e seguintes:

“Pelo que toca à beleza do rosto, à graça da fisionomia, ao conjunto que constitui a estética do corpo, ainda é mais fácil de comprovar-se a melhoria operada.

“Basta, para isso, que se lance um olhar sobre os tipos que as medalhas e as estátuas antigas nos transmitiram intactas através dos séculos.

“A iconografia de Visconti e o museu do Conde de Clarol são, entre muitas outras, duas fontes donde com facilidade se podem tirar variados elementos para este interessante estudo.

“O que mais solicita a atenção nesse conjunto de figuras é a rudeza dos traços, a *animalidade da expressão, a crueza do olhar*. O observador sente, com involuntário frêmito, que tem diante de si gente que o cortaria em pedaços, para dá-los de comer às suas moréias, como o fazia Polion, rico apreciador de boas iguarias, cidadão de Roma e familiar de Augusto.

“O primeiro Brutus (Lucius Junius), o que mandou cortar a cabeça a seus filhos e assistiu a sangue-frio ao suplício de ambos, assemelha-se a uma fera. Seu perfil sinistro tem da água e do mocho o que esses dois carneiros do ar apresentam de mais feroz. Vendo-o, ninguém pode duvidar de que haja merecido a ignominiosa honra que a História lhe conferiu. Assim como matou os dois filhos, também teria estrangulado a própria mãe, pelo mesmo motivo.

“O segundo Brutus (Marcus), que apunhalou César, seu pai adotivo, precisamente na hora em que este mais contava com o seu reconhecimento e o seu amor, lembra, pelos traços, um asno fanático; não mostra, sequer, a beleza sinistra que o artista descobre muitas vezes, essa energia extremada que impele ao crime.

“Cícero, o orador brilhante, escritor espiritual profundo, que deixou tão grande recordação da sua passagem por este mundo, tem um rosto acachapado e vulgar, que certamente tornava muito menos agradável vê-lo, do que ouvi-lo.

“Júlio César, o grande, o incomparável vencedor, o herói dos massacres, que deu entrada no reino das sombras com um cortejo de dois milhões de almas por ele previamente despachadas para lá, era tão feio como o seu predecessor, mas de outro gênero. Seu rosto magro e ossudo, posto sobre um pescoço comprido e enfeado por um “gogó” saliente, parecia-se mais com um grande Gilles do que com um grande guerreiro.

“Galba, Vespasiano, Nerva, Caracala, Alexandre Severo, Balbino, não eram apenas feios, mas horrendos. É com dificuldade que, nesse museu dos antigos tipos da nossa espécie, o observador logra descobrir, aqui ou ali, algumas figuras que possam merecer um olhar de simpatia.

“As de Cipião o Africano, de Pompeu, de Cômodo, de Heliogábulo, de Antínoo o pequeno de Adriano, são desse reduzido número. Sem serem belos, no sentido moderno da palavra, essas figuras são, entretanto, regulares e de agradável aspecto.

“As mulheres não são melhor tratadas do que os homens e dão ensejo às mesmas notas. Lívia, filha de Augusto, tem o perfil pontudo de uma fuinha; Agripina faz medo e Messalina, como que para desconcertar a Cabanis e Lavater, parece uma

gordanchuda serviçal, mais amante de sopas suculentas, do que de outra coisa.

“Os gregos, é preciso dizê-lo, são, em geral, menos mal talhados que os romanos. As figuras de Temístocles e de Milcíades, entre outros, podem comparar-se aos mais belos tipos modernos. Mas Alcebíades, o avô longínquo dos nossos Richelieu e dos nossos Lauzun, cujas façanhas galantes, por si sós, enchem a crônica de Atenas, tinha, como Messalina, muito pouco do físico que corresponderia às suas atividades. Ao ver-lhe os traços solenes e a fronte grave, quem quer que seja o tomara antes por um jurisconsulto agarrado a um texto de lei, do que pelo audacioso conquistador, que foi, de mulheres, que se fazia exilar em Esparta, unicamente para *enganar* o pobre rei Agis e, depois, vangloriar-se de ter sido amante de uma rainha.

“Sem embargo da pequena vantagem que, quanto a esse ponto, se possa conceder aos gregos sobre os romanos, quem se der ao trabalho de comparar esses velhos tipos com os do nosso tempo, reconhecerá sem esforço que nesse sentido, como em todos os outros, houve progresso. Apenas, convém não esquecer, nessa comparação, que aqui se trata de classes privilegiadas, sempre mais belas do que as outras e que, por conseguinte, os tipos modernos que se hajam de contrapor aos antigos deverão ser escolhidos nos salões e não nas pocilgas. É que a pobreza, ah! em todos os tempos e sob todos os aspectos, jamais foi bela e não o é, precisamente, para nos envergonhar e forçar-nos a um dia nos libertarmos dela.

“Não quero, pois, dizer, longe disso, que a fealdade haja desaparecido inteiramente das nossas frentes e que a marca divina se acha afinal posta em todas as máscaras que velam uma alma. Longe de mim avançar uma afirmação que muito facilmente poderia ser contestada por toda gente. A minha pretensão se limita a verificar que, num período de dois mil anos, *coisa tão pouca para uma humanidade que tanto tem de viver*, a fisionomia da espécie melhorou de maneira já sensível.

“Creio, além disso, que as mais belas figuras da antiguidade são inferiores às que podemos diariamente admirar em nossas reuniões públicas, em nossas festas e até no trânsito das ruas. Se não fosse o receio de ofender certas modéstias e também o de excitar certos ciúmes, confirmaria a evidência do fato com algumas centenas de exemplos conhecidos de todos, no mundo contemporâneo.

“Os oradores do passado enchem constantemente a boca com a famosa Vênus de Médicis, que lhes parece o ideal da beleza feminina, sem se aperceberem de que essa mesma Vênus passeia todos os domingos pelas avenidas de Arles, em mais de cinquenta exemplares, e poucas serão as nossas cidades, sobretudo no Sul, que não possuam algumas...

“...Em tudo o que acabamos de dizer, limitamo-nos a comparar o nosso tipo atual com o dos povos que nos precederam de apenas alguns milhares de anos. Se, porém, remontarmos mais longe através das idades, penetrando nas camadas terrestres onde dormem os despojos das primeiras raças que habitaram o nosso globo, a vantagem a nosso favor se tornará de tal modo sensível que qualquer negação a esse propósito se desvanecerá por si mesma.

“Sob aquela influência teológica que deteve Copérnico e Tycho Brahe, que perseguiu Galileu e que, nestes tempos mais próximos, obscureceu por um instante o gênio do próprio Cuvier, a Ciência hesitava em sondar os mistérios das épocas antediluvianas. A narrativa bíblica, admitida ao pé da letra, no mais estreito sentido, parecia haver dito a última palavra acerca da nossa origem e dos séculos que nos separam dela. Mas, a verdade, impiedosa nos seus acréscimos, acabou rompendo a veste de ferro em que a queriam aprisionar para sempre e pondo a nu formas até então ocultas.

“O homem que vivia, antes do dilúvio, em companhia dos mastodontes, do urso das cavernas e de outros grandes mamíferos hoje desaparecidos, o homem fóssil, numa palavra, por tão longo tempo negado, foi encontrado afinal, ficando fora de dúvida a sua existência. Os recentes trabalhos dos geólogos, particularmente os de Boucher de Perthes²⁸, de Filippi e de Lyell, permitem se apreciem os caracteres físicos desse venerável avô do gênero humano. Ora, a despeito dos contos imaginados pelos poetas sobre a beleza originária; malgrado o respeito que lhe é devido, como chefe antigo da nossa raça, a Ciência é obrigada a atestar que ele era de prodigiosa fealdade.

“Seu ângulo facial não passava de 70°; suas mandíbulas, de considerável volume, eram armadas de dentes longos e salientes; tinha fugidia a fronte e as têmporas achatadas, o nariz esborrachado, largas as narinas. Em resumo, esse venerável pai devia assemelhar-se bem mais a um orangotango, do que aos seus afastados filhos de hoje; a tal ponto que, se não lhe houvessem achado ao lado as achas de sílex que fabricara e, em alguns casos, animais que ainda apresentavam traços das feridas causadas por essas armas informes, fora de duvidar-se do papel que ele desempenhava na nossa filiação terrestre. Não somente sabia fabricar achas de sílex, como também clavas e pontas de dardos, da mesma matéria.

“A galantaria antediluviana chegava mesmo a confeccionar braceletes e colares de pedrinhas arredondadas para adorno, naqueles tempos longínquos, dos braços e pescoços do sexo encantador, que depois se tornou muito mais exigente, como todos podem testemunhar.

“Não sei o que a respeito pensarão as elegantes dos nossos dias, cujas espáduas cintilam de diamantes; quanto a mim,

28 Vejam-se as duas obras sábias de Boucher de Perthes: *Do homem antediluviano e de suas obras*, brochura in-4, 2 fr. 25, e *Dos utensílios de pedra*, brochura in-8, 1 fr. 50; *franco*, 1 fr. 75. Paris, Livraria Espírita.

confesso-o, não me posso forrar a uma emoção profunda, ao pensar nesse primeiro esforço que o homem, *mal diferenciado do bruto*, fez para agradar à sua companheira, pobre e nua como ele, no seio de uma natureza inóspita, sobre a qual a sua raça há de reinar um dia. Oh! distanciados avós! se já sabíeis amar, com as vossas faces rudimentares, como poderíamos nós duvidar da vossa paternidade, ante esse sinal divino da nossa espécie?

“É, pois, manifesto que aqueles humanos informes são nossos pais, uma vez que nos deixaram traços da sua inteligência e do seu amor, atributos essenciais que nos separam da besta. Podemos, então, examinando-os atentamente, despojados das aluviões que os cobrem, medir, como a compasso, o progresso físico que a nossa espécie realizou, desde o seu aparecimento na Terra. Ora, esse progresso, que, faz pouco, podia ser contestado pelo espírito de sistema e pelos prejuízos de educação, assume tal evidência que não há mais como deixar de o reconhecer e proclamar.

“Alguns milhares de anos podiam permitir dúvidas, algumas centenas de séculos as dissipam irrevogavelmente...

“...Quão jovens e recentes somos em todas as coisas! Ainda ignoramos o nosso lugar e o nosso caminho na imensidade do Universo e ousamos negar progressos que, por falta de tempo, ainda não puderam ser reconhecidos. Crianças que somos, tenhamos um pouco de paciência e os séculos, aproximando-nos da meta, nos revelarão esplendores que, no seu afastamento, escapam aos nossos olhos apenas entreabertos.

“Mas, desde já, proclamemos em altas vozes, pois que a Ciência no-lo permite, o fato capital e consolador do progresso lento, mas seguro, do nosso tipo físico, rumo a esse ideal que os grandes artistas entreviram, graças às inspirações que o céu lhes envia, revelando-lhes seus segredos. O ideal não é produto ilusório

da imaginação, um sonho fugitivo destinado a dar, de tempos a tempos, compensação às nossas misérias. É um fim assinado por Deus aos nossos aperfeiçoamentos, fim infinito, porque só o infinito, em todos os casos, pode satisfazer ao nosso espírito e oferecer-lhe uma carreira digna dele.”

Destas judiciosas observações, resulta que a forma dos corpos se modificou *em sentido determinado* e segundo uma lei, à medida que o ser moral se desenvolveu; que a forma exterior está em relação constante com o instinto e os apetites do ser moral; que, quanto mais seus instintos se aproximam da animalidade, tanto mais a forma igualmente dela se aproxima; enfim, que, à medida que os instintos materiais se depuram e dão lugar a sentimentos morais, o envoltório material, que já não se destina à satisfação de necessidades grosseiras, toma formas cada vez menos pesadas, mais delicadas, de harmonia com a elevação e a delicadeza das idéias. A perfeição da forma é, assim, consequência da perfeição do Espírito: donde se pode concluir que o ideal da forma há de ser a que revestem os Espíritos em estado de pureza, a com que sonham os poetas e os verdadeiros artistas, porque penetram, pelo pensamento, nos mundos superiores.

Diz-se, de há muito, que o semblante é o espelho da alma. Esta verdade, que se tornou axioma, explica o fato vulgar de desaparecerem certas fealdades sob o reflexo das qualidades morais do Espírito e o de, muito amiúde, se preferir uma pessoa feia, dotada de eminentes qualidades, a outra que apenas possui a beleza plástica. É que semelhante fealdade consiste unicamente em irregularidades de forma, mas sem excluir a finura dos traços, necessária à expressão dos sentimentos delicados.

Do que precede se pode concluir que a beleza real consiste na forma que mais afastada se apresenta da animalidade e que melhor reflete a superioridade intelectual e moral do Espírito, que é o ser principal. Influindo o moral, como influi, sobre o físico,

que ele apropria às suas necessidades físicas e morais, segue-se: 1^a que o tipo da beleza consiste na forma mais própria à expressão das mais altas qualidades morais e intelectuais; 2^a que, à medida que o homem se elevar moralmente, seu envoltório se irá avizinando do ideal da beleza, que é a beleza angélica.

O negro pode ser belo para o negro, como um gato é belo para um gato; mas, não é belo em sentido absoluto, porque seus traços grosseiros, seus lábios espessos acusam a materialidade dos instintos; podem exprimir as paixões violentas, mas não podem prestar-se a evidenciar os delicados matizes do sentimento, nem as modulações de um espírito fino.²⁹

29 Nota da Editora: Na formulação dos princípios que integram o alicerce da Doutrina Espírita, Allan Kardec adotou os critérios da *universalidade* e da *concordância* ao avaliar o ensino dos Espíritos, agindo como árbitro imparcial, sóbrio, que não poupa esforços para escoimar das imperfeições humanas os fundamentos do Espiritismo.

Convencido do caráter progressivo da Doutrina Espírita, bem como da inexorabilidade da “Lei do Progresso” (*O Livro dos Espíritos*, Livro Terceiro, Cap. VIII), o Codificador buscou dotar o Espiritismo de meios eficazes para o seu aperfeiçoamento, capazes de proporcionar o esclarecimento e o aprofundamento de questões tratadas apenas de forma sintética nas obras básicas. Para tanto, editou a *Revista Espírita*, publicada sob sua responsabilidade direta até desencarnar, em 1869, quando, então, ela passou a ser administrada pelos seus continuadores. Visando àquele objetivo, Allan Kardec transformou-a numa espécie de tribuna livre, por meio da qual sondava a reação dos homens e a impressão dos Espíritos acerca de determinados assuntos, ainda hipotéticos ou mal compreendidos, enquanto lhes aguardava a confirmação. Funcionando como terreno de ensaio, a *Revista Espírita* lhe permitia discutir alguns princípios, muitos deles sob a forma de esboços mais ou menos desenvolvidos, antes de os admitir como partes constitutivas da Doutrina.

Absolutamente convencido, no entanto, de que assuntos novos não deveriam ser introduzidos levemente no contexto doutrinário, nem com precipitação, o Codificador evitava publicar matérias que julgava inoportunas ou prematuras, mesmo as instruções dadas pelos Espíritos, sobre pontos ainda não elucidados, esperando o momento adequado para trazê-las ao público geral.

Allan Kardec guardava em sua residência diversos manuscritos, que só vieram à luz após a sua desencarnação. Entre esses escritos havia material fragmentário, ensaios, verdadeiros esboços, aguardando,

Daí o podermos, sem fatuidade, creio, dizer-nos mais belos do que os negros e os hotentotes. Mas, também pode ser que, para as gerações futuras, melhoradas, sejamos o que são os hotentotes com relação a nós. E quem sabe se, quando encontrarem os nossos fósseis, elas não os tomarão pelos de alguma espécie de animais.

Lido que foi na Sociedade de Paris, este artigo se tornou objeto de grande número de comunicações, apresentando todas as mesmas conclusões. Transcreveremos apenas as duas seguintes, por serem as mais desenvolvidas:

(Paris, 4 de fevereiro de 1869 – Médium: Sra. Malet)

Ponderastes com acerto que a fonte primária de toda bondade e de toda inteligência é também a fonte de toda beleza. –

possivelmente, mais ampla revisão, e que não tinham sido publicados pelo Codificador. O artigo “Teoria da Beleza”, que compõe esse acervo, esboçado por Kardec, fazia parte, por certo, desse material privado, reservado, ainda sob análise e observação, material que o Codificador julgou conveniente não publicar, seguramente, entre outras razões, por não estar convencido de que retratasse uma verdade.

Todavia, esse acervo foi entregue aos seus continuadores, que houveram por bem reproduzi-lo parcialmente na *Revista Espírita*, a contar do mês de maio de 1869, antes de o publicarem integralmente em volume à parte, sob o título de *Obras Póstumas*, em 1890.

Feitas essas considerações, pode-se concluir que, além de se tratar de simples ensaio, de mero esboço, esse material não chegou a ser submetido ao critério da *universalidade* e da *concordância*. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, “Introdução”, item II: Controle universal do ensino dos Espíritos.) É razoável, portanto, admitir-se que o Codificador tenha optado por não os publicar, aguardando o indispensável amadurecimento do assunto e o eventual aprimoramento e correção do texto. Não obstante, é possível que os seus continuadores, na busca de textos para alimentarem as sucessivas edições da *Revista Espírita*, não se tenham apercebido da profundidade dos critérios adotados por Allan Kardec na publicação de seus trabalhos, a despeito dos nobres propósitos que os norteavam, quais sejam os de dar continuidade ao trabalho encetado pelo Codificador.

Finalmente, ao não lhes dar publicidade, quando encarnado, mais uma vez se patenteia o bom senso, a lógica, o zelo, a prudência e a humildade de Allan Kardec. Assim, é com senso crítico, madureza e serenidade que nos cabe analisar o assunto que acabamos de abordar.

O amor gera a beleza de todas as coisas, sendo, ele próprio, a perfeição. — O Espírito tem por dever adquirir essa perfeição, que é a sua essência e o seu destino. Ele tem que se aproximar, por seu trabalho, da inteligência soberana e da bondade infinita; tem, pois, também que revestir a forma cada vez mais perfeita, que caracteriza os seres perfeitos.

Se, nas vossas sociedades infelizes, no vosso globo ainda mal equilibrado, a espécie humana está tão longe dessa beleza física, é porque a beleza moral ainda está em começo de desenvolvimento. A conexão entre essas duas belezas é fato certo, lógico e do qual já neste mundo a alma tem a intuição. Com efeito, sabeis todos quão penoso é o aspecto de uma encantadora fisionomia, cujo encanto, porém, o caráter desmente. Se ouvís falar de uma pessoa de mérito comprovado, logo lhe atribuíis os mais simpáticos traços e ficais dolorosamente impressionados, quando verificais que a realidade desmente as vossas previsões.

Que concluir daí, senão que, como todas as coisas que o futuro guarda de reserva, a alma tem a presciência da beleza, à medida que a Humanidade progride e se aproxima do seu tipo divino. Não busqueis tirar, da aparente decadência em que se acha a raça mais adiantada deste globo, argumentos contrários a essa afirmação. Sim, é verdade que a espécie parece degenerar, abastardar-se; sobre vós se abatem as enfermidades antes da velhice; mesmo a infância sofre as moléstias que habitualmente só se manifestam noutra idade da vida. É isso, no entanto, simples transição. A vossa época é má; ela acaba e gera: acaba um período doloroso e gera uma época de regeneração física, de adiantamento moral, de progresso intelectual. A nova raça, de que já falei, terá mais faculdades, mais recursos para os serviços do espírito; será maior, mais forte, mais bela. Desde o princípio, por-se-á de harmonia com as riquezas da Criação que a vossa raça, descuidosa e fatigada, desdenha ou ignora. Ter-lhes-eis feito grandes coisas, das quais ela aproveitará, avançando pela estrada das descobertas e

dos aperfeiçoamentos, com um ardor febril cujo poder desconheceis.

Mais adiantados também em bondade, os vossos descendentes farão desta infeliz terra o que não haveis sabido fazer: um mundo ditoso, onde o pobre não será repellido, nem desprezado, mas socorrido por vastas e liberais instituições. Já desponta a aurora dessas idéias; chega-nos, por momentos, a claridade delas.

Amigos, eis afinal o dia em que a luz brilhará na Terra obscura e miserável, em que a raça será boa e bela, de acordo com o grau de adiantamento que haja alcançado, em que o sinal posto na frente do homem já não será o da reprovação, mas um sinal de alegria e de esperança. Então, os Espíritos adiantados virão, em multidões, tomar lugar entre os colonos deste globo; estarão em maioria e tudo lhes cederá ao passo. Far-se-á a renovação e a face do globo será mudada, porquanto essa raça será grande e poderosa e o momento em que ela vier assinalará o começo dos tempos venturosos.

Pamphile

(Paris, 4 de fevereiro de 1869)

A beleza, do ponto de vista puramente humano, é uma questão muito discutível e muito discutida. Para a apreciarmos bem, precisamos estudá-la como amator desinteressado. Aquele que estiver sob o encantamento não pode ter voz no capítulo. Também entra em linha de conta o gosto de cada um, nas apreciações que se fazem.

Belo, realmente belo só é o que o é sempre e para todos; e essa beleza eterna, infinita, é a manifestação divina em seus aspectos incessantemente variados; é Deus em suas obras e nas suas leis! Eis aí a única beleza absoluta. É a harmonia das

harmonias e tem direito ao título de absoluta, porque nada de mais belo se pode conceber.

Quanto ao que se convencionou chamar belo e que é verdadeiramente digno desse título, não deve ser considerado senão como coisa essencialmente relativa, porquanto sempre se pode conceber alguma coisa mais bela, mais perfeita. Somente uma beleza existe e uma única perfeição: Deus. Fora dele, tudo o que adornarmos com esses atributos não passa de pálido reflexo do belo único, de um aspecto harmonioso das mil e uma harmonias da Criação.

Há tantas harmonias, quantos objetos criados, quantas belezas típicas, por conseguinte, determinando o ponto culminante da perfeição que qualquer das subdivisões do elemento animado pode alcançar. – A pedra é bela e bela de modos diversos. – Cada espécie mineral tem suas harmonias e o elemento que reúne todas as harmonias da espécie possui a maior soma de beleza que a espécie possa alcançar.

A flor tem suas harmonias; também ela pode possuí-las todas ou insuladamente e ser diferentemente bela, mas somente será bela quando as harmonias que concorrem para a sua criação se acharem harmonicamente fusionadas. – Dois tipos de beleza podem produzir, por fusão, um ser híbrido, informe, de aspecto repulsivo. – Há então cacofonia! Todas as vibrações, insuladamente, eram harmônicas, mas a diferença de tonalidade entre elas produziu um desacordo, ao encontrarem-se as ondas vibrantes; *daí o monstro!*

Descendo a escala criada, cada tipo animal dá lugar às mesmas observações e a ferocidade, a manha, até a inveja poderão dar origem a belezas especiais, se estiver sem mistura o princípio que determina a forma. A harmonia, mesmo no mal, produz o

belo. Há o belo satânico e o belo angélico; a beleza enérgica e a beleza resignada.

Cada sentimento, cada feixe de sentimentos, contanto que seja harmônico, produz um particular tipo de beleza, cujos aspectos humanos são todos, não degenerescências, mas esboços. É, pois, certo dizermos, não que somos mais belos, porém que nos aproximamos cada vez mais da beleza real, à medida que nos elevamos para a perfeição.

Todos os tipos se unem harmonicamente no perfeito. Daí o ser este o belo absoluto. – Nós que progredimos possuímos apenas uma beleza relativa, debilitada e combatida pelos elementos desarmônicos da nossa natureza.

Lavater

Allan Kardec

Aos Espíritas

CONSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE ANÔNIMA SEM FINS LUCRATIVOS E DE CAPITAL VARIÁVEL DA CAIXA GERAL E CENTRAL DO ESPIRITISMO³⁰

Quando a morte feria tão cruelmente a grande família espírita na pessoa de seu chefe venerado, todos nós perdíamos um guia eminente e devotado, consagrando na prática os princípios tão sábia e solidamente elaborados durante quinze anos de assíduo trabalho. A Sra. Allan Kardec perdia ainda mais, porque era privada inopinadamente do companheiro de toda a sua vida, do amigo

³⁰ O ato da Sociedade, de 3 de julho de 1869, acha-se anexado à declaração feita em 22 do mesmo mês, perante um tabelião de Paris, na qual consta que o capital social de fundação está inteiramente subscrito e liberado.

dedicado a quem devia toda a sua felicidade. Ferida em suas mais caras afeições, por certo nada podia preencher o imenso vazio cavado ao seu lado pela partida do mestre; mas, se havia alguma coisa capaz de fortalecer sua coragem e suavizar as amarguras de sua saudade, era, com toda certeza, as inúmeras e calorosas marcas de simpatia que lhe foram dadas por todos os espíritas, da França e do estrangeiro, e que a tocaram profundamente.

Na impossibilidade material de responder a todos, mais uma vez ela nos encarrega de lhes transmitir aqui a expressão de seu vivo reconhecimento e de toda a sua gratidão.

Os testemunhos de que foi objeto são, para ela, estímulos poderosos e bem doces compensações, e que lhe ajudam a suportar as dificuldades e as fadigas de toda natureza, inseparáveis da pesada tarefa a que se impôs. Ninguém duvida de que, se ela só tivesse dado ouvidos aos seus interesses pessoais, poderia facilmente garantir a sua tranqüilidade e o seu repouso, deixando as coisas seguir por si mesmas e se mantendo à margem; mas, colocando-se de um ponto de vista mais elevado e, aliás, guiada pela certeza de que podia contar com o Sr. Allan Kardec, para continuar a via traçada, a obra moralizadora que foi o objeto de toda a sua solícitude durante os últimos anos de sua vida, ela não hesitou um só instante. Profundamente convicta da verdade dos ensinamentos espíritas, não poderia, diz ela, melhor empregar o tempo que ainda deve passar na Terra, antes de reunir-se no espaço com o coordenador por excelência da nossa consoladora filosofia, senão assegurando a vitalidade do Espiritismo no futuro.

Aliás, nas circunstâncias atuais, é evidente que lhe cabe, mais do que a qualquer outro, realizar material e moralmente, na medida do possível, os planos do Sr. Allan Kardec, pois só ela dispõe dos elementos indispensáveis para determinar solidamente as suas bases constitutivas.

Aos que se admirassem da aparente lentidão com que foram elaborados os seus planos, lembraríamos que a Sra. Allan Kardec teve que suportar as numerosas formalidades a que dão lugar as sucessões; que devia, assim como seus conselheiros, estudar com cuidado o *espírito* desses planos e se prender especialmente à execução das partes atualmente praticáveis, contando com o futuro para a sua realização integral, à medida que surgissem novas necessidades. Deixamos à apreciação de todos que têm o hábito dos negócios, a atividade real que ela precisou desdobrar para, em meio a dificuldades de toda ordem, elaborar um projeto que o Sr. Allan Kardec tencionava executar ao longo do tempo, com recursos intelectuais que nenhum de nós poderia dispor.

Decidida a agir, a Sra. Allan Kardec apressou-se em comunicar suas idéias a vários espíritas de Paris e da província, escolhidos entre os mais conceituados em Espiritismo, por seus atos e por seus dons, ou que tinham sido designados especialmente pelo Sr. Allan Kardec para o auxiliarem em seu *trabalho quotidiano*, a fim de constituírem a organização primitiva que ele desejara fundar pessoalmente.

É esta decisão, tomada em conjunto com aqueles senhores, que a Sra. Allan Kardec vem hoje tornar pública aos espíritas.

Após madura e séria deliberação, foi decidido que era mais urgente formar uma base de associação comercial, como o único meio legal possível para se conseguir fundar qualquer coisa durável.

Em conseqüência, ela estabeleceu, com o concurso de seis outros espíritas, uma sociedade anônima de capital variável, com duração de 99 anos, em conformidade com as previsões do Sr. Allan Kardec, que há pouco se exprimia a respeito, nos seguintes

termos (*Revista* de dezembro de 1868): “Para dar a esta instituição uma existência legal, ao abrigo de toda contestação, dar-lhe, além disso, o direito de adquirir, receber e possuir, ela será constituída, *se for julgado necessário*, por ato autêntico, sob forma de sociedade comercial anônima, por noventa e nove anos, prorrogável indefinidamente, com todas as estipulações necessárias para que jamais possa afastar-se de seu objetivo, e que os fundos não possam ser desviados de sua destinação.”

“Pág. 390. – A administração pode, no começo, organizar-se em menor escala; o número de membros da comissão poderá ser limitado provisoriamente a cinco ou seis, o pessoal e os gastos administrativos reduzidos ao mínimo possível, salvo para proporcionar o desenvolvimento pelo acréscimo dos recursos e das necessidades da causa.”

Se a Sra. Allan Kardec não propôs a um maior número de espíritas a fundação desta Sociedade, foi porque, salvo as razões enunciadas acima, a lei exige formalidades que implicam em deslocamentos e negociações sem número que, certamente, teriam retardado por longo tempo a sua constituição definitiva. Ela está certa de que, mais tarde, inúmeras adesões virão concorrer para a obra. Antes de tudo, era preciso estabelecer um centro de ligação, onde se pudessem reunir os recursos intelectuais e materiais espalhados no mundo inteiro. Estabelecido este centro, cabe aos que lhe compreenderem a urgência, e cujo ativo devotamento aos nossos princípios não pode ser posto em dúvida, assegurar o seu concurso em bases sólidas e indestrutíveis.

Estamos felizes por constatar que, longe dos milhões que teria adquirido com o Espiritismo, como tantas vezes o acusaram, foi com os seus próprios recursos, com o fruto dos seus labores e das suas vigílias, que o Sr. Allan Kardec proveu à maior parte das necessidades materiais de implantação do Espiritismo. A isso consagrou inteiramente o produto de suas obras, que,

certamente, poderia dispor como justa remuneração por seus trabalhos, embora não desviasse nenhuma parcela em seu proveito pessoal. Os que o ajudaram a propagar as suas obras também contribuíram, indiretamente, para o desenvolvimento da Doutrina, já que o seu produto interessa ao Espiritismo, e não a um indivíduo.

Animada dos mesmos sentimentos e querendo concorrer pessoalmente para a obra, a Sra. Allan Kardec virá, por suas últimas disposições, aumentar ainda mais os recursos do fundo comum. Assim, ela terá dado nobremente o exemplo, cumprindo seu dever de espírita devotada e feliz por satisfazer aos desejos daquele cujos trabalhos e dificuldades ela compartilhou.

Com o fito de satisfazer ao legítimo desejo dos nossos leitores, julgamos um dever publicar na *Revista* diversos extratos do ato da Sociedade, visando, sobretudo, a tornar explícitas as cláusulas de interesse geral, de modo a não lhes deixar nenhuma dúvida quanto ao objetivo e à estabilidade da Sociedade.

Objetivo – Denominação – Duração – Sede da Sociedade

A Sociedade Anônima tem por objetivo tornar conhecido o Espiritismo por todos os meios autorizados pelas leis. Tem por base a continuação da *Revista Espírita*, fundada pelo Sr. Allan Kardec, a publicação das obras deste último, aí inclusas as suas obras póstumas e todas as obras que tratam do Espiritismo.

Ela toma a denominação de: *Sociedade Anônima sem fins lucrativos e de capital variável da Caixa Geral e Central do Espiritismo*.

A duração da Sociedade é fixada em noventa e nove anos, a contar de sua constituição definitiva, que deve ocorrer no corrente mês de agosto.

Atualmente a sede da Sociedade é: 7, rue de Lille.

O fundo social, capital de fundação, é fixado em 40.000 francos. É susceptível de aumento, notadamente pela admissão de novos societários.

Esse capital, inteiramente subscrito a partir de hoje, está dividido em quarenta partes de 1000 francos cada uma.

A lei autoriza o aumento de capital na proporção de 200.000 francos por ano.

Em nenhum caso o fundo social poderá ser diminuído pela retomada total ou parcial das contribuições efetuadas.

Cada parte é indivisível, não reconhecendo a Sociedade senão um proprietário para cada uma delas.

Administração da Sociedade

A Sociedade é administrada por uma comissão de três membros, *no mínimo*, nomeados pela assembléia-geral dos associados e escolhidos entre estes.

Os administradores devem ser proprietários, durante toda a duração de seu mandato, de pelo menos duas cotas partes, oferecidas como garantia de sua gestão e inalienáveis até a apuração final de suas contas.

A comissão é nomeada por seis anos, revogável pela assembléia-geral e reelegível indefinidamente.

Os administradores terão um honorário fixo de 2.400 francos por ano, e uma parte nos benefícios.

Esta parte de benefícios, mais o honorário fixo, jamais devem exceder a 4.000 francos.

Dos comissários-fiscais

Anualmente é nomeada uma comissão de fiscais de *no mínimo* dois membros, entre os associados ou fora destes.

Eles comparecerão à sede social sempre que julgarem conveniente, tomando notas dos livros e dedicando-se ao exame das operações da Sociedade.

Eles convocam a assembléia-geral em caso de urgência. Os recrutados fora da Sociedade têm voz deliberativa, exercendo, numa palavra, a fiscalização e fazendo os contatos determinados por lei com a assembléia-geral.

Das assembléias-gerais

A assembléia-geral regularmente constituída representa todos os associados.

Em julho se realiza uma assembléia-geral ordinária. – Ela delibera soberanamente sobre os interesses da Sociedade.

Conforme os casos, as deliberações são tomadas por unanimidade, ou por dois terços da maioria dos membros presentes.

O presidente e o secretário são escolhidos em cada sessão.

As deliberações são consignadas em atas e devidamente registradas.

A assembléia-geral delibera especialmente sobre os pedidos de admissão de novos associados, sobre as modificações estatutárias, sobre a nomeação ou a exoneração dos administradores e sobre a nomeação dos comissários fiscais.

Estados de situação – Inventário – Benefícios

O ano social começa em 1º de abril e termina em 31 de março.

A cada seis meses os administradores apresentam um resumo da situação ativa e passiva da Sociedade.

No final de cada ano social é feito um inventário, o qual é posto à disposição dos associados.

Sobre os benefícios líquidos, retêm-se:

1º – 1/20 para o fundo de reserva legal;

2º – 3% do fundo social para ser pago a cada parte;

3º – 10% para os administradores assalariados, mas sem que esses 10%, reunidos ao honorário fixo, possam ultrapassar 4.000 francos;

4º – O excedente dos benefícios líquidos retorna ao fundo social.

Fundos de reserva

O fundo de reserva compõe-se:

1º – Da acumulação das somas retidas sobre os benefícios líquidos anuais;

2º – De todos os donativos legalmente feitos à Sociedade, seja a que título for.

Ele é destinado ao reembolso do capital nos casos previstos pelos estatutos.

Quando esses fundos de reserva atingirem a décima parte do fundo social, a retirada dos benefícios líquidos determinados em sua criação poderá deixar de lhe aproveitar e ser aplicado quer no aumento do capital, quer nas despesas no interesse do Espiritismo.

Somente a assembléia-geral poderá regular o emprego dos capitais pertencentes ao fundo de reserva.

Dissolução – Liquidação

Em caso de perda de três quartos do capital, qualquer associado poderá solicitar a dissolução da Sociedade perante os tribunais.

A Sociedade não se dissolverá pela morte, aposentadoria, interdição, falência ou insolvência de um dos associados, continuando a existir de pleno direito entre os demais associados.

Em razão da ocorrência de um uma dessas causas, o capital será reembolsado àqueles a quem por direito pertence alguma coisa, à taxa de 1.000 francos para cada parte, no curso de cinco anos a partir do dia da perda da qualidade de associado, com juro de 5%. Este reembolso será efetuado com os capitais do fundo de reserva.

Nenhum associado poderá retirar-se em vida da Sociedade, a menos que admita um cessionário para a assembléia-geral anual. – A resolução é tomada por unanimidade dos membros presentes.

A duração da Sociedade pode ser prorrogada além do termo de 99 anos.

Tais são os principais artigos dos estatutos da Sociedade. Temos certeza de que o desinteresse absoluto que moveu seus fundadores será apreciado em seu justo valor por todo observador consciencioso. Aliás, é fácil constatar-se, se nos reportarmos à constituição transitória do Espiritismo, publicada pelo Sr. Allan Kardec no número de dezembro de 1868, que a Sociedade deixou-se guiar unicamente e absolutamente pelo *espírito* dessa constituição. Limitou-se ao estritamente necessário, às necessidades urgentes, já que não esqueceu, conforme os preceitos do mestre, que em tudo é preciso pedir conselho às circunstâncias, e que querer apoiar prematuramente certas instituições especiais na Doutrina, seria expor-se a fracassos certos, cuja impressão seria desastrosa e que teriam como resultado provável, se não destruir uma filosofia imperecível, ao menos retardar por longo tempo a sua propagação definitiva.³¹ Certamente, em casos semelhantes, os nossos adversários não deixariam de imputar à incapacidade da Doutrina um insucesso que, no entanto, resultaria apenas da imprevidência.

“Por não saberem esperar, a fim de chegarem no momento exato, diz o Sr. Allan Kardec (Revista de dezembro de 1868), os muito apressados e os impacientes, em todos os tempos, hão comprometido as melhores causas.

“Não se pode pedir às coisas senão o que elas podem dar, à medida que se vão pondo em estado de produzir. Não se pode exigir de uma criança o que se pode esperar de um adulto, nem de uma árvore que acaba de ser plantada o que ela dará quando estiver em toda a sua pujança. O Espiritismo, em via de elaboração, somente resultados individuais podia dar; *os resultados coletivos e gerais serão fruto do Espiritismo completo, que sucessivamente se desenvolverá.*”

31 A questão das instituições espíritas foi especialmente tratada na *Revista* de julho de 1866. A ela enviamos os nossos leitores para maior desenvolvimento.

Como é fácil notar, a base das operações da Sociedade será, antes de tudo, a livraria especialmente fundada com o objetivo de escoimar as obras fundamentais da Doutrina das condições onerosas do comércio ordinário, delas fazendo objeto de publicações populares de baixo custo. Este foi sempre o mais vivo desejo do Sr. Allan Kardec que, a respeito, se expressava nos seguintes termos:

“Muitas pessoas lamentam que as obras fundamentais da Doutrina tenham um preço tão elevado para grande número de leitores, e pensam, com razão, que se fossem feitas edições populares a baixo custo, estariam muito mais espalhadas, com o que ganharia a Doutrina.

“Estamos completamente de acordo; mas, no estado atual das coisas, as condições em que são editadas não permitem que o seja de outro modo. Esperamos chegar um dia a esse resultado, com o auxílio de uma *nova combinação* que se ligue ao plano geral de organização. Mas essa operação não pode ser realizada senão em vasta escala; só de nossa parte exigiria capitais que não possuímos e cuidados materiais, que os nossos trabalhos, que reclamam todas as nossas meditações, não nos permitem dar. É por isto que a parte comercial propriamente dita foi negligenciada ou, melhor dizendo, sacrificada ao estabelecimento da parte doutrinária. O que importava, antes de tudo, é que as obras fossem feitas e assentadas as bases da Doutrina.

“Aos que perguntaram por que vendíamos nossos livros, em vez de os doar, respondemos que o faríamos se tivéssemos encontrado impressor que no-los imprimisse a troco de nada, negociante que nos fornecesse papel grátis, livreiros que não exigissem nenhuma comissão para se encarregarem de distribuí-los, uma administração dos correios que os transportasse por filantropia, etc. Enquanto esperamos, e como não temos milhões para subvencionar esses encargos, somos obrigados a lhes dar um preço.

“Um dos primeiros cuidados da comissão será ocupar-se das publicações, desde que seja possível, *sem esperar poder fazê-lo com a ajuda da receita*; os fundos destinados a este uso não serão, na realidade, senão um adiantamento, pois que voltarão pela venda das obras, cujo produto retornará ao fundo comum.”

As operações necessárias, tendo como objetivo reunir nas mãos da Sociedade Anônima todas as obras fundamentais da Doutrina e, em geral, todas as que podem ser de interesse capital para os estudos espíritas, não tomarão senão um certo tempo, exigindo o remanejamento de fundos relativamente consideráveis. Segundo o desejo do Sr. Allan Kardec, é a esta providência, cuja importância é evidente para todos, que se consagrarão em primeiro lugar os membros fundadores da Sociedade.

Entre as atribuições atualmente praticáveis da Sociedade Anônima, é preciso considerar, igualmente, o cuidado de reunir todos os documentos capazes de interessar aos espíritas, de determinar o movimento progressivo da Doutrina e de continuar com os nossos correspondentes da França e do estrangeiro as relações amigáveis e benévolas que eles entretinham com o centro, relações que, por sua extensão e múltiplo objeto, não podiam mais repousar na cabeça de um indivíduo. — Tal é, ainda, uma das importantes considerações que levaram o Sr. Allan Kardec a substituir uma direção única pela comissão central, uma coletividade inteligente, cujas atribuições seriam definidas de maneira a não dar lugar a arbitrariedades.

“Fica bem entendido, dizia ele a propósito, que aqui se trata de uma autoridade moral, no que respeita à interpretação e aplicação dos princípios da Doutrina, e não de um poder disciplinar qualquer.

“Para o público estranho, um corpo constituído tem maior ascendente e preponderância; contra os adversários,

sobretudo, apresenta uma força de resistência e dispõe de meios de ação com que um indivíduo não poderia contar; aquele luta com vantagens infinitamente maiores. Uma individualidade está sujeita a ser atacada e aniquilada; o mesmo já não se dá com uma entidade coletiva.

“Há, igualmente, numa entidade coletiva, uma garantia de estabilidade que não existe, quando tudo recai sobre uma única cabeça. Desde que o indivíduo se ache impedido por uma causa qualquer, tudo fica paralisado. A entidade coletiva, ao contrário, se perpetua incessantemente; embora perca um ou vários de seus membros, nada periclita.

“Conseqüente com os princípios de tolerância e de respeito a todas as opiniões, que o Espiritismo professa, não pretendemos impor esta organização a ninguém, nem constranger quem quer que seja a se submeter a ela. Nosso objetivo é estabelecer um primeiro laço entre os espíritas, que o desejam desde muito tempo e se lastimam de seu isolamento. Ora, esse laço, sem o qual o Espiritismo ficaria em estado de opinião individual, sem coesão, só pode existir com a condição de se religar a um centro por uma comunhão de vistas e de princípios. Este centro não é uma *individualidade*, mas um foco de atividade coletiva, agindo no interesse geral e na qual a autoridade pessoal se apaga.”

Os fundadores da Sociedade anônima estão de tal modo persuadidos de que o Espiritismo não pode nem deve residir numa só personalidade, que, para evitar o perigo de vê-lo servir de trampolim à ambição de um só ou de alguns, e dele fazer um objeto qualquer de especulação pessoal, convidam os espíritas, com veemência, a fazerem abstração dos indivíduos. Nunca seria demais lhes recomendar que enviem suas cartas, seja qual for o seu objeto, à administração da Sociedade Anônima, sem qualquer designação pessoal. A distribuição das cartas será de alçada puramente administrativa.

Todavia, e para reduzir as diligências e as perdas de tempo ao mínimo possível, os valores ou vales postais inseridos nas cartas endereçadas à Sociedade deverão ser dirigidos ao Sr. Bittard, encarregado especialmente dos recebimentos, sob a vigilância da comissão de administração da Sociedade.

Aos que se admirarem de ver uma Sociedade fundada com objetivo eminentemente filantrópico e moralizador constituir-se sobre as bases ordinárias das sociedades comerciais, observaremos que, legalmente, não se pode fundar nenhuma sociedade desse tipo sem fins lucrativos. Aliás, por força de um artigo especial relativo às modificações a serem feitas nos estatutos, a Sociedade estará sempre habilitada a marchar com os acontecimentos, a modificar-se e a transformar-se, se as circunstâncias lho permitirem ou se o interesse do Espiritismo nisso vir uma necessidade.

Quanto aos honorários dos administradores, à justa remuneração de seu trabalho, além de pouco elevados para não ensejarem cobiça, estão plenamente e inteiramente justificados pela seguinte passagem da *Revista* de dezembro de 1868:

“São em grande número, como se vê, as atribuições da comissão central, para necessitarem de uma verdadeira administração. Tendo cada um de seus membros funções ativas e assíduas, se apenas a constituíssem homens de boa vontade, os trabalhos seriam prejudicados, porquanto ninguém teria o direito de censurar os negligentes. Para regularidade dos trabalhos e normalidade do expediente, necessário se torna contar com homens de cuja assiduidade se possa estar certo e que não considerem suas funções como simples ato de prazer. De quanto mais independência eles forem senhores, pelos seus recursos pessoais, tanto menos se deixarão prender por ocupações assíduas; se não dispuserem de tempo, não poderão consagrá-lo àquelas funções. Importa, pois, que sejam retribuídos, assim como

o pessoal administrativo. Com isso a Doutrina ganhará em força, em estabilidade, em pontualidade, do mesmo passo que constituirá um meio a prestar serviços a pessoas que dela necessitem.”

As diversas cláusulas concernentes ao reembolso do capital, em caso de aposentadoria ou de morte de um associado, são bastante explícitas, de modo que não nos parece útil comentá-las. Apenas lembraremos que tais reembolsos, por certo bastante excepcionais e efetuando-se sobre o fundo de reserva, jamais poderão diminuir o capital da Sociedade.

Se um associado se retirar voluntariamente, não haverá nenhum prejuízo à integralidade do capital, pois que, nesse caso, o associado deverá admitir um cessionário de suas perdas, que, ao ser admitido, entrará com a soma retirada pelo demissionário. Talvez objetem que haja neste parágrafo uma causa de perigo para a vitalidade da Sociedade, por permitir a pessoas estranhas ao Espiritismo nela introduzir-se, trazendo elementos de perturbação e de desorganização; mas tal perigo foi previsto e afastado, pois a admissão dos cessionários só é decidida na assembléia-geral, e pela unanimidade dos membros presentes.

Como dissemos no início, as providências legais e a necessidade de deslocamento foram as únicas razões que nos obrigaram a limitar o número dos fundadores ao menor número possível.

A Sociedade que, antes de tudo, deseja realizar os desígnios do Sr. Allan Kardec, satisfazendo aos desejos da maioria, ficará feliz com as adesões que obterá e com os associados e comissários-fiscais que encontrará entre os espíritas, conhecidos pelo seu devotamento à causa e por sua participação em sua incessante propagação.

A Sociedade constituiu-se em Paris porque é preciso a toda fundação séria uma sede de operação determinada, mas os

membros que a constituírem e a ela se associarem, evidentemente poderão, à medida que ela se desenvolver, pertencer a todos os centros que reconhecerem a sua autoridade e aceitarem os seus princípios.

Mas, qual será a extensão das operações da Sociedade Anônima? Não poderíamos responder melhor a esta questão do que citando textualmente as reflexões que, a propósito, expendeu o Sr. Allan Kardec:

“Qual será a extensão do círculo de atividades desse centro? É destinado a reger o mundo e a tornar-se o árbitro universal da verdade? Se tivesse essa pretensão, seria compreender mal o espírito do Espiritismo que, por isso mesmo que proclama os princípios do livre-exame e da liberdade de consciência, repudia a idéia de se erigir em autocracia; desde o começo entraria numa senda fatal.

“O Espiritismo tem princípios que, em razão de se fundarem nas leis da Natureza, e não em abstrações metafísicas, tendem a tornar-se, e certamente tornar-se-ão um dia, os da universalidade dos homens. Todos os aceitarão, porque serão verdades palpáveis e demonstradas, como aceitaram a teoria do movimento da Terra; mas pretender que o Espiritismo em toda parte seja organizado da mesma maneira, que os espíritos do mundo inteiro estarão sujeitos a um regime uniforme, a uma mesma maneira de proceder, que deverão esperar a luz de um ponto fixo, para o qual deverão fixar o olhar, seria uma utopia tão absurda quanto pretender que todos os povos da Terra um dia não formem senão uma única nação, governada por um só chefe, regida pelo mesmo código de leis e submetidas aos mesmos costumes. Se há leis gerais que podem ser comuns a todos os povos, essas leis serão sempre, nos detalhes da aplicação e da forma, apropriadas aos hábitos, aos caracteres e aos climas de cada uma.

“Assim será com o Espiritismo organizado. Os espíritas do mundo inteiro terão princípios comuns, que os ligarão à grande família pelo laço sagrado da fraternidade, mas cuja aplicação poderá variar conforme as regiões, sem que, por isto, seja rompida a unidade fundamental, sem formar seitas dissidentes que se atirem a pedra e o anátema, o que seria antiespírita em alto grau. Poderão, pois, se formar, e inevitavelmente se formarão, centros gerais em outros países, sem outro laço além da comunhão de crença e a solidariedade moral, sem subordinação de um ao outro, sem que o da França, por exemplo, tenha a pretensão de impor-se aos espíritas americanos e reciprocamente.”

Finalmente, resta-nos explicar o emprego dos fundos da caixa geral que não fazem parte do capital social e que se compõem dos donativos feitos até hoje com o fito de concorrer à propagação dos princípios do Espiritismo. A Sociedade Anônima não tem dúvida de que realizará o desejo dos doadores, aplicando a quota dessas doações à constituição do fundo de reserva, conformemente aos artigos dos estatutos que determinam seu objetivo.

A esse respeito, para liberar completamente a Sra. Allan Kardec e a Sociedade, cumprimos o dever de publicar a lista das somas recebidas e dos nomes dos subscritores, a fim de que aqueles cujas intenções não tivessem sido bem compreendidas e que desejassem dar outra destinação a seus fundos, possam dirigir suas reclamações à Sociedade.

Estamos contentes pela oportunidade, aqui encontrada, de transmitir os nossos agradecimentos e sinceros cumprimentos a todos os que, material e moralmente, se empenharam pela constituição definitiva do Espiritismo.

*Listas das subscrições depositadas na Caixa Geral
para a propagação do Espiritismo*

1868 – Dezembro	20 – Grupo Mendy, de Nancy	60,00
1869 – Janeiro	7 – D..., de Angers	5,00
	8 – J... e B..., de Paris	10,00
	8 – Ch..., de Paris	20,00
	9 – Guilbert..., de Rouen	1.000,00
	11 – D..., de Toulouse	10,00
	16 – F..., de Saint-Étienne	10,00
	29 – Sra. Al..., de Meschers	20,00
Fevereiro	1 ^o – B..., de Dijon	10,00
	8 – De Th.	2,75
	27 – Hug..., de Guadalupe	50,00
	27 – Os espíritas da ilha de Oléron	50,00
Março	2 – Y..., de Paris,	500,00
	16 – Grupo Fr..., de Poitiers	26,00
	19 – C..., de Toulon	30,00
Abril	16 – X..., de Béthune	2,20
	16 – Cr..., de Paris	100,00
	16 – F..., de Guerche (Cher)	5,00

REVISTA ESPÍRITA

	16 – Grupo de Saint-Jean-d'Angely . . .	20,00
	19 – M..., de Cognac	2,00
	23 – Diversos	1,00
Maio	7 – De V...,	20,00
	14 – Sociedade de Constantina	5,00
	22 – D..., de Philippeville	20,00
	28 – Sociedade Espírita de Rouen, presidente, Sr. Guilbert	1.000,00
	29 – Sociedade Espírita de Toulouse . .	224,50
Junho	10 – Grupo Espírita da Paz, de Liège .	20,00

	Total das somas recebidas	3.323,45
	Despesas diversas	3,00

	Em caixa, em 1 ^o de agosto	3.320,45

A esses valores devemos acrescentar o produto da brochura publicada pelo Sr. C... sob o título de: *Instrução prática para a organização dos grupos espíritas*, cuja totalidade é destinada pelo autor para aumentar os meios de ação da Sociedade anônima.

Bom número dos nossos irmãos da província e do estrangeiro se desdobrou para concorrer, através de seus donativos, à elevação do monumento fúnebre que o Espiritismo se propõe construir em memória do Sr. Allan Kardec; cumprimos também

um dever de lhes testemunhar a nossa profunda gratidão. Numerosas cartas de adesão à determinação tomada a esse respeito nos foram dirigidas, bem como proposições de modificações de diversas naturezas. Essa correspondência, que constitui objeto de um dossiê especial, será submetida, em tempo oportuno, à apreciação da comissão que será nomeada para tal efeito.³²

Como se vê, a Sociedade se preocupa principalmente em assegurar a vitalidade do Espiritismo e de o livrar da usurpação do orgulho e da especulação. Reunirá todos os sufrágios? não terá de lutar contra a ambição dos que querem ligar seu nome a uma inovação qualquer? Ninguém pode gabar-se de contentar todo o mundo. O desejo da Sociedade, e esperamos não nos decepcionar, é satisfazer à vontade da maioria, permanecendo na senda traçada.

Quanto aos dissidentes, às críticas, sejam quais forem, dir-lhes-emos, como o Sr. Allan Kardec: “O que vos barra o caminho? Quem vos impede de trabalhar de vosso lado? Quem vos proíbe de publicar vossas obras? A publicidade vos está aberta, como a todo o mundo; dai algo de melhor do que existe e ninguém se oporá; sede mais bem apreciados pelo público e ele vos dará a preferência.

“Pelo fato de a Doutrina não se embalar em fatos irrealizáveis para o presente, não significa que se imobilize no presente. Apoiada exclusivamente nas leis da Natureza, não pode variar mais do que essas leis; mas, se uma nova lei se descobrir, a ela se aliará; não deve fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de suicidar-se; assimilando todas as idéias reconhecidamente justas, seja qual for a ordem a que pertençam, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, e aí está uma das principais garantias de sua perpetuidade.

32 As subscrições para o monumento do Sr. Allan Kardec devem ser dirigidas aos cuidados da Sociedade Anônima, ao Sr. Bittard, 7, rue de Lille.

“A verdade absoluta é eterna e, por isto mesmo, invariável. Mas, quem pode lisonjear-se de a possuir inteiramente? No estado de imperfeição dos nossos conhecimentos, o que hoje nos parece falso amanhã pode ser reconhecido verdadeiro, em consequência da descoberta de novas leis; assim é na ordem moral, como na ordem física. É contra esta eventualidade que a Doutrina jamais deve ser pega de surpresa. O princípio progressivo, que ela inscreve em seu código, será, como temos dito, a garantia de sua perpetuidade e sua unidade será mantida precisamente porque não repousa no princípio da imobilidade. Em vez de ser uma força, a imobilidade se torna uma causa de fraqueza e de ruína para quem não segue o movimento geral; rompe a unidade, porque os que querem ir avante se separam dos que se obstinam em ficar atrás. Mas, seguindo o movimento progressivo, é preciso fazê-lo com prudência e se precaver contra os devaneios das utopias e dos sistemas. É preciso fazê-lo a tempo, nem muito cedo, nem muito tarde, e com conhecimento de causa.

“Compreende-se que uma doutrina assentada em tais bases deve ser realmente forte; desafia toda concorrência e neutraliza as pretensões de seus competidores. É para este ponto que os nossos esforços tendem a levar a Doutrina Espírita.

“Aliás, a experiência já justificou esta previsão. Tendo marchado sempre neste caminho desde a sua origem, a Doutrina avançou constantemente, mas sem precipitação, olhando sempre se o terreno onde pisa é sólido e medindo seus passos no estado da opinião. Ela fez como o navegante, que só marcha com a sonda à mão e consultando os ventos.”

Variedades

O ÓPIO E O HAXIXE

Escrevem de Odessa a um dos nossos assinantes da Rússia, neste momento em Paris:

“Se assistirdes a uma sessão espírita na casa do Sr. Allan Kardec, proponde, eu vos peço, a questão tão interessante sobre os efeitos do ópio e do haxixe. Os Espíritos aí têm uma participação qualquer? Que se passa na alma, cujas faculdades parecem triplicar-se? Supõe-se que se separe quase inteiramente do corpo, desde que basta pensar numa coisa para vê-la aparecer, e sob formas tão distintas que se a tomaria pela realidade. Deve haver aí uma analogia qualquer com a fotografia do pensamento, descrita na *Revista Espírita* de junho de 1868, e em *A Gênese segundo o Espiritismo*, capítulo XIV. Entretanto, nos sonhos provocados pelo haxixe, por vezes se vêem coisas em que jamais se pensou e, quando se pensa num objeto qualquer, ele vos aparece em proporções exageradas, impossíveis. Pensais numa flor e logo se elevam diante de vós montanhas de flores que passam, desaparecem e reaparecem aos vossos olhos com uma rapidez assustadora, uma beleza e uma vivacidade de cores de que não se pode fazer nenhuma idéia. Pensais numa melodia e ouvis uma orquestra inteira. Lembranças há muito esquecidas vos acorrem à memória como se fossem de ontem.

“Li bastante sobre o haxixe, entre outras a obra de Moreau de Taur. O que mais me agradou foi a descrição que dele dá um sábio médico inglês (o nome me escapa), e que fez experiências consigo mesmo. As que fiz com alguns de meus amigos só foram bem-sucedidas em parte, o que provavelmente se devia à qualidade do haxixe.”

Tendo sido lida esta carta na Sociedade de Paris, o Espírito Morel Lavallée fê-la objeto da dissertação seguinte:

(Sociedade de Paris, 12 de fevereiro de 1869)

O ópio e o haxixe são anestésicos muito diferentes do éter e do clorofórmio. Enquanto estes últimos, suprimindo momentaneamente a aderência do perispírito ao corpo, provocam

um *desprendimento particular* do Espírito, o haxixe e o ópio condensam os fluidos perispirituais e diminuem a sua flexibilidade, soldando-os, por assim dizer, ao corpo e acorrentando o Espírito ao organismo material. Neste estado, as variadas e numerosas visões que se produzem sob a excitação dos desejos do Espírito, pertencem à ordem dos sonhos puramente materiais. O fumante do ópio adormece para sonhar e sonha como deseja, material e sensualmente. O que vê são panoramas particulares de embriaguez, provocados pela substância que ingeriu. Ele não é livre: está ébrio e, como na embriaguez alcoólica, o pensamento dominante do Espírito, tomando uma forma imutável, distinta, sensível, aparece e varia conforme a fantasia do dorminhoco.

Se a sensação desejada se acha centuplicada no resultado, isto se deve a que o Espírito, não tendo mais a força e a liberdade necessárias para medir e limitar seus meios de ação, age para obter o objeto de seus desejos com uma potência centuplicada, em razão de seu estado anormal. Não sabe mais regular seu modo de ação sobre o fluido perispiritual e sobre o corpo. Daí a diferença de potência entre o efeito produzido e o desejo que o provoca.

Como já se disse, no sonho espiritual o Espírito, destacado do corpo, vai recolher realidades de que muitas vezes não guarda senão uma lembrança confusa. Na embriaguez devida aos elementos opiáceos ele se encerra em sua prisão material, na qual a mentira e a fantasia, materializadas, se dão as mãos.

Desprendimento real, útil, normal, só o é o do Espírito desejoso de avançar na ordem moral e intelectual. Os sons provocados, sejam quais forem, são sempre entraves à liberdade do Espírito e uma ameaça para a segurança corporal.

O éter e o clorofórmio que, em certos casos, podem provocar o desprendimento espiritual, exercem uma influência particular sobre a natureza das relações corporais. O Espírito

escapa do corpo, é certo, mas nem sempre tem uma noção extremamente clara dos objetos exteriores. Na embriaguez devida ao ópio, tem-se um Espírito sadio encerrado num corpo ébrio e submetido às sensações superexcitadas desse corpo. No desprendimento pelo éter, nós nos defrontamos com um Espírito ébrio perispiritualmente e subtraído à ação corporal. O ópio embriaga o corpo; o éter e o clorofórmio embriagam o perispírito; são dois estados de embriaguez diferentes, cada um entervando, de modo diverso, o livre exercício das faculdades do Espírito.

Dr. Morel Lavallée

Observação – Notável sobre vários pontos de vista, tanto pela clareza e pela concisão do estilo, quanto pela originalidade e novidade das idéias, esta instrução nos parece destinada a tornar conhecida uma questão até aqui pouco estudada.

Se se admite facilmente a embriaguez corporal ou sensual, de que os fatos da vida diária oferecem tão numerosos exemplos, o estudo da embriaguez perispiritual, se é que existe, parece, à primeira vista, subtrair-se às investigações dos pensadores. Algumas reflexões a respeito, simples expressão de nossa opinião pessoal, talvez não sejam despropositadas aqui.

Nenhum espírita duvida de que o homem, em seu estado normal, seja um composto de três princípios essenciais: o Espírito, o perispírito e o corpo. “Se, na existência terrestre, esses três princípios estão constantemente frente a frente, eles devem necessariamente reagir um sobre o outro, e de seu contato resultará a saúde ou a doença, conforme haja entre eles harmonia perfeita ou discordância parcial.” (*Revista Espírita* de 1867: *As três causas principais das doenças.*)

A embriaguez, seja qual for, aliás, a sua causa e sede, é uma doença passageira, uma ruptura momentânea do equilíbrio orgânico e da harmonia geral que lhe é conseqüente. O ser todo

inteiro, momentaneamente privado da razão, aos olhos do observador apresenta o triste espetáculo de uma inteligência sem direção, entregue a todas as inspirações de uma imaginação vagabunda, que não vem mais governar e moderar a vontade e o julgamento. – Seja qual for a natureza da embriaguez, este será sempre, em todos os casos, o seu resultado aparente.

Sob o império da embriaguez, o homem se assemelha a um aparelho telegráfico desorganizado numa de suas partes essenciais, que só transmite despachos incompreensíveis, ou mesmo não transmitirá absolutamente nada, esteja a causa da desordem no aparelho produtor, no receptor ou, enfim, no aparelho de transmissão.

Se agora examinarmos atentamente os fatos, eles não parecem dar razão à nossa teoria? A embriaguez do homem subjugado pelo abuso dos licores alcoólicos não se parece com as desordens provocadas pela superexcitação ou pelo esgotamento do fluido locomotor, que anima o sistema nervoso? Não é ainda uma *embriaguez especial* a divagação momentânea do homem ferido subitamente em suas mais caras afeições? Estamos profundamente convictos de que há três espécies de embriaguez no encarnado: a embriaguez material, a fluídica ou perispírita, e a mental. O corpo, o perispírito e o Espírito são três mundos diferentes, associados durante a existência terrestre, e o homem não se conhecerá psicológica e fisiologicamente senão quando consentir em estudar atentamente a natureza desses três princípios e suas relações íntimas.

Repetimos: estas poucas reflexões são pura e simplesmente a expressão de nossa opinião pessoal, que não pretendemos impor a ninguém. É uma teoria particular que parece basear-se nalgumas probabilidades e que nos deixará contentes se as vermos discutidas e controladas pelos nossos leitores. – A verdade não pode ser privilégio de um só, nem de alguns. Ela

emana da discussão esclarecida e da universalidade das observações, únicos critérios dos princípios fundamentais de toda filosofia durável.

Seremos gratos aos espíritas de todos os centros que houverem por bem colocar esta teoria no número das questões a serem estudadas, e nos transmitirem as reflexões e as instruções de que ela poderá ser objeto.

Necrológio

SR. BERBRUGGER, DE ARGEL

Escrevem-nos de Sétif, Argélia:

“Decididamente, de algum tempo para cá a morte não deixa de castigar as nossas glórias nacionais. Quem as substituirá? Não nos inquietemos com isto! o futuro está nas mãos de Deus e a nova geração não será mais privada do que as que a precederam, de elementos capazes de garantir a marcha incessantemente progressiva das humanidades.

“Hoje a nossa capital deplora a perda do Sr. A. Berbrugger, conservador da Biblioteca de Argel, homem tão notável por sua profunda erudição, quanto pela urbanidade e elevação de seu caráter, por sua modéstia e simpatia quanto pela notável retidão de seu julgamento.”

O Sr. Berbrugger era, nos últimos treze anos, presidente da Sociedade Histórica Argelina e redator-chefe da *Revista Africana*. Fora de seus eruditos artigos, publicados mensalmente na *Revista Africana*, o Sr. Berbrugger é autor de vários tratados de Arqueologia muito solicitados; quando sucumbiu, acabava de dar uma última demão a uma pequena obra intitulada:

*Le Tombeau de la Chrétienne*³³, que recomendamos à atenção dos amadores. Além disso, era inspetor-geral dos monumentos históricos e dos museus arqueológicos da Argélia, membro de várias sociedades científicas, etc.

Suas aspirações filosóficas dele tinham feito, desde a origem do Espiritismo, um partidário esclarecido e profundamente convicto dos nossos princípios. Sua situação particular, as funções especiais de que estava investido o obrigaram a não participar de nenhum movimento senão com a mais extrema reserva. Todavia, ele mantinha uma correspondência muito assídua com o Sr. Allan Kardec e, tanto quanto possível, participava da propagação da Doutrina, fazendo chegar ao centro os documentos úteis ao desenvolvimento dos nossos estudos.

Não temos dúvida de que este eminente Espírito, hoje reunido ao do nosso venerado mestre, não terá entrado no mundo espiritual como num país desconhecido, e de que nele goze da felicidade reservada aos homens de bem.

Quando estiver plenamente consciente de sua nova situação, sentir-nos-emos felizes se se dignar a participar de nossos trabalhos e nos comunicar o resultado de seus estudos e observações.

Dissertações Espíritas

NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO

(Paris, 11 de março de 1869 – Médiun: Sr. D.)

A pergunta seguinte foi feita a propósito de uma antiga comunicação, na qual fora dito que certos Espíritos não tinham tido encarnações carnis, mas somente um corpo perispiritual. É o

33 *Le Tombeau de la Chrétienne* (O Túmulo da Cristã), mausoléu dos últimos reis da Mauritània, por Adrien Berbrugger; 1 vol. in-8, preço: 2 fr. Paris, Challamel.

que se chamava erradamente de *encarnação espiritual*, o que seria um contra-senso, levando-se em conta que a palavra *encarnação* implica a idéia de uma substância carnal. Teria sido mais exato dizer que certos Espíritos nada tinham, a não ser a vida espiritual.

Pergunta – *Há Espíritos que não estejam submetidos à encarnação material? É possível, sem submeter-se às provas da vida ordinária, adquirir certos conhecimentos e chegar à perfeição? Que pensar das comunicações dadas neste sentido?*

Resposta – Não; a encarnação puramente espiritual ou, para falar mais exatamente, a encarnação perispiritual, a existência incorpórea não é suficiente para a conquista de todos os conhecimentos necessários a um certo estado de adiantamento moral e intelectual. Destinando-se os Espíritos, à medida que progredem mais, a participar cada vez mais ativamente no mecanismo da Criação, e devendo dirigir a ação dos elementos materiais, presidir às leis que põem os fluidos em vibração e determinam todos fenômenos naturais, eles não podem chegar a um tal resultado senão pelo conhecimento dessas leis, e não as poderão conhecer e aprender a dirigir sem que, primeiramente, a elas estejam submetidos.

Malgrado a aparência um tanto paradoxal do início, não tenho dúvida de vos provar que é assim mesmo, porque é a verdade, e não uma teoria pessoal.

Antes de mais, estabeleçamos que não é o homem que está submetido às leis físicas, mas sim os elementos físicos que o constituem. Ele as sofre, tanto quanto os ignora, mas os domina e dirige à medida que aprende a conhecê-los. O humilde passageiro de um navio a vapor está sujeito à lei da força que dirige o navio; o mecânico domina e dirige a máquina; retém a força e faz servir as leis que descobriu à realização de suas vontades. Dá-se o mesmo com todas as leis da Natureza. Desconhecidas do homem e contrariadas por ele, elas o golpeiam e ferem; mas, o que ele

descobre, o que adquire se lhe torna submisso. Controla a velocidade das correntes d'água, transforma-as em força e as utiliza em suas máquinas; o vapor o transporta e a eletricidade se torna um órgão de transmissão de seu pensamento.

Mas, como lhe veio a força? De seu contato com essa força; dos sofrimentos e dos benefícios que ela lhe trouxe! Quis diminuir uns e aumentar os outros e, pela experiência e pela observação, cada dia chegar a obter mais esse resultado. Mas, como teria adquirido, se não tivesse o desejo de adquirir? Quem lhe teria incutido esse desejo no coração, senão a necessidade? Que fazeis para não serdes constrangidos e forçados?... A necessidade de saber é a consequência da necessidade de gozar; tendes aspirações porque vos falta a felicidade e porque está na natureza de todo ser procurar o bom quando está mal e o melhor quando está bem.

Por que não seria assim com os outros seres? Por que o desejo de trabalhar viria a uns, sem que a necessidade os impelisse, enquanto tantos outros trabalham com tão pouco ardor, mesmo quando o instinto de conservação lho exige? E depois, Deus seria justo e sensato se suscitasse semelhante dilema ao homem? Se a encarnação é inútil, por que ele a teria criado? Se é necessária e justa, como outras criaturas poderiam prescindir dela?... Não; é uma teoria que nada justifica, mas que era útil estabelecer, ainda que fosse para demonstrar a sua impossibilidade. *A verdade só triunfará quando todos os sistemas forem reconhecidos como falsos.*

O Espírito que assim vos falou estava de boa-fé; acreditava no que dizia e, se outros não vos desiludiram, é que não havia chegado o tempo para vos dizerem mais. A verdade vos teria parecido improvável! Hoje vedes melhor, porque os vossos conhecimentos são mais vastos. Amanhã, aquilo que sabeis hoje não passará de minúscula parte dos conhecimentos que tereis adquirido, e assim por toda a eternidade.

Clélie Duplantier

Poesias Espíritas

A ALMA E A GOTA D'ÁGUA

(Médium: Sr. J.)

Pequena gota d'água em nuvens tens passagem,
Sabes qual será teu destino?
Sobre qual leito de folhagem
Virá te oferecer o beijo matutino?
Da planície em que o solo quente,
Qual torrente espumosa ao flanco da colina,
Qual oceano ou fonte argente
Espera, gota d'água, o teu beijo em surdina?
Poderás irisar a sebe colorida?
Na lama irás deixar o teu cântico olor,
Ou dormir, amante querida,
No cálice a rir de uma flor?

.....
.....
Ah! que te deu da vida o acaso em que sorris,
Seus bens ou dor em que te forres?
Num certo plano de harmonias,
Escrava nasces e assim morres...
Mas a alma, mistério sublime,
Raio vindo do céu para a imortalidade,
A alma se eleva ou se deprime
Ante o sopro da liberdade.

(Espírito batedor de Carcassonne)

Bibliografia

Como já esperávamos, a brochura do Sr. C..., intitulada: *Instrução prática para a organização dos grupos espíritas*³⁴, foi acolhida favoravelmente em toda parte. Seu objetivo e o interesse que o autor soube despertar farão dela uma obra de primeira utilidade,

34 Um vol. in-12; preço: 1 fr.; Livraria Espírita, 7, rue de Lille.

não só para os grupos em vias de formação, mas, também, para os grupos já formados e para os espíritas isoladamente.

Atrasos independentes de nossa vontade, quase sempre inseparáveis das publicações novas, nos obrigaram a adiar a venda desta obra que, realmente, só apareceu no final da primeira quinzena de julho.

Deu-se o mesmo com a notável obra traduzida do inglês e comentada pelo Sr. Camille Flammarion³⁵. Hoje estamos em condições de fazer chegar prontamente esses dois volumes aos correspondentes que no-los solicitarem.

Aviso Importante

A partir de 15 de agosto:

Todas as correspondências, seja qual for o seu objetivo, deverão ser dirigidas à administração da Sociedade Anônima, 7, rue de Lille, sem nenhuma designação pessoal.

A distribuição das cartas será de alçada puramente administrativa.

Observação – Para reduzir as providências e as perdas de tempo ao mínimo possível, os valores ou vales postais inseridos nas cartas dirigidas à Sociedade deverão ser feitos ao Sr. Bittard, especialmente encarregado dos recebimentos, sob a supervisão da comissão de administração da Sociedade.

Pelo Comitê de Redação

A. Desliens – *Secretário-Gerente*

35 *Os Últimos Dias de um Filósofo*; 1 grosso vol. in-12; preço: 3 fr. 50.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

SETEMBRO DE 1869

Nº 9

Ligeira Resposta aos Detratores do Espiritismo

(*OBRA S PÓSTUMAS*)

É imprescritível o direito de exame e de crítica e o Espiritismo não alimenta a pretensão de subtrair-se ao exame e à crítica, como não tem a de satisfazer a toda gente. Cada um é, pois, livre de o aprovar ou rejeitar; mas, para isso, necessário se faz discuti-lo com conhecimento de causa. Ora, a crítica tem por demais provado que lhe ignora os mais elementares princípios, fazendo-o dizer precisamente o contrário do que ele diz, atribuindo-lhe o que ele desaprova, confundindo-o com as imitações grosseiras e burlescas do charlatanismo, enfim, apresentando, como regra de todos, as excentricidades de alguns indivíduos. Também por demais a malignidade há querido torná-lo responsável por atos repreensíveis ou ridículos, nos quais o seu nome foi envolvido casualmente, e disso se aproveita como arma contra ele.

Antes de imputar a uma doutrina a culpa de incitar a um ato condenável qualquer, a razão e a equidade exigem que se

examine se essa doutrina contém máximas que justifiquem semelhante ato.

Para conhecer-se a parte de responsabilidade que, em dada circunstância, caiba ao Espiritismo, há um meio muito simples: proceder de *boa-fé* a uma perquirição, não entre os adversários, mas na própria fonte, do que ele aprova e do que condena. Isso é tanto mais fácil, quanto ele não tem segredos; seus ensinamentos são patentes e quem quer que seja pode verificá-los.

Assim, se os livros da Doutrina Espírita condenam explícita e formalmente um ato justamente reprovável; se, ao contrário, só encerram instruções susceptíveis de orientar para o bem, segue-se que não foi neles que um indivíduo culpado de malefícios se inspirou, ainda mesmo que os possua.

O Espiritismo não é solidário com aqueles a quem apraza dizerem-se espíritas, do mesmo modo que a Medicina não o é com os que a exploram, nem a sã religião com os abusos e até crimes que se cometam em seu nome. Ele não reconhece como seus adeptos senão os que lhe praticam os ensinamentos, isto é, que trabalham por melhorar-se moralmente, esforçando-se por vencer os maus pendores, por ser menos egoístas e menos orgulhosos, mais brandos, mais humildes, mais caridosos para com o próximo, mais moderados em tudo, porque é essa a característica do verdadeiro espírita.

Essa breve nota não tem por objeto refutar todas as falsas alegações que se lançam contra o Espiritismo, nem lhe desenvolver e provar todos os princípios, nem, ainda menos, tentar converter a esses princípios os que professem opiniões contrárias; mas, apenas dizer, em poucas palavras, o que ele é e o que não é, o que admite e o que desaprova.

As crenças que propugna, as tendências que manifesta e o fim a que visa se resumem nas proposições seguintes:

1^o – O *elemento espiritual* e o *elemento material* são os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza, as quais se completam uma a outra e reagem incessantemente uma sobre a outra, indispensáveis ambas ao funcionamento do mecanismo do Universo.

Da ação recíproca desses dois princípios se originam fenômenos que cada um deles, isoladamente, não tem possibilidade de explicar.

À Ciência, propriamente dita, cabe a missão especial de estudar as leis da matéria.

O Espiritismo tem por objeto o estudo do *elemento espiritual* em suas relações com o elemento material e aponta na união desses dois princípios a razão de uma imensidade de fatos até então inexplicados.

O Espiritismo caminha ao lado da Ciência, no campo da matéria: admite todas as verdades que a Ciência comprova; mas, não se detém onde esta última pára: prossegue nas suas pesquisas pelo campo da espiritualidade.

2^o – Sendo o elemento espiritual um estado ativo da Natureza, os fenômenos em que ele intervém estão submetidos a leis e são por isso mesmo tão naturais quanto os que derivam da matéria neutra.

Alguns de tais fenômenos foram reputados *sobrenaturais*, apenas por ignorância das leis que os regem. Em virtude desse princípio, o Espiritismo não admite o caráter de maravilhoso atribuído a certos fatos, embora lhes reconheça a realidade ou a possibilidade. Não há, para ele, *milagres*, no sentido de derrogação das leis naturais, donde se segue que os espíritas não fazem milagres e que é impróprio o qualificativo de taumaturgos que umas tantas pessoas lhes dão.

O conhecimento das leis que regem o princípio espiritual prende-se de modo direto à questão do passado e do futuro do homem. Cinge-se a sua vida à existência atual? Ao entrar neste mundo, vem ele do nada e volta para o nada ao deixá-lo? Já viveu e ainda viverá? *Como viverá e em que condições?* Numa palavra: donde vem ele e para onde vai? Por que está na Terra e por que sofre aí? Tais as questões que cada um faz a si mesmo, porque são para toda gente de capital interesse e às quais ainda nenhuma doutrina deu solução racional. A que lhe dá o Espiritismo, baseada em fatos, por satisfazer às exigências da lógica e da mais rigorosa justiça, constitui uma das causas principais da rapidez de sua propagação.

O Espiritismo não é uma concepção pessoal, nem o resultado de um sistema preconcebido. É a resultante de milhares de observações feitas sobre todos os pontos do globo e que convergiram para um centro que os coligiu e coordenou. Todos os seus princípios constitutivos, sem exceção de nenhum, são deduzidos da experiência. Esta precedeu sempre a teoria.

Assim, desde o começo, o Espiritismo lançou raízes por toda parte. A História nenhum exemplo oferece de uma doutrina filosófica ou religiosa que, em dez anos, tenha conquistado tão grande número de adeptos. Entretanto, não empregou, para se fazer conhecido, nenhum dos meios vulgarmente em uso; propagou-se por si mesmo, pelas simpatias que inspirou.

Outro fato não menos constante é que, em nenhum país, a sua doutrina não surgiu das ínfimas camadas sociais; em todos os lugares ela se propagou de cima para baixo na escala da sociedade e ainda é nas classes esclarecidas que se acha quase exclusivamente espalhada, constituindo insignificante minoria, no seio de seus adeptos, as pessoas iletradas.

Verifica-se também que a disseminação do Espiritismo seguiu, desde os seus primórdios, marcha sempre ascendente, a despeito de tudo quanto fizeram seus adversários para entravá-la e para lhe desfigurarem o caráter, com o fito de desacreditá-lo na opinião pública. É mesmo de notar-se que tudo o que hão tentado com esse propósito lhe favoreceu a difusão; o arruído que provocaram por ocasião do seu advento fez que viessem a conhecê-lo muitas pessoas que antes nunca ouviram falar dele; quanto mais procuraram denegri-lo ou ridicularizá-lo, tanto mais despertaram a curiosidade geral e, como todo exame só lhe pode ser proveitoso, o resultado foi que seus opositores se constituíram, sem o quererem, ardorosos propagandistas seus. Se as diatribes nenhum prejuízo lhe acarretaram, é que os que o estudaram em suas legítimas fontes o reconheceram muito diverso do que o tinham figurado.

Nas lutas que precisou sustentar, os imparciais lhe testificaram a moderação; ele nunca usou de represálias com os seus adversários, nem respondeu com injúrias às injúrias.

O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas, não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre os seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou de sumo-sacerdote. Estes qualificativos são de pura invenção da crítica.

É-se espírita pelo só fato de simpatizar com os princípios da doutrina e por conformar com esses princípios o proceder. Trata-se de uma opinião como qualquer outra, que todos têm o direito de professar, como têm o de ser judeus, católicos, protestantes, simonistas, voltairiano, cartesiano, deísta e, até, materialista.

O Espiritismo proclama a liberdade de consciência como direito natural; reclama-a para os seus adeptos, do mesmo modo que para toda a gente. Respeita todas as convicções sinceras e faz questão da reciprocidade.

Da liberdade de consciência decorre o direito de *livre exame* em matéria de fé. O Espiritismo combate a fé cega, porque ela impõe ao homem que abdique da sua própria razão; considera sem raiz toda fé imposta, donde o inscrever entre suas máximas: *Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.*

Coerente com seus princípios, o Espiritismo não se impõe a quem quer que seja; quer ser aceito livremente e por efeito de convicção. Expõe suas doutrinas e acolhe os que voluntariamente o procuram.

Não cuida de afastar pessoa alguma das suas convicções religiosas; não se dirige aos que possuem uma fé e a quem essa fé basta; dirige-se aos que, insatisfeitos com o que se lhes dá, pedem alguma coisa melhor.

Allan Kardec

Constituição da Sociedade Anônima

SEM FINS LUCRATIVOS E DE CAPITAL VARIÁVEL DA CAIXA GERAL
E CENTRAL DO ESPIRITISMO

(2º artigo)

O artigo sobre a constituição da Sociedade anônima, publicado no último número da *Revista*, foi, da parte de grande

número dos nossos correspondentes, objeto de calorosas felicitações e de marcas inequívocas de satisfação geral, testemunhadas pelas numerosas e lisonjeiras cartas de adesão que recebemos de todas as partes, nos estimulando poderosamente e nos autorizando a prosseguir, conforme o vivo desejo da Sra. Allan Kardec, a execução do plano do mestre.

Na verdade o Sr. Allan Kardec nos legou uma tarefa muito pesada para as nossas débeis forças; mas, e reconhecemos com um sentimento de viva satisfação, nosso apelo despertou um eco simpático no coração de todos os homens verdadeiramente devotados ao triunfo de nossas idéias, e as promessas de concurso material e o assentimento moral de todos nos deixam profundamente convencidos de que os nossos esforços não serão improdutivos.

Trazendo cada um a sua espiga, pondo seus conhecimentos à disposição de todos e contribuindo para aumentar o germe fecundo destinado a dar a todos o pão da vida, sem dúvida chegaremos, com a ajuda dos Espíritos bons, a assegurar o desenvolvimento e a difusão universal dos nossos princípios.

No próximo número publicaremos uma nova lista das somas depositadas na caixa geral, desde 1º de agosto. Hoje nos limitaremos a anunciar que recebemos um certo número de pedidos de admissão como membro da Sociedade, pedidos cujo exame tivemos que adiar para a primeira assembléia-geral, conformemente ao artigo 23, § 3º dos estatutos³⁶.

“Venho pedir-vos, diz um dos nossos correspondentes de Villevert (Oise), que me inscrevam por quatro ou cinco ações na

36 Os *Estatutos da Sociedade Anônima do Espiritismo* aparecerão na primeira quinzena de setembro. Brochura in-8; preço, 1 fr. Paris, Administração da Sociedade Anônima, 7, rue de Lille.

Sociedade Anônima, tão logo julgarem oportuno aumentar o capital... Inútil acrescentar que aplaudo com todas as forças a idéia de uma Sociedade comercial, meio eficaz de propagar a Doutrina.”

O Sr. M***, de Bordeaux, é mais taxativo ainda; diz ele: “Acabo de ver, com muito prazer, as disposições tomadas; são firmes, e podemos dizer que agora o Espiritismo tem um ponto de apoio independente de qualquer personalidade. Sua marcha para frente será mais rápida, porque os maiores problemas que encerra poderão ser estudados, e os resultados produzidos sem entraves.”

O presidente da Sociedade Espírita de Bordeaux, durante o exercício 1867-1868, que igualmente adere de maneira absoluta à nova organização, houve por bem colocar à disposição da Sociedade Anônima uma centena de exemplares de sua brochura: *Relatórios dos Trabalhos da Sociedade Espírita de Bordeaux*, cedendo à caixa geral o produto da venda.

As sociedades e os espíritas isolados de Liège, Bruxelas (Bélgica), Lyon, Toulouse, Avignon, Blois, Carcassonne, Rouen, Oloron-Sainte-Marie, Marselha, etc., etc., também houveram por bem assegurar sua adesão aos estatutos da Sociedade, bem como o seu concurso ativo para lhe garantir a vitalidade.

Num próximo artigo, exclusivamente consagrado a uma revista geral do movimento da imprensa e das sociedades espíritas francesas e estrangeiras, nós nos empenharemos em demonstrar a oportunidade do momento para a fundação de uma organização e de uma direção sérias.

Em alguns meses duas novas sociedades, dois jornais foram fundados na Espanha; a Sociedade de Florença criou um órgão de publicidade; um jornal em polonês apareceu em Léopold (Galícia austríaca) e ficamos sabendo, nestes últimos dias, que um jornal em língua portuguesa está prestes a ser editado na Bahia (Brasil). As antigas sociedades se desenvolvem; num único centro

da Bélgica, *quinze professores primários* aderem aos nossos ensinos; em Liège, em Lyon, etc., os diversos grupos da localidade exprimem o desejo de se reunirem sob uma direção única. Em toda parte a Doutrina, longe de enfraquecer e degenerar, desenvolve-se e conquista influência. Todos os espíritas compreenderam que o momento de afirmar-se chegou, e cada um se dedica com ardor para concorrer ao movimento regenerador.

Não nos foi feita nenhuma objeção sobre a transferência dos donativos à caixa geral, mas recebemos alguns pedidos de retificação quanto à maneira pela qual nossa lista foi organizada. Várias somas, inscritas em nome de uma Sociedade ou de um indivíduo, eram, na realidade, o produto da cotização de todos os membros de um grupo. Era nossa intenção simplificar tanto quanto possível os detalhes. Em nossa próxima lista faremos as observações que nos foram comunicadas.

Ao lado das adesões irrestritas que acabamos de mencionar, recebemos certo número permeadas de observações críticas, não quanto ao objetivo, mas sobre o modo e a forma da Sociedade. Para alguns, as expressões empregadas nos estatutos são demasiado comerciais. Para outros, o montante das partes parece um tanto elevado, e a porção dos benefícios atribuídos ao fundo de reserva muito considerável. Aos primeiros, lembramos as explicações que demos a respeito no último número da *Revista* e as reflexões que, sobre o mesmo assunto, publicava o Sr. Allan Kardec no número de dezembro último.

Estamos persuadidos de que todos os espíritas aplaudirão a formação da nova Sociedade, quando virem que os fundadores, inspirando-se nas idéias do mestre, tiveram em vista, sobretudo, assegurar o futuro do Espiritismo, colocando-o sob a égide da lei, aos seus olhos o único meio de paralisar em certos momentos as influências nocivas, substituindo, assim, o regime de tolerância pelo do direito, sujeito o primeiro quase sempre a variações, conforme os homens e as circunstâncias.

Quanto ao que concerne à quantidade fixada para as cotas-parte e ao pequeno número de fundadores, lembraremos que o que importava, antes de tudo, era estabelecer uma base, um centro de ação, onde todas as atividades, todos os devotamentos pudessem congregar-se. Hoje a Sociedade está constituída; seus estatutos, essencialmente modificáveis e progressivos, como tudo o que é de origem humana, poderão sofrer, no futuro, as transformações que parecerem úteis para cumprir o desejo geral e satisfazer às novas necessidades.

Todas as correspondências dirigidas à Sociedade Anônima, no que respeita aos pedidos de admissão como membros da Sociedade, bem como as sugestões para a modificação dos estatutos, serão conservadas num dossiê especial, a fim de serem submetidas às deliberações dos associados na primeira assembléia-geral anual, que, nos termos de ato da Sociedade, é a única que tem o poder de deliberar e estatuir sobre estas interessantes questões.

Não temos senão um objetivo, um desejo: assegurar a vitalidade do Espiritismo, satisfazendo às aspirações gerais. Se, como o esperamos, as medidas tomadas pela Sociedade Anônima nos permitirem obter esse resultado, nós nos julgaremos recompensados além dos nossos méritos, quando, para nós, houver soado a hora do repouso e outros mais dignos, se não mais devotados, forem chamados para nos substituírem.

Precursores do Espiritismo

JOÃO HUSS

Lemos no *Siècle* de 11 de julho de 1869:

Os quinhentos anos de João Huss

“Recentemente os jornais da Boêmia publicaram o seguinte apelo:

“Neste ano se comemora o 500^a aniversário de nascimento do grande reformador, do patriota e do sábio mestre João Huss. Esta data impõe, sobretudo ao povo boêmio, o dever de rememorar solenemente a época em que surgiu, em seu seio, o homem que tomara como objetivo de vida defender a liberdade de pensamento. Foi por esta idéia que ele viveu e sofreu; foi por esta idéia que ele morreu.

“Seu nascimento fez luzir a aurora da liberdade no horizonte do nosso país; suas obras espargiram a luz no mundo e, por sua morte na fogueira, a verdade recebeu o seu batismo de fogo!

“Estamos convictos de que temos não só as simpatias dos boêmios e dos eslavos, mas ainda a dos povos esclarecidos, e os convidamos a festejar a lembrança deste grande espírito, que teve a coragem de sustentar sua convicção diante de um mundo escravo dos preconceitos e que, ao eletrizar o povo boêmio, o tornou capaz de uma luta heróica que ficará gravada na História.

“Os séculos se escoaram; o progresso se realizou, as centelhas produziram chamas; a verdade penetrou milhões de corações. A luta continua, a nação pela qual o mártir imortal se sacrificou ainda não deixou o campo de batalha sobre o qual o havia chamado a palavra do mestre.

“Conjuramos todos os admiradores de João Huss a se reunirem em Praga, a fim de colherem, na lembrança dos sofrimentos do grande mártir, novas forças por meio de novos esforços.

“Será em Praga, no dia 4 de setembro próximo, e no dia 6, em Hussinecz, onde ele nasceu, que celebraremos a memória de João Huss.

“Nesses dias todos os patriotas virão atestar que a nação boêmia ainda honra o heróico campeão de seus direitos, e que jamais esquecerá o herói que a elevou à altura das idéias que são ainda o farol para o qual marcha a Humanidade!

“Nosso apelo também se dirige a todos os que, fora da Boêmia, amam a verdade e honram os que morreram por ela. Que venham a nós, e que todas as nações civilizadas se unam para, conosco, aclamarem o nome imperecível de João Huss!

“O presidente do comitê.”

Dr. Sladkowsky

“Seguem-se trinta assinaturas de membros do comitê, advogados, literatos, industriais.

“O apelo dos patriotas boêmios não poderia deixar de suscitar viva simpatia entre os amigos da liberdade.

“Um jornal de Praga tivera a desastrada idéia de propor uma petição ao futuro concílio para pedir a revisão do processo de João Huss. O jornal *Norodni Listy* refutou com vigor esta estranha proposição, dizendo que a revisão se efetuara perante o tribunal da civilização e da História, que julga os papas e os concílios.

“A nação boêmia, acrescenta o *Norodni*, perseguiu esta revisão com a espada na mão, em cem batalhas, no dia seguinte mesmo da morte de João Huss.”

“A folha Tcheca tem razão: João Huss não precisa ser reabilitado, assim como Joana d’Arc não precisa ser canonizada pelos sucessores dos bispos e doutores que os queimaram.

Por nosso lado, vimos juntar às homenagens prestadas à memória de João Huss o nosso testemunho de simpatia e de respeito pelos princípios de liberdade religiosa, de tolerância e de

solidariedade que ele popularizou em vida. Esse espírito eminente, esse inovador convicto, tem direito à primeira fila entre os precursores da nossa consoladora filosofia. Como tantos outros, tinha a sua missão providencial, que realizou até o martírio, e sua morte, como sua vida, foi um dos mais eloqüentes protestos contra a crença num Deus mesquinho e cruel, bem como aos ensinamentos rotineiros, que deviam ceder ante o despertar do espírito humano e o exame aprofundado das leis naturais.

Como todos os inovadores, João Huss foi incompreendido e perseguido; ele vinha corrigir abusos, modificar crenças que não mais podiam satisfazer às aspirações de sua época. Necessariamente devia ter como adversários todos os interessados em conservar a antiga ordem das coisas. Como *Wyclif*, como *Jacobel* e *Jerônimo de Praga*, sucumbiu sob os esforços de seus inimigos coligados; mas as verdades que havia ensinado, fecundadas pela perseguição, serviram de base às novidades filosóficas dos tempos ulteriores e provocaram a era de renovação que devia dar origem à liberdade de consciência e à liberdade de pensar em matéria de fé.

Não duvidamos que João Huss, como Espírito ou como encarnado, caso tenha voltado à nossa Terra como homem, haja se consagrado constantemente ao desenvolvimento e à propagação de suas crenças sobre o futuro filosófico da Humanidade.

Estamos autorizados a pensar que o apelo do povo boêmio será ouvido por todos os que apreciam e veneram os defensores da verdade. Os grandes filósofos não têm pátria. Se, pelo nascimento, pertencem a uma nacionalidade particular, por suas obras são os luminares da Humanidade inteira que, sob o seu impulso, marcha para a conquista do futuro.

Persuadidos de satisfazer ao desejo da maioria dos nossos leitores, cumprimos o dever de dar a conhecer, por uma

breve nota, o que foi em toda a sua vida o homem eminente cujo 500º aniversário a Boêmia celebrará no próximo dia 4 de setembro:

João Huss nasceu a 6 de julho de 1373 sob o reinado do imperador *Carlos IV* e sob o pontificado de *Gregório XI*, cerca de cinco anos antes do grande cisma do Ocidente, que se pode encarar como uma das sementes do *hussitismo*. A História nada nos ensina do pai e da mãe de *João Huss*, senão que eram criaturas probas, mas de origem obscura. Segundo o costume da Idade Média, *João Huss*, ou melhor, *João de Huss*, foi assim chamado porque nasceu em *Huissinecz*, pequeno burgo situado ao sul da Boêmia, no distrito de *Prachen*, nas fronteiras da Baviera.

Seus pais tiveram o maior cuidado com sua educação. Tendo perdido o pai na infância, sua mãe lhe ensinou os primeiros elementos de gramática em *Huissinecz*, onde havia uma escola. Depois o levou a *Prachen*, cidade do mesmo distrito, onde havia um colégio ilustre. Logo fez grandes progressos nas letras e atraiu a amizade dos mestres por sua modéstia e docilidade, conforme testemunho que a Universidade de Praga lhe prestou após sua morte. Quando estava bastante adiantado para ir a Praga, sua própria mãe o conduziu. Contam que esta pobre mulher, cheia de zelo pela educação do filho, levava consigo um ganso e um bolo, para presentear-los ao seu regente.³⁷ Mas, infelizmente, o ganso fugiu no caminho, de sorte que, para seu grande pesar, ela não tinha senão o bolo para dar de presente ao mestre. Magoada profundamente por este pequeno incidente, orou várias vezes, pedindo a Deus que se dignasse ser o pai e o preceptor de seu filho.

Quando ele adquiriu em Praga sólidos conhecimentos em literatura, os professores, nele notando muita inteligência e vivacidade de espírito, bem como uma grande atividade pela Ciência, julgaram por bem matriculá-lo no capítulo da

37 É notável que Huss, em boêmio, significa ganso. Parece que a pátria de João Huss foi assim chamada porque aí os pássaros são abundantes.

Universidade que tinha sido fundada em 1247 pelo imperador *Carlos VI*, rei da Boêmia, e confirmada pelo papa *Clemente VI*.

Afastado das diversões da juventude, *João Huss* empregava suas horas vagas para boas leituras. Lia com prazer sobretudo as dos antigos mártires. Conta-se que um dia, lendo a lenda de *São Lourenço*, quis experimentar se teria a mesma coragem desse mártir, pondo o dedo no fogo; mas acrescentam que logo o retirou, muito descontente com a sua fraqueza, ou que um de seus camaradas a isto se opôs.

Seja como for, ao que parece ele não fazia mal em se preparar para o fogo. Aliás, quando quis fazer este ensaio, já estava bastante avançado em idade para que o edito de 1276, pelo qual *Carlos VI* condenava os heréticos ao fogo, de algum modo lhe desse o pressentimento do que devia acontecer com ele.

Um grande obstáculo se opunha ao ardor que tinha *João Huss* de se instruir: a pobreza. Neste apuro, aceitou a oferta que lhe fez um professor, cujo nome é ignorado, de tomá-lo ao seu serviço e de lhe fornecer os livros e tudo o que era necessário para prosseguir seus estudos. Embora essa situação fosse bastante humilhante, ele a achava feliz tendo em vista o seu objetivo, e a aproveitou tão bem que satisfez, ao mesmo tempo, seu mestre, cuja amizade ganhou, e sua paixão pelas letras.

João Huss fez progressos consideráveis na Universidade; por seus livros, parece que era versado na leitura dos Pais gregos e latinos, pois que os cita muitas vezes. Pode-se julgar por seus comentários que sabia grego e tinha noções de hebreu. Com cerca de vinte anos, conquistou o título de *bacharel* e, dois anos depois, o de *mestre em artes*. Não se sabe quem foram seus mestres, salvo o que ele próprio diz de *Stanislas Znoima*, que, mais tarde, se tornou um de seus maiores adversários. Ordenou-se sacerdote em 1400 e, no mesmo ano, foi nomeado pregador da

capela de Belém. Foi aí que teve oportunidade de exercitar os seus talentos, querido por uns, suspeito e odiado por outros, admirado por todos. Na mesma época foi nomeado confessor de *Sofia da Baviera*, rainha da Boêmia.

Foi no período de 1403 a 1408 que *João Huss*, juntamente com *Jerônimo de Praga*, estudou as obras de Wyclif e de Jacobel e começou a se separar do ensino ortodoxo. Desde o começo, um certo número de discípulos que sempre lhe foram fiéis, mantiveram-se ligados a ele.

No dia 22 de outubro de 1409 foi nomeado reitor da Universidade de Praga, desobrigando-se desse novo encargo com os aplausos de todo o mundo. Até então, não havia aprovado as doutrinas de Wyclif senão em termos vagos e com cautela. Nessa época começou a falar mais abertamente de suas crenças pessoais.

Entre suas obras anteriores ao concílio de Constança, nota-se o *Tratado da Igreja*, de onde foram tirados todos os argumentos para sua condenação. Durante o seu cativeiro, consagrou-se especial e inteiramente à execução de suas últimas obras filosóficas. Foi assim que fez os manuscritos do *Tratado do casamento, do Decálogo, do amor e do conhecimento de Deus, da Penitência, dos três inimigos do homem, da ceia do Senhor*, etc.

Todos os historiadores contemporâneos, mesmo entre os seus adversários, rendem homenagem à pureza de sua vida: “Era, dizem, um filósofo, de grande reputação pela regularidade de seus costumes, sua vida rude, austera e inteiramente irrepreensível, sua doçura e sua afabilidade para com todos; era mais sutil que eloqüente, mas sua modéstia e seu grande espírito conciliador persuadiam mais que a maior eloqüência.”

Não nos permitindo a falta de espaço que nos estendamos tanto quanto desejaríamos, limitar-nos-emos a algumas citações características. Longe de temer a morte, por vezes parecia

aguardá-la com impaciência, como o termo de seus trabalhos e o início da recompensa. Tinha o hábito de dizer: “Ninguém é recompensado na outra vida mais do que mereceu nesta, e que os modos e locais de recompensa variavam segundo os méritos.” Aos que queriam convencê-lo a se retratar e abjurar, varias vezes deu esta resposta digna de nota: “Abjurar é deixar um erro que se cometeu; *se alguém me ensinar algo melhor do que avancei, estou pronto a fazer de bom grado o que exigis de mim.*”

Terminamos pelo testemunho da Universidade de Praga, dado em seu favor após a sua morte:

“Dizem que ele tinha, neste terreno, um espírito superior, uma penetração viva e profunda; ninguém era mais apto para escrever de um jacto, nem dar respostas mais contundentes às objeções. Ninguém tinha um zelo mais veemente, nem melhor discernimento; jamais o pilharam em erro, a não ser na opinião dos maus, que o atacaram ferozmente por causa de seu amor pela justiça. Ó homem de virtude inestimável, de brilhante santidade, de humilde e piedade inimitáveis, de desinteresse e de caridade inacreditáveis! Desprezava as riquezas no último grau, abria o coração aos pobres; muitas vezes era visto de joelhos, ao pé do leito dos doentes; vencia as naturezas mais indomáveis pela doçura e levava os impenitentes a se desfazerem em lágrimas; tirava das Santas Escrituras, sepultada no esquecimento, motivos novos e poderosos, a fim de exortar os eclesiásticos viciosos a voltarem atrás em seus desregramentos e a cumprirem os compromissos de seu *caráter*, e para reformar os costumes de todas as ordens com base na Igreja primitiva.

“Os opróbrios, as calúnias, a fome, a infâmia, mil torturas cruéis e, enfim, a morte que padeceu, não só com paciência, mas mesmo com um semblante tranqüilo e risonho, tudo isto é o testemunho autêntico de uma virtude a toda prova, de uma coragem, de uma fé e de uma piedade inabaláveis. Julgamos por

bem expor todas estas coisas aos olhos da cristandade, a fim de impedir que os fiéis, enganados pelas falsas imputações, maculem o conceito deste homem justo, nem dos que seguem sua doutrina.”

Evocado por um de nossos médiuns, o Espírito de João Huss deu a seguinte comunicação, que nos apressamos em mostrar aos nossos leitores, bem como uma instrução do Sr. Allan Kardec sobre o mesmo assunto, porque nos parecem bem caracterizar a natureza do homem eminente, que se ocupou com tanto ardor, desde o século quinze, a preparar os elementos da emancipação e da regeneração filosóficos da Humanidade.

(Paris, 14 de agosto de 1869)

A opinião dos homens pode dispersar-se momentaneamente, mas a justiça de Deus, eterna e imutável, sabe recompensar, quando a justiça humana castiga, perdida pela iniquidade e pelo interesse pessoal. Apenas cinco séculos (um segundo na eternidade) se passaram desde o nascimento do obscuro e modesto trabalhador e já a glória humana, à qual ele não se prende mais, substituiu a sentença infamante e a morte ignominiosa, incapazes de abalar a firmeza de suas convicções.

Como és grande, meu Deus, e como é infinita a tua sabedoria! Sob o teu sopro poderoso minha morte tornou-se um instrumento de progresso. A mão que me feriu alcançou, com o mesmo golpe, os terríveis erros seculares de que se encharcou o espírito humano. Minha voz encontrou eco nos corações indignados pela injustiça de meus algozes, e meu sangue, derramado como um orvalho benfazejo sobre um solo generoso, fecundou e desenvolveu nos espíritos adiantados de meu tempo os princípios da eterna verdade. Eles compreenderam, refletiram, analisaram, trabalharam e, sobre bases informes, rudimentares das primeiras crenças liberais, edificaram, na sucessão das eras, doutrinas filosóficas verdadeiramente generosas, profundamente religiosas e eternamente progressivas.

Graças a eles, graças aos seus trabalhos perseverantes, o mundo sabe que João Huss viveu, sofreu e morreu por suas crenças; é muito, meu Deus, para os meus frágeis esforços, e meu espírito reabilitado tem dificuldade em resistir aos sentimentos de reconhecimento e de amor que o arrebatam. Reconhecer que se enganaram ao me condenar, era justiça; as homenagens e os testemunhos de simpatia com que me glorificam são excessivos para os meus fracos méritos.

O Espírito humano tem caminhado desde que o fogo consumiu meu corpo. Uma chama não mais destrutiva, mas regeneradora, abarca a Humanidade; seu contato purifica, seu calor faz crescer e vivifica. Nesse foco benfazejo vêm reanimar-se todos os feridos pela dor, todos os torturados pela provação da dúvida e da incredulidade. O sofredor se afasta consolado e forte; o indeciso, o incrédulo e o desesperado, cheios de ardor, de firmeza e de convicção, vêm engrossar o exército ativo e fecundo das falanges emancipadoras do futuro.

Aos que me pediam uma retratação, respondi que só renunciaria às minhas crenças diante de uma doutrina mais completa, mais satisfatória, mais verdadeira. Pois bem! desde esse tempo meu Espírito se engrandeceu; encontrei algo melhor do que havia conquistado e, fiel aos meus princípios, repeli sucessivamente o que minhas antigas convicções tinham de errôneo, para acolher as verdades novas, mais largas, mais consentâneas com a idéia que eu fazia da natureza e dos atributos de Deus. Espírito, progredi no espaço; voltando à Terra, progredi também. Hoje, voltando novamente à pátria das almas, estou na fila da frente ao lado de todos os que, sob este ou aquele nome, marcham sincera e ativamente para a verdade e se dedicam, de coração e de espírito, ao desenvolvimento progressivo do espírito humano.

Obrigado a todos os que reverenciam em minha personalidade terrestre a memória de um defensor da verdade;

obrigado, sobretudo, aos que sabem que, acima do homem há o Espírito, libertado pela morte dos entraves materiais, a inteligência livre que trabalha em acordo com as inteligências exiladas, a alma que gravita incessantemente para o centro de atração de todas as criações: o infinito, Deus!

João Huss

(Paris, 17 de agosto de 1869)

Analisando através das eras a história da Humanidade, o filósofo e o pensador logo reconhecem, na origem e no desenvolvimento das civilizações, uma gradação insensível e contínua. – De um conjunto homogêneo e bárbaro surge, em primeiro lugar, uma inteligência isolada, desconhecida e perseguida, mas que, não obstante, faz época e serve de baliza, de ponto de referência para o futuro. – A tribo, ou se quiserdes, a nação, o Universo avançam em idade e as balizas se multiplicam, semeando aqui e ali os princípios de verdade e de justiça que serão a partilha das gerações que chegam. Essas balizas esparsas são os precursores; eles semeiam uma idéia, desenvolvem-na durante sua vida terrena, vigiam-na e a protegem no estado de Espírito, e voltam periodicamente através dos séculos para trazerem seu concurso e sua atividade ao seu desenvolvimento.

Tal foi João Huss e tantos outros precursores da filosofia espírita.

Semearam, laboraram e fizeram a primeira colheita; depois voltaram para semear ainda, esperando que o futuro e a intervenção providencial viessem fecundar sua obra.

Feliz aquele que, do alto do espaço, pode contemplar as diversas etapas percorridas e os trabalhos realizados por amor à verdade e à justiça; o passado não lhe dá senão satisfação, e se suas tentativas foram incompletas e improdutivas no presente, se a

perseguição e a ingratidão por vezes ainda vêm perturbar a sua tranqüilidade, ele presente as alegrias que lhe reserva o futuro.

Glória na Terra e nos espaços a todos os que consagraram a existência inteira ao desenvolvimento do espírito humano. Os séculos futuros os veneram e os mundos superiores lhes reservam a recompensa devida aos benfeitores da Humanidade.

João Huss encontrou no Espiritismo uma crença mais completa, mais satisfatória que suas doutrinas e o aceitou sem restrição. – Como ele, eu disse aos meus adversários e contraditores: “Fazei algo de melhor e me reunirei a vós.”

O progresso é a eterna lei dos mundos, mas jamais seremos ultrapassados por ele, porque, do mesmo modo que João Huss, sempre aceitaremos como nossos os princípios novos, lógicos e verdadeiros que cabe ao futuro nos revelar.

Allan Kardec

O Espiritismo em Toda Parte

Pluralidade das existências, pluralidade dos mundos habitados e comunicação com os Espíritos, ensinadas pelos reverendos padres Gratry e Hyacinthe

Lemos no *Gaulois* de 22 de julho de 1869:

“Não há grande distância entre as idéias que, sob uma espécie de *iluminismo* piedoso, se desprendem de certas passagens das *Cartas sobre a Religião*, do padre Gratry, e as crenças enunciadas pelos espíritas contemporâneos.”

“Não posso pensar nos habitantes dos outros mundos, diz o padre Gratry, sem que logo a minha razão e a minha fé

retomem todo o seu vigor, todo o seu impulso... Muitas vezes me tenho perguntado se a fé indomável, que por vezes se apodera de nossos corações com uma força capaz de erguer o mundo, com uma força que leva a crer no triunfo absoluto do amor, da justiça, da beleza, da luz e da felicidade, não seria a inspiração vinda dos seres e dos mundos onde o triunfo já começou... Isto mesmo é a lei: *Sperandarum substantia rerum, argumentum non apparentium.*”

O *Gaulois* tem razão; eis aí o belo e o bom Espiritismo, pois não se pode expor com menos palavras e de maneira mais característica os ensinamentos fundamentais de nossa filosofia. A lei do progresso, conseqüência necessária da pluralidade das existências, a pluralidade dos mundos habitados, a comunicação pela inspiração entre os habitantes da Terra e os Espíritos mais avançados, tais são os princípios que o padre Gratry não teme apoiar com sua pena autorizada; aliás, não é o primeiro exemplo de sua simpatia pelas nossas crenças.

Sentimo-nos felizes por nos encontrar num terreno comum com homens que, como o padre Gratry, se consagraram ao estudo das ciências psicológicas, sem se deixarem dominar por visões estreitas e mesquinhas. Compreenderam, e nós os felicitamos vivamente, que o mais poderoso meio de reconduzir os espíritos desgarrados a uma sã aplicação das leis eternas era fazer que tocassem a verdade com o dedo e com o olho; era substituir o Deus vingativo e apaixonado, as concepções errôneas da Idade Média sobre os seus atributos e suas relações com a Humanidade pelos ensinamentos de uma filosofia mais vasta, mais liberal, mais tolerante e em harmonia com a influência emancipadora que dirige todas as grandes inteligências de nossa época.

Tais são os sentimentos do padre P. Hyacinthe, que pensa, e com razão, que a filosofia deve marchar com os progressos do espírito humano, conforme testemunham os extratos seguintes do sermão por ele pronunciado em 11 de março de 1869 na igreja

da Madalena, em atenção ao terremoto ocorrido na América do Sul:

“Castigo, pecado, justiça! Mas, que fazer com essas palavras em face de uma dor que eles insultam, mas não explicam? Convém a um padre agarrar-se a esta superstição dos velhos tempos, julgada inapelável pela razão do sábio e pela consciência dos homens de bem? – Não, exclama a ciência moderna, o mundo não é juguete de vontades caprichosas! Ao contrário, tudo aí traz a marca majestosa da universalidade e da imutabilidade das leis. Assim, não é a Deus, mas à Natureza que convém pedir contas dessas perturbações físicas, que outrora eram chamadas de *flagelos divinos*. *Saibamos penetrar-lhes as causas; um dia, talvez, saberemos governar seus efeitos!*

“A Ciência tem razão, meus irmãos: o mundo não pertence ao milagre, mas à lei. Deixemos somente a lei à altura de si mesma. Não a confundamos, como fez Epicuro, com as combinações de um acaso feliz, nem, como Zenon, com as exigências de um cego necessitado. Que ela seja o que é: o pensamento soberano que criou a ordem porque a concebeu; que se respeite a si mesma, respeitando sua obra, e que não estabeleça por limite ao seu infinito poder senão a sua infinita sabedoria e sua infinita bondade! *Então, em todos os mundos, nos dos espaços como nos dos Espíritos*, a fórmula por excelência do reino de Deus será o império das leis!...

“Dizem que após a horrível catástrofe que acaba de atingir aquelas regiões, no cemitério de uma das cidades arrasadas, viram-se múmias indígenas arrancadas de seus túmulos pelos abalos do solo e pela invasão das ondas: pareciam erguer-se em fúnebre satisfação para assistirem à vingança tardia, mas fiel, dos filhos de seus opressores...

“...Para pagar tal resgate, teriam o Equador e o Peru uma parte mais larga na falta de Adão? Haviam crescido esta

dívida coletiva por prevaricações mais numerosas, por iniquidades mais gritantes? E, em cada uma das vinte mil vítimas desses países em luto, em vez de um infeliz atingido por um acidente, devo mostrar-vos um culpado escolhido por vingança?

“Deus me livre deste excesso de fanatismo e de crueldade! *Pensais*, dizia o Divino Mestre, *que aqueles dezoito homens, sobre os quais caiu a torre de Siloé, fossem mais culpados do que o resto dos habitantes de Jerusalém?*

“...E vós, seja qual for a posição e a fé a que pertenceis, todos vós que viestes a esta festa da caridade, meus amigos e meus irmãos, esquecei o que nos desune. Socorrendo este grande infortúnio, trabalhemos em comum para acelerar o advento do Senhor, etc...”

Necrológio

SR. BERBRUGGER, CONSERVADOR DA BIBLIOTECA DE ARGEL

(2º artigo)

No último número da *Revista* nós nos comprometemos em anunciar aos nossos leitores a partida para um mundo melhor do Sr. A. Berbrugger, o erudito conservador da Biblioteca de Argel, e estávamos felizes por honrar em sua pessoa a memória de um espírita esclarecido e profundamente convicto da verdade de nossos princípios. Chegaram até nós mais amplos detalhes sobre os trabalhos que ilustraram sua vida; estamos convictos de que todos os adeptos haverão de acolher favoravelmente os seguintes extratos do discurso pronunciado junto ao seu túmulo pelo Sr. Cherbonneau, novo presidente da *Sociedade Histórica e Arqueológica da Argélia*. (Vide o nº 76 da *Revista Africana*, de julho de 1869, página 321 e seguintes.):

“Quando se extingue uma personalidade desta têmpera, considera-se como um dever recolher seus últimos pensamentos: *tanto é verdade que a porta do tûmulo é a pedra de toque das almas*. Como sabeis, em certas palavras há revelações. Ontem, sentado perto do leito de Berbrugger, eu o escutava respeitosamente. De repente, seus olhos, onde brilhavam os últimos lampejos desta bela inteligência, fixaram-se em mim e ele me disse, com uma inflexão que jamais esquecerei: ‘Eis aonde leva o excesso de trabalho!... Não façais como eu!’ Foram estas as últimas palavras que pronunciou. A morte, contra a qual lutava como homem, enlaçou-o novamente para não mais o deixar...

“...Senhores, o sábio cuja perda será vivamente sentida em toda a Argélia, nasceu em Paris no dia 11 de maio de 1801. Sólidos estudos, feitos no Colégio Carlos Magno, o prepararam para seguir os cursos da Escola de Chartres. Sua estréia na *paleografia* já lhe atribuía um lugar na Ciência. Em 1832 ele foi encarregado, pelo governo inglês, de recolher as peças originais relativas à ocupação da França no século quinze. Pela metade do ano de 1834, como que advertido por um desses pressentimentos a que nenhum espírito resiste, abandonou a teoria pela prática e veio para a África na comitiva do marechal Clauzet, de quem foi secretário particular. Acompanhou-o em suas excursões e acompanhou o marechal Vallée em Constantina. Dessas expedições militares ele trouxe um grande número de manuscritos árabes, que formaram o núcleo da Biblioteca de Argel. Novos horizontes foram abertos diante da sagacidade de Berbrugger.

“Admirando o país que nossos exércitos acabavam de conquistar, tentou continuamente fazê-lo conhecido, sem dúvida na esperança de que a sua conquista estaria mais bem assegurada. Foi então que, ora sob a tenda, ao lado dos soldados que pensavam suas feridas, ora na calma da cidade, ele compôs esta obra importante, que foi publicada sob o título de *Argélia histórica, pitoresca e monumental*.

“Não contente de trabalhar, gostava de espalhar em torno de si o fogo sagrado que o animava. Dotado de fácil elocução, exercida mais de uma vez na França, em conferências públicas, possuía em alto grau o talento de semear idéias e fazê-las aceitadas. Tão logo percebeu que os primeiros colonos que se apossaram do solo, com uma autoridade tão patriótica quanto vigorosa, começavam a exumar com a enxada os resquícios da dominação romana, cercou-se de pesquisadores e de estudiosos. Estava fundada a Sociedade Histórica Argelina. Doze volumes cheios de documentos preciosos, de cartas e de desenhos, constituíam o *Compêndio* arqueológico que, em grande parte, devemos ao presidente desta Sociedade; porque não há uma memória ou uma nota que não tragam a marca impressa dessa crítica esclarecida, cujas decisões todos os autores respeitavam.

“Além disso, entre os escritos de Berbrugger contam-se um *Curso de língua espanhola*, um *Dicionário espanhol-francês*, a *Relação da expedição*; de Mascara, as *Épocas militares da grande Kabylie*, uma *Nota sobre os poços artesianos do Saara*, a *História do mártir Jerônimo* e a *Nota sobre o túmulo da cristã*, este problema histórico, cujos cálculos pacientes desvendaram o enigma depois de vinte séculos; enfim, inúmeras memórias inseridas nos jornais da Argélia e da França.

“Feliz do nosso presidente se os trabalhos do espírito haviam bastado ao seu desejo de ser útil! Mas ele teria considerado sua tarefa como incompleta, se não tivesse levado o fruto de sua experiência aos conselhos onde eram tratados os interesses do país. Com efeito, aí encontrava mais liberdade para fazer o bem e, por conseguinte, mais deveres a cumprir. É que nele a experiência não resultava do interesse pessoal, nem do espírito de partido, desde que o progresso da colônia era o seu único objetivo. Ah! um devotamento convicto o levou a outros sacrifícios, fazendo-o aceitar, a título de arqueólogo emérito, o comando da milícia de Argel, sem o qual lhe parecia difícil manter entre os seus concidadãos o espírito de confraternidade benevolente de que ele

mesmo estava inteiramente penetrado. Quantos tormentos nesta posição! Mas, também, quantos serviços prestados com essa simplicidade que dobrava o seu preço!

“Não será em algumas linhas, e sobretudo em meio à emoção causada por uma perda tão dolorosa, que o seu companheiro de estudos será capaz de retrair a existência tão útil e tão bem caracterizada de Adrien Berbrugger. Aliás, certos homens tiveram a boa sorte de se fazerem conhecidos em vida, tanto por suas qualidades quanto por seus escritos.

“Em lugar de fortuna, as honras não faltaram ao sábio conservador da biblioteca. Durante a viagem de Sua Majestade o Imperador, no mês de junho de 1865, ele recebeu a cruz da Legião de Honra, no grau de comendador, em recompensa por seus trabalhos literários. Precedentemente, tinha sido nomeado membro correspondente do Instituto de França.

“Adeus, Berbrugger! Na beira deste túmulo onde ireis dormir o sono eterno, ao menos temos um consolo: deixastes à vossa filha querida um nome imaculado e justamente honrado. Os habitantes de Argel guardarão carinhosamente o culto da vossa memória e, quando a Sociedade Histórica Argelina reunir-se para resolver um problema dos anais da África, *ela se inspirará* em vossa erudição.”

A. Cherbonneau – Presidente

Numa das últimas sessões da Sociedade de Paris, houvemos por bem dar um último testemunho de simpatia à memória do Sr. A. Berbrugger, solicitando a sua evocação. Apressamo-nos em submeter à apreciação de nossos leitores a comunicação que dele recebemos e que nos parece bem caracterizar o trabalhador infatigável e consciencioso tão eloqüentemente descrito pelo Sr. Cherbonneau. A elevação de sua inteligência e sua grande erudição nos levam a esperar que ele se

digne, de vez em quando, a participar de nossos trabalhos e enriquecer os nossos arquivos de comunicações e de documentos úteis e interessantes.

(Sociedade de Paris, 30 de julho de 1869)

“Estou contente, senhores, com a vossa simpática acolhida. Embora eu não fizesse parte abertamente da falange espírita, nem por isso estava menos firme e intimamente convencido da verdade de vossos princípios. Lamento ter contribuído para aumentar o número dos tímidos, que o temor da opinião ou a dependência de sua situação obrigam a guardar silêncio sobre as suas secretas aspirações! Mas, devo dizer em minha defesa, toda vez que encontrei ocasião, compulsei e dirigi ao centro os documentos que interessavam à nossa filosofia e, na intimidade, tentei, algumas vezes com êxito, comunicar minhas crenças e partilhá-las. Hoje estou acima da opinião e minha família se ampliou. Se os laços de sangue sempre me ligarão aos meus parentes da Terra, os laços eternos das almas, os princípios de caridade, de tolerância e de união da filosofia espírita me unem a todos os seus membros que concorrem para lhe assegurar o futuro, por suas obras como encarnados e por suas inspirações como Espíritos.

“Em toda parte a Humanidade se despoja de suas antigas vestimentas filosóficas e substitui os velhos hábitos da rotina e dos preconceitos por uma crença racional e baseada na lógica e na experimentação. Sei por experiência: guiado pelos conhecimentos adquiridos, o homem, verdadeira esfinge, decifra os problemas reputados insolúveis. Se, nós outros arqueólogos, nos reedificamos com algumas frases esparsas, algumas palavras truncadas, algumas cartas incompletas, as inscrições meio apagadas do grande livro histórico da Humanidade, o filósofo e o pensador liberam, de seu cortejo de erros e de mentiras, as verdades que presidiram à fundação de todas as crenças humanas, encontrando,

em toda parte, o Deus único, adorado e honrado em suas múltiplas obras e nas leis maravilhosas que os sábios modernos se gabaram de descobrir. Mas, nada descobrimos, nada inventamos!... Não somos inventores, somos pesquisadores... perdemos o caminho e o encontramos algumas vezes!...

“Coragem, senhores, sou dos vossos pelo coração e estarei ainda convosco pelo Espírito e por um concurso mais ativo e mais pessoal que pelo passado. Servi-vos de mim; ficarei feliz se me tornar útil e concorrer para os vossos trabalhos na medida de meus conhecimentos.”

A. Berbrugger

SR. GRÉGOIRE GIRARD – SR. DEGAND – SRA. VAUCHEZ

O Espiritismo acaba de perder um de seus mais fervorosos adeptos na pessoa do Sr. Grégoire Girard, morto em Sétif (Argélia), nos primeiros dias de julho último.

O Sr. Girard era um dos fundadores de Sétif e um dos nossos mais antigos assinantes. Foi um dos espíritas que mais contribuíram para o desenvolvimento de nossas crenças nessa localidade. Homem simples e de costumes irrepreensíveis, viu aproximar-se a morte sem temor; para ele era a libertação, o retorno do exilado à verdadeira pátria. Seu desprendimento foi rápido e a perturbação de curta duração; assim, ele pôde manifestar-se alguns dias após a sua inumação. Sua morte e o seu despertar foram os de um espírita de coração, que se esforçou constantemente para pôr em prática os preceitos da Doutrina.

O Espiritismo viu partir um outro de seus representantes na pessoa do Sr. Hippolyte Degand, morto aos cinquenta e um anos, no dia 25 de julho, em Philippeville (Argélia), após alguns dias de doença. O Sr. Hippolyte Degand também era, desde muito tempo, um adepto sincero e devotado,

compreendendo o verdadeiro objetivo da Doutrina; era, na total acepção do termo, um homem de bem, amado e estimado por todos os que o conheciam e um daqueles que o Espiritismo se orgulha por contar em suas fileiras. Embora tenha partido quase de repente para o mundo dos Espíritos, não temos dúvida de que a sua situação é satisfatória. Sem temor pelo desconhecido, cheio de confiança em Deus, sabia aonde ia, e a tranqüilidade de sua consciência lhe permitia esperar ser acolhido com simpatia pelos nossos irmãos do espaço. Estamos convictos de que sua esperança não sofrerá decepção e que, no alto, ele há de ocupar o lugar reservado aos homens de bem.

No momento de pôr no prelo, recebemos uma carta participando a morte da Sra. Vauchez, ou Anne-Octavie Van Metcher, quando solteira, falecida a 16 de agosto, com 27 anos de idade, em seu domicílio, 51, rue de la Montagne, em Bruxelas (Bélgica).

Seu marido, o Sr. Vauchez, um de nossos mais antigos adeptos, foi um dos que se consagraram com mais zelo e dedicação ao desenvolvimento de nossa filosofia. Presidente há vários anos da Sociedade Espírita de Bruxelas, sempre soube, por sua moderação e perseverança, fazer com que os nossos princípios fossem apreciados e respeitados em sua localidade.

O Sr. Vauchez, que sempre se distinguiu pela coragem de opinião, não quis se desmentir ante a prova cruel que o feriu. A nota seguinte, extraída da carta fúnebre da Sra. Vauchez, é uma prova convincente:

Nota – Às 2 horas, no dia 18 de agosto, na câmara mortuária, evocação e preces a Deus e aos Espíritos bons para que a acolham no mundo espiritual.

Julgamos um dever associar-nos aos nossos irmãos de Bruxelas em seu apelo aos Espíritos bons, para que assistam

espiritualmente a Sra. Vauchez. – Estamos certos de que sua profunda convicção da verdade dos nossos princípios e de sua vida de sofrimentos e de provas, suportadas com exemplar resignação, a farão merecedora de uma situação satisfatória no mundo do espaço. – Seu Espírito, há muito tempo preparado para uma outra vida, e desprendido antes mesmo da morte de seus laços materiais, há de ter tomado posse de seu novo estado com a satisfação do prisioneiro que, havendo quebrado a grade de sua prisão, respira o delicioso ar da liberdade.

Variedades

O ÓPIO E O HAXIXE

(2º artigo – Vide a *Revista* de agosto de 1869)

Conforme o desejo que expressamos no último número da *Revista*, vários dos nossos correspondentes se dignaram estudar a questão tão interessante concernente às diversas formas de embriaguez a que pode estar submetido o ser humano, e nos transmitiram o resultado de suas observações. Como a falta de espaço não nos permite publicar todos esses documentos, dos quais, todavia, tomamos boa nota, limitar-nos-emos a chamar a atenção dos nossos leitores sobre o *Relatório dos trabalhos da Sociedade Espírita de Bordeaux durante o ano de 1867*³⁸, que, em suas páginas 12 e 13, contém reflexões muito judiciosas e bastante racionais sobre a embriaguez perispiritual provocada nos desencarnados pela absorção dos fluidos alcoólicos.

Reproduzimos igualmente uma instrução obtida sobre o mesmo assunto num grupo de Genebra, por nos parecer encerrar considerações de grande profundidade e interesse geral.

38 Brochura in-8; preço: 60 c., franco: 70 c. – Paris, Livraria Espírita, 7, rue de Lille.

(Genebra, 4 de agosto de 1869 – Médiun: Sra. B.)

P. – *A embriaguez do homem dominado pelo abuso dos licores alcoólicos assemelha-se às desordens provocadas pela superexcitação ou pelo esgotamento do fluido locomotor que anima o sistema nervoso? – Não é também uma embriaguez especial a divagação momentânea do homem ferido subitamente em suas mais caras afeições?*

Resp. – Efetivamente, há três espécies de embriaguez no encarnado: a embriaguez material, a embriaguez fluídica ou perispiritual e a embriaguez mental.

A matéria propriamente dita encerra uma essência que dá vida às plantas, e esta essência circula em seus tecidos por meio de um sistema de fibras e de vasos de extrema delicadeza; poder-se-ia, com toda razão, chamar essa essência de *fluido vegetal*. Não obstante sua perfeita homogeneidade, ele se transforma e se modifica no corpo que ocupa e, à medida que desenvolve a planta, lhe dá uma forma material, um perfume e qualidades de natureza e potência diversas. Por isso a rosa não se parece com o lírio, nem tem o seu perfume, nem as suas propriedades; a espiga de trigo não tem a forma da videira, nem seu gosto, nem suas qualidades. Pode-se, pois, determinar em três formas bem distintas as relações das plantas com o fluido geral, que as alimenta e transforma conforme a sua natureza e o objetivo a que são chamadas a preencher na escala dos seres animados. Esta mesma lei preside ao desenvolvimento de todas as criações, daí resultando um encadeamento ininterrupto de todos os seres, desde o átomo orgânico, invisível ao olho humano, até a criatura mais perfeita. Em seu estado normal, cada ser possui a quantidade de fluido necessário para constituir o equilíbrio e a harmonia de suas faculdades. Mas o homem, pelo abuso dos licores alcoólicos, rompe o equilíbrio que deve existir entre seus diversos fluidos; daí a desorganização de suas faculdades, a divagação das idéias e a desordem momentânea da inteligência; *é como numa tempestade, em que*

os ventos se cruzam e se elevam turbilhões de poeira, rompendo por um instante a calma da Natureza.

A embriaguez fluídica ou perispiritual é a conseqüência da infusão na economia dos perfumes das plantas e da absorção da parte semimaterial, eteriforme, dos elementos terrestres. Os narcóticos e os anestésicos estão neste número; por vezes provocam insônia, mas em geral provocam visões, sons profundos nem sempre com despertar. *Poder-se-ia dizer que o perfume é o perispírito da planta e que ele corresponde ao perispírito do homem.* O uso excessivo de perfumes dá mais expansão ao laço fluídico, tornando-o mais apto a sofrer as influências ocultas, mas o desprendimento provocado pelo abuso é incompleto, irregular e traz perturbação na harmonia dos três princípios constitutivos do ser humano. Assim, poder-se-ia comparar o Espírito a um prisioneiro que se evade e corre ao acaso, aproveitando mal o momento de liberdade, que teme incessantemente perder. As visões conseqüentes à embriaguez fluídica não são completas nem contínuas, porque já existe equilíbrio nos fluidos reguladores e conservadores da vida.

A embriaguez mental é provocada por abalos morais violentos e inesperados; a alegria e a dor podem ser os seus promotores. É possível estabelecer uma analogia longínqua entre essa embriaguez e o que se passa na planta que, além da sua individualidade e de seu perfume, possui propriedades, que conserva e que pode utilizar, quando não pertence mais à Terra. Pode curar ou matar. A violeta, por exemplo, acalma as dores, enquanto a cicuta provoca a morte. As plantas venenosas são alimentadas pela parte impura do fluido vegetal. Todo fluido viciado, seja qual for a secção anímica a que pertença, provoca desordens, quer no corpo, quer no Espírito. Uma impressão muito viva de alegria ou de dor pode dar origem à embriaguez mental, e um abalo semelhante pode restabelecer o equilíbrio momentaneamente rompido, assim como a ingestão na economia

de um elemento nocivo pode, em certas circunstâncias, ser um contraveneno para um elemento da mesma natureza.

Mas, admitindo a existência dessas três formas de embriaguez – material, fluídica e mental – devemos acrescentar que as três formas jamais se apresentam isoladamente à vista do observador. Um estudo superficial permite, conforme os efeitos produzidos, reconhecer a natureza da causa determinante, mas, em todos os casos, as desordens atingem, ao mesmo tempo e mais ou menos gravemente, o Espírito, o perispírito e o corpo. Talvez se pudesse dizer, com alguma razão, que a loucura moral é *uma embriaguez mental crônica*.

Em outra parte, voltaremos a esta questão interessante para o médico e para o psicólogo, este médico da alma.

Um Espírito

A LIGA DO ENSINO

CONSTITUIÇÃO OFICIAL DO GRUPO PARISIENSE

(2º artigo – Vide a *Revista* de julho de 1869)

Num dos últimos números da *Revista* julgamos por bem anunciar aos nossos leitores a constituição imediata e definitiva do *Grupo Parisiense da Liga do Ensino*. Hoje nos sentimos felizes por dar a conhecer o programa desses homens devotados, que querem consagrar-se ao desenvolvimento da instrução, sobretudo entre as populações rurais. Aplaudimos sua generosa tentativa e fazemos votos por que seja coroada de pronto e integral sucesso.

Não poderíamos testemunhar melhor a nossa simpatia aos trabalhos da *Liga*, do que reproduzindo os seguintes extratos das últimas circulares publicadas pelo *Círculo Parisiense*. Deixaremos que os nossos leitores apreciem o espírito metódico e prático que presidiu à redação desse programa.

“Foi criada uma Sociedade em Paris, sob o título de *Círculo Parisiense da Liga do Ensino*, com o objetivo de propagar a instrução. É principalmente às populações rurais que ela se dirige. Provoca e estimula a iniciativa individual para a fundação de escolas, cursos gratuitos, conferências públicas e bibliotecas populares; não se ocupa senão de disseminar as noções mais elementares e mais gerais, não se permitindo entrar em discussões políticas ou religiosas. Espera-se que a Liga, que já conta na França importantes e múltiplos Círculos, veja crescer diariamente o número de seus adeptos, e que se possa encontrar, na própria Paris, um centro de ensino.

“Respeitando a vontade livremente expressa de um grupo fundador qualquer, o Círculo Parisiense oferece seu concurso desinteressado; ele aspira a pôr em comunicação os pontos extremos do país; responde a questões, auxilia as individualidades e se abstém de toda pressão.

“O Círculo Parisiense coloca-se gratuitamente à disposição dos que decidirem organizar uma escola, um material científico, e os guia na escolha dos melhores instrumentos, sejam cartas, globos, aparelhos de física, etc. Aos que quiserem dotar sua comuna de uma biblioteca, o Círculo Parisiense pode oferecer os catálogos dos editores franceses e estrangeiros, e dar seus conselhos, caso se os reclame, para a formação de catálogos especiais destinados ao uso dos leitores, quer pertençam a uma população industrial, quer a uma população agrícola. A isto juntará seus donativos em dinheiro, tanto quanto o permitirem os seus recursos.

“O Círculo publicará um boletim, assim que estiver em condições de fazê-lo, para dar conta dos resultados obtidos.

“Obra de propaganda e de fraternidade, o Círculo busca a luz visando ao interesse geral. Solicita, pois, a expressão das

necessidades intelectuais coletivas; esforçar-se-á por provê-lo na medida de seus recursos...

“O *Círculo Parisiense da Liga do Ensino*, fundado em 1866, acaba de constituir-se definitivamente. Conta hoje 450 aderentes que subscreveram uma soma anual de 2.300 francos.”³⁹

Dissertações Espíritas

UNIDADE DE LINGUAGEM

(Paris, 23 de março de 1869)

A unidade de linguagem é impossível no mesmo grau que a unidade de governo, pelo menos até uma época recuada. Deixemos, pois, aos filhos de nossos netos o cuidado de pensar nas transformações lingüísticas que necessitarão suas épocas. O que importa hoje é aumentar os meios de relação, suprimir os entraves que separam as nacionalidades, considerar os homens como seres que falam a Deus numa linguagem diferente, que aprenderam a respeitar e a venerar sob formas diversas, mas que são todas suas criaturas no mesmo grau.

Dispensai largamente a instrução, fazei a filosofia simples e lúcida, desembaraçai-a de todas as mixórdias das camarilhas escolásticas; que vossas discussões tenham por objetivo os princípios, e não as formas de linguagem, a fim de chegardes, se não à verdade absoluta, pelo menos a vos aproximardes dela cada dia mais.

Estudai as línguas estrangeiras, mas conhecei bem, antes de tudo, a do vosso país; servi-vos delas para estudar a História, para apreciar os progressos do espírito humano e para vos

³⁹ As subscrições, que não podem ser inferiores a um franco, são recebidas na sede da *Liga*, em casa do Sr. E. Vauchez, 53, rue Vivienne.

criar um método de experimentação quanto à maneira por que são realizados. Não é a variedade, nem a multidão dos conhecimentos que fazem o homem verdadeiramente instruído; o importante não é saber muito, mas saber com segurança e com lógica.

As faltas das gerações passadas deveriam ser, para a geração contemporânea, espécies de arrecifes, indicados como objeto de estudo para os experimentadores, a fim de que neles evitem chocar-se... Os exploradores dos mares desconhecidos se expõem a sérios riscos, porque ignoram a causa e a natureza dos perigos que terão de enfrentar; se não descobrirem todos os arrecifes, ao menos os assinalam em maior número aos que devem percorrer as mesmas rotas depois deles, e cada um mantém-se em segurança. No oceano infinito que devemos percorrer para alcançar a perfeição, pareceria, ao contrário, que os escolhos atraem, que as correntes pérfidias são dotadas de um poder atrativo, de uma influência magnética irresistível. Cada um quer encalhar por si mesmo, não se importando com os que pereceram ao descobrir o abismo!

Quando, pois, sereis prudentes, ó homens!... Quando abandonareis vossas loucas e temerárias excursões sem método e sem freio?... Quando fareis da razão e da lógica vossos guias mais seguros?

Mas, se quiserdes aplanar a estrada e obter esse resultado, esquecei vossas dissensões intestinas; que o interesse particular desapareça diante do interesse geral, e que vossa divisa comum seja: *Cada um por todos e todos por cada um.*

Quereis a paz? Dai a *instrução!*...

Quereis o progresso do comércio, das artes, da indústria? Propagai a *instrução!*...

A instrução em toda parte e sempre!... é por ela e só por ela que desaparecerão as sombras; é ela que fará da inteligência uma

força e da matéria um objeto; de Deus o poder criador e remunerador; do homem uma inteligência regenerada e progressista; de todos, enfim, os membros cooperadores de uma única e mesma família: a Humanidade.

Channing

A VISÃO DE DEUS

(Genebra, 11 de janeiro de 1869)

Perguntas como é possível à criatura, finita e limitada, ver o Criador, desde que Ele é infinito e não tem forma visível.

Irmão, a visão de Deus não consiste em ver com o órgão visual, tal qual agora podes imaginar ou compreender; por isto se deve entender a visão do espírito ou inteligência. É uma visão sem imagem; é uma percepção, um conhecimento, uma expansão de amor irresistível; é a visão real das manifestações magníficas e inenarráveis da Divindade, a certeza infável da presença e do amor infinito de Deus, em vez da visão de uma forma determinada que, por conseguinte, seria finita e não poderia ser Deus.

Aliás, toda coisa visível logo se torna conhecida e analisada em profundidade, porque é limitada e, conseqüentemente, não pode ser uma fonte de bondade eterna e infinita. Nesta maneira de representar a visão de Deus, cai-se forçosamente nas idéias pouco inteligentes e retardatárias, bem como na imobilidade dos bem-aventurados extáticos para sempre no paraíso. Ora, os que, depois de haverem esgotado as provas das vidas transitórias, chegaram ao topo da escala espírita, não cessam de ser ativos, porquanto, à medida que o Espírito se purifica e se aproxima de Deus, participa cada vez mais das perfeições divinas; e, como Deus é o centro e o foco da eterna atividade da vida, resulta que os Espíritos puros agem incessantemente, a fim de contribuírem com toda a sua liberdade e toda a sua força para a

realização das vontades do Eterno. Sentem que o foco da caridade infinita os envolve, que a luz que jorra da face de Deus os ilumina e que a onisciência do Senhor lhes abre seus tesouros, e que o Todo-Poderoso os torna livres e fortes para dominarem os elementos, dirigirem as forças vitais, influírem sobre as inteligências dos Espíritos elevados, embora não chegados ao topo, e contribuirão eternamente para a manutenção da harmonia da Criação.

As palavras do apóstolo Paulo: “*Videbimus Deum facie ad faciem*” e “*videbimus Deum sicuti est*” não devem ser tomadas ao pé da letra, porque a criatura jamais poderá limitar Deus à sua medida, nem se tornar infinita, o que ressalta literalmente do texto de Paulo. Em vez disso, entendamos que os Espíritos puros terão noções de Deus sempre mais perfeitas à medida que crescerem em perfeição; que nunca mais o erro turvará o seu entendimento; que as delícias e o amor deste bem e desta beleza harmônica sem limite lhes serão desvendadas sempre mais, séculos após séculos, mas sem jamais conseguirem impor à Divindade nem limites, nem formas, nem imagens mais ou menos análogas às que são criadas pela imaginação do homem terreno.

Adeus; trabalha com coragem, porque, pelo trabalho e pelo exercício das faculdades que Deus te deu, não fazes no presente, com dificuldade, senão o que farás de outro modo, e com delícias sem-fim, por toda a eternidade, quando todas essas mesmas faculdades tiverem recebido o desenvolvimento necessário.

Bibliografia

Educação materna – *Conselhos às mães de família*, por madame E.-C., de Bordeaux. – Brochura in-8º, 50 centavos, franco 60 c., Bordeaux; Paris, Livraria Espírita, 7, rue de Lille (*Revista Espírita* de julho de 1864.)

Apressamo-nos em anunciar aos nossos leitores que acabamos de encontrar um certo número de exemplares desta obra, tão recomendável pela forma, quanto pelo fundo, e que julgávamos esgotada. Os assinantes que desejarem adquiri-la poderão comprá-la dirigindo seu pedido à administração da Sociedade Anônima, 7, rue de Lille.

Obras recomendadas – **A vida de Germaine Cousin**, de Pibrac, bem-aventurada na caridade; ditado mediunicamente por ela mesma à senhorita M. S..., num grupo familiar. Brochura in-12; preço, 1 fr.; *franco*, 1 fr. 10. (*Revista Espírita* de julho de 1865.)

Escrínio literário, pela Sra. viscondessa de Vivens; 1 vol. in-12; preço, 3 fr.; *franco*, 3 fr. 40; Toulouse, 1869; Paris, Livraria Espírita, 7, rue de Lille.

Coletânea de pensamentos espiritualistas e espíritas de diversos autores, antigos e modernos, entre os quais figuram extratos de diferentes obras dos Srs. Allan Kardec, Flammarion, Pezzani, etc.

Estudos sobre o materialismo e o Espiritismo, por A. Cahagnet. Brochura in-18. Preço, 1 fr. 25; *franco*, 1 fr. 40. Paris.

A falta de espaço nos obriga a adiar para um próximo número a apreciação desta interessante obra, que trata da existência no além-túmulo de um ponto de vista especial e que será objeto de nosso exame.

Demissão do Sr. Malet,

Presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Anunciamos aos espíritas da província e do estrangeiro que o Sr. Malet, que houve por bem encarregar-se provisoriamente da presidência da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* quando da

morte do Sr. Allan Kardec, viu-se obrigado, por força de suas numerosas ocupações pessoais, a demitir-se de suas funções no dia 28 de julho de 1869.

Os membros da administração, reunidos em comissão no dia 30 do mesmo mês, depois de apreciarem os motivos expostos em sua carta, aceitaram a demissão.

Aviso

Para satisfazer ao desejo expresso por certo número de nossos assinantes, publicamos abaixo o modelo de subscrição das cartas a serem dirigidas à Sociedade Anônima. A forma seguinte nos pareceu preencher todas as condições desejáveis para garantir a chegada das correspondências ao destino e evitar qualquer designação pessoal:

À

Sociedade Anônima do Espiritismo

7, rue de Lille

Paris

Observação – Lembramos que, para reduzir os trâmites e perdas de tempo ao mínimo possível, os valores ou vales postais inseridos nas cartas dirigidas à Sociedade, deverão ser feitos ao Sr. Bittard, encarregado especialmente dos recebimentos, sob a supervisão do comitê de administração da Sociedade.

Pelo Comitê de Administração

A. Desliens – *Secretário-Gerente*



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

OUTUBRO DE 1869

Nº 10

Questões e Problemas

EXPIAÇÕES COLETIVAS⁴⁰

(OBRAS PÓSTUMAS)

Questão – *O Espiritismo explica perfeitamente a causa dos sofrimentos individuais, como conseqüências imediatas das faltas cometidas na existência precedente, ou como expiação do passado; mas, uma vez que cada um só é responsável pelas suas próprias faltas, não se explicam satisfatoriamente as desgraças coletivas que atingem as aglomerações de indivíduos, às vezes, uma família inteira, toda uma cidade, toda uma nação, toda uma raça, e que se abatem tanto sobre os bons, como sobre os maus, assim sobre os inocentes, como sobre os culpados.*

Resposta – Todas as leis que regem o Universo, sejam físicas ou morais, materiais ou intelectuais, foram descobertas, estudadas, compreendidas, partindo-se do estudo da individualidade e do da família para o de todo o conjunto, generalizando-as gradualmente e comprovando-se-lhes a universalidade dos resultados.

40 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 533.

Outro tanto se verifica hoje com relação às leis que o estudo do Espiritismo dá a conhecer. Podem aplicar-se, sem medo de errar, as leis que regem o indivíduo à família, à nação, às raças, ao conjunto dos habitantes dos mundos, os quais formam individualidades coletivas. Há as faltas do indivíduo, as da família, as da nação; e cada uma, qualquer que seja o seu caráter, se expia em virtude da mesma lei. O algoz, relativamente à sua vítima, quer indo a encontrar-se em sua presença no espaço, quer vivendo em contacto com ela numa ou em muitas existências sucessivas, até à reparação do mal praticado. O mesmo sucede quando se trata de crimes cometidos solidariamente por um certo número de pessoas. As expiações também são solidárias, o que não suprime a expiação simultânea das faltas individuais.

Três caracteres há em todo homem: o do indivíduo, do ser em si mesmo; o do membro da família e, finalmente, o de cidadão. Sob cada uma dessas três faces pode ele ser criminoso e virtuoso, isto é, pode ser virtuoso como pai de família, ao mesmo tempo que criminoso como cidadão e reciprocamente. Daí as situações especiais que para si cria nas suas sucessivas existências.

Salvo alguma exceção, pode-se admitir como regra geral que todos aqueles que numa existência vêm a estar reunidos por uma tarefa comum já viveram juntos para trabalhar com o mesmo objetivo e ainda reunidos se acharão no futuro, até que hajam atingido a meta, isto é, expiado o passado, ou desempenhado a missão que aceitaram.

Graças ao Espiritismo, compreendeis agora a justiça das provações que não decorrem dos atos da vida presente, porque reconheceis que elas são o resgate das dívidas do passado. Por que não haveria de ser assim com relação às provas coletivas? Dizeis que os infortúnios de ordem geral alcançam assim o inocente, como o culpado; mas, não sabeis que o inocente de hoje pode ser o culpado de ontem? Quer ele seja atingido individualmente, quer

coletivamente, é que o mereceu. Depois, como já o dissemos, há as faltas do indivíduo e as do cidadão; a expiação de umas não isenta da expiação das outras, pois que toda dívida tem que ser paga até à última moeda. As virtudes da vida privada diferem das da vida pública. Um, que é excelente cidadão, pode ser péssimo pai de família; outro, que é bom pai de família, probo e honesto em seus negócios, pode ser mau cidadão, ter soprado o fogo da discórdia, oprimido o fraco, manchado as mãos em crimes de lesa-sociedade. Essas faltas coletivas é que são expiadas coletivamente pelos indivíduos que para elas concorreram, os quais se encontram de novo reunidos, para sofrerem juntos a pena de talião, ou para terem ensejo de reparar o mal que praticaram, demonstrando devotamento à causa pública, socorrendo e assistindo aqueles a quem outrora maltrataram. Assim, o que é incompreensível, inconciliável com a justiça de Deus, se torna claro e lógico mediante o conhecimento dessa lei.

A solidariedade, portanto, que é o verdadeiro laço social, não o é apenas para o presente; estende-se ao passado e ao futuro, pois que as mesmas individualidades se reuniram, reúnem e reunirão, para subir juntas a escala do progresso, auxiliando-se mutuamente. Eis aí o que o Espiritismo faz compreensível, por meio da equitativa lei da reencarnação e da continuidade das relações entre os mesmos seres.

Clélie Duplantier

Observação – Conquanto se subordine aos conhecidos princípios de responsabilidade pelo passado e da continuidade das relações entre os Espíritos, esta comunicação encerra uma idéia de certo modo nova e de grande importância. A distinção que estabelece entre a responsabilidade decorrente das faltas individuais ou coletivas, das da vida privada e da vida pública, explica certos fatos ainda mal conhecidos e mostra de maneira mais precisa a solidariedade existente entre os seres e entre as gerações.

Assim, muitas vezes um indivíduo renasce na mesma família, ou, pelo menos, os membros de uma família renascem juntos para constituir uma família nova noutra posição social, a fim de apertarem os laços de afeição entre si, ou reparar agravos recíprocos. Por considerações de ordem mais geral, a criatura renasce no mesmo meio, na mesma nação, na mesma raça, quer por simpatia, quer para continuar, com os elementos já elaborados, estudos começados, para se aperfeiçoar, prosseguir trabalhos encetados e que a brevidade da vida não lhe permitiu acabar. A reencarnação no mesmo meio é a causa determinante do caráter distintivo dos povos e das raças. Embora se melhorando, os indivíduos conservam o matiz primário, até que o progresso os haja completamente transformado.

Os franceses de hoje são, pois, os do século passado, os da Idade Média, os dos tempos druídicos; são os exatores e as vítimas do feudalismo; os que submeteram outros povos e os que trabalharam pela emancipação deles, que se encontram na França transformada, onde uns expiam, na humilhação, o seu orgulho de raça e onde outros gozam o fruto de seus labores. Quando se consideram todos os crimes desses tempos em que a vida dos homens e a honra das famílias em nenhuma conta eram tidas, em que o fanatismo acendia fogueiras em honra da Divindade; quando se pensa em todos os abusos de poder, em todas as injustiças que se cometiam com desprezo dos mais sagrados direitos, quem pode estar certo de não haver participado mais ou menos de tudo isso e admirar-se de assistir a grandes e terríveis expiações coletivas?

Mas, dessas convulsões sociais, uma melhora sempre resulta; os Espíritos se esclarecem pela experiência; o infortúnio é o estimulante que os impele a procurar um remédio para o mal; na erraticidade, refletem, tomam novas resoluções, e quando voltam, fazem coisa melhor. É assim que, de geração em geração, o progresso se efetua.

Não se pode duvidar de que haja famílias, cidades, nações, raças culpadas, porque, dominadas por instintos de orgulho, de egoísmo, de ambição, de cupidez, enveredam por mau caminho e fazem coletivamente o que um indivíduo faz insuladamente. Uma família se enriquece à custa de outra; um povo subjuga outro povo, levando-lhe a desolação e a ruína; uma raça se esforça por aniquilar outra raça. Essa a razão por que há famílias, povos e raças sobre os quais desce a pena de talião.

“Quem matou com a espada perecerá pela espada”, são palavras do Cristo, palavras que se podem traduzir assim: Aquele que fez correr sangue verá o seu também derramado; aquele que levou o facho do incêndio ao que era de outrem, verá o incêndio ateado no que lhe pertence; aquele que despojou será despojado; aquele que escraviza e maltrata o fraco será a seu turno escravizado e maltratado, quer se trate de um indivíduo, quer de uma nação, ou de uma raça, porque os membros de uma individualidade coletiva são solidários assim no bem como no mal que em comum praticaram.

Ao passo que o Espiritismo dilata o campo da solidariedade, o materialismo o restringe às mesquinhas proporções da existência do homem, fazendo da mesma solidariedade um dever social sem raízes, sem outra sanção além da boa vontade e do interesse pessoal do momento. É uma simples teoria, simples máxima filosófica, cuja prática nada há que a imponha. Para o Espiritismo, a solidariedade é um fato que assenta numa lei universal da Natureza, que liga todos os seres do passado, do presente e do futuro e a cujas conseqüências ninguém pode subtrair-se. É esta uma coisa que todo homem pode compreender, por menos instruído que seja.

Quando todos os homens compreenderem o Espiritismo, compreenderão também a verdadeira solidariedade e, conseqüentemente, a verdadeira fraternidade. Uma e outra então

deixarão de ser simples deveres circunstanciais, que cada um prega as mais das vezes no seu próprio interesse e não no de outrem. O reinado da solidariedade e da fraternidade será forçosamente o da justiça para todos e o da justiça será o da paz e da harmonia entre os indivíduos, as famílias, os povos e as raças. Virá esse reinado? Duvidar do seu advento seria negar o progresso. Se compararmos a sociedade atual, nas nações civilizadas, com o que era na Idade Média, reconheceremos grande a diferença. Ora, se os homens avançaram até aqui, por que haveriam de parar? Observando-se o percurso que eles hão feito apenas de um século para cá, poder-se-á avaliar o que farão daqui a mais outro século.

As convulsões sociais são revoltas dos Espíritos encarnados contra o mal que os acicata, índice de suas aspirações a esse reino de justiça pelo qual anseiam, sem, todavia, se aperceberem claramente do que querem e dos meios de conseguilo. Por isso é que se movimentam, agitam, tudo subvertem a torto e a direito, criam sistemas, propõem remédios mais ou menos utópicos, cometem mesmo injustiças sem conta, por espírito, ao que dizem, de justiça, esperando que desse movimento saia, porventura, alguma coisa. Mais tarde, definirão melhor suas aspirações e o caminho se lhes aclarará.

Quem quer que desça ao âmago dos princípios do Espiritismo filosófico, que considere os horizontes que ele desvenda, as idéias a que dá origem e os sentimentos que desenvolve, não duvidará da parte preponderante que há de ter na regeneração, pois que, precisamente e pela força das coisas, ele conduz ao objetivo a que a Humanidade aspira: ao reino da justiça, pela extinção dos abusos que lhe hão obstado ao progresso e pela moralização das massas. Se os que sonham com a restauração do passado não entendessem assim, não se aferrariam tanto a esse sonho; deixá-lo-iam morrer tranqüilamente, como há sucedido a muitas utopias. Isto, por si só, deverá dar que pensar a certos zombadores, fazendo-os ponderar que talvez haja aí alguma coisa

mais séria do que imaginam. Mas, há pessoas que de tudo riem, que ririam mesmo de Deus, se o vissem na Terra. Também há os que têm medo de que aos seus olhos se apresente a alma que se obstinam em negar.

Qualquer que seja a influência que um dia o Espiritismo chegue a exercer sobre as sociedades, não se suponha que ele venha a substituir uma aristocracia por outra, nem a impor leis; primeiramente, porque, proclamando o direito absoluto à liberdade de consciência e do livre exame em matéria de fé, quer, como crença, ser livremente aceito, por convicção e não por meio de constrangimento. Pela sua natureza, não pode, nem deve exercer nenhuma pressão. Proscrevendo a fé cega, quer ser compreendido. Para ele, absolutamente não há mistérios, mas uma fé racional, que se baseia em fatos e que deseja a luz. Não repudia nenhuma descoberta da Ciência, dado que a Ciência é a coletânea das leis da Natureza e que, sendo de Deus essas leis, repudiar a Ciência fora repudiar a obra de Deus.

Em segundo lugar, estando a ação do Espiritismo no seu poder moralizador, não pode ele assumir nenhuma forma autocrática, porque então faria o que condena. Sua influência será preponderante, pelas modificações que trará às idéias, às opiniões, aos caracteres, aos costumes dos homens e às relações sociais. E maior será essa influência, pela circunstância de não ser imposta. Forte como filosofia, o Espiritismo só teria que perder, neste século de raciocínio, se se transformasse em poder temporal. Não será ele, portanto, que fará as instituições do mundo regenerado; os homens é que as farão, sob o império das idéias de justiça, de caridade, de fraternidade e de solidariedade, mais bem compreendidas, graças ao Espiritismo.

Essencialmente positivo em suas crenças, ele repele todo misticismo, desde que não se estenda esta denominação, como o fazem os que em nada crêem, à crença em Deus, na alma

e na vida futura. Induz, é certo, os homens a se ocuparem seriamente com a vida espiritual, mas porque essa é a vida normal, sendo nela que se têm de cumprir os nossos destinos, pois que a vida terrestre é transitória, passageira. Pelas provas que apresenta da realidade da vida espiritual, ensina aos homens a não atribuírem mais que relativa importância às coisas deste mundo, dando-lhes assim força e coragem para suportar com paciência as vicissitudes da vida terrena. Ensina-lhes que, morrendo, não deixam para sempre este mundo; que podem a ele voltar, a fim de aperfeiçoarem sua educação intelectual e moral, a menos que já estejam bastante adiantados para merecerem passar a um mundo melhor; que os trabalhos e progressos que realizem, ou para cuja realização contribuam, lhes aproveitarão, concorrendo para que melhorada se lhes torne a posição futura. Mostra-lhes dessa forma que é de todo o interesse deles não o desprezarem. Se lhes repugna voltar aqui, uma vez que possuem o livre-arbítrio, deles depende o fazerem o que é necessário a se tornarem habitantes de outros orbes; mas, que não se iludam sobre as condições que devem preencher para merecerem uma mudança de residência! Não será por meio de algumas fórmulas, expressas em palavras ou atos, que o conseguirão, sim por efeito de uma reforma séria e radical de suas imperfeições, modificando-se, despojando-se das paixões más, adquirindo dia a dia novas qualidades, ensinando a todos, pelo exemplo, a linha de proceder que levará solidariamente todos os homens à ventura, pela fraternidade, pela tolerância, pelo amor.

A Humanidade se compõe de personalidades, que constituem as existências individuais, e das gerações, que constituem as existências coletivas. Umhas e outras avançam na senda do progresso, por variadas fases de provações que, portanto, são individuais para as pessoas e coletivas para as gerações. Do mesmo modo que, para o encarnado, cada existência é um passo à frente, cada geração marca um grau de progresso para o conjunto. É irresistível esse progresso do conjunto e arrasta as massas, ao mesmo tempo que modifica e transforma em instrumento de

regeneração os erros e prejuízos de um passado que tem de desaparecer. Ora, como as gerações se compõem dos indivíduos que já viveram nas gerações precedentes, segue-se que o progresso delas é a resultante do progresso dos indivíduos.

Mas, quem demonstrará, poderão dizer, a existência de solidariedade entre a geração atual e as que a precederam, ou entre ela e as que lhe sucederão? Como se poderia provar que eu já vivi na Idade Média, por exemplo, e que voltarei a tomar parte nos acontecimentos que se produzirão na sucessão dos tempos?

Nas obras fundamentais da Doutrina e na *Revista*, o princípio da pluralidade das existências já foi exaustivamente demonstrado, para que ainda nos detivéssemos aqui a demonstrá-lo. Nos fatos da vida cotidiana fervilham provas e uma demonstração quase matemática. Limitamo-nos, pois, a concitar os pensadores a que atentem nas provas morais que decorrem do raciocínio e da indução.

Será, porventura, necessário vejamos uma coisa, para que nela acreditemos? Observando efeitos, não se pode adquirir a certeza material da causa?

Afora a da experiência, a única senda legítima que se abre para a investigação consiste em remontar do efeito à causa. A justiça nos oferece notabilíssimo exemplo desse princípio, quando empreende descobrir os *indícios* dos meios que serviram à perpetração de um crime, as *intenções* que se agregam à culpabilidade do malfeitor. Este não foi apanhado em flagrante e, contudo, é condenado por esses indícios.

A Ciência, que pretende caminhar tão-só pela via da experiência, afirma todos os dias princípios que mais não são do que induções das causas por meio unicamente da observação dos efeitos.

Em geologia determina-se a idade das montanhas. Porventura assistiram os geólogos ao surto delas? Viram formar-se as camadas de sedimento que lhes determinam a idade?

Os conhecimentos astronômicos, físicos e químicos permitem se avaliem o peso dos planetas, suas densidades, seus volumes, a velocidade que os anima, a natureza dos elementos que os compõem; entretanto, os sábios não fizeram experiências diretas e é à analogia e à indução que devemos tão belas e preciosas descobertas.

Os homens de antanho, baseados nos testemunhos de seus sentidos, afirmavam ser o Sol que gira em torno da Terra. No entanto, esse testemunho os enganava e prevaleceu o raciocínio.

O mesmo se dará com os princípios que o Espiritismo sustenta, desde que se disponham a estudá-los, sem prevenções, e, então, a Humanidade entrará, real e rapidamente, numa era de progresso e de regeneração, porque, já não se sentindo isolados entre dois abismos, o desconhecido do passado e a incerteza do porvir, os indivíduos trabalharão com energia por aperfeiçoar e multiplicar os elementos da felicidade que são obra deles, porque reconhecerão que não é devida ao acaso a posição que ocupam no mundo e que eles próprios gozarão, no futuro e em melhores condições, do fruto de seus labores e de suas vigílias. É que o Espiritismo lhes ensinará que, se as faltas coletivamente cometidas são expiadas solidariamente, os progressos realizados em comum são igualmente solidários, princípio em virtude do qual desaparecerão as dissensões de raças, de famílias e de indivíduos e a Humanidade, livre das fraldas da infância, avançará, célere e virilmente, para a conquista de seus verdadeiros destinos.

Allan Kardec

Precursores do Espiritismo

DUPONT DE NEMOURS

Entre os homens que, por seus escritos, prepararam o advento definitivo do Espiritismo, há os que tiraram suas crenças sobre os nossos princípios, da tradição e do ensino, enquanto outros chegaram a essas convicções por suas próprias meditações, com a ajuda da inspiração divina.

Dupont de Nemours, escritor quase esquecido hoje, e cujos trabalhos julgamos um dever assinalar aos nossos leitores, admirador e adepto das doutrinas de Leibnitz, partidário da escola teosófica, foi, certamente, no fim do século passado, um dos mais eminentes precursores dos ensinamentos da Doutrina Espírita atual.

Afirmamos com a mais inteira certeza: seria difícil encontrar, quer entre os seus contemporâneos, quer entre os pensadores de nossa época, um escritor que tenha compreendido melhor, somente pela força do raciocínio, os verdadeiros destinos da alma, sua origem provável, e as condições morais e espirituais de sua existência terrena.

Ninguém melhor do que ele expressou em termos viris e bem sentidos, o papel de Deus no Universo, a harmonia e a justiça infinitas das leis que governam a Criação, a progressão sem limites que rege todos os seres, desde o infusório invisível até ao homem, e do homem até Deus; ninguém apreciou melhor a importância de nossas comunicações com o mundo invisível, nem melhor concebeu a natureza das provações, das recompensas e das expiações humanas. Antes dele, certamente, jamais *a pluralidade das existências foi mais bem afirmada, a necessidade da reencarnação e o esquecimento do passado mais bem estabelecidos*, a vida do espaço mais bem determinada.

Dupont de Nemours considera os animais como irmãos mais novos da Humanidade, como os elos inferiores da cadeia contínua pelos quais o homem teve de passar antes de chegar ao estado humano. Eis aí um pensamento que lhe é comum com o do seu mestre Leibnitz. Esse grande filósofo sustenta a possibilidade, para o Espírito humano, de ter animado os vegetais, depois os animais. Faremos lembrar que não há qualquer analogia entre esse sistema, incessantemente progressivo, e o da metempsicose animal para o futuro, que evidentemente é absurda. Entregamos sem comentário, aos nossos leitores, esta concepção, que se acha nas obras de grande número de filósofos contemporâneos, reservando-nos exprimir mais tarde a nossa opinião a respeito.

Enquanto esperamos, sentimo-nos felizes por ver agregar-se ao volumoso dossiê reunido pelo Sr. Allan Kardec sobre essa interessante questão, as reflexões e as comunicações de que ela poderia ser objeto, quer da parte dos espíritas isolados, quer dos grupos e das sociedades, que julgarem oportuno estudá-la.

As passagens seguintes, extraídas da principal obra de Dupont de Nemours, a *Filosofia do Universo*, dedicada ao célebre químico Lavoisier, provarão melhor do que os mais longos comentários, seus direitos ao reconhecimento e à admiração dos espiritualistas em geral e, mais particularmente, dos espíritas.

Epígrafe: *Nada de nada; nada sem causa; nada que não tenha efeito.*

Página 41 e seguintes: *Não existe acaso.*

“Que seres inteligentes possam ser produzidos por uma causa ininteligente, isto é absurdo; *por acaso*, é uma expressão imaginada para ocultar a ignorância. *Não existe acaso*: nem mesmo nos mais insignificantes acontecimentos, nem mesmo nas chances do jogo. Mas, porque ignoramos as causas, supomos, cremos,

dizemos que há *acaso* e calculamos até mesmo o número de nossas inabilidades *como chances do acaso*, embora essas inabilidades não sejam *acazos*, mas efeitos físicos de causas físicas postas em movimento por uma inteligência pouco esclarecida.

“Que todos os seres inteligentes tenham o poder, mais ou menos considerável, não de desnaturar, mas de arranjar, combinar, modificar as coisas ininteligentes, é o que nos provam todos os nossos trabalhos e os dos *animais, nossos irmãos*.”

“Rejeitamos a palavra e a idéia de *acaso*, como vazias de sentido e indignas da filosofia. Nada acontece, nada pode acontecer senão conformemente às leis.

Teoria do perispírito⁴¹

“Duas espécies de leis físicas nos chocaram: as que comunicam o movimento à matéria inanimada e que são objeto das ciências exatas, e as que lhe imprimem pela vontade os seres inteligentes.

“Pareceu-nos que esta maneira de imprimir o movimento devia ligar-se à extrema expansibilidade de uma matéria muito sutil, e encontramos um exemplo disto na máquina a vapor e na pólvora; mas continua a mesma dificuldade, pois não é mais compreensível que uma inteligência, uma vontade, paixões, tornem expansível a matéria mais sutil como a mais compacta. Entretanto, o fato é constatado com tanta freqüência por cada um dos nossos movimentos, que nos vimos forçados a reconhecer na inteligência esta força, mais ou menos considerável, conforme a organização dos Espíritos que dela são dotados.

Página 51 e seguintes: *Solidariedade; voz interior*.

“Cada boa ação é uma espécie de empréstimo feito ao gênero humano; é um adiantamento, posto num comércio onde

41 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 533.

nem todas as expedições aproveitam, mas onde a maior parte traz retornos mais ou menos vantajosos, de sorte que ninguém as multiplica sem que elas produzam em massa um grande benefício.

“A *consciência* está no âmago do coração humano, o ministro perpétuo do Criador. Ela estabelece *uma alma na alma para julgar a alma*. Parece que há um *nós* que agita e um outro *nós* que decide se o desejo é honesto, se a ação é boa. Nada de felicidade quando eles não estão de acordo, quando o mais impetuoso dos dois deixa de respeitar o melhor e o mais sábio, pois este não perde os seus direitos; pode ceder passageiramente num combate, mas tira sua desforra; nasceu para comandar e finalmente comanda. Pode recompensar, quando os homens oprimem e julgam punir. Pode punir, quando os homens acumulam elogios e multiplicam as recompensas. A sociedade não vê e não deve julgar senão as ações. Além disso, a consciência vê e julga as intenções e os motivos. Faz corar pelo reconhecimento mal adquirido e pela reputação usurpada.

Página 127 e seguintes: *Existência e comunicação dos Espíritos desencarnados*.

“Existem apenas os homens que tenham recebido esse poder protetor das ações honestas e que sejam susceptíveis do sentimento que os excita, que os dirige? Serão os mais engenhosos, os mais nobres, os mais ricos em sensações e em faculdade de todos os cidadãos do Universo, de todos os seres inteligentes criados? *Sim, dos que nos são conhecidos*. Mas, conhecemos todos os seres? Conhecemos ao menos os que habitam nosso globo? Possuímos o sentido que seria necessário para os conhecer? Talvez o orgulho ainda responda *sim*; e será um orgulho insensato.

“Homem, tua visão mergulha abaixo de ti; distingues perfeitamente a gradação ininterrupta estabelecida pelos matizes imperceptíveis, entre todos os animais... O progresso deve parar em ti? Ergue os olhos, és digno deles: pensa, nasceste para pensar.

Ousas comparar a distância assustadora que reconheces entre ti e Deus, com a distância tão pequena que me fez hesitar entre ti e a formiga? Este espaço imenso é vazio?

“Não é, não pode ser; o Universo não tem lacuna. Se está cheio, o que o preenche? Não podemos *sabê-lo*; mas, desde que o lugar existe, nele deve achar-se alguém ou qualquer coisa. Por que não temos nenhum conhecimento evidente desses seres, cuja conveniência, analogia, necessidade no Universo chocam a reflexão, a única que no-os poderia indicar? Desses seres que nos devem superar em perfeição, em faculdades, em força, tanto quanto superamos os animais da última classe e as plantas?... É que nos faltam os órgãos e os sentidos necessários para que a nossa inteligência se comunique com eles, embora eles possam muito bem ter órgãos próprios para nos identificar e influenciar, assim como identificamos e dominamos raças inteiras de animais que nos ignoram, e que não são inferiores a nós senão em pequeníssimo número de sentidos. Que pobreza não ter senão cinco ou seis, e ser apenas homens! Podemos ter dez, cem... e é assim que os mundos abarcam os mundos e que são classificados os *seres inteligentes*.

“O que fazemos pelos *nossos irmãos mais novos* (os animais)... os gênios, os anjos (permiti-me empregar nomes em uso para designar seres que adivinho e que não conheço), esses seres que valem bem mais do que nós, o fazem por nós... Mas não suponhais, entretanto, que trato de *Espíritos puros* os seres que nos são superiores...

“Sabemos perfeitamente que as nossas paixões e a nossa vontade movem nosso corpo por um meio que nos é desconhecido e que parece contrariar fortemente as leis da gravitação, da Física, da Mecânica, etc. Basta isto para compreendermos qual deve ser no mundo e sobre nós a ação das inteligências *sobre-humanas* que podemos conhecer por indução e

pelo raciocínio, em comparação ao que somos com outros animais, mesmo assaz inteligentes, e que não fazem de nós a mínima idéia.

“Não podemos esperar agradar as *inteligências* de grau superior pelos atos que o próprio homem acharia odiosos. Não nos podemos gabar mais de os enganar como os homens, por um exterior hipócrita, que apenas faz tornar o crime mais desprezível. Elas podem assistir às nossas mais secretas ações; podem ser instruídas dos nossos solilóquios e mesmo dos nossos pensamentos não formulados. Ignoramos de quantas maneiras dispõem para ler no nosso coração; nós, cuja miséria, grosseria e inépcia limitam nossos meios de conhecer pelo toque, de ver, ouvir e por vezes analisar, conjecturar. Esta casa, que um célebre romano queria construir, aberta à vista de todos os cidadãos, existe e nela habitamos. Nossos vizinhos são os chefes e os magistrados da grande república, investidos do direito e do poder de recompensar e punir, o que para eles não é um mistério. E os que lhe penetram mais completamente as mínimas variações, as inflexões mais delicadas, são os mais poderosos e os mais sábios.

“Eles jamais nos abandonam; nós os encontramos sobretudo quando estamos sós. Acompanham-nos em viagem, no exílio, na prisão, no calabouço. Adejam em torno de nossa cabeça pensativa e tranqüila. *Podemos interrogá-los*, e toda vez que o tentamos *dir-se-ia* que eles nos respondem. Por que não o fariam? Bem que os nossos amigos nos prestam semelhante serviço, mas só aqueles que nos inspiram um grande respeito.”

Página 161 e seguintes: *Pluralidade das existências*.

“Se o verdadeiro *nós* não encerra senão a nossa *inteligência*, a nossa faculdade de sentir, de raciocinar; se o nosso corpo e os órgãos que o compõem não passam de uma máquina *ao nosso serviço*, isto é, a da inteligência que seria o *nós*; se os limites do poder presente desta inteligência não se devem à sua natureza inteligente, mas apenas ao maior ou menor grau de perfeição da

máquina que lhe foi dada para reagir; se pode aperfeiçoar essa máquina e o partido que dela tira, a tese muda e todas as conseqüências devem mudar.

“Confesso que essa suposição me parece verdadeira e espero vos mostrar antes de terminar este escrito que é a que melhor se harmoniza com as leis gerais, com a ordem eqüitativa e cheia de razão que impera no Universo. Parece-me que o *eu* não é meu braço, nem minha cabeça, nem uma mistura de membros e de espírito, mas o princípio inteligente que caminha por minhas pernas, fere ou trabalha pelos meus braços, combina por minha cabeça, goza ou padece por todos os meus órgãos. Não vejo nestes senão *condutores* adequados para conduzir as sensações e *servidores* para meu uso. Nunca me convencerei de que o *eu* não seja outra coisa senão o que sente, pensa ou raciocina em mim.

“Se não me engano, e se não há outro *Dupont* além daquele que vos ama, onde está a dificuldade, senão quando *sua casa for destruída*? Ele procurará uma nova para a inteligência que lhe restar; ele a solicitará e a receberá, quer dos seres inteligentes que lhe são superiores, quer do Deus remunerador, quer mesmo de alguma lei da Natureza que nos seja desconhecida e que, para animar os corpos dos seres inteligentes superiores, *daria prioridade aos princípios inteligentes que tivessem tido a melhor conduta num corpo de ordem inferior; àquele que fosse o mais elevado, acima do alcance comum dos outros seres inteligentes, atados de pés e mãos como ele, sob os órgãos de um animal da mesma espécie...*”

Página 166 e seguintes: *Origens animais*.

“Talvez haja alguma indução a tirar da admirável semelhança encontrada entre certos homens e certos animais. Quando vejo meus olhos, minha fronte, meu nariz, meu queixo, o pescoço, o lombo, a marcha, as paixões, o caráter, os defeitos, as virtudes, a probidade, o orgulho, a doçura, a cólera, a preguiça, a

vigilância e a teimosia de um cão de raça, não tenho qualquer repugnância em *acreditar* que outrora eu fui um cão leal, singularmente fiel e obediente ao meu dono, caçando maravilhosamente, acariciando os filhos à sua maneira, defendendo as colheitas, guardando o rebanho de dia e a porta à noite, levantando a pata contra os cães fraldiqueiros, valente a ponto de ousar atacar o tigre, com risco de ser por este comido, afrontando o javali e não tendo nenhum medo do lobo. Para essas boas qualidades, turvadas por alguns resmungos, algumas querelas descabidas e algumas carícias inoportunas, a gente se torna o animal que eu sou: em geral muito estimado, amado por algumas pessoas e as amando mais ainda; afinal de contas, muito feliz; inquieto algumas vezes por seus amigos, sensível a esses incidentes como um pobre cão que se chicoteia injustamente.

Esquecimento das existências anteriores

“A lembrança da vida precedente seria um poderoso recurso para a que a segue; alguns seres superiores ao homem, quando estão em marcha gradual de perfeição e de adiantamento ininterrupto, talvez têm essa vantagem como recompensa por sua virtude passada; sem dúvida não pode ser concedida senão aos que ainda são provados e que devem subir a Deus, *começando ou recomçando novamente esta carreira, iniciativa de alta moralidade.*”

Variedades

O ESPÍRITO DE UM CÃO

Reproduzimos, conforme o jornal *Petite Presse* de 23 de abril de 1869, a seguinte anedota a respeito da inteligência dos animais. É um documento a mais a agregar ao volumoso dossiê que o Sr. Allan Kardec nos legou sobre este interessante estudo. Dele

tinha feito objeto de um tratado especial, que se propunha publicar pessoalmente num futuro próximo. Esforçar-nos-emos em complementar suas opiniões em tempo hábil, tão logo nos permitam os trabalhos de toda natureza que nos incumbe realizar. Até lá, seremos gratos aos correspondentes que nos quiserem comunicar suas reflexões pessoais a respeito, ou as comunicações e fatos capazes de nos esclarecerem tão completamente quanto possível, sobre esta criação tão interessante entre todas as obras do Criador.

“Ainda não foi dita a última palavra sobre a inteligência dos cães, escreve ao jornal *Itália* um oficial do exército italiano. Um curioso episódio de roubo à mão armada, cuja exatidão podemos garantir, disso nos forneceu uma nova prova.

“Numa das últimas operações militares destinadas a purgar as províncias napolitanas da pilhagem, o esquadrão do capitão*** se dirigia silenciosamente à noite para um pequeno bosque, que informações muito seguras e precisas indicavam como refúgio habitual de um bando de salteadores.

“Quase ao romper do dia, nossos cavaleiros, que tiveram o cuidado de abafar o ruído de suas armas e os cascos de seus cavalos, se encontravam a pequena distância do local designado quando, de repente, um pequeno cão, evidentemente do bando de malandros e que se mantinha imóvel na entrada do bosque, de olhar inquieto, orelhas empinadas e altivamente postado sobre as patas, pôs-se a latir com todas as suas forças.

“O alerta estava dado; e quando o esquadrão entrou no matagal, traços recentes e irrecusáveis testemunhavam a fuga precipitada e desordenada de uma tropa de bandidos a cavalo.

“O capitão morde o bigode e, num acesso de mau humor fácil de compreender, resmungando entre os dentes, disse: ‘Maldito cão!’, tomou seu revólver e apontou para o infeliz

sentinela dos bandidos, que acompanhava o esquadrão latindo cada vez mais.

“O tiro é dado, o cão rola na poeira, levanta-se para depois cair, soltando gritos plangentes, barriga para cima, patas no ar, rígido, imóvel.

“O esquadrão retoma sua marcha sem grande esperança de rever os assaltantes; mas, ao cabo de um bom quarto de hora, qual não foi a surpresa do capitão ao ver o fantasma do cão, ou, melhor dizendo, o próprio cão, que ele julgava morto e bem morto, em trotes curtos, ao lado do esquadrão, dissimulando-se atrás das árvores e das altas ramagens, espiando a marcha e a direção da tropa, cumprindo até o fim sua missão de sentinela avançada!

“Muito admirado, o capitão o chama; o cão, a despeito da acolhida pouco graciosa que recebera pouco antes, aproxima-se, alegre. Apalpam-no, examinam-no; nem um só arranhão, nem uma mecha de seu pelo queimada ou sequer chamuscada.

“Não restava dúvida: o cão tinha representado uma comédia, com talento e sucesso dignos do maior interesse.

“Sua inteligência, seu jeito manhoso conquistaram a graça dos soldados, que o acariciavam e com ele dividiam suas provisões.

“Apresemos-nos em dizer que ele se mostrou sensível e reconhecido a essas boas maneiras: não mais deixou o esquadrão e se tornou amigo e companheiro dos soldados.

“Além disso, voltando atrás em suas simpatias e veleidades *bandidas*, e convertido inteiramente às idéias de ordem e de respeito à lei, agora ele é o mais fino caçador de salteadores e, por conseguinte, seu mais temível e encarniçado inimigo.”

(*Petite Presse* de 23 de abril de 1869)

MEDIUNIDADE NO COPO D'ÁGUA E
MEDIUNIDADE CURADORA NA RÚSSIA

Um dos nossos correspondentes de Odessa (Rússia meridional) nos transmite interessantes detalhes sobre a mediunidade vidente por meio do copo d'água. (Vide a *Revista Espírita* dos meses de outubro de 1864 e 1865, e junho de 1868.)

Parece que essa faculdade é muito espalhada em todas as classes da escala social, sendo empregada como meio de adivinhação e de consulta pelos doentes. As pessoas que dela são dotadas vêem, num copo ou numa garrafa d'água, sem qualquer magnetização, imagens que muitas vezes mudam de aspecto.

Eis as informações que nos foram dadas e que o nosso correspondente obteve de uma testemunha ocular e cuja veracidade não pode ser posta em dúvida.

“Um de meus amigos, diz ele, velho coronel reformado, espírita e médium escrevente, a quem informei de minha leitura do artigo de Genebra (número de junho da *Revista Espírita*, 1868), narrou-me o seguinte fato que lhe é pessoal:

“Para evitar qualquer alteração, deixarei falar o meu interlocutor, limitando-me simplesmente a traduzir do russo para o francês:

“Muito tempo antes que se cogitasse de Espiritismo, eu morava em Nicolajeff. A filha do meu cocheiro, menina de doze anos, era idiota e assim permanecia, apesar de todos os meios empregados pelos pais para restituir-lhe a razão.

“Um dia, o pai procurou-me e pediu permissão para chamar uma *ruakbarka* (literalmente: mulher sábia), a qual, segundo lhe asseguravam, podia curar sua filha. Nada tendo a objetar, fizeram vir a *ruakbarka* e eu mesmo fui à cozinha para assistir à sessão.

“A mulher pediu um vaso liso de arenito, encheu-o de água e se pôs a olhar no seu interior, murmurando palavras incompreensíveis.

“Logo ela se voltou para nós dizendo que a menina era incurável, aconselhando-me a olhar no vaso para aí encontrar a prova do que dizia.

“Tomando tudo por uma trapaça, lancei um olhar incrédulo e, para minha estupefação, vi reproduzir-se a imagem da doente, em sua posição habitual, isto é, sentada no chão, as mãos entre as pernas e balançando o corpo como o pêndulo de um relógio. Em frente à menina se postava um horrível cão negro, olhando-a fixamente como se quisesse atirar-se sobre ela.

“Crendo estar sendo enganado por truque bem feito, pus a mão no vaso e agitei a água, o que fez desaparecer a imagem, mas, obviamente, nada encontrando.

“As *ruakbarky* pululam em nossas casas na Rússia; não há uma só aldeia, um só vilarejo que não tenha uma ou várias delas, veneradas ou temidas, conforme os bons ou os maus efeitos que produzem na vizinhança.

“Por vezes elas se ocupam de adivinhação, mas geralmente cuidam dos doentes, sobretudo por meio do *nacheptchivanié* (murmúrio), isto é, ora murmurando preces e fórmulas cabalísticas, ora impondo um dedo ou a mão, ou ambas as mãos sobre a parte doente. Numa palavra, pode-se dizer que há tantas maneiras de curar quantas *ruakbarky*.

“A maioria delas não trata todas as doenças, pois têm especialidades; por vezes os efeitos que produzem são prodigiosos, tanto mais quanto não empregam senão raramente medicamentos substanciais.

“É bem evidente que a essas *ruakbarky*, a várias das quais não se pode recusar uma grande força magnética ou mesmo uma mediunidade de cura, misturam-se charlatães que praticam a mais grosseira superstição, para grande prejuízo moral, físico e pecuniário das pobres criaturas que caem em suas mãos.

“Tendo em vista os efeitos muitas vezes benéficos e por vezes perniciosos que produzem, o povo encara essas *ruakbarky* com um misto de confiança e de temor, que sabem empregar muito bem em seu proveito; mas há os que nada aceitam.

“Os fatos acima, acrescenta o nosso correspondente, concluindo, provam uma vez mais que nem a mediunidade em suas diferentes fases, nem o emprego do magnetismo são invenções novas, mas, bem ao contrário, estão disseminados em toda parte, mesmo onde menos se esperaria encontrá-los; que se passaram nos usos e costumes de quase todos os povos desde a mais alta antiguidade, e que não se trata senão de fazer uma triagem conscienciosa e razoável do verdadeiro e do falso, das leis da Natureza e das práticas supersticiosas, de esclarecer, e não de negar, para congregar em torno da verdadeira doutrina milhões de aderentes, aos quais só falta um ensino racional para serem espíritas, se não de nome, ao menos de fato.

“Se julgardes útil publicar estas linhas, autorizo que aí ponhais o meu nome, pois não se deve temer dizer claramente suas convicções, desde que honestas e leais.

“Aceitai, senhores, a expressão da minha mais alta consideração.”

Gustave Zorn

Negociante em Odessa (Rússia meridional), 24 de agosto de 1869

Observação – Aproveitamos a ocasião para cumprimentar o Sr. Zorn pelo desejo de não ocultar de modo

algum a sua qualidade de espírita. Seria desejável que todos os nossos irmãos de crença tivessem a mesma coragem diante da opinião, pois só teriam a ganhar, bem como a Doutrina, em consideração e dignidade.

Tendo sido lido num grupo espírita de Paris, este interessante relato ensejou a seguinte comunicação:

(Paris, 7 de setembro de 1869)

À medida que vossas relações se estenderem e os espíritas espalhados em todos os centros estudarem os costumes populares de suas localidades, logo reconhecerão que em toda parte os princípios do Espiritismo, por vezes desnaturados mas ainda reconhecíveis, estão profundamente arraigados em todas as crenças primitivas ou tradicionais. Nada aí que possa causar admiração, senão uma prova a mais da realidade do ensino dos Espíritos. Se, no curso dos últimos quinze anos o Espiritismo tomou novo impulso; se, em menos tempo ainda, foi reunido em corpo de doutrina e popularizado no mundo inteiro, não é menos verdade que repousa sobre leis tão antigas quanto a Criação, e que, por conseguinte, sempre regeram as relações entre os homens e os Espíritos.

Desde o paganismo, que não passava da deificação poética das crenças espíritas, e desde antes dos tempos mitológicos, os princípios da filosofia nova, conservados por alguns sábios, transmitiram-se de idade em idade até aos nossos dias, suscitando muitas vezes perseguição e sofrimento contra esses precursores de nossas crenças, mas também burilando seu nome em letras de ouro sobre o grande livro dos benfeitores da Humanidade.

Cada época teve seus missionários e reveladores, cuja linguagem era apropriada ao adiantamento e à inteligência daqueles que deviam esclarecer.

Sob um nome ou outro, o Espiritismo tem dominado desde a origem das sociedades até a época atual; e sejam quais forem as aparências, é ainda ele que preside a todos os movimentos filosóficos dos tempos presentes e que prepara o futuro. Com efeito, o que repelem? uma palavra, uma forma; mas o espírito da Doutrina está em todos os seres verdadeiramente progressistas e, mesmo, talvez nesses pretensos materialistas, reduzidos a divinizar a matéria, porque acham muito pequeno e muito mesquinho o Deus que lhes ensinaram a adorar. De fato, não é mais um Deus pessoal e vingativo que de agora em diante deve presidir à direção das Humanidades. Apaga-se a forma, para não deixar subsistir senão os princípios.

Que importam os obstáculos e as dificuldades do caminho? Marchai corajosamente, obedeci ao impulso de vossas convicções racionais, abandonai aqueles a quem ainda são suficientes os ensinamentos rotineiros, meio desacreditados, de um passado que cada dia se apaga mais, e não vos fixeis em procurar o ser divino senão na lógica, na sabedoria, na inteligência e na benevolência infinitas que surgem a cada passo do estudo da Natureza.

Clélie Duplantier

AS IRMÃS GÊMEAS

No dia 15 de março de 1865, em Cambridge (Massachusetts) nasceram duas gêmeas, filhas do casal Lewis E. Waterman. Somente uma sobreviveu, a quem deram o nome de Rose. Nessa época já tinham duas filhas de quatro anos. O casal acreditava nos ensinamentos da *doutrina ortodoxa*; mas conhecia o *espiritualismo* e o considerava como uma irrisão, particularmente a Sra. Waterman. Se porventura assistia a uma conferência ou a uma sessão, era por motivo de distração.

Antes de falar, a pequena Rose manifestou grande amor pelas flores, afeiçoando-se particularmente pelos botões de rosas; para contentá-la, amarravam em seu peito flores artificiais, que eram substituídas quando perdiam o viço.

Quando Rose começou a andar sozinha, fugia das irmãs e parecia sentir grande prazer em divertir-se sozinha ou com uma *companhia imaginária*, pois seus pais haviam notado que ela sempre estendia a mão para receber um segundo pedaço de maçã ou de bolo, como se quisesse prover às necessidades de uma outra criança.

Começou a falar com dois anos. Certo dia, em que se divertia com sua *companheira invisível*, perguntaram quem é que brincava com ela. “Minha irmãzinha Lily”, respondeu. – “Por que pedis duas maçãs? – Quero uma para Lily.” Quando os visitantes perguntavam seu nome, respondia: “Botão de rosa.” – “É por isto que o trazeis sempre amarrado ao peito? – Não, é para que minha irmãzinha Lily tenha um. – Onde está vossa irmãzinha Lily? – No céu. – Onde é o céu? – Aqui, minha irmãzinha Lily está aqui.”

Muitas perguntas semelhantes foram feitas a esta interessante criança, e suas respostas *eram sempre conformes, implicando a presença de sua pequena Lily*, não só brincando com ela de dia, mas sendo sua colega de cama, pois Rose tomava seu travesseiro nos braços, acariciava-o e o chamava a sua pequena Lily; fazia a descrição desta aos seus pais, dizendo que tinha belos cabelos louros, olhos azuis, um belo vestido e queria que sua mãe lhe fizesse outro semelhante.

Certo dia do mês de janeiro de 1868, encontraram com ela um botão de rosas frescas e perfumadas. Onde o teria conseguido? era um mistério para a família, porque não havia flores semelhantes na casa e não viera ninguém que lhas pudesse ter dado. “Onde conseguistes esta bonita flor? perguntaram-lhe. – Foi minha Lily que ma deu”, respondeu ela. De outras vezes eram

pensamentos que lhe eram dados. Os pais não davam a tais fatos a menor importância, quando um dia alguém falou do espiritualismo e aconselhou o Sr. Waterman a consultar um médium. Tendo seguido o conselho, obteve para si a prova de que Lily não era um ser imaginário, e sim o Espírito de sua irmã, gêmea de Rose. Tendo a Sra. Waterman se tornado médium escrevente, obtiveram, por seu intermédio, comunicações de diversos Espíritos, que lhes deram provas notáveis de identidade, notadamente uma do Espírito Abby, uma tia do Sr. Waterman, com a qual ela havia passado a juventude.

Estas provas, agregadas aos fatos e gestos de Rose com sua pequena Lily, provaram aos esposos Waterman a realidade da comunicação dos Espíritos com os mortais.

Uma manhã Rose trouxe à sua mãe uma mecha de cabelos, dizendo: “Mãe, minha pequena Lily me disse para te dar isto.” A mãe, muito *admirada*, sentiu vontade de escrever e obteve uma comunicação do Espírito da tia do Sr. Waterman, na qual esta dizia que aqueles cabelos eram seus e que logo teriam também os cabelos da pequena Lily. Com efeito, na mesma noite eles encontraram uma mecha na cama de Rose, dourada como jamais tinham visto outra antes.

(Extraído do *Spiritual Magazine* de Londres)

REENCARNAÇÃO – PREEXISTÊNCIA⁴²

Um dos nossos correspondentes houve por bem nos enviar os extratos seguintes do preâmbulo da *História da Revolução Francesa*, de Louis Blanc. Como estão inteiramente conformes aos princípios da filosofia espírita, julgamos um dever comunicá-los aos nossos leitores.

“Mas quê! mesmo quando se debate a pura soberania da idéia, vê-se sangue! sempre sangue! Qual é pois esta lei que, em todo grande progresso tem como consequência algum grande

42 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 533.

desastre? Semelhantes à charrua, as revoluções não fecundam o solo senão dilacerando-o; por quê? Donde vem que o tempo é apenas a destruição que se prolonga e se renova? Donde vem à morte esse poder de fazer germinar a vida, quando, numa sociedade que se desmorona, milhares de indivíduos perecem esmagados sob os seus escombros? Que importa? dizemos nós. A espécie avança lentamente. Mas é justo que raças inteiras sejam atormentadas e aniquiladas, a fim de que um dia, mais tarde, num dado tempo, raças diferentes venham desfrutar dos trabalhos realizados e dos males sofridos? Esta imensa e arbitrária imolação dos seres de ontem pelos de hoje e os de hoje pelos de amanhã não é capaz de sublevar a consciência em suas mais íntimas profundezas? E aos infelizes que caem, degolados perante o altar do progresso, o progresso não parecerá um ídolo sinistro, uma execrável e falsa divindade?

“Há que convir que estas seriam questões terríveis, se, para as resolver, não existissem estas duas crenças: *Solidariedade das raças, imortalidade do gênero humano*. Porque, quando se admite que tudo se transforma e que nada se destrói; quando se crê na impotência da morte; quando se está convencido de que as gerações sucessivas são modos variáveis de uma mesma vida universal que, em se melhorando, continua; quando, enfim, se adota esta admirável definição que o gênio de Pascal deixou escapar: “*A Humanidade é um homem que vive sempre e que aprende incessantemente*”, então o espetáculo de tantas catástrofes acumuladas perde o que tinha de aflitivo para a consciência; não se duvida mais da sabedoria das leis gerais, da eterna justiça; e, sem empalidecer, sem se humilhar, seguem-se os períodos desta longa e dolorosa gestação da verdade, que se chama História.”

CARTAS DE MAQUIAVEL AO SR. GIRARDIN

De algum tempo para cá, o jornal *Liberté* vem publicando, assinados pelo Sr. Aimé Dolfus, uma série de artigos

políticos sob a rubrica de: *Cartas de Maquiavel ao Sr. Girardin*⁴³, cujo espírito não nos compete analisar. Mas reconhecemos com viva satisfação que se os redatores do *Liberté* não são espíritas, são bastante hábeis para se servirem dos princípios do Espiritismo que possam interessar aos seus leitores. Certamente não se deve ver nessas cartas mais que uma forma, um produto da imaginação apropriado pelo autor às circunstâncias atuais. Nosso quadro e o objeto especial dos nossos estudos só nos obriga a reproduzir a seguinte passagem, que publicamos sem qualquer comentário, enviando nossos leitores, para mais amplos detalhes, à apreciação que delas fez o Sr. Allan Kardec, na comunicação intitulada: *O Espiritismo e a literatura contemporânea*. Citamos textualmente:

“Entre os poucos homens de vossa geração, que melhor souberam captar e assimilar minhas idéias, pôr em prática as minhas doutrinas, abandonar a política da paixão pela da conciliação, desprezar as formas governamentais para se fixarem no fundo das coisas, existe um cuja vida pública parece uma página isolada da história do meu tempo.

“Ele é meu contemporâneo quase tanto quanto vosso; é vosso amigo como foi meu amigo. Pela segunda vez permite-se uma missão de pacificação, representando um papel moderador cujo alcance e grandeza o século dezenove não parece adivinhar melhor do que os partidos do século dezesseis. Ele já tinha tentado, no tempo dos Médicis, o que acaba de tentar, com mais sucesso, sob os Napoleões. Antes de utilizar o nome que conheceis, senhor, e que não preciso escrever, ele se chamava François Guichardin.

“Historiador e homem de Estado em sua primeira encarnação, revelou-se, na segunda, orador de primeira ordem. Essas duas personalidades têm tantos pontos de contacto que creio poder confundi-las numa só.”

Liberté (4 de setembro de 1869)

43 Vide o jornal *Liberté*, números de 31 de agosto, 2 e 4 de setembro.

Correspondência

Aos numerosos testemunhos de simpatia pela Sra. Allan Kardec e de garantias de adesão que temos recebido dos nossos correspondentes da França e dos países vizinhos, a propósito da morte do Sr. Allan Kardec, vêm juntar-se hoje as homenagens prestadas à memória do nosso venerado mestre pelos espíritas dos centros de além-mar.

Julgamos um dever pôr sob os olhos dos nossos leitores alguns extratos dessas cartas, bem como as adesões das sociedades de Rouen e de Saint-Aignan à constituição da Sociedade Anônima.

Um dos nossos correspondentes de São Petersburgo (Rússia), o sr. Henri Stecki, autor do *Espiritismo na Bíblia* (*Revista Espírita*, novembro de 1868), adere igualmente, e da mais absoluta maneira, à nova organização. Desejoso de concorrer pessoalmente para a vulgarização universal de nossos princípios, o Sr. Henri Stecki quer consagrar o produto integral da venda de sua interessante obra à alimentação do fundo de reserva da caixa geral. Pedimos-lhe aceitar, em nome do Espiritismo e dos espíritas do mundo inteiro, nossas calorosas felicitações e vivos agradecimentos.

Todos esses testemunhos provam de sobra que, segundo nossas mais íntimas convicções, o Espiritismo reunirá num futuro próximo, sem distinção de casta, nem de nacionalidade, os homens sinceramente devotados aos verdadeiros interesses e à regeneração da Humanidade⁴⁴.

44 No momento de levar ao prelo, recebemos do Grupo de Montauban (Tarn-et-Garonne) uma carta de adesão, da qual falaremos em nosso próximo número.

Saint-Denis (Réunion), 30 de julho de 1869.

Sr. Presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Senhor,

É dos confins do mundo que chega esta carta. Mas, por mais afastado que eu esteja dos meus irmãos em doutrina e da subscrição que abristes tão fraternalmente para permitir aos espíritas do mundo inteiro cumprir um dever de reconhecimento para com o nosso bom e saudoso mestre Allan Kardec, guardo a esperança de que não chegarei muito tarde para depositar minha oferta entre vossas mãos e ser incluído no número dos que têm a honra e a glória de erigir um monumento fúnebre à memória do homem de bem que devotou toda a sua existência à felicidade da Humanidade, e que triunfou de modo tão completo em levar a esperança e o amor a tantos corações.

Para este efeito, encarrego meu correspondente de Paris a vos entregar a soma de 50 francos.

Recebei, etc.

A. M.

Port-Louis, 1º de julho de 1869.

Ao Sr. Presidente da Sociedade Espírita de Paris.

Senhor,

É com sentimento de penosa surpresa que recebemos vossa circular de 1º de abril de 1869, participando-nos a morte súbita de nosso bem-amado mestre e venerado instrutor, o Sr. Allan Kardec.

A primeira impressão, dando lugar à reflexão, levou-nos a constatar que nada se faz inutilmente no mundo, e que tudo deve seguir a lei do progresso.

Nosso bem-amado mestre há muito nos ensinou a compreender isto, pois que nos disse, pela epígrafe da *Revista* “*Todo efeito tem uma causa; todo efeito inteligente tem uma causa inteligente; o poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.*” Sua morte, nas circunstâncias que a precederam e seguiram, contribuirá, estamos certos, para impor silêncio aos caluniadores, surpreender os ignorantes e levar os retardatários do mundo civilizado a estudar, ver, compreender e progredir.

Se estamos bem convictos dos sólidos princípios da doutrina que o Sr. Allan Kardec implantou nos nossos corações e nos nossos espíritos, devemos compreender, melhor que os outros, que o movimento transitório que se opera neste momento é o prelúdio da era nova que deve regenerar o mundo num futuro próximo; e todos os grandes Espíritos que emigram agora, devem ser, em nossa opinião, os messias que virão conduzir a Humanidade à sua mais bela transformação.

Que Espírito, melhor do que o do Sr. Allan Kardec, poderá tomar parte mais ativa nesse belo resultado? Que homem, durante sua existência corporal, desde 1869 se consagrou a instruir de maneira mais sólida maior número de irmãos nos princípios humanitários?

Que conquistador em nosso globo, que poeta, que autor de invenção útil contribuiu para o sucesso de suas conquistas, pelo encanto de sua poesia ou pela potência de sua invenção para fazer mais pessoas felizes na Terra, em doze anos de trabalhos contínuos, do que fez o Sr. Allan Kardec?

Que homem empreendeu, perseguiu e completou um trabalho mais progressivo e mais moralizador do que o legado pelo Sr. Allan Kardec, fazendo-nos compreender por seu exemplo que sempre se deve deixar a porta aberta, a qualquer hora, em qualquer época, ao progresso transitório, que tende para a perfeição relativa?

Hoje, para todos nós, é um dever absoluto acolher com zelo vosso fraternal apelo e trazer, de todos os pontos do globo terrestre, o frágil contributo que, isoladamente, é devido por todo irmão espírita ao centro que é o cadinho no qual todas as harmonias espíritas virão depurar-se.

Tenho a honra, etc.

Ch. L. L..

Saint-Aignan, 16 de setembro de 1869.

Senhores membros do comitê da Caixa Geral e Central do Espiritismo, em Paris.

Senhores,

Os membros do grupo espírita de Saint-Aignan, perto de Rouen, depois de tomarem conhecimento dos estatutos da Sociedade Anônima do Espiritismo, têm a honra de felicitar os fundadores de uma organização que assegura definitivamente a estabilidade de nossos princípios no porvir.

Os espíritas de Saint-Aignan são pouco numerosos e pouco afortunados, mas são dos que mais ganharam pelo estudo da Doutrina, pois nela encontraram a força para suportar as provas muitas vezes cruéis da vida, bem como a esperança de conquistar a felicidade futura, por sua paciência e submissão à vontade de Deus.

Tendo recebido muito, não temem dar pouco, lembrados que estão de que o óbolo da viúva vale mais diante de Deus do que a prodigalidade do rico; mas, se os seus recursos materiais são módicos, mesmo assim esperam concorrer ativa e efetivamente para a vulgarização de suas crenças, fazendo apreciar a sua justiça e a sua lógica àqueles que os cercam, transmitindo-lhes a coragem e a confiança que nelas hauriram.

Nossa modesta subscrição totaliza 27 francos.

Quereis aceitar, senhores, a segurança de nossa fraterna simpatia.

Por todos os membros do grupo.

J. Chevalier – Presidente

Tisserand à Saint-Aignan, perto de Rouen (Seine-Inférieure)

Rouen, 29 de agosto de 1869.

Aos senhores membros do comitê da Caixa Geral e Central do Espiritismo, em Paris.

Senhores,

Os membros da Sociedade Espírita de Rouen, reunidos em sessão no dia 29 de agosto de 1869 (domingo), depois de ter estudado com o maior cuidado os extratos dos estatutos da Sociedade Anônima do Espiritismo, publicados no número de agosto da *Revista Espírita*, tendo reconhecido a utilidade dessa organização e apreciando a estabilidade que a Doutrina conquistará em consequência das disposições que lhe asseguram uma existência legal e independente, decidiram o seguinte:

1^o – Enviar felicitações aos membros fundadores da nova Sociedade, cujo devotamento e desinteresse apreciam;

2^o – Aprovar os artigos dos estatutos concernentes à maneira de alimentar o fundo de reserva e aderir da mais absoluta maneira à transferência feita à Caixa Geral dos 1.000 francos provenientes da subscrição da Sociedade de Rouen, para o desenvolvimento progressivo dos princípios de nossa consoladora filosofia.

A Sociedade de Rouen deve, antes de tudo, prover à sua existência; seus meios de ação são limitados, mas toda vez que as circunstâncias e recursos lho permitirem, dará seu apoio material e seu assentimento moral às disposições tomadas pela Sociedade Anônima, para assegurar a vitalidade e a expansão do Espiritismo no futuro.

(Extrato do registro da ata da sessão de 29 de agosto de 1869)
(Seguem as assinaturas dos principais membros)

Dissertações Espíritas

O ESPIRITISMO E A LITERATURA CONTEMPORÂNEA

(Paris, 14 de setembro de 1869)

O Espiritismo é, por sua própria natureza, modesto e pouco ruidoso. Ele existe pelo poder da verdade, e não pelo barulho feito em seu redor por seus adversários e partidários. Utopia ou sonho de uma imaginação desordenada, após um breve sucesso ele teria caído sob a conspiração do silêncio, ou melhor ainda, sob a do ridículo que, segundo se pretende, tudo destrói na França. Mas o silêncio não aniquila senão as obras sem consistência e o ridículo só mata o que é mortal. Se o Espiritismo sobreviveu, embora nada tenha feito para escapar às ciladas de toda natureza que lhe armaram, é porque não é obra de um homem, nem de um partido, mas o resultado da observação dos fatos e da coordenação metódica das leis universais. Supondo-se que os seus adeptos humanos desapareçam, que as obras que o erigiram em corpo de doutrina sejam destruídas, ele ainda sobreviveria por tão longo tempo quanto a existência dos mundos e das leis que os regem.

Alguém é materialista, católico, muçulmano ou livre-pensador por sua vontade ou sua convicção; mas basta existir, se não para ser espírita, ao menos para estar sujeito ao Espiritismo.

Pensar, refletir, viver, são, efetivamente, atos espíritas, e por estranha que pareça esta pretensão, ela prontamente se justifica após alguns minutos de exame por aqueles que admitem *uma alma, um corpo e um intermediário entre essa alma e esse corpo*; pelos que, como Pascal e Louis Blanc, consideram a Humanidade *como um homem que vive sempre e aprende sem cessar*; pelos que, como o *Liberté*, admitem que um homem possa viver sucessivamente em dois séculos diferentes e exercer sobre as instituições e a filosofia de seu tempo uma influência da mesma natureza.

Quer se esteja convicto ou não, pensar, ouvir a voz interior da meditação, não é praticar um ato espírita, se realmente existem Espíritos? Viver, isto é, respirar, não é fazer o corpo sentir uma impressão que se transmite ao Espírito por meio do perispírito? Admitir esses três princípios constitutivos do ser humano é admitir uma das bases fundamentais da Doutrina, é ser espírita ou pelo menos ter um ponto de contato com o Espiritismo, uma crença comum com os espíritas.

Entrai para o nosso meio abertamente ou pela porta oculta, senhores sábios, isso pouco importa, desde que entreis. A Doutrina vos penetra desde agora e, como a mancha de óleo, estende-se e cresce sem cessar. Vós sois dos nossos, porque a ciência humana entra a todo vapor nos domínios da filosofia e a filosofia espírita admite todas as conclusões racionais da Ciência. Sobre esse terreno comum, quer aceiteis ou não, quer deis às vossas concessões um nome qualquer, estareis conosco e a forma não nos importa, se o fundo é o mesmo.

Estais bem perto de crer e sobretudo de vos convencer, senhor de Girardin, que achastes conveniente tomar do Espiritismo suas palavras, suas formas e seus princípios fundamentais, para cativar os vossos leitores! E vós todos, poetas, romancistas, literatos, não sois um pouco espíritas, quando vossos personagens sonham com um passado que jamais conheceram,

quando reconhecem lugares que jamais visitaram, quando a simpatia ou a aversão surgem entre eles ao primeiro contato? Sem dúvida fazeis Espiritismo, como os cenógrafos fazem as peças teatrais; para vós, talvez, ele seja um ardil, uma encenação, um quadro. Que nos importa! Não deixais de popularizar menos os ensinamentos que encontram eco em toda parte, porque muitos pressentem, sem poder definir, esses princípios de convicção sobre os quais as vossas penas sábias ou poéticas lançam a luz da evidência. O Espiritismo é uma fonte fecunda, senhores! É o inexaurível Golconda que enriquece o espírito e o coração dos escritores que exploram e dos que lêem as suas produções! Obrigado, senhores! sois nossos aliados, sem querer, talvez sem saber, mas nós vos deixamos o julgamento de vossas intenções, para só apreciarmos os resultados.

Lamentava-se a penúria dos instrumentos de convicções; o número de médiuns diminuía; seu zelo esfriava; mas agora, não é o poeta da moda, o literato cujas obras se disputam, o sábio encarregado de esclarecer as inteligências, os que popularizam e propagam por toda parte a nova convicção?

Ah! não temais pelo futuro do Espiritismo! Criança, ele escapou de todos os cercos do inimigo; adolescente, e adotado por bem ou por mal pela Ciência e pela literatura, não deixará a sua marcha invasora senão quando houver inscrito em todos os corações os princípios regeneradores que restabelecerão a paz e a harmonia por toda parte onde ainda reinam a desordem e as dissensões intestinas.

Allan Kardec

A CARIDADE

(Sociedade Espírita de Paris, 9 de julho de 1869 – Médiun: Sr. Leymarie)

Caridade! Essa palavra existe desde o começo da Humanidade. A partir do dia em que o homem estendeu a mão a

outro homem, ele praticou um ato de caridade, e desde esse tempo desconhecido quantos fatos, quantos exemplos vivazes deste pensamento profundo da consciência humana! Exemplos de caridade têm sido relatados pelos historiadores e moralistas em obras presentes na memória de todos.

Mas o que eu realmente queria que amásseis, senhores, é essa caridade do coração verdadeiramente espírita, não interessando o processo, a maneira de fazer e as distinções sutis.

Como é doce dar alguma coisa! Jamais a mão direita deve ver o que faz a mão esquerda!

Caros espíritas, irmãos amados, aliviiai os vossos semelhantes sem prevenção; dai aos que sofrem, aos que esperam; a essas mães, a essas crianças abandonadas, a todos os deserdados e fareis uma obra verdadeira.

Mas tudo isso não passa da caridade banal, que todos os homens praticam, seja qual for a crença a que pertençam. O espírita deve ver mais longe; pelo estudo e pela intenção o espírita deve sondar essas dores ocultas, vergonhosas, dolorosas que corroem tantas naturezas belas e excelentes, tantos mártires do dever, da consciência, tantos degredados da provação humana, condenados, por suas faltas anteriores, a se purificarem de toda uma existência de infrações ignoradas. Ah! para estes tende coração, atenções delicadas, palavras consoladoras; partilhai com esses corajosos da vida que lutam secretamente contra a força irritada, mas justa, que os fere sem cessar.

Vede esses párias de frente inspirada; uns são verdadeiros trapos, feridos e arruinados qual navio em perigo; outros vêem fugir todas as afeições: mulher, filhos bem-amados, casa laboriosamente edificada, tudo desaparece! Aquele outro é a doença que o fere ou atinge os seus; tortura incessante, inferno da

vida, onde a esperança parece fugir diante das dores que voltam sem parar.

Sim, sondai habilmente as chagas de todos esses deserddados, ide a eles; consolai, dai o vosso coração, vossa bolsa, vossa mão, vosso apoio, pois o mérito da caridade espírita é saber procurar delicadamente; eis aí a obra escolhida e o sentido íntimo da epígrafe querida do mestre: *“Fora da caridade não há salvação.”*

Quatro palavras devem ser a base da língua espírita: *perdão, amor, solidariedade, caridade.*

Bernard

Poesias Espíritas

AS LUNETAS

(Fábula)

De ouro, púrpura e opala, os grandes refletores,
 A refletir do dia o seu declínio em cores,
 Deixava pensativo o camponês Simão;
 Em seus olhos assim uma lágrima brilha.
 Esse imenso clarão na alma dele fervilha
 E um profundo sentir lhe invade o coração.
 Simão não é um homem de ciência,
 Não conhece a matéria e as mecânicas leis;
 Mas tem mais em bom-senso; ele tem consciência;
 Ele é inteligente e modesto por vez.
 No fervor de seu devancio,

Tais nomes murmurava: Alma, Deus, Criador,
 Quando um riso de alguém com deboche lhe veio,
 Surgiu ao lado seu. Quem era o zombador?
 Era o senhor seu filho!... Um moço imberbe ainda,
 Mas *diplomado* já... que de sábio se guinda.
 – Menino, eu admiro o esplendor

Desse harmônico quadro, tão grandioso,
Vejo em meu coração, creio com amor.
– E o filho co'ironia, exaltado e vaidoso:
Vós vedes, o dizeis, e credes... está bem!
Quanto a mim nada vejo e nada de mais tem.
– Com chistes ou graças velhacas,
Opinoso e insistente em se dando razão,
O jovem bacharel olhava o espaço então,
Com suas lunetas opacas.

Sabedores materialistas,
De pretensiosos tais vós pertenceis as listas,
Vossas demonstrações falíveis, incompletas,
Não estão nas vossas lunetas?

Dobre

Bibliografia

NOVOS JORNAIS ESTRANGEIROS

Sniarto Zagrowe (*Luç de Além-Túmulo*) – Jornal espírita mensal, publicado em caderno de 16 páginas in-octavo, em Leopold (Galícia austríaca); redator-gerente: W. Letronne.

Condições de assinatura por ano: Galícia austríaca: 10 fr.
– Províncias austríacas limítrofes: 11 fr. – Países estrangeiros: 12 fr.

O Eco de Além-Túmulo, monitor do Espiritismo no Brasil, publicado mensalmente na Bahia, em língua portuguesa, em cadernos de 60 páginas in-octavo, sob a direção do Sr. Luiz Olympio Telles de Menezes, membro do Instituto Histórico da Bahia.

Condições de assinatura por ano:

Bahia	9.000 réis
Províncias brasileiras	11.000 réis

Estrangeiro 12.000 réis
Bahia – *Largo do Desterro*, 2.

Estatuto da Sociedade Anônima do Espiritismo – Brochura in-8. – Preço: 1 fr. Paris; administração da Sociedade anônima, 7, rue de Lille.

Aviso

Para satisfazer ao desejo expresso por certo número de nossos assinantes, publicamos abaixo o modelo de subscrição das cartas a serem dirigidas à Sociedade Anônima. A forma seguinte nos pareceu preencher todas as condições desejáveis para garantir a chegada das correspondências ao destino e evitar qualquer designação pessoal.

À

Sociedade Anônima do Espiritismo

7, rue de Lille

Paris

Observação – Lembramos que, para reduzir os trâmites e perdas de tempo ao mínimo possível, os valores ou vales postais inseridos nas cartas dirigidas à Sociedade deverão ser feitos ao Sr. Bittard, encarregado especialmente dos recebimentos, sob a supervisão do comitê de administração da Sociedade.

Prevenimos os nossos correspondentes que a *Livraria Espírita* pode fornecer-lhes, contra um vale postal e sem aumento de preço, todas as obras existentes na livraria. Para o estrangeiro adicionar as taxas de correio.

Pelo Comitê de Administração
A. Desliens – *Secretário-Gerente*



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

NOVEMBRO DE 1869

Nº 11

A Vida Futura

(OBRAS PÓSTUMAS)

A vida futura já deixou de ser um problema. É um fato apurado pela razão e pela demonstração para a quase totalidade dos homens, porquanto os que a negam formam ínfima minoria, sem embargo do ruído que tentam fazer. Não é, pois, a sua realidade o que nos propomos demonstrar aqui. Fora repetir-nos, sem acrescentarmos coisa alguma à convicção geral. Admitido que está o princípio, como primícias, o a que nos propomos é examinar-lhe a influência sobre a ordem social e a moralização, segundo a maneira por que é encarada.

As conseqüências do princípio contrário, isto é, do “nadismo”, já são por demais conhecidas e bastante compreendidas, para que se torne necessário desenvolvê-las de novo. Apenas diremos que, se estivesse demonstrada a inexistência da vida futura, nenhum outro fim teria a vida presente, senão o da manutenção de um corpo que, amanhã, dentro de uma hora, poderá deixar de existir, ficando tudo, nesse caso, inteiramente acabado. A conseqüência lógica de semelhante condição para a

Humanidade seria concentrarem-se todos os pensamentos na incrementação dos gozos materiais, sem atenção aos prejuízos de outrem. Por que, então, haveria alguém de suportar privações, de impor-se sacrifícios? Por que haveria de constranger-se para se melhorar, para se corrigir de defeitos? Seria também a absoluta inutilidade do remorso, do arrependimento, uma vez que nada se deveria esperar. Seria, afinal, a consagração do egoísmo e da máxima: *O mundo pertence aos mais fortes e aos mais espertos*. Sem a vida futura, a moral não passa de mero constrangimento, de um código convencional, arbitrariamente imposto; nenhuma raiz teria ela no coração. Uma sociedade fundada em tal crença só teria por elo, a prender-lhe os membros, a força e bem depressa cairia em dissolução.

Não se objete que, entre os negadores da vida futura, há pessoas honestas, incapazes de cientemente causar dano a quem quer que seja e susceptíveis dos maiores devotamentos. Digamos, antes de tudo, que, entre muitos incrédulos, a negação do porvir é mais fanfarronada, jactância, orgulho de passarem por espíritos fortes, do que resultado de uma convicção absoluta. No foro íntimo de suas consciências, há uma dúvida a importuná-los, pelo que procuram eles atordoar-se. Não é, porém, sem dissimulação que pronunciam o terrível *nada*, que os priva do fruto de todos os trabalhos da inteligência e despedaça para sempre as mais caras afeições. Muito dos que mais forte deblateram são os primeiros a tremer ante a idéia do desconhecido; por isso mesmo, quando se lhes aproxima o momento fatal de entrarem nesse desconhecido, bem poucos são os que adormecem, no derradeiro sono, na firme persuasão de que não despertarão algures, visto que a Natureza jamais abdica dos seus direitos.

Afirmamos, pois, que, na maioria dos incrédulos, a incredulidade é muito relativa, isto é, que, não lhes estando satisfeita a razão, nem com os dogmas, nem com as crenças

religiosas, e nada tendo encontrado, em parte alguma, com que enchessem o vazio que se lhes fizera no íntimo, eles concluíram que nada há e edificaram sistemas com que justificassem a negação. Não são, conseqüentemente, incrédulos, senão por falta de coisa melhor. Os absolutamente incrédulos são raríssimos, se é que existem.

Uma latente e inconsciente intuição do futuro é, portanto, capaz de deter grande número deles no declive do mal e uma imensidade de atos se poderiam citar, mesmo da parte dos mais endurecidos, testificantes da existência desse sentimento secreto que os domina, a seu mau grado.

Cumpra também dizer que, seja qual for o grau da incredulidade, o respeito humano é o que torna reservadas as pessoas de certa condição social. A posição que ocupam os obriga a uma linha de proceder muito discreta; temem acima de tudo a desconsideração e o desdém que, fazendo-os perder, por decaírem da categoria em que se encontram, as atenções do mundo, os privariam dos gozos de que desfrutam; se carecem de um fundo de virtudes, pelo menos têm destas o verniz. Mas, aos que nenhuma razão se apresenta para se preocuparem com a opinião dos outros, aos que zombam do “que dirão”, e não há contestar que esses formam a maioria, que freio se pode impor ao transbordamento das paixões brutais e dos apetites grosseiros? Em que base assentar a teoria do bem e do mal, a necessidade de eles reformarem seus maus pendores, o dever de respeitarem o que pertence aos outros, quando eles próprios nada possuem? Qual pode ser o estímulo à honradez, para criaturas a quem se haja persuadido de que não passam de simples animais? A lei, respondem, aí está para contê-los; mas, a lei não é um código de moral que toque o coração; é uma força cuja ação eles suportam e que iludem, se o podem. Se lhe caem sob o guante, isso é por eles tido como resultado de má sorte ou de inabilidade, a que tratam de remediar na primeira ocasião.

Os que pretendem que os incrédulos têm mais mérito em fazer o bem, por não esperarem nenhuma recompensa na vida futura, em que não crêem, se valem de um sofisma igualmente mal fundado. Também os crentes dizem que é pouco meritório o bem praticado com vistas em vantagens que possam colher. Vão mesmo mais longe, porquanto se acham persuadidos de que o mérito pode ser completamente anulado, tal o móvel que determine a ação. A perspectiva da vida futura não exclui o desinteresse nas boas obras, porque a ventura que elas proporcionam está, antes de tudo, subordinada ao grau de adiantamento moral do indivíduo. Ora, os orgulhosos e os ambiciosos se contam entre os menos aquinhoados. Mas, os incrédulos que praticam o bem são tão desinteressados como o pretendem? Será que, nada esperando do outro mundo, também deste nada esperem? O amor-próprio não tem no caso a sua parte? Serão eles insensíveis aos aplausos dos homens? Se tal acontecesse, estariam num grau de perfeição rara e não cremos que haja muitos que a tanto sejam induzidos unicamente pelo culto da matéria.

Objeção mais séria é esta: Se a crença na vida futura é um elemento moralizador, como é que aqueles a quem se prega isso desde que vêm ao mundo são igualmente tão maus?

Primeiramente, quem nos diz que sem isso não seriam piores? Não há duvidar, desde que se considerem os resultados inevitáveis da popularização do “nadismo”. Não se comprova, ao contrário, observando-se as diferentes graduações da Humanidade, desde a selvajaria até a civilização, que o progresso intelectual e moral vai à frente, produzindo o abrandamento dos costumes e uma concepção mais racional da vida futura? Essa concepção, no entanto, por muito imperfeita, ainda não pode exercer a influência que necessariamente terá, à medida que for mais bem compreendida e que se adquiram noções mais exatas sobre o futuro que nos está reservado.

Por muito sólida que seja a crença na imortalidade, o homem não se preocupa com a sua alma, senão de um ponto de vista místico. A vida futura, definida com extrema falta de clareza, só muito vagamente o impressiona; não passa de um objetivo que se perde muito ao longe e não um meio, porque a sorte lhe está irrevogavelmente assinada e em parte alguma lha apresentam como progressiva, donde se conclui que aquilo que formos, ao sair daqui, sê-lo-emos por toda a eternidade. Aliás, o quadro que traçam da vida futura, as condições determinantes da felicidade ou da desventura que lá se experimentam, longe estão, sobretudo num século de exame, como o nosso, de satisfazer completamente à razão. Acresce que ela não se prende muito diretamente à vida terrestre, nenhuma solidariedade havendo entre as duas, mas, antes, um abismo, de maneira que aquele que se preocupa principalmente com uma das duas quase sempre perde a outra de vista.

Sob o império da fé cega, essa crença abstrata bastara às inspirações dos homens que, então, se deixavam conduzir. Hoje, porém, sob o reinado do livre-exame, eles querem conduzir-se por si mesmos, ver com seus próprios olhos e compreender. Aquelas vagas noções da vida futura já não estão à altura das novas idéias e já não correspondem às necessidades que o progresso criou. Com o desenvolvimento das idéias, tudo tem que progredir em torno do homem, porque tudo se liga, tudo é solidário em a Natureza: ciências, crenças, cultos, legislações, meios de ação. O movimento para a frente é irresistível, porque é lei da existência dos seres. O que quer que fique para trás, abaixo do nível social, é posto de lado, como vestuário que se tornou imprestável e, finalmente, arrastado pela onda que se avoluma.

O mesmo acontece com as idéias pueris sobre a vida futura, com que os nossos pais se contentavam; persistir hoje em impô-las seria propagar a incredulidade. Para que a opinião geral a aceite e para que ela exerça sua ação moralizadora, a vida futura tem que ser apresentada sob o aspecto de coisa positiva, de certo modo

tangível e capaz de suportar qualquer exame, satisfazendo à razão, sem nada deixar na sombra. No momento em que a precariedade das noções sobre o porvir abria a porta à dúvida e à incredulidade, novos meios de investigação foram conferidos ao homem, para penetrar esse mistério e fazer-lhe compreender a vida futura na sua realidade, em seu positivismo, nas suas relações íntimas com a vida corpórea.

Por que, em geral, se cuida tão pouco da vida futura? Trata-se, no entanto, de uma atualidade, pois que todos os dias milhares de homens partem para esse destino desconhecido. Tendo cada um de nós de partir por sua vez e podendo a hora da partida soar de um momento para outro, parece natural que todos se preocupem com o que sucederá. Por que não se dá isso? Precisamente porque é desconhecido o destino e porque, até ao presente, ninguém tinha meio de conhecê-lo. A Ciência, inexorável, o desalojou dos lugares onde o tinham limitado. Está ele perto? Está longe? Acha-se perdido no infinito? As filosofias de antanho nada respondem, porque nada sabem a respeito. Diz-se então: “Será o que for.” Indiferença.

Ensinam-nos que seremos felizes ou infelizes, conforme houvermos vivido bem ou mal. Mas, isso é tão vago! Em que consistem essa felicidade e essa infelicidade? O quadro que de uma e outra nos traçam tão em desacordo está com a idéia que fazemos da justiça de Deus, tão cheio de contradições, de inconseqüências, de impossibilidades radicais, que involuntariamente a dúvida se apresenta, se não a incredulidade absoluta. Ao demais, pondera-se que os que se enganaram com relação aos lugares indicados para moradas futuras também podem ter sido induzidos em erro, quanto às condições que estatuem para a felicidade e para o sofrimento. Aliás, como seremos nesse outro mundo? Seremos seres concretos ou abstratos? Teremos uma forma ou uma aparência? Se nada de material tivermos, como poderemos experimentar sofrimentos materiais? Se os ditosos nada

tiverem que fazer, a ociosidade perpétua, em vez de uma recompensa, será um suplício, a menos que se admita o Nirvana do budismo, que não é mais desejável do que aquela ociosidade.

O homem não se preocupará com a vida futura, senão quando vir nela um fim claro e positivamente definido, uma situação lógica, em correspondência com todas as suas aspirações, que resolva todas as dificuldades do presente e em que não se lhe depare coisa alguma que a razão não possa admitir. Se ele se preocupa com o dia seguinte, é porque a vida do dia seguinte se liga intimamente à vida do dia anterior; uma e outra são solidárias; ele sabe que do que fizer hoje depende a sua posição amanhã e que do que fizer amanhã dependerá a sua posição no dia imediato e assim por diante.

Tal tem de ser para ele a vida futura, quando esta não mais se achar perdida nas nebulosidades da abstração e for uma atualidade palpável, complemento necessário da vida presente, *uma das fases* da vida geral, como os dias são fases da vida corporal. Quando vir o presente reagir sobre o futuro, pela força das coisas, e, sobretudo, quando compreender a *reação do futuro sobre o presente*; quando, em suma, verificar que o passado, o presente e o futuro se encadeiam por inflexível necessidade, como o ontem, o hoje e o amanhã na vida atual, oh! então suas idéias mudarão completamente, porque ele verá na vida futura não só um fim, como também um meio; não é um efeito distante, mas atual. Então, igualmente, essa crença exercerá sem dúvida, e por uma consequência toda natural, ação preponderante sobre o estado social e sobre a moralização da Humanidade.

Tal o ponto de vista donde o Espiritismo nos faz considerar a vida futura.

Sociedade Anônima do Espiritismo

(Terceiro artigo – Vide a *Revista* dos meses de agosto e setembro de 1869)

BREVES EXPLICAÇÕES

Lamentamos que em razão de um mal-entendido inconcebível ante a clareza das explicações dadas na *Revista*, algumas pessoas, aliás uma minoria em relação à generalidade dos espíritas, confundissem e considerassem como uma só e mesma coisa a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e a Sociedade Anônima do Espiritismo.

Como alguns dos nossos correspondentes nos pediram que os esclarecêssemos a respeito, apressamo-nos em satisfazer ao seu legítimo desejo e comunicar-lhes as reflexões seguintes, visando a definir a situação satisfatoriamente.

Como todas as sociedades espíritas, a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, que não existe senão em virtude de uma simples autorização, ocupa-se pura e simplesmente, conforme o seu regulamento, de estudos psicológicos e morais. Persegue, por meios idênticos, o mesmo objetivo que as Sociedades de Lyon, Marselha, Toulouse, Bordeaux, etc. Numa palavra, ela se consagra unicamente ao estudo dos ensinamentos que são o objeto de seus trabalhos; adquire novos conhecimentos pelas comunicações que recebe dos Espíritos através dos médiuns, pelo exame sério que fazem seus membros cooperadores das questões da ordem do dia, e vulgariza a Doutrina pela admissão de ouvintes às suas reuniões. Sendo absoluto o seu desinteresse, seria um contra-senso acusá-la de exploração.

A Sociedade Anônima do Espiritismo é uma organização essencialmente distinta. Enquanto a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas é puramente local, ou, pelo menos,

se restringe a algumas correspondências limitadas à província e ao estrangeiro, a Sociedade Anônima do Espiritismo vem a ser, através da *Revista Espírita*, um órgão de centralização quase universal. É uma sociedade comercial, é verdade, mas não há pessoa de boa-fé que, depois de analisar a sua constituição, não se convença de que o mais absoluto desinteresse e o mais completo devotamento presidiram à sua fundação.

Quando ainda se achava neste mundo, o Sr. Allan Kardec foi o primeiro⁴⁵ a reconhecer, juntamente com alguns espíritas esclarecidos, que as condições da livraria ordinária tornavam impossível a vulgarização do Espiritismo nas massas por meio das obras que, em nossa opinião, ainda são os melhores agentes de propagação. Mas, para tirar as obras dos editores, para reuni-las numa única mão e chegar a fazer, num futuro mais ou menos distante, edições populares, seriam necessários, antes de tudo, capitais que uma pessoa isolada não poderia fornecer e uma organização que fizesse obras fundamentais, não mais uma propriedade particular, mas propriedade do Espiritismo em geral. É para chegar a esse resultado que a Sociedade Anônima foi fundada, e também para assegurar ao Espiritismo uma existência legal, inabalável, e recursos para o futuro.

Haveria, na verdade, má-fé e má vontade em ver nesse empreendimento tão pouco comercial quanto possível, outra coisa além de um meio de concentração e de difusão mais poderosa, além de um local destinado a reunir em feixes e a utilizar os esforços de todos os espíritas, esforços muitas vezes improfícuos, em razão do próprio isolamento da maior parte dos elementos ativos.

A Sociedade Anônima tem por objeto operações comerciais; é constituída sem fins lucrativos e pode receber

45 Vide a *Revista* de dezembro de 1868 e abril de 1869; os preliminares do catálogo da Livraria Espírita, etc.

donativos destinados a alimentar uma parte do fundo de reserva. Mas, qual será o emprego dos recursos que poderão resultar dos benefícios capitalizados? Qual o seu objetivo e o de todos os que, compreendendo suas verdadeiras intenções, empenham-se em sustentá-la com o seu apoio moral e o seu concurso material? Basta tomar conhecimento de seus estatutos para dar-se conta.⁴⁶

Longe de buscar o lucro, um ganho de que se beneficiassem os seus membros, ela pretende consagrar-se puramente e unicamente à vulgarização dos nossos ensinamentos por todos os meios legais, mediante os recursos que lhe chegarem, sejam quais forem. Quem poderia suspeitar de tais disposições e aí ver tendências à exploração?!...

A Sociedade tem administradores, empregados remunerados, pois, certamente, não acudirá a ninguém a idéia de que se possa consagrar seu tempo e suas faculdades a um trabalho qualquer sem direito a esperar uma justa remuneração.

Como, antes de tudo, desejamos que a luz se faça e que a verdade seja conhecida, julgamos um dever comunicar a todos essas poucas reflexões.

A Sociedade Anônima do Espiritismo é, pois, uma coisa essencialmente distinta da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, tanto por sua organização, quanto pelos seus meios de ação; mas se as duas sociedades marcham com o mesmo objetivo por meios diferentes, é perfeitamente evidente que excelentes resultados para o Espiritismo em geral serão a consequência de um entendimento cordial e de relações benévolas entre elas. Ora, essa boa harmonia, que deve existir entre todos os que desejam concorrer para o progresso do espírito humano, jamais foi

46 Vide a *Revista* de setembro de 1869 e os estatutos da Sociedade Anônima do Espiritismo, brochura in-12, preço: 1 fr.; Livraria Espírita, 7, rue de Lille, Paris.

perturbada. As boas relações que existiam entre a *Revista Espírita* e a Sociedade Parisiense, anteriormente à criação da Sociedade Anônima, não deixaram de existir depois que a última foi fundada. A Sociedade Anônima, como o fazia o redator da *Revista*, julga um dever entregar à Sociedade de Paris os documentos que possam interessar aos seus trabalhos, recebendo, com a mais viva satisfação, as comunicações, estudos morais, documentos da Sociedade de Paris que lhe pareçam dever interessar ao Espiritismo em geral, e que ela insere em tempo hábil em sua *Revista*, a fim de os levar ao conhecimento de todos.

Há, entre nós, alguns dissidentes, alguns descontentes? Ignoramo-lo e não queremos saber, porque somos de opinião que o interesse particular deve apagar-se diante do interesse geral e que, ante o objetivo a que se propõe o Espiritismo, as animosidades individuais devem ceder lugar às questões de princípios. Os homens são falíveis e podem enganar-se, mas quando concorrem para o grande movimento regenerador, pensamos que os espíritas não haverão de preocupar-se senão do bem comum, da *caridade*, da *fraternidade* e da *tolerância*, que devem presidir a todos os trabalhos de uma filosofia que tem por divisa: “*Fora da caridade não há salvação.*”

Soubemos, igualmente, que alguns dos nossos correspondentes se queixam da tibieza da *Revista* em reproduzir as instruções emanadas de grupos e de centros, mesmo os de certa importância para o Espiritismo. Não tememos confessar que, se agimos assim, foi porque, desejando antes de tudo permanecer na via do mestre, deveríamos, para não censurar diretamente os ataques que não podíamos sancionar, nos limitar a protestar pelo silêncio contra uma maneira de agir que, se adotada na sua generalidade, poderia atirar o Espiritismo fora da direção traçada pela mão prudente do Sr. Allan Kardec.

Por sua natureza essencialmente filosófica, o Espiritismo deve, em todas as circunstâncias, abster-se de tratar as

questões religiosas dogmáticas e, sobretudo, abordar o terreno inflamado da política. Constatamos com pesar que alguns espíritas, felizmente uma pequena minoria, têm respondido, com teimosa persistência e sem piedade, aos violentos ataques de que fomos e ainda somos o objeto. Vemo-los com tristeza perseverarem numa linha de conduta que não podemos aprovar. Deixemos aos outros a tarefa de apontar os abusos e de os combater pela palavra e pela imprensa. Nossa missão não é destruir, mas edificar; tratemos de fazer melhor do que os nossos adversários e seremos estimados e apreciados. Que outros empreguem a violência e a crítica acerba; nossa única arma deve ser o espírito de conciliação e de persuasão.

Muitas vezes nos perguntaram por que não respondíamos aos ataques de que fomos objeto; é que, a tal respeito, partilhamos completamente a maneira de ver do Sr. Allan Kardec⁴⁷. Como ele, não pensamos que o Espiritismo seja atingido pelas diatribes e acreditamos que a melhor refutação a lhes fazer é o silêncio, não devendo o Espiritismo preocupar-se em responder a eles senão multiplicando a difusão de seus ensinamentos e fazendo o maior bem possível.

Por que abandonaríamos um método que, até aqui, sempre nos foi salutar? Não é a nossa Doutrina, é o Espiritismo de fantasia, o Espiritismo imaginado pelos nossos adversários que é atacado nos escritos que nos apontam. Deixemo-los bater no vazio e não demos importância a zombarias que, não se dirigindo ao verdadeiro Espiritismo, não lhe podem fazer sombra.

Em vez de perder nosso tempo e consumir nossas forças em vãs disputas que divertiriam o grande público, unamo-nos, ao contrário, para que a filosofia espírita cresça e se popularize pelos nossos atos, pelos nossos trabalhos perseverantes.

47 N. do T.: Vide a *Revista Espírita* de novembro de 1858: *Polêmica Espírita*.

Revista da Imprensa

REENCARNAÇÃO — PREEXISTÊNCIA

Numa comunicação intitulada: *O Espiritismo e a literatura contemporânea*, publicada no último número da *Revista Espírita*, o Espírito Allan Kardec se felicitava por ver a literatura e a Ciência entrarem mais abertamente nas vias do Espiritismo filosófico. Com efeito, alguns autores aceitam um certo número de nossas convicções e as popularizam em seus escritos; outros se servem dos nossos ensinamentos como de uma fonte fecunda em situações novas, em quadros susceptíveis de interessar aos seus leitores. Alguns, enfim, inteiramente convencidos, não temem consagrar à vulgarização dos nossos princípios a sua profunda erudição e o seu notável talento de escritor.

Entre estes últimos, citaremos o Sr. Victor Tournier, já conhecido do mundo espírita pela publicação de uma brochura intitulada: *O Espiritismo perante a razão*⁴⁸, tendo por objetivo demonstrar, apenas pelo poder do raciocínio, a realidade dos nossos ensinamentos. — Prosseguindo sua obra com uma atividade infatigável, o Sr. Victor Tournier publica uma série de artigos no jornal *Fraternité*, de Carcassonne, nos quais a questão filosófica é tratada do ponto de vista espírita com clareza de concepção e lucidez de expressão acima de todo elogio. Já apareceram vários desses artigos, e o Sr. Tournier houve por bem fazer chegar alguns às nossas mãos. Quando toda a série tiver sido publicada, pretende o autor coordená-la e dela compor uma brochura que, certamente, encontrará seu lugar na biblioteca de todos os espíritas desejosos de possuírem obras realmente sérias, onde a Doutrina é submetida ao controle irrecusável da lógica e da razão.

48 Brochura in-12, preço: 1 fr. — Livraria Espírita, 7, rue de Lille, Paris.
(Vide a *Revista Espírita* de março de 1868.)

Tomamos hoje do *Fraternité* um desses artigos que, sob o título: *Preexistência-Reencarnação*, reúne em algumas páginas interessantes as opiniões emitidas em favor desse princípio por filósofos e literatos, cuja autoridade não se poderia contestar. Citamos textualmente a primeira parte desse trabalho, cujo fim publicaremos no próximo número:

“É opinião muito antiga que as almas, ao deixarem este mundo, vão para os infernos, e que de lá retornam à Terra, voltando à vida depois de terem passado pela morte. – ...Parece-me, também, Cébès, que nada se pode opor a essas verdades, e que não nos enganamos quando os *recebemos*; porque é certo que há um retorno à vida; que os vivos nascem dos mortos; que as almas dos mortos existem, e que as almas virtuosas são melhores e as más são piores.” (Sócrates, em *Fédon*).

“É digno de nota que quase todos os povos antigos acreditavam na preexistência da alma e em sua reencarnação. Os filósofos espiritualistas consideram o renascimento como uma consequência da imortalidade; para eles, estas duas verdades eram solidárias, não se podendo negar uma sem negar a outra. Não se sabe ao certo se Pitágoras recebeu essa doutrina dos egípcios, dos hindus ou dos gauleses, nossos pais. Se viajou entre todos esses povos, aí a encontrou igualmente, pois que lhes era comum.

“Esse mesmo solo que hoje habitamos, diz Jean Reynaud, era povoado antes de nós por uma comunidade de heróis, habituados todos a se considerarem como tendo percorrido o Universo desde longa data, antes de sua encarnação atual, fundando, assim, a esperança de sua imortalidade sobre a convicção de sua preexistência.”

“E o poeta Lucano: ‘Segundo os druidas, as sombras não descem nas silenciosas moradas do Erebo, nos pálidos reinos

do deus do abismo. *O mesmo Espírito anima um novo corpo numa outra esfera.* A morte (se vossos hinos são verdadeiros) é o meio de uma longa vida.’

“Esta crença era tão fortemente arraigada entre nossos pais que eles faziam empréstimo entre si de somas pagáveis num outro mundo, seguros que estavam de ali se encontrarem e se reconhecerem.

“Se os hebreus jamais a adotaram de maneira tão geral e tão completa, não obstante a elas não ficaram estranhos. Sabe-se que os fariseus, a seita que se vangloriava de ser a mais ortodoxa, acreditava numa danação eterna para os maus e num retorno à vida para os bons. Era o contrário da religião do Sintos, a mais antiga do Japão, que, segundo Kempfer, citado por Boulanger, ensina que só os maus retornam à vida para expiar seus crimes.

“Certas passagens da Bíblia justificam a doutrina dos fariseus e exprimem de maneira muito clara a crença na reencarnação. Eu poderia citar algumas delas, mas me contento com as duas seguintes:

“ – É o Senhor que tira e que dá a vida; que conduz aos infernos e que dele retira.” (I Reis, cap. II, v. 6.)⁴⁹ Isto é, que faz morrer e faz reviver.

“Sabe-se que um dos processos da poesia hebraica era repetir, em termos diferentes, na segunda parte da estrofe, o pensamento já expresso na primeira parte. Aqui, *tirar a vida* corresponde, evidentemente, a *conduzir aos infernos*, e *dar a vida a dele retira*. Aliás, na Bíblia, como em Platão e entre todos os antigos, infernos são sinônimos de túmulo, de morte; retirar dos infernos significa fazer reviver neste mundo, fazer renascer.

49 **N. do T.:** Conforme a versão francesa de Lemaître de Sacy, sem correspondência com as referências de iguais números das versões católicas e protestantes das Bíblias brasileiras.

“Aqueles do vosso povo que fizeram morrer viverão *de novo*, os que foram mortos em meio de mim ressuscitarão.” (Isaiás, cap. XXVI, v. 19)⁵⁰

“Os judeus modernos, entre os quais se conservou esta crença, chamavam *gilgul*, *rolamento*, a passagem da alma de um corpo a outro.

“Se o Cristo, que sem dúvida previa todas as divisões que dariam origem aos dogmas impostos e a todo o sangue que eles fariam derramar, não deu por lei aos seus discípulos senão o amor de Deus e do próximo, não deixou de manifestar menos, em muitas ocasiões, sua crença na reencarnação. – “13. Porque todos os profetas e a Lei profetizaram até João; – 14. e se quereis compreender o que vos digo, *é ele mesmo o Elias que devia vir*. – 15. – Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça.” (São Mateus, cap. XI.)

“Aqui, não se trata de Elias descido do céu – pois sabemos que João Batista era filho de Zacarias e Isabel, prima de Maria – mas de Elias reencarnado.

“1. Quando Jesus passava, viu um cego de nascença. – 2. E os seus discípulos perguntaram: Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?” (São João, cap. IX.)

“Por que os discípulos perguntam a Jesus, como uma coisa muito natural, se é por causa de seu pecado que este homem é cego? – É que os discípulos e Jesus estavam convencidos de que o homem podia ter pecado antes de nascer e, por conseguinte, que já tinha vivido. É possível dar outra explicação?

“Como se admirar, já que os escritores eruditos nos asseguram que a crença na pluralidade das existências estava, de

50 **N. do T.:** Conforme a versão francesa de Lemaître de Sacy, sem correspondência com as referências de iguais números das versões católicas e protestantes das Bíblias brasileiras.

modo geral, espalhada entre os cristãos dos primeiros séculos? – Aliás, sempre houve e haverá ainda entre eles, como entre os judeus, homens que a professam, sem, por isso, abandonarem a sua ortodoxia.

“Enquanto esta linha de conduta prevalecia na Igreja e terminava pela condenação de Orígenes, de que vimos a providencial justiça, aqueles que foram postos no número dos santos não deixaram de sustentar a pluralidade das existências e a não-realidade da *danação eterna*. É São Clemente de Alexandria que ensina a redenção universal de todos os homens pelo Cristo Salvador; ele se indigna contra a opinião que não beneficia com essa redenção senão os privilegiados; e diz que, criando os homens, Deus tudo dispôs, no conjunto e nos detalhes, objetivando a salvação geral. (Stromat., livro VII. Oxford, 1715.) Depois, é São Gregório de Nissa que nos diz que há *necessidade de natureza* para a alma imortal ser curada e purificada, e quando não o foi em sua vida terrestre, a cura se opera nas vidas futuras e subseqüentes. Eis a pluralidade das existências ensinada claramente e em termos formais. Mesmo em nossos dias, redescobrimos a preexistência e, portanto, a reencarnação, aprovadas na pastoral de um bispo da França, o Monsenhor de Montal, bispo de Chartres, a respeito dos negadores do pecado original, ao qual ele opõe a crença permitida das vidas anteriores da alma. Essa pastoral é do ano de 1843. (A. Pezzani, *Pluralidade das existências da alma*.)

“Eis as próprias palavras do bispo Montal. Tomo-as do nº de 27 de outubro de 1864 do jornal *Avenir*. ‘Já que a Igreja não nos proíbe de crer na preexistência das almas, quem pode saber o que se terá passado nas eras remotíssimas, entre as inteligências?’

“Numa carta ao Sr. Balathier, publicada no jornal *Petite Presse* de 20 de setembro de 1868, da qual falarei novamente, o Sr. Ponson du Terrail conta que em seu domínio das Charmettes, onde se encontra, teve como conviva o cura de seu vilarejo. Este se

mostrou muito surpreso ao ouvir o anfitrião afirmar-lhe que se lembrava de ter vivido ao tempo de Henrique IV e de haver conhecido particularmente esse rei; que acreditava que já tínhamos vivido e que viveríamos novamente. Mas, enfim, diz o autor, ele me confessou que *as crenças cristãs não excluem esta opinião*, e me deixou seguir o meu caminho.”

“Mesmo durante as sombras da Idade Média, época em que, segundo a expressão de Michelet, Satã cresceu de tal modo que *entenebreceu* o mundo, a crença na reencarnação não foi abafada completamente. Encontro uma prova disto na *Divina Comédia*, onde Dante, que então partilhava essa opinião do povo, coloca o imperador Trajano no paraíso. Este, depois de ter passado quinhentos anos no inferno, daí saiu pela virtude das preces de São Gregório, o Grande. Mas, coisa digna de atenção, ele não foi diretamente para o céu; retomou um corpo na Terra – *torno all’ossa* – e somente depois de se ter demorado algum tempo nesse corpo – *in che fu poco* – é que foi admitido no número dos eleitos.

“Entre os filósofos e os sábios esta idéia jamais deixou de ter representantes. O ilustre Franklin, um dos homens que mais honraram a Humanidade pelo gênio e pela sabedoria, compôs, ele próprio, o epitáfio seguinte, que testemunha a sua fé na reencarnação:

“Aqui repousa, entregue aos vermes, o corpo de Benjamim Franklin, impressor, como a capa de um velho livro cujas folhas foram arrancadas, e cujo título e douração se apagaram. Mas nem por isto a obra ficará perdida, pois, *como acredito*, reaparecerá em nova e melhor edição, revista e corrigida pelo autor.”

“Numa carta à Sra. de Stein, Goethe exclama: ‘Por que o destino nos ligou tão estreitamente? Ah! em tempos passados fostes minha irmã ou minha esposa!’

“O grande químico inglês, *sir* Humphry Davy, numa obra intitulada: *Os últimos dias de um filósofo*, aplica-se em demonstrar a pluralidade das existências da alma e suas encarnações sucessivas. ‘A existência humana, diz ele, pode ser encarada como o tipo de uma vida infinita e imortal, e sua composição sucessiva de sonos e de sonhos poderia certamente nos oferecer uma imagem aproximada da sucessão de nascimentos e de mortes de que se compõe a vida eterna.’

“Charles Fourier estava de tal modo convicto de que renascemos na Terra, que se encontra em sua obra a seguinte frase: *‘Aquele que foi mau rico poderá voltar a mendigar na porta do castelo de que foi proprietário.’*

“Hoje, a crença na pluralidade das existências é quase geral nos grandes escritores. Acho supérfluo fazer citações que se encontram em toda parte e que me fariam ultrapassar o quadro no qual devo cingir-me. Disse o Sr. Chaseray em suas *Conferências sobre a alma*⁵¹: ‘Sinto dificuldade na escolha de citações para mostrar que a fé numa série de existências, umas anteriores, outras posteriores à vida presente, cresce e se impõe cada dia mais aos espíritos esclarecidos.’

“Não foi apenas Proudhon que se sentiu arrastado para este lado. A passagem seguinte, de uma carta dirigida pelo grande demolidor ao Sr. Villiaumé, em 13 de julho de 1857, é uma prova disto. Diz ele: ‘Pensando nisto, eu me pergunto se não arrasto a corrente de algum grande culpado, condenado numa existência anterior, como ensina Jean Reynaud!’

“Como se vê, é a velha metempsicose que reaparece e tende a tornar-se a religião da Humanidade. Ela tem tanto mais chances de triunfar desta vez, quanto se despojou da sujeira que a

51 *Conferências sobre a alma*, pelo Sr. Chaseray, 1868. Brochura in-12; preço: 1 fr. 50, franco 1 fr. 75. *Livraria Espírita*, 7, rue de Lille.

fez abandonada: – Hoje já não se crê que a alma humana possa retrogradar e entrar no corpo de um animal. Os Antigos não tinham o sentimento do progresso contínuo do ser e da organização que preside à obra de Deus: eis por que caíram neste erro grosseiro.

“Num próximo artigo, submeteremos esta doutrina ao controle da razão.”

V. Tournier

VIAGEM DO SR. PEEBLES NA EUROPA

Entre os partidários da escola espiritualista americana, com os quais nos felicitamos por multiplicar relações, estamos contentes em citar o Sr. Peebles, muito conhecido do mundo espírita americano como redator do “*Banner of Light*”, jornal “*espiritualista*” de Boston.

O Sr. Peebles também se distinguiu como conferencista e, pela leitura de alguns discursos que pronunciou para popularizar nossas convicções, pudemos apreciar a nobreza de suas concepções e a profundidade e imparcialidade de seu espírito.

Tomamos do *Human nature*, jornal espiritualista publicado em Londres, alguns detalhes interessantes sobre a vida do Sr. Peebles. Em sua juventude ele estudou para ser ministro do culto calvinista batista, uma das comunhões ortodoxas mais rigorosas da América. Suas aptidões e sua educação liberal o levaram a ultrapassar os estreitos limites dos conhecimentos requeridos para ser pastor. Lutou, observou e pensou por si mesmo, combatendo corajosamente o que sua educação primeira condenava e defendendo conscienciosamente o que acreditava ser a verdade. Da escola calvinista, entrou nas perspectivas mais vastas professadas pelas universidades, cujas crenças ensinou durante vários anos.

Enquanto seu espírito oscilava entre o estreito círculo das teorias clássicas e a impotência da dúvida e da negação, o movimento *espiritualista* se espalhava em toda a América. Ocorreram manifestações na casa de alguns de seus amigos e diante de seus próprios olhos. Examinou com prudência os fenômenos e as comunicações e, após muitas dúvidas e desconfianças, suas objeções sucumbiram em face da verdade e ele entrou nas fileiras dos espiritualistas. Depois, consagrou-se à propagação de nossas convicções; viajou da Nova Inglaterra à Califórnia, do Norte ao Sul, nas cidades civilizadas do Leste, entre os montanhese e os habitantes das planícies, difundindo a nova doutrina e adquirindo experiência nessas visitas a todos os graus de civilização.

O Sr. Peebles publicou várias obras espíritas notáveis, entre as quais um volume intitulado: "*Os videntes do século*", com a qual nos homenageou, e que tem por objeto especial demonstrar a existência dos Espíritos e a possibilidade de se entrar em comunicação com eles.

O Sr. Peebles não visita a Europa apenas na condição de espiritualista; dirige-se a Trézibonde na qualidade de cônsul dos Estados Unidos. Estamos felizes por poder contá-lo no número dos homens sem preconceito, que são os mais dispostos a admitir a reencarnação, esse princípio essencial por tanto tempo contestado pela escola americana, e que hoje tende a se popularizar naquele país. Não é duvidoso que um entendimento cordial entre todos os homens inteligentes, que em todos os centros estudaram seriamente esta interessante questão, em breve resulte para todos: a aceitação da verdade.

A comunicação seguinte foi obtida num círculo íntimo, na presença do Sr. Peebles. Julgamos um dever levá-la ao conhecimento de nossos leitores, porque nos parece explicar lógica e racionalmente as verdadeiras causas da divergência dos

ensinamentos dos Espíritos nos centros franceses e nos centros americanos.

O ESPIRITISMO E O ESPIRITUALISMO

(Paris, 4 de outubro de 1869, em casa de *Miss Anna Blackwell*)⁵²

Estou mais feliz do que podeis imaginar, meus bons amigos, por vos encontrar reunidos. Estou entre vós, numa atmosfera simpática e benevolente, que satisfaz ao mesmo tempo ao meu espírito e ao meu coração.

Há muito tempo que eu desejava ardentemente o estabelecimento de relações regulares entre a escola francesa e a escola americana. Para nos entendermos, meu Deus, bastaria simplesmente nos vermos e trocar opiniões. Sempre considerei o vosso salão, cara senhorita, como uma ponte lançada entre a Europa e a América, entre a França e a Inglaterra, e que contribui poderosamente para suprimir as divergências que nos separam, e estabelecer, numa palavra, uma corrente de idéias comuns, da qual surgiriam, no futuro, a fusão e a unidade.

Caro Sr. Peebles, permiti-me cumprimentar-vos pelo vosso vivo desejo de entrar em relação conosco. Não devemos lembrar se somos espíritas ou espiritualistas. Seremos uns pelos outros, homens e Espíritos que buscam conscienciosamente a verdade e que a acolherão com reconhecimento, quer resulte dos estudos franceses ou dos estudos americanos.

No espaço os Espíritos conservam suas simpatias e seus hábitos terrestres. Os Espíritos dos americanos mortos são ainda *americanos*, como os desencarnados que viveram na França são ainda *franceses* no espaço. Daí a diferença dos ensinamentos em certos centros. Cada grupo de Espíritos, por sua própria natureza,

52 N. do T.: Embora no original conste o dia 14 de setembro, esta comunicação foi dada no dia 4 de outubro, conforme *Errata* contida na última página do fascículo de dezembro de 1869.

por seu espírito nacional, apropria suas instruções ao caráter, ao gênio especial daqueles a quem falam. Mas, assim como na Terra, as barreiras que separam as nacionalidades tendem a desaparecer, também no espaço os caracteres distintivos se apagam, as nuances se confundem e, num tempo futuro, menos afastado do que supondes, não mais haverá na Terra nem no espaço, nem franceses, nem ingleses, nem americanos, mas homens e Espíritos, filhos de Deus da mesma maneira, e aspirando, por todas as suas faculdades, ao progresso e à regeneração universais.

Senhores, eu saúdo nesta noite, nesta reunião, a aurora de uma próxima fusão das diversas escolas espíritas, e me felicito de encontrar o Sr. Peebles no número dos homens sem prevenção, cujo concurso e boa vontade assegurarão a vitalidade dos nossos ensinamentos no futuro e sua universal vulgarização.

Traduzi as minhas obras! Só se conhecem na América os argumentos contra a reencarnação. Quando as demonstrações em favor desse princípio ali se tornarem populares, o *Espiritismo* e o *Espiritualismo* não tardarão a se confundir, tornando-se, por sua fusão, a Filosofia natural adotada por todos.

Allan Kardec

Dissertações Espíritas

OS ANIVERSÁRIOS

(Paris, 21 de setembro de 1869)

Há entre todos os homens do mundo moderno um costume digno de elogios, sem a menor dúvida, que, pela força das coisas, logo se verá transformado em norma. Quero falar dos aniversários e dos centenários!

Uma data célebre na história da Humanidade, seja por uma conquista gloriosa do espírito humano, seja pelo nascimento ou a morte de benfeitores ilustres, cujo nome está inscrito em caracteres indeléveis no grande livro da imortalidade, uma data célebre, como disse, vem cada ano lembrar a todos que somente aqueles que trabalharam para melhorar a sorte de seus irmãos têm direito a todo respeito, a toda veneração. As datas sangrentas se perdem na noite dos tempos, e se por vezes ainda nos lembramos com orgulho as vitórias de um grande guerreiro, é com profunda emoção que nos recordamos dos que procuraram, por meio de armas mais pacíficas, derrubar as barreiras que separam as nacionalidades. Isto é bom, é digno, mas é suficiente? A Humanidade santifica seus grandes homens; fá-lo com justiça, e suas sentenças, ouvidas pelo tribunal divino, são inapeláveis, porque foi a consciência universal que as pronunciou.

Povo: a admiração, o respeito, a simpatia comovem o teu coração, animam o teu espírito, excitam a tua coragem, mas é necessário ainda mais. É necessário que a emoção que experimentas encontre eco em todos os grandes Espíritos que assistem, invisíveis e enternecidos, à evocação de suas generosas ações; é preciso que estes últimos reconheçam discípulos e êmulos entre os que fazem reviver o seu passado. Lembrai-vos! a memória do coração é o selo dos Espíritos progressistas, chamados ao batismo da regeneração; mas provai que compreendeis o devotamento de vossos heróis prediletos, agindo como eles, num teatro menos vasto, talvez, mas dignificante, para adquirir ou fazer que adquiram, aqueles que vos cercam, os princípios de liberdade, de solidariedade e de tolerância, que constituem a única legislação dos universos.

Após quinhentos anos, João Huss vive na memória de todos, ele que não derramou senão o seu próprio sangue para a defesa das liberdades que havia proclamado. Mas, alguém se lembra do príncipe que, na mesma época, ao preço de enormes sacrifícios

de homens e dinheiro, tentou apoderar-se das terras de seus vizinhos? Lembra-se dos salteadores armados que exigiam contribuição dos viajantes imprudentes? E, contudo, a celebridade está associada ao guerreiro, ao bandido e ao filósofo; mas o guerreiro e o assassino estão mortos para a posteridade. Sua lembrança jaz encerrada entre duas folhas amareladas das histórias medievais; o pensador, o filósofo, o que primeiro despertou a idéia do direito e do dever, que substituiu a escravidão e o jugo pela esperança da liberdade, está vivo em todos os corações. Ele não procurou o seu bem-estar e a sua glória, procurou a felicidade e a glória da Humanidade futura.

A glória dos conquistadores se extingue com a fumaça do sangue que eles derramaram, com o esquecimento das lágrimas que fizeram correr; a dos regeneradores aumenta sem cessar, porque o espírito humano, engrandecendo-se, recolhe as folhas esparsas em que estão inscritos os atos gloriosos desses homens de bem.

Sede como eles, meus amigos; procurai menos o brilho que o útil; não sejais do número dos que combatem pela liberdade com o desejo de serem vistos; sede dos que lutam obscuramente, mas incessantemente, para o triunfo de todas as verdades, e sereis também daqueles cuja memória jamais se apagará.

Allan Kardec

INTELIGÊNCIA DOS ANIMAIS

(Sociedade de Paris, 8 de outubro de 1869 – Médium: Sr. Leymarie)

Permiti-me, senhores, solicitar por alguns instantes a vossa atenção. Ocupai-vos muito do Espírito de vossos inferiores na Natureza, desses pequenos seres bastante inteligentes para tornar popular a crença, hoje admitida por expressivo número de grandes Espíritos, que na escala ascendente das criações o homem

é o topo, depois de ter passado por todos os graus hierárquicos dos seres.

Por minha vez, aqui prestarei homenagem às *Harmonias* de Kepler, o sábio predestinado que, a bem dizer, concebeu e ditou às gerações futuras os fundamentos inquebrantáveis das leis que hoje guiam os pesquisadores conscienciosos.

A princípio eu vivia custosamente do meu trabalho; depois, chegando as facilidades, pude estudar e aprender. Por companhia, eu tinha uma mulher doce e inteligente e, sem filhos, esperávamos os cabelos branquearem com tranqüilidade. Quando minha esposa morreu, eu tinha sessenta anos; minha tristeza era tão grande que, sempre solitário com minhas lembranças, eu percorria os grandes bosques que rodeiam Mézières; queria morrer e não podia.

Certo dia, caiu um pássaro aos meus pés, um pequeno gaio. Meu primeiro impulso foi apanhá-lo do chão, aquecê-lo, reanimá-lo; e, com efeito, o pobre animalzinho logo se tornou grande, gentil e, tanto quanto possível, engraçado. Seguia-me por toda parte, parecia adivinhar o meu pensamento. Se eu estava triste, encostava-se em mim, fazia mil caretas e dava mil gritos estranhos, forçando-me a rir. Diante de uma visita, era ameaçador. Seguia-me na jardinagem, esmigalhando a terra e rejeitando os calhaus. À mesa, reclamava sua provisão com insistência e cantava ou imitava o canário, a toutinegra, o gato, o cão, etc...

Que quereis? Os dias tão tristes para mim se tornavam alegres, e este amiguinho, esta singular providência, animava-me interiormente. Fez-me amar a vida e pensar que Deus punha sempre ao nosso alcance uma compensação às nossas penas. Como vós, pensava que o animal devia ser tratado como amigo, como comensal, e que a última palavra do egoísmo e do orgulho humanos devia ser destruído pelo ensino que o vosso venerado mestre procurava propagar. Esta idéia consoladora tornou-se uma

certeza e dela fiz o objeto de meus estudos prediletos. Nessas leituras eu encontrava amigos entre os comentadores e os filósofos; e se hoje valho alguma coisa no mundo dos invisíveis, sem nenhuma dúvida o devo ao meu gaio, atirado brutalmente do ninho por algum inimigo malévolo de sua raça.

Por vezes as pequenas causas produzem grandes efeitos. Eu procurava a morte e encontrei a vida radiante e plena das promessas sedutoras e verdadeiras da erraticidade.

Sylvestre

Observação – Durante a sessão na qual esta comunicação foi obtida, discutiu-se a notável obra de Kepler sobre as *Harmonias dos Mundos*, algumas de cujas passagens foram lidas e comentadas por um dos presentes. Sem dúvida é a este incidente que o Espírito faz alusão.

Sentimo-nos felizes por anunciar que a obra de Kepler⁵³, cuja tradução está muito avançada, será publicada num futuro próximo. Nós nos propomos a fazer a sua análise minuciosa na *Revista* e assinalar particularmente aos nossos leitores um grande número de capítulos em que a maior parte dos problemas espíritas é tratado com uma elevação de pensamento e um poder de lógica capaz, quem sabe, de atrair seriamente a atenção do mundo erudito sobre a nossa filosofia.

AS DESERDADAS

(Sociedade Espírita de Paris, 2 de julho de 1869 – Médium: Sr. Leymarie)

Venho vos falar hoje das deserdadas, tão numerosas ainda, mas cujo número, reconhecemos com satisfação, está bem

53 A obra *As Harmonias dos mundos* formará um belo volume in-8 de 500 páginas, ao preço de 5 francos. As pessoas que desejarem adquiri-la tão logo apareça, podem, a partir de agora, dirigir seu pedido ao Sr. Bittard, gerente da Livraria, 7, rue de Lille, em Paris.

reduzido, considerando-se o que existia há algumas vintenas de anos.

Essas deserdadas são nossas mães, nossas filhas, nossas irmãs. Outrora elas se ocupavam dos trabalhos penosos. Bestas de carga, máquinas de procriar, vencidas e postas na lista negra como uma coisa, pareciam encarnar por seus sofrimentos todas as brutalidades do dono, todas as potências da força sobre a fraqueza.

A Idade Média ainda nos traz à memória o seu passado doloroso e sua contínua submissão.

Hoje, porém, elas são respeitadas e amadas, pois a instrução se espalhou e o homem começa a apreciar em seu justo valor a companheira que o ajuda a atravessar as provas da vida com tanta solicitude e cuidados ternos e delicados.

Sim, a despeito da educação irritante que nossas mães e nossas irmãs recebem, malgrado essa inoculação de pensamentos opostos aos do homem, a mulher se modifica profundamente. Embora obedeça a um preconceito arraigado a hábitos seculares; posto suas crenças não sejam as nossas e muitas vezes a pátria, o futuro, o progresso e a liberdade para elas sejam letra morta; apesar dessa educação enervante, tudo se transforma à nossa volta. O nosso íntimo se acalma e a nova geração, graças às disposições maternas, será mais forte, mais decidida, amante das artes, da indústria, da paz, da fraternidade e da solidariedade.

Que em vossas cidades se abram cursos, reuniões, obras inteligentes, pois as salas são muito pequenas. Nossas companheiras têm sede de literatura, de ciências, de astronomia; gostam da palavra vibrante e forte dos conferencistas, palavra muitas vezes inspirada, que não cai num terreno estéril, sabei-o bem, porque as crianças recolhem os frutos desses belos e reconfortantes saraus.

Finalmente a hora da redenção chegou para elas. Mães! elas devem reviver em seus filhos; devem dar conta de suas obras à sociedade e, como valentes, querem saber e não ser estranhas a nada; são nossos iguais e nos devem completar. Peçamos para elas o apoio três vezes santo de todos os conhecimentos humanos postos ao seu alcance.

Quem poderia, pois, melhor compreender o Espiritismo que as mulheres? Para o homem, elas têm a prova íntima de sua força, de seu direito; o que era um pressentimento torna-se uma realidade; para ele, elas aprendem o objetivo de suas longas etapas através da Humanidade e, à vista da sanção espírita, são as boas operárias da obra nova. A família é o futuro, e nossas mães transformarão esta bem-amada família num foco de união, de amor, de benevolência e de perdão. Através da família, haverá uma profunda revolução no mundo do pensamento, e os deserdados cumprirão a obra final para grande proveito da Humanidade.

Bernard

DOIS ESPÍRITOS CEGOS

(ESTUDO MORAL)

Entre os grupos e sociedades espíritas que nos enviam documentos e submetem à nossa apreciação as instruções que lhes são dadas, temos a felicidade de contar a Sociedade de Marselha, que poderia servir de modelo pela gravidade e importância de seus trabalhos e pelo método inteligente e lógico com que procede ao estudo dos problemas espíritas. Seria desejável que todos os centros se comportassem dessa maneira; com isso os espíritas ganhariam seguramente em ciência e dignidade, e a Doutrina em consideração e desenvolvimento.

Consideramos um dever dar a conhecer aos nossos leitores o relato de uma manifestação obtida naquela Sociedade

pela mediunidade falante, faculdade que tende hoje a generalizar-se e que se tornará, inegavelmente, para todos os amigos da verdade e do progresso, uma fonte de estudos fecundos em resultados felizes.

(Marselha, setembro de 1869 – Médiun falante: Sra. G.)

I – *Um dos guias protetores do grupo traz dois Espíritos sofredores, anunciando-os nestes termos:*

“Caros amigos, trago-vos dois cegos; ouvi-os atentamente e acolhei-os com simpatia. Deixo-vos por alguns instantes para lhes ceder o lugar, mas em breve voltarei para concorrer à vossa instrução.”

Brunat

Tão logo se retirou o Espírito Brunat, a fisionomia do médium muda bruscamente e anuncia a chegada de um Espírito sofredor. Este último toma a palavra e diz:

“Onde estou, meu Deus? Qual é a minha situação? É permitido sofrer como sofro? e, contudo, que fiz? Não fiz muito o bem, é certo, mas não pratiquei o mal!... Ó vós que me escutais, sabeis quão cruéis são os meus sofrimentos!... Fui arrancado subitamente da Terra quando menos esperava, deixando, nesse mundo que lamento tão amargamente, uma mulher que eu adorava.

“Não sei há quanto tempo estou errando; mas se passaram muitos dias até que eu compreendesse que estava morto. Alguns dias, vários anos? nada sei; mas me parece que suportei os sofrimentos de toda uma eternidade. Ligado ao corpo por laços poderosos, senti os vermes corroendo-me a carne; sofri todas as torturas da putrefação. Por isso, bem compreendo hoje que estou morto. Mas, aí! eu sou cego... Assim, chego ao vosso meio conduzido por não sei quem, impelido por não sei o quê! Sou um pobre infeliz que não vê mais e que ainda encontra, às apalpadelas,

os lugares que lhe são familiares; mas, enquanto o cego sabe que é conduzido por seu cão, embora não o veja, eu nada sei. – Oh! como é penoso sofrer assim, procurar sem cessar e jamais encontrar!...

“Como vos disse, deixei na Terra um ser que eu amava; é minha mulher. Desde que a morte me fulminou, não deixei de procurá-la, mas ainda não pude encontrá-la. Em que se tornou?... *Quantas vezes faço estalar meu chicote diante da porta da casa! Quantas vezes subi a escada; chegava à porta do quarto e não podia entrar... Como posso entrar na casa?* Nada sei; é este o meu tormento incessante, o sofrimento cruel que por vezes me faz desesperar da existência de Deus. Dizem que ele é poderoso, e não pode abrir os meus olhos! Ele é bom, e não pode acalmar minha dor!... Enfim, sem dúvida mereci este suplício, que não me deixa nenhum repouso. Oh! procurar sempre e sempre procurar em vão... Se o amor não fosse uma palavra vã, parece que eu já teria atraído esse ser que amo e sem o qual não posso viver...

“Não sabeis o que foi feito dela? – Não; vejo que nada sabeis! ninguém pode dar notícias suas; creio que ficaria mais calmo se pudesse vê-la e com ela falar! Há pouco tempo eu era mais resignado, porque ainda a esperava; mas hoje minha paciência esgotou-se!...

“Sofro, meu Deus! Por quê? Nada... nada de consolação, nada de resposta, nada de luz... Em toda parte, ao meu redor, um silêncio lúgubre uma escuridão glacial... Quanto não devem sofrer os que semearam sua vida de crimes!... O remorso deve consumi-los, já que eu, que nada fiz, sou incapaz de descrever as minhas angústias... e, depois, esqueci tudo, salvo que não posso voltar; esqueci até a rua onde morávamos e, contudo, ali vou sem me dar conta... Subo a escada... chamo e ninguém me responde; entretanto, alguma coisa me diz que ele me ouve.

“Oh! se pelo menos eu tivesse paciência! Sois bons, bem o sinto; se acreditardes que a prece me faça alguma bem, orai por mim, orai por um cego infeliz.”

Mouraille

II – *A este Espírito sucedeu o de Brunat, protetor do grupo; dirigindo-se ao infeliz Mouraille, disse-lhe:*

“Caro Espírito, se me sirvo do órgão de um encarnado para te falar, é que sob a opressão dos laços carnis que ainda te dominam, poderás falar melhor assim, ouvir minhas palavras e compreender o seu significado.

“Ouvimos teus lamentos e tua dor nos tocou; compadecemos-nos vivamente e desejamos de toda a nossa alma concorrer para o teu esclarecimento. Mas, para isto, devemos dar-te a conhecer donde vem essa nuvem espessa que obscurece tua vista!

“Queixas-te com razão, porque sofres realmente e muito!... mas, se acreditas na existência de Deus, não deves ignorar que lhe deves tudo. As alegrias de tua existência e esta própria existência, foi ele que tas deu!... Que fizeste pelos infelizes da Terra, que deixaste? Vieste em seu auxílio? estiveste na mansarda do doente e do pobre envergonhado? alguma vez consolaste os aflitos? enfim, pautaste a tua vida segundo a tua consciência, essa voz divina que fala a cada um a linguagem da caridade, da fraternidade e da justiça? Ail que podes responder-me?...

“Como vês, a tua foi a vida de um egoísta: se não cometeste crimes como o entendes, como muitos outros viveste para a satisfação de tuas paixões. Tu te agarraste à matéria; do teu ventre fizeste um deus... e, de repente, num festim, em meio a um banquete, a morte veio ferir-te. Em alguns segundos passaste dos prazeres tempestuosos de uma existência egoísta à obscuridade profunda em que hoje erras. Esse isolamento e essas trevas, não os

mereceste? por que verias agora, tu que deixaste na noite da ignorância os que terias podido esclarecer? por que serias requestado e acolhido, desde que não podes oferecer aos teus amigos da Terra os prazeres que vos reuniam, e já que não acolheste nem requestaste aqueles a quem poderias ter dado um pouco de esperança e de resignação, essas riquezas do coração que os mais pobres podem possuir em abundância? Por que és tão infeliz? Ah! nós o vemos, nós, a quem nada é escondido; o de que lamentas são os prazeres que não podes mais desfrutar, a companhia que partilhava tua vida folgazona, a quem a orgia fazia que esquecesses o sofredor e o infeliz.

“De todos esses prazeres, dos quais havias feito o objetivo único de tua vida, que te resta, agora que teu corpo voltou à terra? Crê-nos, resigna-te a um infortúnio que não deves senão a ti mesmo. Consagra a meditar sobre a inutilidade de tua vida passada o tempo que empregas a gemer; e se quiseres obter a luz que desejas tão ardentemente, desliga-te inteiramente desses laços materiais que ainda te mantêm acorrentado.

“Até lá, a mulher que procuras permanecerá invisível para ti. Ela mesma está tão afetada por essa obscuridade terrível que não a pode dissipar senão quando reconhecer seus erros e tomar boas resoluções para suportar as provas diante das quais faliu.

“Tu me ouves, tu me compreendes. Pobre Espírito. Escuta a minha voz; é um amigo que te fala; é um irmão que conheceu a fraqueza e que se serve de sua experiência para esclarecer-te. Reflete bem as minhas palavras, aproveita-as, e quando voltares a esta assembléa simpática, esperamos que então lamentarás a vida dissipada tão levianamente, e que te prepararás um futuro mais digno, através de firmes resoluções. Não percas um tempo precioso para procurar tua mulher; ainda não poderias encontrá-la, porque faz parte de tua provação ignorar se ela vive ou se está no mundo dos Espíritos.

“Adeus, irmão infeliz. Tens a nossa simpatia e o nosso sincero interesse pela tua sorte.”

Brunat

III – *Após alguns instantes, um Espírito ainda mais infeliz que o primeiro apoderou-se do médium e o pôs em estado de agitação extrema. Enfim, pouco a pouco, volta a calma e o Espírito pode comunicar-se e falar.*

“Eu o quero, eu o quero!... matei-me para o rever!... Por que não estás aí? Que devo fazer? Devo enforcar-me mais uma vez?... – Mouraille! Mouraille! onde estás? Sei que morri... enforquei-me!... não podia mais suportar a vida! – e, contudo, ainda estou separada de ti... Se não sentisse que vivo, diria que a morte aniquila tudo! Mas vivo, meu Deus, uma vida terrível!... e então... então tu deves viver também!... e estás perdido para mim como no primeiro dia de tua morte! – Ah! como soffro...”

“Oh! quantas vezes, quando eu era ainda viva, *ouvi o estalo do chicote diante da porta! Ouvia os teus passos na escada...* sentia bem que eras tu; mas não te podia ver... Não ouvi uma vez, mas cem vezes, e sempre à mesma hora!

“Meu Deus, deixei este mundo por uma morte horrível; abandonei tudo; por quê? Para nada ver... para não ter apoio nem consolo... Muitas vezes ainda vou ao meu quarto e, quando estou lá, *ouço sempre o estalo do chicote e te escuto andar*, mas nada vejo...”

“Oh! como esta noite me assusta, como este silêncio me acabrunha... É esta a consolação que dá a morte?... Se é verdade que existe um Deus supremo, por que nos faz nascer? por que nos faz viver? por que nos faz sofrer?... e, depois de morto, é preciso sofrer mais ainda... Mas, por que falo? ninguém me ouve, ninguém me compreende. Chamo, e nem mesmo o eco me responde. Nada... nada além de um silêncio terrível que me agita e me faz sofrer... Oh!

se ainda há seres que me possam ouvir, que me possam escutar, vinde em meu auxílio, eu vo-lo suplico!

“Onde estou?... Vou ao cemitério; encontro o corpo daquele que me chamou para a eternidade... Mas, nada de consolação... Volto à minha casa... ainda nada! E, contudo, falo, pelo que pude compreender, por uma voz desconhecida, que me é simpática... Mas, a quem falo? e por que exprimir minhas queixas e dar palavras a meus lamentos, desde que ninguém me ouve nem pode compreender-me?

“Oh! meu Deus! como esta noite é horrível!... Quantos tormentos! é o inferno; oh! certamente é o inferno!... Acreditava que se queimava no inferno... Mas queimar não deve ser nada em comparação com o que sofro... Estou sentada num local isolado e obscuro... Sinto um frio glacial e daqui faço duas corridas: vou ao cemitério, e do cemitério à minha casa, e volto sempre esmagada de fadiga, a morte na alma!... Nada de sono para entorpecer minhas pálpebras! nada de trégua, nem de repouso... nada de calma para minha alma agitada!

“O vazio me envolve!... Vou recomeçar minha corrida rude e penosa... Talvez o veja; mas, se não o vir, ao menos irei escutar *os estalos de seu chicote e seus passos barulhentos!...*”

IV – *Depois de uma pausa de alguns instantes, os traços do médium tomam uma expressão doce e calma; o Espírito Brunat retorna e, com voz simpática, dirige-se a esse pobre Espírito e lhe fala assim:*

“Escuta-me, pobre alma sofredora: Acreditas estar só e abandonada; escutas uma voz amiga, conquanto invisível para ti. Dizias há pouco que nem mesmo o eco respondia aos teus lamentos; mas, lembra-te de que destruístes tua vida, voluntariamente, violentamente, vida esta que não te pertencia, que devias dedicar aos teus irmãos infelizes. Sabias que agias mal! Deixa

de procuras inúteis! Estais separados por um abismo de trevas. Ora; substitui teus vãos lamentos por um pesar ardente e sincero e por boas resoluções, únicos que podem levar-te um raio de luz.

“Coragem!... Implora o Deus de bondade e de misericórdia, e ele te ajudará a sair um dia desta horrível situação.

“Lembra-te bem, em tuas mais dolorosas crises, de que tens em mim um amigo e um irmão.”

Brunat

– *Observação do presidente do grupo:* “Nem o médium, nem nenhuma das pessoas presentes conheciam esses dois Espíritos sofredores.”

“Tendo tido ocasião de falar do caso, foi-nos dito que, com efeito, o marido morreu em *meio a um banquete* há alguns meses, e que sua mulher enforcara-se poucos dias atrás.

“A pessoa que deu estas informações acrescentou, a propósito da mulher, que o seu suicídio não surpreendeu a ninguém no quarteirão, e que a Sra. Mouraille, depois da morte do marido, muitas vezes dizia *que o ouvia dar chicotadas no ar* (ele era negociante de gado), *andar na escada*, e que desejava ardentemente morrer para ir ao encontro dele o mais depressa.”

Bibliografia

O ECO DE ALÉM-TÚMULO

Monitor do Espiritismo na Bahia (Brasil)

Diretor: Sr. Luiz Olympio Telles de Menezes

Num dos últimos números da *Revista* anunciamos o aparecimento de uma nova publicação espírita em língua

portuguesa, na Bahia (Brasil), sob o título de *L'Écho Spirite d'Outre-Tombe* (*O Eco de Além-Túmulo, monitor do Espiritismo no Brasil*). Mandamos traduzir o primeiro número desse jornal, a fim de que os nossos leitores dele se inteirem com perfeito conhecimento de causa.

O Eco de Além-Túmulo aparece seis vezes por ano, em cadernos de 56 páginas in-4º, sob a direção do Sr. Luiz Olympio Telles de Menezes, ao qual nos apressamos imediatamente a endereçar vivas felicitações, pela iniciativa corajosa de que nos dá prova. Com efeito, é preciso grande coragem de opinião para criar num país refratário como o Brasil um órgão destinado a popularizar os nossos ensinamentos. A clareza e a concisão do estilo, a elevação dos sentimentos ali expressos, são para nós uma garantia do sucesso dessa nova publicação. A introdução e a análise que o Sr. Luiz Olympio faz, do modo pelo qual os Espíritos nos revelaram a sua existência, pareceram-nos bastante satisfatórias. Outras passagens, referindo-se mais especialmente à questão religiosa, dão-nos ocasião para algumas reflexões críticas.

Para nós, o Espiritismo não deve tender para nenhuma forma religiosa determinada. Ele é e deve continuar como uma filosofia tolerante e progressiva, abrindo seus braços a todos os deserdados, seja qual for a nacionalidade e a convicção a que pertençam. Não ignoramos que o caráter e a crença daqueles a quem se dirige o *Eco de Além-Túmulo* devem levar o Sr. Luiz Olympio a manejar certas susceptibilidades. Mas acreditamos, por experiência, que a melhor maneira de conciliar todos os interesses consiste em evitar tratar de questões que a cada um cabe resolver, e empenhar-se em popularizar os grandes ensinamentos que encontram eco simpático em todos os corações chamados ao batismo da regeneração e ao progresso infinito.

As passagens seguintes, extraídas de *O Eco de Além-Túmulo*, provarão, melhor do que longos comentários, o ardente

desejo do Sr. Luiz Olympio, de concorrer eficaz e rapidamente para a propagação dos nossos princípios:⁵⁴

“O fenômeno da manifestação dos Espíritos é maravilhoso, surgindo e vulgarizando-se por toda parte.

“Conhecido desde a mais remota antiguidade, vemo-lo hoje em pleno século dezenove, renovado e observado pela primeira vez na América setentrional, nos Estados Unidos, onde se produziu por movimentos insólitos de objetos diversos, por ruídos, por pancadas realmente extraordinárias!

“Da América, passou rapidamente para a Europa e aí, principalmente na França, ao cabo de alguns anos saiu do domínio da curiosidade e entrou no vasto campo da Ciência.

“Novas idéias, emanadas então de milhares de comunicações, obtidas das revelações dos Espíritos que se manifestavam, quer espontaneamente, quer por evocação, deram lugar ao nascimento de uma doutrina eminentemente filosófica que, em alguns anos, deu a volta à Terra e penetra em todas as nações, recrutando, em cada uma delas, tão grande número de prosélitos que hoje são contados aos milhões.

“A idéia do Espiritismo não foi concebida por ninguém; conseqüentemente, ninguém é o seu autor.

“Se os Espíritos não se tivessem manifestado espontaneamente, por certo o Espiritismo não existiria. Portanto, o Espiritismo é uma questão de fato, e não de opinião, não podendo as denegações da incredulidade prevalecer contra esse fato.

54 N. do T.: Como se trata da *tradução da tradução*, há ligeiras discrepâncias quanto à forma no trecho traduzido com o original brasileiro, existente na Biblioteca de Obras Raras da FEB em Brasília.

“A rapidez de sua propagação prova exuberantemente que se trata de uma grande verdade que, necessariamente, há de triunfar de todas as oposições e de todos os sarcasmos humanos; e isso não é difícil de demonstrar, se observarmos que o Espiritismo faz os seus adeptos principalmente na classe esclarecida da sociedade.

“Nota-se, porém, que essas manifestações sempre ocorreram de preferência sob a influência de certas pessoas dotadas de uma faculdade especial e designadas sob o nome de médiuns: maravilhosa faculdade que, aos olhos espantados da Humanidade, prova de maneira indubitável a onipotência, a bondade infinita e a misericórdia de Deus-Trino, supremo criador de todas as coisas.

“E, todavia, o Espiritismo não é privilégio exclusivo de ninguém. Qualquer pessoa, na intimidade de sua família, pode encontrar um médium em alguns de seus parentes, e então poderá, se o quiser, fazer suas próprias observações; mas não deve fazê-las com precipitação, à sua maneira, nem circunscrevê-las ao círculo de suas prevenções ou de seus preconceitos, para depois concluir enfaticamente pela negação daquilo que, por qualquer circunstância, não pôde ser bem estudado e, por conseguinte, ficou mal compreendido, é antes uma prova de leviandade do que de sabedoria.

“O emprego de algumas horas de observação também não é suficiente para que o Espiritismo, no que concerne à Doutrina, possa ser devidamente compreendido; ao contrário, exige, como qualquer outra ciência, além da boa vontade, um longo e sério estudo. E nem se pense que, por ser uma questão de fato, é possível muito ficar sabendo por ter-se presenciado um ou outro, isoladamente; porque um fato isolado nem sempre é perfeitamente compreensível senão depois da observação de outros, que com o anterior tenha a mais íntima conexão, sem o que poderá parecer incrível e até contraditório. Há, pois, que se compulsar e estudar os

trabalhos conhecidos, para saber apreciar os fatos que se apresentam à nossa observação e assim poder compreender a sua razão de ser.

“O maravilhoso fenômeno da comunicação dos Espíritos e de sua ação no mundo visível não é mais uma novidade. Está demonstrado ser uma conseqüência das leis imutáveis que regem os mundos. É um fato que se produz desde o aparecimento do primeiro homem e que se perpetuou em todos os povos, em todos os tempos e sob diversos caracteres, dando o mais cabal testemunho dessa verdade os arquivos da História, quer sagrada, quer profana, onde se acham consignados numerosos fatos de manifestações espíritas.

“As vantagens que a sociedade tira do Espiritismo são da maior importância, considerando-se que essa doutrina sublime e providencial, que contribui tão eficazmente para a felicidade do homem, nela exerce poderosa ação, tanto científica quanto moralizadora.

“A ação científica do Espiritismo se revela pelas luminosas explicações e pelas definições claras e precisas que dá de todos os fenômenos, tidos como sobrenaturais; revela-se também pelas provas palpáveis que nos dá da preexistência, da individualidade e da imortalidade do ser pensante, demonstrando da maneira mais evidente as causas das desigualdades morais do mundo visível e invisível e, portanto, a responsabilidade moral das almas, bem como as penas e as recompensas futuras.

“A ação moralizadora do Espiritismo se demonstra quando consideramos que o egoísmo, essa chaga cancerosa da Humanidade, engendrada pelo materialismo, negação formal de todo princípio religioso, se acha profundamente abalado por esta aurora celestial, que o Todo-Poderoso, em sua infinita misericórdia, dignou-se a enviar à Terra como precursora dessa nova e bem-

aventurada Era, em que os homens, melhor compreendendo os seus deveres recíprocos, de boa vontade cumprirão os salutareos preceitos de Jesus: “Ama ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Tudo o que quereis que vos façam os homens, fazei também a eles.”

“O Espiritismo é ainda a aurora precursora de uma nova era, porque à sua luz resplandecente vão se dissipando as sombras da incredulidade, fazendo que pouco a pouco a fé e a esperança se insinuem no coração dos que não possuíam essas virtudes.

“Se, pois, o Espiritismo incontestavelmente produz bons frutos, porque dá esperança e fé; se, de fato, a fé e a esperança trazem os incrédulos a crenças sadias, é lógico, e mais que lógico, é evidente que o Espiritismo, operando milagres sobre a consciência, difunde uma doutrina benfazeja que satisfaz ao mesmo tempo ao espírito e ao coração, porque é um sistema de verdades filosóficas baseadas no Evangelho, que os Espíritos bons, fiéis mensageiros de Deus, nos vêm confirmar. É a espada do Arcanjo que vem derrubar as árvores e os arbustos da incredulidade, confundindo os materialistas e os ateus.

“O Espiritismo deve, portanto, caminhar de frente erguida, porque vem destruir esses erros e, ao mesmo tempo, derramar bálsamo consolador e vivificante nas chagas da Humanidade.”

AS MARAVILHAS CELESTES

Por C. Flammarion

Um grande número de nossos leitores nos vem pedindo, desde algum tempo, as *Maravilhas Celestes*, que estavam esgotadas. Estamos felizes por anunciar que esta obra de

Astronomia popular acaba de ser reimpressa em uma terceira edição, aumentada de novas descobertas e ornada de 80 gravuras representando as mais curiosas visões telescópicas. Preço: brochura, 2 fr.; encadernado, 3 fr.

CONVERSAS MESMERIANAS

ENSINO ELEMENTAR — HISTÓRIA, TEORIA E PRÁTICA DO
MAGNETISMO ANIMAL

Por A. Bauche, Membro Titular da Sociedade de Magnetismo de Paris

Esta obra, escrita sob a forma de conversas familiares, tem por objetivo ajudar a propagação do mesmerismo ou magnetismo animal.

A parte teórica compreende o magnetismo na Antiguidade e na Idade Média, sua renovação por Mesmer e seu estado atual.

Na parte teórica e prática são expostos os diversos sistemas, os métodos dos principais mestres, os processos, os efeitos, as aplicações úteis e racionais do magnetismo e os perigos de seu emprego por mãos inexperientes.

Vários capítulos são particularmente consagrados ao sonambulismo, à lucidez e ao êxtase. A parte psicológica, o poder da vontade, o da imaginação, etc., aí ocupam igualmente um vasto lugar e solicitam a atenção dos que levam a sério a pesquisa da verdade.

Apresentando o magnetismo em toda a sua simplicidade, isto é, isento do maravilhoso e do exagero que contribuíram para afastar de seu estudo um grande número de pessoas sérias, espera o autor que a leitura do seu livro possa despertar, naquelas que a prevenção não cega e que formam sua opinião conforme o próprio julgamento, o desejo de procurar e a

esperança de encontrar a chave dos fenômenos erradamente considerados como sobrenaturais, porque são mal compreendidos.

As *Conversas Mesmerianas* formam um vol. in-8º (Brochura de 212 páginas) Preço 2 fr., *franco* para toda a França, 2 fr. 25.

Aviso

Para satisfazer ao desejo expresso por certo número de nossos assinantes, publicamos abaixo o modelo de subscrição das cartas a serem dirigidas à Sociedade Anônima. A forma seguinte nos pareceu preencher todas as condições desejáveis para garantir a chegada das correspondências ao destino e evitar qualquer designação pessoal.

À

Sociedade Anônima do Espiritismo

7, rue de Lille

Paris

Observação – Lembramos que, para reduzir os trâmites e perdas de tempo ao mínimo possível, os valores ou vales postais inseridos nas cartas dirigidas à Sociedade deverão ser feitos ao Sr. Bittard, encarregado especialmente dos recebimentos, sob a supervisão do comitê de administração da Sociedade.

Pelo Comitê de Administração

A. Desliens – *Secretário-Gerente*



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

DEZEMBRO DE 1869

Nº 12

Os Desertores

(*OBRAS PÓSTUMAS*)

Se é certo que todas as grandes idéias contam apóstolos fervorosos e dedicados, não menos certo é que mesmo as melhores dentre elas têm seus desertores. O Espiritismo não podia escapar aos efeitos da fraqueza humana. Ele também teve os seus e a esse respeito não serão inúteis algumas observações.

Nos primeiros tempos, muitos se equivocaram sobre a natureza e os fins do Espiritismo e não lhe perceberam o alcance. Antes de tudo mais, excitou a curiosidade; muitos eram os que não viam nas manifestações espíritas mais do que simples objeto de diversão; divertiram-se com os Espíritos, enquanto estes quiseram diverti-los. Constituíam um passatempo, muitas vezes um acessório dos saraus.

Esta maneira por que a princípio a coisa se apresentou foi uma tática hábil dos Espíritos. Sob a forma de divertimento, a idéia penetrou por toda parte e semeou germens, sem espavorir as

consciências timoratas. Brincaram com a criança, mas a criança tinha de crescer.

Quando aos Espíritos facetos sucederam os Espíritos sérios, moralizadores; quando o Espiritismo se tornou ciência, filosofia, as pessoas superficiais deixaram de achá-lo divertido; para os que se preocupam sobretudo com a vida material, era um censor importuno e embaraçoso, pelo que não poucos o puseram de lado. Não há que deplorar a existência desses desertores, porquanto as criaturas frívolas não passam de pobres auxiliares, seja no que for. Todavia, essa primeira fase não se pode considerar tempo perdido. Graças àquele disfarce, a idéia se popularizou cem vezes mais do que se houvera, desde o primeiro momento, revestido severa forma, e daqueles meios levianos e displicentes saíram graves pensadores.

Postos em moda pelo atrativo da curiosidade, constituindo um engodo, os fenômenos tentaram a cupidez dos que andam à cata do que surge como novidade, na esperança de encontrar aí uma porta aberta. As manifestações pareceram coisa maravilhosamente explorável e não faltou quem pensasse em fazer delas um auxiliar de seus negócios; para outros, eram uma variante da arte da adivinhação, um processo, talvez mais seguro do que a cartomancia, a quiromancia, a borra de café, etc., etc., para se conhecer o futuro e descobrir coisas ocultas, uma vez que, segundo a opinião então corrente, os Espíritos tudo sabiam.

Vendo, afinal, essas pessoas que a especulação lhes escapava dentre os dedos e dava em mistificação, que os Espíritos não vinham ajudá-las a enriquecer, nem lhes indicar números que seriam premiados nas loterias, ou revelar-lhes a boa sorte, ou levá-las a descobrir tesouros, ou a receber heranças, nem ainda facultar-lhes uma invenção frutuosa de que tirassem patente, suprir-lhes em suma a ignorância e dispensá-las do trabalho intelectual e material, os Espíritos para nada serviam e suas manifestações não passavam

de ilusões. Tanto essas pessoas deferiram louvores ao Espiritismo, durante todo o tempo em que esperaram auferir dele algum proveito, quanto o denegriram desde que chegou a decepção. Mais de um dos críticos que o vituperam tê-lo-iam elevado às nuvens, se ele houvesse feito que descobrissem um tio rico na América, ou que ganhassem na Bolsa. Das categorias dos desertores, é essa a mais numerosa; mas, compreende-se que os que a formam não podem ser qualificados de espíritas.

Também essa fase apresentou sua utilidade. Mostrando o que não se devia esperar do concurso dos Espíritos, ela deu a conhecer o objetivo sério do Espiritismo e depurou a doutrina. Sabem os Espíritos que as lições da experiência são as mais proveitosas; se, logo de começo, eles dissessem: Não peçais isto ou aquilo, porque nada conseguireis, ninguém mais lhes daria crédito. Essa a razão por que deixaram que as coisas tomassem o rumo que tomaram: foi para que da observação ressaltasse a verdade. As decepções desanimaram os exploradores e contribuíram para que o número deles diminuísse. Eram parasitos de que elas, as decepções, livraram o Espiritismo, e não adeptos sinceros.

Alguns indivíduos, mais perspicazes do que outros, entreviram o homem na criança que acabava de nascer e temeram-na, como Herodes temeu o menino Jesus. Não se atrevendo a atacar de frente o Espiritismo, esses indivíduos incitaram agentes com o encargo de o abraçarem para asfixiá-lo; agentes que se mascararam para em toda parte se intrometerem, para suscitar habilmente a desafeição nos centros e espalharem, dentro destes, com furtiva mão, o veneno da calúnia, acendendo, ao mesmo tempo, o facho da discórdia, inspirando atos comprometedores, tentando desencaminhar a doutrina, a fim de torná-la ridícula ou odiosa e simular em seguida defecções.

Outros ainda são mais habilidosos: pregando a união, semeiam a separação; destramente levantam questões irritantes e

ferinas; despertam o ciúme da preponderância entre os diferentes grupos; deleitar-se-iam, vendo-os apedrejar-se e erguer bandeira contra bandeira, a propósito de algumas divergências de opiniões sobre certas questões de forma ou de fundo, as mais das vezes provocadas intencionalmente. Todas as doutrinas têm tido seu Judas; o Espiritismo não poderia deixar de ter os seus e eles ainda não lhe faltaram.

Esses são espíritas de contrabando, mas que também foram de alguma utilidade: ensinaram ao verdadeiro espírita a ser prudente, circunspeto e a não se fiar nas aparências.

Por princípio, deve-se desconfiar dos entusiasmos demasiados febris: são quase sempre fogo de palha, ou simulacros, ardores ocasionais, que suprem com a abundância de palavras a falta de atos. A verdadeira convicção é calma, refletida, motivada; revela-se, como a verdadeira coragem, pelos fatos, isto é, pela firmeza, pela perseverança e, sobretudo, pela abnegação. O desinteresse moral e material é a legítima pedra de toque da sinceridade.

Tem esta um cunho *sui generis*; exterioriza-se por matizes muitas vezes mais fáceis de ser compreendidos do que definidos; é sentida por efeito dessa transmissão do pensamento, cuja lei o Espiritismo regulou, sem que a falsidade chegue nunca a simulá-la completamente, visto não lhe ser possível mudar a natureza das correntes fluídicas que projeta de si. Ela, a sinceridade, considera erro dar troco à baixa e servil lisonja, que somente seduz as almas orgulhosas, lisonja por meio da qual precisamente a falsidade se trai para com as almas elevadas.

Jamais pode o gelo imitar o calor.

Se passarmos à categoria dos espíritas propriamente ditos, ainda aí depararemos com certas fraquezas humanas, das quais a doutrina não triunfará imediatamente. As mais difíceis de

vencer-se são o egoísmo e o orgulho, as duas paixões originárias do homem. Entre os adeptos convictos, não há deserções, na lédima acepção do termo, visto como aquele que desertasse por motivo de interesse ou qualquer outro, nunca teria sido sinceramente espírita; pode, entretanto, haver desfalecimentos. Pode dar-se que a coragem e a perseverança fraqueiem diante de uma decepção, de uma ambição frustrada, de uma preeminência não alcançada, de uma ferida no amor-próprio, de uma prova difícil. Há o recuo ante o sacrifício do bem-estar, ante o receio de comprometer os interesses materiais, ante o medo do “que dirão”?; há o ser-se abatido por uma mistificação, tendo como consequência, não o afastamento, mas o esfriamento; há o querer viver para si e não para os outros, o beneficiar-se da crença, mas sob a condição de que isso nada custe.

Sem dúvida, podem os que assim procedem ser crentes, mas, sem contestação, crentes egoístas, nos quais a fé não ateou o fogo sagrado do devotamento e da abnegação; às suas almas custa o desprenderem-se da matéria. Fazem nominalmente número, porém não há contar com eles.

Todos os outros são espíritas que em verdade merecem esse qualificativo. Aceitam por si mesmos todas as consequências da doutrina e são reconhecíveis pelos esforços que empregam por melhorar-se. Sem desprezarem, além dos limites do razoável, os interesses materiais, estes são, para eles, o acessório e não o principal; não consideram a vida terrena senão como travessia mais ou menos penosa; estão certos de que do emprego útil ou inútil que lhe derem depende o futuro; têm por mesquinhos os gozos que ela proporciona, em face do objetivo esplêndido que entrevêm no além; não se intimidam com os obstáculos com que topem no caminho; vêem nas vicissitudes e decepções provas que não lhes causam desânimo, porque sabem que o repouso será o prêmio do trabalho. Daí vem que não se verificam entre eles deserções, nem falências.

Por isso mesmo, os Espíritos bons protegem manifestamente os que lutam com coragem e perseverança, aqueles cujo devotamento é sincero e sem idéias preconcebidas; ajudam-nos a vencer os obstáculos e suavizam as provas que não possam evitar-lhes, ao passo que, não menos manifestamente, abandonam os que se afastam deles e sacrificam a causa da verdade às suas ambições pessoais.

Deveremos incluir também entre os desertores do Espiritismo os que se retiram porque a nossa maneira de ver não lhes satisfaz; os que, por acharem muito lento ou muito rápido o nosso método, pretendem alcançar mais depressa e em melhores condições a meta a que visamos? Certamente que não, se têm por guia a sinceridade e o desejo de propagar a verdade. – Sim, se seus esforços tendem unicamente a se porem eles em evidência e a chamar sobre si a atenção pública, para satisfação do amor-próprio e de interesses pessoais!...

Tendes um modo de ver diferente do nosso, não simpatizais com os princípios que admitimos! Nada prova que estais mais próximos da verdade do que nós. Pode-se divergir de opinião em matéria de ciência; investigai do vosso lado, como nós investigamos do nosso; o futuro dará a ver qual de nós está em erro ou com a razão. Não pretendemos ser os únicos a reunir as condições fora das quais não são possíveis estudos sérios e úteis; o que temos feito podem outros, sem dúvida, fazer. Que os homens inteligentes se agreguem a nós, ou se congreguem longe de nós, pouco importa!... Se os centros de estudos se multiplicarem, tanto melhor; será um sinal de incontestável progresso, que aplaudiremos com todas as nossas forças.

Quanto às rivalidades, às tentativas que façam por nos suplantarem, temos um meio infalível de não as temer. Trabalhamos para compreender, por enriquecer a nossa inteligência e o nosso coração; lutamos com os outros, mas lutamos com

caridade e abnegação. O amor do próximo inscrito em nosso estandarte é a nossa divisa; a pesquisa da verdade, venha donde vier, o nosso único objetivo. Com tais sentimentos, enfrentamos a zombaria dos nossos adversários e as tentativas dos nossos competidores. Se nos enganarmos, não teremos o tolo amor-próprio que nos leve a obstinar-nos em idéias falsas; há, porém, princípios acerca dos quais podemos todos estar seguros de não nos enganarmos nunca: o amor do bem, a abnegação, a proscricção de todo sentimento de inveja e de ciúme. Estes princípios são os nossos; vemos neles os laços que prenderão todos os homens de bem, qualquer que seja a divergência de suas opiniões. Somente o egoísmo e a má-fé erguem entre eles barreiras intransponíveis.

Mas, qual será a conseqüência de semelhante estado de coisas? Indubitavelmente, o proceder dos falsos irmãos poderá de momento acarretar algumas perturbações parciais, pelo que todos os esforços devem ser empregados para levá-las, ao malogro, tanto quanto possível; essas perturbações, porém, pouco tempo necessariamente durarão e não poderão ser prejudiciais ao futuro: primeiro, porque são simples manobras de oposição, fadadas a cair pela força mesma das coisas; depois, digam o que disserem, ou façam o que fizerem, ninguém seria capaz de privar a doutrina do seu caráter distintivo, da sua filosofia racional e lógica, da sua moral consoladora e regeneradora. Hoje, estão lançadas de forma inabalável as bases do Espiritismo; os livros escritos sem equívoco e postos ao alcance de todas as inteligências serão sempre a expressão clara e exata do ensino dos Espíritos e o transmitirão intacto aos que nos sucederem.

Insta não perder de vista que estamos num momento de transição e que nenhuma transição se opera sem conflito. Ninguém, pois, deve espantar-se de que certas paixões se agitem, por efeito de ambições malogradas, de interesses feridos, de pretensões frustradas. Pouco a pouco, porém, tudo se extingue, a febre se abranda, os homens passam e as novas idéias permanecem.

Espíritas, se quereis ser invencíveis, sede benévolos e caridosos; o bem é uma couraça contra a qual sempre se quebrarão as manobras da malevolência!...

Nada, pois, temamos: o futuro nos pertence. Deixemos que os nossos adversários se debatam, apertados pela verdade que os ofusca; qualquer oposição é impotente contra a evidência, que inevitavelmente triunfa pela força mesma das coisas. É uma questão de tempo a vulgarização universal do Espiritismo e neste século o tempo marcha a passo de gigante, sob a impulsão do progresso.

Allan Kardec

Observação – Como complemento deste artigo, publicamos uma instrução que sobre o mesmo assunto Allan Kardec deu, logo que voltou ao mundo dos Espíritos. Parece-nos interessante, para os nossos leitores, juntar às páginas eloqüentes e viris que se acabam de ler a opinião atual do organizador por excelência da nossa filosofia.

(Paris, novembro de 1869)

Quando eu me achava corporalmente entre vós, disse muitas vezes que havia de fazer aí uma história do Espiritismo, que não seria destituída de interesse. É este, ainda agora, o meu parecer e os elementos que eu reunira para esse fim poderão servir um dia à realização da minha idéia. É que eu, com efeito, me encontrava mais bem colocado do que qualquer outro para apreciar o curioso espetáculo que a descoberta e a vulgarização de uma grande verdade provocara. Pressentia outrora, hoje sei, que ordem maravilhosa e que harmonia inconcebível presidem à concentração de todos os documentos destinados a dar nascimento à nova obra. A benevolência, a boa vontade, o devotamento absoluto de uns; a

má-fé, a hipocrisia, as maldosas manobras de outros, tudo concorre para garantir a estabilidade do edifício que se eleva. Nas mãos das potestades superiores, que presidem a todos os progressos, as resistências inconscientes ou simuladas, os ataques visando semear o descrédito e o ridículo, se tornam elementos de elaboração.

Que não têm feito! Que é o que não têm posto em ação para asfixiar no berço a criança!

A princípio o charlatanismo e a superstição quiseram, ora um, ora outra, apoderar-se dos nossos princípios, a fim de os explorarem em proveito próprio; todos os raios da imprensa se projetaram contra nós; chasquearam das coisas mais respeitáveis; atribuíram aos Espíritos do mal os ensinamentos dos Espíritos mais dignos da admiração e da veneração universais; entretanto, todos esses esforços conjugados mais não conseguiram, senão proclamar a impotência dos nossos adversários.

É dentro dessa luta incessante contra os preconceitos firmados, contra erros acreditados, que se aprende a conhecer os homens. Eu sabia, ao consagrar-me à obra de minha predileção, que me expunha ao ódio, à inveja e ao ciúme dos outros. O caminho se achava inçado de dificuldades que de contínuo se renovavam. Nada podendo contra a doutrina, atiravam-se ao homem; mas, por esse lado, eu me sentia forte, porque renunciara à minha personalidade. Que me importavam os esforços da calúnia; a minha consciência e a grandeza do objetivo me faziam esquecer de boa vontade as urzes e os espinhos da estrada. Os testemunhos de simpatia e de estima, que recebi dos que me souberam apreciar, constituíram a mais estimável recompensa que eu jamais ambicionara. Mas, ah! quantas vezes teria sucumbido ao peso da minha tarefa, se a afeição e o reconhecimento de muitos não me houvessem feito olvidar a ingratidão e a injustiça de alguns, porquanto, se os ataques contra mim dirigidos sempre me encontraram insensível, penosamente magoado me sentia, devo

dizê-lo, todas as vezes que descobria falsos amigos entre aqueles com quem mais contava.

Se é justo censurar os que hão tentado explorar o Espiritismo ou desnaturá-lo em seus escritos, sem o terem previamente estudado, quão mais culpados não são os que, depois de lhe haverem assimilado todos os princípios, não contentes de se lhe apartarem do seio, contra ele voltaram todos os seus esforços! É, sobretudo, para os desertores dessa categoria que devemos implorar a misericórdia divina, pois que apagaram voluntariamente o facho que os iluminava e com o qual podiam esclarecer os outros. Eles, por isso, logo perdem a proteção dos Espíritos bons e, conforme a triste experiência que temos feito, bem depressa chegam, de queda em queda, às mais críticas situações!

Desde que voltei para o mundo dos Espíritos, tornei a ver alguns desses infelizes! Arrependem-se agora; lamentam a inação em que ficaram e a má vontade de que deram prova, sem lograrem, todavia, recuperar o tempo perdido!... Tornarão em breve à Terra, com o firme propósito de concorrerem ativamente para o progresso e se verão ainda em luta com as tendências antigas, até que triunfem definitivamente.

Fora de crer que os espíritas de hoje, esclarecidos por esses exemplos, evitariam cair nos mesmos erros. Assim, porém, não é. Ainda por longo tempo haverá irmãos falsos e amigos desassisados; mas, tal como seus irmãos mais velhos, não conseguirão que o Espiritismo saia da sua diretriz. Embora causem algumas perturbações momentâneas e puramente locais, nem por isso a doutrina periclitará. Ao contrário, os espíritas transviados bem depressa reconhecerão o erro em que incidiram e virão colaborar com maior ardor na obra por um instante abandonada e, atuando de acordo com os Espíritos superiores que dirigem as transformações humanitárias, caminharão a passo rápido para os ditos tempos prometidos à Humanidade regenerada.

Allan Kardec

A Vida Universal⁵⁵

I

NO INFINITO E NA ETERNIDADE⁵⁶

(Camille Flammarion)

Todas as religiões que se sucederam na história da Humanidade, desde a teogonia dos arianos, que parece datar de quinze mil anos e nos oferece o tipo mais antigo, até o babismo da Ásia, surgido neste século e que, não obstante, não conta muitos sectários; desde as teologias mais vastas e consolidadas que, como o budismo na Ásia, o Cristianismo na Europa e o Islamismo na África, dominaram regiões imensas, durante longos séculos, até os sistemas isolados e frustrados que, como a igreja francesa do abade Chatel, ou a religião fusionista de Toureil, ou o templo positivista de Auguste Comte, não viveram mais que o espaço de uma manhã; – todas as religiões, digo, não tiveram por objetivo senão *o conhecimento da vida eterna*.

Entretanto, até hoje nenhuma soube nos dizer o que é a vida eterna; nenhuma nos soube ensinar sequer o que seja a vida atual, em que difere ou em que se liga à vida eterna; o que é a Terra onde vivemos; o que é o céu, para o qual se voltam todos os olhares ansiosos, para pedir o segredo do grande problema.

A incapacidade de todas as religiões, antigas e modernas, de nos explicar o sistema do mundo moral, levou a filosofia, acabrunhada pelo silêncio e pelas ficções, a formar em seu seio uma escola de cépticos, que não só duvidaram da existência do mundo moral, mas chegaram ao cúmulo de negar a presença de Deus na Natureza e a imortalidade das almas intelectuais.

55 N. do T.: No original consta a expressão *Vida Eterna*, embora no sumário inserido no final do volume apareça *Vida Universal*. Optamos por esta última, por expressar melhor aquilo que é discutido no texto.

56 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 533.

Nossa filosofia espiritualista das ciências, fundada sobre a síntese das ciências positivas e especialmente sobre as conseqüências metafísicas da Astronomia moderna, é mais sólida do que todas as religiões antigas, mais bela do que todos os sistemas filosóficos, mais fecunda do que todas as doutrinas, crenças e opiniões emitidas até agora pelo espírito humano. Nascida no silêncio do estudo, nossa doutrina cresce na sombra e se vai aperfeiçoando incessantemente por uma interpretação cada vez mais desenvolvida do conhecimento do Universo. Sobreviverá aos sistemas teológicos e psicológicos do passado, porque é a própria Natureza que observamos, sem idéias preconcebidas, sem especulação e sem medo.

Quando em meio a uma noite profunda e silenciosa nossa alma solitária se eleva para esses mundos longínquos que brilham acima de nossas cabeças, instintivamente procuramos interpretar os raios que nos chegam das estrelas, porque sentimos que esses raios são outros tantos laços fluídicos, ligando os astros entre si na imensa rede da solidariedade. Agora que as estrelas já não são para nós cravos de ouro fixadas na abóbada celeste; agora que sabemos que essas estrelas são outros tantos sóis análogos ao nosso, centros de sistemas planetários variados e disseminados a incríveis distâncias através do infinito dos espaços; agora que a noite não é mais para nós um fenômeno que se estende ao Universo inteiro, mas simplesmente uma sombra passageira situada por detrás do globo terrestre relativamente ao Sol, sombra que se estende a uma certa distância, mas não até às estrelas, e que atravessamos todos os dias durante algumas horas por força da rotação diurna do globo; – aplicamos esses conhecimentos físicos à explicação filosófica de nossa situação no Universo, e constatamos que habitamos a superfície de um planeta que, longe de ser o centro e a base da Criação, não passa de uma ilha flutuante do grande arquipélago, arrastado, ao mesmo tempo que miríades de outros análogos, pelas forças diretivas do Universo, não tendo sido marcado pelo Criador com nenhum privilégio especial.

Sentirmo-nos arrastados no espaço é uma condição útil à compreensão exata do nosso lugar relativo no mundo; mas, fisicamente não temos e nem podemos ter essa sensação, pois que estamos fixados à Terra por sua atração e participamos integralmente de todos os seus movimentos. A atmosfera, as nuvens, todos os objetos móveis ou imóveis que pertencem à Terra são por ela arrastados, a ela ligados e, por conseguinte, relativamente imóveis. Seja qual for a altura a que nos elevemos na atmosfera, jamais chegaremos a nos colocar fora da atração terrestre e a nos isolar de seu movimento para o constatar. A própria Lua, a 96.000 léguas daqui, é arrastada no espaço pela translação da Terra. Não podemos, pois, sentir o movimento do nosso planeta senão pelo pensamento. Ser-nos-ia possível chegar a essa curiosa sensação? Tentemos.

Para começar, imaginemos que o globo sobre o qual nos encontramos avance no vazio à razão de 660.000 léguas por dia, ou 27.500 léguas por hora! 30.550 metros por segundo: é uma velocidade mais de cinqüenta vezes mais rápida que a de uma bala de canhão (550 metros). Por certo não podemos simbolizar exatamente essa rapidez inaudita, mas dela podemos formar uma idéia, representando uma linha de 458 léguas de extensão e imaginando que o globo terrestre a percorra num minuto. Perpetuamente, sem parar, sem trégua, a Terra *voa* assim. Supondonos colocados no espaço, ao lado de seu caminho, na expectativa de vê-la passar diante de nós como um trem expresso, nós a veríamos chegar de longe sob a forma de uma estrela brilhante. Quando não estivesse a mais do que 600 ou 700.000 léguas de nós, isto é, vinte e quatro horas antes de chegar, pareceria maior do que qualquer estrela conhecida, menor do que nos parece a Lua: como uma grande bólide, semelhante às que por vezes atravessam o espaço. Quatro horas antes de sua chegada, parece cerca de quatorze vezes mais volumosa que a Lua e, continuando a inflar-se desmesuradamente, logo ocupará um quarto do céu. Já distinguimos em sua superfície os continentes e os mares, os pólos

carregados de neve, as faixas de nuvens tropicais, a Europa com as bordas recortadas... e talvez distingamos um pequeno lugar esverdeado, que não passa da milésima parte da superfície inteira do globo e que se chama França... Já notamos seu movimento de rotação sobre o seu eixo... mas, aumentando, aumentando sempre, de repente o globo se desdobra como uma sombra gigantesca sobre o céu inteiro, levando seis minutos e meio para passar, o que talvez nos permita ouvir os gritos dos animais selvagens nas florestas equatoriais e o canhão dos povos humanos, para, em seguida, afastando-se com majestade nas profundezas do espaço, mergulhar no vazio e encolher-se na imensidade sem fim, não deixando outro traço de sua passagem, senão um misto de espanto e de terror em nosso olhar apavorado.

É nesta bola colossal de 3.000 léguas de diâmetro e 5.875 sextilhões de toneladas de peso, que estamos disseminados, pequenos seres imperceptíveis, arrastados com uma energia indescritível por seus diversos movimentos de translação, de rotação, de oscilação, e por suas inclinações alternativas, mais ou menos como os grãos de poeira aderem a uma bala de canhão lançada no espaço. Conhecer e sentir esta marcha da Terra é possuir uma das primeiras e mais importantes condições do saber cosmográfico.

Assim voa a Terra no céu. A descrição desse movimento pode parecer puramente do domínio da Astronomia. Logo constataremos que a filosofia religiosa é altamente interessada nesses fatos e que, na realidade, o conhecimento do universo físico dá as bases da religião do futuro. Continuemos o exame científico do nosso planeta.

Como qualquer edifício, as teologias não podem ser construídas no vazio. Têm como arcabouço o antigo sistema do mundo, que supunha a Terra imóvel no centro do Universo. Ao demonstrar a fatuidade da ilusão antiga, a Astronomia moderna demonstra a presunção das teologias fundadas sobre ela.

Este planeta é povoado por um número considerável de espécies vivas, classificadas em duas grandes divisões naturais: o reino vegetal e o reino animal. Cada um desses seres difere das coisas puramente materiais, dos objetos inanimados, em virtude de ser formado por uma unidade anímica que rege o seu organismo. Que se considere uma planta, um animal ou um homem, constata-se que o que constitui a vida é um princípio especial, dotado da faculdade de agir sobre a matéria, de formar um ser determinado, uma roseira, por exemplo, um carvalho, um lagarto, um cão, um homem; de fabricar órgãos como uma folha, um pistilo, um estame, uma asa, um olho, – princípio especial cujo caráter distintivo é ser pessoal.

Para nos atermos à raça humana, que há mais de cem séculos estabeleceu o reino da inteligência neste planeta, notamos que atualmente ela se compõe de 1.200.000.000 indivíduos, que em média vivem 34 anos. Na Europa, a duração média da vida, que no último século aumentou 9% com o progresso e o bem-estar, é hoje de 38 anos. Mas ainda há na Terra raças atrasadas, menos afastadas da barbárie primitiva, miseráveis e fracas, cuja vida média não ultrapassa 28 anos. Em cifras redondas, morrem por ano 32 milhões de indivíduos humanos, 80.000 por dia ou mais ou menos 1 por segundo. Nascem 33 milhões por ano, ou pouco mais de 1 por segundo. Cada batimento de nossos corações, correspondendo mais ou menos ao número de oscilações do pêndulo do relógio, marca aproximadamente o nascimento e a morte de um ser na Terra.

Tudo correndo no espaço com a rapidez que reconhecemos acima, a Terra vê a sua população humana renovar-se constantemente, com uma rapidez que também não deixa de ser espantosa. A cada segundo uma alma encarna no mundo corporal e outra dele se evade. Um sexto das crianças morrem no primeiro ano, um quarto antes da idade de 4 anos, um terço aos 14 anos e a metade aos 42 anos. Que lei preside aos nascimentos? Que

lei preside às mortes? É um problema que só a Ciência poderá resolver um dia.

É importante para todo homem que procura a verdade, ver as coisas face a face, tais como são, adquirindo, assim, noções exatas sobre a ordem do Universo. Antes de tudo mais, constatem os fatos, pura e simplesmente; depois nos sirvamos da realidade para tentar penetrar as leis desconhecidas, de que os fatos físicos são a sua realização.

Pois bem! Constatamos, por um lado, que a Terra é um astro do céu, da mesma forma que Júpiter ou Sírius, e que circula no espaço eterno por meio de movimentos que nos dão uma medida do tempo: os anos e os dias – medidas de tempo que esses movimentos criam por si mesmos e que não existe no espaço eterno. Por outro lado, observamos que os seres vivos, particularmente os homens, são formados por uma alma organizadora, que é o princípio imaterial, independente das condições de espaço e de tempo e das propriedades físicas que caracterizam a matéria, e que as existências humanas não são o fim da Criação, mas, antes, dão idéia de passagens, de meios. Por si só, a vida na Terra carece de objetivo. É o que ressalta incontestavelmente da própria organização da vida e da morte neste mundo.

Aliás, a vida terrena nem é um começo, nem um fim. Realiza-se no Universo, ao mesmo tempo que grande número de outros modos de existência, após muitas outras que se deram nos mundos passados, e antes de muitas que se efetuarão nos mundos futuros. A vida *terrestre* não é oposta a uma outra vida *celeste*, como supõem os teólogos que não se apóiam na Natureza. A vida que floresce na superfície do nosso planeta é uma vida celeste, tanto quanto a que resplandece em Mercúrio e Vênus. Estamos atualmente no céu, tão exatamente como se habitássemos a estrela polar ou a nebulosa de Orion.

Assim a Terra, suspensa no espaço pelo fio da atração solidária dos mundos, arrasta em sua superfície as gerações humanas que nascem, brilham por alguns anos e se extinguem. Tudo está em movimento, e a circulação dos seres através do tempo não é menos certa, nem menos rápida, do que sua circulação através do espaço. Este aspecto do Universo nos surpreende, sem dúvida, e nos parece difícil defini-lo com segurança. O aspecto aparente com o qual se contentaram durante tantos séculos era muito mais simples: a Terra, imóvel, era a base do mundo físico e espiritual. A raça adâmica era a única raça humana do Universo; era colocada aqui para viver lentamente, para orar e chorar até o dia em que, sendo decretado o fim do mundo, o Deus corporal, assistido por seus santos e anjos, descesse do empíreo para julgar a Terra e em seguida transformar o Universo em duas grandes secções: o céu e o inferno. Esse sistema, mais teológico do que astrológico, era, repito, muito simples e se baseava nas tradições venerandas de um ensino quinze vezes secular. Quando, pois, neste século dezenove, eu venho dizer: “Em verdade as nossas antigas crenças estão fundadas em aparências enganosas; agora não devemos reconhecer outra filosofia religiosa além da que deriva da Ciência”, podemos não estar prontos para aceitar imediatamente a imensa transformação que resulta dos nossos estudos modernos e querer examinar severamente nossa doutrina antes de se reconhecer como seu discípulo. Mas é precisamente isso que todos desejamos; a liberdade de consciência deve preceder todo julgamento nas almas, e todas as opiniões devem ser livremente, sucessivamente ordenadas conforme as indicações do espírito e do coração.

A Terra é um astro habitado, planando no céu em companhia de miríades de outros astros, habitados como ela. Nossa atual vida terrestre faz parte da vida universal e eterna, dando-se o mesmo com a vida atual dos habitantes dos outros mundos. O espaço é povoado de colônias humanas vivendo, ao mesmo tempo, em globos afastados uns dos outros e ligados entre si por leis, das quais sem dúvida ainda não conhecemos senão as mais patentes.

O esboço geral de nossa fé⁵⁷ na vida eterna compõe-se, portanto, dos seguintes pontos:

1^o – A Terra é um astro do céu;

2^o – Os outros astros são habitados como ela;

3^o – A vida da humanidade terrestre é um departamento da vida universal;

4^o – A existência atual de cada um de nós é *uma fase de sua vida eterna* – eterna no passado como no futuro.

Este simples esboço geral de nossa concepção da vida eterna, embora apoiada na observação e no raciocínio e sendo indestrutível nesses quatro princípios elementares, longe está, entretanto, de não permitir alguma objeção. Ao contrário, podem-se-lhe opor certo número de dificuldades, como já aconteceu, seja pelos partidários das teologias antigas, seja pelos filósofos antiespiritualistas. Eis as principais dificuldades:

Que provas se podem obter de que a nossa existência atual seja uma fase de uma pretensa vida eterna? Se a alma sobrevive ao corpo, como pode existir sem matéria e privada dos sentidos que a poriam em relação com a Natureza? – Se preexiste, de que maneira encarnou em nosso corpo e em que momento? O que é uma alma? em que consiste esse ser? ocupa um lugar? como age sobre a matéria? – Se já vivemos, por que em geral não temos qualquer lembrança? – Como a personalidade de um ser pode existir sem a memória? Nossas lembranças estão em nosso cérebro ou na nossa alma? – Se reencarnamos sucessivamente de

57 Servindo-me da palavra *fé*, não é minha intenção conservar aqui o sentido teológico sob o qual ela é empregada ainda hoje. Falo da fé científica, racional, consequência legítima do estudo filosófico do Universo.

mundo em mundo, quando terminará essa transmigração, e para que serve? etc., etc.

Em vez de afastar as objeções ou parecer desdenhá-las, nosso dever, o dos que buscamos a verdade e não cremos obtê-la senão pelo trabalho, é, ao contrário, de as provocar e não nos deixar iludir, imaginando que nossas crenças já se tenham estabelecido e sejam inatacáveis. A Ciência marcha lentamente, progressivamente, e é sondando a profundidade dos problemas e atacando as questões de frente que aplicaremos a esses estudos filosóficos a severidade e o rigor necessários para assegurar aos nossos argumentos a solidez que lhes convém. A revelação moderna não provém da boca de um Deus encarnado, mas dos esforços da inteligência humana para o conhecimento da verdade.

Num próximo estudo procuraremos saber qual é a natureza da alma, aplicando a este exame, não os silogismos da logomaquia escolástica, pelos quais se perorou durante quinze séculos sem se chegar a nada de sério, mas os processos do método científico experimental, ao qual deve o nosso século toda a sua grandeza. Hoje estabelecemos um primeiro aspecto muito importante do problema natural (e não sobrenatural) da vida eterna: o de saber que nossa vida atual se realiza no céu, que faz parte da série de existências celestes que constituem a vida universal, e que *atualmente estamos no céu de Deus* e na presença do Espírito eterno, tão completamente como se habitássemos um outro astro qualquer do grande arquipélago estrelado.

Que esta certeza física inspire às nossas almas uma simpatia mais direta, mais humana para com os mundos que resplandecem na noite, e que até então olhávamos como se nos fossem estranhos! São as residências de nossas humanidades irmãs, as residências menos distantes! Olhando uma estrela que se eleva no horizonte, estamos na mesma situação de um observador que, de seu balcão, contempla as árvores de uma paisagem distante, ou

que se inclina sobre o parapeito do navio ou do aeróstato para examinar um barco no mar ou uma nuvem na atmosfera; porque a Terra é uma nau celeste que vaga no espaço e olhamos ao seu redor quando nossos olhos se voltam para os outros mundos que aparecem e desaparecem seguindo o seu rastro. Sim, esses outros mundos são outras tantas terras análogas à nossa, baloiçando na amplidão sob os raios do mesmo Sol, e todas essas estrelas cintilantes são sóis ao redor dos quais gravitam planetas habitados. Em tais mundos, como no nosso, há paisagens silenciosas e solitárias. Em sua superfície também se disseminam cidades populosas e ativas. Lá também há poentes de nuvens purpurinas e deslumbrantes auroras mágicas; mares de cantos melancólicos, regatos de doces murmúrios, pequenas flores de tenras corolas, banhando na água limpada suas cabeças perfumadas. Lá também há bosques sombrios, sob os quais reside a inalterável paz da Natureza; lagos, suaves espelhos que parecem sorrir aos céus e montanhas formidáveis, que levantam seus cumes sublimes acima das nuvens carregadas de relâmpago e que, do alto dos ares tranqüilos, olham tudo o que está em baixo. Mas nesses mundos variados há mais desses panoramas inenarráveis, desconhecidos na Terra, esta inimaginável variedade de coisas e de seres que a Natureza desenvolveu em profusão em seu império sem limites. Quem nos revelará o espetáculo da Criação sobre os anéis de Saturno? Quem nos revelará as metamorfoses maravilhosas do mundo dos cometas? Quem nos desvendará os sistemas mágicos dos sóis múltiplos e coloridos, oferecendo aos seus mundos as mais singulares variedades de estações, de dias, de luzes e de calor? Quem nos fará adivinhar a considerável variedade das formas vivas que as forças da Natureza construíram nos outros mundos, com a diversidade peculiar a cada mundo em seu volume, peso, densidade, constituição geológica e química, propriedades físicas de suas diversas substâncias, numa palavra, com a infinita variedade de que a matéria e as forças são susceptíveis? As metamorfoses da mitologia antiga não passam de um sonho, comparadas às obras universais da natureza celeste.

Hoje esboçamos a situação cosmográfica da alma em sua encarnação terrena. Nosso próximo estudo terá como objeto a natureza mesma da alma, resolvendo por si só as objeções resumidas acima. É estudando separadamente os diversos pontos do grande problema que chegaremos à solução esperada há tantos séculos.

Revista da Imprensa

REENCARNAÇÃO – PREEXISTÊNCIA

(Segundo artigo – Vide a *Revista* de novembro de 1869)

A idéia da reencarnação é tão natural que, não fosse a tirania exercida sobre nós pelo hábito das idéias contrárias que a educação nos impôs desde a infância, nós a aceitaríamos facilmente. “Não é mais surpreendente nascer duas vezes que uma; tudo é ressurreição na Natureza.” Estas palavras que Voltaire (Vide a *Princesa da Babilônia*) põe na boca da fênix, no momento em que renasce das próprias cinzas, não vos parece, em sua simplicidade e em sua enérgica concisão, a expressão mesma da verdade?

Quantos problemas em nosso destino, impossíveis de resolver de maneira satisfatória por outra doutrina e que esta nos dá a solução racional! Quantas obscuridades ela esclarece! Quantas dificuldades afasta!

“Na verdade, diz Montaigne, acho que estou tão longe de Epaminondas que ultrapassaria Plutarco de bom grado; e diria que não há mais distância deste àquele homem, como não há distância de tal homem a tal animal; e que há tantos graus de espíritos quanto o número de braças que existem daqui até o céu.”

De fato, quanta distância entre o hotentote estúpido e o inteligente europeu! entre Dumolard e Sócrates!

Como explicar essa desigualdade no desenvolvimento intelectual e moral, que em certos casos se seria tentado a chamar desigualdade da Natureza, se não se admite entre o espírito inferior e o espírito superior a mesma relação que existe entre a criança e o homem feito, e por vezes entre o homem e o anjo? Se não se admite que o último viveu mais que o primeiro e pôde progredir num maior número de vidas sucessivas?

Dirão que é um efeito da diferença da organização física e da educação? A isto responderíamos que estas causas podem explicar, no máximo, as superioridades aparentes, mas não as reais.

O órgão serve mais ou menos bem à faculdade, mas não a dá; já o demonstramos inúmeras vezes. De tal sorte que um espírito muito desenvolvido, num corpo mal conformado, pode fazer um homem muito ordinário, ao passo que um espírito relativamente menos adiantado, servido por bons órgãos, fará um homem que lhe será em aparência muito superior. Mas essa falsa superioridade, que não considera senão a faculdade de expressão, e não o poder de pensar, iludirá apenas o observador superficial, mas não enganará o espírito penetrante. “Não padece dúvida, diz J. Simon, de que existem espíritos de escol cujo valor sempre ficará desconhecido, por lhes faltar a faculdade de expressão. Vê-se essas almas cheias de idéias, que o vulgo despreza e que passam por inferiores e desprovidas de razão, embora os espíritos penetrantes captem algumas vezes em sua linguagem os traços de uma força incomparável. Pergunta-se, pensando nelas, se não se está na presença de um gênio encantado *sob uma forma que o impede de manifestar-se em sua plenitude e em seu esplendor.*”

Aliás, não é sabido que Sócrates havia recebido da Natureza um corpo cujos impulsos o teriam levado à devassidão, e que o filho de Sofrônico dele fez um sábio, um modelo para os homens, em vez do libertino que a Natureza parecia querer fazer?

Quanto à educação, não temos diariamente sob os olhos a prova de que a sua influência é grande? Não obstante, ela não chega a mudar completamente a natureza do homem, fazendo de um celerado um prêmio Monthyon e de um idiota um Newton.

Quantas pessoas honradas que jamais receberam lições de ninguém! quantas não se viram obrigadas a combater os ensinamentos perniciosos! e quantos velhacos infames foram educados com todos os cuidados imagináveis! Cômodo não era filho e discípulo de Marco Aurélio? e nos devemos ufanar das lições dos jesuítas, mestres de Voltaire, da independência do pensamento do discípulo, de seu horror pela intolerância e pelo fanatismo religioso, e de seu desprezo pelas superstições?

Quem foi o preceptor do lenhador Lincoln, de seu sucessor, o alfaiate Johnson, e de seu ilustre compatriota, o ferreiro Elihu Burrit, o promotor da sociedade da paz universal?

Não há homens dos quais se pode dizer que se lembram, mais do que aprendem? Mozart, por exemplo, nasce grande músico; Pascal, aos nove anos e sem jamais ter lido um livro de Matemática, chega, sozinho e sem o auxílio de nenhum mestre, até à trigésima segunda proposição de Euclides e inventa a Geometria!

Em 1868 os jornais franceses nos distraíram, segundo um jornal inglês de Medicina – *Quatterly* – com um fenômeno muito estranho. É uma menina cuja história o Dr. Hun deu a conhecer. Até os três anos ela era muda, não conseguindo pronunciar nem mesmo as palavras *papai* e *mamãe*. Depois, de uma hora para outra começou a falar com uma loquacidade extraordinária, mas numa língua desconhecida que não guardava nenhuma relação com o inglês. E o que há de mais surpreendente é que ela se recusa a falar esta última língua, a única, no entanto, que lhe falam, obrigando àqueles com quem vive, seu irmão, por

exemplo, um pouco mais velho que ela, a aprender a sua, na qual se encontram algumas palavras de francês, embora, no dizer dos pais, ninguém jamais as houvesse pronunciado diante dela.

Como explicar esse fato de outro modo a não ser pela lembrança de uma língua que esta criança teria falado numa existência anterior? – É verdade que se pode negar o caso. Mas a menina existe; é um jornal sério, um jornal de Medicina que o relata, e a negação é um meio muito cômodo, ao qual, talvez, se recorra com muita freqüência. Em muitos casos ele é o equivalente do diabo, esse *Deus ex machina*, que chega sempre na hora certa para explicar tudo e dispensar o estudo.

Aliás, há homens que afirmam ter conservado a lembrança de outras existências. Isto é mais surpreendente. A carta do Sr. Ponson do Terrail, de que já falei antes, é uma prova disto. Pode-se dizer também que ele quis fazer uma brincadeira. Mas, o que não poderão dizer?

O poeta Méry afirmava igualmente que se lembrava de ter vivido sucessivamente em Roma, no tempo de Augusto, e na Índia, onde tinha sido sacerdote brâmane. Também teria sido uma brincadeira?

Mas o que não pode ser uma anedota é o fato seguinte, do qual fui testemunha. Eu estava em Pau, na casa de um parente. No mesmo quarto em que estava, achava-se uma das filhas de minha parenta, de dois anos e o filhinho do vizinho, operário encadernador, que não passava de três anos. As crianças brincavam e com elas eu não me ocupava quanto, de repente, minha atenção foi atraída para uma altercação singular que se deu entre eles. O pequenino garantia, irritado e ruborizado contra a menina, que se recusava a nele crer, que se lembrava de ter sido soldado e haver sido morto. Dava detalhes e citava os lugares. Achei que devia intervir. Perguntei-lhe quem era seu pai na época a que se referia.

Respondeu que então seu pai não era seu pai: ele é que era pai. E como eu insistisse que me explicasse por que, tendo sido morto, estava vivo novamente, e pequeno, depois de ter sido grande, respondeu: “Nada sei quanto a isto; fui soldado e me mataram; eu era grande e agora sou pequeno. Foi Deus quem o quis.” E batia com o pé, enraivecido, porque nos recusávamos a crer em suas palavras.

No dia seguinte eu quis retomar com ele a mesma conversa. Olhou-me com ar espantado e nada compreendeu, como se eu lhe tivesse falado grego.

Como supor que uma criança dessa idade quisesse se divertir sobre um tal assunto? Não é mais razoável pensar que o vau que nos oculta o passado se tivesse erguido por alguns instantes para ela?

A lembrança de existências passadas, embora muito rara, o é menos do que se pensa; a História nos fornece vários exemplos, e não é impossível que, como eu, algum de meus leitores já tenham tido ocasião de o constatar.

Pergunto, agora, depois de todas essas considerações e de todos esses fatos reunidos, aos quais poderíamos agregar muitos outros, se eles não são a consequência legítima e irresistível da realidade da reencarnação, e que não é surpreendente que em todas as épocas da História tenha havido espíritos elevados que nela acreditavam?

Além disso, quando se reflete seriamente, a gente se convence não apenas que esta crença é verdadeira, mas que é impossível que não seja de outro modo.

Se é falsa, como compreender a justiça de Deus? Reconhecemos o absurdo das penas eternas; mas, mesmo com penas e recompensas temporárias, para que pudessem ser aplicadas

com precisão não seria preciso – já que não há uma só prova sofrida por todos nas mesmas condições de duração, com os mesmos obstáculos a vencer e dificuldades a superar – que cada um entrasse na liça armado com as mesmas faculdades e carregando o mesmo peso? – Pois bem, todos sabemos que não é assim. Precisamos demonstrá-lo?

Assim, o único meio de sair da dificuldade é reconhecer a veracidade desta idéia tão natural e tão justa, a de que as provas são múltiplas; que aqueles que vemos entrar na liça com maiores faculdades são velhos lutadores que as adquiriram mediante esforços anteriores, enquanto os que nela entram com faculdades menores são debutantes que não têm o direito de invejar as riquezas de seus irmãos mais velhos, já que só depende deles a sua aquisição, desde que sigam seu exemplo.

Quanto às várias posições sociais, não passam de provas diversas às quais o espírito é submetido, conforme a necessidade, e pelas quais passamos alternadamente, ora como pobres, ora como ricos, ora poderosos, ora fracos, ora senhores, ora escravos, ora dotados de uma organização física que, deixando às nossas faculdades todo o seu impulso, nos permite representar um papel brilhante na cena do mundo; ou, ao contrário, constringidos por órgãos rebeldes e condenados a uma impotência e a uma inferioridade tanto mais penosa quanto podemos, algumas vezes, ter o sentimento de nossa real superioridade.

Aliás, o céu não pode ser um lugar fechado, que Deus nos abre ou nos fecha ao seu bel-prazer; não podemos concebê-lo senão como um estado superior da alma, que depende de nós atingir, aos nos purificarmos de nossas máculas, chegando a esse patamar intelectual e moral que está acima da natureza humana e que designamos sob o nome de natureza angélica.

Sim, nós somos, para me servir de uma expressão de Dante, a lagarta destinada a formar a angélica borboleta em seu vôo para a justiça, sem que nada lhe possa opor obstáculos!

Todavia, se quisermos refletir nos esforços que isto exige, não direi o aniquilamento, mas apenas a diminuição do menor dos nossos defeitos, e o crescimento, não a aquisição da menor de nossas qualidades, poderemos compreender quantas existências são necessárias para preencher a distância que separa o hotentote, espírito talvez no começo da Humanidade, de Sócrates, anjo sem dúvida descido dos céus para nos servir de modelo e guia.

O esforço, eis a lei, é a condição indispensável do progresso do Espírito; e, nas fases inferiores de sua existência, esse esforço necessário não poderia produzir-se sem as reencarnações. Demonstrá-lo-ei no artigo seguinte, ao tratar da natureza das penas e recompensas futuras.

Esperando, creio poder fechar este artigo dizendo que a única coisa que nos deve preocupar nesta Terra, desde que ela é lugar de prova, é tirar o melhor partido possível da posição que ela está, na qual nos colocou aquele que, melhor que nós, conhece o de que precisamos e não pode ter preferências por nenhum de nós. “Lembra-te, diz o escravo Epicteto, de desempenhar com cuidado o papel que o soberano senhor impôs: breve, se for breve, longo, se for longo. Se ele te deu a personalidade de um mendigo, trata de bem desincumbi-lo; sede manco, príncipe ou plebeu, se ele o quis. Teu negócio é representar bem o teu papel, e o dele de o escolher.”

Victor Tournier

Sessão Anual Comemorativa do dia dos Mortos

COMEMORAÇÃO ESPECIAL DO SR. ALLAN KARDEC

Como nos anos anteriores, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos reuniu-se especialmente em 1^o de novembro, com vistas a oferecer uma piedosa lembrança aos seus colegas falecidos.

Nessa ocasião foi feita a leitura: 1^o do discurso de abertura pronunciado pelo Sr. Allan Kardec na sessão de 1^o de novembro de 1868, intitulado: *O Espiritismo é uma religião?*; 2^o de uma comunicação espontânea ditada pelo Sr. Dozon sobre a solenidade do dia de Todos os Santos, em 1865, e que é lida anualmente na sessão comemorativa; 3^o de uma notável comunicação sobre o *temor da morte*, assinada por Guillaumin e recebida pelo Sr. Leymarie. (Vide a *Revista* de dezembro de 1868.)

Depois de ter invocado as bênçãos de Deus sobre a assembléia e agradecido ao nosso presidente espiritual, São Luís, o seu concurso habitual, a Sociedade julgou por bem prestar, por meio de uma comemoração especial, um particular testemunho de reconhecimento à memória do Sr. Allan Kardec.

Fazendo-se intérprete dos sentimentos gerais, um dos membros do comitê pronunciou a seguinte alocução:

“Senhoras e Senhores,

“Nesta seção especialmente consagrada a dar marcas do nosso reconhecimento aos Espíritos que houveram por bem prestar-nos o seu concurso, e a honrar a memória dos nossos colegas falecidos e de todos os que, por seus trabalhos, se tornaram dignos da admiração dos homens, devemos um testemunho particular de simpatia e de veneração ao homem honrado por excelência, cujos trabalhos conquistaram celebridade universal, ao eminente Espírito que, no mundo do espaço como na Terra, consagrou seu tempo e suas faculdades à obra bendita de moralização e regeneração da Humanidade.

“Todos conhecestes o pensador laborioso cujo nome está em todos os lábios, o filósofo convicto e consciencioso

cujos ensinamentos encontraram eco em todos os verdadeiros amigos do progresso: Allan Kardec, o imortal autor de *O Livro dos Espíritos*.⁵⁸

“Depois de ter dedicado sua vida à coordenação metódica da Doutrina Espírita, em consolar os aflitos, em tranquilizar os Espíritos roídos pela dúvida da incredulidade, substituindo a incerteza e a negação concernente ao futuro da alma por uma crença racional, fundada sobre as próprias leis da Natureza, foi colher na erraticidade a merecida recompensa, a sanção da missão cumprida e reunir os elementos necessários para contribuir ainda, como Espírito, para fazer da Humanidade um só povo de irmãos, marchando solidariamente para a conquista do futuro.

“Homem, soube fazer-se apreciado e amado não só pelos que o conheciam pessoalmente, mas ainda por seus numerosos correspondentes, enfim por todos que encontraram em suas obras a consagração de suas mais legítimas aspirações.

“Sem se preocupar com as críticas dos que, por orgulho ou por preconceito, recusavam-se a compreender a nossa insaciável avidez de conhecimento, voltava mais para o alto as suas contemplanções. Os obstáculos que teve de superar, as decepções diante das quais se deixaram abater tantos pensadores sérios não o

58 **N. do T.:** Embora Allan Kardec repetisse que o mérito da obra cabia aos Espíritos que a ditaram, podemos e devemos considerá-lo como co-autor de *O Livro dos Espíritos*. A ele foi reservada a tarefa de organizar e ordenar as perguntas sobre os mais variados assuntos, abrangendo todos os ramos do conhecimento e do interesse humanos; a distribuição didática das matérias encerradas no texto; a redação dos comentários às respostas dos Espíritos; a precisão com que intitula capítulos e subcapítulos; as observações, anotações e paráfrases, bem assim a redação integral da “Introdução” e da “Conclusão” do livro, verdadeiras obras-primas de lógica, concisão e erudição, mais as questões de nºs 59 (*Considerações e concordâncias bíblicas concernentes à Criação*); 100 a 113 (*Escala Espírita*); 222 (*Considerações sobre a pluralidade das existências*); 257 (*Ensaio teórico das sensações nos Espíritos*); 455 (*Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista*); e 872 (*Resumo teórico do móvel das ações humanas*).

atingiam. Ante a grandeza do objetivo, ele esquecia todas as dificuldades do caminho.

“Espírito, não tardou a nos dar novas provas de seu zelo e devotamento infatigáveis. Em todos os centros, em todos os países, foi sancionar, através de comunicações de incontestável elevação, a verdade dos ensinamentos que em vida popularizou. Espírito conciliador e persuasivo, ensina a todos a tolerância e a solidariedade. Mais que nunca convencido de que o interesse pessoal deve apagar-se diante do interesse geral, continua seu apostolado sob uma nova forma, indo a todos os lugares, encorajando uns, instruindo outros e dando a todos provas irrecusáveis de sua afeição e devotamento.

“Em todas as épocas de transição, Espíritos superiores, profetas, messias, missionários do progresso aparecem na Humanidade para tornar populares as crenças aceitas por um pequeno número. Tais foram, na Antiguidade, Sócrates, Platão, Moisés, o Cristo e todos os grandes gênios que se immortalizaram por suas ações e, mais recentemente, João Huss, Galileu, Newton, Leibnitz e tantos outros, cujos trabalhos constituem objeto de legítima admiração.

“Tal ele já o é para nós, que o conhecemos, e tal será para as gerações futuras, quando as crenças espíritas forem adotadas, o Espírito daquele cuja memória hoje estamos reverenciando.

“Caro e venerado mestre, estais aqui presente, conquanto invisível para nós. Desde a vossa partida tendes sido para todos um protetor a mais, uma luz segura, e as falanges do espaço foram acrescidas de um trabalhador infatigável. Como na Terra, e sem chocar ninguém, sabeis dar a cada um os conselhos convenientes, moderais o zelo prematuro dos ardentes, secundais os sinceros e os desinteressados, estimulais os tíbios; vedes hoje e

sabeis tudo quanto préveis pouco tempo atrás. Vós, que não estais mais sujeito às incertezas, sede nosso guia e nossa luz e, por vossos conselhos, sob vossa influência, avançaremos a passos certos para os tempos felizes prometidos à Humanidade regenerada.”

Depois das preces habituais (Vide a *Revista Espírita* de novembro de 1865), foi obtido um certo número de comunicações pelos médiuns presentes. Como a falta de espaço não nos permite reproduzi-las todas, limitar-nos-emos à publicação das duas seguintes, que nos pareceram dever interessar mais particularmente aos nossos leitores:

A FESTA DO DIA DOS MORTOS NÃO É NOS CEMITÉRIOS

Hoje é dia de festa nos asilos consagrados ao repouso dos mortos. A multidão se apressa, os trajes brilham; percorrem-se os campos fúnebres a passos lentos, e parece que esta afluência deveria encher de alegria as almas dos que não pertencem mais ao número dos encarnados! Entretanto, quão pouco numerosos são os Espíritos que do espaço vêm reunir-se aos seus antigos amigos da Terra! Os humanos são inumeráveis, quase alegres ou no mínimo indiferentes; um zumbido imenso se eleva acima da multidão. Mas, de que se ocupa toda essa gente? que sentimento as reúne? Pensam nos mortos? Sim, pois que vieram! Mas o pensamento salutar bem depressa se eclipsou; e se alguns nomes inscritos sobre as lápides tumulares provocam as exclamações do transeunte indiferente, ele lança no éter com a fumaça de seu charuto algumas reflexões banais, alguma gargalhada sem eco!...

Nessa balbúrdia nascem todos os pensamentos, todos os sentimentos, todas as aspirações, exceto o recolhimento, o sentimento religioso, a aspiração à comunhão íntima com os que partiram. Muitos curiosos, mas bem poucos possuem a religião da lembrança!... Por isso, os mortos que não se sentem chamados estão por toda parte, menos nos cemitérios, e a maioria dos que

planam no espaço ou circulam nas estreitas aléias, estão fatalmente chumbados pelas paixões terrestres aos despojos mortais que outrora tanto amaram.

Risos, discursos inúteis entre os vivos; gritos de dor e de raiva na maior parte dos mortos; um espetáculo sem interesse para todos, uma visita formal para alguns, hábito para a maioria, eis o quadro que apresentam os cemitérios parisienses no dia dos mortos!...

E, contudo, há festa na Terra e no espaço; festa para os Espíritos que, havendo cumprido a missão que aceitaram, expiado o mal de outra existência, voltaram ao mundo da vida real e normal com alguns florões a mais. É festa para os santos que a Humanidade inteira consagrou, não por uma abnegação sem utilidade e um isolamento egoísta, mas pelo devotamento a todos, por seus trabalhos fecundos, por seus ensinamentos perseverantes, por sua luta incessante contra o mal, pelo triunfo do bem. Para estes há festa no espaço, como há festa na Terra para todos os que, esclarecidos pelas grandes leis que regem os universos, clamam em seu foro íntimo pela visita dos que tanto amaram e que não estão perdidos para eles. Há festas para os espíritas que crêem e praticam. Há festa para os Espíritos que instruem e que continuam no espaço a obra de regeneração começada neste mundo!...

Ó, meus amigos, no campo dos mortos, nestes dias consagrados pelo uso, tudo é do domínio da morte em seu sentido mais restrito!... A vestimenta abandonada pelo Espírito não existe mais e não há crença alguma no coração dos visitantes; são mortos que só têm da vida as aparências terrestres, pois a vida real, a grande vida da alma ainda é desconhecida para o maior número.

Nós vivemos, nós que pensamos, que progredimos, que trabalhamos juntamente para estabelecer a base dos progressos futuros; e eles morrem, ou, melhor, vão morrer no passado para

nascer no futuro, graças ao Espiritismo, que traz em seu seio a fonte fecunda de toda perfeição.

A morte não existe; a desagregação que leva este nome restitui à terra os elementos que o corpo material aí hauriu; mas a alma em que reside a vida, a alma que é o ser integral, edifício incessantemente aperfeiçoado pela provação humana, emerge no limiar da morte para a vida real e sem fim da erraticidade!...

Moki

COMUNHÃO DE PENSAMENTOS

(Médium: Sr. Leymarie)

Raramente me é concedida a satisfação de vir entre vós, senhores espíritas. Até pouco tempo atrás eu não era dos vossos; hoje, sou um adepto completo, com o que me congratulo. Alguns pontos apenas nos separavam; para mim, os nossos ancestrais célticos acreditavam na imortalidade da alma e a reencarnação lhes parecia a lei das leis. Filho de gauleses, tendo vivido como gaulês nos últimos dias da Idade Média, venho afirmar a doutrina preconizada hoje; ela foi, ela é a grandeza do mestre Allan Kardec; seu espírito judicioso, lacônico provou-lhe a realidade. Ele está entre nós, lendo em vosso espírito o pensamento profundo, inapercebido; e, posso repetir com orgulho, comungo com ele pelo pensamento.

Comunhão de pensamentos! Como é profunda esta idéia! que radicalismo na filosofia liberal e renovadora de nossa sociedade atormentada, entristecida, mortificada pelas dissidências, pelas fronteiras materiais, fictícias, que os interesses levantaram entre todos os povos! Não nego o caráter peculiar a cada país; como Henri Martin, meu honrado amigo, tão prudente, tão lógico, reconheço o gênio particular inerente a cada população, separada das outras por montanhas, rios, florestas imensas; por esse dom

excepcional da Providência, que introduzia no espírito geral de cada povo esse instinto original que devia, pela sucessão dos séculos, trazer um código regenerador à Humanidade, código de justiça, criando harmonia na difusão pela divergência das cores; e esse tempo chegou, em que as fronteiras materiais se abaixam e as unidades fluídicas parecem seguir o vapor e a eletricidade!

Montanhas, abismos, mares: não existis mais!... A alma de Deus se universaliza, assim como o pensamento através dos espaços se traduz instantaneamente. As Américas sentem as pulsações do pulso europeu, e o progresso, lei divina! reúne os mais opostos sistemas. Trabalho, indústria, ciência, mecânica, filosofia estão no auge e todos os vossos caros condiscípulos da erraticidade bendizem os promotores do progresso humano, esses gênios desaparecidos corporalmente, mas que presidem a todas as fases humanitárias; e é sobretudo neste momento que o mestre lamenta sua partida. Há divergência, separação, luta entre o futuro que surge e o passado que desaparece; mas ele sabe que o objetivo é a lei e sua brandura é adoçada pensando que o tempo, esse curador infatigável, sabe usar todas as asperezas; ele sabe, o vosso morto venerado, muito mais vivo do que nunca, que a luz sairá das discussões animadas e que a justiça reunirá todos os homens em feixes, diante dessa desagregação do mundo antigo, que leva as consciências à dúvida, ao horror do desconhecido. Ele sabe, o mestre, que os mortos vão depressa e, repito, comungo o seu pensamento!

Instituições, formas, crenças antiquadas, tudo morre e tudo se regenera! As camadas terrenas são revolvidas para se inocular esse vírus benfazejo que se chama leitura, saber, ciência, julgamento, e todos os desaparecidos vão bater sem cessar em todas as consciências, para as despertar e levantar a tampa de chumbo que as cobria.

Comunhão de pensamentos! última palavra de meus trabalhos de cidadão, torna-se, assim, valor intrínseco, jóia nacional; inspira meu país, todos os países unidos com os seus princípios; cria o bem-querer, a justiça, a concórdia, o amor; faz que em vez de palavras vãs haja devotamento e o Mestre, satisfeito, verá, pela vontade de todos que amam a calma, a verdade e a Doutrina Espírita, irradiar-se o espírito de solidariedade, chamando a família eterna dos mortos e dos vivos a concorrerem para a edificação futura da crença na vida da erraticidade, à qual convidamos os nossos irmãos presentes e ausentes!

Sede espíritas tanto por vossos atos, quanto por vossas palavras! Uni-vos, recolhei-vos, todos vós que vos aproximais da tumba; porque, cabelos louros, cabelos brancos, sentis a vida eterna, esta surpresa do dia seguinte, surpresa da morte, radiante de vida!...

Jean Reynaud

Dissertações Espíritas

A SOLIDARIEDADE UNIVERSAL

(Sociedade Espírita de Paris, 29 de outubro de 1869)

As questões da origem do homem e do futuro da Humanidade têm uma importância capital, pois de sua solução depende uma das fases principais da moral e das leis que determinam as relações dos homens entre si, e as da Humanidade com a animalidade.

Quando todas as criações eram referidas à Humanidade, quando o Universo e todos os seus esplendores eram feitos apenas para deleitar seus olhos, o homem, esta criação superior, esse rei absoluto da natureza animada e inanimada, existia

sobretudo para o orgulho e para o egoísmo; era o conjunto de todas as perfeições criadas! Deus reunira nele todas as faculdades e nada havia feito senão para ele.

Mas o progresso marcha; a Ciência aplica sua lupa de aumento sobre todas as leis; faz aparecerem uma a uma todas as nossas torpezas e mina todas as nossas ilusões. Não foi para o prazer dos nossos olhos que esses orbes de ouro foram criados; leis imutáveis e universais os regem como nos regem; têm uma vida à parte, uma existência própria e seres tão ou mais adiantados que a Humanidade aí prosseguem sua marcha incessante através do infinito, para a conquista do progresso! O orgulho e o egoísmo universais do homem se acham reduzidos às proporções terrenas; o homem não é mais o senhor do Universo, tendo apenas Deus como superior; é uma parte da criação superior, mas não é toda essa criação e deve reconhecer que se ele tem inferiores, é bastante imperfeito por ter superiores que o distanciam na rota da perfeição!...

Ah! seria ele obrigado a restringir ainda mais o seu império?... Em vez de ser um dominador terreno com direitos assegurados, não seria mais que um novo-rico? Nasceria nesse caos obscuro que se agita a seus pés? As inteligências que o cercam e que se elevam a uma altura notável nos seres submetidos à sua dominação, poderiam um dia igualar a sua? Não é mais que um animal humano, e o animal seria um homem futuro? Que perspectiva penosa para os desdenhosos e seus espíritos limitados! mas que novas fontes de gozos intelectuais! que clarão imenso, permitindo entrever mais o incriado, pelos Espíritos progressistas por excelência!...

Essas criaturas inferiores, até aqui consideradas como produtos informes da Divindade ensaiando-se para a Criação, não seriam mais que modos sucessivos de um mesmo ser?... Nenhum

seria privado do benefício de seus atos?... Este animal que sofre, que sente, que ama, que percebe e se manifesta, poderia, como o próprio homem, fazer o seu futuro pelos próprios atos? ser instrumento de sua felicidade futura? Que há de revoltante em tal concepção? E não insultaríeis a Deus, vós que considerais uma abjeção que a Humanidade tire sua origem da animalidade? Em que a animalidade, criada pela mesma potência, seria menos nobre que a Humanidade?

Desde que *a terra gira* a moral perdeu a aparência de um anão para tomar o corpo de um gigante.

Continuai vossas pesquisas; estudai, meditai incessantemente e descobrireis que a Humanidade é apenas um elo da imensa cadeia que, do infinitamente pequeno (o átomo) conduz ao infinitamente grande (Deus), e a moral não terá limites, como aquele que a decretou.

Channing

Bibliografia

A MULHER E A FILOSOFIA ESPÍRITA

Influência das crenças filosóficas sobre a situação da mulher na Antiguidade, na Idade Média e em nossos dias

(1 vol. in-12. Preço: 2 fr. 50. Livraria Espírita, 7, rue de Lille)

Esta obra, que será posta à venda na *Livraria Espírita* no próximo dia 10 de dezembro, vem confirmar novamente as previsões dos Espíritos no que concerne ao progresso de nossa filosofia e à aplicação prática de seus princípios. Com efeito, ainda há pouco tempo eles nos anunciavam que se preparavam várias obras sérias sobre a filosofia do Espiritismo, nas quais o nome da Doutrina seria altivamente confessado e proclamado.

Tratando especialmente a interessantíssima questão do futuro da mulher, o livro do Sr. H. V. é caracterizado por uma demonstração rigorosa de todos os princípios da Doutrina, nos quais os próprios adeptos encontram novos pontos de vista. Nesse arrazoado em favor da mulher, reconhece-se ao mesmo tempo a argumentação atraente e rigorosa do pensador erudito que quer reduzir a réplica aos seus últimos limites. Certamente o autor estudou a questão com seriedade e a perscrutou em seus mais minuciosos detalhes. Não se limita a emitir a sua opinião; ele a motiva e dá a razão de ser de cada coisa.

A obra do Sr. H. V. marcará nos anais do Espiritismo não só como a primeira do seu gênero, mas, sobretudo, por sua importância filosófica.

Lamentamos que a abundância de matérias não nos permita reproduzir tantas passagens quanto desejaríamos. Limitar-nos-emos às seguintes citações, suficientes para termos uma idéia da obra e apreciarmos o seu valor:

“*Sy Tayeb* – Meu amigo, prometeste escutar tudo o que me proponho dizer-te sobre a questão das mulheres. Há muito tempo não cesso de repetir que os nossos correligionários se comportam, em relação às suas companheiras, como verdadeiros carrascos, razão por que consagro todas as minhas faculdades em solicitar uma reforma.

“*Sy Ahmed* – Sim, eu o sei; mas tuas opiniões me assustam. Esqueces muito o nosso livro sagrado, o Alcorão. Como podes faltar assim ao respeito que deves às palavras do nosso profeta, inspiradas por Deus?

“*Sy Tayeb* – Eu te disse, a respeito, que é preciso levar em conta circunstâncias de tempos e lugares. Na época em que vivia, o nosso profeta Maomé vivia em meio a populações nas quais as mulheres eram tidas em grande desprezo, haja vista o que se lê

no Alcorão; mas esses ensinamentos, longe de autorizar novas usurpações sobre as liberdades da mulher, restringem os abusos que havia e procuram dar algumas garantias ao sexo oprimido; contudo, não estamos mais no começo da era muçulmana.

“*Sy Ahmed* – Não sei o que se passa entre os outros povos, mas observa um pouco as mulheres dos nossos árabes da planície e mesmo as dos muçulmanos da cidade e diz-me o que aconteceria se amanhã elas fossem livres como as francesas?

“*Sy Tayeb* – Certamente haveria excentricidades, mas, talvez, nem tanto quanto possas crer; e, depois, elas logo cessariam se os maridos se comportassem à altura de sua missão, fazendo-se os educadores de suas mulheres e de seus filhos.

“Não sabes que certo número de jovens muçulmanas, e que por certo não saíram de nossas melhores famílias, uniram-se a cristãos, alguns dos quais ocupam posições elevadas? Tais mulheres não adotaram os costumes franceses, a ponto de serem tomadas, pelos que não as conhecem, por filhas da França? O que algumas fizeram, todas podem fazer.

“Aliás, eu te peço, segue com atenção o que vou expor-te.

“Os seres humanos compõem-se de uma alma ou Espírito e de um corpo.

“O Espírito é imortal; também é imaterial, pelo menos para os nossos sentidos. O corpo é material e perecível, ou, melhor, se desagrega em certo momento e suas moléculas vão combinar-se com outros elementos materiais.

“Os Espíritos não têm sexo. Encarnam indistintamente em corpos de homem ou de mulher, como o fazem em corpos de qualquer raça. É o que resulta do ensino dos próprios Espíritos, que podem ser consultados a todo instante. Aliás, a observação e a reflexão nos levam facilmente a reconhecê-lo.

“Como se manifestam as qualidades da alma? pelas faculdades morais e intelectuais. Ora, em todos os tempos, em todos os lugares não se tem constatado que as mulheres podem ter tanto valor moral quanto os homens de seu meio social e, no que respeita à inteligência, algumas dentre elas não poderiam ser comparadas aos homens mais bem favorecidos? Neste último caso, que importa o número, se varia conforme as circunstâncias sociais da educação ou o gênero de vida imposto às mulheres? Basta que algumas delas tenham mostrado um poder de intelecto igual ao encontrado nos homens para que se possa concluir que não há Espíritos de homens e Espíritos de mulheres, estes últimos forçosamente inferiores aos primeiros...

“...A filosofia egípcia também dava à mulher um lugar honroso ao lado de seu companheiro de existência. Podemos julgá-lo pela população que ela importou em seu território, que a tornou a *Hélade*, a *Grécia*. Aí, desde os tempos ditos heróicos, vemos as mulheres decidindo a paz ou a guerra e inspirando empresas longínquas; numa palavra, exercendo a mais completa autoridade. Além disso, o poder de sedução de algumas delas é tal que são tratadas de mágicas. O rapto de uma princesa é suficiente para determinar uma ação militar geral e provocar o acontecimento mais importante de toda a primeira parte da história grega. Por outro lado, a religião desse povo, o conjunto de seus mitos, muitas vezes tão cheio de encanto, fazem-nos compreender bem depressa o que era a mulher entre os gregos; porque se sabe que estes não procuraram, em suas criações religiosas, senão poetizar e mesmo divinizar o que se passava no seio de sua própria sociedade.

“O Olimpo, a morada dos deuses, apresenta tantas deusas quanto divindades masculinas, e essas deusas exercem papéis tão importantes quanto o dos deuses seus próximos. Se Júpiter Trovão faz tremer o Universo com um franzir de cenho, sua esposa, a orgulhosa Juno, também sabia comandar, e quando avança majestosamente em meio à assembléia dos deuses, todos

reconhecem nela sua verdadeira soberana. Se Vênus, desatando sua correia, inclina-se diante do chefe supremo e o implora, não consegue o que quer com o aplauso de todos? A sabedoria, fato muito significativo, não é personificada numa deusa, Minerva? E esta filha de Júpiter não é considerada no Olimpo exatamente como o são entre nós os pensadores que fazem progredir a Humanidade?

“Enfim, as divindades que representavam as ciências e as artes eram as nove Musas, jovens virgens, filhas de Júpiter.

“Em todos os mitos, em todas as cenas da vida fictícia dos seres divinos, criados pela imaginação grega, vemos a mulher intervir e, em muitas circunstâncias, afirmar sua intervenção, se não mais, ao menos tão energicamente quanto o deus, o semideus ou o herói. É fácil constatar, por essas fábulas encantadoras, que tinham por objetivo personificar as forças da Natureza em seres extra-humanos, a parte que cabe à mulher é, muitas vezes, mais importante que a atribuída ao homem. As fontes, os vegetais, os diversos elementos que constituem o nosso globo são confiados à direção de criaturas extraterrestres, entre as quais se reconhece mais freqüentemente as do sexo feminino...

“De acordo com o que acabamos de dizer, censura-se nas comunicações espíritas o fato de serem, em geral, insignificantes, monótonas, banais. Diremos os motivos dessa objeção, verificando, primeiro, se as relações com o mundo invisível não satisfazem a um grande número de pessoas.

“As comunicações com os seres pelos quais tínhamos grande simpatia e que deixaram a Terra são sempre muito interessantes para os que as recebem, conquanto sem interesse para o público; são como essas cartas íntimas, que só encantam as pessoas a quem se dirigem. Essas comunicações espíritas, cuja origem quase sempre é afirmada por certas confidências, são uma

fonte inesgotável de consolações; certificam a perpetuidade da alma individual e consciente, fazendo da morte uma simples ausência. Não tivessem as relações com os Espíritos levado senão a esse resultado, o benefício já seria tão grande que aí devemos ver um novo testemunho da bondade de Deus e agradecer a ele por isto.

“Também se pretende que os Espíritos muitas vezes falam de seus trabalhos, mas são incapazes de indicar de modo sumário em que consistem! Entretanto, se admitirmos que eles concorrem para a formação dos corpos celestes e que são encarregados de cumprir as leis de Deus em relação a tudo quanto respeita aos elementos primitivos materiais ou fluídicos que nos cercam; que intervêm nos atos da nossa vida diária; que vivem, estudam, progridem por todos os meios que conhecemos e pelos que nos são desconhecidos, podemos afirmar com certeza que os trabalhos dos desencarnados são no mínimo tão numerosos quanto o dos homens mais laboriosos.

“Mas os Espíritos não explicam os processos empregados. Pretendem invariavelmente que não os compreenderíamos.

“É fácil nos darmos conta desse fato mediante a seguinte comparação, à qual poderíamos ter recorrido com proveito toda vez que nos queixássemos de não ter, por parte do mundo invisível, explicações suficientes:

“Imaginemos que temos um meio qualquer de correspondência com os selvagens mais atrasados da Oceania e que queiramos responder às suas perguntas. Esses selvagens não conhecem outra ocupação além da caça, da pesca e da antropofagia! Que diríamos a eles se nos perguntassem como passamos o nosso tempo? Como lhes faríamos compreender que, entre nós, uns fazem comércio, indústria, e outros se ocupam de

administração, de artes, de ciências, de estudos literários e filosóficos, etc.? Que termos poderíamos empregar que estivessem ao alcance dos habitantes da Oceania? Haveria completa impossibilidade; seríamos reduzidos a lhes comunicar de maneira geral que temos muito a fazer, sem lhes poder explicar. Mais tarde, porém eles farão como nós, quando tiverem modificado seu estado de sociedade. Os selvagens não estariam muito satisfeitos com as nossas explicações; mas seria legítimo pô-las em dúvida? Dá-se o mesmo entre nós e os Espíritos!...

H. V.

CONTEMPLAÇÕES CIENTÍFICAS

(Por C. Flammarion – 1 vol. in-12. Preço: 3 fr. 50.)

Sob esse título, a Livraria Hachette publicará uma nova obra do jovem e eminente autor da *Pluralidade dos Mundos Habitados*, das *Maravilhas Celestes*, etc. etc.

As *Contemplações Científicas*, como indica o seu título, aliam à rigorosa argumentação do sábio, a profundidade de concepção e elevação do pensamento do filósofo espiritualista. Perlustrando essas páginas eloqüentes e poéticas os espíritas encontrarão muito material para colher.

Depois de ter afirmado e demonstrado a pluralidade e a solidariedades dos mundos habitados, o Sr. C. Flammarion, na primeira parte de sua nova obra, dá-nos a conhecer os nossos inferiores na Terra, desde o infinitamente pequeno, visível apenas ao microscópio, desde a planta rudimentar e o inseto, até os animais superiores que precedem imediatamente o homem na escala da Criação. A segunda parte do livro é consagrada à aplicação industrial das descobertas científicas modernas. Premidos pelo espaço, não o acompanharemos nesta ordem de idéias; mas não podemos resistir ao desejo de dar a conhecer a sua opinião sobre a

questão, na ordem do dia, do progresso infinito de tudo o que existe e do futuro da animalidade.

O Sr. Flammarion teve a gentileza de nos entregar algumas provas desta nova e interessante publicação e estamos certos de que os nossos leitores ficarão satisfeitos em lhes assinalar as seguintes passagens:

O MUNDO DAS PLANTAS

“A vida não é representada na Terra apenas pelos seres animados que marcham na superfície do globo, voam nos ares ou nadam nas profundezas do oceano. Compondo um mesmo conjunto, os animais formam os degraus da pirâmide sobre a qual se assenta o homem, esse compêndio superior da série zoológica; estão ligados entre si pelos mesmos caracteres: o movimento, a respiração, a alimentação, os atos da vida animal, o instinto e mesmo o pensamento para um grande número deles. Estão ligados ao homem pelas leis gerais da organização e sentimos que pertencem ao mesmo sistema de existência ao qual pertencemos. Mas há na Terra uma outra vida, bem diferente da precedente, embora seja a sua base primitiva e o elemento fundamental, uma outra vida distinta da nossa, que se perpetua paralelamente à vida animal e parece confinar-se numa espécie de isolamento em meio ao resto do mundo. É a vida das *plantas*, desses seres misteriosos que *nos precederam* na Criação e que, por muito tempo, reinaram soberanamente nos continentes sobre os quais estabelecemos mais tarde o nosso império; verdadeiras raízes de nossa própria existência, pelas quais sugamos a seiva nutritiva da terra; fontes de vida incessantemente renovadas que se irradiam na Natureza; criações que constituem um reino intermediário entre o mineral e o animal, e cujo valor e real beleza não sabemos apreciar...

“...É que existe nessa lei que preside à vida, à morte, à ressurreição das plantas um caráter de grandeza, de providência e

de afeição, que o pensamento humano pressente sem poder captá-lo; é que há nesses seres misteriosos que se chamam *plantas* um gênero de vida latente e oculto que espanta e enche de estranha surpresa o espírito observador...

“As plantas, os animais, diz um poeta alemão, são os sonhos da Natureza, dos quais o homem é o despertar. Esse pensamento profundo repercutirá em nossa alma se consentirmos em descer um instante da vida humana, e mesmo da vida animal, para observar a vida vegetal...

“...E não creiais que ela sofra cegamente, como um objeto inerte, as condições de existência que lhe são impostas. Não: ela escolhe, recusa, procura, trabalha...

“...Escutai, por exemplo, esta história:

“Sobre as ruínas de New-Abbey, no condado de Galloway, crescia um arbusto em meio a um velho muro. Ali, longe do solo acima do qual se elevava de alguns pés o bloco de pedras, nosso pobre arbusto morria de fome, fome de Tântalo, já que ao pé do próprio muro árido se estendia a boa e nutritiva terra.

“Que dizer dos surdos tremores do ser vegetal que luta contra a morte, suas torturas silenciosas e seus mudos langores galvanizados pela cobiça? Quem saberá contar aqui em particular o que se passa no organismo do nosso pobre mártir? Que atrações se estabelecerão, que faculdades se aguçarão, que imperiosas leis se revelarão, que virtudes enfim foram criadas?... O nosso arbusto existe sempre, enérgico e aventureiro se o foi, querendo viver a todo custo e, não podendo atrair a terra, marcha, imóvel, acorrentado, para esta terra longínqua, objeto de seus ardentes desejos.

“Marcha? não; mas se estira, se alonga, estende um braço desesperado. Emite uma raiz improvisada pela circunstância,

que é impelida para o ar livre e, reconhecida, se dirige para o solo até atingi-lo... Com que entusiasmo aí se enterra! Doravante a árvore estava salva. Nutrida por esta raiz nova, deslocou-se de um lugar para outro, deixando que morresse as que mergulhavam inutilmente nos escombros; depois, endireitando-se pouco a pouco, deixou as pedras do velho muro e viveu sobre o órgão libertador, que logo se transformou num tronco verdadeiro.

“Que pensais dessa persistência? Não achais que esse instinto se parece muito com o do animal e, ousamos confessar, mesmo com a vontade humana?...”

“Sob essas manifestações de uma vida desconhecida, o filósofo pode abster-se de reconhecer no mundo das plantas um canto do coro universal. É um mundo de uma realidade viva, mais comovente do que se pensa, esse reino vegetal, harmônico, doce e sonhador que, nos degraus inferiores à animalidade, parece sonhar enquanto aguarda a perfeição entrevista. Sem dúvida não se deve cair no excesso de uma escola da antiguidade que, sob autoridade de Empédocles, não hesitando em conceder às plantas faculdades de escol, as havia humanizado e mesmo divinizado. Não; as plantas não são animais, nem homens: uma distância imensa as separa de nós; mas vivem uma existência que não sabemos apreciar e ficaríamos bem admirados se nos fosse permitido entrar um instante nos segredos do mundo vegetal e escutar o que podem dizer em sua língua as pequenas flores e as grandes árvores.”

INTELIGÊNCIA DOS ANIMAIS

“Graus inferiores da série zoológica, dos quais acabamos de ter um aspecto particular em nosso precedente estudo sobre a vida dos insetos, elevam-nos mais e nos põem agora em relação com as manifestações mais altas da vida terrestre.

“A Natureza inteira é construída sobre o mesmo plano e manifesta a expressão permanente da mesma idéia. A grande lei

de unidade e de continuidade se revela não só na forma plástica dos seres, mas ainda na força que os anima, desde o humilde vegetal até o homem mais eminente. Na planta, uma força orgânica agrupa as células conforme o modo de cada espécie, aproximando-se para o tipo ideal do reino. O cedro das montanhas do Líbano, o salgueiro da margem dos rios, as árvores das florestas cerradas e as flores de nossos jardins sonham, adormecidas nos limbos indecisos da vida. Num certo número delas, constata-se movimentos espontâneos e expressões que parecem revelar o aparecimento de algum rudimento de sistema nervoso. Os degraus inferiores do reino animal, que habitam as móveis regiões do oceano – os zoófitos – parecem pertencer, sob certos aspectos, ao mundo das plantas. À medida que se eleva na escala da vida, o *espírito* afirma pouco a pouco uma personalidade mais bem determinada; atinge seu mais elevado desenvolvimento no homem, último elo da imensa corrente sobre a Terra.

“Esta contemplação da vida na Natureza abarca, sob uma mesma concepção, o conjunto dos seres e nos põe em relação com a unidade viva manifestada sob as formas terrestres e siderais. Inspirada e afirmada pelas fecundas descobertas da ciência contemporânea, ela ultrapassa majestosamente as idéias de uma outra idade, que retalhavam a Criação e não deixavam subsistir senão o homem no trono da inteligência. Hoje sabemos que o homem não está isolado no Universo, nem na Terra; está ligado aos outros mundos pelos liames da vida universal e eterna, e à população terrena, pelos laços da organização comum dos habitantes do nosso planeta. Não há mais um abismo intransponível entre o homem e Júpiter, nem entre o homem branco e o homem negro, nem entre o homem e o macaco, o cão ou a planta. Todos os seres são filhos da mesma lei e todos tendem para o mesmo objetivo, a perfeição.

“A reação teológica do século dezessete havia separado rigorosamente o homem de seus irmãos mais velhos na obra

inexplicada da Criação. Descartes representou os animais como simples máquinas vivas. Grandes discussões se levantaram sobre a questão da alma dos animais, e de tempos em tempos encontramos as variadas peças deste imenso arrazoado. Dos numerosos tratados sobre esse assunto, escritos naquela época, citaremos sobretudo o do padre Daniel, discípulo de Descartes, que completa sua viagem à Lua, e o do padre Boujeaut, que toma o partido dos animais... e mesmo encontrando tanto espírito que acaba por nelas ver a encarnação dos mais astutos diabos...

“Os animais são dotados da faculdade de pensar; neles reside uma alma, diferente da nossa (e talvez tão diferente que nenhuma comparação possa ser estabelecida). A faculdade de pensar se revela em graus diversos conforme as espécies, e aí está a grande dificuldade do assunto! Porque, concedendo uma alma ao cão, aos poucos somos levados a concedê-la à ostra; e se a ostra é animada por uma mônada espiritual, mesmo adotando a classificação de Leibnitz, não vemos por que a sensitiva e a rosa dela fossem privadas. Eis, assim, uma série de almas imortais em números incalculáveis, com as quais nos embarçaríamos muito se fôssemos obrigados a dirigir as suas metempsicoses. Felizmente, o misterioso autor da Natureza, ao nos deixar a faculdade de sonhar e de conjecturar, tirou-nos desta dificuldade.

“Este estudo não teria fim se não apresentássemos aqui todos os materiais que temos à mão em favor da alma dos animais superiores. Não podemos senão relegar esses fatos tão numerosos às notas complementares por nós reportadas. Pela amizade e pelo ódio, pelo apego que as diferentes espécies animais estabelecem entre si, somos autorizados a admitir nos animais, faculdades intelectuais análogas às nossas. Esta questão comporta um dos mais curiosos e mais graves problemas da filosofia natural.

“Concluindo, declaramos que Buffon se enganou por não ter ousado dizer, depois de expor as ações racionais do pungo:

“e, contudo, o punço não pensa”, e que o grande Leibnitz se equivocava quando afirmava “que o mais estúpido dos homens é incomparavelmente mais racional e mais dócil que o mais espirituoso dos animais.” O certo é que há no mundo homens grosseiros, brutos, mais maus e menos inteligentes do que certos animais de boa natureza.”

C. Flammarion

Aviso

A *Revista Espírita* começará, no dia 1º de janeiro próximo, o seu décimo terceiro ano. Aos senhores assinantes que não quiserem recebê-la com atraso, pedimos que renovem sua assinatura antes do dia 31 de dezembro.

Errata

Revista Espírita de novembro de 1869, página 337, linha 2: em vez de Paris, 14 de setembro, lede: Paris, 4 de outubro⁵⁹.

Pelo Comitê de Administração
A. Desliens – *Secretário-Gerente*

59 N. do T.: Já procedemos à correção indicada na versão brasileira.



Nota Explicativa⁶⁰

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que*

⁶⁰ **Nota da Editora:** Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

é o *Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo meticoloso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que

toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chegar-se à conseqüência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáveis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material

da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores Europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao

capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritos, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder

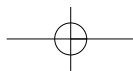
comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA



REVISTA ESPÍRITA
1858 – 1869
ÍNDICE GERAL



REVISTA ESPÍRITA

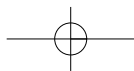
1858 – 1869

ÍNDICE GERAL

Coordenação:
GERALDO CAMPETTI SOBRINHO



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA



Sumário



Apresentação	7
Prefácio	19
Índice Geral	25
A	25
B	57
C	68
D	137
E	164
F	239
G	269
H	279
I	292
J	315
K	324
L	332
M	357

N	421
O	427
P	439
Q	484
R	486
S	511
T	545
U	558
V	561
W	578
X	579
Z	579

Apresentação

**REVISTA ESPÍRITA,
Laboratório de Allan Kardec – 150 anos!**

O grande sucesso de *O Livro dos Espíritos*, lançado em Paris no dia 18 de abril de 1857, tirou do anonimato o missionário encarregado pela Providência Divina de materializar entre os homens a promessa de Jesus de ficar eternamente conosco.

É possível que o próprio Allan Kardec se tivesse surpreendido com a extraordinária repercussão causada por aquele *livrinho* de apenas 176 páginas, cujo texto, distribuído em duas colunas e dividido em 24 capítulos, continha 501 perguntas e respostas, acrescidas das notas com que o Codificador as enriqueceu. As razões do sucesso? o fato de “todas as grandes questões de metafísica e de moral ali estarem elucidadas da maneira mais satisfatória; todos os grandes problemas resolvidos, mesmo aqueles que os mais ilustres filósofos não puderam resolver.”¹

É natural, portanto, que o êxito suscitado pela divulgação das idéias novas provocasse uma enxurrada de

¹ WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec: pesquisa biobibliográfica e ensaios de interpretação*. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1984. v. 2.

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

cartas dirigidas a Kardec, a maioria interrogando o Codificador sobre este ou aquele ponto de doutrina, embora algumas lhe relatassem os *insólitos* fenômenos espíritas que despontavam em toda parte, exigindo a sua explicação. E, como se não bastasse, o fluxo crescente de visitantes que acorriam à sua casa, inclusive da nobreza local e estrangeira, ansiando por esclarecimentos mais substanciais.

A princípio reticentes, os jornais parisienses começaram a veicular artigos furibundos, verdadeiras diatribes contra a doutrina nascente, não poupando sequer a honra e a vida privada do Codificador, demonstrando, em sua maior parte, completa ignorância dos postulados espíritas contra os quais se rebelavam. É que vislumbravam uma nova ordem de coisas, capaz, quem sabe, de fazer desmoronar o pedestal em que se entronizavam. Como Jesus, o Espiritismo vinha proclamar uma doutrina que solapava pela base os abusos de que viviam os fariseus, os escribas e os sacerdotes de seu tempo. Assim, importava silenciá-lo o quanto antes no seu nascedouro, antes que se propagasse e conquistasse a preferência da população, já cansada das religiões dogmáticas.

Naquela época, a Europa só dispunha de um único jornal dedicado à divulgação do Espiritismo, e mesmo assim em Genebra, longe do burburinho de Paris e praticamente fora do alcance dos leitores da cidade-luz, contrariamente ao que ocorria nos Estados Unidos, favorecidos com dezessete jornais consagrados ao espiritualismo.

Foi quando Allan Kardec se deu conta da

[...] imperiosa necessidade de criar uma folha que periodicamente pusesse os estudiosos dos fenômenos espíritas a par do que se passava no mundo e os

ÍNDICE GERAL

instruísse de modo ordenado sobre as mais variadas questões doutrinárias [...], a despeito de lhe faltar o tempo necessário para semelhante empreendimento, considerando-se os seus afazeres pessoais, inclusive os voltados para a sua própria subsistência.²

A tarefa não era fácil e implicava gastos de certa gravidade. A princípio Kardec procurou alguém que pudesse patrocinar a obra, colaborando financeiramente para que ela viesse à luz, mas razões providenciais fizeram com que não lograsse o êxito desejado. Mesmo assim, diz ele,

[...] apressei-me a redigir o primeiro número e fi-lo circular a 1º de janeiro de 1858, sem haver dito nada a quem quer que fosse. Não tinha um único assinante e nenhum fornecedor de fundos. Publiquei-o correndo eu, exclusivamente, todos os riscos e não tive de que me arrepender, porquanto o resultado ultrapassou a minha expectativa. A partir daquela data, os números se sucederam sem interrupção e [...] esse jornal se tornou um poderoso auxiliar meu.³

Logo na introdução do primeiro fascículo da *Revista Espírita*, Allan Kardec estabeleceu claramente as diretrizes que norteariam sua atuação à frente daquele periódico:

Como nosso fim é chegar à verdade, acolheremos todas as observações que nos forem dirigidas e tentaremos, tanto quanto no-lo permita o estado dos conhecimentos adquiridos, dirimir as dúvidas e esclarecer os pontos ainda

² KARDEC, Allan. Apresentação da FEB. *Revista Espírita*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2004. ano 1, 1858.

³ KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 294.

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

obscuros. Nossa Revista será, assim, uma tribuna livre, em que a discussão jamais se afastará das normas da mais estrita conveniência. Numa palavra: discutiremos, mas não *disputaremos*. As inconveniências de linguagem nunca foram boas razões aos olhos das pessoas sensatas. ⁴

Do ponto de vista da apresentação, a *Revista Espírita*

[...] manteve as características das publicações científicas; circulava entre subscritores e a venda pública, semelhante às suas congêneres do século XIX, era facultativa dos livreiros e dos escritórios postais. Impressa em papel-jornal, contava com 32 páginas, caderninhos de duas colunas em oitava; seu tamanho era de 23,5 x 15 cm, com peso estimado em trinta gramas. As páginas estavam compostas por quarenta linhas impressas em corpo doze; sua apresentação era rústica, com capas de papel. ⁵

No final de cada ano os fascículos correspondentes eram reunidos, formando uma coleção de exemplares encadernados, com uma capa especial e um índice alfabético. É da responsabilidade direta de Allan Kardec a publicação de todos os fascículos, desde o primeiro, que circulou em 1^o de janeiro de 1858, até o que foi dado a lume em abril de 1869, uma vez que já se achava composto quando da desencarnação do mestre, ocorrida no mês anterior. Isto não significa que a tenha redigido sozinho, pois

[...] a *Revista* contou com a colaboração de centenas de participantes, encarnados e desencarnados, franceses e de

⁴ KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2004. ano 1, 1858.

⁵ BARRERA, Florentino. *Prontuário crítico das obras de Allan Kardec*. Tradução de David Caparelli. São Paulo : Madras, 2003. p. 147.

ÍNDICE GERAL

outras nações, dentre os quais cientistas, literatos, filósofos, religiosos e homens do povo, cada qual ajudando a lançar, na sua respectiva esfera de ação, os alicerces sobre os quais se ergueria o portentoso edifício do Espiritismo. ⁶

Quando lançou a *Revista Espírita*, em 1858, Allan Kardec ainda tinha pela frente a publicação de *O que é o Espiritismo* (1859), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868). Ainda estariam por ser lançados alguns opúsculos: *O Espiritismo na sua expressão mais simples* (1862), *Viagem Espírita em 1862* (1862), *Resumo da lei dos fenômenos espíritas* (1864), *Caracteres da Revelação Espírita* (1868), sem falar da *Instrução prática das manifestações espíritas* (1858), livro de maior porte, substituído três anos mais tarde por *O Livro dos Médiuns*, muito mais abrangente e metódico. Era todo um campo a pesquisar, idéias a desenvolver e a amadurecer, conceitos a serem validados pelo critério infalível da concordância e da universalidade do ensino dos Espíritos, antes de serem incorporados ao patrimônio da Doutrina Espírita. Havia, pois, necessidade de um laboratório *experimental*, onde tudo isto pudesse ser testado com segurança, sem açodamento.

Ora, a *Revista Espírita* foi esse laboratório inestimável, espécie de tribuna livre, utilizada por Allan Kardec para sondar a reação dos homens e a impressão dos Espíritos acerca de determinados assuntos, ainda hipotéticos ou mal compreendidos, enquanto lhes aguardava a confirmação. E tanto isto é verdade que a maioria das idéias desenvolvidas nas obras da Codificação foram esboçadas

⁶ KARDEC, Allan. Apresentação da FEB. *Revista Espírita*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2004. ano 1, 1858.

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

previamente na *Revista Espírita*, e até mesmo transcritas literalmente, sobretudo em *O Céu e o Inferno* e em *A Gênese*.

É importante que se tenha em mente que a *Revista Espírita* é uma obra subsidiária, complementar da Doutrina Espírita e, como tal, deve ser lida com espírito crítico, especialmente no que concerne a certas teorias científicas e a algumas opiniões isoladas, de caráter filosófico. Sua moral é inatacável; porque baseada na do Cristo, não suscita dupla interpretação, por

[...] ser terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas.⁷

Pelas próprias características em que se apresentava – *Jornal de Estudos Psicológicos* – pelos assuntos abordados, riquíssimos em fatos da fenomenologia mediúnica, e pela possibilidade das réplicas e tréplicas a que seus artigos davam margem, o estilo da *Revista Espírita* é, necessariamente, leve e agradável, vazado em linguagem simples e acessível aos não iniciados, apresentando as matérias de forma clara e objetiva, sem tergiversações de qualquer natureza. Enfim, aquele mesmo estilo que tanto apreciamos nas obras básicas da Codificação Espírita, capaz de agradar a todas as camadas da sociedade, desde a gente simples que trabalhava nas oficinas suburbanas, até os intelectuais mais exigentes da aristocracia parisiense.

⁷ KARDEC, Allan. Introdução. In: _____ *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 122. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004.

ÍNDICE GERAL

A bem da verdade, a *Revista Espírita* não tinha um padrão editorial claramente definido. Em outras palavras, suas seções eram muito variadas e por vezes sofriam solução de continuidade. Entretanto, não é difícil perceber certa uniformidade na temática abordada nos diferentes fascículos, notadamente os relacionados com os ditados mediúnicos, as conversas familiares de além-túmulo, as dissertações espíritas, as evocações particulares e as notas bibliográficas, praticamente comuns a todos eles. As poesias mediúnicas também mereceram generosa acolhida na *Revista*, não tanto pelo seu valor doutrinário, mas como prova de que os médiuns, mesmo os menos instruídos, eram capazes de receber, de um jacto, produções de grande fôlego, com perfeita observância das regras da versificação, e que em nada desmereciam as ilustres personagens que as assinaram.

Como se tratava de um periódico mensal, muitas vezes Allan Kardec transcrevia artigos e notícias de jornais, nacionais e estrangeiros, sobre os mais variados assuntos, desenvolvendo-os e correlacionando-os com os postulados espíritas. Isto emprestava à *Revista* um caráter de perene atualidade, identificando-a com os problemas e as preocupações da Paris do Segundo Império. Suicídio, epidemias, pena de morte, duelos, assassinatos, nada escapou à argúcia do Codificador, que deles se aproveitava para edificar os leitores, por meio de comentários judiciosos e oportunos. Quantos Espíritos desencarnados foram evocados a partir de referências extraídas dos jornais, e que brindaram os leitores da *Revista Espírita* com o testemunho da sua própria experiência! Muitos detalhes de toda ordem, até então inimagináveis sobre a vida de além-túmulo – ainda não dispúnhamos das obras de André Luiz – foram revelados

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

inopinadamente por esses repórteres do Mundo Espiritual e estampados no *Jornal de Estudos Psicológicos* de Allan Kardec.

Não é de admirar que muitos jornais, sobretudo os que refletiam o pensamento da igreja dominante, ou que com ela simpatizavam, resolvessem assestar as suas baterias contra o Espiritismo, através da publicação de artigos virulentos, quase sempre marcados pela falta de urbanidade e pelo rancor indisfarçável de seus autores, quando não atacavam pura e simplesmente o Codificador, em sua honra e em seus interesses. Várias vezes – diz Allan Kardec

[...] já nos perguntaram por que não respondemos, em nosso jornal, aos ataques de certas folhas, dirigidos contra o Espiritismo em geral, contra seus partidários e, por vezes, contra nós. Acreditamos que o silêncio, em certos casos, é a melhor resposta. Aliás, há um gênero de polêmica do qual tomamos por norma nos abstermos: é aquela que pode degenerar em personalismo; não somente ela nos repugna, como nos tomaria um tempo que podemos empregar mais utilmente [...] Entretanto, há polêmica e polêmica; uma há, diante da qual não recuaremos jamais: é a discussão séria dos princípios que professamos.⁸

Fiel a esse princípio, e sem jamais se afastar da moderação e da conveniência, Allan Kardec serviu-se inúmeras vezes das páginas da *Revista Espírita* para refutar as aleivosias assacadas contra o Espiritismo. Eis uma pequena amostra: *Refutação de um artigo do Univers* (maio/1859); *Resposta à réplica do abade Chesnel no Univers* (julho/1859);

⁸ KARDEC, Allan. Polêmica espírita. *Revista Espírita*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2004. ano 1, 1858.

ÍNDICE GERAL

Resposta do Sr. Allan Kardec à Gazette de Lyon (outubro/1860); *A Bibliografia Católica contra o Espiritismo* (janeiro/1861); *Resquícios da Idade Média – O auto-de-fé de Barcelona* (novembro/1861); *Resposta de uma senhora a um eclesiástico sobre o Espiritismo* (maio/1862); *Suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo* (abril/1863); *Primeira carta ao padre Marouzeau* (julho/1863); *Pastoral do bispo de Argel contra o Espiritismo* (novembro/1863); *Reclamação do abade Barricand* (julho/1864); *Nova tática dos adversários do Espiritismo* (junho/1865); *O Espiritismo só pede para ser conhecido* (setembro/1866).

A despeito de tantos artigos em defesa da Doutrina Espírita, só raríssimas vezes Allan Kardec utilizou a *Revista Espírita* para refutar os ataques pessoais de que foi alvo, e mesmo assim de forma indireta, aproveitando os discursos que fazia à Sociedade Espírita de Paris, ou em outras ocasiões menos especiais. Mas sempre com classe e elegância, como nesta passagem:

Eu desfrutaria de um privilégio inconcebível se tivesse ficado ao abrigo da crítica. Não nos pomos em evidência sem nos expormos aos dardos daqueles que não pensam como nós. Mas há duas espécies de crítica: uma que é malévola, acerba, envenenada, onde o ciúme se trai em cada palavra; a outra, que visa à sincera pesquisa da verdade, tem características completamente diversas. A primeira não merece senão o desdém; jamais com ela me incomodei. Somente a segunda é discutível.⁹

Ou neste outro trecho:

Deixando aos nossos contraditores o triste privilégio das injúrias e do personalismo, não os seguiremos no terreno

⁹ KARDEC, Allan. S.P.E.E. Discurso de encerramento do ano social. *Revista Espírita*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2004. ano 2, 1859.

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

de uma controvérsia sem objetivo. Dizemos sem objetivo porque jamais os levaria à convicção; ademais, seria pura perda de tempo discutir com pessoas que não têm a menor noção daquilo que falam. Só temos uma coisa a dizer-lhes: Estudai primeiro; depois veremos. Temos mais que fazer do que falar a quem não quer ouvir. Afinal de contas, o que importa a opinião contrária deste ou daquele? Terá essa opinião tão grande importância que possa deter a marcha natural das coisas? [...] Assim, deixando a incredulidade zunir à nossa volta, jamais nos desviaremos do caminho que nos é traçado pela própria gravidade do assunto que nos ocupa.¹⁰

Contudo, algumas vezes foi mais direto:

Sempre honrei os meus negócios, não importa a que preço de sacrifícios e de privações; nada devo a quem quer que seja, enquanto muitos me devem, sem o que teria mais do dobro do que me resta; assim, ao invés de subir, desci na escala da fortuna.¹¹

E esta outra:

Jamais pedi qualquer coisa a alguém, ninguém jamais me deu algo para mim pessoalmente; nenhuma coleta de um *centavo qualquer* veio prover às minhas necessidades; numa palavra, *não vivo a expensas de ninguém*, porquanto, das somas que me foram voluntariamente confiadas no

10 KARDEC, Allan. O Espiritismo em 1860. *Revista Espírita*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2004. ano 3, 1860.

11 KARDEC, Allan. Os milhões do Sr. Allan Kardec. *Revista Espírita*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2004. ano 5, 1862.

ÍNDICE GERAL

interesse do Espiritismo, nenhuma parcela foi desviada em meu proveito.¹²

Como vemos, a *Revista Espírita* põe a nu a intimidade do Codificador do Espiritismo, no-lo revelando tal qual se mostrava em sua vida privada, real, verdadeira, autêntica, sem laivos de santidade e sem se afastar do comum dos mortais. Porque jamais se disse ou se impôs como missionário, como predestinado de uma *Revelação* que, sem ele, não chegaria aos deserdados da Terra; porque sabia que os desígnios divinos não se assentam na cabeça de um homem; enfim, porque estava convicto de que a Doutrina Espírita não era dele, mas dos Espíritos, essas grandes vozes dos Céus que, nos tempos preditos, “vinham restabelecer todas as coisas, dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.”¹³

No ano do sesquicentenário do lançamento da *Revista Espírita*, nada mais justo do que conhecer a alma de Allan Kardec, gozar de sua intimidade, acompanhar passo a passo a marcha do Espiritismo nascente, as dificuldades para a sua implantação, as lutas que teve de vencer para fincar as balizas de uma *Nova Era* para a regeneração da Humanidade. E essa Epopéia sem par, essa trajetória admirável, escrita em caracteres irrecusáveis, está toda inteira nas páginas da *Revista Espírita*, nessa coletânea de doze volumes, patrimônio inalienável dos espíritas do mundo inteiro, que merece lida, meditada e amada, como tudo que saiu da pena daquele que

¹² KARDEC, Allan. Relatório da Caixa do Espiritismo. *Revista Espírita*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2004. ano 8, 1865.

¹³ KARDEC, Allan. Prefácio. In:_____. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 122. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004.

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

renasceu na França “aos 3 de outubro de 1804, com a sagrada missão de abrir caminho ao Espiritismo, a grande voz do Consolador prometido ao mundo pela misericórdia de Jesus-Cristo.”¹⁴

Brasília (DF), 1º de janeiro de 2008.

Evandro Noletto Bezerra
Tradutor

¹⁴ XAVIER, Francisco C. *A caminho da Luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 30. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 22, p. 194.



Prefácio

A *Revista Espírita* (*Revue Spirite – Journal d'Études Psychologiques*) está comemorando cento e cinqüenta anos de sua fundação. Circulou de janeiro de 1858 até abril de 1869, sob a égide de Allan Kardec. Quando desencarnou, em 31 de março de 1869, o número de abril já estava composto e foi publicado com sua assinatura. Sua semente foi lançada em reunião mediúnica na residência do Sr. Dufaux, em novembro de 1857. A Sra. Ermance Dufaux foi a médium pela qual Allan Kardec consultou o Espírito a respeito da idéia que alimentava de publicar um jornal espírita. De pronto recebeu o apoio da Entidade, que deu a ele a seguinte orientação:

[...] De começo, debes cuidar de satisfazer à curiosidade; reunir o sério ao agradável: o sério para atrair os homens de Ciência, o agradável para deleitar o vulgo. Esta parte é essencial, porém a outra é mais importante, visto que sem ela o jornal careceria de fundamento sólido. Em suma, é preciso evitar a monotonia por meio da variedade, congregar a instrução sólida ao interesse que, para os trabalhos ulteriores, será poderoso auxiliar. (Obras Póstumas, 33. ed. FEB, p. 294)

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

E realmente o foi. Tornou-se a *Revista* o instrumento hábil pelo qual o Codificador dialogava com os novos adeptos da Terceira Revelação e, também, com seus detratores, tornando o periódico tão interativo quando possível, objetivando, assim, construir a unidade de princípios no movimento espírita nascente. Tanto que após dez anos de circulação, afirmava seu fundador:

A Revista foi, até agora, e não podia deixa de ser, uma obra pessoal, visto que fazia parte de nossas obras doutrinárias, constituindo os anais do Espiritismo. Por seu intermédio é que todos os princípios novos foram elaborados e entregues ao estudo. Era, pois, necessário que conservasse seu caráter individual, para que se estabelecesse a unidade. (RE, 1868, p. 527) (Grifamos.)

E isso foi possível porque o Codificador, dez anos antes, estabelecera que aquele periódico seria uma tribuna livre onde os mais variados assuntos de interesse do Espiritismo seriam discutidos sem que houvesse disputa. Ponderava ele:

As inconveniências de linguagem nunca foram boas razões aos olhos de pessoas sensatas; é uma arma dos que não possuem algo melhor, voltando-se contra aqueles que dela se servem. (RE, 1858, p. 24) (Grifamos.)

Dessa forma, oferecia o fundador da primeira revista eminentemente espírita um código de conduta a ser seguido pelos futuros periódicos de todo o mundo que se dedicassem ao Espiritismo.

Os 135 números da *Revista Espírita*, somando 4.568 páginas redigidas pelo Codificador, conforme originais

ÍNDICE GERAL

franceses, transformaram-se em prodigiosa fonte primária de informações sobre a história do surgimento, divulgação e implantação definitiva do Espiritismo como doutrina codificada. Foi ele mesmo quem a indicou como sendo sua leitura indispensável. No capítulo 3º de *O Livro dos Médiuns* sugere que a ordem ideal de leitura para melhor compreensão do Espiritismo seria *O que é o Espiritismo*, *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e a *Revue Spirite*, a esta se referindo nestes termos:

Variada coletânea de fatos, de explicações teóricas e de trechos isolados, que completam o que se encontra nas duas obras precedentes, formando-lhes, de certo modo, a aplicação. Sua leitura pode fazer-se simultaneamente com a daquelas obras, porém, mais proveitosa será, e, sobretudo, mais inteligível, se for feita depois de *O Livro dos Espíritos*.

A leitura criteriosa da *Revista Espírita* nos dá uma visão tridimensional da história do Espiritismo como doutrina codificada na fase de sua estruturação porque:

– tomamos conhecimento da atuação direta dos Espíritos nas reuniões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, invocados pelo “bom senso encarnado” – no dizer de Camille Flammarion – para lhes oferecer esclarecimentos e ensinamentos sobre os fatos da vida. A leitura dos Boletins, publicados na *Revista*, faz-nos sentir no amplo salão do templo da Terceira Revelação, ouvindo os médiuns dando passividade aos Espíritos São Luís, Erasto, São Vicente de Paulo e tantos outros;

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

– acompanhamos, passo a passo, o hercúleo trabalho do Professor Rivail fazendo a leitura do mundo e interpretando os fatos à luz dos ensinamentos dos Espíritos, demonstrando que nada acontecia sem que houvesse uma explicação dada pela lei de causa e efeito, não se importando com aqueles que o achavam ingênuo e crédulo;

– mensuramos a reação do público dos diversos recantos do Planeta onde a *Revista* era lida, frente à ação segura do intemorato e lídimo intérprete do Plano Espiritual Superior, alicerçando o monumento da mensagem de Jesus que se reeditava sob a égide do Espírito de Verdade, com o nome de Espiritismo.

A manifestação dos Espíritos, a ação de Kardec e a reação do mundo é a visão tridimensional que o leitor da *Revista Espírita* terá da chegada do Espiritismo até nós.

Kardec nada oculta do seu leitor. Na *Revue* fala dos seus problemas, das suas preocupações, das suas lutas, frustrações e vitórias dentro e fora do meio espírita. Mantém, o que ele chama de *polêmica útil*, desarmando os caluniadores e difamadores da Doutrina e da sua própria pessoa, argumentando com austeridade, com lógica imbatível e elegância, mantendo sua fé inabalável no apoio dos seus mentores espirituais. Tudo isso palpita naquelas páginas e nos dá a impressão de vivermos ao lado do Codificador, na sua época...

A *Revista Espírita* é obra que completa a *Codificação*. Todo estudioso do Espiritismo sabe que Kardec indica, freqüentemente, em seus livros, a consulta àquele periódico.

ÍNDICE GERAL

Questões que não podiam ser desenvolvidas amplamente em suas obras, sujeitas a limites de espaço, eram na *Revue Spirite* analisadas com minúcias. Fazia a leitura do mundo da sua época e do passado, colhendo temas aparentemente vulgares, sem importância, e interpretava-os do ponto de vista espírita, enriquecendo-os com sua análise criteriosa, fazendo emergir suas causas e conseqüências. Escrevia valiosos comentários das leituras que fazia em livros, folhetins, artigos e documentos literários, filosóficos, científicos e religiosos, de épocas diversas, desde que contivessem referências e manifestações dos Espíritos ou princípios, idéias e pensamentos espíritas.

Impossível, portanto, se ter uma noção completa do Espiritismo sem a consulta à *Revista Espírita*.

Reconhecendo o grande e rico manancial de ensinamentos e fatos do Espiritismo e a importância que tinham eles para o estudioso da Terceira Revelação, em 1868, o incansável Allan Kardec, na edição de dezembro, dizia aos seus leitores da intenção de publicar “[...] um índice geral alfabético de todos os assuntos tratados, seja na *Revista*, seja em nossas outras obras, *de maneira a facilitar as pesquisas*.” Mas não o fez, pois o tempo escasso e o breve retorno à Pátria Espiritual não lhe permitiram.

O seu sonho, no entanto, está sendo materializado com esta edição. Este índice é um verdadeiro portal alfanumérico que dá acesso a um enciclopédico mundo de informações construído por Allan Kardec. São aproximadamente 4.000 entradas principais (descritores) e mais de 13.500 entradas secundárias (detalhamentos) compiladas

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

dos 12 volumes (1858-1869) e 144 números (considerando-se os 12 números – jan. a dez. de 1869) da *Revista Espírita*.

O leitor terá acesso a detalhes de assuntos por ele tratados ao longo da formação e desenvolvimento do movimento espírita. Saberá mais sobre a Codificação e terá ampliado o seu conceito sobre o Espiritismo, como filosofia, ciência e religião. Tomará contado com diversos casos noticiados pela imprensa, casos louváveis ou censuráveis que ofereciam conteúdo para estudos morais sérios à luz do Espiritismo. As mais curiosas manifestações espíritas, tais como aparições, bicorporeidade, premonições, vidência, cura mediúnica, obsessão, manifestações físicas pelos Espíritos batedores, chamadas hoje pelos parapsicólogos de *poltergeist*, foram registradas pelo incansável vigilante na *Revista Espírita*, estando hoje ao seu alcance em um “pisar de olhos”.

Basta buscar a entrada que lhe interessa, a palavra ou a expressão que seja do seu interesse, para se deparar com inúmeros dados a seu respeito, passando a conhecer o pensamento de Kardec e de seus contemporâneos sobre ela, facilitando a pesquisa e permitindo que divulgue o Espiritismo com maior riqueza de detalhes e de informações.

Boa pesquisa!

Brasília (DF), 1º de janeiro de 2008.

Waldebir Bezerra de Almeida
Indexador



ÍNDICE GERAL

A

ABNEGAÇÃO

caridade, fraternidade e – jul. 1869, p. 270

ABÓBORA E A SENSITIVA, A

poesia enviada pela Sociedade Espírita Africana – out.
1862, p. 427

ABRAÃO

história do povo árabe e – ago. 1866, p. 307

ABRAÃO, ISAC E JACÓ

ressurreição dos mortos e – dez. 1863, p. 493

ABSOLVIÇÃO

eficácia da – mar. 1863, p. 121

ABUSOS

Espiritismo ajuda na reforma dos – jul. 1866, p. 272

ACADEMIA DE CIÊNCIA DA FRANÇA

desafio à mediunidade e – jan. 1958, p. 50

ACADEMIA REAL DE ARRAS

Hippolyte Léon Denizard Rivail e – maio 1869, p. 186

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

AÇÃO CIENTÍFICA DO ESPIRITISMO

revelação da – nov. 1869, p. 478

AÇÃO MAGNÉTICA

entorpecimento e – mar. 1859, p. 115

propriedades especiais e – ago. 1859, p. 326

AÇÃO MORALIZADORA DO ESPIRITISMO

demonstração da – nov. 1869, p. 478

ACASO

crença no nada e no – maio 1864, p. 203

direção espiritual inteligente e – jun. 1866, p. 231

existência do – maio 1859, p. 184

jogo do vermelho e preto e o – jul. 1868, p. 282

lei matemática comprova não existir o – jul. 1868, p. 282

punições, recompensas e o – jan. 1864, p. 45

rejeição da palavra e idéia de – out. 1869, p. 409

ACIDENTE

circunstâncias naturais e – mar. 1958, p. 125

ÁCIDO CARBÔNICO

Thilorier e a condensação do – ago. 1860, p. 359

Thilorier e sua teoria do – jul. 1860, p. 295

ACONTECIMENTOS DA VIDA

origens distintas dos – jul. 1868, p. 284

relação dos números e – jul. 1868, p. 275

relatividade do tempo e – jul. 1868, p. 276

visão espírita dos simples – fev. 1864, p. 64

ADÃO

crime da Humanidade e – nov. 1868, p. 458

pecado original e – jan. 1862, p. 23

população da Terra e o mito de – jan. 1862, p. 22

ÍNDICE GERAL

ADÉLAÏDE DE CLÉRAMBERT, CONDESSA

condições essenciais à faculdade mediúnica de – out.

1867, p. 413

modo de tratamento das curas e – out. 1867, p. 409

ADEPTOS CONVICTOS

desfalecimento e – dez. 1869, p. 487

ADEPTOS DISSIDENTES

como proceder com os – dez. 1868, p. 515

ADEPTOS DO ESPIRITISMO

anonimato de alguns – fev. 1860, p. 62

categorias de – out. 1860, p. 443

comportamento dos – ago. 1865, p. 306; fev. 1869, p. 71

crescimento dos – out. 1862, p. 417

felicidade dos – out. 1865, p. 410

médicos homeopatas e – jan. 1869, p. 27

necessidade de esclarecimento aos – nov. 1864,
p. 431-432

palavras dirigidas aos – set. 1867, p. 378

perseguição aos – nov. 1867, p. 475

primeiros * na magistratura – nov. 1867, p. 483

proporção de homens e mulheres e – jan. 1869, p. 25

timidez dos – set. 1858, p. 370

ADEPTOS SINCEROS

Espiritismo e – mar. 1863, p. 115

ADIVINHAÇÃO

caso peculiar de – out. 1864, p. 405

fenômenos extraordinários de – ago. 1858, p. 342

Jesus e – out. 1864, p. 409

ADOÇÃO DE ÓRFÃOS

significado espiritual da – nov. 1860, p. 505

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

ADOLESCÊNCIA

responsabilidade espiritual e – out. 1858, p. 430

ADOLESCENTE

médium polígrafo – ago. 1860, p. 371

temperamento distinto do – dez. 1862, p. 518

ADOLFO

missionários, Os, e – mar. 1861, p. 148

pauperismo, O, e – ago. 1861, p. 373

ADRIEN, MÉDIUM VIDENTE

artigo sobre – jan. 1859, p. 20

Chaudruc-Duclos (Espírito) e – jan. 1859, p. 35

descrição de um Espírito de indiana – dez. 1858, p. 515

descrição do Mundo Espiritual por – dez. 1858, p. 489

faculdades mediúnicas do – dez. 1858, p. 487

prova da visão de – jan. 1859, p. 21

retratos de – jan. 1859, p. 20

segundo artigo e – jan. 1859, p. 20

visões de – jan. 1859, p. 22

ADULTÉRIO

uso de influência religiosa e – out. 1864, p. 424

ADVENTO DO ESPIRITISMO

Humanidade, Universo e – set. 1865, p. 379

realização das profecias e – fev. 1867, p. 91

ADVERSÁRIO(S) DO ESPIRITISMO

Allan Kardec e os – out. 1860, p. 433

artimanhas dos – dez. 1863, p. 508

ataque dos – jul. 1861, p. 321

charlatanismo e crítica dos – jan. 1869, p. 35

colaboração involuntária dos – out. 1867, p. 404

comportamento dos – jan. 1867, p. 26; dez. 1869, p. 485

ÍNDICE GERAL

comportamento sugerido aos – set. 1867, p. 377
comunicação do abade D... – out. 1865, p. 394
conversão dos – jan. 1867, p. 18
dúvidas dos – jul. 1867, p. 287
evocação de – out. 1865, p. 394
insucesso dos irmãos Davenport e – out. 1865, p. 422
moderação dos espíritas e os – jan. 1864, p. 15
objetivo dos – nov. 1865, p. 435
padre F... – set. 1862, p. 361
partida dos * para o mundo dos Espíritos – out.
1865, p. 394
razões porque surgem – fev. 1862, p. 60
situação dos escritores – jan. 1864, p. 17
tática dos – fev. 1862, p. 62; jun. 1865, p. 254, 259;
nov. 1865, p. 435
tipos de – dez. 1863, p. 505
trabalho dos – jul. 1861, p. 321
três beijos de Judas e – mar. 1863, p. 112
Trousseau e – ago. 1862, p. 311

AERÓLITOS

aumento do volume da Terra e os – set. 1868, p. 359
origens dos – set. 1868, p. 359

AFECÇÕES DA PELE

remédio espiritual cura – nov. 1862, p. 461

AFECÇÕES ORGÂNICAS

disposições morais e o surgimento de – jul. 1862, p. 283

AFEIÇÃO

Espíritos e – abr. 1864, p. 150
pessoas de naturezas diferentes e grau de – maio
1862, p. 219
sentimento da alma e – fev. 1864, p. 79

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

AFETIVIDADE

frenologia e – abr. 1862, p. 144

AFINIDADE

fluido espiritual e – dez. 1862, p. 489

George Sand e – set. 1868, p. 392

reencarnação e – set. 1868, p. 394, nota

AFINIDADE FLUÍDICA

facilidade das comunicações e – abr. 1865, p. 154

fenômenos mediúnicos e – abr. 1865, p. 161

AFINIDADE MORAL

João Gaspar Lavater e – mar. 1868, p. 120

AFLIÇÕES

causa das * atuais – jan. 1865, p. 39

consolo e causas das – ago. 1865, p. 337

oração e momentos de – maio 1866, p. 215

AFLUXO ESPIRITUAL

médium e – maio 1865, p. 212

AFONSO DE LIGUORI, SANTO

bicorporeidade e – dez. 1858, p. 494

canonização de – dez. 1858, p. 495

ÁFRICA

tradições judaicas sobre o diabo na – abr. 1958, p. 170

AGAR

história do povo árabe e – ago. 1866, p. 307

AGÊNERE

alimentação do – fev. 1859, p. 66

aparição de – fev. 1860, p. 73

aparição tangível de um – abr. 1860, p. 158

classe dos Espíritos e – fev. 1859, p. 65

ÍNDICE GERAL

corpo físico e – fev. 1859, p. 67
Espírito familiar e – fev. 1859, p. 67
fenômenos de bicorporeidade e – fev. 1859, p. 65
filho morto e – fev. 1859, p. 63
Louquinho de Bayonne, O, e – fev. 1859, p. 64
Mally e – ago. 1859, p. 318
motivo de aparição do – fev. 1859, p. 63
necessidade de alimento e – fev. 1859, p. 66
objetivo do estado corporal do – fev. 1859, p. 65
oração e – fev. 1859, p. 63
origem do – fev. 1859, p. 62
paixões e – fev. 1859, p. 65
perispírito e – fev. 1859, p. 67
procriação e – fev. 1859, p. 65
reconhecimento do – fev. 1859, p. 65
Saint-Germain, Conde de, e – fev. 1859, p. 67
visão no espelho pelo – mar. 1860, p. 133

AGENTES HIPNÓTICOS

desprendimento da alma e – ago. 1868, p. 347

AGOSTINHO, SANTO

espíritas russos são aconselhados por – maio 1862, p. 217
evocação de – maio 1859, p. 191
fortalecimento de * aos olhos de Deus – jan. 1865, p. 52
Jean Reynaud – ago. 1863, p. 320
jovem escritor considera * um cretino – dez. 1866, p. 518
linguagem de – jun. 1863, p. 242
Mundo Espiritual segundo – dez. 1866, p. 518
mundos transitórios e – maio 1859, p. 191
Sociedade Africana de Estudos Espíritas e – ago.
1862, p. 325

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

ÁGUA

método peculiar de descobrir – out. 1864, p. 390

ÁGUA FLUIDIFICADA

sabor de almíscar na – set. 1860, p. 384

AGUILHÃO ESPÍRITA

artes, batismo de fogo e – jan. 1869, p. 53

AÍSSAOUAS

convulsionários da Rua le Peletier ou os – jan. 1868, p. 37
espetáculo dado pelos – jan. 1868, p. 38

AKHBAR

Espiritismo e – jun. 1863, p. 248

ALCOOLISMO

desencarnado e – maio 1866, p. 194

ALCORÃO

autoria e lendas sobre o – ago. 1866, p. 314
freio no progresso dado pelo – nov. 1866, p. 445
interpretações fantasiosas do – ago. 1866, p. 312
muçulmanos e o espírito do – ago. 1866, p. 305
passagens textuais do – nov. 1866, p. 436, 439, 442,
443 e 447
sacerdotes muçulmanos e o – ago. 1866, p. 305

ALÉM-TÚMULO *ver também* Mundo Espiritual

advertências de – nov. 1859, p. 454
conservação da opinião no – maio 1863, p. 223
conversas de – mar. 1862, p. 108; jan. 1864, p. 34; ago.
1864, p. 332; maio 1866, p. 189
conversas familiares de – abr. 1859, p. 132, p. 163; maio
1859, p. 171; maio 1860, p. 219; jun. 1860, p. 263; ago.
1860, p. 359; nov. 1860, p. 496; dez. 1860, p. 546; abr.

ÍNDICE GERAL

1862, p. 167; jun. 1862, p. 240; maio 1863, p. 206; nov.
1864, p. 452
descrição dos seres de – abr. 1859, p. 132
detração e comunicação de – mar. 1863, p. 128
divergências nas comunicações de – maio 1863, p. 223
educação de – maio 1868, p. 204
família de G... e – set. 1859, p. 377
habilidade dos seres de – jul. 1859, p. 263
pensamento e – abr. 1859, p. 131
religião e população de – fev. 1865, p. 58
sistemas de comunicações de – jul. 1859, p. 262
sofrimento no – dez. 1858, p. 506
teoria da vida de – abr. 1859, p. 138

ALEMANHA

pesquisadores de tesouros da – out. 1864, p. 426

ALEXANDRE

Sócrates, Platão e – jan. 1859, p. 40

ALFABETO ESPÍRITA

coletânea de comunicações mediúnicas e – jan.
1865, p. 49

ALIENAÇÃO MENTAL

Espiritismo e – fev. 1863, p. 79
Espiritismo e casos de – nov. 1865, p. 440
relatório quinquenal francês sobre – jul. 1866, p. 276

ALIGHIERI, DANTE

carta de * a Thiers – jun. 1865, p. 260

ALIMENTAÇÃO

bicorporeidade e – fev. 1859, p. 67
do homem – dez. 1863, p. 518

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Espírito sente necessidade de – nov. 1860, p. 498
rapaz de Londres e – fev. 1859, p. 66

ALIMENTOS

produção de – ago. 1859, p. 305

ALMA

ação da * encarnada e desencarnada – set. 1865, p. 367

ação da * nos fenômenos físicos – set. 1865, p. 367

agentes hipnóticos e o desprendimento da – ago.
1868, p. 347

antigüidade e * dos mortos – out. 1859, p. 410

aparelho telegráfico e o funcionamento da – jul.
1868, p. 308

aquisição de sentidos morais pela – ago. 1865, p. 334

características da – set. 1863, p. 362

castidade e – set. 1863, p. 389

cataplexia confirma a existência da – jul. 1868, p. 309

ciência natural e a inexistência da – ago. 1868, p. 321

conceito de – maio 1858, p. 218; fev. 1859, p. 53; abr.
1859, p. 132; maio 1864, p. 190

concepção de * para espíritas – fev. 1865, p. 61

concepções sobre a natureza da – jul. 1869, p. 305

Concílio de Viena e conceito de – jun. 1863, p. 241

condição para progresso da – jul. 1869, p. 304

conferências sobre a – set. 1868, p. 386

conhecimento do passado e a – maio 1858, p. 218

considerações sobre – jul. 1869, p. 300

constituição da essência da – nov. 1863, p. 450

contato entre * animal e humana – maio 1865, p. 182

Cousin e conceito de – nov. 1863, p. 448

crença na imortalidade da – out. 1859, p. 410

criação da – jun. 1861, p. 283

ÍNDICE GERAL

crisálida espiritual e – maio 1865, p. 184
depuração progressiva da – mar. 1866, p. 118
desprendimento antecipado da – jun. 1861, p. 263
desprendimento da – ago. 1859, p. 336
desprendimento da * e harmonia – mar. 1869, p. 134
destino da – out. 1863, p. 423; nov. 1868, p. 481
dualidade da essência da – nov. 1863, p. 439
durante a vida física – jan. 1866, p. 41
dúvidas sobre se a mulher tem – jan. 1866, p. 13
Dyonis, e proposições sobre a – abr. 1869, p. 180
elementos primordiais da – set. 1863, p. 362
emancipação parcial da – jan. 1866, p. 41
ensaio e elaboração da – abr. 1865, p. 139
erraticidade e – mar. 1859, p. 107
escola espiritualista e sensibilidade da – nov. 1863, p. 443
Espiritismo e – jun. 1863, p. 240
Espiritismo e a concepção de – mar. 1866, p. 104
Espiritismo e a natureza da – dez. 1862, p. 488
Espiritismo e realidade da – set. 1863, p. 362
Espiritismo e reconhecimento da – jul. 1865, p. 281
espiritualismo nega a substância da – nov. 1863, p. 443
estado de emancipação da – jul. 1861, p. 291
estado primitivo da – out. 1862, p. 429, nota
evocação da – maio 1858, p. 218, nota
existência do Espírito se comprova pela existência da –
set. 1860, p. 398
existência e imortalidade da – maio 1869, p. 200
existência e individualidade da – maio 1859, p. 203
existência e manifestação da – abr. 1869, p. 179
existência, independência e individualidade da – nov.
1867, p. 453
faculdade de percepção da – mar. 1867, p. 139

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

faculdades intelectuais da – jan. 1866, p. 39
faculdades perceptivas da – jan. 1866, p. 39
fatos espíritas e constituição da – nov. 1863, p. 439
fé, razão e condutores eternos da – ago. 1865, p. 342
felicidade da * no céu – fev. 1865, p. 61
felicidade e – ago. 1863, p. 325
fenômenos inexplicáveis e presença da – jul. 1865, p. 281
futuro da – nov. 1858, p. 453
harmonia transmitida pela – mar. 1869, p. 133
Hermann e – fev. 1859, p. 70, 73
imortalidade da – fev. 1863, p. 85
imortalidade e preexistência da – nov. 1863, p. 440
importância da * nos sonhos – jul. 1865, p. 281
importância do Espiritismo para a vida da – mar.
1867, p. 133
influência da * sobre a música – mar. 1869, p. 135
influência da música sobre a – mar. 1869, p. 135
instrumento de percepção da harmonia e – mar.
1869, p. 134
inteligência é o atributo essencial da – set. 1868, p. 363
inteligência, percepções e – jan. 1866, p. 40
letargia confirma a existência da – jul. 1868, p. 309
letargia e – dez. 1867, p. 494
liberdade da – out. 1867, p. 437
livre-arbítrio e senso moral da – abr. 1865, p. 139
lógica da existência da – jan. 1866, p. 37
momento da criação da – jan. 1862, p. 17
momento da morte e estudo da – dez. 1858, p. 490
nascimento da – jun. 1859, p. 234
natureza da – fev. 1866, p. 57
natureza dos fluidos e estado da – jul. 1867, p. 311
natureza íntima da – mar. 1866, p. 104

ÍNDICE GERAL

negação da individualidade da – set. 1863, p. 361
oração e purificação da – jan. 1865, p. 53
ordens morais da – nov. 1863, p. 449
origem da – nov. 1858, p. 451
origem da primeira – jan. 1866, p. 53
pensamento e – mar. 1958, p. 98
perispírito e – out. 1859, p. 396; jun. 1863, p. 241
pesquisas da ciência descobre a – jul. 1868, p. 307
preexistência da – jun. 1861, p. 283
princípios fundamentais da – abr. 1860, p. 192
procedência da – jul. 1862, p. 286
procura da * no cérebro – jul. 1865, p. 281
prova da existência da – dez. 1865, p. 481
prova da existência e imortalidade da – ago. 1865, p. 307
prova da imortalidade e individualidade da – abr.
1865, p. 165
questionamentos sobre – fev. 1865, p. 57
requisitos para alcançar a perfeição da – nov. 1867, p. 481
responsabilidade do homem e a inexistência da – ago.
1868, p. 321
resumo da vida e – dez. 1867, p. 497
Schiff e conceito de – mar. 1861, p. 118
sentido psíquico e – jan. 1866, p. 42
separação entre * e corpo – set. 1859, p. 362
situação cosmográfica da – dez. 1869, p. 503
situação da * após a morte – abr. 1864, p. 149
situação da * no estado de sonambulismo – dez.
1863, p. 503
situação da * no estado de vigília – dez. 1863, p. 503
sobrevivência da * após a morte – nov. 1863, p. 466
sonambulismo confirma a existência da – jul. 1868, p. 309
sonambulismo e – ago. 1863, p. 319

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

sonambulismo, mediunidade e atributos da – jun.
1867, p. 243
substâncias anestésicas e a existência da – jul. 1868, p. 312
teoria da existência da * no mineral – set. 1868, p. 363
teoria da sede da – jan. 1862, p. 39
teoria do Dr. Woetzel sobre – jan. 1865, p. 41
teorias sobre a ação da – ago. 1868, p. 327
teorias sobre o destino da – dez. 1860, p. 537
teorias sobre o momento da criação da – jan. 1862, p. 18
transmigração da – abr. 1859, p. 133
união simpática e – jul. 1862, p. 298
utilidade recíproca entre * e corpo físico – nov.
1867, p. 479
visões e as percepções da – ago. 1866, p. 328

ALMA COLETIVA

sistema da – dez. 1861, p. 549

ALMA DA TERRA

Espíritos superiores e – set. 1868, p. 365
significado da expressão – jan. 1862, p. 38; set.
1868, p. 364
teoria da – set. 1868, p. 362

ALMA DOS ANIMAIS

alma dos homens e – jul. 1860, p. 310
discussões sobre a questão da – dez. 1869, p. 530

ALMA HUMANA

ponto de partida do ensino do Espiritismo e – set.
1865, p. 363
progresso da – abr. 1869, p. 181

ÍNDICE GERAL

ALMA, A

Ramon de la Sagra e a obra – jul. 1868, p. 307

ALMA, SUA EXISTÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES, A

objetivo do livro – abr. 1869, p. 179

refutação do materialismo e – abr. 1869, p. 179

ALMAS AFINS

reencarnações de – jul. 1862, p. 299

ALMAS DOS MORTOS

classes das – out. 1863, p. 438

ALONZO DE BENEVIDES

Maria de Agreda e – nov. 1860, p. 522

ALQUIÉ, SYLVAIN

Sou Espírita? – abr. 1866, p. 177

ALUCINAÇÃO

Adrien e – jan. 1859, p. 20

aparições e – jul. 1861, p. 290

características da – jul. 1861, p. 293

Daniel Dunglas Home e – jan. 1859, p. 20

definição de – jan. 1859, p. 20; jul. 1861, p. 289, 292

Ensaio sobre a teoria da – jul. 1861, p. 289

estado patológico e – jan. 1859, p. 20

idéias materialistas e – jul. 1861, p. 292

imaginação e – jul. 1861, p. 292

Park e – out. 1858, p. 439

segundo Eug. Bonnemère – fev. 1868, p. 58

ALUCINACIONISTA

Allan Kardec responde a – maio 1860, p. 232

ALUCINADO

características do – jun. 1869, p. 235

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

AMBRÓSIO

- Clemente XIV e – jul. 1858, p. 299
- falso, o – jul. 1858, p. 298
- invocação do falso – jul. 1858, p. 302
- invocação do verdadeiro – jul. 1858, p. 300
- situação espiritual do verdadeiro – jul. 1858, p. 303

AMÉRICA DO NORTE

- fenômenos espíritas e – jan. 1958, p. 25
- manifestações de além-túmulo e – jul. 1861, p. 313
- porque a reencarnação não foi ensinada na – fev. 1862, p. 78

AMIGOS NÃO NOS ESQUECEM NO OUTRO MUNDO, Os

- jul. 1861, p. 300

AMIZADE

- continua após a morte – nov. 1868, p. 449

AMIZADE E A PRECE, A

- egoísmo e – jun. 1863, p. 266

AMOR

- diferentes naturezas de – fev. 1864, p. 78
- felicidade e prática do – ago. 1865, p. 331
- felicidade suprema e – maio 1868, p. 189
- força atrativa do – maio 1868, p. 192
- garridice feminina e – jan. 1861, p. 59
- mãe, exemplo de – fev. 1859, p. 78
- progresso espiritual e – maio 1858, p. 219
- reino de Deus e – mar. 1861, p. 147
- sensualidade e – jan. 1861, p. 59
- suicídio praticado por – set. 1858, p. 396

AMOR DE PERDIÇÃO

- história de um – jul. 1862, p. 292

ÍNDICE GERAL

AMOR DE POETA

Alfredo de Musset e – set. 1860, p. 424
mulheres da Terra e – maio 1862, p. 204

AMOR PURO

união das almas e – fev. 1864, p. 81

ANALGESIA

hipnotismo e – jan. 1860, p. 25

ANCIANIDADE DO ESPIRITISMO

prova da – out. 1859, p. 400

ANEDOTA

fenômeno espírita e – set. 1866, p. 376

ANESTESIA

Ramon de la Sagra e – jul. 1868, p. 311

ANIMAIS

afinidades entre * domésticos e homens – maio
1865, p. 184
caracteres comuns aos homens e – dez. 1869, p. 526
causas do sofrimento dos – mar. 1864, p. 97, 99
consciência nos – jul. 1860, p. 314
crisálida espiritual e – maio 1865, p. 184
dissertações sobre os – jul. 1860, p. 310
egípcios e culto aos – nov. 1858, p. 459
Erasto e – ago. 1861, p. 363
Espíritos de – jul. 1861, p. 319
Espíritos de * no Mundo Espiritual – maio 1865,
p. 182, 184
estudo da natureza dos – jul. 1860, p. 324
estudo dos costumes dos – jun. 1859, p. 231
evolução dos * no planeta Júpiter – ago. 1858, p. 351

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

exame crítico das dissertações sobre – jul. 1860, p. 320
expressão do pensamento dos – maio 1865, p. 184
faculdade de comunicação nos – maio 1865, p. 179
faculdade de pensar nos – dez. 1869, p. 530
futuro dos – abr. 1865, p. 140
homem e progresso dos – jul. 1860, p. 322
individualidade da alma dos – jul. 1860, p. 322
individualidade dos * após a morte – maio 1865, p. 183
inteligência dos – jul. 1860, p. 315
justiça divina, estado e destino dos – set. 1865, p. 362
magnetização de – ago. 1861, p. 367
manifestação mediúnica nos – maio 1865, p. 185
manifestações do Espírito dos – maio 1865, p. 179
mediunidade nos – maio 1860, p. 206
mundos adiantados e – jul. 1860, p. 313
planeta Júpiter e – ago. 1858, p. 350; mar. 1958, p. 118;
abr. 1958, p. 177
planeta Júpiter e a inteligência dos – ago. 1858, p. 352
planeta Júpiter e o apego aos – ago. 1858, p. 352
planeta Júpiter e o progresso dos – jul. 1860, p. 312
planeta Júpiter e os * alados – ago. 1858, p. 354, nota
planeta Marte e – out. 1860, p. 468
pontos de contato entre * e homem – set. 1865, p. 366
princípio inteligente nos – set. 1865, p. 362
sobrevivência do princípio imaterial nos – maio
1865, p. 179
visão dos Espíritos e – ago. 1861, p. 366
visão espiritual nos – maio 1865, p. 182

ANIMAIS ERRANTES

alma dos – ago. 1861, p. 364
Espíritos de – jul. 1861, p. 319

ÍNDICE GERAL

ANIMAIS MÉDIUNS, Os

lei do progresso e – ago. 1861, p. 364

ANIMALIDADE

ponto de contato entre a Humanidade e – set.

1865, p. 364

relações entre * e Humanidade – maio 1865, p. 183

ANIMISMO

manifestações físicas e – jan. 1958, p. 36

ANIVERSÁRIOS, Os

comunicação de Allan Kardec sobre – nov. 1869, p. 461

ANJO

aparição de * na Bíblia – mar. 1861, p. 113

conceito de – abr. 1867, p. 145; abr. 1869, p. 151

interpretações da palavra – jan. 1862, p. 16

missão do – abr. 1867, p. 145

ANJO DA CÓLERA, O

opinião de São Luís sobre – maio 1861, p. 211

ANJO DA GUARDA

atuação do * na visão das crianças – set. 1865, p. 361

crianças e seu – abr. 1860, p. 185

esclarecimentos sobre a função do – jul. 1860, p. 309

Espírito familiar e – fev. 1861, p. 86

poesia mediúnica – set. 1862, p. 385

sofrimento físico e – mar. 1863, p. 131

temporiedade de um – ago. 1866, p. 330

Voz do, A – jan. 1861, p. 58

ANJO DO CÉU NA TERRA, UM

livros analisados por Allan Kardec – mar. 1865, p. 133

testemunho sobre a obra – mar. 1865, p. 133

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

ANJO GABRIEL, O

evocação de um bom Espírito e – jun. 1861, p. 285

ANJOS DECAÍDOS

apoio de Haia à tese de Allan Kardec sobre os – mar. 1862, p. 126

conjecturas e opinião pessoal sobre os – jan. 1862, p. 16

interpretação da doutrina dos – jan. 1862, p. 15

respostas à questão dos – abr. 1862, p. 162

retrogradação do Espírito e a teoria dos – jan. 1862, p. 28

teoria dos – jan. 1862, p. 23, 40; abr. 1862, p. 165

ANJOS DO CÉU

ressurreição, perispírito e – dez. 1863, p. 493

ANJOS GUARDIÃES

doutrina dos – jan. 1859, p. 41, 43

Livro dos Espíritos, O, e – jan. 1859, p. 41

maus Espíritos e – jan. 1859, p. 42

missão dos – jan. 1859, p. 42

qualidades dos – jan. 1859, p. 42

São Luís, Santo Agostinho e – jan. 1859, p. 43

ANJOS REBELDES

teoria dos – jan. 1862, p. 40

ANNALES DO TRAVAIL

publicação da resposta de Jean Macé no – abr. 1867, p. 160

ANO-NOVO

Allan Kardec deseja * aos espíritas lioneses – fev. 1862, p. 58

espíritas de Leipzig e votos de – fev. 1868, p. 70

espíritas de Lyon e – fev. 1862, p. 57

livros espíritas dados como presentes de – fev. 1862, p. 65

ÍNDICE GERAL

ANOMALIAS SEXUAIS

reencarnação explica as – jan. 1866, p. 17

ANTAGONISMO

casas espíritas e causas do – abr. 1860, p. 161

imperfeição da natureza humana e – jun. 1858, p. 273

ANTEPASSADOS

formas de testemunho de afeição aos – set. 1868, p. 369

ANTICRISTO

fim do mundo será precedido pelo reino do – abr.

1868, p. 160

proximidade do – fev. 1867, p. 71

reino armado do – abr. 1868, p. 163

religião implantada pelo – abr. 1868, p. 164

vida miserável do – abr. 1868, p. 162

ANTIGA HABITAÇÃO DO HOMEM

vestígios da – dez. 1867, p. 486

ANTIGO CARRETEIRO

Espírito superior e – dez. 1859, p. 510

evocação de – dez. 1859, p. 510, 512

oração e – dez. 1859, p. 512

R... e – dez. 1859, p. 512

V... e – dez. 1859, p. 510

ANTIGO E NOVO TESTAMENTOS

Espiritismo e – nov. 1865, p. 465

ANTIGO TESTAMENTO *ver também* Bíblia

Islamismo e – nov. 1866, p. 434

ANTIGÜIDADE

alma dos mortos e – out. 1859, p. 410

conhecimento do Espiritismo na – abr. 1958, p. 153

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Espíritos e crença da – out. 1859, p. 410
fenômenos espíritas na – jan. 1958, p. 24
reencarnação na – ago. 1862, p. 331
universalidade da Doutrina dos Espíritos e – abr.
1958, p. 154

ANTIPATIA

causa da – nov. 1862, p. 451
explicação da – maio 1869, p. 189

ANTONIETA, MARIA

anedota do colar de sangue de – dez. 1866, p. 512

ANTONIO DE PÁDUA, SANTO

bicorporeidade e – dez. 1858, p. 495
pregação de – fev. 1859, p. 73, 74

ANTROPOFAGIA

conhecimento, relações com o Mundo Espiritual e
– fev. 1866, p. 75
Espíritos das trevas e – fev. 1866, p. 73
futuro das almas que praticam – fev. 1866, p. 75
nativos da Nova Caledônia praticam – fev. 1866, p. 72
reencarnação e – fev. 1866, p. 74

ANTROPÓFAGOS

situação dos – abr. 1859, p. 148

ANTROPOMORFISMO

concepção de Deus e – maio 1866, p. 182

ANTUÉRPIA

Círculo Espírita Amor e Caridade da – abr. 1864, p. 156
discurso de Allan Kardec aos espíritas de – nov.
1864, p. 429
movimento espírita na – fev. 1864, p. 83

ÍNDICE GERAL

quadro espírita na exposição de – out. 1864, p. 428
Revista Espírita de – jul. 1864, p. 292
tipólogo especial da – out. 1864, p. 414

APARELHO TELEGRÁFICO

funcionamento da alma no organismo e – jul.
1868, p. 308

APARÊNCIA DO ESPÍRITO

fluidos espirituais e – jun. 1868, p. 240
momento da evocação e – dez. 1858, p. 521

APARÊNCIA FÍSICA

progresso espiritual e – jul. 1860, p. 302

APARIÇÃO

Abade Dégenettes e crença na * das almas – ago.
1865, p. 317
Adrien e – jan. 1859, p. 20
alucinações e – jul. 1861, p. 290, 293
alucionacionistas e – maio 1860, p. 230
aparência da – fev. 1859, p. 62
Apolônio de Tiana e sua – out. 1862, p. 409
Bayonne, Louquinho de, O, e – jan. 1859, p. 25; fev.
1859, p. 62
Bernadotte e – jul. 1859, p. 292
cachimbo e – ago. 1859, p. 300
caixa de rapé e – ago. 1859, p. 300, 302
características da – jul. 1861, p. 293
caráter inteligente da – jul. 1861, p. 293
caso comprovado de – jul. 1858, p. 277
caso de * de pessoa viva – dez. 1858, p. 486
como proceder diante da – maio 1860, p. 233
complexo de culpa e * de fantasmas – maio 1860, p. 232

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Daniel Dunglas Home e – fev. 1859, p. 61; mar. 1958, p. 147
desencarnada faz a sua * uma hora depois – out. 1858, p. 439
desprendimento da alma e – mar. 1869, p. 115
diversas formas de – fev. 1860, p. 71
duque de Orléans e sua * na parede – ago. 1868, p. 345
duração da – fev. 1859, p. 66
escrituras sagradas e – jan. 1859, p. 20
Espiritismo e – jul. 1863, p. 280
Espírito de pessoa viva e – ago. 1859, p. 297
Espírito faz sua * na vidraça – jul. 1858, p. 277
Estados Unidos e fenômenos de – out. 1858, p. 439
fenômeno naturais e – fev. 1859, p. 61
histórias de – jun. 1859, p. 251
identificação da – maio 1859, p. 195
Igreja e – out. 1860, p. 439
ilusão dos Espíritos e – dez. 1859, p. 475
incrédulos creditam a efeitos de ótica a – dez. 1866, p. 477
leis da natureza e – ago. 1859, p. 298
Londonderry, Lorde e – jul. 1859, p. 290
médiun escrevente e – dez. 1859, p. 475
mediunidade ostensiva e – ago. 1859, p. 324
membros inferiores dos Espíritos na – fev. 1860, p. 72
modificação atômica do fluido e – mar. 1866, p. 110
obsessão e – mar. 1862, p. 123
perispírito e – jan. 1859, p. 13; mar. 1859, p. 100; out. 1859, p. 396
pessoa viva e – ago. 1859, p. 300
possibilidade da * de Salette – out. 1859, p. 384
processo diferente de – jul. 1858, p. 279

ÍNDICE GERAL

promessa de * se confirma – out. 1858, p. 440
R... e – ago. 1859, p. 338
Salette e sua – set. 1860, p. 405
Samuel, Saul e – ago. 1863, p. 335
Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e – fev.
1859, p. 62
Sura e – mar. 1859, p. 127
tangibilidade e – dez. 1858, p. 486, 496; abr.
1860, p. 184
teoria da – fev. 1859, p. 61; ago. 1859, p. 299; out.
1859, p. 385
teoria dos incrédulos sobre – mar. 1862, p. 125
Thomas-Ignace Martin recebe missão de uma – dez.
1866, p. 474
tipos de – jul. 1861, p. 294
vapor solidificado e – fev. 1859, p. 62

APARIÇÃO DE UM FILHO VIVO À SUA MÃE

dupla vista e – mar. 1869, p. 112
sonho e – mar. 1869, p. 113

APARIÇÃO DO CRISTO

propriedades do perispírito e – ago. 1865, p. 318

APARIÇÃO PROVIDENCIAL, UMA

jul. 1861, p. 296

APELO DE CÁRITA

repercussão do – dez. 1865, p. 471

APERFEIÇOAMENTO

reencarnação e – maio 1864, p. 204

APOCALIPSE

Holzauzer e a interpretação do – abr. 1868, p. 161

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

predição do – mar. 1868, p. 143

profecias do – abr. 1867, p. 149

APOLÔNIO DE TIANA

aparição de – out. 1862, p. 409

comprovação da sabedoria de – out. 1862, p. 402

conceito de vida de – out. 1862, p. 403

Cristianismo e – out. 1862, p. 397, 409

dados biográficos de – out. 1862, p. 395

dons mediúnicos e psíquicos de – out. 1862, p. 397

irmandade divina e – out. 1862, p. 405

máximas de – out. 1862, p. 404

morte de – out. 1862, p. 407

oração de – out. 1862, p. 403

sacrifícios aos deuses e – out. 1862, p. 404

Vespasiano pede conselhos a – out. 1862, p. 403

APÓSTOLOS DE JESUS

critérios para a escolha dos – out. 1860, p. 438

APÓSTOLOS DO ESPIRITISMO *ver também* Messias, Messias do Espiritismo

século vinte e – mar. 1868, p. 111

APÓSTOLOS, Os

críticas ao livro – set. 1866, p. 363

APTIDÃO

Cranioscopia e – jul. 1860, p. 297

organismo físico e – nov. 1858, p. 452

APTIDÃO INATA

sono do corpo e – fev. 1865, p. 67

AR

composição do – mar. 1866, p. 100

ÍNDICE GERAL

ÁRABE

Dumas e o caráter do povo – maio 1868, p. 225

ÁRABES PRÉ-ISLÂMICOS

costumes imorais dos – nov. 1866, p. 446

ARÁBIA

mercadores e poetas no tempo de Maomé na – ago.
1866, p. 306

ARAGO, FRANÇOIS

Espiritismo e – jun. 1859, p. 236
evocação de – out. 1859, p. 399
leis da eletricidade e – ago. 1866, p. 325
magnetismo animal e – dez. 1859, p. 468
manchas do Sol e a tese de – set. 1860, p. 420

ARCEBISPO DE ARGEL

carta do novo – mar. 1867, p. 113

ARGÉLIA

carta de Jules Monico da – ago. 1868, p. 351
Espíritos anunciaram os flagelos da – maio 1868, p. 226
flagelos que se sucedem na – maio 1868, p. 225
fome na – maio 1868, p. 223

ÁRIA E LETRA DO REI HENRIQUE III

N. G. Bach e – jul. 1865, p. 263

ARISTÓTELES

opinião de * sobre os Espíritos – out. 1859, p. 410

ARMADILHA AOS ESPÍRITAS

notícias que são verdadeiras – set. 1866, p. 374

ARQUICONFRARIA DO CORAÇÃO DE MARIA

Abade Dégenettes e autoria de – ago. 1865, p. 311

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

ARQUITETURA

movimento teocrático e – abr. 1864, p. 164
progresso da – abr. 1864, p. 164

ARQUITETURA MEDIEVAL

caráter e objetivo da – abr. 1864, p. 168

ARQUITETURA ROMANA

inspiração belicosa e – abr. 1864, p. 168

ARREPENDIMENTO

almas sofredoras e – nov. 1863, p. 466
bondade divina e – jan. 1865, p. 40
conseqüências do – maio 1862, p. 222
considerações sobre – jul. 1863, p. 306
crença num deus vingativo e – mar. 1958, p. 131
eficácia da oração no – fev. 1860, p. 95
Espírito criminoso demonstra – out. 1864, p. 417; nov.
1864, p. 444
Espírito Jules declara seu – set. 1864, p. 373
Espírito mau e insegurança no – nov. 1864, p. 446
Espírito tem medo de sofrer pelo – nov. 1864, p. 449
importância da expiação e * na vida espiritual – maio
1867, p. 204
justiça divina e – ago. 1861, p. 370
mundo invisível e – ago. 1867, p. 337
nascimento do – ago. 1867, p. 338
necessidade do – jul. 1863, p. 303
penas eternas e – abr. 1863, p. 234
oração e – dez. 1859, p. 473, 475
reconhecimento das faltas pelo – nov. 1864, p. 448
São Luís e – jun. 1863, p. 242
sofrimento e – nov. 1864, p. 447; dez. 1864, p. 518
Voltaire e – ago. 1859, p. 328

ÍNDICE GERAL

ARTE

- Espiritismo e – out. 1866, p. 407
- Espiritismo e o futuro da – dez. 1860, p. 534
- idéias pagãs e – dez. 1860, p. 560
- sem originalidade é hipocrisia – jun. 1862, p. 250

ARTE CRISTÃ

- características da – dez. 1860, p. 533

ARTE ESPÍRITA

- Foulon (Espírito) e – mar. 1865, p. 111
- provas de fazer obras-primas na – mar. 1865, p. 115

ARTES PLÁSTICAS

- Islamismo e – nov. 1866, p. 433

ARTISTA

- desfalecimento da crença no – jan. 1869, p. 52

ÁRVORE

- composição e decomposição da – mar. 1866, p. 101

ÁRVORES MAL-ASSOMBRADAS

- Espíritos inferiores e – mar. 1869, p. 122
- Ilha Mauricio e – mar. 1869, p. 118
- poder atrativo das – mar. 1869, p. 121
- solução para o caso das – mar. 1869, p. 122

ÁSIA

- espírito de reforma e – nov. 1868, p. 474

ASILO ESPÍRITA

- projeto de Allan Kardec para um – dez. 1868,
p. 512, 353

ASSASSÍNIO

- adultério e culpabilidade de um – out. 1864, p. 424
- estratificação da mente do Espírito no – fev. 1860, p. 87

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

marido sonhando comete – set. 1866, p. 377
menino de doze anos comete – out. 1858, p. 429

ASSASSINO

Espírito revela seu – set. 1858, p. 381
Mundo Espiritual e Espírito – mar. 1958, p. 130

ASSEMBLÉIA *ver também* Reunião

causa de sentimentos diversos na – dez. 1868, p. 485
conjunto de pensamento diversos e – dez. 1868, p. 485

ASSEMBLÉIA RELIGIOSA

utilidade da – dez. 1864, p. 479

ASSIMILAÇÃO FLUÍDICA

condições para estabelecimento da – abr. 1865, p. 154
facilidade da cura e – abr. 1865, p. 161

ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL

causas da suspensão da – jun. 1866, p. 252

ASSISTÊNCIA SOCIAL

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e – set. 1860,
p. 384

ASSISTÊNCIA SOCIAL ESPÍRITA

esmoler e – out. 1864, p. 411

ASSOMBRAÇÃO

Castelnaudary e um caso de – fev. 1860, p. 85
Espíritos promovem – out. 1858, p. 433
general húngaro e – out. 1866, p. 438

ASTECAS

causas das guerras entre incas e – ago. 1864, p. 327

ASTRONOMIA

importância da – mar. 1860, p. 142
lei numérica e – jul. 1868, p. 278

ÍNDICE GERAL

ASTROS

ação recíproca material dos – maio 1867, p. 219
influência dos * sobre a Terra – set. 1868, p. 361

ATANÁSIO, SANTO

Espiritismo e – jan. 1864, p. 49

ATAQUES AO ESPIRITISMO

conseqüências dos – jul. 1868, p. 295
sermões de – ago. 1868, p. 337

ATEÍSMO

cepticismo relativo aos dogmas e – set. 1867, p. 397
Ciência e – set. 1867, p. 397
pesquisas sobre as causas do – jun. 1867, p. 268
remédio para – jun. 1867, p. 269
Voltaire e – ago. 1859, p. 328

ATEÍSTA

Livro dos Espíritos, O, e a conversão de um – fev.
1862, p. 70

ATENODORO

fantasmas e – mar. 1859, p. 124

ATEU

razões para ser – maio 1867, p. 195

ATIVIDADE ESPIRITUAL

Demeure e – mar. 1865, p. 122
necessidade da – mar. 1865, p. 122

ATMOSFERA

conseqüências da modificação da – set. 1868, p. 359

ATRAÇÃO MUSCULAR

mar. 1859, p. 99

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

ATRAÇÃO PESSOAL

caso peculiar de – out. 1864, p. 405

ATRIBUTOS DE DEUS

conseqüências da revelação dos – set. 1867, p. 368

AUDIÇÃO

Espírito perturbado e forma de – jul. 1862, p. 296

AUGUEZ, PAUL

manifestações dos Espíritos, As – mar. 1958, p. 106

AURÉOLA DOS SANTOS

explicações do porquê da – abr. 1868, p. 153

AURORA DOS NOVOS DIAS, A

Staël (Espírito) e – ago. 1861, p. 375

AUTO-DE-FÉ DE BARCELONA

conseqüências do – nov. 1861, p. 468

Coruña, La, jornal de Barcelona e – dez. 1861, p. 552

Diário de Barcelona, O, jornal e – dez. 1861, p. 551

Dollet e – nov. 1861, p. 469

fotografia de um desenho do local do – dez. 1864, p. 533

idade média e – nov. 1861, p. 465

jornais espanhóis e – dez. 1861, p. 550

jornal de Madrid e – dez. 1861, p. 551

Novedades, Las, jornal de Madrid e – dez. 1861, p. 551

ordenação do – nov. 1863, p. 463

período de luta e – dez. 1863, p. 505

propagação do Espiritismo e – ago. 1862, p. 319

São Domingos e – nov. 1861, p. 470

AUTO-OBSessão

decepção amorosa e – dez. 1862, p. 498

AUTOCONHECIMENTO

Lao-Tseu e – out. 1868, p. 417

livre-arbítrio e – jun. 1862, p. 264

ÍNDICE GERAL

AVARENTO

no Mundo Espiritual – jun. 1868, p. 249

AVARENTO DA RUA DO FORNO, O

Petite Press, jornal e – jan. 1869, p. 47

AVAREZA

castigo pela prática da – ago. 1862, p. 341

fábula da – mar. 1958, p. 94

grau de culpabilidade e – maio 1858, p. 211

riquezas e – out. 1859, p. 416

sofrimento do Espírito por – dez. 1858, p. 498

sofrimento pela prática da – mar. 1958, p. 95

tipos de – out. 1859, p. 416

AVE-MARIA

Amadeus Mozart e – maio 1858, p. 223

AVISO IMPORTANTÍSSIMO

Revista Espírita e – jun. 1869, p. 268

AYMAR, JACQUES

varinha mágica de – abr. 1861, p. 177

B

B..., LOUISE

sono letárgico de 56 horas e – jan. 1866, p. 34

BABIN, AUGUSTIN

Filosofia Espírita e – abr. 1866, p. 178

Guia da felicidade, O, e – abr. 1866, p. 178

Noções de Astronomia e – abr. 1866, p. 178

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

BACH, N. G.

- comportamento de – set. 1865, p. 370
- faculdades magnéticas de – set. 1865, p. 371
- iniciação de * no Espiritismo – jul. 1865, p. 269
- sonambulismo e – set. 1865, p. 369
- sonho de – jul. 1865, p. 263, 269

BACHAREL

- mulher cola grau de – jan. 1866, p. 14

BADET

- confirmação da aparição de – jul. 1858, p. 278
- evocação de – jul. 1858, p. 278

BAJULAÇÃO

- incentivo à vaidade e ao orgulho – out. 1862, p. 433

BALAÃO

- alegoria do burro falante e – jul. 1860, p. 316
- aparição de anjo e mula de – ago. 1861, p. 366

BALDAZZARINI

- história do poeta – fev. 1866, p. 79

BALTAZAR

- verdadeira identidade do Espírito – dez. 1860, p. 547

BALTAZARINI

- evocação de – jul. 1865, p. 271
- explicações sobre o sonho de Bach – jul. 1865, p. 271
- identificação do – jul. 1865, p. 273

BALZAC

- Séraphita, romance, e – jan. 1867, p. 33

BANDEIRA DO ESPIRITISMO

- fora da caridade não há salvação – abr. 1866, p. 159

ÍNDICE GERAL

BANQUETE DA VIDA

criaturas de Deus e – jun. 1867, p. 234

BANQUETE MAGNÉTICO

magnetizadores e – jun. 1858, p. 272

BARÃO CLOOTZ, O

confissões do * no Mundo Espiritual – maio 1868, p. 215

BARÃO DE, G...

reunião espírita na casa de – jun. 1859, p. 246

BARBARA, CHARLES

evocação de – jan. 1867, p. 41

BARBARET

autobiografia do Espírito – jul. 1862, p. 308

BARBARISMO

características do – nov. 1862, p. 479

BARCELONA, BISPO DE

morte do – ago. 1862, p. 319

BARRICAND

agressão a Allan Kardec por – maio 1864, p. 207

Espiritismo em Lyon e – jul. 1864, p. 265

oferece curso contra o Espiritismo – maio 1864, p. 206

reclamação de – jul. 1864, p. 263

resposta do Vérité à reclamação de – ago. 1864, p. 331

BARTOLOMEU, SÃO

massacre de – set. 1858, p. 385

BATALHA DE SOLFERINO

tempestade e – set. 1859, p. 364

BATISMO

concepção do – fev. 1865, p. 58

crença na salvação pelo – jul. 1864, p. 273

eficácia do – jul. 1864, p. 274

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

BAUDELLOCQUE

fenômenos psicofisiológicos e – ago. 1861, p. 335

BEAUFILS

evocação do – out. 1859, p. 401

BEECHER-STOWE

Cabana do pai Tomás, A, e – nov. 1868, p. 455

BELEZA

ponto de vista humano da – ago. 1869, p. 322

tipos de – abr. 1859, p. 156

BELEZA DAS FORMAS

Charles Richard e – ago. 1869, p. 312

BELEZA FÍSICA

desenvolvimento da beleza moral e – ago. 1869, p. 321

BELEZA REAL

características da – ago. 1869, p. 318

BÉLGICA

Allan Kardec avalia sua viagem à – out. 1864, p. 413

Espiritismo na – out. 1864, p. 410

BEM

conceito de – jul. 1859, p. 274; dez. 1869, p. 490

futuro e predomínio do – ago. 1860, p. 377

mal e – out. 1860, p. 457; nov. 1860, p. 493

necessidade do * e excesso do mal – jul. 1865, p. 291

BEM-AVENTURADOS

cultivadores das virtudes do Cristo são – fev. 1868, p. 84

milagres e – jul. 1863, p. 304

morada dos – out. 1860, p. 472

ÍNDICE GERAL

BENEFICÊNCIA COLETIVA

grupos espíritas e – jul. 1866, p. 276

vantagens e – jul. 1866, p. 275

BENFEITOR ANÔNIMO

homem de bem e – out. 1863, p. 417

relato de casos de – out. 1863, p. 415

BENS MATERIAIS

bom aproveitamento dos – ago. 1862, p. 347

causa do apego aos – fev. 1865, p. 58

dificuldades com o apego aos – mar. 1862, p. 134

Espírito ligado aos – ago. 1862, p. 342

mau uso dos – nov. 1860, p. 507

suicídio em razão do apego aos – jun. 1860, p. 277

vida espiritual e – nov. 1860, p. 507

BERBRUGGUER, ADRIEN

discurso de Cherbonneau junto ao túmulo de – set.

1869, p. 378

relação das obras de – set. 1869, p. 380

BERGERAC, CYRANO

reencarnação e – set. 1868, p. 390

BERGZABERN

Espírito batedor de – maio 1858, p. 199; jul. 1858,

p. 284; jan. 1859, p. 34

sonhos e – jan. 1859, p. 34

BERNADOTTE

aparição e – jul. 1859, p. 292

divindade tutelar e – jul. 1859, p. 292

BERTELLIUS

faculdades magnéticas de – set. 1865, p. 372

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

BERTHET, ELIE

dupla vista, A, romance, e – jan. 1867, p. 32

BERTRAM

opinião de * sobre o Espiritismo – set. 1866, p. 348

BERTRAND

evocação da Sr^a. – mar. 1861, p. 128

BEZ, AUG.

A Voz de Além-túmulo – set. 1864, p. 388

BÍBLIA *ver também* Antigo Testamento, Escrituras

aparição de anjos na – mar. 1861, p. 113

ciência e – jul. 1859, p. 287

como o Espiritismo interpreta a – mar. 1860, p. 117

fenômenos espíritas e a – jan. 1958, p. 24

idade da Terra segundo a – mar. 1860, p. 118

paixões humanas e – out. 1863, p. 428

razão na leitura da – out. 1863, p. 429

reencarnação na – nov. 1869, p. 453

BIBLIOGRAFIA

Abeille médicale – jun. 1859, p. 218

Adrien, médium vidente – jan. 1859, p. 20

Bibliographie Catholique – jan. 1861, p. 29

Cartas sobre a Religião – set. 1869, p. 375

Céu e Terra – fev. 1859, p. 80; dez. 1859, p. 520

Eco de Além-Túmulo, O – out. 1869, p. 436

Educação materna – set. 1869, p. 393

Emprego Oficial do Magnetismo Animal – out.
1859, p. 386

Escrínio literário – set. 1869, p. 394

Espiritismo na sua expressão mais simples, O – mar.
1863, p. 104

ÍNDICE GERAL

Estatuto da Sociedade Anônima do Espiritismo – out.
1869, p. 437
Estudo sobre os Gérmenes – fev. 1859, p. 80
Estudos sobre o materialismo e o Espiritismo – set.
1869, p. 394
Filósofo ao pé do fogo, Um – abr. 1861, p. 158
Frédéric Soulié (Espírito) e – jan. 1859, p. 43; maio
1859, p. 204
História de Joana d’Arc – abr. 1859, p. 170
História de Luís IX – abr. 1859, p. 170
História de Luís XI – abr. 1859, p. 170
História do Maravilhoso – out. 1861, p. 434
História do Maravilhoso nos Tempos Modernos,
A – fev. 1861, p. 78
Igreja e a sociedade cristã em 1861, A – dez. 1861, p. 556
Indiferença em matéria de religião – set. 1861,
p. 380, 383
Instrução prática sobre as manifestações espíritas –
ago. 1860, p. 379
Instruções práticas sobre as manifestações – abr.
1859, p. 144
Joana d’Arc – ago. 1859, p. 328
Livro dos Espíritos, O – abr. 1859, p. 159; maio
1859, p. 208
Livro dos Médiuns, O – nov. 1861, p. 517
Magnetismo e sonambulismo ensinados pela Igreja, O
– out. 1859, p. 386
Mar, O – abr. 1861, p. 180
Mistérios de Paris – set. 1861, p. 380
Monde spirituel, Le – abr. 1859, p. 158
Mortos sofredores e abandonados, Os – dez.
1859, p. 470

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

O que é o Espiritismo – maio 1859, p. 181; out.
1859, p. 394
Paulo e Virgínia – set. 1861, p. 382, 385
Paz Universal, A – set. 1861, p. 385
Pensamentos poéticos – abr. 1859, p. 166
pluralidade dos mundos habitados – jan. 1863, p. 50
Refutação das críticas contra o Espiritismo – dez.
1861, p. 530
Segunda viagem ao redor do mundo – dez. 1859, p. 483
Six Nouvelles, Les – nov. 1859, p. 447
Swiarto Zagrobowe, jornal espírita – out. 1869, p. 436
Uma nova religião em Paris – maio 1859, p. 204
Viagem ao Oriente – ago. 1863, p. 321
Vida de Germaine Cousin, A – set. 1869, p. 394

BIBLIOGRAFIA CATÓLICA, A

Espiritismo e – jan. 1861, p. 24

BIBLIOTECA DE NOVA YORK

fantasma da – maio 1860, p. 228

BIBLIOTECA DE SAINTE-ETIENNE

partido espírita e a – jul. 1868, p. 297

BIBLIOTECA DO MUNDO INVISÍVEL

Carteira espírita e – jan. 1862, p. 34
coleção de obras espíritas e – jan. 1862, p. 33

BIBLIOTECA ESPECIAL DA SPEE

projeto para a criação de uma – mar. 1860, p. 116

BIBLIOTHÈQUE DE L'ÉCOLE DE CHARTRES

artigo do Natalis de Wailly e – dez. 1867, p. 499

BICÊTRE

hospício de – set. 1864, p. 350

ÍNDICE GERAL

BICORPORAIDADE

- Allan Kardec e – ago. 1859, p. 334
- caso de – dez. 1858, p. 494
- fenômeno de – dez. 1858, p. 493, 495
- Santo Afonso de Liguori e – dez. 1858, p. 494
- Santo Antônio de Pádua e – dez. 1858, p. 495

BIOGRAFIA

- Adrien Berbrugger – set. 1869, p. 379
- Foulon, viúva – mar. 1865, p. 109
- Jean Reynaud – ago. 1863, p. 314
- João Huss – set. 1869, p. 368

BIOGRAFIA DE ALLAN KARDEC

- Armand Greslez, Sr., e publicação da – jul. 1869, p. 292
- Obras Póstumas e – maio 1869, p. 183

BISPO DE ARGEL

- Allan Kardec, refutação e – dez. 1863, p. 484
- cartas sobre a pastoral do – dez. 1863, p. 488
- conversão do – dez. 1863, p. 483
- Espiritismo e – mar. 1863, p. 137

BISPO DE BARCELONA

- contestação do – dez. 1863, p. 485

BIZET, CURA DE SÉTIF

- caridade cristã e – jun. 1868, p. 244, 246
- resumo da vida do – jun. 1868, p. 243

BLACHARD, FLORENTIN

- carta de – abr. 1866, p. 177

BOAS-FESTAS

- Allan Kardec deseja * aos lioneses – fev. 1862, p. 64
- Allan Kardec recebe votos de – fev. 1862, p. 57

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

BOÏELDIEU

alma de – jan. 1863, p. 28
comunicação de – jan. 1863, p. 29
milésima representação da Dama Branca e – jan.
1863, p. 26

BOIVINET

confirmação das curas realizadas pelo zuavo Jacob –
out. 1866, p. 420

BOLETIM

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e – jan. 1861,
p. 15; fev. 1861, p. 61

BOLTINN, APOLÔNIO DE

Dogmas da Igreja do Cristo explicados pelo
Espiritismo, Os – dez. 1866, p. 521

BONNAMY

elogios a O Livro dos Espíritos – mar. 1866, p. 117

BONNEMÈRE, EUGENE

missão de – nov. 1867, p. 454
Paris Sonâmbula de – jul. 1868, p. 301
Romance do futuro e – jul. 1867, p. 300; fev. 1868, p. 57

BONS ESPÍRITOS *ver* Espírito Bom

BORBOLETA

morte e analogia com a – jan. 1860, p. 45

BORDEAUX

múmia da Torre de São Miguel em – nov. 1862, p. 442

BORGONHA, DUQUE DE

Luís XI e o – jun. 1858, p. 265

ÍNDICE GERAL

BORREAU

carta de – ago. 1861, p. 349
mistificação e – ago. 1861, p. 352

BORYSTHÈME

navrágio do navio – fev. 1866, p. 67

BOSSUET

controvérsia, A, e – ago. 1861, p. 371

BOUILLANT

discurso de – out. 1861, p. 429

BRAHMANISMO

condição da mulher no – dez. 1858, p. 516
evocação dos Espíritos e – jan. 1868, p. 35

BRASSEUR

artigos de – out. 1859, p. 394
médiuns inertes e – out. 1859, p. 398
teoria de – out. 1859, p. 406

BRETANHA, DUQUE DE

Luís XI e – jun. 1858, p. 265

BREVE EXCURSÃO ESPÍRITA

Allan Kardec e – jul. 1867, p. 271

BROCA, PEDRO PAULO

catalepsia – jan. 1860, p. 26

BRUNEAU

morte de – dez. 1864, p. 519

BRUNEAUT E FREDEGUNDA

jan. 1864, p. 38

BRUXELAS

discurso de Allan Kardec aos espíritos de – nov.
1864, p. 429

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

BRYON-DORGEVAL

Mozart e – maio 1859, p. 186

BUENA-DICHA

médiuns, corridas de Chantilly e – jul. 1865, p. 276

BUFFON

perguntas dirigidas a – set. 1861, p. 381

perguntas dirigidas a * sobre Paulo e Virgínia – set.
1861, p. 382

réplica de O estilo é o homem e – set. 1861, p. 379

resposta de * ao Visconde de Launay – set. 1861, p. 386

C

CAABA

Abraão e a construção da – ago. 1866, p. 308

origem da – ago. 1866, p. 307

CABALISMO

medalha de M... – set. 1858, p. 393

CABANA DO PAI TOMÁS, A

idéias espíritas na obra – nov. 1868, p. 455

CABEÇA DE GARIBALDI, A

Síbol e – mar. 1861, p. 121

CACHORRO *ver* Cão

CADIJA

esposa de Maomé – ago. 1866, p. 311

CADIZ

mesas falantes ditam livro em – abr. 1868, p. 180

ÍNDICE GERAL

CAGLIOSTRO

prestidigitações de – abr. 1861, p. 175

CAILLEUX

desencarnação de – maio 1866, p. 200

fatos do enterro de – maio 1866, p. 201

vida de – maio 1866, p. 200

vidas passadas de – jul. 1866, p. 299

visão espiritual da desencarnação de – maio 1866, p. 208

CAIXA CENTRAL *ver também* Caixa geral do Espiritismo

dificuldade de execução de um – jul. 1866, p. 266

prudência com a criação de um – jul. 1866, p. 263

CAIXA DE BENEFICÊNCIA

formação da – jun. 1865, p. 229

CAIXA DE RAPÉ

aparição e – ago. 1859, p. 302

CAIXA DO ESPIRITISMO

donativo para o – mar. 1860, p. 116

primeiro fundo da – jun. 1865, p. 222

relatório da – jun. 1865, p. 221; dez. 1868, p. 507

CAIXA GERAL DO ESPIRITISMO

decisão da Senhora Allan Kardec sobre – maio 1869, p. 218

incerteza da cooperação financeira para o – jul. 1866, p. 270

inscrição da Sociedade Espírita de Rouen e – maio 1869, p. 221

lista das subscrições depositadas na – ago. 1869, p. 341

opinião pessoal de Allan Kardec sobre o – jul. 1866, p. 271

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

recursos para a constituição da – dez. 1868, p. 533
socorro para os espíritas pelo – jul. 1866, p. 261

CALIGRAFIA

Espírito dá lição de – jul. 1858, p. 304

CALOR

fluido universal e – set. 1865, p. 359

CALVINISTAS DAS CEVENAS

história da França e – fev. 1869, p. 87
história dos – fev. 1869, p. 87

CAMADAS GEOLÓGICAS

primeiras * da Terra – set. 1868, p. 358

CAMINHO DA VIDA, O

Obras Póstumas e – jun. 1869, p. 228

CAMPONÊS FILÓSOFO

capítulo sobre Deus no livro do – dez. 1865, p. 491
comentários de Allan Kardec sobre o – dez. 1865, p. 494
prefácio do livro do – dez. 1865, p. 490
publicação de livros por um – dez. 1865, p. 489
reflexões do* sobre a Criação – dez. 1865, p. 493

CAMPONESES E O CARVALHO, Os

Dombre, C., e – nov. 1861, p. 514

CÂNCER

tratamento espiritual de um – abr. 1860, p. 177, 180

CANIBALISMO *ver* Antropofagia

CANONIZAÇÃO

Santo Afonso de Liguori e sua – dez. 1858, p. 495

CANTATA ESPÍRITA

arte espírita e – ago. 1866, p. 342

ÍNDICE GERAL

CANTIANILLE, B...

visões da – ago. 1866, p. 321

CANU

carta sobre a incredulidade e – jan. 1861, p. 35; fev.

1861, p. 79

teoria fisiológica das comunicações e – fev. 1861, p. 81

CÃO

assombração assusta – out. 1866, p. 439

presença do Espírito é registrada pelo – jun. 1860, p. 258

sente a presença do dono desencarnado – maio 1860,

p. 206; jun. 1860, p. 258

virtudes do – jun. 1860, p. 259

CAPELA MARGAUX

sermões contra o Espiritismo e – fev. 1863, p. 71

CAPITÃO ESPÍRITA

histórias de um – set. 1862, p. 377

CAPMAT, PAULIN

Calabouço da Torre dos Pinheiros, O – maio

1868, p. 217

CARÁTER

influência do meio ambiente no – jul. 1869, p. 286

vícios de – maio 1866, p. 194

CARÁTER DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

Espiritismo e – fev. 1868, p. 101

CARÁTER INDIVIDUAL

valorização do – nov. 1863, p. 441

CARCASSONNE

Espírito batedor de – nov. 1863, p. 473

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

CÁRCERE *ver* Prisão

CARIDADE

abnegação e – jul. 1869, p. 270
abri vosso coração para – dez. 1865, p. 472
acepções da – set. 1862, p. 378
alma do Espiritismo – dez. 1868, p. 492
benefícios da prática da – set. 1863, p. 394
bom médium e – jul. 1863, p. 293
Cárta e a verdadeira – nov. 1864, p. 466
chave do céu e – ago. 1865, p. 340
comuna de Koenigsfeld e exemplo de – jul. 1865, p. 290
conceito de – ago. 1858, p. 337; ago. 1865, p. 336
conceito espírita de – dez. 1868, p. 493
coração espírita e – out. 1869, p. 433
diabo pratica a – nov. 1864, p. 468
discernimento na prática da – ago. 1858, p. 338
dissertação sobre a – abr. 1860, p. 193; fev. 1862,
p. 85, 89
druidismo e – abr. 1958, p. 167
esmola e – ago. 1858, p. 338
Espiritismo e – jul. 1858, p. 318; jun. 1863, p. 247
espírito de seita e – ago. 1858, p. 339
Evangelho e – ago. 1858, p. 336
exercício da * para com os desencarnados – ago.
1867, p. 331
fingimento e – abr. 1860, p. 194
humildade, fé e – mar. 1861, p. 147
inspiração espiritual e prática da – maio 1868, p. 196
Islamismo e – nov. 1866, p. 444
limites da – ago. 1865, p. 338
Monsenhor Lavigerie, bispo de Nancy – mar. 1867, p. 114
monumento à – jul. 1866, p. 273

ÍNDICE GERAL

neutralização do egoísmo pela – jul. 1865, p. 291
orgulho e – ago. 1858, p. 339
panteísmo e a questão da – nov. 1858, p. 449
prática da – ago. 1858, p. 337, 339; out. 1861, p. 456;
mar. 1863, p. 133
recompensa e – ago. 1864, p. 334
religião e – mar. 1863, p. 124
salvação do homem e – ago. 1865, p. 338
Sansón (Espírito) e – jan. 1863, p. 46
solidariedade e – ago. 1865, p. 336
teoria e prática da – abr. 1860, p. 165

CARIDADE CRISTÃ

Bizet e – jun. 1868, p. 244, 246
Espiritismo e reino da verdadeira – out. 1865, p. 411

CARIDADE ESPÍRITA

mérito da – out. 1869, p. 434

CARIDADE EVANGÉLICA

Ginet e a prática da – out. 1864, p. 436

CARIDADE MATERIAL

caridade moral e – out. 1860, p. 478
desencarnado pratica – mar. 1862, p. 120

CARIDADE MORAL

caridade material e – out. 1860, p. 478
conceito de – out. 1860, p. 479

CÁRITA

primeira visita de – dez. 1865, p. 472
Santa Irene, imperatriz, manifesta-se com o nome de
– fev. 1862, p. 85
visita a mãe – dez. 1865, p. 473
visita ao país da miséria e – dez. 1865, p. 472

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

CARLOS IX

comunicações espontâneas de – dez. 1859, p. 506
evocação de – dez. 1859, p. 507
massacre de São Bartolomeu e – set. 1858, p. 385, 386

CARLOS MAGNO

colégio de Chartres e o dia de – abr. 1866, p. 163
comunicação espírita e – mar. 1861, p. 149
propagação do Cristianismo e – jul. 1862, p. 304
reunião dos povos bárbaros e – jul. 1862, p. 308

CARLOS V

caráter de – dez. 1858, p. 519

CARLOTTI

Allan Kardec e – maio 1869, p. 187

CARTA A UMA SENHORA ESPÍRITA

D... e – nov. 1863, p. 471

CARTA ANÔNIMA

destino de uma – dez. 1862, p. 527; mar. 1864, p. 92

CARTA DE CONSTANTINOPLA

Repos, advogado, e – jul. 1861, p. 306

CARTA DE UN ESPIRITISTA

princípios da Doutrina Espírita, e – abr. 1867, p. 183

CARTA DO PRESIDENTE DA SOCIEDADE ESPÍRITA DO MÉXICO

Gourgues e – jul. 1861, p. 304

CARTA PASTORAL

ordenação da – nov. 1863, p. 462

CARTA SOBRE A INCREDELIDADE

Canu e – jan. 1861, p. 35

ÍNDICE GERAL

CARTA SOBRE O ESPIRITISMO

Tibulle Lang e – jan. 1863, p. 30

CARTAS

dificuldades em responder todas as – jan. 1860, p. 15

CARTAS DE MAQUIAVEL À GIRARDIN

princípios do Espiritismo e – out. 1869, p. 424

CARTAS REFUGADAS

aviso de – nov. 1867, p. 484

CARTAS SOBRE A RELIGIÃO

idéias espíritas e – set. 1869, p. 375

CASA ESPÍRITA *ver* Centro Espírita

CASAMENTO

conceito espiritual do – jul. 1862, p. 299

interesse financeiro e – fev. 1864, p. 63

leis humanas e – jul. 1862, p. 301

CASAS DE JOGO

proposta singular sobre – jul. 1865, p. 278

CASTEL DE CHARLES-IRÉNÉE

projeto da paz perpétua e – dez. 1867, p. 519

ressurgimento da palavra beneficência e – dez.
1867, p. 519

CASTIDADE

alma e – set. 1863, p. 389

reino da – set. 1863, p. 390

respeito da * nas crianças – set. 1863, p. 391

CASTLEREAGH

Londonderry, Lorde, e – jul. 1859, p. 290

suicídio de – jul. 1859, p. 291

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

CATACLISMOS

- caráter dos – nov. 1867, p. 480
- causas dos * fisiológicos – nov. 1868, p. 445
- periodicidade e causas dos – out. 1866, p. 431

CATACLISMOS MORAIS

- humanidades e – jul. 1869, p. 296
- utilidade dos – jul. 1863, p. 308

CATALEPSIA

- ciência espírita e – jan. 1866, p. 37
- conceito de – jun. 1869, p. 255
- consciência desperta e – out. 1868, p. 409
- estado consciente e – mar. 1866, p. 126
- estudo sobre a * voluntária – jun. 1860, p. 244
- hipnotismo e – jan. 1860, p. 23
- Jobard revisa sua teoria sobre a – mar. 1862, p. 112
- jovem da Suábia e – jan. 1866, p. 34
- mediunidade mental e – mar. 1866, p. 124
- Pedro Paulo Broca e – jan. 1860, p. 26
- Philippine Senger e – jun. 1858, p. 253

CATALÉPTICO

- faculdades anímicas do – jan. 1866, p. 35

CATARINA II

- sessão espírita em Heidelberg e – jun. 1866, p. 230
- tentativa de assassinato é avisada por – jun. 1866, p. 230

CATECISMO

- aulas de * para combate ao Espiritismo – set. 1862, p. 375
- contra o Espiritismo – jun. 1864, p. 245

CATEGORIA DE ESPÍRITOS

- identificação do Espírito na – ago. 1865, p. 334
- São Luís e designação da – ago. 1865, p. 334

ÍNDICE GERAL

CATHERINE

fenômenos de transporte e evocação de – maio
1861, p. 217

CATÓLICA

convertida ao Espiritismo critica a Igreja – maio
1862, p. 212

convertida ao Espiritismo escreve ao abade – maio
1862, p. 209

CATOLICISMO

panteísmo e – out. 1863, p. 433

CATÓLICO(S)

categorias de – set. 1862, p. 363, 364, nota

espírita fervoroso e bom – nov. 1860, p. 490

palavras do Espiritismo aos – set. 1867, p. 378

perseguição aos * que aceitam o Espiritismo – set.
1862, p. 373

CAUSA E EFEITO

inteligência e lei de – mar. 1860, p. 125

João Gaspar Lavater e – mar. 1868, p. 117

CAUSAS ANTERIORES DAS AFLIÇÕES

necessidade da reencarnação e – ago. 1865, p. 324

CAZENOVE DE PRADINES

resumo de O Livro dos Espíritos e – out. 1862, p. 410

CAZOTTE

evocação de – jan. 1861, p. 17, 57

CEGO DE NASCENÇA

existências anteriores e – fev. 1859, p. 81

magnetização e – fev. 1859, p. 81

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

CEGUEIRA

- expição e – jul. 1863, p. 305
- príncipe de Hohenlohe cura – dez. 1866, p. 498
- resignação e – jul. 1863, p. 305
- segunda vista e – mar. 1864, p. 103

CELLINI, BENEVENUTO

- estado errante e – abr. 1859, p. 151
- evocação e – abr. 1859, p. 150
- memórias de – abr. 1859, p. 152

CEMITÉRIO

- festa dos mortos e – dez. 1869, p. 513

CEMITÉRIOS PARISIENSES

- quadro que apresentam os – dez. 1869, p. 514

CENTRO ESPÍRITA

- atração dos Espíritos no – set. 1859, p. 345
- causas dos antagonismos no – abr. 1860, p. 161
- multiplicação de – jul. 1859, p. 272

CEPTICISMO

- origem do – jan. 1862, p. 47

CÉPTICO

- religião e – out. 1859, p. 384

CÉREBRO

- atuação do – fev. 1861, p. 82
- considerações sobre – mar. 1867, p. 99
- descrição anatômica do – abr. 1862, p. 143
- Doutrina Espírita e – nov. 1859, p. 428
- pensamento e – jan. 1861, p. 38; abr. 1862, p. 142
- procura da alma no – jul. 1865, p. 281
- sede do pensamento e – jun. 1859, p. 222

ÍNDICE GERAL

CÉSAR, JÚLIO

comunicações espontâneas de – dez. 1859, p. 502
renovação do Império Romano e – jul. 1862, p. 307
tática militar e disciplina – jul. 1862, p. 305

CÉU

Channing, William Ellery, e conceito de – jun. 1861,
p. 248, 250; out. 1861, p. 458
Claudio Ptolomeu e conceito de – mar. 1865, p. 97
conceito de – mar. 1865, p. 97; dez. 1869, p. 508
emudecimento das religiões sobre – mar. 1865, p. 99
felicidade da alma no – fev. 1865, p. 61
limites do – mar. 1865, p. 106
muçulmanos e conceito de – mar. 1865, p. 97
Padre Blot e conceito de – fev. 1864, p. 87
significado da palavra – abr. 1869, p. 149
teologia cristã e conceito de – mar. 1865, p. 97

CÉU E O INFERNO SEGUNDO O ESPIRITISMO, O

temor da morte e – nov. 1865, p. 447

CÉU E O INFERNO, O

dogma das penas eternas e – set. 1865, p. 380
exemplos e teoria de – set. 1865, p. 380
extrato do prefácio de – set. 1865, p. 377
no prelo – jul. 1865, p. 301
títulos dos capítulos de – set. 1865, p. 381
vida de além-túmulo e – set. 1865, p. 381

CÉU E TERRA

bibliografia e – dez. 1859, p. 520

CÉU E TERRA, LIVRO

astros e – fev. 1859, p. 80
Jean Reynaud e – fev. 1859, p. 80

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

CHANNING, WILLIAM ELLERY

- biografia de – jun. 1861, p. 245
- conceito de céu e – jun. 1861, p. 248, 250; out. 1861, p. 458
- discurso sobre a vida futura e – jun. 1861, p. 245
- pneumatografia e – maio 1860, p. 236

CHARENTON, HOSPÍCIO DE

- Thomas-Ignace Martin e – dez. 1866, p. 484

CHARLATANISMO

- características do – jan. 1868, p. 18
- confusão do * com Espiritismo – nov. 1865, p. 436
- credulidade e – maio 1860, p. 235
- crescimento do – jul. 1869, p. 281
- crítica dos adversários do Espiritismo e – jan. 1869, p. 35
- Espiritismo e – maio 1858, p. 231; fev. 1869, p. 70
- fenômeno mediúnico e – dez. 1866, p. 507
- garantia contra o – mar. 1859, p. 96
- habilidade e – mar. 1859, p. 96
- intelectuais influenciados pelo – ago. 1862, p. 312
- manifestações espíritas e – fev. 1862, p. 83
- médiuns americanos praticam – fev. 1862, p. 80
- prática da mediunidade confundida com – mar. 1866, p. 114
- visão a distância e – ago. 1867, p. 345

CHARLATÃO

- característica do – set. 1865, p. 372

CHARLATÃO FRANCÊS

- Squire, um verdadeiro – fev. 1862, p. 80

ÍNDICE GERAL

CHARLY, LOUISE

- Bela Cordoeira, A, e – dez. 1858, p. 517
- dados sobre – dez. 1858, p. 517
- descrição pelo médium Adrien da – dez. 1858, p. 518

CHARPIGNON

- obras sobre o perispírito e – jan. 1867, p. 31

CHASERAY, ALEXANDRE

- conferências sobre a alma por – set. 1868, p. 386

CHASSANG

- O espiritualismo e o ideal na arte e na poesia dos gregos – nov. 1868, p. 469

CHATEUABRIAND

- O tempo presente – fev. 1860, p. 105

CHAUDRUC-DUCLOS

- Adrien, médium vidente, e – jan. 1859, p. 36
- Diógenes e – jan. 1859, p. 36, 39
- evocação de – jan. 1859, p. 35, 38
- existências anteriores e – jan. 1859, p. 35, 38
- ocupações pessoais de – jan. 1859, p. 36
- orgulho e – jan. 1859, p. 37
- Palais-Royal e – jan. 1859, p. 37
- qualidades e – jan. 1859, p. 38, 41
- reencarnação e – jan. 1859, p. 39
- retrato de – jan. 1859, p. 35, 39, 41

CHAUNY, DEPARTAMENTO DE AISNE

- movimento espírita na cidade de – fev. 1862, p. 65

CHAUVET

- Novos princípios de filosofia médica – dez. 1866, p. 520

CHAVAUX

- Manifestações espontâneas de Marselha e – abr. 1865, p. 168

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

CHAVE DO CÉU

caridade e – ago. 1865, p. 336, 340

CHAVE, CLÉMENT DE LA

Siamora, a Druidesa – mar. 1860, p. 147

CHEFE DO ESPIRITISMO

autoridade moral e o – dez. 1868, p. 516

como escolher o – dez. 1868, p. 517

eleito por Deus – dez. 1868, p. 519

escolha pelos grupos espíritas do – dez. 1868, p. 520

CHÉNIER, ANDRÉ

comunicação espontânea de – mar. 1861, p. 117

Émile Deschanel e – mar. 1861, p. 117

CHÉRIBON

Espíritos na residência de – jan. 1859, p. 39

CHESNEL, FRANÇOIS

artigo de – maio 1859, p. 196

comunicação espírita e – maio 1859, p. 196

Espiritismo e – jul. 1859, p. 287

Espiritualismo e – maio 1859, p. 197, 199

fatos espiritualistas e – maio 1859, p. 200

Igreja Católica e – maio 1859, p. 197

médium espiritualista e – maio 1859, p. 199

necromancia e – maio 1859, p. 196

refutação ao artigo de – maio 1859, p. 201

resposta à réplica de – jul. 1859, p. 287

CHIARA

possessos de Morzine e – maio 1863, p. 190, 192

CHOPIN

erraticidade e – maio 1859, p. 188, 190

evocação de – maio 1859, p. 188

ÍNDICE GERAL

felicidade e – maio 1859, p. 188
Mozart (Espírito) e – maio 1859, p. 188
mundos transitórios e – maio 1859, p. 190
produções musicais de – maio 1859, p. 189

CHORO PELOS MORTOS

veracidade do Espiritismo e – mar. 1865, p. 112

CIDADES ÁRABES

origens históricas das – ago. 1866, p. 306

CIÊNCIA

á-bê-cê da – jul. 1859, p. 266
ajuda dos Espíritos no desenvolvimento da – set.
1865, p. 358
anomalia e – ago. 1858, p. 321
aparecimento do Espiritismo após a – set. 1867, p. 364
ateísmo e – set. 1867, p. 397
causa espiritual dos sonhos e – jul. 1865, p. 281
chave da – fev. 1859, p. 61
cogumelo gigante e – ago. 1858, p. 323
conceito de – jan. 1958, p. 23
condições da Humanidade e progresso da – fev. 1865,
considerações sobre – jul. 1869, p. 297
constituição íntima dos corpos e – mar. 1866, p. 103
diferença entre * e Filosofia – jul. 1869, p. 297
divergências na – ago. 1858, p. 323
encadeamento racional e – set. 1867, p. 364
erros das doutrinas do paraíso e – mar. 1865, p. 97
erros oficiais da – mar. 1869, p. 124
Espiritismo e – ago. 1858, p. 322; jun. 1859, p. 226;
mar. 1867, p. 142
Espiritismo e – abr. 1862, p. 151
fatos maravilhosos e – out. 1862, p. 399

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

gérmen das verdades e – set. 1867, p. 365
hipnotismo e futuro da – jan. 1860, p. 23
idéias religiosas e – mar. 1860, p. 120
indiferença da * sobre os sonhos – jul. 1865, p. 281
infallibilidade da – fev. 1867, p. 61
infallibilidade da Igreja é negada pela – set. 1864, p. 360
maravilhoso e as descobertas da – out. 1862, p. 400
mulher astuciosa e – jun. 1867, p. 234
objeto de estudo da – set. 1867, p. 363
obra coletiva – abr. 1866, p. 140
pesquisa da * descobre a alma – jul. 1868, p. 307
reciprocidade entre * e Espiritismo – set. 1867, p. 363
religião e progresso da – jul. 1864, p. 277
sábios europeus e – abr. 1867, p. 152
tempo e progresso da – abr. 1958, p. 151
transformação religiosa e – set. 1863, p. 358
união do Espiritismo à – jul. 1868, p. 290

CIÊNCIA DE OBSERVAÇÃO

enganos da – jun. 1859, p. 226
Espiritismo e – fev. 1863, p. 82

CIÊNCIA ESPÍRITA

aprendizagem da – mar. 1860, p. 126
ciência materialista e – maio 1858, p. 198
desenvolvimento e futuro da – jan. 1860, p. 16
elemento material e – set. 1869, p. 357
espelhos mágicos e – out. 1864, p. 390
Espiritismo e – mar. 1859, p. 100; set. 1867, p. 362
estudo da – jan. 1863, p. 14
evocação misteriosa e – abr. 1861, p. 166
fé, Espiritismo e – fev. 1865, p. 64
mediunidade e progresso da – maio 1865, p. 213

ÍNDICE GERAL

milagre e – out. 1859, p. 382
mudança das condições das manifestações e – abr.
1865, p. 155
obras-primas por via mediúnica e – fev. 1865, p. 71
observação dos fatos e progresso da – fev. 1865, p. 69
superstição e – jan. 1859, p. 18
texto bíblico e – jul. 1859, p. 288
utilidade de testemunhos de fenômenos para – abr.
1865, p. 160

CIÊNCIA FILOSÓFICA

Espiritismo e – set. 1863, p. 358

CIÊNCIA HUMANA

objetivo da – jul. 1859, p. 264

CIÊNCIA INFUSA

Espírito mistificador e – nov. 1860, p. 486

CIÊNCIA MODERNA

estudo da – nov. 1859, p. 425

CIÊNCIA OFICIAL

estudo assíduo da – fev. 1859, p. 57

CIÊNCIA POSITIVA

Espiritismo e – nov. 1864, p. 429
espíritos galhofeiros e – nov. 1859, p. 425

CIÊNCIAS NATURAIS

fenômenos das – jan. 1859, p. 12
inexistência da alma e – ago. 1868, p. 321

CIÊNCIAS VULGARES

matéria e – jun. 1859, p. 227

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

CIENTISTA

missão do – set. 1860, p. 410

CIPRIANO, SÃO

mistérios do Espiritismo pagão e – jan. 1868, p. 35

CÍRCULO

sentido da palavra – set. 1868, p. 371

CÍRCULO DA MORAL ESPÍRITA DE TOULOUSE

extrato da Ata do Conselho de Administração do – jan. 1869, p. 18

Projeto de Constituição e – jan. 1869, p. 17

CÍRCULO DE ABRED

conceito de – abr. 1958, p. 167

CÍRCULO ESPÍRITA AMOR E CARIDADE

fidelidade às obras de Allan Kardec e – abr. 1864, p. 157

CÍRCULO ESPÍRITA DE TOURS

discurso do presidente Chauvet e – fev. 1863, p. 89

CÍRCULO PARISIENSE DA LIGA DE ENSINO

constituição oficial do – jul. 1869, p. 294

objetivo do – set. 1869, p. 389

programa do – set. 1869, p. 388

CIRCUNCISÃO

Maomé e – nov. 1866, p. 433

CIRO

emancipação da alma e – maio 1864, p. 216

instruções de * aos seus filhos – maio 1864, p. 216

vida além da morte e – maio 1864, p. 216

CIRURGIA SEM DOR

Vilpeau e a história de uma – jul. 1868, p. 309

ÍNDICE GERAL

CISMA

Espiritismo e – abr. 1864, p. 140
fraquezas humanas e – dez. 1868, p. 512

CISMA DO ORIENTE

comunicação com os Espíritos e – fev. 1864, p. 86

CIVILIZAÇÕES CLÁSSICAS *ver também* Grecos e romanos

egoísmo e – mar. 1866, p. 121

CLAIRE

progresso de um Espírito perverso e – abr. 1861, p. 193

CLAREZA, A

Espírito de Verdade, Espiritismo e – fev. 1867, p. 87

CLARIVIDÊNCIA

ação da * dos Espíritos na cura – set. 1865, p. 359
astúcia, conluio e – set. 1867, p. 399
desprendimento do Espírito e – out. 1865, p. 389
necessidade de qualquer objeto na – out. 1865, p. 389
sonambulismo e – nov. 1858, p. 472

CLARIVIDÊNCIA SONAMBÚLICA

causa da – maio 1859, p. 203

CLASSE MÉDICA

divisão da – out. 1859, p. 393
magnetismo e – out. 1859, p. 393

CLASSE OPERÁRIA

Allan Kardec e – out. 1860, p. 436, 437
influência do Espiritismo na – maio 1860, p. 203

CLASSE RURAL

aceitação das idéias espíritas na – set. 1860, p. 385

CLASSES SOCIAIS

propagação do Espiritismo e – set. 1858, p. 368

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

CLASSIFICAÇÃO DOS ESPÍRITOS

- base da – mar. 1958, p. 71
- caracteres marcantes na – abr. 1869, p. 149
- origem da – mar. 1958, p. 72
- relatividade da – mar. 1958, p. 72

CLÉMENT, ERNEST

- debate sobre o Espiritismo – abr. 1866, p. 163

CLEMENTE XIV

- Padre Ambrósio e – jul. 1858, p. 299

CLERO

- comprovação da posição do – dez. 1863, p. 486
- idéias materialistas e – out. 1863, p. 397
- posição do Espiritismo ante o – dez. 1863, p. 492
- reprovação ao Espiritismo e – dez. 1863, p. 485

CLIMA ESPIRITUAL

- conjunto de pessoas e – dez. 1862, p. 490

CLOROFÓRMIO

- influência do uso de * na fisiologia e na filosofia – out. 1868, p. 409, nota

CLÓVIS

- expansão do Cristianismo nas Gálias e – jul. 1862, p. 305

COBRIR-SE DE SOMBRAS

- significado da expressão – maio 1868, p. 191

CODEMBERG, GÉRARD DE

- comunicação com a mãe do Cristo e – abr. 1859, p. 158
- condição espiritual de – jun. 1862, p. 260
- espíritos imperfeitos e – jun. 1862, p. 261
- Espírito perturbador e – abr. 1859, p. 158
- evocação de – abr. 1859, p. 158
- opinião sobre as penas futuras e – abr. 1859, p. 160

ÍNDICE GERAL

COGUMELO GIGANTE

ciência e – ago. 1858, p. 323

COISAS ESPIRITUAIS

inteligência e concepção das – maio 1864, p. 183

sentido especial e a compreensão das – maio 1864, p. 181

CÓLERA

companhia espiritual e – maio 1868, p. 195

comunicações sobre – nov. 1865, p. 450

COLETIVISMO

formação de um mundo pelo – ago. 1868, p. 33

COLISEU, O

Dante (Espírito) e – out. 1861, p. 458

COLOMBO, CRISTÓVÃO

cartas de – ago. 1864, p. 325

descrição dos indígenas mexicanos por – ago. 1864, p. 326

COMBATE

necessidade do * e fé – jan. 1865, p. 51

COMBATE AO ESPIRITISMO

causas do – jan. 1867, p. 17

Igreja e as formas de – jul. 1864, p. 295

Luis Figuier e – set. 1860, p. 406

razões do – abr. 1862, p. 178

COMBATENTES DO ESPIRITISMO

características dos – set. 1864, p. 363

orientação aos – jan. 1860, p. 19

COMÉDIA HUMANA, A

vida do Espírito encarnado e – mar. 1867, p. 136

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

COMEMORAÇÃO DOS MORTOS

comunicação coletiva e – mar. 1867, p. 119

COMETA

morada dos seres vivos e – jul. 1869, p. 303

COMETTANT, OSCAR

Allan Kardec e – dez. 1859, p. 461

descrença nos Espíritos e – ago. 1860, p. 371

COMISSÃO CENTRAL

atribuições da – dez. 1868, p. 525, 527

caixa de socorro da – dez. 1868, p. 535

composição da – dez. 1868, p. 522

direção central do Espiritismo pela – dez. 1868, p. 521

disponibilidade dos membros da – dez. 1868, p. 531

divergências na – dez. 1868, p. 523

duração da – dez. 1868, p. 534

fiscalização dos atos administrativos da – dez.
1868, p. 525

publicações a cargo da – dez. 1868, p. 534

subsistência da – dez. 1868, p. 532

COMO E POR QUE ME TORNEI ESPÍRITA

J. B. Borreau, Prof. – dez. 1864, p. 526

COMOÇÃO

mudança radical da Humanidade e – out. 1866, p. 389

vidas passadas e – set. 1866, p. 381

COMPLEXO DE CULPA

visão dos mortos e – maio 1860, p. 232

COMPOSITOR TERRA-A-TERRA

reflexo das composições do – mar. 1869, p. 135

COMPOSTOS QUÍMICOS

geração espontânea e a formação de novos – jul.
1868, p. 291

COMTE, AUGUSTE

filosofia de – out. 1868, p. 426

COMUNA DE KOENIGSFELD

encarnação de Espíritos inferiores na – jul. 1865, p. 292
mundo de regeneração e – jul. 1865, p. 291
mundo futuro em miniatura e – jul. 1865, p. 290
solidariedade universal e – jul. 1865, p. 290

COMUNHÃO DE IDÉIAS

estabelecimento de * entre espíritas – set. 1867, p. 384

COMUNHÃO DE PENSAMENTOS

ajuda aos encarnados e desencarnados pela – dez.
1868, p. 487
aumento da força da vontade na – dez. 1868, p. 486
conceito de – dez. 1864, p. 474; dez. 1868, p. 484
efeitos físicos e psicológicos causados pela – dez.
1868, p. 485
Jesus nos falou da importância da – dez. 1868, p. 488
relações entre encarnados e desencarnados e – dez.
1868, p. 487
reuniões religiosas e – dez. 1868, p. 487
união e – dez. 1868, p. 486
universalidade da – dez. 1869, p. 515

COMUNICABILIDADE DOS ESPÍRITOS

desafio aos materialistas e – set. 1860, p. 416
irmãs gêmeas, As, e realidade da – out. 1869, p. 421
leis naturais e – set. 1864, p. 362
possibilidade da – mar. 1867, p. 127

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

racionalidade da – set. 1860, p. 410, 416; out. 1860,
p. 438; dez. 1862, p. 511

São João Crisóstomo e – fev. 1864, p. 87

utilização do médium para realização da – nov.

1869, p. 469

COMUNICABILIDADE MEDIÚNICA *ver* Comunicação com os
Espíritos

COMUNICAÇÃO COLETIVA

comemoração dos mortos e – mar. 1867, p. 119

processo de assimilação dos fluidos e – mar. 1867, p. 127

saturação de fluidos e – mar. 1867, p. 127

COMUNICAÇÃO COM OS ESPÍRITOS

benefícios da – set. 1867, p. 371

católicos e – set. 1862, p. 363

conversão ao Espiritismo depois da – jan. 1958, p. 48

Ermance Dufaux e – jan. 1958, p. 47

evolução das práticas da – fev. 1867, p. 70

exemplo de processo de * na China – fev. 1869, p. 59

importância da – jan. 1958, p. 44

objetivo providencial da – jan. 1869, p. 38

COMUNICAÇÃO DE MANGIN

Lápis, O – mar. 1867, p. 128

Papel, O – mar. 1867, p. 130

COMUNICAÇÃO DOS ESPÍRITOS *ver* Comunicação espiritual,
Comunicações mediúnicas

COMUNICAÇÃO ENTRE OS DOIS MUNDOS

segundo João Gaspar Lavater – abr. 1868, p. 151

COMUNICAÇÃO ESPIRITUAL *ver também* Comunicações
mediúnicas, Intercâmbio mediúnic

ÍNDICE GERAL

abstenção da – jan. 1859, p. 49
adivinhação e – jan. 1859, p. 16
ausência de visão e – set. 1859, p. 343
características da – set. 1859, p. 347; nov. 1859, p. 424
causa da dificuldade da primeira – abr. 1865, p. 154
causa da facilidade da primeira – abr. 1865, p. 155
Chesnel, François, abade, e – maio 1859, p. 196
conseqüências do desprezo pela – abr. 1866, p. 152
considerações sobre – nov. 1859, p. 426
Espiritismo e – abr. 1859, p. 132
Espiritismo sem – abr. 1866, p. 151
Espíritos inferiores e – nov. 1859, p. 426
explicação sobre – dez. 1859, p. 520
Helvétius e a mensagem Despertai – jun. 1861, p. 286
médiun e – abr. 1859, p. 146
opinião preconcebida e – maio 1859, p. 191
prós e contras da – abr. 1859, p. 160
recebimento de má – jan. 1859, p. 49
reconhecimento da * e abade D... – out. 1865, p. 395
Van Br... e – dez. 1859, p. 529

COMUNICAÇÃO PROVIDENCIAL DOS ESPÍRITOS

mediunidade e – fev. 1867, p. 89

COMUNICAÇÃO SÉRIA

instrução e – mar. 1859, p. 94

COMUNICAÇÃO(ÕES) ESPONTÂNEA(S)

Carlos IX e – dez. 1859, p. 506

Emily de Putron (Espírito) e – fev. 1865, p. 93

evocações e – set. 1859, p. 344

Gérard de Nerval e – mar. 1861, p. 139

Henri Murger e – mar. 1861, p. 137

incredulidade e * de Claudius – ago. 1867, p. 327

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Indústria, A, e – abr. 1859, p. 149
interesse das – out. 1863, p. 418
Júlio César e – dez. 1859, p. 504
Membro da família, Um, e – dez. 1859, p. 509
Olivier (Espírito) e – dez. 1859, p. 515
razões para desconfiar das – mar. 1862, p. 119
Rembrand e – dez. 1859, p. 508
Savonarola, monge, e – dez. 1859, p. 520
transmissão de – jul. 1861, p. 325
utilidade da – set. 1859, p. 345
Vicente de Paulo e – dez. 1859, p. 502

COMUNICAÇÕES APÓCRIFAS

influência das – abr. 1864, p. 143

COMUNICAÇÕES DE ALÉM-TÚMULO

detração e – mar. 1863, p. 128
revelação divina e – fev. 1863, p. 90
utilidade das – set. 1863, p. 375

COMUNICAÇÕES DIVERSAS

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e – dez.
1859, p. 515, 518, 520; jan. 1861, p. 15, 17, 20

COMUNICAÇÕES DOS ESPÍRITOS

A... – jul. 1867, p. 310
A... T... – out. 1862, p. 423
Abelardo – abr. 1860, p. 188; mar. 1867, p. 122
Abelardo e Heloisa – maio 1858, p. 213
Abraão Lincoln – mar. 1867, p. 115
Adam Smith – jun. 1860, p. 246
Adèle – abr. 1861, p. 194
Adèle de Clérambert – out. 1867, p. 411
Adolfo, bispo de Argel – abr. 1861, p. 185; ago. 1861,

ÍNDICE GERAL

p. 373; fev. 1862, p. 89
Adrien Berbrugger – set. 1869, p. 382
Alfred de Musset – jun. 1860, p. 286, 287; dez. 1860,
p. 531, 559; jul. 1861, p. 328; jun. 1866, p. 246; mar.
1867, p. 122
Alfred Leroy – abr. 1861, p. 182
Alfred Musset – abr. 1859, p. 167
Allan Kardec – maio 1869, p. 221; jun. 1869, p. 257;
set. 1869, p. 374; out. 1869, p. 431; nov. 1869, p. 460,
461; dez. 1869, p. 490
Alphonse de Lamartine – abr. 1869, p. 170
Amadeus Mozart – maio 1858, p. 216, 220; maio
1859, p. 187
Anaïs Gourdon – jun. 1861, p. 270
André – fev. 1866, p. 70
André Chénier – mar. 1861, p. 117
Angèle Rouget – ago. 1862, p. 343
Anjo-da-guarda de V... – jul. 1860, p. 308
Antigo carreteiro, Um – dez. 1859, p. 510
Antoine Demeure – abr. 1865, p. 159
Antônio – nov. 1862, p. 468
Antonio B... – set. 1861, p. 394
Aquele que ontem era um homem – jul. 1864, p. 296
Assassino de Castelnudary, Charles Dupont – fev.
1860, p. 89, 92, 101
avarento da Rua do Forno, O – jan. 1869, p. 48
Badet – jul. 1858, p. 278
Baltazar – nov. 1860, p. 497; dez. 1860, p. 546
Baltazarini – jul. 1865, p. 271
Baluze – fev. 1862, p. 74; dez. 1865, p. 506, 507, 510,
598; maio 1866, p. 196; fev. 1868, p. 75

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Balzac – mar. 1867, p. 124
Barão Clootz – maio 1868, p. 216
Barbara – jan. 1867, p. 41
Barbaret – jul. 1862, p. 306; out. 1862, p. 434
Barcelona, bispo de – ago. 1862, p. 320
Basílio – dez. 1859, p. 504
Benvenuto Cellini – abr. 1859, p. 150
Béranger – jan. 1862, p. 48; mar. 1867, p. 121, 124
Bernard – out. 1869, p. 433; nov. 1869, p. 465
Bernard Palissy – abr. 1858, p. 171; ago. 1858, p. 347;
dez. 1858, p. 509
Bernardin – jun. 1862, p. 263
Bernardin de Saint-Pierre – set. 1861, p. 387; mar.
1867, p. 123
Bernardo – maio 1862, p. 188
Bertrand – jul. 1858, p. 304; mar. 1861, p. 128
bispo não-identificado – set. 1864, p. 376
Boileau – mar. 1867, p. 125
Bonnamy, pai – mar. 1866, p. 120
Bonfond – mar. 1867, p. 124; dez. 1868, p. 503
Bossuet – ago. 1861, p. 371; mar. 1867, p. 126
Brunat – nov. 1869, p. 467
Buffon – set. 1861, p. 379, 386
Byron – ago. 1861, p. 368
Cailleux – maio 1866, p. 207; jun. 1866, p. 239
Cardeal Wiseman – jul. 1865, p. 296
Cárita – fev. 1862, p. 85; nov. 1864, p. 466; dez. 1865,
p. 472; abr. 1867, p. 179
Carlos IX – dez. 1859, p. 506
Carlos Magno – mar. 1861, p. 149
Carrière – mar. 1862, p. 123

ÍNDICE GERAL

Casimir Delavigne – jul. 1866, p. 301; mar. 1867, p. 122
Cassimir Delavigne – ago. 1866, p. 338
Castel de Charles-Irénée, abade de Saint-Pierre – dez.
1867, p. 520
Catherine – maio 1861, p. 217
Cauvière – mar. 1860, p. 139, 141
Cazotte – jan. 1861, p. 56, 58
Cécile Monvel – set. 1863, p. 389
Celima, O tambor de Beresina – jul. 1858, p. 289
Ch. De Saint-G... – jun. 1860, p. 261
Channing – maio 1860, p. 237; ago. 1860, p. 374; nov.
1860, p. 511; set. 1869, p. 390; dez. 1869, p. 517
Charles Barbara – jan. 1867, p. 41
Charles Dupont (Espírito de Castelnaudary) – mar.
1860, p. 137
Charles Fourier – abr. 1869, p. 174
Charles Nodier – dez. 1860, p. 564, 567
Charles-Emmanuel Jean – maio 1866, p. 194
Charles-Julien Leclerc – jan. 1867, p. 49
Charlet – jun. 1860, p. 259; jul. 1860, p. 320
Chateaubriand – fev. 1860, p. 105
Claire – dez. 1860, p. 555; abr. 1861, p. 193
Clara Rivier – mar. 1863, p. 129
Clary D... – mar. 1858, p. 97
Claudius – ago. 1867, p. 327
Clèlie Duplantier – out. 1867, p. 421; fev. 1868, p. 89;
nov. 1868, p. 445, 473; mar. 1869, p. 121; ago. 1869,
p. 350; out. 1869, p. 397, 420
Clémence Guérin – nov. 1861, p. 521
controle da lógica e razão nas – abr. 1869, p. 150
Convulsionária – maio 1860, p. 224

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Corneille – mar. 1867, p. 123
correspondente de Luxemburgo – maio 1860, p. 240
Costeau – out. 1863, p. 406; dez. 1864, p. 491
Crary D. – mar. 1858, p. 97
Cura Bizet – jun. 1868, p. 245
d’Ambel, guia de – ago. 1864, p. 327
D. – out. 1867, p. 437
D..., abade – out. 1865, p. 395
D...morre de susto dado pelo Espírito – fev. 1860, p. 99
Dante – out. 1861, p. 458
Dante Alighieri – jun. 1865, p. 260
Dauban – dez. 1868, p. 501
Davi – jun. 1862, p. 247
De Cosnac – abr. 1866, p. 173
De Courson – nov. 1868, p. 477
Dégenettes – ago. 1865, p. 315
Delphine de Girardin – ago. 1860, p. 374; out. 1860,
p. 480; nov. 1860, p. 504, 509; dez. 1860, p. 561, 563;
maio 1861, p. 238; out. 1863, p. 427; dez. 1868, p. 502
Demeure – mar. 1865, p. 119; ago. 1865, p. 341; nov.
1865, p. 450; maio 1866, p. 209; jun. 1866, p. 236, 243;
mar. 1867, p. 120; out. 1867, p. 440; nov. 1868, p. 447
Descartes – mar. 1867, p. 125
Désiré Légglise – maio 1862, p. 218
Dirkse Lammers – dez. 1859, p. 498
Dollet – nov. 1861, p. 469
Doutor Barry – out. 1868, p. 434
Doutor Xavier – mar. 1858, p. 138
Ducornet – jan. 1869, p. 51
Dupuch, bispo de Argel – fev. 1868, p. 84
E. Quinemant – out. 1867, p. 438
Ebelman – maio 1866, p. 188; set. 1866, p. 373

ÍNDICE GERAL

Edouard Pereyre – set. 1861, p. 408
Elisabeth de França – mar. 1862, p. 139
Emily de Putron – fev. 1865, p. 93
Emma D.. – mar. 1861, p. 140
Emmanuel Swedenborg – nov. 1859, p. 444
Erasto – jun. 1861, p. 278; ago. 1861, p. 355, 358,
363; set. 1861, p. 392; abr. 1862, p. 159, 178; jul. 1862,
p. 287; nov. 1862, p. 478; maio 1863, p. 223; jul. 1863,
p. 307; dez. 1863, p. 507; jan. 1864, p. 32; mar. 1864, p.
100; ago. 1864, p. 327; fev. 1865, p. 75; jul. 1865, p. 288;
fev. 1868, p. 81, 88
Erasto e Timóteo – jul. 1861, p. 322
Ernestine Dozon – out. 1867, p. 437
Esopo – mar. 1867, p. 123
Espírito batedor de Carcassonne – jun. 1866, p. 247;
ago. 1869, p. 353
Espírito dançarino – fev. 1860, p. 65
Espírito de Castelnaudary – jan. 1860, p. 57
Espírito de criança – ago. 1866, p. 329
Espírito de Verdade – abr. 1860, p. 186; mar. 1862,
p. 133; jul. 1862, p. 303; dez. 1864, p. 533
Espírito do jovem idiota – jan. 1861, p. 51
Espírito familiar – set. 1863, p. 392, 394; out.
1863, p. 430
Espírito proprietário, Um – fev. 1869, p. 79
Espírito protetor – jan. 1863, p. 48; mar. 1866, p. 126
Espírito protetor do médium – out. 1861, p. 455; jul.
1864, p. 299
Espírito protetor, Um – fev. 1865, p. 69, 77
Estelle Riquier – fev. 1860, p. 103
Eugène Scribe – out. 1861, p. 447
Eugène Sue – mar. 1867, p. 121, 126

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

F. D. – fev. 1863, p. 97
falibilidade das – abr. 1869, p. 145, 150
Fátima – dez. 1858, p. 515, 519
Felícia – maio 1861, p. 240; jun. 1861, p. 282; fev.
1862, p. 88
Fénelon – jul. 1861, p. 330; out. 1861, p. 454; fev. 1863,
p. 93; jan. 1865, p. 50; mar. 1867, p. 123; fev. 1868, p. 74
Ferdinand – maio 1861, p. 241
Filha do Pêcheux – abr. 1860, p. 193
finalidade das – abr. 1869, p. 150
Flandrin – mar. 1867, p. 122
Foulon – mar. 1865, p. 111, 113
Francisco de Sales – abr. 1860, p. 190; nov. 1860, p. 515
François Arago – abr. 1862, p. 164; mar. 1867, p. 121,
124; out. 1864, p. 431
François E. – maio 1867, p. 203
François Pâris, diácono – nov. 1859, p. 455; dez.
1859, p. 532
François Riquier – ago. 1862, p. 342
François-Nicolas Madeleine – abr. 1863, p. 182;
dez. 1863, p. 495
François-Simon Louvet – mar. 1863, p. 126
Fredegunda – jan. 1864, p. 34
Frédéric Soulié – jan. 1859, p. 43; fev. 1859, p. 82
Frederico – ago. 1859, p. 327
Gabriel, anjo do Senhor – jun. 1861, p. 285
Galileu – set. 1862, p. 387; out. 1863, p. 429; set.
1868, p. 360
Gay – dez. 1868, p. 503
General Bertrand – mar. 1867, p. 120
General Brune – mar. 1867, p. 120
Gênio, O – maio 1867, p. 224

ÍNDICE GERAL

Georges – jun. 1860, p. 260, 283; out. 1860, p. 461, p. 463, 464, 466, 469, 471, 472, 476, 477; nov. 1860, p. 516; jan. 1861, p. 59; fev. 1861, p. 100; maio 1861, p. 242; jun. 1861, p. 287; abr. 1862, p. 158; jul. 1862, p. 294; ago. 1862, p. 333, 334; out. 1863, p. 407; maio 1865, p. 211

Georges (Espírito familiar) – jun. 1860, p. 284

Georges, bispo de Périgueux – fev. 1862, p. 87

Gérard de Nerval – jan. 1861, p. 55; fev. 1861, p. 102; mar. 1861, p. 139; jun. 1861, p. 286; jul. 1861, p. 326; set. 1861, p. 389

Germaine – jan. 1865, p. 21

Girard de Codemberg – abr. 1859, p. 158; abr. 1862, p. 168

Glas – maio 1861, p. 224

Goethe – jun. 1859, p. 240

Gui – dez. 1865, p. 501, 504, 505

guia da senhora Mally – ago. 1859, p. 322

Guia do médium – dez. 1865, p. 488

Guilaumin – dez. 1868, p. 497

Guillaume Remone – nov. 1862, p. 443

Guttemberg – abr. 1864, p. 163, 169

H. Dozon – mar. 1866, p. 126; dez. 1868, p. 495

Hahnemann – jan. 1864, p. 30

Halévy – mar. 1869, p. 136

Hattani, elemental – mar. 1860, p. 150

Heloísa – mar. 1867, p. 122

Helvétius – jun. 1861, p. 286

Henri Mondeux – jun. 1861, p. 265

Henry – nov. 1861, p. 519

Hippolyte Fourtoul – ago. 1862, p. 346; out. 1862, p. 428

Hobach – dez. 1864, p. 488

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Hoche, general – set. 1859, p. 364
Homero, poeta grego – nov. 1860, p. 493
Horace Gridley – nov. 1858, p. 468
Humboldt – jun. 1859, p. 232; mar. 1867, p. 133
Ida Pfeiffer – mar. 1859, p. 126
Irmã Rosália – out. 1860, p. 478
J. B. D... – fev. 1861, p. 89
J. Méry – ago. 1866, p. 337
J. Sanson – maio 1862, p. 185, 187, 189; jun. 1862,
p. 240; nov. 1862, p. 477; dez. 1864, p. 486
J.J. Rousseau – mar. 1867, p. 124
Jacquard – mar. 1864, p. 124, 126
Jacques – ago. 1862, p. 323
Jacques de Molé – abr. 1864, p. 171
Jacques Latour – out. 1864, p. 416; nov. 1864, p. 444,
446, 447
Jacques Noulin – nov. 1862, p. 453
Jardin – maio 1860, p. 221
Jean de la Bruyère – abr. 1862, p. 171
Jean Jacques Rousseau – dez. 1868, p. 499
Jean Reynaud – ago. 1863, p. 347; jul. 1864, p. 300;
mar. 1867, p. 121
Jean-Jacques Rousseau – ago. 1861, p. 370
Jeannet (Espírito perturbador da Rua Noyers) – ago.
1860, p. 352
Jesus – set. 1868, p. 396
João Evangelista – dez. 1864, p. 485; fev. 1868, p. 86
João Huss – set. 1869, p. 372
João, discípulo – jul. 1863, p. 306
João, o Evangelista – abr. 1864, p. 176
Jobard – mar. 1862, p. 108, 111, 117; abr. 1863, p. 180;
dez. 1864, p. 497, 499, 500, 503, 504; abr. 1868, p. 171;

ÍNDICE GERAL

dez. 1868, p. 502
Joinville, Amy de Loys – abr. 1860, p. 187
Joseph de Maistre – abr. 1867, p. 155
Joseph Méry – jul. 1866, p. 289
jovem camponesa e – dez. 1865, p. 487
Jules – jun. 1864, p. 229, 232, 234, 237, 239; set.
1864, p. 373
Jules Michel – abr. 1861, p. 187
Jules Morin – nov. 1860, p. 505
Jules P... – jul. 1861, p. 300
Júlia – jan. 1858, p. 42; mar. 1858, p. 42
Juliene-Marie – ago. 1864, p. 333, 335
Júlio César – dez. 1859, p. 504
L. Nivard, pai – nov. 1868, p. 463
La Fontaine – jun. 1863, p. 265
La Rochefoucault – mar. 1867, p. 125
Lacordaire – mar. 1862, p. 134; ago. 1865, p. 336; mar.
1867, p. 125, 134; fev. 1868, p. 76
Lafayette – mar. 1867, p. 121
Lafontaine – mar. 1867, p. 123
Lalouze – dez. 1864, p. 489
Lamennais – ago. 1860, p. 378; out. 1860, p. 482; nov.
1860, p. 507, 512, 518; dez. 1860, p. 566; maio 1861,
p. 240; jun. 1861, p. 284; set. 1861, p. 377, 388; dez. 1861,
p. 562; fev. 1862, p. 73, 94; mar. 1862, p. 137; abr. 1862,
p. 177; maio 1862, p. 215; jun. 1862, p. 250; jul. 1862,
p. 304; ago. 1862, p. 348; out. 1862, p. 436; maio 1863,
p. 224, 225; jul. 1863, p. 308; set. 1863, p. 387; out. 1863,
p. 428; dez. 1863, p. 518; jul. 1864, p. 297; jul. 1865,
p. 287, 290, 299, 300; mar. 1867, p. 125; fev. 1868, p. 80
Launay, visconde de – set. 1861, p. 382
Lavater – maio 1868, p. 199; ago. 1869, p. 322

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Laverdet, abade – maio 1866, p. 190
Lázaro – ago. 1860, p. 375; nov. 1860, p. 513; fev. 1862,
p. 73, 91, 92; abr. 1862, p. 176; out. 1863, p. 432; dez.
1863, p. 516
Leão X – fev. 1861, p. 100
Leclerc – maio 1867, p. 221; out. 1867, p. 436; dez.
1868, p. 502
Lemaire – mar. 1858, p. 128
Lemaire, assassino – dez. 1859, p. 474
Léon – maio 1861, p. 218
Léon de Muriane – nov. 1862, p. 473, 475
Léon J... – fev. 1861, p. 99
Lespinasse – maio 1862, p. 200
Louis David – jun. 1864, p. 229, 233
Louis Nivard – jan. 1869, p. 50
Louis-Henri – dez. 1864, p. 510, 513
Louquinho de Bayonne, O – jan. 1859, p. 32
Louvet, François-Simon – mar. 1863, p. 126
Lucas – dez. 1859, p. 505
Luís – fev. 1869, p. 74
Luís de França – mar. 1866, p. 129; maio 1866, p. 216;
fev. 1867, p. 89
Luís de França e o camponês filósofo – dez. 1865, p. 495
Luís Desnoyers – abr. 1869, p. 166, 168
Luís G... – set. 1858, p. 398
Luís XI – jun. 1858, p. 236
Luís XVI – mar. 1867, p. 120
Luos – abr. 1861, p. 195
Luta dos Espíritos para voltar ao bem e – jul. 1867,
p. 310
M*** – jun. 1860, p. 258
M. J... – set. 1859, p. 368

ÍNDICE GERAL

M... L... – dez. 1865, p. 497, 499
Madame Staël – nov. 1858, p. 463
Makariosenagape – abr. 1868, p. 155
Malabar, viúva de – dez. 1859, p. 473
Mangin – mar. 1867, p. 128, 130; dez. 1868, p. 503
Marcillac – jun. 1861, p. 280
Mardoché R... – mar. 1861, p. 142
Mardochée – ago. 1861, p. 374; out. 1861, p. 460
Margarida – dez. 1862, p. 520, 521, 524
Margarite Aeder – fev. 1860, p. 98
Maria G... – jul. 1866, p. 261
Martin – mar. 1867, p. 125
Massillon – nov. 1860, p. 508, 517
Massilon – abr. 1861, p. 192; out. 1861, p. 457; mar.
1867, p. 126
Maximiliano V... – maio 1862, p. 201
Mehemt-Ali – abr. 1858, p. 182; nov. 1858, p. 457
Mesmer – jan. 1864, p. 21; out. 1864, p. 408; maio
1865, p. 217, 219; mar. 1867, p. 120
Meyerbeer – mar. 1867, p. 121
Michel François – dez. 1859, p. 500
Milton – abr. 1862, p. 164
Moisés, Platão e Juliano – abr. 1860, p. 191
Moki – maio 1865, p. 216; ago. 1865, p. 325; set. 1865,
p. 365; jun. 1866, p. 232; ago. 1866, p. 333
Molière – mar. 1867, p. 124
Montaigne – fev. 1868, p. 83
Moral Lavallée – abr. 1869, p. 162
Morel Lavallée – fev. 1867, p. 97; ago. 1869, p. 345
Morrison – jun. 1858, p. 256
Mulher suicida – jul. 1862, p. 295

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Não-identificado – out. 1858, p. 429; nov. 1858, p. 460;
dez. 1858, p. 507; jan. 1860, p. 30, 43; fev. 1860, p. 107;
abr. 1860, p. 185; jun. 1860, p. 263, 270; dez. 1860,
p. 549, 557; jul. 1862, p. 298; jan. 1864, p. 45; abr. 1864,
p. 159; dez. 1864, p. 490, 492; jul. 1866, p. 294; jan. 1868,
p. 47, 50; fev. 1868, p. 78; jul. 1868, p. 277
Napoleão – mar. 1867, p. 120
Negro pai César, O – jun. 1859, p. 242
Newton – mar. 1867, p. 121
Nicolas Poussin – mar. 1862, p. 131
Nivrac – maio 1862, p. 197
Novel – dez. 1860, p. 554
objetivo das – set. 1859, p. 368
Oficial do exército da Itália, Um – set. 1859, p. 362
Oficial superior morto em Magenta, Um – jul.
1859, p. 283
Olivier – dez. 1859, p. 515
Padre Ambrósio – jul. 1858, p. 300, 303
Pai Crépin, O – out. 1859, p. 412
Pai do médium – fev. 1864, p. 72
Pamphile (Espírito protetor) – jun. 1866, p. 252; ago.
1869, p. 320
parábola da avareza – abr. 1860, p. 189
Pascal – out. 1861, p. 462; maio 1865, p. 205, 209, 214;
mar. 1867, p. 125
Paul Gaimard – mar. 1859, p. 104
Paul Scarron – nov. 1860, p. 514
Pauline – mar. 1861, p. 134
Paulo – abr. 1866, p. 170
Paulo (Espírito protetor) – abr. 1862, p. 166
Paulo de Tarso – jan. 1864, p. 22

ÍNDICE GERAL

Paulo I – mar. 1868, p. 124
Paulowitch – nov. 1865, p. 457
Pedro – jun. 1865, p. 239
Pequena Cárta – jun. 1864, p. 230, 233, 236, 241;
set. 1864, p. 374
períodos do Espiritismo e – dez. 1863, p. 507
Peyra, Dom, prior de Amilly – ago. 1861, p. 342
Philippeau – maio 1868, p. 207
Pierre Ange – ago. 1862, p. 349
Pierre Dupont – fev. 1860, p. 96
Pierre Jouty – out. 1861, p. 451
Pierre Legay – nov. 1864, p. 452, 454, 457
Plácido – dez. 1868, p. 503
Platão – mar. 1867, p. 123
Plínio, o moço – mar. 1859, p. 126
pobre Mary, A – maio 1862, p. 214
Poitevin – abr. 1859, p. 160
príncipe de Hohenlohe, abade – dez. 1866, p. 501;
out. 1867, p. 428, 433
Privat D’Anglemon – dez. 1859, p. 488, 494
provas terrestres dos homens em missão – maio
1867, p. 222
Quinemant – jun. 1867, p. 256
Racine – mar. 1867, p. 124
Rainha de Oude – mar. 1858, p. 133
Reflexões de Erasto – set. 1861, p. 397
Rembrand – dez. 1859, p. 508
Remone – nov. 1862, p. 450
Réné de Provence – fev. 1861, p. 105
Reynaud – mar. 1859, p. 110
Robert de Luzarches – abr. 1864, p. 167

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Rossini – jan. 1869, p. 53; mar. 1869, p. 127, 129
S. Swetchine – nov. 1860, p. 514
Saint-Paul, marquês de – jun. 1861, p. 262
Sam – ago. 1860, p. 359
Samaritana, suicida da, e – dez. 1859, p. 480
Samuel Hahnemann – ago. 1863, p. 351
Sanson – jan. 1863, p. 46
Santa Tereza – nov. 1860, p. 511
Santa Vitória – maio 1868, p. 208
Santo Afonso de Liguori – dez. 1858, p. 495
Santo Agostinho – fev. 1862, p. 76; mar. 1862, p. 136;
abr. 1862, p. 174, 179; maio 1862, p. 216, 225; jul. 1862,
p. 294, 295; ago. 1862, p. 324, 345; set. 1862, p. 391; jul.
1863, p. 309; ago. 1863, p. 320; nov. 1863, p. 477; nov.
1864, p. 461; dez. 1864, p. 492; jun. 1866, p. 254
São Bento – abr. 1860, p. 197; jul. 1865, p. 273; nov.
1865, p. 457; fev. 1866, p. 70
São Domingos – nov. 1861, p. 470
São João Batista – nov. 1862, p. 448, 450
São José – dez. 1863, p. 490; fev. 1868, p. 73
São Luís – mar. 1858, p. 94, 120, 123; maio 1858,
p. 218; jun. 1858, p. 235; jul. 1858, p. 275; set. 1858,
p. 395, 397; out. 1858, p. 424; nov. 1858, p. 455; dez.
1858, p. 499; jun. 1859, p. 232, 243; ago. 1859, p. 301,
325; set. 1859, p. 341; out. 1859, p. 404, 406; fev. 1860,
p. 86, 92; mar. 1860, p. 151; abr. 1860, p. 158; jun.
1860, p. 248; ago. 1860, p. 350, 365, 376; set. 1860,
p. 395; jan. 1861, p. 49; fev. 1861, p. 98; jul. 1862,
p. 288; maio 1863, p. 195, 198; nov. 1863, p. 476; jul.
1865, p. 285, 289; mar. 1866, p. 127; mar. 1867, p. 122,
126; out. 1867, p. 439; fev. 1868, p. 79, 90; ago. 1868,

ÍNDICE GERAL

p. 340; dez. 1868, p. 503
São Luís, Santo Agostinho – jan. 1859, p. 43
São Vicente de Paulo – ago. 1858, p. 335; dez. 1859,
p. 532; abr. 1860, p. 189
Schwabenhau – set. 1858, p. 388
Sibour – mar. 1867, p. 126
Sílvio Pellico – jan. 1869, p. 45
Simeão, por Mathieu – out. 1863, p. 424
Slener – mar. 1867, p. 127
Sócrates – mar. 1861, p. 151; mar. 1867, p. 123
Sonnet – out. 1862, p. 433; fev. 1869, p. 65
Sonnez – nov. 1865, p. 467; fev. 1867, p. 87
Staël – mar. 1860, p. 152; ago. 1861, p. 375
Suicida da Samaritana – jun. 1858, p. 259
surda-muda de nascença – mar. 1860, p. 143
Tertuliano – maio 1861, p. 231
Teu anjo-da-guarda – jul. 1862, p. 289; mar. 1863, p. 142
Teu Espírito familiar – nov. 1861, p. 520
Teu Espírito protetor – mar. 1863, p. 126
Thilorier – ago. 1860, p. 362, 373
Tua filha – fev. 1860, p. 106
Um amigo – abr. 1860, p. 195
Um dos vossos guias espirituais – set. 1868, p. 365
Um Espírito – abr. 1862, p. 164; dez. 1864, p. 495; jun.
1866, p. 227; mar. 1867, p. 131; ago. 1867, p. 336; mar.
1868, p. 142; abr. 1868, p. 186
Um Espírito – set. 1869, p. 386
Um Espírito de fé – maio 1868, p. 227
Um Espírito familiar – abr. 1860, p. 196
Um Espírito poeta – jun. 1866, p. 245
Um Espírito protetor – mar. 1863, p. 140; set. 1864,

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

p. 377, 384; maio 1866, p. 212
Um Espírito travesso – mar. 1859, p. 120
Um filósofo do outro mundo – jun. 1863, p. 267
Um membro da família – dez. 1859, p. 509
Um operário do curso Lieutaud – ago. 1867, p. 330
utilidade das – dez. 1863, p. 480
V. de B. – jan. 1863, p. 45
Vaucanson – mar. 1864, p. 128; abr. 1864, p. 172
Verdade, A – mar. 1862, p. 116
Vézy – dez. 1868, p. 502
Vianey, cura d' Ars – jul. 1863, p. 304
Vicente de Paulo – dez. 1859, p. 502
Victor Hugo, Sra. – dez. 1868, p. 501
Viennois – maio 1863, p. 222
Viennois, Philibert – maio 1863, p. 206
Vignal – mar. 1860, p. 142
Vignal, encarnado – mar. 1860, p. 131
Viúva F.. – out. 1866, p. 412
Voldemar R... – nov. 1865, p. 457
Voltaire – maio 1862, p. 223; mar. 1867, p. 123
Voltaire e Frederico – ago. 1859, p. 327
Voltaire e Wolsey – set. 1859, p. 355
Vossa avó – abr. 1860, p. 197
Vosso Espírito protetor – out. 1861, p. 456
Vosso guia espiritual – set. 1865, p. 374
Vosso Guia Protetor – abr. 1862, p. 163
Vossos guias – jun. 1864, p. 230; jun. 1865, p. 240
Vossos guias espirituais – abr. 1862, p. 162
Wilhelm – nov. 1860, p. 506; maio 1861, p. 243
X... – dez. 1858, p. 491
Xavier – mar. 1858, p. 138

ÍNDICE GERAL

Zénon – out. 1860, p. 474

Zuavo de Magenta, O – jul. 1859, p. 276

COMUNICAÇÕES ELEVADAS

bons Espíritos e – mar. 1859, p. 93

COMUNICAÇÕES ESCRITAS

Espíritos enganadores e – set. 1859, p. 351

Espíritos malévolos e – set. 1859, p. 351

oração e – set. 1859, p. 351

COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS *ver também* Comunicações
mediúnicas

Abade Dégenettes e prova das – ago. 1865, p. 316

análise da razão nas – maio 1865, p. 207

batidas e – jun. 1860, p. 255

benefício das – dez. 1869, p. 523

características das – ago. 1861, p. 374

censura às – dez. 1869, p. 523

confirmação das * por Desl... – maio 1860, p. 201

consolação, esperança, alegria e – abr. 1866, p. 156

controle das – out. 1861, p. 445

critérios a serem observados para as publicações das
– jun. 1862, p. 267

dança das mesas e – jan. 1858, p. 31

diversidade das – ago. 1858, p. 326

estilo das boas – out. 1862, p. 434

evolução da forma das – ago. 1868, p. 326

finalidade das – jan. 1862, p. 30

fluidos espirituais, materiais e – fev. 1865, p. 77

forma de controle das – abr. 1864, p. 141

François Franckowski e – out. 1863, p. 418

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

globo de cristal e – mar. 1860, p. 109
idéias preconcebidas e – maio 1865, p. 205
identificação do nome-tipo do grupo espiritual nas
– ago. 1865, p. 333
identificação na ordem de São Luís – ago. 1865, p. 335
identificação pessoal nas – ago. 1865, p. 335
importância da identidade dos Espíritos nas – fev.
1865, p. 76
Manual de Xéfolius, O, e – ago. 1865, p. 332
mesas falantes e – jan. 1858, p. 31
mundos habitados e – mar. 1858, p. 115
necessidade da análise-crítica das – maio 1860, p. 202
negação das – abr. 1860, p. 186
nomenclatura das – jan. 1858, p. 33
observações sobre as – dez. 1861, p. 539
origem da diversidade das – abr. 1866, p. 154
origem das provas das – ago. 1868, p. 333
posição da Igreja sobre – fev. 1865, p. 60
preservação das – maio 1865, p. 212
provas contra a realidade das – fev. 1865, p. 74
publicidade das – jan. 1862, p. 30
recusa dos Espíritos superiores às – fev. 1865, p. 77
rejeição das * é ingratidão – abr. 1866, p. 154
tiptologia e – jan. 1858, p. 30
universalidade das – nov. 1861, p. 505
valor das – out. 1860, p. 452
Vauchez e – abr. 1865, p. 176
veracidade das – fev. 1861, p. 94

COMUNICAÇÕES EXTRACORPÓREAS

opinião sobre – jun. 1858, p. 268

COMUNICAÇÕES MEDIÚNICAS *ver também* Comunicações
espíritas

- assistência de Espíritos superiores e – jun. 1860, p. 264
aproveitamento das más – fev. 1859, p. 60
bom-senso diante das – out. 1860, p. 447
bons médiuns e más – fev. 1859, p. 60
caráter das boas – jul. 1860, p. 327
combinação fluídica e – nov. 1862, p. 449
complexidade das – mar. 1860, p. 146
condição mental do médium e – ago. 1864, p. 327
condição para apreciação das – maio 1863, p. 218
condições e leis das – maio 1858, p. 217
critério para publicações das – maio 1863, p. 221
critérios da SPEE para aceitar as – mar. 1860, p. 114
cuidados de São Luís e – jan. 1860, p. 58
dificuldade na interpretação do pensamento – mar.
1864, p. 130
dificuldades do Espírito para realizar – mar. 1862, p. 111
difusão das – maio 1863, p. 219
dúvidas do médium dificulta – mar. 1862, p. 108
Espírito e escolha do médium para – mar. 1864, p. 126
Espírito escolhe médium para – maio 1860, p. 227
Espírito inferior recebe ajuda do mentor em – ago.
1860, p. 354
Espírito inspirado durante – jun. 1860, p. 266
Espírito se manifesta violento em – set. 1860, p. 394
Espíritos presunçosos e – maio 1863, p. 221
Espíritos pseudo-sábios e – maio 1863, p. 221
Espíritos sérios e técnicas de – ago. 1858, p. 332
evolução na qualidade das – maio 1863, p. 218
exame das * que nos são enviadas – maio 1863, p. 217
Fauvety e as – ago. 1868, p. 332

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

garantia de boas – mar. 1860, p. 143
identificação do Espírito durante – fev. 1860, p. 68
importância da simpatia recíproca em – mar. 1862, p. 111
indignidade e más – fev. 1859, p. 60
influência das idéias e tradições do médium em – maio
1868, p. 200
influências nas – fev. 1859, p. 60
Jobard e as * concordantes – dez. 1864, p. 496
linguagem do pensamento em – mar. 1860, p. 145
mecanismos das – maio 1858, p. 217
meio de controlar o valor das – out. 1860, p. 449
melindres dos médiuns pelas críticas às – jun.
1862, p. 233
mensagem dada pelo avesso em – dez. 1864, p. 525
mistura de pensamentos e – maio 1860, p. 239
necessidade de bem examinar as – set. 1860, p. 425
origem das más – maio 1863, p. 217
pancadas, arranhaduras e – jun. 1858, p. 247
passos para boas – fev. 1860, p. 77
pedras de tropeço para – fev. 1859, p. 59
posição em que fica o Espírito nas – abr. 1864, p. 151
provas incontestáveis das – ago. 1868, p. 329
prudência com – fev. 1868, p. 72
prudência com as assinaturas nas – jan. 1862, p. 35
prudente reserva com as – nov. 1860, p. 492
relações fluídicas e – jul. 1866, p. 295
revelações de segredos pelas – ago. 1868, p. 328
seleção das – maio 1863, p. 219
silêncio, recolhimento e – set. 1860, p. 391
simultaneidade de – mar. 1860, p. 113; set. 1860, p. 384
SPEE recusa determinadas – set. 1860, p. 382
transmissão em cadeia e – mar. 1860, p. 145

ÍNDICE GERAL

COMUNICAÇÕES OBSCENAS

Erasto (Espírito) e – ago. 1861, p. 356

COMUNICAÇÕES PARTICULARES

identidade dos Espíritos nas – jul. 1866, p. 292

CONCEPÇÕES DO ESPÍRITO

três grandes – mar. 1869, p. 132

CONCÍLIO DE VIENA

alma e – jun. 1863, p. 241

CONCORDÂNCIA DAS DATAS

fenômenos de ordens moral e física e – jul. 1868, p. 277

princípio da – jul. 1868, p. 277

CONCÓRDIA, A

Amardochée (Espírito) e – ago. 1861, p. 374

CONDE OTÁVIO, O

princípios da Doutrina Espírita e – jul. 1869, p. 290

CONDESSA DE MONTE CRISTO, A

idéias espíritas no romance-folhetim – maio 1868, p. 211

CONDESSA DE RUDOFSTADT

George Sand e – jan. 1867, p. 33

CONDESSA MATHILDE DE CANOSSA, A

romance legendário – fev. 1860, p. 79

CONDIÇÃO SOCIAL

tendências espirituais e – dez. 1862, p. 518

CONFERÊNCIAS DE CHAVÉE

Espiritismo e – jun. 1868, p. 255

CONFISSÃO DE FÉ

Voltaire faz sua – maio 1862, p. 223

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

CONFISSÃO ESPÍRITA

Pagès e sua – dez. 1866, p. 517

CONFLAGRAÇÃO UNIVERSAL

previsão de – nov. 1868, p. 473

CONFLITO DE IDÉIAS

Espiritismo e rude prova de – jun. 1865, p. 257

necessidade e resultado do – jun. 1865, p. 257

CONFÚCIO

virtudes dos Espíritos e – jan. 1868, p. 34

CONGRESSO

constituição de – dez. 1868, p. 523

CONHECIMENTO

ensino do * e razão – mar. 1860, p. 120

Espíritos e limitações do – ago. 1860, p. 374

trabalho e conquista do – out. 1868, p. 434

CONHECIMENTO DE SI MESMO

orgulho e – jun. 1863, p. 265

CONHECIMENTO DOS ESPÍRITOS

limites do – jan. 1862, p. 38; abr. 1864, p. 153; abr. 1866, p. 146

limites naturais no – ago. 1868, p. 332

CONHECIMENTO HUMANO

transmissão paulatina do – maio 1865, p. 215

CONQUISTADOR POLÍTICO

progresso dos povos e – jul. 1862, p. 304

CONSCIÊNCIA

ação do Espiritismo sobre a – nov. 1863, p. 469

advertências da – ago. 1867, p. 336

ÍNDICE GERAL

animais e – jul. 1860, p. 314
atividade da – out. 1869, p. 410
efeitos produzidos pela – ago. 1867, p. 336
estado de * após a morte – maio 1863, p. 223
homem e sua – abr. 1860, p. 194
intuição e voz da – set. 1863, p. 370
liberdade de * e Espiritismo – jan. 1863, p. 37
livre-arbítrio e – out. 1863, p. 431
orgulho e voz da – ago. 1867, p. 337
orgulho, humildade e – out. 1863, p. 417
rebeldia à voz da – ago. 1867, p. 336
remorso e – out. 1861, p. 457
verdadeira religião e – set. 1866, p. 353
voz da verdade e – jan. 1859, p. 42
voz interior e – dez. 1859, p. 509

CONSELHO

aproveitamento de – nov. 1860, p. 517
Espírito de Verdade e – abr. 1860, p. 186
para as mães educarem seus filhos – jul. 1864, p. 302

CONSOLAÇÃO

Espiritismo e – mar. 1861, p. 134
materialista, espírita e – jun. 1861, p. 277

CONSOLADOR

Espírito de Verdade e – set. 1867, p. 368, 376

CONSPIRAÇÃO CONTRA O GOVERNO

espíritas acusados de – set. 1862, p. 372

CONSTANTINOPLA

combate ao Espiritismo em – jul. 1864, p. 278
perseguição aos espíritas em – jul. 1864, p. 286

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

quadro mediúnico na exposição de – jul. 1863, p. 287
verdadeiro Espiritismo em – jul. 1864, p. 282

CONSTITUTIONNEL E PATRIE

fenômenos de aparição – out. 1858, p. 43

CONSUELO

George Sand e – jan. 1867, p. 33

CONTEMPLAÇÕES CIENTÍFICAS

Camille Flammarion e – dez. 1869, p. 525

CONTOS DE NATAL

Taxile Delort e – mar. 1867, p. 109

CONTOS PARA AS MINHAS AMIGUINHAS

Sophie Gras e – jun. 1869, p. 261

CONTRADIÇÕES

desenvolvimento intelectual e – ago. 1858, p. 331

CONTROLE UNIVERSAL

força do Espiritismo e – maio 1864, p. 193

CONTROVÉRSIA, A

Bossuet (Espírito) e – ago. 1861, p. 371

CONVERSA ESPÍRITA

raridade e banalidade da – maio 1863, p. 218

CONVERSÃO AO ESPIRITISMO

católica confessa à Igreja sua – maio 1862, p. 210

CONVERSAS DE ALÉM-TÚMULO

Clara Rivier e – mar. 1863, p. 129

CONVERSAS MESMERIANAS

A. Bauche – nov. 1869, p. 480

ÍNDICE GERAL

CONVICÇÃO ESPÍRITA

características da verdadeira – dez. 1869, p. 486

CONVICÇÕES

Mundo Espiritual e permanência das – jan. 1860, p. 51

CONVULSIONÁRIAS

causas das crises das – maio 1860, p. 225

seita das – maio 1860, p. 223

sofrimentos voluntários e as – maio 1860, p. 224

CONVULSÕES DA HUMANIDADE

versos de Lamartine e – jan. 1869, p. 42

CONVULSÕES SOCIAIS

objetivo das – out. 1869, p. 402

COPO

espelho mágico em forma de – out. 1864, p. 392

movimento do – jun. 1858, p. 240

CORDÃO FLUÍDICO

sono e – mar. 1860, p. 132

CORES

segunda vista e as – mar. 1864, p. 105

CORPO E O ESPÍRITO, O

poema espírita – jul. 1864, p. 302

CORPO ESPIRITUAL *ver* Perispírito

CORPO ETÉREO *ver* Perispírito

CORPO FÍSICO

agêner e – fev. 1859, p. 67

desprendimento da alma do – maio 1858, p. 195

destino da matéria do * após a morte – maio 1865, p. 184

disposições morais do Espírito e – mar. 1869, p. 101

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

distinção da vida além do – fev. 1865, p. 56
Espírito sofre a influência do – jan. 1866, p. 17
faculdade de ver e – mar. 1859, p. 114
faculdades do Espírito e – mar. 1859, p. 112
habitantes de Júpiter e – ago. 1858, p. 349
indagações sobre o – fev. 1869, p. 77
materialistas, panteístas e – fev. 1864, p. 73
miasmas deletérios e morte do – nov. 1865, p. 449
momento da criação do – jan. 1862, p. 18
morte do – maio 1859, p. 175
necessidades do – jan. 1859, p. 35
necessidades do * e progresso – fev. 1864, p. 74
origem da modelagem e aperfeiçoamento do – mar.
1869, p. 99
origem do – nov. 1863, p. 444
perispírito e – abr. 1864, p. 148
princípio inteligente e – abr. 1865, p. 138
rapaz de Londres e – fev. 1859, p. 67
recém-desencarnado agradece ao seu – maio 1862, p. 186
reencarnação e influência do – abr. 1862, p. 149
renovação do * e manutenção da individualidade – fev.
1864, p. 73
separação entre * e perispírito – dez. 1859, p. 476
sonho e – jan. 1860, p. 35
sublimação da matéria e – maio 1865, p. 214
transfiguração e – mar. 1859, p. 98
utilidade da destruição do – abr. 1865, p. 139
utilidade recíproca entre * e alma – nov. 1867, p. 479
vantagem do sofrimento no – mar. 1858, p. 133
vida espiritual e – abr. 1865, p. 138
visão espiritual e – maio 1864, p. 183

ÍNDICE GERAL

CORPO FLUÍDICO

crença do Espírito na tangibilidade do – fev. 1869, p. 74

CORPO HUMANO

Allan Kardec e a origem do – jul. 1868, p. 289

CORPO SEMIMATERIAL *ver* Perispírito

CORPOS CELESTES

duração das revoluções dos – out. 1868, p. 431

influência que exercem no homem os – out. 1868, p. 433

influenciam a Terra – out. 1864, p. 431

leis que regem a influência recíproca dos – out.
1868, p. 432

CORPOS DA NATUREZA

composição dos – mar. 1866, p. 99

CORPOS IMPONDERÁVEIS

Natureza e – mar. 1866, p. 102

CORPOS INERTES

suspensão dos – mar. 1858, p. 86

CORPOS ORGÂNICOS

conservação e transformação dos – abr. 1865, p. 139

CORPOS PESADOS

isolamento dos – mar. 1858, p. 86

CORPOS PONDERÁVEIS

Natureza e – mar. 1866, p. 102

CORRENTES FLUÍDICAS

coisas do mundo material e – out. 1868, p. 434

Mundo Espiritual e – jun. 1866, p. 243

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

CORRESPONDÊNCIA DE UM IRMÃO VIVO AO IRMÃO MORTO

B... e – abr. 1865, p. 151

expressão de fé e – abr. 1865, p. 156

CORRESPONDÊNCIA EXPEDIDA

A. Sabó – set. 1862, p. 381

Allan Kardec – ago. 1867, p. 353

Allan Kardec a Morhéry – jan. 1862, p. 54

Allan Kardec a Deschanel Émile – mar. 1861, p. 119

Gazette de Lyon – out. 1860, p. 433

Jobard – jul. 1858, p. 312

Não-identificado – jun. 1862, p. 251

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

A. Gassier – set. 1862, p. 366

A. M – out. 1869, p. 427

A. Sabò – mar. 1862, p. 123

Achille R... – ago. 1860, p. 369

Angelina de Ogé – jan. 1868, p. 43

Argélia, correspondente da – mar. 1866, p. 124; jun. 1868, p. 243

Arsène Gautier – out. 1862, p. 420

assinante da Revista Espírita – jul. 1860, p. 306

B. Repos Filho – jul. 1864, p. 284

B... – abr. 1862, p. 157

Barricand – jul. 1864, p. 263

Bonnamy – mar. 1866, p. 119

Bonnamy, juiz de instrução – mar. 1866, p. 117

Borraeus – ago. 1861, p. 348

Boulogne-sur-Mer, correspondente de – fev. 1866, p. 84

Boulonais, correspondente de – abr. 1868, p. 169

Brion d'Orgeval – jan. 1860, p. 48

C. Delhez – jun. 1862, p. 256

ÍNDICE GERAL

C... – fev. 1864, p. 85; mar. 1864, p. 102
Caen, correspondete de – maio 1868, p. 204
Canadá, correspondente do – fev. 1862, p. 78
capitão do exército da África – nov. 1868, p. 459
carta sobre a incredulidade, conclusão – fev. 1861, p. 79
Ch. L. L... – out. 1869, p. 427
Ch.Péreyra – out. 1864, p. 438
Chavaux – nov. 1864, p. 464
Conde de R... C... – jan. 1860, p. 29
Conde X... – abr. 1861, p. 189
correspondente de Sens – set. 1868, p. 357
correspondente de Varsóvia – maio 1861, p. 209
Courtois – ago. 1860, p. 371
D... – dez. 1862, p. 517
D..., condessa de Milão – set. 1860, p. 388
De Grand-Boulogne – ago. 1860, p. 343
Departamento do Haute-Marne – jun. 1864, p. 243
Dombre – out. 1862, p. 416; jun. 1864, p. 228; jun.
1867, p. 244
Dumas – jun. 1867, p. 255; maio 1868, p. 223
E. B. Labaune – ago. 1867, p. 352, 353
E. Bonnemère – nov. 1867, p. 443
E. Champneuf. – mar. 1868, p. 126
E. Edoux – ago. 1864, p. 331
Emilie Collignon – maio 1862, p. 209; jun. 1862, p. 259
Espanha, correspondente da – set. 1864, p. 357
espíritas de Lyon e de Bordeuax – set. 1862, p. 379
Euphrosine Bretal – out. 1862, p. 422
G. G... – jun. 1860, p. 258
Gauzy – maio 1862, p. 205
Grégory, Charles – jun. 1867, p. 236, 242
Gustave Zorn – out. 1869, p. 419

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Henri de Brenne – maio 1868, p. 221
Ilha Maurício, correspondente da – nov. 1868, p. 441
J. Chevalier – out. 1869, p. 429
J. Jaubert – nov. 1862, p. 467
J. Sanson. – maio 1862, p. 183
Jobard – jul. 1858, p. 309; jan. 1860, p. 47, 50; abr.
1860, p. 166; set. 1860, p. 418; maio 1861, p. 230; set.
1861, p. 402
Kratzoff – abr. 1860, p. 182
L. Guipon – mar. 1862, p. 122
Lyon, correspondente de – nov. 1864, p. 465
Macé, Jean – abr. 1867, p. 159
Manuel Gonzalez Soriano – mar. 1869, p. 104
Marius M. – jul. 1858, p. 315
Mateus – ago. 1861, p. 352
Mathieu – jun. 1860, p. 281; set. 1861, p. 398
médium de Maine-et-loire – out. 1862, p. 423
Metz, um espírita de – out. 1863, p. 436
Morhéry – abr. 1860, p. 175, 179; maio 1860, p. 214;
jun. 1860, p. 274
Nantes, correspondente de – ago. 1862, p. 331
Não-identificado – maio 1858, p. 211; dez. 1858, p. 493;
mar. 1860, p. 116; jan. 1862, p. 52; dez. 1862, p. 513
Nova Granada, correspondente de – out. 1868, p. 429
Pagès – dez. 1866, p. 517
Paris, correspondente de – nov. 1868, p. 466
Pauline Boulay – maio 1864, p. 203
Petit-Jean – set. 1868, p. 372
Pierre, professor – mar. 1860, p. 121
Porry de – jan. 1861, p. 15
Repos, advogado – jul. 1861, p. 306
Roustaing – jun. 1861, p. 253; jan. 1867, p. 54

ÍNDICE GERAL

S... – out. 1862, p. 420
S.C. Hall – jun. 1860, p. 254
Saigon, correspondente de – out. 1864, p. 412
Saint-Ponc, abade de – jun. 1864, p. 252
São Petersburgo, correspondente de – maio 1864, p. 213
sobre a incredulidade – jan. 1861, p. 35
Sociedade Espírita de Rouen – maio 1869, p. 220; out.
1869, p. 430
Sociedade Espírita do México – jul. 1861, p. 304
T. Jaubert – jan. 1866, p. 30
Um prisioneiro – fev. 1864, p. 67
Vosgues, correspondente da aldeia dos – set. 1862, p. 373
W. de F. – mar. 1868, p. 111
Wiesbaden, correspondente de – jul. 1862, p. 284
X..., abade – nov. 1864, p. 468

CORRESPONDÊNCIAS

Allan Kardec – jan. 1859, p. 11
B... – out. 1859, p. 400
Det... – out. 1859, p. 400
dificuldades de Allan Kardec em responder todas as –
mar. 1862, p. 99
Dumas – out. 1859, p. 401
L... – ago. 1859, p. 337
Morhéry – fev. 1859, p. 80
Pierre Le Flamand – maio 1859, p. 172
Plínio – mar. 1859, p. 123
Simon M... – nov. 1859, p. 449
teor das – mar. 1862, p. 100

CORRESPONDENTES DA REVISTA ESPÍRITA

dificuldades de responder aos – nov. 1862, p. 441

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

CORRIDAS DE CHANTILLY

Espiritismo e – jul. 1865, p. 275

médiuns, buena-dicha e – jul. 1865, p. 276

CORUÑA, LA, JORNAL DE BARCELONA

Auto-de-fé de Barcelona – dez. 1861, p. 552

COSMOGONIA

Lao-Tseu e – out. 1868, p. 414

COSNAC

nota sobre – abr. 1866, p. 174

COSTUMES ESPÍRITAS

estudos de – dez. 1862, p. 517

COURRIER DES ÉTATS-UNIS

letargia extática e – set. 1858, p. 386

COURRIER DU PALAIS

periódico – out. 1858, p. 432

CRÂNIO

conformação do * do feto – abr. 1862, p. 143

CRANIOSCOPIA

calota óssea e – jul. 1860, p. 297

conseqüências psicológicas da – jul. 1860, p. 298

Frenologia e – jul. 1860, p. 297

CRENÇA CEGA

superioridade dos Espíritos e – out. 1858, p. 408

CRENÇA ESPÍRITA

abjuração e – mar. 1863, p. 120

antigüidade da – out. 1859, p. 402

Cartas sobre a Religião e – set. 1869, p. 375

influência da * na música – jan. 1869, p. 53

ÍNDICE GERAL

oficial da Criméia e – nov. 1859, p. 452
predisposição à – jan. 1869, p. 26

CRENÇA NO DIABO

fé da Igreja e – fev. 1869, p. 74

CRENÇA NO ESPIRITISMO

adepto tímido e – set. 1858, p. 370
limites da – set. 1860, p. 400
personalidade e – set. 1858, p. 366

CRENÇA NOS ESPÍRITOS

maravilhoso, sobrenatural e – set. 1860, p. 395, 399

CRENÇAS

Espiritismo e – jan. 1859, p. 17
incompreensão das coisas e – out. 1864, p. 403
razão e – jan. 1859, p. 18
religião e – jan. 1859, p. 17
respeito que se deve ter pelas – jun. 1858, p. 273

CRENÇAS DOGMÁTICAS

Espiritismo e – jul. 1859, p. 289

CRENÇAS PASSADAS

fé cega e – mar. 1867, p. 134
respeito devido às – mar. 1867, p. 134

CRENÇAS POPULARES

idéias espíritas e – set. 1868, p. 371

CRENÇAS RELIGIOSAS

idéia de Deus e formação das – abr. 1867, p. 144
perseguição e – out. 1867, p. 403
transformação das – fev. 1867, p. 69
unidade espírita e história das – out. 1863, p. 433

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

CRENÇAS SUPERSTICIOSAS

prognóstico e – nov. 1867, p. 466

CRENDICES

Espiritismo e – set. 1860, p. 401

CRESCIMENTO MORAL

Humanidade e – out. 1866, p. 391

CRETINISMO

Espiritismo e – out. 1861, p. 453

lei de Deus e – out. 1861, p. 452

CRETINO

características – out. 1861, p. 451

Pierre Jouty e – out. 1861, p. 451

CRIAÇÃO

engrenagens da – jun. 1863, p. 231

CRIAÇÃO DA ALMA

doutrina da * no instante do nascimento – set.
1867, p. 372

CRIAÇÃO DIVINA

perfeição da – mar. 1864, p. 93

seres incompletos e – mar. 1864, p. 95

CRIAÇÃO DO HOMEM

Herrenschneider e – jun. 1868, p. 266

CRIAÇÃO DO UNIVERSO

Gênese e seis dias da – dez. 1863, p. 494

CRIAÇÃO DOS ESPÍRITOS

justiça divina na – abr. 1869, p. 151

CRIAÇÕES FLUÍDICAS

fenômeno das – mar. 1869, p. 115

ÍNDICE GERAL

formas exteriores do Espírito e – mar. 1869, p. 116
mistérios do mundo invisível e – nov. 1864, p. 459
pensamento e – set. 1865, p. 349; mar. 1869, p. 115
perispírito e – mar. 1869, p. 115
sobre as – maio 1865, p. 219

CRIANÇA

abuso de confiança da – set. 1863, p. 391
amas mercenárias e – jul. 1866, p. 261
amor dos pais e – fev. 1859, p. 78
aparência inocente da – fev. 1859, p. 78
caráter real da – fev. 1859, p. 78
Deus e a criação da – jan. 1862, p. 45
educação errada incentiva a * à goludice – fev.
1864, p. 59
Espírito batedor de Bergzabern – maio 1858, p. 200
frequência da mediunidade vidente na – set. 1865, p. 361
identificação de um Espírito de – jul. 1866, p. 294
influenciado por romance-folhetim comete suicídio –
maio 1862, p. 200
instinto incendiária em – jun. 1866, p. 221
necessidade de não aceder aos seus caprichos – fev.
1864, p. 59
notícia de uma * que criou o seu próprio idioma – nov.
1868, p. 462
possessos de Morzine e a – ago. 1864, p. 306
precoce – ago. 1866, p. 330
procedência do Espírito da – fev. 1859, p. 78
respeito da castidade na – set. 1863, p. 391
segredo da – fev. 1859, p. 77
sensualidade, egoísmo, paixões e – fev. 1864, p. 61
vidência em – set. 1866, p. 382

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

CRIANÇA AFETADA DE MUTISMO

Espiritismo e – fev. 1865, p. 66

CRIANÇA E A VISÃO, A

poesia espírita – jul. 1862, p. 289

CRIANÇA ELÉTRICA

causa das manifestações físicas da – abr. 1869, p. 163

manifestações físicas e – abr. 1869, p. 160

CRIANÇA PRECOCE

lenda sobre uma – set. 1866, p. 372

CRIANÇA PRODÍGIO

exemplos de – jun. 1869, p. 265

missão da – jan. 1861, p. 38

CRIANÇA SÃO-SIMONISTA

evocação de – jun. 1865, p. 253

CRIANÇA SUICIDA

situação espiritual de uma – maio 1862, p. 202

CRIANÇAS DEFICIENTES

família com todas as – set. 1864, p. 381

CRIATURA INTELIGENTE

guerra da – jun. 1859, p. 247

CRIME IMAGINÁRIO

Espírito sofre por – mar. 1860, p. 115

homem sofre por – mar. 1860, p. 114

CRIMÉIA

Mozart, Pascal e – dez. 1869, p. 505

CRIME

juízo divino e – mar. 1862, p. 139

ÍNDICE GERAL

CRIMINALIDADE

repressão policial e – nov. 1864, p. 447

CRIMINOSO

caridade para com o – mar. 1862, p. 137

influência terapêutica da música sobre o – set.
1864, p. 347

perdão e misericórdia para com o – mar. 1862, p. 139

preocupação com o futuro espiritual do – mar.
1866, p. 122

CRIPTA DE SAINT-LEU

Pasquier, chanceler e – out. 1859, p. 404

CRIPTÓGAMO COMESTÍVEL

cogumelo gigante é um – ago. 1858, p. 323

CRISÁLIDA ESPIRITUAL

alma e – maio 1865, p. 184

animais e – maio 1865, p. 184

perispírito e – maio 1865, p. 184

CRISE CONVULSIVA

Valentine Laurent, obsedada e – jan. 1865, p. 19, 22

CRISE NERVOSA

passes magnéticos e – out. 1859, p. 392

CRISES

transformação da Humanidade e – out. 1868, p. 435

CRISTALIZAÇÃO MENTAL

desencarnado mantém-se em – abr. 1866, p. 173

CRISTÃOS

razões do antagonismo entre muçulmanos e – nov.
1866, p. 442

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

CRISTIANISMO

Apolônio de Tiana e – out. 1862, p. 397, 409
arte espírita e – dez. 1860, p. 532
César, Clóvis, Carlos Magno e o – jul. 1862, p. 305
dogmas fundamentais do – out. 1865, p. 407
Espiritismo e – jun. 1860, p. 253; ago. 1860, p. 343; abr.
1861, p. 192; out. 1861, p. 436; abr. 1863, p. 165; nov.
1863, p. 476; jun. 1865, p. 255; fev. 1866, p. 58
Islamismo e – abr. 1858, p. 184; nov. 1866, p. 441
povo árabe e – nov. 1866, p. 433
prepostos de Jesus e – nov. 1860, p. 507
seitas do – out. 1865, p. 406
seitas que dividiram o – ago. 1866, p. 319
sobrenatural e – dez. 1861, p. 557, 560; jan.
1862, p. 45
Vienne, Lyon e – out. 1861, p. 446

CRISTO *ver também* Jesus

anúncio do – ago. 1863, p. 321
divindade do – jun. 1863, p. 240
Espiritismo e – jun. 1863, p. 239
Espírito Santo e – ago. 1863, p. 321
igualdade proclamada pelo – out. 1861, p. 441
lei de amor e – abr. 1865, p. 143
missão do – abr. 1865, p. 141
palavras e missão do – dez. 1863, p. 506
Rembrand e – dez. 1859, p. 508
sofrimento do – jun. 1863, p. 239
Voltaire e ataque ao – ago. 1859, p. 332

CRISTÓVÃO COLOMBO

comunicação de – ago. 1859, p. 334

ÍNDICE GERAL

CRITÉRIO CIENTÍFICO

substituído por critério espiritista – dez. 1868, p. 539

CRITÉRIO ESPIRITISTA

artigos do primeiro número da revista – dez. 1868, p. 540

CRÍTICA

Allan Kardec e – jul. 1859, p. 264

condições e critérios para fazer – jan. 1860, p. 18

espécies de – jul. 1859, p. 269

objeções de boa-fé e – nov. 1858, p. 444

CRÍTICA AO ESPIRITISMO

opinião pessoal e – out. 1860, p. 434

CRÍTICA DA IMPRENSA

abecê do Espiritismo e – jan. 1869, p. 38

injustiça e injúria da – out. 1865, p. 420

refutação à * contra o Espiritismo – nov. 1865, p. 438

CRÍTICO DO ESPIRITISMO

características do – fev. 1860, p. 83

condições necessárias para ser – set. 1860, p. 402

ignorância que têm o – set. 1866, p. 358

CROTON TIGLIUM

indicações para uso do – nov. 1868, p. 447

pinhão-da-índia e – nov. 1868, p. 444

CRUCIFICAÇÃO

explicação para a representação fisiológica da – jun.
1869, p. 253

CRUSOÉ, ROBINSON

princípios do Espiritismo e – mar. 1867, p. 111; set.
1867, p. 387

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

CRUZ, A

dissertação sobre a – fev. 1862, p. 94

CRUZADA ESPIRITUAL

ação da * contra o Espiritismo – dez. 1863, p. 512

CULPA

retorno ao Mundo Espiritual e – dez. 1860, p. 554

CULTO DOS ANTEPASSADOS

Siamora e o – mar. 1860, p. 148

CULTURA

divergência política e – ago. 1858, p. 328

divergências nas ciências e – ago. 1858, p. 328

informação e condicionamento à – ago. 1858, p. 327

CUPERTINO, SÃO

levitação e – out. 1859, p. 384; set. 1860, p. 404

CURA DE UMA FRATURA

ação fluídica na – nov. 1867, p. 472

assimilação fluídica e facilidade da – abr. 1865, p. 161

crença na obra do diabo em – set. 1865, p. 351

mecanismo da – set. 1865, p. 358

CURA DE UMA OBSEDADA EM BARCELONA

causa da suspensão das crises e – jun. 1865, p. 244

comunicação do obsessor e – jun. 1865, p. 239

condições para o êxito na – jun. 1865, p. 238

impotência da Ciência na – jun. 1865, p. 242

natureza do fluido na – nov. 1867, p. 470

CURA ESPIRITUAL

Désirée Godu e – jun. 1860, p. 275

dúvidas como se dá determinada – jun. 1860, p. 275

ÍNDICE GERAL

CURA FÍSICA

ação fluídica na – nov. 1867, p. 469

CURA MORAL

condições para obtenção da – jun. 1865, p. 241

CURA POR UM ESPÍRITO

aposição das mãos e poder de – jul. 1867, p. 276

CURA(S)

ação da eletricidade e do calor na – set. 1865, p. 359

ação da substância fluídica na – mar. 1868, p. 131

afinidades fluídicas e – nov. 1867, p. 468

carta relatando a – jun. 1865, p. 235

causas da – jun. 1867, p. 261

Delanne e * de médium doente – maio 1865, p. 200

Désirée Godu e – maio 1860, p. 215

fatores dos quais depende a – mar. 1868, p. 130

Henri Jacob relata como realizava a sua – mar.
1868, p. 141

hôtel de la Meuse e – out. 1866, p. 416

influência mediúnica e – out. 1866, p. 418

magnetização espiritual e – set. 1865, p. 352; jun.
1867, p. 261

médium camponês realiza – out. 1866, p. 415

método especial de – mar. 1860, p. 123

modos de reparação do organismo para a – mar.
1868, p. 132

natureza da doença e possibilidade de – mar.
1868, p. 131

número de * realizadas por Jacob – out. 1866, p. 421

obtenção da – jul. 1865, p. 286

pensamento, vontade e – out. 1866, p. 418

possibilidade de imaginação na – set. 1865, p. 357

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

príncipe de Hohenlohe realiza diversas – dez.
1866, p. 496
procedimentos de Jacob na realização da – out.
1866, p. 423
propriedades dos fluidos perispirituais e – set.
1865, p. 358
realizadas pela médium Désirée Godu – abr. 1860, p. 177
relato de * no grupo de Marmande – jun. 1867, p. 246
remédio espiritual * ferida – nov. 1862, p. 461
sonambulismo e – ago. 1862, p. 317
superstições e natureza da – out. 1866, p. 419
Tarragon, Tibulle e – fev. 1863, p. 95

CURA(S) INSTANTÂNEA(S)

condição necessária para obtenção da – jul. 1869, p. 279
considerações que se deve fazer sobre a – mar.
1868, p. 136
ensaio teórico das – mar. 1868, p. 129
princípios em que repousam as – mar. 1868, p. 135
princípios que regem as – mar. 1868, p. 133
realizadas por Jacob – out. 1866, p. 421

CURADOR TRIPOLITANO

Hassan, alcaide e – out. 1867, p. 418

CURANDEIRISMO

Rotonneau e prática do – ago. 1862, p. 313

CURAS DA FRANÇA

pregação do Espiritismo e – dez. 1863, p. 488

CURAS MEDIÚNICAS

diabo aumenta seu prestígio com as – nov. 1866, p. 462
Espiritismo e a repercussão das – jan. 1868, p. 17
leis naturais e limites das – nov. 1866, p. 463

ÍNDICE GERAL

CURSO CONTRA O ESPIRITISMO

abade Barricand oferece – maio 1864, p. 206

padre Delaporte oferece – maio 1864, p. 210

D

D'AMBEL

exéquias do – dez. 1866, p. 525, nota do T.

morte de – dez. 1866, p. 524

D'AURÉVILLY, BARBEY

Profetas do passado, Os – ago. 1866, p. 317

D'ORIENTE, A.

destinos da alma – nov. 1868, p. 481

DAMIS

discípulo de Apolônio de Tiana – out. 1862, p. 396

DANÇA DAS MESAS *ver também* Mesas girantes

fenômeno da – jun. 1859, p. 228

DANIEL DE FOË

Robinson e – set. 1867, p. 395

DANTE

Coliseu, O, e – out. 1861, p. 458

DAVY, HUMPHRY

apóstolo do Espiritismo – jul. 1869, p. 307

DAZUR, VICTOR

opinião de Allan Kardec sobre a obra de – set.
1868, p. 395

Regimento fantástico de, O – set. 1868, p. 375

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

DE GRAND-BOULOGNE

princípios de Espiritismo segundo – ago. 1860, p. 344

DÉBIL MENTAL

orações para um – jun. 1860, p. 262

DEBOCHE, O

Felícia (Espírito) e – jun. 1861, p. 282

DECADÊNCIA MORAL

segurança da ordem material e – jun. 1868, p. 251

DECÁLOGO

lei de Moisés, revelação divina e – abr. 1866, p. 144

lei do – set. 1867, p. 361

DECAPITAÇÃO

sensações de quem morre por – mar. 1858, p. 129

DECISÃO

opinião coletiva e – dez. 1868, p. 523

DEDO DE DEUS, O

fatalismo e – set. 1863, p. 392

lei do progresso e – set. 1863, p. 392

DEFENSORES DO ESPIRITISMO

Fay – fev. 1866, p. 94

Jaubert – mar. 1866, p. 116

DEFORMAÇÃO FÍSICA

causas de crianças com – set. 1864, p. 382

DEFUNTO

carta de um * a João Gaspar Lavater – abr. 1868, p. 155;

maio 1868, p. 190

ÍNDICE GERAL

DÉGENETTES, ABADE

Arquiconfraria do Coração de Maria e – ago. 1865, p. 311
comunicação dos Espíritos – ago. 1865, p. 315
crença na aparição das almas e – ago. 1865, p. 317
mediunidade auditiva e – ago. 1865, p. 314
missão de propagação da Doutrina Espírita e – ago.
1865, p. 318

DEÍSTA

características – jan. 1867, p. 21

DÉJÀ-VUS

fenômeno de – out. 1868, p. 429

DELAGE

Espiritismo e – jul. 1868, p. 300

DELANNE

sonho de Bach e comunicação escrita da Sr^a. – jul.
1865, p. 273

DELANNE, GABRIEL

carta de – maio 1865, p. 197
cura instantânea de médium doente e – maio 1865, p. 200
evocação da esposa de – jan. 1863, p. 39
fenômenos de transporte e – maio 1865, p. 199
identidade de um Espírito encarnado e – jan. 1863, p. 39
mediunidade nas crianças e – out. 1865, p. 430
mesas girantes e – out. 1865, p. 429

DELAPORTE

curso contra o Espiritismo e – maio 1864, p. 210

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

DEMEURE

- atividade espiritual de – mar. 1865, p. 122
- biografia de – mar. 1865, p. 118
- comunicação de – mar. 1865, p. 119; abr. 1865, p. 159
- desencarnação e encarnação de Allan Kardec e – mar. 1865, p. 120
- doença de Allan Kardec e – mar. 1865, p. 120
- Doutrina Espírita e – mar. 1865, p. 118
- epidemia da Ilha Maurício e – nov. 1868, p. 443
- felicidade de * no Mundo Espiritual – mar. 1865, p. 122
- flagelos e – nov. 1868, p. 449
- G..., médium vidente, e – abr. 1865, p. 159
- retificação da data de comunicação de – abr. 1865, p. 160
- situação de * no Mundo Espiritual – mar. 1865, p. 119

DEMISSÃO DE MALET

- Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e – set. 1869, p. 394

DEMOCRACIA

- maçonaria e a luta pela – abr. 1864, p. 164

DEMÔNIO

- bispo de Estrasburgo e a atuação do – mar. 1864, p. 116
- comunicações espíritas e – set. 1862, p. 359
- conceito de – out. 1858, p. 407; abr. 1869, p. 151
- curas atribuídas ao – abr. 1860, p. 178
- doutrina da comunicação exclusiva do – ago. 1865, p. 315
- Espiritismo e – jun. 1868, p. 254
- Igreja e – set. 1862, p. 362, nota
- irmão transviado e – mar. 1860, p. 148
- observações sobre – fev. 1863, p. 62
- significado da palavra – maio 1867, p. 192

ÍNDICE GERAL

significado espírita da palavra – set. 1867, p. 371
teologia católica e conceito de – maio 1867, p. 192

DEMONOMANIA

Sabóia e – abr. 1862, p. 159

DERROGAÇÃO DAS LEIS

escrita direta e – out. 1859, p. 382

DESAFIOS

como o espírita deve proceder aos – ago. 1862, p. 341

DESASTRES ECOLÓGICOS

mudanças das estações climáticas e – out. 1868, p. 430

DESCHANEL, ÉMILE

André Chénier e artigos de – mar. 1861, p. 117
artigo de * contra o Espiritismo – mar. 1861, p. 107
carta de Allan Kardec para – mar. 1861, p. 119
comentários de Allan Kardec e – abr. 1861, p. 154
prejuízo dos artigos de * ao Espiritismo – mar.
1861, p. 117
resposta de * a Allan Kardec – abr. 1861, p. 153
segundo artigo de * contra o Espiritismo – mar.
1861, p. 109

DESCOBERTA DE TESOUROS

Livro dos Médiuns, O, e – dez. 1865, p. 480

DESCOBERTAS CIENTÍFICAS

inteligências ocultas e – jun. 1866, p. 238

DESDOBRAMENTO *ver também* Desprendimento
sensação do Espírito em – jan. 1860, p. 32

DESEMPREGO

progresso tecnológico e – mar. 1864, p. 125, 129

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

DESENCARNAÇÃO *ver também* Morte

confusão, perturbação e – maio 1863, p. 222
despertamento após a – jun. 1860, p. 271
desprendimento difícil na – dez. 1860, p. 554
desprendimento do Espírito na – jun. 1862, p. 240
desprendimentos dos bens terrenos e – maio
1863, p. 222
Espírito revela o momento da * de S... – set. 1858, p. 382
idéias e preconceitos são conservados após a – maio
1868, p. 206
materialismo e – maio 1858, p. 195
mudança de caráter após a – dez. 1862, p. 486
perturbação logo após a – jun. 1860, p. 270
primeiras impressões do Espírito após a – nov.
1860, p. 504
relato de um momento de – jul. 1866, p. 291
revisão do passado no momento da – mar. 1862, p. 108
vida mista após a – jun. 1868, p. 248
visão espiritual da * de Cailleux – maio 1866, p. 208

DESENCARNADO(S)

conservação das idéias terrestres por orgulho do – mar.
1858, p. 137
convivência com um – jun. 1860, p. 256
cristalização mental em – abr. 1866, p. 173
encarnado convive naturalmente com – nov. 1864, p. 453
Espírito se julga atuando como médium – set.
1864, p. 379
João Gaspar Lavater e a condição do – mar. 1868,
p. 116, 152
mantém suas convicções – jul. 1860, p. 325
paixão violenta e – mar. 1858, p. 85

ÍNDICE GERAL

poltrona vazia destinada ao – set. 1868, p. 370
razões do * se preocupar com seu corpo – fev.
1866, p. 86
testamento e – maio 1858, p. 225
vida comum entre encarnados e – nov. 1868, p. 452
vida futura e – maio 1858, p. 219

DESENHO MEDIÚNICO

análise de – dez. 1860, p. 528
antigüidade do – mar. 1864, p. 102
observações de Allan Kardec sobre – set. 1858, p. 400

DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

entusiasmo e – out. 1858, p. 408
racionalidade e – out. 1858, p. 408

DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL E MORAL

causas da desigualdade no – dez. 1869, p. 504
influência da educação no – dez. 1869, p. 505

DESENVOLVIMENTO MORAL

objetivo principal do – out. 1867, p. 432

DESERDADAS, AS

mudança profunda na mulher e – nov. 1869, p. 465

DESERTORES DO ESPIRITISMO

Allan Kardec e – dez. 1869, p. 483
comportamento dos – dez. 1869, p. 488
misericórdia divina e – dez. 1869, p. 492
observações sobre os – dez. 1869, p. 483

DESESPERO

efeitos do – jun. 1861, p. 273

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

DESGRAÇAS COLETIVAS

causa das – out. 1869, p. 397

DESGRAÇAS ETERNAS

invigilância moral e – set. 1863, p. 357

DESIGUALDADE SOCIAL

reencarnação e – dez. 1862, p. 519

Júpiter e – abr. 1858, p. 181

DESLOCAMENTO DE OBJETOS

Squire, médium e – fev. 1861, p. 66

DESOBSESSÃO

combinação dos fluidos e – jun. 1864, p. 236

conseqüências psíquicas após a – jun. 1864, p. 242

doutrinação do obsessor e – fev. 1866, p. 63

doutrinação, oração e – jun. 1864, p. 229

força moral do doutrinador e – jan. 1864, p. 26

necessidade de dupla ação na – jan. 1864, p. 32

pregação moral na – jun. 1864, p. 230

oração coletiva e – jan. 1864, p. 33

realizada pela doutrinação do obsessor – fev. 1866, p. 64

risco do afastamento rápido do obsessor pela – jun.
1864, p. 235

vontade e – out. 1858, p. 406

DESOBSESSÃO A DISTÂNCIA

eficácia da – fev. 1866, p. 64

fatos que comprovam a eficácia da – fev. 1866, p. 65

DESPERTAI

Helvétius e dissertação – jun. 1861, p. 286

DESPERTAR DO ESPÍRITO, O, ARTIGO

Georges (Espírito) e – fev. 1861, p. 100

DESPERTAR DO SR. LUÍS, O

reflexões sobre – abr. 1869, p. 166

DESPRENDIMENTO *ver também* Desdobramento

alma e – ago. 1859, p. 336

antecipado da alma – jun. 1861, p. 263

apego à matéria e – dez. 1859, p. 477

características do – jun. 1859, p. 233

conhecimento do Espiritismo e – jul. 1859, p. 286

efeitos do – fev. 1859, p. 68

experiência após * do corpo físico – abr. 1865, p. 166

fenômeno de – dez. 1859, p. 521

Foulon, Espírito, e descrição do – mar. 1865, p. 114

lucidez e prova do rápido – abr. 1865, p. 160

vida moral e – dez. 1859, p. 477

DESPRENDIMENTO DO ESPÍRITO

clarividência e – out. 1865, p. 389

corpo físico e – maio 1858, p. 195

duração do – maio 1858, p. 195

éter, clorofórmio e – ago. 1869, p. 346

forma como se dá o – mar. 1860, p. 137

João Gaspar Lavater e o – mar. 1868, p. 116

perturbação durante o – maio 1858, p. 195

sono e – out. 1868, p. 405

DESPRENDIMENTO EXTÁTICO

conceito de – nov. 1866, p. 460

DESPREOCUPADOS

significado do termo – fev. 1869, p. 64

DESQUEYROUX

discurso e – nov. 1861, p. 509

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

DESTINO

interferência espiritual e – mar. 1858, p. 125
livre-arbítrio e – jul. 1868, p. 285

DESTINO DA HUMANIDADE

organização do Universo e – abr. 1867, p. 143

DESTINO DO HOMEM NOS DOIS MUNDOS

idéia de Deus e – ago. 1863, p. 324

DESTRUIÇÃO

instinto de – abr. 1862, p. 146
lei do progresso e – ago. 1864, p. 330

DESTRUIÇÃO DOS SERES VIVOS

bondade de Deus e * uns pelos outros – abr. 1865, p. 137

DESUNIÃO

maus Espíritos e – jul. 1859, p. 268

DETRADORES DO ESPIRITISMO

favorecem sua propagação – fev. 1862, p. 72
futuro dos – maio 1867, p. 212
homens de escol e – out. 1865, p. 411
precipitações dos – fev. 1866, p. 91
presunção de bom-senso dos – mar. 1866, p. 111
propaganda positiva dos – dez. 1865, p. 471
resposta a ser dada aos – fev. 1862, p. 64
Robin – fev. 1866, p. 92

DEUS

ação do pensamento de – maio 1866, p. 181
acepção da palavra – abr. 1861, p. 181
adoração a – jan. 1866, p. 22
amor a Humanidade e – mar. 1866, p. 118
antropofagia e – fev. 1866, p. 74

ÍNDICE GERAL

aparência de – maio 1866, p. 186
atributos de – maio 1866, p. 183
caráter das religiões e idéia de – set. 1867, p. 367
compreensão de * pelos Espíritos superiores – maio 1866, p. 185
concepção antropomórfica de – maio 1866, p. 182
concepção de * na primeira revelação – set. 1867, p. 366, 367
concepção de * na segunda revelação – set. 1867, p. 366, 367
concepção do Universo e idéia de – abr. 1867, p. 144
concepção humana de – maio 1866, p. 179, p. 183
conhecimento de * pelo homem – set. 1862, p. 387
conhecimento do princípio espiritual e perfeição de – abr. 1865, p. 137
conquistadores políticos e – jul. 1862, p. 304
crença em * e segurança social – dez. 1859, p. 467
criação do inferno e – nov. 1862, p. 445
derrogação das leis de – jun. 1861, p. 261
descobertas da Ciência e idéias de – set. 1867, p. 386
descrentes em – jan. 1861, p. 30
doutrinas do paraíso e – mar. 1865, p. 97
druidismo e o conceito de – abr. 1858, p. 158, 162
Emmanuel Swedenborg e – nov. 1859, p. 445
esclarecimento sobre os atributos de – dez. 1860, p. 551
espíritas e mandamentos de – jan. 1865, p. 51
Espiritismo e sublimidade da idéia de – mar. 1865, p. 107
Espíritos maus e – abr. 1860, p. 159
Espíritos puros e – out. 1860, p. 473
Espíritos puros e palavra de – set. 1867, p. 360
filosofia e atributos de – mar. 1864, p. 94
fluido espiritual e comparação com – maio 1866, p. 180

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

grandeza e misericórdia de – jan. 1865, p. 50
Herrenschneider e conceito de – jun. 1868, p. 264
idéia de * e crenças religiosas – abr. 1867, p. 144
idéia de * e pluralidade dos mundos habitados – nov.
1863, p. 475
inteligência, ciência e – jan. 1859, p. 43
julga o fundo e não a forma – maio 1862, p. 215
Moisés, tábuas da lei e – jan. 1865, p. 50
não-perfeição dos seres e – mar. 1864, p. 100
natureza e segredo das obras de – set. 1865, p. 369
obras divinas e grandeza de – jan. 1862, p. 46
ocultação da verdade e – mar. 1862, p. 130
onipresença de – maio 1866, p. 179
orações, religião e – mar. 1861, p. 144
ordenação da natureza das coisas e – ago. 1865, p. 331
Paulo, apóstolo e voz de – jan. 1865, p. 52
penetração nos desígnios de – abr. 1865, p. 138
pensamento humano e – maio 1866, p. 181
pluralidade dos mundos habitados e – mar. 1865, p. 97
poder curador universal e – out. 1866, p. 420
ponto de vista humano da perfeição de – abr.
1865, p. 137
prova da grandeza da idéia de – mar. 1865, p. 107
revelação direta de – set. 1867, p. 359
sacrifícios humanos e – mar. 1862, p. 137
sensação da presença de – nov. 1863, p. 446
socorros espirituais, materiais e – ago. 1865, p. 337
sorte da Humanidade e vontade de – ago. 1867, p. 342
vingança pela humanização de – ago. 1862, p. 350
visão de * pelos Espíritos inferiores – maio 1866, p. 185
vontade de – mar. 1861, p. 145

ÍNDICE GERAL

DEUS ESPIRITUAL

religião israelita e – set. 1861, p. 414

DEUS NA NATUREZA

Camille Flammarion e – set. 1867, p. 397

DEUSES

caráter dos * egípcios – nov. 1858, p. 459

DEUSES DO PAGANISMO

Espiritismo e – maio 1861, p. 212

DEVANEIO

Alfredo de Musset – set. 1860, p. 423

DEVER MORAL

conceito de – dez. 1863, p. 516, 517

limites do – dez. 1863, p. 517

livre-arbítrio, consciência e – dez. 1863, p. 517

DEVOTAMENTO

recompensa por * desinteressado – jun. 1866, p. 233

DIA DE FINADOS

cemitério e – dez. 1862, p. 521

Charles Nodier e – dez. 1860, p. 564

comunhão de pensamentos e – dez. 1864, p. 476

desencarnados e – dez. 1860, p. 565

esclarecimentos sobre o – dez. 1860, p. 564

oração especial no – dez. 1864, p. 481

reunião comemorativa na SPEE pelo – dez. 1868, p. 483

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e – dez.

1864, p. 473

utilidade da comemoração do – dez. 1868, p. 484

DIA DE TODOS OS SANTOS

homenagem ao – dez. 1868, p. 495

mundo visível, invisível e – dez. 1862, p. 520

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

DIABO

curas mediúnicas creditadas ao – nov. 1866, p. 462
inabilidade e conversão do – maio 1864, p. 218
loucos e medo do – jan. 1859, p. 18
manifestações espíritas e o – jun. 1862, p. 230
monopólio das idéias pelo – abr. 1864, p. 167
prática da caridade pelo – nov. 1864, p. 468
realização de milagres e o – fev. 1862, p. 67
sacerdotes muçulmanos e o – ago. 1862, p. 328
visão chistosa do – fev. 1860, p. 83

DIÁLOGO COM OS ESPÍRITOS

dificuldades de se manter – maio 1862, p. 218

DIAMANTES

médium Godu produz – jan. 1862, p. 54

DIÁRIO DA BAHIA

refutação dos espíritas da Bahia e jornal – nov.
1865, p. 444

DIÁRIO DE BARCELONA, O

Auto-de-fé de Barcelona e jornal – dez. 1861, p. 551

DIDIER

escrita direta e – ago. 1859, p. 313
morte de – jan. 1866, p. 24
opiniões póstumas a respeito de – jan. 1866, p. 25
SPEE e o Espírito de – fev. 1866, p. 81

DIFICULDADES

finalidade das – maio 1865, p. 215

DILLOIS, FRANÇOIS

Espírito obsessivo – out. 1858, p. 413

DILÚVIO

homem e * geológico – jun. 1859, p. 239
transformação da Terra e – abr. 1864, p. 160

ÍNDICE GERAL

DINHEIRO

propagação do Espiritismo e – jul. 1858, p. 314

DIÓGENES

Adrien e – jan. 1859, p. 38

DIONÉIA

faculdade de pensar e – jun. 1859, p. 238

DIREÇÃO CENTRAL DO ESPIRITISMO

substituição da – dez. 1868, p. 518

DIREITO

materialismo e – ago. 1868, p. 315

materialismo e inexistência do – ago. 1868, p. 322

DIREITO CIVIL

materialismo suprime o – ago. 1868, p. 323

DISCÓRDIA

grupos espíritas grandes favorecem a – out. 1860, p. 445

DISCURSO

Allan Kardec e – out. 1861, p. 430; nov. 1861,
p. 490, 511

Bouillant e – out. 1861, p. 429

Courtet e – out. 1861, p. 428

Desqueyroux e – nov. 1861, p. 509

Lacoste e – nov. 1861, p. 506

presidente do grupo espírita de Brotteaux e – out.
1861, p. 427

Sabò e – nov. 1861, p. 477, 508

SPEE e * de encerramento – jul. 1859, p. 255

DISCURSO PÓSTUMO

Feynet, X. e * a Marc Michel – maio 1868, p. 218

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

DISCURSO SOBRE A VIDA FUTURA

Channing, William Ellery e – jun. 1861, p. 245

DISCURSOS PRONUNCIADOS JUNTO AO TÚMULO DE ALLAN KARDEC

Alexandre Delanne e – maio 1869, p. 201

Camille Flammarion e – maio 1869, p. 194

E. Muller – maio 1869, p. 203

em nome da família e dos amigos – maio 1869, p. 203

em nome dos espíritas dos Centros distantes – maio

1869, p. 201

Espiritismo e a Ciência, O – maio 1869, p. 194

Levent e – maio 1869, p. 192

DISCUSSION

jornal aberto às idéias progressistas – fev. 1866, p. 60

DISPOSIÇÕES MORAIS

Espíritos enganadores e – set. 1859, p. 344

DISPUTAS FILOSÓFICAS

sentido múltiplo dos termos e – maio 1860, p. 239

DISSEMINAÇÃO DO ESPIRITISMO

marcha ascendente e – set. 1869, p. 359

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

Revista Espírita e – dez. 1860, p. 526

DISSIDÊNCIA NO ESPIRITISMO

idéias de Rigolot e – set. 1860, p. 383

DISSIDÊNCIAS

diversidade de ensino dos Espíritos e – out. 1860, p. 449

DISSIDENTES DO ESPIRITISMO

tolerância com os – fev. 1862, p. 63

ÍNDICE GERAL

DITADOS ESPONTÂNEOS

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e – fev.
1861, p. 98

DIVERGÊNCIA DOS ENSINAMENTOS DOUTRINÁRIOS

causas da * entre centros franceses e americanos – nov.
1869, p. 460

DIVERGÊNCIAS

causa mais comum das – dez. 1868, p. 524
como lidar com as – dez. 1868, p. 514
origens das – ago. 1858, p. 324

DIVERSIDADE DAS APTIDÕES

preexistência da alma e – jun. 1866, p. 225

DÍVIDA FINANCEIRA

Espírito evocado pede que pague sua – nov. 1860, p. 485

DIVULGAÇÃO DO ESPIRITISMO

Abade Dégenettes e missão de – ago. 1865, p. 318
adversários cooperam com a – ago. 1862, p. 320
adversários custearam a – dez. 1868, p. 512
auto-de-fé de Barcelona e – ago. 1862, p. 319
benefícios para a sociedade com a – jan. 1867, p. 41
causas da rápida – set. 1869, p. 358
combate intelectual na – abr. 1862, p. 178
cuidados que têm os Espíritos na – jan. 1868, p. 17
Daniel Dunğlas Home e – mar. 1858, p. 102
detratores favorecem a – fev. 1862, p. 72
fases da – set. 1858, p. 369
força da – set. 1858, p. 367
forma de fazer a – nov. 1868, p. 476
grupos familiares contribuem para a – jun. 1862, p. 231
imposição e – jun. 1862, p. 261

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

intelectualidade, classes sociais e – set. 1858, p. 368
Jobard e a – mar. 1862, p. 114
Livraria Espírita e – nov. 1869, p. 447
mediunidade curadora e – out. 1867, p. 427
mesas girantes e – mar. 1869, p. 123
milagre e a rápida – fev. 1862, p. 70
perseguição aos espíritas e – set. 1862, p. 371
prova de identidade dos Espíritos e – jul. 1867, p. 298
prudência na – out. 1860, p. 444
reencarnação influencia a – abr. 1862, p. 152
requisitos do espírita para fazer a – nov. 1868, p. 476, 477
romance espírita favorece a – mar. 1866, p. 136
utilização das palestras na – jun. 1867, p. 250

DOCUMENTAÇÃO RECEBIDA

A. Sabò – set. 1861, p. 408
C. Rey – set. 1861, p. 406
Jobard – set. 1861, p. 402
Mathieu – set. 1861, p. 398

DOENÇA

cura de – ago. 1859, p. 305
causas da – nov. 1867, p. 457
influência do médium e reaparecimento da – out.
1867, p. 429
procedência e cura da – fev. 1867, p. 86
simulação da – out. 1867, p. 425
sonho relacionado com a natureza da – jun. 1866, p. 236
três causas principais da – fev. 1867, p. 85

DOENÇA FÍSICA

obsessão e – jan. 1864, p. 27

DOENÇAS FISIOLÓGICAS *ver* Doenças orgânicas

ÍNDICE GERAL

DOENÇAS MENTAIS

Espiritismo e – set. 1864, p. 354

DOENÇAS MORAIS

Homeopatia e – mar. 1867, p. 99

DOENÇAS ORGÂNICAS

adequação do remédio às – mar. 1868, p. 134

causas e cura das – mar. 1868, p. 131

obsessão e – mar. 1868, p. 136

DOENTE E O MÉDICO, O

poesia espírita – fev. 1863, p. 99

DOGMA

erro e – out. 1865, p. 402

eternidade das penas e – jan. 1861, p. 39

Igreja e – jan. 1863, p. 38; abr. 1863, p. 235

lei da Natureza e – dez. 1862, p. 516

reencarnação e – jun. 1863, p. 247

religiões e – mar. 1863, p. 124

DOGMA DA ETERNIDADE ABSOLUTA DAS PENAS

Doutrina Espírita e – maio 1861, p. 237

DOGMA DAS PENAS ETERNAS

Céu e o Inferno, O, e – set. 1865, p. 380

DOGMAS DA IGREJA DO CRISTO

explicados pelo Espiritismo – dez. 1866, p. 521

DOGMAS FUNDAMENTAIS

Espiritismo esclarece os – nov. 1860, p. 490

DOGMAS RELIGIOSOS

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e – maio
1860, p. 204

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

DOIS ESPIÕES RUSSOS

ação de * contra o Espiritismo – jun. 1865, p. 244
refutação de artigo publicado por – jun. 1865, p. 244

DOIS ESPÍRITOS CEGOS

comunicações dos Espíritos e – nov. 1869, p. 467
observações do presidente do grupo sobre – nov.
1869, p. 474
Sociedade de Marselha e – nov. 1869, p. 467

DOIS IRMÃOS IDIOTAS

causa do constrangimento dos Espíritos de – ago.
1865, p. 324
observações de Desliens sobre – ago. 1865, p. 323
perda da inteligência e – ago. 1865, p. 324

DÓLMEN DE ALLAN KARDEC

epígrafe no – jun. 1869, p. 249

DOM DE CURAR

origem do – out. 1866, p. 427

DOMBRE, C.

camponeses e o carvalho, Os, e – nov. 1861, p. 514
carta em defesa do Espiritismo ao Padre F... – set.
1862, p. 361
considerações sobre o Espiritismo – out. 1862, p. 412
membro honorário da SPEE – out. 1862, p. 415
ouriço, o coelho e a pega, O, e – nov. 1861, p. 516
Toutinegra, o pombo e o peixinho, A, e – dez.
1861, p. 554

DOR

igualdade em face da – dez. 1863, p. 517
insensibilidade à – jan. 1868, p. 42
perispírito e – mar. 1858, p. 129

ÍNDICE GERAL

DOUAI

grupo espírita de – out. 1864, p. 413

DOCTRINA MORAL

verdadeira propaganda de – jul. 1865, p. 279

DOCTRINA DA ESCOLHA DAS PROVAS

Platão e o mito da – set. 1858, p. 372

DOCTRINA DA IGREJA

comunicação dos demônios e – out. 1865, p. 401

DOCTRINA DE MOISÉS

características da – set. 1867, p. 381

DOCTRINA DEMONÍACA

inadmissibilidade da – fev. 1867, p. 74

DOCTRINA DO CRISTO

características da – set. 1867, p. 381

caráter de Deus e – set. 1867, p. 367

doutrina dos Judeus e – abr. 1865, p. 141

Espiritismo e compreensão da – jul. 1865, p. 289

Sócrates, Platão e – dez. 1863, p. 481

DOCTRINA DO NADA

conseqüências da – set. 1867, p. 372

DOCTRINA DOS DRUIDAS *ver* Druidismo

DOCTRINA DOS JUDEUS

princípio da reencarnação e – abr. 1869, p. 153

DOCTRINA ESPÍRITA *ver também* Espiritismo

absolutismo, autocracia e princípios da – set. 1867, p. 387

ação dos hipócritas na – dez. 1863, p. 515

apoio material de Allan Kardec às bases da – jun.

1865, p. 227

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

ateísmo, materialismo e – nov. 1863, p. 468
atuação de Allan Kardec na – set. 1863, p. 377
autoridade da – abr. 1864, p. 138
base fundamental da – out. 1869, p. 432
características da – maio 1861, p. 208; dez. 1865, p. 477
cérebro e – nov. 1859, p. 428
comércio com os Espíritos e – jan. 1869, p. 37
comportamento dos adeptos da – jun. 1865, p. 241
compreensão dos objetivos da – jun. 1865, p. 241
confirmação dos princípios da – jan. 1865, p. 18
conseqüências nas manobras da exploração da – fev.
1869, p. 69
constituição da – set. 1867, p. 382
D..., e iniciação na – nov. 1863, p. 471
direitos da mulher e – jun. 1867, p. 232
dogma da eternidade absoluta das penas e – maio
1861, p. 237
doutrina do Cristo e – abr. 1865, p. 141
doutrina druídica e – out. 1867, p. 408
E. de Pompéry e – ago. 1863, p. 331
Emmanuel Swedenborg e – nov. 1859, p. 447
ensinamentos da – out. 1867, p. 405
Espiritismo moderno e – ago. 1868, p. 342
Espírito de Verdade e bases da – jul. 1865, p. 275
expansão da – out. 1863, p. 434
expição e bases da – ago. 1865, p. 326
filosofia, fenômenos físicos e – jun. 1861, p. 258
força moral da – jun. 1865, p. 242
formulação dos princípios da – nov. 1867, p. 453
Foulon, viúva, e – mar. 1865, p. 109
fundamentação da – jan. 1858, p. 25
garantia da perpetuidade da – ago. 1869, p. 343

ÍNDICE GERAL

germes da – mar. 1861, p. 150
história do espírito humano e – jan. 1858, p. 25
impessoalidade da – abr. 1864, p. 139
influência da – nov. 1863, p. 467
irmãos Davenport e desenvolvimento da – nov.
1865, p. 432
livre-arbítrio e – out. 1863, p. 431
manobras realizadas contra a – dez. 1863, p. 509
materialismo e – abr. 1861, p. 153
motivo da vulgarização da – set. 1867, p. 396
pensamento e – mar. 1867, p. 101
princípio que serviu de base à – set. 1865, p. 366
princípios da – fev. 1865, p. 64
princípios da * e o livro Há uma vida futura? – abr.
1869, p. 177
princípios da * e o livro A Mulher e a filosofia Espírita
– dez. 1869, p. 520
progressos da – jul. 1865, p. 299; jan. 1867, p. 19
pureza e preservação dos princípios da – fev. 1869, p. 70
raridade dos ataques à – jan. 1865, p. 16
regra de conduta da – jan. 1867, p. 25
representação das manifestações dos Espíritos para –
dez. 1865, p. 484
ressurreição da – out. 1867, p. 406
resultados benéficos da – nov. 1865, p. 450
Últimos dias de um filósofo, Os, livro e base da – jun.
1869, p. 267
unidade da – set. 1867, p. 384
uniformidade na – dez. 1861, p. 533
universalidade do ensino e – ago. 1867, p. 320
virtudes exaltadas pela – nov. 1863, p. 462
visão do futuro e – fev. 1865, p. 60

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

DOCTRINA ESPIRITUALISTA

Demeure e – mar. 1865, p. 118

DOCTRINA(S) MATERIALISTA(S)

consolações e elevado alcance da – jun. 1865, p. 235

instabilidade das – out. 1865, p. 409

pensamento e – mar. 1867, p. 100

DOCTRINAÇÃO

criança faz * de Espírito batedor – maio 1858, p. 204

cura de obsessão pela – fev. 1864, p. 70

importância da * na desobsessão – fev. 1866, p. 63, 67

orientação para se fazer a – jun. 1864, p. 233

DOCTRINAS FILOSÓFICAS

comparação do Espiritismo com – out. 1865, p. 405

Herrenschneider e as três grandes – jun. 1868, p. 260

raízes das * nos grandes pensadores – ago. 1865, p. 327

DOCTRINAS SOCIAIS

interesses materiais e as – dez. 1864, p. 523

DOZON

morte de – dez. 1866, p. 523

DRUIDAS

Espiritismo entre os – abr. 1858, p. 153

Eugène Sue e a religião dos – set. 1868, p. 390

DRUIDISMO

caridade e – abr. 1858, p. 165, 167

círculo de Abred e – abr. 1858, p. 167

círculos do – abr. 1858, p. 160

Deus e – abr. 1858, p. 162

Deus, Universo e – abr. 1858, p. 158

ÍNDICE GERAL

Espiritismo e – abr. 1858, p. 154
inferno e – abr. 1858, p. 161
iniciados no – abr. 1858, p. 154
Justiça divina e – abr. 1858, p. 162
lei do progresso e – abr. 1858, p. 166
livre-arbítrio e – abr. 1858, p. 163
morte e – abr. 1858, p. 165
previsão espírita e – ago. 1859, p. 339
progresso espiritual e – abr. 1858, p. 164
regresso espiritual e – abr. 1858, p. 168
transmigração das almas e – abr. 1858, p. 157
tríades e – abr. 1858, p. 157
vitórias da alma e – abr. 1858, p. 164

DUAS LÁGRIMAS, AS

história de um Espírito endurecido e – maio 1862, p. 220

DUELO

conseqüências espirituais do – nov. 1862, p. 469
conseqüências humanas do – nov. 1862, p. 470
considerações gerais sobre o – nov. 1862, p. 468
Espíritos evitam um – set. 1862, p. 377
sofrimento de um Espírito que praticou o – dez.
1864, p. 515

DUENDE

convivência com o – jan. 1858, p. 40
crença no – jan. 1858, p. 40
Espíritos batedores e – jan. 1858, p. 40
Tasso e seu – maio 1864, p. 213

DUENDE FAMILIAR

Charles Nodier e – dez. 1860, p. 567

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

DUFAUX, ERMANCE

- avareza – mar. 1858, p. 94
- comunicação espiritual e a médium – jan. 1858, p. 47
- Confissões de Luís XI e – mar. 1858, p. 120
- História de Joana d’Arc e – jan. 1858, p. 62
- psicografia e – mar. 1858, p. 120
- qualidades mediúnicas de – jan. 1858, p. 62
- remédio espiritual – nov. 1862, p. 460
- respeito dos Espíritos por – mar. 1858, p. 128, nota
- São Luís e – jun. 1858, p. 260

DUMAS

- correspondência de – out. 1859, p. 401

DUMAS, ALEXANDRE

- Espiritismo no romance de – jul. 1868, p. 306

DUPLA VIDA

- princípio espiritual e – dez. 1865, p. 478

DUPLA VISTA *ver também* Visão espiritual

- ajuda de um copo para uso da – out. 1864, p. 392
- aparição de um filho vivo à sua mãe e – mar. 1869, p. 112
- Apolônio de Tiana e – out. 1862, p. 406
- características da – dez. 1865, p. 478
- cegueira e – mar. 1864, p. 103
- conceito de – jan. 1858, p. 54; dez. 1858, p. 487
- conseqüências do fenômeno de – mar. 1869, p. 112
- constatação do fenômeno da – nov. 1867, p. 453
- De Chilly e – mar. 1869, p. 111
- desenvolvimento da * e magnetismo – jun. 1869, p. 246
- diagnóstico de enfermidade pela – out. 1864, p. 394
- espelhos mágicos e – out. 1865, p. 384

ÍNDICE GERAL

Espiritismo, emancipação da alma e – jul. 1865, p. 281
estado sonambúlico e – mar. 1859, p. 114
faculdade inerente ao ser – out. 1864, p. 396
inspiração e – jan. 1861, p. 57
mediunidade e – out. 1864, p. 401
paixões humanas e – dez. 1865, p. 481
propriedades do fluido perispiritual e – out. 1865, p. 389
Robert Houdin e – jul. 1863, p. 282
sexto sentido e – out. 1864, p. 389
superstições em torno da – out. 1864, p. 400

DUPLA VISTA, A

Élie Berthet e – dez. 1865, p. 478; jan. 1867, p. 32

DUPLESSIS, FERNAND

Memórias de um marido de – set. 1868, p. 371

DUQUE DE ORLEANS

fenômenos espíritas e o – jan. 1864, p. 48

DUSMENIL

objetos de madeira são atraídos por – dez. 1866, p. 504
singular faculdade magnética de – dez. 1866, p. 503

DUVEYRIER, CHARLES

são-simonismo e – dez. 1866, p. 509

D'ANGLEMONT, PRIVAT

comunicação espontânea de – dez. 1859, p. 494
doutrina de Swedenborg e – dez. 1859, p. 487
evocação de – dez. 1859, p. 488, 495
perdão e – dez. 1859, p. 493
reencarnação e – dez. 1859, p. 490

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

E

EBERMANN, LOUISE

sonâmbula busca tesouros escondidos – out. 1864, p. 426

ECLETISMO ESPIRITUALISTA

vontade, sensação, razão e – nov. 1863, p. 451

ECO DE ALÉM-TÚMULO, O

Luiz Olympio Telles de Menezes e jornal – nov.
1869, p. 474

monitor do Espiritismo na Bahia e jornal – nov.
1869, p. 474

ECOS POÉTICOS DE ALÉM-TÚMULO

coletânea de poesias mediúnicas e – fev. 1867, p. 98

EDMONDS, JUIZ

conseqüências do Espiritismo e – nov. 1861, p. 523

conversa entre Voltaire e Wolsey e – set. 1859, p. 355

EDUCAÇÃO

erros graves na – fev. 1864, p. 60

finalidade da – set. 1867, p. 376

influência da * no desenvolvimento intelectual e moral
– dez. 1869, p. 505

instinto assassino e – dez. 1859, p. 516

obras de * de Hippolyte Léon Denizard Rivail – maio
1869, p. 186

EDUCAÇÃO MORAL DOS ESPÍRITOS

São Luís (Espírito) e – jul. 1865, p. 285

EFEITOS FÍSICOS *ver também* Manifestação física

comunicações inteligentes e – mar. 1859, p. 92

ÍNDICE GERAL

desprezo aos – mar. 1859, p. 93
Espíritos inferiores e – jan. 1859, p. 13; mar. 1859, p. 92
jovem camponesa e – dez. 1865, p. 488
São Luiz (Espírito) e – mar. 1859, p. 93

EFEITOS MEDIÚNICOS

combinação dos fluidos nos – out. 1865, p. 415
condições para realização dos – out. 1865, p. 416
dependência do médium nos – out. 1865, p. 416
infância e – fev. 1865, p. 70

EFÊMEROS, Os

peça teatral sobre a vida terrena – jul. 1862, p. 275

EFLÚVIO FLUÍDICO

manifestações intelectuais e – abr. 1864, p. 151

EGÍPCIOS

culto aos animais e os – nov. 1858, p. 459
culto religioso e os – nov. 1858, p. 459
mumificação e os – nov. 1858, p. 460
religião e os – nov. 1858, p. 458

EGITO ANTIGO

Espiritismo e – abr. 1858, p. 186

EGOÍSMO

ação do Espiritismo sobre – fev. 1865, p. 64
bons Espíritos e – mar. 1859, p. 95
casamento e – fev. 1864, p. 65
castigo pela prática do – dez. 1860, p. 555
conceito de – mar. 1859, p. 95
considerações sobre – set. 1865, p. 376
desliga o homem do Céu – maio 1868, p. 194
dever de procurar o pobre e – ago. 1865, p. 338
espíritas propriamente ditos e – dez. 1869, p. 486
fé cega e – jul. 1869, p. 275

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

herança terrena, pobre e – ago. 1865, p. 337
história da Humanidade e – fev. 1862, p. 61
idéias materialistas e – dez. 1863, p. 482
igualdade, fraternidade, liberdade e – jul. 1869, p. 272
influência do * na sociedade – jul. 1865, p. 291
isolamento religioso e – dez. 1868, p. 489
materialismo e – dez. 1859, p. 466
neutralização do – jul. 1865, p. 291
Plínio e – mar. 1859, p. 128
reino do * na Terra e no Céu – mar. 1865, p. 107

EGOÍSMO E ORGULHO

causas do * no homem – jul. 1869, p. 270
influência moralizadora do Espiritismo e – jul.
1869, p. 276
instinto de conservação e – jul. 1869, p. 269
Pascal (Espírito) e – out. 1861, p. 462

EGOÍSTA

comportamento de um – set. 1865, p. 374
evocação de um – set. 1865, p. 374
objetivo do – jul. 1869, p. 272

ELEITOS

morada dos – abr. 1860, p. 195

ELEMENTO

significado da palavra – dez. 1867, p. 518

ELEMENTO ESPIRITUAL

Espiritismo e – set. 1869, p. 357
força da Natureza e – dez. 1867, p. 512; set. 1869, p. 357

ELEMENTO MATERIAL

Ciência e – set. 1869, p. 357
força da Natureza e – dez. 1867, p. 512; set. 1869, p. 357

ÍNDICE GERAL

ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO UNIVERSO

Espiritismo e – set. 1867, p. 364

ELEMENTOS DA NATUREZA

transformação perpétua dos – set. 1868, p. 358

ELETRICIDADE

fluido universal e – set. 1865, p. 359

material e espiritual – ago. 1860, p. 378

pensamento e – out. 1860, p. 480

superação da imprensa pela – abr. 1864, p. 166

ELETRICIDADE DO PENSAMENTO

emprego da – out. 1860, p. 481

ELETRICIDADE ESPIRITUAL

esclarecimento de Lamennais sobre a – ago. 1860, p. 379

ELEVAÇÃO ESPIRITUAL

humildade e – jul. 1860, p. 316

ELIAS E JOÃO BATISTA

reencarnação e – dez. 1863, p. 493

refutação – dez. 1863, p. 491

ELISEU

forma visível de – jan. 1859, p. 28

irmã X e – jan. 1859, p. 26

manifestação de – jan. 1859, p. 28

provas da existência de – jan. 1859, p. 28

transfiguração e – jan. 1859, p. 29

visibilidade e – jan. 1859, p. 33

ELMERICH

visões da Irmã – ago. 1866, p. 328

EMANCIPAÇÃO DA ALMA

aproveitamento dos instantes da – jan. 1865, p. 40

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Ciro e – maio 1864, p. 216
dupla vista e – nov. 1867, p. 465
Espiritismo e estados de – jul. 1865, p. 282
fenômenos morais e – ago. 1861, p. 337
manifestação da inteligência e – jan. 1861, p. 51
prerrogativas da perfeição e – dez. 1865, p. 481
sono e – jan. 1866, p. 42
visão do futuro e – maio 1864, p. 180

EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES

exemplos de * nos Estados Unidos – mar. 1869, p. 117

EMBRIAGUEZ

características da – ago. 1869, p. 347
espécies de – ago. 1869, p. 348; set. 1869, p. 386
estados de – ago. 1869, p. 347

EMBRIAGUEZ MENTAL

características da – set. 1869, p. 387

EMBRIAGUEZ PERISPIRITUAL

características da – set. 1869, p. 387

EMIGRAÇÃO ESPIRITUAL

mundos inferiores e a grande – out. 1866, p. 402

EMMA D...

evocação de – mar. 1861, p. 140

EMOÇÕES

qualidades do Espírito e diversidade das – mar.
1869, p. 100

EMPREGO OFICIAL DO MAGNETISMO ANIMAL

tratamento magnético e – out. 1859, p. 386

ENCARNAÇÃO

Espírito e – jun. 1863, p. 231

ÍNDICE GERAL

fenômeno de perturbação na – fev. 1865, p. 70
finalidade da – out. 1858, p. 428
lembrança de * anterior – maio 1867, p. 225
limite da – mar. 1865, p. 102, 104
mundos superiores e – set. 1864, p. 377
necessidade da – mar. 1865, p. 101, 104
objetivo da – mar. 1865, p. 102; jul. 1869, p. 274; out.
1869, p. 398
pluralidade dos mundos habitados e – mar. 1865, p. 102
possibilidade de * na Terra – mar. 1865, p. 117
progresso e – jun. 1863, p. 234; jan. 1864, p. 45
Terra e a primeira – jan. 1864, p. 46
viabilidade da – ago. 1869, p. 350

ENCARNAÇÃO ACIDENTAL

almas atrasadas e – fev. 1866, p. 76

ENCARNAÇÃO EM VÊNUS

Espíritos da Terra e a possibilidade de – ago. 1862, p. 335

ENCARNADO

Adrien vê quem é o Espírito – dez. 1858, p. 489
desencarnado convive naturalmente com – nov.
1864, p. 453
evocação de um Espírito – jan. 1860, p. 30
vida comum entre desencarnado e – nov. 1868, p. 452

ENCICLOPÉDIA DO ESPIRITISMO

obras de Allan Kardec tida como a – jun. 1868, p. 254

ENCLAUSURAMENTO

monges e – jul. 1862, p. 274

ENFERMIDADE *ver* Doença

cura da – ago. 1859, p. 305

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

ENFERMIDADE CONGÊNITA

lei de causa e efeito e – set. 1864, p. 382

ENSAIO BIOGRÁFICO DE ANDREW JACKSON

Clémence Guérin e – abr. 1862, p. 181

ENSINO

conceito de – set. 1867, p. 356

ENSINO MORAL

música predispõe ao – set. 1864, p. 353

ENSINO UNIVERSAL

causa da força do Espiritismo e – out. 1865, p. 408

contestação do valor do – out. 1865, p. 408

Espiritismo e critério do – out. 1865, p. 406

ENSINO(S) DOS ESPÍRITOS

alcance do – abr. 1866, p. 155

antiguidade dos – set. 1866, p. 346

compreensão do Espiritismo e – maio 1863, p. 218

concordância é a garantia do – abr. 1864, p. 142

controle do – jan. 1862, p. 35

diversidade dos – jul. 1858, p. 301

Espiritismo sem os – abr. 1866, p. 151

força do Espiritismo e universalidade do – abr.
1864, p. 140

grau de evolução e – ago. 1858, p. 327

limites necessários dos – jun. 1866, p. 253

ministração gradativa do – set. 1867, p. 385

universalidade dos – maio 1858, p. 216; fev. 1864, p. 82;

mar. 1864, p. 97; abr. 1864, p. 138; set. 1867, p. 386

utilidade do – dez. 1863, p. 479

ÍNDICE GERAL

ENSINOS ESPONTÂNEOS DOS ESPÍRITOS

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e – jan.
1861, p. 55

ENTERRADO(A) VIVO(A)

história de um homem – nov. 1862, p. 442
medo de Dozon de ser – dez. 1866, p. 523

ENTERRO DE UM ESPÍRITA

Costeau e – out. 1863, p. 402

ENTERRO ESPÍRITA

palavras de Herezka em – abr. 1865, p. 174

ENTES QUERIDOS

dificuldades de comunicação com – ago. 1866, p. 331

ENVENENADORAS DE MARSELHA

Le Monde, jornal, e processo das – jan. 1869, p. 39

ENVENENAMENTO

Guyenne, duque de, e seu – jun. 1858, p. 263, 267

ENVOLTÓRIO CORPORAL

Espírito e – ago. 1859, p. 298
morte do – ago. 1859, p. 299

ENVOLTÓRIO FLUÍDICO *ver* Perispírito

ENVOLTÓRIO MATERIAL *ver* Corpo físico

ENVOLTÓRIO SEMIMATERIAL *ver também* Perispírito
perispírito e – ago. 1859, p. 298

EPICURISMO

Paul Gaimard e – mar. 1859, p. 104

EPIDEMIA DA ILHA MAURÍCIO

chuva de estrelas cadentes e – nov. 1868, p. 443
Demeure e – nov. 1868, p. 443

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

grupo espírita de Port-Louis e – nov. 1868, p. 442
sonambulismo espontâneo e anúncio de – jul.
1867, p. 292

EPIDEMIA DE CÓLERA

renovação humanitária e – out. 1867, p. 440

EPIDEMIA DE MADAGÁSCAR

epidemia da Ilha Maurício e – nov. 1868, p. 446

EPIDEMIA DEMONÍACA

Morzine, Sabóia, e – abr. 1862, p. 156

EPIDEMIA UNIVERSAL

efeitos salutareos e regeneradores da – nov. 1868, p. 446

EPILEPSIA

aplicação de passes e cura de – jan. 1864, p. 19
Maomé e suas crises de – ago. 1866, p. 314

ERA NOVA

características da – out. 1866, p. 405
Espiritismo e – ago. 1867, p. 346
século abençoado e – ago. 1867, p. 342

ERASTO

comunicações obscenas e – ago. 1861, p. 356
epístola aos espíritas lioneses – out. 1861, p. 439
epístola de * aos espíritas de Bordeaux – nov.
1861, p. 501
Espíritos hipócritas e – ago. 1861, p. 356
estilo é o homem, O, e conclusão de – set. 1861, p. 392
influência moral dos médiuns nas comunicações e –
ago. 1861, p. 355
médiuns levianos e – ago. 1861, p. 356

ÍNDICE GERAL

muitos os chamados e poucos os escolhidos e – jun.
1861, p. 278, 280
reflexões de – set. 1861, p. 397
reflexões de * sobre a Pena de Talião – set. 1861, p. 397
transportes e outros fenômenos tangíveis, Dos – ago.
1861, p. 358

ERASTO E TIMÓTEO

papel dos médiuns nas comunicações, O – jul.
1861, p. 322

ERRATA

Revista Espírita e – mar. 1869, p. 139; abr. 1869, p. 182;
jun. 1869, p. 268; dez. 1869, p. 531

ERRATICIDADE

alma e – mar. 1859, p. 107
Alphonse de Lamartine na – abr. 1869, p. 170
atividades do Espírito na – out. 1869, p. 400
conceito de – mar. 1858, p. 80; ago. 1863, p. 351
dogmas católicos e – set. 1863, p. 388
escolha da existência terrena na – set. 1863, p. 372
Espírito e – abr. 1859, p. 138; set. 1861, p. 393; mar.
1865, p. 102; nov. 1869, p. 468
Espírito progride na – maio 1868, p. 206
isolamento do Espírito na – nov. 1860, p. 502
Paul Gaimard e – mar. 1859, p. 104, 107
perispírito e – mar. 1865, p. 102
transformação dos Espíritos na – out. 1866, p. 410
utilidade da – mar. 1865, p. 102
vida corporal e – mar. 1859, p. 107

ESCALA ESPÍRITA

comunicações dos Espíritos e – ago. 1858, p. 326

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

detalhes da – jan. 1858, p. 73

Júpiter e seu enquadramento na – mar. 1858, p. 112

progresso espiritual e – abr. 1858, p. 168

ESCANDE

apreciação do livro História do Maravilhoso e – abr. 1861, p. 169

ESCOLA DE PESTALOZZI

Hippolyte Léon Denizard Rivail e – maio 1869, p. 185

ESCOLA ESPIRITUALISTA

sensibilidade da alma e – nov. 1863, p. 443

ESCRAVIDÃO, A

dissertação de Lamennais sobre – fev. 1862, p. 96

ESCRITA DIRETA *ver também* Pneumatografia

Allan Kardec e exame de – ago. 1859, p. 315

atributo do Espírito e – ago. 1859, p. 311

B..., conde de, e – ago. 1859, p. 313

características da – ago. 1859, p. 312

caso comprovado de – maio 1860, p. 236

chave do fenômeno e – ago. 1859, p. 308

comprovação de – ago. 1859, p. 313

derrogação das leis e – out. 1859, p. 382

Didier e – ago. 1859, p. 313

Espiritismo e – ago. 1859, p. 309

Espírito batedor e – jun. 1864, p. 257

extraordinário fenômeno espírita – set. 1860, p. 403

faculdade mediúnica e – ago. 1859, p. 312

Faria, abade, e – ago. 1859, p. 311

festim de Baltazar e – ago. 1859, p. 311

Guldenstubbé, barão de – ago. 1859, p. 312

inteligências ocultas e – out. 1859, p. 383

introdução à – ago. 1859, p. 312

ÍNDICE GERAL

Jean-Jacques Rousseau e – ago. 1859, p. 310
Mathieu e – out. 1859, p. 381
médium psicógrafo e – ago. 1859, p. 313
médiuns e – out. 1859, p. 395
novos fatos de – ago. 1859, p. 337
subterfúgios e – ago. 1859, p. 310
utilidade da – ago. 1859, p. 316

ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS

Espiritismo e – ago. 1863, p. 318

ESCRITURAS *ver também* Bíblia

verdades sob alegorias em todas as – out. 1866, p. 401

ESCRITURAS SAGRADAS

aparições e – jan. 1859, p. 20

interpretação das – nov. 1863, p. 477; set. 1867, p. 369

ESFINGE

segredo da – nov. 1863, p. 442

ESMOLA

direito de * ao verdadeiro pobre – ago. 1865, p. 338

família e primeira – ago. 1865, p. 340

finalidade da – mar. 1863, p. 132

hierarquia na distribuição da – ago. 1865, p. 340

obsessão e – mar. 1863, p. 132

sabedoria na distribuição da – ago. 1865, p. 340

socorro real e testemunho da – ago. 1865, p. 339

ESMOLER

assistência social espírita e – out. 1864, p. 411

ESOPO

aparência perispiritual de – dez. 1858, p. 485

ESOTERISMO

Moisés e – out. 1863, p. 426

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

ESPAÇO

definição de – set. 1862, p. 389

ESPANHA

Espíritos se manifestam na – set. 1864, p. 373

liberdade para o Espiritismo na – dez. 1868, p. 539

ESPECTRO

Daniel Dunğlas Home e – ago. 1863, p. 335

resultado do falso – ago. 1863, p. 336

segredos do – ago. 1863, p. 334

ESPELHO

visão do Espírito diante do – mar. 1860, p. 133

ESPELHO MÁGICO *ver também* Espelho psíquico

agentes hipnóticos e – out. 1865, p. 393

Allan Kardec e inutilidade do – out. 1865, p. 384

conceito de – out. 1865, p. 383

dupla vista e – out. 1865, p. 384

ensaio teórico sobre o – out. 1864, p. 389

Espiritismo e mecanismo do – out. 1864, p. 397

vista espiritual e – jun. 1867, p. 244

ESPELHO PSÍQUICO *ver também* Espelho mágico

vidente da floresta de Zimmerwald e – out. 1865, p. 382

ESPERANÇA

conceito de – fev. 1862, p. 88

Espiritismo e – jun. 1863, p. 247

suicídio e falta de – jun. 1858, p. 262

ESPINETA

Henrique III e sua – fev. 1866, p. 76

ESPINOZA

direito da força e – ago. 1868, p. 322

ÍNDICE GERAL

ESPIÕES

adversários do Espiritismo e – ago. 1867, p. 346

ESPÍRITA A SEU ESPÍRITO FAMILIAR, UM

poesia – nov. 1860, p. 500

ESPÍRITA AMERICANO

base da crença do – abr. 1869, p. 146

ESPÍRITA CRISTÃO

caridade e – dez. 1861, p. 536

verdadeiro espírita – out. 1860, p. 444

ESPÍRITA DE CIRCUNSTÂNCIA

conceito de – fev. 1869, p. 69

ESPÍRITA DE CONTRABANDO

utilidade do – dez. 1869, p. 486

ESPÍRITA DE CORAÇÃO

coragem da fé e – ago. 1867, p. 343

facilidade de reconhecimento do – jul. 1867, p. 275

ESPÍRITA DESERTOR

como tratar o – jun. 1862, p. 259

ESPÍRITA EXPERIMENTADOR

comportamento do – dez. 1861, p. 535

ESPÍRITA FRACASSADO

dificuldades que causa o – out. 1864, p. 412

ESPÍRITA IMPERFEITO

caráter do – dez. 1861, p. 536

Gérard Codemberg e – jun. 1862, p. 261

ESPÍRITA INCONFESSO

conceito de – jul. 1866, p. 269

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

ESPÍRITA INCONSCIENTE

- características do – jan. 1869, p. 27
- conceito de – jul. 1866, p. 286
- Herrenschneider e – jun. 1868, p. 263

ESPÍRITA INDECISO

- conceito de – jul. 1866, p. 268

ESPÍRITA NÃO-CONVICTO

- conceito de – jul. 1866, p. 268

ESPÍRITA NEÓFITO

- pretensão e orgulho do – nov. 1864, p. 432

ESPÍRITA POR INTUIÇÃO

- características do – jan. 1867, p. 22
- conceito de – jul. 1866, p. 268, 286

ESPÍRITA PROPRIAMENTE DITO

- orgulho, egoísmo e – dez. 1869, p. 486

ESPÍRITA SIMPATIZANTE

- conceito de – jul. 1866, p. 267

ESPÍRITA SINCERO

- comportamento do – jul. 1867, p. 287
- deveres do – jun. 1865, p. 259
- objetivo do – ago. 1865, p. 306
- união de pensamentos do – nov. 1865, p. 436

ESPÍRITA VERDADEIRO

- apóstolo de Jesus – nov. 1860, p. 516
- características do – fev. 1862, p. 61; jan. 1869, p. 36; set. 1869, p. 356; dez. 1869, p. 487
- caráter do – maio 1864, p. 199

ÍNDICE GERAL

comportamento do – maio 1863, p. 215; jun. 1863,
p. 254; maio 1865, p. 216
dever do – mar. 1863, p. 110, 117, 124; dez. 1863, p. 509
distinções entre – jul. 1866, p. 268
interesse pelos bens materiais e o – jun. 1860, p. 278
reconhecimento do – nov. 1861, p. 499

ESPÍRITA(S)

ação do pretense – dez. 1863, p. 508
Bertran e sua opinião sobre o – set. 1866, p. 352
busca da verdade e – nov. 1863, p. 441
característica do verdadeiro – dez. 1861, p. 537
causa da fé inquebrantável do – fev. 1865, p. 64
como proceder aos desafios e – ago. 1862, p. 341
comportamento do – jan. 1865, p. 44; dez. 1865, p.
477; jul. 1867, p. 272
comunhão de idéias e – set. 1867, p. 384
concepção de alma para – fev. 1865, p. 61
condições para ser declarado – out. 1865, p. 409; dez.
1865, p. 485; jan. 1869, p. 19; set. 1869, p. 359; out.
1869, p. 431
conduta do – fev. 1863, p. 87; mar. 1863, p. 110
confiança do * na vida futura – fev. 1865, p. 60
considerado um partido perigoso – ago. 1868, p. 338
consolação do – jun. 1861, p. 277
corações do * e tábuas da lei – jan. 1865, p. 51
crítica ao Espiritismo e responsabilidade do – maio
1864, p. 197
defesa e fortalecimento do – dez. 1863, p. 513
definição de – jan. 1866, p. 33
disposições morais do – nov. 1863, p. 442
entendimento do termo – fev. 1869, p. 58

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Espiritismo e as categorias de – out. 1860, p. 443
espiritualista, materialista e – dez. 1859, p. 468
estatística das categorias de – jul. 1866, p. 270
exortação dos Espíritos ao – out. 1866, p. 407
fatos a considerar pelo – dez. 1863, p. 513
fé cega e – jan. 1867, p. 22
forma como o Senado tratou o – jul. 1868, p. 296
Herrenschneider e o conceito de – jun. 1868, p. 261
humildes segundo o Evangelho – jan. 1865, p. 53
indignação de um * contra a Igreja – set. 1864, p. 357
lazer de um * no deserto – nov. 1868, p. 459
Livro dos Médiuns, O, e categorias de – nov. 1861, p. 499
mandamentos de Deus e – jan. 1865, p. 51
meios do * enfrentar a perseguição – abr. 1862, p. 179
milagre e – out. 1859, p. 383
missão do – abr. 1860, p. 187
motivo da crença do – fev. 1867, p. 67
motivo que leva as pessoas a se tornarem – fev.
1869, p. 65
necessidade de amadurecimento para ser – maio
1864, p. 205
número de * na França – dez. 1865, p. 485
objetivo do – set. 1867, p. 379
razão da calma do * ante a morte – fev. 1865, p. 60
recomendação ao – mar. 1863, p. 110
reflexão e julgamento do – mar. 1867, p. 135
Reino do Cristo e – jan. 1865, p. 51
seitas e – out. 1865, p. 396
semeadura da divisão entre – jun. 1865, p. 256
significado do isolamento do – jul. 1866, p. 265

ÍNDICE GERAL

tarefas do – ago. 1865, p. 310
taumaturgo e – set. 1869, p. 357
temor da morte na visão do – fev. 1865, p. 61

ESPÍRITAS DA FRANÇA E DO ESTRANGEIRO

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e – nov.
1865, p. 431

ESPÍRITAS DE BORDEAUX

A. Sabó e os – set. 1862, p. 381
exemplo dos – out. 1861, p. 444

ESPÍRITAS DE CONSTANTINOPLA

comportamento dos * ante flagelo da cólera – nov.
1865, p. 446

ESPÍRITAS DE ILLIERS

relatório do Quômes de Arras sobre – jul. 1867, p. 288

ESPÍRITAS DE METZ

Allan Kardec e – set. 1861, p. 404
carta de Jobard sobre os – set. 1861, p. 402

ESPÍRITAS DE PARIS

exortação aos – mar. 1862, p. 135

ESPÍRITAS LIONESES

banquete oferecido a Allan Kardec pelos – out.
1860, p. 440

ESPÍRITAS PARISIENSES

contribuição financeira e – fev. 1862, p. 85
prazeres e – nov. 1862, p. 477

ESPÍRITAS RUSSOS

conselhos de Santo Agostinho aos – maio 1862, p. 217

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

ESPIRITISMO *ver também* Doutrina Espírita

ação da cruzada espiritual contra o – dez. 1863, p. 512
ação do * sobre a matéria inerte – jan. 1859, p. 22
ação do * sobre as consciências – nov. 1863, p. 469
ação do * sobre maus arrastamentos – mar. 1865, p. 132
ação do * sobre o egoísmo – fev. 1865, p. 64
adeptos anônimos e propagação do – jan. 1860, p. 53
adquiriu o estado de filosofia – set. 1868, p. 372
adversários apressam a depuração do – jun. 1865, p. 258
adversários da idéia espírita e vulgarização do – nov.
1863, p. 474
adversários do – set. 1858, p. 366; jun. 1859, p. 213,
225; set. 1860, p. 399, 400; jul. 1861, p. 321; out. 1861,
p. 434; nov. 1861, p. 493; fev. 1863, p. 76; mar. 1863,
p. 112; abr. 1865, p. 149; maio 1865, p. 185; fev.
1866, p. 88
alavanca para combate ao preconceito – nov. 1868, p. 473
Alemanha e – set. 1860, p. 385
aliança do * com a filosofia – set. 1863, p. 359, 364
alienação mental e – fev. 1863, p. 79
Allan Kardec e a criação do – fev. 1862, p. 79
Allan Kardec e organização do – dez. 1861, p. 528
Allan Kardec e progresso do – jul. 1859, p. 270
alma e – jun. 1863, p. 240
analogia entre o * e a cólera – nov. 1865, p. 444
ancianidade do – jan. 1869, p. 33; fev. 1869, p. 60
Antigo e Novo Testamentos e – nov. 1865, p. 465
Antiguidade e conhecimento do – abr. 1858, p. 153
Antiguidade e universalidade dos ensinamentos do – abr.
1858, p. 154
aparições e – jul. 1863, p. 280
apóstolos do – set. 1861, p. 418

ÍNDICE GERAL

aprendizado do – jul. 1859, p. 261
Argélia e – dez. 1863, p. 483
argumento terrível contra o, Um – maio 1863, p. 210
argumentos persuasivos do – nov. 1863, p. 469
arte cristã e – dez. 1860, p. 532
artes e – out. 1866, p. 407
artes, As, – jan. 1869, p. 51
artigos contra o – jun. 1863, p. 236
aspecto triplo do – abr. 1864, p. 148
astúcia, imaginação, intervenção diabólica e – nov.
1863, p. 457
ataques ao – set. 1863, p. 373; dez. 1863, p. 505
aurora do – out. 1863, p. 400
autoria do – maio 1859, p. 202; abr. 1866, p. 153
auxiliar da religião – out. 1859, p. 384
base do – maio 1859, p. 205; set. 1861, p. 409; dez.
1863, p. 484
benefícios do – jun. 1861, p. 256, 274, p. 276; out.
1861, p. 435; fev. 1863, p. 97; mar. 1863, p. 103
Benoît e – nov. 1863, p. 470
Bibliografia Católica, A, contra o – jan. 1861, p. 24
bispo de Argel e – mar. 1863, p. 137
Bouché de Vitray, médico e considerações sobre o –
nov. 1861, p. 480
busca qualidade e não quantidade de adeptos – maio
1866, p. 191
C*** e algumas palavras sobre – jan. 1863, p. 32
C. Tschokke e – out. 1964, p. 400
Cagliostro, Mesmer, mesas girantes e – nov. 1863, p. 455
calúnia e – mar. 1863, p. 106
caracteres do – maio 1859, p. 205; maio 1863, p. 218;
jul. 1863, p. 290; mar. 1866, p. 112; set. 1869, p. 358

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

caráter dos novos ataques contra o – dez. 1863, p. 507
caráter progressivo do – dez. 1868, p. 514
caridade cristã e – jul. 1858, p. 318
casas de alienados e – maio 1865, p. 203
cataclismo das instituições sociais e – maio 1865, p. 210
categorias de – jan. 1864, p. 39
católicos e dificuldades para a conversão ao – dez.
1860, p. 559
causa da penetração do * nos campos – nov. 1863, p. 454
causa do ataque de Georges Gandy ao – jan. 1861, p. 29
causas da força do – nov. 1861, p. 492
causas de certos males da Humanidade e o – dez.
1862, p. 493
causas do triunfo do – maio 1863, p. 236
causas que devem assegurar o futuro do – out.
1860, p. 449
cenas de combate ao – abr. 1868, p. 174
chamados para o – jun. 1861, p. 280
chamas eternas e – set. 1861, p. 398
charlatães e – jun. 1863, p. 254
charlatanismo e – nov. 1865, p. 436; fev. 1869, p. 70
Charles Fourier e – ago. 1863, p. 316
chave dos fenômenos espíritas e – jul. 1865, p. 270
Chavée e o – jun. 1868, p. 255
chorar pelos mortos e veracidade do – mar. 1865, p. 112
ciência da revelação e – jan. 1858, p. 23
ciência e – jan. 1859, p. 22; mar. 1859, p. 100; fev.
1863, p. 82
ciência nova e – ago. 1858, p. 322
ciência oficial e – jun. 1859, p. 226
ciência positiva – nov. 1864, p. 429, 434
ciência que tem os seus escolhos – out. 1860, p. 448

ÍNDICE GERAL

ciências e – abr. 1862, p. 151
ciências filosóficas e união com – set. 1863, p. 358
circunspecção e – nov. 1859, p. 426
circunstâncias para expansão do – jan. 1864, p. 40
classes mais esclarecidas da sociedade e adesão ao –
out. 1860, p. 435
classes sociais e penetração do – set. 1858, p. 370
clero e posição do – dez. 1863, p. 492
clero e reprovação do – dez. 1863, p. 485
codificado mas não completo – dez. 1866, p. 495
colégio de Chartres faz debate sobre o – abr.
1866, p. 163
combatentes do – nov. 1858, p. 444; jan. 1860, p. 17
como a Bíblia é interpretada pelo – mar. 1860, p. 117
como atacar o – set. 1860, p. 416
como convém ser mártir do – jun. 1862, p. 265
como proceder aos ataques ao – set. 1862, p. 379
comportamento da imprensa diante do – jul. 1868, p. 295
comportamento do – dez. 1863, p. 491
compreensão do * e ensino dos Espíritos – maio
1863, p. 218
comunicações espíritas e – abr. 1859, p. 132
conceito de – maio 1859, p. 205; ago. 1859, p. 300; fev.
1862, p. 63, 74; jul. 1869, p. 281; set. 1869, p. 359
conceito de fraternidade amplia-se no – out. 1866, p. 394
condição da mulher segundo o – jan. 1866, p. 18
condições necessárias para ser crítico do – set.
1860, p. 402
conflito de idéias e – jun. 1865, p. 257
conhecimento do futuro e – jul. 1865, p. 277
consequências do – jul. 1865, p. 296
consequências benéficas do – jun. 1865, p. 233

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

conseqüências da especulação do – jul. 1865, p. 277
conseqüências das críticas ao – jul. 1868, p. 295
conseqüências do – maio 1859, p. 207; jul. 1859, p. 260;
dez. 1859, p. 467; out. 1865, p. 403
conseqüências dos sermões contra o – nov. 1863, p. 454
conseqüências morais e – nov. 1861, p. 495; abr.
1866, p. 159
considerações sobre – jul. 1859, p. 269
considerações sobre o futuro do – jan. 1868, p. 20
consolação e – jan. 1859, p. 17; mar. 1861, p. 133
Constantinopla e o verdadeiro – jul. 1864, p. 282
constituição transitória do – dez. 1868, p. 504
contraditores e progresso do – jan. 1860, p. 16
controle universal e força do – maio 1864, p. 193
correção dos defeitos e ação do – set. 1865, p. 375
correspondência das almas entre si e – jul. 1868, p. 302
corridas de Chantilly e – jul. 1865, p. 276
credo religioso do – dez. 1868, p. 494
crença nas verdades da religião e – nov. 1863, p. 465
crença no perispírito, na reencarnação e – jun.
1868, p. 258
crenças dogmáticas e – jul. 1859, p. 289
crenças populares e – set. 1860, p. 401; set. 1868, p. 371
crescimento do – out. 1861, p. 433
crescimento numérico do – set. 1866, p. 359
crescimento ou declínio do – jan. 1865, p. 14
cretinismo e – out. 1861, p. 453
Cristianismo e – jun. 1860, p. 253; ago. 1860, p. 343; abr.
1861, p. 192; out. 1861, p. 436, 443; abr. 1863, p. 165;
nov. 1863, p. 476; jun. 1865, p. 255; fev. 1866, p. 58
Cristo e – jun. 1863, p. 239
critério da unidade atual do – jun. 1865, p. 258

ÍNDICE GERAL

curas da França e pregação do – dez. 1863, p. 488
curso contra o – maio 1864, p. 206
Daniel Dunglas Home e propagação do – mar.
1858, p. 108
De Grande-Boulogne e os princípios – ago. 1860, p. 344
defensores do – abr. 1865, p. 143
defesa em favor do – out. 1863, p. 436
definição de – jan. 1869, p. 32
degraus do trono e – mar. 1864, p. 119
Delage e – jul. 1868, p. 300
descoberta dos adversários do – jun. 1859, p. 213
desenvolvimento do * em Paris – jan. 1865, p. 17
despertar da Antiguidade e o moderno – mar. 1858, p. 94
despertar das inteligências e – fev. 1868, p. 87
despesas com o – dez. 1868, p. 531
destino dos detratores do – dez. 1863, p. 485
destino providencial do – mar. 1863, p. 109
destrói o fanatismo e a incredulidade – out. 1866, p. 406
destruição do materialismo e – jan. 1859, p. 17
detratores e – mar. 1863, p. 108
deuses do paganismo e – maio 1861, p. 212
deve ser provado por milagres? – fev. 1862, p. 66
diante da História e da Igreja – jan. 1868, p. 20
diferença entre Espiritualismo e – abr. 1869, p. 152
dificuldade de aceitação do – dez. 1862, p. 501
dificuldades do – set. 1859, p. 341
diminuição dos casos de loucura e – maio 1865, p. 203
diminuição dos negadores do – fev. 1865, p. 62
dinheiro e propagação do – jul. 1858, p. 314
discernir o que é forma e fundo do – dez. 1868, p. 538
discurso de Victor Hugo e – fev. 1865, p. 91
Discussion, jornal, e – fev. 1866, p. 55

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

distância que separa a crença íntima do – jul. 1866, p. 288
divergências no – ago. 1858, p. 322, 324
divulgação do – dez. 1861, p. 530; nov. 1863, p. 474;
nov. 1868, p. 476
donativo de dez mil francos para o – mar. 1860, p. 112
Doutrina do Cristo e – jul. 1865, p. 289
Druidas e – abr. 1858, p. 153; out. 1867, p. 406
dúvidas da religião e – set. 1863, p. 375
eclosão do * e Daniel Dunglas Home – set. 1863, p. 385
Edmonds, juiz e conseqüências do – nov. 1861, p. 523
efeito moralizador do – mar. 1865, p. 132
Egito antigo e conhecimento do – abr. 1858, p. 186
elemento espiritual e – set. 1869, p. 357
Émile Deschanel, artigo de, contra o – mar. 1861, p. 107,
109, 117
Émile Deschanel, prejuízo dos artigos de, ao – mar.
1861, p. 117
Émile Deschanel, segundo artigo de, contra o – mar.
1861, p. 109
Emmanuel Swedenborg e – ago. 1863, p. 316
ensinamentos do – jul. 1863, p. 295; mar. 1865, p. 125;
ago. 1865, p. 303, 304; nov. 1865, p. 440
entendimento do sobrenatural e – jan. 1862, p. 47
enterro do – fev. 1866, p. 87
epidemia e – jun. 1863, p. 246
era da perseguição ao – set. 1862, p. 371
era nova e – ago. 1867, p. 346
erro dos que condenam o – mar. 1865, p. 131
esboço e princípios gerais do – jun. 1865, p. 230
escolhos do – fev. 1859, p. 55; jan. 1865, p. 52
escrita direta e – ago. 1859, p. 309
escritores contemporâneos e – ago. 1863, p. 318

ÍNDICE GERAL

especulação e – jun. 1863, p. 243
esperança e consolação que dá o – maio 1862, p. 208
espíritas e a origem do – fev. 1862, p. 69
espíritas que prejudicam o – mar. 1858, p. 140
Espírito maligno e – out. 1862, p. 428
Espíritos enganadores e – set. 1859, p. 341
Espíritos maus e ação do – jun. 1865, p. 243
Espíritos superiores e sustentação do – maio 1865, p. 218
espiritualismo e – maio 1860, p. 238
estabilidade do – fev. 1865, p. 61
estado de emancipação da alma e – jul. 1865, p. 281
Estados Unidos e – set. 1858, p. 367; maio 1864, p. 200
estatística de adeptos do * na França – jun. 1864, p. 247
estudo da Antigüidade e – nov. 1865, p. 466
estudo mediúnico e consolações do – abr. 1865, p. 150
eternidade das penas e – ago. 1861, p. 370
exame do progresso do – fev. 1865, p. 61
exemplos da ação moralizadora do – nov. 1863, p. 464,
468, 469
exemplos da reforma moral e – mar. 1865, p. 131
exército e o estudo do – maio 1862, p. 199
explicação dos sonhos e – jul. 1865, p. 281
explicação para a propagação do – fev. 1865, p. 63
exploração do – jul. 1861, p. 313
fábula e a crença no – set. 1858, p. 366
falta de conhecimento dos adversários do – set.
1860, p. 400
falta de lógica nos argumentos dos adversários do – set.
1860, p. 399
família e – dez. 1865, p. 510
fases da propagação do – set. 1858, p. 369
fatalidade não é negada pelo – jul. 1868, p. 279

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

fatos materiais e – abr. 1866, p. 159
fatos, teorias e – jul. 1863, p. 292
favorece a transformação moral – set. 1864, p. 354
fazer o bem sem ostentação e – out. 1863, p. 417
fé cega e – set. 1869, p. 360
fé dos materialistas obstinados e – nov. 1863, p. 458
fé, esperança, caridade e – jun. 1863, p. 247
felicidade e – jan. 1860, p. 21; mar. 1861, p. 134; set.
1861, p. 413
felicidade moral e – maio 1864, p. 205
fenômenos do – jun. 1859, p. 227
festa de Natal e – abr. 1863, p. 184
filosofia do – jan. 1861, p. 46
filosofia e – jun. 1862, p. 263
filosofia, conhecimentos usuais e – jan. 1866, p. 49
filosofias materialistas e – set. 1858, p. 364
finalidade do – jul. 1859, p. 274; fev. 1862, p. 62
fisiognomonía e – jul. 1860, p. 302
força da ação do – jan. 1867, p. 18
força da propagação do – set. 1858, p. 367
força e futuro do – fev. 1869, p. 71
forças da natureza e – out. 1859, p. 421
formação de classe distinta no – jul. 1866, p. 274
formas como foi visto o – set. 1858, p. 363
formas distintas de se adotar o – jul. 1866, p. 288
França e – dez. 1859, p. 485
França e – dez. 1859, p. 485; jul. 1864, p. 285; maio
1866, p. 192
franco-maçonaria e – abr. 1864, p. 169, 170
François Arago e – jun. 1859, p. 236
Frederico e – ago. 1859, p. 331
frenologia e – abr. 1862, p. 141

ÍNDICE GERAL

fusão do catolicismo com o – set. 1862, p. 364
 futuro e o – jun. 1859, p. 236; set. 1859, p. 370; ago.
 1860, p. 376; fev. 1868, p. 81
 G..., família de, e – set. 1859, p. 377
 Gazette de Lyon e – out. 1860, p. 427
 Georges Gandy e ataque ao – jan. 1861, p. 24
 gérmen das verdades e – set. 1867, p. 365
 golpe de vista sobre o – abr. 1865, p. 144
 graça descida sobre a Terra – dez. 1864, p. 488
 grandeza e profundezza do – maio 1868, p. 201
 Hermès refuta as críticas ao – mar. 1866, p. 136
 Herrensneider e resumo dos princípios do – jun.
 1868, p. 260
 Hillaire de Sonnac e – mar. 1865, p. 124
 história de um asno e – maio 1863, p. 210
 histórico do – out. 1859, p. 409
 horrores do – mar. 1863, p. 119
 idéia de Deus e – mar. 1865, p. 107
 idéias espíritas e – ago. 1863, p. 322
 idéias espiritualistas e * racional – out. 1863, p. 434
 idéias progressivas e – jul. 1868, p. 276
 idéias religiosas e – jan. 1859, p. 17; jul. 1859, p. 289
 ignorância dos homens e – abr. 1860, p. 169
 Igreja e – jan. 1863, p. 38; ago. 1863, p. 319
 Igreja francesa e – maio 1866, p. 190
 impessoalidade do – maio 1864, p. 194
 importância do * para a vida da alma – mar. 1867, p. 133
 impossibilidade da metempsicose e – nov. 1863, p. 459
 impotência da Religião e – dez. 1863, p. 486
 imprensa e propaganda do – set. 1858, p. 365
 incredulidade e – jul. 1859, p. 259
 incrédulos e – mar. 1861, p. 114

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

inexistência da SPEE e – abr. 1860, p. 162
inferno não é admitido pelo – set. 1864, p. 366
influência a estrutura social – out. 1860, p. 450
influência do – out. 1861, p. 443
influência do * sobre a música – mar. 1869, p. 135
influência do * sobre os ouvintes da música – mar.
1869, p. 135
influência do * sobre Rossini em nova existência – mar.
1869, p. 136
influência moralizadora do – set. 1862, p. 372; nov.
1865, p. 449
Inglaterra e – jun. 1860, p. 252
iniciação do N. G. Bach no – jul. 1865, p. 269
inimigos do – nov. 1861, p. 495
interdição oficial do – nov. 1863, p. 463
intolerância e perseguição ao – abr. 1868, p. 174
irmãos Davenport e – fev. 1866, p. 90
Islamismo e – nov. 1866, p. 443
Jean Reynaud e – ago. 1863, p. 316, 320
Jean-Jacques Rousseau e – ago. 1861, p. 370
Jesus e – fev. 1860, p. 107
João Gaspar Lavater e sua opinião sobre o – maio
1868, p. 199
jornal de psicologia experimental, O, e – jul. 1863, p. 290
jornal Solidarité e o – jun. 1868, p. 250, 253
Judas, Os, do – jun. 1865, p. 256
julgado como uma associação tenebrosa – mar.
1866, p. 112
julgamento do caráter do – fev. 1862, p. 68
Lamennais e – dez. 1861, p. 564
Lang, Tibulle, e carta sobre o – jan. 1863, p. 30
Lao-Tseu e – out. 1864, p. 418; out. 1868, p. 416

ÍNDICE GERAL

lei de Deus, lei de Moisés e – set. 1861, p. 408
leis da mediunidade e – nov. 1865, p. 465
Léon L...e – jun. 1861, p. 275
levitações e – out. 1859, p. 384
liberdade de consciência e – jan. 1863, p. 37; maio
1863, p. 205; fev. 1868, p. 95
liberdade de exame do – out. 1865, p. 404
livre-arbítrio e – jan. 1859, p. 22
livro de Codemberg e – abr. 1859, p. 160
Livro dos Espíritos, O, e – mar. 1863, p. 117
lógica abriu o caminho do – fev. 1862, p. 72
lógica dos adversários do – maio 1865, p. 185
loucura e – jan. 1859, p. 18; jun. 1860, p. 277; fev. 1863,
p. 59, 80; jun. 1863, p. 238; jul. 1866, p. 284
loucura, charlatanismo e – dez. 1865, p. 482
loucura, profilaxia e – fev. 1863, p. 86
luz do – jul. 1859, p. 279
magnetismo e – mar. 1858, p. 148; set. 1858, p. 366;
out. 1858, p. 421; dez. 1862, p. 526; jun. 1867, p. 261,
262, 264; nov. 1867, p. 470; jan. 1869, p. 28
males da Terra e – mar. 1861, p. 133
males que pode produzir o – jul. 1864, p. 292
marcha do – dez. 1858, p. 527
mártires do – abr. 1862, p. 174
materialismo e – dez. 1859, p. 467; set. 1860, p. 398;
jan. 1861, p. 56; nov. 1861, p. 512; jan. 1863, p. 36;
fev. 1863, p. 91; jun. 1863, p. 241; set. 1863, p. 375;
ago. 1865, p. 307
máximas do – out. 1860, p. 434
médicos, homens de ciência e – out. 1859, p. 393
mediunidade curadora e – set. 1865, p. 345

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

mesas girantes e – abr. 1861, p. 67; ago. 1865, p. 305;
out. 1865, p. 413; nov. 1865, p. 443
messias do – fev. 1868, p. 73; mar. 1868, p. 103
metamorfoses morais e – out. 1861, p. 423
metempsicose e – nov. 1863, p. 459; jun. 1865, p. 236;
mar. 1867, p. 131
metodologia científica do – nov. 1864, p. 435; ago.
1866, p. 325
milagres e – fev. 1862, p. 76; jul. 1863, p. 300
missão do – abr. 1859, p. 132; set. 1861, p. 409; out.
1862, p. 431; mar. 1865, p. 131
missão dos adeptos do – dez. 1861, p. 529
misticismo e – out. 1859, p. 421
mitologia e – dez. 1860, p. 532
Moisés, Jesus e – mar. 1861, p. 144
momento difícil de transição e – jun. 1865, p. 260
Monde, Le, e – abr. 1863, p. 172
moral do – out. 1861, p. 437
moral do Evangelho e – mar. 1865, p. 130
motivo da aceitação do – out. 1863, p. 400
motivo do crescimento do – jun. 1865, p. 255
motivo dos ataques ao – jun. 1865, p. 254
motivos para uso da palavra Espírito pelo – maio
1864, p. 189
mulher segundo o – dez. 1865, p. 598
Mundo Musical, jornal, e – dez. 1864, p. 531
músculo estalante e – jun. 1859, p. 213
Natureza e futuro do – out. 1865, p. 409
Natureza e os princípios do – jul. 1868, p. 294
necessidade de estudar para criticar o – dez. 1862, p. 500
negação das penas eternas e – maio 1863, p. 201
negação do – abr. 1863, p. 173

ÍNDICE GERAL

norte da África e – nov. 1868, p. 459
nova revelação e – set. 1861, p. 411
nova via para a Humanidade – out. 1866, p. 391
novas inspirações para as artes e o – dez. 1860, p. 534
Novo Dicionário Universal e o – jan. 1866, p. 52
novo ponto de vista dos críticos sobre o – set. 1866, p. 360
objetivos do – jul. 1861, p. 313; nov. 1861, p. 494; fev.
1863, p. 93; mar. 1863, p. 124; abr. 1863, p. 174; jan.
1865, p. 48
objeto de estudo do – set. 1867, p. 363
obras fundamentais do – dez. 1868, p. 526
obras literárias que divulgam o – jan. 1868, p. 15
obrigações que impõe o – maio 1866, p. 216
obsessão e inimigos do – dez. 1863, p. 510
ocupação do – maio 1859, p. 206
opinião de Bertran sobre o – set. 1866, p. 348
opinião pública e – jun. 1859, p. 227
opinião sobre – jul. 1859, p. 263; dez. 1859, p. 467
oportunidade de lançamento do – set. 1865, p. 378
oposição ao – mar. 1861, p. 146
oração segundo o – jan. 1866, p. 18
orçamento do – set. 1863, p. 373, 378
ordem social e – jan. 1859, p. 17
origem do – nov. 1858, p. 446; out. 1865, p. 397, 405
padre reconhece o * como mensagem divina – set.
1862, p. 376
papel de Allan Kardec na elaboração do – nov.
1864, p. 437
passado, futuro e – mar. 1863, p. 108
pastoral do Sr. Bispo de Argel contra o – nov. 1863, p. 453
Paulo, apóstolo, e ensinamentos do – dez. 1863, p. 499
Paulo, apóstolo, e expansão do – dez. 1863, p. 496

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

paz das famílias e – nov. 1863, p. 461
peças teatrais que falam de – jul. 1868, p. 303
penas, recompensas futuras e – jan. 1859, p. 17
penetração do * na Argélia – nov. 1863, p. 453, 456
perguntas sobre o – jan. 1859, p. 11
perigo ao – set. 1859, p. 343
perigos que oferece o – out. 1858, p. 403
período científico do – abr. 1858, p. 152
período de curiosidade do – set. 1858, p. 369; dez.
1863, p. 504
período filosófico do – dez. 1863, p. 504
período psicológico do – abr. 1858, p. 151
períodos do – dez. 1863, p. 504, 506
peritos e – abr. 1863, p. 173
perpetuidade do – fev. 1865, p. 61
perseguições judiciais contra o – mar. 1866, p. 111
pluralidade das existências e – out. 1861, p. 432; maio
1863, p. 188; set. 1863, p. 370
pneumatografia e – ago. 1859, p. 300
pode ser considerado um partido – ago. 1868, p. 336
poesias espíritas e – abr. 1865, p. 171
polêmica sobre – dez. 1858, p. 443
ponto de partida do ensino do – set. 1865, p. 363
ponto de vista da vida futura e – jul. 1862, p. 270
ponto de vista do – abr. 1867, p. 145
posição de Roma em relação ao – jan. 1868, p. 25
Poussin, abade, e – jan. 1868, p. 24
povo russo e – maio 1868, p. 203
práticas supersticiosas e – abr. 1858, p. 154
pré-julgamento e dissidências no – abr. 1860, p. 164
preconceitos sociais e – nov. 1861, p. 513; out.
1863, p. 402

ÍNDICE GERAL

precursores do – set. 1865, p. 364
 prédicas contra o – maio 1863, p. 199
 pregação do * a paroquianos – dez. 1863, p. 487
 preocupação infundada com o – jun. 1860, p. 249
 prestidigitador e – ago. 1861, p. 362; jul. 1863, p. 284
 pretensos adeptos e – mar. 1863, p. 113
 previsão do Leblanc de Prébois e – nov. 1863, p. 456
 previsão do futuro do – set. 1858, p. 370
 principais conquistas do – ago. 1865, p. 310
 princípio progressivo e perenidade do – dez. 1868, p. 516
 princípios básicos do – mar. 1861, p. 121; jan. 1863, p. 29
 princípios da Ciência e – jan. 1859, p. 11
 princípios do – jan. 1859, p. 17, 49; jul. 1859, p. 288; out.
 1861, p. 436; fev. 1863, p. 93; ago. 1863, p. 316, 351; nov.
 1863, p. 476; abr. 1867, p. 145; set. 1867, p. 370
 prioridade em matéria de – dez. 1858, p. 524, 525
 Processo Hillaire, O, e posição do – mar. 1865, p. 129
 proclamação da glória e grandeza do – jan. 1865, p. 50
 prodígios e – ago. 1863, p. 335
 progresso da religião e – fev. 1868, p. 96
 progresso do – jun. 1859, p. 219; jun. 1861, p. 259; fev.
 1863, p. 92; mar. 1863, p. 103; jul. 1863, p. 307; dez.
 1863, p. 504
 progresso material favorecido pelo – nov. 1864, p. 436
 proibição da prática do – nov. 1863, p. 462
 promoção do * à categoria de religião – abr. 1862, p. 174
 propagação do – set. 1858, p. 363, 367; out. 1861, p.
 435; nov. 1861, p. 491; jun. 1862, p. 261; abr. 1863, p.
 164; maio 1863, p. 204, 206; jul. 1863, p. 286, 298; out.
 1863, p. 400; dez. 1863, p. 483; fev. 1865, p. 63; jun.
 1865, p. 255; jul. 1865, p. 278; jul. 1866, p. 264; ago.
 1867, p. 346; jun. 1868, p. 250; jul. 1868, p. 301

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

propriedades do perispírito e – jan. 1865, p. 42; ago. 1865, p. 318
proselitismo e pregação do – ago. 1858, p. 333
protestantismo e – jun. 1864, p. 246
prudência com as idéias novas e – jul. 1868, p. 286
prudência com o movimento progressivo do – dez. 1868, p. 516
psicologia experimental e – maio 1865, p. 182
publicações intempestivas e excêntricas – mar. 1863, p. 110
publicações, críticas, sermões e – dez. 1863, p. 516
purgatório e inferno no – nov. 1863, p. 459
questionamentos aos perseguidores do – abr. 1868, p. 176
raciocínio e – ago. 1859, p. 301
racionalidade do – dez. 1862, p. 510
razão da marcha segura do – fev. 1865, p. 67
razões do progresso do – jan. 1860, p. 19
razões dos ataques ao – abr. 1862, p. 178
realidade da alma e – set. 1863, p. 362
reciprocidade entre * e Ciência – set. 1867, p. 363
reconhecimento da alma no – jul. 1865, p. 281
recusa a absolvição dos adeptos do – nov. 1863, p. 462
reforma dos abusos e – jul. 1866, p. 272
reforma interior e – out. 1860, p. 436
reforma moral e – abr. 1866, p. 156
regeneração da Humanidade e o messias do – mar. 1868, p. 105
regeneração moral e religiosa e – set. 1863, p. 358
religião e – abr. 1859, p. 132; maio 1859, p. 205, 206; out. 1861, p. 438; nov. 1861, p. 494; set. 1862, p. 362; set. 1863, p. 388; fev. 1866, p. 57; dez. 1868, p. 491
religião nova e – jul. 1859, p. 288
religião universal e – jun. 1862, p. 263

ÍNDICE GERAL

respeitado pelos seus inimigos – jan. 1860, p. 49
responsabilidade do * e publicações indignas – fev.
1865, p. 73
responsabilidade e – mar. 1869, p. 102
resposta a uma pergunta sobre o – jan. 1863, p. 37
resposta aos detratores do – fev. 1862, p. 64
resultados das leis naturais – dez. 1868, p. 506
resultados dos ensinamentos do – ago. 1865, p. 307
revelação do – jan. 1859, p. 22
revelação e desenvolvimento progressivo do – maio
1868, p. 201
Revista Espírita e progresso do – jan. 1865, p. 16
revolução moral e – nov. 1864, p. 436; ago. 1867, p. 341
sabedoria humana e – jun. 1862, p. 264
sábios e – abr. 1864, p. 162
Salgues e – maio 1865, p. 195, 196
são-simonismo e – dez. 1866, p. 510
seita do – jan. 1861, p. 30
sem comunicações dos Espíritos – abr. 1866, p. 150
sentimento religioso e – maio 1861, p. 238
sermões contra o – fev. 1863, p. 67; abr. 1863, p. 170;
out. 1863, p. 436
serviços prestados pelo – maio 1863, p. 198
simbologia de fogo e – dez. 1859, p. 473
similitudes da franco-maçonaria com o – abr. 1864, p. 174
sinceros adeptos e – mar. 1863, p. 115
síntese de crenças universais – dez. 1866, p. 494
situação do * em 1860 – jan. 1860, p. 15
situação do * em 1863 – jan. 1864, p. 18
sobrenatural, feitiçaria e – set. 1866, p. 354
sociedade e – ago. 1863, p. 317

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e – abr.
1860, p. 161
sofrimento e – dez. 1859, p. 473
solidariedade e – abr. 1859, p. 169
sonambulismo e – jul. 1868, p. 302
subjugação e – fev. 1863, p. 59
subordinação hierárquica e – abr. 1866, p. 157
suicídio e – nov. 1859, p. 454; fev. 1861, p. 89; jul. 1862,
p. 282; abr. 1863, p. 172
superioridade filosófica do – set. 1863, p. 359
superstição e – jan. 1859, p. 18; abr. 1865, p. 157
supremacia moral do – abr. 1866, p. 160
surgimento do – set. 1858, p. 363; abr. 1867, p. 147
tática dos adversários do – fev. 1862, p. 62
teogonia pagã e – dez. 1860, p. 532
teorias do – ago. 1859, p. 301
teorias preconcebidas e – jan. 1868, p. 47
terceira revelação e – set. 1861, p. 418
tesouros escondidos e – out. 1864, p. 426
textos evangélicos e – ago. 1861, p. 372
Tony e – dez. 1862, p. 505
torturas morais pela crença no – abr. 1862, p. 176
trabalho dos adversários do – jul. 1861, p. 321
transformação moral ativa e – abr. 1864, p. 162
transformação social pela força do – mar. 1864, p. 127
transformado em religião pela Igreja – set. 1864, p. 361
triunfo do – out. 1866, p. 407
última palavra do – fev. 1865, p. 65
união da ciência ao – jul. 1868, p. 290
união da Filosofia ao – set. 1863, p. 355; nov.
1863, p. 439

ÍNDICE GERAL

união da franco-maçonaria com o – abr. 1864, p. 172
valor real dos Espíritos e – abr. 1861, p. 181
verdadeiro – jan. 1860, p. 15
verdadeiros tesouros e – ago. 1861, p. 369
verdades do – nov. 1860, p. 513
verdades eternas e – ago. 1865, p. 304
violências contra o – jun. 1863, p. 234
virtudes que ensina o – maio 1864, p. 204
visão otimista do futuro e – dez. 1860, p. 533
visões e – jul. 1861, p. 294
vista de olhos sobre o * em 1864 – jan. 1865, p. 14
Voltaire e – set. 1859, p. 357
vulgarização da idéia do – abr. 1865, p. 147
vulgarização do – nov. 1859, p. 426
zombaria e – mar. 1859, p. 102

ESPIRITISMO AMERICANO

diferenças entre o Espiritismo europeu e o – maio
1864, p. 200

ESPIRITISMO COMPLETO

resultados coletivos e gerais e o – dez. 1868, p. 506

ESPIRITISMO CRISTÃO

lei do Cristo e – abr. 1866, p. 160

ESPIRITISMO E A LITERATURA CONTEMPORÂNEA, O

Allan Kardec e – out. 1869, p. 431; nov. 1869, p. 451

ESPIRITISMO E ESPIRITUALISMO

fusão futura do – nov. 1869, p. 461

ESPIRITISMO E O ESPIRITUALISMO, O

Allan Kardec e – nov. 1869, p. 460

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

ESPIRITISMO EM BOLONHA

luz, A, jornal, e – fev. 1865, p. 95

ESPIRITISMO EM BORDEAUX

ponto de vista do – nov. 1861, p. 473

ESPIRITISMO EM LYON

jornal bimensal – ago. 1868, p. 354

progresso alcançado pelo – out. 1861, p. 421

ESPIRITISMO EUROPEU

diferenças entre o Espiritismo americano e o – maio
1864, p. 200

ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

continuação de O Livros dos Espíritos – jul. 1860, p. 332

fluidos espirituais, perispírito e – set. 1867, p. 374

Livro dos Médiuns, O, e – jan. 1861, p. 23

ESPIRITISMO FILOSÓFICO

influência do * na regeneração da Humanidade – out.
1869, p. 402

ESPIRITISMO INDEPENDENTE

Espiritismo sem os Espíritos e – abr. 1866, p. 157

falta de justificativa para um – abr. 1866, p. 161

insensatez e – abr. 1866, p. 162

ESPIRITISMO MODERNO

data de início do – ago. 1868, p. 342

Doutrina Espírita e – ago. 1868, p. 342

ESPIRITISMO NA AMÉRICA, O

Guérin, Clémence – nov. 1861, p. 521

ESPIRITISMO NA BÍBLIA, O

Henri Stecki e – set. 1868, p. 398; nov. 1868, p. 479

ÍNDICE GERAL

ESPIRITISMO NA ESPANHA

apóstolos do – mar. 1869, p. 104

ESPIRITISMO NA SOCIEDADE

invasão do – jun. 1865, p. 231

ESPIRITISMO NA SUA EXPRESSÃO MAIS SIMPLES, O

edição da brochura – jan. 1862, p. 50

efeito da publicação de – mar. 1863, p. 104

materialista se converte com a leitura de – maio
1862, p. 196

primeiro livro espírita na Rússia – jun. 1865, p. 232

publicação em russo de – jul. 1864, p. 304

publicado em português – jul. 1864, p. 290

reimpressão do livro de Allan Kardec – abr. 1862, p. 181

Sociedade Espírita de Viena e – jun. 1862, p. 256

tradução em italiano da obra – mar. 1864, p. 132

ESPIRITISMO NATIMORTO

temor do – ago. 1867, p. 348

ESPIRITISMO NO BRASIL, O

extrato do jornal Diário da Bahia e – nov. 1865, p. 442

ESPIRITISMO OU ESPIRITUALISMO EM METZ, O

cilada dos maus Espíritos e – nov. 1861, p. 518

ESPIRITISMO PAGÃO

São Cipriano e – jan. 1868, p. 35

ESPIRITISMO PARA TODOS

coletânea de comunicações – jun. 1862, p. 266

ESPIRITISMO PERANTE A CIÊNCIA, O

Chevillard e – mar. 1869, p. 122

ESPIRITISMO PERANTE A RAZÃO, O

Victor Tournier e o livro – nov. 1869, p. 451

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

ESPIRITISMO POÉTICO

significado de – abr. 1865, p. 173

ESPIRITISMO SEM OS ESPÍRITOS

Espiritismo independente e – abr. 1866, p. 157

ESPIRITISMO SÉRIO

significado de – abr. 1865, p. 173

ESPÍRITO ASSASSINO

confissões de um – fev. 1860, p. 92

sofrimento do – fev. 1860, p. 93

visões que tem o – fev. 1860, p. 88

ESPÍRITO BATEDOR

armário fechado se abre por ação de – fev. 1866, p. 84

armas de fogo e – mar. 1864, p. 112

Bergzabern e – jul. 1858, p. 284

brochura do Sr. Blanck e – jun. 1858, p. 241

características do – jun. 1863, p. 262

comunicação com – jun. 1864, p. 253, 256

conceito de – set. 1860, p. 386

condição evolutiva do – maio 1858, p. 206

considerações sobre – maio 1858, p. 206

duendes e – jan. 1858, p. 40

efeitos físicos e – mar. 1859, p. 92

escrita direta pelo – jun. 1864, p. 257

Espírito encarnado e – maio 1859, p. 211

Espírito tiptor e – jun. 1863, p. 262

existência e comunicação do – out. 1869, p. 410

exorcismação de – fev. 1866, p. 84

faculdades de percepção do – mar. 1867, p. 141

Fontenelle e – jan. 1864, p. 47

função do – jul. 1858, p. 297

ÍNDICE GERAL

identificação da aparição de – maio 1859, p. 195
Jobert e – jun. 1859, p. 223
manifestações físicas e – jan. 1858, p. 34
orações ao – jun. 1864, p. 256
rastros luminosos e – maio 1859, p. 195
Rússia e – maio 1868, p. 221
Schiff e – jun. 1859, p. 214
Taunton e – set. 1866, p. 375
vontade de mistificar e – jun. 1859, p. 220

ESPÍRITO BATEDOR DE BERGZABERN

forma espiritual do – nov. 1858, p. 462
propósito do – maio 1858, p. 207

ESPÍRITO BATEDOR DE CARCASSONNE

considerações sobre – jun. 1863, p. 257
fábula premiada e – jun. 1863, p. 252
incredulidades e – jun. 1863, p. 259

ESPÍRITO BATEDOR DE DIBBELSDORF

Antoine Kettelhut e – ago. 1858, p. 340

ESPÍRITO BATEDOR DO AUBE

evocação do – jan. 1861, p. 51
manifestações do – jan. 1861, p. 46

ESPÍRITO BEM-AVENTURADO

carta de um – abr. 1868, p. 155

ESPÍRITO BOM

afastamento de – fev. 1859, p. 54
características de – mar. 1858, p. 77; fev. 1859, p. 56;
set. 1859, p. 348
caráter das comunicações do – jun. 1860, p. 267
charlatães e – jun. 1859, p. 215

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

como livrar-se de um – fev. 1859, p. 74
condições de simpatia e – jul. 1859, p. 266
contração muscular e – jun. 1859, p. 216
dificuldade do * para ajudar o médium – dez.
1862, p. 494
egoísmo e – mar. 1859, p. 95
Espírito batedor e – jun. 1863, p. 262
Espírito mau impede a comunicação de um – dez.
1860, p. 548, 550
Felícia e festa de – maio 1861, p. 240
fluido humano e fluido de – abr. 1865, p. 162
fenômeno oculto do – jun. 1859, p. 214
imitação do – jun. 1859, p. 216
influência de – out. 1865, p. 417
inspiração e – fev. 1859, p. 65
intervenção sobrenatural e – jun. 1859, p. 216
investigação e – set. 1859, p. 347
Jobert e – jun. 1859, p. 223
linguagem de – set. 1859, p. 348; abr. 1860, p. 164
lisonja e – dez. 1859, p. 534
mediunidade e – mar. 1859, p. 95
médiuns imperfeitos usados pelo – jun. 1860, p. 268
meio de conquistar o apoio de – jun. 1865, p. 241
obsessão e – set. 1859, p. 350
presciência divina e instruções de – out. 1863, p. 431
qualidades que atraem – fev. 1859, p. 60
recomendação de – fev. 1859, p. 56
Tempo, O, e – jan. 1861, p. 281
verdade e – jul. 1859, p. 266
verdadeira missão do – set. 1860, p. 422; mar.
1862, p. 134

ÍNDICE GERAL

ESPÍRITO BRINCALHÃO

comportamento de um – nov. 1862, p. 456

efeito da oração na reforma de um – nov. 1862, p. 458

ESPÍRITO COMUNICANTE

procedimentos do – jun. 1867, p. 263

ESPÍRITO CONSELHEIRO

Gaspard o – jun. 1860, p. 256

ESPÍRITO CRIMINOSO

sofrimento do – jul. 1862, p. 296

visão da vítima atormenta – nov. 1862, p. 446

ESPÍRITO DANÇARINO

comunicação de um – fev. 1860, p. 65

evocação do – fev. 1860, p. 66

médium influenciado pelo – fev. 1860, p. 68

novos detalhes sobre o – fev. 1860, p. 67

ESPÍRITO DAS TRADIÇÕES

Santo Agostinho e o verdadeiro – nov. 1863, p. 477

ESPÍRITO DE CARCASSONNE

novo sucesso do – nov. 1863, p. 473

ESPÍRITO DE CIÊNCIA

características gerais e – mar. 1858, p. 78

ESPÍRITO DE PESSOA VIVA

conversa com um – jan. 1860, p. 29

envoltório do – mar. 1860, p. 139

estudo sobre o – mar. 1860, p. 130

ESPÍRITO DE SABEDORIA

características gerais do – mar. 1858, p. 78

ESPÍRITO DE UM CÃO, O

inteligência dos animais e – out. 1869, p. 414

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

ESPÍRITO DE VERDADE

Allan Kardec e – nov. 1861, p. 512
bases da Doutrina Espírita e – jul. 1865, p. 274
conselhos – abr. 1860, p. 186
Consolador e – set. 1867, p. 368, 376
Erasto e o – out. 1861, p. 442; nov. 1861, p. 501, 506
Evangelho e o – jul. 1866, p. 298
Jesus e – dez. 1864, p. 534; fev. 1868, p. 77
leis do futuro e – maio 1865, p. 210

ESPÍRITO DEPURADOR

trabalho e – ago. 1858, p. 349

ESPÍRITO DESENCARNADO

alma e – fev. 1859, p. 53
assembléias e – abr. 1859, p. 140
cura moral do – jul. 1865, p. 285
educação moral do – jul. 1865, p. 285
Espírito encarnado e – maio 1859, p. 211
modificações nas aptidões do – jul. 1865, p. 284
seres angélicos, demoníacos e – abr. 1869, p. 145
visão da vida passada e – jul. 1865, p. 287

ESPÍRITO DO MAL

manifestação do – out. 1865, p. 397

ESPÍRITO E CORPO

separação entre – ago. 1863, p. 350

ESPÍRITO EGOÍSTA

sofrimento de um – dez. 1860, p. 556

ESPÍRITO ELEMENTAL

reencarnação de – mar. 1860, p. 151

ÍNDICE GERAL

ESPÍRITO ENCARNADO

- categorias do – out. 1866, p. 408
- comportamento do – jul. 1865, p. 287
- educação moral do – jul. 1865, p. 285, 288
- missões secundárias do – mar. 1865, p. 105
- tempo de locomoção do – mar. 1860, p. 144

ESPÍRITO ENDURECIDO

- história de um – maio 1862, p. 220

ESPÍRITO ENVERGONHADO

- agradecimento de – out. 1867, p. 437

ESPÍRITO ESCLARECIDO

- conceito de – mar. 1864, p. 97

ESPÍRITO FALADOR

- notícias sobre um – jun. 1860, p. 253

ESPÍRITO FAMILIAR

- agênere e – fev. 1859, p. 67
- Allan Kardec e – jan. 1861, p. 16
- anjo-da-guarda e – fev. 1861, p. 86
- características do – jan. 1859, p. 14
- conselho do – jan. 1861, p. 58
- evocação de – fev. 1861, p. 86
- fábula e – jun. 1863, p. 252; ago. 1863, p. 354
- identidade do – mar. 1858, p. 127, 128
- Mally e – ago. 1859, p. 317
- médiuns e – jan. 1859, p. 43
- Senhor de Corasse e – maio 1860, p. 207

ESPÍRITO FORTE

- religião e – out. 1859, p. 384

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

ESPÍRITO FRACO

escolha das provas do – out. 1860, p. 478

progresso do – out. 1860, p. 477

ESPÍRITO GALHOFEIRO

ciência espírita e – nov. 1859, p. 425

comunicações do – set. 1859, p. 344

ESPÍRITO GASTRÔNOMO

Baltazar, o – nov. 1860, p. 496; dez. 1860, p. 546

ESPÍRITO GROSSEIRO

identificação do – out. 1858, p. 409

ESPÍRITO HIPÓCRITA

características do – out. 1858, p. 409

Erasto e – ago. 1861, p. 356

ESPÍRITO HUMANO

causas influenciadoras do – maio 1865, p. 210

conceito de inspiração e – maio 1865, p. 210

conceito de reflexão e – maio 1865, p. 210

conceito de revelação e – maio 1865, p. 210

tendência do * para verdade – maio 1865, p. 209

ESPÍRITO IMATURO

comportamento de um – maio 1868, p. 206

ESPÍRITO IMPACIENTE

desconfiança do – maio 1865, p. 210

ESPÍRITO IMPERFEITO

alteração na identidade do – dez. 1863, p. 513

características gerais do – mar. 1858, p. 73

comportamento do – fev. 1859, p. 58

cupidez e – mar. 1859, p. 94

falibilidade do – jul. 1860, p. 325, 326

ÍNDICE GERAL

felicidade do – fev. 1859, p. 58
imperfeições morais e – fev. 1859, p. 57, 59
obsessão e – fev. 1859, p. 58
orgulho e – fev. 1859, p. 57

ESPÍRITO IMPOSTOR

dificuldade para impedir o – jul. 1858, p. 300
médiuns videntes e – jun. 1860, p. 270

ESPÍRITO IMPURO

características gerais do – mar. 1858, p. 75
João Gaspar Lavater e o conceito de – mar. 1868, p. 121

ESPÍRITO INCRÉDULO E MATERIALISTA

erraticidade e – maio 1863, p. 222

ESPÍRITO INFELIZ

Claire, um – dez. 1860, p. 555
confissões de um – dez. 1860, p. 553

ESPÍRITO INFERIOR

acesso do * às harmonias e sensações – mar. 1865, p. 100
afinidade com o – out. 1858, p. 406
atividades de um – nov. 1860, p. 498
características do – set. 1859, p. 350; fev. 1863, p. 62
comunicações espíritas e – nov. 1859, p. 426
desencarnados se julgam vivos – jun. 1868, p. 248
Espíritos batedores e – mar. 1859, p. 92
evocação de – dez. 1858, p. 505; dez. 1859, p. 514
exorcismo e – fev. 1859, p. 76
futuro e – jan. 1859, p. 14
harmonia e – mar. 1869, p. 131
linguagem do – mar. 1860, p. 146
locomoção de um – nov. 1864, p. 454
manifestações físicas e – jan. 1858, p. 35; fev. 1859, p. 66

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

meios para dominar o – dez. 1862, p. 495
mistificação e – mar. 1859, p. 95
necessidade materiais do * e João Gaspar Lavater –
mar. 1868, p. 119
obsessões e – fev. 1863, p. 63
paixões, desejos e – abr. 1859, p. 135
proibição de reencarnar na Terra ao – fev. 1860, p. 69
questionamentos ao – jan. 1858, p. 36
respostas do – mar. 1859, p. 94
saudades do – abr. 1859, p. 142
sofrimentos do – jun. 1861, p. 281
sofrimentos morais e – maio 1859, p. 176
sono sentido somente por – jun. 1866, p. 242
Tempo, O, e – jun. 1861, p. 281
tendência para o mal do – mar. 1858, p. 131
utilidade das comunicações do – jan. 1858, p. 27
visão de Deus pelo – maio 1866, p. 185

ESPÍRITO INTELIGENTE

natureza material e – jan. 1861, p. 37

ESPÍRITO INTRUSO

comunicações mediúnicas e – jan. 1860, p. 58

ESPÍRITO ISRAELITA A SEUS CORRELIGIONÁRIOS

Edouard Pereyre (Espírito) e – set. 1861, p. 408

ESPÍRITO LEVIANO

características do – fev. 1859, p. 56; jul. 1859, p. 266
características gerais do – mar. 1858, p. 75
caráter do – out. 1860, p. 463
comportamento ante o – abr. 1867, p. 176
desconhece a fato da reencarnação – nov. 1862, p. 455
Espírito travesso e – mar. 1859, p. 120

ÍNDICE GERAL

ingerência do – fev. 1859, p. 55
interrogador e – fev. 1859, p. 60
intromissão de – fev. 1865, p. 73, 77
julgamento do – fev. 1859, p. 55
oração e – fev. 1859, p. 75
presunção de perfeição e – jul. 1859, p. 267
prova de identidade e – jul. 1867, p. 296
reuniões frívolas e – mar. 1859, p. 123
reuniões sérias e – mar. 1859, p. 123

ESPÍRITO MAL-INTENCIONADO

afastamento do – fev. 1859, p. 56

ESPÍRITO MALÉVOLO

conseqüência da familiaridade com – maio 1865, p. 216
humorismo e – out. 1858, p. 424
médium lisonjeado e – fev. 1865, p. 73

ESPÍRITO MARCADO

Espíritos superiores e – fev. 1868, p. 78

ESPÍRITO MAU

ação do exorcismo sobre – jun. 1865, p. 243
afastamento do – fev. 1859, p. 57
características do – jun. 1860, p. 269
caráter do – out. 1860, p. 463
castigo que sofre o – out. 1860, p. 464
causa do poder do – dez. 1862, p. 494
conceito de – dez. 1860, p. 551
Deus e a atuação do – fev. 1866, p. 67
Espírito bom impedido de se comunicar por um – dez.
1860, p. 548
força da oração na renovação do – jan. 1864, p. 36
função do – abr. 1860, p. 159
futuro do – out. 1860, p. 477

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

incapaz de escrever a palavra Deus – jan. 1864, p. 35
insegurança no arrependimento e – nov. 1864, p. 446
médium perfeito e – fev. 1859, p. 55
meios de se preservar do – jun. 1860, p. 265; fev.
1868, p. 73
melhoria da Humanidade e – out. 1860, p. 477
prazeres grosseiros e – out. 1860, p. 456
recebe esclarecimento sobre Deus – dez. 1860, p. 551
receita para afastar o – dez. 1862, p. 496
recuperação de um – out. 1864, p. 421
temor ao exame e – fev. 1859, p. 56

ESPÍRITO MISSIONÁRIO

diferença entre um messias e um – mar. 1868, p. 108
missão do – mar. 1861, p. 148

ESPÍRITO MISTIFICADOR

ação do – set. 1859, p. 353
morte de Jobard e – mar. 1862, p. 118
São Luís é vítima de – abr. 1860, p. 159

ESPÍRITO NEUTRO

características gerais do – mar. 1858, p. 76

ESPÍRITO OBSESSOR

ação do Espiritismo sobre – jun. 1865, p. 243
ação moralizadora sobre – jun. 1867, p. 264
evocação de um – maio 1865, p. 198
tratamento do – out. 1867, p. 433

ESPÍRITO ORGULHOSO

caráter do – jul. 1860, p. 327
luz espiritual é castigo para o – jul. 1864, p. 295
plenitude das faculdades é sofrimento para o – jul.
1864, p. 296

ÍNDICE GERAL

ESPÍRITO PERTURBADO

audição do – jul. 1862, p. 296

ESPÍRITO PERTURBADOR

manifestações físicas e – jan. 1863, p. 16

ESPÍRITO PERVERSO

características do – fev. 1863, p. 61

caráter do – out. 1860, p. 463

ESPÍRITO POUCO ELEVADO

utilidade das comunicações com – mar. 1858, p. 127

ESPÍRITO PRESUNÇOSO

características do – set. 1859, p. 352

ESPÍRITO PROFÉTICO

origem do – abr. 1867, p. 150

poetas e – abr. 1867, p. 153

ESPÍRITO PROGRESSISTA

Espírito retardatário e – out. 1866, p. 409

ESPÍRITO PROPRIETÁRIO

comunicação de – fev. 1869, p. 79

sensações físicas de – fev. 1869, p. 82

situação espiritual de – fev. 1869, p. 81

ESPÍRITO PROTETOR

mundo dos Espíritos e – jan. 1859, p. 16

perfil do – jan. 1859, p. 16

respeito ao livre-arbítrio e – dez. 1862, p. 495

ESPÍRITO PSEUDO-SÁBIO

características gerais do – mar. 1858, p. 76

comunicações do – set. 1859, p. 344

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

comunicações mediúnicas e – maio 1863, p. 221
linguagem obscura, empolada e confusa do – out.
1862, p. 435

ESPÍRITO PURO

ação incessante do – set. 1869, p. 392
asas brancas e – jun. 1861, p. 271
características gerais do – mar. 1858, p. 79
caráter do – out. 1860, p. 471
conceito de – set. 1858, p. 390; set. 1867, p. 371
destino das nações e – out. 1860, p. 458
Deus e – out. 1860, p. 473
missões do – mar. 1865, p. 103
palavra de Deus e – set. 1867, p. 360
suprema felicidade e – mar. 1865, p. 101
Tempo, O, e – jun. 1861, p. 281

ESPÍRITO RETARDATÁRIO

nova geração e – out. 1866, p. 400
transformação da Humanidade e – out. 1866, p. 409
transformação da Terra e expulsão do – out. 1866, p. 404

ESPÍRITO SANTO

Cristo e – ago. 1863, p. 321

ESPÍRITO SÉRIO

características do – jul. 1859, p. 266
diálogo com – mar. 1860, p. 146
divertimento e – jan. 1859, p. 23
técnica de comunicação do – ago. 1858, p. 332

ESPÍRITO SOFREDOR

ação sobre – jan. 1865, p. 35
crença no sofrimento eterno e – dez. 1862, p. 524
evocação benéfica – dez. 1864, p. 518

ÍNDICE GERAL

intervenção dos homens para alívio do – jan. 1865, p. 29
mensagem atormentada de um – out. 1864, p. 417; nov.
1864, p. 445, 446
necessidade de oração pelo – dez. 1862, p. 522
pede um amigo encarnado – dez. 1864, p. 515
prazeres mundanos e – dez. 1860, p. 557
relê as obras de Allan Kardec – maio 1868, p. 210
rogativa de orações por um – set. 1864, p. 373
solicitação de preces para – jan. 1860, p. 56
SPEE e o atendimento a – dez. 1860, p. 529

ESPÍRITO TRATANTE

reuniões e – maio 1859, p. 174

ESPÍRITO TRAVESSO

Allan Kardec e – mar. 1859, p. 120
diversão e – mar. 1859, p. 121
Espírito leviano e – mar. 1859, p. 121
evocação de – mar. 1859, p. 120
perispírito e – mar. 1859, p. 122

ESPÍRITO VAIDOSO

lamentações de um – dez. 1864, p. 511

ESPÍRITO VISITANTE

François Franckowski e – out. 1863, p. 418
características do – set. 1859, p. 349
nova vida e – abr. 1859, p. 141
ocupações do – abr. 1859, p. 140

ESPÍRITO ZOMBETEIRO

médium obsidiado e – jan. 1859, p. 49

ESPÍRITO(S)

ação da vontade do – ago. 1859, p. 308
ação do * na infância – fev. 1865, p. 70

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

ação do * no sono – set. 1859, p. 368
ação do * sobre a matéria – abr. 1859, p. 136; ago.
1859, p. 304
ação do * sobre corpos inertes – jan. 1859, p. 12
ação do * sobre os fluidos – set. 1865, p. 356
ação do * sobre os órgãos – ago. 1863, p. 332
ação do mau – jan. 1863, p. 16
ação material do – ago. 1863, p. 331
ação sobre a matéria e – abr. 1859, p. 136
afinidade e – jan. 1859, p. 24
agêneres e classe dos – fev. 1859, p. 65
aparição de * de pessoa viva – ago. 1859, p. 297
apresentação do – jan. 1859, p. 12
aptidão para aceitar conselhos e – jul. 1865, p. 288
Aristóteles e – out. 1859, p. 410
assembléias de – abr. 1859, p. 140
base da classificação dos – mar. 1858, p. 71
bazófia e – jan. 1859, p. 50
características do * na Terra – mar. 1865, p. 103
características dos pensamentos do – jul. 1861, p. 322
características físicas e morais do – jun. 1863, p. 261
castigo do – maio 1863, p. 224
categorias principais dos – mar. 1958, p. 73
cegueira moral do – maio 1863, p. 224
classes dos – jan. 1859, p. 11
como agem sobre a matéria inerte – abr. 1864, p. 150
comparação entre os homens e os – mar. 1858, p. 72
comportamento do – ago. 1863, p. 337
comunicação do * condenado – out. 1863, p. 437
comunicações do – jan. 1859, p. 13
conceito de – maio 1859, p. 205; set. 1859, p. 342
Conde de R... e estado do – dez. 1859, p. 532

ÍNDICE GERAL

condição do * após a morte – jan. 1860, p. 50
conselhos do – jan. 1859, p. 15
conservam as afeições – abr. 1864, p. 150
convulsões da agonia e – jun. 1861, p. 264
corpo físico e – abr. 1859, p. 135
crença nos * desde a antigüidade – out. 1859, p. 410
criação do – mar. 1862, p. 128; jun. 1863, p. 232
criação e progresso do – mar. 1865, p. 99
definição de – jan. 1859, p. 11
desconfiança do – set. 1859, p. 349
desenvolvimento do * e reinos da natureza – maio
1865, p. 183
desmentido sobre bordoadas do – maio 1863, p. 214
despertar do – dez. 1858, p. 513; out. 1860, p. 476
desprendimento do – abr. 1859, p. 133
Dia de Finados e – dez. 1860, p. 565
diferenças de poder e conhecimento do – out.
1858, p. 405
diferentes ordens de – mar. 1858, p. 71
dignidade e susceptibilidade do – nov. 1860, p. 495
distinção da natureza do – nov. 1860, p. 513
Doutrina Espírita repudia comércio com – jan.
1869, p. 37
duração da aparência do – fev. 1859, p. 62
eficiência do trabalho do – dez. 1869, p. 524
encarnação e – mar. 1859, p. 111; jun. 1863, p. 231
endurecimento absoluto e – abr. 1859, p. 140
ensinamentos do – set. 1863, p. 376
entrada no mundo do – abr. 1859, p. 133
envoltório corporal do – ago. 1859, p. 298
envoltório do – jan. 1859, p. 13; ago. 1859, p. 298; dez.
1859, p. 463

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

erraticidade e – set. 1861, p. 393
escolha das provas e – jul. 1863, p. 296
escolha e adoração do – maio 1865, p. 188
escrita direta e atributo do – ago. 1859, p. 311
escrita espírita e natureza do – jan. 1859, p. 49
estados dos – mar. 1859, p. 118; abr. 1859, p. 139
evocação de – jan. 1859, p. 24; fev. 1859, p. 76
evocação do * de um soberano – set. 1859, p. 361
evocação e duração do desprendimento do – out.
1863, p. 409
existência do * se comprova pela existência da alma –
set. 1860, p. 398
existências corporais e – mar. 1859, p. 108
experiências com – jul. 1859, p. 260
fases do progresso do – maio 1865, p. 183
felicidade do – mar. 1865, p. 100
fenômeno de perturbação e – fev. 1865, p. 70
fenômenos naturais e – set. 1859, p. 375
finalidade do – dez. 1859, p. 475
fisiologia do – maio 1859, p. 195
forma aparente do – jan. 1859, p. 21
forma como aparece o – jul. 1858, p. 292
forma física do – abr. 1864, p. 148
formação de objetos e – ago. 1859, p. 308
frenologia e – ago. 1863, p. 319
grau de desenvolvimento do – jan. 1859, p. 12
grau de percepção do – jan. 1860, p. 38
graus do – fev. 1859, p. 52
hábitos, inclinações e preconceitos do – fev. 1865, p. 84
hierarquia entre – abr. 1859, p. 140; fev. 1861, p. 72;
mar. 1865, p. 104
história de um * danado – fev. 1860, p. 85

ÍNDICE GERAL

identidade do – jul. 1859, p. 262; ago. 1863, p. 351
ilusão do * e aparições – dez. 1859, p. 475
inconveniente de impor um médium ao – maio
1865, p. 191
incredulidade e materialismo no – maio 1863, p. 223
influência do – jan. 1859, p. 12; fev. 1859, p. 53; maio
1859, p. 182; set. 1859, p. 342, 343; dez. 1859, p. 495,
512; out. 1861, p. 433; jan. 1863, p. 13
inspiração e – jan. 1859, p. 15; ago. 1863, p. 346
instrumentos de Deus – mar. 1864, p. 120
intenção e aparência do – jan. 1859, p. 23
intervenção do – jul. 1859, p. 286; set. 1865, p. 356
invisibilidade do – ago. 1859, p. 299
Jesus e a progressão do – out. 1863, p. 425
laço semimaterial e – abr. 1859, p. 133
liberdade do – abr. 1864, p. 154
limite dos conhecimento do – abr. 1864, p. 153
linguagem do – jan. 1859, p. 14; fev. 1859, p. 56; set.
1859, p. 346; jun. 1861, p. 272; jun. 1863, p. 241
livre-arbítrio e – jan. 1859, p. 13; mar. 1859, p. 92
livre-arbítrio e progresso do – mar. 1865, p. 100
local ocupado pelo * durante sua comunicação – abr.
1858, p. 182
luta e desenvolvimento do – abr. 1865, p. 139, 140
magnetismo e faculdades do – jan. 1861, p. 49
maneira de conversar com – jul. 1859, p. 263
maneira de julgar do – jun. 1859, p. 230
marcha progressiva da Natureza e o – mar. 1858, p. 71
matéria cósmica universal e – ago. 1859, p. 308
mau * e mediunidade – jan. 1863, p. 22
mau * e orgulho – jan. 1863, p. 21
mau * e preservativo – jan. 1863, p. 21

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

mérito da teoria do – jul. 1859, p. 270
metamorfose do – jul. 1859, p. 283
missão do – jul. 1859, p. 265; mar. 1861, p. 126; ago.
1861, p. 348; ago. 1863, p. 337
morada do – abr. 1864, p. 149
moral do – jan. 1859, p. 14
morte violenta e – jul. 1859, p. 277
mundo do – jan. 1859, p. 11; nov. 1861, p. 482
natureza da superioridade do – abr. 1866, p. 147
natureza do – maio 1858, p. 193; jan. 1859, p. 16
necessidade de progredir e – abr. 1859, p. 141
nome e identidade do – maio 1861, p. 233
nova vida do – abr. 1859, p. 136, 140
ocupações do – abr. 1859, p. 139; jun. 1866, p. 248
ordens do – mar. 1858, p. 71
origem da faculdade de perceber e – abr. 1859, p. 134
origem da faculdade de ver e – mar. 1859, p. 114
origem do – abr. 1864, p. 148
palavra articulada e – abr. 1859, p. 136
papel do – fev. 1861, p. 75
participação do – nov. 1859, p. 458
pedidos antipáticos ao – jan. 1859, p. 23
pensamento e – jan. 1859, p. 14
pensamentos e ações dos – set. 1859, p. 380
percepção das formas vaporosas do – maio 1863, p. 224
percepções dos – abr. 1864, p. 149
percepções, sensações e – abr. 1859, p. 137
perispírito e – jan. 1859, p. 13, 21
perispírito e vontade do – ago. 1859, p. 299
perturbação e – abr. 1859, p. 133
ponto de vista do – jun. 1859, p. 231; jul. 1859, p. 261
presença do * no próprio funeral – mar. 1861, p. 130

ÍNDICE GERAL

princípio da não-retrogradação do – jun. 1863, p. 229
progresso do – out. 1860, p. 477
progresso intelectual e moral do – mar. 1865, p. 101
propriedades do – ago. 1859, p. 306
prova da identidade do – jul. 1861, p. 303; ago.
1863, p. 332
pseudo-sábios e – mar. 1863, p. 111
que se julgam vivos – nov. 1864, p. 452
realidade da ação do – set. 1859, p. 342
reconhecimento do – ago. 1859, p. 308
reconhecimento do * após a morte – jul. 1859, p. 286
reflexo do * no espelho – mar. 1860, p. 133
relatividade da felicidade do – mar. 1865, p. 100
residência de Chéribon e – dez. 1859, p. 483
revelação do futuro e – jan. 1859, p. 14
sabedoria do – set. 1865, p. 380
santos, apóstolos e comunicação com – out. 1863, p. 437
segundo despertar do – abr. 1865, p. 167
sensações do – jul. 1858, p. 292; dez. 1858, p. 498
sensações físicas do – abr. 1859, p. 133
senso moral do – abr. 1859, p. 140
sexo do – abr. 1859, p. 169; jun. 1863, p. 261; dez.
1869, p. 521
situação do * após a morte – mar. 1865, p. 113
sobre as comunicações do – jul. 1863, p. 309
sofre influência do organismo – jan. 1866, p. 17
suicídio falsamente atribuído ao – abr. 1863, p. 172
surpresa do * após a morte – dez. 1859, p. 528
susto do Espírito provoca morte de D... – fev.
1860, p. 100
tendências instintivas do – set. 1863, p. 370
teorias absurdas do – abr. 1859, p. 135

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

teorias científicas e – jul. 1859, p. 265
transfiguração e vontade do – mar. 1859, p. 98
transformação e libertação do – abr. 1865, p. 167
transformação e transição do – abr. 1865, p. 166
transmissão do pensamento e – abr. 1859, p. 136
túnica dos anjos e – nov. 1859, p. 423
verdadeira liberdade para o – out. 1861, p. 454
vestimenta do – jul. 1859, p. 282; ago. 1859, p. 300
vida orgânica e – abr. 1859, p. 133
visão de Deus pelo – maio 1866, p. 184
visão e – mar. 1859, p. 114; abr. 1859, p. 134, 136
visibilidade e tangibilidade do – maio 1861, p. 228
vontade, liberdade e – jan. 1859, p. 23

ESPÍRITO(S) ELEVADO(S) *ver também* Espírito(s) Superiore(s)

linguagem dos – set. 1859, p. 348
necessidade de um corpo para um – fev. 1864, p. 81
preconceitos de seita e – set. 1860, p. 384
profetas antigos e – nov. 1863, p. 477
provas sofridas pelos – maio 1867, p. 223
tarefa dos – nov. 1863, p. 478
vozes amigas dos – ago. 1861, p. 368

ESPÍRITO(S) ERRANTE(S)

caráter do – out. 1860, p. 464
categorias do – out. 1860, p. 463
conceito de – mar. 1858, p. 80
formação dos corpos e – jun. 1861, p. 282
livre-arbítrio e – abr. 1859, p. 147
progresso realizado pelos – out. 1860, p. 459
provas e – abr. 1859, p. 147
reencarnação e – abr. 1859, p. 147
relações amistosas entre – out. 1860, p. 476; nov. 1860, p. 501

ÍNDICE GERAL

ESPÍRITO(S) SUPERIOR(ES) *ver também* Espírito(s) Elevado(s)

anonimato na Terra do – abr. 1868, p. 148
antigo carreteiro (Espírito) e – dez. 1859, p. 511
características do – set. 1859, p. 349
características gerais do – mar. 1858, p. 78
comportamento do – fev. 1859, p. 75
compreensão de Deus pelo – maio 1866, p. 185
encarnação material do – jul. 1862, p. 302
escolha do – fev. 1859, p. 54
Espíritos marcados e – fev. 1868, p. 78
evocação de – mar. 1859, p. 94
futuro e – jan. 1859, p. 14
homenagens ao – maio 1858, p. 225
idéia fixa e – jan. 1863, p. 19
identidade absoluta do – fev. 1865, p. 73
imigração de * na Terra – maio 1865, p. 217, 218
linguagem do – jul. 1858, p. 299; fev. 1859, p. 56; set.
1859, p. 347
manifestações físicas e – jun. 1858, p. 237
mesas girantes e – mar. 1859, p. 93
missões do – mar. 1865, p. 104
moral do – jan. 1859, p. 17
objetivos dos – mar. 1859, p. 92
opinião falsa sobre a ajuda do – jan. 1864, p. 27
progresso intelectual e moral e – maio 1865, p. 219
ubiquidade e – nov. 1864, p. 450

ESPIRITOGRAFIA

mecanismos da – jan. 1858, p. 32

ESPÍRITOS ANIMAIS

Júpiter e os – ago. 1858, p. 351

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

ESPÍRITOS BARULHENTOS

- características dos – mar. 1863, p. 125
- comportamento ante – fev. 1859, p. 76
- ruídos extraordinários e – fev. 1859, p. 74

ESPÍRITOS BENÉVOLOS

- características gerais dos – mar. 1858, p. 78

ESPÍRITOS DOS ANIMAIS

- manifestações dos – maio 1865, p. 179

ESPÍRITOS ENGANADORES

- Allan Kardec e os – out. 1860, p. 448
- combate aos – jan. 1859, p. 17
- comportamento de – set. 1859, p. 347
- comunicações escritas e – set. 1859, p. 341, 351
- dificuldades do Espiritismo e – set. 1859, p. 341
- disposições morais e – set. 1859, p. 344
- exorcismos e – set. 1859, p. 341
- língua e atos dos – jul. 1860, p. 328
- lisonjas e – ago. 1858, p. 332
- médium desencarnada fala dos – jun. 1860, p. 264
- meios de se tornarem aceitos – ago. 1858, p. 331
- modo como repelir os – maio 1860, p. 202
- motivo de simpatia do – set. 1859, p. 344

ESPÍRITOS EXPULSOS DA TERRA

- destinos dos – jan. 1862, p. 21

ESPÍRITOS GLÓBULOS

- humor aquoso e os – fev. 1860, p. 74
- teoria sobre os – fev. 1860, p. 70, 74

ESPÍRITOS QUE SE JULGAM VIVOS

- esclarecimentos sobre os – nov. 1864, p. 459, 461
- provação dos – nov. 1864, p. 463

ÍNDICE GERAL

ESPÍRITOS SEMELHANTES

atração entre os – jul. 1862, p. 287

ESPIRITUALISMO

arte grega e – nov. 1868, p. 469

condição da mulher segundo o – jan. 1866, p. 18

crença do – fev. 1867, p. 63

crenças dos gregos e romanos e – nov. 1868, p. 472

diferença entre Espiritismo e – abr. 1869, p. 152

Herrenschneider e os princípios do – jun. 1868, p. 262

literatura, arte dos gregos e – nov. 1868, p. 470

negação da substância da alma e – nov. 1863, p. 443

nuanças do – jan. 1867, p. 20

obra de Chassang e – nov. 1868, p. 470

origem das tendências e – jun. 1866, p. 222

sentimento nativo do homem e – dez. 1860, p. 562

tempos passados e – ago. 1868, p. 315

ESPIRITUALISMO NO SÉCULO XV

Siamora, a Druidesa, ou – mar. 1860, p. 147

ESPIRITUALISTA(S)

fé cega e – mar. 1861, p. 114

materialista, espírita e – dez. 1859, p. 468

teoria dos * e Franz Josef Gall – mar. 1861, p. 123

ESQUECIMENTO

abrangência do – set. 1863, p. 370

expição e – set. 1863, p. 370

pensamento e – jul. 1863, p. 274

ESQUECIMENTO DAS EXISTÊNCIAS ANTERIORES

Dupont de Nemours e – out. 1869, p. 414

pluralidade das existências e – jun. 1869, p. 228

sabedoria da Providência e – jun. 1869, p. 229

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

ESQUECIMENTO DO PASSADO

- benefício da Providência e – abr. 1869, p. 177
- fraternidade e – jul. 1869, p. 274
- Frederico e – ago. 1859, p. 330
- intenção e – mar. 1858, p. 132
- Júpiter e – fev. 1861, p. 96

ESTÁ NO AR

- origens da expressão – jun. 1866, p. 243

ESTADO DE ENCARNAÇÃO

- ocupação dos Espíritos e – abr. 1859, p. 139

ESTADO DE PERTURBAÇÃO

- duração do – abr. 1859, p. 133
- Espírito e – abr. 1859, p. 133

ESTADO DE SONAMBULISMO

- situação da alma no – dez. 1863, p. 503

ESTADO DE VIGÍLIA

- situação da alma no – dez. 1863, p. 503

ESTADO DO(S) ESPÍRITO(S)

- evocação do Conde de R... e – dez. 1859, p. 532
- ocupação e – mar. 1859, p. 118; abr. 1859, p. 139

ESTADO ERRANTE

- ocupação dos Espíritos e – mar. 1859, p. 118; abr. 1859, p. 139
- perispírito e – ago. 1859, p. 299

ESTADO ESPIRITUAL *ver* Erraticidade

ESTADO SOCIAL DA MULHER

- problemas sociais do porvir e – dez. 1865, p. 507
- reflexões sobre – dez. 1865, p. 506

ÍNDICE GERAL

ESTADO SONAMBÚLICO

- dupla vista e – mar. 1859, p. 114
- passes magnéticos e – out. 1859, p. 392
- vidência e – jan. 1859, p. 20
- visão dos Espíritos no – mar. 1859, p. 116

ESTADOS UNIDOS

- Espiritismo nos – maio 1864, p. 200
- fenômenos de aparição nos – out. 1858, p. 439
- fenômenos espíritas e – jan. 1858, p. 22
- irmãos Davenport e – fev. 1866, p. 93
- parentes de Allan Kardec nos – nov. 1858, p. 469
- propagação do Espiritismo nos – set. 1858, p. 367
- reencarnação e os – maio 1864, p. 202

ESTÂNCIAS

- poesia – nov. 1860, p. 500

ESTATÍSTICA DO ESPIRITISMO

- análise da – fev. 1869, p. 57

ESTIGMAS CORPORAIS

- fanatismo e surgimento de – maio 1860, p. 223

ESTILO

- Lamennais e o conceito de – set. 1861, p. 378

ESTILO É O HOMEM, O

- conclusão de Erasto e – set. 1861, p. 392
- dissertação de Lamennais e – set. 1861, p. 377
- Eugène Scribe e – out. 1861, p. 447
- polêmica entre vários Espíritos e – set. 1861, p. 377
- réplica de Buffon e – set. 1861, p. 379

ESTÔMAGO FLUÍDICO

- Espírito e – nov. 1860, p. 497

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

ESTRATIFICAÇÃO DA MENTE

momento do crime e – fev. 1860, p. 87

ESTRELA CADENTE

epidemia da Ilha Maurício e a chuva de – nov.
1868, p. 443

influências deletérias e – nov. 1868, p. 445

ESTRELA CAPELA

características de – maio 1867, p. 212

transporte de Lúmeme (Espírito) para – mar. 1867, p. 140

ESTRELAS, AS

cairão do céu – fev. 1868, p. 84

ESTUDO DA ANTIGÜIDADE

Espiritismo e – nov. 1865, p. 466

ESTUDO DO ESPIRITISMO

católica sente sono ao fazer o – maio 1868, p. 204

ESTUDO MEDIÚNICO

consolações do Espiritismo e – abr. 1865, p. 150

ESTUDOS ESPÍRITAS

ensinamentos dos – fev. 1859, p. 77

ÉTER E CLOROFÓRMIO

atuação do * sobre o perispírito – ago. 1869, p. 346

características do – ago. 1869, p. 345

desprendimento espiritual e – ago. 1869, p. 346

ETERNIDADE

conceito de – maio 1858, p. 222

EU

base da psicologia é afirmação do – jun. 1868, p. 268

EVA

serpente, fruto proibido e – nov. 1868, p. 457

EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, O

3ª edição de – nov. 1865, p. 469

Imitação de – abr. 1864, p. 135

EVANGELHO(S)

ação do Espiritismo no – set. 1867, p. 375

alegoria e – abr. 1863, p. 183

enganos dos teólogos nas palavras do – set. 1867, p. 370

espíritas humildes segundo o – jan. 1865, p. 53

Espiritismo e comentários dos – ago. 1861, p. 372

Espiritismo e moral dos – mar. 1865, p. 130

interpretação pessoal de Ernest Renan sobre o – jun.

1864, p. 225

Maria de Agreda em êxtase faz pregação do – nov.

1860, p. 520

moral do – jan. 1859, p. 14

oração e – set. 1865, p. 350

oração pelos mortos e – dez. 1859, p. 469

persuasão dos cristãos e – dez. 1863, p. 482

precauções ao fazer a propagação do – ago. 1858, p. 332

pregação do essencial contido no – ago. 1858, p. 333

proibição da evocação dos mortos e – out. 1863, p. 422

purgatório e inferno no – nov. 1863, p. 459

EVANGELHOS DE ROUSTAING

retificação aos – jan. 1867, p. 54

EVENTUALIDADE

lei numérica e – jul. 1868, p. 283

EVOCAÇÃO

abade Faria e – out. 1859, p. 411

afeição de parente e – set. 1859, p. 380

Alfred Leroy e – abr. 1861, p. 182

alivia o sofrimento do Espírito – dez. 1864, p. 518

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Anais Gourdon e – jun. 1861, p. 270
antigo carreteiro e – dez. 1859, p. 510, 512
Antonio B.. e – set. 1861, p. 395
Beaufils e – out. 1859, p. 401
benefícios da * do Espírito obsessor – fev. 1866, p. 65
Bertrand e – mar. 1861, p. 128
bramanismo e – jan. 1868, p. 35
Carlos IX – dez. 1859, p. 507
Cazotte e – jan. 1861, p. 17, 57
Charles Fourier e – abr. 1869, p. 173
Chaudruc-Duclos e – jan. 1859, p. 35
chefes da sinagoga e – out. 1863, p. 426
ciência espírita e * misteriosa – abr. 1861, p. 166
circunstâncias necessárias à – fev. 1861, p. 94
Clérambert, condessa de, e – out. 1867, p. 411
comprovação da identidade do Espírito pela – mar.
1862, p. 115
comunicação de Costeau – out. 1863, p. 406
comunicação de Georges – out. 1863, p. 407
comunicação espontânea – set. 1859, p. 344
conceito de – fev. 1861, p. 83
confirmação da identidade e – fev. 1861, p. 93
Diógenes e – jan. 1859, p. 38
duração da perturbação e – out. 1863, p. 409
duração do desprendimento do Espírito e – out.
1863, p. 409
Emma D.. e – mar. 1861, p. 140
Emmanuel Swedenborg e – out. 1859, p. 407, 409
ensinamentos da – jul. 1859, p. 263
Espírito batedor do Aube, O – jan. 1861, p. 51
Espírito dançarino e sua – fev. 1860, p. 66
Espírito de criança viva – nov. 1862, p. 450

ÍNDICE GERAL

Espírito de um soberano – set. 1859, p. 361
Espírito familiar – fev. 1861, p. 86
Espírito travesso – mar. 1859, p. 120
Espíritos elevados e – mar. 1858, p. 126
Espíritos inferiores – dez. 1859, p. 514
esposa de Delanne e – jan. 1863, p. 37
Faria e – out. 1859, p. 411
força de talismã na – set. 1858, p. 393
fórmula cabalística e – fev. 1861, p. 87
François Arago e – out. 1859, p. 399
François Michel e – dez. 1859, p. 500
Glas e – maio 1861, p. 224
Goethe e – jun. 1859, p. 240
Henri Mondeux e – jun. 1861, p. 265
Henri Murger e – mar. 1861, p. 138
Hitoti e – mar. 1859, p. 117
Hoche, general, e – set. 1859, p. 364
identificação de Espírito e – jan. 1859, p. 24
idolatria, povos da antigüidade e – out. 1863, p. 426
Igreja e proibição da – set. 1863, p. 375
inconvenientes da – fev. 1863, p. 57
J. B. D.. e – fev. 1861, p. 89
Jules Michel e – abr. 1861, p. 187
Jules P.. e – jul. 1861, p. 300
mãe desesperada faz – jan. 1858, p. 42
Mardoché R... e – mar. 1861, p. 142
médiun vidente e calculador e – jun. 1861, p. 265
mistério da – abr. 1861, p. 167
Moisés e proibição da – out. 1863, p. 421
mundo invisível e – jul. 1859, p. 262
necessidade de pensar no Espírito antes da sua – dez.
1864, p. 495

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

objetivo da * de um espírita – set. 1859, p. 368
objetivo e utilidade caritativa da – jun. 1862, p. 266
Opinion Nationale e – jan. 1864, p. 51
Paul Gaimard e – mar. 1859, p. 104
Pauline M... e – mar. 1861, p. 134
pedido de receita para – dez. 1862, p. 503
pitonisa de Endor e a * de Samuel – jan. 1868, p. 35
possibilidade da – dez. 1859, p. 523; maio 1863, p. 200
príncipes da Igreja e – out. 1863, p. 426
Privat d’Anglemont e – dez. 1859, p. 488, 495
progresso do Espírito e – nov. 1862, p. 460
proibição da – out. 1863, p. 418, 421; nov. 1863, p. 462
proibição de Moisés – out. 1863, p. 424
prova de identidade e – fev. 1861, p. 95
rapidez do Espírito no atendimento a sua – mar.
1858, p. 128
refutação ao pretexto da proibição da – out. 1863, p. 422
reino de Gingiro e – abr. 1858, p. 169
restabelecimento da – out. 1859, p. 409
Saint-Paul e – jun. 1861, p. 262
Saint-Pierre, abade, e – dez. 1867, p. 520
São Luís e – fev. 1859, p. 64; mar. 1859, p. 97; abr.
1859, p. 155; jun. 1859, p. 245; jan. 1861, p. 49; abr.
1861, p. 186
Scribe, Eugène e – out. 1861, p. 448
situação do Espírito na – jan. 1859, p. 24
solicitação de Sanson para fazer sua – maio 1862, p. 183
SPEE e – jan. 1860, p. 54
tempo e trabalho que exige uma – mar. 1862, p. 101
Tertuliano e – maio 1861, p. 231
utilidade da * particular – mar. 1858, p. 126
vantagens da – nov. 1858, p. 466; dez. 1858, p. 505; jun.
1860, p. 266
Voltaire e – ago. 1859, p. 327

ÍNDICE GERAL

EVOCAÇÃO DE PESSOA VIVA

Allan Kardec justifica a importância da – maio
1860, p. 200
fato bizarro de uma – ago. 1860, p. 341

EVOCAÇÃO DE SANTOS

Igreja e – out. 1863, p. 424

EVOCAÇÃO GERAL

diferente de evocação particular – ago. 1862, p. 324

EVOCAÇÃO INOPORTUNA

Espírito fica perturbado com sua – nov. 1862, p. 457

EVOCAÇÃO MISTERIOSA

Clara Rivier e – mar. 1863, p. 130
Renaud, Guillaume e – mar. 1863, p. 121

EVOCAÇÃO PARTICULAR

diferente de evocação geral – ago. 1862, p. 324

EVOCAÇÃO TÁCITA

pensar no Espírito constitui uma – maio 1862, p. 214

EVOCADOR

características do – jul. 1861, p. 325

EVOLUÇÃO

Livro dos Espíritos, O, e * dos Espíritos – maio
1861, p. 236

EVOLUÇÃO DOS SERES

Allan Kardec e a teoria da – jul. 1868, p. 288
da Natureza – abr. 1864, p. 159

EVOLUÇÃO HUMANA

elo perdido da – jul. 1860, p. 321

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

EXEMPLO É O MAIS PODEROSO AGENTE DE PROPAGAÇÃO, O

Allan Kardec e – jun. 1869, p. 257

EXÉQUIAS DO SR. NANT

alocução de Allan Kardec nas – out. 1865, p. 425

EXERCÍCIO ILEGAL DA MEDICINA

condenação dos magnetizadores por – jul. 1867, p. 280

condenação dos médiuns curadores por – jul.

1867, p. 280

tratamento com concurso dos Espíritos e – jul.

1867, p. 280

tratamento pela água magnetizada e – jul. 1867, p. 280

tratamento pela imposição das mãos e – jul. 1867, p. 280

tratamento pela prece e – jul. 1867, p. 280

EXÉRCITO

conseqüências do estudo do Espiritismo no – maio

1862, p. 199

significado de * espiritual – set. 1863, p. 374

EXISTÊNCIA CORPORAL *ver* Vida corporal

EXISTÊNCIA DOS ESPÍRITOS

Antiguidade e crença na – jan. 1868, p. 32

EXISTÊNCIA HUMANA

conceito de – set. 1862, p. 359

EXISTÊNCIA INCORPÓREA

insuficiência da * para alcançar a perfeição – ago.

1869, p. 351

EXISTÊNCIA TERRENA

escolha da – jun. 1859, p. 234

escolha da * na erraticidade – set. 1863, p. 372

ÍNDICE GERAL

infância espiritual, material e – mar. 1859, p. 126
objetivo da – jun. 1859, p. 233

EXISTÊNCIAS

druidas e os círculos das – abr. 1858, p. 160
pluralidade das * da alma – jan. 1865, p. 44

EXISTÊNCIAS ANTERIORES

cego de nascença e – fev. 1859, p. 81
crença nas – jul. 1869, p. 305
esquecimento das – jan. 1863, p. 26
lembrança das – jun. 1859, p. 234; ago. 1861, p. 337;
jan. 1863, p. 24
lembrança das * no planeta Júpiter – fev. 1861, p. 96
mulheres antropófagas e – mar. 1859, p. 106
revelação de – maio 1859, p. 212

EXORCISMAÇÃO

advogado ensina receitas para – out. 1858, p. 435
ineficácia da – fev. 1866, p. 84

EXORCISMO

ascendente moral e – maio 1863, p. 196
eficácia do – maio 1863, p. 196
Espíritos maus e ação do – jun. 1865, p. 243
impotência do – jun. 1865, p. 243

EXORTAÇÃO AO ENCORAJAMENTO

Espíritos familiares e – fev. 1860, p. 107

EXOTERISMO

Moisés e – out. 1863, p. 426

EXPERIÊNCIA MEDIÚNICA

Espíritos e – maio 1860, p. 237

EXPIAÇÃO

ação dos maus Espíritos na – jan. 1865, p. 30

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Allan Kardec e * coletiva – out. 1869, p. 397
arrependimento e * na vida espiritual – maio 1867, p. 204
bases da Doutrina Espírita e – ago. 1865, p. 326
caráter individual da – ago. 1865, p. 326
caráter solidário da – out. 1869, p. 398
cegueira e – jul. 1863, p. 305
conceito de – jul. 1864, p. 298
derrogação das leis de Deus e – ago. 1865, p. 325
dificuldade de sondar o motivo da – ago. 1865, p. 326
esquecimento e – set. 1863, p. 370
fatalidade e – jul. 1868, p. 284
jovem Francisco, O, e * terrestre – maio 1867, p. 199
mundo invisível e – ago. 1867, p. 337
princípios do Espiritismo e * coletiva – out. 1869, p. 397
provação sem – jul. 1864, p. 297
reencarnação e – ago. 1865, p. 326
responsabilidade indireta e – set. 1868, p. 385
utilidade da – jan. 1865, p. 30
voluntariado na – set. 1863, p. 371

EXPIAÇÃO E PROVA

conceitos e características de – set. 1863, p. 365, 368

ÊXTASE

conceito de – jun. 1869, p. 255
condição da alma quando em – set. 1858, p. 387
Espiritismo, emancipação da alma e – jul. 1865, p. 281
Maria de Agreda e – nov. 1860, p. 519
Philippine Senger e – jun. 1858, p. 253
Romance do Futuro, O, e – nov. 1867, p. 451
sonambulismo e – nov. 1866, p. 457, 460
visão de Deus pelo estado de – maio 1866, p. 186

ÊXTASE CATALÉPTICO

Milagres de Bois-d'Haine, Os, e – abr. 1869, p. 165;
jun. 1869, p. 252

EXUMAÇÃO

esclarecimentos sobre * da esposa – jan. 1868, p. 50
lei da causa e efeito e – jan. 1868, p. 52
marido apaixonado faz * do cadáver da esposa – jan.
1868, p. 48

F

FÁBULA

Espírito familiar e – jun. 1863, p. 252; ago. 1863, p. 354
Lagarta e a Borboleta, A, * espírita – jun. 1866, p. 247
tiptologia e * espírita – jun. 1863, p. 255
Vento, O, * espírita – fev. 1862, p. 77

FACULDADE CURADORA

bênção do sangue e – out. 1867, p. 420
condições neutralizadoras da – nov. 1867, p. 472
Jacob, zuavo, e – out. 1867, p. 423
milagre e – nov. 1867, p. 469
missão da – out. 1867, p. 429

FACULDADE DE ESCREVER

influência dos Espíritos e – set. 1859, p. 343

FACULDADE DE PERCEBER

Espírito e – abr. 1859, p. 134

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

FACULDADE DE VER

corpo físico e – mar. 1859, p. 114

Espírito e – mar. 1859, p. 114

FACULDADE MEDIÚNICA

características da – jul. 1859, p. 289

desenvolvimento da * nos médicos – out. 1867, p. 413

escrita direta e – ago. 1859, p. 312

inimigo e – fev. 1859, p. 60

intermitência da – fev. 1861, p. 75

profissão e – ago. 1863, p. 336

qualidades morais e – abr. 1861, p. 197

superexcitação cerebral e – fev. 1865, p. 68

vidência e – jan. 1859, p. 20

vulgarização da – jan. 1867, p. 27

FACULDADES DO ESPÍRITO

conhecimentos médicos e – mar. 1859, p. 113

corpo físico e – mar. 1859, p. 112

influência do organismo físico e – mar. 1867, p. 101, 103

intuições e – mar. 1859, p. 112

medicamentos homeopáticos e – jun. 1867, p. 238

FACULDADES HUMANAS

ação da educação sobre as – set. 1865, p. 368

frenologia e as – abr. 1862, p. 148

FACULDADES INTELECTUAIS

órgãos do corpo e as – abr. 1862, p. 142

FACULDADES INTUITIVAS

desenvolvimento das * nos médicos – out. 1867, p. 414

FACULDADES MAGNÉTICAS

Bach, N. G. e – set. 1865, p. 371

Bertellius e – set. 1865, p. 372

ÍNDICE GERAL

FACULDADES SENSORIAIS

magnetismo animal e – jul. 1868, p. 313

FACULDADES TRANSCENDENTES

individualidades distintas e prática das – out. 1867, p. 422

FALA

influência espiritual em nossa – out. 1858, p. 426

FALECIMENTO

participação de * de cunho espírita – mar. 1864, p. 122

FALSO CRISTO

dificuldades para se passar por – mar. 1868, p. 106

FALSOS DEVOTOS

perfil dos – out. 1863, p. 427

FALSOS ESPÍRITAS

como proceder com os – jun. 1862, p. 262

FALSOS IRMÃOS E AMIGOS INÁBEIS

Espiritismo e – mar. 1863, p. 109

intenção dos – mar. 1863, p. 116

FALSOS PROFETAS

médiuns, anticristo e – jul. 1863, p. 285

FALTAS PASSADAS

expição das – jun. 1863, p. 230

FAMÍLIA

afinidade espiritual e – jul. 1862, p. 288

conselhos de – jan. 1860, p. 42

escolha de prova em – mar. 1860, p. 146

Jesus e sua * segundo Ernest Renan – jun. 1864, p. 227

Padre Blot e * espiritual – fev. 1864, p. 88

primeira esmola e – ago. 1865, p. 340

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

FAMÍLIAS HOMOGÊNEAS

felicidade e atividade individual nas – mar. 1865, p. 106

FANÁTICOS

caráter dos – fev. 1867, p. 64

FANATISMO

auxílio do Espiritismo no – set. 1865, p. 351

Espiritismo destrói o – out. 1866, p. 406

incredulidade e * religioso – jan. 1861, p. 40

maquiavelismo e * religioso – ago. 1866, p. 320

religião e – abr. 1863, p. 178

FANTASIA

dissertação sobre – jun. 1860, p. 286

Gérard de Nerval e – set. 1861, p. 389

FANTASMA

Atenodoro, filósofo e – mar. 1859, p. 124

biblioteca de Nova York e o – maio 1860, p. 228

causas do medo de – jul. 1860, p. 305

Clairon e o – mar. 1858, p. 80

conceito de – jul. 1860, p. 304

Curtius Rufus e – mar. 1859, p. 123

fenômenos físicos e – mar. 1858, p. 81

história de um – mar. 1858, p. 80

John W. Hughes apresenta-se como – set. 1866, p. 371

o caso de Marcus, o liberto – mar. 1859, p. 125

questionamentos sobre o – mar. 1859, p. 123

teorias materialistas sobre – mar. 1858, p. 84

vida normal com um – jun. 1860, p. 256

FASCINAÇÃO

conceito de – out. 1858, p. 406

condição favorável à – maio 1863, p. 217

ÍNDICE GERAL

mensagens de um médium em processo de – out.
1858, p. 409
psicografia e – out. 1858, p. 417

FATALIDADE

ciência da concordância dos números e – jul. 1868, p. 275
conceito de – abr. 1861, p. 184
consagração da doutrina da – ago. 1859, p. 334
Espiritismo não nega a – jul. 1868, p. 279
fenômenos da Natureza e – jul. 1868, p. 279
freio imposto ao homem – jul. 1868, p. 285
homem na Natureza e – jul. 1868, p. 279
leis que regem a matéria e – jul. 1868, p. 281
liberdade e – jul. 1868, p. 281
livre-arbítrio e – mar. 1858, p. 124; nov. 1860, p. 518;
jul. 1868, p. 279
manutenção da harmonia universal e – jul. 1868, p. 279
Maomé e o ensino da * absoluta – nov. 1866, p. 439
pecado original e – nov. 1868, p. 458
pluralidade das existências e – jul. 1868, p. 284
pressentimentos e – mar. 1858, p. 123
provação, expiação e – jul. 1868, p. 284

FATO ESPÍRITA

condição para julgar – fev. 1867, p. 79
conseqüência decorrentes do – fev. 1865, p. 65
constituição da alma e – nov. 1863, p. 439
contestação do – set. 1860, p. 405
erros de detalhes e exatidão do – jun. 1860, p. 282
estudo das causas e conseqüências do – dez. 1860, p. 525
estudo do – jul. 1859, p. 260
prudência para crer no anunciado – set. 1866, p. 374
registros de falso – set. 1866, p. 369

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Sílvio Pellico e – jan. 1869, p. 45
vulgarização do – fev. 1865, p. 64

FATO HISTÓRICO

opinião do historiador e – jun. 1864, p. 220

FATOS DA VIDA *ver* Acontecimentos da vida

FAUVETY

pesquisas psicológicas a propósito de Espiritismo e –
ago. 1868, p. 324

FAVRE, JULES

materialista intolerante – ago. 1868, p. 316

FAY

defensor do Espiritismo – fev. 1866, p. 94

FAZER O BEM SEM OSTENTAÇÃO

Espiritismo e – out. 1863, p. 417

Jesus e – out. 1863, p. 417

FÉ

causa da * inquebrantável dos espíritas – fev. 1865, p. 64

cépticos endurecidos e – jun. 1859, p. 230

conferências sobre a alma e – nov. 1869, p. 457

dispensa da – mar. 1861, p. 146

doutores da lei e morte da – abr. 1865, p. 146

esboço de nossa * na vida eterna – dez. 1869, p. 500

Espiritismo e – jun. 1863, p. 247

Espiritismo e * dos materialistas obstinados – nov.
1863, p. 458

Espiritismo, mulher e – dez. 1865, p. 507

evolução do sentimento de – ago. 1865, p. 341

humildade, caridade e – mar. 1861, p. 147

Igreja e conspirações contra a – jun. 1864, p. 243

ÍNDICE GERAL

irmã mais velha da esperança e da caridade – fev.
1862, p. 88

Morhéry e * raciocinada – fev. 1859, p. 82

nascimento da – out. 1865, p. 413

necessidade da – jun. 1859, p. 230; jan. 1869, p. 53

necessidade do combate e – jan. 1865, p. 51

princípios fundamentais da – abr. 1863, p. 235

sentido da palavra – dez. 1869, p. 500

temperamento, compreensão e – set. 1864, p. 360

FÉ CEGA

conseqüências do dogma da – maio 1869, p. 190

crenças passadas e – mar. 1867, p. 134

desaparecimento da – ago. 1865, p. 341

dogma absoluto e princípio da – fev. 1867, p. 69

egoísmo e – jul. 1869, p. 275

espíritas e – jan. 1867, p. 22

Espiritismo e – set. 1869, p. 360

espiritualistas e – mar. 1861, p. 114

faculdade de vidência e – ago. 1867, p. 349

fé raciocinada, Espiritismo e – out. 1865, p. 410

livre-pensadores e – jan. 1867, p. 22

progresso tecnológico e científico combate a – abr.
1862, p. 153

rejeição da – mar. 1867, p. 135

utilidade da – ago. 1865, p. 341

FÉ ESPÍRITA

conceito de – maio 1862, p. 191

garantia contra a cólera e – nov. 1865, p. 446

provas materiais e – ago. 1863, p. 348

FÉ RACIOCINADA

conquista da vida eterna e – jul. 1865, p. 298

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

conseqüências da – jul. 1869, p. 275
fé cega, Espiritismo e – out. 1865, p. 410
necessidade da – out. 1863, p. 399

FÉ RELIGIOSA

revelação sob o ponto de vista da – set. 1867, p. 358

FÉ VACILANTE

Cauvière e – mar. 1860, p. 141

FEITIÇARIA

manifestação dos Espíritos e – set. 1867, p. 365

FEITICEIRO DE CAUDERAN

realidade nas curas de – ago. 1867, p. 325
testemunho de Simonet – ago. 1867, p. 322
verdade sobre Simonet – ago. 1867, p. 323

FELICIDADE

abafamento da intuição da – nov. 1867, p. 480
adeptos do Espiritismo e – out. 1865, p. 410
alma e – ago. 1863, p. 325
aumento e distribuição da * para todos – jun. 1866, p. 255
avareza e – mar. 1858, p. 95
características da suprema – mar. 1865, p. 103
conceito de – abr. 1859, p. 132
condições para conquista da – fev. 1865, p. 59; abr.
1869, p. 144
condições para gozo da – mar. 1865, p. 105
condições para obtenção da – ago. 1865, p. 306
Deus e a necessidade da – mar. 1860, p. 153
devotamento ao próximo e – ago. 1858, p. 335
Espiritismo e – jan. 1860, p. 21; mar. 1861, p. 134; set.
1861, p. 413
Espíritos imperfeitos e – fev. 1859, p. 58

ÍNDICE GERAL

Espíritos puros e suprema – mar. 1865, p. 101
famílias homogêneas e – mar. 1865, p. 106
Foulon e – mar. 1865, p. 111
impessoalidade e – mar. 1865, p. 105
influência do encarnado na * do desencarnado – maio
1868, p. 190, 198
libertação do orgulho e conquista da – jul. 1865, p. 289
M. J..., espírita, e – set. 1859, p. 369
mistérios da criação e – nov. 1863, p. 475
motivo da * no Mundo Espiritual – maio 1867, p. 222
Mundo Espiritual e * de Demeure – mar. 1865, p. 122
Mundo Espiritual e – nov. 1868, p. 453
mundos privilegiados e – jul. 1862, p. 300
necessidade de progredir e – abr. 1859, p. 141
objetivo do homem da Terra – mar. 1860, p. 152
origem da verdadeira – dez. 1858, p. 522
pluralidade dos mundos habitados e – nov. 1863, p. 476
prática do amor e – ago. 1865, p. 331
progresso do Espírito e – mar. 1865, p. 100
progresso e * relativa – mar. 1865, p. 105
progresso espiritual e – jul. 1862, p. 273
relatividade da * do Espírito – mar. 1865, p. 100
solidariedade e busca da – mar. 1867, p. 131
verdadeira afeição e – nov. 1860, p. 503
verdadeiro tesouro da – jul. 1858, p. 276

FELICIDADE MORAL

Espiritismo e – maio 1864, p. 205

FELICIDADE SUPREMA

amor, fé e – maio 1868, p. 189

desenvolvimento moral e intelectual e – jul. 1862, p. 274

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

FELICIDADE TERRENA

egoísmo e – dez. 1860, p. 558

FÉLIX, BISPO DE ORLÉANS

resposta de * ao Baguenault de Puchesse – jan.
1869, p. 34

FELIZES DO MUNDO

significado do termo – fev. 1869, p. 63

FÉNELON

admissão às reuniões espíritas e – fev. 1863, p. 94
comunicação de – fev. 1863, p. 93
Mundo Espiritual e – fev. 1864, p. 88
Prece, A, e – jul. 1861, p. 330
Se fosse um homem de bem teria morrido – out.
1861, p. 454

FENÔMENO ANÍMICO

comunicação de Espírito encarnado – jan. 1860, p. 30

FENÔMENO DE BICORPOREIDADE

agêneres e – fev. 1859, p. 65
características do – ago. 1861, p. 360
perispírito e – mar. 1859, p. 98

FENÔMENO DE ORDEM FÍSICA

concordância das datas e – jul. 1868, p. 277

FENÔMENO DE ORDEM MORAL

concordância das datas e – jul. 1868, p. 277
lei numérica e – jul. 1868, p. 278, 284

FENÔMENO DE TRANSFIGURAÇÃO

Livro dos Médiuns, O, e – maio 1861, p. 234

FENÔMENO DE TRANSPORTE

características do – maio 1861, p. 218

ÍNDICE GERAL

causas do * nas crianças – set. 1865, p. 361
evocação de Catherine e – maio 1861, p. 217
evocação de Léon e – maio 1861, p. 218
Gabriel Delanne e – maio 1865, p. 199
garantias do – maio 1861, p. 213
garantias para realização do – maio 1861, p. 213
possibilidade do * nos animais – set. 1865, p. 362
sonho de Bach e explicação sobre o – jul. 1865, p. 272
V. B... e – maio 1861, p. 216

FENÔMENO ESPÍRITA

aceitação e combate ao – jan. 1858, p. 55
América do Norte e – jan. 1858, p. 25
anedotas sobre – set. 1866, p. 376
Antiguidade e – jan. 1858, p. 24
Bíblia e – jan. 1858, p. 24
caráter do – out. 1865, p. 415
cepticismo e – out. 1862, p. 398
chave para explicação do – set. 1867, p. 375
cientistas e as explicações sobre o – ago. 1858, p. 342
conseqüência e provas do – mar. 1865, p. 131
contestando o – mar. 1859, p. 99
cupidez, orgulho, vaidade e – jan. 1858, p. 52
curiosidade, divertimento e – abr. 1859, p. 144
distinção entre trapaça e mediunidade no – out.
1865, p. 418
Duque de Orleans e – jan. 1864, p. 48
escamoteações e – jul. 1863, p. 282
escuridão e – fev. 1861, p. 72
Espiritismo e – jul. 1865, p. 270
espontaneidade do – ago. 1868, p. 331
Estados Unidos e – jan. 1858, p. 22

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

estudo do – set. 1859, p. 360
evidências do – nov. 1858, p. 447
excesso de crença e – jan. 1858, p. 59
excesso de incredulidade e – jan. 1858, p. 59
existência da alma e – set. 1860, p. 401
explicação do – fev. 1861, p. 71; fev. 1867, p. 66
filósofos da Antiguidade e – jan. 1858, p. 25
fluido universal e – fev. 1861, p. 71
fluidos espirituais e – mar. 1866, p. 97
força do – jan. 1858, p. 22
França e – jan. 1858, p. 22
Henri Martin e – jun. 1858, p. 269
hipóteses emitidas sobre a causa do – abr. 1869, p. 160
Idade Média e – mar. 1858, p. 25
imaginação popular e – mar. 1858, p. 88
influência na produção do – jan. 1859, p. 23
inteligência e – jan. 1859, p. 12
jornal católico reconhece o – jan. 1858, p. 55
Jornal do Commercio e – jul. 1864, p. 287
julgamento do – jan. 1859, p. 13
lei da Natureza e – set. 1860, p. 401
leis de Deus e – set. 1860, p. 402
livre-arbítrio e – jan. 1859, p. 12
manifestação da inteligência no – set. 1860, p. 397
médiun e garantia do – out. 1865, p. 418
médiuns americanos e – mar. 1863, p. 139
milagre e – maio 1867, p. 190
monotonia do – jan. 1858, p. 23
natureza do – jan. 1858, p. 28; jul. 1865, p. 280
novas idéias e – jan. 1858, p. 21
objetivos do – mar. 1865, p. 131
ordens do – jan. 1859, p. 13

ÍNDICE GERAL

origem do – nov. 1865, p. 443; nov. 1867, p. 454
pais da Igreja e – jan. 1858, p. 24
parisienses se divertem com o – set. 1866, p. 361
perispírito e esclarecimento do – dez. 1858, p. 482
prêmio para realização de – jan. 1858, p. 49
prestidigitadores, médiuns e – mar. 1863, p. 140
princípios sobre os quais se realizam o – jan. 1858, p. 50
prodígios e – out. 1859, p. 384
propagação do – jan. 1858, p. 21
prova da realidade do – jul. 1865, p. 280
prudência do cristão e – jan. 1858, p. 59
razões que comprovam o – jan. 1858, p. 56
repetição do * séculos atrás em Poitiers – maio
1865, p. 188
resumo da lei do – abr. 1864, p. 147
segundo Figuier – jan. 1868, p. 23
segundo o abade Poussin – jan. 1868, p. 22
sonambulismo e – jan. 1858, p. 22
teoria do – ago. 1859, p. 309
universalidade do – nov. 1858, p. 447
veículos diversos para o – mar. 1858, p. 93
vontade dos Espíritos e – jan. 1858, p. 51

FENÔMENO ESPIRITUAL

fenômeno material e – mar. 1866, p. 111

FENÔMENO ESPONTÂNEO

golpes internos e – abr. 1859, p. 145
pontualidade e repetição facultativa no – out. 1865,
p. 415

FENÔMENO FÍSICO

ação da alma encarnada no – set. 1865, p. 367
causa do – ago. 1865, p. 322

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Clara Rivier e – mar. 1863, p. 129
Daniel Dunğlas Home e – mar. 1863, p. 138
descrição de – ago. 1865, p. 318
incredulidade e – ago. 1865, p. 322
Irmãos Davenport, Os, e – out. 1865, p. 411
médiums de – jul. 1861, p. 315
necessidade da obscuridade no – out. 1865, p. 415
objetivo do – mar. 1863, p. 131
prodígios e – out. 1859, p. 384
prognósticos e – nov. 1867, p. 465

FENÔMENO MAGNÉTICO

função das afinidades fluídicas e – abr. 1865, p. 161

FENÔMENO MATERIAL

fenômeno espiritual e – mar. 1866, p. 111

FENÔMENO MEDIÚNICO

autêntico refuta a idéia de charlatanismo – dez.
1866, p. 507
causa essencial do – dez. 1866, p. 508
prudência para se acreditar no – jan. 1862, p. 55
rapaz de Londres e – fev. 1859, p. 65, 67
teorias sobre o – ago. 1868, p. 327
tradição muçulmana e – jun. 1860, p. 278

FENÔMENO NATURAL

influência dos Espíritos e – set. 1859, p. 375
milagre e – dez. 1867, p. 517

FENÔMENO PATOLÓGICO

existência da alma após a morte e – jun. 1868, p. 257

FENÔMENO PSICOFISIOLÓGICO

Baudelocque, médico, e – ago. 1861, p. 335

ÍNDICE GERAL

FENÔMENO PSICOLÓGICO

Antiguidade e – out. 1862, p. 402

hipótese da preexistência do * e moral – jul. 1869, p. 292

FENÔMENO PSÍQUICO

como o Espiritismo considera o – jan. 1868, p. 23

princípio espiritual e – dez. 1867, p. 518

teorias sobre – ago. 1868, p. 329

FENÔMENO SONAMBÚLICO

Charles Fourier e – mar. 1869, p. 109

FENÔMENOS DA NATUREZA

fatalidade e os – jul. 1868, p. 279

FERDINAND (ESPÍRITO)

Separação do Espírito, A, e – jun. 1861, p. 288

vinde a nós e – maio 1861, p. 241

FESTA DE NATAL

Espiritismo e – abr. 1863, p. 184

FESTA DOS BONS ESPÍRITOS

Felícia (Espírito) e – maio 1861, p. 240

FESTA DOS MORTOS

cemitério não é local de – dez. 1869, p. 513

FESTA NO ESPAÇO

motivo de * para os Espíritos – dez. 1869, p. 514

FESTIM DE BALTAZAR

escrita direta e – ago. 1859, p. 311

FETICHISMO

árabes primitivos e – ago. 1866, p. 309

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

FETO

caixa óssea do – abr. 1862, p. 143

FEUDALISMO

imprensa e – abr. 1864, p. 163

FÍGARO, LE

profissão de fé materialista e – out. 1868, p. 425

FIGUIER, LOUIS

adversário do Espiritismo – set. 1860, p. 406

Apreciação da história do maravilhoso e – abr.
1861, p. 168

desafio literário de Allan Kardec a – set. 1860, p. 409

História do maravilhoso e – dez. 1860, p. 535

História do maravilhoso e do sobrenatural e – set.
1860, p. 406

idéia fixa do maravilhoso e a obra de – set. 1860, p. 414

magnetismo e – abr. 1861, p. 175

magnetismo, irmãs Fox e – dez. 1860, p. 539

FILHO

abuso da credulidade do – set. 1863, p. 391

fortuna retorna ao pai de um * mau – out. 1864, p. 421

idéias progressivas e * do povo – maio 1868, p. 203

lei de causa e efeito e * deficiente – set. 1864, p. 384

FILOSOFIA

aliança da * com o Espiritismo – set. 1863, p. 359, 364

conceito de – jun. 1862, p. 263

considerações sobre – jul. 1869, p. 297

diferença entre * e Ciência – jul. 1869, p. 297

Espiritismo e – jun. 1862, p. 263

Platão, Moisés, Juliano e – abr. 1860, p. 192

regeneração social e – set. 1863, p. 357

ÍNDICE GERAL

FILOSOFIA CHINESA

Lao-Tseu e a – out. 1866, p. 412

moral da – out. 1868, p. 416

FILOSOFIA DO SÉCULO XVIII

superstições e a – set. 1860, p. 413

FILOSOFIA DO UNIVERSO

Dupont de Nemours e – out. 1869, p. 408

reconhecimento e admiração da obra – out. 1869, p. 408

FILOSOFIA ESPÍRITA

Augustino Babin – abr. 1866, p. 178

incredulidade e força da – maio 1860, p. 203

melhor forma de fazer proselitismo – jan. 1868, p. 18

pessoas racionalmente exigentes e – maio 1860, p. 203

significado do termo Espírito e – maio 1864, p. 189

FILOSOFIA ESPIRITUALISTA

benefícios da * na França – nov. 1863, p. 451

crescimento da * e das ciências – dez. 1869, p. 494

FILOSOFIA MÉDICA

princípios de – dez. 1866, p. 520

FILOSOFIA MODERNA

doutrina da pluralidade das existências e – jan.

1865, p. 47

FILÓSOFO

distinção entre livre-pensador e – jan. 1867, p. 22

escolhos do * espírita – nov. 1867, p. 477

metempsicose e crença do – jan. 1865, p. 46

verdades morais e – set. 1867, p. 358

FILÓSOFO AO PÉ DO FOGO, UM

artigo sobre O Livro dos Espíritos em – abr. 1861, p. 158

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

FILÓSOFOS DA ANTIGUIDADE

fenômenos espíritas e – jan. 1858, p. 25

FIM DO MUNDO

como devemos entender a expressão – abr. 1868, p. 173

dinheiro para os padres e o – abr. 1868, p. 161

Espíritos na erraticidade temem o – abr. 1868, p. 171

Livro dos Espíritos, O, e o – abr. 1868, p. 168

não acrediteis no * material – out. 1866, p. 402

predição do * para 1840 – abr. 1868, p. 160

predição do * para 1911 – abr. 1868, p. 160

reino do anticristo precederá o – abr. 1868, p. 160

FÍSICA ESPIRITUAL

medicina espiritual e – mar. 1864, p. 106

FISIOGNOMONIA

conceito de – jul. 1860, p. 301

considerações sobre – jul. 1869, p. 283; ago. 1869, p. 319

Espiritismo e – jul. 1860, p. 302

Revista Espírita e – mar. 1861, p. 125

FISIOLOGIA

erros de concepção da – ago. 1868, p. 320

FITOTERAPIA

médium Désirée Godu faz uso da – abr. 1860, p. 177

médiuns indianos e o uso da – maio 1860, p. 205

FITREB

conceito árabe de – ago. 1866, p. 314

FLAGELOS

Argélia sofre os horrores dos – maio 1868, p. 224

destino dos exploradores dos * humanos – jul.

1867, p. 295

ÍNDICE GERAL

fé espírita e * destruidores – jul. 1867, p. 295
finalidade dos * destruidores – jul. 1867, p. 292
materialismo e os * destruidores – out. 1866, p. 412
objetivos divinos dos – nov. 1868, p. 449
pressentimento dos * destruidores – jul. 1867, p. 294
providência divina e os – maio 1868, p. 226
resultados positivos dos – nov. 1868, p. 448

FLAGEOLET

caráter do Espírito – mar. 1868, p. 128
Espírito mistificador – mar. 1868, p. 126

FLAMAND, PIERRE LE (ESPÍRITO)

Allan Kardec e – maio 1859, p. 179
aparição e – maio 1859, p. 172, 185
características de – maio 1859, p. 174
espírito do pai de – maio 1859, p. 180
evocação de – maio 1859, p. 172
felicidade moral e – maio 1859, p. 176
força física de – maio 1859, p. 185
identidade de – maio 1859, p. 172
ingratidão dos homens e – maio 1859, p. 184
ocupações de – maio 1859, p. 175
reencarnação e – maio 1859, p. 177

FLAMMARION, CAMILLE

Contemplações científicas e – dez. 1869, p. 525
Deus na Natureza e – set. 1867, p. 397
Espiritismo e – set. 1867, p. 398
Maravilhas celestes, As, e – nov. 1869, p. 479
Pluralidade dos mundos habitados e – jan. 1863, p. 50;
abr. 1863, p. 178; ago. 1864, p. 345; set. 1864, p. 387
premissas estabelecidas por – set. 1867, p. 398
sonambulismo, magnetismo natural e – set. 1867, p. 398

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

FLORES

dissertação sobre as – dez. 1858, p. 509

gênio das – mar. 1860, p. 150

FLOURENS

funções do cérebro e – abr. 1862, p. 142

FLUIDO ATMOSFÉRICO

fonte permanente do – set. 1868, p. 358

FLUIDO CIRCULANTE

características do – jun. 1869, p. 236

FLUIDO CÓSMICO UNIVERSAL

calor e – set. 1865, p. 359

combinações do – mar. 1866, p. 108

elemento único da Natureza – mar. 1866, p. 103

eletricidade e – set. 1865, p. 359

eletricidade, calor e – set. 1865, p. 359

estados distintos do – mar. 1866, p. 111

fenômenos espíritas e – fev. 1861, p. 71

harmonia e – mar. 1869, p. 131

Henry e – nov. 1861, p. 519

Livro dos Espíritos, O, e – ago. 1861, p. 347

Livro dos Médiuns, O, e – ago. 1861, p. 347

perispírito e – mar. 1861, p. 111

princípio vital – jun. 1858, p. 236

FLUIDO CURADOR

naturezas distintas do – mar. 1868, p. 136

qualidades diferentes de – mar. 1868, p. 134

temperamento físico e moral do doador do – mar.

1868, p. 130

tratamento misto e – mar. 1868, p. 135

ÍNDICE GERAL

FLUIDO ESPIRITUAL

- antipatia, simpatia e – dez. 1862, p. 489
- características do – set. 1865, p. 347
- destino do * após a morte – maio 1865, p. 184
- Deus e comparação com o – maio 1866, p. 180
- estudo sobre o – mar. 1866, p. 97
- instantaneidade do – set. 1865, p. 348
- médiuns inspirados e – maio 1865, p. 212
- objetos espirituais e – jun. 1868, p. 240
- oração e – fev. 1866, p. 70
- pensamento, vontade e – jun. 1868, p. 239
- pensamento inconsciente e – jun. 1868, p. 240
- propriedades do – maio 1866, p. 181

FLUIDO HUMANO

- características do – set. 1865, p. 346, 347; jul. 1869, p. 285
- fluido dos bons Espíritos e – abr. 1865, p. 162
- qualidades do – set. 1865, p. 347

FLUIDO LATENTE

- características do – jun. 1869, p. 236

FLUIDO MAGNÉTICO

- ação do – jan. 1864, p. 23
- ação sobre a matéria e – jan. 1861, p. 49
- imaginação excitada e – out. 1859, p. 391
- magnetização e – out. 1859, p. 391
- origem do – set. 1865, p. 346
- resolução de questões sobre – out. 1859, p. 391
- sistema nervoso e – mar. 1859, p. 115
- sonâmbulos e – mar. 1859, p. 113
- sono e – mar. 1859, p. 113
- visão e – mar. 1859, p. 114

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

FLUIDO NERVOSO

Chevillard e teoria do – mar. 1869, p. 124, 125; abr.
1869, p. 158
conceito de – jun. 1869, p. 253
fluido perispiritual e – jan. 1866, p. 42

FLUIDO PERISPIRITUAL

ação do * sobre o sistema nervoso – fev. 1869, p. 78
afinidade do fluido do Espírito com – ago. 1861, p. 359
eletricidade, calor e – set. 1865, p. 359
emancipação da alma e – ago. 1865, p. 308
Espiritismo e propriedades do – set. 1865, p. 358
fluido nervoso e – jan. 1866, p. 42
qualidade do – maio 1867, p. 187

FLUIDO PERNICIOSO

doenças cuja origem estão no – mar. 1868, p. 133

FLUIDO QUINTENSSENCIADO

Espírito superior emana – jan. 1864, p. 23

FLUIDO VEGETAL

características do – set. 1869, p. 386
matéria essencial das plantas e – set. 1869, p. 386

FLUIDO VITAL

calor fluídico e – maio 1865, p. 206
Espírito encarnado e – ago. 1861, p. 360

FLUIDO(S)

abertura dos olhos espirituais e – out. 1867, p. 438
ação da vontade sobre os – set. 1865, p. 349
ação do Espírito sobre os – set. 1865, p. 356
ação do magnetizador sobre os – set. 1865, p. 347
ação do pensamento sobre os – maio 1867, p. 187

ÍNDICE GERAL

ação dos * em um braço fraturado – set. 1865, p. 352
ação dos * na cura do Espírito – jul. 1865, p. 286
brilho da luz e mistura de certo – jan. 1868, p. 52
características dos – set. 1865, p. 358
Ciência e estudo dos – dez. 1865, p. 505
comunicação coletiva e assimilação dos – mar.
1867, p. 127
conceito de – jun. 1869, p. 235; jul. 1869, p. 279
desobsessão e combinação dos – jun. 1864, p. 236
duplo aspecto dos – jun. 1869, p. 236
Espiritismo e estudo dos – out. 1867, p. 439
Espiritismo e realidade dos – jun. 1869, p. 236
estado da alma e natureza dos – jul. 1867, p. 311
fenômenos mediúnicos e combinação dos – out.
1865, p. 415
força e impurezas dos – jan. 1864, p. 24
importância do estudo dos – jul. 1869, p. 282
influência dos * na ação curadora – dez. 1865, p. 500
manifestação da morte e – jun. 1869, p. 235
manifestação e influência dos – jul. 1869, p. 288
perispírito e – maio 1861, p. 228; ago. 1863, p. 334
poder curativo dos – maio 1867, p. 186
qualidades dos – jan. 1864, p. 23; maio 1867, p. 187;
mar. 1868, p. 130
reencarnação e ação dos – fev. 1864, p. 76
saturação de * e comunicação coletiva – mar. 1867, p. 127
surgimento da harmonia e – jul. 1869, p. 288
universalidade dos – jun. 1869, p. 241
utilidade dos * nas manifestações dos Espíritos – maio
1865, p. 219
vontade e desenvolvimento dos – jan. 1864, p. 21

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

FLUIDOS DO MAGNETIZADOR

características dos – set. 1865, p. 347

esgotamento dos – set. 1865, p. 347

FLUIDOS DOS BONS ESPÍRITOS

características dos – set. 1865, p. 346

FLUIDOTERAPIA

obsessão e – jan. 1864, p. 26

FOGO

dogma do * eterno – jun. 1861, p. 261

Espiritismo e simbologia de – dez. 1859, p. 473

FOME

esclarecimentos sobre a * de certos Espíritos – nov.

1860, p. 498; jun. 1868, p. 247

Espírito inferior e perturbado sente – jun. 1868, p. 243

necessidade imaginária do Espírito inferior e – jun.

1868, p. 245

FONTAINE, LA

Gérard de Nerval e – fev. 1861, p. 103

FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

abdicção da personalidade e – maio 1864, p. 193

âncora do Espiritismo e a bandeira – set. 1862, p. 380

bandeira do Espiritismo é o lema – abr. 1866, p. 159

Paulo de Tarso e – dez. 1863, p. 496

princípio de união e a bandeira – out. 1866, p. 398

símbolo da nova aliança fraternal – out. 1866, p. 407

FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO

decadência do princípio – jul. 1864, p. 273

FORÇA ANÍMICA

conhecimento da – nov. 1863, p. 445

ÍNDICE GERAL

FORÇA DA ALMA

conceito de – jun. 1868, p. 269

FORÇA DE GRAVITAÇÃO

reconhecimento da – fev. 1867, p. 61

FORÇA DO ESPIRITISMO

ensino universal e causa da – out. 1865, p. 408

universalidade do ensino dos Espíritos e a – abr.
1864, p. 140

FORÇA DO REMORSO

instruções dos Espíritos sobre a – ago. 1867, p. 336

Jean Ryzak e a – ago. 1867, p. 335

FORÇA ESSENCIAL

Leibniz e – nov. 1863, p. 446

FORÇA MUSCULAR

superexcitação e – mar. 1859, p. 99

FORÇA VITAL

sono e – out. 1868, p. 406

FORÇAS DA NATUREZA

Espiritismo e – out. 1859, p. 421; set. 1867, p. 364

FORGE, ANATOLE DE LA

partido espírita e – jul. 1868, p. 299

FORMA DOS CORPOS

modificação na – ago. 1869, p. 318

perfeição do Espírito e – ago. 1869, p. 318

FORMA HUMANA

perispírito e semelhança com – jan. 1859, p. 21

FORMAÇÃO DA TERRA

Allan Kardec e a – abr. 1860, p. 169

teorias sobre a – jan. 1862, p. 37

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

FORMAÇÃO DOS CORPOS

Espíritos errantes e – jun. 1861, p. 282

FORMAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Deus e a – out. 1860, p. 461

FORMAÇÃO ESPONTÂNEA DOS OBJETOS

Livro dos Médiuns, O, e – maio 1861, p. 223

FORTUNA

emprego da – maio 1858, p. 210

FOTOGRAFIA DO PENSAMENTO

Gênese, A, e – ago. 1869, p. 345

FOTOGRAFIA DOS ESPÍRITOS

Allan Kardec e – mar. 1863, p. 136

jornal Courier du Bas-Rhin e – mar. 1863, p. 134

perispírito e – mar. 1863, p. 135

FOTOGRAFIA ESPONTÂNEA

aparição por – jul. 1858, p. 279

considerações sobre a – jul. 1858, p. 280

FOULON, VIÚVA

abandono definitivo da Terra e – mar. 1865, p. 115

arte espírita e – mar. 1865, p. 111

biografia da – mar. 1865, p. 109

comunicação da – mar. 1865, p. 111

descrição do desprendimento da – mar. 1865, p. 114

Doutrina Espírita e – mar. 1865, p. 109

felicidade da – mar. 1865, p. 111

idéias da * sobre trabalhos de Allan Kardec – mar.
1865, p. 116

Marie-Caroline Quillet e a – abr. 1865, p. 172

necrológio da – mar. 1865, p. 108

testemunho espírita da – mar. 1865, p. 113

ÍNDICE GERAL

FOURIER, CHARLES

- Espiritismo e – ago. 1863, p. 316
- evocação de – abr. 1869, p. 173
- reencarnação e – dez. 1862, p. 513

FOURNIER, EDOUARD

- Vieux neuf, Le – abr. 1858, p. 153

FOURNIER-DUPLAN

- morte de – dez. 1866, p. 524

FRAGATA IFIGÊNIA

- passageiros da – jan. 1862, p. 26

FRAGILIDADE FEMININA

- razões naturais da – jan. 1866, p. 16

FRANÇA

- crescimento dos adeptos do Espiritismo na – jul. 1864, p. 269
- Espiritismo e missão da – dez. 1859, p. 485
- Espiritismo na – maio 1866, p. 192
- fenômenos espíritas e a – jan. 1858, p. 22
- História da – jun. 1858, p. 269
- liberdade de crença e – mar. 1866, p. 113
- Luís XI e a história da – mar. 1858, p. 121
- movimento espírita na – nov. 1860, p. 483
- nascimento de um novo messias na – fev. 1868, p. 75
- progresso do Espiritismo na – jul. 1864, p. 285
- relatório sobre alienação mental na – jul. 1866, p. 276
- revelações espíritas sobre a história da – dez. 1866, p. 473

FRANCISCANOS

- Maria de Agreda e os – nov. 1860, p. 520

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

FRANCISCO I

caráter de – dez. 1858, p. 519

FRANCISCO XAVIER, SÃO

reencarnação no Japão e – ago. 1868, p. 348

FRANCKOWSKI, FRANÇOIS

Espíritos visitantes e – out. 1863, p. 418

FRANCO-MAÇONARIA

Espiritismo e – abr. 1864, p. 169, 170

papel histórico da – abr. 1864, p. 171

semelhanças do Espiritismo com a – abr. 1864, p. 174

união do Espiritismo com a – abr. 1864, p. 172

FRANÇOIS, MICHEL

evocação de – dez. 1859, p. 500

Luís XIV e – dez. 1859, p. 500

FRANKLIN, BENJAMIN

biografia de – ago. 1865, p. 327

carta de * à Jone Mecone – dez. 1867, p. 495

epitáfio de – ago. 1865, p. 326; dez. 1867, p. 496; nov. 1869, p. 456

fluido elétrico e – out. 1866, p. 418

FRAQUEZA DA CARNE

más ações e – mar. 1869, p. 102

FRATERNIDADE

abnegação e – jul. 1869, p. 270

Alcorão e – nov. 1866, p. 435

base de todo grupo espírita – fev. 1862, p. 61

era espírita da – out. 1861, p. 444

espíritas, espiritualistas e – fev. 1868, p. 71

Espiritismo e ampliação do conceito de – out. 1866, p. 394

ÍNDICE GERAL

fé raciocinada e – out. 1866, p. 394
fundamentos da ordem social e – nov. 1862, p. 473
implantação do reinado de * na Terra – out. 1866, p. 404
importância da * para a Humanidade – nov. 1862, p. 474
origem do sentimento de – jul. 1860, p. 291
pluralidade das existências e o fortalecimento da – out.
1866, p. 393
reinado da – out. 1869, p. 402
solidariedade é base da – dez. 1864, p. 478
unidade do Espiritismo pela – dez. 1868, p. 537

FRATERNIDADE UNIVERSAL

fanatismo islâmico oferece obstáculos à – ago.
1866, p. 304
unidade de crença e a – out. 1866, p. 396

FRAUDES ESPÍRITAS

charlatães, escamoteadores e – abr. 1859, p. 143
Livro dos Médiuns, O, e – abr. 1859, p. 143
manifestações físicas e – abr. 1859, p. 143
médiuns e – abr. 1859, p. 143
médiuns escreventes mecânicos e – abr. 1859, p. 146
meio de reconhecer a – abr. 1859, p. 145
prevenção e – mar. 1859, p. 96

FREDEGUNDA

Brunchaut e – jan. 1864, p. 38
Espírito possessivo de Júlia – jan. 1864, p. 34
Hildegarda e – jan. 1864, p. 37

FREDERICO

entrevista de – set. 1859, p. 353
Espiritismo e – ago. 1859, p. 331
esquecimento do passado e – ago. 1859, p. 330
evocação de – ago. 1859, p. 327

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

humilhação e – ago. 1859, p. 330

FREIO MORAL

sociedade materialista e – mar. 1861, p. 119

FRENOLOGIA

cabeça de Garibaldi e – mar. 1861, p. 122

conceito de – jul. 1860, p. 297; abr. 1862, p. 142

considerações sobre – jul. 1869, p. 283

Espiritismo, espiritualismo e – abr. 1862, p. 141

Espírito, matéria e – ago. 1863, p. 319

espiritualistas e – abr. 1862, p. 145

faculdades humanas e – abr. 1862, p. 148

faculdades morais e afetivas e – abr. 1862, p. 144

inteligência e – abr. 1862, p. 149

materialismo e – abr. 1862, p. 144

Revista Espírita e – mar. 1861, p. 125

sonambulismo e – set. 1865, p. 373

FUNDAÇÃO DO ESPIRITISMO

Livro dos Espíritos, O, e – maio 1869, p. 188

FUNDAÇÃO ESPÍRITA

projeto de Allan Kardec para uma – dez. 1868, p. 511

FUNERAL

presença do Espírito no próprio – jan. 1861, p. 30

FUTURO

causa da incredulidade no – ago. 1865, p. 307

compreensão e certeza do – jan. 1860, p. 17

crença intuitiva no – fev. 1865, p. 55

Doutrina Espírita e visão do – fev. 1865, p. 60

Espiritismo e conhecimento do – jul. 1865, p. 277

Espiritismo, passado e – mar. 1863, p. 108

Espíritos e conhecimento do – set. 1867, p. 394

ÍNDICE GERAL

Espíritos inferiores e – jan. 1859, p. 14
Espíritos superiores e – jan. 1859, p. 15
fórmulas para conquista do – fev. 1865, p. 59
ignorância e medo do – fev. 1868, p. 83
livre-arbítrio e – jan. 1859, p. 15; jan. 1861, p. 58
perfeição espiritual e a visão do – maio 1864, p. 179
persistência da dúvida sobre o – maio 1863, p. 226
perturbação quanto ao conhecimento do – jul.
1865, p. 277
possibilidade da visão geral do – maio 1864, p. 182
possibilidade do conhecimento do – maio 1864, p. 177
povos primitivos e conceito de – fev. 1865, p. 56
predomínio do bem no – ago. 1860, p. 377
revelação do – jan. 1859, p. 14
utilidade do conhecimento do – jan. 1859, p. 15

FUTURO DO ESPIRITISMO

considerações sobre o – jan. 1868, p. 20
constituição transitória e o – dez. 1868, p. 507
inteligência humana e – jun. 1863, p. 267
organização social e – jun. 1863, p. 268
pena de Talião e – jun. 1863, p. 269
previsão do – maio 1864, p. 184
Sociedade Anônima do Espiritismo e – set. 1869, p. 363

G

G...

além-túmulo e família de – set. 1859, p. 377
Espiritismo e família de – set. 1859, p. 377
família de pai desencarnado e – set. 1859, p. 378

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

GABRIEL, ANJO

vale de Meca e – ago. 1866, p. 307

GAIMARD, PAUL

Epicurismo e – mar. 1859, p. 104

erraticidade e – mar. 1859, p. 104, 107

evocação de – mar. 1859, p. 104

existências anteriores e – mar. 1859, p. 105

individualidade e – mar. 1859, p. 109

influência material do corpo e – mar. 1859, p. 105

leis morais e – mar. 1859, p. 110

prazeres e – mar. 1859, p. 110

GALILEU

diálogo entre inquisidor e Galileu no drama – maio 1867, p. 210

Espiritismo e missão de – abr. 1867, p. 147

Lívia e drama – maio 1867, p. 208

monge pregando à multidão, Um – maio 1867, p. 207

monólogo no drama – maio 1867, p. 208

pluralidade dos mundos habitados e drama – abr. 1867, p. 143

Ponsard e fragmentos do drama – maio 1867, p. 205

GALL, FRANZ JOSEPH

frenologia e – jul. 1860, p. 297

teoria dos espiritualistas e – mar. 1861, p. 123

teoria dos materialistas e – mar. 1861, p. 123

GALLES, PAÍS DE

Cristianismo e – abr. 1858, p. 155

história do – abr. 1858, p. 155

GALVANI

dança das rãs e – jun. 1859, p. 228

ÍNDICE GERAL

GANDY, GEORGES

- ataque ao Espiritismo e – jan. 1861, p. 24
- Grand e refutação ao – jan. 1861, p. 35
- Livro dos Espíritos, O, e – jan. 1861, p. 31

GARDENER

- desafiado como médium – jan. 1858, p. 49

GASPARD

- aparição do Espírito – jun. 1860, p. 257

GASSNER

- médium curador e * o cura – nov. 1867, p. 456

GAUTHIER, AUBIN

- Tratado de Magnetismo e de Sonambulismo – maio 1862, p. 206

GAUTIER, THÉOPHILE

- comentários sobre – mar. 1866, p. 131
- convulsionários árabes e – jan. 1868, p. 39
- Courrier du Monde Illustré e – mar. 1866, p. 131
- Espírita, novela, e – jan. 1866, p. 31
- romance-folhetim espírita e – dez. 1865, p. 476; jan. 1867, p. 32

GAY-LUSSAC

- corpos imponderáveis e invisíveis e – fev. 1859, p. 81

GAZETTE DE SILÉSIE

- assassinato de cinco crianças – out. 1858, p. 429

GAZETTE DU MIDI PERANTE O ESPIRITISMO

- irmãos Davenport e a – nov. 1865, p. 470

GENEALOGIA ESPÍRITA

- reencarnação e – mar. 1862, p. 102

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

GÊNESE, A

- anúncio da terceira edição de – mar. 1868, p. 142
- apreciação da obra – fev. 1868, p. 90
- extrato do primeiro capítulo de – set. 1867, p. 355
- mistérios da Criação e – nov. 1868, p. 460
- notícia da publicação e sumário de – jan. 1868, p. 53
- segunda edição de – fev. 1868, p. 101

GÊNESE, OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES, A

- Espiritismo e – nov. 1867, p. 484

GÊNESIS

- origem dos seres e o – mar. 1860, p. 118

GENIALIDADE

- criação da alma e – abr. 1862, p. 145
- influência do corpo físico e – abr. 1862, p. 166

GÊNIO

- conceito de – maio 1864, p. 204; maio 1867, p. 224
- conceito de homem de – nov. 1860, p. 510
- futuro dos povos e os homens de – jul. 1862, p. 306
- revelação e homem de – abr. 1866, p. 140

GÊNIO DAS FLORES

- verdades sobre o – mar. 1860, p. 151

GÊNIO E A MISÉRIA, O

- Gerard de Nerval e – jun. 1861, p. 286

GÊNIOS ESPIRITUAIS

- instruções dadas pelos – abr. 1866, p. 145

GENTEUR

- partido espírita e *, relator do Senado – jul. 1868, p. 294

ÍNDICE GERAL

GEOCENTRISMO

ignorância científica e a teoria do – jan. 1862, p. 44

Igreja e a teoria do – set. 1862, p. 365

GEORGES

crise, transformação e – jun. 1861, p. 287

Despertar do Espírito, O, e – fev. 1861, p. 100

informações de São Luís sobre – set. 1860, p. 392

progresso intelectual e moral e – maio 1861, p. 242

GERAÇÃO

Jesus e o termo – jan. 1862, p. 21

GERAÇÃO ESPONTÂNEA

Allan Kardec e a hipótese da – jul. 1868, p. 285

formação de novos compostos químicos e – jul.

1868, p. 291

hipótese assumida por Allan Kardec – jul. 1868, p. 286

mofo e a teoria da – jul. 1868, p. 291

origem dos vermes intestinais e – jul. 1868, p. 292

pelos do corpo e a teoria da – jul. 1868, p. 291

perfil do primeiro homem e – dez. 1861, p. 561

teorias de Allan kardec sobre a – jul. 1868, p. 288

zoófitos e pólipos e a – jul. 1868, p. 293

GERAÇÃO NOVA

características da – out. 1866, p. 403

GERAÇÕES ESPIRITUAIS

transformação da Terra pela sucessão das – out.

1866, p. 403

GERAÇÕES SOFREDORAS

pluralidade das existências e as – maio 1868, p. 227

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

GERMAINE

cura, conversão e revelações de – jan. 1865, p. 36
evocação de – jan. 1865, p. 21, 27, 32, 33
palavras dos guias espirituais e – jan. 1865, p. 31, 32
prece de – jan. 1865, p. 34
preparação para a reencarnação de – jan. 1865, p. 34

GÉRMEN DAS VERDADES

Ciência, Espiritismo e – set. 1867, p. 365

GÉRMENS

Morhéry e estudo sobre os – fev. 1859, p. 81
natureza dos – fev. 1859, p. 80
sistema de Bichat e – fev. 1859, p. 80
vida espírita e – fev. 1859, p. 80

GINGIRO

evocação dos Espíritos no reino de – abr. 1858, p. 169

GIRARDIN

história da médium – out. 1859, p. 416
prancheta e a médium – out. 1859, p. 417

GIRARDIN, DELPHINE DE

correspondência de – maio 1861, p. 238

GIRRODD

médiuns americanos charlatães e casal – fev. 1862, p. 80

GLAS

distinção entre Espírito e perispírito por – maio
1861, p. 227
estado de perturbação de – maio 1861, p. 225
evocação de – maio 1861, p. 224

GLOBO DE CRISTAL

comunicações espíritas por meio de – mar. 1860, p. 109
estudo sobre o – mar. 1860, p. 110

ÍNDICE GERAL

GNOMOS

crença nos – nov. 1858, p. 461

GODU, DÉSIÉ

curas realizadas pela médium – jun. 1860, p. 275

inventário das curas realizadas por – abr. 1860, p. 179;

maio 1860, p. 215

médium curadora – mar. 1860, p. 121

médium especial – fev. 1860, p. 78

mediunidade e – dez. 1859, p. 531

notícias sobre a médium curadora – abr. 1860, p. 175

produção mediúnica de diamantes e a médium – jan.

1862, p. 54

remédios espirituais prescritos pela médium – jun.

1860, p. 276

GOETHE, JOHANN WOLFGANG VON

evocação e – jun. 1859, p. 240

idéias reencarnacionistas e – nov. 1869, p. 456

retrogradação e – jun. 1859, p. 241

GOTA

remédio para a doença da – jan. 1860, p. 41

GOURDON, ANAIS

evocação de – jun. 1861, p. 270

GOZOS MUNDANOS

lástima pela perda dos – fev. 1865, p. 60

GRAMÁTICA

Espírito Léon de Muriane e – nov. 1862, p. 476

GRANDE PERÔNIO

características do – jun. 1859, p. 222

propriedade do – jun. 1859, p. 220

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Rayer e – jun. 1859, p. 225

GREGÓRIO, SÃO, PAPA

Mundo Espiritual e – fev. 1864, p. 86

GREGOS E ROMANOS *ver também* Civilizações clássicas

caráter das leis dos – mar. 1866, p. 121

GRELEZ, A.

Carta aos Diretores e Redatores dos Jornais

Antiespírita – abr. 1866, p. 177

GRUPO CURADOR DE MARMANDE

intervenção dos parentes nas curas e – jun. 1867, p. 245

GRUPO DIVERGENTE

destino do – set. 1867, p. 384

GRUPO ESPÍRITA DE ANDÚJAR

Fénelon (Espírito) diretor do – mar. 1869, p. 105

observações de Allan Kardec sobre – mar. 1869, p. 106

GRUPO ESPÍRITA DE BORDEAUX

discurso de abertura do – set. 1862, p. 353

formato das reuniões no – set. 1862, p. 357

seriedade de propósitos do – set. 1862, p. 358

GRUPO ESPÍRITA DE BROTTAUX

discurso de Courtet no – out. 1861, p. 428

GRUPO ESPÍRITA DE CADIZ

reunião mediúnicamente realizada pelo – abr. 1868, p. 184

GRUPO ESPÍRITA DE PORT-LOUIS

epidemia da Ilha Maurício e fechamento do – nov.

1868, p. 442

GRUPO ESPÍRITA PARTICULAR *ver* Grupos familiares

ÍNDICE GERAL

GRUPO ESPIRITUAL

Espírito assina comunicação em nome do – ago.
1865, p. 333
identidade do Espírito pode revelar apenas o – ago.
1865, p. 333

GRUPO MEDIÚNICO

conseqüência da seriedade no – maio 1865, p. 216
necessidade da seriedade no – maio 1865, p. 216
utilidade do – maio 1863, p. 220

GRUPO(S) ESPÍRITA(S)

assistência social e – jan. 1864, p. 43
caridade afetiva para sustentar o – fev. 1862, p. 61
composição dos – dez. 1861, p. 537
condições impostas ao – dez. 1861, p. 538
constituição dos – dez. 1861, p. 534
falta de clientes provoca fechamento de um – dez.
1864, p. 507
formação do – out. 1861, p. 438; nov. 1861, p. 498,
500; dez. 1861, p. 533, 536
formação e objetivo do * na Rússia – jun. 1865, p. 231
Fraternidade e Amor e Caridade – out. 1864, p. 411
Instruções práticas sobre a organização do – jul.
1869, p. 308
interdição legal do – maio 1863, p. 204
multiplicação dos – nov. 1861, p. 498; dez. 1861, p. 531
necessidade dos – maio 1863, p. 204
observações sobre o – dez. 1861, p. 540
prudência na formação de – jun. 1862, p. 265
relações entre – jan. 1862, p. 35
retrocesso na criação de – jan. 1868, p. 15

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

rivalidade no – abr. 1860, p. 164
vantagens que tem o pequeno – out. 1860, p. 445
vitalidade dos – dez. 1861, p. 545

GRUPOS FAMILIARES

importância dos – jan. 1864, p. 16
propagação do Espiritismo e os – jun. 1862, p. 231
vantagens que têm os – jun. 1862, p. 235

GUÉRIN, CLÉMENCE

Espiritismo na América, O – nov. 1861, p. 521

GUERRA

planeta Vênus e – ago. 1862, p. 336
pluralidade das existências e – ago. 1864, p. 328

GUERRERO, FERNANDO

carta de – maio 1859, p. 208
Livro dos Espíritos, O, e – maio 1859, p. 208
povos aborígenes e – maio 1859, p. 209

GUIA DA SR^a MALLY

evocação do – ago. 1859, p. 322

GUIA ESPIRITUAL

ajuda do * no sono do corpo físico – fev. 1865, p. 68
filho se torna * da mãe – ago. 1866, p. 329
Germaine (Espírito) e palavras do – jan. 1865, p. 31, 32
Valentine Laurent e – jan. 1865, p. 20, 25

GUILHERME IV, FREDERICO, DA PRÚSSIA

magnetismo e – out. 1858, p. 419

GUIZOT

religião e sobrenatural – jan. 1862, p. 41

ÍNDICE GERAL

sobrenatural, O, e – dez. 1861, p. 556

GULDENSTUBBÉ

escrita direta e – ago. 1859, p. 312

medalha cabalística e – set. 1858, p. 393

GULODICE

educação alimentícia errada e incentivo à – fev.
1864, p. 59

GUTTEMBERG

invenção da imprensa e – abr. 1864, p. 163

GUYENNE, DUQUE DE

envenenamento do – jun. 1858, p. 263

H

HÁ UMA VIDA FUTURA?

demonstração da reencarnação e – abr. 1869, p. 177

objetivo do livro – abr. 1869, p. 176

opiniões sobre o livro – abr. 1869, p. 176

princípios da Doutrina Espírita e – abr. 1869, p. 177

HABITAÇÕES DE JÚPITER

características das – ago. 1858, p. 348

incredulidade de alguns e as – ago. 1858, p. 348

HABITANTES DA TERRA

preexistência aos primeiros – jan. 1862, p. 25

HABITANTES DE JÚPITER

hierarquia espiritual e – ago. 1858, p. 350

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

HAIA

dissertação sobre a reencarnação vinda de – mar.
1862, p. 126

HAMLET

Gérard de Nerval e – fev. 1861, p. 102

HANYFES

Judaísmo, Cristianismo e os – ago. 1866, p. 309

HARMONIA

conceito de – mar. 1869, p. 133
concepção e transmissão da – mar. 1869, p. 133
definição de – mar. 1869, p. 130
desprendimento da alma e – mar. 1869, p. 134
Espírito inferior e – mar. 1869, p. 131
fluido universal e – mar. 1869, p. 131
prece e – mar. 1869, p. 131
sentimento de * no Espírito – mar. 1869, p. 132

HARMONIA CELESTE

música, A, e – mar. 1869, p. 127

HARMONIA UNIVERSAL

fatalidade é indispensável à – jul. 1868, p. 279

HARMONIA, A

ditado de René de Provence e – fev. 1861, p. 105

HARMONIAS DOS MUNDOS, As

identificação da obra * com problemas espíritas – nov.
1869, p. 465
problemas espíritas e a obra – nov. 1869, p. 465

HASSAN

bênção de sangue e alcaide – out. 1867, p. 418
perfil do alcaide – out. 1867, p. 418
processo de cura do alcaide – out. 1867, p. 418

ÍNDICE GERAL

HEBREUS

ensaio sobre a psicologia dos antigos – nov. 1868, p. 479

HÉGIRA

era dos muçulmanos ou – ago. 1866, p. 316

HELOÍSA E ABELARDO

metades eternas e – maio 1858, p. 212

HENRIQUE III

análise da caligrafia de – fev. 1866, p. 82

história da espineta de – fev. 1866, p. 76

HENRIQUE IV

massacre de São Bartolomeu e – set. 1858, p. 385

pressentimentos e prognósticos e – nov. 1867, p. 461

HERANÇA

compromisso com – maio 1858, p. 211

HERANÇA ESPIRITUAL

aptidões especiais e – mar. 1862, p. 105

reencarnação e – mar. 1862, p. 105

HERANÇA TERRENA

egoísmo, pobreza e – ago. 1865, p. 337

HERDEIROS

desencarnado e seus – maio 1858, p. 225

HERMANN

agêneres, tangibilidade e – fev. 1859, p. 68

alma de – fev. 1859, p. 70, 73

corpo físico de – fev. 1859, p. 73

duas existência de – fev. 1859, p. 73

enfermidade de – fev. 1859, p. 69

H. Lugner e – fev. 1859, p. 68

infância de – fev. 1859, p. 74

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

morte de – fev. 1859, p. 73
orgulho, vergonha e – fev. 1859, p. 70
Parker, William ou – fev. 1859, p. 71
perfil de – fev. 1859, p. 68
sonho de – fev. 1859, p. 70

HERÓIS

visão do futuro e os – maio 1864, p. 180

HERRENSCHNEIDER, FRÉDÉRIC

conceito de espírita e – jun. 1868, p. 261
criação do homem segundo – jun. 1868, p. 266
Deus segundo – jun. 1868, p. 264
espírita inconsciente e – jun. 1868, p. 263
espiritualismo e – jun. 1868, p. 262
intercâmbio espiritual e – jun. 1868, p. 263
materialismo e – jun. 1868, p. 262
psicologia da alma e – jun. 1868, p. 267
Religião e política na sociedade moderna – jun.
1868, p. 259
unidade da alma e – jun. 1868, p. 268

HIDJAZ

significado do – ago. 1866, p. 306

HIERARQUIA

Espiritismo e – abr. 1866, p. 157
Espírito e – set. 1859, p. 365
lei universal e – jan. 1860, p. 52

HIERARQUIA ESPIRITUAL

habitantes do planeta Júpiter e – ago. 1858, p. 350

HILAIRE, JEAN

estudo sobre o médium – ago. 1864, p. 341

ÍNDICE GERAL

HILDEGARDA

Fredegunda e – jan. 1864, p. 37

HILLAIRE, MÉDIUM

condenação de – mar. 1865, p. 126

Espiritismo e – mar. 1865, p. 124

fracasso da missão de – mar. 1865, p. 132

influência de Daniel Dunglas Home sobre – mar.
1865, p. 123

mediunidade de – mar. 1865, p. 123

missão de – mar. 1865, p. 123, 124

HINDUS

reencarnação e – dez. 1859, p. 480

trindade dos – dez. 1859, p. 481

HIPERESTESIA

aplicação de fluidos e cura de – jan. 1864, p. 19

HIPNOTISMO

catalepsia e – jan. 1860, p. 23

ciência oficial e – out. 1865, p. 392

classificação dos fenômenos do – jan. 1860, p. 27

expoentes da ciência e – jan. 1860, p. 24

magnetismo, sonambulismo e – out. 1865, p. 392

métodos para o despertar no – jan. 1860, p. 27

métodos para se produzir o – jan. 1860, p. 24

HIPOCONDRIA

ausência de objetivo na vida e – jul. 1862, p. 283

HIPOCRISIA

aparência de honestidade e – out. 1860, p. 482

arte sem originalidade é – jun. 1862, p. 250

pseudo-sábios e – out. 1862, p. 405

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

HISTÓRIA

atuação de seres espirituais na – jun. 1858, p. 270
comunicações espíritas e a – jun. 1858, p. 268
Espíritos puros e a condução da – out. 1860, p. 458
revelações espíritas sobre a * da França – dez.
1866, p. 473

HISTÓRIA DA FRANÇA

Calvinistas das Cevenas e – fev. 1869, p. 87

HISTÓRIA DE AMOR

Luís G... e Victorine e sua – set. 1858, p. 396

HISTÓRIA DE JOANA D'ARC

Ermance Dufaux e – jul. 1869, p. 310
reedição da obra – nov. 1860, p. 524

HISTÓRIA DE UM ASNO

Espiritismo e – maio 1863, p. 210

HISTÓRIA DE UM DANADO

São Luís e – fev. 1860, p. 85

HISTÓRIA DO ESPIRITISMO

Allan Kardec e documentos inéditos para a – out.
1862, p. 419
caráter particular da – maio 1864, p. 198
Emmanuel Swedenborg e – nov. 1859, p. 444
guerra dos homens contra os deuses e a – maio
1864, p. 198
história dos primeiros séculos da Igreja e – nov.
1865, p. 445
obra de grande utilidade a ser escrita – dez. 1866, p. 495
restabelecimento das evocações e – out. 1859, p. 409
roteiro para a – out. 1862, p. 418
SPPE e a – maio 1864, p. 199

ÍNDICE GERAL

HISTÓRIA DO MARAVILHOSO

combate ao Espiritismo e o livro – out. 1861, p. 434
Escande e apreciação do livro – abr. 1861, p. 169
fenômenos espíritas e o livro – fev. 1861, p. 78
Louis Figuier e o livro – dez. 1860, p. 535; abr.
1861, p. 168

HISTÓRIA DOS CALVINISTAS DAS CEVENAS

explosão de profetas e – fev. 1869, p. 94
fragmentos da obra – fev. 1869, p. 88
manifestações físicas e – fev. 1869, p. 92
posição do Espiritismo e – fev. 1869, p. 88

HISTÓRIAS DO OUTRO MUNDO

Germonville e * contadas pelos Espíritos – jan.
1867, p. 33

HITOTI

condecorações e * chefe taitiano – mar. 1859, p. 117
evidência da identidade de * chefe taitiano – mar.
1859, p. 119
evocação de * chefe taitiano – mar. 1859, p. 117
reencarnação de * chefe taitiano – mar. 1859, p. 118

HOHENLOHE

curas realizadas pelo príncipe de – dez. 1866, p. 496
fala de sua mediunidade curadora – dez. 1866, p. 501

HOLZAUZER

interpretação do Apocalipse e – abr. 1868, p. 161

HOME

morte da Sr^a. – ago. 1862, p. 322

HOME, DANIEL DUNGLAS

alucinação e – jan. 1859, p. 20

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

aparição de mãos e – abr. 1858, p. 188; fev. 1860, p. 73
aparições e – fev. 1859, p. 61
caráter de – mar. 1858, p. 145
charlatanismo, prestidigitação e – set. 1863, p. 384
comentários populares sobre – mar. 1858, p. 101
converte-se ao catolicismo – fev. 1864, p. 53
dados biográficos de – mar. 1858, p. 103
eclosão do Espiritismo e – set. 1863, p. 385
fenômenos espíritas e – mar. 1858, p. 99
fraudes espíritas e – abr. 1859, p. 143
ganha a vida como escultor – fev. 1864, p. 54
Hillaire e influência de – mar. 1865, p. 123
honestidade de – mar. 1858, p. 100
Igreja proíbe * de se comunicar com os Espíritos – fev.
1864, p. 54
impostor de – maio 1858, p. 229
julgamento popular de – mar. 1858, p. 100
levitação e – mar. 1858, p. 146; out. 1859, p. 384
maledicências sobre – abr. 1858, p. 191
manifestações físicas e – jan. 1858, p. 38; mar. 1858,
p. 100, 144
mediunidade de – mar. 1858, p. 103, 143
método de trabalho de – mar. 1858, p. 146
missão de * na França – mar. 1858, p. 102
missão espiritual de – mar. 1858, p. 104
opinião de Allan Kardec sobre – mar. 1858, p. 101
propagação das idéias espíritas e – mar. 1858, p. 102
psicografia e – mar. 1858, p. 144
rendimento de 6.000 francos para – mar. 1858, p. 147
Roma atemorizada com – mar. 1864, p. 123
visita de * a Roma – mar. 1869, p. 118

HOMEM

- aparecimento do * na Terra – dez. 1861, p. 561
benfeitor anônimo e * de bem – out. 1863, p. 417
composição do * segundo o Espiritismo – dez. 1862,
p. 488; mar. 1865, p. 99
composição moral do – nov. 1860, p. 511
conceito de – nov. 1860, p. 511
condição espiritual do – nov. 1860, p. 511
criação do primeiro – jul. 1860, p. 318
crise universal e transformação do – ago. 1865, p. 341
destino do * mau após a morte – jan. 1862, p. 24
Deus e o – ago. 1860, p. 375
dilúvio geológico e * insulado – jun. 1859, p. 239
espírita e – out. 1863, p. 435
evolução do – ago. 1863, p. 324
Fénelon e – out. 1861, p. 454
finalidade que deve buscar o – jun. 1862, p. 263
formação do – mar. 1861, p. 110
imortalidade e – ago. 1863, p. 325
influência do – dez. 1859, p. 513
luta intelectual do – abr. 1865, p. 140
mal, bem e – mar. 1865, p. 101
materialismo e o – ago. 1868, p. 317
Moisés e a formação do – mar. 1866, p. 109
natureza espiritual e corporal do – abr. 1869, p. 143
objetivo final do – mar. 1864, p. 128
origens do – ago. 1860, p. 375
perda da fé e da razão no – ago. 1865, p. 341
período de transição no – abr. 1865, p. 140
pontos de contato entre * e animal – set. 1865, p. 366
princípios essenciais na formação do – fev. 1867, p. 85
progresso moral do * insulado – mar. 1859, p. 105

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

provas da dualidade do – jan. 1866, p. 40
provas terrestres do * em missão – maio 1867, p. 222
sentimento moral e – abr. 1865, p. 140
vícios, virtudes no – mar. 1865, p. 101

HOMEM DE BEM

caracteres comuns aos animais e – dez. 1869, p. 526
eficácia das provas do – ago. 1860, p. 334
imortalidade do – abr. 1869, p. 143
instinto animal e – abr. 1865, p. 140
revelações e – set. 1867, p. 358

HOMEM DE GÊNIO

características do – mar. 1861, p. 124; set. 1867, p. 357
conceito de – abr. 1866, p. 141
Humanidade e revelação do – set. 1867, p. 357
mérito do – nov. 1859, p. 429
missão do – set. 1867, p. 358
prece e – dez. 1861, p. 558
princípios do – jul. 1859, p. 274
provação do – jun. 1861, p. 286
revelação e – abr. 1866, p. 140
visão espírita do – set. 1867, p. 357
visão espiritualista do – set. 1867, p. 357
visão materialista do – set. 1867, p. 357

HOMENAGEM PÓSTUMA

Espíritos superiores e – maio 1858, p. 225

HOMEOPATIA

abusos da – ago. 1863, p. 352
ação da * sobre as fibras cerebrais – mar. 1867, p. 106
ação da * sobre o perispírito – jun. 1867, p. 242
ação da * sobre o sentimento – mar. 1867, p. 105

ÍNDICE GERAL

correção dos vícios morais e – mar. 1867, p. 104
doenças morais e – mar. 1867, p. 99
fluidos latentes e – nov. 1858, p. 463
loucura patológica e – jun. 1867, p. 241
Muhr e a – nov. 1858, p. 463
perispírito e – ago. 1863, p. 319
tratamento de doenças morais e – jun. 1867, p. 236

HOMERO, POETA GREGO

condição de * após a morte – nov. 1860, p. 494
manifestação espontânea de – nov. 1860, p. 491
revelação do sobrenome de – nov. 1860, p. 494

HOMICÍDIO VOLUNTÁRIO

Allan Kardec e – mar. 1865, p. 121

HOMOGENEIDADE

princípio vital de toda reunião espírita – jun. 1862, p. 263

HONESTIDADE

relatividade da – nov. 1860, p. 516

HONORÁRIOS DOS ADMINISTRADORES

justificativa para os – ago. 1869, p. 337

HONRA FÚNEBRE

sepultamento e – mar. 1858, p. 134

HORA DE PIEDADE

C. Tschokke e – out. 1868, p. 399

HORRÍVEL SUPLÍCIO DE UM NEGRO

detalhes da tragédia do – jan. 1863, p. 43

HOSPITAL PÚBLICO

Alfred Musset e – jul. 1861, p. 328

Gérard de Nerval e – jul. 1861, p. 326

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

HOUDIN, ROBERT

dupla vista e – jul. 1863, p. 282

HUGHES, JOHN W.

discurso contra a pena de morte por – set. 1866, p. 369

HUGO, VICTOR

carta de * a Lamartine – out. 1868, p. 421

conceito de Terra de – jul. 1866, p. 291

crença no Espiritismo e – jan. 1869, p. 41

discurso de * junto ao túmulo de uma jovem – fev.
1865, p. 86

discurso fúnebre pronunciado por – maio 1866, p. 204

Espiritismo e discurso de – fev. 1865, p. 91

exéquias da Sr^a. – out. 1868, p. 420

extrato da viagem de * à Holanda – dez. 1867, p. 490

pensamento espírita e – ago. 1863, p. 318

reencarnação e – set. 1868, p. 393

HUMANIDADE

cataclismos morais e – jul. 1869, p. 296

conceito de – fev. 1868, p. 89

crescimento moral e a – out. 1866, p. 391

crises e transformação da – out. 1868, p. 435

doenças do crescimento que tem a – fev. 1868, p. 89

dúvida e flagelo da – jul. 1863, p. 309

Espiritismo abre uma nova via para a – out. 1866, p. 391

Espiritismo revela causa de certos males da – dez.
1862, p. 493

Espíritos elevados e – fev. 1859, p. 53

estado moral da – fev. 1859, p. 53

evolução individual e evolução da – out. 1866, p. 390

Girard de Codemberg e a renovação da – abr.

ÍNDICE GERAL

1862, p. 170
grandes períodos que atravessou a – nov. 1862, p. 479
lei do progresso e – ago. 1861, p. 365
marcha progressiva da – out. 1866, p. 391
maturidade e aspirações mais amplas da – out.
1866, p. 390
messias do Espiritismo e a regeneração da – mar.
1868, p. 105
objetivo da transformação da – fev. 1866, p. 76
períodos de transição na – jul. 1863, p. 308
períodos progressivos da – out. 1866, p. 386
Pierre Laroux e a perenidade da – set. 1868, p. 395
ponto de contato entre a animalidade e – set. 1865, p. 364
precursores de Jesus e a – abr. 1864, p. 161
progresso moral a ser alcançado pela – out. 1866, p. 388
progressos da – set. 1865, p. 379; out. 1866, p. 388, 392
recuo da * depois de Jesus – fev. 1868, p. 80
regeneração da – abr. 1858, p. 151; mar. 1868, p. 142
relações entre * e animalidade – maio 1865, p. 183
responsáveis pela regeneração da – mar. 1866, p. 123
século XX e o remanejamento da – fev. 1868, p. 74
sucessão das gerações e avanço da – jul. 1868, p. 302
transformação da – fev. 1868, p. 75

HUMBOLDT

evocação de – jun. 1859, p. 232

HUMILDADE

elevação espiritual e – jul. 1860, p. 316
fé, caridade e – mar. 1861, p. 147

HUMILHAÇÃO

raça negra e – jun. 1859, p. 244

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

HUMOR AQUOSO

Espíritos glóbulos e o – fev. 1860, p. 74

HUMORISMO

Allan Kardec e – jan. 1860, p. 20, 23; fev. 1860, p. 84

casa mal-assombrada e – out. 1858, p. 434

Espírito provoca – jan. 1860, p. 40

Espíritos e – out. 1858, p. 425

Frédéric Soulié e – nov. 1858, p. 476

influência espiritual e – out. 1858, p. 424

HUSS, JOÃO

biografia de – set. 1869, p. 368

obras filosóficas de – set. 1869, p. 370

pedido de revisão do processo de – set. 1869, p. 366

precursores do Espiritismo e – set. 1869, p. 364

Sofia da Baviera, rainha da Boêmia, e – set. 1869, p. 370

testemunho da Universidade de Praga em favor de –
set. 1869, p. 371

Tratado da Igreja e – set. 1869, p. 370

Universidade de Praga e – set. 1869, p. 370

verdadeiro reformador – ago. 1866, p. 321

HYACINTHE, P.

sermão do padre * e leis da Natureza – set. 1869, p. 376

I

IDADE ESPIRITUAL

idade física e – mar. 1868, p. 128

IDADE FÍSICA

idade espiritual e – mar. 1868, p. 128

ÍNDICE GERAL

IDADE MÉDIA

- fenômenos espíritas e – jan. 1858, p. 25
- formas de torturas na – abr. 1862, p. 177
- futuro espiritual do criminoso e – mar. 1866, p. 122
- legislação e princípio religioso na – mar. 1866, p. 121

IDEAIS

- reencarnação permite a realização dos – mar. 1862, p. 111

IDÉIA DE DEUS

- caráter das religiões e – set. 1867, p. 367

IDÉIA ESPÍRITA

- imprensa é influenciada pela – jan. 1868, p. 19

IDÉIA ESPIRITUAL

- idéias preconcebidas e desnaturalização da – maio 1865, p. 205

IDÉIA FIXA

- conceito de – jul. 1861, p. 292
- Espíritos maus e – jan. 1863, p. 19

IDÉIAS

- abortamento das * prematuras – set. 1865, p. 379
- batismo da perseguição e * renovadoras – abr. 1868, p. 178
- conflitos de – abr. 1864, p. 145
- Espiritismo e a prudência com as * novas – jul. 1868, p. 286
- Espiritismo e imposição de * próprias – abr. 1866, p. 158
- Espiritismo está sempre aberto às * progressivas – jul. 1868, p. 276
- explicação das * inatas – maio 1869, p. 189
- frutificação das * novas – set. 1865, p. 378
- inspiração e * puras – maio 1865, p. 205

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

irresistibilidade das – ago. 1867, p. 341
jornal Discussion e as * progressitas – fev. 1866, p. 60
loucura e exaltação das * religiosas – fev. 1869, p. 73
mártires das * renovadoras – abr. 1868, p. 179
origem das * inatas – set. 1867, p. 376
perseguições às * verdadeiras – abr. 1868, p. 178
prudência com as * sistemáticas dos Espíritos – abr.
1860, p. 172
qualificação de loucos e * novas – nov. 1867, p. 475
razões dos contraditores de novas – fev. 1862, p. 70
reação às * novas – ago. 1865, p. 333
Sócrates, Platão e * cristãs – set. 1865, p. 364
Thilorier e e desenvolvimento das – ago. 1860, p. 373
trabalho fecundo dos pensadores e – abr. 1864, p. 173

IDÉIAS ESPÍRITAS

Amizade após a morte e as, A – nov. 1868, p. 449
aptidão para assimilação das – jan. 1869, p. 27
Cabana do pai Tomás e as, A – nov. 1868, p. 455
Cartas sobre a Religião e – set. 1869, p. 375
Charles Fourier e – abr. 1869, p. 175
conferências sobre a alma e as – set. 1868, p. 386
confissão pública das – jul. 1859, p. 284
difusão das * no extremo Oriente – fev. 1869, p. 60
diminuição das prevenções contra – jul. 1867, p. 274
divisão do público sobre – abr. 1865, p. 148
doutrinas filosóficas e – abr. 1865, p. 148
Dupont de Nemours e – out. 1869, p. 407
Espiritismo e – jul. 1859, p. 289; ago. 1863, p. 322
exploração da – jun. 1865, p. 257
impotência da força aberta contra a – jun. 1865, p. 255
imprensa e o progresso das – dez. 1860, p. 536

ÍNDICE GERAL

infiltração da * no espírito das massas – jan. 1865, p. 17
influência das – set. 1859, p. 373
instrumentos inconscientes na propagação das – jan.
1867, p. 43
intuição das – jun. 1861, p. 252
invasão das – jan. 1867, p. 24
literatura contemporânea e as – maio 1868, p. 210
Manual de Xéfolius, O, e – ago. 1865, p. 327
Memórias de um marido e as – set. 1868, p. 372
mitologia e – set. 1859, p. 376
origem das – out. 1867, p. 402; nov. 1867, p. 452; jan.
1869, p. 20
penetração das * sob forma impalpável – out. 1867, p. 404
pluralidade das existências e – dez. 1867, p. 497
propagação das – jan. 1859, p. 17; set. 1869, p. 362
prova da vulgarização das – jan. 1867, p. 28
punição do ateu e – maio 1867, p. 193
razão, bom senso e a aceitação das – jun. 1862, p. 229
refratários às – jan. 1869, p. 26
Regimento fantástico e as, O – set. 1868, p. 382
romance expressa pensamento das – jan. 1867, p. 32
segmentos da sociedade e infiltração das – jan. 1868, p. 16
semeadura das – out. 1867, p. 401
tática dos Espíritos e germinação das – dez. 1869, p. 483
Torre de Babel e vulgarização das – dez. 1863, p. 516
trabalhos dos teósofos e – set. 1867, p. 396

IDÉIAS ESPIRITUALISTAS

preferência pelas – out. 1863, p. 399
reação das – out. 1863, p. 397

IDÉIAS MATERIALISTAS

clero e – out. 1863, p. 397

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

conseqüências das – out. 1863, p. 398
egoísmo e – dez. 1863, p. 482
Erasto e conservação das – maio 1863, p. 225
Espiritismo e destruição das – maio 1869, p. 189
J. B. D... e – fev. 1861, p. 90
obras literárias, artísticas e – out. 1863, p. 397
sofrimento e – fev. 1861, p. 92

IDÉIAS PANTEÍSTAS

Espiritismo e destruição das – maio 1869, p. 189

IDÉIAS PRECONCEBIDAS

desnaturalização da idéia espiritual e – maio 1865, p. 205
idéias puras e – maio 1865, p. 205
inspiração e – maio 1865, p. 205, 206
vingança divina e – maio 1865, p. 207

IDÉIAS REENCARNACIONISTAS

Chaseray e – nov. 1869, p. 457
Clemente de Alexandria, São e – nov. 1869, p. 455
Divina Comédia e – nov. 1869, p. 456
Gregório de Nissa, São e – nov. 1869, p. 455
Humphry Davy e – nov. 1869, p. 457
Idade Média e – nov. 1869, p. 456
Johann Wolfgang von Goethe e – nov. 1869, p. 456
Monsenhor de Montal, bispo e – nov. 1869, p. 455
passagens da Bíblia e – nov. 1869, p. 453
Pitágoras e – nov. 1869, p. 452

IDENTIDADE DE UM ESPÍRITO ENCARNADO

Gabriel Delanne e – jan. 1863, p. 39

IDENTIDADE DO ESPÍRITO

Allan Kardec e – jan. 1861, p. 21
assinatura nas comunicações não garante a – jan.
1862, p. 35

ÍNDICE GERAL

causa material que implica na – jul. 1866, p. 295
causas da dificuldade de se oferecer provas da – jul.
1866, p. 295
comunicações particulares e a – jul. 1866, p. 292
conteúdo da mensagem e a – mar. 1862, p. 121
dificuldade do Espiritismo e – fev. 1865, p. 72
dificuldade em estabelecer a – dez. 1864, p. 495
dificuldades de constatação da – abr. 1866, p. 152
Espíritos contemporâneos e – fev. 1865, p. 72
Frédéric Soulié e a – nov. 1858, p. 476
maneira precisa de constatar a – mar. 1858, p. 127
prova da * e G..., médium vidente – abr. 1865, p. 159
provas da – jan. 1858, p. 43; fev. 1865, p. 72; jul.
1866, p. 293
restrições para se aceitar cegamente a – nov. 1862, p. 459
São Luís e a – ago. 1860, p. 335
utilidade da – ago. 1865, p. 334

IDENTIFICAÇÃO MEDIÚNICA

Espírito explica razão de sua – mar. 1862, p. 118

IDIOMA

criança cria o seu próprio – nov. 1868, p. 462
razões de a criança ter inventado seu – nov. 1868, p. 464

IDIOMA ÚNICO

marcha da Humanidade para um – nov. 1862, p. 482

IDIOMAS

origem dos – nov. 1862, p. 481

IDIOTA

condição espiritual de um – jun. 1860, p. 260

IDIOTIA

causa da – ago. 1865, p. 323

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

conceitos sobre a – jul. 1860, p. 300
Espiritismo e – set. 1864, p. 355
influência terapêutica da música sobre a – set. 1864,
p. 347

IDOLATRIA

evocação dos povos da antigüidade e – out. 1863, p. 426

IGNORANTES

carta aos – maio 1864, p. 218

IGREJA

afastamento na crença das verdades e – nov. 1863, p. 465
antropofagia e a – fev. 1866, p. 74
aparições e a – out. 1860, p. 439
ciência e a infalibilidade da – set. 1864, p. 360
combate à possessão e a – ago. 1864, p. 311
comunicações espíritas e posição da – fev. 1865, p. 60
convertida ao Espiritismo critica a – maio 1862, p. 212
demônio e a – set. 1862, p. 362, nota
dogmas do inferno, das penas eternas e – nov.
1863, p. 461
dogmas e – jan. 1863, p. 38; abr. 1863, p. 235
dogmas, artigos de fé e – nov. 1863, p. 465
Espiritismo e a – jul. 1860, p. 294; abr. 1862, p. 178;
jan. 1863, p. 38; ago. 1863, p. 319; out. 1865, p. 402;
jan. 1868, p. 20
evocação e príncipes da – out. 1863, p. 426
fé da * e crença no diabo – fev. 1869, p. 74
fenômenos espíritas e os pais da – jan. 1858, p. 24
formas de combate ao Espiritismo adotadas pela – jul.
1864, p. 295
ineficiência da * no combate à incredulidade – jan.
1868, p. 29

ÍNDICE GERAL

ineficiência da * no combate ao materialismo – jan.
1868, p. 29
invocação dos santos da – out. 1863, p. 424
magnetismo e sonambulismo ensinados pela – out.
1858, p. 421
materialistas obstinados e – nov. 1863, p. 458
milagre, leis da Natureza e – maio 1867, p. 191
milagres e – jul. 1863, p. 300
origem das tendências e a – jun. 1866, p. 223
população católica e abandono da – nov. 1863, p. 463
prática da antropofagia e a – fev. 1866, p. 74
progresso das idéias e cisão da – jul. 1864, p. 276
progresso do Espiritismo amedronta a – jul. 1864, p. 293
proibição da evocação e – set. 1863, p. 375
razão do uso do latim na – ago. 1864, p. 317
reconhecimento das manifestações espíritas pela – jan.
1868, p. 30
reencarnação e – nov. 1858, p. 454; set. 1862, p. 365
sacramentos da – nov. 1863, p. 468
salvação e a – jul. 1864, p. 274
seitas e – abr. 1863, p. 235
sermão descaridoso do cura na – mar. 1864, p. 113
teoria do geocentrismo e a – set. 1862, p. 365
trindade dogmática e – set. 1863, p. 388

IGREJA CATÓLICA

penas eternas e – maio 1863, p. 202

IGREJA CRISTÃ

decadência e – abr. 1865, p. 142

IGREJA DE SAINT-JEAN

sermões contra o Espiritismo e – fev. 1863, p. 70

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

IGREJA DE SAINT-NIZIER

sermões contra o Espiritismo e – fev. 1863, p. 67

IGREJA E A SOCIEDADE CRISTÃ EM 1861, A

sobrenatural e – dez. 1861, p. 556

IGREJA FRANCESA

abade Laverdet e a – maio 1866, p. 189

Espiritismo e a – maio 1866, p. 190

Laverdet e a reforma da – maio 1866, p. 191

IGUALDADE

Cristo e a palavra – out. 1861, p. 441

IGUALDADE DE DIREITOS

vida espiritual e – jun. 1867, p. 231

IGUALDADE DOS DIREITOS SOCIAIS

reencarnação e – jan. 1867, p. 30

ILHA MAURÍCIO

epidemia da – nov. 1868, p. 441

Progrès Colonial e o Espiritismo na – jul. 1864, p. 290

ILUSÃO

visão terrena das coisas e – jul. 1862, p. 271

ILUSÕES DO ESPIRITISMO, AS

Chevillard e a conferência – abr. 1869, p. 157

IMÃ, GRÃO-CAPELÃO DO SULTÃO

visita do * a Paris – ago. 1867, p. 334

IMACULADA CONCEIÇÃO

interpretação do dogma da – jan. 1862, p. 28

IMAGENS DE PESSOAS NO COPO

atributos da alma e apresentação de – out. 1865, p. 391

mecanismo de visão das – out. 1865, p. 391

ÍNDICE GERAL

IMAGINAÇÃO

- alucinação e – jul. 1861, p. 292
- conceito de – ago. 1866, p. 326; mar. 1869, p. 101
- criação fantástica da – ago. 1866, p. 321
- curas são atribuídas à – out. 1866, p. 419

IMBECILIDADE

- criação da alma e – abr. 1862, p. 145

IMITAÇÃO DO EVANGELHO

- comentários sobre a obra – dez. 1864, p. 533
- segundo o Espiritismo – abr. 1864, p. 135
- suplemento ao capítulo das preces na obra – ago. 1864, p. 314

IMORTALIDADE

- Baguenault de Puchesse e o livro – jan. 1869, p. 33
- jornal o Figaro e a – out. 1868, p. 423
- memória e – ago. 1863, p. 326
- metempsicose e – ago. 1863, p. 329
- solidariedade entre renascimento e – nov. 1869, p. 452

IMORTALIDADE DA ALMA

- Apolônio de Tiana e – out. 1862, p. 408
- Cardon e – ago. 1863, p. 344
- conseqüências da revelação da – set. 1867, p. 368
- considerações de Pascal sobre – jan. 1869, p. 31
- dogma da – jan. 1869, p. 31
- filósofos pré-cristãos e a – set. 1868, p. 389
- Henri Martin e a – set. 1868, p. 390
- idéia consoladora da – jan. 1869, p. 32
- Jean Reynaud e a – set. 1868, p. 389
- Nampon, padre, e – jun. 1863, p. 240
- temor da morte e – fev. 1865, p. 55
- Voltaire e – set. 1859, p. 357

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

IMORTALIDADE DO GÊNERO HUMANO

crença na – out. 1869, p. 424

IMPERFEIÇÃO

causa excitadora dos nossos atos de – out. 1858, p. 427

IMPERFEIÇÃO DOS SERES

Deus e a – mar. 1864, p. 100

IMPERFEIÇÃO MORAL

Espíritos imperfeitos e – fev. 1859, p. 57, 59

médiuns e – fev. 1859, p. 59

orgulho e – fev. 1859, p. 57

IMPÉRIO ROMANO

César e a renovação do – jul. 1862, p. 307

IMPOSIÇÃO DAS MÃOS

indagações sobre – set. 1865, p. 344

mediunidade curadora e – set. 1865, p. 343

IMPREENSA

comportamento da * diante do Espiritismo – jul. 1868, p. 295

eletricidade superará a – abr. 1864, p. 166

Guttemberg e a invenção da – abr. 1864, p. 163

idéias espíritas penetram na – maio 1868, p. 211

influência das idéias espíritas na – jan. 1868, p. 19

revolução do pensamento e a – abr. 1864, p. 165

IMPREENSA LEIGA

divulgação do Espiritismo e a – set. 1858, p. 368

propaganda do Espiritismo e a – set. 1858, p. 365

IMPULSO FLUÍDICO CORPORAL

definição de – maio 1865, p. 212

ÍNDICE GERAL

IMPULSO FLUÍDICO MATERIAL

médium e – maio 1865, p. 212

INCAS

causas das guerras entre astecas e – ago. 1864, p. 327

INCREDELIDADE

Cardon e – ago. 1863, p. 344

carta sobre a – fev. 1861, p. 79; ago. 1861, p. 35

causa do desenvolvimento da – out. 1864, p. 427

causas da – maio 1862, p. 205

chaga da sociedade é a – dez. 1864, p. 516

Espiritismo e – jul. 1859, p. 259; out. 1865, p. 410; out.

1866, p. 406; jan. 1868, p. 27; nov. 1869, p. 479

excitante do suicídio – jul. 1862, p. 281

força do progresso não se detém pela – ago. 1862, p. 339

habitações do planeta Júpiter e – ago. 1858, p. 348

Igreja não consegue combater a – set. 1864, p. 365;

jan. 1868, p. 29

Mathieu e – out. 1859, p. 381

relatividade da – nov. 1869, p. 440

São Bento e a – abr. 1860, p. 197

INCREDELIDADE INATA

Claudius (Espírito) materialista e – ago. 1867, p. 329

INCRÉDULO

ação do Espiritismo sobre o – nov. 1869, p. 479

comportamento do – out. 1865, p. 413

concepção do * sobre a morte – nov. 1865, p. 448

mérito do * em fazer o bem – nov. 1869, p. 442

INDÉPENDANCE BELGE

Espiritismo e – jul. 1863, p. 282

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

INDÉPENDANT DE LA CHARENTE-INFÉRIEURE

manifestações físicas e o – maio 1858, p. 232

INDEX

condenação dos ensinamentos de Jesus e – jul.

1864, p. 294

livros espíritas incluídos no – jul. 1864, p. 294

obras espíritas e – jun. 1864, p. 259; jul. 1864, p. 285

ÍNDIA

Espírito prevê o futuro da – mar. 1858, p. 134

História e o povoamento da – mar. 1860, p. 119

mulheres da – dez. 1858, p. 515

sacrifício da viúva na – dez. 1858, p. 516

INDIFERENÇA EM MATÉRIA DE RELIGIÃO

Lamennais e a obra – set. 1861, p. 380, 383

INDÍGENA(S)

condição espiritual dos * do México – ago. 1864, p. 330

descrição de Colombo sobre o * mexicano – ago.

1864, p. 326

INDIGNIDADE

más comunicações e – fev. 1859, p. 60

INDIVIDUALIDADE

renovação do corpo e manutenção da individualidade

– fev. 1864, p. 73

INDIVIDUALIDADE ANÍMICA *ver* Alma

INDIVIDUALIDADE ESPIRITUAL

perispírito e – mar. 1860, p. 131

INDULGÊNCIA

severidade e * com os irmãos – abr. 1863, p. 182

ÍNDICE GERAL

INFALIBILIDADE DO MÉDIUM

crença na – jun. 1860, p. 269

INFALIBILIDADE DOS ESPÍRITOS

erro dos médiuns em acreditar na – out. 1860, p. 461

INFÂNCIA

efeitos mediúnicos na – fev. 1865, p. 70

espécie de * após a morte – fev. 1859, p. 79

Espíritos instrutores da – fev. 1865, p. 66

mediunidade na – fev. 1865, p. 69

primeiras lições de moral e – fev. 1864, p. 59

utilidade da – fev. 1859, p. 79

INFÂNCIA NO BERÇO

ação do Espírito na – fev. 1865, p. 70

INFELICIDADE

causas da * do homem na Terra – abr. 1869, p. 149

INFERIORIDADE ESPIRITUAL

razões da – fev. 1860, p. 87

INFERNO

crença e medo do – nov. 1863, p. 460

desordens, imoralidades e negação do – nov. 1863,
p. 460, 464

Deus e a criação do – nov. 1862, p. 445

druidismo e – abr. 1858, p. 161

Espiritismo e – jul. 1862, p. 297; set. 1864, p. 366

Evangelho, Espiritismo e – nov. 1863, p. 459

fim do – jul. 1864, p. 272

Igreja e o dogma do – jul. 1864, p. 271

Livro dos Espíritos, O, e – mar. 1863, p. 123

realidade, ficção e – abr. 1859, p. 132

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

salvação e crença no – nov. 1863, p. 460
significado da palavra – abr. 1869, p. 149; nov.
1869, p. 453

INFIDELIDADE

Voltaire e – set. 1859, p. 355

INFINITO

dificuldade do homem ter a visão do – ago. 1866, p. 335
viagem pelo – set. 1862, p. 389

INFINITO E INDEFINIDO

conceito de – ago. 1863, p. 340

INFLUÊNCIA DO MÉDIUM SOBRE O ESPÍRITO

dissertação sobre a – jun. 1860, p. 287

INFLUÊNCIA DO ORGANISMO FÍSICO

faculdade do Espírito e – mar. 1867, p. 101

INFLUÊNCIA ESPIRITUAL

causa da obsessão – dez. 1862, p. 491
convivência com os Espíritos e – out. 1858, p. 405
destino e – mar. 1858, p. 125
encarnados estão submetidos à – out. 1860, p. 458
livre-arbítrio e – ago. 1867, p. 350
prática da caridade pela – maio 1868, p. 196
qualidade da – maio 1867, p. 186
qualquer um está sujeito à – out. 1858, p. 415
testamento e – maio 1858, p. 226

INFLUÊNCIA MORAL DOS MÉDIUNS NAS COMUNICAÇÕES

Erasto e – ago. 1861, p. 355

INFLUÊNCIA PERNICIOSA

Espiritismo e causa da – out. 1865, p. 401

ÍNDICE GERAL

INFORMAÇÃO

cultura e diversidade na – ago. 1858, p. 327

INGLATERRA

Espiritismo na – jun. 1860, p. 252

The Spiritual Magazine e o Espiritismo na – jun.
1860, p. 253

INGRES

último quadro pintado por – jun. 1862, p. 246

INICIAÇÃO

mistérios do Egito e – nov. 1858, p. 460

INIMIGOS DO ESPIRITISMO

combate ao exército dos – ago. 1867, p. 347

inutilidade das armas dos – ago. 1867, p. 340

INIMIGOS DOS ESPÍRITAS

tática adotada pelos – fev. 1862, p. 60

INIMIZADE

espírita e – set. 1862, p. 378

INJÚRIAS

esquecimento das – fev. 1862, p. 91

INQUISIÇÃO

heréticos e a – ago. 1866, p. 319

necessidade lógica da – ago. 1866, p. 317

INSENSIBILIDADE

magnetismo e – dez. 1859, p. 533

INSPIRAÇÃO

comunicações com o Mundo Espiritual e – out.
1863, p. 435

conceito de – set. 1867, p. 392

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

dúpla vista e – jan. 1861, p. 57
Espírito e – jan. 1859, p. 15; fev. 1859, p. 65; ago.
1863, p. 346
Espírito humano e conceito de – maio 1865, p. 210
exame da – maio 1865, p. 205
idéias preconcebidas e – maio 1865, p. 205
livre-arbítrio e – jan. 1859, p. 15
livre-arbítrio, responsabilidade e – maio 1865, p. 206
magnetismo e – jun. 1869, p. 245
origem da – abr. 1859, p. 157
perpetuidade da – abr. 1869, p. 145
segundo Eugene Bonnemère – fev. 1868, p. 62

INSPIRAÇÃO ESPIRITUAL

critérios para avaliar a – jan. 1860, p. 43

INSPIRAÇÃO MEDIÚNICA

choque elétrico e – maio 1865, p. 212
desnaturalização da – maio 1865, p. 211
elementos constituintes da – maio 1865, p. 205, 206

INSPIRADO

faculdade curativa do – jun. 1869, p. 237, 240

INSTINTO

Allan Kardec corrige a mensagem de Lázaro – fev.
1862, p. 94
causa primeira do – jun. 1866, p. 224
desejo de destruição e – abr. 1862, p. 143
egoísmo, orgulho e – jul. 1869, p. 270
finalidade primitiva do – fev. 1862, p. 92
influência do meio e – jun. 1866, p. 224
livre-arbítrio e satisfação do – out. 1858, p. 426
natureza do – fev. 1862, p. 92
perigo e a voz do – mar. 1858, p. 126

ÍNDICE GERAL

São Luís e – dez. 1859, p. 516
significado de voz do – mar. 1858, p. 126
vidas passadas e – set. 1868, p. 394

INSTINTO ANIMAL

enfraquecimento do * no homem – set. 1865, p. 366
instinto humano e analogia com o – jul. 1860, p. 303
preservação e conservação da espécie e – fev. 1862, p. 94

INSTINTO ASSASSINO

conceito de * nos animais – set. 1865, p. 366
homem e – abr. 1865, p. 140

INSTINTO DE CONSERVAÇÃO

educação e – dez. 1859, p. 516

INSTINTO HUMANO

instinto animal e analogia com o – jul. 1860, p. 303

INSTINTO INCENDIÁRIO

causas do – jun. 1866, p. 227
criança manifesta – jun. 1866, p. 221
obsessão e – jun. 1866, p. 228

INSTINTO MORAL

propensão inata para fazer o bem ou o mal – fev.
1862, p. 94

INSTINTOS ANIMAIS E SENSUAIS

restrição dos Espíritos aos – nov. 1867, p. 479

INSTITUIÇÃO BENEFICENTE

prudência na fundação de – jul. 1866, p. 272

INSTITUIÇÃO DE CARIDADE

espíritas e a criação de – jul. 1866, p. 262

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

INSTITUIÇÕES SOCIAIS

Espiritismo e cataclismo das – maio 1865, p. 210

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS

conflitos, Os – dez. 1863, p. 510

Dever, O – dez. 1863, p. 516

guerra surda, A – dez. 1863, p. 507

meios de transmissão da – abr. 1866, p. 143; set.
1867, p. 360

prudência em dar publicidade à – abr. 1864, p. 144

sobre a alimentação do homem – dez. 1863, p. 518

**INSTRUÇÕES PRÁTICAS PARA ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS
ESPÍRITAS**

utilidade do livro – ago. 1869, p. 353

**INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES
ESPÍRITAS**

edição esgotada da obra – nov. 1860, p. 524

interrogatório do Espírito e – fev. 1859, p. 76

papel dos médiuns nas – out. 1859, p. 396

INTELECTUAIS

influência do charlatanismo sobre os – ago. 1862, p. 312

INTELECTUALIDADE

propagação do Espiritismo e – set. 1858, p. 368

INTELIGÊNCIA

animais e – jul. 1860, p. 315

atributo essencial da alma – set. 1868, p. 363

concepção das coisas espirituais e – maio 1864, p. 183

desenvolvimento da – jan. 1864, p. 46

dois irmãos idiotas e perda da – ago. 1865, p. 324

fenômenos espíritas e – jan. 1859, p. 12; fev. 1859, p. 61

ÍNDICE GERAL

frenologia e – abr. 1862, p. 149
instrumento de evolução e – out. 1867, p. 438
manifestação da * e emancipação da alma – jan.
1861, p. 51
progresso espiritual e – maio 1858, p. 219
reencarnação e diversidade da – nov. 1858, p. 451
relatividade entre progressão orgânica e – set. 1868, p. 363

INTELIGÊNCIA DOS ANIMAIS

Camille Flammarion e – dez. 1869, p. 528
Sylvestre e reflexões sobre – nov. 1869, p. 463

INTELIGÊNCIAS OCULTAS *ver* Espírito(s)

INTERCÂMBIO ESPIRITUAL

condições essenciais para o – maio 1868, p. 191
Herrenschneider e – jun. 1868, p. 263

INTERCÂMBIO MEDIÚNICO *ver também* Comunicação
espiritual

desconhecimento dos críticos sobre o – mar. 1864, p. 120
dificuldades no – jan. 1860, p. 34
escada de Jacó e – nov. 1860, p. 513
interesses mesquinhos pelo – out. 1858, p. 404
princípios básicos para o – out. 1858, p. 405
uso sério que se deve fazer do – out. 1860, p. 460

INTERVENÇÃO DO DEMÔNIO

refutação da – fev. 1867, p. 73

INTERVENÇÃO DOS PARENTES NAS CURAS

grupo curador de Marmande e – jun. 1867, p. 245

INTOLERÂNCIA

materialista Jules Favre e sua – ago. 1868, p. 316

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

INTUIÇÃO

faculdade do Espírito e – mar. 1859, p. 112
medicina e – jun. 1860, p. 274
Mundo Espiritual e – fev. 1861, p. 90
origem da * de François Franckowski – out. 1863, p. 420
razão e – set. 1863, p. 361
voz da consciência e – set. 1863, p. 370

INTUIÇÃO DO FUTURO

Espiritismo, emancipação da alma e – jul. 1865, p. 281

INUNDAÇÃO, A

Wilhelm (Espírito) e a mensagem – maio 1861, p. 243

INVEJA

Allan Kardec e conceito sobre – abr. 1861, p. 196
leva o Espírito ao sofrimento – dez. 1860, p. 549
médiuns se afastam da tarefa por cultivar – jun.
1862, p. 234
sofrimento espiritual pela – ago. 1862, p. 343
sofrimentos acarretados pela – jul. 1858, p. 276

INVENÇÃO

conceito de – mar. 1869, p. 137
julgamento do mérito da – mar. 1864, p. 125
originalidade e – ago. 1860, p. 373
papel histórico da – abr. 1864, p. 173

INVENTORES

reunião de * no Mundo Espiritual – jun. 1866, p. 237

INVIGILÂNCIA MORAL

desgraças eternas e – set. 1863, p. 357

INVOCAÇÃO *ver* Evocação

ÍNDICE GERAL

INVÓLUCRO ETÉREO *ver* Perispírito

IRENE, SANTA, IMPERATRIZ

manifesta-se com o nome de Cárita – fev. 1862, p. 85

IRMÃ X

Eliseu (Espírito) irmão de – jan. 1859, p. 28

volitação de – jan. 1859, p. 29

IRMÃOS DAVENPORT

adversários do Espiritismo e insucesso dos – out.

1865, p. 422

armário dos – set. 1866, p. 346

Bruxelas e os – set. 1866, p. 343

crítica a propósito dos – nov. 1865, p. 438

crítica de Neuter aos – out. 1865, p. 421

crônica bruxelense sobre os – set. 1866, p. 345

desenvolvimento da Doutrina Espírita e – nov.

1865, p. 432

espetáculo dos – set. 1866, p. 348

espíritas e os – set. 1866, p. 344

Espiritismo e os – fev. 1866, p. 56, 90, 95

Estados Unidos e os – fev. 1866, p. 93

exibições e exploração dos – fev. 1866, p. 89

fenômenos físicos e – out. 1865, p. 411

ganho do Espiritismo com escândalo dos – out.

1865, p. 424

ignorância das críticas no caso dos – nov. 1865, p. 432

objetivo da viagem dos – out. 1865, p. 418

opiniões sobre os – out. 1865, p. 412

Paris e reunião pública dos – out. 1865, p. 414

parisienses e os – set. 1866, p. 343

resultado do escândalo dos – out. 1865, p. 423

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

IRMÃS FOX

desafio à mediunidade das – jan. 1858, p. 49
mediunidade nos Estados Unidos e as – dez. 1858, p. 525
segundo Louis Figuier – dez. 1860, p. 539

IRMÃS GÊMEAS

realidade da comunicação dos Espíritos e as – out.
1869, p. 421

IRONIA SOCRÁTICA

Allan Kardec usa de – out. 1860, p. 433, 440; dez.
1860, p. 535, 546; ago. 1862, p. 311, 313

IRRADIAÇÃO FLUÍDICA

formulação de palavras e – dez. 1868, p. 485
visualização do Espírito e – jan. 1859, p. 23

ISLÃ

religião primitiva dos árabes – ago. 1866, p. 308

ISLAMISMO

análise histórica do – ago. 1866, p. 303
Antigo Testamento e – nov. 1866, p. 434
artes plásticas e – nov. 1866, p. 433
caridade e – nov. 1866, p. 444
condição da mulher no – nov. 1866, p. 434
Cristianismo e – abr. 1858, p. 184; nov. 1866, p. 441
dogmas e culto do – nov. 1866, p. 433
Espiritismo e – nov. 1866, p. 443
locais sagrados e – nov. 1866, p. 442
Maomé e – nov. 1866, p. 430, 432
obstáculos à fraternidade universal e – ago. 1866, p. 304
preexistência da alma e – nov. 1866, p. 445
primeiros convertidos ao – ago. 1866, p. 315
simplicidade do – nov. 1866, p. 433
trabalhos históricos sobre o – ago. 1866, p. 304
tradição e – jun. 1860, p. 278

ÍNDICE GERAL

ISMAEL

história do povo árabe e – ago. 1866, p. 307

ISOLAMENTO RELIGIOSO

egoísmo e – dez. 1864, p. 479; dez. 1868, p. 48

Jean Jacques Rousseau e * e social – dez. 1868, p. 499

ITÁLIA

anais do Espiritismo na – mar. 1864, p. 131

eclosão do Espiritismo na – fev. 1864, p. 58

J

J. B. D...

evocação do suicida – fev. 1861, p. 89

idéias materialistas e o suicida – fev. 1861, p. 90

JACKSON, ANDREW

ensaio biográfico de – abr. 1862, p. 181

JACOB, HENRI

charlatanismo e – nov. 1867, p. 467, 469

comentários sobre as curas de – nov. 1866, p. 462

confissões de – mar. 1868, p. 138

críticas ao – nov. 1867, p. 470

curas realizada pelo médium – out. 1866, p. 416

dados biográficos de – mar. 1868, p. 137

faculdade curadora e – out. 1867, p. 423

opinião de Allan Kardec sobre – out. 1866, p. 420

oração de – mar. 1868, p. 139

Pensamentos de, Os – mar. 1868, p. 137

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

retificações sobre o relatório de curas de – nov.
1866, p. 461

suspensão das sessões públicas de – out. 1867, p. 423

JACOB, O ZUAVO, *ver* Jacob, Henri

JAPÃO

reencarnação no – ago. 1868, p. 348

JARDIN

história da morte de – maio 1860, p. 219

JAUBERT

defensor do Espiritismo – mar. 1866, p. 116

Processo Hillaire, O, e carta de – mar. 1865, p. 128

JAVA

pedras jogadas pelos Espíritos em – jan. 1860, p. 47

JEAN, CHARLES-EMMANUEL

pai negligente com os filhos – maio 1866, p. 193

JEJUM

Cristianismo e a prática do – abr. 1862, p. 169

JERÔNIMO DE PRAGA

verdadeiro reformador – ago. 1866, p. 321

JERUSALÉM LIBERTADA

Suard e sua obra – maio 1864, p. 213

JESUS *ver também* Cristo

adivinhação e – out. 1864, p. 409

amor e – out. 1863, p. 433

aparições de – abr. 1868, p. 154

comunhão de pensamentos e – dez. 1868, p. 488

comunicação de * no Salut, jornal espírita – set.
1868, p. 396

ÍNDICE GERAL

condição estabelecida por * para salvação – jul.
1869, p. 275
demonomania no tempo de – abr. 1862, p. 159
Espiritismo e – fev. 1860, p. 107
Espiritismo e os ensinamentos de – nov. 1858, p. 463
Espiritismo, Moisés e – mar. 1861, p. 144
Espírito de Verdade e – fev. 1868, p. 77
fazer o bem sem ostentação e – out. 1863, p. 417
grande educador – fev. 1862, p. 73
Humanidade e – fev. 1860, p. 106
Humanidade e os precursores de – abr. 1864, p. 161
messias que deve vir e – maio 1868, p. 229
Moisés e – out. 1863, p. 425
moral de – mar. 1861, p. 142
progressão dos Espíritos e – out. 1863, p. 425
reencarnação e – jan. 1862, p. 25; dez. 1863, p. 493;
nov. 1869, p. 454
retorno de – fev. 1868, p. 79
seguidores de * segundo Ernest Renan – jun.
1864, p. 227
segunda revelação e – set. 1861, p. 417
segundo Ernest Renan – jun. 1864, p. 222
Sócrates e – ago. 1862, p. 349
solidariedade e – ago. 1865, p. 336
tempo presente e – maio 1868, p. 228
termo “geração” usado por – jan. 1862, p. 21
trabalhos da Natureza e – fev. 1860, p. 105
verdadeiro milagre de – jan. 1862, p. 47
vida de – maio 1864, p. 185
Vida de Jesus, A – jun. 1864, p. 219
vinda de * e recuo da Humanidade – fev. 1868, p. 80
vindas de * à Terra – jan. 1860, p. 52
visão de * segundo Makariosenagape – abr. 1868, p. 157

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

JOANA D'ARC

Calisto III, reabilitação de – dez. 1867, p. 507
canonização de – set. 1869, p. 366
caráter sobrenatural na vida de – dez. 1867, p. 500
carta de * e expulsão dos ingleses – dez. 1867, p. 506
comentadores de – dez. 1867, p. 498
contradições sobre a vida de – dez. 1867, p. 499
críticas de Wallon sobre – dez. 1867, p. 504, 506
explicação dos fatos da vida de – dez. 1867, p. 502
faculdades extraordinárias de – jun. 1858, p. 272
Freppel e canonização de – dez. 1867, p. 499
história de – jan. 1858, p. 62
juízes no processo de – dez. 1867, p. 507
médiuns, Os, e – maio 1860, p. 242
particularidades da vida de – dez. 1867, p. 501
precursores do Espiritismo e – dez. 1867, p. 498
predições de – dez. 1867, p. 503
reimpressão da história de – jun. 1860, p. 288
revelações de – dez. 1867, p. 502
Thomas-Ignace Martin e – dez. 1866, p. 492
visões e percepções de – dez. 1867, p. 502
Voltaire e o livro de – ago. 1859, p. 328

JOÃO CRISÓSTOMO, SÃO

comunicação com os Espíritos e – fev. 1864, p. 87

JOBARD

cartão de visita e – abr. 1863, p. 180
comprovação da identidade do Espírito de – mar.
1862, p. 117
comprovação das comunicações de – dez. 1864, p. 496
espíritas de Metz e carta de – set. 1861, p. 402

ÍNDICE GERAL

fatores que contribuíram para a morte de – mar.
1862, p. 118
mistérios sobre as causas da morte de – mar. 1862, p. 112
monumento a – mar. 1862, p. 121
morte de – dez. 1861, p. 547
observações de Allan Kardec sobre o artigo de – out.
1860, p. 459
opinião de Allan Kardec sobre – mar. 1862, p. 115
recepção de * no Mundo Espiritual – mar. 1862, p. 109
reencarnação e – dez. 1861, p. 549
revisão de suas teorias científicas – mar. 1862, p. 112
teoria da formação da Terra por – abr. 1860, p. 166

JOGO DE AZAR

lei numérica e – jul. 1868, p. 282

JOGOS FLORAIS

fábulas e – jun. 1863, p. 251

JORNAL A LUZ

Espiritismo em Bolonha e – fev. 1865, p. 93

objetivo do – fev. 1865, p. 95

JORNAL DO COMMERCIO

extrato do * do Rio de Janeiro – jul. 1864, p. 286

fenômenos espíritas e o – jul. 1864, p. 287

idéias espíritas no – jul. 1864, p. 289

JORNAL ESPÍRITA

novo * na Sicília – jul. 1863, p. 290

JOSÉ, PATRIARCA

mediunidade demoníaca e – nov. 1865, p. 464

vidente de Zimmerwald e – nov. 1865, p. 463

JOSUÉ, PROFETA

geocentrismo e – jan. 1862, p. 43

parada do Sol e o – mar. 1860, p. 117

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

JOURDAN, LOUIS

- espírita inconsciente – dez. 1866, p. 512
- Livro dos Espíritos, O, e – abr. 1861, p. 156
- mesas girantes e – abr. 1861, p. 161
- pluralidade dos mundos habitados e – abr. 1861, p. 163
- reencarnação e – dez. 1862, p. 513
- resposta de Allan Kardec a – abr. 1861, p. 164

JOURNAL DE BERGZABERN

- Espírito batedor de Bergzabern e o – jul. 1858, p. 284

JOURNAL DE CHARTRES

- carta de Grezelle e pedido de reparação – jul. 1867,
p. 283

JOURNAL DE SAINT-JEAN D'ANGELY

- Espiritismo e – abr. 1865, p. 144
- objetivo do – abr. 1865, p. 144

JOURNAL DES DÉBATS

- magnetismo animal e o – out. 1858, p. 419

JOURNAL DES PYRÉNÉES-ORIENTALES

- refutação às críticas contra o Espiritismo e – nov. 1865,
p. 439

JOUTY, PIERRE

- Cretinos, Os, e – out. 1861, p. 451

JOVEM CAMPONESA DE MONIN

- caso de aparição e a – dez. 1867, p. 508

JOVEM FRANCISCO

- evocação do – maio 1867, p. 201

JOVEM MÉDIUM BRETÃO

- manuscritos de um – jun. 1869, p. 234

ÍNDICE GERAL

JOVEM OBSEDADA DE MARMANDE

nova cura de uma – jan. 1865, p. 18

JUAN, DON

Gérard de Nerval (Espírito) e – fev. 1861, p. 103

JUDAS

desconfiemos dos beijos de – jan. 1867, p. 25

Espiritismo e seus – jun. 1865, p. 256; dez. 1869, p. 486

três beijos de * e adversários do Espiritismo – mar.

1863, p. 112

JUÍZO FINAL

corpos de Elias (Espírito) no – dez. 1863, p. 491

juízo dos vivos e dos mortos e – fev. 1868, p. 88

ressurreição da carne e – dez. 1863, p. 498

JULES P...

evocação de – jul. 1861, p. 300

JULGAMENTO

competência e – jun. 1859, p. 226

Espírito e – abr. 1860, p. 196

JULGAMENTO DO MAL

prejuízo na severidade do – nov. 1860, p. 516

JULGAMENTO SENSATO

condições necessárias para – dez. 1867, p. 521

JÚLIA

mãe evoca o Espírito da filha – jan. 1858, p. 42

possessão de – jan. 1864, p. 34

JÚLIA DOMMA

existência de Apolônio de Tiana e – out. 1862, p. 396

JULIANO

filosofia e – abr. 1860, p. 192

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

JULIENE-MARIE

história de – ago. 1864, p. 332

JULNIUS

história e geografia da cidade de – ago. 1858, p. 353

JUMENTIÉ, GUSTAVE

debate sobre o Espiritismo e – abr. 1866, p. 163

JÚPITER, PLANETA

Amadeus Mozart, habitante do – maio 1858, p. 220

animais alados do – ago. 1858, p. 354

animais em – ago. 1858, p. 350

arquitetura do – ago. 1858, p. 357

aspectos naturais do – out. 1860, p. 469

características da vida em – mar. 1858, p. 117; ago. 1858, p. 354

características do – jan. 1863, p. 52

características morais dos habitantes do – out. 1860, p. 470

condição moral dos habitantes do – abr. 1858, p. 178

construções das casas do – ago. 1858, p. 355

decoreação das casas do – ago. 1858, p. 357

densidade do – ago. 1858, p. 355

descrição do – jul. 1858, p. 316

descrição do * por um dos seus habitantes – mar. 1858, p. 118

desencarnado na Terra e ida para – mar. 1858, p. 119

desenhos do – ago. 1858, p. 344

desigualdade social dos habitantes do – abr. 1858, p. 181

divisão política do – out. 1860, p. 469

duração da vida em – maio 1858, p. 221

escala espírita e – mar. 1858, p. 112

Espírito habitante do – abr. 1858, p. 171

estado físico do – abr. 1858, p. 172

estado físico dos habitantes do – abr. 1858, p. 173

ÍNDICE GERAL

ex-terrâqueo encarnado em – jul. 1858, p. 316
flora do – ago. 1858, p. 354
forma de adoração a Deus dos habitantes do – abr.
1858, p. 181
habitações do – ago. 1858, p. 347
habitante do * visita a Terra – abr. 1858, p. 173
influência do * sobre a Terra – out. 1868, p. 430
interesse pelos desenhos do – jul. 1858, p. 319
luas do – ago. 1858, p. 355
meio de comunicação em – mar. 1858, p. 117
moradas flutuantes do – ago. 1858, p. 354
morfologia dos animais do – ago. 1858, p. 352, 354
morfologia dos habitantes do – abr. 1858, p. 173
mundos habitados e – dez. 1858, p. 520
música em – maio 1858, p. 221; ago. 1858, p. 358
reino animal em – mar. 1858, p. 118; abr. 1858, p. 177
religião em – abr. 1858, p. 181

JUSTIÇA

mundo inferior e idéia de – out. 1858, p. 431

JUSTIÇA DIVINA

arrependimento e – ago. 1861, p. 370
comédia humana e – mar. 1867, p. 137
condição dos animais em – abr. 1858, p. 177
distinções entre a justiça humana e a – jul. 1864, p. 300
druidismo e – abr. 1858, p. 162
estado e destino dos animais e – set. 1865, p. 362
grau de inteligência e – fev. 1860, p. 94
infallibilidade da – out. 1864, p. 423
pecado original e – nov. 1868, p. 458
reencarnação e – mar. 1862, p. 127

JUSTIÇA HUMANA

condição financeira dos habitantes de – abr. 1858, p. 180
distinções entre a Justiça divina e a – jul. 1864, p. 300

K

- KARDEC, ALLAN** *ver também* Rivail, Hippolyte Léon Denizard
- abade Barricand agride – maio 1864, p. 207
 - ação da homeopatia e – jun. 1867, p. 240
 - afecção ocular de – ago. 1862, p. 318
 - alocução de * na SPEE – nov. 1865, p. 432
 - alocução de * nas exéquias do Sr. Nant – out. 1865, p. 425
 - Ano-Novo e carta aos lioneses – fev. 1862, p. 58
 - antecedentes para o substituto – dez. 1868, p. 518
 - aparição de um filho vivo à sua mãe – mar. 1869, p. 115
 - artigo de A. de Césena e observações de – fev. 1867, p. 68
 - artigo do Robert de Salles e – jan. 1869, p. 34
 - artigo do Sr. Digard e – out. 1867, p. 408
 - ataque a – mar. 1859, p. 102
 - avaliação de sua viagem à Bélgica – out. 1864, p. 413
 - banquete dos espíritas lioneses e – out. 1861, p. 424
 - bicorporeidade e – ago. 1859, p. 334
 - biografia de – maio 1869, p. 183
 - Bispo de Argel e refutação de – dez. 1863, p. 484
 - Camille Flammarion e – maio 1869, p. 196
 - Carlotti e – maio 1869, p. 187
 - carta ao príncipe G. – jan. 1859, p. 11
 - carta aos espíritas no caso Hillaire – mar. 1865, p. 129
 - carta de Émile Deschanel e – mar. 1861, p. 119
 - carta de Jobard e – maio 1861, p. 233
 - carta do abade Lacordaire e – fev. 1867, p. 71
 - cartas do Jean Macé e – abr. 1867, p. 163
 - casa especial de retiro espírita e – jun. 1865, p. 230

ÍNDICE GERAL

centros espíritas e as visitas de – nov. 1864, p. 433
combate recepção aparatosa – set. 1862, p. 382
comentários de * sobre a Sociedade de Bordeaux – jun.
1867, p. 254
comentários de * sobre o camponês filósofo – dez.
1865, p. 494
comentários de * sobre o Grupo Marmande – jun.
1867, p. 248
comunicação de Luos e – abr. 1861, p. 196
comunicação do Sr. Quinemant e – jun. 1867, p. 265
conceito sobre inveja e – abr. 1861, p. 196
concepção de O Livro dos Espíritos e – jun. 1865, p. 226
condutor do Espiritismo – ago. 1862, p. 326
conferências do Sr. Chevillard e – abr. 1869, p. 159
conselhos aos espíritas e – maio 1863, p. 216
conselhos aos lioneses e – fev. 1862, p. 59
contribuição física e financeira de – dez. 1868, p. 533
contribuição na obra da criação e – ago. 1869, p. 341
convidado para ir a Lyon e Bordeaux – set. 1862, p. 379
critérios científicos adotados por – ago. 1858, p. 348
crítica a – jul. 1859, p. 264
crítica a novela espírita Fernanda – ago. 1867, p. 317
críticas às teorias espíritas de – out. 1859, p. 385
cuidados em não comprometer a Doutrina Espírita e –
jul. 1868, p. 286
Daniel Dunglas Home na opinião de – mar. 1858, p. 101
datas fixas de predições são recusadas por – jul.
1860, p. 294
Demeure (Espírito) e doença de – mar. 1865, p. 120
desafiado a dar provas do Espiritismo – dez. 1862, p. 503
desencarnação e encarnação de – mar. 1865, p. 120
despesa com a caridade e não com banquetes e – set.

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

1862, p. 381
destino do lucro obtido com suas obras e – jun.
1862, p. 254
Deus na Natureza e – set. 1867, p. 400
dificuldades financeiras de – jun. 1862, p. 239
discurso a Didier e – jan. 1866, p. 26
discurso aos espíritas de Bruxelas e Antuérpia e – nov.
1864, p. 429
discurso aos lioneses por – out. 1860, p. 442
discurso de – abr. 1860, p. 160; out. 1861, p. 430
discurso de Guillaume a – out. 1860, p. 440
discurso e – nov. 1861, p. 490
discurso em Rochefort e – dez. 1862, p. 500
discurso em comemoração do Dia dos mortos – dez.
1864, p. 473, 482; dez. 1868, p. 483
discurso na SPEE – maio 1861, p. 199; jun. 1862, p. 227
discurso póstumo a Sanson – maio 1862, p. 190
Doutrina Espírita e atuação de – set. 1863, p. 377
Émile Deschanel e comentários de – abr. 1861, p. 154
energia e segurança com os adversários do Espiritismo
– out. 1860, p. 435
ensina Espiritismo ao Bertran – set. 1866, p. 355
epidemia da Ilha Maurício e observações de – jul.
1867, p. 294
escolha do continuador da obra de – jan. 1867, p. 16
espíritas de Metz e – set. 1861, p. 404
espíritas em Illiers e – jul. 1867, p. 286
Espiritismo e – mar. 1858, p. 119
Espiritismo na sua expressão mais simples, O – jan.
1862, p. 50; out. 1865, p. 412
Espiritismo, O que é – jul. 1859, p. 294
Espírito aconselha obsediado consultar – out.

ÍNDICE GERAL

1858, p. 414
Espírito adverte sobre a saúde de – maio 1866, p. 209
Espírito de Verdade e – nov. 1861, p. 512
Espírito estimula e aconselha – out. 1866, p. 413
Espírito familiar e – jan. 1861, p. 16
Espírito proprietário, Um e – fev. 1869, p. 83
Eugénie Colombe e reflexões de – fev. 1867, p. 76
evocação de Adèle de Clérambert e – out. 1867, p. 414
evocação do Sr. Alfred Leroy e – abr. 1861, p. 183
exame de escrita direta e – ago. 1859, p. 313
excesso de correspondência e – mar. 1862, p. 99; maio
1866, p. 211
expições coletivas e – out. 1869, p. 399
fausto imaginário da vida de – dez. 1868, p. 507
finalidade de – jan. 1859, p. 25
fisiognomia de Lavater e – ago. 1869, p. 319
força consoladora do Espiritismo e – mar. 1861, p. 133
forma dos corpos e – ago. 1869, p. 318
formação e povoamento da Terra e – abr. 1860, p. 173
fortuna de – jun. 1862, p. 250; abr. 1866, p. 162
fortuna e vida principesca de – jun. 1862, p. 252
fotografia dos Espíritos e – mar. 1863, p. 123, 136
Foulon (Espírito) e trabalhos de – mar. 1865, p. 116
François Chesnel, abade, e refutação de – maio
1859, p. 196
François-Simon Louvet e – mar. 1863, p. 128
Grupo Espírita de Andújar e – mar. 1869, p. 106
grupo espírita de Saint-Just e – out. 1861, p. 424
hipótese da geração espontânea e – jul. 1868, p. 285, 286
História de Joana d’Arc e – abr. 1859, p. 170
História de Luís IX e – abr. 1859, p. 170
História de Luís XI e – abr. 1859, p. 170

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

homem eleito por Deus – abr. 1862, p. 163
homenagem dos espíritas lioneses a – out. 1860, p. 440
homicídio voluntário e – mar. 1865, p. 121
idéias frenológicas de Gall e – ago. 1869, p. 319
identidade do Espírito e – jan. 1861, p. 21
Imitação do Evangelho Segundo o Espiritismo e – abr.
1864, p. 135
incredulidade do Claudius e – ago. 1867, p. 329
interpreta um sonho – set. 1866, p. 380
ironia socrática e – out. 1860, p. 433, 440; dez. 1860,
p. 535, 546; ago. 1862, p. 312, 313
jornal de – dez. 1859, p. 465
justificativa da evocação de R... – maio 1860, p. 200
Limoges, L... e – out. 1859, p. 340
Livro dos Espíritos, O, e co-autoria de – dez. 1869, p. 511
local de nascimento de – jun. 1862, p. 251, nota
Louis Jourdan e resposta de – abr. 1861, p. 164
manifestações físicas e – dez. 1860, p. 528
médium de transporte e – mar. 1869, p. 118
médium inerte e – out. 1859, p. 395
médium inspirado e – abr. 1862, p. 166
mediunidade e – nov. 1861, p. 491
mediunidade nos animais e – ago. 1861, p. 367
médiuns curadores e – jul. 1867, p. 278
monumento fúnebre em memória de – ago. 1869, p. 342
moral espírita e – mar. 1859, p. 103
morte de Bruneau e discurso de – dez. 1864, p. 521
notícia falsa e – set. 1861, p. 419
novas obras de – dez. 1861, p. 528
Novo Dicionário Universal na opinião de – jan.
1866, p. 50
objetivo da refutação de – jul. 1863, p. 299; dez.

ÍNDICE GERAL

1863, p. 485
objetivos das viagens de – nov. 1864, p. 430
obsessões simuladas e – jan. 1869, p. 57
ofensas e – out. 1860, p. 433
operário de Marselha e – ago. 1867, p. 332
ópio e haxixe e – ago. 1869, p. 347
oração a Sanson – maio 1862, p. 194
oração de * no túmulo de Charles-Julien Leclerc – jan.
1867, p. 49
organização do Espiritismo e – dez. 1861, p. 528
orienta organização de questionário – set. 1862, p. 394
origem das riquezas de – jun. 1865, p. 224
origem do corpo humano e – jul. 1868, p. 289
origem dos lucros de – jun. 1865, p. 225
Oscar Comettant e – dez. 1859, p. 461
papel de * e idéias do Espiritismo – set. 1867, p. 379
papel de * na elaboração do Espiritismo – nov.
1864, p. 437
parentes de – nov. 1858, p. 469
pedra tumular de – jun. 1869, p. 248
perispírito e – maio 1861, p. 228
Pierre Le Flamand (Espírito) e – maio 1859, p. 179, 181
poder do ridículo, O, e – fev. 1869, p. 66
Poinsot e – mar. 1861, p. 127
Polêmica Espírita e – nov. 1869, p. 450
possessos de Morzine e – ago. 1864, p. 309
preocupado em não perder tempo – dez. 1868, p. 510
Presidente honorário da Sociedade Espírita de Viena –
jun. 1862, p. 257
principais obras de – maio 1869, p. 187
Príncipe G., S.A. e carta de – jan. 1859, p. 11
Processo Hillaire, O, e carta-resposta de – mar.

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

1865, p. 125
progresso do Espiritismo e – jul. 1859, p. 270
projeto de criação de uma Fundação e – jun. 1865, p. 228
promove desobsessão – out. 1858, p. 414
propriedade das obras de – jun. 1865, p. 224
qualidades da mediunidade de – set. 1867, p. 379
Razão do Espiritismo, A, e – nov. 1867, p. 483
razão, bom senso e – nov. 1858, p. 455
reclamação de * ao jornal La Marionnette – ago.
1867, p. 352
reconhecimento à memória de – dez. 1869, p. 510
reconhecimento e gratidão da Sr^a. – ago. 1869, p. 325
reeleição de – jul. 1859, p. 275
refutação do Monsenhor Freyssinous e comentários de
– fev. 1867, p. 74
Relações Afetuosas dos Espíritos, artigo, e – fev.
1861, p. 100
renuncia a qualquer função na SPEE – jul. 1859, p. 256
resposta a E.K. e – set. 1862, p. 394
resposta ao abade Barricand – maio 1864, p. 209; jul.
1864, p. 267
resposta ao Salgues – maio 1865, p. 196
resposta de * ao jornal Exposição Popular Ilustrada –
dez. 1867, p. 516
respostas às injúrias – mar. 1861, p. 108
respostas de – mar. 1861, p. 108
Ressurrecto contrariado, Um, e – dez. 1867, p. 495
Resumo das leis dos fenômenos espíritas e – out.
1865, p. 412
retrato pintado do avô de – nov. 1858, p. 468
Revista Espírita e – jan. 1859, p. 25
Revista Espírita, aviso e – dez. 1861, p. 527

ÍNDICE GERAL

São Luís na opinião de – ago. 1860, p. 335
sermões contra o Espiritismo e – fev. 1863, p. 75
sinceridade e polidez com os adversários do
Espiritismo – out. 1860, p. 433
Sociedade Espírita de Metz e – out. 1861, p. 463
solicita recepção sem banquete – set. 1862, p. 381
sonho que teve – jun. 1866, p. 235
SPEE e agradecimento de – fev. 1861, p. 61
teoria da evolução dos seres e – jul. 1868, p. 288
teorias espíritas e – jul. 1859, p. 269
textos apócrifos atribuídos a – jun. 1864, p. 248
Tom, o cego, e reflexões de – fev. 1867, p. 80
verdade na opinião de – abr. 1864, p. 142
verdadeira conversão e – jul. 1863, p. 300
Victor Dazú, obra de, e – set. 1868, p. 395
vida modesta de – dez. 1868, p. 509
visita Bruxelas e Antuérpia – out. 1864, p. 410
visita pastoral a Bordeuax e – set. 1862, p. 382
votos de Boas-Festas a – fev. 1862, p. 64

KARDEC, ALLAN (ESPÍRITO)

Aniversários, Os – nov. 1869, p. 461
Desertores do Espiritismo e – dez. 1869, p. 490
Espiritismo e a literatura contemporânea, O – nov.
1869, p. 451
Espiritismo e o Espiritualismo, O – nov. 1869, p. 460
Exemplo é o mais poderoso agente de propagação, O –
jun. 1869, p. 257
Regeneração, A – jul. 1869, p. 295

KARDEC, ALLAN, SRA.

decisão da * sobre Caixa Geral do Espiritismo – maio
1869, p. 218
decisão da * sobre Revista Espírita – maio 1869, p. 218

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

sentimentos de reconhecimento da – maio 1869, p. 224
Sociedade Anônima do Espiritismo e – set. 1869, p. 360

KETTELHUT, ANTOINE

manifestações físicas e – ago. 1858, p. 340

KETTELHUT, LOUIS

manifestações físicas e – ago. 1858, p. 340

KOMMISSAROFF, JOSEPH

imperador da Rússia e – jun. 1866, p. 230

KRISHNA

reencarnação e – ago. 1862, p. 331

L

L'ECHO POÉTIQUE D'OUTRE-TOMBE

poesias mediúnicas – dez. 1866, p. 522

LABONTÉ

epidemia da ilha Maurício e – nov. 1868, p. 443, nota

LAÇO FLUÍDICO

Santo Atanásio e o – jan. 1864, p. 50

LAÇO SEMIMATERIAL

Espírito e – abr. 1859, p. 133

LACORDAIRE

mesas girantes e abade – fev. 1867, p. 70

perfil do abade – fev. 1867, p. 72

LAÇOS CARNAIS

ruptura dos – ago. 1863, p. 347

LAÇOS DE FAMÍLIA

amor de Deus e os – mar. 1866, p. 118

Rowe e os – nov. 1868, p. 450

ÍNDICE GERAL

LACOSTE

discurso de – nov. 1861, p. 506

LAÉRCIO, DIÓGENES

tríades druídicas e – abr. 1858, p. 157

LAMARTINE, ALPHONSE DE

preparação para o desligamento de – abr. 1869, p. 170

situação de * na erraticidade – abr. 1869, p. 170

LAMBALLE, JOBERT DE

teoria do músculo estalante e – dez. 1866, p. 478

LAMBARDO, PAUL

médium desenhista e – jul. 1863, p. 288

LAMENNAIS

características do perispírito e – jun. 1861, p. 284

comunicação de * a Buffon – set. 1861, p. 388

eletricidade espiritual e – ago. 1860, p. 378

Espiritismo e – dez. 1861, p. 564

Estilo é o homem, O, e – set. 1861, p. 377

história de Sansão e – dez. 1861, p. 564

Meditações filosóficas e religiosas e – dez. 1861, p. 562

Pena de Talião e – set. 1861, p. 396

pintura e a música, A – maio 1861, p. 240

Reencarnação e – set. 1868, p. 391

religião e – dez. 1861, p. 563

transmigração e – ago. 1863, p. 329

Visconde de Launay e defesa de – set. 1861, p. 382

LAMMERS, DIRKSE

evocação de – dez. 1859, p. 499

história de – dez. 1859, p. 498

Van Br... e – dez. 1859, p. 529

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

LANDOIS, EUGÈNE

Bertran, pseudônimo de – set. 1866, p. 355

LANG, TIBULLE

carta sobre o Espiritismo e – jan. 1863, p. 30

LANGRES, BISPO DE

combate às religiões não-católicas e – jun. 1864, p. 243

LAO-TSEU

cosmogonia e – out. 1868, p. 414

Espiritismo e – out. 1866, p. 418; out. 1868, p. 416

filosofia chinesa e – out. 1866, p. 412

formação dos seres corpóreos e – out. 1868, p. 414

panteísmo e – out. 1868, p. 418

povo chinês e – out. 1868, p. 419

Razão suprema e a virtude, A, e – out. 1868, p. 412

reencarnação e – out. 1868, p. 415

LAPEYRE

Livro dos Espíritos, O, e o padre – fev. 1863, p. 72

LAROCHE, LAMBERT

falso Home e – maio 1858, p. 230

LAROUX, PIERRE

perenidade da humanidade e – set. 1868, p. 395

LARROQUE, PATRICE

pluralidade dos mundos habitados e – set. 1868, p. 391

LATAPY, JEAN

locatário do castelo mal-assombrado – out. 1858, p. 434

LATOUR, JACQUES

comunicações apócrifas em nome de – nov. 1864, p. 450

história de um criminoso arrependido – nov. 1864, p. 444

ÍNDICE GERAL

LAUNAY, VISCONDE DE

defesa de Lamennais e – set. 1861, p. 382

LAURENT, VALENTINE

consulta aos guias espirituais sobre – jan. 1865, p. 20

crises convulsivas de – jan. 1865, p. 19, 22

LAVATER, JOÃO GASPAR

afinidade moral e – mar. 1868, p. 120

cartas inéditas de – mar. 1868, p. 111

ciência fisiognomônica e – jul. 1860, p. 301

comunicação entre os dois mundos segundo – abr. 1868, p. 151

correspondência com a imperatriz Maria da Rússia e – maio 1868, p. 189; out. 1868, p. 440

correspondência inédita de – abr. 1868, p. 147

destino do desencarnado segundo – abr. 1868, p. 147

estado da alma após a morte e – mar. 1868, p. 115

estado do Espírito desencarnado segundo – abr. 1868, p. 152

idéias espíritas nas cartas de – mar. 1868, p. 114

lei de atração por afinidade e – mar. 1868, p. 117

lei de causa e efeito e – mar. 1868, p. 117

lei do progresso e – mar. 1868, p. 120

Mundo Espiritual e – mar. 1868, p. 118

necessidades materiais do Espírito inferior e – mar. 1868, p. 119

reencarnação e – mar. 1868, p. 116

sentimento moral e – mar. 1868, p. 122

sofrimento segundo – abr. 1868, p. 150

LAVERDET

Espiritismo e – maio 1866, p. 190

pastor da Igreja francesa – maio 1866, p. 189

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

LAVIGERIE, MONSENHOR

caridade e – mar. 1867, p. 113

nomeado arcebispo de Argel – mar. 1867, p. 113

LÁZARO

alegoria de – dez. 1860, p. 566

LEÃO E O CORVO, O

fábula premiada – jun. 1863, p. 255

LECLERC, CHARLES-JULIEN

desencarnação de – jan. 1867, p. 49

prece de Allan Kardec no túmulo de – jan. 1867, p. 449

LEGAY, PIERRE

atividades de * após a morte – abr. 1865, p. 162

condição peculiar do Espírito – nov. 1864, p. 461

evocação de – abr. 1865, p. 162

Segundo despertar de – abr. 1865, p. 167

LEGISLAÇÃO

princípio religioso e – mar. 1866, p. 121

LEGISLAÇÃO CRIMINAL

influência do Espiritismo na – mar. 1866, p. 123

LEGISLAÇÃO HUMANA

princípios da – mar. 1866, p. 123

LEI DA MEDIUNIDADE

Espiritismo e – nov. 1865, p. 465

LEI DA MUTABILIDADE

origem da – nov. 1863, p. 444

LEI DE AMOR

Jesus e – out. 1863, p. 433; abr. 1865, p. 143

LEI DE ATRAÇÃO

João Gaspar Lavater e a – mar. 1868, p. 117

ÍNDICE GERAL

LEI DE CAUSA E EFEITO

filhos deficientes e – set. 1864, p. 384
Manual de Xéfolius, O, e – ago. 1865, p. 327

LEI DE DESTRUIÇÃO

conservação do princípio inteligente e – mar.
1864, p. 100

LEI DE DEUS

condições para execução da – maio 1865, p. 220
solidariedade universal e – fev. 1861, p. 86

LEI DE MOISÉS

comunicação de Espírito protetor e – mar. 1861, p. 142
sermão do padre P. Hyacinthe e – set. 1869, p. 376

LEI DE SOLIDARIEDADE

distribuição da esmola e – ago. 1865, p. 340

LEI DO FUTURO

perpetuidade do Espiritismo e – set. 1867, p. 380

LEI DO PROGRESSO

João Gaspar Lavater e – mar. 1868, p. 120
mensagem de Espírito protetor – jan. 1863, p. 48
perfeição e – out. 1863, p. 430
reencarnação em mundo inferior e – out. 1858, p. 430
transformação dos mundos e – jul. 1865, p. 291

LEI NATURAL

atuação divina e – out. 1866, p. 387
consequências da resistência à – jul. 1868, p. 280
Espírito de Verdade e – maio 1865, p. 210
expição e – ago. 1865, p. 325
submissão do homem à – ago. 1869, p. 351
transitoriedade da – set. 1867, p. 361

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

LEI NUMÉRICA

- chances de mortalidade e – jul. 1868, p. 283
- combinações químicas e – jul. 1868, p. 277
- etapas do progresso da humanidade e – jul. 1868, p. 278
- eventualidade e – jul. 1868, p. 283
- fenômenos de ordem moral e – jul. 1868, p. 278, 284
- jogos de azar e – jul. 1868, p. 282
- livre-arbítrio e – jul. 1868, p. 279
- Natureza e – jul. 1868, p. 277

LEIBNIZ

- força essencial e – nov. 1863, p. 446

LEIS DIVINAS

- derrogação das – jan. 1862, p. 46
- oração e – maio 1866, p. 213
- oração e mudança das – jan. 1866, p. 19

LEIS FÍSICAS

- aparição e – ago. 1859, p. 298

LEITURA

- estimula Espírito a se comunicar – abr. 1868, p. 171

LEMAIRE, ESPÍRITO

- evocação do assassino – mar. 1858, p. 128; dez. 1859, p. 474

LEMBRANÇA DE EXISTÊNCIAS PASSADAS

- apagamento da – abr. 1859, p. 131
- constatação de exemplos de – dez. 1869, p. 505
- depende da evolução do Espírito – nov. 1864, p. 443
- desmaterialização e – abr. 1859, p. 137
- desprendimento da alma e – jun. 1869, p. 265
- inconvenientes da – set. 1863, p. 370
- lei da sabedoria suprema e – jul. 1869, p. 304

ÍNDICE GERAL

momento da morte e – maio 1862, p. 186
morte e – abr. 1859, p. 137
perda da – jan. 1861, p. 44
reencarnação e – nov. 1864, p. 441; dez. 1869, p. 507

LEMEURE, GEORGES

história do sepultamento de – set. 1866, p. 365

LÉON

fenômenos de transporte e evocação de – maio
1861, p. 218

LÉON L...

Espiritismo e suicida – jun. 1861, p. 275

LEROUX, PIERRE

reencarnação e – set. 1868, p. 394

LEROY, ALFRED

evocação do suicida – abr. 1861, p. 182

LETARGIA

alma e – dez. 1867, p. 494
catalepsia e características da – jan. 1866, p. 35
condição da alma quando em – set. 1858, p. 388
Louise B... e – jan. 1866, p. 34
separação entre corpo e alma e – abr. 1865, p. 164
sono natural e – set. 1858, p. 389
suspensão acidental da sensibilidade e – maio
1866, p. 187

LETARGIA EXTÁTICA

retorno à vida e – set. 1858, p. 387
Schwabenhaus e – set. 1858, p. 386

LETIERCE

refutação dos sermões do padre – dez. 1863, p. 510

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

LETTRE D'UN CATHOLIQUE SUR LE SPIRITISME

Grand e – jan. 1861, p. 35

refutação ao Sr. Gandy e – jan. 1861, p. 35

LEVITAÇÃO

Daniel Dunglas Home e – mar. 1858, p. 146; out.

1859, p. 384

esclarecimentos sobre – jun. 1858, p. 237

Espiritismo e – out. 1859, p. 384

São Cupertino e – out. 1859, p. 384; set. 1860, p. 404

teoria sobre – jul. 1858, p. 293

testemunho de – jan. 1861, p. 19

LEYMARIE

viagem a Corrèze de – abr. 1866, p. 172

LEYMARIE, P.-G.

organização de Obras Póstumas e – ago. 1869, p. 320

LIBERDADE

aurora da – set. 1861, p. 410

Espírito e – jan. 1859, p. 23

fatalidade e – jul. 1868, p. 281

materialismo e negação da – jul. 1868, p. 281

verdadeira * para os Espíritos – out. 1861, p. 454

LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA

Espiritismo e – maio 1863, p. 205; out. 1865, p. 400;

set. 1869, p. 360

LIBERDADE DE PENSAMENTO

dogmas da igreja e – jul. 1864, p. 275

escolha da religião e – abr. 1868, p. 176

franco-maçonaria e – abr. 1864, p. 172

ÍNDICE GERAL

LIBERTAÇÃO DO ESPÍRITO

esclarecimentos dados pelos encarnados ajuda na – fev.
1860, p. 96

LIBERTAÇÃO ESPIRITUAL

morte natural e – jun. 1858, p. 262

LIÇÕES FAMILIARES DE MORAL

condessa F.. e – mar. 1861, p. 145

correspondência da Condessa F.. e – mar. 1861, p. 145

LIDERANÇA ÚNICA DO ESPIRITISMO

válida para o seu começo – dez. 1868, p. 521

LIGA DE ENSINO

carta recebida do Sr. Macé e – abr. 1867, p. 159

fundação de biblioteca popular na – ago. 1867, p. 332

opinião de Allan Kardec sobre a associação – mar.

1867, p. 117

LIGA INTERNACIONAL DA PAZ

adesões e subscrições na – set. 1868, p. 398

LIMOGES

subscrição a favor dos queimados de – dez. 1864, p. 535

LINCOLN, ABRAÃO (ESPÍRITO)

despertamento de * no Mundo Espiritual – mar.

1867, p. 115

William Booth (Espírito) e – mar. 1867, p. 115

LÍNGUA PRIMITIVA

características da – nov. 1862, p. 481

LÍNGUA SAGRADA

religiões antigas e pagãs e oração em – ago. 1864, p. 316

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

LINGUAGEM

adaptação da * com Espíritos – maio 1865, p. 217
fases históricas da – nov. 1862, p. 478
primeira fase humana da – nov. 1862, p. 479

LINGUAGEM DOS ESPÍRITOS

características da – abr. 1860, p. 164
causas aparentes das contradições na – ago. 1858, p. 333
contradições da – ago. 1858, p. 321, 326
diversidade na – mar. 1859, p. 122
erro na – jun. 1860, p. 281
Espíritos superiores e sua – jul. 1858, p. 299
grau de evolução e – mar. 1860, p. 146
identificação da qualidade das comunicações pela –
abr. 1864, p. 154
importância da – ago. 1858, p. 321
jupiterianos – ago. 1858, p. 350
resumo das causas das contradições na – ago.
1858, p. 334

LÍNGUAGEM ESPÍRITA

palavras que servem de base para a – out. 1869, p. 434

LINHAS DAS MÃOS

diferença entre as * e nervuras das plantas – jul.
1869, p. 285

LISONJA

bons Espíritos e – dez. 1859, p. 534

LITERATURA

avaliação do Espírito sobre sua – mar. 1858, p. 139

LITERATURA ESPÍRITA

obras que podem ser consideradas como – jan.
1868, p. 15

ÍNDICE GERAL

LITERATURA GREGA

espiritualismo na – nov. 1868, p. 469

LIVRARIA ESPÍRITA

catálogo de obras da – maio 1869, p. 224

fundação da – abr. 1869, p. 141

Sociedade Anônima do Espiritismo e – ago. 1869, p. 334

vulgarização do Espiritimo e – nov. 1869, p. 447

LIVRE-ARBÍTRIO

ação do * na criança – set. 1865, p. 361

ação individual e – jul. 1868, p. 284

aconselhamento dos Espíritos e – mar. 1864, p. 120

apanágio da humanidade – fev. 1866, p. 75

autoconhecimento e – jun. 1862, p. 264

conceito de – ago. 1867, p. 336

consciência e – out. 1863, p. 431

desenvolvimento do * e responsabilidade – jan.
1864, p. 45

destino e – jul. 1868, p. 285

diversidade dos seres humanos e – out. 1860, p. 462

Doutrina Espírita e – out. 1863, p. 431

druidismo e – abr. 1858, p. 163

Espíritos e – jan. 1859, p. 13; fev. 1859, p. 53

Espíritos errantes e – abr. 1859, p. 147

fatalidade e – nov. 1860, p. 518; jul. 1868, p. 279

fenômenos espíritas e – jan. 1859, p. 12

futuro e – jan. 1859, p. 15; jan. 1861, p. 58

influência dos Espíritos e – ago. 1867, p. 350

inspiração e – jan. 1859, p. 15

inspiração, responsabilidade e – maio 1865, p. 206

inteligências ocultas e – abr. 1859, p. 145

Justiça divina e – nov. 1862, p. 449

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

lei numérica e – jul. 1868, p. 279
limite necessário para uso do – jul. 1868, p. 280
limites do – maio 1866, p. 214
magnetizador, sensitivo e – jun. 1867, p. 263
mal e – ago. 1863, p. 324
mau caminho e – mar. 1864, p. 94
mérito e – set. 1863, p. 393; out. 1863, p. 430
obsessão, possessão e – jun. 1867, p. 263
oração e – maio 1866, p. 213
pecado original – nov. 1868, p. 458
predominância da matéria e – out. 1863, p. 430
presciência divina e – out. 1863, p. 430
progresso do Espírito e – mar. 1865, p. 100
provações físicas e – mar. 1858, p. 124
provações, recompensas e – mar. 1862, p. 129
responsabilidade e – out. 1858, p. 426; jun. 1863, p. 232; ago. 1867, p. 350
senso moral e – abr. 1865, p. 139
sofrimento e – dez. 1858, p. 504; set. 1867, p. 372
suicídio e – abr. 1861, p. 184, 185

LIVRE-PENSADOR

característica do – jan. 1867, p. 22; fev. 1867, p. 64
classes de – fev. 1867, p. 57
existência da alma e – nov. 1863, p. 439
fé cega e – jan. 1867, p. 22
filósofos e – jan. 1867, p. 22
materialistas e – maio 1863, p. 225

LIVRO DA NATUREZA

tudo vem a seu tempo e – mar. 1867, p. 133

LIVRO DOS ESPÍRITOS, O

14. edição de – jan. 1866, p. 26

ÍNDICE GERAL

Allan Kardec e a concepção de – jun. 1865, p. 226
Allan Kardec, co-autor de – dez. 1869, p. 511
alusões positivas ao – out. 1860, p. 441
aspecto filosófico do Espiritismo e – set. 1867, p. 383
assentimento da maioria dos homens e – jul. 1868, p. 287
auxílio de – set. 1859, p. 369
Babin e – abr. 1866, p. 178
bispo de Barcelona, proíbe a leitura de – set. 1864, p. 370
Bonnamy elogia – mar. 1866, p. 117
capitão reformado e – jan. 1858, p. 67
categorias de espíritas e – nov. 1861, p. 499
católica e ameaçada pelo padre por que leu – abr.
1868, p. 174
Cazenove Pradines e o resumo de – out. 1862, p. 410
começo do Espiritismo e – jul. 1866, p. 300
comentários de Allan Kardec sobre – jan. 1858, p. 66
comentários do editor Dentu sobre – mar. 1858, p. 164
comentários sobre – jan. 1858, p. 66; jul. 1858, p. 309
condição da mulher e leis desenvolvidas pelo – dez.
1865, p. 508
confrade devoto de – jan. 1858, p. 68
conhecimento espírita e – set. 1862, p. 360
conseqüências da leitura de – dez. 1865, p. 505
conseqüências do estudo do – jul. 1863, p. 271
conversão de um ateísta inveterado e – fev. 1862, p. 70
correspondência do Conde X... e – abr. 1861, p. 189
crítica ao – jan. 1861, p. 24
Déchambre e comentários sobre – nov. 1865, p. 443
descrente não se suicida por que leu – set. 1862, p. 374
desencarnação e visão de vidas passadas em – jul.
1866, p. 299
desenvolvimento de – set. 1865, p. 377

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

destinação da renda obtida com – jan. 1858, p. 69
destino do lucro obtido com a venda de – jun.
1862, p. 253
diversidade de comunicações e a elaboração de – jan.
1862, p. 36
edições de – mar. 1861, p. 116
Espiritismo e – mar. 1863, p. 117; dez. 1863, p. 504
Espiritismo experimental e – jan. 1861, p. 23
estilo sóbrio e conciso de – out. 1862, p. 435
extrato da introdução de – nov. 1865, p. 444
fenômeno das mesas girantes e – fev. 1861, p. 69
fenômeno de transfiguração e – maio 1861, p. 234
Fernando Guerrero e – maio 1859, p. 208
fim do mundo e – abr. 1868, p. 168
Fluido Universal, O, e – ago. 1861, p. 347
formação espontânea dos objetos e – maio 1861, p. 223
fraudes espíritas e – abr. 1859, p. 143
Georges Gandy e – jan. 1861, p. 31
Girard de Codemberg e – abr. 1859, p. 159
imprensa do Rio de Janeiro e – jul. 1864, p. 287
inferno e – mar. 1863, p. 123
influência exercida pela leitura de – jan. 1858, p. 45
instrução espírita pelo estudo de – dez. 1864, p. 488
interesse da população pelo – dez. 1860, p. 536
Lapeyre, padre, e – fev. 1863, p. 72
leitura de * transforma detento – fev. 1864, p. 67
Lídia ou a ressurreição e – set. 1860, p. 388
lido e elogiado pelo cura da paróquia – mar. 1864, p. 118
Louis Jourdan e – abr. 1861, p. 156
médiuns que cooperaram com a redação de – mar.
1858, p. 69
Nampon, padre, e – jun. 1863, p. 237, 242

ÍNDICE GERAL

opinião de um jornalista sobre – nov. 1861, p. 470
passa de mão a mão numa pequena comunidade – set.
1862, p. 375
povos aborígenes e – maio 1859, p. 209
progressão dos Espíritos e – maio 1861, p. 236
publicação de – jan. 1861, p. 22
redação e organização de – jan. 1858, p. 68
reuniões espíritas e – nov. 1861, p. 499
segunda edição de – mar. 1860, p. 154
variedades de espíritas e – dez. 1861, p. 535
verdadeira autoria de – out. 1860, p. 442

LIVRO DOS MÉDIUNS, O

descoberta de tesouros e – dez. 1865, p. 480
mediunidade curadora e – set. 1865, p. 345
Nampon, padre, e – jun. 1863, p. 238, 242
síntese de * em italiano – mar. 1864, p. 132
tradução em espanhol de – fev. 1867, p. 98; mar.
1867, p. 142

LIVROS ANALISADOS POR ALLAN KARDEC

Abrégé en forme de catéchisme – out. 1858, p. 421
Alma, A – jul. 1868, p. 307
Amizade após a morte, A – nov. 1868, p. 449
Amor, O, revelações do Espírito de 3ª ordem – jul.
1862, p. 309
Anjo do céu na Terra, Um – mar. 1865, p. 133
Aparição real de minha mulher após sua morte – jan.
1865, p. 41
Apolônio de Tiana – out. 1862, p. 395
Cabana do pai Tomás, A – nov. 1868, p. 455
Carta de um católico sobre o Espiritismo – nov.
1860, p. 490

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

- Carta de um espiritista – abr. 1867, p. 183
Cartas a meu irmão sobre minhas crenças religiosas –
mar. 1869, p. 110
Cartas sobre o Espiritismo – ago. 1864, p. 339
Céu e Terra – fev. 1862, p. 79
Charles Fourier, sua vida e suas obras – mar. 1869, p. 109
Comédia social no século dezenove – jul. 1862, p. 276
Como e por que me tornei espírita – dez. 1864, p. 526;
dez. 1865, p. 481
Comunicações de além-túmulo – ago. 1862, p. 348
Concordância da fé e da razão – abr. 1865, p. 177
Conde de Monte Cristo, O – jul. 1868, p. 306
Condessa Mathilde de Canossa, A – fev. 1860, p. 79
Conferências de Trousseau – ago. 1862, p. 311
Confissões de Luís XI – mar. 1958, p. 120
Confusão no império de Satã – abr. 1865, p. 177
Conversas familiares sobre o Espiritismo – set.
1865, p. 381
Crônicas de Froissard – maio 1860, p. 207
Destinos da alma – nov. 1868, p. 481
Deus na Natureza – set. 1867, p. 397
Dogmas da Igreja do Cristo explicados segundo o
Espiritismo – jun. 1867, p. 269
Dogmas novos, Os – abr. 1866, p. 175
Educação materna, A – jul. 1864, p. 302
Espírita – jan. 1866, p. 31
Espiritismo ante a razão, O – mar. 1868, p. 142
Espiritismo na Bíblia, O – nov. 1868, p. 479
Espiritismo sem os Espíritos – maio 1863, p. 227
Espiritismo, Do – jun. 1863, p. 242
Espírito batedor de Dibbelsdorf – ago. 1858, p. 340
Espíritos batedores, Os – maio 1858, p. 200

ÍNDICE GERAL

- Espíritos e suas relações com o mundo visível, Os – mar. 1869, p. 118
Exposição da grandeza da criação universal – nov. 1863, p. 475
Fé e a Razão, A – jun. 1867, p. 269
Fenômenos místicos da vida humana, Os – jan. 1865, p. 41
Filosofia espírita – abr. 1866, p. 178
Fim do mundo em 1911, O – abr. 1868, p. 160
Fisiologia, Medicina e Metapsíquica do Magnetismo – jan. 1867, p. 31
Forças naturais desconhecidas – mar. 1866, p. 136
Guia da felicidade, O – abr. 1866, p. 178
Histoire de l'ordre du Sainte-Esprit – set. 1858, p. 385
Histoire de saint Martial – mar. 1864, p. 52
Historia de Henrique, o Grande – nov. 1867, p. 463
História de Joana d'Arc – abr. 1859, p. 170; jan. 1958, p. 62
História do maravilhoso e do sobrenatural – set. 1860, p. 406
História dos Calvinistas das Cevenas – fev. 1869, p. 87
História fantástica – mar. 1866, p. 130
Le vieux neuf – abr. 1958, p. 153
Lenda do homem eterno, A – fev. 1864, p. 89
Lúmen – jul. 1869, p. 309
Mademoiselle de La Quintinie – out. 1863, p. 401
Manifestações dos Espíritos, As – mar. 1958, p. 106
Manual de Xéfolius, O – ago. 1865, p. 327
Maria de Jesus de Agreda – nov. 1860, p. 518
Médecin du peuple, Le – nov. 1858, p. 463
Memórias de um marido – set. 1868, p. 371

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Mês de Maria – ago. 1865, p. 311
Milagre e o diabo, O – jul. 1864, p. 275
Milagres de nosso dias, Os – ago. 1864, p. 340
Milagres de nossos dias, Os – mar. 1865, p. 123
Minhas prisões – jan. 1869, p. 44
Mireta – fev. 1867, p. 91
Miseráveis, Os – fev. 1865, p. 92
Misturas – jan. 1869, p. 43
Monde Spirituel, Le – abr. 1859, p. 158
Mulher do espírita – mar. 1866, p. 135
Mundo espiritual, O – abr. 1862, p. 167
Noções de Astronomia – abr. 1866, p. 178
Noite esquecida, Uma – nov. 1858, p. 475, 478
Noites de São Petersburgo – abr. 1867, p. 148
Novos princípios de filosofia médica – dez. 1866, p. 520
Pensamentos do zuavo Jacob, Os – mar. 1868, p. 137
Pesquisas sobre as causas do Ateísmo – jun. 1867, p. 268
Pluralidade das existências da alma – jan. 1865, p. 42,
44, 47
Pluralidade dos mundos habitados – ago. 1864, p. 345;
set. 1864, p. 387; jan. 1865, p. 47; mar. 1867, p. 138
Prières de Ludovic – dez. 1862, p. 515
Profetas do passado, Os – ago. 1866, p. 317
Quatro evangelhos, Os – jun. 1866, p. 257
Razão do Espiritismo, A – nov. 1867, p. 473
Reconhecemo-nos no Céu – fev. 1864, p. 85
Réflexion d'un orthodoxe de l'Église grecque sur la Vie
de Jésus – out. 1863, p. 402
Reflexões sérias e importantes de Robinson Crusoe –
set. 1867, p. 388
Regimento fantástico, O – set. 1868, p. 375

ÍNDICE GERAL

- Religião e a política na sociedade moderna, A – jun.
1868, p. 259
- Resumo da religião harmônica – jan. 1862, p. 38
- Revelações do além-túmulo – jan. 1862, p. 51
- Révélacion – jul. 1869, p. 309
- Revoluções inevitáveis no globo e na humanidade, As –
ago. 1869, p. 311
- Robinson Crusoe – mar. 1867, p. 111
- Romance do Futuro, O – jun. 1867, p. 269, 300
- Siamora, a Druidesa – mar. 1860, p. 147
- Síntese da doutrina espírita – fev. 1868, p. 92
- Six Nouvelles, Les – nov. 1859, p. 447
- Sou espírita? – abr. 1866, p. 177
- Três anos na Judéia – jun. 1860, p. 278
- União Espírita Bordelense – jul. 1865, p. 302
- Verdade sobre o Espiritismo experimental nos grupos,
A – maio 1863, p. 227
- Vida de Germaine Cousin, A – jul. 1865, p. 301
- Vida de Jesus, A – maio 1864, p. 185; jun. 1864, p. 219;
jun. 1964, p. 219
- Vida pública e privada de Luís XVI – nov. 1867, p. 459
- Voyage aux sources du Nil – abr. 1858, p. 169

LOCAIS SAGRADOS

- Islamismo e os – nov. 1866, p. 442

LOCOMOÇÃO DO ESPÍRITO

- pensamento e – jun. 1866, p. 239
- tempo de – mar. 1860, p. 131, 144
- vontade e – jun. 1866, p. 250

LOCOMOÇÃO DOS HABITANTES DE JÚPITER

- forma de – ago. 1858, p. 349

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

LONDONDERRY, LORDE

aparição e – jul. 1859, p. 290

Castlereagh, lorde, e – jul. 1859, p. 290

LONGEVIDADE

fatores que favorecem a – ago. 1860, p. 338

LONGEVIDADE DOS PATRIARCAS

figura moral da – out. 1863, p. 429

LOTH, FLORENT

responde às críticas de Gabriel Rembault – fev.
1868, p. 97

Síntese da Doutrina Espírita – fev. 1868, p. 92

LOUCO

autópsia do cadáver de um – jun. 1869, p. 236

exemplo de efeito da música sobre um – set.
1864, p. 349

exemplos de procedimentos do – set. 1864, p. 350

LOUCURA

antiquado e desumano tratamento da – set. 1864, p. 349

características da – out. 1861, p. 452

causa da produção da – fev. 1867, p. 59

causas da – mar. 1860, p. 139; dez. 1862, p. 492; fev.
1863, p. 85; jul. 1866, p. 280; fev. 1869, p. 73

Espiritismo e – jan. 1859, p. 18; jun. 1860, p. 277; fev.
1863, p. 59, 80; jun. 1863, p. 238

Espiritismo e diminuição dos casos de – maio
1865, p. 203

Espiritismo, profilaxia e – fev. 1863, p. 86

estatística de chance de cura da – jul. 1866, p. 279

exaltação das idéias religiosas e – fev. 1869, p. 73

fenômenos espíritas e – abr. 1858, p. 192

ÍNDICE GERAL

influência terapêutica da música sobre a – set.
1864, p. 347
medicina e – ago. 1861, p. 337
mediunidade e – jan. 1863, p. 20
medo do diabo e – jan. 1859, p. 18
obsessão e – fev. 1866, p. 62
prática do Espiritismo e – nov. 1864, p. 463; jul.
1866, p. 284
semente da – jun. 1860, p. 276
sexo e incidência da – jul. 1866, p. 278
simulação de * após reunião espírita – set. 1866, p. 368
sinais dos tempos e aumento da – out. 1866, p. 405
temor do diabo e – maio 1865, p. 205

LOUCURA ESPÍRITA

Burlet e – fev. 1863, p. 79

LOUCURA MORAL

conceito de – set. 1869, p. 388

LOUCURA OBSESSIVA

loucura patológica e – abr. 1862, p. 160; jan. 1863, p. 17
manicômio e – dez. 1862, p. 492

LOUCURA PATOLÓGICA

homeopatia e – jun. 1867, p. 241
loucura obsessiva e – abr. 1862, p. 160; jan. 1863, p. 17

LOUIS-HENRI

confissões do Espírito – dez. 1864, p. 513
lamentações do Espírito – dez. 1864, p. 511
vida e morte de – dez. 1864, p. 509

LOUQUINHO DE BAYONNE, O

agêner e – fev. 1859, p. 64
aparição de – jan. 1859, p. 25; fev. 1859, p. 62

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

boa moral e – jan. 1859, p. 26
características do – jan. 1859, p. 34
castiçal, preces e – jan. 1859, p. 31
conselhos de – jan. 1859, p. 26
dinheiro e – jan. 1859, p. 33
doações e – jan. 1859, p. 27
dor e – jan. 1859, p. 33
Irmã X e – jan. 1859, p. 26
leitura de cartas e – jan. 1859, p. 31
movimento de objetos e – jan. 1859, p. 27
SPEE e – jan. 1859, p. 32
transporte de objetos e – jan. 1859, p. 31
visibilidade, tangibilidade e – jan. 1859, p. 34

LOUVET, FRANÇOIS-SIMON (ESPÍRITO)

comunicação de – mar. 1863, p. 126

LUA

vida na – mar. 1858, p. 109

LUCIDEZ SONAMBÚLICA

desenvolvimento da – abr. 1859, p. 168

fingimento e – abr. 1859, p. 169

vida espírita e – mar. 1859, p. 111

LUGARES ASSOMBRADOS

justificativa para os – mar. 1869, p. 121

LUGNER, H.

agêneres e – fev. 1859, p. 68

Hermann e – fev. 1859, p. 68

LUÍS XI

Conde de Charolais e – mar. 1858, p. 121

confissões de – mar. 1858, p. 120

detalhes da morte de – jun. 1858, p. 268

ÍNDICE GERAL

História da França e – mar. 1858, p. 121
morte de – maio 1858, p. 227
últimos manuscritos de – maio 1858, p. 228

Luís XIV

François Michel e o rei – dez. 1859, p. 500

Luís XVIII

dialoga com Thomas-Ignace Martin – dez. 1866, p. 486
Thomas-Ignace Martin e – dez. 1866, p. 473

Luís, SÃO

Anjo da cólera, O, e evocação de – maio 1861, p. 211
ano de 1861 e – fev. 1861, p. 99
arrependimento e – jun. 1863, p. 242
confissões de – jun. 1858, p. 263
conselhos de – set. 1859, p. 345
conselhos e advertências de – ago. 1860, p. 335
cura moral e física e – jul. 1865, p. 286
cura realizada por – set. 1860, p. 394
debate com – ago. 1860, p. 335
designação do Espírito pelo nome genérico de – ago.
1865, p. 334
dúvidas quanto a identidade do Espírito – ago.
1860, p. 335
dúvidas sobre sua manifestação – nov. 1860, p. 485
educação moral dos Espíritos e – jul. 1865, p. 285
efeitos físicos e – mar. 1859, p. 93
Émile Deschanel, artigos de, e – mar. 1861, p. 118
Ermance Dufaux e – jun. 1858, p. 260
eternidade das penas e – jun. 1863, p. 242
evocação de – jan. 1859, p. 40; fev. 1859, p. 64; mar.
1859, p. 97; abr. 1859, p. 155; jun. 1859, p. 232, 243,
245; ago. 1859, p. 301, 325; out. 1859, p. 404; jan. 1861,
p. 49; abr. 1861, p. 186

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

homenagem e agradecimentos a – dez. 1864, p. 483
instinto assassino e – dez. 1859, p. 516
manifestações físicas e – mar. 1859, p. 99
mesas girantes e – jan. 1861, p. 31
opinião de Allan Kardec sobre – ago. 1860, p. 335
pai Crépin e – out. 1859, p. 415
palavras de – jul. 1859, p. 259
presidente espiritual da SPEE – jun. 1865, p. 250; mar.
1866, p. 128
prisioneiro evoca – fev. 1864, p. 68
questões e problemas diversos e – fev. 1861, p. 96
reuniões da SPEE e a atuação de – jan. 1860, p. 58
SPEE – mar. 1859, p. 93; dez. 1863, p. 512
transfiguração e – mar. 1859, p. 97
Verteuil e – out. 1859, p. 404

LÚMEN (ESPÍRITO)

Camille Flammarion, teoria da luz e – maio
1867, p. 213
relato extraterreno e – mar. 1867, p. 138
transporte de * para Capela – mar. 1867, p. 140

LUOS (ESPÍRITO)

sobre a inveja nos médiuns e – abr. 1861, p. 195

LUTA ENTRE O PASSADO E O FUTURO

cruzada contra o Espiritismo e a – mar. 1863, p. 103

LUTERO, MARTINHO

queima dos escritos de – ago. 1866, p. 317

LUZ

ação química da – mar. 1866, p. 102

LUZ DIFUSA

ação sobre os fluidos e, nota – jun. 1864, p. 259

ÍNDICE GERAL

LUZ ESPIRITUAL

Espírito orgulhoso sofre com a – jul. 1864, p. 299

LYON

adeptos de Espiritismo de – out. 1860, p. 443

características de um grupo espírita em – jan.
1864, p. 43

cidade natal de Allan Kardec – jun. 1862, p. 251, nota
cursos públicos de Espiritismo em – jul. 1864, p. 264

Espiritismo em – nov. 1868, p. 480

movimento espírita em – nov. 1860, p. 484

nome primitivo de – jul. 1862, p. 305, nota

M

M. J..., ESPÍRITA

felicidade de * no Mundo Espiritual – set. 1859, p. 369

reconhecimento dos Espíritos e – set. 1859, p. 370

sensação de * após a morte – set. 1859, p. 370

M..., PAULINE

evocação de – mar. 1861, p. 134

MAÇONARIA

livre-pensamento e a – abr. 1864, p. 172

luta pela democracia e a – abr. 1864, p. 164

MADELEINE, FRANÇOIS-NICOLAS

moral espírita e – abr. 1863, p. 184

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

MÃE

- amor de – fev. 1859, p. 78
- anjo de proteção e – mar. 1860, p. 153
- conhecimentos de moral espírita e a – fev. 1864, p. 62

MÃE E FILHO

- poesia espírita e – mar. 1863, p. 142

MAGIA

- manifestação dos Espíritos e – set. 1867, p. 365
- significado do termo – out. 1864, p. 399

MAGISTRATURA

- Espiritismo e – mar. 1866, p. 111

MAGNETISMO

- abuso do * e Bertellius – set. 1865, p. 372
- ação do * no organismo – jul. 1869, p. 278
- Allan Kardec e a ciência do – jun. 1858, p. 274
- ancianidade e emprego do – jul. 1869, p. 287
- auxílio dos parentes e vulgarização do – jun. 1867, p. 245
- avanço no emprego do – out. 1858, p. 419
- campanha contra a prática do – jan. 1858, p. 21
- charlatanismo e – jan. 1864, p. 25
- ciência e – jan. 1860, p. 22
- classe médica e – out. 1859, p. 393
- conceito de – jul. 1869, p. 289
- Convulsionários de Saint-Médard e – nov. 1859, p. 458
- definição e efeitos do – out. 1858, p. 422
- desenvolvimento da dupla vista e – jun. 1869, p. 246
- disseminação do – out. 1869, p. 419
- doença e uso tardio do – out. 1858, p. 420
- emprego oficial do – out. 1858, p. 419
- entendimento do sobrenatural e – jan. 1862, p. 47

ÍNDICE GERAL

Espiritismo e – mar. 1858, p. 148; set. 1858, p. 366;
out. 1858, p. 421; dez. 1862, p. 526; jun. 1867, p. 261,
262, 264; nov. 1867, p. 470; jan. 1869, p. 28
faculdades do Espírito e – jan. 1861, p. 49
fenômenos espíritas e – set. 1860, p. 404
fluido transmissor da saúde e – jun. 1867, p. 262
gêneros de – jan. 1864, p. 21
hipnotismo, passes e – jan. 1860, p. 21
Igreja ensina o uso do – out. 1858, p. 421
influência do * em todos os seres criados – jul.
1869, p. 288
insensibilidade e – dez. 1859, p. 533
inspiração e – jun. 1869, p. 245
Louis Figuier e – abr. 1861, p. 175
medicina usa oficialmente o – out. 1858, p. 421
médicos e – out. 1859, p. 393
Mercier e – out. 1859, p. 410
Mesmer e – jun. 1858, p. 272
obsessão e – jan. 1864, p. 27
opinião de Jobard sobre o – jul. 1858, p. 313
oração e – jan. 1863, p. 19
parábola do – jan. 1860, p. 22
perante a Academia – jan. 1860, p. 21
perispírito e – ago. 1863, p. 319
poder judiciário e – out. 1859, p. 386
prática do – out. 1859, p. 386
precursor do Espiritismo – mar. 1858, p. 149
realidade do – out. 1859, p. 393
reforma moral pelo estudo do – maio 1862, p. 206
sábios franceses pioneiros do – mar. 1858, p. 150
segundo Louis Figuier – dez. 1860, p. 539

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

suspensão de objetos e – jun. 1858, p. 245

universalidade do – jun. 1869, p. 241

utilidade do – jul. 1869, p. 277

utopia do – out. 1859, p. 393

MAGNETISMO ANIMAL *ver também* Magnetismo humano

faculdades sensoriais e – jul. 1868, p. 313

François Arago e – dez. 1859, p. 469

magnetismo espiritual e – jan. 1864, p. 23

mundo científico e – out. 1859, p. 387

propagação do * e o livro Conversas mesmerianas –
nov. 1869, p. 480

Victor Meunier e – jan. 1860, p. 24

**MAGNETISMO E SONAMBULISMO ENSINADOS PELA
IGREJA, O**

Marotte, abade, e – out. 1859, p. 386

MAGNETISMO ESPIRITUAL

conceito de – set. 1865, p. 346

cura pelo * puro – abr. 1865, p. 160

magnetismo animal e – jan. 1864, p. 23

poder curativo do – abr. 1865, p. 157

MAGNETISMO HUMANO *ver também* Magnetismo animal

conceito de – set. 1865, p. 346

MAGNETISTA

magnetizador e – jan. 1869, p. 24

tipos de – jan. 1869, p. 28

MAGNETIZAÇÃO

ação da vontade e – dez. 1862, p. 490

cego de nascença e – fev. 1859, p. 81

condições necessárias para realização da – jun.
1869, p. 238

ÍNDICE GERAL

desencarnado e – dez. 1862, p. 490
Espírito obsessor absorve o fluido da – jan. 1864, p. 28
fluido magnético e – out. 1859, p. 391

MAGNETIZAÇÃO ESPIRITUAL

ação da Sr^a. Maurel, médium na – set. 1865, p. 352
ação do médium magnetizador na – set. 1865, p. 352
cura de uma fratura pela – set. 1865, p. 352
cura e – jun. 1867, p. 261
Demeure (Espírito) e – set. 1865, p. 352
Espiritismo e estudo da – ago. 1865, p. 308

MAGNETIZADOR

afinidade entre obsessor e – jan. 1864, p. 29
anúncio público da ação do – set. 1865, p. 351
conceito de – jan. 1869, p. 24
defeitos no – mar. 1859, p. 116
desonesto é denunciado – set. 1862, p. 376
diferença entre * e médium curador – set. 1865, p. 346
experiências públicas e faculdades do – set. 1865, p. 373
fluido pessoal do – jan. 1864, p. 23
magnetista e – jan. 1869, p. 24
origem do influxo fluídico no – set. 1865, p. 348
poder curativo do – jul. 1869, p. 278
poder magnético do – mar. 1859, p. 116
possibilidade do * ser magnetizado – jun. 1869, p. 238
procedimentos do – jun. 1867, p. 263
processo utilizado pelo – set. 1865, p. 356
qualidades morais do – set. 1865, p. 347
qualidades no – mar. 1859, p. 115
sonâmbulo natural e – jun. 1869, p. 242

MAGUIN, MONSENHOR

possessos de Morzine e o – ago. 1864, p. 307

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

MAL

atuação do * na sociedade – set. 1863, p. 389
causas que produzem o – jul. 1869, p. 271
conceito de – fev. 1862, p. 92
conseqüências da prática do – ago. 1867, p. 337
constrangimento ante o – set. 1863, p. 390
contágio do – set. 1863, p. 389
Deus e a criação do – mar. 1864, p. 94
egoísmo, orgulho e raiz do – jul. 1869, p. 270
Espírito inferior e tendência para o – mar. 1858, p. 131
excesso do * e necessidade do bem – jul. 1865, p. 291
extensão do – set. 1863, p. 391
gravidade do – set. 1863, p. 390
imperfeição, causa do – out. 1858, p. 427
livre-arbítrio e – ago. 1863, p. 324
maneiras de se preservar contra o – out. 1858, p. 415
necessidade da reparação do – ago. 1867, p. 337
necessidade na ordem das coisas e o – mar. 1864, p. 95
orgulho e – jun. 1863, p. 233
origem do – ago. 1863, p. 324
prática do – jun. 1863, p. 232
progresso espiritual do homem e o – nov. 1860, p. 493
sofrimento e – ago. 1863, p. 324
utilidade do – out. 1964, p. 426
vitória aparente do – out. 1864, p. 423

MAL FÍSICO

obstáculo do estado moral à cura do – jul. 1865, p. 286

MALABAR

evocação da viúva de – mar. 1859, p. 115; dez.
1859, p. 473

MALDADE

consciência de praticar – out. 1858, p. 430

ÍNDICE GERAL

MALDIÇÃO

Auguste Vincent recebe da Igreja a – set. 1864, p. 371

MALEDICÊNCIA

Daniel Dunğlas Home vítima de – abr. 1858, p. 191

MALES DA TERRA

causa dos – jul. 1865, p. 291

MALET

novo presidente da SPEE – maio 1869, p. 212

MALFEITOR

sacrifício da própria vida por um – mar. 1862, p. 138

MALLY

agênere e – ago. 1859, p. 318

Espírito familiar e – ago. 1859, p. 316

guia de – ago. 1859, p. 322

visões de – ago. 1859, p. 316

MANÁ

formação do – ago. 1859, p. 325

MANDAMENTO DE DEUS

moral cristã e – mar. 1861, p. 144

proibição da evocação dos mortos e – out. 1863, p. 422

MANIFESTAÇÃO DE ALÉM-TÚMULO

América do Norte e – jul. 1861, p. 313

importância da – abr. 1869, p. 155

MANIFESTAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Allan Kardec e – maio 1869, p. 187

ancianidade da – abr. 1869, p. 151

diversas formas de – fev. 1862, p. 68

espontaneidade da – set. 1864, p. 359

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

finalidade providencial da – nov. 1867, p. 455
formas diversas de – abr. 1864, p. 150
Igreja e reconhecimento da – out. 1865, p. 402
influência da natureza da matéria na – dez. 1863, p. 518
magia, feitiçaria e – set. 1867, p. 365
origem da – out. 1865, p. 401
Paul Auguez e seu livro – mar. 1858, p. 106
reconhecimento da – out. 1865, p. 404
representação da * para a Doutrina Espírita – dez.
1865, p. 484
teoria do impedimento da – jan. 1862, p. 40
utilidade dos fluidos na – maio 1865, p. 219

MANIFESTAÇÃO ESPÍRITA

charlatanismo e – fev. 1862, p. 83
Condessa de Clérambert e – out. 1867, p. 410
crença na reencarnação e na – abr. 1862, p. 156
Espíritos inferiores e – fev. 1859, p. 66
facilidade de simulação e – abr. 1867, p. 175
história de – dez. 1859, p. 516
Igreja reconhece a existência da – jan. 1868, p. 30
moinho de Vicq-sur-Nahon e – abr. 1867, p. 170
objetivo essencial da – abr. 1866, p. 145
realidade da – mar. 1859, p. 99
sinais inteligentes e – fev. 1860, p. 75
teoria da – mar. 1859, p. 99
tese do sobrenatural e – abr. 1864, p. 152
testemunho de – jan. 1861, p. 46
utilidades da – abr. 1866, p. 147
Vicente de Paulo e – ago. 1858, p. 336

MANIFESTAÇÃO ESPONTÂNEA

finalidade da – abr. 1869, p. 162

ÍNDICE GERAL

opinião pública e – abr. 1867, p. 177
similitude de fluidos e – fev. 1865, p. 77
teoria da – ago. 1861, p. 347
utilidade da – dez. 1861, p. 542

MANIFESTAÇÃO FÍSICA *ver também* Efeitos físicos

ação dos Espíritos sobre a matéria na – jan. 1858, p. 34
adolescente de treze anos provoca – jul. 1860, p. 296
advertência de São Luís sobre a atenção dada à – ago.
1860, p. 336
agressões por meio de – jun. 1858, p. 244
Allan Kardec e – dez. 1860, p. 528, 530
animismo e – jan. 1858, p. 36
aparição de mãos e – abr. 1858, p. 188
aparição tangível – abr. 1860, p. 184
aspecto de cupidez e curiosidade da – dez. 1869, p. 484
assombração e – fev. 1860, p. 85
atuação das mãos e – maio 1858, p. 197, 198
busca das causas da – jun. 1864, p. 257
Carrier e – abr. 1865, p. 170
caso de aparição e – jul. 1865, p. 293
caso de Lerible e – ago. 1860, p. 355
castelo da Dama Branca e – out. 1858, p. 433
charlatanismo e – fev. 1862, p. 82
Chavaux e – abr. 1865, p. 168
chegada da – set. 1863, p. 358
cidade de Poitiers e – mar. 1864, p. 109
como agir diante da – mar. 1860, p. 125
como se dão os lançamentos de objetos na – ago.
1860, p. 353
condição moral do Espírito e – jan. 1858, p. 37
confirmação de um sonho – jul. 1865, p. 293

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

contradições sobre as causas da – mar. 1860, p. 128
criança comanda a – maio 1858, p. 201
cuidados para evitar fraudes na – jun. 1864, p. 254
curiosidade e objeto de diversão na – dez. 1869, p. 483
Daniel Dunğlas Home e – jan. 1858, p. 38; mar. 1858,
p. 105, 144
derrogação da lei de gravidade e – set. 1860, p. 396
descrição da – abr. 1867, p. 177
dificuldades para a realização de – jul. 1858, p. 294
diversão com a – abr. 1864, p. 156
dúvidas sobre a – jan. 1858, p. 38
Espírito perturbador e – jan. 1863, p. 16
Espíritos brincalhões e – jan. 1860, p. 47; ago.
1860, p. 352
Espíritos superiores e – jun. 1858, p. 237
estátua de Memnom e – mar. 1858, p. 93
execução de música e – jun. 1858, p. 247
exemplo de – jan. 1858, p. 39
fabricante de São Petersburgo e – abr. 1860, p. 181
finalidade da – jul. 1858, p. 297
Flageolet (Espírito mistificador) e – mar. 1868, p. 126
floresta de Dodona e – mar. 1858, p. 93
inconsciência do médium e – jan. 1858, p. 39
Indépendant de la Charente-Inférieure e – maio
1858, p. 232
influência na bússola pela – jun. 1858, p. 245
intenção do Espírito batedor e – ago. 1860, p. 351
interesse da SPEE pela – maio 1860, p. 200
irmã Maria e – jun. 1864, p. 252
irmãos Kettelhut e – ago. 1858, p. 341
Jobert e – dez. 1860, p. 539

ÍNDICE GERAL

jovem e – jan. 1858, p. 39
Marselha e – abr. 1865, p. 168
materialização e – out. 1858, p. 439
mecanismo da – jun. 1858, p. 238
médiun involuntário e inconsciente de – ago. 1860, p. 352
meios para as realizações da – jan. 1858, p. 37
mesa que emite som e – mar. 1858, p. 89
mesas girantes e – jan. 1858, p. 23
moinho de Vicq-sur-Nahon e – abr. 1867, p. 169
natureza do Espírito e – maio 1858, p. 193
naturezas da – mar. 1860, p. 125
objetivos da – out. 1858, p. 436; abr. 1865, p. 145
opinião jurídica de Allan Kardec e – out. 1858, p. 437
origem dos projéteis usados na – ago. 1860, p. 351
originalidade de certa – jul. 1860, p. 297
ossada humana escondida é revelada por – abr.
1860, p. 183
padeiro de Dieppe e – mar. 1860, p. 125
Philippine e – jul. 1858, p. 284
Poitiers e – fev. 1864, p. 70; maio 1864, p. 211
predição de horário para a – maio 1858, p. 203
provas da autenticidade da – jun. 1864, p. 255
quebradeira na padaria e – mar. 1860, p. 127
realidade das – ago. 1859, p. 297
reunião na casa de Senger e – jun. 1858, p. 242
reuniões íntimas e – jul. 1859, p. 270
rua de Noyers e – ago. 1860, p. 334, 349
rua du Bac e – out. 1858, p. 438
seriedade das – jan. 1859, p. 25
sumiço de roupas e – abr. 1860, p. 182
teoria da – maio 1858, p. 193

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

tiptologia alfabética e – jul. 1858, p. 288
utilidade da – jan. 1858, p. 35; set. 1860, p. 386
violência física e – abr. 1860, p. 182
voz direta e – jun. 1860, p. 256
vulgarização da * e Ourches – jun. 1867, p. 260

MANIFESTAÇÃO INTELIGENTE

charlatanismo e – fev. 1862, p. 83
perispírito e – abr. 1864, p. 151

MANIFESTAÇÃO MEDIÚNICA

Espírito é controlado na sua * violenta – fev. 1860, p. 87
generalização da – ago. 1868, p. 331
impossibilidade da * nos animais – maio 1865, p. 185

MANIFESTAÇÕES DE MÉNILMONTANT

milagres e – abr. 1869, p. 151

MANIFESTAÇÕES MEDIÚNICAS AMERICANAS

necessidade das * para instrução própria – jul.
1869, p. 308

MANIQUEUS

migração das almas e os – set. 1868, p. 387

MANOUZA, FEITICEIRA

gnomos e – jan. 1859, p. 46
Nazara e – jan. 1859, p. 48; fev. 1859, p. 83
Noureddin e – jan. 1859, p. 43, 44
Ozara e – jan. 1859, p. 47
sultão e – jan. 1859, p. 48
Tanaple e – jan. 1859, p. 44, 46
transformação de – fev. 1859, p. 87

MANU

vedas indianos e as leis de – jun. 1868, p. 255

MANUAL DE XÉFOLIUS, O

- evocação do autor de – ago. 1865, p. 332
- idéias espíritas e – ago. 1865, p. 327
- identificação do autor de – ago. 1865, p. 333
- lei de causa e efeito e – ago. 1865, p. 327
- pluralidade dos mundos habitados e – ago. 1865, p. 330
- sobrevivência dos Espíritos e – ago. 1865, p. 330
- trecho do prefácio de – ago. 1865, p. 327

MAOMÉ

- caráter e conformação física de – ago. 1866, p. 310
- condição de profeta de – nov. 1866, p. 436
- condição sociopolítica da Arábia e – ago. 1866, p. 305
- costumes excêntricos do povo árabe e – nov. 1866, p. 436
- crises de epilepsia e – ago. 1866, p. 314
- dados biográficos de – ago. 1866, p. 309
- ensino da fatalidade absoluta e – nov. 1866, p. 439
- infância e juventude de – ago. 1866, p. 310
- influência da doutrina de – nov. 1866, p. 435
- Islamismo e – ago. 1866, p. 303; nov. 1866, p. 430
- juízo histórico das ações de – nov. 1866, p. 430
- justificativas do período guerreiro na vida de – nov. 1866, p. 430
- Moisés, Jesus e – ago. 1866, p. 315
- morte de – nov. 1866, p. 430
- opinião do Espírito Mehemet-Ali sobre – abr. 1858, p. 184
- paixões humanas e – nov. 1866, p. 447
- peregrinação a Meca e – nov. 1866, p. 434
- perturbações mentais de – ago. 1866, p. 313
- poetas de Medina e – nov. 1866, p. 430

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

poligamia e – ago. 1866, p. 311; nov. 1866, p. 432
pretensa revelação divina e – abr. 1866, p. 143
progresso humano e – nov. 1866, p. 446
Santíssima trindade e – nov. 1866, p. 441
sonhos e visões de – ago. 1866, p. 312
último discurso de – nov. 1866, p. 434
verdade absoluta e – nov. 1866, p. 445
verdades históricas sobre – nov. 1866, p. 431
virtudes de – nov. 1866, p. 431

MAR, O

comentários sobre o livro – abr. 1861, p. 180

MARAVILHAS CELESTES, AS

Camille Flammarion e o livro – nov. 1869, p. 479

MARAVILHOSO

conceito de – set. 1860, p. 395; dez. 1860, p. 537
descobertas da ciência e o – out. 1862, p. 400
homem e a busca do – out. 1862, p. 398

MARCEAU

túmulo do general – nov. 1858, p. 482

MARCHA DO ESPIRITISMO

apoio das leis de Deus na – out. 1865, p. 410
diferença entre a * e das ciências – set. 1867, p. 385
prudência e segurança na – jul. 1866, p. 263
prudência em querer acelerar a – mar. 1862, p. 114
velocidade da – jan. 1867, p. 18

MARCUS, LIBERTO

Plínio, o moço, e – mar. 1859, p. 125

MARDOCHÉ R...

concórdia, A, e – ago. 1861, p. 374

ÍNDICE GERAL

evocação de – mar. 1861, p. 142
Terra prometida, A, e – out. 1861, p. 460

MARIA DA RÚSSIA

caráter da – mar. 1868, p. 124
cartas de João Gaspar Lavater à – mar. 1868, p. 111
João Gaspar Lavater se corresponde com – abr. 1868,
p. 147; maio 1868, p. 189
mediunidade da – mar. 1868, p. 125

MARIA DE AGREDA

confissões de – nov. 1860, p. 522
dados biográficos sobre – nov. 1860, p. 519

MARIA, MÃE DE JESUS

gravidez de * segundo Roustaing – jun. 1866, p. 259

MARILLON

sonambulismo e – nov. 1858, p. 474

MARIONNETTE, LA

resposta do jornal * para Allan Kardec – ago.
1867, p. 352

MAROTTE, ABADE

magnetismo, sonambulismo e – out. 1859, p. 386

MARTE, PLANETA

animais do – out. 1860, p. 468
características geográficas do – out. 1860, p. 467
elementos da Natureza do – out. 1860, p. 468
estágio evolutivo do – out. 1860, p. 466
habitantes do – out. 1860, p. 467
planeta menos adiantado que – mar. 1858, p. 116

MARTIN, HENRI

História da França – jun. 1858, p. 269

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Imortalidade da alma e – set. 1868, p. 390
transmigração e – ago. 1863, p. 329

MARTIN, THOMAS-IGNACE

aparição delega missão a – dez. 1866, p. 474
cartas proféticas de – dez. 1866, p. 488
dados biográficos de – dez. 1866, p. 473
dialoga com Luís XVIII – dez. 1866, p. 486
examinado como louco pelo Dr. Pinel – dez. 1866, p. 482
Luís XVIII e – dez. 1866, p. 473
novas aparições surgem para – dez. 1866, p. 477
recebe novas instruções da aparição – dez. 1866, p. 479

MARTINISTAS

seita dos – out. 1859, p. 400

MÁRTIR(ES) DO ESPIRITISMO

como convém ser – jun. 1862, p. 265
perseguições e – set. 1862, p. 373
Santo Agostinho e os – abr. 1862, p. 174

MÁRTIRES

fanatismo e produção de – abr. 1862, p. 177

MÁRTIRES DO CRISTIANISMO

cidade de Lyon e os – out. 1860, p. 444

MÁS INCLINAÇÕES

maus Espíritos e nossas – dez. 1862, p. 497

MASSACRE DE SÃO BARTOLOMEU *ver também* Noite de São Bartolomeu

Carlos IX e o – set. 1858, p. 386
reis franceses e o – set. 1858, p. 385

MASSÉ, RABINO BENJAMIM

pecado original e – nov. 1868, p. 457

ÍNDICE GERAL

MASSILON

dissertação espírita de – abr. 1861, p. 192

Roma e – out. 1861, p. 457

MATÉRIA

ação do fluido magnético sobre a – jan. 1861, p. 49

ação dos Espíritos sobre a – jan. 1858, p. 58; ago.

1859, p. 304

apego à – dez. 1859, p. 477

ciências vulgares e – jun. 1859, p. 227

corpo físico e sublimação da – maio 1865, p. 214

corpos sólidos, fluídicos e – maio 1863, p. 223

depuração fluídica e – maio 1865, p. 219

escola materialista e homenagem à – fev. 1869, p. 76

fatalidade nas leis que regem a – jul. 1868, p. 281

leis da – jan. 1859, p. 12

livre-arbítrio e predominância da – out. 1863, p. 430

observações da ciência e – mar. 1866, p. 104

pensamento e alteração nas propriedades da – out.

1858, p. 425

perispírito e sublimação da – maio 1865, p. 214

visão da * eterizada – jun. 1858, p. 239

MATÉRIA ETÉREA

transformação da – ago. 1859, p. 304

MATERIALISMO

características do – dez. 1859, p. 466

caráter do – ago. 1868, p. 323

condição da mulher segundo o – jan. 1866, p. 18

condição do homem e – ago. 1868, p. 317

consagração da fatalidade e – jul. 1868, p. 281

desinteresse pela verdade e – out. 1866, p. 400

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

dignidade do homem e – mar. 1869, p. 101
Direito civil e – ago. 1868, p. 323
Direito e – ago. 1868, p. 315
Doutrina Espírita e – abr. 1861, p. 153
egoísmo e – dez. 1859, p. 466
ensino público do – mar. 1861, p. 119
Espiritismo e – set. 1858, p. 364; dez. 1859, p. 467; jan.
1861, p. 56; nov. 1861, p. 512; jan. 1863, p. 36; fev.
1863, p. 91; jun. 1863, p. 241; set. 1863, p. 375; ago.
1865, p. 307
falência atual do – ago. 1868, p. 316
frenologia e – abr. 1862, p. 144
Herrenschneider e os princípios do – jun. 1868, p. 262
ineficiência da Igreja no combate ao – jan. 1868, p. 29
inexistência do Direito e – ago. 1868, p. 322
instrumento do progresso – out. 1864, p. 427
método científico do – ago. 1868, p. 319
negação da liberdade e – jul. 1868, p. 281
nuanças do – jan. 1867, p. 20
origem das tendências e – jun. 1866, p. 222
princípio da reencarnação, panteísmo e – jan. 1867, p. 29
princípio vital e – set. 1863, p. 360
professor público e o ensino do – ago. 1868, p. 323
razões de ser do – ago. 1868, p. 318
ruína da lei moral e – ago. 1868, p. 318
sociedade humana e – set. 1863, p. 356
teses do sobrenatural e do maravilhoso e – set.
1860, p. 398
 vaidade e – set. 1860, p. 411
vontade de agir e – ago. 1868, p. 322

ÍNDICE GERAL

MATERIALISMO CIENTÍFICO

máximas vergonhosas do chamado – ago. 1868, p. 318

MATERIALISMO FILOSÓFICO

materialismo fisiológico e – ago. 1868, p. 319

MATERIALISMO FISIOLÓGICO

materialismo filosófico e – ago. 1868, p. 319

MATERIALISMO MODERNO

pesquisa das causas dos fatos e – ago. 1868, p. 320

MATERIALISTA

consolação do – jun. 1861, p. 277

conversão de um – maio 1862, p. 206; set. 1863, p. 377

Espiritismo e fé do * obstinado – nov. 1863, p. 458

espírita e – dez. 1859, p. 468

grandeza de caráter de um ex – jul. 1858, p. 311

Igreja e * obstinado – nov. 1863, p. 458

leitura das obras de Allan Kardec converte um – maio 1862, p. 196

livres-pensadores e – maio 1863, p. 225

médicos homeopatas e – jan. 1869, p. 28

pensamento do – jan. 1863, p. 27

perpetuidade da idéia – maio 1863, p. 226

quadro do fim de um – abr. 1859, p. 131

sofrimento de um Espírito – maio 1868, p. 209

suplício do – maio 1863, p. 225

teoria do * e Franz Josef Gall – mar. 1861, p. 123

MATERIALISTA POR SISTEMA

características do – jan. 1867, p. 20

MATERIALISTA SENSUALISTA

considerações sobre – fev. 1869, p. 78

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

MATERIALIZAÇÃO

Espírito usa de * e pede missa – abr. 1860, p. 184
fenômeno de – out. 1858, p. 440
fluido que promove a – jun. 1858, p. 235
manifestações físicas por – out. 1858, p. 439
necessidade de um médium para a – mar. 1858, p. 99
tangibilidade do Espírito na – fev. 1860, p. 73

MATERNIDADE

instinto e – fev. 1862, p. 93

MATHIEU

escrita direta e – out. 1859, p. 381
incredulidade de – out. 1859, p. 381
mediunidade das aves e – set. 1861, p. 398
milagre e – nov. 1859, p. 459

MATHIEU, P. F.

nota de falecimento de – mar. 1864, p. 133

MATILDE

príncipe de Hohenlohe cura – dez. 1866, p. 496

MAUS ESPÍRITOS

ação dos * na expiação – jan. 1865, p. 30
aparecimento dos – set. 1859, p. 343
atração e repulsão dos – maio 1863, p. 199
características dos – set. 1859, p. 348
causas de atração dos – set. 1859, p. 343
combate aos – jan. 1859, p. 17
domínio dos – jul. 1859, p. 268
eficácia da ação magnética e – jul. 1865, p. 286
emprego das palavras duras com – jan. 1865, p. 30
influência dos – out. 1865, p. 401
ingerência dos – set. 1859, p. 343

ÍNDICE GERAL

intromissão dos – ago. 1863, p. 339
linguagem dos – set. 1859, p. 348
manifestação dos * e perigo do Espiritismo – out.
1865, p. 401
manifestação dos * e santos – ago. 1865, p. 315
meios de afastar os – set. 1859, p. 347
neutralização da influência dos – maio 1863, p. 198
obsessão e – set. 1859, p. 350
obsessão, subjugação e – maio 1863, p. 192
possessos de Morzine e – maio 1863, p. 195, 198
preservativo contra – ago. 1863, p. 339
religião e – maio 1863, p. 195
remédio para neutralizar a influência dos – out.
1865, p. 402
tática dos – jul. 1859, p. 268
temor ao exame e – set. 1859, p. 347
Terra e – ago. 1863, p. 339
utilidade da malevolência dos – jan. 1865, p. 30

MAUS FLUIDOS

neutralização dos – maio 1867, p. 188

MAX

mendigo, O, e – jul. 1863, p. 301
reencarnação anterior de – jul. 1863, p. 302

MAXIMILIANO V...

sofrimento de * no Mundo Espiritual – maio
1862, p. 203

MAXWEL

Jules Barbier e o romance – mar. 1867, p. 109

MECA

anjo Gabriel e – ago. 1866, p. 307

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

MECENATO

Doutrina Espírita e – mar. 1858, p. 147

MEDICINA

cultura e divergência na – ago. 1858, p. 328

intuição e – jun. 1860, p. 274

marcha simultânea da mediunidade curadora e – out.
1867, p. 417

médium estuda * com os Espíritos – mar. 1860, p. 122

mediunidade curadora e o exercício ilegal da – nov.
1866, p. 466

uso do magnetismo pela – out. 1858, p. 421

MEDICINA ESPIRITUAL

física espiritual e – mar. 1864, p. 106

MEDICINA FLUÍDICA

medicina terapêutica e – mar. 1868, p. 134

MEDICINA HOMEOPÁTICA

Espiritismo e – ago. 1863, p. 351

medicina fluídica, terapêutica e – mar. 1868, p. 134

MEDICINA MATERIALISTA

médicos espíritas e – jul. 1861, p. 294

MEDICINA MEDIÚNICA

atributo essencial da – out. 1867, p. 415

MEDICINA TERAPÊUTICA

medicina fluídica e – mar. 1868, p. 134

MÉDICO ESPÍRITA

consolação do * ante a morte – nov. 1865, p. 448

MÉDICOS

adeptos do Espiritismo e * homeopatas – jan.
1869, p. 27

ÍNDICE GERAL

desinteresse moral e *-médiuns – out. 1867, p. 416
gratuidade dos *-médiuns – out. 1867, p. 415
materialistas e * homeopatas – jan. 1869, p. 28
medicina materialista e * espíritas – jul. 1861, p. 294
médiuns-médicos e *-médiuns – out. 1867, p. 414
objetivo da atividade dos * depois de mortos – set.
1865, p. 357
reconhecimento do magnetismo pelos – out. 1859, p. 393

MEDITAÇÃO

C. Tschokke e – out. 1868, p. 399

MEDITAÇÃO FILOSÓFICA E RELIGIOSA

Lamennais (Espírito) e – dez. 1861, p. 562

MÉDIUM

adulações e – maio 1860, p. 240
advertência ao – out. 1860, p. 453
afluxo espiritual e – maio 1865, p. 212
Allan Kardec e – out. 1859, p. 395
aparição e – dez. 1859, p. 475
aptidão do – mar. 1859, p. 90; abr. 1859, p. 157; maio
1859, p. 211
aptidão para – fev. 1861, p. 84
aptidões especiais do – set. 1859, p. 360
assuntos estranhos ao – fev. 1865, p. 78
boas mensagens e recolhimento do – nov. 1860, p. 515
bom e caridade – jul. 1863, p. 293
bom e más comunicações – fev. 1859, p. 60
Brasseur e – out. 1859, p. 398
buena-dicha, corridas de Chantilly e – jul. 1865, p. 276
capacidade intelectual do – fev. 1865, p. 75
características do – abr. 1865, p. 162
características do * de Bordeaux – nov. 1861, p. 474

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

causa das aptidões do – fev. 1861, p. 97
comportamento do – out. 1867, p. 434
comportamento do * sério – out. 1865, p. 416
conceito de – maio 1858, p. 217; mar. 1859, p. 89; ago.
1861, p. 363; jan. 1863, p. 15; set. 1865, p. 346; fev.
1866, p. 57
conde de B..., general russo, e – ago. 1859, p. 313
condição orgânica e moral do – abr. 1865, p. 154
condições necessárias ao bom – out. 1867, p. 430
considerações sobre – nov. 1867, p. 451
crítica às comunicações mediúnicas melindram o – jun.
1862, p. 233
definição de – out. 1859, p. 398
dependência do * nos efeitos mediúnicos – out.
1865, p. 416
depreciação do – ago. 1863, p. 336
diferença entre * e magnetizador – set. 1865,
p. 346, 349
dificuldade de expressão do Espírito e – abr. 1865, p. 154
efeitos físicos e emanção dos fluidos do – jun.
1858, p. 239
escrita direta e – out. 1859, p. 395
espírita explica a razão de sua simpatia pelo – mar.
1862, p. 118
Espírito zombeteiro e – jan. 1859, p. 49
evocação do guia espiritual do – abr. 1865, p. 155
exibições públicas e participação do – out. 1865, p. 417
faculdades do – abr. 1865, p. 161
falsos profetas e – jul. 1863, p. 285
fé, orgulho e – dez. 1863, p. 516
fenômenos espíritas, prestidigitadores e – mar.
1863, p. 140
fenômenos físicos e – jul. 1861, p. 315

ÍNDICE GERAL

fenômenos mediúnicos e – ago. 1861, p. 367
fluidos espirituais e – maio 1865, p. 212
garantia dos fenômenos espíritas e – out. 1865, p. 418
gratuidade na faculdade do – out. 1867, p. 415
grupos espíritas grandes e diversidade de opiniões do –
out. 1860, p. 446
importância da afinidade de conhecimentos do – out.
1867, p. 413
importância da boa assistência do – abr. 1865, p. 155
impulso fluídico corporal e – maio 1865, p. 212
impulso fluídico material e – maio 1865, p. 212
inaptidão do * para receber pensamentos – abr.
1865, p. 152
inconveniente de impor um * ao Espírito – maio
1865, p. 191
independência do – out. 1859, p. 402
influência de um médium no desenvolvimento de outro
– jul. 1860, p. 292
influência dos conhecimentos do – jun. 1863, p. 257
influência dos Espíritos sobre o – dez. 1863, p. 512
influência espiritual e – out. 1858, p. 416; maio
1865, p. 213
influência fluídica material e – maio 1865, p. 213
instantaneidade das curas e – set. 1865, p. 348
Instrução Prática sobre as Manifestações e – out.
1859, p. 396
instrumentos e – out. 1859, p. 398
inveja e – jun. 1862, p. 234
jovem camponesa e – dez. 1865, p. 486
lei e o, A – jul. 1867, p. 276
milagres segundo a Igreja e – mar. 1869, p. 118
missão do – dez. 1866, p. 493
mistificação e – ago. 1863, p. 332

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

modo de atuação do – out. 1867, p. 417
momento da comunicação e proteção ao – jan.
1860, p. 58
moralidade do – jul. 1861, p. 315
movimento da matéria inerte e – ago. 1861, p. 366
necessidade absoluta do – set. 1865, p. 347
necessidade do * para instrução própria – jul.
1869, p. 308
orgulho e egoísmo, obstáculos ao – set. 1865, p. 348
orgulho presunçoso do – dez. 1863, p. 512
origem do influxo fluídico no – set. 1865, p. 348
papel do – dez. 1859, p. 495, 520, 525
papel do * nas comunicações – jul. 1861, p. 322
pensamento do – set. 1859, p. 376; dez. 1859, p. 511
perigo da fascinação e – abr. 1860, p. 171
primeira qualidade de um – ago. 1860, p. 340
principal mérito do – ago. 1864, p. 344
privilégio exclusivo da verdade e – dez. 1863, p. 515
qualidades que deve ter um – jul. 1858, p. 276
reconhecimento do – set. 1865, p. 349
regras da poesia e – abr. 1859, p. 167
ressonância fluídica e – fev. 1865, p. 77
reuniões espíritas e ausência de – fev. 1861, p. 79
reuniões espíritas e escassez de – fev. 1861, p. 74
revelador e – set. 1867, p. 360
sonâmbulo e – maio 1859, p. 203
subjugação do – fev. 1859, p. 57
supostas missões do – dez. 1863, p. 511
tentação do – dez. 1863, p. 511
variedade de – mar. 1859, p. 91
verdadeira superioridade e – abr. 1865, p. 162
vidente da floresta de Zimmerwald e – out. 1865, p. 388

ÍNDICE GERAL

vigário, um * sério – abr. 1869, p. 164
virtudes necessárias ao – set. 1865, p. 348
visualização do Espírito e – jan. 1859, p. 23

MÉDIUM ADOLESCENTE

profusão de escritos por um – jul. 1860, p. 296

MÉDIUM AMERICANO

fenômenos espíritas e – mar. 1863, p. 139
Paris festeja – fev. 1862, p. 80

MÉDIUM AUDIENTE

características do – out. 1859, p. 397
faculdade do – abr. 1859, p. 136
intenção de suicídio é revelada ao – nov. 1864, p. 465

MÉDIUM BRETÃO

extrato dos manuscrito de um – fev. 1868, p. 57

MÉDIUM CONSULTOR

conceito de – set. 1865, p. 346

MÉDIUM CURADOR

Adrien e * vidente – jan. 1859, p. 20
aptidão do – abr. 1859, p. 157
aptidão do * de Bordeaux – mar. 1859, p. 90
boa qualidade do * inconsciente – fev. 1859, p. 52
buena dicha e * universal – jan. 1859, p. 16
características do – fev. 1859, p. 55; mar. 1859, p. 91;
out. 1859, p. 397; set. 1865, p. 350
conceito de – nov. 1866, p. 463
concurso dos Espíritos e o – nov. 1866, p. 463
cuidados que deve ter o – nov. 1866, p. 467
Désirée Godu – mar. 1860, p. 121
dificuldade do – mar. 1859, p. 91
especialidades do – nov. 1866, p. 464

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Espíritos maus e – fev. 1859, p. 55
evocação de – jun. 1861, p. 265
exemplos de procedimentos do – nov. 1866, p. 467
feiticeiro de Cauderan e – ago. 1867, p. 321
Hitoti, chefe taitiano (Espírito) e – mar. 1859, p. 118
inexistência de – set. 1865, p. 350
jornal *Médium Evangélico* e – jan. 1865, p. 48
médium inerte e – out. 1859, p. 396
Nichol – mar. 1869, p. 117
palavras de um – out. 1865, p. 420
Paul Lambardo e – jul. 1863, p. 288
príncipe de Hohenlohe autêntico – dez. 1866, p. 493
virtudes de um – jan. 1864, p. 21; nov. 1866, p. 470
vontade e – jan. 1864, p. 22

MÉDIUM DE DUPLA VISTA

características do – out. 1859, p. 397

MÉDIUM DE EFEITOS FÍSICOS

conseqüência do abuso do – mar. 1859, p. 95
desprezo ao – mar. 1859, p. 93
Espíritos inferiores e – mar. 1859, p. 95
fraude e – mar. 1859, p. 96
segurança do – mar. 1859, p. 95
variedades do – mar. 1859, p. 89

MÉDIUM DE TRANSPORTE

categorias de – mar. 1859, p. 89

MÉDIUM DESENHISTA

conceito de – jan. 1859, p. 13

MÉDIUM ESCREVENTE

aptidão do – maio 1859, p. 211
eficiência do – jan. 1859, p. 14
papel do – dez. 1859, p. 495

ÍNDICE GERAL

MÉDIUM ESCREVENTE INTUITIVO

características do – mar. 1859, p. 90
dificuldade do – mar. 1859, p. 91
papel do – mar. 1859, p. 90

MÉDIUM ESCREVENTE MECÂNICO

características do – mar. 1859, p. 90
fraudes espíritas e – abr. 1859, p. 146
garantias do – abr. 1859, p. 146

MÉDIUM ESPECIAL

aptidões fisiológicas do – fev. 1860, p. 78
causas das aptidões do – fev. 1860, p. 77
elementos essenciais ao – fev. 1860, p. 77
estudo sobre – fev. 1860, p. 76
natureza das comunicações do – fev. 1860, p. 76

MÉDIUM EVANGÉLICO

aptidão do – maio 1859, p. 211

MÉDIUM EVANGÉLICO, O

objetivos do jornal – jan. 1865, p. 48

MÉDIUM EXTÁTICO

causas da alteração da faculdade do – nov. 1866, p. 461
prudência com as revelações do – nov. 1866, p. 461

MÉDIUM FALANTE *ver também* Médiun psicofônico

características do – out. 1859, p. 397
efeitos intelectuais e – mar. 1859, p. 89

MÉDIUM FORTE

escamoteadores e – abr. 1859, p. 142

MÉDIUM GRAVADOR

Victorien Sardou – jul. 1858, p. 319

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

MÉDIUM IMPERFEITO

conceito de – jun. 1860, p. 268

Espíritos bons servem-se de – jun. 1860, p. 268

MÉDIUM IMPRESSIONÁVEL

características do – out. 1859, p. 397

MÉDIUM INCONSCIENTE

aptidão do – maio 1859, p. 211

conceito de – mar. 1859, p. 89

tarefa do – out. 1867, p. 441

MÉDIUM INERTE

escolhos do – mar. 1859, p. 91

Espírito familiar e – jan. 1859, p. 43

Espíritos levianos e – fev. 1859, p. 54

Espíritos superiores e – fev. 1859, p. 54

MÉDIUM INICIANTE

fraqueza de caráter e – fev. 1859, p. 55

MÉDIUM INSPIRADO

influência do meio e – jan. 1859, p. 23

MÉDIUM INTERESSEIRO

consultas, sessões remuneradas e – mar. 1859, p. 94

Espíritos superiores e – mar. 1859, p. 94

exploração dos Espíritos e – mar. 1859, p. 94

objetivos do – mar. 1859, p. 94

MÉDIUM INTUITIVO

influência dos Espíritos e – fev. 1859, p. 54

irradiação fluídica e – jan. 1859, p. 23

orgulho e – fev. 1859, p. 57

MÉDIUM LEVIANO

Erasto (Espírito) e – ago. 1861, p. 356

ÍNDICE GERAL

MÉDIUM MECÂNICO

atuação do – out. 1859, p. 396

papel do – mar. 1859, p. 89

prova da superioridade moral do – fev. 1859, p. 55

MÉDIUM MENTAL

características e delicadeza do – mar. 1866, p. 128

MÉDIUM MERCENÁRIO

desinteresse e – abr. 1859, p. 143

sonâmbulos assalariados e – abr. 1859, p. 168

MÉDIUM OBSIDIADO

papel do – out. 1859, p. 397

qualidade do – jan. 1859, p. 15

MÉDIUM PERFEITO

papel do – out. 1859, p. 397

qualidades morais do – fev. 1861, p. 97

MÉDIUM PINTOR

crianças e – mar. 1865, p. 115

MÉDIUM PSICOFÔNICO *ver também* Médiun falante

características do – mar. 1866, p. 128

MÉDIUM PSICÓGRAFO

conceito de – fev. 1859, p. 51

escolhos do – mar. 1859, p. 94

Espíritos levianos e – fev. 1859, p. 58

MÉDIUM RECEITISTA

aptidão do – mar. 1859, p. 92

vidência e – jun. 1868, p. 231

MÉDIUM SONAMBÚLICO

causas da alteração da faculdade do – nov. 1866, p. 461

cuidados que se deve ter com o – nov. 1866, p. 456

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

MÉDIUM TRAPACEIRO

Mathieu e – ago. 1861, p. 352

MÉDIUM UNIVERSAL

impossibilidade da existência de – abr. 1865, p. 154

MÉDIUM VERSIFICADOR

Vavasseur e – ago. 1866, p. 340

MÉDIUM VIDENTE

características do – out. 1859, p. 397

Demeure e Sr^a. G... – abr. 1865, p. 159

desencarnado acredita-se – set. 1864, p. 379

identifica obsessão – jun. 1868, p. 232

modo como agia com o copo – jun. 1868, p. 233

prova de identidade do Espírito e Sr^a. G... – abr. 1865, p. 159

visão, cura e Sr^a. G... – abr. 1865, p. 158

MÉDIUM-MÉDICO

Clérambert, Condessa de, e – out. 1867, p. 410

MEDIUNIDADE

abade Dégenettes e dom da – ago. 1865, p. 316

ação da vontade do homem e – mar. 1869, p. 137

Allan Kardec e – nov. 1861, p. 491

Apolônio de Tiana e – out. 1862, p. 397

bons Espíritos e – mar. 1859, p. 95

caráter da – out. 1860, p. 449

causas da influência negativa na – dez. 1862, p. 494

charlatanismo e conhecimento da – maio 1865, p. 214

comercialização da – dez. 1864, p. 496, 505

conceito de – fev. 1859, p. 51; out. 1859, p. 397; out.

1864, p. 402; maio 1865, p. 212; out. 1865, p. 416; jan.

1869, p. 35

ÍNDICE GERAL

condição moral do homem e – jun. 1860, p. 267
criança e * de efeitos físicos – maio 1858, p. 207
cuidados que se deve ter no exercício da – mar.
1866, p. 125
Daniel Dunğlas Home e sua – mar. 1858, p. 143
desafio à – jan. 1858, p. 49
desejo de possuir – out. 1858, p. 404
desenvolvimento da – ago. 1861, p. 364
desfiguração da – mar. 1869, p. 138
Désirée Godu e – dez. 1859, p. 531
disseminação da – out. 1869, p. 419
diversidade do progresso da – out. 1858, p. 407
dom da – fev. 1859, p. 52
dúvidas sobre ter – jul. 1858, p. 275
entusiasmo e desenvolvimento da – out. 1858, p. 408
escolhos da – fev. 1859, p. 51; maio 1860, p. 242; jan.
1863, p. 20
especificidade da – jul. 1866, p. 295
Espiritismo condena a exploração da – mar. 1866, p. 114
estudo sobre a – maio 1865, p. 211
faculdade para glorificar a Deus – mar. 1866, p. 115
fictícia e abusiva – fev. 1864, p. 57
finalidade da – mar. 1859, p. 95
generalidade da – ago. 1867, p. 344
grupo espírita fecha pela falta de clientes da – dez.
1864, p. 507
importância da * para o Espiritismo – jan. 1869, p. 34
infinitas nuances tem a – jul. 1866, p. 294
inspiração, A, e – mar. 1869, p. 136
inutilidade da proibição da – set. 1862, p. 369
Jean Hilaire e a – ago. 1864, p. 341
Jobard reprova a mercantilização da – dez. 1864, p. 499

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

loucura e – jan. 1863, p. 20
matéria inerte, animais e – ago. 1861, p. 366
maus Espíritos e – jan. 1863, p. 22
maus espíritos e ataque à – ago. 1868, p. 348
mérito e – fev. 1859, p. 52
natureza da – jun. 1858, p. 237
novo gênero de – jul. 1861, p. 309
orgulho e – mar. 1860, p. 124
polígrafa em adolescente – ago. 1860, p. 371
potencialidade da – jun. 1858, p. 240
privilégio e – fev. 1859, p. 51
profissionalismo com a – fev. 1864, p. 55; dez.
1864, p. 503
qualidades da * de Allan Kardec – set. 1867, p. 379
racionalidade e desenvolvimento da – out. 1858, p. 408
regularidade e pontualidade no exercício da – out.
1865, p. 417
Rogers, M. E. * de pintura – nov. 1858, p. 467
sonambulismo e – maio 1859, p. 203
tipos de – fev. 1865, p. 70
tipos de Espíritos e perigo da – out. 1858, p. 409
uso cristão da – nov. 1860, p. 515
valor da – ago. 1863, p. 338
vantagens em se ter – jun. 1860, p. 265
vontade dos Espíritos e uso da – mar. 1864, p. 107

MEDIUNIDADE AUDITIVA

Abade Dégenettes e – ago. 1865, p. 314, 316

MEDIUNIDADE CURADORA

abrangência da – set. 1865, p. 345
ação simultânea do fluido espiritual e humano na – set.
1865, p. 348

ÍNDICE GERAL

almas de escol e * pura – set. 1865, p. 350
anúncio público da – set. 1865, p. 351
atributo essencial da – out. 1867, p. 415
caminho do coração e – set. 1865, p. 344
características da – abr. 1865, p. 162; set. 1865, p. 346,
348, 351
concurso dos Espíritos depurados e – nov. 1866, p. 467
condição moral do médium e a – nov. 1866, p. 467
condições exigidas para eficácia da – set. 1865, p. 344
condições requeridas para * racional – set. 1865, p. 351
conselhos sobre – out. 1867, p. 428
considerações sobre a – nov. 1866, p. 463
depende de uma disposição orgânica – nov. 1866, p. 467
desenvolvimento da * nos homens de ciência – out.
1867, p. 417
domínio público da – set. 1865, p. 344
Espiritismo e * racional – set. 1865, p. 351
Espiritismo e estudo da – set. 1865, p. 345
Espíritos encarnados e instrumentos da – out.
1867, p. 421
estudos dos fluidos e desenvolvimento da – jan.
1864, p. 19
Evangelho segundo o Espiritismo, O, e – set.
1865, p. 345
exceção da * pura na Terra – set. 1865, p. 348
exclusividade na escolha dos doentes e – out.
1867, p. 434
exercício ilegal da Medicina e – nov. 1866, p. 466
generalidade e universalidade da – abr. 1865, p. 161
importância da prece na – out. 1867, p. 434
imposição das mãos e – set. 1865, p. 343

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

justificativas para desenvolvimento da – set. 1865, p. 345
Livro dos Médiuns, O, e – set. 1865, p. 345
marcha simultânea da medicina e – out. 1867, p. 417
medicina, médicos e – nov. 1866, p. 465; out. 1867, p. 417
melhoramento moral e – out. 1867, p. 433
nuanças que apresentam a – nov. 1866, p. 464
profissão e – abr. 1865, p. 162
propagação da – nov. 1866, p. 461
propagação do Espiritismo e – out. 1867, p. 427
qualidades do fluido do médium e – nov. 1866, p. 464
resumo dos princípios fundamentais da – set. 1865,
superstição e – nov. 1866, p. 466
tipos de – out. 1867, p. 422
tratamento da obsessão e – nov. 1866, p. 465
trihará sobre a incredulidade – nov. 1866, p. 465

MEDIUNIDADE DA GARRAFA

correspondente da Espanha e – ago. 1868, p. 346

MEDIUNIDADE DAS AVES

carta de Mathieu e – set. 1861, p. 398

MEDIUNIDADE DEMONÍACA

patriarca José e – nov. 1865, p. 464

MEDIUNIDADE DO COPO

antiguidade da – jun. 1868, p. 237
assinante de Palermo e a – ago. 1868, p. 347
casa do duque de Orléans e – ago. 1868, p. 342
particularidade notável da – jun. 1868, p. 237
vidente e – jun. 1868, p. 231

MEDIUNIDADE ESPONTÂNEA

revelação da – dez. 1865, p. 486

ÍNDICE GERAL

MEDIUNIDADE INCONSCIENTE

Clérambert, Condessa de, e – out. 1867, p. 409
obra-prima e – fev. 1865, p. 75
Romance do Futuro e – nov. 1867, p. 450

MEDIUNIDADE INTUITIVA

voz da consciência e – mar. 1869, p. 136

MEDIUNIDADE INVOLUNTÁRIA

Porry e – nov. 1859, p. 428

MEDIUNIDADE MECÂNICA

versos inéditos e – dez. 1859, p. 516

MEDIUNIDADE MENTAL

desdobramento consciente e – mar. 1866, p. 124
desprendimento do Espírito e progresso da – mar.
1866, p. 129
vidência, psicofonia e – mar. 1866, p. 127

MEDIUNIDADE NAS CRIANÇAS

Gabriel Delanne e – out. 1865, p. 430

MEDIUNIDADE NOS ANIMAIS

Allan Kardec e – ago. 1861, p. 367
cartas marcadas e – ago. 1861, p. 368
Erasto e – ago. 1861, p. 363

MEDIUNIDADE OSTENSIVA

aparições e – ago. 1859, p. 324

MEDIUNIDADE SEMIMECÂNICA

jovem camponesa e – dez. 1865, p. 488

MÉDIUNS

Luos (Espírito) e – abr. 1861, p. 195

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

MÉDIUNS PAGOS

manifestações mediúnicas americanas e – ago.
1861, p. 342

MÉDIUNS-MÉDICOS

médicos-médiuns e – out. 1867, p. 414

MEDO

fisiologia do – out. 1858, p. 424
ignorância e * do futuro – fev. 1868, p. 83
influência do * nas doenças infecciosas – nov.
1865, p. 446
influência espiritual e – out. 1858, p. 423
teoria da origem do – out. 1858, p. 423

MEDO DO DIABO

caso de loucura causada pelo, Um – fev. 1869, p. 71

MEDO DOS ESPÍRITOS

Rowe e o – nov. 1868, p. 451

MEHEMET-ALI (ESPÍRITO)

antigo paxá do Egito – abr. 1858, p. 182
Islamismo e a opinião de – abr. 1858, p. 185

MEIO AMBIENTE

influência do – jan. 1859, p. 24

MEMBRO DA FAMÍLIA, UM

Comunicações espontâneas de – dez. 1859, p. 509

MEMNOM

fraudes praticadas pelos sacerdotes de – mar. 1858, p. 94

MEMÓRIA(S)

características da – jul. 1861, p. 290
conservação da – ago. 1863, p. 327

ÍNDICE GERAL

Espírito relata suas – maio 1866, p. 196
existências inferiores e – ago. 1863, p. 329
imortalidade e – ago. 1863, p. 326
momento da desencarnação e revisão da – mar.
1862, p. 108
vigília, sono e – ago. 1863, p. 327

MENDICÂNCIA

provação e expiação pela – ago. 1864, p. 335

MENEZES, LUIZ OLYMPIO TELLES DE

Eco de Além-Túmulo, O, e – nov. 1869, p. 474

MENINO E O ATEU, O

poesia enviada pela Sociedade Espírita Africana – out.
1862, p. 425

MENINO E O RIACHO, O

Espírito Basílio e parábola – dez. 1859, p. 504

MENINO JESUS

quadro pintado por Ingres – jun. 1862, p. 246

MENSAGEM APÓCRIFA

Espírito denuncia – dez. 1864, p. 497
médium fascinado e – out. 1858, p. 410

MENSAGEM DE CARLOS MAGNO

França, A – mar. 1861, p. 149

MENSAGENS ESPÍRITAS *ver* Mensagens mediúnicas

MENSAGENS MEDIÚNICAS

bom senso e caridade na crítica às – jul. 1860, p. 329
crítica ponderada às – jul. 1860, p. 329
cuidados que se deve ter para publicar as – jul.
1860, p. 328

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Espiritismo e – abr. 1860, p. 175
julgamento oportuno às – jul. 1860, p. 330
necessidade de se julgar as – abr. 1866, p. 153
pressuposto autor e conteúdo de – nov. 1860, p. 506
princípios para análises das – jul. 1860, p. 330

MERCIER

magnetismo e – out. 1859, p. 410
Tableau de Paris e – out. 1859, p. 400

MERCÚRIO, PLANETA

características do – set. 1859, p. 366
vida no – mar. 1858, p. 109

MÉRITO

livre-arbítrio e verdadeiro – out. 1863, p. 430

MÉRY, JOSEPH

lamentações do Espírito – jul. 1866, p. 290
lembranças de suas existências – nov. 1864, p. 438
momento da desencarnação de – jul. 1866, p. 291
morte de – jul. 1866, p. 285

MESAS DANÇANTES *ver* Mesas girantes

MESAS FALANTES *ver também* Mesas girantes

ensinamentos diversos ditados pelas – abr. 1868, p. 181
História da Humanidade e as – set. 1860, p. 411
mesas dançantes e – jan. 1858, p. 31

MESAS GIRANTES *ver também* Mesas falantes

Abade Lacordaire e – fev. 1867, p. 70, 71
alvorço causado pelo fenômeno das – abr. 1869, p. 156
causa do movimento das – fev. 1861, p. 70
causas inteligentes e as – jan. 1858, p. 58, 59
Désirée Godu e as – mar. 1860, p. 121

ÍNDICE GERAL

distração e – ago. 1859, p. 300
esclarecimentos sobre as – mar. 1858, p. 90
Espiritismo e – set. 1860, p. 400; abr. 1861, p. 167; dez.
1863, p. 504; ago. 1865, p. 305; out. 1865, p. 413; nov.
1865, p. 443; ago. 1867, p. 339
Espíritos superiores e – mar. 1859, p. 93
exclusão de fraude no caso de – mar. 1858, p. 87
explicação dos fenômenos das – ago. 1868, p. 325
fenômeno das – out. 1859, p. 405
fenômenos espíritas e as – jan. 1858, p. 23
finalidade das – dez. 1858, p. 528
Gabriel Delanne e – out. 1865, p. 429
história da humanidade e as – dez. 1860, p. 535
Jourdan Louis e – abr. 1861, p. 161
Livro dos Médiuns, O, e fenômeno das – fev. 1861, p. 69
Luis Figuier e as – set. 1860, p. 408
mecanismo do fenômeno das – abr. 1864, p. 151
mesas volantes e – out. 1859, p. 419
período da curiosidade e – set. 1863, p. 381
prática das – fev. 1859, p. 80
prestidigitação e as – set. 1862, p. 367
Roma antiga e a existência de – mar. 1860, p. 110
São Luís e – jan. 1861, p. 31
sinais de inteligência e – maio 1863, p. 188
Sofia de Rébinine, princesa, e – jun. 1859, p. 249
tesouros e – jun. 1863, p. 245
variedade dos fenômenos das – ago. 1868, p. 331
vestíbulo da ciência e – mar. 1859, p. 93

MESAS VOLANTES

mesas girantes e – out. 1859, p. 419
Tscherepanoff e – out. 1859, p. 420

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

MESMER

dissidência dos discípulos de – jun. 1858, p. 272
mesmerismo e – ago. 1862, p. 316

MESMERISMO

Mesmer e a prática do – ago. 1862, p. 316

MESSIAS *ver também* Apóstolos do Espiritismo, Messias do Espiritismo

categorias de – fev. 1868, p. 77
chegada do novo – fev. 1868, p. 76
como proceder a identificação de um – mar. 1868, p. 110
conceito espírita do termo – mar. 1868, p. 107
Deus e a escolha de um – mar. 1868, p. 106
diferença entre simples missionário e um – mar.
1868, p. 108
Espiritismo e o futuro – fev. 1868, p. 79
Espiritismo e seus – fev. 1868, p. 73
França e o nascimento de um novo – fev. 1868, p. 75
homens de gênios são os – abr. 1866, p. 141
infallibilidade dos – fev. 1868, p. 78
leis da natureza e a vinda de um – mar. 1868, p. 108
males da humanidade e – ago. 1863, p. 321
religiões e os – abr. 1866, p. 142
segurança pessoal na reencarnação de um – mar.
1868, p. 109
tempo futuro e – maio 1868, p. 228

MESSIAS DO ESPIRITISMO *ver também* Apóstolos do Espiritismo

comentários sobre os – mar. 1868, p. 103
comunicações sobre a vinda de um – mar. 1868, p. 110
momento oportuno para a encarnação do – mar.
1868, p. 105

ÍNDICE GERAL

papel do – mar. 1868, p. 104
verdadeira superioridade de um – mar. 1868, p. 109

METADES ETERNAS

afinidade das almas e – maio 1858, p. 214
conceito de – maio 1858, p. 215
Consolador, O – maio 1858, p. 215, nota
fatalidade e – maio 1858, p. 214
Heloísa e Abelardo e – maio 1858, p. 212
livre-arbítrio e – maio 1858, p. 213
Livro dos Espíritos, O – maio 1858, p. 215, nota
planeta Terra e – maio 1858, p. 212
viuvez e – maio 1858, p. 211

METEMPSICOSE

conceito de – mar. 1867, p. 131
erro grosseiro da – nov. 1869, p. 457
esclarecimentos sobre – jul. 1860, p. 314
Espiritismo e – mar. 1867, p. 131
Espiritismo e impossibilidade da – nov. 1863, p. 459
filósofos e crença na – jan. 1865, p. 46
fundamento da – dez. 1859, p. 482
gregos e – set. 1868, p. 387
Igreja apostólica e – set. 1868, p. 387
imortalidade e – ago. 1863, p. 329
Lamennais e – ago. 1863, p. 329
Michelet e – set. 1868, p. 394
origem e finalidade da – jan. 1865, p. 45
Paulin Capmat e – maio 1868, p. 217
Pitágoras e – nov. 1858, p. 446; ago. 1863, p. 326; jan.
1865, p. 46
pluralidade das existências e – jan. 1865, p. 45
reencarnação e – out. 1863, p. 400; nov. 1863, p. 460

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

religião hindu e – set. 1868, p. 387
Reynaud e conceito de – ago. 1862, p. 329
sermões contra Espiritismo e – jun. 1865, p. 236
SPEE e – dez. 1859, p. 481
Timeu de Locres e – jan. 1865, p. 45

METODIZAÇÃO DE PERGUNTAS

conversa com os Espíritos e – jul. 1859, p. 263
Espíritos sérios e – ago. 1859, p. 301

MÉTODO EXPERIMENTAL

comportamento do Espiritismo como – set. 1867, p. 362

MEUNIER, VICTOR

Magnetismo animal e – jan. 1860, p. 24

MEURICE, PAUL

discurso póstumo à Sra. Victor Hugo e – out.
1868, p. 420

MÉXICO

destruição dos aborígenes do – ago. 1864, p. 325

MIASMAS DELETÉRIOS

morte do corpo físico e – nov. 1865, p. 449

MICHEL, JULES

evocação de – abr. 1861, p. 187

MICHEL, MARC

enterro de – maio 1868, p. 218

MICHELET

metempsicose e – set. 1868, p. 394

MIDARD, JOSEPH

Zuavo de Omagenta e – jul. 1859, p. 277

MIGRAÇÃO DE ESPÍRITOS

maniqueus e – set. 1868, p. 387
reencarnação e a – jan. 1862, p. 20

MIGUEL, SÃO

mistérios da Torre de – nov. 1862, p. 442

MILAGRE

características do – out. 1859, p. 382; ago. 1865, p. 314
caráter do – abr. 1869, p. 151
ciência e – out. 1859, p. 382; set. 1860, p. 403
conceito de – set. 1860, p. 402; jan. 1862, p. 41; dez.
1867, p. 513
demônio e – set. 1863, p. 383
diabo e a realização de – fev. 1862, p. 67
emprego da palavra – maio 1867, p. 189
espíritas e – out. 1859, p. 383
Espiritismo e – fev. 1862, p. 66; jul. 1863, p. 300; set.
1869, p. 357
Espiritismo e acepção etimológica da palavra – maio
1867, p. 191
Espiritismo repudia a palavra – dez. 1867, p. 516
fenômenos espíritas e – maio 1867, p. 190
fenômenos naturais e – dez. 1867, p. 517
Gênese, A, e – dez. 1867, p. 517
Igreja e – jul. 1863, p. 300
Igreja, dogmas e – dez. 1867, p. 517
incredulidade e – set. 1863, p. 383
leis da Natureza, Igreja e – maio 1867, p. 191
manifestações físicas e – abr. 1869, p. 151
Mathieu e – nov. 1859, p. 459
motivo da crença no – out. 1865, p. 415
princípio inteligente fora da matéria é um – fev.
1862, p. 66

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

rápida propagação do Espiritismo deve ser tido como um – fev. 1862, p. 70

realizado por Jesus e os incrédulos – jan. 1868, p. 23

religiões idólatras e a realização de – fev. 1862, p. 67

sacerdotes egípcios e – fev. 1862, p. 67

significado da palavra – out. 1859, p. 381; maio

1867, p. 189

MILAGRE DA IGREJA

santos e – out. 1863, p. 424

MILAGRES DE BOIS-D’HAINE

causas prováveis dos – jun. 1869, p. 252

êxtase cataléptico e – abr. 1869, p. 165; jun. 1869, p. 252

MILAGRES DE JESUS

fé, convicção e os – nov. 1860, p. 510

MILÉSIMA REPRESENTAÇÃO DA DAMA BRANCA

Boïeldieu (Espírito) e – jan. 1863, p. 26

MILITARES

perseguição aos espíritas – jun. 1864, p. 260

MINERAL

teoria da existência da alma no – set. 1868, p. 363

MIRETA

Allan Kardec e resumo do romance – fev. 1867, p. 92, 93, 94

apreciação crítica do romance – mar. 1867, p. 106

considerações dos Espíritos sobre o romance – nov. 1867, p. 473

divulgação da idéia espírita e o romance – fev. 1867, p. 91

objetivo do autor do romance – fev. 1867, p. 92

opinião dos Espíritos sobre o romance – fev. 1867, p. 97

ÍNDICE GERAL

MISCIGENAÇÃO

progresso espiritual pela – ago. 1864, p. 330

MISÉRIA

Deus e a apreciação da falsa – ago. 1858, p. 338

MISÉRIA HUMANA

dissertação sobre – jun. 1860, p. 284

MISSA

Espírito em sonho pede – ago. 1860, p. 370

Espírito pede a celebração de – abr. 1860, p. 184

MISSÃO ESPIRITUAL

assistência espiritual a quem tem uma – dez. 1866, p. 491

caráter da – dez. 1866, p. 492

cuidados com o corpo físico e – maio 1866, p. 210

trabalho e – jun. 1866, p. 254

MISSÃO SÃO-SIMONIANA

Bruneau e a – dez. 1864, p. 522

MISSIONÁRIO DE DEUS

virtudes do verdadeiro – mar. 1868, p. 106

MISSIONÁRIOS

Adolfo, bispo de Argel, e – mar. 1861, p. 148

missão dos Espíritos – mar. 1861, p. 148

MISTÉRIOS DA CRIAÇÃO

felicidade e – nov. 1863, p. 475

Gênese, A, e os – nov. 1868, p. 460

MISTÉRIOS DA NATUREZA

Espiritismo e sondagem dos – ago. 1865, p. 303

MISTÉRIOS DE PARIS

Eugène Sue e – set. 1861, p. 380

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

MISTICISMO

Espiritismo e – out. 1859, p. 421

MISTIFICAÇÃO

causa da – ago. 1863, p. 339

esclarecimentos sobre – abr. 1860, p. 159

Espíritos bons e – jun. 1860, p. 248

médium e – ago. 1863, p. 332

médium inconsciente e – nov. 1867, p. 449

meios de frustrar a – mar. 1862, p. 120

objetivo da – ago. 1863, p. 340

reunião mediúnica séria e – jun. 1860, p. 249

São Luís é vítima de – jun. 1860, p. 248

SPEE e – jun. 1860, p. 247

Spiritualiste de la Nouvelle-Orleans e – jul. 1858, p. 299

utilidade da – maio 1865, p. 217

MITOLOGIA

Espiritismo e – dez. 1860, p. 532

Espíritos inferiores e – ago. 1860, p. 376

idéias espíritas e – set. 1859, p. 376

importância da – nov. 1865, p. 465

MITOLOGIA GREGA

intervenção da mulher na – dez. 1869, p. 523

MITOLOGIA PAGÃ

formação da – abr. 1861, p. 181

MODÉSTIA

virtude rara – jul. 1860, p. 318

MODIFICAÇÃO MOLECULAR

perispírito e – ago. 1859, p. 299; dez. 1859, p. 464

ÍNDICE GERAL

MOFO

teoria da geração espontânea e – jul. 1868, p. 291

MOINHO DE VICQ-SUR-NAHON

manifestações espontâneas e – abr. 1867, p. 169

MOISÉS

criação dos seres vivos e – mar. 1860, p. 118

Deus, tábuas da lei e – jan. 1865, p. 50

divisão da lei de – out. 1863, p. 421

esoterismo, exoterismo e – out. 1863, p. 426

Espiritismo e – dez. 1864, p. 485

filosofia e – abr. 1860, p. 192

formação do homem e – mar. 1866, p. 109

Jesus e a lei de – out. 1863, p. 425

Jesus, Espiritismo e – mar. 1861, p. 144

missão de – mar. 1861, p. 143

moral de – mar. 1861, p. 143

objetivos da lei de – out. 1863, p. 425

pena de morte e – out. 1863, p. 421

primeira revelação e – set. 1861, p. 414

proibição da evocação dos mortos e – out. 1863, p. 421,
422, 423

ressuscitamento da lei de – out. 1863, p. 422

sexto sentido e – out. 1864, p. 395

tempo passado e – maio 1868, p. 228

MOMENTO DA MORTE

revisão da memória no – maio 1862, p. 186

MON VILLAGE

Ponson du Terrail e o romance – mar. 1867, p. 108

MÔNADA ESPIRITUAL

característica da – jul. 1869, p. 305

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

conservação do amor do saber e – jul. 1869, p. 304
Isaac Newton e – jul. 1869, p. 301

MONDE, LE

Espiritismo e – abr. 1863, p. 172

MONDEUX, HENRI

evocação de – jun. 1861, p. 265

MONGES

enclausuramento e os – jul. 1862, p. 274

MONICO, JULES

carta de – ago. 1868, p. 351

MONITEUR

influência do medo e o – out. 1858, p. 423

MONITOR DO ESPIRITISMO NA BAHIA

Eco de Além-Túmulo, O – nov. 1869, p. 474

MONOD, ADOLPHE

oração e – dez. 1859, p. 474

MONÓLOGO DE UM BURRO

fábula de um Espírito batedor – nov. 1862, p. 465

MONOMANIA

Morrisson e – jun. 1858, p. 255

MONOMANIA RELIGIOSA

Stuart e – dez. 1858, p. 523

MONTE SINAI

primeira revelação e – set. 1861, p. 415

MONTE-CRISTO

Espiritismo no romance – jul. 1868, p. 306

MONUMENTO

opinião de Jobard sobre seu – mar. 1862, p. 121

ÍNDICE GERAL

MORADA DAS ALMAS

teoria sobre a – jan. 1862, p. 39

MORAL

diferença entre * divina e humana – abr. 1861, p. 194

dissertação sobre – jun. 1858, p. 254; jul. 1858, p. 275

hereditariedade – jul. 1862, p. 284

reencarnação e diversidade da – nov. 1858, p. 451

MORAL CRISTÃ

mandamentos de Deus e – mar. 1861, p. 144

moral espírita e – set. 1868, p. 371

MORAL DO ESPÍRITO

alteração na manifestação do – mar. 1869, p. 102

modo novo de ensinar a – set. 1866, p. 356

MORAL ESPÍRITA

Allan Kardec e – mar. 1859, p. 103

círculo da – set. 1868, p. 370

François-Nicolas Madeleine e – abr. 1863, p. 184

médium e – out. 1863, p. 435

moral cristã e – set. 1868, p. 371

ortodoxia da – mar. 1865, p. 127

visão da – mar. 1859, p. 104

MORALIDADE

frenologia e – abr. 1862, p. 144

MORHÉRY

estudo sobre os gérmens e – fev. 1859, p. 81

fé raciocinada e – fev. 1859, p. 82

MORIBUNDO

exortação e consolação para o – maio 1858, p. 228

juramento de um – mar. 1858, p. 84

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

MORRER

conceito de – abr. 1865, p. 164

MORTALIDADE

lei numérica e as chances de – jul. 1868, p. 283

MORTE *ver também* Desencarnação

aceitação da – maio 1858, p. 223

amizade continua após a – nov. 1868, p. 449

Apolônio de Tiana e – out. 1862, p. 404

aptidões intelectuais e morais e * do corpo – abr.

1869, p. 148

avisos prévios da chegada da – jul. 1862, p. 303

calma dos espíritas ante a – fev. 1865, p. 60

características espirituais da – maio 1866, p. 188

cardenal Wiseman e temor da – jul. 1865, p. 297

causa de * nos loucos – maio 1865, p. 203

causas do temor da – fev. 1865, p. 57; nov. 1867, p. 481

comportamento do incrédulo e do espírita ante a –

nov. 1865, p. 447

compreensão da vida futura e temor da – fev.

1865, p. 56

conceito de – mar. 1867, p. 138; nov. 1867, p. 480; jul.

1868, p. 302; abr. 1869, p. 144; dez. 1869, p. 515

conceito espírita de – abr. 1864, p. 148

concepção de * para o incrédulo – nov. 1865, p. 448

condição do Espírito após a – jun. 1858, p. 256

consciência no momento da – jun. 1859, p. 232; jun.

1860, p. 271

conservação do caráter após a – dez. 1862, p. 486

considerações sobre – dez. 1865, p. 504; out. 1867,

p. 436; nov. 1867, p. 480

crença na vida futura e temor da – mar. 1865, p. 113

descrição lúgubre da – fev. 1865, p. 59

ÍNDICE GERAL

desprendimento do corpo após a – dez. 1858, p. 501
destino da alma após a – maio 1862, p. 192
destino do corpo físico após a – maio 1865, p. 184
destino dos fluidos espirituais após a – maio 1865, p. 184
destruição das apreensões da – ago. 1859, p. 337
dogma da ressurreição da carne e – dez. 1863, p. 494
druidismo e o conceito de – abr. 1858, p. 158, 165
durante o sono – jan. 1860, p. 40
envoltório corporal e – ago. 1859, p. 299
Espírito retorna ao corpo para a – mar. 1860, p. 134
estado de consciência após a – maio 1863, p. 223
estado de espírito após a – mar. 1859, p. 113
estudo da alma no momento da – dez. 1858, p. 490
filha presente a * do pai – jan. 1868, p. 43
fluido e manifestação da – jun. 1869, p. 235
Hermann e – fev. 1859, p. 73
imortalidade da alma e temor da – fev. 1865, p. 55
infância após a – fev. 1859, p. 79
instantaneidade da – set. 1859, p. 363
lembrança de como foi a sua última – jul. 1860, p. 308
lembrança do passado e – abr. 1859, p. 137
letargia extática e * aparente – set. 1858, p. 387
libertação do temor da – fev. 1865, p. 56
libertação espiritual por * natural – jun. 1858, p. 262
materialista e o momento da – jun. 1862, p. 241
materialista, espiritualista e a – nov. 1868, p. 447
metamorfose da lagarta e analogia com a – jan.
1860, p. 45
misericórdia divina e – nov. 1867, p. 481
modificação da opinião após a – maio 1863, p. 222
momento da – abr. 1865, p. 166
mundo invisível e * do homem – nov. 1867, p. 481
nascimento e – out. 1864, p. 400

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

necessidade de se preparar para a – jul. 1862, p. 303
necessidade do temor da – fev. 1865, p. 55
negadores do futuro e temor da – fev. 1865, p. 92
Park prediz a sua – out. 1858, p. 439
peregrinação para a – jan. 1869, p. 31
perturbação após a – maio 1858, p. 194; set. 1858, p. 391;
abr. 1859, p. 137; maio 1859, p. 195; mar. 1861, p. 135;
mar. 1863, p. 122; ago. 1863, p. 345; abr. 1865, p. 166
predição da – set. 1858, p. 383, 384; ago. 1863, p. 342
pressentimento da – maio 1860, p. 219
primeiras impressões no momento da – jun. 1862, p. 240
primeiros instantes que se seguem à – maio 1858, p. 196
sensação após a – mar. 1859, p. 94; mar. 1861, p. 130;
maio 1862, p. 198; mar. 1867, p. 138
sensação de asfíxia e – jan. 1860, p. 33
separação da alma após – maio 1859, p. 195
separação da alma e do corpo no momento da – dez.
1858, p. 490
situação do Espírito após a – abr. 1864, p. 149; jan.
1869, p. 33
sobrevivência da alma após a – nov. 1863, p. 466
sofrimento após a * violenta – mar. 1858, p. 130
temor da – maio 1859, p. 211; out. 1865, p. 398
temor da * é fruto do desconhecido – nov. 1868, p. 442
temores e fadigas após a – abr. 1865, p. 165
testemunho da – mar. 1861, p. 130
tipos de – dez. 1859, p. 476
visão que o espírita deve ter da – fev. 1866, p. 69

MORTE DE ANTONIO B...

esclarecimentos sobre a – set. 1861, p. 395

MORTE DE LAMARTINE

Luís Desnoyers e – abr. 1869, p. 168

ÍNDICE GERAL

MORTE DOS ESPÍRITAS

conseqüências a tirar da – jul. 1865, p. 288

libertação do orgulho e – jul. 1865, p. 289

MORTE ESPIRITUAL

estudo da situação da – abr. 1865, p. 167

MORTE PREMATURA, UMA

perturbação e – set. 1863, p. 386

MORTE VIOLENTA

Espíritos e – jul. 1859, p. 277

juízo após – set. 1859, p. 363

MORTO(S)

carta de um * ao seu irmão – abr. 1865, p. 152

intercâmbio fraterno com os – dez. 1859, p. 470

MORTOS SOFREDORES E ABANDONADOS

padre Félix e o livro – dez. 1859, p. 470

MORZINE

Constant e crises dos doente de – abr. 1863, p. 153

estudo sobre os possessos de – jan. 1863, p. 13; fev.

1863, p. 57; abr. 1863, p. 145

habitantes de * e Constant – abr. 1863, p. 148, 149

novos detalhes sobre os possessos de – ago. 1864, p. 305

observações do relatório de – abr. 1863, p. 151

possessos da cidade de – dez. 1862, p. 485

possessos de – ago. 1864, p. 308

MOSCAS

decomposição pútrida da carne e – jul. 1868, p. 292

MOTOR A VAPOR

Papin e o – ago. 1860, p. 366

Thilorier e o – ago. 1860, p. 359

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

MOVIMENTO DE OBJETOS

- causa do – mar. 1859, p. 99
- ilusão de óptica e – mar. 1859, p. 99

MOVIMENTO DE TRANSLAÇÃO

- Terra e seu, nota – set. 1868, p. 360

MOVIMENTO DOS CORPOS

- mecanismo do – jun. 1858, p. 240

MOVIMENTO ESPÍRITA

- balanço dos dez anos do – jan. 1868, p. 15
- cidade de Chauny e o – fev. 1862, p. 65
- cidade de Lyon e o – out. 1860, p. 443
- descentralização do comando do – abr. 1860, p. 161
- estrutura social do – maio 1864, p. 196
- França e o – nov. 1860, p. 483
- Lyon e o – nov. 1860, p. 484
- recursos materiais e o – fev. 1862, p. 59
- retrospectiva do – jan. 1867, p. 17
- SPEE e o – maio 1864, p. 196
- torna-se cada vez mais imbatível – dez. 1866, p. 509

MOZART, AMADEUS

- Ave-Maria de – maio 1858, p. 223
- Bryon-Dorgeval e – maio 1859, p. 186
- cartas de – maio 1859, p. 188
- casa de * em Júpiter, nota – jul. 1860, p. 312
- Chopin e – maio 1859, p. 188, 190
- comunicação do Espírito – maio 1858, p. 216
- desenho da casa de – set. 1858, p. 399
- evocação de – maio 1859, p. 187
- habitante de Júpiter – maio 1858, p. 220
- mundos transitórios e – maio 1859, p. 190
- sonata ditado por – maio 1859, p. 186, 191

ÍNDICE GERAL

MUÇULMANOS

atuação do diabo e – ago. 1862, p. 328
céu, felicidade dos crentes e – mar. 1865, p. 97
razões do antagonismo entre cristãos e – nov.
1866, p. 442

MUITOS OS CHAMADOS E POUCOS OS ESCOLHIDOS

Erasto e – jun. 1861, p. 278

MULHER

admissibilidade da * no emprego público – jun.
1867, p. 227
aspectos da – dez. 1865, p. 508
assexualidade do Espírito e a inferioridade da – jan.
1866, p. 15
destino da * instruída – abr. 1868, p. 186
discussão sobre a inferioridade da – jan. 1866, p. 14
dissertação sobre o papel da – dez. 1858, p. 511
Doutrina Espírita e direitos da – jun. 1867, p. 232
dúvidas sobre se a * tem alma – jan. 1866, p. 13
emancipação da * na Inglaterra – jun. 1867, p. 228
Espiritismo e – dez. 1865, p. 508
Espiritismo e poder de compreensão da – nov.
1869, p. 467
Espiritismo e posição social da – jun. 1867, p. 231
Espiritismo, fé robusta e – dez. 1865, p. 507
família, nação e – dez. 1865, p. 510
filosofia egípcia e – dez. 1869, p. 522
grau de bacharel e a – jan. 1866, p. 14
igualdade de direitos e atribuições da – jun. 1867, p. 232
importância da * na Grécia – dez. 1869, p. 522
influência da * no século XIX – dez. 1860, p. 561
influência do Espiritismo sobre a condição da – jun.
1867, p. 234

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

instintos da * grávida – mar. 1859, p. 106
instrução à – abr. 1868, p. 186
Islamismo e a – nov. 1866, p. 434
materialismo, espiritualismo, Espiritismo e a – jan.
1866, p. 18
missão da – abr. 1867, p. 179
motivo de regozijo pela emancipação da – jun.
1867, p. 235
pensamento de emancipação da – jun. 1867, p. 232
preconceito sobre a inferioridade da – jan. 1866, p. 13
predição sobre as realizações futuras da – abr.
1868, p. 186
princípios da Doutrina Espírita e – dez. 1869, p. 519
razões naturais da fragilidade da – jan. 1866, p. 16
reencarnação e a igualdade da mulher perante o
homem e – jan. 1866, p. 15
respeito à * exemplar – dez. 1865, p. 508
Revista Espírita e emancipação da – jun. 1867, p. 230
temor na febre de emancipação da – jun. 1867, p. 233

MULHER DO ESPÍRITA, A

romance de Ange Kéraniou – mar. 1866, p. 135

MULHER ESPÍRITA

multiplicadora de adeptos do Espiritismo – abr.
1868, p. 173

MULHERES TÊM ALMA? AS

emancipação das mulheres e – jun. 1867, p. 230

MÚMIA

história de uma – nov. 1862, p. 442

MUMIFICAÇÃO

egípcios e as razões da – nov. 1858, p. 460

ÍNDICE GERAL

MUMLER, WILLIAM

fotografia dos Espíritos e – jan. 1863, p. 13

MUNDO DAS PLANTAS, O

Camille Flammarion e – dez. 1869, p. 526

MUNDO DE EXPIAÇÃO E DE PROVAS

condições para transformação do – jul. 1865, p. 292

MUNDO DE REGENERAÇÃO

comuna de Koenigsfeld e – jul. 1865, p. 291

MUNDO DOS INVISÍVEIS *ver* Mundo Espiritual

MUNDO ESPÍRITA *ver* Mundo Espiritual

MUNDO ESPIRITUAL *ver também* Além-túmulo, Vida espiritual

amigos no – jan. 1859, p. 16

aperfeiçoamento da aptidão individual no – abr. 1865, p. 153

aprendizagem no – jun. 1866, p. 251

arrependimento e – ago. 1867, p. 337

Cailleux e o – maio 1866, p. 208

característica da população dos Espíritos no – fev. 1865, p. 84

características do – maio 1865, p. 219

ciência e a descoberta do – dez. 1862, p. 493

composição do – dez. 1859, p. 471

comprovações da existência do – out. 1862, p. 400

comuna de Koenigsfeld e – jul. 1865, p. 290

comunicação com o – set. 1862, p. 367

condição do Espírito no – mar. 1862, p. 129

condições ao despertar no – set. 1859, p. 371

condições para reconhecimento dos erros no – dez. 1865, p. 501

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

condições peculiares de habitantes do – nov. 1864, p. 461
conseqüências da comunicação com o – set. 1867, p. 365
contos de fada e o – jun. 1862, p. 243
demonstração das comunicações com o – out.
1863, p. 435
descoberta do – jun. 1859, p. 228
descrição da passagem ao – maio 1863, p. 207
descrição do – fev. 1865, p. 60
desprendimento do corpo e visão do – maio 1862, p. 187
destino do desencarnado no *, segundo Lavater – abr.
1868, p. 147
diferenças entre o mundo corporal e o – jun. 1860, p. 273
diversidade de caráter nos habitantes do – out.
1860, p. 454
diversidade intelectual e moral no – abr. 1860, p. 171
eficácia da punição no – ago. 1867, p. 337
encontro no – mar. 1859, p. 119
entrada dos incrédulos no – ago. 1867, p. 326
entrada no – abr. 1859, p. 133
escória do – abr. 1859, p. 141
Espiritismo e conhecimento do – set. 1867, p. 361
Espírito protetor e – jan. 1859, p. 16
Espíritos adiantados e – maio 1867, p. 222
Espíritos atrasados e – maio 1867, p. 222
Espíritos de animais no – maio 1865, p. 182, 184
Espíritos incrédulos e apreciação do – dez. 1865, p. 497
estudo do – jul. 1859, p. 264
expição e – ago. 1867, p. 337
felicidade de Demeure no – mar. 1865, p. 122
felicidade no – nov. 1868, p. 453
Fénelon e – fev. 1864, p. 88
fenômenos físicos e – ago. 1865, p. 322

ÍNDICE GERAL

fluidos espirituais e fenômenos do – jun. 1868, p. 241
força oculta do – jul. 1859, p. 268
Girard de Codemberg e o – abr. 1862, p. 168
habitantes do – mar. 1858, p. 112
harmonias e sensações no – mar. 1865, p. 100
idéias incompletas sobre o – mar. 1866, p. 103
importância das relações com o – maio 1862, p. 193
influência do mundo físico no – out. 1868, p. 435
ingratidão no – dez. 1862, p. 524
instante da morte e a visão do – jun. 1862, p. 242
intuição do – fev. 1861, p. 90
João Gaspar Lavater e o – mar. 1868, p. 118
João Gaspar Lavater, mundo material e – mar.
1868, p. 123
localização do – mar. 1865, p. 99
M. J.. e – set. 1859, p. 369
manifestações do – jul. 1859, p. 289
mistérios do – jul. 1859, p. 260
morte do homem e recolhimento ao – nov. 1867, p. 481
motivo da felicidade no – maio 1867, p. 222
mundo corporal é réplica do – abr. 1866, p. 155
mundo físico e – mar. 1858, p. 112
mundo material e interação com o – dez. 1862, p. 486
objetos fluidicos e o – nov. 1864, p. 460; ago. 1866, p. 327
obsessão e – jun. 1860, p. 266
ocupações dos Espíritos no – jun. 1866, p. 248
orgulho e – mar. 1858, p. 134
pensamento dos Espíritos no – jul. 1859, p. 278
possibilidade de comunicação com o – set. 1867, p. 361
produção de objetos no – ago. 1859, p. 300, 301
provas da existência do – ago. 1868, p. 333

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

rainha de Oude no – mar. 1858, p. 135
recepção de Jobard no – mar. 1862, p. 109
recepção do recém-desencarnado no – jun. 1862, p. 242
relação do mundo material com o – mar. 1866, p. 104
relações amistosas no – nov. 1860, p. 503
relações com o – out. 1862, p. 401
Santo Atanásio e o – jan. 1864, p. 50
segundo Santo Agostinho – dez. 1866, p. 518
semelhança do mundo físico com o – out. 1860, p. 455
semelhanças do mundo terrestre com o – nov.
1864, p. 462
situação de Quinemant no – jun. 1867, p. 257
sofrimento dos pais no – maio 1859, p. 180
sofrimento no – jun. 1868, p. 246
suplício do remorso no – ago. 1867, p. 339
vantagens de se saber da existência do – fev. 1866, p. 66;
set. 1866, p. 357
visibilidade e tangibilidade do – fev. 1859, p. 80

MUNDO INFERIOR

idéia de justiça em – out. 1858, p. 431

MUNDO INVISÍVEL *ver* Mundo Espiritual

MUNDO MATERIAL

influência do * no Mundo Espiritual – out. 1868, p. 435
João Gaspar Lavater, Mundo Espiritual e – mar.
1868, p. 123
Mundo Espiritual e interação com o – dez. 1862, p. 486
semelhança do Mundo Espiritual com o – out.
1860, p. 455

MUNDO MUSICAL

jornal da literatura e das belas-artes e o – fev. 1865, p. 95

ÍNDICE GERAL

MUNDO NOVO

coletivismo na edificação de um – ago. 1868, p. 330
ruínas do mundo antigo e o – out. 1866, p. 391

MUNDO SOBRENATURAL

relações com o – ago. 1866, p. 322

MUNDO SUPERIOR

Emmanuel Swedenborg e – nov. 1859, p. 440
forma de vida no – set. 1864, p. 377
pai Crépin e – out. 1859, p. 414
solidariedade e – fev. 1859, p. 79

MUNDO TRANSITÓRIO

belezas naturais do – maio 1859, p. 192
características da vida no – mar. 1865, p. 102
características do – mar. 1865, p. 106
conceito de – maio 1859, p. 190
constituição do – maio 1859, p. 192
encarnação dos Espíritos no – mar. 1865, p. 104
Espíritos errantes e – maio 1859, p. 190, 191
perpetuidade do – maio 1859, p. 192
progresso dos Espíritos no – maio 1859, p. 192
Santo Agostinho (Espírito) e – maio 1859, p. 191
seres corpóreos e – maio 1859, p. 192
Terra e – maio 1859, p. 193

MUNDO(S)

crises da Terra e influência dos – nov. 1868, p. 445
destino dos habitantes de um * destruído – set.
1868, p. 361
localização do * corporal – mar. 1865, p. 99
mundo dos Espíritos e * corporal – jan. 1859, p. 11
períodos da existência dos – set. 1868, p. 361
sucessão indefinida dos – out. 1868, p. 432

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

MURGER, HENRI

- comunicação espontânea de – mar. 1861, p. 137
- evocação de – mar. 1861, p. 138
- Vie de Bohème, La, e – mar. 1861, p. 138

MÚSCULO ESTALANTE

- Abeille médicale e – jun. 1859, p. 218
- Espiritismo e – jun. 1859, p. 213
- evocação de – mar. 1861, p. 138
- Jobert de Lamballe e a teoria do – jun. 1859, p. 214;
dez. 1860, p. 539; dez. 1866, p. 478; mar. 1869, p. 123
- Jules Cloquet e – jun. 1859, p. 218
- origem dos ruídos e – jun. 1859, p. 216
- Velpeau e – jun. 1859, p. 217
- Vie de Bohème, La, e – mar. 1861, p. 138
- virtudes do – jun. 1859, p. 220

MUSEU DO ESPIRITISMO

- atribuições gerais da Comissão Central e – jun.
1869, p. 249
- importância – dez. 1868, p. 526, nota
- relação dos oito quadros do – jun. 1869, p. 250

MÚSICA

- ação moralizadora da – mar. 1869, p. 134
- conceito de – maio 1858, p. 220; mar. 1869, p. 133
- influência da alma sobre a – mar. 1869, p. 135
- influência das crenças espíritas na – jan. 1869, p. 53
- influência do Espiritismo sobre a – mar. 1869, p. 135
- Júpiter e – maio 1858, p. 221; ago. 1858, p. 358
- limites da ação da – set. 1864, p. 353
- manifestações físicas e – jun. 1858, p. 247
- poder terapêutico da – set. 1864, p. 347

ÍNDICE GERAL

sistema nervoso e a – set. 1864, p. 352

SPEE e estado da – jan. 1869, p. 53

MÚSICA CELESTE

dissertação sobre – jan. 1869, p. 54

Espiritismo e progresso da – jan. 1869, p. 55

MÚSICA E AS HARMONIAS CELESTES, A

Rossini e – mar. 1869, p. 127

MÚSICA INVISÍVEL

possíveis causas da – nov. 1868, p. 468

rapaz ouve – nov. 1868, p. 466

MÚSICOS

condições que levam os * à queda – jan. 1869, p. 53

MUSSET, ALFRED DE

Devaneio e – set. 1860, p. 423

dissertações sobre as artes e – dez. 1860, p. 531

pensamentos poéticos de – abr. 1859, p. 167

poesia de – abr. 1859, p. 167

poesia espírita e – jan. 1866, p. 44

N

N..., ROSE, OBSEDADA EM BARCELONA

atendimento do obsessor de – jun. 1865, p. 240

causas da moléstia de – jun. 1865, p. 236

evocação do obsessor de – jun. 1865, p. 238

origem do mal praticado pelo obsessor de – jun.
1865, p. 239

sintomas de – jun. 1865, p. 236

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

NACIONALIDADE DOS ESPÍRITOS

conceito de – jun. 1868, p. 270

NADISMO

perspectiva de tortura após a morte conduz ao – maio 1862, p. 208

NAMPON, PADRE

discurso do – abr. 1863, p. 235, 237; nov. 1863, p. 457
imortalidade da alma e – jun. 1863, p. 240
Livro dos Espíritos, O, e – jun. 1863, p. 237
Livro dos Médiuns, O, e – jun. 1863, p. 238

NAPOLEÃO

medida contra o suicídio no quartel e – jul. 1862, p. 280

NAPOLEÃO I

Fulton e – dez. 1862, p. 509

NAPOLEÃO III

interesse pela Doutrina Espírita e – maio 1858, p. 229,
nota

NASCIMENTO

Apolônio de Tiana e – out. 1862, p. 404
morte e – out. 1864, p. 400

NATUREZA

composição e decomposição no laboratório da – mar. 1866, p. 100
corpos ponderáveis e imponderáveis da – mar. 1866, p. 102
definição de – set. 1862, p. 388
forças vivas da – set. 1869, p. 357
leis numéricas e a – jul. 1868, p. 277
livro aberto das obras de Deus – set. 1865, p. 369

ÍNDICE GERAL

NATUREZA DE JESUS

posição do Espiritismo sobre a – set. 1867, p. 377, 378

posição dos materialistas sobre a – set. 1867, p. 377

posição dos teólogos sobre a – set. 1867, p. 377

NATUREZA MATERIAL

Espírito inteligente e – jan. 1861, p. 37

NAUFRÁGIO

morte de um negro e – dez. 1859, p. 527

relato dramático de um – fev. 1866, p. 67

NÁUFRAGO

Mundo Espiritual e o – jun. 1868, p. 249

NAVIO ESPÍRITA

capitão e a tripulação de um – set. 1862, p. 377

NAZARA

filiação de – fev. 1859, p. 85

Noureddin e – fev. 1859, p. 83

sultão e – jan. 1859, p. 44, 48

NECESSÁRIO E SUPÉRFLUO

justificativas do – ago. 1865, p. 339

NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO

Clélie Duplantier e – ago. 1869, p. 350

NECROLÓGIO

Adrien Berbrugger e – ago. 1869, p. 349; set. 1869, p. 378

Foulon, viúva e – mar. 1865, p. 108

Grégoire Girard e – set. 1869, p. 383

Hippolyte Degand e – set. 1869, p. 383

morte de Jobard e – dez. 1861, p. 547

Ourches, conde de, e – jun. 1867, p. 260

Quinemant e – jun. 1867, p. 255

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

reação do Espírito sobre seu – nov. 1858, p. 462
Van Metcher, Anne-Octavie e – set. 1869, p. 384

NECROMANCIA

atuação dos Espíritos e – jan. 1858, p. 60
cerimônias de – abr. 1859, p. 152
evocações e – abr. 1859, p. 153

NEGRO

perfectibilidade do homem – abr. 1862, p. 141

NEGRO PAI CÉSAR, O, ESPÍRITO

evocação de – jun. 1859, p. 243

NEMOURS, DUPONT DE

idéias espíritas e – out. 1869, p. 407

NEÓFITOS DO ESPIRITISMO

fenômenos espíritas e os – abr. 1864, p. 147

NERVAL, GÉRARD DE

comunicação espontânea de – mar. 1861, p. 139
fantasia e – set. 1861, p. 389
Gênio e a miséria, O, e – jun. 1861, p. 286

NERVAL, GÉRARD DE (ESPÍRITO)

Fontaine, La, e – fev. 1861, p. 103
Hamlet e – fev. 1861, p. 102
Juan, Don, e – fev. 1861, p. 103
Tartufo e – fev. 1861, p. 103
três tipos, Os, e – jan. 1861, p. 55; fev. 1861, p. 102

NERVURAS DAS PLANTAS

diferença entre as * e linhas das mãos – jul. 1869, p. 285

NEUVILLE, JULES DE (ESPÍRITO)

arrependido e transformado – set. 1864, p. 373
artigos de – out. 1859, p. 398

ÍNDICE GERAL

NEWTON, ISAAC

lei de gravitação e – nov. 1864, p. 434

mônada espiritual e – jul. 1869, p. 301

queda da maçã e – jun. 1859, p. 228

NIILISMO

crença no – jan. 1869, p. 41; mar. 1869, p. 102

NISARD, DÉSIÉ

partido espírita e o – jul. 1868, p. 300

NIVRAC

leitura das obras de Allan Kardec converteu o – maio
1862, p. 197

NOBREZA FAMILIAR

nobreza espiritual e – mar. 1862, p. 104

NODIER, CHARLES

Lídia ou a ressurreição, livro de – set. 1860, p. 388

NOÉ

povoamento da Terra e – mar. 1860, p. 119

NOITE DE SÃO BARTOLOMEU *ver também* Massacre de São
Bartolomeu

punição de Deus e a – set. 1858, p. 386

NOITES DE SÃO PETERSBURGO

Joseph de Maistre e – abr. 1867, p. 148

NOIVA TRAÍDA, A

Gazetta dei Teatri e a história de – maio 1860, p. 231

NOMES PRÓPRIOS

espíritas e a escolha de – set. 1868, p. 368

razões da escolha de * de santos – set. 1868, p. 367, 368

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

NOTÍCIA FALSA

Allan Kardec e – set. 1861, p. 419

NOVA CALEDÔNIA

malfeitores exilados na – jan. 1862, p. 26

prática de antropofagia na – fev. 1866, p. 72

NOVA CIÊNCIA *ver* Doutrina Espírita

NOVA ERA

começo de uma * e o fim do mundo – abr. 1868, p. 172

Espiritismo e surgimento de uma – nov. 1869, p. 479

NOVA GERAÇÃO

caracteres distintivos da – out. 1866, p. 406

características dos Espíritos da – out. 1866, p. 408

Espíritos retardatários e a – out. 1866, p. 400

idéias humanitárias da – out. 1866, p. 399

NOVA TEORIA MÉDICO-ESPÍRITA

publicação da obra – fev. 1867, p. 98; mar. 1867, p. 142

NOVAS HISTÓRIAS PARA AS MINHAS BOAS AMIGUINHAS

comentários sobre o livro – jun. 1869, p. 264

descrições do livro – jun. 1869, p. 262

Sophie Gras e – jun. 1869, p. 261

NOVAS IDÉIAS

Espírito humano e absorção de – ago. 1865, p. 305

NOVELA ESPÍRITA

Fernanda, enredo de – ago. 1867, p. 313

NOVO DICIONÁRIO UNIVERSAL

Espiritismo e o – jan. 1866, p. 49

informações sobre o – fev. 1866, p. 96

origem da primeira alma e o – jan. 1866, p. 53

ÍNDICE GERAL

NOVO MUNDO

questionamentos sobre o progresso do – ago.
1864, p. 326

NOVO NABUCODONOSOR, UM

comentários de Allan Kardec sobre – nov. 1865, p. 458
comunicação de Paulowitch e – nov. 1865, p. 461
comunicação de São Bento e – nov. 1865, p. 462
comunicação de Voldemar R... e – nov. 1865, p. 460
obsessão, subjugação e – nov. 1865, p. 462
sintomas de Alexandre e – nov. 1865, p. 453

NOVO OVO DE SAUMUR, UM

Espiritismo e – jan. 1865, p. 42, 44

NOVOS MISTÉRIOS DE PARIS

Aurélien Scholl e o romance – jan. 1867, p. 33

NÚMEROS

ciência da concordância dos – jul. 1868, p. 275
sucessão dos acontecimentos e – jul. 1868, p. 275

NUS, EUGÈNE

Os Dogmas Novos – abr. 1866, p. 175

O

O QUE É O ESPIRITISMO

Allan Kardec e – maio 1859, p. 181; jul. 1859, p. 294;
out. 1859, p. 394
nova edição de – jul. 1865, p. 300
resumo da Doutrina Espírita e – abr. 1869, p. 148

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

OBJEÇÕES

origem das * das idéias falsas – jul. 1859, p. 295

OBJETOS ESPIRITUAIS

fluidos e – jun. 1868, p. 240

OBJETOS FLUÍDICOS

Mundo Espiritual e os – nov. 1864, p. 460; ago.
1866, p. 327

OBJETOS MATERIAIS

mundo invisível e – ago. 1859, p. 300

OBJETOS SEMIMATERIAIS

produção de – ago. 1859, p. 306

OBRAS BÁSICAS

Sociedade Espírita de Turim recomenda – mar.
1864, p. 131

OBRAS COLETIVAS

dificuldade de reunir os adeptos para – jul. 1866, p. 266

OBRAS DO CRISTO

homens doutos e de talentos e – jan. 1859, p. 43

OBRAS ESPÍRITAS

autor moral e material das – set. 1861, p. 378

biblioteca de Oullins e as – jul. 1868, p. 298

doação de – dez. 1868, p. 508

propriedade das – dez. 1868, p. 509

resultado da leitura das – abr. 1863, p. 150, 161

OBRAS ESPÍRITAS E ESPIRITUALISTAS

projeto de um catálogo de – dez. 1868, p. 542

OBRAS FUNDAMENTAIS

edições populares e preço das – dez. 1868, p. 526

ÍNDICE GERAL

OBRAS PÓSTUMAS

- comentários de Zêus Wantuil sobre – ago. 1869, p. 319
- compilação de documentos de Allan Kardec e – jun. 1869, p. 227
- P.-G. Leymarie e organização de – ago. 1869, p. 320

OBRAS-PRIMAS

- provas de fazer * na arte espírita – mar. 1865, p. 115

OBRAS-PRIMAS POR VIA MEDIÚNICA

- ciência espírita e – fev. 1865, p. 71
- grandes gênios e – fev. 1865, p. 71
- prova de identidade do Espírito e – fev. 1865, p. 71
- utilidade das – fev. 1865, p. 74

OBSCENIDADE

- contágio da – set. 1863, p. 390

OBSEDADA DE MARMANDE

- cura completa da jovem – jun. 1864, p. 228

OBSEDADO

- condição do perispírito do – jun. 1864, p. 241

OBSESSÃO

- ação fluídica e – maio 1863, p. 197
- ajuda de terceiros em casos de – dez. 1862, p. 497
- bons Espíritos e – set. 1859, p. 350
- causa da – jan. 1869, p. 51
- causas e meios de combater a – jan. 1863, p. 13; fev. 1863, p. 57; maio 1863, p. 187
- chuva de pedras promovida por jovem em – set. 1866, p. 367
- conceito de – out. 1858, p. 406
- conseqüências da * no organismo físico – jan. 1865, p. 35
- consulta aos guias sobre – jan. 1869, p. 56

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

cura de – fev. 1864, p. 69; jun. 1864, p. 228; jan. 1865, p. 18; maio 1865, p. 197; fev. 1866, p. 62
cura de * pela prece – mar. 1864, p. 113
doenças fisiológicas e – mar. 1868, p. 136
epidemia e – jan. 1863, p. 23
esclarecimento e casos de – ago. 1864, p. 313
escolhos da – out. 1861, p. 445
esmola e – mar. 1863, p. 132
Espiritismo e estudo da – ago. 1865, p. 308
Espíritos imperfeitos e – fev. 1859, p. 57
fluidoterapia e – jan. 1864, p. 26
grau avançado de – fev. 1866, p. 64
graus da – out. 1858, p. 406
influência do Espiritismo na – jan. 1869, p. 50
inimigos do Espiritismo e – dez. 1863, p. 510
instinto incendiário e – jun. 1866, p. 228
intervenção dos bons Espíritos e – jan. 1865, p. 29
intervenção dos homens nos casos de – jan. 1865, p. 29
loucura e – fev. 1866, p. 62
magnetismo e – jan. 1864, p. 27
maus Espíritos e – set. 1859, p. 350
maus físicos e – jan. 1864, p. 27
médium vidente identifica – jun. 1868, p. 232
mediunidade de cura e – nov. 1866, p. 465
meios de combater a – dez. 1860, p. 548; dez. 1862, p. 485
Mundo Espiritual e – jun. 1860, p. 266
profilaxia e – jan. 1863, p. 22
progresso da Ciência e do Espiritismo e – jan. 1864, p. 31
prudência no relacionamento com Espíritos e – jan. 1869, p. 55

ÍNDICE GERAL

reunião em Bordeaux e um caso de – dez. 1862, p. 491
sinais de advertência da – ago. 1860, p. 336
subjugação e – set. 1858, p. 403
utilidade da – jan. 1864, p. 30

OBSESSÃO COLETIVA

ação dos Espíritos na – ago. 1864, p. 313
causa da * e Ramanenjana – fev. 1865, p. 84
crianças vitimadas por – abr. 1862, p. 157
fatores que favorecem a – abr. 1862, p. 161
Morzine, Sabóia, e – abr. 1862, p. 156

OBSESSÃO COLETIVA DE MORZINE

Georges e a – abr. 1862, p. 158

OBSESSÃO MORAL

obsessão física e – jun. 1864, p. 231

OBSESSÃO ORDINÁRIA

magnetizador espírita e – dez. 1862, p. 498

OBSESSÃO SIMULADA

comunicação com os Espíritos e – jan. 1869, p. 55

OBSESSÃO TENAZ

provação e – dez. 1862, p. 498

OBSESSOR

arrependimento e transformação de um – jun.
1864, p. 240
monsieur Manguin e o – ago. 1864, p. 307
necessidade de oração para o – set. 1864, p. 374
oração ditada pelo – jun. 1864, p. 236
pedido de oração para o – fev. 1860, p. 87
psicografia ditada pelo – jun. 1864, p. 233
vida passada de Jules, o – jun. 1864, p. 238

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

OCIOSIDADE

Espírito confessa sua – nov. 1858, p. 477
força e – jun. 1858, p. 255
inteligência e – jun. 1858, p. 255

OCUPAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Marcillac e – jun. 1861, p. 280

OFICIAL DA CRIMÉIA

crenças espíritas e o – nov. 1859, p. 452
visões do – nov. 1859, p. 452

OFICIAL DO EXÉRCITO DA ITÁLIA

evocação de – set. 1859, p. 362

OFICIAL MORTO EM MAGENTA

evocação de – jul. 1859, p. 283

OGÉ, ANGELINA

pressentimento da morte do pai por – jan. 1868, p. 43

OLIMPO

papel das deusas no – dez. 1869, p. 522

OLIVIER (ESPÍRITO)

comunicação espontânea de – dez. 1859, p. 515

OPERÁRIO DE MARSELHA, UM

comunicação espontânea de – ago. 1867, p. 330

OPERÁRIOS DE ROUEN

Allan Kardec e subscrição em favor dos – jan.
1863, p. 55

OPERÁRIOS LIONESES

subscrição a favor dos – fev. 1862, p. 84

OPINIÃO

apreciação parcial do assunto e – jul. 1862, p. 269

ÍNDICE GERAL

OPINIÃO GERAL

subordinação à – abr. 1866, p. 158

OPINIÃO PÚBLICA

Espiritismo e – jun. 1859, p. 227

ÓPIO E HAXIXE

atuação do * sobre o perispírito – ago. 1869, p. 345

características do – ago. 1869, p. 345

relatório dos trabalhos da Sociedade Espírita de

Bordeaux e – set. 1869, p. 385

ORAÇÃO

ação da – jun. 1861, p. 261

ação magnética da – out. 1863, p. 410; set. 1865, p. 350

Adolphe Monod e – dez. 1859, p. 474

agêner e – fev. 1859, p. 63

agradecimento dos Espíritos sofredores pela – mar.
1860, p. 111

alívio do males corporais e a – jan. 1866, p. 20

Allan Kardec oferece * a Sanson – maio 1862, p. 194

alma e necessidade de – fev. 1866, p. 71

Apolônio de Tiana e sua – out. 1862, p. 403

arrependimento e – dez. 1859, p. 473, 475

arrependimento e eficácia da – fev. 1860, p. 95

ato de propensão instintiva – fev. 1866, p. 71

atração dos bons Espíritos pela – maio 1868, p. 195

benefícios da * para o incrédulo inato – ago. 1867, p. 330

causas da demora do pedido na – maio 1866, p. 216

circunstâncias e – ago. 1864, p. 318

como o Espírito ouve a – jul. 1862, p. 296

comunicações escritas e – set. 1859, p. 351

conceito de – dez. 1859, p. 472

condição essencial da – ago. 1864, p. 315

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

consciência pura, humildade e – ago. 1862, p. 348
contestação da eficácia da – dez. 1859, p. 470
débil mental e – jun. 1860, p. 262
dedicada ao ímpio – maio 1862, p. 222
diversidade de religião e – dez. 1858, p. 517
efeitos da – dez. 1859, p. 469; ago. 1869, p. 344
eficácia da – dez. 1859, p. 470; dez. 1861, p. 559; jan.
1863, p. 18; maio 1863, p. 208; jul. 1863, p. 303, 304;
dez. 1863, p. 490; dez. 1864, p. 486; jan. 1865, p. 33;
jan. 1867, p. 44
esforço, trabalho e – jun. 1868, p. 267
Espiritismo e – jan. 1866, p. 18
Espírito de antigo carreteiro e – dez. 1859, p. 513
Espírito sofredor e a * feita pelos encarnados – ago.
1862, p. 345
Evangelho segundo o Espiritismo, O, e – set.
1865, p. 350
fluidos espirituais e – fev. 1866, p. 70
força da – maio 1862, p. 203
grupo espírita de Cadiz e – abr. 1868, p. 184
harmonia e – mar. 1869, p. 131
Henri Jacob e sua – mar. 1868, p. 139
importância da * na mediunidade curadora – out.
1867, p. 434
importância do perdão pela – ago. 1862, p. 344
inauguração de um grupo espírita e – jan. 1864, p. 42
influência da – jan. 1861, p. 54
leis divinas e – maio 1866, p. 213
livre-arbítrio e – maio 1866, p. 213
magnetismo e – jan. 1863, p. 19
meio de evitar a influência negativa – dez. 1862, p. 497
modo de ação da – ago. 1865, p. 308

ÍNDICE GERAL

momentos de aflições e – maio 1866, p. 215
morte presumida e – fev. 1866, p. 69
mudança das leis divinas e a – jan. 1866, p. 19
negação da eficácia da – maio 1866, p. 212
obsessão curada pela força da – mar. 1864, p. 113
obsessor dita – jun. 1864, p. 236
pedidos de * após a morte – out. 1865, p. 399
pelas pessoas a quem tivemos afeição – maio
1863, p. 209
perigo iminente e – fev. 1866, p. 68
perturbação e – abr. 1865, p. 166
poder do pensamento e – jan. 1866, p. 19
poder e eficácia da – jan. 1866, p. 20
principal qualidade da – ago. 1864, p. 315
purificação da alma pela – jan. 1865, p. 53
reuniões espíritas e a finalidade da – jan. 1866, p. 21
sofrimento e – dez. 1859, p. 472
superstição e – jan. 1866, p. 19
testemunho de lembrança e – dez. 1859, p. 474
utilidade da – jun. 1868, p. 267

ORAÇÃO COLETIVA

utilidade da – dez. 1864, p. 490

ORAÇÃO DOMINICAL

desenvolvida – ago. 1864, p. 319
modelo de concisão da – ago. 1864, p. 316

ORAÇÃO PELOS MORTOS

Evangelho e – dez. 1859, p. 469
Félix, padre e – dez. 1859, p. 471
importância da – dez. 1864, p. 489

ORAÇÃO POR UM SUICIDA

Alfred Leroy e – abr. 1861, p. 185

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

ORAÇÕES ESPECIAIS

Espiritismo e as – jan. 1866, p. 22

ORAÇÕES INTELIGÍVEIS

necessidade das – ago. 1864, p. 314

ORÁCULOS

floresta sagrada e – mar. 1858, p. 93

função dos – abr. 1867, p. 150

ORÇAMENTO DO ESPIRITISMO

Revista Espírita e – jun. 1863, p. 249

ORDENS DOS ESPÍRITOS

diferentes – maio 1860, p. 239

estudo das – mar. 1858, p. 71

ORDENS PSICOLÓGICAS

conceito de – jun. 1868, p. 269

ORFEU

pluralidade dos mundos habitados e – jan. 1863, p. 51

ORGANISMO

faculdades intelectuais e espirituais e influência do – jul. 1860, p. 299

influência do * na faculdade de expressão – dez. 1869, p. 504

trabalho de renovação do – mar. 1867, p. 102

ORGANISMO CORPORAL *ver* Corpo físico

ORGANISMO FÍSICO

vidência e – mar. 1859, p. 116

ORGANISMO INFERIOR

organismo superior e – jun. 1868, p. 256

ORGANISMO SUBSTANCIAL *ver* Alma

ÍNDICE GERAL

ORGANISMO SUPERIOR

organismo inferior e – jun. 1868, p. 256

ORGANIZAÇÃO DO UNIVERSO

destino da Humanidade e – abr. 1867, p. 143

ÓRGÃOS CEREBRAIS

atividade do Espírito e desenvolvimento dos – mar.
1869, p. 99

ÓRGÃOS DA IMPRENSA

Jornal Paris e gratidão aos – maio 1869, p. 207

União magnética e gratidão aos – maio 1869, p. 209

ÓRGÃOS DO CORPO

faculdades morais e intelectuais e – abr. 1862, p. 142

perispírito e – abr. 1859, p. 134

sensações e – abr. 1859, p. 135

veículos para sensações dos – abr. 1859, p. 134

ORGULHO

antídoto contra o – jul. 1869, p. 273

caridade e – ago. 1858, p. 339

causa do – jul. 1869, p. 273

Chaudruc-Duclos e – jan. 1859, p. 37

combate ao – mar. 1861, p. 147

conservação das idéias no Mundo Espiritual pelo –
mar. 1858, p. 137

cuidados que o médium deve ter com o – mar.
1860, p. 123

espíritas propriamente ditos e – dez. 1869, p. 486

Espírito se arrepende de ter cultivado o – nov.
1860, p. 514

Espíritos imperfeitos e – fev. 1859, p. 57

imperfeições morais e – fev. 1859, p. 57

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

incredulidade e combate ao – jul. 1869, p. 273
inveja é expressão do – jul. 1860, p. 316
mal e – jun. 1863, p. 233
maus Espíritos e – jan. 1863, p. 21
médium e – fev. 1859, p. 57; mar. 1864, p. 109
mediunidade e – maio 1860, p. 242
morte do – ago. 1867, p. 338
parábola sobre o – maio 1858, p. 208
princípio da igualdade e – jul. 1869, p. 274
prova da pobreza para combater o – ago. 1864, p. 336
Voltaire e – ago. 1859, p. 328

ORIENTE

acontecimentos que contribuirão para a reforma do –
nov. 1868, p. 475
regeneração dos povos do – nov. 1868, p. 472

ORIGEM EVOLUCIONISTA DO HOMEM

orgulhosos e a – nov. 1868, p. 460

ORLÉANS, DUQUE DE

aparição na parede de figura do – ago. 1868, p. 345
mediunidade do copo e o – ago. 1868, p. 343

ORTODOXIA ESPÍRITA

universalidade dos ensinamentos dos Espíritos e – abr.
1864, p. 145

ORTOGRAFIA

nuanças da * italiana e francesa – fev. 1866, p. 83

OSCAR

uso do magnetismo no rei – out. 1858, p. 419

OSÉIAS, PROFETA

sentença de morte do – mar. 1862, p. 135

ÍNDICE GERAL

OSSO PARA ROER, O

fábula premiada – jun. 1863, p. 256

OURIÇO, O COELHO E A PEGA, O

C. Dombre e a fábula – nov. 1861, p. 516

OZANA

o anão – fev. 1859, p. 82

OZÔNIO

descoberta do – mar. 1866, p. 100

P

PADRE MAROUZEAU

cartas de Allan Kardec ao – jul. 1863, p. 297, 372

PADRE OBSESSOR

doutrinação de um – maio 1868, p. 205

PAGANISMO

características do – nov. 1862, p. 480

PAGÈS

confissão espírita do – dez. 1866, p. 517

PAI CRÉPIN

evocação de – out. 1859, p. 412

mundo dos Espíritos e – out. 1859, p. 414

São Luís e – out. 1859, p. 415

PAI DESENCARNADO

conversa semanal com – set. 1859, p. 379

despedida de – set. 1859, p. 378

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

família da Sr^a. G... E – set. 1859, p. 377

missão de – set. 1859, p. 380

PAIS

amor dos – fev. 1859, p. 78

educação das crianças e despreparo dos – fev. 1864, p. 61

missão dos – fev. 1859, p. 79; maio 1859, p. 180

PAIS DA IGREJA

intervenção dos Espíritos no mundo visível e os – jan.
1868, p. 34

PAIXÃO

agêneres e – fev. 1859, p. 65

desencarnado e cultivo de violenta – mar. 1858, p. 85

Maomé favorece a satisfação da – nov. 1866, p. 447

objetivos da – jun. 1861, p. 282

poder da vontade sobre a – jul. 1863, p. 294

preexistência da alma e a origem da – maio 1862, p. 201

PAIXÃO DE ALÉM-TÚMULO

Maximiliano V... e uma – maio 1862, p. 200

PAIXÃO DO CRISTO

Convulcionários de Saint-Médard e – nov. 1859, p. 457

PAIXÃO HUMANA

Bíblia e – out. 1863, p. 428

vista da alma e – dez. 1865, p. 481

PAIXÃO TERRESTRE

causa de imantação aos despojos mortais e – dez.
1869, p. 514

PAJOT, FERDINAND

morte de – dez. 1866, p. 514

ÍNDICE GERAL

PALAVRA

Espiritismo e eficácia atribuída à – ago. 1864, p. 316

PALAVRA ARTICULADA

Espíritos e necessidade da – abr. 1859, p. 136

PALESTINA

possessões na * no tempo de Jesus – abr. 1862, p. 159

PALISSY, BERNARD

descrição do planeta Júpiter por – abr. 1858, p. 171

Espírito habitante do planeta Júpiter – abr. 1858, p. 171

jupiteriano que viveu na Terra – mar. 1858, p. 118

Victorien Sardou e – mar. 1859, p. 91

PANTALEÃO

bispo de Barcelona – set. 1864, p. 357

pastoral do bispo – set. 1864, p. 358

PANTEÍSMO

catolicismo e – out. 1863, p. 433

conceito dado por Reynaud – ago. 1862, p. 329

conceito de – out. 1863, p. 432

Espiritismo e – set. 1858, p. 364

faces do – out. 1863, p. 432

individualidade da alma e – set. 1860, p. 382

Jean Reynaud e o – ago. 1862, p. 329

Lao-Tseu e o – out. 1968, p. 418

princípio da reencarnação, materialismo e – jan. 1867, p. 29

progresso espiritual e – nov. 1858, p. 449

utilidade do bem e o – nov. 1858, p. 449

PANTEÍSTAS

características dos – jan. 1867, p. 21

resistência dos * ao Espiritismo – fev. 1869, p. 63

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

PAPIN

força motriz a vapor e – ago. 1860, p. 366

PARÁBOLA

propriedade da – maio 1858, p. 210

PARAÍSO

erro das doutrinas do – mar. 1865, p. 97

hipótese do – ago. 1863, p. 326

PARAÍSO ISLÂMICO

características do – nov. 1866, p. 447

condição e costumes dos árabes e o – nov. 1866, p. 448

PARAÍSO PERDIDO

teoria do – jan. 1862, p. 40

PARALÍTICOS

Jacob realiza curas de – out. 1866, p. 422

príncipe de Hohenlohe cura – dez. 1866, p. 498

PARENTESCO

reencarnação e – mar. 1862, p. 103

PARIS

Babilônia moderna – dez. 1864, p. 487

PARIS SONÂMBULA

Eugène Bonnemère – jul. 1868, p. 301

PÂRIS, FRANÇOIS, DIÁCONO

evocação de – nov. 1859, p. 457

líder das convulsionárias – maio 1860, p. 226

PARKER, WILLIAM

condenação à morte de – fev. 1859, p. 72

execução de – fev. 1859, p. 73

Hermann ou – fev. 1859, p. 71, 72

perfil de – fev. 1859, p. 71

ÍNDICE GERAL

PARTIDÁRIOS DO ESPIRITISMO

conquista de numerosos – nov. 1865, p. 432

PARTIDO

conceito da palavra – ago. 1868, p. 335

Espiritismo não deixa de ser um – ago. 1868, p. 336

PARTIDO ESPÍRITA

Anatole de la Forge e o – jul. 1868, p. 299

biblioteca de Saint-Etienne e o – jul. 1868, p. 297

Désiré Nisard – jul. 1868, p. 300

Genteur – jul. 1868, p. 294

Império francês e o – jul. 1868, p. 300

indagações sobre a aceitação do – ago. 1868, p. 334

Liévin e artigo sobre o – jul. 1868, p. 296

Moniteur e o – jul. 1868, p. 293

repercussão da notícia da existência de um – jul.
1868, p. 296

sociedade francesa e o – jul. 1868, p. 297

PASCAL (ESPÍRITO)

egoísmo, orgulho e – out. 1861, p. 462

PASQUIER

Cripta de Saint-Leu e chanceler – out. 1859, p. 404

PASSADO

Espiritismo, futuro e – mar. 1863, p. 108

lembrança do * após a morte – jan. 1865, p. 39

utilidade do véu lançado sobre o – jan. 1865, p. 39

PASSE MAGNÉTICO

crises nervosas e – out. 1859, p. 392

estados sonambúlicos e – out. 1859, p. 392

sonambulismo e – out. 1859, p. 388

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

PASTORAL

Pantaleão, bispo de Barcelona e a sua – set. 1864, p. 358

PATOLOGIA ESPIRITUAL

possessão e – ago. 1864, p. 312

PATRIARCAS

longevidade dos – out. 1863, p. 428

PAULO DE TARSO

descrição do Perispírito e – jan. 1865, p. 42

ensinamentos do Espiritismo e – dez. 1863, p. 499

expansão do Espiritismo e – dez. 1863, p. 496

fora da caridade não há salvação e – dez. 1863, p. 496

oração inteligível e – ago. 1864, p. 315

perispírito e – out. 1864, p. 404; mar. 1866, p. 106; out.

1964, p. 411

primeira epístola aos coríntios e – dez. 1863, p. 496

voz de Deus e – jan. 1865, p. 52

PAULO I, CZAR

aparição de Pedro, o Grande, para o – abr. 1866, p. 170

faculdades mediúnicas do – abr. 1866, p. 172

vidência do – abr. 1866, p. 171

visão do – abr. 1866, p. 167

PAULO, APÓSTOLO *ver* Paulo de Tarso

PAUPERISMO, O

Adolfo, bispo de Argel e – ago. 1861, p. 373

PAZ AOS HOMENS DE BOA VONTADE

F. D (Espírito) e mensagem de – fev. 1863, p. 97

PAZ DAS FAMÍLIAS

Espiritismo e – nov. 1863, p. 461, 462

ÍNDICE GERAL

PAZ UNIVERSAL, A

uma utopia – set. 1861, p. 385

PECADO ORIGINAL

Adão e o – jan. 1862, p. 23

condições para extinção do – nov. 1867, p. 483

considerações sobre – nov. 1867, p. 482

Gênese e leitura ao pé da letra sobre o – nov.
1868, p. 457

instintos animais e – nov. 1867, p. 482

judaísmo e – nov. 1868, p. 457

justiça divina e doutrina do – set. 1867, p. 373

livre-arbítrio, fatalidade e – nov. 1868, p. 458

PEDRA NEGRA

origem e significado da – ago. 1866, p. 307

PEDRA TUMULAR DO SR. ALLAN KARDEC

composição da – jun. 1869, p. 249

PEDRAS DE JAVA

análise sobre as – jan. 1860, p. 48

PEDRO, O GRANDE

Paulo I vê o Espírito do seu avô – abr. 1866, p. 170

PELLETAN, EUGÈNE

reencarnação e – set. 1868, p. 391

PELOS DO CORPO

teoria da geração espontânea e os – jul. 1868, p. 291

PENA DE MORTE

condenado discursa sobre a inutilidade da – set.
1866, p. 369

Moisés e – out. 1863, p. 421

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

PENA DE TALIÃO

faltas coletivas e – out. 1869, p. 399

razão da – out. 1869, p. 401

PENA DE TALIÃO, A

comunicação de Antonio B... e – set. 1861, p. 394

reflexões de Erasto sobre – set. 1861, p. 397

reflexões de Lamennais sobre – set. 1861, p. 396

PENAS E RECOMPENSAS FUTURAS

crença nas – abr. 1865, p. 145

natureza das – dez. 1869, p. 509

PENAS ETERNAS

arrependimento e – abr. 1863, p. 234

atos ímoraís e negação das – nov. 1863, p. 460

Cristianismo e as – jul. 1864, p. 273

dogma da eternidade das – jan. 1861, p. 39

eficácia da doutrina das – nov. 1863, p. 454

eficácia das – jul. 1863, p. 304

Espiritismo e eternidade das – ago. 1861, p. 370

Espiritismo e negação das – maio 1863, p. 201

Igreja católica e – maio 1863, p. 202

maus frutos e – nov. 1863, p. 461

São Luís e o conceito de – mar. 1858, p. 96

temor das * e freio da humanidade – nov. 1863, p. 464

utilidade das – maio 1863, p. 202

PENDORES INATOS

reencarnação e os – dez. 1862, p. 519

PENSAMENTO

ação do * sobre os fluidos – maio 1867, p. 187

além-túmulo e – abr. 1859, p. 131

Alfred Musset (Espírito) e * poético – abr. 1859, p. 167

ÍNDICE GERAL

atributo dos Espíritos – set. 1860, p. 396
atributo especial da alma – dez. 1868, p. 484
auxílio dos órgãos na composição do – jul. 1869, p. 306
características do – jul. 1861, p. 322
cérebro e – jan. 1861, p. 38; abr. 1862, p. 142
comunhão de – dez. 1864, p. 473
criações fluídicas e – set. 1865, p. 349; mar. 1869, p. 115
Deus e o nosso – maio 1866, p. 181
dificuldades para a transmissão do – jan. 1860, p. 34
Doutrina Espírita e – mar. 1867, p. 101
doutrina espiritualista e – mar. 1867, p. 100
doutrina materialista e – mar. 1867, p. 100
efeitos psicológicos da irradiação do – dez. 1864, p. 475
eletricidade do – out. 1860, p. 480
emancipação da alma e penetração do – jul. 1865, p. 281
entrave na emissão do – set. 1859, p. 361
Espíritos e transmissão do – abr. 1859, p. 136
esquecimento e – jul. 1863, p. 274
Fisiognomonía e – jul. 1860, p. 301
fluido cósmico e a força do – ago. 1866, p. 327
fluidos espirituais e – jun. 1868, p. 239
fotografia do – jun. 1868, p. 239
influência dos Espíritos e – jan. 1859, p. 14; fev.
1859, p. 54
interpenetração do – dez. 1862, p. 490
laço de união e – fev. 1859, p. 53
leitura do – jul. 1858, p. 296; jun. 1862, p. 246
leitura unilateral do – out. 1864, p. 406
liberdade e independência do – fev. 1867, p. 62
linguagem e – set. 1859, p. 346
oração e poder do – jan. 1866, p. 19
perispírito e – mar. 1869, p. 115

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

pretensão e * avulso – nov. 1860, p. 517
propriedades e ação do – dez. 1864, p. 474
relações fluídicas e leitura do – out. 1864, p. 408
restrição do campo de exploração do – fev. 1867, p. 63
similitude e divergência de – fev. 1859, p. 53
simpatia e – ago. 1863, p. 350
sonambulismo natural e – jun. 1869, p. 242
tipologia e – jun. 1863, p. 259
transmissão do – out. 1864, p. 403
vontade e irradiação do – dez. 1864, p. 474

PENSAMENTO COLETIVO

união de pessoas e força do – dez. 1864, p. 477

PENSAMENTO ESPÍRITA

Victor Hugo e – ago. 1863, p. 318

PENSAMENTO INCONSCIENTE

fluidos espirituais e – jun. 1868, p. 240

PENSAMENTO LIVRE

conceito de – fev. 1867, p. 64

PENSAMENTO MAU

origem do – out. 1861, p. 433

PENSAMENTOS DO ZUAVO JACOB, Os

Henri Jacob e – mar. 1868, p. 137

publicação da obra – fev. 1868, p. 101

PENSAMENTOS ESPÍRITAS

imprensa e a penetração dos – dez. 1866, p. 508, 509

PERCEPÇÃO DA ALMA

desprendimento e – out. 1865, p. 391

órgãos dos sentidos e – out. 1865, p. 391

ÍNDICE GERAL

PERCEPÇÃO ESPIRITUAL

- desprendimento do corpo e – mar. 1860, p. 136
- diversidade na – dez. 1858, p. 503
- durante o sono – mar. 1860, p. 132
- estado de vigília e – out. 1864, p. 400
- falibilidade da – out. 1864, p. 401
- grau de – jan. 1860, p. 38

PERDÃO

- condição para salvação e – out. 1863, p. 420
- exercício do – nov. 1863, p. 466
- importância da prece do – ago. 1862, p. 344
- Privat d'Anglemont e – dez. 1859, p. 493
- razão da morte de Jesus e força para o – ago. 1862, p. 348

PEREGRINAÇÃO A MECA

- razões políticas da – nov. 1866, p. 434

PEREGRINAÇÕES DE ALMAS

- B. Joly e sua poesia – set. 1862, p. 383
- correção da palavra attiré para atterré – nov. 1862, p. 483

PEREIRA, IGNÁCIO

- desastres ecológicos pesquisados por – out. 1868, p. 430

PEREIRA, JENARO

- periodicidade das irregularidades das estações e – out. 1866, p. 431

PERFECTIBILDADE DOS ESPÍRITOS

- Moki e – ago. 1866, p. 333

PERFEIÇÃO

- crença prejudicial na * do Espírito – out. 1860, p. 452
- espécies de – ago. 1865, p. 334
- forma dos corpos e * do Espírito – ago. 1869, p. 318
- lei do Progresso e – out. 1863, p. 430

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

PERGAMINHO

história secreta de um – fev. 1866, p. 77

PERGOLESI

fatos misteriosos da vida do artista – fev. 1869, p. 83

Stabat Mater e o artista – fev. 1869, p. 86

PERIGO

provocação de * e livre-arbítrio – mar. 1858, p. 124

voz do instinto e – mar. 1858, p. 126

PERIGO DO ESPIRITISMO

manifestação dos maus Espíritos e – out. 1865, p. 401

PERIGO IMINENTE

Espíritos protetores e – maio 1866, p. 215

proteção espiritual e – maio 1866, p. 195

PERIÓDICOS CITADOS PELA SPEE

Eco de Além-Túmulo, O – nov. 1869, p. 474

Espiritismo, El – abr. 1869, p. 181

Fraternité – nov. 1869, p. 451

Human nature – nov. 1869, p. 458

Liberté – jul. 1869, p. 290; out. 1869, p. 424

Lien – jul. 1869, p. 291

Memorial de la Loire – abr. 1869, p. 161

Paris – abr. 1869, p. 156

Petite Presse – out. 1869, p. 414

Progrès thérapeutique – abr. 1869, p. 165

Spiritual Magazine – out. 1869, p. 421

Vidente, O – abr. 1869, p. 181

PERIÓDICOS LIDOS POR ALLAN KARDEC

Abeille Agénaise – out. 1862, p. 410

Akhar – mar. 1863, p. 137

Ami des Sciences – jan. 1860, p. 24

ÍNDICE GERAL

Avenir – jan. 1865, p. 16
Avenir National – mar. 1867, p. 109
Avenir, jornal – jun. 1867, p. 267
Banner of Light – ago. 1861, p. 339; mar. 1867, p. 115
Bonnes fortunes parisiennes – jan. 1867, p. 28
Civilisateur – ago. 1864, p. 325
Civiltà Cattolica – jan. 1858, p. 55; mar. 1858, p. 55
Concorde – maio 1866, p. 186
Constitutionnel – maio 1862, p. 213
Constitutionnel e o Patrie – out. 1858, p. 439
Courier de la Moselle – maio 1863, p. 227
Courier de la Vienne – maio 1864, p. 212
Courier de Lyon – jan. 1858, p. 52
Courier de Paris – mar. 1858, p. 64
Courier de Paris du Monde illustré – out. 1865, p. 421
Courier des Alpes – ago. 1864, p. 308
Courier des États-Unis – set. 1858, p. 386
Courier du Bas-Rhin – mar. 1863, p. 134
Courier du Monde Illustré – mar. 1866, p. 131
Courier du Palais – out. 1858, p. 432
Courier Russe – maio 1868, p. 221
Discussion – fev. 1866, p. 55
Doutrina Espírita, A – nov. 1865, p. 442
Droit, O – ago. 1860, p. 348; ago. 1868, p. 317
Écho d’Oran – dez. 1866, p. 516
Écho da l’Aisne – out. 1866, p. 415
Écho de Fourvière – out. 1964, p. 436
Écho de Sétif – nov. 1862, p. 482; jan. 1863, p. 32
Écho de Sétif, da Argélia – dez. 1862, p. 509
Echo saumurois – jan. 1865, p. 43
Eco de além-túmulo – abr. 1865, p. 177
El criterio espiritista – dez. 1868, p. 538
Espiritismo em Lyon, O – nov. 1868, p. 480

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Événement – mar. 1866, p. 134, 135
Événement – mar. 1866, p. 137
Événement – set. 1866, p. 366; dez. 1866, p. 512; jan. 1867, p. 34, 45
Exposição Popular Ilustrada – dez. 1867, p. 511
Figaro – ago. 1867, p. 321; maio 1868, p. 219; out. 1868, p. 423, 425
France – jan. 1867, p. 44
Gazetta dei Teatri – maio 1860, p. 231
Gazette de Huy – dez. 1866, p. 518
Gazette de Cologne – nov. 1858, p. 482
Gazette de Lyon – out. 1860, p. 427
Gazette de mons – dez. 1858, p. 523
Gazette de Silésie – out. 1858, p. 429
Gazette des Hôpitaux – abr. 1858, p. 192
Gazette du Midi – abr. 1865, p. 168
Grand Journal – jul. 1865, p. 263; fev. 1866, p. 83
Harpers Weekly – set. 1866, p. 372
Indépendance belge – ago. 1863, p. 335; jun. 1866, p. 229
Indépendant de Douai – ago. 1865, p. 318
Indépendant de la Charente-Inférieure – maio 1858, p. 232
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro – jul. 1864, p. 286
Journal de Bruxelles – ago. 1867, p. 335
Journal de Chartres – abr. 1866, p. 163; jul. 1867, p. 281
Journal de la Haute-Saône – jun. 1860, p. 276
Journal de la Nièvre – maio 1860, p. 219
Journal de la Vienne – fev. 1864, p. 70; mar. 1864, p. 109; maio 1865, p. 185
Journal de Montreal – maio 1866, p. 200
Journal de Poitiers – mar. 1864, p. 119
Journal de Rouen – mar. 1860, p. 126; mar. 1869, p. 112
Journal de Saint-Jean d'Angely, O – mar. 1865, p. 128

ÍNDICE GERAL

Journal de Sétif – jun. 1868, p. 244
Journal des Débats – out. 1858, p. 419; fev. 1859, p. 68;
ago. 1862, p. 328
Journal des Pyrénées-Orientales – nov. 1865, p. 439
Journal du Havre – mar. 1863, p. 127
Journal Littéraire – nov. 1864, p. 438
L'Amore del Vero – jun. 1860, p. 288
L'Avenir, Moniteur du Spiritism – ago. 1864, p. 338;
set. 1864, p. 386
L'Événement – ago. 1866, p. 321
L'Exposition populaire illustrée – nov. 1867, p. 456
La Famile de Jacob – nov. 1868, p. 457
La France Littéraire – set. 1862, p. 379
La Marionnette – ago. 1867, p. 352
La Voce di Dio – jun. 1866, p. 254, 260
Le Mellois – ago. 1862, p. 338
Le Monde – fev. 1866, p. 72
Le Spiritualist de la Nouvelle-Orleans – mar. 1858, p. 37
Liberté – dez. 1867, p. 490; maio 1868, p. 217; jul.
1868, p. 296
Livre-consciência – fev. 1867, p. 57
Livre-pensamento – fev. 1867, p. 57
Lumière – jan. 1865, p. 16
Luz, A – fev. 1865, p. 93
Magnetiseur – ago. 1864, p. 305
Mahouna, Argélia – ago. 1868, p. 351
Médium evangélico, O – jan. 1865, p. 47
Médium évangélique – jan. 1865, p. 16
Messager fanco-américain – fev. 1866, p. 93
Messager franco-américain – jan. 1867, p. 44
Monde Illustré – mar. 1863, p. 139; fev. 1864, p. 63; jan.
1868, p. 37
Monde musical – jan. 1865, p. 16; abr. 1865, p. 174

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Moniteur – out. 1858, p. 423; set. 1864, p. 385; dez. 1865, p. 476; jul. 1866, p. 276; mar. 1867, p. 108; jul. 1868, p. 293

Moniteur de l'Indre – abr. 1867, p. 169

Moniteur du Cantal – ago. 1867, p. 313

Morning-Post – fev. 1867, p. 81

Mundo musical, O – dez. 1864, p. 531; fev. 1865, p. 95

Nord – ago. 1862, p. 322

Observateur – jan. 1868, p. 48

Office de Publicité – set. 1866, p. 344

Opinion Nationale – mar. 1860, p. 126; jul. 1862, p. 291; jan. 1864, p. 51; mar. 1864, p. 118; dez. 1864, p. 519

Opinion nationale – jan. 1869, p. 38

Patrie – set. 1858, p. 379; out. 1858, p. 438; ago. 1860, p. 359; jul. 1865, p. 296; jan. 1866, p. 34; nov. 1868, p. 470

Pays, Le – set. 1864, p. 381; fev. 1867, p. 67

Petit Journal – set. 1866, p. 377; dez. 1866, p. 503, p. 511; jan. 1867, p. 33; jan. 1868, p. 38

Petite Presse – maio 1868, p. 211; out. 1868, p. 427; jan. 1869, p. 47; mar. 1869, p. 111

Phare de la Manche, jornal – out. 1867, p. 405

Presse littéraire – out. 1864, p. 403

Progrès Colonial – set. 1866, p. 364; jan. 1867, p. 33

Progrès Colonial, Ilha Maurício – jul. 1864, p. 290

Propagateur de Lille – dez. 1867, p. 499

Quartely Journal of Psychological Medicine – nov. 1868, p. 462

Renard – jan. 1863, p. 30

Revista especial – maio 1863, p. 227

Revista Espírita de Antuérpia – jul. 1864, p. 292

Revue de l'Ouest, de Niort – mar. 1865, p. 128

Revue politique hebdomadaire – jul. 1868, p. 297

ÍNDICE GERAL

Salut Public – jun. 1866, p. 221; ago. 1866, p. 336
Salut, jornal espírita – set. 1868, p. 396
Sauveur des peuples – maio 1864, p. 210; jan. 1865, p. 16
Scientific American – jan. 1858, p. 49; mar. 1858, p. 49
Sémaphore – nov. 1864, p. 463
Sentinelle Toulonnaise – fev. 1867, p. 75
Siècle – set. 1858, p. 397; jan. 1860, p. 24; maio 1862,
p. 200; jul. 1862, p. 276; ago. 1863, p. 335; set. 1864,
p. 347; out. 1864, p. 421; dez. 1864, p. 508; mar. 1865,
p. 108; fev. 1866, p. 67, 72; dez. 1866, p. 514; jul. 1868,
p. 299, 301, 303; set. 1868, p. 375
Sjevernava Plschela – out. 1859, p. 419
Soleil – set. 1866, p. 360, 375
Solidarité – jun. 1868, p. 250; ago. 1868, p. 324; fev.
1869, p. 57
Spiritual Age – nov. 1858, p. 467
Spiritual Magazine – fev. 1867, p. 79
Spiritualiste – nov. 1858, p. 467
Temps – dez. 1866, p. 509; maio 1868, p. 218
The Builder – mar. 1869, p. 108
The Spiritual Magazine – jun. 1860, p. 253
Times – fev. 1864, p. 53
Tour du monde – out. 1867, p. 418
União Spirite, jornal – jun. 1867, p. 266
União, de San Francisco – maio 1864, p. 202
Univers – maio 1859, p. 196
Verdade, A – maio 1863, p. 227
Vérité – jul. 1864, p. 272; dez. 1866, p. 493; mar.
1867, p. 113
Voix d’outre-tombe – jan. 1865, p. 16
Voyageur du commerce – jan. 1869, p. 29

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

PERÍODO CIENTÍFICO DO ESPIRITISMO

transição do – abr. 1858, p. 152

PERÍODO DA CURIOSIDADE

Espiritismo e – set. 1858, p. 369; dez. 1863, p. 504

PERÍODO FILOSÓFICO

Espiritismo e – dez. 1863, p. 504

PERÍODO PSICOLÓGICO DO ESPIRITISMO

progresso das ciências e – abr. 1858, p. 151

PERÍODOS DO ESPIRITISMO

comunicações dos Espíritos e – dez. 1863, p. 507

PERIPÉCIAS DA VIDA DA ALMA

compreensão das – jun. 1869, p. 230

simbologia das – jun. 1869, p. 234

PERISPÍRITO *ver também* Envoltório semimaterial

ação da homeopatia sobre – jun. 1867, p. 242

ação do Espírito no desprendimento do – set. 1865, p. 356

agênere e – fev. 1859, p. 67

alma e – out. 1859, p. 396; jun. 1863, p. 241

alteração do aspecto do – ago. 1859, p. 300

anjos do céu e – dez. 1863, p. 493

Antiguidade e suspeita do – jun. 1868, p. 258

aparência do – dez. 1858, p. 485; jan. 1859, p. 21

aparição do Cristo e propriedades do – ago. 1865, p. 318

aparição e propriedades do – dez. 1858, p. 482

aparições e – jan. 1859, p. 13; mar. 1859, p. 100; out. 1859, p. 396

aspecto como se apresenta o – jun. 1862, p. 243

atributos do – mar. 1864, p. 104

atuação do éter e clorofórmio sobre o – ago. 1869, p. 345

ÍNDICE GERAL

atuação do ópio e haxixe sobre o – ago. 1869, p. 346
bicorporeidade e – mar. 1859, p. 98
características do – jan. 1859, p. 13; abr. 1859, p. 134;
jun. 1861, p. 284; ago. 1861, p. 363; jan. 1863, p. 13;
abr. 1865, p. 165; set. 1867, p. 374
Charpignon, Sr., e obra sobre – jan. 1867, p. 31
conceito de – maio 1858, p. 194; out. 1859, p. 396; out.
1865, p. 396
conceito e função do – mar. 1866, p. 105
condensação do – dez. 1858, p. 484
constituição semimaterial do – maio 1865, p. 219
corpo físico e – abr. 1864, p. 148
corpo físico e função do – dez. 1858, p. 502
criações fluídicas e – mar. 1869, p. 115
crisálida espiritual e – maio 1865, p. 184
descrição do * em 1805 – jan. 1865, p. 41
desenvolvimento moral e depuração do – abr.
1865, p. 165
Dupont de Nemours e – out. 1869, p. 409
envoltório semimaterial e – ago. 1859, p. 298
Espiritismo e propriedades do – jan. 1865, p. 42; ago.
1865, p. 318
Espiritismo, prova e desenvolvimento do – ago.
1865, p. 309
Espírito travesso e – mar. 1859, p. 122
Espíritos purificados e – dez. 1858, p. 502
estado errante e – ago. 1859, p. 299
estados em que se apresenta o – mar. 1866, p. 109
existência do – dez. 1859, p. 476
fisiologia do – mar. 1864, p. 104
fluido maléfico e – ago. 1863, p. 334
fluido universal e – mar. 1861, p. 111; dez. 1862, p. 487

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

fluidos e – maio 1861, p. 228
forma como aparece o – jan. 1860, p. 39
forma do * após a morte – maio 1858, p. 196
forma dos Espíritos e – jan. 1859, p. 21
forma humana e – jan. 1859, p. 21; jun. 1862, p. 244
fotografia dos Espíritos e – mar. 1863, p. 135
funções do – jan. 1863, p. 29; mar. 1866, p. 107
homeopatia e – ago. 1863, p. 319
Humphry Davy e teoria do – jul. 1869, p. 306
influência dos Espíritos e – jan. 1863, p. 13
invisibilidade do – ago. 1859, p. 299
Lamennais e – jun. 1861, p. 284
magnetismo e – ago. 1863, p. 319
materialidade do – dez. 1859, p. 477
modificação molecular do – ago. 1859, p. 299; dez.
1859, p. 464
morte e – maio 1858, p. 218
mudança do aspecto do – mar. 1859, p. 100
natureza do – mar. 1866, p. 108
obsedado e seu – jun. 1864, p. 241
órgãos do – abr. 1859, p. 134
papel do * na cura – maio 1863, p. 196
Paulo de Tarso e – jan. 1865, p. 42; mar. 1866, p. 106;
out. 1866, p. 404; out. 1868, p. 411
penetrabilidade do – abr. 1864, p. 149
pensamento e – mar. 1869, p. 115
plasticidade do – abr. 1864, p. 150
propriedade de irradiação do – dez. 1862, p. 488
propriedades do – maio 1858, p. 194, 196; dez. 1858,
p. 484; out. 1864, p. 396; maio 1867, p. 185
propriedades e função do – dez. 1862, p. 489
rapaz de Londres e – fev. 1859, p. 67, 73

ÍNDICE GERAL

reprodução do corpo material e – abr. 1869, p. 148
ressurreição dos mortos e – dez. 1863, p. 498
secretos movimentos da alma e – jun. 1868, p. 241
sensações de dor no – mar. 1858, p. 129; out.
1862, p. 423
sensações do – mar. 1858, p. 98; abr. 1859, p. 134
sensorium commune e – dez. 1858, p. 503
separação entre corpo físico e – dez. 1859, p. 476
sublimação da matéria e – maio 1865, p. 214
sutilização do – nov. 1863, p. 476
tangibilidade e – out. 1859, p. 396
transfiguração e – mar. 1859, p. 98, 110
transporte do – abr. 1859, p. 136
vapor solidificado e – fev. 1859, p. 62
verdade sobre as cores do – ago. 1860, p. 337
vida no espaço e – jun. 1868, p. 256
visibilidade do – ago. 1859, p. 299
visibilidade e tangibilidade do – fev. 1859, p. 62
vontade dos Espíritos e – ago. 1859, p. 299
vontade e – jan. 1859, p. 22

PERPETUIDADE DO ESPIRITISMO

leis da Natureza e – set. 1867, p. 380

PERSEGUIÇÃO

atitude que deve ter o espírita ante a – ago. 1868, p. 338
católico que aceita o Espiritismo sofre – set. 1862, p. 373
combate aos espíritas pela – set. 1862, p. 370
como se preparar o espírita para enfrentar a – abr.
1862, p. 180
espíritas de Constantinopla sofrem – jul. 1864, p. 286
espíritas sofrem * dissimulada – ago. 1868, p. 339
Espiritismo e a era da – set. 1862, p. 371

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

estímulo aos espíritas que sofrem – out. 1866, p. 414
idéias inovadoras e verdadeiras sofrem – abr.
1868, p. 178
instrução de São Luís aos espíritas a respeito da – ago.
1868, p. 340
mártires do Espiritismo e – set. 1862, p. 373
militares espíritas sofrem – jun. 1864, p. 260
recrudescer a * aos espíritas em 1864 – ago. 1868, p. 336

PERSEGUIDORES DO ESPIRITISMO

questionamentos aos – abr. 1868, p. 176

PERSONALIDADE HUMANA

crença no Espiritismo e – set. 1858, p. 366

PERTHES, BOUCHER DE

Homem antediluviano e de suas obras, Do – ago.
1869, p. 316
Utensílios de pedra, Dos – ago. 1869, p. 316

PERTURBAÇÃO ESPIRITUAL

causas da * de Charles Barbara – jan. 1867, p. 42
conceito de – out. 1865, p. 398
desconhecimento do mundo invisível e – mar.
1858, p. 133
desencarnação e – jun. 1860, p. 271
desencarnação e duração da – dez. 1858, p. 490; set.
1859, p. 371
duração da – jun. 1860, p. 271; out. 1863, p. 409
duração da * de Sanson – out. 1863, p. 409
encarnação do Espírito e fenômeno de – fev. 1865, p. 70
fenômeno de – dez. 1859, p. 515
Glas e estado de – maio 1861, p. 225
momento de instalação da – out. 1865, p. 398

ÍNDICE GERAL

morte e – mar. 1861, p. 135; ago. 1863, p. 345; abr.
1865, p. 166
oração e – abr. 1865, p. 166
sintomas da – ago. 1863, p. 321
surpresa resultante do estado de – dez. 1859, p. 528

PERTURBAÇÕES CLIMÁTICAS

aproximação de um meteoro da Terra e – out.
1868, p. 430

PERVERSÃO

prisão serve como escola de – nov. 1864, p. 448

PESADELO

S... e – set. 1858, p. 380

PEYRA, DOM

evocação de – ago. 1861, p. 342

PEZZANI, ANDRÉ

Pluralidade das existências da alma e – jan. 1866, p. 31

PFEIFFER, IDA

evocação de – dez. 1859, p. 484
relatos de – dez. 1859, p. 483

PHARE DE LA MANCHE

poesias do Sr. Amédée Marteau no jornal – out.
1867, p. 40

PHILIPPEAU

materialista no Mundo dos Espíritos – maio
1868, p. 207

PINHÃO-DA-ÍNDIA

croton tiglium e – nov. 1868, p. 444

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

PINTURA

realismo e idealismo na – mar. 1862, p. 131

PINTURA E A MÚSICA, A

Lamennais e – maio 1861, p. 240

PINTURA MEDIÚNICA

influência do pensamento e – nov. 1858, p. 469

pintor cego e – mar. 1864, p. 102

visão espiritual e – jun. 1860, p. 250

PIO IX, PAPA

prática do Espiritismo e – jun. 1864, p. 250

PIO XI, PAPA

encíclica de – set. 1866, p. 350

PIRÂMIDES DO EGITO

construtores das – nov. 1858, p. 458

finalidade da construção das – nov. 1858, p. 458

PITÁGORAS

Apolônio de Tiana e – out. 1862, p. 395

metempsicose e – ago. 1863, p. 326; jan. 1865, p. 46

pluralidade dos mundos habitados e – jan. 1863, p. 51

reencarnação e – set. 1858, p. 371; nov. 1869, p. 452

substâncias espirituais e – jan. 1868, p. 33

PIZARRO

incas, astecas e – ago. 1864, p. 328

PLANTAS

características da vida das – dez. 1869, p. 526

nutrição das – set. 1868, p. 358

rudimentos do sistema nervoso nas – dez. 1869, p. 529

sensações das – jun. 1859, p. 238

virtudes curativas das – out. 1867, p. 417

ÍNDICE GERAL

PLATÃO

doutrina da escolha das provas e – set. 1858, p. 371

doutrina de Jesus e – dez. 1863, p. 481

filosofia e – abr. 1860, p. 192

Sócrates, Alexandre e – jan. 1859, p. 40

PLÍNIO, O MOÇO

Atenodoro e – mar. 1859, p. 124

carta de – mar. 1859, p. 123

corrupção e – mar. 1859, p. 129

Curtius Rufus e – mar. 1859, p. 123

egoísmo e – mar. 1859, p. 128

espaço e – mar. 1859, p. 127

evocação de – mar. 1859, p. 126

Marcus e – mar. 1859, p. 125

Mundo Espiritual e – mar. 1859, p. 127

recordação de existência e – mar. 1859, p. 126

Sura, aparições e – mar. 1859, p. 123, 127

PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS *ver também* Reencarnação

André Pezzani e – jan. 1866, p. 31

debate e – ago. 1863, p. 330

Espiritismo e – out. 1861, p. 432; maio 1863, p. 188;
set. 1863, p. 370

fatalidade e – jul. 1868, p. 284

filosofia moderna e doutrina da – jan. 1865, p. 47

fortalecimento da fraternidade e – out. 1866, p. 393

Gelpke e – nov. 1863, p. 475

histórico do princípio da – jan. 1865, p. 45

idéias espíritas e – dez. 1867, p. 497

inteligência e crença na – maio 1864, p. 203

Jesus e – set. 1867, p. 372

Jornal Lien e – jul. 1869, p. 291

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

metempsicose e – jan. 1865, p. 45
necessidade da expiação e – set. 1861, p. 413
objeção a teoria da – jun. 1869, p. 228
Théophile Gautier e – jul. 1867, p. 301

PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS

argumentos contra a teoria da – jul. 1864, p. 280
Camille Flammarion e – jan. 1863, p. 50; abr. 1863,
p. 178; set. 1864, p. 387
comunicações espíritas e – mar. 1858, p. 115
Deus e certeza da – mar. 1865, p. 97
escala espírita e – mar. 1858, p. 113
Espíritos e – maio 1858, p. 219
felicidade e – set. 1861, p. 412; nov. 1863, p. 476
idéia de Deus e – nov. 1863, p. 475
Louis Jourdan e – abr. 1861, p. 163
Lua e – mar. 1858, p. 109
Manual de Xéfolius, O, e – ago. 1865, p. 330
Orfeu e – jan. 1863, p. 51
Patrice Larroque e – set. 1868, p. 391
Pitágoras e – jan. 1863, p. 51
princípios fundamentais do Espiritismo e – abr.
1867, p. 143
reencarnação e – mar. 1865, p. 102
satisfação moral e crença na – nov. 1863, p. 466
Saturno e – mar. 1858, p. 109

PNEUMATOGRAFIA *ver também* Escrita direta

caso comprovado de – maio 1860, p. 236
conceito de – ago. 1859, p. 309
Espiritismo e – ago. 1859, p. 300
volitação e – jan. 1859, p. 29

ÍNDICE GERAL

PNEUMATOLOGIA

adversários católicos da – maio 1865, p. 194

POBRE

ausência de justiça e caridade e – ago. 1865, p. 337
considerações sobre o – out. 1861, p. 455
direito de esmola ao verdadeiro – ago. 1865, p. 338
egoísmo e dever de procurar o – ago. 1865, p. 338
função do * na Terra – dez. 1865, p. 473
lamentação das penas do verdadeiro – ago. 1865, p. 337

POBRES DE ESPÍRITO

interpretação de Lamennais da expressão – fev.
1862, p. 95

POBRES DE LYON

subscrição em benefício dos – dez. 1865, p. 474

POBRES E OS RICOS, Os

Sociedade espírita de Lyon e comunicação – out.
1861, p. 455

POBRES E RICOS

provas dos – ago. 1861, p. 374

POBREZA

características da – ago. 1861, p. 373
complexo de – jun. 1858, p. 255

PODER

aborrecimentos, dissabores e – mar. 1868, p. 124

PODER CURADOR

independe da vontade do médium – nov. 1866, p. 470
razões da perda do – nov. 1866, p. 470

PODER DIVINO

vida em outros planetas e – mar. 1858, p. 110

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

PODER DO RIDÍCULO, O

- Espiritismo e – fev. 1869, p. 68
- espírito francês e – fev. 1869, p. 66
- reflexões de Allan Kardec sobre – fev. 1869, p. 66

PODER JUDICIÁRIO

- magnetismo e – out. 1859, p. 386

POEMAS DE HOMERO

- mudanças feitas nos – nov. 1860, p. 494

POESIA

- Crede nos Espíritos do Senhor – abr. 1862, p. 173
- Espírito poeta, Um – jun. 1866, p. 245
- inspiração e – jun. 1863, p. 262
- Meu testamento – nov. 1862, p. 462
- prece pelos Espíritos, A – jul. 1866, p. 301
- Vozes do Céu, As – abr. 1862, p. 173

POESIA ESPÍRITA

- Alfred de Musset e – jan. 1866, p. 44
- Alma e a gota d'água, A – ago. 1869, p. 353
- Doente e o médico, O – fev. 1863, p. 99
- Espiritismo, O e – abr. 1865, p. 171
- Espíritos protetores, Aos – jul. 1867, p. 298
- Fenômeno, Um – nov. 1865, p. 441
- L. O. Ligutaud e – mar. 1867, p. 117
- Lembrança – fev. 1867, p. 82
- Livro dos Espíritos, O, e – fev. 1865, p. 86
- Lunetas, As – out. 1869, p. 435
- Mãe e filho – mar. 1863, p. 142
- Maravilhas do mundo invisível – jun. 1869, p. 260
- Méry, o sonhador – ago. 1866, p. 337
- Nova era, A – jun. 1869, p. 258
- Os grandes mistérios – abr. 1866, p. 176
- Poetas, Aos – abr. 1865, p. 172

ÍNDICE GERAL

Por que se lamentar? – mar. 1863, p. 140

Prece da morte pelos mortos, A – ago. 1866, p. 338

POESIAS DE MARTEAU

Phare de la Manche e – out. 1867, p. 401

POESIAS DE BÉRANGER

Sociedade Espírita do México e as – jan. 1862, p. 48, 49

POESIAS DIVERSAS DO MUNDO INVISÍVEL

Allan Kardec comenta sobre as – jan. 1867, p. 53

POETA

instinto e dupla vista do – abr. 1865, p. 172

POITEVIN

conselhos de – abr. 1859, p. 163

Espírito esclarecido e – abr. 1859, p. 164

evocação de – abr. 1859, p. 160

POITIERS

manifestações físicas em – fev. 1864, p. 70; mar. 1864,
p. 109; maio 1864, p. 211

POLÊMICA

Allan Kardec e * espírita – nov. 1869, p. 450

artigo sobre * espírita – mar. 1859, p. 101

gênero de – nov. 1858, p. 443

POLÍCIA RUSSA

ineficiência da – jun. 1866, p. 230

POLIGAMIA

Maomé e a prática da – ago. 1866, p. 311

POLÍTICA

cultura e divergência na – ago. 1858, p. 328

partido espírita e – jul. 1868, p. 293

sociedade moderna e – jun. 1868, p. 259

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

POLTRONA VAZIA

destinada aos desencarnados da família – set. 1868, p. 370

POMPADOUR

pressentimentos e prognósticos de madame – nov.
1867, p. 459

POMPÉRY, E. DE

Doutrina Espírita e – ago. 1863, p. 331
memória e de existências ulteriores e – ago. 1863, p. 330

PONTO DE VISTA

inteligência limitada e – abr. 1859, p. 148
posição relativa diante da situação e – jul. 1862, p. 269

POPULAÇÃO CATÓLICA

abandono da Igreja pela – nov. 1863, p. 463

POPULAÇÃO DA TERRA

mito de Adão e a – jan. 1862, p. 22

POPULAÇÃO INQUIETA

senso moral e – dez. 1867, p. 524

PORRY

carta de – jan. 1861, p. 15
mediunidade involuntária e o poeta – nov. 1859, p. 428
mérito do poeta – nov. 1859, p. 430
Urânia, poema, e poeta – nov. 1859, p. 427, 430

POSIÇÕES SOCIAIS

escolha das provas e – dez. 1869, p. 508

POSITIVISMO

materialismo e – out. 1868, p. 425

ÍNDICE GERAL

POSSESSÃO

- ajuda de Espírito elevado para curar a – jan. 1864, p. 32
conceito de – out. 1858, p. 407
Constant e – maio 1863, p. 190
estudo sobre a – dez. 1862, p. 485
fato comprobatório da – dez. 1863, p. 499
habitantes de Morzine e – ago. 1864, p. 305, 306, 308
Júlia e um caso de – dez. 1863, p. 501; jan. 1864, p. 26
médium inconsciente e – nov. 1867, p. 447
reconsideração sobre a possibilidade da – dez.
1863, p. 499
recursos espíritas na cura da – ago. 1864, p. 312
recursos ineficazes da Igreja no combate à – ago.
1864, p. 311
um caso de – dez. 1863, p. 499

POSSESSÕES DIABÓLICAS

- Idade Média e – set. 1860, p. 412

POSSESSOS DE MORZINE

- analogia do caso Júlia e – dez. 1863, p. 504
características dos – fev. 1865, p. 85
Chiara e – maio 1863, p. 190, 192
Constant e – abr. 1863, p. 148; maio 1863, p. 188, 190
crises nos – abr. 1863, p. 145
duração das crises dos – maio 1863, p. 188
Espírito batedor de Aube e – jan. 1863, p. 17
estudos sobre os – jan. 1863, p. 13; fev. 1863, p. 57;
maio 1863, p. 187
faculdade mediúnica e – jan. 1863, p. 14
insensibilidade nos – maio 1863, p. 191
insuficiência da causa material e – maio 1863, p. 192

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

maus Espíritos e – maio 1863, p. 195, 198
médiuns subjugados e – fev. 1863, p. 61

POUSSIN, ABADE

Espiritismo diante da História e da Igreja, O, e – jan.
1868, p. 20
Espiritismo segundo o abade – jan. 1868, p. 24

POVO CHINÊS

Lao-Tseu e o – out. 1866, p. 419

POVO SELVAGEM

características do – maio 1859, p. 209
conquistadores e – maio 1859, p. 209
existência dos Espíritos e – maio 1859, p. 210
fraternidade e – maio 1859, p. 210
reencarnação e – maio 1859, p. 210
remorso e – ago. 1867, p. 339
sensibilidade auditiva no – set. 1865, p. 368

POVOS BÁRBAROS

Carlos Magno e – jul. 1862, p. 308

POVOS DA ANTIGÜIDADE

evocação, idolatria e – out. 1863, p. 426

POVOS PRIMITIVOS

evolução do conceito de futuro nos – fev. 1865, p. 56

POVOS, SILÊNCIO!

Byron (Espírito) e dissertação espírita – ago. 1861, p. 368

PRADEL, EUGÈNE

poeta improvisador – ago. 1866, p. 341

PRANCHETA

Girardin, médium, em consulta à – out. 1859, p. 417

ÍNDICE GERAL

PRAZER TERRESTRE

aspirações do homem ao – nov. 1867, p. 480

PRÉBOIS, LEBLANC DE

Écho de Sétif, O – set. 1863, p. 378

PRECE *ver* Oração

efeitos da – nov. 1861, p. 520

PRECE, A

Fénelon e dissertação sobre – jul. 1861, p. 330

instinto moral do homem e – dez. 1861, p. 558

Joly (Espírito) e poesia – jun. 1861, p. 260

PRECOCIDADE

Eugénie Colombe e fenomenal – fev. 1867, p. 75

exemplo de – ago. 1866, p. 330

PRECONCEITO

desaparecimento do * religioso – ago. 1867, p. 334

Espiritismo e * social – nov. 1861, p. 513; out.

1863, p. 402

Espiritismo e combate ao – nov. 1868, p. 473, 474

unidade religiosa e triunfo sobre – set. 1867, p. 359

PRECURSOR DO ESPIRITISMO

Dupont de Nemours e – out. 1869, p. 407

Jean Reynaud e – ago. 1863, p. 313

Joana d'Arc e – dez. 1867, p. 498

João Huss e – set. 1869, p. 364

São Paulo e – dez. 1863, p. 495

PREDIÇÕES

Allan Kardec recusa datas fixas de – jul. 1860, p. 294

caráter das – dez. 1866, p. 492

utilidade das * suspeitas – jul. 1865, p. 279

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

PREDOMINÂNCIA DA MATÉRIA

livre-arbítrio e – out. 1863, p. 430

PREEXISTÊNCIA DA ALMA

conseqüências da crença na – jul. 1869, p. 273

diversidade das aptidões e – jun. 1866, p. 225

Islamismo e – nov. 1866, p. 445

PREGUIÇA

considerações sobre estímulo à – ago. 1865, p. 338

PRESCIÊNCIA

atributos do Espírito e – out. 1864, p. 404

emancipação da alma e – maio 1864, p. 180

esclarecimentos sobre – out. 1864, p. 402

instruções dos bons Espíritos e * divina – out.
1863, p. 431

lei natural e – maio 1864, p. 181

livre-arbítrio e * divina – out. 1863, p. 430

teorias da – maio 1864, p. 177, 178

PRESIDENTE DO GRUPO ESPÍRITA DE BROTTAUX

discurso do – out. 1861, p. 427

PRESENTIMENTO

ação do Espírito e – nov. 1867, p. 464

emancipação da alma e – jul. 1865, p. 281

esclarecimentos sobre – jan. 1868, p. 47

explicação natural do – nov. 1867, p. 465

fatalidade e – mar. 1858, p. 123

Gassner, * e prognóstico – nov. 1867, p. 458

Henrique IV, * e prognóstico – nov. 1867, p. 461

negação do – nov. 1867, p. 464

Pompadour, * e prognóstico – nov. 1867, p. 459

sonho e – mar. 1860, p. 135

ÍNDICE GERAL

PRESTIDIGITAÇÃO

Cagliostro e – abr. 1861, p. 175
características da – set. 1861, p. 402
profissão e – abr. 1859, p. 144
progresso e mérito da – fev. 1866, p. 91

PRESTIDIGITADOR

comportamento do – out. 1865, p. 416
fenômenos espíritas, médium e – mar. 1863, p. 140

PRETENSO ADEPTO

Espiritismo e – mar. 1863, p. 113

PREVISÃO ESPÍRITA

V... e – ago. 1859, p. 339

PREVISÕES

causas dos erros das – jun. 1868, p. 242
mediunidade e * dos Espíritos – jan. 1867, p. 27

PRÉVOST

homenagens a – jun. 1864, p. 261

PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

faculdades mediúnicas e – dez. 1863, p. 496
Paulo, apóstolo, e – dez. 1863, p. 496
ressurreição dos mortos e – dez. 1863, p. 497

PRIMEIRA REVELAÇÃO

Emmanuel Swedenborg e – nov. 1859, p. 438, 445
Moisés e – set. 1861, p. 414
Moisés e características da – set. 1867, p. 366
parte mais importante da – set. 1867, p. 366
propagação da – set. 1867, p. 380

PRÍNCIPE G.

Allan Kardec e carta ao – jan. 1859, p. 11

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

PRINCÍPIO DA IGUALDADE

orgulho e – jul. 1869, p. 274

PRINCÍPIO DA UNIVERSALIDADE

ensinamento dos Espíritos e – mar. 1864, p. 97

PRINCÍPIO DO ESPIRITISMO

disseminação do – out. 1869, p. 421

estabelecimento e base do – fev. 1867, p. 66

PRINCÍPIO ESPIRITUAL

demonstração da existência do – set. 1867, p. 364

dupa vista e – dez. 1865, p. 478

fenômenos psíquicos e – dez. 1867, p. 518

homens, animais e – maio 1865, p. 182

privilégios de raças e – jun. 1867, p. 230

prova da existência do – out. 1867, p. 418

união da matéria ao – set. 1867, p. 364

visão a distância e prova da existência do – ago.
1867, p. 345

PRINCÍPIO INTELIGENTE

ação do – ago. 1861, p. 336

animais e – set. 1865, p. 362

corpo físico e – abr. 1865, p. 138

Dupont de Nemours e – out. 1869, p. 413

lei de destruição e – mar. 1864, p. 100

prova da individualidade do – nov. 1867, p. 453

reencarnação e – out. 1869, p. 412

verdadeira vida e – abr. 1865, p. 138

PRINCÍPIO VITAL

fluido universal e – jun. 1858, p. 236

materialismo e – set. 1863, p. 360

movimento molecular e – set. 1868, p. 363

sociedades espíritas e seu – jun. 1862, p. 259

ÍNDICE GERAL

PRINCÍPIOS DA CIÊNCIA

questões sobre os – jan. 1859, p. 11

PRINCÍPIOS ESPÍRITAS

observação dos fatos e – dez. 1864, p. 524

registro dos mais aceitáveis – jan. 1868, p. 19

segundo Armand Durantin – fev. 1864, p. 89

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DO ESPIRITISMO

pluralidade dos mundos habitados e – abr. 1867, p. 143

PRISÃO

Espiritismo na – fev. 1864, p. 66

foco de perversão – nov. 1864, p. 448

PRIVILÉGIO DE RAÇA

Espiritismo e abolição do – jun. 1867, p. 231

princípio espiritual e – jun. 1867, p. 230

PROBLEMA DA PSICOLOGIA

anterioridade da alma e solução para o – jun. 1869, p. 228

PROBLEMA ESPÍRITA

Chevillard e solução definitiva para o – abr. 1869, p. 157

PROBLEMAS MORAIS

questionamentos sobre – maio 1858, p. 210

PROBLEMAS PSICOLÓGICOS

dois irmãos idiotas e – ago. 1865, p. 322

PROCESSO HILLAIRE

carta de Allan Kardec aos espíritas no – mar. 1865, p. 129

carta de Jaubert e – mar. 1865, p. 128

carta-resposta de Allan Kardec e – mar. 1865, p. 125, 127

elogio e reconhecimento aos espíritas no – mar.

1865, p. 130

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

posição do Espiritismo no – mar. 1865, p. 129
publicidade do – mar. 1865, p. 122

PROCESSO MAGNÉTICO

utilidade do conhecimento do – set. 1865, p. 350

PROCRIAÇÃO

agêneres e – fev. 1859, p. 65

PRODUÇÃO DE OBJETOS

mundo invisível e – ago. 1859, p. 301

PRODUÇÃO MEDIÚNICA

participação do médium na – ago. 1868, p. 326

PROFECIAS

interpretações das – out. 1866, p. 385
movimentos progressivos da humanidade e – out.
1866, p. 387
sinais dos tempos e – out. 1866, p. 385

PROFESSOR PÚBLICO

ensino do materialismo e – ago. 1868, p. 323

PROFETA

Espíritos elevados e antigo – nov. 1863, p. 477
exploração da credulidade e – abr. 1866, p. 142
religiões e – abr. 1866, p. 142

PROFETA DE CONTRABANDO

como se reconhecer um – mar. 1868, p. 107

PROFILAXIA

obsessão e – jan. 1863, p. 22

PROFISSÃO

afinidade espiritual e – maio 1858, p. 222
expição, missão e – abr. 1859, p. 148

ÍNDICE GERAL

necessidade da – abr. 1859, p. 147
progresso social e – abr. 1859, p. 148

PROFISSÃO DE FÉ DE UM FOURIERISTA

idéias espíritas e – mar. 1869, p. 110

PROFISSÃO DE FÉ ESPÍRITA AMERICANA

declaração de princípios e – abr. 1869, p. 143
Livro dos Espíritos, O, e – abr. 1869, p. 147

PROFISSÃO DE FÉ SEMI-ESPÍRITA

Ponson du Terrail e – out. 1868, p. 427

PROGNÓSTICO

crenças supersticiosas e – nov. 1867, p. 466

PROGRESSÃO *ver* Evolução

PROGRESSO

Alcorão dá um freio no – nov. 1866, p. 445
conceito de – jan. 1861, p. 37
encadeamento das circunstâncias e – jun. 1866, p. 234
Espiritismo e – jul. 1863, p. 307; jan. 1866, p. 24
incredulidade a e a força do – ago. 1862, p. 340
inimigos do – nov. 1860, p. 512
lei de destruição e – ago. 1864, p. 330
maneiras de se operar o – out. 1866, p. 386, 391
materialismo é instrumento do – out. 1866, p. 427
necessidades do corpo físico e – fev. 1864, p. 74
Novo Mundo e questionamentos sobre o seu – ago.
1864, p. 326
objetivos do – out. 1866, p. 395
realizado pela humanidade – out. 1866, p. 388
reinos da Natureza e a lei do – ago. 1858, p. 351
religião e – jul. 1864, p. 270
sacrifício humano e – mar. 1864, p. 130

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

PROGRESSO CIENTÍFICO

dogmas, leis naturais e – set. 1863, p. 355
fé cega e combativa pelo – abr. 1862, p. 153
tese do sobrenatural e – set. 1860, p. 396

PROGRESSO DA HUMANIDADE

contribuição do Espiritismo para o – fev. 1862, p. 74
descobrimto da verdade e – dez. 1864, p. 522
lei numérica e as etapas do – jul. 1868, p. 278

PROGRESSO DE UM ESPÍRITO PERVERSO

Claire, exemplo de – abr. 1861, p. 193

PROGRESSO DO ANIMAL

solução de continuidade no – jul. 1860, p. 303

PROGRESSO DO ESPIRITISMO

Grupo Espírita de Bordeaux e – set. 1862, p. 355
inquietação dos incrédulos pelo – set. 1862, p. 379
razões do – jan. 1860, p. 19

PROGRESSO DO MUNDO

condição para – mar. 1867, p. 137

PROGRESSO DOS POVOS

motivo do – maio 1867, p. 222

PROGRESSO ESPIRITUAL

ambiente de reencarnação favorece o – mar. 1858, p. 138
amor e – maio 1858, p. 219
aparência física e – jul. 1860, p. 302
desencarnado pode cooperar com o – maio 1868, p. 207
desequilíbrio moral e intelectual no – mar. 1862, p. 130
druidismo e – abr. 1858, p. 164, 166, 168
erros do passado e – jan. 1862, p. 28
Espíritos fracos e – out. 1860, p. 478

ÍNDICE GERAL

felicidade e – jul. 1862, p. 273
infinitude do – ago. 1866, p. 334
inteligência e – maio 1858, p. 219
Mundo Espiritual proporciona o – maio 1868, p. 206
noção de tempo e – fev. 1860, p. 94
panteísmo e – nov. 1858, p. 449
períodos do – fev. 1864, p. 82
posições sociais e – abr. 1859, p. 147
religião favorece o – abr. 1858, p. 184
sensualidade e – nov. 1860, p. 499

PROGRESSO GERAL

visão do futuro e – maio 1864, p. 179

PROGRESSO HUMANO

liberação do passado e – jul. 1869, p. 296
Maomé e – nov. 1866, p. 446
sacrifícios e – dez. 1864, p. 485

PROGRESSO INDIVIDUAL

progresso geral da humanidade e o – out. 1866, p. 393

PROGRESSO INTELECTUAL

interrupção do – mar. 1862, p. 113
primeira fase da humanidade e o – out. 1866, p. 395
progresso moral e – jul. 1864, p. 301
renovação incessante da matéria e – maio 1865, p. 214

PROGRESSO INTELECTUAL E MORAL

Georges (Espírito) e – maio 1861, p. 242

PROGRESSO MATERIAL

Espiritismo abre caminho para o – nov. 1864, p. 436
progresso moral e – abr. 1864, p. 161

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

PROGRESSO MORAL

felicidade do homem na Terra e – out. 1866, p. 395
nova fase da humanidade – out. 1866, p. 396
progresso intelectual e – jul. 1864, p. 301
progresso material e – abr. 1864, p. 161
sinais inequívocos da fase do – out. 1866, p. 396
transformação da humanidade e – abr. 1864, p. 162

PROGRESSO TECNOLÓGICO

conseqüências sociais e econômicas do – mar.
1864, p. 125
desemprego e – mar. 1864, p. 129

PROIBIÇÃO DA EVOCÇÃO DOS MORTOS

Evangelho de Jesus e – out. 1863, p. 422
exame sério da justificativa da – out. 1863, p. 424
mandamentos de Deus e – out. 1863, p. 422
Moisés e – out. 1863, p. 422

PROJETO DA PAZ PERPÉTUA

Saint-Pierre, abade de, e – dez. 1867, p. 519

PROJETO DE CONSTITUIÇÃO

decisão do Círculo da Moral Espírita de Toulouse e –
jan. 1869, p. 17

PROMESSAS DE JESUS

Espiritismo e – set. 1867, p. 376

PROMETEU, DEUS DA MITOLOGIA

atualidade e – out. 1862, p. 399

PROPAGAÇÃO DA VERDADE

manifestações espíritas e – jan. 1860, p. 45

PROPAGAÇÃO DO ESPIRITISMO *ver* Divulgação do
Espiritismo

ÍNDICE GERAL

PROPORÇÃO RELATIVA DOS ESPÍRITAS

quadro demonstrativo da – jan. 1869, p. 21

PROPOSIÇÃO DO ESPIRITISMO

crenças, tendências, finalidade e – set. 1869, p. 356

PROPÓSITO DE BORDOADAS, A

algumas palavras sérias sobre – maio 1863, p. 212

PROPRIEDADE TANGÍVEL

modificações da – fev. 1859, p. 81

PROSELITISMO

pregação do Espiritismo sem – ago. 1858, p. 333

PROTEÇÃO ESPIRITUAL

perigos iminentes e – maio 1866, p. 195, 215

PROTESTANTES

palavras do Espiritismo aos – set. 1867, p. 378

PROTESTO DE UM ESPÍRITA

ataques de certos jornais e – dez. 1865, p. 482

PROTETOR ESPIRITUAL

forma de reparação do Espírito como – maio 1866, p. 195

PROVA DE IDENTIDADE

Espírito leviano e * dos Espíritos – jul. 1867, p. 296

PROVA MORAL

Espíritos e * de identidade – jul. 1861, p. 303
valor da – fev. 1867, p. 62

PROVAÇÃO

compensação pelo êxito na – ago. 1865, p. 326
condição para abreviamento da – out. 1863, p. 431
determinismo e – nov. 1862, p. 449

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

encurtamento da – jan. 1859, p. 42
escolha da – set. 1861, p. 396; fev. 1863, p. 97
escolha da * em nova existência – jan. 1869, p. 49
escolha de * em família – mar. 1860, p. 146
Espírito pode recuar da * escolhida – out. 1862, p. 423
Espíritos errantes e – abr. 1859, p. 147
expição sem – jul. 1864, p. 297
fatalidade e – jul. 1868, p. 284
fortuna e honraria constituem uma – jun. 1866, p. 233
importância da – maio 1867, p. 225
individualidade da – dez. 1869, p. 508
justiça da – out. 1869, p. 398
oração e aquisição do mérito da – mar. 1865, p. 125
principais acontecimentos da vida e – jun. 1866, p. 232
reencarnação e escolha da – out. 1862, p. 430, nota
resignação e – jul. 1863, p. 303

PROVENCE, RENÉ DE

harmonia, A, ditado, e – fev. 1861, p. 105

PROVIDÊNCIA DIVINA

instrumentos inconscientes dos desígnios da – jun.
1866, p. 231
momento da morte e – jun. 1866, p. 232

PRUDÊNCIA

missão e – abr. 1860, p. 195

PSEUDO-SÁBIO

Espírito – mar. 1863, p. 111

PSICHÉ

Pietro Cassella e – fev. 1868, p. 102

PSICOFONIA

forma estanha de – mar. 1860, p. 122

ÍNDICE GERAL

PSICOGRAFIA

- conceito de – ago. 1859, p. 309
- Daniel Dunqlas Home e – mar. 1858, p. 144
- Ermance Dufaux e – mar. 1858, p. 120
- espiritografia e – jan. 1858, p. 32
- mecanismos da – jan. 1858, p. 31; jan. 1860, p. 34
- mecanismos da * indireta – jan. 1858, p. 32
- mediunidade de – out. 1858, p. 404
- obsessão e – dez. 1860, p. 548
- poltrona e – mar. 1859, p. 96
- prisioneiro pratica – fev. 1864, p. 68
- regras para evitar a fascinação pela – out. 1858, p. 417
- vantagens da comunicação pela – jan. 1858, p. 33

PSICOGRAFIA ESPECULAR

- um caso de – dez. 1859, p. 529

PSICOLOGIA EXPERIMENTAL

- Espiritismo e – maio 1865, p. 182

PTOLOMEU

- conceito de céu e – mar. 1865, p. 97

PUBLICAÇÕES ESPÍRITAS

- conveniência e oportunidade das – nov. 1859, p. 425, 427
- Espiritismo e – mar. 1863, p. 110
- Espiritualidade orienta Allan Kardec a priorizar certas – mar. 1862, p. 100
- intempestivas e excêntricas – mar. 1863, p. 110
- multiplicação das – maio 1863, p. 226
- objetivo das – set. 1867, p. 381
- origem suspeita das – dez. 1863, p. 513
- proibição de – jun. 1863, p. 246

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Théophile Gautier e – dez. 1865, p. 476; jan. 1867,
p. 32; fev. 1867, p. 91
utilidade das – maio 1863, p. 219

PUBLICIDADE DAS COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS

cuidados necessários para se fazer a – jan. 1862, p. 30
prós e contras dos diferentes sistemas de – jan.
1862, p. 31

PUCHESSÉ, BAGUENAUULT DE

considerações sobre o Espiritismo e – jan. 1869, p. 33
Imortalidade, livro de – jan. 1869, p. 33
resposta de Félix, bispo de Orléans, – jan. 1869, p. 34

PUNIÇÃO

arrependimento, prece e abrandamento da – out.
1863, p. 431
conceito de – jun. 1860, p. 262

PUNIÇÃO DO ATEU

observações de Allan Kardec sobre – maio 1867, p. 194

PURGATÓRIO

Evangelho, Espiritismo e – nov. 1863, p. 459
expiacões e – set. 1863, p. 387
vida extracorpórea e – set. 1863, p. 388

Q

QUADRO DEMONSTRATIVO DA PROPORÇÃO DOS ESPÍRITAS
conseqüências do – jan. 1869, p. 21

QUADRO ESPÍRITA, PINTURA

exposição de Antuérpia e – out. 1864, p. 428

ÍNDICE GERAL

QUALIDADE DO SANGUE

influência do Espírito na – mar. 1869, p. 100, 101

QUALIDADES DA ALMA

manifestação das – dez. 1869, p. 522

QUALIDADES MORAIS

faculdade mediúnica e – abr. 1861, p. 197

médium e – fev. 1861, p. 97

QUALIDADES PASSADAS

lisonjas às – mar. 1859, p. 128

QUATRO EVANGELHOS, OS

Allan Kardec opina sobre – jun. 1866, p. 257, 259

detalhe do prefácio de – set. 1866, p. 362

neutralidade de Allan Kardec sobre os – jun.

1866, p. 258

QUESTÕES E PROBLEMAS DIVERSOS

São Luís e – fev. 1861, p. 96

QUESTÕES RELIGIOSAS

respostas da SPEE às – mar. 1863, p. 122

QUILLET, MARIE-CAROLINE

Foulan e – abr. 1865, p. 172

QUÍMICA

constituição íntima dos corpos e – mar. 1866, p. 103

corpos simples e – mar. 1866, p. 99

lei numérica e as combinações da – jul. 1868, p. 277

QUIROMANCIA

considerações sobre – jul. 1869, p. 283

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

R

R..., MÉDIUM

antigo carreteiro (Espírito) e – dez. 1859, p. 512
aparição e – ago. 1859, p. 338

RAÇA ADÂMICA

Terra e – jun. 1863, p. 230

RAÇA BRANCA

teoria do surgimento da – abr. 1860, p. 174

RAÇA NEGRA

humilhações e – jun. 1859, p. 244
inferioridade da – abr. 1862, p. 151, nota
perfectibilidade da – abr. 1862, p. 141
progresso espiritual da – abr. 1862, p. 151
situação do Espírito que reencarna na – set. 1866, p. 375
teoria do surgimento da – abr. 1860, p. 173

RAÇA(S)

ancianidade da – dez. 1867, p. 485
anotações sobre a – dez. 1869, p. 497
formas das * em Júpiter, Saturno, Marte e Vênus – jul.
1869, p. 303
Justiça divina e a extinção das – ago. 1864, p. 328

RAÇAS HUMANAS

Antropologia e – jan. 1862, p. 26
inferioridade e perfectibilidade das – abr. 1862,
p. 146, 149
meios de aperfeiçoamento das – abr. 1862, p. 150
reencarnação e – abr. 1862, p. 147

ÍNDICE GERAL

RACIOCÍNIO

- elemento de convicção e – jul. 1859, p. 258
- Espiritismo e – ago. 1859, p. 301
- limites do – jul. 1859, p. 259
- nascimento do – maio 1865, p. 215
- observação dos fatos e – jul. 1859, p. 260
- transviamento do – jul. 1859, p. 259

RAFAEL, ANJO

- aparição identifica Martin como sendo o – dez. 1866, p. 483

RAINHA DE OUDE

- evocação da – ago. 1859, p. 307
- Maomé e as opiniões da – mar. 1858, p. 135
- Mundo Espiritual e – mar. 1858, p. 135

RAINHA VITÓRIA

- mediunidade da – mar. 1864, p. 119

RAMANENJANA

- características e conseqüências do – fev. 1865, p. 80
- causa da obsessão coletiva e – fev. 1865, p. 84
- causa do – fev. 1865, p. 83
- convulsões, convulcionários e – fev. 1865, p. 79
- crença nos Espíritos e – fev. 1865, p. 83
- duração das convulsões do – fev. 1865, p. 82
- estudo sobre o fenômeno do – fev. 1865, p. 83
- obsessão e – fev. 1865, p. 84
- significado da palavra – fev. 1865, p. 79
- vítimas acometidas pelo – fev. 1865, p. 81

RAMANNENZAA

- febre de Madagáscar – nov. 1868, p. 444

RANGER DE DENTES

- significado espírita da expressão – jul. 1864, p. 297

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

RAPAZ DE LONDRES

- alimentação do – fev. 1859, p. 66
- Boulogne, cidade, e – fev. 1859, p. 66
- corpo físico de – fev. 1859, p. 67
- fenômeno de bicorporeidade e – fev. 1859, p. 65
- perispírito de – fev. 1859, p. 67, 73
- tangibilidade do – fev. 1859, p. 67

RAYER

- grande perônio e – jun. 1859, p. 225

RAZÃO

- Cousin e conceito de – nov. 1863, p. 451
- homem e uso da – abr. 1860, p. 193
- intuição e – set. 1863, p. 361
- origem da – ago. 1865, p. 341; set. 1865, p. 366
- utilidade da * no homem – ago. 1865, p. 341

RAZÃO DO ESPIRITISMO, A

- importância filosófica de – nov. 1867, p. 484
- indicação do título dos capítulo de – nov. 1867, p. 479
- Michel Bonnamy e – nov. 1867, p. 473
- prefácio de – nov. 1867, p. 474

REAÇÃO ESPIRITUALISTA

- obras de Renan e – out. 1863, p. 402

RÉBININE, SOFIA DE, PRINCESA

- convite de – jun. 1859, p. 248
- mesas girantes e – jun. 1859, p. 249

RECEITUÁRIO ESPIRITUAL

- Demeure e – nov. 1868, p. 444
- interesses comerciais e – ago. 1858, p. 325
- para pancada no corpo – jun. 1868, p. 232

ÍNDICE GERAL

RECÉM-DESENCARNADO

Adrien observa o comportamento de um – dez.
1858, p. 491
constatação da identidade de Espírito – jul. 1866, p. 293
expressiva lucidez de Sanson – maio 1862, p. 186
pensa que tudo não passa de um sonho – dez.
1858, p. 492
situação do Espírito – maio 1862, p. 185

RECENSEAMENTO ESPÍRITA

impossibilidade de se realizar um – dez. 1865, p. 484

RECOLHIMENTO

leitura, oração e o verdadeiro – nov. 1868, p. 477
momento de oração e – nov. 1868, p. 478

RECONCILIAÇÃO

Espiritismo promove uma – set. 1862, p. 377

RECONHECIMENTO ESPÍRITA

deveres e – abr. 1863, p. 162

RECUSA À ABSOLVIÇÃO

adeptos do Espiritismo e – nov. 1863, p. 462

REELEIÇÃO

Allan Kardec e – jul. 1859, p. 275

REENCARNAÇÃO *ver também* Pluralidade das existências

ação dos fluidos na – fev. 1864, p. 76
afeições terrenas e – fev. 1864, p. 77
afinidade entre as pessoas e – set. 1868, p. 394, nota
Antiguidade e a idéia da – ago. 1862, p. 331
antropofagia e a – fev. 1866, p. 74
aspirações do homem e – fev. 1864, p. 75
Assassinato da ponte vermelha, O – jan. 1867, p. 34

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

atraso no progresso espiritual e – fev. 1864, p. 80
avaliação da última existência e interesse pela – abr.
1858, p. 183
benefícios da doutrina da – set. 1867, p. 373
causas anteriores das aflições e – ago. 1865, p. 324
Charles Fourier e – dez. 1862, p. 513; mar. 1869, p. 110
condição do Espírito na primeira – out. 1862, p. 421
confirmação constante da – jul. 1865, p. 274
crenças cristãs e – out. 1868, p. 428
crenças nas manifestações espíritas e na – abr.
1862, p. 156
Cyrano de Bergerac e – set. 1868, p. 390
dissertação sobre a – mar. 1862, p. 126
diversidade das raças humanas e – abr. 1862, p. 147
diversidade social e – dez. 1862, p. 519
dogma e – jun. 1863, p. 247
dogma prático e – out. 1860, p. 475
doutrina druídica e princípio da – abr. 1869, p. 153
efeito moralizador da – out. 1868, p. 423
Elias, João Batista e – dez. 1863, p. 493
ensinamentos da – jun. 1861, p. 256
ensinos de Jesus e – jan. 1862, p. 25
escolha das provas e – out. 1862, p. 430, nota
esperança e a tese da – nov. 1858, p. 450
Espiritismo, prova e desenvolvimento da – ago.
1865, p. 309
Espírito elemental e – mar. 1860, p. 151
Espíritos errantes e – abr. 1859, p. 147
Estados Unidos e – maio 1864, p. 202
estudo aprofundado da – nov. 1858, p. 445
estudos sobre – fev. 1864, p. 75
Eugène Pelletan e – set. 1868, p. 391

ÍNDICE GERAL

expição e – ago. 1865, p. 326
Fariseus e crença na – nov. 1869, p. 453
filiação sanguínea e – mar. 1862, p. 103
finalidade da – out. 1869, p. 400
força da argumentação da teoria da – nov. 1858, p. 448
Fredegunda e – jan. 1864, p. 34
fundamento da – dez. 1859, p. 482
Há uma vida futura?, livro, e demonstração da – abr.
1869, p. 177
herança espiritual e – mar. 1862, p. 105
Hindus e – dez. 1859, p. 480
Igreja e – nov. 1858, p. 454; set. 1862, p. 365
igualdade da mulher perante o homem e – jan.
1866, p. 15
igualdade dos direitos sociais e – jan. 1867, p. 30
influencia a propagação do Espiritismo – abr.
1862, p. 152
Jean-Jacques Rousseau e – ago. 1861, p. 370
Jesus e ensino da – dez. 1863, p. 493
João Gaspar Lavater e – mar. 1868, p. 116
João gaspar Lavater e – maio 1868, p. 203
Jobard e – dez. 1861, p. 549
jornal Figaro e – out. 1868, p. 423
justiça da – out. 1869, p. 399
Justiça divina e – out. 1860, p. 474; dez. 1869, p. 507
Justiça e amor divinos e – mar. 1862, p. 127
Krishna e – ago. 1862, p. 331
laços de família e – mar. 1862, p. 102
Lamennais e – set. 1868, p. 391
Lao-Tseu e – out. 1868, p. 415
lei inerente à humanidade – dez. 1862, p. 515
lembranças de existências passadas e – dez. 1869, p. 507

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

limites da – fev. 1864, p. 75
lógica da teoria da – dez. 1860, p. 563
Louis Jourdan e – dez. 1862, p. 513
metempsicose e – nov. 1858, p. 446; out. 1863, p. 400;
nov. 1863, p. 460
migração dos Espíritos e – jan. 1862, p. 20
mudança de sexo e – mar. 1858, p. 99
naturalidade da idéia da – dez. 1869, p. 503
necessidades da – abr. 1859, p. 147
opinião sobre a finalidade da – jul. 1858, p. 301
panteísmo, materialismo e princípio da – jan. 1867, p. 29
parentesco espiritual e – mar. 1862, p. 103
Pedro, czar e * de Sócrates – jul. 1869, p. 301
pendores inatos e – dez. 1862, p. 519
Pierre Le Flamand (Espírito) e – maio 1859, p. 177
Pierre Leroux e – set. 1868, p. 394
Pitágoras, Platão e – set. 1858, p. 371
população da Terra e – jan. 1862, p. 19
popularização do pensamento sobre – jan. 1867, p. 29
porque a * não foi ensinada na América – fev.
1862, p. 78
porque Allan Kardec aceitou a teoria da – nov.
1858, p. 446
possibilidade de * em diferentes mundos – jan.
1862, p. 19
povos selvagens e – maio 1859, p. 210
princípio da * e A Cabana do Pai Tomás – abr. 1869,
p. 153
princípio inteligente e – out. 1869, p. 412
Privat d'Anglemont e – dez. 1859, p. 490
problemas morais e filosóficos e – abr. 1862, p. 155
projeto para – jun. 1866, p. 250

ÍNDICE GERAL

reencarnado preocupado com sua futura – maio
1862, p. 184
Roustaing e – jun. 1861, p. 254
Sabò e – nov. 1861, p. 478
São Francisco Xavier e – ago. 1868, p. 348
satisfação moral e crença na – nov. 1863, p. 465
semelhança física e – jul. 1860, p. 303
sinais que todos temos da – dez. 1860, p. 563
sonambulismo e – jul. 1863, p. 272
tempo e local da – mar. 1858, p. 97
Tucarondono e a * no Japão – ago. 1868, p. 348
Victor Hugo e – set. 1868, p. 393

REFLEXÃO

Espírito humano e conceito de – maio 1865, p. 210

REFLEXÕES SÉRIAS E IMPORTANTES DE ROBINSON

CRUSOÉ

prefácio do livro – set. 1867, p. 388
primeira parte do livro – set. 1867, p. 388
segunda parte do livro – set. 1867, p. 391

REFORMA DA HUMANIDADE *ver* Regeneração da
Humanidade

REFORMA ÍNTIMA

finalidade do Espiritismo – out. 1860, p. 436
leitura de O Livro dos Espíritos favorece a – set.
1862, p. 374

REFORMA MORAL

Espiritismo e exemplos da – mar. 1865, p. 131

REFORMADORES

verdadeiros – ago. 1866, p. 321

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

REFUTAÇÃO DAS CRÍTICAS CONTRA O ESPIRITISMO

publicação de – dez. 1861, p. 530

REFUTAÇÃO DOS ESPÍRITAS DA BAHIA

Diário da Bahia, jornal, e – nov. 1865, p. 444

REGENERAÇÃO DA HUMANIDADE *ver também* Transformação da Humanidade

características do período de – out. 1866, p. 397

Espiritismo contribui para – abr. 1866, p. 156

Espiritismo, progresso moral e – ago. 1865, p. 306

expulsão dos Espíritos inferiores da Terra e – fev. 1860, p. 69

instruções dos Espíritos sobre – out. 1866, p. 401

messias do Espiritismo e – mar. 1868, p. 105

papel do Espiritismo na – out. 1866, p. 397

processo progressivo da – nov. 1868, p. 474

renovação integral dos Espíritos e – out. 1866, p. 411

tempo de – abr. 1858, p. 151

REGENERAÇÃO SOCIAL

filosofia e – set. 1863, p. 357

REGENERAÇÃO, A

Allan Kardec, dissertação espírita – jul. 1869, p. 295

REGIMENTO FANTÁSTICO, O

Victor Dazu e – set. 1868, p. 375

RÉGNON, ABADE

ataque ao Espiritismo pelo – jul. 1864, p. 290

REGRESSÃO

druidismo e – abr. 1858, p. 168

Espírito é induzido à – jun. 1866, p. 241

ÍNDICE GERAL

REINO DE DEUS

amor e – mar. 1861, p. 147
carne, sangue e – dez. 1863, p. 498

REINO DO CRISTO

espíritas e – jan. 1865, p. 51
precursores anunciam o – jan. 1865, p. 51

Reino dos Céus

Ernest Renan e – jun. 1864, p. 222

REINO HOMINAL

desenvolvimento da raça humana e – mar. 1869, p. 108

REINO ORGÂNICO

progresso do – jun. 1859, p. 239

REINO VEGETAL

história sobre a manifestação da vida no – dez.
1869, p. 527
origem do – jul. 1868, p. 288

REINOS DA NATUREZA

desenvolvimento do Espírito e – maio 1865, p. 183
interdependência dos – mar. 1866, p. 99
lei do progresso e – ago. 1858, p. 351

RELAÇÕES AFETUOSAS DOS ESPÍRITOS

Allan Kardec e artigo – fev. 1861, p. 100

RELAÇÕES AMISTOSAS

relatividade das * após a morte – nov. 1860, p. 502

RELAÇÕES AMISTOSAS ENTRE ESPÍRITOS ERRANTES

Allan Kardec esclarece a questão da – nov. 1860, p. 501

RELAÇÕES ESPIRITUAIS

não-preexistência da alma e – mar. 1862, p. 106

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

RELAÇÕES FLUÍDICAS

comunicação mediúnica e – jul. 1866, p. 296

RELATÓRIO DE MORZINE

observações sobre o – abr. 1863, p. 151

RELATÓRIO DOS TRABALHOS DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE BORDEAUX

Ópio e Haxixe e o – set. 1869, p. 385

RELIGIÃO CRISTÃ

Voltaire e – set. 1859, p. 357

RELIGIÃO DE DEUS

religião do coração é – ago. 1862, p. 326

RELIGIÃO HINDU

características da – dez. 1859, p. 482

Zimmermann e – dez. 1859, p. 481

RELIGIÃO ISRAELITA

Deus espiritual e – set. 1861, p. 414

RELIGIÃO NOVA

Espiritismo e – jul. 1859, p. 288

RELIGIÃO POLÍTICA

fé política e – dez. 1868, p. 490

RELIGIÃO UNIVERSAL

estabelecimento da – mar. 1861, p. 144

RELIGIÃO(ÕES)

caráter das * e idéia de Deus – set. 1867, p. 367

caridade e – mar. 1863, p. 124

cépticos e – out. 1859, p. 384

conceito de – dez. 1868, p. 490

corrupção e decadência das – fev. 1868, p. 75

ÍNDICE GERAL

crenças da – jan. 1859, p. 17
crenças individuais e – jun. 1868, p. 271
crenças pessoais, fanatismo e – ago. 1866, p. 304
direito que tem o homem de escolher sua – abr.
1868, p. 176
dogmas e – mar. 1863, p. 124
ensinamentos da – abr. 1859, p. 132
escola de cépticos e – dez. 1869, p. 493
Espiritismo e – abr. 1859, p. 132; maio 1859, p. 205,
206; out. 1861, p. 438; nov. 1861, p. 494; set. 1862,
p. 362; set. 1863, p. 388
Espiritismo e crença nas verdades da – nov. 1863, p. 465
Espiritismo e dúvidas da – set. 1863, p. 375
Espíritos fortes e – out. 1859, p. 384
estacionamento das – fev. 1867, p. 69
fanatismo e – abr. 1863, p. 178
história da humanidade e – dez. 1869, p. 493
Igreja insiste que Espiritismo é uma – set. 1864, p. 361
impotência da * e triunfo do Espiritismo – dez.
1863, p. 486
inferno, alegrias celestes e – set. 1863, p. 357
invariabilidade do que é divino nas – dez. 1864, p. 522
Júpiter, planeta, e – abr. 1858, p. 181
Lamennais (Espírito) e – dez. 1861, p. 563
legislação e – mar. 1866, p. 121
limites da Ciência e – set. 1864, p. 382
maus Espíritos e – maio 1863, p. 195
motivo da crença na – mar. 1867, p. 135
origem da – abr. 1858, p. 186; ago. 1866, p. 318
população de além-túmulo e – fev. 1865, p. 58
princípio fundamental da – set. 1867, p. 359
progresso da Ciência e – jul. 1864, p. 277

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

progresso e – jul. 1864, p. 270
progresso espiritual favorecido pela – abr. 1858, p. 184
promoção do Espiritismo à categoria de – abr.
1862, p. 174
quando o Espiritismo é uma – dez. 1868, p. 491
reveladores nas – set. 1867, p. 359
sociedade moderna e – jun. 1868, p. 259
surgimento das – fev. 1867, p. 69
tolerância com as diversas – set. 1862, p. 369
vida futura é base de toda – abr. 1862, p. 153
vida futura e esboço da – fev. 1865, p. 58

RELIGIÕES ANTIGAS

ignorância científica e – jan. 1862, p. 43

REMBRAND

comunicações espontâneas de – dez. 1859, p. 508
Jesus e – dez. 1859, p. 508

REMÉDIO

receituário espiritual de – nov. 1862, p. 460; jun. 1868,
p. 232
ressalva para aplicação do * espiritual – dez. 1862, p. 527

REMINISCÊNCIAS ESPIRITUAIS

disposições morais anteriores e – mar. 1859, p. 106

REMONE, GUILLAUME

enterrado vivo por expiação – nov. 1862, p. 443

REMORSO

arrependimento e – maio 1860, p. 240
características do – ago. 1867, p. 336
conceito de – ago. 1867, p. 339
consciência e – out. 1861, p. 457
conseqüências do – ago. 1867, p. 338

ÍNDICE GERAL

mundo dos Espíritos e suplício do – ago. 1867, p. 339
povos selvagens e – ago. 1867, p. 339

RENAN, ERNEST

Apóstolos, Os, de – set. 1866, p. 360
ateísmo, materialismo e – jun. 1864, p. 221
comentários sobre a obra de – jun. 1864, p. 219
contradições na obra de – jun. 1864, p. 220
família de Jesus segundo – jun. 1864, p. 227
opiniões pessoais sobre Jesus – jun. 1864, p. 220
reação espiritualista e obra de – out. 1863, p. 402
reino dos céus e – jun. 1864, p. 222
seguidores de Jesus segundo – jun. 1864, p. 227
tranco nos espíritos dado por – set. 1866, p. 362
vida além da morte e – maio 1864, p. 186
Vida de Jesus, A, e – maio 1864, p. 185

RENASCIMENTO

solidariedade entre imortalidade e – nov. 1869, p. 452

RENAUD, GUILLAUME

evocação de – mar. 1863, p. 121
morte de – mar. 1863, p. 118

RENOVAÇÃO DA HUMANIDADE

epidemia de cólera e – out. 1867, p. 440
reencarnação de Espíritos superiores e – fev. 1860, p. 69

RENOVAÇÃO ESPIRITUAL

sintomas de – ago. 1863, p. 321

RENOVAÇÃO MORAL

base e princípio da – jan. 1865, p. 49

RENOVAÇÃO SOCIAL

Espiritismo e – out. 1866, p. 399

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

RENOVAÇÃO SOCIAL E MORAL

sinais precursores de – jul. 1863, p. 309

REPARAÇÃO DE FALTAS

benefício da – ago. 1867, p. 336

mérito na – ago. 1865, p. 326

REPOUSO ETERNO, O

significado da expressão – nov. 1865, p. 467

RESIGNAÇÃO

cegueira e – jul. 1863, p. 305

prova e – jul. 1863, p. 303

sólidos princípios do Espiritismo e – nov. 1868, p. 442

RESPONSABILIDADE

Carne é fraca, A – mar. 1869, p. 102

crença no niilismo e – mar. 1869, p. 102

Espiritismo e demonstração da – mar. 1869, p. 102

evolução do Espírito e conseqüências da – mar.

1869, p. 103

igualdade do homem e da mulher e – jun. 1867, p. 235

livre-arbítrio e – jun. 1863, p. 232; maio 1865, p. 206

RESPONSABILIDADE DO ESPIRITISMO

conduta para se conhecer a – set. 1869, p. 356

processo de verificação da – jan. 1869, p. 36

RESSURREIÇÃO

Abraão, Isac, Jacó e – dez. 1863, p. 493

anjos do céu e – dez. 1863, p. 493

caso aparente de – maio 1866, p. 186

esclarecimentos sobre – maio 1866, p. 188

juízo final e – dez. 1863, p. 498

morte e dogma da – dez. 1863, p. 494

Saduceus e – dez. 1863, p. 493

ÍNDICE GERAL

RESSURREIÇÃO DA CARNE

perispírito e – dez. 1863, p. 498

RESSURREIÇÃO DO ESPÍRITO

realidade da – dez. 1863, p. 495

RESTOS MORTAIS

história bizarra sobre – maio 1860, p. 219

RETIRO DE CEMPUIS

discurso do Prévost no – out. 1863, p. 410

inauguração do – out. 1863, p. 410

RETORNO À VIDA ESPIRITUAL

perturbação no – set. 1858, p. 391

RETRATO DE ALLAN KARDEC

Bertrand pinta – jan. 1867, p. 53

RETRATO FÍSICO DOS ESPÍRITAS

descrição do – jan. 1867, p. 44

observações de Allan Kardec sobre – jan. 1867, p. 47

RETRATO MEDIÚNICO

observação de Allan Kardec sobre – nov. 1858, p. 471

REUNIÃO MEDIÚNICA

ajuda aos Espíritos sofredores em – fev. 1860, p. 103

assembléia de Espíritos em – dez. 1858, p. 488

ausência de médiuns na – fev. 1861, p. 79

calma e recolhimento na – fev. 1862, p. 61

condição ideal da – abr. 1860, p. 165

condições da * na casa de Delanne – out. 1865, p. 427

condições para a – nov. 1861, p. 499

cuidados que se deve ter na – abr. 1860, p. 163

entrada na – jun. 1863, p. 261

escassez de médiuns e – fev. 1861, p. 74

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Espíritos tratantes e – maio 1859, p. 174
Fénelon e admissão à – fev. 1863, p. 94
finalidade da oração na – jan. 1866, p. 21
formação da – mar. 1861, p. 116
frequência dos adeptos à – dez. 1865, p. 485
G..., barão de, e – jun. 1859, p. 246
Grezzelle e * em Illiers – jul. 1867, p. 282
grupo espírita de Cadiz e – abr. 1868, p. 184
homogeneidade é condição essencial na – abr.
1866, p. 158
homogeneidade é condição essencial na – jun.
1862, p. 260
incrédulos e – abr. 1864, p. 155
multiplicação da – jan. 1867, p. 26
objetivo exclusivo da – jul. 1867, p. 274
objetivo secreto da – ago. 1867, p. 341
objetivos da – fev. 1859, p. 53
participantes curiosos e – jun. 1860, p. 249
princípio da verdadeira caridade e – jan. 1864, p. 44
quantidade de participantes na – out. 1860, p. 445
Quômes de Arras e * na casa de Grezzelle – jul.
1867, p. 290
repreensão de São Luís pelos cochichos na – ago.
1860, p. 343
simpatia atrai os Espíritos para – abr. 1864, p. 154
transformação na – jan. 1867, p. 26
utilização do tempo na – fev. 1861, p. 76

REUNIÃO MEDIÚNICA FAMILIAR

Espíritos familiares e – jun. 1858, p. 260
utilidade da – maio 1858, p. 211

ÍNDICE GERAL

REUNIÃO MEDIÚNICA NUMEROSA

dificuldade para ação dos bons Espíritos na – dez.
1868, p. 486

REUNIÃO RELIGIOSA

afastamento dos objetivos da – dez. 1868, p. 489
comunhão de pensamentos na – dez. 1868, p. 487
negação da utilidade da – dez. 1868, p. 488
pensamento pessoal e – dez. 1868, p. 488

REUNIÕES FAMILIARES

incremento no surgimento de – jan. 1868, p. 16

REUNIÕES FRÍVOLAS

Espíritos levianos e – mar. 1859, p. 123

REUNIÕES MEDIÚNICAS ÍNTIMAS

características das – jan. 1867, p. 27
manifestações espíritas e – jul. 1859, p. 270

REUNIÕES MEDIÚNICAS SÉRIAS

Espíritos levianos e – mar. 1859, p. 123

REVELAÇÃO CIENTÍFICA

caráter da – set. 1867, p. 362

REVELAÇÃO DE LEI

Espiritismo, Magnetismo e – out. 1859, p. 383

REVELAÇÃO DIVINA

caráter essencial da – abr. 1866, p. 144; set. 1867,
p. 360, 361
comunicações de além-túmulo e – fev. 1863, p. 90
Decálogo e – abr. 1866, p. 144

REVELAÇÃO ESPÍRITA

caráter da – set. 1867, p. 355, 361, 386
condições específicas para – mar. 1868, p. 104

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

grau de inteligência do homem e – abr. 1864, p. 144
impossibilidade de impedir a – abr. 1864, p. 139
progresso moral e intelectual e – maio 1868, p. 199
sacerdotes egípcios e – abr. 1858, p. 186
universalidade dos ensinamentos e – set. 1867, p. 382

REVELAÇÃO MODERNA

existência do Mundo Espiritual e – abr. 1866, p. 149
objetivo e o caráter da – abr. 1866, p. 146
utilidade da – abr. 1866, p. 148
vida futura e – abr. 1866, p. 149

REVELAÇÃO(ÕES)

característica essencial da – set. 1867, p. 356
ciências sob o ponto de vista da – set. 1867, p. 356
conceito de – abr. 1866, p. 139
definição da palavra – set. 1867, p. 356
Deus, os homens e as – abr. 1866, p. 143
Espírito humano e conceito de – maio 1865, p. 211
Espíritos bons e as – set. 1860, p. 422
fé religiosa e ponto de vista das – set. 1867, p. 358
limites da * da verdade – mar. 1865, p. 107
momento certo de as conhecer – ago. 1868, p. 348
objetivo da – abr. 1866, p. 150
personificação das – set. 1867, p. 379
possibilidade de * direta de Deus – set. 1867, p. 359
tipos de – set. 1867, p. 360
utilidade da * parcial – mar. 1865, p. 108

REVELAÇÕES DE ALÉM-TÚMULO

segundo volume do livro – abr. 1862, p. 181

REVELADOR ENCARNADO

origem das instruções do – set. 1867, p. 360

ÍNDICE GERAL

REVELADOR(ES)

- característica do * de segunda ordem – set. 1867, p. 357
- característica do * primitivo – set. 1867, p. 357
- médium e – set. 1867, p. 360
- pretensos – set. 1867, p. 359
- tipos de – set. 1867, p. 357

REVESTIMENTO MATERIAL *ver* Corpo físico

REVISTA DA IMPRENSA

- gradidão aos órgãos da – maio 1869, p. 206

REVISTA ESPÍRITA

- umas palavras à – dez. 1867, p. 511
- Allan Kardec e – jan. 1859, p. 25; mar. 1859, p. 113; dez. 1861, p. 527; jul. 1864, p. 280
- Allan Kardec e * em Bordeaux – jun. 1863, p. 270
- arquivos da – set. 1860, p. 421
- assinantes da – dez. 1860, p. 525; jan. 1865, p. 13
- assinaturas da – jan. 1867, p. 56
- assuntos a serem tratados na – jan. 1858, p. 27
- aumento no número de assinantes da – jan. 1865, p. 14
- auxílio da – set. 1859, p. 369
- avaliação do desempenho da – dez. 1858, p. 527
- caráter individual da – dez. 1868, p. 527
- cartas anônimas dirigidas à – mar. 1860, p. 155
- ombate ao Espiritismo e – jan. 1860, p. 18
- onteúdo da – jan. 1858, p. 23
- cuidados com a redação da – jan. 1860, p. 16
- decisão da Sra. Allan Kardec sobre a – maio 1869, p. 218
- depósitos feitos no escritório da – fev. 1863, p. 100; mar. 1863, p. 143
- dissertações espíritas e – dez. 1860, p. 526

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

errata na * de novembro de 1869 – dez. 1869, p. 531
errata na de abril de 1867 – mar. 1868, p. 145
erratas nas * de julho e novembro de 1867 – jan.
1868, p. 55
finalidade da – jan. 1858, p. 22
formatação da – jan. 1858, p. 26
inserção de carta de Roustaing na – jan. 1867, p. 54
inserção do carta do abade Lacordaire na – fev.
1867, p. 72
interatividade com o leitor e – jan. 1858, p. 24
interpretação dos fatos apresentados na – jan.
1858, p. 26
jornal de estudos psicológicos – jan. 1858, p. 27
limites para publicações na – set. 1860, p. 421
locais de circulação da – set. 1858, p. 365
mensagem aos leitores da – mar. 1858, p. 107
metodologia de apresentação das matérias na – jan.
1858, p. 26
muito procurada em Bruxelas – jan. 1860, p. 47
natureza da – nov. 1864, p. 469
novo escritório da – jun. 1860, p. 243
obra pessoal de Allan Kardec – nov. 1864, p. 470
periodicidade da – nov. 1864, p. 469
polêmica na – nov. 1858, p. 445
progresso do Espiritismo e – jan. 1865, p. 16
projeto de um índice geral dos assuntos da – dez.
1868, p. 541
queixas sobre a tibia da – nov. 1869, p. 449
renovação de assinatura da – mar. 1861, p. 116; dez.
1866, p. 525; jan. 1867, p. 15; nov. 1868, p. 482; dez.
1868, p. 541; dez. 1869, p. 531
saudações aos assinantes da – jan. 1864, p. 13

ÍNDICE GERAL

sucesso da – dez. 1858, p. 526
terceiro ano de circulação da – jan. 1860, p. 15
transferência do escritório da – abr. 1869, p. 141; maio
1869, p. 225

REVISTA FRANCESA

extratos da – abr. 1863, p. 178

REVOLUÇÃO MORAL

Espiritismo e – nov. 1864, p. 436

**REVOLUÇÕES INEVITÁVEIS NO GLOBO E NA
HUMANIDADE, AS**

Charles Richard e o livro – ago. 1869, p. 311

REWILE, CAPELÃO

sermão sobre o progresso e – abr. 1865, p. 140

REYNAUD, JEAN

Espiritismo e – ago. 1863, p. 316, 320
necrológio e – ago. 1863, p. 313
Saint-simonismo e – ago. 1863, p. 315
Santo Agostinho e – ago. 1863, p. 320
vida além da morte e – set. 1868, p. 389
vida e obra de – ago. 1863, p. 314

REYNAUD, SRA. (ESPÍRITO)

conhecimentos médicos e – mar. 1859, p. 113
desprendimento e – mar. 1859, p. 112
estado sonambúlico e – mar. 1859, p. 116
evocação da – mar. 1859, p. 110
intuição, felicidade e – mar. 1859, p. 111
lucidez sonambúlica e – mar. 1859, p. 111
morte e perturbação de – mar. 1859, p. 112
obscuridade e – mar. 1859, p. 114
ocupações de – mar. 1859, p. 117

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

RICHARD, CHARLES

Revoluções inevitáveis no Globo e na Humanidade, As,
e – ago. 1869, p. 311

RICOS

considerações sobre os – out. 1861, p. 455

RIGOLOT

dissidente do Espiritismo – set. 1860, p. 383

RIQUEZA

Allan Kardec e sua – dez. 1868, p. 508

avareza e – out. 1859, p. 416

punição e – out. 1859, p. 415

uso inadequado da – jun. 1858, p. 257

RIQUIER, ESTELLE

mãe desnaturada e cruel – fev. 1860, p. 103

RIVAIL, HIPPOLYTE LÉON DENIZARD *ver também* Kardec,
Allan

Academia Real de Arras e – maio 1869, p. 186

Escola de Pestalozzi e – maio 1869, p. 185

obras de Educação de – maio 1869, p. 186

RIVIER, CLARA

evocação de – mar. 1863, p. 130

fenômenos físicos e – mar. 1863, p. 130

ROBERT-HOUDIN

realizador de maravilhas – fev. 1862, p. 82

ROBIN

detrator do Espiritismo – fev. 1866, p. 92

Espiritismo, Bíblia e – ago. 1863, p. 335

ROCHFORT

Espiritismo em – dez. 1862, p. 499

polêmica sobre Espiritismo em – dez. 1862, p. 507

ÍNDICE GERAL

RODA DA TORTURA

Idade Média e – abr. 1862, p. 177, nota

ROGER

sonambulismo e – nov. 1858, p. 473

ROMA

Home é expulso de – fev. 1864, p. 53

ROMA ANTIGA

Massilon (Espírito) e – out. 1861, p. 457

mesas girantes na – mar. 1860, p. 110

ROMANCE

condições necessárias para fazer um bom – dez. 1865,
p. 475, 476

ROMANCE ÁRABE

condições necessárias para fazer um – dez. 1865, p. 476

ROMANCE DO FUTURO, O

comportamento do médium inconsciente e – nov.
1867, p. 445

detalhes circunstaciados sobre – nov. 1867, p. 443

enredo de – jul. 1867, p. 302

infallibilidade dos documentos e – nov. 1867, p. 454

obra mediúnica – nov. 1867, p. 452

prefácio de – nov. 1867, p. 444

ROMANCE ESPÍRITA

“Espírita” e – jan. 1867, p. 33

Assassinato da ponte vermelha, O – jan. 1867, p. 32

Condessa de Rudofstadt e – jan. 1867, p. 33

condições necessárias para fazer um – dez. 1865, p. 475

Consuelo e – jan. 1867, p. 33

Dupla vista, A – jan. 1867, p. 33

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

História fantástica e questões políticas – mar. 1866,
p. 133

idéias novas e – dez. 1865, p. 477

Novos mistérios de Paris – jan. 1867, p. 33

Segunda vista, A – jan. 1867, p. 33

Séraphita – jan. 1867, p. 33

Théophile Gautier e – jul. 1867, p. 300

ROMANCES DE COSTUMES

características dos – dez. 1865, p. 475

ROMANCES HISTÓRICOS

características dos – dez. 1865, p. 474

ROMARIA

campo de Châlons e – out. 1866, p. 417

ROSSINI, MAESTRO

influência do Espiritismo sobre * em nova existência –
mar. 1869, p. 136

livro da Natureza e – jan. 1869, p. 54

ROUSSEAU, JEAN-JACQUES

ano de 1860 e – fev. 1861, p. 98

escrita direta e – ago. 1859, p. 310

Espiritismo e – ago. 1861, p. 370

reencarnação e – ago. 1861, p. 370

ROUSTAING, JEAN-BAPTISTE

Bouché de Vitray, médico, e – nov. 1861, p. 486

carta de – jun. 1861, p. 253; jan. 1867, p. 54

Quatro Evangelhos, Os, de – jun. 1866, p. 257; set.
1866, p. 360

reencarnação e – jun. 1861, p. 254

retificação aos Evangelhos de – jan. 1867, p. 54

ÍNDICE GERAL

ROWE

amizade após a morte, A – nov. 1868, p. 449

RUFUS, CURTIUS

fantasmas e – mar. 1859, p. 123

Plínio, o moço, e – mar. 1859, p. 127

RUÍDOS DE POITIERS

considerações sobre os – maio 1865, p. 185

RUÍDOS EXTRAORDINÁRIOS

finalidade dos – fev. 1859, p. 77

objetivos dos – fev. 1859, p. 75

RÚSSIA

espírita impostor na – jun. 1862, p. 267

Espiritismo na – maio 1868, p. 203

estudo do Espiritismo na – maio 1862, p. 216

tentativa de assassinato do imperador da – jun.

1866, p. 229

vaticínios sobre a – maio 1862, p. 216

S

SAARA

encontro da liberdade no deserto do – nov. 1868, p. 460

SABBAT

Ch. Renard acusado de participar do – dez. 1858, p. 524

SABEDORIA

distribuição da esmola e mostra de – ago. 1865, p. 340

linguagem e – ago. 1858, p. 330

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

SABER

limite do * para os Espíritos – abr. 1860, p. 170

SÁBIO

conceito de homem – nov. 1860, p. 510

erros do – jun. 1859, p. 226

SÁBIOS OFICIAIS

conceituação de – fev. 1869, p. 62

SABÒ

discurso e – nov. 1861, p. 477, 508

reencarnação e – nov. 1861, p. 478

SACERDÓCIO

poder de influência no uso do – out. 1864, p. 425

SACERDOTES EGÍPCIOS

conhecimento religioso e – nov. 1858, p. 459

milagres e – fev. 1862, p. 67

revelação espírita e – abr. 1858, p. 186

SACIEDADE

sensação de – ago. 1859, p. 305

SACRIFÍCIO DA CARNE

condenação do – dez. 1863, p. 518

SACRIFÍCIOS QUE AGRADAM A DEUS

amor e caridade são – mar. 1862, p. 137

SADUCEUS

ressurreição e – dez. 1863, p. 493

SAGRA, RAMON DE LA

Alma de, A – jul. 1868, p. 307

efeitos da anestesia e a alma – jul. 1868, p. 311

ÍNDICE GERAL

SAINT-GERMAIN, CONDE DE

agêner e – fev. 1859, p. 67

mistificador e – fev. 1859, p. 67

SAINT-JEAN

desafio aos espíritas e – ago. 1862, p. 338

SAINT-JUST

Allan Kardec e grupo espírita de – out. 1861, p. 424

SAINT-MÉDARD

chuva de pedras nas vizinhanças da igreja de – set.

1866, p. 366

fenômenos dos convulsionários de – nov. 1859, p. 456

François Pâris, diácono e – nov. 1859, p. 455

magnetismo e – nov. 1859, p. 458

paixão do Cristo e – nov. 1859, p. 457

São Vicente de Paulo e – dez. 1859, p. 532

sonambulismo e – nov. 1859, p. 458

SAINT-PAUL, MARQUÊS DE

evocação do – jun. 1861, p. 262; ago. 1861, p. 336

SAINT-PIERRE, BERNARDIN DE

resposta de – set. 1861, p. 387

SAINT-SIMON, DUQUE DE

memórias do – ago. 1868, p. 343

SAINT-SIMONISMO

Jean Reynaud e – ago. 1863, p. 315

SAINTE-HILAIRE, BARTHÉLEMY

estudo sobre Maomé – nov. 1866, p. 430

SAINTINE, GERALDY

Três anos na Judéia, obra de – jun. 1860, p. 278

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

SAINTINE, X.-B.

Segunda vista, A, romance de – jan. 1867, p. 32

SALETTE

Igreja católica e as aparições de – set. 1860, p. 405

SALGUES

adversário do Espiritismo e – maio 1865, p. 195, 196

antagonista confesso do Espiritismo e – fev. 1862, p. 79

cartas de – maio 1865, p. 194

genealogia de – mar. 1862, p. 106

reencarnação e – mar. 1862, p. 105

SALVAÇÃO

batismo e a certeza da – jul. 1864, p. 273

caridade e – ago. 1865, p. 338

condição estabelecida por Jesus para – jul. 1869, p. 275

crença no inferno e – nov. 1863, p. 460

Espiritismo, catolicismo e – jul. 1864, p. 274

perdão e condição de – out. 1863, p. 420

SAMARITANA

evocação do suicida da – dez. 1859, p. 480

São Luís e suicida da – abr. 1861, p. 186

SAMUEL

pitonisa de Endor e a evocação de – jan. 1868, p. 35

SAND, GEORGE

afinidades e – set. 1868, p. 392

pensamento espírita na obra de – dez. 1866, p. 514

vida além da morte e – dez. 1866, p. 515

SANSÃO

história de Lamennais (Espírito) e – dez. 1861, p. 564

ÍNDICE GERAL

SANSON

- Allan Kardec resalta as qualidades morais de – maio 1862, p. 190
- caridade e – mar. 1863, p. 129
- condição espiritual logo após a morte de – maio 1862, p. 185
- desencarnação de – maio 1862, p. 183
- preocupado com sua futura reencarnação – maio 1862, p. 184
- São Luís realiza cura na perna de – set. 1860, p. 394

SANTÍSSIMA TRINDADE

- Maomé e as três pessoas da – nov. 1866, p. 441

SANTO(S)

- milagres dos – out. 1863, p. 424
- qualificação de * aplicada por certos Espíritos – jul. 1866, p. 297
- razões dos nomes próprios de – set. 1868, p. 367

SANTOS PATRONOS

- proteção dos Espíritos dos – set. 1868, p. 367

SÃO-SIMONISMO

- Charles Duveyrier e a seita – dez. 1866, p. 509
- Espiritismo e – dez. 1866, p. 510

SARDOU, VICTORIEN

- álbum de desenhos e – abr. 1859, p. 170
- Bernard Palissy e – mar. 1859, p. 91
- desenhos de Júpiter por – mar. 1858, p. 118; abr. 1858, p. 171
- interesse pelos desenhos de – jul. 1858, p. 315

SATÃ

- ortodoxia religiosa valoriza – out. 1860, p. 452

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

SATANISMO

reunião de – ago. 1866, p. 323

SATÉLITES

teoria da formação dos – abr. 1860, p. 167

SATURNO, PLANETA

informações sobre o – mar. 1860, p. 111

vida no – mar. 1858, p. 109

SAÚDE

equilíbrio das forças naturais e – nov. 1868, p. 445

SAUL, REI DOS JUDEUS

Espírito mistificador se passa por – nov. 1860, p. 486

pitonisa de Endor e – jun. 1864, p. 250

SAVONAROLA, MONGE

comunicação espontânea de – dez. 1859, p. 520

SCHIFF

conceito de alma e – mar. 1861, p. 118

SCHUTZ

evocação de – maio 1859, p. 193

sono corporal e – maio 1859, p. 194

SCRIBE, EUGÈNE

estilo é o homem, O, e – out. 1861, p. 447

evocação de – out. 1861, p. 448

SÉCULO ABENÇOADO

era nova e – ago. 1867, p. 342

SEGREDOS

comunicações mediúnicas e a revelação de – ago.
1868, p. 328

SEGUNDA REVELAÇÃO

Jesus e a – set. 1861, p. 417

ÍNDICE GERAL

Jesus e as características da – set. 1867, p. 366
ponto capital da – set. 1867, p. 368
propagação da – set. 1867, p. 380

SEGUNDA VISTA *ver* Dupla vista

SEGUNDA VISTA, A, ROMANCE

Saintine, X.-B. e – jan. 1867, p. 32

SEGURANÇA MATERIAL

decadência moral e – jun. 1868, p. 251

SEGURANÇA SOCIAL

crença em Deus e – dez. 1859, p. 467

SEITA DOS ESPÍRITOS

chefes da – out. 1859, p. 420

SEITA DOS FOURRIERISTAS

idéias espíritas e – set. 1867, p. 396

SEITA DOS MARTINISTAS

Martinez Pascalis e – out. 1859, p. 400

SEITA DOS SWEDENBORGIANOS

idéias espíritas e – set. 1867, p. 396

SEITA DOS TEÓSOFOS

causas da não aceitação da – set. 1867, p. 396

idéias espíritas e – set. 1867, p. 396

SEITAS

exclusivismo é uma característica da – dez. 1864, p. 523

motivos de queda das – out. 1865, p. 407

SEITAS PARALELAS

Espiritismo e – dez. 1868, p. 514

progresso do Espiritismo e – dez. 1868, p. 514

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

SELVAGENS DA AMÉRICA

cultos dos Espíritos e – jan. 1868, p. 34

SELVAGENS PRIMITIVOS

costumes dos – dez. 1867, p. 488

SEMANA SANTA

confraternização entre o Céu e a Terra na – dez.
1860, p. 564

SEMATOLOGIA ESPÍRITA

conceito de – jan. 1858, p. 31

SEMELHANÇAS FÍSICAS

razões das – jul. 1862, p. 287
reencarnação e – jul. 1860, p. 303

SEMELHANÇAS MORAIS

razões das – jul. 1862, p. 287

SEMIMATERIAL

conceito de – mar. 1866, p. 110

SEMPRE OS ESPÍRITAS

descrição de passagens do, artigo – jan. 1867, p. 46

SENADO FRANCÊS

Espiritismo no – jul. 1868, p. 296

SENGER, PHILIPPINE

falação durante o sono e – jun. 1858, p. 248
manifestações de – jun. 1858, p. 241
manifestações físicas e – jul. 1858, p. 284
mediunidades de – jun. 1858, p. 253
transfiguração e – jun. 1858, p. 249

SENSAÇÃO DOS ANIMAIS

presença dos Espíritos e – jan. 1865, p. 42

ÍNDICE GERAL

SENSAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Baltazar e – nov. 1860, p. 497

progresso no entendimento sobre – dez. 1858, p. 500

SENSAÇÃO FÍSICA

Espíritos e – abr. 1859, p. 133

SENSITIVOS

características dos – jun. 1869, p. 239

SENSO MORAL

Espíritos e – abr. 1859, p. 140

homem e – abr. 1865, p. 140

livre-arbítrio, alma e – abr. 1865, p. 139

remorso e – ago. 1867, p. 339

SENSUALIDADE

amor e – jan. 1861, p. 59

progresso espiritual e – nov. 1860, p. 499

SENSUALISTA

características do – jan. 1867, p. 20

SENTIDO ESPIRITUAL

ação do Espírito através do – jun. 1867, p. 243

sonambulismo, mediunidade e – jun. 1867, p. 243

vista espiritual e – jun. 1867, p. 244

SENTIDO ESPIRITUAL, O

carta de Charles Grégory sobre – jun. 1867, p. 242

SENTIDOS

aquisição de * morais pela alma – ago. 1865, p. 334

Espíritos elevados e os – dez. 1858, p. 502

SENTIMENTO DE INDIGNAÇÃO

cólera e – ago. 1865, p. 332

injustiça, maldade e transformação do – ago. 1865, p. 332

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

SENTIMENTO MORAL

João Gaspar Lavater e – mar. 1868, p. 122

SENTIMENTO RELIGIOSO

Espiritismo e – maio 1861, p. 238

SEPARAÇÃO DO ESPÍRITO, A

Ferdinand (Espírito) e – jun. 1861, p. 288

SEPULTAMENTO

honras fúnebres em – mar. 1858, p. 134

SER INVISÍVEL

aparência do – jan. 1859, p. 27

aparência e – jan. 1859, p. 26

boa moral e – jan. 1859, p. 26

doações e – jan. 1859, p. 27

Eliseu e – jan. 1859, p. 28

forma visível e – jan. 1859, p. 28

movimento de objetos e – jan. 1859, p. 27

prova da existência do – jan. 1859, p. 29

transfiguração e – jan. 1859, p. 29

volitação e – jan. 1859, p. 28

SER SUPREMO *ver* Deus

SÉRAPHITA, ROMANCE

Balzac e – jan. 1867, p. 33

SERES CORPÓREOS

Lao-Tseu e a formação dos – out. 1868, p. 414

SERES FLUÍDICOS

características dos – jun. 1869, p. 237

intuição secreta dos – jun. 1869, p. 241

ÍNDICE GERAL

SERES INFERIORES DA CRIAÇÃO

objetivo da luta nos – abr. 1865, p. 139

SERES INVISÍVEIS

comunicação dos – jun. 1859, p. 228

SERES OCULTOS *ver* Espíritos

SERES ORGÂNICOS

origem dos – jul. 1868, p. 288

SERES RACIONAIS

corpos constituintes dos – mar. 1869, p. 111

SERMÃO DE MONTAUBAN

previsão sobre o – abr. 1865, p. 147

SERMÃO SOBRE O PROGRESSO

Rewile, capelão, e – abr. 1865, p. 140

SERMÕES

Espiritismo e – abr. 1863, p. 171

SERMÕES CONTRA O ESPIRITISMO

Allan Kardec e – fev. 1863, p. 75

ano de 1864 e – ago. 1868, p. 337

capela Margaux e – fev. 1863, p. 71

igreja de Saint-Jean e – fev. 1863, p. 70

igreja de Saint-Nizier e – fev. 1863, p. 67

Marouzeau, abade, e – fev. 1863, p. 77

SERVIÇO MILITAR

superstição e isenção do – maio 1860, p. 234

SERVOS, Os

história de um criado e – jan. 1863, p. 23

SESSÃO ANUAL COMEMORATIVA DOS MORTOS

reconhecimento à memória de Allan Kardec e – dez.
1869, p. 509

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

SESSÕES PÚBLICAS

suspensão das * do zuavo Jacob – out. 1867, p. 423

SEXO

contradições a respeito do * dos Espíritos – jun. 1862, p. 245

Espíritos e – jun. 1863, p. 261

natureza dos Espíritos e – jun. 1862, p. 244

SEXTO SENTIDO

Moisés e o – out. 1864, p. 395

visão espiritual e – out. 1864, p. 389, 398

SICÍLIA

jornal espírita da – jun. 1866, p. 260

SIMON M...

carta de – nov. 1859, p. 449

SIMPATIA

bons Espíritos e – jul. 1859, p. 266

Espírito, médium e – ago. 1863, p. 338

explicação das – maio 1869, p. 189

explicação reencarnacionista da – jul. 1860, p. 291

pensamento e – ago. 1863, p. 350

progresso espiritual e – maio 1858, p. 215

união das almas e – maio 1858, p. 214; jul. 1862, p. 298

vidas passadas e origem da – jul. 1860, p. 307

SINAGOGA

chefes da * e evocação – out. 1863, p. 426

SINAIS DOS TEMPOS

suicídio, loucura e – out. 1866, p. 405

SINCERIDADE

pedra de toque da – dez. 1869, p. 486

ÍNDICE GERAL

SÍNTESE DA DOCTRINA ESPÍRITA

Florent Loth e – fev. 1868, p. 92

Gabriel Rembault comenta a obra – fev. 1868, p. 93

SINTOMAS DE RAIVA NO CÃO

alucinação nos – set. 1865, p. 359

SISTEMA DE BICHAT

Estudo sobre os Germens – fev. 1859, p. 80

SISTEMA ESPIRITUALISTA

trabalho e – mar. 1861, p. 124

SISTEMA FILOSÓFICO

exclusivismo e – jun. 1868, p. 252

SISTEMA MATERIALISTA

definitivo – mar. 1861, p. 113

origem das faculdades e – mar. 1861, p. 123

trabalho e – mar. 1861, p. 124

SISTEMA NERVOSO

ação da música sobre o – set. 1864, p. 352

curas de doenças do – out. 1866, p. 417

fluido magnético e – mar. 1859, p. 115

SISTEMAS

utilidade dos – fev. 1867, p. 65

SISTEMAS CIENTÍFICOS E FILOSÓFICOS

precauções com os – set. 1860, p. 421

SISTEMAS DE COMUNICAÇÕES

além-túmulo e – jul. 1859, p. 262

condenação dos – jul. 1859, p. 262

preferência por – jul. 1859, p. 262

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

SITUAÇÃO ESPIRITUAL

Vaucher e sua – abr. 1865, p. 176

Vignal e – maio 1865, p. 192

SIX NOUVELLES, LES

Maxime Ducamp e – nov. 1859, p. 447

SMITH, ADAM

comunicação do Espírito de – jun. 1860, p. 246

evocação do Espírito de – jun. 1860, p. 247

SOBERANO

Mundo Espiritual e – jun. 1868, p. 249

SOBRE-HUMANO

impropriedade do vocábulo – maio 1867, p. 192

SOBRENATURAL

conceito de – set. 1860, p. 395; jan. 1862, p. 41

ignorância e a crença no – out. 1862, p. 399

magnetismo e Espiritismo e o entendimento do – jan. 1862, p. 47

nada do que acontece é – abr. 1860, p. 197

razão e o – out. 1862, p. 436

vocabulário espírita e insensatez do vocábulo – maio 1867, p. 192

SOBRENATURAL, O

Cristianismo e – dez. 1861, p. 557

Guizot e – dez. 1861, p. 556

SOBREVIVÊNCIA DOS ESPÍRITOS

Manual de Xéfolius, O, e – ago. 1865, p. 330

SOCIEDADE AFRICANA DE ESTUDOS ESPÍRITAS

comunicação espírita da – ago. 1862, p. 323

ÍNDICE GERAL

oposição à – ago. 1862, p. 327
progresso da – jun. 1862, p. 258; ago. 1862, p. 327
Santo Agostinho e – ago. 1862, p. 325

SOCIEDADE ANÔNIMA DO ESPIRITISMO

constituição da – ago. 1869, p. 324; set. 1869, p. 360
denominação, duração e sede da – ago. 1869, p. 326
distinção entre SPEE e – nov. 1869, p. 448
endereçamento de correspondência e – ago. 1869, p. 354
estatutos da – nov. 1869, p. 447
extensão das operações da – ago. 1869, p. 339
fundação da * e futuro do Espiritismo – set. 1869, p. 363
Grupo de Montauban e – out. 1869, p. 426
Henri Stecki e – out. 1869, p. 426
justificativa para a escolha da sede da – ago. 1869, p. 338
Livraria Espírita e – ago. 1869, p. 334
modelo de subscrição das cartas e – set. 1869, p. 395;
out. 1869, p. 437; nov. 1869, p. 481
objetivo da – set. 1869, p. 364
pedidos de adesão à – set. 1869, p. 361
principais artigos dos estatutos da – ago. 1869, p. 333
reflexões sobre – nov. 1869, p. 446
Saint-Aignan e – out. 1869, p. 426
senhora Allan Kardec e – set. 1869, p. 360
Sociedade de Rouen e – out. 1869, p. 426

SOCIEDADE DE ESTUDOS ESPÍRITAS DE MARSELHA

Dois Espíritos cegos e – nov. 1869, p. 467
endereço da – jul. 1864, p. 304
importância dos trabalhos da – nov. 1869, p. 467

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

SOCIEDADE DOS IRMÃOS BATEDORES

ressuscitação de mortos e – mar. 1863, p. 119

SOCIEDADE DOS TEÓSOFO

notícia sobre a – out. 1859, p. 411

SOCIEDADE ESPÍRITA

aumento do número de grupos da – jan. 1865, p. 16

condições para formação de uma – jul. 1859, p. 272

escolhos da * numerosa – jan. 1867, p. 26

marcha do Espiritismo e – out. 1865, p. 409

SOCIEDADE ESPÍRITA AFRICANA

envia poesia a Allan Kardec – set. 1862, p. 385

instalação da – ago. 1862, p. 323

SOCIEDADE ESPÍRITA DE BORDEAUX

Allan Kardec na – jul. 1867, p. 271

propagação do Espiritismo e palestras na – jun. 1867,
p. 250

relato de curas na – jun. 1867, p. 251

relatório da – jun. 1867, p. 249

sessão consagrada aos Espíritos obsessores na – jun.
1867, p. 250, 252

sessão de ensaios mediúnicos na – jun. 1867, p. 253

sessão de estudos científicos na – jun. 1867, p. 253

SOCIEDADE ESPÍRITA DE CONSTANTINA *ver* Sociedade
Africana de Estudos Espíritas

SOCIEDADE ESPÍRITA DE ESPANHA

inauguração da – dez. 1868, p. 540

SOCIEDADE ESPÍRITA DE LYON

pobres e os ricos, Os, e – out. 1861, p. 455

SOCIEDADE ESPÍRITA DE MARENES

discurso do presidente da – jan. 1864, p. 39

ÍNDICE GERAL

SOCIEDADE ESPÍRITA DE MARSELHA

correspondência da – abr. 1864, p. 156, 157

SOCIEDADE ESPÍRITA DE METZ

Allan Kardec e – out. 1861, p. 463

SOCIEDADE ESPÍRITA DE ORLÉANS

Allan Kardec na – jul. 1867, p. 274

SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS *ver* também SPEE

discurso de Levent na – maio 1869, p. 210

Fatos realizados, Os, e – jul. 1863, p. 307

intervenção da – mar. 1863, p. 125

questões religiosas e respostas da – mar. 1863, p. 122

SOCIEDADE ESPÍRITA DE ROUEN

carta de Guilbert, presidente da – maio 1869, p. 220

SOCIEDADE ESPÍRITA DE SAINT-JEAN D'ANGELY

evocações na – nov. 1862, p. 442

SOCIEDADE ESPÍRITA DE TOURS

Allan Kardec na – jul. 1867, p. 274

SOCIEDADE ESPÍRITA DE TURIM

anais da – mar. 1864, p. 131

SOCIEDADE ESPÍRITA DE VIENA

Allan Kardec e – set. 1862, p. 383

Espiritismo na sua expressão mais simples, O, e – jun.
1862, p. 256

SOCIEDADE ESPÍRITA DO MÉXICO

poesias ditadas por Béranger na – jan. 1862, p. 48

SOCIEDADE HUMANA

materialismo e – set. 1863, p. 356

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

SOCIEDADE MATERIALISTA

freio moral e – mar. 1861, p. 119

SOCIEDADE MODERNA

regeneração da – set. 1863, p. 356

religião e política na – jun. 1868, p. 259

SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS *ver* SPEE

SOCIEDADE(S)

benefícios da propagação do Espiritismo para – jan.

1867, p. 41

correntes de idéias da – jan. 1867, p. 20

difusão do Espiritismo nas camadas da – dez.

1865, p. 485

Espiritismo e – ago. 1863, p. 317

Espírito mau acusa a – dez. 1864, p. 516

influência do Espiritismo na – out. 1860, p. 450

influência do Espiritismo sobre as – out. 1869, p. 403

influência moralizadora do Espiritismo sobre a – set.

1862, p. 372

vantagens do Espiritismo sobre a – nov. 1869, p. 478

SOCIETÀ SPIRITISTA DI PALERMO

constituição da – jul. 1863, p. 291

SOCORRO MÚTUO

formação de sociedades de – jul. 1866, p. 275

SÓCRATES

alegoria do Fuso da Necessidade e – set. 1858, p. 371

Alexandre, Platão e – jan. 1859, p. 40

casa de vidro e – jul. 1864, p. 299

Doutrina de Jesus, Platão e – dez. 1863, p. 481

ÍNDICE GERAL

ingratidão, A, e – mar. 1861, p. 151
Pedro, czar, e reencarnação de – jul. 1869, p. 301
reencarnação de * e o czar Pedro – jul. 1869, p. 301
Ser Supremo e – ago. 1862, p. 349

SÓCRATES E PLATÃO

Allan Kardec e os filósofos – jul. 1858, p. 310

SOFIA DA BAVIERA, RAINHA DA BOÊMIA

João Huss e – set. 1869, p. 370

SOFRIMENTO

anjo da guarda e – mar. 1863, p. 131
aproveitamento no – jul. 1864, p. 298
arrependimento duplica o – dez. 1864, p. 518
aumento do * após a morte – abr. 1865, p. 165
causa do * após a morte – abr. 1865, p. 165
causa do * nos inocentes – jan. 1865, p. 30
causa imaterial do – out. 1867, p. 429
certeza da perpetuidade da vida e – out. 1866, p. 392
corpo físico ameniza – mar. 1858, p. 133
Cristo e – jun. 1863, p. 239
diferença entre * corporal e espiritual – maio 1867, p. 204
duração do – ago. 1867, p. 337
Espiritismo e – dez. 1859, p. 473
faltas e variedades de – fev. 1860, p. 94
gênero de – jan. 1861, p. 45
idéia de perpetuidade do – abr. 1859, p. 135
idéias materialistas e – fev. 1861, p. 92
inveja leva o Espírito ao – dez. 1860, p. 549
João Gaspar Lavater e – abr. 1868, p. 150
livre-arbítrio e – dez. 1858, p. 504; set. 1867, p. 372

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

luta contra o bem gera – dez. 1860, p. 551
mal e – ago. 1863, p. 324
Mundo Espiritual e – jun. 1868, p. 246
oração e – dez. 1859, p. 472
previsão do fim do – dez. 1858, p. 504
questionamentos sobre – mar. 1864, p. 96
razões do * dos animais – mar. 1864, p. 97

SOFRIMENTO DOS ESPÍRITOS

deduções de Allan Kardec sobre – dez. 1858, p. 499

SOFRIMENTO FÍSICO

Espíritos inferiores e – jun. 1861, p. 281
oração e alívio do – jan. 1866, p. 20

SOFRIMENTOS INDIVIDUAIS

causa dos – out. 1869, p. 397

SOFRIMENTOS VOLUNTÁRIOS

valor que têm os – maio 1860, p. 224

SOL

Arago e a tese das manchas do – set. 1860, p. 420
habitação no – jun. 1859, p. 237

SOLIDARIEDADE

almas distintas e a prática da – jun. 1868, p. 266
base da fraternidade – dez. 1864, p. 478
busca da felicidade e – mar. 1867, p. 131
caridade e – ago. 1865, p. 336
conseqüências da – fev. 1865, p. 56; ago. 1865, p. 336
demonstração da * entre geração atual e anteriores –
out. 1869, p. 404
Doutrina Espírita e – abr. 1859, p. 169

ÍNDICE GERAL

Espiritismo, materialismo e – out. 1869, p. 401
estabelecimento da – mar. 1865, p. 105
harmonia entre os homens e – out. 1868, p. 434
infelizes e a prática da – ago. 1858, p. 336
Jesus e a lei de – ago. 1865, p. 336
mundos e – fev. 1859, p. 79
mundos material e espiritual e – maio 1868, p. 197
reinado da – out. 1869, p. 402
utilidade da – out. 1869, p. 399

SOLIDARIEDADE DAS RAÇAS

crença na – out. 1869, p. 424

SOLIDARIEDADE UNIVERSAL

comuna de Koenigsfeld e exemplo de – jul. 1865, p. 290
Exposição Francesa de 1867 e – dez. 1867, p. 525
leis da natureza e – fev. 1861, p. 86

SOLIDARIEDADE UNIVERSAL, A

lei do progresso e – dez. 1869, p. 517

SONAMBULISMO

alma e – ago. 1863, p. 319
Buchner e – set. 1867, p. 399
busca de tesouros perdidos pelo – dez. 1864, p. 527
características do – jul. 1865, p. 284
categorias de – jun. 1869, p. 242; jul. 1869, p. 277
Chavée e – jun. 1868, p. 257
comprovação da existência da alma pelo – out.
1868, p. 410
consciência do médium no estado de – jun. 1858, p. 263
considerações psíquicas sobre – out. 1868, p. 410

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

convulsionários de Saint-Médard e – nov. 1859, p. 458
Courtois e suas dúvidas sobre – ago. 1860, p. 371
cura e – ago. 1862, p. 317
dualidade do homem provada pelo – jul. 1863, p. 271
emancipação da alma e – jul. 1865, p. 281
Espiritismo e – jul. 1868, p. 302
êxtase e – nov. 1866, p. 457, 460
fenômenos espíritas e – jan. 1858, p. 22
frenologia e – set. 1865, p. 373
Henri Martin e – jun. 1858, p. 270
Igreja reconhece o fenômeno do – out. 1858, p. 421
influência de pensamento estranho no – nov.
1858, p. 472
influência do * na ação do Espírito – set. 1865, p. 356
lucidez e – jan. 1858, p. 48
magnetização provoca – dez. 1858, p. 493
mediunidade e – maio 1859, p. 203
N. G. Bach e – set. 1865, p. 369
passes magnéticos e – out. 1859, p. 388
Philippine Senger e – jun. 1858, p. 253
preconceito e – out. 1858, p. 420
reencarnação e – jul. 1863, p. 272
uso prático do – nov. 1858, p. 473, 474

SONAMBULISMO ESPONTÂNEO

características do – nov. 1866, p. 455
delicadeza do fenômeno de – nov. 1866, p. 456
mediunidade vidente e – ago. 1867, p. 344

SONAMBULISMO EXTÁTICO

características do – out. 1866, p. 400

ÍNDICE GERAL

SONAMBULISMO MEDIÚNICO

- exemplo de fenômeno de – nov. 1866, p. 458
- Morin e – nov. 1866, p. 449
- objetivo dos fenômenos de – nov. 1866, p. 458
- utilidade especial do – nov. 1866, p. 459

SONAMBULISMO NATURAL

- ação do pensamento no – jun. 1869, p. 242
- conceito de – jun. 1869, p. 242
- fenômenos bizarros e – ago. 1861, p. 335
- Júlia e – dez. 1863, p. 501

SONÂMBULO FLUÍDICO

- características do – jun. 1869, p. 246; jul. 1869, p. 277

SONÂMBULO INSPIRADO

- características do – jun. 1869, p. 243, 244; jul. 1869, p. 277

SONÂMBULO NATURAL

- características do – jun. 1869, p. 242; jul. 1869, p. 277
- magnetizador e – jun. 1869, p. 242
- verdadeiro inspirado e – jun. 1869, p. 242

SONÂMBULO(S)

- ação despertadora do magnetismo no – jun. 1869, p. 243
- afinidade entre * e consulente – jul. 1869, p. 278
- atividades dos – mar. 1859, p. 113
- características do – abr. 1859, p. 168; abr. 1861, p. 197; ago. 1861, p. 337; set. 1861, p. 401; jul. 1863, p. 273; jun. 1869, p. 243
- defeitos no – mar. 1859, p. 115
- desdobramento e atuação de um – fev. 1866, p. 81

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Espírito elevado e bom – mar. 1859, p. 112
fluido magnético e – mar. 1859, p. 113
idéia de sono e – jul. 1859, p. 277
medicamentos prescritos e – mar. 1859, p. 113
médiuns e – abr. 1859, p. 168; maio 1859, p. 203
qualidades morais no – mar. 1859, p. 115
seqüência dos procedimentos do – set. 1865, p. 370
superioridade dos – mar. 1859, p. 113
tipos de – fev. 1869, p. 89
transfiguração e – mar. 1859, p. 97
uso da faculdade de – mar. 1859, p. 113
vida do * durante o sonho – jun. 1869, p. 242
vigília e – mar. 1859, p. 112

SONHO DE BACH

comunicação escrita da Sra. Delanne e – jul. 1865, p. 273

SONHO(S)

Allan Kardec interpreta um – set. 1866, p. 380
Allan Kardec relata um – jun. 1866, p. 235
aparição de um filho vivo à sua mãe em – mar.
1869, p. 113
características do * espiritual – ago. 1869, p. 346
categorias dos – jul. 1865, p. 283
causa da bizarrice do – jun. 1866, p. 236
causas da interdição de lembrar do – ago. 1866, p. 332
Ciência e causa espiritual dos – jul. 1865, p. 281
conceito de – dez. 1858, p. 508
continuidade da vida e o – out. 1868, p. 407
desejos, sentimentos e – out. 1868, p. 407
emancipação da alma e – jul. 1865, p. 281

ÍNDICE GERAL

Espiritismo e explicação dos – jul. 1865, p. 281
Espírito em * pede missa – ago. 1860, p. 370
Espíritos encarnados que aparecem no – jun.
1866, p. 237
estado de espírito e natureza do – jun. 1866, p. 236
fadiga após o – jan. 1860, p. 35
Figaro relata um * premonitório – maio 1868, p. 219
imaginação do homem e – ago. 1863, p. 321
importância da alma nos – jul. 1865, p. 281
indiferença da Ciência sobre o – jul. 1865, p. 281
lembrança de vidas passadas em – jul. 1860, p. 307
marido mata a esposa durante o – set. 1866, p. 377
natureza da doença e – jun. 1866, p. 236
pressentimentos e – mar. 1860, p. 135
recém-desencarnado pensa que tudo é – dez.
1858, p. 492
sensações do Espírito julgando-se em – fev. 1869, p. 75
sintomas de * no cão – set. 1865, p. 362
sonambulismo e – mar. 1859, p. 112
sonambulismo natural e – jun. 1869, p. 242
sono e – dez. 1858, p. 507
teoria dos – jul. 1865, p. 281, 282
variedade dos – jul. 1865, p. 282
vida do sonâmbulo durante o – jun. 1869, p. 242

SONHOS INCONSCIENTES

sensação de felicidade e – jul. 1865, p. 284

SONO

ação dos Espíritos no – set. 1859, p. 368
atividade do Espírito no – jan. 1859, p. 19

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Cailleux esclarece sobre o * espiritual – jun. 1866, p. 239
causas do * durante o estudo do Espiritismo – maio
1868, p. 204
comprovação da existência da alma e o – out.
1868, p. 407
cordão fluídico durante o – mar. 1860, p. 132
descoberta durante o – mar. 1860, p. 135
desmaio e comparação com o – out. 1868, p. 408
despertamento durante o * profundo – dez. 1858, p. 496
efeitos do – dez. 1858, p. 508
emancipação parcial da alma e – jan. 1866, p. 42
Espírito evocado durante o – jan. 1860, p. 33
Espírito faz regressão por * mgnético – jun. 1866, p. 240
Espírito percebe o seu corpo em perigo durante o –
mar. 1860, p. 135
fluido magnético e – mar. 1859, p. 113
lembranças de vidas passadas durante o – nov.
1862, p. 453
libertação parcial do corpo durante o – out.
1868, p. 405
natural e letargia – set. 1858, p. 389
percepção do Espírito durante o – mar. 1860, p. 132
percepções elevadas durante o * magnético – nov.
1866, p. 457
relacionamento físico-espiritual durante o – jun.
1866, p. 243
repouso do corpo no – maio 1859, p. 194
restabelecimento das lembranças durante o – jun.
1869, p. 229
segredos da existência humana e o – out. 1868, p. 406

ÍNDICE GERAL

sensibilidade do corpo durante o – jan. 1860, p. 37
sonâmbulo e idéia de – jul. 1859, p. 277
sonho e – dez. 1858, p. 507
vida espiritual durante o – dez. 1858, p. 508
visão sonambúlica e – jan. 1858, p. 53

SOPRO

despertamento do sono magnético e uso do – nov.
1866, p. 457

SORTILÉGIOS

Espíritos inferiores e uso de – set. 1858, p. 394
tipos de – set. 1858, p. 394

SOULÉ, FRÉDÉRIC

ditados do Espírito – jan. 1859, p. 43
Manouza, feiticeira, e – fev. 1859, p. 82

SPEE *ver também* Sociedade Espírita de Paris

adesões à – abr. 1864, p. 158
Adrien e – dez. 1858, p. 487
afastamento da – jul. 1859, p. 260
agêneres e – fev. 1859, p. 63
agradecimento de Allan Kardec na – fev. 1861, p. 61
alocução de Allan Kardec na abertura das sessões da
– nov. 1865, p. 432
aniversário da – jun. 1862, p. 227
aparições e – fev. 1859, p. 62
assistência social e a – set. 1860, p. 384
atuação de Allan Kardec na – jun. 1862, p. 237
aviso da – jan. 1859, p. 50
balanço financeiro da – jun. 1862, p. 238
boletim da – jul. 1859, p. 274; ago. 1859, p. 333; out.

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

1859, p. 399; dez. 1859, p. 515; jan. 1860, p. 54; fev. 1860, p. 61; mar. 1860, p. 109; abr. 1860, p. 157; maio 1860, p. 199; jun. 1860, p. 243; jul. 1860, p. 289; ago. 1860, p. 333; set. 1860, p. 381; nov. 1860, p. 483; dez. 1860, p. 527; jan. 1861, p. 15; fev. 1861, p. 61

características da – out. 1865, p. 409

características humanas da – ago. 1860, p. 340

caráter do regimento da – abr. 1860, p. 162

caráter filosófico da – jul. 1863, p. 275

carta à – ago. 1859, p. 297

carta da * a Prévost – out. 1863, p. 414

causa da ascendência da – maio 1864, p. 193

comportamento da – out. 1859, p. 398; nov. 1865, p. 437

composição da – out. 1863, p. 402

comunicações na – jul. 1859, p. 261; dez. 1859, p. 502, 515, 518, 520, 524, 530; jan. 1861, p. 15

condições para admissão na – dez. 1859, p. 522, 527

constituição social da – jun. 1862, p. 229

correspondentes da – jun. 1862, p. 232

crescimento das atividades da – jun. 1862, p. 237

critério de admissão na – jul. 1859, p. 258

curiosos e – jul. 1859, p. 260

demissão de Malet, presidente – set. 1869, p. 394

dificuldade de acesso à – maio 1861, p. 204

discurso de Allan Kardec na – maio 1861, p. 199; jun. 1862, p. 227; maio 1864, p. 192

discurso de encerramento – jul. 1859, p. 255

discurso do novo presidente da – maio 1869, p. 213

distinção entre Sociedade Anônima do Espiritismo e – nov. 1869, p. 448

ÍNDICE GERAL

ditados espontâneos na – fev. 1861, p. 98
divergência entre os membros da – set. 1860, p. 425
donativo em dinheiro para – jun. 1862, p. 236
ensinos espontâneos dos Espíritos na – jan. 1861, p. 55
Espíritos convidados – nov. 1868, p. 476
Espíritos mistificadores e – jul. 1859, p. 266
Espíritos presentes na reunião da – jun. 1862, p. 245
estudos na – dez. 1859, p. 517, 519, 523, 521, 525,
527, 530
evocações na – jan. 1859, p. 32; jan. 1860, p. 54
experimentações e – jul. 1859, p. 261
faz subscrição a favor dos inundados – nov. 1866, p. 472
fenômenos excêntricos na sessão da – nov. 1866, p. 449
férias da – set. 1862, p. 391; ago. 1864, p. 345
finalidade da – jun. 1862, p. 229
fundação da – maio 1858, p. 233; jun. 1865, p. 249
grupos espíritas e as relações com – jun. 1862, p. 231
homenagens póstumas a Didier pela – jan. 1866, p. 26
identificação de Espíritos presentes na reunião da –
mar. 1862, p. 112
importância da – jul. 1859, p. 257
Louquinho de Bayonne, O, e – jan. 1859, p. 32
Malet, novo presidente da – maio 1869, p. 212
matérias da – nov. 1859, p. 460
membro honorário da – out. 1862, p. 416
metempsicose e – dez. 1859, p. 481
missão dos membros da – nov. 1865, p. 437
missão e objetivo da – maio 1864, p. 195
modificações no regulamento da – abr. 1860, p. 160
movimento espírita e – maio 1864, p. 196

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

música espírita, A, e – jan. 1869, p. 53
nova diretoria da – maio 1869, p. 212
nova sede da – maio 1860, p. 201
objetivo e tendências da – jul. 1863, p. 279
objetivos da – maio 1859, p. 207; jul. 1859, p. 267; ago.
1859, p. 334; dez. 1859, p. 518; set. 1860, p. 390, 392;
dez. 1861, p. 544; jun. 1862, p. 229
observações sobre – jun. 1863, p. 249
origem da – jul. 1859, p. 255
panorama espiritual da – nov. 1866, p. 450
papel da – dez. 1861, p. 545; jan. 1862, p. 36; nov.
1862, p. 477
papel da * no movimento espírita – abr. 1860, p. 161
participantes das sessões da – set. 1858, p. 369
pedido de admissão à – jul. 1863, p. 275, 277
perigosos inimigos da – maio 1861, p. 205
posição da * frente ao movimento espírita – maio
1864, p. 196
posição moral da – maio 1864, p. 197
presença do Espírito de Didier – fev. 1866, p. 80
princípios da – jul. 1859, p. 274; jun. 1862, p. 230
progressos alcançados pela – jun. 1862, p. 232
propagação da idéias na – jul. 1859, p. 258
quadro mediúnico da – jun. 1862, p. 233
recusa ditados de Espíritos suspeitos – set. 1860, p. 382
reflexões sobre – nov. 1869, p. 446
registro da – jul. 1859, p. 284
regularidade das sessões da – set. 1860, p. 425
relatórios diversos da – fev. 1861, p. 62
resumo histórico da – abr. 1860, p. 163

ÍNDICE GERAL

reunião com poucos médiuns na – nov. 1868, p. 476;
dez. 1868, p. 497
São Luís, mentor da – mar. 1859, p. 97; jul. 1859, p. 284;
dez. 1859, p. 524; dez. 1863, p. 512; jun. 1865, p. 250
sede própria da – jun. 1865, p. 221
sessão comemorativa do Dia dos mortos na – dez.
1868, p. 483
sessão geral da – dez. 1864, p. 510
sexto aniversário da – maio 1864, p. 192
sinal de prosperidade da – maio 1864, p. 192
situação financeira da – jun. 1862, p. 235
supervisão espiritual da – jun. 1862, p. 258
suspensão das sessões na – ago. 1861, p. 333
término do ano social na – out. 1867, p. 439
trabalhos da – mar. 1859, p. 102
três tipos, Os, ditado e – fev. 1861, p. 102
três tipos, Os, ditado, e – jan. 1861, p. 55
verdade histórica do Espiritismo e – maio 1864, p. 199
vicissitudes da – jun. 1862, p. 227

SPIRITUALISTE DE LA NOUVELLE-ORLEANS

dados sobre o Padre Ambrósio e – jul. 1858, p. 299

SQUIRE, MÉDIUM

deslocamento de objetos e – fev. 1861, p. 66

SR^a L...

mistificação e carta de – ago. 1859, p. 337

STABAT MATER, POEMA

canto dos anjos e – fev. 1869, p. 86

Pergolesi, artista, e – fev. 1869, p. 86

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

STAËL (ESPÍRITO)

Aurora dos novos dias, A, e – ago. 1861, p. 375

STAËL, MADAME

palavras de consolação por – nov. 1858, p. 465

virilidade de – nov. 1858, p. 466

STECKI, HENRI

Espiritismo na Bíblia, O, de – nov. 1868, p. 479

SUBJUGAÇÃO

casos de – out. 1858, p. 409; fev. 1863, p. 59

Júlia e – dez. 1863, p. 503

SUBSCRIÇÃO

vítimas da cólera em Lyon e – dez. 1865, p. 474

SUBSCRIÇÃO EM FAVOR DOS OPERÁRIOS DE ROUEN

Allan Kardec e – jan. 1863, p. 55

SUBSCRIÇÃO RUANESA

Allan Kardec e – mar. 1863, p. 143

encerramento da – abr. 1863, p. 186

SUBSTÂNCIAS ESPIRITUAIS

Tales de Mileto, Pitágoras e as – jan. 1868, p. 33

SUE, EUGÈNE

Fé druídica e – set. 1868, p. 390

SUICIDA

dificuldade de escrever a palavra Deus – ago. 1860, p. 368

entrevista com o Espírito – set. 1858, p. 398

evocação do * da Samaritana – jun. 1858, p. 259

falta de esperança no – jun. 1858, p. 262

fixação mental e – jun. 1858, p. 261

ÍNDICE GERAL

Igreja e – jul. 1862, p. 293, nota
influência espiritual superior e – nov. 1858, p. 456
São Luís e * da Samaritana – abr. 1861, p. 186
transtorno espiritual e – nov. 1858, p. 456

SUICÍDIO

amor e grau de responsabilidade no – set. 1858, p. 398
amor impossível e – jul. 1862, p. 291
apego aos bens materiais e – jun. 1860, p. 277
casamento sem amor e – fev. 1864, p. 63
causas do jovem ter cometido – set. 1864, p. 386
causas sociais do – jul. 1862, p. 277
circunstâncias atenuantes para o – jul. 1862, p. 297
co-responsabilidade no – set. 1858, p. 397
conhecimento do Espiritismo afugentou a idéia de –
fev. 1866, p. 81
conseqüências morais do – jul. 1862, p. 294
criança apaixonada comete – maio 1862, p. 200
desejo de chamar a atenção – jul. 1862, p. 278
doutrinas materialistas e – abr. 1861, p. 185
encarnações futuras de amantes que cometem – jul.
1862, p. 297
Espiritismo e – nov. 1859, p. 454; fev. 1861, p. 89; jul.
1862, p. 282, 298; abr. 1863, p. 172; nov. 1864, p. 465;
ago. 1865, p. 307; abr. 1868, p. 170
estatística de * na França – jul. 1862, p. 276
estímulo ao * pelo exemplo – jul. 1862, p. 279
falsamente atribuído ao Espiritismo – set. 1864, p. 385;
nov. 1864, p. 463
incredulidade e – jul. 1862, p. 281
indulgência pelo motivo do – ago. 1860, p. 367

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

instinto de conservação e – jul. 1862, p. 277
intenção atenua a culpa pelo – ago. 1860, p. 369
jovem comete – set. 1864, p. 385
julgamento de Deus sobre – maio 1862, p. 215
leitura de O Livro dos Espíritos evita – set. 1862, p. 374
leitura de romances e – maio 1865, p. 204
livre-arbítrio e – abr. 1861, p. 184
livre-arbítrio e culpabilidade no – nov. 1858, p. 456
morte acidental e – jun. 1858, p. 262
motivo do * atenua o sofrimento do Espírito – maio
1862, p. 214
motivos pessoais do – jul. 1862, p. 279
mulher rouba um pão e comete – maio 1862, p. 213
praticado por amor – set. 1858, p. 396
problemas morais e – nov. 1858, p. 455
provação e tendência ao – jul. 1862, p. 284
publicidade encoraja a prática do – jul. 1862, p. 280
sinais dos tempos e aumento do – out. 1866, p. 405
sucumbência de prova e – set. 1858, p. 398
transtorno cerebral e – jun. 1860, p. 277
verdadeiras causas do – abr. 1863, p. 175

SUICÍDIO DE UM ATEU, O

J. B. de... e – fev. 1861, p. 89

SUICÍDIO DOS ANIMAIS

registros de casos de – fev. 1867, p. 81

SULTÃO

eunucos e – fev. 1859, p. 84

Noureddin e – jan. 1859, p. 43, 48; fev. 1859, p. 82

Ozara e – jan. 1859, p. 48

SUPERIORIDADE DOS ESPÍRITOS

natureza da – abr. 1866, p. 147

SUPERSTIÇÃO

aparição e – jan. 1859, p. 18

desaparecimento da – jan. 1859, p. 18

destruição da – jan. 1859, p. 18

Espiritismo e – jan. 1859, p. 18

Espiritismo e justo valor da – abr. 1865, p. 157

filosofia do século XVIII e – set. 1860, p. 413

fonte da – jan. 1859, p. 18

ignorância das leis naturais e – set. 1860, p. 404

isenção do serviço militar e – maio 1860, p. 234

mediunidade curadora ajuda combater a – nov.
1866, p. 466

modos de combater a – mar. 1858, p. 89

oração e – jan. 1866, p. 19

prática do Espiritismo e – abr. 1858, p. 154

tipos de – jan. 1859, p. 18

SURA

aparições e – mar. 1859, p. 127

Plínio, o moço, e – mar. 1859, p. 127

SURATAS DO ALCORÃO

origem das – ago. 1866, p. 315

SURDA-MUDA

Espírito de * comunica-se normalmente – mar.
1860, p. 143

SURDEZ

Espírito e – mar. 1860, p. 145

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

fenômeno mediúnico e – jun. 1858, p. 250
príncipe de Hohenlohe cura – dez. 1866, p. 497
Thilorier e sua – set. 1860, p. 419

SURDO-MUDO

causa da enfermidade dos – jan. 1865, p. 40
evocação de um * encarnado – jan. 1865, p. 38

SUSCEPTIBILIDADE DOS ESPÍRITOS

dignidade e – nov. 1860, p. 495

SWEDENBORG, EMMANUEL

Arcanos de – mar. 1862, p. 106
biografia de – nov. 1859, p. 438
comunicação de – nov. 1859, p. 444
contestação à autoridade de – mar. 1862, p. 107
Deus e – nov. 1859, p. 445
doutrina de – nov. 1859, p. 437, 439
doutrina de Privat e – dez. 1859, p. 487
Doutrina Espírita e – nov. 1859, p. 447
equivoco de – nov. 1859, p. 441
Espiritismo e – ago. 1863, p. 316
evocação de – out. 1859, p. 407, 409; nov. 1859, p. 445
história da vida de – nov. 1859, p. 443
história do Espiritismo e – nov. 1859, p. 444
Luísa Ulrica, rainha, e – nov. 1859, p. 442, 446
mundo dos Espíritos e – nov. 1859, p. 440
obras de – nov. 1859, p. 437
primeira revelação de – nov. 1859, p. 438, 445
princípio da doutrina de – nov. 1859, p. 446
retratação de – nov. 1859, p. 443

T

TABACO E A LOUCURA, O

Espiritismo e – maio 1865, p. 202

TABLEAU DE PARIS

Mercier e – out. 1859, p. 400

TALES DE MILETO

substâncias espirituais e – jan. 1868, p. 33

TALISMÃ

evocação dos Espíritos com uso de – set. 1858, p. 393

origens da crença no – set. 1858, p. 394

São Luís e o poder do – set. 1858, p. 395

TAMBOR DE BERESINA

conversas familiares de além-túmulo e – jul. 1858, p. 287

TANAPLE

discurso de – fev. 1859, p. 85

TANGIBILIDADE

aparição com – dez. 1858, p. 496

caso de aparição e – dez. 1858, p. 486

perispírito e – out. 1859, p. 396

TAO

naturezas de – out. 1868, p. 413

significado da palavra – out. 1868, p. 413

TARRAGON, L. DE

cura por um Espírito e – fev. 1863, p. 95

TARTUFO

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Gérard de Nerval (Espírito) e – fev. 1861, p. 104

TÁTICA DOS ESPÍRITOS

germinação das idéias espíritas e – dez. 1869, p. 483

popularização das idéias espíritas e – dez. 1869, p. 484

TAUMATURGO

conceito de – dez. 1867, p. 513

espíritas e – set. 1869, p. 357

Espiritismo e – nov. 1867, p. 457

TEAR MECÂNICO

aperfeiçoamento do – mar. 1864, p. 124

TEATRO

idéias espíritas no – jul. 1868, p. 303

TELÉGRAFO CELESTE

brochura sobre magnetismo – dez. 1858, p. 525

TELEPATIA

encarnado e desencarnado se comunicam por – out.
1862, p. 424

TEMPESTADE

batalha de Solferino e – set. 1859, p. 364

TEMPESTADE DE SOLFERINO

finalidade da – set. 1859, p. 375

TEMPESTADE EM ALTO MAR

capitão do navio é avisado mediunicamente de uma –
set. 1862, p. 378

TEMPLOS RELIGIOSOS

expressão do pensamento e – abr. 1864, p. 164

ÍNDICE GERAL

TEMPO

data dos acontecimentos e relatividade do – jul.

1868, p. 276

Espírito e noção de – mar. 1858, p. 97

espiritualização e unidade do – maio 1864, p. 182

TEMPO PERDIDO

responsabilidade do Espírito pelo – nov. 1860, p. 508

TEMPO, O

bons Espíritos e – jun. 1861, p. 281

Espíritos inferiores e – jun. 1861, p. 281

Espíritos puros e – jun. 1861, p. 281

Espíritos superiores e – jun. 1861, p. 281

TEMPOS DA RENOVAÇÃO

desígnios divinos e – set. 1865, p. 379

TEMPOS SÃO CHEGADOS, Os

interpretações da expressão – out. 1866, p. 401

TENDÊNCIAS ESPIRITUAIS

condição social e – dez. 1862, p. 518

espiritualismo e a origem das – jun. 1866, p. 222

materialismo e a origem das – jun. 1866, p. 222

origem da alma e – nov. 1858, p. 451

vidas passadas e – jun. 1866, p. 226

TENDÊNCIAS MATERIALISTAS

origens das – ago. 1868, p. 319

TENTAÇÃO

prova da – maio 1859, p. 183

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

TEOGONIA PAGÃ

Espiritismo e – dez. 1860, p. 532

TEÓLOGOS

enganos dos * nas palavras do Evangelho – set.
1867, p. 370

TEORIA DA BELEZA

Allan Kardec e – ago. 1869, p. 311

Gênese, A, e – ago. 1869, p. 320

Livro dos Espíritos, O, e – ago. 1869, p. 320

TEORIA(S) ESPÍRITA(S)

Allan Kardec e – jul. 1859, p. 269

críticas às * de Allan Kardec – out. 1859, p. 385

nascimento da – set. 1867, p. 363

TEORIAS CIENTÍFICAS

prudência que se deve ter com as – jul. 1860, p. 331

tempo das revelações das – jun. 1860, p. 246

TERCEIRA REVELAÇÃO

características da – set. 1867, p. 379, 381

causas da rápida propagação da – set. 1867, p. 380

Espiritismo e – set. 1861, p. 418; set. 1867, p. 366, 379

TERRA

aerólitos e o aumento do volume da – set. 1868, p. 359

Allan kardec e a formação da – abr. 1860, p. 173

aumento e diminuição do volume da – set. 1868,
p. 357, 359

características dos Espíritos na – mar. 1865, p. 103

classificação da – mar. 1858, p. 115

composição da – set. 1868, p. 358

ÍNDICE GERAL

condição espiritual da – out. 1858, p. 428
cultura e informação sobre a – ago. 1858, p. 327
diminuição da massa da – set. 1868, p. 360, 361
diminuição do volume – set. 1868, p. 360
diversidade da vida na – mar. 1858, p. 111
doutrinas do paraíso e – mar. 1865, p. 97
emigração dos Espíritos da – out. 1866, p. 404
escala dos mundos na – jul. 1868, p. 302
Espiritismo e males da – mar. 1861, p. 133
Espíritos imperfeitos e a – dez. 1862, p. 486
Foulon (Espírito) e abandono definitivo da – mar.
1865, p. 115
história da formação da – abr. 1867, p. 146
influência do planeta Júpiter sobre a – out. 1868, p. 430
influência dos astros sobre a – set. 1868, p. 361
influência dos corpos celestes sobre a – out. 1864, p. 431
influência dos mundos e as crises da – nov. 1868, p. 445
influência dos planetas sobre a – out. 1868, p. 429
início da vida na – maio 1859, p. 193
Jobard revisa sua teoria sobre a formação da – mar.
1862, p. 112
lei do progresso e – out. 1866, p. 386
matéria cósmica e aumento do volume da – set.
1868, p. 360
maus Espíritos e – ago. 1863, p. 339
Mercúrio, Saturno e Marte em relação à – mar.
1858, p. 116
movimento de translação da – set. 1868, p. 360, nota
mundos transitórios e – maio 1859, p. 193

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

negadores do movimento da – fev. 1865, p. 62
perturbações climáticas da – out. 1868, p. 429
população espiritual da – dez. 1862, p. 487
preexistência aos primeiros habitantes da – jan.
1862, p. 25
primeira encarnação na – jan. 1864, p. 46
primeiras camadas geológicas da – set. 1868, p. 358
progressão da – abr. 1864, p. 159
raça adâmica e – jun. 1863, p. 230
reencarnação de Diógenes na – jan. 1859, p. 41
reflexões sobre a – dez. 1869, p. 495
reinado de fraternidade na – out. 1866, p. 404
situação do homem na – set. 1863, p. 371
teoria da alma da – set. 1868, p. 362
teoria da formação da – jun. 1860, p. 244; set.
1868, p. 364
teoria da formação da * por Jobard – abr. 1860, p. 166
transformação dos habitantes da – nov. 1868, p. 444
Universo e – mar. 1858, p. 111
utilidade da – maio 1859, p. 193

TERRA PROMETIDA, A

Amardochée (Espírito) e – out. 1861, p. 460

TERRAIL, PONSON DU

Dernier mot de Rocambole de – dez. 1866, p. 515

TERTULIANO

evocação de – maio 1861, p. 231

TESOUROS

conseqüências do encontro de – dez. 1864, p. 529

ÍNDICE GERAL

TESTAMENTO

- anônimo faz * em favor do Espiritismo – jan. 1862, p. 52
- cobrança do desencarnado pelo – maio 1858, p. 226
- influência espiritual e – maio 1858, p. 226

TESTAMENTO DA SR^a. HIVE

- discurso solene e – dez. 1867, p. 495

TESTAMENTO NOS ESTADOS UNIDOS, UM

- mesas girantes e – mar. 1869, p. 116

TESTEMUNHO DE LEMBRANÇA

- prece e – dez. 1859, p. 474

TESTEMUNHO ESPÍRITA

- Foulon (Espírito) e – mar. 1865, p. 113

TEXTOS SAGRADOS

- vantagens da interpretação dos – jan. 1862, p. 29

THIERCELIN, H.

- Materialismo e o Direito, O – ago. 1868, p. 317

THILORIER

- esclarecimentos sobre a vida do Físico – set. 1860, p. 418
- história da tristeza do Físico – ago. 1860, p. 359
- motor a vapor e o Físico – ago. 1860, p. 359
- teoria do ácido carbônico do Físico – jul. 1860, p. 295

TIMEU DE LOCRES, MESTRE DE PLATÃO

- metempsicose e – jan. 1865, p. 45

TIPTOLOGIA

- alfabeto e – jul. 1858, p. 288
- como atua o Espírito na – abr. 1864, p. 151

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

comunicações espíritas por meio de – jun. 1860, p. 255
comunicações inteligentes por – nov. 1862, p. 466
conhecimento do Espírito sobre a natureza da – jul.
1858, p. 292
Dibbelsdorf e – ago. 1858, p. 341
experiência de – jun. 1863, p. 257
fábulas espíritas por – jun. 1863, p. 255
Joubert e fenômeno de – nov. 1863, p. 474
mecanismos da – jul. 1858, p. 292
mesas falantes e – mar. 1858, p. 91
método especial de se comunicar por – out. 1864, p. 414
pensamento e – jun. 1863, p. 259

TIRANO

conceito de – set. 1858, p. 373, nota

TÍTULO HONORÍFICOS

Espíritos que se apresentam com – jul. 1866, p. 297

TOM, O CEGO

perfil de * , músico natural – fev. 1867, p. 79

TOMÁS DE AQUINO, SANTO

espiritualismo e – set. 1868, p. 387

TONY

adversário do Espiritismo em Rochefort – dez. 1862, p.
503

contradições do – dez. 1862, p. 506

TORRE DE BABEL

construção da – jan. 1865, p. 53

nova – nov. 1863, p. 476

vulgarização da idéia espírita e – dez. 1863, p. 516

ÍNDICE GERAL

TORTURAS

Idade Média e formas de – abr. 1862, p. 177

TOULOUSE

círculo da moral espírita em – set. 1868, p. 370

TOURADAS

bispo de Barcelona e – set. 1864, p. 357

TOURNIER, VALENTIN

Cartas aos Ignorantes, de – maio 1864, p. 218

Espiritismo ante a razão, O, de – mar. 1868, p. 142

TOURNIER, VICTOR

Espiritismo perante a razão, O, de – nov. 1869, p. 451

TOUTINEGRA, O POMBO E O PEIXINHO, A

Dombre e a fábula – dez. 1861, p. 554

TRABALHADOR

parábola do mal – jun. 1858, p. 254; nov. 1858, p. 450

TRABALHO

conhecimento das forças da Natureza pelo – abr.
1864, p. 160

Espíritos depurados e – ago. 1858, p. 349

homem e – out. 1862, p. 431

Humanidade e – out. 1862, p. 428

oração mais agradável a Deus – fev. 1860, p. 108

ponto de vista terreno do – jul. 1862, p. 273

transformação da Natureza e – abr. 1864, p. 160

TRABALHO REGENERADOR

orientação para se realizar o – nov. 1868, p. 474

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

TRABALHOS ESPÍRITAS

firmeza nos – nov. 1860, p. 511

TRABALHOS MEDIÚNICOS

sinais de obsessão nos – maio 1863, p. 220

TRANSFIGURAÇÃO

após a morte – out. 1866, p. 403

causa da – mar. 1859, p. 98

chave do fenômeno da – mar. 1859, p. 100

conceito de – mar. 1859, p. 98

contração muscular e – mar. 1859, p. 100

corpo físico e – mar. 1859, p. 98

efeitos da – mar. 1859, p. 98

Eliseu (Espírito) e – jan. 1859, p. 29

imposição das mãos e – mar. 1859, p. 96

perispírito e – mar. 1859, p. 98

Philippine Senger e – jun. 1858, p. 249

São Luís e – mar. 1859, p. 97

ser invisível e – jan. 1859, p. 29

sonâmbulos e – mar. 1859, p. 97

TRANSFORMAÇÃO

Georges (Espírito) e – jun. 1861, p. 287

TRANSFORMAÇÃO DA HUMANIDADE *ver também* Regeneração da humanidade

crises e – out. 1868, p. 435

flagelos destruidores e – out. 1866, p. 411

forma como se dará a – out. 1866, p. 409

idéias contrárias e – out. 1866, p. 409

maneira pela qual se opera a – out. 1866, p. 408

ÍNDICE GERAL

melhora individual e – jul. 1865, p. 291

tempo da – mar. 1862, p. 133

TRANSFORMAÇÃO DA TERRA

desaparecimento da geração atual e – out. 1866, p. 403

TRANSFORMAÇÃO MORAL

Espiritismo favorece a – set. 1864, p. 354

TRANSFORMAÇÃO RELIGIOSA

ciência moderna e – set. 1863, p. 358

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

reforma moral do homem e – jun. 1868, p. 251

TRANSFORMAÇÕES FLUÍDICAS

imagens reais para o Espírito e – abr. 1869, p. 148

TRANSIÇÃO

época atual e – out. 1866, p. 403

momento de – mar. 1863, p. 118

TRANSMIGRAÇÃO *ver* Metempsicose

TRANSMIGRAÇÃO DE ALMAS

druidismo e – abr. 1858, p. 157

TRANSMISSÃO DO PENSAMENTO

Espíritos e – abr. 1859, p. 136

TRANSPORTE DE OBJETOS

Espírito de pessoa viva realiza – ago. 1860, p. 342

vontade e – mar. 1869, p. 115

TRANSPORTES E OUTROS FENÔMENOS TANGÍVEIS, DOS

Erasto (Espírito) e – ago. 1861, p. 358

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

TRANSTORNO CEREBRAL

suicídio e – jun. 1860, p. 277

TRANSUBSTANCIAÇÃO

progresso de todas as coisas e – abr. 1864, p. 159

TRATADO DA IGREJA

João Huss e o livro – set. 1869, p. 370

TRATADO DE MAGNETISMO E DE SONAMBULISMO

Aubin Gauthier e – maio 1862, p. 206

TRATADO DE MEDICINA OPERATÓRIA

Vilpeau e o – jul. 1868, p. 310

TRATAMENTO MAGNÉTICO

Oscar, rei da Suécia, e – out. 1859, p. 386

TRATAMENTOS MAGNÉTICOS

remédios homeopáticos e – mar. 1868, p. 132

TRÊS CEGOS, Os

parábola – dez. 1859, p. 505

TRÊS FILHAS DA BÍBLIA, As

reflexões sobre a obra – fev. 1867, p. 67

TRÊS TIPOS, Os

Gérard de Nerval (Espírito) e – jan. 1861, p. 55

Lucas e a parábola – dez. 1859, p. 505

SPEE e – jan. 1861, p. 55; fev. 1861, p. 102

TREVAS

Espírito fica, por castigo, isolado nas – fev. 1860, p. 102

TRÍADES DRUÍDICAS

círculos das existências e – abr. 1858, p. 160

Deus, Universo e as – abr. 1858, p. 157

ÍNDICE GERAL

TRIBULAÇÕES

causa e finalidade das – abr. 1863, p. 168

contato com os maus e origem das – set. 1862, p. 378

TRIBUNAL CORRECCIONAL DE DOUAI

críticas de Allan Kardec e – out. 1859, p. 389

magnetismo e – out. 1859, p. 386

passes magnéticos e – out. 1859, p. 392

sentença do – out. 1859, p. 392

TRINDADE HUMANA

Charpignon e composição da – jan. 1867, p. 31

TRISTEZA E O PESAR, A

dissertação sobre – jun. 1860, p. 284

TRIUNFO

conceito de – jul. 1862, p. 270

TSCHEREPANOFF

mesas volantes e sr. – out. 1859, p. 389, 420

TSCHOKKE, C.

Meditações e – out. 1868, p. 399

TUCARONDONO

reencarnação no Japão e o bonzo – ago. 1868,
p. 348, 350

TUDO VEM A SEU TEMPO

livro da Natureza e – mar. 1867, p. 133

TÚMULOS

os mortos sairão de seus – fev. 1868, p. 86

TÚMULOS GIGANTES

câmaras mortuárias e – dez. 1867, p. 488

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

TÚNICA DOS ANJOS

Espíritos e – nov. 1859, p. 423

U

UBIQÜIDADE

Espíritos superiores e privilégio da – nov. 1864, p. 450

ULRICA, LUÍSA

Emmanuel Swedenborg e a rainha – nov. 1859,
p. 443, 446

ÚLTIMOS DIAS DE UM FILÓSOFO, Os

base da Doutrina Espírita e – jun. 1869, p. 267

Camille Flammarion e tradução do livro – jun. 1869,
p. 267, 299; jul. 1869, p. 299

Humphry Davy autor do livro – jun. 1869, p. 267

Humphry Davy e – jun. 1869, p. 267; jul. 1869, p. 299;
nov. 1869, p. 457

princípios da Doutrina Espírita e – jul. 1869, p. 299

sumário do livro – jul. 1869, p. 300

UNIÃO DA ALMA AO CORPO

Xavier e sua opinião sobre a – mar. 1858, p. 141

UNIÃO DOS ESPÍRITAS

laço que faz a – dez. 1868, p. 492

UNIÃO DOS ESPÍRITOS

força do amor torna possível a – maio 1868, p. 194

ÍNDICE GERAL

UNIÃO ESPÍRITA DE BORDEAUX

livros analisados por Allan Kardec e – jul. 1865, p. 302
retorno às atividades da – dez. 1866, p. 522
retorno às publicações da – jan. 1867, p. 54
União Spirite, jornal, e – jun. 1867, p. 266

UNIDADE DA ALMA

Frédéric Herrensneider e – jun. 1868, p. 268

UNIDADE DA DOCTRINA

relações entre os Grupos espíritas e a – jan. 1862, p. 35

UNIDADE DE LINGUAGEM

Channing e – set. 1869, p. 390

UNIDADE DO ESPIRITISMO

como entender a – dez. 1868, p. 537
história das crenças religiosas e – out. 1863, p. 433
necessidade imprescindível é buscar a – dez. 1868, p. 513
universalidade do ensinamento e a – mar. 1864, p. 98

UNIFICAÇÃO DAS CRENÇAS

progresso moral e – ago. 1867, p. 334

UNIFICAÇÃO DO ESPIRITISMO

considerações iniciais sobre – dez. 1868, p. 504
será obra do tempo – dez. 1868, p. 504

UNION BURGUIGNONNE

Badet e – jul. 1858, p. 277

UNIVERSALIDADE DO ENSINO DOS ESPÍRITOS

Antiguidade e a – abr. 1858, p. 154
Doutrina Espírita e – ago. 1867, p. 320
princípio da – nov. 1858, p. 447

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

UNIVERSIDADE DE PRAGA

João Huss e – set. 1869, p. 370
testemunho da * em favor de João Huss – set.
1869, p. 371

UNIVERSO

aspecto aparente do – dez. 1869, p. 499
contemplação do – dez. 1869, p. 501
doutrina da unicidade da vida no – mar. 1865, p. 107
druidismo e o conceito de – abr. 1858, p. 158
plano definitivo do – set. 1865, p. 379
princípios constitutivos do – abr. 1867, p. 147
quadro grandioso do – mar. 1865, p. 106
vida inteligente e o – mar. 1858, p. 112

URÂNIA

fragmentos do poema – nov. 1859, p. 423
Porry e o poema – nov. 1859, p. 427

URANOGRAFIA

princípios da – set. 1862, p. 387

UTOPIA

verdade e – jul. 1868, p. 275

V

V. B...

fenômenos de transporte e – maio 1861, p. 216
grau evolutivo do planeta e – out. 1860, p. 472

ÍNDICE GERAL

V..., ABADE

antigo carreteiro (Espírito) e – dez. 1859, p. 510

discurso do – jan. 1867, p. 30

São Vicente de Paulo (Espírito) e – jan. 1867, p. 30

VAI NASCER A VERDADE

Massilon (Espírito) e – abr. 1861, p. 192

VAIDADE

dissertação sobre – jun. 1860, p. 283

títulos honoríficos terrenos e – jun. 1866, p. 255

Voltaire nega Deus por – maio 1862, p. 223

VAN BR...

comunicação espírita e – dez. 1859, p. 529

Dirkse Lammers (Espírito) e – dez. 1859, p. 529

VANDERYST, H.

carta de * ao Bertran – set. 1866, p. 350

confissão espírita de – set. 1866, p. 351

VARIEDADE DE ESPÍRITAS

Livro dos Médiuns, O, e – dez. 1861, p. 535

VARINHA MÁGICA

Jacques Aymar e – abr. 1861, p. 177

VAUCHEZ

situação espiritual de – abr. 1865, p. 176

VAVASSEUR

poesia falada pelo – nov. 1866, p. 452

VEDAS

leis de Manu e os – jun. 1868, p. 255

progresso espiritual e os – jun. 1868, p. 255

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

VELHAS CRENÇAS

centelha da verdade e – mar. 1867, p. 136

VENTO, O

fábula espírita – fev. 1862, p. 77

VÊNUS, PLANETA

guerra e duração da vida no – ago. 1862, p. 336

informações sobre os habitantes e a vida no – ago.
1862, p. 333

organização social no – ago. 1862, p. 337

VERDADE

aceitação do homem e – jul. 1869, p. 297

bons Espíritos e – jul. 1859, p. 266

busca íntima da – abr. 1869, p. 175

Charles Fourier e presentimento da – abr. 1869, p. 175

construção da – dez. 1866, p. 494

Criador e – maio 1865, p. 209

criatura e – maio 1865, p. 209

critério da – dez. 1861, p. 546

cuidados ao se falar a – ago. 1858, p. 332

Deus e a ocultação da – mar. 1862, p. 130

dúvidas e – ago. 1863, p. 350

espíritas e busca da – nov. 1863, p. 441

Espiritismo e – abr. 1866, p. 160

Espiritismo e assimilação da – jan. 1866, p. 23

Espiritismo e crença na * da religião – nov. 1863, p. 465

força da – jan. 1858, p. 22

guia do verdadeiro amante da – nov. 1863, p. 441

Igreja e afastamento na crença da – nov. 1863, p. 465

materialismo e desinteresse pela – out. 1866, p. 400

ÍNDICE GERAL

meios de se chegar à – jan. 1862, p. 36
Menino e o riacho, O, parábola e – dez. 1859, p. 504
missionários da – nov. 1860, p. 509
obstáculos no ensino da – set. 1863, p. 394
opinião de Allan Kardec sobre – abr. 1864, p. 142
perseguições e – mar. 1863, p. 105
progresso da humanidade e a descoberta da – dez.
1864, p. 522
reconhecimento da – nov. 1861, p. 497
sábios e a revelação da – nov. 1860, p. 509
sentimento de orgulho e – set. 1863, p. 394
tempo de conhecimento da – abr. 1860, p. 170
tendência do Espírito humano e – maio 1865, p. 209
universalidade do ensinamento e – mar. 1864, p. 98
utopia e – jul. 1868, p. 275

VERDADE ABSOLUTA

critérios para obtenção da – ago. 1869, p. 349
Espiritismo e – abr. 1864, p. 139
Maomé e – nov. 1866, p. 445

VERDADE ETERNA

Espiritismo e – ago. 1865, p. 304
popularização da – dez. 1863, p. 481

VERDADE RELATIVA

médiuns e privilégio exclusivo da – dez. 1863, p. 515

VERDADEIRA REVELAÇÃO

conseqüências do Espiritismo como – set. 1867, p. 361

VERDADEIRA SUPERIORIDADE

características da – abr. 1865, p. 162

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

VERDADEIRA VIDA

princípio inteligente e – abr. 1865, p. 138

VERDADEIRO ARTISTA

nascimento do sentimento no – mar. 1869, p. 129

VERDADEIRO INSPIRADO

sonâmbulo natural e – jun. 1869, p. 242

VERDADEIRO, O

conceito de – set. 1863, p. 394

VERDADEIROS TESOUROS

Espiritismo e – ago. 1861, p. 369

VERDADES ESPÍRITAS

Benjamim Franklin e intuição das – ago. 1865, p. 327

VERDADES ESSENCIAIS

persuasão e – ago. 1858, p. 332

VÉRITÉ DE LYON

mudança de título do – abr. 1867, p. 181

VERMES INTESTINAIS

geração espontânea e – jul. 1868, p. 292

VERSOS DE LAMARTINE

convulsões da humanidade e – jan. 1869, p. 42

Espiritismo, crise comercial e – jan. 1869, p. 42

VERTEUIL

São Luís (Espírito) e – out. 1859, p. 404

VESPASIANO

conselhos de Apolônio de Tiana a – out. 1862, p. 403

ÍNDICE GERAL

VESPASIANO, IMPERADOR

aparição de Basílida e – dez. 1858, p. 497

VESTES

constituição das – ago. 1859, p. 303

VESTIMENTA

Espíritos e – ago. 1859, p. 300

mulher e sua – dez. 1858, p. 512

VESTIMENTA ESPIRITUAL

rainha de Oude e – mar. 1858, p. 136

VEUZE, JEAN DE LA

Guerra ao Diabo e ao Inferno, A – maio 1864, p. 218

VIAGEM ESPÍRITA

realizada por Allan Kardec em 1862 – nov. 1862, p. 439

VICENTE DE PAULO, SÃO

comunicações espontâneas de – dez. 1859, p. 502

Convulsionários de Saint-Médard e – dez. 1859, p. 532

evocação de – dez. 1859, p. 532

V..., abade, e – jan. 1867, p. 30

VÍCIOS

bom médium e despojamento dos – jul. 1863, p. 293

hereditariedade e – jul. 1862, p. 288

homem insulado e – mar. 1865, p. 101

leis repressivas e – out. 1863, p. 398

tempo do Cristo e – mar. 1866, p. 129

VIDA

como valorizar a – dez. 1868, p. 497

diversidade de – mar. 1858, p. 110

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Júpiter e a duração da – maio 1858, p. 221
modo de manifestação da – jul. 1869, p. 303
nada e – nov. 1860, p. 514
princípio constituinte da – dez. 1869, p. 497
Terra e diversidade da – mar. 1858, p. 111
Universo e * inteligente – mar. 1858, p. 112
Vênus e a duração da – ago. 1862, p. 336

VIDA ANTERIOR

conseqüências de uma – set. 1861, p. 397

VIDA APÓS A MORTE

Ciro e a – maio 1864, p. 216
desejo nato no homem e – dez. 1860, p. 538
Ernest Renan e – maio 1864, p. 186

VIDA ATUAL

ideais de vidas passadas e – mar. 1862, p. 111

VIDA CORPORAL

erraticidade e – mar. 1859, p. 107
Espírito e necessidade da – jul. 1862, p. 273
finalidade da – abr. 1859, p. 137
insuficiência da unicidade da – mar. 1865, p. 101
objetivo do prolongamento da – nov. 1865, p. 448
objetivos da – set. 1867, p. 374
princípio da unicidade da – jun. 1861, p. 283
solução de continuidade na – jun. 1869, p. 229
utilidade da – jun. 1869, p. 229
vicissitudes da – abr. 1859, p. 139
vida espírita e – mar. 1859, p. 111; abr. 1859, p. 137
vida espiritual e extinção da – nov. 1867, p. 453

ÍNDICE GERAL

VIDA DA ALMA

desconhecimento da – dez. 1869, p. 514

VIDA DE ALÉM-TÚMULO

Céu e o Inferno, O, e – set. 1865, p. 381

VIDA DE GERMAINE COUSIN, A

livro analisado por Allan Kardec – jul. 1865, p. 301

VIDA DE JESUS, A

comentários de Allan Kardec sobre a obra – jun.
1864, p. 219

VIDA ERRANTE

mundos transitórios e – maio 1859, p. 188

ocupações na – mar. 1859, p. 118

VIDA ESPIRITUAL *ver também* Mundo Espiritual

atividade na – mar. 1865, p. 103

características da – maio 1867, p. 221

Cardeal Wiseman e crença na – jul. 1865, p. 297

constatação da – nov. 1867, p. 453

continuidade dos estudos e experiências na – abr.
1865, p. 160

continuidade dos estudos e trabalhos na – abr.
1865, p. 156

corpo físico e – abr. 1865, p. 138

Estudo sobre os Gérmenes, livro, e – fev. 1859, p. 80

importância da expiação e do arrependimento na –
maio 1867, p. 204

justiça de Deus e – ago. 1865, p. 307

ligação entre existências corpóreas e – jun. 1869, p. 229

lucidez sonambúlica e – mar. 1859, p. 111

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Lúmeme e descrição da sensação da – mar. 1867, p. 138
ocupações da – abr. 1859, p. 139
quadro da – maio 1859, p. 171
sistema de Bichat e – fev. 1859, p. 80
situação dos Espíritos na – set. 1867, p. 371
testemunho ocular da – maio 1867, p. 220
Victor Hugo e a certeza da – out. 1868, p. 422
vida corporal e – mar. 1859, p. 111; abr. 1859, p. 137;
nov. 1867, p. 453
vigília e – mar. 1859, p. 112

VIDA ETERNA

dificuldades de concepção da – dez. 1869, p. 500
esboço de nossa fé na – dez. 1869, p. 500
fé raciocinada e conquista da – jul. 1865, p. 298

VIDA EXTRACORPÓREA

realidade da – fev. 1867, p. 61

VIDA FUTURA

certeza na * ameniza o sofrimento – maio 1862, p. 193
conseqüências da inexistência da – nov. 1869, p. 439
conseqüências da revelação da – set. 1867, p. 368
contradições na negação da – dez. 1860, p. 562
crença na – abr. 1869, p. 178
dúvida dos negadores da – nov. 1869, p. 440
elemetos moralizador da – nov. 1869, p. 442
esboço da religião sobre – fev. 1865, p. 58
espíritas e confiança na – fev. 1865, p. 60
Espiritismo contribui para a compreensão da – abr.
1862, p. 153

ÍNDICE GERAL

falsa idéia que muitos fazem da – jul. 1862, p. 281
idéias pueris da – nov. 1869, p. 443
importância da – jul. 1869, p. 272
incredulidade e crença na – fev. 1865, p. 57
intuição da – dez. 1860, p. 561
ponto de vista do Espiritismo sobre – jul. 1862, p. 270
preocupação do homem com a – nov. 1869, p. 445
prova irrecusável da – jul. 1862, p. 272
questões morais e filosóficas e – abr. 1862, p. 154
realidade da – nov. 1869, p. 439
temor da morte e – fev. 1865, p. 56; mar. 1865, p. 113
vagas noções da * e novas idéias – nov. 1869, p. 443

VIDA MATERIAL

importância da – out. 1861, p. 454
mundos impróprios à – jan. 1859, p. 19

VIDA MISTA

conceito de – jun. 1868, p. 248

VIDA MORAL

desprendimento e – dez. 1859, p. 477

VIDA NO REINO VEGETAL

história sobre a manifestação da – dez. 1869, p. 527

VIDA ORGÂNICA

cessação da – abr. 1859, p. 133
Espírito e – abr. 1859, p. 133
extinção da – jun. 1861, p. 288

VIDA PASSADA

Espírito encarnado e visão da – jul. 1865, p. 287

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

VIDA PRESENTE

importância da – jul. 1869, p. 272

VIDA SOBRENATURAL

revelações sobre – set. 1863, p. 380

VIDA TERRENA

características da – dez. 1869, p. 498

Efêmeros, Os, peça teatral sobre a – jul. 1862, p. 275

objetivo da – jul. 1862, p. 274

significado da – jul. 1862, p. 270, 271

VIDA UNIVERSAL, A

Camille Flammarion e – dez. 1869, p. 493

vida atual, existências celestes e – dez. 1869, p. 501

VIDAS PASSADAS

comoção e – set. 1866, p. 381

desencarnação e conhecimento das – jul. 1866, p. 291

Espírito toma conhecimento de suas – jun.

1866, p. 239

Jobard desencarnado e lembranças de – mar.

1862, p. 110

lembranças de – jan. 1860, p. 35; maio 1860, p. 222; jul.

1860, p. 306; nov. 1862, p. 453; nov. 1864, p. 438; ago.

1868, p. 350; out. 1868, p. 428, 429

Livro dos Espíritos, O, e a visão de – jul. 1866, p. 299

utilidade do esquecimento das – nov. 1864, p. 449

VIDÊNCIA

aberrações, excentricidades e – out. 1864, p. 401

Adrien e – jan. 1859, p. 20

análise sobre – jan. 1858, p. 54

ÍNDICE GERAL

copo d'água magnetizada favorece – jun. 1868, p. 231
desenvolvimento da – ago. 1867, p. 344
envoltório fluídico da alma e – jun. 1868, p. 242
estado sonambúlico e – jan. 1859, p. 20
fé cega e – ago. 1867, p. 349
frequência da * nas crianças – set. 1865, p. 361
importância da – jul. 1861, p. 299
médium receitista e – jun. 1868, p. 231
microscópio, telescópio e – dez. 1858, p. 490
miragem do médium e – ago. 1860, p. 365
objetivo da – ago. 1867, p. 344
organização física e – mar. 1859, p. 116
orgulho e – mar. 1859, p. 116
perda da – mar. 1859, p. 116
primeira faculdade a se desenvolver no homem – abr.
1866, p. 171
recém-desencarnado é acompanhado pela – dez.
1858, p. 491
temporiedade da * em criança – set. 1866, p. 382
teoria da ciência sobre – set. 1865, p. 360
teoria da ilusão na – dez. 1858, p. 488
tipos de – jul. 1865, p. 280
utilização do copo d'água e – out. 1869, p. 417

VIDENTE DA FLORESTA DE ZIMMERWALD

aplicabilidade da clarividência de – out. 1865, p. 386
características da faculdade de – out. 1865, p. 385
comprovação da clarividência de – out. 1865, p. 385
detalhamentos sobre a Doutrina Espírita e – out.
1865, p. 384
espelhos psíquicos e – out. 1865, p. 382

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

instruções dos bons Espíritos sobre o – out. 1865, p. 388
médium inconsciente e – out. 1865, p. 388
necessidade e atuação do copo e – out. 1865, p. 390
observações de Allan Kardec sobre o – out. 1865, p. 387
patriarca José e o – nov. 1865, p. 463

VIDENTES

Espíritos impostores e – jun. 1860, p. 270

VIDENTES DO SÉCULO, Os

Peebles e – nov. 1869, p. 459

VIE DE BOHÈME, LA

Henri Murger e – mar. 1861, p. 138

VIENNE, LYON

Cristianismo e – out. 1861, p. 446

VIGÍLIA

faculdade de ver Espíritos em – mar. 1859, p. 116
sonâmbulos e – mar. 1859, p. 112
vida espírita e – mar. 1859, p. 112

VIGNAL (ESPÍRITO)

desprendimento do corpo físico e – maio 1865, p. 192
estudos sobre Espíritos de pessoas vivas e – maio
1865, p. 190
evocação de – maio 1865, p. 190

VILLON

representante de Allan Kardec em Lyon – fev. 1862, p. 63

VILPEAU

história de uma cirurgia sem dor e – jul. 1868, p. 309
Tratado de Medicina Operatória de – jul. 1868, p. 310

ÍNDICE GERAL

VINCENT, AUGUSTE

maldição da Igreja a – set. 1864, p. 371

VINDE A NÓS

Ferdinand (Espírito) e – maio 1861, p. 241

VINGANÇA

Espírito pede * para seu assassino – set. 1858, p. 381

humanização de Deus e a prática da – ago. 1862, p. 349

idéia da * na sociedade – maio 1865, p. 208

preço da – jan. 1859, p. 36

VINGANÇA DE DEUS

Manual de Xéfolius, O, e – ago. 1865, p. 330

proclamação da – nov. 1867, p. 481

VINGANÇA DIVINA

idéias preconcebidas e – maio 1865, p. 207

motivo da crença na – maio 1865, p. 208

VINGANÇA DO HOMEM

causas da – ago. 1865, p. 331

VINHAS DO SENHOR, AS

Santo Agostinho e – mar. 1862, p. 135

VIOLÊNCIA FÍSICA

Espírito de Castelnaudary se manifesta com – fev.

1860, p. 85

VIRGEM MARIA

penas eternas e – abr. 1862, p. 170

VIRILIDADE FEMININA

Louise Charly e – dez. 1858, p. 519

Madame Staël e – nov. 1858, p. 466

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

VIRTUDE

características da verdadeira – out. 1863, p. 416
hereditariedade e – jul. 1862, p. 288
homem insulado e – mar. 1865, p. 101

VIRTUDES IRMÃS

fé, esperança e caridade – fev. 1862, p. 87

VISÃO

Espírito e – mar. 1859, p. 114; abr. 1859, p. 134, 136
estado sonambúlico e – mar. 1859, p. 114
fluido magnético e – mar. 1859, p. 114
obscuridade e – mar. 1859, p. 114

VISÃO A DISTÂNCIA

características da – out. 1865, p. 388
charlatanismo e – ago. 1867, p. 345
existência da alma e – jul. 1863, p. 272
propriedades da alma e – ago. 1867, p. 345
prova da existência do princípio espiritual e – ago.
1867, p. 345

VISÃO ATRAVÉS DOS CORPOS OPACOS

características da – out. 1865, p. 388

VISÃO DA ALMA

utilização da vontade no poder da – mar. 1867, p. 140

VISÃO DE DEUS, A

comentários sobre – set. 1869, p. 392

VISÃO ESPIRITUAL *ver também* Dupla vista

antecipação do futuro e – jul. 1867, p. 295
corpo físico e – maio 1864, p. 183

ÍNDICE GERAL

espelhos mágicos e – jun. 1867, p. 244
mecanismo da – out. 1864, p. 399
sentido espiritual e – jun. 1867, p. 244
sexto sentido e – out. 1864, p. 398
visão humana e – jun. 1862, p. 244

VISÃO EXTÁTICA

êxtase e – jan. 1858, p. 54

VISÃO INTUITIVA

caso singular de – jan. 1858, p. 52

VISÃO NOS ANIMAIS

fatos demonstrativos da – set. 1865, p. 365
possibilidade da – set. 1865, p. 360

VISÃO PSÍQUICA ESPONTÂNEA

inutilidade dos objetos na – out. 1865, p. 390

VISÃO SONAMBÚLICA

sono e – jan. 1858, p. 53

VISÕES

Cantianille B... e suas – ago. 1866, p. 321
Espiritismo e – jul. 1861, p. 294
irradiação da alma e – ago. 1866, p. 326
percepções da alma e – ago. 1866, p. 328

VISÕES DO SR. O., AS

detalhes das – jul. 1861, p. 316

VISÕES FANTÁSTICAS

causas das – ago. 1866, p. 328

VISTA DA ALMA *ver* Dupla vista

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

VISTA ESPIRITUAL *ver* Visão da Alma

VISTA EXTRACORPÓREA *ver* Dupla vista

VISTA PSÍQUICA *ver* Dupla vista

VITÓRIA, RAINHA

Espiritismo e a – ago. 1866, p. 336

mediunidade e a – ago. 1866, p. 336

VITÓRIAS DA ALMA

druidismo e as três – abr. 1858, p. 164

VITRAY, BOUCHÉ DE

considerações sobre o Espiritismo e – nov. 1861, p. 480

Roustaing e – nov. 1861, p. 486

VOCAÇÕES NATURAIS

origem das – jun. 1869, p. 266

VOCE DI DIO, LA

interrupção nas publicações do jornal – jan. 1867, p. 54

VOLITAÇÃO

aprendizagem da – jan. 1859, p. 28

pensamento do Espírito e – mar. 1858, p. 98

pneumatografia e – jan. 1859, p. 29

VOLTAIRE

apologia ao velho – set. 1859, p. 355

arrependimento e – ago. 1859, p. 328

ataques ao Cristo e – ago. 1859, p. 332

ateísmo e – ago. 1859, p. 328

confissão de – set. 1859, p. 353

consideração sobre a Humanidade – set. 1859, p. 356

desmascara seu impostor – maio 1862, p. 223

ÍNDICE GERAL

entrada no mundo espírita e – set. 1859, p. 358
entrevista de – set. 1859, p. 353
Espiritismo e – set. 1859, p. 357
evocação de – ago. 1859, p. 327
fala de sua missão – maio 1862, p. 225
imortalidade da alma e – set. 1859, p. 357
infidelidade e – set. 1859, p. 355
Joana d’Arc, livro, e – ago. 1859, p. 328
negação de dogmas e – set. 1859, p. 356
opinião de teólogos sobre – set. 1859, p. 353
orgulho e – ago. 1859, p. 328
racionalismo de – ago. 1860, p. 371
religião cristã e – set. 1859, p. 357
retratação de – ago. 1859, p. 333
transformação de – set. 1859, p. 359

VONTADE

ação da * e mediunidade – mar. 1869, p. 136
ação da * sobre os fluidos – set. 1865, p. 349, 358
assembléia e aumento da força de – dez. 1868, p. 486
criação de objetos pela – maio 1865, p. 219
Espírito e – jan. 1859, p. 23
função da – dez. 1868, p. 484
materialismo suprime a força da – ago. 1868, p. 322
pensamento e – dez. 1864, p. 474
perispírito e – jan. 1859, p. 22
transfiguração e * do Espírito – mar. 1859, p. 98
transporte de objetos e – mar. 1869, p. 115
união de pessoas e multiplicação da – dez. 1864, p. 477

VONTADE DIVINA

incompreensão da – out. 1864, p. 404

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

VOYAGE AUX SOURCES DU NIL

James Bruce e – abr. 1958, p. 168

VOZ DA CONSCIÊNCIA

ação participativa da – mar. 1869, p. 137
mediunidade intuitiva e – mar. 1869, p. 136

VOZ DE DEUS, A

Camille Flammarion e – out. 1863, p. 429

VOZ DIRETA

Espírito se comunica por – jun. 1860, p. 256

VOZ DO ALÉM-TÚMULO, A

Aug. Bez – set. 1864, p. 388

VOZ INTERIOR

consciência e – dez. 1859, p. 509

VULCÃO

mitologia grega e – out. 1862, p. 406

VULGARIZAÇÃO DO ESPIRITISMO *ver* Divulgação do
Espiritismo

VULNERABILIDADE DO ESPIRITISMO

fatores de * à crítica – fev. 1869, p. 68

W

WALKER, SRA.

igualdade da mulher perante a Ciência e – ago.
1867, p. 333

ÍNDICE GERAL

WANTUIL, ZÉUS

Obras Póstumas e comentários de – ago. 1869, p. 319

WEIL, G.

Mohammet der Prophet e – nov. 1866, p. 435

WICLEF, JOÃO

verdadeiro reformador – ago. 1866, p. 321

WILHELM (ESPÍRITO)

inundação, A, e – maio 1861, p. 243

WISEMAN, CARDEAL

crença na vida espiritual e – jul. 1865, p. 297

crença no Espiritismo e – jul. 1865, p. 296

Espiritismo e ato de fé do – jul. 1865, p. 299

justificativas do * para ser espírita – jul. 1865, p. 296

temor da morte e concepção do – jul. 1865, p. 297

WOLFF, ALBERT

segunda vista e – dez. 1866, p. 513

X

X..., ABADE

Deus, Espíritos e – abr. 1863, p. 170

XAVIER

nascimento e desencarnação segundo o Espírito – mar.
1858, p. 138

psicofisiologia e as opiniões do Espírito – mar. 1858,
p. 138

REVISTA ESPÍRITA 1858-1869

Z

ZIMMERMANN

religião hindu e – dez. 1859, p. 481

ZOLA, ÉMILE

História fantástica e – mar. 1866, p. 134

Mulher do Espírita, A, e – mar. 1866, p. 135

ZOÓFITOS

animais-plantas e – mar. 1866, p. 99

geração espontânea e – jul. 1868, p. 293

ZOROASTRO

Júpiter e – ago. 1858, p. 358

ZUAVO DE MAGENTA

evocação do – jul. 1859, p. 276

Joseph Midard e – jul. 1859, p. 277

